O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

1.ª SERIE. BAHIA 21 DE DEZEMBRO DE 1863. N.º 1.

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* aos Sabbados. por serie de 12 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

BIBLIOTECA PUBLICA
Instituto Geographico e Historico
BAHIA

O ALABAMA.

O Alabama não é um ladrão; he inimigo acerrimo dos ladrões!

Cosmopolita, não tem por tanto contemplação com nacionalidade alguma, nem com partidos politicos ou de qualquer natureza; onde houver ladrões, ahi achar-se-ha.

Desesperado de seguir o systema de Diogenes, por não ter encontrado um homem, atira a lanterna ao diabo, e fechando os olhos, o primeiro que conseguir agarrar tem do ser chamado á contas. Não ha a escolher na cidade de Latranopolis.

Preparam se pois, que o *Alabama* anda em viagem por terra.

Infeliz de quem com elle se abalroar!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de dezembro de 1863.

Acto.— O capitão do *Alabama*, attendendo ao que lhe representaram diversas pessoas, tem por conveniente nomear o guarda-marinha-pedestre Guilherme, para incumbir-se do recrutamento activo forçado a que tem de proceder-se no commercio desta cidade, afim de purgal-o da praga funesta dos ladrões que presentemente o definha.

Ordena por tanto que neste sentido se expeçam as necessarias communicações.

(Tiveram sciencia todas as authoridades subalternas)

Officio ao commandante de policia.— Tendo Vm. me informado que ahi ficava no corpo que Vm. commanda um alferes em disponibilidade, que podia eu aproveitar para recreta, agradeço a Vm. a attenção, dizendo-lhe porém que me não serve o tal Piroca, por falta de serviço que lhe agrade, visto que não precisa aqui ninguem de mercurios sem azas.

Portaria. — O guarda-marinha-pedestre Guilherme, logo que esta minha receber, dirija-se á venda no largo do Terreiro, que he de um refinado ladrão, e indague si he, ou não verdade o que a seu respeito me dizem.

Pergunte-lhe si he licito tomar em penhor saias velhas, cadeiras, argolias, botões e o diabo—com juro excedente á quantia tomada, e assenhorar-se depois dos bens alheios e expol-os à venda na porta de sua posilga. O que cumpra.

=Va a venda do tenente Eloy e pergunte-lhe si tem casa para negocio ou para ajuntamento de capadocios e vadios. O que cumpra.

=O Sr. padre Amaro, que tanto tem descoberto, e que por ora tanto agrada, sem tocar nos seus amaveis *collegas* de sotaina, logo que esta receber, dirija-se a um covil de ladrões que ha alli pelo Carmo, e munido de um bom chicote, pergunte quem he o *mór* e depois de bem tangel-o e esfregar-lhe a cara, faça-o declarar o que fizeram elles dos ornamentos e mais pertences de uma imagem de Nossa Senhora que tomaram por Padroeira. O que cumpra.

= Ao mestre do *Vingador de Ser-*

gipe. Dizendo-lhe que he pr[illegible] d'hoj[illegible] em diante fazer visitas á Barca, logo depois da chegada, principalmente se tiver de desembarcar *latinhas de espiguiha*.

(No mesmo sentido ao mestre de fragata:)

—Que vento sopra?

—Nordeste, capitão.

—Que barco he este?

—He o *Cornel*.

—Que bandeira traz?

—A brasileira.

—Abordar. Chame-o á falla.

—Donde vem, para onde vae, que carga leva?

—Donde venho? Nem mesmo sei. Ora lembrar-me agora os *meus passados tempos*!...

Para onde vou? Deveria fazer-lhe esta pergunta; seu logar he no mar.

—Que carga trago? Não estou disposto a dizer-lhe.

—Fogo com o canhão raiado!

—Misericordia! digo-lhe tudo.... Venho.... venho... de muito baixo... vou.... vou para muito *alto*.... trago.... trago.... grande carga na cabeça..... na prôa.... quero dizer...

—Ora queira explicar-se melhor.

—Eu lhe conto.

—Pois ande lá..

—He muito extensa a narração que me obrigam a fazer.

D'onde venho? Do diabo de meu pae que atirou-me a este mundo p'ra tanger burros. E nunca me lembrei de montar, que talvez fosse bem bom para indireitar estas minhas maldictas pernas!

Para onde vou? Dir-lhe-hei no fim.

Que carga trago? Ora escute-la.

Depois que larguei a vida dos burros, metti-me de caixeiro ao Guindaste dos Padres. Larguei logo depois aquillo porque começaram a chamar-me *cachorro* e realmente suppuz que de burro podoria chegar a cão. Infelizmente bem tarde vim a saber que tinha mais predisposição para boi ou veado.

Mas, como ia dizendo, embarquei-me, e evou o diabo o navio. Salvei-me, e a Deus dei *graças* por achar-me tão boa firma o diabo que me dispensou, com medo sem duvida do triste e suja jaquetinha que então enfiava.

Um pobre diabo (abençoado maroto! eu cá o sei) fez-se meu amigo, ou fiz-me eu delle, e arranjou-me ahi para uma traficancia de fazendas, com interesse d'apetado. O cobre era d'elle, e eu sócio d'*industria*.

He preciso que explique. Não sou artista, não tenho por tanto industrie; mas como sou fidalgo, os *industriosos* me querem por honorario e sou por tanto um fidalgo de *industria*, um cavalheiro por exemplo.

Vamos adiante.

Acreditei-me; os velhacos conheceram-me o *geito*, acreditaram-me.

Propuz ao *velho* vantajosos negocios, mas o homem não *gostava* de caixas, e *tinha medo* de brilhantes; mandou-me a fava.

Desgostei-me, insultei-o, fiz-lhe uma positiva desfeita no Theatro. Bemdito largo, em que tanto me *recreei*! ...

O homem não gostou da graça, propoz-me dissolução da sociedade. Santo Deus! que ventura a minha! Pexinxa grossa, Sr. capitão Alabama; fiz uma das minhas com as dividas, extrahi as que me convinha para fora do balanço, fiz abatimentos, o diabo até! puz o *cujo* entre a espada e a parede, metti lhe o pé no pescoço, e disse:

—Ou dente, ou queixo; ou lingua, ou beiço.

Foi isso naquelles felizes tempos do=mata-maroto!=Que mina! que tempos! que ventura a minha, capitão!

—Ora acabe com isso: muito extensa se faz sua primeira resposta.

—Isso tinha eu prevenido.

Escute V. Ex.

Estabeleci um armazem de café (sempre foi meu negocio predilecto: foi talvez por isso que certa senhora casada se inclinou mais tarde á côr do café; preferiu um negro a seu marido. Failaremos.)

Puz socio na loja, e fiz (tanta esperteza por

GEOGRÁFICO E HISTOR

junto que quasi vou á cidade de Vasabarris.

Tomei tento. Orgulhoso como sou, quando vejo gente que me lembra meu passado, e humildé cornigero, quero dizer-lanigero, quando me acho entre os meus, tudo consegui; cheguei até a director de banco!

E não admira que tenho consulado e tres galões!

—Bem o sei; não he *Cornel* que se chama?

—Bem o vê V. Ex.

Desfiz a sociedade, criei nova; fiz o diabo na caixa; passei, trapacei, traspassei, metti o socio na gangorra, botaram-no fora; botei o tambem, insultei-o á grande, fiz-lhes acintes, infamias e mil tratadas outras.

Sou hoje agente, gerente e reagente, isto he obro, gero e reajo, sem ser medicamento. Tenho um páo de sebo em casa e gelo para allemão; tenho umas dragonas nos hombros, tenho um *chapeu armado* na cabeça, mão grado o peso; tenho loja de fato, de louça, lettreiro e marmore; tenho .....

—Vae concluir?

—He muito cedo; minha vida commercial he longa. E depois as presas que fiz nas filhas alheias?

Extenso capitulo de minhas proesas, celebres aventuras!.....

(*Continua.*)

—Immediato, não vês um vulto?

—Vejo, capitão. He navio de vella.

—Em que distancia vem?

—Vem já pela Barra.

—Applica-lhe o oculo.

—He um rico navio e com bellissimas columnas. Tem por nome: Francisco Primeiro, o infanticida.

—Engano, o F. I. que lá vês he Francisco Joaquim.

Mette a prôa em cima daquelle máo vaso, que, apesar do proverbio, hei de vel o quebrado.

Aquillo he um refinado tratante de madeira grossa; tem na quilha grossas camadas de lodo e velhacaria; *mette-o a pique em quanto antes.*

—Mas, capitão, nós estamos em terra, e o *bixo* pede fôlla.

—*Que se desembuche, em quanto he tempo.* Ouve lá o que diz elle; quando nada adiante, está dada a voz.

—Mas, capitão, não teremos crime?

—Carta branca de corso, pateta!

E depois si uma commissão revolucionaria pode sentenciar á morte um primeiro ministro, como na Prussia, bem podemos nós executar um primeiro ladrão. Dizem que he quasi o mesmo.

—Ouça, capitão.

(*Continua.*)

—Então que qaeres, meu negro?

—Ah! xinhô, iô ta munto zangada: iô qué sê marinhéro de *Labamba*.

—Por que te não das ao commercio da cabotagem? por que te não mettes n'uma roça? por que não plantas?

—Ah! xinhô! blanco faze travessamento di tudo. Deu dá saúde xinhà Prutelia que gussa de nosso Anani tudo tá danado. Nam qué maise que preto faze feitiçamento; blanco tudo tá feiticeiro. Tê xinhà Granada aretira diabo de crepo. Nam pôre ser. Iô qué sê marinhéro, xinhà capitão. *Labamba* pega ladrão, iô qué pega ladrão.

—Pois bem serás cosinheiro.

—Xinhà capitão, iô qué jurá bandêra.

—He a bandeira de todas as neções.

—Tá denrêto, capitão, esse som bem.

—O que he preciso he fallar menos.

—Nam tem duvia, capitão; iô já tá carado.

LA VAE VERSO

Havia n'uma cidade
De ladrões grossa fornalha,
Inglezes, francos, brasilios,
De lusos toda a canalha.

Trafico humano fizeram,
Moeda falsa importaram,
Contrabando em larga escala,
E mil roubos praticaram.

Foram uns barões somente;
Um he duque, outro he marquez;
Tem este commenda ao peito
Como um outro que *já fez.*

Ora aquelle he proprietario,
Aquelle outro he já banqueiro,
Roubam todos, e são grandes
Q' quem rouba tem dinheiro.

O negreiro, o vil falsario
Tem commenda, sabe barão!....
Faminto pobre ás galés
La vae, por furtar um pão!....

Santo tempo em que na cruz
Se pendurava o ladrão!
Não era quem mais roubava
O primeiro a ser barão!

Formava, porém, tal gente
O commercio da cidade.
Infeliz daquelle povo!
Triste dessa humanidade!

Como viver poderia
Assim a gente a soffrer?
Sem ter quem della cuidasse,
Sem quem lhe fosse valer?

Vendo isto o *Alabama*
Para tal porto arribou,
E de dar cabo da sucia
Pelos seus deuses jurou.

Eil-o pois, no posto firme,
A pique tudo a metter;
Quem for ladrão cubra as costas
Q' *Alabama* ha de vencer.

Que bixo he aquelle
Que vem enfesado?
He meu come-barbas,
Xixi estourado.

Que joga cabeça
Que he capoeira,
Que diz desaforos
Por brincadeira.

Qeem he aquelle outro
Que alli stá de pé?
He grande na historia,
Porém he *Mané*.,

Que canta de gallo,
Canta de capão,
Que grita no publico:
—Oiá, batalhão.—

E que bixo he esse
Que vem acolá?
He Justiniano,
De banda e erachá.

Que toma rapé.
Bigodes mordendo,
Mudo n'assembléa,
Os cobres comendo.

E este quem he
Que vem tão garboso?
He Theodorinho,
Faublas portentoso.

Que aqui e alli,
A's moças faz mal
Sem brio, sem pejo
Calcando a moral

E aquelle á cavallo
Como hei de chamar?
Sem susto, não erre,
Engenheiro Alguidar.

Que bella sucia
Que a Barca tem!
Manobra, *Alabama*
Com elles tambem.

Sinhô Freio, vossê me dige,
Vossê bacharel quer ser?
Cinco annos de thesoureiro
No Bomfim?!... vae á morrer....

—Cala-te, impio, q'lhe desejo
De bem servir ao Senhor.
Si apanhasses a moxiba,
Não foras tão fallador.

Tem rasão; ganha importancia
Quem hoj'anda com dinheiro
Sempre he melhor que boi mongo,
Ou cabeça de carneiro.

BAHIA.—TYP. DO INTERESSE PUBLICO.
Rua do Macel de baixo n.º 42.—J.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 1ª — BAHIA 23 DE DEZEMBRO DE 1863 — Nº 2.

Vende-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 12 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Officio ao presidente.—Levo ao conhecimento de V. Ex. que quando para este porto arribei para tomar carvão, encontrei em alto mar uma fragatinha naufragada, e dirigindo-me a ella observei que era brasileira, e que tinha por titulo—*Constituição*.

—Ao Sr. Dr. chefe de policia—Inquirindo si não são prohibidas as rifas, e no caso de o serem, a rasão por que consente que o Angelo dos bonécos, o Theotonio e o Evaristo, se ponham a rifar com bólas figurinhas que intitulam — Mané Gostoso e Mariquinhas Gostosa.

—Portaria. Ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que dirija-se á fabrica de charutos do Tupi, e pergunte-lhe si abriu casa de dar *ventura* ou si vae transformar a sua fabrica em arsenal, visto que todas as noites entram em sua casa armeiros, barbeiros, carniceiros, carpinteiros, funileiros, ferreiros, latoeiros, marcineiros, sapateiros, serralheiros, tanoeiros, funileiros, ourives, alfaiates, etc.—O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que inquira do Seraphim das Roxandias o que pretende fazer de 11 saias de uma crioula que empenhou—obrigando-o a restituil-as; assim como o destino que deu a uma imagem do Sr. dos Passos que expoz na taverna, pelo que foi chamado pelo Exm. Sr. arcebispo, e á outra de Senhor Deus Menino, cujo roubo lhe ia custando caro.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

O Exm. Sr. de Granada, pedindo a logar de chefe dos tiradores da *diaba*.—Informe o Chico Papel.

—A crioula Bernardina, pedindo que se ordene ao taverneiro Seraphim a restituição de 11 saias que lhe empenhara a supplicante, o que nega-se elle a satisfazer. — Com a portaria nesta data expedida ao guarda-marinha Guilherme, fica a supplicante deferida.

(Continuação do *Cornel.*)

Poder-lhe-ia contar um celebre negocio de escravos; mas he gente com que embirro e não conto por tanto.

Deixo tambem de fallar em certas pequenas jocutrecidades que soffri ... não estou para isso.

Não posso porém furtar-me á relatar a ultima. Todos Sabem.

Metti-me de maior, e cheguei a ser *coisa* n'um banco.

Cahiram as más linguas nas minhas infelizes costas; mandaram dizer para o Rio o que bem lhes pareceu.

Era preciso desaffrontar minha *honra*; um miseravel serviu-me de instrumento em companhia d'uma refinada besta, excellente parelha que me fez recordar do tempo dos burros. Eu sempre fui negociante que nunca quebrei; assim o provaram as assignaturas que obtive. E depois bruta*ço biff* fez o resto.

Victoria! triumpho glorioso que então alcancei!

E vou vivendo....

Passo agora ao 2.º capitulo.

He horroroso, não tem duvida; mas he esta a carga que trago.

Encarregado de tractar dos negocios de certos amigos meus, intendi que devêra tractar tambem dos de suas mulheres, e *tractei* com ellas.

Disseram-me que obrei mal.

Ora judeu não he gente; uma daquellas, com quem tive relações era mulher de judeu. Morreu d'envergonhado. Mais uma alma que o diabo ganhou.

Lá quanto ao facto de minha mulher ser sabedora.... isto he o menos, mesmo porque...

—Mesmo porque....

—Como ia dizendo, capitão, uma outra aventura minha foi a da mulher d'um pobre diabo que foi morrer de *mal tirste* nos aridos sertões da Libia ardente!

—Este pedaço he seu?

—Fiz uma importante com um pobre diabo que deu em beber, e bebendo morreu! Mas si me criminam por serem os outros casados, este não o era.

Dei mais um cidadão ao Brasil, filho d'uma cantora italiana.

Dizem tambem que fiz mal, por ter andado de aza cahida, e escandalosamente, atraz de duas lindas damas francezas que iam perdendo um bello moço.

Ora, eu já li n'uma these de medico, que a prostituição era um *mal necessario* nos paizes civilisados; onde está pois meu crime?

—Mas o Sr não he casado?

—E minha mulher não o he?....

Não sabe o que faz ella commigo? Si não fosse eu tão robusto, não poderia levantar a cabeça; he um peso enorme. Por causa d'uma destas, vendi e *sarrei* um negro.

Mas não foi ella quem quiz o negro; foi o negro que a ella quiz.

Minha carga inda he maior; he tão grande que si me approximar eu mais um pouco de V. Ex., julgará V. Ex., pela contusão ou ferimentos que receber, que foi algum boi que lhe falleu.

Permitta pois que aqui concluia, que isto de agarrações, prazeres e refrescos, e mesmo banhos, historias!.... nada vale.

—Está bem; renda-se.

—Não posso então seguir viagem?

—Isto he absolutamente impossivel. Si não vae a pique o navio, vae sem duvida alguma amarrado o proprietario.

—Neste caso, rendo-me eu.

—E obra com juiso: que felicidade para o commercio! que alegria para os paes de familia! que triumpho para a moral!

Camaradas, alirem essa peste ao porão, de machos aos pés.

(Continuação do =F. I.)

— Sr. capitão Alabama, attenda-me.

Fui limpador de ferrugem, não digo bem, de ferros velhos. Porem tirado dessa cafurna, onde estanhei a lata, fiz *grosso negocio* com quem della me tirara.

Mas como não sou eu tolle, arranjei o negocio por maneiras, e que contas, meu caro capitão! Pequenas differenças não valem a pena, as grandes he que apparecem. Pois foi o que fiz.

Desejei que levasse o diabo a firma, e propuz-lhe separação da sociedade, na hora em que o homem batia ás portas da morte! e não entrou!..

Fiz-lhe uma proposta magnifica! pouco mais ou menos como a reparticão de Caim. Elle podia ir tirar seus esmollas, e eu ficava com o resto, pouca cousa... O homem aceitou, e tangeu-me a ponta-pés pela porta a fóra.

Fiz depois uma sociedade com um inimigo do *cujo*, compromettí-lhe vergonhosamente o nome e o credito por ser relaxado e tratante; nunca saldei as contas da caixa, e julgando-o morrer he que fiz lançamentos de sahidas de dinheiro para mim mesmo, no fim dos mezes! Comprei por papeis falsos uma herança, e sou amigo hoje dos que então pelos jornaes me chamaram de ladrão. Acceitei uma vergonhosa demanda, e fui tido por tratante.

Meu deus he o dinheiro; tenho em minha companhia uma soffrivel pinga, justa fôrma de meu pé. Faz suas alcavallas pelo Rio de S. Pedro e Rozario, mas he em ar de *progresso*; arranja os artigos por attacado etc. etc., e incumbe do mais as *caixeiras*.

Quer ser rico, e eu concordo.

Fiz tambem um negocio de monta com um navio *abandonado ao seguro* de Pernambuco; entretanto m'o pertence; mudou de bandeira, mas ha por ahi muita gente que faz o mesmo.

Quanta gente que hontem era vermelha he hoje da liga!

Podia contar uma historia d'um meu sobrinho...

Mas não, e aqui concluo, isto he, chego ao fim da metade.

Lá quanto ao bello sexo, fui sempre muito apoucado, era dos taes que s'acanhão, quando vem moças. Mas ainda assim, depois de um passeio ao bêco do Grelo, e á Santa Barbara, subi ao Taboão, e fui *barão*, tive *varoneza* ao lado.

Não sei bem como isto he; varão, bisconde, marquez he tudo o mesmo.

Mas a *varoneza* era sambista, fazia seus feitiços, suas brincadeiras, agradava-me.

Mil outras cousitas pudera aqui contar; mas julgo que V. Ex. que tem por fim pilhar as mercadorias, objectos e riquezas dos inimigos, deve ter já ouvido bastante para deixar ir em santa paz quem pilha as dos amigos.

—Nem um minuto de demora; camaradas, preparar!

—Perdão, Sr. capitão, digo-lhe mais alguma cousa.

Não vê V Ex.—F. I.—o infanticida—na minha prôa?

Pois eu lhe conto a historia.

—Nem mais uma palavra!

—Nunca ouviu fallar na ladeira dos Carros?...

—Cala te, infame.

—N'um irmão, n'uma irmã?.....

—Camaradas!....

—N'um menino esganado?.....

—... fogo com o canhão raiado!

—Immediato, temos borrasca no norte?

—Nada, capitão; aquillo he fumaça do gaz.

—He mesmo um gaz de fumaça. Em direcção ao gazometro.

—Engenheiro, chega á falla.

—*I am* prompto, Mister.

—Tem-se cumprido o contracto

—Mim non intende dósse Mister, companhia qui responde vossê.

—Olha o rodizio da pôa!

—Oh! que diz vossê? mim vae responde tudo.

=Porque a luz não dá dez vellas? Porque estão sempre apagados os combustores? Porque não houve illuminação nas noites de lua? porque não estão todas as ruas illuminadas?

—Oh! luz não tem dèz vellas, porque só tem um bica; combustor paga por que non tem gaze; noite de lua non preciza de luz; toda rua não tem luminação, por que non tem canude, inda qui tem canude non tem gaze.

—E então por que não mandam vir tubos, columnas e arandellas? E por que não ha gaz?

—Mister, gaze non pode faze de palavra; carvon não chega.

—E o contracto?

—Oh! esse he lá de sua governo, he negocio politique, mim non intende desse.

—Não he vossê o ladrão; a culpa he da companhia, e de quem a tolera.

Manobra, em direcção ao commercio!

=Olá, Sr. alferes sem patente, para que quer você saber quem he o redactor do *Alabama*?

=Sr, capitão, deixe-me em paz.

=Como está humilde! quer dar alguma cacetada? Vá metter medo ao Candinho da Praça!

=Quero vingar-me, Sr. capitão!

=Tão valente assim!

Ora va jogar seu *monte* lá no Maciel de Cima, antes que envie-lhe uma balla à cabeça para lhe dar juizo.

=Chamo aquelle fiscal a contas?

=Prompto, Sr. capitão.

=Então que diabo he isto? Entra n'uma venda, pede carne, pão, queijo, vinho, manteiga, arroz, sebolla, cheiro e limpa-se com um simples—até logo?

=Necessidades da vida, meu capitão, e são os V. Ex.ª que os taverneiros vendem?

—Que casta horrenda de ladrões! Si deixar avante o meu proposito fica esta cidade despovoada. Tenha porem Vm. em vista os mais *gordos*, Sr. T., e diga que eu lhe engano: acautelle-se.

LA VAE VERSO

CHULA.

Xentes, vossês já viram
O padre Rosa Viño,
De casaca e abbatina,
De tamberlik e baião?

Pois he vigario
Tal moceitão!
Abutre vindo
Lá do sertão....

Que logo às duas
Pega as visinhas,
E deixa as pobres
Depennadinhas.

Que padre damnado,
Meu bom Sante Antonio!
Não póde ser padre,
He antes demonio!

Pois bota p'ra fóra
Quem quer se *casar*;
Despede os padrecos
Que vão celebrar.

Insulta as madamas
E as virgens sedas
Que padre damnado!
Que demonio! cruz!

BAHIA:—TYP. DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de baixo n.º 12.—1.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 1.ª BAHIA 24 DE DEZEMBRO DE 1863 N.º 3.

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 12 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de dezembro de 1863.

—Portaria. — O guarda-marinha-pedestre Guilherme, logo que a presente receber, dirija-se á rua das Flores e indague si tem authorisação da camara e da policia um birbante que ahi mora, e que tem uma casa de briga de gallos, onde os *dilletantes* e os interessados pagam uma determinada quantia; e no caso de não apresentar a competente licença, faça o encerrar na cadeia dos mosquitos á disposição do delegado dos camarões e subdelegado das areias.

Incontinente, vá á venda do Sebastião e remetta-m'o para o porão do navio, afim de não continuar no costume de receber dez tostões e dar de troco duas patacas, com grave prejuizo dos incautos que lá vão ter.

Já que a policia não cuida nisso, vá ao becco do Greio, e remetta-me tambem uma sueia de bebados, jogadores e vadios que ali se ajuntam, que os quero empregar no arduo *mister* de alimpamento das ruas, cujo estado e cheiro só não incommoda os focinhos da camara.—O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que quanto antes livre esta cidade d'um Totonio Gesteiro, que vive ás costas d'uma pobre mulher, sem occupação licita; no vergonhoso officio de mercurio, lançando-o ao mar pela Misericordia abaixo, ou obrigando-o a assignar termo de bem viver.—O que cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá ao becco do Oratorio, e livre esta cidade do degradante escandalo que alli diariamente se dá entre soldados e bebados, meretrizes e vadios, minorando assim o incommodo da visinhança honesta.—O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que faça intimar o fiscal competente para impedir os maços que vão de pello ao ar, tomar pela noute refrigerantes banhos, na classica frente do Gravata, com grave prejuiso da moralidade publica.—O que cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que communique a um official de pombos ao Maciel que se faz preciso, quanto antes deixar seu abusivo procedimento a incommodando a visinhança e *gamando* os passaros que lhe não pertencem, sob pena de perder o posto.—O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que dirija-se ao Pelourinho e faça com que certo empregado publico, aposentado, e já velho, não continúe a namorar escandalosamente reclinado em uma janella, em quanto em outras se empregam suas honradas filhas no arduo, mas honroso mister de fazer tijollos.—O que cumpra.

—Ao mesmo—inquirindo ao promotor publico si já deu principio ao processo que deve ter logar contra os ex-empregados da repartição do sello, pela enorme prevaricação em que entre outros se acha involvido o Sr. Jose Carneiro da Silva

Rego, digno cunhado de José Correia de Brito. O que cumpra.

—

Ilm. Exm. Sr. capitão do *Alabama*.— Satisfazendo ao despacho de V. Ex., tenho a informar favoravelmente a pretenção do Exm. Sr. de Granada, por quanto tendo-me dirigido ao *baba-loixa* da Cruz do Cosme, meu collega, d'onde o supplicante he *filho*, opina elle pela pretenção do supplicante por lhe constar achar-se, mesmo habilitado para o importante mister que deseja exercer—informação á que me cinjo por saber, com quanto não seja filho dessa casa, que este moço desde que sahiu no *luge* até chegar a *Ogam*, demonstrou sua habilidade rara, já tirando sete diabos do corpo da criola Leopoldina das Veronicas, já curando de quebranto a Bernardina Rebouças, já curando de feitiço a Constancinha de S. Miguel, que veio de proposito da Costa para ser por elle assistida, visto sua grande reputação, devida a protecção de seu marido *Oxalá-berem* (Santa Barbara,) e a trazer na cabeça o grande *Changó*, possuir o verdadeiro santo lenho e a penna do urubú rei.

Ignoro com tudo em que academia obteve elle os titulos que possam, ao menos, garantir tão ousada pretenção.

He o que tenho a informar, Farà V. Ex. o que for de justiça.—*Chico Papai*

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

O Exm. Sr. de Granada, pedindo nomeação de tirador geral de diabos.— Expeça-se-lhe o titulo, que requer com privilegio exclusivo.

—

—Immediato, veja lá que barco he este, que me passa alli pela Barra.

—Oh! capitão! pois não vê V. Ex. que si fosse santo era *Amaro*, e si fosse pobre não teria a vida de *Lopes*, e que por não ser cugenheiro *mede mal*?

—Oh! chama-se então o cujo *Malmede* ou *Mede mal*?

—Qualquer cousa serve, capitão; he o tratante dos 10 em conta romana.

—Ah! he o moço dos X chame-o já á falla.

—Que carga traz, meu patife?

—Borboletas, charo xinhor.

—Borboletas! louvo-lhe o gosto, meu refinado tratante. Vou já mandar ver e examinar esta caverna e hão de apparecer com effeito bellas *borboletas*.

—Capitão, duvida V. Ex. de minha palavra? Xou naturalista, por vocaxão, natureza é gaxto.

—Eu lhe creio. Não traz mercadorias da Costa? não traz fumo? não traz *maranhas* de contrabando? Não importa por conta d'aquella sociedade, cujo companheiro enganou? Não traz cartas de recommendação daquelle de quem tanto mal fallou, e que depois deu-lhe aquelles amaveis 10 contos de rs? Não as traz tambem daquelle livreiro orgulhoso, por cujo intermedio pedia V. a amisade e a freguezia da victima de sua viperina lingua?

—Ah! xinhor, nada disso trago, xó borboletas para meu museu.

—Deve ser importante. Essa dentadura que lhe falta, ficou sem duvida para aformoseal-o tambem! este museu!

Então, ainda mistura o fumo com papa com que se nutre?

Ora conte me lá como deixou arrancarem-lhe a queixada.

—Xinhor capitão, nada de pilherias, foi um diabo d'um troco maldicto!... minha jaxpeada dentadura!

—Só traz então borboletas!

P'ra borboletas pêtas!

Camaradas, preparar!

—Xinhôr capitão, eu amo a escravidão, xou do partido do xul; attenda.

—Pois por isso mesmo.

Camaradas, a artilharia de prôa, fogo!

—O navio em direcção á Cruz do Cabeçal, e obrigue a vir a bordo o futuro coronel Bigade de ferro.

—Prompto, capitão; tambem sou consul.

Ah he allemão!

Então que he feito da vida sua? Ainda he valente, como na revolução de 1837, quando se embarcou para Cachoeira? Ora, conte-me lá os sustos que soffreu, os sonhos que teve, as angustias que experimentou, as dores que sentiu, quantas calças borrou, debaixo daquella bemaventurada esteira que o fez passar por embrulho de moqueca.

Diga lá, meu valente official do *quarto*, que prazeres gozou, que sensações experimentou, que doçuras proveu, que felicidade enlevou-o, nos braços daquella infeliz Emilia que se deixou levar pelo canto fallaz da sereia de cabelleira.

Conte-me por favor as trampolinas que fez na Misericordia. Bem vê que o conheço de perto

Conte-me tambem como he que os portuguazes lhe estão intrigando assim; porque o não querem para director da *casa*, visto que fallam mal da sua honra, e dizem outros que só he V. guiado por espirito de patriotismo.

Ande, ponha-me isto em pratos limpos.

— Ora, Sr. capitão, V. Ex. bem me conhece, poupe-me o sacrificio. Ainda um destes dias dei um terrivel beneficio; joguei aos sôcos, com um individuo que me sabe da chronica, passei por espadachim, e estou veixado.

Mas, ao mesmo tempo, acho que não fiz mal; espadachim he quem usa de espada, e eu não sou dos que a trazem na bainha!

—De certo, o consul he um valentão!

—Não cassue, capitão. Talvez não seja o que eu disse.

Espadachim he espada chineza, e bem vê V. Ex. que ao menos no cabello eu sou chinez; isto está mais ao pé da lettra.

—E como vae V. com o batalhão? Como vae no *quarto*? Quantos mandou para reserva? Ainda quer ter soldados estudantes?

—Nada disso, capitão. Estou, ao contrario; muito desgostoso? E permitta V. Ex que me retire, que ahi vem o tenente Clarindo que me não pode ver: deita-me já a chronica á rua, e isso de vida particular he mau no publico.

—Retire-se, escapa por ora em attenção à suas filhas.

Ponha se bem com Deus, até sab bado d'Alleluia. He o dia proprio do morte dos traidores e dos amigos ingratos e infames, como aquelle que serviu de carrasco, ao ver accusado aleivosamente um honrado paé de familia, as migalhas de cuja meza foi muitas vezes apanhar.

LA VAE VERSO

Nesta terra da Bahia
Existem muitos ladrões,
He seu numero quasi egual
Ao dos eleitos barões.

Tem ladrões de baixa classe
E d'alta aristocracia,
Fidalgos e cavalheiros
De mui alta gerarchia.

Reus de policia, vadios,
Os possue em abundancia,
Velhacos que à custa alheia
Passam bem enchendo a pansa.

Tem patifes e tratantes,
Usurarios, demandistas,
Ladrões que roubam viuvas,
E infames contrabandistas.

Tem batalhão de rapinas,
Ladrões que roubam carteiras,
E que tiram sem scatiesse,
Relogios das algibeiras.

Isso porem nada he,
Para meu recrutamento;
São recrutas, vou mandal-os
Do—olho vivo—ao regimento.

Mas meu negocio he agora
C'os ladrões de golla em pé:
Hei de mettel-os ao fundo,
Bahianos, prestem me fé.

E si o *Alabama* sosinho,
A pique *todos* metter,
Verás, ó povo, o commercio
Desta terra a florecer.

METRALHA.

Frei Bugre, deixe as gazetas,
Quer tomar sopas tambem?
Vá cuidar no seu convento,
Nos bens que roubado tem.

Quem vive de gazetinhas
Escapularios não vende,
Frei Bugre, deixe me em paz,
Que vossê já bem me intende.

Coitado do Freire
Que empobreceu,
Por ser thesoureiro,
Gastando do seu.

Sendo tão zeloso
Ao serviço de Deus,
Guardava o dos outros.
Gastava do seu.

Pará grande, o que foi isso?
Então a luz se apagou?
Boa graça! quer ter gaz
Quem inda ha pouco *quebrou*!

— Quebrei ,mas ja tenho funda
Que um genro grato me deu!
—E como o gaz lhe tiraram
Que na futrica metteu?

—Tolices da companhia.
Que o contracto nem cumpriu.
—Foi como vossê com as dividas
Que p'ra quebrar, impingiu.

—Quebrou, e hoje teus carros,
Carroças, burros, capim!
Forte justiça da terra
Que não dá aos ladrões fim!

— Aguenta a funda, meu chare,
Q' *Alabama* ver-te vem;
Si direitinho não andas,
A pique te irás tambem.

—Corsario tambem eu sou,
A muitos ja saquei;
—Porem não rouba *Alabama*,
Quer só o respeito a lei.

CHARADA.

Stou por baixo no francez—1
Um tostão sem mim não passa—1

CONCEITO.

Chupo, chupo, chupo e chupo,
Mas he vinho, e não cachaça.

ANNUNCIOS.

Pede-se a um Sr. de *Turin* queira restituir a sobre-casaca que tomou ao seu collega de *Albion* para ir a um baptisado no sabbado em *França*.

Quem quizer saber da vida alheia, va ao chafariz de Terreiro.

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de ixo n.° 42—1.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 1ª BAHIA 28 DE DEZEMBRO DE 1863 Nº 1.

Publica se na typographia do *Interesse Publico* a 18000 rs. por serie de 12 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 25 de dezembro de 1863.

Acto.—O capitão do *Alabama*, tendo em vista estabelecer a disciplina e regularisação nas pessoas de bordo, tem por conveniente escolher para figurino um fiscal da camara que traja sobrecasaca de duas côres, a saber, azul na parte fronteira, e cor de vinho na trazeira; resolução que toma por amigo da camara, que teve a idea original de apresentar uniforme de tão subido gosto.

Ordena por tanto que neste sentido se expeçam as necessarias communicações.

Portaria. — Ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que se dirija ao Corredor da Lapinha, á casa do *Zoinho* e intime a sua mulher que se faz preciso ter melhor comportamento, afim de no praso de trez annos, não obrigar a que se mudem quatro visinhos. Ordene-lhe tambem que deixe de castigar quatro e seis vezes por dia uma sua escrava, marcando-a com ferros e lições, sob pena de declarar-se-lhe o nome, afim de nisso intervir a policia. O que cumpra.

—Ao mesmo, dizendo-lhe que vá a venda da D. Anna das Quarentas e diga-lhe que deixe para depois que fechar a venda os affagos e carinhos que prodigalisa ao seu Adonis. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que faça prender um tal Sr. Oliveira, empregado na Meza de Rendas, afim de recolhel-o ao hospital como doudo, visto que anda o homem pelas ruas a verter agoa, com a maior sem-cerimonia, com grave prejuizo da moralidade publica e das familias honestas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á venda do João Nagô (posto que sinta Vm. nisso repugnancia) e agarre esse tratante, mandando-o por um mez trabalhar na fachina na casa de Correição, visto como sou informado que he sua casa um dos pontos, onde se reunem os membros da companhia do Olho vivo—para melhor exercerem seu mister com advinhações de dedaes, moedas etc., já com as pessoas que alli entram, já com os que passam, chamando-os para accender charutos, trocar dinheiro, resolver duvidas que phantasiam, tempo em que armam outros a ratoeira.

Informam-me tambem que, si he

experto o passaro que não cahe no laço, e presentem elles, que traz *crea*, dextramente dão-lhe o *golpe* na carteira e fazem *pires;* o que não lhe possivel continuar.

Faça-o tambem fechar a casa, e metta-os no *changó*, remettendo-me os nomes dos taes para serem conhecidos. O que cumpra.

— Ao mesmo, ordenando lhe que vá ás Portas do Carmo, procure o Sr. Narciso dos Cotovellos (segundo volume do Seraphim) e pergunte lhe quem o authorisou a empenhar objectos de prata e ouro com o enorme juro de 6 e 8 por cento. O que cumpra.

— Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a rua do Pão de-ló e procure um sujeito seu chará, que vive de roubar as algibeiras dos patetas com os celebres jogos do *rapa* e do *vispora*, dando couto em sua casa a meninos, filhos familias etc., que lá vão encher lhe a pança. O que cumpra.

— Ao mesmo, ordenando-lhe que dirija-se ao Taboão á casa de um certo tratante e pergunte-lhe si ainda não se esqueceu do seu primeiro officio que era vender por attacado selecta em pipas e barris, e si pretende introduzir o genero de commercio no nosso mercado; scientificando-lhe de que si repetir a gracinha de vender trampa embarricada por manteiga, será conduzido á minha presença, e depois de ser barbeado, será sem appellação condemnado á pena de carrinho com a obrigação rigorosa de fazer a fachina do *Alabama*. O que cumpra.

— Ao mesmo, ordenando lhe que dirija-se immediatamente á ladeira dos Gatos á marcineria de um tal Silvano, e intime-lhe da minha parte que não continúe a fazer escandalosas reuniões de farpellas, offendendo a moral publica, com requinte tal que cheguem a *chamar graciosamente* as que passam, em termos precisos e claros. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Manoel Bahia, apresentando certidão das meninas felizes — de terem-lhes bem servido, e requerendo um logar no *Alabama*. — Admittido e nomeado ajudante do guarda-marinha-pedestre Guilherme.

J. G. de Gouveia, pedindo reforma para o seu classico chapeu de castor branco, attento o longo serviço pelo mesmo prestado. — Como requer.

Bonifacio d'A., idem para o seu, comprado pouco depois da guerra da Independencia. — Conceda-se-lhe o titulo de veterano.

—

Illm. Exm. Sr. capitão do *Alabama*. — A' presença de V. Ex. vem respeitosamente representar Nicolau das Aboboras, morador ao Matatu grande, contra os graves prejuizos que está soffrendo em virtude de um despacho de V. Ex. nomeando ao Exm. Sr. de Granada tirador geral de diabos, por quanto tal nomeação importa uma injustiça, posto que involuntaria da parte de V. Ex., e por mal informado talvez, por que por maior e mais fundada que seja a reputação do nomeado, he nenhuma á vista do

direito do supplicante, que entre outros diversos e notaveis casos, teve a gloria de tirar o diabo do C...-pist..., diabo tão rebelde, que nem os Revms. capuxinhos foram capazes de o expulsar daquelle corpo christão. Em face do que pede a V. Ex. o reconsiderar seu acto e attender ao supplicante.

E. R. M.

Despacho.—Indeferido, que tem o nomeado a seu favor o ser da confiança da policia, visto que he inspector de quarteirão.

—Então, charo amigo, que partido he o seu?

—Ligueiro, capitão.

—Ligueiro, ou liberal?

—Liberal e ligueiro.

—Seriamente? Ora conte-me cá que artiguitos foram aquelles que escreveu vossê no *Cruzeiro*....

—*Cale se não me diga nada,*
Não me recorde o passado

—Bonito! Então he vossê liberal?

E como lhe deram os vermelhos votação para vossê sahir o primeiro votado?

—Procurador tu não me enganas,
Tu procuras para ti.—

Em toda a parte ha de haver renegados e trahidores!

—Capitão, não me falle no termo adequado, e hamam-me trahidor, dizem que sou o cavallo de Troia, que trago no bojo as ciladas dos gregos, mes isso nada seria, si a conformação do meu pescoço torto não indicasse uma rara semelhança com aquelle symbolo da trahição. Deixe-me pois.

—Mas diga-me uma cousa, como he que vossê, todo torto, escreveu *Direito*?

—Pela mesma razão por que diz um sujeito deve-se conhecer todos os livros de cor: I, Tudo occasião a que lhe dissessem que tambem conheciam os ladrões todos os agentes da policia.

—Accito a confissão, e retire-se que muito me incommodam o seu beque e a sua prôa

Todo tolo he malcreado.

—O navio em direcção á rua Direita de Santo Antonio.

Chame á falla aquelle velho linguarudo, irmão do diabo côxo, que se põe ali escandalosamente a namorar as visinhas, sendo casado.

—Prompto, capitão.

—Constou-me que tinha vossê dito que não havia policia nesta terra para dar cabo do *Alabama*. Ora vou nomeal-o chefe de policia para ver si consegue vossê o fim; como vossê já foi subdelegado!...

Mas o que vossê precisa he que a policia o tome á contas, para remettel-o ao hospital dos doudos, por que si vossê não o he, então he um refinado devasso que vive a affrontar a moralidade e a decencia publica, perverteudo a innocentes creanças. Um proceder tão indigno da parte de um velho, careca até, he que precisa da acção da policia, tem intendido, charo amigo Dr. Sebolla?

—Sr. capitão, não quiz offender a ninguem, desculpe-me. Bem vê que por esta maldita cabeça perdi meus dous queridos galões, e vejo-me presentemente redusido a infusões de café preto e folha de cajueiro, quando o *cholera* me protege.

—He bom que se arrependa, espoleta d'um dardo.

Mas não disse vossê que n'aquella typographia tudo se admittia, que aquillo era uma desgraça?

Não se recorda vossê, maluco d'uma figa, em que typographia se imprimia o *Diabo*?

Ora cabe-se pois, antes que o mande arrojar ao mar, ou cortar-lhe essa cabelleira inuzia, que em nada desmente a de seu *Alamoco* mano Carrinho.

—Cosinheiro, chega a falla

—Tá prompto, capitão.

—Está o comprador doente, deves hoje fazer as compras.

—Já fazê, capitão; xinhá mediato manda eu.

—Não viste por ahi alguma cousa?

—Ah! xinhá capitão, pèra ahi.

Eu vae ni Santa Braba, e viu um cousa, ah! eu vae conta.

Criôle tudo nan deixa gente compra ri frueta que chega: anani compra tudo, tudo e nam paga. E viu mêsme cousa ni Preguiça; nan se póre compra peixe; criôle só he qui compra. Ripoi elle qué vende caro, pèxe fica ri podre, elle assa tudo e povo ri come... chama ri frito, chama ri sado. Criôle som feriz.

Oh! si eu pode pedo Siôre Bomfim que faze eu criôle!...

Mai vamos riante. Eu vai ri açôgue... ah! capitão, bota *Labamba* p'ra elle..... ladrão, ah! ladrão munto, munto!.... fruta carne, fruta pezo, fruta dinhéro..... anani bota ri pezo ni balance, e nunca mai zi retira; anani bota zi chumbo, p'ra peza carne... anani zi dá trê quarta, e vende um livra... ladroeira ta munto, munto, capitão.

—Não viste fiscaes?

—Ah! ah!.. ficà tá hi, ficá oia tudo; mai, capitão, téra tá cheia de olê, olê tudo.

—Nada mais viste?

—Eu vae ri Pirorinho; tá um vregonha munto. Anani dize qui sécro he de lui, que sécro he dezenove, que progresso tá hi, e eu vê mosca munta.... Pirorinho tá cheia.... e tá fedorenta.

Carne podre, peixe podre, quiabo, bóbra, banana, mocotó, triba, carne sertão, foia, pepino, arròi, cangica, e mosca, capitão; tudo mussurado. Nam póre compra.

Vorta ri commercio, vae armazem, olê fila; bota aua ri guardente, bota aua ri vinho, bota aua ri vinagre; faze tê cerveja.. Eu qué pega elle e trazê ni *Labamba*, açôre tudo, chama reu negro, e qué vende páo. Isse nan tá dereto, xinhá capitão.

—Deixa estar; havemos de fazer uma excursão por aquelles bairros.

LA VAI VERSO

MOSQUETARIA.

Fragata, vossê me diga,
O que faz no chafariz?
Vossê um moço bonito,
Dotado d'um bom nariz!..

METRALHA.

Lambe pratos sem vergonha,
Infame de geração!....
Pois tu pretendes cospir,
Nos homens que tem acção?

Francico, ossê me dize,
Que moda som esse seu?
Pregado de briotheca
Tá bruta assim cuma eu?

Xá Francico, ossê aprende
Poricas e creação,
Ossê tá nimprego publrio,
Tá p'ra servir ri nação.

Cumverno paga a ossê
P'ra ossê povo servi.
Xá Francico, eu qué que ossê
Nan dizê, p'ra nan cuvi.

Tudante queixa de ossê,
Doutô tá tudo zangade;
Xá Francico, toma geito,
Ossê nan sê macreado.

RESPONDA QUEM SABE DISTO.

Será verdade o que dizem por ahi as mas lingoas, que ha dias foi demittido um fiscal, sem que para isso desse causa e só por motivos eleitoraes?

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de ixo n.º 12—J.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 1ª BAHIA 30 DE DEZEMBRO DE 1863 Nº 2

Publica se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 12 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 28 de dezembro de 1863.

Officio ao superintendente da companhia de vapores, scientificando-lhe de que amargamente se queixam os habitantes da Barra do mau transporte que para alli enviou a companhia, fazendo guerra ao Wilson, visto que o vapor além de velleiro, incommoda os ouvidos com um trinado que tem, semelhante ao toque de castanhola em sambas de crioullas--rasão por que elle he hoje conhecido por «cadeiras me doem.» O que não póde continuar, visto o manifesto prejuizo publico.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á cidade baixa e intime ao Sr. Albano e seus socios que se apresentem no dia 31 á bordo do *Alabama*, para responderem pelas graves accusações que lhes tem sido feitas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que traga a minha presença a Umbelina cigana mulher de Viceute Xibanitinho, para empregal-a em *desbár* estôpa, para não viver a exhaurir o suor alheio, empenhando trastes e roupas com o *diminuto* lucro de quatro vinteus em pataca. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando lhe que prenda uma negra de nome Lucia que anda afrontando a moralidade publica com actos e palavras, do largo do Theatro até atraz da Sé, e a remetta ao commandante da cavallaria, que a deverá empregar em cortar capim e lavar os cavallos do esquadrão de seu commando. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á Saude, procure um celebre Sr. Mandú e diga-lhe que sendo elle um homem casado não deve consentir em sua casa uma sucia d'jogadores, visto que quando a visinhança queixa-se das vozerias, escandalos e barulhos que ahi ha, o que não soffrerá sua familia em contacto com os mesmos; mui to mais quando elle não precisa disto, por que he um moço empregado. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Sr. Silvano e diga-lhe que se continuar a partir de sua loja insultos para a visinhança, será remettido ao Ariani para lhe dar conveniente destino. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que dirija-se a repartição do sello e faça vir á minha presença o *fiscal* do

thesoureiro, afim de informar me com que direito subtrahe vinte vezinhos do publico, que já tão acossado se acha com a avidez do fisco. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá aos directores da sociedade S. João, e extranhe lhe o procedimento indecente que tiveram os socios e convidados da mesma (com rarissima excepção), na reunião que deram na noite de 25 na rua direita da Misericordia, que parecia mais um ajuntamento de embriagados do que outra cousa, e diga-lhes que para outra vez escolha gente mais moralisada, procedendo da mesma forma á respeito de certos musicos (não todos) que lá estiveram sob pena de serem carregados á ferros. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á Calçada do Ramos, á loja de cigarros de um celebre =Mané Gonçalo= conhecido por Gato marinheiro, e intime-lhe que não continúe a namorar á força uma familia que mora fronteira a elle, praticando acções e fazendo gestos indecentes, com que obriga a visinhança a sahir da janella. Isto sob pena de ser trazido para bordo, e obrigar-se-lhe a *virar macaco*, atado ao cêpo de corrente á cinta. O que cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Mel do Matto, antigo empregado do consulado, pedindo, á vista das certidões que apresenta de seus *amorosos* feitos, a nomeação de Fanblas moderno. — A' vista da edade, expeça-se-lhe diploma para usar dos titulos de *Braz Mineiro*.

—

—Ora, um parecio ao os Afflictos. Sr. da botanica, chegue á ordem.

— Prompto. Sr. capitão

—Ora conte-me la sua vida publica.

—Ja fui servente de typographo, batedor distribuidor e...

—Bem, principiou por Benjamin Franklin, Guttemb rg e Evaristo, deve tornar-se uma grande notabilidade.

—Obrigado capitão.

Tornei-me depois academico e medico; galguei o logar de chefe de secção, que depois julguei ser inferior á minha *condição*, e passei a secretario

Regeitei uma cadeira na provincial: tinha que ver, eu depois de botar os bófes na gazeta *Texto*, acceitar em compensação uma ninharia; atirei com os pés á cara dos que me queriam presentear com cadeiras sem assento.

Sou porem hoje director do *jardim dos afflictos*, na vaga que temporariamente deixou o liberal francez do 1º distrieto, o distincto e nunca assás cantado esgrimidor de palavras, á cuja mesa como, á cuja cama me deito, á cuja sombra me abrigo.

Sou um dos poucos meninos felizes, um dos predilectos da sorte, um dos bemaventurados da fortuna! O que tudo devo a este fôlo orgulho que ostento.

E, entre parentheses, dos quatro redactores, só o menos orgulhoso foi o menos aquinhoado. Viva pois o orgulho!

—E vossê tem rasão Entretanto bradava tanto essa canalha contra *filhotismo* e oligarchia.

Ora, deixe-os estar que prometto dar ao publico um excellente divertimento no sabbado d'Alleluia.

E quanto a vossê, meu figueiro de borra, ordeno lhe, que vá quanto antes plantar capim no *seu* jardim, afim de se não expôr á morrer de fome com a ausencia de seu *papai*.

—Que tratante he aquelle que me passa em cima da tolda daquelle navio?

—He o dono e o mestre, o *Cardoso*.

—Oh! pinga excellente, guapo firma para *banco*! chame o à falla já.

—Prompto capitão.

—Diga-me quem he, donde vem para onde vae. Vossê tem-me cara de contrabandista.

—Negocio licitamente, e vou provalo. V. Ex. não tem noticia do *Pirata Terrestre*? Pois lá está minha chronica. Si comtudo insiste, repetil-a-hei.

Empalmei uma quantia do espolio de certo defunto, de que era testamenteiro o commendador, que deu pela historia e chamou-me á ordem Quiz fazer-me de innocente, mas o homem sabia de tudo; não houve remedio siuão dar contas. Subtrahi porem uns oito contos mil reis para rapé, pouco mais. O homem embirrante como o diabo mandou me a conta, e lhe não quiz dar segunda.

Fui ao juizo commercial eu; a firma *immaculada* do commercio, caixeiro com cem contos de fortuna, credor de importantes e grossas sommas, que recebo á consignação pannos da Costa e colla, que tenho um charo irmão do peito, encarregado de ir á Costa e *fazer escalla* pelo Porto!

Fui chamado ao juizo commercial!

Sou pois inimigo do commendador, que de mais a mais tirou me a *lambança* da casa do Severiano, e a mina da compra de certas dividas de um casal.

Ainda tive a fragilidade de levar ao cofre dos orphãos uns dous contos e tantos, empalmando sempre uns duzentos biquinhos.

Tolices deste seu creado que se não lembrou da terra em que vive.

Sou um refinado devasso; o que ganho, mal chega para as minhas predilectas freguezas de colla e panno; além das repetidas tratantices que me gabo de encherem as paginas de minha vida com *moral*, tenho grandes apontamento para o capitulo das minhas *devassidões*.

(*Continua.*)

—Immediato, que birbante he aquelle de meias encarnadas que repimpado vem sobre a tolda daquella velha *sumaca* velejando em direcção á ladeira do Carmo?

—He, capitão, o *amigo* intimo e digno collega do vaqueiro, em tudo como elle avarento, e devasso; he um odre de vicios! e jogador de profissão, prompto confessor das velhas moribundas que tem bens.

Intende tanto das escripturas quanto Gonçallo Carreca, e o Patatiba sabiam das poesias.

—E que patife de diabo he esse vaqueiro de quem fallas?

—O milhafre das duas pombinhas, capitão, aquelle abutre furibundo, e grosseiro que insulta as senhoras na propria casa de Deos, o venal da assembléa que gostosa venderia a propria honra si honra elle possuisse, o sertanejo emfim mais immoral, e torpe que tem produzido os sertões da Bahia.

Ah! sim, ja intendo; tudo isso he uma raça de crocodillos, e tractantes, metta-os a pique.

Já não precisa, capitão, a *sumaca* pede soccorro!.. lá vae se abismando.... esta de *agua aberta*!.... foi já ao fundo....

—Olá, refinado tratante, que direcção leva vossê?

—Tenciono ir ao Porto em companhia de minha familia.

—Quer então deixar esta bella terra, onde colheu tão bemdinas patacas, ingratatão?

Ja não tem saudades daquella poetica Cachoeira, onde o chrysmaram com o galhardo epitheto de *ourinol branco*? Ja se não lembra da rua de Baixo, da loja da viuva Mendes, onde lhe desancaram a pata com uma boa duzia de vergalhadas, por querer vossê metter se em negocios eleitoraes?

E como não morreu apaixonada a noiva!

E como não morreu apaixonado vossê!

—Sr. capitão, vou ao Porto somente ostentar minha grandeza, mas volto á terra clara, onde cheguei a ser gente.

—Bom, mas olhe que sua *grandeza* lá fará *fiasco*.

Como não ficará sua mulher envergonhada, ao presenciar sua velha mãe servindo de alcoviteira de meretrizes!

Que grandeza vae mostrar vossê, que recebeu 150$ rs. de sua pobre mãe para vir ao Brasil, e que della esquecen se a ponto tal que quando lhe mandava ella pedir algum vintem, nem vossê lhe respondia?! Vossê que sabendo ultimamente que ja não podia a velha fazer seus *arranjos*, ousou enviar lhe este anno 250 rs. diarios, que correspondem a 123 rs. em Portugal, seis vintens e cinco reis?!

Grande grandeza!

—Capitão, V. Ex. dê licença.

—Diga me lá que nome he o seu, Sr. ourival brauco?

—Sou muito conhecido, dê-se V. Ex. ao trabalho de procurar no Almanak.

—Ratão, poder-te-hia mandar agora ao fundo do mar ver morrer baleia, mas he ainda cedo.

Chamas-te *machado* sem cabo, que eu bem te conheço.

Sempre és *mir*, que *desanda*, patife dos seis centos!

Ora dize-me lá, a roda das tuas patifarias ainda *anda*, ou desanda?

—Ainda temos cousa?

Por que me não deixa ir V. Ex. *arranjar* minha vida?

(*Continua*)

—Chame aquelle negociante de couros e sapatos.

—Ás ordens, Sr. capitão.

—Oh! esta trovando!

Para que foste esperar o A..... ás 9 horas da noite para perguntar-lhe quem he o redactor do *Alabama*?

Tu não sabes que elle apenas he um simples operario da typographia, onde se imprime este periodico?

Pensas que eu não sei, que lá em uma sucia de cafagestes se reunem na rua Direita da Misericordia, para fazerem sessões e votações de certa *sociedade republicana*, da qual tu és o dictador?

—Sr. capitão, por quem he....

—Vê lá, que se continuares, eu te applicarei a receita de Labatut, para dar juizo.

—Então Sr. guarda-marinha-pedestre, como he que estando Vm. encarregado da policia da cidade não me dá parte de certas occurencias que se dão?

Como he que havendo lá para as bandas de Maria Pires uma *casinha de brinquedo* na qual ainda no domingo houve pancadaria velha, Vm. não me dá sciencia disso?

—He por que ... ha certas cousas, meu capitão.....

—He porque o Sr. não quer fazer mal a ninguem, não quer que digam que he mau.

—Sim, meu capitão, e depois o moço tem uma certa maneira....

—Ja sei, o Sr. he um homem que sabe viver.

SERA' USO DO RIO, SR. CLIMACO?

Pode um particular, ou quem quer que seja, prender á noite um homem casado, porque dentro de sua casa questiona com sua mulher, e depois munido de uma patrulha obrigal-o a seguir na mesma hora, muito mais quando o homem obedecendo, só pede para recolher-se á prisão demanhan para não desamparar sua senhora, que se acha desmaiada, uma vez que morando só, não tinha quem com ella ficasse?

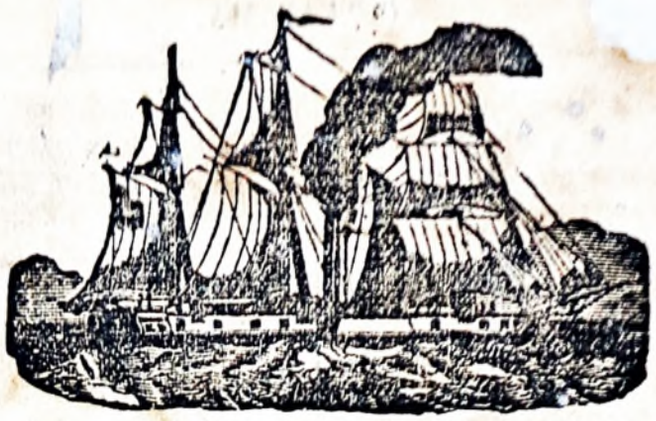
Sr. Climaco, venha manso!..

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de ixo n.º 12—J.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



BIBLIOTHECA DO Instituto Geographico e Historico DA BAHIA

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 9 DE ABRIL DE 1864. N.º 45

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de abril de 1864.

Officio á Camara municipal, pela SEGUNDA VEZ, para que mande o Sr Dr. Navarro, dono dos sobrados em que moram Domingos Vaz de Carvalho e uma professora particular, á rua dos Capitães, concertar os canos das referidas cazas, que desaguam para rua, pondo em risco a saúde publica e tanto que *está toda visinhança atacada de febre*, sendo muito notavel que a Illma. até hoje se não tem dado ao trabalho de accudir aos reclamos da imprensa já que não tem empregados que lhe partecipem quando se fazem precisas suas tardias e constrangidas providencias.

—Ao Sr. commandante das armas, fazendo-lhe notar o estado de indisciplina completa que lavra pelos corpos da guarnição, dando logar á continuas reclamações das folhas diarias e chegando a ponto de serem cutilados barbaramente um guarda de policia e um dito de cavallaria, que provocando ao primeiro deu logar á questão que téve como resultado o espancamento mutuo e brutal de ambos; além de muitos outros factos, entre os quaes o publicado no *Jornal* de hoje 8 do corrente em que ainda um guarda provocou uma porção de marujos, coisa que diariamente se dá, poisque é sempre a tropa quem provoca ja aos companheiros de outros corpos, já aos marinheiros, e já aos guardas de policia, e até a inermes pacificos paizanos.

—Ao Sr. Subdelegado da Sé, partic... pando-lhe que na casa de Joanna Pal... que, em cuja visinhança se acha s... mp... S. S., houve um destes dias desordena... do samba, acompanhado de fortes *tab... ques* e estrandosos gritos, que durara... até 2 horas da madrugada; o que é i... conveniente que se reproduza... lhor deve S. S. saber.

Portaria ao fiscal geral, ordenando... que vá ao principio da ladeira dos Ga... nas casas do Sr. Conego Brandão, afi... de presenciar o lastimoso espectacu... que apresenta o pateo das mesmas, in... undado, na altura talvez de dous pa... mos, de materias fecaes, que lhe lan... çam os moradores das referidas casa... e cujo insuportavel fetido muito tem in... commodado aos moradores da rua D... reita da Mizericordia.—O que cumpra...

— Ao guarda-marinha pedestre Gu... lherme, ordenando-lhe que vá a ru... d'Alegria lá para S, Pedro e veja un... meninorios, filhos d'um professor d... dezenho, Salles, que por alli mora, o... quaes vivem com anzóes a pescar os cha... peus de quem passa, a romper-lhes... roupa, e a dar encapellações... ar pe... dradas, sahir á rua com capot... esmolas afim de agarral-os... pae, para que dê... provi... que cumpra..

—Que diabo de pezeta é aqu...
—E' um *diamante* não lap...
—E' *bruto*, não?...

...abo; é um cigarrinho desfaça-... sabe a' quê veio; tem ...dicados annos das trampoli-...ei de escrever a um meu compadre ...inham aqui, que me dará circumstan-ciadas noti...as que a V. Ex. transmittirei em tempo.

—Deixal-o passar.

Ecce homo...

—Que diabrura foi aquella na rua dos Ossos?

—Foi o diabo que sahiu nú em pelle a ensinar sua casa.

—Pois a casa delle é na rua?

—Pelo contrario, nunca de casa sahia, estava encerrado nas suas forjas; bolliram com elle, ahi está a amostra do panno.

—Mas que fez elle então?

—Espancou a irman, que lá se foi refugiar naquella *cachoeira* vi...

...tá dito! Nesta terra não ... que regule, nem ainda o ...so!

...Deus, abri os olhos da po-

—Vm. que é empregado na companhia do Gaz, diga-me uma cousa.

—Vou pode dize, capitão

—Disseram-me que as subscripções foram feitas para as familias das victimas da parede do gazometro.....

—Yes; master.

—.... e que a commissão encarregada de distribuir o dinheiro, fez escolha, desacreditando um pae defamilia, e guardando o *grosso da subscripção* para depositál-o n'um estabelecimento bancario a fim de *usufruirem-no as irmãs de charidade*!!!....

—I know not, master.

—De sorte que as taes papudas, pansudas do diabo, tambem são victimas da parede do gazometro!

A culpa porém não n'a tem ellas! A culpa é desta Latronopolis safada, desta miserrima cidade, verdadeira espelunca de ladrões!

Ao depois querem passar por honradas e andam se envenenando!... Hediondas hypocritas!.....

—Mim non intende desse, capitão.

—Perdôe o incommodo, mestre. Boas noites.

—*Good night, my friend.*

—Guarda-mariuha, nada fazes!

—Que mais quer, capitão!

—Não me trazes os tratantes!

—Aqui esta um; é o gallego da cara chata, negociante de farinha na Rocha de Santa Barbara.

—Charissimo. que ladroeira é uma de que o accusão?

—Ignoro, capitão.

—Pois V. não comeste certo dinheiro de uma tua parenta, que deixou o pae da moça, quando ausentou-se, fazendo de ti gente? Não sei que comeste tambem o dinheiro do irmão da moça? E que por veres-te atrapalhado, tiveste agora o desaforo de escrever para tua terra, disendo que levaras para tua casa a moça, por combinação do irmão e da madrinha? Pois não sei que passaste tambem a folha na menina? Eim, tratante?

—Perdão, capitão! ..

—Rapazeada, amarrem este patife no rodizio da proa, e 200 calabrotadas por dia, atè que se resolva a dar o dinheiro que o pae mendou dar aos filhos.

—Guarda-mariuha, que barulho é aquelle?

—Um duello, capitão, é um tenente e um sargento da *pulicia* de Latronopolis, que jogaram o soco no Cabeça.

—E qual é a razão?

—Eu explico,

O tenente namora uma bella dama que mora em cima do quarenta portinholas. O sargento costumava passar por alli e olhar com ternos olhos a gentil deidade. Esta para dar uma prova de fidelidade ao seu amante, queixa-se a seu amante da audacia do atrevido militar. Enfurecido o *bravo* tenente lança mão do *catatau*, e sahe em busca do pretendido rival, ao qual vae encontrar naquella venda. E sem mais preambulos diz-lhe, patife! tratante! não conheces teu logar? não sabes a differença que ha de um tenente para um sargento? Não sabes que naquella casa so eu é que sou teu superior? não devias levantar os olhos para alli, infame!

O sargento que não è de graças e que julga ter seus direitos arripiou-se, e la estão a se esmurrarem como dous inglezes.

—Estes militares são das Arabias. Si fosse em *França* sob o governo de *Luiz* Napoleão, isto andaria melhor.

—Que patife é aquell?

—E' o *moço velho* da Barroquinha.

—E o que esta elle fazendo?

—Indagando da vida alheia a ponto de não poder-se fallar cousa alguma em que elle não tome parte: levadas 9 horas em diante a assumptar tudo que se faz

—Pois diga-lhe que si continuar será conduzido ao porão deste navio, a requerimento dos offendidos, donde so sahirá no dia de S. *Conrado*.

—*Olé*, meu *Gurio* das moças, onde viu V. caxaça de caboré? vai tombando com o balanço do navio, ou é força da cannilha?

—A cabeça pesada, capitão.....

—E a insultar familias, de cujos membros recebe V. esmolas!

—Capitão, a caxaça é o diabo.

—O diabo é um safado que falla no Peso do Fumo, Santa Barbara e Caes Dourado, e se esqueee de que não conheceu nem sabe quem lhe deu o ser, pois que foi achado dentro d'um balaio de tijolos.

O diabo é um bebado, cuja mulher, que tambem ignora quem seja sua mãe, esteve de criada em certa casa na rua da Saúde, onde levava até chicote!

O diabo é um despresivel pae de familia que não cuidando de suas obrigações, insulta sua mulher e filhas a ponto de querer o filho ensinal-o a viver, castigando aos que erram.

O diabo é um ladrão que servindo de depositario dos bens de certa intestada, metteu-os no peito, roubando os filhinhos e dando com os ossos na casa de cachorro.

O diabo é um miseravel que serviu de *testa de ferro* do *Justiceiro*, e depois de *Interesse Publico*, pela ridicula quantia de 15$ rs. mensaes.

O diabo é....

—Capitão não dê perolas a porcos. nem palhas a besta.

—E acho justo; este bebado não merece resposta. Si fosse susceptivel de envergonhar-se, mandava pela segunda vez o muxingueiro metter-lhe o relho na cara.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 8 DE ABRIL DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA SEMANAL.

CAMBIOS

Sobre «Tratantopolis» ao par.
Sobre «Relapsorum-forum» nominal.

SAQUES.

Tem havido alguns de certo negociante de *diamantes brutos*, sobre uma casa de certo *negociante de joias* da ilha Infamorum portus.

ESTABELECIMENTOS DE CREDITO.

Banco do *Forum*.—Grande actividade depois das festas da Paschoa. So recebe, não dá. Attenta a necessidade que ha de numerario, as *acções* deste estabelecimento baixaram ao par.

Caixa da *Municipalidade*.—Paralysada. Este estabelecimento tem cahido em descredito no conceito publico. A eleição da nova directoria em setembro, é quem o pode salvar, si seus accionistas se compenetrarem de seus interesses. Porém a nossa opinião é que tudo ficará no *sicut erat*.

MOVIMENTO DO MERCADO

O commercio de Latronopolis como sempre tem estado em effervescencia.

Arrufos e descontentamentos.—Alguns funccionarios publicos tratam de encorporar uma companhia, que será exclusivamente dada á importação dest[illegible]

Desordens.—As transacções

na reduzirão-se á algumas compras para gasto do exercito.

Despeito.—Abundancia. Tem-se exportado grandes carregamentos para a ilha da *Presidencia*.

Desinteresse.—Nullo.

Especulação.—A que existia no mercado foi arrematada pela empreza dramatica do theatro de Latronopolis, para commodo do publico que frequenta a platéa. Diz-se porém que a empreza não podendo com tamanhos gastos pretende augmentar o preço dos assentos, apezar de *tel-os diminuido* (aos assentos).

Innocencia.—Abundancia. Mas ninguem a quer comprar com receio das falsificações. A cada canto encontra-se um homem á maneira dos que andam de realejo ás costas, apregoando a *sua* como verdadeira. Para a questão *Passos*, por exemplo, precisa-se de uma partida de boa qualidade, mas ainda não se poude encontrar quem a tem verdadeira.

Meiguices e canduras.—O carregamento do brigue *Garcez* entrado a 19 de março foi comprado por agencia do correcter *Gosto* de Sá na praça *d'Assembléa*.

Probidade.—Alguns negociantes que a possuiam exportaram-na para *Tratantopolis* onde esperavam obter alto preço; porém consta que chegou áquelle porto avariada pela mudança de clima.

—

EMBARCAÇÕES DESPACHADAS.

Escuna *Margarida Gamotinha*, para J. *Ribeiro* Brandão 1,000 alqueires farinha, 400 saccas farello, 1 fardo atrevimento; o conego dos *Ciris*, ornamentos para igreja, 2 embrulhos devassidões; *A. A. C.*, diversos instrumentos de muzica para a clave de *fá*, 1 baixo *bufo*, 10 feixes cacetadas.

—

DESCARREGAM HOJE:

Charrúa *Philippa*, oracões, bentinhos, *alcovitices*, *desgostos*, (de encommenda para familias).

Sumaca *Carolina Locouce*, figuras de pau para candomblés.

Barca *Maria Doufona*, idem, idem.

A PEDIDO.

Inda V. não se lembra do tempo em que Deus andava a pé? Pois hoje anda á cavallo!

V. tão rica e tão formosa, assim na janella a criticar de todos!

se lembra daquellas viagens que V. a arranjos de saias e camisas?

d que cousa triste!

No largo do Barbalho!....
Aquelle alfaiate!....
V. apagando a luz!....
E' triste, sinhá Maricas de S. Pedro!
Meu quintal!...
Bravo, bravo, bravo, Sr. David!

Pede-se no guarda-marinha pedestre Guilherme o favor de ir á rua d'Ajuda, prevenir ao marcineiro Tacão que se deixe de fallar da vida alheia, e de continuar com suas alicantinas e trapaceiras, pois pode lhe custar caro, como já uma vez lhe succedeu com o caixeiro do senhor das bolachas, que.....

Attenção, attenção, muita attenção.

Previne-se á certo individuo que de sua *intelligencia* fez a gazua para extorquir á um pobre e infeliz preso a quantia de 1:000$ escalando as grades da cadeia do Barbalho onde jazia o infeliz, a quem se obrigou a defender pela imprensa—que não sendo José Balsamo ou Cagliostro, mas sim o principal chefe da companhia do olho vivo, o mais refinado velhaco e tratante que o mundo cobre, *vá* sem perda de tempo e antes de partir restituir á victima a quantia roubada; do contrario será seu *honrado* nome aqui publicado em letras grandes.

ANNUNCIO.

Dá-se o premio de 43 *inscripções da divida do governo portuguez*, a quem prender dous gallegos, que andam pelo commercio de Latronopolis, sendo o primeiro um vendedor de pratos e copos, devasso insigne do Rio Vermelho, que matou em certo tempo um seu irmão, e que hoje occupa-se da vida alheia, e o segundo o maior traficante desta terra, um negreiro de nota, moedeiro-falso de *gorra e capello*, muito conhecido pelos enormes tamancos com que aqui aportou.

O compadre do Barão.

TYP DE MARQUES. ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 13 DE ABRIL DE 1864. N.º 46

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de abril de 1864.

Officio ao subdelegado de Sant'Anna, para que mande intimar a moradora da loja do sobrado n. 5 ao largo de Nazareth para o fim de quando sair, não deixar seus filhos entregues a si mesmos, visto o maior ser de edade de 8 annos, afim de evitar que elles na sua ausencia que é sempre prolongada por oito e mais dias, façam os disturbios que costumam, so faltando deitar fogo na casa, com o que não so incommodam a visinhança, como arriscam ao proprietario a ver-se livre do sobrado, sob pena de ser conduzida ao batalhão da mata-cobra.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande chamar à sua presença os moradores das casas em frente ao patéo do convento do Desterro, e faça-lhes minuciosas indagações afim de descobrir os auctores das pedradas que se lançam dos quintaes das ditas casas por sobre os telhados das propriedades do Sr. Domingos da Silva Pereira, indo bater ás casas fronteiras do Sr. Dr. Eloy José Jorge, quebrando as vidraças e os caixilhos, e penetrando no interior, a ponto de offenderem a uma creança que dormia, como succedeu no dia 28 do passado.

—Ao mesmo, para que mande quanto antes chamar á sua presença certo empregado publico, morador n'uma rua de prata, afim de conhecer do estado lastimoso de uma sua escrava, pelo mesmo mandada castigar no dia 26 do passado, com tal deshumanidade que chegaram a atirar-lhe pedras ao telhado, a vista dos gemidos ja desfallecidos da pobre Suzana, victima de tao hediondo castigo pelo simples facto de ser pelo seu senhor encontrada a conversar com um que passava.

—Ao Sr. subdelegado do 2.º districto de Santo Antonio, para que tome sob sua vi-

gilancia a um Libanio, bem conhecido, morador á Cruz do Cosme, afim de que não continúe seu emprego de curandeiro, tirador de diabos e outras cousinhas... que a moral manda que cale, visto que o tal curandeiro, ha tempos, mandou para a eternidade a uma misera mãi de familia, como dizem, depois de extorquir da infeliz 800$, valor d'uma escrava que se vendeu; sendo medianeira dessa tratantice Josefa de tal, moradora ao Pilar, uma das dignas sacerdotisas do templo do gran-sacerdote.

—Que gaiato moço è aquelle que andou na Allemanha, Belgica, Russia, Suecia e Noruega, Dinamarca; que visitou os aridos desertos da Lybia; que foi á India, à Cochinchina, ao Japão, a Nova Gálles, à Cymbebasia, a Madagascar, a Socotora, ao Haity, aos Estados-Unidos, á Venezuela, ao Equador, á Colombia; que percurreu emfim todas as cinco partes do mundo, da Inglaterra à Russia, do Caucaso ao Japão, da Patagonia á America Russa, do Cabo da Boa Esperança a Marrocos, do diabo ao inferno, e que esta finalmente em Latrono-polis com honra de deputado?

—É um talento rôxo, é um *tacão*, digo catão dos tempos modernos, politico que se não define, *liberal* que sustenta a *escravatura*, christão que não ponpa aos mortos...

—Ah! sim! Si eu podesse decifrar-lhe o sexo chamava-o *Mariana*, composto de Maria e Anna, que tantos bens trouxeram ao mundo.....

—Pelo contrario, capitão; é *macho* e tão *macho* que dando couces em tudo que os outros produzem, ainda nada produziu; nem um so filho deu ainda a luz.

—Então, mande-o cavar diamantes no sertão, ou plantar pés de burro no... no... o diabo que o poz.

—Adeus camarada.

—Adeus, Sr. capitão, como tem passado S. Ex?

—Bem, e V. meu diabo coixo por onde tem andado?

—Por este mundo de Deus capitão, fui dar um passeio para ver si melhorava de sorte e si ficava bom das pernas, ai! ui! meu capitão, o Conde é tão bom!

—O que, V. já é conde?

—Não, V. Ex. não comprehendeu o que eu disse, não sou conde mais estive no Conde.

—Já sei, ja sei, V. lá era um grande.

—Qual meu capitão! passava pobremente.

—Ora diga V. para que ha de ser mentiroso e safado, pensa que não sei o que V. fazia e dizia por lá?

—Eu, meo capitão! até era muito recatado e com poucas pessoas me dava; só tratava de meu negocio.

—Descarado! Côxo de uma figa, pensas que minha policia não anda por todas estas villas, meu côxo safado? então ja te esqueceste que dizias ter sido um dos primeiros negociantes da praça da Bahia? que largaste o commercio porque não querias negociar n'uma terra de caloteiros, sendo tu o primeiro a apregoar banca-rota? heim, miseravel?

—Sr. capitão, V. Ex. veja que isto é uma calumnia, eu tal não disse.

—Miseravel, tu não és o primeiro a querer pagar com ingratidão áquelle moço que te deu a mão para tu ires negociar no Conde, mandando-te sempre fazendas para tu abortares grandezas e viver com parte de rico, e depois da chegada do teu protector brigar com elle?

—Sr. capitão, por quem é... ponpe-me, tenha piedade do pobre côxo, por santo Izidro.

—Ah! tratante, não me enganas. Maxinguêiro, ja que se passou o sabbado d'alleluia-

uma bala de trinta e seis no pescoço deste tratante e atirem-no ao mar.

—Mizericordia, Sr. capitão, quebre-me antes a outra perna, porque andarei de moletas.

—De moletas, meu safado, ja andam ha muito tuas algibeiras, porém tua prosapia e gabolice ainda quer andar a galope. Muxingueiro cumpra as ordens.

—Mi..ze..ricordia! Sr. capitão, pelo amor de Deus!

—Cale-se tratante.

—Padre, que ataque é este?

—E' que eu pensava que era este Sr. um *sabido* que me devia e se estava fazendo francez.

—No meio da rua! nestes termos! um padre!

—Mas ha muito que não o via.

—Mas tome sentido nos seus devedores para não attacar assim os que passam.

Do contrario, Sr. coadjutor do Pilar.... pode soffrer algum desacato.

—Sr. Buxa, tome geito.

Ha de andar V. sempre mettido em tratadas, e coisas desairosas!

—Fui receber meu dinheiro.

—Mas d'aquella maneira? gritando na porta da senhora, como negra de quitanda? E, depois, que dinheiro ? V. já não tinha recebido 10$ rs. da escriptura? Como queria mais cinco?

—Capitão, deixe-me em paz.

—Tome geito, homem de Deus!

—Sr. vigario, então assim que morre uma pessoa, vae logo a incommendação, sem dar logar aos arranjos domesticos, não? Porque fez isto com o pobre Hygino?

—Hoje tudo anda a vapor; é progresso, capitão.

—Mas V. Revm. que tambem é chefe de familia, e a tem na freguezia menor da capital, a dos cotovellos, deve ter certas considerações.

—Mais para diante.

—Que esforçado athleta, que *guerreiro* denodado, que campeão é aquelle dos sertões, a pugnar pela liberdade, novo *Catão* nesta epocha de descrença, scepticismo e indifferença?!

—Ah! ah! ah!... Isto é rico!

E' um pobre *jesuita*. Pois não deu-lhe na cabeça defender as irmãs de caridade, os padres lazaristas, elevando-os aos cornos da lua!

—E' ingenuidade do moço: faça justiça a seu caracter, que é liberal sincero.

—Sincero é V. Ex.; ao seu caracter é que eu faço justiça.

O Junqueira, que é do mesmo *Triangulo* defendeu no Rio aos jesuitas e na Bahia responde-lhe o echo.

Os meninos não dormem, capitão; quem à boa arvore se chega, boa sombra o cobre. Veja si me intende...,

—Eu não; tenho muita fé na geração que começa.

—*Coronel* que noticias traz?

—Nenhuma d'importancia; vim d'alfandega, onde, além do costumado vi dous empregados publicos a brigarem.

—E não houve repressão?

—Eram dous gatos, capitão; chamo-os empregados publicos porque percebem ordenado; ganham quatro vintens por dia, e estão tão *gordos* que até tem medo dos ratos com quem brigam.

—Ora viva! Quanto à *gordura*..... é porque recebem a ração em dinheiro.

Que noticias dá da Mizericordia?

—Mudaram se as recolhidas.

—Disso sei eu.

—Aposentaram um medico.

—Tambem sei, e vão até tirar-lhe o retrato!

—E que acha, capitão?

—Acho bom; e preciso gastar o dinheiro antes que crie bolor.

—Ha dinheiro para tudo, menos para as recolhidas, que foi o pensamento capital da instituição; querem deital-as para fora, desafiando a cobiça, a maganagem e a prostituição com 500$! Todo o dinheiro é pouco para as irmãs de caridade! Isto tem termo, capitão?

—Ha o direito de petição; o povo não quer delle usar, acostuma-se a ver com indifferença quanta tratada ha, que quer que lhe faça?

—Ai do dia da desesperação, capitão!...

—Ai dos que zombam do povo, *coronel*!..

—Vou á assemblea, capitão.

—Acho bom e gosto disso.

A PEDIDO.

Attenção, attenção, muita attenção.

Como nesta terra e nesta epocha, em que não se escolhem os individuos para os empregos e sim os empregos para os individuos que *meandrando* como o verme, e tudo prostituindo aos pés do poder, querem passar por cousas, quando todos lhe lêem na face miseravel o stygma de ladrão, superior a Vidocq:—previne-se a um destes que se não retire desta terra, sem entregar ao tenente coronel Bellas a a quantia de 4:000$ que lh'os roubou, infamando um nome illustre, quando escalou as grades da cadeia do Barbalho; e isto antes que se lhe publique o nome para ser conhecido o rei dos gazueiros e ficar sabendo o publico qual o caracter do canalha, em cujas mãos cahiu uma *pomba*.

Pede-se a um certo yoyo, gordo e pansudo, e que mora n'um alto sobrado, rico, proprietario e filho d'alguma *ferragem*, que se não esqueça d'uns certos cobres para capim de seu cavallo e para cadeira de passeio—nove mil e tantos reis, que tomou ha dous annos quasi; certificando-se-lhe de que nem todos são *seraphim* e pode succeder que seja publicado seu nome, pois nem tanta recarcação em velhucadas.

F. A. V. J.

Da-se um *sobrado com toda sua rica mobilia, no valor de 60 contos de reis* a quem descubrir um escrivão que demora certos papeis d'uma causa de que é adversario, mostrando-se nimiamente ingrato com aquelle que lhe serviu de pae, dando-lhe um cartorio de importancia que foi pela vibora convertido em tenebroso antro de immunda harpya, ou melhor, em sordido covil de ladroeiras.

O Babão.

Pede-se ao guarda-marinha que vá ao 1. andar de um sobrado á rua Direita de Palacio, onde moram duas costureiras, uma dellas a senhora do botequim, e queira conduzir ao p'rão do *Alabama* o celebre *Cae-na-Lama*, para fazer-lhe amputação nos callos que tem nos cotovellos e no assento, e o muxingueiro tirar-lhe das costas a grande carga de preguiça que traz, com o infallivel remedio de suas fricções.

Por Santo Hygino

Pede-se ao sujeito que sabbado á noite empalmou em uma casa, de cima de uma meza, trez mil reis, por *brincadeira*, vá os restituir si não quer ver seu nome nas gazetas. Depois não diga que è graça de algum pedreiro.

Elle mesmo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 14 DE ABRIL DE 1864. N.º 47

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de abril de 1864.

Officio ao Sr. commandante das armas, para que mande informar o Sr. official da guarda do commercio d'hontem 12 do corrente sobre um espancamento que soffreu um guarda das mãos d'um africano, a quem o official se negou a prender, quando lhe foi elle apresentado por dous officiaes da guarda nacional, prisão que só effectuou á reclamação dos mesmos, de um seu collega e do Sr. subdelegado da Penha, que lhe extranharam o procedimento pouco honroso para um militar que via ser brutalmente vilipendiada a farda brasileira, no meio das gallofas e dicterios dos insultantes gallegos que presenciavam a scena.

— Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, partecipando-lhe que no larga da Saúde costumam certas ganhadeiras assar peixe, dando logar a que lh'o vão comprar alguns capadocios que o *petiscam* no adro da egreja, ao som de palavradas, modinhas e toques de violão, no enthusiastico fervor de brindes immoraes; abuso que admira que a policia ignore-o até hoje.

—Ao Sr. subdelegado de Santo Antonio, afim de indagar quaes são as familias, por cujo intermedio foram raptadas na noite de Sexta Feira da Paixão duas moças que residiam em casa de sua mestra, á rua dos Marchantes, das quaes era uma de menor edade; e dar as providencias, para que sejam punidos os criminosos.

—Ao 4.º juiz de paz da Sé, pedindo-lhe que não consinta a continuação de sambas e gritarias que todos os domingos ha por baixo da casa de sua residencia, occasionados por innumeros negros, que fazem dalli um grande terreiro, em que exercitam suas costumadas bruxarias.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá ao Gravatá e intime ao encarregado da limpeza dos canos publicos que não continúe a deixar abertas as boccas de lobo, naquelle sitio, pois que no sabbado á noute iam tendo logar algumas desgraças, mettendo diversas pessoas o pé e o corpo naquellas devoradoras fauces, que as recebiam até os braços. O que depois participará Vm. a Illma. camara, que intende dever levar a mangar com o povo desta pacifica terra, em troca da confiança com que brindou uma porção de maganos que o viviam a adular miseravelmente. Cumpra.

—Capitão, alli vae a barca *Pinto dos Mares;* chame-a á falla, que vae de vento em pôpa para Tratantopolis.

—Ora! queria poupar aquelle *bixo* por certas considerações; mas alli estão as gazetas a deturpar o nome de certos caracteres, e não ha remedio sinão chamal-o a contas.

¡Que bandeira leva aquelle pirata?

—A portugueza.

—Não póde ser; aquillo nunca teve patria; vae sem duvida á ilha do Ouro, á conquista do deus dos judeus.

Chame-o à falla.

—Para onde segue?

—Para meu destino.

—Que destino tem?

—Amontoar dinheiro.

—Que carga leva?

—Não reconheço autoridade no Sr. para fazer-me perguntas.

—Está bom; camaradas, visitem essa cafurna e façam o inventario do que achar.

—Capitão, leva um cunhado roceiro e uma irmã cosinheira.

—Isso não é carga; adiante!

—Elles mesmos dizem que são massa bruta, que para nada tem prestimo.

—Adiante!

—Leva uma filha e um genro; a filha a morrer, maltratada por se ter casado com brasileiro; o genro, marido desta, acabrunhado, perseguido, demittido até de seu caixeiro, pelo grande crime de casar-se com a filha d'um negociante de joias, d'um maroto de *credito*, d'um barão de tratadas, d'um *fidalgo jesuita*, d'um experto hypocrita, d'um habitante de Latronopolis, onde *exerceu honrosos cargos* no commercio.

—E a dar-lhe! gente não é carga.

—E' côco; leva tambem um casacudo, coberto de ouro e prata, e mais dous parentes agarrados ao testamento d'um velho demente, e um delles embolsando avido e furioso um inventario de milhões.

—Adiante.

—Leva um fardo de egoismo, de hypocrisia e desaforos contra os brasileiros, em cuja terra enriqueceu, sem herdar, nem tirar sortes.

—Adiante.

—Leva 45 contos em inscripções da divida do governo portuguez; leva um conto de réis a cada um de seus filhotes; 500 bicos aos filhotinhos; leva uma rica mobilia; leva uma excellente casa....

—Tem então honras d'elephante?

—E parece capitão; aquelle dorso, aquella estatura elevada, aquella tromba, aquelle ar meditabundo, aquelle andar pausado de nunciam alguma cousa.

(Continúa).

—Capitão, poriça qui fazé qui nan manda prendê esse malandeu turo qui vende esse cousa qui cende luz, qui aibô chama fosco, qui tá grita ni rua, trapaiando ouvido de anani?

—E' um meio licito de vida; e depois são homens velhos que para a tropa não servem.

—Mai ta fazê menino grita corcunda ni vintem quondo ere tá merca fosco ni dereis.

—Mas, preto, elles mercam a dez réis e só vendem vintens.

—Ah! capitão! iô bem dize, ere turo som ladrom, olè turo; poriça deve pega ni ere turo.

—Espera, rapaz; elles so vendem a vintem, porque não havendo troco de dez reis o menos que vendem são duas caixinhas.

—Mai, capitão, iê ja viu rapazinho; poriça deve pega ni ere.

—Ah! la para o diabo! Para o aljube, si ainda o houvesse, mandava-te eu!

—Tà denrêto; capitão qué fazê qui nem cumandante de árima qué reduzí gente livrè nim captiveiro! Capitão ta nin ganamento.

—Por fallar nisto, ouvi dizer que existe uma parda clara escravisada por uma freira, sabe disto, *coronel*?

—Não; mas dou breve as informações a V. Ex.

—Poi capitão, toma sentiro, nan querê fazê cum sua cosinhero esse coisa que frera fazê cum muratinho; e si capitão qué, sipimenta; boca de negro tà hi p'ra elle grita.

—Negro, olha o porão!

—Capitão, oia gazeta!

—Que está dizendo aquelle moço?

—Que insultou uma visinha; que mandou a ella offerecer chicote, e que por fim foi ao subdelegado da Rua do Paço e este a mandou prender em companhia de uma filha, à disposição daquelle bisborrea.

—É incrivel.

—Incrivel! Pois a mulher esteve presa tres dias, depois do que foi solta, a pedido de alguem, mas com acquiescencia *delle*.

—Quem lhe disse?

—Elle que está alli gritando.

—E' um bobo presumido. Pois o subdelegado ia fazer isso! Pois o subdelegado é doudo! O que admira é que haja quem acredite em gabolices desta ordem!

—Amigo claviculario, pare lá o seu cavallo.

—Temos cousa! O que é capitão?

—Vm. de cavallinho intendeu que só devera andar na cidade, de sorte que as freguezias de Maré, Passè, Matoim, Paripe, Itapoan, Cotegipe etc. etc. não lhe merecem as honras d'uma visita?! Será aquelle algum deserto d'Arabia? Algum pelago sorvedor? Visite, meu charo, aquelles mares até hoje por Vm. não navegados; và ver o que fazem os fiscaes por detraz do Sr., fora das suas vistas; dê que fazer ao cavallo, não queira comparalo ao Sr., não é bom que *elle* tanto coma, sem nada fazer.

—Olà! que orgia é aquella?

—Não é nada, são somente quatro mulheres de mà vidà que andam com tres capadocios do arsenal de marinha a perturbar o silencio de quantos dormem pacificamente na rua da Preguiça.

—E não é alli que mora o subdelegado?

—E', mas elle não se incommoda por tão pouco.

—Pois partecipe-lhe este caso que se deu á 8 de abril, seriam duas da madrugadà, a fim de avisar elle às patrulhas para que velem em que se não repitam desses escandalos, e para que os vermelhos não tenham que dizer.

A PEDIDO.

Quem descobrir um camello, que renegou o breviario pela gazua, extorquindo de certa matriz as alfaias do culto divino,

depois de servir de testemunha falsa contra um honesto e respeitavel caracter; sacado *formigão* que pertencendo a certa associação politica, introduziu-se na commissão de silencio, donde uma vez sahiu para fallar no *Outhor* do Evangelho; desmarcado estupido que abre hoje a boca, em apartes, contra o Regulamento Organico, sem nunca tel-o lido, e somente pelo que ouve dizer; quem o descobrir, digo, receberá em premio uma garrafa arrolhada em cujo seio se guardou, para não evaporar-se, a intelligencia de certo deputado sertanejo, que a vendeu, para comprar a vergonha que ha muito lhe fugiu das faces mascavadas, digo *botecudas*.

O Vigario Caveira.

Roga-se ao Sr. *Maneca* ou *Caneca de Leite* o favor de não continuar a rir-se tanto, que è signal de tollo.

O Manezinho.

B Quem é aquelle melro de bico amassado, que costuma ir até o meio da rua do Hospicio?

E E' um namorado salprezo, não sei o nome, porém tem um bigode ruivo... cheio de enthusiasmo, mas esmurrado na ponta.

S Quem amassou foi um negociante por nome B. Que diz, de verdade? E elle que fez?.. Que fez; ainda depois andou pedindo para não seguir o corpo de delicto. Qual foi verdade?

T Não, duvido que aquelle!!,... tem cara para mais: pois diga a esse capadocio que não continúe a ir na dita rua, do contrario conte.....

A Com que; uma roda de chicote, mestra, e será conduzido ao rico porão do *Alabama*. La não vou, deixal-a com os diabos, safa! (*)

Pede-se a um ourives, campeão provocante da grei *vermelha*, *phosphoro* reconhecido, e corrido em tres freguezias, que não continue a chamar bebados a pessôas que puchando pelo testamento do finado Francisco dos Anjos podem ter direito ao mencionado campeão.

Um livre.

Previne-se a certo sujeito morador á rua Direita da Conceição do Boqueirão que os seus visinhos não estão promptos para ver a cor de suas ceroulas quando chega ás suas sacadas, principalmente sendo lojista e devendo por tanto ter um moafo para melhor se compor; assim como que previna a seus caixeiros que se deixem dos brinquedos que alli costumam expor ao publico, sob pena de serem publicados seus nomes.

Um incommodado.

União, e olho vivo
Nos darão renome e gloria,
Só na cadeia esta sucia
A cacete e palmatoria!

Certo filho do Ca-*Brito*
Vae á Europa passeiar;
Mas deixa a quadrinha acima
Para quem quizer cantar

Boa viagem te leve,
Resto charo d'avós meus!
Grande saudade nos deixas,
Adeus, chara pinga, adeus!

(*) A' pedido do author vae intacta.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 16 DE ABRIL DE 1864. N.º 48

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 16 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de abril de 1864.

Officio á camara municipal para que tome em consideração a immensidade de porcos que se reunem na Lapinha, as casas de cujas immediações fossem de tal maneira que ameaçam desabal-as, criando lamaçaes, cujo fetido, cujos pestiferos miasmas incommodam aos moradores daquelle logar, occasionando febres e outras infermidades, attendendo a Illma. que aquella localidade não se acha nas condições do tempo em que para alli eram mandados os ciganos e ladrões.

—A' mesma, para que, *por piedade*, lance suas ternas vistas para a rua do Jogo do Lourenço, em que ha um rego d'agoa putrida que impede passar-se pela mesma rua e chegar-se ás janellas.

—Ao Sr. Dr. chefe de policia, para que lance suas vistas para o *Hotel da Estrada de Ferro* em que ha, além d'um jogo *conhecido*, outros em que se imbebem os empregados da estrada, os caixeiros e os artistas, indo naquelle sorvedouro depositar uns o suor de seu rosto e o sustento de suas familias, e outros a fortuna de seus amos d'involta com seu credito e seu futuro.

—Ao mesmo, scientificando-lhe de que a cidade se acha inundada de moeda falsa, sobre o que espera-se de S. S. efficazes providencias.

—Ao Sr. subdelegado da Rua do Paço, pedindo-lhe providencias sobre uma casa de *mocotó*, na ladeira do Carmo, em cuja porta se reunem, nas noites de sabbado, innumeros capadocios e crioulas, que tomam, ás vezes, toda a largura da rua, incommodando a visinhança com algazarras e palavradas, com violões e modinhas.

—Sr. *amigo do codigo*, quem matou o musico foi um gallego desaforado que roubou a uma pobre viuva a quantia de 15$600 reis, e fosse lá quem fosse é favor não continuar a ser importuno e tolo, que lhe não temos que dar satisfações.

Fique certo que nós o conhecemos, pois o cheiro do chulé o está denunciando.

—Está bom, capitão; não precisa zangar-se.

—E' um seu companheiro, sem duvida; é um infame como V... não ignora; é um ladrão como V... bem sabe, e tão tolo como V... quer parecer.

Mora lá para a freguezia de S. Pedro, na

capitão de Latronopolis. Veja si o conhece agora. Tem um nome com 6 lettras, duas vogaes iguaes e quatro consoantes.

—Capitão, viu a assembléa como está economica?

—E que tem isto?

—Negou até guizamentos de 50$ às freguezias, confundindo vigarios com culto divino.

E votaram a favor d'esta *economia* certos deputados que approvaram o projecto da schola d'artes e officios, que é na verdade muito *economico*, bem que não haja brasileiro de coração que deixasse de approval-o, porque eu não comprehendo economia de palitos, quando se trata da educação do povo.

—E querem até uma verba exorbitante para o theatro, que é sem duvida, mais necessario do que a religião para moralisar o povo, dizem elles.

—Eu si fosse vigario, não dizia mais missa.

—Porque?

—Porque hoje nada ganham, e não ha de ser da minguada congrua que hão de comprar hostias, incenso, cêra e vinho para celebrar.

—Acho-lhe rasão; e é por causa desta pobreza que, ainda um destes dias, um delles deu em vender toda a pedra que existia em frente da matriz.

—Que diz?

—Venda escandolasa que o subdelegado que não é *cura* mandou logo e logo embargar.

—Olhem que este mundo tem coisas!...

—*Coronel* de quem è escravo aquelle pobre homem, pardo que anda tão maltratado, com sacos de farinha ás costas, bandejas na cabeça e as vezes carregando ás costas um menino?

—Não é escravo, capitão, é o guarda Antero da 5. companhia do 8. batalhão.

—E o Sr. commendante das armas não sabe disto? já não tenho feito levar ao seu conhecimento semelhantes desmandos? como ainda consente que taes abusos se deem na classe à que pertence? Ou por acaso não lê o *Alabama?*

Guarda marinha, dê providencias para que seja distribuida a folha por todos os Srs. commandantes de corpos, afim de que tenham noticia do que praticam seus subalternos.

—Será obedecido, capitão, mas devo observar a V. Ex; que não mande ao tenente coronel D. José.

—Então porque?

—Porque é homem que em certas occasiões gosta de folhas, *mas em outras não.*

—Explique-me isso

—Elle me intende, capitão.

—Capitão, um caso grave.

—Diga, *coronel.*

—O professor Augusto Pedro de Oliveira depois de insultar-me ante hontem à noite, disse que receiava passar pela rua Direita da Mizericordia, a fim de se não expor a escangalhar a typographia, e soffrer algum incommodo.

—Sua alma, sua palma.

—E anda agora de chibatinha, e talvez de punhal ou estoque, a percorrer o Maciel, diz elle, para vingar-se da policia do *Alabama.*

—Pois fiquem por este nosso dialogo prevenidas as authoridades, para o que houver.

—Conhece aquelle moço dos concursos?

—Pois não! Um *grego* que andou tambem em França, Belgica, Inglaterra e Austria e que trouxe desses paizes cultos d'Europa um carregamento de mineralogia, geologia, zootechinia e silvicultura das scholas de Grignon e Grand-Jouan.

—Logo vi que era talento: homem devotado de corpo e alma ás sciencias, não se quer metter com os artistas, no que famuito bem. Para elles nem pão, nem agua.

—Capitão, temos obra.

—Que novidade ha?

—Cadeiras de latim, francez, inglez, allemão, italiano, rethorica e philosophia, por todos estes sertões!

—Viva o progresso! é o seculo das luzes.

—Que progresso, que nada! é a epocha das patotas! Pois as scholas primarias não chegam a ter cinco discipulos n'uma freguezia de 30 e mais leguas, porque não ha estradas, e nem que as houvesse não era possivel galgar aquellas; como é que os taboréns hão de cursar aulas secundarias, que não são, como as primeiras, genero de primeira necessidade?!

—Vão a vapor, meu moço.

—Por onde anda o vapor, si nem *trilhos* ha?

—E' progresso, rapaz; vão a balão, que é mais depressa.

—Então viva o progresso! Vivam os *catões* da epocha!

Quando os homens do sertão deixarem o gado pela artinha, a lavoura pela poetica, está salva a patria!

—Xico V. perdeu de uma vez a vergonha, homem?!

Xico, como V. ficou descarado assim?!

—Capitão é que. . . . . .

—E' que. . . . . o que?

Pois sevandija V. não sabe de sua vida triste, escura e negra, que é capaz de offuscar a cor e o *brilho* do carvão?

—Sr, Capitão dê licença. . . . . .

—Qual licença, ladrão, pois ainda pretendes abrir a boca em minha presença e deste publico que te vê, que te conhece, e que se envergonha de ti?

—Dize-me como é que tu barbaro tiveste animo para reduzires a filha do teu parente, que te suppondo gente te recommendou quando foi para Portugal e essa innocente creatura, digna de maior sorte, vê-se hoje prostituida em tua companhia?

—Como, immoral, devasso, abusaste da confiança que o homem de bem poz em ti e sedusiste-lhe a filha e com ella vives *amancebado*?

—Foi para ficares com o dinheiro da mesma e juntamente com o do irmão, contra quem agora escreves para Portugal disendo isto e aquillo e te fazendo uma santa cousa, tu verdadeiro Satanaz!!!

—Capitão, por quem è. . . . .

—Immudece bruto, e ouve a tua chronica.

Tu ès um scelerato, tu és um ladrão, um infame, um sevandija, um energumeno; tu és uma cousa peior do que a peior que ha: ouve agora a razão.

Capitão, por quem é. . . . . me poupe ainda esta vez. , . . . por hoje estou satisfeito.

—Bem não ouvirás mais nada hoje; porém fica sabendo, que eu vingarei a honra da *victima*, e ou tu mudas de vida ou deixas de ser *sobrinho* de teu tio, do contrario estou disposto á mandar-te dar pelo muxingueiro 1000 calabrotadas sobre uma *rocha* amarrado, te deixarei ficar como um. vil, despresivel, e abjecto cate, como um infame salteador; como um desgraçado ☞ farinheiro.

Ouviste, Xico?

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 15 DE ABRIL DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA SEMANAL.

Devassidões.—Neste genero fez-se muitas transacções, em virtude do grande consumo que lhe dão os padres.

Eloquencia.—As *ensacadas* são as mais procuradas; porém as *engarrafadas* obtém melhor preço pela qualidade.

Chegaram da ilha da *Assembléa* diversos carregamentos, cujos manifestos não tem sido publicados por não quererem seus consignatarios *restituil-os*.

Intrigas.—Chegou uma partida procedente de *S. Francisco* na barca *Santa Celestina* que foi comprada para uso de certa communidade religiosa.

Iniquidddez.—Muitas.

Justiça.—Nosso mercado resente-se da escassez deste genero. Os consumidores clamam pela sua falta.

Tem subido a um preço excessivo, de maneira que só a classe rica a pode obter. Os importadores deste genero, á vista da falta que ha tentaram um ensaio de mandar vir de *Corrupti Judices* uma porção de *Injustiças*, genero que se assemelha àquelle, mas o povo não se quer acostumar a comprar.

Liberdade.—Diz-se que ha muita, mas ninguem a encontra.

Mentiras.—Este genero está sendo monopolisado pela empreza dramatica de Latronopolis que a emprega para attrahir concurrentes.

Patriotismo—Do *solido* não ha nenhum. Do *fófo* chegaram 42 carradas por encommenda do governo para gasto da casa dos Orates.

Patotas.—Tem vindo algumas ao mercado procedente da ilha *d'Assembléa*. Comprou-se uma partida que foi reexportada para a ilha de *S. Thomé*.

—

EMBARCAÇÕES A' CARGA.

Sumaca tratante *Cachoeira*, para a ilha da *Velhacaria*, 1 *lavatorio calotendo*, 1 pergaminho para a companhia do *olho-vivo*, diversos penhores e calotes ao Seraphim.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADAS DO DIA.

Porto de *Vassouras* — *sumaca* Constança Dadá, *de* 89 *ts.*, *cap.* Serva, *passageiros*, *Ouro zimbo*, *Elmano*, *Ramos*, *coronel Tranquillino*, *alguns africanos*; *carga*: *devassidões*, *palavradas*, *patifarias e desaforos*, *á consignação de Chaves e C.*

—*barcassa* Simoa Gozangan, *mestre João dos Diabos*; *carga* 300 *cavallos* e 200 *burros á consignação de Matta.*

SAHIDAS DO DIA.

Porto *da Faisca*—*patacho* Sardinha, *cap. Gervasio*; *passageiro M. Mal-fim*; *carga relogios furtados*, *e testamentos falsificados.*

A PEDIDO.

Ao Sr. capitão do «Alabama».

Pede-se o favor de chamar á contas um *formigão*, não, um seminarista que disse chamar-se Manuel Ferreira dos Santos Cunha, o qual, ante-hontem 14 do corrente ia, com a maior sem-ceremonia do mundo, de chapéu na cabeça, na occasião em que pela rua Direita da Mizericordia passava o Santissimo Viatico; e isto para que não continúe a lavrar o indifferentismo religioso, e não tenham de que se queixar os lazaristas, dos quaes é um humilde apologista.

O Escandalisado.

Exm. Sra.—Venho ultimar o cazamento que tratamos; não quero mais porque é chegado J. A. X. Com quem a muito prometi cazar-me pois assim prometi o meu diccionario de flores; bravo minha bella e como na ausencia delle foi passar a festa em Itapagipe e passeiava sempre no adro do Bomfim e frequentava os presepes nas cazas d'aquelles pescadores, e como sussiava todas as noites no beco da tia filinha com bitú quintina, violão e aquelles que cantaram até as 11 horas e meia da noite.

Que patife viva Sra. viuva da rua do Passo.

B.

Pechincha sem igual!!!

Vidocq, o celebre e afamado Gazueiro, faz publico para conhecimento dos incautos que tendo sido penhorada uma rica mobilia que sua sogra comprou, e que não pagou, depois de entregue ao depositario a dita mobilia teve logo e logo de passar aos competentes cobres; exercendo d'esta sorte 2 actos de sua *sem rival profissaõ*: 1. illudindo a boa fé do comprador, que hoje hade ter o gosto de vel-a sahir pela porta da rua logo que se lhe apresentar o Procurador do credor vendedor da mobilia exigindo a entrega d'ella que tão torpemente vendeu! 2. illudindo a boa fé do depositario, que para não ver sua infeliz may soffrer tão grande desfeita assignou o deposito, que, *graças ás suas industriosas espertezas* está com os pés nas portas da cadeia;

Sou sem igual! o publico que me aprecie como

O Clamor Publico.

A pessoa a quem se referem as iniciaes da publicação do n. 46 declara que nunca foi sabedor de similhante divida, que comtudo fica desde ja paga; advertindo-se ao *seraphim* das sebolas que não fique no gostinho de dar sem consentimento dos amos generos a creados, cujas almas torpes tanto com a do tal *anjo* se irmanam: visto que tal brinquedo pode causar desgosto não a algum taverneiro, mas a qualquer ladravaz miseravel, cuja fortuna provém dos continuados roubos, ou compra destes.

E' custoso malhar-se em ferro frio.

Illustre Faustino (amigo as avessas) como estás, e tens passado?

« Por onde tens tu andado,
« Que tão bom cabello tem *criado*?
— Eu fallando sempre da vida alheia
— Té que botem-me um dia na cadeia.

Dize-me porem uma cousa; para que deixaste fugir o verniz da estanhada cara?

E' porque não quero minha mascara envernizada, pois não sou madeira.

Oh! Forte duende!! Tu não sabes que desappareceu-te, da cara o pudor? Responsta-me, bestunto sem par?.... Tú não sabes que eu sei quem tu foste? eim, biltre?

Tu não sabes que eu sei a razão porque foste expulso de certa repartição? eim, pigmeu de borra?

Tu não sabes que, eu sei porque tu quase ias á bordo? *eim, maõ furada?*

Alfim tu não sabes que quem tem *rabo* (mormente quando comprido é) não se põe no caminho para jamais ser pisado? eim, DEPOSITO DE FALSIDADE?!...

Pelo amor de Deus, por S. Antonio por S. Bernardo não me descubra a triste chronica. Ai! ui! ai! ui! me entraram na cidade!

Não pensei que faces de Anjo
Obra do Supremo Ser
Me fizessem em negra taça
Fatal veneno beber.

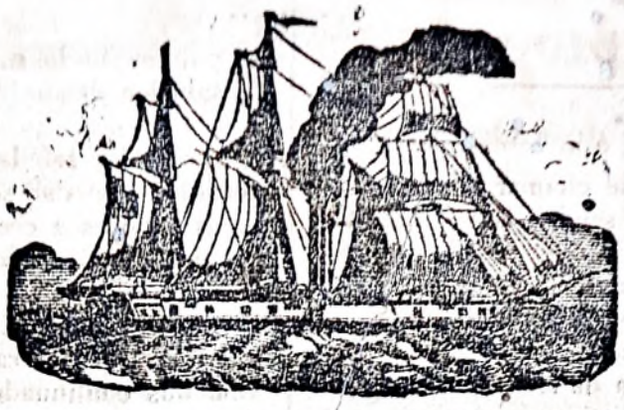
Ora vae-te pau de mecher bestas.

Si eu souber, por sonhos, que continúas de mim fallar, descobrir-te-hei o resto da tua chronica, e de novo explicando *tintim por tintim, dez reis por dez réts.*

Amei-te emquanto me amaste....
Quiz-te emquanto me quizeste...
Eu deixei porque me deixastes
Fiz o que tu me fizeste...

Quod natura dedit, nemo negare potest.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 19 DE ABRIL DE 1864. N.º 49

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de abril de 1864.

—Officio ao Sr. Intendente da Marinha, pedindo-lhe providencias acerca d'um facto que nos informam e é que se acha à bordo d'um navio de guerra um mudo, que já tem levado boas duzias de calabrotadas, contra o disposto nas leis em vigor que inhabilitam para o serviço do exercito e da armada qualquer pessoa que tenha defeito phisico.

—Ao Sr. Dr. Delegado, participando-lhe que na rua das Portas da Ribeira ha uma caza em que ha diariamente jogo, de que resulta sempre pancadaria, e no qual anda involvido, dizem-nos, um inspector de quarteirão.

Espera-se as providencias.

—Ao Sr. Subdelegado de Santo Antonio, remettendo-lhe a postura de n. 59, que prohibe batuques, danças e ajuntamentos de escravos *em qualquer logar e á qualquer hora*, e pedindo-lhe providencias sobre os escravos do Sr. commendador [illegible]droso, que todas as noites incommodam sobmmamente a visinhança.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao beco do Ferrão e dirija-se a seus moradores, ou antes aos habitantes de toda esta cidade, afim de cotisarem-se e mandarem remover a porção enorme de lixo que ali se encontra e proceder ao calçamento e melhoramento da supradita rua, que se acha no mais deploravel estado, com buracos de tal ordem que já não ha por onde se passe, especialmente em occasiões de chuva, que se torna ella um verdadeiro dique, ou antes um candaloso Amasonas. Si a isto se negarem os cidadãos, far-lhes-ha Vm. notar que sendo hoje nulla a entidade edil, é uma lecção que se lhe dá, alèm do protesto que se ha de verificar a 7 de Setembro, com a votação das listas em branco.

—O que cumpra.

—Pelo artigo 26 do regulamento do Theatro é prohibido vender doces nos corredores e salões do theatro, ou mesmo nas entradas. E como lá está sempre o Jovita e outros com taboleiros e caixinhas a incommodar o publico?

O Sr. Capitão deve tomar as providencias.

—Tambem não é prohibido cambiar em bilhetes, e como os cambistas estão a mangar com o publico, de parceria com o emprezario?

—Não sei disso; o que è certo é que a

culpa vem de cima. Se a policia tomasse conta de certas cousas, o mundo iria melhor.

—Sr. vigario, que meio de defeza é este? Pois V. na sachristia a querer lançar o odioso sobre um caracter eminente, a cujas plantas, por mais que se espiche, não pode V. chegar?

—E' defeza; para chegar aos fins, não olho os meios.

—Que descaração! Felizmente estamos em terra em que nos conhecemos, e por mais depravada que esteja a sociedade, sempre ha quem faça justiça a quem a mereee. O povo ainda sabe separar o joio do trigo, pois nem todos abusam da confiança e da edade d'um respeitavel sacerdote para prostituirem-lhe as sobrinhas. O Sr. vigario me comprehende.

—N o; ignoro o que quer dizer.

—Pois, meu safado, V. não se lembra daquella ladeira que ha em seguimento a um convento? daquelle velho padre que V. ia visitar, e de quem se despedia, voltando de novo, em ar de gato ladrão, a deleitar-se, isto é a conversar toda a noite com a sobrinha do mesmo?

—Ah! sim; aguas passadas não moem moinhos.

—Que cynismo! Pois, padre, ainda tem cara de fallar na minha vista com este desfaçamento!

—Está bom, capitão; não precisa brigar.

—*Santo Antonio* me dê paciencia!

—Ora, meu querido conselheiro, quer então V. Ex. que a tripolação do *Alabama*, por ser composta de homens robustos, se dê ao serviço de cortar madeiros, que é o de que precisa a nação?

Pois olhe, a nação precisa muito de quem descubra os ladrões, os magistrados venaes e corrompidos, os jogadores da roleta, os trampolineiros politicos, os cains da epocha, os patriotas fofos, que depois de cahirem do poleiro da deputação sem nada fazerem, e cheem as gazetas de bombochatas, recheiadas de patriotagem, para illudirem os incautos e galgarem a cadeira de senador.

O de que preciza o paiz é de quem denuncie á policia as cazas de jogos de certos figurões ridiculos, casados com estrangeiros para roubarem os lucros dos inexpertos caixeiros e quasi sempre o dos patrões roubados.

O de que mais necessita o paiz è disso e não de quem vive á fuza dos cobres publicos, vendendo sentenças, praticando injustiças e arrotando grandezas!

—Mas eu nada disse.

—Vou pórem tomar seu conselho; havemos cortar as madeiras das *matas* de V. Ex. e depois dar n'alguma *junqueira*, isto é n'alguma lagoa de juncos para cortal-os, que ha muito por ahi quem precise de refresco.

—Ora, reverendissimo Sr. diabo coxo, pois não se contenta de sugar o sangue dos pobres guardas, percebendo enormes e hediondos juros?

—E que mais fiz eu?

—Pois estas duas raparigas que tiveram a infelicidade de ser escravas d'um satanaz como V., merecem este brutal tratamento? cbicoteadas desta maneira, por que motivo? Umas pardinhas que... que....

—São eguaes a mim, sem duvida?

—Não; mas na alma são superiores a muita gente alva e livre que basta ter dinheiro para ter consideração, ainda que tenha alma de porco e configuração de judas, ou diabo coxo, como V... não ignora.

—São minhas escravas, e tenho dito, tenho feito, e faço muito bem.

—Pois bem o que faz V. com suas escravas, soffrerá aqui, e depois mandar-lhe-hei endireitar as pernas n'uma prensa, para allivial-o do peso das moletas. Muxingueiro, mãos á obra.

—Ai, Deus de mizericordia, valei-me! valei-me, meu S. *Thomaz*!

—Que ajuntamento é aquelle no *Forum*?

—E' leilão de escravos.

—E que faz aquelle sujeito alli tão interessado?

—E' que uma preta offereceu mil reis sobre sua avaliação para SUA LIBERDADE e o Sr. Nazareth que vive sempre em *contraste*, teima em compral-a.

—Ora com effeito!

Pois nem o homem se recorda do passado!

—E advirta-se que o homem é *liberal!*

—Sr. analphabeto, que cacete é este?

— E' para certa Emilia, que fugindo de *Nagé* refugiou-se n'ums *coqueiros*, á sombra do subdelegado.

—E fez bem que sombra de coqueiro não *cobre* a ninguem.

E V. o que é?

E' por isso que vive a adular o subdelegado, intrigando a todos e a tudo! Forte terra, em que até os burros são inspectores de quarteirão!

Que officio é o seu?

—Fazia panellas e bispotes, louça da terra; hoje sou *cousa*, uma especie de subdelegado, um reisito....

—De bispotes?

—.... um potencia emfim.

—Guarda-marinha, é preciso que este moço aproveite *suas obras*, mette-lhe a cabeça n'um vaso, e o muxingueiro que se encarregue do mais.

—O vaso é *cheio*?

—Ora cheio! cheio não cabe a cabeça!

—Capitão, vieram-me as informações do Sertão; o meo compadre que se dá muito com *certo vigario*, encheu-me as medidas.

—Diga-se.

—Pois o meliante, o patife do ciganinho, o vencedor do *carvalho* ou o *roburis victor*, não serviu de abutre em vez de juiz?!

Não depredou quanta infeliz orphan encontrou na sua passagem desoladora?

Não contaminou quanta virgem desvalida lhe cahia debaixo das immundas garras?

Pois aquelle monstro, aquelle scelerato; aquelle infame, aquelle ladrão, aquelle bígorrilha, aquelle caloteiro desfaçado que até aos moleques de doce deve tres, quatro e seis mil reis, ha mais de seis mezes; aquelle caloteiro, digo, não emporcalhou a magistratura brasileira, não conspurcou a toga do juiz?!...

Aquelle desgraçado não entrou, á noite, em casa d'uma familia honrada, não deshonrou-a, não raptou uma candida virgem a quem reduziu á miseria?

Não deshonra uma familia inteira, a quem está ligado seu irmão, que em nada présa sua dignidade e honra?

Não é seu *officio* andar pelas cazas alheias seduzindo e corrompendo as familias de seus proprios amigos?

Não é seu *modo de vida* calotear ao sapateiro, ao alfaiate, ao carniceiro, ao taverneiro, ao negro do pão, ao do leite; á negra da banana, á dos quiabos, á da carne seca, etc. etc.?

Não vio nós, o utro dia, o preto do pão às voltas com as abas da casaca do gatuno a querer rompel-as, pedindo dinheiro ou jaqueta?!

Não está ahi o meu [illegible] doce a attacal-o diariamente pelo *amargo* totó que lhe quer pregar?

Não o veemos agora attacar furioso, hydrophobico, áquelle que poz-lhe um dia a calva á mostra, que pol-o de ladrão com documentos, que o inutilisou para um cargo publico?

(Continúa)

A PEDIDO.

Pede-se ao Sr. presidente da camara a execução da postura n. 22 á respeito de uma casa cahida á rua das Larangeiras.

Um prejudicado.

A' quem souber.

Pergunta-se:

Em que logar celebra a sociedade Dous de Julho suas sessões?

Ha quantos tempos não se reune?

Em mão de quem se acham os archivos e papeis da sociedade?

Quem são seus actuaes funccionarios?

Quando foram eleitos?

A morte lenta.

Eis aqui o grande Pissui com seu bombo, que bem a proposito escolheu, e si o instrumento se chamasse bomba inda mais se podiam unir. Pissui pocha tua grandissima caixa de tabaco, come ou entope estas tocas e deixa de te metter onde não és chamado, o que como intruzo sempre te introduzes com tuas pernas cambaias; e se não te emendares pedirei ao capitão para te mandar recolher á bordo deste navio afim de que com as calabrotadas que mereces, ver si limpas a lingua, e desintortas as pernas.

MOTTE.

Certo ladrão fallador
Merece a lingua cortada.

GLOZA.

E' jubilado Doutor,
Nas intrigas bem versado;
Na maldade examinado
Certo ladrão fallador.
Sem igual empalmador!
Traz a gente amedrontada;
Em tal arte habituado
Não se pode reprimir!
Para mais não proseguir
Merece a lingua cortada.

Pede-se ao Sr. superintendente da companhia do Gaz providencias para que não continúem a ajuntar-se na porta do estabelecimento do gazometro capadocios a provocar e insultar as pessoas que por alli passam.

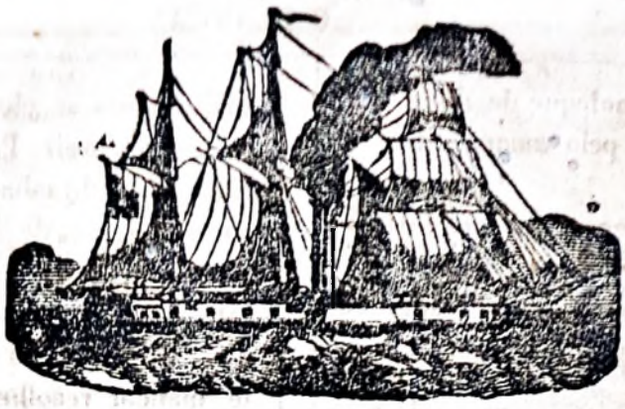
Mylord.

ANNUNCIOS.

Dá-se uma gratificação a quem der a rasão por qué cahiu, um destes dias, um preto ao mar, da ponte *velha* do Caes *Novo*.

Declaro que a publicação em verso, inserta no n. 40 do *Alabama*, em que se trata d'uma briga de fiscal com musicas não se intende com o abaixo assignado e sim com Theodoro Pereira da Fonseca.—*Nicolau Tolentino de Britto Caraúna*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 21 DE ABRIL DE 1864. N.º 50

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de abril de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado de S. Pedro, pedindo-lhe informações sobre o motivo porque fôra presa a parda escura G. Maria de Castro.

—Ao Sr. subdelegado da Conceição da Praia, para que lance suas vistas para uma casa ao becco do Grêlo, onde se reunem noite e dia marinheiros, soldados &c., &c. para jogarem, do que resultam constantes assuadas, sendo impassivel a isto o inspector de quarteirão, que ahi mesmo mora.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que preste muita vigilancia e attenção á pessima qualidade do pão que vendem certas padarias, principalmente uma situada á Estrada Nova, cuja massa de pão é de um cheiro nauseabundo e gosto amargo; accrescendo que pouco depois de feito o pão está inundado de caruncbos pela mà qualidade da farinha de que é feito. O que cumpra.

—Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá à egreja matriz da Conceição da Praia, logar em que estiveram os carneiros e conduza para bordo uma sucia de vadios que alli se ajuntam para jogarem, e commetterem immoralidades, devendo acompanhal-o o sineiro da mesma, bem como todas as negras de doces, que no corredor da mesma egreja encontrarem. O que cumpra.

Circular.—Aos moradores de S. José, Soledade, Lapinha &c., prevenindo-lhes que não passem pela rua de Baixo de S. José, afim de evitarem o ficar sob um muro que ameaça desabar, visto que a camara não dá providencias e é a primeira a desrespeitar as *posturas*, sua *producção*.

(No mesmo sentido aos que passam pela ladeira da Mizericordia sobre um muro fronteiro a uns ferreiros, que está desaprumado, e cujo alicerce se acha solapado).

(No mesmo sentido aos que passam pelo Noviciado e Mangueira, sobre a parede, fronteira ao mar, do edificio do gazometro, sobre que ja se tem pedido providencias sem a camara dar cavaco; e sobre o muro contiguo á casa do Sr. conde de Passé que faz um enorme sacco para a rua, effeito da grande quantidade de cook que junto a elle amontoam, sem lembrarem-se do recente desastre de uma parede de quatro palmos, promovido pelo pezo do carvão, segundo dizem os intendidos.

—Cà, cá, cs, ca!
—Que gargalhada é esta?!

—E' o sinistro abutre que está pregando contra o *Alabama*! Cá, cá, cá, cá!

—E que diz elle?

—Que é *peccado* ler estas *gazeticulas*, escriptas por miseraveis, que, não tendo de que viver se occupam da vida alheia. Cá, cá, cá, cá!

—Que miseravel! E falla isto no meio desta cidade que o viu, ha pouco, com doze vinteus por dia para comer e vestir, estudando de esmollas, depois de andar tangendo bois e cavallos pelo sertão! Forte tolo!

—E o desaforo de insistir elle no ponto de ser peccado, que o diabo promove, promovendo o gosto de tal leitura a ponto das moças decorarem as gazetas! Cá, cá, cá, cá!

—Pensa que o povo são os tabareus, em cuja terra é elle o *rei*, por ter um olho! Hypocrita refinado, que vive por ahi a deflorar e perverter as filhas alheias, abusando do confessionario e do pulpito! Ridiculo plagiario, que ainda na semana Santa, arvorou-se, na Cathedral, em Bossuet, para mostrar talento! Matuto impostor e desavergonhado, vaqueiro insolente e ingrato que nem o chapeu tirava a quem o arrancara dos pastos e das estrebarias para metter-lhe na mão a grammatica latina! Filho insubordinado, que indo pedir favores ao pae, portou-se por tal maneira, que este o tangeu a ponta-pés pela porta fora! Tenho até nojo de fallar em certas cousas ....

—Capitão, vou reunir os moleques, para pateiarem o bobo.

—Fiau, fiau, ó bobo!.... Iskou, iskou! puf! puf! Oh! tollo! oh! bobo! bú, bú!...

Olà meu Padre me diga,
E' peccado ler gazeta?
Oh! que demonio de padre!
Te desconjuro, aza-preta!

Ora bravo delle!
Como està frecheiro!
Ora bravo delle!
Ja não é vaqueiro!

Já dá leis em *sua terra*,
Já o comem por doutor!
Já é cousa meu vaqueiro,
E' um *el-rei*, *meu senhor*!

Ora bravo delle!
Como està frecheiro!
Ora bravo delle!
Já não é vaqueiro!

Xixixi, xixixi, lalalà
Ora bravas cambondas, carochas pà!

—Então que é que dizem?

—Que o Sr. conselheiro Saraiva propôz á assembléa a extincção do sarsenaes de marinha e guerra, para matar á fome os empregados.

—Ora, com effeito! Pois vá por ahi dizendo que é mentira! que o que o Sr. conselheiro Saraiva propoz foi a extincção dos conselhos de compras que não passam de mamata; que tudo mais é intriga de certos vermelhos pigmeus e ridiculos que pretendem tirar partido destas especulações e que so vivem de pescar, como geralmente se diz, em aguas turvas.

—V. Ex. falla sempre com um homem, tractando-o á principio por vossê e depois por tu, e estão os criticos de garras afiadas.

—Mande-os á fava. Pois estes tollos não sabem que encontrando um homem hei de tractal-o bem, por força; mas que depois sabendo que é um tratante, um cousa ruim, não devo dar-lhe o mesmo tractamento?!

—É verdade, e é o que entre nós, quasi sempre succede.

—Pois então avalie se é esta a *critica* que eu devo temer.

—Guarda-marinha, que fazem todo dia no quartel da policia o *Medonho* e *Bernabó*?

—Capitão, queixam-se que as praças lhe devem e todos os dias de soldo vão receber dinheiro.

—E pode-se descontar dinheiro dos soldados para pagar-se dividas particulares? não é isto prohibido?

—Prohibido ou não, capitão, o facto se dá e ha immensos ladrões a roubarem o suor do pobre soldado. E o caso è que dizem, que hà connivencia entre alguns sargentos. Eu hei de indagar isto do *Leopoldino* que *deve saber* por ser antigo no corpo.

—Capitão, ariba; si iô fica nesse porto, iò fica súrido.

—Olhem que este negro!

—Ou! péra, capitão; iô conta. Mata-cobra tà hi: ripoi tem um negra ahi ni rua qui nan deixa anani sucéga; ère tà bebo, ta maruco, iò nan sabe; iò sabe qui ère grita, falla procaria, cantà, chora e poriça nan bè.

—E' resultado de tuas patifarias mais de teus parceiros que andam a inventar historias de *santos e feitiços*.

—Mai iô nan tem nada cum esse: iô tá ladino, tá ni civilisamento.

—Não pode deixar de ser effeito de bichos no pé; negro *poeta* é isto!

—Tem resom; nungoço vae bem. Mai qui nan pressa, cousa qui nan tà bom, é esse qui iô vae dize. Capitão, iô vae passeiá ni rua denreta de papa-mamão, freguezia de sanhaço, e condo iô qué drome, iô nan pudê.

Malungo turo, ma praxero, sicravo de sinhá Pedroso, tá nim samba desaforado; tá batê, ta batê; ta cantà esse modinha de *Patriota* qui dizê que Zacharia pichou, qui ministéra borrou; tá fazê diabrura munto, baruio de freno qui nan deixa drome iô qui mora ni Sant'Antonha, quanto mai anani turo qui mora ni Brabaia, ni Predom, ni Curral Véia, ni Quitandinha, ni rua de Osso, e tà redecetra. Esse nan tà denreto, cambra *prohibe* esse, poriça prohibe, e brasiléro qui guenta, cosinhero de *Labamba* qui padece.

—Ja officiei às auctoridades; veio, ainda a tempo, sua reclamação!

—Aute iô qué esse, di que qui beberrote dizê qui capitão gussa de samba, mai qui vae toma ventura ni terreio de Chico Papae.

Declaração.

Constando-nos que se tem espalhado que o Sr. Mariz Pinto comprara o *Alabama* para não se involver nas questões que ahi correm, è nosso dever protestar contra similhante calumnia, só urdida por algum miseravel de *Vianna* ou do Minho e por algum vendedor de *macassar* ou qualquer outra pomada, que, ingratos e intrigantes, se não lembram do favor que ha pouco lhes fizemos, quando se foram rojar aos pés de uma illustre pessoa que nos pedia o favor de não tocarmos mais em taes ladroes.

Não invocamos aqui o testemunho do Sr. Mariz Pinto, porque, si fosse verdadeiro o boato, era de seu interesse não confirmal-o; mas quem quer que o espalhe, appareça que havemos provar que não é mais que um ascoroso diffamador, dojdo magoado e vingativo, que intenta desta sorte desconceituar a redacção do *Alabama*, que muito superior se acha aos botes de qualquer cadello trahiçoeiro.

A PEDIDO.

Sr. Redactor.—Foi mal informado o *Jornal* na noticia que publicou terça-feira 19 do corrente, com o titulo—Patrulha Modelo.

Para que o publico conheça quanto foi adulterada a verdade, basta que o *Joonal* ou o seu informante publique o nome do *homem* e das *duas senhoras decentemente trajadas*.

Eram duas meretrizes, daquellas que levam sua vida ao requente da depravação, e um capadocio muito conhecido, por suas proezas.

Ellas voltavam do theatro, é verdade, como diz o informante, mas não tinham ido assistir ao espectaculo.

Em seguida a elles vinha um homem ebrio, e um pouco mais atraz a patrulha.

Ao pé da capellinha a que allude o informante deu o tal *Mané de Souza* duas ou trez chibatadas no ebrio, dizendo—que elle o insultava; a patrulha chegou para accommodar o conflicto, e segurou o ebrio em quanto dava tempo a que o outro seguisse com *suas duas senhoras*. O informante de sua janella não viu que aquillo eram *rivalidades*? Não houve voz de prisão, é falso. Os quatro da laia do ebrio o que disseram entre si foi que aquillo era negocio de meretrizes.

O informante queria entrar em certa parte a que costuma ir depois de 11 horas, sem ser visto, e como julgasse que os

quatro da laia o estorvavam, forjou a noticia que o *Jornal* sem nenhum escrupulo publicou.

A verdade.

Pede-se ao *candido* moço do *Vianna* o favor de pagar uns certos duzentos mil reis que, ha dous annos, ficou devendo da compra de um cavallo que ninguem sabe que diabo levou.

O interessado (caloteiro tem memoria fraca)é um individuo que mora no Maciel e que tem loja n'uma rua direita, delicada, bonita, bella, *formosa* emfim.

O Lazaro.

Pergunta-se ao Sr. J. J. C. quem é o inspector de quarteirão do Vigario de Christo. Si é S m. ou seu pae morador na rua do logar onde Jesus nasceu, n, 38, visto que esse Sr. prende, ameaça, e põe casas em cerco somente porque seu filho é autoridade.

O cedro não, o carvalho.

Será verdade que na freguezia de S. Felix um tenente de policia deu muitos sôcos e supapadas no corneta Bernardo, prendendo-o e ameaçando-o dar-lhe com a espada?

Por acaso no corpo policial já haverá castigo corporal?

Não acreditamos no facto, mas si elle se deu, a culpa tem quem nomeia homens capazes de praticar taes actos para officiaes de um corpo que deve ser moralisado.

Só Santo *Antonio* dos militares ou S. *Pedro* nos pode livrar de semelhantes casos, que denotam muita insolencia e pouca educação.

O corujão do quartel.

Deseja-se saber si os pretos encarregados de conduzir carvão das lanchas para o deposito do Gaz são pontualmente pagos, e no caso de não serem, qual a razão disso.

Mylord.

Ao Sr. da luneta que ficou muito satisfeito por fallar o *Alabama* a verdade no negocio de sol e estrellas, declara se que se vae tractar d'um ponto mais importante.

Em 1861 foi presenciado por mais de trinta pessoas um facto. Um galleguito impudente foi chamado entre os columnas .·. para soffrer uma terrivel reprehensão por ter descoberto os segredos de certa sociedade á que por desgraça de seus ir.·. pertence.

Cahiram-lhe lagrimas, mas de crocodilo, fingidas, hypocritas; que a tal besta nunca teve vergonha.

Adverte-se pois ao luneteiro que seu nome por extenso sahirá neste jornal, si continuar com seus atrevimentos e com suas devassidões.

J. I B.

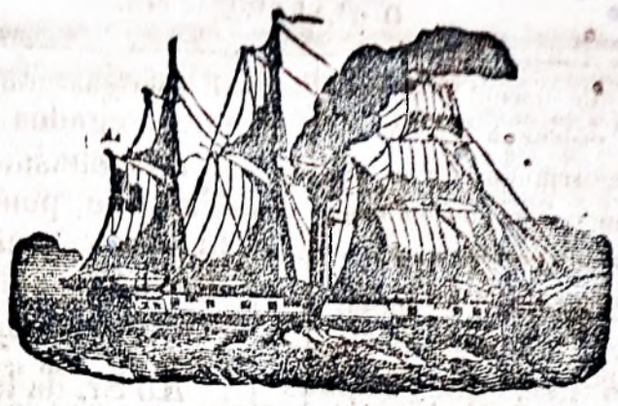
ANNUNCIOS.

Dá se um premio equivalente ao lucro da publicação do expediente da provincia, a quem descobrir qual foi o deputado que, depois de fazer opposição ao projecto que a ignorancia chrysmou de *corta-cabeças*, foi miseravelmente rojar-se aos pés do Exm. presidente da provincia, com receio de perder a *mamata*.

O miope grego.

Dá-se um premio a quem descobrir um *Bulloso*, intitulado Quarentã-Caixeiros, que em certa loja, nos Algibebes, descobriu o meio de não pagar os empregados, systema que admittiram hoje dous negociantes desta praça, um brasileiro no beco do Garapa, e outro italiano, na rua d'Alfandega.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª | BAHIA 23 DE ABRIL DE 1864. | N.º 51

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de abril de 1864.

Officio ao Sr. commandante das armas, inquirindo-lhe a rasão porque já se acha solto o africano que esbofeteou o guarda de primeira linha, como a S. Ex. noticiamos, sem que soffresse o mesmo castigo algum, talvez por ser escravo do Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida, ficando por tanto com as costas quentes para repetir a scena. Soltura de que, provavelmente não tem S. Ex. conhecimento, pois que nella não pode consentir, sem manifesto desar para a farda do exercito brasileiro que S. Ex. tambem enverga e pela qual deve ser zeloso.

—Ao Sr. Dr. chefe de policia. O facto que ao conhecimento de V. S. se leva nenhuma importancia tem pela pessoa que o praticou, mas como tracta-se do crime de ameaças (art. 207 do codigo) não se pode deixar de recorrer à authoridade.

Ha alguns dias compareceu a esta typographia um pardo de nome Bonifacio, que, dizem, foi cria da casa do Passé, é hoje corrector de escravos, mora na freguezia de Santo Antonio, e é *caixeiro* do Sr. Manuel Pereira dos Santos Silva, dizendo que seu amo dava 20$ rs. a quem descobrisse o author dos escriptos publicados no *Alabama* contra um *Macassar*, pois que se queria ☞ *metter o pau*.

Tendo sido baldada a tentativa, retirou-se e encontrando, hontem, 21 do corrente, um dos postilhões ameaçou-o e ao redactor, dizendo que os havia correr à chicote, em uma venda à Cruz do Paschoal, que se achava com algumas pessoas.

Sabe-se que isto não passa de *falta de juizo*, mas emquanto se não prova que o homem é tollo, ou maluco, é bom prevenir, porque nem sempre se traz a paciencia n'algibeira. Espera-se pois de V. S. as providencias.

—Ao mesmo, participando-lhe que n'uma casa á rua Direita de Santo Antonio assim como n'outra ao Barbalho, trabalha-se constantemente em fogos artificiaes, apezar de ja terem ambas sido victimas de incendios, na ultima das quaes chegou até o proprietario a perder uma filha; amedrontando de mais a mais os visinhos que receiam os effeitos da explosão, que si se pode dar durante o dia, muito mais probabilidade de successo tem durante as noites, em que, apezar dos casos que já se tem dado, não cessam os moradores das referidas casas de trabalhar com afinco.

—Ao Sr. inspector do arsenal de marinha, dizendo-lhe que ordene a seu secretario que logo que lhe sejam presentes as guias das embarcações que conduzem madeiras, as faça subir a sua presença com o competente visto para sua assignatura, não devendo confundil-as com os papeis do expediente de sua repartição, uma vez que dependem dos despachos da Capitania e Alfandega, onde não são demoradas e sim preferidas a todos os mais papeis.

—Ao Sr. commandante de policia, pedindo-lhe informações sobre os factos que se deram em S. Felix com o tenente commandante da força policial que para alli marchou, e o corneta da mesma, que veio a esta capital para queixar-se a S. S. porque não esteve para tocar silencio às duas horas da madrugada, quando vinha algnem de um casamento em que não *conservou o serio*, provocando disturbios e dando pancadas.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao padre das vassas, morador na muralha das Freiras, e intime-lhe que não continúe a desrespeitar a visinhança com adeuses e tregeitos, sob pena de ser reconduzido ao porão deste navio. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua d'Ajuda e faça calar uma meretriz que mora n'um sobrado e que não deixa a visinhança descançar com as palavradas que profere e algazarras que promove, das 10 horas da noite em diante, sob pena de ser remettida para outra qualquer rua, que mais apropriada lhe seja. O que cumpra.

—Immediato o que ha de novo?

—E' o guarda marinha pedestre Guilherme, que acaba de chegar conduzindo um lapuz, cuja cabeça é semelhante a um queijo flamengo.

—Mande-o entrar.

—Que larapio é este?

—Capitão não conhéce aquelle farinheiro da rocha, sobrinho do tio que está em Lisboa e que lhe entregando a filha elle passou-a á sua folha?

—E para que trouxeste cá este sevandija?

—Porque encontrei-o fallando contra o nosso navio,

—O que diz? Isto é mentira.

—E' verdade, capitão.

—Aproxima-te descarado e dize-me:

Ladrão, tu não seduziste e tens na tua companhia a filha de teu tio que te suppondo gente t'a entregou?

Tu não lhe comeste o dinheiro que para ella e o irmão mandou o velho de Portugal?

Responde bisborria, pretendes por ventura continuar assim?

Como pois com uma vida que faz vergonha aos cães te atreves a fallar do *Alabama*?

Espera que te dou já a resposta.

—Sr. capitão por quem é...

—Emmudece descarado, cala-te miseravel.

Fica certo que entre as cousas ruins tu és a peior de todas.

Muxingueiro, leva este safado para bordo, amarra-o, pinta-lhe a cara de alcatrão, e depois dá-lhe mil calabrotadas para ver si assim muda de vida.

(Continuação do n.º 49.)

Não o vemos agora, á frente de meia duzia de cynicos e energumenos, descobrir mysterios e roubos e assassinato, elle que seria capaz de envenenar seu pae, si lhe negasse dinheiro?! elle que não duvida expor sua honra, si é que algum dia a teve, ao prazer de defender um ricasso que lhe garantisse uns quatro vintens para satisfazer suas devassidões, para empregal-as no jogo, que é elle um *roleteiro* de primeira ordem?!

—Tambem fáz roletes?

—Joga *roleta*, capitão, na qual é fino e tanto que vende a camisa do corpo e empenha talvez.....

—Olhe o promotor!

—Eu acato muito a moralidade publica, mas quando certa gente, cuja vida horrorosa e indigna causa nojo, a ponto de inspirar o simples nome da pessoa repugnancia, se occupa em manchar o nome de cer-

tos caracteres, não ha remedio siuão sahir fora do serio.

—Pois muito cuidado com a policia, que agora excede à de Napoleão III em actividade.

(Continúa)

LA VAE VERSO.

Dialogo entre o preto e o caboclo.

—Ogirê, xinhá caboca
Cumo passa ossuncê?
« Eu não respondeste gente
Quanto mais negro malê.

—Mai marê é ossuncê
Qui tà ni macriamento,
Condo iô contra cum ossê
E fazê um sravamento.

« Tu, negro beber quereste?
—Mai beba tà ossuncê...
Iô qué conversà porica,
Qué dá nova de prazer.

« Pois dizeste o que quereste
Que tenho muito a fazer.
—Iô vae tracta ni sembréa...
« De progresso?! tem que ver.

—Sembréa, sembréa não...
Xá tacão que tá guerrero
Qué fazê di charidade
Nesse cidade um mosseiro.

« Que è o que tu dizeste?
—Mosseiro di charidade,
Frade macho, frera feme,
Orden pregá ri castidade.

Ossuncê qui tá um buro
Desse matta di sertão
Vae ficar ui cathichese
De lazaroni ... « Ladrão?!

—Ladram nan, xinhà caboca,
Chrissão qui nan mede lei,
Chrissão de Roma, qui adora
Jesuita e papa-rei.

« Mas conheceste um guerreiro
Qui moraste em minha aldeia.
—Que anani chama tacão?
« Isto não que és cousa feia.

Chamaste o moço.,... memoria!....
—Ossuncê queixa de *ôtim*
Remede agora nan bebe,
Vai ni missa ri Bomfim.

« Mas foste tão bello moço...,
—Ere diz é liberá,
« .... Meu Deus inspiraste ao moço,
Protegeste-o gran Tupá.

—Dizê aibó qué Tupa metao
Que moço virou cabeça.
« Não foste tollo, ó malé!
—Caboca, nan fazê bêssa!

Doutô ficà tramontano,
Nan querê mai riberdade
Iô tà zangado cum ere,
Iô ha de fella vredade.

« Negro, eu foste-te aos beiços!
—Caboca, osse pode vim,
« Negro, si já não calaste
Foste ás ventas, rim tim-pim.

—Nesse agora tà pegado
Tabareu qui come anani!
Ossê tá buro, iô vae leva
Ni casa da xá Ariani.

Maroto manga cum povo,
Cum branco qui é brasilero,
Negro fazê de caboca
Caballo e tà boliero.

Xégue frente, xà caboca,
Toma sipora ladrão!
Ossé memo qui tem curpa
Di nan regula nação!

Esse tera di quem é?
Brasi nan é de ossuncê?
Ossé nan qué reclamà
Toma taca di maré.

Nan tem patria nim maré,
Nan tem léi nim protecção,
Toma agora *jesuita*,
Cathechese de prisão.

A PEDIDO.

Meus amigos D. C. T. P. e J. I. M. B.

Livrem se da lingua do Sr. Antonio que é *valente* como uma *rocha*, em que se pode quebrar qualquer Bittencourt.

Um que já foi ferido com a mesma lingua.

Pede-se ao Sr Faustino official de justiça da Penha que entregue a petição que se lhe entregou para intimar a certo morador da mesma freguezia, sob pena de visitar o porão do *Alabama*. Bahia 22 de abril de 1864.

A' El-Rei meu Senhor.

Permitta-me, Real Senhor, que por alguns dias, (não hão de ser poucos) submetta a alta consideração de V. M. algumas questões originaes, todas somente de emparalações —que só o meu real se poderá livrar o seu infeliz povo de semelhante harpia, depois de considerar bem a materia.

1.—Supponha se Real Sr. que que um infeliz preso teve a sorte de cahir nas garras de um abutre, e que este não desconhecendo os meios que lhe ministrou seu astucioso engenho, lembrou se tirar partido da sorte ao infeliz.—

Eis que parte, e apresentando se onde estava a victima assalta as grades, e rouba lhe de um só bóte 4:000$000 rs.

Aprompte-se Real Sr, para ouvir invergonhado o tragico d'esta scena.

O infame salteador para obter da victima essa quantia, deturpa o illustre nome de um seu compadre, membro de uma Relação, que figura como o encarregado de arranjar dos collegas absolvição e soltura do preso, dando a cada um 500$000!!

Porem nada vendo de real a victima, procura haver seu dinheiro roubado fraudulentamente.

Em resposta, o salteador não chega á janella e grita que está roubado, e sim diz que não estava em suas mãos, mas sim nas da pessoa encarregada da defesa da infeliz victima!

Ora V.R. M., justiceiro como é, supponha que isto se passou aqui nas grades de uma cadeia; e que o salteador infame e deturpador foi um cynico individuo, que hoje se acha com a vara da justiça nas impuras mãos.

Pergunto: Foi impalmação e roubo que praticou aquelle salteador descarado?

Poderá ser-lhe confiada a vida, honra e fortuna de centenares de pessoas?

O que faria El-Rei meu Sr. na affirmativa da 1. e negativa da 2.—?

W—W

Dá-se o rendimento de vigario geral ou desembargador da relação ecclesiastica a quem descobrir certo vigario que por esmolla pediu dez tostões por uma guia de uma finada pauperrima.

Um interessado.

Perguntas innocentes.

HORRIBILE DICTU!

Ao *recto* e *justiceiro* Sr subdelegado da cidade da Cachoeira Vicente Pereira da Cruz, pergunta-se o seguinte:

Si para satisfazer a caprichos mesquinhos e *empenhos amatorios*, um subdelegado pode recrutar a um guarda nacional fardado e sempre prompto sem ouvir, ou dar a menor satisfação ao commandante do corpo, á que o dito guarda pertence?

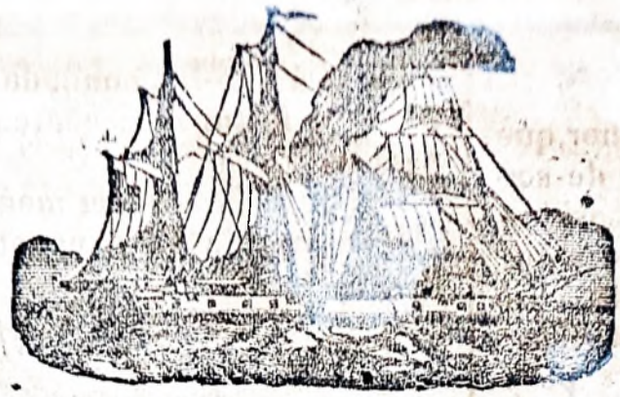
Si delinquindo um guarda nacional um subdelegado pode recrutal-o de preferencia a impor lhe as penas do codigo criminal?

Si, um individuo ferindo a outro, e o supplente do subdelegado procedendo a corpo de delicto, e designando dia e hora para inquirição de testemunhas a requerimento de partes, o subdelegado pode no dia aprasado reassumir o exercicio para despedir as testemunhas do juizo, gritando em alto e bom som *que havia tomado nova resolução.*

(Continúa.)

O Lynce da Matriz.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 26 DE ABRIL DE 1864. N.º 52

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de abril de 1864.

Officio ao Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe informações sobre o facto de, na sexta-feira a noite, ser espancado por dous guardas de policia um homem na estrebaria que fica por baixo da secretaria de policia, sendo que me dizem que um destes guardas era ordenança de S. S.; para averiguação do que podera S. S. ouvir a visinhança daquelle lado da rua, bem como sobre o motivo que alli os levou e sobre a origem da desordem

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á Estrada Nova em uma casa que tem vinte braças de frente e uma de fundo, e advirta a Thomé Castigo, que não continue a tomar dinheiro para comprar galinhas, e comel-o, fazendo assim o papel de moleque.

O mesmo pedestre faça-lhe constar que, si continuar n'este modo de vida, será prezo e entregue ao Zeles—Doctor das rapozas, animal voraz, para empregal-o em sua caza de trabalhos litterarios. Cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá ao largo do Desterro, e traga preso o dono de uma venda que dentro da mesma tem uma creação de galinhas, dous perús, e uma leitôa, já que o fiscal de Sant'Anna ou não lê a postura n.º 94 da camara municipal ou não *quer fazer mal* ao homem, devendo taes *insectos* (é hoje o termo) serem conduzidos para as irmãs de charidade, que representam hoje os estabelecimentos pios. O que cumpra.

—Capitão, uma descoberta na Historia Natural, um triumpho para a Zoologia!

—Que novidade ha?

—Cavallo é passaro! renegou a classe dos mammiferos e acastellou-se na das aves!

—Mas porque diz isto?

—Porque o Sr. Giacomo Morella annunciou, no theatro, um concerto de passaros, e rinchou de cavallo.

—Não è novidade, que burro é insecto.

—Como, capitão?

—Pois não sabe? Eu lhe conto. Um seminarista burro, ao ter de prestar exame, foi aconselhado pelo pae que se unisse à algum intelligente e respondesse somente o que respondesse o outro. E tendo sido perguntado ao intelligente o que faria, si depois de consagrado o calix, cahisse dentro uma aranha, respondeu elle que, depois de tirar o *insecto* e deixar escorrer todo o *precioso sangue*, deital-o-hia na patena, com-

soltava sua natureza, si o pudesse engolir, engolil-o-hia; do contrario deital-o-hia na piscina.

E logo depois perguntando-se ao estupido o que faria si entrasse na egreja um burro a beber agua benta, respondeu que pegaria no *insecto*, deixaria escorrer todo o precioso sangue, deital-o-hia na patena, consultaria seu estomago, si pudesse engolir, *engollil-o-hia*; do contrario deitava-o na piscina, depois de reduzil-o à cinza.

—Ora está dito! Eis aqui porque fallou o outro em burros, cavallos e toda mais passaralhada!

—E eis porque disse o outro que caranguejo era insecto!

(Continuação do numero 51).

—Mas, como dizia. Não o vemos agora pelas tascas, pelos alcouces, pelos prostibulos e baiúcas a comprar proselytos, a urdir menturas, a phantasiar casamentos, a reviver a odiosa questão de cores, a lembrar Guiné, um cigano que se não lembra que os naturaes de Guiné nunca foram banidos da sociedade por ladrões e infames como a raça despresivel dos gajões malditos?! um ladrãosinho ridiculo, filho do maior ladravaz desta terra que innumeros fardos fez descer engangorrados pelas janellas do fallecido Friandes?! um saltimbanco sem credito, que depois de andar jogando *prendas* e ponga, por não ter de que viver e por dissipar a fortuna que *honradamente* lhe deixou seu pae, atirou-se á roleta, como unica taboa de salvação, no naufragio a que o precipitou seu genio voraz e rapina, sua indole prodiga, mas devassa, seu coração rancoroso e vil?!

—Deixe o resto para logo. Ora deixe-me.

(Continúa).

—Immediato!

—A's ordens, meu capitão.

—Que *borra-buxas* é aquelle lata estanhada, que alli vae?

—E' o jamanta Policiga Surripiano de Azevedo, um dos *come gente* de S. Felix.

—Oh! chame esse ratoneiro à falla: ha muito que ando ao encalço deste safadissimo ladrão.

—Surripiano d'Azevedo chega á falla.

—Aqui estou, Exm. Sr. capitão.

—Caspite, meu tratante-mor, caspite, refinadissimo gatono! Então, lingua do diabo, bunda de negra gege, cebroso de enjoar, como é a historia de uns duzentos mil réis, que roubaste de dentro de uma carta, que te incumbiste de levar ao Bernardo Tentação no Corralinho?

—Capitão, eu lhe digo.... é.... eu conto.... é que.... sim, é. ..

—E', é..... o que? birbante do inferno, capacho miseravel de *Xico Veneno* caboclo! Não acabas com estas reticencias? Responde ou não, infame, o que te pergunto?

—Sim, Exm. Sr. capitão, eu.... eu respondo ja, mas peço de joelhos aos pés de V. Ex. que *me* perdoe: não me metta aquelle calabrote que ha de doer muito, eim?

—Sendeiro do diabo, avia-te, que tenho mais que fazer; do contrario entrego-te ao azorrague do muxingueiro.

—Não, meu senhor capitão: espere.... eu conto tudo, conto ja, ouviu?

—Patife de um dardo, olha que não posso mais aturar-te! Queres, infame, dar batatudos, ha no meio dos teus sucios, em S. Felix, e estás aqui a borrar as ceroulas?

—Sim, Exm. Sr., eis o facto. Que vergonha soffro, meu Deus! Eu ia para o Corralinho, e dirigi-me à casa de um negociante, e offereci-me á elle para ser o portador de uma carta, que continha dentro um conto de réis, e que devia ser entregue ao Sr. Bernardo que mora no Corralinho: no caminho quebrei o sello da carta e roubei do dinheiro incluso duzentos mil réis. Mas, Sr. capitão, eis-me a seus pés; não me castigue, não me calabroteie, capitão....

—Que safadissimo ladrão!!...

Muxingueiro!

—Prompto, Sr. capitão.

—Oitenta vergalhadas diariamente na cara deste infame alquilé: depois retalhe-lhe a lingua de maldisente à navalha, e untelh'a de pimentas.

—Exm. capitão, por quem é!

—As sentenças neste tribunal são irrevogaveis.

—Exm. Sr., por sua vida...

—Muxingueiro, fogo no tratante!

—Ai de mim! quem me mandou ir atraz deste *Xico Caboclo* dos diabos, o satanaz desta terra? Ah! dançador de candomblé!! Ui!! ui!!.... na cara não! ui!!... Quem me mandou! Ui!! Ah! filho do *Papa-tabaco* do diabo! ah! politico aventureiro do inferno! Ah! Xico da malha! Ui!! ui!!.. Misericordia, valha-me o juiz caveira, o barão dos negros da Cachoeira....

Estou ja todo mij... todo borr... si desta escapo, em outra não me metto.....

—Xinhà capitão iô pore fallà a vossinscelence?

—Podes, mas avia-te depressa.

—Nan sabe xinhá capitão, novidade muito, turo tà contente ni rua de Osso, anani turo tà rindo, turo jà pore chegá ni jinella.

—Então o que foi isto que tanto te alegrou?

—Ah! xinhà capitão—ferruge mai frosinha jà largou rua de Osso, tá morano ni Caminho Novo, visinhança di êre jà pore vivê socegaro, nan parece mai baruio, poriça nan se vêxa, turo tà denreto.

—Mas então qual foi o motivo desta mudança?

—Péra, iô conta—suderegaro manda pintimá frosinha pra sinà têrmo de bem vivê cum namorado di êre, qui é xinhá ferruge; esse menino pra nan soffrê vregonha e nan vae ni presença de toridade, freventa mudança; mãi di êre sai pra procara caza, pruquê nan quê qui visinhança vê esse patifaria.

—E quem alugou a caza?

—Iô já dize: capitão lembra sendo iô fala qui esse menino turo dia anda ni rua sosinho, pra vae ni Brabaio?

—Sim lembro-me, então que tal?

—Ah! mê Deu! caza qui êre tá morano ni Caminho Novo è di xinhá Coroné, qui nan qué dinhêro de Inguê; no dia qui carego tà saino ri caza, cravo turo di êre, leva turo, turo; carega piano, onde frosinha toca, quando ta zangara, moza, caboré; mãi di êre nan paga nada, pruque Coronè mandá cravo turo pra caregá de graça. Dipoi êre gussa munto de menino moreno, puriço é qui dá caza pra morà.

—Está bom, basta, espero que de hoje em diante não me toques mais nisto.

—Ta denreto, iô nan falla, ah mê Deu, mai iô nan pore tá carado; pera capitão, quando turo vae sabindo di caza véa pra nova, visinhança turo ni jinella, feruge mai ni trai di êre turo, cumo judante de baião, visinha turo fica cantano, anani vo tà contente.

—Está bem retira-te.

—Agora si iô vai saltà de prazê—pruquê non sinhô vai cà juizo a frosinha mai ferruge pra nan fazê vregonheira mai ni Caminho Novo.

A PEDIDO.

Perguntas innocentes.

HORRIBILE DICTU!

Ao *recto* e *justiceiro* Sr subdelegado da cidade da Cachoeira Vicente Pereira da Cruz, pergunta-se o seguinte:

4.—Si um guarda nacional sendo recrutado, e obtendo do governo o prazo de 15 dias para justificar sua excepção, S. S. podia demorar em seu poder a petição que esse guarda dirigio ao delegado e que foi a subdelegacia para informar em que logar residia o guarda recrutado, e o nome do inspector por espaço de 9 dias, privando d'esta sorte ao pobre guarda de produzir a sua justificaçao, em virtude do curto espaço que lhe restava.

O Lynce da Matriz.

(Continúa.)

Papeis velhos.

APONTAMENTO PARA A HISTORIA ILLUSTRADA D'UMA MITRA.

—« Este povo da Bahia está condemnado a acabar d'um terrivel castigo do ceu.

E sabeis como?

Sabeis de que?

Credes que da febre amarella?

Qual!.... peior!

Do typho?

Ainda peior!

Do cholera?

Muito peior!

Nao sabeis de que?

Não attingis?

Pobres ignorantes!...

Pois não antevedes o castigo?

Não o presentis?

Realmente?

Intelligencias obscuras!

Ora vêde: Sabei que este povo acabará todo....—não advinhaes ainda?....

De diarrhea, senhores, de diarrhea.

E acabará todo de diarrhea em merecida expiação de sua culpa imperdoavel de ter escravos. »

—« Muito bem! V. Ex. é um oraculo, é um prodigio de saber, é um poço de illustração. Que presciencia!!!.... »

(Extr.)

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA SEMANAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 23 DE ABRIL DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

O mercado de Latronopolis tem estado bastante animado.

Durante a semana entraram e sahiram algumas embarcações de longo e pequeno curso.

Entrou ante-hontem o brigue *Izidro* com uma partida de *deboche*, *seducção* e *estupro*, que está descarregando no trapiche do *Maciel*.

Desordens.—As transacções são abundantes. A concurrencia dos consumidores extraordinaria. A policia julgou conveniente suspender nos sabbados á noite a fiscalisação que exerce sobre este genero, para melhor commodidade das classes jornaleiras.

Decencia.—As existencias são escassissimas. Seus preços são cotados por pequeno valor.

Larapios.—Apezar dos exforços da *policia* do porto tem entrado por contrabando enormes quantidades deste genero. A cidade está inundada.

Montureiras.—A camara municipal para commodo de seus municipes, estabeleceu por sua conta, depositos deste genero em diversos pontos da cidade.

Beneficencia —Escassa

Sinalephas.—Da ilha da *Assembléa* chegaram dous carregamentos nos barcos *Bella-Ventura* e *Ricardo*.

Foi reexportada uma porção para a provincia de *Nazareth* á consignação da casa social *Gomes da Silva* no barco *Triangulo* 3.º e outro para a ilha de *S. Thomé* na barca *Virgilio*.

Pontualidade.—Chegou um carregamento no barco *Pagamento*. Foi comprado para ser distribuido com os deputados no fim do mez. Seus preços foram cotados a 8$ rs. cada um.

Escandalos.—Os da chalupa *Hespanholita* entrados do estreito da *Gamoleira* estão á venda no trapiche *Hotel da Bahia*.

As existencias destes generos são abundantes.

Roubos.—Entraram alguns para *cavallos* na barca *Hilario*, que foram despachados livres de direito porque a *policia* do porto achou-os insignificantes.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Portos da Europa palhabote *Caldas*, alguns volumes camisas de Venus, 40 caixões com figuras *edificantes* e outros objectos.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADAS DO DIA.

Villa de *S. Miguel* barca *Boneca dos Anjos*, capitão *Senhorinho*, carga 6 fardos objectos para namoro, 1 sagui para o mesmo uso, 2 volumes *abelhudeza*, 4 caixas importancia da vida alheia, 3 embrulhos tagarellices, diversos papagaios e araras falladores, 2 topes cravos (flor) para presente; passageiros diversos estudantes,

Porto Theatral—sumaca *Moura-Izabel*, capitão *Augusto Mem*, carga diversos pacotes com medicamentos falsificados, um embrulho testamentos falsos; passageiros diversos individuos para caixeiros e outros empregos de pharmacia, Dirmond, João *pé grande;* José Joaquim dos *Peccados* e alguns bolieiros.

Porto da Mizericordia—sumaca *Josephina*, carga 50 caixas meias, 40 pacotes descomposturas, 100 volumes immoralidades; com varios passageiros.

—

NOTICIA MARITIMA.

Entrou arribado neste porto o brigue *Leoni Baptista* que se dirigia ao porto da *estupidez* carregado de *maiuquices e diversas palavras sem sentido*. Traz uma porção de sapatos de borracha defeituosos que vinham fora de despacho, os quaes foram aprehendidos pela alfandega *dos figurinos*.

Consta tambem que perdeu-se a escuna *Dezeseis de Setembro*, que de nosso porto sahiu para a ilha da *Beneficencia Luzitana* com um carregamento de ladroeira de *cadeiras de palinha*, *sophás*, *bancas* etc., etc. e uma avultada quantia *para compras de velas de spermacet* e algumas *despezas sem nome*, consignada á casa commercial daquella praça *Mumoeiro Mucho*.

—

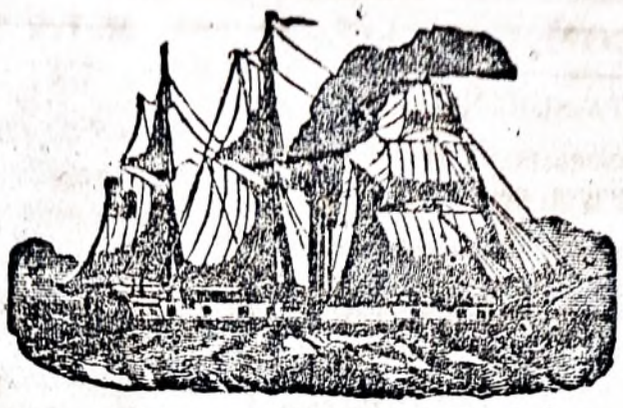
ANNUNCIO MARITIMO.

O vapor *Moe-canna* por ter parte do carregamento prompto sahirá qualquer dos dias para a ilha da *Pouca Vergonha*. Ainda recebe carga de caxaça, descomposturas e estupidez.

Para tractar a Cruz do Paschoal.

N. B.—Este navio mudou de capitão, já não é a primeira vez.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª | BAHIA 28 DE ABRIL DE 1864. | N.º 55

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Começa hoje a 6.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de abril de 1864.

Officio à camara municipal, para que, já que não *lhe é possivel* providenciar sobre outras cousas, mande ao menos tapar uma boca de lobo que se acha aberta na ladeira dos Barris, onde, ante-hontem á noite, si não passam algumas pessoas, seria victima uma pobre preta que cahiu naquelle sorvedouro, ficando suspensa apenas pelos braços.

—A' mesma, remettendo a queixa apresentada pelos moradores do curato da Sé, pedindo providencias, para que não seja a rua Direita do Collegio deposito de carros de passeio de certo Dr., que impedem o transito publico.

—A' mesa da Casa da Santa Misericordia, para que providencie em forma a desapparecer certos caprichos do mordomo encarregado das propriedades, patrimonio da instituição, que tem ultimamente subido ao ponto de occasionarem que um predio à rua dos Gatos e do rendimento de 60$ rs. annuaes (50$ rs. mensaes) esteja ha mais de trez mezes fechado, por falta da pintura nelle precisa e avaliada em 150$. Certo de que a illustre mesa tomará este nosso pedido na mais seria consideração, não se duvidará apontar como este, outros factos da mesma mordomia, e que tendem a prejudicar a instituição do benemerito João de Mattos.

—Ao gerente da Companhia Bahiana. —Convém que Vm. quanto antes, reduza à lenha o casco velho do vapor *Progresso*, poupando a vida á milhares de individuos nas viagens de Sant'Amaro, sob pena de ser mettido á pique pelo *Alabama*.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

O *ferreiro* Joaquim dos Pintos, negociante fallido desta praça, não tendo até a presente data obtido o logar de continuo d'assemblea provincial que requereu, e achando-se sem meios de auxiliar a chapa vermelha na futura eleição de juizes de paz, pede o logar de postilhão do *Alabama*.—Requeira ao redactor do *Piritampo*, devendo juntar certidão de edade, visto gostar elle de menores, como ja annunciou.

—Capitão, dá licença!

—Pois não! Vm. tem sempre taes lembranças que seria injustiça deixar de attendel-o.

—Iô tà confiado; pobre nan gussa de munta simola.

—Falle, rapaz.

—Iô fica surido, capitão, iô fica. Iô nan pore mai. Si iô vae ni Taboão, baruio tá hi; carro tá grita ni pedra cuma diabo nin freno. Si iô vae ni ladeira di Carimo, carro di carine tá memo cousa. Si é vespra di fessa, sino tá repica cuma sobia de menino. Si more geute, sino tá hi. Si iô passa ni Cardereiro, parece cardeira de Pedro Boteia, ou cyclope cum Vurucano ni cardeira de monte Etna.

—Como está mythologico!

—Quando iô corda, guarda tá hi; fon-fon-fon, corneta p'ra lá, corneta p'ra cá.

—Temos Eugenio Sue.

—Nan manga, capitão.

Quando chega mei-dia, tambô tamem chega; rataplam, rataplam, è theatro que tem.

Si iô fica um dia doente, iô more doudo; esse tera assi nan tá bon, capitão; ariba, pru quem é, capitão, capitão ariba de Latronopo.

—Ora dá-se que negro! Vae apromptar a comida.

—Bem má que nosso vae! Aibô turo bem dizê que patriotismo de tempo é tratamento di bariga. Bariga tá cheia, patria tá sarva!

Capitão, viva nosso patria!

—Guarda marinha!

—Prompto, capitão.

—Que sucia é aquella que se ajunta alli em uma loja de fazendas á rua Direita do Commercio.

—E' um conselho, capitão.

—Um conselho! Como rapaz? explica-te melhor.

—Digo capitão, que é uma reunião convocada pelo gallego da cara chata traficante de farinha e velhacarias na *rocha* de Santa *Illustre* para tratarem da extincção do *Alabama*.

—E por que está elle tão insultado com o *Alabama*?

—Diz elle que é porque é uma folha redigida por moleques, e elle não está no caso de se comparar com plebeus.

—Que dizes! a escoria das *rochas* de Portugal, o gallego mais tratante e descarado que aqui aportou teve a confiança de tal dizer? arrasta-o até aqui, que quero ajustar novas contas com o larapio.

—Eil-o capitão.

—Oh! caspite! Então Sr. tratante, é V. o tal cara chata que vindo de Portugal com uma caixa de pinho ás costas, já quer ser cousa?

Ora diga-me, o que estava V. dizendo no meio da sua mui nobre e conhecida roda? Pois V., Sr. patife, ainda não está satisfeito de achar dinheiros alheios para comer, e moças para defiorar que ainda vem entrar na politica para tratar da extincção da liberdade da imprensa? E tem a confiança de fallar em plebeus? Haverá um plebeu mais sevandija do que tu? não te lembras que os que tu tratas por plebeus não tem a coragem de ver uma pobre senhora doente de um peito para irem chamar ao consultor e procurador Hercules pára fazer um testamento falso e se incumbir elle mesmo de procurar um tabellião e testemunhas para o approvarem, afim de te fazer herdeiro dos escravos da Sra..... Menezes, em cujo numero entravam alguns escravos já libertos pela mesma senhora? E por não querer a isso se prestar o procurador Hercules, tu arranjaste com um outro procurador mais velho, ladrão que te faz parelha? Ficando frustrado o teu plano por ter a tal senhora a felicidade de não morrer? E por que escapasse ella desse teu primeiro laço, tu armaste outro em que tens apanhado os escravos da pobre senhora pelo desgraçado preço de 300$ e 500$ rs., escravos de 11 e 16 annos, para pagares aos dez tustões, meias patacas, seis vintens e quartas de farinha a dobrar?

—Ai! Sr. capitão não falle mais que estou quase per...d...

—Cala-te canalha, não ouses aqui nada dizer.

(Continúa.)

—Guarda-marinha traga-me aqui aquelle Chefe das tratantices, o mosquito de S.

Pedro e o seu ordenança ou espoleta o caveira, careteiro mór de Santo Antonio, *ambo florentes ætate, arcades ambo.*

—Eil-o, capitão.

—A' que titulo recebeste uns tresentos bicos, quando fizeste o exame nas horas do expediente, e tanto, que tinhas tempo para vender colheres de prata, ajustar fazendas etc, nunca deixando o habito de caixeiro ebrio e amigo intimo do Estica?

—Foi por meio de minha bajulação, de meu genio intrigante, trahiçoeiro e capacho, foi emfim arte do canhoto da secretaria, o celeberrimo que é *guerra* em tudo.

—E quem te deu essa gratificação, não foi aquelle de quem antes d'isso fallavas tão mal?

—E' verdade, eu disse e dizia sempre o diabo d'elle, porque não me dava nunca um cobrinho á ganhar, mas como ultimamente me deu essa gorgêta de 300$ rs. tornei-me outro, já não fallo mal d'elle como outr'ora o fiz no *Cosmopolita* quando eu era um dos collaboradores;—depois a cousa se mudou, e hoje me tenho tornado um adulador do novo chefe porque quero merecer d'elle as bôas graças, muito embora para esse fim tenha de intrigar todos os companheiros, como fiz com o Pereira de Sá.

—Pois então, safado, como não mudas de proceder e continuas com as tuas infamias, vou-te mandar zurzir com tresentas chicotadas n'esta deslavada cara.

A PEDIDO.

Resposta a um escripto no «Jornal da Bahia» de sabbado 24 de Abril do corrente.

Sim, Sr. É licito e pode ser perfeitamente qualquer homem de bem gerente, administrador, guarda-livros, caixeiro, e mesmo membro d'um conselho de familia; o que honestamente nunca, nos termos decentes e licitos, poderá isso ser, nem couza alguma n'esta vida, são sem duvida, os despresiveis ciganinhos, que olhando, e tendo a honra como couza inutil, e desnecessaria na vida, chafurdando-se no lamaçal do vicio, do deboche, da crapula, e da torpe devassidão, d'onde sahiram, polluem a cadeira de juizes, para que nunca nasceram, e com a gazua na mão, roubam cynicamente os vintens dos coffres dos infelizes e desprotegidos orphãos; e sendo então marcados perpetuamente com o ferrete de LADRÃO, são depois demittidos com deshonra, e com infamia, para nunca mais serem cousa alguma na vida. Estes sim, nem para muxinguciros servem.

O diamante bruto.

Gratifica-se a quem descobrir quem é um tenente que em 1837 ou 38 sendo soldado da 3 companhia da policia de Latronopolis, era mui devasso, immoral e relaxado e que no campo da *Heroicidade* era camarada do portuguez tenente Izidoro (a quem prestava *relevantes* serviços) e que hoje immerecidamente vestido com a farda de official, faz timbre em massacrar e opprimir seus subalternos, tornando-se o verdugo dos que tem a infelicidade de estar sob seu jugo.

O corujão do quartel.

Ao Exm Sr. Des. Presidente da Provincia.

Consta e passa por certo que uma *influencia* da Penha disse na gondola que não seria cumprido o acto do governo que annullou a qualificação da referida freguezia, por quanto em officios e consultas seria preenchido o tempo sem proceder-se á nova qualificação.

O boi mongo, escrivão.

Os Srs. da junta de hygienne publica, estarão dormindo juntamente com os Srs. da camara nossa senhora? porque não procuram saber dos 200 e tantos couros podres, que os dous nego-

ciantes quebrados J. J de S. e José Machado Guimarães arrematarão por uma tetéia. Si não sabem, vão os ver no Engenho da Conceição pestiando os moradores d'aquelle logar com especialidade os pobres que por sua má sina estão seguros na masmorra da Correcção.

O *Corujão dos Mares.*

Pede-se ao Sr. Ernesto dos Sete Peccados o favor de não ser tão grosseiro, em sua taverna, com as pessoas que lá vão, provocando desordens e duvidas, porque pode custar lhe caro o brinquedo.

Um que não gosta da graça.

Papeis velhos.

APONTAMENTO PARA A HISTORIA ILLUSTRADA D'UMA MITRA.

« Desde que aqui cheguei tenho recebido 1:275 cartas anonymas.

Dizem cobras e lagartos.

Descobrem os *podres* de todo o mundo.

Mas eu de nada faço caso.

Abro-as, leio-as, decoro-as e guardo-as.

Sabeis o que dizem?

Dizem que V., Sr. padre, é um frascario habitual um devasso, um demonio.

Que V., Sr. vigario é um simoniaco, um usurario desalmado, um tratante insigne.

Que V., Sr. conego, é um safado negreiro, deboxado e torpe.

Que V., Sr, reverendo desembargador, é um venal safadissimo.

Que V., Sr. deão, é um tôlo desmarcado.

Dizem até de meu antecessor. .....o diabo! Tanto é verdade, que *depois de morto o porco é que se lhe vê o toicinho.* »

—Perdão, Exm. (são palavras d'um *finorio* visconde, hoje fallecido) a comparação he pouco digna da pessoa a quem se refere.

(*Extr.*)

Perguntas innocentes.

HORRIBILE DICTU!

Ao *recto* e *justiceiro* Sr subdelegado da cidade da Cachoeira Vicente Pereira da Cruz, pergunta-se o seguinte:

Si estando na Bahia o delegado do termo, e S. S. no exercicio da subdelegacia, na occasião, em que o escravo do Sr. tenente coronel Fructuoso Gomes Moncorvo, ás 3 horas da tarde no coração da cidade recebera um tiro de pistolla de Jeronymo de tal, jogador de profissão, e homem de costumes devassos, que sendo preso e levado a sua presença por um inspector de quarteirão, e mais pessoas do povo, S. S o *recrutou*, ou mandou instaurar o competente processo?

O Lynce da Matriz.

(Continúa.)

Ao Illm. Sr. Dr. Chefe de Policia.

Recommendamos a leitura da seguinte carta que foi encontrada debaixo da porta de nossa officina, ante-hontem 26 do corrente. Bahia 28 de abril de 1864.

Marques, Aristides e C.

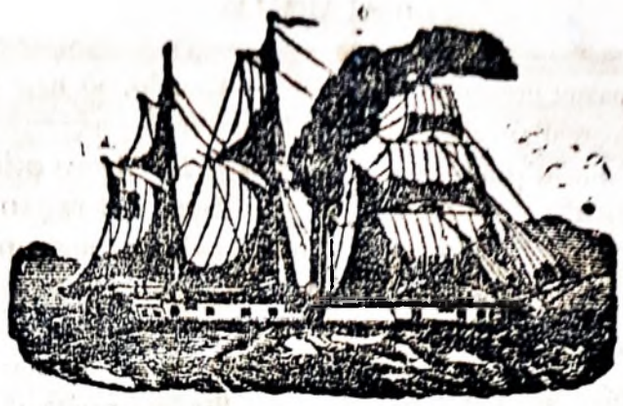
—

« *Srs. da tripolação do Alabama.*— Vms. vão de prôa sobre os baixos dos Abrolhos. Saibam que *carvalho* é pau; *junqueira* é sipó e *vaqueiro* tem ferrão; pois bem; com pau, sipó e ferrão, em menos de 5 minutos se mette o *Alabama* a pique.

Cuidado no leme e sentido na boia!!!.... .... !

Um por todos. »

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 30 DE ABRIL DE 1864. N.º 54

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de abril de 1864.

Officio ao Sr. Dr. delegado, communicando-lhe, para que S. S. dê providencias, que na noite de sabbado passado houve em casa de um tal Basilio, morador ao Jogo do Carneiro, uma desordem de que sahiram gravemente feridos dous individuos, proveniente de costumar o dono daquella casa reunir alli individuos de todas as qualidades para o *licito* divertimento do jogo.

—Ao inspector da saude publica, pedindo-lhe que lance suas vistas para uma padaria ao Guadalupe, cujo proprietario tem a notavel habilidade de fabricar pães com duas qualidades de farinha, sendo os de pessima qualidade d'um extraordinario tamanho, para engodar os compradores que apparecem á noite, occasião em que são expostos á venda.

—Ao Sr. subdelegado da *Sé*, reclamando providencias para que se não repitam na noite de hoje os escandalos que se deram no sabbado proximo passado na ladeira dos Gatos, cujo inspector apezar de muito zeloso não se dignou providenciar.

—Ao commandante do 10.º, participando-lhe que dous cabos d'esquadra de seu batalhão sentaram praça na companhia do Olho-vivo, onde tem feito grandes proezas, indo ainda uma destas noites á venda do Seraphim e empalmando dous pares de botinas e outros objectos.

—Ao Sr. engenheiro Britto, pedindo-lhe sua attenção para o alicerce que se está construindo no largo de Santo Antonio, que devera começar da soleira do portão do forte e não do lado fronteiro, que ainda se não acha nivelado.

Circular aos Srs. subdelegados das freguezias desta cidade, recommendando-lhes vigilancia sobre as rifas de foguetes que em cada canto se encontra, tendo em vista a postura n.º 56 que prohibe fogos soltos, os quaes são nellas vendidos e lançados sobre os passageiros, senhoras de balão e cavalleiros, como em qualquer parte succede, especialmente na Calçada do Bomfim em que o brinquedo ia tendo funestos resultados, occasionando a morte de um cavalleiro e incendiando uma venda.

—A's pessoas que passam pela rua de Baixo, afim de prevenirem-se acerca do telhado de uma casa á quina do becco de Maria Paz, que ameaça desabar e encobrir

algum descuidado que passe; prevenção que se faz porque a camara realisa completamente o proverbio de que o peior cego é o que não quer ver.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ter com o superintendente da Companhia Bahiana e saiba do mesmo—primeiro o que significa um africano, que, á entrada da ponte, recebe de cada um dos pretos ganhadores que tem de entrar a quantia de 40 rs.; segundo a que fim é destinada essa quantia; terceiro si está consignado esse imposto n'alguma verba do orçamento; quarto finalmente que cargo ou commissão exerce o referido africano. O que cumpra.

—Guarda marinha, vae àquella refinação da cavallaria e toma contas áquelle gallego barbaças!

—Sem demora.

Então meu velhaquete, quer V. ficar com a banca e a cama daquelles dous moços?

—Disso não sei; encontrei-as em casa d'um meu devedor, penhorei-as, estou no meu direito.

—Olhem que tratante!

E teve o desaforo de maltratar a quem deu a honra de procural-o!

Pois vae já e já para a caldeira da refinação! Anda gallego, mette já a cabeça!

—Ah, sor guarda-marinha por quem é... ja estou todo descabulado. . . .

—Anda, quero mesmo ver-te sem essas barbas que descarados como tu devem trazer a cara limpa; quero ver em baixo esta mattaria immunda; mette outra vez a cabeça!

—Sôr guarda-marinha, o assucar fica perdido.

—Vejam que safado! Si ha de cuidar na pelle, está a cuidar no assucar. Ora mette agora a cabeça, desgraçado!

—Sôr guarda-marinha, por S. *Joaquim*;

—Grita antes por S. *Antunes*, que é algum gallego teu parente! Mette já á cabeça!

—Ai ui! ai! ui! meus cavellos louros! ai! ui!. . . . . .

—Capitão, iô hoje tá deputaro, iô pede palavra.

—*V. Ex.* tem a palavra:

—Capitão nan manga; iô deputaro, cumpre programma, nan farta juramento..

Programma di cosinhero è conomia.

—Pois não parece! O dispenseiro queixa-se ás vezes de seus desperdicios.

—Predoa, capitão; patria de vossincellence tà ni barriga, iô qué tracta bem patria de vossincellence.

Mai angora iô nan tà cosinheiro, iô tà deputaro. Programma de cosinhero deputaro é conomia; tà ni programma de mariquez di Cixia.

—E' vermelho, não?!

—Iô nan tem paritido.

Mai iô qué faze justiça a turo, iô qué da a Nansinhô cousa qui é di ere; iô què da Cesa cousa qui é de Cesa. E' pru esse qui iô vai falla.

Sembréa nan querê sicolla de officia, pruquê nação nan tem dinheiro; nan queré guisamento, nan queré sitrada, nan queré si olla de S. Francisco Xavier, nai querê theatro!...Nan querê sicolla, nan querê chafarize ni São Feli, pruque nação nan tem dinhero; rejeita rimenda, nan dà ordenado criturario de Lyceu qui querê seicenta mi réi, mesmo preço de protero, e dà gratificação xinhá Beramino qui tá jubirado!.....

Iô tá satifêto, iô já mostra sicandalo, já fazê brigação.

Já concruiu.

—Mas este homem é da familia privilegiada, é do progresso, è ligueiro....

—Jussamente; ere tá potença, deputaro precisa di ere, ere qué sabe outro veze, patria tá sarva!

Viva progresso, capitão!

E cosinhero tamem!

—Capitão, já deu o diabo em puxo; a Camara está mandando calçar o Taboão.

—Não falle nisto, que é vergonha; mandaram buscar uma pedra areienta, quebraram-na até semelhar-se a um limão pequeno, e toca a calçar a rua.

—Por fallar nisto, capitão, já viu a obra do campo de Santo Antonio?

E' uma miseria capitão; a parede que

devia ter quatro palmos de largura só tem tres; a liga não é lá das melhores, pois que aquillo é uma muralha na montanha; e depois dizem-me que devendo ter o alicerce seis palmos de profundidade, não calcularam a escavação, pois que depois de feita esta, vem aquelle a ficar fora do terreno quasi todo.

—E que tenho eu com isto? Não ha camara? não ha governo? não ha engenheiros? La se hajam.

—Sr. Lima Barbosa?

—O que manda, meu.·. sublime?

—O Sr, ha muito tempo que não presta serviços.

Vá ao deposito da polvora no Matatú e passe a examinal-o, dando-me conta circumstanciada dos abusos e faltas que alli encontrar, por que quero ver até que ponto são exactas as queixas que me fazem da administração daquelle estabelecimento.

—Oh!.·. oh!.·. hei de me haver com o Pitta,·.

LA VAE VERSO.

Bomba ardente.

Uma novidade grande
Se operou n'esta cidade!
Temos o *deus das vinganças*
N'uma terrena trindade.
Um *ferrão* traz empunhado
A senhoria *vaqueira*.
O *carvalho* é sempre o mesmo,
Bruta e tosca a tal *madeira*.

Trazem ambos a *junqueira*
P'ra reduzil-a a *sipo*.
Junco secco é p'ra balaio,
Pois não passa de timbó.

Assim unidos os deuses
N'uma só causa commum,
Apparecem *um por todos*
Em vez de todos por um.

Cinco minutos apenas,
La vae a pique *Alabama*;
Coitados! que havemos pol-os
De ventas todos na lama!

Oh! que trindade sinistra
Que taes desejos só nutre!
Que querem si em vez de pomba
Lá vê-se medonho *abutre*?

Si somente um Deus existe,
Só uma trindade tem;
Esta pois que aqui aporta
Como anti-Christo nos vem.

N'um dos momentos de irado
N'um puxo o demo a borrou!
E pra tentar aos humanos
Ao mundo, ledo, a mandou.

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA SEMANAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 29 DE ABRIL DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

As chegadas do *Apa* e *Extremadure* nenhuma alteração produziram no mercado de *Latronopolis*, que continúa em animação.

A noticia commercial de mais importancia é a de uma partida de *patotas e patacoadas* exportada para o Rio da Prata pela filial de uma casa commercial de nossa praça.

Na casa dos Orates tem havido transacções de alguma importancia.

O banco do *Forum* faz descontos em *sentenças* sobre acções de *corrupções*.

Alcovitices.—Na barcassa quarteleira *Felismina* entrou um carregamento, que está se descarregando no trapiche *Ordem* 3.°

Mensageiras.—Os especuladores tem introduzido este genero no seio das familias que tem produzido funestos resultados, pelas qualidades nocivas de que é composto.

Venalidades.—Monopolisado. Alguns homens de toga arrogaram a si o direito de transigirem neste genero.

Fretes.—Fretou-se a barca *Reginaldo*, para conduzir algumas cadeiras para empenhar até o porto de *S. Domingos*, pelo preço de 10$ rs. caloteados.

—

EMBARCAÇÕES DESPACHADAS.

Ilha *Bernarda*, falúa *Lasca-fogo*; José da *Formosa*, 3 pacotes malcriações, 25 embrulhos objectos para sirgueiros, 4 cestas *enganos*, 500 chifres de veado.

Porto de *Santa Barbara* patacho *Roxinha*

F. J. B. S. 400 alqueires farinha mofada, 500 garrafões embriaguez, 10 saccas ladroeiras.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA.

Villa do Santo *Seraphico*—brigue *Abbade*, cap. Bernardino; passageiros duas pardinhas livres reduzidas a escravidão, para serem entregues no engenho Mucury; carga 4 volumes barbaridades, 1 caixão com os ossos do pardinho Manoel.

SAHIDA DO DIA.

Pernambuco—brigue-barca *Palanque*, cap. Antonio *Porco*; carga 60 volumes mercadorias refugadas, 2 caixões objectos para candomblés.

Leilão commercial.

Domingo 1.º de maio na praça do *cynismo*, por agencia do corretor da *corrupção* serão arrematados sem reserva por conto de certo magistrado aposentado diversas sentenças vendidas, algumas folhas de autos arrancadas para prejudicar alguem, 300 votos comprados, 1 mobilia e alguns escravos transigidos ignobilmente.

A PEDIDO.

Consulta.

Supponha-se que um homem morador em certa freguezia de uma capital tão illustrada como a Bahia, tendo uma pessoa infirma, em artigo de morte, foi procurar o seu vigario, para prestar-lhe os ultimos soccorros, e não o encontrou na cidade nem aos seus dous coadjuctores que estavam *passeando* nos suburbios (um logar assim como Brotas, por exemplo) e desesperado procura um padre, e so muito tarde pode encontrar o capellão de um batalhão que a isso se prestou, o qual ao chegar a casa do infermo achou-o morto;

Pergunta-se quem será o responsavel por esta falta?

Um devoto da Senhora Sant'Anna.

Sr. Dr., então Vm. já tem chicote para homens livres?

Como na Estrada Nova prometteu chicote áquelle homem por causa da sua ama a quem o Sr. tanto ama?

O Sr. não viu que ella foi quem espancou o cachorro do homem que nenhum mal lhe fez?

E sabe o resultado de quem tem chicote para outro?

Ou nunca ouviu fallar na historia do Sabino e do Moreira?

Pois olhe, apezar de que ha grande distancia no dizer para o fazer, com tudo seja mais prudente.

Mendes.

Sr. Redactor do *Alabama*.—Correndo um boato geral em S. Felix, de que fui eu o auctor d'um escripto publicado em seu jornal de 26 do corrente, e não querendo a paternidade desse escripto, rogo a V. o favor de declarar si eu tive parte alguma nelle ou em outro qualquer que tenha sido publicado nesse jornal, e nem si ao menos V. me conhece. Sou de V.

Respeitador e criado

Manoel Nunes Sarmento.

O Sr. Manoel Nunes Sarmento nenhuma parte teve na publicação a que se refere nem em outra qualquer. E' tambem verdade que não temos a honra de conhecel-o.

A Redacção.

ANNUNCIO.

Dá-se o lucro do *Album da Rapaziada* e do *Testamento* a quem descubrir um abutre transformado em vigario que vendeu a consciencia por dous contos de reis n'um negocio de tabaco d'uma caza estrangeira.

O vaqueiro.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.ª BAHIA 1º DE ABRIL DE 1864. N.º 42

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Conclue-se hoje a 4 serie.

Os *divertidos* que nao andam correntes verao agora si somos ou não capazes de publicar-lhes os nomes.

Uma vez por todas: quem não paga, responde a conselho, que ninguem é pae de quem quer ler á *gagoza*.

E fiquem tambem sabendo que ninguem está disposto a aturar importunações, pedidos frivolos, ciúmadas e intrigas de familias

Quem taes artigos remetter verá tambem seu nome no conhecimento do publico.

Quem me avisa meu amigo é
Não se queixem ao depois.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de março de 1864.

—Officio ao Sr. presidente d'Assembléa provincial, pedindo-lhe, si não offende isto ao regulamento da mesma, que mande publicar os nomes dos deputados que faltam, com causa ou sem ella, visto que só são publicados os dos que comparecem, e é necessario que o povo tome contas aos *remissos*.

—Ao Sr. Dr. juiz de provedoria, capellas e residuos, partecipando-lhe que grandes abusos se tem dado com o testamento do padre Alexandre da Silva Menezes, fallecido ha dez para onze annos, visto que tendo fallecido o primeiro testamenteiro João da Silva Menezes, apossou-se o terceiro do testamento com desar e prejuizo do segundo, que não fez renuncia, e que è tambem herdeiro; sem que provavelmente tenha S.S. noticia d'estes factos, que importam delapidação e damno aos interessados.

Contra o que espera-se de S.S. providencias.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Antonio, pedindo providencias contra o dono de certa padaria ao beco do P. Bento e uns visinhos do mesmo que vivem a incommodar ao publico com o degradante espectaculo de brigas de gallos &c. &c.

—Ao subdelegado de Cachoeira, perguntando-lhe si é verdade que tendo sido deflorada uma pobre moça por um guarda nacional, S.S. o conserva em custodia ha quinze dias, e si tem tenção de remettel-o como recruta.

— o Sr. tenente Lobo, encarregado do recrutamento, dizendo-lhe que va á estrada Dous de Julho na margem do Dique, em uma casa que se está construindo, creio que do Sr. José Carlos, e passe a recrutar os vadios que alli se reunem diariamente para jogos prohibidos e outros fins menos licitos, como seja levarem para casa o que não é seu.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Carmo, procure um *barbeiro imperial* que por alli ha e faça-o apresentar seu titulo, tendo antes o cuidado de intimar-lhe que não continúe a offender os meninos que vão à sua biboca comprar, sob pena de ser conduzido para bordo, onde se lhe dará o conveniente destino. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá à rua dos Ourives e me procure um portuguez que tem umas *fontes* em cujas aguas se converte o ferro em ouro, a fim de trazel-o á minha presença para interrogar-lhe sobre certas cousinhas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Caes do Alves, e conduza presos á presença do Sr. Dr. delegado uma sucia de cepadocios que vivem a jogar escandalosamente n'umas barracas que por alli ha. O que cumpra.

—Immediato um bordo ao mar alto.

—Capitão, diga antes ao *mar grande* por que abrange melhor a idéa.

—Como quizer.

—Que vulto é aquelle que está alli deitado á sombra de um coqueiro, em ar de deboche, no aprasivel sitio dos Vallasques?

—Oh! aquelle é o mais devasso e immoral ente que o ceu cobre. E' um reprobo cuja alma pertence a Satanaz, ha muito tempo com o titulo de ministro do altar. Para V. Ex. fazer uma idéa summaria de quem é elle, ouça:

Um dia de sexta feira santa, fizeram agora dous annos, aquelle padre immoral entrou na taberna, seriam 10 horas do dia, e alli esteve na mais completa orgia e quando sahiu eram 3 horas, justamente á em que morreu seu Divino Mestre, dizendo que assim era que se commemorava a Paixão do Redemptor.

—Que horror! E este crocodilo inda vive onde existem homens?

—Pois ouça V. Ex.

Festejou-se um anno o Dous de Julho em uma povoação perto da ilha vatorosa. Tinha esse monstro de celebrar o Santo Sacrificio da Missa.

Em casa de um dos directores havia uma meza para os convidados.

A harpia sentou-se à meza, comeu queijo, doce, bebeu vinho, foi para a egreja, revestiu-se e celebrou, respondendo ás stupefactas pessoas que lhe censuravam o acto, que fizesse o que elle dizia e não o que fazia.

—*Incredibile dictu!*

—E' a verdade que digo, capitão. E que me diz V. Ex. dos frades?

Até os franciscanos que pareciam mais moralisados, praticam cousas de arripiar. Não sabe V. Ex. do spirito de partido que alli ha, os doestos, as recriminações que se lançam uns aos outros. Até accusam um da haver comprado por 4:000$ uma casa com o dinheiro do convento, no tempo em que exercia certo cargo.

No dia 29 tive occasião de ir ao convento. Por accaso desci ao refeitorio, e encontrei lá certo donato a altercar com um servo de nome Sabino que la ha e depois de algumas palavras pegou em uma facca para ferir o servo, sendo n'isso obstado por outros que estavam presentes.

Porèm agora vejo, capitão, que estamos na altura do Jaburú, é preciso manobras o navio para sahir fora da barra. Sobre o convento de S. Francisco, fallaremos depois de ancorar.

—Fr. Lulù, não falle assim.

—Que foi que eu disse?

—Mais infame é o frade descarado e devasso que se pòe escandalosamente aos pés das Messallinas, que se esquece de seus sagrados deveres, que affronta impavido a moralidade publica, percorrendo os alcouces e prostibulos, e que prefere às glorias

do ministro de Christo os prazeres d'uma *charuma*, ou d'alguma *joca mole*.

—Capitão, olhe que eu já fui desterrado por sua causa.

—Pois o que eu desejo vel-o é capado.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 1.º DE ABRIL DE 1864, AS 10 HORAS DA MANHAN.

REVISTA SEMANAL.

Depois das festas da semana santa o commercio tem estado frouxo.

Bajulações.—Chegaram algumas partidas, mas foram reexportadas para a ilha da *Presidencia*.

Corrupção.—Será vendida pelo *corrector* da mesma uma partida por 12:000$, quantia que servirá para pagarsse a quem tomar a authoria de uma *carta de ordens*.

Demissões.—Tem havido. Mas são refugadas algumas porque os compradores não achàm *justas* e eguaes para o que querem. Outras porém tem sido procuradas e muito apreçoradas.

Desgraças.—Consta que chegou hontem uma partida da Cachoeira, vinda no barco *Ponto* do padre *Cusadia*.

Intrigas e patifarias.—Tem se feito alguma cousa. O fallecimento do *chefe commercial* de uma casa destas tem embaraçado de alguma sorte as transacções.

Orgias e candomblés.—Chegaram diversos carregamentos. A barcaça *Maria da Hora* trouxe um carregamento, e alguns bois do *Piauhy*. Consta que foram depositados na ladeira da Mizericordia, com licença da respectiva autoridade policial.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Barcassa *Simoa Gozangan*, procedente das Quintas, 326 volumes patifarias, 660 canastras candomblés, 780 moios alcovitices.

Sumaca *Constança*, procedente do porto *Serra*, 3487 pacotes obras de borracha, 647 volumes de vassidões, 400 cabazes desaforos.

Bergantim *Granada*, procedente do porto das *Arêas*, 900 volumes mulheres nidemoniadas, 680 pacotes mentiras, 3680 vasos imposturações 50 fardos espertezas, 600 gigos pouca vergonha, 1 mulher surrada.

Patacho *Sardinha*, procedente do porto *Pajaré*, 348 volumes empalmações, 627 canastras testamentos falsos, 20 feixes bigamia.

Barca *Benedicta Doubé*, procedente do porto da *Misericordia*, um grande carregamento canivetadas, patifarias e danças grotescas.

NAVIOS A' CARGA.

Faluia *Alexandrina Gato-Preto*.

Lancha *Damiana Logrêmo*.

A' ultima hora.

Chegou finalmente a este porto o *Mohicano*.

Traz uma partida de *desomposturas* já passadas e podres; e outra de *bebedeiras*. Tambem trouxe um carregamento de *estupidez*, *sensaboria* e *encommenda propria* para o barão de Perussa, respeitavel firma.

O dispenseiro *Olegario* trouxe para seu uso, e de sua familia *algumas obras* de catholicat.

A PEDIDO.

Adverte-se a dous sujeitos, um appellida-se de *Onça* e o outro de

Cordeiro, moradores á rua das *Imagens*, em uma loja da casa do Sr. Britto, que não sejam tão inmoraes, e nem vivam insultando a visinhança com os escandalos que praticam. Do contrario serão chamados á presença da authoridade competente, porque não é justo que dous reus de policia vivam afrontando e decoro publico, andando em casa nús como si fossem dous *anjinhos*.

O visinho *incommodado* da rua que quando venta faz-*poeira*, que n'este periodico n. 39 de 26 do p. p. mez se queixa de pedradas nos telhados daquella visinhança pelo moço de bellos olhos atravessados, devia dirigir sua queixa contra outros pombeiros da mesma rua, que representam essa—*semana*—quotidianamente, e veja, que posto se assignasse anonimamente, mais depressa se descobre o mentiroso que o—*cóxo*.—Ainda quando fosse exacto o que attribuira ao autor desta resposta, que mal fazia que no rio *Sena* se atirasse pedradas, quando n'elle se lança muitos resultados de conidas velhas?

O pharmaceutico, que se dá por medico.

Pede-se a certo escrevente, *barão—Una*, morador á *Barroca Pequena* o favor de pagar certos sapatinhos, que tomou a rua direita do Collegio e que por ahi mesmo vendeu, ha dous annos pouco mais ou menos.

Dad,

Sr. redactor.—O facto denunciado no seu jornal, tratando d'um doutor, e alludindo ao Sr. Dr. Alcamim é inexacto.

Quem conhece o mesmo Sr. Dr., sabe e attesta que era elle incapaz de pratical-o.

Perderam pois o tempo seus mesquinhos inimigos.

A verdade.

ANNUNCIOS.

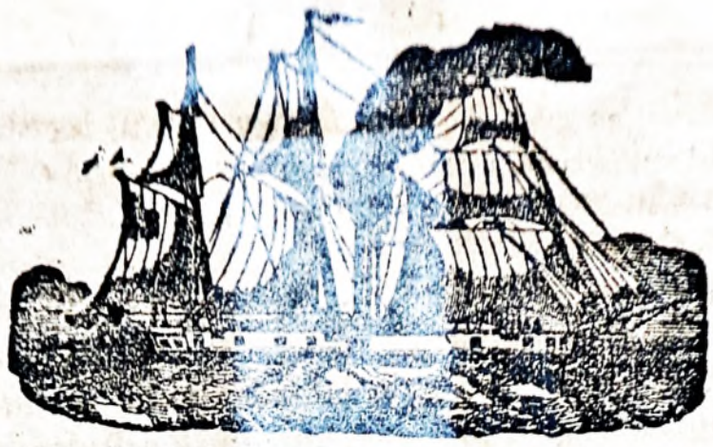
SAHIU A LUZ.

A biographia de certos officiaes da guarda nacional e acha-se á venda n'esta typographia pelo diminuto preço de 200 rs.

200$000

De gratificação se dão a quem achar e entregar a seu dono uma pulseira de ouro e esmalte asul, cravada de pedras, que foi perdida na noite de Quinta-feira Santa na egreja do covento de S. Francisco ou na Ordem Terceira, ou no transito d'alli até a quina da rua do Bispo na rua Direita do Collegio. Pode ser entregue no largo da Piedade, casa que faz quina com a rua da Forca ou na rua direita do Commercio casa n. 36 1. andar por cima da sobre loja.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 3 DE ABRIL DE 1864. N.º 43

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de abril de 1864.

Officio ao Sr. presidente da provincia, pedindo providencias sobre um facto que nos informam e é, que tendo sido recrutado em Valença um portuguez, foi remettido para bordo d'um navio de guerra, onde ja levou umas cincoenta calabrotadas por conta. O que vê S. Ex. que é um atropello das leis e ordens em vigor, que pode trazer alguma complicação séria, alguma reclamação por parte da nação offendida.

—Ao Sr. commandante do porto, no mesmo sentido, e pedindo-lhe informações sobre o facto.

—A camara municipal, pedindo providencias sobre uma enorme porção de madeiras que obstruem a rua nova d'Alfandega, já aberta ao transito publico, assim como sobre uns trilhos de ferro para conducção dos objectos de um trapiche ou armazem que alli ha, os quaes ameaçam as pessoas que passam.

—A' mesma, dizendo-lhe que é altamente censuravel a nenhuma conta em que se tem os melhoramentos materiaes desta capital, ainda que de menor alcance, visto que, nem de pequenos reparos de rua, que lhe tem sido por este governo indicado, cuida, como por exemplo, um buraco defronte da casa do capitão Baldaia, que cada dia torna-se um sorvedouro, sem que ao menos heja alli uma cerca que evite a noute que algum infeliz vá alli quebrar a perna; Outrosim, dizendo-lhe que é de rigorosa necessidade que lance suas vistas para a monteeira que ha nos beccos do Ferrão e Ordem Terceira, deposito de quantas immundicias ha.

—Ao Sr. commandante de policia, submettendo a sua apreciação a inclusa parte que me dá o *coronel* chefe da policia sob n.º 1:

«Illm. Exm Sr.—Levo ao conhecimento de V. Ex. que hontem, seriam mais de trez horas da tarde, a patrulha da freguezia da Sé, composta de trez homens, esquecida de seus deveres e obrigações, entrou em casa da parda Margarida, na rua das Larangeiras para o fim de *pagodear* e embebedar-se incommodando a visinhança com estrepitosos gritos e assuadas; e succedendo que se acabasse a *aguada*, sahiu o soldado Fructuoso para ir buscal-a á uma venda defronte e ahi travou disputa com um rapaz que estava comprando, passando a espancal-o, acudindo aos gritos os companheiros que e o vieram auxiliar brutalmente espancaram o homem, deixando-o muitissimo maltratado. E como houvesse quem lhes extranhasse tal procedimento, responderam que a ordem que tinham do seu commandante era que não soffressem desaforo na rua, e que o commandante não castigava seus soldados por qualquer queixa de subdelegadosinhos. Depois do que voltaram para casa da referida Margarida onde continuou a orgia até 6 horas da tarde. O que udo levo ao conhecimento de V. Ex., podendo V. Ex. ouvir não só o dono da venda como toda visinhança, inclusive a familia do Sr. Marinho que se achava na j nella. Devo aqui observar que o nome do commandante da patrulha era Silvano Deos Guarde etc.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao becco do Padre Bento e intime a um padeiro que alli mora que não continúe a ir às egrejas com uma porção de cachorros, distrahindo os fieis com grimaces e correrias, como um destes dias succedeu na Ordem Terceira do Carmo. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá à rua dos Barbeiros e intime a certas yayas que ahi moram que se deixem de offender as pessoas que passam, sob pena de declarar-se-lhe o nome e a casa em que moram. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá, das 9 para as 10 horas da noute, á rua da Lama e traga á minha presença um *augusto* moço, que vive por alli com uma Bibi a escandalisar o publico com abraços e beijocas, sob pena de ser conduzido ao porão deste navio. O que cumpra.

—Que sujeito é aquelle que alli vae? A modo que o conheço?

—Pois ja não esteve elle a dar contas a V. Ex.? È *yoyo do ceu*.

—Guarda-marinha não é um sujeito que foi menino do côro, sachristão e que exercia nesse tempo *certa profissão honrosa*?

—Justamente.

—Um que foi exotado do convento do Carmo por que por seu respeito brigaram dous frades por ciumada, e foram mettidos no carcere?

—Esse mesmo.

—Um patife que abusando da confiança que nelle depositava certa familia, na Boa Viagem, introduziu-se, á noite na casa e fez espalhafato para casar-se com uma moça da dita familia, a quem tornou infeliz?

—Sim Sr.

—Um safado que indo estudar em certa terra, morou á rua do Amparo, fazendo de sua casa o theatro das maiores devassidões?

—Sem tirar, nem por.

—Um devasso que frequentava certa casa no Jogo da Bolla, e abusando da avançada edade da proprietaria, pervertia uma innocente criança de doze annos, em quanto distrahia um seu mercurio a attenção da velha?

—Não tem duvida.

—Um tratante que indo em certa cidade morar n'um hotel, propriedade d'uma inglêza, mamou-lhe durante dous annos não

só comida e casa, mas tambem seus affectos, e empinou-se depois, fazendo-lhe mil promessas que nunca cumpriu, e tendo-lhe pregado um filho nos quartos?

—Aquiqui!

—Um desfructavel que fez a sogra gastar supertluo, para elle ostentar vaidades, deixando-a na miseria? Um cynico que fez a sogra alugar uma casa n'um sitio aprasivel, e soffrendo depois uma penhora, deu por depositario a seu cunhado, a quem metteu na cadeia, pois que logo e logo vendeu os trastes?

—E' elle, capitão.

—Um insolente que em caracter publico maltratava as partes e até seus collegas, querendo que se levantassem os procuradores quando elle ia ao quarto, ameaçando-os com cadeia?

—Elle mesmo, homem de Deus!

—Um bobo que recebendo um officio da mão de um guarda mandou-lhe tirar o bonet por ser sua casa sagrada?

—*Justement, mon cher.*

—Um infame ladrão que de *camisa* ou *enmisão*, assolou certo logar, perturbando a paz das familias, com suas devassidões e rapinagens?

—*Yes, master.*

—Um malvado que chupou um conto e tanto de certo preso para o defender na imprensa e até hoje nada? Um safado que teve ainda coragem de ir ao mesmo preso, e roubou-lhe quatro contos mais, a pretexto de comprar votos de desembargadores, deturpando o nome illustre de um seu compadre, membro da Relação?

—*Oui, monsieur.*

—Um diabo que tendo de ir para o Rio, agarrou nas vesperas da viagem, uma escrava da infeliz sogra e vendeu-a, tendo o cynismo de, na volta, expellir de casa a sogra?

—E' justamente o tal tratante.

—Um ladrão que sendo *advogado* de uma mulher casada que tratava de dezquite, foi ao marido della propor-lhe que, para salvar seus bens e desgraçar completamente a mulher, hypothecasse uma excellente casa que tinha á Baixa dos Sapateiros, por doze contos de reis, recebendo oito dos quaes daria um a elle advogado?

O que fez o moço perder a casa por oito contos quando por ella davam dezoito?

Tendo esse patife o desplante e a safadez de fazer todas estas tractadas com sua propria lettra?

—*C'est la vérité, monsieur le capitaine.*

—Um tranpolineiro que querendo impostorar no Rio, mandou fazer na Bahia innumeros fatos, que até hoje não pagou usando de meios reprovados?

—Ora, adeus! é elle mesmo, capitão.

—Um abutre roedor e esfaimado, em cujas garras cahiu agora uma *pomba*, que bem serve a seus planos *geraes*? Ricas *minas*, desgraçada entidade cujas pennas ha de, tambem, devorar?

—E faz muito bem.

—E esse biltre com todas estas mazellas quer passar por *clamor publico*?

—São coisas, capitão.

—Agarrem-me aquelle bregeiro! Cortem-lhe a cabelleira e o muxinguciro faça o resto.

—Immediato, quem é aquelle que vem descendo por aquella ladeira *Solitaria*?

Oh! capitão, aquelle maganão é um meninorio que com suas *labias* è capaz de enganar o mundo inteiro. Desde o seu *nascimento* que habituou-se a lograr a todos. No officio de ourives exercitou-se de tal maneira que bem pode ser chamado o *quarte!-mestre* dos velhacos.

Não sabe V. Ex. o que fez elle em novembro do anno passado? Tomou de um certo capitão 40 oitavas de ouro em obras

para concertar, inclusive uma thesourinha (celebre thesoura!) e nunca mais passou-lhe pela porta.

E depois um certo negocio de uma pobre viuva, si V. Ex. soubesse, tapava o rosto de horror!

—E onde costuma andar esse patife?

—Em alguns domingos costuma ficar na rua Direita do Commercio, *perfilado* como um esvelto militar.

—Bem; pois em um dia destes, pegue-o e leve-o preso até receber o titulo de *quartel mestre dos velhacos*.

A PEDIDO.

Official de marinha
E velho pagodeando!
No meio destas crioulas,
Acaso estara lavando?

Que velho gaiato
Tem esta Calçada!
Que bello pagode
Oh! que cassuada!

Si o Passé soubesse
Desta bebedeira....
Lá se ia toda sucia
A chicote, da *Mangueira*

* * *

—Srs. vigarios. Digam-me que cousa é Mané em nossa Ordem Seraphica para tantas asgres dar? será por ser da confiança do P. C., ou por ser comprador do commissario?

Digam a ello que nao tenha em esquecimento o lembrete do anno passado e não se engane, que esta egreja não é senzalla para elle ter tanto dominio, e ao Sr. commissario que, por quem é ponha esse moleque a espreitar a luz lá no convento.

Mofina exacta.

1. Pergunta-se ao bacharel *Limpinho*, que figura faz na Feira de Sant'Anna, como advogado da roça?

2. Pois si V. m. tinha *tanto credito* nesta capital com seu escriptorio de advocacia, para que deixou-o e foi para alli *fazer opposição formal* aos chefes do partido progressista?

3. Como faz guerra hoje, á aquelles á quem implorou para obter um logar no Poço Fundo e com especialidade ao Sr. Cansansão de Sinimbù, pessoa que lhe está tão além, que não ha humanamente possivel termo de comparação?

4. Porque os seus correligionarios nunca o julgaram apto para qualquer logar de menor importancia, ainda mesmo de inspector de quarteirão?

5. Que mal lhe fez o Sr. Dr. Francelino, para dizer V. m que tem d'elle amargas queixas?....

6 Porque faz de seu irmão Americo peito largo, recadista e moleque de pé de escada; será porque a natureza o tingio com mais algum carvão, afim de que esse espelho lhe reflicta bem nos olhos?

Depois que nos responder, havemos historiar os *seus principios* na Feira de Sant'Anna, o seu *passado* nesta capital e o seu presente no logar onde se acha

ANNUNCIO.

Dá-se 20$ rs. a quem descobrir a pessoa que escreveu os artigos contra o Sr. *Macassar*.

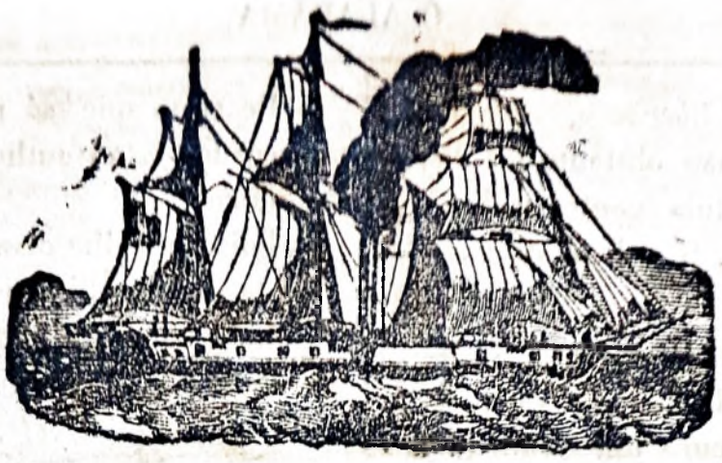
Tão pouco?!....

O interessado é um parente que quer dar pancadas.

E faz bem que a Correcção não se fez para os cachorros.

M P. S. S.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 7 DE ABRIL DE 1864. N.º 44

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de abril de 1864.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que lance suas vistas para a ladeira da Gamboa, hoje intransitavel por se achar cheia de enormes buracos que engolem um homem e que ameaçam a muralha que alli ha, a qual ameaça por sua vez a casa do commandante da fortaleza do mesmo nome.

—Ao Sr. capitão do porto, participando-lhe que consta que o capataz de S. João não cumpre com seus deveres, que admitte remadores não matriculados, que os que os seus protegidos não rondam, que fazem o serviço em logar destes os não matriculados etc. etc. Sobre o que S. S deve dar as providencias.

—Ao Sr. Dr. juiz de provedoria, capellas e residuos, participando-lhe, pela segunda vez, por terem-se concluido as ferias, que grandes abusos se tem dado com o testamento do padre Alexandre da Silva Menezes, fallecido ha dez para onze annos, visto que tendo fallecido o primeiro testamenteiro João da Silva Menezes, apossou-se o terceiro do testamento com desar e prejuizo do segundo, que não fez renuncia, e que é tambem herdeiro; sem que provavelmente tenha S. S. noticia d'estes factos, que importam delapidação e damno aos interessados.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Antonio, communicando-lhe que na casa n. 48 à rua da Conceição do Boqueirão, ha sempre reuniões de africanos, batuques, candomblés e o mais que se segue, que incommoda a visinhança, a qual espera de S. S. providencias.

—Ao Sr. subdelegado de Cachoeira.—A' vista do que me ponderou Jeronymo de tal, *jogador* de profissão, preso à ordem de S. S. e recolhido ás cadeias desta cidade pela tentativa de morte na pessoa d'um escravo do Sr. tenente coronel Fructuoso, sirva-se S.

S. *mandal-o por em liberdade*, visto como se acha innocente, não obstante ter disparado um tiro de pistola contra o dito escravo; o que fará S. S. a bem da *moralidade publica*.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Porto do Bomfim e procure um *santo* demonio que vive a fallar da vida alheia e a encher a rua de pernas, não obstante o castigo que já aqui soffreu, e remetta-o ao Sr. Dr. chefe de policia para dar-lhe o destino que convém a reus de policia. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a rua Direita do Collegio e procure saber quem é o dono de um carro que vive todos os dias, todas as noites e todas as horas no meio da rua a empatar o transito publico, afim de partecipar a camara que pouco cavaco com isso dá, já que seus fiscaes só tem tempo e olhos para multar gaiabadeiras. O que cumpra.

—Que barulho foi aquelle na Ordem 3. do Carmo?

—Tolices do zelador. Entraram dous moços depois de acabada a missa e pozeram-se com outros n'uma das portas travessas; o *lezador* mandou-os retirar para a irmandade passar. Tendo um delles respondido que se retiriam em occasião competente soffreu grosseiras violencias do zelador que o atirou até ao chão e armou-se de uma penca de chaves, quando o offendido tomou-lhe a dimensão das ventas. Appareceu depois um irmão, com ar de belleguim, a querer prender o moço por estar fallando, e incontinenti o Sr. subdelegado para mostrar seu poder, disse ao moço que se calasse para evitar a correcção, pois que devia saber que o zelador era um empregado da casa.

—De sorte que só por serem irmãos e empregados estão authoritados a desfeitear aos outros!

—Foi o que lhe disse o moço.

—Ou haverá alli alguma distincção? Será prohibido chegar a todas as portas?

—Pode ser; mas eu acho que aquillo só podia ser *espirito forte*, genio fogoso. Depois era madrugada, o tempo estava frio, e o homem esquentando o peito, ficou com a cabeça esquentada.

—Ha de ser isto, tem rasão.

—Que diabo é aquillo? E' noite de Reis?

—Nada, capitão; é a *rapazeada* que volta do Rio Vermelho, e foi passar pela secretaria de policia, naquelle enthusiasmado samba, naquella selvagem gritaria, naquella completa orgia, em que de viola em punho sobresahe a crioula *Banzé*. E' a renovação do *rei doe belgas*.

—Não admitto a comparação, que é injuriosa ao povo. Acho porém que devera o chefe mandar dispersar aquelle grupo, pois samba e caxaça, sabem-no todos, são o principio, sinão o unico, o principal motor de desordens e motins.

—Que bruto é aquelle que na occasião da missa da Resurreição na capella dos Santos da Ordem Seraphica, puxava pelo braço uma criança?

—E' um lapuz, um pobre diabo vendedor de lenha, acostumado a lidar com negros. Nenhuma authoridade é alli, porque para nada tem habilitações a não ser para tratante e hypocrita. Aquelle menino é um irmão noviço, filho d'um prestantissimo irmão, os quaes, ambos, sem seus habitos, foram collocar-se das grades para dentro, e o patife não podendo mandar retirar o velho, quiz desfeitear-o na pessoa do filho.

—Aquella Ordem vae em progresso! taes administrações tem tido que se ignora hoje

quem alli manda, si os empregados, si os irmãos.

—Deixal-os, capitão, são *brancos*, comem seu toucinho, là se avenham.

—Tem pacença, capitão.

—Ora vamos a ouvil-o.

—Capitão predôa. Paize tá livre, pequeno pore falla di grandi, iô qué faze um censuramento Vossencellence.

—Pois não! tem a palavra.

—Capitão dizê qui nan tem partido, mai capitão tá liberà.

—E que tem isto? Si não fossem os liberaes, podias tu fallar? Eras livre?

—Capitão tem resão; iô gussa munto de liberá: iô gussa munto d'uma gazeta qui tem ni Bahia que nan gussa de anani que beja mão de peradô, qui joeia na frente di ere, qui abre pali pra elle vae nim baixo, qui repica ni sino....

—E' republicano pelo que vejo!

—Pera, capitão... eu gussa munto di esse foia qui dize que *princìpia ta turo anani ta pouca.*

Abi é qui iô qué chega. Capitão nan cumpre esse.

—Mas como?

—Capitão, pore ta liberá, mai faze censuramento liberá qui nan tá ni regra.

—Mas o que houve?

—Pera .. capitão proguntá si recoiê pore faze ni Campo Crande, mai capitão nan proguntà si pode faze ni Perorinha. Abi é que está injustiçamento de capitão.

—Mas no Campo Grande era massada para os musicos e para o publico.

—Predoa, capitão; *principia ta turo, anani ta pouco.* Si la nan tá bom, ca ta mai ruim.

—Ora, vae bugiar, preto!

—Tá deureto! Di manéro qui trangero musga, progunta qui qué dize esse musga ni quitanda, e brasilero repondi qui é musga de presidente, qui é recoiê. E trangero tem resão munto, fica ni admiramento e tá pensa qui presidente é de quitanda. Ripoi, capitão, tà munto feio. Tá musga, tá povo, tà quitanda, tà casa di siteira, tà tripa, tà bofe, tà turo mussurado, capitão.

E' esse qui iô qué dize; ja concruiu.

—Ora vae rezar pelos defuntos!

—Capitão, paize tá livre, iô tà ni minha deureto, iô pore falla, iô falla.

—*Sr.* Má-Ventura, para um militar não é prudente o seu proceder. Não é de minha conta, eu o sei; mas sua senhora queixa-se amargamente do Sr. O *Sr.* sempre a insulta com os mais injuriosos nomes e outro dia teve o desaf... não, a impudencia de levantar o chicote sobre aquella que, á face de Deos o Sr...

—Capitão, não me deixarà em paz!

—E tudo, Sr. alferes, por amor d'uma certa mulher a quem o Sr. deshonra, deshonrando a encanecida cabeça de um seu superior!..

—Capitão, metto-lhe o chicote! as patas do cavallo!

—Não seja bobo! O melhor chicote que lhe poderei metter é declarar-lhe o nome si continuar.

—Guarda marinha que adjuncto é aquelle em um telheiro feito pela Companhia Bahiana em frente do armazem do Paço, no Caes Novo?

—Capitão, são os homens livres que se empregam no trafego de saveiros, que vão passar as horas vagas, exercitando-se com certos jogos illicitos á dinheiro, como sejam o da mosca, o do rapa e outros; porém, capitão, o que mais admira é que a estes ja sa vão reunindo outras classes, caixeiros desarrumados, ganhadores etc etc.

—Sr. chefe de secção, provisorio, Sr. padre mestre de cerimonias, Sr. Braz-mimoso, faz-me um favor?

—Quantos queira.

—Não conversar tanto; os despachantes já o não podem aturar. Pois só depois das trez, é que o Sr. se lembra de assignar os papeis?!

—São coisas, capitão.

—Guarda marinha pedestre Guilherme!

—Prompto, capitão.

—Vês alli aquelle homem sem barba, de chapeo de palha, e palitot de casemira mesclada?

—Vejo capitão.

—Vae de minha parte, chama-o, e dizer-lhe que lhe desejo fallar.

—Senhor capitão, estou ás suas ordens, o que me quer?

—V. não tem por espoza uma excellente senhora, de qualidades sublimes, de costumes exemplares, de reputação superior, cheia de virtudes domesticas e publicas?.

—Sr. capitão, isto é uma verdade.

—Pois bem: então para que V. não dá o apreço que merecem estas prendas, e se vae metter no lupanar d'aquella negrinha devassa, corrupta, immoral, que nem as familias mais honestas que moram na visinhança respeita, a todos insultando, proferindo de continuo palavradas, e praticando actos que a decencia manda calar?...

—Sr. capitão, por quem è.

—.... V. não consente até que ella passando por sua casa insulte sua familia?!

—Capitão, isso não é verdade?

—Porém não é verdade tambem que V. se apresenta com ella em Itapagipe, Nazareth, Itaparica, e em toda a parte, e que frequenta com *constancia* a rua que se *varre*, onde mora esta négrinha morrinhenta?

—Sr. capitão, não me envergonhe, que eu prometto emendar-me dos meus antigos costumes.

—Então bem: por agora nada mais direi, confio no que V. me promette, espero que não continuará a envergonhar seus filhos, que merecem respeito e consideração pelo procedimento que tem, e pela posição que occupam na sociedade.

Si me constar porém, que V. não retrocede da carreira que tem seguido, lhe mandarei pegar, e na infermaria d'este navio lhe farei applicar um vesicatorio na nuca, para tomar juizo.

—Sr. capitão, hei de cumprir o promettido.

—Sim, senhor, assim o espero, e si quizer distrahir-se, escolha melhor qualidade de gente para lhe servir de *serva*.

A PEDIDO.

O Sr. Faustino, dá primeira vista é um homem de ouro, mas tocando-se-lhe o dedo é cobre.

Quei a Vm. pagar o cordão de ouro que mandou fazer para sua Mariquinhas canastra, pois hontem ouviu-se um grito da Praça ao Cruzeiro, e era o ourives que em altas vozes lh'o pedia.

E' conselho de amigo, pois pode o homem virar a cabeça, metter o dedo na boca, e por a lingua de fóra.

Assim como não é bom fallar da vida alheia,

Pede-se aos Srs. *Aguia* do *ar* e *Pinto* de *Leite* o favor de não andarem deturpando uma consa seria de que são adversarios, o primeiro mettendo-se na espelunca de certo hypocrita para açular infamias e rapinagens, em vez de cuidar de sua louça, e o segundo se querendo encarregar de levar a Europa certa honesta Senhora que soube dignamente repellil-o, para arranjar um casamento com um de seus filhotes,

Previne-se aos mesmos que não continuem, sob pena de ser-lhes publicada a medonha chronica.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 8 DE ABRIL DE 1864. N.º 45

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de abril de 1864.

Officio á Camara municipal, pela SEGUNDA VEZ, para que mande o Sr Dr. Navarro, dono dos sobrados em que moram Domingos Vaz de Carvalho e uma professora particular, á rua dos Capitães, concertar os canos das referidas cazas, que desaguam para rua, pondo em risco a saúde publica e tanto que *está toda visinhança atacada de febre*, sendo muito notavel que a Illma. até hoje se não tem dado ao trabalho de accudir aos reclamos da imprensa já que não tem empregados que lhe partecipem quando se fazem precisas suas tardias e constrangidas providencias.

—Ao Sr. commandante das armas, fazendo-lhe notar o estado de indisciplina completa que lavra pelos corpos da guarnição, dando logar á continuas reclamações das folhas diarias e chegando a ponto de serem cutilados barbaramente um guarda de policia e um dito de cavallaria, que provocando ao primeiro deu logar á questão que teve como resultado o espancamento mutuo e brutal de ambos; além de muitos outros factos, entre os quaes o publicado no *Jornal* de hoje 8 do corrente em que ainda um guarda provocou uma porção de carujos, coisa que diariamente se dá, porisque é sempre a tropa quem provoca guardas de policia, e até a inermes e pacificos paizanos.

—Ao Sr. Subdelegado da Sé, participando-lhe que na casa de Joanna Palmeque, em cuja visinhança se acha s[illegible] S. S., houve um destes dias desordem do samba, acompanhado de fortes [illegible] e estrondosos gritos, que duraram até 2 horas da madrugada; o que é inconsentaneo que se reproduza, como melhor deve S. S. saber.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá ao principio da ladeira dos Gatos, nas casas do Sr. Conego Brandão, afim de presenciar o lastimoso espectaculo que apresenta o pateo das mesmas, inundado, na altura talvez de dous palmos, de materias fecaes, que lhe lançam os moradores das referidas casas, e cujo insuportavel fetido muito tem incommodado aos moradores da rua Direita da Misericordia.—O que cumpra.

— Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a rua d'Alegria lá para S. Pedro e veja os meninorios, filhos d'um professor de dezenho, Sales, que por alli moram, os quaes vivem com anzões a pescar pelos peus de quem passa, a romper-lhe a roupa, e a dar encapellações, jogadadas, sahir á rua com capote e [illegible] esmolas afim de agarral-os e levar-os ao pae, para que dê as providencias que cumpra.

—Que diabo de pezeta é aquella?

— E' brutalhos; é um cigarrinho desfaçado que ninguem sabe a que veio; tem grande chronica nos annaes das trampolinas. Hei de escrever a um meu compadre e inhambupe, que me dará circumstanciadas noticias que a V. Ex. transmittirei em tempo.

—Deixal-o passar.

Ecce homo...

—Que diabrura foi aquella na rua dos Ossos?

— Foi o diabo que sahiu nú em pelle a ensinar sua casa.

—Pois a casa delle é na rua?

—Pelo contrario, nunca de casa sahia, estava encerrado nas suas forjas; bolira com elle, ahi está a amostra do panno.

—Mas que fez elle então?

—Espancou a irman, que lá se foi refugiar naquella *cachoeira* santa.

—Está dito! Nesta terra não ha santo que regule, nem ainda o *Fructoso!*

Ó Deus, abri os olhos da policia!

—Vm.ce que é empregado na companhia do Gaz, diga-me uma cousa.

—You pode dize, capitão

—Disseram-me que as *subscripções* foram feitas para as familias das victimas da parede do *gazometro*.....

—Yes; master.

—.... e que a *commissão encarregada* de distribuir o dinheiro, *fez escolha*, desacreditando um pae defamilia, e guardando o *grosso da subscripção* para deposital-o n'um estabelecimento bancario a fim de *usufruirem-no as irmãs de charidade*!!....

—I know not, master.

—De sorte que as taes papudas, pansudas do diabo, tambem são victimas da parede do gazometro!

A culpa porém não n'a tem ellas! A culpa é desta Latronopolis safada, desta miserrima cidade, verdadeira espelunca de ladrões!

Ao depois querem passar por honrados e andam se envenenando!... Hediondos hypocritas!.....

—Mim non intende desse, capitão.

—Perdôe o incommodo, mestre. Boas noites.

—*Good night, my friend.*

—Guarda-marinha, nada fazes!

—Que mais quer, capitão!

—Não me trazes os tratantes!

—Aqui esta um; é o gallego da cara chata, negociante de farinha na Rocha de Santa Barbara.

—Charissimo, que ladroeira é uma de que o accusam?

—Ignoro, capitão.

—Pois V. não comeste certo dinheiro de uma tua parenta, que deixou o pae da moça, quando ausentou-se, fazendo de ti gente? Não sei que comeste tambem o dinheiro do irmão da moça? E que por veres-te atrapalhado, tiveste agora o desaforo de escrever para tua terra, disendo que levaras para tua casa a moça, por combinação do irmão e da madrinha? Pois não sei que passaste tambem a folha na menina? Eim, tratante?

—Pe dão, capitão!..

—Rapazeada, amarrem este potife no rodizio da proa, e 200 calabrotadas por dia, até que se resolva a dar o dinheiro que o pae mendou dar aos filhos.

—Guarda-marinha, que barulho é aquelle?

—Um duello, capitão, é um tenente e um sargento da *policia* de Latronopolis, que jogaram o soco no Cabeça.

—E qual é a razão?

O tenente namora uma bella dama que mora em cima do quarenta portinholas. O sargento costumava passar por alli o olhar com ternos olhos a gentil deidade. Esta para dar uma prova de fidelidade ao seu amante, queixa-se a seu amante da audacia do atrevido militar. Enfurecido o *bravo* tenente lança mão do *catatau*, e sahe em busca do pretendido rival, no qual vae encontrar naquella venda. E sem mais preambulos diz-lhe, patife! tratante! não conheces teu logar? não sabes a differença que ha de um tenente para um sargento? Não sabes que naquella casa so eu é que seu teu superior? não deviãs levantar os olhos para alli, infame!

O sargento que não è de graças e que julga ter seus direitos arripiou-se, e la estão a se esmurrarem como dous inglezes.

—Estes militares são das Arabias. Si fosse em *França* sob o governo de *Luiz* Napoleão, isto andaria melhor.

—Que patife é aquell?

—E' o *moço velho* da Barroquinha.

—E o que esta elle fazendo?

—Indagando da vida alheia a ponto de não poder-se fallar cousa alguma em que elle não tome parte: leva das 9 horas em diante a assumptar tudo que se faz

—Pois diga-lhe que si continuar, será conduzido ao porão deste navio, a requerimento dos offendidos, donde so sahirá no dia de S. *Conrado*.

—*Olé*, meu *Gurio* das moças, onde viu V. cax ça de ciboré? vai tombando com o balanço do navio, ou é força da cannihha?

—Arrebeca pesada, capitão.....

—E a insultar familias, de cujos membros recebe V. esmolas!

—Capitão, a cabeça é o diabo.

—O diabo é um safado que falla no Peso do Pinno, Santa Barbara e Caes Dourado, e se ignora de que não conhece

foi achado dentro d'um [illegible]

O diabo é um [illegible] que tambem ignora quem seja [illegible] tive de criada em certa casa [illegible] Saúde, onde levou [illegible]

O diabo é um [illegible] pae de familia que não cuidando de suas obrigações, insulta sua mulher e filhas a ponto de querer o filho ensinal-o a viver, castigando nos que cream.

O diabo é um ladrão que servindo de depositario dos bens de certa testada, metteu-os no peito, roubando os filhinhos e dando com os ossos na casa de cachorro.

O diabo é um miseravel que serviu de *testa de ferro* do *Justiceiro*, e depois do *Interesse Publico*, pela ridicula quantia de 15$ rs. mensaes.

O diabo é....

—Capitão não dê perolas a porcos, nem palhas a besta.

—E acho justo; este bebado não merece resposta. Si fosse susceptivel de errubar-se, mandava pela segunda vez o muxingueiro metter-lhe o relho na cara.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 8 DE ABRIL DE 1864. AS 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA SEMANAL.

CAMBIOS

Sobre «Tratantopolis» ao par.
Sobre «Relapsorum-forum» ominal.

SAQUES.

Tem havido alguns de certo negociante de *diamantes brutos* sobre uma casa de certo *negociante de joias* da Ilha Infamorum portus.

ESTABELECIMENTOS DE CREDITO.

Banco do *Forum*.—Grande actividade depois das festas da Paschoa. So recebe, não dá. Attenta a necessidade que ha de numerario, as *acções* deste estabelecimento baixaram ao par.

Caixa da *Municipalidade*.—Paralysada. Este estabelecimento tem cahido em descredito no conceito publico. A eleição da nova directoria em setembro, é que pode salvar, si seus accionistas [illegible] de seus interesses. Porém opinião é que tudo ficará no [illegible]

MOVIMENTO DO M[illegible]

O commercio de Latronopolis tem estado em effervescencia.

Arrufos e descontentamento.—Os funccionarios publicos tratam de encommendar uma companhia, que será exclusivamente dada a importação destes generos

ram-se à algumas compras para exercito.

to.—Abundancia. Tem-se exportado grandes carregamentos para a ilha da *Presidencia*.

Desinteresse.—Nullo.

Especulação.—A que existia no mercado foi arrematada pela empreza dramatica do theatro de Latronopolis, para commodo do publico que frequenta a platéa. Diz-se porém que a empreza não poderá com tamanhos gastos pretende augmentar o preço dos assentos, apezar de *tel-os diminuido* (os assentos).

Innocencia.—Abundancia. Mas ninguem se quer comprar com receio das falsificações. A cada canto encontra-se um homem à maneira dos que andam de realejo ás costas, apregoando a *sua* como verdadeira. Para a questão *Passos*, por exemplo, precisa-se de uma partida de boa qualidade, mas ainda não se poude encontrar quem a tenha verdadeira.

Mexericos e canduras.—O carregamento do brigue *Garcez* entrado a 19 de março foi consignado por agencia do correctur *Gosto de Sá* na praça *d'Assembléa*.

Probidade.—Alguns negociantes que a possuem exportaram-na para *Tratantopolis* onde esperavam obter alto preço; porém consta que chegou áquelle porto avariada pela mudança de clima.

EMBARCAÇÕES DESPACHADAS.

Escuna *Margarida Carvalha*, para J. Ribeiro Brandão 1,000 alqueires farinha, 400 saccas farello, 1 fardo atrevimento; o conego dos *Ciris*, ornamentos para igreja, 2 embrulhos devassidões; *A. A. C.*, diversos instrumentos de muzica para a clave de *fá*, 1 baixo *bufo*, 10 feixes cacetadas.

—

DESCARREGAM HOJE:

Charrua *Philippa*, oracões, bentinhos, *sirgalices*, *desgostos*, (de encommenda para familias).

Sumaca *Carolina Locouce*, figuras de pau para candomblés.

Barca *Maria Doufona*, idem, idem.

A PEDIDO.

Não se lembra do tempo em andava a pé? Pois [illegible] anda á ...;

V. tão rica e tão formose, anda na janella a criticar de todos!

Não se lembra daquellas viagens que V. dava para a casinha da saias a ...?

No largo do Barbalho!....
Aquelle alfaiate!....
V. apagando a luz!....
E' triste, ainda Marias de S. Pedro!
Mas quem!....
Bravo, bravo, bravo, Sr. David!

Pede-se no guarda-marinha pedestre Guilherme o favor de ir á rua d'Ajuda, prevenir ao marcineiro Tacão que se deixe de fallar da vida alheia, e de continuar com suas alicantinas e trapaceiras, pois pode lhe custar caro, como já uma vez lhe succedeu com o caixeiro do senhor das bolachas, que.....

certo in[illegible]

Attenção, attenção, muita attenção.

Previne-se á [illegible] ausente que de sua *intelligencia* fez [illegible] para extorquir á um pobre e infeliz [illegible] quantia de 1:000$ escalando as grades da cadeia do Barbalho onde jazia o infeliz, a quem se obrigou a defender pela imprensa—que não sendo José Balsamo ou Cagliostro, mas sim o principal chefe da companhia do olho vivo, o mais refinado velhaco e tratante que o mundo cobre, vá sem perda de tempo e antes de partir restituir á victima a quantia roubada; do contrario será seu *honrado* nome aqui publicado em letras grandes.

ANNUNCIO.

Dá-se o premio de 43 *inscripções da divida do governo portuguez*, a quem prender dous gallegos, que andam pelo commercio de Latronopolis, sendo o primeiro um vendedor de pratos e copos, devasso insigne do Rio Vermelho, que matou em certo tempo um seu irmão, e que hoje occupa-se da vida alheia, e o segundo o maior traficante desta terra, um negreiro de nota, moedeiro-falso de *gorra e capello*, muito conhecido pelos enormes tamancos com que aqui aportou.

O compadre do Barão.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 13 DE ABRIL DE 1864. N.º 46

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de abril de 1864.

Officio ao subdelegado de Sant'Anna, para que mande intimar a moradora da loja do sobrado n. 5 ao largo de Nazareth para o fim de quando sair, não deixar seus filhos entregues a si mesmos, visto o maior ser de edade de 8 annos, afim de evitar que elles na sua ausencia que é sempre prolongada por oito e mais dias, façam os disturbios que costumam, so faltando deitar fogo na casa, com o que não so incommodam a visinhança, como arriscam ao proprietario a ver-se livre do sobrado, sob pena de ser conduzida ao batalhão da mata-cobra.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande chamar à sua presença os moradores das casas em frente ao pateo do convento do Desterro, e faça-lhes minuciosas indagações afim de descobrir os auctores das pedradas que se lançam dos quintaes das ditas casas por sobre os telhados das propriedades do Sr. Domingos da Silva Pereira, indo bater as casas fronteiras do Sr. Dr. Eloy José Jorge, quebrando as vidraças e os caixilhos, e penetrando no interior, a ponto de offenderem a uma creança que dormia, como succedeu no dia 28 do passado.

—Ao mesmo, para que mande quanto antes chamar á sua presença certo empregado publico, morador n'uma rua de prata, afim de conhecer do estado lastimoso de uma sua escrava, pelo mesmo mandada castigar no dia 26 do passado, com tal deshumanidade que chegaram a atirar-lhe pedras ao telhado, a vista dos gemidos ja desfallecidos da pobre Suzana, victima de tao hediondo castigo pelo simples facto de ser pelo seu senhor encontrada a conversar com um que passava.

—Ao Sr. subdelegado do 2.º districto de Santo Antonio, para que tome sob sua vi-

gilancia a um Libanio, bem conhecido, morador á Cruz do Cosme, afim de que não continúe seu emprego de curandeiro, tirador de diabos e outras cousinhas... que a moral manda que cale, visto que o tal curandeiro, ha tempos, mandou para a eternidade a uma misera mãi de familia, como dizem, depois de extorquir da infeliz 800$, valor d'uma escrava que se vendeu; sendo medianeira dessa tratantice Josefa de tal, moradora ao Pilar, uma das dignas sacerdotisas do templo do grau-sacerdote.

—Que gaiato moço è aquelle que andou na Allemanha, Belgica, Russia, Súecia e Noruega, Dinamarca; que visitou os aridos desertos da Lybia; que foi á India, à Cochinchina, ao Japão, a Nova Galles, à Cymbebasia, a Madagascar, a Socotora, ao Haity, aos Estados-Unidos, á Venezuela, ao Equador, á Colombia; que percurreu emfim todas as cinco partes do mundo, da Inglaterra à Russia, do Caucaso ao Japão, da Patagonia á America Russa, do Cabo da Boa Esperança a Marrocos, do diabo ao inferno, e que esta finalmente em Latrunopolis com honra de deputado?

—É um talento rôxo, é um *tacão*, digo catão dos tempos modernos, politico que se não define, *liberal* que sustenta a *escravatura*, christão que não poupa aos mortos...

—Ah! sim! Si eu podesse decifrar-lhe o sexo chamava-o *Mariana*, composto de Maria e Anna, que tantos bens trouxeram ao mundo.....

—Pelo contrario, capitão; é *macho* e tão *macho* que dando couces em tudo que os outros produzem, ainda nada produziu; nem um so filho deu ainda a luz.

—Então, mande-o cavar diamantes no sertão, ou plantar pés de burro no... no... no diabo que o poz.

—Adeus camarada.

—Adeus, Sr. capitão, como tem passado S. Ex?

—Bem, e V. meu diabo coixo por onde tem andado?

—Por este mundo de Deus capitão, fui dar um passeio para ver si melhorava de sorte e si ficava bom das pernas, ai! ui! meu capitão, o Conde é tão bom!

—O que, V. já é conde?

—Não, V. Ex. não comprehendeu o que eu disse, não sou conde mais estive no Conde.

—Já sei, ja sei, V. lá era um grande.

—Qual meu capitão! passava pobremente.

—Ora diga V. para que ha de ser mentiroso e safado, pensa que não sei o que V. fazia e dizia por là?

—Eu, meo capitão! até era muito recatado e com poucas pessoas me dava; só tratava de meu negocio.

—Descarado! Côxo de uma figa, pensas que minha policia não anda por todas estas villas, meu côxo safado? então ja te esqueceste que dizias ter sido um dos primeiros negociantes da praça da Bahia? que largaste o commercio porque não querias negociar n'uma terra de caloteiros, sendo tu o primeiro a apregoar banca-rota? heim, miseravel?

—Sr. capitão, V. Ex. veja que isto é uma calumnia, eu tal não disse.

—Miseravel, tu não és o primeiro a querer pagar com ingratidão áquelle moço que te deu a mão para tu ires negociar no Conde, mandando-te sempre fazendas para tu abortares grandezas e viver com parte de rico, e depois da chegada do teu protector brigar com elle?

—Sr. capitão, por quem é... poupe-me, tenha piedade do pobre côxo, por santo Izidro.

—Ah! tratante, não me enganas. Maxinguciro, ja que se passou o sabbado d'alleluia,

uma bala de trinta e seis ao pescoço deste tratante e atirem-no ao mar.

—Mizericordia, Sr. capitão, quebre-me antes a outra perna, porque andarei de moletas.

—De moletas, meu safado, ja andam ha muito tuas algibeiras, porém tua prosapia e gabolice ainda quer andar a galope. Muxingueiro cumpra as ordens.

—Mi..ze..ricordia! Sr. capitão,pelo amor de Deus!

—Cale-se tratante.

—Padre, que ataque é este?

—E' que eu pensava que era este Sr. um *sabido* que me devia e se estava fazendo francez.

—No meio da rua! nestes termos! um padre!

—Mas ha muito que não o via.

—Mas tome sentido nos seus devedores para não attacar assim os que passam.

Do contrario, Sr. coadjutor do Pilar.... pode soffrer algum desacato.

—Sr. Buxa, tome geito.

Ha de andar V. sempre mettido em tratadas, e coisas desairosas!

—Fui receber meu dinheiro.

—Mas d'aquella maneira? gritando na porta da senhora, como negra de quitanda? E, depois, que dinheiro ? V. já não tinha recebido 10$ rs. da escriptura? Como queria mais cinco?

—Capitão, deixe-me em paz.

—Tome geito, homem de Deus!

—Sr. vigario, então assim que morre uma pessoa, vae logo a incommendação, sem dar logar aos arranjosdomesticos, não? Porque fez isto com o pobre Hygino?

—Hoje tudo anda a vapor; é progresso, capitão.

—Mas V. Revm. que tambem é chefe de familia, e a tem na freguezia menor da capital, a dos cotovellos, deve ter certas considerações.

—Mais para diante.

—Que esforçado athleta, que *guerreiro* denodado, que campeão é aquelle dos sertões, a pugnar pela liberdade, novo *Catão* nesta epocha de descrença, scepticismo e indifferença?!

—Ah ! ah ! ah !... Isto é rico!

E' um pobre *jesuita*. Pois não deu-lhe na cabeça defender as irmãs de caridade, os padres lazaristas, elevando-os aos cornos da lua !

—E' ingenuidade do moço: faça justiça a seu caracter, que é liberal sincero.

—Sincero é V. Ex.; ao seu caracter é que eu faço justiça.

O Junqueira, que é do mesmo *Triangulo* defendeu no Rio aos jesuitas e na Bahia responde-lhe o echo.

Os meninos não dormem, capitão; quem à boa arvore se chega, boa sombra o cobre. Veja si me intende...,

—Eu não; tenho muita fé na geração que começa.

—*Coronel* que noticias traz?

—Nenhuma d'importancia; vim d'alfandega, onde, além do costumado vi dous empregados publicos a brigarem.

—E não houve repressão?

—Eram dous gatos, capitão; chamo-os empregados publicos porque percebem ordenado; ganham quatro vintens por dia, e estão tão *gordos* que atè tem medo dos ratos com quem brigam.

—Ora viva! Quanto à *gordura*..... é porque recebem a ração em dinheiro.

Que noticias dá da Misericordia?

—Mudaram se as recolhidas.

—Disso sei eu.

—Aposentaram um medico.

—Tambem sei, e vão até tirar-lhe o retrato!

—E que acha, capitão?

—Acho bom; é preciso gastar o dinheiro antes que crie bolor.

—Ha dinheiro para tudo, menos para as recolhidas, que foi o pensamento capital da instituição; querem deital-as para fora, desafiando a cobiça, a magatagem e a prostituição com 300$! Todo o dinheiro é pouco para as irmãs de caridade! Isto tem termo, capitão?

—Ha o direito de petição; o povo não quer delle usar, acostuma-se a ver com indifferença quanta tratada ha, que quer que lhe faça?

—Ai do dia da desesperação, capitão!...

—Ai dos que zombam do povo, *coronel*!..

—Vou á assemblea, capitão.

—Acho bom e gosto disso.

A PEDIDO.

Attenção, attenção, muita attenção.

Como nesta terra e nesta epocha, em que não se escolhem os individuos para os empregos e sim os empregos para os individuos que *meandrando* como o vento, e tudo prostituindo aos pés do poder, querem passar por cousas, quando todos lhe lêem na face miseravel o stygma de ladrão, superior a Vidocq:—previne-se a um destes que se não retire desta terra, sem entregar ao tenente coronel Bellas a a quantia de 4:000$ que lh'os roubou, infamando um nome illustre, quando escalou as grades da cadeia do Barbalho; e isto antes que se lhe publique o nome para ser conhecido o rei dos gazueiros e sabendo o publico qual o caracter do canálha, em cujas mãos cahiu uma *pomba*.

Pede-se a um certo yoyo, gordo e pansudo, e que mora n'um alto sobrado, rico, proprietario e filho d'alguma *ferragem*, que se não esqueça d'uns certos cobres para capim de seu cavallo e para cadeira de mesa!—nove mil e tantos reis, que tomou ha dous annos quasi; certificando-se de que nem todos são *seraphim* e pode succeder que seja publicado seu nome, pois nem tanta recarcação em velhacadas.

F. A. V. J.

Dá-se um *sobrado com toda sua rica mobilia, no valor de 60 contos de reis* a quem descubrir um escrivão que demora certos papeis d'uma causa de que é adversario, mostrando-se nimiamente ingrato com aquelle que lhe serviu de pae, dando-lhe um cartorio de importancia que foi pela vibora convertido em tenebroso antro de immunda harpya, ou melhor, em sordido covil de ladroeiras.

O Babão.

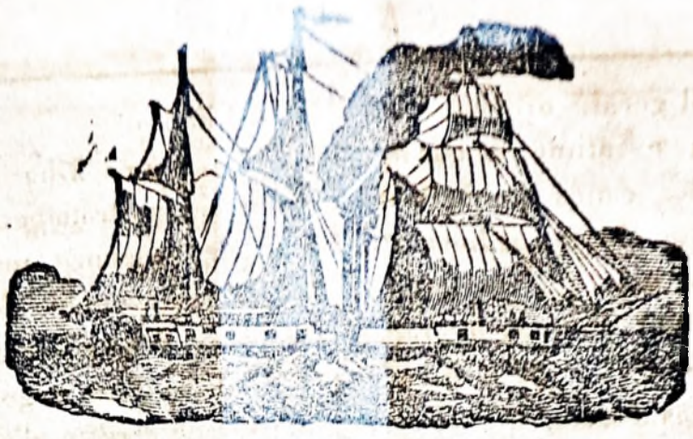
Pede-se ao guarda-marinha que vá ao terceiro andar de um sobrado á rua Direita de Palacio, onde moram duas costureiras, uma delles a senhora do botequim, e queira compor ao porão do *Alabama* o celebre *Cara-Lama*, para fazer-lhe amputação nos callos que tem nos cotovellos e no assento, e o muxingueiro tirar-lhe das costas a grande carga de preguiça que traz, com o infallivel remedio de suas fricções.

Por Santo Hygino

Pede-se ao sujeito que sabbado á noite empalmou em uma casa, de cima de uma meza, trez mil reis, por *brincadeira*, vá os restituir si não quer ver seu nome nas gazetas. Depois não diga que é graça de algum pedreiro.

Elle mesmo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 5.ª BAHIA 14 DE ABRIL DE 1864. N.º 47

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de abril de 1864.

Officio ao Sr. commandante das armas, para que mande informar o Sr. official da guarda do commercio d'hontem 12 do corrente sobre um espancamento que soffreu um guarda das mãos d'um africano, a quem o official se negou a prender, quando lhe foi elle apresentado por dous officiaes da guarda nacional, prisão que só effectuou á reclamação dos mesmos, de um seu collega e do Sr. subdelegado da Penha, que lhe extranharam o procedimento pouco honroso para um militar que via ser brutalmente vilipendiada a farda brasileira, no meio das gargalhadas e dicterios dos insultantes gallegos que presenciavam a scena.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, participando-lhe que no largo da Saude costumam certas ganhadeiras assar peixe, dando logar a que lh'o vão comprar alguns capadocios que o *petiscam* no adro da egreja, ao som de pálavradas, modinhas e toques de violão, no enthusiastico fervor de brindes immoraes; abuso que admira que a policia ignore-o até hoje.

—Ao Sr. subdelegado de Santo Antonio, afim de indagar quaes são as familias, por cujo intermedio foram raptadas na noite de Sexta Feira da Paixão duas moças que residiam em casa de sua mestra, á rua dos Marchantes, das quaes era uma de menor edade; e dar as providencias, para que sejam punidos os criminosos.

—Ao 4.º juiz de paz da Sé, pedindo-lhe que não consinta a continuação de sambas e gritarias que todos os domingos ha por baixo da casa de sua residencia, occasionados por innumeros negros, que fazem dalli um grande terreiro, em que exercitam suas costumadas bruxarias.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá ao Gravatá e intime ao encarregado da limpeza dos canos publicos que não continúe a deixar abertas as boccas de lobo, naquelle sitio, pois que no sabbado á noute iam tendo logar algumas desgraças, mettendo diversas pessoas o pé e o corpo naquellas devoradoras fauces, que as recebiam até os braços. O que depois participará Vm. a Illma. camara, que intende dever levar a mangar com o povo desta pacifica terra, em troca da confiança com que brindou uma porção de maganos que o viviam a adular miseravelmente. Cumpra.

—Capitão, alli vae a barca *Pinto dos Mares*; chame-a á falla, que vae de vento em pôpa para Tratantopolis.

—Ora! queria poupar aquelle *bixo* por certas considerações; mas ahi estão as gazetas a deturpar o nome de certos caracteres, e não ha remedio sinão chamal-o a contas.

Que bandeira leva aquelle pirata?

—A portugueza.

—Não pode ser; aquillo nunca teve patria; vae sem duvida á ilha do Ouro á conquista do deus dos judeus.

Chame-o á falla.

—Para onde segue?

—Para meu destino.

—Que destino tem?

—Amontoar dinheiro.

—Que carga leva?

—Não reconheço autoridade no Sr. para fazer-me perguntas.

—Está bom; camaradas, visitem essa cafurna e façam o inventario do que achar.

—Capitão, leva um cunhado roceiro e uma irmã cosinheira.

—Isto não é carga; adiante!

—Elles mesmos dizem que são massa bruta, que para nada tem prestimo.

—Adiante!

—Leva uma filha e um genro; a filha a morrer, maltratada por se ter casado com brasileiro; o genro, marido desta, acabrunhado, perseguido, demittido até de seu caixeiro, pelo grande crime de casar-se com a filha d'um negociante de joias, d'um maroto de *credito*, d'um barão de tratadas, d'um *fidalgo jesuita*, d'um experto hypocrita, d'um habitante de Latronopolis, onde *exerceu honrosos cargos* no commercio.

—E a dar-lhe! gente não é carga.

—E' côco; leva tambem um casacudo, coberto de ouro e prata, e mais dous parentes agarrados ao testamento d'um velho demente, e um delles embolsando avido e furioso um inventario de milhões.

—Adiante.

—Leva um fardo de egoismo, de hypocrisia e desaforos contra os brasileiros, em cuja terra enriqueceu, sem herdar, nem tirar sortes.

—Adiante.

—Leva 45 contos em inscripções da divida do governo portuguez; leva um conto de réis a cada um de seus filhotes; 500 bicos aos filhotinhos; leva uma rica mobilia; leva uma excellente casa....

—Tem então honras d'elephante?

—E parece capitão; aquelle dorso, aquella estatura elevada, aquella tromba, aquelle ar meditabundo, aquelle andar pausado denunciam alguma cousa.

(Continúa).

—Capitão, poriça qui fazê qui nau manda prendê esse malandeu turo qui vende esse cousa qui cende luz, qui aibò chama fosco, qui tà grita ni rua, trapaiando ouvido de anani?

—E' um meio licito de vida; e depois são homens velhos que para a tropa não servem.

—Mai ta fazê menino grita corcunda ni vintem quondo ere tá merca fosco ni dereis.

—Mas, preto, elles mercam a dez réis e só vendem vintens.

—Ah! capitão! iô bem dize, ere turo som ladrom, olê turo; poriça deve pega ni ere turo.

—Espera, rapaz; elles so vendem a vintem, porque não havendo troco de dez reis o menos que vendem são duas caixinhas.

—Mai, capitão, iô ja viu rapazinho; poriça deve pega ni ere.

—Ah! la para o diabo! Para o aljube, si ainda o houvesse, mandava-te eu!

—Tà denrêto; capitão qué fazê qui nem cumandante de árima qué reduzí gente livre nim captiveiro! Capitão ta nin ganamento.

—Por fallar nisto, ouvi dizer que existe uma parda clara escravisada por uma freira, sabe disto, *coronel*?

—Não; mas dou breve as informações a V. Ex.

—Poi capitão, toma sentiro, nan querê fazê cum sua cosinhero esse coisa que frera fazê cum muratinho; e si capitão qué, sipimenta boca de negro tà hi p'ra elle grita.

—Negro, olha o porão!

—Capitão, oia gazeta!

—Que está dizendo aquelle moço?

—Que insultou uma visinha; que mandou a ella offerecer chicote, e que por fim foi ao subdelegado da Rua do Paço e este a mandou prender em companhia de uma filha, à disposição daquelle bisborrea.

—É incrivel.

—Incrivel! Pois a mulher esteve presa tres dias, depois do que foi solta, a pedido de alguem, mas com acquiescencia *delle*.

—Quem lhe disse?

—Elle que está alli gritando.

—E' um bobo presumido. Pois o subdelegado ia fazer isso! Pois o subdelegado é doudo! O que admira é que haja quem acredite em gabolices desta ordem!

—Amigo claviculario, pare lá o seu cavallo.

—Temos cousa! O que é capitão?

—Vm. de cavallinho intendeu que só devera andar na cidade, de sorte que as freguezias de Maré, Passè, Matoim, Paripe, Itapoan, Cotegipe etc. etc. não lhe merecem as honras d'uma visita?! Será aquelle algum deserto d'Arabia? Algum pelago sorvedor? Visite, meu charo, quelles mares até hoje por Vm. não navegados; và ver o que fazem os fiscaes por detraz do Sr., fora das suas vistas; dê que fazer ao cavallo, não queira comparal-o ao Sr., não é bom que *elle* tanto coma, sem nada fazer.

—Olà! que orgia é aquella?

—Não é nada, são somente quatro mulheres de mà vida que andam com tres capadocios do arsenal de marinha a perturbar o silencio de quantos dormem pacificamente na rua da Preguiça.

—E não é alli que mora o subdelegado?

—E', mas elle não se incommoda por tão pouco.

—Pois partecipe-lhe este caso que se deu á 8 de abril, seriam duas da madrugada, a fim de avisar elle ás patrulhas para que velem em que se não repitam desses escandalos, e para que os vermelhos não tenham que dizer.

A PEDIDO.

Quem descobrir um camello, que renegou o breviario pela gazua, extorquindo de certa matriz as alfaias do culto divino,

depois de servir de testemunha falsa contra um honesto e respeitavel caracter; safado *formigão* que pertencendo a certa associação politica, introduziu-se na commissão de silencio, donde uma vez sahiu para fallar no *Outhor* do Evangelho; desmarcado estupido que abre hoje a boca, em apartes, contra o Regulamento Organico, sem nunca tel-o lido, e somente pelo que ouve dizer; quem o descobrir, digo, receberá em premio uma garrafa arrolhada em cujo seio se guardou, para não evaporar-se, a intelligencia de certo deputado sertanejo, que a vendeu, para comprar a vergonha que ha muito lhe fugiu das faces mascaradas, digo *fatacudas*.

O Vigario Caveira.

Roga-se ao Sr. *Maneca* ou *Caneca de Leite* o favor de não continuar a rir-se tanto, que é signal de tollo.

O Manezinho.

B Quem é aquelle melro de bico amassado, que costuma ir até o meio da rua do Hospicio?

E E' um namorado salprezo, não sei o nome, porém tem um bigode ruivo... cheio de enthusiasmo, mas esmurrado na ponta.

S Quem amassou foi um negociante por nome B. Que diz, de verdade? E elle que fez?.. Que fez; ainda depois andou pedindo para não seguir o corpo de delicto. Qual foi verdade?

T Não, duvido que aquelle!!.... tem cara para mais; pois diga a esse capadocio que não continúe a ir na dita rua, do contrario conte.....

A Com que; uma roda de chicote, mestra, e será conduzido ao rico porão do *Alabama*. La não vou, deixal-a com os diabos, safa! (*)

Pede-se a um ourives, campeão provocante da grei *vermelha*, *phosphoro* reconhecido, e corrido em tres freguezias, que não continue a chamar bebados a pessôas que puchando pelo testamento do finado Francisco dos Anjos podem ter direito ao mencionado campeão.

Um livre.

Previne-se a certo sujeito morador à rua Direita da Conceição do Boqueirão que os seus visinhos não estão promptos para ver a cor de suas ceroulas quando chega ás suas sacadas, principalmente sendo lojista e devendo por tanto ter um moaso para melhor se compor; assim como que previna a seus caixeiros que se deixem dos brinquedos que alli costumam expor ao publico, sob pena de serem publicados seus nomes.

Um incommodado.

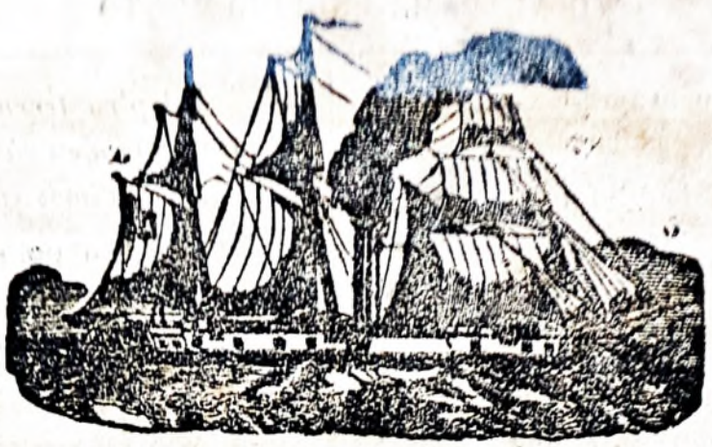
União e olho vivo
Nos darão renome e gloria,
Só na cadeia esta suci
A cacete e palmatoria!

Certo filho do Ca-*Brito*
Vae á Europa passeiar;
Mas deixa a quadrinha acima
Para quem quizer cantar

Boa viagem te leve,
Resto charo d'avós meus!
Grande saudade nos deixas,
Adeus, chara pinga, adeus!

(*) A' pedido do author vae intacta.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E. C.



O ALABAMA

SUPPLEMENTO.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

Petição feita ao capitão do «Alabama» ancorado em Latronopolis.

Licença, Sr. capitão
Para minha petição,
Si aqui me vê abordar
E' só para me queixar,
Do tratante mais atôa,
Que nos veio de Lisboa;
Do mais infame ladrão
Vergonha da geração

Sinto vir incommodal-o
E do tal besta fallar
Mas, preciso ser vingado
D'um bruto tão descarado;
Attenda Vossa Senhoria,
Por sua alta bizarria,
Para o *retrato* que faço
D'esse infame, vil devasso.

O supplicado, senhor,
Não serve.. .. nem p'ra tambor,
De tão immundo *lapuz*
Faço o signal da Cruz.
Veneno não é tão mau,
Como esse cara de pau
Que para ser bem tratado
Só amarrado e surrado.

Attenda, por tanto,
Meu requerimento,
E depois de ouvil-o,
Dê deferimento.

O bisborria de quem vou tratar
E' tão vil, tão infame e safado,
Q'n o mundo não pode encontrar-se
Quem lhe possa bem, ser egualado.

E' ladrão, miseravel piseta,
Immoral assassino, embusteiro;
Toda casta d'infamia fará
Para ter o seu Deus—o dinheiro.

Para isso obter tudo é meio
Nada ha que o faça corar!
Infeliz, que a sorte fadou
Sem vergonha e para roubar.

Si preciso for para obtel-o
Pela lama de rojo elle andar,
Não exita, la mesmo o *foucinho*
Esse porco vil vae enterrar.

De torpezas é um charco immundo,
Da moral é vil perseguidor,
A decencia p'ra elle é nada
Seu *contacto* infunde pavor.

Capitão basta attender-se
P'ra o facto, que vou contar,

E veja si ha quem possa
Ao infame tregoas dar,

Quando o tio daqui foi
Nas Europias se tratar,
Dous filhos, q'aqui teve,
A' elle foi entregar.

E disse:—« eu te encarrego
«Dos filhos que reconheço,
«Para que á elles faças
«Aquillo q'eu te mereço.

«O que á elles tu fizeres
«Não será tempo perdido,
«Pelo contrario, eu serei
«Sempre mui reconhecido.

«De lá eu lhes mandarei,
«Si a sorte me ajudar,
«Em qualquer occasião
«O q'eu poder ajuntar.

«Ao rapaz, que é teu primo,
«Dá decente occupação,
«Com a *menina* te rogo
«Tenhas toda precaução.

«Em favor della emprega
«Tua força e valimento,
«Com qualquer rapaz honesto
«Arranja-lhe um casamento.

«Prostituir-se não deixes,
«Q' isto vergonha seria,
«De mim e ti seu parente
«O mundo o que não diria?

—*Meu tio*, disse o casmurro:
Juro os penhores guardari
E probar-lhe a todo tempo
Que bem o sei respeitari.

—*Por* S. *Cosme e Damião*
Bá certo, q'è s'eu não morreri
Aos seus filhos e meus primos
Sempre heide defenderi

Torna o velho—« vê que a mãi
« A caza não vá vender,
« Que será d'elles, dous pobres,
« Se primeiro ella morrer

Descance, Sr. diz o bruto;
—*Bá p'ra terra sem cuidado*
Bá certa q'eu cá fico
—*Dos primos encarregado*

E o pobre tio
Foi seu caminho
Deixando os filhos
Sós, com o sobrinho

. . . . . .
. . . . . .

Mas crê, capitão, que a jura
O imbusteiro a cumpriu?
Engano, houve demora
Em quanto o vapor sahiu.

Damnado, só esperava
Ver o tio as costas dar,
Para dos seus pobres primos
A desgraça começar.

Agarrou o rapazinho
Quiz fazel-o farinheiro,
Quiz depois.... mais adiante
Tornal-o um alcoviteiro.

O moço não sujeitou-se,
Da caza delle sahia
Isto bastou; desde então
Até hoje, o perseguiu!

Este era o seu desejo
Ver-se livre do rapaz,
E por isso elle esperava
Ou por nefas ou por fas.

Livre da carga do primo,
A prima moça agarrou;
E, passado pouco tempo,....
Não digo, que faz horror.

Entretanto, o pobre tio
Dinheiro aos filhos mandava,
Mas, o abutre sedento
Toda quantia empalmava.

Uma vez o velho mandou
Um conto p'ra repartir,
Donde sahir deveria
Roupa para os vestir.

Mas crê, capitão, que o cafre
O dinheiro aos primos deu?

Mentira, nenhum vintem
Nenhum delles recebeu!

Até mesmo a propria casa
Que a mãi por morte deixou,
Isso mesmo o bexigão
Tomal-a uma vez tenteou!

E pode causar reparo
Dizer que elle roubou?
Elle que o cobre engoliu
E a prima desbancou?

Capitão, eis ahi tem
O thema da petição,
Leia, despache, eu lhe peço
Por S. Pedro e S. João.

Me queixo, porque me anima,
Seu caracter justiceiro,
Por Deus, pelos Santos peço
Me agarre este *marinheiro*

Mas, como pode dizer-me:
—De quem falla? não conheço.
Os signaes desse gallego
Juntos aqui lh'o offereço.

—Tem a cabeça de zorra
Cara não tem, tem carão,
A boca, quando sorri,
E' propria a de um cação

De burro tem as orelhas,
O carão avermelhado,
Quem o vê crê que elle vive
Dia e noite emborrachado.

A lingua é o instrumento
Que conheço mais ferino;
Falla de tudo e de todos
Seja do mundo ou divino!

Voz estupida e rouquenha
De metal desafinado;
Eis aqui fica pintado
O chefe mor descarado.

E' este Sr. commandante
Meu tosco requerimento
Informe-se, e, depois disso,
Me dê seu deferimento.

Para esta petição
Eu lhe rogo bom despacho,
Que mande recolher preso
Esse *cabeça de tacho*

O nome não sei o certo
Qu'isto elle não afrocha
Mas em sacos vejo escripto
Xico—sobrinho da rocha.

DESPACHO.

Bem certo de quanto allega
Passo já á despachar
Como quer a san razão
E a justiça manda obrar

Pelo exposto bem se vê,
Que o réu é criminoso,
E que,—o continuar solto
E' negocio perigoso

E tambem da informação,
Que teve o guarda-mariuha
De pessoas fidedignas
No negocio de farinha.

Fica por isso provado
Que o labrego é ratoneiro,
Desses descaradões
Em arranjos de dinheiro

E, pelos seus precedentes
Que bem patentes estão,
Pelos quaes é conhecido
Na praça, como ladrão.

E tambem por outras queixas,
Que ha contra tal casmurro
Que em sciencia e acções
Leva a palma a qualquer burro.

Ordeno ao guarda mariuha,
Que junto com o muxingueiro
Vão á cidade de baixo
Prender esse *marinheiro*.

Que, preso, logo o amarrem
Sem mais consideração,
Que o conduzam para bordo
E o mettam no porão.

E si acaso riminar-se
Encostem-lhe logo a faca;

Podem lhe dar de chicote
Menos com pau, pedra ou faca.

E assim que conseguirem
Por o lapuz no porão,
Correm a casa, que habito
A' dar parte da prisão.

Porque immediatamente
Mando abrir o tribunal
E ser logo interrogado
De tudo até o final.

Para depois ser julgado
Em um conselho de guerra
E nelle ser condemnado
A' sarra, ou mudar de terra.

—Lê-se no *Sancho Pança* de 23 do corrente:

Ui... ui... quem me accode?
O que é isto menino?
E' *sinhô Gouveia* que anda mettendo medo a gente, papae.
Quem è esse *patife*, que Gouveia è este?
E' um *francez cor de porco* que os moleques chamam *Gouveia cravate*.

Eu já sei, conheço muito... è um tal que dizem forjou um testamento falso e que tem illudido a certo correspondente.

Papae, porque chamam elle *cravate*?

E' porque na *França*, julgo que esteve na gollilha.

Papae, gollilha *é commercio*?

Não, meu filho, é uma argola de ferro aonde se prendiam antigamente os homens.

E como elle diz, papae, que è negociante honrado?

E' porque na cidade de *Pipiripau* não ha policia para os velhacos tratantes, e ladrões.

Ui, ai,..... papae *ai*.... ahi vem elle.....

Elle quem menino?

O homem do *pescocinho*, que leva pela mão o bobo do sobrinho.

Que delles, para onde vão?

Vão para o Forum resolutos a metter o *Alabama* no fundo.

Coitados!... Um está demente... e o outro?... com vontade de fallar, porque levou trez mezes em *muda* na *gaiola* da assembléa provincial. Puf. puf. puf... fiau... fiau... fora bobos....

Que Alabama tem na barriga meu caro Sr. gravata?

Pipineiras de tres engenhos e o assucar constante de todas as safras, meu collega.

De menos isto Sr *pescocinho*, seu collega?!

E que duvida, não é V. S. como eu um *honrado* negociante desta cidade de Pipiripau?

Algum dia Sr. pescocinho Gouveia, lhe constou que eu falsificasse testamentos para poder *adquirir* o nome de *honrado* negociante?

Ora isto são caprichos da sorte....

Não meu *gravata*, são costumes de ladrão— é a falta de justiça e o *somnambulismo* da policia que consente que os ladrões façam parte da nossa sociedade moralisada, já ouvio Sr. *gravatinha*? basta de pipineiras pois já está no inverno da vida, encommende-se a Deus para satanax não tomar conta da sua alma, si é que a tem, e deixe-se de dar ao desfrute.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.ª

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO, E CHISTOSO.

SERIE 9.ª BAHIA 2 DE AGOSTO DE 1864. N.º 92

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, á rua da Misericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

O Sr. Gouveia, que tanto alardeava amigos e dinheiro, e que, no dia da brilhatura do Sr. Augusto França, dera, á noite, um *splendido soirée*, parece que não está muito contente.

Bem o diziamos ao Sr. Gouveia e a seus amigos:

« Deixem o jubilo para a occasião da victoria. »

Ja vê o Sr. Gouveia, que por mais que o digam, por mais que o pensasse, esta epocha não está ainda inteiramente pervertida; o seculo ainda não é o do ouro.

Ja vê o Sr. Augusto França que a magistratura do *nosso* paiz se rege pelo *nosso* codigo e não pelo *seu* Chassan.

Ja vê finalmente o publico que a lei teve mais um defensor, a moralidade mais um triumpho, a justiça mais um trophéu, e o Sr. Dr. Tosta mais um louro que se ajuntará á *coroa civica* que orna a fronte do integerrimo magistrado.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de agosto de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias sobre certos meninos diabolicos que por ahi andam, taes como o celebre João Cancio, o *Morcego*, e o das Bolachinhas que ainda hoje, por occasião da missa pela alma da Exm. baroneza de Cotegipe, estavam a provocar desordens com outros, especialmente com o *Camaleão*. Providencias que a S. S. se pede, para evitar a repetição de factos como o assassinato d'um *Boi* pelo menor José, em cujo tempo, a esforços da imprensa a quem prestou attenção a policia, deixaram de apparecer taes badernas e cessaram as gaiatadas.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que onde encontrar o Dr. Em B iços (é assim que elle se chama) o attraia para bordo deste navio com certos *bollos* (que ia o mesmo comer, quando ainda era vermelho, á caza do Sr. major Guimarães) da mesma maneira que o finado Zacharias impingia *bollas* aos famintos cães que viviam pelas ruas a atropellar os viandantes.

Chegado a este bordo, leia-lhe a resenha de certos factos notaveis, taes como um roubo em certa repartição de *rendas*, e o *rebulimento* d'um ordenado feito a duas pessoas, e pelos beiços o leve de ventas á cloaca para ver si torna a ficar *vermelho*, coisa que lhe não succede desde que perdeu a vergonha. Cumpra.

— Ao mesmo, ordenando-lhe que se dirija ao Asylo de S. Francisco e remetta para o exercito ou armada um rapaz que ahi se vae *abaletar* à noite, por não ter onde dormir, *geralmente conhecido* por Morcego, animal furioso que atira pedras, insulta a todos, dá pancadas em alguns, e tira, si puder, o sangue dos viandantes. Cumpra.

—Que lastima!.Mãe desnaturada! O menino á morrer!

E abafado! Dez horas da noite! Qual será tua sorte, infeliz?!

—Que foi, Sr.? Está com honras de Jeremias?

—Um pobre menino que alli está na O. T. de S. Francisco, mettido em uma boceta, e que parece ter hoje mesmo nascido!

—Alli onde está toda aquella gente? E por que o não recolhem?

—Quem è pae de todos? As authoridades que o remettem para as casas destinadas!

—Mas é que tanta gente alli não se lembrou de participar à authoridade!

—E si o menino morre?

—Nada mais simples; é porque não tem de viver.

—Capitão, a vida do vigario de Pirajá corre risco.

—Como?

—Na manhã do dia 22 do passado, lançaram em uma das janellas de sua casa um cartucho de polvora embalado.

—E o vigario tem inimigos?

—Os d'eleições; quanto ao mais é geralmente querido e estimado.

—Julgo que a policia deve providenciar a respeito.

—Ora esperemos.

—Mais uma descoberta do *olho-vivo*.

—E' *progressista*, deve caminhar. Diga o que foi.

—Deram em *fazer magicas*.

—*Magicos* sempre foram elles.

—Representaram, à rua do Bangala, em casa d'um Herculano corretor: appareceram diversos soldados do 10.°, provocaram desordens e elles aproveitando a occasião, procuravam os braços das senhoras e os colletes dos rapazes para biforem trancelins, pulseiras e relogios.

Foi um alarma estrondoso; gritos, cacetadas, vagados, senhoras a pular pelas janellas e o diabo a quatro!

—Quando foi isto?

—Sabbado, 30 de julho.

—A' que horas?

—Mais de onze da noite.

—E a policia?

Já tinha passado a hora do silencio; era tempo do homem descançar das fadigas do dia, e a policia, como V. Ex. sabe, se compõe de homens.

—E viva a patria, não?

—E o *progresso*, capitão!

—Capitão, ouvi hontem cantar-se a modinha—As Bahianas—e fiquei arrebatado!

—Quem lhe arrebatou, rapaz?

—A harmonia, capitão.

O Aragão, author da musica, que sabe sempre comprehender o sentimento do poeta, como que toma emprestada aos anjos, com quem se communica, essa melodia encantadora, essa maviosa harmonia que em torrentes espalha por sobre o seu Paraguassú e que inundam depois todo o Brasil enlevado e absorto.

—Olà, rapaz, modere o enthusiasmo!

—O poeta, o Tito Livio, a quem não quero elogiar, por que sou seu amigo, merece (quer que lh'o diga, capitão?) um beijo de cada bahiana pelos merecidos louvores que lhes deu.

—Si eram merecidos, não ha que agradecer.

—Capitão, olhe que hoje justiça é favor....

LA VAE VERSO.

Senhor, não me falle em *liga*
Que a *liga* ja se acabou!
O *Patriota* ja disse
Que o ministerio gorou.

A *liga* se derreteu,
Agora so ha *fusão*

De *tagas* fez-se *gravatas*
Para um certo ex-capitão.

Ora bravo, baravo!
Elle é *manjó!*
Como vem durinho
Do pescoço só!

Pa pa pa, pa pa pa,
Pa pa pa, pa pa pá,
Pescocinho me deixe,
Vá *bugiá*.

PARTE COMMERCIAL

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 1 DE AGOSTO A'S HORAS DA TARDE.

REVISTA DO MERCADO.

A semana que ora passamos em revista, foi fertil em transacções commerciaes.

Entrou o vapor do sul e trouxe uma partida de *embaraços eleitoraes* á consignação de diversos candidatos à proxima eleição; foram depositados no trapiche *Desprezo*, visto se acharem os consignatarios atrapalhados com uma partida de *sophisma*, que lhes chegou da ilha do *Arranjo*.

Em *desordens* a praça esteve animadissima.

Fallou-se na venda de uma partida vinda de *Larangeiras* na barca *Dias*, mas não se realisou. Consta que sera reexportada para a cidade dos *Pinheiros*.

O principal consummidor deste genero foi a tropa de linha.

Foram hontem arrematados, por conta do 10. regimento, na praca de *Sant'Anna* os carregamentos dos barcos *Brandão* e *Espirra Longe*. A policia tambem concorreu, mas não lhes poude levar vantagem.

Em *furtos* fez-se nesta semana importantes transacções.

A companhia do Olho vivo acaba de abrir um escriptorio de arrecadação em uma casa aos arcos da Nova Estrada.

E' destinado a *tomar* para guardar carregos de pretas moradoras nos suburbios, afim de *livral-as* que sejam victimas dos ladrões.

Foi impugnado por não satisfazer os direitos de importacão um fardo contendo *carteiras furtadas* que ia pela estrada de ferro à ordem do negociante Viegas.

—

MOVIMENTO DO MERCADO

Arrombamentos.—Veiu uma encommenda no barca *Xico-careca* procedente de *S. Raymundo* no valor de 4:000$ rs. que foi depositado no *cofre* do socio neto do Vencedor.

Supplica.—A barca *Humanação* trouxe alguns volumes, que foram promptamente comprados por alguns pretendentes ao suffragio popular, para distribuirem aos seus committentes.

Saques—Realisaram-se hoje alguns sobre S. Francisco, por conta da companhia do olho vivo.

—

MOVIMENTO DO PORTO.

Cidade das *Veronicas*—barcassa *Cosma e Damiana*, carga 10 volumes *crapula*, 2 caixas *orgias*, passageiros o Dr. Chanehan e uma concubina.

—

ANNUNCIO COMMERCIAL.

O alferes de *milicia cívica* TXeira, antigo caixeiro do commercio de Latronopolis, achando se desempregado, acaba de abrir uma agencia de *namoricar* no armazem de productos chimicos á praça de Palacio de mesma cidade.

Convida a quem se queira utilisar de seus prestimos o procure das 9 da manhã ás 4 da tarde.

A PEDIDO.

Para vereadores.

Os dissidentes liberaes:

Dr. José Luiz d'Almeida Couto.

Barão de M uim

—Capitão, eu como sei
Que tuda quer me castigar,
A bordo do seu navio
Venho ja praça sentar.

—Pois o *Alabama* que anda
Aos ladrões aramquinando
Ha de ter por tripolante
A quem fugiu de *Fernando?*

—Capitão, eu dou *balanços*.
—Isto é de sobra no mar.
—De espião posso servir,
Ou p'ra cloacas limpar.

—Acceito, meu miseravel,
Despresivel intrigante:
Farás limpeza com a lingua.....,
—Isto não, meu commandante!

Pela *Cruz* isto lhe peço;
—Muxingueiro, oh! muxingueiro!
Mette taca no *Gonçalves*,
Barro velho, alcoviteiro!

Pede-se ao Sr. Dr. juiz d'orphãos para ver as partilhas do finado João André que até o presente estão por fazer e o dinheiro dos orphãos não pode estar assim em avulso.

Um interessado.

Historia verdadeira.

Amigo *Cabaça n'agoa*,
Vou lhe contar uma historia
Succedida em 36
Si me não falha a memoria;

Em Latronopolis com praça,
Na 1. companhia
Do corpo municipal,
Um guapo rapaz havia.

O rapaz era faisca
E gostava de *brincar*;
Não podia estar contente
Se não tinha onde *pegar*.

Era primeiro sargento
Neste mesmo batalhão,
Um sujeito conhecido
Por Manuel Sebastião.

O sargento era guloso;
Era um *bruto* p'ra comer;
Chamou o rapaz *faisca*
P'ra o serviço *lhe fazer*.

Metteu-lhe dentro de casa
Com o que elle *brincar*,
Para não ir no quartel
Em cousas d'outros pegar.

Mas o genio do rapaz,
Era só para pegar
Em tudo; e com tão pouco
Não se quiz accomodar

E foi no quartel brincar.
Irado o sargento então,
Agarrou Malacachias,
Surrou-o com cansanção.

Para juizes de paz da freguezia de Santa Anna.

Manuel Jeronymo Ferreira.
Lino Porphirio da Silva.
Dr. Ignacio José da Cunha.
Dr. Americo de Souza Gomes.

Verdadeira chapa popular para juizes de paz da freguezia de Santo Antonio.

Capitão Lazaro José Jambeiro.
Tenente-coronel Justiniano José d'Araujo.
Professor Manuel Francisco Borges Leitão.
Capitão Francisco José Monteiro de Carvalho Junior.

Chapa liberal para juizes de paz de Santo Antonio.

Cap. Antonio dos Santos Coimbra.
Cap. João Joaquim Teixeira de Castro.
Cap. João Carvalho.
Dr. Jose Luiz de Almeida Couto.

O NORTE.

Com este titulo publicar-se ha em breve um jornal politico, destinado a advogar os interesses das das provincias do norte, tão malbaratados n'assembléa geral e pelo governo, que se dizendo liberaes, plantam até a centralisação economica e financeira!

Assigna-se nesta typographia e á rua Direita de Santo Antonio, n.° 20.

Para vereador.

Recommendamos aos dignos votantes desta capital o Dr. José Joaquim dos Santos.

Um votante.

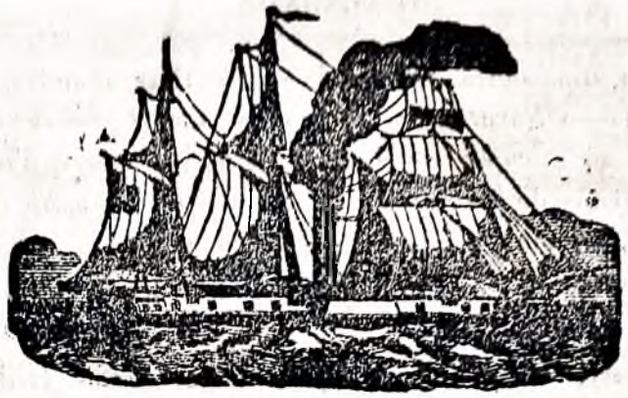
Pergunta-se á companhia do gazometro, ou ao Exm. Sr. presidente da provincia si o combustor do gaz da rua do Jogo do Lourenço fica extincto?

Pois ha 20 dias que se acha sem luz e os moradores e transitantes vem-se nas trevas; e o tubo que alli se acha collocado inflammou-se, e si não fosse ser caza terrea, ficava a Ordem 3.do Carmo sem aquelle predio. * *

Para juizes de paz de S. Pedro.

Dr. Leonel E. F. Netto
Dr. Francisco Azevedo Monteiro.
José Antonio Campos Lima.
Pompilio Manoel de Castro.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 10.ª BAHIA 4 DE AGOSTO DE 1864. N.º 93

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Começa neste numero a decima serie.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de agosto de 1864

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Taboão e pegue um *barbudo* que vive alli a escandalisar o publico com conversas immoraes com certas visinhas. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Castanheda e applique a receita, ja uma vez dada, de matar os innumeros cães que alli encontrar, para brevidade do que levará em sua companhia algumas testemunhas falsas que pegar. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que se dirija á rua do Bispo, bem perto da secretaria de policia, onde existem oito boccas de lobo e pelas testemunhas falsas que não mais largará, tractando-as *á chango*', faça-as limpar, já que ninguem dá com isso cavaco. Cumpra.

—Ao mesmo para que vá à rua do Ximenes e faça o mesmo quanto as immundicies que obstruem completamente aquella rua, que tornou-se um verdadeiro esterquilinio, pelo qual ninguem pode passar. Cumpra.

—Donde vem tão cançado?

—Do correio. E' uma miseria; em dia de paquetes não se pode estar alli. Gritos insupportaveis de certos caixeiros, unidos aos gritos monotonos dos empregados que distribuem a correspondencia, causando tudo grande atropello.

A's vezes levam duas horas depois de chegar a mala para apparecer a lista, por que depois das dez é que vem *paulatinamente* o contador e toda mais companha.

E ultimamente, fizeram uma gaiatada.

A lista do *Navarre* dividiram em tres pedaços e fizeram de cada um um appendice ás antigas listas, de sorte que muita gente lá foi e não soube ao que foi!

—Homem, isto me parece descoberta do Mattos!

So elle tem destas lembranças!

—Capitão, ouça os nomes das lojas modelos da cidade baixa.

1.—Barateiro.

2.—2.º Barateiro.

3.—Baratissimo.

4.—A filha do Barateiro.

5.—A neta do Barateiro.

Falta agora, capitão, uma outra que em breve verá a luz do dia—o *Baratão*.

—Irra! o Barateiro só é capaz de povoar o commercio da Bahia de *baratas!*

—Que raça elastica, capitão!

—Sr. Pardo Velho da Trombeta!

—*Velho*, pode bem ser; mas *pardo*!..... isto não, amigo.

—Então, o cavallo quebrou a redea?

—Foi o diabo; e o diabo seria si eu cahisse na vista da Exma. Sra. D. F.

—E o jantar?

—Magnifico. Quero, o' Julia, que apromptes uma gallinha assada; que vás à casa *tal* e me enchas quatro copoteiras dos mais appetitosos doces; e à casa *tal* quatro garrafas *daquelle* vinho velho.

—Olé!

—E doze libras de carne.

—Que luxo!

—Capitão, por toda a parte existem *boccorios*.

—Até ahi não disse cousa alguma de novo; adiante.

—Alem dos boccorios de gazeta, isto é aquelles que gostam de ler jornaes sem dispendio, ha outros que se deleitam nos theatros à custa do empresario, ou dos beneficiados

— Conte-me isso, rapaz.

— Pois bem. No dia em que ha *vasante* a chusma dos *boccorios* cresce admiravelmente: no 1.º acto os bancos estão vasios; no 2.º 3.º e 4.º não se vê um logar que não esteja occupado, no emtanto que os bilhetes ficam na caixa.

—Não posso resolver este problema; os porteiros então são os culpados.

—Nada, capitão, não culpe os porteiros; na porta ha sujeitinhos que entram, e bifam tres e quatro senhas e mais para vendêl-as ao depois por 500 rs., e até a meia pataca!.

—Safa! Apreciar-se um bom spetaculo por meia pataca é barateza de mais—nem nas Europicas!..

— Que quer, capitão, si não ha fiscalisação e policia no theatro!..

—Que faz aquelle pobre moço pelas ruas a tirar esmolas, e a comprar fructas para comer!

—E um moço d'intelligencia, um academico do 4. anno de direito, que ficou alienado.

—Não tem parentes esse moço?

—Não sei: o que é certo é que elle anda n'esse estado lastimavel ha mais d'um mez.

—Faz pena; e causa vergonha que a Bahia tenha dinheiro para toda a specie de desperdicios, menos para um hospital de alienados.

—Deram-lhe aqui noticias de que o *barateiro* povoaria a cidade de *baratas* e *baratões*.

O de que o commercio está cheio é de *ratoeiras*, *ratos*, *ratinhos* e *ratões*.

—Isso nada val; o commercio hoje está cheio de tudo; é a epocha do *progresso* e o commercio vae em progresso.

—E si não, vejam:

Rua do Commercio—7 simples.

E' uma das lojas *bem compostas*.

Centro Commercial—na ponta do commercio.

Ouviram *tocar corneta*? Pensam que è o immediato Lima Barbosa?

E' um *zuavo*, voando sem azas; não é progresso?

13 H; pensam que são 13? São 3 ou 4 portas. Os negociantes gostam de enganar o publico.

Droguistas—Chaleira Grande.

Fabrica de chales?

Nada disso; chaleira de chá, mas como ha a cor *vermelha*, algum *ligueiro* pode se enganar.

E aquelle bule nos ares é algum balão?

Si corre mais, temos desarranjo na abobada celeste; um encontro na *lua*, que está enganchada n'um *guindaste*! mas como é cousa de *padres*, *vade in pace*.

Não digo que é o *universo*? eis alli a sua loja; quem quizer visitar regiões desconhecidas compre sapatos alli.

Siga; uma bandeira.

E' algum consul?

Bem pode ser; consulado de leilões.

Alli mora algum boi? Um chifre!

Tambem pode ser; não é o Chico *Careca*, pois tem tão bonita *cabelleira*.

E' o Vencedor *filho*; o *neto* é que deve tal presente ao *pae*.

Ai que estou internado n'uma matta virgem!

Um *caçador*! Sr., não se engane que eu sou gente. Pode *caçar* a seu gosto lá com seus companheiros.

Graças a Deus! que do matto cheguei ao ceu!

Um anjo! um anjo!

Ah! que é o tal das *baratas*!

Isto pode ser tudo menos um ceu; que atropello!

Rua Nova do Commercio. Armazem Moreno; mas não vejo cousa alguma que ahi se pareça com o titulo.

Voltemos.

Esperança! De me levar os cobres.

Filha do Regimento.

Quantos paes teria esta pobre mulher!

Concha d'ouro!

Aquelle gorducho parece realmente que foi creado n'uma concha. Seria d'ouro? Garrafas cheias dinheiro valem.

Restaurant Français.

Que pulo, meu Deus! que *progresso*! pois não estou na *França*!...

Esta *França* tanto tem de *ligeira* como de *progressista*.

—E não viu o hotel d'Europa?

—Sim, sim. Mas como sou *bode*, que está perto de negro e os crioulos não são alli admittidos, nem para lá olhei, com receio de que o Bastos m'o prohibisse.

Ja agora vou por aqui.

Ruas. Onde?

Vejo balcão e armarios.

Que cassuada!..

Entretanto era muito simples; em continuação ao beco do Mijo, uma rua que fosse dar até o mar.

65. E esta?

Um mundo por cima de nós. E' por isto que os negociantes *enchergam longe*!

Olhe outro alli!

Figurinos!

O que são as leis da natureza! Si falta a força de repulsão, triste de quem passa!...

Boa-fé. Bravo!

Falta a charidade.

Hei de encontral-a por força.

Probidade.

Corramos daqui que ha contrabando. Probidade em Latronopolis.!....

Charutos, espingardas, marcineiros, relogios, vidros, correio, alfandega, beco do Grelo!

Eis aqui a *charidade*!

Santo *hospital*!

Mas como não estou doente, meu caminho é outro.

Volta redonda.

Aguias d'ouro!

Gosto pouco de aves de rapina; ora a rainha das aves sendo rapace....

Não vem quantos sapatos para encobrir as garras?!

E ainda outra, de *nivea* cor!

Ainda si fosse algum *corujão* de *aza preta*, ou *morcego da Sé* .....

—Por fallar nisto; viu como está o mercado abundante de *gravatas*?

—Jesus! está abarrotado!

E', como disse o Tranquilino poeta, em cada canto, Spirito Santo.

—E faz favor de não me aborrecer?

—Com muito gosto, que a lecção está dada.

A PEDIDO.

Vende-se, no deposito de variedades á Santo Antonio, uma carregação de *carvalhos* vinda dos *Coutos*, um milheiro de charutos chegados na barca *Correia*; uma *araponga* vinda de *Caico*; um *coelho* vindo da Cruz do Cosme; uma *rocha* chegada na barca *Dias*; um *tocheiro* vindo no brigue *Castro*; um pè de *jacintho* vindo de *Alencastre*; um *pires* vindo de *França*; um *bahü* vindo de *Coimbra*; um *Santo Antonio* vindo de *Alvares* por encomenda de certo professor; um peixe *Dourado*, vindo da *Costa* muitos outros objectos que fora fastidioso nomear como *brins*, *buchas*, *barretes*, *pintos*, *caldas*. etc. etc.

L. Figueredo e C.

Sr. Redactor.—Recommendo pelo seu jornal aos votantes deste municipio o nome do Sr. tenente Antonio Vieira da Fonseca e Silva para vereador.

Um votante.

Para vereador.

Recommendamos aos dignos votantes desta capital o Dr. José Joaquim dos Santos.

Um votante

Sr. Redactor.—No periodico o *Gaz* e no seu *Alabama*, ao noticiar-se os festejos ao 2 de Julho que tiveram logar em Itapagipe, tracta-se de questões politicas que reviveram as pessoas gradas do logar e o Sr. subdelegado; o que é em toda a força da palavra inexacto, por quanto não ha uma só pessoa de boa fé que não venha em publico confessar que nenhuma dissenção politica teve logar, e que o Sr. subdelegado era o anjo da paz, prevenindo desordens, accommodando disputas, sendo até enthusiasticamente saudado e victoriado por ambas as parcialidades daquella freguezia.

Fazem-se accusações de não ter o carro triumphal passado do Bomfim, nem sob os arcos que no Rozario erigiram alguns rapazes.

Taes faltas foram só devidas á musica de menores, que estando sob a vigilancia do Sr. tenente Franco Lima se não quiz prestar á percorrer todas as ruas.

O não passar pela diminuta parte da rua do Rozario não pode em boa fé ser attribuido a odios de partido, por quanto sabe-se que por muitos arcos levantados por vermelhos (os dos Tainheiros pelos Srs. Bahia por exemplo) passou o prestito sempre com o mesmo spirito de concordia e fraternidade com que se distinguiram na festa commum os itapagipanos.

Publique-me, Sr. Redactor, estas linhas, fiel expressão da verdade.

Um itapagipano.

Pede-se ao Sr. Pelanca que não continue com suas compras de fumos de .....!!!!! sob pena de ser recolhido a bordo pelo muxingueiro, afim de levar 400 chibatadas diarias em quanto não apresentar recibo a quem comprou os ditos fumos; si continuar neste seu proceder será publicado seu nome por extenso afim de que a policia tome conta deste animador dos ratoneiros.

O ECHO DO NORTE.

Com este titulo publicar-se-ha em breve um jornal politico, destinado a advogar os interesses das provincias do norte, tão malbaratados n'assembléa geral e pelo governo, que se dizendo liberaes, plantam até a centralisação economica e financeira!

Assigna-se nesta typographia e á rua Direita de Santo Antonio, n.º 20.

Chapa liberal para juizes de paz de Santo Antonio.

Dr José Luiz de Almeida Couto.
Cap. João Carvalho.
Cap. João Joaquim Teixeira de Castro.
Cap. Antonio dos Santos Coimbra.

Para vereadores.

Os distinctos liberaes:
Dr. José Luiz d'Almeida Couto.
Barão de Matuim

Para juizes de paz de S. Pedro.

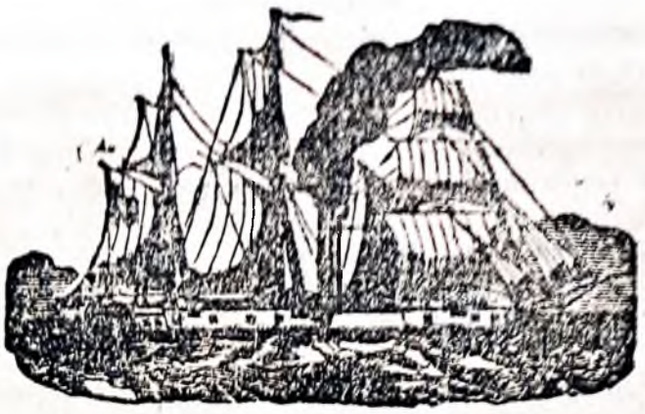
Dr. Leonel E. F. Netto
Dr. Francisco Azevedo Monteiro.
José Paulino Campos Lima.
Pompilio Manuel de Castro.

ANNUNCIOS.

RETRATOS
A AMBROTYPO
em caixinhas ou molduras de 4$ até 25$ rs., assim como
Retratos
A PANOTYPO
em cartões de visita a 1$500 rs. cada um, ou 3$ rs., em lindas molduras; tiram-se com perfeição no Canto de João de Freitas n.28.

O artista vae a qualquer casa onde o chamem.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 10.ª BAHIA 6 DE AGOSTO DE 1864. N.º 94

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

O Sr. Gouveia appellou da sentença dada pelo Sr. Dr. juiz municipal da tereeira vara para o Sr. Dr. juiz de direito da segunda vara crime.

Admira!

O Sr. *A.* França deixou para a ultima hora,—felizmente para depois de publicada a sentença do Sr. Dr. Henrique Jorge no processo do *Diario* — a sua custosa appellação!

E' teimoso o Sr. Gouveia!

E' testa de ferro o Sr. A França!

Querem novo *echec*; paciencia.

O Sr. Gouveia que já deu segundo *soiree*, quer segunda taboca.

Que havemos fazer?

Paciencia, e mais paciencia.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de agosto de 1864

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a Conceição do Boqueirão em companhia do muxinguoiro, casa da edade com que morreu Christo, e dê o castigo merecido a alguns atrevidos sujeitos que ahi moram, os quaes sem nenhum respeito á visinhança arreiam as calças, e *desistem* sem cerimonia, como si estivessem a comer algum saboroso manjar. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que onde encontrar o alferiate Diario traga-o ao porão deste navio para tomar o castigo que merece na cloaca, a fim de ver si é bom o que deita nas portas dos visinhos. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Um infermo, pedindo para entrar na Santa Caza da Mizericordia.—Prove com attestado medico em como não está *lazaro* e que só padece de orgulho.

—Que faz aquelle guarda municipal com aquelle fiscal—às voltas com aquelle *tabareusinho* que vem alli a cavallo pela praça do Commercio?

—Prenderam o pobre menino afim de dar *quatro vinténs* para limpeza da praça, porque quem a suja são *elles mesmos* com seus cavallos.

—Isto é rico!

Seria por ordem da camara?

Daria ella mais essa prova de patriotismo e *limpeza?*

Nesta terra tudo se vê!

E hão de ter cara amanhan para pedir reeleição!

E hão de encontrar quem lhes dê votos!

—Capitão, novidade!

—Desembuche.

—Ossos de defunto são generos nacionaes.

—Ora está boa! Onde encontrou disto?

—Um despachante d'alfandega, sob o titulo de generos *nacionaes* collocou n'um despacho os restos mortaes d'um *porcuguez*.

A alfandega é fertil em *despachos de despachantes!*

Já o Thomé disse que porco era legume; agora é o.....

—E' mais um companheiro que tem o Sr. Gouveia, que disse que o artigo era com elle por que fallava em compadre e engenhos.

Todo legume é tempero.

Toucinho é tempero.

Porco tem toucinho;

Logo porco é legume.

—O Thomé e o Gouveia são *progressistas*, não tem duvida!

—Amigo Zé Maria-Dous de Julho, como tem passado?

—Mal com este tempo.

—Não falle assim que Deus lhe pode castigar.

—E porque?

—V. falla de contente.

—Contente de que, homem?

—Pois não é tempo de eleições?

—Atrevido! Pensa V. que eu tambem vendo minha chapa!

—*Quem* lhe disse isto?

—Pois eu não sei que V. é homem de caracter, *liberal sem liga*!

—Gosto de quem me faz justica: *são bondades que a mim não me importa.*

—Eu o que digo é que como è tempo de eleições e se estragam muito os chapeus por causa dos cortejos, V. lucra na ganga, porque fabrica chapeus!

—Prouvera aos Ceus!

Mas hoje, meu amigo, os patriotas desta terra são estrangeiristas, são *francezes* e a *França* predominando, bem vê que para mim não chegam os chapeus!

—Queixe-se do *progresso*, que desterrou o *bairrismo*.

—Ora, graças a Deus!

Está visto que só os homens mortos fazem mal á saude dos vivos; era por isto que o Freire *medico*, deixava interrar-se no coração da cidade os bois; é ainda por isto que o Severiano, dizem uns, o Cypriano, dizem outros, qualquer dos dous amigo do Freire, manda agora interrar um burro debaixo desta mangueira aqui no Papagaio!

—E o inspector de saude o que faz? não mora aqui?

—Ora aderes!

O Dr. Goes mora no Caguende, só vem á Penha para votar, não pode ter sciencia disto.

—E o que tem Vm. com isto, homem dos seiscentos?.....

—Capitão, temos obra fina.

—O que ha de novo?

—Conhece o Quincas Marquez da Moreira?

—Não.

—Pois o capitão não conhece o grande 7?

—7 é synonimo de ladrão, gente com quem não quero graças nem tenho conhecimento.

—Então o capitão não conhece um desalmado labrego, filho de Oliveira das Ameixas, que chegou á esta boa terra das patacas ha poucos annos, atirado no porão de um navio cujo nome era o de uma nympha e que trazia como unico bem uma velha caixa de pinho, cujos despojos eram umas remendadas calças de velbutina e um grosso gibão de baetão preto? junto a um par de antediluvianos tamancos, que lhe tocou em herança do seboso avô, preclaro e heroico cavalheiro das charnecas da carvoaria no Alemtejo, e que no decurso de 4 a 5 annos acha-se rico, possuindo trez ou quatro sortidas vendas e muitos outros bens?

—Peior, cada vez o conheço menos; falle-me claro si quer que lhe intenda.

—Valha-me Deus; o capitão está hoje com a memoria muito aspera.

Pois não conhece um Lisborrea que morava em uma casa na ladeira em se que faz *tijollos* e cujo n.º de casa tirando-se os *novefora* fica nada?.

—Ora, que ha de estar Vm. hoje a me massar a paciencia! Acabe com tanto enygma!

—Capitão, ou é V. Ex. que se faz dessentendido? V. Ex. não se lembra de um gallego, cuja mãe fugiu do poder do marido, que era um estrangeiro de Guiné, e e que vendia broas na Praça Nova do Porto, e depois estabeleceu-se no Bairro Alto, rua da Trindade?

—Si não acaba com isso, mando que se enxote daqui.

—Capitão, é um seboso diabo, que apezar de ser diabo tem um irmão anjo *seraphim*.

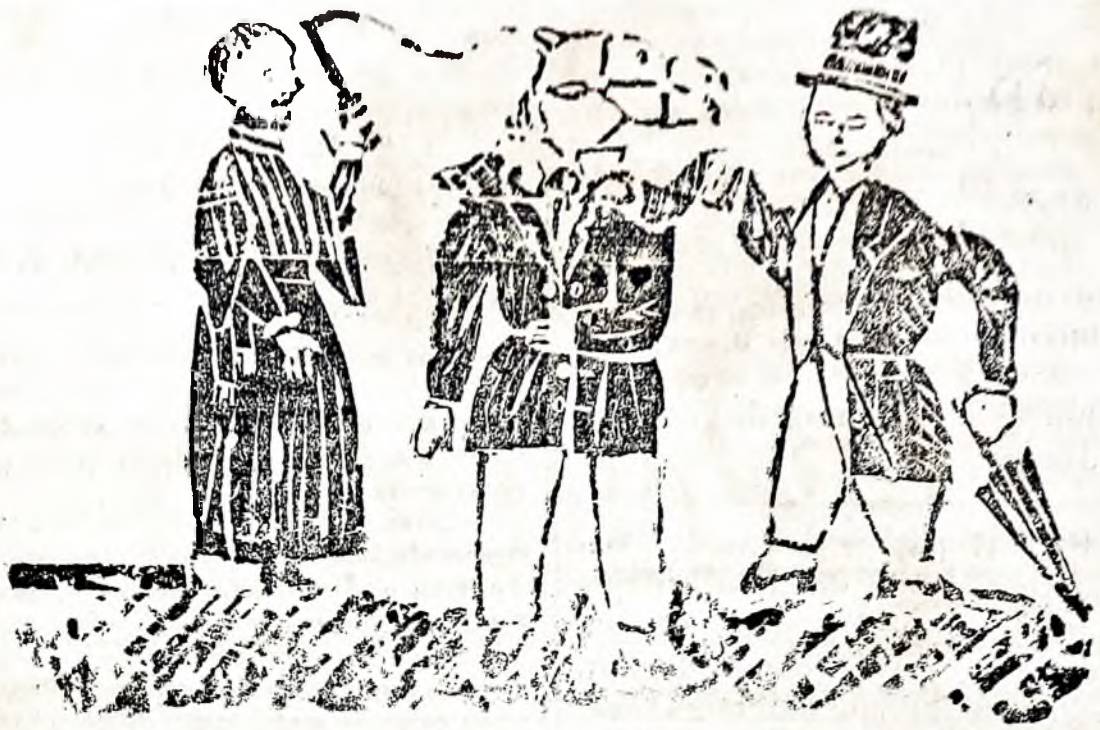
—Vá á Satanaz que é quem o pode aturar. Está Vm. ha duas horas quebrando-me a cabeça!

—Já que o capitão, não me comprehende serei conciso e claro.

—E breve.

—Isto è mais custoso, temos muito panno para manga. Ouça:

(*Continúa.*)



Vista recreativa.

—Capitão, vi, passando hoje por Santa Barbara, um homem de barbas brancas que julgo ser de Paripe, insultando a um moço que tem alli banca de miudezas.

—Mas por que?

—Por que não queria o moco proteger um escravo do capitão Veridiano, que fallecendo repentinamente deixara seus bens todo atrapalhados, como se costuma dizer. Teve filhos e não poude reconhecel-os.

Querem agora certos sujeitos de Paripe libertar o escravo.

—E' louvavel; si dão o valor delle....

—Qual capitão! Ouço fallar n'uma carta falsa, cuja existencia não garanto e n'uma publica-fórma, passada pelo escrivão.....

—Repita algum insulto que ouviu.

—O barbaças disse que o moço da banca se vendeu ás partes interessadas.

—E quem é elle?

—E' um descarado que a ninguem paga o que deve; banco e negociantes, o commercio todo já o não pode aturar.

Deu agora em vender bens que lhe não pertencem, fingindo-se fallido.

Desgraçou um rico negociante a quem hoje nem o chapeu tira.

Emfim, capitão venho breve contar-lhe a chronica do gaiato.

—Viu a correspondencia do padre Amaro?

—Vi; diz que em Santo Amaro quasi mandam ao inferno um pobre diabo por vender *biblias falsas*.

—Ora vejam! de sorte que as *verdadeiras* são as que tem *notas*—segundo tomo da lei das eleições no Brasil, que traz dez *avisos* em *notas* por cada artigo.

—Bem lembrado!

—O Gouveia appellou hoje.

—Deixou para o fim.

—Mas é porque V não sabe que o A. França esteve em Cachoeira, Nazareth ou Santo Amaro, no engenho Trindade do Sr. João José Leite, advogando em companhia do Sr. Dr. Domingos Couto.

—Bello! Teria licença para deixar a secretaria? receberá os cobres?

—Nem é possivel!

Pois com um caracter integro, um magistrado honesto, um administrador circumspecto, como é o Ex. Sr. dssembargador Silva Gomes, pode-se lá suppor uma cousa destas!

—Neste caso o *liberal A.* França fica sabendo que não cabem dous proveitos n'um saco.

A PEDIDO.

Pergunta-se a um velho muito *gentil* por que tanto desacredita aos professores de piano e exalta sua filha? o publico já sabe que ella não é grande professora, e que até em Cachoeira não foi acceita.

Não ensine ella por menos para guerreiar aos outros, e não chore

S. S. tanta miseria, è o que melhor convem por seu credito
O inimigo dos velhos sopuppaoan.

Chapa liberal para juizes de paz da Rua do Paço.

Florencio da Silva Oliveira.
Capitão Francisco José Camará
Salvador Pires
Subdelegado Manuel de Valença Junior

Sr. Redactor.— Lendo seu *Alabama* de 28 do p. p. vi que se tratava d'um Germano, e como tenha eu o mesmo nome, declaro que não se intende commigo.

Bahia 4 de agosto de 1864.
Germano M. de Burburema.

Novo divertimento para os calçadistas.

Previne-se a boa rapaziada que o divertimento do lasquenet em sua casa de negocio é todos os dias, assim como depois disso haverá roleta feita pelo irmão do capitão; annunciaremos todo o occorrido para conhecimento dos amos com seus caixeiros, dos paes com seus filhos & & &.

O telegrapho da estrada de ferro.

CIRCULAR.

Eu abaixo assignado, coronel tenente commandante do batalhão dos Sanhaços, commendador da ordem das pedras, ex-deputado da assemblea provincial do *silencio*, etc., etc., etc.

Faço saber a todos os guardas, cabos, sargentos, alferes, tenentes, capitães, e mais praças do meu commando, que tenho-me apresentado candidato a um dos logares de juiz de paz da freguezia dos mamões; pelo que ordeno, que compareçam na loja da minha residencia, quartel do meu commando, afim de receberem a *chapa do partido* a que *pertenço*, e conduzil-a á urna nas proximas eleições municipaes, para as quaes me considero habilitado, á vista dos serviços que hei sempre prestado á mesma freguezia, por haver sempre buscado collocar como officiaes do corpo do meu commando a individuos d'outra freguezia, preterindo assim á inferiores do referido corpo por não os considerar no caso de o serem; visto como não convém que os sanhaços tragam o uniforme de official.

E para que esta chegue ao conhecimento de todo o corpo, deverá ser lida na frente do mesmo, pelo tenente meu caixeiro e secretario (si já estiver fardado) e será com rufos de caixa pregado nas differentes esquinas desta freguezia; e levada ao alferes futuro das mangabeiras afim de ser tambem fixada na Corcunda de vaya.—O que cumpram.

Bahia e Q. do meu commando os 29 dias do mez de julho de 1864 —

O *coronel tenente.*

ANNUNCIOS

Attenção.

Os abaixo assignados tem para vender os seguintes generos, que bem podem os Srs. chefes de partido comprar para os pontos das proximas eleições:

Vinho *lisboa*, chegado no paquete *Lopo*, capitão *Jayme*; um frango, ou *pinto* quebrado, depositado no trapiche *Serapião*; dous *leitões*; seis porcos *monteiros*; um maçarico vindo de *Lins*; feijão, vindo de *Nagé*, excellente para bobós e *feijoadas*; um *coelho* geral; dous coxões d'um gordo *garrote* e muitas outras cousas como sejam *requeijões*, *pimentas*, *mangabas*, *jambos*, *limas*, vindas de *Belém*, gaz kerosene do deposito *Sampaio*, um espanador de *bigodes de ferro*, vindo na barca *Araujo*, capitão *Justiniano* e um almanak do *Rio*.

Chico & Zoinho.

Da-se pães gratis, até 7 de setembro' a qualquer votante de Santo Antonio, nos depositos do *porco pequeno* e seu *xistoso genro*.

Gratifica-se a quem der noticia ou conta de uma malla encourada e com pregos dourados, tendo na frente o nome de seu dono Antonio João Bellas, representado nas seguintes iniciaes, A. J. B.

TYP. DE M., A. E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 10.ª BAHIA 9 DE AGOSTO DE 1864. N.º 95

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de agosto de 1864

Officio ao subdelegado de Santo Antonio pedindo-lhe que por intermedio do inspector do respectivo quarteirão faça com que a crioula Athanasia, moradora à rua dos Marchantes compareça a sua presença para responder pelos insultos e desaforos com que mimosea as familias honestas que tem a infelicidade de morar junto a ella, especialmente a duas pobres velhas a quem ella provoca a ponto de deitar materias excrementicias na sua porta, segundo nos informam.

Portaria ao guarda-mariaha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a rua da Poeira e diga ao *Pé de Limão* que os visinhos já não podem aturar seus afilhados que vivem a furtar as gallinhas dos quintaes dalli, desde o da caza de n.º 72 até 116; o que se espera cessará, sob pena de serem os ladrões agarrados para serem entregues ao muxingueiro que com elles ajustará contas. Cumpra.

—Que sujeitos são aquelles naquella espelunca?

—Um é o *Gordinho*, o outro é um moço com cor de vella de altar, *brandão*; o terceiro é um que *mata*; o quarto é D. Beiçola, e o ultimo é *Mané*, um mulatinho do *Carmo*, que é o dono da caza.

—Que dizem?

—Fallam desaforadamente do *Alabama* e aquelles dous moços defendem-no.

—Ora fortes patifes!

Tão miseraveis que ao encontrarem alguem da tripulação, beijam-lhe até o az na estirada cortezia que fazem!

—E o primeiro já não rojou miseravelmente aos pès da redacção?

O outro foi pressuroso assignar a gazeta com receio de ser-lhe descoberta a chronica porque é um ridiculo capão de creoulas, e por uma dellas deixou de accudir a um doente.

O outro..... Seis pontinhos dizem tudo. D. Beiçola..... ca, ca, ca! disse que breve manda metter o chicote em todos! ca, ca, ca!. . . . . .

O sapateiro..... é o lacaio dos outros; quando certo Dr. sahe no carro, quem prepara os cavallos é elle que sahe do covil!

—Que gente!

Causa nojo tanta indignidade! Como è que se pode ter duas caras!

Safa!

Tufé!

—Olá, charo amigo!

Ha dias humilhou-se, pediu, chorou em quanto estava com a virga, isto é a vara na mão.

Agora que largou a cousa, que ja tem mais edade, que está com mais juizo, deu em dar couces!

Amansaremos o poldro!

E si não se sujeitar, depois das competentes vergalhadas que ha de tomar amarrado àquelle *salgueiro*, que está alli plantado na Jequitaia, tomará esporas na safada cara, de que será tirado à faca o garboso bigode que lhe não assenta.

—Que diabo é isto?

O Terreiro transformou-se em gallinheiro?

Tantas capoeiras!

—São arvores que se vão plantar no centro daquellas cercas!

—*A*quelles troncos?

—Marcam o logar.

—E que faz aquelle sujeito?

—E' o engenheiro que está medindo o espaço em que se ha de fazer a cerca!

—Bravo! engenheiro de cerca!

La se vae o cobre da naçao!

—Mas veja que é util a plantação das arvores!

—Porém mais util é o calçamento das ruas, que ahi estão no mais deploravel stado, quer pelos buracos, quer pela immundicie que as decora.

Além de que ao redor das arvores, ha de haver bancos, ha de haver assignantes, ha de haver feira, hade haver empalmações de relogios e carteiras, e não ha de haver policia para ficar de sentinella à cada arvore, e bifar cada menino que se distinguindo na companhia do olho-vivo, possa ser aproveitado no exercito ou na armada.

—Mas é luxo, rapaz; é systema europeu; specie de *boulevards*, em que tanto prima a *França*, que nos pinta de macaco, que é peior do que *canalha*.

—Là por isto bem; só o que me contraria é que me parece que as ruas d'Europa não são atoleiros.

—Que dirão agora os liberaes da epocha que estavam alli no Forum a querer metter o *Alabama* a pique, e a sua tripolação na cadeia?

Que dirão esses fofos salvadores da patria, esses inculcados amigos do povo e da liberdade, essas *gritadores da rua*?

—Mas porque?

—A folha official, o *Diario*, com seu *paio* às voltas o que será? não merecerá o nome de paschim, com que tanto enchem as bochechas estes biltres cuja vida é um verdadeiro paschim, um fiel epigramma á moralidade?

Digam, liberaes das duzias, progressistas de borra!

—V. está doudo, homem!

Pois uma gazeta *grande*, subsidiada pelo governo, pode ser paschim?

—*Ah*! o tempo è das *cousas grandes*. Por isso para ser cousa nesta terra basta ter *beiços*.

E o Beira-mar não era dos menos affamados.

(Continuação do numero 94.)

—Em 1850 aportou a Latronopolis, procedente de Portopolis, uma barca que tinha o nome egual ao de uma *nympha*.

Trazia a seu bordo um bando dessas aves de arribação que infestam este solo e a quem dão o nome de emigrados, gente na maior parte que tendo acabado o tempo de sua residencia no Limoeiro, ou domiciliarios da charneca de Montragli e que vivendo em eterna desavença com a policia de lá, empina-se para estas plagas onde conta exercer commoda e placidamente o seu officio, com o desembaraço que lhes permitte a impunidade.

Entre o bando de *corvos*, ou emigrados vinha um lodoso maxacás, que poderia ter seus 18 a 19 annos, possante como um jumento da Andaluzia.

Cumpre aqui dizer, capitão, que apezar do lindo nome de *nympha* que tinha a barca, era dessas nymphas a que só era permitido ver de longe, sem ser licito aproximar-se-lhe, porque tendo de ser visitada pela policia do porto, o empregado disso encarregado ao chegar a bordo, foi atacado de uma syncope que o prostrou de cama em accesas febres por 15 dias; taes eram as exhalações de xulé que emanavam daquelle fóco de putrefação.

E foi preciso, capitão, que o inspector do porto ordenasse ao capitão da senhora nympha que mandasse desinfectar o porão do seu navio para então lá poder ir a policia.

—Nada de preambulos, entre no grosso da materia.

—Vou ao que serve, capitão,

Um taverneiro dos arcos de *Santa Illustre* foi a bordo para comprar um rapaz, e na escolha agradou-se do musculoso labregote, porque intendido como era na materia, conheceu as incomparaveis prendas da besta.

Depois da pagar ao capitão patacões pelo seu novo *servo* trouxe-o para terra.

A ultima vez que aquelle corpo levara agua fazia sous bons 7 annos, e dalli podia-se à vontade tirar camadas de estrume, quantas fossem bastantes para fertilisar o mais ingrato solo.

Faça ideia, capitão, que trabalho não teve o pobre diabo do patrono, para mandar desbastar aquella montanha de esterco que se erguia sobranceira no corpo do seboso labrego.

Depois de algumas esfregações de casco de côco e areia, conseguiu o bom patrono sinão extinguir, ao menos tirar metade do lixo que existia naquelle immundo deposito.

Foi então installado n'uma taverna de *Santa-Illustre*, e ahi empregado em varrer a porta, fazer a limpeza da casa, e ir á noite, com um barrilzito de selecta às costas despeja!-o no caes do *Santo Precursor*.

(Continúa.)

—Que historia è esta?

—E' um batalhão que está fazendo exercicio.

—Dando tiros no matto!....

—Lá estão os inimigos.

—São os passarinhos do largo de Nazareth? São caçadores os cujos,

Bem bello!

—Que duvida é um batalhão de caçadores, sim Sr.

E' o 10.°

—E que algazarra! que cassuada dos circumstantes!

—Fazem disto e queixam-se; dizem, como outro dia D. José, depois d'um espicha, ja sei que amanhã estou no *Alabama*.

—V. já leu o regulamento da bibliotheca publica?

—Já, mas não estou muito certo.

—Pois um moço la foi pedir *Jornal do Commercio* e disseram que *so se emprestava* quando estava encadernada a collecção.

—Pode ser que seja assim. O que eu vi lá foi que não podiam ser dados à leitura os jornaes do mesmo dia.

—Pois foram offerecidas ao moço.

—Como vae aquillo! Que progresso a golope!

—Muxingueiro, pega n'aquelle patife e traze-o a minha presença!

—Que mal fiz eu? Sr. capitão, condoa-se de um innocente!

—Innocente! Patife e patifão sei eu que tu és! ede mais a mais um grande mexeriqueiro!

Capitão, olhe que sou um moço de reuniões serias, litterarias, *assembléas*, etc., etc.

—Pois por isso mesmo é que devias prezar mais tua dignidade.

Que fazes ahi em caza do barão?

Muxingueiro, que fazes?.

—Capitão, por S. *Simphronio*!

—Fogo.

—Capitão, eu não navego mais pelo Rio de Contas, viajo agora pelo Rio Vermelho.

—Por isto mesmo. Muxingueiro!

—Capitão, por quem é.

—Muxingueiro!

—Grande Deus! que coração de pedra!

A PEDIDO.

O Sr. Augusto França receberá ordenado dos dias que andou por fora se divertindo?

Este mundo é dos felizes.

O Sr. Augusto França è empregado publico e vive advogando, ao passo que muitos paes de familia, sem recurso, esmolam um pequeno emprego e não lhe dão.

Já que o Sr. Augusto França distrae-se do seu emprego indo até advogar no reconcavo, não seria melhor que se desse esse emprego à quem mais precisa?

Mas qual! Vivam os felizes! Vêde, ó povo, os liberaes de vossa terra! Votae nelles!

Para juiz de paz da Rua do Passo.

O alferes Manuel Ubaldo da Silva.

Pede-se a certas moças moradoras à Calçada do Bomfim, chegadas ha pouco de *Vianna*, que se abstenham de estar noite e dia nas janellas, demonstrando assim que não cuidam nos misteres de sua casa.

Espreitar a vida alheia até alta noite não é proprio de moças donzellas. Por ora este conselho somente: e si não se emendarem então no *Alabama* se contará certas coisinhas de fazel-as arrepiar.

O ama secca.

Chapa popular para juizes de paz da Sé

Manuel Ignacio de Souza Menezes
Ignacio Alberto d'Andrade Oliveira
Arsenio Rodrigues Seixas
Jovino Cesar da Silva.

RAPAZEADA!

Votemos no Dr. Antonio Garcia Pacheco Brandão para juiz de paz da Sé.

Os fragmentos da feira quebrada.

Sr. *Tito*.—Por que não corrige a sua negra Raquel, para não andar insultando aos moradores dos Perdões! E' bom previnir para evitar alguma consequencia desagravel.

Para vereadores.

Os distinctos liberaes:
Dr. José Luiz d'Almeida Couto.
Barão de Matuim

Para juiz de paz da Sé.

O capitão Pantaleão José de Campos.

ANNUNCIOS

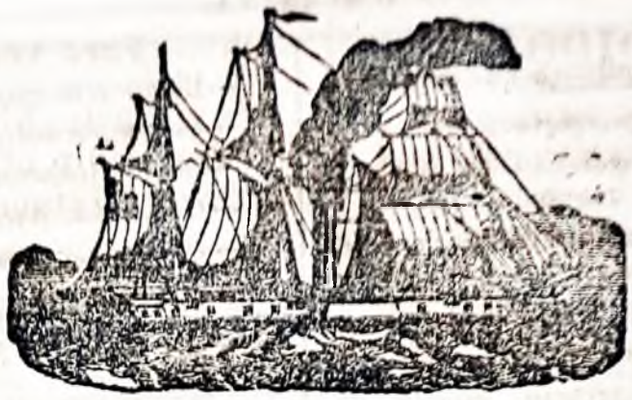
Declaro que assignava-me por José dos Santos Bracete e por tal conhecido guarda de Brotas e qualificado na mesma freguezia d'esde 1839, pois me honrava muito este batalhão a que pertenci, hoje graças aos meus superiores, me acho na rezerva por impossibilidade do serviço, e então faz-se-me precizo dizer a quem me conhece, que d'esde 1859 que mudei o nome para Antonio José Bracête por haver apparecido um outro José dos Santos Bracête vindo do Rio de Janeiro em 1858, e como nunca fizera publico pela imprensa que tinha mudado o nome por ser um pobre artista, pouco importava que me chamassem Pedro ou Paulo, porém me achando agora qualificado na freguezia da Sé e podendo ser procurado por alguem visto ser tempo de eleições, declaro que meu nome ê Antonio José Bracête.

O ECHO DO NORTE,

Com este titulo publicar-se ha em breve um jornal politico, destinado a advogar os interesses das provincias do norte, tão malbaratados n'assembléa geral e pelo governo, que se dizendo liberaes, plantam até a centralisação economica e financeira!

Assigna-se nesta typographia e á rua Direita de Santo Antonio, n.º 20.

TYP. DE M., A. E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 10.ª BAHIA 11 DE AGOSTO DE 1864. N.º 96

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de agosto de 1864

Officio à camara municipal, pedindo-lhe pelo amor de Deus que lance suas vistas para a ladeira do Gravatà e rua do Bengala, onde existem alguns canos, em que já tem entrado algumas pessoas, ultimamente um soldado de cavallaria, isto é o seu cavallo, um moço que ahi mora e um menino que ignorando o alçapão falso que os cobre, isto è os canos, ao pizarem inadvertidamente n'um dos lados da tampa, ficam em risco de ser submergidos.

—*A'* mesma, pedindo providencias sobre a rua Nova do Queimado e a dos Ossos que estão reduzidas, como ja disse o *Pirilampo*, a um cemiterio de covas abertas, e sobre a dos Carvões, que é um desaguadouro de aguas putridas, que devem, parece-nos, prejudicar bastante a saúde dos moradores de Santo Antonio que tambem votam para vereadores.

—A' mesma, pedindo-lhe a attenção para um beco á Fonte de Santo Antonio, pelo qual ninguem pode passar sem saltar por duas pedras que uma charidosa mão depositou no centro do grande lamaçal que toma toda a extensão e largura da rua.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao beco do Bispo em companhia do muxingueiro e tanja á taca uma sucia de negras que vivem principalmente nas noites de sabbado em atroadora algazarra impedindo de dormir a visinhança. Cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá à fonte do Coqueiro e mande pelo muxingueiro dar cem calabrotadas em cada um dos negros que encontrar nús a tomar banhos e a passeiar pela rua, com grande offensa da moralidade publica. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá à rua das Flores ao botequim d'um certo Mandú e intime-lhe que não continúe com as immoralidades e vozerias que em sua caza tem logar, sob pena de serem remettidos ao subdelegado elle e seus sucios, para terem o conveniente destino. Cumpra.

—

RUQUERIMENTO DESPACHADO.

Conego *Cirì*, pedindo nomeação para capellão do *Alabama*.—Indeferido, por não ser possivel, neste bordo, falsificar-se certidões.

—O Sr. Augusto França disse no Forum que o Sr. Gouveia chamava o *Alabama* á responsabilidade pela 3, vara, por

causa da grande confiança que depositava no juiz.

Agora!!

—Ou mentiu, ou cassuon.

—Queria deitar mel aos labios do juiz.

—Capitão dá ricença.

—Ora vamos.

—Capitão ja vae ni Pedra Furada? ja viu baleia?

Poi iô tá là ni rumingo.

Moça munto, munto; rapazeado turo ta ni trai di moça. Modinha, violão, samba, prato, cassitanbola, pandero, parma e turo mai!

Mai p'ra que? Que funcção tem lá?

Procaria munto; musca, bixo de musca, rubú, tripa, osso, carine, fedô, azeite, sangue e miséra munto!

Moça qui vai fazè?

Qué vê bixo. Tá denreto· mai nan é esse qui iô qué tracta. Iô só qué sabe si esse procaria nan faze mà gente.

—Por feliz te darias si achasses agora um pedaço de baleia.

—Ta jusso, mai nin pru esse, iô nan deixa di dizè que sente.

Ora ouve esse, capitão.

Iô passa ni D·ndezeiro de Bomfim e fedô ta hi!

—Ora viva, ra paz!

Vae à commissão de hygiene, si é que existe, ou ao Dr. inspector de saúde, que te attenda.

—Mai ouve, capitão; condo ni Dendezeiro ta sim, conto mai ni Pedra Furada, qui gente turo mette cropo ni zeite e ni procaria.

Esse trabaia de mata baleia tá suicida que necessidare obriga.

Secro nan ta mai de baleia nim de zeite de peixe; secro tá de luze e luze limpa, luze de gaze; secro de zeite caiou!

—Mas o da cachaça é esse em que vives!

—Deixa tá! Capitão ha de deixa injuria, condo iô chama responsabilidare os, sincellence, cuma Gouveia Gravata.

—Mais um novo periodico, a *Critica*.

E' chistoso e critico.

—Linguagem correcta e san.

—De que formato?

—Do do *Alabama*.

—*Gazetinha, paschim*.

—Deixe estar que logo ha de apparecer uma grande e boa.

—Para quem não gosta das pequenas,

—Está visto.

—Os academicos estão tambem publicando a *Revista Academica*.

—Paschim tambem?

—Folheto de 16 paginas, e bem escripto.

—São moços babeis; è a sperança da patria.

Dão, algumas vezes, sua pateada, mas são delicados quando tractam com alguem.

—*Aposto que V. tem medo de pateada.*

—Nem é para menos.

Bellos moços!

E a graça é que os liberaes da *rolha* vão presenciando como surgem as *gazetinhas*.

—Sahiu tambem o *Liberal*.

—E mais hão de apparecer.

E' a epocha em que os sujeitinhos que não dao importancia a *gazetinhas*, criam os *paschins* para illudirem ao povo.

—Tempo de guerra mentira como terra.

Tempo d'eleiçaõ gazetas em porção.

—Chanchan, como vae?

—Sr. Dr. Chanchan, assim o tracta quem o conhece.

—Sr. Dr. Chanchan, como vae?

—Viva!

—Exm. deputado Sr. Dr. Chanchan, como passa V. Ex.?

—Bem, obrigado.

—Forte patife! deixa-te estar que nos havemos encontrar.

Nem me tirou o chapeu!

Julgava que lhe ia pedir algum favor...

—Como passa charo amigo?

—Adeos, Dr.

—Como vae o seu pequeno?

—Melhor.

—A Exma. Senhora?

—Para o servir boa.

—Sabe que confio na sua protecção.....

—Cubra-se, Sr. Dr.

—.....quero um votinho...

—Cubra-se, Dr.

—....Bem vê que os amigos....

—Faz favor de deitar o seo chapeu!

—Sabe que sendo da schola liberal, estimo aos artistas...

—Cubra-se, Dr.

—Nos artistas, que formam a massa do povo, é que confio.

Moro ao largo das *Palmeiras*, onde estarei prompto ao que de mim precise. Passe muito bem.

—Que padre ordinario!

E é conego!

—Só n'esta Latronopolis se vê disto!

—Safado até o extremo, capão ridiculo, estellionatario, ladrão...

—Passou uma certidão falsa.

—Muxingueiro!

Vae pegar aquelle patife alli na rua do Saldanha, onde está elle á espera daquella criôula e traze-o para bordo, debaixo de harmoniosa solfa de fa-cl icote.

—Eh! capitão! Por S. *Cyrillo*, que ventura!

—A gente de Santo Antonio a que municipio pertence?

—Ao da capital.

—Pois os vereadores como não dão cavaco com as ruas daquella freguezia?

—Porque não está no centro da cidade.

—Mas ha de estar para os votos.

—Porque falla?

—Porque sou morador e quasi quebro agora a perna no beco do Funil que é uma completa buraqueira.

—E' um beco, ao Barbalho, chamado dos Artistas?

—Sim.

—Ora beco de artistas! Artista è cousa? Era o que faltava aos vereadores cançarem-se com ruas d'artistas.

—*Attenção!*

Festeja-se a Santa *Alva* no convento de N. S. do *Exilio*, pregando ao Evangelho o reverendo conego Serpente.

Accudam, rapazes que a obra é fina.

Depois de fugir a serpente do paraizo, por causa de seu peccado com a primeira mulher apparece agora no Degredo onde vive a tentar as freiras

—Egual será a mulher que lhe esmagará a cabeça?

—Ora, ora, rapaz!

A taca do muxingueiro.

LA VAE VERSO.

No largo da Soledade
Uma *cova* mui *brandinha*
Com um vulto de mulher
Vê-se sempre abraçadinha.

De 10 horas em diante
Té meia noite soar
O moço, isto é, a *cova*
Leva assim a namorar.

Forte scena de pagode!
Que namorado de gueto!
Ou a moça não é moça,
Ou então o caso é peta.

Peta não; que todo o mundo
Querendo pode ir lá ver
Os *vultinhos* toda noute
O seu bom tempo a entreter.

Capitão, mande o Guilherme
Reunido ao muxingueiro,
Buscar a sua presença
O petulante bregeiro.

A PEDIDO.

Adverte-se ao Sr. official R. J. que si continuar a escandilisar a moral com os actos desregrados que costuma praticar na casa de uma *costureira* à ladeira da Praça, será publicado seu procedimento, de maneira que fique bem patente, e todos o conheçam.

Não bastam os desfructes que tem dado com a celebre Pernambucana da rua do Fogo? Ainda quer levar ao auge, ao requinte sua depravação?

Emende-se Sr. official.

Manuel Ubaldo da Silva lendo o edital do juiz de paz da freguezia da Rua do Passo e não vendo por elle ser convocado

como 2. eleitor dessa parochia e sendo sempre morador nella, qualificado e hoje residente na casa n. 52 á Rua do Passo vem por isso protestar seu direito opportunamente.

Deseja se saber do Sr. fiscal geral, si a casa de negocio n. 79 L. B. á Fonte de Santo Antonio tem licença para vender spiritos fortes.

Para camarista.

Bahianos! si quereis mudar de sorte
Removendo os grandes embaraços,
Tomae por candidato á camarista,
O prestante *Thomé da Costa Passos.*

Vereis o que è viver no paraizo,
E que rasão de pedir de certo eu tinha;
Vereis por tino seu até das nuvens
Carne seca chuver, ventar farinha.

(Do Gaz)

Para juizes de paz de Santa Anna.

Manuel Jeronimo Ferreira.
Dr. Americo de Souza Gomes.

Para vereador.

O Dr. Antonio Alvares da Silva.

Chapa liberal progressista para vereadores.

Os Srs.
Clemente Alves Moreira Junior—idem.
Thomaz José d' Aquino—idem.
João Bergamo de Barros Palacio—idem.
Thomé Berlink—idem.
José Ferreira Netto—capitalista.
Braz Antonio da Silva Barros—idem.
Henrique Luiz de Mello Albuquerque—idem.
José Antonio da Costa—idem.
João Gabriel de Gouveia—idem.

Verdadeira chapa popular para juizes de paz da Sé.

Dr. Antonio Garcia Pacheco Brandão.
Bancario Manuel Rodrigues da Silva.
Dr. Paulo Joaquim Bernardes da Matta.
Cap. Pantaleão José de Campos.

Para vereador.

O tenente Antonio Vieira da Fonseca e Silva.

Para juiz de paz da Rua do Passo.

O alferes Manuel Ubaldo da Silva.

Chapa popular para juizes de paz da Sé

Manuel Ignacio de Souza Menezes
Ignacio Alberto d'Andrade Oliveira
Arsenio Rodrigues Seixas
Jovino Cesar da Silva.

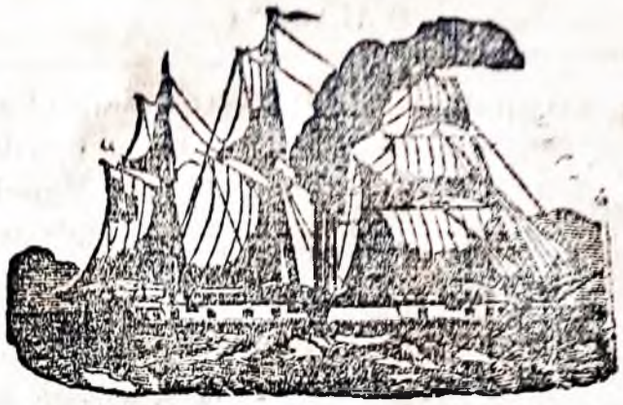
Para vereador.

Benjamin dos Santos Martis Vallasques.

ANNUNCIOS.

José Pedreira França faz publico que do poder de seu irmão o capitão França, morador na villa da Feira de Sant'Anna fugiu ha 20 dias um escravo deste, de nome Sabino crioulo bem prêto de 30 annos de edade, altura regular, cheio do corpo, e bem reforçado, com o beiço superior cicatrizado, com pouca barba, do serviço da roça, e servente de pedreiro, constando ter vindo para esta cidade; quem o prender e entregar ao annunciante escrivão do commercio á Praça ou na sua morada ao alto do Bom-fim, receberá 20$000 rs. de gratificação.

TYP. DE M., A E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 10.ª BAHIA 13 DE AGOSTO DE 1864. N.º 97

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

Lê-se no *Jornal da Bahia* de 12 do co rente:

« JUROU SUSPEIÇAÕ. — O Sr. Dr. Henrique Jorge Rebello, juiz de direito da 2. vara, para quem apellou o Sr. Antonio José de Souza Gouveia da sentença que deu o Sr. Dr. Manuel Vieira Tosta, juiz municipal da 3. vara, no processo que o mesmo Sr. Gouveia instaurou contra os impressores do periodico *Alabama*, jurou suspeição.

« E' por tanto o Sr. Dr. Antonio d'Araujo Aragão Bulcão, juiz municipal da 2. vara, quem como substituto, tem de dar o seu *veredictum*, nesta questão. »

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de agosto de 1864

Officio á camara municipal pela segunda vez para que mande substituir a antiga balança do Curral do Conselho, ou ao menos atural-a, pois são innumeras as queixas dos compradores que alli vão, os quaes em cada arroba encontram uma differença de 3 e 4 libras, prejuiso que recahe nas costas do pobre e paciente povo.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, dizendo-lhe que o Thomé Castiga, insigne cavalheiro do Olho-Vivo, entrou na noite de 10 na loja do Sr. Victorio á rua Direita de Palacio e dalli levou por *gracejo* dez pares de luvas de pellica. Pede-se por tanto a S. S. que dê conveniente destino a esse habilidoso moço, tão digno de ser melhor aproveitado.

—Ao mesmo, participando-lhe que uns estrangeiros, que andam pelas ruas com uma *loja volante*, expõem á venda publica, certos objectos que devem ser apprehendidos por contrabando e por offensivos á moralidade publica.

—Ao mesmo, pedindo-lhe sua attenção para um individuo conhecido por *Xico Carteira*, o qual se tem tornado o terror dos viajantes da Estrada de Ferro, saccando-lhes do bolço carteiras e relogios.

Esse individuo que pelos habitos e phisionomia parece ser uma pessoa de distincção, consta-nos que está acoutado la para Itapagipe.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado chamando a attenção de S. S. para um botequim que ha nas Portas da Ribeira pertencente a um Sr. José Domingues, onde, segundo nos informam reunem-se diversos reus de policia, para, de parceria com marinheiros, occuparem-se em jogos de que resultam repe-

tidos alaridos; o que não pode continuar.

—Ao Sr. Cons. director geral dos estudos para que mande retirar da povoação de Paramerim o professor publico de primeiras lettras, visto que, segundo nos consta, occupa-se mais em politica contra o governo, e em fabricar bonets, do que em ensinar quatro discipulos que tem.

—Ao Sr. Dr. procurador fiscal, participando-lhe que o 3. testamenteiro do casal padre Alexandre da Silva Menezes, fallecido, ha 14 annos, se acha de posse dos bens do referido casal sem que tenham pago, elle e os mais interessados, o sello de herança (visto nenhum delles ser herdeiro forçado) pois que o mesmo na boa fé dos commandeiros tem tudo adiado com grave preiuiso da fasenda.

(No mesmo sentido ao sollicitador dos feitos da fasenda.)

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme ordenando-lhe que vá aos Barris e faça ver à uma moça que alli mora, que se cohiba de seu escandaloso namoro com um Sr. Nascimento; do contrario verà seu nome publicado. Cumpra.

—Ao fiscal de Santo Antonio ordenando-lhe que dê providencias sobre certas casas ao beco do Padre Bento que costumam deitar à rua barris de lixo, por occasião de qualquer chuva, impedindo por esta forma que em suas cazas esteja a gosto a visinhança, que mal pode chegar ás janellas por causa do insupportavel cheiro que exhala o lixo. Cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Fé de Rico do Caquende pedindo licença para *comer*.—Indeferido, visto ser esse o castigo que merecem certos alfaiates que subtrahem as calças dos freguezes, paganas com *carneiros*, alimento de que muito gostam os *lobos* e as *onças*; e os que, usando, uma vez por outra, de sapatos de *carneira* e casaca de golla de tres palmos, acham-se mais adaptados para officiaes de justiça.

—Que barulho é aquelle alli na travessa do Bastos, ao Cães do Pedroso?

—E' o Sr. Manuel José de Carvalho e Oliveira, dono do armazem n.º 101, que está chicoteando um pobre negro.

—Porque?

—Porque armou uma balança no meio do beco, tomando toda sua largura com duas escadas e o negro qua alli está sob a pressão daquella taca (de que muita gente boa precisa) *atreveu-se* a passar pelo beco e deitou ao chão aquella geringonça.

Conduzia um carro e o burro que não gosta de gallegos,—porque realmente gallego e burro la sabem a rasão de sua *resinga* apezar de tão similhantes—fez uma pirraça daquella ordem ao *bravo* portuguez que foi de taca no negro e no burro como quem queria a cousa.....

—Está direito!

Isto só se atura por *Ferrabraz*!

—Ferrabraz por aqui! olhe que em caza de ladrão não se falla em furto.

—E os fiscaes de nossa terra?

Pois não viram armada no meio d'um beco estreito aquella traquitanda!

—Ora, homem rico e dono de armazem pagando multa!

Multa è para negra ganhadeira, ou para taverneiro quebrado e brazileiro.

O Sr. està muito alheio, ainda....

—E as posturas?

—A gallinha chocou.

—De posturas da camara é que eu lhe fallo. Não è prohibido impedir ou embaraçar o transito publico?

—E', mas.....

—Mas é que chegou um outro sujeito e o caso serena.

—E este Oliveira faz disso assim como quem não quer a cousa!

—Ja nao è a primeira vez; pode-se chamar este beco o do *Pelourinho*.

—Pelo que vejo, quer Vm. chamar o Oliveira de muxingueiro.....

—Por *Ferrabraz* que tal não tinha em mente!

—Consta-me que entra na chapa da liga para vereadores o celebre vereador nato, que expellio o tenente coronel J. J. L.

—Quem é este?

—É o fabriqueiro de testamentos falsos, um cujo da companhia do olho vivo, involvido n'uma doação falsa de um moleque para seu filho.

—Conte-me isto.

—O moleque foi despachado na policia. O documento que apresentou-se foi passado um anno e dezoito dias depois da morte da doadora.

—Ja sei; foi um que deu denuncia à policia de escravos fugidos e criminosos na fazenda Morador, freguezia da Madre de Deus.

—Não viu nos jornaes grandes prodigios e velhacadas do tal cujo?

Apossando-se de bens alheios, vendendo-os sem sciencia dos herdeiros etc. etc. ?

—E como entra na chapa? E' potencia?

—Qual! é um defunto que ja fede, e que deve, arrependido, implorar a Deus perdão do que tem feito aos orphãos e ás viúvas; das desgraças que lhes tem causado, dos infortunios que lhe tem preparado.

—Capitão, mande-o enterrar no porão por quem é . . . . . .

—O Sr. Joaquim Anselmo pensa que mette medo com seos olhos arregalados?

—Ha dias encontrou o Igrapiuna e mediu-o na ladeira da Misericordia de alto a baixo.

—Isso mesmo ia eu dizer-lhe, porem na rua Direita do Collegio.

—Ca, ca, ca!

Porque se não deixa disto moço ?

—Eu sei ca,

Ca, ca, ca, !

—Sr. *Joannico* que diabo é isto?

—E' o Sr. *Rodrigues* que me atrapalha.

—Que diabo de Rodrigues é um?

—Chegou de *Vianna*, ha pouco.

—Sr. *Dantas*, não me dirá que homem é este?

—E' um patife, capitão.

Metteu-se de gorra com a filha do compadre que ia se foi de viagem para a Costa e com parte de soccorrer a comadre, passou-se de pato a ganço e ninguem o pode aturar.

Vivia na rua da *Paz* de *Maria* a escandalisar o publico que pedia a excommunhão para o incestuoso gallego.

Uma vez, relataram o facto á mulher do biltre que lh'o fez saber.

O gallego instou com a mulher para que escrevesse a certa pessoa de quem elle suppunha ser o aviso e que morava visinho á casa da *protegida*.

A mulher negou-se; elle insistiu, nova repulsa.

Escreveu elle mesmo e mandou levar ao innocente a carta, recheiada de grosseiros insultos, prova da educação apurada que em Vianna recebeu o fugitivo do Limoeiro.

—Ora forte patife!

Muxingueiro!

—Prompto.

—Vá se divertir com aquelle sujeito engraçado, que amanheceu rico sem se saber como, sendo apenas marinheiro de um barco negreiro.

—Ja la vou, capitão.

—Sem demora!

—Sou todo obediencia e azas.

(*Continúa*)

—Olá! como vae a policia desta terra!

—Que é aquillo mesmo?

—Estão a espancar aquelle negro que encontraram a cortar capim á Estrada Nova na roça do Sr. Couto e que trouxeram até a rua Direita da Misericordia para receber 50$ que lhes foram promettidos.

—E o que querem agora?

—Querem que o negro lhes dê pelo menos 50$ rs, ou que vá buscar o capim para ir á Correcção.

—Que escandalo! que vergonha! que patrulha!

—E como não se incommodará com estes factos seu honesto commandante!

LA VAE VERSO.

Que tempo é este,
Que vae correndo,

E a humanidade
Assim soffrendo!

Tudo è progresso
Na terra nossa!
Dizer—contrario
Não ha quem possa.

Muita gazeta,
Muita funcção,
E as algibeiras
Sem um tustão.

Pobre o artista,
Nunca enriquece
Trabalha tanto,
Nada merece,

E no commercio
Tanto tratonte,
Rico e soberbo
Sendo pedante!

Alli a gente
Triste e coitada,
Pelos ladrões
Sempre é lograda.

(Continúa)

A PEDIDO.

Precisa-se saber onde se acha presentemente morando um Sr. de nome Almeidão que sabe magnetisar, pois temos uma carta do Maranhão para o mesmo.

A mulatinha

Para juizes de paz de Santa Anna.

Professor Francisco Barbosa de Araujo.
Lino Porfirio da Silva.
Manuel Jeronimo Ferreira.
Dr. Americo de Souza Gomes.

Para vereadores.

Os distinctos liberaes:
Dr. José Luiz d'Almeida Couto
Barão de Matuim.

Para juiz de paz da Rua do Passo.

O alferes Manuel Ubaldo da Silva.

Chapa popular para juizes de paz da Sé

Manuel Ignacio de Souza Menezes
Ignacio Alberto d'Andrade Oliveira
Arsenio Rodrigues Seixas
Jovino Cesar da Silva.

Para juiz de paz da Sé Benjamim dos Santos Martins Vallasques.

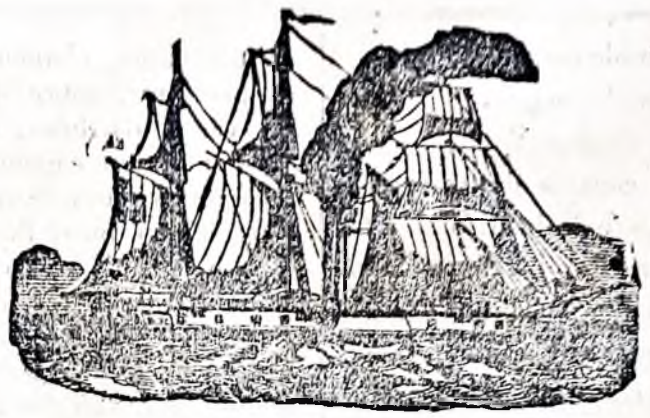
NOTICIA MARITIMA.

Deu fundo e está descarregando no trapiche *Maciel* a velha barca *Annanias*, que viajando ha 8 mezes trouxe a reboque a pequena galeota *Ibirapitanga*, sendo o mestre um *gentilhomem*. Da barca o carregamento consta de 7 mil volumes de obras de difficil gosto, um grande cofre para arrecadação dos dinheiros alheios, uma maquina de enganar, 400 botins forrados de ferro proprios para quem muito anda, 100 navalhas reforçadas para grandes barbas, uma caixa com 100 rebecas, um pacote de pilherias inglezas, um velho macaco, cujo nome appropria-se ao da barca. A galeota *Ibirapitanga*, que batendo á uma *cachoeira*, foi de prompto soccorrida, e veiu a reboque, trouxe 2 mil balões atrevidos, um caixão de chapellinhas de um só modelo, 1 dito de vestidos de um so uzo, 3 mil methodos para o uso de uma insigne professora, 10 volumes de ignorancias, 100 de imposturas. O nome do capitão ignora-se; porém é baixo, velho, troca das pernas, e tem gestos de refinado fallador e tratante.

ANNUNCIOS.

José Pedreira França faz publico que do poder de seu irmão o capitão França, morador na villa da Feira de Sant'Anna fugiu ha 20 dias um escravo deste, de nome Sabino crioulo bem prêto de 30 annos de edade, altura regular, cheio do corpo, e bem reforçado, com o beiço superior cicatrizado, com pouca barba, do serviço da roça, e servente de pedreiro, constando ter vindo para esta cidade; quem o prender e entregar ao annunciante escrivão do commercio á Praça ou na sua morada ao alto do Bom-fim receberá 20$000 rs. de gratificação.

TYP. DE M., A. E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 10.ª BAHIA 17 DE AGOSTO DE 1864. N.º 98

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de agosto de 1864

Officio ao Exm. Sr. presidente, pedindo-lhe que officie á companhia d'Estrada de Ferro para que mande indireitar uma columna do telegrapho, n'Agua de Meninos, a qual ameaça cahir por cima de quem passa, visto que seu unico sustentaculo são os tres fios conductores.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que providencie de maneira que os accendedores do gaz tragam um distinctivo pelo qual sejam conhecidos, afim de evitar que os membros da companhia do olho-vivo, certos de serem confundidos com aquelles, munam-se de escadas à noite para subirem em telhados e porem em pratica seus feitos, como inda na sexta feira aconteceu em uma casa á rua do Pão-de-ló.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que, em companhia do fiscal parcial da freguezia de Santo Antonio dirija-se à rua Nova do Queimado, afim de prohibir que um tal creoulo Amancio e outros moradores de uma caza desse logar despejem aguas na rua, pois ja se acha defronte de sua habitação um grande charco, o qual, quando esquenta o sol, incommoda bastante a visinhança com miasmas, que muito devem arruinar-lhe a saude; e o dito fiscal que cumpra a lettra da postura respectiva, e não tenha somente cuidado com as lavadeiras de uma fonte muito proxima d'alli, por lhe fazer isso mais conta. Cumpra.

—*Ao* mesmo, ordenando-lhe que vá á ladeira da Misericordia e intime a certa mulher que ahi mora que não continue a deitar lixo na porta de seu visinho marceneiro, sob pena de ser conduzida ao porão deste navio, onde receberá as instrucções necessarias para sentar praça no batalhão da Mata-Cobra. Cumpra.

—Porque chama-se aquelle moço gaiato de Dr. *Canella*?

—Porque anda com uma canella de defunto a imposturar de academico, afim de ser querido das meninas.

—Namora?

E anda com aquella cousa na mão?

Veja bem si é osso.....

—E' *osso*, rapaz, de que já cahiu o *tutano*, porque seu dono ja *se foi*, é um defunto.

—Ora que gosto!

—«Vejam aquelle moleque.

«Reparem para aquelle negro.

«Ah! bode!...

E no entanto um canalha destes é que falla da gente honrada e de bem!!»

Isto dizia o Sr. Dr. Em-Beiços sentado na loja do Sr. capitão Benjamim, na occasião em que passava por alli um dos impressores do *Alabama* na quinta feira 10.

Tem rasão, meu illustre fidalgo, filho do sol e neto da lua.

Porem note, meu nobillissimo senhor, que muita gente boa pratica não só *molequeiras* como até actos muito tristes, tristissimos.

Por exemplo: o fidalgo empregado publico que rebate o ordenado de um só mez a duas pessoas, deixando um a ver o signal, que nome merece?

Responda o Sr. alferes Costa que foi quem soffreu o logro.

Pois o muito nobre Dr. Em-beiços, o antigo quebrador de janellas, terror das meretrizes da freguezias da Sé e Rua de Baixo ja enche a boca de moleque!

Que pedaço de asno!

Que tolo insolente!

Fique certo que si inda não lhe deitamos a chronica à mostra é em attenção a seu estimavel irmão.

Mais si continuar.....a paciencia tem limites.

—O A. França è liberal, sim.

—Mas é porque? Porque V. diz? Por que elle diz?

Queremos provas.

—Tinha direito a ser deputado geral e resignou-se a deixar de sel-o, só para dar triumpho ao directorio.

—Ah! *tinha direito*! e resignou-se a deixar de ser deputado, porque uniu-se, dizem, com alguem da Sé e prometteram-lhe depois uma presidencia.

—Tem rasão, tem rasão, ouvi fallar nisto por occasião de amuar elle na assemblea, dizendo-se que por não vir a presidencia incafifara o liberal mancebo.

—E' liberal sim, porque toda sua geração o oi.

La isso é verdade.

E' liberal por herança.

—Quem é aquelle que vem acolá na quina do Banco da Bahia com chinellos de trancinha, chapeu do Chile, todo cahido para traz, sobre desabotoado, charuto no canto da boca, os braços quebrados para traz? que capoeira ho aquelle? Pelos seus gestos não terá medo de ser comido por alguma onça? Pois na ponte que deita para o consulado ha duas furiosas onças, uma logo ao entrar da porta ao lado direito, a qual tem comido alguns meninos no beco da Carne Secca, e outra no mesmo lado, no fim da ponte.

—Então V. Ex. não conhece o grande vermelho?

—Que vermelho?

—O Piroca.

—Ah! aquelle taful denominado Caim?

—Precisamente.

—Oh! bem parece o que dizem! a cara, mostra que elle è bastante descarado.

—É verdade: e por isso a tal onça, do entrar da dita porta, não gostava nem gosta delle, e de vez em quando arruma-lhe as unhas no pello.

—Pois admira que Caim tenha essa onça por inimiga, quando todas as pessoas, principalmente os empregados lhe auxiliam nos despachos, etc.

E mais ainda: admira como Caim, sendo um sabio, um homem de bem, etc, se apresente nesta cidade baixa á fresca, como quem vai à praia ou catar cajús.

—Isso è que se chama sabedoria!

—Coitado! está desmoralisando o partido vermelho!!

—O *A.* França anda tonto, assombrado, pavoroso.

Dizem que outro dia, ao encontrar uma pessoa—para a qual ha muito não olhava, mas a quem agora aperta a mão affectuosamente—lhe perguntara: «Marcollino, morreu o *Alabama*?

«Transformou-se em vapor? Settas ervadas! e eu que o não receiava! Ainda falla em camadas de sociedade? Meu cabrion! meu cabrion!»

—E que injustiça! O A. França, quando fallou em camadas de sociedade não quiz fazer distincções; tractava em geral dos defamadores.

—Isto agora diz elle.

Consta-me que reune synagogas de que elle è o chefe para explicar o sentido biblico de suas palavras. E tem rasão que o liberalismo do homem é incomprehensivel como o Apocalypse.

—Arvorou-se o jurisconsulto em mestre de cathecismo?

—E' o que dizem; valha a verdade como dizia o Barata.

—Que era liberal, que não deixava de ir á uma festa de progresso material para

sua provincia,e que não tinha no outro dia o arrojo de dizer, no parlamento,que deixara de comparecer porque não houve um carro de distincção.

—Onde foi isto?

Não é possivel.

—Pois veja este papel; leia este topico:

—« Lêde, porem a outra, e nella vereis por exemplo o Dr. Augusto Ferreira França, aquelle, que sendo deputado provincial deixou de ir á inauguração da estrada de ferro, á essa festa do progresso, para a qual foi convidado, porque a empresa não deparou para elle e seus collegas um *carro especial de modo* que os representantes da provincia *não se confundissem com o povo* ! Isto só é por si tão eloquente que quando se podesse duvidar do liberalismo de taes homens, bastava esse facto para attestal-o.»

—Viu agora?

—Papel de eleições.

—Pois veja o *Diario* d'aquelle tempo, publicava os debates.

—Homem, ja passou a *partilha leonina?*

—Que partilha?

—O projecto vaqueiro.

—Que vaqueiro?

—O projecto do padre Rocha Vianna que ampliava a freguezia da Rua do Paço.

—Cahiu em desuzo.

—E' o que lhe parece.

Tanto passou que o subdelegado da freguesia está morando nas Portas do Carmo.

—Onde?

—Na casa do Francellino, ultimo andar.

—Pois é engano seu, è abuso da authoridade.

—Bem bello!

Si ainda morasse no primeiro, passaremos que ficava mais perto da freguezia, mas no ultimo!..

—V. tem visto a nova pasteleria do Almeida?

Bem preparada, superiores doces, muito aceio, gosto francez emfim.

—Vivem vossês a fallar do A. França porque trouxe Chanchan e quer afrancezar a Bahia!

Não reparam que o Almeida até mudou de caixeiro, que o que presentemente tem é da Estranja, e da França, e francez por tanto !

—Não ha duvida, não ha duvida! quem não fôr francez, ou macaco de francez,não é da epocha, não é do *progresso*!

Viva pois o *francezismo!*

Viva, viva !

—Como vae minha terra!

Como vae minha querida Bahia!

Antes estar em Latronopolis no meio de tratantes e ladrões do que na degenerada terra de Cabral !

—Mas que houve?

—Que houve?! Ainda m'o pergunta!

Não vê os malfeitores como estão de cabeça alçada?

Não viu pedradas, cacetadas e facadas?

Ainda uma destas noites uma tal *Sinhá*, moradora á Ajuda ia arrancando a orelha de seu dilecto cupido, Maximiano.

—Oh! como foi então a gracinha? A sujeita foi acaso discipula do professor Felippe?

—Não, rapaz: nada tem ella com o professor *orelhophago*, como o chamaram, e tanto que do que ella usou foi de navalhas em logar de unhas.

E depois um Benigno, que de benigno só o nome tem, e que è soldado de policia, cutilou horrorosamente a uma pobre mulher que de fóra chegado tinha e mandou-a ceiar com Christo em desconto de seus peccados.

—Conheço o tal amigo maligno; é um que foi expulso do corpo de policia e foi depois readmittido, dizem os capotes que por acinte ao capitão,na 5. companhia que é tida por exemplar em disciplina, apezar das innumeras desordens que elleprovoca.

—Ouça outra:

Dous soldados do 10.°,um de nome Olegario e outro que estavam de guarda na Praça, espancaram-se a grande na ladeira da Praça, á força de baioneta.

Seriam duas horas da madrugada e si não passassem duas pessoas, mais uma desgraça teriamos a lamentar.

—Com effeito!

—Attenda mais.

Na cidade baixa alguns guardas de policia fizeram desordem n'uma casa de jogo.

Stavam à paizana.

—Isto é caso velho.

Ouça agora V.

Queixou-se da Bahia, prefere Latronopolis.

Ouça:

No festejo da Saude a companhia do olho-vivo brilhou; diversos agentes seus provocavam conflictos para poderem por em acção seus bellos feitos.

Differentes senhoras foram disso victimas.

—E' o que resulta de procissões, fogos de planta etc, etc.

Festividades de egreja deviam resumir-se no interior, limitar-se a actos religiosos, que tudo mais è mascarada.

—Và ouvindo, os moradores da ladeira dos Gatos estiveram atrapalhados; uma mulher voltou do *fogo* e intendendo que tinha diabo no corpo, o qual (diabo) lhe metteu uma nova Eva.

—Ora não me aborreça! V. è beato, ainda crê em tollices!

—Pelo contrario.

Mas, pelo que vejo, V. não acredita que foi castigo irem na 2. feira dous sujeitos trabalhar ao mar e ficar um delles no fundo, quando voltavam? que diz?

—Ora empine-se!

—Ouça o resto.

Um Sr. Augusto no Caquende *furtou* uma moça de casa no domingo e foi preso, mas *conseguiu provar* que nada devia a ella

A moça ia ser restituida a seos paes; em caminho apartou-se e foi à casa do que ella dizia seu seductor exigir reparação e a promessa feita. Mas na porta foi obstada por alguem adrede ali posto.

Então a infeliz corre desvairada pelo largo de Nasareth atè cahir desfallecida.

Alli permaneceu seguramente duas horas até algumas pessoas a levantarem para conduzil-a a casa paterna.

O coração mais impedernido se commoveria ao ouvir os gemidos entrecortados, que então se desprendiam daquella alma!

Quem olhasse para o rosto da desventurada, não teria a menor duvida de que aquella angelica creatura era victima de um engano.

Aquella infeliz está perdida para o mundo; tem diante de si o sepulchro ou a loucura.

—Que terra, meu Deus!

DECLARAÇÃO.

Tendo-se dirigido a esta typographia o Sr. João Teixeira de Freitas dizendo-nos que lhe attribuiam a authoria d'uma *Noticia Maritima*, publicada no *Alabama* de 13 do corrente, affiançamos a quem quer que nisto interesse tenha, que o mesmo apezar das relações que com nosco entretem, nenhuma ingerencia teve na dita publicação, sendo provavel que essa mesma intimidade que nutre em relação a nós dà causa a que mal intencionados o queiram expor ao odio de pessoas de sua amisade.

A PEDIDO.

Sr. Redactor.—Recommende pelo seu jornal a candidatura do Dr, Eloy Martins de Souza, para vereador deste municipio.

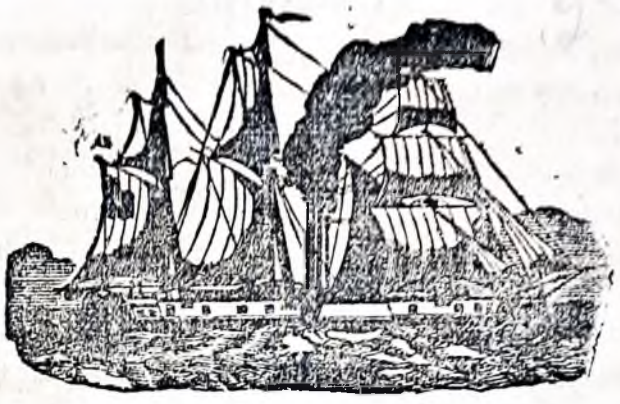
Para vereadores,

Os intelligentissimos empregados publicos

Francisco Maria da Costa Chastinet
Isidoro Antunes de Carvalho.

Guilherme Rodrigues Viegas, estabelecido e residente no arraial da Pitanga, declara ao respeitavel publico que não se refere a elle um annuncio do *Alabama* declarando um individuo cognominado Viegas pelo furto de uma carteira, o que tem motivado diversos commentarios em desabono ao annunciante, que tendo sido educado nos mais sãos principios de moralidade, ainda não se filiou na execravel companhia do olho vivo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 10.ª BAHIA 20 DE AGOSTO DE 1864. N.º 9

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n.
1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 19 de agosto de 1864.

Officio ao Sr. Dr. chefe de policia pedindo que se digne conservar na povoação de Paramerim 4 policiaes, que para alli mandou, porque depois da chegada delles alli desappareceram as facas de pontas, os cacetes e valentões que haviam, tão perigosos, que ameaçavam as proprias auctoridades do lugar.

—Ao Sr. commandante de policia, dizendo-lhe que a bem da moralidade do corpo de que é S. S. muito digno commandante, cumpre que S. S. proceda com o maior escrupulo quando tiver de ser ahi admittida, alguma praça, afim de evitar que sejam readmittidos homens que já foram dalli expulsos como infames e de pessima conducta.

Muito mais quando seus desafectos propalam que S. S. faz timbre em admittir todos os que foram despedidos por seu antecessor como maus, o que apesar de nenhuma fé merecer á vista do alto caracter e honestidade de S. S., comtudo é bom destruir tão infundados boatos.

—Ao Sr. inspector da alfandega pergun-

tando-lhe, si no dia 17 do corrente c
licença a Odorico Vaz de Carvalho, emp
gado de sua repartição para no juiso
orphãos servir de avaliador de um inv
tario; e si nisso não ha incompatibilida
ainda dada a hypothese da concessão de
cença, visto como o regulamento das
fandegas não trata da especie.

—Que ajuntamento é aquelle alli
rua de Baixo?

Que gemidos são aquelles?

—Dizem que uns armadores que alli
costumam deitar na calçada alfinetes de f
ro com a ponta para cima afim de qu
passa nelles se estrepar.

Aquella pobre preta foi victima de u
porção delles que espetaram em um ped
de carne,

—Não è possivel que sejam tão ma
Talvez que por serem os homens armad
res lhe attribuam esse acto de malvade

—Fossem elles ou não, o caso é que
está a pobre preta soffrendo, e note c
isto succedeu defronte da casa delles, c
là estão em gargalhadas applaudindo
graça.

—Graça, talvez, de algum moleque.

—Ou menino malcreado.

—Quem é o dono da casa?

—Um Sr. Antero.

—Ora, Sr. Valença, quem é que está
nem de sua pessoa?
Deixe-se disso.
Para que falla em *sandice*?
Não alimenta a gana de asmodeu?
Ca, ca, ca!
Ora pelo amor de Deus!

—Ora bem bello!
Pagava-se um vintem ao administrador
Curral para fornecer agua, visto ser-se
rigado a lavar-se alli os gatos das rezes
tes; agora não ha agua, a fonte se-
, ficou tudo no *Queimado* e venha
ro, apezar de se comprar agua!
em bello!
—V. viu isto?
—Não, Sr. mas disseram-me, consta-me.
—Pois só falle o que souber.

—Então sor gallego das garapas, que
ho é isto?
—E' que eu.....,
—E' que és um refinadissimo besuntão,
porcalhão dos seiscentos.
Como é que mettes a mão nojenta no
e da garapa que vendes?
—E' porque.....,
—E' porque bem fez o Manuel de ati-
te o pote ás ventas.
—Mas, capitão, é que eu estava aqui
im.....
—Aqui assim has de ficar agora.
Moxingueiro, cem calabrotadas neste
ego, ate que lave as mãos e compre
oco para tirar garapa.
—Malditos dous bintens!

—Como vae esta terra!
Já se prende a quem em sua defeza usa
um apito, para livrar-se de um aggres-
que alta noite o ataca com um punhal,
que não era inspector de quarteirão, e
em não è inspector não pode tocar apito!
—Quem lhe contou isso? não é possivel.
—O *coronel* Tranquilino com quem se
u o facto.
—Não creio. Esse coronel será algum
madista?
—Pomadista ou não, foi passar a noite
Correcção, porque a patrulha assim o
tendeu.

—Em que dia foi isso?
—Na terça feira.
—A' que horas?
—[illegible] da noite.
—E o que fazia o Sr. *coronel* a essas horas na rua?
—Jantou uma feijoada e como estava indisposto, ia ao S. Gualherto tomar um *prego*.
—Ora o Sr. *coronel* tomando *pregos*!

—Olà, Sr. escripturario, Vm. está outra vez a assassinar os escriptos! Tome cuidado!
—Que houve, capitão?
—Settas ervadas—arrumou Vm. com settas ernadas.
E tractando do A. França disse que elle citou Chanchan, quando devera dizer Chassan.
—E' por causa da semelhança na pronuncia, capitão; queixe-se dos compositores.

—Capitão, ouça isto:
Passei agora pelo Caes Dourado, e ouvi n'um 2.º andar uma vozeria diabolica. Indaguei o que significava aquillo e disseram-me que alli era uma fabrica de charutos, e que dous soldados de policia sabendo que alli trabalhava um soldado desertor, intenderam de si para si que o podiam prender e lá e querem por força que a pobre senhora dona da casa na ausencia de seu marido, que não está, dê conta do homem, e então fazem aquelle alarido infernal e insultam a inerme senhora.
—E isto é exacto?
—Foi o que me informou a visinhança.
—Grande Deus! como vae a policia de nossa terra! Que gente morigerada! Custa a crer que estamos a 17 de agosto do anno da graça de 1864!

—Ouça mais outra:
Ha no Taboão uma patrulha que impede descer ou subir cavalleiros e carros por uma das duas ladeiras, a do Taboão e a do Caminho Novo.
Hontem, 18 do corrente, ninguem a cavallo passava pelo Taboão, mas os Srs. Dr. Cordilho e major Pinheiro tiveram li-

cença ampla e passaram. O que deu logar a uma grande questão entre um dos guardas e certo Sr. Barbuda, marçineiro que alli existe, por ter este notado tão irregular procedimento.

O que de melhor appareceu foi o seguinte:

« Tollo, saia para fora, que piso-lhe a pés. Não è de sua conta. O major Pinheiro é muito melhor do que V.

Saia si é capaz etc. »

—A que horas foi isto?

A's 10 horas, pouco mais ou menos.

—Bem bom.

Tractar dos soldados de policia, da sua disciplina, é o mesmo que mostrar a luz ao cego ou lavar a cabeça ao burro.

E' perder tempo e trabalho e sabão.

Com effeito!

—Venha cà, senhora beata das duzias.

—Escrava de meu senhor.

—Como te chamas, negra hypocrita?

—Eu me chamo Innocencia da Caixinha.

—Onde moras?

—Na rua das Castanhas, perto do largo das Palmeiras.

—Negra, tu fazes confissão geral, e vives concubinada com o zelis Mané Bichento; tu ès dona do frei commissario das rozas sanctas, e te confessas com elle, tu tiras esmolas para os santos, e com o dinheiro fazes ceias para o portuga da venda de S. Domingos?!

Negra sem verniz, desconjuntada, religião é devassidão? ser debochada é ser beata?

Muxingueiro, mette a cara desta negra no cano mais infecto que achares para ver si toma verganha.

—Meu senhor, por S. Gabriel, que foi quem me forrou, não diga a minhas irmãs porque eu vou preza, pois ellas pensam que eu ja não *carrego cesto*, e que quando saio de caza *é para rezar nas egrejas*.

—Executa, muxingueiro!

PARTE COMMERCIAL

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 19 DE AGOSTO DE 1864 A'S 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA DO MECADO.

O mercado durante a semana esteve animadissimo em *roubos*.

A companhia do olho-vivo fez importantes *saques* sobre a praça da Saude.

Entrou na barca *Belmiro*, pertencente mencionada companhia, um carregamento de relogios *gamados* e carteiras saccad

A barca *Pereira* chegada de *Santos* trouxe uma partida de *certidões falsas*, abu de confiança e *falsa-fé*.

Foi reexportada para a cidade da *Co nivencia* no patacho—congo—*Cyrillo*.

A quadra eleitoral que se aproxima trouxe animação aos negociantes de *cortezi* que convergem seus carregamentos pa esta praça.

Tem sido porém tanta a affluencia que possuidores a estão vendendo a longo pr zo, sendo facil a qualquer pessoa hoje c ter uma partida de cortezias, o que agora era difficil porque era monopolisa por certas classes.

Entrou na barca *Florsinha* procedente *Caquende* um carregamento de 50 barri *escandalos*, 30 barris *fingimentos*, 30 pa tes *desfructes*, 50 balai os *offensas a' mor de*, 4 embrulhos *depravação* requintada foi remettida pela *estrada de ferro* par cidade das *Veronicas* á consignação do gociante *Augusto Ferrugem*.

Chegou de Porto *Ximenes* na barca *M tureira* uma porção de esterquilinio e terco proprio para estrume, por enc menda da camara do municipio, para empregado na plantação das arvores *Largo* de *Jesus*.

—

MOVIMENTO DO MERCADO.

Badernas.—Foi permittida a sua entr livre de direitos, em consequencia das ximas eleições, providencia que tem mado a concurrencia deste genero à n praça.

A carga do palhabote *Pagode* entrad semana passada foi vendida para os festi da Saude.

Desenfreamento.—O que ha é consun para fornecimento da força publica.

Ferimentos.—Durante a semana vie algumas partidas ao mercado.

Intrigas.—Cota-se a alto preço. Os positos estão supridos.

As que vieram da cidade das *Cab* no brigue *Candidato* tem obtido m procura.

Promessas:—Na actualidade, affl em cardumes á nossa praça os carr mentos deste genero. A safra que desd gosto do anno passado foi esteril é pre temente abundantissima. A duvida está que seja de boa qualidade, no que ha perança segundo a opinião dos intendi

Orgias.—Abundantes. Seus preços estão nes.

Supplicas.—Nosso mercado está sup- do. No empenho em que estão os pos- dores de acabar com a existencia do ge- até o dia 9 de setembro em que es- am receber um carregamento de *alfaces* d na galera *Esquecimento*, vendem plica a todo preço.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Brigue *Cypriano* vindo do Porto do *Ta-* , 30 saccos assucar comprado a 40 rs. ibra e pretos de trapiche; 10 fardos fu- ia.

—

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA.

S. *Joaquim* brigue *Marquez*, de toneladas, capitão *Moreira*, carga, ectos comprados a escravos, joias em- nhadas, 20 frascos usura, 6 colheres de rata compradas a um menino; diversas guas, ingredientes folhas, e cascas, pros ias para alterar as faculdades de qual- uer pessoa e 4 castiçaes; passageiros um egro feiticeiro, um soldado de policia, ma creoula louca, por effeito dos taes eiticamentos e um doutor de seixos a- anhado em *flagrante*.

A PEDIDO.

Para vereadores.

J. Piloto Onça—presidente.
Queiroz.
Fragas.
João das Mulatas.
Belmiro.
Antonio dos Invalidos.
Xico Carteira.
Tranquillino.
Dyonisio D. Ratão

Olho-vivo.

Sr. capitão.—Havia um certo o de mascate que tendo de se barcar para a Bahia, ficou, a lido do pae que morava dis- te da cidade do Porto, em caza m negociante. Roubou logo ois um relogio de ouro e cin- libras esterlinas, que vendeu um piloto do navio por uma ra de escrever e dous mil e quinhentos. O piloto participou o roubo ao capitão que indo cor- rer o baú do sujeito e pondo-o em confissão, encontrou ainda os cinco esterlinos.

Peço-lhe pois que mande o guarda-marinha á Ajuda perguntar ao cujo si se lembra do que fez com um primo da venda da Mangueira, e daquelles dous cestos que encheu de generos para mandar a certa pessoa.

O resto dir-se-lhe-ha depois si alguma coisa disser, e então é muito provavel que deixe esta Bahia, si tiver vergonha.

Sr. Redactor.—Corre como certo em Cachoeira que no *Alabama* de 16 de julho publicou-se na *Parte Commercial* e *Maritima* alguma cousa de referencia ao Sr. G. Mangabeira e outros, e como seja uma falsidade peço a V. que declare isso mesmo.

Um amigo do Sr. Mangabeira.

Affiançamos que nada em tal sentido foi publicado.

A Redacção.

Para vereador.

José Alvares do Amaral.

Porque é que no arsenal de marinha, agora leva quatro e cinco dias se pagando, o que d'antes se pagava em um só tendo maior numero de operarios?

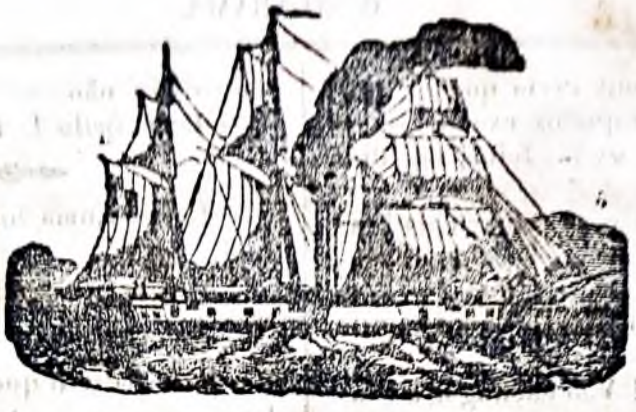
Não sei graças dos pagadores, Valha-nos o Sr. da Persia!

Hotel Figueredo.

RESTAURANT

Bahia le	*Rs.*
Biff.	640
Pão.	40
Vinho.	240
LEITE (uma chicara).	320
Torrada.	120
Charuto (um).	80
Somma	1$440

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 10.ª BAHIA 23 DE AGOSTO DE 1864. N.º 100

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 á 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 22 de agosto de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado, pedindo-lhe que por uma vez, acabe com um jogo continuado que ha no hotel Boa Esperança defronte d'Alfandega, sendo tamanho o escandalo com que alli se joga que quem passa à noite ou nos dias de domingo ouve distinctamente as vozes de ganhei, perdeu, vispora, nove, e o tinir dos cobres, além das innumeras desordens que ha constantemente.

Portaria ao guarda-marinhpedreste-Guilherme ordenando-lhe que intime ao conego *Ciry* para que diga, si quem falsificou a certidão extrahida dos livros, foi elle, ou o conego *Perú* pesca-moleques, conhecido tambem por *santinho* Manê Pereira das freiras.

Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao becco da *Paz de Maria* e faça incontinenti despejar duas mulheres que alli ha de nome Afra e Cecilia, como incapazes de morar entre gente honesta, e as faça remover para um logar que mais conveniente lhes seja.—Cumpra

—Ao mesmo ordenando-lhe que intime atres frades para que não andem là por baixo pedindo armações, missas, e sermões: sob pena, si continuarem, de serem intimados por seus nomes, e remettidos à suas predilectas devotas.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Genezio *mão branca* pedindo uma passagem *gratis* para ir a Valença. — V' vista da informação dada por certo professor que se acha n'esta cidade sem licença, dê-se-lhe a passagem pedida na cloaca do navio, afim de poder este cujo supportar os ares *apouquentados* e *atravessar as ondias encapelladas*.

José Maluco, pedindo licença, para pedir sechoras no toilette, quando houver de dançar.—Informe o Totonho.

—Ha alguma novidade?

—Porque?

—Onde vae o batalhão de caçadores, debaixo de tanta agua?

Chove a cantaros!

—Vae fazer exercicio na Barca, capitão.

—Porém assim com tanta chuva?

—E' bravura do commandante. Não teme a furia dos elementos.

— Mas não é marchando em baixo de chuva, que eu quero ver a valentia do velho commandante, deixe para a occa-

são opportuna. Depois creio que ha uma ordem clara que diz que os exercicios dos corpos do exercito serão feitos em dias de bom tempo.

—Mas repare, capitão, que apezar da bravura que mostra o intrepido commandante não pode resistir ás cataractas do ceu, e la volta elle com seu batalhão da rua do Rosario.

—Pobres soldados! Vão enchugar a roupa para amanhan marcharem para a guarda.

—Como se chama este hotel?

—Hotel Oriente.

—O que significa este rumor no 2.° andar?

—Jogam o 31.

—O 31! *A* dinheiro?

—A dinheiro.

—E não é prohibido?

—E'.

—E então?

—Mas não jogam com cartas, é no bilhar.

—E não se pára, não se tira barato?

—Sem duvida.

Mas como não è jogo de cartas não faz mal

—Ah!. .... agora intendo; os jogos de parar somente sâo prohibidos quando se jogam com cartas.

—Capitão, esta Bahia vae ás mil maravilhas.

—O que ha de novo, meu claro?

—No dia 17 um dos soldados da patrulha da meia noute para o dia, na freguezia da Victoria, metteu-se n'uma *baderna* e foi *suciar* em uma tasca que ha nas Mercês pertencente a um Manoel do Bomfim, n'uma propriedade do Manoel Amigo.

Depois de muito *come* e *bebe* seguiu-se a consequencia natural de taes folguedos:— a desordem.

O soldado então lembrou-se que era patrulha, e prendeu um de seus conviventes á ordem do subdelegado da Victoria.

No dia 20, o preso requer sua soltura ao Sr. subdelegado, e este responde que não tinha sciencia de tal prisão.

Vejs, capitão, como vae esta Bahia, nesta epocha de progresso!

—Mas homem de Deos, não podia ser um esquecimento do soldado em dar a parte?

Si elle estava se divertindo é claro que estivesse *espiritualisado*, e que no outro dia não se lembrasse do que fez.

—Bem bello! Boa patrulha!

—Capitão, uma historia de que me lembrei.

—Que historia?

—Lembranças da infancia, saudades da minha terna avó que no berço me embalava, que a seu peito me aquecia, que nos braços me estreitava, que na infancia me guiou, que na juventude me deixou....

—E que o diabo a levou!

—Ouça, capitão, a historia.

—Quero la saber de historias de velhas!

—Ouça que é de moço.

Aportou ás plagas de Latronopolis em certo tempo um moço gaiato, que era representante d'uma nação amiga.

Era um pequinitatis assim a modo de marca de Judas, bigode a Victor Manuel, calças a balão, gravata, camisa e chapeu a Tamberlick, casaca a Napoleão, botinas de Mellié, collete a Garibaldi, perfumarias de Piver, lenço bordado de cambraia, luva de pellica de Jouvin, tudo fancez emfim, no *degagé*.

Não era propriamente representante sinão do commercio, caracter no qual foi enviado, mas parecia, assim o diziam seus patricios, um dengoso bonneco, não desses que choram, mas dos que cantam.

Edo feito cantava o sujeito mais do que a Rigoleta de E. Sue.

Verdade é que não cantava por dinheiro como as *carcamanas* que naquelle tempo arribavam áquella terra, mas cantava por mostrar-se garboso, amacolletico e sympathico, no que não foi mal.

Si porém por um lado, a galanteria ia bem, por outro, a *diplomacia commercial* ia a peior.

Inculcou-se, a principio, de grande protector de seus patricios e fez o diabo a quatro; desherdou e herdou.

Metteu-se em *convenções*, usurpou direitos, sophismou leis.

Bonçou e cahiu na dança.

Cantou, recantou e descantou.

E o que succedeu-lhe foi que ninguem o comeu mais por serio; viram que o homem dengoso, effeminado da *França* não tinha boa bola.

Os patricios desgostaram-se; quizeram vestir-lhe uma camisa de força, mas alguns intenderam que melhor era dar-lhe um

fato d'arlequim, cousa que muito bem dizia ao caracter do *ex-deputado*, titulo que sempre invocava o galan *francez*

—Mas o Sr. para que ha de ser mentiroso?

Quem lhe contou esta historia foi sua avó?

Isto ouvio minha policia, ha pouco tempo, em certa parte.

—E' como V. Ex. quizer; o que lhe affianço é que ouvi isto de minha avó a quem Deus tenha em sua santa gloria, haverá seus vinte annos seguros.

(*Continúa*).

—Homem, porque è que certos fiscaes estão sempre nas freguezias de fora, em quanto não saben outros do centro da cidade?

—Caprichos dos vereadores.

—Historias! Protecção de partidos.

Pois ha de deixar-se de dar uma boa..... cousa aos do peito para dala aos outros?

V. não sabe que a maioria da camara è vermelha? que o thema dos conservadores è quem não é por nós é contra nós?

—Ah! Bem me disseram!

—Viva o exclusivismo! o filhotismo e tudo que acabar em *ismo*!

—Por exemplo, o liberalismo dos liguei-os que censuravam os conservadores e fazem o mesmo!

—Viva, viva, viva!

—Ora è pena!

Cortarem-lhe a cabelleira para qualquer Senhor Menino, é dispir um santo para vestir outro.

—Não cassúe.

—Depois que o Sr. sahiu em gazeta, ficou honrado como disse, e tem direito a tudo.

—O Sr. está enganado.

Crio cabellos, não para cabelleiras, mas para rochemeal.....

—De cabello?

Não diga, Sr. Mathias!

—Para bonets, meu charo Sr.

—Ja não dá extracção aos molambos? Por isso estão as ruas tão sujas!

—Saia-se d'aqui!

—Como está orgulhoso, depois que arranjou a droga.

(Continuação do numero 96.)

—O novo hospede da taverna da Santa que não è *barbara* e sim illustre provou logo a propensão que tinha para rapina, e mostrou que havia de ser um denodado campeão do olho-vivo.

Começou por intrigar um companheiro que encontrou na taverna, e tanto o enredou com o amo que este despediu o pobre caixeiro, deixando só o velhaco, o qual viu-se em campo desembaraçado para dar expansão a seo genio ladravaz.

Roubava no peso.

Falsificava os liquidos com agua.

E por fim roubou ao amo que não o podendo mais aturar, mandou-o tomar ares, depois de refrescar-lhe o costado com boa somma de vergalhadas.

Um tal Joaquim Gomes de Pinho chamou-o para caixeiro em uma taverna na *encruzilhada* do *Pascal*, mas pouco durou alli, porque foi logo enxotado em consequencia do desfalque e prejuizo que em menos de trez mezes teve o pobre do homem com semelhante ladrão.

Então veio arranjar-se atraz da Cathedral em casa do Luiz das *cabras grandes*, heroe em tudo digno de seu novo famulo.

Alli o bregeiro deu largas ao seu genio.

Comprava pelo barato tudo que lhe iam vender, sem o menor escrupulo, ou fosse um escravo, que lh'o levasse, ou um menino, ou um soldado, ou quem quer que fosse.

Roubava nos trocos ás pessoas que lhe davam dinheiro para trocar.

Tinha por costume quando ia alguem comprar, receber primeiro o dinheiro, demorar-se em despachar, e exigir segunda vez o pagamento, affirmando que inda não tinha recebido.

Aquella taverna era o asylo de tudo quanto era reu de policia, espadachim e ladrão.

Os empalmadores de carteiras, reuniam-se alli para suas excursões; os jogadores de dados e cadarço fizeram d'alli seu ponto de assalto, de commum accordo com o tal Quincas, que tinha parte directa na ganancia.

Não sei qual a razão porque o patife empinou-se dalli, o que sei é que vi-o depois na venda de um sujeito, cujo nome se parecia *com queijo*, n'uma rua onde havia um pé de *gravatá*.

(Continúa.)

Declaração.

A redacção do *Alabama* declara, que não teve em vista offender o S. coronel Tranquilino em uma noticia que deu, nem de alguma maneira abalar o seu credito no commercio.

Outro sim, declara que foi mal informada na parte em que diz que S. S. *ia* tomar um *prego*; S.S. *vinha* para sua casa.

A PEDIDO.

Pergunta-se a um alferes do batalhão da freguezia dos sanhaços a rasão porque quer que os guardas de sua companhia votem no partido a que pertence promettendo então deital os na reserva, Será este promettimento como foi o de alguem que promettia alferes aos sargentos que votaram no partido conservador?

A 5ª Companhia.

Para juizes de paz da feguezia da Rua do Paço.

Os Srs. Claudio Tiburcio Moreira.
Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.
Dr. João Baptista Guedes Touguinhó.
Alferes Manoel Ubaldo da Silva.

Um votante

Chama-se a attenção do Sr. fiscal geral para dous enormes porcos que andam soltos na ladeira da Conceiçã, o tornando-a um lamaçal, em consequencia do despejo que fazem os moradores da Rua Direita de Palacio para aquella ladeira; para o que tambem S. m. deve lançar suas vistas.

Hoje vae á praça pelo juizo de orphãos a escrava Generosa, cabra ainda muito moça, com dous filhos, um de 4 annos pouco mais ou menos, e outro mulatinho na ci o nestes dias, pertencentes a tres meninas orfãs de pae e mãe, (filhos do finado Olegario pharmaceutico) que se deffendem contra um letigio do Sr. João José Dias da Rocha; cheguem freguezes, é bôa a pechincha, até porque foi avaliada bem barato.

Adverte-se a um certo caixeiro de que no becco do Peso do Fumo tambem moram familias, e que portanto deixe de se apresentar nú dentro de sua casa, si não quer ver seo nome em lettra redonda.

Chama-se a attenção de quem competir para os abusos de andarem á noite pela rua mulheres immoraes acompanhadas de homens libertinos, a praticarem actos reprovados, e proferirem palavras obscenas, chegando a audacia de alguns de servirem-se das portas das casas que acham abertas para fins libidinosos, principalmente em uma que ha na rua da Oração que por estar sempre aberta, dá logar a que seja alli repetidas vezes o theatro de taes scenas.

Para vereador.

José Alvares do Amaral.

ANNUNCIOS.

Attenção.

Breve sahirá á luz o excellente drama em um acto.—Os milagres de São Geraldo ou a Carta Mysteriosa.

Para fazer-se uma idéa deste drama basta ser muito conhecido o nome de seu auctor que è o mesmo do drama da Morte de São João Baptista.

José Pedreira França faz publico que da poder de seu irmão o capitão França, morador na villa da Feira de Sant'Anna, fugiu ha 20 dias um escravo deste, de nome Sabino, creoulo bem prêto, de 30 annos de edade, altura regular, cheio do corpo, e bem reforçado, com o beiço superior cicatrizado, com pouca barba, do serviço da roça, e servente de pedreiro, constando ter vindo para esta cidade; quem o prender e entregar ao annunciante escrivão do commercio, á Praça ou na sua morada a[illegible] Bom-Jardim receberá 20$000 rs. de gratificação.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 10.ª BAHIA 25 DE AGOSTO DE 1864. N.º 101

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17 á 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 24 de agosto de 1864

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia para que informe com urgencia em que rua reside o actual subdelegado da Rua do Passo, visto que as patrulhas andam a quebrar a cabeça em procura da auctoridade para receberem as ordens.

—Ao Sr. subdelegado de Santo Antonio, pedindo pela segunda vez a S. S. que dê energicas e terminantes ordens afim de acabar por uma vez com os insultos e desaforos da creoula Athanasia, moradora á rua dos Marchantes, quina para os Quinze Mysterios, a qual não obstante a representação feita por este jornal a S S. continúa a provocar a visinhança, com especialidade a duas pobres veihas, que teem a infelicidade de morar junto da tasca de tão terrivel *jararacussú*.

Portaria ao Sr. thesoureiro de Santo Antonio-além do Carmo, para que recommende ao andador que se faz preciso abrir a referida matriz pelo menos ás 7 horas da manhã, visto que assim se usa em todas as mais, e livra esse proceder de estarem os devotos expostos ao sol no adro, e alguns de serem privados dos actos piedosos que seu religioso coração lhes inspira. Cumpra,

—Ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao beco do Fumo e indague d'um moço que vive por alli entre fumo e charutos, si julga que vive no pasto para conservar-se nú na janella, sem respeitar ás pessoas que por alli moram, para as quaes se atreve a fazer acenos immoraes. Si não prometter emendar-se, conduza-o ao porão deste navio, afim de ser-lhe tirado o resto dos cabellos, e soffrer o competente castigo n'um *brandão*. Cumpra.

—Capitão, chego agora de Santo Amaro.

—Que noticias traz?

—Santo Amaro está *acephalo*, A respeito de segurança, *niquiles*. Alli espanca-se, furta-se, fere-se e até surra-se a gente livre á vontade.

— Homem, não seja tão exagerado.

—E' o que digo capitão.

Até as moças ja dão surras, por sua conta.

—Conte-me isso.

—A filha de um tal João Padeiro, mandou chamar um sugeito, e depois que o apanhou em casa, mandou-o agarrar por dous pretos, trancal-o n'um quarto, onde cascou-lhe uma boa sova de bollos, e depois surrou-o a ponto de para o infeliz ir para o hospital ser carregado.

—Ora deixe-se de historias! Pancada de moças, dizem, que não dóe, quanto mais para maltratar assim.

—Mas note capitão, que durante o tempo do castigo, o paciente teve sobre si o peso de um corpulento negro, emquanto outro lhe abria as mãos para a heroina de nova especie commodamente satisfazer os seus caprichos.

—E ficou impune?

—Por muitos dias. Foi preciso um pronunciamento do povo, uma especie de sinimbusada para que fosse presa a ofensora.

—Então o que fez o povo?

—Disseram-me que foi a porta do juiz exigir a prisão da moça.

—Pobre povo! Andas a te metter em alhadas; has de pagar as favas!

E em que ficou o negocio?

—Por ora está nisso.

—E a voz publica o que diz a respeito?

—A voz publica diz que o pae da moça é rico, que tem muito dinheiro,.....

—E o que mais?

Falla em 2:000$rs.....

Que o offendido, ficando bom, receberá 1:000$rs. para não mais se lembrar disso e que tudo se hade arranjar. Que por causa disso muita gente será recrutada, e até attribue a esse negocio o terem sido já recrutadas algumas pessoas que nisso se involveram.

—Bem feito! Para que foram gritar na porta do juiz. Agora aguentem-se.

—Não ha como tome geito a Bahia!

—Que houve?

—Já passou pela Agua Brusca?

—Oh! que miseria!

Deixe-me contar-lhe.

Subi um dia dentro por alli, quando vinha da festa de S. Joaquim e achei bonito o aspecto espaçoso da rua.

Como porem ando de cabeça baixa, quasi a quebro n'uma quina de parede que principiou por tirar da largura da rua quatro bons palmos.

Ha muito que protestei não andar por junto ás casas e resolvi cumprir então o meu prostesto.

Cabeça baixa, podia ter andado dez passos, quando meu cotovello direito ficou offendido n'um segundo cotovello da parede.

Intendi dever mudar de direcção e com a cabeça um pouco alta fui então reparando a belleza da obra.

—E' da epocha, não tem duvida!

—Hoje não se passa sem bordados e bicões; a obra tem sua grade chineza, é vestido de D. Camara.

Com effeito é um encantador painel a ladeira d'Agua Brusca!

Por poupar-se mais dous ou tres contos de reis, deixou-se de fazer a rua n'uma só largura, quando não ha uma só habitação naquelle logar que impedisse o seu aformoseamento!

Ha logares em que ella tem 60 a 80 palmos, e outros em que uma revira volta obriga-a a ter 30 quando muito!

E hão de dizer que mal deram calçar a rua! E onde estão os engenheiros?

—Que engenheiros! Pois engenheiros são pedreiros?

—Oh! pois V. não os viu medindo cercas no Terreiro?! Como não podem *administrar* as ruas?!

—Eu sei, eu sei...

La se haja n!

Eu ja disse uma vez que si fosse o povo, em listas brancas é que votava para vereadores.

—A companhia do Olho-vivo já não é companhia, virou regimento.

—Bem dito!

Deram agora por Itapagipe; foram ao quintal do Pedreira França e tiraram-lhe as gallinhas; foram ao do Dr. Antran e bifaram-lhe os pombos!

—Realmente, tão ramificada assim, tão desenvolvida, tão sparsa, tão numerosa, tem as honras de regimento!

Santo caixeiro tem o Ariani que em tão boa hora taes palavras disse.

—E um dos officiaes do estado maior está agora arranchado por Itapagipe. Dahi provêm sem duvida a grande arribação de harpyas e rapinas que devastam e polluem aquellas amenas plagas.

Cortejos officiaes.....

—Quem é Igrapiuna para se egualar com A. França?

—Mas porque? Porque não è bacharel? porque não é deputado? porque não é empregado publico? porque é de cor?

Ora não seja tollo!

—O Igrapiuna, em honra AO MENOS tem o direito de se considerar egual a todos; V, que quando quer merecer d lle algum favor, finvoca logo a amisade que tinha com seu pae, V. que o conheceu desde menino, que apponte um facto se quer que o desabone.

—V. só defende o A. França e não lembra-se que o Igrapiuna tambem e nosso amigo!

I lle ja não anda muito contente com V!

—

—Igrapiúna, estàs zangado commigo?

—Nàr; quem lhe disse?

O *A*.....

—Casmada.

—Adeus.

—Depois daquillo que o João crpitão disse do Igrapiuna este não deveria fallar-lhe assim.

—Si o Igrapiúna ainda ignora!....

—Que canalha!

O mundo hoje è para os que tem duas caras.

—Capitão, anani qué qui iô falla, iô què pelavra

—Ja admirava tua demora!

Que queres?

—Qui iô qué?!

Iô què munto cousa, capitão.

Iô qué è cambarissa, iô qué faze minha programma.

—O é ha de ser curiosa a peça!

—Ouve, pra pode falla; iô nau ta tonvado nem presunçoso; qui iô faze iô faze cum fundamento. Minha programma tem sua base: oi *programma de cambra de cincoenta e sei*, qui nanoi chama *cambra do programma*; iô qué dà minha *munissipe*—*carine* sem oço, fèrinha sem caroço e cuma esse cambra prometteu."

Minha programma tem sua ponto de apoio ni xinhá Thomé di Cossa Passo; iô qué manda fazè comúa ni rua turo, cuma di ere propõe ni cambra.

—E està tudo prompto:—comer e descomer!.....

—Que duvia!

Condo iô ta ni discussão serio cum ossincellence, ossincellence tapa meu boca com seu fome. Condo bariga ta cheia, patria ta serva! esse é doutrina de ossincellence.

—Então não concertas as ruas? não as mandas limpar?

—E pruque?! Gente de Latronopo ja ta cossumado cum procaria, ja virou proco; buraco mai sujo è quin grada ere; ere mette narise ni lama cum memo gosso qui portugueze mette dinero ni borço Iô nan què qui ere fica ni contrariamento.

Nesse terimo, iô cidadão de Latronopo, matriculado ni borido de *Labamba*, toma resolvimento de presentar candidato ni varedô. ni fim de sarva esse patria de *turo bicho rumano*, dando pru minha fiador de meu promessa sincera esse

PROGRAMMA

1.° Carine sem oço.

P'ra esse fim se fazè creamento de companhia municipá de balcèro pra bassitissimento di cidade ni farita di boi.

2.° Farinha sem caroço.

§ 1.° P'ra alcança esse grande *desideratum* se fazé creação de outro compania dessitinada a compramento de turo farinha qui chega ni fim de reduze turo ni picão, onde se não póre distingue bem caroço di ere.

§ 2.° Nim farta desse, haverá um companhia qui cata ni mar destroço qui faze confederado. ni fim de Junta farinha de trigo pra fabricante di mata-fome.

Nesse caso o commercio de mata-fome è manopolo de cambra.

§ 3.° Em cada canto havera' um latrina p'ra necessidare de anani.

Bahia 24 de agosso de 1864.

Cosinhero de Labamba

—Que marreco è aquelle que vem subindo pela ladeira dos Gatos com passos de lobo vestido de preto, chapeu cahido e barbas brancas?

—E' um meiro que quer passar por *franco*, quando tem de franqueza.

Um escrtalhão que depois de negociar em Latonopolis, deu em banqueiro de *lansbre* e do *monte*, para o que mostra mais geito do que para negociante.

E' um *finorio* que assentou que devia viver a custa dos inexperientes, e para isso estabeleceu uma banca de jogo, onde os pobres tollos vão lhe entregar o dinheirinho que trazem.

—E quem os obriga la ir?

—O patife os seduz convidando-os para reuniões, jantares, ceias etc, e depois que os apanha apresenta um boralho de cartas que elle já tem preparado, ou uns dados *arranjados* á proposito para aquelle fim, e toca a extorquir o cobre dos incautos que pagam bem caro, um pedaço de fiambre ou de carne que la foram comer.

Alli se rouba o artista, o empregado publico, o caixeiro, o negociante, o filho familia, o militar etc.

—*E* a policia?

—A policia!. ... Ignora talvez.

(*Continúa*).

A PEDIDO.

Adverte se ao Sr. Dr. Eloy Pessoa de Barros que não é com injurias que se contrariam testimunhas.

S. S. deve se cohibir, e não continuar a praticar pela maneira porque portou se hontem na subdelegacia de Sant'Anna, injuriando uma testimunha que jurava o que viu.

Repare que nem sempre se trará a paciencia n'algibeira para aturar suas insolencias.

Bahia 24 de agosto de 1864.

M. J. D.

Convém declarar-se

O chapelleiro Coelho fabricou um chapeu o melhor possivel para o pharmaceutico Jatobá, o qual em um dos numeros do periodico —a Critica— inventou que tinha pago adiantado o chapeu, no que foi adulterada a verdade, porque o chapéu só foi pago depois de prompto, e em poder do Sr. Jatobá, o qual depois, ou por ter-se arrepedido, ou porque lhe fazia falta os 8$000, intendeu que devia de novo reclamar o chapeu, e exigir a importancia que tinha pago, sem dar a menor satisfação. O artista porem não quiz condescender com a exigencia do Sr. Jatobá. Este de novo, ou por falta dos 8$000, ou porque não frequentasse a escola da civilidade, arrojou-se a mandar lhe dizer que podia servir se do chapeu, e da importancia. Neste caso o que devia faser o artista? Devia repellir energicamente a *accão cavalheiresca do moço polido.*

Portanto avalie o publico o que se passou, julgue quem for desapaioxonado sobre semelhante occurrencia.

Agora de novo é accusado o chapelleiro por ter exigido um recibo da quantia que mandou entregar ao Sr. Jatobá.

E esta?!!!

Como poderia esse portador provar que tinha restituido a importancia do chapeu sem ao menos trazer uma clareza do Sr. Jatoba?

Si o Sr. Jatoba não exigiu recibo alguma quando pagou a importancia do chapeu, é porque este já estava em seu poder, e assim não podia elle exigir mais recibo algum, pois o verdadeiro recibo era o chapeu que já estava em seu poder E qual foi pois o cavalheirismo que usou o Sr Jatobá quando lhe forão restituir a quantia que mandava o chapelleiro? Além de negar se ao recibo, mandou o insultar com palavras grosseiras, e pouco delicados.

Eis portanto o cavalheirismo do moço polido. E ainda nao satisfeito buscou as columnas do periodico a *Critica* para manchar a reputação daquelle que é bastante conhecido pelo publico desta capital.

TTYP. DE MARQUES, ARISTIDES EC.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 10.ª BAHIA 27 DE AGOSTO DE 1864. N.º 102

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 á 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

Correm por toda a parte boatos sinistros, aterradores, á respeito da condemnação dos Srs. Marques, Aristides & C.

O Sr. Malaquias diz por toda parte e principalmente no quartel de policia, onde vae sempre, que conta com certeza que serão elles condemnados.

Immensas pessoas tem ouvido do Sr. Gouveia que ha de empregar todos os meios e que ha de metter com certesa os *bodes* na cadeia.

E até consta-nos que o Sr. Limoeiro dissera na typographia do *Diario* que apostava 1:000$ contra 1$ rs. sobre a condemnação dos impressores do *Alabama*.

Descansamos porém.

A lei ahi está em pé.

Prender o impressor de um objecto qualquer, quando elle apresenta seu responsavel, como ordena o art. 7.º do codigo criminal—é, sinão proprio de canibaes, ao menos cousa innata aos usos, costumes, aspirações e ideias de bachás e califas, de sultões e beys.

Que um homem que se diz liberal como o Sr. *A*. França se atreva a querer esse atropello de direito —que é de mais a mais a negação solemne de tudo quanto possa ter o menor vislumbre de liberalismo—é o que se não comprehende!

Que outra cousa não è mandar para as *arejadas* prisões de nossa capital um impressor (aliàs tres) quando pela lei quem para lá tem de ir, si o dever, é o editor.

Entra pelos olhos de qualquer que o unico fim que se tem em vista é desgraçar, inutilisar por meio de dissabores e soffrimentos os donos das typographias, porque sem estas não ha gazetas e não havendo gazeta, qualquer bigorrilha se intitula de fidalgo para imbahir com sua aristocracia fofa os ignorantes que a luz que vêm é a do falso ouropel da nobreza das classes, hoje embaciado ao clarão rutilante e duradouro das luzes do seculo XIX.

E nem se atrevam os defensores do Sr *A*. França a invocar sua innocencia, porque si alguns juristas de todas as crenças e sempre á espreita de todas as mudanças da sorte lhe disseram que fosse avante—alguem, no Forum, na presença dos Srs. Drs. Domingos Couto, Pitombo, Idelfonso e outros, lhe disse que ia o charo advogado caminho errado.

E o conselho não lhe podia ser suspeito, porque apesar de vir de um homem a quem nem sempre se faz justiça, vinha para o Sr. A. França da boca d'uma pessoa authorisada, d'um politico sincero, que foi nesta provincia quem primeiro deu à luz, nas columnas de seu jornal, os pedidos que, então, de S. Paulo, fazia o illustre bacharel aos homens das *mais* infimas camadas sociaes, se apregoando de liberal e propondo-se a deputado.

Parece que não deve o Sr. A. França

estar ainda esquecido daquellas significativas e frisantes palavras do Sr. Guedes Cabral, *seu amigo*, como então o chamou.

O unico fim, pois, como diziamos, é aniquillar, destruir pela base a liberdade da imprensa, inutilisando-lhe os agentes materiaes, os impressores, os donos das typographias. Extinctos estes, inutilisam os objectos necessarios, os materiaes, e está concluido o negocio. E' facil o mais. Cortada a cabeça, está morto o corpo.

Andar assim é realmente bom andar.

Só Chassan teria destas lembranças para a *França*, que ninguem julgaria que um bahiano liberal se encarregasse de importar para o Brasil!...

E isto no anno da Graça de 1864, seculo bemdicto das *luminarias do progresso* ! .. ..

. . . . . .

. . . . . .

Si realmente é assim, si o que expozemos não pode ser contestado, ou porque são theorias axiomaticas, dogmas immuteveis de certa schola, ou por que são factos provados,—o que se segue, o que se segue...è...que.. .☞O Sr. A. França,—que em vez do verdadeiro responsavel perante o art. 7.º do codigo criminal, quer metter tres innocentes na cadeia—è o maior liberal que conhecemos;—

Ipso facto, todos os que seguirem a liberrima doutrina de Chassan e do Sr. A. França, são uns liberalões de primeira ordem, os salvadores da patria, que ia ser engolida por *tres serpes venenosas*, tres mulatos donos de typographia, entidades sahidas das *mais* infimas camadas da sociedade que podiam d'um dia para outro fazer alguma revolução, matar os brancos, insultar os fidalgos, formar um Haity de bodes etc.

Oh! quanta species !...

Descansamos, porém.

Nada temos a receiar!

A lei está de pé.

Será em todo caso, mais um triumpho para a liberdade!

Mais uma gloria para o partido liberal !

Vença Chassan ou o Codigo, a prepotencia ou a lei!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 26 de agosto de 1864

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado, participando lhe que na rua do Xixi ha um individuo, para quem ja se tem chamado a attenção do subdelegado dalli, conhecido por *Manuel Maroto* em cuja casa se reúne a companhia do olho-vivo, para roubar, sendo que na quarta feira um homem que vinha á cidade comprar negocio foi alli dolapidado em 1:0$ rs. pelo Silverio e o *Cadete*.

—Ao Sr. Dr. juiz de capellas, pedindo-lhe informações sobre o facto de apparecer cortada em um lado a tunica do Senhor dos Martyrios, sem que a egreja mostre signal algum de arrombamento e o nicho que se conserva fechado appareça bolido; pelo que ha suspeitas de que fosse algum *rato*, que roesse aquella tunica, sendo neste caso necessario que S.S. dê providencias afim de que não venha a succeder que appareça roído algum pedaço de prata daquella egreja.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, chamando sua attenção para o dono de uma venda ao Castanheda, de nome Lisboa, que segundo me informam, consente que no interior de sua casa reunam-se diversos musicos de policia, soldados do mesmo corpo, accendedores do gaz, meninos, etc, para jogos prohibidos, principalmente nos dias de soldo, resultando irem muitos paes de familia deixar alli o que deviam levar para suas casas e comer com suas mulheres e filhos, além das desordens e algazarras proprias de taes actos. O que a ser verdade não deve continuar.

—E' curiosa a numeração das casas na ladeira da Praça.

Depois do numero 32, seguem-se os numeros 9 e 10, passa á 50 e depois continúa de 36 em diante.

E note que estão numeradas de novo !

—Progresso ! Progresso !

—Capitão, nossa civilisação vae á galope.

—O que temos, coronel?

—Morreu um filho da creoula Marcolina, que mora n'Ajuda, e esta intendeu que devia fazer disso um pagode.

Reuniu uma immensidade de mulheres, e lá foram atraz do corpo entoando *sambas* como quem vae para a Lapinha tirar reis.

Para mais escarneo cada uma levava uma garrafa de caxaça.

Causava repugnancia ver as scenas de depravação, os gestos obscenos, as praticas immoraes, que representavam aquellas mulheres perdidas, reunidas a uma sucia de capadocios e homens vadios.

—E a policia o que fez?

—Nada.

—Mas estou certo que o Exm. arcebispo dará providencias para que não se repitam taes abusos.

—Ora, já outro dia os Srs. de Passé mandaram tanger a chicote toda esta canalha, e está agora o *Sr.* feitor a fazer da roça um cortiço!

—E não respeita ao menos a visinhança!

—E como grita! Ha tempos quiz matar um menino com uma fouce e dizia que si o matasse, morto ficava o menino, pois seu senhor ahi estava.

—Insolente!

—Como si na Mangueira não morassem familias!

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 26 DE AGOSTO DE 1864 A'S 5 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes da junta dos corretores.

Cambios.

Sobre Tratanpolis—ao par.

Metaes.

O ouro é preferido a tudo mais.

A moeda da *honestidade* não se recebe em diversas estações. Desceu 50 por c. abaixo do par.

Descontos.

O banco da *Conveniencia* desconta lettras de *honra* sobre moeda corrente.

A bolsa dos *Agiotas* descontou a 50 o/o

Generos.

Probidade.—escacea.

Cynismo.—abundancia.

Benificencia.—nenhuma.

Moralidade.—frouxa.

Ambição.—abarrotada.

Injustiças.—firme.

Estabelecimentos de creditos.

COMPANHIA DO GOLPE.—Tendo se retirado desta cidade os membros Xico Carteira e Sam paio, presidente e vice-presidente da mesma, e achando-se outros funccionarios impedidos e presos, reuniu-se a dita companhia, em virtude de seus estatutos no salão dos Tamarineiros para eleger novos funccionarios, cujo resultado foi o seguinte:

Presidente—Torquato Mariquinhas da Feira.

Vice-presidente—Tranquilino do Moscate

Secretario—Julê.

Directores—Dyonisio D. Ratão; Satapeba; Elmiro Infermeiro; Queiroz; Vermelho.

Commissão de exame(tapeas)—Silverio R. B; Pega-cavallos Hilario Angunhos; Boccos.

Caixa—Manuel Maroto.

—

REVISTA DO MERCADO.

Nosso mercado tanto de importação como de exportação marcha sempre em animação.

Entraram e sahiram diversas embarcações com generos nacionaes e estrangeiros.

Fizeram-se diversas transacções em *fundos publicos.*

O mercado está suppridissimo de *promessas.* Cada dia chegam novos carregamentos. Infelizmente todo genero é de má qualidade em consequencia do mal de *conveniencias eleitoraes* de que foram atacadas as plantações este anno, do que resulta ser apezar de ser a colheita abundante é de pessima qualidade e pouco duradoura. Dizem os intendedores que depois da *safra* não poderá durar mais nos trapiches que dous mezes sem que lhe dê o bicho.

Em *roubos* a transacção mais importante foi de uma partida de *assucar roubado* existente no armazem *Noventa* e *trez* no caes do *Ouro*, chegado no brigue *Cardoso* da provincia de S. *Joaõ.*

A companhia do Olho-vivo progride a olhos vistos. Trabalha *limpamente*, os seus productos rivalisam com os dos mais aperfeiçoados mestres da Europa.

Despachou se no dia 20 na barca *Belmiro* um *trabalho* primoroso, que faz honra ao seu autor.

Consiste n'um chapeu tirado da cabeça de seu dono que adormecera na janella de sua casa.

Venderam-se em leilão uma partida de *ferimentos* e *tentativas*, chegada de *S. Miguel* na galeota *Antonica* os quaes estavam depositados no trapiche *Romualdo*, freguezia do *Gravatá.*

Entrou o patacho S. João de *Oliveira*

com carga de generos nacionaes e estrangeiros, que está desembarcando no armazem alfandegado de *Tamancas* ao caes do *Ouro*.

Em *rapto* houve algum movimento na semana. Venden-se uma partida chegada da villa de *Santo Antonio* no patacho *Cyrillo*.

Houve hontem à noite um leilão de *pancadas*, *insultos*, e *protecção* eleitoral no declive dos *Gatos* no escriptorio do corretor *Juliaõ*.

Seguiu hontem pela valla da Estrada com direcção a' villa da Quinta uma partida de profanaçõ s, escandalos religiosos, selvageria e orgias. Foi conduzida em cargas carregadas por animaes.

—

MOVIMENTO DO MERCADO.

Consciencia.—Ha tão pouca qoe se compra a peso de ouro.

Malvadez.—A barca *Impunidade*, entrada do porto da *Corrupçaõ*, trouxe um carregamento que está depositada no armazem da *Perversidade*.

Namoros.—Animado.

O mercado está supprido, apezar da immensa procura. Existe em ser o carregamento do cuter *Alvaro* vindo de porto Ramos depositado no trapiche *Virginia* no *desembarque* Moreira.

Pundonor.—Falta completa. Algum resto que havia nos trapiches foi reexportado na barca *Arranjo* para a cidade da *Conveniencia*.

—

EXPORTAÇAÕ.

GENEROS DESPACHADOS.

Portos da S*aude* barca *Pomba*; Sussú e C. 10 barricas *tagarellice*, 1o embrulhos *mandriice*, 4 caixotes *namoricos*.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Patacho S. *Joaõ* vindo de *Oliveira* capitão *Christovam* 1 volume *namoros* salprezos para senhoras cazadas, 1 caixão *escandalos*, 3 balaios *moquequinhas*, uma caixa sob numero 81.

—

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA.

Porto das *Castanhas* barcassa *Estevam* de 60 toneladas; carga 10 pacotes jogos prohibidos, 6 volumes reuniões illicita 4 bahús ajuntamento libidinoso, 10 caldeirões comidas; passageiros diversos musicos e soldados de policia, commandados por um cabo *rei dos bichos*,

SAHIDA DO DIA.

Cidade dos *Ossos*, escuna *Iguatinha*, de 5o toneladas, capitão *Zebe arte* carga 2o embrulhos de patifarias, 1o pacotes bandalheiras, 5o feixes tabocas, 8 barricas pouca vergonha, 1 bahú os restos mortaes de um moço *gentil*.

A PEDIDO.

Charada.

Pergunta-se a certo *agente*, não o do 9.º nem o do 11.º, qual a rasaõ porque havendo 160 *emendados* á sua disposição, elle pede 140 e 145 libras, ficando assim o resto *ad libitum*?

O Sr. *Alto*, como *maior* dê suas providencias antes que alguem decifre a cousa.

Para vereadores.

Antonio Melchiades Moreira.
Manuel Felisberto do Sacramento
Francisco José dos Santos.
João Marçal da Silva.
Amaral.
Pereira Ornellas.
Cyriaco.
Maximo.
Boaventura.

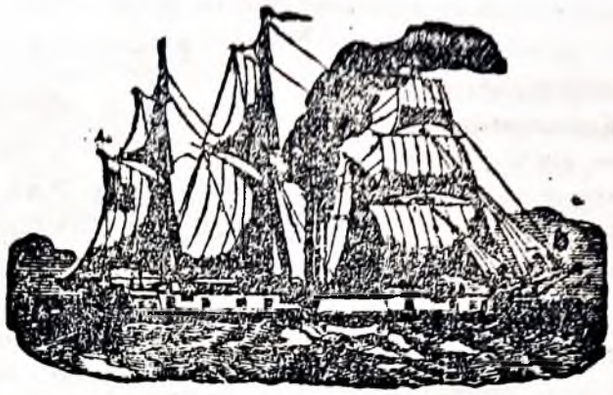
Sr. Redactor—Aproximam-se as eleições municipaes.

São innumeros os candidatos que sollicitam o suffragio popular. Entre estes ha um digno por todos os principios de tal suffragio. E' o Dr. Eloy Martins de Sousa.

Moço intelligente, honesto e de idéas livres, por certo saberá corresponder a confiança daquelles que nelle depositarem o seu voto.

Um votante da Sé.

TTYP. DE MARQUES, ARISTIDES EC.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 11.ª BAHIA 31 DE AGOSTO DE 1864. N.º 103

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 á 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 30 de agosto de 1864.

Officio ao Sr. inspector da thesouraria da fazenda, perguntando-lhe o seguinte:

Si os escrivães e solicitadores dos feitos da fazenda devem ou não taxas de escravos e impostos de cartorio.

Si no caso de deverem, e sendo elles encarregados de extrahirem e promover os quandados, procedem contra si proprios.

—Charo Sr. Dr. Freire, olhe que na quinta feira, mataram um boi, n'Agua de Meninos e foi exposto ao consumo.

—Um não, Sr. Dr.; quatro vi eu, que não podiam andar e alli mesmo foram mortos.

—E disseram que V. S. estava presente, Sr. Dr.

Chegaram a dizer-me que por ordem de V. S. que os julgou sem molestia foram elles retalhados.

—Não davam um passo!

—Mas estavam bons!

—Que diz, Dr.?!

—Sabe o que vae fazer o Sr. A. França todos os dias às 11 horas em casa do Gouveia?

—Sem duvida tomar alguma refeição. Moço debil, não pode supportar seis longas horas sem comer, e vae à casa do seu parente, que é pertinho, refazer-se.

—Enganou-se; vae, dizem, escrever as rasões de appellação do processo *Gravata*.

—E o serviço publico?

—Qual serviço!

—E o presidente sabe disto?

—Eu sei cà!

—Si sei, não me embarcava neste vapor! Antes esperasse pela gondola.

Estou realmente incommodado!

Como se pode assistir de sangue frio à tanta immoralidade!

Aquelle academico aos beijos com a filha do Zacharias, aquelle outro sujeito deitado ao collo da irman da Mata-fome, mais um outro com o braço por cima da meretriz. E esta alluvião de palavras obscenas, de gestos escandalosos!

E tudo isto n'um vapor da companhia Bahiana!

—Que vapor é este, capitão?

—E' o ultimo da carreira do Bomfim para a cidade; è o *Lucy*.

—Effeitos da festa da Boa Morte.

—Amigo, sabe que è tempo....

—Tempo de que, Sr?

—De merecer-lhe um favor.

—Por isso me corteja agora! Não me conhecia todo esse tempo!

—Preoccupações, amigo.

—Que amigo! que nada!

—Olhe que eu não sou ligueiro; sou vermelho e vermelho quer dizer exaltado, exaltado quer dizer liberal,que è o que quer dizer *vermelho*.

—Vossès todos cantam bem!

Mas não é a mim que enganam.

Vossès faziam e desfaziam, recrutavam e matavam e fallam dos ligueiros.

Pois deixem o povo *obrar* livremente.

—Si não fosse a compressão, si o povo pudesse *obrar* livremente,a victoria era em nosso favor, *a obra era nossa*.

—Que lhe faça bom proveito!

—Fanfanfan, como vae?

Então o Costa Ferreira não è quem paga melhor?

—Que duvida!

A prova está no como pagou por occasião do fallecimento de certa baroneza.

—Pagou tão bem que todos queixaram-se, a ponto de dizer um que foi o jantar descontado!

—E si foi, muito bem que fez, que jantar tambem custa dinheiro.

—Ora, meu Fanfan, deixe-se de historias!

—O que é certo é que o barão pagou bem.

—Oh! oh! oh! pudera não!

—Fin, fin, fin! la isso é verdade!

—Postaram-se sentinellas no Taboão para subida e descida dos carros e alivio dos burros, e continúa tudo no mesmo.

—E' porque em vez de se demorar uma das patrulhas no fim da ladeira da Fonte dos Padres, junto á loja do Germano e outra no principio, lembraram-se de collocal-a na ladeira do Caminho Novo, onde nada aproveita.

—Passei por Santo Antonio e vi que o *Alabama* teve rasão quando pediu providencias ao governo sobre o melhoramento daquelle largo.

E' pena

Tudo em estado de pasmaceira, denotando apenas incuria e deleixo.

Até que chegue um conselheiro Amaral, um presidente energico que se lembre de aproveitar aquellas ruinas!

Grande Deus!

Nem uma camada de cal sobre aquelles custosos assentos!

Muxingueiro, conheces um miseravel safado, de carado?....

—Onde mora elle, capitão?

—Em Latronopolis, *grades do inferno*.

—Oh! conheço-o perfeitamente. E' um sujeito digno de estar sob os pès de S. *Miguel* !

—Como és atilado! vales um titulo de conde!

—Antes quizera ser *marquez*. Pois bem que é preciso fazer ao tal amigo?

—Ir agarral-o, metter-lhe a cara na cloaca do navio e com nodoso páo de *nogueira* desancar-lhe o lombo, atè que prometta não continuar a abusar da innocencia para a atirar no servedouro da depravação, onde chafurda aquelle temivel animal *carnivoro*, que de gente só tem a forma.

—Será obedecido, capitão.

—Guarda marinha, que vulto é um que entra todas as noites ás 10 horas, na casa n. 11 F. na rua em que se faz *cruzes*?

—E' um austero e virtuoso frade, exguardião de um convento em Latronopolis, e que pelas suas boas obras deve estar em vida na mansão *celeste* e que tem um *tino* admiravel para confessor, principalmente de moças. Entra alli para visitar uma moça sua confessada.

—Então elle confessa a' noite?

—Não, mas na qualidade de confessor adquiriu tal intimidade com ella que hoje é quem lhe dirige os passos, e então vae acousselhal-a,entrando a' noite para não dar que fallar ás más lingoas.

Essa moça, capitão foi educada em principios superstiçiosos e quando chegou

á juventude intendeu que devia ser beata e fazer vida santa.

Dia e noite frequentava as egrejas

Ia a todas as festas, sermões, novenas e procissões. Jejuava em cada semana tres vezes e confessava-se uma.

O confessor da devota virgem era o seraphico frade, a quem d'aqui em diante chamaremos Fr. *Celeste*, pela sua santidade.

Fr. *Celeste* a maior consolação que tinha era quando estava no confessionario *purificando* aquella alma e exhortando-a a que fugisse da seducção do mundo.

Apezar da edificação da casta virgem, e de tanta penitencia e maceração, aquelle anjo de pureza foi tentado pelo demonio, que lhe appareceu sob a figura de um rico negociante, e não poude resistir ao laço que lhe armou o spirito do mal.

O spirito cedeu á carne, e a moça passou de beata a divertida, e la se foi com o negociante.

Fr. *Celeste* vendo desgarrar-se do aprisco aquella ovelha, fez proposito de reconduzil-a ao caminho de que se tinha desviado.

Procurou-a por toda a parte até que encontron-a em casa do tal negociante.

Na qualidade de seu confessor teve entrada em casa.

Mas o homem do commercio que se accommodava mais com *lettras de cambios* e *saques* de que com *terços* e benditos, extranhou a assiduidade de Fr. *Celeste* em sua casa, principalmente quando elle negociante não estava, até que n'um dia de mau humor disse á moça que visse outro logar onde melhor pu l se faser seus exercios e praticas religiosas com Fr. *Celeste*.

Fr. *Celeste*, prototypo de caridade, não quiz que a moça ficasse desamparada.

Alugou uma casa, e levou-a para ah; dando-lhe o *necessario*, não só a ella como a um filho, que ella teve do tal negociante, e que deu á luz tres annos depois.

—Si ella pariu tres annos depois como asseverá que era filho do negociante?

—Porque desde que sahiu da sua casa, nunca mais fallou a outro homem que não fosse Fr. *Celeste*, que vae visital-a todas as noites, e que sendo santo não faz taes obras.

—E V. acredita em santidade e caridade de taes frades?

—A' vista da abnegação e desinteresse de Fr. Celeste, creio.

E ja que fallamos no celestial frade, capitão, vou contar-lhe algumas passagens que sei delle.

—Deixe para depois.

(*Continua*)

Attenção.

« Ninguem pode responsabilisar-se em geral por um periodico, e sim por certo numero ou artigo delle que deverá aliás ser declarado no escripto de responsabilidade, antes de impresso.

«A' luz deste *principio* que se *deduz* de nossa legislação imparcialmente examinada, o escripto de f. 7 não é legalmente admissivel por que contém uma responsabilidade *geral* pela gazeta «Alabama» e não *especial* pelo n.º em que foi publicado o artigo *incriminado*, ou só por isto.

(Extracto das rasões de appellação do Sr. A. França no processo *Gravata*.)

No numero seguinte nos occuparemos com tão *especioso* e importante topico, que demonstra bem o *liberalismo* do bacharel França e seus profundos conhecimentos de logica.

LA VAE VERSO.

Bomba ardente.

—Stá em caza seu marido?
—Pode entrar, Sr. Dr.
Meu marido foi p'ra roça,
Foi servir de *ganhador!*

—Seu marido?! e seu officio?!
—Despedido do arsenal,....
Meu marido que votara
No partido liberal!

Hoje si quer um vintem
Vae à roça cortar lenha.....
Assim mesmo a seus filhinhos
Mal acha com que mantenha.

—Peior! resmunga o doutor;
Minha senhora, lhe diga

Que aqui deixa este papel
Um liberalão da liga.

Em casa ao chegar, o pobre
O cartãosinho encontrou;
Como resposta ao insolente
O az de copas limpou.

A PEDIDO.

Metralha.

Santo Antonio, meu santinho,
Nos milagres o primeiro,
Não permittaes que se eleja
Para juiz um jambeiro.

Santo Antonio, meu santinho,
Valei-nos nesta afflicção,
Não permittaes que se eleja
Para juiz um leitão.

Santo Antonio, si quereis
Ser um santo verdadeiro,
Não permittaes que se eleja
Para juiz um monteiro.

Santo Antonio, si quizerdes
Fazer ao povo feliz
Não permittaes que se eleja
O *quarto* para juiz.

Santo Antonio, não deixeis
Que se eleja um vegetal,
Nem tão pouco consintaes
Que se escolha um animal.

Tambem não deixeis, meu santo
Que se escolha um montanhez,
E do quarto, meu santinho,
Livrae-nos por uma vez.

Para vereadores.

José da Silva Costa
João de Campos Costa
Lino José de Lima Guabiraba
José Rufino
Josè Victorio
Francisco Ignacio de Britto
Leopoldino Francisco de Senna Santos.
Jose Xavier.
Torquato José de Santa Anna.

Capitão, como nos priscos tempos dos Amadis de Gaula, D. Quixotes e outros, temos hoje cavalheiros andantes, que percorrem o mundo em busca de aventuras com a unica differença de que aquelles procuravam alcançar nomes gloriosos por feitos marciaes, e estes procuram concentrar toda a gloria com o alheio no seu bolso. Por exemplo: um *augusto* commandante d'um brigue da carreira de *Caxo* e *Eira* pertencente a um bravo *guerreiro*, recebe em Latronopolis trinta e um bagos, para la entregar a certo Sacramento—colloca-os no centro de suas façanhas —isto é, nas algibeiras—e diz depois que tirou a sorte grande, dá um baile e deixa o Sacramento como um *Sancho-Pança* a espera de ser governador de alguma ilha Barataria; então è ponta ou cabeça, capitão? é olho morto? ou olho-vivo?

Sr. Redactor.—Constando a alguem que eu tive parte em uma publicação inserta no ultimo numero do seu jornal, sob a epigraphe —Movimento do Porto— peço-lhe em abono da verdade, que V. declare si em algum tempo dei algum escripto para o referido jornal, e principalmente o ultimo á que me refiro.

Com a resposta de V. muito lhe agradecerá o

Manuel Duarte.

—

O Sr. Manuel Duarte da Silva nunca remetteu-nos scripto algum para ser publicado.

A Redacção.

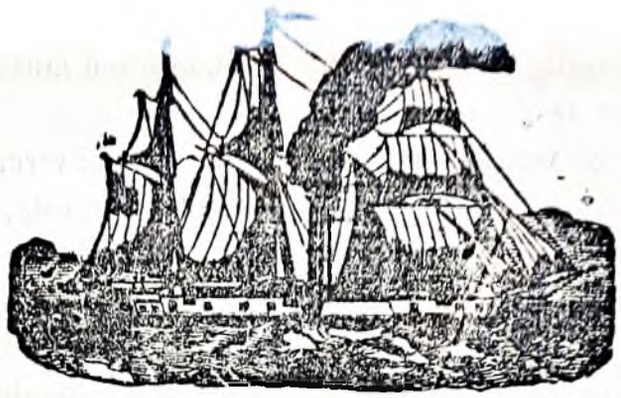
Pede-se ao Exm, Sr. arcebispo o favor de responder si a irmandade do Senhor dos Martyrios que se acha suspensa ha 3 annos, pode se apresentar na rua em corporação, de cruz alçada, como aconteceu no dia da procissão de Nossa Senhora da Boa Morte.

TTYP. DE MARQUES, ARISTIDES & C.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª BAHIA 1.º DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 142.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17. a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 30 de novembro de 1864.

Acto—O capitão do *Alabama*, attendendo ás reclamações da imprensa e aos disturbios que se tem dado no theatro de Latronopolis, nomea,—para examinar si tem sido litteralmente cumprido o contracto da actual empreza,—uma commissão composta dos seguintes cidadãos: Dr. Augusto Chanchan Gravata da França, Dr. Gustavo Fôfo Bebé Sem Sal, e Janico Poeta dos Passos.

Ordena por tanto que neste sentido se expeçam as necessarias communicações.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que por charidade mande tapar uma boca de lobo que existe na rua Nova de S. Bento, na qual ia quebrando a perna um moço que por alli transitava no domingo á noite.

—Ora esta!

—Que ha?

—Pois o *Alabama* que fallou no ultimo numero em terem arrombado e quebrado uma typographia no Maranhão, não está ameaçado!

—Por quem?

—Pelos partidarios da D. Leolinda que são quebra-cazas.

—E' irem á policia.

—V. sabe que aqui a policia não dá cavaco com certas cousas. Ex.: as vidas dos proprietarios de uma typographia estavam ameaçadas; houve denuncia, houve provas, e o Sr. Malaquias nem foi chamado!

—Então protestem desde já, que, si lhes succeder alguma cousa; foi nisso conniveute a policia.

—De certo. Tanto mais quanto os LEOLINDISTAS são, na maior parte, academicos, enthusiastas da actual situação, que até foram felicitar o actual presidente.

—Ora que atrevido!

Pois não vias que eu havia de saber de tudo!

—De que tracta, capitão?

—Espera que quem to dará a resposta é o muxingueiro; veras então si é boa a graça.

—Perdão, capitão!

—Insolente! sempre mostras que foste lacaio de MERCURIO....

O dinheiro dos charutos que SUBTRAHISTE da gaveta não foi a rasão da desavença, gallego?!

Não foi de proposito, estando presente a creada, que te dirigiste á senhora?

Em tua terra quanta vez comeste de talher?

Não era com as mãos cheias de SELECTA que mechias a nojenta sopa d'alhos? E para que queres impor de fidalgo, bobo?

Anda, leva já as CHAVES ao amo, bruto!

Tu podes ter CHAVES, mas CHAVES de alguma cloaca; dahi, sim, podes ser porteiro.

Que gallego! Não sei onde estou que te não mando refrescar a cara pelo muxingueiro!

Muxingueiro!

—Ora estes gallegos!

—Que houve?

—Não andam a dizer que o Novaes comprou por 500$ a redacção do *Alabama*!

—Compraria sem duvida a mãe de quem disse, por dez tostões talvez.

Bregeiros!

—Ora que «pinto» velho! que gallo do diabo! depois que trocou a crista pelo «barrete», está que ninguem o pode aturar! que capão damnado!

—Pois si aquelle bregeiro não der provimento aos autos, terá de se haver comigo.

—Com o seu muxingueiro, será melhor.

—E' isso; de vergalho hei de mandar-lhe fazer a festa.

Que patife! «Com vistas ao promotor».....

Que velhusco enfarruscado!

Que pinto com alma de carrasco!

Por um cruzado deixa um anno na cadeia a um pobre!

—Dr., para que estes arreganhos?

Si não quer em sua caza a gazeta, diga a sens empregados que a não assignem; deixe-se de desaforos.

Não pense que por se chamar *Cesar* passa por grande cousa, quando sabem tados que V. é uma especie de *Borgia*.

Será melhor que não admitta em seu estabelecimento *rapozas* que comam frangos.

—Viu a *Semana Illustrada*?

—Li; o n.º 205 está importante, a pag. 1639 tem duas caricaturas que dizem respeito a certo doutor que gosta muito de *passeios*.

Quem poder lel-o, não a deve perder.

Si puder ser, o «Alabama» reproduzil-as-ha (as duas caricaturas).

—A musica, ao domingo, no Collegio é um acabar de miseria! Apparece sempre depois do credo!

Este domingo ultimo eram tres meninos e o Nascimento a gritar tanto que não parecia *estarem so's*.

—Ora historias! musica é dispensavel! Os conegos não estão dispensados?

Eu sou dos que dizem: ou tudo nada. Si hão de fazer asneiras, fechem antes as portas da cathedral.

—Está na rua o Chico Carteira!

—Que terra, meu Deus!

Um ratoneiro conhecido, rouba uma carteira, é preso, e no outro dia está na rua!

—O que quer que lhe faça?

Não sabe que o decreto 1090, é a salvaguarda dos gatunos?

A parte que se queixe.

—Mas si um certo personagem foi da parte do Chico Carteira propor ao prejudicado que não desse queixa por que tudo se arranjaria e elle receberia, dinheiro e o pobre tabareu arriscado a perder tudo concordou!....

—E recebeu?

—Qual! logo que o ladrão apanhou-se na rua mandou levar ao homem 100$ que elle não quiz receber,

—E a policia não tem um meio de corrigir taes industriosos! De maneira que um ladrão feliz, que nunca seja preso em flagrante, pode viver roubando a seu salvo!

Ah! Dr. Freitas Henriques!

—Chico Carteira de mais a mais é casado.

—Com duas mulheres, dizem, e não vive com nenhuma.

LA VAE VERSO.

O que *saraiva* não fez
Patranhas farão agora;
Saraiva faz medo á gente,
Patranhas a gente adora.

Cae *saraiva*, faz barulho.
Mas se derrete em momento;
Patranhas, mais geito e arte,
Faz tudo sem espavento.

Temos pois de ver que aquillo
Que o *ceu* por la não fez
Será feito por *tretinhas*
Por *patranha*, desta vez.

Não acho motivo
P'ra os *liberaloes*
Quererem fazer
D'inuteis zangões.

A PEDIDO.

—Que é isto, meu brigada?

Parece-me mais um CAÇADOR, destes que querem acabar com a bicharia toda e até com a rapazeada...

—E' que aquella mulher...

—Bem sei, maganão; si se não emenda offereço lhe um GRAVATÁ e uns PRATOS, para ver si assim accomoda-se.

Olhe que melro!

—Mas a mulher, capitão.

—Não está prompta a soffrer insultos de um soldado imprudente. Cale-se.

—Não viu uma noticia que dá o «Jornal» sobre caza accommettida, vidraças quebradas etc?

—Vi; foi a caza do Augusto, marido da D. Rosalina que os partidarios da D. Leolinda accommetteram, quebrando-lhe as janellas, atirando-lhe pedras e insultando horrivelmente aos donos da caza.

Voltavam do beneficio da rua de Baixo.

—Bagatella! A policia dormia talvez, não?

—Já era mais de meia noite, é provavel.

—Que massa bruta é aquella que ali vem?

—Homem, aquillo não é massa, é *rocha*.

—Que bem precisa ser arrochado para não andar occupando-se da vida alheia, balanceando a caza dos mais.

—Quem é elle? é um malandro, estouvado e tollo, que inda não recebeo a herança por não estar emancipado?

—Ah! já sei! é aquelle que vive de caza em caza dizendo que é proprietario, e que quando receber a herança hade fazer um futuro esperançoso.

—Muxingueiro, pegue aquelle biltre e refresque-o para tomar vergonha.

Vem cá, carcamano pescador e cozinheiro que é o que fizestes, a teu caixeiro? Eu nada Sr. capitão, pois tu, saffado, malcriado minha besta quadrada, não lhe dissestes (por elle te pedir um garfo que lhe faltava) que quem tinha a culpa eras tu por o botares na meza dos brancos, pois elle é negro, meu saffado e por elle repelir tu não lhe dissestes que não te respondesse que se não voava por ella janella fora e por elle te repelir isto tu não te levantaste e te dirigistes a elle para talvez lhe dares, e afinal não lhe dissestes que de hoje em diante não comia na meza, que havia de comer na cozinha, pois espera, eu te vou mandar dar a recompensa. Muxingueiro!

Ai Sr. capitão não me dê mais por S. Gustavo lhe peço.

Fogo! ai Sr. por seus CALOMBOS não me dê mais que já estou muito castigado.

Na cidade de Latronopolis existe um jumento carregado com carga de prepitinga, cujo quadrupede, quer por meio de seos incantos se tornar «gentil», ora este jumento de quem se tracta, tem o dom de fallar, por isso que, este animal torna-se superior aos outros irracionaes da mesma especie, elle tem publicamente personalisado, e jacta-se, de ter emprestado a certo empregado da alfandega de Latronopolis a quantia de 200$000, e que o dito apenas tem dado algum dinheiro por conta, e isso mesmo, porque elle de vez em quando lhe atira desmesurados coices, o nome deste ente, que sujeitou-se as condições deste anatocismico e encircumciso jumento todos sabem, porque o dito jumento assim o tem feito ser conhecido; aqui concluo o meo trexo, dizendo que este animal, já se acha em estado de se lhe apertar a cilha, em razão de ter engordado e se alimpado nos campos ferteis da referida alfandega, e irei mais adiante, afim dos leitores conhecer certos actos deste jumento, os quaes sahirão do ôdre, rompendo as cortinas do silencio.

O AZORRAGUE.

Mendigo Suberbo.

Apparecec em Latronopolis um mendigo pedinxão, o qual fez sua pousada no largo dos Afligidos, por occasião de festejar-se o padroeiro daquelle logar.

Com as esmollas que lhe davam conseguiu ajuntar algum dinheiro com o que comprou um bilhete, no que foi bem succedido, porque tirou uma sorte.

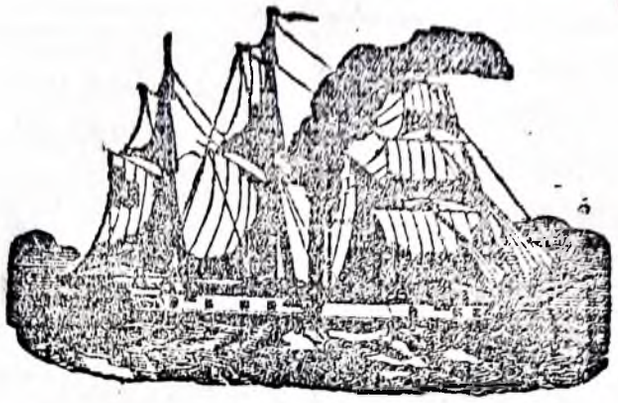
Julgou-se logo um millionario, e possuido de soberba expelliu os companheiros em cuja roda andava tratando-os com grosseiras palavras quando os encontrava.

Mas tristes accasos da sorte! a roda desandou, e opulento phosphorico viu-se reduzido á miseria em pouco tempo, voltando para o meio daquelles a quem maltratara, e ja no domingo passado era visto no mesmo largo pedinxando *entre os companheiros*.

S. José Maria.

Roga-se a certo portuguez malcreado que mora á rua d'Alegria e teve o atrevimento na tarde de 23 do corrente, depois de jantar, de insultar a uma senhora casada, como a sua é, não estando seu marido em caza, que não o torne a fazer, porque ninguem está prompto para aturar a bebados; cozinhe primeiro o seu vinho por que de outra forma lhe pode custar caro; oubistes?

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 3 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 145.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17. a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Com este numero começa a 15.ª serie.

Fica suspensa a remessa aos Srs. que devem mais de duas series.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 3 de dezembro de 1864.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que sem demora metta no porão deste navio o caixeiro da taverna n. 33 A., ao Maciel de Baixo, não só por conservar aquella taverna aberta até 1 e 2 horas da noite, como porque reune alli moleques vadios e mulheres perdidas para a pratica de quanta immoralidade ha, sendo isto feito com estrepito e assuadas, como inda uma noite destas acconteceu depois das 11 horas. Cumpra.

—Ora não estão vendo!

A agua do Queimado é a mais ordinaria de todas que actualmente se bebe e vivem os *intimos* a fallar de todos. E' o Sr. Rodrigues, na botica, a chamar estupido a quem falla da agua; é o Sr. Paulo, na loja, a gritar que é calumnia; é o Dr. Virgilio, na imprensa, a mandar estudar a materia, e o povo que vá bebendo veneno, em quanto os figurões lhe fazem nariz nas costas e riem-se á sua custa!...

—Capitão, mizericordia!

—Que tens, rapaz?

—O mundo vae se acabar. Inundações, temporal, naufragios, guerras, cometas, meteoros, eclipses, meninos com caras movediças, mulheres a parir seis filhos, tudo isso que indica?

—Que estás com honras de velha beata.

—E si V. Ex. visse um macho virar femea?

—Não era novidade; mas onde foi isso?

—O Dr. Catana transformou-se em mulher!

—Ora!...

—E depois tem relações com os mortos!

—Quando eu digo que ainda crês em bruxarias!

—Pois V. Ex. não viu?

—O que?

—A *Catana* ordena ao fallecido

guarda marinha Guilherme que vá á estrada das Boiadas fazer não sei o que.

—Então é que a *Catana* veiu do mundo de além.

—Carniceiros!

O nome diz o que são!

Vivem das lagrimas do pobre!

Os barcos ahi estão cheios de carne seca e o preço não desce!

Acaba de desembarcar uma grande partida de carne ardida, podre...

Sr. Dr. inspector da saúde, queira por favor ir examinal-a; provavelmente não estará *purissima*.

Vá aos depositos, ás barracas, meu charo Dr.; tenha paciencia; mande deitar ao mar essa *carniça*.

—V. não me dirá porque as philarmonicas não compareceram ao festejo de Santa Cecilia?

—Talvez porque seus membros não são musicos de profissão.

—Não é provavel; lá estiveram até doutores que se prestaram, e depois ellas tinham promettido.

—Eu não queria dizer. Mas dizem os meninos da Candinha que porque em geral os musicos bahianos são homens de cor e elles se não querem misturar com mulatos; são, pela maior parte, portuguezes, são brancos.....

—Safa! quanto intrigante, meu Deus!

—Capitão, viu que desaforo! A *Catana* ordenando a empregados do *Alabama*!

—Felizmente a ordem é dada a defuntos!

—Ora V. não sabe o que *appareceu*?

—Que foi?

—Um sujeito que anda na rua do chefe a namorar e que teve o atrevimento de mandar fazer uma chave falsa.

—Ah! disso já sei e mandei até participar á dona da caza, que é uma honrada viuva.

—E não merece punição da parte de V. Ex.?

—Si continuar, far-lhe-hei as contas

—Olhe que cara! Pareces bem um cavallo cançado...

Então o rendimento da fazenda ONDE SE MATA é capim?

Tu que só isso plantas é que disso tiras proveito.

Com elle é que tens saciado a gana, tratante.

E com effeito, para tua raça é a melhor salada que pode haver. Como com ella te dás bem, julgas que todos della gostam; é engano.

Quero porém fazer-te um beneficio, quando fores dahi despojado; dou-te um logar n'Agua de Meninos, onde acharás quem te lave, quem te tracte, quem te zele; comida acharás em fartura e sem trabalho; mel, tel-o-has no alambique do Espinheira que fica perto.

Deixa estar; apezar de ficares sem vintem, pelas grandes ladroeiras que tens feito, não morrerás á *fome*; fica certo, meu Linguinha dos seiscentos!

—Não sei, não sei!

Vive-se aqui justamente como quem carrega *cruz*; tudo se soffre!

Valha-me o milagroso S. *Cosme*!

—Mas que novidade ha?

—E' que uma authoridade que temos é o desmazelo em pessoa, por ser muito *franca* talvez.

A policia anda acephala; badernas, cassuadas, tropelias, insultos, pancadas, e o homem quanto a energia e actividade, não tem nem de louça um *pires*!

Nem tão pouco!....

—Leu o «Jornal» de 2 do corrente?

Diz que os burros que tem instinctos liberaes não gostam de carregar os liberaes seus companheiros.

—Que se ha de fazer?

Deixar latir o cão. Pois porque me dá um burro um coice, segue-se que devo imitar o burro!

—Capitão, viva paritido liberá!

—Oh! estás liberal agora!

—Iô ta sempre miga de liberá.

Ossincelence lê *Trêce Pubrica*? Ossincellence lê artiga qui tracta de sicravidão?

E' pru esse que iô gussa de liberá.

Iô ta ni munta contentamento, iô vae faze frogamento cum minha paxero turo.

Viva paritido liberá!

—Mas que ha, rapaz?

—Saquarema cravisa negro, liberá forra ere turo. Anani bem dize qui liberá ta fia de Deu qui morre ni cruzo p'ra liberdare di genuro humano.

Viva paritido liberá!

Vive la liberté! Vivô!

—Queres que mande o muxingueiro tocar a musica?

—Iô nan qué commodamento, capitão.

A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

Ha cinco dias foi depenado, as Portas da Ribeira, em caza d'um tal Domingues, um pobre homem vindo de fora com cento e tantos mil réis, que ficou sem dinheiro para o seu transporte: no dia primeiro do corrente foi para alli outro individuo conduzido por um José Ruffo afim de ser pilhado por um José Piloto que auxiliado pelos socios deixaram o infeliz em petição de miseria.

Nesta caza tem sido victimas innumeros paes de familia que vão alli attrahidos pela ignorancia e pelo desejo do lucro, a chamado do tal José Piloto.

E' preciso que desappareça dalli aquelle foco de ratoneiros, cujo unico meio de vida é a pilhagem no jogo.

Ao Exm. Sr. Presidente da Provincia.

As *ultimas camadas da sociedade* são ingenuas, dizem o que sentem e pensam, sem torneios ou phraseado; fallam verdade.

Essa maneira brusca de se exprimirem, essas expressões toscas que soam mal aos ouvidos limados da *aristocracia*, passam por *paschins*.

Para V. Ex. porém que sabe conhecer o merito, aprofundar a verdade, fazer justiça, a queixa contra um abuso merece ser sempre attendida, partam embora os clamores da alta gerarchia social, ou da sua infima camada.

Ha nesta terra um logar de summa importancia, cujo funccionario vela, ou antes deve velar pela saúde do povo.

Ninguem porém em boa fé negará que o Sr. inspector de saúde, tão solicito quanto ás aguas do Queimado, é em geral negligente.

S. S. vê as ruas no mais deploravel estado; um *paschim* denuncia-lhe que no Papagaio interrou-se um burro; que n'Agoa de Meninos outro está em putrefacção, que no beco do Oratorio ha aguas estagnadas etc. etc. etc., e o Sr. inspector contenta-se em dizer que não tem agentes, e nem ao menos reclama providencias!.....

Sabemos que desde o Dr. Freire, é costume nesta terra, em vez de defender-se o empregado publico das accusações que lhe fazem, chamar á ros-

ponsabilidade por INJURIA, *crime para cuja justificação se não admitte provas!*

Embora!

Nao tractamos aqui de injuriar a ninguem: o Sr. Dr. José de Goes pode ser muito honesto, muito moralisado, mas não exerce bem as funcções de seu cargo. O Sr. Dr. Goes é homem politico, entretem-se mais com seus diversos ramos do que com a saude do povo; vem-lhe talvez dahi a pouca attenção que liga ao cargo melindroso que occupa.

E' preciso pois que cesse isto, que se dê esse logar a quem lhe saiba melhor comprehender as obrigações, os sacrificios até.

Não somos levados nisso por paixão alguma; fazemos justiça ao caracter do Sr. Dr. Goes, que será sem duvida o primeiro a reconhecer que não deve continuar n'um cargo, para que tem aliás habilitações, mas para cujos soffrimentos se não acha resignado.

E para substituil-o, Exm. Sr. presidente, V. Ex. sabe que não faltam caracteres honrados; consinta-nos porém que nos atrevamos a lembrar-lhe, entre outros, os seguintes nomes: Dr. Ozorio, Dr. Joaquim Botelho, Dr. Ignacio Cunha, Dr. Januario de Faria, conselheiros J. Silva Gomes, Antunes, Magalhães e Aranha Dantas.

E fique V. Ex certo de que não será esse passo que attrahirá contra V. Ex. a animadversão do publico.

* * *

—Vossês conhecem Luciano?

—Um israelita?

—Sim.

—Conheço; tem mais charidade do que qualquer catholico desses jesuitas que por ahi andam a imbahir o publico.

Um destes dias, morreu o chefe de uma familia honrada e pobre, e elle promoveu uma subscripção em seu favor. Entretanto houve gallego que desviou os olhos, ridicularisou a acção, e não deu nem um vintem dos milhões que em seu bolso metteram os crimes; a moeda falsa, o contrabando, o trafico etc!

—Era justamente para referir isto que eu perguntei si conhecia o Ariani.

—Que lh'o pague a alma do João Faustino!

Bella acção.

Pede-se a um tal Olavo que vá restituir certo objecto que tomou a uma infeliz mulher e que a ella custou o suor do rosto, objecto que Sm. tomou a pretexto de levar á terceira pessoa para compral-o, não se dignando voltar até hoje.

Si o não fizer, serão publicados seus bellos feitos; arranje-se em quanto é tempo, visto que a infeliz anda a ajoelhar-se pelas ruas aos pés de qualquer sujeito, implorando compaixão. Um amo della quer somente saber seu nome para dar-lhe o destino, sob determinação do Sr. Dr. chefe de policia.

Eu só me admiro da sua maciez; sempre é *velludo*.

Veja o que faz.

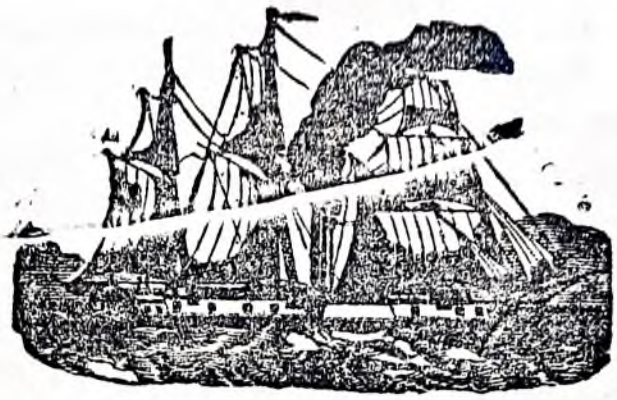
Até logo.

* * *

Sr Chrispim d'Uzeda.—Ponha cobro a sua gente para que não viva a insultar a visinhança que nunca lhe offendeu, veja lá se Chrispim é *Mane' Mane'*.

Chrispim da Sempre Virgem Maria.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 6 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 144.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 5 de dezembro de 1864.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande calçar a rua que desce para a fonte do Forte de S. Pedro, a qual tem innumeras cazas que todas pagam decimas; assim como concluir um cano que no meio della existe, onde pode cahir alguma pessoa.

—Ao Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que andam nesta cidade dous industriosos a impingirem aos pretos e pessoas ignorantes bilhetes de loteria falsos e já corridos.

—Ao mesmo partecipando-lhe que além das innumeras casas de jogo que ha nesta cidade, e contra as quaes, por já repetidas vezes, se tem pedido a S. S. energicas providencias, abriu-se recentemente mais uma na rua dos Ossos, freguezia de Santo Antonio.

—Ao Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio, para que mande edstruir um furioso quilombo que ha na loja do sobrado n.º 5. á rua dos Marchantes onde se praticam as maiores indignidades.

—Ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua dos Adobes, n. 13 e intime á dona da caza para pagar a multa imposta pela postura, visto criar uma duzia de cachorros que atropellam á quem passa e aos ouvidos dos visinhos, obrigando-a a apresentar-lh'os para dar-lhes a *bolla*. Cumpra.

—Publicou-se a *Liga*, comedia de um conservador.

—Ja li; ja leu?

—Ja. O final do ultimo acto tem um pedacinho interessante, na falla do *vulgacho*.

—Tambem não é má a 2. scêna do 1. acto em que se historia a procedencia e o nascimento da *liga*.

—V. pelos modos é conservador.

—E V. cheira-me ou antes fede-me a ligueiro, maganão. . . . .

—Ligueiro, ou vermelho, cumpre agradecer ao author a remessa que se nos digou fazer.

—Capitão, mais uma do *progresso*.

—Qual?

—Um escravo mandado surrar por ordem da authoridade, sem sciencia do seu senhor e sem haver processo.

—Que authoridade foi essa?

—Um subdelegado.

—De que freguezia?

—Não lhe posso dizer.

—Ora historias!

—Encommende-se a Santo Antonio, meu capitão; V. Ex. sabe que o santo é milagroso.

—O «Jornal» diz que o anniversario do natalicio de S. M. que é sempre festejado, foi-o este anno apenas officialmente.

—E diz que é por que o povo está vendo o paiz arrojar-se n'um abysmo, aberto pelos progressistas.

Eu vi.

—Este «Jornal» tem lembranças!

—Malacachias está a descobrir traidores!

—E ladrões tambem?

—Provavelmente.... animo, quem o não tiver peça a elle.

Safa!....

—....Do!

—Olá, magano! Para que has de estar a desencabeçar a menina? e ás 5 horas da madrugada? dando-lhe até beijocas? e abraços?

—Mizericordia, meu Deus! Capitão, por Santa *Adelaide*, me perdôe.

—Mas si te queres casar, não é preciso dares beneficio, enjoando aos moradores de S. Bento.

—Capitão, veja que meu pae não saiba.

—Quem, o Lobo? E' justamente o que eu quero, que elle te FISCALISE para tomares geito.

E' pena que se perca um tão bello moço.

—Metta-me antes a cara na cloaca do navio.

—Serio? Seja pois feita a tua vontade.

Muxingueiro!

. . . . . .

—O *Jornal* dá noticia de que ha 250 praças no corpo de policia na capital, e nota que se allega o não poder ser feito com essa força o seu policiamento quando o de toda a provincia é feito com 400 ou menos.

—E tem rasão; não sei isso ao que é devido.

—O governo, como diz o mesmo *Jornal*, que providencie.

—Qui culmina tangit vergit ad imum.

Quem se trepa em olho de mamoneira, tem o chão ao pé de si.

O latim é da Politica e a traducção do Gauderio.

—Os personagens da *Liga*?

—Sim; a proposito, as ultimas scenas, a principiar da 8.ª, são *interessantes*.

—Como diz o Capacho, quanto peior, melhor.

—*Santinha*, deixe o rapaz.

—Si o amo!....

—Deixe o gallego ajuntar dinheiro.

—Quero-lhe tanto bem!....

—Mas assim, a fazer despezas para V. ir ao theatro, a comprar frascos de cheiro, pomadas, requifes, pentes e bagatellas, o labrego dá com os burros n'agua.

—Achará no fim de tudo meu amor para animal-o.

—Mas é que elle não me tem cara de Cupido.

—Mas eu...eu sou uma Venus, Sr.

—Pois eu já a confundi com a *Moura Torta*.

Deixo o pobre diabo que veio se abrigar á sombra *d'arvore das patacas*, gosar um pouco da *brisa sonora* deste abençoado torrão.

—O Sr. falla que a gente não intende.

—Não admira; queira fazer o favor de perguntar ao *Contas duzas é*.

—Capitão, tem paxença.

—Que ha?

—Iô tem resão condo iô grita: viva paritido liberá!

—Diga depressa porque.

—Sicravo turo de Sitaro Unido tá forro! Esse obra de quim é?

— Sim, sim; tens rasão, não ha duvida. Só o que eu reparo é que em tempo de chuva ficas mais poeta.

—Felizmente está perto o anno de 1865.

—Para que?

—Para termos o cometa.

—Para que?

—Para fazer a illuminação publica no todo. E' quando ha de ficar illuminado o Poço de Itapagipe. Tres mezes de cometa com luz superior á da lua, veja que pagode!

—Dispensa-se então o gaz?

—Que duvida! a epocha é de economia e durante os bemditos tres mezes a provincia não gasta um real com o gaz.

—Mas o contracto?

—Tem sido muitas vezes infringido pela companhia, nada importa ao governo infringil-o uma vez.

Depois o contracto refere-se ás noites de lua e tracta-se agora de noites de cometas.

—Bemdito progresso! ja andas pelos astros....

—Que duvida! tem invadido tudo. E' a primeira vez que me consta que esses rabudos deitem tanto fogo.

—Um puxo!

—Pariu a montanha?

—Não; a camara está mandando *reparar* a ladeira da Mizericordia. E vae mandar deitar abaixo um mamoeiro que nasceu na muralha...

—Para não rachal-a?

—Não, para não cahir em quem passa.

—Bondoso coração!

—Ou antes, muito pode a approximação da morte.

—A *Liga* no fim do 1.° acto tem um bello pedaço sobre o 3.° districto.

—E' a lei do *eu*; é Matheus, primeiro aos teus.

—Ah! sim.....

—E continúa a *rainha Congo* á insultar a quem passa, a offender a moral publica!

—Deixe a preta.

—Não é com a preta que eu fallo, é com a policia que deve velar sobre isso.

—Pois então vá ao subdelegado da Conceição da Praia, que por força ha do passar na Preguiça.

—Muita intimidade tem aquelle preto com este homem que tem fabrica de *fazer ferro*, pois que todos os dias vae visital-o á essa rua em que faz *preguiça* passar!

—São freguezes.

—Freguezes de que?

—O homem compra ferragens em mão do preto.

—E onde as acha elle para vender, tem loja?

—Não; dizem que extrahe o ferro d'uma mina que descobriu em S. *Domingos*.

—Está boa esta! Então extrahe logo o ferro convertido em obras!

—Por milagre de S. *Joaquim*, de quem é devoto.

—Ora Sr. Alves, não me conte historias, que eu não creio. Aquillo não pode deixar de ser furto.

—Tambem pode ser.

—Um membro de commissão pode dar parecer, sem ter ouvido aos companheiros?

—Julgo que não; principalmente si é para justificar uma cousa contra a qual se queixam todos.

—E si a cousa for tão complicada que para sua resolução se requeira tempo; estudo, trabalho?

—Peior.

—E si estas necessidades forem reconhecidas pelo proprio que deu o parecer?

—Confessa que delinquiu; peior ainda.

—Supponha que *se queira* fazer disso um capitulo de accusação.....

—E' muito justo.

Si eu fosse *inspector* das acções alheias, formulava o libello, ainda estando, como estou, fatto *de saúde*.

—Bem; era só o que eu queria ouvir.

—Vim agora da Barra e julgando estar aberto este portão, fiquei em branco.

Ora que diabo!

—E' progresso, rapaz, e depois o Passeio Publico nunca foi rua.

—Mas que necessidade ha de vedar-se esta facil communicação? O progresso mandará impedir o transito?

Já é a segunda vez!

—O portão da relação já está aberto.

—E quando se fechou isto?

—Depois da tomada do *Florida*.

—Olhe que este Dr. Souto. . . .

O moço intende de tudo; sem duvida foi um plano de defeza; o portão é uma valente trincheira.

Sendo assim, acho justo, tem rasão.

—E tanta que o remedio que o Sr. tem é andar para traz.

—V. está vendo aquelles *ramos* alli no caes Novo?

—Vejo; como estão carregados de mangas!

—E são vendidas por alto preço e podres.

—Podres!

—Sim; è prohibido escolher.

—Como?

—Aquelle caixeirito insolente não permitte e o dono da caza acompanha-o.

—Gastei, mas foi da *jaqueira* rebatendo a mangueira.

—Que diabo de embrulhada è uma?

—Proximidade do Commercio, è tudo pomar.

—E o caneco de breu, o alcatrão, tambem é pomar?

—Que lh'o diga o *José Francisco*.

—Só com um cabo podia eu dar-lhe a resposta.

A PEDIDO.

A certo alfaiate que não quer entregar uma obra.

Official que promette
A obra que nunca chega,
Toda sua freguezia
Vem o diabo e carrega.

(EXTR.)

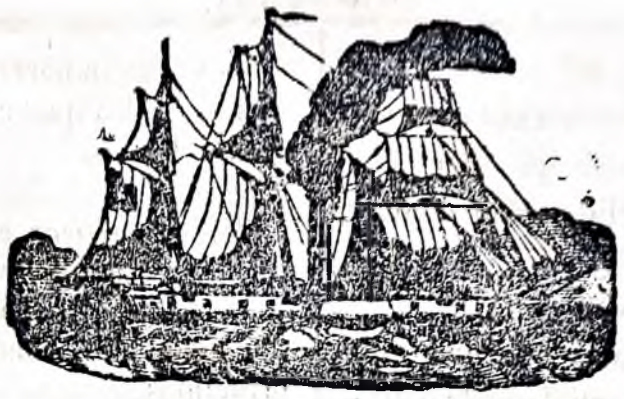
O Archanjo S. Miguel.

ANNUNCIOS.

Quem tem penhores na venda n.º 32, á rua Direita do Collegio, queira ir buscal-os.

Quem precisar de uma ama de cosinha para caza de pequena familia dirija-se a esta typographia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 10 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 145.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17. a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 9 de dezembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias, a fim de que o menor de treze annos Quintino Manuel da Silva, que consta seguia para a corte em companhia de alguns *soldados* do 10.º batalhão, volte ao poder de sua mãe.

—Ao Sr. commandante do corpo de policia, para que informe si o guarda desse corpo José Barbosa Ferreira, que se acha preso ha cerca d'um anno, tem direito a algum vencimento de soldo atrazado e em quanto monta, e a rasão porque até hoje não foi pago, visto que ha quem diga que esse dinheiro ja se acha em poder d'alguem.

—Ao commandante do esquadrão de cavallaria, para que não consinta os guardas e os forçados que se acham sob suas ordens andarem nús, em contraposição á postura B; assim como para que mande sangrar os animaes no quintal do quartel e não na rua, pois causa grande repugnancia aos que passam.

—Ao mesmo, afim de que mande collocar biqueiras em todos os telhados das cazas dos quarteis, segundo ordena a postura n.º 32.

—Viu a *Critica*? Traz a noticia de que fugiu um doudo do hospital.

—Pois não! Muita gente o viu pelo Maciel e pela Baixa dos Sapateiros em fraldas de camiza, a gritar que era o Divino Spirito Santo.

—Cassuada.

—Verdade, Sr.: eu vi e na typographia do *Interesse Publico* havia muita gente que viu: pessoas de representação cujo nome se poderá citar, alguem oppondo duvida.

—Só si forem os *charidadeiros*, que julgam ter mais credito do que o proprio credito.

Canalha de jesuitas e hypocritas, a quem accusa a voz publica de *certas relações clandestinas*!.....

Que miseria!

E entretanto por amor das taes *santas virgens* ficou muita gente sem pão..

—Graças ao Sr. Figueredo Leite e aos seus.

—Sabe? o padre Neca, segundo diz o *Interesse Publico*, está fazendo o diabo no Maracás de connivencia com o juiz municipal.

—Homem, deixe-me!

—Não sabe V. o que perdem, não ler a historia.

—Lel-a-hei: temos *vú* por força.

—Que diabo é isto?!

—Que foi?

—O esquadrão de cavallaria serve-se agora de carneiros?

—Ca, ca, ca, ca, ca!

Está boa esta!

Quem lhe disse isto, homem de Deus?

—Não ria-se, que não ha motivo para tal: fallo o que vejo, ou o que ouço.

Passei pela Agua de Meninos e vi pelas cochias uma porção de carneiros, cabras e bódes; por isso pergunto.

—Ca, ca, ca, ca, ca!

—E o Sr. a rir-se!

—E' que os bichinhos são de gente de caza, dos officiaes por exemplo.

—E comem então à custa do governo!

Está bem bello!

—Ainda hei de ser barão!

—Serio? Que destino tem?

—Criar porcos.

—Barão para criar porcos?

—Sim, Sr ; porque é prohibido criar porcos na cidade e o Sr. barão de Cotegipe os tem á vista do publico, em chiqueiro, na baixa do Bomfim.

—Então acho bom; si puder, pegue.

—Não se importe, Sr. Malacachias, com os zoilos que continuamente procuram feril-o.

—Olá!

Zoilos, *criticas e criticos*, estremecei, rugi, mordei-vos!

—Os que pugnam pela liberdade são apontados como homens de máos principios.

—Não tem nada, Malacachias, podes escrever pura tua terra!...

Ja ha quem te chame honrado.....

- E' bonito luctar contra potencias quando a causa é justa.

—Toca a musica!

Bum, bum!

Um throno a Malacachias, meu povo! um throno erguido por sobre as ruinas das cazas d'Ajuda, ou por sobre as cinzas de um padre assassinado!

—Não sei para que Deus me fez *macho!*

—Porque? quer ser *femea*?

—Ha nada melhor! Além de comer sem trabalho, ter distincçao e honras, entra-se nos templos de chapeu á cabeça, estando exposto o SS. Sacramento!

—Quem lhe contou isto?

—V. é tabareu; é cousa que se vê todos os dias.

E ainda no dia 8, na Conceição da Praia, só não viu quem não quiz.

—Pois acho melhor ser em todo caso homem e não trazer nada á cabeça.

—Oh! fardamento dos guardas de policia aqui na praia!

Morreriam affogados?

—Ora!... ...

Eil-os alli boiando; estão a tomar banhos nús, às 11 horas do dia, sem respeito ás familias aqui do Porto do Bomfim!

—Veja que policia! reus de policia policiando!

—E o Pitta está bem vexado; não pode chegar mais á janella; todos os dias é isto....

—Que policia!

—Mas quem tem a culpa? Os chefes, que são quem planta a insubordinação.

—O *Liberal* diz que o Exm. Sr. presidente mandará pagar aos guardas nacionaes aquartellados que são artistas *empregados publicos*, o vencimento de operarios e não o soldo de guardas.

—Acho bom; mas os artistas que não forem empregados publicos, chucham o dedo, não?

—E' o que parece.

—Pois olhe o *favorão* que o *Liberal* apregoa torna-se uma clamorosa injustiça.

—Dizem que andam tres sujeitos a impingir dinheiro de cobre prateado por prata; um delles tem o nome com as seguintes iniciaes: S M. P.

—A policia que os procure e castigue.

—Valha-me o Senhor do Bomfim!

—Encommende-se antes á alma do Manuel Pedro.

—Não vê aquelle negro? Tinha em caza uma negra que admittiu em sua companhia uma parda, que foi sua perdição O negro que é barbeiro despediu a negra, relacionou-se com a parda, e a negra, adoecendo, foi para o hospital, onde morreu, de paixão talvez.

—E que interesse tem isso?

—E' que eu queria pedir ao capitão do «Alabama» que mandasse esfregar o negro.

E onde mora elle?

—Estou com *preguiça* de dizer.

Mas, olhe que elle tem um connivente sapateiro que mora lá para S. Pedro Velho.

—Como chama-se?

—Por S. *Porphirio* que me não lembro, mas creio que é Alexandre.

—Pois vá ter com o aspirante e deixe-me.

LA VAE VERSO.

Despedida de um marujo portuguez.

Adeus malhada, qu' eu parto,
Bou longe de ti biber;
De aturar-te estou já farto,
E' preciso libre ser...
Bou esse mundo correr
Em vusca d'outros amores
Que, menos amoladores,
Do que os teus, malhada, são
Deem alibio ao curação
Do peso de tantas dores.

Irei à França e á China,
Ao Chili e á Patagonia
Em vusca d'uma Zelina,
D'uma Tecla, ou Apolonia,
Que seja menos demonia
Que tu, Narciza, o tens sido,
Que me has envrutecido
Por tal forma o curação
Que quando apalpo no peito,
Acho uma couza sem geito
Um berdadeiro aleijão.

Por isso bou currer terras
E bisitar nobos lares,
Andar por montes e serras
E sobre as aguas dos mares;
Abêr si n'outros olhares
Mais meigos, mais seductores.
Encontro nobos amores
Que tenham certa doçura,
Que sejam quasi melado
Que tenham o adocicado
Dos mólhos da rapadura.

Que tú, mulher imprudente,
Com pretenções de sãutinha,
E's em figura de gente
Mais féra que uma doninha...
Mas deixa minha sonsinha;
Depois destes laços rôtos
Não has de dar mais arrotos,
Como aquelles que tu dabas,
Quando mettias no buxo
De doces um papeluxo
Que á minha custa chuchabas!

Portanto, filha, procura
Si encontras um nobo *paio*...
Eu digo-te e com frescura,

Em teu amor mais não caio...
Nem mesmo ja me distraio
Pensando nas caveçadas
Que demos pelas escadas
Na noute daquella vriga
Em que me deste, malbada,
Com uma vota engraxada
No curuchéo da varriga.

Agora, ponho-me a pannos,
E bou-me nesta maré,
Antes que novos enganos
Protestes á falsa fé:
E bou sem tomar café
Somente p'ra mais não ber-te;
Quero de bista perder-te;
Affastar-te aos olhos meus,
P'ra a vordo dizer contente:
—Fica-te, minha serpente,
E dar-te o ultimo adeus.

(*Extr.*)

A PEDIDO.

Antonio Soares Falcão pede á redacção do *Alabama* declare si partiu delle alguma publicação que se referisse á *Santinha*.

—

Nem conhecemos a pessoa.

A Redacção.

N'uma publicação feita no *Alabama*, em que vem o nome d'um Ildefonso não se deve intender Ildefonso Lopes da Cunha, que nos pede a presente para salvar seu credito.

A Redacção.

N'um *a pedido* inserto no *Alabama*, que tracta de valentão e vapores, nem de leve se quiz tocar na pessoa do Sr. tenente Alves, o sim na de um capadocio bem conhecido que existe entre os serventes da companhia Bahiana.

O Leoncio.

Dá-se uma gratificação no valor d'um cavallo furtado a quem descobrir os titulos em virtude dos quaes pelo tribunal do Commercio foi nomeado avaliador do diversos objectos o prestante cidadão Lazaro Candido Vianna.

O Paranhos.

THEATRO.

RUA DAS COCHEIRAS.

Teve logar o beneficio do *gallego* e de sua *cara metade*: estreou a actriz—*Mãi Maria*.

O espectaculo foi divertido: *Mãe Maria* que ja foi soffrivel na escola antiga, hoje está insupportavel, declaclamou a não poder mais!... Teve de certo saudades da *Nova Castro* e do *Antonio José*. A actriz Dalila *pés de lancha* com sua rouca voz, e com a competente *giba espichou-se* no drama; e toda chorosa recitou uma poesia, que assassinou horrivelmente. O actor *gallego* estava contrariado, é mal que o ataca sempre que representa com *artistas mediocres*... Cremos porém que elle estava com algum *peso de cabeça*, ou com algum ataque de *estupidez;* fosse o que fosse, o certo é que quando esse *heróe* teve de fallar no *corsel de Napoleão* apontou para si... Foi a consciencia que o accusou.

Distinguin-se o *prior* de calças brancas, nem só em scena, como fóra d'ella. Depois do espectaculo houve em caza dos beneficiados *pagode grande*, meza *lauta* de *parús*, *capões*, *lanternêta*, *juripinga* &. &.

N'essa occasião *Iaia D. Linda* fez um discurso *comico* que principiava por este *aproveitavel* pensamento:

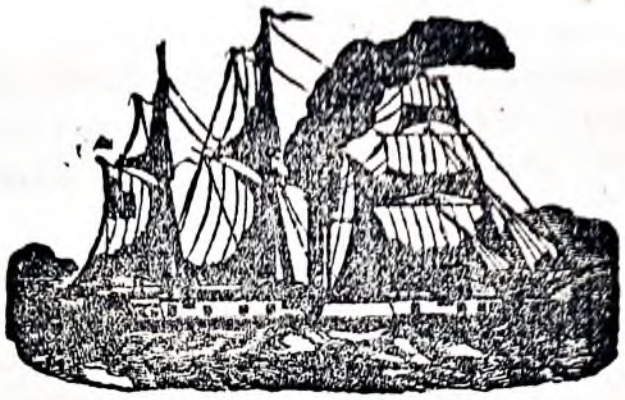
Quem diz theatro, diz intriga...

Depois disto fizeram-se diversos brindes a *Sinhá Maria*, a sua *linda filha* e a seu *desditoso genro*.

E assim:—

«Finda a partida e mais do que medonha
«A noite começou da bofetada

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 14 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 146.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17: a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 13 de dezembro de 1864.

Officio ao Exm. presidente da provincia, pedindo-lhe providencias para que cessem a arbitrariedade e abuso contra a liberdade individual, que se estão dando actualmente nesta cidade de serem *recrutados* pelo batalhão de S. Pedro individuos que nunca foram qualificados: sendo este acto acompanhado de não pequenas violencias e coagindo-se o cidadão a passar pelo menos uma noite n'um immundo calabouço até verificar-se si é ou não guarda do referido corpo.

—A'camara municipal, pedindo-lhe, apezar de nunca attendidas as queixas, que se digne lançar suas charidosas vistas para um cano que mandou fazer o Sr Martins Torres em suas cazas á Saude e que vae desaguar no meio da rua do Jogo do Lourenço, com grande detrimento da saude publica e incommodo de alguns visinhos, impedidos de abrir suas portas pelo insupportavel cheiro que exalam as aguas servidas e materias fecaes que alli vão ter.

(Officiou-se no mesmo sentido ao Sr. Dr. inspector de saúde que já alli morou).

—A' mesma, pedindo-lhe que mande limpar um grande monturo que existe na rua Nova de S. Bento, no qual ha constantemente gallinhas, cães mortos e muitas outras immundicias, que muito incommoda aos moradores daquella rua.

—Ao Exm. Sr. inspector d'alfandega, partecipando-lhe que nos informam que o patrão empresta dinheiro aos marinheiros com excessivo juro, dando, por ex.: 20$000 rs. para receber 25$000 rs., o que faz, dizem-nos, na occasião do pagamento, ficando os marinheiros sem real para satisfazerem suas dividas, visto que lhe exhaurem o dinheiro a usura alheia e a imprevidencia propria de certas classes infortunadas.

Espera-se de S. Ex. providencias no sentido de obviar a continuação desse escandalo.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias contra uma porção enorme de meninos e moleques que se reunem á noite no adro do Boqueirão, afim de atropellarem aos que passam. Esses meninos, além das in-

numeras palavradas que proferem, insultam o dono de uma venda que ha junto a egreja, pregam com alfinetes as senhoras do capona, dão pancadas nas pretas, atiram pedras nos cavalleiros, e até na noite de sabbado, um delles, conhecido por Santa Mazorra, de nome Luiz, caixeiro do Sr. Gouveia, despachante d'alfandega, picou o cavallo d'um cavalleiro, deitando-o quasi ao chão, a ponto de o homem, fora de si, querer matal-o!

—Ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na rua da Ordem Terceira ha um alcouce pertencente a uma mulher conhecida pela *Meia noite*, onde a moral e honestidade são ultrajadas a cada passo, e as desordens á noite succedem-se umas ás outras; pelo que pede-se a S. S. providencias para socego dos moradores d'aquella rua.

—Regularidade de serviço, só da nossa policia!

—Que ha?

—Em quanto uma duzia de soldados prende um pobre menino por desconfianças de que no meio de centenas de pessoas dera fóras ao fogueteiro, seis capadocios no Maciel de Baixo insultam uma familia com os termos os mais obscenos, e insultuosos, e não passa um soldado que os faça conter!

Atraz da Sé, dous negros espancam uma mulher á sua vontade!

—Viva o progresso!

—Os chefes são quem planta a insubordinação, disse outro dia o Sr. Prove.

—E' o que corre; é voz publica; mas posso-lhe apresentar um facto.

Estava eu em caza do subdelegado da Penha, quando alguem queixou-se a este de um guarda que o maltractava. O guarda continuou a ameaçar o sujeito, apezar de constantemente reprehendido pelo subdelegado.

Depois de muitos desaforos que o commandante de policia sabe bem quaes foram, o subdelegado prendeu o o guarda e officiou ao commandante.

A' noite o guarda estava em Itapagipe passeiando pelas barbas do subdelegado!.....

Quer mais claro?

—Não faz mal, não.

V. sabe do que fez um guarda de policia com o chefe de policia?

Disse-lhe tambem muitos desaforos, na repartição, na vista de quem entrava, porque o chefe observou-lhe que o cavallo não estava bem lavado.

—E nada soffreu?

—Ora! O presidente e o chefe mandaram-no immediatamente para a tropa de linha.

—Eis ahi porque eu dizia que são os chefes quem promove a insubordinação.

Quando o desrespeito é feito a elles, tropa de linha, ou bordo de fragata no caso; quando é feito a algum subdelegadosinho... historias!

Elles que se aguentem, tollos d'um dardo que *vivem se empenhando* para occupar logares que não rendem!

—Calemo-nos! O Sr. Joaquim Mauricio, Marinho, Villaboim e Luiz Antonio são brancos, comem seu toucinho, por lá se hajam.

—Que duvida! que duvida!.

—Capitão, eu bem lhe dizia que o mundo estava para se acabar.

—Seriamente? Appareceu o cometa?

—Mas appareceu um *planeta* ca pelo baixo mundo e veja que cassuada!

—Que bixo é esse, rapaz?

—A *lua* dentro da terra, capitão de minha alma!

—Ora rapaz! E' a gente do mundo da lua da cidade baixa que te mette medo?

Ca, ca, ca, ca, ca!

—Ora viva, capitão!

E' um *satellite* furioso, que abalrôa a quantos encontra.

E dizem que não é a primeira vez; faz uma barulhada dos diabos! E a graça é que como anda com a vista escura, põe de medo tudo escuro.

Dir-se-ha que esta Latronopolis está encantada?

—E que tu és alguma alma penada?

—Tambem não duvido; mas peça V. Ex. a Deus que o livre d'um encontro quando a *lua* estiver *cheia*.

A *lua* macho é tal que tem grande inimisidade com as mulheres, faz-lhes o diabo em caza, maltracta-as...

—E' antigo; sempre ouvi mulher queixar-se de *lua*.

—E ficamos então sem remedio?

—Ora! nesta terra tudo anda *aluado*, rapaz; á força maior cede a menor.

—Pois vou me queixar á policia.

—Para que quer Vm. a certidão? Vae processar o inspector?

Vae mettel-o na gazeta? Que vae fazer? Diga, *doutor*.

—Quero a certidão para um documento, um corpo de delicto....

—Ca, ca, ca, ca, ca!

Ora isto!

Custa, meu charissimo Sr., reis dous mil.

—.....

Sim, sim; queira passar bem; adeus.

—Meu amigo,

Genipapo de moleta,

Quem não pode, não se metta,

Hoje de graça, só os cachorros; ninguem aqui é seu criado, nem está prompto para satisfazer seus caprichos.

LA VAE VERSO.

Epigramma.

No *cume* de minha serra
Eu plantei uma roseira
Quanto mais o *cume* brote
Tanto mais o *cume* cheira.

Em tempo da invernada
Que a planta do *cume* lava
Tanto mais a chuva molha,
Tanto mais o *cume* dava.

Quando as aguas são correntes
Que o *sujo do cume* limpam,
Os *botões do cume* abrem,
As *rosas do cume* grimpam.

Estou pois capacitado
Que no tempo de tal réga
Todo o arbusto cheiroso
Mettido *no cume* pèga.

(*Extr.*)

A PEDIDO.

—Quem é este magano de cazaco e commenda?

—E' um sujeito que *luz*.

—Que linda *scena*! E' vagalume?

—Não, Sr; é bicho que fugiu dos *mattos*, mas anda agora, no meio da gente, e até mettido em politica.

—Serio?!

—Sim, Sr.; escreveu grande somma de asneiras progressistas n'uma folha *diaria*; depois... depois...

—Depois de que?

—Devo calar; mas emfim... depois... homem, dizem os meninos da Candinha, que elle foi um dos que quebraram a taboleta do consul americano.

—Que bicho damnado!

Tem chifres, quebrou com a cabeça, ou com as patas?

—Com as patas; mas repare V. Ex. que o bicho quer passar por gente, em quanto ha muitos que passam por bichos.

—E' então um perfeito moleque, quebrador de taboletas...

—E' tudo o que quizerem que seja nesta terra um cousa ruim; para mim é apenas um tollo refinado, um bobo perfeito, um desfructavel no rigor da palavra, um insolente na extensão do termo.

(*Coutinúa.*)

—Então, Sr. inspector, que novidade ha?

—Deixe-me! estou indignado.

—Porque?

—Um pretinho, devoto de S. *Paulo*, metteu trinta mil rs. n'um *pires*, dizem, e mandou-o levar a um subdelegado de Latronopolis para ter ordem *franca* de fazer seus candomblés, quando lhe aprouvesse.

—Quando foi isto?

—Ja ha muito tempo, mas ainda é tempo de V. Ex. dar as providencias.

—Valha-nos Deus!

—Com a poderosa intercessão do milagroso *S. Symphronio*.

Lendo o *Critico* de 10 do corrente, nelle deparei com um artigo que se referia a um procurador,

Tenho a responder que desde 22 do passado estão os autos com vista ao curador da menor.

A respeito de mandado de captura, provém a demora d'estarem os autos tambem em mão do curador da menor.

Quanto a recebimento de dinheiro, ninguem hoje trabalha de graça; o *interessado* é uma prova viva disso, que o redactor do *Critico* bem sabe.

Concluindo devo dizer, que esta resposta é dada, somente em consideração ao publico.

* * *

Declara-se solemnemente a Xico Amor-rir Facão da Matança Junior que são sobeijamente conhecidos seus principios, sua origem, sua descendencia, seus feitos; pelo que não é conveniente que continue a detractar de caracteres que estão muito superiores.

O engeitado.

ANNUNCIOS.

Pede-se a certo accendedor da illuminação a gaz o favor de ir pagar, á venda ao largo do Theatro, o que deve de fogos tomados por Santo Antonio e por S. João. Roga-se este favor por S. *Miguel*.

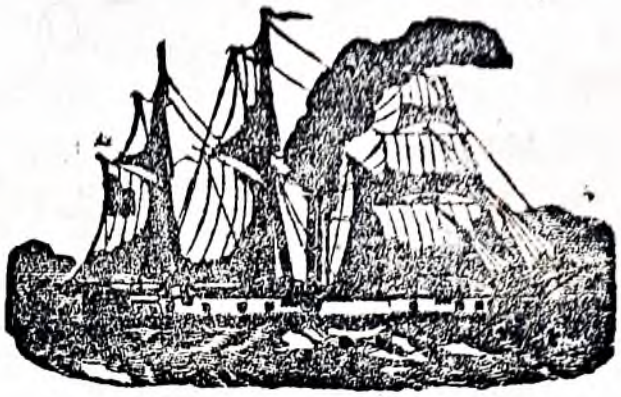
—Meu amigo, si fôr ao Rio Vermelho e vir lá aquelle homem que padece do mal dos *lazaros*, diga lhe que por S. *Francisco*, vá pagar os 27$200 que deve ao Caes Dourado n. 67.

—Pois não, Sr. *Mello*.

Pede-se a certo pintor da Sé o favor de ir pagar, á venda ao largo do Theatro, o importe dos generos que comprou na mesma.

O Genezio.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, &C.ª



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 15 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 147.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17. a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 14 de dezembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo lhe providencias contra os innumeros cães que em *matilha* infestam esta cidade, accommettendo os viandantes e incommodando-os, durante o somno, com seus rouquenhos uivos e latidos.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que faça acabar com uma casa de jogo às Grades de Ferro, pertencente a um africano barbeiro, onde reunem-se meninos, escravos, etc. etc.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que, acompanhado do muxingueiro, vá á venda na esquina do Terreiro casa n.º 41 e faça dispersar um ajuntamento de *moleques* que alli ha constantemente, devendo conduzir os que estiverem no caso para o exercito e marinha. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Pendão ou Vinte Um, pedindo licença para namorar todas as moças.—Dirija-se ao Miguel para amestral-o na arte que exerce.

—Capitão, viu o *Diario* de 13 do corrente?

—Não; que ha?

—Providencias acertadas do Exm. presidente da provincia acerca da guarda nacional e de obras publicas.

Exige do chefe do estado maior as rasões porque certos commandantes não tomam conta de seus corpos, os motivos porque não foram á parada do dia 2, a causa porque a ella não compareceram certos batalhões.

—Que mais?

—Expede ordens para o nivellamento do campo da Polvora e de Santo Antonio, e officia á camara para que mande melhorar as duas fontes publicas em que se provê em geral a pobreza, a do Queimado e a do Gama.

—V. o que é é um refinado ligueiro.

—Está V. Ex. enganado, Sr. capitão; sou amante da justiça. E para prova

CADERNO 26

de que não é por spirito de partido que louvo ao presidente, veja o *Jornal da Bahia* de 14 do corrente, que se encarrega de fazer-lhe o elogio.

—Ora não brinque!

—Veja, capitão.

—«E' com a camara.

«.....

«Provavelmente a camara aproveitará o offerecimento que *agora lhe fazem daquillo que tantas vezes lhe tem sido negado.*

« E *bem podia aproveitar ainda a* EPOCHA para a satisfação de outras necessidades urgentes do municipio ».

—Então é ponta ou cabeça?

—Tem rasão, tem rasão.

—De sorte que não se pode chegar á grade da Praça de Palacio!.....

—Porque?

—Olhe alli para aquellas bananeiras! Não sente o mau cheiro?

E' o logar que acham para despejo. E provavelmente é a guarda, pois certo estou de que as sentinellas não consentiriam pessoa extranha fazer dalli cloaca.

—Depois de Cambronne não só a palavra se encontra na bocca de todos, como a cousa em toda a parte.

—Menino, que diabo é isto?

E' cego? V. a dar esbarros em quem passa! E com um barril á cabeça em risco de jogal-o per cima de alguem!

—Perdão, Sr., não enxergo; por mal de meus peccados sou assim mesmo obrigado a carregar agua.

—V. é livre, ou escravo?

—Livre, mas orpham.....

—Em casa de quem vive?

—De meu mestre.

—Quem é elle?

—Um alferes.

—Apprendo manobras militares?

—Não, Sr; elle é marceneiro.

—Como se chama?

—*Joaquim da Costa.*

—Filho, tenha paciencia.

—Ai, meu Deus!

Valha-me S. *Pedro!*

—O guardião de S. Francisco queria á força que um padre que tinha *feito tenção* de dizer missa por alma de um, celebrasse pela de outro.

—E insistiu!

—Foi preciso que o *seu* freguez dispensasse o padre, tirando-o do aperto em que estava!

—São cousas.....

Nasce de cima a corrupção dos povos.

—Capitão, venho contar-lhe um caso que se deu por occasião da festa de Nossa Senhora da Conceição dos Artistas.

—Diga-se.

—Junto ao altar de Sant'Anna, havia uma cadeira rasa em que se achava sentado um padre á secular. O grande Fr. Soledade fel-o levantar-se, reprehendendo-o, e virando a cadeira de pernas para o ar.

Sabendo depois que fallava com um padre, deu-lhe mil satisfações e retirou-se.

—Que ha nisso? Reconheceu o erro, pediu perdão.

—Mas o perdão pediu elle por saber que o individuo que estava sentado é um padre. Mas si não fosse? Haveria crime? Si houve falta, era digna de tão acre censura em publico?

Acho que não; parece-me que o que mais offende a Deus são os hypocritas, contra os quaes tanto clamava o Divino Mestre; os padres devassos e immoraes que levantam-se do leito crapuloso

para sacrificarem, ou os perversos que abusam do confissionario para seduzirem a virgem, a cazada, ou a viuva.

—Sim, sim, tudo isto é assim; mas que se ha de fazer?

—Dizer com o Divino Mestre: Pater, dimitte illis quia nesciunt quod faciunt.

A PEDIDO.

—Um tollo refinado, um bobo perfeito um desfructavel no rigor da palavra, um insolente na extensão do termo.....

Ponha-me isto em pratos limpos.

—Tollo, bobo e desfructavel são tres termos distinctos e um só significado verdadeiro.

E' pateta, mal que lhe vem da geração; anda pela rua a rir-se, a sacudir as pernas, a olhar para as moças, a fazel-as rir etc. etc.

Quanto ao ser insolente, o facto de se adiantar com as moças prova-o.

E depois o patife....o patife é tão patife que fez uma patifaria, que se não fora julgar eu que o patife se vangloriaria, referia-a neste momento com todos os seus accessorios.

—Disso sei eu bem; consta-me que correu pelos fundos de uma loja e depois pelos Curraes Velhos em fraldas de camisa, a pedir misericordia.

—Não, Sr.: em chambre foi elle recolhido á prisão, depois de ter levado na cara chicote (que é cousa que o dono da casa vende).

Mas o que me indigna presentemente é o atrevimento do patife....

—Que faz?

—....em passeiar todas as noites pelo Barbalho e Fonte das Pedras, sem o menor acatamento ás pessoas que o conhecem e que só com asco o podem encarar, vendo nelle um infame seductor, um criminoso que reincide, um diabo que intendeu a todo transe dever perder uma senhora....

—Um *renitente*, como dizem os capadocios.

V. não diz que o homem dá luz? Que quer? um homem *fogoso*, um homem de fogo!.....

—A' falta de chicote, capitão.

Si o dono da caza o apanha, e refresca-lhe a mascara.... Oh! ventura!.....

(*Continúa*).

Triumpho dramatico da noite de 2 de dezembro.

Principiemos pela decoração do theatro: estava enfeitado de bandeirolas, externa e internamente, apresentando um aspecto marcial, até pela particularidade das bandeirinhas da companhia Zuavo estarem nos camarotes.

As sanefas, que adornavam os camarotes tinham certos visos dos antigos rodapés.

Nos corredores viam-se, sobre velhos aparadores, bojudas jarras nas quaes sobresahiam as mangeronas e espirradeiras.

Estava d'encantar!?...

Na platéa os *pellados* acotovellavam-se, e limpavam-se á espera do impagavel *Califourchon*.

Subiu o panno.....

Houve uma somma total de 12 *bouquets*, distribuidos e jogados calculadamente nos tres actos.

A rainha do palco estava admiravel—quando ella na scena assobiava os *pellados* na platéa cochilavam.

Para dar realce ao triumpho um *pellado* rumorejou um madrigal á guiza de elegia.—Não se contentaram com isso, queriam maior triumpho e gritaram desastradamente pela representação da *Corda Sensivel—Califourchon* porem não os attendeu.

Ficaram desapontados, e para darem pasto á desenfreada sanha injuriaram e espancaram a um moço, dentro do theatro.

A intervenção da policia dispersou a cáfila de amotinadores.

Na porta do fundo do theatro uns 30 pellados, com uma muzica, esperavam pela charolla, que tinha de levar em triumpho o decantado par.

Mas a charolla não appareceu! Terrivel decepção!

Seguiam, portanto, a pé; um barbeiro, porem que tem nome de macaco, no intuito de servir bem ao cazal, offereceu-se para servir de cavalgadura—nem p'ra isso quizeram o manhoso bicho.

Chegaram, finalmente, entre os uivos ao ponto desejado.

A meza estava servida: succulenta feijoada de caveira refocilou-os das longas fadigas.

Um moço orador, e auctor da comedia *Uzura sem rezultados*, n'um discurso de arromba demonstrou, que sem o equilibrio da maromba se podiam atravessar innumeras *pontes* com tanto, que na testa se trouxesse algum galho de *oliveira*. Que brilhaetur!

Voltaram quando não havia mais que *devorar* e ás 2 horas da madrugada ainda, em certas ruas, se ouviam os uivos d'essa turba desenfreada.

Tal foi o immenso triumpho, que colheu o decantado *Califourchon* na noite de 2 de dezembro.

Carta dirigida a um pellado por um pelludo, acerrimo «leolindista».

« Não obstante eu ser de uma grei diversa da sua, venho confiado na bondade que lhe caracterisa, que esqueçamos por um momento os sentimentos de nossa alma, afim de prestar-me o maior dos serviços que V. me pode fazer.

«Sabe que sendo *leolindista* ando sempre no meu bando, e de vez em quando faltam-me os cobres, pois nem sempre a mezada vae ao dia 20, quanto mais ao fim do mez.

«E' verdade que minha mezada não é pequena, além disto tenho uma pensão que me dá um amigo sincero (não para fins illicitos) porém as despezas são muito superiores, principalmente agora que é preciso pagar cerveja, champagne etc para os correligionarios, afim de merecer elogios diante de nossa Deusa, sob pena de não obter della nem um surriso.

«Estes e outros motivos me obrigaram a contrahir dividas, com o sapateiro, alfaiate e no Porto do José (como vossês chamam). Ja vê, que a precisão é urgente, e confiado na bondade de um coração tão generoso como o de meu amigo, conto ser servido.

«A quantia é de 50$000 rs. os quaes lhe pagarei por todo o mez de janeiro.

«Si V. não me servir terei de soffrer uma grande decepção, pois talvez o José do Porto não continue a fiar de mim ».

Seu amigo,

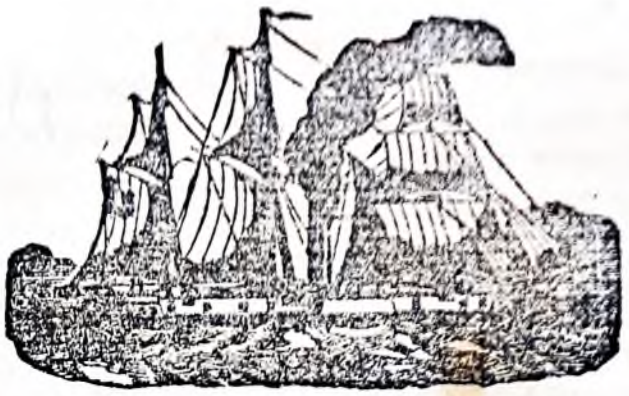
Fulano.

ANNUNCIO

—Meu amigo, si fôr ao Rio Vermelho e vir lá aquelle homem que padece do mal dos *lazaros*, diga-lhe que por S. *Francisco*, vá pagar os 27$200 que deve ao Caes Dourado n. 67.

—Pois não, Sr. *Mello.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, &C.ª



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 17 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 148.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17. a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 16 de dezembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que no *café sem economia*, joga-se escandalosamente dia e noite, sendo que o seu proprietario alardeia que assim o pratica pela protecção que tem da authoridade do logar.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá a rua do Saldanha e intime a uma tal *Menalha* que deixe de praticar obscenidades, insultando a visinhança; assim como que despeça de sua caza um certo *quidam* que sempre la está nú, privando de chegar á janella as familias que lhe ficam fronteiras, sob pena, no caso contrario, de serem ambos conduzidos ao porão para se intenderem com o muxingueiro. Cumpra.

—Ora com effeito!

Pois pela ladeira do Pilar é que passam carroças!

—O Taboão está impedido.

—Mas nesta ladeira, si descambar uma carroça, ai de quem estiver na frente!

E depois o perigo que corre de rolar pela ribanceira; a rua alli é tão estreita que em certos logares mal passa uma pessoa; o abysmo está alli.

Porque não passam pela Agua Brusca?.

—E' muito longe.

—Pois eu sempre ouvi dizer que quem tem pressa anda devagar.

—Que diabo de tantos moleques! E quanta immoralidade praticam elles! E quanta algazarra! E quanto barulho!

—Veja alli aquelles cachorros! Quanta immoralidade! que algazarra! que briga dos diabos!

—Cachorro e moleque, moleque e cachorro, quem pode com elles sinão a policia? Taca n'uns e bolla n'outros,

veja que prompta cura! que remedio infallivel!

— Não é a primeira vez que a policia dá providencias.

Sr. Dr. chefe de policia, sentido nos moleques e nos cachorros!

—Viu o *Progresso* do dia 13?

—Está realmente engraçado!

Falla em hypocritas e zombaria d'estrangeiros, em libertinos, prazeres, dignidade e brios; em traidores, illusão, canalha e asneiras; tudo referindo-se ao liberaes.

—E ameaça os reis!

«Ah! é certo: a inconstancia dos povos é a felicidade dos reis.»

—Negocio de comico; deixal-o fallar.

—Vê aquella venda alli na Quitandinha do Capim?

—Aquella da esquina? vejo e vejo dentro um caixeiro a dormir.

—Bello! Quem é o dono?

—O Jesuino.

—Pois faça ao menos uma obra de charidade; dê parte ao Jesuino do procedimento de seu caixeiro.

—Ora capitão! vim agora da casa de Correcção e fiquei envergonhado de ver o castigal do official da guarda!

—Que tem elle?

—Não tem mais nem o bocal; tem apenas um *espeto* em que o pobre official luctou bastante tempo para metter a vela que afinal quebrou-se.

—Miseria! E que fazem os officiaes que não reclamam?

—E' que talvez não haja verba de receita para tal despeza.

—Aspirante, mande levar á caza de Correcção uma garrafa, em cuja boca ficará sem duvida mais bem acondicionada a pobre da vela!

Nem tanto!

—Duas vestaes querem se defender das injurias que lhe fizeram.

—Quem?

—Dous ladrões, dous ladravazes; um gallego de *Vianna* e outro peralta que negocia em quiabos, aboboras, gilós e *limas*.

—Ah! muxingueiro!...

—Quer se servir dos seus prestimos?

—Pois não! Queria que me dissessem como é que em quatro annos esses gallegos ja tem milhões e no cazo de não pode em dar satisfactoria resposta, o muxingueiro, á cada lettra falsa que lhes apresentasse, á cada papel (moeda) falso que exhibisse, désse lhes cem vergalhadas rijas.

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Intenda-se com o aspirante.

—Quem está em scena é o Monte-Christo.

—Ressuscitou?

—Tambem não sei.

Mas que Monte-Christo é esse?

—Eu lhe conto.

Figure V. Ex. um filho do Algarve, ou da Madeira com quatro annos de edade; traz á cabeça uma tina e ao hombro uma pá; percorre as ruas do Porto, limpando-as; ao meio dia chega á *Sopa da Charidade* e compra uma porcellana por 10 rs.; fede a alho como mulher parida a assafetida..

—Sim, sim; quero conhecel-o logo; quem é? como se chama?

—Chama-se Monte-Christo *Moreira Santos*.

Depois, tem dez annos; bem mere-

cia ser atirado a um navio para visitar a *arvore das patacas*; mas falta dinheiro e o labreguito tem de servir para alguma cousa; é um aguadeiro.

—Oh! que diabo de Monte-Christo!

E o condado?

—Mais tarde, capitão. Monte-Christo porém tem já algum dinheiro e está molecote de seus dezoito annos.

Embarca.

Um pontapé é o cumprimento que recebe a bordo, e depois visita-lhe o lombo um cabo de linho.

A esperança porem, o desejo de ver a terra da Promissão (sonhado e invejado El-Dorado, cujo terreno produz as taes arvores das patacas) consola o burrego, cujas calças e cujo corpo menos limpos se acham do que o convez do navio que é diariamente obrigado a lavar.

—Mas sim, que teve por fim o diabo do tal Monte-Christo?

—V. Ex. já quer o fim? Si agora é que estamos no principio!...

(*Continúa*).

—Que tem o padre Ayres que está tão damnado?

—Porque são oito horas da noite, e a procissão não sae.

—E que faz elle?

—Está á espera da guarda de honra, que, promettida, não chega.

—Pois si não ha tropa!...

—Sabe d'uma cousa?

—Agora.

—O Paulo Pereira Monteiro está ancioso por saber quem escreve no *Alabama* contra a companhia do Queimado.

—Ego sum qui sum.

—Pretende comprar.

—O padre Amaro ja respondeu-lhe: Triste da questão, cujos defensores julgam vencer comprando os argüentes!

—E depois é mais provavel que elles comprem os aguadeiros, os gallegos sem rei nem reque, que enriquecem d'um dia para outro, do que a quem nasceu, tendo ogerisa aos tratantes e ladrões.

—Mas a *Critica* defende.

—A *Critica* é incapaz de negar que as aguas estão *impurissimas* (palavra, ideia, verdadeira antipoda do que affirmou o Dr. Goes). O mais é inimisade com o padre.

—E com effeito alli ha cousa; apezar da *pressa* do Dr. Goes, nada de parecer da commissão!

Despede-se um, entra outro; sae este, vem aquelle....

—Caveira de burro no caso....

—Psio!

—Porque se espatifam aquelles moleques alli na Mizericordia?

—Jogo de castanha.

—Brinquedo de meninos, bagatella.

A PEDIDO.

—Metteu-lhe uma vez o porrete de rijo! O infame lançou-se-lhe aos pés e o dono da caza deu-lhe com elles á cara e depois com chicote.

Mas agora... que o patife renova o desaforo, nada lhe basta

Peço á V. Ex. que mande o aspirante, acompanhado de alguns grumetes e de um rancho de moleques, precedidos do muxingueiro, fazer-lhe as contas.

Em qualquer logar que o encontrem, devem prendel-o, raspar-lhe a cabeça, vestir-lhe *o chambre* em falta de camisolla, dar-lhe uma furiosa vaia, e depois o muxingueiro fará o resto.

—Que duvida! Vão ser neste sentido expedidas as convenientes ordens.

—O batalhão do Principe dos Apostolos tem de fazer agora novo uniforme consta-me que bonets e até sobrecasacos.

—E a quem darão a obra?

—Provavelmente a um infeliz artista. que ha oito annos espera pelo seu dinheiro, quando preparou as primeiras gorras que o batalhão usou.

—Pode ser; é cousa para mim certa, desde que os chefes do corpo são pessoas dignas e justiceiras.

—Ora veremos.

—Que inspector dos diabos!

Prende a quem conversa com uma *menina feliz*!

Isto é que é ser acatador da moralidade publica!

Pois olhe, Sr. Leopoldo, lembre-se de que seu padrinho já morreu.

Não se queixe si alguma cousa forlhe ao beque de proa.

Veja que os que se exaltam serão humilhados.

Adeus. Si tiver alguma resposta, mande-a pelo correio que ha no Caes Dourado.

Adeus, meu tollo.

Um que não gostou.

Previne-se ao auctor dos pasquins impressos na *Catana* de 6, 10 e 11, do corrente que vá dirigir seus insultos á gente de sua laia no largo do Theatro e não se lembre de quem se acha em superioridade ao menos em sentimentos, porque do contrario passará pelo dissabor de ouvir o que talvez ninguem ainda lhe tivesse dito.

Unicamente adverte-se-lhe isso por ora.

A.

ANNUNCIO.

O abaixo assignado declara que deixou de ser seu caixeiro o Sr. Alvaro Rodrigues Coelho, pelo seu procedimento irregular.

Este Sr. tem uma amazia a quem sustenta com filhos, e quando queria ella passeiar pa a ver *fogos* e outras *funcções*, fechava elle a venda que só no outro dia pela manhã abria, levando em seu poder as chaves, sem dar a menor satisfação, deixando de pernoitar na caza em que com o abaixo assignado morava; isso tão repetidas vezes que obrigou o abaixo assignado a tomarlhe na rua as chaves, na occasião em que se dirigia elle para a caza de sua amazia, na noite de 5 do corrente, deixando lhe com tudo por sua salvaguarda a chave do cadeiado.

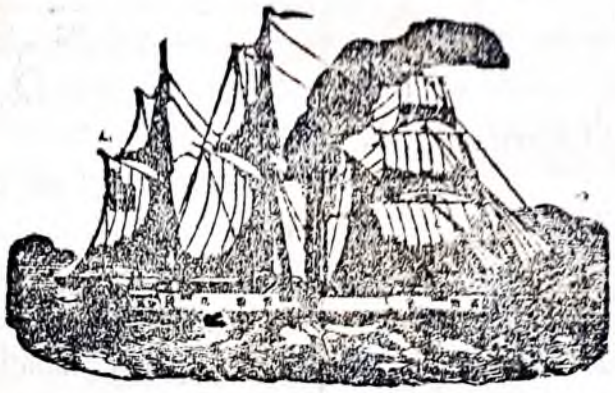
E depois houve um deficit de reis 72$055 no curto espaço de 4 mezes e 10 dias em que elle esteve na venda n. 25 á rua do Bispo; pelo que se pode avaliar o damno havido em 8 mezes em que elle esteve na mesma caza sem balanço.

Por estas rasões, e ainda mais pelo insolito procedimento do mesmo Sr. viu-se o abaixo assignado obrigado a fazer o presente.

Bahia 16 de dezembro de 1864.

Bernardino Barboza Lisboa.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.ª BAHIA 19 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 149.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 1 2 15 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 18 de dezembro de 1864.

Ordem do dia.

Sendo o dia 21 do corrente o primeiro anniversario da chegada do *Alabama* a este porto, e convindo commemorar um tão faustoso dia, que recorda para a egreja christan o triumpho e o martyrio de um dos seus apostolos, que por ella deram a vida, o inclyto S. Thomé, e para os homens de bem a victoria moral da honestidade sobre os ladrões — o commandante do *Alabama* ordena que ao nascer do sol, esteja o navio todo embandeirado, dando-se uma salva de 101 tiros, que sera repetida á uma hora da tarde e ás seis.

Todos os Srs. officiaes são obrigados a comparecer ao cortejo, que terá logar á uma hora da tarde.

Toda tripulação trajará o uniforme de grande galla e o muxingueiro com sua gente deixará ver a luz do dia a todos os tratantes que se acharem no porão, para mais pesada lhes ser a nova privação da luz e da liberdade e a ausencia dos bens que roubaram.

Latronopolis era ut suprà.

O capitão do Alabama.

Está conforme.—O immediato *Lima Barboza.*

—Ainda o corpo de policia e sua desmoralisação!

—Encontrou algum guarda a jogar castanha?

—Peior.

—Empinando arraia?

—Deixe-me.

—Não é novidade.

—Mas foi cousa peior.

—Pois diga.

—Nas Portas do Carmo, no dia 11 do corrente, um guarda de policia insultou positivamente a dous guardas nacionaes do 2.º, chamando-os *pitús* e ameaçando-os si *encostassem*.

—Bagatella!

Entretanto o commandante ha de dizer que é um guarda prompto e sem nota, como attestou a respeito do que desrespeitou o chefe de policia.

—Olhe que Latronopolis!

—Ja começa.

—E' a epocha dos testamentos falsos.

—Mais outro?!

—Cousa nova, uma especie de *universidade* em que entraram tabelliães (gente necessaria) ☞medicos, musicos, e empregados publicos.

O medico era o *Adonis* da caza, e era o principal herdeiro.

—Quem é o magano?

—Um moço moreno, bonito, dengoso, deputado, *hygienico mané*, *mingù*, *chalaça* etc. etc. e tal.

—Sei ja quem é; é um bom patife, que vive a deshonrar as senhoras cazadas, com uma das quaes vive; o pae da filha da *Janinha*; um que defiorou...

—Cale-se por ora, meu moço. A *cousa* ainda está fresca, não faça barulho; deixe passar os oito dias do nojo.

—Ora speremos pela *passagem* do interro.

(*Coutinúa.*)

—Quando se diz que o *Alabama* falla verdade, certa gente não gosta Entretanto elle fallou que era mau o quebrar-se pedras, dentro da cidade, visto que n'Agua Brusca, tinham os estilhaços cahido em cima da meza do Sr. Jambeiro, que mora em S. José—e no sabbado, á ladeira da Mizericordia, saltaram as pedras por cima de sobrados de quatro andares e foram cahir no Corpo Santo!

Uma quasi mata a sentinella do correio, a cujos pés cahiu; outra feriu o pé d'uma crioula que passava, tendo-lhe antes cahido n'um balaio que trazia á cabeça!

—Bagatella! Perca-se um para salvarem-se todos! Que importa que morra um ou outro quando *breve* teremos prompta a ladeira?!

E como se chama a crioula?

—Olympia Muniz Barretto; creio que vende nas barracas de Santa Barbara.

—Nem por isto?! Pois o Sr. Aquino não vê que si morrem as ganhadeiras, fica elle sem freguezas?!

—Mas é que o contracto ja lhe não pertence.

—Ah! sim!

Mas fallando serio: E' preciso acabar-se com esse abuso.

Não é possivel que entre duas ruas muito habitadas e transitadas se esteja a quebrar pedras por meio de tiros.

Com a vida do povo não se brinca.

Quem for o incumbido de providenciar, que dê as providencias!.

—E os homens dos carros...

—Os carroceiros?

—Não, Sr ; os amigos da nova companhia de vehiculos, maxambombas, ou como melhor nome tenha

—Mas que houve?

—A embirrarem para ter privilegio!

E dizem: O Ariani é careiro, dêm-nos privilegio.

Innocentaços!...

Tem mais pena do povo do que o mesmo povo!

De maneira que quando chegar a *barateza* para os defuntos, os vivos são tão tollos que procurem a *carestia* do Ariani!

—Mas o *M M* do *Liberal* diz que a salvação publica é a lei suprema; que sabe que a concurrencia é um bem, mas que é preciso *matar Ariani, porque é judeu*, dando-se á companhia futura o privilegio dos interramentos.

—Mas privilegio por que? Que invenção trouxe a tal futura companhia? Ainda que haja privilegio, não pode elle affectar ao Ariani nem ao Para-assú que ja tinham empreza antes do privilegio.

Para que pois se cançam?

—Mas dizem que a Misericordia tem privilegio; que só querem contractar com ella.

—Pois então....

Ora pecegos! ou *uvas*, como disse o padre Amaro ao Sr P. P. Monteiro.

—Quero ver, quero ver.

—Pois não ha de ver, não. Diga ao tal *M M* que é melhor que elle lembre o *suprema lex* quanto aos viveres.

Aposto que então elle será o primeiro apostolo da liberdade do commercio e garantia da propriedade...

Maganos!...

—Mas a companhia é boa.

—E' boa, sim; mas por isso que é barateira, que é bem fundada, que tem por agentes, gerentes ou accionistas grandes capitalistas, é que se pode sustentar, prosperar e viver, sem o odioso d'um privilegio que é um abuso, um contrasenso, um escandalo, um roubo!

(*Continuação*)

—Pois vamos com isso

—Ah! agora me lembro d'um ponto.

Quando *Monte Christo* embarcou-se, foi por avisado em sonhos.

Sonhou que estava n'uma prisão, em cuja visinhança se achava o demonio vestido de padre; teve com este relações, mas em vez d'apprender sciencias conhecidas, aprendeu as interdictas, em cujo conhecimento se illustrou depois, como veremos.

O diabo porem fingiu que morria e lembrou-lhe a *arvore das patacas*, onde encontraria um thesouro.

—Fingiu bem o *abbade Faria*.

—Melhor fingiu o fingido Monte-Christo, que com gana embarcou immediatamente.

—Mas sim, embarcado, supapado, esmurrado, calabroteado, Monte-Christo chegou á arvore das patacas.

Mas não confiou como o outro a pessoa alguma, convidando-a para a caça; á caça foi elle só, que caçou toda a trampa que encontrou.

Quem sonha com trampa tem dinheiro; elle sonhou com dinheiro e achou trampa.

Foi grande a decepção.

Eram provações do diabo.

Insistiu; andou a percorrer os canos publicos; nada.

Um dia encontrou um homem que dando-lhe um *tapa*, tirou-o da posição em que se achava a mirar uma boca de lobo.

Levantou-se espantado e espantado olhou para o extranho que o mandou seguir.

(*Continúa.*)

A PEDIDO.

— Pediu demissão o chefe de policia.

—Sabe porque?

—Dão diversas razões; mas o que corre como mais exacto é a seguinte:

O Dr. Trasybulo, cunhado do Dr. Villaboim, escreveu a este, perguntando-lhe si lhe mandasse recrutado um *reu de policia*, si o Villaboim soltal-o-ia. Este responde que não. O *cunhado*, em vez do reu de policia, manda, segundo diz o proprio *Jornal*, um moço proprietario, arrimo de sua mãe viuva e de sua irmã donzella!!!

Apezar de tudo o *liberal* Villaboim quer sustentar o acto de seu parente, ao que oppõe-se o presidente da provincia. Desse choque provgio o pedido de demissão.

—Bem; mas porque mandou o Trasybulo recommendar anteriormente a *segurança* do recruta, sabe?

—E dizem-me que sua indisposição com esse moço provém de certos negocios particulares e de ser o moço pertencente á parcialidade do major Zepherino

— Ah! quiqui!

O tal Trasybulo é da enchurrada

Pinto Lima, com quem contavam os vermelhos o viram-se em branco: gente de todos os partidos que estão de cima, em prol da qual chegou-se a cassar um acto, riscando-se o nome d'um liberal antigo e honrado!...

—Razão pela qual o *Interesse Publico* rompeu com a liga.

—E como um de seus chefes era seu parente, o *liberal* Villaboim queria satisfazer seus caprichos, calcando a lei.

—Mas assim o *Interesse Publico* não pode defendel-o sem ficar em contradicção.

—A ser exacto, não pode, não deve.

Assim como diante da lei e dos principios devem cessar as considerações de parentesco, cessam tambem as considerações d'amisade.

—Ora veremos.

O Sr. Tranquillino teve comigo uma questão sobre cadeiras que lhe tomei emprestadas por occasião do fogo que teve logar no festejo a N. S. da Conceição dos Artistas; e usando de maneiras pouco dignas envergonhou-me em publico.

Achou porém suas cadeiras, em caza d'um Sr. Job e veiu á minha caza dar uma satisfação.

Deve porém ser publica a satisfação, como publico foi o insulto.

Por isto venho hoje a imprensa declarar que foram achadas as cadeiras, e exigir do Sr. Tranquillino, á vista das disposições conciliadoras em que se acha, que venha á imprensa dizer ao publico que elle injustamente me offendeu.

Ludgero Augusto dos Santos.

Pergunta-se a um dos juizes de direito desta capital a rasão por que até hoje não deu andamento a uma queixa que se lhe fez contra quatro inspectores de quarteirão, desde o tempo da correição.

ANNUNCIO.

THEATRO DO ALABAMA.

ESPECTACULO EM GRANDE GALLA.

Quarta feira 21 de Dezembro.

anniversario da chegada do *Alabama* a Litronopolis.

Depois d'uma ouvertura executada pela orchestra dos carcamanos, a companhia representara pela primeira vez:

OS MILAGRES DE S. CALOMBREIRO

ou os

LADRÕES APANHADOS.

Comedia-drama em 5 actos em que tomam parte *Cornel*, Mamarrote, Bigode de ferro, Mamede, conego Cyri, barão da Victoria, Amarellinho, Linguinha, Requeijão, Gravata, Dr. Chanchan, Dr. Freio de Cavallo, Dr. Em Beiços, Laso de Vianna, conego Rôxo, vigario Abutre, padre e frade das Rozas, S. Calombreiro, Malacachias, e outros tratantes.

Por obsequio, o Sr. Nascido presta-se a tocar com sua gente a muito applaudida waisa—

O inferno em Muzica

ou os

MIADOS DO COLLEGIO,

onde sobresahirá o *seu* applaudido trombone.

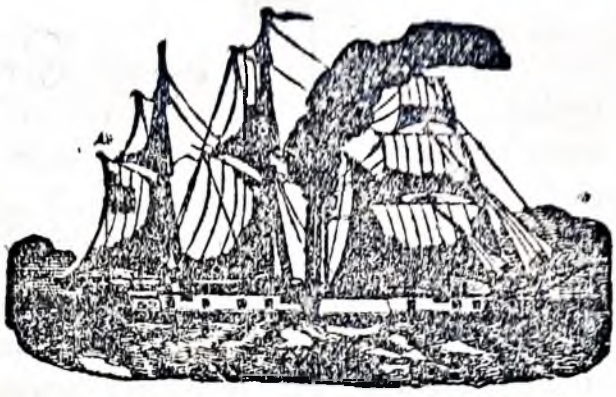
Seguir-se-ha a comedia em um acto:

Os hypocritas,

em que farão os principaes papeis o cosinheiro, o muxingueiro, o Dr. Ponche, o Fr. Solidão, e o Fr. Feridas.

Principiará depois que o capitão do *Alabama* der os vivas do estylo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.ª



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 22 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 150.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Hoje, 21 do corrente não ha.

—O inspector d'alfandega demittiu o patrão usurario.

—Serio?

—Immediatamente, logo que se convenceu da veracidade da denuncia.

—Ora ahi está para que serve um *paschim*. Si fosse algum tratantão de gravata lavada não dava attenção a *folhinhas*; como o inspector d'alfandega é um homem honrado, deu ouvidos á denuncia d'uma ladroeira, ou *marotcira*, e puniu-a.

—Eu sempre digo. Só odeia a policia quem é criminoso. Só odeia a gazeta quem tem rabo de palhas.

—E eu só o que digo é que vivam os caracteres honestos.

—E eu, capitão, que sou um dos marinheiros que ficaram livres da *harpya*, digo tambem que viva o inspector d'alfandega.

—Provavelmente a companhia do Gaz fez timbre em cassuar com o publico desta terra.

—Mais alguma?

—Arrombou a rua do Tijollo e deixou-a estar assim. De sorte que tudo quanto é immundicia, esteiras velhas, paus, pedras, o diabo vae ficar amontoado á borda do buraco, na porta d'aquelle sobrado.

—Inglez não tem responsabilidade, meu charo.

—Capitão, bem disse o seu cosinheiro que esta terra é de caranguejo.

—Que foi?

—Deram agora em calçar as ruas e arrumar por cima da calçada uma camada de lama.

A ladeira d'Agua Brusca está intransitavel.

Lama por lama, então deixem-se de calçada!

—Meu amigo, o remedio que ha é ter paciencia.

—A companhia do olho-vivo está no apogeu de suas façanhas.

—Não sabe que é tempo de festas? Algum extraordinario?

—Pois um tal João da Matta, denodado campeão da companhia, não teve a audacia de entrar em pleno dia com um gahador, na loja do Sr. Spirito Santo ao Taboão, e carregar-lhe com uma porção de cêra e ir vendel-a ao Caminho Novo!

—De que se admira? Não vejo nisto nada de novo.

—Admira-me o animo do tal tratante. Não temer ser agarrado em flagrante.

—Safar-se-hia com a mesma facilidade com que roubou a cêra.

—E a policia?

—Ora a policia!...

O dono si quiz foi resgatar suas vellas onde estavam vendidas.

—Bemdita epocha para os ladrões.

—Então *Mingù*, como tem passado?

—Deixe-me!

—Está zangado, meu La Pommerais? Digitalina no caso.

Si pudesse, chamava á responsabilidade o *Alabama*?

Como não pode, anda pedindo miseravelmente a todos...

Seria melhor que deixasse tanta arrogancia!

—Ora que bobo!

—Não resta a menor duvida que o medico dos bois de Latronopolis é um grande deleixado, que nenhum caso faz da importancia do seu cargo, ou que então faz causa commum com os traficantes e especuladores da saude e vida do povo.

—Por que diz isto?

—Pois não tem visto a pessima qualidade da carne que tem vindo ao consummo estes dias?

—E' possivel que aquelle homem que tem dois olhos acima do nariz, e que alisou os bancos de uma schola por seis annos, consinta que se venda ao povo carniça para se alimentar?

E' verdade que para attenuar vem de mistura com a má alguma carne boa.

Na seguuda feira vendeu-se em alguns talhos do *Taboa grande* ou *Valle da sapataria*, carne a 300 rs. a libra que depois de cosida tornou-se puro bofe e com um gosto repugnante.

—Bagatella. Os compradores que se dêm ao trabalho de escolher.

—Que diabo é aquillo?

—Graças do cadete Carijó.

—Que desaforo! uma cadella, cheia de pannos ensanguentados!

—E' graça que elle repete todos os domingos.

—N'uma rua destas! no Coqueiro! Nesta terra não ha policia!

--Mas ha o *Alabama*, paschim como elles chamam, mas que não os deixa.

Muxingueiro!

--Prompto.

--Faze a policia de Latronopolis corar um pouco!

Faze as vezes della!

Miseria!

(Continuação)

—Ora passou o interro.

—Agora deixe passarem as personagens.

Dr. Firme Rocha Odor de Rico.

Chico *Mieiro* de S. *Fernandes*.

Paulo das *Cunhas* e *Gomes*.

Zé Totonho das *Peras*.

Janjão *Chaves* de *Fernando*.

—E os testamenteiros?

—Ahi vem elles.

Totonho Pae do Chastinet da Costa.

Dr. Mingote Mané dos Seixos de la Pommerais.

Padre Maneziaho da Fonte-Seca de S. Jozé.

—Entrou tambem padre?

—Que duvida!

—Mas contaram-me que houve mais de um testamento falso.

—Houve e fallaremos.

—Mas essas pessoas representaram em ambos?

—Algumas; houve alteração.

Os que entraram no segundo acto da *tragedia* ahi vem tambem; fazem parte do cortejo funebre.

O Dr. Firme, testemunha.

Jozé de Souza, musico que deu para apprender geometria por *Euclides*, idem.

Joaquim dos Santos Ladisláu Velloso, idem.

João Borges Dias de S. Lourenço, idem.

Ibrahim Ildefonso dos Coelhos, idem

Testamenteiros:

Janjão Chaves de Fernando.

O padre Manezinho.

E Joaquim José que *se abre*.

—Vem ainda mais gente.

—Deixe passar.

Aquelle gordo foi o que escreveu e approveu o ultimo em nome de S. *Procopio*.

E aquelle outro foi o que escreveu o primeiro; é filho d'um dos interessados.

Aquelle *santinho* que vem em ultimo logar é um *carneirinho* em cujo tractamento as *virgens* se tem *esmerado*.

—Que sucia de maganos!

Ah! valente muxingueiro do *Alabama*!

(*Continúa.*)

(*Continuação.*)

—Pulou para dentro d'um balcão, onde esteve occupado, o dia inteiro, a lavar funis, medidas e todo mais vasilhame da casa.

A' noite, antes do jantar, o amo mandou-o chamar a alguem para *fazer limpeza*.

«Bou eu mesmo, sôri patrão, disse o gallego querendo se inculcar de trabalhador e diligente.

E carregando com os penicos cheios de trampa, *elemento* em que nascera e fora criado, despejou-os ao mar, admirado de que na arvore das patacas se deitasse fora o que na santa terrinha lhe dera que comer.

Elle que áquellas horas nem um vintem tinha e ainda não havia jantado!

Cada terra com seu uso
Cada roca com seu fuso.

Foram as palavras que resmoneou o pobre diabo, atropellado com a carga que ás costas trazia.

Dar-se-ha porem caso, continuou elle, que n'arvore das patacas, a Quaresma não tenha fim?

Faltava-lhe o cheiro da trampa, começava a soffrer fome.

Felizmente para elle, um bom traçalho de carne lhe estava preparado, segundo a expressão de D. Braz.

O diabo comeu e dormiu; para porco só lhe faltavam dous pés.

(*Continúa*).

A PEDIDO.

—Capitão, accuda-me!

—Que tens, rapaz?

—V. Ex. não sabe de que perigo escapei; ha em Santa Barbara um bicho *russo* que come gente e ia me passando o gadanho.

—Onde é isto, rapaz?

—Defronte do Alexandre da banca.

—Que bicho é esse?

—E' *onça*, capitão.

Não mande por la o seu cosinheiro; africano corre muito risco nas garras do bicho; não sei por que tem elle tanto odio aos negros...

E é arrepiado; tem o cabello de porco-espinho o diabo do bruto!

—Retire-se! não seja desfructavel!

Pedaço d'uma carta de um professor primario.

«Sahindo daqui no dia ** fiz uma viagem de um barco veleiro mas as forças maritimas em relevo com as ondias sopradas pelos zefiros apoquentados poz-me quedo no amago do mesmo.»

Pede-se á policia providencias contra uma mulher que mora na rua do Bangala, a qual vive a insultar a visinhança sem motivo e a *comer-lhe* as gallinhas. A furiosa tarasca não tem consideração com pessoa alguma, a nada attende, nem ainda aos rogos feitos em nome de Santa *Jezuina*. E' por tanto preciso que fique a gente honesta livre daquella vibora que com o n.º 32 á fronte desrespeita a moral publica, dando expansão a seu genio pravo e malevolo.

A cigana.

Pede-se a certo sujeito impostor, empregado na estrada de ferro, e morador n'uma uma rua *calçada*, o favor de pagar o que deve de fogos em uma loja á rua Direita do Commercio, desde junho de 1862; o que se lhe pede pela poderosa intercessão de S. *Firmino*.

Pede-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, que mande acabar com uma caza de jogo, á rua dos Ossos, freguezia de Santo Antonio, na qual se reunem pessoas de *todo calibre*, inclusive moleques captivos, que deixam por isso de satisfazer suas obrigações.

Um prejudicado.

OS TRUÕES INFELIZES.

Quadros por Asmodeu.

I.

O' musa inimiga dos tratantes,
Dos vis, dos descarados, dos ladrões,
Inspira-me na grandissima tarefa
De zurzir uma sucia de truões.

Eu não quero p'ra pintal-os tintas finas,
Dispenso da musica a harmonia,
Minha tarefa é alta e sublimada,
Nada tenho que ver com a poesia.

A forma nada val; não sou poeta
E' só para agradar que escrevo em verso;
Só quero o fundo.—Contundo cantarei
Dezejos tolos no verso e no reverso.

Invoco o *Alabama*; destemido nauta
Nos mares procellosos desta vida,
Empresta-me o muxingueiro;
E deixa a sucia, que ha de ser zurzida.

Não entro em scena sem comprar a alguem
De finissimo alcatrão ingente pote,
Quero esfregar a cara dessa gente
E depois despedil-os com chicote.

Com alcatrão, chicote e esporas,
Eu darei vergonha a esta canalha;
E para não morrerem inanidos
Dou-lhes dinheiro p'ra garapa e palha.

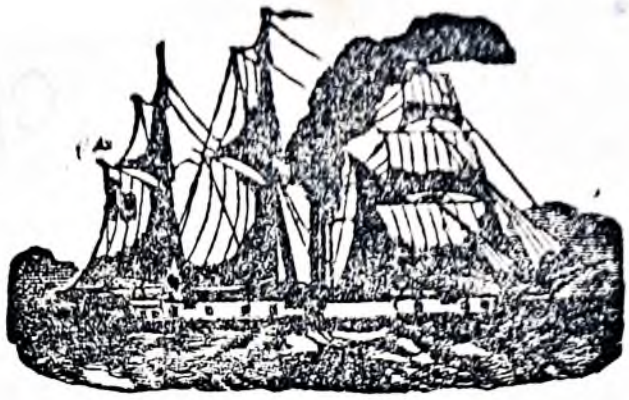
(Continúa.)

ANNUNCIO.

Attenção.

O abaixo assignado declara ao respeitavel publico que se acha estabelecido com sua casa de armação á rua Direita de Palacio n. 30.—*Cyriaco Antonio de Souza Tavares.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.ª



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 24 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 151.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

DUAS PALAVRAS PROFERIDAS PELO CAPITAÕ, POR OCCASIAÕ DO FESTIM DO DIA 21 DO CORRENTE.

Camaradas!

Ha tresentos e sessenta e seis dias que batalhamos denodadamente; nada nos tem feito recuar.

A calumnia, a injuria, os insultos, as diatribes, as ameaças, os processos contra os impressores de nossa folha official, nada desanima-nos.

Onde quer que nossa policia tem noticia d'um abuso, d'um crime, d'um ladrão, la está a cumprir o rigoroso dever que nos impuzemos.

Assim não ha repartição publica, director de estabelecimento, authoridade judicial ou administrativa que nos não deva favores, com orgulho o dizemos.

Embora alguns descontentes andem, despeitados, a fallar em paschim, temos em nosso favor o apoio de muita gente edosa, honesta, circumspecta e sensata, que no seu enthusiasmo contra os ladrões julga termos direito a uma contribuição da policia.

Seremos alguma vez excessivos; muita vergalhada rija terá dado o muxinguciro.

Mas á fé que não tem sido em vão!

Com um pequeno mal minoramos o maior.....

Desde 21 de dezembro passado que os ladrões se tem visto em calças pardas; os namoros escandalosos estão mais recatados; os *villões* battem menos nos escravos; as ruas tem soffrido mais concerto; os fiscaes empregado mais diligencia; a policia sido mais activa; o jogo mais acautellado, etc. etc.

Orgulho, dirão.

E quem se não orgulha d'uma acção nobre?

Accaso quando, a cordas, tangeu Christo os especuladores do templo, não teve disso bem intendido orgulho?

Orgulhemo-nos, pois, charos companheiros de trabalho, pelo triumpho que vae adquirindo a moralidade.

E firmes nos nossos principios, protestando ante Deus e os homens contí-

nuar impavidos na nossa ardua tarefa, façamos um enthusiastico brinde á liberdade da Imprensa.

Viva a liberdade da Imprensa!

Viva, viva, viva!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 23 de dezembro de 1864.

Officio ao Illm Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande dispersar uma porção de rapazes que se reúnem na venda á esquina da rua dos Carvões, os quaes vivem a fazer assuadas e a insultar as pessoas que passam, como ainda hontem succedeu com o Sr. Polycarpo José do Valle que foi por elles desfeiteado, sendo aliás um homem inoffensivo, maior de oitenta annos e muito moralisado.

—Ao mesmo, no mesmo sentido sobre a venda á esquina da rua Direita do Collegio, n. 41, na qual se dão continuamente os mesmos factos.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que dê as providencias necessarias para que se não reprodusa na noite de Natal o escandalo do entrarem nas egrejas senhoras de chapeu á cabeça; convindo que tome o nome, ou indague qual a familia das que reincidirem, a fim de se fazer bem patente ao publico. Cumpra.

—Ao fiscal de Santo Antonio, ordenando-lhe que faça cumprir a postura que prohibe ter cães soltos o morador da caza n. 33 á Conceição do Boqueirão, na qual existe um furioso cão de que se queixa toda visinhança e que mordeu ultimamente um menino que mora em caza do negociante Mangaba, o qual se acha com a perna bastante maltractada. Cumpra.

—Ora esta Bahia!

—Que ha?

—Completa descrença, indifferentismo geral.

Pernambuco deu um passo nobre, heroico em favor da Polonia; organisou uma sociedade para tratar da colonisação polaca, a tempo que aqui, um distincto moço, um caracter nobre, no *Jornal da Bahia*, invocava em favor de alguns emigrados a generosidade deste povo.

Tudo ficou mudo.

De Pernambuco disseram que circulares vinham á Bahia e iam ao Rio de Janeiro em prol da idéa.

E a Bahia nem se move!

A Bahia, o centro, a séde, a fonte das idéas grandes! ...

Ja não tem alma!

Mataram-lhe as crenças e o coração!

E ha de chegar o vapor de 27 e trazer noticias do Rio, e a Bahia na sua indolencia.

Srs.! um passo a frente!

Não desmintamos as esperanças da nossa chara irmã do Norte, que conta com nosso patriotico fervor, com nossos generosos sentimentos em bem dos opprimidos!

—Ora veremos.

—Oh! meu Deus! como está esse burro todo ferido....

Ariani nan tem pena de seu dinheiro....

Do contrario elle nan faze bolieiro esse diabo.....

Elle dá ni burro porque nan tem quem dá nelle.

—Mas Vm. não vê que o burro é manhoso?

—Oh! calle bôque ja! qui vossê está um jumento montado n'um burro....

Qui terra qui nan tem policia pra burro!

—Admira-se de pouco, master, aqui nem para gente ha policia.....

—Aspirante!

—Prompto.

—Embarque-se no *Pirajá* e vá até a Barra, dê um passeio pelo Bom Jardim e Alegria e traga-me noticias d'um namoro escandaloso que ha por alli entre uma menina e um velho, que quero dar as providencias precisas.

—A's ordens.

—O destacamento de policia em Maragogipe levou pau a cabir.

—Porque?

—Dizem que dous soldados, por *motivos*, espancaram brutalmente a um homem, o que exasperou a gente do bairro do Porto das Vaccas, com quem ja havia rixa, a qual armou-se e veiu a noite para a porta da egreja, onde havia novenas, sambar, com o fim de provocar o conflicto.

A policia interveiu e quiz acabar com o samba, do que resultou a pancadaria, sendo o commandante o que mais apanhou.

—Pois mandam oito homens para uma povoação daquellas! é para succeder disto!....

E ainda si fossem homens prudentes e morigerados!

E as auctoridades que providencias deram?

—Nenhuma. Contam-me que houve uma que nem teve animo de deitar a cabeça de fóra.

—Vae decahindo insensivelmente a devoção. Até na Mizericordia ja não ha missas cantadas nos domingos e dias santos.

—Talvez por falta de padres.

—Ou antes para fazer economia e haver mais dinheiro para as bemditas *charidosas*.

—Oh! tempora! oh! mores!

—Deus dê saúde a *sinhô* Figueiredo Leite!

—Ora vejam como a camara municipal é infeliz!

Quiz aformosear as ruas, gastou dinheiro, mandou fazer cercas no Terreiro, plantou tamarineiros e o resultado foi que o cercado serviu para estender-se roupa!

—Tambem queriam plantar em caliça!

—E entretanto, sem trabalho nenhum, sem gastar-se dinheiro, só com o auxilio da chuva e do tempo que estragou a rua, lá está a rua Nova do Queimado toda cheia de *arvores*!

—Serio? Tão longe?!

Disseram-me que a rua estava em tal estado que parecia um cemiterio de covas abertas.

—Quer V. dizer que plantaram cyprestes?

—E que foi então? palmeiras?

—Sim... sim... palmeiras... isto é bananeiras...

—Não cassúe.

—Serio e muito serio; no meio da rua lá estão sete bananeiras plantadas!

—Tambem não faz mal; terra de macacos o de que precisa é justamente de bananas.

LA VAE VERSO.

Poesia do cosinheiro á liberdade da imprensa.

Iô qui tá negro livre
Qui entra nim captivero;
Iô qui nascê nim Cóssa
E vivê nesse Cruzero;

Iô qui livro outro vêzo
Cum branco poro falá,
Quê proveta zi momento
P'ra gloria do liberá.

Mai si iô dizo liberá,
—Liberá do curaçào;
Iô nan conta cum Gravata,
Nin Chanchan, possuraçào.

Angora qui capitão
Um saude vae fazê,
Di juizo á liberdare,
Nosso turo vae bebê.

Capitão e viva, viva
Liberdare pensamento!
Ni saude desse dia
Nosso faze frogamento!

A PEDIDO.

—Que caza é esta aqui no Cruzeiro?

Provavelmente é o commando superior.

—Ora além de pobre, cego!
Não vê aquelle distico?

—Agora reparo: Monte pio dos Artifices.

Mas como está toda embandeirada?! e com as bandeiras dos differentes corpos da guarda nacional?!

—E' que os commandantes as emprestaram.

—Bem; mas o Justiniano então commetteu um abuso.

Ja não é commandante: ainda não entregou a bandeira; nenhum direito sobre ella tem.... logo, não podia emprestal-a.

—V., amigo, si não é doudo parece.

João José da Rocha Campo
Muito ingrato seria
Si não desse mil louvores
Ao *Diario da Bahia.*

Ao *Publico Interesse,*
Alabama e companhia
Cordealmente agradeço
A franca philantropia

Com que o anno passado
Publicaram quadras destas
Nas quaes pedia aos leitores
Em geral as boas festas.

Esperando ser servido
Vem de novo supplicar
Q'este A, B, C, resumido
Queiram todos publicar.

E a vós, pios leitores,
Digo com toda alegria
Como dizia outr'ora
A todos Deus e bom dia.

A B C D E F G
Quer dizer o mau estado
Em que vive o Rocha Campo
Doente e desempregado.

H I J K L M
Vos supplica que lhe deis
De bom grado este anno
Festas, bons annos, e reis.

N O P Q R S T
Mostra ser agradecido,
Pois sem o vosso soccôrro
Mais teria padecido.

U V X Y Z
Juntamente com o til
Pede a Deus nos concêda
Em sua graça annos mil.

Boas festas vos dezeja
De todo seu coração
O de pernas para cima
João José Rocha Campo.

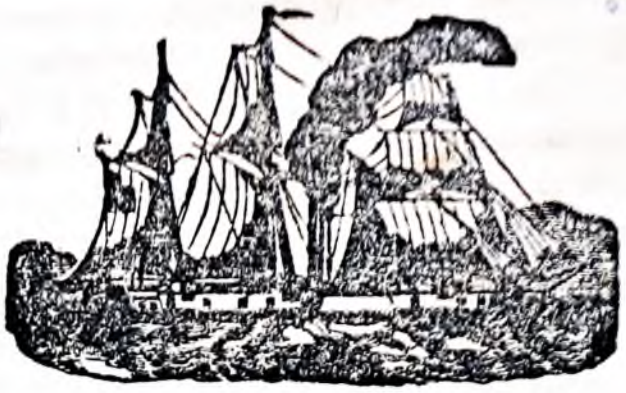
ANNUNCIOS.

O abaixo assignado declara ao respeitavel publico que se acha estabelecido com sua caza de armação á rua Direita de Palacio n. 30.—*Cyriaco Antonio de Souza Tavares.*

Pede-se a certo pintor da Sé o favor de ir pagar, á venda ao largo do Theatro, o importe dos generos que comprou na mesma.

O Genezio.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 28 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 15 ½.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 27 de dezembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando lhe que um espertalhão de nome Queiroz, membro conhecido da companhia do olho-vivo, e que por suas façanhas tem estado preso, anda inculcando-se agente secreto da policia e substituto do finado Guilherme e como tal exigindo contribuições dos donos de casas de jogo, para não os denunciar, allegando que o referido Guilherme percebia taes contribuições; pelo que pede-se a S S. providencias para que esse ratoneiro não continúe a especular com o nome de S. S., de quem diz ter recebido a nomeação, pois que não é de maneira nenhuma acreditavel que S. S. se lembrasse de nomear um ladrão para agente de policia.

Ao Illm. Sr. commandante do corpo de policia, para que informe com urgencia a rasão por que esteve preso cinco dias o guarda desse corpo Luiz Fernandes de Souza, visto que os maledicentes acharem nsto pretexto para espalhar os seguintes boatos:

1.º Que a prisão daquelle guarda resultara de reclamação fundada que o mesmo fizera em seu direito extorquido.

2.º Que depois de se haver resolvido e dito publicamente que o guarda responderia a um conselho, foi deste dispensado e solto por influencia d'alguem para quem o mesmo recorrera.

3.º Que para esse conselho forjavam-se, em falta d'outros, certos documentos não muito concludentes com a rasão.

4.º Que teve-se tambem em vista coagir e intimidar os demais guardas afim de que não fizessem reclamações perante a commissão que está examinando aquelle corpo com temor de que taes reclamações não trouxessem *certas revelações* que convém occultar, tanto assim que nenhum soldado mais, embora prejudicado, ousou reclamar.

(*Continuação.*)

—Bem; agora que passou a *canalhada*, conte-me a historia.

—Muito longa seria, si a contasse por inteiro.

Os pontos principaes são os seguintes.

O Dr. Mingú de la Pommerais... sabe a historia de La Pommerais? E' um segundo tomo.

La Pommerais encartou-se com a moça, fez-se della procurador, hypothecou a seus parentes as propriedades della, fundiu-lhe as joias, depositou nos seus cofres o dinheiro della e fez um testamento, em que não figurou de primeiro; arranjou as cousas por maneiras....

Dedicado filho do liberalismo, liberou todos os escravos, deu a alguns delles *teléas*, e... armou-se.

Um forte vendaval fez por aqui sua *passagem* e lançou ao chão o bello castello que sobre a areia levantara La Pommerais.

La Pommerais grunhiu, arrancando os cabellos e ergueu novo castello.

O que me parece agora é que a espada de Astréa derrubal-o-ha e sob suas ruinas esmagará aquella sucia de tratantes que se associaram ao Dr. que desta vez ficou de fora.

—Historias!

A tal espada da Justiça só tinha força para os pagãos; hoje tem mais valor a taca do muxingueiro.

Sinto bem que a minha collega da *tesoura* não me acompanhe na batalha, para fazer uma descripção *critica* dos tratantes.

E lamento que nesta Latronopolis a policia cruze os braços ante tanto cynismo, ante tanta protervia, ante tanta ladroeira!

E' a epocha dos testamentos falsos! Ninguem mais tem ultima vontade!

Antigamente um só testamento bastava; hoje tres não chegam; é talvez preciso ter meia duzia.

—E' que o *progresso*, capitão, invade tudo.

Principiou o anno por um e acaba por outro!

—Bemdito La Pommerais!

—E o Sr. só a metter La Pommerais! Isso é intriga pessoal.

E está muito contente a pensar que fez uma grande descoberta, chrysmando-o de La Pommerais!

—Chrysmando, não Sr.; é o seu verdadeiro nome; mas suppondo que fosse chrysma (quinau dobrado) estava muito bem applicada, porque dizem por ahi que o *menino* para abreviar o momento feliz, deu tambem suas dózes... digitalina provavelmente.

—Mas o que ninguem pode negar é que ha intriga.

Apparecem neste negocio *certas caras*, certos sujeitos que servem sempre de testamenteiros, que se incumbem de interros gordos, que hospedam tubareus ricos, que enriquecem de pressa e bem vê que não os posso comer por santos.

—Ah! ah! ah! ah! ah!

(*Continúa*).

—Capitão, venho lhe contar uma historia.

—Ja começ !

—Ouça, capitão:

Um dia aportou em Latronopolis um galleguito magriço, que depois do *bom principio* que teve em sua terra, foi aqui moço de recados do irmão.

Advinhava porém a besta que havia ser algum dia *alguma cousa*, pela regra geral de que as plantas que nascem nos monturos crescem com mais rapidez; e ostentava um orgulho de... de... de tollo malcreado.

Tinha um geito admiravel para gatuno, não havia então companhia nem

muito menos regimento do olho vivo; filiou-se pois o devoto de S. Raymundo na companhia dos traficantes .....

E traficou .....

E passou moeda falsa.....

E contrabandeou.....

E ficou rico.....

E foi commendador.....

O broeiro *encommendado e rico* deu para Faublas.

Tornou-se o terror das familias.

O pae, o irmão, o marido, o padrinho, a avó, todos fecharam-lhe as portas.

O *commendador* era a deshonra em pessoa!

O *rico*, porem, continuava a campar superbo. ..

A sociedade apontava-o com o dedo, mostrava-lhe os defeitos, apupava-o de MOEDEIRO FALSO E LADRÃO, mas o rodar de seu carro e o pisar de seus *grandes cavallos supplantavam* as vozes da gente honesta.

E o orgulho do rico crescia....

E o commendador queria passar a *barão* ...

E com o resultado de suas infamias quem sabe si o ladrão não alcançaria *victoria?*

Depois de milhões de torpezas, o ladrão quiz mudar de terra; foi á patria, levado não pelo amor della, mas pela vaidade de apparecer *grande*, rico, commendador e ladrão ante aquelles que o viram pequeno, pobre, miseravel, e trampeiro; tanto assim que o safado humilhou-se aos pés, beijando as nadegas *d'uma victima sua,* para salval-o do porão d'um *pirata terrestre* que lhe ia dar merecida sova.

O ladrão porém que se julgou seguro, fingindo-se na Europa *segundo tomo* do tal *pirata,* levou n'uma noite uma carga d'areia que lhe atacaram nas costas.

E safou-se.

Regressou in continenti a Latronopolis, onde impunemente podia *inchar*, e continuou nas suas miserias, continuando no seu orgulho.

Um dia, o patife que tem muito ódio aos brazileiros (quando devia tel-o á pata que o poz ou ao coirão que o amassou) tendo em sua caza um caixeiro brazileiro, esbofeteou-o, deu lhe bolos e chicoteou-o por encontral o conversando com um outro caixeiro!

Era ahi que eu queria chegar.

Agora dizem que o Sr. Joaquim Pereira Marinho acaba de fazer o mesmo com um rapaz, filho do Rio Grande do Sul.

Tal não é possivel.

Primeiro por que o Sr. Marinho não se ha de querer egualar com um bruto.

Segundo porque, com quanto o Sr. Marinho seja commendador como o tal gallego, não é moedeiro falso, contrabandista, ou ladrão.

Terceiro porque o Sr. Marinho mora na Bahia, onde ha justiça e não em Latronopolis onde reinam venalidade, contemplações e miserias.

Que acha, capitão?

—Eu o que acho é que V. é um pomadista, quando nada, um massante.

Ora acabe a historia.

—Nem mais posso, capitão!

Só por fallar nisso, estou indignado.

A ser verdade o facto do Sr. Marinho, é um desaforo!

—Rapaz, calle-se, apprenda a viver e deixe-me viver.

—Sor capitão, *bôs noites.*

.....

—Bem se diz que a voz do povo é a voz de Deus.

Dizem que os frades do Carmo arrui-

naram o convento e parece-me verdade.

—Que o convento só tem o casco é mais velho que a Sé de palha.

—Pois, capitão, a pobreza alli está no seu auge: na noite de Natal o escravo que tocava o folles do orgam, estava em camisa, nú, só com as calças!

—Que homem doudo!

Si houvesse alli pobreza a ponto de não haver roupa, não haveria escravos.

O que ha somente é deleixo.... é incuria.... é descuido.....

—E mais alguma cousa.

O PEDIDO.

Certo juiz de paz presidente, estando doente, deixou de convocar os eleitores para a proxima revisão; sabendo porém que o segundo o tinha feito, convocou, no dia 22 do corrente, com data de 15, aos eleitores, com o seguinte officio, cuja orthographia se recommenda.

—

Bahia e Freguezia de Santo Antonio além do Carmo 15 de dezembro de 864.—Illm. Sr.—De confirmidade com alei de 19 de agosto de 1846, convido a V. S. para comparicêr na Igreija Matriz desta Freguezia no dia 15 de janeiro do futuro as 9 horas da manhã afim deter lugar aformação da Junta de revizão da Qualificação do anno de 1865.

Deos Guarde a V. S.

F.

—

Teve de um a seguinte resposta:

Illm. Sr.—Foi-me entregue hontem uma participação de V. S. com dacta de 15 do corrente, convocando-me como eleitor a comparecer no dia 15 de janeiro p. futuro para a formação da junta de qualificação; em resposta tenho a dizer a V. S. que já tendo recebido no dia 15 do corrente egual convocação do segundo Juiz de Paz F., fica a do V. S. em segundo logar á espera talvez de uma terceira.

Deus guarde a V. S. Bahia e Freguezia de Santo Antonio alem do Carmo 22 de dezembro de 1864.

—Que barulho é aquelle no côro da Conceição da Praia?

Capitão, empreste-me o seu oculo.....

Ca...ca....ca....ca.

—E' o homem que canta de cachorro.

—E' impossivel, que cachorro não canta, ladra.

—E' assim que elle faz, ladra e cantá ao mesmo tempo que os cães principiam tambem a fazer coro com elle.

—E' habilidoso, porém estará elle ladrando na egreja?

—Não, capitão, elle está bastante alegre, está fazendo a festa antes della, provocá, ora faz vir o riso ao publico.

—E' verdade; como está elle com as feições desorganisadas! parece um envenenamento. Vá lhe dizer que não continue a envergonhar os seus companheiros, sob pena de o metter a ferros no porão e mandar pela cabocola M.... dar-lhe a dóse do costume.

Roga-se a um Sr. empregado no arsenal de marinha o favor de apparecer na venda á ladeira de S. Miguel, esquinapara a Ordem Terceira, afim de pagar o que ahi é devedor. e caso não venha dentro de 5 dias que se lhe dá de espera, terá o dissabor de ver seu nome por extenso, não só nas folhas, como n'um grande cartaz na porta da referida venda.

Bahia 27 de dezembro de 1864.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª BAHIA 29 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 155.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 16.ª serie do *Alabama*.

A emigração polaca.

Ha dias, extranhavamos e pungia-nos a indifferença que para objecto de tanta transcendencia mostrava a Bahia.

Acabamos porém de saber que corações generosos, almas grandes em que cabem todas as grandes ideias, reúnem-se amanhan, 29 do corrente, 2.º anniversario da revolução da Polonia, para installarem a sociedade promotora da colonisação polaca.

Os immensos beneficios e vantagens que resultarão a ambos os povos são intuitivos.

Nestes amenos climas, nestas deliciosas paragens, sob este magnifico ceu de azul, neste hospitaleiro paiz, o polaco encontrará irmãos, amigos, familia e religião que lhe servirão de lenitivo ás pungentes dores que lhe angustiam a alma pelo martyrio de sua desgraçada patria.

O brazileiro, em troca de algumas braças de terra, em compensação á á sua classica hospitalidade, verá o augmento de seu paiz, verá crescerem as familias, multiplicar a população, e terá por fim a gloria de ter estendido a mão fraternal a uma nação heroica que se estorce nas garras da morte, preparada pelo barbarismo da Russia—pelo crime de querer ser livre!

Honra pois áquelles que promovem uma tão santa causa!

Noticias da Corte.

ALVIÇARAS!

Pessoa *seria* que chegou no paquete francez affiança-nos o seguinte:

O ministerio pediu demissão e S. M. chamou o Sr. Pimenta Bueno para organisar o novo ministerio que fica assim composto:

Presidente do conselho e ministro da justiça Pimenta Bueno.

Ministro da fazenda Euzebio de Queiroz.

Do imperio Alvaro Tiberio.

De estrangeiros Sergio de Macedo.

Da guerra marquez de Caxias.

Da marinha Joaquim José Ignacio.

Do fomento Manuel Felizardo.

Para presidente desta provincia Innocencio Marques.

Chefe de policia Affonso de Carvalho.

Commandante das armas major Freire.

—Falla-se em dissolução da camara.

—Foram nomeados:

Commandante superior da guarda nacional do municipio da capital Justiniano José de Araujo.

Teuente coronel commandante do 4.° batalhão da guarda nacional, o capitão F. J. Monteiro de Carvalho Junior.

Director da faculdade de medicina Dr. J. Eduardo Freire de Carvalho.

—Chegou S. Ex. Revm. o Sr. vice-capellão-mór, arcebispo da Bahia, com a sua caixa de tabaco que lhe offereceu S. A. o Sr. conde d'Eu.

As outras noticias de menos importencia daremos depois.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 28 de dezembro de 1864.

Portaria ao fiscal claviculario. *Tendo ouvido dizer* que a lei é egual para todos e *parecendo-me* que ha uma postura que prohibe o cri r-se porcos dentro da cidade, *peço-lhe* que isso faça sentir ao Exm Sr. barão de Cotegipe, que os tem, á vista do publico, em sua caza á baixa do Bomfim, parecendo querer de proposito ostentar que por ser grande, nenhum caso faz das leis de seu paiz,—procedimento alias irreprehensibilissimo para um senador do imperio. O que *espera-se*.

—Ai! ui! ai!

—Que tem, Sr.?

—Grandes dores no estomago, na barriga.... attribúo á lama que tenho ultimamente bebido de involta com a agua dos chafarizes.

—E na minha casa todos estão de defluxo a morrer; alguem tem dito que o mal vem d'agua.

—E vem provavelmente; os negros d'engenho morreram mais pelo cholera, por causa da má agua que bebiam; agora si houver peste, morrem felizmente *todos*.

E a dor a massar-me!

Ai, ui, ai, ui!....

—A companhia do Queimado está em tallas.

—Então, porque?

—Porque descobriu-se o segredo d'abelha, o mysterio da valvula...

—Que valvula?

—A que communica as aguas do dique com as do Queimado, feita com tanta subtileza que só um exame minucioso poderia descobril-a.

—E que tem lá isso? tudo é agua.

—Tudo é agua, é verdade; m s as do dique são perniciosas e pestiferas, e é por causa dellas que tem se desenvolvido tanta molestia no povo.

—Combino com suas ideas; o povo neste caso é quem paga as favas, dá lucro aos interessados da companhia, e em cima disto é obrigado a beber agua pessima.

—Não eu que beba mais agoa dos chafarizes d'agora por diante.

—E eu no logar do presidente da provincia tomava as providencias necessarias e mandava suspender a vendagem d'agoa nos chafarizes, até ulterior decisão.

—Espere pelo parecer, Dr.....

—Até que emfim houve um subdelegado energico que mandou dispersar o grupo de moleques que se reuniam á venda defronte do Collegio!

— Seriamente?

—Que duvida! Mal o Sr. coronel Lourenço de Souza Marques leu o *Alabama*, mandou uma portaria ao inspector que acabou com a sucia.

—Esta terra vae em tal estado que quando alguem cumpre o sen dever se torna credor de elogios. Emfim acceite o Sr. subdelegado os agradecimentos que lhe rende a moralidade publica.

—Ainda desmandos dos guardas policiaes

Um homem estava bebado á baixa dos Sapateiros e quiz pegar em outro que o repelliu. A patrulha que estava sentada levantou-se e quiz á força prender o ultimo por que não attendia a que o homem estava ebrio.

—De sorte que a patrulha nada tem com os ebrios; protege-os contra as pessoas que repellem seus insultos!

Pode hoje quem quizer embriagar-se para fazer o diabo porque assim o quer a policia!

—Não val a pena tal ninharia.

Ahi está que os presos por ella são espancados.

Ainda no dia 27, foi preso o Sr. Joaquim Marcos e o guarda que o prendeu espancou-o a valer.

—Progresso, progresso, rapaz.

—O presidente visitou a caza de prisão com trabalho.

—E achou-a na maior relaxação possivel.

O administrador estava na ilha de Santa Luzia.

—E' cousa antiga; para la dizem que elle até mandava os forçados para plantarem-lhe capim, mandioca e cannas.

—O ajudante tambem não estava presente.

—Sim?!

—O escripturario ainda não tinha chegado.

—E quem tomava conta d'uma caza daquellas?

—Dizem que um guarda, a quem S. Ex. pediu que mandasse chamar o administrador.

—Como mudam os tempos e com elles os homens! Realmente admira como o Dr. Lucio Bento Cardoso dá hoje logar a censuras de tal ordem.....

—Que algazarra, que ajuntamento é aquelle no Sodré no n. 35?

—E' uma pobre mulher, que alugou-se como ama na casa d'uma tal *Sinhá* e não sei a rasão por que tres mulheres que moram na mesma casa esbofeteam a infeliz com as portas fechadas.

—E o inspector do quarteirão o que fez?

—Não appareceu inspector, nem meio inspector; apenas dois guardas nacionaes, que andaram de patrulha; um dos quaes levou duas horas á pista do inspector, e que voltou, parece-me, com *agua no bico*!

—E depois?...

—Foram a mulher e um dos tres *Adonis* da pandega levados á presença do subdelegado.

—E as mulheres que espancaram a ama de *Sinhá*?

—Dormindo em plena paz.

—Que quer, meu amigo? em tempo de festa até a policia tem ferias.

(Continuação.)

Depois que Monte Christo roubou bem seu primeiro amo, pelo que a ponta-pés foi deitado para fora, passou por uma rua coberta de *neve*, encontrou uma arvore, subiu pelos *ramos* e bradou:

Até que emfim!

Encontrei a arvore das patacas!

Um velho que vigiava a arvore, agradou-se da *firma*, admittiu-o em sua casa, deu-lhe alguns sopapos porque o julgou algum menino travesso que andava a trepar pelas arvores, *accommodou-o* e deu-lhe a filha em cazamento.

Monte Christo lembrou-se então do seu sonho: agora em trampa virava o dinheiro para muita gente e em dinheiro virava a trampa para elle.

Monte Christo Moreira Santos achara um thesouro.

—E foi nomeado conde?

—Não, Sr., por ora.

Tanta pressa, capitão!...

O velho sogro foi atirado á margem, ficou reduzido a porteiro de taberna, onde vive com os olhos ramellentos a causar dó a uns e nojo a outros.

E Monte-Christo especulou; o thesouro que encontrara fora um *livro azul*, cujos milhões de paginas foram transformadas em dinheiro pelo celebre Candido Ribeiro.

Edificou; em qualquer *rua nova* as casas, os palacios eram delle.

Foi então que lhe veiu a nomeação de conde, não de Monte Christo, mas do Livro Azul.

E hoje para eterna vergonha de Latronopolis, esse ladrão, esse sceleratо, esse verdugo, esse demonio, passeia impavido pelas ruas de Latronopolis, quando bem merecia uma calceta ao pé em Fernando de Noronha!

Elle, um dos que mais lograram, em quanto os outros la se extinguem e remordem; em quanto o infeliz João da Costa definha n'um carcere na Bahia!

Elle que nem uma caixa de pinho trouxera e tem hoje cofres de ouro!

Elle que d'um pobre labrego, d'um ridiculo Antonio, passou a opulento Monte-Christo!

Latronopolis, Latronopolis!

Oh! justiça do Brazil;

Policia de minha terra, por que não investigas a origem dessas riquezas repentinas?!

(*Continúa*)

A PEDIDO

Os truões infelizes.

QUADROS.

POR—ASMODEU.

II.

Ferve a bacchanal, partem-se copos,
Copiosa zurrapa ás fauces desce;
Ouve-se o rumor;—são novos convidados,
E com esse reforço a orgia cresce

Descrevamos primeiro os que existiam,
E depois fallaremos dos chegados.
A companhia compõe-se de uma duzia
De amarellos sem côr—truões safados!

Amphytrião—*c'roado* rei da festa,
Bella. *Alcmena*—de belleza rara,
Pombo do norte—*onze letras* da funcção,
Feio e magro e de chupada cara.

Paechico, versejador comprado,
Dá motes p'ra que os da sucia glozem,
Changó—das *fontes da ilha* filho
Presta dinheiro p'ra qu'os outros gozem

Jozé—que morou lá na cidade invicta,
Ao passeiar da conces no soalho;
O gallego carregava em sua terra
Barris d'estrume p'ra cebola e alho.

Os seis intimos já estão descriptos,
Faltam seis, que entrara' a gritar;
Ao depois veremos quem são elles,
E o que se reunem a tractar.

Continúa.

A' policia.

O Sr. Joaquim Marcos Moreira deu agora, por força de *spirito*, por genio forte, em insultar a diversas pessoas, em sua venda do 7 composto ou grande; ainda ante hontem maltractou com brutaes palavras a uma sua comadre, pelo que foi preso.

Espera-se do Sr. Dr. chefe de policia providencias; não é possivel que fiquem os cidadãos e a visinhança expostos ás *tempestades carregadas* do tal vendelhão.

Gratifica-se com 50$000 a quem descobrir qual foi procurador de causas que deu *outros* 50$000 de esmola para a festa do Sr. do Bomfim com o fim de que certa *personagem* fosse passar a festa no largo em uma das casas da irmandade.

—O que se deu lá pelas partes da Feira da Conceição?

—A prisão d'um official de uma maneira burlesca e absoluta...

—O resto.

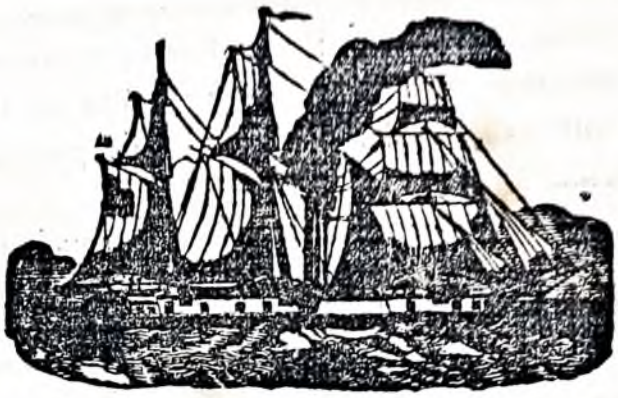
—Lhe direi no n.º vindouro, neste não ha espaço, e aonde não ha El-Rei o perde.

—Seguramente.

ANNUNCIO.

Pede-se a certo accendedor da illuminação a gaz o favor de ir pagar, á venda ao largo do Theatro, o que deve de logos tomados por Santo Antonio e por S. João. Roga-se este favor por S. *Miguel*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª BAHIA 31 DE DEZEMBRO DE 1864. N.º 154.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ainda noticias da Corte.

—Que cazou-se a outra princeza ja todos sabem, mas o que ignoram muitos é que S. Ex. Revm. teve nova caixa de tabaco que lhe offereceu S. M.

Pelo que vejo, intende a familia imperial que os velhos só devem tomar tabaco.

E para cada venta offerecem uma boceta!...

—Está nomeado presidente de Goyaz o Sr. bacharel Augusto Ferreira França.

Até que emfim cahiu-lhe a sopa no mel....

Coube-lhe na verdade uma das melhores fatias do pão-de-ló.

Que lhe faça muito bom proveito!

—Falla-se em que será nomeado inspector da thesouraria geral o Sr. Lazaro José Jambeiro.

—Do Uruguay são favoraveis as noticias, como já devem saber os leitores pelas folhas diarias.

—No Paraguay o insolente Lopez continúa com seus desaforos; por uma simples nota deu como resciso um tractado com o Brazil, e fundado nisso, mandou aprisionar um navio brazileiro que levava a seu bordo o presidente de Matto Grosso e ☞ QUATROCENTOS CONTOS DE REIS....

Boa presa, como chegou a dizer o tratantão.

—Consta que haverá recrutamento em grande escalla por mar e por terra; dizem que embarcam o 8.º de caçadores, o corpo fixo, o policial, a guarda nacional do serviço activo e da reserva.

E' bem provavel que venha a fazer a guarnição e o policiamento desta provincia o regimento das mulheres, ou o batalhão da Matta-Cobra.

—Passa por certo que veiu ordem reservada para o arsenal de marinha receber propostas sobre o fornecimento de grandes mastros para o forte do Mar que segue a fazer parte da nossa esquadra.

Ao menos elle que nada pode aqui fazer entre os navios, fará alguma cousa entre os *mancebos* do Prata.

Si lhe pudessem pôr o machinismo do vapor *France* que jaz interrado no

ancoradouro e o canudo do *Florida* que ficou no arsenal... ninguem negaria por certo que ja era algum *progresso*!..

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 30 de dezembro de 1864.

Officio a camara municipal, pedindo-lhe que mande por favor tirar do largo do Theatro uma pedra que faz quebrar o nariz a quem passa em noite de escuro, quando ha eclipse do gaz; o que se espera da Illma., cujos membros é muito provavel que alli tropecem, visto que ainda não a encheram até hoje, com a grande claridade do dia.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que mande, quanto antes, mudarem-se da rua d'Ajuda duas mulheres de má vida, conhecidas por Sinhá e Candinha, as quaes incommodam a visinhança, além de fazerem constantemente grande barulho com as negras ganhadeiras a quem chamam e não pagam as compras.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao Porto do Bomfim, recrute uma sucia de vadios que vivem a betar pombos, atirando continuamente pedradas nos telhados, e os entregue ao Sr. tenente Lobo para remettel-os, por intermedio do commandante das armas, ao Rio da Prata. Cumpra.

—Lá para o Portão da Piedade houve um crime de aborto.

A moça interrou no quintal o feto.

—E que quer que lhe faça?

—Provavelmente houve cumplices e mesmo authores.

—Que quer que lhe faça?

—Que os mande vir á sua presença.

—Vá á rua do Bispo e procure a secretaria do policia, falle ao chefe e tem feito.

—Capitão, nada garanto; mas como corre, acho bom que a policia faça suas pesquizas a ver si descobre o crime.

—Sim, sim, e eu tambem.

—Alguem deixou em testamento um legado de 400$ rs. para um moço que viajava fora do imperio. Agora chega elle e querendo haver o dinheiro, dirige-se ao cartorio e acha seu legado entregue.

—Quem recebeu?

—Dizem que a mãe que lá foi em pessoa.

—E a mãe assignou?

—A mãe la não foi, capitão; ha uma assignatura a rogo, feita por um defunto com testemunhas defuntas.

—E bigodearam assim o tabellião?

—Bigodeado está, mas é o herdeiro que fica a olhar o signal.

Ficando V.Ex. certo de que faço justiça ao tabellião, que é homem serio.

—Os nomes dos cujos?

—O principal é um procurador.

Depois fallaremos.

(Continúa.)

—Hontem o recrutamento esteve terrivel.

—Assim o diz o *Jornal da Bahia*, e diz que por vinganças eleitoraes.

—Felizmente elle não é suspeito; mas si quem recrutava era *vermelho* (o ajudante da capitania) a vingança era pelos vermelhos exercida.

—E dizem que elle recrutando ligueiros, attribuia a culpa ao governo,

dizendo. São cousas da gente em quem vossês votaram.

—Estes vermelhos!

—Aquelle barbaças é doudo!

—Que duvida!

Anda de bonet de galão, inculcando de militar; passou pela cavallaria e *dispensou* a continencia.

Agora vae por S Francisco de Paula, cantando e encarando afoutamente as pessoas que vem na gondola.

—E' tollo; não ha duvida.

Que officio é o delle? Anda sempre de cavallo!

—Tira dentes *a cavallo*.

—Ah! por isto!

Antes tirasse-os aos bois, com quem muito se parece na cabeça.

—Olhe que Latronopolis é mesmo *não sei o que* de mão Joanna! Quem quer vem para aqui vender suas pomadas e safa-se com a cara mui limpa.

—Deixe o pobre do homem que me dizem que está maluco por desgostos de familia.

—Deus se compadeça do carcamano!

—Eu bem disse que o Sr. Marinho não era capaz de dar chicote no caixeiro.

Veiu no *Diario* de hoje e defendeu se.

—Como?

—Apresentou um interrogatorio feito ao menino pelo delegado.

—Ah! .....

Sim! .....

Este mundo tem cousas!

—Só censuro no Sr. Marinho uma cousa e é que dando bollos para corrigir o *crime* que elle diz haver, publicou uma eterna vergonha para o moço!

—São cousas do coração bondoso do Sr. Marinho!

LA VAE VERSO.

1864.

O anno que finda hoje
Foi fertil em ladroeiras,
Fez-se testamentos falsos
E mil outras bandalheiras.

Houve muito contrabando,
Muita bisca se embarcou,
Vendeu-se muita sentença,
Lettras falsas se passou.

Muitos homens no commercio
Que passavam por honrados,
Fizeram mil fraudulencias
E se deram por quebrados.

Foi um anno fertilissimo
A' respeito de papança;
Desde que é mundo o mundo
Não se viu tanta abastança.

Muito boa agua do dique
Deram p'ra o povo beber,
Carne cançada e doente
Não faltou, p'ra se comer.

VARIEDADE.

Um sujeito dirigiu-se á proprietaria de uma habitação em que havia quartos para alugar.

—Quantos são os membros da familia?

—Pouca gente .. Eu, minha mulher, a criada, Nero, Cleopatra, Marco Aurelio e Cesar.

—O imperio romano em peso?

—Não se assuste. Nero é um gato de dous mezes; Cleopatra uma cadellinha franceza; Marco Aurelio um gato maltez e Cezar um papagaio pernambucano.

—Pois, Sr., tornou a dona da caza, é muita bicharia; não me convém converter a caza em arca de Noé.

Um lord inglez tinha uma amante de quem muito ciumava, dizem as más linguas, com rasão.

A *menina* tinha uma criada, doutora de capello em intrigas amorosas o muito lida em Boccage; sabia-lhe todas as poesias, sem exceptuar as do 7.º volume.

Por isso quando fallava enchia os discursos de flores mythologicas e poeticas, cousa rara em uma cosinheira.

Certa manhã bate o desditoso *gentleman* á porta da diva e recebe da criada esta resposta:

—A menina não pode agora receber, porque está ainda nos braços de Morpheu.

O lord não disse nada. Desceu a escada, pallido e vacillando.

—Oh! *good man*! ainda mais um amante!... Morpheu!... quem será este novo rival?!...

E arado n'alma pelo fogo do mais violento de todos os ciumes, correu á casa e enforcou-se!...

Um escocez entrou n'uma taverna em Londres. Apezar de já estar completamente bebado, pediu mais um copo.

Bebeu e cahiu.

O dono da tasca teve delle compaixão e deixou-o dormir na caza.

Fazia frio e o hospede deitou-se junto ao *fender*, para aquecer-se.

Alli passou a noite.

Mas julgue-se o terror do hospedeiro quando pela manhã, entrando no armazem, vê que a perna direita de seu desditoso hospede fôra inteiramente consumida pelas chammas!

Era tal a *cabelleira* do escocez que não déra por isso!

—Ah! desgraçado! exclama o taverneiro, tomado de horror.

—Traga-me um copo de rhum e não se assuste, tenho la outra em caza (diz o patusco muito descansado) já não é a primeira que me arde.

.....

O leitor já deve ter advinhado que a perna queimada era de pau!

(*Extr.*)

PARTE COMMERCIAL.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Brigue *Justiniano*, vindo do porto de S. *José*, capitão *Araujo*.

10 volumes *reformas*, 1 pacote raiva e desesperos.

—

EXPORTAÇAÕ,

GENEROS DESPACHADOS.

Cidade da Insolencia brigue *Bixo do Mar*; Joaquim Pereira 3 volumes *impunidades*, 4 caixas *arrogancia*, 10 saccos bofetões para caixeiros.

—

EMBARCAÇÃO DESPACHADA.

Villa-Boinha barco *Chefe*, 2 cestas *arrufos* para menino, 3 balaios *despeitos*, 1 cesto *caprichos* infantis.

—

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA.

Portos de S. *Thomaz*, brigue *Nabuchodonozor*, capitão *José*, carga *trampolinas e tranquibernias*; 51$860 em dinheiro para entregar a um soldado do corpo policial.

SAHIDA DO DIA.

Porto do Bomfim, galera *Linda* de 30 toneladas, capitão *Bla*; carga 4 caixas amor fingido engarrafado, 2 fardos *escandalos*, 3 barricas *estupidez* de primeira qualidade, 9 rolos tolices, passageiro *No*.

—

NOTICIA MARITIMA.

Entrou com *boa viagem* o brigue *Fouce* com um carregamento de *contrabandos*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.

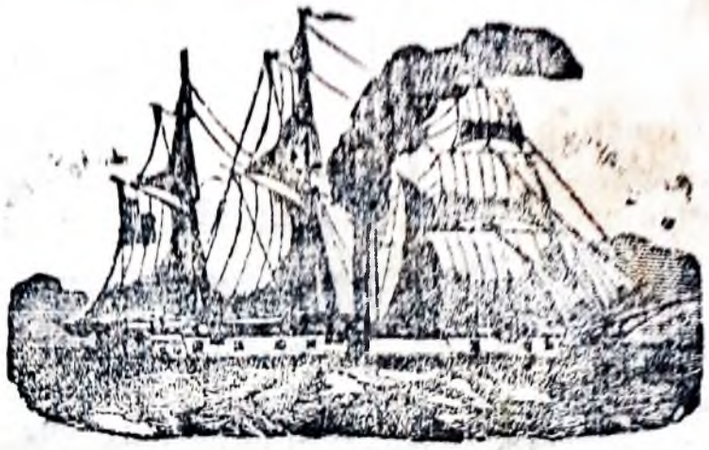
ALABAMA

1863

—

1864

I. G. H. B.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2ª BAHIA 4 DE FEVEREIRO DE 1864. N.º 18

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 3 de fevereiro de 1864

Officio ao Sr. Dr. chefe de policia. scientificando-o de que havendo na vespera de S. Gonçalo, 1.º do corrente á noite, incendio n'uma casa visinha á Capella do Senhor do Bomfim, não foram cumpridas as ordens da policia.

1.º Contra o art. 209 do codigo penal foi prohibida a entrada na casa ao povo que a queria salvar das chammas.

2.º As sentinellas insultavam e provocavam ao povo.

3.º Eram agarradas e levadas a tombos pessoas bem trajadas que se não queriam prestar a carregar agua.

4.º Durando o incendio uma hora ou mais, nem a egreja fez signal de fogo morando defronte o thesoureiro e o zelador.

O que levo ao conhecimento de V. S. para providenciar á respeito.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a uma taverna defronte do convento do Carmo e intime ao seu dono ou ao caixeiro do mesmo que já não estou disposto a tolerar que continuem os mesmos a roubar escandalosamente a quem quer que seja, vendendo aos capadocios bilhetes da antiga loteria da Trindade, mui similhantes á moeda papel, para fins menos licitos e reprovados. Si reincidirem, pegue os Vm. pelas orelhas e conduza-os á presença do Sr. Dr. chefe de policia, visto que nenhuma confiança me merece o Sr. subdelegado da Rua do Paço, que por cima da dita venda mora, e he impossivel que do facto nenhum conhecimento tenha. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá no Guadalupe ao Manuel Gomes, por antenomasia o Quinzena, e conduza-m'o ao porão, para mettel-o a ferros, afim de que não continúe o mesmo a exhaurir o suor dos pobre soldados da guarnição, dando-lhes, sob penhores, 500 rs. para receber 800 rs., na occasião do soldo, que muitas vezes he no dia immediato ao em que faz a transacção, sendo que tal dinheiro alli mesmo fica em caxaça e outras cousas. Outre sim, traga-me uma desesperada *Santinha* (de santa só tem o nome) que alli ha e que he o terror daquelles logares, para empregal-a convenientemente. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a uma loja de miudezas fronteiras á Capella de Nossa Senhora do Rosario da Baixa dos Sapateiros, e intime a seu dono que he prohibido continuar a fazer rifas com uma especie de roletta que alli tem e com que embahe os meninos dizendo-lhes que parem um vintem para ganharem trinta e cinco vezes, o que nunca succede, ou para tirarem figurinhas, induzindo-os a subtrahirem dinheiro dos que lhe dão o necessario. O que cumpra.

DIA 4.

Officio ao Sr. commandante de policia, pedindo-lhe para que não sejam mais admittidos no corpo de seu digno commando individuos, da conducta do *Bahiano* que he um refinado bebado e insolente, o que muito desabona a moralidade do referido corpo. Esse soldado cujas façanhas S. S. não ignora, fez hontem á noite proezas na rua da Ordem Terceira de S. Francisco, chegando a sua insolencia ao auge de dar uma bofetada em um cidadão por lhe observar este pacificamente que não devia levar presa uma cria do Sr. J. O. Pereira Guimarães, sem consentir que a mesma fechasse as portas da casa de seu senhor, uma vez que não havia outra pessoa em casa, salvo si elle guarda se responsabilisasse pelo resultado; o que foi bastante para que esse guarda commettesse excessivos desatinos, insultando e provocando quem alli estava e até desacatando a um official do seu corpo. Da alta moralidade de S. S. e da sua provada honra e brio militar espero que um homem perigoso como he *Bahiano* não continúe a vestir uma farda que lhe não compete.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, dizendo-lhe que á ordem de S. S. se acha recolhida á casa de Correcção a crioula Damiana, e que ha muito já lá se foram as 24 horas da lei sem que a paciente tenha recebido a nota de sua culpa, cumprindo que S. S. providencíe como for de justiça.

—Está em casa o Sr. Ferrugem?

—Sr., elle não mora aqui.

—Ora não mora! Mas aqui mesmo nesta escada tem elle comido, bebido e dormido até no quente.

Mas como não mora, e pode ser que aqui venha V. Ex. queira dizer-lhe, minha senhora, que desejo fallar-lhe. Passe bem.

Si esta escada tivesse bocca gritava....

Oh! charo amigo! á sua procura

ando eu. Ora conte-me, que desfructe foi aquelle do Maciel?

—Pois eu estou para aturar uma mulher daquellas! Não quer que eu falle nem com um homem, nem com um cão!

—E o Sr. conversa com os cães? Bem se parece. Não nega a raça. Por que só cães brigam no meio da rua.

Pois como he que teve vossê o desaforo de insultar uma menina que vossê prostituiu, com tantos nomes que lhe quadram?

—Sr. capitão, devagar e entoado!

—Ora, forte besta! Pois você dá em publico n'uma moça que por infelicidade desceo de sua dignidade para *enferrujar-se*, insulta-a, affronta a moralidade publica, e o publico não lhe arrebenta as ventas, e tem cara de fallar em minha presença!

—Mentira, capitão.

—O Dr Matta viu, o Eduardo viu, o sujeito que me contou viu, O Sr. Raphael deve saber, porque em sua casa esteve a moça, o Salú escrivão do subdelegado que foi chamado, tambem viu, e isto he já do dominio publico, bastava o coronel da mão vasia estar ahi para só elle espalhar.

Que pena merece você?

—Ficar um dia inteiro na escada, á espera della.

—Sim?

Muxingueiro, cem vergalhadas na cara deste patife, que traz moças á novena e em *novena* as deixa.

—Ai! ui! Jesus!

—Que poeirada! Muita ferrugem tem a *estrada de ferro*.

—Padre, venha cá. Pois ha de vossê deixar *sua terra* para escandalisar a gente!

—Que ha de novo?

—Pois ha de vossê metter-se na caza da orchestra, alli no Rozario, e levar lá dias inteiros! Comer moquecas, tocar violão, sambar, dormir na rede, e não respeitar a *viuva*, a donzella, a casada, nem a si, sua coroa, suas vestes, sua missão!

—Onde he isto, Sr.?

—Pois nomeei-o capellão, e vossê quer envergonhar-me!

—Eu nem sei de nada!

—No Rozario, padre, em Itapagipe!

—Ah! sim! Conhecimentos antigos..

—Eu bem que embirro com gente de cara larga!

Olhe que o melhor remedio para quem não tem vergonha he taca, taca e mais taca!

Emende se.

—Que diabo he aquillo?

—He o esquadrão de cavallaria.

—E aquelles sujeitos de chapeu de palha o que fazem alli mettidos no meio dos soldados?

—São os officiaes, capitão.

—De chapeu de palha!

—Por causa do sol.

—E he da disciplina?

—Não; mas a disciplina he para soldado; quem tem galão tem galardão.

—Ora bem bom!

E o que vão fazer? Irão pescar?

Vão em ar de pescador, com seus chapelitos de palha, e em caminho das Armações!....

—He exercicio, capitão.

—Está bom. O ministro da guerra ha de saber, assim como que o Bethbezet virou *Kaemé*, e manda metter a tropa em bollos.

LA VAE VERSO.

MILAGRE DE S. RAYMUNDO.

Sam Raymundo milagroso
Foi um grande *pregador*,
Sua intercessão fará
A' *Sam-Paio* professor.

E este mesmo Sam-Paio,
Milagres mil tem obrado:
Quem traz pezo n'algibeira,
Elle tem alliviado

Em janeiro á vinte e quatro,
Um milagre praticou.
No Bomfim, só com dous dedos
Uma carteira tirou.

Quando estiver de *lençoes*,
Que milagres não fará?
Cavallos e bois alheios,
Em cobres transformará!

SOCIEDADE.

Quem he aquelle
Que vem acolá
Com a Margarida?
—He um caxangà.

E aquelle outro
Que me vem alli?
—He o esmirrado
Conego *Cyri*.

De chambre de chita,
Calça de enfiar,
Lá vae p'ra o Terreiro
A negra espiar.

No meio dos dous
A tal crioulinha,
Como vem faceira
Tão requebradinha.

Que bello pagode,
Que liga santa!
Quando o padre resa
O musico canta.

Mas por fim de contas
Houve ciumada,
A sociedade
Deu em bordoada.

«Senhor André vae-se embora
«Q'eu não quero seu amor,
«Seu amor dá prejuizo,
«He amor que causa dor.

LAVAGEM.

Que bello pagode,
Que linda lavagem
Lá em Sao Domingos
Faz a crioulagem!

Depois da egreja
Lavarem contente,
Saia arregaçada
Chupando aguardente,

Foram buscar lenha
P'ra fazer fogueira
Ao toque de palma,
E de bebedeira.

Não houve zabumba
Para acompanhar
Porque a policia
Ordem não quiz dar,

E só consentiu
Que palmas tocassem,
Bem devagarzinho
P'ra que não soassem.

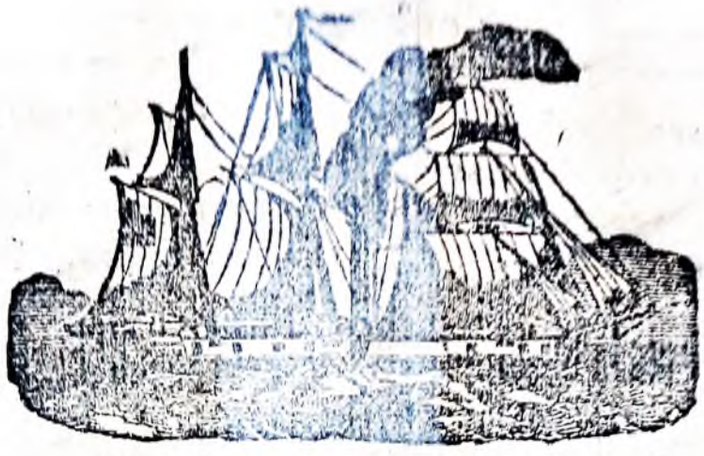
De feche de lenha
O samba entoando
Jesus alfaiate
Vem se requebrando

O nosso Odorico
Vem na brincadeira
Fazendo seu riseo,
Puxando a fieira.

A negra Rebouças
Não falta à funcção
Vinha bem monada
Nessa occasião.

Pois si de caxaça
Quatro garrafões
Mandou dar o Syndico
Para os beberrões.

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de Baixo n.º 42—J



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2ª BAHIA 6 DE FEVEREIRO DE 1864. N.º 19

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 5 de fevereiro de 1864

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo. Constando-me que desde o dia 25 de dezembro tem deixado de haver missa cantada nos domingos e dias sanctos na cathedral vou disso scientificar a V. Ex. Revm. para dar as convenientes determinações; assim como que sendo o cabido composto de dezoito conegos apparece nos dias solemnes a terça parte e muito menos, o que prova muito contra os reverendos conegos.

—A' camara municipal, pedindo-lhe que mande os *escravos da nação* (?!..) sob as vistas do competente engenheiro concluirem a obra da rua da Prata, a fim de ver si se torna a encanar o gaz, que se tirou por causa da escavação feita na mesma rua, e deixa o publico de transitar nas trevas com eminente risco de precipitar-se na roça do Dr. Alves, mesmo porque os moradores daquella rua tambem pagam decimas e tem o direito de gozar das poucas commodidades de que gozam os outros.

—Ao Sr. Dr. delegado, pedindo-lhe que dê suas ordens para que nos bailes mascarados que terão logar proximamente no theatro de S. João, seja prohibida a entrada á pessoas armadas de bengalas e chapeus de sol..uma vez que dizem que por uma mal intendida economia será supprimido nessas noites o logar de guarda-bengalas.

—Ao Sr. commandante do batalhão de caçadores, dizendo-lhe que hoje atravessara em pleno dia pela rua d'Alfandega um guarda do seu batalhão com um cesto de cajús as costas, e como isto seja altamente degradante á classe a que S. S. er-

tence, levo ao seu conhecimento para que se sirva providenciar na parte que lhe diz respeito.

—Ao Sr. subdelegado de Santa Anna para que quanto antes mande buscar á sua presença cinco individuos que occupam uma das pequenas cazas do Dr. Eloy á rua da Prata a fim de perguntar-lhes onde aprenderam o *quinteto chinez*, para assim affrontarem a moral publica nús como nasceram, sem o menor respeito á visinhança; assim como si não ganham para comprar ourinós, visto que andam a encher a rua de embrulhos de papel, e se poem a mijar descaradamente na porta da rua; sob pena de, si continuarem, serem barbeados com o aromatico sabão que atiram á rua, e levarem 50 calabrotadas por 30 dias á bordo do *Alabama*.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que munido das competentes bolas va por estas ruas vendo si consegue diminuir a immensa praga de cães que infestam esta cidade, os quaes já alguns damnos tem causado, devendo ter especial attenção para um da ladeira de Santa Theresa que morde quotidianamente de cinco a seis pessoas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que procure um tal Sr. Souza e diga-lhe que nem por viver em contacto com tantos santos lhe dóe a consciencia de ter uma pobre mulher ha dous annos em seu serviço, sem nunca lhe querer pagar o seu trabalho, e agora a despede devendo-lhe 144U rs. Diga-lhe que como sei que costuma passar pela rua dos Droguistas, ahi o mandarei esperar por uma sucia de moleques, que lhe darão repetidos trotes, si por acaso não se puzer quite com a sua credora. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao convento do S. Francisco e procure a Fr. Lulú para intimar-lhe que não continúe a dar beneficios com a celebre *Sinhá Chorona*, como succedeu no dia de Natal em que elle abriu a portaria para só ella passar e agachar-se junto a grade do altar em que ia elle celebrar, para pôr-se a fazer momices e tregeitos, repetindo o escandalo no domingo 31 do corrente, em S. Domingos. Advirta-lhe que si me constar de novo que se põe o mesmo a affrontar a moralidade pelas Portas do Carmo e pelos corredores das egrejas a correr saia, virá de machos aos pés ao porão do *Alabama*, onde terá o premio que merecem os que, não cuidando de suas obrigações, se relaxam a ponto de redicularisarem a classe a que pertencem. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a rua do A B C, intime ao hypocrita Riscado de Carbalho, celebre protector afrancezado de orphãs e viuvas desvalidas, que se appresente com urgencia a bordo do *Alabama*, para responder pelas graves accusações que lhe tem sido feitas, á vista das amaveis cartinhas e poesias amorosas com as quaes pretendia requestar o coração de uma sua commadre, a qual não querendo annuir aos seus torpes desejos tem sido victima de defamações calumniosas e infames, filhas somente do despeito daquella que deveria respeital-a, e não querer fazer com

essa, o mesmo que fez com a infeliz Mariquita Chales.

Si insistir, leve-o a rastos pelas orelhas ao Dr. em Roma para castral-o e fazer-lhe a merecida reparação na lingua a ponta de faca. O que cumpra.

—Vossês viram o *Alabama*?

Falla de mim, por que não deitei no chafariz uma mulher com os peitos de fora; chama-me supersticioso.

—Mas vossê podia deitar alli outra ecusa mais propria.

—Ora vejamos.

—Uma cabeça de bezerro, ou de carneiro....

— Que moleque!

—Ou então um sujeito com os dous cofres do Senhor do Bomfim debaixo dos braços, ou mettendo-os nos bolsos.

—Não me insulte!

—Ora essa he boa! Eu já vi prender-se um homem que chamou prevaricador a um empregado publico por *injuria á pessoa*, e vossê quer dar cavaco por tão pouco!

Vossê o que deve fazer he pedir ao Senhor do Bomfim que lhe dê forças para carregar os cofres!

—Isto he rico!

—Este mundo tem cousas!....

—Cale a boca, que os capadocios ahi vem.

—Guarda marinha!

—Prompto, capitão.

—Então recommendei lhe desde o anno passado que me não deixasse passar ladrão nenhum, quer macho, quer femea, e tem Vm. deixado ir em paz a certo mariola, filho da ilha de S. Miguel, que abordou a este porto como colono em 1846.

—Ah! sim! um que foi remido de bordo da barca *que o cá passou* por um gallego que tinha venda Atraz no Muro das Freiras, e ficou inteiramente *forro* no anno de 1848, em que deu em fazer socos com o finado João Tamanqueiro, morador á Preguiça?

—Esse mesmo, Sr. Guilherme! He que eu noto que Vm. tem uma attracção para com *certa* gente...

—Qual, capitão! Eu lhe conto já boas cousinhas.

Em 1850 foi elle ser taverneiro; onde achou dinheiro ignoro; o que sei he que as *borboletas* de diversas côres tem feito mais milagres do que qualquer santo.

—Pois bem; quero agora que m'o vá Vm. buscar pelas orelhas para me declarar onde *arranjou* elle tanto dinheiro para ter tantas vendas, ser aguadeiro mor, ter até carros puxados por seus companheiros a conduzir carretos da estrada de ferro etc. etc.

—Já d'um pulo, meu capitão.

(*Continúa.*)

—Mané Bahia!

—Prompto, capitão.

—Leva-me este officio ao Dr. chefe de policia; si não estiver entrega-m'o ao Dr. delegade, pois quero saber qual o destino que deram á crioulinha Anna Silia, que á repartição da policia foi levada no dia 27 do passado, afim de proceder-se a corpo de delicto na mão direita da mesma...

— ... Que se acha aleijado por uma *braza de fogo* que a africana

Constança Maria dos Prazeres nella apertou.

—E sabes porque?

—Por um quarto de pão, que tirou a crioulinha para comer.

—Que barbaridade!

—Barbaridade! E o corpo da crioulinha que está todo cheio de cicatrizes e contusões?!

—Esta infeliz he escrava?

—Desta bruta africana que de mais a mais deu em esfregar pimenta nos olhos e na bocca da pobre rapariguinha

—Bem! Vae já levar o officio. Quero saber qual o castigo que se deu a dita africana, e si consentem que continúe a ser sua escrava essa infeliz brasileira.

—Sem mais demora.

—Bom dia, Sr. official, como foi de guarda?

—Mal, capitão, estas noites são muito frias.

—Ah! maganão! Então inda queria tel-a melhor? Que visita foi aquella que teve á meia noite?

—Nenhuma, capitão.

—Ande lá! Ou julga que eu não vi? Quem era aquella *visão* de vestidos brancos e cabellos soltos á maneira de sylpho ou *Anjo* que lhe foi rondar a guarda? Pensa que eu não ouvi a conversa que houve no banco de pedra, ao murmurio das vagas, e á luz das estreltas? O Sr. he bem animoso, Sr. official! Ora diga-me, si vem o official de ronda naquella hora?

—Já tinha vindo capitão, e depois lobo não come lobo.

—Mas diga-me, por que he que a *visão* olhava uma vez por outra para o lado daquelle becco que da ladeira da Preguiça vae ás Pedreiras, defronte da ex-Predial? Como se chama aquelle becco?

—Capitão, não me deite a perder; si disser o nome, o Sr. commandante das armas sabe.

A' PEDIDO.

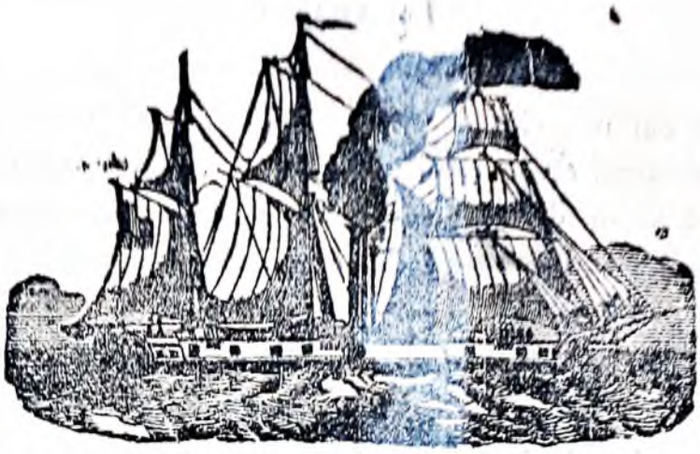
Pede-se a um meninorio da *Santa Terrinha*, que aqui chegou de tamancos e arca de pinho, e que hoje possue (sem se saber como) mais de trinta contos do reis, o qual he geralmente conhecido por *páu de sebo*, o favor de ser mais attencioso com as pessoas que entram em sua espelunca ao Taboão, não maltratando-as com palavras e gestos pouco polides, como fez ultimamente com um prudente bacharel que lhe não metteu á cara os pés.

O galiego.

Avisa-se a um moço, bonito, de cabelleira e olhos azues, que vae namorar na Cruz do Cosme, que não continúe neste divertimento, pois os moradores do logar não estão gostosos com a tal brincadeira; e pode ser que um dia não estejam de bom humor para ver e callar. Nao se fie no guarda-costas que leva, por que elle será o primeiro a correr, havendo qualquer batimento de pé.

O Sete Pecados.

BAHIA—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de Baixo n.º 42—J



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2.ª BAHIA 16 DE FEVEREIRO DE 1864. N.º 20

Publica-se na typographia de Marques, Ricardo e C., a 1$000 rs. por series de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Não sei que tem os criminosos com a policia! Ha um tal antagonismo entre estes dous entes!

Pois não pensavam os ladrões e os devassos que tinha naufragado o *Alabama!*

Até os frades do Carmo não bateram palmas, não deram vivas, não entoaram hosannas!

Estão porém enganados como se vê; o *Alabama* apenas fez uma viagem de maior curso, e n'ella colheu muita cousinha boa.

Deram-lhe, como noticia exacta, o naufragio do *Mohican*; não garante-a.

O que é certo é que encontrou pranchas e mastros perdidos, *ecartés çà et là*, na elegante phrase do sublime author das Aventuras do Telemaco.

O *Alabama* voltou a seu posto; de morrões accesos, de caldeiras em ebulição, está disposto ao combate; nenhuma avaria soffreu; sua tripolação acha-se no mesmo ou em melhor pé. E si duvidarem, que experimentem.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de fevereiro de 1864.

Officio ao Exm, Sr. arcebispo, pedindo-lhe que se digne informar si este anno houve na cathedral a cerimonia do benzimento da cêra e a procissão á roda da egreja que se costuma fazer no dia 2 de fevereiro, em louvor á Nossa Senhora; e si não houve qual a razão dessa falta, visto que me consta que nesse dia apenas houve uma missa resada pelo Revm. conego Deão, a que nem o organista compareceu; bem como a razão porque no dia 31 de janeiro tendo os sinos feito os signaes para as cerimonias religiosas do estylo, ficara tudo em signal.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, fazendo-lhe sciente que o portuguez Anto-

nio que anda mettido em negocios de burros e tambem tem carroças espancara brutalmente um pobre homem de nome Assumpção, deixando-o bastante maltractado e com uma grande contusão na cara, para que S. S. se sirva de já e já providenciar como he de justiça.

— Ao Sr. administrador do hospital da Santa Casa do Misericordia para que informe acerca do que andam dizendo por ahi os maldizentes de haver fallecido nesse hospital na noite de 5 do corrente um infermo à falta de soccorros, por se acharem passeiando os encarregados de prestal-os, e que entrando pela madrugada um infermeiro encontrara o cadaver no chão, por ter cahido da cama com a ancia e dor da morte; e como não seja crivel que um estabelecimento da ordem desse possa andar em tal desmazelo e relaxação, principalmente estando confiado a um homem zeloso como Vm.—*he*—cumpre que Vm. para dissipar juizos maus e confundir esses aleivosos, detractores da vida alheia, se preste a dar as informaçõas pedidas.

—Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a D. Anna das Quartinhas e diga-lhe que cohiba o seu amavel *caixeiro* de praticar acções deshonestas para defronte, ficando certa de que si o mesmo continuar no seu reprovavel procedimento ficará privada dos importantes serviços que o mesmo lhe presta. O que cumpra.

—Guarda-marinha!

—Prompto, capitão.

—Acabaram-se as ferias do fôro.

Recommendo-te muita vigilancia sobre estes maganões que phantasiam dividas, e exigem pagamentos de quem nunca lhes deveu.

Todo o cuidado é pouco com estes *guidam* que por 2, 3, 4 e 5$ rs. dão-se ao *emprego* de servir de testemunhas falsas, e tambem com os que servem por quererem prestar serviços e favores.

Tenha-me tambem em vista estes meirinhos que passam certidões de terem citado a pessoas que nunca viram, avisando-lhes que é o castigo perda da provisão, 60 dias de pão e agua, de machos aos pés, no porão do navio.

Veja agora o que faz!

Faça das suas!

—Meu prazer é obedecer a V. Ex., capitão.

—O' rapaz, vem cà. Vendes sonhos?

—Senhor, eu não vendo sonhos. Sou uma praça do exercito, guarda da 7.ª companhia do 10.º batalhão.

—Então camarada, sendo vossê guarda onde vae com esse taboleiro na cabeça? Quem ao vel-o não dirá que está vendendo sonhos, hoje domingo de entrudo?

—He o jantar do Sr. furriel que fui buscar.

—Mas o Sr. furriel não podia ir jantar em sua casa?

—Não senhor, que está de guarda no Collegio, e o militar não abandona o seu posto.

—Mas o Sr. não vê que sendo um homem livre não se deve rebaixar a humilde condição de escravo?

—A disciplina manda que faça o serviço, e depois si quizer me queixar que peça licença, e eu que não quero passar mal, obedeço.

—Desgraçado paiz!

—Sr. Victor Meirelles!

Sr. Lima Barbosa!

Sr. Immediato!

—O capitão lhe chama, tenente!

—Prompto, meu *sublime*.·.

—A Vm. compete fiscalisar as audiencias, tanto civeis como crimes, tendo o cuidado de lêr os autos nos cartorios dos escrivães, afim de, examinando todas as sentenças, ver si foram ellas dadas por justiça, ou em vista de *documentos particulares*, às vezes amarellos, como infelizmente muita vez tem succedido.

O juiz que vir Vm. ser criminoso, conduza-o à minha presença, para cuspir-lhe na estanhada lata, e dar-lhe o premio a que tem direito.

Como não ouve bem, leia.

—Muito bem, meu capitão: oh! oh! oh! hei de dar cabo destes rebeldes e piratas que roubam a mitra do papado.·. e me tiram minha commenda de brilhantes.·. oh! oh! oh!.·. hão de me respeitar estas barbas!.·.

—Capitão, iô tem uma cousa p'ra conta.

—Vamos lá com isto.

—Esse dotô que xinha capitão pega um dia desse pruque matà um muié de parto qui nan tem fiadô fazê um cousa divertida.

—Qual foi então?

—Reia de carro di elle tá tudo de prata, elle manda ourive faze elle, abri ri nome di elle, e cussa mai ri seicentos mil réis.

Ourive fica ruente, chama dotô p'ra cura elle, e quando pregunta quanto ri deve, e manda retira conta, dotô respondi: Ossê nan devê nada ieu; nosso conta encontra. E ri pobre artissa fica chuchano ni dedo.

—Ora esta! e está um moço zangado comigo, porque *é parente desse moço*.

Que mais viste?

—Ah capitão, brinqueda de truda ta ruim esse anno, capitão.

—Então que houve?

—Iô nan sabe chefe ri poricia, nin delegado qui fazê. Iô nan quê falla di cambra pruque esse nan regula mai. Som conta de nove, que prova ta zero.

Mai capitão, tá mi parecê qui truda nunca parou, que cambra nan fazè postura, qui poricia nan prohibiu brincadera de branco, qui tá mai proprio de negro, e di negra bruta, mai bruta que iô meme, qui nan intende desse nungocio de cranavá. Sempre tá brincadera qui gente sabe gommado e vorta lavado.

—Mas então não foram presas diversas pessoas?

—Péra, capitão. Anani tudo ta brinca; rua tudo tá moiada; pega aqui, pega àlli, ta ri banho; pinta ri cara; quebra cabeça; quebra ri perna, e um só é qui vai ni prisão, pruquè tá pobre, pruquè tà preto, pruquè nan assumta lugá di elle.

Esse non som lei; esse non som paiz livre; esse non som constituição que dizè qui lei é ni egualamento p'ra anani tudo. Esse som patifaria; som digraça de terra di branco, desse Latronopo de inferno.

—Alto là. Ate seus cordeis, meu moço.

—Ah.... Capitão pregunta qui iô viu, ¡o falla, capitão provoca!

—Mas é que deves simplesmente contar o que viste e nada de observações.

—Ta bom; mai tem pacença, capitão. Poricia que fazê?

—E a dar-lhe. Pois a policia não tem mais em que se occupar? Tanto ladrão, tanto jogador.

—Mai roubo tá hi, roreta tá ni moda, capitão.

—Mas é que a policia foi ver a parede do gazometro, e dar as competentes providencias para não ficar a cidade no escuro.

—Tomara poricia que luze se apaga p'ra elle drumi.

—E a embirrar com a policia. Nem mais uma palavra.

—Capitão, io jà tá eu violla ni saco. Adeusinha.

Pera, capitão; io lembra um cousa. Eu vai canta um chula qui io viu hontem; tá graçadinha, capitão.

Labamba já tem partido,
Labamba ta liberá;
Labamba assim nan me serve,
Labamba qué desgostá.

Capitão virou casaca
P'ra ligueiro protegê;
Capitão nan quê qui io falla
P'ra verdade nan dizê.

Esse cousa é que fazê
Capitão me prohibi
Que eu dizê que anani sabe
Qui poricia qué drumi.

—Guilherme, viste por ahi uma *buxa de cincoenta?*

—Não, capitão; encontrei uma de cinco.

—De cinco! Ponha-me isto em pratos limpos.

—É que um escrivão de paz furtou um dia d'estes cinco mil réis com a maior sem-ceremonia do mundo. Ouviu uma conversa e veio ao conhecimento de que devia o capitão P. J. S. a um L. J. R. uma certa quantia e foi immediatamente ao tal capitão receber por meio de uma ordem falsa os cinco mil réis.

—Ora espere, estão alli a chamar-me; eu volto já ás *buxas*.

A' PEDIDO.

Sr. Redactor.

Consta-nos que na noite do dia 21 de janeiro p. p. em uma das casas da rua Direita do Collegio um celebre Menezes que *escreve armado*, puchara um punhal tentando ferir alguem, e como no dia seguinte fosse recolhido preso por seu digno chefe, despeitado por isso protestara de quando fosse solto esmagar a uns e recrutar a outros seus desaffectos, pelo que prevenimos a quem competir para que providencie afim de evitar que este moço não provoque desordens como fez naquella noite.

O Jandiroba.

Previne-se ao Sr. *Zezé* de Lemos Videira que não seja tão grosseiro, e que não tenha outra vez a ousadia de insultar os mais emtsua casas, do contrario pode succeder que lhe façam nas costas o signal da Redempção.

Emigrado de Cachoeira, quer na Bahia mostrar suas *bravatas* e provar que he *valentão.*

E agora porque? Por se haver atirado uma laranginha na sua Dulcinéa.

Na verdade açafrão não he para boi.

Quando quizer, meu Zezé, vá, que lá o esperam os ameaçados, para ajustar contas, e dar-lhes uma lecção para não ser tão insolente.

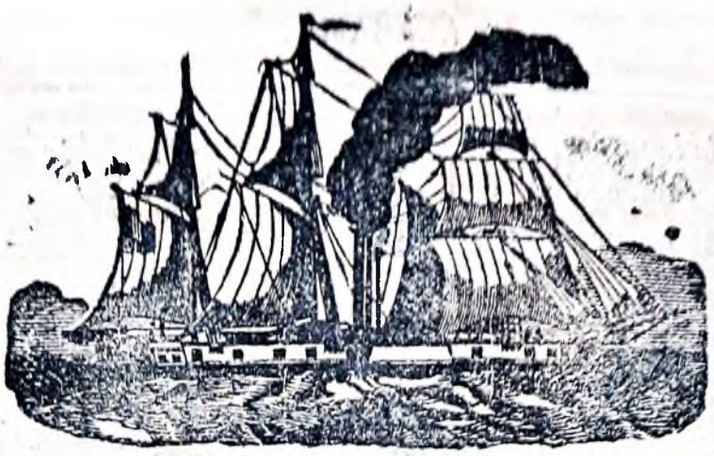
Os Offendidos.

Snr. *Casusa Maricas* que *lima*, V. Sapientissima não se quer dignar dar informações a pergunta innocente que lhe foi feita no 1.º numero do *Mohican*, á respeito dos escravos Jeronymo e José, que dizem por ahi as más lingoas foram honradamente guardados por Vossa Sapientissima, para que seus legitimos donos não os extraviassem?... e mais os alugueres de tres casas n'esta cidade e duas na cidade heroica, pertencentes a uma Irmandade pobre, que Vossa Sapientissima para *beneficio* della, fizera doação a um estabelecimento ecclesiastico desta provincia, e continuando a pagar as decimas em nome de sua verdadeira possuidôra como se mostra com as certidões passadas pela Meza de Rendas Provinciaes?

De novo pedimos pela honradez, *boa fé*, e as demais preclaras prendas que possue Vossa Sapientissima que dê uma solução a este negocio, si não quer entrar em ajuste de contas velhas com

A alma da Tetê.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Misericordia*, n.º 17.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2.ª BAHIA 18 DE FEVEREIRO DE 1864. N.º 21

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de fevereiro de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado de *Sant'Antonio*, para que faça cessar os escandalos que na rua dos Ossos tem logar, provenientes dos desfructes que dá uma *florzinha* com seu *Augusto*, como ainda no dia 6 do corrente succedeu, ficando espantada a visinhança com os gritos que a mesma dava saudosa por seu *Adonis*. O que não pode continnar, devendo S.m. quanto antes mandar chamar à sua presença o sobredito cujo para obrigal-o a procurar meio licito de vida, ou mesmo remettel-o para tropa, que é o unico destino conveniente a peraltas e vadios.

—*Ao* Sr. subdelegado do Pilar, para que faça ir *á* sua presença o *Mané-gago*, e passe a indagar do mesmo que relação tem com certos individuos de procedimento duvidoso, e o que significa a entrada de certos vultos em sua casa, alta noite, carregados com diversos objectos.

—*Ao* Sr. subdelegado de Sant'*Anna*, para que mande despejar em 24 horas ou faça recolher ao hospital como douda a africana Clara moradora em S. Miguel, que no domingo 14 teve a lembrança de sahir para rua em camisa, podendo S. m. informar-se dos moradores do logar do procedimento da referida africana.

—*Ao* Sr. subdelegado de Brotas, communicando-lhe que no dia 7 de fevereiro no logar Engenho Velho, em uma casa de *candomblé* ou *terreiro* de que *é mamãe* a crioula Maria Julia, deu-se uma scena barbara e repugnante, sendo surrada uma mulher de nome Theophila, por haver faltado á certas prescripções a que era obrigada como *filha da casa*.

Cumpre por tanto que Vm. nem só não

dê mais licença para *brinquedos*, como empregue toda diligencia em acabar com os immensos *terreiros* que ha nessa freguezia, para evitar-se a reproducção de factos destes.

Portaria ao Sr. fiscal geral ordenando-lhe que vá á venda do Granada, e depois de examinar que diabo de mistura é uma que o mesmo impinge aos freguezes por agoardente de aniz, faça deitar fóra semelhante beberagem como prejudicial à saude do povo, e imponha-lhe a respectiva multa de conformidade com as leis municipaes. O que cumpra.

— Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que me faça agarrar pelo coz dos calções um safadissimo gallego, conhecido por cabocolo, cuja vida é descabeçar as filhas alheias, como fez ultimamente com a de uma pobre viuva no Saldanha, e pretende actualmente fazer com uma outra que reside na Sé. Consta-me que esse patife faz garbo desse luxurioso proceder, reunindo á volupia á impudencia, e que de mais a mais é réu confesso de todos os peccados mortaes; o que a ser verdade, vê Vm. que é quanto antes preciso purgar estes ares de tão calamitosa peste, o que fará Vm. conduzindo-o, da maneira já indicada e dando-lhe fricções de vergalho, a bordo deste navio, em cuja prôa será conservado amarrado de cabeça para baixo até que lhe leve a alma o diabo, para ser então atirado ao mar. O que cumpra.

—Que diabo de barulho é aquelle?

—E' bofetadaria velha.

—Dentro do *Forum*! Vá ver o que é aquillo, guarda-marinha!

—E esta?! Justiça da minha terra; quem mais pode dá um no outro.

Ja lá vou, capitão.

—Então, como te chamas, *gallego*?

—Fernando, Sr.

—Em Fernando devias estar tú, meu refinado tratante!

Sei bem que queres desfarçar-te; Fernando chama-se aquelle cabriolla, teu companheiro das ladroeiras.

Então, meu ladrão, ainda embarcas escravos para o Rio sem passaporte?

—Quem lhe contou isto, capitão?!

—Lembras-te do dia 21 de março de 1857 em que iam conduzidos para tua casa aquelles dous infelizes, Angelica e seu filho Manuel, por aquelle meirinho mascavado?

—Tenho uma memoria muito fraca, capitão.

—Eu lh'a revivo, meu moço.

Veja si se lembra d'um Seraphico Gallo, que diziam ser captivo e que se intitulava de procurador?

Não bebia nada, e tinha por companheiro a *chaga subtil*, mestre de todos os procuradores honrados.

Estas duas firmas combinaram-se para roubar um pobre homem, de quem já um delles tinha comido 1:127$580 em uma demanda.

—E que demanda foi essa?

—Eu lhe digo. Vossê *conheceu bem de perto* a Henriqueta Virissima de Souza, e sabe que era ella a senhora dos escravos Angelica e Manoel, não sabe? Pois a Angelica fugiu para a casa de um ladrão, e a Henriqueta pediu ao tal pobre homem que a fosse buscar, gastando o que fosse preciso que ella sujeitaria ao pagamento a escrava e o mais que tivesse. O homem gastou seus cobres, desde fevereiro de 1852 até agosto de 1855, uns quatro continhos de réis; mas a conta só poude ser apresentada em reis 2:988$960; e por convenção tomou elle a escrava já com o filho como vendidos por 1:250$, no tempo da epidemia, em que pouco valor tinham os escravos.

Mas o homem, que pela sua boa fé é que padece, deixou em confiança a escrava n poder da Henriqueta, para servir a tres i, nocentes filhos, que elle julga serem seus a quem tracta com desvello e amor paternal.

—Já me lembro, capitão. A Angelica tem já dous filhos, e estão todos tres presos ha 7 annos!

—E porque?

—Pelas trahições que tem o pobre diabo soffrido; temos feito o diabo com o cujo.

—E ousa dizel-o?

—Quando a negra era conduzida a falsa fé de seu senhor, foi tirada da mão d'um negro e levada para o Aljube para mostrar o senhor. documentos de sua posse.

Quando o senhor quiz tal fazer, foi ameaçado pelo *Subtil* e pelo *Gallo* de uma queixa, formada por elles em nome da Henriqueta, mulher mundana, como diz ser desde que a conheceu o homem de quem se tracta.

—Que edade pode ter essa mulher?

—Seus 32 annos.

Soffreu o homem com esta historia uma delonga de 6 mezes; e indo o juiz para a Assembléa Provincial, o supplente, inexperiente, e prevenido por seu mentor, o padre Amaral inimigo do homem, condemnou-o sem uma palavra que provfizeasse. O homem recorrendo foi absolvido, e recebeu de custas 214$360.

—Vejam lá quanto não gastou o pobre do homem!

—Essa queixa tinha um fim; expol-o ao odio dos magistrados.

—E esta mulher tem dinheiro, para sustentar tantas demandas?

—De louça nem um pires.

—É que ella tem então um refinado ladrão, um ilhéo dos seiscentos que a protege, um gallego dos diabos...

—O Sr. capitão falla com elle.

(*Continúa.*)

—Que diabo foi aquillo na rua do Aljube?

—Aquelle pedreiro com sua pedreira chamaram aquella rapariga, e esbofetearam-na a grande.

Foram presos mas d'ahi a pouco, á empenho de certo doutor seu visinho (é o que dizem) foram soltas.

—Por quem?

—Ora por quem! Dizem que pelo delegado que foi quem recebeu a carta.

—Ora este delegado!....

—Que barulho foi aquelle no largo do Theatro?

—Brigaram dous sujeitos e um que quebrou a cabeça do outro empinou-se. Passou aquelle diabo e levou o que ficou á venda para curar a cabeça com aguardente, quando entrou a patrulha e levou-os ambos, apezar dos protestos que fazia o ferido de não ter sido o outro seu offensor.

—E foi o *intrometido* para a casa de caxorro!

—E gastou dinheiro com papelladas, carceragens e procurador!

—De sorte que nesta epocha de liberalismo e progresso, fica assim sujeita a liberdade individual ao primeiro belleguim da policia!

—Immediato que tem Vm.?

—Pois os frades do Carmo não me negaram cinza na quarta feira de cinza!

—Quem foi este?

—O *reverendo* Bugre! Disse-me que eu era do *Alabama*, e não tinha cinza.

O prior foi quem mandou dar-m'a.

—Ora deixe aquelle biltre; aquillo é a deshonra do clero.

—Guarda-marinha, nada ouviu V. dizer a respeito de um desastre no mar?

—Ouvi; disseram-me, ha já umas duas semanas, que vinha um vapor de Cachoeira, que por insistencia e teima do capitão abalroou um barco, cujo mestre foi ao fundo. Disseram-me que por mais que pedisse soccorro o pobre homem, a tripolação do vapor nem moveu-se. Di seram-me que dous passageiros foram queixar-se á Intendencia da Marinha. Disseram-me que dias depois boiava na altura de Montserrat o corpo do mestre. Disseram-me que o barco ficou em tal estado que arribou a Itaparica. Disseram-me tambem que nenhuma provideneia se tinha dado.

—E não sabes o nome do vapor?

—O *Dous de Julho*.

—Bem; manda-me levar este officio ao capitão do Porto, que quero ver o que ha.

—Ora o que ha! O que ha é que fica tudo no mesmo. Já não viu o que diz o capitão no *Jornal*?

—Mande levar o officio!...

LA VAE VERSO

O POETA DA MEIA NOITE.

Temos um poeta
Que não mette *cunha*,
Quando no pagode
O copête empunha.

No *Café Americano*
Quem o quizer encontrar
Vá depois da meia noite
No sabbado, q'o hade achar,

Sentado no botequim
Com a crioula a seu lado
Seu mocotó pitiscando
E bom vinho engarrafado.

A' PEDIDO.

Uma pessoa interessada deseja saber para onde mudou-se o escriptorio da corporação musical.

Pergunta-se si é ou não verdade o que por ahi espalham á respeito da Secretaria Ecclesiastica, onde consta que se franqueiam livros de assentamentos de baptismo da freguezia de Sant'Antonio aos *da parcialidade do* Sr. Antonio Pereira (?!) á empenhos de seu digno irmão o reverendo conego do mesmo nome?

O *Nagé*.

CHEGOU A TEMPO.

O portuguez intitulado
Que Filho d' Galiza é
E um galego perfeito
U irmão do Zezé.

Eu de tudo já sei
Vosçe não sabe de onde vem
Olhe para isquina
Que vosçe vé quem li quer bem.

Eu sou amo
Vosçe è Caixeiro
Eu fallo certo
I vosçe è um tinteiro.

Em Lisboua priçiza-se
Di galego e galiguinho
Para puchar os carros
Que elles são bom Burrinho.

Viva *Alabama*
Como valentão
Pegui-me neste galego
Boti-mi no sertão.

Não si pricisa
Di soldado Roubar.
Priçisa-se de galego
Para no fogo quemar.

Por—*José Ignacio*.

ANNUNCIO.

Acha-se nos prelos e brevemente sahirá á luz a=Biographia de alguns officiaes da guarda nacional—onde se analysará seus costumes, moralidade, e capacidade intellectual.=Preço 500 rs.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Mizerician.*° 17.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2.ª BAHIA 19 DE FEVEREIRO DE 1864. N.º 22

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de fevereiro de 1864.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe pela 2.ª VEZ que lance suas piedosas vistas para uma propriedade às Grades de Ferro, a qual ameaça a vida de um povo inteiro que por alli transita. O que muito deve merecer sua attenção, não só pela proximidade do inverno, como pelo desastre que ultimamente se deu no gazometro.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá à rua do Collegio á casa do *Sacco de farellos* e diga-lhe que si continuar a andar em casa em fraldas de camisa, praticando gestos e actos immoraes, com escandalo da visinhança, mandar-lhe-hei trancafiar na casa de prisão com trabalho onde muito precisam os presos de seus serviços. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao padre Alho que pretende ser vigario, e diga-lhe que deixe a Maricas do celleiro que morou com um *seu fallecido parente*, sob pena de perder a encommenda e levar umas palmadas com os sapatos tortos com que anda. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ás Portas do Carmo e agarre pelas orelhas um certo sapateiro conhecido por Bodião, que em companhia de certo menino que tira cavallos de pau da Cathedral para alugal-os vivem a insultar desaforadamente a visinhança e a quem passa. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á Estrada Nova, n'um *bosque* que ha alli, habitado por um leo-*pardo* que anda a accommetter os viandantes para comel-os, e, com as pessoas de que poder na occasião dispor, trancafie essa fera n'uma das

jaulas do Barbalho, afim de que os pintores fiquem sabendo de que não podem continuar nesta terra o *jovinico* estylo. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao becco do Ferrão, e traga-me assim mesmo em fraldas de camisa como costuma andar, e até a chegar à porta da rua, um celebre homem de portas, de barbas grisalhas, que alli mora, o qual, consta me, que n'um dos dias de entrudo espancara barbaramente uma crioula que receiou entrar no covil daquelle novo Polyphemo de occulos. O que a ser verdade, pela gravidade do facto, far-lhe-ha Vm. cortar as barbas a ponta de faca. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Sr. *Trate-serio*, e diga-lhe que tenho diversas queixas de seu enteado que me dizem ser um insolente atrevido, o qual traz a visinhança n'uma continua roda-viva com insultos e provocações; devendo Vm. intimar-lhe que já e já ponha cobro ao reprovavel procedimento do referido seu enteado, do contrario pagará as favas que o asno comeu. O que cumpra.

—Domine, Domine, reverendissimo.

—Servo servorum do Sr. capitão.

—Estou apreciando daqui a sua casa. Pelo que vejo festeja hoje o Deus Menino: casa toda ornada e illuminada, folhas de pitanga da escada até em cima, e como que vi entrar alguma cousa de manjelorum, sem duvida para as pastorinhas.

Engano capitão. Mandei preparar esta casa para uma senhora a quem desejo agradar.

—Pois padre ha quem se lembre de alugar uma casa e mandal-a illuminar para agradar a quem nella vem morar! E logo a quem? a uma qualidade de gente que d'uma hora para outra *bate as azas*, vê-se lhe deixa com agua no bicco.

Reverendissimo, tome juizo, do contrario mando-o metter n'um taxo de *calda* ferver.

—Moleque, vae alli chamar a Theodora.

—Para que me chama, senhor?

—Sabes que teus autos sobem sabbado à Relação? E que espero ter um bom resultado?

—Deus o permitta, meu senhor.

—Mandei te chamar para te dizer que hoje espero umas visitas, e que a senhora precisa de uns ananazes; por tanto quero que vás em baixo comprar-m'os.

—Mas yoyo, eu não tenho hoje um real; os unicos 5$ rs., que tinha foram aquelles que Vm. mandou buscar.

—Ora esta! vossês querem que uma pessoa sirva, que peça, e não querem servir. Eu sei tambem o que hei de fazer. Não peço mais por ninguem. Quando eu digo a *yayá* que não se deve fazer favores, ella não quer acreditar.

—Está bom yoyo, Vm. espere. Vou ver si empenho em mão do Joaquim da venda minhas argollas.

Triste cousa é se precisar!

—Olhem que esta Latronopolis!...

—Que ha, meu capitão?

—É que não vem vossês ahi por estas ruas um cavallo alazão montado em outro, e que dizem nos veio da patria de Camões?

—São tantos, capitão!

—Mas é que este é Dr.; tem carta.

—Ladroeira de medico, então.

—Pois o patife não foi ao Maciel ver uma mulher com dores de parto, não examinou a pobre da moça, e por fim não mandou no dia seguinte uma conta de 200$!!...

—Podemos pegal-o, capitão?

—Onde o encontrarem. Pernas compridas, suissas, côr pallida, chapeu de castor branco, sobrecasaco côr de vinho, calças brancas. Andava n'algum tempo de besta, hoje é de cavallo.

—Ah! é um moço que sabe muito latim, e que em vez de chamar um pomar que tinha pelo nome proprio chamava-o *bosque de lima*.

—Justamente. Sem demora camaradas!

—Guarda-marinha, quem é aquelle sujeito de cara de bolaxão e cabelleira lambida, que tão garboso alli vae a estirar-me as pernas, apoiado n'uma bengalinha de unicornio.

—É um celeberrimo bacharel, formado em tratadas e velhacarias, devasso e infame a quem appellidam as meretrizes de *voto do céu*.

—Eu não me engano!

—Grumete, traze-me já aqui aquelle pedante impostor, que aquillo tem por força suppetimento nos alforges.

—Capitão, alguma novidade.

—E grande, meu patife.

—V. ja não foi juiz na comarca de *Camisa Grande*?

—Sim Sr.

—Então é V. mesmo o cujo.

Vou deixar no esquecimento tudo o que por lá fez; vou só tractar de um ponto, de um negocio seu aqui ha dous annos.

Quando para aqui veio o Bellas, V. não foi offerecer-se-lhe?

—Sim, Sr., já sei o que é. Eu lhe digo tudo.

Offereci-me ao homem, e disse-lhe: Isto de defeza, bagatella. O Sr. o que deve fazer é dar-me quatro contos de réis, que eu vou á relação e compro uns quatro desembargadores que lhe hão de necessariamente dar um *habeas-corpus*, e é o que se quer.

O tabaréu sentiu a lancetada, mudou de cara e disse-me que ia consultar seu correspondente.

O correspondente disse-lhe que nada havia de melhor. Quem bem conhece a magistratura são os portuguezes ricos que vencem demandas.

—Isto é uma insinuação infame, tão infame como quem a enunciou.

—V. Ex. então não tem lido gazeta! Não viu o que fez o Sinimbú no Rio com os desembargadores e ministros do tribunal de justiça!

—E quer ser V. um dos que atirem a pedra! V. a cousa mais rafada, o *fardo mais ruim da bagagem ligueira*, um sacco de vicios e torpezas, o repudio dos homens de bem!

Continúe o que estava dizendo! bobo!

—Pois bem, capitão.

A' vista do conselho do correspondente o tabaréu deu-me ordem para tirar no Banco os quatro continhos, o que fiz immediatamente.

Mas para melhor mostrar meu *desinteresse*, fui levar-lh'os e dizer-lhe: Si está arrependido, aqui os trago.

O homem notou aquelle meu rasgo, e entregou-me o dinheiro, certo de que mudaria de residencia.

—E V. mamou os cobres, e nunca mais foi vel-o!

—Está claro. Quem é tollo pede a Deos que o mate e ao diabo que o leve.

—Que cynismo! que impudencia! que requintada safadez!

E V. não disse que já tinha fallado com um seu parente que lhe garantira a *fiança*?

—E' o que dizem, mas eu não cahia nessa.

—Pois, safado d'um dardo, vou já fazer-te o que o mereces.

Olá, barbeiro! raspa a cabeça a essa cousa ruim, deixando-lhe no centro um monticulo de cabellos. E vossês camaradas con-

servem-no assim exposto ao ar, ao sol, ao sereno e á chuva, até que nos bata á porta o tão almejado sabbado d'Alleluia.

Forte peste!...

—Padre-mestre, venha cá!

—Que ha capitão?

—Pois ha de V. estar a affrontar a moralidade publica, prohibindo que cheguem os visinhos á janella com suas momices e desaforos!

É então prohibido morar-se na rua do Carmo, defronte do convento? Descarado caboclo!

—Capitão, é que eu...

—É que V... já sabe lêr latim? Por mais que lh'o quizesse o Fr. Pança metter na cabeça, entrou V. no latim e fugiu o latim de V.

—Mas ca... ca... capitão.....

—Gago do inferno! Nunca soube V. cantar um *Patrem omnipotentem*!

—Ca... ca... capitão...

—Ora cale-se, devasso d'uma figa; veja si é o convento, onde anda V. em fraldas de camisa pelos corredores, apezar dos meninos a quem lecciona o Pança.

—Ca... capitão, por quem é...

—Mas diga-me, já se occupou o *Alabama* de um fardo inutil como V. E como V. tão contente dava parabens a certo Dr. pelo *naufragio* do *Alabama*?

—Foi para consolar o moço.

—Pois fique certo, o *Alabama* ainda não acabou com os ladrões nem com os devassos; sua missão não está concluida. Sei bem que V. é um ladravaz de nota, mas sua occasião é outra. Por ora, como V. é gago, quero só mandar-lhe cortar a lingua que é pegada.

Ande, abra a bocca, frade safado.

—Venha cá amigo o que é isto na cara?

—Uma força de sangue, capitão, proveniente do muito calor e vinho do Porto.

—Mas noto nas suas faces signaes de dedos, como quem levou supapos?

—Foi uma queda no baile mascarado.

—Queda? quem sabe si não foi o senhor o cujo que levou muita bofetada de uma mulher?

—Não capitão, eu não apanho de mulher, isto é bom para o Carmelinho.

—Está bom, ja que não foi o senhor, aconselho-lhe que deite uns panos de agoa com sal na cara para desfazer estes signaes. Adeus amigo.

LA VAE VERSO

MILAGRES DE S. RAYMUNDO.

Santa Rita já não é
A Santa dos impossiveis;
Tem a palma S. *Raymundo*
Q' fáz prodigios incriveis.

Faz o tratante
Moralisado,
Faz o ladrão
Probo e honrado.

Faz um peralta devasso
A mocidade educar.
Por que tem a devoção
Do *habito* ir lhe *beijar*.

A' PEDIDO.

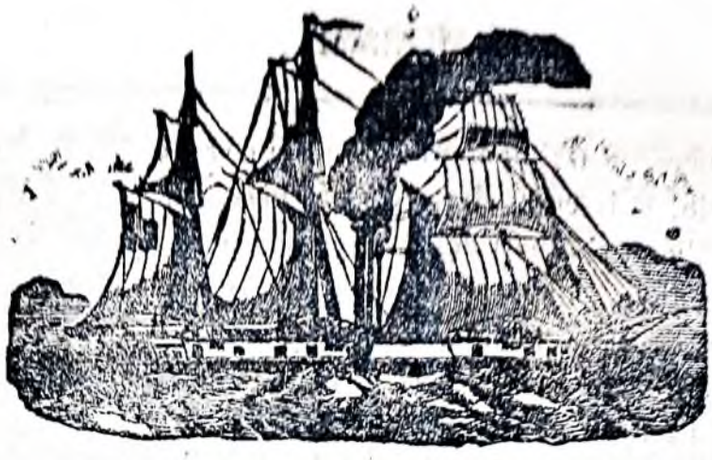
DESPACHO.

Consta que o alumno-mestre-tirador-de carteiras, fôra nomeado professor de uma cadeira de primeiras lettras pelo patrocinio de um *Santo* Pregador. Este professor, dizem, que pretende fazer diversas reformas no systema de ensino, entre outras, que dará aula n'uma sala de *lençoes*. É o que dizem

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Previne-se aos Srs. assignantes que não paguem suas assignaturas absolutamente a ninguem sinão à vista de recibo impresso e com o competente talão.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Misericordia n.º 17.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.ª BAHIA 19 DE FEVEREIRO DE 1864. N.º 23

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Principia hoje a 3.ª serie.

Previne-se aos Srs. assignantes que não paguem suas assignaturas absolutamente a ninguem sinão à vista de recibo impresso e com o competente talão.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de fevereiro de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe providencias contra o abuso que ora em larga escalla se dá, de andarem as crioulas pelas egrejas a atrapalhar os fieis devotos com importunas cadeirinhas, signal entre ellas de fausto e luxo, as quaes, entre outros, causa o estrago de descoser os vestidos das senhoras, como succedeu ultimamente em S. Domingos, que ficou uma em anagoas. Julgamos que S. Ex. deve extirpar esse abuso, que si não consentem os muito *catholicos* barbadinhos, é porque sem duvida vae de encontro aos preceitos da *fé romana*.

— A' camara municipal, scientificando-lhe de que acham-se no mesmo estado que a das Grados de Ferro as propriedades seguintes: uma na baixa do Bomfim, sobrado, escorado apenas, pelo lado do sul, com um pau em meia altura; outra na rua do Bangala, inteiramente arruinada, sem uma parede do lado do sul, com moradores; e outra, a ja mui conhecida do Terreiro, sobre que tem reelamado todos os jornaes d'esta capital. A Illm. digne-se providenciar ã respeito.

—Ao Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que hontem á noite quasi se duvidava da existencia da policia; por quanto os capotes de violão, unidos aos lazzaronis de realejo, em torno da Sé onde se acha depositada a imagem do Senhor dos Passos, atroavam os ares com modinhas do

peito e palavrinhas doces, e ultimamente, (o que foi um beneficio, pois cumpriram o artigo 296 § 2 do codigo criminal) descobriram entre as mendigos uma crioulinha de deseseis annos, mais ou menos, escrava de um Alexandre, morador à Estrada Nova, com o que fizeram grande algazarra e estrondosa vozeria, pateando com escandalo nunca visto ao inspector Marcolino *Zé* de Lima que depois de ter prendido a dita crioulinha à ordem do subdelegado, soltou-a, não só pela opposição de alguns sugeitos, como porque a patrulha ☞ que estava presente e impassivel testemunhava essa scena, não a quiz conduzir, dando tambem o mencionado inspector o desfructe de intitular-se o *quem pode*.

São levados estes factos ao conhecimento de S. S. para providenciar á respeito.

—Ao superintendente da companhia bahiana de navegação a vapor, pedindo-lhe providencias sobre os abusos seguintes: 1.º Tocando os vapores da companhia em diversos portos do sul, deixa de tocar no Morro, para onde ha sempre passageiros e até por conta do governo (que deve n'isto intervir) succedendo que por isso vão em alto mar esperar as canôas pelos passageiros, o que é de grande risco, pois que jà muitas vezes tem acontecido, que ao desatracar, viram-se as canôas pelo movimento das rodas do vapor, pelos caixões d'agua ou qualquer outro motivo. 2.º Ao chegarem à ponte desta cidade os vapores, são accommettidos por immensidade de negros ganhadores que atropellam os passageiros para apoderarem-se das bagagens d'estes, succedendo muitas vezes que se extraviam alguns fardos, por ser impossivel que n'aquella confusão se possa distinguir quem os levou. Sobre este ponto são immensas as reclamações. 3.º Não devem ser mais cortados os bilhetes dos passageiros do Bomfim, depois de largados os cabos do vapor, como ainda ha pouco succedeu com um moço que ficou sem passagem e sem bilhete, soffrendo de mais a mais apupadas dos empregados da ponte; o que muito depõe contra a boa ordem dos trabalhos, além de ser.... pouco decente... . quero dizer, dar motivos a mordacidade....

Queira S. m. attender a estas justas reclamações.

Portaria. Ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá as Portas do Carmo, nas immediações da botica do Sr. Andrade, á fim de providenciar sobre um cano que por alli ha, cujo insupportavel fetido incommoda os moradores d'aquella rua e as pessoas que por ella passam. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que va a Ruã das Veronicas, casa do Britto e faça-o observar a postura, prohibindo que arremesse o mesmo á rua aguas podres e excrescencias, tendo sua casa um cano, que se acha entupido por seus escravos e por deleixo do mesmo. O que cumpra.

—Ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que và no primeiro domingo á roça do Barros á Estrada Nova e espreite-me 2 sujeitos que me dizem ser empregados da Meza de Rendas qua alli hão de ir tomar banho, para trazel-os à minha presença, e dar-lhes eu o conveniente destino, visto que me consta que são demasiadas as immoralidades que fazem os mesmos no Ferrão, casa do homem de portas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á Baixa dos Sapateiros e prenda-me pelas orelhas um celebre Manicaca Mendes que vive alli todas as tardes a fazer evoluções desde o Café Americano até a egreja do Rosario incommodando as familias e aos transeuntes com seu escandaloso namoro, com os en-

contrões que dá e com as topadas que leva. E para que não succeda que fique este navio contaminado com o caixeiro do tão digno amo, o Justo-no anno, entregue-o Vm. aos primeiros moleques que encontrar, para dar-lhes o merecido castigo. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que va a um escrivão de paz, que é da *praça*, sem ser soldado, e note-lhe seu feio procedimento emprestando a ridicula quantia de 2$ rs. sob penhor de um pano da Costa no valor de 17$ com o juro enorme de 100 rs. diarios. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que se dirija á casa do padre das *rosas*, e intime-lhe que si continuar a ameaçar com chicote aos rapazes que olham para sua querida *comadre*, dando assim provas de seu zelo charidoso, mandal-o-hei atirar ao porão do *Alabama*, de machos aos pés, onde será conservado todo o resto da Quaresma. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que va á noite, á porta principal do Collegio, e veja si encontra um Felippe que vende lenha, que ahi costuma deleitar-se em conversações e recreios com uma Rosa que vende peixe, afim de trazel-os ambos a minha presença, e de mandar-lhes eu applicar cincoenta vergalhadas, justo castigo de sua irreverencia. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que me traga pela cabelleira o alferes Casquilho para perguntar-lhe onde aprendeu o meio de ver-se livre de seus credores, prendendo-os, como quiz ultimamente fazer com um marcineiro que lhe pedindo 2$ rs. na Praça, teve de ouvil-o chamar pelo commandante da guarda, para fornecer-lhe dous homens. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Sr. José Gadinho Ferreiro Leal, e pergunte-lhe a razão porque no dia 12 do corrente, pelas 7 horas da noite quiz á força cobrar de um morador ao becco do Ferrão uma quantia ridicula; assim como si não sabe que ahi estão os tribunaes, unico meio legal para cobrar dividas. Si alguma cousa respingar o tal sargento, lembre-lhe Vm. aquella divida do Lucas do Taboão, e o antigo proverbio que tão bem lhe quadra:—Todo bom cobrador é mao pagador. O que cumpra.

—O' la, meu Castanho, que diabo de negocio é o seu?

—*Distribúo.*

—E tanto assim que toma o Sr. as casas do SS. Sacramento de Sant'Anna, para *distribuir*, alugando-as.

—E' verdade, capitão, e não é là das peiores cousas;alugo-as pelo duplo e mais, e viva quem vence.

—Não sei porque todo ladrão è descarado!....

Guarda marinha, và à rua da Prata, e onde encontrar V. um sujeito da policia, na janella, a dar beijos e abraços em uma Mariquinhas, pegue-me o cujo.

—Sei quem è. È o *Espirra-longe.*

—E' justamente esse patife. Traga-o para o porão e entregue-o ao muxingueiro.

—E' um grande achado. Si visse V.Ex. o desaforo que praticam na janella aquellas duas firmas !

—Parece que não tem visinhos !

—Pois V. não sabia o que fazia *el le* quando mais moço?

—São duas pombas a beijarem-se, *duas mulheres* a brincarem, dous anjinhos a amarem-se.

—Mestre, tenho que dar um baile á bordo, e muito honrado serei si for a sua musica.

—Pois não, capitão! A musica de caçadores está às ordens do *Alabama*.

—Mas olhe que è *obsequio*.

—Menos isto. Trabalho para a nação, porque a nação me paga.

—Perdão, eu lhe propuz isso, porque julguei que era moda entre os musicos. Dizem, por exemplo, que o Manuel Pedro não paga e ultimamente contaram-me esta historia:

«Teve um mestre de musica necessidade d'um requinta para tocar no palanque durante o festejo de 2 de Julho.

Convidou a um, que compareceu a 38 ensaios e ao festejo, e não tratou de saber si o homem para viver comia, nem si para comer precisava de dinhiro.

O requinta por fim fallou nisso, e o mestre-musico respondeu-lhe que suppunha ter sido aquillo um obsequio.

Foi só por isso que.....

—Está bem, como V. Ex. sabe destas cousas e eu não quero meu nome, *nem mesmo o de qualquer musico*, em gazeta, irei de graça ao baile.

—Que barulho é aquelle no Collegio?

—É a muzica do côro.

—Que musica infernal! que vozes endiabradas!

—Pois si os meninos não comem! Ao menos parece, estão tão magros!

—Parecem meninos no *nascimento*, isto é, meninos nascidos.

—Ainda si elles tomassem um pouco de *canninha*, alli n'aquella venda de defronte!

—Immediato?

—Prompto, capitão.

—Que marca de Judas com barba de Herodes é aquelle cebolas que lá vae no vapor da Cachoeira?

—E' o regresso de S. Fidelis, o larapio mais torpe e cynico da sociedade:—*A. G.*

—Oh! chama esse bresado, que tenho de mandal-o pôr de calcêta ao pé no porão do *Alabama*.

—Antonio Regresso de S. Felix á falla!

—Prompto, Exm. Sr. capitão.

—Então, miseravel, intrigante e adulador do Xico dos Xifres, ainda continuas com este nojento gallego a chamar os brasileiros *cabras* e negros?

—Eu não, senhor capitão, e si taes cousas hei dito, sera quando estou alli assim mellado: mas peço perdão, meu senhori.

—Que borracho!

Então quanto dinheiro falso passaste na Chapada, onde te esfregaram de pào e pêa de burro?

—Senhore, eu nunca passei dinheiro falso: isto foi lá o Xico Bueno. V. Ex. se engana: apezar de sermos da mesma marca eu sou de Portugàle, e elle é cavoclo.

(*Continúa.*)

—Então, meu Falcão, vossê ainda está no proposito de chamar ladrão o redactor do *Alabama*? Ainda procura responsavel para a calumnia vil que tão vilmente urde? Sempre escreve no *Jornal*?

—Calumnia, capitão, é essa que me levantam.

—Triste sina é a de quem vê-se obrigado a lidar com certa gente!

Pois este—Deus me perdoe—não quer metter um pobre diabo na cadeia, só para nutrir seu genio, dizendo que é simplesmente para conhecer o redactor do *Alabama*!

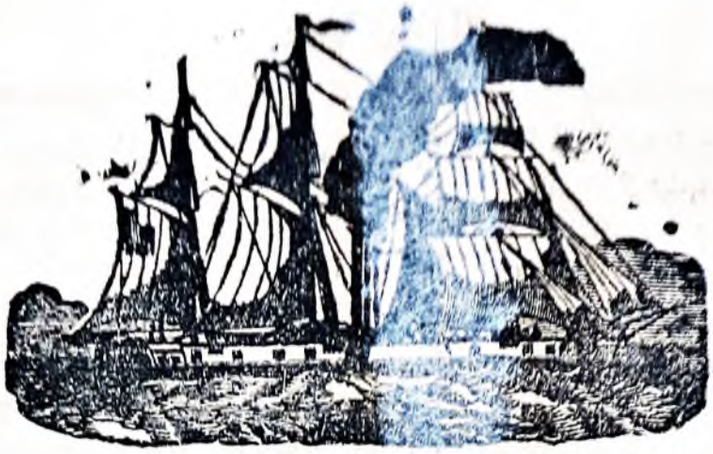
Si continuar, mando-lhe cortar a encanecida barba á faca cega!

Deixe de ser bobo.

ADVERTENCIA.

Os Srs. assignantes que devem duas series e que ao receberem o presente numero não satisfizerem o seu debito deixarão de ser considerados assignantes.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Misericordia n.º 17.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.ª BAHIA 24 DE FEVEREIRO DE 1864. N.º 24

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de fevereiro de 1864.

Officio ao inspector do arsenal de marinha, dizendo-lhe que entre as graves queixas que a bordo deste navio existem contra S. S. ha a seguinte, que cumpre liquidar: e é que ha mais de um mez se acha ausente da secretaria dessa inspectoria o respectivo secretario, e que não obstante estar elle fora com *licença* dada por S. S., é considerado prompto, tirando-se-lhe a respectiva gratificação *pro labore*. E como semilhante procedimento, a ser verdadeiro, importa *prevaricação* punivel cumpre que, quanto antes, sobre isto informe; mandando entretanto chamar esse empregado para o serviço, e dizer-lhe que V.S. não pode dar *licença com vencimentos*; mesmo porque V.S. deve saber o que é, quem dá o que não é seu.

—Ao mesmo, para que informe em quanto importaram os arcos e folhas de pitangas, que se armaram nesse arsenal, no dia 1.º de janeiro, e si é verdade que foram lançados à conta da fazenda publica. Em caso verdadeiro V.S. indemnisará a thesouraria dessa quantia, visto não me constar que ella tenha parentesco com irmandades, e ao contrario ter sido V.S. o juiz do festejo do Senhor Bom Jesus dos Navegantes.

—Ao mesmo, para que informe si entre os fornecedores desse estabelecimento ha algum parente seu, e o que fornece, visto ahi andar um tratante, que deixou de ser procurador do fôro e que se gaba de estar desfructando esse *mangelorum*; sendo sempre dos primeiros pagos visto suas contas serem classificadas—urgentes—o que muito tem concorrido para o acabamento da verba, que está quasi a expirar.

—Ao Sr. tenente Lobo, prevenindo-lhe que ha um cabo no 10.º batalhão que costuma, nos dias em que está de folga, por-

se na Estrada Nova a recrutar, e depois de intimidar as pessoas que passam com o recrutamento, exige das mesmas quantias de quatro vintens e meia pataca para soltal-as, cumprindo por tanto que S. S. tome providencias para que esse *esperto* não continúe nesse meio de vida.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá já a uma venda defronte do becco do Pilar e examine a qualidade do vinho que alli se vende, que me dizem provoca vomitos quando se bebe, pelas substancias de que è misturado; depois do que passará Vm. ao 2.º andar da mesma casa, e fará carregar pelos—pretos da nação—para o hospital da Santa Casa a immensidade de farinha que me consta se acha alli depositada.

—Immediato, quem é aquelle casmurro que alli vem?

—Pois o capitão não conhece o *corta-pescoço*?

—Oh tratante-mor, aproxime-se, venha direito como quem anda sobre *ponte*, e diga-me:

Esses oculos serão para cobriz-lhe o estanho da cara? Era melhor trazer uns anteolhos dos qua usam seus collegas na casa do Ariani. Entretanto sabe para que eu o mandei buscar?

—Não, senhor.

—Foi para perguntar-lhe se V. não crê em Deos; si não está certo do premio que o diabo ha de dar-lhe.

—Mas Sr. capitão..... eu sou *franco* e juro, por S. Jorge que estou emendado.

—Emendado! Forte descaração; pois V. meu sem vergonha, que todos os dias insulta a quem vai comprar bilhetes; vossê que continúa a pertencer a irmandade, que tem *os olhos no céo e as mãos no mundo*, diz que ja se emendou?

E então que satanico divertimento é este de espalhar veneno no seu quintal para matar a *criação* dos pobres e infelizes moradores de ..... tão infelizes que são seus visinhos.

—Pois si me destroem o quintal.....

—Qual quintal descarado. Miseravel, si continuas hei de te mandar—não cortar o pescoço, porque isto é privilegio teu, mas... mas mando-te pôr uma corrente ao pescoço, depois de te pintar a cara com alcatrão.

—As ordens de V. S. Sr. capitão.

—Guarda-marinha, va pelo Passo do Saldanha, dobre a direita e procure por *este vão* de rua um tratante que si fosse arvore as suas patifarias dariam *cachos* por *eiras* e beiras, e traga-m'o cá para ajustar contas.

—Eil-o, capitão.

—Ora diz-me hypocrita, cómo é que tendo um verdadeiro sacco d'areia, um balofo dos seiscentos, sahistes tu um casmurro esmirrado, de sorte que se alguma semelhança tens com elle, é somente nas velhacadas e tratantices.

Mas vamos ao que serve.

Além de atraiçoares as pessoas a quem mostras intimidade e affeição, és um refinadissimo velhaco.....

—Isto não, capitão, eu sou o typo da honradez e probidade.

—Por isso mesmo é que fostes àquella loja no commercio, e tomaste para amostra duas peças de panno e uma chapelinha? e o pobre lojista esperou que voltasses *até hontem* porque hoje inda pode o *diabo* querer, e tu ires levar.

—Voltei no mesmo dia para entregar, capitão; mas quando cheguei a baixo já a loja estava fechada, no outro dia tive de fazer um enterro, no outro estava massado do trabalho, no outro.... tive preguiça de des-

ser e assim foram os dias se passando e eu descuidei-me de levar.

—E dizem que a companhia do—Olho Vivo—se compoem dos miseraveis que andam tirando carteiras!

Já agora não me admira de te ver andar com a cara limpa quando o Aguia d'Ouro te chamava para pagares as botinas que calcoteastes.

—Guarda-marinha, tu que tens astucias do diabo, lembra-me o destino que devo dar a este lôrpa.

—Remetta-o V. Ex. ao padre Varella, pela identidade que tem com defuntos para abrir covas.

—Conduze-o.

(Centinuação do Antonio Regresso.)

—Que infame ladroeira foi aquella que fizeste com o patricio em tractos commerciaes, na qual empalmaste desfaçadamente boa somma?

—O' senhore capitão! aquelle tractante é que me queria suvare, fazendo que eu entrasse para a sua quebra com dinheiros que já tinha pago a elle.....

—Sim, eu te conheço bem, assim como ao gatuno do teu patricio.

Então como vamos com a *sociedade* dos celebres diamantes?!...

—Male senhori capitão.

—Ja pagaste aos teus credores os generos que estavas devendo?

—Não tenho dinheiro, senhori capitão: esse pouco com que giro debo ao amigo gallego Xico dos Xifres.

—Pois labrego tens dinheiro para botar fora em emprezas de diamantes e não tens para pagar a quem estás devendo?

Que modo é esse de tratar borrego? ainda estás insolente, malcriado, e estupido, apezar da lição de biriba que te deram na Chapada, como quando vieste de Portugal de rompa de aninhagem e area de pinho?

—Meu senhori capitão, eu estou ensinado; trato bem os vrasileiros; o Xico dos Xifres é que costuma chamal-os negros, e a disere que ha casamentos.....

—Ah com aquelle insolente muito breve ajustarei terriveis contas.

—Posso irme embora, senhori excellentissimo capitão?

—Muxingueiro?

—Prompto, Sr. capitão.

—Mil calabrotadas diariamente nesse *Regresso*, neste grandissimo e refinadissimo velhaco, metta-lhe um par de machos aos pés, e o encantôe la no mais escuro e immundo do porão do *Alabama*, até que este birbante aprenda a tractar com brasileiros, a ser polido e menos audaz nesta terra, que amansa a gallegos atrevidos. Regresso dos diabos, a frente!

—Senhore, por qnem é.

—Mãos a obra!

—Ui!.... ui!....

—Por quem é, la se vai o meu futuro, e a pexinxa de mentir e arengar ao Xico dos Xifres.

—Maldita polemica do tribunale do commercio, a ella debo o estare a purgare aqui assim os meus grandes piccados.

Balha-me o glorioso padre Santo Antonio de Lisvoa.....

A' PEDIDO.

Pede-se á um certo sujeito chamado Matheos, que não continúe a mandar por seus moleques accender fogueiras de maravalhas atraz da igreja d'Ajuda, encommodando assim aos moradores d'aquella rua. Sinão... sinão...

Pergunta-se ao Exm. Sr. Barão do Pirajá qual o motivo de não se ter feito a 26 annos as sobre-partilhas da fallecida Exma. Sra. D. Anna Maria Pires de S. José Aragão. Bahia 20 de fevereiro de 1864.

O Tenente reformado.

Senhor Honorato não queira procurar *guerra* em tempo de paz; o Caes Dourado não permitte estas *cousas* e a *moça* não gosta de namorar.

Pede-se ao Sr. Joaquim Baptista Jirão o favor de ir à loja às Portas do Carmo, defronte do Becco do Motta a tratar de certo negocio, porque desde o dia 31 de dezembro do anno passado deixou de frequentar a dita loja. Bahia 20 de fevereiro de 1864.

Sr. Redactor.

Tendo sahido em seu numero 21 uma publicação a respeito de uma demanda de Henriqueta de tal, e que houvera certo arranjo de uns quatro continhos de réis feito pelos honrados *Chagas* subtil, *Seraphico gallo*, e *meirinho mascavado*, apresso-me, Sr. Redactor, em reparar uma falta que ahi houve, que foi de não ser mencionado o principal personagem deste interessantissimo drama, que dizem ser um homem *honrabilissimo* que escreve lá para as bandas do caes que tem *ouro*, e que por apelido lhe chamam *lutigero* com *pestana*. Sr. Redactor, inimigo de injustiças é que venho fazer esta reclamação, para que uns não gozem e outros soffram, e si V. S. Sr. Redactor, me permittir, no numero vindouro lhe contarei uma historia que muito lhe agradará, sobre um testamento falso feito em nome de uma preta rica que morreu ha 5 para 6 annos lá para a freguezia de Santo Antonio. Até outra vez, Sr. Redactor.

O Servita.

APONTAMENTOS.

I.

« A lei é igual para todos. Apontem-me as casas de jogo, e vejam si eu não providencio, » dizia o Sr. Dr. delegado sabbado ás 10 horas da noite.

Pois bem:

Vá S S. ao Maciel, que ha de encontrar uma casa de portas abertas, illuminada, jogando-se com inaudito apparato; não é preciso trabalho em procurar, o som metallico, o tinir da prata e do ouro, lhe indicará onde é.

Houve um tempo que o escandalo subia ao auge de um soldado de policia nessa casa servir de porteiro.

Estará fora da lei essa casa?

Isto é um ponto de honra para o Sr. Dr. delegado. S. S. tem aqui dous caminhos a seguir. Ou o juiz recto e justiceiro punindo com egualdade, ou o homem parcial cedendo contra sua consciencia aos caprichos de alguem, abusando da authoridade que a lei lhe confere para opprimir o fraco.

A palavra honrada de S. S. e o seu spirito illustrado nos dá direito a crêr que S. S. ha de provar que é um magistrado imparcial.

Dê S.S. o primeiro passo, e mostre sua energia com os grandes, e nós lhe bemdiremos. E desde já lhe promettemos que lhe havemos de apontar uma por uma as casas de jogo

Não queira S. S. que digam que somente com os fracos, é S. S. forte

Alipio Christiano Bulhões Pacheco.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Misericordia n.º 17.*

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.ª BAHIA 26 DE FEVEREIRO DE 1864. N.º 25

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de fevereiro de 1864.

Officio ao Sr. commandante das armas, para que informe si nesta guarnição existe algum official chamado Felix Gato, cujos signaes constam da inclusa necrologia impressa que se tem distribuido e que se lhe remette; afim de que, caso exista, o remetta escoltado à este navio, afim de responder pelas ladroeiras que consta fazer actualmente, dando aos infelizes soldados, mediante grande juro, dinheiro emprestado. Devo declarar mais que consta que esse official é um que em Serinhaem furtou dous escravos, e que em Pirahy foi escovado por fallar de quem não devia.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, informando-lhe de que na noite de 22 fôra barbaramente espancada uma mulher na ladeira da Poeira em casa de um—*Arre-lá*— e que aos gritos da victima nenhuma patrulha ou inspector appareceu, e como isto não seja compativel com as luzes do *progresso* e liberdade em que vivemos, cumpre que S. S. dê providencias á respeito.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme. Não sendo possivel extinguir-se terrivel praga de gatunos e ratoneiros que infestam esta cidade, cumpre ao menos acabar com alguns que por mais ousados ou pelas relações em que andam trazem em grave perigo à sociedade. Vá por tanto Vm. por essas ruas e veja si encontra um Sr. Balbões, creatura celebre nos annaes da policia e que ainda no dia de Todos os Santos entrou em uma casa á rua do Ferraro e empalmou um par de argollas que foi vender em certa parte por 5$ rs., e leve-o da minha parte ao Dr. delegado para lhe dar o destino que convier. Devendo ter Vm. muita attenção e criterio para que se não confunda com pessoas de egual nome honestas e honrada. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a um dos beccos da Carne Secca e intime a umjamanta de nome No-ti-jus, de pés de toezas, que é preciso quanto antes acabar o desfructe que dá com uma senhora casada, pois do contrario será empregado a bordo no serviço da faxina. O que cumpra.

——

REQUERIMENTO DESPACHADO

José Ferreira, queixando-se de certo *maestro-caçador* que desde o 2 de Julho não lhe quer pagar o trabalho de uns 15 ensaios e 2 dias de funcção.—Recorra aos tribunaes competentes.

—Muito economico é o vice-presidente; até já supprimiu uma ordenança!

—Quem lhe disse isto?

—Eu que ví; vinha agora pela Calçada, e ví um carro acompanhado por uma ordenança; não podia ser sinão o presidente.

—Qual, meu moço! é o delegado que deu agora para andar com a senhora em passeio de ordenança atraz.

—Isto é rico!

—Venha cá, meu bobo; que faz vossê no Collegio? E' empregado?

—Não, senhor; von conversar.

—E occupa-se então do *Alabama*? Nem por ter já sido corrido pelos conegos se emenda! Então que taes foram aquelles sopapos que lhe deu o sachristão?

—Não foi com o Barbosa que se deu este facto.

—Foi então com um bobo organista, cujo sexo se desconhece,e que tendo aversão a especie humana, gosta de virar macaco, para não parecer gente?

Forte asno!

Eu bem lhe conheço, *minha boa firma*, Perdoo-lhe por que sei que é maluco.

—Capitão, vamos saltar alli naquelle caes?

—Arriba para outro porto que alli é o porto dos bois femininos.

—Então capitão, é por causa dos bichos que não podemos saltar alli?

—Não, é por causa do collega que não deixa passar nem a Nossa Senhora em procissão, quanto mais aos tristes de nós peccadores!

—O' Sr. Guilherme, viu Vm. por ahi o Pedro Uraga?

—O que quer com o Pedro Uraga, Sr. José Alves? sem duvida fiou-lhe algum pente.

—Qual! Pois o patife não pregou-me um logro, pediu-me uma pataca emprestada com mil choradeiras, eu não tinha cobres dei-lhe 5$ para trocar, e elle foi-se.

—Pois eu tambem ando a procura delle. Olhe que o homem é das *Arabias*. Pois não foi ao *Bota de prata* pedir umas botinas para ver, e não empinou-se sem que haja quem saiba d'elle!

—Guarda-marinha, quem é aquelle sujeito que tanto blasphema e injuria?

—É um procurador de causas, que injuria certo juiz por não pactuar com as suas tranquibernias,e não approvar as suas continuadas velhacadas. O homem quer dar todos os *domingos* bailes e *soirés* precisa de dinheiro, e quer embarcar bisca em toda *vaza*, o juiz não consente,e eil-o a dizer cobras e lagartos.

—Pois vae lhe dizer que seja mais prudente, e que refreie a sua lingua sinão o mandarei para bordo para servir de buxa no rodizio de prôa.

—Que tem V., meu tenente?

—Capitão, metta o rodizio da prôa naquella sucia do Santo Antonio.

—Que gente é aquella?

—É a junta de qualificação que deixou de me considerar votante, a mim, empregado publico, casado, honesto pae de familia, muito conhecido nesta terra, porque vivo a zurzir os ladrões!

—Não dê cavaco, tenente; foi descuido.

—Quem não cumpre a lei é rebelde, quem tira o direito alheio é ladrão; capitão é preciso acabar com estes piratas e rebeldes; fogo n'elles!

—Venha ca, Sr. tirador-mor de diabos. Contaram-me trez casos do Sr., que eu custei a acreditar, apezar do Sr. ser capaz de tudo.

1.º Que passando o Vallasques por sua porta com uma imagem de Santo Antonio que mandára benzer o Sr. insultára a Santa imagem com os termos mais obscenos e reprovados que se pode imaginar.

—Foi verdade, capitão.

—Sacrilego! e não te envergonhas de confirmar semelhante blasphemia! Em que quitanda ou açougue recebeste educação? Disseram-me mais que tinhas um botequim e que la pozeste uma filha da Leopoldina viuva e que a todos que entravam pedias uma esmolla para sua liberdade e assim arranjaste uns 60$ rs., até que descobriram que a menina era livre.

—Tambem é verdade.

—E como qualificas isto?

—Modo de viver, capitão.

—Roubo lhe chamo eu.

Ainda me contaram que um dia em que diziam que o povo ia á Praça tratar da questão ingleza, succedeu morrer um filho teu, que tendo tua virtuosa mulher te mandado dar parte, a resposta que teve foi que era dia de guerra, e que se arranjasse como pudesse, que ias para a Praça porque ella não podia tardar. E vindo segundo recado, a resposta foi que mandasse abrir um buraco no quintal e enterrasse a creança, o que a não ser teu velho sogro succederia.

—E' exacto.

—E não tens pejo de dizer isto?

—Pejo? qual pejo! Si eu nunca o tive!

—Sevandija!.... Vergonha da especie humana!.... Vai-te, que já não te posso encarar ..

—Capitão, aqui lhe trago um *menino* bom e bello; aposto que quem o ouvir fallar não o leva preso.

—Quem é elle? Tem uma caraça do diabo! Que bixo é este?

—Pois não conhece o capitão *Baldado*?

—O que fez este arganaz?

—Ora eu lhe conto.

Um sujeito foi alli á um homem que tem loja de sapatos, tomou um calçado e apresentou como garante este magano que se responsabilisou pela divida, visto que devia ao comprador.

Passado algum tempo pediu-lhe o dono da loja os cobres em companhia de uns outros que lhe devia seu amavel filho.

Foi a resposta uma descompostura no filho; pelo que teve o homem de retirar o pedido.

O capitão exigiu então uma ordem para pagar; foi-lhe esta entregue em sua casa.

Alguns tempos depois, o lesado foi ao moço que lhe tinha feito a compra, o qual lhe disse não poder pagar, visto não ter em seu poder a ordem.

Foi pelo dono da loja convidado a ir á casa do *Baldado*, onde este o recebeu a ponta de bayoneta, disse-lhe muitos despropositos, muita sandice, muita asneira de menino ou de velho demente; chegou a dizer que nada devia, que não dava nem ordem nem dinheiro.

—Que maganão! e tão sonso!

—Ah! si V. Ex. soubesse que quer elle ser juiz de paz?!

—Sim? Boas pazes fará elle. Quando agora, simples *requerente* trata assim ás pessoas que *o conhecem*, quanto mais quando for juiz!

—Queria ver isso, capitão, queria vel-o principiar a justiça por casa; queria ver si deixava o filho de ser tão caloteiro; já não ha loja de charutos que lhe fie um vintem.

—Ora deixe o filho; quero conversar com o pae.

—Ora, capitão isto é um pobre diabo velho, um capitão de ordenanças, atire-o ao porão.

—Isso não. Tome-o V. a seu cuidado; conserve-o na prôa exposto ás galhofas da tripolação; marque-lhe a fronte com o signal de judas denunciante do filho, e espere pelo sabbado d'Alleluia.

—Está bom, está bom, capitão; approvo o programma.

LA VAE VERSO.

JEJUM SEM PENITENCIA.

—Meu padre vossê que tem
Que ha trez dias não comeu?
—Jejuo pela Quaresma,
Q' não sou nenhum judeu.

—Isto é serio? Me disseram
Que o *passarinho* fugiu.
—Não senhor, é falsidade,
Quem tal lhe disse mentiu.

A *Canaria* bem parece
Que de *caldas* já não chucha;
Mas é falso.—E é tão falso
Que V. ficou com a bucha!

Meu official d'armada,
Não dê-se a desfructe assim,
O senhor um homem sério
Na venda do Seraphim,
Namorando p'ra defronte
Fazendo artes de saguim!

Vá comer bem descansado,
Seu soldo de reformado,
E deixe de ser pedante,
Depois não fique zangado
Não queira dar bordoada
Por ver seu nome fallado.

A' PEDIDO.

Pergunta-se ao Sr. commandante de policia que castigo soffreu o soldado desse batalhão Pacheco empregado na secretaria do chefe de policia, que fôra preso na noite 21 em uma casa de jogo.

O Espião.

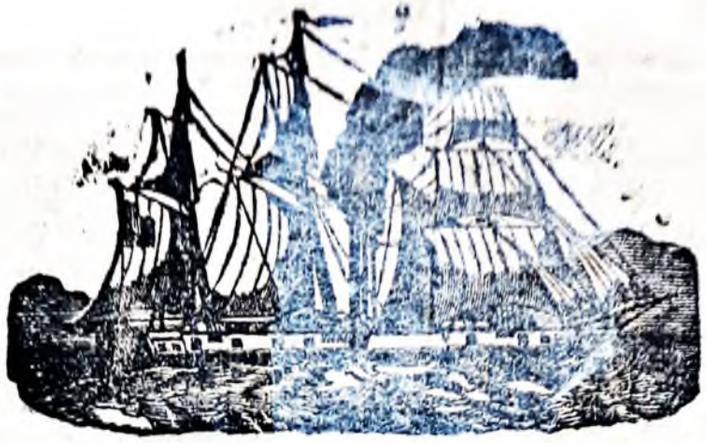
Pede-se ao Sr. capitão Fausto que pela sua honra e com aquella franqueza que o caracterisa declare si algum dia entrando em um hotel ao largo do Theatro lhe tiraram do bolso uma carteira, e no caso affirmativo, qual a pessoa que lhe tirou, e que meios empregou para havel-a.

Boiões.

Dá-se 10:000$ *por um testamento falso*, ou *um frasco de veneno pela vida d'um tio*, a quem indicar um meio facil de abreviar os dias d'um parente rico.

Pergunta-se ao subdelegado do Pilar a rasão porque quiz prender o inspector do 16. quarteirão.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Misericordia n.º 17.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.ª BAHIA 27 DE FEVEREIRO DE 1864. N.º 26

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de fevereiro de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias para o seguinte:

Hontem á tarde, duas moças, moradoras a rua Direita do Collegio, na casa n. 18, perguntaram a uma creoula que da casa visinha sahia, si ja morava em sobrado. A rapariga respondeu-lhe que não era admiração e lembrou ás moças o *tronco de que procedem*.

Desfarçaram as cujas, e chamaram a creoula, como quem lhes ia dar um recado; agarraram-na, deram-lhe muita pancada, feriram-na, e mandaram-na em paz.

Foram advertidas, e responderam mal, como costuma fazer certa gente.

Faz-se mister que V. S. se dê ao trabalho de informar-se do facto, e providenciar a respeito.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua que fica por detraz da igreja de S. Pedro Velho e intime a um sapateiro que dizem ser captivo, e que è dono d'uma biboca em que se reunem innumeros jogadores, que é preciso dar fim a seu divertimento, sob pena de ser condemnado a chicote, e a jejum de pão e agoa, atè apresentar sua carta d'alforria. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á fonte da Munganga, e qual novo major Soares, de vergalho em punho me refresque uns maganões que alli vão banhar-se nús, depois das 9 horas da noite, como si a taes horas não passam por alli pessoas honestas, agora principalmente que regressam as familias de Itapagipe, onde foram passar a festa. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á ladeira do Alvo casa n.º 27 onde mora o africano Hygino, e faça-o mudar-se para algum logar do suburbio, visto não poder

morar aquelle africano dentro da cidade pelo incommodo que causa aos visinhos á noite pelo barulho infernal que faz com festejos de *santos*. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Gravatá á uma loja de massas e intime a seu dono que acabe quanto antes com as immoralidades que alli tem lugar com as negras que entram a comprar, assim como com os jogos que alli se inventam, entre os quaes não fica em ultima escalla o de cadarço, em que um caixeiro perdeu 10$ rs. da gaveta do amo, para cuja restituição empenhou um relogio. O que cumpra.

—Ao Manè-Bahia, para que vá as portas do Carmo, e intime á Mariquinhas do Penedo, que deve tratar de respeitar a visinhança, deixando de dar os escandalos que continuamente dá com os concurrentes que lá vão ter, sob pena de se lhe dar o destino de ajudante da Matta-Cobra. O que cumpra.

—Venha cá, amigo!

Faz-me favor entregar ao dono aquelles 100$000 rs. que V. S. recebeu por mão d'um sargento para pagar uma divida.

—Não é comigo, meu moço.

—Oh! pois já se esqueceu daquelle andamento que teve um bilhete seu, cuja letra V.S. negou?

Não se lembra daquella conferencia entre os empregados da fazenda, daquella vergonheira toda, daquelle reconhecimento definitivo de seus collegas?

—Ah! Não sabia que V. Ex. já sabia disto.

Tudo está já concluido, capitão; meu credito já não periga.

—Muito estimo. E já que é V. S. tão orgulhoso, acho bom que não continúe. V. S. é progressista e não me consta que isto seja *progresso*. Adeus.

—Padre, pois isto é bonito?

—Que houve então, Exm.?

—Pois V. receber dez contos de réis para arranjar um casamento contra a vontade de seu collega! V. servindo de mercurio! Em tão alto grau! De meias vermelhas!....

Forte descaro!

—V. Ex. já sabe d'isto? Levara o diabo ao *Alabama*.

—Inda respinga! Esses jesuitas não me enganam!

Reverendo, aproveite a Quaresma, que o sabbado d'Alleluia é seu.

—Conheces aquelle gallego que por alli me passa?

—Aquelle bixaroco de cabelleira que por mais delicado que se fazer queira, estão os pés a denuncial-o?

—Sim: aquelle patife que alli vae.

—Oh! é um meninorio de mão cheia.

Fez uma tratada com uma casa do sogro hypothecada com um inventario etc., etc.

Casou-se segunda vez por uma bandalheira, que burlou o honrado projecto de seu honrado cunhado.

Estando a dever doze contos a uma casa de que tinha sido fiador n'alfandega, exigiu della a porcentagem de um por cento da fiança, fazendo-se assim credor da dita casa de quatorze contos, mais ou menos.

—Basta. O nome do cujo?

—Não sei; o appellido é o d'um ex-presidente, e é claro como o *dia*.

—Peguem-no já e já.

(*Continúa*).

—Que diabo de barulho é um lá para o Maciel?

—São duas moças que se injuriam de parte a parte com palavras pouco convenientes. Aquillo não passa de alguma *rivalidade*.

—Mas aquillo é indecente e muito depõe contra pessoas que querem passar por serias.

—Quem está em uma posição, mais ou menos honesta, não deve se expor a ser insultada por quem lhe está muito distante em condição.

—São cousas. Mais tudo fica em paz, a mãe de uma das belligerantes, senhora viuva respeitavel, mandou chamar o seu advogado, que tem influencia tão forte, como um *carvalho* e elle arranjará o negocio.

—Então, que roubo é este que compraste?

—Roubo não, Sr.; são *linguados* que comprei na mão deste diabo.

—E não viste que este homem não tem fundição, nem é negociante?

—Ora é boa! Para vender *linguados* basta ser pescador.

—Como o és tu dos cobres alheios!...

—Não, capitão; é que eu enganei-me pelo nome; offereceu-me *linguados*, comprei-os porque julguei serem peixes. Infelizmente são de ferro, e eu negocio com ferragens; já começam a chamar-me ladrão. V. Ex. porém me fará justiça.

—E tanta que vou mandar-te atirar ao porão.

Camaradas, uma esfregação de beriba neste gallego.

—Só em mim, capitão? E meu socio?

—Pois venham ambos.

—Venham cá, maganões!

—Promptos, Exm.

—Então vossês não attendem aos inspectores de quarteirão

—Pois não!

—E como vossês não se quizeram prestar a prender aquelles sujeitos que estavam no entrudo rigoroso, em companhia do cabo visitador, Diocleciano?

—Pois não, capitão!

—Vossês não disseram até que não tinham ordem de prohibir o jogo d'entrudo; não descompuzeram o inspector de quarteirão?

—Nós não.

—Sr. Irenio Boaventura da Costa, isto não tem geito!

—E onde foi isto?

—V. bem sabe que foi em Santo Antonio. Mas a culpa não tem V. A desmoralisação parte de cima; si o delegado não dissesse que estava de posse dos diplomas dos inspectores para saber quem eram elles, tendo de remetter para a tropa os que nesse caso estivessem.... si as authoridades policiaes fossem as primeiras a garantir seus agentes vossês não teriam esse desaforo!

Mas ha de se dar as providencias, que vou já participar ao seu commandante.

—Capitão, iô tá zangado.

—Mas porque?

—Negra trabaia de dia, di noite elle què descança.

—E quem te mandou trabalhar á noite,

—Péra, capitão. Capadóça nan qué qui iô drome. Negra de xinhá Pedroso tá ni samba; capote tá ni violão e ni cantoria; ripoi taliana tá ahi.

—E que tem os italianos?

—Um tem um rabeca qui parece gato que mia; é um rabeca de diabo; outro tem harpa e canta; outro tem um frauta qui guincha; e ripoi reareja, capitão; reareja tá cumo musca ni currá; noite tudo esse diabo nan drome e nan deixa gente drome.

—Mas queres então que se prohiba os realejos?

—Si iô pode, iô fazé. Brasilero nan vae ni terrai de ladram nim um pra toca folle

mai gata. Brasiléro som bobo; esso rearcja faze pesse; ni rua tudo elle tà.

Iô ouviu dizê que elle só pode saê de tarde promode ri menino de sicolla, e iô vê elle todo hora ni rua, e menino ri trai de elle, mai moleque, mai negra, anani tudo. Ri noite desaforo tà grande. Taliana qui toca som lazaroni; lazaroni som malandé: malandé som ladrom, som bebo, som sassino; e anda ni rua di noite. ventu rero de lem-mar, qui ninguem sabe qui è, nin donde vem, nim onde vae. E ripoi som gritaria, som baruio, brasilero nau pode drome.

—E os brasileiros não fazem o mesmo?

—Iô jà nam dizê? Samba, biolla, pandéro, biollão e cantoria de demonha.

Brasiléro turo tà queixa, turo, turo, turo.

—Ora calle-se! Tão delicado não è V., yoyô! Beba opio para não accordar, que assim faz a policia, e da-se bem!

—Ta denreto, capitão; Vossa Encellencia falla soutro dia de mim, e falla hoje de poriça.

Iô tá vingado, capitão!

A' PEDIDO.

Pergunta-se a certo subdelegado de uma das freguezias desta capital qual a rasão porque se apossou dos titulos de residencia dos africanos libertos que estão morando ha mais de 3 annos na mesma freguezia, querendo escandalosamente obrigal-os a tirar novos, para d'est'arte saciar sua sede de dinheiro, desobedecendo assim formalmente á uma circular ou portaria do Sr. Dr. chefe de policia com data de 20 de maio de 1861. em que recommendava aos subdelegados pouco mais ou menos isto « que os escrivães exigiam pela licença excessivos emolumentos, e de mais havendo enorme differença entre o que exigiam os escrivães de umas e outras freguezias, e ainda mais não satisfeitos com isto, os ditos escrivães obrigavam os referidos africanos, além deste pagamento arbitrario, a reformarem similhantes licenças, chamava a attenção dos subdelegados para um tal abuso, para o fazer logo cessar; e que obtida uma vez a licença ou titulo de residencia *não deve o africano jamais reformal o emquanto morar na mesma freguezia, embora se mude de um para outro quarteirão; bastando em tal caso o visto do inspector* E que tal, Sr. subdelegado, como gosta V. S. de pechinchas?

* * *

Amanhã ha na Cruz do Cosme um processo por injuria ao Sr. padre Manoel Jacintho de Araujo Pimenta.

O mesmo padre acoutou em sua casa um guarda nacional que fugiu da mão de um outro que o conduzia preso; está comprehendido no art. 124 do codigo criminal.

Sahiu depois á insultar uma pessoa que com elle foi ter, o irmão do guarda que prendêra o fugido. Está incurso no crime de injuria, e dá queixa de injuria!.....

São cousas!

Vejamos agora o Sr. Piapitinga o que faz.

Esperemos.

O Sambista.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Misericordia n.º 17.*

ALABAMA

1863

—

1864

I. G. H. B.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 1ª — BAHIA 2 DE JANEIRO DE 1864. — Nº 6

Publica se na typographia do *Interesse Publico* a 13000 rs. por serie de 12 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 31 de dezembro de 1863.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme — ordenando-lhe que vá as portas da Ribeira, procure lá por alguma taberna ou espelunca um certo sujeito filho das *Oliveiras*, e intime-lhe para que quanto antes apresente os titulos dos bens de raiz de que se acha de posse, pertencentes ao casal da viuva B.... de parceria com um celebre *Gonçalão*, genro do homem mais *sagaz* que pisou esta terra, o celebre capitão-mor Mané-Bentinho, sob pena de ser deportado para a ilha de Fernando. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á freguesia da Conceição e indague as causas de um alarme que houve no botequim de um celebre Sr. Panxa, na noite de 29 do passado, que poz em movimento, segundo me consta, a guarda, e as patrulhas, uma vez que quero officiar ao Sr. subdelegado da dita freguezia para que dê providencias. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando lhe que em companhia de seu ajudante, percorra as ruas da cidade e traga á minha presença todas mulheres e homens que for encontrando vendendo rosarios e estampas, ou tirando esmollas para este ou aquelle santo, especialmente a celebre *Santa Luzia*, *o Mil Homens* e *o Gengibirra*, vista que tenho honesto destino a dar-lhes, e a policia disso não cuida. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordanando-lhe que vá a D. *Ereitha da bandeira*, e intime-lhe que deve melhor tratar as pessoas que lá vão ter, principalmente si vao cobrar dividas de que he credora pessoas que em baixa condição lhe serviu de amparo, quando a mesma cahida do apogeu do fausto acceitava *esportulas* de um tostão! O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá aos Perdões, á *casa sagrada* das *Caldas*, e conduza á minha presença um desaforado negro que lá móra e que um destes dias foi á casa de um velho padre, onde se pretendeu *engraçar* com presentes de ossos e azeite, resultando dar até uma cacetada n'um Marciano, á fim de mandar-lhe applicar quinhentas vergalhadas, visto que sua senhora não dá providencias e queixam-se todos do proceder do negro que chega até a deitar luncetas para as senhoras casadas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando lhe que vá ao Portão da Piedade, á casa de um celebre moço, Quinquim Ferreira dos Cantos, que veja os *fundos* para o Coqueiro (os fundos são da casa) e diga-lhe que arrolhe quanto ante *seu* cano (o cano da casa delle,) afim de não alagar diariamente as ruas, com grave prejuizo do publico. Outro sim, si encontrar por alli algum fiscal, dê-lhe de mão as orelhas, e metta-lhe o focinho na lama, afim de ver si encherga aquelle grande ladraçal, até para que não se continúe a dizer que o ouro do *cujo* offusca a vista do empregado *zeloso*. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que logo que esta receber dirija-se immediatamente á povoação da Barra, na ladeira que vae para a Graça, e n'uma das casas do finado Formoso prenda uma sucia de meliantes que ahi moram, e que vivem offendendo a moralidade publica, subindo o escandalo ao ponto de chegarem nús como suas mães os pario á janella, accrescendo mais que assustam os viandantes com tiros que costumam dar depois das 5 horas da tarde, horas em que costuma semelhante gente estar sob a influencia de um corpo extranho, podendo semelhante brincadeira ter tristes resultados. O que cumpra.

— Ao mesmo, ordenando lhe que vá aos Dendezeiros do Bomfim e indague de um *sujeito* que móra adiante do Claudio, contiguo ao muro da casa do Ariani, e que tem latadas de larangeiras, rosas e roseiras, uvas e parreiras no seu pittoresco quintal—a rasão por que não quiz que na noite de Natal tocasse o hymno brasileiro um pobre diabo que anda de realejo ás costas a procurar a vida

Accrescente-o que si continuar, será atirado ao porão do *Alabama*, carregado de ferros, e declarado incapaz de viver no meio de gente que nunca carregou ás costas pesados barris de fina *selecta*. O que cumpra.

— Ao mesmo, ordenando lhe, que em vista do que me representam varias pessoas, dirija-se ao thesoureiro do Santissimo Sacramento de Santo Antonio, e faça-lhe ver que não pode continuar por mais tempo no cargo que empolga, visto que me dizem já poder elle usar de barba e capello. O que a ser verdade faz me passar por contradictorio, visto que censurando ao Sr Ereo por querer se bacharellar, devo com maior rasão não consentir que esse apresente these. Além de que, segundo tambem me ponderam, faz crer que não existe gente na freguezia para tal mister

Recommende lhe Vm. tambem que he inutil recomeçar a encantada obra da matriz nas proximidades da festa, pois que he já passado o tempo dos tolos. O que cumpra.

—Immediato, receio um pouco que ahi vem *D. Quixote de corda*, de cacete em punho, a afundar-me o navio!

Sentido, camaradas! deve ser monstruosa a cajadada.

Ora, Sr. Dr. Sebolla', deixe-se disto!

—Quero metter o cacête no patife.... no....

—Que furia! queria V. ser chefe de policia? Só si fosse na casa dos *orates*.

Pois na botica do Rodrigues he que V. foi fallar asneiras?

Para que ha de offender assim a quem já o elogiou na gazeta?

Bem feito a elle seja para tomar juizo e não gastar suas palavras com qualquer bixo carêta que esta terra produz, se inculcando de gente. Fique porém certo de que a pessoa a que alludiu não se lembra de gente quanto mais de um pobre diabo que a dar diariamente beneficio no alpendre da sebola de medicina.

Aposto que se não lembra V. de uma gazetinha, chamada *Democrata*, que lhe prognosticava aquella sahida de força que por seis annos V. enfiou!

—Estou damnado! Si fosse chefe de policia, mettia nas galés aquelle patife!

—Xi! vá metter medo ao *Patacho!*

—Eu hei de mostrar para quanto presto por estas barbas o juro!

—*Amanan!*

—Capitão, permitta que diga-lhe duas palavras.

Muito cuidado me tem dado o sabbado d'Alleluia para que me emprasou V. Ex.; ouça-me pois e perdôe-me.

Meu pae admittio-me de socio em sua loja e no ajuste de contas empinou-se elle, foi lançado fóra.

—*Por quem?*

—Por um bibo delle, capitão.

Intentei deitar outra loja, para a qual não concorri com vintem.

A loja depois ia levando o diabo, e safei-me, quiz safar-me.

A maldita casa do Ol.... poz embargos a esta minha esperteza!

He verdade que servi n'uma casa pia, donde raptei uma infeliz orphã, a Emilia.

O Bernardo que diga o pago que dei a um amigo dedicado que me offereceu um negrinho.

He por isso sem duvida que quer V. Ex. guardar-me para o sabbado d'Alleluia; mas V. Ex. repare em que não sou eu o primeiro ingrato.

Dizem que injuriei as cinzas de uma minha prima, n'um tribunal, só para ter o gosto de accusar um meu antigo bemfeitor; historias!....

Quando fui subdelegado, recebia meus perús e carneiros para consentir candomblés, gosto de divertimento de negros....

Fui inventariante: fallam mal de mim minha sobrinha e meu mano, dous tratantes que não intendem da repartição de Caim.

Fui thesoureiro de irmandade, sempre tive em minha loja o cofre.

Quem está de posse he o dono.

Fui, graças a um meu compadre, deputado mudo; só dei um aparte a respeito do pagamento das tropas em cedulas grandes.

Tive grandes relações e negocios com um sargento e seu filho, latoeiros bem conhecidos na companhia de Artifices.

Illudi com meus modos um honesto presidente, que mandou-me uma commenditasinha, que os capadocios chamam das pedras, havendo até patifes que chegam a dizer que em vez de commenda, devera o Cansansão mandar-me ferraduras!

Já servi de mercurio; dizem que comprometti algumas parentes.

Já andei muito bambo no cammere' chamavam-me *porantca*. Hoje porem estou consolidado e forte n'uma directo-

—Bem; mas dizem-me que vossê tambem já *passou por mulher?*

— Ah! sim, foi para evitar os perigos da guerra.

Achilles tambem estava desfarçado entre damas, em quanto se batiam gregos.

—Lá isso he verdade, mas he que quando Achilles entrou na guerra, foi um heroe e vossê de longe já borrava as alças. Não ha pois comparação possivel

Suma se já da minha vista, que quero esquecer-me de tão *guapo* moço.

LA VAE VERSO

RANCHO DE REIS.

Senhor Guilherme pedestre
Por estas ruas se vá,
Todo o tratante que vir
He favor trazer p'ra cá.

Proceda ao recrutamento
Por esta forma e maneira:
Visite já os conventos,
E principie por freira.

Pegue tambem nos fradecos,
Do Carmo principalmente;
Pegue os padres que namoram,
Illudindo ao povo crente.

Pegue sachristães casados,
E amigados tambem;
Pegue a todos que souber
Que fallado de mim tem.

Pegue o tratante lojista
Que caro vende barato;
Pegue aquelle amavelzinho
Que vende por lebre gato.

Pegue aquelle juiz tollo,
Que condemna insinuado,
Pegue aquelle divertido
Velho, que he advogado.

Si uma authoridade vir,
Que ao cumprir a lei lhe diga:
—Não lhe quero fazer mal.
Tambem traga-o, que he da *liga.*

Si vir um gaiato medico,
Mas outro e outro á *lagueira,*
Traga os sem susto que os manos
S'empenham por mamadeira.

Sujeitos de golla em pé,
Si no commercio encontrar,
Vá-lhes ao bojo *sem pena,*
Não deixe de os recrutar.

Quero com todos fazer
Um rancho mui divertido
De flautas e violões,
De *vadios* concorrido.

Hão de tocar castanholas
Os mais finorios tratantes,
Tocão rufos e pandeiros
De crioula os *dilletantes.*

Irá no centro em burrinha ...
.... Quem acha que deve ser?
—O seu criado Guilherme
—Não va de gostos morrer!

Linda sucia de crioulas
Ha de após todos seguir
Cada qual de taca em punho,
Um tratante ha de zurzir.

Ao som das palmas, dos bravos,
Das *mélas* aos *pechisbeques,*
Que gosto p'ra esta Bahia!
Que folia p'ra os moleques!.

CHARADA.

Affirmo—1
Na sorte—2
No todo—1.

CONCEITO.

Sou liberal de barriga.

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de ixo n.º 42—J.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 1ª BAHIA 3 DE JANEIRO DE 1864 Nº 7

Publica se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 12 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 3 de janeiro de 1863.

Officio ao illm. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande vir a sua presença um *Bispo* sem mitra que ha nesta cidade, acompanhando-o uma pobre orphan que na casa do mesmo existe, e que segundo me informam, he victima do mais brutal tratamento, afim de que S. S. se sirva mandar averiguar e proceder a um exame na referida orphan e providenciar como for conveniente,

—Ao Sr. commandante do 10. batalhão da guarnição da cidade.—Sendo a classe militar destinada a uma missão nobre e elevada, como seja defender a patria, manter e garantir a ordem, a liberdade e propriedade do cidadão, e não para servir de escravo, vou recommendar a V. S. que dê suas ordens afim de que não se reproduzam no batalhão de que V. S. he digno commandante factos como o que se deu no dia 2 de janeiro, em que subiam pelo Pelourinho dous guardas, um trazendo ás costas um grande bahú de folha de Flandres e o outro carregando aos hombres um menino.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme — ordenando-lhe que indague da certa sociedade que fim levou seu zeloso thesoureiro que sumio-se da noite para o dia sem acabar de narrar o *conto de uma hypotheca formal* que uns meninorios lizeram, visto que grande falta tem causado o resto da historia pela grande *fortuna* que se esperava do *to-tó*.

Pergunte lhe tambem a maneira por que pretende forjar a eleição a que se tem breve de proceder, e apresente-me disso um relatorio para expol-o ao publico. O que cumpra.

—Ao mesmo. ordenando-lhe que vá ao thesoureiro do Bomfim, e pergunte lhe si podem ser dadas as casas dos romeiros a qualquer figurão para passar a festa, e no caso de não ser possivel, indague do mesmo si he romeiro o Sr. Antonio Alves Guimarães, ou a que titulo occupa uma das referidas casas. O que cumpra.

—Ao mesmo, dizendo-lhe que faça reunir os moleques de todas as freguezias e ordeno-lhes o seguinte:

Logo que virem por ahi um barbas de Herodes, cabeça de Santo Ignacio, hombros de encolha, bengala em ar marcial, sobrecasaco com o signal de dous galões que lhe tira-

ran. andar amarcado, chapeu ca-
berto, configuração rotunda, belle-
za inconcebivel; sempre a gritar e
a dar com os braços: tendo sem-
pre como pensamento predomino-
te o desejo de ser chefe de policia
—agarrem-no sem susto que he o
Dr. Sebella fugido da cosinha de
erates.

E como presentemente nenhum destino se me offereça para dar lhe e he hoje vespera da *Epiphania*, fa-
ça-me no de *bumba meu boi*, afim de ver si se cala, sob pena de não o fazendo, declarar-se-lhe o nome, as asaltos que faz, os desfrectes que dá e a moralidade que tem. O que cumpra.

Ao mesmo.—Já que os fiscaes. (alguns por lhes faltar o tempo. que he pouco para jogarem o gamão na loja do José Gregorio, e outros . ..) ou quem compete, nenhum cuidado dão com isso, vá Vm. a um Sr. Guimarães que está edificando uma casa, e pergunte-lhe com que authoridade mandou elle por um seu escravo arrancar as pedras da calçada da rua do Maciel no logar em que a rua fica pelo seus fundos, e leval as para sua casa, de sorte que a não ser a opposição de alguns moradores ficaria um bom espaço de rua descalçado. Advirta lhe que não caia n'outra, de contrario lhe contaremos a historia de certo padre. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que me remetta o mais breve possivel uma lista em ordem alphabetica, de todos os taverneiros conhecidos como compradores de roubos para mandar publicar seus nomes pela imprensa. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ter com o caixeiro da certa padaria, que deseja conhecer o redactor do *Alabama*, e diga lhe que trate de vender seus pães, e barris de agua, sob pena do ser atirado ao mar, como fardo inutil que he, o insigne espião da vida alheia. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Tiouné dos Passos da Costa, pedindo uma casaca para apresentar se no collegio eleitoral e presidir aos eleitores que lhe derem votos. — Remettido ao Limbares para que lhe forneça *uma*, por conta da commissão central do partido constitucional.

Miniano da Silva, decano dos pharmaceuticos desta cidade, pedindo fornecimento de basilicão para sua botica —Informe o diabo cóxo.

O alferes Santos das Peras, pedindo uma passagem d'estado no primeiro vapor que seguir para Nagé.— Não ha por ora linha de paquetes para o logar que requer.

—Olá, guarda marinha!

—Prompto, capitão

— Quando encontrar Vm. alhi por essas ruas um malueco atrevido, sempre de luvas, casaca ou sobre, chapeu de pello, oculos de tartaruga, bengala debaixo do braço, andar pausado, caracter comico, sempre fallando de maçoneria e da vida alheia; tractando de commendas e habitos, buginganga e fitas que devera trazer ao peito, e que lhes rouham os invejosos,— faça o conduzir ao porão do *Alabama*, onde será conservado de ferros aos pés até sabbado d'Alleluia, sendo obrigado

o corneta Barnabé a tocar lhe buzina no ouvido, para ver si readquire o sentido que perdeu.

—Capitão, será cumprida a ordem.

—Olá, Sr. procurador das *tamancas*, Vm. he cego, ou não sabe ler?

—Nem uma cousa, nem outra.

—Pois faz favor de olhar para o cabeçario do *Alabama*.

Ou não lê bem? Provavelmente seu mestre foi o *Caême;* he talvez por isso que o chamam *tamancão*, andou sem duvida de tamancos na escholta. Leia lá:—1$000 por serie de 12 numeros, pagos adiantados.

Logo bem está vendo que não he de graça, que *graça* nenhuma tem vossê, minha desenxabida! sua.

Tão bonito não he....

—Sr. capitão ...

—Faz favor de não me aborrecer? Faz favor de tirar o—T—da testa? Empine-se!

—Então, charo amigo Guilherme, como he que *sua gente* está a descompor assim o *Alabama*? Como he que me chamam do *olho vivo* e quanta coisa mais tão bem lhes assenta?

—Sr. capitão, são cousas. Pois si V. Ex. ha de fazer fogo nos *grandes*, só anda a atrapalhar-me com portarias para a plebe! Mude de rumo, ponha o navio em direcção ao commercio.

—Pois como hei de deixar essa cafila, si mesmo agora acabo de saber que um barão dos açougues rachou a mão de um menino, e depois de estar algum tempo (1 hora) na policia á conselho do delegado, voltou a seus charos lares, sem o menor incommodo?! Hei de consentir isto?

Vá Vm. quanto antes indagar disso, e traga-me os apontamentos, que tenho que *fazer*.

Não he possivel que isso continúe.

Entre parentheses, Vm. que de tudo sabe, não me dirá a razão por que mudou-se o *recolher* da praça?

—Não sei ao certo, capitão; mas dizem-me que foi para o Campo Grande em attenção a morar lá S. Ex.

Não acho justo, a morada do presidente, me parece, he o palacio do governo.

—Está bem, vá ver o que lhe disse, e valte já.

—Camaradas, agarrem pelo gasnete aquelle desfructavel que ali passa, se intitulando de dictador.

—Capitão, não precisa tanta cousa; aqui estou a seus pés.

—Então o *Alabama* he paschim, he pelourinho, onde se immola a vida particular de quem não quer dar dinheiro para matar a fome de peraltas e vadios?!

E a tasca em que se reunem vossê e os seus o que he? Não he ella o pelourinho onde são victimados te seus proprios amigos?!

Encheu vossê aquella bamboxata de tanta palavrinha que lhe agradal Vadio, peralta, despresivel, miseravel, infame, degradante e paschim!

Tudo isto he seu, não he?

Ora venha cá, para que estas cousas? Vossê nem sabe o que diz; isto he genio forte, modere a furia. Não queira que eu lhe conte a historia de *certa pardavasca* que gosta bem de seus candomblés, que os admitte em sua casa, que he até mamãe de terreiro.

Então vossê responde ao *Alabama*, ou não?

Eu julguei que sim; vi que a carta me era dirigida... mas depois vi que vossê não desce a responder á gazeta de certa ordem, por se não querer hombrear com as pessoas a quem se dirige....

Oh! quanta species!

Realmente he o *simul esse et non esse*; he de quem não tem juizo.

Si não fosse esperdiçar a polvora com

um fardo inutil, applicava-lhe a receita de Lebatut.

Que tal, meu amigo?! havia de vossê achar quem passasse moeda falsa para vossê ter dinheiro e escrever em gazeta!.. E foi vo sê mesmo que escreveu? Pois disseram-me que vossê tinha pedido a um moço que vende carne secca.

Lá quanto aos canhões da Misericordia não dê cavaco. E como vossê nada tem feito com o *seu* couro, e ainda se não resolveu a ganhar dinheiro para as festas, embora sem infamia e degradação, aconselho-lhe que se entregue ao trabalho de *limpar as ruas*, para não morrer de fome, que ha de haver sempre quem lhe pague.

Faça *isso* e diga que lhe engano.

—Escripturario, para que me está vossê assassinando os escriptos? Pois escrevo—velhaquete, vossê escreve—velho que hei Escrevo—suas mães os pariram, vossê escreve—os pariu! Escrevo—traião—vossê escreve—tocão! Que diabo he isto?! Dando vossê rasão a que o Pedro de Castro ande dizendo que sente que se lhe attribúa uma gazeta que tantos erros contém!....

—Ora, capitão, são erros de typographia. E quando não o fossem, não era o Pedro de Castro quem havia de notar erros, por que tenho visto boas cousinhas delle. N'uma gazeta, por exemplo, escreveu—Rediculo—de principio ao fim, e n'uma epigraphe latina escreveu até—Redendo!—além do mais.

Pegue V. Ex.ª em qualquer *Terremoto*, e ha de sentir o *choque* do *terremoto*.

—Esta boa; o que he preciso, he mais cuidado com a typographia, por causa dos maldizentes.

LA VAI VERSO

RANCHO DE REIS.

Que novidade galante
Temos na Sé da Bahia!
Um doutor q' dizem—mata
E um padre q'—sura—a *cria*.

Um escrivão que gaguêja
Que cospe, cospe na gente.
Um beiçola advogado,
Um mau bom impertinente.

Um Bianchi afortunado,
Q' certos cobres ganhou,
Um juiz q' por prudente
Na melgueira concordou.

Que femeas bellas
São estes seis!
Que divertido
Rancho de Reis!

Canario de clarineta,
Vellongo só a ladrar;
Badú de rebeca em punho,
Venancio a moleteiar!

Que bello rancho!
Que boa funcção!
Celestino toca o *bumba*,
Seraphim o violão!

ADVERTENCIA,

Sr. Tobias, si Vm. quer casar como diz, vá pedir aos paes da moça e deixe-se de andar dando desfructes no Maciel de cima, e privando as familias de chegarem ás janellas; depois não diga que Santo Antonio lhe enganou.

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de Baixo n.º 82 - J.

O ALABAMA,

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 1ª — BAHIA 8 DE JANEIRO DE 1864. — Nº 8

Publica se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 12 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de janeiro de 1864.

Officio á camara municipal, perguntando-lhe si ja ha licença para serem cortadas rezes em Itapagipe, e no caso contrario, pedindo-lhe providencias para que cesse o abuso que nestes ultimos dias se tem por alli dado, lá pelas bandas da Massaranduba.

—Ao subdelegado de Santo Antonio, pedindo lhe que dirija-se quanto antes a casa n.º 123, á rua Direita de Santo Antonio, loja do sobrado contiguo á casa do padre Joaquim José de Sant'Anna, e veja o que faz com um celebre sujeito que alli mora, o qual na madrugada de 6 do corrente chicoteava publicamente uma pobre moça que com elle vive, atirando-a brutalmente ao chão, mau grado a algumas pessoas que alli se achavam e a um proprio seu compadre que severamente o reprehendia.

O mesmo sujeito he um que já andou, dizem, complicado em negociadas de firmas falsas, mas que, como infelizmente nesta terra succede achou quem o livrasse, assim como do recrutamento, que ia nos purgando de tão maldita peste.

—Ao subdelegado do Pilar, pedindo-lhe que mande agarrar a Antonio Desiderio, morador ao Bom Gosto, e mande-o trancafiar por 30 dias na Correcção, a ser verdade, o que me informam, que a casa daquelle individuo he o ponto de reunião da companhia do —olho vivo— naquelle bairro, onde não só rouba-se aos pobres matutos que vem á cidade negociar e que por alli passam, com advinhações e outras ladroeiras, como a empregados da estrada de ferro, e a moradores daquelles logares, que alli vão jogar, asseverando se-me que alli se ajuntam reos de policia, desertores do exercito, e da armada e tudo quanto não tem occupação licita. Dizem-me mais que alli he um vasto deposito onde vae ter o fructo das gentilezas da companhia do *golpe*.

Portaria. Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua do Alvo e veja si ha com effeito, como dizem, *algum brinquedo prohibido* na loja da casa n.º 73, e si he verdade que ha alli constantemente barulhada e algazarra, sendo quase sempre um tal Alexandre o provocador. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que logo que encontre um sujeito bem conhecido da policia chamado Moraes, agarre esse cavalheiro de industria para não continuar a intitular-se redactor do *Alabama*, arrecadando a algumas e exigindo delles uma certa quantia, visto que não conheço tal firma, que até me enoja pela grande fama que tem das altas cavallarias que fez. O que cumpra.

—Ao mesmo.—Tendo-me representado os lesados e bigodeados herdeiros da Matança, que se acham já cançados de esperar ha longos annos, pelas suas respectivas heranças, devido isso a um esperto; e conhecendo sua honra, probidade e genio pacato o que lhe tem validado algumas ficções de pau-beriba, ordeno-lhe mui positivamente que em quanto encontrar homens que se deixam cavalgar tão pueril-mente, vá-lhe Vm. á gana, deixando os bobellas a ver jurar testemunhas, pois que neste mundo, como bem sabe Vm., quem he tolo para si pede a Deus que o mate, e ao diabo que o carregue. O que cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Francisco do *Rio de Cachoeira*, pedindo privilegio para só elle poder apanhar nos mangues da provincia caseas de ostras para sustento de seus animaes.—Como requer.

—Guarda-marinha, prenda me aquellas quatro guapas firmas que alli vão juntas.

—Eh-las, meu capitão.

—Ora venham cá, meus refinados tratantes, como he que vossês andam dando a Pedro e a Paulo a authoria do *Alabama*? Falle vossê primeiro, Sr. nariz de pica pau.

—Quem Sr ?! eu?! Pois eu ia lá fallar de ninguem? Pois eu não sei de minha chronica? Eu quero lá que me tragam o curral, onde tanto me recreei?

—Mas vossê chamou ladrões ao Guedes, ao Castro e ao Igrapiuna.

—Eu, Sr ?! misericordia! tinha que ver eu cahir nessa.

—Covarde! mereces que te atire os pés á cara, descarado velho, que illudiste por tanto tempo a freguezia de S. nt'Antonio, tu desprezivel azemola, cujo proposito he só vender votos de eleitor, trahir ao partido que nunca tiveste, e fallar da vida a'heia!

Guarda-marinha, traze-me pelas orelhas aquelle pechisbeque amassador de pão, que quero ver si tem animo de levantar os olhos para mim.

Então, nhonhô, he o mulatinho Igrapiuna que escreve o *Alabama*? Então tudo que sahir na typographia do *Interesse Publico* he o Igrapiuna e o Guedes que escrevem?

Então o pae do Igrapiuna caloteiou o Boqueirão?

Tratante! veja si quer que lhe conte já a bandalheira da freira dos Perdões?

Foi o Igrapiuna que caloteiou o Boqueirão, ou foram certas conhecidas firmas que assignaram um termo para não servirem na ordem terceira do Carmo?

E por que?.... Por serem ficis, sem duvida.

Pois, tratantes, vossês onde deixaram a vergonha?!

Vossês hão de ir juntos e os quero deixar ir em paz.

Breve lhes fallarei.

Venha, porém, o corcado.

Nojento Faublas, ridiculo Cupido, digame uma cousa. Eu sei que vossê não tem culpa do que fallam seu pae e seu guapo mano, mas em fim vossês todos são um

Aquella professora que tanto agradava ao Buxa, ao Mil-Ideias, ao Minga Caste-

não, ainda está em seu poder? Conte-me lá uma historia das Portas do Carmo, e diga me depois si he ainda *antropophago* isto he, dos protestantes.

Prepare-se, que vou agora a seu querido irmão, o *Dr. Si tem febre, não me negue.*

Ora, vossê tem de pagar as culpas de seu pae, e as suas; ou então recommende ao velho que corte a lingua daminha. Veja que estou disposto a tocar-lhe n'uas quatro contos de reis de certo fica, e em certos *arranjos* do *Pé de Café*

Refinados tratantes, fiquem certos, o redactor do *Alabama*, quem quer seja, tem muita honra e dignidade rabo de palha nunca o teve, nem nunca comprou sonrados por *hypotheca falsa*.

Quando passa pelas ruas, nunca o apostam por ladrão, ou velhaco, nem trahidor e infame.

—Lá isso he verdade, capitão.

— Até já.

—A's ordens de V Ex., capitão.

—O que queres guarda marinha?

—Como tenho ordem de V Ex de agarrar a torto e direito todos os ladrões que encontrar, aqui lhe trago este patife, que apesar de não ser da *alta* classe, he digno de menção honrosa, pois he da mesma especie de *Cobrinha Verde*.

—Pois diga-me lá quem he elle

—Este tratante além do mais que tem feito e que muito bem o sabe a policia da terra, ultimamente fez isto:

Aqui ha dous mezes, sabendo que uma senhora que mora no Cruzeiro estava só n'uma noite, introduziu se nacasa, e metteu se atraz da porta da sala; felizmente, ao fechar se a porta, foi descoberto; mas ainda assim quiz pôr em pratica o seu intento lançando se a um nicho que ahi estava, e a não ser um major visinho da mesma que acudiu aos gritos elle conseguiria evadir-se com o que podesse levar.

Agora ha poucos dias, entrou na casa de uma pobre moça ao Terreiro, e depois d'uma longa conversa, disse lhe que si queria vinho, fosse ella buscar uma garrafa, e em quanto ella a foi buscar elle sacou lhe uma anagoa de cambraia que a mesma estava bordando, e tomando a garrafa, sahiu, entrou na venda por uma porta e sahiu pela outra, e ainda não voltou com o vinho.

No dia 24 de dezembro foi á quitanda do Pelourinho, ajustou 6 libras de carne de porco em mão de uma preta, e pagou por uma cedula de 20$ rs. recebida e perguntando si tinha troco, respondeu-lhe a preta que não; então disse elle: «pois vos-cê veja um preto ganhador seu conhecido e mande comigo para lhe trazer o dinheiro.»

Sahiu ella na esparrella, e adeus minha carne; si elle souber lograr a preta, quanto mais ao ganhador!

—E a policia não tem conhecimento da vida desse tratante?

—Isso la não sei, capitão.

—Como te chamas malandro?

—Chamo me... Thomé

—Thomé de que?

—Thomé..... Cosquilho.

—Levem esse patife para o porão e dem-lhe por espaço de 3 dias 50 calabrotadas todas as manhãs.

LA VAI VERSO.

RANCHO DE REIS.

Que guapo rancho de reis
Se apresentou na Lapinha,
Violas, pratos, pandeiros
E a competente burrinha.

Na frente, de estanhelas,
O douto moço Brandão
Ia; rufava pandeiro
Um jaiz Pantaleão.

De violinha afinada,
Nixi Ribeiro contente:
Pesou Mooé da Silva
Be garrafão d'aguardente.

Tocava *conzá* o Freire
N'uma canella de boi;
A chula tirava o Ramos
Q' sambista sempre foi.

A repolhuda creoula
Amancia. com elle ia;
Elle entoava o landú,
De segunda ella fazia.

Ia alli Cornelio e Cesar
Tocando pratos; tambem
Tocava *cá* Leonel
Q' geito p'ra isso tem.

O *bello* Lulú *faria*
Com bom gosto de burrinha,
Mas ja stava reservado
P'ra o *Zoinho* da Lapinha.

Deram-lhe então um *flautim*
Que *destramente* tocava
Quando ind'era rapazote,
E do qual muito gostava.

De bumba meu boi servia
Dr. Sebolla capacho,
Adiante como guia
Ia pulando o *Patacho*.

Veio lá de Itaparica
Só p'ra assistir à funcção
Um tal que taboqueado
Foi, em sua pretenção.

Um deputado de occulos
He quem berimbau tocava;
José Lucio de bandurra
O compasso acompanhava.

Iam vestidos de rei,
D'um jardim o director,
Alvariz pescoço-torto,
E mais um certo doctor.

Manê Correia Mon-bon
Vestido de Herodes rei,
Vermelho que parecia
Uma coisa qu'eu ca sei.

Venancio foi nomeado
P'ra os archotes carregar;
Freitinhas *afortunado*
Para os foguetes soltar.

Chegando lá na Lapinha
Não encontraram funcção;
Desceram por S. José
Para a casa do barão.

O barão que he um finorio,
Para os cobres não gastar,
Assim que teve a noticia
Mandou as portas fechar.

Um creado os esperava
Para lhes desenganar.
—«Meu senhor não está ahi
Amanhan ha de chegar.»

Tristonhos voltaram então
Por perderem a folia:
Dispersaram no Terreiro
Ao romper quase do dia.

PERGUNTAS CURIOSAS.

Pede-se a um Sr commandante de cer escuna que responda ao seguinte:

1.° Qual a rasão por que ainda não acabou com o negocio do relogio que rifou?

2.° Si não foi pessoa competente a que se achava assignada na lista dos bilhetes, e que tinha o n.° 1613?

3.° Si com quanto tivesse duvida podia vender o relogio como o fez?

4.° Si quebrou, porque não pede concordata ás pessoas que assignaram e pagaram?

5.° Finalmente, si tendo se dado este engano ou esquecimento no mez de novembro, e nada se tendo até o presente decidido, ficará sua solução para as calendas gregas.

Previno-o que si não responder em tempo pedirei ao commandante da *Mary Schimith* para que o traga preso á minha presença.

Pinto das Vaccas.

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de Baixo n.° 12—J.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 1.ª BAHIA 9 DE JANEIRO DE 1864. N.º 9

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 12 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latrocopolis bordo do *Alabama*, 8 de janeiro de 1864.

Officio ao Exm commandante das armas, pedindo a S. Ex. que lance suas vistas para o degradante estado em que andam dous soldados lá para os Barris, descalços, e carregando até lenha na cabeça; e pedindo outro sim, que uma vez que he prohibido ao soldado andar fóra do uniforme, tanto que na noite de 6 um alferes de cavallaria prendeu em Itanagipe a um guarda de artifices, decentemente vestido, só por que não ia fardado, não deve S. Ex. consentir que andem por essas ruas guardas em mangas de camisa, e ás vezes até descalços, com cestas e cólos ás costas á maneira de ganhadores, comprando pelas quitandas, carregando grandes esteiras, caixas e boccetas com comida, como si fossem escravos. Espero por tanto que S. Ex attendendo ao exposto, se sirva fazer observar aos Srs. officiaes que o soldado camarada não he negro de cosinha, e que nós estamos em uma capital civilisada e não em um campo de batalha onde a necessidade pode desculpar certos abusos, que com 1$600 semanaes, ha muito quem se preste para taes serviços, deixando-se assim de reduzir homens livres á aviltante condição de escravos.

Officio ao commandante de policia, perguntando-lhe si he certo que S. S. dera ordens ás patrulhas do corpo de seu commando que á noite não recebessem presos á ordem de subdelegado, por que sou informado que tendo uma destas noites um inspector de quarteirão da freguezia da Sé prendido a um homem á ordem do subdelegado, e entregando-o á patrulha, esta se recusara a recebel o dizendo que á noite só recebia presos á ordem do chefe de policia, o que a ser exacto tornam se inuteis os subdelegados á noite.

Portaria.—Ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua dos Adobes e traga á minha presença para dar-lhe destino, um celebre tenente do 7, por nome Macaco das Oliveiras que foi da casa da Torre, o qual além de andar atrapalhando as familias honestas, vive de continuo na janella de ceroula, ou em fraldas, incommodando a visinhança. O que cumpra.

— Ao mesmo, ordenando lhe que agarre de novo o Oliveira da

Mesa de Rendas,o o mande para diabo, com tanto que não fique na repartição, deitado em um banco, *descomposto*, a insultar a quem entra e a proferir palavradas!

Vá tambem ao administrador e pergunte lhe si he cego ou si não quer ver, em vista da indifferença que mostra, tão immoral procedimento de um subalterno, o reprehenda-o de publico.

Vá ainda ao Sr. subdelegado da Sé e participe-lhe para sciencia sua, que esse maluco em dia destes no adro do Collegio deu-lhe na cabeça por-se á fresca e fez das calças gravata. O que cumpra.

—Ora aqui estou as suas ordens. Sr. Requeijão de boi, e das Boiadas; por fallar em boi, não estou agora para ouvir os urros de sua mulher; não a traga cá.

Então, vossê lembra-se ainda daquelle voto que vendeu ao advogado dos negros para tractar do augmento do ordenado de seu emprego?

Lembra-se daquelles mocotós que vossê bifava no Curral?

Lembra-se daquelles ubres que vossê pechinchava do *Sinhô José*, e que á vista de todos elle lhe offerecia, e vossê enfiava no dedo com a maior sem ceremonia do mundo?

Lembra-se do desrespeito á lei que vossê commettia negociando n'uma repartição donde era chefe?

Lembra se de quantas vezes vendeu o voto, traiu ao partido, e injuriou os habitantes, da freguezia que o elegia?

Lembra-se da infame ingratidão que commetteu, accusando a quem tinha illudido, e defendendo aquelle de quem vivia a fallar por todos os cantos?

Pois olhe lá, he melhor que vossê cuide na sua vida; tracte de desinfectar seu quintal, visto que todos seus vizinhos queixam-se amargamente do *insoportavel* fetido que os accommette.

He talvez por isso que vossê defendeu ao Freire, está acostumado com as porcarias do curral, já tem nariz para isso!...

Mas diga-me, vossê tem um escravo, conte me como houve e isto já, sob pena de....

—Capitão, eu lhe digo.

Tinha eu um escravo doente, que desenganaram os medicos. Mas perder assim um escravo era duro.

Morava junto a mim um pobre negro velho, que exercia o mister de barbeiro, e que tinha esse escravo á que allude V. Ex; mandei-o chamar, e fil o sangrar ao doente, ou antes ao defunto, apezar da repugnancia que a isso mostrou, mas que eu soube vencer, dizendo-lhe que isso lhe ordenava a mandado do medico.

No dia seguinte morto estava o preto, e mandei chamar o barbeiro.

Mostrei lhe o estrago que fizera, e ameacei-o com a força.

O negro disse-me que si tal tinha feito, fora por lhe ter eu dito que o medico o tinha ordenado.

Repliquei-lhe, dizendo que tinha sido delle a culpa, por que em vez de sangrar o negro na veia, tinha-lhe cortado uma arteria, e de novo ameacei-o com força.

O barbeiro lançou-se-me aos pés, e *perdoei lhe a morte* do negro, exigindo somente uma indemnisação do *traste* que perdera; o que elle satisfez, dando-me o seu moleque, que he justamente esse de quem se tracta.

—E não corou! que vergonha pode ter vossê e quem de vossê procede, descaradissimo ladrão!

Além de ladrão, assassino!

Estou vendo que nem precisa de pedra ao pescoço para ir ao fundo do mar.

—Pois he esta a sorte que me espera? Attenda, Sr. capitão. Eu já fui juiz, thesoureiro e o diabo até nas irmandades....

—Quanto a ultima parte pramente lhe creio.

—Perdão, digo o *diabo* em vez do *tudo*; quero dizer que já servi todos os cargos nas irmandades.

—Eu lhe comprehendo. Si Santo Antonio fallasse, vossê não estava solto.

—Lá isso he verdade, capitão; mas si he mudo o santo, não o são os peccadores. tanto assim que esta estampado o eterno padrão de minha eterna vergonha e da de minha eterna familia nos livros de certa ordem terceira.

Somos todos ladrões; (*) nem um membro de nossa familia pode ser *cousa* ali por nos termos feito *pessoas* primeiras do verbo *surripio*!

—Já disso sei. E realmente causa-me nojo tão hedionda vida.

Camaradas, atirem ao mar, de cabeça para baixo, essa despresivel cousa, tendo o cuidado de trazerem-me antes o nariz para expel-o aos urubús que tanto protegeu com as immundices do curral em que viveu!

—Cosinheiro, vae ter com este padeiro, que a parelha he boa.

—Ta prompto, capitão.

Oh! xinhá blanco, ossê tá cusinhéro tamem; ossê cusinha massa, iô cusinha carne; nosso todo som um; nan qué presumpção p'ra banda de iô.

Vem cà, dize iô un cousa.

Ossê chamá Grapiuna muratinho, e dizê qui pae di elle calotiá ni Boqueirão. Iô vae contá sitoria ossê.

Ossê nan lembra de un frera de Predão que vae deixa um dinheirinha pra uns rapariguinha? Lembra.

Ossê nan lembra de um ladrão qui qué fruta dinhéro de frera? Lembra.

Ossê nan lembra de capellão di elle, qui atrapaia ladrão? Lembra.

Ossê nan lembra de xinhá Jam Cravaia que atrapaia negocio? Lembra.

Ossê lembrá de tudo, ossê nam lembra ri nome di elle.

E elle chama.... chama.... esse anjo que briga cu diabo.... nome di elle: Migué du Fia de Requeijão. Ossê nan cunhecê elle?

—Conheço, pae.

—Pae?! Iô he collega de ossê; nosso tudo he cosinhéro.

Péra, eu vae conta outro cousa.

Quando iô canta, iô progunta.

Ossê conhecê un véia beata que tem sobrado ni rua Direta? Cunhecê.

Cunhecê o fia de fia di elle? Cunhecê.

Ossê lembra dum *boteca* qui elle fazê nin sobrado? Lembra.

Masi nan sabe dize iô qui diabo fazê qui elle perde sobrado?

E ossê ône acha dinhéro p'ra faze pão, doce, fatia, pacité, sobrada, cuzinha fóra, mirante p'ra oia quintá de anani, e tanto cousa assim?

Ossê toma vergonha, eim! Ossê nan bulí cum quem nan bulí cum ossê.

Iô vae dat pariticipação a capitão.

—Não ha appellação: he o supplicio do pae, pernas p'ra o ar e fundo do mar!

E vae lego, cosinheiro, áquelle sujeito de cimarra que me passa alli de bengala.

—Oh! xinhá padre, chega na orde.

—Que he isto lá, pretinho?

—Pretinha! iô tá préto, sim, masi iô têm vregonha.

Ossê tá cabellinho rocado e rimão de ossê chama xinhá Grapiuna muratinho, e ossê chama iô negra. Tá denrêto; ossê tem dizaforo de dizê que tá cum vregonha de ter fia mulato, fia de xinhá Carorina de rua do Paço qui tá mai blanco qui ossê!

Tê one chega dicaração de ossê!

Mãe de ossê qui he? Muratinha.

Ossê nan lembra de ferrera de ladeira de Carmo? Um pardinha Santa Rita? Elle he pae de mãe de ossê. Ossê nan cunhecê!

(*) Em tudo ha excepções; somos até amigos de alguns, honradissimos á toda prova.—A *Redacção*.

Poi Bahia tudo cunhecê.

Xinha Grapiuna creve capitão de *Alabama* e mandá dizê qui tá zangado cum pae de ossê e cum rionão de ossê. Capitão manda iô p'ra vinga Grapiuna; preta funda, sargento!

Ossê qui vae faze ri beco de Motta? Ossê gussa de professora?

—Sor negro, não se adiante!

—Ah! *ma pae!* ossê pega ri menino p'ra *ensina dotrina*, nan quê que iô falla! Ossê leva professora ni Tapagipe, p'ra passa festa cum ossê, e nan quê que iô falla! Ossê regaça batina, regala ôio, regaça venta, bate cum botina, grita, dá pancada, pega ri protestante e nan quê qui iô falla!

Ossê nan pode vê moça, pisca ri ôio, penteia cabero, requebra ri cropo, puxa corêrinho, dirêta pescoço, dize adeusinho, creve cartinha, falla cum elle, pula ri cerca, faze mi cousa, e nan quê qui ôi falla! Iô he negro! Tá denrête; capitão, decide esse.

—Ia não sabes? livrem a terra desse monstro: pernas p'ra o ar, cabeça p'ra o mar!

—Agora, xiuhá padre Cupido, proveita aza, iô quê vê ossê voá.

—Venha cá, Sr. Guilherme, cahiu-lhe o raio hoje em casa.

—Prompto, meu capitão.

—Pois tendo eu lhe encarregado de observar e participar-me quanta trafiancia, patifaria e immoralidade por ahi visse, he Vm. o primeiro a infringir?

—Não ha tal, meu capitão.

—Ora, não ha tal! Pois ouça:

Hontem sahindo para dar um passeio, passei pela rua da Cathedral e vi-o na janella d'uma casa com umas seroulas muito curtas e uma camisa aberta até em baixo por cima destas.

Ora diga me, isto he maneira de chegar-se á uma janella, e n'uma rua como aquella?

—Porém capitão, alli he minha casa.

—E o que tem isso? Então o Sr. em sua casa não respeita aos mais nas suas! Ora vá se por esta vez, mas não continúe.

LA VAE VERSO,

MOSQUETARIA.

Pescoço torto me diga,
Vossê que systema adopta?
Vossê he tão presumido,
Mas vossê he idiota!..

« O systema qu'eu adopto
He um systema geral,
Sou doctor em medicina,
Conservo e sou liberal!.. »

ADVERTENCIA.

Adverte-se ao dono de uma venda ao Caminho Novo do Gravatá na esquina da ladeira de S. Francisco, que previna ao seu malcreado caixeiro para que não caia segunda vez em atirar agua às pessoas que estiverem paradas em frente da sua venda, dizendo que seu amo não quer ninguem defronte da porta; como praticou um dia destes com quatro pessoas que alli conversavam. Depois, depois.....

Adverte-se ao thesoureiro de uma sociedade que tem o nome de um santo que se festeja no meio do anno, que si queria ler o *Alabama* que lhe dizia respeito dissesse, que se lhe daria um, e não fosse á typographia com o pretexto de que lhe mostrassem e consentissem levar um para responder, e adeus minha onça.

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de Baixo n.º 42—J.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

SERIE 1.ª — BAHIA 12 DE JANEIRO DE 1864. — N.º 10

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 12 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 10 de janeiro de 1864.

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe que se digne dar as necessarias providencias, afim de obstar o irregular procedimento de um padre que toca flauta e castanholas, que danga lundú e walsa, que joga e bebe, que canta e brinca, e que deu presentemente para andar pelas ruas de timão e chambre, cacete e chapeu de palha; o que a ser a verdade como me informam os moradores da Cruz do Cosme, muito contribuirá para arrefecer a fé nos anjos catholicos.

Julgo que providencias neste sentido contribuirão, mais que a Inquisição, para a derrota do protestantismo que S. Ex. tanto almeja.

—Ao mesmo Exm. Sr., pedindo-lhe que ordene a um Sr, conego que quando quizer *comprar cajús* compre-os em sua casa e não no corredar do Collegio, muito mais quando dizem por ahi as más linguas, que já a compra de cajús em mão da creoula Maria da rua das Larangeiras fôra a origem do ser despedido um pobre empregado, por que não teve olhos para ver e bocca para calar, devendo dar-se por *feliz* esse Sr. conego com tão pouco por ora, pois muito mais merece.

—Ao administrador do hospital de caridade publica, perguntando-lhe si he verdade que nesse hospital se acha parida ha 12 dias a presa sentenceada á prisão com trabalho Maria Benedicta, visto que quero saber quem fez este milagre, por que um caso destes *faria* suppor que foi do Spirito Santo.

—Ao Sr. subdelegado da Conceição da Praia, pedindo-lhe providencias para que cesse o mau tratamento a que he sujeita uma pardinha de 11 a 12 annos de edade, a qual anda a comprar pela cidade baixa, barbaramente chicoteada no corpo e no rosto, como ainda um destes dias foi vista no Coberto Grande.

Informam-me que pertence a referida pardinha a um tal Sr. Guimarães do armazem Progresso, que mostra com seu proceder quanto tem de progressista.

Parece me em todo caso urgente que de-appareça o escandalo, parta de onde partir.

—Ao Sr. administrador da mesa de rendas, dizendo-lhe que mande cobrar do Saraphina os direitos que

pregam as casas que vendem trastes velhos, visto que aquelle metro tem convertido a sua taberna em deposito de mesas, cadeiras, sophás, espelhos, e outros objectos que tem expostos à venda.

—Ao Sr. tenente Lobo, encarregado do recrutamento, dizendo-lhe que vá ao Caes Dourado à casa de um sujeito conhecido por *Manoel Ladrão*, e proceda ao recrutamento nos sujeitos que alli encontrar, pois lhe aquelle covil o asylo de quanto larapio e ratoneiro ha; subindo a audacia de alguns a arrebatarem objectos das mãos de pessoas que pacificamente transitam, dando-se ainda ha poucos dias um caso destes.

Portaria.—Ao guarda marinha-pedestre-Guilherme, ordenando-lhe que vá á casa da Cumbi e recommende-lhe que tracte melhor seus visinhos, deixando de os insultar e offender com palavradas e acções indecorosas, sob pena de lhe ser tirado o seu querido *Farofia* que tão bem lhe serve. O que cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Firmino Maçarico Lins, official de descarga, pedindo trez mezes de licença, para tractar de negocios eleitoraes.—Informem os Srs. Drs. Mazé Comico e Sebolla.

—

—Ajudante do guarda-marinha?

—Prompto, Sr. capitão.

—Então como he lá isso? Pediste um logar no *Alabama*, foi te concedido, e até hoje nenhum serviço tens prestado! Si continuares assim, mandar-te-hei despedir.

—Meu capitão, si nada tenho feito, he por que V. Ex. de nada me encarregou ainda. Está que hoje mesmo estava para lhe communicar algumas cousas que tenho observado.

—Pois vamos com isso.

—Escute V. Ex.:

Ia uma noite destas, seria meia noite, pela Pelourinho em direcção á casa. Chegando ao Maciel de Cima vi na porta de certa viuva, que tem umas filhas muito bonitas, um vulto que deitava a cabeça para um e outro lado e espiava si havia alguem na rua: aproximei-me, e então reconheci ser um Sr corrector que já teve pretenções a commandante; á principio julguei que havia alli naquella porta algum *leilão de trastes* á meia noite, mas desenganei-me por que não havia concorrentes, e o pregoeiro estava só em campo.

Meu capitão, he muito bom se ter filhas bonitas.

Passa-se festa no Bomfim sem pagar casa tem-se correctores e advogados para concorrer com os gastos, e depois..... Bagatella.....

Fui gradualmente caminhando e chegando quasi ao termo da rua do Maciel, pareceu-me ouvir em uma casa gemidos entrecortados, como de quem tinha a voz abafada ou de uma pessoa que desfalecia, ao mesmo tempo que parecia que se batia em alguma cousa.

Prestei attenção e ouvi o seguinte monologo:

—Basta, não demos mais neste diabo, si não morre.

—Sim, ella está quasi a desmaiar.

—Caboclo, desata.

—Que diabo! a corda deu nó cego; Julio vê a faca para cortar esta corda.

Depois a voz que primeiro tinha soado disse:

—Levanta te, cousa ruim.

Dahi a cinco minutos pareceu me ouvir que se levava alguma cousa a tombos. Depois cessou tudo; não havia movimento na casa.

Passados cerca de dez minutos ouvi novo ruido, e desta vez vinha para o lado da porta: affastei me; abriu se esta, e vi

sahirem tres homens que abriram a porta de uma casa de defronte e entraram.

O primeiro era branco, corado, bonito estatura regular, terno de 30 a 33 annos, gordo, barbas cerradas, cabelleira erriçada, vestia calça de enfiar preta, e com mangas de camisa.

O segundo era moreno da côr de canella, podia ter 19 a 22 annos, baixa estatura, ainda representando menino, cabelleira repartida de um lado, paletot abotoado, onde brilhava, á luz do gaz, uma cadeia de relogio.

O terceiro era magro como um maçarico, altura regular, chapeu de feltro á capoeira, mais alvo que o segundo, vestido de preto.

Fiquei confuso, sem saber o que era aquillo, mas no dia immediato tive a explicação que me deu o filho de um *cadete*, na casa de Iaia Calú da perna enchada na rua Direita de Palacio:

Uma pobre escrava havia feito um *desaforo* a certo sujeito; o senhor desta preta, homem casado muito supersticioso, tinha o dissabor de ver a sua cara metade soffrendo ha algum tempo uma infermidade que não cedia a nenhum tratamento.

Aconselharam ao homem que *mandasse ver* o que tinha sua mulher, e inculcaram-lhe um curador e adivinhador de grande fama.

Por infelicidade da pobre preta o adivinhador era o sujeito offendido por ella: veio este, examinou a doente, deitou os seus busios e declarou que a senhora soffria de feitiço, que a escrava era quem o deitava, e que seria mortal sinão fosse sem demora atalhado, por que sendo a preta quem tratava da comida e da roupa da senhora tinha *carregado* a mão

Acreditou o ignorante marido e além do dinheiro que deu á comer aos taes, da despeza que fez e está fazendo, entregou a pobre preta aos crueis algozes, que atada a um páu por trez dias foi flagelada com crueis açoutes, sendo esse que presenciei o ultimo dia do supplicio.

He provavel, Sr. capitão, que depois re mettessem a escrava ao credulo senhor que deveria ainda gastar dinheiro com o tratamento della.

—Mas vamos ao que ia dizendo:

Sahi dalli confuso, meu capitão, fui seguindo pelo adro de S. Domingos, ei-lo que vejo uma vulto encostado a uma grande escora que aguenta um arruinado sobrado.

Dirigi-me para lá e vi um homem alto, branco, figurando para mais de 40 annos, andar aprumado, de casaca, calça branca, chapeu de pello, e um grosso cacete na mão. Logo que viu aproximar-me, foi examinando, segui-o e alcancei-o; julguei ser um ex-alferes secretario da guarda nacional, mas em breve desenganei-me.

Logo que me aproximei, foi caminhando, segui-o até vel-o entrar em uma casa ao Maciel de Baixo e ahi reconheci que não era o ex-alferes, o sim um sujeito que eu conheço.

Fiquei admirado, de ver que um homem que de dia parece tão serio, à noite dê semelhantes desfructes, e que em vez de empregar seu tempo na leitura de tantos livros que tem á sua disposição, ande namorando à meia noite.

Voltei pelo mesmo caminho para ir à rua Direita da Misericordia à casa do João Gualberto tomar café e quando vou chegando pela porta da Felicidade *Vevé*, encontro o administrador de certa *casa* que tem restricta obrigação de dormir nella.

Fiquei pasmado de ver como nesta terra se abusa de tudo e ninguem cumpre com o seu dever.

No outro dia conversando com José Roberto, disse-me elle: « Não te admires disso, por que o regulamento manda que se feche a porta do estabelecimento às 8 horas, e eu tenho-a visto aberta até 11.

Não te admires do administrador, quando os subalternos badernam toda noite e alguns vão jogar nos sabbados e domingos em casa do Candinho, e o mais que se segue. »

Agora, meu capitão, peço licença para

continuar logo; ainda tenho muita cousa a contar.

—Como quizeres.

LA VAE VERSO.

ESTOURO.

Frei Bugre, vossê me deixe,
Va dar do convento fim.
Vossê he ladrão, não falle,
Q' he feio fallar de mim.

Das suas baldas sei bem,
Dos seus dotes certo estou;
Vossê he *grande talento*,
Em versos cantal-o vou.

A' grande sei-lhe da chronica,
Posso toda lhe contar;
Lembrar-lhe-hei os foguetes....
Os pães que foi amassar.

Quer que lhe conte? Me diga
Fr. Bugre V. me attenda,
Boto-lhe os podres na rua,
Ao depois não se arrependa.

Quer que lhe conte o que fez
Antes da missa cantar?
Fr. Bugre, vá p'ra o diabo
Q' he quem lhe pode aturar.

Quer que lhe conte uma historia
Dos bens que vendido tem?
Quer que lhe falle nos brincos,
No escapulario tambem?

Não, não digo nada ao publico,
Que em vossê eu tenho fé;
Vossê=«vida santa»=faz
Tão gordo assim como he.

He que outr'ora cértos frades
Um seu guardião mataram;
Viram-no nedio e gordinho,
Por um leitão o tomaram.

Queira ora Deus que V.
Não tenha tal dissabor!
Si fazem leitão do bugre....
Carmelo santo!.... que horror!....

NOTICIA A' POLICIA.

A companhia do —olho vivo— tem trabalhado á grande nestes dias de festa.

Dizem que um dia destes empalmaram, lá para o Viva Jesus, em casa da cabra Domnguinhas, nada menos do 1:800$ rs., d'um qualificado senhor que veio de fóra tratar um negocio, e como extreano apreciador das bellezas de Guiné, alli foi ter, onde já o esperavam o celebre Silverio, o Florencio Manuel, o João das Mulatas e outros, que a policia já bem conhece e o agente Guilherme muito mais.

O Silverio *propoz a bela lupada*, o *pato* cahiu e foi *folgado* em seu dinheiro.

Ah! Sr. Dr. Freitas Henriques!.....

Espera-se dos illustrados Srs. Drs. chefe de policia e delegado providencias.

He preciso dar a esta gente outro meio de vida.

Muito breve contaremos a Ss. Ss. o caso de umas argollas brilhantes, lá para Santo Antonio além do Carmo.

Com que direito mandou hontem o Sr. Pedro Uraga de eterna memoria, por um preto espancar o pobre do Oliveira?

He com pancadas que se pune delictos?

Quem mais do que o Sr. Uraga, merece uma boa sova pelos seus bons feitos?

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de Baixo n.° 12—J.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 1.ª BAHIA 14 DE JANEIRO DE 1864. N.º 11

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 12 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 13 de janeiro de 1864.

Acto.—O capitão do *Alabama* attendendo ao que lhe requereu o cidadão Victor Meirelles de Lima Barbosa, e aos serviços pelo mesmo ultimamente prestados, chegando até a *tocar corneta*, além dos seus heroicos feitos na gloriosa lucta da Independencia, tem por conveniente nomear ao mesmo cidadão tenente immediato á bordo do já citado navio, e ordena que neste sentido se expeçam as necessarias communicações.

Officio ao Dr. delegado pedindo-lhe providencias para, que não continúe, á titulo de beneficios, a vender-se bilhetes para representação de bailes pastoris, afim de evitar o escandalo que se deu em casa do professor Manoel Eustaquio em que houve supapadas, garrafadas e murradas, devido talvez ao enthusiasmo e exaltação do *spirito* de alguns.

—Ao Sr. subdelegado da Rua do Paço, ou ao 1.º juiz de paz, perguntando lhe si já ordenou aos seus inspectores que fizessem o arrolamento para a proxima qualificação: ou si pretende fazer como na ultima, em que não havendo listas dos inspectores, soccorria se a junta qualificadora ao pretexto de que ignorava si era morador na freguezia tal ou tal reclamante.

Advertindo o de que he prohibido volarem trez vezes certos baleiros, assim como ressuscitarem os mortos para tornar-se phosphoros.

—Ao redactor das =Noticias Diversas= do *Jornal da Bahia*, perguntando lhe porque não deu noticia aos seus *candidos* leitores do caso de uma presa que appareceu prenhe na casa de prisão com trabalho, e que actualmente se acha parida no hospital.

Portaria.—Ao guarda marinha-pedestre-Guilherme, ordenando-lhe que acompanhado de seis guardas vá á rua Direita do Collegio, e traga-me presas seis mulheres que ahi estão tomando ventura, assim como duas grandes figuras de pau que se acham collocadas n'um throno, diversos ingredientes e ornamentos e a respectiva mamãe *Maria das Neves*.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á cidade baixa, e pergunte e quem nos casos estiver si a camara autho-

rsou alguem para levantar barracas provisorias de lona e esteiras, mettendo-se por alli as gaiadeiras com seus *ingredientes* por forma tal, que he prohibido chegar se ao caes e até andar na rua.

Si ninguem a isso responder, officiará Vm. á camara municipal expondo-lhe o facto que ainda ella não viu e pedindo providencias. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que assuma os poderes da camara, que não dá signal de vida, e recommende aos fiscaes que façam respeitar a postura que marca o peso de quatro onças para o pão commum que estão presentemente os espertalhões impingindo por 30 reis com o peso de trez. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua da Mangueira do Pilar, procure um moço de cabelleira que ultimamente a perdeu e pergunte-lhe o motivo porque ficou sem ella. O que cumpra.

—Olá, meu escripturario!

—Prompto, capitão.

—Veja vossê que os meninos da Candinha não dormem, e eu não quero que elles julguem que eu não sei grego.

Veja o artigo do Mané Bahia, e onde está—*monologo*—escreva *dialogo*.

—He o diabo da typographia, capitão.

—Pois mande a errata, e mais cuidado com as provas, meu charo.

—*Doutor*, faz favor?

—Pois não, capitão! He negocio particular que tem a tractar, sem duvida. Fallemos baixo.

—Ora, seu *reverendissimo* pae e seu apreciadissimo irmão muito insultaram no Guedes, no Castro, no Iyrapuan. Tive delles procuração para vingal-os. Já dei o conveniente destino a tres, falta agora *sua senhoria*

Devo porem principiar por uma rectificação.

Disse seu pae que eram vossês todos ladrões; mas he preciso que se fique sabendo que quando elle tracta de sua familia he de sua *domus* sementé que se tracta.

E nem era possivel que o contrario fosse, bem que com sua ladroeira ficarão todos manchados. Vossê bem sabe que nem todos dão sentenças contra direito provado, por maracujás verdes e laranjas inchadas.

Entre parentheses, quantos assignantes deu seu pae para o *Interesse*?

Elle, sua pessoa, seu nariz: tres.

Tem mais?

Quantos assignantes tirou seu mano?

Elle que nunca assignou, um; seu pae que já se tinha despedido, dous; a pata que os poz, tres.

Fortes tollos!

Fallam vossês do Pedro, e chamam-no de ladrão, Pharingèa, Roberto Macario e o diabo! E vossês, tratantes dos seiscentos?!

Querem vossês que o Pedro lhes descosa as orelhas! Ao depois queixem-se de si, que sempre ouvi dizer que quem me avisa meu amigo he.

Vamos porem ao caso.

Ora conte-me lá que historia he essa de duzentos mil reis que *sua senhoria* emprestou.

—Falle baixo, capitão.

Tinha de receber uma mulher duzentos mil reis em prestações mensaes de cem mil reis, e tendo necessidade de dinheiro por junto, recorreu a mim que lh'os emprestei, exigindo o juro de vinte e cinco por cento que impolguei no fim dos dous mezes.

Será isso crime? he ao contrario uma licita transacção.

—Bem! Mas he tambem licito vossê aproveitar sem velho sogro na prisão,

forçar seu cunhado mesmo a dar-lhe a chave do cofre e roubar certos papeis que lhe dizem respeito, certos ficas, certas lettras, além do *mais*?

—Eu?! calumnia, meu capitão!

Pelos olhos se conhece quem tem lombrigas, e V. Ex. não vê meu modo, meu ar pacato, meu todo serio?

—Quem te conhece as manhas que te dê de espóra.

Não sei acaso que se occulta a vibora na relva para melhor picar os incautos?

He calumnia?! E como seu sogro chamava seu cunhado ante as pessoas que o iam visitar e elle tudo confirmava?!

—Cousas de menino, capitão!

—E esta ultima bregeirada que fez vossê; transacções de *cafés* e *cafezeiros*?!

—Eu sou o lesado, capitão.

—Como o foi seu pae com o preto barbeiro!

Tratante! E he o melhor delles! Ora façam lá ideia das outras pingas!

Como *sua senhoria* se inculca de *liberal*, e apesar das leis, he hoje dono d'um *botequim*, em que soccorre á humanidade, passa por esta vez, e acautelle-se. Do contrario por-lhe-hemos em pratos limpos esta ultima historia.

Doutor, adeus.

—Obrigado, capitão.

—Guarda-marinha!

—Prompto, meu capitão.

—Vm. está encarregado de dar-me parte de tudo quanto por ahi vir, e como ainda não me deu noticia do tenente dos maracujás?

—Mas o que ha do tenente dos maracujás, meu capitão?

—Eu lhe digo, ouça:

Consta-me que este tenente maltrata muito o soldado seu camarada, e que até manda-o exloteiar as pobres pretas na quitanta do Pelourinho, manda-o comprar lenha, manda-o carregar farinha e o mais que se segue, fazendo delle seu escravo!

Será verdade?

Deu capitão, la muito que eu posso se tallar; porem ainda não lhe conho de parte, por que primeiro quero indagar, alem de lhe dar uma noticia verdadeira.

Até já, meu capitão.

—Maganão, bem te conheço!

—Venha cá Sr. Mathias.

Então Vm., si ha de cuidar em domesticar sua —rebelde cabelleira—applicando-lhe boa dóse de senha, deu para desinquietar moças que estão socegadas em suas casas e depois despedil-as de madrugada, sem terem ellas para onde ir? Não seria melhor que fosse se occupar em fazer bonets?

Pois o Sr. com esses olhos de —olhar para ante-hontem— tambem quer passar por Cupido?

Foi bem feito o que lhe fez a sua Dulcinéa quando soube que tinha sido substituida.

Para que não continúe vou mandal-o passar uns dias com o Custodio.

LA VAE VERSO.

PERGUNTA.

Senhor do Bomfim, me diga,
Do thesouro que fará?
Despezas tantas, e contas
O povo não vel-as-ha?

—E o adro, não viste a obra?
Já não viste o chafariz?
Tanta obra em pouco tempo
Só d'um thesouro feliz!

—Serviços tantos merecem
Um bem grande galardão!
Um anno de mais vou dar lhe
Nesta nova votação.

A' PEDIDO.

Sr. Redactor.—Sirva-se V. declarar si o que tem sahido no seu jornal tractando da creoula Bernardina refere se á

Sua creada

Maria Bernardina da Conceição.

—

Affirmamos que não.

A Redacção.

Foi no mez do Nascimento,
No decimo quinto dia
Que vos pedi boas festas;
No *Diario da Bahia.*

Si podeis e quereis dal-as,
Eis-me prompto a recebel-as;
Miudinhas qual areia,
Ou do tamanho d'estrellas.

Mas não façaes sacrificios,
Que passem alem d'humanos;
Porem dae me boas festas,
Pois vos desejo bons annos.

—

Philantropicos leitores
Das gazetas da Bahia
João José da Rocha Campos
Que muito mal vos servia,

Quando espalhava gazetas
Alta noute e claro dia
E para maior flagello
Boas festas vos pedia;

Agora mais lo que então
Preciza de boas festas,
E por isso vem pedil-as
Por meio de quadras destas.

E não lhe leveis a mal
Este seu procedimento
Nascido das precisões
Que soffre a cada momento.

Sobre aquillo que dareis,
Não vos dê maior cuidado,
Cada um dê do que tem,
E não he mais obrigado.

Não he somente o dinheiro,
Que serve de boas festas,
Tambem comida e bebida
Bem satisfaz obras destas.

Tambem cousas que se vistam,
E que se possam calçar,
Tudo serve, pois de tudo
Muito chega a precisar

Quem não puder dal-as hoje,
Dal as-ha em outro dia,
Pois inda tardando um pouco,
Tem sempre a mesma valia.

E vós Senhores Redactores,
Por vossas philantropias,
Fazei que isto saia impresso
Das vossas typographias.

Pois o velho ex-postilhão
Dos typographos bahianos,
Só tem por seu patrimonio,
Seus cincoenta e nove annos.

—

ANNUNCIO.

Acham se nos prelos desta typographia as Memorias historicas do Sr. D. C. da Silva composição da habil penna do

Sr. Mattos.

—

No botequim do Candinho se achará áma pessoa que gratifica a quem soubet explicar a rasão porque mudou-se o recolher da Praça de Palacio.

BAHIA:—TYP. DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de Baixo n.º 12—J.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 1.ª BAHIA 16 DE JANEIRO DE 1864. N.º 12

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 12 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Termina hoje a primeira serie do *Alabama*, e cumpre-nos cordealmente agradecer aos Srs. assignantes o apoio espontaneo que nos prestaram.

Esperamos que elle continúe, hoje mais do que nunca, que nos consta que tem de apparecer um valente cam cão contra o terrivel inimigo dos ladrões e tratantes, descarados e devassos, o intrepido *Alabama*.

Pode já o publico avaliar o que será.

Esperal-o-hemos com grossa artilharia.

O rodizio da prôa, affiançamos-lhe, não será tão agradavel como pensa.

A tripolação, de todos os paizes, gente amestrada, desempenhará satisfactoriamente seu encargo.

A *policia secreta* não sente a falta do *Napoleão*.

O capitão, este está no seu posto.

Para a despeza de comestiveis, materiaes e aguada he preciso porém que certos senhores assignantes lembrem-se do que leram na prôa em negocio de adiantamento.

Os que á entrega do n.º 13, não mostrarem que são *generosos*, ou antes pontuaes, ficarão livres do trabalho de receberem a folha.

E estimamos que ninguem tenha de se queixar de nós.

O *Alabama*, na sua passagem, pode abalroar alguem; fa por isso não respondemos.

Façam favor passar de largo.

Os que tiverem negocios de qualquer natureza a tractar dirijam-se á typographia, visto que arvoram-se certos capadocios em redactores, e andam a exigir recompensa pela não publicação de artigos que phantasiam.

Os Srs. assignantes pagarão á vista de recibos impressos com talão, sendo encarregado da cobrança o Sr. Miguel dos Santos Prates.

Os de Itapagipe porém pagarão ao competente postilhão.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 14 de janeiro de 1864.

Officio á camara pedindo providencias para que cesse o mau estado em que se acha a estrada do Retiro, hoje intransitavel pela grande quantidade de espinhos que obstruem completamente o caminho.

—A' mesma, idem sobre a grande carga que obrigam os burros magros a carregar, com grande [illegible]

juizo e incommodo dos transeuntes, além do lastimavel e enfadonho espectaculo que fica exposto á vista do publico, como ultimamente succedeu na citada baixa em que iam sendo victimas do cançasso do burro grande numero de pessoas.

— A' mesma, idem sobre um enorme buraco que ha no principio da ladeira da Saude, onde quasi sempre se abismam os burros, os carros e ás vezes os conductores, repetindo se o espetaculo que a cima se refere.

— A' mesma, pedindo-lhe que lance suas piedosas vistas para á rua do Estaleiro da Preguiça, onde ha um horrendo e fero lamaçal, coisa que ignora sem duvida a Illustrissima, por que talvez por alli não passe algum Sr. vereador.

—Ao Sr. commandante do batalhão de caçadores, pedindo-lhe que dê suas ordens para que o guarda Antonio Domingues do Rosario, da terceira companhia do batalhão do seu commando não continúe á servir de creado da creoula Lourença Fateira, comprando carvão, carne, farinha, para a casa da mesma aos Sete Candieiros, dizendo-se até que costuma ir á noite deitar cisco fora.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre-Guilherme, ordenando-lhe que vá á Penha e exija das authoridades que dê descanço aos seus ordenanças, mudando-os diariamente, visto que além do masso de baterem aquellas areias, não tem obrigação de assistirem, todas as noites a conversas particulares no adro do Bomfim. O que cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe, que procure o fiscal da freguezia da Sé, e diga-lhe que quando for para os açougues de S. Bento, passe pela rua dos Carvoeiros, para ver que montureira existe na esquina que vae para a roa da Passadello, podendo o mesmo fiscal aproveital-a, si quizer, mandando-a carregar para sua casa, si por ventura tiver quintal. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que inquira de certos artistas, si pelas leis do estado não he responsavel por qualquer papel quem o assigna; e no caso de resposta affirmativa, scientificando-os de que tem de ser chamado á contas um certo numero de *conselheiros*, que deverão por sua vez chamar a seu *afortunado*, para acabar de narrar-lhes o *conto* que deixou em meio, fazendo vispora. O que cumpra.

—Ao grumete Paulo, ordenando-lhe que vá ao porto do Bomfim e procure o homem dos *ramos*, para scientificar-lhe quanto he escandaloso seu procedimento na janella, á par com a sua *Amancia*, incommodando a visinhança honesta, e prevenindo o de que se acautelle contra um *meninorio* da ponte que lhe serve de substituto. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Leopoldo de S. V., pedindo a nomeação de chanceller do consulado, africano, attenta a relação que com os africanos nutre.—Informe o Sr. de Gallinheiro.

Victor Meirelles de Lima, pedindo que se lhe mande dar sua commenda de brilhantes que lhe rou-

baraco os piratas e rebeldes.—Remettido ao João Lourenço e ao Travessa para lh'a entregarem, sob pena de serem atirados ao mar, como indicou o supplicante.

O alferes Santos das Peras, pedindo permissão para vender feijoada aos oleiros de Nagé.—Como requer.

—Immediato ao adro do Bomfim!

Que de sujeitos correram! só um ficou! chame-o à falla.

—Como se chama vossê?

—Mangaba, Sr.

—Quem correu, quando o *Alabama* chegou?

—Ignoro, capitão.

—Camaradas, mettam-no a ferros!

—Espere, capitão; eram o Dr. Zé Esturrado de quem sou confidente, o Mon-Bon, o Pedro de Breu, o major gago, o Ferreiro, e o Thomé Costa Pau.

—Que diziam?

—Tolices, capitão. Zé Esturrado dizia que havia fazer a qualificação; o Mon-Bon punha suas duvidas; o Ferreiro dizia que se havia dar a vôlta, o major disse então: «Estão vossês enganados, que já todos elles sabem que está vossê ligado ao Esturrado; já um delles isso disse na gondola, attribuindo a culpa ao Dr. Francez da secretaria que o trahiu, por que depois de se ter combinado certas cousas, appareceu subrenegado o Ferreiro.»

Disse depois o Pedro de Breu: «E o tal diz que ha de desmascarar o Francez! Elles que conheçam o egoismo da familia! O avô só queria quantas cadeiras de lente pegava, e não tinha fogão nem reboco na casa para não pagar decimas.

Era liberal, e tendo a forrar-se um negro já muito velho, exigiu lhe um conto de reis. São assim todos.

—Estão enganados, atalhou o Ferreiro, são todos liberaes puros.

—Como o Sr., accrescentou Costa Pau, que não sendo incluido na lista do directorio, veio unir-se ao Esturrado, por perder a mamanja dos oito bicos, e anda por toda a parte a dizer que não sabe o que lhe liguerro etc.

O Francez pensa que *bica*, engano; a de Santo Antonio, Pilar, a *moita* de Passé elle não colla! Mesmo aqui a da Penha o *Miligido* não o deixa embeiçar.

—Toma ronca, decididamente, disse Mon Bon.

—Está bom, não quero saber de asneiras.

Não se tractou aqui de thesourarias? O Freire pretende sempre matricular-se no 3.º anno?

—Isto lá não sei, capitão.

—E prestou contas esse moço?

Ora quatro annos de receita, de cera, de azeite, de cobres, vermelho, branco, amarello e de papeis.... emfim deixe ver.

Não quero por ora castigar estes biltres; quero ver si se emendam.

Meu conta-estrellas, sentido nelles, que em paga vossê terá aquelles *cabellos louros* que o Januario lhe dava.

—Ajudante do guarda marinha, quem he um sujeito que mora alli no Passo do Saldanha, quase defronte daquellas moças com quem moraste?

—Aquelle sujeito, não me lembro do nome delle agora, mas sei que principia como o nome daquelle inglez que teve a questão com o Brasil. O emprego delle heler para os companheiros ouvirem.

Por fallar neste cujo, vou contar a V. Ex. que tem elle em casa uma pobre orphan, parda, ja moça, a quem manda para rua comprar e carregar, em casa lava, engomma, etc., e he tratada como si fosse escrava, anda rota e suja e he horrivelmente espancada.

Um dia destes a *dona da casa* mandou engeitar uma compra que não lhe agradou, e ao descer a misera a escada, debaixo de um tiroteio de murros, rolou o ultimo degrau.

—Que barbaro!

—Pois elle he *Christianissimo*, meu capitão.

—Não tem nada de christão.

Permita Deus que lhe dê o rheumatismo nas pernas para elle saber si he bom descer escadas assim.

—Sr. capitão V. Ex., já sabe o que aconteceu a patrulha da Conceição da Praia na noite de 13?

—A patrulha estava cançada, foi descançar no trapiche Grande, e amaneceu roubada. Si a patrulha he roubada, o que será dos patrulhados?

—Mas o que queres, si ha tão pouca gente, e os soldados vivem mortos de serviço? O peior he que havendo alli tantos morcegos podia ser algum dos soldados chupado.

—Ajudante do Mané-Bahia, chega á fallia. Quem era aquella senhora que na noite do dia da lavagem estava em casa do Barnabé por detraz da casa dos romeiros tomando café com aquelle militar de barbas a Cavaignac?

—He a mulher daquelle moço que diz ser d'uma casa muito honrada.

—Mas por que não foi ella tomar o café com seu marido?

—Por que elle ficou na cidade copiando uns autos que tem de ir á Relação.

—Ah! Então tem razão.

LA VAE VERSO.

METRALHA.

Temos eleição?
Bello fevereiro!
Quero ver Moutinho
Feito thesoureiro!

Lasso morto secretario,
Secretario um bom *balão*
Outro *balão* presidente
E lá se vão o ladrão!

Mais um *balão* p'ra visita
E acabou-se o barulho.
Fico livre, ficam livres
Os pasteis de dous d'ajtho!

Que *afortunado* que sou!
Outro *balão* archivista!
Stou livre e safo da pena!
São *artes* mesmo de *artista!*

E viva quem vence!
E quem venceu!
Quem lucra com isto
São elles, *não eu.*

AMOSTRA DO PANNO.

Quem he que tanto alli falla
Naquella ordem terceira?
He um moço honesto e serio,
Dr. Benjamin Caveira.

Meu hypocrita acautelle-se,
Aperte a funda, *Caveira!*
Que sucia de linguarudos
Tem a tal ordem terceira!

Até terça feira, meu Caveira!

ANNUNCIOS.

Previne-se ao dono da loja n.° 2 á ladeira do Taboão que seja mais cortez com quem lá entra para comprar; e que si quer por força que os que lá entram comprem, substitua alguns alcaides que tem por melhor fasenda.

O Florencio Manuel e Silverio, passaros da companhia do olho vivo *esvoaçaram* e lá andam por Paramirim fazendo das suas.

Não era bom que se obrigasse esses homens a declarar do que vivem?

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de Baixo n.° 42—J.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2ª BAHIA 21 DE JANEIRO DE 1864. N.º 13

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 19 de janeiro de 1864.

Officio ao Sr. commandante de policia, pedindo-lhe que faça vir á sua presença os guardas que estavam de patrulha na noite de 17 na freguezia de Santo Antonio, e extranhe-lhe o seu mau procedimento para com um pobre homem a quem espancaram cruelmente, por que o encontraram sentado n'uma porta, devido isso ou á estar cançado, ou mesmo á alguma dóse que tomasse lá pelos alambiques de Itapagipe; uma vez que não he com pancadas que se fazem prisões, muito mais não havendo resistencia da parte do prezo.

—Ao Sr. commandante do batalhão de caçadores, perguntando lhe si he exacto o que dizem por ahi que estando o major do seu corpo doente ha dous mezes, acha-se como prompto no mappa do corpo, o que a ser verdade he uma grave offensa e um mau exemplo á disciplina militar similhante espirito de patronato.

—Ao mesmo Sr., pedindo lhe que se digne informar si com effeito fôra castigado, ha poucos dias, como por ahi corre, um soldado que foi do 10.º e hoje he praça do batalhão do commando de S. S., e a sêr assim que falta commetteu e si este he o mesmo individuo que esteve incommunicavel no forte da Gamboa no tempo da questão das escravas rebeladas.

—Ao Sr. subdelegado de Santa Anna, pedindo-lhe que dê terminantes ordens para que sejam extinctos a immensidade de porcos que andam por aquella freguezia, uma

vez que os Srs. fiscaes não cuidem em semilhante abuso.

Portaria ao guarda marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Portão da Piedade e passe a averiguar a rasão ou origem de haver todas as noites na loja de uma propriedade do Sr. Itaparica um grande barulho á maneira de queni bate cobre.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que esteja uma madrugada destas pelas immediações do becco da Garapeira e ahi espere um tal Sr. Bugarim que costuma ir como sahiu do ventre de sua mãe até á Fonte Nova tomar banho, com grave prejuizo da moralidade publica. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que faça conduzir ao porão do *Alabama* o dono de um botequim á ladeira da Praça, para não incommodar depois que fecha a casa os visinhos de seus fundos, como aconteceu na noite de 17 do corrente, em que o mesmo espancara com viração a *dona de sua casa*, resultando dahi gritos de aqui-del-rei, que sobresaltaram os moradores das ruas Direita da Misericordia e do Bacalhau.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

O proprietario da *Nova Padaria*, atraz da Sé queixando-se de Jacintho S. Gordinho, por lhe haver subtrahido 18$000 da gaveta. — Recorra ao Dr. delegado que he a authoridade competente.

CONSELHO DE GUERRA.

Presidente—Alabama.
Promotor—Luna Barboza
Advogado—Moraes Corqueta.
Escrivão—Roberto da Vicencia.
Reu—Roberto Macario 2.°
Mais quatro conselheiros.

A's 11 horas do dia, abriu-se a sessão e o escrivão fez a leitura do processo.

O Sr. promotor, tomando a palavra pronunciou o seguinte:

Srs. conselheires.—«A justiça por meio de seu orgão, em vista do presente libello accusatorio, nesta ou melhor forma de direito

P que em um destes dias, o reu presente Roberto Macario 2.°, depois de ter seduzido uma sua irmã viuva a subtrahir ou sonegar nove escravos de seu casal para por elle serem vendidos, trouxe os para a casa de uma judia que elle conhece de perto.

P. que quando disso teve conhecimento a authoridade e mandou aprisionar os referidos escravos, apresentou-se o reu na dita casa e propoz-se para depositario.

P. que não tendo nisso consentido os agentes da diligencia, officiou o mesmo á authoridade e illudindo-a, obteve a nomeação almejada.

P. que se acha o mesmo incurso no art. 257 do codigo *alabamal*, com as circumstancias aggravantes dos §§ 4, 6. 8, 9, 10, 11, 15, 17 do art. 16 e 1 do art. 17.

«P. por tanto que deve ser ao reu applicada a pena de carrinho perpetuo.»

E passou á demonstração; findo o que, tomou a palavra o advogado e depois de uma defeza banal, pedio a absolvição do reu.

Em seguida o presidente propo

os quesites cuja solução deram em resultado a pena requerida.

E levantou se a sessão.

—Ora venha cá, meu tratante!

Conte-me lá isso, que gosto de de ouvil-o. Sublime lingua! de prata fina e terina!

—Capitão, ouça-me V. Ex.

Quem bem sabe o que são intrigas sou eu.

Quando se vê um homem moralisado como eu, calumniam-no e injuriam-no; é assim nesta terra.

Eis por que fallam de mim, a vestal destes modernos tempos, *o normal methodista*, o advogado eximio e *dedicado*, o jornalista conscencioso, o amigo fiel, o irmão e filho extremoso, o esposo casto, o cidadão patriota, o Roberto Macario emfim desta nova *cité* que tantas saudosas recordações me traz á mente!

—Basta de parolas. Vamos ao que lhe perguntei. Que embrulhada hé essa?

—Já não ouviu V. Ex?

—Mas repita, moço.

—Capitão, leia o processo.

—Venha cá, Sr. vermelho pelado frango teso!

—Que quer V. Ex?

—Pois, meu refinado besta de publicista, mon-bon dos diabos teve você o desaforo de dizer que o Ottoni era mais um cavallo que entrava para o senado!

Gostou da resposta?

Si o Ottoni apanha as esporas do João Carvalho para mettel-as no seu bojo.... que ventura, santo Deus!

Na verdade, bem lhe o capitão, não se pode conversar com certa gente *vermelha* depois do jantar. Ile como com os inglezes depois das onze.

—Perdão, capitão!

—Ora vá-se para o diabo com essa voz de falsete, peste!

Então quer vossê tomar sopas commigo? Porque não deixa o *Alabama*?

Cuide tanto delle quanto se incommoda elle com vossê, que mais paschineiro que vossê quando no jury insulta testemunhas ausentes e indefesas, só o seu collega do *normal*.

E veja que tenho aqui um *genipapo* para carregar a peça com que lhe hei de mandar fazer fogo, si continuar.

—Mas, capitão, veja que o seu genipapo não brigue com o que por aqui tenho.

—Sr. capitão, domingo no Bomfim, entrei em casa do Candinho para tomar um refresco, e lá encontrei a companhia do olho vivo em operações. Estavam nada menos do que passando revista ás algibeiras de um descuidado. Dentro de um quarto estavam, entretidos outros com um jogo de dados a que chamam *rapa*.

Puz-me a observar aquella rapinagem; mas infelizmente fui apercebido por um cigano que lá estava que gritou:

«Aqui está um espião do *Alabama*»

A este grito alvoroçou-se toda companhia, sobresahindo o João Gaulatas e o Antonio dos inva-

lece, que até me ameaçaram. E aos gritos de fora o espião, fora a policia desarmada, lançaram-me para fora, com o apoio do Candinho que não me quiz vender.

—Bem, vou dar as providencias neste sentido.

LA VAE VERSO.

FOGO SOLTO.

Namoras, meu pharmaceutico
Para calotes pregar?
Sentido na professora,
Quatro bicos vae pagar!

O Tobias.

Eu sou thesoureiro
De certa irmandade.
Sirvo ha muitos annos
Por ter charidade.

Faço grandes festas
Na egreja da Sé,
Gasto meu dinheiro
Por amor da *fé*.

Mas não sei porque motivo
Caveira me appellidaram
E outros (lingoas ferinas!)
Hypocrita me chamaram.

Uns me chamam usurario,
Eu não sei por que rasão;
Si os cobres da irmandade
Gastei com tal profusão!

Será por que os cobres da irmandade
Alguma vez tenho feito render premio?
E apreveito os juros, repartindo
Com nim e os socios de meu gremio?

Vende-se Sr. Mathias
Com a sua cabelleira
Onde se aninham co
Tartarugas e porqueira.

Que cabelleira damnada
Q' tanto bixo aventa!
Não pensem ser caçoada
Ou cousa que aqui s'inventa!

Cabelleira onde formigam
Piolhos e muquiranas,
Matta virge' onde se abrigam
Tigres e sussuaranas.

Me diga a razão porque
Deu agora em namorar?
Porque havia vossê
De casa a moça furtar?

N'outro tempo aos domingos
Havia missa cantada
No collegio de Jesus....
Hoje a coisa 'stá mudada.

Que se commette esta falta
Talvez não saiba o deão;
Pelo seu muito afazer
Pela sua occupação.

PERGUNTA.

Será certo que foi prezo um homem, por ter dado no cachorro de um inspector de um quarteirão da freguezia de Sant'Antonio que costuma a investir em quem passa?

Sr. —Figurino dos Velhos— deixe-se Vm. de ir se metter naquelle casebre da rua [illegible] do Collegio atraz da sua *Umbelina*, e até vendendo carvão na porta; não queira envergonhar seu estimavel filho que he um moço que não merece.

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de Baixo n.º 11.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2ª BAHIA 23 DE JANEIRO DE 1864. Nº 14

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 18000 rs. por serie de 10 nu. eros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 21 de janeiro de 1864.

Acto.—Tendo chegado á esta cidade um celebre padre de violão e rú, sambista e dengoso, cara larga e bexigoso, gordancho e tinhoso, beberrote e manhoso; e constando-me que tem elle o ar de arraes, como já disseram, ou de limoeiro, o que em todo caso demonstra que o homem he do mar, o capitão do *Alabama* tem por conveniente nomeiar ao *sobredito cujo* para capelão de sua tripulação, sob pena de, não se emendando dos defeitos como prometteo, ficar sujeito ás calabriadas do muxinguciro, e ás graçolas dos marinheiros, sem direito á reclamação.

Officio ao presidente de certo tribunal para que quanto antes faça suspender de suas funcções certos officiaes de justiça que costumam dar certidões falsas como um M. M. Gomes que em *relação* do que digo deu nessa graça.

—Ao Rvm. Sr. Pedro thesoureiro da irmandade S. Pedro dos clerigos, perguntando-lhe si os moradores da casa n. 5 mudaram-se de livre vontade ou si foram coagidos a isso, visto que a mudança foi repentina: e perguntando mais si já lhe foi fallar para alugar a casa uma moça que está morando em Itapagipe, cujo nome se parece com o de um passaro.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua dos Ourives e traga pelas orelhas o cabrinha Manuel Sapateiro afim de apresentar-me a carta d'alforria que deve ter, e já lhe forro como blasona, porque dizem, que ainda he escravo do por-

Ignez Martinho sob pena de não o fazendo, ser depositado por trez dias de cabeça para baixo n'uma cloaca. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que proceda o observador do *Interesse Publico* por quanto lhe si fez tracta do de paz e alliança na questão das rebeldadas Ignez e Mariana, por que nenhuma noticia se soube mais daquelle negocio. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

O engenheiro de seis mezes, pedindo o logar de commandante do *Alabama*.—Como requer.

O escrivão armado Menezes, pedindo permissão para passear á noite pelas ruas desta cidade com lanterna das Canarias.—Informe o Mané Galhó.

—Ora bem, aqui está o *Alabama*. Não quero abaroamentos, Sr. capitão Fusca de Cará. Lembre-se do *Santo Antonio* e do *Jequitaia*.

Como he matreiro! como vem manso! Passe de largo, já lhe disse!

Ora conversemos.

Então ha muita immoralidade por este bairro? Pois onde, por aqui ainda florecem defloradas donzellas, ás sequazes virgens?

O codigo tem um artigo melhor que o 277 para os depassos e tratantes, para os rufiões e velhacos.

Por falar em velhaco, lembrei-me agora de um sujeito que tratava pelo nome de *Saint Pelagia*, mas que tomado de rum por uma vegonha... linha ferrea.

Dizem-me que depois de *ter sido* engenheiro, seis mezes só, applicou-se á marinha e he hoje capitão d'um navio federal. Voltaremos a isso.

—Olhe lá, que eu represento a liberdade: sou do norte, inimigo acerrimo da escravidão!

—E cá este seu creado inimigo acerrimo dos ladrões. He do norte, he do sul, dos quatro pontos cardeaes em summa.

Veja si encontra alguma *Castor* para metter medo e quando fizer provisões de comestiveis e agnada, não se esqueça de sal, que he de muita necessidade.

Vá andando seu caminho, e diga que eu lhe engano.

—Mando já fazer fogo!

—Camaradas, um explosão de bufas!

—Purruts purruts, purruts! puf, puf, puf, puf!

Fiau! fiau! fiau!

—Creado do Sr. *Dr. Em Beiços*. Dê-me uma palavra.

—Prompto Sr.

—Para que n'alfandega depejou vossê com tanta furia a negra bitis que lhe immundava o peito sobre um pobre menino, caixeiro do *Alabama*?

Pois isto he bonito, Dr.? Pois he de cavalheiro insultar quem se não póde defender?

—Ora, meu Sr.! Só podem ser intrigas do Freire, mas hei de breve encontral-o no curral, e então...

—Acautelle-se.

Sr. Cara de defunto, faz favor de me dizer o que he feito da Matança?

—Eu si cá, ca a ...!

—Que diabo de traficancia he uma de uma lettra com o finado João Simões?

—Eu sei cá, meu capitão.

—E que anda vossê fallando de quem nunca o offendeu?

—Eu sei cá, meu capitão.

—Caveira do diabo, olha que te quebro as ventas!

—Capitão, eu conto tudo.

—Sr. da porta da camara, aqui estou ás suas ordens.

—A seu serviço, meu capitão!

—Diga-me que diabrura he uma de roças, lettras, inventarios e testamentos?

—Baixinho, capitão. Eu quero fallar-lhe em segredo.

—Não; ha de ser com seu *collega*, Caveira de burro.

—Seja.

(*Continúa.*)

—Para que andam vossês a intrigar com o Dr. França e o Ferreira?

Olhem que ja eu sei das asneiras que disseram vossês, pois o Mangaba me contou!

—Perdão, já deixei a thesouraria.

—Maganão! Mas por zelo catholico vaes encarregar-te ainda dos trabalhos dellas!

Devias acabar a obra da grade; aquelle chafariz ficou de matar; aquella imagem do Salvador em cima demonstra mesmo excesso de religiosidade; phanatismo, embora, desculpa-se; aquellas banderas, aquelles foguetes, aquellas fogueiras, aquelle continuo repicar; aquellas danças, aquella musica, aquella illuminação de *progresso*, aquelle luxo em luzes, aquellas medidas *vendidas*, demonstra tudo economia e excessivo zelo.

Já agora... Senhor do Bomfim o ajude

—E vossê, charo amigo?!

—Ora, depois daquella minha publicação sobre monarchia, depois das minhas explicações de arithmetica, depois de meus progressos normalisticos e anormalisticos, depois de minha aposentadoria por força de divorcio, depois de minha secretaria de instituto, dei me mais especialmente á advocacia.

—Não lhe pergunto por isso. Peço-lhe que não falle do Ottoni, que he um homem que foi eleito senador *cinco vezes*, e vossê nunca passou de *sete votos* para deputado provincial.

—Capitão, não me envergonhe.

—E vossê, meu melro?!

—Eu? Já fui promotor, e quando accusava, ria-me; já fui deputado e quando advogava os interesses da provincia, punha-me atraz dos bancos, calava-me e nada fazia!

—E vossê, yoyô?

—Espere, capitão, posso lhe contar um negocio do arsenal, uma aposentadoria, um diabo d'uma vergonheira.

—Não he preciso. Quero só que se não metta em politica e cuide dos seus.

Tratantes eu os espero; não estou hoje disposto a dar palha.

—Guarda marinha, agarra aquelle bebado insolente que está alli a vociferar naquella casa a rua da Misericordia.

—Lá-o capitão.

—Como te chamas?

—J. Ferreira.

—O que estavas fallando alli do capitão de *Alabama*?

—Nada

—Então não disseste que havias de esfregar o capitão do *Alabama* se acaso se occupasse de ti?

—Não senhor. Não sou capaz de dizer isso.

—E mesmo deves saber que ninguem vae lá se occupar com um bebado. Vae-te que estás causando nauseas e parece-me estar ao pé de um alambique.

—A's ordens de V. Ex.

LA VAE VERSO.

PROGRESSO DA BAHIA.

Que é progresso na Bahia
Caminho hoje à vapor,
O' hoje tudo he perfeição
Não ha duvida que oppor.

Pois quem vae ao fôro
A advogar.
Sr. Vasconcellos
Tem que duvidar?

A schola do Ariani
Com distincção frequentou
Deu os livros o Linhares
Pelos quaes elle estudou.

Outro tanto bem póde se dizer
Da tal moral nesta boa terra,
Detesta o vicio, abomina o erro
O q'he virtude em seu seio encerra.

Pois quem vae ao adro
Daquelle Bomfim.
E vê lá nos casos
Fazer tim-tim-tim,

Ainda duvida
Qu'stão fazendo?.....
'Stão á virtude
Seu culto rendendo.

E quem vae ao Papagaio
E vê certo advogado
Emquanto o dono da casa
Está dormindo cançado,

Muito gálhardo
Prendas jogando.
Sempre a fortuna
O ajudando;

Póde ainda negar que na Bahia
Tudo seja progresso. illustração?
Q' mesmo a creança quando nasce
Noções já traz de civilisação?

Vossê subdelegado
E ajudante quer ser!
São coisas do Garibaldi.
São *progressos*; tem que ver.

Distincto *Noventa e Dous*
Com coronel Marcolino,
E p'ra vencer eleições
Ajudante o Bellarmino!

A' PEDIDO,

Pede-se a certo padre, thesoureiro de uma irmandade, que no Terreiro faz *Caldas* o obsequio de offerecer a certo prelado que muito gosta de passarinhos uma das duas *canarias* com quem vive

Sr. Redactor—Peço-lhe o obsequio de declarar si uma publicação que no n.° passado sahiu referindo-se a um Sr. Bogarim, diz respeito ao

Seu attencioso criado

Malaquias d'Alcantara Porlella Bogarim

Não senhor,

A Redacção.

TYP. DO INTERESSE PUBLICO—Rua do Cinema n. 42, 1.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2ª BAHIA 26 DE JANEIRO DE 1864. Nº 15

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 10 numero, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Gidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 25 de janeiro de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, dizendo-lhe que cumpre que S. S. dê providencias para que cessem por uma vez as quotidianas desordens que ha em alguns beccos da rua do Castanheda, provenientes dos continuados sambas que ha todas as noites alli, não só privando os pacificos moradores de poderem dormir pelos toques de pratos e pandeiros como trazendo sobresaltadas as familias, pelos repetidos alarmas, gritos d'aqui d'elrei, bordoadas, etc., sendo de notar que sempre tem parte na festa algum agente da força publica.

— Ao commandante do vapor *Boa Viagem*, perguntando-lhe que atrevido gallego era um que no dia 24 á noite, depois do fogo ia a bordo do referido navio insultando a todos com palavras e gestos obscenos, apezar das immensas senhoras honestas e respeitaveis que com elle juntamente iam.

Dizem-me que o mesmo he de altura regular, barba cerrada, gordo e tem negocio: consta-me tambem que se chama Matheus.

Si por felicidade encontral-o Vm. primeiro que qualquer dos agentes de minha força, dê-lhe o conveniente destino por que terei seguramente nojo de encarar esse estupido grosseiro, ralada escoria da terra chara de meus charos avós.

Portaria. — Ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que percorra a maior parte das vendas da cidade, e indague donde provém uma immensidade de gorgolhos e caruncho que accommettem as pessoas que ás mesmas se

aproximam, afim de dar-se as necessarias providencias, visto que me consta ser esta nova praga de mosquitos proveniente das bolaxas mata-fome que em larga escalla se fabrica e distribue por esta cidade.

Logo que inteirado estiver Vm. do facto, participe-m'o afim de officiar immediatamente ao Sr. Dr. inspector da saude publica e á digníssima camara, que, estou certo, ambos não tem conhecimento de tão revoltante escandalo, de mais a mais prejudicial á vida humana e a bolsa dos pobres. O que compra.

—Não prendo mais a ninguem.

Matem, esfollem, dem pancadas, façam o diabo; está queda a patrulha.

—Mas então por que camarada? Foi esta a ordem que recebeu?

Pois vossê no Bomfim não quer ter trabalho?

—Perdão, Sr. capitão; mas he que eu não estou para estar prendendo e o Sr. commandante do destacamento soltando.

—Está bom, falle baixo, dhe a disciplina do corpo: faça o serviço e depois reclame.

Vá quanto antes prender-me aquelle bebado do Rocha Lima que anda alli a importunar a gente, sacando-lhe dinheiro e joias, e quero ver si o tal commandante o solta.

Ha de estar diariamente a imprensa a bradar contra os larapios, e por deleixo da policia elles a renascerem como os dentes de Cadmo!

—Ajudante do guarda-marinha!

—Prompto, meu capitão.

—Traga a minha presença o alferes das covas.

—*Ecce homo.*

—Ola! venha cá.

—Sr. capitão, por quem he!....

—Olhe! ja vem tremendo!

Vm. não disse, quando via no *Alabama* se fallando dos officiaes, que maltratavam os soldados seus camaradas, que aquella carapuça não lhe cabia?

—He verdade, capitão.

—E como já foi encontrado o soldado seu camarada com uma trouxa, que ia levar á sua *amasia?*

—Capitão, não me descubra os podres!.

—Está tão humilde assim, meu charo?

Si continuar a andar badernando toda noite, a maltratar sua mulher e o soldado seu camarada eu dou-lhe-hei á calva a mostra, e contarei a historia de certa cuja da estrada das Boiadas.

Vá, por hoje passa.

—A's suas ordens, capitão.

—Ajudante do guarda-marinha, traga-me logo o alferes Estaca.

—Aqui está o homem, meu capitão

—Ora diga-me, para que anda fallando cousas proprias de um homem doudo?

—Que cousas foram, capitão?

—Ouça:

Vm. viu no dia da lavagem do Bomfim, o Lobo estar á me comer as ovelhas, e Vm. de sua janella á dizer, que si fosse recrutador, recrutava até os alferes da guarda nocional, quanto mais os guardas!

Ora quer saber o que são os alferes da guarda nacional, eu lhe digo:

« Os alferes da guarda nacional são superiores a Vm., por que não são assalariados pelo governo e Vm. o he!

A patente dos alferes da guarda nacional, não tem differença da sua. »

Ou terá algum ponto mais?

Ah! he verdade!

Os alferes da guarda nacional não foram creados nos Artifices.

Ora, he melhor que Vm. tracte de libertar seu cunhado, e deixe de andar falhando tolliços.

Và por hoje.

—Dr., venha cá, que canceira he esta? Já he caballa p'ra juiz de paz?

—Qual, capitão! Estou a correr desde o bèco das Hostias, e vou pela ladeira do Ferrão à cima.

—Vae acodir á algum doente, livral o das garras da morte?

—Qual capitão! Ia me divertindo com duas *cujas* e por força a querer acompanhal-as até a casa.

Fui indo, sem ellas quererem, fui indo, indo, indo, quando fui obrigado a vir, e vinho vindo, vindo, vindo quando a V. Ex. encontrei.

—Mas por que tão depressa voltava? Por que tanto corria?

—Ua a voz cujo som quasi me *mata*, e que ouvi quando ia entrando.

—Si o pegam.... pelo que vejo passava recibo....

Tenha juizo, Dr.

—Ajudante Manoel Bahia chega á fóla. O que tem visto ahi por casa dessas *Venus*, todas conhecidas?

—Pouca cousa, Sr. capitão.

—Vamos a ouvir.

—Ha coisa de oito dias, fui a rua do Collegio á uma casa e presenti que por baixo havia alguma rumor. Como sou curioso quiz saber o que era e fui a um buraco que ha no soalho observar e vi uma mulher parda, nua, a dançar em quanto outras duas tocavam. Ao redor haviam bonecos, quartinhas, pombos, golpho em uma bacia etc., etc.

Finda a dança veiu uma gallinha preta que foi aberta ao meio e passada diversas vezes e em differentes sentidos pelas costas da mulher, sendo isto acompanhado de palavras e gestos que não comprehendi.

Depois foi preparada e posta ao fogo.

Dahi a duas horas entrou um velho que terá seus 60 e tantos, porém que representa menos, gordo, um pouco barrigudo, sobrecasaca preta, calça e collete brancos, collarinho em pé, chapeu de pello e guarda-sol perfilado. Sentou-se e perguntou:

—Que me guardou Umbelita?

—Tem gallinha p'ra você yoyo Julinho.

—Venha lá isso.

—Diga-me yoyo, quando são as partilhas?

—Deixa estar que muito breve.

Dahi ha pouco saboreava o velho a gallinha que tinha servido de friccionar as costas da mulata. E eu sahi.

—Bem, avisa o Guilherme, para amanhan ás seis horas, acompanhado por ti, agarrar essas bruxas e levai-as ao Sr. subdelegado da Sé que lhes deve dar o convenie te destino.

—Immediato, um passeio á Cachoeira.

—Prompto capitão.

—Que trocatintas das cloacas he aquelle que alli vem com cara de bolaxão?

—E o saladissimo comico da Cata-dupa.

—Oh! chama á falla esse tratante, ex-subrenegado do Pasto: tenho que interrogar aquelle birbante e velhaco pasquineiro.

—Aqui me tem, Sr. capitão, como humilde servo.

—Então, sevandija, quanto torpemente empalmaste pela impressão do pasquim—*Pirata*?

—Tetéa, Sr. capitão; quasi nada.

—Miseravel não te escaldou as mãos esse vil punhado de cobre, com que te compraram para nos typos do teu ascoroso e infame *Regresso* publicares o *Pirata*?

—Sr. capitão, a minha miseria e descaro já me tornaram insensivel; sou uma escoria....

—Que cynismo inqualificavel!

Como sendo tintureiro, adelo, alugador de roupas velhas de bando, comico e farcista, te metteste a manchar a imprensa?

—Sr., para ganhar, diffamando, mentindo, injuriando, descompondo, e convertendo a imprensa em machina e echo de sentimentos ruins e feroces, de paixões barbaras.....

—Desgraçado! Que typo!!. que ente infernal!!..

Que fizeste dos cobres surripiados na venturosa quadra da vara de subdelegado?

—Sr. capitão, assim como vieram, assim foram.

—Que ladrão descarado!

Ainda continuas com tuas immoralidades, em leves enredos, e a manejar tua lingua de serpe, calumniador?

—Sr. capitão, a questão he ver dinheiro, que me presto a tudo: nasci pera capacho, o hei de ser até a morte.

—Maxingueiro?

—Aqui estou, Sr. capitão.

—Cem calabrotadas neste arrasta chinellos; depois mette-o á ferros no porão, até que a esse sentina de torpesas e miserias leve-lhe o diabo.

—Será obedecido.

—A frente, tractante, a fouete!

—Sr. capitão, por quem he!

—O que disse esta dicto.

—Lá se vae o meu futuro de primeiro farcista do theatro dos açougues.

Misericordia!!..

LA VAE VERSO.

SAO GONÇALO.

Ahi vem o Fausto
Com seu batalhão;
Como vem galhardo
O tal moçetão!

Ora bravo moço,
De *chapeu* á banda!
Bravo o capitão,
Que as moças commanda!

—Fecha a retaguarda!—
P'ra as moças gritou:
E sonora chula
Eis que entoou.

—São Gonçalo milagroso
Das moças no casamento,
Lembrae vos de quem vos serve
Com tanto contentamento.

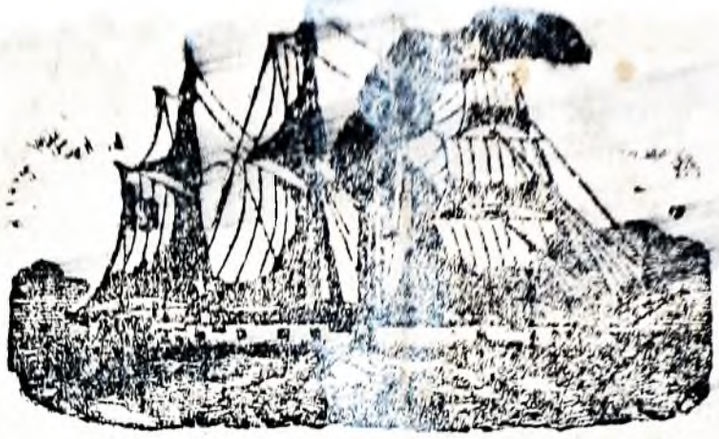
As moças caza
E as velhas tambom;
Mas dae me dinheiro
Que stou sem vintem.

Como vae Portella,
Meu S. Gonçalinho,
No meio das moças
Tão requebradinho!

Ora S. Gonçalinho
Ora dô, dô, dô!
Como está vermelhinho
Mon bon que he *doutô*!

Elle toma tabaco
Ora dô, dô, dô!
Rotonton, rotonton
Viva quem ganhou!

BAHIA:—TYP DO INTERESSE PUBLICO
Rua do Maciel de Baixo n.º 12—J.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2ª BAHIA 28 DE JANEIRO DE 1864. Nº 16

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 27 de janeiro de 1864.

Officio ao Dr. chefe de policia.— Constando-me que o motivo de haver na casa de Asylo continuadas desordens entre os mendigos alli residentes, que chegam até a arremessar pedras em quem passa, instigados por moleques que os vão provocar, curiosos de presenciarem as scenas indecorosas que alli se reproduzem, he a ausencia do administrador da casa, que dizem rara vez alli apparece=veo disto dar sciencia a V. S. para que dignando-se mandar averiguar si he exacto tal boato, obrigue aquelle administrador a ser mais pontual no cumprimento de suas obrigações, e a estar constantemente na referida casa, sendo obrigado a não consentir na frente da mesma ajuntamentos de meninos e moleques que alli vão insultar os mendigos.

— Ao mesmo, scientificando lhe de que se acha inundada a cidade de patacões mexicanos e hespanhoes falsificados, e pedindo a S. S. que recommende ás authoridades subalternas toda vigilancia para com certos especuladores que andam á noite pelas casas de negocio vendo si os passam.

=Ao Sr. subdelegado de Maré, pedindo-lhe providencias para que seja capturado um José Ricardo das Neves ou das Enxundias, que no dia 12 do corrente espancou brutalmente sua infeliz mulher. Constame que tendo esta fugido para a caza de seu pae, armou-se o tal innocente de faca e cacete para ir buscal-a, e que tendo, na occasião do conflicto que por tal houvera, apparecido o inspector, fora por elle offendido com algumas cacetadas. O que

ser a verdade, bem vê Vm. que tal falta não pode ficar impune e preciso se faz que m'a remetta, para dar que fazer aos muxingueiros.

—Ao Sr. subdelegado de Santa Anna, para, que se digne scientificar ao Sr. dos bolhões, inspector do beco do Capo, que se faz preciso que com sua presença evite o mesmo as algazarras continuas, as palavradas, os sambas e jogos, as desordens diarias que tem logar no referido beco.

Assim como extranhe-lhe Vm. o procedimento visto que me consta que por baixo da caza do mesmo he que tem logar estas scenas, promovidas por certas mulheres de má vida, de parceria com soldados dos corpos da guarnição.

Portaria. — Ao guarda marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao gallego de *Braga* e diga-lhe que não continue a embriagar-se elle e sua *marafona*, para insultar as pessoas que vão á sua casa a negocio, e não prosiga no uso de pôr defeito em costuras que lhe fazem pobres mulheres, afim de lhe não pagar o seu importe, sob pena de lhe mandar quebrar á pedras a biboca em Santa Barbara, e dar-lhe a bordo do navio 4 duzias de boas calabrotadas. O que cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

O poeta Manuel Muquirana pedindo licença para servir de figurino de certa junta de engenheiros.—Informe o José Domingues da Freguiça.

—Então, meu refinado beberrote, por que insultou vossê o capitão do *Boa Viagem*?

—Eu sei cá! Estava ahi assim com a caveça pisada, e disse umas duas pilherias.

—E não viu que vinham senhoras? como insultou a todos com tanta asneira que lez e proferiu?

—Eu sei cá! O diavo da caxaça, que diavo!.. o binho, o binho vota a gente a perderi e depois está a gente apurtada.

—Mas que fez com aquellas rapazigas que vinham a bordo?

—Ah! sôr capitão, eu estava já assim como quem não queri a cousa, e bi as *maricas*, fui aqui assim a querer deitar-me e a rapazeada não o consentiu.

– Patifão! Não sabes o que he educação? Não sabes respeitar a honestidade?

Não vias que estavas no meio de gente? E gente mui to superior a ti?

—Mas he, meu capitão, que eu estava com a caveça aqui assim..

—Aqui assim!... aqui assim esta á tua espera o muxingueiro.

Faze o teu dever, muxingueiro! 50 por dia, até que se convença que estar entre familias não he o mesmo que receber pontapés do amo, carregar selecta, ou mesmo lidar em armazem de molhados!

Fogo no biltre!

—Ora isto não vê o capitão do *Alabama* para fallar! anda se importando com o que não deve, fallando dos meus pobres companheiros militares.

—Então o que he, Sr. official do 10.º batalhão?

—O que ha de ser! He que entrou o *Apa* desde hontem, e eu estou aqui a ver navios desde 8 horas e são 10 e meia, e estou em jejum, á respeito de cartas.

—E s he por que he essa demora?

—Diz-me o Eduardo, que tambem está alli esperando, que he por não ter ainda chegado o administrador, mas eu não assevero, por que não o conheço, o que sei he que estou aqui ha bem boas duas horas a moer tinta, alagado em suor, e veja si não he para desesperar um militar que tem deveres a cumprir.

—Tenha paciencia, meu alferes, por que o mal de muitos consolo he. V. S. só não he quem soffre, são muitos. E depois creio que a demora não he só por não ter chegado o administrador, como dizem, por que empregados subalternos pouco ou nenhum vejo, e V. S bem sabe que quando a cabeça dóe o corpo todo soffre,

Porém mais cavaco que V. S. devem dar os redactores de jornaes a quem o maldito correio sempre está pregando peças, mandando para uma typographia dous maços d'uma só gazeta e ficando outras á ver o signal,

Com tudo, como Immediato do *Alabama*, levarei ao conhecimento do meu capitão a sua queixa.

Adeus, Sr official do 10.°

—Então V. S. tambem he do *Alabama?* Bem d'zem que a policia do tal vapor anda em toda parte.

—Immediato!

—Prompto, capitão.

—Que birbante he aquelle de meias vermelhas, que desce a ladeira do Alvo?

—Sr., he o sertanejo, *sacco de votos*.

—Oh! chame esse casmurro, esse coração de tigre á falla.

—Aqui estou, meu senhorzinho.

—Então, meu selvagem odiento, os vigarios por que não devem entrar nas propostas dos beneficios á que concorrem?

—Sr. capitão, V. Ex. veja que eu tal não disse: são enredos de palacio: eu só me empenhei pelo Santa Rosa a pedido de minha ama de leite.

—De onde vem, Sr. mestre catonico?

—Sr. capitão, de uma visita que devia a um amigo velho do sertão.

—Por que não diz antes, da casa da sua velha pecora que mora na Saude, a celebre.....?

—Sr. capitão, meu senhorzinho, pelo amor de Deus! olhe que eu me inculco no palacio de santo, sabio, conselheiro e homem necessario! Não me ponha a calva á mostra!

—Diga-me, por que procedeu nos exames tão baixa e vingativamente, cerceando as respostas judiciosas dos concurrentes, que no seu bestunto não devem entrar nas propostas?

—Sr, foi um plano de cima; e eu como subdito prestei-me apenas, pois sou humilde servo.

—Então he um capacho, Sr. sacco de votos?

—Senhor, eu... eu.... por quem he, me poupe, meu senhorzinho!!.

—Por que não ficou lá no seu sertão, e desejou ser vigario d'uma freguezia da capital?

—Mas Sr. capitão, he que a historia do maldito sacco de votes po-

dia trazer-me males, que aggravassem as minhas hemorrhoydes.

—Então tambem he maluco?

—Sr. capitão, ás vezes tenho apertos de miolos que me obrigam a dar ridiculos espectaculos.

—O diabo que lhe aperte a cabeça, meo tartufo.

—De onde lhe veio esta sua sciencia economica e theologica? seminario cursou? em que academia estudou? Então meninos tambem parem?

—Sr. capitão, desculpe: eu sou um trapalhão, uma besta; mas como nesta terra os deste quilate são os que figuram, nao por ser reprehendido por V. Ex. mais do que outros, que em identicas circumstancias está representando.

—Bem: concordo com o seu pensar; o que porem reprovo, e acho que he uma malvadez do coração do Sr. sácco de votos he que sendo o Sr. como he, quando constituido juiz ou informador, deprecie o merito, e a intelligencia alheia, só por antipathia, odio, e desaffeição que toma á pessoas, que lhe são superiores em moralidade e illustração, e que só por desgraça desta terra lhe estão inferiores na escala official.

Uma pergunta Sr. sacco de votos.

—Pois não, men senhorzinho...

—Vossê he branco?

—V. Ex. não pode duvidar da parte da minha prosapia: a cor morena ou tostada que tenho he dos ardores do sol sertanejo.

—Mas he branco ou não he?

—Sr., V. Ex. sabe que no Brasil he tolo ou besta quem, se fazendo myope acerca da branquidade desta terra, quer apurar cousas, que tem o preço como o capulho de algodão.

—E como o Sr. sacco de votos enche tanto as bochechas de mulato? E como mostrou seu odio baixo e vil até em actos intellectuaes, fazendo injuria a intelligencia pelo accidente da cor?

—Misericordia! Sr. capitão, he uma calumnia! Si sou mulato, como sabem todos que conhecem meos parentes, a começar de minha avó! Que falso!

—Bem: meu selvagem, carcelador, maldizente, baixo, vingativo, rancoroso e mesquinho sertanejo, si continuar em suas miserias, mandarei metel-o ao porão deste vaso, e pol-o a jejum de pão e agua por um anno, afim de ratificar-lhe o coração, e ajustar-lhe o juizo, e honestar lhe a lingua.

—Eu me arrependo, Sr. capitão, eu me arrependo: prometto de ora em diante ser outro, meu senhorzinho.

—Bem. Soltem esta besta.

—Obrigado, obrigado.....

Sahiu á luz o periodico—*Perilampo*.

He critico, litterario e recreativo.

Escripto por jovens que entram na carreira das lettras, muito deixa a esperar.

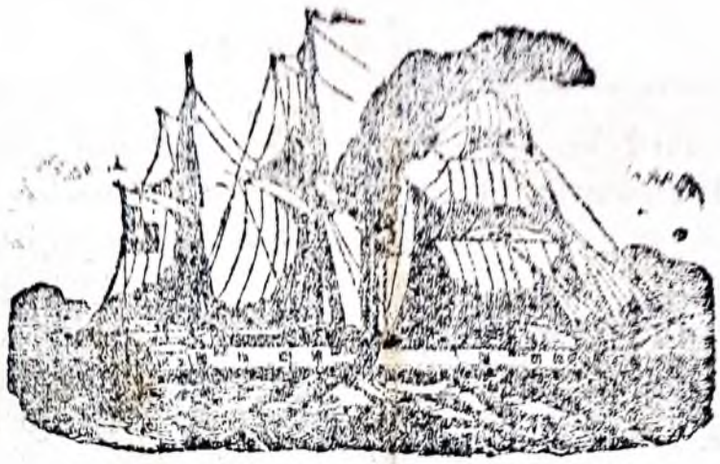
Recommendamol-o ao publico.

REMESSA PELO «SANT'ANTONIO»

Sr. escrivão, por que não me manda V. S. trazer de lá do arneo sitio onde está passando a festa os magros 2$ rs. semanaes, como nos convencionamos? Ou acha que he favor?

O Tucano.

TYP. DO INTERESSE PUBLICO=Maciel de Cima n. 42, J.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2ª BAHIA 30 DE JANEIRO DE 1864. Nº 17

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados; Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Gidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 29 de janeiro de 1864.

Officio.—A' camara municipal, para que faça observar a postura n.º 32, respeito a uma ratoeira de 3 andares, sita ás Grades de Ferro, que se acha escorada e prestes a desabar, afim de que não seja victima o publico, que comtudo muito lucraria com o desmoronamento, si esmagasse somente ao advogado Roberto Macario que visinho mora.

—Ao Sr. Dr. juiz de capellas, pergumando-lhe si a irmandade, devoção, ou cousa que o valha, do Senhor Bom Jesus do Bomfim tem livro de tombo, dicto de inventario de seus bens e o indispensavel compromisso, visto que me informam que nada disso alli ha, o que he lamentavel e digno de censura, como deve julgar S. S. que immediatamente dará as providencias neste sentido necessarias.

O que muito em vista tenho, a fim de que não achem os maledicentes occasião de duvidar da honra dos thesoureiros e em geral de todas as pessoas que se encarregam, naquella casa, de qualquer commissão; assim como para saber-se que fim leva o dinheiro do povo que em rios o vae alli depositar.

Portaria.—Ao Sr. alferes de Nagé, ordenando-lhe que intime da parte do commandante do *Mohican* ao capitão Lisboa e ao advogado Thomé para que não continuem a dar espectaculos, como o que teve logar no dia 25 do corrente á tarde, no largo do Bomfim, em que se viu um duello de espada por causa de uma moqueca, brinquedo que poderia ter funestos resultados, a não ser a intervenção do compadre. Da

qual diligencia enviará Vm. um relatorio ao coronel Pilheria. O que cumpra.

— Ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a uma venda na rua d'Ajuda e intime ao Sr. Castanha de Seixo que deixe de namoricar uma moça que na mesma rua mora, assim como a outra na rua Direita da Misericordia, visto que he o mesmo casado, e quando não fosse não era prudente querer a *bigamia* n'um paiz catholico. O que cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá á freguezia da Penha, e obrigue a mudar-se em 24 horas a Olegaria, parda escura, em cuja casa soo informado que ha sempre barulho, que incommoda os visinhos, havendo ultimamente um que muito escandalisou a moral, do que talvez não teve conhecimento o Sr. subdelegado, por morar na Calçada e a referida de ordeira no Porto do Bomfim. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que já e já vá por essas ruas afim de ver si encontra um Sr. Falcão que teve a habilidade de impingir um bilhete de loteria já corrida a um pobre official de carapina, e logo q e o encontre traga-o á minha presença, para á maneira de certo commandante de batalhão mandar cascar-lhe uma sova de bolos, segundo o systema de Bethbezet. Veja si o encontra pelo Pelourinho que he o ponto certo do sujeito. O que cumpra

—Ao mesmo, ordenando-lhe que traga á minha presença o fiscal da freguezia da Sé que quero pol o em commissão para saber si tem alguma divida ou o que seja que o iniba de passar pela rua do Collegio, por que estou certo, que si por alli elle passasse, quando não tivesse olhos para ver, teria nariz para cheirar, o esterquilinio immenso que ha nas duas bocas de lobo á entrada do becco do Arcebispo.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Um amigo da humanidade, pedindo para applicar ao Bogarim que toma banhos á fresca um recipe da pharmacopéa do major Soares na rasão de 12 onças.—Informe o Bethbezet, que tem, segundo dizem o costume de metter a tropa em bollas.

Cazuza Pineu, pedindo licença para fazer versos.—Informe o Guimarães Barateiro.

—Reverendo, então que he isso?

—Alguma novidade, capitão?

—Inda mais?! Pois vossê assim deitado n'uma marqueza com a Eva ao lado e mais esta outra moça, sem vergonha nenhuma! Na presença de todos que passam e querem ver! Sem nenhum respeito ao publico!

—Mas aqui em Itapagipe, capitão, um logar retirado... desculpa se certas cousas, aqui ha mais *liberdade*.

—Logar retirado! aqui na arena dos sambas, na circumferencia do Gilú!

Ora seja mais moralisado!

Por isso não quer vossê negocios com gazeteiro!

Pois quem não deve, não teme.

Vá cantar seu côro, e deixe se de indecencia que apesar de ser isto roia dos *praseres*, não tem daquellas *flores* com que tanto se deleita.

—Capitão, a paz do Senhor seja comvosco.

—Hypocrita!

—Meu Dr., faça favor! V. S. tem carros e cavallos, casas na Barra e no inferno, he trancez por linguagem e consorcio, inglez por trajo e gosto, brasileiro por nascimento, aristocrata por systema, medico, litterato, politico, galan etc etc.?

—He verdade, he verdade, sou superior ao Paterson, ao Jonathas, ao Aranha, ao Cabral, ao Silva Lima ao Ludgero ao diabo,emfim.

—Mas que avidez he uma por dinheiro? que auricidia he esta?

—He que eu não me formei de graça, nem de graça fui á Europa, para ganhar esta subida fama que entre os coevos sustento.

—Mas eu ouço dizer que prestam os medicos juramento para servirem a humanidade, e que tem por tanto obrigação de curarem os pobres.

—E eu não curo?

—Assim como áquelle preto de cuja cura recebeu V. S. 50$ reis, n'um momento!

—E a vida vale só 50$ rei?

—He verdade, mas dinheiro he sangue, e sangue he vida.

Ora V.Ex. cobrar 5$ rs. por uma consulta, de um pobre homem a quem tinha V. S. curado, e que lhe perguntou na rua si podia comer laranja!

—Ora suppouha que o homem não me encontrasse, comesse laranja, e morresse!

—Bem! E esta pobre mulher a quem V. S. deixou morrer de parto?

—Que mulher, Sr.?!

—Uma infeliz no Taboão, cuja pobreza V. S. reconhecendo, ousou pedir um fiador para fazer a operação e que morreu ante-hontem, á falta de medico, por que V. S. intende que fazendo-se estrangeiro não deve soccorrer a brasileiro!

—Qual, capitão! historias!

—Que coração de tigre! não me enganam estas bochechas!

—Capitão, deixe-me em paz.

—Ora vá-se: mas emende-se que prometto-lhe andar no incalço.

—Sr. guarda-roupa, faz favor? Vm. he fidalgo?

—Sr. capitão, não zombe. O que eu sou he maluco.

—E a menina? tambem he?

—Tambem, capitão. Foi por isso que ella *fugiu* do convento.

—E o escripturario?

—Tambem, capitão. Foi por isso que o acharam em cuecas no quarto de certo negociante.

—E o Gaspar?

—Este he varrido, capitão.

—E o caixeirinho?

—Menino, capitão.

—Menino! Malcreado, biltre,e insolente!

E são fidalgos uma corja de malucos que andam a entreter-se com a vida alheia!

Como vae esta terra!

Coronel, diga aos meninos, que se não adiantem, que o rabo he comprido. E viva.

—Ah! xinhá capitão, iô quê palavra.

—Dize lá o que queres.

—Ah! compradô conta eu qui anami tudo ni commerço ta ni contentamento munto. Olê tudo ta ni fêto, ta legre, ta bate parma, tudo tá feriz.

Xi Garanada ti pensa que ri vae ni ceu.

—Mas porque? então que ha?

—Um gazeta que sabiu, capitão; elle faze guerra *Labamba*.

—Que nome tem?

—Anani memo nan sabe ri nome di elle. Elle chama *Moica*; elle chama *Moican*, elle chama *Moe-canna*.

—Bom! Então estão contentes os ladrões, os devassos, os velhacos e immoraes?

—Ah! turo tá contente; Dotó Sebora ta mostra gazeta anani tudo; Garanada ta bate ni bariga e lê gazeta cum thusiasmo; esse gente de commerço, esse povo tura de ssbora, esse gente de seleta ta pensa qui tem Chrisso ni barigt. Jogadô tá mai dicarado; pregado pubrio prevaricadô tá ni frogamento; anani tudo veaco e patife tá ni satisfação munto, munto, capitão.

—Ora, disso tudo sei eu; pensei que era novidade.

E tens medo do *Mohican*?

—Ah! capitão, iô tá cusinhero, mai sipeto de cusinha tamem fura. Ripoi aua quente, frevendo, joga ni cara de capitão de *Moe canna*, e elle ta pretado.

—Bem. Conta-me alguma cousa nova.

—Péra, capitão. Iô vae ni Preguiça e fica munto zangado; iô mette pé ni buraco di lama e entra tudo. Iô pedi capitão que manda la xinhá guarda marinha, toma altura de lama, e si chega, mette gente de cambra dentro di elle.

—Mas si não chegar?

—Mette focinho de ficá, pra vê procaria.

—Mas olha que se não pode fazer isso; he faltar com o respeito aos eleitos do povo, e a seus empregados.

—Ta bom; nesse caso, batina que vira prôco, que cumade já qu chiqueiro.

LA VAE VERSO.

FOGO SOLTO.

Que nariz he este mesmo
Que tanta gente incommoda!
Nariz que de olhal-o faz-me
Andar a cabeça á roda!

Chefe de marmota
He o tal nariz!
Comprido qual um descripto
Pelo poeta Moniz.

Meu DEUS! que nariz he este
Que em *custodia* me quer por?
He nariz, de cuja pelle
Se pode fazer tambor!

Nariz que affronta os humanos,
Nariz que nunca se pinta,
Nariz que deve em viagem,
Se dirigir para a Ponta!

Mon-Bon, vossê he francez?
Parece pelo que vejo.
Mas si perdeu o chinó,
Já sabe o que he caranguejo.

Aqui está um, meu *doctor*;
Ande, moço, veja lá!
—Que bixo he este, meu Deus?
—Não conheee? he grauçe.

Comtigo bem se parece,
Cousa ruim, sem tom, nem som;
He familia—caranguejo,
Como tu, Assa Mon-Bon.

ADVERTENCIA.

Sr. musico Caranguejo, deixe-se de dar desfructes eguaes ao que deu hontem na Baixa dos Sapateiros. Olhe que he conselho de amigo.

TYP. DO INTERESSE PUBLICO—Maciel de Cima n. 42, J.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª BAHIA 1.º DE JULHO DE 1864. N.º 80

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

O Deus de Julho.

Amanhã que peito de bahiano, que coração de brazileiro haverá ahi que se não expanda em gosos, cujo semblante não seja fiel expositor do jubilo ardente, do enthusiasmo febril que lhe lavra n'alma?!

E' que o dia de amanhã recorda um grande feito, esforço de patriotismo, confiança e fé, a consummação, a pratica, a realisação de nobres ideias que pullulavam na mente americana dos nossos veneraveis veteranos,—inoculadas por Deus no spirito humano, cuja divindade terrena é a Liberdade, santificada no Golgotha pelo precioso sangue do Filho do Homem!

E' que o sempre lembrado 2 de Julho recorda o scello de nossa emancipação politica, o dia de nossas glorias, aquelle em que ufanos nos assentamos convivas no livre festim universal dos povos livres!

Salve, ó immortal 2 de Julho, salve, tres vezes salve!

Os pensamentos sinistros, magoados, sentidos que nos desperta a sophismação do que devias ser, calamol-os nós. . . . . .

Apesar de tudo, porem, vimos pagar o nosso tributo a ti, grandioso dia, cujo sol refulgente, por mais que se esforcem, nunca podel-o-hão escurecer as peneiras opacas dos filhos das trevas!

Salve, idolatrado e querido dia, luzente astro do nosso ceu patriotico, dourada pagina da historia do nascente imperio de Santa Cruz!

Salve!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 30 de junho de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia para que mande prohibir que os galés ao serviço da secretaria de policia, palacio do governo, commando das armas e mais quarteis deitem lixo nas ruas, especialmente na da Valla, perto do coronel Lourenço de Souza Marques.

—Ao Sr. tenente coronel do batalhão de caçadores, participando-lhe que um cabo de seu batalhão, de nome Cramacho espancou na rua Direita da Mizericordia a um mascara; procedimento que não deve ficar impune, como da conhecida justiça e moralidade de S. S. esperamos.

—Ao Sr. commandante do 8.º, pedindo-

lhe providencias contra os guardas de seu batalhão, que no forte de S. Pedro, apupam ás pessoas que passam, atiram-lhes pedradas, e um dia destes chegaram a mijar em cima d'um accendedor da companhia do gaz, atirando-lhe depois uma quartinha; o que não deve continuar.

—Ao Sr. inspector das obras da camara para que tenha em vista o estado lamentavel das fontes do Xixi e do forte de S. Pedro.

—Capitão, o bando esteve excellente.

Gatos, cachorros, carneiros, burros, bois, moleques, tudo com a sua competente *gravata*.

E depois a companhia de zuavos esteve esplendida, fez por si só um bando.

Mas como em todos os negocios do homem o diabo mette o rabo, appareceu uma companhia de vermelhos para perturbar o festim,

—Oh! pois os vermelhos que são os homens da *ordem*, quizeram fazer desordens?

—Olhe; foram á Lapinha vestidos de vermelho; eram quatorze os que pude contar; em contrariedade ás 14 estações apresentaram-se aquelles 14 spectros infernaes, como o diabo trajando a cor do fogo; e tanto não eram brazileiros que hastearam uma bandeira da mesma cor, renegando o pendão auriverde.

O illm. Sr. Dr. chefe de policia chegou-se a elles e fez com que de sua mão recebessem elles o signal da patria, que em publico, no meio dos folguedos de seu paiz, tinham vilmente trahido.

—Insensatos! No festim commum quizeram lançar o pomo da discordia!

—Tinham jantado bem, capitão.

Passaram pela Soledade e choveram flores por aquellas cabeças embuçadas,

—Oh! aquellas freiras, aquellas sublimes mulheres, aquellas santas virgens tem um coração patriotico!

—Está enganado, capitão; ellas se não deixaram illudir; as flores que aquelles anjos de amor e patriotismo fazem chover é sobre as cabeças dos que, como ellas, dão a vida pela terra que nos viu nascer; as que cahiram porém sobre as cabeças dos enviados do pae da desordem foram atiradas por quem talvez não estivesse em seu juizo perfeito.

—Ah! sim; percebo agora a *força do verso*.

—Passaram pela Conceição, novas flores; entraram, viva Bacchо e adens, patria! prazer immenso!

Os zuavos voltavam; tocavam o hymno nacional, uma poesia se fez ouvir dentre os *cavalheiros* do sangue...

Ouça o mote, capitão:

Defender a constituição
E' a nossa verdade.

E foi por ahi abaixo e acima e acabou por

Defender a liberdade
Com toda a atrocidade!

—Que quer, homem? Si o poeta se havia intender com Apollo agarrou-se á Bacchо!.....

—E a musica de cavallaria tocou o hymno, e vivas foram dados ao partido vermelho e ao cavalheiro vermelho que recitou tão *bella* poesia!

—Estão no seu direito; os liberaes que dessem vivas aos liberaes!

—Mas, capitão, o festejo ao 2 de Julho tem alguma coisa com partidos?

Isso não é stimular os animos, provocar conflictos?!

—Mas, homem de Deus, V. mesmo não diz que elles jantaram bem?

—Mas elles não sabem que 2 de Julho não é eleição, elles que censuraram as manifestações do povo, depois da victoria das ideias liberaes?

Chamavam ao povo então *canalha*, elles que não apparecem, que não ousam levantar a face ante o povo, apresentando-se de mascaras!

Trahidores, judas!

—Alto lá, V. se está enthusiasmando e não quero que me tenham por ligueiro nem vermelho, amarello nem azul, branco nem furta-cor!

—E um homem velho, que devia melhor pensar consentiu em sua caza aquella orgia!

—Ai! não me serve sua conversa, Sr.!

—Seria melhor que elles pozessem mascara de burro, pelle e mesmo patas, tudo vermelho embora, e andassem para traz como os caranguejos, trazendo, em vez de bandeira a manta com a palavra *regresso!*

Ficariam melhor caracterisados!

—Sr., suma-se! não me compromette, que eu não sou ligueiro, não sou ligueiro, não quero passar por tal, empine-se!

—Deveriam.....

—Olhe o guarda-marinha e o muxinguciro!

—Bem diz V. Ex. que não tem partido.

E Napoleão odiava a quem o não tinha.

E' que o grande homem sabia que os que não tem partido não tem amor á sua patria!

—Perdoo-lhe porque não *sabe o que faz*. Aposto que V. que sabe que os taes *vermelhões* jantaram bem, jantou com elles, e fiel companheiro jantou bem tambem!

—Capitão, fallemos serio; o que me faz dizer estas palavras não é o partido, é a

patria, em cujo amor me inflammo, na pyra do qual meu coração arde, minha mente se abrasa, minha vida se lhe consagra.

—Bem; mas não crimine os conservadores que não devem responder por actos de imprudencia ou loucura.

LA VAE VERSO.

BANDO.

Capitão, venho dizer-lhe
Que o bando esteve chibante,
Bellos masc'ras e zuavos
E muita cousa galante.

Ia nelle uma *barata*
Com *formosa* cabelleira,
Tambem havia um *leão*
Sob um pé de *gameleira*.

Seguia-se uma *pessoa*
Que Bacho symbolisava
Como chapeu uma pia
Na cabeça lhe pesava.

Com feições de *S. Thomé*
A gritar no bando vinha
Um certo procurador
Desfarçado de *rolinha*.

Conheci um demandista
Trapaceiro, espertalhão,
Vestido de incendiario,
Archote aceso na mão.

Levava alguns objectos
De uma casa incendiada.
Que *generoso* salvara
Por sua *alma bem formada*.

Mettido n'um gravatão
O Gouveia pescocinho
Ia com cara de burro,
Tinha de porco o focinho.

Terrivel monstro *marinho*
Com escamas prateadas
Puchava um carro onde iam
Certas mogas desherdadas.

Um *gallinaceo* dos mares,
Coisa que nunca se viu!
Não era frango, era *pinto*
Q'um velho amigo trahiu.

Vinha vestido de *lobo*
Alguns *santos* carregando,
Um cujo, que na Lapinha
Sempre 'stá s'embriagando.

Um taful que a *passos* anda
P'ra um testamento annullar
Um pacote de *innocencias*
Andava a mercadejar.

Mas coitadinho do moço!
Por *mais* que o apregoasse
Não sei o que tinha o genero
Que não achou quem comprasse.

Certo padre que faz *calda*
Transformou-se n'um canario,
Na mão trazia gaiolla
Em logar de breviario.

Transformado n'um *ciri*,
Vinha um outro, prebendado,
Com uma flor, *margarida*,
Cl.ocho e secco e esmirrado.

Tambem vi um certo musico...,
Mas deste não digo nada,
E' camarada da gente,
Dá-se co' a rapasiada.

Vinha de porco *monteiro*
Com uma pelle vestido,
Carregando dous bambús
Certo doutor conhecido.

Tambem iam nove irmãos
Gatinhas representando
Q' acabaram as *posturas*
E os ovos iam chocando.

A Mariquinhas da Eva
Que nunca falta a função
Seguia no bando a pé
Com seu patriarcha Adão.

Ia tambem a Do O'
Vestida de marinheiro
N'um carro, onde servia
O *Zéles* de boliciro.

E a *convenção consular*?
Isto então era galante!
Todo cheio de commendas
O *cujo* stava frisante.

Appareceram tambem
Sugeitos' da *vermelhada*
Querendo q'a brincadeira
Si tornasse em *patacoada*.

Mas aquillo era desfructe
Q'o bom senso repellia.
Chegando o dia da patria,
O povo todo se uniu.

—Sim, sim, sim; stou inteirado
Do baudo que tambem vi;
Falta agora tambem vermos
A *chegança* e o *cucumbi*.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 30 DE JUNHO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA DO MERCADO.

Durante as duas semanas findas conservou-se regular o mercado.

Esteve bastante animado em *furtos*, que tem abundado em consequencia das festividades da epocha.

Ante-hontem, apezar de dia santo, fez-se algumas transacções neste genero em *selins*

A companhia do *Olho vivo* apezar de algumas dessidencias que de vez em quando tem com a policia, marcha em progresso, e não acha neste genero concurrentes, em virtude da perfeição e qualidade superior dos generos que manda ao mercado. Para maior felicidade de suas operações tem estabelecido filiaes em todas as partes.

Em desordens fez-se largas transacções.

Fallou-se na venda de um bote chegado na barca *Papa*, procedente de Oliveiras, e depositado no trapiche *Pontes*, mas não transpirou o nome dos compradores.

Appareceu no dia 29 na praça da *Lapa minima* uma partida de *escarlate* que não foi vendida por impedimento da policia.

Consta que em consequencia da resolução tomada pelo governo na noite de 5 não se reunira como costumava á companhia de *Cacetistas* para exposição de suas producções.

Esta deliberação foi recebida com desgosto por parte dos amadores e socios da tal companhia. O publico porem applaudiusa.

Entrou uma partida de toucinho *avariado* no patacho *Marcellino* procedente de *S. Domingos* e que está retalhando no trapiche do Maciel. O preço por que é vendido desafia a concurrencia.

Chegou tambem um carregamento de passas deterioradas na barca *Israelitas* procedente do porto *Leon Chavá*. Retalham-se no caes do *Gravatá*.

Vendeu-se uma carga de *maus tratos* e *obstinencia* para escravos, chegada de *Lima* no brigue *Gondilho*. Fretou-se o palhabote *Emmanuel* para conduzir uma porção de *mordacidade, arrogancia, imperidez*, e *ignorancia*, ate o porto do *Carmello*.

MOVIMENTO DO MERCADO.

Bebedeiras.—Entre as diversas qualidades que appareceram no mercado sobresahiram as do fornecedor *Florindo* cujo deposito geral é na rua das Laranjas armazem, 72.

Banhos.—Abriu-se na baixa das *Palmas* 47, uma nova *Casa de Banhos* aromaticos, para curar pelo systema da hydrotherapia, as pessoas que na rua, suadas, tiverem algum ataque.

A experiencia feita em um capitão do 10 batalhão assegura os seus bons resultados.

Conflictos.—Chegaram algumas sementes de porto *Brandão* no patacho *Evaristo das Figuras* que a camara mandou semear no largo de *Jesus* para aformoseal-o.

Orgia.—Vendeu-se no dia 29 em leilão uma partida chegada do *Boqueirão* no brigue-barca *Leitão*

Foi grande a concurrencia, as cotações subiram.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTO.

Patacho *Justo* entrado das praias da *Conceição* com escalla pelo porto do Surripio, capitão *A.* de Souza Ferreira, 50 exemplares subscripções para publicação do relogio orthenologico, 1o bahús *estupidez*, uma gravatinha de liga *vermelha*, um sobre-cazaco azul uzado, um chapeu de phantazia, 1 caixa *charutos* de canella para o capitão, 1o volumes *calotes*.

ANNUNCIO.

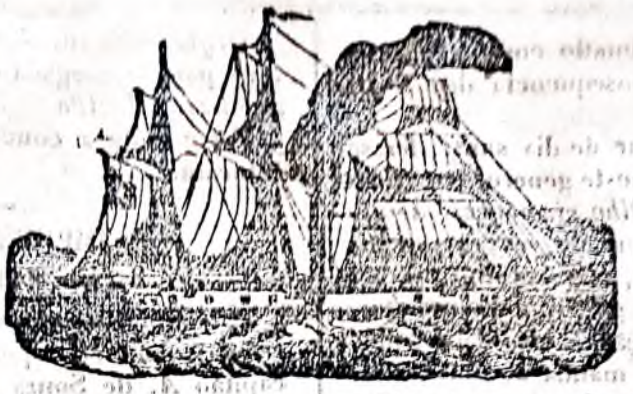
A commissão encarregada dos festejos ao memoravel dia 2 de Julho, na freguezia de Santo Antonio, faz sciente ao publico que no palacete mandado erigir á Quitandinha do Capim, haverá illuminação nas noites de 2, 3 e 4 do corrente assim, como que se achará alli postada uma guarda de honra e uma banda de musica marcial que tocará excellentes e escolhidas peças nas referidas noites, concorrendo na ultima S.Ex. o Sr. Presidente da Provincia que descencerrará a effigie de S. M. o Imperador.

A mesma commissão espera a concurrencia dos brasileiros para maior brilhantismo do festejo, assim como renova a seus comparochianos o pedido de illuminarem suas cazas; o que se espera dos generosos e patriotices corações que os adornam.

Bahia 1.º de Julho de 1864.

O Secretario
J. Guilherme Pereira Galdas.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª BAHIA 7 DE JULHO DE 1864. N.º 81

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Attenção! Muita attenção!.

O Sr Antonio José de Souza Gouveia deu queixa contra os proprietarios da typographia em que se imprime o *Alabama*, e foram elles intimados para comparecer amanhã, 8 do corrente, na audiencia do Sr. Dr. juiz municipal da 3.ª vara, como *responsaveis*.

Como responsaveis sim, em quanto não *apresentarem a responsabilidade do editor que se obrigou*.

Foi ella apresentada, com data de 4 de fevereiro e sellada a ☞ 8 do mesmo.

O Sr. Dr. Augusto França *não conhece* o Sr. Theodoro José do Couto; *ignora* si é brasileiro, si reside no Brasil, si está no goso de seus direitos politicos!

O Sr Dr. Tosta sabe quem é, mas é necessaria a formalidade, é precisa a responsabilidade legalisada para que deixem de ser responsaveis os proprietarios.

A responsabilidade do editor que se obrigou fica nos autos, diz o Sr. Dr. Tosta.

Pois bem; irão agora as provas da nacionalidade, da residencia, dos direitos do editor.

Vejamos a bôa fé do Sr. Antonio J. S. Gouveia e de seu digno advogado o Sr. Dr. Augusto França.

Convidamos ao publico para assistir amanhan ao processo.

EXPEDIENTE.

Cidade de Laranopolis bordo do *Alabama* 6 de julho de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, pedindo-lhe para que vá incontinenti a uma venda, ao Terreiro, de um tal Marcellino e passe a examinar uma porção de toucinho, que me informam alli ha, a qual se acha em adiantado estado de putrefacção; o que a ser verdade, não só mande S. S. deital-a fora, como faça effectivo o rigor das leis sobre tal especulador.

—A' camara municipal de Cachoeira pedindo providencias efficazes sobre o estado deploravel da rua do Porto, visto que essa rua está se tornando intransitavel pela lama e um pantano que toma toda sua extensão.

—Ao Sr. Dr. delegado de Santo Amaro,

perguntando-lhe si é verdade ter Fabio de tal, morador ao becco dos Cachorros n'aquella cidade, defloçado uma irman menor, e que sendo apanhado em flagrante, ficou impune, depois de uma prisão de tres dias.

Ao guarda marinha pedestre Guilherme ordenando-lhe que vá a Solidade e intime a um certo Sr. Machondo e seu filho que não continuem a ourinar da janella, escandalisando a visinhança, sob pena de ser-lhes mandado o fiscal da Camara para impor-lhes as penas da lei, e serem levados à presença da authoridade policial. Cumpra.

—*Ao* mesmo, ordenando-lhe que poste na rua Direita de Palacio um grumete de sentinella a fim de prohibir que ourinem certos capadocios n'um vão da thesouraria geral, sem respeito às familias que se acham nas janellas. Cumpra.

—*Ao* fiscal geral para que intime aos Srs. *Ariani* que se faz preciso conservar limpo o alveo em frente de sua cocheira á rua Nova de S. Bento, como determina a postura 35. Cumpra.

—Ao mesmo no mesmo sentido, acerca do theatro publico, que deve ser até quarenta palmos de distancia, intendendo-se para isto com o administrador do mesmo. Cumpra.

—Ao mesmo para que intime ao muito alto e poderoso proprietario, capitalista millionario, o Sr. Xavier Machado afim de que mande, quanto antes, arrear o muro de sua propriedade em S. José, onde mora o Sr. *Azevedo*, o qual muro ameaça a vida de quem por alli passa, sendo já de notar o empperramento com que o mesmo Sr. a isso se nega, fiado sem duvida no seu dinheiro e na sua posição que julga tão elevada que pode impunemente menoscabar das leis do paiz hospitaleiro que a todos acolhe, sem duvida por assim o quererem as authoridades. Cumpra.

—Sr. Bacellar, olhe que a policia è activa. Não tracte de quem nunca o offendeu. O que o Sr. fallou na terça-feira 28 do passado chegou-nos aos ouvidos.

Si o julgassemos *cousa*, dar-lhe-ia-mos o troco!

—Jesus quem ouve tudo para ir contar a este homem!

—Que casas são estas?

—São umas cazas mandadas destelhar, não sei por quem.

Aqui no Engenho da Conceição estas cazas, deshabitadas são nada menos que escondrijos a criminosos que aqui podem esperar por alguem e levar à pratica sinistros intentos.

—Na verdade; deve-se pedir providencias á respeito; os interessados que se encarreguem disso.

—Jesus! está escuro como um prego! Si soubesse não passava por aqui.

Ai! queda fui de ventas na lama!

A illuminação a gaz deve ser na demarcação da decima urbana, e aqui, o Travasso não estará incluido nella?

Forte companhia! forte governo!

—Mas, homem, aqui não ha cazas, não paga se decimas, logo....

—Mas o Poço não tem cazas? E está no escuro, em quanto a estrada da Vargem tem illuminação.

—Vio a penultima carta do padre *Amaro*? Diz que por morar um engenheiro à Estrada Nova, por lá irá ter o gaz à Quinta. Assim è por cá. Morava o inspector do trafego da estrada de ferro na Vargem e não devia ficar no escuro.

—Está direito, está direito.

Mas é porque eu não sou o povo,

Em quanto na minha rua não houvesse gaz, não pagava decimas.

Si faltam assim os grandes á fé dos contractos, estou no meu direito me tornando caloteiro.

—Então que novidade traz da heroica e liberrima Cachoeira?

—Ora, capitão o 25 de Junho esteve muito frio.

—Choveu muito?

—Não, capitão; pouco enthusiasmo pelo festejo, nem um so batalhão patriotico; só um esquadrão de cavallaria de *S. Felix* é que deu mais algum realce ao festejo na noite de 24. Denominavam-se os—Invul-

neraveis—trajavam com gosto e luzimento.

Houve te-Deum, e parada apresentando-se o batalhão da guarda nacional que, graças a seu digno commandante nada deixou a esperar.

Quanto ao mais até os poetas immudeceram.

—Nada mais?

—Houve um baile esplendido, dado pelo Sr. Manoel Antonio da Silva Pinto em que no meio dos perfumes, da musica e das flores sobresahiam as verdadeiras e mais lindas flores, os mais exquisitos perfumes, o verdadeiro ideial da poesia, as bellas e sympathicas filhas do meu idolatrado Paraguassú!

—Ora, capitão, os festejos aos Dous de Julho impediram me de contar-lhe um caso que presenciei e que muito extranhei.

—Vamos a ouvil-o.

—Passava eu pelo Terreiro e vi que o feitor da camara que conheço por Thomé fallava com o Sr. Dr. Brandão, vereador, e o Sr. Cunha inspector das obras; chovia, recolhi-me ao alpendre da schola de medicina.

O Sr. Cunha gritava com o Sr. Thomé e dizia em altas vozes que o não desmentisse.

O Sr. Thomé recolheu-se ao alpendre tambem, e o Sr. Cunha fez de lobo com o cordeiro; deu um esbarrão no pobre velho à surpreza, e tornou-se espadachim; ralou as mãos do pobre homem que foi sustido por algumas pessoas, quando quiz solfejar de fá-bordão nas costas do valentão.

—Glosou!

Não acredito. O Sr. Cunha é um moço de educação, incapaz por tanto de obrar uma acção má.

—Pois não acredite. Muita gente o viu.

E admira como um empregado da camara a desrespeitasse assim, na pessoa do Sr. Brandão, em commissão!

—São cousas; o Dr. Brandão presenciou o facto, veremos que providencias dá a camara.

Elles lá se hajam.

O que é certo é que Thomé é um empregado honesto que tem merecido sempre a confiança da camara.

—Na queixa que dá o Sr. Souza Gouveia diz que entre as palavras que mais o offenderam acham-se as seguintes:

Mette a cara deste safado na cloaca do navio.

Ora, sabem todos que aquillo não é com o Sr. Souza Gouveia, e sim como ladravaz hypocrita a quem chamamos de Pescocinho, desde que disse o Sr. Souza Gouveia chamar-se Gravata.

Mas suppondo que fosse;—a cousa que mais o *feriu no seu melindre* foi a *cloaca do navio*?

Pois não tem rasão, que nella, na cloaca do navio se banham ricos e pobres, plebeus e nobres, ladrões e honestos, todos emfim.

O Sr. Souza Gouveia porém está tão zangado, tão atrapalhado com os *bodes* e *patifes* que não sabe ou não lembra-se que a cloaca dos navios é o mar.

Tanto pode a colera!

(Continuação.)

—Tanto a elogiar-me o Sr. a seu santo e eu só a descobrir defeitos naquelle ladravaz!

—Que blasphemia, capitão!

—Blasphemia!

Vá ouvindo:

Quando vendia elle canarios e eram prohibidos os d'Allemanha, Calombreiro vendia estes entre os outros; si alguem reclamava, aqui d'el-rei contra o ladrão que quer enganar e injuriar a um santo quando o verdadeiro ladrão era elle

—Elle quem, capitão?

—Eu, ou o Sr. talvez.

Era tão mestre nos logros que pregava, tão pratico em tal negocio que quem comprava canarios ou borboletas, vinha mostrar-lh'os para ver si eram legitimos, e o Sr. sabe que quem conhece a pedra é o lapidario.

—Capitão quem conhece os criminosos é a policia; S. Calombreiro prestava-se a isso para proteger a humanidade.

—Pois bem; esse santo não tinha uma escrava *feliz* que tinha chegado de *Arda*?

Pois essa escrava comprou um bilhete do Rio, e tendo tirado um conto de reis, dei-

...u-o em mão de seu senhor para sua li... verdade, a conselho delle.

E a rapariga esperou tanto pela liberdade que desesperou; pedio dinheiro.

Que fez Colombeiro, o seu tão mila-groso santo, canonisado por contrabando, em sciencia do papa e da santa sé!

Tal vida, tal morte; viveu de contraban-dos, por contrabando *foi ao céu*.

Mas sim, que fez elle?

Vendeu a escrava para o Rio e comeu o dinheiro em sociedade com o seu querido irmão, o *casto*, bemaventurado santo Ja-quim.

Quem faz isso é ou não um ladrão de horca e capello?

Agora note; essa escrava criou um dos filhos do santo.

Esse patife que nome tem?

Achou um vocabulo, uma palavra, um termo capaz de qualificar esse monstro?

Aquella fera nunca teve coração?

Aquillo nunca foi santo?

Não foi antes um enviado de Satanaz, como elle coberto de todos os crimes, des-de o incesto até o adulterio, desde a so-berba até a preguiça, desde o roubo até o assassinato?

Diga, ande, falle!

E veem ca o Sr. contar-me historias!

—Eu sei, capitão; estou com a boca a-berta, mas perdoe que lhe diga; isto é in-juriar, não é discutir.

(*Continúa*)

—Capitão, olé ta ni progresso, cumpanhia de ôio-vivo tá hi, ta frote, tá ni triumpho.

—Que houve de novo?

—Tá veia, capitão, mai pressa; quim tá ruim bota fora, mai esse tá bom.

—Dize là o que é.

—Dessipachante de arfandega pega n'um pretinha meu paxero e bota cinza ni ôio di êre, prega totó ni mi dugo.

Ah! me Deu! blanco bem dize qui ne-gro tá commungato, qui e geração de ca-chorro, fia de diabo!

—Foi o que nunca ouvi dizer.

—Oh! cachorro nan é cão? fia de Noé qui tá commungado nan é *cão*?

—Ora este negro!

E os brancos tem rasão; é a Escriptura quem o diz.

—Poi tá ganado, capitão. Blanco dize qui diabo tà pae de crime, de marvadeza.

Blanco é qui fazê marvadeza cum negro, blanco è qui fruta negro, blanco é qui fa-zê crime.

Rógo blanco è qui tà diabo!

—Agora rechavaste-me o az de copas com boquinhas.

—Falla qui capitão querê, mai vredade é um só, cuma Deu qui faze nosso todo um, vredade tá esse.

Mai ouve, capitão.

Meu parente qui chama Benedicto Cari-doso qué um des-pacho p'ro Rio oi vapó *Paraná* e falla cum dessipachante; mai en-contra outro, qui chupa dinhero di ere, condo desipacho tà livre, e sigua nome di ere, seu declaramento de—a rogo—cuma si ere meno assigna, condo ere nan sabe lè nem crevê.

Esse nan tá de ladrão memo?

E' pru esse qui preto canta:

Blanco dize qui negro fruta,
Negro fruta cum seu resão,
Poi que blanco tamen fruta
Condo chega ni casião

—E o numero do despacho?

—11655, de 5 de junho de 1864.

—Vou pedir providencias ao Exm. Sr. inspector d'alfandega, que è um honesto caracter, e ellas hão de apparecer.

—Graças a Deu, qui jà capitão attende qui iô dize.

Olè, ossê segura, preta funda, ladrão!

A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

Pede-se a attenção para um portuguez aos Arcos de Santa Barbara, n.º 79, o qual deitou por inveja o distico de *Vencedor* em sua loja, acompanhado de um grande chifre em que introduz um instrumento immoral de borracha, que mostra a quantos alli entram.

O Chico Careca.

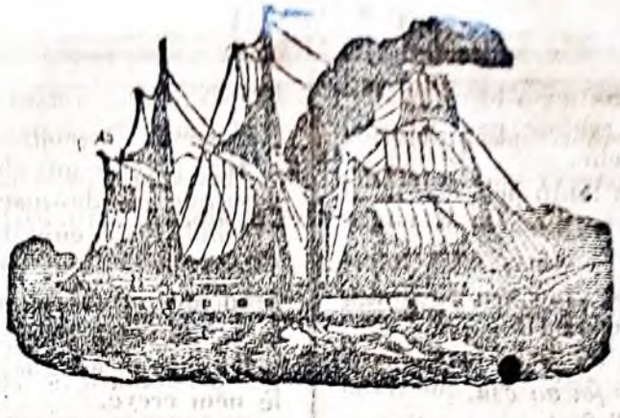
Alerta!

Dizem que empenhos tem havi-do (1) para os estabelecimento não darem as certidões requeridas da responsabilidade de Ribeiro & Gomes, e que o caso é que até o presente nao se tem dado! (2) Nao creio, mas sendo verdade, é terrivel negar-se o que é a bem da praça commercial da Bahia!! (3)

A quem competirá providencias a tal respeito? O mais innocente não ignora, e mais que ninguem sabe.....

(1) A pedido de.....
(2) Quem tempo tem, que tempo espera...
(3) E ao depois terão do que se queixar?!

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª BAHIA 9 DE JULHO DE 1864. N.º 82

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

O processo *Gravata* ficou adiado.

Daremos a noticia do dia para que forem intimados os Sr. Marques, Aristides & C.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 8 de julho de 1864.

Portaria ao fiscal geral ordenando-lhe que vá à rua da Preguiça e intime a certo empregado publico, capitão, que não consinta que seus famulos e escravos continuem a deitar para um beco visinho immundicie e lixo, pois é prohibido pela postura 101. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Caminho Novo do Taboão, veja o estado immundo daquella rua e julgue por seus proprios olhos si é possivel continuar aquelle deposito de immundicies em cima do passeio; não o sendo, dê as precisas providencias. Cumpra.

—Ao mesmo para que faça com que se conserve limpa a frente da caza, na esquina da rua Lapa, pertencente ao Exm. Sr. barão do Rio de Contas. Cumpra.

—Ao mesmo no mesmo sentido acerca da cocheira à ladeira de S. Bento, pertencente ao Exm. Sr. barão de Passé. Cumpra.

—Ao fiscal da Moritiba para que não consinta animaes nas portas de casas de negocios visto que sendo a rua mais commercial um grande pantano, a extensão d'uma braça por onde transita o publico fica estorvada pelos refolidos. Outro sim para que não consinta nas praças cavallos d'ambos os sexos. Cumpra.

—Ao guarda marinha pedestre Guilherme ordenando-lhe que vá à Calçada do Bomfim e intime aos caixeiros alli residentes que se faz preciso não continuarem elles a proferir palavradas na presença das familias, e a ridicularisar os velhos nas noites em que ha representações no theatrinho da Roda da Fortuna; o que se espera da provada educação de moços tão civilisados. Cumpra.

—Capitão vou lhe contar uma historia.

—Si é cousa que vale a pena, diga-se.

—Vale tanto que por ella pode V. Ex. avaliar o caracter de certos *politiqueiros* do paiz.

Houve um tempo,. supponha V. Ex. que foi na *França*; houve um tempo em que liberaes e conservadores fizeram *liga*

para combaterem os conservadores exaltados. Criou-se um directorio para dirigir a campanha que se preparava para o triumpho das ideias liberaes, que foi o engodo.

Certo moço, *descendente de liberaes*, julgou-se com direito a ser deputado; mas o chefe da campanha, o directorio que tinha quatorze cabeças, pensou de modo diverso e propoz, não um liberal por herança, mas sim um de ideias e actos.

Todo o paiz catholico tem sua Sé, sua cathedral; e como em grande veneração tem a SS. Virgem, ha sempre uma egreja matriz, cujo orago é a veneranda Santa Anna.

Os eleitores das freguezias da Sè e Santa Anna da tal Franca tramaram, como disse aqui o Sr. coronel Lourenço de Souza Marques, *quaes carbonarios á meia noute*.

E o interesse da *liga* foi posto á margem, ante o orgulho mal intendido do tal moço que por ser descendente de liberaes, julgava-se *monarcha liberal* e appellidou-se de *augusto*!

E a conspiração foi a tanto que em todas as freguezias, por entre as ondas jubilosas do povo que cantava victoria, ouvia-se o brado atroador da discordia, o ataque ao directorio, o *viva* ao tal *augusto* moço, liberal da *França*!..

E uma voz em contrario sempre se erguia; era uma voz fraca, é verdade; era a voz de um pobre tabareu; alem de tabareu, era estrangeiro; mas era a voz do homem novo, inexperiente e honesto; era um apoio ao partido que da existencia delle ignorava.

Mas o *augusto monarcha*, assim contrariado (por que effectivamente depois d'alguns dias ninguem se lembrou do tal espurio, nem para *prefeito* ou *maire* de qualquer aldeia, como lhe prometteram) intendeu vingar-se.

Comeu os cobres da nação por noventa dias, em menos elevada posição, e viva a patria.....

Teve depois uma occasião, para *esmagar o reptil* que tentou mordel-o e quiz aproveital-a.

—Esmagou?!

—Não sei; veremos, quando chegar o paquete da Europa.

Mas agora, capitão, avalie o liberalismo do liberal aristocrata e monarcha, diga-me si aquelle homem pode levantar a cabeça ante aquelles em cujo partido se infileira; diga-me, por quem é, si aquillo não é a personificação completa e perfeita do mais apurado egoismo; diga-me si o tal intitulado *augusto* não è com effeito um sultão caricata, um bachá ridiculo, um Napoleão de gesso, um toupeira de quem se deve ter dó.

—Ignoro; não quero saber de partidos nem d'America nem europeus; por la se arranjem.

E os taes ligueiros o que tem feito? Não andaram tambem a enganar o povo? Si elle quiz enganal-os, tem desculpa, que ladrão que furta a ladrão tem cem annos de perdão.

—Pois o capitão pensa que eu defendo os ligueiros!

Os liberaes foram illudidos, delles é que tenho dó; estão a carregar com a responsabilidade dos actos dos taes moderados, que são (salvas excepções honrosas) tão boas firmas que delles tem atè nojo os seus antigos alliados, os vermelhos de hoje.

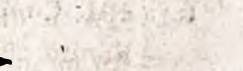
Mas agora não se tracta disto; tracta-se d'um perfil, d'um typo, d'um modelo, que exponho á apreciação de V. Ex.

Si mais mundo houvera,
La chegara.
Como muitos ha, la chegarei.

—Exponha-os ao pvblico que por mais que apanhe nunca aprende; eu ja os conheço e muito.

O povo que gosta dos *francezes*, que se mire neste espelho, e veja si tem direito de queixar-se.

—Viva, sor capitão!



—Marcolino, meu negro, sê por nós; trabalha em nosso favor que te arranjaremos um emprego.

Damos-te o logar de carteiro da presidencia que rende 2$ rs. por dia.

—Não, não; neste caso aposentamos o fulano de tal, no arsenal de marinha cujo emprego é de 2$500 rs. diarios.

Assim fallavam com um pobre brasileiro

dous *francezes*, um *sallustio de couto* e um *augusto de França*, para arranjarem mochiba.

Agora.... agora.....

Oh! tempora, oh! mores!

Oh! tempo das amoras!

Um embarcou para o Rio, e o outro levanta os olhos para os sobrados a fim de não *sujar-se*, cortejando um *negro!*.....

Vive la *liberté*!

—Porque não falla em portuguez· viva a liberdade?

—E' negocio de *França* e *francezes*, devo fallar em *francez*.

Viva o francezismo!

—Reverendo e charo Sr. *Careca*, chegue á falla.

—Prompto, capitão.

—Ora porque não tomas vergonha, galego?

—Tenho-a de mais.

—E tanto que te tornaste *onça*, patife!

—E' porque sou encantado, capitão; quando viro onça.....

—Seria melhor que virasses macaco.

—V. Ex. sabe que onça é animal carnivoro; quando viro onça como carne; como vivo entre gente, como gente; como meuino é mais terno e tenro, como menino...

—Pois deixa-te estar que o muxingueiro te tirará o encanto.

—Capitão, V. Ex. está enganado; eu sou o *Chico* e não o *Careca*.

—Anda lá, maganão, Chico Careca és tu, que bem te conheço.

Pois eu não sei daquella tratada que fizeste com a sociedade que tiveste, em que roubaste teu companheiro deixando sua familia na miseria!

—Eu não, capitão.

—Covarde!

Verei si o muxingueiro te faz ter mais energia.

Olá muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Faze o que quizeres com este diabo!

—Bonito costado, capitão!

—Capitão, um portento, uma novidade, um progresso, um caso virgem.

Para provar-se que um periodico *foi distribuido* por mais de quinze pessoas, ajuntam-se 20 exemplares, e está cortado o nó.

De sorte que uma só pessoa não pode receber ou comprar vinte exemplares de qualquer obra.

—Quem foi este sabido, que quero mandar-lhe um *brevet d'invention*?

—O Dr. Augusto *França*.

—Oh! pelo dedo se conhece o gigante.

E' sempre descoberta de *liberal* que não tracta de saber si os seus são *calumniados*, que só quer tractar *d'injuria*, que é nada menos do que *mordaça*.

—E' o *liberalismo da rolha*, capitão; é o progresso da epocha.

Realmente è admiravel ver hoje como isto vae.

Viva o garrotilho da imprensa!

Viva a forca!

Vivam as fogueiras!

Viva o *refugium peccatorum*!

Viva o processo d'injuria, a salvaguarda dos tratantes!

Vivô!

—Olhe os advogados que querem acabar com os paschins!

—Na verdade!

Mas assim como qualquer bacharel leva ahi a praguejar contra os paschins, que nesta terra è synonimo de gazeta pequena, estou eu no meu direito, emquanto se não estabelece o systema napoleonico, de fazer o que posso.

O que é certo è que só os tratantes tem medo de gazeta!

—Que homem doudo! que testa, que cabeça de ferro!

—Testa de ferro! muita gente boa o è; testas de ferro são todos aquelles que por um mal intendido orgulho constituem-se meios de vingança para aquelles que lhes fazem caretas ás costas! testas de ferro são os que satisfazem paixões alheias! testas de ferro são os que servem de machina, de instrumentos nas mãos do operario!

—Mas eu o chamei cabeça de ferro porque V. é um homem que quando diz que a pedra é pau, a pedra ha de ser pau.

—Neste caso tenho companheiros. Sou como o Sr. A. J. S. Gouveia a quem se está a dizer que Gouveia Gravata não é elle e elle a querer sel-o á força!

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 8 DE JULHO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA DO MERCADO.

As transacções durante a semana foram insignificantes.

Fizeram-se alguns saques da praça do *Forum* para certas casas commerciaes.

Em *firmas falsas* entabolou-se uma transacção que não se realisou. Era promovida pelo corretor *Firme Aberto Landolpho*.

De generos de importação a entrada de mais valto foi a de um carregamento de *gravatas* de novo modelo vindas de *França* que veiu abarrotar o mercado com as que ja haviam.

Tambem chegou um carregamento de collelrinhos de novo uso. A primeira pessoa a quem vimos usar da moda *franceza* foi o Gouveia Pescocinho no theatro de Latronopolis na noite de 7.

Fica-lhe tão assentado!

Entrou no dia 7 ás 6 horas da manhã a barca *Ovideo* procedente da villa da *Hedi-ondez* com um carregamento de barbaridades e castigos rigorosos e atrocidades, que desembarcou no caes do *Saboeiro* e se acha depositado no armazem *trez*.

—

MOVIMENTO DO MERCADO

Bebedeiras:—As do Florindo não vieram ao mercado, venderam-se em pequenos lotes particularmente. Apesar disto o commercio esteve abastecido por outros fornecedores.

Banhos.—Rectificamos na revista de hoje o que dissemos na passada sobre *banhas* por sahir com algum engano:

« Abrfu-se na *Descida da Praça*, 47, uma nova *Casa de Banhos* aromaticos, para curar pelo systema da hydroterapia as pessoas que suadas, tiverem na rua algum ataque.

A experiencia feita n'um capitão de 10 assegura os bons resultados.

Indifferença.—Na barca *Sceptico* chegaram 4000 toneladas do porto da *Descrença*, que se está vendendo no trapiche Dous de Julho.

Pateadas.—Importaram-se alguns volumes de *Asininsula*. Só achou consumidores na laocracia. São inconvenientes e muito depoem do estado de nossa civilisação os logares em que se expõe à venda semelhante genero.

A policia devia prohibir a sua entrada, á vista das qualidades nocivas de que é composto.

Monas.—Excellente genero para ajudar a memoria, principalmente para aquelles que exercem officios declamatorios. Alguns artistas do theatro de Latronopolis, fizeram uma experiencia na noite de 2 apresentando se no palco depois de haverem tomado *uma boa dose*, rasão porque correu a representação do spectaculo tão bem n'aquella noite.

Ha excellentes e estão providos os depositos. Para a experiencia a cima consta, que o genero fora comprado na agencia da *baixa* do Figueredo.

—

EXPORTAÇÃO.

GENEROS DESPACHADOS.

Estancia—galera *Adelaide*; *Xico Montez*, 10 pacotes intrigas, 200 latas *vermelhão*, uma carta de recommendação a favor de um *lobo* que virou *sariguê*.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTO.

Portos da *Lascivia*—brigue *Careca* capitão *Xico*.

10 bahús, despeito, 1 chifre contendo objectos para usos libidinosos, 4 embrulhos corrupção, 10 frascos perversidades, e uma gaiola contendo um antropophago.

PARTE MARITIMA

MOVIMENTO DO PORTO.

SAHIDAS DO DIA.

Ilha das *Quartinhas* barcassa *D. Anna* capitão *José Gallego* carga objectos para namoro como *arrufos*, *beijocas*, *abraçadellas*, alguns pacotes *escandalos*, passageiros um gallego insolente.

—

Noticia maritima.

Entrou o vapor *Asmodeu* commandante D. *Thomaz* que tinha ido em commissão á cidade da *Palma* assistir e proteger a eleição de um *agente* militar.

A PEDIDO.

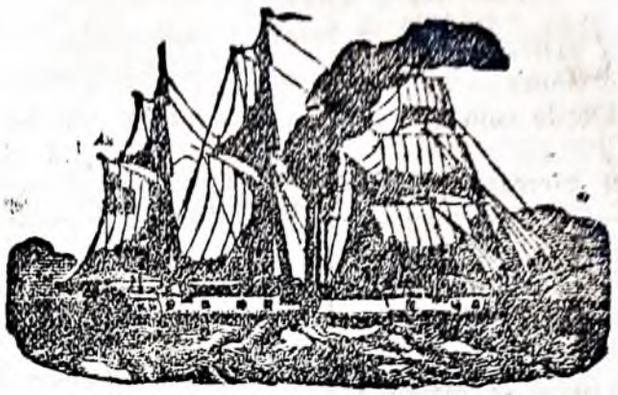
Ao Sr. Dr. Director dos Estudos.

Pergunta-se si está habilitado para ensinar primeiras lettras um sujeito morador aos Curraes Velhos do Barbalho, crioulo, de nome Luiz da Costa, o qual dá pancadas em tal quantidade que ja não pode atural-o a visinhança; sendo de notar que serve de substituto a mulher, quando se entrega elle ao officio de correeiro que diz ter.

O escandalisado.

Sr. Malaquias, diga,
Quem é barriga de areia?
Applique este dito a quem
Vive da fortuna alheia.
Estes sim; trazem bem cheios
Os bolsos, e não a pança,
Do que roubam da viuva,
Da donzella e da creança.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.ª BAHIA 12 DE JULHO DE 1864. N.º 83

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Aos Srs assignantes.

Principia hoje a 9ª serie do *Alabama*.

Já é alguma vida, graças a Deus.

E já que ousam alguns dizer que o *Alabama* é um paschim, que é uma folha immoral, confessem então os hypocritas que esta terra é a da immoralidade, que tudo aqui está pervertido desde o escravo até o senhor, desde o galé até o juiz, desde a creança até o ancião, desde os prostibul s até o palacio e mais.

Porque de maneira outra expli car-se não pode a duração da gazetinha-paschim, nem esse affan, essa anciedade, esse anhelo offegante com que se espera o postilhão, nem ainda a satisfação com que é lida, a instancia com que é procurada, a estimação com que é guardada.

Porque de maneira outra explicar-se não pode como são della assignantes o artista e o empregado publico, o negociante e o lavrador, o meirinho e o desembargador, o soldado e o commandante, o plebeu e o barão, a propria repartição da policia.

Hypocritas, *está acabado o tempo de enganar os homens.*

O *Alab ma* ahi está.

Em quanto houver corações generosos na Bahia, ninguem é capaz de fazer com que vá elle a pique no porto de Latronopolis.

Os ladrões que se mordam!

Ao publico.

O interesse do Sr. Souza Couveia é zelar sua honra que diz offendida pelo *Alabama*.

Bem; si é este o seu desideratum, ahi tem o editor da gazeta; proceda nos termos da lei.

Mas andar a insultar por toda parte os donos da casa que nada lhe devem, que nenhuma satisfação tem que lhe dar é o que não diz ao caracter de um homem *honrado*, como se apregoa o mesmo Sr., o que lhe não contestamos.

Andar a alardear triumphos, dizer que conta com o juiz, que tem por si dinheiro; que ainda quando o Sr. Dr. Tosta julgue improcedente a queixa todos os mais juizes estão apalavrados para extinguirem a gaze

ta por immoral e o que não parece prudente.

Guardem o jubilo para a occasião da victoria.

Que lucro tira o Sr. Malaquias José dos Reis em arregoar-se rico, em querer figurar de Quichote, em fazer tanta patacoada?

Que gloria tem o Sr. A. J.. S. Gouveia em tornar-se difamador e insultante para rirem-se delle?

Que papel julga representar o Sr. Dr. Augusto F. França dizendo por toda a parte até na secretaria do governo que ha de acabar com o paschim immoral?

Quererá arvorar-se em promotor, dar lecções ao honrado funccionario que exerce tal logar?

Acaso não vem por traz de si uma sucia, que se quer vingar?

Pois mettam todos na cadeia, mettam, e nas vesperas das eleições criem gazetinhas, *paschins*, inventem *echos bahianos* e *sinos de S. Pedro*; mettam tudo, desde o redactor do *Diario*, folha official, até o *Alabama*, paschim, gazeta immoral; mettam, mas a imprensa é como os dentes de Cadmo, de cada typo surgirá um escriptor, de cada escriptor mil gazetas, mil settas envadas que se hão de cravar no coração dos ladrões e tratantes, dos despotas e tyrannos!

Mettam, mas o seculo XIX está ahi, e as ideias não retrocedem, o pensamento voa, o mundo marcha!

Metta tudo na cadeia, Sr. Augusto França; mostre para quanto presta, dê mais uma prova de seu talento engarrafado, mais uma demonstração de seu tão apregoado *liberalismo*!

E fique certo de que quando acabar a sua obra, muito lhe restará por fazer, tudo, tudo talvez!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 12 de julho de 1864.

Circular aos assignantes do *Alabama*.— Tendo-me participado os Srs. Marques Aristides & Com que foram intimados para comparecer hoje, terça feira 12 do corrente, n'um negocio de *gravata* no forum da Bahia, fazemos disso scientes a Vms. afim de que se dignem comparecer pelas 11 horas da manhã, para assistirem ao processo que corre contra os mesmos Srs.

—Aos fiscaes de Cachoeira e S. Felix, para que não consintam domar-se animaes bravos nas ruas; do que podem resultar funestas consequencias. Cumpram.

—Na queixa que dá o Sr. A. J. S. Gouveia diz que pudera desde já provar que o artigo incriminado lhe diz respeito, mas que aguarda mais opportuna occasião; fazendo com tudo notar que é elle geralmente conhecido por Gouveia.

Pois por ahi mesmo è que se lhe vae.

E' conhecido por Gouveia?

E vem dar queixa contra o *Alabama*?

Então, ou não leu o artigo, ou não sabe o que leu; leu e não intendeu.

O artigo principia chamando o sujeito de Gravata; o sujeito diz chamar-se Gouveia. O capitão admira-se e continúa a chamal-o por Gravata, ainda depois de ter o sujeito dito que se chama Gouveia—prova de que é o capitão moço polido visto que pelo nome de familia é que se tractam as pessoas civilisadas.

Pois logo por este pedaço não vê o Sr. Gouveia (que por Gouveia como diz, è geralmente conhecido) que o tal cujo era para o capitão conhecido por Gravata?

Pois não vê que si se tractasse de sua pessoa não extranharia o capitão de saber que seu nome è Gouveia, como todos o conhecem?

—Mas Sr., si o tal Sr. Gouveia quer que seja com ello?!

—Si quer, queira muito embora; sua alma sua palma, mas a lei ahi está por fim.

Vou deitar livros a baixo.

Traga-me aquelle diccionario portuguez—francez—latino de Joaquim José da Costa e Sà.

V. sabe o que é nome?

—A *artinha* diz que o nome è uma *voz com que se dão a conhecer as cousas*.

—Pois bem, tome nota do artigo.

« Venha cá, Sr. Gravata.

« Capitão, eu me chamo Goveia »

E o chamavam *Pescocinho*;
A raça liam-lhe outros
No seu enorme focinho.

Tanta suspeita por fim
Cessou n'uma occasião:
Pelo pescoço o pucharam
Foi conhecido por cão.

Não trazia nó pescoço
Pescocinho ou *gravatão*,
Trazia apenas *collera*
O tal cachorro fujão.

Venha cá Sr. Doutor
Que *núnca* cura, e sim *mata*,
Porque rasgou o *Alabama*
Fazendo tanta bravata?

A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. Chefe de policia.

A muitas pessoas tem o Sr. Malaquias José dos Reis pedido para offender physicamente aos proprietarios desta typographia; entre elles ao Sr. Machado, da freguezia de Sant'Anna, a quem pedio, depois de recusa delle, para *arranjar-lhe* trez soldados de linha desfarçados a fim de executar seu negro plano; aos Srs. Marcolino José Dias, Herculano Dantas, Malaquias Portella Bugarim, Miguel dos Santos Prates, e um Sr. Manoel que tem venda na rua do Bangala, e muitos outros que todos tem ouvido do mesmo Sr. ameaças terriveis.

Prometteu a um homem que si fosse preso em virtude de os *quebrar de pau* não receiasse, porque não só elle tinha dinheiro para gastar, como havia muitos figuróes que pedissem, porque todos odeiavam-nos.

Pede-se pois a V. S. providencias considerando como author de qualquer violencia contra os mesmos Srs. ao referido Sr. Malaquias, que faz alarde em qualquer parte que chega dos seus sinistros intentos, chegando a dizer que para tirar ambos os olhos de seu inimigo é capaz de ficar sem um.

Sr. Redactor.

Brevemente vai ser submettido a punição legal, e hoje a apreciação do publico, um facto d'esses que de dia em dia se reproduzem, praticado por um novo soldado das fileiras do olho vivo, e que levou a sua audacia a furtar a firma do Sr. Dr. S. F. S., e offerecendo-a em rebate ao Sr. A. T. da Silva L., cujos documentos se acham em meu poder para bom uso á seu tempo. Ninguem melhor sabe d'este horroroso crime, como seja o Sr. Antonio d'Aquino Gaspar, que para explicações será chamado a juizo, afim de vermos si de suas respostas conhece-se si quem tentou o furto foi o [illegible]

Um prejudicado

Sr. capitão—Como sei que V. quer que a lei seja egual para todos, por isso peço-lhe que recomende ao Sr. fiscal geral o lançar suas vistas para os porcos, cavallos etc. que andão soltos pela cidade assim como sobre um judeu que anda vendendo passas podres, visto que assim como se multa o dono de uma taberna na qual se encontra um funil em que ha pouco se tinha medido vinagre, com muita maior rasão se deve multar a quem especula com a saude do povo.

A lata de pò

ANNUNCIOS

Vende-se um caza á rua Nova do Queimado, toda assualhada, e parte forrada, frente, e fundo de paredes d'obradas, com trez braças de frente; terreno proprio, quintal grande, e todo murado. Tem salla de visita, dita de jantar, trez quartos, cozinha fora, e armazem por baixo, sendo seu n. 32, pode ser vista, que o morador o Sr. Justo, presta-se a isso. Trata-se no Barbalho, caminho da Quinta n. 65 ou na botica á rua do Julião n. 34

O tenente do 5. batalhão da guarda nacional Augusto José da Silva accrescenta o seu nome por haver outro egual.—Augusto José da Silva Maia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

« ..... e como sempre o conheci por « Gravata?

« E' o meu apellido, capitão. »

Tome nota. O *nome com que se dá a conhecer* o tal cujo é *Gouveia*; o apellido, elle o disse, Gravata. E pelo apellido é que em geral se tractam os homens, assim como pelo apellido de Gouveia é o Sr. A. J. S. Couveia conhecido, como em sua petição o disse.

Agora abra o diccionario, e veja o que é apellido.

— Substantivo masculino, *sobrenome, nome.*

—Bote este alcaide para um canto; veja *Moraes.*

—S. m. chamamento, rebate etc; alcunha, *sobrenome das pessoas segundo a differença das familias.* « Os appellidos são os signaes hoje da descendencia das familias e nobreza dellas. »

—Fonseca, Roquette, Bluteau, historias! Veja *Constancio.*

—S. m., chamamento, rebate etc; alcunha, sobrenome.

—Veja *Faria* que é o resumo.

—S. m., alcunha, *sobrenome das pessoas, segundo a differença das familias.*

—Bem, speremos agora por onde se interpretará o artigo; veremos si pela cachola do Sr. Gouveia e seu advogado, ou si pelas lecções dos eruditos.

—Não tem duvida, o nome do tal sujeito è Gouveia e o apellido é Gravata; não podem sahir disso. Só o que me admira é como o tal sujeito se baptisou com este nome de Gouveia, pois julgo que as folhinhas não tem tal santo!

—E as folhinhas trazem são Calombreiro? Que bobo!

E depois o sujeito era de Latronopolis, em Latronopolis é que está o *Alabama* e seu capitão com toda sua tripulação, em Latronopolis é que o capitão o encontrou; não tem nada por tanto com que se passa na Bahia.

—Então, meu charo immediato, está zangado com seu capitão?

—E com rasão.

—Quem lhe metteu essas cousas na cabeça?

Ora venha cá; Vm. não é menino e para prova traz ahi ao peito a medalha da Independencia; pois não continue a brigar com seus superiores. Va ahi por esta cidade toda, toque a corneta, desafie os inimigos do *Alabama*, e os que encontrar de *colleira* ou pescocinho, traga-os a minha presença.

—Ardua é a tarefa capitão; tenho então de trazer todos que encontrar, porque hoje até os africanos, qualquer moleque pelintra e ladrão anda ahi de *gravata* ao pescoço.

Cumprirei, porem, as ordens.

Nunca pensei que tanto mal nos fizesse um *phantasma*!

—Como?

—Pois por uma cassuada n'uma gazeta por uma ficção de cidade, por uma Latronopolis, por uma *phantasia* de Gouveia Gravata não estão trez moços incommodados!!

—Meu amigo, depois que resuscitou no senado o Sr. Barão de S. Lourenço, este Brazil é das almas do outro mundo!

—E eu que não cria em phantasmas!... Cruz, cruz, ave Maria!

—Quem dá noticias do Gouveia Pescocinho?

—Levou o diabo; dizem-me que embarcou para fóra.

—Ah! sim! foi sem duvida a Maragogipe; saudades do *pardo velho da trombeta*, lá o levaram.

LA VAE VERSO.

Um cão manhoso uma vez
De M'ragogipe fugiu,
Os dentes metteu em todos
Que por gente distinguiu.

E depois da *sabinada*,
Quiz por gente elle passar;
Metteu-se até de jurado
Para *raposa* inforcar.

Felizmente elle espichou-se
Pelo orgulho e presumpção,
Pois que fez desconfiança
Seu medonho *gravatão*.

Uns—militar o suppunham

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.ª BAHIA 15 DE JULHO DE 1864. N.º 84

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da [illegible] n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

O processo *Gravata* principiou na terça feira, 12 do corrente.

Depois d'uma questão preliminar que o Sr. juiz não quiz acceitar, mas de que lavrou-se termo, leu-se a queixa e teve logar a defeza, apresentando-se os documentos que provam a nacionalidade brasileira e os direitos politicos do editor.

Juraram as testemunhas, isto é quatro.

O juramento de todas ellas consistiu em dizer que o *Alabama* foi distribuido por mais de 15 pessoas, que conhecem ao Sr. Antonio José de Souza Gouveia por Gravata e que por tal *é geralmente conhecido*; que o mesmo é compadre do major Francisco Pires de Carvalho e Albuquerque, que tem tres engenhos; que é ou foi seu procurador; que recebe alugueis das cazas delle.

São amigos do queixoso? Não Sr. E como o conhecem tanto? Como sabem de todos os negocios do homem?

As testemunhas foram combinadas, e tanto o foram que deixou de comparecer uma dellas que se não sujeitou ao chamado do Sr. Dr. Augusto França, dizendo que muito conhecia ao Sr. Gouveia, que com elle transacções tivera, mas que nunca o conhecera por Gravata.

Houve commum accordo entre ellas.

Querem a prova?

O Sr. Tourinho, o incomparavel Sr. Tourinho!.... leu dez gazetas!.... ouviu ler vinte ou trinta!..... entre as pessoas a quem ouviu ler e cujas gazetas leu estão os Srs. Charles Paillard, José Pedro Moreira Rios, morando o Sr. Tourinho no Xixi.

O Sr. Bastos que mora lá na rua Formosa, perto dos Srs. Paillard e Rios foi justamente a estas duas pessoas que ouviu.

Querem outra? Querem prova de que foi o depoimento estudado?

Pois um homem que não tem grandes relações com outro, sabe que o compadre deste tem tres engenhos e não sabe dos nomes des-

tes? Alguem era por ventura quando falla em nome de engenhos e de seus proprietarios?

Os nomes dos engenhos estavam escriptos; a prova é que os *ignorantes* chamaram a um delles Cazumba, e o Sr. Corte Imperial, moço instruido e empregado publico, chamou-o Cazumbá, tendo em memoria o *companheiro e compadre* do Locas.

Proh! pudor!

Querem outra.

O Sr. Bastos tem uma lista que quer ler!....

O Sr. Corte Imperial consulta ao postilhão por que sabe que vae jurar!...

Querem mais?

O Sr. Tourinho que ouviu a trinta assignantes e leu dez gazetas (santa paciencia!) só se lembrou do Srs. Dr. Couto, João Carvalho e Francisco Ferreira França, irmão ou parente do Sr. Dr. Augusto França!

E' assim que o Sr. Tourinho que *vive de negocio (vide a qualificação)* é irmão, dizem, d'um caixeiro do Sr Gouveia.

E' assim que o Sr. Corte Imperial a quem se dizia ser afilhado do Sr. Gouveia, e elle negava, mandava por seu irmão pedir misericordia, assignar a gazeta e confessar que só por grande força, que só por ser *afilhado* do Sr. Gouveia se prestara a dar aquelle depoimento!

E' assim que as testemunhas que diziam não ter *amisade* com o Sr. Gouveia, ao concluirem o depoimento, entravam na grande roda dos filhos e parentes do Sr Gouveia e o jubilo era geral!

E quando as testemunhas procediam desa maneira, quando por muitas vezes o juiz dava a mão a ellas que estavam prestes a cahir sob a execração do publico que, pasmo, as contemplava, o Sr. Gouveia anda muito ufano a dizer que as testemunhas satisfizeram, julga que tem ganho a partida, que a presa está em suas mãos!

«Deixem o jubilo para a occasião da victoria!»

Hoje é a continuação.

O publico que se interessa, nossos assignantes que nos estimam dignem-se assistir ao processo.

Então, Sr. Almeida Bastos, está muito ufano com seu depoimento?

Não dá cavaco, si o puzermos na gazeta?

Não tenha susto, que com certos defuntos não queimamos nossa cera.

Sr *Rodolpho de* Bulhões, vem fazer o diabo com seu depoimento?

Olé!

Nem por jurar pelos Santos Evangelhos?!

Safa! que enthusiasmo!

Não se bote a morder, meu moço!

A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

O Sr. Malaquias José dos Reis quer processar a Marques, Aristides & C. por calumnia e injurias, contidas na prevenção que a S. S. fizemos; pelo que deu já queixa na primeira vara.

Chamamos a attenção de S.S. para os documentos abaixo transcriptos.

Illm. Sr. Pedro Machado.—Constando-me que o Sr. Malaquias José dos Reis o havia convidado para não só espancar-me como tambem a meus socios e que o Sr. a isso se recusara, e que então o dito Sr. Malaquias lhe propuzera que arranjasse trez soldados para, desfarçados, executarem aquelle plano, vou pedir-lhe se sirva declarar-me si isto é verdade, e me conceda licença para usar como convier de sua resposta.

Sou de V. S.

attento venerador

Jose Marques de Souza.

Sr. José Marques de Souza.—Permitta que responda o que o Sr. me pede. O Sr. Malaquias me procurou e me disse que tinha trez supplicantes do *Alabama* que tem fallado muito no seu nome. Eu perguntando o que elle queria fazer; me disse que queria quebral-os de pau. Eu perguntando a elle si se tirasse a pilheria do *Alabamo* ficava satisfeito; disse-me que sim. Fui eu pedir ao Sr. Marques e elle me cedeu(*) Fui a casa do Sr. Malaquias no outro dia dizendo o que se tinha passado com o Sr. Marques, disse-me que tinha feito muito mal em servir de seu padrinho, « que quando elle me tinha chamado que « era para quebral-os de pau e não para « servir de padrinho, e que não queria « ir nem para o ceu, elle furava um olho « seu para furar dous do seu inimigo; não tenho mais que me occupe o meu pensamento para lhe explicar.

Seu etc. etc.

Pedro Machado da Silva.

—

Illm. Sr. Francisco Candido Rodrigues.—Constando-me que V. S. hontem à noite estando conversando com algumas pessoas, appareçera o Sr. Pedro de tal Machado, e dissera que o Sr. Malaquias José dos Reis o havia convidado para espancar não só a mim, como a meus dous socios, vou pedir-lhe que por sua boudade e em abono da verdade me declare si isto é certo, e si ouviu mais alguma cousa do dito Machado, e me concederá licença que me utilise de sua resposta, como me convier.

Bahia 13 de julho de 1864.

De V.

Attento Venerador e obrigado

José Marques de Souza

—

Sr. José Marques de Souza.—Respondo a sua carta dizendo que na noite de 12 do corrente, na porta de uma pasteleria na rua da Misericordia, encontrei o crioulo Machado de tal, morador na freguezia de Santa Anna, disendo que o Sr. Malaquias José dos Reis, já por duas veses lhe havia fallado para elle *escovar* ao Sr. e seus dous companheiros, muito principalmente ao Sr. Igrapiuna, e que como elle se negara à isso, em razão da amizade que tem a V. o mesmo Malaquias lhe pedira que visto elle não querer, se incumbisse de arranjar-lhe trez soldados desfarçados que isso quizessem fazer; afiançando-lhe que dinheiro não faltaria, e mesmo quem pedisse, caso fosse preso, visto o odio geral que contra si tem adquirido o *Alabama*, de muita gente boa.

Foi tudo o que ouvi e do que V. pode fazer o uso que lhe convier.

Sou de V.

patricio etc. etc.

Francisco Candido Rodrigues.

—

Illm. Sr. Agapito Ramos de Oliveira.—Constando-me que V. S. ouvira da bocca do Sr. Pedro de tal Machado que tinha sido convidado para espancar a mim e a meus socios pelo Sr. Malaquias José dos Reis, e que este lhe havia feito muitas promessas, vou pedir-lhe me declare si é verdade e o que mais sabe ou ouviu á respeito. Permitta que faça o uso que me convier.

15 de julho de 1864.

De V. S.

Obrigado e criado

José Marques de Souza.

—

Senhor José Marques de Souza.—Respondendo à sua carta que me foi hontem dirigida, cumpre-me dizer-lhe o seguinte: Na noite de ante-hontem, (12 do corrente,) sendo pouco mais de 9 horas, passando eu pela rua do Collegio encontrei na quina da botica do Sr. Manuel Rodrigues da Silva o crioulo Machado conversando com os Srs. Francisco Candido Rodrigues, Jacob Benatar, Joaquim Rodrigues de Almeida, e Antonio Luiz de Magalhães, e como tive de parar ahi para fallar com os mesmos, ouvi o dito Machado dizer que o Sr. Malaquias José dos Reis lhe tinha promettido dinheiro para elle dar muitas cacetadas nos proprietarios da typographia onde se imprime o *Alabama*, e que com especialidade lhe tinha recomendado o Sr. Igrapiuna, por terem elles pintado no mesmo periodico a sua caricatura de archote na mão, e que disse-lhe tambem que nada receiasse pois haviam muitos figurões que estavam promptos para lhe defender no caso que alguma cousa lhe acontecesse; ao que respondeu elle Machado, que não podia se prestar à semelhante pedido, e que o unico favor que lhe podia fazer era ir pedir aos moços da typographia para não escreverem mais contra elle; ao que tambem respondeu o dito Sr. Malaquias que tal pedido não fizesse, que preferia antes morrer momentaneamente no meio da rua: disse ainda o referido Machado que o Sr. Malaquias tinha por diversas vezes deixado recados em uma venda para elle ir á sua casa pois tinha um importante negocio á tratar, e que indo à casa do Sr. Malaquias, foi ahi convidado para tal fim, por

(*) Realmente ignoramos que o *Alabama* até hoje se occupasse com a importante pessoa do Sr. Malaquias.

que não obstante o ter logo desenganado, o mesmo Sr. Malaquias ainda continuava a fazer-lhe tal pedido todas as vezes que o encontrava.

E' o que tenho á dizer-lhe a bem da verdade por ter tudo ouvido da bocca do Sr. Machado, e para o que estou tambem prompto á jurar si necessario fôr, assim como pode V. fazer de minha resposta o uso que lhe convier.

Bahia 14 de julho de 1864.

Sou de V.

Agapito Ramos de Oliveira.

—

Sr. Guilherme Augusto de Miranda.—Tendo me constado que V. S. fôra uma das pessoas a quem o Sr. Pedro Machado dissera que o Sr. Malaquias Josè dos Reis o convidara para me espancar e a meus socios, vou pedir-lhe que em abono da verdade me declare se isto é certo e o que mais sabe. Conceda-me licença para que use desua resposta como me convier.

Bahia 14 de julho de 1864.

De V. S.

Attento Vor.

José Marques de Souza.

Sr. José M de Souza.—E' verdade que hoje pelas 9 horas encontrando eu com o dito Machado na rua do Bispo elle me disse que tendo recebido recado do Sr. Malaquias José dos Reis para que lhe fosse fallar, encontrara com elle na ladeira da Praça; então nesta occasião lhe perguntara elle Malaquias, sinão tinha visto o que tinham escripto contra elle e que até o tinham pintado com um archote na mão tocando fogo em uma caza, o que elle Machado respondera que de nada sabia porque não lia folhas, mas que sendo camarada de V. lhe pederia para que não continuassem; o que assim o fez e encontrando-se de novamente com o Sr. Malaquias lhe dissera si estava satisfeito o que o dito senhor lhe respondeu que não, pois o que elle queria era mandar quebrar aquelles negros de pau e que para isto é que o tinha procurado pois que tinha dinheiro e amigos para o defender e que elles lhe haviam de pagar; o que elle Machado dissera que a mais nada se prestava pois nunca foi acostumado a dar em pessoa alguma e muito menos por interesse; é na verdade o que se passou, podendo V. fazer desta resposta o uzo que lhe convier.

Sou de V. etc.

Guilherme Augusto de Miranda.

—

Illm. Sr. Antonio Luiz de Magalhães. —Como me constou que V.S. ouvira o Sr. Pedro Machado dizer que o Sr. Malaquias José dos Reis o tinha convidado para espancar a mim e a meus socios peço-lhe que me declare si isto é verdade, e me conceda usar como me convier de sua resposta.

De V. S.

muito obrigado vnr.

José Marques de Souza,

Sr. Josè Marques de Souza.—Em resposta a sua carta tenho a declarar que na noite de 12, seriam 9 horas, estando com algumas pessoas ali tractou-se sobre o periodico *Alabama*.

Nesta occazião appareceu o Sr. Machado crioulo, e disse que o Sr. Malaquias o mandara chamar e lhe propuzera que fosse espancar os donos da typographia, onde se imprime o *Alabama*, especialmente o Sr. Igrapiuna, por haver estes Srs. o pintado na mesma folha e que nada receiasse porque elle tinha dinheiro para gastar como tambem havia muita gente grande interessada nisto e que elle Machado se recusara.

Sem embargo do que o referido Malaquias continuava a lhe fazer egual pedido o que estou prompto a jurar si for preciso.. Pode usar como quizer de minha resposta.

Bahia 14 de julho de 1864.

Seu etc.

Antonio Luiz de Magalhães.

—

Illm. Sr. Marcolino José Dias.—Faça favor de declarar-me ao pé desta si o Sr. Malaquias José dos Reis em dias da semana passada mandara por V. S. chamar o Sr. Pedro Machado. Permitta que use de sua resposta como me convier.

Bahia 12 de julho de 1864.

De V. S.

Attento Vnr.

José Marques de Souza

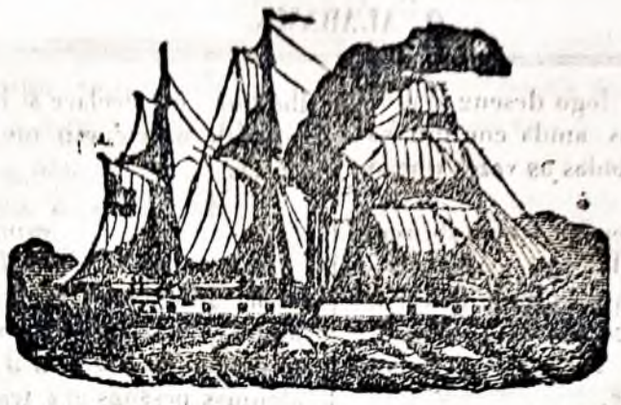
Sr. José Marques de Souza—Respondendo o que manda V. me perguntar declaro que na ante vespera de S João ás 10 para 11 horas do dia encontrei com o Sr. Malaquias José dos Reis atraz da Cadeia, me chamou e perguntou-me si tinha visto o Sr. Machado, eu respondi-lhe que fazia dois dias que não o via, pedio-me o Sr. Malaquias que eu procurasse o dito Sr. Machado para lhe fallar, o que fiz, na volta que eu vinha para caza encontrando com o dito Sr. Machado lhe dei o recado que mandou o Sr. Malaquias Josè dos Reis; disse-me elle que ja tinha recebido este recado pelo Sr. Trancolino e pelo Sr. Domingos da venda; nada mais tenho a dizer e V. pode fazer uzo da minha resposta como lhe convier.

Marcolino José Dias.

(Estavam com reconhecimento publico.)

(Continua.)

TYP DE MARQUES, ARISTIDES &C



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.ª BAHIA 16 DE JULHO DE 1864. N.º 85

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

Continuou hontem, 15, o processo *Gravata*.

Juraram duas testimunhas.

A primeira, o Sr. Rodolpho Bulhões que disse que havia fazer o diabo, effectivamente o fez; depois de satisfazer seu genio, depois de declarar que leu a gazeta do Sr. José Felix dos Santos Rocha, que já *duas testimunhas tinham lido*, atirou nos proprietarios da typographia algumas flores que levava, entre as quaes sobresahio a de *paschim*.

Jurou, todo o mundo o ouviu, que o Sr. Gouveia era Gravata, que assim era conhecido desde umas eleições da Sé, quando o Sr. major Baldoino, tambem testimunha, depoz que o conhecia por Gravata desde o *colleguismo* do batalhão!

Jurou mais que tinha indagado do postilhão, porque era a cousa mais natural, lembrando-se ao depois de responder que fôra por ter sido citado &c &c.

A segunda, o Sr. Aureliano Lisboa jurou melhor, juron somente com uma pequena contradicção.

Disse que viu fulano e fulano receberem a gazeta no *mesmo dia da distribuição*, e que indagou si eram assignantes, por que suppunha que *seria sobre a distribuição interrogado*....

Logo?!

Esta minha terra!.....

Minha terra produz em copia grata
Mangarás, mangaritos e *batatas*!.....

Cifrou-se nisto a audiencia, além de algumas questões incidentes.

Continuará o processo na terça feira; jurarão ainda trez testimunhas que comparecerão.

Os Srs. assignantes, o publico, que nos desculpem a insistencia com que os convidamos para assistir ao processo.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 15 de julho de 1864.

Officio ao Exm. Sr. Presidente da Bahia, perguntando-lhe si o Dr. Augusto

França, chefe de secção da secretaria do governo, tem licença para advogar, e si soffre, nos dias em que advoga, o competente desconto do seu ordenado; o que é de esperar d'um *liberal* que não pode querer subtrahir os dinheiros que lhe não pertencem.

—Ao Illm.Sr.inspectorda thesour. provincial da mesma,perguntando-lhe si nos dias que o Sr. Dr. Augusto França deixa sua repartição para servir de advogado, soffre o necessario desconto no seu ordenado, visto que a nação lhe paga para seu serviço e não para defeza de particulares.

—Divertiram-se muito, dem-me noticias.

—Tudo na ordem do costume: foguetaria e luzes, folhas e *vivas*, poesias e flores, Chafariz de geringonça, theatro de fastio, pateada e indifferença.

O que de novo appareceu foi o palacete de Santo Antonio, com o qual se esforçaram alguns rapazes que bem merecem.

A illuminação alli foi por nove dias, tendo uma banda de musica no ultimo dia além das que comparecerem nos trez primeiros.

—E quanto aos emblemas?

—Fôram levados debaixo de p rfeita ordem, demonstrando ainda desta vez os bahianos que são incapazes de manchar o dia de suas glorias e que são por tanto dignos de compartilhar os direitos dos povos livres.

—Sabe? Foi o *Alabama* (navio) a pique nas costas de França.

Irá tambem o *Alabama* (gazeta) a pique, na Bahia?

—Quem sabe?

Mas si for nas costas do França, advogado..... safa! o peso será grande, não será agradavel a carga.

—Que coincidencia!

—O Sr. ainda crê em bruxarias!

Faz favor de não me aborrecer com o seu *pescocinho*?

—Ai! que o homem me conheceu!

—O *Alabama* de Latronopolis vae a pique.

—Deixal-o; fica na Bahia a gazeta.

—Estas coincidencias!.....

—Que tem a gazeta com o vapor?

—Mas é que assim como o *Alabama* vapor, tinha contra si os federaes, o *Alabama*, gazeta, tem contra si os ladrões.

—Mas não vê a differença entre as causas?

—Mas não ouviu o outro dizer que antigamente pendiam os ladrões das cruzes e hoje pendem as cruzes dos ladrões?

—Ora deixal-os!

—A Exma. Sra. D. Bibiana aqui por Latronopolis!

E' novidade.

Que motivo a obrigou na avançada edade de 70 annos a deixar o seu ameno Paraguassú onde placidamente vivia nas delicias do pittoresco S. Francisco?

—O que heide fazer, Sr. capitão? Aquelle maldito procurador que faz *mal aqui a* todos, depois de reduzir-me á miseria, intendeu que me havia matar a fome!

Depois de me haver roubado, e usurpado os poucos bens que possuia, até a ultima casa que me deixou o meu finado *Totonio Tomas* irmão daquelle padre que morreu aqui em Latronopolis, o ladrão tantas traficancias fez, tantos embaraços me creou, que me poz na obrigação de vendel-a e então propoz-se a compral-a dando-me a insignificante quantia de 400$ rs. com o pretexto de que a casa estava podre, e eu não tive remedio senão estar pelo que elle queria.

E apanhando-se com a escriptura de venda, assentou o patife de massacrar-me pagando-me até a 500 rs. !

E eis aqui, Sr.capitão, o que me traz a esta Latronopolis, a ver si com minha presença aquelle coração de marmore se move, e minha miseria doe n'aquella alma impedernida.

—E no entanto anda este ladravaz, este patife a arrotar honradez, e fallar em honestidade no meio da gente de bem!

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 15 DE JULHO DE 1864.

REVISTA DO MERCADO.

O giro commercial de nossa praça durante a semana foi animado.

Continua no mercado a affluencia de *gravatas* e *pescocinhos*. Não ha hoje moleque que não use da maldita *gravata*.

Quando fallamos em gravata é *genero* e não *pessoa*.

Esta observação se faz já que as testemunhas do Sr. Gouveia na Bahia juram que o conhecem por GRAVATA, o que não sabiamos até agora !!!!!!!!!!!!!!!!!

Quem mais vive mais aprende.

O que admira é que sendo o appellido o *distinctivo das familias*, somente o Sr. Gouveia tenha o appellido de GRAVATA na sua numerosa e honradissima familia.

Houve na noite de 12 leilão de uma partida de *orgias* no escriptorio do corretor Victor na praça das Misericordias, 4.

Entrou o brigue *Coriolano* da cidade das Trampolinas com um carregamento de *traficancias*, objectos e dinheiros subtrahidos.

Appareceram no dia 12 na praça do *Forum* alguns fardos de *testemunhas falsas*, que não merecem as honras de ser mencionados.

Entre a carga trazida pela barca *Gouveia* veiu um *lindo* garrote de raça *tourina* que foi *comprado* em leilão na praça do *Forum*.

Entrou de *França* o enter liberal *Augusto*, que manifestou a seguinte carga:

Banalidades 1 caixão, *Talento* 300 garrafas, *Sabedoria* 50 frasquinhos microscopicos, *Liberalismo* 2 canastras, *rancor* 1 vol.

Entrou a barca *Rodolpho* procedente de porto dos *Boiões* trazendo uma partida de *cynismo*, desfacamento e *capadocismo*.

Creou-se uma agencia de *numeros nocturnos* na ladeira da *Fonte dos Sacerdotes*.

Abriu-se uma nova casa de banhos *aromaticos*, atraz da Sè 28.

Só funcciona á noite de 10 para 11 horas.

A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

(Continuação.)

Illm. Sr. Joaquim Rodrigues de Almeida.—Constando-me que V. S. hontem á noite ouvira do Sr. Pedro de tal Machado que tinha sido convidado pelo Sr. Malaquias José dos Reis para não só espancar-me como tambem a meus socios, e que para isso lhe fizera grandes promessas, vou pedir-lhe que em abono da verdade, se sirva de declarar-me si isto é verdade. Aproveito a occasião para pedir-lhe a faculdade de usar como me convier de sua resposta.

15 de julho de 1864.

De V. S.
attento vnr.
José Marques de Souza.

Sr. José Marques de Souza. — Respondendo a sua carta, tenho a dizer que é verdade que ouvi que o Sr. Pedro Machado tinha sido convidado pelo Sr. Malaquias José dos Reis para espancar os donos da typographia onde se imprime o *Alabama*, principalmente um Sr. Igrapiuna, isto pelo motivo destes Srs. o pintarem em uma folha e que elle a isto se escusava a pezar das promessas que elle Malaquias lhe fez; isto disse o Sr. Machado na minha presença, na dos Srs. Agapito Ramos e Antonio Luiz de Magalhães, e outros que commigo conversavam; estou prompto a jurar si for precizo. Uze como convier de minha resposta.

Bahia 14 de julho de 1864.

Joaquim Rodrigues d'Almeida Queiroz.

—

Illm. Sr. Anacleto Rufino de Carvalho. —Constando-me que V.S estivera hontem á noite em uma reunião, onde appareceu o Sr. Pedro de tal Machado, e que em conversa este declarara que o Sr. Malaquias José dos Reis o havia convidado para espancar não só a mim como aos meus dous socios, e que elle se recusára por deferencia a mim, vou pedir-lhe declarar-me ao pé desta si isto é verdade, bem como os demais pormenores que se deram nessa conversa, pedindo lhe permissão para fazer o uso que me convier.

Bahia 13 de julho de 1864.

De V. S.
Criado, e obrigado
Jose Marques de Souza.

Sr. José Marques de Souza—Em consequencia do que me pede nesta sua carta assiste-me o dever de responder-lhe que na noite de 12 do corrente appareceu o crioulo de nome Machado em minha cazinha de negocio onde se achavam algumas pessoas mais, e travando-se nesta occazião algumas conversas, teve logar a de uma intimação que tivera V. e seus socios nesse mesmo dia, para comparecerem no dia immediato perante o juizo da 1. vara, afim de responderem sobre uma calumnia derramada sobre Malaquias José dos Reis, descripta no periodico *Alabama*, e nesta occasião passando a ser curioso perguntei ao referido Machado bem como os demais circumstantes, si passava por verdade aquillo que a gazeta tinha relatado, o qual exprimiu-se pela maneira seguinte:

Fui chamado pelo Sr. Malaquias José dos Reis para quebrar de pau ao redactor e mais socios do *Alabama*, em virtude de o ter pintado com um facho incendiando predios alheios, e o coçado bastantemente nas linhas deste jornal, a cujo fim recusei-me em attenção ao Sr. Marques dizendo-lhe que [illegible] prestaria a fazer retirar o

seu nome, e por elle me foi respondido que com isso ficava satisfeito o que immediatamente passei a dar providencias implorando a essa typographia, voltando victorioso de meu pedido, dirigi-me ao Sr. Malaquias e o sientifiquei da certeza de meu promettimento o qual me foi respondendo que não só reprovava meu procedimento como recusava isso que tinha podido obter, por minha interceção, eu o que quero è que vossê os anniquille no pau, por quanto somos trez socios eu o Gnoveia e um outro e me não importa que a redacção saiba desse procedimento meu. E a vista disto eu dirigi-me a sociedade do *Alabama*, e depozitei tudo quanto se tinha passado, de onde rezultou chamarem a attenção do Sr. Dr, chefe de policia, e tudo isso me acho prompto a declarar mesmo em juizo si acaso for chamado a barra do tribunal. Nada mais posso dizer-lhe por quanto foi o que se deu no pouco espaço que o Sr. Machado aqui esteve, si mais alguma conza ha, elle não declarou, por tanto receba V. o que conscienciosamente lhe declaro do que pode fazer o uso que quizer.

Em 14 Julho de 1864.

De V.
etc. etc. etc.
Anacleto Rufino de Carvalho.

—

Illm. Sr. Leopoldino José do Monte.— Tendo eu sido informado de que V.S. sabia de um convite que o Sr. Malaquias José dos Reis fizera ao Sr. Machado para me espancar, e a meus socios, vou pedir-lhe que em abono da verdade me declare si com effeito sabe desse facto e como chegou elle ao seu conhecimento.

Permitta que use de sua resposta como me convier.

Bahia 14 de julho de 1864.

De V.S.
muito att. vnr.
José Marques de Souza.

Sr. José Marques de Souza.—Tenho a honra de responder-lhe em fe de verdade que na terca feira vindo eu subindo a ladeira dos Gatos, em companhia do Sr. José Maria da Natividade encontrei-me com o Sr. Marcolino José Dias, que para elle me diriji perguntando a elle o que havia de novo respondeu-meque o que havia de novo, era os homens que queriam que elle fosse dar paucadas no redactor do *Alabama* perguntando-lhe a elle disse-me que era o Sr. Malaquias que tinha mandado por elle chamar a Machado e este lá chegando disse que era para meter o cacete no redactor do *Alabama*, este lhe respondeu que não era peito largo para dar pancadas, elle então que fosse ver dous ou trez soldados de linha desfarçados para isso executar pois elle tinha dinheiro para gastar e muita gente boa para o livrar. E' o que tenho a dizer-lhe.

Deste que é de V. etc.
Leopoldino José do Monte.

—

Illm. Sr. Herculano Dantas —Vou pedir-lhe o obsequio de declarar-me si algum dia ouvio do Sr. Malaquias José dos Reis, expressões injuriosas e ameaças a nosso respeito. Permitta que use de sua resposta.

Bahia 13 de julho 1864.

De V. S.
Obrigado e criado.
José Marques de Souza.

Sr. José Marques de Souza.—Tenho a responder-lhe que sobre o Sr. Malaquias José dos Reis o que vi delle foi que estando eu no Forum elle fallara que havia de ver aquelles patifes do *Alabama* na cadeia para então elle Malaquias mandar prender a a Theodoro de tal que tinha sahido sua sentença contra o dito Theodoro e mais nada sei a tal respeito.

Uzará desta minha resposta para o que lhe convier e sou de V. etc.

Herculano Dantas.
(*Continúa*)

Pede-se á filha d'um *rato de tulha*, morador á baixa dos Sapateiros o favor de não incommodar os visinhos com seus desfructes, entregando cartinhas a um homem branco *malhado* que dá grande escandalo em todas as ruas por que passa.

Os incommodados.

Pede-se a certo moço que tirou contra a vontade do seu dono um cavallo, na noite de S. Pedro, o favor de o restituir, advertindo-se-lhe não ser *elle* a prata do *papá* que está ancioso por pegal-o. *O Duarte.*

Pede-se a certo gallego das *fontes* dos *ourives* que não continue a roubar escandalosamente a seus freguezes, tomando-lhes 1$000 rs. de *arrependimento*, quando se leva uma joia para *ver* e se a restitue por não agradar.

O olho vivo.

ANNUNCIO.

Quem precisar dois funis estanhados proprios para cachaça, procure na rua da *Taboa grande* na caza em que morava a Sra. D. *Ignez* ou na rua do *Jardim* em casa do *Copo lavado*.

Umbelina.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C

O ALABAMA

SUPPLEMENTO.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

Petição feita ao capitão do «Alabama» ancorado em Latronopolis.

Licença, Sr. capitão
Para minha petição,
Si aqui me vê abordar
E' só para me queixar,
Do tratante mais atôa,
Que nos veio de Lisboa;
Do mais infame ladrão
Vergonha da geração

Sinto vir incommodal-o
E do tal besta fallar
Mas, preciso ser vingado
D'um bruto tão descarado;
Attenda Vossa Senhoria,
Por sua alta bizarria,
Para o *retrato* que faço
D'esse infame, vil devasso.

O supplicado, senhor,
Não serve.. .. nem p'ra tambor,
De tão immundo *lapuz*
Faço o signal da Cruz.
Veneno não é tão mau,
Como esse cara de pau
Que para ser bem tratado
Só amarrado e surrado.

Attenda, por tanto,
Meu requerimento,
E depois de ouvil-o,
Dê deferimento.

O bisborria de quem vou tratar
E' tão vil, tão infame é safado,
Q'u o mundo não pode encontrar-se
Quem lhe possa bem, ser egualado.

E' ladrão, miseravel piseta,
Immoral assassino, embusteiro;
Toda casta d'infamia fará
Para ter o seu Deus—o dinheiro.

Para isso obter tudo é meio
Nada ha que o faça corar!
Infeliz, que a sorte fadou
Sem vergonha e para roubar.

Si preciso for para obtel-o
Pela lama de rojo elle andar,
Não exita, la mesmo o *foucinho*
Esse porco vil vae enterrar.

De torpezas é um charco immundo,
Da moral é vil perseguidor,
A decencia p'ra elle é nada
Seu *contacto* infunde pavor.

Capitão basta attender-se
P'ra o facto, que vou contar,

E veja si ha quem possa
Ao infame tregoas dar,

Quando o tio daqui foi
Nas Europias se tratar,
Dous filhos, q'aqui teve,
A' elle foi entregar.

E disse:—« eu te encarrego
«Dos filhos que reconheço,
«Para que á elles faças
«Aquillo q'eu te mereço.

«O que á elles tu fizeres
«Não será tempo perdido,
«Pelo contrario, eu serei
«Sempre mui reconhecido.

«De lá eu lhes mandarei,
«Si a sorte me ajudar,
«Em qualquer occasião
«O q'eu poder ajuntar.

«Ao rapaz, que é teu primo,
«Dá decente occupação,
«Com a *menina* te rogo
«Tenhas toda precaução.

«Em favor della emprega
«Tua força e valimento,
«Com qualquer rapaz honesto
«Arranja-lhe um casamento.

«Prostituir-se não deixes,
«Q' isto vergonha seria,
«De mim e ti seu parente
«O mundo o que não diria?

—*Meu tio*, disse o casmurro:
Juro os penhores guardari
E probar-lhe a todo tempo
Que bem o sei respeitari.

—*Por* S. *Cosme e Damião*
Bá certo, q'e s'eu não morreri
Aos seus filhos e meus primos
Sempre heide defenderi

Torna o velho—« vê que a mãi
« A caza não vá vender,
« Que será d'elles, dous pobres,
« Se primeiro ella mórrer

Descance, Sr. diz o bruto;
—Bá p'ra terra sem cuidado
Bá certo q'eu cá fico
—Dos *primos encarregado*

E o pobre tio
Foi seu caminho
Deixando os filhos
Sós, com o sobrinho

. . . . . .
. . . . . .

Mas crê, capitão, que a jura
O imbusteiro a cumpriu?
Engano, houve demora
Em quanto o vapor sahiu.

Damnado, só esperava
Ver o tio as costas dar,
Para dos seus pobres primos
A desgraça começar.

Agarrou o rapazinho
Quiz fazel-o farinheiro,
Quiz depois.... mais adiante
Tornal-o um alcoviteiro.

O moço não sujeitou-se,
Da caza delle sahia
Isto bastou; desde então
Até hoje, o perseguiu!

Este era o seu desejo
Ver-se livre do rapaz,
E por isso elle esperava
Ou por nefas ou por fas.

Livre da carga do primo,
A prima moça agarrou;
E, passado pouco tempo,....
Não digo, que faz horror.

Entretanto, o pobre tio
Dinheiro aos filhos mandava,
Mas, o abutre sedento
Toda quantia empalmava.

Uma vez o velho mandou
Um conto p'ra repartir,
Donde sahir deveria
Roupa para os vestir.

Mas crê, capitão, que o cafre
O dinheiro aos primos deu?

Mentira, nenhum vintem
Nenhum delles recebeu!

Até mesmo a propria casa
Que a mãi por morte deixou,
Isso mesmo o besuntão
Tomal-a uma vez tentou!

E pode causar reparo
Dizer que elle roubou?
Elle que o cobre engoliu
E a prima deshonrou?

Capitão, eis ahi tem
O thema da petição,
Leia, despache, eu lhe peço
Por S. Pedro e S. João.

Me queixo, porque me anima,
Seu caracter justiceiro,
Por Deus, pelos Santos peço
Me agarre este *marinheiro*

Mas, como pode dizer-me:
—Dé quem falla? não conheço,
Os signaes desse gallego
Juntos aqui lh'o offereço.

—Tem a cabeça de zorra
Cara não tem, tem carão,
A boca, quando sorri,
E' propria a de um cação

De burro tem as orelhas,
O carão avermelhado,
Quem o vê crê que elle vive
Dia e noite emborrachado.

A lingua é o instrumento
Que conheço mais ferino;
Falla de tudo e de todos
Seja do mundo ou divino!

Voz estupida e rouquenha
De metal desafinado;
Eis aqui fica pintado
O chefe. mor descarado.

E' este Sr. commandante
Meu tosco requerimento
Informe-se, e, depois disso,
Me dê seu deferimento.

Para esta petição
Eu lhe rogo bom despacho,
Que mande recolher prezo
Esse *cabeça de tacho*

O nome não sei o certo
Qu'isto elle não afrocha
Mas, em sacos vejo escripto
Xico—sobrinho da rocha.

DESPACHO.

Bem certo de quanto allega
Passo já á despachar
Como quer a sua razão
E a justiça manda obrar

Pelo exposto bem se vê;
Que o réu é criminoso,
E que,—o continuar solto
E' negocio perigoso

E tambem da informação,
Que teve o guarda-marinha
De pessoas fidedignas
No negocio de farinha.

Fica por isso provado
Que o labrego é ratoneiro,
Desses descaradões
Em arranjos de dinheiro

E, pelos seus precedentes
Que bem patentes estão,
Pelos quaes é conhecido
Na praça, como ladrão.

E tambem por outras queixas,
Que ha contra tal casmurro
Que em sciencia e acções
Leva a palma a qualquer burro.

Ordeno ao guarda marinha,
Que junto com o muxingueiro
Vão á cidade de baixo
Prender esse *marinheiro*.

Que, preso, logo o amarrem
Sem mais consideração,
Que o conduzam para bordo
E o mettam no porão.

E si acaso riminar-se
Encostem-lhe logo a taca;

Podem lhe dar de chicote
Menos com pau, pedra ou faca.

E assim que conseguirem
Por o lapuz no porão,
Corram a casa, que habito
A' dar parte da prisão.

Porque immediatamente
Mando abrir o tribunal
E ser logo interrogado
De tudo até o final.

Para depois ser julgado
Em um conselho de guerra
E nelle ser condemnado
A' surra, ou mudar de terra.

—Lê-se no *Sancho Pança* de 23 do corrente:

Ui... ui... quem me accode?

O que é isto menino?

E' *sinhô* Gouveia que anda mettendo *medo* a gente, papae.

Quem è esse patife, que Gouveia è este?

E' um *francez cor de porco* que os moleques chamam *Gouveia cravate*.

Eu já sei, conheço muito... è um tal que dizem forjou um testamento falso e que tem illudido a certo correspondente.

Papae, porque chamam elle *cravate*?

E' porque na *França*, julgo que esteve na gollilha.

Papae, gollilha *é commercio*?

Não, meu filho, é uma argola de ferro onde se prendiam antigamente os homens.

E como elle diz, papae, que è negociante honrado?

E' porque na cidade de *Pipiripau* não ha policia para os velhacos tratantes, e ladrões.

Ui, ai,.... papae ai.... ahi vem elle.....

Elle quem menino?

O homem do *pescocinho*, que leva pela mão o bobo do sobrinho.

Que delles, para onde vão?

Vão para o Forum resolutos a metter o *Alabama* no fundo.

Coitados!.. Um está demente... e outro?...com vontade de fallar, porque levou trez mezes em *muda* na *gaiola* da assemblèa provincial. Puf. puf. puf... fiau.. fiau... fora bobos....

Que diabo tem na barriga meu caro Sr. gravata?

Pepineiras de tres engenhos e o assucar constante de todas as safras, meu collega.

De menos isto Sr. *pescocinho*, seu collega?

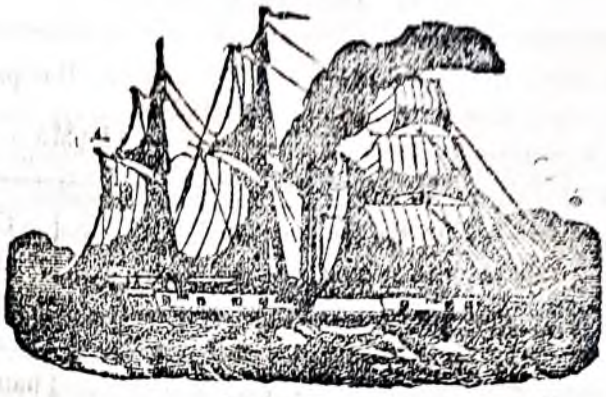
E que duvida; não é V. S. como eu um *honrado* negociante desta cidade de Pipiripau?

Algum dia Sr. pescocinho Gouveia, lhe constou que eu falsificasse testamentos para poder *adquirir* o nome de *honrado* negociante?

Ora isto são caprichos da sorte.....

Não meu *gravata*, são costumes de ladrão— é a falta de justiça e o *somnambulismo* da policia que consente que os ladrões façam parte da nossa sociedade moralisada, já ouvio Sr. *gravatinha*? basta de pipineiras pois já está no inverno da vida, encommende-se a Deus para satanaz não tomar conta da sua alma, si é que a tem, e deixe-se de dar ao desfructe.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.ª | BAHIA 19 DE JULHO DE 1864. | N.º 86

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Uma vez por todas.

Devem ter logar hoje a accusação e a defeza no processo *Gravata*.

Solemnemente declaramos que o artigo em questão nem de leve se refere ao Sr. Antonio José de Souza Gouveia.

Si porém intende que as expressões—safado, ladrão, tratante e velhaco—lhe são cabiveis que as acceite muito embora.

Si lhe ajusta a carapuça, sirva-se della.

Chame-se embora *Gravata*, conheça-o assim a roda de seus amigos, parentes e afilhados; pouco temos com isso.

O que é certo é que o ignoravamos: o que è fora de duvida é que *por tal não é geralmente conhecido*, como ha de provar-se um nós-abaixo de mais de 100 pessoas, que será exhibido em juizo—nós-abaixo que conta artistas conhecidos e estabelecidos, proprietarios, pharmaceuticos, medicos, academicos, negociantes, caixeiros, despachantes, officiaes da guarda nacional e empregados publicos, todos moradores nesta cidade.

E para provar quem é o Sr. Rodolpho Bulhões que disse chamar-se o Sr. Gouveia de Gravata desde certas eleições da Sé, cuja data não precisou, lá será encontrada a assignatura do Sr. Ignacio Alberto de Andrade e Oliveira, sempre, desde que o conhecemos, ha mais de 20 annos, involvido nas eleições dessa freguezia, sem com tudo conhecer ao Sr. Gouveia por Gravata!

E temos fé em Deus! a justiça ha de triumphar.

Que não haverá homem de boa-fé que assistindo a certos depoimentos deixe de sahir enojado, para triumpho da moralidade desta terra em que ha ainda caracteres honestos e respeitaveis!

Ao meio dia deve principiar o processo.

O accusador é o Sr. Dr. Augusto Ferreira França que nos manda dizer pelos seus amigos que só obrigado tal papel representa e apparece no tribunal rancoroso como o proprio rancor;— *liberal da moderna schola*, para a qual é responsavel o impressor, ainda depois da responsabilidade do editor, calcado acintosamente aos pés o artigo 7 do Codigo Criminal, feito glorioso da *schola liberal antiga*.

O advogado da defeza é o Sr. Dr. Manuel Joaquim Alexandrino de Andrade, muito conhecido no foro desta cidade pela sua elevada capacidade.

O nosso maior prazer será vermos o *Forum* concorrido.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 18 de julho de 1864.

Officio á camara municipal—Constando que um portuguez de nome Antonio tem no Gravatá uma propriedade situada n'um outeiro, e que diz o mesmo não sujeitar-se a melhoral-a como fizeram outros, visto que o dinheiro que alli pode gastar empregal-o-ha em comprar outra caza para lhe render —fazemos disso sciente a Vv. Ss. para providenciarem a respeito.

Portaria ao fiscal geral para que se intenda com dous empregados da camara, com os Srs. Thomaz d'Aquino, capitão Faisca e seu filho, coronel Lourenço de Souza Marques e outros, sobre a enorme quantidade de cal que existe no caes do Pedroso, tendo em vista a postura 90. Cumpra.

—Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao beco do Jogo nas Mercês e procure uma caza de jogo que alli ha e na qual se reunem os soldados, a ponto de ao brado d'armas sahirem todos della, afim do intimar á seu dono, que ao menos por S. *Cypriano* se deixe de tal divertimento que é prohibido, não obstante estar a caza situada n'uma rua que tem um nome adequado. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que pegue todas as testemunhas falsas que encontrar e conduza-as para a Estrada Nova, afim de fazerem a limpeza desta, que se acha em deploravel estado. Cumpra.

—Capitão, temos de ver desmascarada a impostura.

—O que quer dizer com isso?

—Os calumniadores diziam que o Dr. Augusto França não fallava n'assembléa provincial porque era *acanhado*. Mas amanhã se desenganarão quando virem aquelle *bello* tanto se desinvolver na questão *gravata*.

—Ora este homem!

E a que vem esse palanfrorio?

—Que elle ganhou muito bem os oito bicos diarios da nação.

—Ora, Sr. Moutinho, pois o Sr. na repartição é que quer discutir sobre politica?

Si ha de despachar ás partes, enfurece-se, enrubesce-se, e maltrata a ellas?

Pois a nação lhe paga para o Sr. tractar do que não dá proveito á ella?

—Cassuada, capitão.

—Que cassuada!

Assim é o bom do seu companheiro.

Na presença das pessoas muita affabilidade; n'ausencia insultos a toda hora.

Deixe-o estar, que com elle ajustaremos contas em breve.

E Vm. tome juiso; depois..... depois....

—Que folha é essa que traz Vm. na mão?

—E' o *Alabama*.

—Já não me ouviu dizer que não quero semelhante papel aqui, e para que traz cá esse diabo?

—Mas o que quer que lhe faça, Sr. emprezario? Sou assignante e o postilhão entregou-mo agora, aqui na porta quando eu vinha entrando.

—Não sei disso, o que digo é que tenho prohibido a entrada de semelhante folha, e por tanto quero cumprida minha ordem.

—Sr. Raulino, todos são negros, bodes e cabras, não?

Só o Sr. é que é branco, eim?

Sem duvida, sua cor o diz. os cabellos o mostram.

E' cor de do Caucaso, e cabellos d'Allemanha.

—Que duvida, que duvida!

Sim de *Comber*; sou de Comber e irei para Comber.

—Que terra é essa?

Ah! lembro-me agora; é a terra dos tollos e dos ruivos!

O Sr. não nega fogo.....

—Capitão, seus noticiaristas do 2 de Julho não deram noticias do patriotico batalhão—União Brasileira—que não devia ficar no esquecimento.

—Nem deram tambem noticia de outro qualquer.

—Pois dou-a eu; Caixeiros Nacionaes, representando o commercio, Minerva, representando as sciencias, e si o quizerem. União Brasileira representando as artes, ou

melhor todas as classes, além dos militares que tambem se achavam.

—Mas a que vem isso?

—Vem para dizer que a União Brasileira é um dos primeiros batalhões que se crearam para o festejo do 2 de Julho, e é talvez o unico *d'aquelles tempos* que ainda existe, graças aos desvellos do *Sr.* França Guerra, seu digno commmandante.

—Beba, Caetano, beba! mande os liberaes à fava!

A' saude dos nosso partido!

Beba!

—Ja bebi, capitão.

—Nosso partido é o copo e a garrafa; beba, Caetano, beba!

Deixa estes patifes fallarem.

—Sim, sim que elles calar-se-ha-se-hão.

Eu bebo, meu bom juiz, vivô!

—Assim, meu Caetano, beba que o vinho lhe abrirá os olhos,

—Mas eu cada vez fico com elles mais apertados, meu juiz!

—Beba mais que o sangue de Christo abre a vista, meu charo.

—Pois então bebamos! Viremos garrafas!

LA VAE VERSO.

Ioyô o que tem me diga
Ioyo, vessê quer cazar?
Quer uma moça de *França*
E se atreve a vir jurar?

Jurar falso! Santo Deus!
Bella recommendação!
Veja uma vacca *tourina*,
Que lhe dará geração.

Moça é para quem tem pejo
E não para quem sa vende—
Quem se sujeita a vilezas
P'ra alcançar o que emprehende.

A PEDIDO.

Será de liberal?

Ser empregado de cathegoria n'uma repartição, *mamar* um gordo ordenado, e andar no Forum advogando com prejuizo do serviço publico e dos cofres da nação que lhe paga?

Oh! si isto fosse na antiga Roma no reinado de algum *Augusto* ou mesmo na *França* sob o jugo de Napoleão, as sanguesugas do suor do povo não zombariam impunemente da moralidade publica.

Mas em ti, pobre Latronopolis, onde o vicio anda de colleirinho em pé o que não selverá?!.....

A herança do liberal.

Será verdade que o Sr. inspector do arsenal de marinha dera como rasão para não ir ao Te-Deum no dia de 2 Julho, o não ter sido convidado?

Si assim foi, é cousa nova, on do progresso.

A espia de prôa

Capitão, vou contar-lhe uma façanha interessante, propcia da companhia do olho vivo.

Um certo moço, servente de uma repartição publica, no dia 8 do corrente recebeu do Sr. A, Francisco Cunha a quantia de 11$000 rs. para pagar os emolumentos de uma certidão na mesma repartição em que è servente.

Mal recebeu, tractou logo de pagar uns cobres que devia a um preto vendedor de doces, e o resto esbanjou!...

E que fez esse *Sr.* Cunha quando o procurou? nada; porque è homem de bom coração!

Apresentou o biltre evasivas, e disse que estava prompto o dinheiro em sua caza, e no dia immediato, o viesse tomar em mão do fiel do thesoureiro.

Porem qual não foi a sua surpreza, quando dirigiu-se ao dito fiel e conheceu que ainda não tinha sido paga a dita quantia!

Voltou immediatamente ao sujeito, este balbuciava, tremeu,.. e por fim disse-lhe que no dia 15, a traria, pois tinha a esquecido em caza; mentira, infamia!!!

Não voltou mais à repartição no dia seguinte!..

Ora, Sr. inspector, è possivel que se conserve n'uma repartição publica um homem desta ordem?... si V. S. não der as providencias, olhe que o Sr. Cunha está resolvido a ir se quefxar a S. Ex.

Veja que não è só esse facto, muitos outros tem se dado com este sujeito, incapaz, indigno de occupar qualquer logar publico.

Au revoir.

Adverte-se ao Mathias cabelleira que não seja tão deshumano, porque si os animaes sentem os maus tratos, o que será de uma pobre criança que o mesmo tem como discipulo e a quem castiga despiedadamente, dando-lhe coices e atirando o pobre sobre a calçada da rua, sendo isto continuadamente?

A visinhança.

Previne-se a dois moços moradores ás Portas do Carmo n'um segundo andar tendo um delles o appellido de chupa-mel, que não entrem com graçollas, e a fazer macaquices das janelles para a visinhança que não lhes dá nenhuma importancia, nem offendam as pessoas que por alli passam e mesmo que encontram. Deixem-se de viver nas janellas a presenciar o que se passa nas casas particulares, e na rua desde as 7 horas da manhã até as dez da noite, para no outro dia estarem a propalar pela rua, e nos domingos nas egrejas, pois si continuarem a portar-se da mesma forma serão seus nomes publicados, e serão chamados pelo muxinguciro ao porão deste navio, com licença do capitão para serem por elle reprehendidos.

Um presenciador.

Retratação.

Tendo eu, abaixo assignado, escripto no periodico—*A Experiencia*, aleivosias e injurias offensivas ao credito e reputação do Sr. Francisco Candido Rodrigues e de sua familia, pelo que em virtude de queixa que contra mim elle deu, mui merecidamente fui condemnado pelo juizo da 3. vara á quatro mezes de prizão e multa correspondente á metade do tempo, pena que estou soffrendo, desde o 1. do corrente; convencido porém, agora da injustiça que com o mesmo Sr. Francisco Candido Rodrigues procedi, offendendo-o sem rasão e tão positivamente; certo do mal que sem consciencia pratiquei e do prejuizo que poderei ter feito a sua dignidade; como reparação, venho do alto da imprensa, retratar-me de tudo quanto hei dito e arrependido pedir-lhe perdão de taes injurias.

Espero que esta franca, sincera e expontanea declaração seja recebida pelo Sr. Francisco Candido Rodrigues, como a mais publica e solemne satisfação, que perante Deus e os homens lhe dou; afiancando-lhe que, em troca de sua generosidade, nunca mais me occuparei de seu nome,

Bahia 15 de Julho de 1864.

Francklin Cezar da Silva Lima.

(Tinha o reconhecimento publico.)

(*Jornal da Bahia.*)

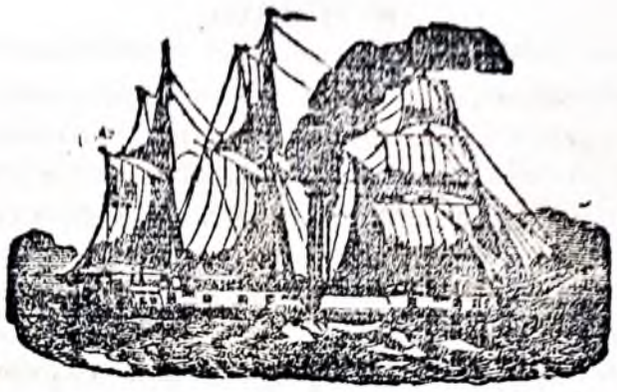
ANNUNCIO.

LEILÃO
hoje terça feira
NA PRAÇA DO FORUM.
DE LATRONOPOLIS.

Será vendida sem reserva por conta de quem pertencer uma porção de *massadas oratorias*, *discursos somnolentos* e *expressões dssabridas*, chegadas dè *França* no cuter liberal *Augusto*.

E' livre de direitos para o arrematante.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.ª BAHIA 21 DE JULHO DE 1864. N.º 87

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

I.

Teve logar, como haviamos annunciado, a continuação do processo *Gravata* no dia 19 do corrente.

Juraram duas testemunhas, deixando de comparecer a outra por se achar gravemente inferma.

A accusação. . . . . foi um *brilharetur* solemne.

O accusador, pelo seu nome talvez, muita sympathia tem á França; andou por toda ella e importou *Rosalias*, Benjamins e Chassans; mostrou seu gosto pelo estrangeirismo, deixando de parte o nosso codigo, talvez por ser formulado por brasileiros, alguns dos quaes, quem sabe? não são de raça caucasiana pura, e são por tanto bodes e negros, *entidades das* MAIS *infimas camadas da sociedade*, como a respeito dos impressores se expressou o talentudo advogado!.....

E depois de spargir ainda mais odoriferas e bellas flores por sobre os moços, quaes a de gazeta libertina, sordido lucro, serpes venenosas, botes e mordidellas, lembrou-se de dizer que os impressores podiam ser filhos do Sr. Gouveia!

Seriamente?!

Pois entidades das classes *mais* infimas da sociedade podem ser filhos do Sr. Gouveia, parentes do *Sr. Augusto França*, pessoa de tão elevada jerarchia, que ousa n'um paiz em que a constituição nivelou a todos plantar distincções odiosas, criar classes na sociedade?!

Não é possivel!

Si está *mangando*. . . . . não tem resposta.

Os orgulhosos são castigados pelo mesmo orgulho.

O castigo do vicio é o proprio vicio.

Os que se elevam serão humilhados, diz o Evangelho.

Julgue porém o publico por ahi do liberalismo do neto do proverbial finado Dr. França.

E quando o julgar, que se lembre de que presentemente cahiram ás nobrezas de familia; a nobreza unica que hoje vigora é a da virtude e a da honra.

E os proprietarios da typographia em que se imprime o *Alabama* tem tanta honra como qualquer fidalgote intitulado, embora entidades sahidas das classes *mais* infimas da sociedade; são tão honrados como se presume ser o Sr. Augusto França, ou o seu digno constituinte o Sr Gouveia!

E são tão honrados, como muita gente boa não o pode ser, porque o *Sr. Augusto* França sabe, que ainda prevalecendo a nobreza de geração, os traidores á causa da

patria não hou[illegible] familia alguma, e os impressores do *Alabama* não tem em sua geração deputados que quizessem conservar sua patria no dominio do estrangeiro, especie de Calabares que o povo na sua linguagem commum, que o Sr. A. França como novidade apresentou, chrysmou mui significativamente de *lusitanos*.

E depois que se julgue da ousadia com que se apresenta no publico a fallar nas *mais* infimas camadas sociaes um advogado, que pelas eleições mendiga votos de porta em porta, com o chapeu na mão, e que não ha ainda muito tempo em companhia do Sr. capitão João Carvalho apertava a mão de um dos proprietarios desta typographia, desfazendo-se em *francezismo* e cortezias, e se inculcando para o futuro, quando ia bater à porta do Sr. Dr. João Gonsalves dos Santos, por occasião da eleição provincial. . . . . .

« Os accusados são defamadores. »

Não será acaso um calumniador convicto o advogado que abusando de sua immunidade ousa dizer que o *Alabama* trouxe a caricatura do Exm. Sr. arcebispo da Bahia, primaz do Imperio?

E' uma calumnia revoltante; a gazeta ingleza, *Punch*, da qual foi extrahida a caricatura alludida pode ser vista por quem quer que a queira ver na typographia.

Deixemos porém as flores do Sr. Augusto França e apreciemos os fructos de seu elevado talento.

II.

A responsabilidade não pode ser acceita, porque diz Chassan que não pode, e o que Chassan disse esta dito.

Não pode, porque é vaga e Chassan quer que seja a respeito de cada artigo.

De sorte que amanhã o Sr. Dr. Rocha e o Sr. Dr. Demetrio terão de apresentar uma responsabilidade de editor por cada noticia-diversa, por cada annuncio que for publicado em suas cazas, ou nos seus jornaes.

De sorte que na jurisprudencia de Chassan e do Sr. A. França o que se responsabilisa pelo todo não responde pelas partes.

« Não pode ser acceita a responsabilidade porque não vem acompanha-la de documentos valiosos, que provem a nacionalidade e o goso dos direitos politicos do editor. »

De sorte que quem é qualificado na Bahia como votante, reconhecido por brasileiro, com folha corrida provando que não tem crime, não é conhecido, não pode ser editor porque não o querem Chassan e o Sr. Augusto França.

Mas não! ha um certificado que prova que o editor está condemnado, e como o está, ainda que o não estivesse quando assignou a responsabilidade, não pode ser acceito, porque assim opinam Chassan e seu discipulo Augusto França.

Pelo amor de DEUS!

Nem tanto abusar da paciencia do publico, nem tanto zombar da bondade do juiz!. . . . . .

III.

Depois d' uma tão brilhante argumentação, eram precisos applausos, e o orador trouxe novas flores.

Fallou em *Alabama*, vapor, e chamou-o de *pirata*, ladrão da fortuna e propriedade de seus inimigos, os federaes.

Fallou em *Alabama*, gazeta, e disse que só o titulo demonstrava o que era ella, que para um fim sinistro fora criada.

E entretanto o Sr. Augusto França foi della assignante!

Fallou em *Alabama*, gazeta e chamou-o de ladrão da honra alheia!!!

Contra essa injuria, lançada a esmo, por indiscrição ou orgulho, protestam todas as pessoas honestas e moralisadas que assignam a gazeta, que para sua sustentação contribuem.

Contra essa maneira apaixonada de julgar protestam os membros d'assembléa que liam o *Alabama*, no meio de risos e na vista do publico, principalmente quando iam mostrar ao illustrado advogado a *parte maritima* que noticiava a entrada ou sahida do cuter liberal *Augusto*, que ou ia para ou vinha de *França*.

Contra esse aleive que só se atreveria a pronunciar o Sr. Augusto França na sua immunidade de advogado, protesta o proceder do digno Sr. Dr. Promotor Publico, que não tem necessidade de satisfazer caprichos, despeitos e paixões, de quem quer que seja.

Contra tão ousado desaforo protesta ainda o proceder do publico (para o qual tanto appellava o Sr. A. França) que esmagava sob sua reprovação o conhecido Dr.-Em

Beiços, entidade de duas caras, Jano de nova specie que depois de adular miseravelmente aos impressores, atirava-lhes quando não o podiam elles ouvir, o labéu de reus de policia.

E quanto à opinião publica de que tanto encheu a boca o Sr. A. França, dir-lhe-hemos que ainda no domingo, no meio do festim popular em Itapagipe, a mocidade esperançosa que acabava de render um preito de homenagem à memoria do venerando Labatut, victoriava com estrondosos vivas ao *Alabama*, na presença do Sr. Dr. Promotor que ahi se achava e na de muitas pessoas gradas entre as quaes os Srs. Drs. Luiz Alvares, Francisco Alvares os Santos, Emygdio dos Santos, etc. etc.

IV.

A defeza foi resumida; cifron-se em negar que o artigo se referia ao Sr. Gouveia, que quer a força ser Gravata, e em provar que não são responsaveis pelo artigo os impressores.

Bem se vê que para tão pouco não era preciso causar somno aos assistentes, indo tomar apanhamento das sessões das assembléas francezas, quando se discutiam projectos sobre a liberdade da imprensa.

Ao concluir-se, diziam *una voce* o Sr. Gouveia e seu advogado:

« Morreu affogado »

Veremos, charos Srs!

« Deixem o jubilo para a occasião da victoria; »

Na sexta feira lerá a sentença o Sr. Dr juiz municipal.

Ao menos sperem por ella.

Não vão tão depressa que podem cahir.

Quem corre cança.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 20 de julho de 1864

Officio ao secretario do governo da Bahia, para que informe quantas vezes tem faltado à repartição o chefe de secção dessa secretaria, o bacharel Augusto Ferreira França, isto depois que encerrou-se a assemblea provincial, e sob que pretexto tem sido commettidas essas faltas.

—O Augusto França disse que *A. J. S.* Gouveia se chama Gravata, por causa do laço da gravata.

—E' familia de fidalgos, herdam a fidalguia em tudo. O velho França andava mettido n'um gravatão, o Gouveia que é *parente* andava enforquilhado n'um grande laço.

—Mas hoje o Sr Gouveia anda de tam. berlick, ja se não pode referir a elle a pilheria.

—Está claro, agora a pilheria é com o *Pescocinho*.

Viram o liberalismo do Sr. Augusto França?

Chamou de *mais* infimas camadas da sociedade aos impressores do *Alabama*.

—Elle mesmo me parece um *mais infimo*.

Onde achou o illustre advogado esto termo?

—E' superlativo de nova specie; é *o mais optimo* advogado que tenho visto.

—Seria bom que em vez de querer passar por erudito citando jurisconsultos francezes, se désse ao trabalho de estudar grammatica para saber sua lingua.

—Apoiado; era *mais melhor* que em vez de descompor a quem nenhuma importancia lhe dá, fosse apprender que *infimo* é um superlativo, e que dispensa o seu *o mais*.

—E ainda terá cara de se dizer liberal um homem que n'um auditorio daquelles ousou insultar a tres moços, tão honrados, pelo menos como elle, porque são de cor parda?!

—Si tera?!

E graça é que ainha haverá mulatos que digam que elle é liberal e que lhe dem votação, para elle, depois de exaltado, apreciar as entidades sahidas das *mais* infimas camadas sociaes.

—Deixal-o: é mundo, vamos vivendo, Demos tempo ao tempo.

— Que horrivel cacophaton sahe no *Alabama*!

—Qual?

—Barca *Gouveia*

—Ca, cá, cá!

Falta só um—se—
Está direito, rapaz.

—Procissão na Ordem 3. do Carmo, e nem os terceiros se lembraram de mandar limpar a frente daquelle nunca concluido hospital!.....

Uma cloaca, feita pelos visinhos que não tem pena do nariz e da saude dos outros, e alli defronte do Sr. subdelegado, que é da ordem!.....

—E' realmente censuravel.

Tanto mais quando podiam alugar aquellas ruinas para serem aproveitadas.

—Por là se bajam.

—Portanto, charo Sr.,..

—Oh! Sr.! principia por *portanto*!

—E' costume de *França* e eu sou *francez*.

Portanto, tenho o direito de pensar como o Sr.

—Ora meu DEUS!

—*Mas que* . . . .

—Mas que, o que, Sr.?!

Masqué é francez, significa mascarado.

—Já não lhe disse que sou de *França*?

—Ora não me aborreça!

—Sr. estou apenas citando as expressões do Dr. *Chanchan*, que è *francez*, *mas que*, *emfim*, *finalmente*, *é catholico christão*.

(Apoiados do Sr. Dr. Em Beiços.)

—Ora viva, Sr!

—*Portanto*, *Chanchan* é contra os testas de ferro, que são uns miseraveis, *mas que* não são cidadões.

—Muito bem, muito bem.

Um burro carregado de livros é doutor.

Receba os meus *comprimentos*, Sr. echo do Dr. *Chanchan*.

Mofina.

Si o Sr. Augusto Ferreira França não declarar quantas são as *camadas* da nossa sociedade e á qual dellas pertence, é um desfructavel de quem se deve ter dó.

Um da camada ☞ mais infima.

A PEDIDO.

Por Santa Fortunata, (que se não nega a quem a procura) pede-se ao Sr. Valente ex caixeiro da casa commercial do peixe-marinho, que preste se ou facilite os meios para que seja desencarcerado o moço, visto não ter sido elle quem recebeu os cobres, e não chame-se á ignorancia porque continuá.

Pergunta curiosa.

Pergunta-se ao Sr. subdelegado da Sé, que gritos foram uns d'aqui d'el rei que se deram no dia 14 do corrente ás 5 horas e meia da tarde, em uma casa á ladeira da Praça defronte da botica do Sr Maximo? Dizem os capotes que fôra um official do S. batalhão de infantaria que mandou dar pancada pelo seu camarada em uma mulher que na dita caza vende....

A ser verde, pede-se ao Exm. Sr. commandante das armas que dê as providencias, pois que os camaradas não são guarda-costas.

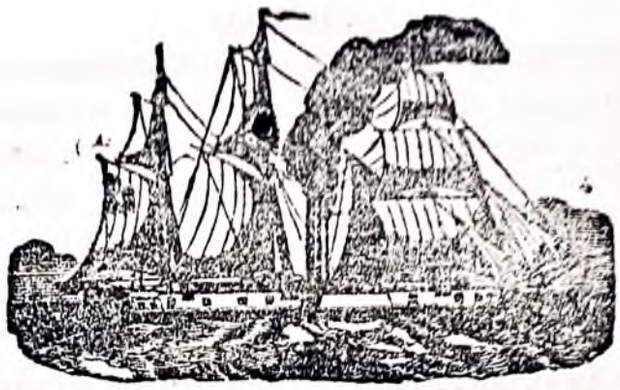
Pergunta-se ao porteiro do *forum* ou ao official de semana, si as pessoas que comparecem á barra dos tribunaes devem ficar de pè; no caso contrario, não havendo cadeiras, dignem-se mandar collocar alli *tamboretes*, que é cousa propria, afim de não ficarem os *réus* sem assento, em quanto se acham formalmente repimpados certos parasitas.

Um massado.

ANNUNCIO.

O tenente do 5. batalhão da guarda nacional Augusto José da Silva accrescenta o seu nome por haver outro egual.—Augusto José da Silva Maia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.ª BAHIA 25 DE JULHO DE 1864. N.º 88

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

Os Srs. José Marques de Souza, Aristides Ricardo e F. A. S. Igrapiuna eram empregados da typographia do Sr. Guedes Cabral, quando ao primeiro e ao ultimo passou o mesmo Sr. a sua typographia.

Nesse tempo, além do *Interesse Publico*, imprimia-se o *Investigador*, o *Pirilampo* e o *Alabama*.

Por não ser conveniente aos dous Srs. continuarem com a typographia do *Interesse Publico*, restituiram-na a seu dono, e vieram estabelecer esta pequena typographia em companhia de seu companheiro Aristides, sabe Deus debaixo de que esforços, amparados pela generosidade do Sr. França Guerra que se lhes tornou assás favoravel, vendendo-lhes typos a pagamentos mensaes!

Os redactores do *Alabama* e *Pirilampo* acompanharam os novos impressores; veiu depois o do *Patriota* e mais tarde o do *Sancho-Pança*.

Responsabilisaram-se todos pelas suas gazetas; pelo *Sancho-Pança* o Sr. José João de Perouse e Mello, pelo *Patriota* o Sr. Domingos de Faria Machado, pelo *Pirilampo* o Sr. Belarmino H. Soares de Andrade, e pelo *Alabama* o editor contractado, responsavel perante a lei, o *Sr.* Theodoro José do Couto.

E' um meio honesto de vida, ou não é esse de que usam os impressores accusados e injuriados pelo *liberal* Augusto França?

Respondei, homens de boa fé, caracteres honestos!

São reus de policia como os chamou o *liberal* Joaquim Anselmo?

Ou essa machinação tenebrosa, esse plano monstruoso, esse desejo furibundo de os metter na cadeia provém de serem elles *entidades sahidas das camadas* mais *infimas da sociedade*?

A que estas reduzida, minha pobre Bahia!

Ja assim te cospem impunemente na face!

Ja os homens de cor parda são tratados em publico por camada infima da sociedade por quem se diz homem de ideias livres!

A que ponto de abatimento chegaste!

A' que aviltamento desceste!

Não importa!

Ha de chegar dia em que os reus de policia serão os que vivem à custa do suor do povo, harpyas insaciaveis do thesouro publico!

Ha de vir tempo em que a camada infima da sociedade se comporá dos traidores de toda specie, dos phariseus da politica, dos judas e dos renegados, dos tyrannetes, despotas e regulos caricatas e ca-

turras que com a palavra —liberdade— nos labios semelham à serpe que se introduz na relva para picar ao viandante incauto, ou á sereia que attrahe ao simples com seu canto enlevecedor!

Tende fé nisto, homens de cor parda!

Deixae que os *liberaes* do dia, o Sr. A. França e seu rancho, vos injuriem assim, calcando aos pés o § 1. do art. 6 da constituição que diz que são brasileiros todos os que nascerem no Brazil!

Deixae que ainda mais uma vez cuspam esses ligueiros de meia tigella na nossa carta d'emancipação eliminando o § 14 do art. 179 que diz que todos são aptos para os cargos do estado sem outra distincção mais que seus talentos e virtudes!

O futuro vingar-vos-ha, além de que as pessoas sensatas da epocha immoral e corrupta que atravessamos vos fazem justiça!

E nossa causa, a causa dos impressores Marques, Aristides & C., qualquer que seja seu resultado, tem por si a opinião publica, que è o maior triumpho a almejar.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 22 de julho de 1864

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que va ao beco do Oratorio e mande dessecar um pantano que alli existe. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que acompanhado do muxingueiro munido do competente calabrote, va ao Maciel de Baixo n.º 70 A, dispersar um ajuntamento de mulheres supersticiosas e homens phanaticos, occupados em praticas libertinas e exercicios perigosos a titulo de tirarem o diabo do corpo de uma mulher que alli ha. Cumpra.

Que diabo de Dr. *Chanchan* é um em que tanto se falla?

—E' um estrangeiro que veiu de Fernando de Noronha.

—Olé! Era advogado dos sentenciados?

—Quem dera!

Pois V. não vê pelo nome?

—Ah! é o advogado da moeda falsa!

—Ora adeus! *Chanchan*, si o nome vale alguma cousa, é um moedeiro falso, fugido de Fernando de Noronha, que quer acabar com a liberdade da imprensa para não tractar dos ladrões!

—Ah!. . . . . .

O iman attrahe o aço; esta Latronopolis attrahe os ladrões. . . . . .

—S. Branco-mascavado, faça favor.

—Não devo nada a bodes e negros!

—Tem rasão, Sr. Branco-baixo.

—Baixo, não Sr-; eu sou bem alto.

—Mas fallo-lhe na cor, porque V. só vive a fallar em bodes e eu como sou mulato e tenho minhas duvidas sobre sua geração....

—Pois não vê que tenho os olhos azues e os cabellos louros?

—Ah! é verdade; olhos de gato, cabellos de raposa; não seja esta a duvida.

Mas qual è seu emprego?

—Eu fui caixeiro.

—Ah! mas não o é; não queremos saber o que *fumos*, queremos saber o que *emos*,

Pois olhe, os bodes e negros tem meios licitos de vida.

O que faz nesta botica?

—Tracto da vida alheia.

—Por exemplo da de quem não se lembra de V. nem para escovar as botas do muxingueiro do *Alabama*.

Que mais?

—Namóro a . . . . . .

—Por isto! E' bom ponto a botica.

Mas porque não *arranja sua cousa* calado?

—Quem tem nariz quer cheirar,
Quem tem bocca quer fallar.

—Oh! muxingueiro!

Dá linguas de couro crú a este tratante, para satisfazer seu genio!

—Sempre è castigo de bode!

Graude DEUS!

—Muxingueiro, obra neste desertor do *Teixeira*!

LA VAE VERSO.

Um dia um ovo metteram
Dentro d'um certo *boião*
E taparam-no p'ra ver
Si sahia a geração.

Passados 21 dias
O *boião* embalançou,
Ficam todos já sabendo
Que o tal ovo não gorou.

Tira-se a rolha de mãe
(A mãe era o tal boião)
Sahe de dentro um pintainho
Cabelludo como cão.

Isto porèm era o menos;
O que mais admirou
Foi que o *pinto* que nasceu
De boiões cheio ficou.

E' castigo, dizem todos,
Vão chamar o padre grego;
Isto não pode ser pinto,
E' o demo, t'arrenego!

E de feito pelo pé
Que era de pato se viu,
Que era falsa testemunha
Que dos infernos fugiu.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 22 DE JULHO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes da junta dos correctores.

Cambios.

Probidade.—50 por cento de desconto.
Venalidades.—nominal.
Devassidões.—ao par.
Immoralidades.—tende a subir.
Perversidade.—2 o/o de premio.
Philantropia.—zero.

Generos.

Egoismo.—Abundancia.
Corrupção.—Grande extracção.
Filhotismo.—Abarrotado.
Integridade.—Sem procura.

J. V. C.—presidente.
M. J. R.—secretario.

—

REVISTA DO MERCADO.

As transacções de nossa praça, na presente semana, foram como sempre animadissimas.

Houve leilão na Praça do Forum como tinha sido annunciado, de uma porção de *massadas oratorias*, que não foi vendida por se achar a maior do genero em mau estado.

Entraram alguns carregamentos de generos de importação.

Entrou a galera *Bacho* procedente da ilha das *Parreiras* com um carregamento de *dissonancias*, e *desharmonias* para alguns coristas do theatro de Latronopolis.

O palhabote *Xico Carteira*, navio pertencente a insigne companhia do *Ollarreiro*, entrou do porto dos *Gatunos*, carregado de relogios *furtados*, carteiras *saccadas*, e *empalmações*.

Chegou uma partida de *cortejos affectuosos e apertos de mão* por encommenda de alguns candidatos, para serem destribuidos nas proximas eleições pelo povo votante.

—

MOVIMENTO DO MERCADO.

Alarmas.—O movimento neste genero è animado.

Ha abundancia no mercado, sem embargado dos immensos consumidores e da extraordinaria procura que tem.

O carregamento do patacho *Rosa* consignado aos Srs. *Manuel da Silva* e C. chegado do presidio de *Pedro Santo* ainda está em ser.

Os consignatarios receberam uma proposta de um official do regimento 8 de Latronopolis para compra, com condição do navio ir descarregar na praça da *cidade* das *Ladeiras*. Suppõe-se que não foi acceita.

—

EXPORTAÇÃO.

GENEROS DESPACHADOS.

Ilha da *Ociosidade* brigue *Teixeira* — maledicencia 2 caixas, *insultos* 10 balaios, *detratação da vida alheia* 20 saccos, mandriice 6 cestos à *Sebastião* e C.

—

NAVIO A' CARGA.

França cuter liberal *Augusto*: F. F. 40 fardos *xingamento*, 400 barricas *disparates*, 1 embrulho desproposito, 20 fardos *presumpção*, 5 canastras *eloquencia* texo.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTO.

Palhabote *Franco* capitão L. P. chegado da villa de *Nossa Senhora* do *Monte* 400 maços, baralhos de cartas preparados 2 caixinhas dados chumbados para o jogo da lebre, 1 bahuzinho preparos para a roletta, 5 volumes *empalmações*, 2 bocetas *fezes*.

A PEDIDO.

Mofina.

O bacharel Augusto França como chefe de uma das secções da secretaria do governo ganha annualmente 2:400$ rs. que saem a 200$rs. mensaes ou 6$666rs. diarios.

Si o Sr. *A.* França nos 4 dias em que foi ao Forum advogar a causa do Sr. A. J. S. Gouveia recebeu o ordenado, não é claro que os cofres publicos pagaram 23$864 para o Sr. *A.* França ir advogar a causa de seu parente o Sr. *A.* J. S. Gouveia?

Não é evidente que esses a quem chamou da *mais infima camada da sociedade* concorreram com seu suor para que o Sr. *A.* França os fosse accusar alli no Forum?

Mas a honestidade do Sr. *A.* Augusto França nos está a bradar que elle era incapaz de distrahir os dinheiros publicos em seu proveito no exercicio de funcções particulares. E nós acreditamos de boa fé.

A herança do liberal.

Si o Sr. Augusto Ferreira França não declarar quantas são as *camadas* da nossa sociedade e á qual dellas pertence, é um desfructavel de quem se deve ter dó.

Um da camada ☞ mais infima.

—Eis-aqui o *pardo velho da trombeta.*
—Enganou-se, è seu irmão.
—Ca, ca, ca, ca!!!

2 de Julho.

No domingo 24 do corrente. haverá em Itapagipe o festejo ao memoravel dia 2 de Julho.

E' uma festa, verdadeiramente patriotica, despertada pela juventude daquelle logar e seguida dos esforços d'um coração livre, d'uma alma elevada, d'um caracter magnanimo, como é o honrado veterano Sr. Hermenegildo Pereira d'Almeida.

Não entra nesse festim popular nenhuma odiosidade politica; diante do altar da patria curvam-se todos como irmãos.

Haverá na vespera à noite, a conducção do carro triumphal do Papagaio ao Rozario e no domingo a entrada que se dirigirá até a Calçada, voltando ao Rosario, onde se achará o palacete que será illuminado por trez noites, comparecendo nellas uma banda de muzica.

Haverá tambem desembarque de esquadra, fortalezas guarnecidas etc. etc.

Espera-se a concurrencia do publico para brilhantismo do festejo.

TRIBUTO DE GRATIDÃO.

A S Ex.o Sr. general commante das armas nesta provincia, Manuel Muniz Tavares, não pode o abaixo assignado deixar de dirigir pela imprensa seu sincero agradecimento pela honrosa cooperação, que se dignou de dar ao patriotico e infallivel regimento *União Brazileira*, que nos dias do regosijo popular acompanhou os symbolos dos trophéos de nossas glorias.

Por sua gratidão e em nome de seus companheiros, queira pois S. Ex. receber este tenue porém espontaneo tributo do reconhecimento de quem sabe ser grato.

Bahia 15 de Julho de 1864.

Antonio Olavo da França Guerra.

ANNUNCIOS.

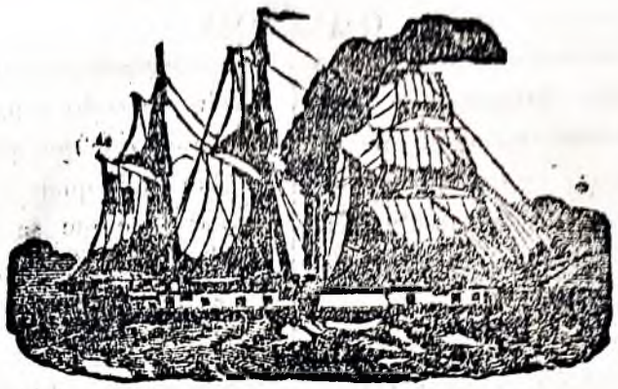
Convite.

Convida-se a todos os Typographos, Lithographos e Livreiros, á comparecerem na rua da Mizericordia, caza n. 17 no domingo 24 do corrente ás 11 horas da manhã afim de tratar se de negocio conveniente aos mesmos.

Cosinheiro e servente.

No botequim em Santa Barbara junto a quina da rua dos Ourives se precisa de um cozinheiro e um servente livre ou escravo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.ª — BAHIA 26 DE JULHO DE 1864. — N.º 89

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

Como o Sr. Augusto França veiu ao *Diario* de 24 do corrente negar o que disse no *forum* na presença de mais de 200 pessoas, fallando ainda em aleivosias, defamadores e o mais que lhe refeve n'alma despeitada, temos por conveniente affirmar que as palavras que o Sr. A. França pronunciou foram estas, mais ou menos:

«Os accusados commetteram o crime por que todos sabem que quem quer descompor vae *alli*, dá dinheiro e publica-se a descompostura.

Sr. Dr. juiz municipal, esperamos que V. S. faça effectiva a lei, fazendo recahir a penalidade della sobre os accusados, *estas entidades* (apontando para os impressores) *sahidas das mais infimas camadas da sociedade.*»

E tanto foram estas as palavras que o accusador proferiu, que ao terminar-se a audiencia, á porta do *forum*, era geral a censura sobre as suas expressões, a ponto de por algum tempo não poder tomar folego o seu amigo Joaquim Anselmo, amigo prestante sem duvida, pois fora o único que tivera a coragem de pronunciar duas palavras em prol da fama liberalistica do tal Sr. Augusto França.

Si porem o Sr. Augusto França não tem coragem sufficiente para carregar com a responsabilidade de seus actos; si a proximidades das eleições, de que se não lembrou no seu enthusiasmo de accusador, ora lhe vem à mente; si vem pedir perdão em publico aos homens de cor parda, a quem na pessoa dos impressores injuriou tão desabridamente, cremos que lhe será dado o perdão, porque nem todos tem a animosidode do Sr. Gouveia Gravata (segundo seu gosto) que depois de formaes declarações, insiste no seu caprichoso processo.

Si nega, compaixão a quem não sustenta o que diz, ou obra, specie de gente que a linguagem commum e classica denominam de covarde!

Si arrepende-se, perdão, que para os arrependidos é o reino dos ceus.

E quanto ás injurias que aos impressores atira, elle que é tão inimigo dos defamadores, são recebidas como da boca de quem vem, isto é d'um moço imprudente que julga passar por liberal defendendo-se das injurias que proferiu contra os brasileiros, e esquecendo-se das accusações que lhe são feitas sobre percepção dos dinheiros da nação, indevidamente.

Constanos que será hoje lida a sentença do Sr. Dr. juiz municipal no processo *Gravata*.

Temos por conveniente transcrever aqui certos artigos do codigo criminal que se referem à questão, e com os quaes se prova que nem o artigo incriminado pode ser condemnado, nem por elle são responsaveis os impressores.

«Art. 7 Nos delictos de abuso da liberdade de communicar os pensamentos são criminosos e por isso responsaveis.

§ 1. O impressor, gravador ou lithographo, *os quaes ficarão isentos de responsabilidade*, mostrando por escripto obrigação de responsabilidade do editor, sendo este *pessoa, conhecida residente no Brazil, que esteja no goso dos direitos politicos etc.*

§ 2. O *editor que se obrigou etc.*

Artigo 36. *Nenhuma presumpção, por mais vehemente que seja*, DARA' MOTIVO PARA IMPOSIÇÃO DE PENA.

Art. 240. Quando a calumnia ou injuria forem equivocas, poderá o offendido pedir explicações em juizo ou fóra delle.

O que em juizo se recusar a estas explicações ficará sujeito às penas da calumnia ou injuria a que o equivoco der logar.»

O povo brasileiro, de cujas camadas *mais* infimas fazem parte os impressores, rege-se por esta lei, e não pelas opiniões de Chassan e pela vontade do Sr. Augusto França.

Prova de liberalismo.

O Sr. A. França lavou-se em agua de rosas, sangrou-se na veia da saude!

Disse que se dizia querer elle acabar com a liberdade da imprensa, mas que era falso. Seu unico desejo era cohibir os abusos.

E quem è o Sr. A. França para acabar com a liberdade da imprensa?

Vontade sabemos que elle a tem; o poder conseguir, *hoc opus, hic labor est*!

Aqui è que torce a porquinha o rabo.

Mas para que fique o povo conhecendo quaes as intenções do novo titan que pretende escalar os ceus, dir-lhe-hemos que o Sr. A França com o seu Chassan às voltas quer:

Que quando alguem suspeite que um artigo se refere a tal pessoa, esta tenha o direito de pedir reparação ainda depois de declaração de que a ella se não refere;

Que ainda quando só venha alguma particularidade que se assemelhe a qualquer predicado de alguem, este possa responsabilisar o author do artigo:

Que ☞ *ainda não vindo o nome de pessoa alguma*, compete á *authoridade responsabilisar o artigo*, como nos tempos dos *famosos libellos* de Roma.

Então é ponta ou cabeça?

E' *progresso*, ou não é?

E' *rolha*, ou batoque?

E' a liberdade de exprimir os pensamentos em toda sua plenitude!

Taes theorias são a bitola por onde devem todos medir o liberalismo do Sr. Augusto França.

A doutrina do tal Chassan é a pedra de toque em que se ha de apurar a boa-fé do *progressismo-ligueiro* do neto do philosopho Dr. França.

E para que elle não se atreva de novo em publico a chamar-nos de defamadores, citaremos, dentre as innumeras pessoas que o ouviram, os Srs. Joaquim Anselmo Alves Branco Moniz Barretto, que lhe estava dando apojados em companhia do Sr. Dr, João Victor de Carvalho; Dr. Luiz Maria, pharmaceutico tenente Lisboa, Dr. Emygdio dos Santos, Dr. João Gonsalves dos Santos, Dr. Eloy Martins de Souza, Cyrillo Pessoa e o proprio Sr. Dr juiz municipal, que estamos certos, nos não deixarão morrer sós.

E agora, viva a liberdade d'imprensa Sr, Augusto França!

Vivam os liberaes da epocha, os gritadores da rua, como dizia ha dias o Sr. Dr. Fernandes da Cunha!

Vivam os patriotas d'eleição, mettidos entre as camadas *mais* infimas da sociedade!

Viva a liberdade!

Viva a nacionalisação do commercio à retalho!

Vivô!

Toca a musica!

Stá salva a patria e vencedor Chassan!

Jé, jè, jé, pô, pô, pô!

Toca o sino.

Nosso oraculo é Chassan, seu interprete A. França!

EXPEDIENTE.

Cidade de Laremmolis, bordo do *Alabama* 25 de julho de 1864

Officio ao Sr. subdelegado da Sé, para que mande recolher como douda ao hospital da charidade uma mulher que ha na casa n. 70 A, ao Maciel de Baixo que tem o *louvavel* costume de sahir nua em pleno dia para a rua e ahi satisfazer as precisões corporaes, com o pretexto de que tem o diabo no corpo.

—Que rua é esta?
—Ladeira dos Gatos
—Quem mora nesta casa?
—O Dr. Gustavo.
—Pois vá dizer ao Sr. Gustavo que isto não tem maneira. Estarem do seu telhado a arremessar pedras e enormes massas de barro para uma rua tão estreita como esta, e isto hoje domingo, dia em que passa tanta gente por aqui!

LA VAE VERSO.

Romance à franc eza.

I.

—Amigo, não vou fallar-lhe
D'algum Benjamim Constant,
Nem tambem de *Rosalia*,
Nem do famoso Chassan.

Vou so contar-lhe uma historia
Que é *de direito romano*,
P'ra V. fazer ideia
Do que é o todo humano.

II.

D. *Augusto* foi trahidor
A' causa da liberdade;
Era do povo, foi rei,
Affligiu a humanidade

D. *Augusto* foi de Roma,
Não *catholico-christão*,
Mais eis que surge na *França*
Papis a Napoleão.

Trocaram pois seus papeis;
D. *Augusto* é ja de *França*;
Todo o *francez* no *ligueiro*
Deposita confiança.

Em quanto em horna Lulú
Lazarone atrapalha
Por ca ahi virei D. *Augusto*
Chama o povo de *canalha*

Aqui não; é lá na *França*
Que elle ostenta de Titan;
Hoje aqui quem predomina
E' o celebre *Chanchan*.

Mas si o papa, como dizem,
Si tornar fero *papão*;
Si lançar nos *renegados*.
Sua santa excommunhão;

Augustinho e D. Luiz
As nações não trocam mais,
Pois que serão das *mais* infimas
Das camadas sociaes.

III.

—Eu não *pensei* que era serio
O conto da carochinha?
Que *Augusto* era um rei pequeno
D'alguma nova *Francinha*?

—E que duvida! um fidalgo
Desde seu primeiro avô
Que lhe deixou por herança
Flores que um dia tomou.

Flores, não, aliás *galhas*
Que lhe deram de presente,
—E o reisito de galhas
Anda no meio da gente?

—As galhas são galhas d'arvore
E o menino é patriota,
Tanto que já da nação
Percebe grossa patota.

Tem uma bem boa, dizem,
Mamata do pobre estado,
E anda por luxo agora
Em *gravatas* enforcado.

—Olhe que França tem cousas
Que a gente toma por peta!
—Quanto mais si V visse
Pardos velhos de trombeta!....

A PEDIDO.

Mofina.

O bacharel Augusto França como chefe de uma das secções da secretaria do governo ganha annualmente 2:400$ rs' que saem a 200$ rs. mensaes ou 6$666rs. diarios.

Si o Sr. *A.* França nos 4 dias em que foi ao Forum advogar a causa do Sr. A. J. S. Gouveia recebeu o ordenado, não é claro que os cofres publicos pagaram 26$664

para o Sr. A. França ir advogar a causa de seu parente o Sr. A. J. S. Gouveia?

Não é evidente que esses a quem chamou da *mais infima camada da sociedade* concorreram com seu suor para que o Sr. A. França os fosse accusar alli no Forum?

Mas a honestidade do Sr. Augusto França nos está a bradar que elle era incapaz de distrahir os dinheiros publicos em seu proveito no exercicio de funcções particulares. E nós acreditamos de boa fé.

A herança do liberal.

Si o Sr. Augusto Ferreira França não declarar quantas são as *camadas* da nossa sociedade e á qual dellas pertence, é um desfructavel de quem se deve ter dó.

Um da camada ☞ mais infima.

Attenção.

Pede-se ao Sr. Augusto Ferreira França o favor de declarar quaes são as pessoas honestas que foram atassalhadas no *Alabama* e em que numero, sob pena de passar, no caso contrario, por um despresivel calumniador.

Chapa popular para juizes de paz do curato da Sé.

Os Srs.—Jovino Cesar da Silva.
Manuel Ignacio de Souza Menezes.
Dr. Arsenio Rodrigues Seixas.
Ignacio Alberto d'Andrade e Oliveira.

Um votante.

—Que vulto é aquelle que entrou na guarda principal de Latronopolis?

—Provavelmente é rondante.

—O rondante com traje de mulher é caso novo.

—Talvez alguma visita ao commandante da guarda.

—Isto sim. Que dia é hoje?

—Sabbado

—Si fosse no dia de S. *Maurîcio* eu sabia o que aquillo quer dizer.

—Talvez o *Fonseca-meu-irmaõ* saiba; vou perguntar a elle.

Lessinha.

—Capitão, temos novidade.

—Novidade em que e porque?

—Pois não sabe V. Ex. que um sujeito que em certo tempo *fez gaiolas* e que hoje só quer comer *pipocas* de todo mundo assumiu a subdelegacia de uma das freguezias da Latronopolis? e que nesse cargo tem praticado os mais ridiculos disparates?

—E quem é esse birbante!

—E' um sujeito que depois de negociar em grande escala com *chapeus de boi* foi sem *mais* nem *menos* appellidado de *chave falsa*.

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão!

—Não vês aquelle *pilar*?

—V jo, capitão.

—Pois amarra o patife de que se trata a elle e dá-lhe cem calabrotadas, e no caso de que se não emende applica-lhe, muxingueiro, uma forte *salgueirada*.

Caspite, amigo *franco*!
Como vae de jogatina
Vm. na brincadeira
E' qual ave de rapina.

Aos Illms. Srs. tenentes-coroneis Cyprianno da Rocha Lima e José Auto da Silva Guimarães tem o abaixo assignado a satisfação de dirigir seus cordiaes agradecimentos, por si e por seus companheiros do patriotico e infallivel regimento *União Brasileira*, que nos dias de enthusiasmo popular acompanhou os carros de triumpho.

Si esse regimento tanto se aprimorou com as excellentes musicas do 8 e 10, e no dia 10 teve a honra de ver á sua frente um tão distincto brazileiro como bravo militar, deve-o sem duvida á bondade de tão dignos cavalheiros. Esquecel-o nunca, quando é dever consignal-o.

Dignem-se, pois, Ss. Ss. acceitar a publica manifestação do nosso reconhecimento.

Bahia 15 de junho de 1864.

Antonio Olavo da França Guerra.

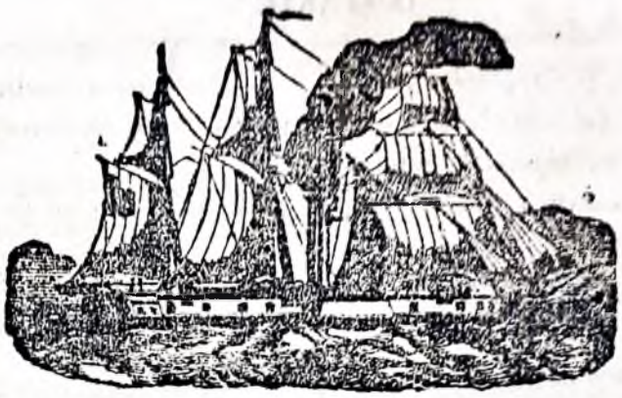
ANNUNCIO.

Attenção.

Adverte-se a certo commerciante, casado, que deixe-se de namoros com certa Messalina da ladeira da Conceição da Praia, sendo melhor que cuide em sua familia, que não è pequena, Prevenindo-se-lhe que si continuar nem só se publicará seu nome a par do de sua dulcinèa, como o de uma outra cuja.

Um espião.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.ª BAHIA 28 DE JULHO DE 1864. N.º 90

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Duas palavras ao Sr. Joaquim Anselmo.

Como ousou dizer, à rua dos Adobes, a duas pessoas que liam o *Alabama*, que repetia o que tinha dito á respeito dos impressores Marques, Aristides e C. dizemo-lhe que si tem dignidade, si se presa de homem de bem, chame-os em qualquer gazeta de reus de policia, a fim de se lhe dar o competente troco.

E quanto ao que disse de se ir offerecer para accusador, louvamo-lhe o gosto, ficando certo de que podem representar a opinião publica pessoas, cujos actos não envergonham em publico, por não serem contrarios à honestidade e à lei.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de julho de 1864

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe sua attenção para a obra do largo de Santo Antonio, que se acha desamparada, expostos os sophas ao ar e á chuva, sem que tenham recebido a camada de cimento que os deve tornar solidos e duraveis.

—A' camara municipal para que dê providencias em sentido de se não continuar a fazer da ladeira do Pilar deposito de materias fecaes.

—A' mesma no mesmo sentido sobre a Estrada Nova, para a qual se tem em vão pedido providencias.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que em companhia dos africanos livres se dirija à ladeira do Pilar e faça com que seja dalli removida a quantidade enorme de lixo e materias fecaes que tanto prejudicam á saude do povo. Cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá á rua da Forca e examine o estado immundo da mesma e das boccas de lobo que alli ha, e faça remover tal escandalo, fazendo o que intender conveniente e dando-nos parte do occorrido; visto que em balde se dirijiu à Illma. que está às portas da morte e não dá accordo de si. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Dr. Chanchan, pedindo diploma de liberal para poder propor-se a juiz de paz. —Indeferido, por não concordarmos com os judas politicos que trazem nos labios a palavra liberdade e no coração distincções de classes e fidalguia: cumprindo ao supplicante, si quizer, para alcançar o grão que almeja, apertar a mão das entidades sabidas das *mais* infimas camadas sociaes,

rar-lhes o chapeu até o joelho, leval-os ao botequim, abracal-as, dar vivas á liga e á liberdade e beber com *ellas*, como ja fizeram os patriotas de Sant'Anna, na ultima eleição parochial.

—Olá, charo homem do balanço!

—Balançador, ao seu creado.

Como failou em balanço, e os que bebem tem balanço, salvei a redacção.

—Está de pulga á orelha. Gato ruivo do que usa, nisso cuida.

Mas para que ha de ser assim tratante? para que ha de intrigar os caixeiros, quando quer proteger outros? para que desacredita a pessoas que tem tal meio de vida?

—Cale-se, meu capitão, por quem é.

—E' preciso que eu falle, para que te fiquem conhecendo, tratante!

—Capitão, por S *Fernando* lhe peço.

—Como é covarde!

E' mesmo um *Gonçalo* este miseravel poltrão!

Que lucro tiras nisto, tratante? anda, falla, diz!

—Capitão, pelo *cruz* do Redemptor, misericordia!

—Amas a Cruz?

—Muito, capitão.

—Pois bem.

Muxingueiro!

Bota uma cruz de ferro ao pescoço deste tratante, para que o fiquem conhecendo pelo *balanceiro* mais ladrão e intrigante que frequenta esta Latronopolis.

—Capitão não sou negro fugido!

—E's mais do que isto, tratante! si não queres, mando-te marcar a ferro quente!

—Valha-me a cruz do Redemptor!

A cruz, a cruz, capitão, eu quero a cruz.....

—Sr. Dr. Chanchan, ha muito que o procurava, faça ideia do prazer que me domina tendo a honra de encontral-o agora!

—Não dou attenção a enfidades salidas das camadas *mais* infimas da sociedade.

—Tem rasão, mas eu quero que me explique como é que se escreve para o publico, referindo-se somente aos homens honestos.

—Nada mais facil; é que o publico é só composto de homens honestos.

—Covarde!

E quem são os defamadores por industria?

De que sociedade *fazem* parte?

—São, como V., da camada *mais* infima da sociedade.

—Não se refere a elles portanto?!

Muxinguciro!

—Prompto, capitão.

—Veja si me dá a este fidalgo um diploma de couro crú para a cidade de Suas-Costas, onde lhe darei um condado na provincia de *Palma*, departamento de Sant'Anna, reino de *França*.

—Olè, meu capitão!

Anda cá, bilbre, presumpçoso dos seiscentos, tollo desaforado, *franeez* d'um dardo! anda! chega á obra, patife!

—Morreu o Quirino!

—Isto é velho.

—E morreu pobre!

—Menos isto.

—Toda sua riqueza foi-se naquelle maldito trapiche.

—Quem lhe contou?

—A prova está em que nem um galão velho vi hoje na Mizericordia por occasião da missa do septimo dia; a urna de madeira da caza é que estava no meio da egreja!

—Não é possivel; ou V. enganou-se, ou Quirino não morreu!

LA VAE VERSO.

Certo moço advogado
Que para *França* embarcou
Mandou dizer aos patricios
O tempo em que se formou.

« Foi *augusto* o acto meu,
Foi acto todo *real*;
Fiquei *francez* cá na *França*,
Mas *franeez* que é liberal.

E do que digo p'ra prova,
O passado de meus paes
Por meu penhor offereço
Aos sinceros liberaes.

Vide bem, si em mim não credes,
Um antigo *Guayeurú*,

Onde pela liberdade
Vereis qu' até anda nú.

Deram-lhe bofas os homens,
E o enviaram á tabúa;
O moço sahiu da *França*,
E viajou pela lua.

Trouxe então novas ideias
Sobre o mote—liberdade;
Variou por tal maneira
Que na nossa sociedade

Descobriu plebeus e nobres,
De nobre se intitulou;
Descobriu defamadores
E por tal se apresentou.

Ca, cá, ca, ca, ca, ca, cá!
Isto é rico, isto è galante!
Como vem o moço *augusto*!
Como está isto chibante!

Fian, fian!
Iscou, iscou!
Métta medo ao Gouveia
Que encafifou!

Processo Mata cobra

Ao meio dia presentes o capitão do *Alabama*, a queixosa, seu advogado Dr. Chanchan e os acusados com seu advogado, lê-se a queixa e em seguida escreve-se a defeza.

A primeira testemunha, assim como todas as outras em n.° de 6, são contestes em jurar que o jornal foi distribuido por mais de 15 pessoas; que a queixosa é geralmente conhecida por Mata-cobra; que anda de pau na mão em companhia de sua filha; que muitos mol ques a acompanham, e que è esse o seu batalhão; pelo que o artigo se refere á queixosa, assim como por que muitas pessoas que o leram intenderam referir-se a ella, protestando contra a ousadia de quem quer que o houvera escripto.

O capitão dá a palavra ao Sr. Dr. Chanchan que principia a accusação, que se resume pouco mais ou menos no seguinte:

Divido a accusação em quatro pontos: provar que Mata-cobra é a minha constituinte, que os accusados devem ser condemnados, que o responsavel não pode ser acceito e que o que Chanchan quer deve se fazer, pois assim faz quem pode e o que eu quero faço porque mando e posso.

As testemunhas juram que a queixosa é Mata-cobra; um seu compadre que não tem engenhos assim a reconhece; o publico o confessa, eu o quero..... logo batatas.

A injuria é palpavel, os accusados devem ser condemnados nos §§ 3 e 4 art. 236 do codigo com as circumstancias aggravantes dos §§ 5 e 11 do art. 16 por que de mais a mais os accusados, entidades sahidas das camadas *mais* infimas da sociedade, na bella e liberrima expressão do Sr. *A.* França, podem ser filhos da queixosa. E depois Chanchan o quer, eu sou Chanchan e viva quem vence!

O responsavel não pode ser acceito por que é preciso acabar com os miseraveis testas de ferro, e até porque não vem a responsabilidade acompanhada de documentos valiosos, por quanto o juiz de paz não pode attestar da identidade do qualificado, nem o subdelegado e a folha corrida devia se referir á epocha da assignatura da responsabilidade, que não tem valor por que é vaga, accrescendo que o responsavel está criminoso, como provo com o documento que leio. E depois Chanchan não quer, eu sou Chanchan, não o quero e viva a patria!

Tres pontos estão provados; outro no quarto.

Minha vontade é quem domina.

Estas serpes venenosas que andam dando mordidellas em pessoas tão honradas como minha constituinte a Mata Cobra, de cujos botes não me arreceio.....

—Da Mata-cobra, ou da serpe?

—Sr. capitão, prohiba os apartes..... devem ser esmagadas!

—Si são serpes, a Mata-Cobra que as mate.

—Estas entidades sahidas das camadas *mais* infimas da sociedade devem ser mettidas n'uma enxovia, por criarem uma gazeta, como muito bem disse o Sr. Augusto França, com o nome do *pirata Alabama*, com um fim sinistro, para perturbarem o socego das familias e insultarem as pessoas honestas como a Mata-Cobra, minha constituinte que nenhuma importancia dando a esta gazeta libertina, chamou-a comtudo á responsabilidade para mostrar

o desprezo em que é tida, e para mais uma vez realçar a consideração com que é na sociedade tractada minha constituinte, o respeito de que gosa entre a gente seria, que toda tem sido victima das settas envenenadas da calumnia dos accusados que acceitam descomposturas contra todos pelo sordido lucro, pela ganancia do dinheiro.

—Antes isso, quando fosse verdade, do que ser sanguesuga dos cofres publicos, ladrão do dinheiro do povo!

E o Sr. nao sabe que o *Alabama* é minha folha official?

—Por estas considerações, e mais por que eu quero, e sou Chanchan, e Chanchan quer a rolha, V.Ex., Sr. capitão, não pode deixar de condemnar os accusados, visto que a queixosa em V. Ex. confiou, chamando por este commando os accusados, e tenho dito e o que Chanchan diz cumpre-se, porque sic volo, sic jubeo!!

Em eguida o Sr. capitão deu a palavra ao advogado da defeza que resumindo-a, provou que não podiam os accusados ser os responsaveis e que Mata-Cobra não era nome de ninguem.

Entre as gargalhadas do auditorio fechou-se a audiencia, dizendo a um tempo a Mata-Cobra e o Dr. Chanchan:

«Esnagou-se a serpe!»

Rectificação.

No artigo publicado no numero passado sobre a ladeira dos Gatos, onde se lê o Dr. Gastavo, leia-se o Sr. Gustavo.

A PEDIDO.

—Que embrulho é esse que traz
Amigo *franco*? me conte.
—Um baralho *preparado*
Para eu bancar o *monte*

Pergunta curiosa.

Si a uma chapa em que entram as authoridades policiaes de uma freguezia dá-se o nome de popular, que nome deve ter outra que se apresente em diversa circumstancia?

O subdelegado e seus supplentes.

Chapa do «progresso» para juizes de paz da freguezia d'Avó de Christo.

1.º Pinto Bedel Cabelludo de Boiões.
2.º Letrado, Augusto Chanchan da Franca.
3.º Zezé Vinheira Farinha da Rocha.
4.º Licenciado, Antonico Milú de Boi Tourino.

Um votante.

Attenção.

Roga-se a certo muzico que comprou um cabocolinho ha quasi um anno e quatro mezes, que queira pagar a seu dono, até o fim deste mez, sabbado; ao contrario terá o desgosto de ver o seu nome por extenso neste jornal; isto se intende com o mesmo muzico na freguezia de Santo Antonio.

Chapa popular para juizes de paz do curato da Sé.

Os Srs.—Jovino Cesar da Silva
Manuel Ignacio de Souza Menezes.
Dr. Arsenio Rodrigues Seixas.
Ignacio Alberto d'Andrade e Oliveira.

Um votante.

Mofina.

Pede-se ao Sr. Augusto Ferreira Franca o favor de declarar quaes são as pessoas honestas que foram atassalhadas no *Alabama* e em que numero, sob pena de passar, no caso contrario, por um despresivel calumniador.

ANNUNCIOS.

Convite.

Convida-se aos Srs. installadores do batalhão patriotico d'Artistas á comparecerem no domingo 31 do corrente ás 4 horas da tarde na caza n. 47 á Barroquinha.

Pede-se ao Sr. Germano que para abono dos companheiros do officio, quando for cumprir ordens de sua arte, não continúe a tratar de pessoas de que não tem que se diga, muito principalmente o mesmo Sr.

Previne-se-lhe disto e basta por ora.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 9.ª BAHIA 30 DE JULHO DE 1864. N.º 91

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Misericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

Foi hontem pelo Sr Dr. juiz municipal da 3.ª vara julgada improcedente a queixa dada pelo Sr. Antonio José de Souza Gouveia contra os proprietarios da typographia em que se imprime o *Alabama*.

Eis a sentença:

« Vistos estes autos &. Julgo improcedente a queixa dada contra os reus José Marques de Souza, Aristides Ricardo e Francisco Angelo da Silva Igrapiuna pelas injurias contidas no art. de f. 13 v. Por quanto, sendo determinado pelo art. 7.º § 1.º do codigo criminal que fique o impressor isento de responsabilidade, desde que mostrar por escripto obrigação do editor, provando ao mesmo tempo que este se acha em certas condições; é consequente que aos reus na qualidade de impressores do periodico *Alabama* em que se lê o art. incriminado, nenhuma responsabilidade cabe logo que apresentaram á f. 7 o escripto de obrigação do editor; e pelos documentos de fs. 61 a fs. 66 demonstraram que elle reune os requesitos exigidos pela lei para ser considerado responsavel.

O escripto de f. 7 contém de facto a obrigação de responsabilidade do editor do art. incriminado, por que, a não ser essa a que alli se acha nenhuma outra é conhecida em nossas leis (sinão a do author que não aproveita ao queixoso, e aliás precisa ser acompanhada do autographo, para que podesse intender-se que alguem quizesse assumil-a) e essa responsabilidade, sendo de data anterior à publicação do artigo como prova a do reconhecimento do tabellião e o scello, é acceitavel por ser ja existente ao tempo do crime.

Alem disso: estando provado pelos documentos de fs. 61 a fs. 66 que o editor é pessoa conhecida, o que ainda mais se demonstra com o documento de fs. 113 pelo author produzido; estando tambem provado pelo de fs. 64 v. a sua residencia no imperio, e finalmente pelos de fs. 61 a fs. 65 que na occasião do crime elle se achava no gozo de seus direitos politicos, que é o que a lei exige, embora fosse depois suspenso do exercicio por effeito da sentença de fs.: assim satisfeitas as exigencias que formulou o queixoso ao termo de fs. 6; está demonstrada a responsabilidade de outro no caracter de editor e a consequente irresponsabilidade dos reus no de impressores. Portanto e pelo mais dos autos, deixando direito salvo ao queixoso para instaurar processo contra a pessoa competente, absolvo

os reos da accusação contra elles dirigida, e condemno o author nas custas.

Foi esta sentença dada depois da segunda audiencia por concorrerem sem conclusão dous outros processos criminaes, cujo despacho urgia por serem mais antigos que o presente; o que declaro em obediencia á disposição do art. 2.º do decreto de 6 de julho de 1859.

Bahia 29 de julho de 1854.

Manuel Vieira Tosta.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de julho de 1864

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá a certo negociante que vende cook e o mulete, pois que vende 20 libras por 32, annunciando-o pelo preço de 200 rs. quando realmente com o seu furto, só o vende a 320. Cumpra.

—Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que se dirija ao Correio e orce a obra que se faz precisa para o reparo das escadas e de todo o assoalho daquella repartição que ameaçam engulir o publico e intenda-se depois com o enxota-cães da Sé para leval-a a effeito, tirando a quantia necessaria da verba—deleixo e centralisação. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Os candidatos da *liga* pedindo que se lhe dê um fardamento pelo qual sejam conhecidos por liberaes.—Dirijam-se ao Linhares que recebe nesta data ordem de fornecer-lhes em vez de *liga*, *gravata* e mascara de couro para não ficarem *vermelhos*, diante da gente honesta.

—Que faz este pobre soldado?

—Foi á botica comprar unguento branco e deixou no passeio a roupa do seu commandante que fora buscar, e a companhia do olho vivo exportou-a para seus arraiaes.

—Elle diz que deserta.

—E tirou a farda

—Mais uma victima, meu Deus!

—Então que novas me traz de Itapagipe?

—Tudo correu sofrivelmente; um dos directores porém, o Antoninho do Cobre, ao que me dizem, não quiz que passasse a *entrada* por baixo dos mais lindos e apparatosos arcos triumphaes que alli havia, porque foram levantados por *vermelhos*.

—Sendo disso, mas não importa que tambem acertaram elles com os pés á cara dos taes liberalões, lançando por terra os arcos que com tanto gosto erigiram.

Só um dos cadetes do 10.º, a quem conheço, portou-se d'uma indigna maneira, provocando desordens e conflictos.

Tambem sei; hei de recommendar-lhe que deixe-se disso.

Que mais?

—Nada que interesse.

Foram taboqueados os moradores da Calçada.

Illuminação por tres noites, musica, sambas, vivas, saúdes e chanfornada.

Quanto ao palacete, fortalezas e esquadras..... estava bom; houve combate no mar e appareceram presidentes, commandante d'armas, almirante, commendadores etc. etc.

—Seriamente?!

—Caretas sem mascara, capitão; divertimento de rapazes que agradou e muito.

—Que mais?

—Finis est operis corona.

—Sr Malacachias, então V. ja sabia do accordam da relação?!

Ja o tinha dito áquella sucia de patifes e ladrões como V..... os chamou?

—Que duvida! si me não deram os 500$ rs! são ladrões, devem perder!

—Tratante!....

E sempre este riso amarello, este cynismo!

—Não me insulte, que metto tudo na cadeia, e quebro de pau.

—Puf!

—Olhe que eu tiro um olho meu para tirar dous do meu inimigo!

—Va metter medo ao Gouveia Pescocinho!

—E' preciso que Vm. corra toda esta Latronopolis té encontrar com algum bacharel ou advogado, que não sendo de *ordenações*, possa gabar-se em publico de jurisconsulto Chassan, ou *francez*, para perguntar-lhe o que significa industria.

—Eu mesmo não sei; o que lhe posso garantir é que assim como ha *defamado-*

s por industria, ha tambem *liberaes por industria* que são nada menos que *cavalheiros d'industria*, tratantes, ladrões, orgulhosos, presumpçosos, hypocritas e infames, cujo unico fim è arranjarem-se, illudindo ao publico que se deixa embahir pela palavra *liberdade* que trazem constantemente nos labios as taes feras do progresso, harpyas pollutas e insaciaveis do festim da liberdade.

—Vá ver si encontra, e pergunte.

—Bem servido!

Só si eu for á *França* ver si Chassan acerta.....

—Então, Sr. Flor do Mundo, seus caixeiros estão authorisados a metter o chicote em pessoas livres?

—Isso lá não sei; é negocio de rapazes, em que me não metto.

—Pois aquelle pichote tem de ajustar contas.

—Isto não, capitão.

—Ah! então V. é connivente na cousa.

Ajustarão ambos, salvo si provar que o privilegio dos caixeiros vem do nome do patrão, que é realmente encantador!

—Sr. Dr. Chanchan, quem são os homens honestos?

—Em Latronopolis?

—Sim.

—Em linguagem classica, ou commum?

—Commum.

—Os homens honestos em Latronopolis, segundo a linguagem commum, são;

1.º Os egoistas.

2.º Os presumidos, os tollos, os impostores e os desfructaveis.

3.º Os judas politicos que em vez do osculo trahidor prostituem a liberdade que trazem nos labios, e em vez de venderem o Mestre, trahem ao povo e o injuriam.

4.º Os sanguesugas dos cofres publicos, que vivem a ler gazeta e a fumar nas repartições, ou a passeiar pelas ruas, cuidando de seus interesses.

5.º ☞ *Os ministros do tribunal de justiça que se dizendo liberaes, e recommendando um presidente, são entretanto tão miseravelmente* VENAES *que esse mesmo presidente, chegado a ministro, os agracia com uma aposentadoria forçada!*

6.º Em fim, todos os que, tendo dinheiro por terem roubado, não são considerados entidades sabidas das *mais* infimas camadas da sociedade.

—Em Latronopolis é justamente o que deve ser.

Mas na Bahia os seus homens honestos são os maiores ladrões!

—E' o que eu não duvido.

Cá nos intendemos nós!

—O Sr. ainda tem saudades de sua clientella!

Em Latronopolis ha de se dar bem!

— Então, charo amigo, que fez da *cruz* que lhe mandei deitar ao pescoço?

—Não é commigo, Sr

—De veras?

—Sim, Sr; bem vê que sou um *moço* empregado, que cuido na minha vida, que tracto de minha occupação.

— Ora, pois um homem ja *velho* capaz de dar conselhos ao proprio pae-Abrahão, não se anda fazendo de menino!

Tome juizo, velhaça tollo!

Que è da cruz?

—A *cruz* deixei-a em *Fernando* de Noronha.

— Misericordia! Bem m'o dizia sua cara; V. bem mostra que é ladrão! Conheceu por lá o Dr. Chanchan?

E' provavel!

—Não Sr; a unica pessoa lá com quem travei relações foi um pobre *Gonçalves*, homem rico e honesto.....

—Em cuja fortuna deste balanço?

—..... em tudo semelhante a mim,

—Ousas chamar-te de honesto na minha presença!

Muxingueiro, com vergalhadas por cima neste patife; depois, já que deitou fora a cruz talvez no *balanço*, um ferro quente com as letras L. e I. na cara descarada!

—Capitão, me dize um cousa.
—J. tardavas!
—Esse gente de Latronopo è gente memo?
—Que duvida!
—Iô pensa êre ta cranguejo.
—Que caranguejo, rapaz!
—Cranguejo di lama mai di buraco.

Nan dnira, capitão; ossincellence nan vae ni cidare baixo; ossincellence passa nim Taboão e si ossincellence nan vira cranguejo, vira negro qui panha cranguejo!

Miséra ta munto; condo cae chuvisca, rua vira croaca.

Iô nan sabe esse cambra qui fazê!

Io tá munto zangaro com ere, prnquê qnasi iô quebra minha pé nim buraco e mette minha narize ni lama, e ere nan derêta rua!

—Nunca vi nada mais bemfeito!

—Ta jusso; ossincellence mette cara da Gouveia Pessicocinho ni croâca de seu navia, quanto mai di iô negro qui tà cosinhero!

LA VAE VERSO.

—Venha cá, Sr. *Almeida*.
—Me chamo apenas *Bastão*.
—Bastão nas costas precisas.
—Tal não diga, capitão!

—Pois tratante, p'ra que fim
Vieste falso jurar?
—Juro falso porque quero,
Ninguem m'o póde vedar.

—Muxingueiro!—Aqui estou.
—Vem depressa, corre azinha!
Leva este bobo de mascara,
De arreios e *chapellinha*.

Leva-o ao porão, oude o *outro*
Da gracinha não gostou;
Cloaca façam da boca,
Que tanto falso jurou!

E afim de que não fuja
O biltre do seu logar,
N'uma *gravata* o amarrem,
Sem que o deixem respirar

A PEDIDO.

Sr. Redactor.—Na quarta feira á noite consta-nos que um Sr. Quinquim Britto, á Estrada Nova, espancou cruelmente a criada Theodora, moradora ao beco d'Alegria com quem nenhuma relação tinha.

A infeliz acha-se com o corpo inteiramente cheio de contusões, o que pode verificar qualquer pessoa que se queira dar ao trabalho de ir vel-a.

Affirmam-nos que o ordenança do subdelegado presenciou tal facto!

Não se dará as providencias?

Estes repetidos attaques á segurança individual não terão um fim?

Os agentes da policia incumbidos de velar por ella, serão os primeiros a se conservarem impassiveis ante estes repetidos escandalos?

Pede-se uma providencia neste sentido.

E ella è com ardente desejo esperada, attenta a moralidade que distinguem nossas authoridades.

* * *

Verdadeira chapa popular para juizes de paz da freguezia de Santo Antonio.

Capitão Lazaro José Jambeiro.
Tenente-coronel Justiniano José d'Araujo.
Professor jubilado Manuel Francisco Borges Leitão.
Capitão Francisco José Monteiro de Carvalho Junior.

Chapa popular para juizes de paz do curato da Sé.

Os Srs.—Jovino Cesar da Silva.
Manuel Ignacio de Souza Menezes.
Dr. Arsenio Rodrigues Seixas.
Ignacio Alberto d'Andrade e Oliveira.

Um votante.

Chapa do «progresso» para juizes de paz da freguezia d'Avó de Christo.

1.° Pinto Bedel Cabelludo de Boiões.
2.° Lettrado, Augusto Chanchan da França.
3.° Zezé Vinheira Farinha da Rocha.
4.° Licenciado, Antonico Milú de Boi Tourino.

Um votante.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 2 DE JUNHO DE 1864. N.º 68

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1 de junho de 1864.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe a attenção para a ladeira da Moritiba, da qual arrematou uma secção por 6:000$ o Sr. Thomaz d'Aquino, a qual depois de atamancada ficou no mesmo pé, deteriorados os alveos, e com enormes fendas que tomam toda a extensão da rua, sem fallar na grande quantidade de cascalho que desce com a *enchurrada*, entulhando as casas que ficam juntas ao lado esquerdo da ladeira.

Além de que, são varios os destroços que tem alli havido, cahindo ainda no dia 25 do proximo passado um preto que quasi quebra a perna, ficando inteiramente deteriorada a carga que trazia.

Pelo que faz-se preciso cuidadoso esmero e energico affinco da parte de S. Ex., afim de que não continuem os sanguesugas dos cofres publicos a abusar da bondade do povo.

—*A'* camara municipal da capital, perguntando-lhe a rasão porque não ha um curral nas Campinas, havendo um administrador, e pagando-se por cada cabeça de gado vaccum a minharia de 820 rs.

—A' Camara municipal de Cachoeira, pedindo-lhe para mandar calçar as ruas de S. Felix, especialmente a do Quebra-Canella, que sendo sem declive, e de facil transito para as transacções da vida e do commercio, se acha sobre modo esburacada, dando logar ao significativo nome que *tem*.

—*A'* mesma, no mesmo sentido sobre a ladeira de Belem, na Cachoeira *que foi calçada pelos jesuitas!* e que se acha em deploravel estado, cheia de lama e precipicios, obrigando a quem por ella não queira passar a dar uma volta de tres leguas! para chegar à cidade.

—A mesma no mesmo sentido sobre a ladeira de Capoeirussú que se acha no mesmo estado, apezar dos repetidos *concertos* que se tem feito.

—Ao Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio, pedindo-lhe providencias contra um celebre Marcolino, escravo de uma tal Agueda, o qual tem um lupanar à Estrada das Boiadas, em que, além dos necessarios desaforos que em taes alcouces se costumam dar, ha sempre em todas as noites e fora d'horas um furioso samba, que impede aos moradores daquelle logar conciliarem o somno. O que é impossivel que continue, e cuja extincção se espera de S. S; convindo notar que naquelle lo-

gar, por ser remoto talvez, e por isso mesmo mais sujeito a desordens e roubos, raras vezes chega a acção da policia.

Portaria aos fiscaes da Cachoeira e S. Felix, ordenando-lhes que tenham mais zelo com o aceio das ruas. Cumpram.

—Ao ministro da Ordem Terceira de S. Francisco, para que faça cessar quanto antes o abuso de certo commissario que se não presta a cantar a *ladainha* nas missas, em que tem logar essa ceremonia, mandando vir para cantalsa o sachristão-mor, provocando esse proceder a censura dos fieis, que ignoram que tenha tal *roseira* tanta faculdade como si fosse algum bispo n'alguma diocese de potes. Cumpra.

—Quero que o Sr. me alugue a sua caza.

—Quem é seu fiador?

—O capitão João Carvalho.

—Não conheço.

—Que diz, Sr.?! um homem aqui do commercio, tão conhecido nesta cidade!

—Conheces, rapaz?

—Não, senhor.

—Serve-lhe o Dr. Couto?....

—Não conheço.

—Deputado provincial, morador como o primeiro em Santo Antonio.

—Não conheço; conheces, rapaz?

—E' um que é genro do Azevedo?

—Sim, Sr.

—Este serbe; mas não tracto por ora, que a caza está em concerto. »

Foi o que entre nós se passou; e como diz V. que está compromettido?

Esta canalha de gallegos ladrões desconfia de todos; mas não me offende quem por si me julga.

Já o comprehendo, meu charo.

Sr. *Amarellinho*, fique sabendo que havemos de ajustar contas, e breve.

E o ajuste será arrumar-lhe nessa safada cara com um *cabello-louro* dos mais resecados que V. tiver guardado na sua *dispensa*.

Até logo, gallego!

—Ai! que o homem é do *Alavama!*

—Sr. immediato, porque não appareceu no domingo?

—A chuva, capitão....

—Ora! O que me parece é que Vm, está ficando *rebelde*.

—Rebelde!

Nunca pensei que V. Ex. tal me dissesse!

Si não appareci estes dias é porque..... quero dizer estas noites.... é porque.....

—Foi à maçonaria?

—Não, senhor; queixe-se V. Ex. da companhia do gaz..... um horrivel eclypse... estas noites, não consentiu ninguem na rua; além de que eu que não estou muito corrente com os guardas nacionaes, não me quiz expor aos seus insultos.

—Bem; mas sabe Vm. a rasão do eclypse?

—Cousa simples; como foi á noite, a sombra da terra que embaçou o espelho da lua.

—Falle serio, tenente!

—Ou não ha carvão, ou não ha gaz preparado, ou a chuva fez *liga* com o gaz, ou os inglezes não levam em conta os brasileiros.

Escolha V. Ex.

—Eu, sei!...

Si eu pudesse applicar-lhe penas, a companhia ficaria sem fundo só com as buxas, quero dizer com as multas que eu impuzesse.

—Metta-lhe o rodizio, capitão!

—Si for o governo o negligente, com elle é que me hei de haver.

—Capitão, de quando em vez e de vez em quando, apparecem aqui por esta Latronopolis bellas cousas!

—Que houve?

—Foi um dia.....

—O principio faz prever o fim.

—.... o dia 6 de maio do anno da graça de 1864; era no sitio de uma Caeira, freguezia como a de Passé.

Uma Sra. Ignez tinha uma filha, com quem pretendia cazar-se certo moço de nome João, o qual foi com esta encontrado em flagrante.

O subdelegado era um Sr. João ou Leoncio cunhado da mãe da moça.

Depois das formalidades do estylo, inquire o *juiz*;

« Este Sr. *lhe deve alguma coisa*?

—Não Sr.; si casa comigo, é porque quer felicitar-me.

O ladrão de minha honra é V. S.! o Sr. subdelegado *é quem me deve*!.....

—E depois de chamal-o ladrão, tractou-o por V.! isto é rico!

—Ao ouvir-se tal, *conticuere omnes*..... sim, *conticuere omnes*; o silencio alli era eloquente; representava um brado de indignação ante tanto escandalo!

O *juiz*, tonto, largou em meio a audiencia e entrou por uma porta.....

—É historia de carochinha? pelo principio bem o vi eu.

—Pois pensou que era serio?.... sahiu por outra; manda el-rei meu senhor que me conte outra.

—Ora vá bugiar!

—Capitão, iô pede palavra, p'ra pede sipricação.

—Pode fallar.

—Capitão, lei tá iguá p'ra anani turo, dize consituição; mai consituição tà ni papé, tá palavra só. Home qui more deixa seu fama, consituição tà morto, fama tà hi.

—Vamos a ver onde vae tocar.

—Iô já cabô izordo; iô vae ni narração.

Condo iô chega ni Latronopo, qué dizê, condo ôlê vae fruta iô do meu tera, e iô vem ni Brasi; ma paxero turo qui vende caixinha tá bate ni vara.

Cambra nan querê, varedô fica surido, nungoço cabou. Ninguem mai pore toca ni vara; ma paxero qui merca, qui grita, qui berra; qui negro nan tá gente, negro nan cansa.

E turo tá denreto; cambra fazê seu pussura, ninguem bate ni vara, ovo tá prefeto.

Mai chega trangero, trangero ta blanco; lei nan tà p'ra êre, imbora ere tá lazzaroui, imbora ere tà carcamana.

E ere chega; sua jaqueta de veludo, sua chapeu de Braga, sua carça de castô, sua bota de ferradura; e ere traze mundo ni cossa; ferramenta d'infreno, cuma dizê Pedro Luiz que jesuita leva p'ra mette medo caboco.

E toca, e toca, e torna a toca.

E varedô nan oube; qui blanco faze, nan faze má, qui blanco tá fia de Deu; *que fia di Deu faze, Nansenhô tambem faze e Ce que Dieu fait est bienfait!*

—E os portuguezes não batiam tambem? Os portuguezes não são brancos?

—Mai, capitão, portuga ni esse tempo nan tà gente ni Brasi; anani turo qué come ere vivo. E ripoi negro toca, zelis toca; p'ra chega fim, não oia ni meio; blanco qué faze mà negro, faze mà blanco p'ra negro soffre.

—O que queres dizer é que maroto e negro é tudo o mesmo.

E depois tocar chocalho é bater com a vara?

Onde ha paridade na tua argumentação?

—Iô reponde; esse bijecção nan procede. Pensamento capitá qui preside pussura tá ui baruio qui vara faze. Iô progunta: esse batimento de carcamana ni sua geringonça nan fazê baruio? Fazê. Logo, cambra deve caba cum ere.

E si nan qué caba, nan caba; iô qué mostra qui lei nan tá iguá p'ra anani turo; iô qué pruva que justica di esse tera tá memo justiça de Latronopo.

Si ossincellence qué muda, muda; esse é qui iô pede; minha oubido denreto nan pressa mai p'ra nada; iô tà de oubido torto, iô só oube d'um banda só. Iô tá visinho de mediato; capitão vê qui fazê.

—E' que te retires já para a cosinha!

—*Suum cuique*; tá denreto; cada macaco ni sua gaio; quim nasceu pra derêi nan chega bintem; meu sembréa é cosinha, iô já vae ni sembréa.

Cunversa di camarote cabô; sessão tá cerrado, orde do dia qui é?

—Muxingueiro em manobra.

—Capitão, quim fallou já tá longe; *adieu mon cher*.

—Conheço muito ao Sr. Francisco José de Arruda, mas não o qualifico que não quero!

—Pois um homem, morador ha tantos annos na Penha, proprietario, ultimamente nomeado alferes da guarda nacional, supplente de eleitor, tão seu conhecido, Sr. Dr!

—Ha de gastar dinheiro no recurso, si quizer votar.

—Realmente nunca vi tanto cynismo! Que impassibilidade de moço!

Não sei como cora!

Tanto tem um de magro e *vermelho*, como o outro de *escuro* e gordo!

—E este nem se sabe quando cora ou tem vergonha.

—É por isto que ensina ao outro a fazer tanta cousa feia!

—O bugre não deu uma risada?!

—O capitão deve mandar deitar-lhe um *freio* na bocca!

—E umas *cangalhas* às costas!

—E aquelle homem não chama a todos negros e moleques?

—Mas é a quem não tem carne para dar ou fiar.

—Ou a quem não tem burros para emprestar.

—Deixal-os que elles se intendem.

Vou agora ao *Cabrito*; deixe-me passar, Sr. Faustino Mangaba!

Safada cousa! villão ruim!

—Com effeito é uma respeitavel trindade!

E' uma immunda trempe; quando não queima, tisma!

—Que corja!

Mangaba, Antero e Babão!

—E o *cadete*? e o *majò*? e o *escrevedor*?

—Fel-os Deus e o diabo os ajuntou.

—Ou melhor, borrou-os o diabo e a infamia os ajuntou!

A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

Pede se que dê o conveniente destino a um sujeito que fez o seguinte, segundo consta:

Casou-se a 14 de abril de 1862 com uma recolhida da Santa Caza, que além do dote, possuia 300$ no banco da Bahia, os quaes antes do cazamento, foi elle tirar, a pretexto de enxoval, e embarcou-se para Santo Amaro, donde trouxe uma irmã.

Desamparou, logo depois do cazamento a infeliz mulher, a quem espancou brutalmente, fazendo com que fosse ella para a caza de uma irmã delle.

Espancou-a segunda vez quando foi ella buscar a roupa que em seu poder tinha deixado.

Rasgou um officio do subdelegado ao inspector de quarteirão que tinha dado aquelle á mulher que *delle* se foi queixar.

Foi preso pelo subdelegado dous dias e acha-se agora a seduzir outras infelizes, espancando por diversas vezes a mãe e a irman que lhe reprehendem o proceder, estando a infeliz mulher miseravelmente abandonada nem uma caza ao Urugay, sem vintem.

O individuo mora no Bom-Gosto da Calçada, é official de carpinteiro e guarda nacional d'artilharia.

O *Salvador Borges de Santa Theodora*.

Sr. capitão, é preciso ser mais moderado, e abrandar mais um pouco o genio, porque não estamos na *Costa* nem moramos no sertão, e nem sua posição é lá tão elevada que se julgue *estar no oitavo* ceu.

Para que maltrata os pobres cadetes que o não offendem?

Para que insultou a um, porque descuidado o não cortejou?

Que respeito pode infundir o superior que insulta a seus subordinados?

Sr. Redactor.—Ha cousas que não se pode deixar de fallar.

Pois um caixeiro que nenhuma pratica tem de balcão, sem ter ainda 6 mezes de loja, tem um conto e tanto de ordenado!

Tendo um amo trabalhando por elle!

Dahi pode ser algum serviço particular.....

Que enthusiasmo!

Encostado ao balcão, e o amo aviando aos freguezes!

Sao coisas!

Um admirado.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 4 DE JUNHO DE 1864. N.º 69

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de junho de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, pedindo sua attenção para a seguinte petição de queixa:

«Illm. Sr. Dr. delegado. Alberto de Santa Gertrudes, por cabeça de sua mulher Felicia Nunes, vem manifestar a V. S. que tendo uma sua enteada de nome Maria Gertrudes, crioula menor de 21 annos, em sua casa e companhia, desappareceu ha mais de mez, e pelas indagações que fez o supplicante veiu á saber que amasiando-se com o Rev. prior do convento do Carmo desta cidade Fr. João de Santa Maria Souza, fôra por este por vezes bastantemente maltratada de pancadas, á ponto de, para ser curada de sevicias provenientes d'essas pancadas, conservar-se muitos dias occulta em uma das cellas do mesmo convento, onde, segundo agora consta ao supplicante, tendo penetrado em uma das proximas noites Joanna de tal, parda solteira, amasia de muitos annos do supradito Rev. prior, armada de navalha, com esta fez varios ferimentos na indicada enteada do supplicante, a qual fugindo dos muitos golpes que lhe dirigia a supradita Joanna, precipitou-se em um buraco existente no soalho do convento, e cahindo por este abaixo augmentou seus soffrimentos, quebrando um braço: e porque tudo isso se tendo passado nas trevas do silencio, livrará os delinquentes da merecida punição, que o supplicante jamais poderá obter por ser miniamente pobre, e por conseguinte sem meios para fazer valer no santuario da justiça o direito de sua mulher, mãe da infeliz offendida, vem o supplicante compadecido dos lamentos e lagrimas da mesma sua mulher, implorar a V. S. se digne, em vista da gravidade do facto allegado, dar as providencias, que em sua rectidão intender necessarias para que appareça a mencionada offendida, que, maltratada e occulta como se acha perecerá, si não for de prompto soccorrida em seus soffrimentos. O supplicante por tanto offerecendo a presente como denuncia:

P. a V. S. se sirva dar-lhe o devido apreço, e com urgencia proceder conforme a lei, e como melhor intender em seu justiceiro animo.

E. R. Mce.

Cachoeira 28 de maio de 1864

A' rogo do supplicante por ser analfabeto,

Virginio José de Almeida.»

(Estava o reconhecimento publico.)

—Ao Exm. Sr. presidente da relação, pedindo-lhe que expeça a seus subalternos ordem para que não demorem os papeis das partes, nem as maltratem sob qualquer pretexto, tendo em vista os §§ 17 e 41; t. 24, do livro 1.º das ordenações e o art. 185 do regulamento de custas que authorisa as penas de prisão até cinco dias e a de suspensão até trinta.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que informe sobre o facto de ter *certo Dr.* levado para o Rio em sua companhia, um crioulo como criado, o qual deixou de voltar em sua companhia, sendo respondido pelo *tal Dr.* à mãe do rapaz que por elle perguntou, que por lá tinha elle ficado.

Indo porém esta queixar-se á authoridade, houve certas indagações, que deram em resultado, segundo nos consta, ter-se descoberto que o *amavel Dr.* despachou como *escravo* o tal criado; o que já não é pouco e deve por tanto ativar a energia de S. S.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna para que tome em sua consideração o adro da egreja matriz e a rua da Ponte Nova de S. Miguel, esquina da ladeira da Prata, onde se reunem constantemente vadios, escravos e livres, de todas as cores, para insultarem às pessoas que passam sem attenderem nem á edade, provocando conflictos que podem ter funestas consequencias, como o que se passa a expor.

Passava, no dia 30 de maio, pelas sete e meia da noite, um dos mais serios habitantes dessa freguezia pelo adro da matriz, quando foi accommettido por um dos capadocios brancos que allí se achavam, que o insultou, mas sendo repellido. Mais tarde reuniram-se todos armados e foram à caza do offendido, querendo invadil-a, o que não fizeram, por arrependerem-se alguns, depois que um *embaixador* foi ter com o proprietario, que sabe S. S. quem é.

Leva-se estes factos ao conhecimento de S. S. e pede-se-lhe providencias, convindo notar que os nomes dos taes sujeitos são mais ou menos conhecidos do Sr. Souza Vieira, que esteve ultimamente na vara da subdelegacia.

Portaria ao fiscal de Santo Antonio para que mande arrear um muro em S. José, providencia que já se reclamou, assim como um sobrado na mesma rua, depois da egreja, ambos os quaes ameaçam a vida dos transeuntes e o ultimo tambem a dos visinhos.

Aviso ao publico. Tendo sido baldados os pedidos que se tem feito á companhia do gaz para providenciar sobre a parede do edificio do gazometro que se acha rachada em dous logares, adverte-se ao publico que deixe de passar pelo Noviciado e Mangueira, a fim de evitar novas victimas do deleixo da companhia, ou antes do governo.

Servindo porém este meio de incommodo e prejuiso, como necessariamente, sel-o-ha, as pessoas que por alli andam são obrigadas a fazer uma representação ao governo para ver-se si *dá elle de si* e não terem os maledicentes de dizer que o brasileiro só fecha a porta depois de roubado.

—Conhece aquelle typo, capitão?

—Não; quem é elle?

—Pois o capitão não o vê de *cazaca azul, e botões dourados?*

—Vejo sim, mas que ha de novo?

—Si V. Ex. soubesse a chronica d'aquelle biltre benzia-se; pois aquelle Deus me perdoe não anda dizendo que tem muitos doutores em seu borrador! elle que só serve para abrir e feixar portinholas de carros de doutores, porque é muito adulador! Não tem o atrevimento de tratar mal as pessoas que vão á sua loja tratar algum negocio! Com fumaças de ter muito dinheiro, de ser proprietario, quando as propriedades não são d'elle, pois que ainda ha pouco foi-lhe tirada a mamata de uma que elle chamava suas, pertencentes à certa viuva!

Pois nesta terra quem não o conhece morando com o S..... *moleque* na qualidade de seu..... seu estimado!

—Oh! homem não falle assim que ella não merece.

—Não merece capitão?! aquillo é uma cousa ruim, impostor, adulador dos ricos, devasso, e atrevido como um moleque.

—Basta, basta, traga-o a minha presença para lhe dar o castigo que merece.

(*Continúa.*)

—Vem cà, negro...,.

—Nao xinhori, eu xon *mureno*

—Então confessas que és moreno?

—Xim xinhori, xinhori capitão.

—Zelis, para que estás no Brasil?

—Eu, capitão, para felicitari os vrasileiros.

—Mentes, estás no Brasil para desgraçar os Brasileiros.

—V. Ex. está enganado, xinhori capitão.

—Eu enganado, infame? Si eu estou enganado, para que consentis um gallego teu companheiro e teu caixeiro esmurrar as ventas e dar pontapés num teu caixeiro brasileiro com edade de 12 annos?

—Capitão, tal não hoube, esse menino é muito malcriado e respondão e por isso eu o despedi.

—Mentes, traficante de moeda falsa, negociante fraudulento, tu disseste a alguem que estavas muito contente com o menino brasileiro que era muito vivo, muito respeitoso e que já estava ganhando, tanto que no fim do anno havias pagar-lhe por junto.

—Xim capitão eu dixe isto *mas purém* o menino brunou e eu não o quiz mais ter em minha casa.

—Não é esta a primeira vez que tu maltractas os brasileiros; lembras-te d'aquelles dous que foram despedidos por 2 de Julho, por terem ido à Lapinha e dormido na rua?

—Xinhori capitão, eu bou fallari....

—Calla-te, zelis! sabes porque o gallego teu companheiro assim praticou com o pequeno brasileiro? é porque não queria um brasileiro como caixeiro mais velho, tendo abaixo d'elle um teu parceiro novato.

—Muxingueiro, mette o calabrote na cara de te labrego!

—Immediato, que novidade traz da Cachoeira?

—Collocou-se no dia 1.º de junho o distico despertador dos festejos do 25 de Junho; foi grande a concurrencia do povo assim como o enthusiasmo, mas foi tambem muita a chuva.

—Vire folha.

—Acabou-se a intriga *politica de S. Felix.*

—Vire folha.

—Capitão escute.

Os homens de S. Felix das *duas parcialidades* da *politica* sem *politica* tomaram juizo.

—Conte-me isso. Então elles *eram doudos*?

—Olá si eram! Até de pedras; descompunham-se nas gasetas, como meninos d'escholas malcriados; e agora—*fuvete lingua*—por causa das duvidas.

—Fizeram bem:—com gazêta não se brinca—*dize tu, direi eu*, ao depois vão *a vias de facto*; o *caldo* entornado e *barulho* no *becco*, queixas, correspondencias, *tropas*....

—Apoiado, apoiadissimo!....

E' bom que não incommodem mais ao Sr. chefe de policia, e que se deixem de *creancices*; harmonisados entre si curem antes dos melhoramentos d'aquella localidade, digna de melhor sorte.

—Que mais?. ..

—E' que V. Ex. espichou-se redondamente.

O Thomaz d'Aquino nenhuma obra fez ainda na Moritiba; arrematou uma secção da ladeira por 6:000$, e tanto, mas não é capaz de fazer o concerto sinão com 20:000$.

Eis o que ha.

—Pois bem; ainda veiu á tempo a rectificação.

Que mais houve?

—O facto do frade da Cachoeira passou-se mais ou menos assim.

A creoula desappareceu não ha um mez, mas ha quatro, e estava encastellada na cella do cujo.

A mãe no dia 29 do passado foi ao convento, viu a filha; a amasia do frade, á 27, foi com effeito de navalha accommetter a crioulinha, mas esta não ficou ferida, segundo me dizem, pois o delegado mandou-a examinar por dous peritos.

—Emfim, o arcebispo que se haja com sua gente. Ha muito que muito se falla do tal convento, que dizem está reduzido a um lupanar perfeito,

Corra por conta de quem toma conta dos taes amaveis de sotaina.

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA SEMANAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 3 DE JUNHO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

Dignidade.—Por encommenda do corretor *Victor* chegou uma partida para o *Justus* do *Interesse Publico*; mas infelizmente perdida pelas avarias que soffreu d'agoa salgada.

Monturos.—Grande quantidade; graças aos disvellos da municipalidade, o povo acha em qualquer logar depositos onde satisfaz suas necessidades

A camara acaba de estabelecer dous depositos: um na rua de *S. Miguel* e outro nos *Sete Candieiros* que estão bem *suppridos*.

Massadas.—Um funccionario publico demittido deu-se ao commercio deste genero em larga escala; mas é de crer que nada tenha feito á vista dos repetidos annuncios que faz n'uma folha, no *interesse* de impingir a droga.

—

EXPORTAÇÃO.

NAVIOS DESPACHADOS.

Concupiscentopolis, brigue *Feminil*; *Barata & Goes* 200 frascos banhas, 300 ditos oleos e essencias, 4 duzias pentes de alisar, tudo para uma cabelleira, 2 espelhos para rever a mesma, 1 boião banha de tutano de grilo.

Sceleratopolis, patacho *Jacintho*; *Soares & Albergaria*, 2 escravos surrados alta noite, sevicias e maus tratamentos para escravos.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Palhabote *Justiça de Paz*, capitão *Antonio Lobo*, vindo de *Santos*, 2 caixotes injurias e desaforos, 30 cestas *adulações e mexericos* 1 tonelada *bebedeiras*, 10 cestas *desfructes* á uma venda na Soledade, 1 *jambo* vindo de *Lisboa*.

Brigue pançudo *Patriota*, capitão *Faria*, vindo da ilha da *Hypocrisia*, 1 pacote artigos de encommenda, 6 fardos *jesuitismo*, 10 molhos *descomposturas*, *apodos* e *doestos* a um deputado do povo.

—

DESCARGA POR BALDEAÇÃO.

(*Trapiche do Maciel.*)

Brigue perdulario *Cadete*, cantharida em essencia, pós de caroços de abacate e diversas geleas *confortativas*.

(*Trapiche das janellas do Carmo.*)

Barcassa *Delphina* da *Papo*, objectos de feitiçaria, figuras de páu, *contas*, *obis*, ornamentos e objectos proprios para taes usos.

PARTE MARITIMA.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADAS DO DIA.

Porto da *Mocunga* com escala por *Passé*, brigue *Castro*, cap. *Pedro*, carga *bananas* tomadas a um pobre homem de nome José com o pretexto de serem roubadas, uma lettra de 100$ rs. violentamente arrancada ao pae deste, Cyriaco de tal, á titulo de indemnisação, 10 saccos de insolencias e arbitrariedades e entrada na *casa* alheia violentamente, alta noite, á titulo de varejalsa, 2 vacas do mesmo Cyriaco tomadas para pagar prejuizos; passags. um capitão do 8.º batalhão e um supplente de subdelegado.

Villa do *Pombal*—palhabote commercial *Pereira*, cap. José Joaquim; passags. os pardos livres Joaquim e Leandra á entregar n'uma loja na praça do Commercio para serem falsamente vendidos como escravos.

Presidio de *Pedro Santo* (em commissão)—vapor de guerra *Costa*, conduzindo diversos cadetes vilmente insultados, e algumas praças do *oitavo* regimento de Latronopolis acremente tratadas e barbaramente espancadas.

A PEDIDO.

Pede-se, ao gallego comprido, caixeiro de seu tio, que não se faça engraçado com familias que lhe ficam em frente, pois lhe pode chegar ao costado couza que ha muito merece; veja que nem todos estão para aturalo como o seu tio J. que tendo familia, e não pequena, atura no seio della semelhante atrevido, e grande orgia.

O Sete mezinhos.

Ainda pedradas.

Na tarde do 1.º de junho, pelas 5 horas um crioulinho de nome Guilherme deu uma pedrada, na rua do Creipapeiro, em Francisco Pereira de Sant'Anna, e consta que nenhuma providencia se tomou, sabe alguem a rasão.

* * *

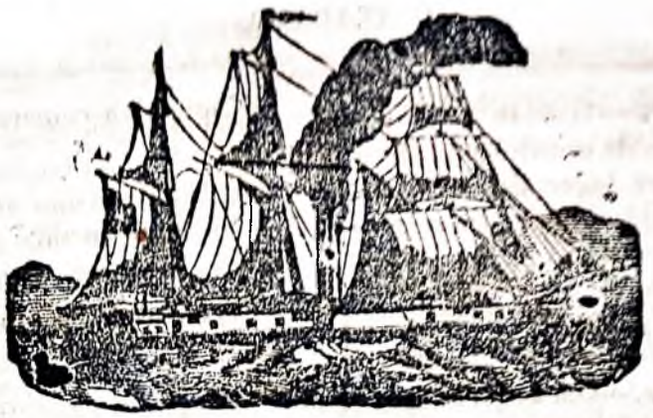
Frade, pois V. assim descaradamente aos *detens* com aquella creoula de *luto* dentro da portaria do convento no dia 2 de maio, sem respeito ao menos á sagrada Imagem que alli ha!

Não continue, do contrario não se queixe si lhe publicarmos o nome.

Capitão, si for possivel,
Escreva dizendo ao Cunha,
Qu'assim compromette aquelle
Que por elle tanto *acunha*.

O Sancho-Pança.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 7 DE JUNHO DE 1864 N.º 70

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C.ª rua da Misericordia n. 17 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de junho de 1864.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que, já que nenhuma providencia deu o fiscal geral, se digne lançar suas vistas para uma tenda de ferreiro á S. Francisco de Paula, que não tendo chaminé, muito incommoda aos viandantes e aos visinhos com a fumaça que se desprende do carvão de pedra, a qual agora com o vento sul não deixa a ninguem por alli parar.

Spera-se providencias.

—Á mesma, pedindo-lhe que faça effectiva a postura quanto aos mattos que existem na ladeira da Gambôa, os quaes se acham tão adiantados que pode qualquer pessoa entre elles esconder-se para levar a fim malevolos intentos.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia para que dê as providencias a fim de deixarem de apparecer, todas as noites, dous vultos na ladeira da Gambôa, desconfiando-se ser um delles um portuguez e outro um africano, ignora-se com que fins.

—Ao mesmo para que se digne dar as providencias sobre uma caza ao Porto do Bomfim, pertencente á Exm. Sra. D. Josepha Maria Leite, na qual me informam que ha um quarto com uma sepultura no centro, sem duvida ignorando-se sua dona, que ha muito alli não vae, tendo-a entregado a um administrador.

O feliz resultado de tal deligencia não se fará sperar, á vista da reconhecida capacidade e energia de S. S.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna para que providencie contra um botequim no beco do Araçá, ao Castanheda, no qual reunem-se innumeros capadocios que acabam sempre a *sessão* por desordens e pancadas.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

A neta do barateiro pedindo licença para se estabelecer entre as damas do Taboão.—Junte certidão de que tem a competente edade para emancipar-se.

—Capitão, chegaram as *charidades* e o mundo vae bem.

—Melhor ia elle, quando só uma havia, e sem fazer viagem.

—Fallo figurado; chegaram os taes *anjos do mundo* e o hospital vae mudar de face.

—Ja o era da charidade; que ficará sendo?

—Das irmãs de charidade que sendo anjos vieram-no reduzir á um inferno, não digo bem, a um purgatorio, uma

especie de limbo, ou cousa que o valha, um logar de quem spera.

—Explique-se.

—As mulheres são infermeiras, mas são francezas. Os homens são infermeiros, e são brasileiros; mas nós estamos no Brasil.

Tirar o pão da boca dos brasileiros para dal-o a quem não tem fome é duro, mas não ha remedio si não accommodar os anjos.

Diabo na grade.

Aqui muito baixinho, capitão, de maneira que ninguem nos ouça, o que consta é o seguinte:

Que fizeram um conselho;

Que deram conselho a todos que queriam dinheiro;

Que por ultimo lhe disseram:

« A França caminha na vanguarda dos povos, hastea o pendão do progresso.

« Viva por tanto o francezismo.

« Vós sois brasileiros. tendes filhos, tendes mulher, mais sois carranças, não pertenceis à Gallia, ide vos!

« Não falleis porém.

« Vagando um emprego, o logar é vosso. Criar-se-hão outros para os que não entrarem na primeira partilha. E sendo impossivel satisfazer a todos, empenharemos nossos esforços, sereis empregados.

« E então que felicidade!

« D'infermeiros podereis chegar a infermeiros, sim a infermeiros, talvez a medicos do paço!

« As portas do futuro vos estão abertas! »

—E acham pouco?

Já que não tinham *charidade*, que se arranjem com a *sperança!*

—Capitão, eu achava bom que queimassem o retrato do João de Mattos e depozem alli o do Figueredo Leite.

—Pateta!

A epocha é do progresso, o progresso, vem da França, o que não é da França não presta.

Come lá o quinau.

O que se devia fazer era, depois de queimar-se o João de Mattos, collocar-se o retrato do padre Etienne ou o do padre Lamant.

—Justamente capitão.

Bateu as mãos a bollos.

E viva a patria, que quem se mata morre rica.

—Capitão, a camara morre irremissivelmente.

—Porque?

—Porque o medico já não existe.

—Como assim?

—Vendem-se no curral bois podres.

Um foi comprado, dizem, por 10$ rs. e no domingo, ao abrir-se o açougue em Santa Barbara, n.º 38 *A*, em vez de carne encontrou-se carniça!

E como o fiscal não é da raça urubú, mandou dar que comer aos peixes.

—E por isto conclue Vm. que o Dr. já não existe!

O moço anda atrapalhado com a qualificação.

—Mas a camara?

Ouça isto:

Os bois mortos são interrados....

—Na barriga dos homens vivos.

—. ... no Retiro; mas quando ha funeral, a gente do Caboulla, Saboeiro e immediações passa *vida folgada e milagrosa*; come *carne fresca* tres dias e mais.

—Isto é certo?

—E' o que dizem; o administrador não recebe a *guia*, não pode pois o defunto ser interrado. Ha então um *irmão da charidade* que reúne os *devotos* nas margens do Camorogipe e livra o infeliz boisinho das negras garras dos negros corvos.

—E' dar parte a camara e deixar-me os ouvidos.

—Capitão, eu não sei qual será o fim que terá essa *droga*!

—Que droga, senhor?

—Pois, capitão, a imprensa brada, brada, brada e as authoridades largam a rir, chicanando com as gazetas, enchendo a boca de paschins, e cuidando do venha-à-nós!

Isto tem termo?!

Isto não é provocar o povo?!

—Mas a que se refere, moço?

—A tudo, a tudo, capitão!

A parede do gazometro victimou a quatorze pessoas, e entretanto uma outra está rachada em dous logares, e a companhia não dá cavaco, e a camara não se move; mas a imprensa está alerta, e brada, e os peiores surdos são os que não querem ouvir!

Um muro da mesma companhia está a

cahir; a imprensa avisou, mas não vale a pena!

Innumeras casas estão a desabar com o rigoroso inverno que as afaga pelas innumeras rachas que tem; a imprensa avisa, mas o brado se não ouve, á *gazetinhas* se não dá importancia, ninguem acredita em *paschins!*

Ultimamente está um muro a cahir em S. José; só algum descuidado ou ignorante por alli passa; mas quem lhe mora em frente está exposto ao perigo; a imprensa já fez o seu dever, e nada.

Em quanto não ficar na ratoeira preso algum infeliz, o muro não virá abaixo.

—Que duvida! si cahir!....

—E a policia, capitão!

Os guardas não sei o que são; fazem timbre em dar pancadas, em commetter arbitrariedades, em praticar absurdos.

E sempre a dizerem que a ordem que tem é não levarem desaforo para o quartel!

E fiados nisso, espancam a todo mundo, a imprensa brada, a authoridade está surda, o commandante nem ao menos se justifica da calumnia dos guardas!

Isto tem termo?!

Qual será o fim a que nos levarão tantos abusos, tanto deleixo, tanto indifferentismo pelo povo?!

Hoje uma mulher grita que um homem lhe furtou um objecto qualquer, vem a patrulha, prende o individuo, sem nada ter visto ou encontrado e contra a opinião de todos que se acham presentes, que foram tambem já maltratados e a mulher ufana fica a gritar:

«—Não te dizia eu que havias de ir preso hoje? »

Amanhan é um inspector que vae á tombos, pontapés e pranchadas.

Depois é um bebado que vem, desde o caes de S. João, preso pelo commandante do destacamento dalli, até chegar á Correcção, a levar sopapos e pedir misericordia, a levar pranchadas e invocar o imperador!

—Deste não tinha eu conhecimento.....

—Foi no sobbado, 4 do corrente; o povo horrorisava-se, mas....

—O povo tão facilmente horrorisa-se como familiarisa-se.

—E' por isso que as authoridades não cumprem com seus deveres; é por isso que vivem a chicanar com elle.

Depois.....

—Ainda?!

—E sempre.... depois é um guarda que sahe armado, que atterra a todos, que é preso n'um destacamento dos seus, que foge, que accommette a quem encontra, que vae neste divertimento da cidade baixa a S. Pedro, que espalha os transeuntes, que nem ao SS. Viatico respeita.

E viva a patria!

E além da policia ser na maior parte composta de gente dessa laia, espadachins e malandros, que quando de farda julgam-se elevados á cupula social, para viugarem crimes e erros, que, por si, julgam ter os outros; além disso, digo, as authoridades dormem e dormem tão profundo somno que não è capaz de despertal-as o mais estridente e energico brado da imprensa, nem ainda o ribombo do trovão!

—Engano, amigo! hão de despertar ao simples estrugir da colera do leão.

Não ouvem o alerta, ouvirão o rebate.

—Capitão, V. Ex. tem inimigos, podem aproveitar a occasião e dizer que V. Ex. é conspirador.

—Cà, cà, cà!

Agora riu-me eu.

—E eu, novo Jeremias, choro sobre as miserias e ruinas desta nova Jerusalém!

—Capitão, V. Ex. esteve ás voltas com o padre Amaro e não sabe que o homem é feiticeiro?

—Porque diz isto?

—Si o homem sabe do que ha de succeder!

Si advinha!

—Inspiração do Spirito Santo! Padre de *boa vida*, deu-lhe Deus a presciencia.

—E' propheta, sem duvida! Pois dizem os meninos da Candinha que não passa de um dos apostolos do Granada, que é nada menos do que aspirante a *ogam*.

—Não tem duvida que Vm, Sr. immediato, está com raiva do homem.

—Eu detesto em geral todos os hypocritas!

Pois ha de estar o tal padreco a massar o publico com a sua muita moralidade, e a martyrisar um homem, que, si tem defeitos, tem tambem feitos, pelos quaes se lhe deve relevar aquelles!

E depois a tal vestal da imprensa a querer impingir a peta de que respondeu antes da pergunta, quando no principio da resposta diz elle que veiu outra vez á carga porque lhe deram mais carga!....

Aquillo é um padre excommungado, capitão! não respeita nem ao arcebispo! nem a *mitra do papa*, capitão! È um *rebelde!*

—Sr. Lima Barbosa, temos conversado; vire folha.

—Guarda-marinha!

—Prompto.

—Já que o fiscal não deu cavaco com a intimação que recebeu para providenciar sobre a tenda de ferreiro á S. Francisco de Paula, leve este officio á camara, e intenda-se depois com o fiscal para perguntar-lhe a razão de seu procedimento, *apezar de vir o exemplo de cima.*

Conforme a resposta, traga-o Vm. á minha presença, para dar-lhe o destino que merece.

—Sim Sr., meu capitão!

—Que moço é aquelle, ruivo ou louro, que vae de cavallo pelo passeio? E' doutor.

—Não vejo bem.

—Como ginetêa! como dansa o bixo!

—Será alguma figura de arlequim?

Será algum *piaõ?*

—Nesta Calçada vê-se cousas!

LA VAE VERSO.

—Como é que tem tão vermelha
A ponta de seu nariz?
Receia passar por bebado
E *amarellinho* se diz?

—Não, xinhori; com a gordura
Das carnes que aqui eu bendo
Engordei; ella amarella,
Amarello fiquei sendo.

O nariz ficar *burmelho*
E' ovra de S. Martinho.
—Gallego, bebes cayaça
E vens criminar ao vinho?.

—Como quiger, meu amigo;
O xinhori como se chama?
—Gallego, o *cabello louro?*.
—*Ai que o hom'é do Alavama.*

A PEDIDO.

Gratifica-se com uma dentadura a quem der noticia certa da egreja em que se cazou uma actriz de *Santa Izabel*; pois se faz preciza uma certidão para desmascaro de uma farça intitulada—*manè capio*—

A ama das crianças.

Pede-se a certo camello,—cuja familia se resume n'uma negra, n'um carneiro e n'um cão,—que se deixe de beijocas e abraços n'um açougue, sob pena de mandar-se-lhe fazer uma visita pelo muxingueiro do *Alabama*, com licença do capitão.

O Camillo.

Pede-se a certo sargento que n'uma destas noites assentou-se n'uma *empada de beira-muro* a favor de não incommodar as familias da rua dos Marchantes com desfructes, impedindo-as de chegar ás janellas, e até de abril as!

O *Pezinho.*

Pede-se a certo yoyo bonito que se mette n'uma padaria de Braga, para *biscoitar* certas visinhas graciosas de *barro*, o favor de nao tornar, pois do contrario seu nomo será com todo garbo aqui estendido.

O *Magalhães.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.ª

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 9 DE JUNHO DE 1864. N.º 71

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de junho de 1864.

Officio ao Exm. presidente da provincia, pedindo-lhe providencias, sobre o facto, que nos informam, de não haver pagamento no arsenal de marinha, sinão oito dias depois do tempo que, ao menos, parece o justo para occasião do pagamento, o dia primeiro do mez.

—Ao Exm. Sr. conselheiro director dos estudos, partecipando-lhe que nos Perdões ha uma casa d'educação para ambos os sexos, como melhor diz um distico que na porta da mesma existe.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado, louvando a S. S. pelo zelo e promptidão com que se houve providenciando sobre o facto que apontamos, de existir uma sepultura em casa da Exm. Sra. D. Josepha Maria Leite ao Porto do Bomfim, e dizendo-lhe que uma vez que ha alguma probabilidade de se haver alli commettido um crime, não só pelos indicios encontrados, como pela pertinacia que havia em não se abrir o quarto onde encontrou-se a sepultura e vestigios de sangue, cumpre que S. S. empregue sua reconhecida intelligencia e energia, afim de que não fique involto nas sombras o que quer seja que alli houve.

Portaria aos apontadores do arsenal de marinha para que não continúem a fazer chamada pelos primeiros nomes, sem esperar pelos *cinco* minutos, afim de não ficarem a *olhar o signal* innumeros operarios que se demoram um e dous minutos, e que acham trancado o medonho portão. Cumpram.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Carmo, sobrado em que moram certas *nimphas* e intime-lhes que não continuem a offender a visinhança, ainda na occasião de passar o SS. Sacramento sob pena de serem mandadas para a rua que compete á *certa gente*. O que cumpra.

—Capitão, borrei a historia; o tal *cujo* que me den os apontamentos, engoliu muita cousa boa.

Encontro agora um outro contemporaneo do bemaventurado Calombreiro, que me forneceu materia vasta.

—Como ainda não chegou o tempo da festa, tire a viola do saco e faça os reparos precisos, isto é toque alguma cousinha boa.

—*In principio erat verbum*, lá vae obra:

Quando contrahiu o santo seu consorcio,

scismou com a mulher e quiz mandal-o para casa do sogro no dia seguinte.

A rasão de um tal proceder, que à primeira vista dá logar a innumeros commentarios, foi a seguinte:

Crescite et multiplicamini são palavras do Creador. O homem casado não podia cumprir a lei divina, quando se queria elle tornar um patriarcha; quiz desfazer por tanto o casamento.

O Spirito Santo inspirou-o: apezar de casados, Abraham, Jacob e outros tiveram amazias; o adulterio se não dá; pois com um mal evita elle um mal maior—a falta da procreação que dará logar ao não cumprimento da promessa do Senhor que diz que os homens multiplicar-se-hão como os grãos de areia.

E Deus disse:—Passarão o sol e a lua, mas não passarão as minhas palavras.

—O Sr. hoje está todo biblico.

—Si a historia é d'um santo!....

Como ia dizendo, o santo tratou de satisfazer o preceito, e ás largas.

E principiou como S. Matheus, pelos de casa; fez sociedade com seu charo irmão, que depois falleceu, deixando-o por testamenteiro, e por herdeiros a seus paes.

Calombreiro tinha então sete contos de reis, e seu irmão deixava cincoenta e tantos.

Segundo o Evangelho, já o irmão era presa das chammas do inferno, tinha fallecido rico; não era pois possivel que um bom filho consentisse que tivessem seus paes as mesmas penas.

A' conselho d'um irmão que era do mesmo parecer, o *Juquim*, Calombreiro deixa a *arvore das patacas* e vae ao patrio berço.

Beija as mãos aos paes; mostra-lhes o testamento e um balancete de dividas de que era credor seu fallecido irmão; reduz a herança dos velhos a nada e conclúe, dizendo que a comprava, com a condição de dar-lhes, durante a vida, pelo menos broa de milho.

E tem rasão; os paes estão com os pés na cova, é chegada a hora do arrependimento, é necessaria a penitencia.

Mais vale tarde do que nunca.

Os velhinhos annuem, principalmente estando certos de que algum *cabrito magro* que ficar servirá para os netinhos, filhos da concubina do Pelourinho, que—*casou-se* com dous amaroleticos manos, assim como se casara Jacob com duas irmans.

E Calombreiro dá a Deus gracas; estão salvos seus paes das garras do diabo.

E Juquim fica vencido; alcançou seu charo mano o que não poude elle conseguir quando trouxe para os naturalistas da *arvore das patacas* enorme porção de borboletas e canarios.

E Calombreiro, sem duvida por amor ás borboletas dos queijos, ou talvez por emulação, trouxe tambem borboletas; e por serem estas de diversas cores, trouxe por imitação canarios de todas as cores e procedencias: d'Allemanha, França e crusados, isto é pardos, remigios, cabras, etc, etc.; mas em vez de despachal-os legalmente, intendeu que o dinheiro que devia pagar para as sanguesugas dos cofres publicos seria mui bem applicado em obras de charidade, ou ao menos em educar a mocidade.

E como a epocha era do *eu*, principiou o homem a justiça por casa: metteu por contrabando a gaiolla dos *bixinhos* em casa, e tratou de educar os filhos.

O homem, chegado a Deus, morava então junto á uma *cruz* e entregou-se de corpo e alma á S. *Paschoal*, santo de sua devoção.

Menino è o diabo, e Calombreiro não o ignora.

Recommenda á sua santa Eva que não consinta os meninos irem à loja da casa, para não bolirem com o cofre, isto é com a gaiola, que mandou chapear de grosso ferro.

E diz-lhe mais: Não consinta que se entorne agua no soalho que não é calafetado para não cahir no cofre, diabo!... na gaiola, pois pode transformar a cor dos canarinhos, que estão tão bellos, e que não quero que entrem na muda, antes que os transporte para vendel-os sortidos com os do Brasil, engano! com os da terra.

—Mas o Sr. não presta sentido ao que está dizendo; troca-me tanto as palavras!

—São tantas as cousas!

E depois troco sempre gaiola por cofre

porque o que pode ser vendido dinheiro é; tanto assim, que, apezar da recommendação tendo um dos meninos entornado agua, a mãe disse-lhe que não prejudicasse o dinheiro de seu pae, ou o que quer que era que alli havia.

Mas continuando, graças ao Infinito Ser, borboletas e canarios foram vendidos. A gaiola foi atirada ao quintal, exposta ao sereno, ao sol e a chuva.

(*Continúa.*)

—Capitão o *Interesse* diz que nesta Latronopolis ha mysterios tenebrosos, e eu digo que ha insondaveis, impenetraveis.

—Então o que ha, novas scenas de 25 de janeiro?

—Não capitão, cousa differente.

Escute:

Vinha eu uma noite do mez passado por S. Pedro, a rua estava em trevas. Do lado opposto vinha um vulto, o qual chegando defronte de um certo sobrado parou, e assoviou duas vezes. Depois de pouca demora, abriu-se uma janella da casa. O vulto approximou-se e trepou.

—Trepou por onde, homem?

—Por uma escada de corda, que de cima tinham deitado.

O que iria fazer aquelle homem, a taes horas, n'uma casa, onde entrava por similhante maneira?

—Talvez alguma entrevista amorosa.

—Tambem podia ser um roubo, um assassinato.

E a patrulha, capitão, parada entre o beco de Maria Paz e rua Nova de S Bento, era impassivel áquella scena que se passava bem perto dalli.

—Talvez não enchergasse, pela escuridão da noute.

—Pode ser, mas não creio, capitão.

—E conheceu o vulto?

—Pareceu-me....., mas não tenho certeza.

—E a patrulha?

—A essa conheci, por que um dos guardas vi-o patrulhando no dia 28 de maio na freguezia da *Sé*.

—Vou officiar ao commandante de policia. E quanto ao sujeito, mandarei o *Corôné* todas as noites para a rua de S. Pedro a fim de conhecel-o.

—*Totonho*, chega a falla.

Não ouves, *Antoninho*?!

—Prompto, capitão.

—E's mesmo uma cara de feiticeiro de cor; tão galhardo, tão gentil, tão *mignon*; e tão perfido tão devasso, tão safado!

Ouve lá, russo pombo! Quem é formado no mercado é quem entre as prostitutas foi criado, quem entre os moleques foi educado, quem achou uma inesperada fortuna e vive agora de continuo a arrotar grandezas, sempre de cavallo, a levantar areia, sem agradecer ao *protector*, pois que immensas cazas sustenta pela rua.

Si alguem é *quebrado*, nem todos podem ser o *inteiro* que vive a provocar o pudor das familias, sempre com as mãos a puxar o guindaste que lhe sustem a *quebrada* balança.

Nem todos podem ser o *millionario* traficante de farinha podre e bolaxa mata fome.

Nem todos podem ser herdeiros de moedeiros falsos.

E si alguem borra nas calças é sem duvida o miseravel que se vae metter entre as paredes do forno, com receio de ser mandado á cadeia pagar a tratada que fez.

Si alguem negocia em rez manca é sem duvida superior ao LADRÃO que empregado n'uma companhia roubava-lhe o cobre todos os dias, encaixotava e remettia-o para a cidade, para o engenho do Cobre ou Mont-Serrat.

Si alguem é experto, é sem duvida o maganão que se mette em todas as irmandades para ser o thesoureiro e usufruir o lucro dos leilões.

Experto é o meninorio que de tudo e em tudo tira lucro, seja por que meios for.

E é villão o infame que querendo vingar-se d'um moleque, o obriga a morrer na forca!

E é infame o pelintra audacioso que insulta e maltrata a mulher que lhe trouxe dinheiro para il-o esbonjar com concubinas!

E é pelintra quem nas torres das egrejas tinha amisade com os sachristães!

E é um miseravel sem qualificação algu-

ma o biltre que se reune com a mais rafada. . . . nojenta cousa a que tem odio e consagra desprezo até a rua do Rosario, que si tivesse boca gritava!

E é um miseravel biltre um ente que nenhuma consideração pode merecer, o irmão que renega o irmão, que o injuria em publico, que o atassalha vilmente, que o enxovalha com dicterios e infamias, que lhe vae até depositar trampa na porta!

Ouviste, *Totonho*?!

Agora espera pelo resto.

Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Cem vergalhadas na cara deste safado com o mesmo chicote com que dá elle no companheiro certo, o amavel cavallinho de gosto!

—Capitão, por quem é!...

—Esporas precisas tu, mas quem vae montar-se n'uma besta tão ordinaria?!

Muxingueiro mãos á obra!

—Ai meu Deus,!

—Pede antes a teu *protector* Zé Candomblé para invocar o seu *santo vudum*.

LA VAE VERSO.

ENIGMA.

As iniciaes do nome
São um J, um C, um M.
O J diz qu'elle é cazuza
Segundo a gente que lê.

O C dizem ser um *olho*
Por onde inda não se viu.
O M dizem ser *ramella*
Que do tal olho cahiu.

Advinhem agora
(E' tão bonitinho!)
O enigma que fez
Um *amarellinho*.

Quem o advinhar
Terá um tostão,
Um *cabello louro*,
Mais um garrafão.

De *carne secca* o *cabello*,
De caxaça o garrafão,
Por graça d'*Amarellinho*
Que tem *vermelho* o carão.

A PEDIDO.

Desejava saber quanto tem rendido o cofre collocado na capella de Nossa Senhora das Candeias na Pitanga, desde 1822, e que destino tem tido o dinheiro.

Um curioso.

Pede se a certo Napoleão de Cobre, insolente, que tanto maltrata ás pessoas que tem necessidade de lidar com tal pezeta, o *obsequio* de ir estudar civilidade; attenda o conselho que lhe dá

A alma do Vianna.

Ao Illm. Sr. Commandante de Policia.

O Sr. Manoel José dos Santos tomou-me um relogio de prata galvanisado com infeites para ir a um baile na Cruz do Cosme, para entregar-m'o quando voltasse, isto a 27 de dezembro de 1863, o que não fez.

Queixando-me ao juiz de paz de Santo Antonio, combinou elle em pagar-me de 15 em 15 dias a quantia de 5$ rs. até completar vinte, perdendo eu os infeites.

Só pagou-me 7$ rs. e ao pedir lhe o resto, diz que nada me deve, que lhe pegue no rasto, e foi assentar praça na policia.

Peço pois a V. S. que o mande chamar á sua presença para providenciar a respeito.

Faustino Nicoláu Alves.

ANNUNCIO.

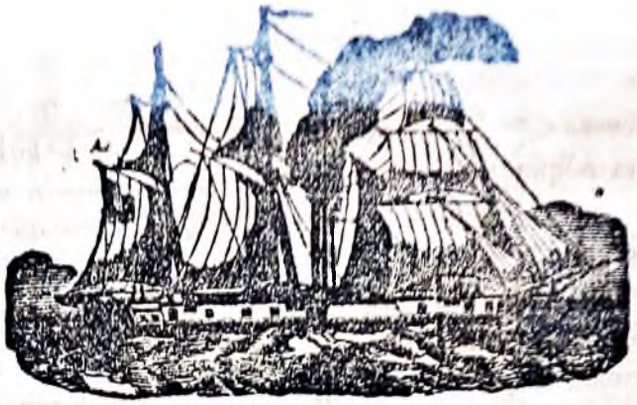
As Bahianas.

NOVA MODINHA.

Poesia do Sr. Tito Livio (author do Gigante de Pedra) e musica de José de Souza Aragão.

Assigna-se nás livrarias do Sr. Catilina, Viuva Lemos, Francisco Queirolo e na cidade alta na casa do Sr. Balduino dos Santos e Oliveira e Typ. do *Diario*.

TYP. DE MARQUES, ARISTI DESE C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 11 DE JUNHO DE 1864. N.º 72

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1o de junho de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado do Pilar para que dê providencias afim de se não repetirem factos, como o que ultimamente se deu no hotel *Triumpho da Inveja*, os quaes podem ter funestissimos resultados.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme. Dirija-se Vm. á cosinha do hotel *Figueredo* e lá veja si pode comprehender o novo systema de jogar bilhar à limão, pois que os moradores da ladeira da Gameleira queixam-se de que as carambollas são feitas de tal modo, que chegam a incommodar a visinhança, quando descuidada se acha na janella de suas cazas, entrando muitas vezes até o interior das mesmas. O que cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Buxa de cincoenta, pedindo permissão para subtrahir botoensinhos de ouro quando tiver de fazer sequestro em caza de viuvas.—Tendo já o supplicante posto em pratica, *com sua gente*, seus bons feitos, indeferido até que fique indemnisada a viuva Fitel.

—Venha cá, meu Padre Amaro, não se espiche! Escreva com menos fogo para não errar.

—Que foi?

—V. Revm. fallando de processos, M. Barretto e falta de prova, fallou em J. Victor, quando devera fallar em Tosta!

—Elles la que se arranjem, capitão!

—Maganão! Não ha melhor juiz que a consciencia!

—Capitão, ha fome?

—Não consta.

—Então a lavoura vae em progresso!

—Qual o motivo de sua observação?

—Pois os africanos livres ja não estão abrindo covas de mandioca no Terreiro?!

—Ora bem bello!

Aquillo é a camara que está calçando as ruas!

—E nada de illuminação! O eclypse agora é parcial.

—Si o machinismo está desarranjado!

—Desarranjada anda a cabeça da companhia e dos seus empregados!

—Quer Vm. dizer que si a illuminação fosse pela manhã....

—Sim, sim... depois da janta é o diabo...

—Cosinheiro, toma sentido, João *Candelal* está ahi.

—Qui é esse memo?

—E' que agora é costume prender-se qualquer pessoa, quando se suspeita ser escrava d'um devedor, ainda que não o seja.

—Ou! qui é esse?

—Uma pobre criola, ha vinte um dias, está engambellada na correição pelo motivo indicado.

—Que dize, capitão? Que *canibá* é esse memo?

—Canibal não, *Candeial*, rapaz.

—Capitão, manda guarda-marinha pega ni ere.

—Que duvida!

Guarda-marinha, va já e já em busca do tal cujo, que quero dar-lhe o castigo que merece por não cumprir a constituição e o codigo, tendo presa, ha tres semanas, uma infeliz mulher, POR SUA VONTADE!.

—Vou ja, capitão: mas as auto ldades nada tem com isto?

—Faça o que lhe mando; um juiz despachou e o Candejal ainda se não dignou dizer si acceitava o depositario que é muito idoneo, o Rios.

—Os depositos publicos de lixo eram nos becos, agora é nas praças.

—Quem lhe disse?

—Vi-o eu; hoje quem tem seu entulho manda-o deitar no Terreiro ou na Praça Palacio.

Sem duvida é ordem da camara.

—E' ordem da camara, sim, mas é para calçar as ruas.

—Ah! está se rehabilitando!

—Ja é o segundo que me vem com despropositos.

—Tem visto os bellos artigos da *Actualidade* que o *Jornal* tem transcripto?

—Sublimes! E entretanto o *Interesse Publico* que fez tanto barulho a principio, está na moita, só procurando *mysterios e trevas*!

—Ha dias que o procuro para dar-lhe uma noticia.

—Que ha?

—Os conegos intendem que não deve mais haver missa nos domingos e dias santos; na Cathedral rara é a vez que ha.

Ainda no domingo fiquei eu e muita gente boa a olhar o signal.

—E depois andam fallando em propaganda heretica, em Gallart, em protestantes e no diabo que os ature!

—E *venha á nós o* pecunia populi!

LA VAE VERSO.

Piqueta.

Gentes vossês ja viram
Um certo padre à cavallo,
Que em vez de levar *chicote*
Leva na mão um badalo?!

Elle tem chapéu de couro
Que trouxe lá do sertão;
Sobrecazaca de solla
Uma guiada na mão.

—Então o padre é vaqueiro
Porque traz tambem surrão;
Dentro d'elle traz a cuia
E sobre *elle* um ferrão!

Bravos, dendê canjica,
Tome cajú meu vigario;
Vá pregar os seus sermões
Aos pretinhos do Rosario.

Não falle do *Alabama*,
Meu abutre coroado;
Vá pegar suas ovelhas
Na rua d'algum *passado*.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 10 DE JUNHO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

Estabelecimento de credito.

Venerando Tribunal.—Esse estabelecimento que depois das *aposentadorias* forçadas havia se apoderado de um terror panico e suspendido as transacções, parece que o vae perdendo e vae lentamente effectuando pequenas transacções em *acções ignobeis*.

—

REVISTA SEMANAL.

O mercado está supprido de generos alimenticios.

Entrou no brigue *Carvalho Feio* 200 bois mongos para consumo da cidade. Desembarcaram nas praias do *Curral do Conselho*.

Em contrabando tem se feito alguma cousa.

Em falsificações as transacções de maior vulto que constam são as feitas no vinho.

Compraram-se dous lotes de *consciencia* para a questão Pinto dos Mares.

Foi posta em leilão, terça feira, na praça do Forum uma partida de *scenas burlescas* que inda não foi vendida.

—

Corrupção.—Abriu-se uma agencia de compra e venda deste genero na rua das Misericordias, 4.

Crueldades. — O brigue aluado *Cirne* trouxe uma partida, cujos preços não foram cotados, por ser comprada sobre agua para dote da orphã Genuviges, moradora ao *largo do Seraphico Padre* n. 15.

Desordens.—O mercado está supridissimo. As existencias são numerosas. De todas as procedencias chegam carregamentos. Os fornecedores não desanimão apezar do baixo preço porque são cotadas.

Falla-se que perdeu-se no baixio da *Impunidade* a barca *Repressão* que trazia uma carga deste geneco.

Insolencias.—O deposito das *Carnes Seccas* está supprido.

Chegou no brigue *Amarellinho* um carregamento consignado aos Srs. José da Cunha e C.

Motins.—Sabbado á noite será vendida uma partida no *declive* dos Gatos, chegada na faluia *Aborrecida*.

Sinistros.—Tem abundado estes dias no mercado.

—

EXPORTAÇÃO.

GENEROS DESPACHADOS.

Cidade dos Agiotas, barca *Cabaça n'Agoa*, José Malaquias Rei, 6 colheres de chá e 1 concha de assucar de prata, 2 pares de botão de punho de ouro com 4 oitavas cada um, pertencentes a infeliz Maria Joaquina da Cunha e usurpados á pretexto de uma divida de 6$ rs., 1:500$ subtrahidos a mesma por intermedio de F. Bastos.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Brigue dengoso *Celestino*, vindo de Concupiscentopolis, cap. Matta Queiroz.

1 volume *palanfrorios*, 1 maço *asneiras*, 1 pacote *discursos aquaticos recitados na inauguração de um collegio*, 1 barrica *rolhas e batoques*, 1 tenor forçado.

—

Leilão mercantil.

Segunda feira serão vendidos em hasta publica por quem mais der, na loja de miudezas ao Coberto *Maior* dous famosos jumentos chegados ultimamente no patacho *Caldas* do Primo, ambos bastante orelhudos, e de boa casta, não servindo um para tirar raça, sendo o outro optimo para o serviço de carga e carroça, no que foi experimentado desde o Hospicio de Jerusalém até a Gambôa.

—

Annuncio commercial.

PERVERSIDADES E TYRANNIA.

Vende-se onde se faz *cruzes* n. 15.

PARTE MARITIMA

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA.

Cidade das *Araras*—gal. *Moça das Figuras*, de *duas mil* ts., cap. *Balão*, carga fazendas de armador, caixões de defunto, cadeiras para anjinho; passags. Joaquim Pereira, Evaristo das *Figuras*, *Anninha de tal*, varios officiaes d'armada e do exercito e alguns cadetes.

SAHIDAS DO DIA.

Rio de Janeiro, barca *Deiró*, passageiros, um doutor, o crioulinho Rozendo de Santa Rosa de Lima, filho da crioula Maria Luiza da Purificação.

(N. B — Este ultimo passageiro sendo livre foi despachado como escravo por *engano*.

Oliveira, brigue *Naufragada*. cap. Manuel Joaquim, carga 40 capoeiras de *pintos*, 80 caixas de botões de brilhantes, 900 fardos hypocrisia, 1000 barricas *certa manteiga* e 125 latas camphora para fomentar moleques quando dormem; passageiros uma negrinha para conversar no balcão, sem respeitar os outros freguezes; o padre Bissone e certa sujeita furtada em um sermão de Quaresma, e um filho menor.

—

Annuncio maritimo

O vapor *Cabello louro*, deverá chegar á este porto, segunda feira da ilha da *Qui-*

tandinha, e depois da demora do costume seguirá para a cidade dos *Tratantes*.

Para fretes e cargas trata-se com os agentes J. da Cunha e C. no deposito das *Carnes Seccas*.

A PEDIDO.

Mofina.

Estão para cahir:

O *muro das freiras*;

O muro do quartel em Santo Antonio da Mouraria;

Um muro, á ladeira da Mizericordia, fronteiro aos ferreiros;

Um muro, em S. José, fronteiro ao capitão Lazaro Jambeiro;

O *muro do gaz*;

A parede do lado mar do gazometro;

Um sobrado, em S. José;

Um sobrado ao portão da Piedade.

Fóra os outros.

Quem será o responsavel pelos damnos que houver?

O boi de carga—

O povo.

Attenção.

Quem pegar um inspector de quarteirão que anda pela cidade baixa a *metter o nariz em tudo*, receberá em paga umas gaiolas de passarinhos que o mesmo tem n'um corpo de guarda, sem duvida por não ter até hoje encontrado caza para alugar, rasão porque vive elle a dormir onde anoutece, segundo as lecções de seu mestre urubú.

Pede-se a certo negociante brasileiro o favor de não maltratar ás pessoas que lhe servem, afim de não pagar-lhes o que deve, insultando-as com os apellidos de tollo e bobo, pois que muita gente pobre tem mais brio e pudor do que certos figurões de borra.

Demais sabe S. S. que o appellido assenta melhor em quem tem no nome dous T T, e na testa nem sei o que..... *chapéu armado* por exemplo

O homem, apezar de pobre, não deve, nem pode estar disposto a ouvir pachochadas de ricassos quebrados, que nem dinheiro tem para pagar o jornal a quem trabalha.

O Cornel.

ACROSTICOS.

Rocinha, olhe sua vida,
Isto é feio, iá Milú,
Levar só com seu compadre
Unida, a querer *bambú*.....

—

A querer bambú p'ra os outros,
Não se lembrando de si!
Olha besta que montavam
Os moleques por alli!

Naquella bemdita rua
Qual cousa ninguem viu:
Chonchô *Tontonho* com a moça
Honra a *certa boa coça*!
O que fez? Ella pariu!

A. J. Simões.

Sr. Capitão do *Alabama*.—Ia outro dia entrar no Forum e levava um charuto acceso. Mal tinha posto o pé na porta quando gritou-me do patarnamal um official de justiça..

—Quem fuma, não entra.

Respeitador das ordens atirei fora o charuto e entrei.

Hontem passei por alli, e vi n'uma janélla um escravo do Sr. Antonio Carneiro garboso fumando um charuto, e ao pé delle o tal official de justiça.

Será porque aquelle negro é escravo de um homem do Forum?

Responda o

Rufino.

ANNUNCIOS.

TRIFINA OU OS BELLOS DIAS EM SERGIPE.

ROMANCE VERDADEIRO.

Assigna-se n'esta typographia e no escriptorio do *Sancho-Pança* a rua da Lapa n.° 42. Preço da assignatura 500 rs.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª BAHIA 14 DE JUNHO DE 1864. N.º 73

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17
4$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

Principia hoje a oitava serie deste periodico.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de junho de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, perguntando-lhe que providencias deu sobre o caso do frade da Cachoeira, e dizendo-lhe que a um facto de tanta gravidade se não deve applicar o *laissez faire, laissez parler.*

—Ao Sr. subdelegado do Pilar, para que lance suas vistas sobre uns crioulos marceneiros que moram e trabalham na ladeira do Caminho Novo do Taboão, afim de que elles não continuem em suas orgias nocturnas, perturbando o silencio publico com depravados sambas e palavras offensivas à moral publica.

Portaria ao guarda-marin' a pedestre Guilherme, ordenando-lhe que reuna uma sucia de moleques e vá dando cabo dos cães que encontrar, ja que a policia deixou-se disso e a camara é a primeira a tirar sua força moral, deixando de fazer effectiva uma *sua postura*. Cumpra.

(Continuação do numero 71).

Os paes de Calombreiro morreram ..... dous justos na mansão celestial!

Si morreram pobres! .... Graças aos disvellos, à dedicação de seu filho.

E as amazias lucraram; tambem no deserto promettia um anjo a Agar que ficaria bem com a senhora; ellas tiveram seus dotes, *herdaram* por que tinham filhos.

E o santo homem levava-lhes tambem, todos os annos pelo 2 de Julho e sexta feira Santa, um reverendo caixão de doce d'aracá pesando 2 libras, que lhe vinha d'um outro *Santo*, o *Amaro*.

È que um dia bom mette-se em caza. Jesus, depois de jejuar quarenta dias, foi às bodas de Chanaan e festejou a Paschoa.

—Não lhes levava algum queijo tambem?

—Nada d'isto, capitão, podia ser algum casulo de borboletas e julgarem as mulheres ser feitiço, promovido pelo Juquim, que gostava muito de santos de candomblé e feiticarias.

E sendo, não podia servir o queijo para regalo; mettia medo, inspirava desconfianças, entornava-se o caldo, estava desfeito o prazer.

Calombreiro, além do mais, era previdente.

—Era propheta; devassava os arcanos do futuro..... Alma bemdita!

(Continúa).

Simplicidade pastoral.

—Cá, cá, cá!
Esta figura é do arcebispo?
—Que arcebispo, homem?
—De Latronopolis.

—Pois arcebispo nunca tocou corneta! E' exquisitice ingleza. Esta caricatura è extrahida do jornal inglez *Punch*, de 19 de março de 1859.

—Capitão, V. Ex. ja viu a nova casa do Gabriel?

—Não. Porque?

—Oh! capitão, que gosto, que architectura! É uma maravilha!

È uma casa destinada para alguma philarmonica; na frente ve-se um jardim de ultima moda, feito de restos de telha, á que o proprietario chama granito: o terraço é uma bella cama de gosto francez, feita pelas habeis mãos das intelligentes escravas do Sr. de Gouvea.

—Por escravas ou escravos?

—Por escravas, capitão, pois V.Ex. não sabe que ellas s[illegible] artes?

—Qual! isto é cassuada.

—Cassuada, não; passe V. Ex. por lá e veja si não encontra umas de colher a trabalhar de pedreiro, outras de escada e broxa caiando paredes &c.

Foi bom saber disto, porque em se abrindo a exposição peço uma medalha de barro para o tal Sr.; mesmo porque elle deve intender bem de engenharia....., foi mestre de latim....

—Venha cá Sr. *gravata*.

—Capitão, eu me chamo Gouvêa.

—Gouvêa? Sr. tratante, e como sempre o conheci por gravata?

—E' o meu apellido capitão.

—Mas, porque o Sr. *Gravata* está se oppondo a que o maluco do seu compadre, o major dos Pires, não tenha prestado contas da *deixa* áquella pobre viuva pela tia do seu amigo protector e lezado compadre!!!..

—Capitão, não sou eu quem se está oppondo a que a viuva entre na posse dos bens a ella legados, tanto que ella já está de posse do sobrado.

—Porém, porque não lhe dás o dinheiro relativo aos annos que teu amigo e compadre esteve usufruindo?

—Capitão, negocios de justiça.

—Não, velhaco, são negocios de ladrão, são demoras para poderes ir augmentando o roubo e na occasião de ajustares contas com o teu amigo e compadre não dar elle pelo accessorio, visto que já fazem mais de cinco annos que estás vendendo assucar de tres engenhos e recebendo alugueis das propriedades, e ainda não prestaste contas ao teu lezado compadre.

—Capitão é mentira.

—Assim dizem todos os velhacos e traantes.

Muxingueiro mette a cara deste safado na cloaca do navio.

—Santo Antonio é muito festejado!

—Bellos pagodes! Nem o contrario podia ser, estando o homem mettido em todas as vendas.

—È por isto sem duvida que o da Velha Barbara ficou no esquecimento. Este anno nem um galão ou pedaço de setim velho!

—E entretanto tira elle de esmolas quinhentos a seiscentos mil réis ou mais!

—Guarda marinha!

—Prompto, capitão.

— Vá já á ladeira do Carmo, procure um parente ou socio do Granada, intime-o para que não continue com um endiabrado *congà* que muito incommoda a visinhança, e que um destes dias bateram toda a noite, não deixando os moradores d'alli pregar olho, já que a policia não encherga, no centro da cidade, um *candomblé*!

—Capitão, eu acho melhor que se ajuntem os moradores da ladeira do Carmo, e deem uma queixa ao subdelegado, ou mesmo ao chefe de policia, para que providencie sobre o caso.

—Que lindo *bouquet*, charo escrivão! Vae leval-o sem duvida a Santo Antonio!

Quando o homem está na sua edade, só tem o pensamento em Deus.

—Não Sr.; é a esta senhora que tenho a honra de offerecel-o.

Exma.....

—Ora, Sr.! Pois si o Sr. ha de resar nas contas, anda namorando!.... e a uma senhora viuva!.....

Venha cà, meu velho; vá aquí por esta *costa* de S. *Pedro*, passe por *Santa Thereza*, vá as Indias a ver si encontra o querido S. *Xavier* e tome depois juizo no porão do *Alabama*.

Olhem que Braz-Mimoso!

LA VAE VERSO.

Gentes, vossês ja viram
Que galante novidade!
Que seculo de descobertas!
Que progressos, mocidade!
Uma cova n'um sobrado
E' p'ra formigas matar....
Si ja tem tangue as formigas,
Devem tambem se interrar!

Mofina.

Estão para cahir:

O *muro das freiras*;

O muro do quartel em Santo Antonio da Mouraria;

Um muro, á ladeira da Mizericordia, fronteiro aos ferreiros;

Um muro, em S. Josè, fronteiro ao capitão Lazaro Jambeiro;

O *muro do gaz*;

☞ A PAREDE DO GAZOMETRO!!

Um sobrado, em S. José;

Um sobrado ao portão da Piedade.

Fóra os outros.

Quem será o responsavel pelos damno que houver?

O boi de carga—

O povo.

A PEDIDO.

Attenção.

Da-se um premio vantajoso a quem descubrir um burro em forma de gente com os signaes seguintes:

Quando aportou á Maragogipe foi coberto de andrajos, como arreios; não trazia camisa, que é traste desusado na raça; tinha por cilha um collete a Napoleão.

Serviu d'escrevente n'um cartorio; boas escriptas havia fazer um burro! Mas, como passava por gente, o proprietario matou-lhe muitas vezes a fome e cobriu-lhe as carnes.

Morto este, insinuou-se no animo dos amigos do finado e fez-lhes acreditar que si lhe arranjassem o cartorio, casar-se-hia com uma das suas filhas, e serviria de arrimo á familia que estava sem recursos.

Assignou-se em certo tempo por *D. João*, e muito chá toma-

ram á sua costa, pois que lhe vinha a fidalguia da caza do Aviam.

Inculca se agora de sabio, sem duvida porque estove em Coimbra, e ao entrar na academia, errou ou antes acertou com a porta e trouxe diploma da estrebaria.

Quer passar de rico, e impostura sem lembrar-se da indigencia em que nasceu, da charidade com que foi creado.

Ha a seu respeito uma historia de um mamoeiro que amanheceu cortado no seu quintal, d'uma janella pregada, das pedradas que lhe quebraram os vidros, e tambem do testamento de certa senhora que foi comprado etc. etc.

O *pardo-velho da trombeta.*

Na quinta feira 9 do junho ás 7 horas da noite entrou uma madama em caza do padre das *Rosas* e esse fechou immediatamente as janellas; pouco depois passava por ahi o SS. Sacramento e o padre não chegou para adoral-o por causa de sua Eva.

Que sevandija!!! que energumeno!!.

* * *

Sr. Redactor.—Um officio publicado no seu jornal referindo-se a disturbios no hotel *Triumpho da Inveja* foi inexacto no ponto de dizer serem elles feitos dentro do hotel, quando os de que alli se tracta tiveram logar na porta do mesmo estabelecimento.

Por amor da verdade, queira V. publicar estas linhas.

O *justo.*

Ainda o cambio no theatro.

Sr. Redactor.—Indo no sabbado (11 do correate) comprar um bilhete de platéa, afim de apreciar os Milagres de Santo Antonio, não encontrei mais nenhum em mão do bilheteiro!

Resolvi me a voltar para a casa, quando encontrei um moço que estava do lado de fora vendendo bilhetes a dois mil réis.

Dirigi me a elle e perguntei lhe si não era prohibido pela policia o cambio?

Respondeu-me dizendo que elle só não era quem cambiava, pois si Sr. G ... que é protegido do emprezario cambiava, quanto mais elle que é um pobre homem!..

Já vê V. que a policia não tem dado as providencias necessarias a respeito do cambio do theatro, e tanto assim que ainda continúa o esdandalo!....

O *Spectador.*

Sr. Capitão do formidavel *Alabama.*—Como sei qne V. cavalheiro—de honrado caracter, não poupa esforços para para punir os escandalos de nossa terra—rogo-lhe que mande o seu muxingueiro divertir-se no couro—do Zeles—doutor—safado—hypocrita—come-pintos—que anda aqui enganando a todos—e tem estabelecimento egual ao de Frei—Bebè.—Faça pois executar sua justiça com o empenho que todos lhe reconhecem, para ver si vae esse emigrado de Gomorrha para sua terra e nos deixa descançados.

O medroso de raposa.

ANNUNCIO.

Leilão mercantil.

SEGUNDA PRAÇA.

Quarta feira serão vendidos em hasta publica por quem mais der, na loja de miudezas ao Coberto *Maior* dous famosos jumentos chegados ultimamente no patacho *Caldas* do Primo, ambos bastante orelhudos e carecas, servindo um para tirar raça, sendo o outro optimo para o serviço de carga e carroça, no que foi experimentado desde o Hospicio de Jerusalém até a Gambôa.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª BAHIA 16 DE JUNHO DE 1864. N.º 74

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 $000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de junho de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe providencias sobre o estado da capella de Nossa Senhora do Resgate, ao Cabulla, cuja sachristia, segundo nos informam, acha-se reduzida a um chiqueiro.

(No mesmo sentido ao Sr. Dr. juiz de capellas).

—*A*' camara municipal de Cachoeira, para que mande calcar a rua da Ponte Nova, que se acha em miseravilissimo estado, com innumeros atoleiros e lagoas em toda a extensão da rua até a Manga.

—*Ao* Sr. delegado, participando-lhe que no dia 13 do corrente, á rua Direita de Santo Antonio, nas obras que se está fazendo do Sr. coronel João Baptista Vianna, o mestre pedreiro do nome Joaquim mandou buscar cansanção ao Barbalho, amarrou um discipulo, pendurou-o e surrou-o, dando-lhe depois innumeras pancadas e pisando-o, pelo facto de ter o infeliz discipulo fugido da obra pela manhã do citado dia, de Santo Antonio.

Consta que o menino chegara a deitar sangue pela boca.

Espera-se providencias de S. S. em quem deposita o publico muita confiança pela honestidade e moralidade que revestem todos os seus actos.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna para que dê as providencias sobre uma casa de candomblé no beco d'Agonia, onde muito se affronta a moral publica.

—*Ao* Sr. subdelegado de Cachoeira, chamando-lhe de novo a attenção para o portuguez Rufino Cambista que continúa a fazer das suas, entre as quaes o furto de uma gamella de milho que vendia uma pobre mulher, que tendo uma syncope foi conduzida ao hospital da Santa Caza; e o empenho de uma farda, um capote novo e umas calças d'um guarda policial por 6$ ou 8$.

Portaria ao escrivão da terceira vara, ordenando-lhe que não consinta *certo Dr.* remecher os papeis de seu cartorio, para propalar o que elles contém, visto que grande prejuizo causa tal proceder às partes. O que cumpra.

—Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que va a venda do Marcellino de tal ao Terreiro, e intime-lhe que não consinta nella capadocios e vadios e *africanos livres* a se embriagarem para insultar a quem passa. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Xico Ribeiro Quinquim, continuo d'alfandega de Latronopolis, pedindo para ser nomeado secretario do ministro da fazenda, allegando sua intelligencia.—Indeferido por ser a apresentação de seus prestimos feita depois d'um jantar, por ser o supplicante analphabeto, e por ter a *mão secca*.

Mirandinha, porteiro do consulado, pedindo previlegio para tomar rapé nas bocetas alheias—Tendo o José Venancio o Beira-mar nos remettido uma representação contra os *bocorios* deste genero, fica adiada a solução do seu requerimento, até que seja aquella attendida.

(Continuação do numero 75).

—E diga-me uma cousa, este Calombreiro que era tão santo não foi um que matou dous negros, seus escravos?

—Misericordia, capitão!

Quem o ouvir encher a boca assim de *matou*, pensa que o meu santo homem era algum perverso.

—Ora, ora! Quantos diabos andam por ahi com capa de santo e com cara de anjo!

—E o meu trabalho, o meu panegirico?

Capitão, o homem matou é verdade; mas V. Ex. não sabe que deve-se perder um para salvar a todos?

—Mas elle matou dous.

—Mas eu fallei figurado, capitão.

—E eu que não gosto de figuras!

—E a dar-lhe!

Capitão ouca.

O santo homem não era seu; quando sahia de seu trabalho, *visitava os passos*, isto é corria todas as suas cazas, (quero dizer as das mães de seus filhos) e recolhia-se ao centro de sua familia pelas 8 horas da da noite.

—Ora, penso que o Sr. me vae referir a morte dos pretinhos.....

—Ouça, capitão.

Era uma vida toda de penitencia....

—Onde não ha fogo não ha fumaça. Si o seu *devoto* era um refinado ladrão e um cobarde assassino, como deixar de temer o inferno?

—Capitão, quer saber d'uma cousa? Nunca vi sermão com apartes.

—Nem eu padre sem coroa.

Olhem o que é a presumpção! Já o Sr. pensa que é padre por contar a vida d'um santo.

E que santo! um *santinho*, que sem mais nem menos rouba, tratica, contrabandea e mata!

E rouba a quem? aos paes, ao sogro, aos cunhados!

E faz milagres de queijo, de borboletas e onças!

E importa canarios por contrabando!

E mata....

—E dá o ceu a muita gente, capitão; faça justiça ao santo, porque ao menos os mortos!

Era sua vida toda de penitencia....

—Era, era!

E os pretinhos?

—Ora os pretinhos!

Morreram dous escravos seus, sim morreram.

—Morreram, não; foram mortos, foram matados! Um, de nome José, levou tanta paulada...

—Ai que se entorna o caldo!

—...na bocca que ficou sem um dente...

—E' que elle mordia, capitão.

— ... e morreu em tres dias o cachorro, como quer o *Sr.*

E o outro morderia tambem?

Mordesse ou não, foi posto n'um tronco; quando se lembrava a familia de que existia aquelle bruto...

—Bruto sim, justamente capitão!

—..... dava-lhe agua e farinha, tratava-o à jacuba.

Criou uma ferida na perna, e a gangrena levou o pobre diabo.

—Então, capitão? Quem matou este foi a gangrena.

—Veja agora a força da verdade.

Quem matou foi a gangrena; a gangrena proveiu da ferida; quem occasionou a ferida foi o tronco; quem metteu o preto no tronco foi o santo; tirada a causa, cessa o effeito, logo?

—Sophisma, capitão; os philosophos e racionalistas sempre foram inimigos da fé, da egreja, dos santos por tanto!

—Logo, si Calombreiro não mettesse o preto no tronco, a gangrena não matal-o hia; logo quem o matou foi Calombreiro.

—Agora, capitão, veja como cae por terra seu raciocinio.

Os dous negros eram dous *brutos*; não havia força humana capaz de fazel-os seguir a lei de Christo: eram baptisados, mas rebeldes, infieis, hereges, o diabo emfim, e iriam por tanto para a casa propria; o inferno era delles.

O Spirito Santo paira por sobre a rotunda e pellada cabeça de Calombreiro, e Calombreiro vae salval-os.

Não ha martyr que não seja santo; não ha santo que não vá para o ceu.

Calombreiro martyrisa-os e o ceu recebe dous justos.

Não ha acção má, quando a intenção é virtuosa.

—Cà, cá, cà!

O *Sr.* era bom para advogado, é chicanista!

Mas felizmente não estou só; pensou comigo a policia daquelle tempo, que tanto imprendeu que Calombreiro era um assassino, que deu um puxo.

—Mas pariu a montanha.

—Por que certo medicote do burro branco e pacifico deu um attestado.

—Quer V. Ex. dizer que foi falso? que o homem vendeu-se?

—Não, não; o medico era honrado; mas que.... é que...

—O mano Juquim fez algum feitiço.

—Ou o Calombreiro algum milagre.

—Nada disto, capitão, é que a justiça dos homens tem os olhos tapados.

E a de Deus é que pagou a Calombreiro.

(*Continúa.*)

—Como foi de viagem á Cachoeira?

—Bem.

—Novidades.

—O Vinte Cinco de Junho vae perdendo a influencia.

Veremos porém.

—Que mais?

—A residencia do commandante do destacamento é no quartel um logar immundo, improprio para isso.

Contam-me que ponderando elle a S. Ex. que não poderia pagar casa, o presidente escrevera ao delegado e ao prior do Carmo para aranjarem-lhe uma cella no convento.

Olhem o frade em talas!

O frade mordeu os beiços, resmungou, coçou a coroa, fez diversas observações, e concluiu dizendo que só havia desocenpada uma cella que servia para salla de visitas.

Vejam si o frade queria policia em casa!

Nessa cella è que se acham guardadas as alfaias do convento e foi ahi mesmo que estava encastellada a crioulinha do *caso*.

—Affiança isto?

—Eu não, dizem.

—E que providencia houve a respeito?

—Dizem que o provincial dirigiu um officio a respeito e nada mais.

—E continúa?

—Dizem que sim: que a crioulinha continúa a ir fazer penitencia no convento, assim como outra cuja de outro fradeco que foi vista, dizem, pelo commandante da policia dalli.

—Tetas.

—Tetas?! no dia 5 de junho ás 5 horas da tarde.

—Então o lupanar vae em progresso!

—Que duvida! Ha dias uma devota de S. *Caetano* foi ao convento vestida de homem!

—Historias.

—Historia contou ella que, indo em companhia de dous meninos, mandou chamar o S. *Caetano* para receber gazetas do Dr. Assis, e deu-lhe um *garra* no pescoço, para elle reconhecel-a.

Linda surpreza!

O velhinho babou-se de gosto.

—Affiança isto?

—Eu não; eu sou como o venerando Barata, é o que dizem; valha a verdade.

—Então pensam elles que o caso fica assim?

Hão de dar as providencias o Sr. arcebispo e o provincial; do contrario.....

—Hão de se haver comnosco, capitão!

Mofina.

Estão para cahir:

O *muro das freiras*;

O muro do quartel em Santo Antonio da Mouraria;

Um muro, á ladeira da Mizericordia, fronteiro aos ferreiros;

Um muro, em S. José, fronteiro ao capitão Lazaro Jambeiro;

O muro do gaz;

☞ A PAREDE DO GAZOMETRO!!

Um sobrado, em S. José;

Um sobrado ao portão da Piedade.

Fóra os outros.

Quem será o responsavel pelos damno que houver?

O boi de carga—

O povo.

A PEDIDO.

Porgunta-se a certo moço que estudando desde 1854 fora de sua terra natal (a cidade da Estancia) onde ja tinha cursado 3 ou 4 preparatorios, o anno em que está matriculado na academia de Pernambuco, para onde foi desde 1860, e porque razão, não sendo

sinão um idiota, anda impostorando com o titulo de Dr. a ponto de dar a si esse titulo para a lista dos passageiros do vapor quando d'ahi veiu ultimamente. Estará *justinho* no 3. anno como se inculca, ou não passa d'um simples cascabulho, que em vez de estudar se embrenha nas *silvas*? Meu caro, nem todos são para tudo; va com á sua santa Eva para seu canto comer algum restinho da pequena fortuna que teve, e nada mais de imposturas, ouviu? Isto é conselho de seu bem conhecido *Cardoso.*

Pede-se a um Sr. que vive de *reproduzir* seus semelhantes, filho de *Sales*, na rua onde não ha potes e sim barris, queira dar melhor educação a seus tres filhos, para não viverem estes na janella a insultarem quem pacificamente vae seu caminho.

Isto previne-se no interesse de de evitar alguma consequencia desagradavel porque nem sempre se está disposto a aturar malcreados. *Um offendido.*

Ao publco.

Verissimo José dos Santos, sendo matriculado e embarcadiço em Cachoeira, veiu preso como desertor do 2. batalhão.

Foi apresentado a um antigo sargento daquelle corpo que disse que o não conhecia, mas que já o tinha visto, não asseverando ser praça.

E foi-se o homem para Pernambuco!

Entretanto o Sr. subdelegado da Cachoeira não o conhecia como desertor, sinão depois que o homem deu voas aos vermelhos!!

Viva o progresso, que deixa assim sem arrimo uma familia!...

O virencio da Cruz.

Sr. Redactor.—A audacia e insolencia com que a certo tempo para cá se portam os africanos, devem despertar a attenção de quem quer que seja.

Hontem em pleno dia um africano no largo de S. Bento ameaçava um soldado de primeira linha.

Ao mesmo tempo um outro, que nos informam trabalhar de pedreiro nas obras da camara, pretendeu desfeitear um fiscal da mesma, e o faria a não ser obstado por innumeras pessoas que presenciavam.

E o mais é que nos informam que o referido africano teve a protecção de quem não devia dar-lhe.

A rasão por que *ignora-se*.

Sr ex-fiscal—Que teima é essa de Vm. em não querer apparecer ao capitão Pantaleão! Si não quer apparecer a elle, appareça ao José Domingues, dono da casa, no trapiche Gomes.

Tenha pena da pobre creoula, que sem o que è seu, e inda querendo pagar para receber, não pode, porque Vm. não apparece.

Peço-lhe por S. *João*! Por S. *Braz*!

O *Nepomuceno*

ANNUNCIOS.

Na pasteilaria de J. I. d'Almeida e C., novamente aberta á rua Direita da Mizericordia, encontra-se excellentes doces, bolos etc, ao gosto de diversas nações, amendoas cobertas, caffé, charutos e refrescos.

Na mesma incumbe-se de preparar bandejas para bailes, empadas etc. assim como recebe encommendas para jantares, apromptando por preço rasoavel.

TYP DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª BAHIA 18 DE JUNHO DE 1864. N.º 75.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de junho de 1864.

Officio ao Sr. consul dos Estados-Unidos para que providencie sobre os marinheiros de sua nação, que andam de continuo embriagados pelas ruas e que ainda hontem, na rua da Mizericordia aterravam e atropellavam aos que passavam com enormes soccos.

Portaria ao fiscal geral para que vá a venda, à rua da Laranjeira n. 82, e mande examinar a *excellente* qualidade de vinho, que alli ha, optimo preservative para a saude de quem o bebe. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Pinto das Oliveiras pedindo licença para escrever seu nome em espelhos,—Informe o General *das manteigas*.

—O mesmo queixando-se do prejuizo que tem tido, depois que deu um coice no primeiro caixeiro de sua casa.—Remettido a J. Padauyé para tirar-lhe as ferraduras, pondo-o depois á disposição do *Ariani*.

Por ora.

A certo moço que disse no arsenal de marinha que tinha recebido de nossa mão um papel que tractava de si e que já o tinha mostrado ao referido inspector, provocando esse proceder um desacato a alguem, anteshontem, 16 de junho—declaramos que nos cae aos pès a cara, vendo quanta *boa-fé* foi e vae nesse negocio. . . . . .

—Oh! la Sr. *Mr.* Carcamanhe.

—Falle para mim, senhorre?

—Sim, como se chama?

—Oh! mim está muito conhecida nesta terra; eu está Alexandrrine.

—De que vive?

—De varris linguis.

—De varrer linguas? O diabo que o comprehenda.

—Eu diga *senhorra* que sabe francez, inglez, allemã, italiana, hespanhol, greca, e latina, traduz sueco, leio china, e escrevo hebraico, e falla tambem *portuguez*.

—Misericordia! E quando e em que tempo aprendeu tudo isto? Que *edade tem*? So em fogão de vapor!

Emfim, eu chameio para dar-lhe um conselho.—Vossê graças á credulidade da gente desta terra está admittido na boa sociedade; faça por conservar-se; torne-se grave, e sisudo e deixe-se de andar como um *strolinas*.

Attenda mais. Lá nessas salas, cozinhas, estribarias, ou onde o diabo quiz que V. *aprendeu* tudo isto que sabe, não se ensinava a respeitar a caza visinha?

—Yess.

—Pois então tome este conselho:

Namore a negra do batão muito embora, mas faça-o com dignidade, quero dizer, não se ponha feito um chibio na janella, á conversar de fora para dentro; por que alem de ser isso ridiculo e triste á um *mestre* é concorrer para o descredito de um homem de bem; e depois *si fosse em Passé*... ... intende?

—*Oui, Je vaus remercie, capitaine.*

—Porque isto é muito feio. . . . . .

—*Thank yon, Captain*

—*A* gente boa sensura—e. . . . . .

—*Ich dank Ihnem Kauptman*

—E com isto V. perde. . . . . .

—*La ringrario infinitamente*

—Depois Vossê é. . . . . .

—*Day a vos infinitas gracias*

—Tomado por um *pomadista*. . . . .

—*Tibi gratias ago, dux.*

—E lhe mandam passear com as linguas...

—*Ego enkuriseo, arkan.*

—Agora faça o quizer.

—*Oberregado capitão.*

—Capitão, eu tenho de pedir-lhe um favor.

—Estou as suas ordens, Sr. Lima Barboza.

—V. Ex. sabe que vagou o logar de escripturario da Assembléa, e que está a vagar o de continuo; e como me ache desempregado, quero que V. Ex. escreva aos seus amigos deputados afim de ser eu o nomeado para qualquer das vagas.

—Sinto bastante, Sr. Lima Barboza, que o Sr. se apresentásse tão tarde, pois conversando com um amigo deputado, disse-me elle que ha um crescido numero de candidatos, para o logar de escripturario, e que mesmo para o de continuo tem apparecido innumeros candidatos, devendo pelo que me disse elle, ser nomeado, creio que o Dr. Mariannioha que é tambem deputado; já vê que elle, alem do seu voto, deve ter os dos mais collegas.

—Porèm, capitão, este moço foi ultimamente empregado:—eu li nas noticias do Rio.

—Não me consta. Qual è o logar para que foi nomeado?

—Creio que commandante superior da Barra das Vallas!

—Ora esta è boa! o meu amigo não sabe que isto de guarda nacional não rende, e que o moço não tem clinica, pelo que precisa ganhar? Alem d'isto elle deixa de ter a mamata de deputado para o anno, e segundo me informam elle não volta à assembléa.

—Porèm, V. Ex. não acha triste que elle de deputado passe a continuo?

—Que quer, meu amigo? a necessidade tem cara de herege.

Este tal Marianninha foi o que fallou contra um moço, que é empregado publico, só porque indo à repartição não lhe deu Ex.?

—Não sei si foi elle; porèm é capaz de proceder assim, visto como disse-me um sujeito, á quem elle dirigiu uma carta por esta forma—Assembléa provincial da Bahia, tantos de tal mez de 18 4, e assignou—o *Exm. Sr. Dr. F.... Deputado Provincial.*

—Então agora o melro enche uma folha, porque alem deste titulo, si for nomeado, deita—*Continuo da mesma e commandante superior da barra das Villas por S. M. I. etc. etc.*

—Guarda-marinha, que dous cujos são aquelles que estão conversando ao lado da capella do Bomfim?

—Um é um moço honesto; o outro é um biltre que por mais d'uma vez tem vindo aqui ao convez para ser castigado e que por forma alguma toma vergonha, nem por S. Pedro, nem por S. *Paulo.*

—Que dizem?

—O *tal* está, como sempre, tratando da vida alheia e fallando de dous moços que moram no Bomfim; tracta-os por moleques.

O honesto defende-os.

—Quem é o tal cujo, homem?

—Capitão, poupe-me o fallar de quem não tem vergonha; vendeu-a e não a encontrará nem por milagre de Santo Antonio ou S. *Francisco*, pois aquillo é o rei das infamias.

Anda aquelle safado desde a manhã até a noite, por todas as ruas, becos, ladeiras e mattos, a areiar os dentes, com ares de *cosinheira*.

— E' preciso uma sova, *não?*

Muxingueiro, mil calabreadas na cara desse safado.

—Ja la vou, capitão, sou todo azas, meu bom Sr.!

LA VAE VERSO.

Latronopolis tem cousas!
Oh! então bellas cousinhas!
Tem mysterios e horrores
Tem tratadas e *marinhas!*

Aquelle é commendador,
Negocia, é traficante;
Est'outro traja *baeta*,
E' tambem negociante!

Faço viajens á *Costa*,
Mudo o nome, sou um Cresso;
Dou ordens, não recebendo-as,
E carga d'alli expeço.

Bella terra! bellos climas!
Havana, que bons charutos!
Pois a carga d'encantada
Não tornou-se em *negros brutos?*

Santa terra! não ha duvida!
Outra mystificação!
A carga virou dinheiro,
Sem nenhuma transacção!

Foxter, Foxter, santo Foxter!
Guarda guarda este dinheiro!
Esta fortuna com juros
Salva o torrão brasileiro.

Altiva briosa Albion,
O paiz da liberdade,
Sou todo teu, livre terra,
Que salvas a humanidade!

Sei que forca merecemos,
Mas os nomes onde estão?
Trocamos, não somos bobos;
Quem puder pegue o ladrão.

Latronopolis tem cousas!....
Sant'alma do tal *Mingu!*
Pois *não deixou* seus negocios,
Suas contas n'um angú!

E agora as herdeirinhas
Que se aguentem com o *machado*,
Que o *vaso da carnaúba*
Ja se acha transtornado.

E vivô, viva quem vence!
Quem tem dinheiro vence!
O mundo é nosso, vivamos,
E viva quem ja morreu!

J. P. M.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 17 DE JUNHO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA DO MERCADO.

O mercado durante a semana esteve bastante animado.

Os depositos de generos alimenticios estão abastecidos.

Dos bois mongos que entraram na semana precedente ainda restam alguns, como se pode ver pela *excellente* qualidade de carne que tem vindo ao consumo.

Nos estabelecimentos de credito fizeram-se algumas transacções.

A Caixa do Municipio, cuja direcção está a findar, pretende readquirir o credito que tem perdido com algumas obras de utilidade. E' pena que se lembrasse disso no ultimo quartel da vida.

Deve ser *reeleita* para continuar a prestar ao povo os *beneficios* que agora enceta.

Sente-se alguma falta de numerario. A casa *Pinto dos Mares* que até aqui tinha sempre feito seus pagamentos pontualmente tem *afrouxado*.

Os *saccadores* que entretinham transacções com aquella casa, procuram novos estabelecimentos onde possam *especular*.

O agente de leilões Malaquias que era todo ao servico d'alli, propoz ao negociante de *traficancias* A. José S. G. entabolar transacções com aquella casa commercial. E' de suppor que pouco resultado possa tirar alli.

Fretou-se a barca *Gouveia* para conduzir uma carga de *gravatas* da ilha dos *Desfrutes* para a cidade da *Demencia*.

Durante a semana entraram e sahiram alguns navios com generos do paiz.

Entrou da *Ara* dos *Cajús* o patacho *Caim* que manifestou a carga seguinte:

Malvadeza 400 caixas, hediondez 200 fardos, bajulações 100 pipas, bandalheiras 300 molhos, servilismo 500 barricas.

Manifestou mais carga reservada:

1 sacco *logros* para certos negociantes desta praça, 1 balú contendo regulamentos para alfandega e capitania do porto de Latronopolis.

MOVIMENTO DO MERCADO.

Accyhalia.—Entrou uma pertida na barca *Indifferença*. Foi comprada para uso da po-

ieia de *Santo Antonio*, mas por ora não se descarregou por ignorar-se quem é alli que epresenta autoridade.

Caponismo.—Este genero ha dias tem bundado no nosso mercado.

A demanda tem sido insignificante em elação as existencias.

Pode, porem ser, que o estado d'apathia m que cahiu similhante mercadoria melore.

Entre os diversos depositos que avultam esta praça, sobresahe o *do estreito da Gameleira* pela variedade e *bisarria* do seu ortimento.

Namoros.—*A* carga do brigue *Frederico* procedente do *Caquende* está depositada na aixa do theatro á ordem dos consignatarios *Lulù* & C.

Ousadia.—As transacções neste genero imitam-se a pequenas compras por alguns proprietarios para uso de seus escravos. Os depositos estão supridos.

Uma partida de 100 fardos que estava depositada no trapiche *Altivez* foi reexportada para *Solar de S. Francisco.*

Além desta transacção, a de mais vulto durante a semana foi a de alguns fardos comprados para gastos dos africanos *escravos da nação.*

—

EXPORTAÇÃO.

GENEROS DESPACHADOS.

Cidade dos Agiotas, barca *Cabaça n'Agoa*, José das Malachias Rei, 7 volumes *Arte de enriquecer depressa e sem trabalho* pelo Dr. *Esperteza*, 2 maços papeis relativos a certas *ganancias* no corpo de policia deLatronopolis em certa epocha, 1caixão mentiras.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Cidade da *Barra*, brigue barca *Santo Antonio*, capitão José de Araujo.

1 cesto limas, 100 fardos malcriações, 200 caixinhas magicas para certo almoxarife, 400 recibos de differentes compras, todos assignados por um preto africano, 80 ligas compradas para a obra do theatro, 20 folhas de pagamentos de operarios *phosphoros da obra da celebre montanha*, 2 officios de suspensão de pagamentos *pela legalidade delles.*

Accrescimo.

2 barricas vermelhão bruto, 1 caixa adulação podre aos deputados provinciaes, 1 certa para um thesoureiro que serve do encarregado de compras de certo conselheiro e 1 bouquet chorão para presente.

PARTE MARITIMA

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA.

Cidade de *Abas-Dias* com escalla por *Cacde Ouro*—palhabote *Chico*, cap. *Alexandre*, carga 1 caixa botinas de calcanhares tortos, 1 embrulho gravatas largas avariadas para 320 rs., 2 caixões capotes emmalados para um esquadrão de cavallaria, 1 maço papeis relativos ao mesmo, 2 caixões botas de montaria proprias para sertanejo, consignado à Carvalho e C.

Ara dos *Cajus*—patacho *Caim*, cap Piroca Vermelho; passags. um filho de *America*; *Aguiar* com um bahú contendo regulamentos d'alfandega e capitania do porto de Latronopolis.

Annuncio maritimo.

CIDADE DA DENUNCIA.

A barca *Gouveia* tendo seu carregamento prompto constante de grauatas, gravatinhas e gravatões, patetices e bandalheiras sahirà brevemente; para passageiros ainda tem alguns commodos. Trata-se com o consignatario,

POST-SCRIPTUM.

La vae a pique o *Alobama*!

Não é com *sipò*, nem *pau*, nem *ferrão*; é por *gravatas*.

Misercre mei, Deus....

O Sr. Antonio José de Souza Gouveia chamou o *Alabama* à responsabilidade por um artigo contra o Sr. Gouveia Gravata, que diz ser elle.

Até hoje o ignoravamos.

Desencadeiam-se as furias, rugem os ventos, troa a tempestade, cerração no horisonte.....

Misericordia, Senhor!

Aproveitem a occasião, rapazes de gosto!

Aproveitem, meninos!

Venham deitar lenha á fogueira!

Como estão contentes os tratantes, devassos, velhacos e ladrões!

Morre o *Alabama*, e affogado!...

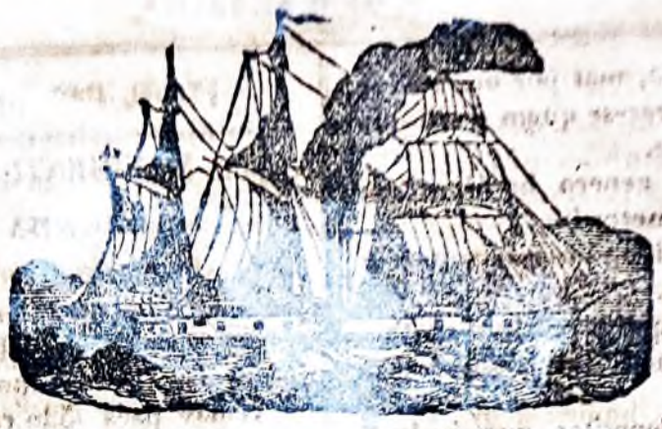
Grande Deus!

Ora, Sr. Gouveia!

O artigo não è com o Sr.; si se chama Gravata, ficamos sabendo de hoje em diante e para não haver confusões, vamos chrysmar o sujeito com quem outro dia ajustamos contas por *Gouveia Pescocinho.*

Agora não pode haver duvida.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª BAHIA 21 DE JUNHO DE 1864. N.º 76

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C.ª, á rua da Misericordia n. 17 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 100 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de junho de 1864.

Officio ao Sr. inspector do arsenal de marinha, pedindo providencias contra um facto escandaloso, que dizem, fôra praticado na sexta feira, 17, na officina de ferreiro desse arsenal e que anda propalado na boca de quasi todos os trabalhadores d'aquelle arsenal.

Portaria ao Sr. fiscal geral, ordenando-lhe que mande in continenti deitar fora todo vinho que encontrou falsificado na venda n.º 82 á rua da Laranjeira, visto como a multa que pagou não é pena sufficiente, e é muito natural que aquelle vendilhão continúe a vender o tal vinho para resarcir o prejuizo que soffreu com a multa Cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Chuchu Frederic offerecendo á venda a espingarda de sua porta, para com ella se darem os tiros no funeral da camara municipal—Remettido ao presidente da mesma afim de fazer a compra pedida.

—Leitão Borgia pedindo licença para dar licções de curió.—Informe o crioulo Antonio si o supplicante tem as habilitações exigidas pelo regulamento do fallecido João Pimboca.

—O que ha no Forum?

—O *Alabama* foi chamado á responsabilidade!

—Tanta gente! E porque?

—São tres *mulatinhos* com quem é preciso acabar, tres *moleques* que *não querendo trabalhar* se occupam da vida alheia.

—Ah! quem disse isto?

—Aquelle moço *branco*, todos aquelles. E aquelle gallego creado da estribaria *do Paço* encheu a bocca de *caieras*, e pedio a morte aos *alavamas*.

—E que tem os moços com o *Alabama*?

—Eu sei! *Não querem trabalhar*! dizem os estupidos e os ladrões; e tem entretanto uma typographia, em que se imprime o *Pirilampo*, o *Sancho-Pança*, o *Patriota* e o *Alabama*.

—São redactores de tudo isso? Que talentos!

—Mas são redactores do *Alabama*!

São, são, são e são!

Matemol-os pelas guelas!

Tres bodes! dizem os brasileiros *distinctos* pela cor e *intelligencia*.

Tres caivras! dizem os gallegos *distinctos* pela lingua e pela broa.

E a horda de canibaes grita em unisono côro:

« ...atemos o *Alabama!*

« Affoguem-o!

« Enforquemol-o! »

—Como os ão engana los os ladrões!

—Sa ve a edac o.

Brasileiros sem preconceitos, caracteres honestos, rendemo-vos homenagem!

Portuguezes moralisados, fazemo-vos justiça!

—De certo, de certo.

Cá e là más fadas ha.

Para a escoria dos dous paizes, para os emigrados do Limoeiro, para os fugitivos de Fernando de Noronha, è que o muxinqueiro está em actividade!

Quanto a isto não ha duvida.

—Quantos inimigos tem o *Alabama*!

—Ora! pudera não!

Cada ladrão vale por uma duzia ou mais! toda a familia!

—O que faz aqui na praça a estas horas, Sr. Lima Barbosa, com este sol de meio dia?

—Vim á thesouraria provincial e estou por aqui esperando que chegue o Sr. inspector para me dar um despacho.

—Homem, creio que ja chegou.

—Inda não, porque neste instante delle sahi.

—Ouviu o que o Sr. Antonio José de Souza Gouveia disse no *Forum*?

—Que havia dar cabo do *Alabama*, pois elle era o primeiro honrado negociante da praça da Bahia.

—E quem nega? E' honrado, é, é.

Mas o *Gravata*, quero dizer o *Pescocinho* não è, não é, não é; e ninguem mandou o outro chrysmar-se por Gravata, agora, *honrado parto*.

—Mas dizem que elle anda dizendo que conta com o juiz, que é muito seu amigo *e tal et cætera*.

—Historias!

Deixal-os fallar que elles calar-se-ha-se-hão.

—Historias! Chegou a dizer a um empregado do *Alabama* que havia de metter os *tres patifes* na cadeia, pois tinha DINHEIRO e amigos.

E dinheiro é quem rege o mundo.

—Capitão, uma historia de gosto.

Outr'ora existia nesta apreciavel Latronopolis uma mulher d'um porqueiro...

—Uma porqueira?

—...uma *porqueira*, mulher d'um certo *Zoinho*, a quem *furtaram* 400$

—De veras? Coitado do homem! um criador de porcos perdendo 400$ está desgraçado!

—Historia, capitão; elle é quem dizia que lh'os furtaram.

Mas sim; a tal *porqueira* era mesmo um montão de porquidade; que boca suja, capitão!

A visinhança não podia parar; os mais injuriosos nomes eram atirados às mais virtuosas e respeitaveis familias.

—Ja morreu esse diabo?

—Essa diaba, capitão, ja o diabo a levou para viver comsigo, porque só *elles dous* podiam se accommodar; similes cum similibus facile congregantur.

—E onde morava?

—Na *Lapa Pequena*.

Mas de que serviu leval-a o diabo?

Quando *Zoinho* morreu, propoz, parece-me, uma demanda com o diabo, para reivindicar a mulher, como primeiro marido, e o resultado da pendenga foi que a gente da *Lapa Pequena* ficou peior do que d'antes.

A mulher, não, a alma da mulher voltou ao mundo e faça ideia!

—Ficou tudo *mal assombrado!*

—Ficou tudo endiabrado!

—A furia investe a todos; que *palavrões*! que palavradas!

—Que palavrinhas!

—E a uma pobre preta maltrata como não è possivel dizer; a pretinha traz o corpo em petição de miseria; chicote e fogo são nelle causas essenciaes.

Os visinhos não dormem.....

—Acreditam em almas do outro mundo?

—E quem pode resistir á evidencia?

Os telhados não param, e gritam que nem no inferno tal barulho se poderá aturar.

Um pobre homem, portuguez, è sempre insultado e agora sua honesta senhora.

E a graça é que ha ainda quem se interesse por uma abominavel furia.

—O diabo ajuda aos seus.

—Mas *elle* tem duas capas, capitão.

Já descobriu por exemplo que um dos protectores é um juiz de paz, que não bebe nada, mas que vive sempre n'uma veneda; é *vermelho*, principalmente da cara.

Em certo tempo um certo *lobo* que virava *saruê* (sariguê) andava debochando com o tal juiz e um certo *Antonio* que tinha chegado de *Santos* por *Lisboa* e fizeram um interro de um portuguez que estava processando uma prostituta cazada.

O povo ficou escandalisado; que juizes! que tempos! que costumes! que cousas! que canalha! que *porqueira*! que diabada dos diabos!

—Mas que fim tem sua historia?

—Fazer à V. Ex. que na *Lapa Pequena* está tudo com medo do diabo que appareceu.

—Alli parece que é o inferno; ja uma vez andou por alli um diabo em forma de homem.

—Agora é peior, capitão; è em forma de mulher!

—Vade retro, cruz.

Ave, Maria.

—Ora o capitão não ficou beato!

Mande o muxingueiro *fazer exorcismos*, que o negocio se acaba.

—Vossê lembrou bem.

Muxingueiro, aprompta a ferramenta e tira o encanto daquella rua.

—Attenção! quem falla son eu.

Viram um annuncio no *Jornal da Bahia*?

Principia assim:

«GUARDA NACIONAL.

Vende-se um arreio proprio para 2 de Julho, constando de cabeçadas etc. »

—Bello! como julga os outros por si.

—Calle-se! E conclue:

«Para tratar das 3 da tarde ás 9 da manhan.»

—Que talento.

Trata negocios á noite!

—Guarda-marinha, vá a *Soledade*, á casa daquelle sargento *hermogenico*, e intime-lhe que não continue a insultar aos vizinhos, como fez ultimamente com uma pobre mocinha de menor edade, e isto em companhia da sua amavel Mingú, sob pena de serem-lhe arrancadas as divisas que desonra.

—Só, capitão?

—Si respingar, traga-o para o porão, e ponha-lhe um par de *guachos* aos pés.

—Só?

—Só.

—E' pouco; é ogam do Pau-javà, merece sova.

—Sr. guarda-marinha, eu não hei de satisfazer seus caprichos!

Avie-se!

Mofina.

(QUINTA VEZ).

Estão para cahir:

O *muro das freiras*;

O muro do quartel em Santo Antonio da Mouraria;

Um muro, á ladeira da Mizericordia, fronteiro aos ferreiros;

Um muro, em S. José, fronteiro ao capitão Lazaro Jambeiro;

O muro do gaz;

☞ A PAREDE DO GAZOMETRO!!

Um sobrado, em S. José;

Um sobrado ao portão da Piedade.

Fóra os outros.

Quem será o responsavel pelos damno que houver?

O boi de carga—

O povo.

A PEDIDO.

Então, meu bipede, grandississimo safado, ja pagaste os alugueis da casa, cujas chaves entregaste depois ao teu fiador? ja saldaste as tuas contas com aquelle incauto padeiro, à quem sacrificaste com a quantia maior de 6·000$ rs.? para que has de ser impostor e te andar jactando de bom padeiro, adulador sem egual!

Si tu morasses na Estrada Nova encommendava-te a S. *Euzebio* para.... ou antes vou fallar ao capitão do *Alabama* para mandar o muxingueiro fazer-te uma visita e tirar-te o resto dos dedos que tens.

* * *

Da-se de gratificação uma quantia egual à fortuna de um padre octogenario, torpemente defraudada, a quem souber exactamante informar qual foi o incendiario que na revolta de 7 de novembro lançou fogo em duas cazas na rua d'Ajuda, com que fim, e quaes as scenas que se passsram na occasião do incendio dentro d'aquellas casas.

O mestre da Cabaça n'Agoa.

Pergunta-se ao Sr. fiscal geral a razão porque não fez effectiva a multa contra fogos soltos, hontem, quando em sua presença jogavam-se da casa de prisão com trabalho, trez foguetes buscapés?

Quem viu,

Pede-se a certo caixeiro de uma loja fronteira ao Correio o favor de não continuar a dar escandalos no meio da rua, expondo se ao ridiculo com a conhecida *Navalhinha*, afim de n o soffrer algum desgosto que por acaso lhe prepare alguem que não goste destructes.

Um incommodado.

Pede-se ao Sr, emprezario do theatro, queira mandar collocar nos dias de espectaculo uma cadeira, onde o official inferior possa descançar, como é praxe nas mais provincias.

O *Sentinella*

Será verdade que o thesoureiro d'uma irmandade em Cachoeira tira a commissão de 6$ rs pelo trabalho de *certo negocinho*?...

Não cremos.

Voltaremos á questão.

O venha á nós.

Sr. Balduinho da Castanha, tenha modo. Deixe de tão mau procedimento.

Eu bem sei que o Sr. é flor de graxa.

Depois não queira ser queimado em Latronopolis.

Que destino deu a gente do i e o' Lembre-se dos irmãos de Santa Rosa.

Pede-se a certo padeiro (filho de peixe é peixinho) moço branco, baixo, corpulento, de cabelleira, olhos grandes, barba falhada, rosto redondo e bexigoso, o favor de não insultar continuamente aos que passam, porque pode custar-lhe caro, porque si for encontrado n'alguma *rua de baixo*, pode de cima ser-lhe mandada alguma pedra por exemplo.

E disse.

ANNUNCIOS.

As Bahianas.

NOVA MODINHA.

Poesia do Sr. Tito Livio (auth r do Gigante de Pedra) e musica de José de Souza Aragão.

*Assigna-se nás livrarias do Sr. Catilina, Viuva Lemos, Francisco Queirolo e na cidade alta na casa do Sr. Balduino dos Santos e Oliveira e Typ. do *Diario*.*

José Pedro Moreira Rios tem um bom cavallo para vender cor castanha g rdo,e hab lidoso; que n quizer procure na loja a rua dos Algibebes n. 7, ou ao Barbalho caza de sua morada.

Na pasteilaria de J. I. d'Almeida e C, novamente aberta á rua Direita da Mizericordia, encontra-se excellentes doces, bolos etc, ao gosto de diversas nações, amendoas cobertas, caffé, charutos e refrescos.

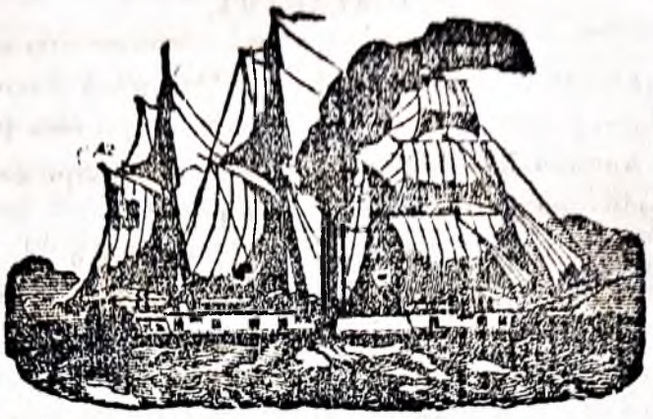
Na mesma incumbe-se de preparar bandejas para bailes, empadas etc. assim como recebe encommendas para jantares, apromptando por preço rasoavel.

Annuncio maritimo.

CIDADE DA DEMENCIA.

A barca *Gouveia* tendo seu carregamento prompto constante de gravatas, gravatinhas e gravatões, petetices, bandalheiras e orgulho fofo, sahirá brevemente; para passageiros ainda tem alguns commodos. Trata-se com o consignatario, J. M. dos Reis rua das *Bengalas*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª BAHIA 23 DE JUNHO DE 1864. N.º 77

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de junho de 1864.

Officio à camara municipal, dizendo-lhe que ainda não se acha de todo calçada a rua Direita do Collegio e ja alli se vê um enorme buraco na quina que dobra para o becco do Arcebispo.

—A' companhia do Queimado para que mande tirar quatro grandes pedras que existem n'Agua de Meninos desde a inauguração da mesma, assim como os tubos que se acham em frente do seu armazem de carvão, isto por observancia da postura n.º 41.

—*Ao* superintendente da Estrada de Ferro para que faça extinguir os pantanos e lodaçaes que no terreno da mesma existem, visto que affirma a sciencia serem as aguas estagnadas a causa de certas febres, que não deixam de ser frequentes por aquellas immediações.

Portaria ao fiscal geral para que obrigue o proprietario Adães a engastar na parede de suas casas as biqueiras das mesmas, como manda a postura 32. Cumpra.

—*Ao* mesmo. Prohibindo a postura n.º 34 o ter-se vasos de flores nas janellas, ordena-se-lhe que intime neste sentido ao Sr. tenente coronel D. José. Cumpra.

(No mesmo sentido acerca do Sr. barão do Rio Vermelho).

—Estão zangados com o *Alabama* e tem rasão.

—Mas porque?

—Porque vive só a fallar em calabrote, muxingueiro, safado, ladrão, etc., etc.

—Mas ha muito quem diga que o *Alabama* diverte, è bom, censura, avisa, prevê, descobre....

—Ahi è que está o mal.

—E depois na Bahia não ha vapor *Alabama*, nem capitão, nem immediato, nem guarda-marinha, nem muxingueiro, nem o diabo. Onde ha tudo isso é em Latronopolis, cidade ficticia, imaginação do redactor que tem o pensamento livre como todos o tem.

—Ah!

—Eh!

—Ih!

—Oh!

—Uh! Uh! Uh!

—Pois ou assim, ou assado, uma *gravata* servirá para a forca!

—E quem será o carrasco?

—O Gouveia Pescocinho.

—O que sahiu no *Alabama*?

—Sim.

—Ao menos o Sr. Antonio José de Souza Gouveia fica sabendo que o tal Gravata não é elle.

—Ora adeus!

Si tudo è ficticio....

—Mas o Sr. Gouveia è *real*, tem dinheiro!

—Mas todo seu dinheiro não será capaz de fazer provar que Gouveia Gravata é *A. J. S. Gouveia.*

—Mas si o homem diz que quem vende assucar com o nome de Gouveia é elle....

—Ah! é dos taes que raciocinam como o sujeito que sendo chamado tacão, disse: Tacão è de bota; bota é de couro; couro é de boi; boi tem chifre; logo este sujeito me chamou.... psio!

—Mas o Sr. Gouveia não mora em Latronopolis!

E depois não è com elle, não é com elle, não é com elle.

—Quem é que está alli no Coberto Grande?

—È o Sr. A. J. S. Gouveia que anda catando quinze exemplares do *Alabama*.

—Ora que trabalhó!

Pois se imprimem mil, e o Sr. Gouveia julga que se vae negar que ha quinze assignantes?

Podia mandar á typographia, dar esse lucro aos *bodrngos*, que era uns 1$800 seguros, e anda a cançar-se!

Mas quem é aquelle outro?

—E' o Miguel Ferreira Dias dos Santos, que aconselha-lhe que metta os *caivras* na cadeia.

—Olé! tanto barulho para matar uma *pulga!*

Temos o D. Quixote!

Que hespanholadas!

—E a dizer-se-lhe que não é com elle, e o homem a querer tomar a carapuça á força!

Sr. Gouveia, não é com o Sr; não è, não è, não é, não, homem de Deus!

Que teima! arre!

—Que *home* é aquelle, sinhô Manê?

—E' o Gouveia Pescocinho, Zé.

—E cuma aquelle menino chamou elle aza preta?

—Porque é o corujão da egreja da Sé.

—Cuma è?

—O coveiro das chapas.

—P'ra fazè qui é?

—O namora monturos.

—Diga dereito, home!

—E' um ladrão que tomou uma sova no *Alabama*. e um outro Gouveia tomou as dores dizendo que era comsigo.

—Ah! *é* negocios de politica e *priodicos*.

Inda bem que eu não leio gazeta.

—Charo Dr., demos tempo ao tempo que ainda melhor mestre não teve a humanidade.

—O que é, Sr.?

—E' que *scintilla contempta excitarit incendium*.

—Não sei a que se refere.

—Ha de sabel-o algum dia.

Os amigos não são somente os *augustos*, os nobres, os ricassos; o rato agradecido já salvou o leão.

—O Sr. esta enigmatico.

—Paciencia; o peior cego é o que não quer ver. O burro tambem ajudou o leão a caçar.

—Não o comprehendo.

—O corneta ajuda o general a ganhar a batalha.

—Estou na mesma.

—Sabe a fabula do leão e do mosquito?

—Ora adeus! Pensa o Sr. que temo ameaças?!

—Ameaças não Sr., advertencias; quem me avisa meu amigo é.

Prometto-lhe que quando voltar de *França*, já o mestre tempo terá dado sua lecção.

Conversaremos entào.

E adeus, Dr.

(Continuação do numero 74)

—Ora bem: eu não nego que o seu santo é *santo*; sei que os que *menos* cumprem os mandamentos da lei de Deus são os *mais* santos.

Por exemplo David, propheta e rei, gostava das mulheres alheias.

Calombreiro.....

—Capitão, ouça,

—São Calombreiro.....

—Capitão, por quem é.

—Rapaz, deixe-me fallar.

Si n'um paiz constitucional, o Brazil, onde a lei diz que ninguem pode ser condemnado sem ser ouvido, sem ter defeza, o juiz diz que não admitte replicas! quanto mais eu, official a bordo, e n'uma terra como esta Latronopolis!

Ouça os mandamentos da lei de Deus.

1.º Calombreiro tanto *amou a Deus* que ficou santo.

2.º Só *jurava* pelos *santos* de seu mano Joquim, e *por necessidade*.

3.º A' missa sempre foi.

4.º Honrava tanto a seus paes que os deixara na Lysia em miseria, e elle n'*arvore das patacas* a frescar, só visitando-os quando lhes foi offerecer a broa por um testamento que legava dividas.

5.º Só *matou* dous pretos.

6.º Foi tão *casto* que só tinha trez cazas.

7.º Nunca *furtou*; negociou em borboletas e canarios para viver.

8.º Falso testemunho nunca levantou; disse que o irmão fallecido só deixara miserias, dividas incobraveis.

9.º Nunca desejou a mulher do proximo; só teve filhos da mulher do irmão.

10.º Nunca teve cobiça nas cousas alheias; tirou a fortuna do sogro, do irmão e dos cunhados para os mandar direitinhos ao ceu.

Assim amou a Deus sobre tudo, tudo por Deus fazia; amou o proximo mais que a si; mandava os outros para o ceu e ficava com o dinheiro em risco de ir para o inferno.

—Santo homem, capitão!

—Jesus! tão santo que uma vez deu-lhe na cabeça querer morrer como Christo.

(Mais *audaz* que S. Pedro, que tendo de ser crucificado, para se não egualar a seu divino Mestre, quiz morrer de cabeça para baixo.)

Chamou uma escrava sua e fez de Pilatos; mandou-a açoutar.

A policia oppoz-se porque não gosta de experiencias.

—Que desaforo!

A policia prohibindo que se faça penitencia!

—Mas elle para desfazer disse que a escrava tinha delinquido e que era obra de mizericordia castigar aos que erram.

A' tão fortes rasões quem poderia deixar do ceder?

(*Continúa.*)

—Que rua é esta?

—E' a da Louça.

—Eu chamal-a-hia da desgraça.

—Porque?

—De quem são estas cazas?

—Da Mizericordia.

—Pois não parece.

Ja não morreu na Bahia um homem que levou com uma biqueira na cabeça?

—Ja; foi o pae do actual inspector d'alfandega, nas Grades de Ferro.

—Pois deixar estas bicas a cahir assim aos pedaços não é misericordia nenhuma.

Vem um pedaço deste ceu velho e là se vae de viagem qualquer pobre diabo que por aquí passe.

—O dinheiro d'aquella caza é hoje pouco para as irmãs de charidade.

—Mas a culpa é da camara.

Grande Deus! Faz-se aqui tão pouco caso da vida dos cidadãos!

—Capitão, estamos perdidos!

—Porque? Por causa da responsabilidade?

—Cousa peior.

Eu vi os planetas todos pela cidade baixa.

E o Evangelho diz que no fim do mundo as estrellas do ceu cahirão.

—Onde foi isto?

—Eu vi, capitão, a lua em ar de Saturno com um grande anuel e circumscrevendo innumeras estrellas.

—Ora que asneira!

E' a loja da Lua.

Antigamente os habitantes da terra julgavam ser esta centro do systema; aquelles sujeitos são do mundo da lua, julgam a lua centro dos planetas.

E' ignorancia e amor proprio.

—Ora que sujeitos! não me metteram susto!

—E', que V. tambem è do mundo da lua!

LA VAE VERSO.

Na noite de S. João
Ha de haver grau patuscada:
Guarda-marinha Guilherme,
Avise a rapaseada.

Haverá milho cosido
Cangicas e *mongunzá*
Moquecas e peixe frito,
Carurú e vatapá.

O poeta dos jantares
Ha de assistir á função
Em logar de levar lyra
Levará um garrafão.

Haverá foguetaria,
Traques, bufas e bixinhas,
Bombas, craveiros, pistollas
E excellentes rodinhas.

P'ra as espigas descascar
Avise-se o Celestino,
Rapaz que p'ra esse officio
Tem pericia e muito tino.

P'ra ser brilhante o pagode
Jogos de prenda haverá
E um bello advogado
No brinquedinho entrará.

Os milhos ha de mandar
Um frade benedictino;
Laranjas o Barros Reis
E cocos o Bernardino.

O labrego *Amarellinho*
Ha de no brinquedo entrar,
Ha de dar *cabellos louros*
Para os feijões temperar.

Os côcos ha de ralar
A do O' que nisto é fina;
Para mecher a panella
A creoula Bernardina.

O Gouveia Pescocinho
Dançará de saramcu,
Fará figura de bobo
Com gravata de judeu.

O Freire com seu canzá,
O Lonelis com *seu vù*,
Malaquias trapaceiro
No fogão mechendo angú.

O *chronel* qu'inda se lembra
Do tempo qu'era menino
Garboso *descascará*
Para salada pepino.

Um certo commendador
Da historia d'um *patacão*
Gritará com toda a força:
Accorda, accorda, João!

Do *paço* o servo *Gonsalves*
Devoto de S. *José*
Carregará p'ra fogueira
D'imbahuba um grande pé.

O homem que *mata* a gente
Quando devia curar,
Ha de n'um livro de sortes
Com as fadas conversar.

Certo doutor que faz *ponxe*
E tem nome de *dedo*
Por ser mui devoto irá
Gritar:—Viva o S. *João*.

O *Calombo* das *Ombreiras*
Com o seu mano *Juquim*
Irão assar no borralho
Raizes de aipim.

O gordo homem dos *ramos*
Com sua creoula *mança*
N'um bem chorado lundú
Darão o principio à dança.

E ao rufo do pandeiro
E ao som da violinha,
Ao entoado compasso
Das palmas da creoulinha,

Será completo o pagode
Será inteira a folia
Sendo rainha a *patrícia*
De tão bella companhia.

A PEDIDO.

Attenção.

Advertimos a certo moço de barrete cor de macaco morador na rua da Poeira, que vive desde as 7 horas do dia atè as 11 horas da noite na janella, a observar o que se passa pela visinhança, metido a namorar para uma certa casa e fazer versos na janella, que trate de trabalhar não seja vadio, do contrario terá um logar no batalhão 10 de caçadores.

O vigilante.

ANNUNCIOS.

A commissão encarregada dos festejos ao memoravel dia 2 de Julho, na freguebia de Santo Antonio, pede aos moradores da mesma se dignem illuminar as janellas de suas cazas, nas tres noites, de 2, 3 e 4 do vindouro, para maior brilhantismo e realce do grande dia que scellou a independencia do Brasil.

Quem dezejar possuir um rico pianno forte, novo, de armario, com excellentes vozes e de gosto, dirija-se à rua Direita de Palacio, sobrado n. 13 1. andar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª BAHIA 27 DE JUNHO DE 1864. N.º 78

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 26 de junho de 1864.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a uma venda fronteira á thesouraria geral e intime a seu proprietario que deixe de comprar furtos, como ainda na sexta feira accontecêu, sob pena de ser remettido ao Sr. Dr. delegado para dar as providencias. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a S. Pedro e intime a certa moça que costuma deitar cascas de *cirís* para cima de quem passa pela rua, que não continue com a graça, sob pena de ser-lhe publicado o nome, e o numero da caza, alem de ser conduzida ao porão deste navio, onde se costuma amollecer a cabeça de quem è teimoso. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua Direita da Conceição do Boqueirão e intime a mulher de certo advogado que se faz preciso não continuar a mesma a mandar por sua escrava pilar milho, depois da meia noite, visto que nenhum de seus visinhos pode dormir com o ruido enorme que produz tal operação. O que cumpra.

—Que sujeitos são estes?

—São francezes; dous delles brigaram

—O Gouveia não é liberal?

—Exaltado.

—E tanto que quer matar a imprensa pelas goelas.

—Com effeito é incommodo.

—Então não fallem dos conservadores.

—Eu não; quero tanto bem a uns como a outros.

Não sei como hei de escolher entre o Sr. Dr Tosta de quem se queixa o *Diario* e o Sr. Dr. Frauça de quem se admiram todos.

—Este França não é um que queria ser deputado pelo nome do pae?

—Justamente; é liberal por herança, a liberdade naquella familia é hereditaria.

—E a prova é que querem na vespera de 2 de Julho acabar com a imprensa.

—Mas o *Alabama* é gazetinha.

—E deixa de ser imprensa?

Temos o outro que disse que não assignava *folhinhas*.

Não se lembram estes moços que com as gazetinhas é que elles se arranjam nas eleições.

—Em fim, si puderem matar vão matando.

—Realmente ha certas victorias que em nada honram.

com o Lanat, deitaram caza de cabelleireiro e hoje, como è dia de S. João, estão se divertindo com seus patricios.

—Divertindo-se?!

Atropellam a todos, dão á direita e á esquerda, maltratam as pobres mulheres que encontram, deitaram abaixo as cercas que se collocaram por causa do calçamento das ruas e se estão divertindo?!

—Como a policia consente, julguei que era brinquedo.

Vieram assim da cidade baixa, subiram o Taboão, passaram pelo Maciel, Terreiro, rua Direita da Mizericordia, Praça e rua Direita de Palacio, e estão já em S. Pedro, sem soffrer incommodo!.....

—O peior é não fazerem elles como os patricios do Rio de Janeiro que hastearam sua bandeira, deram *morras* ao Brasil e fizeram o diabo a quatro.

—Nem tanto.

—Si não ha correctivo!

—*Attenção!*

—Temos obra grossa.

—E temos.

Novo meio de ganhar dinheiro.

Uma aberração da natureza serve tambem para especulações.

—Que diabo é isto?

—E' que lá está, na ladeira da Conceição, n.º 9 A, o Sr. Vicente José de Castro a offerecer ás familias o spectaculo d'um hermaprodita mediante ajuste.

—Ah! quem quer ver a creança em caza paga 2$ rs.

—Isto tem termo?

—Oh! porque não?

Quem tem qualquer defeito phisico soccorre-se á compaixão do publico e vae passando.

—Tira esmollas?

Nesse caso, si o tal Vicente quer dinheiro, tire tambem esmollas; deixe-se de cassuar com o povo!

—Capitão, ouça o que disse na sexta feira 24, um *branco das ilhas*, por occasião de parar a gondola das 5 horas da tarde para receber uma mulher parda, que chegara mais tarde.

« E' muito desaforo isto! Pois fazer-se parar a gondola para esperar, e esperar por quem logo? por uma negra.

Não se deve tolerar semelhante desaforo, negros andar misturados no meio de brancos! E' insuportavel! »

—Mas Sr. (dizia um sujeito) por ser negro não paga seu dinheiro, e a constituição não dá egual direito a todos?

E depois a mulher que alli vem não é preta, è uma parda, e até muito alva.

—E conhece o tal sujeito?

—Muito, capitão, e V Ex. tambem.

—Pois então vá avisal-o para apresentar-se, por que quero ajustar contas com elle, e isto breve.

Scena de 14 de março de 1838 na rua d'Ajuda.

—Ora. Sr!

Não vale a pena passar-se um dia em Itapagipe, só pela falta d'agua potavel.

—Alli no Rosario não ha chafariz?

—Ha; mas a preta voltou sem agua, porque não encontrou quem a vendesse.

O guarda estava n'uma caza fronteira tocando flauta, e recreiando o amargurado peito!

—Capitão, sabe a fabula da *rapoza aventureira*?

—Conte lá isto.

—Bem; a tal *rapoza* manhosa como todas, vestiu-se um dia de homem e metteu-se a beato; advogou os interesses do papa, rei temporal, veiu ao *Brazil* e fez proezas.

« O *homem* é sabio!

E' poeta, orador, theologo, philosopho, *prosaico*, mathematico, polymatha emfim. E depois é plagiario! »

Disseram todos.

—Que *rapoza* sabida!

—E os padres disseram:

« E' ultramontano! charidosa alma!

Um director de collegio recebeu o bixo-homem a braços abertos, e fel-o professor.

Mas o bixo começou a querer *comer* os meninos e deitaram-no á rua.

Os padres mais o estimaram, e protegido de padre é *couza*.

O bixo continuou a ser professor.

Mas ia comendo sem dar na vista.

—Manha de rapoza!

—Alumnos externos, tres eram seus; internos todos, pois sustentavam a caza.

Externo (a palavra o diz) é de fora: não tinha direito ás sabias lecções do mestre, embora pagassem os paes.

Uma nota má era pouca cousa; si os internos o queriam!

—E como ensinava elle?

—Custou, mas acertou.

—Sabia ler?

—Si sabia ler! Si aquillo tinha parte com o diabo!

Tragam *Pompeu*, disse elle, ou ella.

—Era geographia?

—E historia.

Cinco mil reis um *Pompeu*; *Pompeu* não presta; *Abreu*; tambem não presta: *Gaultier*; é antigo, e não queremos carranças; *Monte-Verde*; este sim, que *é de caza*.

—E quanto á historia?

—Contava mesmo uma historia; apostillas offerecidas aos internos que eram as suas *queridas gallinhas*.

—Que devastação não iria por aquelle terreiro!

Fez como o lobo que se vestiu de pastor.

—Mas não teve a paga do lobo.

—Agora, a moralidade da fabula.

—Moralidade! foi cousa que nunca teve.

Enganou a meia duzia, e metteu se entre os *jesuitas*, onde passa vida *folgada e milagrosa*.

—Amigo, V. tem pouco geito para fabulas. Nem todos podem ser Esopo, Phedro, ou Lafontaine.

—Não nego; tambem a *rapoza* nenhum geito tinha para professor e litterato, mas vendeu *pomada*.

—Capitão, nas janellas da camara ha uma ave, será gallinha?

—Que gallinha! E' uma pomba com um ramo d'oliveira, allegoria da pomba d'arca de Noé, e tanto que tem o diabico—Sic illa ad arcam reversa est.—

—Quem não sabe è como quem não vê.

Como sempre eu ouço fallar na camara que faz posturas, e vi aquella ave, julguei ..

—Que a camara representa uma ave?

—Não, Sr.; que o emblema da camara era uma gallinha.

—Mas olhe, todas as aves *poem*.

—Tem rasão, tem rasão, a gente fallando è que se intende; quem pergunta quer saber. Si V. Ex. não me esclarece, continuava eu no erro.

—Triste cousa é a ignorancia!

—Tem rasão, capitão; sou tabareu, não intendo disso.

—Capitão, iô teve um susso grande.

—Susto de que, rapaz?

—Iô pensa qui Latronopo tà Sodoma; iô pensa qui mundo vae caba; iô pensa qui cassitigo chega; iô pensa qui iô móre assado.....

—Por pensar, morreu o burro do teu pae.

—....fogo ta hi; craridade grande, iô qué vê, iô ta cum susso, iô pede Nanseuhô pru eu, iô vem vê.

Condo iô chega, capitão, xè xè xè-bú; iô cae ni chão, raio què mata iô, iô nan móre, iô levanta; bussicapé é qui core.

Mai rua turo tá cheio de foguera; iô grita: Jesuita venceu, quisição ressuscita, foguera ta hi!

Iô córe ni cruzeiro de San Francisco p'ra jueia ni pé de Cruze e Nanseuhô livra eu de familiá din quisição.

E' condo iô repara; menino d'um caza, de numbro 82 joga bomba ni cabeça de anani qui passa.

Iô core, iô progunta qui é esse, iô fica pantado, condo anani me dize:

«San João tà hi.»

—E não te envergonhaste de ignorar o dia do nascimento do Baptista?!

—Iô nan gnora, capitão; mai iô pensa qui iô tà ni cidade, angora sim, iô viu qui iô ta ni roça, qui iô te ni ardeia

Qui diabo de tera è esse? Trei dia agua só, tà lembra diluvio; angora fogo e mai fogo, tà lembra Gomorrha e Sodoma.

—Ora este pedaço d'asno não deu em formar o mundo?

—Tà denreto; nan fazè nà qui toca fogo ni cidade; capitão sabe que munto trapiche soffrè de fogage; e angora mesmo, buscapè què toca fogo ni caza de Carçada.

E' pru esse qui iô falla: mai capitão tem resom; guberno qui cuida ni caba esse sipectaco; cambra qui faze respeita pussura di ere.

Iô falla, pruquê iô ta progressissa, iô quê caminha, e caminha depressa.

—Pois bem, patife, caminha e caminha vá e jà para a cosinha!

Nella èque està o teu progresso, reformista d'um dardo!

—Jussamente, capitão, este ta ni moda; pega ni goela p'ra anani nan fara.

Xa Gouveia principia, capitão què caba.

—Novidade!

Quem offerece uma biblia a um christão é judeu.

—Quem disse?

—Leia o *Brazil* e veja:

GEIL-OS DESMACARADOS.

A sociedade biblica de Londres fez presente de tres biblias ao general Garibaldi.

—Que descoco!

Si já não tinha jantado quem escreveu, doudo.

—Si não é, parece; tanto que sob o titulo de *liberdades italianas* dá uma noticia da assembléa provincial do Rio.

—Si o redactor é encyclopedico!

—Que casa è esta?

—E' casa de saude.

—Explique-se.

—Curam-se aqui doentes.

—Ah! mas muitos visinhos hão de soffrer!

—E entretanto a postura n.º 122 diz assim:

« As casas de saude só poderão ser estabelecidas fora da cidade e com licença da camara.

—Quem fez a postura não foi a camara?

E' que a camara deu licença.

A quem pertence?

—Ao Dr. Domingos Seixas.

—Ah! é por isto!

Está tirado o encanto!

Este mundo tem cousas

A PEDIDO.

Sr. Capitão.—E' lamentavel, na verdade, o stado do homem que por força de *spirito*, genio ou talento, não pensa de tarde como pela manhã pensava.

O *Alabama* è uma specie de policia, é um excellente jornalzinho, dizia á tarde um conhecido musico que teve ou tem pretenções a juiz de paz.

A' noite a fecundidade daquelle pensamento o fazia variar; a grandeza d'aquelle genio, a força do *spirito* que o regia e rege era tanta, ia crescendo, brotando, *florindo* por tal sorte que o *Alabama* era o mais torpe paschim, o diabo até que se lhe figurava naquella imaginação *exaltada*.

Ora comprehenda-se lá um homem destes!

E' que *in medio consistit virtus*.

Quando o homem excede ao commum, nem todos podem comprehender-lhe as elevações do *spirito*, os *communs* são incompetentes para apreciar o magestoso alteio da aguia que se perde de vista.

Estes *spiritos exaltados* não podem pois eonvir a todos.

Poderà o Sr. capitão remediar estes males?

Talvez; como o homem tem carne, apezar de seu elevado *spirito*, mande-lhe visitar o guarda marinha, dando-lhe por assistente o muxingueiro.

O homem que está tão alto não ficará muito embaixo; mas no termo medio, e os communs poderão então tractar com elle negocios, e dar-lhe a *importancia de que é credor*.

Um que estava na Larangeira.

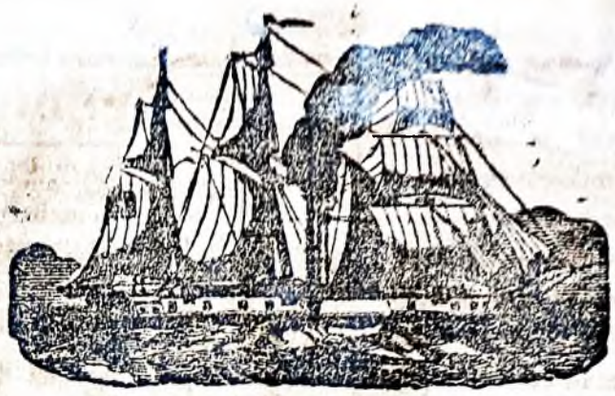
Adverte-se a umas moças muito serias moradoras á roa da Laranjeira n. 84 que si continuarem á se portar como até aqui, não só para com a visinhança, como com quem por alli passa, será incumbido o Manuel Bahia de conduzil-as até algum beco, onde possam melhor dar expansão ao seu genio, por exemplo o do Grelo.

O Escandalisado.

ANNUNCIOS.

Quem dezejar possuir um rico pianno forte, novo, de armario, com excellentes vozes e de gosto, dirija-se à rua Direita de Palacio, sobrado n. 13 1. andar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª BAHIA 29 DE JUNHO DE 1864. N.º 79

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 4$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 28 de junho de 1864.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que lance suas vistas para um sobrado á rua da Poeira pertencente ao Sr. Ignacio Dias de Andrade, o qual se acha prestes a desabar, como já desabou o muro do mesmo, trazendo em sobresalto a visinhança.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, perguntando-lhe si è verdade ou si está nos termos da lei o que dizem os commandantes de guardas, quando lhes vae algum inspector de quarteirão pedir guardas para effectuar uma prisão, ponderando que só devem sahir elles quando requisitados pelo subdelegado: o que é inconveniente, visto que ha dias deixou de ser feita no Engenho da Conceição uma prisão em certos individuos que com um carro esmagaram o pé d'uma preta, e que andaram depois a esperar pelo inspector, munidos de cacete e sabe Deus o que mais.

—Ao Exm. Sr. Cons. director dos estudos para que informe com urgencia quantos alumnos frequentam a aula primaria da freguezia do Soccorro, á que tempo está ella provida, quantos alumnos tem o professor dado por promptos, quem são, de quem filhos e a residencia dos mesmos.

—Ao Sr. subdelegado da Rua do Paço para que vá quanto antes á ladeira do Carmo, n.º 43 *A* B e faça dahi mudar-se um africano, papae de terreiro conhecido por *Acou*, o qual incommoda diariamente, isto é todos os dias e noites, a visinhança daquelle logar com os *tabaques*, *congùs*, algazarras e gritos que promove por occasião de suas reuniões, que não devem continuar no centro d'uma cidade illustrada como esta.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á uma padaria no Sangradouro e intime a seu dono que não continue a expor á venda pão de farinha podre e negro como o coração de certos ladrões desalmados, sob pena de ser conduzido ao porão, já que nenhum cavaco dão pela saude do povo o Sr. inspector de saude e a Illma. camara a quem Deus guarde etc. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á Estrada Nova, á caza de banhos do Sr. Barros, pegue um moço branco que costuma alli ficar nú com os braços abertos a fazer acenos para a caza das irmans de charidade, e conduza-o para o porão para dar-se-lhe o castigo que merece tão engraçado procedimento. Cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá a uma padaria á rua de Baixo e intime a seu proprietario que não continue a vender

pão sem o peso legal, sob pena de ser conduzido ao porão deste navio, já que não tem os fiscaes olhos para fazer effectivas as posturas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que mande pelos africanos livres arrancar uma porção de arbustos e capim que existe em frente á egreja do Pilar, já que as posturas quando effectivas, só o são para os particulares, obrigados a limpar as ruas, em quanto nos logares em que não ha cazas, a camara se não digna dar o exemplo. Cumpra.

—Ave Maria! credo! cruz! Vade retro, Satan!

—Tem medo de mim, homem de Deus?

—Ah! falla em Deus, não pode ser o diabo.

Que susto o Sr. me metteu!

—E' meu amigo que estou aqui apertado, atrapalhado com esta *gravata*.

Que diabo! não sou militar e me vexa este *pescocinho*.

Si eu fosse cachorro assentava-me bem esta *colleira*.

—O Sr. vae ao bando sem duvida!

Traz por colleirinho um cartucho; por gravata um lençol, por cabeça..... cá, cá cá!....

Eh! boi!

Moleques á elle!

—Que diabrura é esta?

Tocar-se buscapés para dentro das casas alheias!

So na Cruz do Cosme se vê disto!

—E' aquelle mocinho *candido* daquella venda que deu em formar uma nação á parte, um *stado no stado*, e nomeou consul aquelle Sr. Brasilino, que com seus novos patricios fazem das suas.

—E como insultam aos pacificos moradores do logar!

Por aqui não ha subdelegado?

—Ha, ha, mas ah! ah!.

O homem não tem geito para a consa. Mette-se no quartel de saude e adeus, Sras., que eu parto.

—E viva a patria!

Bemaventurado progresso!

—Guarda marinha, mande fechar as portas de certo estabelecimento que de gracas ja foi para muita gente, mas que é hoje de desgraças para seus accionistas.

—Mas por que, capitão?

—Porque consta não ter que dividir no presente semestre, assim como que continuará a brincadeira por estes dous annos, pois que mal chegam os ganhos para a commissão de seus directores e para o custeio da caza.

Feche-o por tanto e deposite as chaves em caza do Dr. A. J. L.

—E os directores?

—Traga-os á minha presença para empregal-os na administração de alguma ordem rica em companhia d'algum frade manhoso, que melhor os exercite no emprego.

—Assignei 4:000$ para o Instituto Latronopolitano.

=Quando ?

—Quando aqui esteve S. M. o Imperador, muitos assignaram . . . . .

—E pagaram. E V. S., meu charo coronel, meu amavel commendador, já pagou?

—Si não paguei, é por que não quiz; sabe que dinheiro não me falta.

—Mas para que esta gabolice? Assignou, pague.

Quiz mostrar-se por causa d'aquelle seu desafeiçoado e esqueceu-se de que palavras não adubam sopas.

—Ora adeus! historias!

—Isto é rico!

Um *gallinheiro* n'uma salla de baile!

—Costumes da Costa, capitão.

—Mas na Costa não se festeja Santo Antonio, e a funcção parece que é em louvor de Santo Antonio.

—E' que talvez o dono da funcção seja meio africano, meio *europeu*.

Não vê alli diversas raças?

—Sim. E' que o homem tem dinheiro.

—Capitão, cumpri a ordem que V. Ex. me deu a respeito do sargento da rua das soledades. Fui intimal-o e disse-me que não era da classe do biltre que lá me mandou, pois que vive honradamente, sem dar motivos de queixa, como pode provar com os visinhos. Que pelo contrario falla-se muito do outro senhor.

—Que senhor?

—O que com ordem de V. Ex. lá me mandou; que falla-se muito de suas menores, mas é falso e permitta V. Ex. que mande o munxingueiro tirar os oculos a tal impostor que é um grande tratante que precisa, pelo menos de cincoenta calabrotadas.

—Traga-o cá.

—Já aqui o tinha; eil-o, capitão.

—Ai! me acuda, meu capitão!

—Pois vae pagar ao homem que mata porco.

—Misericordia, capitão!

—Fogo, muxingueiro!

—Valei-me, Senhor Deus!

—Mais vinte cinco!

—Capitão, eu prometto.

—O que?

—Emendar minha vida.

—Ja pagaste ao homem da venda?

—Não Sr.

—Porque?

—Porque costumo tomar dinheiro para trocar e.....

—Ah! sim? já intendo.

Muxingueiro, fogo!

—Ai capitão, ja não posso!

Estou todo.... mij..... ai!

—Dá-lhe nos beiços para calar-se, muxingueiro! Sem piedade!

—Illm. Sr. Gouveia Pescocinho.....

—Sr., não sou eu, não; o Gouveia que fez o diabo foi o que chamou o *Alabama* á responsabilidade na Bahia.

—Não, maganão para que levantas falso ao outro? és tu mesmo; o outro é gravata, cousa que nem todos sabiam, como agora elle o diz e tu a quem por tal eu conhecia es agora pescocinho.

Anda lá, Pescocinho dos seiscentos, dize-me uma cousa.

—Que é, Sr. capitão? que cousa, meu Deus? Eu não fiz nada, capitão, major, tenente coronel, coronel, brigadeiro, marechal de campo, tenente general, marechal d'exercito, generalissimo, imperador.....

—E inimigo dos ladrões.

Lembras-te do caso da tia Quiteria?

—Quiteria! Grande Deus!

Quiteria! Misericordia, meu grande homem; nem palavra sobre a pretinha!

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Ja outro dia metteste a cara deste safado na cloaca do navio, agora mette o chicote na cara deste ladrão!

—Grande Deus? nem pelo testamento soffri tanto!

LA VAE VERSO.

—Passarinho, donde veiu,
Que tanto quer comprar?
—Foi, sou, serei papagaio,
Hei de por força fallar.

—E como tres mezes justos
Na *gaiola* embatucou?
—E' que da *França* chegando
A lingua o clima extranhou.

—Papagaio verde e aureo,
Falle verdade, meu louro;
Pois por um conselho dado
Se enfurece como um touro?

Eu sei que só o egoismo
E' sua lei, seu phanal,
—Isso não, que as minhas cores
Me apregoam liberal.

—Pois bem, será presidente,
Que é todo o desejo seu,
Lindo, *augusto* papagaio,
Não me defenda o *judeu*.

—Si judeu trouxer *gravata*,
Ou ainda um *pescocinho*....
—Não Sr.; traz só colleira
Por onde o puchão sobrinho.

—E' então caxorro o homem?
—E' burro—cão presumpcoso,
Que em vez de trazer *gravata*
Traz colleira mui garboso.

Coitado do homem,
Coitado delle,
Quiz tirar lan,
Tiraram-lhe a pelle.

E' por que quem sobe
Ha de vir a cahir.
Este mundo tem cousas
Que fazem rir.

Ca ca cà, ca ca cà,
Qui qui qui, qui qui qui
Metta medo ao diabo,
Saia-se daqui.

A PEDIDO.

Dizem que em virtude do que se tem publicado no *Diario* n.º 139, 142, 145, se requerera a todos os estabelecimentos bancarios desta cidade certidão da responsabilidade de Ribeiro & Gomes, e que uns negaram despacho; outros depois de terem dado cassaram com os requerimentos pretextando perda delles, e que as caixas Economica, Reserva Mercantil, e Hypothecaria indeferendo se havia replicado. Deus nos ajude ver providencias respeito a tal misterio.....

Pede-se ao Sr. sargento F. *A.* O. o favor de não tratar da vida de um seu companheiro, veja que está em logar onde todos o conhecem, e quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle. Si do Sr. nunca foi queixa aos seus superiores, é porque sabe adular, e com industria afastar aquelles que isto tencionam; felizmente as queixas contra este que o Sr. propaga não tem sido por ladroeiras, jogatinas, embriaguez, baderna provocancias, e desordens, queixas estas que deshonram a um militar, o que talvez em epochas remotas isto alguem tenha praticado.

Lembre-se do adagio antigo—ama-se a traição e aborrece-se o traidor.

Bahia 24 de junho de 1864.

Um offendido.

Cabo da guarda?
—Prompto!

Quem é aquelle anjo de procissão, que vae passando pelo largo da luxuria com um balão tão immoral?

—E' a filha d'um sujeito debochado, e amante do bello vinho de Santo Amaro.

—Como vae ella enthusiasmada, e cheia de fiducias!

Ja não se lembra ella quando hia comprar cachaça, com os pés no chão.

—Alto lá camarada, não diga isto que pode offender.

—Qual offender, pois aquella *coisinha* tem vergonha?

Não vá adiante: olhe que os *capitães* da rua, onde ella mora, podem o prender.

—Si me prenderem, heide primeiro vingar me daquella cigarroinha.

Basta, tenho que fazer, amanhã conversaremos.

ANNUNCIOS.

A Gloria de Pirajá.

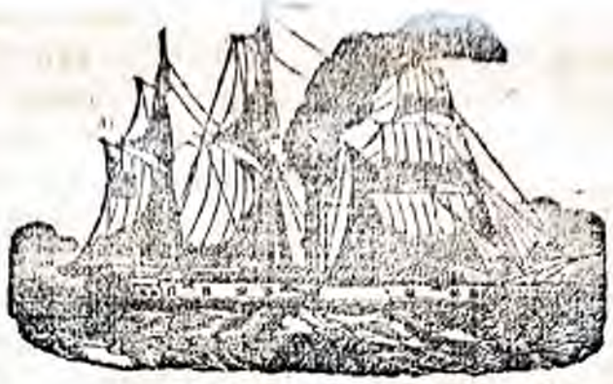
Com este titulo acha-se nos prelos uma quadrilha de walsas para piano a qual será distribuida do dia 29 em diante; as pessoas que a quizerem possuir e executal-a no dia 2 de Julho dirijir-se-hão à rua do Collegio n. 10.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 3 DE MAIO DE 1864. N.º 33

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 à 1$000 rs. por serie d 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de Maio de 1864.

Officio á camara municipal, para que informe que edade tem a balança collocada no matadouro, em que tempo foi atarada e por quem, e quanto pe za uma pedra que na mesma serve de pezo.

—A' mesma, para que suspenda o actual fiscal, *por não saber* que nos talhos de S. Bento vende-se carne até 4 1|2 horas da tarde, e depois desta hora é remettida em cestos para as casas de pasto com cujos donos tem os cortadores negocio.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na sua freguezia ha uma mulher conhecida pelo nome de *Josefa boi* que é o escandalo da rua em que mora, reunindo em sua casa, principalmente à noite, mulheres dissolutas, homens perdidos, soldados de policia e *tout le mond* para *sambas*, algazarras e deboches, do que resultam continuadas desordens, sendo que na noite de 29 houve uma entre dous marinheiros, que ia tendo grayes consequencias por occasião de festejar-se alli os santos Cosme e Damião, e a que assistia, como é natural o *incomparavel* Granada!!

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

A Assembléa Provincial pedindo prorogação de suas sessões.—Informem os vadios que faltaram à ellas.

—O Dr. Manoel dos Livros, presidente da junta de qual ficação da freguezia dos mamões, pedindo pagamento dos dias em que tiver de servir como presidente da referida juncta.—Bem que seja reconhecida a *energia* com que o supplicante exerce o cargo de presidente de juncta assim como os *importantes serviços que presta em cumprir fielmente a letra da lei*, não pode comtudo ser deferida a sua pretenção, visto não haver cifra designada para tal fim.

—Criado do Sr. João Bolachão. Como tem passado?

—Deixe-me, sinhô.

—Mas então V. mudou a cavallariça por alguns dias e muda-a de novo para o antigo logar, emporcalhando a rua desta maneira assim?!

—Olhe que diabo! eu vou mudar, capitão

—Pois isso com brevidade; do contrario fallarei no enorme desaforo de remetter V. com diversos preços para suas diversas vendas os mesmos generos.

—Capitão, não tenha susto.

—Fallarei tambem na sua rapida fortuna, no Candido Ribeiro, &c., &c

—Pelo amor de Deus, capitão

—Capitão, um casamento de nova especie.

—De nova especie, como?

—Um bipede e um quadrupede!

—Jesus, meu DEUS!..... Que m'é o bipede?

—A mulher.

—Logo vi; só a mulher teria essa lembrança. Bem dizem que si ella não casa com sapo, é por não saber distinguir o sexo.

De sorte que teremos um monstro quando parir a mulher!

E o nome do quadrupede?

—Cá, cá, cá! Ora, capitão!... o bixo é gente; é um pobre homem que anda de quatro pés, por a isso obrigal-o a natureza.

—Então falle sério; nem ha n'isso nada de novo.

—Mas em todo caso, seria curioso saber como elle de quatro pés, deu a mão á noiva.

—Capitão, me dize um cousa: Latronopo tá ni Asia, tá ni Africa, perteucê à China, à Russia, ou qui é memo?

—Porque perguntas?

—Dize, capitão; esse paize tá livre, ou tá ni despotisma? Iô lê sitoria e biu que êre tem consituição.

—E é verdade.

—Mai nau parecê.

—Mas porque?

—Iô já nan qué falla de sicravatura, de anani vende anani; nim di patifaria de Forum, qui remata gente cuma quiabo, qui mussura anani cum cadeira e caballo. Iô só quê proguntá um cousa.

E-se má paxero turo qui tá cum barri ni cabeça, qui tá cum ferro ni pecoço, qui tá cum cadeiado ni cima di êre fazê argum delicto?

—Não; são simples presos, ás vezes depositados pelos senhores para serem vendidos.

—Tá denreto! E esse ferro nan é de garé? nan é de quem truta, de quem rôbe, de quem faze assassinamento?

—Mas não vês que a nação não tem necessidade de occupar muitos guardas com negros captivos? Prende-os com uma corrente para não fugirem. E depois os galés trazem a corrente no pé, e elles trazem-na ao pescoço.

—Cum effeito tá um trancelim de gôsso, u *correntão* di moda.

—Queres saber d'uma cousa? Negro e bixo é tudo o mesmo.

—E capitão tem resom; é pru esse qui quequerê, aibô mêmo châma êre changó.

Mai, capitão, condo trangero chega e bê esse, êre nan tá ni sua denreto de dizê que quem tá rei nan predê magestade, qui nosso tá um paize de bruto, fia de caboco qui come anani?

—Mas com factos desmentil-o-hemos; e tanto que ahi andam os *changòs* e ninguem os come.

—Condo capitão querê fallá seriamente, iô tá ni ordem de Vossincellence!

Ta cuma nim sembréa! nungocio tá serio, e deputaro cassua.

Iô nan gussa de comedia!

(Continuação do numero 53).

—Dize-me mais, como foi tambem uma barbaridade que pratic ste com uma tua comadre que te ficou incumbida por um teu parente, o qual deixou dous escravos em teu poder, para com o rendimento do trabalho delles e mais 15$ rs. mensaes a sustentares e a dous filhos seus, e tu faltando não só com respeito a religião, como abusando da confiança que em ti depositou teu parente, quizeste pelo meio da fome e alugueis de casa forçal-a a condescender com teus libidinosos desejos, e porque ella a

isto e não pressentes, e abriste no meio da rua seu recurso para viver, e pegaste barbaramente nos teus dous atilhados e primos arrancados dos braços da lacrimosa mãi, e os fostes atirar em S. Joaquim, sem teres ordem de seu pai, e por esta forma suspendestes todo o beneficio que elle presava aos filhos, e a mulher que tanto lhe serviu, e depois com calumnias illudist o teu parente que até hoje ignora teu negro procedimento, sendo a causa de tudo isso quereres passar a tua folha a tua comadre, e passares a mão nos escravos?

Sim, dize-me tambem como foi o negocio dos contos do austriaco que te deu para guardar, que por arte e geito fizeste o homem se metter em negocios de farinhas, com a forçosa clausula delle so comprar em tua mão e no fim de 8 mezes tu disseste ao homem que elle já te devia?

Emfim já deste o dinheiro do rapaz?

—Ai Sr. capitão, me falle em tudo menos em dinheiro ao rapazito.

—Oh! atrevido, queres roubar o rapaz! hoje eu punirei teus crimes a bordo deste navio.

—Sor capitão, piedade! por *S. Francisco.*

—Tratante hoje a nada attendo.

—Ai! Sor capitão por S. *José.*

—Gallego infame, os santos não toleram ladroeiras. Rapasiada, amarrem este maroto sobre a *Rocha*, e conduzam ahi todos os farinheiros da cidade de Latronopolis para lhe cuspirem na cara e não suspendam esse acto emquanto não for restituida a quantia que estava na Reserva Mercantil que o pai ha mais de 10 annos mandou dar aos filhos. E depois de cumprida esta minha ordem entreguem todos os *Alabamas* tendentes a este gallego, para elle não ter o trabalho de os procurar e tel-os á mão para os mandar para a sua terra com urgencia; façam-no depois subir da Rocha a trote a força de mangual, gritando todos —*viva o Sobrinho!*

—Sr. capitão.

—O que temos, amigo?

—Venho participar-lhe que os moradores do Sangradouro estão quasi envenenados.

—Então que historia é esta?

—Eu lhe explico. Ha alli uma padaria cujo respectivo dono, que só quer ganhar dinheiro, não dá cavaco que o pão seja mau com tanto que o venda, e o fabrica com farinha podre, mau fermento, de sorte que as pessoas que compram, naturalmente hão de soffrer.

—Mas meu amigo a camara não vê isto, em os seus fiscaes?

—O capitão [illegible] morrer, e além disso, [illegible] nha de cuidar de seu trabalho, leva todos os dias a matar sanhaços, deixando que uma BARATA esteja dentro da farinha fazendo ninho?

—Mané Bahia vai ao Sangradouro e traze-me esse padeiro, para perguntar-lhe, como é que deixa uma BARATA se creando dentro da barrica da farinha?

—Já, capitão.

—Espera—em primeiro logar adverte esse tratante, e si respingar, segura-o pelas orelhas, e atira-o no porão para o muxingueiro applicar-lhe dez calabrotadas por hora, até corrigir-se.

—Sim capitão; mas acho pouco.

—Quem quer lançar sobre o *escravo* que se acha presente, avaliado em 150$ rs.?

Dou-lhe uma, dou-lhe duas; não ha quem cubra o lance?

150$ rs.!

Quem quer lançar sobre o escravo que se acha presente, avaliado em 150$ rs.?

—Qual é o escravo, Sr.?

—É este preto.

—Isto é um desertor da portaria de S. Francisco! Pois um pobre diabo carregado de esteiras velhas, de samburás e tronxas, já com tres pés, no inverno da vida, de pau na mão, com os cabellos embranquecidos, e avaliado por 150$ rs. para ser vendido em hasta publica!

Grande Deus!

—Que quer, Sr.? São as instituições do paiz, que admittem a escravatura....

—Bem disse certo prelado que este povo morreria de *jacto!*

E esta terra é a da liberdade!..... e a epocha é do progresso!..... e um projecto favoravel aos escravos lá calou no senado!.....

Pois bem! quem quizer fazer enterro, que leve este fardo para a casa.

A' PEDIDO.

A El-rei Meu Seuhor.

Hoje pretendo levar ao alto conhecimento de S. Real Pessoa um facto tão excepcional que é impossivel crel o sem acreditar na ressurreição de Vidocq!

Aprecie S. R. M. com toda a calma, para poder conhecer com alcance do astucioso, primaz chefe das infamias e ladroeiras.

Lá vae o caso.

Um infeliz preso cahindo nas garras d'essa fera insaciavel deulhe a intender que si se creasse um novo tribunal de jury em certo logar seria sua sorte decidida.

Oh! achado feliz, oh mina inexhaurivel para saciar a gana de dinheiro e mais dinheiro de um tal salteador!

Não tardou por em pratica com a sua camarilha os planos do ataque á victima, e de saqueal-a!

Prepare-se, Real Sr. para a comedia; prepare-se que ahi vae apparecer o novo Vidocq; ahi vae o homem mostrar o seu ingenhoso talento.

Figure se, mas, realidade—apresentou-se dias depois á infeliz victima, e diz-lhe: Ganhei, e está livre! Coragem Real Sr! concluir.

Arranjei tudo na secretaria do governo, e preciso de 600$000 para satisfazer lá certos compromissos, pois nada ali se faz sem dinheiro para certos canalhas!!!

—Obstupui,steterunt que comœ et vox faucibus hœsit.

Oh! capacidade nunca vista: Beatus venter qui te portavit.

Diga-me agora Real Sr: V M. sollicito como é em beneficiar seu povo, creia que isto todo aqui se passou nas grades de uma cadeia, o que isso fez.... não, que Vidocq é um crapula, que se ache com a vara da justiça nas impias mãos:

Pergunto: Foi roubo que praticou aquelle salteador denodado já corrupto?

Poderão ser-lhe confiadas a vida, honra e fortuna de centenares de pessoas?

O que faria Real Sr. na affirmativa da 1. —e negativa da 2.—?

Ao Illm. Sr. Dr. Chefe de Policia.

Participa-se que a cidade se acha inundada de caceristas e faquistas, a ponto de em uma destas noites ser espancado por dous e ferido por um—certo sujeito que se anda mealcando de redactor do *Alabama*, felizmente sem sel o, e isso na Estrada Nova, um dos logares mais transitados da cidade; o que vê S. S que é um escandalo que não pode nem deve continuar, por honra e dignidade da policia de que é chefe S S. a quem se acham confiadas a honra, a liberdade, a propriedade e a vida dos cidadãos.

Pergunta innocente.

HORRIBILE DICTU!

Ao *recto* e *justiceiro* Sr subdelegado da cidade da Cachoeira Vicente Pereira da Cruz, pergunta-se o seguinte:

Si S. S. pode mandar por em *liberdade um individuo preso em flagrante por tentativa de morte e ferimentos*, sem afrontar a lei e a moralidade publica porque assim o intende em sua *omnipotente vontade*?

(*Continua*).

O *Lynce da Matriz*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 4 DE MAIO DE 1864. N.º 56

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17 a 15000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 3 de Maio de 1864.

Officio ao Sr. Dr. juiz d'orphãos, partecipando-lhe que no Pau da Bandeira, n. 36, existe, segundo nos informam, uma parda escura de nome Maria, a qual espanca diariamente a menor Severiana que em seu poder tem, orphan de pae e mãe; partecipação que a S. S. se faz, a pedido dos visinhos, de quem podem ser colhidas informações, ja que o inspector do quarteirão nao se incommoda com cousas poucas.

—Ao Sr. subdelegado de Sant' Antonio, pedindo-lhe que syndique de um facto que nos informam se passa quasi todas as madrugadas, na caza de um sapateiro á rua dos Adobes e é o seguinte: Tem o mesmo em seu poder uma menina, a qual é pelas duas horas da madrugada levada ao quintal, amarrada a uma bananeira e barbaramente surrada, ignorando-se o motivo.

A moralidade publica exige ser desaffrontada, e confia-se na prudencia e energia de S. S.

Portaria ao fiscal geral ordenando-lhe que quando passar pela rua Direita de S. Francisco de Paula por ser alli seu caminho, lance suas piedosas vistas para uma tenda de ferreiro que alli existe, cujas forjas collocadas perto da rua, e sem terem respiradouro ou chaminé, tornam-se um supplicio para a visinhança obrigando algumas familias a mudarem se, alem do incommodo que causa aos narizes dos viandantes, com o insuportavel cheiro do carvão de pedra. O que cumpra.

— Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á uma casa que fica por detraz da sachristia da egreja de S. Pedro, onde mora um africano que mata porcos em casa ás duas horas da madrugada, incommodando a visinhança, e traga preso esse sugeito para ser dependurado no lás da verga da gavea de gata para não continuar. O que cumpra.

— Ao mesmo ordenando lhe que

traga á este bordo a sacerdotisa Marianna para justificar-se da accusação que lhe é feita de haver envenenado um seu compadre para passar á sua folha os cobres do mesmo em companhia de quem vivia. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Jambo de Lisboa, pedindo accesso no seu emprego, visto sua intelligencia não permittir-lhe por concurso senão a *praticancia*.—Requeira por intermedio do commandante dos pitús, afim de com as divisas amarellas disfarçar-lhe a cor vermelha.

—O alferes Santos das Peras, pedindo, afim de poder acabar com as gazetinhas, o logar de promotor publico da comarca de Nagé.—Em vista dos importantes serviços prestados pelo supplicante ao partido conservador, como membro da commissão de intriga da freguezia dos sanbaços, lavre-se acto, concedendo a nomeação requerida.

—Campo dos Borges, pedindo um novo chinó para substituir sua hedionda cabelleira.—Informe o administrador da meza de rendas.

—Firmino Maçarico Lins, pedindo o logar de membro da commissão de intriga da freguezia dos sanbaços, vago pela nomeação do alferes Feijoada.—Indeferido por ser incompativel o logar que requer com o que exerce n'alfandega, tanto mais quando é este commando inimigo do filhotismo e das accumulações, de que em grande escala dá vivo exemplo o supplicante que se acha tambem nomeado betador-mór de pombos da referida freguezia.

—Capitão que anda fazendo este frade pela cidade baixa, de armazem em armazem, provando vinho velho e cerveja?

—Anda catando gente para a *mesa*.

—Que mesa, capitão?

—Para uma mesa de *ordem*, isto é bem arranjada; uma mesa a que nada falte, nem mesmo o cravo e a rainha das flores, a excelsa, a sublime, a *Santa rosa*, cujos pedores embriagarão os convidados.

—Tem gosto o frade.

—O que o tratante tem é *geito* para a *cousa*.

—Capitão, ha novidade.

—De que se trata, guarda marinha?

—Procura-se saber quem é o *corujão do quartel* que informa a V. Ex. dos factos praticados em S. Felix por um official de policia, e outros; ha suspeitas de que seja praça do mesmo corpo, e dá-se uma gratificação a quem o descubrir.

—Pois ignoram que a policia do *Alabama* anda em toda parte?

—E não vá recahir a culpa sobre alguma innocente.

—Pois bem; para arredar suspeitas, vá V. por ahi ao quartel de policia e veja si descobre o verdadeiro corujão,, que é sem duvida quem deseja conhecer o falso para *vingar o seu direito*.

—Então hoje sigo para os bairros de S João a tractar com um velho, que tem um filho vaqueiro, a tomar algumas informações; de lá irei a Nagé conversar com um velho panelleiro a ver si tomo uns documentos de que preciso, e para de uma via fazer dous mandado, irei á fazenda d'*Armada* fallar com o mestre de uma polaca carregada de escravos que desova nas praias da *Memoam* em 1850, saber delle os escravos por quem foram distribuidos, quantos vieram para esta capital de Latronopolis, quantos ficaram etc., etc.; de volta pedirei um esboço da campanha de Pirajá, uma relação nominal de quem contra o governo e a favor pelejou. Feito isto combino as minhas ideas, e direi a V. Ex. que sei donde vem o mal.

—Capitão, caballaria é de gente ou de caballo?

—O nome está dizendo; cavallaria é de cavallos.

—Mai siquadrão de caballaria é de aibô qui monta caballo.

—E' isto mesmo.

—Mai buro ágora tem sua bataião.

—Conte-me la isso.

—Caballaria nan tem bandeirinha? Poi buro tamem tá ni bandeirinha, mai nan tá caballaria, pruque um nán pode trepa ni outro; mai tá ni artiaria; ere turo tá pucha peça cum bandeirinha ni tessa.

—Ora vejam o que é a ignorancia! São carros de conducção de polvora, que para serem conhecidos trazem aquellas bandeirollas vermelhas.

—Ah! esse tambem é novidade de progresso? Felize tera qui buro trazê distincção! Felize tera qui buro trazê bandera! Iô vae pede cômenda p'ra ere, qui tá arfere.

—Ora, ora! quantos por ahi ja não a trazem ao pescoço!

—Ante esse; buro tem mai vregonha que esse olê turo que tem ni cidade.

—Está bom; são horas de almoço.

—Iô ja sabe; turo modinha de ossincellence tem esse tribia; patria de ossincellence tá ni bariga, iô vae sarva patria. Café tá ni meza.

(Continuação.)

—Não deu agora o boccorio em dizer que as casas de Santo Antonio são baratas, porque não ha quem goste de morar naquelle bairro!

Ora, meu Deus! pois um homem que a primeira papa que comeu foi na ladeira da cavallaria, onde o cigano de seu pae foi *coisa*, e onde sempre morou!

—E depois onde é que elle foi gente? onde é que o gallego do irmão do pae tem casa, roça, cavallos e escravos?!

—E' um refinado tollo!

—E tão tollo que se não lembra que si ha algum preconceito contra a freguezia de Santo Antonio, è por causa da ciganagem que foi atirada naquelles então logares desertos. Os effeitos daquella praga ainda hoje se fazem sentir. Os Viegas, os Carvalhos, os Machados, os Mouras, os Xavieres Pinheiros ainda vivem e são os membros do *olho-vivo*, companhia de duas ordens, aristocratica e plebea, á primeira das quaes pertencem os homens de pergaminho, os de colleirinho em pé, os de gravata lavada, bem intendido os da *caça*.

—Deixe-me, rapaz! basta de tanto cigano!

(Continua)

—Que *chiquinho* é aquelle com ar de *cazuza* que nos *mattos* dá *luz em scena*?

—E um ridiculo *contador* de correios, devasso e infame, que depois de desbonrar uma senhora, anda agora pelo Barbalho embuçado n'um capote a rondar a porta de um homem honesto, escandalisando a visinhança.

—Ora peguem-me naquelle biltre, sacudam-no pelas orelhas, preguem-lhe um vesicatorio na nuca, afim de ver si toma juizo e escreve melhor para o *Diario*. Si não tomar geito, o guarda-marinha mande-se de esporas, vá ao Domingôs Caetano, tome uma sella e um chicote, cavalgueso, amanse a besta e traga-o cá.

—Capitão, ossincellence lê discurso de xinhá Guerero, qui fallá ni favô de preto ganhadô?

—Li.

—E ossincellence bê condo êre dizê xinhá Zama qui *cantando* de cropo tá *chorando* de árima?

Iô gussa munto de esse. Si iô tá deputaro, iô dá meu *poiado*.

Mai xá Guerero querê qui buro trabaia e iô gussa de esse; mai tem um cousa. Precisa reguramento pra buro trabaia. Anani turo querê qui buro carega mai di qui pode, qui sobe ladeira cum carga dobrada, e ri mai a mai cum taca, esse iô nan acha jusso. Poriça devê fazê orde p'ra buro nan soffre.

—E os conductores não são africanos, não devem pensar como tu? E' porque mais burro do que o proprio burro é o negro.

—Tá ganaro, capitão!

Garego é qui puxa buro, e faze mai pió que buro. Erê cria cum couce e tombo, cum canga e tambem sipó, trata buro cum canga e taca, pruquè pensa qui buro é ere, qui tem arima de buro... de buro não, capitão, de proco, de gato, de cobra ou de diabo!

Em turo caso, poriça devê fazê qui nem povo dim Galaterra, qui protege animase bruto.

—E' porque são doudos que acreditam na metempsycose.

—Tá ganaro, capitão. Ingreze nan tá gente de India; ingreze tá humano. tá charidoso.

—Uma cambada de *quakers* e exquisitos!

—Mai povo livre, qui prega mancipação de sicravo turo, qui protege humana qui tem fricção.

—Vá fazer elogio aos inglezes e depois queixe-se do povo!

—Vredade, capitão; ingreze tá patife.

—Como mudou de pensar!...

—Esse é moda; eu prendê systema de porico de Brasí. Iô conhecê vredade; mai povo nan querê, io tambem nan querê. Iô tá pologista de Machiavel.

A PEDIDO.

Dizem que o negocio do Barnabò no quartel é com aquelle militar de cavaignac que esteve destacado no Bomfim e que ia

tomar café com certa sonhora no botequim.

O *corujão do quartel.*

Papeis velhos.

APONTAMENTO PARA A HISTORIA ILLUSTRADA D'UMA MITRA.

« Admiravel santo é o Jacintho! Sempre mostra que é nome de flor! e em vez de cheirar tem sabor!

—V. Ex. é até poeta! Qaando falla versoja; tanta é a força da natureza! tanta é a expontaneidade do genio!

« Feliz o homem que tal nome tem! é tão gostoso que sabe e bem!

—Eu não digo?! V. Ex é superior a Apollo.

Eleve quantos assim se chamarem ao sacerdocio.

« A um já botei eu da parte da epistola; tem ja ordem de subdiacono.

—Acho bom, acho bom, Excellentissimo!

(*Ineditos*).

Perguntas innocentes.

HORRIBILE DICTU!

Ao *recto* e *justiceiro* Sr. subdelegado da cidade da Cachoeira Vicente Pereira da Cruz, pergunta-se o seguinte:

Si é *veridica* a imformação dada por S. S. ao delegado, em a qual diz que o inspector é Felippe Nery de Santa Anna quando é outro individuo?

Si vindo um pobre homem da terra vermelha banhado em sangue procurar a S. S, para proceder a corpo de delicto nas feridas que recebera, S. S, podia responder-lhe que *não estava para isto*!!

Este infeliz estaria sem duvida hoje na enfermidade, si passando por ali o Sr. Moura Mattos, o se compadecendo do seu estado deploravel, não o levasse para o hospital da Santa Caza da Mizericordia, em uma cadeirinha!!!—

Esperamos pela resposta de S S. na certeza de que temos de ajustar certas *continhas* que andam por ahi mui atrasadas....

Até logo—ao depois conversaremos: gente de mais alta *jerarchia* do que S. S, o dedo voluvel da sorte tem collocado no môcho de reu!!!—

O *Lince da Matriz.*

Pergunta-se ao Sr. subdelegado de Brotas em que artigo do codigo se acha comprehendida a pessoa que em sua caza, satisfaz ás necessidades da natureza, por exemplo dá bufas.

Pergunta occasionada por ter S. S. mandado prender dous moços na rua do Castro Neves, no domingo 1. do corrente, pelo citado motivo, allegando se injurias e offensas á certo individuo bem conhecido que é impossivel que tenha a seu favor um expontaneo —nós abaixo—como o tiveram os moços, arrancados de sua caza, um até doente que voltou depois per delicadeza e humanidade do inspector de quarteirão.

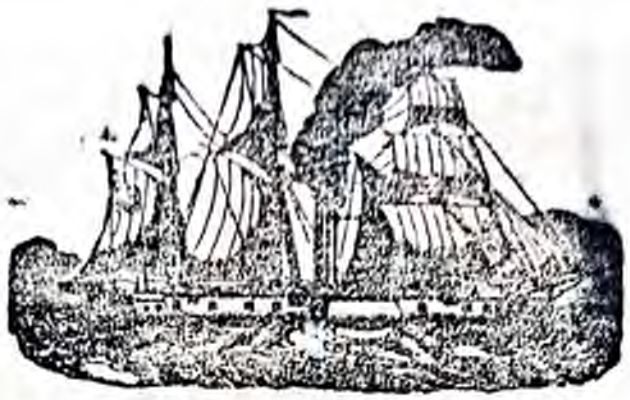
O *Incestuoso*.

ANNUNCIO.

Vejam bem.

O antigo botequim do Caminho Novo do Gravatá previne aos Srs. que são devedores que venham satisfazer o seu debito, do contrario se publicará seus nomes.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 7 DE MAIO DE 1864. N.º 57

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de Maio de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que ha amanhã á noite (7) grande recepção no palacio do *Rincão* (residencia da rainha da imparcialidade) pelo que se torna necessario que S. S. mande para aquella rua uma patrulha afim de manter a ordem.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, declarando-lhe que cumpre averiguar sobre o facto de haver, um dia destes, um official do batalhão de caçadores espancado cruelmente uma mulher na rua do Castanheda e proceder contra quem for culpado sem consideração á posições sociaes.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme ordenando-lhe que vá a rua d'Ajuda loja n.º 14 C. intitulada *Reducto*, covil onde se reunem mulheres depravadas á insultarem a moralidade publica, vadios e reus de policia a offenderem o decoro publico e onde quem passa á noite ouve constantemente alarmas, resultado do jogo que alli ha todas as horas; e pondo em cerco aquella espelunca, traga-me aquella sucia para lhe dar o destino merecido. O que cumpra.

—Ao porteiro do Forum, ordenando-lhe que expilla uma porção de capadocios que no mesmo todos os dias se reunem, sem ter o que fazer, dando logar a que alguem que ignore os confunda com os procuradores e lhes confie suas causas.

Outro sim que faça abrir a quinta janella á principiar da entrada, que ha dias se acha systematicamente fechada, ignora-se porque. O que cumpra.

Circular ás pessoas que passam pela Baixa dos Sapateiros pela rua fronteira ao Taboão que ainda até hoje não tem nome, (graças aos desvellos da camara) participando-lhes que reparem n'um buraco que no meio da rua se acha (onde já uma pretinha metteu o pé) o qual foi um destes dias por algumas pessoas tapado com terra, mas que infelizmente ainda engole algum descuidado, torcendo-lhe quando nada o tornozelo.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

—Diversos escrivães do fôro desta cidade pedindo licença para aprenderem a escrever.—Constando que o regulamento do Forum criara uma cadeira de primeiras lettras nesse estabelecimento, cujo professor deve ser o escrivão Barrete de Pinto, visto preferir a lei ao que tiver o curso de *leirão*, não ha que deferir aos supplicantes que bem podem estudar na referida schola.

—Um vendedor de doces tendo de exe-

que lhe fiou, e não achando um advogado que se queira disso encarregar, pede que se nomeie um — Vae se officiar ao Dr. Victor de Carvalho por ser o que mais nomeada tem actualmente.

—Mingú dos Seixos, pedindo licença para ir ao Rio, tractar de negocios de *alta monta* —Já tendo uma vez fugido o supplicante mamando os cobres da provincia, fica indeferida sua pretenção até que se feche a assembléa para que se não diga que rouba um *liberal* o dinheiro da nação.

—Capitão, trago noticias de Recifopolis e do *Georgia*.

—Que novidade traz?

—O *Georgia* metteu a proa n'um velho chaveco conhecido por *Pedro Trampa*, cujo mestre é um velho conselheiro, ridiculo ao ultimo ponto, tratante, troca-tintas, safado, versatil; sem caracter, sem partido, sem crenças; adulador servil, miseravel e despresivel; uma especie de velho gaiteiro e tollo, corruptor, corrompido e velhaco, verdadeiro Braz Mimoso da moda, e tambem verdadeiro Roberto Macario da epocha; um composto de hypocrisia e tratadas, um amalgama de virtudes e vicios, de torpezas e gaiatices.....

—Que carga levava então o diabo do barco?

—Uma grande porção de academicos, descontentes e queixosos do caracter do mestre, e um contrabando: uma porção de jesuitas resuscitados, lazaristas e irmans de charidade. E depois uma canastra de baldões e improperios atirados á magestosa fronte do democrata de coração, do liberal de crenças, do homem ingenuo e verdadeiro, do politico sincero, o insigne deputado Sr. Pedro Luiz Pereira de Souza.

—Deixal-o o cão ladrar á lua!

—Teve o desaforo de chamar *impio* a Pedro Luiz, e *anjos* ás irmans de charidade!

E em vez de discutir como Pedro Luiz, folhear a historia, apresentar factos, abrir os livros dos jesuitas, examinar suas constituições, suas regras, mostrar o que eram ellas; em vez de mostrar o direito que tem as irmans da charidade para educarem a mocidade brasileira, elevou-as ás nuvens, rador aos pés, beijou-lh os (Deus sabe quanta vez não as tem beijado) e clamou triumpho! Porque bem poucas vezes contra os jesuitas se levantam. E elle mesmo estranhou que a camara, muda, ouvisse a Pedro Luiz; muda, não, apoiando-o...

—Já levou o diabo, deixal-o.

—Sem lembrar-se aquella despresivel firma, aquelle estonteado rafeiro, aquelle inhabil sendeiro, que couces não desbonram ao offendido; que ninguem está livre dos botes de qualquer cão atrahiçoado; que elogios em certas bocas assumem as proporções da mais seria accusação, da mais virulenta injuria!

—Deixe o diabo do *Trampa*!

—Todos sabem que os jesuitas ensinaram, baptisaram, pregaram, fizeram e acconteceram, mas as regras.... as regras.... a comparação entre o apparente e o verdadeiro fim da instituição, sobre isso é que devia se espojar o diabo da *Trampa*.

E chamou-os sustentadores da monarchia, os assassinos de D. José, os lacaios dos Tavoras!...

E ousou trazer a aresto a voz do author do *Judeu Errante*, duvidando de sua fé!

Que spirito baixo! que miseravel intrigante! que coração pequeno! que calumniador insupportavel!

Si eu fosse no *Georgia*, capitão. enspialhe na cara!

—Que fez o commandante do *Georgia* d'aquella pezeta?

—Conservou-o para buxa

—Está bom: porém seria melhor mandal-o reduzir em Jaguaripe para offerecer um mimo ao deputado do povo. Ao menos satisfaria o Pedro Luiz suas necessidades naquella boca que tanto o injuriou.

—Novidade! Ou milagre ou castigo!

—Que historia é esta?

—O barateiro pariu!

—Temos o Mil-ameixas! este mundo vae mal; já é o segundo macho que pare!

—E isso seria o menos; mas o homem pariu e engeitou a filha; metteu-a entre as *damas* do Taboão, mas nem por isso deixou ella de mostrar a origem; lá está a *Filha do Barateiro* impingindo pechinchas e queimando fazendas!

—Capitão aquelle cazamento do *quadrupede* foi verdadeiro?

—Que duvida!

—Pois pegou a graça; um sujeito *acocorado* tambem vae cazar. E' a epocha do cazamento dos aleijados.

—Mas tudo tem sua rasão. O cazamento isenta do recrutamento; e o Rio da Prata mette medo; nem todos nasceram para a guerra.

—Quer então V. Ex. dizer que vae para o Prata um exercito de invalidos?

—Pelo contrario, quem caza quer ter filhos; e quem faz filhos tem sustancia.

—Inda mais este cruzamento de raças! lindos cabritinhos que hão de sahir! Uma moça daquella côr com este pretinho!

—E' progresso, rapaz, viva a civilisação!

—Capitão, ja viu *Les Drapeux du monde*?

—Não; que bixo é esse?

—E' um diabo d'um album representando todas as nações com suas bandeiras empunhadas por pessoas uniformisadas, mas a brasileira trazida por um moleque de cerôula e cobrindo-lhe o anus!

—Isto so pode ser obra d'algum estrangeiro infame; que se ha de fazer? Si um burro me dá um couce, devo eu pagar-lhe na mesma moeda?!...

—Mas a alfandega não deveria consentir que passasse similhante insulto a uma nação que o mal que faz é aquecer em seu seio todas as viboras que mais tarde picar-lhe-hão no coração!

—Foi talvez descuido; eram estampas sérias e um homem de boa fé como é o inspector não poderia desconfiar qne a má fé d'um tratante desavergonhado assim o trahisse.

E' o que lhe digo; si um cão me morde, não mordo o cão; si tenho chicote, ensino-lhe a ser cortez; si o não tenho, a Deus dou gracas de minha boa fortuna.

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA SEMANAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 6 DE MAIO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

Arbitrariedades.—Acha consumidores na classe pobre; porque quem pode, compra *complacencia* e *contemplações*, generos da natureza daquelle, porém superiores em qualidade.

Banalidades.—Em abundancia. Os possuidores acceitam qualquer offerta.

Vendeu-se um lote por conta de certo advogado que pretende admittil-o na defeza de uma causa a seu cargo.

Equidade.—Sem valor. A pouca que ha não acha preço. Os possuidores desanimam.

Fretes.—Fretou-se a baleeira *Leituga* para conduzir até a *Estancia* um lote de 400 arrobas de carne deteriorada.

Honra.—Vendeu-se um lote por 100$ rs. vindo de Passo da Roa. Ha commentarios sobre a maneira porque foi despachado este genero. Mas o official de descarga da policia *Valente* a quem cumpre tomar conhecimento negou-se a isso.

Resfriamento.—Chegou uma partida para os festejos do Dous de Julho que se aproximam.

Segurança.—Da *individual* não ha. Sua falta é sensivel.

Os especuladores pretendem tirar partido dessa falta, expondo á venda uma grande partida de *desordens* que ja estava refugada.

Sevicias.—Chegou do porto de *Brotas*, uma carga deste genero na barca *Ricarda*, mas falla-se que será reexportada para a

tas averiguações.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Cutter liberal *Augusto* vindo dos portos da *França* em *dous mezes e sete dias*, 7 fardos *mudez*, 2 volumes *indifferença*, 4 caixões *resentimentos*, 1 pacote *falta de zelo*, para obras e interesses da provincia.

Bergantim *Santa Thereza*, cap *José Joa-* vindo do porto das *Brotas*:

20 [illegible] pintaes *malvadezas*, 120 embrulhos [illegible] *dades*, 100 cofos *maus tratos*, 1,000 [illegible] de *Jaguaripe*, com certa preparação para curar de embriaguez.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA.

Cidade do *Rosario*—palhabote *João Padre*, carga *hypocrisia*, *sandices*, estupidez e malvadeza; passags. a preta *Maria*, esbofeteada na sachristia da egreja *daquella cidade*.

SAHIDA DO DIA.

Cidade da *Ganancia*—bergantim *Nova Rocha*, carga 50 feixes *amor da patria*, 60 pacotes *assiduidade*, 2 pipas *suor do povo*; passag. um individuo para receber as diarias de um deputado que faltou á toda sessão.

A PEDIDO.

Assembléa Provincial.

PROJECTO BELLARMINO.

MAMATA DE 300 BICOS.

Votaram à favor os Srs. Gordilho, Ildefonso, R. Octavio, Bento Alvino, Guerreiro, L. Alvares, P. Brandão, Ramiro, Autran, Alvares da Silva, Demetrio, C. Menezes, Gomes da Silva, Silva e Almeida, G. Dantas, Gustavo, Bulcão, Ricardo, Angelo, Mariani, Zama, Archias, Almeida Couto e Augusto França.

Contra os Srs. Paschoal, Pio Xavier, Antonio Carlos, Sodré e Domingos Couto.

V. S. com aquella Senhora casada com certo official quando este sahe á seus trabalhos?

E' preciso não offender assim a moralidade publica; é preciso mesmo, que pela profissão, que V. S. exerce, acostume-se a respeitar as familias! Veja que si agora encontra *mansos*, poderá ainda abalroar com algum, que o mande refrescar com uma boa dôze, ou mesmo fazer viagem para a contra costa.

O *olho perspicaz*.

—Que figura elegante! que ar de nobreza! que empavezamento de grande negociante! Olé!

—Quem é?

—Aquelle moço de lucto das barracas; elle falla muito e de todos; já criticou bastante d'amizade do tratante do visinho e agora.....

—Ainda bem que o conheces; eu te digo, meu asmodeu—criticou—mudou sua posição com a morte da parenta—está rico—e agora mãos á obra—adulla, festeja—é um verdadeiro cão perdigueiro—e terá em recompensa o que sempre tem esse animal quando as suas caricias aborrecem.

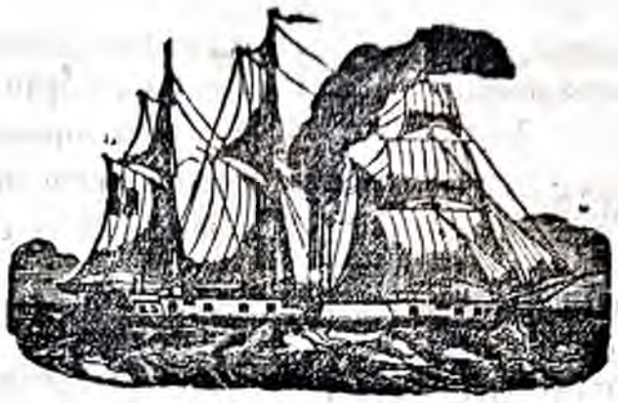
—Já intendo, quererá o moço tambem.....

—Quer meter-se de gorra: porem não pega.....

—Pois deve saber que o adulador é sempre olhado com asco, e muito principalmente elle que pratica o que reprovava nos outros.

—Mas o homem tem umas maneiras tão affaveis..... um modo tão *benigno*.....

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 10 DE MAIO DE 1864. N.º 58

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C.ª, à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de Maio de 1864.

Officio ao Sr. Dr. delegado, partecipando-lhe que no becco d'Alegria, á Estrada Nova, ha sempre em uma casa reuniões para jogos, mocotós e sambas com as competentes desordens que prohibem dormir em paz alguns honestos moradores que por alli ha, cumprindo por tanto que lance S. S. suas beneficas vistas para aquelle logar.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua do Bangala n. 29, e intime a um pretinho, cuja nação se ignora, que deixe de matar porcos pela madrugada, incommodando a visinhança, sob pena de ser conduzido ao porão do *Alabama*, ja que o Sr. subdelegado se não importa com isto, até porque *muita gente boa* tambem cria porcos. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá à rua dos Carvões, defronte da venda do Sampaio e faça com que o morador respectivo que olha para a rua Direita de Santo Antonio faça dessecar um pantano que seu desmazelo criou, sob pena de, em companhia do fiscal passarem por porcos e serem condemnados á viver onde vivem porcos. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Barbalho e traga á minha presença um official *superior* com sua comadre e o compadre desta afim de obrigal-os a mudar de vida, deixando o primeiro de visitar tanto a segunda e as filhas desta, e o terceiro, moço barrigudo, de frequentar tambem a caza della, deixando sua familia ao desamparo, sob pena de serem conduzidos ao porão deste navio. O que cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá ao beco do Açouguinho, e advirta ao pardista que tem morrinha de *arruda*, que não continue nos seus escandalos, sob pena de ser conduzido ao porão. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

—Gentil de Amando pedindo licença para andar sem chapéo—Remettido ao Sr. administrador do hospital da caridade para attender ao supplicante que requer.

—Catilina de Pogetti queixando-se de um thesoureiro de certa thesouraria, por vender poesias no acto do pagamento dos empregados — Remettido ao Engenheiro dos Taboados para que o redusa pela engenharia á bucha do rodizio de proa do *Alabama*.

—Mello e outros pedindo pagamento da subvenção do mez passado, na questão Moraes Passos—Remettido ao Sr. Pinto dos

Marcos para fazer o pagamento pedido, estando em termos.

—Leitão Borgia, pedindo adiantamento de seus vencimentos de aposentado para montar de novo a padaria, e poder surtir *os pontos* na proxima campanha eleitoral.—Informe o Rv. Fr Chagas.

—Capitão, si iô nan tem diproma, iô tà deputaro de galeria.

—Conte-me o que ha de novo.

—Triumpho de liberà, capitão; dotô Sirva Armeda provoca, Dotô Rodrigo Tavo, mai Lui Arva mette ere ni parede.

—Grande vantagem! Pois si o homem estava, como disse o Catão, feito uma barata num terreiro de gallinhas!

—Tá ganaro, capitão; ere nan tà ni resão; si êre dizê vredade, vredade triumpha; vredade é um so, mentira tà munto, mai vredade vence mentira.

—Dizias que eu tinha partido, e cahiste no erro.

—Tá ganaro, capitão; iô so faze justiça. Iô nan pore ouve carado vremeia dizê que liberá nan pressa, qui nan fazê nada, quim gana nação, qui consente quim Galaterra manga cum gente e outro cousa assim.

—Estão no seu direito.

—Predoa, capitão; liberà tem sua defeito, anani turo ta peccadô; mai vremeia mette lingua ni az, vremeia nan pore falla, mêmo pruquê vremeia tá morto, vremeia nan tá ni deia, qui nan tá ni deia nan tem arma, qui nan tem arma tá podre, tà rifunto.

E rifunto qui vai nin freno.....

Capitão, resa pru ere, e pru quem defende ere.

—Olhem, o negro não ficou liberal!

—E tem gloria ni esse! Libera tá Nansenhô Jesuchrisso qui dá liberdade a turo povo; liberá tà cuma posso qui tá *sal terræ, lux mundi*; liberá qui sarva humanidade; liberà qui prega mancipação di sicravo; liberà qui faze de home home, de criáro cidadão; liberà qni pisa frôca, qui quebra cadafarço; liberà qui renega chibata pra defensô de nação; liberá qui fazê consituição; liberà qui fazê independença; liberá qui sarva Brasî?

—Com isso mandaria no açougue.

—Condo iô nan pore ganha mai, chrissão vredadero, qui tà synono de liberá, me protege eu; condo iô tà duente, pitá tà hi; pitá de charidade, qui tà synono de liberdade, pruquê êre son irman; charidade fia di peito, liberdade fia de cabeça de Nansenhô, qui dà esse herança a sua fio turo, a nosso turo peccadô.

—E está a patria salva!

—Mai povo tà satisfeto, ni gareria turo gussa, meno dua ou trei vremeia qui tà chicanano cum deputaro. Mai esse tà cuma dize Lherminier, som grito de sicravo nitrai de carro de liberdade.

—Apoiado; muito bem, muito bem! O orador é cumprimentado por muitos membros.

—Capitão, cahiu o projecto que dividia em dous districtos de paz a freguezia da Penha.

—Porque?

—Porque dizem que o Domingos Couto não quiz, com receio de perder a *influencia* no Pilar.

E a graça é que fizeram cahir um requerimento pedindo informações ao governo, cousa indispensavel, segundo o regimento da assembléa, como mostrou o Domingos Seixas.

—E como fizeram isso?

—O Rodrigo Octavio disse que já se tinha muitas vezes saltado por cima da lei.

—Logo?!... *vive la liberté!*

Progressistas das duzias, que por uma questão particular, por um capricho, por um sonho illusorio d'um ambicioso, matam um projecto util e dizem que se não deve massar o presidente da provincia com pedido de informações!

E vem cá o cosinheiro a elogiar-me os liberaes!

—

ASSEMBLEA PROVINCIAL.

Sessão de 9 de maio de 1864.

« Art. 99. Nenhum projecto ou requerimento qualquer, cujo objecto seja, ou se encaminhe á creação, divisão, suppressão,

remoção ou alteração de limites ou jurisdicção de comarcas, municipios, cidades, villas, freguezias, curatos ou coadjuctorias poderá ser discutido e votado sem que o acompanhem os seguintes documentos:

« § 1.º Que ao menos aproximadamente demonstre a população.

« § 2.º . . . . . .

« § 3.º Informação do governo no que toca a objectos civis. »

Entretanto foi calcado aos pés o artigo, porque *não falla em districtos de paz!*

Proh pudor!....

(Continuação.)

—Capitão, pois o ciganinho não absolveu tres individuos a quem estava processando, mediante 500$ rs. que mamou de cada um!

—E a dar-lhe com o cigano!

Quem lhe contou isto?

—O meu compadre do Inhambupe.

—E' mentira.

—Meu compadre mente, capitão?! E' tanta verdade que cito os nomes, *Florente* de Souza *Ferreiro*, D. Ignez *que baptisa* a Souza, e Joaquim que tambem *baptisa* a Souza.

—Creio la n'isto!

—Quem levou o dinheiro foi um Claudiano dos *dias* de S. *José*.

—Rapaz, não creio em historias.

—Pois quer ver uma cousa? Quer ver como nem a educação apaga os instinctos da *raça*?

Foi encontrada na caza do melro uma *cabra* que fugiu do sertão.

—Ora, boas noites!

—E passou pelo dissabor do senhor da rapariga, Mauricio Mendes de Souza tiral-a de sua caza, onde se achava, ha dezoito mezes!

—Isto é serio?

—Sim, Sr.; a escrava chama-se Germana.

O tratante mostrou que filho de peixe é peixinho.

(*Continua.*)

—Que velho *é* aquelle?

E o *homunculo* alferes das extinctas ordenanças, o celebre Veiga da Murissoca.

—Pois um *bruzugú* daquelles, V. o chama *homunculo*?

—Foi assim que o tractou o cardeal Antonelli.

—Ora, pelo amor de DEUS! O Antonelli chamou *mununculum* a *grande* defeza que o Muricy fez ao papa. Mas agora é o negocio com o Murissoca e não com o Muricy.

—Pois o burro, demagogo em certo tempo, que cubriu de injurias as veneradas cans do finado D. Romualdo não deu em beato! Não está ultramontano!

O hypocrita não deu para poeta!

O desfructavel não faz sonetos!

O palhaço não se arvorou em Homero!

Oh! quanta species!.....

Ja faz versos em latim! Ora este Sr. Murissoca!

—Guarda-marinha, nós precisamos de um poeta latino para fazer versos ao arcebispo; mande agarrar aquelle pateta!

A PEDIDO.

Pergunta innocente.

Deseja-se saber do indigno director da orchestra do theatro da cidade de Latronopolis, tambor de D. Miguel, mestre de cavallos, clarineta passaremos, compositor copista, pianista cego, fagote gôgo, rabeca mocotó e ladrão do pão dos pobres pais de familia, o que fez do resto da cifra deixada pelo distincto maestro.

A sombra do assassinado.

Piparotes dramaticos.

Posso fallar a Sra. Queiroz?

Pode: porém veja que é preciso passar por cima da *Ponte das Oliveiras* porque ella está na *Germania*.

Pae Vicente.

Pergunta-se ao Sr administrador do theatro de S. João para quem deve reverter o producto do aluguel d'um botequim que ha alli —si para o emprezario, que ja tem uma boa chelpa, ou si para a thesouraria

Um curioso da vida alheia.

Será verdade que os Srs. Jacintho Dias de Souza e Machado Guimaráes arrematarão uma porção de café podre, e que a expozeram á venda no Caes Dourado pelo preço de 320 rs. a arroba, desafiando assim a cobiça dos usurarios para envenenarem o povo?

Não acreditamos, apezar de asseverarem que está alli exposta sem a menor reserva a quem queira ver e comprar. Porém como é negocio que affecta a saude do povo ☞ cumpre a quem compete averiguar até que ponto E' EXACTO similhante boato.

Quando tivermos informações voltaremos.

O contrabandista.

Venceslau, para que consentes Maria Christina beber tanto para insultar as visinhas a ponto de dar bofetadas e romper a roupa como ja aconteceu?

—Eu tambem bebo e jogo meu tres sete e as vezes o pacáo, e dou a casa para baderna, como hei de prohibir que minha dona da casa não beba?

Um Offendido.

Sr. Redactor.—Lendo em seu chistoso periodico um a *Mofina*, fiquei certo de sua referencia, e como intendesse juntar mais algumas asserções, por isso as faço sem perda de tempo:

Pergunta-se ao bacharel *Limpinho*, formado no Paço Fundo, na academia dos assassinos e moleques captivos, si já purificou o molado de sua côr, para esconjurar os *principios* de Manuel Pedrinho com a cabra (nao bicho) Maria Teixeirinhas, ambos socios do famoso Lucas?!!!.....

Si já se esqueceu do tempo em que arranhou bastante a bota d'um filho de barão, que dizia, gostar desse bacharel, não sò como seu espolêta e rabo-leva, como tambem por ser seu *macaco cheiroso*?

Nada mais, Sr. redactor, com a impressão destas linhas lhe serei grato.

O *advogado da roça.*

ANNUNCIO.

Gratificação.

Na rua direita da Mizericordia, ou á bordo do *Alabama* (gazeta) gratifica so com 500$000, a quem der noticia exacta de um cigano larapio, que, tendo sahido da Bahia pequenino, quando miseravel andado pelo Rio Grande, ultimamente pelo Pará, se acha nesta capital um pouco *graduado*.

Da se como signaes o seguinte:

Tendo levado no Pará um golpe de navalha na cara, que lhe dera a mulher, por ciumadas, ficou sendo conhecido por navalhada. E' filho de um cigano, alferes reformado, já morto, por antonomasia—o genebra; tinha uma irmã, que aqui tambem morreu, conhecida por Quininha do Tingui.... é baixo bastante, tem frente aberta, vive a *olhar para o chão*, o seu nome escreve-se com onze lettras, o que bem condiz com a sua condição; finalmente mora e anda acompanhado de um seu collega, alto, gordo adulador sem egual, conhecido entre os companheiros pelo cara larga.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 12 DE MAIO DE 1864. N.º 59

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de Maio de 1864.

Officio ao Sr. presidente da camara municipal, partecipando-lhe que, com quanto tenha sido repetidas vezes chamada sua attenção para diversos logares desta cidade, onde se lançam materias fecaes e em putrefação, não tem sido possivel até hoje obter-se providencia alguma da Illma. para a respectiva limpeza, lembrança que a S. S. se faz para que quanto antes, além de outros, mande acabar com um grande mato, que existe na rua dos Ossos da freguezia de Santo Antonio, que serve de montureira, a qual exhala um fetido tal que põe em risco a saude dos moradores daquelle logar.

—Ao Sr. Dr. inspector de saude, partecipando-lhe que no Caes Dourado se acha exposto á venda café de tão má qualidade que a côr é preta como si estivesse torrado, e cujas amostras se acham em nosso poder, remettidas por diversas pessoas que indo comprar pela barateza do preço (320 rs. a arroba) encontram veneno em vez de alimento. Da energia e actividade de S. S. espera-sa o remedio para cessação de tal escandalo, e para reprimenda dos especuladores e ladrões que por amor d'um lucro ignobil, não duvidam sacrificar a vida deste bom povo que ainda n'um momento de cholera os não esgana.

—Ao Sr. commandante de policia, partecipando-lhe que no dia 9 do corrente à noute, pelas 11 horas, uma patrulha que disse ser da Rua do Paço espadeirara e esbofeteára terrivelmente a um pobre moço que levava preso, a ponto de todas as familias da rua Direita de Santo Antonio chegarem á janella, protestarem contra aquelle acto de selvageria, e sahirem algumas pessoas á rua para cohibirem o inaudito abuso que se dava. Foram testemunhas oculares deste facto os Srs. F. M. Figueêdo, empregado na policia, João Monteiro, Venancio M., Geminiano M., Marcolino de Souza, artistas estabelecidos, capitão F. J. Monteiro de Carvalho, capitão J. Ferreira Botelho, capitão J. J. Teixeira de Castro, alferes Herculano P. da Cunha, Dr. Januario Manuel da Silva, Justino de Sento Se, negociante, J. Coimbra Andrade, partidor, Jeronymo José de Brito, proprietario e caixeiro, professor Rodrigo M. P. Mangabeira e innumeros outros que fóra enfadonho citar. Espera-se de S. S. providencias, visto ser o escandalo sem egual e contra um homem inoffensivo, como estão promptas a jurar todas as pessoas que presenciaram o facto, e que ja deram ao Sr. Dr. chefe de

policia a parte necessaria, e até porque costumam os guardas do corpo que S. S. commanda dizer que a ordem que de S. S. recebem é não *levar desaforo para o quartel*, vingando *com pancada* as affrontas que receberem.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao principio da rua dos Carvões, á principiar do becco do Padre Bento, e intime aos moradores daquellas immediações que se faz preciso acabar com um lamaçal que na rua existe a incommodar o publico, sob pena de ser alli levado o fiscal, que por si so não vê, para multal-os, conforme a postura 91. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á Baixa dos Sapateiros, em certa venda e traga-me pelas bedelhas o galleguito caixeiro da mesma que costuma comprar objectos que os meninos tiram de seus paes ou de pessoas que tem-n'os em casa. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Torquato Palhaço, pedindo um passaporte para o partido contrario.—Sendo este o costume do supplicante nas vesperas das eleições, fica indeferida sua pretenção, até que satisfaça certos compromettimentos pecuniarios.

—Sr. guarda, hoje é noite de *recolher*, o povo está reunido, e posso por tanto estar sentado aqui a ouvir a muzica.

—Mas eu não quero, Sr.! Não quero o Sr. sentado na porta da egreja!

—E' prohibido? Quem deu tal ordem? quem disse isto?

—E' sim! O subdelegado! Eu!

—Venha manso, Sr. guarda! Pois V. tão alto assim, tão garboso, com este amarrolletico e frisante cavaignac, tão pouco polido!

—Aqui na porta do Rosario ninguem senta-se!

—Eu não sabia; como obedeço às ordens, aqui me vou; ouvirei de pé *o recolher*.

Que ha de andar a gente honesta exposta ás chufas e dicterios de qualquer biltre desavergonhado que o accaso fez belleguim de policia!

Oh! Sr. Guilherme, estimei encontral-o. Ouça o que comigo agora se passou.

—Tudo ouvi. O nome do soldado assemelha-se a Sil.... Já o—*vi no* quartel e conheço-o.

—Então, charo immediato, desertou do posto? Ha muito que não apparece.

—V. Ex. não quer vingar-me dos rebeldes de Santo Antonio, daquelles maganões que me não quizeram qualificar!..

—Pois o que hei de fazer com os moços?

—Que moços! uns *rebeldes*, um Araponguinha, um Apolinarinho, um Xistinho e até o Sr. subdelegado!

—Perdoe-lhes, Sr. Lima Barbosa, que não sabem o que fazem. E depois ha nova qualificação.

—Como V. Ex. pede.....

—No governo constitucional o monarcha que é?

—E' o monarcha, o primeiro cidadão da nação e um dos seus delegados.

—Só assim pode ser considerado?

—Que duvida!

—Pois o Dr. Silva e Almeida que é moço de muita intelligencia disse que a manifestação promovida na camara dos deputados pelo Sr. Nebias e apoiada unanimemente pela camara fôra um acto todo pessoal,

—Talvez seja; como hoje os *constitucionaes* são somente os da *conserva*, talvez a constituição esclareça este ponto e *elles* saibam disto.

—Tanto é verdade, capitão, que os *homens* o que querem é plantar o regimen pessoal!

—Ja tomei nota.

—Illm. Sr. *Neca* que tira *mel* nos *mattos*, qual o motivo porque ha de entrar Vm. no *Forum* de chapeu na cabeça, como entra em sua casa?

—São habitos da educação, capitão.

—Ora Sr.! Pois Vm. é o primeiro a desacreditar áquelles que lhe deram o ser?! E depois ainda não leu o regulamento do *Fo-*

rum? Deve cumprir a ordem, charo *monsiu*.

—Si V. Ex. quer.... quem pode resistir á tamanha bondade?!

—Capitão, ja viu o padre grego?

—Ja assisti á celebração da missa por elle.

—Não acha inconveniente que na occasião da repartição dos pães o povo se porte como os moleques na quitanda?

—Que se ha de fazer?

—Nos officios funebres por alma d'algum *grande* não ha sentinellas por todo o interior do templo? Depois os padres poderiam vedar esse abuso.

O arcebispo que é tão zeloso pela egreja, os padres da charidade que são os *verdadeiros* ministros do Christo, os *anjos* do mundo o que fazem? Porque com sua palavra authorisada não profligam esse desrespeito, essa badernada, esse *pagode* nos templos?

—Ora, charo amigo meu! pois não vê Vm. que os *catholicos* não devem proteger os *schismaticos*?!

—Nem ainda quando tem um fim sagrado?! Nem ainda quando a charidade é seu norte?! Nem ainda quando levam a factos a missão sublime do Author do Evangelho?

—De pouco se admira; mais notavel é que nem uma só gazeta deu noticia do facto; com isso se não importaram nem os homens da imprensa, os homens do progresso, quanto mais os jesuitas, fora de cuja egreja não ha salvação.

—E o abuso continúa, o desrespeito no templo pela indolencia dos catholicos!

Tanto assim que o João Fernandes poz-se no Carmo a jogar capoeira com um inglez louco que estava de bonet.

—Deixal-os, deixal-os, amigo! La se intendem.

—E depois outro abuso; o pão que o padre reparte em boa fé, é recebido por innumeros capadocios, que andam com elle no bolço a *gracejar* por toda a parte!

Não deviam os padres catholicos, ja que permittiram tal ceremonia nos templos, fazer ver ao povo que aquelle pão não era motivo de gallofas e pilherias? Deixando-se ficar em inacção, não mostram elles contradicção no seu proceder?

—Talvez fosse por isso que estava no Collegio o Ponce de Leão a rir-se, não sei de que.

—E elle que é do *gremio*, que dá a vida por qualquer irmã de charidade, que é um zeloso catholico!

—Por isto mesmo.

Tenho que fazer, adeus; os padres que lhe respondam.

—Leu o *Jornal*, dando noticia da morte do Dr. Manoel Caetano?

—E chama-o potencia conservadora de Santo Antonio.

—O que é uma inexactidão.

O Dr. Manoel Caetano foi sempre liberal e liberal morreu; a mim e a muitos muitas vezes o disse.

Conheci-o em 1848, em 1852, em 1856, em 1860 sempre o mesmo.

Dizer que era elle conservador é injuriar a memoria d'um dos esforçados propugnadores da nacionalisação do commercio e de todas as idéas grandiosas do partido liberal.

O Dr. Manoel Caetano era liberal de convicção.

—Pois vá este protesto por honra, e em veneração á memoria daquelle honesto caracter.

—Que diabo de trouxa é aquella que está dependurada naquella loja á rua direita do arsenal, defronte de uma venda?

—E' uma casa de *cupim*, capitão.

—Deita-a abaixo que quero ver-lhe o conteúdo.

—Pequenos bixinhos que roem pau, é o que costuma ter; comtudo examinemos.

Oh! temos cousa, capitão!

Uma letra passada por um tratante e abonada por um pobre moço, a quem o patife illudiu, com supplicas fingidas e lagrimas mentidas, e a quem comprometteu o velhaco no vencimento da mesma, deixando-o na obrigação de pagal-a, e fazendo-se de vella.

—E quem é esse bigorrilha?

—Vejo assignado *Zé Soares*.

E' um insigne tratante, digno companheiro, inseparavel collega dum outro como elle espertalhão e patife, o celebre sujeito da impostura dos 4:000$ para certo negocio de *colonia*.

E de mais a mais é um perfeito capadocio, um completo sacco de asneiras; si eu não o conhecesse, si não lhe soubesse o officio de sapateiro, e si a côr o ajudasse, diria que era frade *Bernardo*.

Capitão, este leva a palma ao Soares. Si V. Ex. soubesse um caso do *taful* com uma mulher coixa que tira esmollas que mora defronte da Misericordia, arripiava os cabellos.

—Ja me contaram tudo. Não é uma a quem elle entre o *mais* obriga a levar-lhe 80 rs. de rapé todos os dias?

—Justamente, capitão.

—Bem; va buscal-o para comparecer a bordo no sabbado, e responderem por isto.

A PEDIDO.

Sr Pedactor.—Foi passear no sitio do Calundú, da freguezia de Passé, e la observei um casamento muito singular.

A noiva, que se chamava Izabel, foi para a egreja de sapatos de baêta e disseram-me que a rasão disso era por ser cambaia.

Foi para a meza e comeu com luvas, emporcalhando-se toda.

O perú foi trinchado á mão pelo Barbosa e José Crispim, não sei si por falta de talher, ou si por não se ageitarem a cortar o bixo.

Antonico Marquez.

Pede-se a certo moço da secretaria ecclesiastica o favor de não andar muito pelas Portas do Carmo n'uma certa casa á cata d'uma certa marafona que está sob a jurisdicção d'um *Santo*, sob pena de declarar-se-lhe o nome,

Um Organista.

ALERTA!

Pede se a uma Sra. bem conhecida nesta provincia que mande satisfazer a quantia de 1:100$ rs. de que é devedora, sinão verá o seu nome por extenso nas columnas deste jornal, ja que tem por costume maltratar seus credores, convidando para demandar, fiada em ter dous sobrinhos advogados.

Bahia 10 de maio de 1864.

O *Padecente.*

Pede-se ao Sr. subdelegado de Sant'Anna que quando as patrulhas da noite forem tomar suas ordens, recommende-lhes que tenham cuidado com a rua do Tingui, onde ha uma casa, por uma das janellas da qual descem e sobem certos vultos de côr escura.

Pede-se tambem providencias contra os grupos e palavradas que ha em frente da egreja matriz, cousa de que sem duvida ainda não teve conhecimento certo inspector, que costuma arvorar-se em subdelegado prendendo e quebrando pernas, que julga soldar com *incarnação* por ser pintor.

Pede-se tambem que S. S. advirta ao tal inspector de cabelleira que nao arrogue a si o direito que não tem, mandando-o incommendar-se a S. *José*, que si não fizer o milagre será preferido por S. *Lauro*, de quem são muito devotos o *Azevedo* e

O *Morcego.*

Deseja-se saber do Illm. Sr. inspector interino do arsenal de marinha si o marinheiro Jacintho Rodrigues, ajudante do escrevente, sendo praça arranxada, pode receber rações em generos, como consta.

A espia de prôa.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 14 DE MAIO DE 1864. N.º 60

Publica-se na typographia de Marques, Aristiles e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de Maio de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que na Jequitaia ha uma casa de jogo, assim como outra no quarteirão 17, da freguezia do Pilar, onde vão ter innumeros caixeiros, negociantes fallidos, tenentes, capitães e até um major de primeira linha; o que deve, como melhor vê S. S., desde ja desapparecer.

—Ao mesmo, participando-lhe que no domingo 15 do corrente, ha na Quinta das Beatas a posse do substituto do Turibio papae, a qual ha de, necessariamente, ser acompanhada dos competentes batuques e patifarias, essenciaes em *ceremonias* de tal ordem e de tanta magnitude; convindo além disto notar que é geral o alvoroto entre os capadocios para assistirem a tão solemne e edificante acto, que bem mostra o adiantamento e progresso desta terra.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector de saude, participando-lhe que na Calçada, botica do Sr. Amancio (que se acha doente) encontra-se um alfaiate sem habilitação alguma, a aviar receitas, e preparar sinapismos, com prejuizo dos infermos; o que não deve continuar à vista de factos que ja se tem dado, e principalmente porque o prohibe o regulamento de 29 de setembro de 1851 no seu cap. IV, art. 25.

—Ao Sr. subdelégado de Sant'Anna, para que mande ir á sua presença o crioulo Manuel, morador á ladeira de S. Miguel n.º 30, o qual vive alli a insultar a visinhança com actos e palavras, como ainda no domingo, praticou, e de quem ja S. S. tem recebido queixas; e remetta-o ao Sr. commandante das armas para assentar-lhe praça no exercito, visto ser este o refugio de quanto reu de policia, tratante, malfeitor e ladrão ha.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a uma venda à roda da Fortuna na quina que vae para os Mares, e leve ao Sr. subdelegado do Pilar o dono daquelle estabelecimento para soffrer a pena que merece, afim de não consentir, segundo dizem, em sua casa jogos prohibidos, que dão logar a graves questões que so a policia pode conter. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Torres da Silva, infiel de uma thesouraria, pedindo licença para fallar da vida

albeia.—Informe o Balthazar Procopio si ha incompatibilidade no logar, que exerce o supplicante e no que requer.

—O mesmo, pedindo para serem dispensados os empregados que votaram pelo governo.—Remettido ao escrivão Matta para attender ao supplicante como for de justiça.

—Capitão, tem visto os homens da *ordem* como insinuam ao povo?

—A que se refere?

—Não viu a correspondencia particular do *Jornal da Bahia*?

São da *ordem*, chamam os liberaes revolucionarios e dizem que as carruagens *historicas* do imperador são bellezas do absolutismo, que são *ameaça* ao paiz, que a *cousa* tem algum sentido!

—Mas não vê V. que sendo os homens *constitucionaes* receiam o absolutismo?

—São bons meninos!

E a insinuação ao povo?

Vêm o argueiro no olho do visinho e não a trave no seu.

—O tal correspondente é inimigo do beijamão.

Está por tanto o Ottoni absolvido de sua *teima!*

—Amigo, quer saber duma cousa? Quem não os conhecer que os compre.

—Capitão, iô tá thusiasta de Catão Guerero; moço condo fara, vredade tá hi. Ere queixa de deputaro qui qué mata sertão; êre queixa de progressissa qui censura vremeia e qué faze tamem centrarisação, ere dizê que hare chega tempo de deputaro de sertão tamem paga rimposso.

—Por força! Todo tabaréu que quizer ser deputado ha de pagar licença, além do desgosto que se obrigará por contracto a soffrer—de não passar um só dos melhoramentos que projectar em favor daquelles que o mandaram para cá.

—Tá jusso; é pru esse qui nadimira qui deputaro mata negro.

—Negro, qual foi o deputado que matou a alguem?

—Péra, capitão. Deputaro qué qui fricana paga rimposso, rimposso e mai rimposso...

—E todos não pagam?

—E' pru esse qui deputaro qué mata negro.

E deputaro progressissa, liberá, qui tá cuma ai tempo din quisição mai jesuita qui judeu paga cabeça.

—E negro é peior que judeu; negro é o diabo.

—E blanco qui tá anjo vae buca diabo ni Cossa, fruta, mara, mata, bota ni maré, dá bexiga ni êre, vende ere, pra trabaia, cuma buro, êre serve, déi, vinte, trinta, corenta e mai anno, fóra, trabaia pru qué come, nan tin dinhero pra vê seu tera, nim sua pae, nim seu mãe, e paga rimposso; e dei tá pouco, toma vinte, vinte tá pouco, toma cincoenta, e esse tá pouco toma trecento!

E condo anani fara, deputaro repondi qui ere vae ni lavoura.... Osse qué gricultura de sicolla, qué doutô de enchada, e manda pra ere negro fricana, condo ess dize qui brasilero turo nan vae ni lavoura pru qué nau qué mussura cum sicravo mai negro!..

E' pru esse qui dotô Passichá dize que nan credita ni sicolla de gricultura, qui tá turo fofice!

E memo! faze sitrada ni sertão, indireita caminho, e deixa de querê cassua cum povo desse tera qui nan come mai zingá.

Deu dá saude xinhá Zama qui pede pru nosso, quin tende qui turo é gente, qui cô nan regura.

Graça Nansenhô qui da juizo argum gente pra defende humanidare, pra consolamento di affricto turo!

—E's suspeito rapaz!

—Tem resom, capitão; negro nan pore falla, e nesse tera quim mai grita mai resom tem.

Si fricana pore grita cuma dotô Gussitavo pra defendimento de Zacharia, qui liberà tá ni desconfiamento, entom, capitão, cousa tá outra, nungoço vae bem!

—Quer conspirar? Lembre-se da sublevação dos malês, e depois proclame, que o fim será o mesmo, a cavallaria ahi está.

—Ah! capitão! nan lembra esse pru quim

sos bens usurpados à infeliz Felicidade Maria da Conceição, um pequeno caixão cer-tos papeis de importancia roubados a uma infeliz pessoa, 1 pacote *miseria e prostituição* para ser entregue a uma desgraçada senhora.

—

DESCARREGA HOJE.

Palhabote *Ma-cara*, objectos de pintura, *phantasias*, *paisagens*, *allegorias*, pararizes caçadas na Barra para o almoço de certo presidente.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADAS DO DIA.

Villa das *Brotas*, sum. ecclesiastica *Coadjutor*, capitão Zé Fidelis, carga *preguiça*, 6 barris *instancias* para os beleiros pararem, 6 duzias *encommendações* no caminho.

Porto dos Sapateiros com escala pelos Algibebes —em 23 ds. sum. *Maria*, mestre *Dominicos José*, carga 400 fardos desaforos, 200 embrulhos alcovitices, 300 anneis de ouro pezando meia oitava cada um, e 5 pacotes illusões à consignação do *Aguia do Ar*; passag. 1 crioula escrava que se suppõe estar fugida.

SAHIDA DO DIA.

Porto Neutro—brigue *Peixe do Mar*, cap. Joaquim Pereira; passags. *seis moças bigodeadas*, filhas de um fallecido ricasso; carga diversos legados burlados, um pacote *bandalheiras*, alguns livros de commercio *arranjados por maneira*.

A PEDIDO.

Gratificação.

No reducto de Pedro Santo ou a bordo do *Alabama* (gazeta) gratifica-se com 10$ rs., a quem der noticia exacta d'um baguá que fugiu da villa do Bom Conselho, apparecendo nesta capital, em o mez de setembro do anno passado, em pello; deixando os arreios naquella villa, sendo preciso para ser cavalgado andar com arreios emprestados, desapparecendo logo depois; consta que está em uma estribaria para o lado do Forte de S. Pedro.

Dá-se como signaes o seguinte: bastante alto, barrigudo, coma preta, tem por costume estar com os braços abertos, é malcriado, grosseiro, indomavel, russo de pelle, cujo verdadeiro nome se escreve tambem com onze letras, o que bem coincide com seus actos.

Dizem ser tão malvado que quiz dar couces em seu proprio pae, por antonomazia —o alpercata, que é por excellencia o primeiro beberrão bem conhecido pelos seus feitos, no Rio Grande do Sul, Panellas de Miranda, e nesta capital donde é natural, que para se livrar deste monstro animal quiz dar-lhe um tiro com uma espingarda do que lançou mão; tem uma cunhada bem conhecida pelo frente aberta.....!!

Finalmente anda acompanhado com um petiço engeitado, bastante magro, melado baio, cujo nascimento vergonhoso por modestia não convém declarar por ora.

—

ACROSTICO.

M andalho ruim, e sem vergonha,
A trevido, covarde e presumpçoso,
D atuno, cujo todo é só peçonha
A rso no genio, e fertil so de roubo
C hi tendes um ente incestuoso.

Quem adevinhar
Este enigma
Tem os quinhentos
Do tamandúá
Que o Agapito
Lh'os entregará

Viva o Baguá...!!

Que o posto vendeu,
Por certa quantia!
Mais que ridiculo
Para fidalguia!!
Que diz ostentar
A torpe familia!!

ANNUNCIO.

Attenção.

Os senhores que devem á loja de José Eugenio da Silva, queiram vir pagar nestes dias, pois ha dois mezes que elle espera com muita prudencia; do contrario terão de ver seus nomes por extenso neste jornal. Bahia 6 de Maio de 1864.

José Eugenio da Silva.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

é! Esse tá mungoço de bruto, de facão e espada.

Esse guera cahe ni chão ni frente de guerra dideia, din telligença! Iô qué guéra de palavra, di decreto, di resom, iô tamem tá progressissa, iô tá ni seero de luze, iô tá howe, mundo anda, cuma dize Pelletan, iô tá ni mundo, iô tamem anda.

—Pois vá ao Portella para fazer uma representação nesse sentido; todos vosses assignam-na, e está concluido o negocio.

—Jussamente, capitão; fricano foro qui nan tem patria, nim de là nim de cá; de là pru qui brasilero fruta ere; di cá, pru que brasilero ingeita ere; fricano foro tem fia brasilero... preto sim, mai brasilero qui ni guera tá ni frente, qui tá primero qui more, pru qui branco dize bem, quim funcção di ere, negro panha primero, i comi ni derradeiro.

Brasilero, ao meno pru esse, compade di fricano, qui tá pac de sua patrico.

—Pois vá quanto antes que fecha-se hoje a assembléa.

—Que spectaculo representa-se hoje?

—O Cego e o Corcunda.

—Em que acto estamos?

—Vae principiar o 2.º E ja não se encontra uma gota d'agua para beber.

—Descuido.... talvez esquecimento.

—Esquecimento! Mas si sempre é assim!..

—Capitão, não tem visto os abusos que se dão com os bilhetes de loteria?

—Não.

—Pois não sabe que nas vesperas de andar a roda, os vendedores de bilhetes cambiam? Que exigem um tostão acima do preço?

—Isso é materia velha.

—Mas a policia deve tomar conta disso.

Com os bilhetes do theatro fizeram e acconteceram, mas ignoro si cessou o mal; devem tambem, por amor da coherencia, intervir na vendagem dos bilhetes de loteria por preço maior que o estipulado no plano.

—Acho justo, mas infelizmente o que é justo, nesta terra, não faz bom paladar a gente da justiça, nem mesmo à de policia.

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA SEMANAL

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 13 DE MAIO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

Beneficios.—Chegaram tantos da ilha da *Assembléa* que andam nesta cidade como sardinha em tigella.

Descomposturas.—Vende-se na praça do *Forum*. Ha dias determinados.

Economia.—O governo tem comprado toda que ha por sua conta para empregal-a em diversos misteres.

E' louvavel este procedimento.

Tendo-se esgotado a cifra para isto destinada lançou-se mão à destinada para o exercito (que é quem menos precisa) rasão porque deve-se um anno e mais de fardamento ao batalhão de caçadores.

Indisciplina.—Não havendo cifra para se pagar à tropa os atrasados que se lhe deve, tomou-se a deliberação de ir amortisando a divida com este genero.

Mamata.—Foi comprada uma partida pelo encarregado da compra de generos para certo corpo da guarnição.

Como foram feitas as transacções pouco tem transpirado. Na seguinte revista daremos cabal noticia.

Melhoramentos.—Ha immensos, graças ao interesse que tomam os salvadores da patria pela terra que os viu nascer.

Trovoadas.—Chegou um carregamento por encommenda particular de certo advogado. E' destinado a abafar a voz de seus adversarios em qualquer discussão que com elles tenha, pondo em evidencia o adagio—quem mais grita mais razão tem.

—

EMBARCAÇÕES DESPACHADAS.

Cidade das *Tranquibernias*, patacho forense *Babão*, V. das Amoreiras diversos avisos para sustentação de testamentos falsos, 10 bahús *morosidade* para certos negocios.

Cidade das *Bandalheiras*, brigue perdulario *Cadete*; Ricardo *torneador* documentos falsos para annullar o testamento de Pereira José dos Passos, algumas escravas usurpadas por dolo e artes de certo macrobio à sua legitima senhora; alguns objectos para pagodes no Poço de Itapagipe.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Bergantim espertalhão *Carneiro*, capitão *Januario*, vindo da ilha de *Santa Thereza*.

Um grande embrulho *estelionato*, diver-

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 17 DE MAIO DE 1864. N.º 61

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de Maio de 1864.

Officio ao Exm. presidente da provincia, para que mande pagar os atrazados que ficou a provincia a dever ao fallecido musico do corpo policial, Antonio Pedro, por haver este deixado uma pobre filha orphan que muito precisa, e mesmo por ser uma vergonha para este paiz que galardoa com tantas pensões, gratificações, e distincções muitas vezes a quem pouco ou nada fez, e se recusa a pagar um pequeno resultado das immensas fadigas e perigos á que se expõe o soldado que já tão mal pago é.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que no dia 1o do corrente, ás 5 horas da tarde, de um alcouce fronteiro ao curral do Conselho sahiram seis ladrões e accometteram um negociante matriculado, querendo á força tirar-lhe do bolço a quantia de 1:000$000 rs. que trazia; o que foi já levado ao conhecimento do Sr. subdelegado do 1.º districto da freguezia de Santo Antonio, de quem com o apoio de S. S., espera-se providencias.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Rosario de João Pereira e intime ao dono de uma caza cujo pavimento superior vive sempre fechado, que se faz preciso ordenar ás suas duas escravas que deixem quanto antes de immoralidades na loja da dita caza, prohibindo de chegar a visinhança á janella, sob pena de serem conduzidos todos aos ao porão deste navio e receberem ahi o castigo merecido. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua dos Carvões, caza n. 13, e intime a sua dona que é impossivel continuar com suas reuniões, fazendo algazarra, e proferindo palavradas a insultar a visinhança, como ainda um dos dias da semana passada o fez, sob pena de ser levada ao subdelegado, para impor-lhe as penas que a lei arbitra. O que cumpra.

—Capitão.·. venho participar-lhe que o secretario do governo e o ajudante d'ordens não me querem deixar entrar em palacio para requerer minha commenda de brilhantes que de novo me foi enviada.·. ja que os piratas e rebeldes levaram a outra para Santo Amaro.·.

—Vou ja officiar ao presidente para dar-lhe entrada e poder o meu immediato fazer valer seu direito.

—A's ordens.·. Exm.·.

—Adeus, Sr. Lima Barbosa.

—Que grupo pittoresco é aquelle, menino?

—E' a procissão de S. Cajombreiro, que desfila da Piedade em direcção á casa d'um bilheteiro conhecido.

—Ha agora este novo santo? Quando foi canonisado?

—No dia da Hora.

—E aquella gente é da familia do santo? Si é, não podia ser elle canonisado.

—Pois é; aquelle *agaloado* que vae marchando com aquella imagem agarrada é um escravo; o outro *macho* é o pae, o dono da casa; das moças, uma é a mãe e as outras as filhas; as duas ultimas personagens são crioulinhas, tambem escravas. Foi canonisado, porque a epocha é da moeda falsa, isto é, canonisou-se á falsa fé.

—E' isto, é isto. Tanto assim que não está no almanak.

Vou mandar esta importante noticia ao Laemmert, para incluir o novo santo, no dia da Ascensão do Senhor, nas folhinhas que houver de publicar.

E traz jejum?

—Por força, que em jejum deixou elle a muita gente.

—Santo homem!...

—Capitão, vou ler no *Flos Sanctorum* a vida do cujo e virei a V. Ex. relatal-a.

—E se caso leve os apontamentos ao Padre Rocha Vianna que muito gosta de escriptos feitos como os de Bossuet, para pregar o sermão na festa do proximo anno.

—Chegaram as irmans de charidade no paquete francez.

—E' certo?

—Disseram-me.

—Não duvido; o que é verdade é que passou um lazarita bebado a cahir e fumando.

—Que diz, capitão?

—*A* pura verdade; toda a rua Direita da Mizericordia viu; o *forum* estava aberto e concorrido.

—Entretanto o clero brasileiro que é *incompetente* para moralisar a sociedade e até para incommendar defuntos, nunca teve um membro que andasse pela rua fumando.

—Ora está V. muito atrazado. Fumar é crime?

A civilisação destruiu certos preconceitos, o padre é das Europicas, centro da civilisação, segue por tanto o caminho do progresso.

—E a mamadeira, capitão?

—E quem é que hoje não chupa?

Depois já o divino Mestre transformava a agua em vinho.

—Não falle nisso, capitão; diga antes que é progresso..,..

—Ou isso, ou isso.

—Podendo agora seguirem todos a lei do exemplar missionario:

Garrafa ao lado e charuto na bocca.

—Capitão, temos novidade.

—Então o que ha?

—Venho prevenir a V. Ex. que indo ao arsenal encontrei lá um porco com divisas de official da guarda nacional.

—Ora quer Vm. gracejar a minha custa!

—Sou incapaz de gracejar, capitão. Si V. Ex quer se certificar vamos ao arsenal de marinha de Latronopolis.

—Basta sua palavra honrada. Então é porco ou *leitão* o tal animalejo?

—La isso é o que não sei, quem bem o podia dizer era certo intendente natural de S. Philippe Ferreira, que *tinha bastante conhecimento de causa.*

—Mas isto é um escandalo, um insulto à guarda nacional desta cidade; um animal tão immundo chafurdando-se pelos lamaçaes vestido de official e com bonet com numero 7.

—Que quer, excellentissimo? são cousas deste mundo, quanto mais si V. Ex: soubesse o que eu sei e que sabe muita gente do *respectivo leitão.* Esse animal nasceu em um chiqueiro que havia no becco chamado *dos carneiros*, cresceu como cresce qualquer porco, ora na lama, ora nos monturos, porém indomavel sempre. Depois de crescido brigava com aquella que lhe deu o ser todos os dias, e insultava-a publicamente.

—Então, elle falla?

—Por infelicidade nossa, arremeda a voz humana. Mas como ia dizendo, o *respectivo leitão* brigava com a infeliz mãe e tanto brigou que até enxotou-a de sua companhia e ella retirou-se; mas passado algum tempo, soube ella que o filho ingrato estava a morrer de um ataque apopletico que teve (porque, note V. Ex. que um burro não come tanto quanto este porco) e vindo visital-o ou lançar-lhe a ultima benção porque sempre era mãe, quando a viu fez sahir immediatamente de sua casa com os mais horrorosos improperios e injurias.

—Que monstro! Santo Deus!...

—V. Ex. se admira disso? pois saiba que por vendas, botequins e loja de sapatos dizia della cousas que faz pejo fallar, so porque sendo ella ainda moça tinha lhe dado um padrasto.

—Que infame!

—Por tal pas ou elle em uma sociedade... em que o moço quiz entrar e que não admitte em seu seio maus filhos; elle tratou hypocritamente de fazer as pazes com a *mãe*, que por ser mãe annuiu e ficou desde essa hora comendo à custa do padrasto, que para lhe satisfazer a gana dá-lhe todos os dias uma bacia cheia de espinhas, agua e farinha.

—E sempre entrou esse animal para a sociedade?

—Qual, Exm.! quem o queria lá? Soffreu uma horrivel accusação, e foi-lhe passada a esponja no nome. Esta fera em uma epocha eleitoral foi esbofeteado por um official chegado de *Alves*.

O respectivo leitão é o mesmo que uma noute tomou a chave da casa dum alfaiate de *S. José filho da Nogueira*, para que fim até hoje ignora-se, e o resultado foi apparecer a casa arrombada, faltando certos objectos. Para acommodar-se essa vergonheira foi preciso certo *frade Bernardo* emprestar-lhe algum dinheiro sem ser por impostura.

—Está bom amigo; estou inteirado, ja sei que o tal *leitão* é um animal insigne nas tratantices; entretanto si eu o pilhasse aqui a bordo havia de mastigal-o, pois é um excellente bocado....

—Oh! oh! que o digam os *franciscanos!*

—Sr. *Má-Ventura* o Sr. é um homem incorrigivel,

—Que novidade ha, capitão? Ja me foram outra vez calumniar com V. Ex.?

—Qual calumniar! Pois havia de *jantar* o Sr. no domingo em casa de seu ti-, e ir para casa *inglez* e sua infeliz senhora se quem pagasse as favas, deixando Vm. a pobre moça toda ferida e maltratada? Ora, o Sr. deve tomar juizo, ou ao menos ter mais alguma consideração para com o publico, e não dar tanto escandalo.

—Quem se emenda fica mais comprido, capitão.

—Iô hoje tá zangaro, xinha capitão.

—Já vens com idéas!

—Idéa [illegible] capitão—vredade só. Iô qué prequntá, prequê motivo frade di Cárimo que só valente.

—Pois acreditas em valentias de frades?

—[illegible] xinhá capitão— iô cabô de [illegible] cum io iô passô ni Cruz de [illegible]

—O que viste então?

—Pêra; ni rua vinha passano um moça bonito cum sua balão, e trai di êre dua moço tava dizeno palavrinha doce a êre, e frade tava ni jinella di convent o olando pra esse nunguço; derepente moço oia pra cima i vê frade cassuando di ere dua.

—E tu viste isto?

—Viu, xinhá capitão, frade fica zangaro de vê moço ta riudo di ere, chama pra riba e qué toma satisfação, moço qui sou quentado, garra ni chapéu de só e qué rumá ni cara di frade, êre gritano corre e chama negro di convento pra mettê chicote ni êre dua, moço core pru escada di convento e ariba ferro.

—E tu conheceste o frade?

—Iô pregntà e sabe qui tá maiorá di convento.

—Oh! pois então isto logo succedeu com elle?

—Cum êre memo, anani turo tá veno, frade turo, condo tá ni convento, tá bolino cum famia qui tá detronte—iô ja ouviu dizê que creoula drome dentro di cella cum êre, e condo dá tiro de cinco hora ni mar negra sae devagarinho.

—Está bom, eu officiarei ao Sr. arcebispo para providenciar.

—Tá deureto, mai ante iô vai fallà Mané Bahia pra garà maiorà e trazê êre ni porão pra toma cum calabrote ni cropo di ere memo pra nau insultar ninguem qui passa ni rua socegaro.

A PEDIDO.

Qual a razão, porque se está descontando no corpo policial 2$ rs. por soldo de cada soldado, a titulo de ser para compra de capotes?

Muda isso o regulamento?

E como se desconta 2$ rs. por soldo de homens que já tem direito a um e dous capotes vencidos?

O digno commandante daquelle corpo não deve pactuar com tão escandalosos abusos.

O corujão do quartel.

Chama-se a attenção do Sr. inspector interino do arsenal de marinha para certos sujeitos ahi empregados, que abandonando suas obrigações, vão para a casa chamada da padaria—tratar da vida alheia (e até de S. S.) soffrendo o serviço e os cofres publicos.

A espia de próa.

Padre, que faz vossê a estas horas deitado nesta praia? Olhe para aqui ao clarão da lua, não vê que o ponteiro ja está entre as duas?

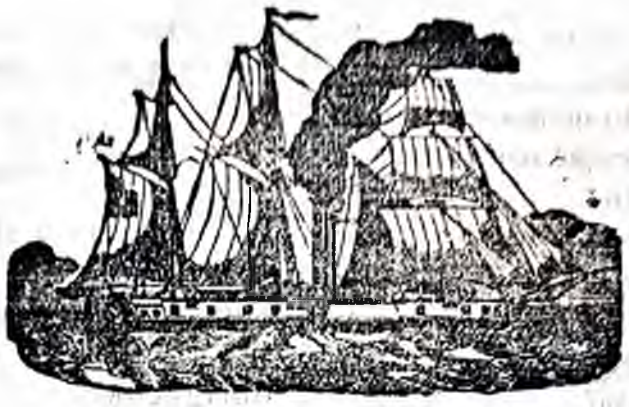
Sr. *Crescente* tome *tino*.

— Não enxergo nada agora, nem sei aonde estou; mandarei guiar me para a minha casa, que é para as bandas do padeiro Dominicos de Souza.

Que miseria! um padre tão embarrachado assim faz lastima! Coitado..... levem no, e de caminho vão revistar a paderia desse tal Dominicos, e vejam si o pão que elle vende ao povo ja tem o pezo legal; si não tiver tragam-me o fiscal, quero-o trancafiar no porão amarrado como um porco. Saibam tambem alguma cousa sobre o administrador da capella de Santo Antonio dos Velhacos; tenho muita cousa para averiguar sobre essa administração que tem boa receita, e não faz despezas. Sigam.

Sr. Dr, C. Caveira, pois V. S. sendo cazado, abusa da confiança de seu amigo, velho major e esta fazendo da caza delle cortiço na rua da Mangueira! V. S. tem de costume todas as tardes deixar a caza de sua familia e vae se meter com negras em caza do seu amigo (coitado!) velho major e passa por muito serio.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 19 DE MAIO DE 1864. N.º 62

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rúa da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Finalisa hoje a 6.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de Maio de 1864.

Officio ao Dr. chefe de policia, pedindo providencias para o grande numero de casas de jogo que como praga infestam esta cidade, onde não só se arrisca a sorte como tambem se rouba escandalosamente com artificios que a experteza tem inventado, a incautas pessoas que nellas vão ter ou seduzidas pelos estratagemas de que se servem as taes harpias, ja convidando para jantares, bailes e baptisados, ou levadas por falsos amigos a pretexto de qualquer cousa, como seja mostrar um objecto para comprar, apresental-as em certa sociedade etc; etc. cumprindo advertir a S. S. que para que suas providencias tenham o desejado effeito, deve S. S. ter muita reserva para com certos empregados de sua secretaria, que ou tambem são da *cassuada*, ou mantém *imtimas relações* com os donos de taes casas.

—Ao mesmo, pedindo-lhe providencias sobre os moleques que andam a atrapalhar os mendigos, especialmente a Mata-Cobra, visto que o *spectaculo* é improprio do seculo das luzes, tanto mais quando já deu o *Diario* noticia de que tinha a respeito a policia tomado providencias.

—Ao Sr. subdelegado de Santa Anna, ainda uma vez chamando sua attenção para os becos do Araçà e Consolo, na rua do Castanheda, afim de que S. S. providencie para que não continúem alli constantemente sambas e desordens, offendendo a moral e perturbando o socego publico.

—Ao Sr. subdelegado de S. Pedro, pedindo-lhe com urgencia providencias contra um crioulo de nome João, que vive por toda a rua dos Barris a insultar a todos que pasaam e que por alli moram, assim como a espancar os moleques, as negras e até os meninos livres, como o caixeiro d'uma venda dalli, que aquelle ousado crioulo quiz desfeteiar. O que é inconveniente; e até extranhavel como já não teve S. S. sciencia disso.

—Capitão, a assembléa prorogou-se pela 2. vez e ha quatro dias que não ha sessão.

—Por causa da chuva, rapaz.

—Por causa da mamadeira, capitão.

—Não diga; pois os homens que tanto fallaram em economia, podem lá querer

comer o cobre da nação, sem trabalhar! 550$ rs por cia é cassuada?!

—E a politica do *vanha d nòs*, a sciencia do *eu*?

—Mas esta politica de hoje é a do *progresso*.

—Là o nome não vem o caso. Estando cheia a barriga dos paes da patria, dos salvadores da nação, *ipso facto* está salva a patria.

—E' o que V. quizer, lingua damninha!

—Capitão, que diabo de sitoria é esse? Ossincellence tá blanco; blanco tá surido? Blanco nan oube baruio de Satanai?

—Que barulho, rapaz?

—Esse musga de baribeiro qui tá cuma musga din freno, xan-xan-xan, xan-xan-xan, fon-fon-fon, fon-fon-fon, bum-bum-bum, bum-bum-bum, nan commoda ouvido de ossincellence?

—Negro tu não passas de papagaio. Pois esta *musica* que é a melhor, e que pertence a uma senhora da Chapada è que te incommoda os ouvidos?

—Mai péra, capitão, Condo musga sem musga nan faze má anani, progresso nan ta hi? Progresso nan bota nim baixo tambô de folião de Prito Santo mai pandeiro?

Pruque augora esse bobage de baribeire qui nan sabe nin b-a-ba, nin Cinhà Meu Jesu-Chrisso?

Dono di ere é di Chapada; poi vae ni Chapada, qui tabareu ta ni gosso. Ni capitá de Latronopo anani gussa mai qui dinhero toca, e ripoi taliana ha hi; nan esse taliana qui pere simolla, mai taliana di gosso.

E ripoi, outro veis, em turo caza, moço turo tem sua piano qui toca pra gragan-teamento di esse modinha brasilero quin canta trangero, que commove bahiana, qui mata anani de turo classe, ou tà blanco ou ta preto, imbora ta mau paxero, imbora ere tà a'i.

—De sorte que só o doce vem da tal chapadeira [illegible] ella, triumpha o progresso.

—Iò nan dize esse.

Cambra deve caba cum esse musga tuço qui tà discreditamento pra esse povo.

—Ora cala-te! sem duvida foste barbeiro, e vens agora fazendo-te de rola!

—Poi é pru esse; iô nan tem bocadura, iô toca craneta; queixo cahin, baba coreu.

E muleque proveta, trapaia meu capito, chama iô baba de quiabo, e pretinha é quem soffre.

—Ah! então tem rasão!

Pois và ao guarda-marinha e dê-lhe ordem minha para dispersar.....

—Graça meu Deu, musga cabou!

—Està enganado..... para fazer dispersar os muleques que se reunirem aos barbeiros *musicos*.

—Iô gradece; iô nan gussa de sophissima; ou turo ou nada. Pouco saúre, mai vale nim um.

Denreto, denreto; quim gana outro é judeu.

—Capitão, olhe que o tal recolhimento dos Perdões tem boas cousas. Ja outro dia foi o José Joaquim de Carvalho que felizmente esteve desta vez accommodado; agora são dous... dous... diz a voz publica que dous moleques do padre João Teixeira.

—Que foi então?

—Na unica porta lateral que dá livre entrada ao publico achavam-se alguns rapazes, moços todos de educação e moralisados.

Um dos taes servidores do convento chegou-se a elles, e mandou-lhes que se retirassem! para fechar-se a porta, por causa do vento. Os moços não estiveram por isso, e houve um disturbio.

O padre *Avó de Christo* (é justamente o nome delle) que estava de capa d'asperges, gritou: Pois vou eu fechar!

E veiu, e fechou, e bateu e tripudiou!

—Não posso crer que fizesse isso.

—O que V. Ex. deve admirar é não terem os moços lhe rebentado a cara para ser mais polido; deviam fazer o que vinha elle dizendo ao padre Ambrozio, pela rua dos Adobés, que faria, si os moços impedissem que fechasse a porta.

Mas cada um dá o que tem. Só nos Perdões, e em Santo Antonio é que se dão desses factos.

—Perdoe; em Sant'Anna já o tal padre teve questão identica.

—Pois é para ver; é a vestal dos templos; enxerga em tudo immoralidade e quer moralisar.

Quem?!.....

Elle, o padre que a opinião publica accusa de simoniaco?!

Elle que vivia de andar com o do-re-mi às voltas, porque segundo dizem, era tão torpe e devassa sua vida, que nunca poude receber ordens sacras, em quanto presidiu à egreja brasileira o veneravel D. Romualdo?!

Comparem D. Romualdo e o tal padreco!

Elle que vive amancebado, como è publico com duas moças irmans?!

Elle que vivia como o Jovino a fazer *presepios*, bailes e contradanças?!

Elle que cantava até nos presepios?!

Elle, cuja horrorosa chronica em Latronopolis fez com que fosse receber ordens em diocese extranha, como quem recebe uma esmolla para comer que seu compadecido *patricio* lhe deu?!

Elle, que acabou de jantar bem no recolhimento, e que estava por isso tão exaltado?!

Triste desta terra si para moralisal-a tivesse um clero da ordem do tal *supplicante*.

—Deixal-o, amigo; a peior ovelha do rebanho é a que berra.

—Deixal-o, capitão?!

Pois o publico honesto ha de estár exposto ás insolencias.... não, à pouca delicadeza de qualquer homem de sotaina, embora chafurdado no lamaçal dos vicios, embora sahido dos alcouces e prostibulos?!

—E' verdade; nesse caso, vá ao guarda-marinha, e diga-lhe que mande chamar à fallar o tal padre, deixando de parte os outros dous insolentes, a quem se não deve dar resposta, porque.... porque.... põe-se ao nivel da canalha quem com ella disputa.

—Ou antes, quem com porcos se mistura farellos come.

—Master, que rua está esse?

—E' a rua do Carro.

—Oh! esse está rua do inferno; si mim nan está bom, mim quebra perna ne caverna de Ach[illegible].

Pois olhe, é excellente rua para dar-se um passeio.

—Pois mim hade vim passeia aqui, quando companhia bota gaz ni rua.

—A culpa é de vossês mesmos, que são os senhores da terra, que fazem aqui o que querem.

—Very well, master: you tem toda a rasão, mim vae manda *you* diploma de *good man*.

—Capitão, uma grande calamidade.

—Que desgraça succedeu, meu moço?

—Nenhuma, capitão.

—Então não meta sustos à gente!

—Não succedeu, mas pode succeder, capitão...

—Que ha então?

—E' que querem quebrar pedras e andam a dar tiros.

—Onde é isso?

—Na ladeira da Mizericordia, e na d'Agua Brusca.

—Não causa damno a ninguem, deixal-os.

—Pois o capitão Lazaro Jambeiro que lhe diga; um destes dias estava elle jantando quando soou o tiro, e vieram os estilhaço da pedra cahir na meza.

—Oh!.... E a camara o que fez?

—Está calçando as ruas; é até por isso que manda quebrar pedras.

Dizem que como está breve a eleição, a tactica não é mà; é uma especie de programma.

—Olhem que os meninos da Candinha não dormem!

A PEDIDO.

Pede-se ao guarda marinha pedestre Guilherme que agarre o conego perù, pesca moleques, hypocrita mor, enredador, miseravel, tiranno, perigoso, cão manhoso e burro pois não se pode tolerar que descomponha uma auctoridade, e um sacerdote de merecimento, somente porque foi taboqueado. O mesmo pedestre conduza-o ao hospital, e si não puder, pelo seu estado de loucura,

seja auxiliado pelo guarda Pereira dos Santos.

O Serpente.

Variedade.

O publico já teve occasião de apreciar os—gatos chinezes—do Silva.

Apreciará tambem em breve a —*gata chineza*—de Vicentinho, vestida á Garibaldi; dizem que *mimia* bem.

Sim, sim juremos..

Dialogo do contra-mestre e do marujo.

—Oh! *Antonio*, baes á terra?

—Bou, sim senhori.

—Pois dize ao *Lazaro* que bá devaixo da *olibeira*, tire no chiqueiro aquelle *leitão* e te entregue, ja oubiste?

—Sim senhori; e que faço com o animalzito?

—Saves a Mizericordia?

—Sim sinhori.

—Saves o votequim que se abriu de novo?

—Sim sinhori.

—Entrega-o ao *Cazuza* que bá o engordando com os restos da meza; pois quero dal-o de prizente ao primeiro intindente que gustar da *fructa*.

Mysterios de Latronopolis.

(*Fragmento achado entre diversos papeis velhos.*)

—Então meu Lazaro,o que nós tratamos em que fica? vossê já está de posse das cazas e nada ainda me deu, aquillo era negocio para repartir-mos igualmente; eu fiei-me em sua palavra, por isso estou na orça.

—Qual Dr.! o Britto que lhe diga como ando sem dinheiro, sinão fosse isso eu lhe daria uma boa gratificação; porque reconheço que me fez grande serviço.

—Ah! é bom que saiba que um testamento em que você herda tudo sem ser parente não é graça.

—Tudo não, Dr. apenas tive metade, o resto foi da sobrinha.

—Mas você ficou afinal com tudo.

—Não eu dei a volta à sobrinha.

—Que volta? o que você fez foi metel-a em caza, defloral-a, e dar-lhe um pontapé; quantos arrependimentos não tenho as vezes! os remorsos me figuram a finada a bradar-me. . infame!

—Ah! o Dr. está soffrendo .

—Estou soffrendo tratante,deixa-te estar que o tempo tudo ha de esclarecer.

Attenção.

Pede-se a certo Dr. que *nos Perdões fez de pau de dous bicos*, instigando ao padre e defendendo a um dos offendidos o favor de não continuar a adular, na presença,as pessoas, de quem, na ausencia, falla mal; porque alem de não ser proprio da educação de um medico, tal proceder dá logar a que se lhe attribua o coração, a alma, o pensamento, o caracter emfim do verdadeiro judas.

Um que viu e ouviu.

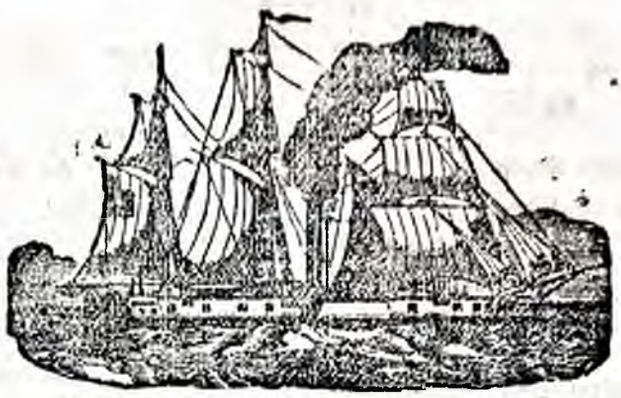
Attenção:

Pede-se à Sra. D. R. L. F.M. o favor de mandar pagar o *fico* abaixo declarado, já que o seu credor não pode cobrar pelos canaes competentes, como a mesma Sra. quer, a fim de pagar quando tenha vontade, por ter quem embargue e peça vista,e ponha difficuldades, com o fim de dar um mulato que vale 900$ rs. por um conto e cincoenta, e disendo muito fresco: tudo é negocio, si quizer queira, e si não que lhe hade pagar quando *quizer*.

—

Este por mim assignado declaro que das tornas que devia dar pelas partilhas dos bens de meu pae o J. L. F. M. e o cadete A. A. F. só lhe resto a quantia de um conto e cem mil rs. que lhe devo pagar na conformidade e nos mesmos termos que se acham determinados na partilha. Bahia 17 de abril de 1865.—

TYP.DE MARQUES,ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 21 DE MAIO DE 1864. N.º 65

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2o de maio de 1864.

Officio ao Exm. Cons. director geral dos estudos, pedindo-lhe que informe si é exacto o boato que corre de que o professor primario de Paramerim quasi nunca está no exercicio de sua cadeira, abandonando-a a uma pessoa de sua familia inhabil para tal mister. Outro sim si é exacto que aquella schola apenas conta seis alumnos, ao passo que ja teve 5o, e 6o no tempo do outro professor.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, communicando-lhe que hontem (19) em um dos beccos da rua do Castanheda, para onde mais de uma vez se tem chamado a attenção de S. S., um soldado esfaqueou outro, deixando-o em imminente risco de vida, (talvez à esta hora ja tenha fallecido,) o que se poderia talvez ter evitado, si se houvesse dado as providencias reclamadas. Cumpre por tanto que S. S. mande prender a parda Eudoxia, e ouça ao inspector de quarteirão porque não se achou no conflicto.

—Ao Sr. subdelegado de Cachoeira, para que chame à sua presença um portuguez conhecido pelo Rufino Cambeta o qual, segundo dizem, é o deposito de quanto roubo por alli fazem os escravos, traficando e negociando em todos os objectos, como colheres de prata, relogios, trancelins, anneis etc. etc.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Baca de cincoenta, pedindo licença para deixar de comparecer na junta de qualificação da freguezia dos sanhaços—Indeferido à vista da informação do presidente, da qual consta que, ha muito, só apparece o supplicante depois do meio dia.

—Capitão, temos felizmente festejos ao Dous de Julho.

—E era vergonha que o contrario succedesse.

N'outros tempos, patriotadas e patacoadas, e hoje..... era realmente digno de lastima e nojo....

—Pois agradeçam ao Exm. Sr. Des. Silva Gomes, que muito se tem esforçado para que não passe desapercebido o immorredouro dia de nossas glorias.

—Capitão, o fogo do Spirito Santo falhou?

—Não viu a chuva?

—Perdem-se então o dinheiro empregado?

—Não, senhor; o fogo ficou transferido para o domingo 22 do corrente. Avise a rapazeada para o spectaculo e á *policia* para que redobre de actividade.

—O seu guarda-marinha é todo obediencia.

—Capitão, uma novidade; um animal mudo, mudo, sem articular palavra, e um traste inutil, um pedaço de papel sujo fallando e muito.

—Ou é magnetismo, ou presdigitação; explique-me isto.

—E' um *pinto* mudo, e uma *buxa* tagarella.

—Peior um pouco.

—E' um *frango* que não canta e uma *buxa* que estoura.

—Ainda peior.

—E' um *membro de junta* em silencio, e um escrivão orando.

—Não comprehendo.

—E' uma ave encorujada, e um molambo a palrar.

—Ora adeus! Onde viu Vm. molambos a fallar?

—Nunca viu V. Ex lingua de trapos molambos?

Emfim quer sàber? vá V. Ex. a Santo Antonio, olhe para a junta, e decifre o enigma.

—Capitão, esta terra vae a mil maravilhas, vae em progresso, a vapor, a balão, vae voando!...

—Está doudo rapaz?

—Pois V. Ex. ha de crer?

Honra a este povo, capitão, tantas vezes injuriado e calumniado!

Honra a ti, minha patria, que apezar de recheiada de ladrões importados e discipulos destes, dás um tão nobre exemplo de tua indole pacifica, de teu invejado procedimento.

—Não tem duvida; está doudo o moço, está no mundo das ideialidades, está poeta!

—Pelo contrario, estou na realidade, no positivismo; apresento factos. E os factos, a realidade é esta:

Ha tres para quatro dias que não ha patrulha na cidade!...

—Porque?

—Porque não ha policia; a força que havia foi mudar os destacamentos, e a propriedade, a vida dos cidadãos, a segurança individual foram confiadas aos cidadãos.

Isto é que é povo!

—A gente fallando é que se intende; agora achó justo o seu enthusiasmo.

—Capitão, quem mais vive mais vê.

—Que foi?

—Encontrei agora um soldado aos tombos e agarrado por um cadete; e ignoro si soldado é negro fugido, si cadete é capitão do mato.

—Bem bello!... quanto ao soldado, que não é o soldado?

Mas o cadete.... perguntar V. si é capitão do matto? é cassuar com essa gente que arrota tantos foros de nobreza.

—Mas, em todo caso, capitão, o cadete é valente; mostra bem que é *sobrinho do tio*; deve criar seu *bigode de ferro*, para mostrar que é da raça.

—A camara está de nojo?

—Porque pergunta?

—O portão do paço está cerrado.

—Ah! sim! morreu-lhe a irman!

Sepultou-se hontem a assembléa.

—Que amor de manas! amisade santa!

—Irmãos, oremos, pelos mortos, respeitemo-lhes as cinzas!

—Rapaseada, um passeio a Maragogipe.

Bons dias, Revm. Sr. *Cura*.

—Capitão, eu não sou padre.

—Mas V. não *cura a quem não tem pae*? Quem cura não é doutor?

—Il est vrai, il est vrai, charo senhor.

—E para que tanto orgulho, tanta pôa, tanta gabolice, tanta impostura?

—A posição da gente, Sr.!

—Que posição?!

Pois V. não foi cabo de esquadra do batalhão dos periquitos? Não foi depois funileiro?

—Mas hoje advogo; sou de gravata lavadà. Não queremos saber o que *fumos*, queremos saber o que *emos*.

—Mas à quem se esquece do passado é preciso lembral-o. E depois ha certos actos que são passado, presente e futuro.

V. não ia todas as noites, á deshoras, comer cajús? V. o que fazia então? Quanta immoralidade praticou V? Quantos desgostos não causou á sua mulher?

—Capitão, isto é vida privada.

—Eu intendo o contrario; factos que affectam á moralidade publica são publicos e bem publicos. Mas ainda não sendo, raptar é tambem vida privada?

E como V. matou de desgostos a sua pobre mulher, raptando uma moça que era até sua sobrinha?!

—Capitão, por quem é; a seus pès humilde estou!

—Capitão, cheguei agora de Cachoeira.

—*Ah!* meu immediato, como foi de viagem?

—Mal; o diabo do vapor levou 8 horas.

—Porque? pelo vapor, ou pelo tempo?

—Por ambas as cousas; o tal *Dous de Julho* virava-se no mar como uma canoa no majestoso Mississipi.

—Que conta de novo?

—As cazas por lá custam de 5$ a 25$.

—Que mais?

—O festejo do heroismo cachoeirano é, este anno, com grande enthusiasmo; foguetaria, palanques, folhas, flores, o diabo, tudo tem de apparecer, graças aos bons desejos da commissão que não tem poupado esforços para brilhantismo do dia.

—Estou com desejos de assistir ao festejo, e como é negocio de Dous de Julho, no vapor *Dous de Julho* é que me hei de embarcar.

Fica por tanto sem effeito o seu requerimento quanto á retirada do tal vapor da carreira, pois que outra cousa não queria Vm. pelo que disse.

—Pois, capitão, enganou-se; lá não ha cousa alguma ao Dous de Julho; tracta-se do Vinte Cinco de Junho.

—Aceito o quinau.

Que mais viu Vm.?

—A Liberdade servindo de cabide.

—Olé! explique-me a cousa!

—E' que os bustos dos indigenas que servem ao festejo, lá estão atirados debaixo da cadeia, e os soldados pendurando nelles patronas e cinturões, capotes e fardas, bonets e polainas!

—Pois acho bonito; é a Liberdade armada em guerra.

Mas em todo caso, ja que a commissão, tão influente e patriotica, não poude alugar nem uma caza de 5$ rs. na *rua dos quebrados*, ou do Camarão, incumba-se Vm. disto, correndo á despeza por conta d'uma subscripção entre os cachoeiranos, que hão de, certamente, applaudir o meu acto.

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA SEMANAL

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 20 DE MAIO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

Cynismo.—Na actualidade ha em abundancia.

Chegou de *Navarra* um lote de encommenda particular para certo personagem, que na qualidade de magistrado dá sentenças por empenho reduzindo á miseria uma desvalida, e depois em particular vae confessar que si fez tal injustiça foi coagido pelos pedidos.

Desmazello.—Este genero tende a subir de preço á vista da procura que ha para nossos correios.

Patriotismo. — Escassez completa. Ha grande procura para as festas do Dous de Julho, mas acabou-se o que havia com a inauguração da *liga progressista*.

—

GENEROS DESPACHADOS.

Porto da *Nova Estrada*, barca *Olho-Vivo*, Castilho e C. pulseiras, brincos, collares e outros objectos de ouro arrancados á força a duas menores, duas gallinhas e um gallo de raça *mudados* de um quintal para outro.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Chaveco *Pinheiro* vindo das *Grades Ferradas*.

30 volumes *md fé*, 20 varas de brim podre fraudulentamente vendidas a um pobre alfaiate, 30 canastras recusas em receber fazendas avariadas que impingiu por boas.

—

EMBARCAÇÃO A' CARGA.

Galera *Pitada*, capitão Machado; consignatario Frederico—jogos prohibidos.

—

DESCARREGAM HOJE.

Patacho *Má-Ventura* maus tratamentos, desprezos e embriaguez.

Barca *Magliola*, desordens e alarmas.

PARTE MARITIMA

MOVIMENTO DO PORTO.

SAHIDA DO DIA.

Ilha da *Trapaçaria*—brigue *Cadete*, cap. *João*, carga peixes e cocos para presente de um procurador; 800$ rs. para compra de duas assignaturas falsas em duas cartas de liberdade com prejuizo da legitima herdeira, 100 cartas de empenho e peditorio para certo supplente de juiz de orpbãos e ausentes, 300 volumes *uso-fructo* dos beus alheios, 400 canastras *miserias* e desgraça à uma infeliz senhora sem protecção.

ENTRADAS DO DIA.

Bergantim coroado *Sant'Anna*, cap. Maximiano, carga diversos objectos para bailes pastoris, uma vestimenta de palhaço para certo padre devasso representar nos intervallos dos mesmos bailes, 4 pacotes *descaração*, 30 vasos *immoralidades*, 10 garrafões *bebedeiras* para serem tomadas depois de qualquer festa religiosa, 1 grande caixão *maledieencia*; passags. diversas meninas para representar em presepios, pervertidas por um moustro, duas irmans prostituidas e vivendo em commum, 2 volumes sermões massantes e somnolentos.

Aviso aos navegantes.

Pela capitania do porto de Latronopolis faz-se publico áquelles que navegam à noite pela villa de *S. Miguel*, ilha da *Ordem Terceira* em direcção àquella villa que se acha estabelecido um pharol de luz transparente, o qual será acceso entre as 9 1|2 e 10 da noite e durará de 5 a 8 minutos.

O pharol será collocado no rochedo de Santo Ignacio, sua luz será vista até dobrar o cabo de *S. Francisco*, onde será collocada uma *lanterna magnetica*, logar que será chamado *Ponto do Mattos*.

Bahia e capitania do porto de Latronopolis 2o de maio de 1864.

Annuncio maritimo.

O bergantim *Granada* tendo desembarcado toda sua carga, constante de *especulação*, modo de *viver commodamente*, generos falsificados e em mau estado no trapiche do *Maciel*, acha-se na franquia e segue em breve para o Rio Grande por ter parte do carregamento, constante de drogas para curar de feitiço, breves e reliquias para tirar diabos; recebe frete, para o que tem optimos commodos. A tratar com o rei dos feiticeiros em qualquer logar da cidade e no domingo na Quinta das Beatas.

A PEDIDO.

O artigo do numero 61 do *Alabama* relativo á rua da Mangueira e caza de um major não se intende ser a Mangueira da freguezia do Pilar, e sim outra qualquer Mangueira em que mora um major reformado.

O seu a seu dono.

Sr. Redactor.—No dia 14 do corrente pelas 11 horas da noite, uma rapariga na rua das Flores, em companhia de uma collega encheu a rua de panellas velhas e cisco, e não satisfeita, sahiu e deitou pelos buracos d'uma certa venda varios objectos inuteis; além do incommodo que durante a noite causaram ambas á visinhança, testemonha diaria de taes spectaculos.

O *Britto*.

ANNUNCIO.

As Bahianas.

NOVA MODINHA.

Está nos prèlos, e brevemente se publicará. Poesia do Sr. Tito Livio—author da da poesia do Gigante de Pedra.—

Musica de José de Souza e Aragão (na Cachoeira.) Assigna-se nas livrarias do Sr. Catilina, Viuva Lemos, Francisco Queirolo e na cidade alta na casa do Sr. Balduino dos Santos e Oliveira e Typ. do *Diario*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

SERIE 7.ª BAHIA 24 DE MAIO DE 1864. N.º 64

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 23 de março de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, já que tão grande peso deu á queixa do Sr. Dr. José Dias d'Andrade quanto aos porcos de Itapagipe, pedindo lhe providencias contra os porcos que em grande escala se acham na Lapinha tossando as testadas das casas dos cidadãos, que è muito differente de arruinar larangeiras e roseiras de qualquer figorão, e principalmente sendo a lei egual para todos.

—Ao Exm. Sr. conselheiro director geral dos estudos. Constando que o professor do collegio *S. Salvador* lecciona nelle a ambos os sexos, e sendo isso prohibido pelo Regulamento Organico, leva-se ao conhecimento de S Ex. o facto, para terem logar as medidas, que elle requer, as providencias que o abuso reclama.

—Ao Illm. Sr. Dr. juiz de direito em correição, pedindo-lhe sua attenção para os abusos que se tem dado com o testamento do padre Alexandre da Silva Menezes (fallecido ha trese annos) cujo primeiro testamenteiro, João da Silva Menezes, falleceu, ha quatro para cinco annos, entrando o terceiro (sem ter o segundo, que é tambem herdeiro, feito renuncia) na administração do casal, que, SO, usufrue, com manifesto damno dos interessados e da fazenda, pois que não sendo aquelles herdeiros forçados, tem de pagar todos o sello de herança.

Espera se pois do S. S. providencias á vista da faculdade que lhe concede o regulamento de 2 de outubro de 1851, art. 34, § 3, inserto no cap. V. art. 1122 da *Consolidação das leis civis* que diz assim:

«Aos juizes de direito em correição egualmente compete remover os testamenteiros suspeitos ainda antes de ser chegado o tempo das contas, os illegalmente nomeados, os que mal administrarem, ou forem negligentes, ou prevaricadores; encarregando das testamentarias os outros testamenteiros nomeados pelos testadores.

ou, de sua falta, nomeando pessoa que os substitua.»

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Joaquim Soares da Bragaria, pedindo licença para plantar capim em terreno da nação, fundos de sua roça á Cruz do Cosme, para sustento dos animaes do 2.º districto que vierem á votação.—Indeferido, por ser amphibologica a redacção do seu pedido, da qual se deprehende que ou os animaes vem votar, ou o supplicante quer tractar os votantes de cavallo, offerecendo-lhes capim.

No primeiro caso julga os outros por si, mas tome só o alimento; no segundo é uma injuria àquelles que o fizeram sahir do nada immundo em que vivia; convindo por tanto que se dirija ao major Bethbeset que deve já conhecel-o, á fim de ver, si na sua infermaria, o allivia do mal que padece, alienação mental, causa unica dos desfructos que dá, das asneiras que requer, das tollices que faz, da ridicula proa que tem, da affectada fidalguia que arrota, da impostura fofa que ostenta.

—Olá, gallego!

—Ax ordes, capitão.

—Tu não és caixeiro d'uma venda às Pedreiras?

—Xim, xinhori.

—Pois olha; tracta de cuidar no sabão e na manteiga e deixa de abusar do estado infermo d'aquella pobre senhora para estares a seduzir-lhe a filha!

—Quem, capitão? eu?

—Sim, sim, patife! estas marcas que trazes na cara, estas bexigas, bem te denunciam, Manuele dos diabos!

—Eu não, capitão.

—Pois queres que te falle na *filha do gaz*?...-.

—Eu não, capitão.

—.... No *filho de S. Floripes*?

—Eu não, capitão.

—Tu, sim, patife!

—Bou já p'ra benda, capitão.

—Tufé, cousa ruim!

—Ouça o que me acabam de contar. Não ha patrulhas, porque não ha policia; e entretanto o fiscal da Penha, no sabbado 21 do corrente, com uma porção de guardas de policia, invadiu uma caza no Poço de Itapagipe: um dos guardas deu uma bofetada na filha do dono da caza; espancaram todos ao velho, conhecido por *Zuza*, e metteram-no na cadeia!

—Jesus, meu Deus!

E porque, capitão?

—A' pretexto de matar porcos!....

—E a constituição? e o codigo? e a inviolabilidade do asylo do cidadãos? e as garantias sociaes?

—Ora, ora, meu charo! O Sr. parece que não mora nesta terra!

—Pois assim é que se tracta a um homem casado, proprietario, honesto pae de familia!.

—Pois si é prohibido crear porcos! O homem *transgrediu a lei*, para elle não ha lei, suspendem-se as garantias.....

—E na Lapinha não ha mais de mil porcos? Os moradores não estão todos a queixar-se? O chiqueiro alli não é immenso?

Que terra meu Deus! que tempos, Jesus! que cousas, capitão!

—Moço, si quer, réclame á camara, á policia, a quem competir, e deixe-me.

—Mas o chefe tomará providencias?

A camara sahirá do seu *dolce far niente*?

O commandante de policia fará alguma cousa?

—Meu amigo, experimente; é bom não perder a fé; em quanto dura a esperança não ha sorte desgraçada. Siga o exemplo do povo!

—O povo, ha muito, que em ninguem crê; mas emfim....emfim vou ver, capitão.

—Capitão criaram-se os concursos para fazer frente ao patronato e o patronato caminha e os concursos invadem até os menores empregos!

Oh! quem diria que até para o logar de meirinho seria preciso concurso!

E quem lhe disse isto?

—*Oculi mei viderunt.*

Passei agora pela ladeira de S.Francisco ellà estavam,na porta da antiga aula de desenho, subdelegados, escrivães, tabelliães e meirinhos, cada um com seu enorme livro debaixo do braço e a competente penna

na velha, estavam, sem tirar nem por, a representar de estudantes.

Aquella casa tem queda para a litteratura.

—Ora pelo amor de Deus! alli é a caza do jury e um dos juizes de direito está em correição; os livros que seus *imaginarios* estudantes trazem tem de por elle ser examinados; é só o que ha.

—Bem; mas seria, na realidade, ridiculo si o progresso da epocha pretendesse officiaes de justiça de borla e capello, meirinhos de pergaminho.

—Venha cá, meu escrivão.

—Quem é V.?

—Para que este orgulho? Olhe que o conheço.

—Descendo de paes nobres, meu passado é honroso.

—Deveras?! Pois diga o nome de seus paes.

Para que ha de ser presumpçoso? Pensa que não sei de quando andava V. aqui por este Maragogipe de calças e rambeque de chita?

—O habito não faz o monge.

—Quem bem sabe disso, sou eu. Mas sua presumpção é causa de lhe lembrar eu o passado.

—Quem tem dinheiro tem brasão.

—E onde achou V. dinheiro? Herdou? tirou sortes?..... veja em que fica; trabalhou ou furtou?

—E quem furta não é *barão*? Quero por tanto que me respeitem, como representante da nobreza do seculo.

—Mas espere que o respeitem; não é agora V. que foi da Santa Casa querer impôr!

—Mas sou homem de brio.

—Oh! oh! la isso é verdade; tem tanto brio V. que certo juiz atirou-lhe ás ventas um tinteiro, e V. continuou a frequentar-lhe a casa com a maior descaração do mundo.

—Basta; o Sr. pelo que vejo é da policia do *Alabama*, adeus.

—Fique certo de que o conheço, Sr. *Olho de pombo inglez*.

Vim á Maragogipe para colher apontamentos para a historia d'alguns vaaões *illustres*. A sua pessoa representa nella o segundo papel.

—Ha tres dias que me gabaram o povo, e uma facada, um assassinato teve logar no domingo.

—Ora bem bello!

Queria então V. Ex. que nada succedesse?

O homem não é perfeito, nem impeccavel.

A policia é que não devia deixar um povo entregue a si mesmo, sem uma patrulha, siquer!

—Agora, tambem perdão. Si o homem não é perfeito, nem tudo pode vir-lhe á mente, nem tudo se pode prevenir.

O que porém admira é que se desse um facto desses, na praça de Palacio, sempre concorrida, e defronte de um corpo de guarda!

—Mas si o commandante da guarda respondeu a quem lhe foi noticiar o facto que não era soldado de policia!

—Meu Deus, compadecei-vos deste povo tão infeliz e tão resignado!

Mas como temos agora o homem do *Gaz*, bem pode ser que com sua lanterna descubra o *gaiato*.

A PEDIDO.

A inveja matou Caim.

Tudo nesta terra vive por imitação; o tal 8 Simples invejou de facto e de direito o distico de vinhos da loja do Atalaia, mandando tambem fazer para a sua um outro com dois matutos incostados a uma *pipa* em duvida sobre a qualidade do liquido. Ora a couza de—uva pura—poderia pegar si com effeito fosse o tal distico plantado n'alguma aldeia onde só bebem do zurrapa; e então seria para essa uma grande novidade os—vinhos escolhidos de uva pura!—Assim mesmo desconfiariam certamente sobre o epitfacto de—uva pura—por quanto extracto de—uva pura—aqui no nosso clima degeneraria rapidamente. Foi máu, sem duvida alguma, o pensamento do [illegible], ou então desculparemos o pincel que em delirio traçou si-

milhante ideia. Não vá pois o Sr. *Atalaia* invejar a nova invenção do distico—uva pura—mudando de letreiro, porque então si o fizer dará completamente com os burros n'agua, e por certo perderá o conceito e tambem o credito que gozam os seus vinhos sobre o qual lhe não abalam e nem lhe tirarão a freguezia que em grande escalla consta-nos ter elle pois não ha jantares nos quaes se não fallem nos vinhos do *Atalaia*. Mas o fim principal da—uva pura—é como diz o rifão antigo—errar o porco, e dar na porca, que vem a ser enganarem-se com a loja do Atalaia e cahirem na do 8 Simples, eis a causa primordial do tal distico.

Cuidado meo *Atalaia* com os incautos que te não errem a loja.

Sr. Redactor.—No seu *Alabama* de 21 de maio vem uma censura feita á commissão encarregada do festejo do dia 25 de Junho em Cachoeira por conservar por baixo das arcadas da cadeia dois emblemas nacionaes. Em abono da verdade convem asseverar a V. que isto é exacto, mas nenhuma culpa deve pesar á commissão, visto que taes emblemas pertencem a um particular—o Sr. Bella-Flor, e não á commissão e por tanto não deve ella responder por peccados alheios. O emblema pertencente à commissão está convenientemente guardado e zelado por mim. Por parte da commissão agradeço a V. os immerecidos elogios que nos tece.

Vicente Octaviano Ferreira da Cruz.

Exm. Sr. que veiu de Vianna, porque não casa V. Ex. com a pobre moça que de casa tirou?

Sr. bigode de gato, tome geito!

Porque consente V. Ex. que a mana da moça, sua *cunhada* faça seus grilos? Porque não aconselha a certo negociante que disso se deixe?

O nome do cujo tambem virá, si disso se não deixar.

E o seu, *Exm.* o seu, cá, cá, cá, cá!..... esta *Vianna* tem cousas! olhem que luxo! gato de bigode!..... cá, cá, cá, cá!!...

O seu nome eu lhe digo, meu velhaco d'uma figa! meu tratante dos seis centos!

O *Miau.*

Sr. escrevente, olhe que dous proveitos não cabem n'um sacco; ou bem trate de negocios de certos barões, deputados e senadores que lhe rendem alguma cousa, ou bem cuide de suas obrigações, pois a nação lhe paga para isto.

Vm. desce, não, vae tão tarde para a repartição, distrahe-se do serviço tantas vezes e sahe tão cedo!

A espia de prôa.

ANNUNCIOS.

Roga-se ao Sr. Luiz P. F. C. o favor de vir pagar a quantia de 2$000 rs. que tomou emprestada aos prezos da prizão n.º 6. da casa de correcção, quando o dito Sr. *das fontes* das *correias* esteve prezo na mesma prisão ficando certo de que sinão vier pagar a dita quantia, recorreremos às authoridades competentes para dar as providencias necessarias, visto as provas que existem.

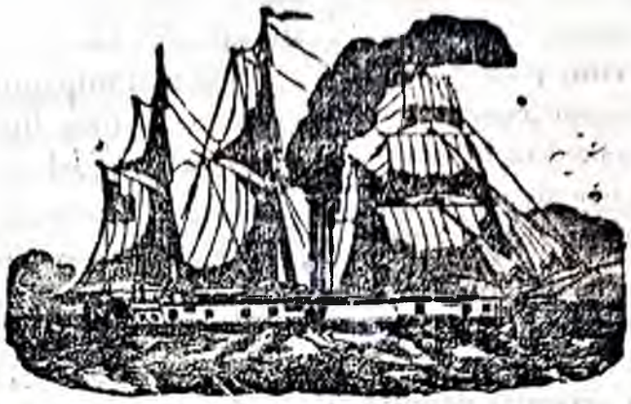
Os prejudicados.

Noticia religiosa.

Para conhecimento dos fieis faz-se publico que acha-se instituida uma casa de oração com a invocação de *Nossa Senhora do Monte* ao pé da *rocha* da *Gameleira*, onde haverá todas as noites *exercicios e praticas edificativas*.

São convidados os fieis a concorrerem com suas offertas, para o que acharão sempre promptos a receber o capellão Fr. Leite, ou o irmão sachristão-mor Fr. Utra.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 26 DE MAIO DE 1864. N.º 63

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C.ª à rua da Mizericordia n. 17 a 15$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 25 de março de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias contra um alfaiate arvorado em pharmaceutico, á Calçada do Bomfim, botica do Sr. Amancio, visto que o Sr inspector de saùde a quem já foi communicado o facto, nenhum cavaco deu, ainda á vista do art. 25 do regulamento de 29 de setembro de 1851.

—Ao Sr subdelegado de Santa Anna, invocando sua protecção para os moradores da roça do Sr. conego Pereira, á ladeira do Alvo, os quaes vivem incommodadissimos com certos visinhos que a ninguem respeitam e que de mais a mais intenderam que deviam vestir sem comprar roupa e comer gallinhas sem creal-as ou compral-as; sendo entre os quaes indigitado um individuo de nome Firmino, a quem deve S. S. obrigar a assignar termo de bem viver, conforme dispõe o regulamento de 31 de janeiro de 1842.

—Ao Sr. subdelegado do 1. districto de Santo Antonio, pedindo-lhe que por seu intermedio seja recolhida ao asylo de mendigos uma pobre creoula, incapaz de qualquer serviço por seu estado defeituoso. a qual se acha á ladeira da Soledade que vae para Agua de Meninos n'uma caza arruinada, sem paredes e sem portas, exposta ás intemperies do tempo, em companhia d'uma criancinha cujos soffrimentos mais augmentam seu martyrio—commovendo e ao mesmo tempo indignando a todos similhante espectaculo n'um paiz catholico, onde existem estabelecimentos pios.

—Capitão, não gosto, não sympathiso com o padre Rocha Vianna e por isso lhe não levei os apontamentos para o sermão de S. *Calombreiro*.

O cujo, isto é o santo, nasceu; nasceu da mãe que o pariu e do pae que o gerou, n'uma das mais rafadas villas de Ulyssea; ignora-se o nome, por se não achar em nenhuma das freguezias do reino certidão de baptismo da tal pezèta.

—E' bem provavel que não tivesse sido baptisado.

—Isto não; si o homem é santo!....

—Continúe.

—Cresceu o bigorrilha, que tinha então uma enorme cabeça, inteiramente similhante a *cer os queijos*..... ia adiantado o negocio....

Cresceu o portuga...

—Mais respeito aos santos!

—... cresceu o menino á força de sopa d'alhos até que poude dedicar-se á *selecta*, tempo em que melhor passou o labreguito.

—Olhe!

—Retiro a expressão... o bom do menino, que havia d'um dia dar provas do grande e desmedido talento que lhe refervia naquella desmedida e rotunda cachola.

Molequinho de seus dez annos...

—Que homem, meu Deus!

—.... Rapazete, já taludinho, começou o pobre a fazer penitencia; pancadas do tio á noite, comida de unto e broa.

Tal martyrio porém era pouco para aquella elevada alma, toda entregue ao seu Deus, oda abstrahida do mundo.

Fallava-se n'uma *arvore das patacas* e querendo o *santinho*...

—Agora sim!

—.... viver vida frugal, gostou da fructa só pelo extravagante nome, e quiz proval-a.

Fez então uma romaria, não á Roma, mas....

—A' Meca? bem lhe dizia eu que não era baptisado!

—Qual Meca, Sr!.... á *terra da promissão*, ao Novo Mundo, ao Eldorado, que produz as taes benditas patacas.

A romaria, apezar delle embarcado, foi uma verdadeira romaria, uma penitencia amontoada; atiraram-no ao porão do navio, deram-lhe por alimento broa e agua, e por vestido, além d'uma embreada ceroula e d'uma camisa azul, taca e pontapés para esquentar-lhe o corpo.

Quando saltou o *penitente* (gostou agora?) foi descalço; agua não via aquelle corpo desde que deixou os coeiros. Vinha elle dando a Deus graças de, sem novidade, chegar á terra de seus amorosos desejos, quando um papagaio de gaiola gritou—o *papagaio real, por Portugal*; o *anacoreta* prostrou-se humilde e reverente e adorou o *Divino Spirito Santo*, que lhe lembrou a [illegible] deixado pela *arvore das patacas* [illegible] que se achava.

Attonito pelo *milagre*, vagou o *cabeçudo*, quero dizer o talentoso moço, pelas ruas, em norte, sem destino.

Uma alma *charidosa*, que o conheceu *com geito* para certa cousa que não a penitencia, chamou-o, exhortou-lhe, deu-lhe uns tamancos, e eis o maganão embarcado em terra; vogava o enjo naquellas alvarengas como tomba fragil canoinha em mar irado.

A cor da roupa foi-se ennegrecendo, e de negro *burel* julgou-se vestido o meu *beato*, chrysmando de alpargatas os enormes pranchões que nos pés trazia. Mas o meninorio....

—Já lhe não reprehendo porque sei que é ingenuidade sua.

—.... si era frade,
Era da ordem de S. Raymundo;
Dos que poem em Deus os olhos
E as unha n'este mundo.

Intendeu depois que algum dinheiro que tinha arranjado devia ter um bom destino *ad majorem Dei gloriam*, e empregou-o em fazer *mingau* para a pobreza; muito deu-o em Santo Amaro, e ficou *reduzido á ultima miseria*. E para mal de seus peccados casado! Pobre, pobre como Pedro Sem! Mudo, humilde paciente, resignado como Job!

Sant'alma! pagou-lhe Deus tantos sacrificios!

Teve filhos; como sustental-os?

Santas inspirações do ceu!

Lembrou-lhe um meio; mandou vir queijos, e vieram os queijos. Oh! bondade da providencia divina! milagre espantoso!

Calombreiro (inda não era santo) mette a faca no primeiro queijo e voam de dentro *borboletas*! e as borboletas se convertem em ouro! e o ouro servirá de sustento á sua familia!

Prodigio infinito! Como retribuis, Senhor, áquelles que em vós confiam!

Faca no segundo queijo, novas borboletas a voarem; faca no terceiro, ainda borboletas ....

—Ficou então a casa cheia?

Nova praga do Egypto!

—Transformaram-se, capitão; o milagre

ainda não estava concluido, era a 3. vez, que o diabo fez.

E como em todos os negocios de Deos mette-se o diabo, e menino é peior do que diabo, um dos filhos pegou um dos bixinhos, todos os outros quizeram, e não poude mais o pae cortar os queijos, sob pena de perder tantas cedulas quantas as borboletas apanhadas pelos tafúes.

O santo homem elevou-se a Deus, pegou da faca e partiu o quarto queijo!

Que havia de sahir, capitão?!

Onças, onças e mais onças!

—Jesus! que perdição!

Comeram aos meninos?

—Onças mansas, capitão; criaram-nos, engordaram-nos.

Onças nutridas a queijo que não seriam? De gordas amarellas ficaram; que bellas amas para os maganos!

Continúo.

—Guarda-marinha, vá pegar-me pelas orelhas aquelle desaforado gallego ferreiro ou *ferraz*, que abusando da prudencia daquelle pacato moço, não lhe quer ceder o logar que não é seu.

—Anda lá, biltre; segue para a cavallaria que é teu logar; theatro é para gente moralisada, que não procura conflictos, tornando-se imprudente.

—Eu ja bou, eu ja bou; eu conheço meu logari, sôr Guilherme.

—Capitão, V. Ex. tem me elogiado tanto o Francisco Monteiro, o Jambeiro, o Pinto, a junta de qualificação de Santo Antonio, e ei-la que acaba de desqualificar o Sr. José Joaquim Correia, dizem!

—Porque?

—Por não ser conhecido.

—Ora com effeito!

Não conhecem então o Correia?!

E' prova da boa fé dos homens que vivam a abalar o mundo com lamurias e queixas.

—É que o homem não tem edade, capitão.

—Guarda-marinha, mandei formar a tripulação, para dar-lhe os merecidos elogios pelo resultado feliz de sua diligencia.

—E' obrigação de todo homem de bem concorrer para a expiação dos crimes, desaffronta da moralidade, e galardão do merito.

—E é verdade; a primeira obrigação satisfez Vm., prendendo o criminoso; a segunda, cumpro-a eu agora.

—Bondade de V. Ex!

—Justiça e só justiça; Vm. tem geito para a *cousa*. Si Victor Hugo o conhecesse, aposto que o *seu Javert* seria substituido pelo *meu Guilherme*.

—V. Ex. è a bondade em pessoa!

—Capitão, principiei a ler no *Diario* de 24 a distribuição do dinheiro agenciado para as victimas do desabamento da parede do gazometro, e vendo aquinhoadas as filhas do Manuel Archangelo, bradei:

« Que falsidade! dizem que as irmans de charidade tomaram os cobres!

Mas depois ví o Manuel Archangelo com 300$ e a Caza da Providencia com 250$!

—Que tem la isso?

A caza da Providencia sustenta e educa a innumeras desvalidas.

—Sei disso; mas é abusarem da paciencia do povo; dae a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.

E a casa do Sallete?

—E' tambem uma instituição pia.

—Mas não queiram parecer *pios* com o dinheiro dos outros; destrahir um donativo feito por um fim determinado em favor

d um outro que na occasião a ninguem lembrou, e para qual muitos não se sacrificariam para contribuir, é um abuso, é um escandalo, é um roubo!...

—Modere a furia, marcel

—Pois posso lá tolerar [illegible] ses jesuitas de meia ti[illegible] tarrões das duzias, hypocritas do diabo estejam a pr[illegible] ir mans de cha[illegible]ade com o que não é seu!

Bem bello! querem fazer cortezias com o chapeu alheio!

Isto é rico!

—Sr. *fiel das rendas*, isto é de fiel?

—Que foi, meu moço?

—Quando for a theatro; não se assente em logar que lhe não pertença, para dar depois satisfações, chicanando com a gente.

Não se queixe, si continuar; si esteve um pelos seus dichotes, pode encontrar alguem que lhe queira tomar a dimensão das ventas.

VARIEDADE.

Os varredores.

A' proposito de eleição proxima, de *varredores* e ruas, transcrevemos o seguinte artigo da *Semana Illustrada*, n.° 177.

Nove foram as Musas
E cada qual mais sabida
Nove tambem nós somos
Sempre em continua lida.

Ellas, alegres, contentes
Passaram todas as horas
E nós sempre, desfructando
Uns aos outros dando *foras*.

Ja que somos varredores,
Justo è que trabalhemos,
Quatro annos vão findar,
Com o povo não brinquemos

Breve temos eleições,
Vamos ás ruas limpar,
Acabado este serviço
Toca, toca a cabalar.

A PEDIDO.

A' quem descubrir um burro com os signaes abaixo declarados, dá se o premio de 2$ rs., por ser insignificante o *bixo*.

Foi gente, mas não conheceu pae e muito menos a mãe; foi encontrado á porta de uma familia fidalga, pelo que intendeu dever chamar-se D. João; serve de guarda portão de certo juiz, que lhe atirou ás ventas um tinteiro; já pertenceu ao partido que hoje guerrea; escreve autos, rabisca processos; é emfim muito conhecido pelas pessoas tortas que tem.

Maragogipe 21 de maio de 1864.

Pede-se a certo carniceiro que ao lado da Dulcinea no balcão vive com ella a aproveitar o tempo em beijocas e abraços, sem respeito e consideração aos que passam e aos que entram, o favor de não continuar, sob pena de ir esperal-o na Baixa dos Sapateiros o muxingueiro do *Alabama*, a cujo capitao se requererá em tempo.

ANNUNCIOS.

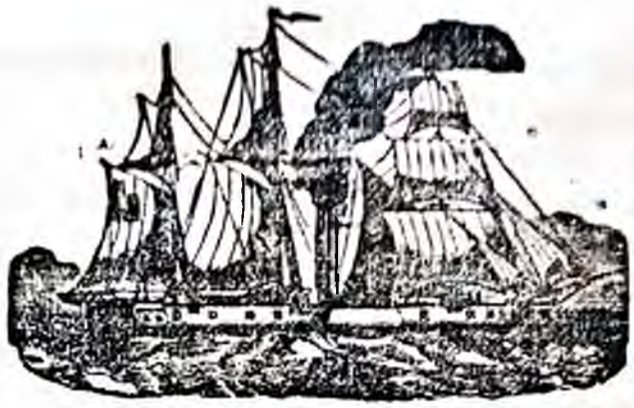
As Bahianas.

NOVA MODINHA.

Poesia do Sr. Tito Livio (author do Gigante de Pedra) e musica de José de Souza Aragao.

Assigna-se nás livrarias do Sr. Catilina, Viuva Lemos, Francisco Queirolo e na cidade alta na casa do Sr. Balduino dos Santos e Oliveira e Typ. do *Diario*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 28 DE MAIO DE 1864. N.º 66

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 4$000 rs. por serie de 16 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de maio de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias sobre uma enorme porção de *meninos* de pessima conducta que a ninguem deixam parar, contra os quaes muito tem reclamado a imprensa, e do numero dos quaes saiu o assassino do infeliz Jorge; distinguindo-se entre elles o João Caucio, que teve a habilidade de *pegar* um cavallo no Terreiro e ir vendel-o na Barra a um moço de nome Gercent, o irmão das Bolachinhas, o Bernardino, o celebre *Costellinha* e outros que necessariamente são conhecidos do guarda-marinha, com quem se intenderá S. S.

—Ao mesmo, participando-lhe que no dia 25 do corrente, como melhor verá S.S. do *Diario* de 26, foi bastante maltractado um moço, no Sudré, por uma pedrada que lhe atiraram na temporal; o que.... o que..... e é impossivel que se continuem a repetir desses factos, que poem em sobresalto a população desta pacifica cidade.

Portaria ao escrivão dos feitos da fazenda provincial. Constando que se acham em seu poder contas que foram remettidas para esse juizo, ha seis e mais mezes, sem que Vm. se tenha dignado dar-lhes o conveniente destino, ordena-se-lhe a maior actividade neste sentido, não so por interesse da fazenda provincial, que Vm. deve zelar, como tambem para que não continuem alguns contribuintes a dizer que—*o rigor da lei* recahe apenas sobre meia duzia. O que cumpra.

—Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Correio e veja que obra se faz precisa, afim de que, quando o publico la for em tempo d'inverno, não fique exposto á chuva que cahe alli como na rua, e intenda-se com o capitão José Fernandes do O' para fazer os reparos precisos, por conta da subscripção para o armamento do paiz, visto que hoje é moda distrahir dinheiros que tem um fim determinado. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá às escadinhas da Rua do Paço depois das 11 horas da noite e passe a verificar quem são dous vultos que alli costumam ir em certas e determinadas noites, e la demoram-se até 3 e 4 horas da madrugada, isto depois do dia 17 de abril. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá em companhia do muxingueiro à fonte d'Alegria, Calçada do Bomfim, e faça cessar, como lhe convier, a grande immoralidade que alli se dá entre as pessoas que à mesma vão buscar agua. O que cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO

O novo *Borgia* dos *Campos d'Alfandega*, pedindo permissão para não entregar o charuto a quem lhe pedir o fogo.—Indeferido por ser esse um *capricho* dos estrangeiros, cuja rasão ninguem sabe, e que só os pelintras querem importar. Si porém é por nojo ou receio de estar suja a mão de quem pede o fogo, declare-se-lhe que não é crivel que sejam todos como certos meninos bonitos que trazem as mãos tão feias, como o supplicante.... não ignora que tristes *scenas* representaram no *theatro*.

(Continuação do numero antecedente.)

O trafico de africanos era escandaloso, barbaro, immoral; a humanidade soffria e o gemido do escravo era suffocado pelo tinir do ouro que amontoavam os canibaes civilisados, os avarentos, piratas e ladrões.

Uma andorinha só não faz verão; porém faz mais quem quer do que quem pode.

O *servo de Deus* mette mãos á empreza que delineara; trafica a fim de que os escravos em seu poder conheçam a religião da Cruz; para chegar aos fins não olha os meios e seu fim é libertar primeiro os africanos do poder do demonio, que é mais forte; do dos homens libertem-se elles, quando for Deus servido.

E nesta empreza o infeliz perde ainda; sua familia esta exposta á miseria!

Seu sogro é rico, seus cunhados devem sel-o; é preciso que o homem faça uma obra de christão, e fazendo-a, faz d'uma via dous mandados.

O Evangelho diz que é mais facil passar um camello pelo fundo d'uma agulha, do que entrar um rico em o reino dos ceus.

O *santo* homem não quer que seus parentes vão para o inferno; é preciso tomar-lhes o dinheiro, que vae, de mais a mais, servir para o sustento dos seus.

E depois diz o proverbio: Matheus, primeiro aos meus.

Mas os filhos *comem-lhe* todo o dinheiro, que era *pouco*; e é preciso educal-os.

Vende bilhetes, não, *tentos* de jogo á sorte, e ai delle! um experto vende-lhe *uma pomada* de mais de *dezena e meia de contos*, dos taes que a muitos já elle *contou!*

Vale porem mais aquelle a quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga!

Calombreiro pega da Biblia e medita; tem horror á Sodoma, á historia de Loth.

A' pretexto de estudos expatria os filhos, sem dar-lhes que comer, porque não tem, e a um pequerrucho encerra-o na gruta ou caverna ...

—Dos ladrões?

—Não, senhor, de suas *meditações*, com positiva ordem de não receber a benção de sua mãe, nem os carinhos de suas irmans porque não lhe é permittido vel-as!

—E isso é d'um pae christão?

—Que duvida! O 4.º mandamento diz que devemos honrar nossos paes; o filho obedecendo-lhe, dizia elle, adquiria direitos á gloria celeste, que é superior a passageiros prazeres de familia, aos mais extremosos carinhos maternaes.

Não podia, alem disso, ser seu procedimento contrario á vontade de Deus, pois que tinha por fim obstar a um peccado, prevenir um crime.

Apesar de tudo, o nosso santo empobrecia sempre; era que Deus o queria para si e Deus não tem amisade com os tratantes e ladrões que são os ricassos, fidalgos e barões.

No dia em que o SENHOR subiu ao ceu, levou comsigo aquella alma bemfazeja; Calombreiro deixou o mundo para habitar na mansão celeste no dia da Hora: foi recebido com as honras do dono da caza; todos os anjos em canticos festivos applaudiram o recem-chegado, entoaram hosannas e cantaram *te-Deum*.

Obscuro viveu Calombreiro, na obscuridade morreu: a gloria lhe estava reservada na outra vida.

Seu corpo ficou incognito, mas a terra respeitou-o, e fez seu dever: poupou o involucro d'aquella bemdita alma, a séde d'aquella miraculosa intelligencia. Sua cabeça era digna de respeito!

Indo, um dia, os parentes visitar-lhe a tumba, escorria della *mingau*, e um funebre discurso se fez ouvir!

Eram recordações dos passados tempos;

a lembrança dos prazeres da infancia não se esvae assim.....

Lagrimas verteram da terra.

Será alma penada? Disseram os sous.

Cavaram o sepulchro, e Calombreiro estava perfeito, estava conservado! O corpo de Calombreiro estava mettido n'uma grande quantidade de selecto, perfeito, como si vivo e são estivesse o homem!

—Estava então embalsamado pelo exterior?

—Embalsamados ficaram os parentes; mas attribuindo o facto á obra de Deus, que em fazer reapparecer o *elemento* de sua infancia quiz mostrar sua predilecção por aquelle martyr, canonisaram-no á *secreta*, e mandaram então celebrar a missa, de que já teve V. Ex. noticia, no dia da Ascenção do SENHOR.

—E onde achou V, esta historia?

—Apontamentos que me deram diversos contemporaneos do santo; o *Flos sanctorum* nada resa sobre o cujo.

—E' santo de contra-bando, não tem dúvida!

—Capitão, iô progunta ossincellence um cousa.

—E' novidade já?

—E' cousa véio, capitão, mai iô querê sabê reson di ere; turo tem sua reson de sê, turo tem sua motivo; cousa qui iô pregunta tem sua motivo tamem.

—Vamos lá com isto.

—Iô vae ni fessa di Cropo de Deu; ah! mê Deu! chuva ta hi! Iô panha chuva, chuva munto, capitão; capitão predoa, iô chupa mê bocadinha p'ra siquenta mê cropo.

—Isto e o que querias era a mesma cousa.

—Capitão, qui má faze esse? Blanco turo chupa; qué tá rico, qué tá pobre, qué tá nobre, qué tá di plebe, turo chupa; oia poreia qui chama—Binho—de Faussitino Xabié de Nobae e iô tá ni minha denreto.

—Dize o que queres, que tenho mais que fazer.

—Pera, capitão; iô vae ni procissão, iô toma taboca, procissão nan sahi, pagode gero u.

—Anda negro!

—Soldado consola iô, soldado panha chuva tamem; mai iô tem pena de balisa; carca de ere tá turo xujo, turo manado; ere deve faze queixa de cumbra qui nan carça rua; pé di ere ta nim buraco tá; tira qui, mette alli, sarta qui, sarta cora...

—Ora este negro!...

—Iô caba já; esse balisa qui fazê? Ere sipanta menino, moleque, quequerê turo qui vem ni frente de bataião? Ere mette me'o musga pra toca denreto? Ere tá prota-massa de bataião?

Pru falla ni esse, qui é esse memo de prota-massa de cabido? Qui figura faze essi? qui sinhificamento tem esse bobage memo?

—Pergunta aos padres e aos militares que melhor te informarão.

—Cousa, tá cuma fô, resurtado tá esse: dua paiaço pra anani diverte; dua figura pra puxa risada!

—Negro, respeita as etiquetas, as formalidades, as ceremonias e os usos antigos!

—Capitão, predoa; tempo ja foi di *Magister dixit*; xa Pithagora nan tá nim uso. Turo hoje tá nim baixo de raçocino, nim dominamento de cabeça, ou di resom esse cousa qui domina anani, ni sujeitamento di esse luze qui clareia ideia qui litterato chama ere discussão! Secro di luze tá hi.

Anani ta nim denreto de indagamento; litterato chama ere *phirosophiu peculativa*; qui nan tem resom, cae ni chão.

Si cousa nan ta assim, antão folião de Sprito Santo ta hi cum sua tambó; então *judeu* de Nansenhô de Passo ta hi cum sua curneta; antão gata de Migiricordia tamem ta hi com sua matraca.

—Tem rasão, mas isto quanto a egreja; quanto aos militares, talvez haja rasões, alguma manobra ou outra cousa qualquer.

—Inzemplo vem de greja, capitão.

—Não fallemos nisto.

—Capitão já qué bole cum padre....

—Negro, traze-me um pouco de cognac, que o frio está insuportavel!

—Ah! ah! ah! quim fallô pagô castigo ta hi; Nansenhô nan drome, capitão! Capitão, ossincellence bebe, io faze saude á xinhá Faussitino de Nobae!

—Anda negro!

—Capitão, o progresso caminho rapido, veloz, nesta afortunada Latronopolis!

—Que diz, moço?!

—Pois não! Pois já não ha juizes de paz que attestam a identidade dos votantes, o emprego! o rendimento! e a edade!...

—Si for vigario...

—Qual, Sr.! um gallego estupido, um minhoto bruto mettido em manteiga e azeite, pratico na venda do bacalhau e sabão!

—Respeite o homem que é veterano.

—Elle que vá à *praia*, capitão!

—Bem intendido, o juiz dos *Borgias*.

—Forte gallego! quer ser politico!

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA SEMANAL

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 27 DE MAIO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

Bajulação.—Chegou no dia 19 um carregamento na barca *Moniz*, vindo da cidade do *Barreto* e consignado à casa commercial *Silva* e *Gomes*.

E' a primeira vez que aquella casa recebe consignação d'aquella procedencia, sem duvida pela *elevada posição* que gosa hoje no commercio.

Innocencia.—Chegou uma partida deste genero, apparelhada *em ouro* por encommenda de uma casa de joias, mas verificou-se que era galvanisada.

Retratação.—Chegou um lote que foi logo comprado pelo corretor Victor por 100$ rs. para triumpho de *uma boa causa*.

—

EMBARCAÇÃO DESPACHADA.

Villa do *Mocambinho*, escuna Ricarda, *tagarellees*.

PARTE MARITIMA

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADAS DO DIA.

Santa Cruz—em 3 annos, brigue *Murta*, cap. Maximiano; carga varios instrumentos de sopro, como trombones de vara e outros, o cadaver de uma mulher fallecida por soffrer uma injecção de pimentas na vagina para ser examinada; passag. um contra-mestre de musica militar.

Santo Antonio—em 46 ds. brigue *Xico*, cap. Monteiro, carga 400 taboas de *carvalho*, 500 saccos *aimeiras*, 1,000 volumes *attestados*, 1 fardo *buchas*, 1 *pinto* encorujado; passags. 1 *lazaro*, 1,000 amas para crear meninos qualificados.

Torres—em 15 ds. barca *Silva*, de 400 ts., m. Antonio Candido, carga 1,000 caixas estupidez, 400 barricas projectos pedindo augmento de ordenado, 500 gigos descomposturas ao partido liberal, 600 pipas adulação (em mau estado) aos deputados e 1 surrão de vermelhão avariado á Balthasar Procopio.

S. João—em 4 ds. pat. port. *Trate-serio*, m. Manuel, carga 1 caixa de pinho, 1 jaqueta de veludo, 1 calça de dito, 1 sapatão brôas do Porto; passag. a crioulinha Hilaria.

Arribado por causa do tempo—vapor *Gentil* que tinha sahido para Ibirapitanga com 1,000 caixões, contendo fôrmas de cabeças sem chapeu.

A PEDIDO.

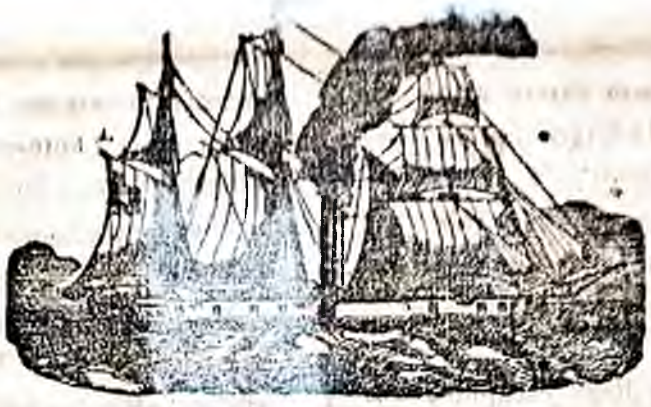
Bem *bello—forte* teima do Sr. major querer criar gallinhas e porcos com o sobejo do rancho.

Já disse a S. S. que não era possivel mandar-lhe senão de tres em tres dias. Porque são tantos a querer! O Sr. agente quer, e acho-lhe razão,—quem dá papas lambe o dedo.

Cá o meu velho, o meu protector, o Sr. capitão *lima* tantos os ouvidos da gente, e mesmo não posso deixar de servil-o porque elle é quem me desaperta, nas minhas faltas!

O rancho mal chega para as cem praças arranchadas, e querem que haja tantas sobras!

TYP. DEMARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 31 DE MAIO DE 1864. N.º 67

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 47 15$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de maio de 1864.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe informações sobre o cemiterio da Moritiba, que até hoje está sem andamento, continuando os interramentos, assim como em S. Felix e Cachoeira, a serem feitos nas egrejas; e isto depois de ter officiado a S. Ex. a commissão encarregada da construcção do mesmo, pedindo, segundo nos consta, a quantia de 500$ para elle destinada, sem preceder vistoria dos engenheiros, orçamento da obra, ou qualquer outra *formalidade do costume*.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que dê as providencias sobre o seguinte facto, á que nos parece se não pode applicar a legislação do Sr. de Paranaguá.

No dia 24 do corrente foi espancada ao becco dos Perdões, casa n. 1, uma moça de nome Feliciana, que vive em companhia da Sra. Christina de Lima, por um moço que com ella mora, o Sr. Claudemiro Ismael Valle.

A moça ficou bastante maltractada e correu para a casa d'um visinho, de nome João Carlos do Sacramento que presenciou o facto, assim como a familia do Sr. major Pitta que estava á janella e os Srs. Joaquim do Nascimento Mercez, Bernardo da Silva Gazina e José da Silva Ribeiro.

Confia-se na moralidade de S. S. e leva-se por isso o facto a seu conhecimento.

—Aos Srs. consules estrangeiros, recommendando-lhes que lancem suas vistas para a companhia do *Olho-vivo da Estranja* que dêu agora em *capturar* chapeus dos transeuntes da cidade Baixa, distinguindo-se um preto tambem estrangeiro que vive a seduzir para a deserção as praças de bordo dos navios americanos, depois de terlhes limpado as algibeiras.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector de saude, para informar sobre o pantano existente na Moritiba em toda a extensão da rua da Feira, o qual engole carga e cavallos, e é tambem um deposito de materias fecaes de homens, cavallos e porcos, do qual desprendem-se pestiferas miasmas e um nauseabundo cheiro, que são talvez a causa das innumeras molestias que tem alli logar, mal passa a estação chuvosa.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio, pedindo-lhe por favor que intime a Antonio Francisco de Britto para deixar de ter na sua venda, sita aos Perdões, uma caixeira de nome Athanasia, de quem em geral se queixam os

compradores pelo seu continuo estudo de ebriedade; pedido que a S. S. só faz para evitar provocações e desordens.

—Revm. Sr. Padre *Amaro*, então mandei buscar a V. Revma. e V. Revma. oppoz-se?

—Sou livre, não tenho culpas, vou onde quero e me parece.

—Mas eu sou amante da pena de talião. O *Interesse Publico* obrigou a dar-lhe uma denuncia uma pessoa aqui da tripolação, a quem chrysmou de piloto do *Alabama*, quero agora que V. Revma., por bem ou por mal, me dê tambem noticias.

—Mas V. Ex. não tem policia? avenha-se com ella!

—Padre-mestre, diga-me que novidades ha.

—Dizem que o consul portuguez quer reduzir a *seu patricio* quanto filho e quanta mulher de portuguez houver nascido neste abençoado torrão.

—Acho justo; si os estadistas brasileiros revogaram a constituição, ante as exigencias extrangeiras!...

Mas isto já é velho; já o *Interesse* tractou dessa *explicação*.

—Pois vae outra.

Todo sapateiro, todo ferreiro, todo pedreiro quer ser alferes, quer ser doutor, quer ser empregado publico; mas como anda hoje o mundo às avessas, os majores, os muzicos, os cavalheiros e officiaes da Rosa, os empregados publicos querem ser pedreiros e carapinas.

—Acho bom; o mundo como anda, assim desanda; é a lei do *sobe e desce*, a das compensações; é a ordem natural do mundo, o equilibrio do universo, dos homens e das cousas.

—E' o systema do *venha a nós*, capitão, a conjuração do interesse proprio, o *arranjaretur* do *EU*.

—Não duvido; mas pelo que vejo, V. Revma. quer dar-me somente *novidades velhas*!

—Pois lá vae uma nova e boa.

—Chó, diabo!

—Ha uma sociedade por aqui que depois de embrulhar-se n'uma *baêta* navegou por *marinhas*, foi ter à Costa d'Africa onde fez transacções com um *Mingá* ou Mané, contrabando; voltou depois á *Havana*, donde levou dinheiro para Inglaterra, e finalmente... são honrados *negociantes* da praça, *homens honestos e probos* desta inimitavel, incomparavel e *inexpugnavel* Latronopolis, como disse o seu informante do *Interesse Publico!*

—Bem, bem; adiante ideias, que isto é bom.

—Lá vae outra.

E' agora incompetente qualquer outro juizo, que não seja o da provedoria, para tratar de testamentos, legados e inventarios, ainda que existam herdeiros forçados, filhos orphãos, reconhecidos ou legitimos.

—Deixe andar o mundo como anda, que ainda ha de apparecer algum ministro da justiça para lembrar ao paiz que quando nos tribunaes superiores e em toda a magistratura houver tratantes e prevaricadores, a honra e a dignidade do paiz serão salvas!

—Deixa-me agora ir em paz, capitão?

—Explique-me primeiro a sua segunda noticia!

—E' que supponha V. Ex. que morre um homem rico, riquissimo, ricasso, ricão;

Que esse homem reside fora do paiz em que tem socios ladrões, ladravazes, ladrarrões;

Que tem filhas;

Que tem innumeros bens, entre os quaes uma baixella de prata avaliada em trezentos contos de réis;

Que apparece agora o tal homem morto pobre, pauperrimo, pobrissimo;

Que não podem seus bens cobrir os legados que fez;

Que por ex. a baixella, por *causa do cambio talvez*, baixou à decima parte do seu valor, a 30:000$ rs.....

—Isto tem rasão; o antigo preço incluia a mão d'obra; o presente somente o peso da prata.

—Menos isso; quando se compra prata portugueza, no preço porque se compra a oitava de metal vem incluido o feitio do objecto.

Continuando, porém, supponha V. Ex. que é de necessidade reduzir o mais possi-

vel o valor dos poucos bens que o homem possúe....

Pergunta-se:

Que seria preciso fazer?

Peritos *ad hoc*, louvados *a dedo*; eis o que se procuraria.

E então que mal faria si para a ladroeira ficar bonita e lustrosa, se a untasse de sebo, de trampa ou de *carnauba*?

—Mas si algum *machado* deitasse abaixo a futrica?!

—Não tenha susto V. Ex., que o *instrumento* é de casa, ja teve até seu *sello*.

—Está então a velhacada com todas as formalidades do estylo?! sellada e reconhecida?!....

Vento em popa, bonançosa viagem!

—Ah! tratantes dos seiscentos! hei de haver-me comvosco, canalha de ladrões!

Revm:, obrigado.

Recommende-me á seu chefe.

—Capitão, nunca mais destas graças!

—Desculpe, meu charo. O meu Javert está occupado na captura dos socios do assassino de Jorge, e não houve remedio.

—Ja sabe d'um novo progresso?

—Não; qual é?

—O hotel que era d'Europa ficou sendo dos Estados Desunidos.

—Como?

—O Bastos, quando tem em casa homens brancos não tem comida para os crioulos.

—Diz bem, na Europa não ha dessas distincções; o homem pois é *confederado*, deve até mudar o distico. Mas será certo?

—Ora!

No dia 28, dous crioulos lá foram ter, e embalde pediram uma frigideira, não havia; pediram mil cousas, nada havia; pediram café...

—Não havia!....

—.... porque a casa estava cheia de estrangeiros!

—Gente d'Europa, ou d'Estranja?

Mas o Bastos tem rasão; n'Europa não ha pretos, e os crioulos deviam saber que aquillo é casa d'Europa.

—Sim, o Bastos tem rasão, porque em vez de encontrar dous europeus bebados e insolentes que depois de quebrar-lhe a *droga* lhe quebrassem a cara, encontrou dous crioulos morigerados e *honestos como não* é capaz de sel-o qualquer bodegueiro, qualquer dono de tasca ou taverna, qualquer gallego de hotel!

—*C'est trop fort*!

Quem são esses crioulos?

—Dous operarios do arsenal de guerra, um carapina e outro serralheiro e proprietario; em todo caso tão bons como os estrangeiros que com o Sr. Bastos estavam, e superiores ao Sr. Bastos.... ao menos em delicadeza, civilidade, educação!

—Olá, Chico-sobrinho!

—Balha-me Deus!

Prompto, capitão.

—Tu não sabes, ladrão, que os infames, devassos e immoraes como tu são aqui açoitados desapiedadamente?

Energumeno, tu perdeste o sizo?

E te acreditavas seguro para continuares a guardar, contra vontade do dono, o dinheiro d'aquelle pobre moço?

Não basta, armazem de torpezas, o que praticaste com a infeliz menina?

—Xinhori capitão, eu quero fállari e entonce bossa senhoria berá que tudo isto é inbeja de minha fortuna adquirida aqui assim.....

—Aqui assim roubando, ladrão, bem sei.

Safado, vil embusteiro, o que eu devia mandar-te fazer agora era entregar-te ao muxingueiro para elle, depois de tirar-te o fundo velho, lambusar-te a cara de alcatrão e involvel-a em farinha velha e expor-te em Santa Barbara ás vistas de todos, afim de que quantos te olhassem, depois de cuspir-te na cara, dissessem:

« Eis aqui o—Xico sobrinho—o *zeles* mais vil e despresivel que Portugal exportou.

« Eis aqui o *ilheo* mais desalmado, mais torpe, mais immoral, mais devasso, e nojento que d'alem mar nos veiu.

« Eis aqui o ladrão mais descarado, e ordinario, que nesta terra saltou »

Porem não; limito-me por ora á ordenar-te que vás restituir o dinheiro que não é teu, sinão..... intendes?

—Xim xinhori, mas eu.....

—Cala-te miseravel! depressa fora de minha vista!

—Immediato, que faz aquelle interro parado no largo do Paranhos?

—Espera o padre que se está revestindo em casa da comadre para ir então incommendar ao pobre morto!

—E porque não foi à casa do finado como era sua obrigação?

—E' porque talvez tivessem pago mais do que marca a tabella!

—E porque não levou tambem o seu sachristão?

—Pois o capitão não sabe que aquelle boleeiro de chapéu armado é o tal que o Para-assú mandou ensinar latim para servir de acolito de certos sacerdotes?!...

—Si isto fosse na cidade de Brotas, vá; porém em Latronopolis, nas barbas de um coadjuctor, é para admirar.

Valha-me S. Felizardo!

LA VAE VERSO.

—Me diga, o que é *Assu*,
Senhor homem do *Parà*?
—*Assù* quer dizer grandeza,
Tão *grande* qual só *Tupá*

—Que grandeza de bocorio,
Quer o senhor ostentar?
Só tem um carro e a todos
Quer um só carro alugar?

Deixar o defunto em caza
Tres dias, tem termo assim!
—Fui n'um interro de luxo
La p'ra as bandas do Bomfim.

—Foi ao diabo que o poz,
Meu velhaquete manhoso!
Mas os pés ha de puchar-lhe
A alma do seu *Moscoso!*

A PEDIDO.

Ao publico.

O Sr. Dr. Tosta é incontestavelmente um juiz honrado. Quem o negava era o Sr. Guedes Cabral; agora é o Sr. Guedes Cabral que vem affirmal-o em publico.

Attenção!

I.

(*Interesse Público* n.º 612 de 28 de maio de 1864)

« Desse anno infausto por diante, subjugada a imprensa nos pés do poder, não houve mais um homem sensato, que no uzo de sua razão ouzasse arrostar os perigos da responsabilidade pessoal pelo exercicio do direito da palavra impressa: d'ahi o recurso indispensavel á responsabilidade d'um editor.

« Do grande numero de pessoas que se acham por toda parte dispostas a aceitar em taes condições um partido para este fim, era o Sr. Theodoro José do Couto, como tal um dos mais conhecidos nesta cidade.

« .....

« Achou-as—retirou-se declarando por um annuncio publicado no *Jornal* de hontem, 2ª, que d'ahi em diante deixa de ser responsavel pelos artigos do *Justus*. (Esse annuncio traz data de 24, dia justamente em que o Sr. Couto ainda às 8 horas da noite recebia dinheiro no escriptorio do *Interesse Publico*. »

O *Justus* é pois o Sr. Guedes Cabral; elle o confessa; sem o que não podia o Sr. Theodoro no seu escriptorio às 8 horas da noite receber dinheiro.

(*Interesse Publico* do mesmo dia.)

« Ha *excepções*—é verdade, por honra da magistratura brasileira o confessamos—ha *excepções* muito *honrosas* nesta regra, e do *numero d'estas excepções* é na essencia do facto o despacho do *integro* juiz municipal da 3. vara desta capital etc.

« .....

« Justiça de Deus, Sr. João Victor, é essa decisão que ahi acaba de ser hoje proferida no juizo da 3. vara municipal por orgam do *honrado* Sr. Dr. Tosta arrancada talvez aos principios severos de sua schola politica *pelos dictames não menos severos de sua probidade.* »

(*Interesse Publico* n.º 553 de 27 de junho de 1862.)

«Mas tanto é verdade, que na *ordem das forças moraes nada excede na audacia á ignorancia*, que o Dr. Tosta, não só commetteu o abuso de poder, mandando sem direito expedir, por dous despachos, mandado de prisão contra nós, mas agravou-o ainda com circunstancias tão extraordinarias que chegam a revelar a mais *deploravel atrabilis, o ultimo* grau de *loucura, o furor.*»

Então é bico, ou cabeça?

O verus justus.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

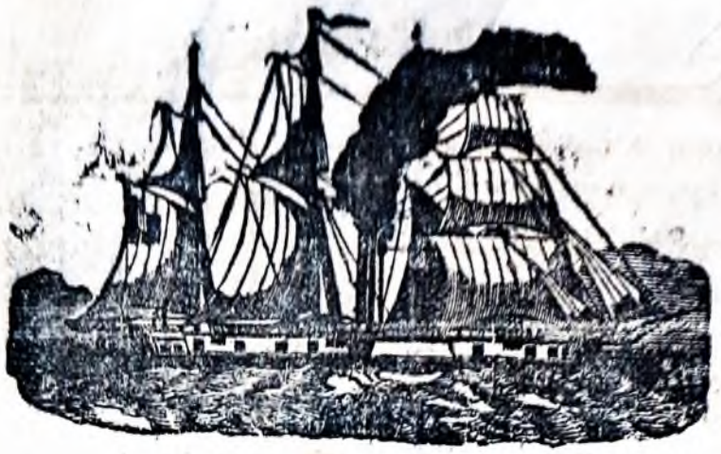
ALABAMA

1863

—

1864

I. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.ª BAHIA 1.º DE MARÇO DE 1864. N.º 27

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de fevereiro de 1864.

Officio ao Exm. commandante das armas, para que faça ir á sua presença o commandante da companhia de invalidos, e passe a indagar si o soldado Antonio Ignacio é dispensado do serviço todos os dias, ou si é encarregado de alguma commissão na Estrada de Ferro, porque é encontrado alli constantemente, em uma hora dada. Cumprindo que V.Ex. para que não fique mareada a honra desse militar o faça justificar-se da grave imputação que lhe fazem os maldizentes de ser aquelle soldado (proeminente vulto na companhia do Olho-Vivo) dispensado com interesse pecuniario de alguem; o que de maneira nenhuma acreditamos, e antes nos inclinamos a crêr que a extraordinarissisima bondade de coração do referido official é a causa de ser o dito soldado dispensado, embora soffram seus companheiros.

—Ao Sr. Dr. delegado, informando-lhe que a companhia do Olho-Vivo está fazendo proezas na freguezia do Pilar.

Ha adiante do forte da Lagartixa uma venda de um homem de nome Erminio que é o ponto da reunião e o theatro das façanhas dessa terrivel companhia.

Scientes das horas da chegada dos trens da Estrada de Ferro, sahem alguns, vão a Estação. e procuram relacionar-se com os passageiros, indagam a que negocio vem, si vem comprar carne, fazendas &c. e offerecem-se para leval-os mediante uma pequena commissão a um logar onde acharão destes generos por dous terços do seu valor, visto que o dono obteve-os sem pagar direitos, porque desembarcou-os por contrabando, que semelhantes generos acham-se depositados em uma parte perto poupando ao comprador até o trabalho de vir até a cidade, o com o pretexto de examinar se-

melhantes generos levam o innocente a tal venda onde já os esperam os socios que deixam a victima de algibeiras vasias maldizendo seu mau fado.

Convêm por tanto que S. S., justiceiro como é, mande já e já fechar aquella venda, uma vez que já mandou fechar um botequim na rua das Flores por egual motivo.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

José Venancio do Rapé, pedindo para a sua loja o titulo de assemblea dos veteranos.—Informe o Beira-mar.

—Gageiro de prôa que bixo preto é aquelle, com honras de mulher, de saia e chapeu à Traviata que entrou alli no armazem do Santos Moreira?

—É um frade do Carmo, capitão.

—O navio até lá, para mandar-lhe cuspir na cara, pois tenho nojo daquella gente.

—Capitão, fallou ha pouco do nosso vaso.

—É honra para nós; cuspa-lhe na cara gageiro, e arribe, antes que contamine o navio.

—Gallego, queres metter o cacete no *Alabama*? Sabes com quem estás fallando?

—Sim, Exm. Si alguma cousa disse, de tal não me lembro.

—Pois não estavas na quinta feira, á noite, a fallar de mim no Taboão?

—Pois capitão, E.. Ex. não save que depois das onze não se tracta negocio com inglezes? Comigo é depois da janta.

—E jantas ás dez horas da noite?

—Eu acavaba de ceari; boltaba d'uma taberna, que ás nobe se fechara!

—Muxingueiro, cem vergalhadas neste patife!

—Capitão, os vevados não tem imputação!

—Muxingueiro, fogo na besta!

—Que fazem aquelles soldados de policia alli no Terreiro, expostos ao sol durante o dia?

—Estão alli de sentinella para que não desabe aquella casa arruinada.

—Pois a presença dos soldados é que impede a casa de desabar?

—Não senhor, estão alli para não deixar ninguem passar por baixo da ratoeira.

—Então não devia ser somente de dia, que todos tem olhos para ver o perigo, tambem á noite devia haver, principalmente nos sabbados e domingos que passa tanta gente de madrugada para a missa em S. Francisco.

—Sim senhor, é tanto de dia como de noite, a nossa policia nestes casos é muito previdente.

—Mas eu passei por alli no sabbado de madrugada e não vi lá ninguem.

—Tudo isto é nada. O mais é o que V. Ex. não sabe. Os soldados ficam n'uma extremidade da rua e descuidam-se de observar quem vem, succedendo que as vezes já a pessoa está fora do perigo quando é vista por elles. Então intimam que não ha ordem para passar por alli, e isto é acompanhado de insultos, ameaças e até pancadas, como fizeram no domingo com uma pobre preta que vende carne, a qual além de apanhar atiraram-lhe com a gamella ao chão, ficondo com a sua venda prejudicada. Dahi a pouco passavam duas mulheres, uma até casada, e uma criança, foram brutalmente agarradas e á tombos levadas presas e como taes mandadas tomar fresco na Correcção.

—Estou bem certo que as authoridades não sabem destes factos, sinão teriam dado providencias.

—Mané-Bahia que grupo é aquelle de homens e mulheres que alli está pelo adro

da Sé, uns deitados, outros em pè, a incommodar a quem tranquillo dorme?

—E' a gente do *Mocoto* á meia noite. Aquelle que está garganteando como um barrote, deitado no lageado com aquella mulher das Portas do Carmo é um fiscal filho de *Macedonia*. Aquelle que agora atirou um tijollo n'um pobre preto que por alli passa, é o Lino, moço socegado, e si assim faz é porque *não está so.*

—Mas o Sr. subdelegado da Sé para que consente tão incommodo ajuntamento, com esta infernal algazarra, com estas scenas horaes e obscenas?

—O que ha de fazer o subdelegado apezar do seu reconhecido zelo e energia si lhe faltam os recursos? Tem duas patrulhas para essa extensa e populosa freguezia, e por isso não quer se expor a ser vilipendiado, no que lhe acho razão

—Porém o Sr. subdelegado devia expor isso mesmo ao chefe de policia e reclamar providencias afim de acabar com essas badernadas.

Muita falta fazem o Dr. Freitas Henriques e o alferes Fernandes.

—Immediato?

—Prompto, capitão.

—Conheces o cabrinha poeta?

—Será Sr. capitão, o caixeiro de uma casa na rua de S. Francisco de Paula?

—Tal qual, traga-me este tratante, que quero ajustar contas com elle.

Eil-o, capitão.

—Venha cá, Sr. patife!

Quantas libras de sebo já botaste hoje na cabeça?

—Sr. capitão, por ora só duas libras, por que já é bastante para espichar os carrapichos.

—Bem! Dize-me, tens animo de querer ser rei dessa rua?

—Oh Sr. capitão, pois si alli não me escapa nada, ainda mesmo sem *cerimonia* das familias que por alli ha?

—E achas bom este teu proceder? Com esta cara tão lavada tens animo de affirmar em minha presença, que todas as negras.....

—Oh! Sr. capitão quem confessa sua verdade não merece castigo.

—Bem, vou dar-te o destino que mereces.

O' muxingueiro! Leve este tratantesinho lá para o porão e dê-lhe por minha conta cincoenta boas calabrotadas por dia até a minha segunda ordem.

—Oh! Sr. capitão! por quem é eu lhe peço perdão por esta vez, promettendo-lhe emendar-me.

—Conduze-o muxingueiro. Não posso perdoar-te, patife, pois és muito bandalho, e para que não continues, quero fazer-te soffrer o menor dos castigos que dou a todos os insolentes como tu.

—Exma. Sra. D. Rosa, V. Ex. não é a sogra do Sr. Joaquim Correia Garcia.

—Sim, Sr.

—Pois peço-lhe um favor. V. Ex. tem um moleque de nome Felisberto que anda por Itapagipe, atrevido no ultimo grau.

—Mas que faz elle?

—O que faz!.... perdoe-me V. Ex., não lhe digo. Mas é tão patife o moleque, que acabando de fallaa innumeras palavradas, e sendo advertido por um companheiro, em attenção as pessoas que presentes estavam ousou dizer....

—O que, Sr.?

—.... que ninguem via, que quem estava á janella bem sabia e *até fazia* o que elle dizia!...

—Não é possivel; pois um moleque que eu criei!...

LA VAE VERSO,

DIALOGO.

—Naninha, eu sou rapaz serio,
Vossê se aprompte bem cedo
Que eu estou alli defronte;
Ou acaso terá medo?

« Casusa vossê não sabe
Que ao Bispo se nos conhece?
E que ha gente nas janellas
Até que o dia amanhece?

—Escute Vossê, Naninha,
O que se ha de fazer;
Vista-se toda de homem,
Saia logo ao escurecer.

« Oh! chente! vossê está doudo,?
Este conselho não quero,
Logo sabe o mundo inteiro
Té que sabe o mano Antero.

—Seu mano não está na terra
(Dizia a ella o tratante)
Sinão ha quem faça a guerra,
Vossê safa-se n'um instante.

« *Safada*, ficarei eu
Isto é, si lhe ouvir,
Me tornarei desgraçada
Si nesse erro cahir.

—Naninha, olhe que eu já tenho
Casa na rua da Lama;
« Peior, vossê o que quer,
É que eu saia no *Alabama*!

A' PEDIDO.

Sr. Alipio, o que tem Vm. que a patrulha não faça a sua obrigação? Pois não queria que dispersasse um grupo de mais de 30 pessoas, que alta noite pelas ruas incommodava o socego publico? Para que queria o Sr. saber á ordem de quem assim praticava?

O Espião.

Chama-se a attenção do Sr. subdelegado da Sé para um certo *pinto*.verdadeiro gallo de campina nessa freguezia, principalmente em casa das meças *honestas*,

AO PUBLICO.

Os abaixo assignados não descem a responder ao *Mohican* nas allusões torpes que lhes atira; vem somente dizer ao publico que é falsa e falsissima a imputação que se lhes faz de terem recebido dinheiro de quem quer que seja para a compra da pequena typographia que possuem.

O publico sabe bem que nem todos recebem 30$ rs. para assignar responsabilidade de certos artigos, nem se prestam a *teste de ferro* do *Interesse Publico* durante os mezes de junho a dezembro; o publico sabe bem distinguir entre os miseraveis que se alugam para descompor pessoas que nem delles caso fazem—e aquelles que os compram a dinheiro de contado: o publico sabe bem, e a lei até o diz e recommenda, que bebados não tem imputação.

Mais poderiam os abaixo assignados dizer; julgam porém ter dito tudo, dizendo que nunca foi injuria ser avaliado pelo caracter de quem julga, tanto mais quando nunca assoldadaram elles sua consciencia pela miseravel quantie de 100$ rs., consentindo que na sua presença se esbandalhasse a *fórma* do *Pirata Terrestre*, cuja não publicação se acabava de comprar.

E é quanto basta.

Marques, Aristides e C.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Misericordia n.º 17.*

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.ª BAHIA 3 DE MARÇO DE 1864. N.º 28

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 30 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 2 de março de 1864

Officio á camara municipal, pedindo providencias sobre um sobrado á Cruz do Paschoal que se acha em vesperas de desabar, e cujas partes vão voando, todos os invernos, pela môntanha do Pilar, afim de que se não repita o lastimoso caso do dia 8 do passado.

—A' mesma, no mesmo sentido, sobre a parede do gazometro, que fica do lado do mar, e que se acha bastante rachada, ficando sciente de que no caso de algum desastre ficará a mesma responsabilisada perante o publico.

—Ao Sr. subdelegado de Santa Anna, chamando a sua attenção para certos capadocios que se ajuntam no adro da egreja matriz a apuparem e insultarem as pessoas que por alli passam.

Portaria. Ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá a loja de massas, que ha pouco se abriu na rua Direita do Collegio, e faça pagar a multa respectiva ao caixeiro da mesma, que não tendo em casa despejo, costuma atirar á rua certos embrulhos de papel O que cumpra.

—Ao procurador das lentilhas, para dizer si concluiu aquelle negocio que o obrigou a entrar para uma sociedade maç.ª. *Sic illa ad arcam reversa est.* O que cumpra.

—Ao mesmo para contar a his-

toria de certa viuva sua *conhecida*, a quem desgraçou. O que cumpra.

—Ao guarda marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a rua da Poeira, e veja a parda escura Gertrudes para intimar-lhe que não continúe a offender a moralidade publica sob pena do ser admittida no batalhão da Matta-cobra com o posto de balisa. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á loja d'um *Assa-vil*, á Santa Barbara, onde se reunem innumeras crioulas e pardas, e pergunte-lhe o que significa esse grupo, pois me informam que grandes escandalos tem alli logar. O que cumpra.

—Guarda-marinha!

—Prompto, capitão.

—Vá de novo á Baixa dos Sapateiros, ás 6 horas da tarde, e traga-me pelo nariz o celeberrimo idiota Mendes Pagode, e si não o encontrar ahi, vá ao Café Americano que é o lugar aonde esse desfructavel se dá a petisco, e pergunte-lhe si não se lembra que já sahiu uma vez no *Alabama*, e que por condescendencia a um amigo seu, não soffreu o castigo imposto pelo capitão?

Si desta vez porèm não se corrigir, tem de passar pelo dissabor de perder o padrinho, tomar 6 duzias de bollos, e sahir debaixo de fiaus e pedradas dos moleques.

—Machado, que namoro é este?

—Aqui os visinhos são de paz.

—E como me denunciaram que vossê não deixa a pobre moça duquella casa de grade, alli na esquina?

—Que esquina!

—Como é grato! Pois vossê não se lembra que está em Roma, que teve boa viagem?

—Ah! sim, sim, sim, sim, sim!

Vou deixar-me disto, já que os moradores não gostam.

—Pois quem ha de crêr que esses homens da justiça são os primeiros a fazer traficancias?

—O que ha de novo, Mané Bahia?

—Contaram-me que um sugeito a quem chamam *Vapor* contrahiu um debito de 35$ rs. O credor que não era homem de graças, moveu execução e fez penhora na mobilia. Um moço compassivo assignou um deposito e responsabilisou-se pelo dito.

Vapor logo que viu serenar a tempestade accendeu as caldeiras e poz-se ao largo, ficando o moço obrigado pela quantia, entrando logo com 25$ por uma convenção que fez. D'ahi a uns dous mezes, depositou em mão de certo escrivão os 30$ restantes para este entregar ao credor quando fosse conveniente, e descançou. Passado um anno é de novo o fiador incommodado pelo credor, que estava ainda no desembolço. Vae ao escrivão, e este sem a menor ceremonia declara que não entregou o dinheiro porque tinha gasto, mas que o entregaria n'aquelles tres dias, e já lá se vão 3 mezes e nada.

—Mas si está na mão do escrivão, está seguro.

—Tão seguro que não se pode gastar.

—Padre, pois vossê recebeu cinco mil réis por um casamento *in articulo mortis*?

—São cousas, capitão; eu esqueci-me!

—Pois um vigario, um conego!....

Depois queixe-se deste e daquelle, e do *Santo Antonio* que lhe enganou!

—Guarda-marinha!

—Prompto, Sr. capitão.

—Chame aquelle muzico que toca trombone de vara e pergunte-lhe si paga os cinco mil e tanto reis que pedio emprestado ha mais de 14 mezes e uma conta de sapatos que comprou a um logista de couros á Cidade Baixa, e diga-lhe que si até sabbado não pagar o chamarei pelo o nome para todos o conhecerem.

—Que diabo de gála-gala é aquella?

—É a mãe do commandante do *Moc-cabo* com *tres burros* ás voltas.

(*Continuação do n.º 21.*)

—Gallego, e não tem havido sentenças a favor do homem?

—Que duvida! apezar dos enredos e caimmas, tres pelo menos, a crime principalmente em que o integro Dr. Bahia, apezar dos fortes empenhos deu duas a seu favor, confirmadas por accordam da relação.

—Ah! sim! E tu então trataste de gastar o que te não custou a ganhar! mandaste entregar o accordam e *deste o geito*, patifão!

—Justamente, e fui a um frade ladrão, vencedor de demandas, que dizem que muito roubou ao convento do Carmo, e contei-lhe a *cousa*, assegurando-lhe dous continhos de réis: foi no dia 18 de fevereiro de 1860; queria ver a bomba no dia seguinte.

—E foste com o fradeco á casa de certo desembargador que morava no *papagaio das areias*, sendo a primeira vez que contraste em carro que outr'ora puchavas.

—E por signal que custou-me 20$ rs. Reparti alli os *documentos* que levavamos e partimos para o Campo Grande.

—Mas elles nada podendo fazer, annullaram o feito, deixando ao pobre *homem* o direito salvo de intentar *nova acção*!

—Isto *tem consciencia*!

—E o homem propoz nova acção pela vara do juiz Daniel.

—Chamando a esta bruxa ladra á conciliação, pedindo a effectiva venda da escrava Angelica e seus dous filhos, ou a indemnisação do que tinha despendido com o pleito contra Julio José de Souza, authorisado por ella, pouco mais ou menos 2:983$,590 e seus premios de 1.º de agosto de 1855 em diante.

—Mas me não faz conta acceder a tal pedido; tanto que lá não fui.

—Porque és um refinado ladrão, que fazes teincheira do nome dessa *pobre* peste. Não obstante obteve o homem primeira e segunda sentença a seu favor, de que appellaste para a relação, tomando nova tabeca, refinado ladrão. Embargaste; e sem o menor documento que podesse fazer prova contra o julgado por duas sentenças e um accordam, foram recebidos os embargos!

—Bem vê V. Ex. que não tem razão, dizendo que não havia documentos; *documentos* tinha-os e tenho-os eu; documentos que abrem a vista.

Sr. capitão, cego é quem não vê por uma peneira.

—Tratante! E dizem certos senadores que votariam pela morte do ex-ministro Sinimbú.

Enforcados deveriam ser certos desembargadores, como fez D. Pedro 3.º no Porto com um delles n'um negocio d'uma viuva desvalida com um fidalgo avarento por motivo d'uma quinta.

Dize-me, o frade é morto ou vivo?

—Já o diabo o levou.

—Como a ti ha de levar.

E o desembargador?

—Tambem, e mandaram adiante o *Seraphico*.

—Rico seraphim foi esperar para recebel-os, Seraphim do inferno, a receber diabos; trindade respeitavel, um frade, um juiz, um procurador ou meirinho!

—O *Subtil* não os acompanhou?

—Qual, sôr capitão. Este está a mamar-me os cobres; é mesmo uma chaga, uma sarna gallica; devorou-me já um conto e duzentos, assim em ar de *Jeronymo*.

—Sei disso. Queria embarcar os escravos para o Rio de Janeiro, sem passaporte, em companhia do celebre mascavado. Tomaram elles dous esses cobres a 21 de março de 1857, ás 6 1/2 da tarde, quando na prisão já estava a preta a mandado de seu Sr.

—O capitão como sabe d'isto!

—Sei até que se embebedaram todos em Santa Thereza, á custa daquella malvada mulher que se achava de dinheiro no seio, tendo já sido gamados uns 200 bagos para as bebedeiras!

(Continúa).

—Sr. commandante do 8.º, V. S. faz-me o favor de prestar attenção!

—Pois não!

—No dia 28 de fevereiro, á tarde, um soldado que andava a brigar com umas mulheres no Rio das Tripas, espancou brutalmente com a bayoneta a um homem que ia passando e que se metteu em apaziguar a bulha.

Vê V. S. que isto não é muito conveniente.

—Como poderei providenciar?

—Olhe, commandante; era um guarda da guarnição do Barbalho naquelle dia.

Mais faz quem quer do que quem pode.

LA VAE VERSO.

Quem é que assim vae
Correndo e cansado?
É Jesus que em busca vae
Do *Moc-cana*, apressurado.

Que sacrilegio, meu Deus!
Pois *Jesus* vai a correr
Pela ladeira do Carmo!
Quem pode ir n'isto crer?

—Não é Jesus salvador,
Meu bruto, meu camaleão;
É o Jesus alfaiate,
Das crioulas o capão.

DECLARAÇÃO.

A Redação do *Alabama* declara ao Sr. Herminio Pinto Ribeiro de Bulhões que basta sua consciencia para responder a seu annuncio do *Jornal* de 28 do passado, em que o mesmo declara ter certeza de não se intender com elle a *portaria* á que allude.

A' PEDIDO.

Um pharmaceutico, conhecido pela grande pratica de seus crimes, está prompto a receber o premio do annuncio do *Alabama*, comtanto que lhe garantam um casamento rico com pessoa de sua casa.

Chama-se a attenção do Sr. subdelegado da Sé para o *preguista* Ferreira, que intitula-se á noite inspector e como tal faz prisões e depois solta, em companhia de um capadocio que toca *folles*, a quem S.S. muito deve ter em vista.

Pacheco.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Misericordia n.º 17.*

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.ª BAHIA 5 DE MARÇO DE 1864. N.º 29

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 4 de março de 1864.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que pela via de um de seus membros procure informar-se do estado lastimoso em que se acha a rua de S. Bento á respeito de agoas podres pelo lado esquerdo de quem vae e depois de orientar-se de que procede semelhante escandalo, passe a dar as providencias necessarias.

—Ao Revm. conego Deão, perguntando-lhe, si é por spirito de colleguismo que quando morre algum conego dobra o sino grande da cathedral, ao passo que passando a sagrada imagem de Nossa Senhora na procissão da via-sacra nos domingos da Quaresma apenas dobra um pequeno sino rachado.

—Ao Sr. commandante do batalhão de caçadores, scientificando-lhe que no domingo 28 do p.p. o guarda Ildefonso em companhia de outros andaram pela cidade baixa a pedir generos pelos armazens, e fugindo sem dar a competente paga, além das desordens que provocava. O que me informam ser costume antigo do referido guarda, que merece a attenção de S. S.

—Ao Revm. conego cura da Sé, perguntando lhe a razão por que tendo essa freguezia um sineiro com o ordenado mensal de 15$ rs., pagos, segundo me consta, pela irmandade do SS. Sacramento, não ha nas quintas e sextas feiras repiques de sinos

por occasião de celebrar se a missa ao SS. Sacramento, como é de obrigação.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, participando lhe que a *estrangeira* Margarida, natural das *Canarias*, moradora ao Pão-de-ló, surra trez e quatro vezes diariamente a uma pobre menina que em seu poder tem, chegando ás vezes a ser a infeliz soccorrida pelos empregados da typographia do *Diario*, como ha dias aconteceu.

—Ao mesmo chamando a attenção de S. S. para um peralta que dorme de *dia*, para á noite, munido de uma harmonica e reunido a immensos capadocios, incommodar as familias com o seu infernal instrumento.

—*Coronel!*

—Prompto, capitão.

—Vm., como chefe da policia secreta, tem de assistir, d'hoje em diante, às sessões da assembléa provincial para inteirar a casa do que por lá houver.

—Prompto, capitão.

—Agora reparo; mas é que o *coronel* está sujeito ao capitão!

—Lá isso bagatella; V. Ex. è capitão de mão cheia.

—Varro a pulha.

—Perdoe-me; eu não sou de mão vasia?

—Engenheiro, eu sei que Vm. é bello moço, que pagou e com generosidade todos os prejuizos que causou o desabamento da parede do gazometro; sei até que Vm. assignou 200$ para o Manoel Archangelo. Mas por isso mesmo é que lhe previno que a parede da frente está ameaçando o povo que por alli transita: grande numero de operarios dos arsenaes, de negociantes, de artistas, de caixeiros, de escravos, de guardas, a Bahia toda.

—Oh! mim nam viu esse; mim vae examina parede.

—Pois faça isto ja e ja. Deixe o engenheiro do governo, e não queira que por facilidade se repitam novas desgraças. Veja que a tempo foram avisados.

—Ies, capitão; you está um good friend.

—Que queres?

—Qui iô qué? Iô tá muxingueiro hoje, iô qué mette calabrote ni cara de ossê, blanco dicarado, bebo sem vregonha, juda safado, rifugo de humanidade, ingrata de inferno, fia de diabo, couse qui nam pressa, faca qui nam corte, miga qui nam serve.

—Retira-te, negro! não me insultes!

—Negra! negra qui tem mai vregonha ni solla de pé, qui ossê blanco ni cara de safado. Anami dizê que vaso ruim nam quebra, iô ha de quebrá ossê.

Ossê nam lembra de mãe de ossê? elle nam morá ni becco de Grêlo? elle nam cabá tudo cheio de bixo? Poi oia, Riani nam quer esse bêssa lá; cambra manda bota elle ut maré pruqui tá mata gente di pesse.

E ripoi iô nam qué convessa. Capitão dizê qui beba nam regura, qui beba nam pressa tenção.

Toma xicote ni cara, tessa de féro digraçado! rifugo de gente bahiana!

—Venha cá, meu tratante.

—Prompto, Exm.°

—Em que se occupa?

—Eu fui marcineiro.

—E depois?

—Professor.

—E agora?

—Quero à força namorar uma franceza que mora defronte de minha casa, e supondo que ella fosse protestante escrevi-lhe dizendo que promettia não ir mais á missa.

—E que lhe respondeu ella?

—Mandou-me tomar absinthio para applacar a minha paixão.

—Não fez nada,e eu dou-lhe já o conveniente destino.

—Guarda-marinha, entregue ao muxingueiro, este cabriola, e depois de lhe cortar esta cebosa cabelleira, tenha-o no porão até chegar o *Domingo de Ramos*.

—Que diabo está aquelle mamarrote allí a gritar?

—È o Tupertino, abonador da Madame da Mouraria, que está apertado alli na loja do Olympio.

—Pois hão de andarem esses moços a se apertarem para dar desfrutes?

—È porque elle hoje vae tocar na S. *João* e está se preparando para o folguedo.

—Iaya, que mal lhe fez o *Alabama*?

—Nenhum; mas é que ás vezes descompõe os amigos de meu homem, os corretores de escravos, a companhia do *olho vivo* &c., &c.

—Boa amisade tem o João-Ouro Verde! Pois não continúe; do contrario, remetto-a com praça de corneta para o batalhão da Mata-Cobra.

—Olá, meu moço de Braga, que diabo é isto?

—Isto o que?

—Pois vossê não se lembra daquelle collega que morreu e que deixou-o por testamenteiro, e creio que tutor daquella pardinha?

—Não é comigo.

—Pois não é vossê do Cães Novo? Pensa que o não conheço?

Não é vossê o tratante que com ella amancebou-se, que della tem filhos, que della todo o cobre tem comido e que a trata com sua escrava?

Diga, meu patife, é ou não é vossê?

—Capitão, sou eu mesmo; realmente nada mais fica occulto nesta bella Latrono-polis; mas, capitão, quem fallar a verdade não merece castigo.

—Não, de certo; mas por favor queira vossê intender-se com este preto, que é o cosinheiro, o qual lhe dará emprego. È nada menos que coidar da cosinha, varrer os camarotes, lavar os pratos &c., &c.

—Concordo, capitão. Não se preciza de rachar lenha?

—Não, o serviço é feito aqui com carvão de pedra.

—Está bom; não me desgosta o emprego. Em Portugal muito mais travalhei; lá, porém, não eram camarotes, eram aqui assim as ruas.

—Meu capitão, vou narrar-lhe um facto acontecido ha poucos dias. Conto-lhe o milagre, mas não descubro o santo.

Certo menino da moda foi convidado para um pagode fora da cidade; acontece porém que no dia designado morre-lhe um tio. Era de crêr que o bom do menino fosse lamentar com os demais parentes a morte de seu presado tio; porém qual! foi ao pagode, e *divertiu-se* tanto, que a final quiz obrigar um homem a tirar uma sabiá da gaiola para elle entrar, pois segundo dizia, cantava melhor. E que tal o menino?!!... Esse facto deixo-o a sua apreciação, meu capitão, para dar o destino que merece tão bom parente.

—Ja sei d'isso, e conheço-o muito. È sabiá que *range*, e diz que canta.

—Guarda-marinha, Vm. vá já e fale ao presidente da junta de qualificação da Penha, e pergunte-lhe em que quarteirão, em que rua e em que casa dessa freguezia mora o Dr. José de Goes, que foi qualificado, assim como os Srs. Barbuda que mora no Maciel, e Eloy José Leal que mora na Victoria.

Faça-lhe ver que não está elle entre caboclos e que se faz mister respeitar a moralidade publica e a lei.

—Oui, mon cher ami.

—Viram o *Mohican*?

—Vi; *ordena* ao chefe de policia que remetta os redactores do *Alabama* para a tropa de linha.

—Que *poder*!

—É para ver. Entretanto os fiscaes não fazem o que adverte o *Alabama* porque diz que elle ordena?

—Bem! Quem for o competente que lhes tome as contas.

PARTE COMMERCIAL

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 28 DE FEVEREIRO DE 1864, AS 5 HORAS DA TARDE.

REVISTA SEMANAL.

Bandalheiras.—Neste genero fez-se alguma cousa. As cotações estão firmes.

Bebedeiras.—Foram tomadas duas grandes partidas pelo *testa de ferro* do *Moe-canna*. Ha grande procura deste genero. Os preços estão firmes. As cotações tendem a subir.

O carregamento do brigue *Pharoux Buhiano* entrado sabbado à noite foi depositado no trapiche *alfandegado Carvalho*.

Chicanas.—Um carregamento que appareceu no mercado, consignado à casa *Forum e C.* foi retalhada para consumo.

Envenenamentos.—Neste genero tratou-se ha dias d'uma transacção que não se realisou.

Fretes.—Fretou-se a barca *Ouro-munda* por 10.000$ para conduzir uma partida de testamentos falsos.

Firmas falsas.—Pouca animação no mercado.

Intrigas.—Houve uma transacção neste genero, que por ora não transpirou.

Roubos—Os que tem apparecido no mercado são fornecidos pela companhia do Olho-Vivo.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Barca *Popular Olegaria* em 27 de fevereiro.

52 pipas caxaça, 25 fardos mentiras, 36 pacotes patifarias.

EMBARCAÇÕES DESPACHADAS.

Barca *Asmodeu Venancio*, 12 caixas insultos, 25 volumes desordens, 36 embrulhos bebedeira.

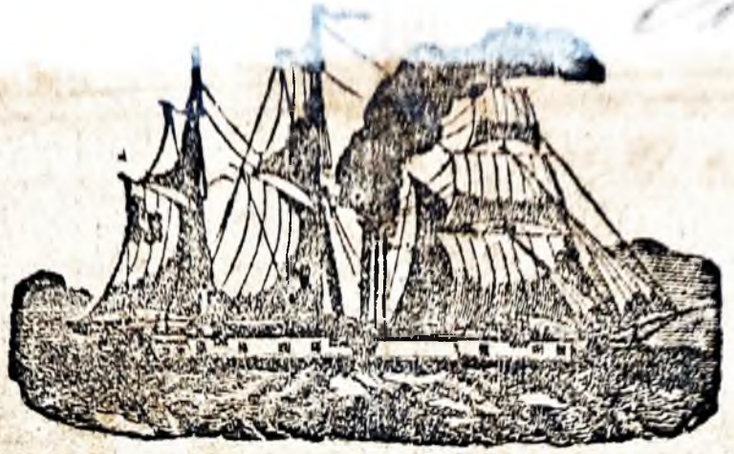
Sumaca *Tratante Cachoeira*, 1 grande volume papeis pertencentes a uma sociedade dramatica, inclusive a acta d'uma sessão quando foi thesoureiro certo gatuno, 1 dito ditos relativos a um casamento.

A' PEDIDO.

Pede-se ao mestre-pedreiro do arsenal de marinha o favor de declarar si é verdade que chamou os officiaes de sua officina para trabalho da remoção do carvão do gazometro, e que agora pretende pagar-lhes a metade do preço que paga a companhia.

Um que quer saber.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Misericordia n.º 17.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.ª — BAHIA 8 DE MARÇO DE 1864. — N.º 30

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados 1$200 rs.

BIBLIOTHECA DA BAHIA Instituto Geographico e Historico

O ALABAMA.

A PENA DE MORTE.

Apezar de nos verem de continuo a mandar ao fundo do mar os ladrões que *betamos*, somos partidarios cegos, apologistas decididos da abolição da pena de morte; no que se nos não encontrará contradicção, visto que ladrão não é gente.

Assim que nosso jubilo é immenso quando um Viriato propõe no nosso solo a realisação dessa idéa, e um illustrado bahiano a defende e sustenta.

E' por isso que não podemos deixar de dizer duas palavras de cordial affecto, de enthusiastica satisfação, de sincero agradecimento ao Sr. C. Garcia, por occasião da publicação de suas idéas humanitarias sobre a pena de morte, para nós até hoje desconhecidas.

Receba pois o mesmo Sr. o tributo de gloria que, orgulhosa lhe manda a civilisação, que agradecida lhe envia a humanidade.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de março de 1864.

Officio ao capitão do porto, pedindo que mande chamar a sua presença o Lucio, thesoureiro da sociedade 1. de novembro dos saveiristas, o qual ha 2 annos não faz a romaria do citado dia, para entregar o dinheiro que em seu poder tem e que me dizem empregara em comprar terrenos na Quinta dos Lazaros.

—Ao Sr. commandante de policia, pedindo providencias sobre

um facto que no dia 5 do corrente teve logar, na casa do Sr. Balthazar no á rua direita do Collegio, e é o seguinte: um cabo d'esquadra (que estava de guarda no citado dia) do batalhão que S. S. commanda accommetteu a dita casa e na cosinha foi buscar um menino que se evadira, e que alli se refugiára. O que, a ser verdade, é uma affronta á lei, á segurança individual e ao socego das familias.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Bernardo Bilheteiro pedindo o logar de gato da Misericordia no impedimento do actual.—Informe o João Fernandes.

—

Informação do Beira-mar sobre o requerimento do José Tenancio.

O supplicante apresente documentos com os quaes prove não ter sido veterano de barriga.

—Que de soldados na praça! São 2 de março; si fosse hontem, julgava ser alguma *sinimbusada*

—Nada de mais, é a posse do presidente Silva Gomes.

—E que vulto preto é aquelle que vae correndo atraz delle de azas abertas, para chegar a palacio? Será algum *abutre?*

—Nada disto; é o vigario Rocha Viauna que se quer fazer necessario.

—Que aza preta!!!!

—Sr. subdelegado de S. Pedro, dá licença para duas palavras?

—Pois não!

—Que balburdia foi esta do theatro de S. Pedro de Alcantara? V. S. impassivel assim! Não ouvio aquellas doces palavrinhas que foram proferidas? aquelles escandalos com aquella hespanholita? aquelles tumultos, aquellas algazarras, aquelle ajuntamento na rua, aquellas bofetadas, aquellas ovações á hespanhola? Que é isto, meu charo? Que das providencias?

Não houve immoralidade nenhuma?

Depois as gazetas é que são immoraes! Aqui d'el-rei contra o *Alabama!*

—Ha de se dar as providencias, capitão.

—Muito estimo.

—Que vultos são aquelles que se dirigem á fortaleza do Barbalho?

—E' o Henrique que vae com a filha visitar os presos.

—*A* estas horas!

—E a graça é que só as 5 da manhan è que ha de voltar.

Leva consolando a noite toda a um Dr. que padece de *gota*.

—Grande Deus! E o carcereiro? o official da guarda?

—Bem bello! Estão dormindo, que já é tarde.

—A's 8 horas?!

—Padre porque não dobrou a egreja de S. Pedro Novo, pela morte do conego José Antonio?

—É que o thesoureiro não soube

—Ou esteve occupado com alguma *canaria*? Disseram-me que elle gosta muito de passarinhos.

—Não; o thesoureiro é o padre Caldas e é homem serio.

—Ah! então esteve occupado com os negocios da capella, dizem que volta as vezes a uma hora da madrugada.

—Então devia ter visto o enterro passar.

—E queria que o padre dobrasse?

—Que negocio de dedo é aquelle no *Forum*?

—Nada de novo; é o relogio que ora adianta-se, ora atraza-se.

—Venha cá, Sr. Vasconcellos. Onde vae tão cançado. Que diabo de carrego é esse com que vae tão apetrexado?

—E' a *Arte de requerer em Juiso* que levo para meu uso. Não sabe que quero tambem advogar?

—Como vae esta cabeça!... Pois o homem não esta a confundir um sellim com uma obra de direito?

—Não me insulte! olhe que eu sou um proprietario, um pae de familia! Tenho que perder!

—Vossê o que é, meu caro, é um refinado tropiante. Vá-se andando.

—Vallasquete, diga que diabo fez V. com o Granada?

—Levei-lhe charutos, e tomei o dinheiro.

—Pois disseram-me que V. tomou charuto e dinheiro, depois de ter levado amostras d'uma qualidade e effeitos de outra.

—Pois V. Ex. acredita em Granada?

—E não lhe conheço eu, tratante? Vá levar o dinheiro, do contrario....

—A's ordens de V. Ex.

—*Cadete*, que barulho é um? V. com o Nascimento?

—E' que este mano quer-me chupar dez tustões por uma ridicula aposta.

—Mas V. não concordou, não depositou o dinheiro?

—Mas julguei que elle fosse generoso.

—E como não o é, V. quebrando as garrafas do dono da casa, espatifando tudo assim.

A culpa tem elle que deixa jogar-se ganão a dinheiro.

Sr. Vital, tome juizo, que isto é feio. Olhe lá.

—Que diabo de gazeta é uma que sahiu descompondo o *Alabama*?

—E o *Boi de canga*.

—Não, é o *Moe-cannas*.

—Qual, é o *Mohican*.

—Descobriu na redacção tres réus de policia, e *ordena* ao chefe de policia que os remetta para a tropa de linha; chama-os burros &c.

—E um ridiculo plagiario. Todo estylo do *Alabama* furtou; até a falla do negro invejou.

—O *Alabama* deve vir agora muito forte!

—Qual! sei que não responde por ignorar quem é o redactor; o testa de ferro é um pobre pae de familia de quem a redacção se condóe, e a quem não responde, por ser um reconhecido beberrote....

—E depois põe-se ao nivel da canalha quem com ella disputa.

—O *Mohican* chama pirata ao *Alabama*.

—Mais pirata é o ladrão de sua consciencia; o desgraçado que vende tó sua propria honra.

—Isso é verdade; mas o *Mohican* nada d'isso tem.

—Ora o *Mohican*! o *Mohican*, si for chamado á responsabilidade, defende-se com a embriaguez, que é estado natural delle.

—Ora, estes inglezes!....

—Qual inglez! Chame-o alambique ou fooil que não erra.

A PEDIDO.

ATTENÇÃO.

Corre que o Senhor do Bom fim ficou devendo ao Sr. Dr. Freire ☞ SETE CONTOS DE REIS!!!

Que este povo catholico vá *in continenti* depositar aos pés do mesmo Senhor a quantia referida *O bezerro com cabeça de carneiro.*

Certo Dr. me pediu
Que um dos rodizios mettesse
Nos capotes que modinhas
Cantam até que amanhece.

Mas como tal eu farei,
Si um moço que vae cantar
Quer na casa desse moço
Com uma bella se cazar?

Em todo caso, meu charo,
Tome juiso, yoyô;
Não diga ao depois que santo
Antoninho lhe enganou.

J. C. P.

MOFINA.

Os proprietarios da casa á calhir nas Grades de Ferro, requereram ao Sr. conselheiro Amaral suspensão da ordem da camara que mandava demolil-a.

Os mesmos herdeiros ficam por tanto responsaveis pelo prejuizo que causarem ao povo, nesta terra das condescendencias.

Um prevenido.

ATTENÇAO.

O mez de fevereiro é o mez das fatalidades para o Sr. conferente d'alfandega da Bahia, Domingos José Antonio Rebello!!!

Em fevereiro do anno proximo passado teve o Sr. conferente referido uma desagradavel occurrencia em despachos agenciados pelo então despachante *Andrade*! Em fevereiro do corrente anno torna a ter o mesmo Sr. conferente outra occurrencia tambem desagradavel em um despacho agenciado pelo despachante Barretto!!! Irra..... Ja se vê que o Sr. Domingos José Antonio Rebello não serve para conferente d'alfandega por continuar *a despender á facilidade que tem* compromettendo assim a aquelles que tem a infelicidade de ter despachos com S. S.!!!!

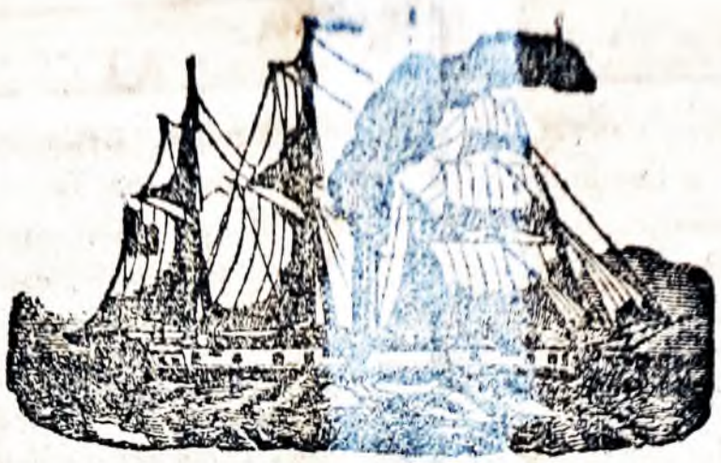
No dia 4 teve logar a continuação do processo instaurado no 2. districto de Santo Antonio contra os Srs. Cajueiros, por queixa dada pelo padre Manoel Jacintho d'Araujo Pimenta. Por ora continuamos na espectativa, pois até ver não é tarde.

S. Ex. Revm. e o clero honrado d'esta capital, deverão certamente *louvar* muito aquelle *zeloso* padre, quando tiverem conhecimento da origem desse processo.

Basta por hoje.

O Sambista.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Misericordia n.º 17.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.ª BAHIA 10 DE MARÇO DE 1864. N.º 31

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de março de 1864.

Officio ao cura da Sé, pedindo-lhe que nas noites em que sahir o Santo Viatico, se digne mandar deitar algumas luzes no corpo da egreja, afim de evitar o desrespeito e a confusão que tem logar na mesma egreja occasionados pelos meninos que a taes actos se prestam.

—Ao Sr. Dr. delegado, para que vá á loja d'um Garcia, á Preguiça e examine-lhe os discipulos, que me dizem foram castigados barbaramente, chegando até a metter-lhes a mão no fogo, para dar as providencias que o caso requer.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, para que mande chamar o africano Malaquias e intime-lhe a prohibição de palavras obscenas, que de continuo são ouvidas em sua casa, ao Jogo do Lourenço n. 178.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao *augusto* e dignissimo proprietario de uma *droga* á rua direita da Mizericordia e intime-lhe para que declare quem era o sujeito que no sabbado á noite, chamava em sua loja a redacção do *Alabama* pelo nome d'aquella que lhe dera o ser, visto que quero dar-lhe os devidos agradecimentos. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a Junta de engenheiros, e intime a certo empregado, dizendo-lhe que, durante as horas do expediente da repartição, não esteja a cantar o *viva Garibaldi*. Outrosim que o advirta de mudar de vestimenta, para que os moleques não o apupem, na supposição de ser o capitão Daltro. O que cumpra.

—Que diabo de abraços são aquelles, que apertos de mão, que palmadinhas gostosas, que diabo é isto?

—Aonde, capitão?

—Alli n'uma daquellas barracas de Santa Barbara.

—Ah! é um namoro de *machos*.

—Pois alèm de Latronopolis, Sodoma!

—Não, capitão; aquelle gallego velho vem namorar o gallego moço, mas é para este casar com a filha delle.

—Veja que descarado velho! V., guarda-marinha, mais dias, menos dias, traga-m'o a bordo, que quero ver si elle, toma ou não vergonha. Que safado gallego!

E não me deixe escapar tambem aquelle outro bigorrilha, bem despresivel, de enjoativa cabelleira, que com tão safado velho estes desfructes alli dá.

—Já capitão, bem me diziam outro dia, Muita falta faz o cipó do major Soares!

—Só o seu nome mette medo.

—Que diabo de historia è uma na Laranjeira?

—E' um marido que ensina sua caza.

—Fallaram em feijoadas; temos feijão com laranja. Ouça.

—E' o marido que amassou o corpo da mulher porque comeu-lhe um resto de feijão e guardou-lhe peixe.

—Que diz? Ouça bem,

—E' isto. Atirou depois à cara da mulher com a panella vasia.

—Sabe-lhe o nome?

—Não sei, mas sabe-se; ouvi fallar em Julio. Pode ser que não seja; talvez se tractasse de candieiros a gaz para 2 de Julho. Emfim vou ver.

—Traga-me o magano pelo coz que tenho que fazer com elle.

—Senhor, Basta, Sr. marinheiro, Sr. Pinto Alvo, que barulho é este?

—È este patife, capitão.

—È este patife, capitão.

—È este patife, capitão.

—Psio! que algazarra é uma?

—E' que hão de ficar lá nos seus armazens, começam a chamar os freguezes dos outros!

—Ora com effeito! Que caras de patifes! E foi preciso todo esse barulho, essa descompostura toda?!

Para questão de menino, castigo de menino: 6 duzias de bolos reciprocos.

Vamos!

—Sr. Benjamim Vallasques, V. lembra-se de quando foi á typographia do *Interesse Publico* tractar de uma publicação no *Alabama* contra um collector de Minas Geraes? de quando insultou a pessoa que o recebeu, dizendo que mettia o chicote no redactor, si publicasse factos que lhe dissessem respeito?

Pois metta-o agora, velho ridiculo, insupportavel bobo que se anda occupando de quem se não lembra de V.

—Mas porque? Sou tão pouca cousa? *Indague quem fui, quem sou*, e verá.

—Ora vá-se para o diabo que o ature!

—Padre donde vem V. de abbatina, chapéu de trez bicos, meias incarnadas, tão cansado assim?

—Venho d'aquelle sobradinho do Leo...

—Tão cansado! atravessando este extenso campo com este sol tão rigoroso!

—Capitão por quem è... segredo, meu bom moço; conto-lhe já tudo.

Acabo de pedir *protecção* ao sincero moço de quem chupei os cinco bagos, e a quem cazei a 26 do passado *in articulo mortis*.

—Pede *protecção*! e diz que o moço lhe deu sem V. pedir.

Mas si V. não podia receber? Ou pode? Seu sachristão ainda disendo que V. fez muito bem e que tem direito a 18$ rs.

—E' um doudo. Poupe-me V. Ex. à cuja protecção me submetto.

—Meu DEUS! que Latronopolis infernal! quanto padre safado! quanto devasso! quanto jogador! quanta cousa ruim!

Padre retire-se por quem é; eu sei que V. não peccou por innocente, mas como não quero concorrer para a desmoralisação do clero, eu guardo segredo.

—Capitão, attenda.

—Ja sei de tudo, meu vigario. Sei que V. não exigiu, mas *pediu* que lhe dessem o que quizessem. Não é isto que quer dizer?

—Justamente, capitão.

—Empine-se, padre, tenho mais que fazer.

—A paz do Senhor esteja comvosco.

—Lá fugiu uma *cabocolinha*.

—Que diabo é isto?

—E' um passaro que fugiu d'um pé de *pimenta* e foi trepar-se n'um *cajueiro*.

—Ah! comprehendo agora.....

—E não vê V. Ex. alli uma *petitinga* a metter medo? Que diabo de peixe que tanto mal faz em secco!....

—Quem passa de madrugada pela rua de baixo de S. Bento já olhou para a caza do Marbak?

—Já. E vi uma figura representando um frade, que de camisola levantada mostra ao genero humano, por meio d'um cordel que dirigem, as partes genitaes em.....

—Pois isto não vê o *Mohican*. Anda-se agarrando ao *oculo* de frei Monte e à mil tolices e ainda não lembrou-se de avisar disto à Policia.

Guilherme, vá V. agora dar as providencias.

—Sr. Moules, que faz ahi?

—Capitão, penitencia. Não me está vendo abraçado com esta cruz?

—Este tratante! quer deshonrar as familias alheias e vale-se da cruz!

Maxingueiro, este hypocrita quer aproveitar a Quaresma em desconto de seus peccados; dê-lhe de rijo!

—O que é isto Sr. Ferragem?

—Nada, meu capitão.

—Pois V., desgraçado, ainda continua a viajar na *estrada de ferro*? não se lembra dos escandalos que ultimamente deu? ainda não está satisfeito?

—Mas capitão, a culpa não é minha!

—Então de quem é? responda.

—V. Ex. não vê que a *fiorzinha* não me quer deixar, e elle que não appareço, chega a dar-me bofetadas quando me avista?

—Salta d'aqui safado! Mané-Bahia, leve este biltre para o porão, e mande applicar-lhe cem calabrotadas para seu ensino.

—Tomára já me empregar para acabar com isto!!

—Que reunião é aquella no Coberto Grande?

—E um cavallo que está cobrindo uma egua.

—Aqui no centro da cidade?

—E a graça é que de proposito amarraram a egua, e chegando a patrulha desatteraram-na.

—E de quem é a egua?

—Ignoro; mas o cavallo é do padre Pinheiro, irmão d'um moço do Recreio Litterario o que é caixeiro, si me não engano.

—Nem mais uma palavra.... Olhem que esta Latronopolis, nem a antiga Sodoma!...

A PEDIDO.

A' policia da minha terra.

Falleceu no dia 8 do corrente o frade carmelita Manoel Joaquim de Santa Escholastica, em uma casa fronteira ao convento do Carmo, o qual não deu signal de finados sinão ás 3 horas da tarde, depois que os reverendissimos obtiveram licença da policia para remetter o cadaver para Cachoeira!....

E a policia deu a licença e não tratou do mais, sabendo que por mais de uma vez tem os frades do Carmo enterrado seus collegas finados no interior do convento, contra a disposição da lei! E depois que interesse de ser sepultado na Cachoeira o frade, não dando o convento signal de sua morte sinão depois de obtida a licença?

O que dizem é que havia o plano de enterrarem o frade no convento, caso porque não dobrou.

Certos estão de que se viria a saber de sua morte apezar das precauções que tomaram e das recommendações que fizeram os frades foram à policia e bigodearam-na.

E'ainda tempo;a policia faça o seu dever, vá ao convento do Carmo, examine e o frade ha de lá estar, que para a Cachoeira elle não foi; desculpe-se ao menos assim do descuido de não examinar o caixão, e não tenha tanta boa fè com quem faz alarde de não sujeitar-se à lei, apregoando que preferem pagar a multa a deixar de enterrar no convento os seus confrades.

Que se lhes instaure até o processo de desobediencia, afim de que fiquem sabendo que apezar de regulares (bem irregulares que são) não estão isemptos das leis do seculo e do paiz.

O inimigo da estupidez.

Ao Sr. subdelegado da Sé.

São incorrigiveis os celebres moradores do 1. andar da caza n.º 18 a rua do Collegio!

No sabbado para domingo ás 2 horas da madrugada, depois de innumeras palavradas, proferidas em dialogo na janella com o fiscal, filho da *Macedonia*, sapateiaram á grande, incommodando aos visinhos, principalmente ao morador da loja do sobrado, que em compensação á advertir para cima, recebeu uma solemne descompostura.

Essa gente de mà vida não estarà sujeita à lei?

Não haverà um meio de removel-a a policia dentre a gente honesta?

Veremos e voltaremos.

O incommodado.

Declara-se ao Sr. Barros Itaparica, administrador do recolhimento de S. Raymundo, que a irmandade do Senhor dos Passos da freguezia de S. Pedro mandou já fazer uma imagem do mesmo Senhor.

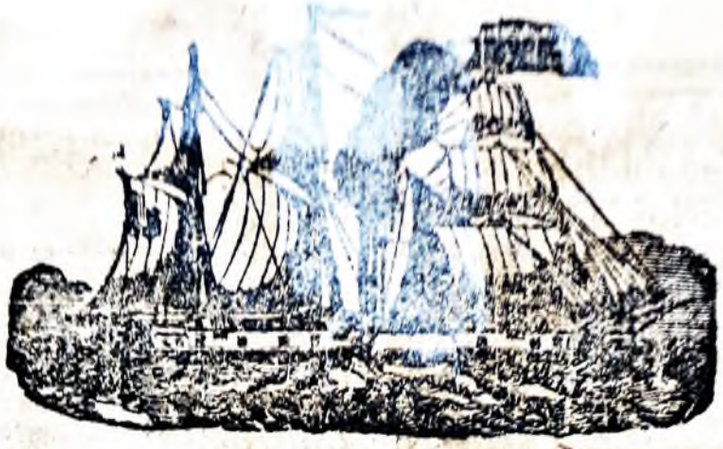
Fica portanto o Sr. Itaparica livre êste anno, de apresentar mil objecções para ceder a imagem do recolhimento, impondo até que fosse ella guarnecida só por seus filhos e parentes, depois de alugal-a por 20$ rs. para a procissão do dia das Dores de Nossa Senhora!

Fica portanto livre este povo de presenciar tão degradante scena, de escutar os altisonantes gritos do Sr. Barros Itaparica.

E graças à DEUS.

Um espantado.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, & C
Rua da Mizericordia n.º 17.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.ª BAHIA 12 DE MARÇO DE 1864. N.º 32

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Com este numero finalisa-se a terceira serie.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de março de 1864.

Officio ao Exm. commandante das armas, perguntando a razão porque passando hontem o SS. Sacramento pela guarda de palacio, não houve toque de corneta em signal de adoração.

— Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo lhe que dê providencias sobre certos sujeitos que no adro do Collegio se assentam á noite em companhia de mulheres, e ás vezes em posições pouco decentes, tornando-se o escandalo maior nas noites de lua.

—Ao Sr. subdelegado do Pilar, participando-lhe que ha pelas immediações da estrada de ferro um individuo de nome Macario, que me dizem ter sido forçado, e ser presentemente um dos mais notaveis membros da companhia do Olho-Vivo, em que se distingue já por meio de furtos de carteiras, já por atrever-se a entrar pelas casas alheias, sem ser presentido pelos donos. Remetta-o por tanto Vm. ao logar que mais conveniente julgar ser o proprio de tão incommodo menino, pelo que muito agradecida lhe ficará a população de sua freguezia, e muito provavelmente a da Bahia inteira.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que amanhan ás 8 horas esteja prompto com a competente força para acompanhar em dili-

gencia o *coronel*-chefe da policia secreta que á meia noite deve cercar a casa da crioula Bemvinda, moradora á rua por detraz da Ordem 3.ª de S. Francisco, e trazer a minha presença a *batuque* que alli costuma reunir-se dentro e fora da dita casa, nos sabbados á noite, que me consta excede ás vezes de 60 pessoas; devendo tambem vir a dona da casa para me apresentar a licença que tem para vender spiritos fortes. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao morador da casa, n. 32, 2.º andar, atraz da Sé, e diga-lhe que si continuar a deitar á noite agoas podres para a rua, e isto logo ás 9 horas, o mandarei para o porão deste navio por 30 dias. O que cumpra.

—O' Braga, já varreste os camarotes e a secretaria?

—Sim Sr.

—Pois vae levar os papeis que no cisco encontraste a teus companheiros para embrulharem as fazendas que ao povo impingem, pois que nunca vi miseria assim

—E' verdade, capitão; si tivessem vergonha, far-lhes-hia vergonha.

—Mas não faz assim o barateiro: Ainda ha pouco comprou só de jornaes velhos para embrulho oitenta mil rs.

—Lá o barateiro é negociante lavado.

—Sim, já sei disto; faze porém o que te mando e menos conversa. Pega no cesto e ajunta o cisco!

—Charo Doutor, que diabo é isto? V. cazado, com filhas, a namorar as filhas e a mulher dos outros!

—E' divertimento, capitão.

—Pois não continúe. Do contrario mando-o pegar pelas orelhas ou pelo bigode, ou então *tirar-lhe os dentes sem dor*, no porão do *Alabama*.

—Moça o que está Vm. fazendo ahi em pé no becco do Ferrão?

—Nada, não senhor.

—Vm. não é a mulher daquelle moço que mora alli adiante?

—Sou, sim senhor.

E como sahe de noite sosinha?

—Não faz mal, não senhor.

—Onde está seu marido?

—Está dormindo.

—E Vm. sahiu para passeiar?

—Sahi, sim senhor, em casa está fazendo muito calor. Vou ao banho no Ferrão.

—Que lhe faça bom proveito.

A PEDIDO.

Será verdade que o Sr. Henriques Rodrigues de Lima e Silva, infermeiro do hospital de marinha costuma dar bollos nos meninos doentes?

Si assim é, boa cura!

* * *

Ora diga me, *Sr. Vital* porque não entrega o Sr. o chapeu do

homem que ha cinco mezes lhe deu para concertar, e os annaveis cinco *bagos* para Vm. tirar dois de seu trabalho, e com os quaes ficou Vm.?

Si o homem não pagasse era caloteiro; com o pagou adiantado Vm. demora com a obra, e ficou se não só com o que deve lhe pertencer, como com o alheio.

Ah!.... mais não me lembrava que o Sr. era da *liga*.

O Claudelino.

Pergunta-se ao Sr. inspector do arsenal de marinha si é verdade que ha poucos dias fôra mandado metter na prisão da galé o ajudante de porteiro desse arsenal, e no caso affirmativo, qual o motivo, e si aquelle castigo é a compativel com a cathegoria de um empregado publico.

(###)

Sr Redactor.—E' inexacta a noticia que dá o seu jornal de 10 do corrente á respeito de serem barbaramente castigados dous meninos, na Preguiça por um Garcia.

E tanto he que ahi está a mãe dos mesmos para o declarar.

O que houve foi o seguinte:

Dous meninos discipulos do Sr. Garcia subtrahiram 43$ rs. de uma pessoa. Este descobriu o roubo e castigou os meninos com bollos, ameaçando-os que si continuassem, lhes queimaria as mãos, ameaça que todo mundo sabe que elle costuma fazer para intimidar.

Por tanto para restabelecer a verdade queira publicar estas linhas.

O amigo da verdade.

Quero com gosto cantar
Do Morro a certa trindade
Um Dr., Xandú, Malhado
Mettidos de authoridade.

Mas não canto que os taes moços
São uns grandes liberaes;
Deixal-o dizer que elles
Não pagam aos officiaes.

Pois quem é que d'isto agora
Pode prestar attenção?
Não se lembrem do passado,
Não caidem mais no *Trovão*.

Os moços mostram que foram
Paes da patria que os poz nús!
Deixal-os, que são da *raça*,
São *liberaes*, são *perús*.

Sr. Redactor.—O facto publicado em seu jornal é menos veridico, porque eu não quiz offender a este ou outro qualquer, (disse e affirmo que podia o fazer em cazo de desesperação); é ainda menos veridico quando diz que insultei a pessoa que me recebeu, sendo essa para mim desconhecida, o que disse é, e affirmo, que nada devia e por isso nada receiava; e quanto a coragem de fazer o que disse, isto qualquer o diz, e não tive intenção de offender a ninguem n'aquella occasião, nem agora.

Bahia 10 de Março de 1864.

Benjamin S. M. Valasques.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 11 DE MARÇO DE 1864, AS 5 HORAS DA TARDE.

REVISTA SEMANAL.

Arrufos.—Por agencia do corrector *José Roberto* foi vendida uma partida que estava depositada no trapiche *Caldas* vinda na escuna *Canaria*, ficando o mercado sem deste genero.

Charidade.—Não ha no mercado. Espera-se qualquer dos dias o brigue *Leite* de Paris que deve trazer um carregamento de *doze fardos*.

Embriaguez. —A granel. O commercio está abarrotado.

Eloquencia.—Não ha. A pequena porção que existia foi comprada por conta da *Assembléa*, que ainda sente falta.

Hypocrisia.—Com o tempo da Quaresma tem affluido ao mercado. A importada da ilha dos *Padres* tem obtido melhor preço. O palhabote *Jacintho* do Thomaz, está desembarcando a sua carga no trapiche *Ponce*.

Honra.—E cassa. Quem tem alguma guarda pera seu uso.

Namoros.—A barca *Julinho* vinda de *Sant'Antonio* trouxe um carregamento consignado a casa dos Srs. Souza & Pereira que foi depositada no trapiche *Pelourinho*.

Pela *estrada de ferro* entrou uma partida avariada de *ferrugem*.

Prevaricação.—Uma guerrilha composta de funccionarios publicos, monopolisa este genero.

Pagodes.—Os que vieram no brigue *Capitão* consignados à casa *Garcia* estão sendo retalhados para consumo. O deposito é no trapiche *Penedo*.

Roubos.—Foi apprehendido o carregamento da galeota *Cornelia* que constava de colares e outros objectos de ouro pelo conferente d'alfandega *Delegado*.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Brigue *Xifre da lenha*, vindo da ilha da *Ociosidade* em 8 de março de 1864:

1,000 saccos pouca vergonha, 10 barris mandriice, 1,000 latas preguiça.

Barca *Gostosa* em 8 de março de 1864:

25 arrobas cebo para cabello, 20 quintaes depravação, 200 arrobas insultos a vizinhança.

EMBARCAÇÕES DESPACHADAS.

Barca commercial *Neiva*, 100 bahús grandes para fallencia.

Palhabote insolente *Pau de sebo*, 1,000 latinhas contendo dinheiro de papel velho para trocar por *novo*, 55 pipas roubos comprados.

Galera *Peixe do Mar*, 4,000 latinhas com 100 pezos mexicanos cada uma (verdadeiros) 25 barricas seducção.

Clyper piratusco *Concha Dourada*, 15 volumes deboches, 500 embrulhos pagodes.

São convidados os amigos, parentes, afilhados e *filhos* do finado *Babadoixa* Tavinho para a missa que por alma do mesmo se tem hoje de celebrar no convento de S. Francisco.

Com permissão do Exm. Sr. Capitão do *Alabama*, formará, para prestar as honras devidas a tão illustre morto, uma divisão puchada pelo *ogam* tirador-mór de diabos a Exm. Sr. de Granada; as brigadas serão commandadas pela Maria Julia, pela Constança, pela Lucinda da rua das Flores, pela Maria Theophila e pelos *ogam* Pedro, filho do finado e Chico-papae. Servirão de ajudantes João da Saúde, Bonifacio, Pacheco, Andreza, Brazida, Benedicta R. e João de Deus.

A encommendação será confiada ao *capellão* Frederico, findo o que será distribuido o competente carurú e a nunca fastidiosa caxaça.

Bahia e quartel general dos candomblés á rua da Poeira, 11 de março de 1864.

Porfirio Sardinha.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.ª BAHIA 15 DE MARÇO DE 1864. N.º 33

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de março de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, partecipando-lhe que por occasião do interramento do Turibio, houve logar uma ridicula mascarada, servindo de vigario um tal Paixão e de sacbristão um celebre Frederico, que entoaram o *de profundis*, e até *tantum ergo!* o que vê V. Ex que é um escandalo, sobre que se deve tomar providencias.

—A' camara municipal, pedindo que mande intimar os proprietarios dos sobrados em que moram Domingos Vaz de Carvalho e uma professora particular, na rua dos Capitães, para que façam contar os canos das referidas casas, que desaguam para a rua materias fecaes e agoas em putrefação, pondo em risco a saude publica, visto que ha dous mezes acham-se abertos, sem que tenha dado providencias a Illma.

—Ao Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que não convém que fique exposta na guarda do commercio uma *gamelleira* casada com uma *nogueira* e açoutando um *leão*, visto o risco imminente de ser atacado e *comido* por tão bravia fera algum descuidado que por alli passe.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a uma loja de charutos, á rua Direita do Collegio, e intime-lhe que não continue a dar escandalosos desfructes com a visinhança, sob pena de ser conduzido ao

porão do *Alabama*. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a rua do Tijollo, na casa denominada *palacio do rincão*, residencia da *rainha da imparcialidade*, e traga-me cá essa importante personagem, acompanhado de sua dama de honor *Joanninha de Flandres*, porque quero previnil-a que á bem do socêgo publico a reunião de sua turbulenta côrte deve ser de dia e não nos sabbados á noite como até agora. O que cumpra.

—Que historia é esta?

—E' um sujeito em fraldas de camisa, com a rotula aberta.

—Guarda marinha, mande já e já ao Passo do Saldanha na caza n. 6 E—conduzir-me o maganno, que quero empregal-o, conforme seu merito.

—João Fernandes, chegue á falla.

Que diabo fez V. com aquelle soldado que quebrou-lhe assim as ventas?

—Foi uma cabeçada de gosto.

—Pois bem! vá visitar o porão do navio, e como fez a independencia e jurou a constituição, fica por ora livre dos machos; vá para a fachina, capoeira d'um dardo! Gosta de *comer*, divirta-se.

—Ioyo, como é isto? Pois V. a entrar na caza alheia, para bolir com as filhas dos outros, dando esses spectaculos, metendo a cabeça pelos buracos! Isto tem termo?

—Quem disse isto, capitão?

—Quem viu o que V. faz na rua do D. José. Isto não tem termo, Sr. Manuel Carlos; tome juizo.

—Alferes, vossê porque não paga o que deve? Vossê com este galão, com esta banda, com esta espada, com este fardão, com esta prôa, com este ar mascavado, com estes beiços de solla, com tanta cousa bonita e tão descarado assim!

—Capitão, V. Ex. é juiz de paz? Não pago porque não tenho.

—Ora pelo amor de Deus, pois os soldados tem mais que vossê? Como deve vossê a todos elles? Pois não se envergonha de dever até a um galé, que lhe mandou uma carta energica que ia ser publicada e que o não foi a empenhos de seu commandante?

E tem o desaforo de perguntar si sou juiz de paz! Sou juiz de guerra, patife, e prepare-se.

—Capitão, V. Ex. veja que eu....

—Porque não paga aquella carne que tomou fiado?

Porque disse que não pagava que não queria? Que diabo é isto? isto tem geito? Todas as vendas queixam-se de seus calotes.

—Sr. capitão....

—Vá pagar, meu filho de *Godo*, que filho de peixe é peixinho. Deixe de ser tratante, ande.

—Ja, capitão.

—Que barulho è um naquella porta?

—É o soldado de policia *Garibaldi*, que está de patrulha.

—Pois quem está de patrulha faz desordens?

—Elle queria ver si tomava aquella *fortaleza* por assalto,e não lhe sendo possivel, trata de ver si desaloja o inimigo por estrategia, arremessando pedras para dentro.

—Bravo! então elles são os primeiros a dar o exemplo, e como as vezes prendem por qualquer cousa?

—Quanto mais se V. Ex. outro dia visse o soldado Bastos na rua Direita de Palacio, bebado como uma cabra, com um grosso cacete a querer brigar por força com quem passava! E passando a familia do Sr. G... foi insultada com as palavras mais hediondas e obscenas que se pode imaginar, a ponto do commandante da guarda mandar ver o que era, e elle responder que uma daquellas que elle vinha dando, o Sr. official tomasse para seu uso. E si V. Ex. duvida mande vir á sua presença o soldado conhecido por *Espirra-longe* que assistiu a tudo.

—Boa policia!...

—Guarda-marinha ?

—Prompto, capitão.

—Quem é aquelle *quidam* que alli vem? Traga-m'o cá.

—Capitão, aqui está o tal casmurro á disposição de V. Ex.

—Dize-me biltre, como te chamas?

—Eu, Sr. capitão, eu. . eu...

—Falla, animal, sinão te mando botar na agonia.

—Pelo amor de Deos! Sr. Capitão tal não faça commigo, pois eu me prostro aos pés de V. Ex.

—Levanta-te, camello, descarado, falla, pois eu de ti já tenho muitas informações.

—Informações de que Sr. capitão?

—Cala-te, infame descarado, e diz teu nome é o que quero saber.

—Eu... eu... me chamo Santos... Santos... Sr. capitão, por quem é me dispense de dizer meu nome, do contrario todos me conhecem.

—É para te conhecerem mesmo que eu quero saber.

—Enfim, Sr. capitão, só este é o que posso dizer.

—Infame, pois tu te chamas Santos, quando pelas tuas más obras és o refugo do diabo?

—Misericordia, Sr. capitão.

—Dize do que vives?

—Eu, Sr. capitão, eu sou alfaiate; isto é, fui alfaiate, porém tive a infelicidade de um certo potencia me fazer eleitor por uma infeliz freguezia, e de então para ca deixei de o ser

—Então do que vives?

—Eu, eu vivo de fallar da vida alheia, com um certo amigo, forma de meu pé.

—Então, conta-me do que tens vivido desde que tiveste a *infelicidade* de ser eleitor pela tal freguezia.

—Eu lhe conto, Sr. capitão, logo que subi eleitor, tive a fortuna de me empregarem de apontador, de um navio de guerra que se achava em concerto, fui empregado, Sr. capitão, graças a minha chapa que dei para um senador, que ficou taboqueado.

—Falla camello, anda mais ligeiro pois tenho mais em que cuidar.

—Sim, Sr. capitão, já fallo; foi a minha casa um senhor que em Itapagipe morava, para me dar umas peças de obras para eu fazer, e eu com minha arrogancia habitual gritei que ja tinha deixado de ser alfaiate, pois sahira eleitor e ja tinha alguma posição social; que fosse procurár quem as fizesse: o tal homem sahiu cabisbaixo e foi-se embora. Então do meu emprego que me rendia nos dias uteis 1$950,0 eu comprei relogio, trancelim, e emfim ajuntei dinheiro para... para...

Sr. capitão, não posso mais fallar, pois os dous pedaços de carne que me estão nascendo dentro da bocca nas bochechas me estão fazendo ficar fatigado.

—Ah! patife! tu tens tres linguas, por isso é que todos se queixam de ti, que tanto fallas! Guarda-marinha, leva esta infamia das infamias para o porão, pois o castigo delle eu hei de mandar dar, depois que se aprromptar um azorrague de couro crú para o sovar com seis mil açoutes, pois que ainda assim não fica castigado; bote-o a ferros. Guarda-marinha, nada de contemplações.

—Sr. capitão, por quem é, eu não posso soffrer tanto.

—Infame, ainda dizes-me que não podes soffrer tanto? podes tu andar para baixo e para cima, dez e doze vezes por dia na ladeira do Bomfim, e mesmo pelo Travasso, espiando a vida alheia para fallar! Cumpre guarda-marinha as minhas ordens, ao contrario serás castigado tambem.

—Será obedecido; segue casmurro que só a canellões é que se pode levar infames como tu.

—Quem me acode? quem me acode? desta vez morro.....

—Que ha de novo?

—Iô ja nan pode mai turá sinhà *ferruge*, iô que mettê calabrote ni cara di êre, poi é blanco dicarado, já predeu vregonha.

—Mas o que tem elle feito?

—Péra—iô conta turo pruqê visinho di êre nan pore chegá ni jinella, namorada di êre este menina *flozinha* tà munto dicarado—capitão de *Labamba* manda dá cem calabrotadas ni *ferruge*, nan qué decretá, nan qué procurá emplego, prà ganhà dinhero, poriça nan qué pega ni êre pra botà ni tropa.

—O que tem V. com isto?

—Flozinha tá rumando bofetada ni cara di mãi di êre memo, tá descompondo visinho, chama negra, beba, què quebrà cabeça cum pedra—é uma fia do diabo. Sinhà Manezinho nan qué mai, ripoi qué faze negoço com êre em S. José, Pae nan vem mai ni cidade, pruqê depravação é muito, Anaí toro tá vendo quando passa ni rua di ouro que *florzinha* tá mouratinho, e ripoi qué sê blanco, mai é um blanco dicarado, nan tem mai vregonha ni cara.

—Não quero que te intromettas com a vida dos outros, intendes?

—Tá denreto, iô nan falla mai; quando *ferruge* mai *florzinha* começa com patifaria, iô pega ni chicote e arruma ni cara di êre dua, e não faze mai quexa.

A PEDIDO.

ATTENÇÃO.

O Sr subdelegado da Rua do Paço affançou *sob fé de seu cargo e palavra de honra* que o *defunto carmelita* embarcou para Cachoeira!!!...

Será verdade.

Pergunta-se ao Sr. chefe da Estação em que se fundou para não pôr os medicos fazendo serviço nos dias de registro dos navios do Rio de Janeiro.

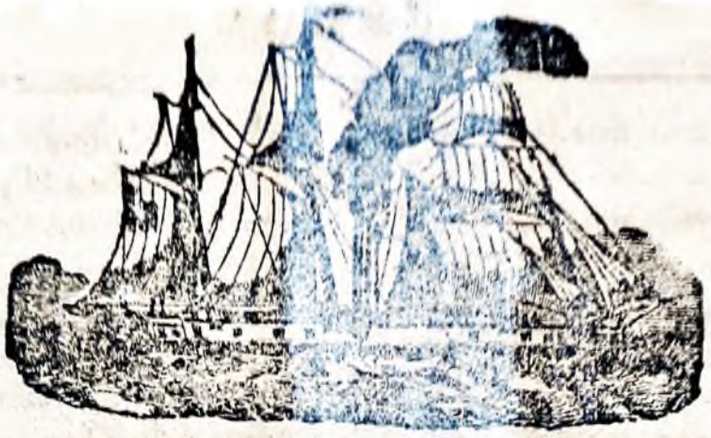
Sr chefe de saude será isto por seu gosto? V. S. que é tão rigorista?!

& &. &.

O chapeleiro abaixo assignado pede ao auctor da publicação inserta no n.32 do *Alabama* que traz a assignatura—*O Claudelino*,—que declare si se intende com elle o conteúdo della, e não o fazendo será tído pelo mais infame calumniador e assassino da honra alheia. Bahia 14 de março de 1864.

Joaquim Rodrigues Vital.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.ª BAHIA 17 DE MARÇO DE 1864. N.º 34

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de março de 1864.

Officio á camara municipal, perguntando-lhe qual a razão porque não continúa a mesma a publicar o detalhe mensal dos fiscaes, visto que se estão alguns a queixar de serem enviados para as freguezias de fóra 12 e 15 mezes, ao passo que não sahem outros do centro da cidade, não podendo proceder a razão que se allega de serem aquelles menos morigerados, por isso que sua punição devera, em tal caso, ser a demissão, o que não ignora a Illma., moralisada como é.

—A' mesma, participando-lhe que um celebre Velhasques, que tem por cunhado um fiscal, intendeu que estava no direito de se considerar tal, e foi, dizem, á casa d'om Vicente á rua do Tingui impôr multas, o que é um crime previsto no codigo, arts. 301 e 302, a ser verdade o que me informam.

—Ao Sr. presidente da relação, dizendo-lhe que se tornam necessarios aos bancos para assento das pessoas que tem de assistir ás audiencias no Forum, visto que é prohibido sentar-se nas poucas cadeiras que alli ha na occasião das audiencias.

—Ao Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que ha no Cabeça uma taberna em que se vende polvora, o que se effectua com o apellido de areia, *chrisma* de que já está sciente o dono da casa.

—Ao mesmo, pedindo providencias sobre um facto que sem duvida ignora S. S., e é que, ao varrer-se a secretaria, e limpar-se a estribaria, vão os forçados com o lixo em carrinhos deposital-o no logar mais transitado da Estrada Nova.

—Ao Sr. fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá a ladeira da Misericordia á casa n. 20 e examine o seu quintal que me informam

ser uma montureira completa. O que cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Cici Gadelha—pedindo o privilegio de andar de chinello de tapete na repartição. —Informe o Bota d'Ouro.

—Que *candido* moço é aquelle que vae a *Vianna* pelo caminho de S. *Lazaro*?

—É um pedante, um impostor, um tolo presumpçoso que gamou trezentos mil réis d'um pobre moço desempregado, e não tem, tão cedo, tenção de dal-os.

—Deixe-o no porão até sabbado d'Alleluia.

—Só os militares é que tem continencia?

—Porque pergunta?

—Porque sahiu no dia 14 a commissão da Assembléa Provincial e nada de corneta.

—Isto la não sei.

—Que passaralhada è aquella?

—E' uma porção de gallinhas, perús e patos que vivem pela rua do Paço a atrapalhar as pernas de quem passa.

—Ora Sr. Magalhães! Pois isto tem termo?

—Não é prohibido.

—V. não tem a culpa; a culpa é de quem o deixa fazer seu gallinheiro das ruas da Bahia, que o recebeu, vindo de tão longe com os braços abertos!

—Guarda-marinha, traga á minha presença a Marcellina e o Saturno, moradores á Lapinha, que me é preciso fallar com elles.

—*Aqui* estão, capitão.

—Então como é que V. insulta assim a visinhança, proferindo tanta palavrada?

—E' calumnia, Sr. capitão.

—Eu sei disto, e tanto que vou mandal-os ao porão, em companhia do marinheiro.

(Continuação do n. 28).

E não se importam vossês com a desgraça do pobre homem, que vive ahi infeliz, desgraçado até por sua causa!

Venha cá V., sòr tratante; venha já para o porão, meu patife!

Guarda-marinha, fugiu o patife! agarre-o ja e ja, escaleres ao mar, a maroja em diligencia'!

—Capitão, que signaes tem o melro?

—E' gordo como um burro; tem a altura de judas, a cara comprida, cor de diabo, isto é vermelho; pernas tortas, pés grandes, incobertos por affamados sapatões do Porto, ar agallegado, porte de quem carregou caixas de assucar e pipas a pau e corda, muita similhança com aguadeiros, com quem viveu misturado; anda de paletot sacco amarello ou azul, chapeu de Braga, calças de casimira pretas.

—Conheço-o muito, e não lembrava-me, tenho muitas vezes conversado com o magano. Ainda um dia destes, 10 de janeiro, disse-me o patife, ignorando que eu era da tripulação, que tinha gasto uns doze contos de réis e que até o fim de fevereiro gastaria mais tres, dando a intender que compraria tres votos de desembargadores a um conto de réis.

—E' gosto delle; não é a primeira vez que diz este gallego ter comprado desembargadores; razão porque vae este mundo assim... razão porque..... emfim vá agarrar o patife.

—Capitão, é um safado; na vista de cinco homens honestos gabou-se elle do que faz; e conta ja com o ovo no az da gallinha.

—Vá pegal-o, guarda-marinha não de

tempo ao tratante; é discipulo do Candido Ráchis e pode como elle desapparecer por entre alguma parede.

– Já, capitão. (*Continúa*).

—Padre que barulho foi *aquelle naquella* caza, depois *daquella* demora?

—Em que casa, Sr. ?

—Alli na rua da Lama. Na segunda feira.

—Ah! fui tirar esmolla para o Santo Sepulchro, e o dono da casa que é *judeu* botou-me para fora.

—O nome o diz: este Sr. Camillo!

Mas é que me disseram que V. em vez de cera para o Sepulchro, pedira licença para descançar, e que instara com a moça para abrir-lhe a porta.

—Santo DEUS! que calumnia! Pois um sacerdote faz lá disso em tempo de Quaresma!

—Estes frades de S. Francisco!

—Sr. Benevenuto da Larangeira, porque não vae Vm. pagar aquellas calças que mandou fazer pelo seu visinho, antes de quebrar?

—È porque *por ora não ha.*

—Pois nem o panno! Não vê Vm. que o homem desembolsou seu cobre?

—Capitão *por ora não ha.*

—Mas elle ia-lhe accaso pedir alguma esmolla, para Vm. estar a chacotear com elle, quando lhe ia o caixeiro buscar os cobres? Forte patife! vá ja e ja pagar ao homem.

—Capitão vou tractar disto. Que hão de andar agora os segredos alheios na boca de todos!

—Nem mais palavra; do contrario o porão e os machos estão a sua espera.

—Reverendo Fr. *Celeste*, tres cazas por junto?!

Frade tem tanto dinheiro assim? ou é mina de guardião?

—Eu já não sou guardião; o que ha é que sou *do céo*, sou filho do *Salvador*, sou um anjo com quem todas as peccadoras sympathisam, e à cuja guarda se submettem.

—Anda lá, maganão! Quem foi rei nunca perde a magestade; quem sente a falta que causam tuas extravagancias é o pobre do convento.

—Está bom, capitão; guarde segredo.

—Amigo, venha cá, V. accumula dois empregos, nunca prevaricou?

—Não sei disto; não sou *illéo*, que é gente da terrinha que nos faz tanto mal, e que rouba escandalosamente.

—Diga, V. não se lembra d'um administrador interino de certa mesa de rendas que tinha um livro de talões que desappareceu, ficando elle alcançado com a caza da fazenda?

—E' novidade para mim.

—Pois não conhece? é um sujeito que disse, que lhe tinha desapparecido o livro, porque lh'o tinham comido umas cabras que em caza lhe entraram.

—Ah! sim! ja sei; mas guarde segredo; não bote o homem a perder, capitão.

—Bem; mas hei de dar parte ao inspector da thesouraria provincial que V. exerce o emprego de escrivão de collecteria e de secretario da camara.

—Venha cá, meu tratante!

—Prompto, capitão.

—Para que V. desempregou do theatro aquelle pobre pae de familia, porque lhe

foi reclamar a paga, dizendo que já tinha no theatro quatro mil reis, e devia V. attender que não lhe chegavam tres?

—Capitão, por quem é!!

—Oca vá-se, meu gallego, que nós temos contas a ajustar, e breve.

Declaração.

Tendo, por um intermedio d'um nosso amigo, nos pedido o Sr. Henrique da Rocha Paranhos, para declararmos não se intender com elle a publicação que no nosso numero 31 saliu em que se tocava no nome de Henrique—declaramos que sabem todos quem é o Henrique alli alludido, morador nos proximidades do curral do conselho, na cidade e capital de Latrono-polis.

LA VAE VERSO.

Bomba ardente.

Barão do Porto, que é isto?
Que taboca grande assim!
E' da cabalia o diabo,
E' nhonhô Chico Quinquim.

E' o diabo dos *bróas*,
Que meus cavallos desejam;
E' certa sucia de brutos,
Que meu nome ahi praguejam.

Iskou, fiau, puf, puf!
Tomou taboca nhonhô!
Que forte ruido ouviu-se!
Que forte bomba estourou!

A bomba alcançou de veras
Ao grande *peixe do mar*;
Resta-lhe agora na cama,
Que é logar quente, chorar.

Estouro.

Que teve o Rocha Vianna
Que um grosso bambú levou?
E' que *o ovo da gram puta*
Não teve gala, gorou.

Desta vez ficou por baixo
A partilha do leão;
As outras tres freguezias
Não lhe dão gorgeta, não.

A PEDIDO.

União.

Com este titulo se está querendo alfandegar um trapiche, que com quante figure nelle um só individuo, com tudo, segundo consta, pertence á uma sociedade de taberneiros!!!

ANNUNCIO.

Na typographia do Sr. França Guerra ao Aljube vende se passaportes á 80 rs.

Pede-se ao Gato marinheiro que deixe-se de importunar os moradores do Engenho da Conceição com suas cantarolas e seu violão; basta que faça como o Gregorio que passa fora de horas sem ser visto.

O Ama Seca.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—*Rua da Misericordia n.º 17.*

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.ª BAHIA 18 DE MARÇO DE 1864. N.º 33

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de março de 1864.

Officio ao Sr. Dr. delegado, partecipando-lhe que na Estrada Nova em seguimento á casa do coronel Carvalhal, na casa que se está construindo do Sr. Thomé, tem logar diariamente pancadas em tão larga extenção que os moradores da rua dos Capitaes, muito distante, contra isso se conspiram, chegando até um delles a acenar com o lenço, e o dono, da obra a reprehender os Srs. operarios que tão mal tractam aos seus discipulos; o que vê S S. que é um abuso que deve ser extincto, um crime que deve ser punido, e quanto antes.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna para que mande chamar á sua presença o preto João, morador contiguo á casa do coronel M. J. de A. Couto para mandal-o para o centro das areias das Armações para melhor poder desinvolver suas bruxarias, e não continuar a affrontar civilisação desta terra com os adjuntos de africanos libertos e escravos, de crioulos, pardos e brancos, que vivem toda noute a incommodar a gente com algazarras e tabaques, bocas de potes e cuias & &.

—Portaria ao Sr. fiscal geral ordenando-lhe que quanto antes apresente ao publico o relatorio das suas visitas ás freguezias de fora da cidade, pois que me dizem que se não dá S. m. a tal trabalho, desfructando em santa paz as delicias desta Capua.

—Ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá

ao Julião Careca na rua das *janellas* do Carmo, e conduza-m'o ao porão do *Alabama*, para ver si se deixa de mercuriar certa madama de botões que simultanea, mas honestamente se diverte com um pianista e com um empregado publico, que lhe rondam o portão da fortaleza. O que cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá a casa do João Bolaxão, á rua do Coqueiro, e intime-lhe que já que disso não cuida a camara, se faz preciso que o mesmo faça quanto antes sobrestar ao desaguamento para a rua de materias fecaes, provenientes dos burros de uma cavallariça que em sua casa creou. O que cumpra.

—Que synagoga é aquella?

—E' uma sucia de *formigões* que querem reviver a inquisição; o presidente é aquelle magano velho, intimo amigo de um certo Jacinho, seu primeiro *homem*— que nos sertões do Maranhão encontrou lindas cabocolinhas, cuja gordura fazía-lhes estalar o corpo ao menor contacto.

—Oh! que guapo *moço*! E aquelle outro que calça meias da cor do diabo?

—Oh! aquillo é meninorio de mão cheia; depois de servir no *geral*, está agora no *desembargo*; tem defeitos como o mais safado pelintra de quitanda; joga, bebe, é devasso, avarento, seductor, infame no ultimo grau.

—E aquelle outro cabocolo?

—E' um sacco de votos; V. Ex. bem o conhece que já andou com elle ás voltas.

—Aquelles outros?

—Um é o *Serpente*, outro é um *Vão* que appellidam de *Este*; aquelle é uma *rocha*, este é *castanha*; são todos uns camellos safados, são mesmo uns *judeus*, apezar de estarem involvidos avec *amour* no tempo da Quaresma.

—E que diabo fez o presidente que apresenta um ar de quem lhe está a consciencia a morder, mas sempre orgulhoso, carrancudo e rancoroso?

—E' que uma intelligente pessoa que não renegou sua religião pela *judaica* foi destituida acintosamente d'um logar que lhe competia por direito, adquirido por seu talento e virtudes, e pelos seus serviços de longa data.

—Ah! conheço-o agora! é o honesto e casto homem, cujas irmãs lhe vão mudar a camisa, quando se despe!

Forte patife!

E' mais uma alma que o diabo ganha!

—Perdão, capitão; é mais uma sucia de diabos que o inferno tem!

—Capitão, que rebeldes! não me qualificaram; disseram-me que estava louco.

—E que lhes disse Vm.?

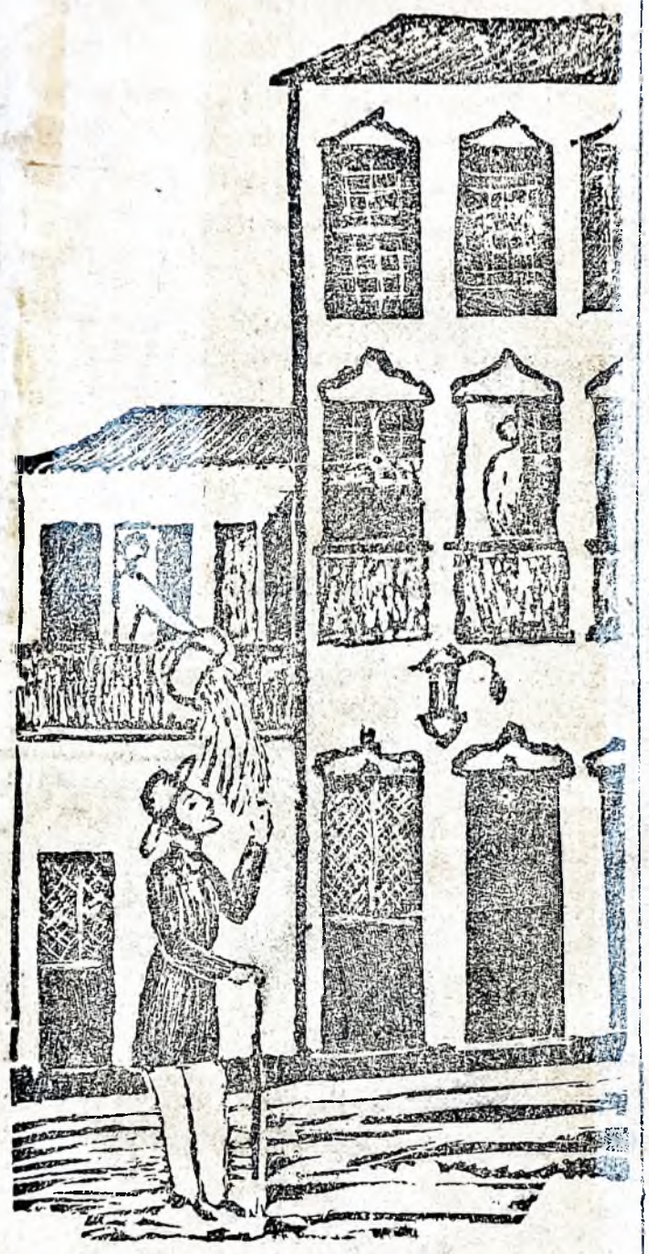
—Chamei-os piratas e rebeldes. Roubaram meu direito, transgrediram a lei.

—Fez bem; agora vá ao conselho municipal de recurso.

—Sem duvida; mas antes disto, fallei até nos.... mães, paes, irmãas em tudo fallei. Fortes patifes! Qualificaram uma mulher e negam o direito aos homens.

Foi para tirar geração da liga, disse-o em membro.

—Mas não insulte assim aos homens, meu amedrontado, que é feio.



—Sr. Freitas, que caldeirada foi aquella?

—Foi agua do cêo que lavou-me a cara.

—O Sr. está com dores de cabeça? Está um cheiro de amoniaco!....

—Qual Sr.? foi mijo que lhe deitaram na cara.

Põe-se alli a namorar escandalosamente e o visinho despachante que já não o pode aturar fez de Pedro-Malas-artes, fazendo com que chovesse daquello penico.

—Aprenda á sua custa, meu charo.

—Guarda-marinha?

—Prompto, capitão.

—Que sujeito gordanchudo e com ar de muito serio é aquelle que vae todo empavezado?

—E' aquelle escrivão, capitão, que tomou os 8$ do moço para ficar em deposito por conta dos trinta e tantos mil réis que elle está devendo àquelle sujeito que tem venda na Estrada Nova.

—Traga-o cá para ajustar contas.

—Eil-o, capitão.

—Então meu gorducho escrivão me conte como é este negocio dos cobres do moço?

—Sr. capitão tenha dó de mim foi.... foi.... eu lhe conto. .. ouviu?

—Vamos, nada de demora; tanta não teve V. para receber os cobres.

—Um moço deve trinta e tantos mil réis ao vendelhão e como foi chamado a conciliação ficou de dar o debito d'ahi a 3 mezes, e findo o praso sem tel-os levou-lhe 8$000 e elle não quiz receber, então o moço depositou-os em minha mão; depois foi com mais 8$ e pediu a um amigo do vendelhão para fallar-lhe a ver si elle aceitava, pois ja fazia 16$ com os 8$ que estavam em meu poder, ao que annuiu o credor e mandou que o moço viesse buscar em minha mão os 8$ para elle receber os 16$.

—E V. entregou os 8$? E que estava então fazendo?

—Não, Sr. capitão, porque o dinheiro estava em CASA. E eu estava nas *quarenta e oito*.

—Forte descaração! Continúe.

—Depois, capitão, eu disse ao moço que já tinha fallado ao homem para dar-lhe o dinheiro no sabbado e mandei o meirinho no dia 10 à venda perguntar-lhe si elle tinha combinado com o moço receber os 16$, ao que elle me respondeu que, por condescendencia assim tinha feito, e eu tomei os outros 8$ que o moço trazia e tenho 16$ em meu poder.

—E o vendelhão não quer o seu dinheiro? Elle ja lhe passou procuração para V. ser seu tutor?

—Mas, Sr. capitão..... eu.. .

—Eu o que, descarado? vá ja levar os 16$, V. que falla tanto, com esta pança toda empinada, grossa bengala e seu valente traviata; eu o comia por serio e faz

destas, espere que ja dous lhe o destino que merecem os velhacos.

—Sr. capitão, olhe que eu ja *foi cousa em politica* duas vezes.

—Melhor meu patife, ao menos não chega a ser a terceira.

Guarda-marinha, leve este lôrpa, deite-o sobre a tolda e mande a tripolação passar-lhe por cima da barriga até levar o diabo similhante tratante; atire-o depois ao mar.

LA VAE VERSO.

Latronopolis.

A terra de Latronopoles
E' a terra dos primores,
Tem ladrões, tem agiotas,
E tambem tem escriptores
Q' vendem seu pensamento
Tornando-se ganhadores.

Mercadejam pelas ruas
Como qualquer ganhadeira,
E fallam da honra alheia
Como na praça a rapeira:
Mas logo ficam calados
Si alguem lhe dá namadeira.

Tem muito ladrão na praça
Tem muito frade devasso;
Muita mulher deshonesta,
Muito marido madrasso;
Advogados que roubam
Com todo desembaraço

Tem magistrados corruptos
Que do mal tendo sciencia,
Calcam aos pés a justiça
Por sua conveniencia.....
Por um punhado de ouro
Vendem sua consciencia.

Tem padres muito immoraes
Hypocritas, té phariseus
Que commettem desacatos
Na propria casa de Deus;
Que o vendem todas as horas;
Como si fossem judeus.

Tem certo *club* que tira
O direito de quem tem,
Para dal-o, immerecido,
A um, que mais lhe convem;
Sem a menor ceremonia
Calcando a lei com desdem.

Bomba ardente.

Que caso tão bello!
Que caso excellente!
Que caso gallante,
Que espanta a gente!

O *filho da mitra*
Taboca tomou!
Sem assento Bianchi
Tristonho ficou!

Pontapé de estouro,
Levou *Popular*.
Iskou, meu papalvo!
Vae *gazetear*!

R. A. S.

A PEDIDO.

Sentido, Sr Varella, com o Cazuza, que anda nas suas pisadas, e não lhe deixa pôr o pé em ramo verde: Si o Sr sahe, elle entra; si o Sr. entra, elle sahe.

Florinda.

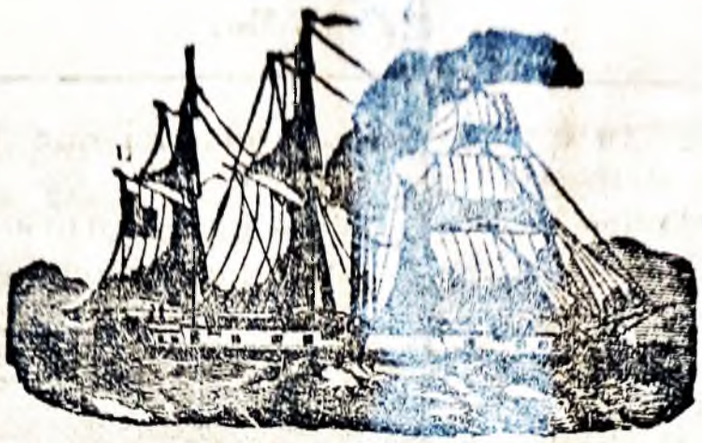
Pergunta-se ao emprezario da Companhia Dramatica a razão porque illude ao publico tão escandalosamente, dizendo e annunciando que reduziu o preço dos bilhetes de platéa a 1$, quando só por 1$500 e 2$ se os compra, dous dias antes da representação?

Não pode ser só effeito dos cambistas pois elles andam a dizer que os tomam para influir a rapaseada, para proteger a companhia &c., &c.

E depois consta que havendo ordem da policia para serem conservados 50 bilhetes até a noite da representação, S. m. não a tem cumprido, e diz que o que quer é dinheiro.

Em todo caso, é tão bom o ladrão como o consentidor.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.ª BAHIA 19 DE MARÇO DE 1864. N.º 36

Publica-se na typographia de Marques, Araujo e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de março de 1864.

Officio ao Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias contra os cambistas de bilhetes do Theatro, cujo desaforo tem subido a ponto de dous dias antes da representação não haver quem seja capaz de compral-os sinão por 2 e 3 mil réis, quando o emprezario os annuncia a dez tostões

—Ao Sr. Subdelegado do Rua do Paço, idem sobre um sujeito de nome Xavier de Pitta que mora ao Taboão, o qual vive, á janella e na porta, a fresca, e em habitos menores a affrontar a moralidade publica.

—Ao Sr. subdelegado de Santo Antonio, idem sobre um certo Amorim, creio, que guarda de cavallaria, morador ao Rio das Tripas, o qual maltracta com brutaes pancadas uma sua filha de onze annos, *sabe-o elle porque*, como na segunda feira 14 do corrente succedeu, fazendo parar a diversas pessoas que passavam; o que tudo pode informar quem pelas immediações morar.

—E' já chegado o dia de Juiso?

—Não; ainda não appareceu o anti-christo.

—Mas como é que tanta gente está de letreiro ás costas?

E' porque o empresario do theatro mandou numerar os assentos na vespera da 1. receita e ficaram todos mascarrados.

—Olhem que agora tudo se vê!

—V. nunca passou pela Matança?

—Eu não, e Deus me livre; passar pela matança é não tornar com vida, salvo erro.

—Ora viva! Pergunte-lhe si nunca passou pela rua que do Curral vae ao Barbalho e que tem o nome de Matança.

—Ah! sim! veja onde eu estava! Tenho passado e sei até porque já vi, que ha alli uma excellente fazenda, que pertence a diversos, e que só um possúe, servindo tambem do couto e asylo aos presos fugidos.

—Pois é justamente disto que eu fallava. Está alli um meninorio subido a recrear-se, a desfructar, a brindar os amigos, e os herdeiros a'chucharem o dedo.

—Mas é que a culpa não pode ser sinão dos herdeiros, que se deixam levar por considerações com prejuiso proprio.

—E' porque o meninorio tem dedo para a cousa. Embargos, desembargos, vistas e revistas, e nada de partilhas, e os herdeiros a olharem o signal.

Si lhe faz conta!...

—Guarda-marinha vá pegar-me aquelle moço, e dizer-lhe...

—Qual! mande pegar os herdeiros que são os culpados.

—...que deixe-se disso; que isto é feio, que os outros não tem T na testa&&

—Sem mais demora.

—Si respingar, conduza-mo.

—Mas, capitão, com que direito faz elle isto?

Não é elle o 3°. testamenteiro? Por que hermeneutica se interpreou a lei que lhe deu tal direito?

—Isto lá não sei; os herdeiros que lhe respondam.

—Capitão, V. Ex. que de tudo sabe informe-me si ainda exista o tribunal da Inquisição.

—Que fim tem sua pergunta?

—E' porque queria saber si ainda estamos no tempo em que os *barões*, os Srs. feudaes faziam e desfaziam, matavam e martyrisavam, sem dar contas de seus actos.

—Mas porque pergunta? Esteve acaso a dormir todo esse tempo? Não sabe que a epocha é de progresso, liberdade, humanidade etc., etc.?

—V. Ex. não está a ver este quadro desolador que se nos apresenta? Aquella pobre mulher, maltratada, surrada assim, com o pescoço no tronco naquella afflictiva posição?

—Ah! fallaram-me nisso. E' a Corina, que tudo aquillo soffreu por um supposto roubo de colheres!

—Grande DEUS! Valha-nos *S. Francisco!*

—Ah! ah! esse nan son bon, esse nan tá denreto, minha oubido tá predido, capitão!

—Que diabo de gritaria é esta? que te aconteceu?

—Ou! capitão nan sabê, sua patriço mêmo, gente di tera de branco qui fazê esse; anani tudo quequerê tá cum coisa cumpido ni boca que blanco xama sobia, ta fazê fonfonfou ni rua tudo, nan deixa ninguim sucéga; cabeça de gente turo tá cumo freno, esse nan son bon; poriça ta subi mai non protá. Ein? que tera de blanco é êsse qui anani turo tá fazê qui querê é minino tamem? ah! assim nan tá bom; capitão ha-de deixa iô gara malandêo tudo, quebra subia de elle e traze marado pra *Labamba* pra toca um surra ni bunda di elle.

—Como é delicado o moço! Não sabes que festeja-se no domingo o triumpho de Ghristo em Jerusalém?

—Ah! ta denréto; mai capitão pera, io qué crugunta um côsa; capitão predoa, pra que serve êsse?

—Pois não sabes que, quando Jesus entrou em Jerusalém o povo juncava o caminho de flores e entoava hymnos em honra ao Senhor? É por isso que os padres inventaram os assobios para melhor fingir.

—Ah! iô já prendê, mai capitão, quando Santa Bariba tá falla ni ceo e qui ma paxero tá canta, pruquê blanco nan gussa, tá dizê qui negro tá buro, tá cabalo, tá bessa? tamem blanco tá buro, tá cabalo, tá bessa, pruquê toca subia pra Nansenhô.

E ripoi, capitão, fessa e romingo tarei romana ante oubido de anani tá trapaiado Poriça nan pode fazê menino quebra subia?

—Possa ou não possa, deves calar-te, que não são teus ouvidos os mais delicados.

—Vredade, capitão, mai ri domingo, capitão manda iô pro um commissão corquê; iô nan gussa de demonha qui nan falla quanto mai ri demonha que sabe musga, qui toca, qui subia, qui grita, qui juga pedra, qui tá demonha prefeto. Capitão bem sabe que quequeré tá demonha, e demonha tan forte qui demonha nan gussa di ere.

—Venha cá meu atrevido gallego! O negocio é com V.; lá o companheiro seu, o *cujo* com o qual tratava V. a meu respeito, o conhecido Granada, a melhor resposta é o desprezo; revolta tanto desfaçamento a quem tiver o menor vislumbre de vergonha.

Que fallava então V., no dia 15 na Praça?

—Eu muito e nada; muito a respeito de todos, nada a respeito de V. Ex.

—Além de infame, cobarde! Fallaste da vida de todos, e occupaste-te do *Alabama*!

Pois quando quizeres, safado gallego, despresivel Cupido de borra, Adonis de broa, Narciso daquella despresivel Echo das Quartinhas, vem! Si és capaz, vem amassar os typos da typographia, os chumbos, como tu chamaste, que com pés de chumbo te havemos de amassar a cara, gallego d'um dardo!

Invocas a rapazeada!

Que rapazeada se mistura com a trampa de Lisia, com a escoria da Gallizia? Bruto, azemola despresivel, desaforado Zé, quem nunca te deu importancia, ridiculo capão!

Muxingueiro, cem calabrotadas na cara deste patife! fogo de rijo!

—Sr. Macassar, V. porque é tão descarado? com esta bonita prosapia, com este ar imponente, com toda esta pompa, tão garboso assim!

—Que ha? desafio a quem me descubra defeitos.

—Espere, não se altere, meu

meço, principiemos pelo mais recente.

—Quero ver.

—Negreiro, infame e descarado, tu não estiveste, ha pouco, preso no Rio de Janeiro, por ladrão?

—Quem? eu não!

—Pois, safado, tu não levaste uma porção de escravos á venda para o Rio á titulo de creados? Não os impingiste lá? Não quizeste furtar os direitos da fazenda? E que te succedeu, tratante?

—Ora, ora, capitão! pensei que V. Ex. não me conhecia.

(*Continúa*)

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 18 DE MARÇO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA SEMANAL.

Advogados:—Ha abundancia, posto que a questão Passos tenha absorvido grande parte.

Boa fé:—Ha muito que não ha no commercio.

Bebedeiras:—As do *Zé Maria 2 de Julho* que eram de pessima qualidade melhoraram depois que foi chamado á policia.

Descomposturas:—Com a demora do *Mohican* vae se sentindo alguma falta.

A demora deste navio tem causado inquietação. Dizem uns que soffreu uma explosão, pela indiscripção do dispenseiro Olegario ao abrir uma pipa de cachaça; outros que a demora é proveniente da falta de carvão e mau estado do navio.

Injustiça:—Aos montes. Foi vendida em leilão uma partida que consta será exportada para a Moritiba.

Merito:—Não ha verdadeiro. Algum que apparece é falsificado.

Sabedoria:—A galera *Eleição por circulos* trouxe alguns fardos em pequeno numero. Sente-se por tanto alguma falta.

Testamentos falsos.—Chegou no patacho *Braga* uma partida. Está depositada no armazem da *Fonte Nova*. Ignoramos por ora a procedencia e consignação. Na seguinte revista estaremos melhor informados.

Trampolinas:—As mais recentes no mercado são fornecidas por uma sociedade representada por *Anjo Bonecos*. Estão expostos nos arcos de *Santa Illustre*.

—

Consta-nos que houve um contrabando: o brigue *Vasconcellos* que vinha carregado com *sellas* e *arreios*, manifestou na sua carga *livros* para advocacia.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Canhoneira *Municipal*, 1,000 cabeças de carneiro, 4,000 chifres de bois mongos, mortos para consumo.

A PEDIDO.

Pede-se a uma Maria que *dá horas* e que mora lá para o Caminho Novo do Gravatá, o favor de não querer levar á sepultura um pobre caxeirinho, com quem vive, no balcão de uma venda no Gravatá, a escandalisar os que vão comprar, sob pena de ser remettida para alguma caza que tenha sete portas, ou serem ambos conduzidos á presença do *Alabama* para mandar-lhes dar cincoenta calabrotadas.

Ouviu, Sr. A. G. F?

ANNUNCIO.

Adverte se á *bolachinha-mata fome* que si for outro dia gritar e insultar pessoas na loja de charutos á rua Direita da Misericordia será immediatamente alistada no regimento da Mata cobra.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.ª BAHIA 21 DE MARÇO DE 1864. N.º 37

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de março de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, scientificando-lhe que no tempo do finado D. Romualdo só eram levados á scena em tempo de Quaresma dramas sacros, ao passo que na administração de S. Ex. que tão zeloso se mostra nos negocios da egreja, ainda depois do domingo da Paixão, na vespera do domingo de Ramos foram representadas comedias, que todos sabem o que são; o que se leva ao conhecimento de S. Ex. que talvez *ignore certos usos*, salvo si deseja S. Ex. tudo reformar, como apregoam certos amigados seus.

—A' camara municipal, pedindo-lhe providencias sobre um buraco que existe na Rua da Ordem Terceira, defronte da casa do capitão Baldaia, e outro na ladeira da Misericordia, os quaes ameaçam a quem passa com suas biantes fauces, em que de vez em quando se intromette um pé, que as vezes não sahe como entrou.

—A' mesma, para que vá visitar a rua da Prata, afim de ver o estado em que ella ficou depois do concerto que se fez, dando logar a innumeras quedas diarias, acompanhadas de mil praguejações, além de provar muito mal contra as obras desta terra.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe que o *João do Relogio* costuma ter uma das portas de sua venda aberta até uma e duas horas da noite; que na noite de hontem, seriam 11 horas, havia em frente d'aquella porta um grupo de mais de 20 sujeitos, em completa orgia; que esse grupo depois de bem *preparado* e *municiado* dirigiu-se a casa n. 16, 3.º andar, na ladeira da Misericordia, na qual moram mulheres de má vida, e ahi praticou scenas torpes e immoraes, acabando por uma desordem que parecia querer deitar a casa abaixo, podendo S. S. nesta parte, ouvir o inspec-

tor do respectivo quarteirão que ahi appareceu. Cumpre por tanto que S. S. mandando ir á sua presença não só aquelles desordeiros, como aquelle vendelhão, faça impor a este as penas que lhe são applicaveis, e àquelles dê o destino que merecerem

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, pela segunda vez, para que mande chamar à sua presença os cinco moradores da casa do Dr. Eloy á rua da Prata, que continuam a ficar nús e a dançar neste estado com as janellas abertas, chegando ás vezes á porta da rua, sem respeito ás famílias da visinhança.

—Ao mesmo, participando-lhe que na Estrada Nova, fundos da roça do Sr. commendador Couto, tem todas as tardes logar uma jogatina entre uma porção de cangueiros e carroceiros portuguezes que alli se ajuntam, acompanhada de inauditas palavradas e acções immoraes.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao becco do Padre Bento, e dê as providencias que julgar necessarias para cohibir os abusos que me noticia a policia secreta. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá à rua do Alvo, e procure por alli uma certa Quiteria, crioula que me dizem ser casada, a qual gamou uns trinta mil réis d'um certo moço, que tem loja de funileiro lá para as bandas de Santo Antonio, e que isto me requer. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a uma tenda de funileiro ao Taboão n 26, e conduza á minha presença um crioulinho de nome Aristides que alli ha, afim de ser interrogado sobre a causa do aleijão que apresenta, pois informam-me ser elle occasionado pela deshumanidade de sua madrinha de nome Martinha, moradôra à Barroquinha, e vendedora de peixe, que mettou-lhe a mão em uma panella de estado ferver; facto de que quero ter pleno conhecimento para reclamar as providencias que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao largo dos Mares a Calçada do Bonfim, e intime ao A. O., conhecido pelo mestre de ceremonias, que deixe de estar desacreditando a moça, usando de uma excessiva franqueza em casa de sua mãi viuva; e que quando quizer ridicularisar a cabelleira de Carlos Esteves, mire-se antes a um espelho, e veja que de maio a abril não ha que rir. Na mesma occasião advirta ao ex-censor que seja energico e não consinta que se faça delle pau de cabelleira para o descredito de sua irmanzinha:

Finalmente intime ao Chiquinho, que trate de criar de novo as barbas; pois o cavaignac em cara de saguim além de tornal-o judas não pode commover a ingrata, que o despresou por preferencia a seu especial amigo, ultimamente chegado dos pastos do Mar Grande; o que tudo lhe communique a requerimento do *tenente*, sem ser o Portella. Cumpra.

—Tendo ja me constado que certos sujeitos affiançam que se tem recebido dinheiro para não tomar-se contas a quem as tem, ordeno-lhe, guarda marinha, que mande affixar por todas as esquinas editaes, em que se declare que negocios desta typographia só nella são tratados; que tudo mais é *especulação* de canalhas e infames, ou mesmo plano para desconceituar a redacção. Em todo caso pegue Vm. os especuladores e os calumniadores e conduza-'os, que muito tem com elles que fazer o muxingueiro.

—Ja e ja.

—E diga sempre, faça constar ao publico que no *Alabama* ninguem responde

por vethacadas alheias; a typographia é na rua Direita da Misericordia n. 17; quem quizer que appareça; quem notar alguma acção menos digna a ella não se sujeite, ou exija recibo, documento, sob pena da formal declaração de ser tido por um infame calumniador, um miseravel e desprezivel, indigno de prestar-se-lhe attenção, si o não exhibir.

Va ter com o escripturario e avie-se.

—Ja, capitão.

—Sr. Bigode de ferro, onde vae a estas horas, tão surrateiro, pela rua do Carmo?

—Conversar cem um amigo.

—Para que mente? Não vae V. á casa de seus antigos relojoeiros acertar o relogio?

—Vou capitão; mas não é meu o negocio; vou receber o relogio de....

—Sim, sim! acertam-se vossês ambos por uma so pendula!

A' proposito, diga-me como foi aquelle juramento? foi verdadeiro?

—Que duvida!

—Tanto como aquelle que deu vossê para perder aquelle seu amigo e beinfeitor. Além do mais, testemunha falsa!

O sabbado d'alleluia está breve; não lhe digo mais nada!

—Que diabo de *estralada* foi aquella no Maciel de Cima, no dia 18 do corrente?

—Foi um doutor *armado* que deu em espadachim. E não pensem que o *armado* é pilheria; vinha tão armado, que o chapeu de sol furou a testa d'um pobre moço, que ficou lavado em sangue; o Bacellar da botica viu, e provavelmente algum medico da Santa Casa, para cujo hospital por fim se dirigiu o moço.

—E quem lhe contou isso?

—Eu que vi; *desapartei* até o barulho.

—E que providencias tem havido?

—Que eu saiba nenhuma.

—Guarda-marinha, mande levar um officio ao Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe o occorrido e exigindo, em nome da segurança individual, as providencias que o caso requer.

—Ora, capitão, pois os doutores não renegaram a charidade!

—E que tem isto? Ha muito que a renegaram os padres. Tanto assim que o Figueredo Leite está importando charidades da *Estranja*.

—Que quer dizer?

—E' que estam a chegar irmãs da charidade para educar os orphãos brasileiros que desde o João de Mattos ficaram no mais perfeito estado de selvagem ignorancia.

E depois vem até um padre para o cemiterio, porque nem para encommendar defuntos os brasileiros tem prestimo.

—Mas o que ia eu dizendo era que os doutores já não curam doentes pobres.

—Pelo contrario; não ha annuncio de medico que não traga *consultas gratis aos pobres*.

—E entretanto quando são chamados, perguntam em primeiro logar quem lhes paga o trabalho.

—Tambem os padres fazem disto; é até lei canonica que não exponham seu trabalho, o de dizer missa por exemplo, ás eventualidades de um calote.

—E a dar com os padres! Ora, boas noites, meu charo!

—Emfim diga o que sabe.

—Um certo doutor que arca a mim (arque ao diabo) passou por uma caza, no momento em que tinha uma syncope um caixeiro e chamado para medical-o, procurou saber de quem haveria a paga, e sendo inteirado de que isso fal-o-hia a caza, sangrou o doente, findo o que, na mesma hora, exigiu 50$ rs. que recebeu, quando, depois de certas considerações que lhe foram feitas, modificou o seu *pro-labore* em 40$, modificação que não acceitou o patrão do moço interno!

—E que quer que lhe faça?

—E' que depois andam a metter empenhos, a allegar serviços, a pedir *protecção* e a intrinchei-rar-se na *sua probidade* e na altura das bestas em que se montam!

—Deixal-os fallar que elles calar-se-ha-se-hão.

—Gallego, então tu disseste que desejavas ter toda a collecção do *Alabama*, para o que?...

Com tua lingua damninha é que ha de toda tripolação limpar o az.

Tu ja te não lembras porque sahiste do commercio? eim, tratante?

Tu ja te não lembras d'um muzico a quem mataste com um pontapé? eim assessino?

Tu ja te não lembras d'um pobre homem a quem desempregaste? eim, malvado?

Ora, vae tocar teu assobio e a noite vae te emborrachar na venda por baixo do hotel Figueiredo, ponto certo de tuas bebedeiras. e dize que eu te engano!

Ora, dize-me safado, porque andas a guerrear la para a cidade baixa a um teu collega d'arte, em certa sociedade, onde enzina, a ponto de lhe tirares, o que por contracto lhe pertence?

—Ora; capitão! Isto não pode ser sinão intriga....

—Muxingueiro, fogo *neste labrego*; por cada palavra que ousar proferir na minha presença, uma de rijo.

A PEDIDO.

Pede-se ao Sr. fiscal da Sé que vá incontinente às tendas de todos aquelles ferreiros contiguos ao quintal da casa n. 20, á ladeira da Misericordia, e multe-os, um por um, pelo desaforo, que tem de fazerem do dito quintal monturo, deitando todo cisco e lixo de suas tendas, pois o dono ja não pode mais atural-os, tendo ha pouco gasto perto de treseutos mil réis em desentulhar.

Advertc-se ao Sr. Firmino, alfaiate, que não seja, tão grosseiro e insolente com os que vão a sua loja, principalmente quando vão á chamado do mesmo, como praticou no domingo, reunido com o seu inseparavel *Bigodeiro* e o celebre João; e isto, por se lhe advertir que não deve dar os escandalos que costuma praticar em sua loja.

Bahia 20 de março de 1864.

Ambrozio Mendes da Conceição.

Então, Sr. empresario, he bico ou cabeça?

Um homem foi no sabbado á noite ao bilheteiro e pediu um bilhete para comprar.—Não ha mais, respondeu este. Voltou o homem para sahir, e mal tinha dado dez passos, chama-lhe de novo o bilheteire e diz; aqui tem um, e apresenta alguns bilhetes!

Onde os foi buscar? O que me parece é que si o Sr. não é da escola do general Manteiga, é bastante cassuador.

A pilula dourada.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.ª BAHIA 23 DE MARÇO DE 1864. N.º 38

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de março de 1864.

Officio ao Sr. Dr. delegado, participando-lhe que na noite de 18 do corrente fôra barbaramente espancado o cidadão Bernardo Severiano da Rocha Pires, empregado na secretaria do governo, quando pacificamente se dirigia da rua da Falsca para a do Fogo; que ha provaveis indicios de que um escravo da familia do Sr. José Silvestre, morador à Victoria, fôra o instrumento de que se serviu *alguem* para semelhante attentado, e que dá-se como motivo negocios eleitoraes; o que se leva ao conhecimento de S. S. para que proceda com todo o rigor da lei contra os culpados.

—Ao Sr. capitão do Porto, participando-lhe que é grande o escandalo nos segoiates caes: Raymundo da Paz, Amarras, Cal, Alfandega e S. João, proveniente de que vem os saveiristas a atrapalhar as pessoas que se desejam embarcar, com importunos pedidos, agarrando-as e puxando-as, assim como aos ganhadores que conduzem os trastes. O que é um abuso; o que se não dá nos caes do Commercio e Dourado; o que não deve continuar.

—Ao Sr. subdelagado de Brotas, pedindo-lhe que mande chamar à sua presença um taverneiro que alli ha, o qual me dizem que tomára diversos objectos da mão de um escravo do Sr. José Carlos mediante a quantia de 5$ rs., recebendo do mesmo de premios mensaes a quantia de 1$280.

—Que galleguito é aquelle que vem de luneta?

—Pois, capitão, V. Ex. não conhece o maior tratante desta terra?

—Como chama-se?

—Ignoro, nem sei mesmo o que é, si caixeiro, socio, ou administrador de duas

lojas, cujo dono passeia pelas europicas, excellentes firmas, divino par, a quem Deus fez e o diabo ajuntou.

É um refinado patife, que tendo raptado a sobrinha do Sol, linda estrella, que refulgia neste ceu americano, deixou-a brutalmente, e vive agora da porta da tasca a espreitar outras estrellas; no que dá os maiores escandalos.

Em algum tempo os pedestres encontraram-no muitas vezes convertendo os Cobertos em Sodoma; boas tacadas que então tomou do amo!

—Sei já quem é; vá buscal-o, Mané-Bahia!

Então, gallego, que escandalos são estes? Tenho de ti immensas queixas! Andas a fallar dos outros, e não te lembras de quando chegaste da *santa-terrinha*, de quando foste criado, de quantas vezes fugiste, de quanto cobre por tua causa gastou teu amo com os pedestres? Ja te esqueceste de quando foste cahir em um navio, onde tiveste as honras de cosinheiro, do que ahi soffreste, de quando chegaste a Costa de Africa, de tua volta, como criado, empregado na fachina? Ja te esqueceste de quando aqui chegaste de pés no chão, de camisa e calças de aninhagem embreadas?

—Capitão, por piedade...

—E como vives a fallar de todos? Então para ti não ha mulher donzella, nem honesta?! Ah! refinado biltre! está a dar-me vontade de metter-te os pés na cara e quebrar-te esta luneta.

Muxingueiro, cem calabrotadas nà cara deste patife!

—Capitão, por piedade, estou doente; poupe-me por ora.

—Eu sei disso; e tanto que sempre te vão visitar a Mata-fome da Saude e aquella pobre pardinha sua sobrinha, cuja visita te dão tão grande allivio que chegas logo à porta de tua espelunca, garboso e ufano, prazenteiro e tolo, desaforado e besta.

Muxingueiro, nada de demora!

(Continuação do numero 34)

—Capitão, eis aqui o patife do gallego estava escondido nas saias desta peste que tanto afflige ao pobre do homem, cujo sangue este patife suga, cuja fortuna este tratante devora: julguei acertado trazer tambem a firma.

—E porque me não trouxe tambem o *subtil* que anda dizendo que foi o pobre do homem quem informou-me destas ladroeiras? Queria pegal-o cá.

Mas emfim, gallego, que é o que se dizia no dia 4 do corrente à porta do *Forum*? Que so estavas à espera do ultimo accordam?

Pode ser que venças, porque emfim ... e dinheiro.... o dinheiro.... IN HOC SIGNO VINCES.... mas hei de te fazer as contas....

Hei de saber do nome dos *cujos*, e basta; o exemplo está dado; tanto cobre o diabo que por fim descobre. Ha de apparecer quem siga o exemplo do Cansansão e os tratantes hão de soffrer, fiquem certos. Mau grado as ideias, a necessidade, a conveniencia, o bem publico ahi estão.

Salus populi suprema lex.

Estou à espera do desenlace, e V. men patife, emquanto não chega a hora, o *dies iræ*, ficará amarrado costas com costas desta mulher perversa, mettidos ambos os seus pescoços na golilha, levando de hora em hora cinco calabrotadas!

—Misericordia, capitão! V. Ex. não acabou de fallar mal d'uma inquisição que houve ahi por certa casa de grande? E como obra comigo esta barbaridade?

—E tu és gente, gallego? Tu tens alma, consciencia de burro?

Camaradas, mãos á obra!

—Que barco tão cheio é aquelle que vae ali por aquella *Costa* em direcção ao Mar grande?

—E' uma sucia de tratantes

usurarios que roubam o suor dos desprotegidos da fortuna, dos pobres orphãos desvalidos e das viuvas sem arrimo; uma canalha de agiotas que dariam, como dão, a honra pelo ouro, o credito pelo calculo.

—Bem; havemos ir até lá faser lhes uma visita.

—Aquelle sujeito tem tenção de fazer judas?

—Porque?

—Porque anda pelas ruas com aquelle menino atraz a apanhar molambos.

Ora, ora! E' para fazer bonets; é aquelle sujeito de cabelleira com quem já andou V. Ex. ás contas.

—Meu moço, este recibo que V. apresentou é verdadeiro? é ingenuo? tão *candido* assim?! Aquellas quatro assignaturas são proprias? Parecem me lettra de quem está com mal dos *lazaros*.

—Ja paguei, desde novembro.

—Pois olhe, si V. quando esteve em *Vianna* aprendeu a mentir assim, a mim não engana. Eu não quero dizer que V. commetteu um estellionato, mas é bom que não continue.

—Este diabo terá policia pelas casas alheias?!

—Que diz?!

—Nada, capitão; digo que vou tractar de pagar ao moço.

—Faça disto, e diga que lhe engano.

—Ola, tratante!

—Prompto capitão.

—Dizem por ahi que V. acaba de fazer um arranjo, falsificando um testamento, e fazendo outro a seu geito, que dê em resultado uns *cobres* em seu proveite e com prejuizo da verdadeira herdeira, que é uma pobre creoulinha?

—Eu não sei de nada, capitão.

—Então patife V. não sabe? Não foi em sua casa que morreu ha dias o professor de sciencias cabalisticas que sendo *turibulo* só se prestava a devassidões e immoralidades?

—Ah capitão, morreu, é verdade, em minha casa um preto muito meu amigo, e que era muito bonitinho por ser papae de terreiro, porém sobre arranjos de cobres eu de nada sei.

—Então não sabes de nada, eu te applicarei o conveniente castigo, meu carola-dor de *toreidas*.

—Capitão, não me bote a perder, agora já me lembro..... que.... sim, capitão, não foi por minha vontade que isto fiz, e sim por conselhos do *Senhor do Bomfim* e de *S. Gervazio* ..... aquelle pretende casar-se com a rapariga, e este tem muito interesse em que eu administre os bens que deixára o morto, porque assim fica tudo arranjado.

—Porém meu sevandija, que fim déste ao dinheiro que fizeste por estrategia a preta que morava em caza com o fallecido entregart'o, e que vivia amarrado em um pé de meia?

—Estes cobrinhos, capitão, apenas serviram, para.... para.... para.... en.... ter... ro... do mor... to, capitão,

—E que pretendes fazer do relogio de ouro?

—Aî, capitão, não me bote a perder que tudo lhe contarei.

—Cageiro de prôa, leva este patife para o porão, que lhe mandarei applicar o competente castigo.

Olhem que este patife amofina com o peixe de muita espinha!

Sabe Deus si não tem alguma geração com *sardinha*! Atirem-no ao mar para ver.

A PEDIDO.

Ao Exm. Sr. commandante das armas.

1.—Supondo-se que um musico do 8. batalhão d'infantaria por errar um compasso, ou nota musical leva vinte pranchadas, e é recolhido ao hospital sem ter a competente baixa assignada polo cirurgião do corpo conforme as ordens em vigor—

2.—Supondo-se que este musico não foi examinado de saude, e nem tão pouco o medico assistiu ao exame.—

3.—Supondo-se que as ordens imperiaes declaram que nenhum soldado pode ser castigado sem previamente passar por um conselho peremptorio—

Pergunta-se; E' regular este procedimento? Ou o commandante deve responder a um conselho?

(Continúa)

Pergunta-se ao Sr inspectordo arsenal de marinha qual o verdadeiro motivo porque foi despedido o official de calafate João Dias Ribeiro da Silva, visto que pessoas mal intencionadas andam dizendo que aquella demissão foi para satisfazer caprichos do mestre da officina, por haver aquelle official votado em S. Pedro no partido da liga; e que em seu logar foi admittido um tal Leocadio que nem conhece as ferramentas do officio de calafate, com um salario muito superior ao daquelle.

& & &

Pergunta-se ao Sr. inspector do arsenal de guerra si é apparelho de espingarda cancro de porta, visto que muitos destes objectos entre os quaes bisagras se fabricam alli.

Não terá acaso porteiro aquella repartição?

O Veremos.

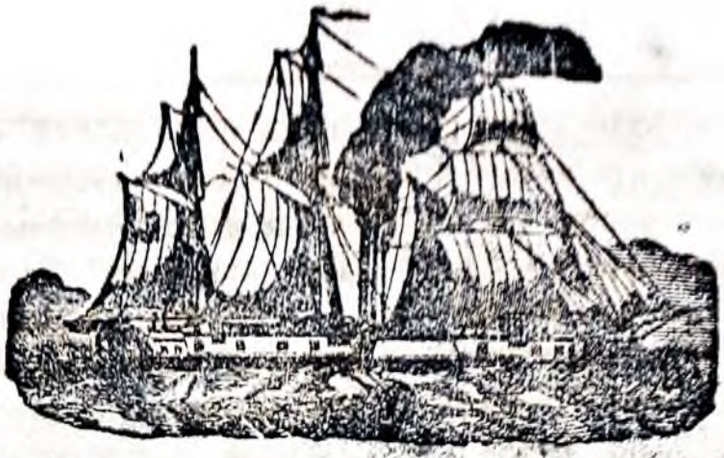
Pede-se ao Sr. Dr. chefe de policia o favor de lançar suas vistas para um celebre Braga, que tem venda à Barroquinha, o qual, depois de impingir folhinhas sem os mezes de agosto a novembro, nega-se a recebel-as das pessoas que lh'as vão levar.

Um logrado.

ANNUNCIO.

Nesta typographia vende se passaportes a 40 rs.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.ª BAHIA 26 DE MARÇO DE 1864. N.º 39

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 30 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de março de 1864.

Officio ao superintendente da Companhia de navegação á vapor — Bahiana—, notando-lhe que deve haver mais regularidade nos annuncios das sahidas dos vapores dessa companhia, para evitar os graves inconvenientes que constantemente se dão, com grande prejuiso do commercio, como ainda na segunda feira se deu com o vapor *Progresso* que annunciando sua sahida de Santo Amaro as duas horas largou pouco mais de meio dia, deixando immensas pessoas logradas.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, pedindo-lhe providencias contra um certo Roque, morador ao becco do Soares, que além de incommodar a visinhança com os alarmas que provoca, teve uma altercação com um visinho e foi, dizem, á noite esperal-o á porta de sua casa com uma faca, e não encontrando a victima que almejava, satisfez seu brutal instincto matando um cachorrinho que encontrou; facto que prova o genio pacifico de quem o praticou.

—Ao mesmo, participando-lhe que nas casas no interior da roça do padre Pereira, á ladeira do Alvo, se dão factos pouco convenientes, produzidos por um certo Vicente que vivia alli no Taboão a insultar a todos, como podem informar os Srs. ex-delegado, subdelegado da Rua do Paço e inspector do quarteirão em que residia elle. Ainda um destes dias, 19 do corrente, espancou elle brutalmente sua propria mulher, dando logar a que acudisse a visinhança, a quem elle atrevidamente brindou com os mais injuriosos nomes.

Espera-se por tanto de S. S. providencias a respeito.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao africano naturalisado inglez e á crioula salta-balcão

para obrigal-os a vir à minha presença, pois quero saber a rasão que teve o primeiro para, depois de arredar a segunda da quitanda do peixe e leval-a para um grande sobrado á cidade Baixa, tomar-lhe todo o ouro que a mesma tinha, mandando-a para a rua a espiar estrellas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao hotel Oriente e intime aos caixeiros e cosinheiro do mesmo que se deixem de immoralidades na sala do bilhar, sob pena de serem conduzidos ao porão deste navio. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá as lojas n. 13 A e C à rua dos Carvoeiros intituladas o *Reducto*, onde moram mulheres perdidas e homens dissolutos, reus suspeitos de policia, e escravos fugidos, e traga a minha presença essa immensa claque, para dar a cada um o destino que lhe compete. O que cumpra.

* *

—Que é isto, meu amigo? Alguma taboca em eleição? Onde vae com esta carga de bambús?

—Vou fazer uma cerca n'um quintal.

—E V. é ganhador?

—Não, senhor; sou guarda e camarada do alferes *mão de onça*.

—Pois assim em pleno dia, na rua de S. José! Donde vem V?

—Venho alli da roça da viuva do brigadeiro Nabuco.

—Ora não sujeite-se a isto.

—E a disciplina do corpo?

—Não vem ao caso; isto é serviço domestico; emfim como é por gosto .. regale-se.

—Adeus, capitão.

—*Lord* inglez, que moça é aquella que estava em sua caza e que V. levou para uma estrada, ameaçando assassinal-a si se não fosse embora?

—E' que eu não estou para aguentar com carga alheia. O paiffe do marido que dizem já matou a primeira mulher, mal esgotou os seiscentos bicos que ella trouxe da Misericordia, repudiou-a e adeus minhas encommendas; ella que tracte de arranjar sua vida.

—Ora vejam! quando cazando-se, certos capadocios só tem em vista o dinheiro das recolhidas, quanto mais agora que me informam que podem ellas sahir *para a companhia de qualquer parente*, levando uns tresentos mil rs! Faça idéa como não vão as cousas! E' uma caza de misericordia que desinvolve assim a prostituição!

—Nada tenho com isto; não me venha alguma massada, que no mais ande o mundo como quizer.

—E o nome do sujeito?

—E' um Julião que tem cruz.

—E a moça?

—Os poetas é que podem bem saber; é um nome de verso, assim a modo de *Quintilha*.

—Deus tenha misericordia de seu povo, que quanto á da terra....

—Assim é e deve ser.

(Continuação do n.º 34.)

—Dize-me uma cousa; que gabolice é esta de dizeres que tuas filhas só com portuguezes é que

se h o de cazar? Não foi em Laranjopolis que foste gente? que chegaste a morar em palacio?

—Mas que quer V. Ex.? quer em duvida que se cazem meus filhos com os naturaes de Laranjopolis?

—Foi por isto que desterraste teu primeiro filho e mataste-o de desgostos, não?

E' talvez por isto que já fizeste o mesmo com o segundo, não?

—E si fosse, era da conta de V. Ex.?

—Quem diz isso?

Mas diga-me que sede tem V. em comprar e vender escravos?

Não sabe V. que muitos desses que V. compra e vende são superiores a V. em sentimento? que todos elles são seus eguaes?

E como negocia V. assim com elles, separando a mãe do filho, o irmão da irmã, a mulher do marido?

Olhe que os negros tem mais amor aos seus do que certa gente branca que atira em um navio os filhos para fazerem fortuna na *arvore das patacas*.

—A que vem iso?

—Vem para lhe perguntar a rasão porque o chamam macassar.

—E' porque sempre fui moço gaiato, e em certo tempo macassar era a pomada da moda da qual eu muito usava.

—Pois me disseram que era seu officio, lá nas margens do Mondego, vender a tal pomada.

Veja em que fica.

—E' o que V. Ex. quizer, deixe-me.

—Muxingueiro! esta fi ma é tua; com calabrotadas por hora!

—Que diabo é aquillo no Coberto Grande?

—E' uma *cabra*.

—Que faz?

—Nada; mas o Adelo dos Cardos da Mesquita que representa uma trindade faz com ella o que não se pode imaginar; brinca, amima-a, aperta-a ao seio, faz-lhe mil carinhos e *cobre-a*, isto é com panos e manda-a depois embora. Assim *coberta* vae a bixa vender roupa feita.

—Forte asneira! querem agora todos os boccorios que me ande occupando com tolices!

—Sr. alferes, isto não é bonito; V. S. manda-me buscar as larangiuhas, e não m'as quer pagar!

E até aquelles quatro *bicos* do cadete que lhe dei para guardar, V. S. põe no peito!.. , isto tem termo?

—Pois quem te acha, *feliz* mina, donde se extrahem tantos prazeres e delicias, tem lá cuidado de pagar o que deve!

—Sr. alferes, por sua bemdita cabelleira! por quem é, por S. *Braz*, compadeça-se da gente!

—*Amanan*.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 26 DE MARÇO DE 1864, AS 10 HORAS DA MANHAN.

REVISTA SEMANAL.

Tem havido grande animação no mercado.

No commercio de *corrupção* fez-se importantes transacções.

Entrou no dia 16 na barca *Garcez* uma partida de *utopias* que não tem achado compradores.

Chegou uma partida de *immoralidades* para a Semana Santa.

De numerario não ha falta no commercio; com a questão *Passos* tem affluido os capitaes ao mercado.

Em *roubos* tem se feito muita cousa. A companhia do *olho-vivo* tem sido incansavel. A barca *Felicidade* está carregando uma partida para exportação.

Consta que no brigue *Lacerda* chegára uma partida de *casamentos nullos*, e que fôra desembarcada por contrabando. Por ora não transpira.

—

MOVIMENTO DO MERCADO.

Alarmes e Desacatos.—Vieram bastantes para a procissão dos Fogareus. A *policia* d'alfandega deixou-os passar livres de direito.

Distincções.—Com o tempo das corrupções vieram ao mercado algumas de *S. Pedro*; preferiram-se as *braneas* as *pretas*.

Desordens.—Muitas. O registro policial tem publicado diariamente entradas e sahidas.

Enredos.—Bastantes. Quasi todos são comprados para a questão Passos.

Orgias.—Serão hoje desembarcados diversos *carregamentos*. Os consumidores estão anciosos que chegue o domingo de Paschoa.

A PEDIDO.

Roga-se a um moço de bellos olhos atravessados, gaiato, esbelto, *candido*, que entrega cartas como correio, morador na rua que quando venta faz *poeira*, pombeiro, o favor de não atropellar com pedradas os telhados da visinhança, incommodando-a como outr'ora fazia com os dedos nas portas dos habitantes desta cidade quando esmoleiro da religiosa ordem franciscana, com a differença unica de, quando algum devoto negava-lhe esmola, dizer—S. Francisco lhe ajude—o que não succede com a infeliz visinhanca, que quando não annue as pedradas sahe o moço com um estado-maior de cacetes insultando a pessoa que se oppoz ao tal brinquedo, talvez por suppor que estamos em terra onde ninguem o conhece, ou que a visinhança é algum saguim, que tema-se de caretas; pois engana-se e si não mudar de brinquedo, recorrer-se-ha a competente auctoridade afim de providenciar para dest'arte viver em paz.

O visinho incommodado.

Previne-se a certo pombista, que d'isso faz vida, morador na ladeira da Palma que deixe-se de incommodar, insultar e fallar por toda parte da vida de seus visinhos, do contrario será declarada sua chronica, que não é das melhores.

O incommodado.

ANNUNCIO.

Previne-se aos Srs. relojoeiros e mais pessoas a quem for offerecido um relogio de prata n. 14100 patente suisso, uma cadeia de ouro e diversos enfeites, queira apprehender taes objectos, que foram roubados pela companhia do Olho-vivo hontem Sexta feira da Paixão. Bahia 25 de março de 1864.—*E. J. Monteiro*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, & C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.ª BAHIA 29 DE MARÇO DE 1864. N.º 40

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de março de 1864.

Officio ao Exm. presidente da provincia pedindo-lhe que lance suas vistas para o estado a que se acha reduzida a cidade de Sant'Amaro, onde se espanca, e fere a qualquer hora do dia, podendo-se dizer que alli não ha segurança, porque ainda no domingo 20, Luzia de tal, no beco chamado das Ganhadeiras, ia na rua matando outra mulher, e arrancou-lhe quasi todos os dentes, e não consta que até hoje houvesse a menor providencia, andando a offensora impunemente, sendo que depois da retirada do dastacamento da tropa que alli existia tem crescido os arrombamentos de portas, desordens e ferimentos, como S. Ex pode ver dos jornaes diarios da Capital, pelo que é de toda urgencia que S. Ex. zeloso como é pela ordem, mande para alli um destacamento.

—A' camara municipal, pedindo-lhe providencias sobre os carros de certos figurões que ficam a impedir o transito publico, eternamente em certas ruas, como seja a do Collegio e outras; dando-se o caso de que na Quinta Feira Santa a procissão não as podia livremente percorrer.

—Ao Exm. commandante das armas, perguntando-lhe si é exacto que a musica do esquadrão de cavallaria, na noite de Quinta feira Santa, tocara recolher na frente do quartel do mesmo esquadrão.

—Ao Rvm. Padre Guardião do

S Francisco, pedindo explicação sobre o facto de na noite de sabbado d'Allelluia, abrir-se a portaria do convento, pelas 11 horas da noite, para entrarem diversas pessoas do sexo feminino, e logo fechar-se a mesma portaria, advertindo-o que para a missa era muito cedo e mesmo S. Rvm. não ignora que essas *distincções de portas travessas* para dar-se a alguem melhor logar na casa de Deus, são contrarias as regras de humildade de sua ordem e as praxes de nossa Santa Religião.

—A' Direcção da companhia do Queimado, partecipando lhe, que, segundo me informa o *coronel*, o guarda do chafariz do Pelourinho se occupa em vender peixe, deixando em abondono seus deveres.

—Aos liquidadores da companhia Predial, perguntando-lhes a rasão porque até hoje ainda os accionistas não tiveram noticia do resultado final dos trabalhos da referida commissão sendo certo que em algum tempo se propoz aos mesmos o recebimento de suas entradas na rasão de 20 % &. &! outro sim, scientificando-lhes que se acha o publico ancioso pelo desenlace da comedia, e que se faz necessario um circumstanciado relatorio, para fazer calar as tão crescidas e numerosas linguas damninhas.

Portaria ao tirador mor de diabos, rei dos feiticeiros e Sr. d Granada, para que va a rua do Saboeiro, munido da sua penna de urubù rei, santo lenho e mais ingredientes, examinar a cabra Adelina, e no caso de estar como dizem, com o diabo no corpo, conduzir com ella para a roça e *metel-a em tratamento*, não consentindo que venha á cidade, sem estar completamente boa, visto que no estado em que se acha não pode presenciar acto algum religioso, sem tornar-se furiosa como aconteceu por occasião de passar a procissão dos Fogareus.

—Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando lhe que vá a Cruz do Paschoal e em qualquer venda que encontrar um galleguinho a tractar do *Alavama*, pegue-o pelas orelhas, metta-lhe o nariz dentro d'um *barril* que na venda o mesmo tem, mande o apedrejar pelos moleques e açoutar pelo muxingueiro, findo o que, tão safado traste se despedirá deste mundo para ir ver morrer baleias, tendo S. m. cuidado de pendurar lhe uma bala ao pescoço.—O que cumpra.

—Quanto é hoje do mez?

—27 de março

—Sr. official, pois Vm. por estar na guarda de palacio, tem o desaforo de mandar dar pranchadas no Clarindo!

—Eu não.

—Pois todos não viram! o corneta não negou-se a sua exigencia, Vm. não repetiu a ordem?!

—Capitão, não diga isso a ninguem.

—O commandante das armas ha de ter a partecipação.

—Manuel, me diga, o Fr. Santa Rosa tem *breve*? como anda de meia?

—Está doente, capitão.

—Deus o conserve. E V. é zelador? Fica lá ufano! manda e desmanda; isso é seu? só porque lhe dão as chaves?

—Fallaremos.

—Meu moço, para que chama V. bestas a dous moços que passam pelo Maciel de Baixo? Não vê que um delles é o guarda-marinha? e o outro.... é....?

—Asneiras, capitão.

—Pois olhe que aquellas bestas não se cevaram na mangedoura do velho Passos! Tem intendido?

—Capitão, tenho visto boas cousas.

—Vá dizendo-as.

—Um frade devasso que tirou a mulher do poder de seu marido pregando contra as mulheres de capona; outro pregando castidade e o filho adiante de tocha na mão; um maluco Adriano pregando nos Perdões; o tenente Clarindo no Boqueirão; trez seculares sentados sob o respaldo dos padres &c. &c. &c.

—Conte-me esta ultima novidade.

—Oh! isso foi no domingo de Paschoa, Estavam um *grande* e um *pequeno* sentados; chegou o Sr. Carvalho e deitou para fora ao *pequeno*, berrou, gritou, fez o diabo e sentou-se, tendo do outro lado ao maluco pregador, o Adriano.

—Foi nos Perdões, não?

—Que duvida! O tal Carvalho é insuportavel; tem estylos de ganhador; descompoz alli a todos, berrou de novo, gritou a grande, provocou, e insultou acintosamente um moço a quem tinha offerecido uma tocha, só por cahir-lhe um pingo de cera na *casaca*.

E o mais importante foi isto. Adulador em extremo, chegou a tirar uma das cadeiras em que se achava o *padre de cerimonias*, deixando-o em pé, só para offerecel-a ao *grande*, que por ter dinheiro ficou emparelhado com os *reverendos*, garboso e ufano da servilidade com que lhe vão certas bestas lamber os *pés*.

—Olhem que lá para Sant'Antonio tem boas firmas! O Saturno esteve lá?

—Não e foi pena, que é outra importante peça.

—Isso nada adianta; tomou-me V. o tempo, e nada de resultado.

—E' insuportavel o capitão.

Pois lá vae esta.

Um frade, foi do Carmo, ja se sabe, depois de atormentar os ouvidos dos fieis com insupportaveis asneiras pregou um sermão de lagrimas, em que disse perolas. Ao descer porém do pulpito, o Vieira caricato, o portentoso Faublas de escapulario, o ridiculo Cupido coroado—lança-se-lhe aos pès uma moça!

Obstupui, steteruntque comæ et vox faucibus hæsit.

Quem era aquella moça que na Sexta-feira da Paixão atirava-se assim aos pés d'um frade?

Quem era?

O povo apinhou-se em deredor, sabe bem quem era ella. Era a filha do padre devasso e hypocrita que lhe ia pedir perdão; era a filha do ministro de Christo que depois de pregar as palavras do Evangelho, charidade e perdão, dizia, que não conhecia os seus, repudiava-a, renegava-a publicamente, não grado as supplicas das mulheres de capona, a quem do pulpito elles tanto injuriam, não obstante a pathetica e tocante scena que se acabava de representar e da qual fora elle o protogonista, desinvolvendo aos olhos do publico o sancto Sudario.

—Que coração de fera!

E não o pegaram no Sabbado d'Alleluia? que boa preza!

Esta Latronopolis só com o fim de Sodoma! só em fogo!

—Estes frades do Carmo só de jantar!

LA VAE VERSO.

Senhor arcebispo
Meu santo varão,
Ao que vou cont'r
Preste-me attenção.

Houve um barulho
La na cathedral;
Brigaram tres musicos
E mais um fiscal.

Foi o Nascimento,
Mais o Nicolau
Q'no côro quasi
Jogavam o pau.

Reprovo taes actes
Como bom christão,
Que desacreditam
A religião.

Tudo quanto foi
Palavra obscena
No templo sagrado
Pozeram em scena.

Isto depõe muito
Meu santo prelado,
Da religião
Do Crucificado.

A PEDIDO.

Quem tem hortas não deve couves, digo quem tem hortas deve couves. Vejam o seguinte;

Sr. allegador que tem treze contos de réis na Caixa, e que toda hora empresta tantos e quantos, porque deixou de passar naquella rua? Eim patife?!... E' por causa daquella diminuta quantia que deve ao Sr. Serafim?

Pois va pagar, meu *Agostoso Manuel do Carmelo*, antes que lhe declare o nome, meu descarado boccorio.

Que projecto gracioso!!..

Pergunta-se ao Sr. Faustino, alferista, morador na freguezia da Sé, jornal de *todas as cousas*, um dos primeiros liogueiros (quero dizer que é um homem affeminado que nada falla...) a razão porque em sua residencia ajunta immensidade de rapazes?!... Será o pacau que com a sahida dos *nove* ha tantos gritos?!! ..

Não, senhor. É porque toca a cada um fazer piguá, e eu deixo de comprar comida; e porque tambem eu tenho o prazer delles divertirem a minha dona Maria rica da Preguiça ou corcunda de canastra.

Ah! então tens rasão.

Os outros não querem homens em casa, e Vm, entretanto tem satisfação nisso. Gentes são gostos.

Viva triste quem não tem!
Feliz é quem Deos quer bem.

A certo moço que mija da janella para a rua, pede-se o favor de não continuar na graça, pois quem passa pela rua do Collegio não fez tracto de respirar tão odoroso ambar, nem de tomar tão salutares banhos.

O Pestana.

ANNUNCIO.

O inspector do quarteirão 27 da freguezia de Santo Antonio foi a seu pedido demittido.

Manuel Antonio Epifanio.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, & C.
Rua da Misericordia n.º 17.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 4.ª . BAHIA 31 DE MARÇO DE 1864. N.º 41

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 29 de março de 1864.

Officio ao Sr. Dr delegado, pedindo-lhe providencias contra uma celebre Dominguinhas e um conhecido Silvestre, moradores ao beco do Viva Jesus, a primeira dos quaes recebeu de uma pobre africana Constança a quantia de 50$ rs. para tratar de uma licença de caixinha, e mais os seguintes objectos:

Quatro voltas de cordão de ouro, com o pezo de 29 oitavas, uma cruz de dito com 20 ditas, 2 pulseiras de dito no valor de 65$, 1 dita dito no valor de 25$, outra dita de chapa dito no valor de 45$, um annel no valor de 8$, outro dito no valor de 5$.

Os quaes objectos foram entregues ao segundo que os empenhou, vendeu ou ignora-se que diabo fez, pois que delles não se dá conta á sua dona.

O que vê S. S. que é um furto, talvez roubo, cuja punição compete-lhe tornar effectiva, visto que a queixa dará breve a prejudicada.

—Ao Sr. subdelegado de S. Pedro, perguntando-lhe que providencias deu á respeito de uma africana escrava de um barbeiro que tem tenda ao Cabrça de nome Manuel, que na ladeira do Coqueiro entrou em uma casa e esbofeteou uma senhora, e que fôra prêsa a ordem de S. S.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua dos Ossos, freguezia de Santo Antonio, e conduza á minha presença duas irmãs de

nome Maria e Effigenia, as quaes vivem só á janella a insultar aos que passam, a procurar defeitos, a escarnecer e provocar desordens. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando lhe que vá a rua Direita do Collegio á uma loja de sapatos, e intime a seu dono que respeite a moralidade publica, deixando de fazer de uma casa de couros cortiço d'abelhas com as brêadas deidades de turbante que alli admitte, sob pena de declarar-se-lhe o nome O que cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá á ladeira do Carmo, procure ao sapateiro Martinho, e indague do mesmo si é verdade que costuma franquear a sua casa á negros captivos, mulheres perdidas, e toda casta de gente inclusive certo procurador negociante de baleias, para exercicios de feitiçarias e candomblés como me informam, mediante uma paga, o que a ser exacto, deverá Vm. conduzil-o ao subdelegado da freguezia para proceder como for conveniente. O que cumpra.

—Bem dizia V. Ex. que ha muito renegaram os padres a charidade?

—Então que houve? Alguma novidade do vigario de Santo Antonio?

—Não; nem venho lhe fallar de cousinhas ridiculas; pedidos de dez tustões etc., etc. Venho contar-lhe, capitão, o que se segue:

Um certo vigario d'uma das freguezias do suburbio, foi chamado a confessar uma mulher inferma, pelo que exigiu 28$ rs. que lhe foram dados por um italiano; mas chegando á casa acharam a mulher morta. Então pedindo o italiano que o vigario a incommendasse, este negou-se, dizendo que tinha vindo *para confessar* e não para incommendar, salvo si novo cobre lhe pagassem e retirou-se. E tendo de ser sepultado o corpo na capella de Nossa Senhora em *Escada*, e não havendo sepultura aberta foi pelo vigario respondido que se havia quebrado a enchada; pelo que os convidados cavaram a unhas e pá, a terra e sepultaram o corpo.

—Isto é incrivel! nem tanto....

—Incrivel! pois este vigario já teve uma porção de dias um homem comido dos urubús no fundo de sua roça e não mandou-o interrar!....

—Quem é elle? eim, Sr? Quem lhe contou isto? eim, moço?

—Ai, meu nunca esquecido *Pirajá*! saudosos campos por onde tanta vez passeia minha imaginação escandecida, em cujas lembranças tanta vez se deleita minha amargurada alma, em cujo nome tanta vez.....

—Está louco, amigo?

—Capitão, lembrei-me disto, porque o homem é *liberal*, e Piraja é....

—Ah! sim, tem rasão... é o baluarte da liberdade.....

Adeus.

—Ouça mais esta capitão.

Esse vigario tomou emprestado a um sujeito um burro a quem este chamava *Caroba*. Quando foi elle buscal-o, disse-lhe o vigario que tinha morrido. Passando depois pelo Campo Grande conheceu o seu burro em uma caza. Indagando como tinha sido aquelle milagre, soube que o vigario o tinha trocado por um cavallo.

—E' impossivel. Não creias que um ministro do Senhor seja tão degenerado·

—Que veus fazer aqui?

—Capitão iô vem fazê queixa; soutro dia iô dizê qui nan falla mai de sinhá *Ferruge*, mai iô nan pode tà carado.

—Então que mais te fez elle?

Ah xinhà capitão, esse nan tà bon, tà munto feio, *sogra* qui vai sê di xinhá *Ferruge* tá descompono turo, ninguem pore vivê cum esse *cigano*, tà gritano, tà fallano, tá dizeno diabo di visinhança, ah me Deu! anani turo fica sem tê qui vesti.

—Acabas ou não de fallar?

—Quem nan tem mai vregonha, nan pressa pra nada, agora memo que xinhá *Ferruge* nan tá hi ni cidade, a namorada di ere tà cum diabo ni cropo, tà fazeno cousa qui nan tá denreto, turo dia esse menino sae sosinha ni rua, mãi di ere nan simprota, ere vai ni Brabalho, iô nan sabe que vai faze, mai nan ta cousa bom, iô vai i daqui qui é; ah xinhá capitão iô pode promode Deu, qui voncellencia và ni casa di ere memo pedi, qui nan faze mai esse vregonheira..

—Está bom, eu amanhã mandarei Mane Bahia accommodar esta gente.

Tà denreto, capitão, io tem munta pena pruque xinhá *frosinha* ta um muratinho bonitinho, iô gussa munto di ere, io vai roga a Nansenhô pra dá juizo a ere pra nan faze mai esse procaria.

—Quem és, e que queres?

—Bença xinhà blanco.

Iô repara um convessa, e viu que ogunsê tá nin ganamento. Esse moça de runeta nan fruta sobrinha de só, nem sitrella nim um. Ah! ah! anani já mi dizeu vredade; elle ta fazê sociamento cum xinhá só... predoa, capitão... iô tá rependido, iô tá cum medo munto.

—Agora é tarde; si não continuas, taca está ahi.

—Ta bom; si ha de more eu, more minha pae qui é mai véio.

Esse nibô de runeta, blanco decarado, marinheiro buro, garego de diabo, fruta sinteiada de Miranda, e fazê diabruro, bota moça a predêr, joga ni rua, nan leva mai rapariga ni conta, e tá ni xingamento cum parente di ere.

—E como se chama o sujeito da luneta?

—Capitão, péra; iô qué canta, capitão toca.

—Deveras? que instrumento quer?

— *Sipiano*, capitão.

—Negro retira-te. *Cypriano* è *elle* mesmo.

—Oia capitão....

—Muxingueiro!

—Bença, siô; io tá ni orde de ossuncê, iô mora ni cazinha di rua de fromusura.

—Muxingueiro!

—Iô já tá longe, dotô!

—A's ordens de V. Ex. Sr. capitão do *Alabama*

—Criado da Sra. D. Felismina. O que a traz por aqui?

—Venho queixar-me a V. Ex. do Pedro Uraga, que hontem *foi a minha casa*, e sem nada lá deixar, levou-me dez tustões que estavam em cima da meza.

—E o que quer a Sra. que lhe faça?

—Que V. Ex. o chame á ordem.

—Mais ainda ha poucos dias, não blaterou a Sra. tanto contra mim, por causa daquelle alferes das laranginhas, tendo a Sra. sido a propria que se queixou delle?

—Mas V. Ex. me deitar de capona, Sr, capitão!.... De capona! uma cousa tão feia!

—Está bem, senhora, por isso não brigaremos, para outra vez sahirà de balão.

Quanto ao Pedro Uraga, esse é incorrigivel.

—Ai! ai, ai!

—Que é isto, moço?

—São aquelles dous furiosos cães que

sahiram alli da casa do Sr Estevão Vaz, e que a não serem estes gritos, ao atassalhavam o corpo.

—E' ter paciencia, Sr. Viegas, em quanto se espera pelas providencias da policia e da camara.

—Não sei de que serve haver uma postura contra cães, estando as ruas tão cheias delles que faz medo.

—Isto é o menos; quanto mais si o senhor soubesse que até ha patrulhas que trazem seu cadello!....

—E até alguns fiscaes, capitão.

—E' para ver.

Ja tenho pedido providencias, mas por ora nada; esperemos porem que o mal terá remedio.

A PEDIDO.

Chama-se a attenção do Sr subdelegado da Sé para o escandalo que se dá diariamente no quintal do Collegio, onde se reunem immensos vadios, reus de policia e escravos, e onde ha constantemente jogatina e quanta immoralidade ha, privando assim as familias, de chegarem à janella. Ainda ha poucos dias, houve uma desordem por jogo de que sahiu um bastante ferido. Costumam passar pelo quintal da casa do Sr Dr. Luiz Maria e outras da visinhança e são todos moradores dalli mesmo. O inspector sabe disto, e os conhece a todos, mais talvez não queira metter a justiça em casa.

Um visinho.

Pergunta-se ao Sr. commandante da fortaleza do Mont-Serrat si o africano Roberto empregado no serviço d'essa fortaleza tem autorisação de S. S. para andar á qualquer hora do dia e da noite pela rua provocando desordens e envolvido em candomblés, sendo sua morada em casa de um sapateiro á ladeira do Carmo, onde vive dando ventura.

O Curioso.

Attenção.

A Francisco Vieira morador no Matà. Tendo se me dito que V. Ex. queria prender-me, e eu como tenho familia para dar cumprimento, peço a V. Ex. que não me faça este mal, e queira fechar os olhos a este criminoso; não querendo porém attender a este meu pedido acho bom cumprir os seus intentos.

Disseram que V. Ex. disse que eu era devedor de cincoenta mil réis ao Sr, Telles e que esta a rasão de minha prisão. Então será favor V. Ex, responder, si está o Telles pago, ou não para com a resposta eu da-lhe a explicação pois está me parecendo que do seu diccionario falta a maior parte das folhas!..

De V. Ex.

José Macario d'Oliveira.

ANNUNCIO.

200$000

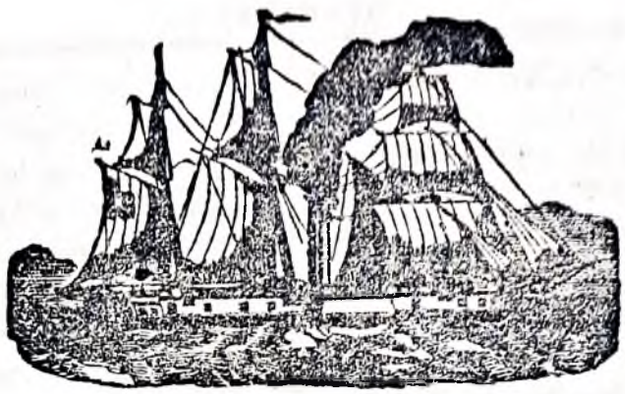
De gratificação se dão a quem achar e entregar a seu dono uma pulseira de ouro e esmalte asul, cravada de pedras, que foi perdida na noite de Quinta-feira Santa na egreja do covento de S. Francisco ou na Ordem Terceira, ou no transito d'alli até a quina da rua do Bispo na rua Direita do Collegio Pode ser entregue no largo da Piedade, casa que faz quina com a rua da Forca ou na rua direita do Commercio casa n. 36 1. andar por cima da sobre loja.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.ª BAHIA 2 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 129

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 11 a 15 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

. Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de outubro de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado da Conceição da Praia, pedindo-lhe que mande trancafiar na Correcção uma mulher conhecida por Mariquinhas do Marinho, a qual é origem de innumeras desordens, naquella freguezia e ainda na noite de 29 em companhia de um soldado de cavallaria conhecido por Paulista, pôz a rua das Grades de Ferro, em estado de anarchia.

—Ao Sr. subdelegado da Sè, pedindo-lhe energicas providencias contra os grupos de desordeiros que infestam essa freguezia nas noites de sabbado, principalmente da rua Direita de Palacio atè o Terreiro, provocando desordens, apupando quem pacificamente passa, e quebrando janellas; sendo que neste ultimo sabbado, como pode S. S. informar-se dos moradores das ruas da Misericordia e Atraz da Sè, o escandalo tomou proporções gigantescas, sendo a causa unica de tudo isto as muitas casas de *mocotó a' meia noite*, as quaes, a continuarem, darão em resultado algum caso lamentavel.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que và ao largo de S. Pedro Velho acompanhado por quatro guardas policiaes, para agarrar uma sucia de meninos vadios que alli se ajuntam a insultar a quem passa e a jogar pedradas, e os remetta ao Sr. Dr. chefe de policia, afim de que elles tenham o convepiente destino. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Alguns officiaes de justiça, representando contra o procedimento de diversos procuradores do fôro, que recebem o dinheiro das partes, deitam-o no peito, e se negam a pagar o trabalho daquelles.—Especifiquem os nomes para se dar as providencias.

—Que motim é aquelle defronte da guarda da Ribeira?

—E' um cadete-sargento do 9.º batalhão, e o soldado do 10.º Manoel Gomes Ventanilha, que estão a espancar a um tal Leopoldo em casa de uma meretriz de nome *Pasquinha*.

—Admira que estando a tropa estas noites de promptidão nos quarteis, estejam aquellas praças alli a dar pancadas.

—O soldado está de guarda na Ribeira.

—Porque não vão chamar o subdelegado para dar providencias?

—Já foram. Mas dizem que elle respondeu que estava *incommodado*, e que si o homem morresse tratassem de o interrar, o que eu não acredito.

—E' impossivel!

—Agora foram chamar o Dr. delegado, que diligente e energico como é, não pode tardar.

Filho de peixe è peixinho.

O que prega este padre immoral?
Elle canta porêm não entôa....
Sempre mostra que è filho de padre,
Padre Amaro que não tem corôa.

Tem quigilla co'a *imprensa miuda*
O maluco, da imprensa bistrião,
E por isso ao *Alabama* que odeia
Fulminou a tenaz maldição.

Alabama, porém, *Tempestade*,
A *Catana* co'a *Critica* e *Gaz*;
Certos gazes que estouram por baixo
Stão soltando p'ra o *lindo* rapaz.

Esquecido não fique o athleta
Dessa imprensa, o Sr. *Patriota*,
Que *borrara de verde* o padreco
Im noral, impudico idiota.

Ora và, pregoeiro de borra,
Para a escola aprender a lição;
Pois quem lava a cabeça de asno
Perde o tempo, o trabalho, o sabão.

—Como está aquelle sujeito embborrachado!

—E onde vê é um official do exercito.

—Quem lhe disse? Si fosse militar estava fardado, e não de paletot.

—Elle é quem o diz.

Sahio à *deboche*. Esteve se recreando em casa da *Pão com manteiga*, onde o muito calor que soffria na *cabeça*, fez com que elle fosse tomar um pouco de ar naquella porta, e ao fresco da brisa adormeceu. Aquelles dous importunos soldados de policia intenderam que deviam despertar o homem do placido somno em que estava e elle pagou-lhes essa insolencia com uma boa dose de bengaladas.

—Então a patrulha apanhou?

—E muito.

—Que miseria!

—Mas si o homem embravecido estava a bradar como um possesso que era um alferes! Os soldados tiveram escrupulo de prender seu superior, e por isso apanharam.

—E o que tem si o s ... homem estava ebrio e a proferir palavras immoralissimas! e depois não estava fardado....

—Mas os soldados tomaram brio, vieram segunda vez, derão voz de prisão ao sujeito, e remuneram-lhe as bengaladas com boas espadeiradas.

—Mas não o levaram preso, tanto que elle ainda está a vociferar.

—Porque vieram soldados de linha que a isso se opposeram, e dous não podem resistir a tantos.

—Quem è o tal alferes?

—Não sei, dizem que elle è um *heroe*, que tem *feitos a* allegaros quaes muito o recommendam á moralidade publica.

—A que batalhão pertence?

—Elle disse que era do 10.°, mas eu não juro, mesmo por que o homem não está em seu juizo.

—Como está a freguezia da Sé anarchica!

—Na rua das Campellas garrafadas e cacetadas. Na Rua Direita do Collegio gritos de el-rei, bofetadas, gritarias e o diabo. Atraz da Sé e Rua Direita da Misericordia immoralidades, insultos, pedradas e desaforos.

—Não vê que è noite de sabbado?

—Ah é verdade!

—Novidade no systema planetario.

Dous eclipses a um tempo!

—Anda sempre o Sr. a descubrir *mel de pau*.

—E o Sr. parece-me que tem pancada na bolla.

—Por que diz isso?

—Porque descubro sempre no Sr. má vontade d'ouvir-me.

—O Sr. parece-me que está soffrendo das hemorrhoidas...

—E o Sr. das algibeiras. Quer brigar?..

—Não; com tanto que o Sr. me traga a *realidade* dos assignantes do *Alabama*,—é tempo de festa, e a rapaseada quer dinheiro para o Natal, e Bomfim etc.

Vamos a eclipses, quero ouvil o.

—Um eclipse annunciado pelos astrologos, mathematicos e petalogicos—è do sol.

—Ora isso é mais velho do que a serra do Aporà.

O outro?

—Eclipse theatral.

—Homem, vão reprezentar ás escuras os artistas do theatro S. João?

—Não é por elles.

—Então é o governo?

—Qual! o governo vê-se *atrapalhado* com os eclipses do gaz nas ruas, quanto mais no theatro.

—O Sr. é todo *mysterioso*, suba o panno e apresente o espectaculo em *scena*.

—Um dos partidos, não sei qual delles, dizem,se prepara a fechar o registro do gaz, e apagar as luzes do theatro.

—Bom; porque quem tiver sua namorada approveita a quadra do eclipse para dar-lhe uma beijoca.

—Fui no domingo ouvir a missa das 11 na Mizericordia, e encontrei o sachristão de vassoura na mão varrendo a egreja, e um velho a gritar com elle.

—Embirrancias do Borges.

—Então os sachristães è que varrem agora a egreja? Que fazem os africanos livres escravos da nação?

—Não sabe que emanciparam-se?

—Bem bello! Pessim os sachristães a substituil-os!

Quadros para a historia natural

Uma *rapoza* que *devora* os frangos de um *gallinheiro* episcopal.

—Ouviu fallar n'um negocio de contrabando?

—Não. Conte-me isso.

—Um caso bem *simples*.

—Alto lá! quando fallar em *simples*, muito cuidado, não quero que o Sr. Sete Simples intenda que é com elle, e se agrave; depois não estou para andar na carreira.

Olhe o Gravata.

—Qual gravata! Si arrependimento salvasse, elle estava salvo,

Mas como ia dizendo, um honrado homem, levava no bolso alguns brilhantes que esqueceu-se de despachal-os e pagar os direitos com o que vinha perder a fazenda uma bagatella. Alguns rabugentos intenderam que deviam fazer daquillo cavallo de batalha,e internaram o caldo!

—Não quer dizer nada!

—Que faz tanto povo apinhado alli nas Portas do Carmo?

—E' a audiencia do juiz especial do commercio.

Corre alli em praça uma pobre rapariga escrava, para liberdade da qual deu a mãe da mesma 1$ rs. sobre a avaliação. Mas dizem que o Sr. Calombreiro pertinaz em captival-a já lançou 1oo$ rs. mais sobre o preço porque foi avaliada.

—Está no seu direito, o Sr. Calombreiro,

—Pode fazer até mais.

—O theatro transformou-se em *Hospicio* de Pedro 2.º, vai cada vez a *melhor*.

—O Sr. agora havia de dar para *chronista* de theatros! anda a maçar-me com Leolindas, e Manuelas, *caide* em outra vida, meu charo, quanto a theatros temos conversado.

—Ouça sempre:

O espectaculo de sabbado esteve *divertido*, muito *divertido*, e *divertidissimo*; quatro comedias d'um acto, intervallos mui bem *preenchidos*, muita algazarra, traques de massa, bombas, paschins, rolos e *rolhadas vivas* e *morras* e palmas a granel.

Uma pequena ainda principiante, que representou na comedia—Zuavos—teve ovações freneticas—nem Emilia das Neves a ganharia nos applausos!!

—Mas não quiz agradecer, diz ella, porque as *palmas* estão mui baratas no mercado theatral.

—Acho-lhe rasão de sobra—tussa quem tem carapuça; adiante.

—O partido Leolindista tocou ao apogêu de seu *exaltamento*; na noite de 29 fizeram *limpa* nas platéas e despeitado como está, dizem, tencionava dar uma pateada tremenda na Manuela, no *Phantasma Branco*, atirar-lhe em scena traques de massa, capellas de capim, paschins, e afinal achou-se em *branco*.

—Como?

—O empresario que *encherga* longe, trocou as bolas, mudou o espectaculo e a Manuela ficou com parte de doente no quartel da saude.

O resultado de tudo isso foi que os Leolindistas *furiosos* depois de rascarem muito e estorvarem tudo com leituras de jornaes e vaias desrespeitandoas authoridades, e perturbando o socego das familias que lá se achavam, e retiraram em *debandada*.

—E o que fez o partido Manuelista?

—O Sr. parece-me que é Leolindista, principia já ridicularisando os Manuelistas.

—Quem lhe disse! foi um lapso de lingua, a pequena elipse de um —u— nada mais. Eu não quiz ter-me nestas criançadas e patifarias seria bonito! prosiga Sr.

—Os Manuelistas ficaram no seu posto: arrotaram muita valentia muita *basofia*, muito *barulho* de lingua; ao depois se despicaram em applaudir—aos artistas que representavam.

Findo o espectaculo se estenderam em linha de batalha, e se dirigiram em marche-marche para Barra afim de guardarem a caza da Manuela, que corria risco n'esta noite de ser invadida pelos Leolindistas.

A's 2 horas da manhã voltaram, quebrando vidros e vidraças

—Meu amigo, estou de bocca aberta ouvindo as façanhas dos Hectores e *Achilles*. E a policia o que fez?

—Fez o que costumam fazer todas as policias da nossa terra.

Si ella comprisse com o seu dever os *partidarios* ha muito se arrependeriam de seus *desfructes* e estaria terminada similhante patifaria.

—De que forma?

—Prevenindo o mal, e cortando-o pela raiz.

—Indique o meio.

—Ou fechando as portas do theatro, ou trancafiando no chiqueiró da policia os exaltados imprudentes d'ambos os partidos.

—Muito bem: fallou como um deputado de côrte, seria uma felicidade para o publico.

A PEDIDO

O abaixo assignado, tendo lido uma correspondencia no *Jornal da Bahia*, de 25 do corrente, assignado pelo Illm. Sr. Dr. P Botelho, em que trata do nome do abaixo assignado como official de justiça; vem declarar que, o referido não é official de justiça, e sim trabalha no Forum, agenciando algumas causas, como procurador.

Bahia 27 de outubro de 1864.

Eduardo de Abreu Contreiras.

Pede-se a um furriel de artilheiros que está na ala esquerda da *linha*, queira pagar o importe da farda ao pobre alfaiate, por não o ter querido fazer, e agora indo se lhe pedir a importancia diz que a obra não presta tendo achado do seu gosto quando recebeu.

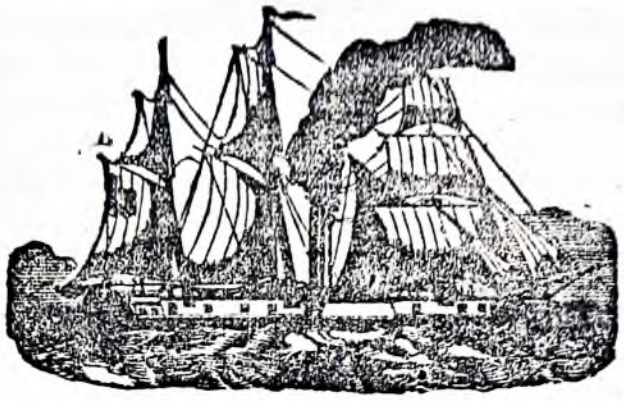
ANNUNCIOS.

O theatro de Latronopolis vê-se obrigado a contractar uma *actriz* que tenha o *TALENTO ROBUSTO e delicado* da *grande* Leolinda.

NOVIDADE.

A tomada do vapôr *Florida* no porto da Bahia na madrugada do dia 7 de outubro, uma rica vista tirada por fóra da fortaleza do mar, discrevendo todo o acontecimento, preço 1$000 cada exemplar, estão a venda na livraria do Sr. Francisco Queirollo rua nova do Commercio.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.ª BAHIA 3 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 130

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de novembro de 1864.

Officio á camara municipal para que mande fechar um buraco enorme que ha na rua da Larangeira, o qual, na noite do 1.º do corrente, engoliu uma mulher velha que passava e que foi dalli tirada por algumas pessoas que tambem passavam.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, para que mande ao Gravatá, venda n.º 3, dispersar um grupo de pessoas que alli vivem a insultar ás pessoas que passam.

—Amigo, diga-me, que egreja è esta?

—E' o Rosario.

—Porém detenha-se, o Sr. não pode passar daqui.

—Então, porque?

—Porque quem está de jaqueta, não pode passar das grades para cima.

—Então na casa do Senhor tambem ha distincção?

—Não sei. A ordem que tenho è esta.

—Quem lhe deu esta ordem?

—O padre João.

—Não lhe creio.

—Pois então leia aquelle letreiro.

—Tem rasão.

—Roubar, isto é furtar, fazendo violencia á pessoa ou ás cousas; penas de galés por um a oito annos. (Artigo 269 do codigo criminal)

Não sou jurisconsulto, mas diz-se geralmente que o crime de roubo è um crime publico.

Si é. .....

Wenceslau foi preso por crime de roubo em flagrante (diz o *Diario*); foi encontrado com o roubo pelos moleques, que, como diz a *Crìtica*, fizeram de policia; logo a justiça devia accusal-o e talvez o accuse, quem sabe?

Mas si ainda não o accusou, si o tem de accusar, sentido, Srs. da policia!

Wenceslau já está vendido ao Sr. Constantino José Gonsalves para ser embarcado para fora da provincia, si ja não embarcou!

—Mas como? quem lhe disse?

Não é possivel!

—Examinem, Srs!.....

—Oh! isto aqui está cercado! uma rua por onde tantas vezes passei!

—Homem, é verdade; este beco ia dar no angradouro; principiava daqui entre a

caza do Bolcão e a do José Manuel d'Amorim e acabava lá.

—La, onde?

—No Sangradouro.

—E a camara não vê isto? Não vê que quem quer que seja quer assim, tão escandalosamente, prejudicar o publico?

—A camara está a concluir-se; ou não dá cavaco com o que vê, ou então nada vê.

—Grande Deus!

Guarda-marinha, faça o possivel para que despertem as pessoas encarregadas de velar pelus beneficios e interesses publicos.

—Tenho bem que trabalhar!

Despertar um dorminhoco, fazer ouvir um surdo!...

E esta?!.....

—Capitão, esta é galante!

—Galante o que?

—O Bigode de ferro está como um tigre por ter eu dado parte a V. Ex. de sua justa quebra.....

—E quem te disse?

—Um intimo amigo delle, o tenente Pato-molle.

—Então o que te disse esse bobo?

—Disse-me, capitão, que não tinha eu obrado bem em dar parte a V. Ex. da quebra de seu commandante; porque eu bem sabia que elle è brazileiro, e que melhor está no caso de se arranjar, do que muitos estrangeiros que no commercio se arranjam por meio das quebras; quanto mais tendo elle a seu favor seu genro que de combinação se apresenta para arrematar a massa com 90 o/o de prejuizo a seus credores!...

—Passa!.... isso é de mais!.....

—De mais o que, capitão?! Juro, é verdade, contou-me o mesmo Pato-choco ou Pato-molle, que as maiores despezas de seu coronel-tenente provinham de sua segunda familia.....

—De sua segunda familia!! pois elle a tem!

—Ora si tem, capitão: a vista do que me disse o tal Pato-molle, é uma moça que mora na rua dos *Marchadores* e que ha pouco deu à luz um perfeito menino para successor da gerarchia!...

—Pelo que me contas, é um bom amigo o tal Pato-molle ou Pato choco, como ha pouco o chamaste; e como estou agora nas minhas horas vagas e com pachorra, vai dizendo mais o que sabes; porque gosto muito de observar e colligir couzinhas vans.....

—Então, capitão, contar-lhe-hei mais o que ouvi do sobredito Pato-molle ou choco:

Disse-me que para ajuda de custas tinha entrado seu commandante Bigode de ferro, nas ultimas eleições, e gasto com ellas além de avultada quantia, abonos de letras ao *Pequeno Porco* para compra de farinhas!

—Farinhas para o que? para porcos?

—Não, capitão, para bolacha e pão.

Olhe, elle deu por vezes ao alferes Espalhares não pequenas quantias para compra de chapas. Ao papa-gatos deu o Bigode de ferro, para fazer o papel de judas na eleição, 300$rs. e não 200$ como se tinha espalhado, e para compra de chapas, despezas com roupas e calçados para os votantes pobres da freguezia mais de 600$rs.!

—Qual ! isso não pode ser verdade!

—Mais que verdade, capitão! a prova está n'este pedacinho que lhe vou contar por ultimo:

O mesmo Pato-choco ou molle, foi portador da quantia de 40$ rs. que lhe deu seu commandante para entregar a um imbirrante, porque não queria ir á egreja votar sem essa quantia para compra de seus arranjos de roupa etc, tanto que o tenente Patinho de raiva passou de ave á fera, porque o tal cujo se apresentou na egreja com paletot e calça velha suja, calçado em um bom chinello a par do amigo que servia de intermediario na transacção da chapa! A' vista disto capitão, o que me diz?...

—O que hei de dizer? Que estas cousas me fazem pasmar, e assim não quero nada mais ouvir por agora.

—A's ordens, capitão.

—Dize ao guarda-marinha pedestre Guilherme, que conduza esse commandante à minha presença; quero lhe ver os bigodes e ajustar com elle contas.

—Ora na rua dos que tem ouro ha um lavador de chapeus vindo de *Braga*, que è galante.

—Como? bonito? svelto? engraçado, airoso, galanteador?

—Qual,capitão, nada disto; o que o sujeito faz é lavar chapeus e a quem lh'os dà a lavar, dá uns bilhetes que dizem ficarem elles perdidos, si os não forem buscar no praso de 60 dias.

—Quem me avisa meu amigo è.

—Mas é que o magano que marcou dia para se ir buscar um chapeu não o deu no praso marcado, e adiou.

—Quer dizer que o homem quer completar os 60 dias?

Não è crivel.

—Não, tal não digo, mas o que é certo è que o sujeito é da schola do Fr. Tho.. maz, fase o que te mando e não o que eu faço.

—Espichou-se: si bem o prega melhor o faz.

—Quinau dobrado!

A ordem é de S. Raymundo.
Põe em Deus os olhos.
E as unhas neste mundo.
—Retire-se, malevolo, maledicente!

LA VAE VERSO.

Xentes, o que ha de novo
Em nossa infeliz Bahia?
O *Wassuchet* voltou,
Ou temos epidemia?

—Nada, nada, foi *saraiva*
Que cahiu com temporal;
Estragou o Guanabara
E á Bahia fez mal.

—Fez mal á mulata velha?
—Ao contrario a desprezou
Depois do *dote alcançado*
No engenho se encafuou.

E na cara deu co'os pés
A quem alto o elevou.
Saraiva veiu da *Plata*,
Onde só *plata* o levou.

Na Plata aprendeu o moço
Que ao mundo rege o dinheiro;
Deixa ir o partido á vella,
Falle embora o mundo inteiro.

Que importa digam vermelhos
Que o homem aos seus trahiu?
Saraiva será bom chefe,
Por chuva do ceu cahiu.

Tiroteio.

Um caso novo se deu
Que recorda antiguidade;
Chuva de pedra de ouro
Na Plata, mas não em grade.

Cabelleira, teu juizo
Onde o deixaste, doutor?
Ainda assignas decretos,
Por ordem de teu mentor?

Um *mocetaõ* cabelleira,
Por mestre um *calvo* tomou;
Mas o calvo era o discipulo
Que no velho confiou.

A PEDIDO

Uma pergunta innocente á um namorador das tres.

Pergunto-se a um viajante chegado ha pouco do Rio Grande do Sul (em dezembro de 1862) si faz tenção de cazar-se com todas trez moças com quem namora, uma na rua do Tijollo, outra no Rosario de João Pereira e a outra ro Arial de Cima, onde mora o mesmo ha pouco tempo.

—

Namorando todas trez,
Só com uma ha de cazar
E pelo que ouço dizer
E' com a menina do jantar.

Por ser namoro de dois annos
E' que dizem ser com ella;
Eu sei com toda certeza
Que o menino gosta della.

Tirada esta consequencia
As duas levam taboca,
Desde já vou prevenir
A Naninha e a Janoca.

O aza preta.

Sr. Antonio, vá á casa do homem que *arma* e faz caixões pagar as despezas do enterro de seu filho que já lá se foi á mais de um anno, e Vm. veja que não é com grosserias e malcreações que se pagam dividas, mormente quando o credor tem esperado com paciencia de Job que o Sr. receba o dinheiro daquella letra que diz seu irmão lhe deixara, do contrario, pedirei ao guarda marinha que mande o muxingueiro passear por defronte do chafariz no Guadelupe Vm. parece que me intende.

Zézé

Attenção, attenção.

—Ora nunca se viu maior desaforo!

Um ladrão reconhecido, um juiz venal, corrupto, prevaricador!

E tolerado!

Governo do Brazil !.....

Governo do Brazil !.....

Pois aposentou-se desembargadores, aposentou-se ministros do supremo tribunal de justiça, e só não se aposenta os juizes de direito!

Nem os accusados pela voz publica, a qual, unanime, os aponta como os miseraveis que recebem dinheiro por qualquer sentença!

Como os indignos que se vendem aos proprios negros africanos!

Como os jogadores perdidos, cujo ultimo recurso é vender a dignidade, a consciencia e a honra!

Si mais uma vez receia-se invocar o *bem publico, o salus populi suprema lex*, nomeiem a esses miseraveis para chefes de policia do inferno por ex., como dizem que dizia o Dr. Romualdo.

Si acceitarem, terão uma pena, farão longa viagem, terão grandes incommodos e serão logo depois demittidos, ficarão avulsos.

Si não acceitarem, a ultima pena é sua, ficarão tambem avulsos, e as provincias e o povo brazileiro livres de similhante praga!

O juiz a que nos referimos é geralmente conhecido como um venal; todo tratante appella para elle, por contar com a sentença em seu favor, comprando-a.

A vida e a propriedade d'um cidadão entregues a um vampyro desses... bem vê S. Ex. o Sr. ministro da justiça que não é possivel.

A voz publica.

ANNUNCIOS.

Relojoeiro.

Januario de Amorim Vieira declara que abriu a sua caza de trabalho á rua dos Ourives n. 4 1.º andar. Aprompta todo e qualquer elogio com brevidade de tempo e por preço commodo.

No dia 13, ou 14 do corrente fugiu do abaixo assignado a sua escrava, mulata de nome Bernardina, com os signaes seguintes: altura regular, magra, cara redonda, pés pequenos e secos, cabellos annellados cortados á tesoura, ultimamente, já um pouco crescidos, olhos grandes e pretos, tem duas cicatrises no pescoço (do lado esquerdo) com falta de dentes no lado de cima, costuma mascar fumo, e com quanto seja moça com tudo parece ser idosa, levou vestido, saia de chita acabocolada, panno da Costa inglez com listas azues e brancas, lenço de chita na cabeça, tudo já usado; consta que tem sido vista, pelo Saugradouro, Mercês, Gamboa e Afflictos, quem a prender e leval-a ao trapiche Barnabé, ou ao armazem do Sr. Manuel José Antunes á Praça do Commercio, sera recompensado.

Bahia 24 de outubro de 1864.

João Martins da Silva.

Ama de cosinha.

N'esta typographia se indica uma de excellente conducta.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.ª BAHIA 5 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 131

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latrocinopolis, bordo do *Alabama* 4 de novembro de 1864.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá à rua dos Ourives n.º 2 e procure um Sr. Braga que lava chapeus, e faça-lhe observar a inconveniencia que ha com a falta de pontualidade nos seus tratos, visto que dando um dia certo para se ir buscar qualquer chapeu que lhe dão para aprromptar, nunca os cumpre, obrigando à que se vá alli com notavel incommodo, quatro, cinco e seis vezes, ao passo que marca um tempo para se perder o chapeu, não se indo buscar, podendo bem succeder que nestas demoras se complete tal prazo e venha o freguez a perder o seu objecto, o que de maneira nenhuma pode continuar. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Alguns meirinhos queixando-se do prejuizo que soffrem pela usurpação de certos escrivães que assumem a si os misteres do officio daquelles como sejam citações, intimações etc, além de ser pouco compativel com a posição destes.—Uzem dos meios competentes.

—Ora, capitão quem mais vive mais vê.

—Que houve?

—Cada vez vez apparecem mas episodios da vida do milagroso São Calombreiro.

—Olhe; fallou-se um dia destes em Calombreiro, dizem que é um sujeito da Bahia e eu não quero complicações.

—E' que este tomou o nome do santo, que V. Ex. bem vê que não pode ser o mesmo, porque o santo para ser santo foi preciso que morresse.

—Bem.

Eu bem dizia á V. Ex. que S. Calombreiro tinha um coração angelico. Pois o santo não perdoou a uma cunhada uma divida de trinta contos de reis, só recebendo os juros que eram cinco contos!

—Ca, ca, ca, ca. ca!

—Sim, Sr.! Por pedidos da familia, dos parentes, da cunhada!

—Que patife!

—Patife?! Sim, Sr.

—E' o que eu digo.

—Não zombe; perdoou sim, Sr.

—Ca, ca, ca, ca, ca!

Homem, o Calombreiro é santo novo, de nosso tempo, de pouco tempo quero dizer, creia em Deus que é santo velho.

—Ora deixe-me, capitão!

E si eu contar a V. Ex. que elle livrou uma vez uma criasinha da perdição?

—Serio?

—Serio sim, Sr.

—Dizem que elle roubou a uma porção de parentes, calumnia horrivel! e que ten-

do de ir à praça os bens dos roubados foi uma pequena escrava que a mãe quiz libertar.....

—Isto é o que sahiu na minha folha official.

—Não, Sr, aquillo è um facto identico; e a coincidencia do nome revela apenas que quem tem tal nome é um beatatão dos seiscentos.

Mas, como ia dizendo, a mãe da menina cobriu a avaliação com dez tostões.

Ora faça ideia. Libertava-se a menina, mal educada, atôa, aos trambolhões e mais uma alma para o diabo.

—Que fez o santo?

Cem mil reis sobre a avaliação.

E além de livrar uma menina do *mau caminho*, satisfez a vontade de Deus que amaldiçoando a Cham, quiz que fosse sua geração escrava.

—Foi o primeiro que metteu dous proveitos n'um sacco, ou tres....

—Tres como?!

—Cale-se! Ouça o resto que é meu.

Esse beato, esse santarrão, esse hypocrita, cujas virtudes pode V. exaltar quanto quizer, tinha familia como V. mesmo disse.

Pois havia um namoro escandaloso n'uma egreja onde iam ouvir missa; certo *doutor capitão* andava de aza cahida por uma das filhas do santo e quanto desfructe imaginar-se pode elle com ella dava, principalmente *sendo* com uma *roza*.

E o santinho, tão bom sectario da Biblia, consentia nisso, quando diz a Biblia:

« Ai daquelle por quem o escandalo vem ao mundo! »

—Si o santo ignorava!

Absorvido nas suas meditações e orações, todo seu pensamento era em Deus.

—E esta agora?

Em certas tardes ia á uma taverna na rua em que havia *rozarios* e onde morou o João Pereira e chupava a valer.

—E o patriarcha Noé, capitão!

—Pois, como Noé bebeu, beba tambem, e venha bebado para bordo, que fallaremos.

—Então não ha um numero certo para requerentes do foro?

—Dizem que sim; tanto que tirando certas pessoas provisão de procurador deixaram de tirar a de requerente, por não haver vaga.

—Pois, meu amigo, hoje no foro requerente é formiga, é praga.

—E' preciso pedir-se providencias ao Exm. Sr. presidente da relação.

—Oh! a relação è republicana!

—Porque?

—Não deitou illuminação pelo fausto cazamento de S. A. I. a Serenissima Sra. D. Izabel com S A. R. o Sr. Conde d'Eu, marechal do exercito, gran-cruz de todas as ordens brazileiras.

—Falta de dinheiro ou de velas.

—Verdade è que acabou-se o sebo, que foi todo empregado no costado da *D. Januaria*, isto è a corveta, para poder ligeira seguir viagem.

—Tomou posse da presidencia o Luiz Antonio, 3.º vice presidente.

—E o Saraiva?

—Aquelle figurão!... descer de sua dignidade para ser presidente de provincia! um ministro duas vezes! um fazendeiro! um senhor de engenho!

—E não tem talento? Não se falla tanto nisto? Não é da liga? Como a desampara? Como a deixa assim?

—Politica.

E quanto ao talento, como è tempo de safra, foi applical-o no engenho que lhe rende mais do que a nação, em cujo solo dizem que correm, mas não correm *rios de prata*, e cujo céu não deixa cahir *saraivas de ouro*.

—Este mundo, está perdido! E' por estas e outras que he tantos castigos!

—Ja vem Vm. com superstições. Si o mundo está perdido encarregue-se de indireital-o.

—Não sou palmatoria do mundo.

—Então cale-se.

—Mas ás vezes vê-se cousas, que fazem um homem ficar horrorisado!

—O que viu Vm?

—Um homem *salvador* que não salva ninguem, filho de um *Borges* natural de *Barros* que quer reduzir a sociedade aos tempos primitivos.

—Como, homem?

—O homem é pouco escpuloso e viver o

em commum sem a menor ceremonia com a irmã, como viviam os innocentes Adão e Eva no paraizo terreal, em signal de amizade fraternal.

—E Vm. viu isto?

—Mas viram os agentes de policia que foram à casa do cujo na rua das *Laranjas*. E si V. Ex. duvida, mande chamar o Marçal n eirinho que sabe isto de fundo.

—Sua alma, sua palma.

—Que faz tanta gente apinhada alli no Cabeça?

—Uma desgraça que succedeu.

—Que foi?

—Uma rapariga que precipitou-se da sacada.

—A rasão?

—Dizem uns que em rasão de maus tratos que lhe dava a senhora. Outros porèm dizem que a mà indole da rapariga deu origem a semelhante catastrophe.

—A policia que indague.

Depois que vier a parte daremos as providencias.

—As obras da camara são engraçadas. Faz e desfaz se p'ra tornar a fazer-se.

Calça se e descalça-se.

—Isto denota zelo na execução dellas.

—Não cassue.

O que eu julgo é que a camara no proposito de dar que fazer aos operarios, manda desmanchar as obras para fazel-as de novo.

—Como?

—Não vê a rua Direita do Collegio, calçada ultimamente, se concertando outra vez?

—Ora isto são pequenos reparos. Aperfeiçoamentos na rua para aformoseal-a.

—E o que fazem tantos engenheiros, administradores, feitores, encarregados, marcadores, etc., que não dão uma direcção regular á obra afim de evitar isso?

Si para arrumar pedras nas ruas dão-se irregularidades destas, o que será n'uma obra de circumstancia?

—E o Sr. que hade se metter em tudo!

—E' verdade. O melhor é deixar as cousas ir como vão.

—Vamos dar um passeio à Moritiba pela estrada de ferro.

—Vamos.

. . . . . .

—Estamos na Plata-forma. Que é aquillo? é o engenho do Dr. Balthazar? Tão pequeno!

—Não, é a estação.

—Cheia de sacos de assucar!

Não ha logar para os passageiros sentarem-se!

—São sacos que vão para o Cabrito.

—Si não è engenho, è trapiche; eu tinha rasão.

Bem bello!

A estrada de ferro vae em progresso!

—Daqui á Moritiba quatro leguas e meia.

. . . . . .

E são quatro horas! nada de chegar o trem!

Logo em que dia viemos nós! 31 de outubro!

—Dizem-me aqui que demorou-se o trem por assim ordenar o chefe, em vista de ter ido preso o foguista do vapor!

—E viva a patria!

A PEDIDO

Roga-se a um Sr. tenente que está em *segundo logar* e cujo nome tambem se pode escrever com as letras C. E. F. G, para vir á rua do Tingui, pagar a quantia de 18$000 rs. que deve ha mais de um anno; si não o fizer no pra-

so de tres dias, verá seu nome por extenso.

Bahia 4 de novembro de 1864

Don-dom para que dá passagens para o 10 a praças que não estão no caso? será por ordem superior? não viu o aviso do ministerio da guerra que manda receber do 10 só os casados e como Vm. está a receber solteiros, e até sargentos e tenentes para serem rebaixados por não haver vaga, abusando assim das ordens do governo imperial?

Ora vejam como arrotam estes fanfarrões e dizem que são cumpridores das ordens de seus superiores.—Valha-me S. José das Silveiras!

Attenção, attenção.

Uma questão criminal pende da decisão de certo magistrado. . .

Daqui, da capital, da Provincia, do Imperio?

Do Imperio provavelmente, da Provincia talvez, da capital.... . não direi..... não sei !.....

Mas a questão pende da decisão do cujo.

O cujo é.... ora sei lá o que è ! Chamam-no infame, immoral, prevaricador, venal, ladrão. Não sei o que é.

Sabem o que dizem?

O commercio, a industria, a litteratura, os proprietarios, todos emfim; A VOZ PUBLICA?

Dizem que como são os criminosos homens ricos, a sentença será a seu favor.

Não pode ser.

Apezar de que.... falla-se n'uma lettra de 3:000$ e mais outro tanto de luvas.

Ora isto não cabe no possivel!

Mas emfim....

Veremos, veremos.

A voz publica.

O professor da freguezia de Maré, João Francisco Regis, pede á redacção do *Alabama*, cujos membros nem conhece, o favor de declarar si teve elle alguma parte na publicação que sahiu a 25 de outubro com o titulo de—Pergunta sem malicia.—Bahia 2 de novembro de 1864.

João Francisco Regis.

Declaramos solemnemente que não.

A Redacção.

ANNUNCIOS.

Lucindo Antonio Quirino, filho e herdeiro do fallecido Quirino Antonio, declara que está inteiramente conforme com a publicação feita por seu cunhado Dr. Antonio da Silva Deiró, e certo de que elle não só é o verdadeiro inventariante, conforme a lei, como tambem é a pessoa que mais garantias offerece em favor dos interesses de todos os coherdeiros, e por tanto deixe-se o Sr. João Rodrigues Germano de procurar causas perdidas —não pegam as boxas, bem se conhece procurador que procura para ti.... ?!?

Lucindo Antonio Quirino.

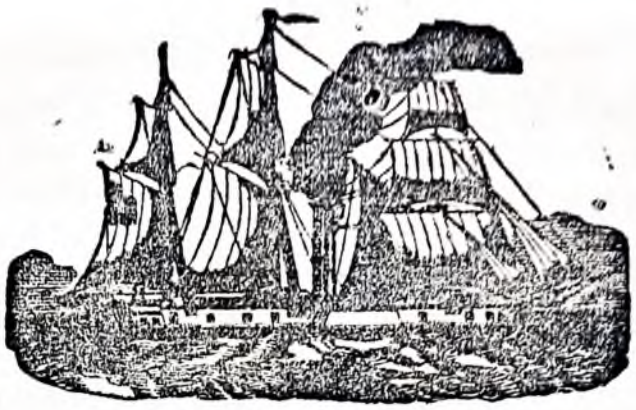
Novidade.

A tomada do vapor *Florida* no porto da Bahia na madrugada do dia 7 de outubro, uma rica vista tirada por fora da fortaleza do mar, descrevendo todo o acontecimento; preço 1$000 cada exemplar, estão a venda na livraria do S. Francisco Queirollo, rua nova do Commercio.

COSINHEIRA.

Nesta typographia se indica uma perfeita cosinheira e que tem excellente conducta.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.ª BAHIA 8 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 132

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de novembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que em dias da semana passada, fazendo-se uma escavação junto ao muro da horta de S. Bento que fica no fundo da casa do Sr. João Leocadio Vergue, encontrou-se interrada uma ossada que suppõe-se ser humana, e estar alli ha pouco tempo; e tendo esse facto passado talvez desapercebido leva-se ao conhecimento de S. S. afim de aprecial-o como intender.

—Ao Sr. Dr. delegado para que mande capturar um alfaiate, morador á Lapinha o qual pediu emprestadas vestes de theatro para levar a freiras que representaram na *Solidão* comedias e dramas.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá com alguns grumetes aos Afflictos e averigúe quem são as moças e moços que põe-se alli a dar spectaculo com suas momices e olhadellas, para remetter-me os principaes e mandar publicar os dos outros. Cumpra.

—O padre Ayres pregou nos Afflictos e renovou a Quaresma. Julga que está no meio dos cabocolos e que elle è um enviado para missões.

—Mas que disse?

—Que a egreja è casa de oração....

—Que novidade!

—E que estava reduzida a namoros, a arranjos de cazamentos.

—Si o namoro è o meio, o cazamento o fim, que a egreja santifica.....

—E que era atè uma *spelunca latronum*.

—Foi justamente o que fizeram os padres que vendem *licenças*, *licencias* e indulgencias com preço marcado.

—E quem falla? O padre Ayres!

—Olhe a responsabilidade!

—Não chama, nâo, que é para se fazer martyr; tudo soffre com resignação por amor de Christo.

—Assim como um certo por amor da mulata das farinhas, ou da de Sergipe.

—Ah! si eu pego este ultimo tratante!...

—Ja não se pode ir ao theatro!

—Porque?

—Porque os *partidarios* attacam a qualquer pessoa e a policia com suas condescendencias os açula. Ninguem está alli garantido. Ainda no sabbado, um *fidalgo*, D. Augusto, levou a gritar na porta que estava com *dous dedos de grammatica*, que não

respeitava a ninguem, provocou dentro da platea a um moço, esperou-o na porta e foi dormir em santa paz no seio de sua familia.

—Si a policia não garante, que cada um se garanta.

—Ora esta! Subi agora pelo beco do Grêlo e ao chegar em cima, dei-me com um portão de ferro trancado.

—A's 10 horas do dia?! Devia estar aberto às 6.

—Devia, e quando não devesse, devia-se ter annunciado que era prohibido passar pelo beco do Grelo.

—Quem quer que teve a lembrança é um homem todo moral, devia....

—Tanto dever!

—Devem os banqueiros, deve o estado, o verbo *dever* hoje é necessario.

—Conclua.

—Ora sei lá o que ia dizendo!

Este Brazil assim vae de mal a peior.

—Os homens *das pedras* querem fazer agua suja.

—Na Praça ha pedra em grande porção.

—Leu o *Jornal* do dia 5?

—Não.

—Diz que o vice-presidente é um terror; que houve musica para destruir a sensação sinistra que causou ao povo sua sua posse; que é Masanielli.....

—*Pescadores* são elles.

—.....que è Marat, que tem veias diabolicas, onde gira sangue de corso e mil outros desaforos que só mão de ferro póde vingar.

—Ou o muxingueiro do *Alabama*.

Repare porém que alli confessa-se que a nomeação foi *inconveniente e infeliz para elles*.

—E lembram 1837!

37 só causa vergonha (aos que tem) aos que atiraram o povo nas fogueiras, aos que arrojaram nas prezigangas, aos que o arremeçaram ao mar, depois de ter-lhe roubado tudo, patria, fortuna e vida.

—Canalha de safados!

Escrevem um paschim d'aquelles e hão de chamar amanhan ao *Alabama* de paschim, porque o remedio efficaz que tem o capitão para muita gente é a taça do muxingueiro!

Canalha!

—Moços gaiatos, petits-maîtres, casquilhos, folgazões, joviaes, *engraçados* e *farrafeiros*, vou dar-vos um aviso.

Tem constado que o escandalo pretende subir nos Afflictos

Ja ha até seus apertos de mão.

Olhae que nossa policia não dorme.

Si continuaes a andar por este caminho, VOSSOS NOMES SERÃO PUBLICADOS.

Tomae sentido, meus gaiatos!

O padre *Ayres* bem diz, a caza de Deus não è para escandalos.

Si hoje Jesus Christo não dá de corda, o muxingueiro ahi está firme no seu posto de honra.

Sentido!

Quando com quatro dias está assim, quanto mais ao concluir-se.

—Ha agora uma nova specie de namorados.

—Estão em desuso os salpresos?

—Agora estão na ordem do dia os *farrafeiros*, que outros chamam *sanctificados*; dão de olhos, e os volvem para o ceu. São duas settas a varar qualquer coração empedernido, tem a força da bala do canhão de calibre 600 que fura qualquer encouraçado.

—Ah! maganões!

Scenas de Latronopolis.

—Posso ser negro, como sou; mas felizmente levanto a cara ante qualquer branco, sem ter de que me envergonhar. E V., cadetinho das duzias, não o póde fazer, á vista daquelle major que é seu superior e que está alli á janella.

. . . . . .

—Tem de ser *caçado* para o exercito; diga que elle è um mau filho, mau cidadão, um *perdido* emfim.

. . . . . .

—Meu filho! *caçado*! porque não quiz

comer *requeijão*, de que tanto gosta o major, meu visinho! Valha-me S. *Carlos*, S. *Nery*, ou qualquer outro santo!

. . . . . .

—E isto chama-se *ligueirismo, progresso*..

—E tanto o é, que *boa liga* fizeram *requeijão* que é manteiga e azeite de *oliveira*.

A PEDIDO

O Sr. *Gis* presidente de certa sociedade poz a *união* da mesma em completa desunião com os seus discursos de diplomata das duzias!

A não ser o sangue frio da quasi totalidade dos socios haveria grandes desordens na sociedade, em virtude das maneiras *delicadas*, das phrases *urbanas*, dos termos *brandos* que S. S. emprega em relação a seus companheiros.

Pois, Sr. *Gis*, na sociedade so ha de prevalecer sua opinião? Pois ha de querer conservar um musio que a maioria repelle?

Por fim pede-se-lhe que quando tiver de presidir beba agua que é bom para esfriar o sangue e por maneira nenhuma vinho que esquenta.

O Cabrion.

Leiam e admirem

Como são tratados e qualificados pelos vermelhos do *Jornal da Bahia* n. 5382 as pessoas gradas que assistiram na casa da camara á posse de S. Ex. o Sr. vice-presidente da provincia, Dr. Luiz Antonio Barbosa de Almeida.

Vejam:

«Como preludio da completa subversão da ordem, ja vimos uma turba petulante de peralvilhos sempre dispostos a tomar parte em qualquer occurrencia, invadir o salão das recepções, formando o cortejo familiar de S. Ex., quando o foram cumprimentar os officiaes do batalhão que estacionava na Praça.

« A authoridade, que se rodeia de gente de semelhante laia, não póde ter direito ao respeito e obediencia.»

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

No logar denominado — *Dendezeiro*, — limites da armação do finado Francisco Lourenço, ha um candomblé, cujos chefes são Anna Maria, africana, de nação Angolla e um negro conhecido por pae Francisco.

Tem-se alli extorquido aos incautos os pequenos recursos de que dispoem. Assim a uma parda de nome Maria tomaram cordões e argollas de ouro, a pretexto de curarem-lhe o filho que estava com feitiço; ao portuguez Sebastião 240$ rs. para livrarem sua amazia do diabo que tinha no corpo; a uma crioula Firmiana 100$ rs. para hum identico; a Manuel Gregorio, crioulo, 120$ rs para salvação de seu afilhado Vicente; a um portuguez de nome Josè 100$ rs; a uma moça de nome Virginia 200$ rs. para arranjar um casamento; e a muitos, a todos 1$ rs., uma garrafa de vinho e uma vella para *improvisos*, mudança de falla, subida do *santo* à cabeça e outras patifarias, que bem vê S. S. não deverem continuar.

Os principaes personagens dalli são:

Anna Maria, rainha, ou mãe do terreiro; Auta Antonia Fernandes da Silva, secretaria, que foi escrava de Francisco Lourenço que a vendeu para o Rio, donde voltou liberta;—è a encarregada do *Pegi*, logar onde se acham os *santos*; Balbina encarregada de engommar a roupa dos *santos* e dos *devotos dançadores*; Maria dos Santos, cabo de esquadra que avisa às pessoas da cidade; a parda Maria, costureira da caza; o crioulo Justino, porteiro que é quem dá a guia; o pae Francisco tocador de tabaque; o africano Lino, escravo que foi de Francisco Lourenço, idem; Henrique Hilario Lapige, pardo, guarda do 4.º batalhão, idem, João Lisboa, idem; o africano Thomé, afilhado da mãe de terreiro, idem; o crioulo Batúla, escravo do Sr. barão do Rio Vermelho, idem.

Pede-se pois à S. S. que faça cessar este este escandalo, quanto antes, visto ser aquelle logar um verdadeiro abysmo a que se arrojam os *simplee*, alèm de ser um

foco de quanta ladroeira, immoralidade e devassidão passa pela mente dos *sabidos*.

Voltaremos, para esclarecer melhor certos pontos.

Um que naõ gosta.

—Capitão, capitão!!!

—Que diabo tem V. que vem correndo?

—Uma noticia de grande importancia.

—Foi o *Wassuchet* que foi a pique?

—Nao, mas é ao *Alabama* que querem metter.

—Metter aonde? nas mãos do *Mancebo*?

—Capitão. . o negocio é serio, deixe os gracejos para outra vez.

—Então desemburre-se.

—Diga-me, conhece Manuel gato;.. Manuel grongrou.., Manuel torto .. Manuel bruto?

—Ora vá bugiar: Posso lá conhecer quem è esta besta de tanto nome?

—Capitão, è o mercurio dos franciscanos....

—Mas o que tem esse bruto commigo?

—Eu lhe conto· lembra-se do facto do tal procurador, que comeu os 35% dos artifices que eu lhe dê noticia, pois o Manuel do *Gomes* achou mau e promette mettel-o na cadeia, por crime de injuria, por que diz elle ser o *mercurio* dos franciscanos—pelo que o vai chamar á responsabilidade.

—Homem deixe-me! V. só é portador de asneiras!

—Asneiras!.. Capitão previna-se.

—Mas o que quer que eu faça? Muxingueiro!

—Prompto.

—Veja umas esporas, tome um chicote e um cabresto e va postar-se ali na ordem 3.ª e assim que passar um animal castanho, manco, torto de um olho, com o pello da cabeça rosinho, monte nesse burro e o conduza para a caza do Ariani para ser empregado na conducção do capim para os outros.

—Quer mais alguma cousa Sr. *noticiador* de asneiras?

Capitão não facillite...

—Com taes brutos tomara eu sempre vêr-me.

—Sr. Piroca Baltaia chegue a falla.

—Prompto capitão.

—Então, como foi que o Sr sendo tão energico disendo estar preparado para o que désse e viesse consentiu na justificação do socio Eulalio, tendo à sociedade o demittido?

—Foi... porque... porem.

—Diga.

—Capitão, o melhor é dizer-lhe que o Sr. Eulalio tinha grande partido dentro e fora da sociedade.

—Oh! então os de fora tambem?...

—Sim, pois lhe forneceram documentos fortissimos contra um dos socios que o tinha accusado, ja vê V.Ex que era impossivel não levar avante, o caso é que quando acordei foi mais que tarde porém, bem feito me seja para eu andar mais alerta.

—Qual o resultado então?

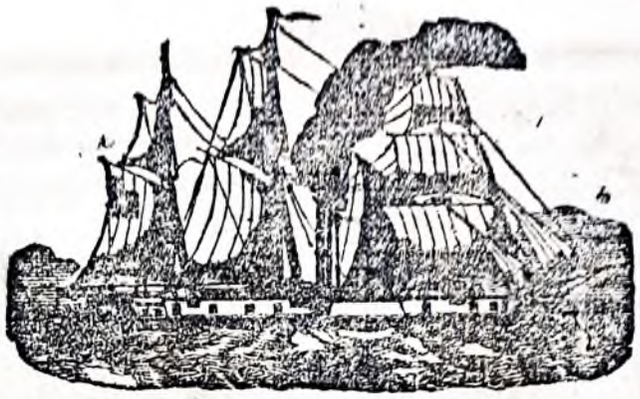
—O resultado? eu lhe explico. Depois de grandes discussões a assembléa o re-admitiu na sociedade, nós da menoria pedimos in continenti nossas exonerações, a assembléa concedeu e o elegeu presidente, sendo preenchidos todos os mais logares pelos seus correligionarios e finalmente depois de declarada a eleição o Sr. Eulalio levantou-se e disse haver terminado sua alta missão, e tomando o seu chapéu retirou-se com toda sua gente,ficando assim a sociedade entregue ás baratas, porém nós que nos achavamos ainda no recinto d'ella lavramos acta de continuarmos ainda, mesmo tendo declarado o Sr. Eulalio a dissolvição da sociedade.

—Porem os Srs. já não a tinhão abandonado?

—Sim, porèm logo que elles deixaram os utencilios da sociedade nós então deliberamos instalar uma outra com outra denominação de eterna memoria.

—Oh! isto è outra cousa porque com o titulo de 20 de septembro eu não consentirei, mesmo porque me acho auctorisado pelo presidente d'ella a fazer represalia, caso os Srs. tentem continuar com o mesmo titulo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES EC.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª BAHIA 10 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 133

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 47 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Começa hoje a decima-quarta serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latonopolis, bordo do *Alabama* 9 de novembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que no domingo, 6 do corrente, amanheceu afogada no dique uma mulher de côr preta, e consta que fôra interrada nas margens do mesmo, sem que se procurasse averiguar o que deu motivo a tão lamentavel successo, podendo muito bem ser que ande involvido nesse caso algum crime pelo que espera-se do esclarecido zelo de S. S. providencias, afim de ventilar-se si aquella infeliz mulher foi alli lançar-se por algum acto de desespero ou si como fica dito andou alli a mão de extranho.

—Ao mesmo, participando-lhe que no domingo 6 do corrente, no sitio denominado Pojuca, na estrada de ferro deram duas facadas, sem que se desse a menor providencia, assoalhando até as más linguas que houve alguma protecção para o criminoso, tanto que foi o offendido remettido para a Matta, districto differente do theatro do crime.

Portaria ao guarda-marinha pedestre-Guilherme, ordenando-lhe que vá á ladeira do Alvo, e passe a deitar a *bolla* em dous famosos cães que existem na roça denominada do conego Pereira, os quaes levam a investir e morder as pessoas que por aquella ladeira passam. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que mande orçar a despeza precisa para o concerto d'uma boca de lobo que ameaça engolir a quem passa e remetta depois a conta á camara municipal para satisfazel-a. Cumpra.

—Que bicho é este aqui nas immediações do Xixi? Será coruja?

—E' noite e perto da egreja do Pilar, bem pode ser.

—E agachou-se na porta daquelle trapiche. Estará à espera dos *ratos*?

—E' alma penada, é um neto excommungado que trahiu ao avô.

—E que faz a olhar para aquella caza? Ha na janella uma farda de official de descarga.

—E uma moça por detraz. E' sem duvida namoro.

—Muxingueiro, espanta aquelle bicho, para ver o que é.

—Com a primeira tacada voou, capitão. Não è coruja, mas è um *maçarico* encorujado.

—Que algazarra é aquella no Passeio?

—São moços de educação.

—Estudantes, não?

E quanta pedrada!

Vão por alli, pela ladeira da Gamboa, pousar no telhado daquella caza.

—De quem será ella?

—Mora alli um moço de nome Brandão.

—E como insultam uma senhora respeitavel por que canta!

—E' por que são moços de educação.

—E o que faz o Dr. Souto que não prohibe isso?

—Não ha guardas, como antigamente, e não é por tanto possivel que elle sirva de pedestre.

—Mas, a bem do serviço, elle podia requisitar força etc. etc. etc.

—Podia, mas nem tudo lembra á gente, principalmente aos politicos.

—Dizem tambem que um medico do hospital militar mette-se ás vezes entre os estudantes e faz com elles o diabo.

—Ahi está a rasão principal, a ser verdade. O Dr. Souto não pode querer desfeitear um collega. V. sabe bem que lobo não come lobo.

—Viu a lista de jurados da freguezia dos Sanhaços?

—Não.

—Traz personagens importantes....

—Está muito depreciada a importante e liberrima instituição do jury.

—Traz bebados, ladrões, safados, baderneiros e como seu respeitavel chefe o incomparavel Sr. D. Papa-gatos, de gloriosa memoria, digno sem duvida d'um tamborete em vez d'uma cadeira de juiz.

—Homem, está direito que o mundo hoje anda *ás avessas*.

—Ora, Sr. Bita!

—Que ha?

—Os 40$ rs.?

—V. não gostou da chapa batida?

—Ora, Sr. Bita! uma chapinha por 40$ rs.! 4 votos a 10$ rs. cada um.

Ora, Sr. Bita!

—E a minha roupa?

—Ora, Sr. Bita!

V. foi de chinellos, e o paletot V. bem sabe quem lh'o deu.

—Ora pedras!

(Continuação.)

—Venha ca, Chiquinho.

Então foi na *Costa* que V. aprendeu a ser tão galanteador assim? Pois a schola não foi das melhores.

—V. Ex. quer me castigar, sem rasão; não se lembra do moço que ao voltar dos estudos pedia ao creado—salis saltris para comer cum ovis miquis; esquece-se de *certo professor*, que voltando da Europa não conhecia caranguejo, e do Girame que chamava ao coco—cócris; esquece-se até do Sergio de Macedo que vindo da Estranja, e tendo de fallar n'assembléa geral, pediu que desculpassem alguns erros por estar acostumado a fallar inglez!

Não se lembra que si eu quiz casar-me segunda vez, foi porque na *Costa* o homem tem dez e vinte mulheres.

—E V. na caza do *Soares* não apprendeu o contrario?

Para que hade ser bregeiro, safado, infame.....

—Por tão pouco sou tudo isso, capitão?!

—E tua senhora, insolente! para que a desamparas?

—Ai que o homem já começa a tratar-me por—tu; mau vae o negocio!

—Dize, biltre, aquella moça è digna do trastamento que lhe dás? Para que has de estar a descreditar teus parentes, teus irmãos? Dize, safado!

—Capitão, em quanto eu ando por cá, haja-se ella por lá!

—Não tem duvida!

Nem por S. *Francisco*, isto tema mais vergonha; vou ver si algum santo da *Costa* endireita esta peste.

—Nada disto, capitão; na falta do sipó do major *Soares*, aqui tem a taca do muxingueiro!

—Não produz effeito, mas emfim, dá-lhe de rijo!

Sessenta por minuto.

—Que lorpa è aquelle que está a vociferar alli na lojinha do *Zevenancio*?

—E' o mamarrote alferes *Beriba*.

—Conheci na Bahia uma creoula vendedeira de peixe chamada Anna Beriba, será parenta do cujo?

—Pode ser.

—O que tem elle que está tão enraivado? parece-me um cão damnado.

—Brada contra os gazeteiros.

Diz que só de chicote e espada na mão para esfregar esta canalha que escreve contra seu irmão.

— Ora por S. *Simplicio*! Então o sujeito è valentão?

—Qual! é um covarde de primeira classe. No tempo em que era militar houve uma campanha n'uma terra, onde ha um *rio grande* la para as bandas do *sul* e como o batalhão a que pertencia tinha de marchar para lá, elle para não seguir arranjou com que a concubina désse contra elle uma queixa e se lhe instaurasse um processo, e dessa maneira conseguiu ficar no quartel da saude.

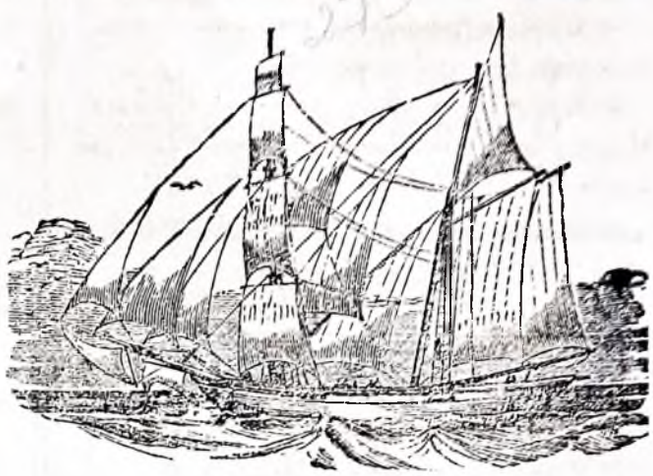
—E agora quer levar tudo à espada?

—Só si fosse alguma *cavalla* ou *cioba*.

—Porque diz isto?

—Porque vi-o muitas vezes, n'um logar que faz *preguiça* quando se passa por lá, dando preço e ajustando o peixe d'uma negra rica de quem era *caixeiro*.

—Muita analogia tem o Sr. alferes com a tal Anna Beriba! o mesma nome, andava involvido em negocio de peixes como ella etc. A differença é que um esta em Latronopolis quando a outra estava na Bahia.



LA VAE VERSO.

D. Mancebo.

D. *Mancebo* fez-se á vella,
Lá se vae o *moço* embora!
A sultana *Januaria*
La se vae por barra fóra.

O pranto nos olhos vossos,
Patricios, eu já percebo.
Choremos, inda que sejam
Por baixo prantos de sebo.

D. Mancebo ja vae longe,
Oh! que ministro cruel!
Castiga um homem que á lei
Do *eu* foi sempre fiel.

Qual a rasão desse acto
E' cousa q' eu não concebo.
Façamos frente ao *ministro*..
Descarga ao *chefe* de sebo!

O homem culpa não tinha,
O que é que vae responder?
Absolvido na volta,
Bahianos, haveis de o ver.

E então com meus amigos
De champagne um copo bebo,
Q'eu sei q'isto é patacoada,
Tudo tem do dar em sebo

Então, então, oh! que gloria,
Salva a honra da nação!
Fica outra vez a Bahia
Com seu chefe d'estação.

E todos então gritam s:
Viva, viva D. Manceb !
Q'importa q'aos nossos vivas
O echo responda—sebo?

A PEDIDO

—O' lá Sr. *Xico*, faz favor?

—O que quer, Sr, *Souza*?

—Encontrou o *Carvalho* por ahi?

—Não. Alguma novidade?

—Pois o homem não se intrigou com os vendelhões daquella rua cujo *fim* é *bom*, e promette não deixar pedra sobre pedra na *calçada*, atirando-as nos mesmos!

—Então elle está doudo

—Parece que sempre o foi.

E tanto o é, que já teve a lembrança de querer proscrever os irmãos, o que a não ser a Exma mãe dos mesmos realisaria.

—Isto não é de doudo, é de experto.

Pechincha.

Gratifica-se com 100$ rs. a quem restituir uma arrata com o titulo Alabama que cahiu á Estrada Nova na roça d'um sujeito do convento do *Carmo*, que se arranjou com a morte do coronel Felisberto.

Consta que quem a apanhou, pôl-a em leilão, onde a vendeu por 1$ rs. afim de arranjar alguns cobres para o gamão.

Paga-se toda despeza que com ella se tenha feito, assim como os estragos por ella causados.

Muita attenção.

Roga-se ao Sr. Dr. chefe de policia que lance suas vistas para a rua por detraz da camara, nas lojas, ns. 3 A, e 5 A, afim de acabar com uma sociedade reos de policia que se reunem alli, deitados na rua, fazendo algazarras e praticando immoralidades, e acabando sempre pelo maldito samba, que dá em resultado pancada velha, e prohibindo as familias de dormir em socego; isto dá-se todas as noites.

Um que naõ dorme.

Da-se uma gratificação equivalente a duas *borboletas verdes*, que certo escrivão recebeu na cloaca do forum a quem descobrir um tratante que tem por *officio vitalicio* demorar as causas, atropellando as partes e protegendo as que lhe dão dinheiro.

Bahia 25 de outubro.

O *Babão*.

ANNUNCIOS.

Pede-se ao Sr. M. C. M, homem que não *toca*, nem *canta* o favor de ir ao Caes Dourado n.º 73, pagar a quantia de 5$140 que deve desde 1860, pois quem vende fiado deseja que se lhe pague. E si não tem meios pa a pagar, aconselha se que vá sentar praça na musica de policia, com cujo soldo poderá pagar suas dividas.

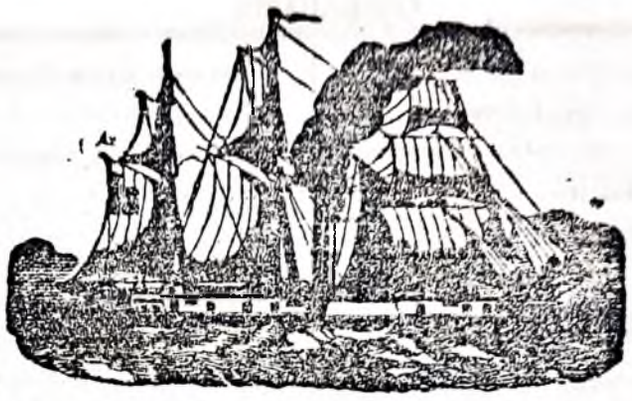
Fizeram alliança.

A vista da retratação feita pela menoria da extincta sociedade—*Vinte de Septembro*—a maioria retira o convite que fez para o oitavo dia.

Relojoeiro.

Januario de Amorim Vieira declara que abriu a sua caza de trabalho á rua dos Ourives n. 4 1.º andar. Aprompta todo e qualquer relogio com brevidade de tempo e por preço commodo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES & C.ª



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª BAHIA 12 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 134

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

Declaração.

O Sr. Benjamim Francisco d'Almeida nenhuma ingerencia tem com este periodico.

A redacção não se responsabilisa por tanto por qualquer transacção que o mesmo faça em seu nome.

A redacção previne mais que ninguem pague sinão à vista de recibo impresso aos Srs. Miguel dos Santos Prates, Lepido José da Rocha, João Baptista Sutél e J. C. da Penha.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de novembro de 1864.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que acompanhado do muxongueiro vá á rua de Baixo, e faça recolher por meio de taca quatro ou cinco moleques criados do hotel Restaurant Francez, os quaes depois de nove horas da noite sabem para a rua a quebrar vidraças e insultar quem passa. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá domingo à egreja da Piedade e previna dois taverneiros que alli costumam ir ouvir missa para que não continuem a levar seus cães, os quaes incommodam as senhoras rasgando-lhes os vestidos, além de immoralidades que commettem dentro do templo. Cumpra.

—Conhece aquelle ruivo?

—Não; tem-me cara de judeu.

—E' um allemão que renegou a patria.

—Adiante.

—E' um sujeito da congregação de S. Felippe *Nery*, que deixou a roupeta pela farda, e similhante a *Carlos* Magno fez tantas proezas que foi tido logo e logo pelo *maior*.

—E com effeito é um homem grande; será besta de pau?

—Eu o que sei é que elle é o *maior dos cavallos*, pois que é *macho*.

—Adiante.

—Tem comtudo um bom coração; gosta muito de musica e faz suas *bondades*.

—Seriamente?

—Que o diga certo cadete.....

—Será um, por quem foi recrutado um crioulinho?

—Elle mesmo.

—Um, de quem todos fallam por ser inaudito o escandalo que dá com o cadetinho, que è tão dengoso, tão requebrado, tão effeminado que todos o comem por mulher?

CADERNO 23

—Justamente.

—Guarda-marinha, vá buscar aquelle *maior ligueiro* em companhia do *menor* para mandar o primeiro ao porão ver novos mundos e o segundo á *cavallaria* para distrahir-se.

—Quem é aquelle bobo de luneta que a todas as moças quer *arrebentar a cara*?

—E' um *campeão importante* e muito conhecido.

—Ignoro-lhe o nome, e nem por informação o conheço; diga-me como se chama e refira-me algum de seus famosos feitos.

—Dizer-lhe o nome.... por ora não devo, mas aqui ha pouco tempo era conhecido por H 15.

Quanto a seus feitos, em outra occasião dal-os-hei á luz; saiba porèm V. Ex. que presentemente o biltre tem um escandaloso namoro na rua do Commercio, o qual indigna e aborrece ás pessoas que por alli passam ou moram.

E' um papalvo desfructavel!

—E a moça?

—Pobre inexperta, deixa-se desacreditar por um insolente peralvilho!

Tão insolente que blasona que a ninguem respeita, que a ninguem recêa, e continúa com suas patifarias!

—Mande-o prevenir para que não continúe a desacreditar as familias com suas tolices; porque do contrario, será agarrado, amarrado a um dos mastros do navio, e açoitado severamente, alêm de ser-lhe publicado o nome, que V. fica obrigado a dizer-nos.

—Isto de loteria è um roubo.

—Como?

—Ha mil annos que compro bilhetes e nunca me vem a agua ao pote; continuamente é *branco* ou o *mesmo dinheiro*, que melhor se deveria chamar *menos dinheiro*.

—Menos dinheiro como?

—Paga-se por exemplo 1$000 rs. por um quinto e recebe-se 900 rs. em cobre, embrulhados n'um papel.

—Engano na contagem.

—E' o que me parece mais certo.

Bem vê que o thesoureiro é incapaz d'uma acção má.

—Concordo, concordo.

—Homem, estão muito caras as casas em Itapagipe; não pode passar a festa fora da cidade quem è pobre.

—E a graça è que não posso. Mas tenho ja um meio de remediar o negocio. E' tarde para este anno, mas veiu ainda a tempo para o que vem.

—Farà V. o favor de dizel-o?

—Offereço-me para mordomo da devoção do Senhor do Bomfim, e tenho uma caza de romeiros por um anno.

—Ah! tem disso?!....

—E' o que fazem os taes *devotos*, dão 100$ para a festa e gozam de todas as honras, regalias e privilegios.

—A lembrança è boa, mas è que para V. ha um impecilho.

—Qual?

—A nossa cor, homem de Deus; mulato não pode ser irmão do Bomfim.

—Decepção!

E eu que me não lembrava!.

—Pode-se entrar de chapeu á cabeça n'algum templo?

—Nem em nenhuma caza, salvo precedendo licença do dono.

—Isso quanto a homens?

—E a mulheres tambem.

—Mas eu no forum tenho visto algumas senhoras de chapeu na cabeça, e pelas egrejas tambem.

Na Piedade por exemplo, as moças fidalgas, as senhoras do bom-tom entram todas de chapeu á cabeça.

—Pode ser que seja permittido; algum uso francez importado pelas irmans de charidade. E' talvez por isso que os capuchinhos nada dizem.

—E eu acho que não; a rasão é que os frades da Piedade não gostam que vão á egreja senhoras com a cabeça descoberta.

—Fallando serio, è porque o Padre Ayres ainda não viu; sinão, sinão.....

—La vinha uma excommunhão com todos os ingredientes.

—Um caso galante do Rvm. vigario do Pilar.

—Bello charuto!

Diga, menino, que ha de ser digno de memoria.

—A 7 do corrente sahiu o sagrado Viatico para uma inferma á rua d'Agua de Meninos, e atraz do prestito um negro com os chapeus dos concurrentes em um taboleiro. Alguem advinhou logo novidade, mas todos esperaram que voltasse o SS. Sacramento para a matriz.

—E não voltou?!

— Voltou, sim Sr., mas dentro do taboleiro!

—Incrivel !

—Incrivel ! Pergunte ao Pilar inteiro, capitão; dentro do taboleiro vinham capas, tocheiros, cruz, lanternas, umbella e a sagrada Ambula!

E atraz o Rvm. vigario de chapeu de sol ao hombro!

—E' serio?

—Ca, ca, ca, ca, ca!

Foi sonho que eu tive, capitão.

—Pois repita a graça e verá o que lhe succede.

—Não acho um emprego! Si soubesse que a maioria da camara era vermelha, fazia-me vermelho e tinha direito a um logar de fiscal

—Pois não é la das melhores cousas.

—Porque?

—Si succeder intrigar-se V. ha de viver tabareu.

—Não lhe intendo.

—Ha de viver sempre e sempre nas freguezias de fóra.

—Como?

—Porque no revesamento mensal, que è na verdade um revesamento, ha empenhos e o diabo e só os do peito são distribuidos para as freguezias mais rendosas.

—Calumnia.

—Quer provas?

—O Castilho, o Macedo e outros, ha oito mezes, mais ou menos, que estão no matto.

—Quem lhe disse?

—Leia o *Jornal da Bahia*.

—Então estou calado; contra factos não ha argumentos.

Quanto mais si os vereadores vierem a saber que sou ligueiro!.....

LA VAE VERSO.

Saraiva, indo p'ra um rio
Que de prata se chamou,
Encontrou com D. *Pampeiro*
Que a viagem lhe estorvou.

Mas depois foi seu caminho
Campos do sul refrescar,
E em vez de matar *a guerra*
Lindas *flores* fez brotar.

Voltando donde sahira,
No Rio signaes deixou,
Reuniu-se com D. *Pampeiro*;
E estragos alli causou.

Foi p'ra as bandas da Pojuca
Novos campos refrescar,
Muitas cannas tem nascido,
Muito assucar tem que dar.

Seus maus effeitos porém
Os homens estão sentindo;
Do que cae do ceu, por isso
Os homens vivem fugindo

Que do ceu cahiu tambem
Quem podia la valer:—
Tal o anjo da soberba
Que um *grande* pensava ser.

A PEDIDO

Adverte-se a certo empregado *valentão* da companhia Bahiana, que não continue a ir em uma casa ao Bomfim procurar pelo dono quando sabe que elle náó está.

Ignora-se com que fim pratica isto, mas qualquer que seja elle não pode ser muito licito, uma vez que só na ausencia do dono vae àquella casa. Inda mais quando uma vez perguntando-se-lhe quem era, respondeu—ser um dos donos dos vapores.

Previne-se que não continue, do contrario ha de lhe custar caro. Veja que apezar de ter a fama de valentão não intimida a gallo de poleiro.

P. B. S.

—Sr. A., Vm. da-me uma esmolla pelo

amor de Deus, para eu tomar a guia da mão do vigario, afim de interrar meu marido?

—Minha senhora, si Vm. é pobre, o vigario tem obrigação de dar-lhe a guia de graça.

—Mas, si o vigario disse-me que fosse pedir esmollas, pois elle não estava para fazer graças!

—Valha-me Nossa Senhora da Conceição com estes vigarios!

Tome, minha senhora, vá interrar seu marido.

—Muito obrigado, meu senhor.

Soneto.

Adeus, ó patria, minha, ó *Santo Antonio*,
Vou a *raça cruzar* no Maranhão,
Sei que vou sentir falta de mamão,
Mas embora, vivirei como um *laponio*. (a)

Por vingança mesquinha d'um demonio
Vou o Lopo deixar, deixar Leitão.
Não chores, meu Jambeiro, meu irmão!
Pois ainda eu espero ser *bolonio* (b)

O trilho da politica é mui vasto.
Pode ser que algum dia eu seja *Zote*, (c)
E então comereis commigo ao *pasto*.

Ti Justiniano p'ra teu cóte,
Dar-te-hei uma *funda forte em basto*,
Pois ministro serei, que sou *garrote*.

Attenção.

Pede-se ao Sr. Pimenta o favor de não retirar-se para o Rio sem entregar a carta de liberdade do preto Tito, escravo do finado Bernardino da Secretaria, visto que não é preciso o referido preto pagar-lhe 300$000 rs. como delle exigiu.

(a) Como um sujeito da Lapinha, que não chupa nada.

(b) *Baltiano*, isto é pretende voltar para Bahia.

(c) isto é, sabio e feliz.

(*Do author.*)

ANNUNCIOS.

Por S. *Balbino*.

Por S. *José*, pae de *Jezus*.

Roga-se a certo individuo que vá no Caes Dourado n. 73 pagar 8$9.0 que deve.

Pede-se:

Por S. *José*.

Por S. *Marcellino*, e todos os mais santos.

A um Sr *Carvalho* que vá pagar os 6$660 que deve ao Caes Dourado, n. 73.

Pede-se ao Sr. C. S. B que tenha a bondade de ir ao Caes Dourado n. 73 pagar a quantia de vinte e tantos mil reis, do contrario será um alfaiate queimado na ladeira por baixo da casa que apaga sêde.

Roga-se ao Sr. J. J. P. para que tenha a bondade apparecer no Caes Dourado n 73 afim de resgatar em fica de 14$620 que possou para pagar no dia 19 de outubro p p.; do contrario lhe será declarado o nome por extenso.

Roga-se a um individuo que encontrou na venda do S. Antonio Machado, ao largo da Saude que vá deitar o carneiro do caixeiro da padaria que carregou com sigo no dia 8, e possou com elle pello noturno da S. Francisco si não terá o gosto de ver seu nome declarado por extenso.

Bahia 8 de novembro de 1864.

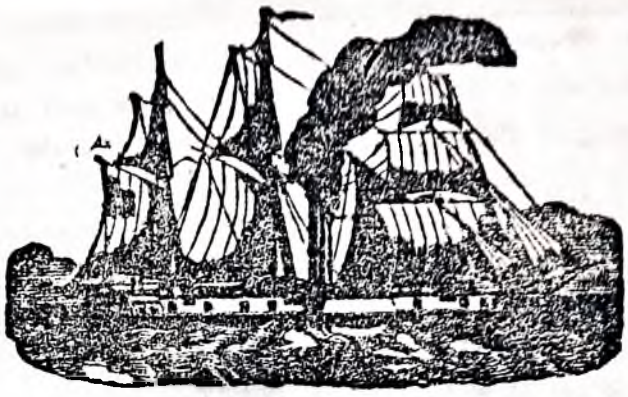
José Teixeira do Patrocinio.

O Patriota.

Sahiram os numeros 8, e 9, e estão á venda nesta typographia

Precisa-se alugar uma caza, para pequena familia da Mangueira do Pilar ao Bom Gosto, ou então nas freguezias da Sé, Rua do Paço e Santo Antonio, a tractar nesta typographia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª BAHIA 15 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 135

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

Declaração.

O Sr. Benjamim Francisco d'Almeida nenhuma ingerencia tem com este periodico.

A redacção não se responsabilisa por tanto por qualquer transacção que o mesmo faça em seu nome.

A redacção previne mais que ninguem pague sinão à vista de recibo impresso aos Srs. Miguel dos Santos Prates, Lepido José da Rocha, João Baptista Sutél e J. C. da Penha.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de novembro de 1864.

Officio à camara municipal pedindo que mande melhorar um cano que ha na Quintandinha do Capim, em frente aos Curraes Velhos, o qual se acha em tal estado que tem causado febres ás pessoas da visinhança.

—Ao Sr. subdelegado da Conceição da Praia, pedindo-lhe providencias sobre os conflictos e desordens que ha constantemente nessa freguesia, occasionados pelas innumeras cazas de jogo e de bebidas que por alli ha.

—Ao Sr. subdelegado da Sé chamando a attenção de S. S. para um candomblé que ha no Maciel de Baixo n'uma das lojas do sobrado do Sr. Paranhos, do qual candomblé è *papae* um preto de nome *Jebù* o qual inculca-se por grande mestre de deitar e tirar diabos, dar ventura, curar de feitiço &.; para o que reune alli nos domingos grande numero de pessoas de toda qualidade.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que và à rua onde se fabrica *vassouras* e veja uma creoula, de nome Constança a qual me informam que reune em sua casa mulheres depravadas e bebadas as quaes não só escandalisam as familias com as immoralidades que praticam, como insultam a visinhança com descomposturas e palavradas; pelo que traga a referida creoula a bordo deste navio para se lhe dar o conveniente destino. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Xico d'Amor-ri Facão da Matança Junior, membro da companhia do olho vivo, pedindo privilegio para continuar a desfructar certo cazal.—Dirija-se ao Babão para que certifique serem bellos feitos.

—Bem clamava o Sr. Feixas contra a companhia do Queimado.

—Mas que ha?

—Si eu disser, dizem que é intriga, como em certo tempo se disse d'um cadaver que foi encontrado nos depositos d'agua.

—Mas emfim diga sempre.

—A agua vem presentemente do dique e ninguem pode bebel-a.

E' preciso que o povo se acautelle, por que vem tudo misturado com ella. A experiencia é facil de fazer-se. Deitem-na em um copo e verão o resultado. Não fica somente aquella costumada ferrugem; fica metade de liquido e metade de solido, alem de que a agua é esverdinhada, creio que por causa das folhas que se vão delindo nella. Parece que lagartos, cobras, jacarés e o diabo, quanta immundicie anda pelo dique, vem tudo para matar a sede deste nobre povo.

—Pode não ser assim.

—Ora pode não ser!

Capitão, experimente e veja.

Pois si a companhia ja não quer ter trabalho!

Criou fama, e pensa que pode deitar-se a dormir.

—E a companhia é cuidadosa.

—E não tem philtros!

Encontra-se em caza dentro dos potes atè sanguesugas pequenas e sapos, e sabe Deus quanto bichinho vivo temos comido, pensando ter bebido!

—Ora empine-se!

—Pelo que vejo V. Ex. è accionista.... ao menos.... a vontade tambem consola.

—Eu sou apenas amigo do barão do Queimado.

—Na freguezia do Principe dos Apostolos.....

— S. Pedro?

—S. Pedro é o o principe dos apostolos, mas o nome pelo qual é conhecida a freguezia è o de Principe dos Apostolos.

—Onde?

—Em Latronopolis.

—Continue.

—N'uma *rua* que ficava *debaixo*, havia uma modista a quem se chamava *Fede-a-rica*, e em sua caza morava uma infeliz menina de 11 1/2 annos de edade, de nomè Silva-Anna.

Morava tambem alli um negro de nome Joaquim, o qual aproveitando uma vez a ausencia da dona da caza, commetteu o crime de estupro com a referida menina.

—E que fizeram as authoridades?

—Era onde ia eu chegar.

Nada, capitão de minha alma! cruzaram os braços, e fica deflorada a menina, e o negro solto!...

E isto capitão passa-se n'um paiz civilisado, n'uma sociedade moralisada, n'uma epocha de progresso!

—Ah! foi agora!

—E quando havia ser?

—Mas V. ja viu verdadeiro progresso, verdadeira civilisação, e verdadeira moralidade n'uma terra que tem por nome Latronopolis?

—Ah! è verdade, capitão.

Agora o remedio è encommendar-me a S. *Thomaz* da *Pereira*.

—Os soldados de policia tem agora muita disciplina; hontem era um gosto vel-os nos Afflictos; os musicos davam *embigadas* atè nas senhoras, e os soldados attacavam a todos; houve delles que descompoz a um sargento—terrivel, miseravel e vergonhosamente, affrontando a quem para elle olhava.

—E' *progresso*, é progresso, rapaz.

—Mas o commandante é moralisado.

—O Silva Gomes o era, mas não servia para presidente.

—Dizem que os vermelhos do Freire é que fomentam os soldados.

—Tambem pode ser.

—Si não fosse tão cedo, não passava pelo Coqueiro.

Dous vultos alli; serão dous phantasmas? Que susto, meu Deus!

—Ora fomente-se! Phantasmas às sete horas!

São dous soldados de policia que estão tomando banho na fonte.

—*A's* 7 horas da noite! no Coqueiro! na freguezia de S. Pedro! na Bahia!

A policia agora é um portento.....

—O *maçarico* virou com effeito *coruja*, meu capitão.....

—Como sabe di t-?

—Ave de rapina nocturna que é?

—Oh! roubou o bicho?

—Levou um *anjinho* preso nas immundas garras e foi deital-o n'Agua de Meninos ou n'Agua Brusca.

—Em mau logar; è tempo de metamorphoses, bem podem os cavallos virar urubús e dar na carniça, porque julgo que o bicho matou o anjinho.

—Anjo não morre, capitão; tem este presentemente grande numero de adoradores que atrap lham o maçarico; poseram-lhe *tan a cousa á* cabeça que o bicho já não pode voar; está louco, leva a lamentar sua sorte junto ao tanque d'Agua de Meninos; nelle mira-se, enthusiasma-se depois, crê-se um boi, mas julgan lo pelo tamanho contenta-se em ser veado. Mas si quer correr, como veado, si quer voar como *maçarico*, sente de novo a *cabeça pesada* e lastima sua barbara sorte, seu negro fado.

—Esse bicho é de contrabando.

—Que duvida! veiu da cidade de *Lins*, reino de Asneiropolis, e passou aqui no porto sob a protecção d'um *official de descarga*, debaixo de cuja farda o bicho se mettia no Xixi.

—Só si eu nunca pegal-o!

—Ora ja se não pode com os cães!

—Dirija-se á policia.

—Como os moleques chamam os guardas mata-cachorro, julgo que não continuam.

—E eu, e todos que soffram!

Por todas as ruas infinidade de cachorros!

E defronte alli daquelle vigario, que furiosa matilha!

Não se póde dormir na Fonte de Santo Antonio.

—São os assignantes do curral.

—Então é bom deixal-os, que ao menos fazem parte da limpeza daquelle estabelecimento.

—A epocha é de phenomenos naturaes.

—Que houve?

—Eclipse-no gaz estas noites.

—Em tempo de lua cheia não é novidade.

LA VAE VERSO.

Ao Nelson oriental.

SONETO (PARAPHRASE)

Com um diadema de luz *na barra* entrava
Involto *o bravo* n'um famoso manto.
Lavrou nos peixes desusado espanto,
E a turba dos seris o rodeiava.

Grita um cação, e nelle os olhos crava:
«Quem ès, que entre os galões fulguras tanto?
—Sou (lhe diz) quem surgiu de vil quebranto
—E dous vapores lá quasi acabava.

—E' que o vento mudou no ceu rotundo:
—Si não fosse a distancia, o vento e a hora,
—Mettia todos dous logo no fundo.—

Ao ouvir tal, o cação suspira e chora,
O cação, o heroe do salso mundo
Ao Nelson dos seris inveja agora.

A PEDIDO

—Viram o poeta do *Jornal da Bahia*?

—Aquillo é um talento macho, isto é robusto.

—Aquillo sempre é cysne que fugiu da lagoa Stygia, algum patochoco-hydra que resuscita da de Lerne; em vez d'inspirar-se em Apollo, toma por nume a Momo e além da baba quando abre o focinho ou o bico, traz lama nas patas que a todos emporcalha e enjôa!

—Eu acho que V. está enganado; aquillo não será *raposa*, mas é por força algum *sariguê* que fugiu da espeluuca.

—Sr. escrivão, por eom-*paixão* pague meu dinheiro.

—Não posso agora.

—E' a decima vez que aqui venho e o Sr. sempre me diz isto!

Uma quantia tão pequena!

Olhe, o dia em que o Sr. me pagar vou ouvir uma missa em louvor á *Nossa Senhora da Victoria*.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para um individuo que anda nesta cidade conhecido por Xico

Carteira, insigne soldado do olho vivo, o qual vive de roubar carteiras, relogios etc. com o que tem adquirido fortuna.

Este audacioso salteador esteve ausente desta provincia por alguns mezes, mas ultimamente volton e continua em suas proezas.

Sr. Evaristo das Figuras para que anda Vm. insultando a pobre moça da rua dos Carvoeiros? Que mal lhe fez ella? Depois não se arrepende.

Quem me avisa meu amigo é.

O ceu despeja torrentes,
Cae saraiva em profusão,
La vae o navio a pique,
Medonho estoura o trovão.

Vem la rabudo cometa,
Do sol um eclipse ha,
E por fim até já oncas
Em S. Paulo e Paraná!

E' que o ceu stá conspirado
Contra esta situação:
Morra a *liga*, um temporal
Paralyse esta *furão*!

Isto é serio? ora que bobos!
Querem comnosco brincar.
Vermelhos, vossès me deixem,
Vão-se embora, ou bugiar!

—O correspondente do *Jornal*,o—T—(que escolheu na verdade uma lettra que lhe assenta a matar por não passar de tollo) deseja que se jogue a estocada por artigos de gazeta.

—O homem quando escreveu o artigo, estava de *cabeça inchada*.

—E diz isto, depois de censurar o *Liberal* que elle diz que promettera uma roda de pau a um despresivel que escreveu uma furiosa verrina contra o Exm. Sr. vice-presidente!

—Estava doudo, no mundo das *illusões*, ou então.....

—E fallam em mulheres do Caes Dourado e Grades de Ferro! Realmente certos vermelhos escondidos e *tenebrosos* não tem vergonha!

Roga-se ao Sr. L. A. A. empregado n'uma thesouraria, o favor de vir à rua dos Algibebes loja n.° 20 pagar um par de botinas que tomou, dizendo que vinha no outro dia pagar e si não fizer n'estes tres dias verá seu nome por extenso em todos os jornaes da capital.

Caso interessante.

No dia 6 do corrente appareceu na ladeira da Ordem Terceira um homem que diziam estar louco, serão 8 a 9 horas da noite. Disseram depois que tinha o diabo no corpo, pois dizia asneiras e chamava incessantemente por uma *Caboré*, e crava do Sr. Domingos Pacheco Pereira, que desde esse dia se acha ausente da caza de seu senhor.

Não é a primeira vez que se dão alli destes factos, sempre occasionados pela tal *Caboré* de convivencia com um negro, morador ao Maciel de Baixo.

Chama-se pois a attenção das authoridades, visto não ser pequeno o incommodo que soffre a visinhança.

ANNUNCIOS.

—Sr. *Querino*!
—Eim Sr. *Joaquim?*
—Passe pelo largo de Nazareth e diga ao *Correia*, que vá pagar os 8$020 que deve ao Caes Dourado n. 73.

Pede-se ao Sr Zezé Totonho da *ribeira* de Braga que vá ao Caes Dourado 73 pagar 7$ rs. que deve; do contrario será condemnado a um eterno banho na *fonte das pedras*.

Roga se a um individuo que entrou na venda do Sr. Antonio Machado, ao largo da Saude, que vá deitar o carneiro do caixeiro da padaria que carregou comsigo no dia 8, e passou com elle pelo monturo de S. Francisco, si não terá o gosto de ver seu nome declarado por extenso.

Bahia 8 de novembro de 1864.
José Teixeira do Patrocinio.

Nesta typographia se indica uma mulher que se propõe a cosinheira.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª BAHIA 18 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 136.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

Declaração.

O Sr. Benjamim Francisco d'Almeida nenhuma ingerencia tem com este periodico.

A redacção não se responsabilisa por tanto por qualquer transacção que o mesmo faça em seu nome.

A redacção previne mais que ninguem pague sinão à vista de recibo impresso aos Srs. Miguel dos Santos Prates, Lepido Josè da Rocha, João Baptista Sutél e J. C. da Penha.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de novembro de 1864.

Officio ao Exm. Sr. Inspector d'Alfandega, partecipando-lhe que ha certos conferentes que ás 2 e 3 horas da tarde jà se acham no ponto das gondolas para seguir viagem; o que prova que não ficam elles na repartição até a hora competente, soffrendo com isso o expediente.

—Ao Sr. subdelegado de S. Pedro para que dè as providencias precisas, afim de evitar que continue a andar pelas ruas dessa freguezia uma negra douda, que vive a proferir palavradas, a atirar pedradas e a por-se nua, reunindo em torno a si grande numero de molcques, que fazem grande motim e assuadas.

Portaria ao fiscal da Conceição da Praia, ordenando-lhe que vá á rua Nova do Commercio e intime a certa senhora ahi estabelecida que não continue a deitar lixo na rua, sob pena de ser obrigada a comprar um vaso de *louça*, de que alli se não sente falta, afim de *fazer sua limpeza* no mar, que fica perto. Cumpra.

—Capitão, não queria tocar n'um caso que se deu ha dias; mas como um dos campeões continúa a affrontar o publico com seus escandalos, não ha remedio sinão empregar meios de corrigir o desfructavel.

—Então que ha?

—Negocios de chicote lá para as bandas de Santo Antonio.

Mas não sabe quem são os protogonistas Um é um tabareu de Sergipe, e o outro veiu do estreito de *Magalhães*. Este segundo que foi quem accommetteu o outro, cantou de gallinha: para correr não pede licença, è sem egual !

E esse desfructe na vista da bella que assistia ao duello!.....

Ao menos foi um divertimento para aquella insipida freguezia , a rapazeada morria de riso.

—E que *segundo* è esse?

—Um que vive feito *padeiro de Braga*, a fazer tijollos com *barro*....

— Havia ser com areia.

—Ouça, capitão. E o que admira é que o dono do *barro*, onde está plantado um *loureiro*, ainda não tenha dado pela cousa; apezar de que dizem que elle vê, mas faz que não vê.

—O Sr. vae mudando de historia, quer tratar de negocios *intimos* e não admitto.

—Paciencia; o que è certo é que o negocio é publico e bem publico. Toda a rua da Conceição, ao menos, o sabe.

—Ora deixe-me, capitão!

—Novo systema de dar noticia.

—Pois andei pela cidade toda e nada adiantei!

—O *coronel* não é assim.

— Sou-o eu, porque sou infeliz. E a graça è que para affrontar-me, para mais reavivar meus infortunios, encontrava de quando em quando uma caza com o distico de—caza-feliz—

Ora vão ser felizes no diabo!

—Mas que cazas são essas?

—São felizes la nada!

Qualquer biboca, qualquer vendola, qualquer geringonça, onde se vende linhas e dedaes, cadarços e bilros arroga-se o titulo de *feliz* porque vende bilhetes brancos!

E' o que se chama cassuar com o publico, no rigor da palavra.

—Então ficou desanimado com tão pouco? Porque não entrou nas grandes cazas, nas grandes lojas, nos grandes estabelecimentos! Havia d'encontrar por ahi alguma cousa por força.

—Tem rasão, capitão, vou fazer uma visita á caza *das simplicidades* e trar-lhe-hei bellas gentilezas.

—Capitão, peguei o *maçarico*.

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Tira o encanto deste bicho.

. . . . . .

—Capitão, misericordia!

Já estou muito martyrisado, valha-me por S. *Manuel!*

—Ja falla; vamos ao interrogatorio.

Como te chamas?

—Firmino.

—De que vives?

—De *descarregar*.

—Que posto tens?

—Official.

—Donde ès filho?

—Da cidade de Lins.

—E's cazado ou solteiro?

—Cazado.

—Cazado!.....

Muxingueiro! continúa!

—Ai, capitão, por quem é!

—Fogo!

—Que terra! que costumes! que gente! Capitão, eu não sabia que era prohibido ter mais de uma mulher!

Ai, ui ! ai !

—Ora que melcorio!

Pois este patife, este ladrão não tem o desaforo de dizer que só ha d'entregar a administração do casal que rouba, quando quizer! Não diz que sente ter um filho maluco, sinão passava-lhe a administração!

—Quem, este patife?!

—Sim; este desavergonhado, que ainda tem animo de olhar para mim.

Safado, si eu tivesse teu genio, fazia já em ti uma *matança!*

Muxingueiro, faze ficar vermelha a cara deste biltre!

—A proposito da correspondencia do *Jornal do Commercio* sobre as fortalezas da Bahia, sabe d'uma novidade?

—Não.

—E' que os habitantes da Barra estão á procura d'algum menino engenhoso que fabrique umas peças de papelão para substituir às da fortaleza de Santa Maria.

—Ora viva!

—E pretendem pôr em leilão as que actualmente servem, afim de com o producto da venda mandarem reconstruir a fortaleza do Rio Vermelho, visto que o Sr. barão *esqueceu-se da promessa*.

—E' porque o homem ainda não teve

destas lembranças; sinão... era mais que sufficiente a classica *Voz*.

—Na *Estrella de Ouro*....

—Estrella de Ouro é a Bahia.

—Estrella do Norte é que é a Bahia; mas sim, ha uma venda, cujos agentes são uns refinados ladrões.

—Na Bahia ou em Latronopolis?

—Em Latronopolis que é a *estrella de ouro*, do arranja.

Os maganos recebem d'um menino inexperto dous mil reis, mettem-os na gaveta e... o dono que tracte de arranjar outros. Recebem d'uma mulher dez mil reis por dez tostões e quando se reconhece o engano, não ha como arrancar-lhe o dinheiro das unhas.

—Destes ha muitos em toda parte.

—Mas ficam sem castigo?

—Determine qualquer couza.

—O que ha de ser, capitão? O muxingueiro. Em cada uma daquellas ratazanas cincoenta calabrotadas por hora.

—Pois vá que seja.

—Que grupo é aquelle alli na ponte da Companhia Bahiana?

—E' uma sucia *d'estrangeiros, nossos tios*, que estão a fallar do governo actual.

—E que individuo é aquelle que falla?

—E' um velho tenente reformado que defende o governo, extranhando a petulancia daquelles biltres, que por acinte a elle assim procedem. Mas os maganos desculpam-se e dizem tractar da crise bancaria.

—Patifes!

Muxingueiro, vae à cidade baixa, repara naquelles malandros, mette-lhes a taca, e traze-os para bordo.

—A rua do Poço é uma das melhores de Itapagipe; uma das mais procuradas para quem quer passar a festa fóra da cidade. Entretanto a companhia do Gaz, o governo, ou quem quer que seja, intendeu que não precisava ella de illuminação, apezar das innumeras e repetidas reclamações dos moradores dalli e da imprensa!

—E o Travasso? O mais prompto e facil caminho do Bomfim para o Papagaio, Rozario, Poço, Ribeira etc.?

—E' malhar em ferro frio. Inglez aqui só não faz o que não quer.

—Ora esperemos na administração que começa.

—V. pelos geitos é ligueiro.

—Todo presidente quer os melhoramentos do paiz, e é justamente o que eu quero.

A PEDIDO

—Quem é aquelle marreco que está tão afflicto?

—E' o gerente de certa caza de negocio que quer á força subtrahir as partidas da conta de um procurador, fingindo que não intende o que está escripto.

—Ora elle que pague e deixe-se de historias, por que nós estamos em terra onde nos conhecemos.

—Que moleque experto! como é subido e *lettrado*!

Deseja-se saber que fim levou um membro do olho-vivo, conhecido por Amorim Linguinha, fugido la das bandas do curral do conselho. Dà-se 30 rs. a quem o pegar e levar a certo escrivão.

E' baixo, sem dentes, trapalhão e fallador.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

Pede-se de novo providencias contra o candomblé, sito ao Dendezeiro, caminho da Armação.

Ha alli innumeras mulheres, presas em diversos quartos (a titulo de cumprir certos *preceitos*,) d'onde não podem sahir sinão depois de seis mezes.

Aqui na cidade, às portas da Ribeira, uma parda de nome Pacifica é a principal agente.

Consta-nos que no domingo, uma infeliz de quem ja comeram 300$ rs., tem de levar um boi para o *sacrificio* em que se tem de consummar o seu restabelecimento do *feitiço que lhe botaram*.

Estes e outros factos que escandalisam o publico e depoem contra a moralidade de nossa terra, devem quanto antes desapparecer; o que se espera da moralidade e energia de S. S.

Um que não gosta.

Mais depressa se apanha um mentiroso que um coixo.

Lendo o *Jornal da Bahia* de 12 do presente n. 3587, nelle deparei com o artigo *vinganças eleitoraes*, assignado o *Itapagipense*, que diz que o subdelegado da Penha de mãos dadas com o alferes Arruda, está prendendo e recrutando!!... Felizmente é uma falsidade, filha justamente da parcialidade vermelha daquella freguezia, que não tendo com que accusar, e deprimir o energico Sr. subdelegado que ha tantos mezes se acha em exercicio, agora quiz com o falso pretexto de recrutamento investir contra o honrado Sr. Hermenegildo que fiel aos principios liberaes e progressistas do partido actual tanto os incommoda.

Mas quando se accusa uma auctoridade com a mentira, em vez de desacr d tal-a, mais a robustece, por que da falsidade se tira a conclusão, de que a auctoridade está procedendo na orbita da lei, e cumprindo seus deveres, tanto que não tem dado motivos com que seus pequeninos inimigos o accusem, e só servindo-se, da intriga e falsidade, armas dessa facção, quizeram como cães damnados mordel-o. Ainda desta vez, porem perderam seu tempo, porque a verdade não pode ser offuscada pela vil calumnia servindo antes de ser a defeza do accusado.

Outro itapagipense.

Ao Sr. Subdelegado da Conceição da Praia.

Chama-se sua attenção para uma caza de jogo nas Portas da Ribeira, a qual figurando de hotel, não é mais do que um *calogi* onde se reunem marinheiros, soldados e malandros que provocam desordens e exhaurem o suor de alguns incautos que attrahidos pela *fama* de algum lucro vão alli perder-se.

A ribeira do hotel.

ANNUNCIOS.

Procuração bastante a Epiphanio José da Costa Santos para cobrar de um sujeito em Itaparica a quantia de 38$100, que deve ao Caes Dourado n 73.

O abaixo assignado declara que d'ora em diante assigna-se por João Baptista d'Oliveira Nogueira, por haver outro com egual nome.

João Baptista d'Oliveira.

Sr. Maneca Julinho das Silvas, por Santa *Barbara*, va pagar os 4$200 que deve ao Caes Dourado n. 73.

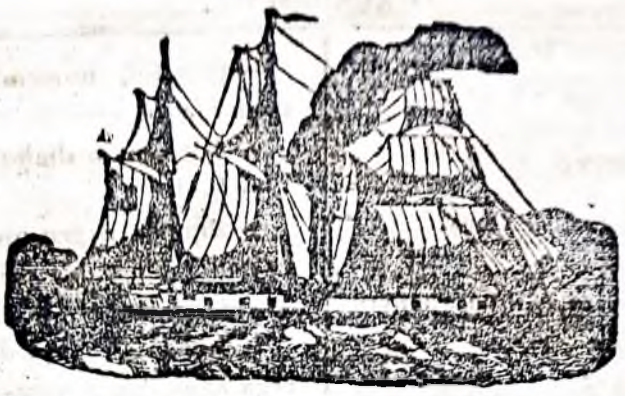
Quem precisar de um criado para fora da provincia ou mesmo do imperio, procure nesta typographia que se lhe indicará um excellente rapaz.

Precisa-se alugar uma caza, para pequena familia da Mangueira do Pilar ao Bom Gosto, ou então nas freguezias da Sé, Rua do Paço e Santo Antonio; a tractar nesta typographia.

Relojoeiro.

Januario de Amorim Vieira declara que abriu a sua caza de trabalho á rua dos Ourives n. 4 1.º andar. Aprompta todo e qualquer relogio com brevidade de tempo e por preço commodo.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª BAHIA 19 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 137.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

Declaração.

O Sr. Benjamim Francisco d'Almeida nenhuma ingerencia tem com este periodico.

A redacção não se responsabilisa por tanto por qualquer transacção que o mesmo faça em seu nome.

A redacção previne mais que ninguem pague sinão à vista de recibo impresso aos Srs. Miguel dos Santos Prates, Lepido José da Rocha, João Baptista Sutél e J. C. da Penha.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de novembro de 1864.

Officio ao Sr. commandante do batalhão de Caçadores, partecipando-lhe que ha no seu batalhão um guarda de nome Ildefonso que vive a comprar desordens, insultando aos companheiros, investindo contra elles com armas, e atterrando aos paisanos pacificos; sendo que ainda a 14 do corrente entrou n'uma venda ao Quartel da Palma, n. 59 e querendo à força entrar em certa conversa, puchou de uma grande faca, com que quiz accometter aos presentes e ao camarada, do tenente Ormindo a quem ameaçou commorte, *graça* que não effectuou a esforços de um bondoso e intrepido coração que o livrou do abysmo.

—Não ha duvida, esta companhia do Gaz é cassoista.

Manga em cheio com o publico.

Principia a illuminação às 7 e 7 1|2 da noite quando o contracto diz que será ao pôr do sol, e às 4 1|2 da madrugada já não ha um lampeão acceso.

E que luz! Anda-se a quebrar as ventas por essas ruas esburacadas; por que os accendedores são cautelosos em reduzir a força da luz a condições microscopicas.

Ha ruas em que, apezar de estarem os lampeões accesos, parecem immersas em trevas; outras em que só se accende metade delles.

—Isto é materia velha; pensei que ia adiantar alguma cousa nova.

Vm. não sabe que o pau que nasce torto tarde ou nunca se indireita?

—O regulamento organico não prohibe os castigos physicos nas scholas?

—Sem duvida.

—Pois a professora do collegio Santa Clara deu hontem em uma menina de 6 annos 22 bolos.

—Isto é fabula. Não creio.

—Ora não se admire, porque uma outra menina ja levou 40.

—E Vm. viu isto?

—Não; mas contaram-me.

—Ora venha cá, homem de Deus!

—Mau vae o negocio...

—V. tem tantas mazellas n'alma quantas feridas tem um *lazaro* no corpo.

Porque se não corrige?

Que *vermelho* é V. que não córa?

Porque não paga ao Manuel Duarte aquelles chorados 5$ rs.?

Pois o Floro não tem necessidade daquelles *oito bicos*, valor do chapeu com que V. impostura?

Ora não me faça vergonha!

Aquella amavel lettra do Leal quando pretende V. pagar?

Tres mezes ha que está vencida.

E depois que vida é esta?

Quer que lhe falle na irmã daquelle seu amigo que V. quer deshonrar?

Nas promessas que lhe tem feito quando a *velha* morrer?

No que se falla de V. e della?

Quer que lhe conte particularidades das freiras?

Si quer, Sr. *Candido*, faço-lhe a vontade.

(*Continua.*)

—Capitão, contaram-me um caso que não garanto.

—Qual è?

—Ha no Passeio Publico um guarda invalido, insupportavel; descompõe a quantos ali entram. Um dia destes, entrando alli alguns estudantes e tirando um um jambo, o guarda foi de pau em cima que era um gosto vel-o.

—Que *invalido valido*!

—E o Dr. Souto, dizem, em satisfação aos brios do militar, mandou cortar o jambeiro e deital-o ao chão.

—Foi para aperfeiçoar o Passeio.

O Dr. veiu do Rio, traz seus usos, e como là não ha grandes arvores, è preciso que a Bahia o imite.

—Ah! só si é isso. Eu bem disse que não garantia o facto.

—Diabo! Esta fonte do Coqueiro è *mal-assombrada*!

—Que foi, homem? *Anda* V. sempre com *ideias*!

—Alli vem o diabo coxo!

—Onde?

—*Aquelle* negro que vem alli; é meia noite, a hora dos demonios...

—Ora viva!

E' um preto velho do Pompilio que carrega agua das 9 horas da noite ás 2 da madrugada.

—Que susto!

—Poltrão! E alèm de poltrão supersticioso.

—Si me não der 30$ rs., levo a vacca para o curral e tenho mais.

Está dito, *papae*.

—Menina, dá 30$ rs. a teu irmão!

Boa graça! Quando quer dinheiro para suas extravagancias, amarra-me o gado e tem feito!

Reu de policia!

—De quem é a culpa?

—E' minha, por que sou seu pae; mas tambem é culpado quem faz a um tratante desses sargento da guarda nacional.

—Esta Cruz do Cosme tem cousas!

Antes fosse seu patrono santo *Otavo*!

—Ora deixe-me com as obras da camara! Em toda parte monturos, monturos e mais monturos! Não se pode estar em caza ou à janella!

Tanto cisco! tanta poeira!

Onde nunca se viu calçadas neste gosto?!

—Homem, por fallar em calçadas, estou tractando de arranjar um requerimento em que se pede á camara o descalçamento total de certas ruas, visto que não pode ella mandar calçal-as de novo.

Quem negará por exemplo que o Taboão ficará em melhor estado quando chover?

—Sim, sim; eu acho boa a lembrança.

—Que fedor!

—Que palavra feia!

—Mais feio é o que ella significa.

Não se pode! Trampa, trampa e mais trampa! Nas ruas mais publicas, mais transitadas, trampa! Na propria Praça de Palacio trampa!

E agora este fedor aqui, na Recebedoria, demonstra que tambem ha *cousa*.

—E ha sim; ha no pateo da Thesouraria Geral uma cloaca, cujo fetido ninguem póde supportar, quer em tempo de calor como este, quer quando chove: e ha tambem, dizem, uma outra particular do Sr. administrador da Recebedoria que é isso que Vm. está *sentindo*.

—E eu que quero sellar este papel e não ha quem me despache!

—Muito tem que esperar. Veja que até o continuo do carimbo sahiu, a mandado talvez.

—O Estado tem um grande *deficit*, é preciso fazer economia, reduzir os empregados.

—E eu que pago imposto forçado que pague ainda o de perder meu tempo!

—Não ha policia na Conceição da Praia.

—Quem lhe disse?

—Não se encontra uma patrulha.

—Está descançando, ou se recreiando em caza d'alguma filha de Jerusalém.

—Então vamos hoje melhor de noticia?

—Nada, capitão. Encontra-se uma vez ou outra algum moleque que atira pedras, algum estudante que *beta* doces, alguma mulher que descompõe ou fere a outra, algum caixeiro que namora, algum padre que seduz, algum soldado que provoca a quem passa etc. etc; mas tudo isso nada val.

—Pois o *coronel* dá a todas essas ninharias um valor grande.

Ahi está que acaba elle de referir-me dous factos, presenciados por elle no largo da *Cruz Grande*.

O primeiro é um menino livre que, diz elle, carrega cinco barris d'agua por dia para a caza de certa viuva, parenta do *Daltro*.

O segundo è um capitão de navio que pretende recrutar para bordo uma *muchacha* da caza do Dr. *Poderoso*.

—Capitão, destas sei eu aos centos. Quer V. Ex. que eu lhe diga uma cousa? O seu *coronel* tem cahido completamente, merece baixa no posto.

—Que homem é aquelle deshumano, que depois de amarrar um carneiro, pelos queixos n'uma grade de ferro dos dos talhos de S. Bento se ufana em maltractar o pobre bixinho com calabrotadas?

—E' um Ferrabraz, um valentão de patente, um Roldão de meia cara, que não soffre o mais pequeno *insulto* d'um carneiro.

—Com effeito, quem assim pratica tem uma alma pequenina; calabrotadas merecia o stupido carniceiro.

—Conhece o *Bacalhau seco*?

—Oh! importante firma!

Tenho bellos apontamentos do *cujo*.

Foi ordenança, antes meirinho, antes sachristão, a principio *menino do choro*.

—E é um chefe!

—Valha-me S. *João Baptista*!

—Valha-me antes N. S. *dos Anjos*!

—Que sujeitos são aquelles alli ao largo de S. Domingos?

—Não os vê de escada ao hombro?

—Vejo-os; vão dar algum assalto?

—São os accendedores do gaz, que poem-se a pateiar a quem passa.

—E' pena que não encontram quem lhes tome as escadas e faça uma escalada na fortaleza das Ventas.

A PEDIDO

—Ora em que havia de dar o *Jornal da Bahia*, ha dias d'esta parte!

—Em que? Virou a casaca?

—Não; mas só vive a zelar os interesses do partido liberal, querendo dar passaportes, fazendo classificações de partidos e partidarios, e finalmente teve o displante de dizer á face da Bahia que o Sr. Dr. Luiz Antonio não é liberal, e que não pode como tal fazer uma boa presidencia.

—Não admira, o *Jornal* anda sempre com peneira nos olhos quanto a politica; os seus proprios correligionarios são os primeiros a sustentar que o *Jornal* faz politica por sua conta e risco, e que por tanto não é orgam de partido algum.

—Deveras! Pois o *Jornal* ja não é *vermelho*?...

—Poulio minhas duvidas; depois de certa cousa que li creio que o homem como escriptor não tem firmesa de *rocha*—e demais—agua fria em pedra dura tanto dá atè que fura.

—Logo o *Jornal* è liberal.

—Si não è, parece; tanto que hontem se deo ao trabalho de *copiar* o discurso do Urbano, e mimosear a seus leitores.

Pede-se ao Sr. subdelegado da Sé que mande metter na Correcção numa negra que ha no Canto de João de Freitas, que costuma sentar-se á noite na porta do marcineiro Praxedes, a qual tem o engraçado divertimento de empurrar as pretas que passam com carregos e atirá-las ao chão brinquedo que ia tendo graves consequencias na noite de 17 do corrente.

Pede-se ao Sr. subedelegado de Sant'Anna que mande trancafiar n'alguma gaiolla de ferro uma fera humana que anda solta pelo becco do Araçá, na rua do Castanheda, a qual hontem ás 4 horas da tarde estrafegou com os dentes um menino, deixando-o todo ferido.

Pede-se ao guarda marinha pedestre Guilherme que vá a rua do Bacalhau e intime a uma mulher de nome Maria Agostinha da Conceição que costuma provocar e insultar as pessoas que por alli passam para que não continúe, sob pena de ir para o batalhão da mata-cobra.

ANNUNCIOS.

Ao publico.

Acaba de chegar a celebre companhia de campanologos calculistas portuguezes, denominada *Familia Leite* e dá sua primeira representação no dia 17 do corrente.

Esta familia torna-se notavel por não ter olhos, cabeça, nem braço.

THEATRO DO SERAPHICO PINTO.

FAMILIA LEITE.

Companhia de Campanologos Calculistas Portuguezes.

Depois da orchestra, intitulada *entrada*, seguir-se-ha a representação da comedia em um acto, producção portugueza:

O erro, origem do calculo..

Seguir-se-hão as seguintes variaçõe :

1.ª *A* Walsa—*os antolhos do futuro*

2.ª A Quadrilha—*vadios e preguiçosos.*

3.ª *A applicação do remedio ou o relatorio.*

Terminará o espectaculo com a comedia em um acto

A PANCADARIA.

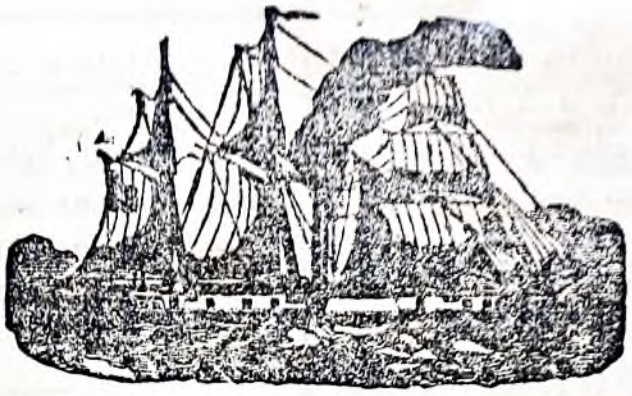
Principiará sempre das 9 e 1/4 ás 3 da tarde.

Pede-se ao Sr. José d'*Avó de Christo* que mora ao pé d'uma *fonte* feita de *pedras* que vá saldar seu debito ao Caes Dourado n. 73

Chama-se a certo sujeito que se inculca de mui devoto de S. *José* e que anda sempre com o *Seberino* para ir pagar os 27$760 que deve ao Caes Douredo n. 73; S. m. deve praticar boas obras porque mora n'uma rua de *Mizericordia.*

Precisa-se alugar uma caza, para pequena familia da Mangueira do Pilar ao Bom Gosto, ou então nas freguezias da Sé, Rua do Paço e Santo Antonio; a tractar nesta typographia.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª BAHIA 22 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 138.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 47 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 21 de novembro de 1864.

Acto.—O capitão do «Alabama,» tendo em vista o bom andamento de seus negocios, nomêa pelo presente ao aspirante João de Deus, para servir interinamente o logar do guarda-marinha Guilherme, em quanto durar o impedimento deste.

Ordena por tanto que neste sentido se expeçam as necessarias communicações.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando a attenção de S. S. para o crescido numero de casas de jogo que actualmente existem nesta cidade, principalmente nas freguezias da Sé e Conceição da Praia, casas essas que são origem de não poucos crimes e desgraças, pelo que torna-se necessaria uma medida energica que ponha um paradeiro a semelhante praga; com o que se tornará completa a excellente administração de S. S. na policia.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe que na rua da Laranjeira, casa immediata á de n.º 130, moram alguns homens e mulheres que vivem em continuados alarmas, e que ainda no sabbado por occasião de um dos taes *cavalheiros* espancar a sua Dulcinea, esteve a visinhança sobresaltada com os gritos e alaridos da mesma.

Portaria ao fiscal de S. Pedro, ordenando-lhe que vá á rua Nova de S. Bento e faça cumprir a lei quem quer que seja que alli cria innumeros porcos, os quaes andam a toda hora pelas ruas da freguezia. Cumpra.

—Hoje é segunda-feira, 21 de novembro de 1864.

E si eu contar o que vi hoje ninguem acredita

—Mas que foi? Porque?

—Porque? Porque é escandaloso que se dêm desses factos n'um paiz civilisado e christão.

Que foi? Ainda uma cousa similhante a muitas outras que por ahi andam; parece que nesta terra não ha estabelecimentos pios. Outro dia era uma

mulher sem poder andar, que o Ariani acolheu; outra deitada á ladeira do Pilar a levar pedradas; outra na ladeira da Soledade mettida nos mattos, e outra e outra e mil outras.

Agora, chovendo, fazendo este insupportavel frio, lá está deitada em uma esteira, em S. Francisco de Paula, uma pobre mulher, muito feliz sem duvida por ter o telheiro em frente da capella que a resguarda da chuva!

—Ora V. ainda não viu miseria. Vá á Europa, visite Inglaterra, França etc. e ficará horrorisado.

—Ah! então devemos tambem ter disto? Devemos ter doentes pelas ruas porque a França os tem?

Pois então annunciemos que é uso francez.

—E' porque não ha policia nesta terra! Sinão não havia taes gazetinhas!

—Serio, Sr. Linguinha?!

Si houvesse policia, ha muito que V. não andava de punhal e cacete ameaçando a todos.

Si a houvesse, ha muito que uma calceta o teria feito papagaio.

Si a houvesse, ha muito que lhe teriam frito a lingua, ou cortado pelo cabo.

Si a houvesse, os ladrões, quer fossem os ratoneiros do olho vivo, quer fossem os inventariantes intrusos, estariam sem duvida de barril ás costas e com a fronte marcada.

—O que vale é que este é conhecido pela boca.

—O noticiador do «Jornal da Bahia» tem honras de papagaio.

—Falla o que ouve fellar, ou gosta de palrar?

—Talvez, mas não se tracta disso. E' que o homem não bebe agua.

—Como sabe?

—Diz que a agua do Queimado ja está melhor.

—Ora! O homem sem duvida é amigo da companhia.

—E' que os philtros que faltam ás aguas, pol-os elle nos olhos por peneiras.

—Como anda aquelle menino tão maltratado!

Não sei como os paes o deixam andar assim na rua!

Descalço e todo roto!

—V. Ex. engana-se, aquelle pobre menino é orphão.

Consta que o pae deixou-lhe alguma cousa com que se podesse educar, mas...

—Quem é seu tutor?

—Dizem que é um sujeito que anda entre *arvores* e *silvas*.

—Estes homens, ainda estando ás portas do morte, não se lembram que tem de dar contas a Deus.

—Vê Malacachias como está *amante da liberdade*?

—Sempre o foi; ao menos sempre o conheci *patriota* de 2 de Julho.

—Não é aquelle patife que me engana! Elle que protege as mulatas, é que alli ha cousa.

—Engano; elle que accusa o *velho* é que é instrumento d'algum inimigo rancoroso.

—Tambem foi cousa para que sempre o reconheci com geito: manivella ou manequim.

—E o que é certo é que em toda a questão se acha involvido o cujo. Safa...!

—....Do!

—Ora *Lulú*, que beneficio deu V. em favor da *Pão com manteiga*?

—Em favor não; contra olla sim.

—Mas aquillo tem termo? Não seria melhor que *aquillo* com que V. untou a porta da rapariga, guardasse para fazer sua *varella*?

Diga, *Cazuza*, V. não se lembra de que quem tem telhados de vidro não atiras pedras?

Safa! além de safado, ainda mais debochado que fr. *Bastos*!

E que companhia é a sua?

Aquelle Sr. Innocencio, aquelle Sr. Ildefonso que diabos são?

—Boa gente, capitão, muito boa gente.

—Quanto malandro!

Muxingueiro, esta gente é tua; avia-te.

—Festeja-se amanhã n, , em . Francisco, a padroeira dos musicos, santa Cecilia.

—Dizem que ha festa arrojada.

—Fogueiras, illuminação, foguetes, musica na porta não hão de falhar.

—E no interior, vesperas, matinas, sextas, novas composições musicaes executadas, missa cantada, sermão ao evangelho e á noite ao Te-Deum.

—E no fim da historia o competente fogo de planta.

—Como estão exaltados os musicos!

—Palacoada!

—Mais uma gazeta.

—Qual?

—O «Critico.»

—E' critico?

—O nome o diz; é tambem chistoso e litterario.

Por «litteratura» traz o «dinheiro,» por «chiste» um juiz venal.

—Olá!....

A PEDIDO

Requerimento modelo d'um subalterno ao superior.

Illm. Sr.—Por me achar estraganado, de afflictivo vexame, em consequencia de desejar passar o dia de amanhan; no Contacto de minha cara familia (venho solicitar) da preclara destirilidade de V. S. afim de que V. S. me conceda a Reação de minha resente emsperassão! E por estar conviquito das culminante presiltude de que que V. S. é matis fico na espequetativa; desta ressepição, hindo as 6 horas da manhã e Vortando as 6 horas do dia surgenti.

CAPINI DE CAPIÚ'.

—Olá, Sr. bregeiro, chegue á falla!

Então tiveste o arrojo de tomar satisfação a um homem de bem!, por escrever contra ti como artista?

E ainda pretendes tirar uma empreza a um nacionol? Pois logo não vês a differença, que *boi* não tem crina e cavallo não tem *chifre*?

—Oh! perdão, a causa de tudo isso foi minha *cara metade*.

—Cala-te, miseravel! pois ainda tens animo de fallar em tua *cara metade*...

—Mas a *madre Leopolda* tambem teve parte nessa intriga.

—Muxingueiro do «Alabama» refresque-me esse tratante com quatro calabrotadas, e apare-lhe as pontas.

E tu, toma sentido, que *ellas* não tornem a crescer..,

«Bode racional, veado humano...

—Que cerca é esta aqui no Rosario?

—E' o palanque para a musica.

—Sem escada nem taboado! parece mais um poleiro de gallinhas.

—Não houve dinheiro para se acabar.

—Admira, por que só as crioulas tiraram de esmolla, dizem, 600$ rs. no cidade baixa.

Capitão, V. não viu no theatro, o S. *Joãosinho* do luneta vindo d'*Almeida* para dar boas *Novas* juncto de *ais*?

Não vi.

Pois lá estiveram de vis a vis na forma do louvavel costume, elle todo matreiro, e ella toda faceira lembrando-se do passado, e esperando pelo futuro.

Por S. *José* e o marido não vê? não está junto?

Ora, capitão, não se póde ser casado nesta Latronopolis onde as mulheres não tem consciencia de tanto carregarem os maridos.....

AS FRIZAS NS. 1. E 2.

—. . . . . .

E' muita mentira! Para que anda a inventar cousas? Não sabe que assim, meu Cazuza, V. mente com prejuiso da gloria alheia? Para que bade estar a pregar asneiras? A cadeira do throno que João Gonsalves Ferreira offereceu á Imperatriz foi feita pelo artista brazileiro Antonio Manuel de Magalhães Requião e pelo allemão Bernardo Holtr, o primeiro como esculptor, o segundo como marcineiro. Tem ouvido, meu Dr. das petas? Era uma obra prima, de sebastião d'arruda, com lindissimas esculpturas; consta-nos que foi para a exposição de Londres.

E a graça é que o artista, o Requião, está trabalhando no arsenal de marinha como modelador de maquinas, sujeito á disciplina de outros!

—Ora, viva! empine-se, retire-se, moleque mentiroso!

Attenção! Attenção !!

Pede-se ao Sr. subdelegado dos Penhascos das Areias que preste alguma attenção para a rua do Poço onde por «innocencia» uma cabra velha, presta sua casa para a gorducha «mana» receber suas visitas, com offensa da moral publica, e sem respeito ás familias honestas que alli moram, e muito se queixam não só da «innocencia» da tal cabra, como da força de «spirito» do macacão irmão da bixa; por que este noite e dia vive a proferir em altas vozes palavras obcenas, em retribuição ás da mesma especie com que o brinda a famosa enredadeira, sua amasia.

Si não houver providencias que façam cessar o meio de vida que com tanta «innocencia» adoptou a cabra velha refugada, continuaremos a reclamar a attenção das authoridades, até que dêem o conveniente destino a visinhos tão immoraes, pois não é justo que além do exposto, uma «mana» conserve dentro de uma cerca de pontas seu irmão Gaspar que para não ir ao tronco mostra-se contente, cantando sempre a seguinte modinha:

Embora a mana me prenda,
Hei de dizer a verdade:
Ella é boa, ella soccorre
A quem tem necessidade.

UM VISINHO.

ANNUNCIOS.

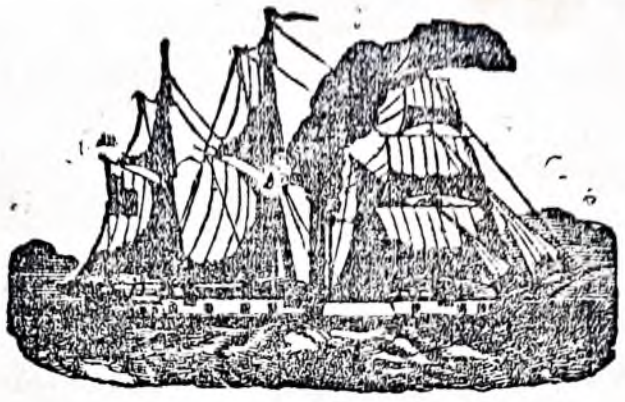
Na publicação do «Alabama» n.º 132 que trata de um candomblé sahiu entre os nomes dos que la vão um tal Manuel Gregorio que não devem confundir com

Manoel Gregorio da Paixão.

Roga-se a um certo Tenente Festeiro que tenha a bondade de mandar as duas mangas das arandellas que pediu emprestado, visto o dono estar resolvido a não perde-las, do contrario verá o seu nome por extenso, e o procedimento que teve para com quem lhe serviu de tão bom grado.

O Filho do Paço.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª BAHIA 24 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 139.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 4$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 23 de novembro de 1864.

Officio ao Sr. Dr. delegado, participando-lhe que nas Portas da Ribeira ha uma casa que dizem pertencer a um Sr. Domingues onde costumam reunir-se diversos membros da companhia do olho-vivo para certos jogos illicitos a que dão o nome de «gamados» e onde na semana atrazada foram depennados dous individuos, sendo elles um pobre homem chegado de fora e o outro um militar que recebeu a competente gratificação; os quaes foram levados áquella casa pelo Dyonisio D. Ratão, o Silvestre e Viegas, insignes membros daquella companhia, e já muito conhecidos nos annaes da policia, sendo este ultimo indigitado como connivente no «golpe» que dera hontem o Xico Carteira em S. Francisco.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias contra um grupo de capadocios que ajuntam-se todas as noites na rua da Larangeira, esquina que volta para o Maciel, os quaes com suas immoralidades e escandalos prohibem que se possa por alli chegar á janella.

—Morreu o «Echo do Norte»?

—Não; tem de ser impresso na typographia do Pedrosa, visto que a do Marques, Aristides & C. é de paschins.

—Como estão os liberaes inimigos de paschins?

—Tanto que o Luiz Alvares nem quer lá mais entrar.

—E o Igrapiuna?

—Este é «um pobre diabo,» um dos donos da prensa paschineira, cujo contacto desacredita e pollúe os «liberaes.»

—Esqueceram-se do «Povo»? da «Faisca»? do «Papagaio»? do «Cascavel,» onde só se tractava da honra d'um presidente? do «Marcos-Mandinga,» onde se discutia a «cor parda» de outro?

—E agora mesmo do «Sino de S. Pedro», do «Echo Liberal»?

—E da «Serpente» que sahiu da typographia do Pedrosa.

—Entretanto o «Mucio Scavola» falla em partidarios que mancham a bandeira, quando todo mundo sabe que um dos amigos do Sr. Luiz Antonio foi o redactor do «Cascavel».

—Ora os musicos não estão zangados com a noticia da festa de santa Cecilia!

—Porque?

—Por fallar em «patacoada».

—Não diga isto; é uma injuria que V. faz á intelligencia de certos musicos.

—Não, homem, são cousas do Malacachias que andou hontem a adulterar o sentido da palavra, a envenenar a noticia que até foi dada a pedido.

—Olhe que o Malacachias é dos diabos! Safa!....

—... Do!

—Não sei de que servem os fiscaes! Só multam a negras quitandeiras, com quem não tem contracto.

—E' uma injustiça á classe.

—Que injustiça! Ha excepções, é verdade; mas que elles tomam cinco mil reis mensaes dos carniceiros, vendelhões etc. etc. é cousa sabida.

—Mas que ha?

—A ladroeira dos açougues.

—Explique-se.

—O «cavallete».

—Peior.

—O «correr côco».

—Ora pecegos! Si quer dar a noticia, dê-a em termos.

—Ouça, capitão: O cavallete é o gancho que prende as correntes das conchas, montado por cima do braço da balança.

—E o «corre-coco»?

—O correr-coco é o peso pregado com cera por fora da concha, onde ha sempre pesos.

—Mas que mal faz isto?

—Nenhum; é que quem compra cinco libras de carne por ex., leva quatro ou pouco menos.

—Aspirante!....

—Qual aspirante, capitão!

Chame o muxingueiro e mande tanger á taca esses ladrões todos!

—Eis ahi porque dizem que os liberaes são anarchistas e desordeiros.

—Porque?

—Pois um dos quebradores da taboleta do consul dos Estados-Unidos não diz que é liberal?

—Quem?

—O Mattos Lucena.

—Quem disse?

—Elle no «Diario» de hoje 23.

—Vejamos.

Xi! estirou-se!

Assim, liberalão dos diabos!

« E' chegado o tempo para o Brazil, o terceiro imperio do mundo, o maior de ambas as Americas.»

Assim damnoso!

—Olhe que «sinhô» Mattos tem cousas!

—Vê os padres como estão furiosos contra o «homem em mangas de camisa»?

—Não.

—Veja o «Patriota».

—Não é o «Patriota»; é o «mercurio» do «Patriota».

—Eu não sei que ligação tem conservador com «jesuita».

Como são hypocritas!

—Estes padres porque não se envergonham antes dos actos maus que praticam?

Ahi está a cathedral, em que, quasi todos os domingos, não ha missa e quando ha, não apparecem os musicos.

—Mas musicos não são padres.

—Mas os padres dão o exemplo: si não faltassem os conegos, não faltariam os musicos, seria menor a relaxação!

—Homem, cale-se; lembre-se do padre Ayres com a excommunhão...

—Ave Maria! Ave Maria!

—Suspensão do codigo.

—Não é novidade; o *progresso* assim o manda.

—Não é codigo commercial, não, critico danninho; é codigo civil.

—Está em projecto; cem contos de reis ao Dr. Teixeira de Freitas custou.

Que houve então?

—Nova maneira de cobrar dividas.

—Qual?

—Um alferes, morador em Santa Anna, alugou um quarto a uma preta que ficando-lhe a dever quiz mudar-se. Elle porém penhorou-lhe os trastes e uma mulatinha filha da preta não obstante 8$000 rs. que ella entregou.

—Diga-me já o nome do meliante.

—E' cousa que não posso fazer, capitão; jurei por santo *Astolpho* que nem a meu pae diria.

—E' o que te vale, tratante, sinão mettia-te n'um *cesto*!

— Sr. escrivão dos *juros*, peço-lhe um favor.

—Qui... qui... que é?

—Leia isto.

—Não sou «leirão», ja lhe disse.

—Pois peço-lhe que não continúe a demorar os papeis dos presos que ja cumpriram sentença, retendo-os assim na cadeia.

—Não me dão dinheiro, Sr.!

—Tomo lá este «pinto» que tem o valor de 480 rs.

E por seu «barrete», lhe peço, não seja tão mau, condôa-se daquelles infelizes.

A PEDIDO

—Capitão, que vulto é aquelle?

—He uma *bicuda* dos Ossos.

—Como se chama?

—Paulina das bombas.

—O que faz?

—Conveniencia propria, rasão de estado.

—E quem mora alli?

—O Maneca de S. *Alves*.

Capitão, mande o muxingueiro metter no porão a angolla das bombas.

—Xentes, quem é aquelle?

—E' um moço valente, a quem chamam *valentinho*.

—Em que se emprega?

—Si não é, já foi caixeiro.

—Pobre moço! anda de lucto!

—Por isso é que tens pena?

—Não, pelos desfructes que está dando, Pombinha.

—Explicas, minha Sussú.

—Namora, como caboclo.

—Aonde? em que rua?

—Rua das Laranjas.

—Si o conhecesse, dava-lhe um conselho.

—Por isso indago.

—Pobre asno! coitadinho!

—Que dama é aquella que está alli no bilhar *d'Agua das Crianças*?

—E' a «dona da casa» do proprietario.

—E aquelle taful que lhe dirige finezas, quem é?

—E' um primo supposto da mesma que como tal encartou-se em casa e vae passando vida folgada e milagrosa.

—Que marreco! Como se chama?

—Libaninho.

—Que tal é o Sr. Libaninho! E o pobre velho é quem aguenta o peso da buxa.

Por S. James!

Ao vate borracho dos paschins à laia de soneto.

PARODIA.

Que intriga do diabo, ó *Santo Antonio*!....
Si elles fossem tambem p'r'o *Maranhaõ*;
Si, como eu, nunca mais vissem *mamaõ*,
Fructa que aqui plantou povo *laponio*; (a)

Si elles vissem do *desterro* atroz *demonio*
Transformado em feroz velho *leitaõ*;
Si fossem de *Nagé* qual meu *irmaõ*,
Que,quer queiram quer não,é vil *bolonio*;(b)

Então não diriam que era *vasto*
O campo em que se espoja como *zote*
Quem os convida p'ra comer ao *pasto*.

Mas ah! reparo agora pelo *cote* (c)
Que o tal poeta, nos insultos *basto*,
Quer-me *vacca* fazer, sendo eu *garrote*.

O *Feijoada*. (d)

Sr. redactor.—Por me constar que o porteiro do consulado tem espalhado, que fui eu quem mandou publicar o requerimento assignado por Capinin de Capiú, queiram V. declarar, si tive parte alguma em similhante escripto. Bahia 23 de novembro de 1864.

ARNALDO GENTIL IBIRAPITANGA.

(a) O *Patriota* diz que *laponio*, podendo ser *cigano*, *tratante* e *bebado*, não pode ser gente da Lapinha. E' um erro de historia, meu Dr; os *ciganos*, á cuja raça pertenço, e que são bebados e tratantes, si hoje não estão, estiveram acastellados na Lapinha.

(b) Não sou tão besta, como pensa; *bolonio* não é bahiano, mas ha muito bahiano *bolonio*, por exemplo: quem tem rabo de palha e falla dos outros; o que è realmente uma *sandice*.

(c) Não significando somente roupa diaria, significa *cousa dura*, como diz o *Patriota*, pedra de amollar. . . . . tirem a conclusão.

(d) Não assignei-me da primeira vez, porque julguei ser conhecido pela baba peçonhenta.

Não temos a honra de conhecer a S. S., pelo que é impossivel que de S. S. recebessemol-o.

A REDACÇÃO.

THEATRO
DO PRINCIPE DOS APOSTOLOS.

Sexta feira 25 de Novembro.

ESTREA DA DISTINCTA ACTRIZ
MARICAS LEOA,

Em beneficio de sua filha e seu genro.

Subirá á scena o bello drama em tres actos:

Céu e Inferno.

Haverá poesias, toques de rabeca e corôas nunca vistas.

Finalisara o spectaculo com a chistosa comedia:

O CORONEL ME CONVIDA,

Em que tomam parte «futricas», cascabulhos, calouros e reprovados.

Principiará ás 8 horas.

ANNUNCIOS.

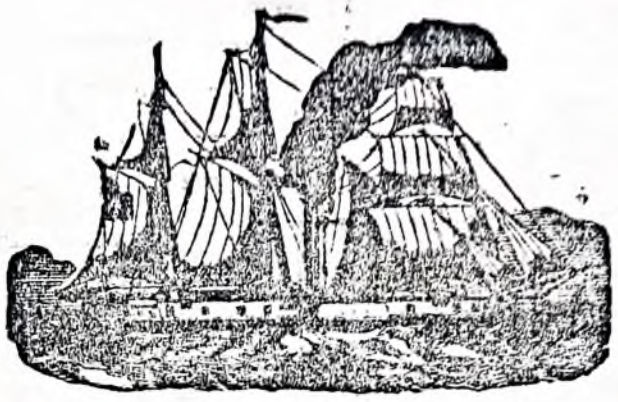
—Vae ao paço do Saldanha?
—Vou.
—Peça ao *José* para dizer ao *Bonifacio* que vá pagar os 4$140 ao Caes Dourado n. 73.

Pede-se ao Sr. *Antonio* que morou em *Silvas* e depois em *Lisboa* que vá pagar 28,760 que deve ao Caes Dourado n. 73.

Roga-se a um Sr. agente militar a bondade de mandar pagar a quantia de 7$880 rs. que deve de verduras que se lhe abonou para o rancho de um batalhão. Isto pede-se antes que se va daqui um batalhão de linha, pois que a ser depois muito prejudicará

Ao caloteado.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª BAHIA 26 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 140.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 24 de novembro de 1864.

Officio á camara municipal, ainda uma vez chamando sua attenção para o estado em que se acha a rua de Baixo de S. Bento, proveniente do despejo d'agoas que fazem da coxeira do Sr. Ariani, o que, além do estrago em que se acha a calçada, damnifica a saude dos moradores daquella rua.

—Ao Sr. subdelegado da Penha, pedindo-lhe providencias sobre as patrulhas dessa freguesia que depois do toque de recolher não são encontradas, sinão a dormir nas varandas e na ponte dos vapores, tendo sido antes vistas em badernas pelas vendas.

Ainda um destes dias, ao reprehender uma um inspector, os guardas prenderam-no á ordem do chefe de policia, sem quererem leval o á presença de V. S. como o exigia o inspector, isto depois de insultal-o em altas vozes.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que faça tapar um enorme buraco que ha no alto da ladeira das Veronicas, o qual está reduzido a despejo publico, despeza essa que será carregada em conta da camara municipal, para pagar quando tiver dinheiro. Cumpra.

—Malacachias anda dizendo que quem não estiver com elle está comprado.

Disse que o mandaram injuriar.

—Ora Malacachias injuriado por outro! Malacachias, a injuria em pessoa!

Pelo amor de Deus!

—N'uma cidade que tem o nome da em que nasceu a Virgem Maria, havia um cura d'almas que as allumiava com *brandão*, a similhança do que fazia em certo tempo um *ferreiro* de nome Antonio Gomes.

O bom do homem, charidoso naturalmente e por dever, *protegia* a duas irmãs, em cuja companhia vivia e tambem a uma porção de crioule-

tas, todas suas *confessadas*, que com o seu auxilio povoaram uma ilha deserta.

Era porém incantado, e transformado em *tubarão* fazia da estrada mar e devorava a quantos peixinhos e até peixões lhe figurava passarem.

Voltando ao estado natural, baptisava urubús e fazia-os administradores d'um estabelecimento de *meninas* que criou ou fundou.

Gostava muito de quitutes e cocada que lhe preparava a Janoca e a Chica.

—Cale-se! Fizesse lá o diabo, que ha de novo?

—Que ha? é que é um patife que deve ser conduzido ao porão.

—Como é facil! Não se lembra que é padre, gente com quem não se brinca?

—Ah! é verdade, a excommunhão.

—Amigos, sentidos! Resuscitou *Napoleão*! E já tem feito conquistas. Não nos dominios de Marte, mas nos de Cupido. Em vez de aguias pombas! A aguia é elle que devora as pombas. Tres de paneada.. ..

—Que enigma é este?

—Veja si o decifra com esta explicação: elle é francez.

—Que novidade!

—Foi frade de S. *Francisco*.

—Diabo!

—E' pintor.

—E começava a retratar pombinhas e *engolil-as*, depois que ficava com o retrato.

—Então o diabo do conquistador, em vez de lanças, broqueis, espadas e peças, usava de palhetas, pinceis e brochas?

—Usava!

Si resuscitou?.....

—Então, aspirante, mande o muxingueiro ver o tal ourangoutango, que dizem-me, está refugiado nas montanhas de *Bautz*.

—Que terra é essa, capitão?

—E' a dos velhos devassos.

—Ja, capitão.

—Não sei donde nasce a insubordinação de certos soldados de policia!

—Das duas cabeças.

—Que monstro é esse?

—E' o corpo de policia.

—Explique-se.

—As duas cabeças são o tenente coronel e o major, um ligueiro, outro vermelho, um faz outro desfaz.

—Mas que tem isso?

Ignoro; que é certo e que o corpo está dividido em dous partidos; os vermelhos (guardas) desprestigiam os subdelegados ligueiros, deixando de cumprir suas determinações e de prender a sua ordem.

—Vae bem o negocio; andar assim é que é bom andar, é andar de progresso, realmente.....

—Está preso o Chico Carteira! furtou uma carteira do bolço daquelle moço.

—Quem lhe disse que elle é o Chico Carteira? E' meu compadre, mora comigo, homem honesto, serio, probo!

—Bem servido! Pois olhe meu Dr., não lhe acredita a companhia; peço-lhe que nunca mais diga que é seu compadre.

—Ha de provar em como é elle o Chico Carteira.

—Dr., para que esta renitencia de «seixo»? Juro-lhe por S. «Domingos» que é elle.

—Viu o «Brado Nacional» de Pernambuco?

—Vi; tracta da nacionalisação do commercio a retalho.....

—Utopia!

—Diz que em Pernambuco tudo é portuguez, até o presidente da camara, até o presidente d'assembléa!

—Isso é o menos; ja tivemos presidente de provincia e até imperador portuguez.

—E a «Ordem» leu?

—Papel (falle quem quizer) papel importante; é a franqueza e a indignação alçadas contra os ladrões, quem quer que elles sejam.

—Festa de N. S. do Parto, ao domingo, nos Afflictos.

—Não falle em patacoada.

—Mas ha muito folguedo.

Dizem que ha mais de tresentos balões, só na vespera.

—Rapazeada, avança!

Que lindo spectaculo que ha de ser! ulo no ar que linda constellação! que effeito magnifico para quem ficar de baixo!

Avançem, rapazes; preparem-se para ficar de boca aberta!

—O parecer sobre as aguas do Queimado ha de ser um monumento scientifico.

—Porque?

—Nao viu o Dr. Virgilio como manda o «padre Amaro» estudar a materia para fallar?

—E a graça é que vamos bebendo as taes aguas, em quanto elles se enchem de vento com sua sciencia e seus palanfrorios.

—Mas darão por um fim um parecer, obra prima, *chef d'œuvre*, como dizem os francezes e afrancezados.

—Eu estou esperando; é tanto presumivel quanto elles ainda não satisfiseram á reclamação do presidente.

Havemos ver, havemos ver,

—O «Jornal» está zangado porque suppõe que o presidente censura a camara por deleixo.

—Pois não tem rasão; ao menos nunca vi tanta falta de limpeza; ahi está porque o outro fallou dos fardos sem nome. E além disso e das bocas de lobo, tudo quanto é animal podre vive pelas ruas: no Terreiro gallinhas, no Caminho Novo cães e g tos, na rua dos Adobes cães, na ladeira do Carmo gatos, n'Agua de Meninos um BURRO com as tripas na rua, e mil outros bichinhos em mil outros logares!

—Tenha paciencia, meu charo; breve temos chuva, e faz-se então a limpeza.

—Minha senhora, queira ter a bondade de mandar-me dar um garfo.

—Patife! minha mulher é tua criada?! que desaforo! Vae buscal-o á cosinha si o queres!

—Alto la, Sr. bregeiro! V. com seus *calombos* não me mette medo!

Sua criada é quem tem obrigação de trazer os talheres para a meza.

Veja que desaforo de carcamano! Um malcreado que por me ver pobre e precisando de ser seu caixeiro, manda-me ficar retirado delle á meza, maltracta-me de continuo, dá-me pão sem manteiga e noga-me o talher!

Como este *lazzaroni* comia a gadanho quer por-me no seu costume.

Mas não, juro-lhe por S. *Gustavo*, que aqui mais não fico.

—È sê vossê quer ir, vae.

A PEDIDO

Da-se quatro duzias de bollos a quem resolver este papinho a comer arroz.

Pede-se encarecidamente a certos moços que moram na Barroca, paren-

tes de uns brancos ricassos do alto do Ló, que cessem as pedradas deixando em paz seus visinhos, «bem como um V»..... Não queiram manchar a raça branca e apurada de seus pombos cabelleiras, tão limpa, com pombos bifados embora brancos pela apparencia somente.

Seus pombos são conhecidos pela descendencia preta de seus avós; gosa a regalia de mestiça por parte do pombo chitão, a pombo cabeça preta.

Assim pedimos não só aos moços ad barroca etc como tambem aos seus brancos parentes, ricassos do alto Ló, que deixem á apreciação do publico conhecer a qualidade e descendencia de seus pombos bons e de raça branca; porque papel é branco e varia .. gallinha preta põe ovo branco: logo... creio que... me intendem.

O surdo e mudo mas que vê.

O abaixo assignado pede a redacção do *Alabama* que declare si a roupa que dizem foi emprestada a um alfaiate e pertence ao theatro de S. João.

Querino Antonio do Espirito Santo.

—

Ignoramos.

A Redacção.

EDITAL.

Os representantes do partido conservador nesta cidade por ordem do grande consistorio dos Cardiaes da corte, declaram a seos confrades, que está suspenso e sem serventia, em quanto elles não sobem ao poder o *dogma* — antigo consistorio *saquarema* do *Respeito a' authoridade* —

Mandam por tanto, que os seus confrades usem de todos os nomes e termos *indecentes* contra os que governam, por ora, aidda *os de calumnia xingamento* de que são tão devotos.

E finalmente ponham em execução *o manejo de indemnizar a resistencia*, que elles tanto combatem quando estão de cima.

ANNUNCIOS.

THEATRO DO SERAPHICO PINTO.

FAMILIA LEITE,

celebres campanologos portuguezes.

Bahia 25 de Novembro.

Depois da orchestra intitulada—Hei esfregal-os—executar a celebre

Polka dos Calculistas.

Subirá a scena pela primeira vez o magnifico drama em 3 actos, original portuguez:

O dedo de Deus

ou o

FILHO AMALDIÇOADO PELO PAE.

No intervallo de segundo acto o chefe da —Familia Leite—executará sobre uma mesa a predilecta walsa

Os Murrinhos.

Depois da orchestra o Sr. Condeixos por obsequio ao Sr. Leite executará no flautim a bella variação de sua composição:

OS ANTROPOPHAGOS.

Seguir-se-ha a representação da muito jocosa farça:

VOSSÊ NAÕ SABE GRAMMATICA.

Terminará o espectaculo com a repetição da muito applaudida comedia em 1 acto, composição do filho mais velho da familia Leite:

A PANCADARIA.

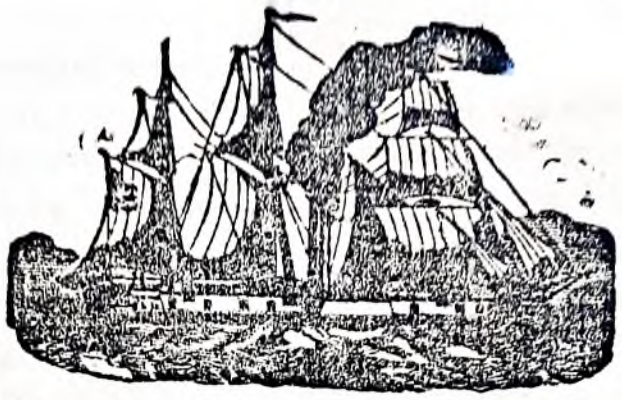
Começará ás 9 horas e 1/4.

Ensaia-se o apparatoso drama ornado de musica:

A historia de um concurso.

Pede se a certo *melodioso* cujas iniciaes são M. ✠ M. a bondade de ir pagar seu debito ao Caes Dourado n. 73,

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 14.ª BAHIA 29 DE NOVEMBRO DE 1864. N.º 141.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n· 17 á 15 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 28 de novembro de 1864.

Officio á camara municipal partecipando-lhe que na Barroquinha, junto á egreja, ha um buraco de tres braças de profundidade que communica com o cano real, e que se acha aberto para fazer alguma victima; visto que tendo uma tampa de pedra que quebrou-se, teve depois uma de pau, por ser talvez mais forte, a qual foi comtudo ao fundo.

—A' mesma, para que mande seus fiscaes retirarem os cães mortos que ha pelas ruas, principalmente um que se acha á ladeira da Mizericordia, outro ao Terreiro, outro á rua dos Adobes.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que ha na rua que tem *barris*, ao entrar da que *dá cocos*, uma caza em que são diariamente castigados os escravos com dez a doze duzias de palmatoadas e vergalhadas embora tenham de edade seis ou sete annos, accontecendo que sahem para a rua no maior desespero e agitação, a dar com os braços, a estorcer-se, a sacudir as mãos entumescidas, a provocar piedade a quantos os veem.

—Ao Sr. Dr. inspector da saude publica, para que de combinação com a camara, mande dessecar uma lagoa que ha no beco do Oratorio dentro da casa que fica fronteira ao portão do do mesmo becco, e que tem occasionado febres por aquellas visinhanças.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que os «badernistas» que ultimamente pareciam querer dar alguma tregua a essa freguezia, recrudesceram neste ultimo sabbado e «pintaram a manta», havendo até defronte da propria porta de S. S. cacetadas e cabeçadas.

—Ahi está porque dizem que Deus fez bem em não dar azas á cobra.

Si eu fosse poeta tinha feito uma

excellente poesia á infausta morte do distincto poeta brazileiro, o Dr. Gonçalves Dias.

—A vontade tambem consola.

—Mas em todo caso cumpro meu dever, despertando.

Si não immortaliso, concorro para que seja immortalisado o Genio.

—Viu, no *Jornal* os *intimos* da presidencia?

—Vi; é um quadro traçado por mão de mestre.

—E' que o sujeito intende da cousa. Gato ruivo do que usa, nisso cuida.

—«Ha amigos que compromettem as causas.» Estes são peiores que os paschins. O «Liberal» por exemplo compromette o Sr. presidente. Pede assignaturas em seu nome, diz que a gazeta é delle, e dá opinião sobre a agua do Queimado, antes da commissão opinar, antes do presidente decidir.

—Deixemos isso e vamos ao Queimado; que ha de novo?

—Oh! o «Liberal» diz que tudo é intriga....

—Intriga porque *são* amigos do Sampaio Vianna.

—A companhia não quer por ora discutir.

—Qual discussão! E para que?

A agua em um copo coberto ficou cheia de bichos, no pequeno espaço de 24 horas; experiencia feita na cidade baixa.

E depois a cor..... Sr. Dr. Virgilio me ensine como é, a OPACIDADE, o PÈ que a agua tem, o pó que apresenta!

—E o gosto, e o PESO.

Contra factos não ha argumentos.

—Mas, tornando ao «Liberal» deu tambem opinião contra o theatro, sem a commissão dar parecer.

—E' de caza, não faz mal,

—E quer privilegio de interramentos para a futura companhia das machambombas.

—Isto era o menos; a graça é querer elle que haja nova nomeação para examinadores de preparatorios, porque não foi nomeado algum engenheiro, que não pode por tanto lucrar pelas ferias.

—Maganos! quem os não conhece que os compre, liberaes de meia tijella!

—Hei de salvar o Chico Carteira. Eu lhe mostro!

—Hei de mettel-o na cadeia.

—Supplente não pode fallar com effectivo sem lembrar-se do futuro.

—Foi o que succedeu; o effectivo «coronel» tomou posse «ad hoc».

—Que diabo de relações tem *Chalaça* com *Carteira*!

—Por S. *Lourenzo* lhe juro que ignoro.

—Não vê alli aquelle liberalão?

—Quem? aquelle velho «cosinheiro»? taboqueado renegado?

—Aquelle intitulado «rei da chymica».

—E com effeito faz muita CHYMICA. Pois não transformou agua do chafariz «em jarros e bacias de prata»!.

—Aquella cabeça calva mostra que elle é um grande talento... um talentão...

—Ha muita gente por ahi que quer fazer dos outros tollos.

—Pois olhe, a mim só engana quem eu quero.

Mas porque diz isto?

—E' para ver si *alguem* me comprehende.

—Não creio.

—Creia ou não creia, está em letra redonda.

E si eu dispuzesse agora de espaço, mandava publicar o protesto por inteiro.

Querem reviver o tempo dos *Ruivos*!

—Não admira que a typographia do Borges da Fonseca em Pernambuco levou o diabo, e a do Guedes aqui.... quasi, quasi.

—E hão de dizer que estamos n'uma terra civilisada.

—La está no Caminho Novo do Taboão uma pobre preta a morar entre as immundicias que decoram os passeios!

—Bagatella!

—Pois não vê que desaforo!

—Que foi?

—Dous penicos juntos á porta da camara n'uma boca de lobo!

—Malacachias!

—Senhor!

—Defendes uma causa nobre, a da liberdade; mas certos advogados só servem para perder as causas.

Basta saber-se que és tú o advogado, para acharem nisto um MYSTERIO? Ahi ha cousa. Que diz?

—Alma do padre João Thomaz, inspirae-me!

(*Continua.*)

A PEDIDO.

A certo sujeito que vive «depositado» na «Conceição»

OFFERECE O SEGUINTE:

Taverneiro que namora
Sem se importar da bodéga,
Namoro, venda e juiso
Vem o diabo e carrega.

(Extr.)

O MUXINGUEIRO DO ALABAMA.

EDITAL.

Os representantes do partido conservador nesta cidade por ordem do grande consistorio dos Cardeaes da corte, declaram a seus confrades, que está suspenso e sem serventia, em quanto elles não sobem ao poder o *dogma* do antigo consistorio *saquarema* — *Respeito a' authoridade.*—

Mandam por tanto, que os seus confrades usem de todos os nomes e termos *indecentes* contra os que governam, por ora, ainda *os de calumnia* e *xingamento* de que são tão devotos.

E finalmente porham em execução *o manejo de insinuar a resistencia*, que elles tanto combatem quando estão de cima.

ANNUNCIOS.

Sr. «Zuza» Antonico morador no «ribeiro» de «Braga», domiciliario da «Fonte» das «Pedras», porque Vm. não quer pagar ao Refinador do Caes Dourado n. 67 o assucar que de tão boa vontade lhe fiou, assim como ao homem da venda na mesma rua n.° 73?

Vende-se a posse ou armação de uma venda ao Pelourinho, esquina para as Portas do Carmo; para tratar, na botica á paderia do Carmo.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E C.

—Os «liberaes» querem o exclusivismo.

Estavam hontem, nos Afflictos, a accusar o ministerio por que mandou em commissão ao Rio da Prata o conselheiro Paranhos!

De sorte que um «vermelho» não é brasileiro!

De sorte que se ha deixar uma pessoa habilitada para mandar algum «afilhado» comprometter a nação!

—Mas quaes foram os liberaes?

—Pergunte ao *Gustavo* que os conhece.

—Diga V.

—Nem por S. *Paschoal*!

—Pois então vou perguntar ao Dr. Souto.

—Provavelmente elle não sabe.

—Então é mentira sua.

—Mentira! Chegaram a dizer que só faltava o ministerio nomear para presidente o Manuel Felizardo....

—Certo homem muito conhecido nesta terra, e que quando escreve gazeta ou conversa só traz como grande moralista «o Seculo»—queira fazer o favor dizer-me o seguinte:

Ja leu o «Seculo», ou falla nelle por ouvir fallar? Si ja o leu, não lembra-se do «padre João»? Si lembra-se, porque tanto falla em paschim?

Não seria melhor não offender os afeiçoados com indiscrições e asneiras?

Creio que sim; ao menos assim o aconselha S. *Cyrillo*.

—Ora este correio!

—Si o contador está na politica!...

—Pois não mandou para o «Alabama» jornaes que vieram para o o «Progresso», «Jornal da Bahia», «Brazil» etc!

—Si fosse só isto!...., era compensação: quantas vezes os outros de cá andarão por lá!

—Foi hontem preso por um estrangeiro um guarda policial que o queria espancar por *estar nos praseres*; levou-o á caza do subdelegado que não estava, mas que tendo noticia mandou chamar o estrangeiro para os *campos*, onde se achava a gozar delicias e prazeres, comendo diversas fructas, especialmente *limas* de que muito gosta.

—Valha-me S. *Pedro*!

De sorte que foi-se livre o guarda...

—Provavelmente; o estrangeiro não attendeu ao chamado, pois que estava em caza da authoridade.

—A «Ordem» noticia que o arcebispo da Bahia abriu chrysma no dia 6 do corrente, *somente para as pessoas ricas*.

—Mas foi por ser a egreja pequena.

—E porque não procurou um templo com maiores proporções?

Não sei; Christo pregava o despreso ás riquezas, e os nossos padres que se dizem seus representantes, gostam de gente rica!

—E' que o mundo hoje anda ás avessas.

—Ha de ser isso.

—Recebi do Maranhão um protesto dos Srs. Cascaes, em forma de supplemento ao «Porto Livre», jornal de sua propriedade e em sua typographia publicado.

—De que tracta?

—Não sabe que foi sua typographia arrombada e quebrada?

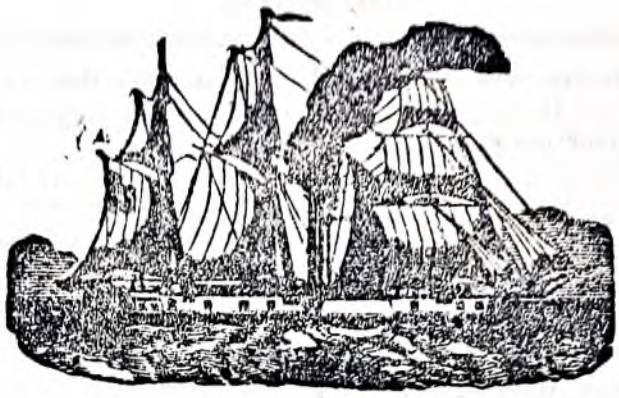
—Não.

—Pois é velho. No seu protesto que principia assim:—Perante o governo, a imprensa livre e independente e o paiz—dizem elles que o crime é imputado pelos jornaes e pela opinião publica á policia e ao promotor para servirem ao bispo.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.ª BAHIA 1º DE OUTUBRO DE 1864. N.º 116

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de setembro de 1864.

Officio á camara municipal para que se digne mandar reparar em quanto é tempo, o caes do Fortinho, unico que ha em toda a extensão do Commercio ao Noviciado, o qual caes se acha já bastante deteriorado pela acção estragadora do mar e pelos máos materiaes com que foi construido.

— Ao Dr. procurador fiscal, pedindo-lhe que mande vir á sua presença os autos do padre Alexandre da Silva Menezes que sendo herdeiro de suas tias Maria da Luiza da Incarnação e Anna Maria da Conceição, não pagou o scello de herança, e é preciso que não seja prejudicada a fazenda publica.

—Ao Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio, partecipando-lhe que no domingo 2 de outubro ha *eleições de meninos* em que tomam parte os *maiores* de todos os partidos, o que pode occasionar alguma grave desordem.

— Ao Sr. subdelegado da Rua do Paço, chamando sua attenção para diversos *calogis* existentes na rua das Flores, onde se reunem não só immensos africanos, como gente filha do paiz, para actos de devassidão e immoralidade.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá ao Canto de João de Freitas, sobrado n.º 7 e passe a o multar proprietario ou dono daquella obra, por consentir que os trabalhadores della estejam a atirar pedras e caliça para a rua, em risco de offender a quem passa, como ia acontecendo no dia 29 a dous homens que desapercebidos passavam. Cumpra.

—Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao beco do Padre Bento, acompanhado de dous guardas policiaes e faça conduzir a bordo de qualquer navio de guerra um desastrado menino-papa-gatos, que quando nada, é capaz de com uma pedrada, enviar para o outro mundo a qualquer pessoa. Cumpra.

—Capitão, estamos perdidos.

—O que ha de novo?

—Cousas que parecendo novas são mais do que velhas.

—Conte-me isto.

—Antigamente houve um homem que propoz uma acção ao Senhor do Bomfim, por causa de terras que possuia a capella. Perdeu o Senhor em todos os tribunaes do paiz.

—Isto é velho.

—Ouça o resto, capitão. Um certo ex-thesoureiro da cita capella está em contenda com o actual; sabe porque?

—Ouvirei.

—Por dous votos, capitão, um de José e outro de Jorge; e por que o thesoureiro mandou desmanchar dous botequins que se achavam no largo do Bomfim.

Correram os sujeitos ao Dr. Freire e o Dr. deu queixa contra o thesoureiro; é o que dizem.

—Que mais?

—Disseram-me que o thesoureiro tirou a conta do que deve o Dr. Freire ao Senhor do Bomfim e o homem tem de pagar uns quatro centos biquinhos seguros...

—Estão então pegados!

Là se intendem elles dous; são brancos, là se avenham! por la se gastem!

Queira retirar-se que a sua noticia foi um montão de desconchavos!

—Capitão, ha no mundo certos biltres que passam por homens de criterio e sao uns tratantões; por exemplo Xico d'Amorrir-Facão da Matança Junior.

—Pelo nome...

—Não tem duvida: era inventariante d'um casal e fazia o diabo. Arrendava terrenos d'uma fazenda, vendia madeiras, levantou 800$ rs. que estavam recolhidos no deposito publico, recebia 700$ rs. annuaes d'uma grande caza, tinha lenha para cosinhar e vender, agua para o mesmo e lavar-se e beber, e finalmente uma grande caza para morar, além dos fructos e fructas que comia, dava e vendia, etc. etc. etc.

Sabe porém o que dizem de mais importancia?

E' que o maganão vendeu a uma visinha parte dos limites da tal fazenda.

—E que fazem os herdeiros?

—Uns nem sabem a quantas andam, e outros quando intentam alguma acção, o melro pede vista e vae entretendo assim o tempo, sem proceder á partilha por que sabe que perde a mamadeira e... *finis coronat opus*, adeus, Sras, que eu parto!

—Hei de mandar agarrar o patife.

—Ja tarda!

E' um patife que com o dinheiro do casal faz guerra aos herdeiros.

—Que maganão!

—Quem conhece o delegado do Ovo?

—Quem, homem?!

—O delegado do Ovo.

—Que terra é esta?

—Novidade de Abrantes.

Pois não sabe que ha um delegado que mandou proceder a um corpo de delicto n'uma mulher, com um ovo?

Ca, ca, ca!

—Homem, ouvi fallar.

Ca, ca, ca!

Não foram tres bruxas as peritas?

Sei até que uma disse que estava a moça offendida e que o offensor era o accusado.

Ca, ca, ca!

—Nada mais simples.

—E a graça è que tendo requerido o supposto offensor para cazar, teve por despacho que era impossivel, visto que não concordara, quando lhe lembrara a authoridade!

—Ca, ca, ca! Esta é galante!

—E veiu remettido o pobre filho de Deus, agarrado por um *morcego* orelhudo, arvorado em capitão!

—Olhe que nestas *villas* succedem cousas *boas*!

—Quanto mais na villa do Ovo com o delegado do Ovo!

—Ca, ca, ca! Que juiz da roça!

—Capitão, passou agora pelo Terreiro um sujeito vestido de mulher. Chamaram a patrulha para o prender; e o commandante della respondeu que tal não fazia, porque não queria sahir no *Alabama*, como já sahiu por dar n'um velho no Taboão.

—Fez muito bem.

E o sujeito?

—Desceu pelas Portas do Carmo, levando atraz de si dous guarda-costas, sem que ninguem se animasse a prendel-o.

—Iôiô Dr.?

—Que quer?

—Então, *cadê*?

—Ora! pois V. quer que traga dinheiro agora de noite! Vá em minha casa. Não sabe onde é? E' no Maciel.

—Pois de noite não se anda com dinheiro, não? Vm. quando tomou o doce, não me disse que dava logo? E agora está *me* mangando.

—Já disse que agora de noite não trago dinheiro. V. sabe que se *mata* a gente sem trazer dinheiro, quanto mais trazendo.

—Até certo tempo quem tinha descernimento é quem podia peccar e fazer por

tanto penitencia, em prova de seu arrependimento.

Agora até os cavallos são obrigados a jejuar.

—Como?

—Como! não comendo.

—Como?

—Ora ouça. Não sei quem, o fiscal provavelmente mandou depositar no curral do conselho um cavallo, que lá ficou sem comer quatro dias pelo menos.

—Quatro dias!

—Quando porem presenciou o administrador que o *bichinho* se não acostumava com a graça, mandou-o deitar fora pelos magarefes que trouxeram o *animalejo* em charola.

Ao chegar á porta os homens estavam cansados a morrer; arreiaram a carga. O *insecto* ajoelhou-se. . . . . .

Quem o visse arrebentara de riso, como de rir-me estourei.

Pega d'aqui, pega d'alli; levanta uma perna, càe a outra, segura acolà, arriba, indireita—foram as palavras que pronunciaram e as manobras que executaram os magarefes.

E com effeito là se foi em procissão o cavallo que foi atirado em corpo e alma á porta do Sr. capitão Maximiano em S. José, e ahi ficou dous ou tres dias a aromatisar as ventas publicas até hontem quinta feira, 29 do cadente.

—E o fiscal que o viu vivo não o viu morto?

O administrador do curral não é empregado da camara?

Eis ahi porque quem tem seu gato podre atira-o á rua.

—E breve teremos os cães; as bolas ja ahi andam.

—De cima nasce a corrupção dos povos. .

—A companhia do olho-vivo faz prodigios!

—Alguma façanha nova?

—Hontem á noite o filho de um carniceiro de S. Bento, com quem o subdelegado da rua do Paco ja andou às voltas, por causa de um *gamado* que lhe foi tirado de dentro das meias, foi ao chafariz do Terreiro em companhia de mais dous; um delles pedio ao Venancio um pouco d'agua e em quanto bebia, o filho do carniceiro *bifou* o balaio de uma preta onde havia uma porção de dinheiro e largou-se.

—Está no seu direito.

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA DO MERCADO.

Os paquetes entrados da corte do Brazil pozeram a nossa praça em alvoroço.

O commercio de Latronopolis anda n'uma adubadoura!

Os animos timoratos vêm a columna financeira do paiz despregar-se de sua base economica, e despenhar-se no abysmo da bancarrota!

Reunem-se as direcções dos estabelecimentos bancarios, para deliberar, e não sabem o que façam!

Os homens do nosso commercio andam *à tôa* como caranguejos, em lua nova no tempo de entrudo!

E tudo isso por uma unica causa!

Quebrou o banqueiro Souto!

Aquelle suberbo edificio, que parecia sustentar-se sobre fortes columnas construidas de excellente probidade e cujas paredes suppunham todos rebocadas de pura honradez, enganando assim os credulos, que se suppunham, pela sua solidez ficticia, á sua sombra abrigados das intemperies da sorte e dos vendavaes do accaso, desmoronou-se, não poude resistir a um pequeno aguaceiro de pontualidade!

Aquellas paredes que se diziam fabricadas de pura cal de equidade ligada com fino barro de economias, verificou-se que não passava de uma argamassa de dissipações e prodigalidades, cimentadas de desperdicios.

Correm no vulgo diversas versões sobre a origem da quebra do laborioso e honradissisimo banqueiro.

Entre ellas ha uma singular.

Diz-se que certo capitalista depositàra alli 8,000:000$ em moeda *baptisada*, e que o dinheiro não se dando bem nos cofres do banqueiro, fugira para o banco de Inglaterra, onde está mais seguro.

O que é certo é que aquelle colosso de dinheiro, aquella montanha de riqueza não poude satisfazer a um pequeno compromisso e fez ponto, ficando pobre, pobrissimo como Job.

Mas na adversidade ha sempre um balsamo consolador.

S. M. o imperador dignou-se manifestar seu sentimento pelos prejuizos, que

soffreu em sua fortuna o honrado banqueiro!!!

Vertam rios de lagrimas as viuvas, e os pobres prantearam longamente!!.... seccou a fonte onde matavam a sede da miseria.

Aquella massa enorme de cabedaes accumulados, *que não era em producto de meia* duzia, derreteu-se ao calor do sol ardente das Tranquibernias.

E o homem cuja generosidade em publico, era reconhecida, que dava tanto do seu aos outros, aquella caridade que estendia-se até aos lobos e leões, dando-lhes vida regalada, não terá talvez amanhan com que possa satisfazer suas mais pequenas necessidades.

Inexplicavel destino da sorte!

O commercio de Latronopolis com tudo vae atravessando a crise, apezar da desconfiança que lavra, e parece resistir ao choque, si novas oscillações não vierem entornar o caldo!

Fizeram-se algumas transacções de compras e vendas, tanto de generos do paiz como estrangeiros.

Entraram e sahiram diversos navios.

Entrou a barca *Sessenta e cinco*, com um carregamento de *pancadaria* á consignação da casa,

Chegou uma partida de *ferimentos* procedente de *Crau-merim* no chaveco *Bandeirola*.

O commercio tem estado animado em *roubos*.

O carregamento do brigue *Wenceslau* procedente de *Santa Ignez* foi vendido sobre agua para a ilha da *Correcção*.

Os depositos de *lixo* estão suppridos, graças á providencia de nossa edilidade.

De generos alimenticios não ha falta.

A carne verde por um bem pensado accordo entre os magarefes e agentes municipaes vende-se até ás horas da tarde para commodidade da pobreza.

—

MOVIMENTO DO MERCADO.

Caridade.—O mercado está vasio a excepção da franceza, que ha em abundancia.

Disturbios.—Não ha por ora.

Falla-se na proxima chegada de uma partida na barca *Sete de Novembro*. E' provavel porém que os importadores procurem outro porto pela incerteza de successo que ha neste.

Illegalidades.—Bastantes. Entraram dos diversos *departamentos* abundantes sortimentos.

Consta que a camara vae comprar uma partida que será reexportada na barca *Apuração* para a Ilha da *Vereação*.

Pagodes.—Depois dos que appareceram pelas eleições conserva-se frouxo.

Resentimentos.—Abastecido. Os que vieram para depois das eleições estão em ser, Os possuidores estão firmes.

A' PEDIDO

Attenção.

Pede-se ao Exm. Sr. presidente da provincia que lance suas protectoras vistas para o hospital militar que se acha n'um deploravel estado, em algumas infermarias, as quaes acham se sem travesseiros, sem colchões, sem camas, sem ourinoes etc. etc.

Perguntа-se ao Sr. commandante do batalhão de caçadores si o alferes Mauricio Egydio Martins pode andar com dous ordenanças fardados.

Poesias de J. Ignacio.

Ja não posso com tanto, soffrer
Desta jente, canalha maldita.
Pois hoje nesta nobre Bahia
Não se vê mais quem nella admita.

No viver, da canalha so há
Quem com vera, diz arrebenta —
Mais isto não hé assim—arto lá —
Là vai raios, coriscos, agua benta.

Os moleques que vae ao Theatro
Com sapatos rôto, pés no chão;
Pesso ao meo Deos que não acusseda
Nem me deixe ver isso mais não.

Pois minha nobre Bahia,
Neste caso ainda não está,
Para se ver destes cousas
Deixem isto para Pirajá,

Finis coronat opus.

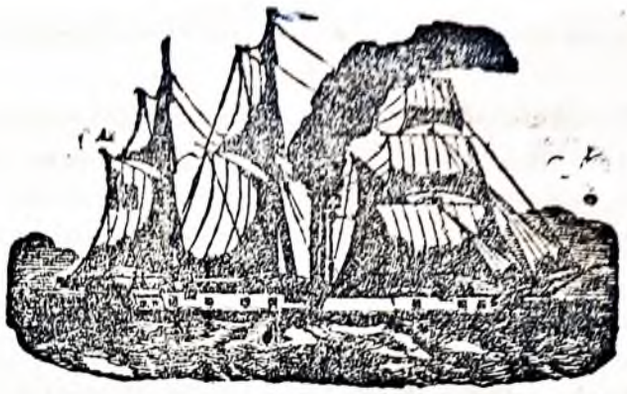
O Tagarella.

ANNUNCIO.

O abaixo assignado pede ao Sr. Francisco Pereira do Nascimento que declare por este jornal quem o encarregou para criar uma sociedade de porcos em sua caza ao largo da Soledade e ao depois mudal-a para a Lapinha, em caza de quem e quaes os socios com seus nomes e em que mez e data.

Tambem declara o abaixo assignado que desta data em diante continua a receber os fundos que ha porque desde a mudança da mesma de um logar para outro que pede balanço para o seu lucro e não tem tido definição Por que não houve papel de trato? Ou porque havia amizade ou confiança nelles?....

Ricardo José da Costa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.ª BAHIA 4 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 117

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 4$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de outubro de 1864.

Officio a camara municipal, pedindo-lhe por compaixão que se digne mandar fazer um muro à Jequitaia a fim de amparar o entulho a que a companhia do gaz está mandando proceder e que é realmente um melhoramento publico de algum merecimento.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe, de policia pedindo-lhe que dê as convenientes ordens para que sejam devidamente enterrados os cães que morrem de bollas.

—Ao mesmo, pedindo-lhe providencias sobre os moleques que vivem a enpinar *arraias* e a jogar piões, os quaes reunem-se em grandes grupos, insultam a quantos passam, e fazem desordens em que além das pancadas que reciprocamente levam, proferem innumeras palavradas, acompanhadas de gestos obscenos.

Ao Sr. Dr. delegado, pedindo-lhe providencias, afim de que cesse o jogo escandaloso que ha n'um hotel à Calçada, onde vivem trez ou quatro espertalhões á passar vida folgada á custa dos incautos que muitas vezes vão alli deixar não só o seu, como o que não lhes pertence, desacreditando-se a si e arruinando a quem nelles confia, devendo S. S. notar que a maioria dos que alli vão são caixeiros.

—Ao Sr. subdelegado de Brotas, pedindo-lhe que mande a nova capella do Matatú tanger á taca, ou dar as convenientes ordens sobre certos capadocios que fazem daquelle venerando logar uma caza de prostituição, onde vão satisfazer seus brutaes instinctos, suas depravadas paixões.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que poste duas ou tres sentinellas, durante o dia, na estrada da Quinta dos Lazaros, afim de obstar a que continuem a fazer della monturo, lançando-lhe cavernas ou ossadas de boi, colchões velhos, chifres, gallinhas e gatos mortos, sem fallar nos cães mortos à bolla que a policia para alli manda a purificar os ares. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que intime ao Sr. Paulo Pereira Monteiro que se faz preciso remover, quanto antes, sua estrebraria de cima da fonte do Queimado, pois nos informam que as materias fecaes dos cavallos filtram-se pela abobada e prejudicam a genuinidade d'agua, que é hoje, as vezes, insupportavel; convindo fazer-lhe notar que dizem que é este justa-

mente o fim que tem S. m. em mira, afim de proteger os interesses da companhia do Queimado. Cumpra.

—Ao fiscal do Pilar, ordenando-lhe que intime aos moradores da rua Direita do Pilar e Caes Dourado para que deixem de continuar a lançar na rua aguas servidas que ficam alli stagnadas, incommodando o publico, sob as penas das postura. Cumpra.

—Ouviu fallar no caso d'uma mulher que assassinou uma menina queimando-lhe as partes pudendas?

—Não.

—Nem podia ouvir, por que o negocio ficou *abafado*. E depois ella mesmo alardea que conta com a protecção do subdelegado, que é seu *intimo* para qualquer cousa que succeda.

E eu acredito; por que tendo algumas pessoas da visinhança fallado n'esse facto, foram ameaçadas de processo, e houve até um inspector que attestou que a menina morrera *de morte casual*.

—Onde foi isto?

—Na freguezia de *S. Miguel*, rua da *Nova Fonte*, quem vae para a ladeira do Exilio.

—E o nome da fera.

—Constantina.

—Que tempo ha?

—Tres mezes

—Bom. Si a justiça de Latronopolis à deixou impune não a deixaremos nós.

—Capitão, conhece o Carvalho, fiscal das rendas provinciaes?

—Não, que tem elle?

—Disseram-me que um dia destes praticou um facto que pouco o abandona, que me custa crer.

—Então que fez elle?

—Disseram-me que entrou na noite de 24 de setembro ás 7 horas em casa de uma senhora casada, moradora às Mercês, por baixo do sobrado em que mora o 65, em occasião em que seu marido não estava, e espancou-a cruelmente deixando-a em estado de morte, tanto que está ungida, e em risco de perder-se duas vidas, porque a pobre senhora está gravida de sete para oito mezes.

—Que rasão teve elle para isto?

—Quem me informou, disse-me que a origem fôra uma troca de palavras entre a senhora do tal Carvalho e a offendida.

Mais eu não asseguro si houveram ou não outras razões.

—Em todo caso foi uma má acção.

E ficou nisto o negocio?

—Não. Houve mais alguma cousa. O subdelegado da Victoria fez corpo de delicto.

— *Só?*

—Só.

—E o Sr. Carvalho.

—Vejo-o passeiando todos os dias, do que concluo que não foi elle quem espancou a mulher, e sim alguma *sombra* que entrou pelo fundo do quintal, por que si fosse elle, estou certo que a authoridade, não se quereria desacreditar protegendo um criminoso.

Apezar de que disseram-me que elle diz que quem tem amigo e dinheiro nada soffre.

—De maneira que ella é quem está no risco de perder a vida.

—Eu si fosse o marido, sabia o que havia de fazer.

—Ora um caso galante, capitão.

Um preto, no curral, foi accommetido por um cachorro e deu-lhe uma porretada.

—Não vejo nisto nada de mais.

—Ouça. O cadello sahiu e mais adiante chupou da bolla, o que quer dizer que morreu.

O dono do bicho, Severo, encontra-o morto, vae ter com o preto e exige-lhe paga!

E esta?!

—Está no seu direito.

—Eu acho que o negocio está torto; si eu fosse o negro, pagava-lhe quando se abolisse a postura dos cães.

—Da *postura de cães* è que precisa o credor.

—Bem lembrado, capitão!

Jasmim de cachorro, não é isto?!

—Capitão, soube agora uma, que parece incrivel.

—Alguma banalidade, talvez.

—Não, um caso serio.

—Vejamos.

—Ouça:

O Sr. Domingos, homem pardo, porém honesto, pobre porém laborioso official de alfaiate, tem dous sobrinhos pardos escuros a quem educa.

Levou-os ao Sr Ladislau José de Carvalho, professor de primeiras lettras que tem aula na rua dos Sapateiros, para ensinar-lhes a ler, o qual nisto conveio pelo preço de 2$500 rs. mensaes por cada um.

Depois de dois dias o Sr. professor manda chamar o tio dos meninos, e diz-lhe:

Não posso continuar a ensinar seus sobrinhos.

Porque, Sr. professor

Porque são pretos.

Pois Sr. professor na instrucção tambem ha distincção? E si o Sr. tinha estes preconceitos de cores para que acceitou meus sobrinhos?

Agora a rasão que tinha para despedil-os era si eu lhe não pagasse, ou si meus sobrinhos tivessem má conducta, o que o Sr. ainda não pode avaliar porque ha dous dias estão elles aqui.

Mais que quer meu amigo, veio aqui o pae de quatro discipulos que tenho e extranhou que eu ensinasse discipulos pretos, e disse-me que neste caso retirava seus filhos. Eu que por dous não quero perder quatro, lhe mandei chamar para entregar seus sobrinhos.

—E Vm. acredita nisto, não está vendo que é impossivel?

—Não sei, capitão, disseram-me, não asseguro.

—Quem lhe disse?

—O proprio Domingos tio dos meninos.

—Quem é esse Domingos?

—E' um alfaiate official do Mesquita.

—E o *branco* pae dos meninos, como se chama?

—Não sei.

—E dizem que estamos n'um paiz livre!

—Guarda marinha!

—Prompto!

—Chame o professor Ladisláu para defender-se.

—Ja!.

—Capitão, fui no domingo ouvir missa em S. Francisco, e vi lá um sugeito, n'um canto sosinho abrindo um cofre que tinha uma estampa de S. Benedicto, tirando os cobres, e guardando n'uma commoda, não sei para que.

—Talvez fosse o thesoureiro que estava dando balanço.

—Porém só sem o concurso da meza?

—O que tem isto?

Pode ser que os outros não fossem e elle quizesse adiantar o negocio.

—A secretaria da ordem 3. do Carmo começa seus trabalhos quando as outras acabam.

Abre-se alli as 4 e 5 horas da tarde

—Occupações do escripturario.....

—Progresso! Progresso!

—Que fumaceira é aquella alli na rua de Nossa Senho ad'Ajuda?

—E' um imprudente marcineiro que intende que deve todas as noites mandar queimar maravalhas alli detraz da egreja incommodando assim aos prudentes moradores d'aquella rua.

—Pois bem, hei de mandar o guarda-marinha acompanhado do fiscal da freguezia afim de fazer-lhe observar a postura.

—Viva o *progresso* commercial da Bahia! Vivô!

—Então que ha de novidade?

—A loja ponto virgula, capitão.

—E que tem lá isso, não vejo cousa alguma que cause admiração; ponto e virgula e um nome todo commercial, e na escripta de summa precisão.

—A *Catana* já disse que alli não se usa de ponto final, enganou-se redondamente, é outra a minha interpretação.

—Então exprima-se claro—

—Ponto e virgula, capitão, é um sentidó imperfeito,—todo sentido que não é perfeito tem pancada na bola—, logo o dono da loja não tem juizo por que apellidou-se por uma cousa que realmente é Srs. freguezes, sentido com o maldito ponto e virgula, — sempre é cousa de homem e mulher.

A' PEDIDO

Previne-se a certo empregado publico, que por desgraça desta Latronopolis, passou de continuo a escripturario, que se

continuar a andar pelos quintaes da vizinhança na fonte de *Pedras* com a sua companheira e querida Santa Lucia a roubar a criação alheia, como ultimamente foram apanhados com um cazal de gallinhas da Conchinchina de um coronel de *Mattos*, e como a escrava do dito coronel fallasse, dizendo que elles eram quem furtavam as gallinhas de seu senhor, ameaçaram-na dizendo-lhe que se fallasse haviam de cortal-a de chibata.

Não haverá quem agarre estas raposas humanas, e metta as n'uma gaiola correccional para não comerem as gallinhas alheias.

Um prejudicado.

Continuação das Poesias do coronel Tranquillino.

Soneto.

O tú de Julho dous, dia almejado
Que agente Brazileira a palma deste,
Teos louros vencimentos lhe trouxeste,
Das phalanges de Lizias alcansados.

De mil sónoros hymnos festejados
Tem de eterno viver dia Celeste
A' invensivel Bahia, em pomp'àtteste
Grato seo regozijo aos C os levados.—

Querião Captivar a humanidade...
Antigos mandões, que a fama houverão
Esqueça-se d'uma vez antigoidade.

Louve-se herois que a patria só quizerão
Trazer a suspirada *Liberdade*
Que p'ra sermos Nação o sangue derão.

Sr. Paulo, Vm. não quiz tomar o conselho que lhe davamos, agora aguente a peça que lhe pregou o filho de *Catete*.

A desgreça e perdição de muitas familias, é proporcionada às vezes por seus chefes.

Um visinho.

Desmentido.

A publicação da *Tempestade* n.° 2 sobre um facto que se dera na guarda do Collegio è toda inexacta.

Principia por dizer que era o cadete 2.° sargento de nome Amancio do corpo de caçadores que estava de guarda, quando era o furriel João Paulo da Silva Maia, o qual foi victima dos desatinos do soldado Francisco Antonio de Salles que entrando embriagado para a guarda portou-se alli, por uma maneira intoleravel, com grande escinte à disciplina que não permitte insubordinação. Os companheiros de guarda podem jurar sobre o procedimento do referido soldado.

Inimigo, como sou, de injustiças, venho protestar pela imprensa, contra a falsidade, de tal publicação, em que sem duvida foi mal informada a redacção da *Tempestade*.

Assevero que estou prompto a me apresentar para jurar, si necessario for, afim de que não se diga que a minha defeza é de encommenda.

Um que vio.

Pergunta-se ao Sr. subdelegado do Pilar que providencias deu á respeito do facto de haver passado um carro na sua freguezia sobre um homem ha algumas semanas.

O curioso.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado interpellado pelo Sr. Ricardo José da Costa para responder por este jornal sobre negocios de que falla no seu pedido inserto no n. 116, declara, que só em juizo o fará, si assim lhe convier.

Francisco Pereira do Nascimento.

O abaixo assignado, pede ao Sr. L. F. Pé-de-limão que vá buscar o seu sophá que está prompto desde 8 de agosto de 1863, e no caso de que não queira, declare para tratar-se de sua venda, pois o annunciante è pobre, e não pode ter dinheiro empatado.

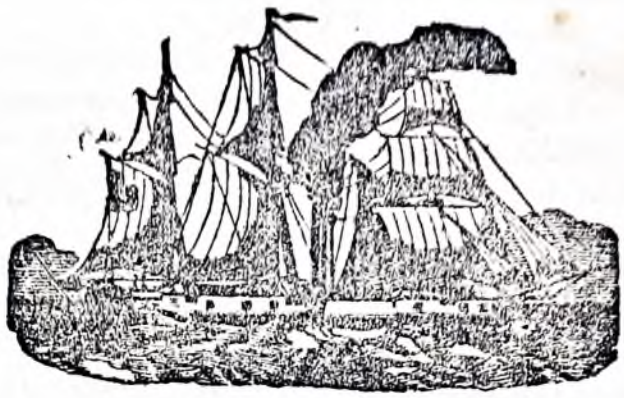
Bahia 2 de outubro de 1864.

Bento Ignacio de Oliveira.

Quem precisar de uma optima ovelha com cria bastante nutrida, procure na caza n. 12 ás Portas do Carmo.

No dia 1.° do corrente perdeu-se uma espora de metal branco com rozeta nova, desde a casa de correcção até a rua de D. José, á quem achar roga se o especial favor de mandar por nesta typographia, e gratifica-se até se exigirem.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.ª BAHIA 7 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 118

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de outubro de 1864.

Officio ao Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias, para que seja removida como perigosa uma fabrica de foguetes que ha em S. Raymundo em caza de um official da guarda nacional, fabrica que dizem ser alli conservada por milagres de *Santo Astolfo*.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para a illuminação publica nestes ultimos dias, em que ha ruas inteiras que ficam em trevas, especialmente a ladeira dos Gatos, rua do Tijollo, Estrada Nova desde o beco do Ferrão até a esquina de S. Miguel— e pedindo-lhe providencias contra o abuso dos accendedores da mesma que costumam apagar os lampeões logo que dão 4 horas.

Portaria ao feitor dos africanos *livres* escravos da nação, ordenando-lhe que acompanhado dos mesmos vá á ladeira do Taboão, e faça carregar com a montureira que existe na dita ladeira no logar em que ha uma volta defronte da casa do Frazão. Cumpra.

—Que sujeito è aquelle, que là vae tão *damnoso* requebrando-se como uma dama, a estas horas da madrugada?

—E' o alferes das gamellas,

—Para onde vae?

—Para caza.

—Donde vem?

—Da *caza correccional*, onde passou á noite em companhia de um collega de armas.

—Homem, isto é serio?

—Tão serio como hoje è quarta feira.

—Novidade.

—Desembuche.

—Sabe da nova companhia de carros?

—Si são deste jaez as suas novidades, vire folha.

—Oca ouça o resto.

—Sabe que o decantado provedor da Mizericordia pediu ao governo o privilegio dos interramentos para a tal companhia?

—Não:

—Pois dizem; disseram-me até que a *Critica* apoiava porque os Arianis eram *careiros*.

—Tanto melhor; si são careiros, não ha necessidade de previlegio para ninguem; os barateiros terão toda a freguezia, sem o odioso de um previlegio desnecessario, immoral e revoltante.

—Mas V. não vê que os membros da

companhia são grandes, ricos, e portuguezes?

—Ah! sim! os salvadores do Brazil, os *barões* e os commendadores!

—Mas os Arianis são estrangeiros que nunca tiveram um caixeiro estrangeiro, e tem de quarenta a cincoenta operarios livres, todos brazileiros, sem fallar nos boleeiros.

Privilegio!

Porque e para que?

Com que direito?

Que invenção apresentaram?

—Privilegio para encher a barriga de meia duzia de sabidos, que se reunindo com alguns brazileiros descuidados, tem de pol-os amanhã de porta em porta.

—Homem, salve sempre a excepção.

—Ora adeus! V. bem sabe que trampa seca não pega em az lavado....

Um *spirituso* correspondente do *Jornal do Commercio* anda com a cabeça à roda.

Visionario, imaginou cacetadas e cabeças quebradas na freguezia de Santo Antonio, intervindo no conflicto a authoridade.

—Quando, Sr.?

O homem está doudo!

—E ha muita cousa por ahi que tira o juizo.

O homem viu até znavos!

—Estava com a vista escura.

—Pelo contrario, viu tanta cousa, que chegou a ver estrellinhas ao meio dia.

—*Bebé* tem cousas!

—E' da familia, andam todos com o *juizo ardendo*.

—Que barulho è este?

—E' um samba.

—Que horas são?

—Duas horas da madrugada.

—Safa! os visinhos aqui não dormem?

—Queixam-se todos, mas que fazer?

—E o inspector?

—Não sei o que faz.

—Quem é elle?

—O José Moreira.

—Pois elle é activo e energico; conheço-o muito.

—Não sei; o que é certo é que, todas as noites quasi, de uma hora em diante ninguem pode dormir.

— Que rua é esta?

—E' a dos Carvões.

—Ah! è negocio de Santo Antonio. .

—Freguezia da roça, terra de sambas.

O inspector tem rasão, até porque não è prohibido.

—Mas a salvação publica è a lei suprema, capitão.

—Ora, rapaz... deixe-me!

—O presidente *pavão* anda com seu rabo mettido entre as pernas, mas anda de pescoco duro.

—E' para mostrar a *nova* plumagem.

—Oh! isto é agora moda para os presidentes?!

Tambem usa de cabelleira postica.....

—Bem dizem que a epocha é dos posticos.

—Pois viva o *imperio* ou a presidencia dos Braz-Mimosos!

—Sr. Lima Barbosa, por onde tem andado?

—Viajando por Cachoeira.

—Que noticias traz de lá?

—A mais importante é' o caso de um portuguez usurario que assentou que devia ser medico.

—Conte-me isso.

—O sujeito padecia d'agua na bolsa do testiculo e mandou chamar o Dr. para lhe fazer operação.

Por causa das duvidas quiz saber logo do preço, e dizendo-lhe o medico que lhe custavam 20$000 rs., achou muito caro e despediu o esculapio.

Pegou em uma navalha e fez elle mesmo a operação, mas com tanta infelicidade que impurrou-se para a outra vida.

—Que miseria!

—Os amigos do Sr. Silva Gomes estão loucos!

Intendem que defendel-o é injuriar apposição.

—Custaram, porèm chegaram; antes tarde do que nunca.

—E dão por paus e por pedras, lambem a solla do sapato do presidente e nem de leve tocam na demissão do delegado.

—*Antigos* conservadores, não querem mostrar-se ingratos, nem que os seus o sejam.

—E è espinhado um certo L. que assignou o artigo!

—Logo que lettra!

Marcada com ferro quente, deviam-na trazer na face certas pessoas.

—Deixal-os, pobres chupa-caldos!

—Que diabrura é aquella na ladeira da Solidade?

—E' uma cambada de negras escravas de um *Bernardino* que estão insultando a uma familia honesta com palavras obscenas.

—Guarda marinha!

—Prompto, capitão.

—Pegue essas negras, mande-as para o porão deste navio, e dè o castigo que merecem.

—O defensor do presidente disse que o *Diario* não quiz acceitar sua *defeza*!

E esta?!

—Petas, homem!

Pois V. não vê no Post-scriptum que elle, *ao terminar o artigo*, declara que sempre o acharão prompto a defender? Pois elle terminava e já dizia que o artigo fora demorado por não querer publical-o o *Diario*?!

—E' verdade, homem.

—Salvo si o gaiato lembrou-se da declaração quando viu elle o artigo recambiado.

—Foi isso: *depois do escripto*, não importa que tempo, toda hora é hora.

—Leu o *Jornal do Commercio* de 19 de setembro?

Vem gaiato e importante.

O correspondente *liberal* da Bahia, pra não offender a gente do caza, isto é a sua enxurrada de papel sujo, principia por chamar o *Echo do Norte* imprensa vendida e a dar-lhe passaporte de vermelho.

—Pois o *Jornal*, ao dar lhe a noticia chamou-o liberal.

—E' que o homem leu e não intendeu; *legere et non intelligere est burrigere.*

—E tanto não intendeu a besta, que disse que o *Diario* reduziu a pó o *Echo*, atirando lhe o ridiculo, unica resposta que merecia.

—Que tollo!

Mas porque?

—Porque o *Echo* disse que talvez no futuro o **7 de Setembro** allomiaria o Brazil verdadeiramente livre e independente, quando estivessem delidos os elos da cadeia da centralisação.

—Mas o correspondente falla em cadeia nacional.

—E' que estava bebado quando leu, ou quando escreveu.

—Bebado não; escreveu depois do jantar, e como tinha jantado bem, teve ameaços de *apoplexia*...

—Conhece o Dr. *Lambeau*?

—Não.

—Um bohellas que anda de cavallo todos os dias, de charuto no canto da boca....

—Não.

—Um ide chapeu de palha, que é lente da Academia de Latronopolis...

—Não.

—Um que é eleitor pela freguezia dos sanhaços....

—Não,

—Um que entrou na chapa de eleitores do partido progressista e que não deu nem a sua propria chapa....

—Não.

—Um que, *liberal*, votou nos vermelhos....

—Não.

—Um focinho de quati...

—Não.

—Um physico...

—Não.

—Um diabo ahi, um cousa ruim, um safado, um impostor...

—E' gente que eu não conheço.

—Um *Cazuza* que veiu de *Freitas* e que è devoto de Santo *Antonio*...

—Não, homem de Deus!

Quem quer que seja recommende-o ao muxingueiro do *Alabama* e està acabada a obra.

Que fez elle?

—E' um infame, um trahidor, um trocatintas politico, um safado emfim.

—Va ter com o muxingueiro e deixe-me.

A' PEDIDO

—Quem é aquelle marca de judas?

—Qual?

—Aquelle homem miniatura que està naquella venda virando a munheca.

—Deitando o oculo, o reconheci agora; é um desvalido que veio de *Dantas* e chupa soffrivelmente á custa dos outros.

—Então elle gosta da pinga do rôxo?

—Toma-o às colheres em logar de sopa.

—Em que se occupa essa figura de presepe?

—E' caixeiro de uma caza donde se fazem formas para cabeças, e ajudante do almanack luneta, e dizem que em pouco tempo, excederà ao mestre e serà o primeiro almanack desta terra.

Basta! estou informado deste miseravel.

—Vou pedir ao capitão do *Alabama* que agarre esse biltre e tranque-o no porão.

—E' muito pequeno o castigo.

Biltres dessa natureza só á cabeça raspada, pão e agoa, e vergalho teso.

Sr. Redactor.—Certo de que V., amante como è da verdade, ha de contribuir para que ella seja restabelecida quando de alguma forma alterada e sendo V. talvez mal informado em uma noticia que deu, peço-lhe que publique o seguinte:

Pede-se ao informante da noticia da divida do Dr. Freire para com o Senhor do Bomfim que declare de que provém ella. Si de algum negocio particular ou si é tendente a *objectos* de quando o mesmo foi thesoureiro.

O amigo do credito.

Pede se

Ao Sr. subdelegado da Sè, encarecidamente, que faça acabar com um grupo que se senta no adro da egreja de S. Pedro Novo, por não ser alli o logar mais proprio para ajuntamentos com certos fins, e pratica de actos immoraes.

A moralidade.

Pede-se a certo official de carapina que tem cara de macaco, morador na rua das Laranjas, que por *S. Clemente* se deixe de fallar da vida alheia, e de quem não tem chronica como elle e nem anda de casa em casa a lamber pratos para com este fim tractar de pessoas que estão superiores a elle do contrario verá sua chronica escripta nesta folha

ANNUNCIO.

Os Srs. que devem na loja de charutos á Calçada do Bomfim, tenham á bondade de ir pagar no preso de 15 dias, si não querem ver seus nomes por extenso.

Patriotica Associação d'Artistas.

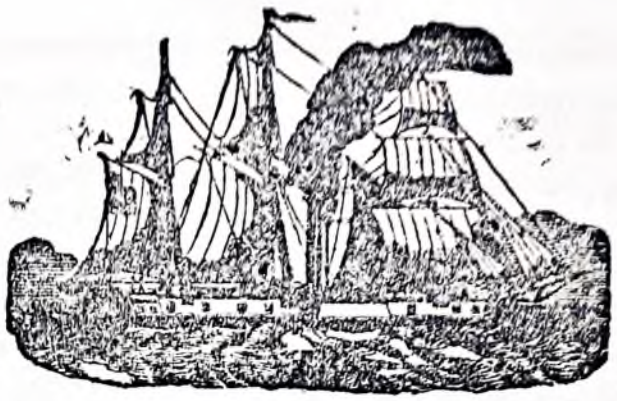
A direcção faz constar aos Srs. socios que em sessão de 2 do corrente, nomeou o Sr. Aurelio Gracindo Damasio para o logar de cobrador da referida associação, de cujo cargo se acha de posse.

Bahia 6 de outubro de 1864.

Emiliano H da Silva.

2.º Secretario

TYP DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.ª BAHIA 8 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 119

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 15 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de outubro de 1864.

Officio ao Illm. Dr. delegado, dizendo-lhe que no hotel à Calçada continúa o jogo escandaloso, pelo que cumpre que S. S. acabe com aquella mina, prevenindo-o que ha informações de que alli atè se commette, além dos mais, o crime de alterar as faculdades dos incautos que alli vão, com bebidas para isso preparadas, para mais facilmente poderem as harpyas dilacerar as algibeiras dos que tem a infelicidade de alli ir.

—Sabe?...

—Sei.

— Si ainda não lhe disse o que é...

—*A*posto que sei.

— Vejamos.

—Quer tractar do *Florida*.

—Apoiado.

—Si apostasse, ganhava; não se falla em outra cousa.

—Foi aprisionado pelo *Wassachussets*.

—Que vergonha!

—Que insolencia! Tracta-se assim uma nação amiga!

—Dizem que fizeram voar a taboleta do consul dos Estados Unidos.

—Ouvi dizer, e que o author foi um maluco que *conta correios*.

—Logo vi! Um sujeito fugido dos *mattos*?

—Justamente! De sorte que podem complicar duas nações os desvios de um maluco e de certos animos exaltados!

—Que sujeito è aquelle que vae alli com uma vara e um sacco pendurada?

—E' um moço que anda apanhando borboletas.

—Já temos na Bahia negociante de borboletas? Quem é esse negociante?

—E' um moço que tem loja de chapèu *armado*!

—Por Santo Antonio me diga o nome d'este moço!

—Nem que me peça por S. Joaquim.

—Peço-lhe por *Santa Anna*.

—Já disse que não lhe digo.

Sei que elle entra pelas roças correndo atraz das borboletas e com esta parte tem adquirido amizade de muitas familias.

—Quererà elle por este meio apanhar tambem alguma moça?

—Eu sei, capitão! Elle tem muito geito p'ra mulher.

—Guarda marinha intime ao bôbo das borboletas, que deixe de se dar a desfructe, quando não, mando-o para a cidade de Mi-

randa afim d'elle pegar melhor suas bichinhas!.

—Ora esta camara!

—Que camara? Dos deputados?

—Dos vereadores.

Não se importa com cousa alguma! Está todos os dias a imprensa a clamar e o muro da ladeira da Misericordia ahi continúa a ameaçar o publico!

—Olhe, ha um remedio.

Grite todos os dias, que quem mais grita mais rasão tem. O Sr. acabará por ser ouvido.

—Pois sim!

Srs. vereadores, tomem conta do muro! tenham pena do povo!

—Amigos, novidade.

Depois dos raios e coriscos da *Tempestade* que trouxe ultimamente uma *pacavira* de pedradas, appareceu uma *serpente*.

—Oh! vomitou o ceu serpentes!

—Não; è um novo periodico que apparece.

—Ai! si morde o capitão do *Alabama*!

—Pelo contrario; está-o a namorar; já mandou-lhe uma cartinha, uma epistola, em que pede que faça liga com ella!

—Que liga damnada!

—Liga, como diz a *Serpente*, de cobra e corsario, de armador e vigario, de fiscal e vendilhão.

—Morda ella os tratantes!

—Oh! que ventura!

—Ora, viram o *Povo*?

Não è deste mundo.

Diz que os habitantes ligueiros de Santo Antonio tornaram-se peiores do que os africanos insurgidos.

—Que injuria!

—Diz que ninguem podia chegar á janella, porque nem as donzellas estavam livres das pedradas!

—Horror! horror!

—Conhece o Dr. papa jantares?

—Não. Quem é?

—O amigo de todos os presidentes?

—Ainda peior. Adiante mais alguma cousa.

—E' um medico que intende menos de medicina do que eu de dizer missa.

—Não adianta nada.

—Um figurinha de engonço presumpçoso, que faz alarde de sabichão, mas que está abaixo de zero; um desfructavel que assenta que os espessos bigodes que tem lhe dão direito a passar por homem de criterio quando elle não é mais que uma azemola.

—Cada vez estou mais em jejum.

—Um cujo que foi reprovado no 1. anno de direito pela faculdade do Recife, tida geralmente pela mais complacente das faculdades e que voltando a Latronopolis a conseguiu encaixar-se em medicina, onde, empenhos do avô, o *barão Una*, obteve uma carta de curandeiro.

—Inda assim, não sei quem è.

—O sujeito é um que, dizem, escrevinha correspondencias d'aqui de Latronopolis para a corte do imperio do Brazil, e cujo nome se parece com *gosto* de *sal*.

Bem desenchabido que è elle!

—Mais alguma luz, meu claro, estou nadando em trevas.

—O lorpa affecta grande privança com todos os presidentes que vem a esta terra, porque alguns conhecendo-lhe as tendencias servis, fazem delle um despresivel capacho; e elle vende esta pomada bem vendida que muita gente acredita que elle tem grande valimento e influencia, quando não passa de um vil rabo-leva.

—Mas a que vem tudo isto? Tem Vm, fallado tanto e não disse nada que adiantasse.

Em que se emprega esse moço?

—Guarda meninos.

—Pois um medico servindo de ama secca de crianças!

—Não; elle vigia a moralidade e procedimento dos meninos n'um estabelecimento publico.

—Mas, si como diz Vm. elle não tem moralidade para si, como pode ser censor da dos outros?

—Isto là não sei.

—Mas porque não exerce elle a sua profissão?

—Porque ninguem nunca teve fé nelle, e desacreditou-se por uma vez depois que

ia matando um doente com uma receita monstruosa.

—Ora! Pois está Vm. ha duas horas com uma massada tão comprida, quando em duas palavras, podia dizer quem era o *sobrinho de Bebê*?

—A qui-qui, capitão.

(Continúa)

O correspondente do *Jornal do Commercio* disse que o *Echo do Norte* acreditou seus chefes e suas chapas.

—E' que o homem não leu o *Echo*, ou si leu atrapalhado, deslumbrado com a grandeza de escrever para o *Jornal do Commercio*, não reparou que o *Echo* sahiu a 7 de setembro, e que ainda até hoje não fallou em chapas.

—E' o que disse hontem o *Alabama*, o homem escreveu depois da janta.

—O que fazem tantos soldados de cavallaria a galope pelos ruas?

—Providencias.

—Para que?

—Por causa da afronta que soffremos dos americanos.

—Bello! então a cavallaria é que vae nos desafrontar do que fizeram elles no mar! Inda si ella fosse de *marinha* podia ir á galope pegar o *Wassachussets*.

—Porem para isso lá foi o *Paraense*.

—A boas horas! Depois que se foram embora!

—A's horas que o presidente chegou e ordenou

—A que horas chegou o presidente?

—As' seis e meia.

—Está bom:

Si não podia vir mais cedo, veio a boas horas.

—E que fizeram as nossas auhoridades maritimas?

—Disseram-me que por si só não podiam obrar.

—Não creio; pois então o presidente não havia de ter dado as necessarios providencias para qualquer eventualidade?

—Dizem que não,

Outros dizem que os officiaes não dormiram a bordo.

—Talvez fosse isso.

—O Malaquias não é mais procurador do Miriz Pinto?

—Não; porque?

—Vejo-o sempre no escriptorio do *Interesse Publico* e tenho-o encontrado com o Moraes Passos na rua.

—Ora esta! Pois o Sr. não conhece o Malaquias?

—Conheço-o como homem serio.

—Sim! sim!

—E honesto.

—Justo! justo!

—E honrado.

—Pois não! pois não!

—E capaz.

—De que?

—E homem de bem.

—Tanto é, que elle mesmo o disse um dia destes no *Jornal da Bahia*.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS, 7 DE OUTUBRO A'S 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA DO MERCADO.

Nosso commercio está mais desassombrado, e vai proseguindo em sua marcha ordinaria.

A gente do olho aberto que visava tirar partido das circumstancias actuaes viram frustrados desta vez seus planos e pouco puderam fazer.

Os mais espertos com tudo aproveitaram as aguas turvas para embarcar suas biscas.

No periodo da semana que passamos em revista entrou um carregamento de *furtos* vindo da *Saude* no patacho da *Gloria*, o qual está em ser.

Entrou mais o brigue *Chico* Carteira, da companhia do olhosvivo que tinha ido ao Rio refrescar.

Vieram ao mercado duas partidas de *infanticidio*, uma chegada n'uma das semanas

passadas na escuna *Carlota*, procedente da peninsula da *Penha* e que estava depositada no trapiche *Madragoa*, donde veio pela *Via d'Areia* para ser vendida em leilão.

E uma outra que esteve depositada no trapiche *Agua de Meninos* cuja procedencia ignoramos, bem como as transacções.

Foi hoje comprada sobre agoa por conta do governo uma partida de *desacato*, *menos-preço*, e *humilhação*, vindas n'um vaso americano que se achava em nosso porto.

Nosso commercio tem estado animado em *casamentos*.

—

REVISTA DO MERCADO.

Algazarras.— Abundancia. O carregamento da falúa *Joanna* vindo de *Acrimane* foi vendido para a villa de *Larangeiras*.

Charidade.—Nem sombra.

Discordia.—Ha alguma.

Falla-se na compra de uma partida pelo empresario do theatro e o botequineiro do mesmo.

Deleixo.—Abundancia. Os depositos mais suppridos são por conta do governo.

Humilhação.—O governo arrecadou para si toda que havia no mercado.

Segurança.—Graças ás medidas policiaes este genero anda à granel.

Trevas.—A Companhia do Gaz obteve do governo beneplacito para abastecer a cidade deste genero.

Violencias.—Depois das eleições o mercado tem estado supprido.

A *liga* tem sido sollicita para que o mercado seja abastecido.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIEESTO.

Barca *Justiniano* vindo de *Santo Antonio*; commandante *Araujo* em de setembro:

1 livro contendo as deliberações do conselho de qualificação illegalmente constituido, 2 caixas nullidades, 25 cestas irregularidades, 30 balaios infracções, 20 cascos vinganças (pequenas) 20 canastras protecção escandalosa.

—

EXPORTAÇÃO.

GENEROS DESPACHADOS.

Cidade da *Calçada* brigue *hotel*; *Barreto e C.* 50 duzias baralhos de cartas, 10 vasos jogos prohibidos, 5 pacotes ladroeiras, 5 cestas cerveja e vinhos preparados para exaltar as faculdades que os bebe, com certo fim, 1 *maço dados*, 1 billhar *preparado*.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA

Boipeba, em 5 dias lanchão *Prazeres* Barbino *Xico* dos Brittos, carga *pancadas* à Manuel Alvo das Pereiras, passageiros —um vigario, um subdelegado, um thesoureiro, *perpetuo*, e o faquista Marcolino protegidos mesmos.

SADIDA DO DIA.

Pedras da Fonte sumaca *Santa Lucia*, capitão *Perciliano*, carga gallinhas e patos furtados, uma carteira surripiada n'um balcão de venda, um par de argollas emprestadas, algumas jacas roubadas ao Xico das liguiças.

A PEDIDO

Pede se ao Illm. Sr. Dr. juiz municipal e residuos que mande vir a sua presença o livro de registros de testamentes n.° 192, afim de ver si nelle, a f. 190 até 93. v. se acha registrado o testamento do major Firmiano Joaquim de Souza Velho, e uma carta mencionada em uma carta mencionada em uma das verbas, a qual consta-nos, que apesar de ser parte integrante do dito testamento, foi subtrahida, sem duvida, por alguma pessoa que se oppunha á ultima vontade do testador.

O interessado.

Dizem, valha a verdade!

Que o Sr. A. A. Guimarães dissera que seria breve subdelegado da Penha, para esfregar os ligueiros.

Sr. Guimarães, não se deixará de contar com as cebollas do Egypto?

Ainda quer ser subdelegado?

Quer que de novo gemam os prelos?

Tem saudades daquelles tempos?

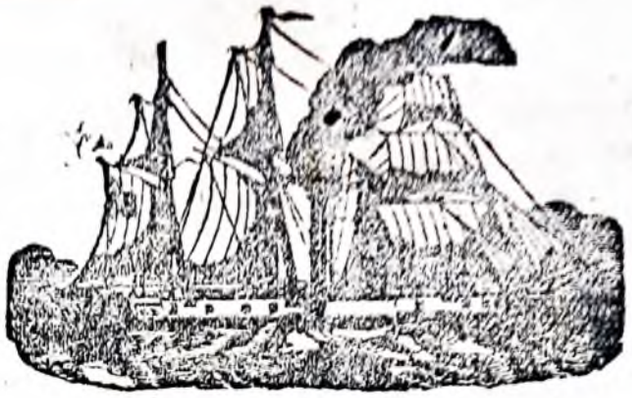
Gosta de ver seu nome em lettras redondas ...

Mania!

Deus o favoreça e ajude.

O lusitano.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.ª BAHIA 11 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 120

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de outubro de 1864.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, ponderando-lhe a necessidade, que ha de que os commandantes das fortalezas sejam obrigados a nellas pernoitar, para que não se reprodusa o facto de estarem fora de seus postos em qualquer acontecimento que se dê, como succedeu na noite do conflicto dos vapores americanos, em que assevera-se que não só estes, como muitos e GRADUADOS officiaes da armada andavam passeando, sendo até visto um de alta cathegoria no theatro à uma hora e meia.

—Ao administrador do correio, perguntando-lhe si é verdade que o consul dos Estados Unidos está em grande debito para com essa repartição, proveniente de porte de cartas e correspondencias que não tem pago, e qual a razão porque se não tem empregado os meios para que a fazenda seja embolsada dessa divida, n'um tempo em que precisa tanto de dinheiro e em que tem de fazer enormes despezas com o casamento das princezas.

—Passei na quinta feira por Agua de Meninos, e vi na praia se esfolando tres bois que tinham morrido, e um carro para receber as carnes.

—Sem duvida para ir interrar.

—Nos buxos humanos.

E o caso è que poucos minutos antes tinha passado por alli o Sr. Freire, medico do curral.

—Então que diz o Sr.?

—Que seou duvida nenhuma aquella carne veio para o consumo.

—Não creio.

—Ora!

Tem visto a *boa qualidade* della estes dias? No domingo havia na baixa dos Sapateiros um açougue, cuja carne parecia-se com bofe, e que pendurada estava se decompondo em agua.

—E os fiscaes?

—E as meias multas?

—Conhece o capitão Sabino de Mello?

—De que batalhão?

—Do 10 °

—Não.

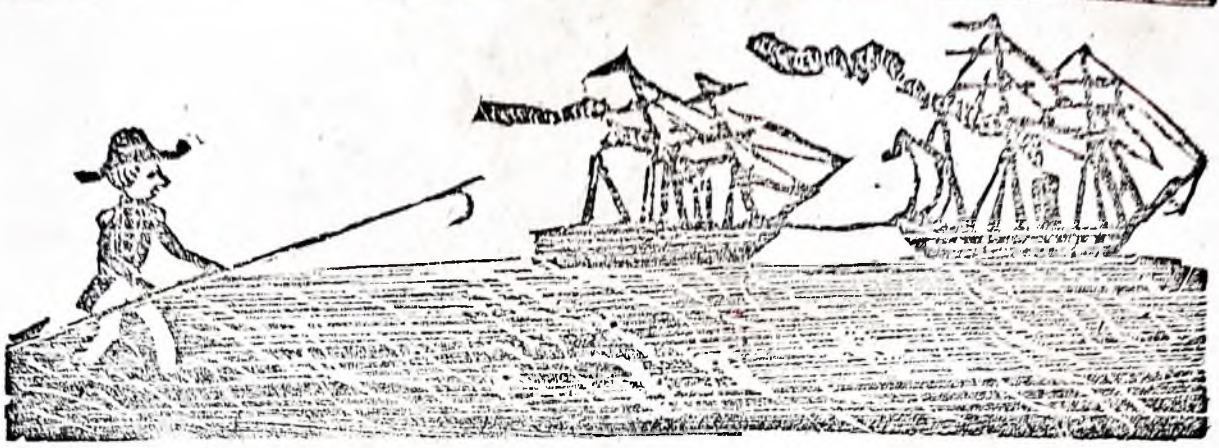
—Pois no dia do embarque do arcebispo, quando marchava no batalhão, metteu a espada n'um musico de nome Abreu e o deixou em estado de ir para o hospital.

—Mas porque?

—Deu como rasão que o musico o ridicularisara.

Mas acho que alli não era o logar proprio nem aquella maneira de punir.

—Imprudencias!



Um *mancebo* hespanhol vingando a honra nacional.

—Capitão, onça este caso, que contou-me o Sr. Antonio Josè Marques, alfaiate estabelecido á cidade baixa, o qual corre por conta delle:

Disse-me que passando na occasião do embarque do Exm. arcebispo pelas Portas da Ribeira a gente da companhia olho-vivo, Belmiro lhe saccara da algibeira a carteira com dinheiro; o que foi presenciado por um portuguez que tem venda e mais outras pessoas que o avisaram.

Sendo Belmiro seguro, e encontrada a carteira no seu bolso, foi preso á ordem do Dr. chefe de policia.

No caminho porém prostrou-se Belmiro pedindo que não o levassem ao chefe de policia e sim ao subdelegado.

Conduzido á presença do subdelegado Jurema, este perguntou-lhe quem era.

Respondeu que foi cria da casa do Sr. Pereira de Albuquerque e que era do partido ligueiro.

—Não creia nisso, homem.

—Estou referindo o que me contou o Sr. Antonio José Marques, sem comtudo garantir o facto porque não vi.

Então disse o Sr. Jurema: si for da casa do Sr. Pereira, está solto, mas si está mentindo vae para a Correcção.

—E' impossivel! Não creio, o Sr. Jurema é incapaz de tal.

—Ouça, capitão.

O Sr. Jurema escreveu ao Sr. Pereira, o qual respondeu que Belmiro não era de sua casa, mas que o julgava incapaz de tal.

—Lá isso não, o Belmiro é capaz de fazer isso.

—Voltando a resposta do Sr. Pereira, foi Belmiro solto contra a expectativa de todos que o conhecem.

—Mas Vm. não disse que a prisão foi à ordem do chefe de policia?

Isto está parecendo uma historia da carochinha.

—Não sei, contou-me elle prejudicado.

E disse-me que hoje iria ao chefe, e publicar o facto no *Jornal da Bahia*.

Parece incrivel. Cada um conta sempre as cousas, à sua vontade

—Mas o homem disse que era ligueiro.

—Qual ligueiro! Pois haverá ligueiro que queira se hombrear com um rapina?

—Si o chefe de policia soubesse!

—Que foi?

—O largo do Curral do Conselho está reduzido a um arena politica?.

Brigam alli ambos os partidos; tem havido suas prisões, seus disturbios; prendem e soltam, fazem e desfazem.

Houve um moço que vestiu a farda de official da guarda nacional e prendeu, ou quiz prender um inspector.

—Isto não val nada.

—Nada?!

E' bom prevenir, para não punir: aquellas escaramuças podem ter funesto resultado.

Eu acho...

—Que lhe faça muito bom proveito.

Onde estava o Carvalhal quando deu-se o caso do *Florida*?

—Homem, correm diversas versões; uns

dizem que em casa da familia, outros q. no forte do Mar; que é o que eu creio.

—E o Mancebo?

—Dizem que no theatro levou a noite, donde sahiu para o hotel; mas quer me parecer que um valente official como elle, a ponto de, intrepido, deixar ganhar distancia, e jurar morrer pela patria em que não nasceu, não desamparava o seu posto. Eu o que acho è que o Sr. Mancebo è surdo.

—E o brigadeiro Alcantara?

—Ora um homem velho!

—Mas não podia dar ordens?

—Ca, ca, ca!

A quem, Sr., a carangueijos?

—Então a fortaleza não estava guarnecida?

—Quatro invalidos, meu rico senhor!

—Está direito; o commandante do tal *Wassuchet* teve rasão e muita.

—O que tem D. Bahia que está tão afflicta e desconsolada?

—Chora o abandono e despreso em que a deixa seu esposo, o Dr. Governo.

—Eu si podesse fallar com o chefe de policia contava-lhe um caso, e elle, magistrado integro, caracter intelligente e moralisado como è, havia dar providencias.

—Qual é o caso?

—Dous portuguezes taverneiros, moradores à Calçada, compraram diversas joias entre as quaes um par de argollas co[illegible] brilhantes avaliado em cento e cinco mil reis, ou mais a um moleque que as roubou á sua senhora.

—Talvez o moleque fosse ourives.

—E tanto os portuguezes assim o julgaram, que o par d'argollas custou a um deiles quatro mil reis!

—O nome deiles?

—Ignoro; mas o dono das joias, o Sr. Faria, sabe quem são e o subdelegado tambem, si me não engano.

—Como enriquecem esses maganos!

—Tem visto as providencias *energicas* que o governo tem dado?

Prohibiu a entrada do *Wassuchet* em todos os portos do littoral da provincia, e para isso ordenou às authoridades que empregassem atè a força.

—Muita força devem ter cada uma dessas authoridades, para repellir um vapor de guerra.

—E' da força publica, que falla, homem, e não da physica de cada um.

—Mas onde as authoridades vão achal-a si os destacamentos de fóra são compostos de 4 e 6 homens?!

—Ora não me aborreça!

—Ora vejam que diabrura!

—Que houve?

—Um artigo que tem um L, uma cousa assim.... uma diabrura em fim.

—Ora intenda-o lá!

—Porque lettra principia a palavra—ladrão?

—Que...! não qualifico.

Entretanto o author do artigo é um homem honesto á toda prova, honesto como bem poucos se hão de presentemente encontrar.

—Eu o sei e por isso reclamo.

—Neste caso reclamemos.

—E protestemos.

—Frei cavallinho de frecha!

—Para que me quer, Sr. capitão?.

—Então ainda é o typo da concupiscencia, da ambição, da maledicencia, e da intriga lá na cidade heroica?

—Sou sempre o mesmo, Sr. capitão.

—Apesar do titulo de palrador imperial?

—Não mudei, nem mudo, porque o cynismo é a minha natureza.

—Benza-te Deus, frei passarinho!

—E como, conseguiu V. o titulo de palrador imperial?

—Muito facilmente: lancei-me aos pés da mulher de um barão, a quem chamo tolo e fôfo; e eis como me a graça veio.

—Creio: porque o sermão, segundo dizem todos que o ouviram, foi uma dessas *gloriosas* bernardices que denotam estupidez e descaro.

—O certo è que passo por optimo orador.

—Não duvido, lá na sua heroica.

Digame mais, frei Linguiça, ainda se empenha baixa e vergonhosamente para lhe darem sermões?

—Si eu preciso, e tenho mulheres!

—Porém, o bom pregador não emprega estes meios vis e infames; espera que o chamem; não anda commettendo indignidades, fazendo enredos com seus collegas, para só pregar, como um ambicioso insaciavel de dinheiro.

—Eu faço o que posso; e por tanto já tenho uns continhos de reis.

—Mas frade professa pobresa.

—Isto ja cahiu em desuso; assim como a castidade perpetua.

—Que frade do diabo!

—Ainda está tambem mentiroso, calumniador e maldizente? Ainda surripia os direitos de estola do pobre vigario da Soubara?

—Ora, esta é uma qualidade de todo frade.

—Quantas amasias tem hoje, depois que lhe falleceu a dleinea da Saubara?

—Duas de desoito annos.

—Haverà frade mais immoral, safado e estupido?

Muxingueiro!

—Sr. Capitão, por quem é!....

—Ponha-se no recto, Sr. frei cavallo, e metta-se em breado.

—Eu sou moço e tenho raiva quando me chamam *maneebo*.

—Porque?

—Porque a palavra principia por *man* que significa homem em inglez e acaba por *cebo*.

—Então quer V. dizer que o homem è de cebo.

Está bem boa esta!

A PEDIDO

Sr. inspector, não se importe com a vida privada das pessoas de sua visinhança, cuide antes em evitar tantos casos tristes quotidianamente se dão no seu quarteirão, prohiba que se profiram em alta voz tntas palavras offensivas à moral publica, ponha termo aos gritos d'aqui d'elrei, às pancadas, ás voserias e a todas essas scenas repugnantes de que tem sido theatro o seu quarteirão; deixe-se de intrigar a visinhança; não queira com o descredito alheio arranjar suas pipinciras; tenha vergonha, e acceite o conselho que lhe dá,

A ladeira da Preguiça.

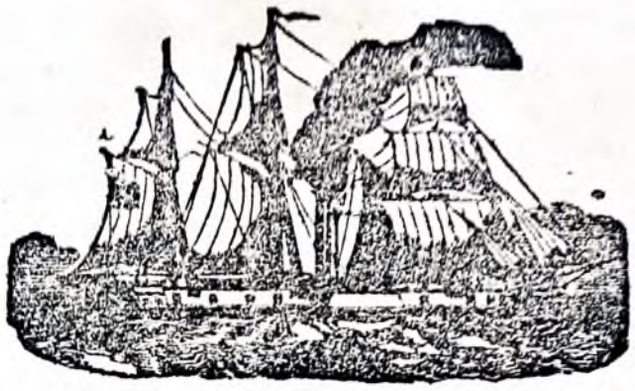
Chama-se a attenção do Sr. subdelegado da Sé para uma *biboca* que ha á rua Direita do Collegio nº 15, pertencente a um Sr Julio conhecido por feijoada onde ajuntam-se diversos capadocios para o jogo do dominó, do que resulta m sempre desordens e palavrarias, como no sabbado em que houve um alarma que incommodou toda visinhauça.

Um visinho.

ANNUNCIO.

Pede se e gratifica se no caso que oxijam a quem tiver achado uma pequena peça de ouro pertencente a' cadeia, que foi ar ebentada na rua Direita da Misericordia, o especial favor de entregar n'esta typographia. O annunciante espera generosidade de quem o achou pois é de um objecto de estimação.

TYP. D EMARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.ª BAHIA 14 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 121

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de outubro de 1864.

Officio ao Sr. inspector da saude publica, dizendo-lhe que havendo suspeitas de que na casa n. 109 á rua direita do Pilar existe um individuo atacado de elephantisis, cumpre que S. S. passe a examinar si é exacto, e no caso de ser faça remover tal individuo para o hospital dos Lazaros.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que se dirija á camara municipal e tome os africanos *livres-escravos* da nação para mandal-os remover o monturo que existe em toda a rua da Larangeira e no becco que dá communicação com a ladeira do Desterro, os quaes acham se em deploravel estado, denotando deleixo, incuria e relaxação de quem sem duvida não é o capitão do *Alabama*. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua do Bangala e intime a certa Sra. que por alli mora que é preciso não continuar a insultar a visinhança, sob pena de publicar-se-lhe o nome e o numero da casa, além das mais em que incorrer. Cumpra.

Aviso ás pessoas que passam pela ladeira da Mizericordia. Tendo debalde nos esforçado para que a camara mande demolir o muro que fica em frente aos ferreiros na ladeira da Mizericordia, e não o tendo ella até hoje feito, continuando aquella ruina a ameaçar o publico, faz-se-lhes pelo presente avisar que deixem de passar por junto ao referido muro, do qual um alto e rigoroso pilar, inteiramente rachado e desaprumado se acha em vesperas de cahir.

—Um conselho aos teimosos, um aviso aos que ignoram.

—Que ha?

—Quem for ligueiro não vá a S. Joaquim tirar meninos orphãos.

—Porque?

—Porque não dão!

—Ainda sendo pessoas conhecidas, artistas estabelecidos, moralisados e honestos?

—Ainda.

—A razão?

—Porque a Meza é vermelha.

—Ah!....

—Estão no seu direito, fazem bem.

Conselho em palacio para salvar a dignidade do paiz, já perdida.

Os Braz Mimosos discutem.

—Morrerei por ti, meu idolatrado Brazil!

Para salvar tua honra, tua dignidade ultrajada, sacrificarei minha vida, darei meu sangue!

Eia, companheiros, vamos, coragem!

Exaltemos-nos! avancemos, corramos, vinguemos nossos brios!

—Olé como está este *mancebo* exaltado!

—Tolices de criança, *hespanholadas* de menino.

—Amigo, elles deram *ups* e *hurras*; demos vivas e bravos e onde pegarmos o patife ai delle! assim como aos outros mattaram elles, matal-os-hemos tambem! Antes que metta a pique o *Florida*, mettel-o-hemos nós a pique!

Avança, rapazeada, avança que vae tudo ao fundo!

—Ca, ca, ca!

—Estaes com medo?

—Oh Christo!

Não avançaes?!

—Avançamos, Sr.!

—Que linda rapazeada! que gente brioza e altiva! Quanto é bello governar-se uma gente assim!

Avancemos, avancemos, rapazes!

Que gloria, caraco!

—Ah! E este menino é do paiz de D. Quichote! O *mancebo* é hespanhol!

Cà ca ca!

—Caro galante.

—Ouçem-os.

—Um rul delegado de *Larro*, não feito nas olarias de Jaguaripe, mas acostumado a uma cosinha de *Valença*, reuniu sua gente, por occasião de ser nomeado subdelegado effectivo um excellente caracter, decidiu-se, depois de orar o meirinho Cobrinha-Verde, (não o defunto) que todos os inspectores pedissem demissão em desfeita ao novo nomeado e por aciute ao governo que não reintegrou o *dono* da freguesia.

—Isto onde?

—Na freguesia dos cotovellos do Paço.

—Aqui?

—Sim, em Latronopolis.

—Fortes t Ilos!

—A pessoa nomeada porem, está muito alta.

—Olhe, capitão, aqui em Latronopolis, quanto mais se vive, tanto mais se vê.

—Em toda parte succede isso.

—Ouça por favor, capitão; eu sou orador que não admitto apartes, porque confundem-me.

—Um dia, morreu um brigadeiro; alma candida, coração generoso, às vezes embrutecido e cruel pelos conselhos perfidos e indignos dos que se diziam seus amigos.

Seu nome semelhava-se ao de *pacca*, mas não era pacca. Mas sim; morreu este homem a quem muitos chamaram *pinto*, quando o que podia elle ser era um velho gallo da Conchinchina.

O governo teve de dar dinheiro para o interramento.

Supponham que um conto de reis.

O encarregado quando apresentou a conta incluiu missa do 7.º dia, com o que não concordou o governo.

Sabem quem veiu a soffrer?

Um homem que *cura* a gente da Sé, sem ser medico, ou curandeiro.

Não pagaram os cobres ao pobre do homem que tanto precisa, ainda faltando cem mil rs., si me não engano, para completar o tal conto da despeza.

—E quem foi encarregado?

—Do brigadeiro Pacca foi o José Carlos

homem necessario para tudo na Bahia.

Mas o desse brigadeiro que parecia-se com pinto, sendo filho de paceo; o desse pobre homem, que se não soube aproveitar do mundo e das cousas; e que morreu aqui em Latronopolis, estimado, porèm esquecido;— o desse foi o Zé Coco Ferreiro.

—Que homens!

Que Latronopolis!

—Homem, em todo caso viva sempre a Bahia!

—Está porque de vez em quando dão-se casos fataes! Provém deste e outros descuidos.

—Então que foi?

—Mando a botica do Barata buscar charope de ipecacuanha, e mandam-me oleo de ricino.

—E o que tem isto?

—Assim como foi oleo de ricino, podia ser alguma substancia perigosa.

E depois a surpresa que passei, quando descuidado levo o copo a boca, e em vez de xarope adocicado sinto nos beiços uma bebida gordurenta.

—E Vm. que fez?

—Mandei levar e trocaram.

—Então está tudo acabado.

—Estas facilidades è que dão occasião a muita cousa.

—Um *amigo de credito* pede que se declare si a divida do Dr. Freire ao Senhor do Bomfim provém da thesouraria.

—Não; quem disse isto?

A divida de que se fallou no n. 116 do *Alabama* provém de foros das terras em que está edificada uma caza que ao Dr. ou a seus parentes pertence. E' uma divida de cazal, desde o tempo de seu finado avô, ha 60 annos talvez; a representante do cazal está prompta a pagal-a.

—Pois sim, salvemos o credito do Dr. para mostrarmos ao tal seu amigo que tam bem somos amigos do credito.

O Dr. Freire, segundo nos affiança, nada deve ao Sr. do Bomfim.

—Yaya V. Ex. onde mora? Desejo ter a honra de visital-a.

—Aqui, Sra. minha *chara amiga*; saba por quem é; aprecie da janella que bella vista tem a rua Direita de Palacio.

—Pelo contrario, yaya, só se vê daqui a thesouraria e seus empregados.

Toca piano!

Queira fazer o favor...

—Eu só toco a noite, mas como V. Ex. pede ...

—Toca a noite?

—De oito horas até doze.

—Toca bem, yaya; ha de vir a tocar excellentemente.

Que tempo tem de aprendizagem?

—Dous annos, yaya.

—Ah!...

—Que admiração è esta?

—E' de yaya que todos fallam.

—Fallam de que?

—Porque yaya em vez de se levar na tina do *tanoeiro* interra-se n'uma *cova*, e ahi se deixa internecer como si estivesse n'um rico e macio leito de velludo e nos braços do amor!

—Ah?

—Não devia estranhar que soubessem, por que quem passa na rua vê, quem está na thesouraria não é cego.

Que doces prazeres gosa a minha yaya nos braços do seu querido mestre!

—Ora, que hei de fazer? E' mundo, devemos viver, aproveitar dous curtos dias de existencia....

—Assim, minha yaya assim....

Ah! si eu fosse *tanoeiro*!

—Mandava-me para a *cova*! E' justamente o que eu queria.

—Sabe á razão porque o forte do mar não atirou no Wassuchet?

—Nao, qual foi?

—Porque as balas que havia erom maiores do que a bocca das peças.

—Não cassúe.

—E' verdade.

—E a Gamboa?

—Disse o commandante que com receio de que as ballas offendessem o forte do mar.

—Isto é pilheria.

Pois um artilheiro ia la dizer isto!

—Aposto que não sabe de uma coincidencia, que vem a proposito?

—Qual?

—No beneficio da Leolinda, quando o Moniz recitava dizia—és bella Leolinda! E o echo repetia *linda*.

No dia do conflicto quando o chefe da

estação reuniu em conselho no mar os officiaes estes bradaram viva o mancebo e os echos repetiram — *cebo*.

—E o que quer dizer com isto?

—Nada.

Ouviu fallar nas onças?

—Que onças?

—Onças *domesticas* que estavam a bordo do vapor americano.

—Para que hade estar a inventar cousas?

—E' o que diz a voz publica.

—Ora empine-se.

A PEDIDO.

—A Bahia está perdida de *desertores*.

—Como?

—Pois o *casquilho* não disse em diversas partes que n o convidava a um moço muzico para tocar n'um baile em sua casa, por que sendo o moço pardo disfarçado se casou com uma mulata escura!..

—O que está dizendo?

—E' verdade; elle já esqueceu-se da avó!...

—Ah! tem razão.

E depois si o moço casou-se com uma mulata escura foi de seu gosto, e entre gosto não ha disputa.

—O melhor é que elle deixe-se de estulticia e vá aconselhar ao irmão que não ande praticando indignidades, pois esta é que é a verdadeira branquidade!

—Acho bom!

Pedimos ao Illm. Sr. Dr. juiz de orfãos providencias a respeito do modo porque está procedendo o destribuidor Diniz com a partilha do cazal do coronel Francisco de Paula Miranda Chaves, pois estando ella em seu poder a mais de quinze dias não foi ainda apresentada ao respectivo cartorio, apezar de ja ter recebido do inventariante 30$000 que diz elle lhe pertencer.

Do zello do Sr. Dr. Tosta esperamos providencias.

Um prejudicado.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado pe gunta a imperial sociedade Monte-Pio dos Ar istas e dos Artifices a causa porque o socio F. J. C. B stos estando soccorrido pelas mesmas sociedades se acha recolhido na Santa Casa da Mizericordia.

Victorino dos Santos Ferreira d'Almeida.

COSINHEIRO

No botequim em Santa Ba bara admitte-se um, escravo ou livre,

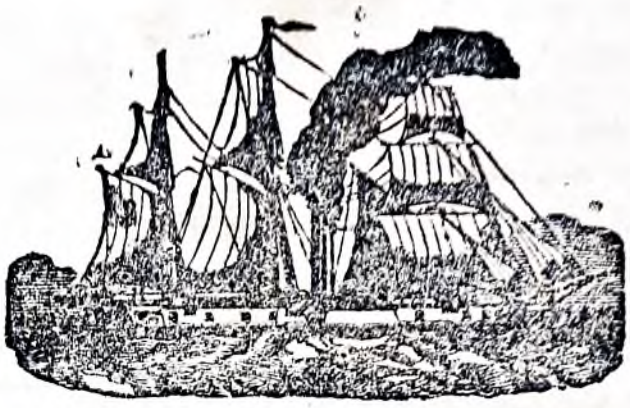
ATTENÇÃO.

O abaixo assignado com loja de charutos a rua detraz da Sé, pede as pessoas que tem conta na referida casa o obsequio de virem s ldal-as no praso de 15 dias, do contrario passarão pelo dissabor de verem seus nomes publicad s n'este jornal. Bahia 12 de outubro de 1 61.—*Ludovico José da Silva* .

ATTENÇÃO.

Roga-se ao Sr. M. J. A. merador a Calçada o favor de vir pagar á rua do Caes Dourado, loja de charutos n. 68 a importancia de uma lettra que passou pelo importe de fogos para o S. João, e si o não fizer até sabbado 22 do corrente verá seu nome n'esta folha. Bahia 13 de outubro de 1864.—*Domingos Francisco da Silva Bezerra.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.ª BAHIA 15 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 122

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de outubro de 1864.

Officio ao Sr. Dr. juiz da Provedoria, pedindo providencias para que seja removido o illegal inventariante do padre Alexandre da Silva Menezes, segundo determina o provimento ultimamente dado em correição e por V. S. rubricado, afim de que a lei e os juizes não continuem a ser menos cabados.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para o interesse que toma o escrivão da Provedoria pelo inventariante do cazal acima.

—Havia em Latronopolis, antes do eclypse de 30 de outubro de 1864, um frade devasso ao ultimo ponto.

—Olé! frade devasso è pleonasmo; mas, emfim, continue.

—Largou o patife o habito e envergou a loba.

—Jesus! devorou tudo!

—Metteram-no n'um seminario e faça ideia que devastação atroz!

—Compadeça-se *S. Joaquim* das innocentes crianças a quem tanto amou Jesus!

—Mas o maganão que tinha *bom gosto* não ficou ahi; metteu-se de gorra com uma mulatinha, com Sinhá pequena, e horror! escandalo! devassidão! infamia!

O padre vivia na janella abraçado com a moça, a dar-lhe beijos e beliscões, a fazer-lhe cocegas e dar-lhe dentadas!

—Ainda é vivo?

—Não; anda pelo outro mundo, a cavallo, como *S. Jorge*.

—Ah! si o pégo! muito tinha que trabalhar o muxingueiro! ..

—Porque não toma a policia conhecimento d'um portuguez que anda pela cidade baixa a conduzir um carro?

—E é prohibido?

—Não; mas o homem mette no carro grandes vigas que nas voltas que dão atrapalham os viandantes.

—Oh! as vigas movem-se?

—Não; move-se o carro e as vigas incommodam.

Um destes dias no caes de S. João, cahiu ao chão um sujeito que vinha descuidado e que tomou um *rampanaz* dos diabos.

—E' que a policia não vê, nem sabe, não pode providenciar por tanto.

CADERNO 20

—Olhe, ha um mocinho ahi chamado *Chiquinho* que fez o diabo.

—Ora vamos a ouvir o caso.

—O sujeito veiu, ha pouco, da *Costa* e metteu-se em caza do *Soares*.

—Do finado major?

—V. bem me comprehende.

Tractou o pelintra de namorar uma moça no que sahiu-se bem. Escreveu por vezes e mandou-lhe seu primoroso retratinho. O negocio foi correndo bem, tanto que elle pediu a moça em cazamento, lembrando-lhe que remettesse o retrato ao irmão della para que o visse.

O diabo, porém, muito contente com a graça, andou a espojar-se de jubilo e descobriu uma cousinha bem boa.

—Qual ella?

—O gaiato, o tratante, o bolas era um pátife, um tratante, um bolas!

—Ora viva, que houve?

—Era casado...

—Que desfôro!

—Mas intendeu que por não estar com a mulher, a quem muito maltractava, podia de novo cazar-se.

—Guarda marinha, mande agarrar este tratante para mandar mostrar-lhe pelo muxingueiro o codigo que prohibe a polygamia.

—Pois não, capitão! (*Continúa*).

—Ora vejam que noticia dá o *Jornal da Bahia*!

—Qual?

—Que imprudencia!

—Que foi, homem?

—Dizer que pintaram a cara do Wilson, ex-consul dos Estados Unidos unida ao corpo de um cachorro!

—Si foi verdade!

—Não, não é bom.

—Ora não me aborreça!

Havia ser galante!

Queria eu vel-o!

Quem commette uma infamia...

—Psio! cale-se ja! Não quero complicações internacionaes.

—Viram o coração bondoso do brigadeiro Alcantara?

—Não.

—Pois não diz que deixou de atirar no *Wassuchet* para não offender o forte do mar!

—Ca, ca, ca!

—Sabe si a policia ja mandou prender os tres taverneiros que compraram as joias da Sra. do Sr. Faria?

—Não.

—E que julga?

—Que devem ser presos; tão bom è o ladrão como o consentidor; tão ladrão é quem furta, como quem compra o furto.

—E vão ver que querem passar por homens honrados!

—Quem são?

—O primeiro è Sebastião José Rodrigues, à Calçada, que comprou um par d'argollas de brilhantes por 2$; o segundo è Manuel José da Costa, à Roda da Fortuna, que comprou um annel de esmeraldas com brilhantes no valor de 200$ e dous pares de argollas, tudo de ouro por 2$; o terceiro é Leonardo José da Cunha, em S. Francisco de Paula, que comprou um alfinete de ouro com coraes por 900 rs.

—Quem lhe disse isto?

—Ja tinha ouvido dizer, mas disse-o depois o *Diario da Bahia* de 11 do corrente.

—Deve dar-se as providencias.

—Sim, deve, deve. Esperemos.

—Ora este! Pois esses negociantes são responsaveis pelo furto que commetteu um escravo!

—Si eu não conhecesse muito de perto ao *padre Amaro*, diria que elle não tem brios, nem dignidade, nem honra, nem patria!

—Porque?

—Porque nega que é a maior affronta que tem havido para povos civilisados a tomada do *Florida*.

—E por dizer o *Echo* que é desgraça sem egual, chama a isso dito de seis arrobas.

—E' para ver si com o peso faz abaixar a cara aos que não tem vergonha.

—Falla em loucura, stulticie etc.

—Ora!

—Diz que è gosto do *Echo* accusar o presidente.

—Eu só admiro é como elle, *sendo padre*, defende ao presidente que mandou amarrar um frade.

—Não di seram que o frade era excommungado?! Elle que talvez foi quem disse e que está no mesmo caso, tracta de por-se bem com o homem....

—Ah! o *padre Amaro* é excommungado!

—Protestante e..... e mais alguma cousa.

—Padre Amaro não merece resposta seria. Basta ser um devasso hypocrita que acha voluptuosa a modinha—*O que eu vi.*

—O redactor do *Echo* é um ignorante.

—Como?

—Não sabe o que escreve.

—Como?

—Pois não leu o *padre Amaro?*

—Ah! aquillo é homem que intende de tudo.....

Consummado leitor da Biblia, gosta e muito da historia de Loth.

—Si não reina naquelle escripto a ignorancia a mais crassa, dictou-o a má fè, a bajulação propria d'um caracter dubio e e vil, indigno e covarde.

—Não merece resposta seria.

—Alma pequenina, verme imperceptivel para ser esmagado aos pés do Sr. Silva Gomes, só causa nojo à gente que o despresa,

—Pois diz isso d'um padre!

—Que padre!

Bem que seja da raça, si o fosse, era uma deshonra para o clero.

—Que sujeito é aquelle que vae alli meio coxo pela cidade baixa, todas as vistas se concentrando nelle, todos a fallarem, todos a cuspirem de nojo?

—E' um *velho amancebado.*

—Como está todo lustroso, todo cheio de galões, todo bordado, todo polido, todo lepido, todo gamenho, todo no *degagé*!

E' algum *Braz Mimoso?*

Agora reparo; é um pobre mancebo, bon vivant, um menino que *sabe viver.*

—E' velho, é menino, é amancebado, é mancebo; ora deixe-me!

—Eu mando là V. estar com a vista escura.

Tudo aquillo que V. está vendo, aquelles bordados, aquella polidez, é tudo de cebo. o lustro é de cebo, o homem emfim é todo de cebo.

—Ora tanto cebo! ora cebo!

—O *Patriota* vem desta vez *engraçado!* Falla em *merdites*, em descargas de az e outras cousas assim.

—*Safa!* é mau o gosto!

Encher a gazeta toda de m....!

—São gostos, e sobre elles não ha disputa.

—E falla tambem no *Echo.*

—Deste não tem resposta. Elle sabe porque, ainda que seja elle o primeiro a não respeitar conveniencias; a não ter contemplações.

—Nem tanto!

—Amizades da epocha; cavalheirismo da moda....

—Capitão, um pedido.

—Diga-se.

—Mande por favor o muxingueiro às Grades do Inferno, em certa padaria, a metter a taca n'um caixeirito semi-socio, que alli ha, o qual vive só a fallar da vida alheia.

—Pois não!

—Mande-o depois, capitão, conduzir ao Dr. Catana, para com o catatau mandar fazer-lhe a barba que se acha jà bastantemente crescida.

—V. Ex. sabe que é preciso castigar aos que erram.

Reune-se o patife com uma sucia de companheiros e moleques e atrapalha de mas a mais a quem passa.

—Està o Sr. servido.

—Muxingueiro, ouviste?

—Sim, Sr.

—Pois executa.

—Agradecido capitão. A's suas ordens.

Em virtude de terem-se esgotado os exemplares do numero passado, reproduzimos a seguinte caricatura:

Conselho em palacio para salvar a dignidade do paiz, ja perdida.

Os Braz-Mimosos discutem.

—Calças de casimira fina a 8$ rs.
—Duvido.
—E' serio.
—Onde?
—No 65.
—Mentira, Sr.
Estava bem bello!

Pois o Sr. com este corpanzil, gordincho a ponto de passar por obeso, quer calças de casimira *fina* por 8$ rs.!

—Oh! E ha differença para os gordos e magros?

—Que duvida! Ao menos um destes dias foi o que deu-se.

Um moço de corpo regular pediu as taes calças e pediram-lhe 10$. «Não annuncia por 8$?—Sim Sr., mas o Sr. é gordo.

—Estão no seu direito, fazem bem em zombar assim com o povo.

—Pois eu acho a pilheria de mau gosto.

—Não; o que ha é que elles quando annunciarem, devem fazer a distincção.

—Forte desaforo!

—O Sr. zanga-se..... ca, ca, ca!

—Quem tem a culpa?

Dizem os capotes que o macaco.

Pois arribem-lhe o rabo, e tomem tabaco.

A PEDIDO.

Pergunta-se si um subdelegado, o de Pirajá por exemplo, pode mandar prender um homem maior de 50 annos, só porque este não não se quiz sujeitar a vir á cidade trazer officios.

O stupefacto.

Attenção.

O Sr. C. M. P. é convidado a vir no praso de 8 dias pagar ao annunciante a quantia de 25$ rs., que em julho de 1862 tomou por emprestimo para sortir um botequim no theatro de S. Pedro de Alcantara por occasião de um baile de mascaras na vespera de S. Pedro, e não o fazendo passará pelo desgosto de vêr seu nome por extenso, além de ser compelido a pagar judicialmente, pois basta de mangação.

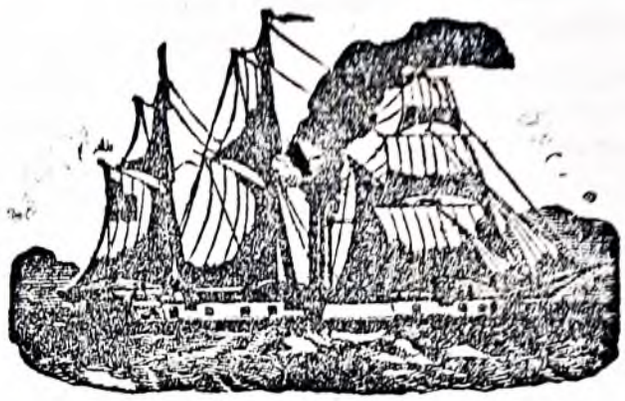
Bahia 14 de outubro de 1864.

Tranquilino Si'vestre dos Santos.

Pede se

Ao guarda marinha pedestre Guilherme que vá á rua Direita de Santo Antonio e leve á presença do capitão do *Alabama* um certo moço, estudante de *Possid*, afim de ver si acaba com o escandaloso namoro que tem com certa yaya maluca, deixando de mostrar aos seus collegas cartas da mesma que em seu poder tem.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.ª BAHIA 19 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 123

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Começa hoje a decima terceira serie.

Isto quer dizer alguma cousa aos Srs. assignantes que devem duas e tres series.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de outubro de 1864.

Officio ao Ex. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que mande ao menos collocar uma meza na nova guarda do Curral, para que haja onde se escrever, e para que se não fique fazendo tão má ideia das cousas que correm pelas repartições militares.

Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, chamando sua attenção, para uma padaria á rua da Poeira que dizem pertencer a um africano de nome Tito, onde ha todos os domingos batuques e algazarras, que muito incommodam a visinhança e que sempre acabam por alarmas,

—Ao Sr. subdelegado do Rio Vermelho, perguntando-lhe si é verdade que na altura da Mariquita, povoação dessa subdelegacia, appareceram e existem alli boiando diversos cadaveres, e que providencias tem dado S. S. á respeito.

Portaria ao fiscal geral. Chegando ao nosso conhecimento uma queixa dos moradores visinhos á uma padaria da rua da Poeira, que se queixam do constante incommodo que soffrem, em virtude de certa substancia que se costuma torrar no quintal daquella padaria, e que se suppõe ser para misturar café; ordeno-lhe que passe a dar rigorosa busca na referida padaria e apprehenda si por acaso encontrar farinha podre ou outro qualquer objecto que não esteja em bom estado. Cumpra.

—Que sujeito é aquelle que está na thesouraria geral a contar dinheiro.

—E' o thesoureiro.

—Ha tres dias que vou alli trocar dinheiro e elle diz que me não despacha por que está a contar dinheiro.

—Tem rasão.

—E eu que fique com estes papeis pintados e rotos, que me estão ha tres dias, a prohibir que compre mantimento.

A principio, quando tinha mais algum dinheirito, não dei cavaco, mas agora bem vê, Sr. capitão do *Alabama*, que é preciso ter dó da humanidade, dar de comer a quem tem fome; principalmente quando eu fiz de minha parte, tanto que tenho dinheiro.

—Vêm Julinho como está na janella?! Como pula?! Como acompanha o realejo?! Quantas momices faz?! Quantas estrategias?! Quantas manobras?!

—E' namoro do homem.

—Julinho tem cousas!

—Dr., ja botou hoje gallos a brigar?

—Ja.

—Veja este da Conchinchina.

—Não é verdadeiro.

—Quer me comprar este canario?

—Canta de estalo?

—De corrido, Dr.

—Não me serve.

—Quer este pombo inglez?

—E' mestiço.

—Ora, meu Lambeau, deixe-me.

—Quero la que digam que eu sou passarinheiro!

—Sim, não é bom fallar verdade.

—Que moço é aquelle?

—E' um hispany *man?*

—Quanta bravata! quanta fanfarronada!

O Sr. é inglez?

E' norte-americano?

Esteve na Inglaterra?

Morou com inglezes?

—Ora *cebo*, Sr.! que curioso!

—Que animal è aquelle alli no engenho da Conceição?

—E' um amphibio, que veio do *Bomfim*.

—E aquella negra que lhe está a lavar as costas?

E', como dizem, um *archanjo*; eu chamo-a porém o demonio.

—E aquelle outro bicho, o *coelho* não vê aquillo?

—Vê; mas faz como quem não vê.

—Porque?

—Porque o timbre delle é deixar em santa paz a quem não se importa com outra qualidade de animal, quanto mais com coelhos.

—Mas que fazem os dous?

—Estão a tomar banho, o macho com a boia á mostra.

—Nada faz entretanto, e quer prohibir que se tome banho nas roças.

—E que tem elle com os banhos?

—E' que o bicho no tempo em que era gente *fiscalisava* no *geral*; agora ainda tem lembranças do tempo que já passou.

—Ah! è um que andava de chapeu com fita azul e branca? um que era tido por lusitano?

—Justamente; um que andava com uma dama á *bambocha*.

—Que cara de coelho!

Que queixos de tribuna!

—Muxingueiro, tange á taca aquelle *bruto do Bomfim* até o porão do *Alabama* a fim de ver si no *secco*, muda de condição; ainda que não vire gente, virará macaco. E os outros dous mette-os n'agua, quero ver esse cazal de tratarugas.

—Preciso muito de um par de chinellos de trança.

—Compre-os.

—Onde os ha?

—Em qualquer loja ahi, à cidade baixa, menos na da Lua, que os que ella vende são de pessima qualidade. Compra-se hoje,

deita-se-os amanhan fora; rompe-se logo. São inteiramente similhantes aos uns sapatos de borracha que em certo tempo vendia a loja dos Figurinos.

—Capitão iô qué palavra.

—Dize o que queres.

—Angora que *Jurinà di Bahia* tá ni refrexão; angora que paixão carimou, qui zaltamento baixou, qui sentimento friou; angora qui anani turo tá ni pacificamento, qui cousa turo vorta ri seu eixo; angora qui nosso turo tà ni *sicut erat*, iô què dize dua palavra só.

—Pois dize-as là.

—Esse nungoço qui succedeu nim Bahia, ni cara de presidente, nim venta de Maneebo, nim focinha desse marinhèro turo de galão, esse tá um de sigraça sim gualamento ni sitoria de nação; nunca brio de um nação tà ni mai viripendiamento.

—Plagias!

—Ta ganaro, iô cita palavra qui iô gussa, deixa padre Amaro mordê.

Masi iô nunca viu um cousa assim: iô precorre turo, oia turo, iô só vê esse nim Africa; esse tá de buro, de caballo, de marê; mai ninguem faze esse.

Esse bicho *Wassuchet* tá um vregonha pra Sitaro Runido; commandante de ere tà buro qui dà couce ni quem mata mosca qui morde oreia di ere; consul fujão tá memo cuma anani pinta ere, tá um cachoro, um cousa ruim, um fujão, qui dize turo.

—Ora beor: queira calar-se, que eu não quero historias.

—Sitoria! Sitoria de que é?

Brazilèro, qui tà cuma leão veia, qui turo martrata, toma taca e nan pore fala. Trangero só é qui voga! Tá cuma esse gente qui suja ni caza e fica ni zanga!.

Ora pru nó de Deu!

Si esse paize nan tá livre, si iô nan pore falla, si libedare di pensamento nan ta hi, iô deixa *Labamba*, iô deixa Latronopo, iô deixa Brazi, iô deixa America. iô vae ni meu Africa.....

—Mas, rapaz, queres complicações com os Estados Unidos?!

—Nan pru Deu! iô gussa munto de Sitaro de Norte; iô negro, iô sieravo; nan pore deixa de sê pologissa de Norte qui forra sieravo. Pru esse e pru mai qui iô? pensa, iô nan pore querê complicação cum ere.

Mai non é contra ere qui iô falla, iô jurga qui ere condo consul recebe 500,000 pesos, manda bota ere nim praça cum córda nim colo (*terimo de poeta*).

—Mas em que ficas então; qual o motivo de teu discurso?

—Iô chega jà.

Confessó din frocado ha de sê padre Amaro, pruque ere dua sintende, dua home qui pru dinhero vende lei, Deu, patria e honra.

E' esse qui iô vem pede ossincellence qui recommenda governo de Sitaro Unido.

—Mas não ves que eu commando um navio que tem o nome d'um corsario?!

—Ah! Capitão nan me quere servi!

Qui tem nome de navio, si ossincellence é nimiga de ladrão?!

Iô inda lembra condo *Labamba* principia qui dize: *Labamba* nan tà ladrão, *Labamba* tá nimiga cerrima de ladrão.

Anda, capitão, faze favo; iô que vê padre Amaro nim froca cum turo infame.

—Mettel-o-hei no porão, estás satisfeito?

—Nim frata dum cousa mió, iô gradece munto ossincellence.

A PEDIDO.

Ora *casquilho* não ficou damnado com o *Alabama*?

—Porque?

—Por causa de uma publicação á pedido que sahiu, tratando do que elle disse á respeito de um moço musico, que se casou com uma parda escura.

—E' na verdade um tollo!

—E quiz ir dar uma satisfação ao moço, e responder no *Jornal da Bahia* ao *Alabama*.

—Ca.. ca.. ca., ca!

Porque não deixaram elle dar mais esta pa'ada!

Então eu ia tirar uma certidão na secretaria eclesiastica, afim de

provar-se como a avó delle por parte de pai foi parda, o que elle a esc ndia quando entrava alguma visita.

—E no entanto que este patife é o primeiro a conhecer mulato, e diz alt› e em bom soan que, não quer mulato em sua casa!

—Mas quer o *gallinhei›o*....

—Por força que este é africano mas tem dinheiro, e quem tem dinheiro embora preto branco é !.

—Que homens são aquelles?

—São *artifices* ou artistas.

—Que fazem naquella casa?

—Reunem-se em *sociedade*.

—De que tratam?

—De uma melgueira de tresentos e tantos bicos empalmados por um sujeito que *recebe* das maos dos outros.

—E que mais?

—Tratam de um sujeito que foi victima do t l espertalhao, por que tendo obrigação de tomar para guardar o que elle recebia, descuidava-se disso, confiando no tratante, e descançando á sombra de um *pé de cidra*.

—E quem é esse melro?

—Um tal Zé *Goarte*.

—Que mais?

—Tratam da complacencia criminosa dos que dirigem, por não cumprirem suas obrigações, e concorrerem por esta forma para tal defraudação. Accusam acremente o cabeça porque sendo meninerio que com dous olhos encherga por quatro, consentiu ou fechou os olhos áquella bandalheira.

—E por fim quem vem a soffrer?

—Dizem que o thesoureir. !

—Bem bello!

—Para que foi descuidado?

E com quem com um sujeito que por fim sempre é menino que anda pelo *forum*.

—Lá se avenham!

Adverte-se a dois pintores que estão trabalhando em uma casa que *não é* a de n. 47 á rua dos Capitães que não continuem a dar pateadas nas pessoas que passam, e prohibindo as familias de chegar á janella pelas immoralidades que praticam.

A Rua da Valla.

Ha do homem a mulher o maior bem,
Ha do homem a mulher o maior mal,
Si adora e ama não ha prenda egual;
A morte e o veneno a mulher tem.

Na bondade, é melhor que mais ninguem;
Na maldade e traição não tem rival;
Neste mundo é a ventura principal,
Neste mundo o maior mal della nos vem:

Ella nos dá seu sangue, ella nos cria,
Mas o ceu não fez cousa mais ingrata,
A mulher, ora è um anjo ora uma harpia,

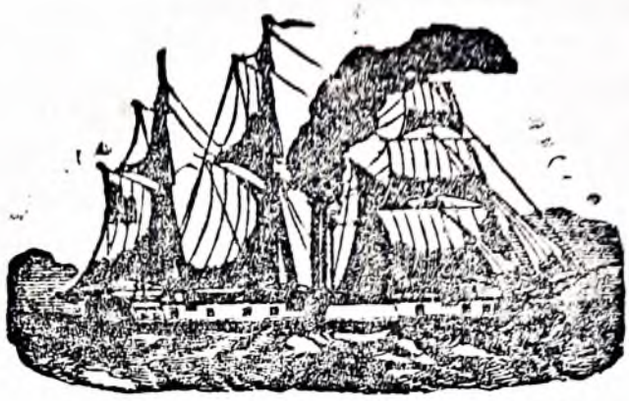
Tão depressa quer bem como maltrata,
He emfim a mulher como a sangria
Que as vezes dando vida as vezes matta.

ANNUNCIOS.

Aviso com tempo.

O funileiro á rua do Rosario de João Pereira n. 23 encarrega-se de fazer urnas para deposito de ossos;—tanto de cobre, como zinco, e folha de flandres—assim como caixas para capellas de contas, flores de penas, conforme os que tem apresentado no Campo Sancto, unico que as tem preparado ao gosto de quem lhe tem dado a honra de encarregar-lhe esse custoso trabalho. Tudo será como sempre feito com bastante economia de preço.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 20 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 124

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de outubro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, informando-lhe que ha na rua da Ordem 3. por baixo da casa do Dr. Pedroso, loja n 4 B., uma mulher que ensina a meninas, a qual tem o *louvavel* costume de espancal-as nas nadegas com palmatoria, deixando-as em lamentavel estado, acto que praticou ultimamente com uma menina da casa do Sr. capitão Baldaia, a qual segundo nos informam, acha-se multratadissima.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Taboão, em casa de certo gallego, por cima de certa venda onde se festejava a S. *Vicente* e intime-lhe que se faz preciso deixar de incommodar e insultar a visinhança com seus desaforos e palavradas, sob pena de ser recolhido ao porão d'este navio, onde lhe fará as contas o muxinguciro. Cumpra.

—Sabe d'um caso?

O *Wassuchet* parou 15 minutos defronte da Gamboa; o invalido cosinheiro do commandante fez signal com os olhos para que esperasse.....

—Isto é, às escuras.

Ora vá bugiar.

—Ca, ca, ca, ca!

O jornal *Povo*, descompondo ao presidente da provincia por haver *desagarrado* da subdelegacia o embirrante Valença!

Apregoando que o presidente era um simples desembargador e que o Valença foi quem o fez eleitor, vindo-lhe dahi a nomeação de presidente.

—Ca, ca, ca, ca!

—São incontestaveis a influencia, brio, prestimo, delicadeza, poder, cavalheirismo e tudo quanto imaginar se possa do tal Valença da Rua do Paço, visinho e em communicação com os frades do Carmo.

—Dizer que o Valença fez eleitor ao Sr. Silva Gomes! quando dizem que o Valença, por ver a influencia do desembargador, que o levava a primeiro eleitor, tratou de cortar-lhe a votação!

—Não admira! Que val ter elle *tirado o Ubaldo* do pó, quando tirou do esquecimento o Silva Gomes?!

—Ca, ca, ca, ca!

—Si está zangado, morda-se, meu Valença! Tenha paciencia, espere que snbam os vermelhos, que por ora estão os pobres pretinhos descançando.

—O cobrinha verde ainda é meirinho?

—Por ora não.

—Sabe de que a freguezia se quei-

xa? Amargamento do Sr. Silva Reis por tirar da lama uma lesma.....

—Ca, ca, ca, ca!

E' cousa antiga; caem os touros, erguem-se os monturos; o mundo é assim; são as oscillações da vida, as peripecias do progresso, o sobe e desce, o equilibrio do mundo. Sabe a historia da vibora?

—Olé! como vem palanfronico!

Ca, ca, ca, ca!

—Onde esteve?

—Venho de Cachoeira.

E' insupportavel o vapor 2 *de Julho*!

Que relaxação! que miseria!

—Que viu?

—Não anda o diabo; disseram-me que por falta de caldeiras.

V. Ex. veja si por meio de uma subscripção pode comprar umas caldeiras para offerecel-as á companhia.

—Tractarei disso.

Que mais houve?

—Os marinheiros todos nús, de sorte que ninguem pode levar alli sua familia.

—Que mais?

—No desembarque uma atrapalhação dos diabos; uma grande caixa de miudezas foi levada por outra de charutos.

—Como?

—Não se pode levar hoje a carga, disseram de bordo; venham amanhã que o vapor não sahe.

No outro dia, sahe o vapor, vão os trastes que não foram trocados e tudo mais assim.

Tem termos isto?

—Faça o favor intender-se com o superintendente, ou com o presidente da provincia.

—Capitão, cada vez apparece mais uma causa de disturbios nesta cidade e em S. Salvador principalmente.

—Que ha de novo?

—Não tem ouvido fallar na musica da Chapada?

—Tenho; que ?

—Toda vez que ella toca, ha partidos e dos partidos provém conflictos que V. Ex. sabe não são nada bons.

—Quem lhe contou isto?

—Tenho visto, capitão; ainda um destes dias na rua do Paço, por occasião da festa á Santa Thereza, na Ordem 3.ª do Carmo, houve um grande barulho e pancadaria a valer; houve até facas fora, e prisões conseguintemente.

—Está tudo acabado.

—Não, Sr ; houve a punição e o que eu quero é a prevenção; quero que sejam prohibidos os partidos, removidos os grupos, dispersos os moleques, e outras cousas assim, afim de evitar a desordem.

—Então é isso o que quer, não?

—Sim. Sr. : e consta-me que os barbeiros concorrem em grande parte para esses conflictos.

—Pois ouça, meu charo, vá ao delegado, ou ao chefe de policia que são quem lhe pode attender.

—E nada de vir o muro abaixo!

—E o *Alabama* sempre a dizer que elle cae.

—E ha de cahir.

E quando cahir, hade ser em cima de alguem; não o mandam deitar a baixo!

—Pois si esta ladeira é das ruinas!

—*Mizericordia*, meu Deus!

—Que meninos malcriados!

Vivem a insultar, a provocar as pessoas que passam!

Não se pode andar na rua do Tijollo!

—De quem são filhos?

—Não sei. Aquelle que está jogando pedras da janella è da casa do Sr. major José Antonio de Lima.

—Admira!

—Porque?

—Porque estou certo que o Sr, Lima não lhe dá tal educação.

Mas o caso é que muita gente se queixa e eu mesmo tenho sido victima todas as vezes que por ali passo.

—E quem mora ali por cima *da mulher das panellas*, defronte do major Lima, n'aquelle sobrado amarello?

—E' uma excellente senhora casada, por nome D. Maria. Creio que seu marido esta ausente e ella sem duvida occupada no interior da casa ignora o que estão praticando seu filho e famulos.

—Guarda-marinha!

—Prompto!

—Vá ali à casa da Sra. D. Maria e diga-lhe que se torna necessario cohibir seus famulos.

—A's vezes o *Jornal* é desfructavel de mais.

—Porque?

—Pois o homem não requisitou ao governo uma força de tropa de primeira linha para ser postada no Sebastopol de sua officina afim de obstar o *rapto* do *Florida*, e fazer *graves prejuisos* no *Wassuchet*!

—E o governo que providencias deu?

—Annuiu, com tanto que elle se prestasse a ser commandante.

—E o resto?

—Faltou-lhe o animo, e o pobre jornalista mudou de rumo.

—Sabe o Mancebo o que diz ao *Diario*? que este não o respeitou como authoridade.

Ca, ca, ca, ca!

—O homem pensa que a imprensa tem o regulamento dos marinheiros.

—Tanto não pois, que elle sente que o não tenha.

—Ora este Mancebo!

—E' authoridade que quer metter medo. E queria que o *Diario* publicasse uma correspondencia em termos proprios de chefe de marinheiros que falla arrogantemente com seus parceiros e subordinados.

—Seria melhor que elle.....

—Se não désse a desfructe; recolhesse-se aos bastidores.

—Eu creio la em *brasileirismo* de naturaes do Rio da Prata!

—Para que diz isto?

—E' que os factos ahi estão.

—Que factos?

—Pergunte ao povo da Bahia, *ao Brazil inteiro* e até *ao commandante do Wassuchet* e ao Wilson. . , ...

—Oh! vende-se agua no Curral!

—Que duvida! Rendimentos da camara.

—A proposito, a camara tem pago á companhia do Queimado o importe d'agua fornecida ás cadeias?

—Dizem que não; consta que desde a primeira penna até hoje nem um vintem viu a companhia; a conta sobe já a dez ou doze contos de reis.

—E' peta.

—Homem, a cousa é facil de saber-se; uma certidão tira a duvida.

—Emfim, por la se aaranjem, a camara e a companhia são do mesmo credo, la se intendem, por la se hajam.

—V. não sabem que estou pensando!

—Não.

—E' no *Jornal da Bahia* não ochar responsabilidade no Mancebo.

—Serio?

—Diz que os ligueiros o accusam para dar o logar ao irmão do Barboza!

—Proh! pudor!

—Ora com effeito!

Que terra, que epocha, meu Deus!

Não ha remedio sinão acompanhar o *Patriota* nas suas lamentações de Jeremias..

—Que tem V., homem de Deus?

—Estava aqui a pensar n'essa gente stulta que faz investidas de leão e retiradas de sendeiro.

—Refere-se ao Mancebo?

—Pois não tenho mais em que gastar meu tempo?!

Quero là saber de hespanholadas!

—A proposito de hespanholadas, viu o Sr. como veio o Mancebo no *Jornal* de terça feira?

—Quero lá saber de cebos nem de Mancebos!

—Ouça. Diz que quando entrar em conselho, ha de provar que não foi elle o responsavel pelo desacato que soffremos.

—E porque não o prova já?

—E' que o bocado bom guarda-se para o fim, embora elle diga que só em consideração á opinião publica é que veio á imprensa.

—Ora, este hespanhol!...

—Dizem que o querem agarrar para cuspir-lhe na cara, arrancar-lhe os galões, despir-lhe a farda.

—Intrigas, planos politicos;t ninguem pensa em tal, e eu protesto.

—O *Jornal da Bahia* que a principio disse que o Mancebo estava a bordo, agora que passa por certo que elle dormia no hotel, disse que si elle dormia, o presidente tambem dormia em sua caza!

—Ora esta è bem lembrada!

—E então?! Tropas na praça, em Santa Thereza, na Gamboa, no caes e o presidente a commandar a manobra!

—Esta só sua.

—Do *Jornal da Bahia*....

—E que dirá o Mancebo para defend r- ?

—Que o artigo 8. das instrucções *naõ* manda empregar a força para obrigar aos belligerantes a respeitarem a neutralidade!

—Si fôr capaz de o provar.....

—E si não o for?!

—Ah! eu dictador!

Nem V. estava ahi a fallar tanto, nem muita gente continuava a vestir farda.

—Ora boas noites!

Isto agora é que è hespanholada.

O Sr. pelo que vejo é discipulo do Mancebo.

Não me aborreça, faz favor?.....

—A fortaleza do mar fez signal, pedindo socorro, com medo que o *Wassuchet* o levasse *a reboque* conjunctamente com o *Florida*.

A *Gamboa* respondeu que estava dormindo—isto é o commandante.

A's 6 horas da manhã—fazia alguem a seguinte pergunta aos individuos que iam tomar banhos na *Gamboa:*

Ha pouco me disse o meu cosinheiro ter havido esta noite tiros no mar: seria negocio com o *Florida*? ....

Toda aquella gente na beira da praia admirou a *ingenuidade* da pergunta do pae Pedro!!

—Oh!

—Oh! tempora! oh! mores!

Oh! tempo em que eu pulava a cerca para colher amoras!

A PEDIDO.

—Que senhora é aquella?

—E' uma professora que affecta e muito de honesta e religiosa: veio ha pouco tempo de França, e antes de abrir aula, assentava-se diariamente no adro do Bomfim, parecendo denotar a perpetua saudade, que lhe lavra n'alma, dos bons tempos que ja se foram.

—Ah! é do jardim do cume da montanha onde disfarça as bellezas que praticava na Santa Casa da Mizericordia com as innocentes crianças!...

—Justamente; é ella mesma.

—E como certos paes de familia ainda consentem alli seus filhos, suas filhinhas, ternas e innocentes?!

—E' por que não sabem que alli até se arranja casamentos com as alumnas.

—Guarda marinha, si essa senhora continuar a incommodar os paes de familia com pedidos importunos para encher seu collegio, conduza-a ao porão.....

—Ca, ca. ca, ca!

—O caso não é para rir.

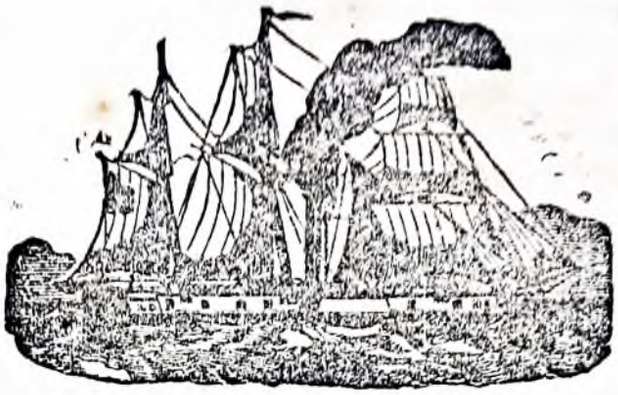
—Ca, ca, ca, ca!

—Toma sentido!

—Eu não queria fazer-lhe essa charidade porque dou-me com ella; mas emfim..... as ordens de V. Ex. serão cumpridas.

—E faça-lhe advertir que se publicara seu nome, si não se quizer emendar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 22 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 125

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de outubro de 1864.

Officio à camara municipal, chamando sua attenção para o estado em que se acha a fonte dos Padres.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que faça retirar uma caterva de negras vendedoras de doce que se costumam sentar na rua Direita da Mizericordia ao sahir da Praça, as quaes dão motivo a que ali se ajuntem bastantes capadocios para offender a moralidade publica de parceria com taes pretas. Cumpra.

—O padre Ayres, o dignissimo vigario encommendado de S. Pedro..

—Oh! veio de encommenda?

—..... excommungou um livro!

—Mandou queimal-o?

Que livro foi?

—Uma obra em favor da Polonia, por quem tanto se esforça o proprio Pio IX, *os pensamentos d'um homem em mangas de camisa.*

—Ah! tem rasão!

Falla no *Brazil Catholico*, que è caudatario do arcebispo.

—Sendo assim... o herege, o author deve morrer na fogueira!

O padre Ayres tem suas saudades da Inquisição.

—Ao menos haveria emprego para muita gente. Essas viboras que se intromettem no seio das familias para corrompel-as e prostituil-as tornar-se-hiam familiares do santo officio.

—Os vigarios?

—Não; si o padre Ayres tal deseja, o que não affirmo, é só para dar que fazer a quem o não tem, para dar que comer a quem tem fome.

—Ora, si eu fosse imperador, mandava uma bem boa..... mitra para o padre Ayres; o bispado de Goyaz, por exemplo. O padre se havia dar bem com os botecudos.

—Quem é aquelle moço gaiato?

—E' um impostorzinho, caixeirito de meia cara, que, quando mandou o arrolamento da familia ao inspector de quarteirão deu a conhecer o rendimento que tinha de 1:800$, entretanto que para subir ao escriptorio, é preciso tirar na porta a gravata.

—Como se chama?

—O alferes Cutila.

—Quem è elle?

—Ora, capitão! é elle mesmo.

—Dê-me assim algumas circumstancias que o possam fazer conhecido.

—E' vermelho, um dos lembrados para tenente pelos seus bons serviços.

—Adiante.

—Elle diz que si fosse commandante de companhia, todo guarda que não batesse chapa do seu partido era remettido para a tropa de linha.

—Bello! Aquelle moço é guerreiro.

—Filho de peixe é peixinho.

O pae tinha um *geito* particular para a *cousa*. Pela *Sabinada* procurava os rebeldes (para matal-os a ferro frio, como muitas vezes fez) até dentro dos toucadores e das caixinhas de joias.

Faça V. Ex. ideia, que valentão!

De tal pae tal filho se esperava.

—Não sabe mais nada?

—Tem em caza uma pardinha infeliz que com elle vive, a qual levou uma vez uma bofetada por dizer que desejava que o partido liberal vencesse.

—Eu não digo?!

—E ultimamente, às 11 horas da noite do dia 20 do corrente, maltractou-a terrivelmente com pancadas brutaes, a ponto de accordar a visinhança que pouco tempo antes procurava o descanço.

—Mas porque?

—Não sei; diziam elle e a mulher (que é mulata sarará, rasão por que elle não a quer na janella) que sua filha não era egual á rapariga, porque esta era mulata, E depois dizia o macho aos moleques, a cada um de per si: Quando ella te fizer alguma cousa, dá-lhe de rijo!

—Com tanto se achará o melro.

Guarda marinha, mande pegar aquelle *moço branco*.

(*Continúa*).

—Conhece um padre devasso que ia ao celleiro publico namorar aquella mulata bonita?

—Si o conheço!

E deu taõ forte que pegou o passaro; metteu-o na sua gaiola; e o bichinho se acostumou por tal maneira que ainda estando a gaiola n'uma rua que tem *fogo*, não deixa em seus trinados de invocar a S. *Sulu.tiano*.

—E que tem esse santo com o padreco?

—Antigas relações cultivadas nas *silvas*, isto è nos bosques d'uma antiga cidade em que costumavam tomar *ares*.

—Ah!

E se faz taõ santarrão?

Que refinado hypocrita!

Muxingueiro, faze o teu dever.

—Com aquelle cambaio, capitão?

—Indireita-lhe os pés n'um par de machos.

—E' miope, capitão.

—Abre-lhe a vista com a taca bregeiro!

—A coroa, capitão?

—Faze o que te mando e dá o diabo a teu saber.

—Que spectaculo está dando aquelle homem alli na Estrada Nova.

—Quem é?

—E' o sargento vago mestre do batalhão de *pescadores*, que está de espada núa a querer cutilar os soldados de policia.

—*Spiritualismo*.

—Bebedeira.

—Novidade!

—Qual é?

—O Seraphim chamou á presença do Dr. delegado uma mulher para esta lhe entregar, entre outras cousas, um par de chinellas que lhe emprestára para andar com ellas.

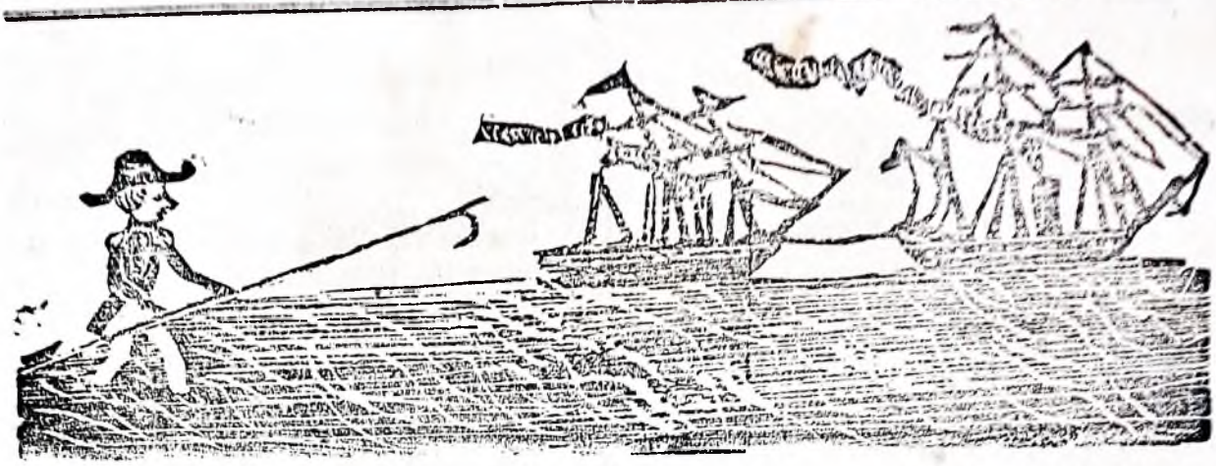
—E o que tem isto?

—Calçado emprestado para receber depois de velho.

E nessa a autoridade com essas e outras.

Este seraphim!

—Bem mostra que tem raça de judeu.



Chula offerecida aos dilettantis da Bahia.

Esta Bahia tem cousas
De fazer ar epiar;
Tem *mancebos* que são velhos
E velhos a remoçar!
Quiquiqui, cacacá,
Ora *cebo*, sinhá.

Eu com a bella n'um hotel,
Tu da creoula nos braços,
Morpheu, Amor nos inspirem,
De Marte quebrem-se os laços.
Que covardes, arre-la!
Ora *cebo*, sinhá.

Neptuno, o tridente teu
Está aqui nos tres galões,
A vida exporei lá fora
P'ra dar cabo dos ladrões.
Puff, puff, cangambá,
Ora *cebo*, sinhá.

Não se pode fazer fogo
Que está o velho a dormir;
Fortaleza de fraqueza,
Com *doentes* p'ra servir....
No mar tiros, o que ha?
Ora *cebo*, sinhá!

Gente do mar valorosa,
E' dia, olhae o arrebol;
Matemos, morramos todos
Depois que sahir o sol.
Assim, meu Quichote, olá!
Ora *cebo*, sinhá.

O vento ja deu nas vellas
Ja vão longe, oh! que horror!
Vão-se embora e ca me deixam
Passando por um traidor.
Deixaram V. *so cá?*
Ora *cebo*, sinhá.

La se vão, e eu de *gancho*
Ja não os posso pegar,
O vento que ha p'ra elles
P'ra nós começa a minguar.
Stá direito, cacacá,
Ora *cebo*, sinhá.

De dourados, tão limpinhos
Cobertos de lama estão.
Que lhe faça bom proveito,
Hespanholito Roldão.
Esta è sua, tome lá,
Ora *cebo*, sinhá.

O mancebo quixote.

Pelo reino de Neptuno
Houve grande reboliço
Amphitrite, de assustada,
Quasi morre de feitiço.

As nereides aterradas
Foram na ilha do Medo
Se esconder; pois que o caso
Não esteve de brinquedo.

Tritão vendo este alvoroço
Quiz dar o brado de alerta;
Das mãos cahiu-lhe a trombeta
E ficou de bocca aberta.

Indagando-se o motivo
De tamanha patacoada,
Não havia novidade,
Era mera cassuada.

Era um *gigante* mancebo
Com ares de valentão,
Que quiz tirar uma arraia
Das garras d'um tubarão.

Quiz mostrar qu'era valente
E bastante corajudo,
Fez-se ao *largo* com tenção
De metter a pique tudo.

Mas o mancebo ancião
Chegando no alto mar,

Em vez de brigar com peixes,
Achou *onças* p'ra brigar.

A PEDIDO

Reflexões do momento.

No mundo cada um para o que nasceu; quem não tem vocação para ser soldado não se julgue com direito de vestir farda.

O maritimo que prefere as *delicias* de *Capua* (expressões do *Jornal da Bahia*) aos inconvenientes do mar não passa d'um *poltrão* —velho, ou *mancebo*.

A taes homens, ser-lhes-hia mais facil ajustar uma luva de pellica na mão dirigir *finezas* á uma dama nos salões, embora com a barba encanecida, do que encetar uma manobra na occasião do perigo, ou dar uma *abordagem* n'uma lucta.. Será um soldado *d'amor*, mas não de Marte!.. Cada qual tem sua estrella.

Ha heroismo e bravura de muita especie. Uns são bravos de espada, outros de *saia balão*.

Ha tempos, um homem do mar praticou um rasgo de *bravura* que deixou seu nome *recommendado* á posteridade: arrufando-se com sua *Bella* em um baile lembrou-se o *gamenho* que a melhor forma de fazer *pazes* e ganhar *celebridade* era dançar com ella uma galopada!

Fatal lembrança! *Galopada* infernal que até hoje ainda galopam!

.....

Estes *filhos de Neptuno* são *bravos* n'um salão á prova *d'agua*, abordam uma moça com a mesma sem-ceremonia, com que o *Wassuchet* abordou o *Florida* no ancoradouro da Bahia!!

N'esta provincia um moço raptou a moça n'um baile, no emtanto o nosso ministro o puniu.

O Sr. Mancebo, como chefe da *casa* deixou o *Wassuchet* roubar o *Florida* sem dizer *aqui estou* e se deu ainda ao *desfructe* de fazer-lhe um pomposo *bota fora!!*

São *generosidades* proprias da Hespanha, ou *cavalheirismo* do *rompante* hespanhol.

Ainda duas palavras; entre o rapto da moça e o do *Florida* existe uma differença mui notavel: o moço raptou a moça,—a nodoa não passou do circulo da familia; mas a do *Florida* foi um labeu negro que sempre estará gravado na fronte da nação brasileira.

Não gosto de massar os leitores e aqui termino.

« Quem quizer saber da margarita,
« Como o pinto da fabula esgaravate
« E o illustre ministro da marinha
« Ou puna o mancebo, ou puna o vate.

Pede-se

Ao *guarda-marinha* pedestre Guilherme que vá a rua das Barrocas e intime o Sr. Alexandre para que vá pagar a um refinador ao Caes Dourado os 23$300, pois o tempe já é bastante. Sob pena de publicar-se-lhe o nome.

H.

ANNUNCIOS.

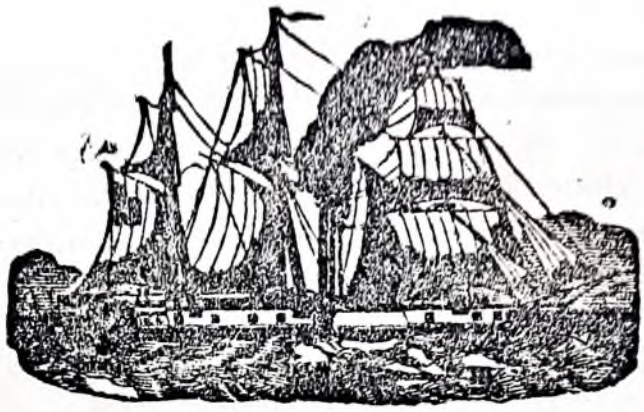
Do 1.º de novembro em diante se abrirá um curso de *pirataria*, em um dos largos da freguezia de S. Pedro. O patrono d'aula é S. Alexandre da Estranja.

Ao publico.

Participa-se ao espeitavel publico que acha-se estabelecido no segundo salão do theatro de S. Joao um bello botequim onde se encontrará commodos para as familias servirem se sem o menor incommodo.

Quem precizar de uma ama de muito boa conducta, venha a esta typographia que se indicará.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.ª BAHIA 25 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 126

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de outubro de 1864.

Officio á camara municipal, dizendo-lhe que mande examinar o sobrado de dous andares n. 54 á rua dos Capitães, pertencente ao Sr. José Pinto Nogueira, o qual (sobrado) se acha desaprumado, e ameaçando desabar, afim de que se evite alguma catastrophe egual á que se deu no gazometro.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Terreiro em uma das cazas ao pé da egreja de S. Pedro, e prenda um individuo de nome Pedro que foi ou é escravo do Sr. Manuel Ignacio, visto ter o costume de se pôr á noite, sem a menor ceremonia, em fraldas de camisa na porta da rua, das 9 horas em diante. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá à roça do Sr. Novaes e prohiba a certos *meninos* que là vivem nos domingos que continuem a dar tiros até 8 horas da noite incommodando aos visinhos do fundo, que moram na roçado padre Pereira, a ponto de cahir, um destes dias, uma porção de chumbo no collodе uma senhora; o que, além de ser contrario à postura municipal, não faz muito *bom cabello* a quem não tem pressa de mudar de mundo. Cumpra.

Portaria ao pedestre M. J. de Moraes, ordenando-lhe que informe sobre o facto que se deu com um moleque n'um engenho cujo nome principia por Q., sito em Passé, facto no qual entrou um J. F. S. e que anda até hoje tão *incoberto*; entretanto que diz-se que morrera o moleque a pauladas, dadas por um tenente liberal. Informação que se lhe exige por constar-nos ser da caza certo velho gaiteiro e fallador com quem se intenderà Vm. ou com o piloto Marcolino. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

O padre Amaro, pedindo privilegio para saber grammatica e notar erros nos outros. —Informe o Kaêmme (K—M.)

—Ora este *Brazil Catholico*!

—Que ha?

—Veja por favor.

—Um artigo sobre a conversão d'um inglez; uma chupança ao bispo do Rio Grande; a *questão romana*; a defunta irmã de D. Romualdo; fallecimento do padre Souto;

visita do bispo do Pará às freguezias de Solimões; *variedade*.

— Principie do fim.

—Culto dos santos: quem não adora imagens não adora a Deus! Ora puff!

A verdadeira mulher; passe.

O domingo; quem não guarda o domingo morre de repente!

Ora vá elle!

—O padre Queron; leia.

Faz nojo.

Passe a visita e o defunto e a defunta....

Questão romana.

Jesus Christo disse que Roma não seria capital da Italia!

Este homem é doudo; chama os publicistas de histriões quando elle, pomadista reconhecido, não passa de um bobo alugado.

Que palhaço!

—E ameaça a Victor Emmanuel com a lembrança de que seu pae não achou na patria oito palmos de terra.

—Mas não renegou a patria como certo hypocrita refinado que anda a vender bullas falsas quando na sua terra era officio do gallego vender selecta.

—Ora um periodico destes... vão la tractar delle!

A excommunhão do padre Ayres ahi está ameaçadora!

—Passando d'um polo a outro, eu sempre tive medo de *raposas*.

Ja vi bicho manhoso e velhaco!

—Vê os estudantes do Lyceu como pateiam o postilhão do *Alabama*?

—Costume antigo.

—Engano: são os filhos do Gouveia Gravata que provocaram o acto.

—Deixal-os!

Arranha cada um com as unhas que tem.

—Olhe que *piloto*!

—Sabe d'uma proeza do *Lobo de Santo*?

—Lobo do diabo chamava-o eu.

Que foi?

—Entrou por um quintal, e, Attila caricata, devastou-o inteiramente; arrancou as arvores que encontrou, picou-as e fez o diabo.

—Provavelmente já tinha jantado.

Sabe a rasão?

—Disse que elle foi o plantador.

—No quintal alheio! Si foi, perdeu o feitio. Que fez o dono do quintal que não o processou?

—Elle é *juiz*; e depois o homem teve dó de quem não regula do meio dia para a tarde.

—Ora com effeito! E vive-se exposto aos desacatos dos visinhos malcreados, dos bebados e até de certas authoridades!

—E elle disse que ha de fazer não sei o que ao moço prejudicado.

—Que o faça.

Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Onde encontrares um *lobo* fardado de capitão, mette-lhe a taca de rijo!

—Será obedecido, capitão.

—Capitão, V. Ex. da-me uma palavra?

—Que queres, muxingueiro?

—O padreco de *bom gosto* continúa.

—E que fizeste?

—Intimei-lhe a ordem que de V. Ex. recebi, ao encontral-o na maior devassidão com a Sinhá Pequena.

—Que fez elle?

—Disse-me que tinha licença.

E que fizeste?

—Fiz-lhe lembrar S. *Jorge*, não attendeu; ameacei-o dirigindo-me a S. *Joaquim*, para queixar-me ao reitor, elle não deu cavaco.

—Ora isto!

Si eu agora te fizesse o que não quizeste fazer nelle!

De que te serve essa taca?

Olhe que jesuita! Como tem tanto respeito aos *formigões*! Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle. Porque não respeitam a moral publica?

Anda! ja e ja vae metter-lhe a taca, hypocryta!

—Vontade não me falta.

—Tem ouvido fallar na repetição da *Sinimbusada*?

—Tenho; dizem que os pescadores d'aguas turvas preparam *obra* para 27 de ou-

tubro, dia da apuração geral das eleições municipaes.

—Porque?

—Porque affiançam que a camara tomará em separado as eleições do Pilar e Brotas; do que talvez haja suspenção e nova edição do 1.º de março,

—Sua alma, sua palma. Quem quizer *patas de cavallo gordo*, segundo o I.Goes, metta-se nisto.

—Ja viu a critica da sociedade *Conserva dos Dramas*?

—Oh! é importante!.....

Nem o contrario se podera esperar.

Confiada a nau a tal piloto.....

—E' um bobo.

A critica do paspalhão resume-se em fallar em flores e folhas, pitangueiras e cravos, jesmins e rosas, cheiros e versos e belleza da beneficiada *Linda*.

—Está feiot o outro, que tractando da actriz fallou somente nos olhos matadores, na bocca de cravo, no *seio tumido e palpitante* da moça!

—Que desaforo! Si eu fosse o marido, tocava de peia esses patifes!

Quem é o critiqueiro?

—E' um moço *gentil* e gaiato que anda de chapeu na mão.

—Não é tal paspalhão.

Ja è grande fortuna o homem se conhecer.

O homem anda de chapeu na mão... advinhe la porque.

—Ora que lembrança!

Porque quem não tem cabeça escusa chapèu.

—O antigo *B. B.* do *Interesse Publico*, que dizia o *Diario* que era *bebe*.... está arrufado.

—Porque?

—Insultou insolitamente *a amigos a quem dous dias antes apertava a mão* e não gostou da taca do muxingueiro do *Alabama*.

—Mas que fez?

—O *B M*.....

—Mudou de nome?

—Costume antigo; não só de nome como de cara.

O tal intitulado padre encontrou o postilhão e fez um rompante hespanhol.

—E' hoje moda.

—Não me leve mais em caza nem o *Echo* nem o *Alabama*!

—E perdeu-se um assignante.

—Não, homem.....

—Ah! era boccorio!

—Não, homem; o *padreziuho* (filho de padre) é escriptor publico....

—Elle que và *sujar* longe, onde não possa feder.

—Sabem o que dizem?

Que certo negociante de *baratas* de Latrono olis, o qual enriqueceu em dous dias, foi preso nas Europicas por moeda falsa; trazia no bolsiculo mil e tantos contecos.

—E as gazetas nada disseram.

—Nem dirão; certas cousas arranjam-se por maneiras...

—Au! sim!

São assim todos esses tratantez!

Ah! Latronopolis!

—Viu a *Revista Academica*? Traz um excellente artigo do Dr. Alvares da Silva sobre o finado Dr. Laurindo.

—E' um justo tributo á memoria de um tal homem.

—Quatro bofetadas n'uma negra desavergonhada custam hoje 14$920.

—Como? que significa?

—A negra vendia carne e tiveram de pagar-lhe 15 libras a 180 rs.

—Mas onde?

—Na terra das Areias. Pagaram tambem 2$ rs. , dinheiro extraviado; remedio 1$800, dias de serviço, a 500 rs, etc. etc.

—Mas quem?

—Quem repelliu o insulto de uma negra, que só podia aturar ou desculpar ou quem tivesse a educação da preta, ou quem tivesse os brios della.

—Que quer agora que lhe faça?

—Que ao menos publique o nome do senhor da preta, para ser conhecido.

—Mas então que queria? queria que o senhor perdesse a escrava?

—Mas dizem que a conta foi exageradissima. Publique o nome do cujo.

—Está V. bem servido!

—Publique, capitão:

—Ora encomende-se a Santo Antanio!

—Publique: elle é muito amigo do *Alves*.

—Deixe-me, homem.

—Pois digo eu; é um major *lusitano* vindo de *Guimarães*.

A PEDIDO.

Então meu caro, foi sempre ao beneficio da D. Manuela?

—Fui, porém não achei mais nem platéa, nem cadeira.

—Então para onde foi?

—Fui para o *trapiche d ecouro*, e la encontrei muita gente de gravata lavada!

—Então o trapiche esteve caro?

—E' verdade, não chegou para todos.

—E que tal esteve o beneficio?

—Esteve excellente.

O commercio offereceu a' D. Manuela uma capella de muito gosto.

Na occasião em que ella chegou em scena, foi recebida pelos caixeiros, por uma grande chuva de flores, bouquets e pombos com laços de fita e como de propoposito os pombos iam cahir a seus pés!

O distincto poeta Domingos de Faria Machado recitou uma brilhante poesia.

No segundo acto recitou tambem uma bella poesia o Sr. Ildefonso.

—Que Ildefonso?

—O' author d'aquella bellissima comedia —*O resultado da usura*!. .

—Ah!...

Já sei quem è este Ildefonso...

Escreveu tambem uma obra intitulada— *Os mysterios da vida de um cortesaõ*.

—Ah! elle é um moço de muito talento!.,

— Não soube tambem do soneto fnuebre, qne appareceu pelos corredores do theatro, e pelas esquinas das ruas pregados?

—Soube, porem não presto attenção a estas cousas, porque sei que isto parte dos apaixonados da Leolinda!....

—Já sei que o Sr. è apologista da Manuela

—Não sou nem fdo uma, nem de outra, porem sou contra estas patifarias!.....

—Acho bom que siga este systema.

Uma publicação que sahiu no *Alabama* e que tracta de artifices e Zé Goarte e um homem que anda pelo forum não se intende com o procurador José Duarte Ferreira; o que melhor averiguará quem lel-a com reflexão.

Pede se ao Sr. Dr. chefe de policia que lance suas vistas para huma caza de charutos que ha no largo da Piedade aonde dia e noite se reunem filhos familias inexperientes por causa de hum certo jogo de bolla e outros divertimentos illicitos no que perdem alem do dinheiro a moralidade.

E' o que dizem.

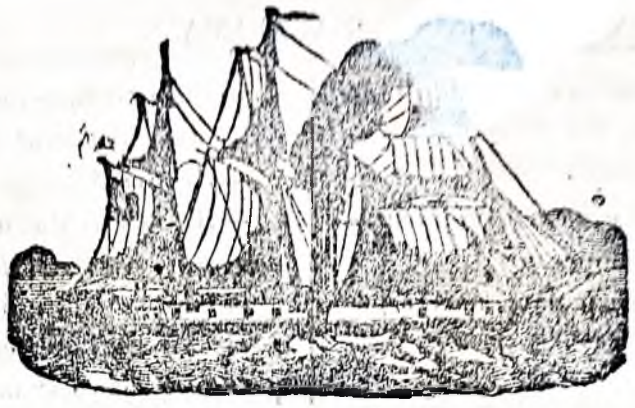
Pergunta sem malícia.

Pergunta-se ao Sr. subdelegado da infeliz freguezia de Maré, a razão por que não effectuou a prizão de um dragão conhecido por Bujão que no sitio Maracanan o mez passado espancara a um outro cujo nome ignora-se, de que rezultou ficar bastante maltratado, e com a cabeça quebrada, e o tal Bujão passeando, visto terem vindo para a policia guardados tres infelizes guardas nacionaes, para saciar paixões de um alferes que se quer dar a importancia sem ser cousa.

O Tabaréu.

O curso de *pirataria*, que se ha d'abrir no 1.º do vindouro novembro, dizem será precedido por um discurso d'abertura do major *Gagosa*, conhecido por engenheiro *Seringa*, no qual demenstrará elle as vantagens da immoralidade e ladroeira.

TYP' DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.ª BAHIA 27 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 127

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de outubro de 1864.

Officio à camara municipal, para que mande tapar um enorme buraco proveniente de uma escavação que fizeram no Campo da Polvora, ao sahir para a rua do Carro, e onde no dia 24 cahiu um pobre velho cego, o qual por felicidade não quebrou a perna.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando a esclarecida attenção de S. S. para diversos beccos que ha nesta cidade, focos de quanta immoralidade ha, e origem de não poucos casos lamentaveis, sendo que ainda no dia 24 deu-se no becco do Oratorio, um conflicto entre os creoulos Victorino e Satyro que ia tendo consequencias desastradas.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua por detraz da Sé e previna a uma creoula que alli vende *mocotó a' meia noite*, que si no sabbado vindouro se repetir em sua casa as scenas que se deram no passado será immediatamente presa e remettida ao Ariani para tratar de animaes. Cumpra.

—Guarda marinha!

Vá por estas ruas atè chegar a um *grande campo*, e procure por la um *feliz* capitão que para seu recreio tem na porta um *gato*.

—Ja sei quem é.

E' um barbaro e deshumano homem que tem em seu poder uma pobre rapariga parda de nome Maria, a qual vive trancada em um quarto sem ver dia nem noite, martyrisada pelos mais crueis tratamentos, chegando a barbaridade a ponto de queimarem-na cóm ferro em brasa.

—Pois então chame esse *feliz* capitão á falla, que quero remettel-o á policia que lhe tomará contas.

—Ha tres dias que está essa negra a dormir no meio da rua!

Pobre, doente a ponto de não poder andar!

—Na segunda feira encontrei-a. Vinha pelos Dendezeiros a arrastar-se pelo chão.

Alguem que comigo ia para a cidade disse: Esta pobre preta vae ao Bomfim nesse lastimavel estado a ver si melhora.

—Pois, pelo que me parece, ainda não chegou á egreja; tem dormido defronte da cocheira do Ariani.

—E tem chovido estas noites!

—Que pannos sao aquelles?

—Aquelles que estão junto ao muro que vae ter à egreja?

—Sim.

—E' o *fardamento* e a cama da infeliz...

—Em que paiz estamos nós?

Nem a charidade particular, nem a publica!

Oh! Deus do Céu!

Vae tão perverlida a nossa sociedade?!...

—Não, Sr.; a charidade particular existe, mas receia.

As melhores acções são desvirtuadas.

Houve já quem agazalhasse a preta; mas constando que ella era escrava d'uma outra, de nação mina, moradora aos Mares, a boadosa pessoa que a acolheu despediu-a, por que sendo a preta moça e podendo melhorar, bem podia ser que a dona quizesse protestar por dias de serviço e o mais que se segue.

—Bem; e a charidade publica? Os hospitaes, os asylos, para que foram feitos? As authoridades para que existem?

—Isto lá não sei. O que é verdade é que a negra está doentissima, maltrapilha, exposta ao sol, ao frio, ao sereno e a' chuva no largo do Bomfim, na leal e valorosa cidade de S. Salvador, Bahia de todos os Santos, imperio *constitucional* e catholico do Brazil.

—Do que me livrei eu!

Estou deitando a alma pela bocca!

—O que lhe aconteceu, homem de Deus?

—Ia sendo victima agora de uma malta de vaccas e bois bravios, que andam á pastar pela Estrada Nova, entregues a um preto velho, e que vivem a investir contra quem passa.

—A quem pertence esse gado?

—Não sei. Com o susto, não me lembrei de indagar.

—E os fiscaes?

—Ora os fiscaes! andam pelas quitandas e açougues, vendo cousa que faça mais conta.

—Decididamente vou me declarar ligueiro de corpo e alma.

—Então porque, amigo?

—Porque que quem è ligueiro está exempto de certas cousas.

—Já tardava com uma das suas.

—Mas não viu o caso do subdelegado da Conceição que mandou soltar o Belmiro por ser ligueiro!

—Historias!

—Historias? Mas o caso é que elle não desmentiu o *Jornal da Bahia*.

—Porque não quiz dar importancia.

—Na falta de defeza tambem se desculpa com o não dar importancia a folhas.

—Faz obsequio de se deixar de cousas. Para que ha de procurar novidades?

—Está porque dizem que V. Ex. só falla dos vermelhos.

—Ora vejam!

Aquelle crioulo, dizem, quiz matar a senhora e la vae preso; teve porém uma syncope e largaram-no alli no chão, à rua Direita de Santo Antonio.

—Oh! os guardas deixaram o preso morrer e foram-se?!

—Não, estão a pegar a torto e a direito os negros que passam e como um não quiz carregar o doente, está sob a pressão da *virga ferrea* de seu catatau!

—E isto succede na Bahia aos 25 de outurbo de 1864.

—Dizem que o *Alabama* é paschim e o *Diario* trouxe ultimamente *bellezas* sobre o theatro.

—Mas é gazeta grande, e official.

—A proposito, tem visto o que tem havido no theatro? Versos funebres, *satyricos* e *roxos*, pateadas e o diabo a quatro.

—O que é costumado não é ignorado.

—Quando a mulher è bella, *é linda*, ainda que seja uma *leôa*, tudo que faz é bom; assim diz o Santa Barbara.

—Ainda quando o *fogo* della (isto é o que ella accendeu em caza) seja tanto que para apagal-o se torne preciso o marido chamar povo da rua.

—Quer dizer que dá pancadas? Safa! que *amor azedo*!

—Certo filho da *Estranja*, pedante em extremo, professor de *varris linguis*, insolente e immoral a ponto de ser encontrado em qualquer loja....

—Mas que tem?

—....anda vendendo suas pomadas, e de,

pois, como caloteiro que é, tracta de chamar os outros caloteiros para não ficar só.

—Muxingueiro, vae ordenar-lhe que se cale, e si *respingar*, mette-lhe a taca de rijo!

—Por S. *Alexandre*, capitão, que ventura!

—Esses *beatos* diziam que não haveria mais diluvio; agora desejava eu vel-os todos affogados em Santo Amaro.

—Enchente?

—Chuva, diluvio, agua do ceu, como no Rio de Janeiro!

—V. está doudo, homem!

—Doudo?! Si é capaz, passe por lá pela rua da Lama sem canôa, e veja si vae ou não ao fundo.

—Que diabo de *lobo* é um?

—Que *lobo*, Sr?

—Um *lobo de Santo Antonio!*

—Ah! isto é um *juiz* da roça dos *mamões* lá para a banda da freguezia dos sanhaços!

—Ah! esse sujeito dizem que faz o diabo. Ultimamente fez uma diabrura com uma espingarda, não acceitou procurações bastantes, condemnou nas custas o *segundo*, marcou audiencia extraordinaria, suspendeu-a, e ficaram muito satisfeitos elle, o *author* e o vinho que formam uma inseparavel *trindade*.

—Ah! eu logo vi que o homem tinha jantado!

—Mas é vingança mesquinha; tudo quem occasionou foi elle, vermelho na cara e na politica, negro no coração e nas acções.

—Deixal-o, pobre diabo!

O *presidente* ou chefe dos Braz-Mimosos accendendo o charuto no archote de Amor e recebendo deste um lindo chinó (Extracto do *Punch.*)

Que admira que se inflamme um velho em amor, quando hoje tornam-se os velhos *mancebos!*

Feliz invento dos olhos de vidro!

Feliz achado das dentaduras!

Feliz lembrança das cabelleiras postiças!

Ja viram, rapazes
Meu chinósinho?
Como fica de gosto
E assentadinho?

Logo assim, logo assim
Hei de me casar.
Já tem feito rir ás moças
Tem feito velhas chorar.

—Está dito!

Quem dá seus dois *bicos* para ir ao theatro ver os espectaculos, já não pode divertir-se a gosto!

—Então porque?

—Ainda pergunta!

Por causa do *barulho* da platéa: alem das palmas e foras, uma porção de desfructaveis a gritarem com todas as forças dus pulmões—Fulano—scena—Sicrano—scena—etc. de sorte que si estivessemos na França muita gente julgaria que os gritos eram *innundações* do Senna—e trataria d'escapulir a afim de não se afogarem naquellas aguas.

—A sua comparação nada vem ao caso, mude de estilo si quiser ter foros de spirituoso, aliás vá plantar batatas.

—Alli, na ladeira do Pilar ha uma negra ouca.

—Que se ha de fazer?

—Deitada é qualquer hora no meio da rua! Todos que alli passam tem visto.

—Só a policia não vê.

Que se ha de fazer?

—E até o filho do Sr. professor e juiz de paz, Leião, desce pelo quintal e vem vem atormentar a infeliz!

—Que se ha de fazer?

—Só nesta terra se vê disto! Um filho de educador, preparador da mocidade e authoridade, tão mal comportado!

—Que se ha de fazer?

—Ora viva!

Que se ha de fazer!

Reclamar providencias.

—Si tem bons pulmões, grite para ver si o accode alguma irmã de charidade, que, alèm de ser gente que monopolisou o genero, são os anjinhos da terra, de tudo se condóem.....seu *officio é soccorrer á humanidade*..... ...

—Que fazem na Praça aquelles carros?

—*Levam munição*, calça grossa.

—Engano! Estão alli para o acompanhamento funebre da corporação dos varredores.

—Olè! como está valente!

Que enthusiasmo!

V. com este valente catatau...dá uma *rajada* no mar.e... com os diabos la se vae tudo a pique!

—Ca, ca, ca.

Vá metter medo ao Manoelo!

—Olè!

Que rompante hespanhol,

Si não conhecesse o como Roldão comia-o por D. Quichote.

Olá caramba! Caraco!

A PEDIDO

Um curioso des ja saber si é forro ou escravo um mulatinho que anda muito maltratado vendendo plantações da casa do Sr. major Coelho em um taboleiro, e que veio ha tempos de Sergipe.

A visão.

Manuel Antonio Justo declara que nem elle nem pessoa de sua familia teve parte na publicação feita no *Alabama* sobre negocios de uma professora; satisfação que dá por lh'a attribuir em spiritos malevolos e intrigantes.

Pede-se ao inspector do 4.º quarteirão da freguezia do Pilar, providencias afim de serem removidas do Caes Dourado em frente da caza n. 66. umas africanas quitandeiras que ali costumam cantar té 9 horas da noite, incommodando a visinhança, e a quem passa, fazendo alarmas com os parceiros que passam, e prestem sua condjuvação p a quanta immoralidade querem praticar.

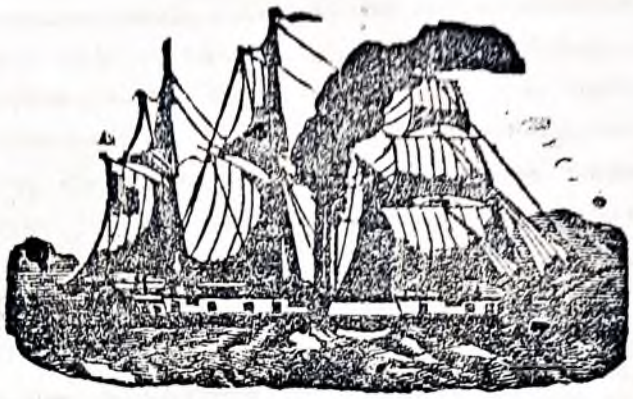
ANNUNCIOS.

Relojoeiro.

Januario de Amorim Vieira declara que abriu a sua caza de trabalho a' rua dos Ourives n.4 1.º andar.

Aprompta todo e qualquer relogio com brevidade de tempo e por preço commodo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES EC.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.ª BAHIA 29 DE OUTUBRO DE 1864. N.º 128

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de outubro de 1864.

Officio ao Exm. presidente da provincia para que dê suas ordens afim de que seja concertada a antiga cloaca por baixo da Relação para que os soldados da guarda de palacio, tenham onde satisfazer as necessidades corporeas, e não façam do largo por detraz da mesma Relação despejo publico afim de que aquelle logar não fique reduzido como está a um deposito de immundices.

—E a dar-lhe!

Que patifes!

Quem faz pasteis não pode fazer versos!

E é excommungado!

Tratantes!

Julgam os outros por si.

Como não sabem sinão dar couces...

—Olhe o padre *Ayres*!

—O *Alabama* já recomeça com seus sobrados a cahir, Pelo que vejo o gosto delle é que tudo venha abaixo.

—Mas por que?

—Porque fallou tanto em muros e paredes e cazas a cahir e até hoje nem uma cahiu.

—As que não cahiram foram demolidas; as outras cahiram. A do gazometro por exemplo, cahirá. Si a outra que não estava rachada e que levou mais de trinta annos em pé, cahiu, quanto mais essa que ainda não ha um anno que rachou-se.....

—Cassandra caricata!

—E tu, bobo? Só fechas a porta depois de roubado.

—Capitão, uma historia

—Estou attento.

—No dia cinco d'um mez que era o oitavo do anno, quando principiava este pelo mez de março, n'uma villa, Santarem, por exemplo, deu-se um caso singular.

—Em que anno?

—Não importa o anno. O subdelegado, cujo nome não direi....

—Diga, *João*.

—....e que vivia sempre a gozar da deliciosa sombra d'uma *pereira* e que era parente d'um *Souza* que alli morava....

—O nome do sujeito!

—Sacre nom de Dieu *Miccere*!

Olá, capitão!

— Continue.

Que fez o diabo do homem?

—Entrou por uma caza de familia ho-

nesta, captou uma moça e empinou-se apezar de ser cazado e ter filhos!

V. Ex. o que faria n'um caso identico?

—Eu nada; não sou chefe de policia...

—Ah! então esperemos.

—O nosso theatro de S. João tem estado *impagavel*, parece mesmo uma casa d'Orates.

—Deveras?...

—Ainda duvida: na noite de 25, no beneficio do Peregrino, houve moscas por cordas e mosquitos por arame; houve muitas pateadas, muitos assovios, e até batimento de pés.

—Continue...

—O Amoedo, a Manuela, a Leolinda, e até o proprio emprezario foram pateados.

—Porque?

—Pela influencia lunatica dos *partidos*.

—Que partidos, homem de Deos! Pois no theatro já existem *vermelhos* e *ligueiros*, *verdes* e *amarellos*?...

Não senhor; não é politica de *governo* —é politica de basbidores.

—Ponha-me isto em trocos miudos.

—Pois lá vai.

O theatro está dividido em dous partidos.

Um intitula-se—*Leolindista* e o outro—*Manuelista*; uns applaudem a Manuela, outros a Leolinda,

—Quanto a isso estão no seu direito; cada um come do que gosta.

—Isso é o menos: podia cada qual applaudir a sua *ninphas* em pateadas, *estrondos*, nem vozerias, actos sem duvida improprios d'um publico illustrado.

—E's a que partido pertence o Sr.?

—Já se sabe—ao lado dos «imparciaes.»

—Não o culpo; mas quero saber o que seja esta ordem de gente.

—Eu lh'o digo.—São aquelles que applaudem, quando os artistas merecem, e se calam, quando elles não vão bem.—

—*Bene*; a estes pretendo alistar-me.

—Acho justo si não quer representar o papel de *desfructavel*.

Ora ainda mais este!

Erguos poucos, nosso pae mandou mais.

—O que *dizes*?

—Mais um e intruso e insolente!

—Quem, homem?

—O presidente calvo, o *mentor* calvo e como prova do nosso antigo dominio na provincia cisplatina, mais um *calvo* do Rio da Prata!

Parece que a epocha é dos carèças...

Quantos não haverà pelo bemdito Rio de Janeiro!

—Mas que calvo é esse do Rio da Prata?

—E' um atrevido basofo, um desfructavel redactor da *Reforma Pacifica*, de Montevidèo.

—Pois olhe lá, nem tão calvo que...

—...lhe appareçam os miolos.

Que de miolos é que justamente precisa o bobo.

—*A propositu*, sabe a chula?

—Qual, a do patola?

A' lua comeu-te
Da cabeça a bolla.

—Ah! esse vredade, capitão lua brocou cabeça di êre, ere tà cuma figura de fabula; cássica só; raposa sórta latim:

Oh! quanta species. Cerebrum non habet!

—Negro!

—Puff, capitão!

—Negro!

—Capitão, puff p'ra *carivo* qui querê *reforima* de *paze* e procura linguage ni quitanda di negro.

—Viu a *Critica*?

Lembra pedras e pedradas.

E tem rasão.

—E tem. Com effeito foi assim. Antes de chegar a eleição de 7 de setembro a calçada foi se concertando atè chegar à egreja da Sé, onde parou e ficaram as pedras soltas que *serviram*. Agora que se fallava em alarma continuou o concerto e as pedras caminharam para a Praça, a assistir á apuração geral.

—Quer V. dizer que a camara, por ser vermelha, queria pedradas e ajuntou pedras?

—Si não é, parece.

—Mas qualquer que seja o partido da camara, ella não pode querer guerra.

Seu emblema é uma *pombinha* com um ramo de Oliveira no bico, o que significa —paz—em toda extensão da palavra.

—Ah! é por isto que a camara gosta de revoluções de pedras! Pedras são pombos sem azas.

—Capitão, sabe quem convocou seus credores para pagar-lhes com 10 %?

—Não.

—O Bigode de ferro.

—Mas isso não é possivel! um homem que gastou mais de 2:000$000 nas proximas passadas eleições, segundo elle mesmo disse!

—Pois foi justamente por isso que quebrou.

—Mas si elle estivesse em tão ruins circumstancias não havia de ser director de uma caixa importante.

—Isto prova somente que os tratantes sabem insinuar-se e que tambem no commercio, nem tudo que luz è ouro.

—Ao menos não o podem acuzar de ser mau director, por que, honra lhe seja feita, para qualquer letrasinha de borra, elle exigia logo duas firmas de negociante acreditado.

—E' que gato ruivo do que uza d'isso cuida, e depois são necessarias estas imposturas de severidade para enganar os papalvas.

—Homem, ainda digo que V. está enganado. Quem se acha em tão más circumstancias, não compra chapas, como elle fez a 40 e 50$ rs. cada uma, nem tão pouco dá 200$ rs. ao Papa-gatos para trahir o lado contrario, nem tambem dá chás etc. etc.

—D'ahi bem pode ser que essa quebra não passe de esperteza para o *cujó* armar-se, e deixar na ganga, como dizem, ao pobre coalhado, de quem tenho pena, por ser homem de bem.

—E não tem V. pena da Emilia, com quem elle gastava dinheiro!

—Ora pena! elle não está la tão ruim como isso. Em ultimo caso resta-lhe a *authoridade da paz* e si não diga-o o *Lobo* que é jubilado, e elle mesmo que com a gente dos cotovellos faz as todas.

—E' possivel!

—Capitão, a epocha é dos piratas e dos audaciosos!

—Em ultimo caso o irmão thesoureiro que é homem *rico* hade tudo pagar e salvar *os creditos* da familia.

—Quem? o Poia? O capitão não o conhece! Bem se embaraça com a prosapia da *fidalga-geração* Era o que faltava! que o capacho do Antão fosse parente ou amigo de quem delle precisa. Não está má! pois si o Poia o que quer è gente de quem possa tirar partido!

—V. Está muito maledicente.

—Não ha tal, é que eu conheço bem o meu gado e doe-me ver os incautos, como o capitão por exemplo, gastar tão boa cêra com tão ruins defuntos.

A PEDIDO.

—Que cafurna é aquella no Caminho Novo?

—E' uma caza de ratos.

—Que gritos são aquelles?

—Modinha.

—Ah! sim! é alguma ramificação do olho-vivo.

—Justamente.

Passou por alli um rapaz de nome Miguel José Barreto e como ia bem trajado, chamaram-no e bifaram-lhe o chapeu que é na verdade lindo; é um dos poucos de cortiça que aqui vieram; foi comprado ao Monat, em cuja loja se disse que só quatro tinham vindo.

—E então ficam todos com o laben?

—Não, consta que um tal Vicente da Estrada Nova foi quem o bifou.

—Guarda-marinha, mande pegar o cujo, para fazer-lhe as contas.

—Um facto importante.

—Alguma pomada sem duvida.

—Não é cousa seria.

—Pois bem, conte la isso, mas não masse.

—Passei, antes de hontem, pelo logar das cruzes e vi uma berreira dos diabos; eram alguns artifices que *discutiam*. Parei e ouvi um dizer: mercê de Deus, Sr. presidente, para honra e moralidade desta casa, o tratante ha de ser expulso.

Ora, sempre que vejo alguma novidade, desejo saber o que é....

Entrei e vi uma sala quadrada, bancos, um quadro e duas mesas, no centro de uma destas em outro tempo, *Freitas*, inchado como um pavão, um *artilheiro*, o cujo das *cadeiras* (boa firma), um bispo mitrado, um gallo, o filho do matta porco, o mercurio dos franciscanos, um, que tendo de menos um olho vê mais do que os outros; um *pardavasco* da cabeça grande, perito official de *vender sapatos*; aquelle musico que quando thesoureiro de Santa Cecilia teve um negocio de dinheiro com o Simberto; um cigano do Caquende, um *perito* artista do officio de mandador, e no meio desta passaralhada, o *Candinho*, tambem distincto na *arte* de fazer noticias que, como um gavião, queria bicar tudo.

Era este quem dizia: felizmente o tratante vai p'ra rua etc. Mas pode apparecer outro..... e.

Então a *passaralhada* toda berrou, de modo que até aquillo me pareceu mais uma quitanda que assemblea.

—Mas quem era o tratante?

—Não sei; repito o que ouvi e vi. Encerrada a discussão, isto è acabada a gritaria, posta a votos a materia, foi approvada unanimemente?

Então para poder contar-lhe, perguntei a alguem que la estava o que é que votou-se?

A *expulsão do recebedar, respondeu-me, por indigno de pertencer à sociedade, pelo facto de haver empalmado tresentos e cincoenta mil reis*!

—Oh! homem isto é verdade? Como este *honrado* procurador, tornou-se assim?

—Ora, elle jà o é desde antes de nascer.

—E a sociedade fica sem o dinheiro?

—Não o thesoureiro entrou com elle.

Pede-se ao Sr. J. J. Chaves procurador perpetuo dos devotos de S. Joaquim, que se festeja actualmente no convento de S. Francisco queira publicar a conta de receita e despeza feita com aquella devoção no presente anno.

Um devoto.

Sr. redactor do *Alabama*.— Em um do seu numero passado dizem ter se publicado um artigo, que com quanto nenhuma parid. de tenha com a pessoa a que se allude, todavia alguns desafectos gratuitos do Senhor F. P. B. negociante estabelecido na cidade de Cachoeira, propalam acintosamente ser em referencia ao mesmo Sr; e como sejaisto uma falsidade somente para deprimir da reputação d'um homem, que sempre se ha portado dignamente, peço a V. o favor de dizer pelo seu jornal si esse artigo foi publicado alusivamente ao individuo cujas iniciaes se lê acima, com o que fará V. um favor ao

Inimigo da mentira.

—

Nenhum artigo em tal sentido nem em referencia ás iniciaes F. P. B. foi em nosso periodico publicado — *A Redacção*.

ANNUNCIOS.

O theatro de S. João precisa de uma actriz que tenha o *TALENTO* da Leolinda.

Ama de cosinha.

N'esta typographia se indica uma de excellente conducta.

No dia 13, ou 14 do corrente fugiu do abaixo assignado a sua escrava, mulata de nome Bernardina, com os signaes seguintes: altura regular, magra, cara redonda, pés pequenos e secos, cabellos annellados cortados á thesoura, ultimamente, já um pouco crescidos, olhos grandes e pretos, tem duas cicatrises no pescoço (do lado esquerdo) com falta de dentes no lado de cima, costuma mascar fumo, e com quanto seja moça com tudo parece ser idosa, levou vestido, saia de chita acabocolada, panno da Costa inglez com listas azues e brancas, lenço de chita na cabeça, tudo já usado; consta que tem sido vista, pelo Saugradouro, Mercês, Gambôa e Afflictos, quem a prender e leval-a ao trapiche Barnabè, ou ao armazem do Sr. Manuel José Antunes à Praça do Commercio, sera recompensado.

Bahia 24 de outubro de 1864.

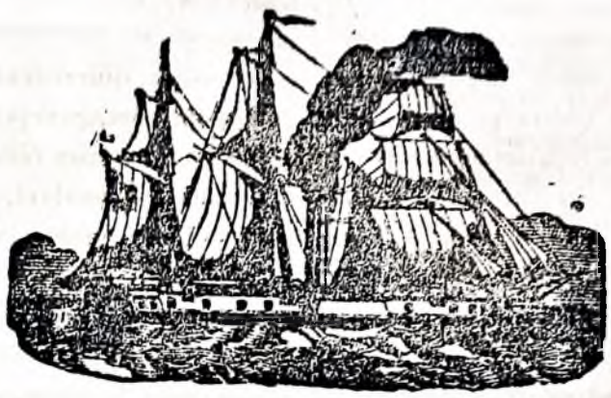
João Martins da Silva.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES EC.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE II.ª BAHIA 1º DE SETEMBRO DE 1864. N.º 104

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 á 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Pasões do Sr. A. França

«Ninguem pode responsabilisar-se por um periodico, e sim por certo numero ou artigo delle, que deverá aliás ser declarado no escripto de responsabilidade, antes de impresso.»

Então o redactor de um periodico, o editor, não se pode responsabilisar para com os donos da typographia por todas as ideias que forem publicadas nos numeros de seu periodico que forem sahindo á luz?

Não pode?!

Só pode responsabilisar-se por um numero ou por um artigo?

E' serio?!

Vejamos.

« A' luz deste *principio* que *se deduz* de nossa legislação imparcialmente examinada etc.»

Qual a lei que diz isto?

Aponte-a, charo Dr.

Onde foi buscal-a?

Foi acaso Chassan que mandou-lh'a de presente?

Nada disto. A cousa não é facto consummado, é um *principio luminoso* apenas..... de Chassan talvez.... Não ... è *principio que se deduz*.....safa!.....de nossa legislação . . . . . .

Credite, Pisones?

Principio deduzido!.....

Risum teneatis?

Realmente espanta!

São cousas da França....

Mas nenhum philosopho francez ousou ainda dizer que se deduziam principios.

Como porèm o mundo vae ás avessas!....

Pois o Sr. A. França, neto do *philosopho* Dr. França, filho do finado Dr. E. França, que escreveu obras philosophicas; o Sr. *A.* França, moço que fallou tanto em hermeneutica, que citou linguagem commum e classica, que sophismou tanto em sua accusação, deu um tão miseravel espicha n'uma cousa tão trivial de logica!....

Realmente espanta!

Ora vejam o que faz o querer voar muito alto!

O Sr. A. França, no empenho de metter na cadeia os donos da typographia e não o responsavel da gazeta (no caso de o poder) dá por paus e por pedras, compromette suas idéas *livres* e, similhante a Camões com o seu *Luziadas*, ao querer salvar-se do naufragio a que foi arrsatado o novo Icaro (pela fundição de suas azas de cera) *fecha o olho de continuo* e ufano mostra ao publico enjoado o seu inseparavel *Chassan*!

Sr. A. França, *examine imparcialmente* a nossa legislação e queira por favor mostrar ao publico o seu feliz achado; digne-se por quem é, descer do throno de sua fidalguia e provar ás infimas camadas da sociedade que o editor d'uma gazeta não se pode responsabilisar por todos os seus numeros.

Para que então annulle-se, extinga-se o art. 7. do codigo criminal, e se fique sabendo que *autor* e *editor* são uma e a mesma cousa, que o codigo caducou, que Chassan venceu.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 31 de agosto de 1864.

Officio à camara municipal para que mande remover dous grandes entulhos que ha na rua Atraz da Sé, assim como n'uma das esquinas da rua Direita do Collegio, os quaes foram creados por occasião da calçada que alli ultimamente se fez, e enlameam miseravelmente a rua por occasião de qualquer pequeno aguaceiro.

—O *A.* França quando se lhe notava o estar só tractando de Chassan, respondeu que não era advogado de ordenações.

Leio agora a questão Jurema-Maciel, vejo citados diversos criminalistas por VINTE E TRES advogados de nota, os primeiros do Imperio, e noto que não levam em conta o tal bemdito Chassan!

—Ca, ca, ca!

—E' porque os taes advogados não são do *progresso*, e Chassan é do *progresso da velha*.

Ora Chassan alli!

Nem que a mãe negasse, nem que jurando, confirmasse a filha a negativa da mãe, nem que desse modo procedessem todos, la se ia o diabo do Maciel para a cadeia!

Liberalismo só de Chassan!

—Menos isto! Alto lá!

Liberalismo nesta terra só do A. França!

—Ora ahi está! Dizem que o Xavier da Costa está velho, que não pode servir às partes, que demora os autos e tudo mais que querem, e vejo o contrario.

No processo *Gravata* andou elle com velocidade incrivel.

—Pois registre o facto para honra e gloria do funccionario.

—Bem bello!

Ha de ser galante!

Está mesmo como a ladeira da Mizericordia! A tal Agua Brusca, alèm dos innumeros caracóes que a estão *aformoseando*, está reduzida à obra de Santa Engracia!

Pepineira no caso.

Assim como a ladeira da Mizericordia tem uma pedreira que è uma inexhaurivel mina, a Agua Brusca tem tambem a sua, que está embargando o seu aperfeiçoamento e conclusão.

—São realmente importantes as ladeiras que dão subida para a cidade alta!

—Que historia é aquella naquelle chapèu?

E' rifa.

—E' *grilo*; que contém? Está pedindo esmollas aquelle sujeito que anda com o chapéu na mão a abalroar às pessoas que entram?

—Não.

—Que faz então?

—São bilhetes; aquelle sujeito compra diversos objectos, expõe nos à venda por um rendoso meio, que é a loteria, a rifa, em que o melro ganha talvez mais de cento por cento.

—Incommodando de mais a mais os companheiros de repartição.

—Que repartição é esta?

—O consulado.

—Olhe que Latronopolis!

—O nome do sujeito? sabe?

—Si continuar, eu lh'o direi.

—Ora com effeito!

E dizem que não se protege aos brasileiros!

Si fosse n'uma caza estrangeira, dava-se disso?

—O que foi?

—Entrei no Café Americano; deram-me

catè frio n'um bonôsinho de banha, em vez de chicara, por quatro vintens, e um pediaço de bollo sovado que por tres vintens comprei la mesmo, fui obrigado a dal-o todo. ...

—Porque não prestava?

—Não; dei o a um cachorro que o Sr. Marcolino ali tem, o qual vive trepado n'uma cadeira a dar botes nas pessoas que estão comendo, e rasgou-me as calças!

—Ora adeus!

—Adeus! calças feitas pelo Daumerie!

—Que é francez, em quanto o cachorro è *americano* e V. tambem o è; devemos soffrer-nos uns aos outros!

—Fomente-se!

—Não ha remedio; hei de votar para vereadores no Dr. Couto e no Barros Reis, afim de ver, si, sendo elles da freguezia de Santo Antonio, se compadecem das nunca assás cantadas ruas Nova do Queimado, dos Ossos e dos Carvões.

—E o beco do Funil? E o dos Chinellos?

—E aquelle deploravel, insupportavel, execravel, lamentavel e tudo que acabar em *avel*, bequinho do João Simões?

—Que lagoa!

—Diga antes, que cloaca!

—Pois eu que sou da Sé, só hei de votar no Galeão e no Alvares da Silva para ver si, além do Escorrega e Ximenes, cuidam da Estrada Nova.

—Esta' bom; cada um quer para si e o resultado é ficarem todos a olhar o signal.

—Meu amigo, é tempo de muricy, cuide cada qual em si.

LA VAE VERSO.

(Continuação.)

Não ha remedio,
Sofframos tudo
Que p'ra viver-se
E' bom ser mudo.

E o mundo marcha,
Diz Pelletan,
Pois nos dá leis
Dr. *Chanchan*....
E salva *assim*
A patria *nossa*,
Por barrocheis
Vindos da *roça*—

O mundo fica
Todo *francez*,
Que assim o quer
Quem cousas fez!

A PEDIDO.

Pede-se ao guarda-marinha pedestre Guilherme que vá a uma venda lá pelas immediações da estrada de ferro e intime ao Cadeiras-me-dóem que restitua quanto antes ao extremoso inglez a yaya C., visto que o homem está quasi louco e quer se enforcar, queixando-se delle amargamente e do seu mercurio, Xixi da Careca.

Si não obdecer queira conduzil-o ao porão do *Alabama*, onde lhe mandará o Sr. capitão applicar-lhe uma centena de calabrotadas, para allivio de seus males.

—Ora isto não si pode aturar! que ha de um sujeito sem officio, nem beneficio estar todo dia na casa alheia!....

—E onde è isto?

—Ora, onde é? Na Calçada.

—Qual! isto è cassuada. Jure já, si é capaz.

—Por S. Virginio.

—Está bom. Isto é verdade, o diabo è essa familia respeitavel não o ter já tangido a chicote.

Pergunta-se a quem compete si os guardas da camara estão authorisados a auxiliar os officiaes de justica da fazenda em execuções, e fazer prisões á mandado destes levando de mais a mais os presos a tombos, como praticou um dia destes o grande Salustiano Manuel do Nascimento.

—Sussú?!

—Eim, Pomba?

—Que é de Nenen?

—Está chorando.

—Porque?

—Porque Simão está doente.

—E Bella?

—Bella está deitada.

—Vossê viu *elle*?

—Não.

—Passou de calças brancas, collete preto, palitot escuro e chapeu de palha.

—Foi sem duvida para casa do marido da mulher dos patos.

—E' um ingrato. A quantos dias não passa pela ladeira da Saude!

Roga-se a dous Illms. Srs., um alferes e outro cadete não do 9.º nem do 11.º batalhão, o favor de virem resgatar seus ficas que tem na venda por baixo da Directoria Geral dos Estudos sob pena de seus nomes serem declarados por extenso nesta folha.

Para vereadores.

José da Silva Costa
João de Campos Costa
Lino José de Lima Guabiraba
José Rufino
José Victorio
Francisco Ignacio de Britto
Leopoldino Francisco de Senna Santos.
José Xavier.
Torquato José de Santa Anna.

Um votante do fôro.

Para vereadores.

Henrique da Rocha Paranhos.
Candido José do Sacramento.

Pede-se ao Revm. padre mestre sachristão-mor da V. O. 3.ª de S. Francisco, para que informe com urgencia sob a guarda de quem ficam as chaves dessa V. O. na ausencia do respectivo vigario; e si sabe quem é uma senhora a quem o Manuel, criado do Revm. commissario, deu entrada, no dia 21 do corrente antes da missa de S. Roque para o corpo da egreja pela porta da capella-mor, em logar de dal a pela porta principal ou por outra, denotando ser aquella senhora alguma privilegiada da Ordem, ou pertencer a familia de algum padre mestre, visto que não entrou como as mais pela porta que estava aberta, junto ao altar de S. Domingos.

Pede-se ao guarda-marinha pedestre Guilherme que vá a freguezia de Sant'Anna, procure um Sr. Robs e lhe intime para apresentar-se quanto antes neste navio afim de dar os seguintes esclarecimentos:

1.º si caza ou não com a creoula vizinha, afim de que ou cesse o escandaloso namoro de todo o dia, ou despache a negra Bemvinda; 2.º qual o seu officio, onde e quando trabalha; 3.º por quem está de luto, desde quando e até quando pretende assim andar; 4.º o motivo porque anda effectivamente em caza sem camisa, afim de que sabida a causa o muxingueiro do navio lhe applique o *remedio* conveniente. Previna-o mais que deve apresentar-se a bordo da maneira que está em casa de dia ou anda na rua á noite a saber: chaspelinho de palha, ceroula, os chinellos da creoula e o palitot, pelo qual consta foi processado o Daumerie.—

Eleição paraa nova Camara Municipal.

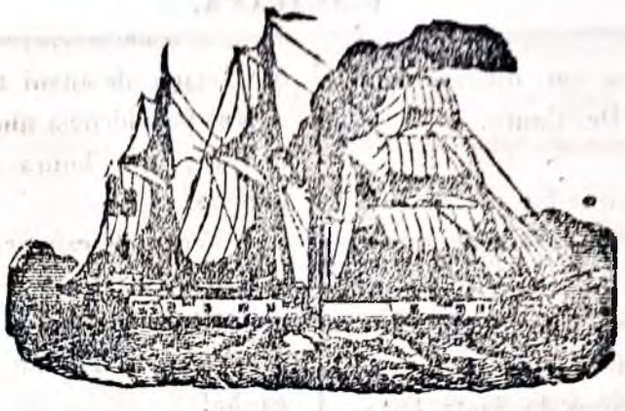
Recommenda-se ao sufragio popular para a nova camara municipal que ha de ser eleita a 7 de setembro o distincto advogado—

Dr. José Joaquim dos Santos.

CHAPA LIBERAL PARA JUIZES DE PAZ DE SANTO ANTONIO.

Dr. José Luiz de Almeida Couto.
Capitão João Carvalho.
Capitão João Joaquim Teixeira de Castro.
Capitão Antonio dos Santos Coimbra.

TTYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 11.ª BAHIA 3 DE SETEMBRO DE 1864. N.º 10?

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 à 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolisbordo do *Alabama* 2 de setembro de 1864.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que acompanhado do muxingueiro vá a noite ao Canto de João de Freitas e mande applicar 50 calabrotadas em cada pessoa que for alli fazer despejo, já que o fiscal respectivo não se importa com isso. Cumpra.

—Ao mesmo. Tendo desabado o *telheiro* da faculdade de medicina, e estando o correio geral em deplorabel estado de cobertura, pois que chove alli como na rua, ordena-se-lhe que mande os *africanos livres —escravos da nação* aproveitar os restos das telhas que existem no Terreiro, retelhando o referido correio, afim de que se não venham a inutilisar as cartas e os jornaes com algum diluvio que por alli appareça. Cumpra.

—Ao fiscal da Sè, ordenando-lhe que vá a rua do Pão-de-ló, caza em que habita o Sr. Olympio e dê as providencias necessarias sobre um cano que na dita caza ha, o qual despeja diariamente, para a rua dos Capitães, materiaes fecaes, cujo fetido muito incommoda aos transeuntes e principalmente aos habitantes daquella rua. Cumpra.

—Ao fiscal do Pilar ordenando-lhe que vá á casa n.º 48, 1.º andar, ao Caes Dourado e faça effectiva a postura quanto ao despejar-se na rua aguas putridas e lixo, a ponto de na frente da referida casa haver sempre agua estagnada e um insupportavel cheiro que incommoda aos viandantes e os moradores. Cumpra.

—Tomara que o Galeão saia vereador para ver si assim concerta-se a ladeira do Galeão, que além de estar toda escavada, serve de deposito de cisco!

—E mais porque o homem é um caracter integro.

—Ja viram os novos periodicos que appareceram?

—Ja vi a *Situação* e o *Sete de Setembro*.

—São ambos bem escriptos, e ambos conservadores.

—Fructas do tempo.

—Quem os redige?

—O primeiro o Candido Rodrigues; do segundo tenho a honra de não conhecer o redactor.

—Charo Dr. que cura na Cruz do Cosme, venho lhe dizer que é falso e falssissi-

mo tudo que lhe disse um miseravel intrigante a respeito do Dr. Couto.

—Bem pode ser.

—Acredite e veja o que faz.

Proceda como honesto cavalheiro que é.

Dê-me suas ordens.

—Queira passar bem, Sr.

—Parece que este largo de Santo Antonio só fica em termos, quando eu chegar a presidente.

—Largos dias tem cem annos.

—Que quer que lhe diga?

Quando os presidentes bahianos não dão cavaco do que se passa na Bahia, quanto mais os que vem de fora!

O Des. Silva Gomes, que mora na Rua do Paço, não se importa com Santo Antonio, é preciso que eu que sou de Santo Antonio seja presidente para que tenham logar os melhoramentos de Santo Antonio.

—E o Cons. Amaral era de Santo Antonio?!

E' que o Des. Silva Gomes está atrapalhado com a politica, está cuidando do moral, não tem tempo de occupar-se com melhoramentos materiaes!

—Está bom, está bom! Como tracta de salvar a patria.....

—Ladeira do Pilar! Melhor fora que te chamassem precipicio do Pilar!

—O nome que justamente lhe caba è monturo do Pilar.

—Pois espichou-se; o seu verdadeiro nome è cloaca do Pilar.

—Apoiado; ficando porém intendido que o despejo é feito pelos moradores de Santo Antonio.

—Capitão, iô qué faze um dendo ni minha programma.

—Tem a palavra.

—Iô promette, si iô chega sê varedô, qui caba cum esse brincadero de raia qui moleque empina; cidadão de Latronopo devê mi gradecê esse favô, poi que esse brincamento tem prejuizo.—1.° Quequerê fruta dinheiro p'ra compra brabante mai linha. 2.° Foge turo de sicolla e di tenda. 3.° Moleque qui leva recado, ou mêmo qui vae compra um cousa demora ni rua. 4.° Um faixingamento ni outro e dá paucara 5.° Tejaro de amani tudo fica degraçaro.

Um providencia que caba cum esse moleque turo, tim honra e gloria, grandeza e benção.

E iô propõe esse providencia.

Isso é, si latronoporitano faze de cosinhero cambarissa.

—Nem o Thomé da Costa Passos te ganha!

—Minha Sra., eu desejo ter a honra de receber diante dos altares a Exma. Sra. D.....

—E o Sr. não tem em casa uma moça?

—Botei-a para fóra.

—Fez mal Sr.

—A paixão que sua educanda fez-me por ella conceber....

—Que emprego è o seu?

—Sachristão por ora....

—Ora saia-se daqui!

—....mas breve me virá um emprego.

—Pois quando chegar fa laremos.

Donde lhe vem o emprego?

—De *Geronce*, minha Sra

—E' mentira minha Sra.; só si for algum emprego no corpo fixo, que destes è que se dá a certos sachristães. Um destes, dizem que offereceu o Martins presidente ao Zorra, sachristão!

—Que patife!

—Minha Sra., mande-o recommendar ao muxingueiro do *Alabama*.

—Caze-me eu com a moça, pouco me importam as vergalhadas.

—Que descaração!...

—Ora não se pode ser assignante do theatro!

—Porque?

—Porque desde julho que pagamos 8$000 e até hoje so tres recitas tem havido.

A principio foi a companhia lyrica, depois os campanologos, agora os beneficios....

E quem quer ir lá tem de escorregar com 2$ rs., apesar de estarem os oito bicos na mão do emprezario!

—Tem rasão.

—E depois as peças são muito repetidas. Uma assignatura compõe-se de oito

receitas e já houve uma peça repetida quatro vezes n'uma assignatura!

—Com effeito è massada.

—E' cassuar com o bonanchão do publico desta terra.

—Que diabo de alarma è um na porta d'aquelle hotel?

E' a patrulha que entrou alli para *divertir-se* no vispora, e um delles brigou com um sujeito de nome Manuel *Agostinho* e lá estão de espadas fora.

—E aquelle ajuntamento?

—Tudo aquillo estava no divertimento.

—Da briga?

—Não, do jogo.

—Quanta gente! muito se deve jogar alli! Como se chama o hotel?

—Boa-Esperança.

—Má esperança para os que là entram.

—Mas então a patrulha não receia que passe o rondante?

—Qual, si o rondante já se foi! cançou de apitar por ella, e como não appareceu foi-se.

Tanto que um dos soldados disse que como já contava estar preso queria logo ir preso direito.

—Esta policia!

—Capitão, a fazenda publica esta' rica.

—Porque?

Porque ha treze para quatorze annos que se não dà ao trabalho de cobrar o scello de herança dos herdeiros do padre Alexandre da Silva Menezes.

Apenas, ha dez annos houve um sequestro e mais não disse.

—E o procurador fiscal? e o sollicitador?

—Andam occupados em grandes cousas.

—E esta cà é pequena?

A fazenda da Matança, uma casa em Nazareth, e outra em Itàpagipe?! Que ninharia!

—Ahi ha cousa em que me não quero metter.

Previlegio talvez do inventariante.....

—Mas n'um poiz em que a lei é egual para todos....

—Psio!

—Guarda-marinha!

—Prompto, capitão.

—Sabe o largo da *Duença*?

—Perfeitamente.

—Conhece lá um individuo que tem o nome egual ao do companheiro de S. Pedro?

—Muito.

—Pois vá de minha parte dizer-lhe que já e já me envie um individuo que se acoita em sua casa, perfeito réu de policia, sem officio nem beneficio, que vive a armar passarinhos na roça do finado Sá, e a fazer tranquibernias por aquellas immediações, pois quero dar a esse tratante, filho de *Catete*, em que se empregue para não viver ocioso.

PARTE COMMERCIAL

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 1.° DE SETEMBRO A'S 3 HORAS DA TARDE.

Estabelecimentos de credito.

DIRECTORES DA SEMANA.

Companhia do golpe.

Dyonisio D. Ratão e Satu-peba.

Caixa dos agiotas.

Mello Usura e Thomaz Pernet.

Sociedade dos esmoleres.

Gengibirra e Pedro das Burras.

REVISTA DO MERCADO.

Largas e importantes transacções realisaram-se na semana.

A companhia do *olho-vivo* fez na presente semana um *saque* importante sobre a casa Freitas no valor de 900$000 rs. em moeda alèm de quatro letras e tres contas no valor de 1:706$700 rs.

Na madrugada de 28, por intermedio do director da companhia, D. Ratão, realisou-se uma transacção, constante de um excellente chapeu, que veio de S. *Francisco*,

Realisaram-se na semana importantes

transacções monetarias, em virtude de cahir ella em fim de mez.

O Thomaz descontou nos quarteis a 50 e 60 c/o.

Entrou no domingo 28 o brigue *Bebedeira*.

Trouxe uma encommenda de *depravações* e insultos à familias, para uns barbeadores francezes. A carga está depositada na *baixa* das *Misericordias*.

A barca *Ciumes* trouxe um carregamento de *ferimentos*, falta de respeito e anarchia que foi todo comprado para gasto da fabrica dos Modelos.

Entrou de *Palmeiras* o brigue *Hilario*, carregado de *calotes* e *traficancias*. A carga esta' em ser n'um dos armazens por baixo do palacio da instrucção.

—

MOVIMENTO DO MERCADO.

Disturbios.—Ha dias falla-se na compra de uma partida deste genero, que será remettida para *Santo Antonio*; suppomos porém que não se effectuará a venda.

Dissidencia.—Pela muita que ha, é cotado a preços baixos.

Intrigas.—Com a crise eleitoral tem vindo alguns ao mercado.

GENEROS DESPACHADOS.

Porto do *Tijollo* lanchão *Maricas d'Eva*; Thomaz Latoeiro, 10 caixas *alcovitices*, 25 embrulhos *castidade fingida*.

—

Annuncio Commercial.

93 ARMAZEM DE TRAFICANCIAS **95**

Ao Caes de Ouro.

Neste montado e sortido estabelecimento compra-se e vende-se *furtos*, recebe-se commissões para compra e venda de assucar e fumo roubado, relogios *saccados*, carteiras *tiradas* etc,

Tambem aluga-se *traficancias*, *trampolinas* etc.

A qualquer hora do dia ou da noite haverá no estabelecimento uma pessoa para receber as commissões e fazer qualquer contracto.

A PEDIDO.

Para juizes de paz da freguezia do Arranja.

Dr. Sine Morbidis Sanandis,—medico.
Debitor Fraudulentus,—negociante.
Prevaricator Corruptus,—empregado publico.
Nescius Despretigiatus,—advogado.

Um votante de consciencia.

Pede-se ao guarda-marinha pedestre Guilherme que vá à rua das *Estampas* indagar de um sacerdote que alli mora, quem lhe authorisou a mandar tapar uma boca de lobo que alli ha e que serve de esgoto às agoas da chuva, pondo toda a visinhança em incommodo, visto que as entradas daquellas cazas são todas baixas

Leoncinho.

PARA VEREADORES.

Barão do Rio Vermelho.
Dr. José Luiz de Almeida Couto.
Dr. Antonio Emiliano de Goes Tourinho.
Bernardino de Senna Moreira.
Francisco José Pereira de Albuquerque.
Dr. Antonio Alvares da Silva.
Caetano Vicente de Almeida Galeão.
Florentino Pereira Soares.
Francisco Luiz Ferreira.

Um apologista da «liga.»

PARA VEREADORES.

Dr. Henriques Alvares dos Santos.
Joaquim de Castro Guimarães.

CHAPA LIBERAL PARA JUIZES DE PAZ DE SANTO ANTONIO.

Dr. José Luiz de Almeida Couto.
Capitão João Carvalho.
Capitão João Joaquim Teixeira deCastro.
Capitão Antonio dos Santos Coimbra.

CHAPA POPULAR PARA JUIZES DE PAZ DA FREGUIZIA DA CONCEIÇÃO DA PRAIA.

Os cidadãos—José Caetano Gomes

Francisco Fausto da Silva Castro.

Baldoino Patricio do Nascimento.

Thomaz de Aquino Jurema.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES EC.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 11.ª BAHIA 6 DE SETEMBRO DE 1864. N.º 106

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolisbordo do *Alabama* 5 de setembro de 1864.

Officio á camara municipal, chamando sua attenção para o miseravel estado em que se acha a rua da Larangeira, que além de se achar cheia de enormes buracos, está reduzida a despejo publico, com sensivel damno da saude dos moradores do logar.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que no domingo á noute, uma mulher conhecida por Mariquinhas do Marinho, moradora na Alfandega, provocara innumeras desordens no Caes Dourado, insultando a diversas mulheres d'ali e ameaçando-as com uma navalha de que se achava munida.

Pede-se providencias em sentido a que não repita taes scenas a valente amazona.

—Ao mesmo, pedindo-lhe providencias sobre o estado de anarchia, em que, nas noites de sabbado principalmente, fica a freguezia da Sé, sendo de notar os frequentes disturbios, insultos, pancadas, algazarras e *descantes* que promove o applaudido mocotó, e alguma coisinha mais.

Portaria ao fiscal geral, dizendo-lhe que por caridade aos moradores da ladeira do Ximenes, va ver o estado lastimavel á que está aquella ladeira reduzida, servindo de deposito de colxões e esteiras de pessoas que morrem de molestias reputadas contagiosas, de capoeiras de galinha e capaviras de carvão, de cães e gatos mortos e materias fecaes, e sem demora faça remover dalli aquellas *substancias salutiferas*, devendo, para prevenir que continuem a fazer dalli monturo, deitar todas as noites de sentinella um dos guardas da camara, os quaes tem tão pouco que fazer que andam recebendo dinheiro dos officiaes de justiça para effectuarem prisões e conduzirem presos à Correção. Cumpra.

—Que diabo de historia é uma na freguezia da Sé?

Que rua é esta?

Quanto barulho!

Trez até duas horas da madrugada!

Quanta paulada!

—E viu que desaforo!

O inspector apitou, insultaram o inspector, e la foram brigar atraz da Sé!

—Olhe que ruasinha a tal da Mizericordia!

—E a patrulha não apparece!

Uma patrulha só para esta freguezia!

—A principio o barulho foi de machos, agora è de femeas; acabaram os homens, principiam as mulheres.

—Será progresso?

—E'; agora trata-se de levar a effeito o projecto de se não dormir, mediante os specificos de *mucotó e prego*; como a freguezia da Sé é a mais antiga, a primeira, dahi é que principiam os esforços.

—Ah! è com consentimento da policia! então passaremos.

—E' o que eu lhe não posso affiançar.

—E aquelles càpadocios que andam de lanterna e tocheiro accesos pela rua a gritarem?

—Não vê que o poAo está no tempo de sua soberania? Pode obrar livremente?

—Ah so si è isso,

—Que infelicidade!

Ante hontem á noite um moço vinha a cavallo pela Pilar e um carro, passou-lhe por cima do corpo, deixando-o em deploravel estado, e ao cavallo dizem que fez um rombo no corpo.

—Que houve mais?

—O subdelegado procedeu a corpo de delicto.

—Fatalidade!

—E o João José Leite não entra na chapa da liga, a pezar da popularidade que tem?

Porque o *directorio* não quer? não?!

—E' cousa decidida; um homem independente assim é de mais; querem os ligueiros gente *menos independente*.

—Gente que *possa fazer liga*.....

—Gente que não faça sombra a algum *fidalgo presidente*....

—Psio!

—Que fazem aquelles homens todos reunidos n'aquella esquina; a darem com as mãos; a calcularem; a alteiarem a voz; a graduarem-na; a acommetter os viandantes; a apertar lhes as mãos; a bater-lhes nos hombros; a conversarem-lhes nos ouvidos, e o mais que V. está vendo?

—Ja viu aquelle outro grupo que bate alli de porta em porta, como quem tira *missa pedida*?

—Vejo, mas a comparação é má, porque elles não pedem, dão ao contrario uns papelitos.

—Aquelles meninorios quando dão, pedem; é caballar; são votos que os meiros querem.

—Ah! ah! ah! tem razão.

Feliz de ti, minha patria!

—Hoje fazem barulho para salvar-te, és feliz.

—Ora aquelles moços aqui no theatro a interromperem os comicos!

—São tres academicos.

—Pois aqui é que acharam para ler gazeta?

—E' o *Alabama*.

—Toda vez que apparece a D. Manuella é aquillo.

—Vosse que se importa?

O empresario não diz que não quer no theatro que se assigne o *Alabama*?

—Emfim, como elles leem o *Alabama*....

—E nós somos da policia do *Alabama*, não dizemos ao capitão os nomes deiles.

—Mas é mau; uns moços instruidos, civilisados, moralisados, illustrados....

—Porem offendidos por comicos....

—Isto lá não sei.

—Pois cale-se!

Ora esta casa de prizão com trabalho! Que baderna! que orgia! que guardas! Não sei como se póde actualmente morar no Engenho da Conceição!

—E aquelle sujeito?

—Aquelle é uma alma do outro mundo, um phantasma que vive a aterrar o povo alta noute.

Dizem que outr'ora, isto é, quando era vivo, estava n'uma prisão....

—E' por isto que anda por junto á esta prisão.

—. ..e que sahia todas as noites para divertir-se, passear por qualquer rua *calçada*, desfructar *mangueira*, no que o homem tinha *bom gosto*, visitava as meninas infelizes e passava vida folgada e milagrosa.

—E o carcereiro não ia preso?

—Isto é hoje; naquelle tempo era luxo tanto mais quanto o homem que era ruivo, era official.

—Parecia-se com um que está no aquì no Engenho?

—Sim; mas não era este, não....

—Ah si eu pudesse pegar o cujo.... temme cara *d'allemão*.

—Que homem animozo! Pegar um phantasma, Sr.?!

—Pegava-o,e o mugingueiro do *Alabama* far-lhe-ia as festas.

Ao menos deixaria d'incommodar a gente.

Acha-se gravemente inferma de um ataque de *paroxismus* a Exm. Sra. D. Camara, marqueza da Municipalidade.

Foram chamados para seus assistentes o Dr. Eleição, que dá alguma esperança depois que lhe mandou applicar uma cataplasma de caballas, embora fique a illustre inferma com alguns de seus membros

mutilados, e o Dr. Descredito que nenhuma esperança promette de vida.

O Dr. Povo foi convocado para uma conferencia, com os dous facultativos acima, no dia 7. A conferencia terá logar no grande salão das Freguezias, no palacio do Municipio, pertencente á Exma. marqueza.

Iremos publicando um boletim da saude da inferma.

A PEDIDO.

Para Vereador.

O dedicado amigo dos artistas Dr. Francisco José da Silva e Almeida.

Pergunta se ao Illm. Sr. Dr. Juiz de Orphãos a razão porque não se tem realisado o inventario do finado coronel Francisco de Paula Miranda Chaves, fallecido ha dois annos? será de S. S. ou do inventariante esta demora?!..

. . . . . .

Um prejudicado.

Recommendamos com toda a efficacia para vereador o distincto cidadão João José Leite, moço de muita intelligencia e illustração, caracter digno, coração sincero, alma candida, patriota verdadeiro e independente, habilitado por tanto para desempenhar o logar de camarista por se não sujeitar a transacções e indignidades.

Um por muitos.

O Dr. Antonino Emiliano de Goes Tourinho é candidato ao cargo de vereador. Como liberal que sou, hei de votar nelle, e peço a todos os meus correligionarios um voto para o distincto liberal.

Povo! Votemos para vereador no Dr. Eloy Martins de Souza.

Um votante da rua do Paço.

Hermenegildo Pereira de Almeida declara que não é candidato a juiz de Paz pela freguezia da Penha.

Para Vereador

O Cidadão Angelo Pimentel.

—Capitão, temos novidade.

—O que ha?

—V. Ex. conhece a flor de abobora?

—Ora!

—Pois não presta, capitão; basta nascer sem ninguem plantar.

—Ora desta parece-me que só ha na ladeira do Alvo, não é assim?

—Justamente, capitão! gosto muito de quem me intende.

Sabe quem gosta muito disto? na casa tem diversas pessoas e tem uma abobora dedicada á santa Virginia, outra á santa Igracia e uma abobora macho a quem chamam outros santo Paio.

—Que santo é esse?

—Não conhece, capitão?

—Não!

—Este é o santo Paio que serve de mercurio, forte abobora! que anda se estendendo no Licêu e que vive quási sempre a offender a visinhança que por alli se acha na janella; um safadinho, um peralta, vadio, descarado biltre, devasso, que teve a confiança de bolir com duas familias que moram na ladeira da Saude, e elle, capitão, si continuar a adiantar-se com alguem, mande meter-lhe a cara na cloaca do navio.

Muxingueiro cem calabrotadas na cara desse safado, indigno esfarrapado.

Um pirata nas ondas populares.

SCENA A BORDO DO « FLORIDA. »

Commandante:—Sr. Immediato.

Immediato:—Prompto commandante.

Com:—Que esteja prompta a machina; o navio parte a toda força para prevenir uma desgraça; acabo de receber communicações importantes.

(Depois de pequeno intervallo o immediato se dirige ao commandante nestes termos:)

Im:—Commandante o navio está prompto; todos a postos esperam suas ordens.

Com:—Mandae suspender.

Im:—O ferro está suspenso,

Com: (Para o machinista)—Adianta toda força (para o homem do leme) navega para uma das freguezias do sul desta bella capital, direito ás torres de S. Pescador Velho.

Im:—Commandante, as torres estão à vista e muito proximas.

Com:—Examine com o oculo, vedes algum movimento?

Im:—O povo brioso dessa freguezia se prepara para exercer o acto soberano da eleição de vereadores e juizes de paz.

Com:—Examine com cuidado o movimento desses briosos concidadãos, tenho a denuncia de um pirata que o quer e procura illudir.

Im:—Exactamente, commandante, ha alguem que affaga, promette, ri-se, abraça, pede humildemente votos para juiz de paz em falta de outro emprego de eleição popular que sentidamente está para deixar; por não ter sido má a fatia, que embora gratuita sempre rendia alguns quebrados escorregados por baixo dos quebrados arcos da municipalidade.

Com:—Muito bem: é o nosso pirata (para o machinista)—Stop—(para a gente da proa)—larga ancora.

Com:—Sr. immediato.

Im:—Prompto, commandante.

Dom:—Mandae apromptar o escaler e dirigi-vos aos nossos concidadãoz dessa leal freguezia e privini-os da parte deste commando sobre as qualidades do marreco que os procura illudir para fazer um meio de vida, em falta de outro, do deposito sagrado que lhe confiam na urna sagrada da Nação; conta-lhes entre outras gentilezas, aquella do celebre jogador que em paga de espertezas recebeu uma tremenda bofetada, e quando o agressor esperava um desforço natural, o viu ao contrario vergonhosamente a seus pes pedindo segredo do estranho accontecimento, para não perder a reputação que sempre quiz fingir para com o publico.

Dizei, senhor immediato, que homens de tal caracter não são dignos do honroso mandato popular, que servem somente para ludibriar as instituições mais sagradas, fazendo vazar as decisões mais serias pelo cadinho nojento de sua pouca vergonha.

Rasgae, senhor immediato, as listas em que virdes esse nome hediondo que só serviria para manchar a cadeira de juiz popular.

Lembrae os nomes de cidadãos virtuosos que não vão rojar-se no pó da lisonja occultando a vida em manto escuro, que embora não peçam votos, nem procurem a luta das traições, não recuariam de acceitar a delegação expontanea do Povo.

Dizei a cada um de nossos amados patricios que procure em sua consciencia, e ella lhe indicará um ou mais nomes dignos de figurar na lista de juizes de paz e vereadores.

Fazei desprezar o canto das sereias que só especulam para si.

Affiançae que este navio, que arvora em seu tope grande o estandarte nacional, se demorará por alguns dias neste ancoradouro, e sob a egide desse sagrado emblema, que guardará os umbraes do templo tambem sagrado velará pelo povo brioso, que sabe desprezar a lisonja e escolher com a consciencia.

VERDADEIRA CHAPA POPULAR PARA JUIZES DE PAZ DE SANTO ANTONIO.

Francisco José Monteiro de Carvalho Junior.—Empregado Publico.

Lazaro José Jambeiro.—Empregado Publico.

Justiniano José d'Araujo.—Negociante.

Manuel Francisco Borges Leitão.—Empregado Publico.

Para vereador.

Manoel Calixto do Spirito Santo

Ao povo livre da freguezia da Rua do Paço offerece-se a seguinte lista de cidadãos para juizes de paz:

Claudio Tiburcio Moreira.

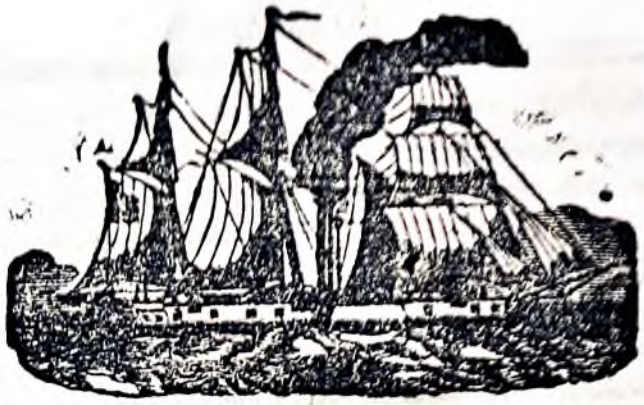
Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

Dr. João Baptista Guedes Touguinhó.

Manuel Ubaldo da Silva.

Um votante.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES &c.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 11.ª BAHIA 10 DE SETEMBRO DE 1864. N.º 107

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 9 de setembro de 1864.

Officio ao superintendente da companhia Bahiana, dizendo-lhe que mande publicar pelos jornaes, nas localidades onde os houver e onde tocarem os vapores dessa companhia, os dias de entrada e sahida dos mesmos, visto que o povo dessas localidades que estava acostumado a vel-os sahir em dias certos e determinados, passam por não pequenas decepções pelas irregularidades que actualmente se dão e que causam não pequenos prejuizos e incommodos.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua Direita de Santo Antonio, acompanhado do muxingueiro e veja certos sujeitos que se reunem á porta da caza n. 49 com uma negra que vende bollinhos, e conduza todos para o porão deste navio, a fim de deixarem-se de bregeirâdas e acções immoraes, sem consideração às familias honestas que moram pela visinhança. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que va á rua do Cruzeiro e traga preso um sujeito que costuma entrar em uma caza alli todas as noites às dez horas, vestido de frade e que tem os signaes seguintes: gordo, ruivo, cabellos louros, boa estatura, andar pausado, guarda sol em baixo do braço etc, afim de conhecer-se quem è este sujeito. Cumpra.

—Ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá ao largo do Theatro, venda «Strella do Norte» e multe a seu dono afim de não continuar a expor á venda um vinho que só o diabo pode tragar, e que causa transtorno grande ao estomago de quem o bebe. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua do Julião e intime ao dono d'uma venda, defronte do trapiche Gomes, para multar a seu dono sobre o mesmo genero falsificado que expõe ao publico para consumo. Cumpra.

—Que diabo de algazarra é uma na caza do Manuel dos papagaios?

—Hão de ser os papagaios que estão a palrar.

—Não; são musicos e padres que cantam festa.

—A's 10 horas da noite?!

—Talvez matinas.

—Muita beata está agosa a gente da Rua do Paço!

—Depois que chegou o vigario Rocha

Vianna, que cumpre fielmente com todas as obrigações de pastor spiritual....

—Pode ser; só acho mau que em vez do solideo, traga elle no interior do templo um bonet na cabeça e uma chibata na mão.

—E' para expellir os *indignos*.

Como algumas pessoas no sertão trazem, umas ferrão, outras faca, outras pau, e o vigario é do sertão, traz por costume uma chibatinha.

—Não lhe vejo nisso nada de mais.

—Nem eu,

—Nem eu tambem.

—Faz elle muito bem; que de chibata precisam na verdade certos capadocios que vão ás egrejas para namorar e escandalisar o publico religioso.

—E' justamente o que diz o vigario, citando o Evangelho: Ai daquelle por quem vem o escandalo ao mundo!

—Guarda marinha, mande o muxingueiro pegar aquelle *camello* alli do açougue, na Baixa dos Sapateiros, e applicar-lhe uma centena de vergalhadas....

—Que fez elle?

—....por ter faltado com o respeito á moral publica, no domingo, sahindo fora de seus limites sem attender a algumas senhoras que se achavam sentadas á porta do Café Americano.

—Obedeço.

—Outro dia n'uma historia da Matança fallou-se em uma caza em Nazareth e não acho bom.

Uma caza quer dizer uma cazinha; devia-se dizer uma grande caza, com seis janellas de frente etc. etc.

—Pois sim, rectifique.

—Que barbaridade!

Que coração de fera!

Pois aquelle homem tem animo de desfeitear assim sua irman com um chicote ávista de tanto povo que se ajunta para presenciar aquillo?

—E sabe a razão?

—Não.

—Eu explico:

Aquella moça teve a infelicidade de casar-se com um homem a quem chamam de *cor*. Deslustrou por tanto a nobreza de familia.

O marido acha-se desempregado actualmente e sem recursos para pagar caza. Aquelle sobrado foi deixado em testamento como patrimonio para morada das moças. Ella vendo as circumstancias de seu marido, e certa de que aquella casa tambem lhe pertence, manda prevenir as irmãs, e vae por alli. Quando chega é recebida daquella maneira.

—Que irmão! Destes so em *Fernando*, surrado todos os dias n'um pé de genipapeiro.

—Dizem que o *liberal* A. França está escrevendo o *Echo Liberal*.

—Agora *gazetinha* não é *paschim*.

—E', sim; os liberaes que sempre crearam gazetinhas, acabam de chamar no Diario a *Situação* de gazetinha, em ar de desprezo.

—Appareceu tambem o *Progressista*.

—Vê as ideias *liberaes* do *liberal* A. França? Diz na gazetinha que os conservadores votem contra, mas não al rdeem, porque segundo o exemplo da remoção do Sr. Monteiro, de Santo Antonio, todos hão de ser removidos.

—Bem intendido os empregados publicos.

—Então?!

—E' o progresso macaco. O conservador assim fazia, o ligueiro que é meio *liberal* e meio conservador, acceitou metade; não demitte, remove.

—E' cousa de *moderados*, não tem duvida.

—*Vive la liberté*!

Viva o voto livre!

—Vivô, vivô!

—Viram os *liberaes* como deram em espadachins?

Attacaram o *partido conservador* que ia *levado* por musica.

—Bem feito! Da outra vez fallaram dos ligueiros por causa das musicas, depois da victoria; hoje andam atroando os ares com

vivas e musicas elles que disseram que foi a eleição ganha, porque o povo ao som da musica é como a boiada á voz do guiador.

— Ora deixe-me! quero lá saber de partidos!

Por lá se bajam!

—Que diabo de barulho é um em Santo Antonio?

Pauladas a valer; sangue na egreja, gritos na rua, tropa em movimento, inspectores de facha e alarma a grande.

—Não sei; são fogosos aquelles homens!

—E como estão os guardas a accometter os inspectores!

Baioneta calada a ferir os circumstantes!

E depois panno de baioneta nos agentes da authoridade!

—Sabe o nome daquelles guardas?

Não attendem ao subdelegado!....

—São de corpo fixo; um é João Guarino Gomes, outro Honorato José da Silva e outro Manuel Leandro Gomes.

—Como attacam aquelle outro!

—E' o Anastacio José de Faria, a quem maltratam por lembrar-lhes seu dever.

—Felizmente ahi estão as authoridades, em que confia o povo.

—Mas é realmente muito desaforo!

Não sei em que se fiam! Dizem ás claras que paizano não é gente e neste sentido não respeitam nem ao subdelegado!

—A authoridade competente que lhes tome as contas.

—Que barulho no Pilar!

—Querem emprenhar a urna, e descancaram a dous sujeitos.

Si não é o Dr. Couto que abraçou a um pobre homem, morria o diabo debaixo de pauladas.

—Até no Pilar, a freguezia unanime!

—Mas os Guimarães.....

—Cale a boca, rapaz.

—Provocações de parte a parte; estão trincadas as eleições; pedradas, pauladas, cabeças e pernas quebradas, sangue pelas egrejas etc. etc.

—Pouco me importa; o que é real em tudo isto é que o pobre do *povo serve de manequim*; está a servir de pau de cabelleira aos politicões que hão de, amanhã, metter-lhe os pés á cara.

—Quem, os vermelhos?

—Tanto uns, como outros; creio em ambos os lados como quem crê no fumo, ou no vento.

—Foi à Conceição da Praia?

—Está bom aquillo. Um membro conservador da meza, dizem que de nome Pimentel, ousou dizer ao juiz que não o levava em conta, nem *contava* com sua facha.

—E' homem da *ordem*, não faz mal.

—Cale-se, cale-se; não quero partidos aqui! não consinto ironias!

—Olhe que estes soldados de policia são dos diabos!

—Alguma cousa, coronel?

—Pois o ordenança do Dr. delegado não prendeu agora uma cria do Catilina que ia a seu mandado para casa em companhia de uma parda, ama do mesmo, apezar do moleque mostrar-lhe a chave da casa de seu senhor que elle ia abrir!

—E no emtanto os cacetistas brigam nas ruas, o inspector apita e não apparece um soldado!

—E que me diz do soldado San Thiago que cortou a cara de um inspector porque este advertiu-lhe que não devia dar em um pobre homem maluco depois de estar preso?

—Que quer que lhe faça? neste ponto não tenho remedio sinão culpar o commandante, apezar de ser seu amigo, por que consente gente tão desmoralisada.

—E sabe que fez o San Thiago? sahiu como uma fera desde a cidade baixa a ferir quem encontrava até dentro do quartel.

—Effeitos da *branquinha*.

—O Dr. Botelho não diz que é liberal genuino?

—Diz não, é liberal puro; liberal de 1848.

—Mas então como se uniu à chapa conservadora na Sé?

—Uma liga contra outra.

—Porém liberal puro unido a conservador é cousa que não se comprehende.

—Homem, V. que tem com isso?

Deixe os politicos de nossa terra que lá se intendem. Porque não repara na intolerancia dos *furtacores* que julgam que só elles podem fazer liga?

—Desavergonhado! Si continuas a insultar a familias honestas, moradoras na ladeira do Alvo, mando-te esfregar essa safada cara pelo muxingueiro!

Aquella familia está tão superior a ti, como a angelica virgem a um hydrophobo cão que a attaca e conspurca, na sua passagem.

—Eu nada fiz, capitão.

—Covarde! Si negares, infame, o castigo não tera demora, refugo de gente!

—O *olho-vivo* é com effeito um o'ho-vivo! encherga como lynce, atravez dos corpos opacos!

Que ha?

—Pois os ladrões não viram dinheiro no bolço do Elziario Pinto, e não bifaram-lhe 30$000 rs. quando o moço se achava a acalmar conflictos?!

—Safa!

Que praga damninha!

—Agora faz conta comprar-se leite. Puro e à meia pataca, ha todos os dias, pela manhã, na Baixa dos Sapateiros.

—Ora que bobo! Pois V. não sabe que alli o leite custa 320 rs.!,

Os maganos que o mugem poem a medida bastante distante dos peitos da vacca, de sorte que metade della fica cheia de spuma e outra metade de leite.

—Homem, é verdade! Por isto, um dessses dias, apanhou um moleque por ter dito a senhora que subtrahira elle metade do dinheiro e levara metade da quantidade de leite.

—Ora tanta *metade*!

O remedio é não comprarem o leite, e deixarem-me os ouvidos!

Empiue-se, moço!

—Sahiu o *Echo do Norte*; já leu?

—Ouvi dizer que escangalha os ligueiros.

—Então é *paschim, gazetinha*, como dizem elles.

—Que insolente é aquelle na estação na Estrada de Ferro?

Disse que só pagava depois de finda a serie e usou de expressões que denotavam *flores* e *fructos* com que muita gente se regala, principalmente a mãe do bilro, que por isso tanto com ellas e elles sympathisa.

—Elle bem deve saber que a serie é paga adiantado; si não tem para pagar, devia pedir espera, que a muitos succede disto.

—Chama-se elle....

—Diga.

Chama-se.... chama-se.....

—Diga logo.

—Não digo, não; nem por S. *Francisco*, nem por S. *Leonardo*, nem por todos os santos da corte do ceu.

—Diga ao menos em attenção aos milagres do irmão *Pereira*

Diga.

—Não digo, não.

—Pois então, muxingueiro, mette a taca naquelle patife!

—Que historia é uma na ladeira da Praça?

—E' o João Tacão (não sei si é assim que se chama) que deu uma cacetada na cabeça d'um Pedro Francisco dizem-que por não querer este votar no partido ligueiro.

—O é! Vae bem o negocio; é o reinado do.... do.... do progresso.

BOLETIM DA SAUDE DA EXM. SRA. D. CAMARA.

A illustre infórma periga.

Reuniu-se no dia 7 a conferencia annuncia la que nada decidiu por ora. A discussão tem sido calorosa e tumultuaria.

Ha grande desanimo na maioria da familia da doente. Alguns membros porém parecem satisfeitos, certos como estão de que terão mais liberdade de obrar.

A PEDIDO.

Previne-se tal filho de *Catete* que não continúe a insultar a visinhança; do contrario se lhe mandará dar um logar no 10.º batalhão.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES &C

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE II.ª BAHIA 14 DE SETEMBRO DE 1864. N.º 10

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 13 de setembro de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado das Brotas, partecipando-lhe que no sitio denominado becco do Acú, reunem-se immensas mulheres na roça de uma Sra. Morocas, sob a direcção de um africano de nome Domingos, para praticarem actos torpes, immoraes e escandalosos, não só reprovados pela moral como por nossa santa religião, e que ainda neste domingo entre outras praticas esfolaram um boi vivo.

—Ao Sr. subdelegado do Pilar, participando-lhe que ha no Cães Dourado uma caza de jogo, pertencente a um latoeiro e a um sapateiro, onde se vão perder innumeros filhos-familia. Spera-se providencias.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a rua do Arcebispo, e procure uma mulher de nome Clarinha Bicuda, a qual tem em seu poder uma pobre menina, que é victima dos mais atrozes castigos de semelhante fera, chegando sua brutalidade ao ponto de no dia 9 trucidar-lhe o corpo com innumeras dentadas, deixando-a em deploravel estado; e leve-a para bordo para lhe mandar applicar egual castigo á fim de ver si é boa. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Um vermelho, pedindo licença para comprar um batedor transfuga.—Informe o Papa-gatos do beco do Padre Bento.

—

—O bicho-caboclo metteu-se em politica.

—Quem?

—O homem dos feijões.

—Ignoro.

—O sertanejo vigario.

—Não estou ao facto.

—O mulato-branco.

—Ainda peior.

—O parocho que deita vellas em garrafas na janella, quando passa o SS. Viatico.

—Tenho alguma ideia.

—O Sacco de votos.

—Ah! sim!

—Onde mora?

—Em Latronopolis, onde se tem dado bem; stá *collado* á praia onde uma vez foi, que não é possivel tiral-o dalli; está firme como um *pilar*, inabalavel como um rochedo; é um dos baluartes do cynismo de que falla a *Critica*.

Está agora excommungado.

—Jesus! um jesuita daquelles! um santarrão de renome!

—Pois si o homem ficou *protestante*!

—Que diz, homem? O mundo vae acabar-se.

—Como aquelle malvado pastor que tem fauces de lobo não pode encher bem a barriga com o *producto* das ovelhas, diz que nunca viu tanto bicho, que tudo aquillo lhe não pertence, porque o *meleorio* sabe que muitas gallinhas affugentam o gavião.

—Ah! tratante!...

Guarda marinha mande-o trazer á minha presença.

—Si isto fosse em noite de sabbado, haviam de dizer que eram effeitos do *mocotó da meia noite*.

Mas hoje domingo! dia em que os heroes deviam estar descançando das cavallarias da noite antecedente!

Como vão aquelles sujeitos a esmigalhar as vidraças de todas as cazas da ladeira da Misericordia!

—Enthusiasmos eleitoraes.

—Mas aquelles sujeitos parecem ser estrangeiros que nada tem com eleições. Parecem até francezes, e si não me engano ja vi um d'aquelles sujeitos no Guindaste dos Padres!

—Mas aquelle *que representa* o principal papel, que atirou agora uma pedra na janella da Maria da Hora não é francez, chama-se até *Gonçalves*.

—Que falta de policia!

—Muito popular é o barão do Rio Vermelho na freguezia de Brotas!

Em 616 listas que entraram para a urna teve 614 votos!

—Si *votasse em si* teria 615 !

—E o Silva e Almeida em Cotegipe?!

—Este moço que tanto namora e que tem duas moças que emprego tem?

—E' sachristão.

—Que é da corôa?

—Não se usa; o vigario despensa-o, por que o moço tem vergonha de corôa.

—Mas o vigario devia obrigal-o a trazel-a, afim de livrarem-se as familias de admittir em caza similhante víbora.

—Encommenda-se a bom santo; si ainda fosse a S. *Geroncio*!.....

—Um burro que outro dia disse o *Alabama* ter sido interrado no largo do Papagaio, acha-se na superficie da terra a infectar os ares e a provocar molestias aos habitantes daquelle logar.

—Quem interrou foi o dono da terra, não ha que replicar.

Veja si alguem deu cavaco.....

—Venha cá; Sr. Papa-gatos.

—Isto não; é com o *Abreu*.

—Mas V. vendeu sempre a chapa a elle?

—Elle não diz que è do partido de quem lhe da dinheiro?

Eu sou amigo do homem, sou da mesma schola, tenho as mesmas ideias, aprendi a mesma leeção.

—O Bitta como é prosista!

—O que é certo é que eu não cago gallinhas na Matança, ficando os visinhos sem sua criação.

—Vende gatos, sem duvida?

—Tambem não; o *Abreu* é que vende os menores a 16o e os maiores a 32o; quem me tira de minha leitura tira-me de tudo.

—Pois um homem litterato....

—Sr., os litteratos são pobres e eu preciso de comprar livros.....

—O barão de S. Lourenço está zangado com o presidente do senado por não querer de xal-o ser um Socrates no continente americano.

Vide o *Jornal do Commercio* de 4 de septembro.

—Está no seu direito; como Socrates ja morreu e o barão resuscitou... quem sabe?

—Homem, é verdade! O que é preciso saber è si Socrates usava de oculos e si deixava cahir o beiço.

—O *Brazil Catholico* tem realmente boas lembranças!

Diz que a ordem do Carmo vae a extinguir-se por ter sido notavel na extincção dos jesuitas!

—Ca, ca, ca!

E depois diz que é pungente pensar que o convento desta cidade, feito á custa dos fieis, tenha de servir a usos profanos!

—Não tem duvida! O homem ou perdeu a tramontana, ou quer cassuar com o publico.

—Xe capitão, novidare.

—Que houve?

—Zacharia qui pichou, ministero qui borrou, eae nim baixo.

Esse home qui tem nome di gente qui mata cachoro vae nim freno ja, descê di throno.

—Quem subiu?

—Xinha Frutaro, qui tá memo turo frutaro, pru qui ere fruta de siz pra da anani turo; ere ta libarà.

—Que mais?

—Cambra proroga; oito meze tá pouco, toma mai nove dia p'ra caba trabaio; e trabaio ha ri fica em nada, pru quê dia som nove, nove nove fora nada.

—Isto è exacto, rapaz?

—Nan tem duvia capitão, iô lê ni *Jornà de Commerço*, qui iô sina ni livraria de xinhá Poggetti.

—Mais nada?

—Iú nan pore vê mai nada, pru quê iô vem dá noticia.

Pera, capitão; té logo, iô já vorta.

—Capitão, iô nan tem mai notica de Rio, mai tem di Bahia; liga cabô, vremeia ganhô.

—Que dizes, rapaz?

—Ta vredade; vremeia bota ruminação ni S. Pedro, canta ni Sè, fróga ni Penha, joga foguete nim Victoria etc. etc.

—E os ligueiros tambem; fazem o diabo, cantam, e dançam, tocam e brincam, dão vivas e morras etc. etc.

—Capitão, iô só dá notiça, iô nan tá vremeia nim ligueiro, iô tá pologissa de soberania de povo.

—Ora isto! Os *ligueiros* que alliaram-se aos vermelhos na Sé para eleição de juizes de paz levaram taboca! Serviram de siris, porque trabalharam para os outros.

—Quem foram elles?

—O Matta e o Rodrigues da Silva.

—Mas o Rodrigues, dizem, que não pedia.

—Isto lá não sei.

O que sei é, que que de ambos os lados houve seus *cortes*. Os companheiros receiavam-se uns dos outros.

LA VAE VERSO!

Tiroteio.

Que furo medonho!
Que bomba, Jesus!
Que Abreu dos diabos!
Que demonio! cruz!

Chegnem p'ra ca tabocas,
Que é perdida a eleicão!...
Si é crime o não vencer,
Empreguemos a trahição!

E je je je,
Po pô pô, pu pú;
O Abreu pregou-lhes
Grosso bambú!

A PEDIDO.

—Sr. *Ferrugem*, V. aqui no *Jacaré!*

—Venho ver *Florzinha*...

—E ella está cá?

—E' verdade, meu amigo; o pae abandonou-a bem como a mãe, e a mais familia e depois das decantadas dezenas de mil reis que vinham de S. Matheus, ficaram as pobresinhas sem ter nem *bolo de milhão*.

—E agora quem sustenta a caza?

—Pela caza vão ser ellas penhoradas, mas são sabidas, mudaram os trastes....

—E V. que faz?

—Eu não tenho emprego!

—Sempre se casa?

—Casar! era o que faltava! com uma mulher virgem que, si não namorou a Deus, namorou a todo mundo! Sei que era o meu *refugium peccatorum* e não me cheirava a azinhavre; mas, apezar dos mingaus, quasi morro phthysico.

—Mas ella lhe queria bem?

—Pois olhe, ella intendeu que depois do amor devia procurar a riqueza e está

agora em casa de um commendador *poderoso*.

—Está bom, está bem,

Sr. Redactor.—Constou-nos que se nos attribuira uma publicação no *Alabam* em referencia ao official do destacamento da casa de prisão com trabalho, pedimos a V. se digne declarar si mandamos para o periodico alguma publicação

De V. etc.

Severo de Queiroz

José Epiphanio da Rocha Bittencourt.

—

Affiançamos que não.

A Redacção.

Que homem sem brio, é o filho *Catete*!

Que malandro!

Que peralta!

Pois ha de viver este reu de policia nas costas do pobre homem, em vez de procurar um meio honesto de vida.

Mas a culpa não tem elle.

A culpa tem quem lhe enche a barriga e da-lhe casa para morar.

Sr. *Paulinho*, olhe depois não tenha de que se arrepender.

Um visinho que tem visto boas cousinhas.

—Por que anda tão queixosa, Sra. Desconjunctada?

—Por que sahi no *Alabama*, meu senhor de meu coração.

—E's muito hypocrita, beata de um dardo!

—Meu senhor, eu sou a *innocencia* em pessoa.

—Que desaforo! innocente, ou innocencia, tu que andas na casa da carrasqueza, e que vaes fazer feitiço para o Zeles Moreira, que tem venda debaixo daquelle logar onde todos entram, no largo das Operas.

—Meu senhor, é mentira,

—Para que entras todos os dias em casa de Maria Julia, candombleseira, sinão é para tomares ventura?

—Ah! meu senhor, na casa desta minha irmã carrasquesa não é por nada de mal.

—Senhor José, Maria do azeite,—Tito, chico papae, senhor coronel Cyri, e Margarida, todos os dias ahi vão dansar alguns; eu tambem vou: não ha nada de mal; não meu senhor.

Innocencia, beata de mão furada, vinagreira, almofada de bunguê, some-te!

Muxingueiro, empurra a taca n'esta hypocrita.

—Meu senhor....

—Toca muxingueira, toca?

Amigo Macedo.—Rio 22 de agosto de 1864.—.....Cheguei ao Rio na segunda feira 8 deste mez com o coração partido de saudades pela minha Mariquinhas e estou doente até hoje. Quando me lembro dessa rua do Tijollo, da minha Maricas não sei como não perco a rasão. Dê lembranças ao Thomaz Latoeiro. Macedo rogo-lhe que pela pessoa que V. mais estima mande-me informações sobre o procedimento della, e não me encubra nada para meu descanço.....

A. I. de Almeida.

Attenção! meus Senhores

Como vae esta cidade que até veio um pobre homem já um pouco velho filho da villa da Capella de Japeratuba, e residente na cidade do Aracajú ha 20 annos chamado Thomaz de Moura Nogueira, e com tanta felicidade que teve logo tanto credito que estabeleceu logo uma grande venda e bem sortida na rua direita do Collegio n.º 11 e tambem um letreiro por fora que diz o seguinte:

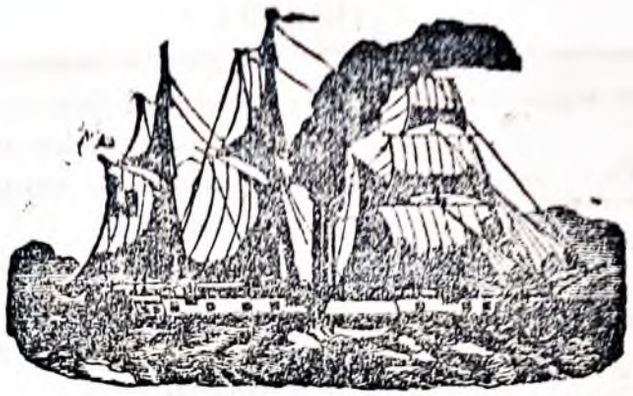
Nova venda de Thomaz Moura Nogueira & Filho

BARATEIRO.

ANNUNCIO.

Na padaria do Maltez se dirá quem compra um pistom que esteja em bom estado.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 11.ª BAHIA 15 DE SETEMBRO DE 1864. N.º 109

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 14 de setembro de 1864.

Officio ao provedor da Santa Casa da Misericordia, pedindo-lhe que mande examinar os tectos de algumas inferm rias do hospital da Charidade que consta-nos se acham no deploravel estado do alpendre do mesmo.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme. Sendo de urgente necessidade a distribuição de bambús por todos os candidatos que tem de esperar por novas eleições para ver si sahem eleitos, ordena-se-lhe que mande os *escravos da nação* e as *testemunhas falsas* com honras de *chanfo's* a cortarem tabocas por todas as roças dos arrabaldes da capital, afim de ficarem mais satisfeitos os homens que se sacrificando pelo bem da patria, esperavam um premio qualquer de seus concidadãos. Cumpra.

—O Sr. Gouveia Gravata já é agora por al conhecido!

Em quanto se chamava Antonio José de Souza Gouveia, entrava de continuo nas eleições da Sè, e o lado a que pertencia tomava com elle taboca.

—Justamente; tanto que o chamavam uns coveiro das chapas e outros aza preta

—Agora, depois que se deu a conhecer por Gravata, tornou-se tão popular que, sem propor-se, obteve votação para vereador.

—Seriamente?!

—Dizem que em Sant'Anna teve um ou dous votos e Chanchan tambem.

Na Sè tambem teve e Chanchan tambem.

E em Santo Antonio o magano biscoitou sete, e o Chanchan um!

Ja é alguma cousa!

—E' preciso que o cujo mande extrahir certidão.

Suum cuique; e Sr. Gouveia sabe disto.

—Mais um jornal.

—Qual é?

—A *Catana*.

—Safa! Parece epidemia!

É critico e chistoso, não?!

—Que duvida! e breve temos *tempestade*, raios, coriscos e trovões!

—Santa Barbara, São Jeronimo!.....

—Miserere nobis.

—Vê e moribunda camara como está di-

ligente e sollicita em servir a seus municipes?

—Arrepende-se de seus peccados na hora da morte.

—Está mandando calçar a encruzilhada do Maciel.

—Que nada tinha, deixando as travessas, o Viva-Jesus por exemplo, todas esburacadas.

—E' que alli dá na vista, além de ser uma rua por onde sempre passa o Dias Coelho.

—E que influencia teve elle agora?!

—E' um moço que entra em qualquer parte com qualquer um; não tem presumpção, não dá cavaco; todos para elle são um....

—Então è a constituição personificada.

—E' *constitucional* da gemma, e depois tão bom moço que herdando do pae 72 contos de reis, disse um dia destes que não tinha com que dar que comer aos filhos!

—Seriamente?!

Não creio; elle só diz isto, quando lhe mandam gazeta para assignar.

—Tambem pode ser.

—Como transviou-se nossa conversa!

—Ideias associadas.

—O Sr. parece que estudou philosophia em Pisa; foi discipulo ou collega do Dr. Monteiro?

—Nem uma cousa nem outra; só o contacto do homem me fez philosopho e *constitucional*.

—E quanto a massada, temos conversado.

—Adeus.

—O Dr. que tira-vidas está desesperado!

—Não vá elle tirar a propria vida!

—Vaso ruim não quebra.

—E cresceu-lhe a careca. De terça feira para ca, dizem que tem arrancado quasi todos os cabellos da cabeça.

—Passou por trahidor e renegado e chapou um reverendissimo bambú.

—Ora deixal-o.

—Oh! Providencia!....

—Eu não sei porque rasão o Sr. A. França juntou aos autos um numero do *Alabama* que nenhuma referencia tem com a questão.

—Mas está todo *marginado*.

—O primeiro artigo que vem è um, demonstrando que Marques, Aristides e C. são os donos da typographia; o segundo é a entrada do cuter liberal *Augusto*, vindo de *França*; o terceiro são mofinas sobre camadas de sociedade e percepção de ordenado pelo Sr. A França.

—E' para ver si o juiz tem pena do moço ter ficado sem os cobres dos quatro dias e condemna os impressores.

—Mas que tem isso com a questão?

—*Assim* é uma caricatura que tambem vem marginada.

Vi alli que o tal sujeito era o irmão do pardo velho da trombeta.

—Mas como traz um medonho gravatão, quem sabe si o Sr. Gouveia que quer para si o privilegio do nome de Gravata, não quer tambem o privilegio das gravatas grandes?!

—Isto não, que elle já anda de tamberlick.

—Então foi cassuada, ou loucura do Sr. *A.* França.

—Ioyô, V. então è quem faz a despeza da caza?

—Sim, Sr.

—Para que hade ser mentiroso! Quaes são seus meios de vida?

—Isto não digo, que não tenho a darlhe satisfação.

—Mas, meu insolente, porque obraste assim tão vergonhosa e infamente?!

Effeitos da educação que recebeste, sem duvida.

Pois olha, aqui no porão do *Alabama* dá-se eriação a quem não a tem!

Muxingueiro!

—Capitão por S. Marcolino!

—Não ha perdão para os desavergonhados e insolentes.

—Capitão, eu prometto nunca mais sahir de debaixo daquella *pereira*.

—Pois nella è que te vou mandar amarrar para soffreres o castigo que mereces.

—Muxingueiro!

—Capitão, eu me embarco já para a *Costa*.

—Fogo, muxingueiro.

—Ai, ui!

—Pede agora agora á moça da rua dos Adobes que te valha.

—O Borges, continuo ou carteiro d'Alfandega, fez uma excellente proclamação aos ligueiros no dia 7 de Setembro.

—Que diz, homem?

—E acompanhada de poesia!

—Desejava ouvil-o.

—Foi já remettida á redacção do *Alabama*, para ser publicada.

—Ora esperemos.

—O *cosinheiro* da schola de medicina tomou taboca!

Pobre *conservador*!

—Quem? O homem das drogas sempre foi liberal.

—É liberal na politica e conservador na medicina.

—É creado dos academicos, impostu-raudo de mestre; isto sim.

—Sempre tive odio aos renegados!

—Pois eu hei de ser ligueiro, quando vejo no partido vermelho todas as pessoas de representação!

—Então os ligueiros são canalha?!

—Que duvida! uma porção de pobretões que não tem dinheiro para servir a gente.

—Ah!... é que os liberaes por darem tudo ficaram sem nada.

—Pois quem é tollo pede a Deus que o mate e ao diabo que o leve.

—Charo Dr., chegue a falla!

—Que ordena, capitão?

—Temos contas a ajustar.

Ora diga-me: não satisfez o seu genio com arrastar sua pobre irmã pelo chão, dar-lhe com os pés e praticar quanta brutalidade quiz? Para que maltratou d'aquella maneira a seu sobrinho, innocente creança que nenhuma culpa tem a ponto de deixal-o a é ferido? Pois os filhos, ainda no berço, devem pagar o que os paes fazem?

—A cholera não dá logar a reflexões.

—Porém o Sr. não sabe que seu tio deixou o sobrado para todos? E que por fim ha de ser obrigado pelos meios legaes a consentir n'aquillo que não quer?

—Mas é uma vergonha. Um bode no meio da familia a deslustral-a!

—Tenha paciencia. Dispa-se d'estes preconceitos.

—Vou me embora para Fernando sinão enforco-me n'um genipapeiro.

—Não faça isto.

Eis como se exprimia o vigario *Má Pá*, fallando um dos dias da semana passada com umseu superior:

—Si V. Revma. não for residir em minha casa, e n'ella demorar-se em todo o tempo que estiver na minha freguezia, *demitto-me* de vigario.

—Mas eu prometti ir hospedar-me em casa do Assis, meu padre!

—E' um mulato, senhor! E V.... perderia muito em sua alta dignidade, si se fosse hospedar em casa de um mulato que, como V..... não pode iguorar; é gente que nada vale, nada ha de ser no Brasil.

—Oh! não diga isto, Sr. vigario! d'este modo lavra o Sr. a sentença contra si mesmo.

—Não,.... Sr., eu sou desfarçado, e dou um *requeijão* de ouro ou uma *lingua* de prata a quem provar-me o contrario.

—Pois bem: como o vejo lacrimar, irei hospedar-me em sua casa; não porque receie que se demitta de vigario, pois bem conheço-lhe a hypocrisia, o egoismo e a desmarcada ambição.

—Senhor!....

—Ora, meu padre.....

—Entretanto, V.... deu-me um triumpho, e por tanta bondade curvo-me e beijo-lhe os pés.

—Nada, nada, meu padre isto é baixesa n'um padre.

—E' gratidão, senhor!

—Basta beijar o annel.

—A's ordens de V.....

—Adeus, Sr. vigario.

—Nunca vi tanta chapa batida successiva e amontoada como em Santo Antonio!

Dizem que ao concluir-se a terceira chamada os vermelhos esfriaram, mas que amanheceram no dia segninte alegres, depois de terem dormido na egreja ..

—Nada de suspeita.

—Um ligueiro por força havia de guardar uma chave, ainda dado o caso de não dormir nem um ligueiro na egreja.

—Si dormiu, como podia ver?

Depois, onde se guarda o cofre, finda a eleição?

—Creio que na câmara.

—Pois as más linguas dizem que sendo a camara vermelha d'ahi é que vem o mal. Entretanto não quero, não posso crer.

—Alli ha honestos caracteres, mas em toda parte apparecem os infames.

E' o que dizem; supposições offensivas, injuriosas a que nem de leve quero dar o menor apoio. Além de que o Jambeiro, era incapaz de concordar n'isso.

—Homem, dizem os politicos que a infamia em eleição é não vencer.

—Eu faço muito bom conceito de todoe; até porque sei que a llga vence e vossês ficam de mentirosos.

Antes tarde do que nunca.

Lê-se no *Patriota* de 24 do passado:

«O ALABAMA.»

«No dia 20 do passado foi despronunciado este periodico em um processo de injuria que contra elle tentára o Sr. Antonio José de Souza Gouveia.

«Nada temos com o *Alabama* nem com o Sr. Gouveia, de quem não temos a menor queixa—porem estimamos tanto esta decisão do honrado magistrado, quanto temos em mente—que o triumpho dessa causa, para os Srs. Marques, Aristides e Comp., era uma questão de honra para toda a imprensa bahiana.

«Agora conheca o Sr. Augusto França, que elle não tem poder bastante—para acabar com a influencia das *gazetinhas* nesta cidade.»

—Valha-nos isto.

Quando os liberaes se esforçam por supplantar a liberdade do pensamento, é bom que lhes dê destas lecções a imprensa conservadora.

A PEDIDO.

—Tanto fallaram nos protestantes os conservadores; tanto de protestantes accusarem aos liberaes e por fim protestantes ficaram tambem os taes conservadores.

—Como?

—Mas são os espoletas; um *Piaõ marinho* e mestre *Jorge ferreiro* protestaram, um intencionalmente e outro materialmente, na freguezia do Segura-Parede.

—O primeiro lacaio de um candidato vermelho do Livro Azul e o segundo miseravel testa de ferro de quanto pretencioso e insolente apparece.

—Podem fazer coro com o Saco de votos.

—Veja que nojenta trindade!

—Só agora repararam estas bestas que não ha tanta geute na tal freguezia.

—E o tal Piào que foi sempre alli *cousa*, graças aos *phosphoros*, cujo cheiro lhe faz hoje tanto mal ao naviz!

—E' que o homem ficou honrado... mudou de cara....

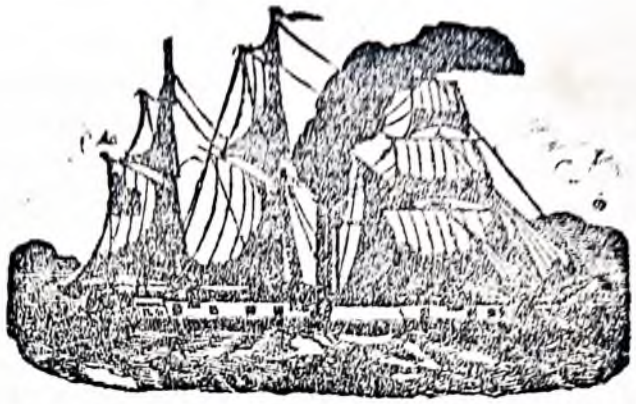
—Ah! patifes! ah! Latronopolis! ah! muxingueiro!....

ANNUNCIO.

Está fugido um escravo de nome Valentim, estatura regular, magro, pardo escuro, quasi de 20 a 23 annos, com uma falta de um dente na frente, é sapateiro e tambem sabe trabalhar em roça, pelo que ha de estar n'alguma tenda trabalhando, ou n'alguma rocinha.

Da-se uma gratificação a quem o pegar e levar na Policia, ou nas Portas do Carmo em casa do Dr. Gustavo Aniceto de Souza.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 11.ª BAHIA 17 DE SETEMBRO DE 1864. N.º 110

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

O processo Gravata.

No dia 15 do corrente o Sr. Dr. Bulcão, juiz de direito supplente da 2. vara, julgou improcedente a appellação que da sentença do Sr. Dr. juiz municipal da 3. vara fez o Sr. Antonio José de Souza Gouveia.

O maior padrão de gloria que podemos levantar ao distincto magistrado liberal,—que acaba de vingar o direito e a lei, tão sophismados por um apregoado liberal caturra—é a transcripção de sua sentença.

—

« Vistos estas autos etc.

« Julgo improcedente a appellação de fls. 117 v. interposta da sentença de fls. 114; por quanto exhibido o escripto de fl. 7, os impressores do periodico *Alabama* firmaram a obrigação de responsabilidade do editor do referido periodico nos termos do art. 7.º, § 1.º do codigo criminal, que exige a prova por escripto de responsabilidade sem outra alguma formula substancial; e sendo corrente em direito, que as formulas em materia de responsabilidade criminal não podem ser intendidas, nem exigiveis além dos casos e do modo, que a lei prescreve, sem offensa dos direitos do cidadão, são por certo taes fundamentos e aquelles exarados na sentença de fls. 114 conforme á jurisprudencia criminal e á prova dos autos, por onde se verifica que o editor de fls. 7 è pessoa conhecida, residente no imperio, e se acha no goso de direitos politicos, conforme os documentos de fls. 61 á fls. 66 e 64; e por tanto julgo improcedente a appellação interposta a fl. 177 v.; salvo do appellante o direito de usar da acção competente contra o editor; pagas pelo mesmo appellante as custas. Bahia 14 de setembro de 1864.

« *Antonio de Araujo d'Aragão Bulcão.*»

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de setembro de 1864.

Officio ao Exm. Sr. Cons. director geral dos Estudos, partecipando-lhe que na Fonte de Santo Antonio ha uma aula primaria, regida por um Sr. Pimenta, typographo e mau, tocador de violão, e cantador de modinhas, o qual de mais a mais nada intende das materias que leccio na. Sobre tal facto sobre que podem informar os habitantes de toda aquella freguesia, pede-se a V. Ex. providencias.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado, partecipando-lhe que no becco do Grêlo mora um Sr. Leite, que dizem ser até inspector de

quarteirão, em cuja casa, se nos informão, joga-se escandalosamente á qualquer hora do dia, e que as desordens ali são sem conta, sendo que ainda um dia d'estes fôra la ferido com diversas canivetadas um remador d'alfandega.

—Cá, cà, cá!

—Que, qué, qué!

—Qui, qui, qui!

—Có, có, có!

—Qui, qui, qui, cà, cà, cá!

—Que diabo de tanta risada é uma?

—E' que o Gouveia Gravata, segundo quer ser conhecido, tomou uma grande taboca. Disse que havia metter os tres bodes na cadeia e..... cà. cà, cá!

—Elle è ligueiro, tomou taboca com a liga! Assim como ella que affiançava vencer, ainda no dia da eleição da Sé elle affirmava que havia metter os improssores na cadeia.

—Cá, cà, cá!

—O orgulho é o peior conselheiro! Vejamos agora si abaixa aquelle duro pescoço.

—Cá, cá, cá!

—Tristis est anima mea. ..

—Agora veremos si o Bulhões sempre bebe a meia duzia de garrafas de cerveja.

—Quem te mandou,
Urubú pellado,
Metter-te no rol
Dos coroados?

—Cá, cá, cà!

—Ora viva! está V. só a rir-se!

—*Oi* que bobo!....

—Capitão acabo de chegar de Maragogipe, onde fui á festa de S. Bartholomeu.

—E que tal esteve?

—Optima.

Muito foguete, boa musica, immenso povo, e um excellente bando, com spirituosos mascaras, sobresahindo entre elles um mascate que trazia no braço uma cesta cheia de gravatas, pescocinhos e coleiras, e as quaes andava a offerecer, aos circumstantes com muito sal.

Por esta occasião deu-se um incidente burlesco.

Tendo um gracioso mascate offerecido a um dos fillos do Sr. Gouveia, que lá se achava uma gravata, este cuspiu de tal maneira, que cahiu do cavallo, o que deu motivo a uma hilaridade geral, e a immensas chacotas dos capadocios.

—Havia de ser engraçado!

—Viu por lá o pardo velho da trombeta?

—Lá estava com uma enorme gravata ao pescoço. Nunca vi velho mais desfructavel.

Pode-se dizer que é o bobo dalli.

—Mude de conversa, meu amigo. Vamos a outra cousa.

—Pois ouça:

Um sujeito conhecido por *Funambamblas*, tendo de fazer um enterro, dirige o seguinte convite:

«O abaixo assignado tem a honra de convidar ao Sr. F. para se compromettar a acompanhar o corpo cadaverico de F. da rua * * até o sepulchro mortuario da egreja matriz, pelo que lhe ficará muito obrigado. F.»

E note que se inculca por uma das capacidades do logar.

—Está no seu direito.

—Fallaram em coincidencias e viram que ellas nada valem.

—Como?

—Porque quando leu-se a sentença do Sr. Dr. Tosta foi o *Alabama* a pique, e quando leu-se a do Sr. Dr. Bulcão foi aprisionado o *Georgia*.

—Nada pois tem os corsarios com uma gazeta; aqui trabalha a intelligencia contra os ladrões, là.... não quero dizer; o que é certo é que o Gouveia tomou taboca!

—Ora os conservadores de Santo Antonio disseram que não davam *vivas* e andaram a dar *morras*.

—Cumpriram por tanto a promessa.

Estão no seu direito; viva quem vence! viva, viva!

—E quem vae na frente é o Santos Pereira, que affiançou o contrario.

—Bem fez o Monteiro que gosta mais das boquinhas em segredo do que das bofetadas em publico.

O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte, si est do'or sicut dolor meus!

—

Carpideira.

De meu orgulho e suberba
Todo meu mal se gerou,
Choro agora arrependido....
Bem feito! quem me maudou!

—*Lazo*, porque não tomas vergonha?

Vieste, ha pouco, tão *candido* de *Vianna* e ficaste de repente tão safado?!

Para que has de estar a gastar em vellas o dinheiro que devias pagar aos teus cem mil credores?

Porque não pagas o cavallo que furtaste?

Porque não entregas o relogio que não pagaste?

Porque não dás o dinheiro daquella lettra, cuja importancia obtiveste sem authorisação de seus donos?

E's tão *vermelho* e não coras!

Tua cara é de solla?

Que safadez, que infamia!

Ja acabaste de escovar as botas do chefe de policia, a cujos pés vivias curvado e submisso?

Quando tomarás vergonha, safado?

Porque não vaes ver tua mulher, que tanto te adorna a fronte, e que desamparou-te, quebrando até os potes em que bebias?!

Si não tomas geito, olha o muxingueiro, safado!

LA VAE VERSO.

Arrependimento.

A imprudencia de meu tio
Foi quem nisto me metteu;
Não só desmoralisou-se,
Como a mim compromettcu.

A PEDIDO.

Um vermelhão de gosto
Que a V. quer muito bem,
Por V. não ser juiz
Muito sentimento tem.

E p'ra provar o que diz
Um bambú encommendou
Do Desterro a certa freira
Que bastante o enfeitou.

Aqui eu lh'o trago, charo
Doutorzito *americano*;
Tem dous *gomos*, sei que é pouco
Para um bicho tão maganо.

Mas cada um, Dr. *Souza*,
Só pode dar o que tem;
Acceite o bambú por prova
Do quanto lhe quero bem.

—Um leitão que em chinellados
Mordeu com furia azougado
Perdeu de certo a memoria
Por ter muito caballado.

Pois que um filho de fidalgo
Telhados vive a quebrar
Além de andar pelas ruas
Papagaios a empinar.

Apezar dos pães que tem
E que á pobreza offerece,
Seu filhote pela rua
Um molequinho parece.

Nem de chinellos elle usa
Pois de pés anda no chão.
—Ora grande novidade
Para um filho de leitão!

Cada qual para o que nasce,
Que porco nunca calçou;
Quem em chiqueiro se cria
Nunca limpo se tornou.

Saudação

Ao capitão do Alabama.

Como sou vosso assignante
Fui um firme spectador
Do combate que tivestes
E sahistes vencedor.

Capitão, sois um valente
Como vós não ha segundo!
Os inimigos quizeram
Metter o navio ao fundo.

Agora ficam sabendo
Que *Alabama* força tem,
Nas abordagens que dá
Sempre dellas sae-se bem,

Agora, meu capitão,
Alertai vossa equipagem

Encontrando c'os piratas
E logo dando abordagem

Com tratantes e suberbos
Não tenhais contemplação;
E' carregal-os de ferros
E lançal-os no porão.

Vou mandar fazer em *França*
Um emblema de memoria
Para sempre recordar
A vossa augusta victoria

Parabens, meu capitão,
O navio assim vae bem,
Purificae esta terra,
Que tantas mazelas tem.

Um assignante.

Pede-se.

Pede-se ao guarda marinha pedestre Guilherme que si encontrar um patriarcha cujo nome não é Izaac nem Jacob, ou o o homem *Abre* grande seringueiro do Taboão na rua das laranjas a insultar pela terceira vez a uma pobre moça que vive socegada em sua caza, por esta não querer fazer as igas como diz, e tractal-a por negrinha de pé d'escada, e por outros nomes immoraes traga-o pelas orelhas a presença do capitão para ser esfregada a cara deste feio agulhão na cloaca deste navio, e ao depois esfregar-lhe o corpo com uma porção de calabrotadas para ver si toma vergonha.

Pede-se ao guarda marinha pedestre Guilherme que vá na freguesia do Segura-Parede e intime ao inspector do quarteirão que principia que vá pagar no hotel Mercurio uma conta que lá deve de 3$ rs. ha 8 mezes seguros, e no caso que elle não cumpra mande applicar-lhe quatrocentas chibatadas para que este malandro saiba cumprir os seus tractos, e no cazo que elle continue a ser malcreado com quem vae cobrar o seu dinheiro, nesse caso traga-o a minha presença para mandar metter-lhe a cara na cloaca d'este navio até emendar-se de suas tratantices.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 16 DE SETEMBRO AS 3 HORAS DA TARDE.

REVISTA DO MERCADO.

Ha muito não é tão animado o mercado como na semana que passamos em revista.

Apezar da epocha ser eleitoral, não houve aquella abundancia de numerario que em eguaes epochas costuma apparecer.

Fizeram-se largas transacções, e houve importantes entradas de generos.

Entraram diversos carregamentos de taboccas e *bambus*, que tem sido retalhados para diversas procedencias.

Começa a decrescer a abundancia de *promessas* que havia no mercado.

Durante a semana appareceram algumas partidas de *ameaças* e *coacção* que ficaram em ser.

O mercado vae sendo abastecido de *indifferença*, genero com que se pretende supprir a falta de *promessas* que principia a apparecer.

Os estabelecimentos de credito continuam em animação.

No dia 7 reuniram-se os accionistas da Caixa do Municipio; depois da leitura do relatorio da direcção passou-se á eleição dos novos funccionarios cujo resultado não é ainda conhecido.

A companhia do olho vivo marcha em progresso.

MOVIMENTO DO MERCADO.

Ameaças.—Durante a semana fizeram-se algumas partidas no mercado. Foram compradas por certos commerciantes da guarda nacional para repartir com seus soldados.

Barulhos.—Immensos.

Desespero.—O que havia foi arrematado para uso dos candidatos taboqueados.

Escandalos.—Ha tantos que andam se vendendo pelas ruas.

NAVIOS A' CARGA.

Cidade da *Demencia* barca Gouveia; M. J. Reis 50 barris *desespero*, 40 volumes *suberba* abatida, 10 caixões orgulho fofo. F. Chanchan 10 pacotes asneiras, 5 volumes erudicção improvisada, 1 livro contendo as notas do dia em que falta certo bacharel á repartição.

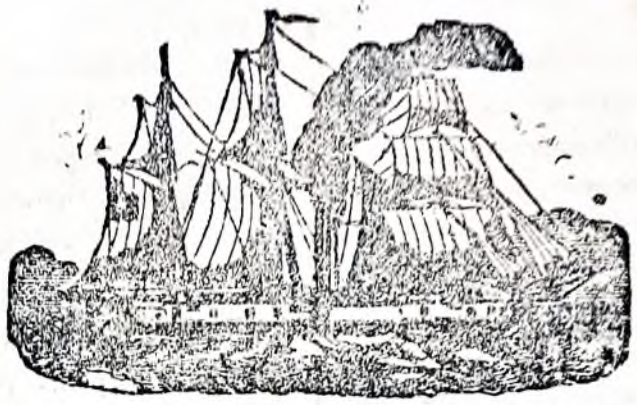
MOVIMENTO DO PORTO.

SAHIDAS DO DIA.

Portos da Preguiça, cuter *Cabelleira*, de 150 toneladas, capitão Mathias; carga bonets, 2 caixões de molambos, 40 peças de obras feitas, diversos apparelhos para oratorio de menino, e quinquilherias para uma loja de drogas.

Cidade dos Lençoes, brigue *Professor*, de 100 toneladas, capitão *Sampaio*, arga *gamações*, ladroeiras, traficancias, 100 taboadinhas, 400 cartas de A, B, C, 200 compendios do Bom Homem Ricardo; passageiro o ex-secretario da companhia do golpe e um professor primario.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE II.ª BAHIA 20 DE SETEMBRO DE 1864. N.º 111

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de setembro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, dizendo-lhe que na rua do Tijollo, ou suas immediações, ha um sujeito pardo, de nome Theodoro, insigne e denodado soldado da companhia do olho vivo e que se torna notavel pela audacia com que commette as suas emprezas, chegando sua animosidade ao ponto de, na quarta feira, na praça do Mercado, em pleno dia, e no meio de immenso povo, arrancar da mão de uma preta vendedora de gallinhas 28$rs. e largar-se a correr; facto que não è o primeiro, pois que ha pouco tempo na Baixa dos Sapateiros praticou outro egual que foi presenciado por todos os moradores daquelle logar.

—Um novo systema de calçar as ruas; veja capitão.

—Onde?

—Alli; vê aquella carroça?

—Vejo; caem de dentro pedras; processo de Mac-Adam como dizem os intendidos.

—Pode ser; mas o que è fora de duvida é que o processo está aperfeiçoado.

—Cousas do progresso.

—Mas a camara é vermelha e nunca vi progresso de caliça e monturo.

—Então quer V. que eu chame a camara *camara de monturo*?!

—Sou incapaz de desrespeitar as anthoridades constituidas e muito menos as de eleição popular.

Mas é realmente de censurar, capitão, que a camara ou quem quer que seja esteja a zombar com o publico, mandando, aqui na rua Direita da Mizericordia, deitar caliça em todos os buracos que houver na calçada.

—E que calica!

—Cisco, barro, cacos e vidros; vassouras até!

Ora pelo amor de Deus!

—Capitão, não posso deixar de fazer censuras aos soldados do corpo de policia.

—Mas na policia ha muito soldado honesto e moralisado.

—Não nego. Porém os maus sobresahem aos bons. Veja V. Ex.

Mora defronte da secretaria de policia uma pobre mulher que muito se infeza quando lhe chamam *Sebo Thereza* ou quando lhe perguntam pelos *ovos*. Na quinta feira á noite um soldado de policia foi-lhe perguntar *pelos ovos*. A mulher indignou-se como é de costume, e o descompoz.

O soldado sem lembrar-se que tinha ido provocar a pobre mulher, entrou-lhe por dentro de casa, espancou-a, e quiz arrastal-a para a rua, dizendo que estava presa á ordem do Dr. chefe de policia; ao que oppozeram-se algumas pessoas que presenciaram, tendo até o Salvador *caganegocio* dado voz de prisão ao soldado, á ordem do seu commandante, o que não se effectuou tambem.

—E porque?

—Por que o soldado desattendeu.

—E perto d'alli, na secretaria, não ha uma guarda?

—*Não ouviu.*

—Como se chama o soldado?

—Não sei. Disseram-me que mora por alli mesmo. Outros disseram-me que era ordenança do chefe de policia; o que todavia não affianço.

—Vou officiar ao commandante.

—Porque vae prezo o Herculano Dantas?

—Porque assim o quer aquelle official Mauricio, que mora n'uma caza de que é o primeiro procurador!

—Mas por que?

—Porque a mulher de official insultou, dizem, a familia do Herculano, e este queixou-se, em termos pacificadores, ás pessoas da visinhança que lhe aconselharam prudencia e esquecimento.

Agora porém vinha elle pela Mouraria e o alferes foi ter com elle, a tempo que um sargento do *Caçador* que não sae de caza do Mauricio, approximou-se-lhe e quiz, dizem, introduzir-lhe no bolço uma faca.

—Quem lhe contou isto?

—Dizem que na occasião do *agarra e prende* o tal sargento esforçava-se por tirar de dentro da manga a comprida faca, que, dizem, pertence a um praça que se acha preso.

—Não posso crer.

—Pois é o que consta, e consta tambem que os officiaes do corpo estão promptos a jurar; dizem que até o honrado commandante do 10.º

—A ser verdade.....

—E' o que dizem; o que é certo é que o Herculano passou pelo incommodo que attribúe a um gaiato procurador que deseja fazer-lhe todo mal possivel, *ainda que tire...*

—Ah! ahi está o de que eu não duvido. Herculano, valha-te S. *Malaquias*!

—Capitão, estava na capellinha de Santo Antonio além do Carmo a 16 do corrente á noite um pobre preto a *morrer*. Não obstante deitaram-no á rua, onde amanheceu no dia seguinte em deploravel estado.

—E que providencias houve?

—O subdelegado bem vê V. Ex. que mora longe; quanto ao inspector, restos talvez de eleições; descança dos trabalhos e fadigas, seja vermelho ou ligueiro.

—Bágatella! bagatella!

—Fazia mal aos ligueiros percorrerem as ruas ao som de vivas e musica; agora andam em baderna os vermelhos a insultar e a dar morras.

—Nem musica tem!

—E em resposta ás innumeras girandolas de foguetes que pór todas as ruas da freguezia annunciaram, o anno passado, a victoria do partido liberal—os conservadores deitaram no largo de Santo Antonio meia duzia de foguetes!

Proh! dolor!

—Não sei de nojo como o caso conte.... horresco referens!

—Pode bater-me uma chapa?

—Não Sr., não posso; V. S. tenha paciencia, estou compromettido.

—Com quem?

—Com o capitão João....

—Olhe que elle é capitão da reserva e eu sou tenente coronel do serviço activo.

O Sr., um homem velho, não pensa nas consequencias do futuro!

—O homem velho e honrado deve cumprir sua palavra.

—E seu filho?

Está compromettido com o Dr.....

—Está bom, está bom!

O voto è livre, cada um vota em quem quer.

—A's ordens de V. S.

—Mas fique certo de que quem não é por nós è contra nós. A guerra do Rio da Prata está proxima, o governo precisa de

gente, e eu não hei de desamparar meus amigos que me serviram e a quem serei eternamente agradecido.....

—

—Ouvi contar isto, capitão e não creio.

—Onde foi que dizem se deram taes factos?

—Em Latronopolis.

—Ora em Latronopolis! em Latronopolis tudo è possivel; julguei que era na capital da Bahia.

—*Alli* ! isso nunca!

Nem por *Santo Antonio!*

—Um destes dias foram alguns rapazes de Santo Antonio felicitar ao partido liberal na pessoa do Dr *A*. Couto.

—Mas os liberaes não perderam a eleição?

—Alli perderam; mas o partido está de pé, e ainda quando não o estivesse, ninguem perde suas ideias de convicção, ninguem renega seu partido, sua crença, seus brios, sua honra, sua dignidade.

Os *vencidos* liberaes são como os martyres do Christo que ainda perseguidos pelos tyrannos continuavam a robustecer-se em sua santa crença, e morriam por ella.

—Mas o que houve?

—Nada; os moços saudaram os representantes de seu partido, mas um Sargentinho, testa de relampago ou cagafogo, como o chamam, disse que os liberaes precisavam de *salada*.

Miseravel sem vergonha a quem até agora o commandante não achou com sufficiencia de ser alferes, e elle para pegar a mochiba, vive a adulal-o tristemente.

—Ora historias!

O desprezo é a melhor resposta áquelle.....

—O muxinguseiro, capitão....

—Isto não; por tão pouco!

Cada um pode ter seu partido; ou então façam como eu que não tenho nenhum.

—Que novidade ha, que lá vem o Dr. delegado daquelle lado?

—Foi alli à rua do Tijollo ver uma desordem, resultado de um *samba* infernal que havia na casa n 7. B.

Mas ao chegar lá já o achou apaziguado.

O delegado é um moço muito polido. Gostei de ver as maneiras urbanas com que se portou para restabecer completamente a ordem.

Achava bom que S. S. providenciasse de maneira a acabar com o escandalo dos sambas.

Estava aquella sucia a arrombar o soalho da casa, e a incommodar a visinhança que não podia aturar o terrivel *sapateado*, e acabou por cacetadas e pedradas.

—E o inspector de quarteirão não mora alli?

—Qual inspector, qual nada!

—O Monteiro em S. Pedro teve honras de principe, rei, imperador ou... ou... bachá, sultão, bey... ou... ou... bispo, cardeal ou papa.

—Como?

—Entrou na matriz debaixo de flores e vivas e foguetes e musica!

—Ajoelharam-se os eunuchos?

—Nem tanto, capitão.

—Beijaram-lhe a mão?

—Não cassue V. Ex.

—Foi debaixo do pallio?

—Falle serio, capitão.

—Então que admiracão è uma?!

—Tenho visto foguetes, flores e vivas atè quando triumpham os judas e caem os martyres, quanto mais agora que o triumpho foi de um partido, cujo chefe é um philosopho doutor de Pisa!

Não me incommode com noticias frivolas!

—Que diabo de gritalhada é uma! tanto povo apinhado ao redor daquella casa na rua do *Arranca-chapéu*!

—E' *fogo*.

—Fogo! e como não acodem?

Porque não mandam tocar o sino estando a egreja tão perto?

—E' fogo de pancada. E' o dono que está corrigindo sua casa, reprimindo *alguns maus-feitos*.

—Nunca lhe doam as mãos. A um homem assim: *amo* —*ou*— *do* coração,

Processo Mata Cobra.

(Continuação do n.º 90.)

Aos * * dos do mez * * *, á vista d'innumero concurso de povo, o capitão do *Alabama*, tendo á direita o seu immediato e á esquerda o seu guarda-marinha, leu a sentença cujo teor é o seguinte:

«Vistos estes autos etc.

«Julgo improcedente a queixa dada pela Mata-Cobra contra os impressores do *Alabama*, porque além da justiça e do direito que aos mesmos acompanham, é esta minha inalteravel vontade, da qual ninguem pode apellar.

«Condemno por tanto a authora nas custas e a usar constantemente de uma grande *gravata*, e ao advogado Dr. Chanchan a habitar no porão do navio do meu commando, por ser moço delicado. Bahia etc.

O capitão do *Alabama*.»

A' PEDIDO.

Proposta que se offerece ao Sr. commandante do 4.º batalhão da guarda nacional para consiederar.

Para capitães.

Os tenentes Luiz A. de Figueredo.
Pedro Spiridião da Castro.

Para tenentes.

Os alferes Herculano A. P. da Cunha.
José Antonio de Miranda.
João Pinheiro Requião (com especialidade.)
Theotonio Jose de Sant'Anna.

Para alferes.

O sargento Joaquim do Nascimento Mercez.

Um apreciador do merito.

—Capitão.—Venia e prosigo.

O n.º passado de seu orgam official traz uma inexactidão, occasionada pela má informação que a V. Ex. deram.

Refere-se ella ao beco do Grelo e Leite.

Sabem todos que desordem por alli nunca ha e jogo muito menos.

Como pois poderia haver canivetada em marinheiro d'alfandega!!

Si a houvesse, o *ferido* apparecería e providencias seriam dadas pelas authoridades que, supposto que a isso se negassem, seriam instigadas para cumprir seu dever pelo Exm. Sr. inspector d'alfandega.

Esta rasão que é valiosissima destróe tudo.

Peço-lhe pois desculpa, como seu servo que lhe offerece os poucos prestimos de que pode dispor.

* * *

Sr. *infiel* das rendas, não, dos *bicos* internos, não seja tão grosseiro, e não maltrate ás pessoas que tem a infelicidade de irem á repartição em que o Sr. é empregado. Olhe que pode lhe custar caro.

Adverte-se á uma das moradoras da casa n.º 11 á rua Direita do Collegio, que si continuar com as depravações que costuma praticar, como seja de janellas abertas dar beijos e abraços nos seus amantes e outros actos immoraes, não só será promovido um nós abaixo da visinhança para ser levado à authoridade, como soffrerá mais alguma cousa.

Um visinho de defronte.

Pergunta innocente.

Deseja-se saber porque rasão ainda não foi remettido para o juizo municipal o processo forjado contra o guarda nacional Zeferino Manuel do Bomfim, pela subdelegacia de Sant'Anna desta cidade—tendo já se extrahido mandado de prisão!

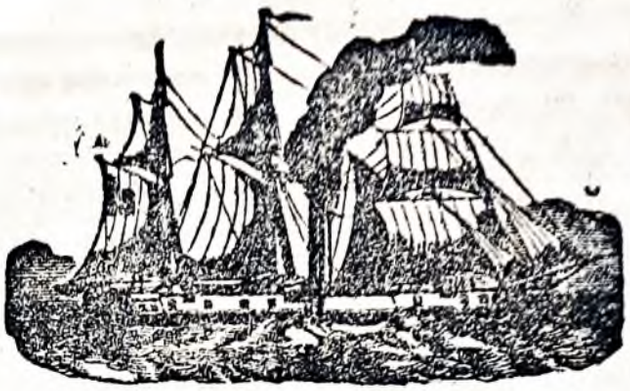
Pede-se á Sra. Cazuza Isca de Siri moradora na rua do Uruguay que não escandalise a visinhança, afim de que não seja chamada á presença do capitão do *Alabama* para servir de infermeira.

Uma padecente.

Por contemplação aos dignos Srs. commandante, officiaes e cadetes do 10 batalhão.

Pergunta-se a dous Illms. Srs., um alferes e outro cadete, si querem pagar o que devem na venda por baixo da directoria, ou si querem que se lhes declare os nomes. Bahia 16 de setembro de 1864.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE II.ª BAHIA 23 DE SETEMBRO DE 1864. N.º 112

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 1, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de setembro de 1864.

—Ao Exm. Sr. Des. presidente da provincia, pedindo-lhe por compaixão pela terceira vez, que lance suas vistas protectoras para o largo de Santo Antonio, cujas obras se estão estragando com a acção do tempo e dos moleques, a ponto de já não haver um encosto de sophá que não esteja deteriorado.

—A' camara municipal, pedindo-lhe providencias sobre o beco dos Chinellos que se tornou cloaca, assim como um outro que ha na Fonte de Santo Antonio, cujo verdadeiro nome até hoje se iguora.

—A' mesma, pedindo-lhe que mande concertar duas bocas de lobo á ladeira da Mizericordia, as quaes ameaçam engulir a quem passa, principalmente sendo aquella rua uma das mais frequentadas pelos cegos. Espera-se esta obra de charidade de quem está ás portas da morte e deve temer a vida eterna, que não sabe qual seja.

—A' mesma, para que faça concluir-se quanto antes a obra da ladeira d'Agua Brusca que graves incommodos e damnos tem causado à visinhança e aos transeuntes.

—A' mesma, para que se digne lançar suas beneficas vistas para a fonte de Santo Antonio, que tornou-se um verdadeiro pantano.

—A mesma pela terceira vez para que providencie sobre as ruas dos Ossos, Carvões e Nova do Queimado que se tornaram sorvedouros,

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que va à venda n. 13 na Estrada Nova passe a examinar si a manteiga está em bom estado, visto que tendo o dono daquella venda mandado hontem por um preto despejar um barril de excremento succedeu que aquelle o entornasse na venda, cahindo parte, dizem, na manteiga Cumpra.

— Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua Direita de Santo Antonio acompanhado do muxingueiro e pela segunda vez tanja aquella sucia de vadios que vivem a escandalisar as familias honestas com aquella negra de bollinhos. Cumpra.

—Que diabrura é aquella la para as Barreiras?

—E' feijoada vermelha.

—Não comprehendo; pode haver e[m] duas especies; humana ou animal, com quem me dou e vegetal de que muito gosto.

—E' uma feijoada dada pelos conservadores para agradecerem aos seus votantes.

—E que cazebres são aquelles? Similham cazas de quilombo, que é aquillo?

—Cazinholas de palha, preparadas pelos filhos do *ogam* da Cruz do Cosme, para receberem os salvadores da patria.

—Palacios que bem lhes assentam! E o geito que tem os molequinhos do Manuel Joaquim para arranjar tejupás!

Mostram bem que foram criados em quilombos, em candomblé!

—Tocou o tabaque, quem chegou? O ogam?

—E' o bigode de ferro, que desinterrou um pouco o pescoço: é o rei da festa.

—O pagode é feito à custa do moço, por isso lhe cabem as honras do dia.

—Ca, ca, ca!

—São conservadores! Por isso querem conservar: conservadores de candomblè!...

— Olhe o castigo do Santo Vudum!

—Homem, eu sou devoto de *Santo Antonio.* ...

—Ta dinhero, ta zeite, ta charipa.

—Que quer dizer isto, preto?

—*Aibô* mandou; dinheiro pra ossê, zeite p'ra candiero, charipa p'ra greja.

—Que diz?

—Chàripa p'ra ossê bota ni úrina nim votamento de varedô mai juize de paze.

—Não ha nada como ser empregado em uma fabrica de tecidos de algodão!... Si osse la, em vez de vir uma chapa, viria uma cedula!

Com effeito!

Como sou um operario, coagem-me, tiram-me a liberdade!

Estou fumando com a graça, estou *queimado*!

—Ossê vota, toma charipa, home! Ripoi... ipoi....

—Em Latronopolis vê-se boas cousas!

—São milagres de *Santo Antonio*..

—Vossês estão vendo aquelle frade damnado que està allí a gritar e a insultar a todos?

—*Vejo*; dizem que é um *assassino* e infame; *é o mais sabio da ordem*; *luzente astro do monte Carmim* não quiz que o eclypsasse a *opacidade* d'um frade devoto de S. *Bernardino* a quem fez desterrar.

Que diz elle?

—*Expelle os liberaes da egreja*, que diz ser d'elle.

—E' vermelho?

—E' o diabo vestido de frade; por baixo da correia traz uma faca, além da lingua que tem duas pontas.

—E' serpente?

—E' o diabo disfarçado em ministro de Christo.

—Que sonho, meu Deus! que pesadelo horrivel! que suores frios! que martyrio!

Bem diz S. *Thomaz* que quem promove os sonhos é o diabo!

Credo, cruz, ave-Maria!

Hei de ser frade! interro-me n'um *hospicio*, e o diabo me deixarà em paz!

—Venha ca, Sr. das *baratas*.

—Dos baratos, sim, Sr.

—Chegue p'ra frente, atrevido!

Então despediu o seu caixeiro por votar na *liga*, ser tratante?!

—Calumnia, capitão.

—Quando vi esta geração de *baratas* tive o mesmo pensamento de Esopo, ao saber do cazamento d'um ladrão, receiando o mal que a' humanidade causariam os *ladrõesinhos*.

E não me enganei.

Tanto ladrão por ahi e de enchurrada mais uma quadrilha... quero dizer, uma familia!

—Capitão, tem de castigar-me, cumpra seu dever, mas não offenda meu melindre e minha honra!

—Ladrão com honra! Patife com melindre!.....

Està galante esta!

(Continúa.)

—O Rodrigues da Costa è com effeito um dramaturgo!

—Mas por que? Diz isto assim com um ar....

—Porque?

—Ora quando o Zé Caboré faz dramas!

—Faz?

—Oh! pois não retocou o *Pedro I.* do Costa!

—Então é superior ao Costa, não ha que admirar.

Ca, ca, ca!

—E' serio.

—Serio?!

—Elle mesmo o diz.

—Ca, ca, ca!

—Vae a Bahia em progresso!

—Ora historias!

Como perderam *a* eleição, andam a inventar cousas!

—Quem?

—Ora quem! quem perdeu a eleição, os ligueiros.

—Os vermelhos são uns anjos....

—Não digo isto, mas uns e outros são bons meninos; si vencessem os ligueiros estava a patria salva, como perderam aqui d'el-rei.

Ora adeus!

—O José Carlos, homem necessario para tudo, desde a obra do Camorogipe até o interro do Pacca, foi nomeado subdelegado.

—De que freguezia?

—Do Rio Vermelho.

—Rio Vermelho é freguezia?!

—Mas é um districto da freguezia da Victoria.

—E elle não mora em Brotas?

—Mora e sahiu até juiz de paz; mas na Victoria não ha quem possa ser subdelegado, e o homem é necessario....

—Que *moço* feliz!

Que epocha! que progresso! que cousas!

—Porque desde sexta feira 16 do corrente não ha aula primaria na freguezia de Sant'Anna?

E' sueto de eleição?

Vão e voltam os meninos, porque encontram a porta fechada!

—E' porque o homem está doente.

—E soffre o serviço publico? Para que servem os substitutos?

Bem bello!

—Homem, deixe-me, vá ao inspector parochial, ao geral, ou ao director dos estudos. Nada tenho com isso.

A PEDIDO.

—Chegue professor, chegue á falla e diga onde tem a aula.

—Não lhe digo porque si for lá enche-se de *poeira*.

—Quantos meninos ja deu por promptos em primeiras lettras?

—Nenhum, porque nao sei o que ensino.

—Então como está com aula aberta?

—Modo de vida, maneira de arranjar alguns cobres para comprar banhos de guella, que tomo todos os dias.

—Diga me que remedio é este?

—E' cosimento branco de Santo Amaro.

—Ora, professor, tenha brio. Olhe que pode o director dos estudos saber e ir visitar a sua aula e V. ficar envergonhado, e talvez sem ella. Deixe-se d'isso, e si ha de se dedicar á uva, dedique-se á *oliveira*.

Tendo sahido inexacto este artigo, de novo é publicado.

Adverte-se á uma das moradoras da casa n.º 41 á rua Direita do Collegio, que si continuar com as depravações que costuma praticar, como seja de janellas abertas dar beijos e abraços nos seus amantes e outros actos immoraes, não só será promovido um nós abaixo da visinhança para ser levado á authoridade, como soffrerá mais alguma cousa.

Um visinho de defronte.

A quem competir.

Pede se providencias sobre um continuo da bibliotheca publica que deixa a repartição para agenciar despachos na Ponte do Consulado.

O *almanak de variedades*.

Versos

feitos por um insigne poeta n'um soirée que deu:

Acabou-se o pagode
Do França Bagó
Os meninos todos veio
Com muito adó
Porque que se dançou
Uma varsa só.

O arroz de leite.

Pergunta-se ao Sr. Director do arsenal de guerra, si o seu empregado da companhia de menores, Luiz da França Gomes, que está ha quatro mezes de licença, ficou bom e são para dar vivas pelas ruas em companhia do L. Jambeiro por occasião do triumpho conservador na freguezia de Santo Antonio.

Pede-se tambem a attenção do inspector da thesouraria.

O *arroz de leite.*

Pede se ao guarda-marinha podestre Guilherme que vá á venda do José Custodio em Santo Antonio da Mouraria, e prenda uma mulher conhecida por Maria Donzella que alli se ajunta com um individuo conhecido pelo *poltra* e levam a se embebedar e a insultar quem por alli passa, advertindo lhe que taes individuos quando estão bebados são atrevidississimos, pelo que deve ir munido pelo competente calabrote e acompanhado pelo muxinguceiro.

Ao capitão do «Alabama.»

O codigo de *B. Constant*
Aqui no Brazil morreu;
Pois que foi o brazileiro
Que ao magistrado regeu.

A furia do *Rosali*
Na cadeia não metteu
Os tres bodes impressores
Como *França* o pretendeu.

O afamado *Chassan*
Que o *liberalão* citou,
Por magistrados honrados
Grossa teboca chupou.

Um assignante.

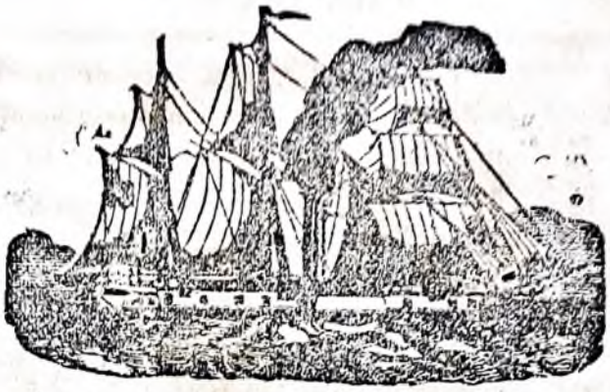
Pede-se a certo alfaiate da rua do *Julio Grande*, qué muito devoto do SS. *Sacramento*, o favor de satisfazer a seus officiaes visto que é peccado que brada ao ceu não pagar a quem trabalha, principalmente sendo um pobre artista.

Um dos prejudicados.

ANNUNCIO.

Antonio Felix des Santos faz sciente ao publico, que por haver outros de egual nome, assigna se d'ora em diante—Antonio Felix dos Santos Canhiba.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.ª BAHIA 24 DE SETEMBRO DE 1864. N.º 113

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Principia hoje a decima segunda serie.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de setembro de 1864.

Officio á camara municipal, para que se digne attender para o estado lastimoso da Estrada Nova, que a mesma mandou limpar, mas que os *limpadores* deixaram no mesmo pé, pois que atiraram com o monturo para dentro d'uma cerca que ha nas proximidades do Sr. coronel Lourenço de Souza Marques.

—A' mesma pedindo-lhe que mande o fiscal da Sé fazer effectiva a postura quanto às immundicies e ciscalhada que se deposita na rua do Ximenes, facto para que já se tem por innumeras vezes chamado a attenção da Illma. e de seus empregados.

—A' mesma, para que, similhante ao derradeiro bruxoleardo luz, dê de si, e mostre que alguma cousa fez, mandando que sejam engastadas bicas nas cazas em que ainda o não estão; que seja arejada a cidade; limpas as ruas; multados os infractores das posturas, desde os barões que tem cacos de flores à janella até o ganhador ou escravo que deita lixo nas boccas de lobo etc. etc. etc.

—*A'* mesma, chamando sua attenção para o pessimo estado em que se acha uma bocca de lobo que ha atraz della, isto é no fundo de seus edificios.

Circular aos habitantes pobres de Latronopolis.

Tendo alteiado o preço da farinha, genero de primeira e absoluta necessidade, e convindo providenciar, como o previdente José do Egypto, para que não haja falta para os pobres em tempo de fome, o commandante do *Alabama* resolveu depositar toda a farinha no celleiro publico, afim de que a peçonha das feridas e a agua do tractamento dos infernos que se acham no andar superior, cahindo pelas fendas do soalho na farinha, *molhem pirão* e possa deste servir-se a pobreza, visto ficar aquella inutilisada para o consumo dos ricos, abastados e remediados, inutilisado tambem nesta parte o monopolio.

Os pobres por tanto dirijam-se ao citado estabelecimento onde encontrarão vestidos a Fr. Chagas dous empregados da camara, para fazer-lhes essa decantada obra de misericordia, para que concorrem o governo, a camara e o inspector de saúde.

Portaria ao guarda-marinha pedestre

Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua Atraz da Cadeia e intime a certos gaiatos *philarmonicos* que vivem a incommodar aos que pasam; que se faz preciso não continuar a atirar para a rua bagaços de canna e cisco, a emporcalhar a gente sob pena de serem conduzidos ao porão deste navio, ou declarado o numero da caza e publicados seus nomes. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua da Pregoiça e veja uma negra conhecida pelo nome de Rainha Congo, a qual vive a offender a moralidade publica, para conduzil-a ao azylo de mendicidade, ou antes para o hospital da Santa Casa, pois que além de pobre é douda. Cumpra.

—Meu Deus! como vae Latronopolis!

Pois um bicho, que era *gymnastico* por demais, não está no gallinheiro do seminario a devastar a criação!

—Que é, homem? que diz?

—Come as gallinhas todas o malvado!

Que gallophagia damnada!

—Que é mesmo, homem?

—E' uma *rapoza*, fugida de Portugal, que quer comer todos os franguinhos de Latronopolis.

—Que monstro! que monstro!

—E o homem que toma conta?

—Tambem come gallinhas da Cochinchina e da India, isto é as que são cabocolinhas.... e gordinhas....

—Como lá vae aquella mulher toda ensanguentada, correndo desvairada pela estrada d'Areia!

—Foi ferida por um africano, escravo, dizem, do Xico das Alvarengas.

—La entrou alli em uma casa na Massaranduba.

Que gente desalmada! como a deitam para fora a tombos!

Não se compadecem da miseria! Irá talvez morrer.

—Não; lá chegou ao Poço de Itapagipe onde mora, e creio que chamaram para soccorrel-a ao philantropico e charitativo Dr. Luiz Alvares.

—E o crime não terá repressão, o criminoso não será punido?

—Bagatella.

—E' chegada a epocha dos sonhos.

Até um padre Lessa, no *Brazil Catholico*, sonhou com triumphos clericaes em França depois da revolução franceza.

E viu o *poder humilde*, como elle chama ao papa, ameaçado por bayonetas, canhão e espada!

Ora da-se que descoco!....

O papa mettendo medo com seu exercito de cardeaes, bispos, abbades e frades, phanaticos e hypocritas, soldados e mulheres, supersticiosos e guerrilheiros *e seus francezes*!

O papa ameaçado!

—Não se admire, rapaz, que o padre estava sonhando.

—Homem, é verdade! V. tem muita rasão.

—Este *Brazil* tem bons pedaços!

—Porque vae aquelle soldado de policia na carreira pelo Caminho Novo, em direcção ao Gravatá? irá em busca de algum crimnoso?

—Enganou se; trou alli umas laranjas, e como a dona deu em cima delle, largou-se a correr.

—Não creio, é mentira.

—V. Ex. defende mui o os soldados de policia.

—E o Sr. faz como o Dr. Reis quando era delegado que queria moralisar a terra, perseguindo os pequenos.

Porque não falla das grandes ladroeiras das altas classes?

Traz-me noticias de pobres soldados! Ja lhe disse que na policia ha optimos soldados, honestos e moralisados.

—Que duvida!

—O partido vermelho e ligueiro estão extremados; as moças de familia, donzellas ou donas, as *costureiras*, as creadas de ser-

vir, os meninos de schola, os moleques até tem todos seu partido.

E a proposito ouça uma:

Uma creada *vermelha* servia n'uma caza liberal; n'uma occasião em que a familia accusava despiedamente os liguelros, a creada toma o panno da Costa e o *balainho*, deixa o jantar por apromptar e empina-se para não mais voltar, castigando assim o arrojo dos que se occupavam de seus predilectos *vermelhos*.

—Que exaltamento!

A proposito agora, a policia, parece-me, devia intervir na criadagem; devia ter sua estatistica, obrigal-os a ter diploma em que se pozesse o visto, á vista de bons attestados dos amos.

Porque do contrario é uma cachorragem; entram no interior d'uma familia, abusam de sua confiança, roubam-na ás vezes e retiram-se sempre fallando mal das pessoas que os admittiram!

—Ainda mais esta!

Temos um homem visionario, um utopista!

—Pode ser; mas assim como se regularisou o serviço dos saveiros, não era difficil regularisar o dos creados.

—Faz favor de não me aborrecer?!....

—Que sujeito é aquelle de chambre, com uma fita verde e amarella, que está alli cambaleando no meio daquelles soldados, que o esfregam de panno de espada?

—E' o João Perú, inspector da freguezia dos Penhascos.

—E como se dá n'um inspector assim?

—Mas si elle está n'aquelle estado deploravel!

Sahiu para a rua de chambre e poz-se a apitar como um possesso; vieram os soldados e prenderam-no. Então sahiu a mulher e poz-lhe a facha, para que fosse reconhecido, mas os soldados não quizeram saber disto.

—Ambos são agentes de policia, e sabem o que estão fazendo. O inspector sahe bebado para a rua, os soldados espancam-no.

—Ambos são protegidos do Freio de Cavallo. . . . .

—Lá se arranjem!

—*Coronel*, conhece aquelle sujeito que vae de violão debaixo do braço, no meio daquella sueia, bebado como uma cabra?

—E' um vendelhão.

—Como se chama?

—Sei o nome, mas não me recordo agora; parece-se com o de um anjo assim como *seraphim*.

—Onde tem venda?

—Largo de Santo Ignacio, esquina dos Dominicos, 36, si bem me recordo.

—Não pode ser boa rolha. Involvido com santo Ignacio e S. Domingos inquisidor e jesuita!...

—Sabe d'uma tratada delle?

—Não.

—Ha aqui em Latronopolis uma viuva chamada Thereza de Mendonca que apezar de ser beata, *agradou-se* delle, talvez em virtude do nome de anjo que tem.

O espertalhão aproveitou-se da boa disposição da velha, e tanta historia adocicada contou, taes cousas fez, que poude obter della a quantia de 2:000$ rs. a pretexto de sortir o estabelecimento.

Quando se apanhou com os cobres, disse á velha que fosse resar suas contas, e empinou-se.

Esta, desesperada não só pela falta dos carinhos que lhe prodigalisava seu amante, como pela ausencia dos cobres, jurou vingar-se e chamou um procurador de nome João, insigne tratante, para que este houvesse do meiro a quantia dada.

Chamado aos tribunaes de Latronopolis, confessou que aquella viuva lhe dera não 2;000$ mais sim 1:700$ do que passou uma letra.

Logo que sahiram dalli, o taverneiro *intendeu-se* com o procurador e *combinaram* n'uma concordata.

O procurador induziu a pobre velha a que entregasse a lettra sob condição de receber 20$ rs. mensaes. A velha em quem ainda não estava apagado o fogo amoroso cahiu na esparrella, entregando a letra, e até hoje está á espera do pagamento do primeiro mez.

—E o que quer que lhe faça? Quem a mandou não procurar seu logar? chore na cama que é logar quente.

—Mas isto é uma ladroeira,
Lá se avenham.

La vae verso.

—Quem por nós não é
Contra nós ha de ser;
Minha gente novidade!
E' de gosto, venham ver.

Morre, morre o *Alabama*,
Que *Santo Antonio* mandou;
—Todo assignante *vermelho*
Ai! em *branco*, nos deixou.

Ninguem assigna esta folha
Qu' insulta ao conservador,
Tem partido...—E si fallasse
Só da liga?—Não Sr.

Quem por nós não é
Contra nós ha de ser;
Pelo *Alabama* resae,
Mortaes, que elle vae morrer.

—Não sejam bobos,
Meus toleirões!
Vão p'ra cruz do Cosme
Comer seus *feijões*...

A' PEDIDO,

O Sr. Malaquias José dos Reis propalou por toda cidade que si os impressores do *Alabama* fossem para a cadeia, acompanhava-os Theodoro José do Couto, e que no caso contrario, seria elle solto.

Isto affiançava elle debaixo de palavra de honra.

Agora *põe-se de fora e*....

Sr. Malaquias que é da sua palavra?

Pergunta-se ao Sr. fiscal geral si os officiaes de canteiro podem quebrar e preparar pedras para obras particulares no meio da rua, principalmente quando estas são e treitas em risco de algum fragmen o offender a quem passa, como aconteceu na ladeira do Tijollo, que passando um homem, por uma casa do Martins que se está concertando, veiu-lhe direito ao olho um fragmento de pedra das que se esta' preparando alli na rua.

O *offendido*.

Provoca-se a um Sr. alferes morador no monturo das *Castanhas* para que diga a razão por que prendeu um homem morador naquella rua, a não ser por querer tirar uma vingança pequenina, e não ter outro meio sinão dar voz de prisão á ordem do chefe de policia por um motivo frivolo.

Porque mora o Sr. alferes no monturo não quer que se atire alli casualmente uma pedra.

Sr. alferes, *cahiria* a pedra em sua cabeça?

Arica.

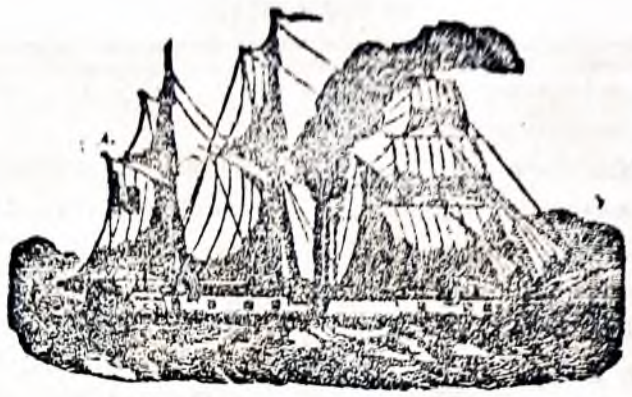
Adverte-se a certos moços que se reunem em uma casa na roa d'Ajuda antes do n.° 9, entre os quaes ha um que amarra uma enorme *gravata*, que deixem-se de atirar pedras, e dar pateadas em quem passa; tal brincadeira pode ser funesta.

Uma das victimas.

ANNUNCIO.

Nesta typographia se indicará uma perfeita cosinheira de optima conducta.

TYP. DE M., A. E C,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.ª BAHIA 27 DE SETEMBRO DE 1864. N.º 114

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Lutonopolis, bordo do *Alabama* 26 de setembro de 1864.

Officio à camara municipal, partecipando-lhe que no meio da rua da ladeira da Mizericordia ha um cano, cuja tampa afundou-se, e que por tanto é uma ameaça a quem passa, consequentemente que a Illma. se digne mandar proceder ao seu concerto, afim de que pelo menos, como ja se fez ver à respeito de boccas de lobo, não sejam submergidos os cegos que são innumeros naquella rua.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias para que um individuo de nome Rocha Lima não continúe a andar pela cidade baixa commettendo desacatos, espancando mulheres e meninos e guardando o que não è seu. Sendo que ainda no dia 24 entrou defronte do correio em uma casa e depois de espancar duas mulheres, carregou com o que poude, sendo para notar que esta graça era altamente applaudida pela guarda do correio que estava defronte.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme. Constando-nos que a bibliotéca publica é uma sinecura escandalosa, pois nenhum apreço merece aquelle estabelecimento do publico *illustrado* desta capital visto que ha dias que alli só comparece uma pessoa, ordena-se-lhe que despeça os seus empregados com boas maneiras, e faça aproveitar aquelle edificio pelas *virtuosas* irmans de charidade que è muito provavel que se vão *multiplicando* e que cheguem a precisar de maiores accommodações; sendo aquelle logar um dos melhores pela proximidade em que se acha do hospital da charidade.

O producto da venda dos livros, estantes, cadeiras e bancas que Vm. effectuará, reverterá em beneficio do *monte-pio* das mesmas, que *abnegando* patria, familia, *interesses* e *dinheiro* transpozeram o Athlantico em honra do Altissimo e por amor do proximo. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que va com urgencia ao largo da Piedade em uma loginha de charutos, e veja uma *onça* que ahi habita com outras que apparecem, e faça-os coçar á taca pelo muxingueiro e trazel-as correntadas ao porão, visto que é impossivel que continúem no centro da população a viver animaes ferozes, bichos damninhos, que nutrem-se em comer crianças. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a a certo fidalgo lá para freguezia da Penha,

e diga-lhe que sendo a lei egual para todos (tanto que ja foi advertido para cumprir uma postura o Sr. barão do Rio Vermelho) faz-se preciso que o mesmo Sr. mande retirar da frente de sua casa, uma quantidade de porcos que vivem n'um chiqueiro, á vista do publico, como se fôra por acinte ou menoscabo da lei. Cumpra.

—Ao gato da Mizericordia. Sendo o portão da Santa Caza um meio facil e prompto de transito publico, com o qual contam todas as pessoas desta cidade, especialmente negociantes e caixeiros, convém que Vm. o faça abrir ás 6 horas da manhã e não ás 8 como tem feito ultimamente deixando á sua espera innumeras pessoas. Cumpra.

—V. Ex. não sabe, capitão?

O commercio de Latronopolis vae de mal a peior.

Ja não ha um labreguito que não seja passador de moeda falsa.

Pode fechar os olhos e pegar o primeiro.

Quando não é um *chymico* preparador de liquidos ou molhados, é um *baratista* de secos; quando não é moedeiro falso, é um traficante e negreiro; quando não é um fallido, é um contrabandista; quando não é um procurador de comadres e viuvas é um tutor de orphans ricas; quando não é um ladrão-ladrão è um ladrão-barão, barão não; commendador, director de banco, membro de conselho de familia etc. etc.

—Isto sei eu.

— Pois V. Ex. sabe de tudo isso, conhece tantos ladrões, aporta á Latronopolis, declara-se inimigo dos ladrões e deixa-se ficar de braços cruzados?!

Nunca pensei que V. Ex. me désse occasião para censural-o assim.

—Mas que è, Sr., que ha de novo, que succedeu?

—Que succedeu?!

Pois não sabe que aqui para o Brazil ja veiu moeda falsa atè dentro d'uma imagem de Christo, dentro de pipas de vinho?!

Não sabe que constantemente descobre-se em Portugal fabricas de moeda falsa para o Brazil?!

Não leu nos jornaes a ultima formada a vir?!

E em todo o intervallo que ha de uma a outra descoberta, não vem ella constantemente para o Brazil?!

Quem a recebe, capitão?

Eu? V. Ex?

—Mas o que ha, Sr?

—O que ha?

Ha que todos os ladrões de todos os tempos, de todas as occasiões, de todos os logares, de todos os modos, de todas as caras, de todas as cousas combinaram-se para a realisação de uma grande sociedade, que installaram em Latronopolis.

—Mas que fim tem?

—Tem por fim importar *artefactos da manufactura portugueza*.

As *cedulas* são na verdade um primoroso artefacto.....

—Aqui em Latronopolis ninguem acredita que taes homens são de boa fé. Si fosse na Bahia, onde só ha homens honestos..... até eu ia ser accionista.....

—Sem saber quem são os directores?

—Homem quem são?

(Continúa.)

Ora o *Brazil Catholico* é um *visionario*. Em tudo vê desrespeito, insulto, escandalo.... parece que vive no mundo da lua.

—Porque?

—Pois não está o homem coberto de cinza, prostrado por terra, a bater com pedras no peito, por que se fazem as eleições nas egrejas matrizes?!

—Não, não; tem rasão, sim Sr.

—Aquillo no Gravatá é recrutamento de mulheres?

—Não; porque?

—Vejo a patrulha pegando todas as mulheres que passam, e as espancando, por que não querem se sugeitar a prisão!

—Qual! E' que hoje é domingo e elles jantaram melhor, estão alegres. Fazem aquillo por graça.

Melhor vi eu agora.

—Que foi?

—A patrulha entrou na casa de um áfricano em S. Miguel, para prender uma

negra fugida, varejou a casa, correu os quartos, abriu arcas e bahus etc. etc.

—Bem bello! Procurar negro fugido dentro d'arca! Esta é nova!.

E a patrulha já virou capitão do matto?

—A' pedido, dizem, que do senhor, e com sentido em alguma recompensa que lhe prometteu.

Primeiro chamaram o inspector e como não o achassem, foram buscar a patrulha, que se prestou, e invadiu a casa de noite.

—Aposto que deram pancada?

—Sem falta. E em cima levaram preso o pobre preto.

—A 24 de septembro festejou-se o anniversario do passamento de S. M. o ex-imperador do Brazil.

—Homem, que fim levou a estatua?

—Aduladores! quando esteve aqui o Sr. D. Pedro 2.° os lacaiós quizeram cuibahil-o com patacoadas.

—Salvas honrosas excepções, pessoas que à tal sociedade pertencem levados pela sua boa fé e ingenuidade.

—Menos o Zé Caborè que interrou uma porção de moedas, julgando que por cada uma lhe mandasse o imperador uma commenda.

—Mas ha de mandar-lhe guizos, fique certo. E' mais provavel vir para elle do que para mim, ou V.

—La isso é verdade; está o de que eu não duvido.

—Embuçados ligueiros por Santo Antonio a dar pancadas no povo!

—Ca, ca, ca!

—Ha de ser, ha de ser isso!

—Decididamente estamos em um paiz de barbaros!

Como castigaram esta pobre creoulinha, desta sorte!

Faz lastima olhar para as mãos da mizera!

Ha trez dias está com ellas dentro d'agoa e sal e ainda estão daquella maneira!

—Aposto que não sabe a rasão de tão barbaro castigo?

—Disseram-me que por não ter limpo uma gaiola de passarinho.

—Que deshumanidade!

—Sabe quem são os senhores?

—A viuva Godinho.

—E quem a mandou para o hospital?

—Dizem que a auctoridade.

—E a respeito de punição?

—Mysterio!

—Falla-se em Itapagipe n'um infanticido, n'uma Carlota, n'uma Attanazia, n'um negro Tito, no diabo....

Que é isto?

—Homem o subdelegado da Penha é quem pode saber disto.

—Entre alguns assignantes da freguezia de Santo Antonio que se despediram está o *candido* moço que veiu de *Vianna*.

—Que ventura, que ventura!

Ha tres series que não paga.. ..

—Que caloteiro!

—Vê aquelles meirinhos, que vão á secretaria de policia ?

Foram ao engenho Cara-assú fazer uma execução, e là amassaram-os de pau, e em cima vieram presos.

—Bravo! foram buscar lan e vieram tosquiados. Em vez de prenderem vieram presos!

—Isto não é nada.

Os maganos, estiveram uma noite e um dia se regalando n'um excellente tronco.

—De quem é o engenho ?

—Do capitão José Ferreira Bandeira.

—Não creio que sem haver provocação da parte dos meirinhos se desse tão revoltante facto.

—Não sei; o que sei é que apanharam e muito. Creio que amanhan se fará corpo de delicto.

—Será bom que não fique nisso.

—O chefe de policia inspira muita confiança.

—Em todo caso elles é que chuparam a coçe.

A' PEDIDO,

Se ao clarão do sol ardente simbolisando o fervor dos Corações babianos, elles tem de vir em triumpho no grande dia, 7 de Septembro de 1864, porpocionem aos que os acompanham as vantagens e os esplendores do mesmo dia, em fim na hurna eleitoral tudo denote, que se quer uma verdadeira, e sempre constancia apreciavel protesto, nos Illustres liberaes, um brilho natural, dia da nossa victoria.

Com tiranos não combinam
Os liberaes Coraçoens.

Repetir de accordo com as luzes do seculo.

Com as trevas não combinam
Nossas gratas oVaçoens.

O amor ao seu paiz é por certo o milhor incentivo as bôas acçoens em proveito de seu bem.

E quando o Cidadão contempla o dia 7 de Septembro, que dá a sua patria os fôros e seu voto de livre e independente, só se deve nutrir do nobre enthusiasmo de applaudi-lo. Suas descençoens intestinas se discipam ao calor desse brilho liberal, que aquece nos Coraçõs os sentimentos de fraternidade, e faz brotar espontaneamente as ovaçoens de um povo levado a prosperidade de um futuro brilhante.

Entretanto para que um povo saiba ser grande na hora do perigo é precizo que

No paiz Americano
Plantou Deus a liberdade.

COLCHEIA.

Se acaso algum tirano
Nos quizer escravizar
Guereiros hade encontrar
No paiz Americano.
Esse monstro vil insano
Só cheio de atrocidade
Macular já mas hade
Nossos brios e brasoens,
Pois que em nossos Corações
Plantou Deus a liberdade.

Por—*José Gomes Borges.*

—Sr. sachristão que até hoje anda sempre *justo* com o seu vigario, por que não toma vergonha, estupido?!

—Desaforo! chamar-me estupido!

—Não se zangue de chamalso descarado!

Pois por que V. sahiu reprovado em Latim, não foi por ser estupido?

—Intrigas...

—E por que sahiu expulso de Historia, não foi por ser descarado?

—Intrigas ..

—Quem mais intrigante do que tu!

Vou ja ao capitão do *Alabama* pedir-lhe que me forneça o muxingueiro para dar-te vergonha.

—Tomara que me dê na coroa, que ao menos fica excommungado.

—Olhe que safado!

Pede-se ao fiscal de Macedonia para que declare quem foi a pessoa que tirou a sorte de um relogio em uma rifa que S. m. fez aqui a tempos.

Um que tambem comprou.

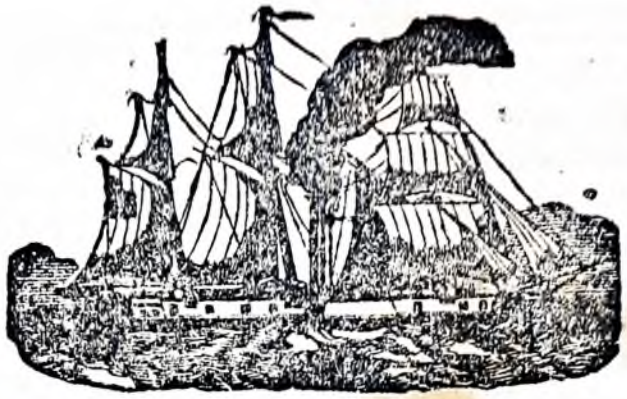
Recommenda-se ao escrivão de Sant'Anna a leitura do art 289 do regulamento de 31 de janeiro de 1842, que abaixo vai transcripto, para que se convença, que não deve esperar que o inspector de quarteirão prenda o guarda nacional que foi pronunciado, para então remetter o processo para o juiz municipal.—

« Art. 289—Os delegados e « subdelegados, que tiverem pro- « nunciado algum réo, remette- « rão *immediatamente* o proces- « so ao juiz municipal do respec- « tivo termo, para sustentar ou re- « vogar o despacho de pronuncia, « ou não pronuncia.—»

ANNUNCIO.

Quem precisar comprar um lustre dourado com oito mangas, dirija-se nesta typographia que se indicará.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.ª BAHIA 29 DE SETEMBRO DE 1864. N.º 115

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de setembro de 1864.

Officio á Illma. camara, dizendo-lhe que o sobrado de tres andares, n. 34, ao Canto de João de Freitas, ameaça o imminente desastre de um desabamento em consequencia da obra que estão fazendo no primeiro andar, achando-se as paredes dos dous superiores arruinadissimas, e a caliça toda podre, segundo affiançam muitos intendedores. Cumpre pois que a Illma. providencie afim de evitar algum sinistro lamentavel.

—A' mesma, pedindo-lhe providencias sobre o lamentavel estado do becco dos Perdões que tem no centro um poço de lama, a que se agregam gatos, gallinhas e cães mortos.

—A' mesma, para que mande concertar uma boca de lobo sita á rua Direita do Collegio e outra junto ao edificio de suas sessões, as quaes (bocas de lobo) estão em estado insupportavel, não so pelas materias que existem na superficie como pelo fetido que exhala.

—A' mesma, pedindo-lhe que mande calcar a rua do Julião defronte da loja do Sr. Germano, a qual rua tem alli um grande atoleiro que è preciso remover pelos inconvenientes que traz visto que é uma das ruas mais frequentadas pelo commercio.

—A mesma, pedindo-lhe providencias sobre as ladeiras do Pilar e do Grelo que parecem mas depositos publicos de lixo do que vias de communicação.

—Ao Sr. commandante de policia, levando ao seu conhecimento o seguinte facto:

No dia 26, passando pelo Caminho Novo do Taboão um pobre velho que levava um cacete na mão, dous soldados que ahi estavam de sentinella intenderam que deviam tomal-o e como o velho à isso se recusasse, foi espancado cruelmente pelos soldados que o atiraram ao chão e pisaram-no; facto este que foi presenciado por immensidade de pessoas, e que mereceu a reprovação geral de todos que viram. S. S. recto e amigo da disciplina como é, não deixará impune tão revoltante proceder d'aquelles guardas.

—Dizem que as patrulhas são escassas porque a policia não tem gente para o serviço.

—E è verdade.

—Mas vi nas Mercês alguns soldados de

policia ás ordens da muzica de barbeiros da chapadista a fazer com que o povo não se agglomerasse á roda da referida muzica.

—Para evitar algum conflicto. Não sabe que ha rivalidades e partido entre os barbeiros?

—Entretanto emprega-se a força publica n'estas futilidades e para o que é de necessidade diz-se que não a ha.

Os cacetistas andam nas noites de sabbado pela freguezia da Sé a *pintarem* e não ha repressão porque diz-se que a força é insufficiente!

Esta Bahia vae ás mil maravilhas.

—Que duas meninas são aquellas?

—São duas pardinhas que andam a tirar esmollas para sustentar seu pae inteiramente invalido, aleijado.

—Ha muito tempo que ouço fallar n'isso.

—E ha de ouvir.

—Deus inspire aos rieos e honrados negociantes da Bahia charidade em seu favor.

—Amen, amen.

—Capitão, os ladrões de Latronopolis deram em vestir sotaina e mettidos nas egrejas, santarrões e hypocritas, intentam prohibir que nellas se pronuncie a menor palavra.

—Serio?!

Esses tratantes que praticam nos templos quanta immoralidade lhes sobe ás cabeças!

—Que duvida!

Conhece V. Ex. um conego teso e duro como uma *rocha*? um bobo á charidade? um ridiculo e desfructavel bahiano á romana? um chapeu de gamella? um de cara de tollo? Conhece?

—Si conheço! um pedante devasso, corruptor e corrompido que vive a querer impingir pillulas ao publico...

—Pois este maganão, meu capitão, antehontem, n'uma missa de S. Cosme fez o diabo, sendo ministro de Christo; apostolo d'um Deus de paz, tornou-se um insultador e malcreadão que sempre foi.

—Onde?

—N'um templo que è dedicado á Mãe de Deus.

—Onde?

—Ora onde! n'uma egreja, não importa saber qual.

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão,

—Vae pegar aquelle padre terror de Latronopolis e dá-lhe na cara mil calabrotadas, a ver si toma vergonha!

—Olé, capitão!

Que boa coça!

Desta não è capaz de livral-o si não o poder de Nossa Senhora de *Nazareth*.

(*Continuação*).

—Mas para que deitaste fora de tua loja o teu caixeiro?

—Ora! V. Ex. tem cara de liberal, ha de conceder que eu sou libre e que posso fazer o que quero; logo despedi o caixeiro porque quiz; é politica, porque não me merecia confiança.

—Bem, confiança tambem não me mereces tu no commercio de Latronopolis.

—Guarda-marinha!

—Capitão, por quem é ...

—Achas pouco?! queres o muxingueiro?!

—Era milhori, capitão; tinha de apanhari, apanhaba logo, e ficava libre da historia.

—Que cara de safado!

E' melhor não te castigar!

Anda cão, sae-te d'aqui gato, *rato*, *barata* ou tratante!

—Os conservadores estão atrapalhados com o Pilar e Brotas; receiam-nos por tal forma, temem-nos, ficam tão assustados, tão horrorisados que não fallam em outra cousa. Massante duende! funesto cabrion!

—Ai! não sabem que amor com amor se paga.....

—Si Itapoan tivesse, em vez de seis, nove ligueiros, maldita Itapoan que lavrou a peta a bico de penna!

—Não, havia ser eom o cabo.

Esses maganões não se lembram de Cotegipe e da unanimidade do Silva e Almeida?!

Esqueceram-se das proezas passadas e presentes da Victoria?

Esqueceram a Penha?

—Homem, deixe-me.

—Sabe o que dizem?

Que o Passé affiança que a apuracão de sua freguezia que sahiu no *Jornal* não foi remettida pela meza, pois que por lá não ha tão poucos votantes.

—Acho bom.

Sabem o que dizem tambem?

Que a camara pretende apurar em separado Brotas e Pilar; que origina-se dahi uma questão, que aproveitam os odios, que açúlam as intrigas e poem em campo uma *cemiterada*, ou *sinimbusada*.

—Mas com que fim?

—Comprometter e desmoralisar o presidente.

—Acho bom.

—E eu acho mau.

—Ah Sr. Dr., faz favor!

—Não fallo na rua.

—Tenha paciencia, é negocio de urgencia.

—Não paro na rua para fallar.

—Pois então irei com V. S. à sua casa.

—Vá quando quizer, menos agora commigo.

Ora que importuno!

Havia de ser bem bom ir emparelhado com aquelle bode!

Casta maldita!

O unico homem pardo com quem ando é o Damasio, e Deus sabe com que repugnancia!

Elle mesmo deve ter notado minha indifferença, quando ao apertar-me com familiaridade a mão me trata de *Ferdinandes*.

(*Continuação do n.º precedente.*)

—Ouça capitão:

O primeiro, um dos socios è o Caranguejo... um caranguejo perfeito... especie de graucà pintado, ou canastra, crustaceo que vive em tocas... cara frunchada...

—Caranguejo com cara! Ora não me aborreça, Sr.

—....V. Ex. bem me comprehende! Cara frunchada, cabellos castanhos ou cor de diabo, dentes arreganhados, mãos e pès arqueados mesmo como de caranguejo, um todo repugnante, tendo com effeito às costas uma formidavel canastra, cheia de vicios e crimes, infamias e miserias....

—Ora desembrulhe-me essa trouxa.

—Sem mais demora.

(*Continua*)

—Capitão, iô toma taboca.

—A muita gente boa succedeu o mesmo.

—Mai iô ta consolado; iô tà cumpanhero de ligueiro mai di vremeia que cada um chupa seu taboca.

Nan dimira qui iô chupa, qui nesse tera turo dèa grandioso cáe nim terra, ni chão; tá sim qui Thomè da Cossa Passo toma taboca tamem condo ere propõe ni varedô; mai deputaro.

Iô ta satisifeto; mai um dia depoi di outro dia, ta obra de Nansenhô qui sicreve denreto ni linha tôrito.

Esse povo, cabeça tonteado qui nam sabe proveita dèa de melhoramento, bára senti argum dia farta de varedô, cosinhèro de *Labamba*.

—Jesus! que talento perdeu-se!...

—Manga, capitão; mai possiteridade hare faze justiça minha sentimento e minha pensamento.

—La quanto à cosinha...

—E ni cononia municipá iô tá superiô corqué um; iô dá cada fissicá cada varedô, cada cidadão um calabrote, e nungoço vae denreto.

Qui nan cumpre pussura toma calabrote; fissicà nan cumpre, calabrote de varedô, varedô nan cumpre, calabrote di povo. etc. etc.

—E tu que em vez de ires cosinhar, estàs aqui a massar-me e que por tanto não cumpres a lei, calabrote de muxingueiro.

Muxingueiro!

—Oh! oh!

Capitão iô vota, iô pode sê votaro, iô tá ni goso de minha denreto poritico.

Vive, Sinhô!

LA VAE VERSO.

Latronopolis stá cheio
De jornaes e redactores;

Tem mais letrados na praça
Do que pretos ganhadores.

Litteratos ha ás duzias
Centenas de sabichões,
Carradas de scientificos....
Milheiros de figurões.

Hoje todos são doctores
Antes de ser estudantes....
N'este seculo de luzes
Não ha mais ignorantes.

A' PEDIDO

Sr. Redactor.—Peço-lhe a publicação dos seguintes BELLISSIMOS versos do Sr. coronel Tranquilino, e pelo mesmo recitados na noite de 3 de julho, que apezar de virem tarde não perdem o seu valor.

MOTE.

Deos, Patria, Dous de Julho e Liberdade.

GLOSA.

De Dom Pedro Segundo os destimidos
Soldados valentes e tão briosos—
Da patria os feitos celebrar famosos
Sempre em seu dia saberão unidos.

De Pirajà aos bravos fallecidos
Um culto sempre renderão saudosos;
De seus direitos cidadãos zelosos,
Darão seu sangue p'ra os ver mantidos.

Quem sobre oiro e diamantes piza
N'este solo da cruz, sua vontade
A lei e a razão so escravisa.

Bahia, heroica inclyta, cidade!...
De teus filhos será sempre a divisa—
Deos, Patria. Dous de Julho e Liberdade.

(*Continúa*).

Alfinetada.

Pobre nullidade!—

Mello era um menino mentiroso, porém até certa epocha, tinha brios; hoje, com o contacto do *cura de todos os bichos* e alguns outros esgravatadores tem degenerado mais, e ja insulta a certas pessoas que, si alguma vez d'elle se lembram, é na occasião de algum *serviço natural*.

Quer espancar, quer recrutar, quando elle è quem o merece, por ser um réu de policia!

Qual sera a força que o anima a tanto?
Será a força da *mulher quando se fia do marido?*

—Chama se a attenção dos apreciadores do bom e do bello para as peças musicaes que tem de ser cantadas na rua Direita de Santo Antonio, todos os domingos á noute, pelo primeiro baixo da sociedade E.....

O *Caçoila*.

Pede-se ao guarda marinha pedestre Guilherme que vá a rua d'Ajuda acompanhado de dous guardas policiaes, afim de agarrar uma sucia de meninos vadios que alli se ajuntam e conduza os ao Sr. Dr. chefe de policia para dar-lhes o competente destino.

ANNUNCIO.

Vende-se a venda á rua Direita do Collegio n.º 11. Para tratar no mesma.

O abaixo assignado faz sciente ao proprietario da casa n.º 15 á rua Direita do Collegio que d'ora em diante não serve mais pela fiança que deu pelo Sr. Julio, á vista dos factos que tem praticado o mesmo.

Bahia 27 de julho de 1864.

Thomaz de Moura Nogueira.

Na loja à rua Direita do Commercio n. 31, se vende um piston quasi novo, de cinco bombas do melhor fabricante que ha em Paris, por preço commodo.

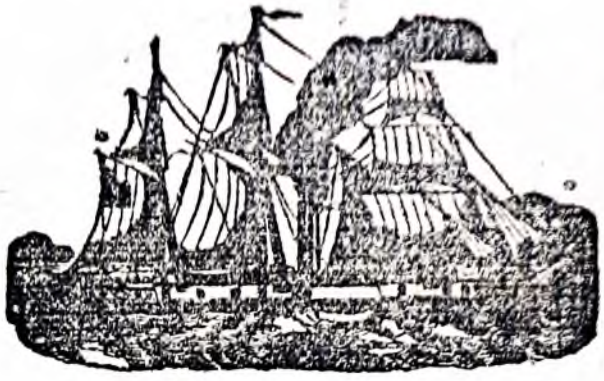
Quem precisar comprar um lustre dourado com oito mangas, dirija-se a esta typographia que se indicará.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª BAHIA 1 DE ABRIL DE 1865. N.º 192.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de março de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que volva suas charidosas vistas para um cano que ha na Quitandinha do Capim, o qual, além de concorrer para a falta de saude que soffrem os moradores dalli, impede o transito publico com a lagoa e o rio que cria, os quaes são habitados por gatos, cães e gallinhas mortas, sem fallar no lixo que se deposita nelles.

—Ao Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio, para que mande dar conveniente destino a uma porção de capadocios que se reunem na quina da rua dos Carvões, a proferirem palavradas, a praticarem immoralidades, atropellando homens serios que passam pelo largo de Santo Antonio, e a prohibirem de chegarem á janella as familias honestas que ha alli.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande dar um correctivo em Belmiro, homem robusto, e de proporções colossaes, o qual nada tendo que fazer e não tendo por tanto dinheiro, finge-se maluco, entra pela casa das familias e insulta-as quando não lhe dão esmolla (que deve ser na proporção da desmarcada glutonaria do homem). Não julgue S. s. ser isso facto que se não possa provar; a familia do Sr. Augusto Cesar Navarro passou pelo dissabor de soffrer os grosseiros insultos do *jacaré de paletot*, assim como a familia do Sr. Aguiar que soffreu hontem terriveis injurias d'esse insolente, proprio para medir-se com o Lopez do Paraguay.

—

DECRETO N.º 3,333.

Attendendo ás graves e fundadas reclamações que tem feito o povo contra o procedimento revoltante de certos deputados que não comparecem á assemblea provincial, para não haver sessão, e estando proximo o tempo da eleição dos *dignissimos*, o capitão do *Alabama* resolve o seguinte:

Art. unico. O official maior da secreta-

ria da assembléa provincial dará, no dia immediato ao do encerramento das sessões, conta do seguinte:

§ 1.° Quanto tempo levou a funccionar a assembléa.

§ 2.° Em quantos dias houve sessão da mesma.

§ 3.° Em quantos deixou de haver-a.

§ 4.° Quaes os deputados que deixaram de comparecer ás sessões.

§ 5.° Que quantia de dinheiro dispendeu a provincia.

§ 6.° Quaes os projectos que passaram.

Os meus empregados superiores assim o tenham intendido e façam executar.

Bahia 31 de março de 1865.

Com a rubrica de S. Ex. — *Lima Barboza*, immediato.—*João de Deus*, aspirante.

—Ora venha cá, meu....

—Que quer este homem, comigo?

Prompto, capitão.

—Então na sua freguezia de cotovellos só deve sahir o Santissimo Viatico á noite?

—Quem tal lhe disse, capitão?

—Pois V. não deixou, ha dias, morrer uma pobre mulher sem os sacramentos, por causa do seu maldito capricho?

—Intrigas, capitão.

—Safe-se! V. é um vigario todo excepcional. Para que entra na egreja de chibata? Tem ainda saudade do seu classico ferrão? Pensa acaso que vigario é vaqueiro?

—Pouca differença; tanta quanta existe entre vaqueiro e pastor.

—E porque entrou o interro da mulher pela porta da sachristia?

—Porque quero acabar com certos abusos.

—E porque não principia por caza? porque não dá fim aos abusos que V. commette, ás immoralidades que pratica?

Veja que *aza-preta*! parece todo um abutre!

Pois andam mettendo de pastor a quem tem garra!

—Capitão, não dê ouvidos a intrigas; o proprio Jesus Christo teve inimigos, foi calumniado, quanto mais eu pobre e miseravel peccador!

—Olhe que hypocrita!

—Por Nossa Senhora da Conceição da *Rocha*! Eu prometto, capitão, embarcar-me já e já para *Vianna* e deixo aos invejosos o meu rico *paço* e até as pombinhas da *rua*....

—Está n'assembléa provincial um projecto que manda dar á D. Angelica Maria Gomes Coelho metade do ordenado de professora, além do governo ficar authorisado a provel-a na cadeira de Santo Antonio, ou em outra qualquer que primeiro vagar.

—Bom!

Que seja ella nomiada para um logar do centro, concordo, porque ella foi removida, em vista do Regulamento Organico para a villa de S. Francisco, não acceitou a remoção, pediu demissão e perdeu por tanto todo o direito que tinha na classe dos professores. Mas que seja nomiada para exercer o logar em Santo Antonio, é cousa inaudita, impossivel, contraria a todos os estylos, á lei da instrucção, ao bom senso!

—E a metade do ordenado?

—Isto não tem commento...

—E' uma professora que pede domis-

são para não cumprir a lei e pede depois dinheiro por que não cumpriu a lei....

Lê-se no *Diario* de 29 do corrente, entre os requerimento despachado:

«Josephina Sarmento, professora jubilada da freguesia de Sant'Anna, pedindo pagamento de seu ordenado.— Em vista da informação não tem logar o pagamento requerido.»

.....

Noticias.

Chegou ante-hontem o batalhão de voluntarios da Cachoeira.

Apezar da grande chuva que cahia, houve comtudo animação e enthusiasmo, tanto dos voluntarios e das pessoas que os acompanhavam, como das pessoas que os foram receber, entre os quaes so achavam S. Ex. o Sr. Des. presidente e muitas outras authoridades.

—

Os jornaes deram noticia de que appareceria um cometa em abril do presente anno.

Pois bem; hontem, 31 de março, appareceu elle por detraz da heroica Itaparica.

Provavelmente subirá hoje um pouco; si porém não for olle visto, ficam abertas ao publico, para apreciar-o, a caixa d'agua no Queimado, o mirante da Soledade, a torre do Bomfim, a do Collegio, o zimborio de S. Bento e um mastro levantado no largo dos Afflictos para os que quizerem trepar.

O cometa tem uma extensa e brilhante cauda; é digno de ser apreciado, nos seus primeiros dias.

Rapazeada, ao cometa!

—

Consta que hoje ás 11 horas vão os voluntarios da Cachoeira ouvir missa no Bomfim.

O capitão Fausto, dizem, lá estará para animar os folguedos da rapazeada que serão innumeros e embriagadores.

—

—Appareceu um *jacaré* bebendo agua a fartar no dique do Queimado. Não tem serra, mas encrespados cabellos; não tem dentes, mas sordidos beiços do que cáe venenosa saliva que envenena as aguas.

E' sem duvida algum nigromante que muda de casca e nome, como o Monte-Christo ou Roberto Macario. Lê o *Interesse Publico* e recebe uma bolça de dinheiro da mão de um homem, a quem lambe os pés com a mesma lingua com que lhe revolveu certos segredos.

O spectaculo é magnifico. A rapazeada deve ver si extingue essa nova hydra de Lerne, para aproveital-a no sabbado d'Alleluia e para descanço dos homens de bem.

—

Dizem que, hoje á tarde, a 2.ª companhia de Zuavos faz exercicio no Rio Vermelho.

A *especialidade da arma* a que os zuavos se dedicam merece a attenção do publico.

A PEDIDO

A quem puder responder.

Pergunta-se si o batalhão de S. Pedro está aquartellado para fazer a guarnição da cidade, ou para marchar para o Sul.

Dizem uns que, *apezar de offerecer-se*, não marcha; dizem outros que marcha, apezar de todos os pezares, e que tudo mais é peta....

Capitão, mande seu muxingueiro ao Taboão ver um sujeito dos charutos, ou homem do calabrote e dizer-lhe que

si continuar a fallar da vida alheia, *tem obra*. Si respendor alguma cousa, mando trazel-o para o porão do seu navio afim de com seu mesmo calabrote fazer-lhe a festa nas costas.

E' preciso que esse safado não pense que se trata do filho da creoula que elle desacreditou, tendo elle tão feia chronica, que se relatará, si for preciso.

O inimigo dos arengueiros.

Pergunta.

Pode um individuo morador no Maciel de Cima exercer o cargo de inspector de quarteirão na freguezia do Pilar?

O curioso.

Attenção.

O homem das metamorphoses, o *justus*, o spectador, o Aristides, o José Balsamo, sempre tendo nos labios o *interesse* do *publico*, não é mais do que um ambicioso ignobil, um amante de seu *particular interesse* que, depois de transformado em serpente e de ter lançado venenosa baba sobre o alvo de sua inveja, se arvora em muxingueiro de qualquer reputação honesta, comtanto que lhe deem quatro vintens qne lhe satisfaçam a gana desenfreiada.

Para elle não ha gratidão: não ha por tanto credito, honra, moralidade, nem necessidade de deixar um legado de virtude a sua numerosa familia.

Com a vida cheia de crimes, e torpezas e miserias, desde o roubo das orphaãs do Pilar até o escandaloso roubo da casa de certo commendador *poderoso*; desde a infamia do *Pirata Terrestre* até as descomposturas ao commendador M.; desde a *liga* até o facto de alardear hoje relações intimas com o Sr. Saraiva, cujos artigos diz que publica sob a assignatura de *Publicola*, remettidos pelo Sr. Velloso e entregues pelo Sr. Villaboim; desde o coutracto que disse fazer com o Sr. Lacerda até vender-se ao Sr. Paulo, na questão das aguas, obrigando o *Padre Amaro* a pular fora; desde a nunca assaz cantada torpeza da venda dos typos a certo presidente; desde a união com o maroto, o mais intrigante do commercio, o maior ladrão dos gallegos, o quebrado Barros das Oliveiras, ninguem mais poude por-lhes olhos de confiança e boa fé.

Pois bem! esse miseravel ente que se finge, as vezes. boa alma, que faz favores, que chama até certo ponto adhesões das pessoas simples que lhe não conhecem o caracter vil e de cuja simplicidade elle tanto abusa; esse miseravel teve agora o desaforo de forjar uma intriga diabolica com o fim unico de desacreditar uma redacção, que lhe está tão superior em dignidade, que todos os seus amigos tiveram nojo do ardil infame de que usou a serpente para com aquelles unicos que talvez, nesta epocha não a chamam de leprosa ou morphetica, não lhe lembram a baba peçonhenta que da *gretada beiça* lhe escorre diaria, não lhe fallam no amavel *Bertholdo*, nem no conhecido *morcego*, vampyro sugador de quanto infeliz lhe cahe nas garras, e o que é mais, terrivel invejoso do lucro alheio.

Tens rasão, alma pequena, de avaliares os outros per ti; com o negro e ridiculo e torpe papel que representaste, déste aos que são teus amigos por necessidade mais uma prova do teu caracter.

E fica certo de que, em tempo, elles te farão as contas; e assim como tramaste a historia de ladrão necessario, elles te dirão tambem a mesma cousa, por que tu não passas de um cego e venal instrumento de rancores cegos, de odies profundos, de ladroeiras horriveis.

E *au revoir*.

O coração de Jacob.

Temol-a travada.

O Sr. Mosquito que não pode tragar a decepção porque passou pelos *serviços* prestados ao velho Simões, estava em certo dia a occupar-se *seriamente* da analyse das *boas qualidades* do pre-

ferido correspondente, moralisando as garantias e tudo de que é capaz aquella *intelligencia*.

Tendo porem promettido um escripto para esse dia, e sendo encontrado o Sr. dos Carvalhos pelo Barros Chicotada, este se desculpou com seus afazeres e pediu que fosse ao escriptorio do primeiro arrecadar o *chingamento* que era muito e muito necessario, para não demorar a impressão.

Com effeito o bom do Sr. dos Carvalhos sobe ao escriptorie e com a franqueza do costume, pensando que o Sr. Mosquito realmente escrevia *artigo*, debruça-se sobre a carteira quando vê este um pouco vexado cobrindo a carta com um mata-borrão, mas nisto não foi tão prompto que não lubrigasse o visitante o seu nome, e fazendo-lhe especie perguntou: Então onde está o artigo? Está escrevendo cartas e tratando de mim.....

—E' verdade; estou dizendo (rindo-se) a meu *digno* irmão os bons serviços que devemos a Vm. na crusada que nos impuzemos!... De mais, estou esperando o Bastinho para dar *certos dados*, por isso aproveito o tempo escrevendo para o paquete.

Não ha caracter egual.

Urde o Sr. L. de Carvalho as maiores infamias e calumnias a todos aquelles que supoem lhe fazerem sombra. Sua alma vive tão infiltrada no veneno, que um só instante não deixa de pensar no mal e de entreter-se com calumnias e invenções, até de individuos que para cousa alguma d'elle se lembram.

Mas ao tempo que assim pratica bate-lhe a necessidade á porta, e na mesma occasião em que está fazendo uma infamia, e pensando n'outra para logo ou para amanhã, lá manda um socio ou um parente pedir um favor ao mesmo a quem está cravando o punhal.

E' este impostor daquelles que pensam que para subir é mister abater os de mais.

Quanto é estupido e infame!

Caminhe por esta estrada, vae maravilhosamente.....

Duas palavras ao Sr. de Barro.

Houve tempo em que um individuo, duvidoso da sorte das suas velhacadas, e estando com o anno do nascimento sobre sua cabeça, achava n'outro todo o amparo, todo soccorro até para as mais vitaes necessidades, que elle, pelo menos, aparentava serem muitas e reaes! Nesse tempo os Pontes, Mosquitos, Mirandos, Chaves, Mamedes etc. não conheciam o homem, viravam-lhe as costas, e o infamavam com epithetos que aliás o Sr de Barro hoje aconselha que sejam emprestados ao bemfeitor de entao!

N'aquelle tempo o Sr de Barro fazia muitas visitas tanto a miudo e tão impertinentes que si não fosse a persuasão de que elle era verdadeiramente infeliz teria sido despedido por insuportavel.

O Sr. de Barro hoje está com sua esquadrilha toda, possue as propriedades, escraves, e tudo, ou mais que quando se julgava nas melhores circumstancias. E é n'este estado, e em similhante condições que se presta a ser instrumento vil de paixões alheias para ferir aquelle que muitas vezes chamou de pae.

E que razão tem? diga-o a sua consciencia.

Ainda agora, Sr. de Barro, não é tarde para derrubal-o e para abatel-o, por que não desconhece que a posição do que fez uma falcatrua como a sua é sempre falsa, é sempre perigosa. Sm. não está assás garantido atravéz da confraternidade em que se encontra com os seus nõvos amigos por que sendo ella mesma que lhe recebe os favores e indignos serviços é tambem quem lh'os denuncia, como fez o Sr. dos Mirandos no dia 13 do corrente no Banco, atribuindo-lhe francamente as provocações, calumnias e insultos que Sm. dirige desde ha muito ao bemfeitor de hontem!

Quando principiamos este papel, iamos a fazer um appello para o T. do C., iamos mostrar como se acha o Sr. de Barro *seguro e garantido*, porém lembramo-nos das vezes que appelleu pa-

ra mulher, o filhos para conservação ao menos de ter quem o serviu... do quem lhe désse agora!...

Concluimos por hoje Sr. de Barro, pessoa alguma *corre comnosco* para haver pressa.

Voltaremos breve.

Queremos luz, mas luz de puro gaz.

O Sr. Miranda dos Machados lembra-se, porque é negocio fresquinho, daquelle artigo para que Sm. deu *tão exactas* quanto moralisadoras informações, ou dados.

Tinha elle por epigraphe—*Olho por olho e dente por dente.*

Este artigo de sua incommenda, por que não lhe damos a honra de suppol-o capaz de o fazer, veio convencer-nos de que é por de mais *ardigo*, acode bellamente á *espora*. Sm. tomando para si um lembrete de certo jornal atirou-se em corpo e alma a quem lhes convém dar como auctor das sóvas que tanto merece, por tanto provocando desasadamente a quem nem para desprezar se lembra de sua pessoa.

Então, não o podendo nós mais tomal-o por *lerdo* pedimos lhe instantemente a explicação dos preliminares que se lê no *Alabama* n.° 189 e mais o seguintes:

Que motivo originou ser Sm. o primeiro individuo que certo honra lo magistrado processou quando esteve de juiz m. na Cachoeira?

Que diabruras foram aquellas que fez ao seu ex-amo o Sr. B. M. da Costa, que elle o tratou e trata com epithetos tão *dignos*, tão *honrosos*, fazendo o mesmo diante de sua propria pessoa?

Escuse-nos do trabalho de dar estas explicações pelo respeito que temos á *elevada posição e cathegoria* em que *dignamente* se acha collocado!!

O Sr. dos Mosquitos, parelheiro com é, despensará que, fallando-lhes em termos que melhor o espicacemos com as *chilenas* para explicar-se tambem.

Ha de explicar as questões submettidas no mesmo jornal e mais o seguinte.

Si segundo sua logica, o individuo que teve a infelicidade de fazer um negocio com outro que se tornou um tratante como Sm. não ignora, mas que aliás era conhecido por honrado, deve soffrer por isso, deve ser insultado, calumniado e provocado, e neste caso o que diremos daquelles que convivem com ladrões, falsificadores conhecidos, passadores de dinheiro falso etc. etc.?

O que diremos dos que como Sm. andam cosidinhos como o vicio e a infamia? Por quem é responda-nos!

Attenção a este bocado.

Segundo a boa logica dos Srs. Mosquito, Carvalho Lopes, Chaves dos Teixeiras, Mirandes dos Machados, Amaro dos Mamedes e Bastos dos Ferreiras etc. etc., aquelles que se lançam na carreira do crime, roubando, falsificando e fazendo quanta immoralidade ha, fazem-no, não para se locupletarem e passarem vida folgada e *milagrosa* quer no logar onde praticam os factos, quer naquelles a que são levados por força das circumstancias, mas pelo contrario para *entregaram limpinho e apurado aos outros* o fructo de seus latrocinios!

E segundo a mesma logica a excepção unica são elles, porque não consta que tenham entregado a pessoa alguma o producto das escamotagens que o respeitavel publico aponta como por elles feitas.

São girios.

Sr. Redactor.—Andando *alguem* a assoalhar que fui eu o author d'um artigo que sahiu no n. 190, sobre um sujeito que quiz entrar a cavallo na guarda da caza do governador, peço-lhe que declare si eu contribui directa ou indirectamente para tal publicação.

Sou etc.

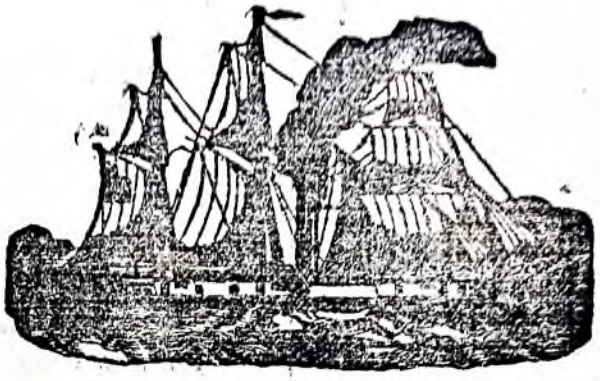
João Manuel de Freitas.

—

O Sr. tenente João Manuel de Freitas não se intendeu comnosco a tal respeito.

A Redacção.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 20.ª BAHIA 4 DE ABRIL DE 1865. N.º 193.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 20.ª serie do *Alabama*.

Os Sr. assignantes que devem tres series serão suspensos. Adverte-se aos mesmos que não serão attendidos os seus pedidos de continuarem a assignar sem que satisfaçam seus debitos, pelo que é escusado virem á typographia reclamar, como costumam, todas as vezes que teem sido suspensos.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de abril de 1865.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe mais uma vez providencias contra os grupos de meninos vadios que infestam esta cidade e que vivem a commetter furtos e perseguir os mendigos; sobresahindo entre elles uma sucia que se costuma reunir na Praça debaixo dos arcos da antiga cadeia.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, em nome da moral pedindo-lhe que faça dar conveniente destino a uma mulher louca ou ebria, conhecida por *Santinha*, que vive na Praça a proferir em voz alta palavras obscenas, e a praticar á noite actos immoraes com diversos capadocios.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que mande o muxingueiro ás Portas do Carmo tanger á taca uma porção de moleques que se *divertem* com as negras que passam, sem nenhuma consideração ás familias que alli moram. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que em companhia de duas praças de bordo vá ás 11 horas da noite á travessa das *cruzes franciscanas* e passe a recrutar um impertinente namorado que incommoda todas as noites a visinhança com suas pedradas para o sobrado n. 10. Cumpra.

LA VAE VERSO.

Carta de um conservador da *Pojuca* a um ligueiro do *Catù*.

Compadre, depois da sua
Que o *Zeca* mandou trazer,

Fiz eu tenção decidida
De nunca mais lhe escrever.

V., depois de insultar-me
E de ao *progresso* adular,
Queria fazer-me em publico
Por feiticeiro passar.

Perdôo-lhe; e diga agora,
Amigo liberalão,
Si voluntario é julgado
De S. Pedro o batalhão.

Quanto a mim, eu tenho duvidas;
Falla-se aqui á boquinha
Que os *homens* andam por isso
Da salla para a cosinha.

Sae um dia a *portaria*,
Que o corpo se aquartellou;
N'outro dia ella é cassada,
Que o batalhão se offertou.

E nesse vaivém de cousas,
Soffre o pobre do soldado,
Que ou *deve ser voluntario*,
Ou ha de ser recrutado!

O official que não segue,
Este fica em santa paz;
Pede um vermelho passagom,
Oh! pois não! é já, traz zás!

Assim tambem praticou-se
De policia com os soldados.
E dizem ja que não seguem
Destacamentos chegados.

.....

Ora pelo amor de Deus!
Tudo se vê nesta terra....
Dizem té que no *Interesse*
Saraiva tracta da guerra.....

Amigo, sabe que mais?
Vou tractar da minha vida;
Si me escrever outra carta,
Espero lel-a polida.

Resposta.

V., si não é um tollo,
Come então *certa cousinha*:
Tome tento lá comsigo,
Senhor cara de fuinha!

Quem lhe fallou em *apertos*?
Onde viu a *portaria*?
V., por causa da chuva....
Que asneira dizendo ia!

Onde viu V que o guarda
Será logo recrutado,
Si não marcha voluntario
Para as fronteiras do Estado?

E no tempo do *degolla*,
Em que vossês governavam
Que cazados e viuvos
Como recrutas marchavam?!...

Pois si V. é quem diz
Que um vermelhe é attendido,
Como quer fazer-nos crer
Que o presente está perdido?

Ora vá elle, compadre!
E desde já vá sabendo
Que este resto de policia
Fica aqui nos defendendo.

Quanto ao que diz do *Interesse*,
Pergunte ao Dr. *Publicola*
Si conhece ahi nos bairros
O D. Diplomata Agricola.

E então V. lhe diga,
Que se inculcando ministro
Pode ser que tenha em sorte,
Como outros, um fim sinistro.

Que este é sempre o fim que aguarda
Quem praticou vil acção:-
Aborrece-se o trahidor,
Posto se ame a trahição.

A PEDIDO

—Capitão quero lhe contar um cazo muito interessante.

—Dize lá o que é.

—Um jacaré que ha.

—Onde?

—Em Latronopolis.

Não conhece um barriga de pipa no becco da Carne Secca que só se occupa de fallar da vida alheia?

—Homem por S. Jozé declare-me o nome deste muxingueiro.

—Capitão não é precizo; o nome não é de cazo.

O Tanajura.

Quem vê as barbas do seu visinho arder deita as suas de molho.

Previne-se ao Sr. Joaquim Rodrigues de Almeida Queiroz, conhecido da policia por certos *arranjos* no seu officio de ourives—que vá entregar as cartas que recebeu para pessoas determinadas com o=Canto de Guerra do Voluntario Bahiano, que andou vendendo indistinctamente por menos do seu valor. Certo de que, não o fazendo, si não tiver em sua casa com que pague perante os tribunaes o que tão cynicamente roubou, será recommendado á policia, para mandal-o exercitar as suas boas obras no Paraguay, visto ser guarda relaxado do batalhão de S Pedro, em exercicio activo na companhia do olho vivo.

Attenção.

Não vê aquelle sujeito?

E' o ente mais abjecto e despresivel que pisa sobre a terra. Trahidor e falsario como elle não ha egual. Immoral e devasso, venal e corrompido, aquella alma negra é o abrigo de todos os vicios e aquelle corpo verga ao peso de crimes hediondos. Quando o virdes com o riso pousado nos labios lisongeando alguem. é uma nova victima que a serpente afaga para depois morder e conspurcar com seu halito venenoso.

Para melhor conseguir seus fins, acoberta-se com o nome de liberal e até de republicano exaltado, quando elle não passa de um.....

Para provar seu liberalismo basta dizer que semelhante vibora teve como sua escrava uma infeliz de nome Innocencia, que foi para seu poder em criança, em consequencia de estar seu pae compromettido em uma revolução, a qual vivia, bem como um filho de nome Aleixo, que a mesma teve, quando mulher, no trabalho pesado de uma roça que a fera tinha lá para um *rio* cujas aguas são *vermelhas*, e que a não ser o cholera que os livrou daquelle ferino captiveiro, ainda hoje estariam gemendo sob o jugo da tyrannica oppressão.

Não vê como elle passeia com as mãos nos bolsos, no estreito ambito situado por *baixo* do logar onde existe o *Maciel*? Cogita os meios de como ha de dar novas *sangrias* nos bolsos dos infelizes que lhe cahem nas unhas. Estuda como ha de dar novo *saque* em um negociante de drogas, á custa de quem diz que ha de comprar um ou dous escravos, como já outr'ora comprou roças e escravos á custa de um commendador do sertão, de um ricasso que negociava em *botos*, e de um bemfeitor infeliz, que ainda depois de cahir na desgraça pagava carissima a *defeza* que a hydra lhe fazia, apezar de o ter enchido de beneficios e protecção nos dias de prosperidade.

Triste daquelle que se aproximar daquelle fóco de podridões, que certamente sahira empestado.

Continúa.

O coração de Jacob.

Anecdotas da Cochinchina.

O Barros Chicotada, na volta do passeio á Corte, trouxe suprimento de prelos para sua officina, e comprando-os a prazo, tinha de pagal-os nesta, e para conseguir dinheiro fez imprimir uma descompostura contra um honrado logista. Um pouco depois fez ao mesmo um elogio, *ractificou* o engano....

Passaram dias, appareceu ao sujeito e disse-lhe o empenho em que estava para pagar o saque contra o valor dos prelos, se bem nos recordamos de 800$000 rs., e pediu-lhe que lhe descontasse uma letrinha de egual somma

que tinha uma boa firma de um amigo.

A esta proposta lhe disse o logista: Não lhe desconto,dou lhe o valor della sem deducção do premio; mas ha de descontar aquelle dinheiro, importe do fumo que ha tanto tempo me comprou.

—Isto não pode ser porque aquella divida cahiu em *exercicios findos*!...

E retirou-se.

O sujeito a seu turno mandou-lhe uma de cincoenta pelo elogio recebido cem medo de nova descompostura.

Doce d'ovos.

Vil leproso sem pudor,
Vae curar tua gafeira;
Tua cara inspira horror,
Teu typo é da bandalheira.

Ja não basta de plantares
Entre os homens a discordia?
De teus crimes te arrepende,
Pede a Deus misericordia.

Si não, de teus feitos, breve
Castigo terás, tratante;
Terás o premio que tem
Quem é falsario, intrigante.

O mundo ja te conhece
Caracter vil, polluido!
Larga o manto da trahição,
Coração embrutecido

Para teres sempre a bolsa
De dinheiro recheiada,
Ao demonio da intriga
Trazes tu'alma alugada.

O teu corpo, este ha muito
Pertence ao diabo, em vida;
Deste-lh'o. assim como tens
A consciencia vendida.

Vil leproso sem pudor,
Vae curar tua gafeira;
Deixa de tentar os homens;
Basta ja de bandalheira.

Vulha sempre a verdade.

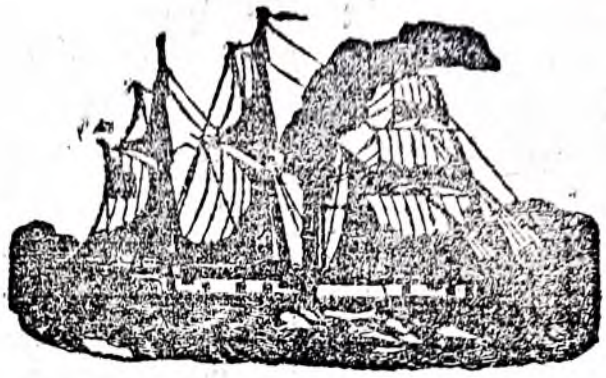
Assevera-se ter partido para a Corte no vapor inglez com *commissão muito especial*... encarregado de *certos* e *importantes* negocios, junto a pessoa do... o incomparavel Barros Chicotada, cavalheiro passado por India e Mina, com foro de fidalgo de couro de boi, versado em diversas sciencias como a das falcatruas commerciaes; honorario artista da casa do Cunho, honrado com o titulo de distincção em tudo que é bandalheira pela sociedade dos Confrades, com plenos poderes por estes concedidos afim de os representar em tudo quanto mister for para conseguir a gloria immortal que a *posteridade* costuma conceder a todos os benemeritos das tricas, calumnias e infamias de toda a ordem. Foi acompanhado ao embarque por uma commissão composta do *Amphibio*, *Ourinol branco* e *Odre de impostura*, que encarregados tambem ficam de todos os seus negocios, muito particularmente dos que estavam a especial cuidado do plenipotenciario ausente. Por tanto avisa-se ao respeitavel, que quem pretender alguma encommenda d'aquellas que conduziam o retirado ás oito da noute á rua do Maciel, caminho da Estrada Nova, podem dirigir-se aos Srs. Mosquito, e Bastos F..grande guarda dos livros que pagando adiantado os portes, agencias etc. etc. serão immediatamente satisfeitos,

ANNUNCIOS.

Quem quizer comprar uma bonita novilha pode apparecer no logar denominado Páu Miudo na roça de Joaquim Gomes Pereira para contractar.

Gaudencio Cezar de Mello declara que não se intende com elle uma publicação no n.º 192 do *Alabama* relativa a um —sujeito dos charutos ou homem do calabrote no Taboão.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, ECOMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 20.ª BAHIA 6 DE ABRIL DE 1865. N.º 194.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de abril de 1865.

Officio á camara municipal. Achando-se quasi intransitavel a ladeira da Prata, por falta de alguns pequenos reparos, sirva-se a Illma. de mandar quanto antes proceder ao concerto que alli se faz mister, afim de evitar maiores despezas, e o ficar o publico privado de por alli passar.

—A' mesma. A' vista da copiosa chuva e vento sul que tem havido estes dias, convém que a Illma. mande examinar a parede lateral do sobrado n. 3 atraz da Cadeia, pertencente á irmandade do SS. da Sé, do lado que fica por cima da propriedade onde tem escriptorio o Sr. Dr. Evaristo d'Oliveira, a qual parede está desligada do pilar que sustenta a cumieira do referido sobrado, podendo por isso vir a desabar. O que cumpre previnir afim de evitar lamentaveis consequencias.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias contra os moleques que vivem pelas ruas a atormentar os ouvidos da gente com enormes *assobios*, isto uma semana antes do dia destinado para tal *divertimento*, que deve ser quanto antes extincto, como *sem significação*, anachronico e incommodo.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua dos Capitães, e traga para bordo uma certa sujeita, que tem um gosto particular em castigar barbaramente uma innocente filhinha que, ainda que grite por Santa *Quintina*, não é attendida, apezar do dó e da indignação que causam á visinhança o soffrimento de uma e o barbaro proceder da outra. Depois de chegar ella a bordo, Vm. inquiril-a-ha e segundo o que colligir procederá, ou deixando-a ir livremente ao fundo do mar, ou entregando-a ao muxingueiro para pagar na mesma moeda o que faz a furia com a pobre c. eancinha. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

CLico d'Amor-rim Facão da Matan-

ça Junior, pedindo permissão para vender ao encarregado da obra da montanha, que acaba de descer com a chuva, uma porção de caibros que tem n'um matto que deixou crescer em frente á *sua* fazenda.—Informe a camara municipal.

—O diabo da montanha vem abaixo decididamente.

—E' preciso quanto antes mandar por-lhe nova *coberta d'encerado*.

—E' preciso dar-se serias providencias, prevenir o perigo, para não lamental-o mais tarde.

—Ora historias!

Quem estiver incommodado que se mude.

— Já duas vezes ressuscitou *Numa*!

—E encontrou *bacchantes*.

—Sem duvida nos campos, *ubi fuit* a ver arados, e provavelmente as plantações, as cannas, suas diversas *applicações* etc. etc.

—Tem rasão. Com o summo das cannas apparecem bacchantes.

—E falla em charlatanice.

—Esquecendo-se o pedante de que atravez os medicamentos de Kemp e Holloway se descobre o botanico asnatico, ou o curandeiro invejoso, inimigo das panacéas.

—O que seria o menos, si o ingrato villão não se lembrasse de querer ridicularisar um caracter nobre, um vulto imponente, um homem respeitavel que dirige a provincia, a contento de todos os imparciaes.

—Nada mais facil, diz elle, do que o analysar as defezas.

—Entretanto o *cabocolinho* nem um facto aponta!

—E o *diabo* não quer representar a opinião da provincia!? Diz que o que se diz geralmente não é o que pensa o povo.

—Atavia-se com as pennas do pavão. Pobre gralha!....

—Ou antes, pobre grulha!.....

—Vejam! vejam!

O coronel Pedroso offereceu mil fardamentos de algodão da sua fabrica de Valença, para os voluntarios da patria.

—Onde viu isto?

—Leia o *Diario* e o *Jornal*.

—Bom, bom; antes tarde do que nunca.

—O que é isto, Sr. Bucha? Vm. com a cara toda arranhada!

—Foi um maldito gallego que passeiou-me nas bitaculas.

—Eis suas *graças* no que deram: foi ficar Vm com as ventas amassadas.

—Deixe estar aquelle patife, que me paga. O que eu sinto mais é os meus oculos que elle quebrou.

—Quem não tem vergonha todo mundo é seu.

A PEDIDO

—Gallego, para que has de ser atrevido e malcreado; para que andas ameaçando a todo mundo, dizendo que de ninguem fazes caso?

—Eu não disse, não, sinhori.

—Estupido, tu não vês que ninguem faz caso de tuas ameaças? eim, pedaço d'asno? Vae comprando os teus roubos, e deixa-te de malcreações.

—Eu não compro roubos, não, sinhori.

—Que negros são uns que entram ahi carregando trouxas?

—São bocadinhos de assucar para eu fazer garapa para elles.

—Mentes, tratante, é assucar roubado.

—Ai, ai, pelo amor de Deus, não me vote a perderi.

—Que numero tem a tua tasca?

—Tem.... tem.... esqueceu-me; não sei, é 75.

—Como te chamas?

—Pozeram-me o nome de papa-c..na.

—Muxingueiro, faça este atrevido limpar com a lingua a cloaca do navio.

—Ai... ai... por S. *José*!

—Fogo no patife, muxingueiro!

—O tratante não sou eu, é o *Madureira*.

Mais uma vez

Chama-se a attenção dos Illms. Srs. Dr. chefe de policia e subdelegado da Sé, para uma casa á Travessa das Vassouras, pertencente a uma crioula de nome Constança, onde reune-se uma caterva de mulheres deshonestas, cujas immoralidades e escandalo tornam-se notaveis pelo cynismo com que são praticadas á vista de toda visinhança; pelo que espera-se providencias, afim de que se cohiba semelhante abuso.

Pede-se

Ao Sr. subdelegado da Sé providencias contra alguns individuos que andam pelas immediações da rua d'Ajuda a pregar pelas portas papeis obscenos e figuras immoraes. Esses individuos constam que são moradores daquella redondeza, e prestam se optimamente ás actuaes circumstancias do paiz, que tanto precisa de gente para o Sul. Os seus nomes são os seguintes: —Jorge, Januario, Manuel, Manuel Joaquim e Paulino, alfaiate.

Um que já soffreu.

Attenção.

Por muitos empenhos que temos tido, entendemos dever fazer um pouco de treguas para esperar, que continuem a apparecer provocações, visto como temos muito que dizer a respeito dos seguintes amiguinhos: 1.º Fernandes F. de Mosquito, —2.º Barros Chicotada, —3.º Chaves dos Teixeiras, —4.º Miranda dos Machados, —6.º guarda livros Bastos dos Ferreiras &.

Hoje dedicamo-nos ao primeiro.

Demonstraremos, á primeira provocação que se fizer, que é o Sr. Mosquito o inventor principal dos Piratas Terrestres, desse parto vil, covarde, infame da alma mais pervertida.

Que foi elle em 1863 que projectou o plano desta nova forma de guerrear seus collegas; que o mandou executar; que até poz na typographia o seu despachante Monteiro José João a assistir á composição, com quem a final andou a distribuil-os com trajes disfarçados na cidade baixa.

Demonstraremos que foi esse verdadeiro vampiro que ainda em 1864 se lançou no mesmo meio de guerra a aquelles que só cuidam de sua vida e de dar exemplar educação a seus filhos, fechando estes papeis em papel limpo, e mandando os proprios caixeiros dos Srs. Pontes e C. entregal-os pelas lojas, e pelos escriptorios.

Demonstraremos que é este individuo o que por suas infamias, calumnias, arengas e mexericos, mais tem concorrido para a desmoralisação deste commercio todo, fazendo nascer nelle com seus comparças a desunião tão prejudicial ao progresso de todas as classes, particularmente desta.

Demonstraremos que é elle o que nas vesperas da eleição dos bancos atiça os amigos para escreverem contra alguem que intende oppor-se ás suas ambições. E' o mesmo que manda transcrever em jornaes mais lidos os insultos e calumnias publicados nas suas suas gazetas.

Demonstraremos as tentativas que esse verdadeiro José Balsamo tem fei-

to para reformar letras que nada valem, e que só com a firma podem ser descontadas deixando de por-lhe o nome a ver si passam, e que si o não tem conseguido é por andarem os directores d'olho aberto.

Demonstraremos como aquelle verdadeiro vampiro em occasiões de eleições promove a desunião entre os eleitores, como ahi mesmo mexerica e calumnia para galgar uma administração de *massa fallida*, uma direcção e em ultimo caso uma *secretaria* para arranjar *bocadinhos* com que forme um grande pão.

Demonstraremas como se engole um navio armado, com todo apparelho, cutellos, varredores, *harpões* etc , etc.

Demonstraremos como se *derretem* pratas velhas dos contraparentes e se passa á sua folha os pequenos bens delles.

Demonstraremos como sua sordida avareza o levou á imprudente offerta de dividas da massa Villarim ao proprio M. para fazer jogo nos negocinhos feitos com os Polkas.

Demonstraremos como nas actos eleitoraes se apresenta a uns como victima da perseguição dos marotos, e quando convém, a estes se apresenta por que é do Rio Grande, como perseguido pelos bahianos.

Demonstraremos as causas verdadeiras porque esse ambicioso tem perdido as consignações do Rio Grande. entendendo que a forma de as readquirir está nas calumnias de toda a ordem e nas infamias com que procede com seus collegas.

Demonstraremos a parte que teve esse desgraçado no negocio dos bollos ao Sr. *Simões*.

Demonstraremos ainda que é elle o que tem com alguns comparças v. g. os Bastos Ferreiros, guarda livros &&, se lembrado do infernal trama dos Rosembergs, dos Hermann, dos negocios do banco, até dos Zuannys, servindo-se em todo o caso do bello caracter do Barros Chicotada, accusações em que se acham com cara de asnos e safados calumniadores.

Finalmente demonstraremos que o regresso produzido pela desunião que com vergonha da classe commercial aqui se nota, é devido a esse demonio e seus comparças, não apparecendo, pelo desgosto que os homens serios tem com similhantes bandalheiras, espirito de associação, e menos de philantropia. Andamos a par do maior indifferentismo e para o que, veja-se o que tem apparecido a favor da classe desvallida do commercio, a favor de immensas obras de charidade e philantropia protegidas pelos demais corpos commerciaes; pode-se dizer que é o commercio da Bahia que anda na retaguarda de tudo quanto se conhece com esse nome.

Paramos aqui para proseguirmos nos seguintes numeros, por que de vagar se vai ao longe.

Passaremos ao n. 2.

O coração de Jacob.

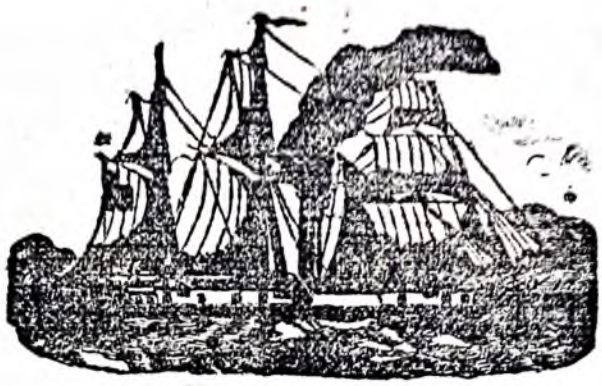
ANNUNCIOS.

Quem quizer comprar uma bonita novilha pode apparecer no logar denominado Páu Miudo na roça de Joaquim Gomes Pereira para contractar.

Quem quizer comprar a venda n. 53 junto a Conceição do Boqueirão dirija-se a mesma que achará com quem tractar.

Na lojinha á rua Direita da Mizericordia n. 10 vende-se e aluga-se cêra em porção e a retalho, papel para requerimento, rapé tambem a retalho e diversas miudezas, etc.etc.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 20.ª BAHIA 8 DE ABRIL DE 1865. N.º 195.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de abril de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que cohiba o proceder pouco decente d'um sobrinho do Sr. Thomaz d'Aquino Gaspar que, dizem, cobra, não se sabe a que titulo, quatro vintens diarios das pretas ganhadeiras que se assentam pelas beiradas das barracas, nas quaes presentemente nenhuma ingerencia tem o proprio Sr. Thomaz d'Aquino.

Espera-se da Illma. providencias efficazes para extinguir o escandalo.

—Ao Sr. subdelegado do Pilar, participando-lhe que, segundo nos informam, um certo Ramalho tentou deflorar hontem (6) uma menor de 7 annos, de nome Dorothéa, á rua Direita do Pilar; facto escandaloso e repugnante que, chamando a indignação e as iras das pessoas honestas, chama contra o seu author o rigor das leis, que não devem ficar esquecidas.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao becco do Motta e tanja de lá a taca uma caterva de malandros que alli se ajuntam todas as noites a proferirem palavradas. Cumpra.

—☞ OITENTA CONTOS DE REIS para limpeza da cidade, além de QUINHENTOS REIS mensaes de cada caza que tiver *somente* dez pessoas! ☜

—Si tiver vinte, paga dobrado?

—Que duvida!

Eu só estou pensando no *beneficio* que enchergou para o povo o Exm. Sr. dezembargador presidente.

—Ora havemos voltar ao contracto, e breve.

Este mundo tem cousas!

—Quando se abre o theatro publico?

—Dizem que depois da Paschoa.

—E o preço da platéa geral?

—Provavelmente o mesmo que no tempo do Vicente: commodo ao publico e mais *enchente* para o emprezario. Nem se pode objectar as obras que se

estão fazendo, porque o Vicente tambem as fez.

—Sim, sim, que duvida!

Tanto mais quando o actual emprezario e a sua companhia vem regenerar o theatro....

—Reappareceu a *Constituição*.

—E diz que *sumiu-se* por causa das durezas do tempo...

—Alma stoica, pague-te o teu partido os soffrimentos que te deve!

—Conhece aquelle sujeito de cavallo que anda a dar esbarrões nas pessoas que passam?

—Dizem que é *vice-rei*.

—Veja que ja passou o 1.º d'abril.

—Serio; é o *cabeceira* dos negros, não sei de que parte da Costa d'Africa.

—Ora vá bugiar!

—Serio, capitão; é filho d'um *ricasso-pobre*, que veiu herdar o que já não achou e zangado intende que deve acabar com todos que se lhe poem á frente.

—Mande chamar o *Dominguinhos* para avisar o moço que não continúe, sob pena d'intender-se com o muxingueiro.

—A segunda companhia de Zuavos Bahianos, commandada pelo seu alferes o Sr. Marcolino José Dias, foi ao Bomfim ouvir missa.

—Bonita gente! bem disciplinada, garbosa e valente, ao menos pelo que parece.

—Deus corôe os seus esforços!

—Leu o *Jornal* de 6 do corrente?

—Que traz?

—Uma publicação do Sr. tenente Saturnino Vieira de Carvalho sobre Manuel Joaquim Anastacio que se acha recrutado a bordo e que tem por si o seguinte:

1.º Já foi praça do exercito, do qual teve baixa por ter concluido o seu tempo.

2.º Serviu na campanha de Buenos-Ayres, da qual tem uma medalha que se acha com o chefe de policia.

3.º Tem 54 annos de edade, e é bem doente.

4.º Tem os seus diplomas assignados pelo finado tenente-general Antero José Ferreira de Britto.

5.º Serviu no 1.º batalhão de infantaria da corte com os commandantes Tamarindo, Guilherme e Castro.»

—E os papeis do homem foram retidos pelo chefe, diz o citado tenente.

—E viva o progresso!.....

LA VAE VERSO.

Piqueta.

Lá se vae teu leite todo;
Guarda as tetas, mãe Bahia!
Do pão-de-ló distribue-se
Agora grande fatia!

—Cacacá, cacá, cacá,
A fatia é de *limpeza*;
Ficam limpos os monturos,
Tem as ruas mais belleza....

A PEDIDO

Ao Exm. Sr. desembargador preisdente da provincia.

Ha mais de dous mezes, obteve Leopoldina Maria da Silva despacho de S. Ex. perdoando-lhe as multas em que incorrera por não ter pago as decimas da caza em que mora.

Até hoje, pretendendo ella pagar as decimas, não obteve do Sr. João Gualberto dos Passos a portaria que elle tem dever de expedir, sendo sempre mandada vir *amanhã e depois* a pessoa que ia ter com o referido Sr. João Gualberto!

Neste caso Leopoldina agradece a justiça com que a attenderam S. Ex. os Srs. desembargador presidente da provincia e Dr. inspector da thesouraria provincial, D. J. da Silva Couto, e entrega a Deus o acto charidoso do poeta liberal que faz serem tirados a uma viuva pobre vinte e tantos mil reis.

Bahia 7 de abril de 1865.

Attenção.

Sr. Redactor.—Como não é possivel que a calumnia abuse da boa fé d'um redactor para invectivar homens honestos e moralisados, peço-lhe que transcreva em cada numero do seu jornal os documentos que lhe remetto.

O inimigo dos infames.

—

Illm. Sr. subdelegado da freguezia do Pilar.—Diz Amelio Ferreira da Silva, cidadão brazileiro, cazado, onerado de 5 filhos todos menores o mais velho dos quaes de idade 7 annos, que a bem de seu direito, para meio de sua defeza perante o respeitavel publico, precisa que o inspector de seu quarteirão que dista da morada do supplicante á delle tres cazas no seu correr, atteste circumstanciadamente debaixo de juramento sobre os seguintes pontos:

1.° Se o supplicante alli morador a perto de 7 annos, sua mulher vive com elle em sua companhia, e tambem se do arrolamento consta, conjuntamente a si e seus filhos de que ja tratou.

2.° Se sua conducta civel e moral é ou não merecedora de estima da sociedade e particularmente de seus parochianos, de quem ja mereceu o honroso diploma de eleitor.

3.° Se em tempo algum constou, ou mesmo fôra á sua caza intimar alguma ordem por mau trato á pessoa de sua mulher ou de sua familia, mesmo á extranhos!....

4.° Se sabe que o supplicante se entrega ao vicio de bebedeiras, ou estravagancias dos que são repellidos pela moral publica.

5.° Finalmente se sabe que o supplicante não educa seus innocentes filhinhos com a possibilidade que pode alcançar do pequeno resultado do seu trabalho, e se sabe que a elle é assiduo ao mesmo trabalho; e se por qualquer eventualidade soffreu o supplicante prizão alguma.

No sentido exposto requer a V. S. que depois de ouvir ao respectivo inspector atteste tambem sobre os ditos quezitos o que souber a tal respeito.—E. R. M.—*Amelio Ferreira da Silva.*

—

—Atteste. Bahia e subdelegacia do freguesia do Pilar 3 de março de 1865. —*Guimarães.*

—

Em cumprimento ao despacho retro, attesto que o supplicante é morador deste quarteirão ha mais de 6 annos, e que consta do arrolamento que deu, ser elle casado e ter 5 filhos todos menores:—quanto aos quesitos constantes de seu requerimento acima, affirmo ser verdade residir elle em companhia de sua mulher, e filhos; ter boa conducta moral e civil, e que nunca fora advertido por esta subdelegacia, nem mesmo soffrera prisão, por ter maltratado ou feito offensas physicas as pessoas de sua familia, nem a estranhos; assim tambem que não se entrega elle ao vicio de bebedeiras e extravagancias que a sociedade repelle, e que finalmente procura até dar uma educação regular á seus filhos, segundo o resultado que tira do seu pouco trabalho, ao qual se entrega com assi-

duidade. E' o que posso affirmar por ser verdade e juro debaixo de fé do cargo que occupo.—Bahia e 12.° quarteirão da freguesia do Pilar 4 de março de 1863.—*Alva o Ernestino Soares,* inspector do quarteirão.

Ao «Jornal da Bahia.»

O Sr. Macedo não foi demittido de fiscal, podiu sua demissão á camara transacta.

—Recommenda-se ao publico um artigo do ultimo numero do *Critico* que tem o titulo de barros, chicotadas, oliveiras e Lucas.

—Vi; é quadro traçado por mão de mestre.

—E traz trez lettras bonitas: A, O, B.

—Si tivesse mais uma lettra, assimilhava-se a Jesus, *comparando mal.*

—Mas é o Judas, tanto que lá está esperado para o sabbado d'Alleluia.

Lembranças do Dr. Antolhos.

Minhas gentes, venham ver
Quanto pode um *sabichão*!
—O sujeito de quem fallo
E' um chefe de secção.

Da tolice esse sujeito
Sendo sempre forte baculo
Foi por escarneo escolhido
P'ra uma secção de calculo

Tendo o cujo de informar
Sobre um papel que perdido
—Dizem—fora na secção,
Mostrou quanto houve aprendido.

E porque a parte désse
Queixa ao chefe sup'rior,
Zangou-se o Dr. *Murrinhos*
E abriu diques ao furor.

«Que se désse a queixa, désse,
«Contra mim—vá,—eu entendo!
«Mas contra a repartição,
«Não tolero—não compre'ndo!

«Porque a repartição
«Não tem braços, nem cabeça,
«Nem tem boca, nem tem pernas,
«A menos que eu desconheça!»

Ora já se viu, ouvio alguem
—Dizer-se tamanha asneira!
O sujeito é mais q'um burro
Apezar da cabelleira!!

Disse couzas de pasmar,
Burrice, sandice, asneira
Cavallice e tudo mais—
E poz tudo em pasmaceira

E quando dizer podia
De papel em meia folha
Escreveo em quinze laudas
Quebrando de *sabio a rolha*

Em *todo* o *muito* que disse,
Mas nunca o essencial,
Mostrou quanto era cavallo;
—Não fez bem, porem fez mal.

E é formado esse *burro*!
Carregando presunpção!
—Só porque, sem consciencia,
Elle rege uma secção!!

Melhor seria o enviasse
Quem para cá o mandou
Para a tal estribaria
Onde o asno se formou.

E se elle não se emenda
De seu máu procedimento
De *chilenas* e sipó
Lhe darei entendimento.

Dr. Antolhos.

ANNUNCIOS.

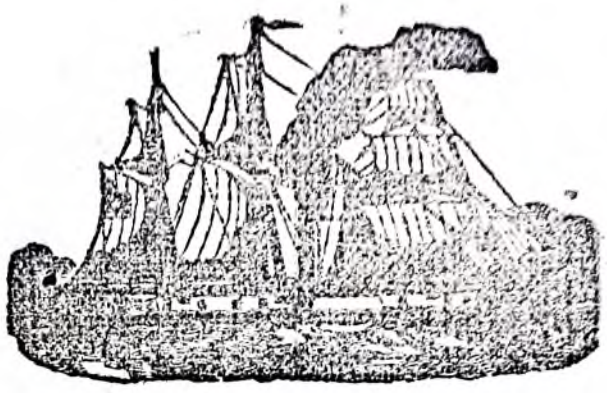
Pede-se ao Sr. Victor que por *S. João* vá pagar 11$000 rs. que deve ao Vencedor.

O Almeida.

N'esta typographia vende-se Passaportes ornados com muitas caricaturas á 80 réis.

Quem quizer comprar a venda n. 33 junto a Conceição do Boqueirão dirija-se á mesma que achará com quem tractar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 20.ª BAHIA 10 DE ABRIL DE 1865. N.º 196.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de abril de 1865.

Officio ao Sr. capitão de mar e guerra capitão do porto, pedindo-lhe providencias, afim de que os officiaes e marinheiros de navios de guerra estrangeiros que existirem neste porto não saltem para terra armados de rewolvers e outras armas, afim de evitar alguns casos funestos, como ia acontecendo no dia 8 do p. p. em que desembarcaram no arsenal alguns officiaes armados e andaram por esta cidade bastante *espiritualisados* a darem bordoadas e fazerem desordens em casa das meretrizes, sendo mais extranho o espectaculo presenciado no dia 8 do corrente em que andava pela Fonte dos Padres uma escolta de marinheiros armados e commandados por um official estrangeiro, não se sabe para que fim e com ordem de quem.

Portaria ao fiscal *provisorio* da Sé, ordenando-lhe que vá á venda n.º 21 á rua Direita de Palacio e depois de applicar a competente mulcta, apprehenda uma bebida ascorosa que alli ha com o nome de vinho Lisboa, não devendo *enganar-se* com o vinho melhor que alli tambem ha e que o caixeiro apresenta aos compradores para depois impingir aquelle refugo que elle tem em logar mais reservado. Cumpra.

— Ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua d'Alfandega e veja um botequim que por alli ha, no qual me informam que apparece todas as noites grande *berreira* que dura até o despontar d'aurora; faça ver ao dono a inconveniencia de seu proceder e si continuar, sem que a policia acorde, traga-o para bordo, afim de dar-se-lhe destino. Cumpra.

—V. sabe em quanto anda a mamata da *limpeza*?

—Diga-se.

—Nada menos do que o que se se-

gue que tem de sahir das veias do pobre povo.

—Tem rasão, tem rasão, dinheiro é sangue.

—Ouça:

Do cofre provincial..	80:000$000
Das casas particulares, a 500 e a 1$000 rs. mensaes, termo medio por anno 8$000 rs. multiplicados por vinte mil casas, numero provavel.....	160:000$000
Somma....	240:000$000

—Olá! Além dos contractos particulares com os quarteis, hoteis, hospedarias, açougues, fabricas, officinas e collegios!...

Safa!

—Além do *cisco* ser trazido á porta da rua!...

—Além do povo pagar latrinas para mijar e ca...!

—Que quer, meu rapaz ?!

São beneficios do progresso...

—Diga-me, si sabe, si o ingresso no Passeio Publico pode ser vedado ao publico.

—E' justamente o que lhe ia perguntar, por ter no domingo o Dr. Souto...

—Sim; quem queria entrar devia contribuir com *o que pudesse* para as familias dos zuavos; mas *pelo menos* havia dar *dez tostões*, porque o Dr. Souto que é liberal e quer mostrar seu bondoso coração, fechou ao publico o que é do publico.

—Desculpa-se: a idéa nobre que presidiu o acto do Dr. faz calar o mais, si é que o ha.

—Mas então não impedisse a entrada a ninguem: quem quizesse entrar, entrava; quem quizesse pagar, pagava, *fosse quanto fosse.*

—Mas V. não vê que é systema da epocha fazer cortezias com o chapeu alheio?

—Querem ver como na Bahia se tracta um homem que pede reformas em beneficio publico? Lêde o *Diario* de 9 do corrente e vereis lá uma asneirola com *Saturno* ás voltas.

—Aquillo é uma infamia. Mas quem tem a culpa é elle mesmo.

—Elle quem?

—Pois o homem, si ha de tractar do *mar*, metteu-se em denunciar escandalos e prepotencias do recrutamento!

—Ah! então bem feito lhe seja!

—Ora com effeito! Está aquella pobre mulher alli no Commercio, debaixo de chuva, deitada n'uma esteira, doente e a policia não vê! Grande Deus!

—Mas o que ha de fazer a policia, Sr.? O *Alabama* ja deu uma vez noticia, quando andava ella pelo Bomfim, e ficou tudo no mesmo, sem duvida por que a policia não pode.

—Os *liberaes* chamam o *Alabama* paschim e bem vê que um chefe de policia do partido não ha de prestar attenção a paschins...

—Está enganado, Sr.; a negra é escrava d'uma outra que dizem morar aos Mares e os estabelecimentos publicos não são para os captivos.

—Mas por que a policia não obriga a dona a recolhel-a em sua caza, ou não a insinúa a dar-lhe alforia para ser a mulher recolhida no hospital?

—Isto cá não sei.

—Oh! civilisada Bahia de Todos os Santos que presencias tal espectaculo, no seculo das luminarias, no dominio do progresso!...

LA VAE VERSO.

Bem que não seja tempo
De festejo a S. *João*,
Eis aqui *cocos e milho*,
Meu vate do coração.

A *espiga* sei, meu charo,
Que lhe agradará por certo;
Os *cocos*, si os não quizer,
Envie-os ao bom *Gualberto*.

Para ver si faz
De *chochô pomado*
Para a cabelleira
Sempre esgadelhada.

Ou então mande-os ao *Passos*
Para dar unto na mão
Assim de aviar negocios
Da sua repartição.

A PEDIDO

Pergunta-se ao Gigante do Pedra si teve animo e coração de mandar deitar na roda a criança que ha dias deitaram na porta de sua habitação do Paço; bem mostra ser filho de quem renegou sua patria, pois nem ao menos a Exma. consorte tomou o seu innocente enteadinho. Pae monstro!

Um que conhece a victima.

Attenção.

Sr. Redactor. —Em quanto não se movem os Srs. commanditarios do J. B. a exhibir as provas que demonstram como temos *calumniado*, prôvas de que se acha encarregado o indispensavel homem doForum,o salteador amphibio, e para que não fiquemos embasbacados até a vinda d'el-rei D.Sebastião, offerecemos ao honesto e morigerado corpo do commercio da Bahia o *debique* que em seguida se ha extrahido de papeis contemporaneos.

—

Contestação offerecida pelos commanditarios, e suppostos commendadores conselheiros da ordem de *Fernando* com exercicio no palacio lateral do lado do sul do arsenal da marinha desta capital, os Srs.Mosquito *Galvanizado*.....Miranda *Borboleta*, Chaves *Espeguilha*,Mamede *Canario*, Bastos *Escamotagem*, Barros *Prateado*, Polkas *Espolios*, Pontes Calçadas, na acção de libello que pelo tribunal da gente sensata que bem conhece dos homens e das cousas, promovem o *Alabama* e o *Critico* da épocha.

Provarão 1.° Que são homens de *san consciencia* e muito tementes a Deus, incapazes de negarem o que se lhe deve.

P. 2.° Que em quanto ao primeiro socio *nunca* desviou o seu de seu dono, que *nunca* roubou a pessoa alguma, que *nunca* contrabandeou..... menos se pagou dos debitos por inteiro das massas de que era legal administrador, ainda que os mais credores só recebessem 10 ou 15 por cento. Que *nunca* simulou negocios,e que o facto de andar a cobrar as dividas das massas, que antes requerera para arrematar é *licito*, e por mera *officiosidade*. Que finalmente as relações que tem com..... são muito e muito licitas!.

P. 3.° Que a respeito do segundo tem elle feito a sua fortuna, com *honra e honestidade* tal que ha pouco ainda estando enrolando a cuspo o seu charutinho na porta de sua lojinha, com fundo de 200$000 rs , alardêa já de grandes capitaes, gabando-se de que offendido por um lembrete do *Alabama* fôra ao banco *pagar* os oitenta bicos de bicos, dando com elles na cara dos D. D., e que *estes os não quizeram receber*!..... Que são inteiramente infundadas as accusações feias que os invejosos do seu *prestigio*, *gloria e saber* lá da terrinha das Petitingas lhes

fazem. Que justifica honradamente a sua fortuna!.....

P. 4.º Que em quanto ao terceiro nunca fizera escamotagem alguma; nem depois que teve certesa de ser sacudido a ponta de pé da casa de seu bemfeitor, fóra as costaneiras mensaes da caixa que *honradamente* guia, dar sahida de consideraveis sommas para si, tendo-as de proposito deixado por feichar, e nem tão pouco ingulira *faltas e faltas* da referida caixa..... Que não entra com fundos para a commandita, que nunca....nunca.....nunca....

P. 5.º Que a respeito do quarto, nunca teve sociedade com alguem a quem fizesse contas de Caim, nem mesmo com Broch., socio do amavel confrade Ch. a quem *não* roubara com o maior cynismo. Que *não* lésa os negociantes de fumo, que é uma candida creatura, e que a fortuna e luxo com que affronta a opinião publica são ganhos licitamente.....

P. 6.º Que a respeito do quinto, nunca houve cousa alguma a dizer de mau, que *não* foi nem ha de ser larapio por condição.

Que *não* abusa da confiança de seus patrões e que.....

P. 7.º Que a respeito dos sextos são pessoas de toda a candura e honestidade!

Que nunca *enviaram* hospede algum por causa dos espolios..... e seus livros nunca foram chamados a juizo por quererem surripiar uma quantia, que no negocio da Costa tratam só de actos muito *licitosinhos*.

Que qualquer fallecido que tenha em seu poder dinheiro o *acha logo logo, logo*, até nas carreiras.

Que a fortuna com que alardeam hoje sendo caixeiros hontem *não* é consequencia dos roubos mais escandalosos etc. etc. etc.

P. 8.º Que a respeito do setimo, *não* entrou por ladrão na cadeia, e que *não* deve a sua soltura ao homem que agora manda insultar e xingar de L. necessario pelo J. B ....

P. 9.º Que a respeito do oitavo e ultimo, elle *não* acoroçoou o bom do socio para as bandalheiras que se lhe conhecem, *não* dá dinheiro da sociedade para a commandita, e finalmente provarão que *não* mandou o despachante Mont. a Cachoeira com cartas de certos e para certos figurões para se imprimirem os *Pirata* etc. etc,

Provarão por ultimo que não cuidam da vida alheia e que nas horas vagas resam nas contas e cuidam *da Borracha*.

Requer-se por tanto que sejam citados os authores para assistirem ao acto da prova, nomearem arbitros, sendo que os R. R. desde já se louvam no *sapientissimo*, *instruidissimo*, e independissimo Dr. Caval.....

Protesta-se contra erros, e omissões, que serão preenchidos na seguinte prova.

Conclusos vão os autos aos procuradores dos mesmos R. R Mu...ca, o seu ajudante Mon.....ro.

ANNUNCIOS.

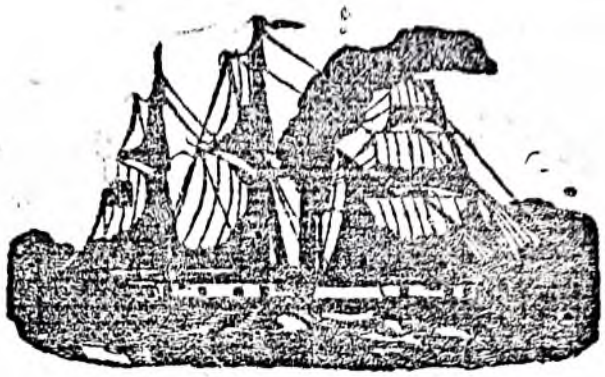
Fugiu no dia 5 do corrente um escravo de nome José, sem signaes, estatura ordinaria, cosinheiro, de edade de 20 annos, pertencente ao abaixo assignado; quem o prender, levando-o á caza de José Pedro Moreira Rios ao Barbalho, ou no seu escriptorio á rua dos Algibebes será bem recompensado.

Bahia 8 de abril de 1865.

Na lojinha á rua Direita da Mizericordia n. 10 vende-se e aluga-se cêra em porção e a retalho, papel para requerimento, rapé tambem a retalho e diversas miudezas, etc.etc.

N'esta typographia vende-se Passaportes ornados com muitas caricaturas á 80 réis.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 20.ª BAHIA 13 DE ABRIL DE 1865. N.º 197.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

CARTA DE SEGURO.

O capitão do *Alabama*, ancorado no porto de Latronopolis, inimigo acerrimo, decidido e declarado dos ladrões e devassos que abundam nesta desditosa cidade e provincia, com poderes especiaes e plenos para dar cabo dos escandalos e abusos das authoridades, chefe supremo da cruzada contra os immoraes e patifes, gran cruz da ordem da Justiça, condecorado com a medalha da Consciencia Pura, &c, &c.

Tendo expedido terminantes ordens para que sejam agarrados os negociantes *fallidos*, os empregados prevaricadores, os caixeiros expertos, os testamenteiros falsos, os agiotas, os magistrados venaes, os jogadores de geito, os alfaiates que consomem a fazenda dos freguezes, os deputados mudos, os medicos burros, os boticarios *descuidados*, os advogados sem clientella, os meirinhos atrevidos, os taverneiros *milagrosos*, os carniceiros do *coco* e toda mais caterva de ladrões que fazem parte do *respeitavel* regimento do OLHO VIVO:

Fazemos scientes que ficarão livres do supplicio, que aos referidos está destinado, todos aquelles que se munirem com um exemplar da nossa folha official, excepto os assignantes que não pagam, os quaes depois de agarrados e conduzidos, como os outros, ao porão onde se haverão com o muxingueiro, serão atirados, de machos aos pés e balas ao pescoço, ao fundo do mar.

Passada na secretaria de bordo, aos 13 de abril de 1865.

Com a rubrica do capitão.

Está conforme.

Lima Barboza, —immediato.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de abril de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias sobre o procedimento dos moleques que, a noite principalmente, tornam-se insuportaveis não respeitando a pessoa alguma de qualquer classe ou posição que seja.

Pelo largo do Theatro, pela ladeira da Mizericordia, pelo Terreiro e Cruzeiro, pelas proximidades de Santo Antonio, são attacados os viandantes, e as palavradas são em numero tal que é prohibido á gente honesta estar a seu gosto.

Agarram os homens para *judas*, ás mulheres espedaçam a roupa, aos velhos atiram pedras, quando os não lançam por terra depois de incriveis perversidades.

No domingo ultimo *lembraram-se dos bairros*, e houve pancadaria a valer entre os *ranchos* de S. Pedro, Rua do Paço e Santo Antonio.

Bem vê pois S. S. que é preciso que cesse tanto escandalo, o que se espera da illustrada administração de S. S., bem que lhe seja o pedido feito por um *paschim*.

—Ora chegue á falla, Sr. poeta chupa-caldo! Ande sor burro baio!

—Pois, capitão, V. Ex. não vê a minha *graciosa* cabelleira? não vê que sou um móço branco? não vê os meus gestos, ademanes e remechidos? não vê que sou um homem de salão?

—E de salinha, quando ha pirão. V. o que é é apenas um desfructavel que se não encherga, que não tem consciencia de si, que não avalia o ridiculo em que cae com as suas estudadas geringonças e sobre tudo com a nojenta e sebosa cabelleira que tanto incommoda aos narizes e aos olhos dos que lhe estão proximos.

Não se tracta porem disso agora; tracta-se de saber porque rasão V. que quer ser fidalgo, sendo chupa-caldo dos Bulcões, não paga o que deve até a gente da *infima camada*, até a escravos vendedores de pão e doce.

—Quem, capitão, eu?! Não é comigo, engana-se.

—Pois, safado, pensas que ja esqueci-me daquellas camizas que ha mais de doze annos mandaste cozer e que até hoje não pagaste?!

—Perdão, capitão, perdão, perdão!

—Perdão para ti! para ti, alma pequena, coração tacanho, espirito abjecto, indole perversa e rancorosa que te acobertando com a capa de liberal, ousas tirar o sangue dos pobres e das viuvas!

—Perdão, capitão, perdão por *S. João*!

—Não sabes que é peccado que brada ao ceu a oppressão de pobres, *orphãos e viuvas*?

—Perdão, capitão, perdão por *S. Gualberto!*

—Si querias perdão, fosses ter a um padre que é gente que intende disso; a minha regra é outra: castigar os que erram. O teu castigo pois é infallivel; tracta de fazer *outro* discurso *fluido* e *elegante* na estrada de ferro, debaixo das plantas do governador, porque ao menos alli, como o diabo sob S. Miguel, ficarás em boa guarda até que chegue a hora do teu supplicio.

—Perdão, capitão, perdão pelo Senhor *dos Passos!*

—Sim, o teu perdão será o muxingueiro e a tripulação ás voltas comtigo para te fazerem apreciar por experiencia propria o que é um sabbado d'alleluia.

—Capitão, eu morro....

(*Continúa.*)

—Que diabo é isto? que tem esta preta? que traz ella ao pescoço?

—Eu sei ca! E' uma preta com uma corrente presa ao pé e a um caibro que ella traz ao pescoço....

—Com effeito!

De quem é ella escrava?

—Dizem que d'um Sr. Fiuza, á Estrada Nova.

—E depois de tão brutaes castigos manda-a pelas ruas a affrontar a civilisação e a religião desta terra, na Semana Santa!

—Ora historias! Mais affronta-nos a policia com seu inextinguivel *changó*...

—Tem rasão, tem rasão, o exemplo vem de cima. «De cima nasce a corrupção dos povos.»

—Só na Bahia vê-se scena similhante!

—O que ha?

—Não vê aquella preta doente, que mal pode mover os pés, com um balaio na cabeça, coberta de farrapos que lhe mostram as partes do corpo que o pudor manda guardar? Si a policia quizesse não se veria aquelle escarneo á mora!

—E que tem V. com isso? Não vê que vae passando o Sr. Dr. delegado com o seu ordenança atraz? Elle que dê providencias.

—Talvez o moço não veja.

—Pois olhe, aqui no Terreiro não ha quem não veja; e a patrulha de policia que está encostada alli no chafariz, bem a podia levar para a casa de sua senhora.

—Quem é a senhora daquella infeliz?

—A africana Maria Benedicta que vende milho e feijão na cidade baixa e que manda a desgraçada todos os dias apanhar maravalhas pelas tendas de marcineiro naquelle estado compungente.

—Pois amanhan que é quarta feira de trevas, si ella por aqui passar, deposite-a no hospital de caridade, onde sua senhora será obrigada a concorrer com as despezas que com ella se fizer.

—Capitão, leia este papel que eu apanhei no forum, quando cahiu do bolço do *Mosquito*, o heróe d'uma ladroeira sem egual.

—Veja que não sejam os autos da massa *Villarim*.

—Não, Sr ; leia:

—«O presidente tem andado mal no exclusivo da limpeza da capital, pois deveria ter ouvido a compahia em commandita, sociedade de muito credito nesta cidade, composta de Barros Chicotada, Miranda dos Machados, Pereira dos Mosquitos, Bastos Espeguilha Costaneira, Mamede dos Amaros e thesoureiro José Balsamo.»

—E entao?!

—O presidente o que deveria fazer era obrigar todos esses ladrões a serem serventuarios da limpeza publica.

—Bem lembrado, capitão!

Ao menos elles voltavam ao *saudoso mister* em que se empregavam na sua bemdita terra.....

LA VAE VERSO.

Como sei que com os *milhos*
Ficou de cabeça inchada,
Venho trazer-lhe contente
Uma boa consoada.

Ande, poeta,
Vá ao monturo
E tire junto
Daquelle muro—

Aquillo que alli está,
Aquella bonita empada
Que com gosto lhe offereço
Para sua consoada.

J. G. P.

A PEDIDO

Cada terra com seu uso.

Em uma cidade como a da Bahia, indo professar (na sexta feira das Do-

res, dia da adoração, em que se acha o Senhor exposto) a Sra. do Manó do Paço, mandou elle depois de finda aquella ceremonia, que a musica tocasse a valsa dos beijos, o que foi fielmente cumprido pelos taes musicos, em vista do respeito que causa o tal gigante; mas o povo que assistia á adoração do Senhor do Mundo indignou-se com aquillo, a excepção do Lôla Zui, que louvou a lembrança, e assim tambem o maioral da tal irmandade que disse ser de seu compromisso. Por tanto quero ver si descubro esse novo compromisso, e quem seu inventor. para mandar tirar-lhe o retrato, e offerecer á mesma ordem como um bemfeitor.

Um que não pode ser irmão.

Sr. Redactor.—Quanto são extraordinarios os mysterios do Creador!

Quanto não deve ser acatado e respeitado o dictado dos nossos avôs—*Um dia depois do outro*!

Estou agora mesmo com os *bellos* pensamentos, com a cerrada *dialetica* produzidos pelo advogado de certo *agente* n'uma questão de seguro. Os insultos á desgraça e infelicidade de um paralytico e do primeiro ao unico que o ampara na sua triste sorte!.... tudo me faz lembrar os indefiniveis decretos do nosso Redemptor!

Temos *esperança*, temos fé robusta de que nos obrigarão a discutir a materia, fazendo *corporações*, fazendo *raciocinios* que nas letras nos alcancem a gloria que coube pelas armas e descobertas ao immortal *Vasco da Gama*.

Esperar e não desesperar!.....

A sentinella.

—Consta que o homem que *manda* na fundição vae pedir demissão.

—Porque?

—Ora porque! Porque não sabe senão fundir obras grossas.

—Pois elle que vá aprender com o *Maneca* nos *domingos* em fôrmas de *barro*.

—Pois esse Maneca é mais perito do que elle?

—Tem comparação. Elle em *barro* sabe tornear ferro, cobre, latão e madeira, e desempenha com perfeição qual quer obra que se lhe dê.

Mas diz o mandador que quem mais berra mais mama.

—Ainda bem que eu cá estou só nos meus ferros.

Adeus alferes.

Attenção.

Pergunta-se ao Gigante de Pedra si teve animo e coração de mandar deitar na roda a criança que ha dias deitaram na porta de sua habitação do Paço; bem mostra ser filho de quem renegou sua patria, pois nem ao menos a Exma. consorte tomou o seu innocente enteadinho. Pae monstro!

Um que conhece a victima.

ANNUNCIOS.

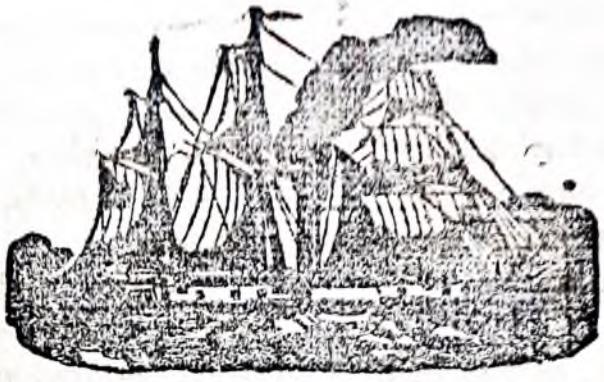
Quem quizer comprar uma bonita novilha pode apparecer no logar denominado Páu Miudo na roça de Joaquim Gomes Pereira para contractar.

Fugiu no dia 5 do corrente um escravo de nome José, sem signaes, estatura ordinaria, cosinheiro, de edade de 20 annos, quem o prender, levando-o á caza de José Pedro Moreira Rios ao Barbalho, ou no seu escriptorio á rua dos Algibebes será bem recompensado.

Bahia 8 de abril de 1865.

N'esta typographia vende-se Passaportes ornados com muitas caricaturas a 40 réis.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 20.ª BAHIA 15 DE ABRIL DE 1865. N.º 198.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de abril de 1865.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que dê providencias para que, em quanto não apparece a *companhia da limpeza*, não se continúe a fazer do Páu da Bandeira *latrina publica* sem contribuição de quem vae se alliviar, como succede ultimamente com diversas pessoas e até com os soldados da guarda de palacio. Cumpra.

—Ao mesmo, não sendo possivel que continuem as escandalosas immoralidades praticadas na rua dos Ossos por certa moça conhecida por *Ignacinha*, assim como os insultos constantes por ella feitos á visinhança; e sendo notavel o facto de alardear ella *intimidade* com as authoridades de Santo Antonio, ordeno a Vm. que se dirija ao respectivo subdelegado para reclamar providencias, dando-me conta do que houver succedido. Cumpra.

—Ora vamos aqui a esta a rua.

—Que nome tem?

—Rua do *santo* que não tem *corpo*.

—Que vae fazer?

—Comprar umas caixinhas de costura na loja d'um relojeiro italiano que as tem lindas.

—Ora!

Pois V. não sabe que o homem com o titulo de *phantasia* deu em vender bilhetes de 500 rs,, cuja sorte é as taes caixinhas, mas cujo premio, segundo até hoje tem sahido, é uma simples caneta de quatro vintens!...

—Sim, eim?! Não é mau o negocio...

—Que quer? Sempre são cousas de quem traz a *boca negra*, como certos cachorros.

—Sabe V. me dizer a que horas é o pagamento de ordenados na thesouraria geral?

—Ignoro; mas sei que o negocio não anda direito por alli. Os empregados do correio por exemplo, que só podem sahir da repartição, certos em hora

certa, são todos mandados ir ao meio-dia, de sorte que muitos deixam de receber os cobres por muitos dias.

—Ora que tenho eu lá com isso?!

Quem for o competente que dê as providencias, si quizer.

Não acha?

—Sim, sim, sim, eu acho bom.

—Olá, Sr. menestrel desafinado tome geito! V. depois que voltou de *Magalhães* deu em tollo e atreve se a chamar o *Alabama* paschim!

Seria melhor que tractasse de pagar as primeiras series que está até hoje devendo.

Ouviu Sr. *Chico*? Ouviu Sr. Papa-jantares? Sr. cantor de sobremeza?

—Capitão, intrigas.

—Ande la, que não me engana o seu nariz de ave de rapina!

—Sabe quem quer crear um batalhão de voluntarios em Santo Amaro? O Dr. Queiroz.

—Isto é pilheria.

—Serio. Diz que ja conta 760 homens, e está só á espera da concessão do governo; tanto que está creando bigodes.

—Ora V. está maluco.

—Então maluco está elle que foi quem disse.

—Ou isso.

—Ora, Sr. que diabo de preto velho a importunar-me! que maluco dos seiscentos!

—Maluco! sim, maluco, por que tirou-lhe o juizo uma caterva de ladrões.

—Que diabo então é isso?

—O diabo é que um tal Miranda, quebrado sem fundo e um outro meninorio, vendedor de *macassar*, boa parelha para a galé, embaçaram o pretinho, a pretexto de fazerem-lhe bem.

O negro devia á caza de certo negociante 2:000$000; os maganos fizeram-lhe crer que *passando elle um papel* dos escravos que possuia, ficavam estes garantidos.

—E é verdade, apezar de haver ladroeira.

—Si é!..... Mas o caso é que *Macassar* &. Comp. não restituem os escravos ao dono, que está no estado em que Vm. o vê, importunando a todos que encontra, para contar seus males.

—E esse preto não é um que tinha em nome de *um cujo* uma rica padaria, sobrados etc.?

—Mas o *cujo* intendeu que tudo era seu e continua a comprar *macassar* e a vender pomadas, como homem de bem.

—Só se vê ladrões!

—Ja leu o *Critico*? Diz que um tal Miranda mandou por sua escrava comida envenenada a um preto de nome Leão, a quem elle e outro tinham roubado.

—Li, li, mas felizmente o velho tinha jantado e não quiz comer de nova, sendo a victima a portadora que foi salva.

—E agora o tal Miranda quer processar o negro.....

—Ladrões! ladrões!....

—.... diz que foi o negro quem envenenou sua escrava.

—Muxingueiro! lembra-te que hoje é sabbado d'alleluia.

Lê-se no *Porto Livre* do Maranhão:

«Deus super omnia.

«O imparcial integerrimo e meritissimo juiz municipal da segunda vara desta Capital, Illm. Sr. Dr. Braulino Candido do Rego Mendes, por sua recta, justiçosa e juridica sentença de 18 do corrente, e que ora (8 da manhã de 20) acaba de ser intimada, absolveu ao editor proprietario do *Porto Livre*,—

Augusto Vespucio Nunes Cascaes, da queixa contra elle dada pelo individuo Antonio Joaquim Ferreira de Carvalho (que foi condemnado nas custas), por cauza da mofina—do magro e pirento *cão Totó*, malvado, ladrão etc. etc, do mesmo jornal n. 119. No n. seguinte publicaremos essa sentença, que por sua justiça e illustração faz honra á magistratura, e a respeito alguma couza diremos.»

—Houve hontem incendio, e as egrejas não deram signal de fogo!

—Porque era sexta feira Santa!

—Bem bello!

De maneira que os empregados que tem obrigação de acudirem e que moram distante haviam de advinhar!

E é uma verdadeira bernardice os sinos poderem dar horas, e não poderem dar signal de incendio, por ser sexta feira Santa.

—Mas primeiro que tudo devemos guardar os preceitos da nossa Santa Religião.

—Por exemplo, consentir que na frente da procissão fosse mais de cem moleques formados em dous grupos a darem vivas e morras aos bairros da Sé e S. Pedro e a atropellarem o povo.

—Isto é lá com a policia.

—Tomara a policia tempo para outras cousas...

LA VAE VERSO.

Meu aspirante pedestre,
Saia co'a tripulação,
Vá tambem co'o muxinguciro
Só ficando a guarnição.

Ja e ja com toda a furia
Proceda ao recrutamento,
Nenhuma caza exceptue,
Nem de freiras a convento.

Nada escape; que os malvados
Trazem raça de judeu.
Onde achar os *tratantorum*
Vá os pondo a geito seu.

Os Bastos, os Espeguilhas,
Os Chaves infanticidas,
Os Barros das Chicotadas,
Mosquitos honoricidas;

Os Mirandas de machado,
Mamede das *borbolêtas*,
José Balsamo encantado.
E outras que taes pezetas;

Deputados que não servem
Sinão p'ra assignar de cruz,
Que devem de amassar pão,
Ou si não fazer cuscús;

Empregados que não cumprem
Com as suas obrigações,
Que maltratam ás pessoas
Que vão ás repartições;

Poetas que p'ra ter forros
Todos os dias os pirões,
Adula, causando nojo
Co'a cabelleira, aos Bulcões;

Meninorios que desejam
Repentino enriquecer
E que n'um falso testamento
Se vão logo intrometter;

Procuradores ladrões,
E Meirinhos insolentes,
Magistrados que se vendem,
Escrivães impertinentes;

Quanto ás artes, os pedreiros,
Toda mais passaralhada;
Tudo trara para bordo,
Como *changó*, d'enfiada.

E então na mesma hora
Da Santa Resurreição,
Ao mar irão os que forem,
Ficando outros no porão.

Amigo seu, d'ora avante,
Rei dos nossos menestreis,
Depois da *empada* e dos *milhos*,
Trazer-lhe venho *pasteis*.

Mas achando a offerta pouca
P'ra tão *potente sultão*,
Em vez de pasteis de nata,
Trago um grande pastelão.

E é maior
Que sua cara,
E' cousa vista,
Porém é rara.

E foi achado

Atraz do Muro;
E' pois das freiras,
Eu lhe asseguro.
J. Gualberto P.

A PEDIDO

Attenção.

Pergunta-se ao Gigante de Pedra si teve animo e coração de mandar deitar na roda a criança que ha dias deitaram na porta de sua habitação do Paço; bem mostra ser filho de quem renegou sua patria, pois nem ao menos a Exma. consorte tomou o seu innocente enteadinho. Pae monstro!

Um que conhece a victima.

Bahia 10 de abril de 1865.

OYAPOK.

Meu charo Barros.—Na duvida de que V. venha no primeiro vapor não quero deixar de dar-lhe noticias minhas e dos nossos irmãos confrades. Não sabe V. o que se tem dado por cá depois do sua sahida.

O *Critico* e o *Alabama* cujos numeros lhe remetto tem-nos esfregado completamente e V. que tão *honesto* e *honradinho* tem side, é o que mais tem soffrido com dó do nosso coração. Fallo-lhe com verdade, antes quizera que sobre mim cahisse tudo para não vel-o *mortificado*.

A leitura dos taes *paschins* o desenganará da obrigação em que se acha, de fazer todos os esforços por nos trazer alguma couza *nova* com que possamos desbaratar o *inimigo* commum, que atravez de todos os nossos esforços vae atravessando incolume de quanta infamia lhe temos feito.

Metti o despachante Mont. no serviço mais activo das *indagações*, mas a fallar a verdade tem sido tão infeliz nas suas *descobertas* que cada vez me faz convencer mais que para certos trabalhos ninguem excede a Vm.

Dos charissimos confrades acho uns dous um pouco fracos, é o *Caro*. L. e Mam.; ignoro a causa, ainda que á boca pequena se diz alguma cousa que justifica o procedimento do primeiro e que se Vm. não vier no primeiro vapor lhe transmittirei.

Realmente que differença depois de de sua sahida! Ainda me lembro d'aquelle expediente por Vm. tomado sò com o exame do livro das appresentações recreativas!.....

Parabens pela chegada dos seus D. *Lulú* e *Elisinha* (a que prestarei meus serviços,) ambos obtidos na occasião dos *seus trabalhos* da fallencia, por isso mesmo tão felizes, desmentindo o dictado de que *dinheiro mal ganho não luz*.....

Saude com todas as venturas, e creia-me seu pelo coração

O Amphibio.

Soneto.

AO FIDALGO POBRE MONIZ BOCCA MOLLE.

Fidalgo, que tudo mal cheira ao nariz,
Porque descende de linhagem nobre,
E que a troco de nojento cobre,
Vende a honra e pureza de juiz!

Creança leviano, que mal diz
De quem a corrupção lhe não encobre;
E que no jogo a parada quer que dobre
Na noite que se acha mais feliz.

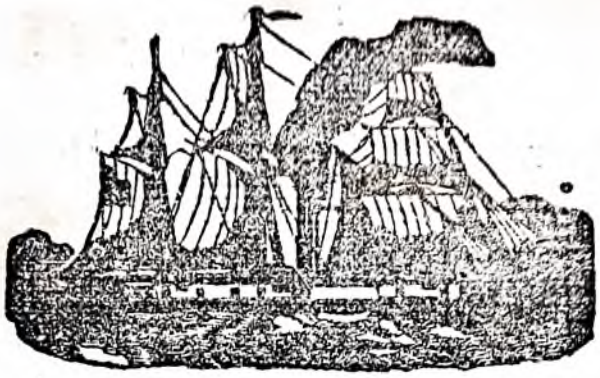
Que um copo sobre outro, affouto vira,
Mettendo em tudo seu boçal bedelho,
Sempre farto de rancôr, d'orgulho e ira;

E' demonio novo, na malicia velho,
Qu'apezar de amarello se fingira,
Renegando seu partido, ser vermelho.

ANNUNCIO.

Queima-se hoje, as 10 horas da noite ao Pelourinho, um grande Judas, representando Aguirre.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 20.ª BAHIA 18 DE ABRIL DE 1865. N.º 199.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de abril de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe urgentemente que lance suas vistas beneficas para um sobrado á Cruz do Paschoal e outro a S. José, que ameaçam desabar, matar a visinhança, e *apanhar* o publico.

(No mesmo sentido ao Sr. subdelegado do primeiro districto de Santo Antonio.)

—Ao Exm. Sr. Des. presidente da provincia, pedindo-lhe providencias sobre a montanha do Pilar que n'um ponto ameaça fazer desapparecer toda a ladeira do mesmo nome, visto que o engenheiro que S. Ex. lá mandou até hoje nada fez, apezar de partecipar-lhe ter ido ver os estragos causados pelas chuvas.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que continuam os moleques a fazer o diabo; que na quarta feira de Trevas atiraram pedrada em todas as cazas do Cruzeiro e Terreiro; que ahi accommetteram uma venda d'um Sr. Bernardino; que na quinta feira d'Endoenças e na sexta feira da Paixão deram muita pedrada nos companheiros e no publico, assim como entoavam vivas aos diversos *bairros*, em que estavam divididos, na frente das procissões; que continuam a quebrar cabeças, como succedeu hontem com um moleque do Sr. M. F. Lins; que attacam os viandantes, como fizeram no largo do Theatro e na Mizericordia com uma moça e no Terreiro com o advogado J. J. Rodrigues d'Almeida Albuquerque. O que bem vê S. S. que é impossivel que fique em uso.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á cocheira do Sr. Ariani em S. Bento e faça tanger á taca uma sucia de escravos do mesmo, assim como um tal João, pernambucano, capadocio e mandingueiro, os quaes vivem a commetter immoralidades e a insultar a quem passa, com grave e reconhecido prejuizo da moral publica. Cumpra.

(Continuação.)

—Muxingueiro, trazo esse patife de poeta á minha presença!

. . . . . .

—Eil-o, capitão.

—Tira-lhe os machos, e corta-lhe a cabelleira.

«—Antes que o sol no ceu cerre uma volta
«Se pode melhorar minha ventura.»

—Bravo! bravo! deu agora em querer passar por author das obras de Camões.

—Senhor.....

—Quando tomarás vergonha?

Porque não pagas o que deves?

—E' defeito que eu não tenho, capitão; sou pelo contrario um homem comedido, economico, e tanto que quasi nunca janto em caza, *serro* os pirões dos Soutos, Bulcões e outros e poupo assim a despeza. E' o que bem pode informar a V. Ex. a minha ama, isto é a minha creada.

—Creada! E qual é a que dura em tua caza? qual é a que não leva de ti um reverendo *totó*? por que não pagas o jornal a quem trabalha? não sabes que é tambem esse um outro peccado que brada ao céu? não vês que dessa maneira és peior que o proprio Lucas da Feira?

Compras o pão e não pagas; assignas gazeta, idem; tens creados, idem; recebes o dinheiro da nação para trabalhar e vadias; és empregado subalterno e não cumpres o que mandam teus superiores. Roubas assim o pobre africano, escravo e infeliz; as familias honestas e laboriosas; os redactores; a classe infeliz dos servos; os orphãos e as viuvas e a nação que os compõe de milhões de pobres contribuintes.

Vê a hediondez de teu crime. Como caloteiro e preguiçoso és peior que um salteador. Lucas e Vampa são nada diante de ti.

Elles saqueiavam os *destimidos*; tu saqueias os infelizes incautos. Elles diziam ao que iam: a bolça ou a vida; tu acaricias para trahires.

--«Não *estou* homem não, mas mudo e quedo
«Qual junto d'um penedo outro penedo.»

—E o biltre a plagiar!

Ora dá-se que cynismo! que procedimento, que impudencia de canzarrão!

Muxingueiro, machos de novo aos pés desta besta; e depois de 999 calabrotadas mande-o ceiar com os peixes.

—Oh! diabo! parece maçon o bicho! só me falla no seu protector S. *João*!

Por S. *Gualberto*! quantos *passos* tenho eu dado com esta peste!

Agora me has de pagar com lingua de palmo e em vez de dizeres:

«Nesta caza dos Bulcões,
O vate de adulações
Serrar-te vem os pirões»

dirás:

Nesta caza dos porões
O vate de adulações
Levará mil pescoções,
E mais mil calabrotadas
Pelo muxingueiro dadas,
Só por minhas velhacadas.

—Ai, ui, ai, ui!

—Que tem, Sr., que lhe succedeu, amigo?

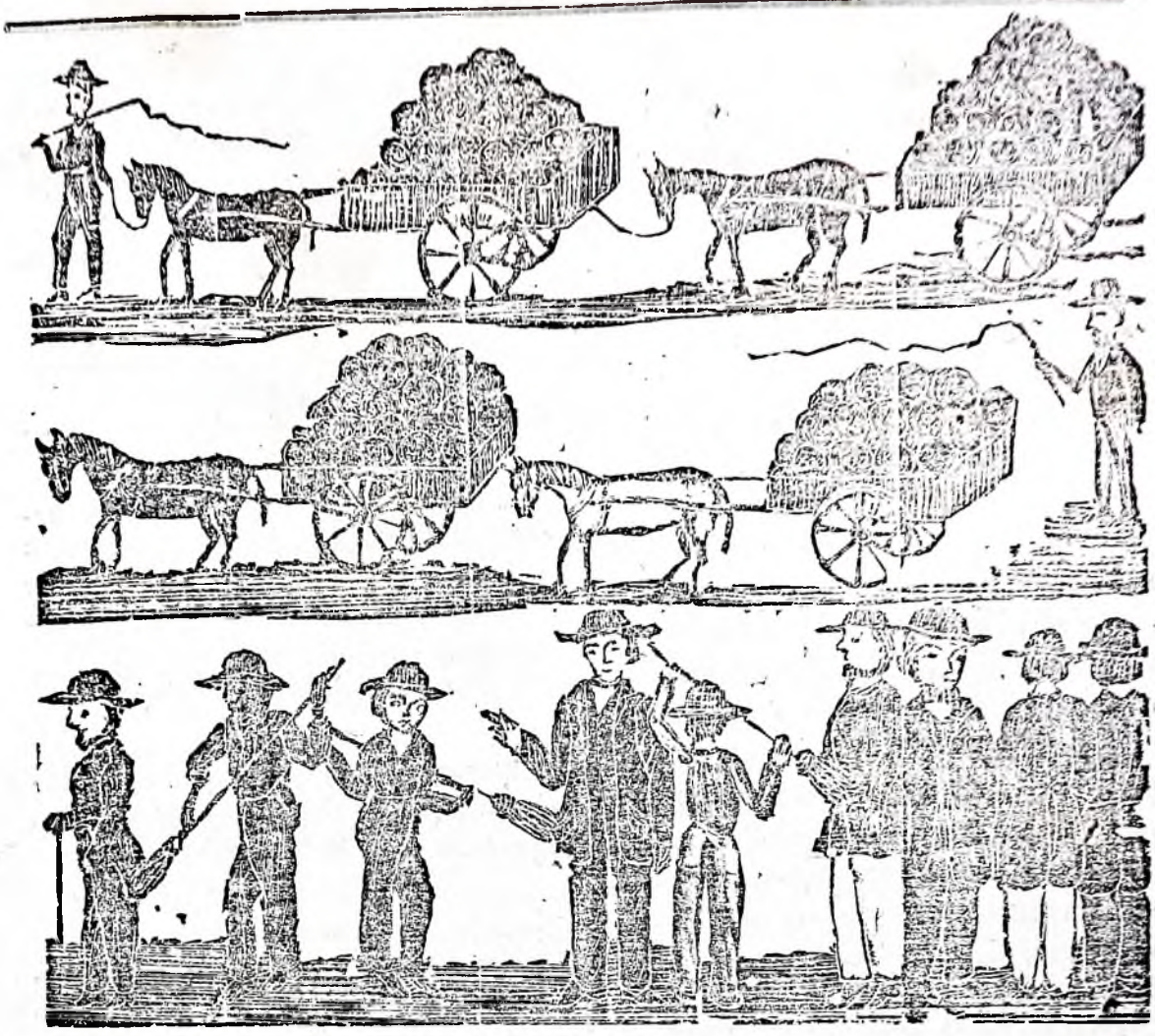
—Uma cobra, Sr., uma cobra...

—Cobra aqui dentro da egreja!

—Sim, Sr., sim Sr.: fui mijar nos carneiros e o bicho atravessou-me pela frente que larguei-me a correr.

Valha-me S. Ignacio de Jesus!

—Quem ha de dizer que dentro do Collegio de Jesus, da cathedral da Bahia, existe uma cobra a que a charidade dos conegos não dá fim?!



Parabens, feliz Bahia,
Das montanhas a princeza!
Teus ares se purificam,
Ja se vae *fazer limpeza....*

—Ora bem! fecham *seus donos* os tanques e ninguem mais pode passar pela estrada do Engenho da Conceição! Só aqui se vê disso, aqui onde se ignora que a salvação publica é a lei suprema!

E a estrada alagada desta forma por bem do proprietario da fabrica de tecidos!

E eu, si quizer passar hei de expor o meu burro a morrer afogado, ou ao menos tomar banhos nas pernas e na barriga!

—E o Sr. ainda se queixa! Dê antes graças a Deus por lhe ter dado um burro; que eu e os meus companheiros estamos todos obrigados a virar peixe, para atravessar esta lagoa!

—Isto é rico!

—Não é *perciso* que se ponha em discussão *tal* requerimentos; é até asneira, porque os *pertendente* são mulatos *conhecido* e não é possivel que se *esteje* a sujar a nossa *orde treceira* com tanto bóde.

—Mas o regulamento não faz distincções; diz que todo o catholico apostolico romano pode ser irmão da veneravel Ordem 3.ª do Carmo.

—*Havera de sê bão*, havera de sê bão! um negro mettido no meio dos brancos, *prómade* asneiras!

—Ora deixe de ser tollo! Do contrario dou-lhe já noticia de sua querida avó e sua bem conhecida tilia; tome geito!

—Capitão, quem me ensinou estas cousas foi o *Queiroz....*

—Minha gente venha vêr
Patriota *bocca molle*,
Moniz Sodré d'Aragão
E' da *feira* o pucha folle!

Ouviu, capitão?

—O que?

—Sabe quem é nas *feiras* o maior liberal ligueiro, patriota progressista o vermelho conservador?

E' o bacharel Moniz bocca molle.

—Porque?

—Eu lhe conto, capitão.

No dia em que chegou nas *feiras* a noticia da capitulação de Montevidéu. o liberal patriota *não teve* si quer uma vella de cebo para deitar na janella, como autoridade; depois expediu ordem ao commandante do destacamento para que todo *voluntario da patria*, que pedisse uma guia para o batalhão dos *pintos*, na Cacheira, fosse levado á sua presença, afim de ser recrutado; visto que, diz elle, estava *um pinto* formando batalhão á sua custa! ...

Quando é publico e notorio que esse Muniz, por ser realmente banana, tolerão e bocca molle e por se achar bastante desmoralisado na *feira*, veio aqui loucamente illudir ao governo, promettendo alli organisar uma companhia de voluntarios, e tal foi a sua *energia e influencia*, que tudo gorou como ovo podre.

—Mas Vm. ignora que o homem tem pancada na bola por viver comendo todo o dia em pratos de um advogado *limpo*?

—Sim, não lembrava-me disso, capitão, porque na minha terra se não usa, e só vi a introdução de gulodice ahi depois que o Muniz chegou.

—Ah! sim. E' por isso que elle está tão amarello.....

VARIEDADES.

N'um gabinete.

—Tenho occupado cargos muito importantes na cidade desde subdelegado, vereador etc, etc, até este que exerço e declaro-lhes, meus Srs. que sahi como entrei; (agarrando na gola da casaca e sacudindo-a) posso afoutamente sacodir minha casaca.

—E a burra, doutor, sacode a com a mesmo facilidade?

(*Extr.*)

A PEDIDO

Attenção.

Pergunta-se ao Exm. Revm. Sr. arcebispo da Bahia si recebeu do governo imperial o *placet* para fazer publicar a *encyclica*, que mandou ler, no domingo de Paschoa, na Cathedral.

Um catholico brazileiro.

Pergunta-se ao caixeiro da pastelaria da rua da Valla si ha distincção na *sua caza* para se tomar café.

Um que viu.

—Capitão! Amigo como sou do *progresso* venho annunciar-lhe um passo agigantado na carreira da *civilisação* d'esta infeliz terra.

—Diga-me que estou ancioso de sabel-o, pois tambem sou progressista.

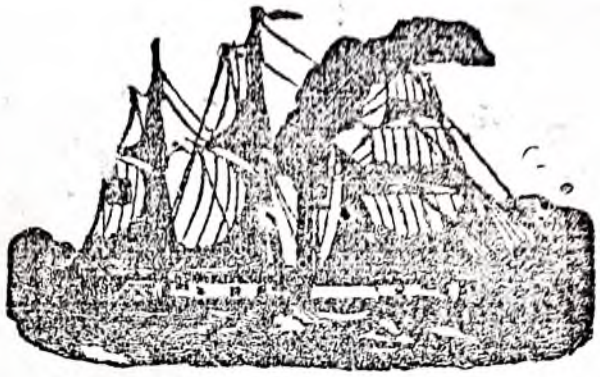
—Na quinta feira santa, quando a Egreja condoida e triste commemorava a sagrada Paixão do Redemptor, nas Portas do Carmo em certa casa, tocava-se em *brilhantes variações* de piano a polka *Faceira* do flautista *Richert*.

—De veras camarada? V. ouviu ou lhe disseram?

—Ouvi, capitão, e de indignado por semelhante escandalo em um paiz catholico apostolico romano, gritei—fóra o judeu,—e confesso que si não fossem o respeito e veneração ao dia, acompanharia a tal polka a compasso *appressatto* de pedradas.

—Foi o mal que fez, e para remedial-o, vou ordenar ao aspirante que envie o nome de seus moradores para o Indice Purgatorio depois de terem aqui o competente castigo, por esse acto de impiedade e irreligião.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 20.ª BAHIA 20 DE ABRIL DE 1865. N.º 200.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de abril de 1865.

Officio á camara municipal, participando-lhe que na rua dos Coqueiros ha um *furioso* buraco cuja tapagem se reclama ha mais de um anno, assim como outro á Calçada do Bomfim, defronte do beco de D. Francisca, o qual acha-se coberto com uma tampa de barrica de bacalhau. Vê bem a Illm. que taes buracos não são nada commodos á viação publica e que se faz por tanto mister dar providencias.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que anda por esta cidade uma mulher conhecida pelo appellido de *Beata*, que é victima dos innumeros moleques que a apupam, rasgam-lhe a roupa e dão lhe bordoadas e a quem ella em troca remunera com uma infinidade de palavras immoraes e obscenas; o que não viria a ser nada se não offendesse o decoro das familias, que em taes occasiões chegam á janella, em consequencia da curiosidade que despertam os gritos da mesma.

—Capitão, quer ver uma amostra do panno?

—A que se refere?

—Ao tractamento que tiveram no vapor de guerra *S. Francisco* os voluntarios da Patria.

—Intrigas, Sr., intrigas.

—A principio tambem suppuz isso; muitas cartas recebi para o *Alabama* e a nenhuma dei importancia; mas agora é uma carta toda particular e intima, de irmão para irmão, que refere o mesmo que as outras referiam e que eu julguei exagerado.

—Ora desembuche.

—Pois lá vae obra:

«Almoçou-se ás 11 horas do dia immediato ao do embarque; quando chegamos á meza fazia horror pela grande gana que havia; de momento tudo sumiu-se e parte não comeu.

Principiou o negocio. Laranjas para enjoo de 160 a 500 rs.; queijos a 8$000 rs.; bolacha e raspaduras a

160 rs ; cada uma banana a 40 rs.; vinho zurrapa a 1$000 rs. a garrafa.

Houve muita falta de ordem; tanto assim que houve seus furtos; a comida era agreste, a agua suja.

.....

Houve tambem questão entre os officiaes de marinha e os dos voluntarios por causa d'agua que vendeu-se a 160 rs., o caneco. »

—Sr., por amor do governo geral que permitte taes escandalos nos navios de guerra; por amor de nossa dignidade, por quem é, cale-se, cale-se!

—Capitão, que egrejinha é aquella naquelle deserto?

—E' uma *mesquita*.

—Pois uma mesquita caiada com um *barro* nojento! O caminho por que se vae para ella?

—Por aquella *ponte* podre, *ponte* que por ella só passam ladrões e assassinos.

—E que homens são aquelles na porta da mesquita?

—São ladrões: um *mal méde* a altura da porta, a ver si a pode arrombar e não podendo chama o outro a ver si o consegue por meio da *chave* falsa, ou do temivel *machado*.

—Mas que suppoem elles alli ter?

—Suppoem alli estar guardado o thesouro de um velho commendador, antigo negociante, pai de familia modelo, e cidadão prestante ao paiz onde vive.

—E esses vampiros não eram protegidos do velho commendador?

—Sim, foram; tanto que do nada passaram á lama cheia de *mosquitos*, de lama passaram a podre *barro*, e de barro passaram a *coiza* na sociedade; porém vendo o commendador que taes harpias se tornaram desmesurados ladrões e assassinos da honra, e que taes amisades o desacreditavam deu-lhes um ponta pé e os mandou a. . . .

Agora os ladrões de todo perdidos, prestes a partirem para Fernando de Noronha á vista dos seus execrandos crimes, procuram cravar o punhal no commendador ferindo-o dentro d'alma.

—Mas como?

—Em sua familia—o commendador tem 2 filhos: um, alem de bemquisto e muito estimado em todo commercio por suas maneiras affaveis e delicadas (até para seus proprios caixeiros) tem de mais a instrucção, sendo bem versado nas linguas franceza ingleza e alleman, fallando todas admiravelmente: o segundo, alem de possuir os predicados do primeiro, tem mais um titulo conferido por uma das academias da Europa primando sempre em todas as suas aulas, e merecendo de todos os seus lentes a mais alta estima e consideração.

—Pelo que me dizem dos conhecimentos desse moço deveria estudar medicina para ser mais util a humanidade.

—Sim, é verdade; foi estudar engenharia, sciencia de calculos afim de com sua bussola guiar e livrar seu pae dos ardis dessa cafila de ladrões, que querem ter fortunas pelo latrocinio e moeda falsa.

—Muxingueiro, mette esses ladrões no porão com machos aos pés afim de serem conduzidos para Fernando de Noronha!

—Os Srs. Grimault & C. foram multados por falsificarem remedios; é cousa sabida.

E si não, leiam o *Jornal da Bahia* de 19 de abril.

—Mas que tenho eu com isso?

—Nada; mas admiro-me que esteja o proprio *Jornal* a publicar annuncios dos remedios falsificados.

—Mas que quer que faça?

—Que officie ao Sr. Dr. inspector de saude para providenciar.

—Bem servido que havia ficar V.!

Acho bom, si quer prevenir males, que saia antes pelas ruas a gritar ao povo que os remedios de Grimault são falsos, que são condemnados, que ninguem os compre. O resultado é o mesmo.

—E a lembrança de V. Ex. sublime.

—Que tres desesperados sujeitos são aquelles?

—São tres francezes bebados que andam pelas ruas á cavallo, pisando e derribando as pessoas que vão encontrando.

—Entraram de cavallo em uma loja de massas á rua Direita de Palacio e alli berraram e gritaram como si estivessem no pasto, e não appareceu ao menos uma patrulha que os fizesse calar, ou os levasse a irem descançar a cabeça dos pesados vapores de Bacho n'algum *logar proprio*.

—Não se admire disso; admire-se delles passarem quatro ou cinco vezes pela secretaria de policia a perturbarem o socego, e não haver quem se movesse.

—Em fim como é domingo de Paschoa.....

—Capitão, ouvi agora uma miseria, digna somente do miseravel que a pronunciou.

—Ouçamol-a.

—Um frade devasso e assassino, um ladrão infame, um foragido das galés teve o desaforo de dizer que o *Alabama* não dava nem tirava, tanto que tinha dito que elle andava de punhal e nenhum mal lhe fez.

Sem lembrar-se o patife de que nem todos tem, como elle, a cara calçada para não corarem diante de accusações de que se não justificam.

—Deixal-o!

—Mas eu quero que fique certa a pessoa que se queixava, de que, além do artigo não ser de redacção, a ella se não refere.

Peço porém á V. Ex. que não diga: —deixal-o.

O patife do frade deve soffrer castigo.

—Como a besta tem a boca muito grande, aproveite-a para cloaca do navio.

—S. *Thomaz* é que lhe ha de pagar, capitão.

A PEDIDO

Attenção.

Proseguindo os Srs. socios commanditarios da firma *ostensiva* sub a rasão de J. B. e Barros chicotada na deducção do melhor direito seu, em contestação aos provarás para embargos de 3.° e replicando ao deduzido pelos authores a f. do *Alab*,—

P. Que o socio Mosquito, e melhor conhecido pelo *salteador necessario*, *não* é o maior rapina conhecido e por conhecer de quantos rapinas tem apparecido no mundo commercial.

P. Que por assim realmente *não* o ser, *não* está o mais habilitado que é possivel para tomar a si as emprezas presentes e futuras d'esta provincia, particularmente com sociedade dos *prestimosos honradas e sisudos confrades*.

P. Que sendo admittidos, na gerencia das referidas emprezas o *salteador indispensavel*, e para ajudante o escrevente Bastos dos Ferreiras, fugido d'Inglaterra por ladrão, e para thesoureiro o *B. Chicotada*, não correrá tudo com

a maior dignidade e interesse para o paiz, de que são os mais dedicados afeiçoados.

P. Que sem grandes sacrificios pecuniarios para os socios *não* serão capazes de promptificar *metal* para o pagamento dos operarios, e multas em que incorrerem, por tanto *não* estão no caso de fazer tudo baratinho.

P. Que se for necessario quando lhes falhem os recursos, *não emittiram portanto valles*, *titulos* &. &. com curso conhecido e *forçado* na Estancia e Rio Grande, para onde o *Mosquito não* tem enviado remessas para fazer sua reserva e onde se *não* vão accumulando as ladroeiras das administrações das massas.

P. (Já que fallam em massas de Botas ouçam a verdade) que nos autos da fallencia de Andrade Bastos *não* está o corpo de delicto mais claro d'uma escamotagem tentada pelos Srs. Pont &. Comp. n'arrematação d'uma caza em que figurou o socio salteador indispensavel, ladroeira obstada pelo administrador da mesma massa, e desde quando existe a inimisade daquelles Srs. com este administrador.

P. Que os livros em logar de serem sumidos pelo administrador *não* o foram alias pelo referido Mosquito com alguem do seu peito pelo despeito de não ter mais aquella chuchadeira ainda que menos gorda que a do Vilarim, e tanto assim *não* é, que lá *não* está no escrivão Pedreira o processo intentado contra o depositario, o qual *não* foi absolvido pelos empenhos, tricas e mexericos calumniosos do referido Sr. representante da caza de Pont. & Comp. (vid. o processo da fallencia e conhecereis o talento calumniativo daquelle Rodin)

P. Que ainda que absolvido o depositario da massa fallida, e sem outros recursos por onde se conhecesse dos devedores, que aliás foram convidados por jornaes para pagarem, *não* requereu isso mesmo ao juiz da fallencia, mandando tudo o facto, e *não* se desmintindo da administração, provando por tanto desapego ás pechinhas que o tal *Mosquito* tanto aprecia e sabe aproveitar.

P. Ainda por hoje que o salteador indispensavel alem do conhecido honroroso roubo aos credores da massa Vilarim, de que se *ageitou* ja com recibo por saldo, *não* tem a liquidar mais cousa alguma por conta d'ella, nem mesmo alguma *balêa* apanhada no ancouradouro do Rio de Janeiro.

P. Ainda que alguem dos commanditarios confrades *não* se acha mettido no risco de soffrer um processo crime por causa d'aquelles celebres *crioulos* vindos lá dos Ilhotos.

P. Finalmente que declinando de negocios pessoaes para os estranhos e *intimos não* tem em vista provocar represalias, e quando estas se derem *não* gritarão aqui d'el-rei.....

E nestes termos tem direito a ser aceito o presente libello, depois de ir ao conhecimento do intelligentissimo Dr. Cav....., illustre advogado dos R. R.

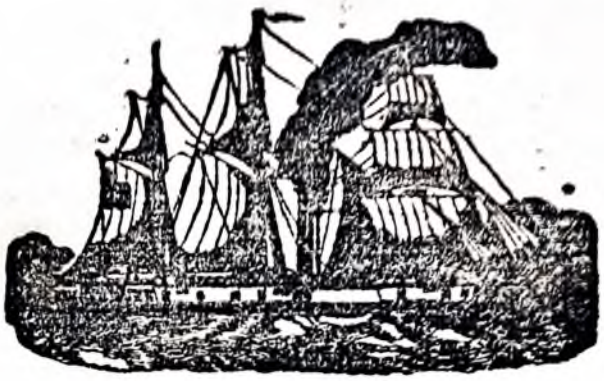
Mon.....ro P. B.

ANNUNCIOS.

Na noite de 18 do corrente ás 8 horas da noite perdeu-se do Terreiro ao Theatro uma pulceira trançada de fios de coral, com cravação de garra, tendo em cima um coral de pitanga. Quem a achar e levar na typographia de França Guerra ao Aljube, será gratificado. Bahia 19 de Abril de 1865.

Nesta typographia se dirá onde está uma cadellinha que parece ter fugido; quem for o dono, dando os signaes, será ella entregue.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 20.ª BAHIA 22 DE ABRIL DE 1865. N.º 201.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de abril de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Des. presidente da provincia, pedindo-lhe que mande o Sr. Dr. inspector da saude publica visitar a Calçada do Bomfim, afim de ver si é possivel obstar os terriveis males que se hão de seguir á secca dos innumeros pantanos que ha por alli.

—Ao mesmo, pedindo-lhe urgencia sobre o demolimento do sobrado á Munganga, o qual até hoje se acha ameaçando o publico, apezar das providencias dadas por S. Ex.

—Ao mesmo, agradecendo-lhe as providencias que hontem á tarde deu S. Ex. sobre o *corrimento* da montanha, que cahiu em grande porção, nos fundos da fortaleza de Santo Antonio, sobre as casas dos Coqueiros, e nos fundos da Cruz do Paschoal, sobre as cazas do Caes Dourado.

—Então o domingo de entrudo, meu reverendo vigario, não é dia santificado?

—E' sim, Sr.

—E como deixou de dizer missa na sua freguezia?

—Capitão, fui ganhar dinheiro, fui pregar meus sermõesinhos em Nazareth.

—Então o vigario é ganhador? Onde houver dinheiro elle deve estar presente, ainda que seus parochiados morram sem os sacramentos?

—Mas tal se não deu, capitão.

—E a Clarinha? e a Maria Rosa? quem as sacramentou? quem as incommendou?

—Ignoro que taes firmas morressem.

—Mas não ignorou V. o fallecimento de Felix Monteiro, tanto que sem incommendal-o, recebeu os cobres.

Nem o da sua filha, que apezar de grandes instancias, *foi-se* sem confissão.....

—Capitão, taes defeitos são de todos os vigarios.

—Bom; e a tratada entre V. e o the-

soureiro, dando-lhe elle recibos das despezas que V. tem feito com os rendimentos da irmandade?

E os 300$ rs., resto da escrava que V. comprou em *Santos* ao *Manuel Martins* e até hoje não paga?

E sua briga com o *Joaquim* o o *Caetano*?

Tambem é defeito de todos os vigarios?

Ora tome geito; pague o calote da farinha e deixe de dar escandalos.

—Oh! capitão, é cousa que eu não faço.

—Ah! ah! ah! ah!

Então, além do mais, sahir V. em companhia de sua *comadre* e de seus filhos a visitar os freguezes, não é escandalo?!

Valha-te N. S. da *Pirajuhia*, cabeça ouca!

—Rapazeada, attenção!

Leiam, ouçam por favor a poesia do Dr. José Ferrari, publicada no *Progresso* de 13 de abril.

—Ora diga-se!

«Lestes, a nos armar belligeros
Fomos, e promptos ja estamos;
Filhos de Par'assú não timidos,
Nem nunca surdos a reclamos
Da Patria e municipaes.

. . . . . .

«Oh quanto são tambem estolidos!
Affrontas, pressurosos, vamos
Desaggravar; punir fedifragos;
Dar optima lição, juramos
Ao traiçoeiro Paraguay.

«Pisar queremos n'elle unanimes
O tyrannete, e seus escravos,
Que ignoram o brioso e candido
Obrar de livres peitos bravos;
Nem sabem mesmo o que é pudor.

. . . . . .

«Será sacro estandarte; um idolo
Nosso nos campos de Mavorte;
Onde hade gloria pôr-nos avidos,
E de onde, com propicia sorte,
Volvendo, havemos de o trazer.

«Mas antes, glorioso, explendido
Vel-o-ha verde aureo fluctuante
Em Humaytá, o mundo attonito
(Dos paraguayos circumstante)
E sobre as torres da Assumpção.

. . . . . .

«Não seremos porèm indomitos,
Como Cincinato nosso a frente,
Que ha bem de nos reger magnanimo
E no guerrear jamais desmente
De nossa terra o pundonor.

. . . . . .

«Adeus, diga-se aqui por ultimo;
Adeus amigos e patricios;
Adeus terra gentil, benefica
E heroica desde seus inicios;
Adeus irmãos do coração.»

—Sr , diga ao doutor que em vez de querer curar voluntarios, se dirija ao hospicio de Pedro II.

—Capitão, vou lhe contar um caso pelo qual V. Ex. pode avaliar dos vermelhos.

—Póde retirár-se, meu amigo, que aqui não quero partidos.

—Capitão, é questão de justiça; V. Ex. depois de ouvir-me, dará a Deus o que é de Deus e a Cezar o que for de Cezar.

José Julião dos Santos, em Itapagipe, faz parte do partido progressista e tem alguma influencia.

Quer saber o que fizeram os *homens*?

Como está proxima a eleição, deram denuncia á policia de que em caza delle se achavam as joias furtadas por Xavier Pinheiro e Sampaio. E sua caza foi cercada e vasculhada no dia 7 do corrente pelo Dr. delegado e por um capitão de policia que, apezar da presença do primeiro, portou-se mal, fazendo a diligencia de espada desem-

bainhada, mettendo medo aos netos do dono da caza, que choravam!

E nada se encontrou!

Voltou portanto o apparato dos guardas de infantaria e cavallaria, alli levados pela credulidade da policia que serviu assim á mesquinhas vinganças, dos sordidos planos de....

—Talvez não seja intriga de partidos; talvez houvesse suspeita.

—Jesus, Sr.! tal não diga!

E depois, já pelas eleições passadas se deu o mesmo: a policia teve denuncia de que em caza de Julião se achava occulto um escravo do Dr. Goes e tal não houve.

—Não sei, não sei; lastimo taes factos, mas si são verdadeiros, á população é quem cabe julgar; as eleições decidam o pleito.

—Apanhei, sim d'um cadête
Chicote lá no Recife.....
Por uma moça formosa
Que chamou-me de patife.

Capitão, ouviu esta quadrinha?

—E' verdade, mas tem pouco sal.

—Porque?

—Veja que sendo muitas as pimentas é preciso mais sal para attenuar o ardor.

—Está bem. Vou lhe contar quem é o patife namorador, que esteve estudando, e formou-se em direito, na faculdade de Olinda, e que sendo captivo por nascimento, poude conseguir facilmente das justiças do sertão attestados para alli se assentar; já esteve por miseria de Latronopolis, como promotor publico interino, na presidencia de certo pernambucano; abriu escriptorio de advocacia na cidade das baixas e tal foi o credito que ahi ganhou em um mez com a causa das *cunhas* e outras que fechou-o e foi para as *feiras* arranhar as botas do Maniz *Bocca Molle*.

—Vm. já acabou?

—Não, capitão, tenho mais alguma couza.

O tal bacharel *Limpinho* a que eu me refiro, largou-se daqui da capital, ficando devendo ao Cunha da ladeira da Misericordia o aluguel da mobilia emprestada; extorquiu do Borges boticario, da Praça, 50$ rs. por uma petição que offereceu-se a fazer gratis, e por fim está alli nas *feiras* com um officio rendoso: vive comprando causas por se achar em um conluio de ladrões, pois toda a que elle compra é vencedora; visto achar-se nessa industria elle advogado, um escrivão ratoneiro antigo, e um juiz pobre e venal, dividindo-se a *mamata* pela posição de cada um; e os infelizes tabaréus que se civilisem sinão querem ser logrados.

—Esta é boa! Christo morreu entre dous unicos ladrões, mas ahi, a parte contendora lucta com dous e mais um.

—Ora dá-se!

VARIEDADES.

O imperador da China.

Entre todos os monarchas do mundo è o imperador da China o mais regalão e desfructador que ha. Este potentado nunca sae á rua, mas passa luxuriosamente dentro do seu palacio que è de um tamanho indizivel; contém trinta e dous salões de recreio, sete bibliothecas, nove sallas de jantar, oitenta gabinetes, doze jardins, seis grandes hortas, quatro musêus, cinco toucadores, e tres riquissimos lavatorios de pedra jaspe; no meio d'este immenso edificio existe um extenso pateo, com vinte e cinco leguas quadradas por onde o monarcha passeia, ou no seu palanquim puxado por gangos, ou a pé calçado com umas tamancas de madre-perola.

Quando sua magestade chineza passeia, vai adiante um rancho de pelotiqueiros dando piuotes altissimos, e fazendo gara-

tujes no ar. Sua magestade almoça de manhan dois pasteis de rozas, e bebe em cima uma chicara de chá Xoripim, que é a melhor qualidade que ha; às quatro horas da tarde janta uma fritura de jasmins aromatizada com oleo de canella, depois para fazer o chylo deita-se no coxim de tella, e manda vir doze meninas de quatorze annos as mais formosas, e em quanto dormita, ellas vão lhe dando cafunés na cabeça e piparotes na ponta do nariz. A's oito horas da noite sua magestade accorda ao som de uma buzina de cascaveis de prata, então atira-se para alcova de xarão, toma um banho quente de almiscar, veste o xambre de touquim e ceia um podim aromatic ; todos os criados, e serventes do palacio andam vestidos de calções e meias vermelhas, e carapuça mesclada; o imperador veste-se de seda amarella; as mulheres já edosas que vão sendo regeit das pelo monarcha são empregadas nos galinheiros afim de que façam a colheita dos ovos.

Quando accontece ser dia de annos de pessoa real, ou de algum amigo do imperador, então se apresenta um jantar em palacio digno de admiração.

A meza contém dois mil talheres, é de obrigação n'esse banquete apresentar-se o numero de quinhentas qualidades de fructas; logo que se finda a primeira meza, por um machinismo imperceptivel todos os pratos desaparecem e surge do soalho repentinamente a sobremeza: quando o imperador bebe a primeira saude, todos os convidados feicham os olhos, e botam a lingua de fora, quasi no fim do banquete abre-se no tecto da salla de jantar uma claraboia, onde apparecem dois habeis dançarinos de corda executando lindas contradanças. O mordomo-mor do palacio faz além de seu ordenado, que é de quarenta pezos diarios, dois contos de reis mensaes dos sobejos que vende do jantar.

Alem das commodidades ja referidas, ha dentro do palacio uma grande botica, uma escola de medicina, e uma casa muito aceiada onde vive uma velha porteira absoluta que goza a honra de cortar os umbigos dos principes que nascem.

Quando ha vaga no reinado o monarcha que tem de subir ao throno deve ser por lei casado, e para assim se effectuarem as nupcias com um esplendor e grandeza inexplicavel prepara-se uma grande boceta de oiro com o diametro de duas varas, e altura de um covado e meio; esta boceta é forrada de setim branco bordado de oiro, e depois bem perfumada com excellentes aromas lançam-se dentro flores as mais delicadas em quantidade; a parenta mais chegada do futuro noivo unta-lhe nos beiços o oleo de amendoas doces, e depois entregando-lhe a noiva são ambos carregados em Maria-madeira, e botados dentro da boceta, onde ficam feichados e lacrados por vinte e quatro horas; findo este espaço, os noivos de dentro assoviam, formam todas as tropas em grande parada, ao estrondo de uma grande girandola de foguetes sahem os casados, sentam-se no meio do salão de purpura sobre dois coxins de fio de ouro e n'esta occasião todos os fidalgos, officiaes superiores, e gente graduada vão beijar o calcanhar da imperatriz.

(*Extr.*)

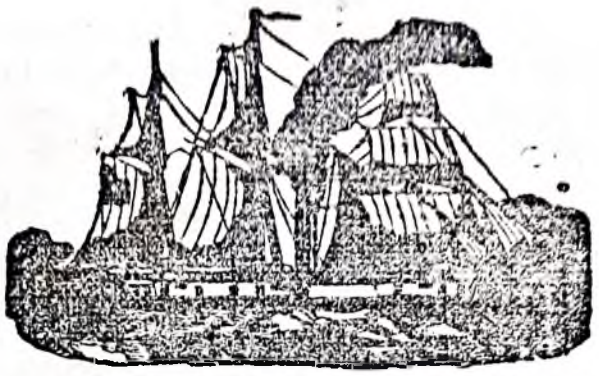
A PEDIDO

Pergunta-se respeitosamente ao Exm. Sr. inspector d'alfandega si A. A. Ribeiro está competentemente habilitado despachante desta repartição; visto que sendo continuo da bibliotheca publica vive diariamente, durante o expediente na ponte do extincto consulado, intitulando-se como tal, e cercando as pessoas que alli vão para lhe darem despachos a fazer.

Espera-se de S. Ex. providencias.

Pergunta-se ao Sr. administrador da bibliotheca publica, si o continuo d'esse estabelecimento A. A. Ribeiro continua no seu emprego, ou se deixou-o para ser despachante, visto que como tal se intitula e gasta o tempo das 9 horas do dia ás 3 da tarde na ponte do extincto consulado pedindo despachos para agenciar, dando-os a outrem para os escrever (por não o saber.)

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 20.ª BAHIA 25 DE ABRIL DE 1865. N.º 202,

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de abril de 1865.

Officio á camara municipal, perguntando-lhe que consideração deu a um officio de Exm. Sr. presidente da provincia que tratava do concerto das fontes publicas, especialmente das do Queimado e Gama; convindo que as mande apromptar quanto antes, visto que até S. Ex. offereceu dinheiro, no caso de não tel-o o cofre municipal.

—Ao Sr. subdelegado do primeiro districto de Santo Antonio, pedindo-lhe que indague do inspector de quarteirão a que pertence a rua dos Adobes, qual foi o individuo que hontem, 23 do corrente, em completa embriaguez, espancara com um cassete uma criança inoffensiva que se achava na taverna fronteira á caza do finado Beira-mar.

O facto foi informado por pessoa fidedigna que passava na occasião, e a quem disseram que o author é um official de justiça, costumado a taes brinquedos, e que embriaga se de continuo.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á ladeira do Carmo, loja do sobrado n.º 49 e por meio da taca do muxingueiro faça acabar com as gritarias, immoralidades e pancadas que alli ha, provenientes d'um ajuntamento de negras e negros que alli faz a *dona da casa*, que não respeita sua *velha senhora* que a libertou *sub conditionibus*. Cumpra.

—A assembléa parece mesmo uma *chalaça!*

Depois de muitos dias sem sessão, reuniu-se para o Sr. Dr. Domingos Seixas apresentar um requerimento... raiva de condemnado contra o juiz.

Agora foram os Srs. deputados para Santo Amaro ver voluntarios, e como tem de fallar o Sr. Silva e Almeida contra o escandalo, só comparecem os membros da meza e o Sr. Silva e Almeida!

E' ou não assembléa de *chalaças*?

—Fique V. certo: amanhan elles se

hão de reunir com toda a pressa para tractar d'um importante melhoramento. Quereis saber qual é? E' a desmembração d'um engenho d'uma para outra freguezia. Vide o *Diario* de 23 do corrente.

—Homem, sabe d'um caso?

Os guardas de policia não podem deixar seus rendimentos a suas familias.

—Isto é cousa velha.

—Seja embora, mas é um escandalo. Além de deixarem suas familias, suas charas affeições, o lar em que viviam, o torrão em que nasceram—nem o consolo de poderem satisfazer ás necessidades dos seus!....

—Cousa peior ainda, meu amigo: o o pensar que suas familias recebem o dinheiro que elles deixaram, em quanto vivem ellas na miseria!

—E' verdade! Porque se lhes affiançou que elles podiam deixar o dinheiro, e agora *não ha ordem do ministro*.....

—Grande Deus!

Chama-se a isso animar voluntarios, á moda progressista....

—Uma historia a proposito, capitão.

—Diga-se.

—E' da *Semana Illustrada*.

Veiu para o museu nacional uma giboia; tem cerca de 15 metros de comprimento e 52 centimetros de grossura junto ao collo.

Cuida o leitor que esse animalzinho foi creado n'algum matto virgem? Não, Sr.; foi creado no meio cidade de Campos, na praça principal onde o matto é tão espesso que chegou a criar uma serpente desse calibre, sem que ninguem désse por ella, nem mesmo os fiscaes.

—Bagatella! Aqui dentro da cathedral tambem as ha, sem haver matto, e com quanto se dê por ellas, ninguem dá cavaco com ellas!

—Ouça o resto.

Uma folha de Campos, dando noticia do facto, diz que a cobra *é boa constrictor*, especie commum nas florestas virgens do Amazonas e da Nova Zelandia.

Deve accrescentar-se — e na praça principal de Campos.

—E no interior da cathedral da Bahia!

Tem pois muita rasão os conegos de não mandarem matar a cobra que existe nos carneiros.

Mais tarde, será uma acquisição para o nosso museu que com ella nada gastará.

Além de ser uma economia, é tambem uma amostra de progresso.

—O Dr. Luiz Alvares pronunciou um excellente discurso sobre a mensagem d'assemblea ao presidente.

Foi publicado no *Diario* de hontem (23) e recommenda-se-o ao publico.

—Sim, Sr.; pode recommendal-o como bem quizer; mas veja que eu não quero partidos a bordo.

—Capitão, justiça e só justiça; é uma brilhante defeza ao partido liberal; tributo merecido a seu chefe, o primeiro dos homens do Brazil, á sua honra, probidade e caracter.

—Bom, bom; mas não quero partidos aqui!

—Capitão, V. Ex. não quer partidos, mas quer justiça e justiça quer dizer: o *seu a seu dono*; e o *seu a seu dono* obriga a mim como a V. Ex. a declarar ao publico que o discurso do Dr. Luiz é a reproducção da verdade historica.

—Bem, seja; mas podem os conservadores subir, e tenho muito medo dessa gente, quando está de cima.

—Pois eu ca sou o contrario: apezar do exemplo de Caneca, May e outros, hei de dizer sempre que o Dr. Luiz fallou verdade quando estygmatisou a presidencia do Martins, que *alguem* quiz pôr em parallello com a do honrado desembargador Sr. Luiz Antonio.

LA VAE VERSO.

O beijo.

O beijo é um fructo
De gosto subido;
Mas deve colhido
Na arvore ser.
Mandado não presta,
Nem mesmo tem gosto....
Furtado n'um rosto
Que gosto o colher!

Si a arvore é nova,
Viçosa, mui bella,
Dá fructos toda ella
Dos olhos ao pé.
Encostam-se os labios,
Que doce prazer!....
Dá gosto morder
Nas cascas até.

Si as flores são bellas,
Si os pomos são lindos,
Que gozos infindos
Os beijos não tem!
O corpo gozando
A alma vazia....
Melhor ambrozia
Do ceu não nos vem.

Mal colhe-se um fructo,
Ha outro a colher
Jamais se ha de ver
Dos fructos o fim!
O corpo se cança,
O spirito anceia,
E a arv're inda é cheia
De fructos assim!

Quem dera que sempre
N'uma arvore novinha,
Viçosa e lindinha
Pudesse os colher!....
Sorvera-lhe o nectar,
Morrera sorvendo,
De gosto morrendo,
Que gosto o morrer!

(*Extr.*)

A PEDIDO

Pergunta-se ao Sr. presidente da imperial sociedade Monte Pio dos Artistas a rasão porque até hoje não despachou o requerimento que pelo procurador do socio Antonio José da Porciuncula lhe foi apresentado ha cerca de dous mezes, sendo o dito requerimento negocio de urgencia; e si não pretende dar cumprimento ao art. 45 dos estatutos da mesma sociedade.

Um interessado.

A quem puder providenciar.

Pede-se que lance suas vistas para uma caza, ao Caminho Novo, a qual, cheia de meretrizes, se enche tambem de capadocios que fazem um horrivel barulho e uma atroz gritaria em que sobresahem inauditas palavradas.

As principaes são Totonia Lasca-fogo e a Sinhá Maravilhosa, ou Mariquinhas do Ouro; os adjuntos marinheiros e gente de toda classe, de quem se receia algum conflicto, consequencia d'um samba que sempre ha.

Na noite de domingo da Paschoa reuniram-se alguns descontentes e deram pedradas a valer; compareceu o inspector; mas foi obrigado a fugir, que não estava resolvido a imitar S. Estevam

A patrulha é ecusa nunca vista, apezar do ser ella mandada para alli.

Tão lastimavel estado não é possivel que continúe.

Um que tem medo.

Rio 20 de abril de 1865.

Meu charo amigo Sr. Mosquito.—Maravilhou me muito a leitura de sua cartinha e muito me atterraram os impressos que me remetteu; afianço-lhe que depois de ler e reler estes, cahi no maior abatimento!

Não pensei que do homem que julgavamos acovardado pela força das nossas invectivas e calumnias surdisse um tiróteio daquella força; bem mostra que é produzido pelo armamento a *Minié*!

E ainda elle não tocou em muitas cousas, verbi gratia por minha parte n'uns dous escravos que trago a serviço da esquadrilha, e cujas soldadas ainda não paguei desde annos; e por sua parte n'aquella *industria* de tirar dos commitentes o desconto do prompto pagamento das carnes que vende, quando alias deviam ser elles á custa de sua nobre caza, e outras muitas cousas que receio venham á luz. Mas a fallar a verdade, o ataque que lhes tem Vm., Sr. Francisco, e os outros amigos feito, é inteiramente contraproducente para o que vejamos:

Accusam-no como fazendo empenhos para ser depositario da massa do *Passos*, quando alias o nosso bem gerente J. B. ou o commendador Cagliostro (dous nomes e uma só alminha) é que tem enviado tudo quanto é possivel, inclusive ameaças aos D. D., e outros; tem pedido cartas a figurões d'aqui e d'outras partes fazendo pinturas inexactas do negocio afim de ser nomeado o *meu patrão* com condição de tomar por ajudante o Moraes P., que promette em dez minutos mostrar de quantos paus se faz uma canôa! O peior será, Sr. Fernandes, se nós tambem não mettemos naquelle cofre as nossas gorras; mas a duvida está em me achar n'essa, intende? Outra accusação é a do Hermann, negocio por de mais sabido, por quanto se elle estivesse cumplice não o mandava prender a bordo, e nem formava, como realmente formou, o plano da prisão que a final teve effeito em Paris. Na verdade se não tem outras accusações é melhor não fazer destas que desmoralisam a sociedade.

Verá V., meu amigo, quando eu for, como hei de marchar com mais geito, e pela amostra que lhes dei poderá conhecer a minha habilidade! não viu pelo simples exame do livro dos visitantes como forgei a historia? assim é que se faz, mas accusar aos outros por aquillo que se conhece ser o contrario não é logico.

Tambem me magoou muito o fallar-se no Mello quando lhe devo a soltura que tive quando fui preso n'essa por ladrão—ingrato me chamam, mas realmente—*nunca o fui*, e haja vista o meu procedimento *nobilissimo* com o M. que tantos e revelantes favores me fez, ainda que não me quiz passar o recibo ficticio para *consumar* com o sello da *legalidade* a minha *honrada* fallencia.

Sabe V. meu amigo que aqui se sabem cousas d'essa que eu me admiro!

Pois não me garantiram que o Mirandella, alem do appellido d'Ourinol Branco se chama o Meirinho do Banco? E explicaram que este appellido foi lhe posto por elle se offerecer aos collegas para com o procurador mandar enforcar, fusilar, e queimar os devedores remissos do mesmo Banco, menos elle que pelo cargo que exerce estava livre da perseguição, visto como ninguem, nem provisoriamente, lhe queria as honras do emprego...

Aceite com minhas cordiaes saudações os agradecimentos do

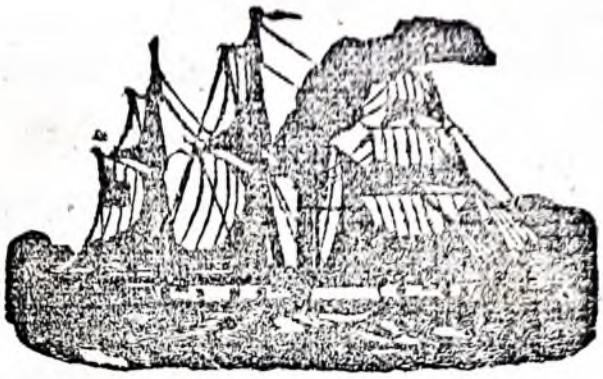
Seu pelo coração

Barros Chicotada.

ANNUNCIOS.

Na caza de Armador na praça de Palacio n. 26 ha cadeiras de anjos com muito gosto, e tudo mais que é preciso, fazendo-se tudo mais barato do que outro qualquer.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 21.ª BAHIA 27 DE ABRIL DE 1865. N.º 203

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Com este n.º principia a 21.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de abril de 1865.

Officio à camara municipal. Ainda que infructiferamente, por innumeras vezes se tenha feito sentir á Illma. o pessimo estado de algumas ruas desta capital, não impede isso que de novo chame-se sua attenção para o lastimavel estado em que se acha a ladeira do Galeão.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que faça recolher á casa de Asylo, ou onde melhor convier um individuo paralytico de nome Jeronymo, homem immoralissimo, que reunido a uma insolente caterva de moleques faz do adro do Collegio o alcouce de suas patifarias, sendo a sua assistencia de dia a venda opposta á mesma egreja e que faz quina para a rua Direita do Collegio, a qual venda é a habitação do quanto tratante e vadio ha.

—Olá, vigia de proa, vê que barco é aquelle!

—Donde vem?

—Do Rio Grande.

—A que nação pertence?

—A' dos contrabandistas.

—Quem é o mestre?

—E' um homem baixo, de pernas arqueiadas, vermelho como um pimentão, suissas bastas; vive a rir-se, feito tollo; nada ha que o faça impallidecer e toma de continuo grandes pitadas. E' o typo mais pronunciado d'um tratante um pouco civilisado; representa bem a perversidade, o descaro e a audacia que o personalisam; é um perfeito Rodin.

—Chama-se Rodin?!

—Não, Sr.; chama-se *Francisco dos Mosquitos*.

—Donde é filho?

—Não tem patria conhecida, mas é fugido da ilha de *Fernandes* de Noronha.

—Capitão, a tripulação parece con-

trabandista; suas respostas dão-no a intender.

—Immediato, vá com alguns grumetes a bordo deste *cascalho* e examine a carga.

—Capitão, traz uma porção enorme de livros.

—Examine-as.

—Um ensina a liquidar com passos de caranguejo massas fallidas, cujo activo exceda a cem contos de reis, como por ex. a do Villarinho.

Outro manda preparar cobranças por meios judiciaes e amigaveis, e a enganar o juiz. Ex.: ha uma divida de 32 contos e convence-se ao juiz de que tudo está em mau estado e que deve correr praça; corre a praça e a massa será arrematada por vinte e tantos contos por um parente do administrador, algum cunhado, algum Dr. Silvestre.

Depois o administrador receberá in continenti as dividas preparadas e agatanhará assim, com a maior descaração deste mundo, uma pequena quantia de cem continhos de reis, afora juros de dividendos e mais de oitenta contecos de uma barca, reclamada a certo governo que lh'os pagará. Cousa *sem egual*, que vindo da *Costa*, pertenceu ao *João* e passou a Villarim.

—Veja outro livro de que tracta.

—Tracta da maneira de arranjar massas fallidas para administrar, e das astucias que para tal é preciso empregar.

Assim quando se depender de portuguezes e se estiver no meio delles, dar-se-ha por brazileiro, pelos bahianos perseguido, por ser filho talvez do Rio Grande; quando entre brazileiros estiver-se, dar-se-ha por brazileiro, atrozmente perseguido pelos marotos.

—Outro!

—Ensina a metter empenhos para examinar escriptas de massas a liquidar, e dar pareceres favoraveis a quem melhor paga.

Outro ensina a guerrear concordatas, quando se é credor, até que o devedor *faça algum arranjo*, tempo em que mudam as cousas. Deve-se então andar de porta em porta a pedir que os outros subscrevam velhacadas que os fallidos impingiram e querem justificar.

—Deixe os livros de parte, immediato, e mande trazer á minha presença esse casmurro.

.....

—Para que finges pudor, impudente? levanta este carão sordido e fita bem aquella taca que empunha o muxingueiro, que é ella o signal de tua regeneração!

Para que andaste a espalhar paschins, insultando a homens com epithetos que tão bem te quadram, quando és tu um refinado ladrão?

—Oh! retire a expressão, meu capitão; ladrão será o Chicotada, mas eu?!. Apenas quiz vingar-me do M., por fazer-me perder as commissões do Rio Grande.

—E quem te disse que foi o commendador a causa disso?

Quem te diz que não foi antes a noticia de tuas ladroeiras?

Chamas o Barros ladrão e como te uniste a elle?

—Menos verdade, capitão.

—Pois tu não te uniste para dardes tu e elle uma mezada de 200$ rs. a José Balsamo?

—Oh! misericordia! este homem sabe tudo! advinha este diabo!.....

(*Continúa.*)

(*Continuação.*)

—Então não foste ao inferno!

—Ai! a cabelleira com quem tanto embirrava V. Ex. foi o que me livrou das aguas.

—Eu bem o previa: tua sordida cabelleira de cortiça transtornou os meus planos!

Aposto porém que a bala ao pescoço te servirá de poita, agamellada canôa!

Ora dize-me....

—O que souber estou prompto a dizer, Exm. Sr.

—Dize-me si é verdade a seguinte historia:

Havia no sertão um guarda de policia que chegou a reunir no *thesouro da provincia* um conto e tantos mil reis; tendo de recebel-os constituiu um um procurador em Latronopolis o qual suou camisas para ser despachado por um empregado, que levou *mangando* dous annos.

Chega depois o soldado, o não podendo esperar mais tempo, vendeu o dinheiro que tinha quasi por metade, a certo moço que era credor do tal empregado.

«Sr., mas o homem ha de custar a despachal-o, disse-lhe o vendedor.

—Não tenha susto; tenho aqui estes despertadores a preguiçosos, respondeu o homem, mostrando umas amaveis letrinhas.»

E effectivamente dahi a dous ou tres dias, o *negociador* recebia o dinheiro!

E' verdadeira esta historia?

—Sim, Sr.

—Conheces o negociador?

—Sim, Sr.

—Conheces o protogonista?

—Sim, Sr.

—Quem é elle?

—Chama-se *João dos Passos*.

—*Gualberto*! por que não tomas vergonha? por que não confessas humildemente que és tu o desfructavel com quem se deu tal facto?

—Ai, capitão! julguei que não era necessario repetir o que V. Ex. já sabia.

—E agora dize-me tambem.

Tu não tens um tio pescador?

—Tenho sim, Sr?

—Não se chama elle *Miné*?

—Sim, Sr.

—Quando elle veiu uma vez visitar-te e trouxe-te de presente seus camarões, seus peixes seccos, como o trataste tu?

—Poupe-me o *remorso* de repetil-o, capitão!

—Remorso! Eu acho que tens mais callejada a alma do que a cara.

Não o recebeste mal, não o desfeiteaste em presença de teus amigos? O velho não levou de novo seus *mimos*, o não ficaste com a agua na boca?

(*Continua.*)

—Que batalhão é este?

—Os voluntarios de Santo Amaro.

—E como alguns vem descalços?

—D'uma cidade importante. visinha á capital, não esperava eu que viessem soldados de pés no chão.

—De pés no chão não, Sr.; ainda que viessem sem sapatos, estão de meias. Vieram porém calçados, e cahiram n'um atoleiro, sendo muito felizes por lá não ficarem.

—Atoleiro onde, Sr.?!

—Alli em frente do *Barateiro*, que está uma miseria: toda lama que cahe do *jardim* da Sé e da ladeira da Misericordia fica alli em deposito.

—Miseria!....

Permitta Deus qne venha quanto antes a bemdita *limpeza*.

Só assim seremos nação.

—Capitão, tenho que lhe contar uma cousa, que incerra *abuso e descredito* para com terceiro.

O nosso *papa infallivel* disse a um amigo que lhe perguntava—si tinha recebido ordem *moderadora* para *fazer rebentar*, no domingo da Ressurreição, a *bomba ardente de desesperação, odio, e maldade lazzaronica*—disse, digo, que tinha ordem *de boca*, por quanto estando na corte, intendeu-se a tal respeito com um *inviolavel* que não só concordou e o animou, como levou a bem a *proposta do companheiro de S. Paulo* que disse podia elle *infallivel* organisar com inteira *consciencia*, a bem da salvação dos povos e de seu rebanho.

E esta, capitão! Como é que o *santarrão* se valeu d'um nome *augusto* para compromettter e desacreditar!

—Pois, capitão, eis o *homem* a quem nós *carneiros* estamos entregues para ser guiados.

—Raça infame!

Ah! si eu fosse *Antonelli* acabava com todos esses *jesuitas*!

VARIEDADES.

Erudição feminina.

Sr. Dr., meu marido é muito superabundante; qualquer invasão de orvalho matutino nauseabunda-lhe os intestinos; receio muito que elle soffra alguma laurisma no polmão do mesentario; elle não quer tratar-se, porque detesta a sciencia de Hippocrito; mas como me dizem que V. S. é um grande medico e operario, mandei-o chamar para fazer-lhe alguma applicação porque elle agora está morfitico; como tem somno muito pesado, quando dorme fica inteiramente incognito!

Pode fazer delle o que lhe for applausivo.

Edade tenra.

—Menino, *quantos annos* tem?

—Um só.

(*Extr.*)

A PEDIDO

Pergunta-se ao Sr. presidente da imperial sociedade Monte Pio dos Artistas a rasão porque até hoje não despachou o requerimento que pelo procurador do socio Antonio José da Porciuncula lhe foi apresentado ha cerca de dous mezes, sendo o dito requerimento negocio de urgencia; e si não pretende dar cumprimento ao art. 45 dos estatutos da mesma sociedade.

Um interessado.

ANNUNCIOS.

Attenção.

Breve sahe á luz a Descripção Minuciosa da Vida Criminosa do Tenente dos Pitús, Despachante Canastra, para a qual se recebem todos os apontamentos veridicos que forem ministrados.

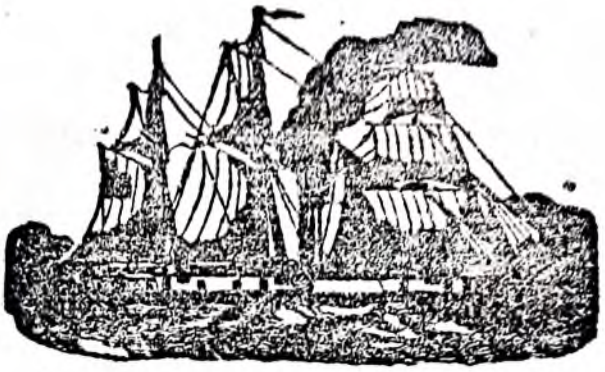
Attenção.

Com toda brevidade vae sahir á publicação um pequeno jornal com o pomposo titulo de *Vedeta dos Voluntarios da Patria*. Este jornal tem por fim censurar todas as injustiças que se tem feito com os voluntarios da patria, principiando por desmascarar um bufo, um D. Quixote, que apparecendo no mundo pelo ventre de uma preta gêgo escrava, tem o arrojo de querer marear uma familia nobre e distincta, inculcando-se parente bastardo da mesma, não passando o tal *cujo* de um famoso *meninorio do Urubu'*.

Nesta typographia precisa-se de um bom distribuidor.

Na caza de Armador na praça de Palacio n. 26 ha cadeiras de anjos com muito gosto, e tudo mais que é preciso, fazendo-se tudo mais barato do que outro qualquer.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 21.ª BAHIA 29 DE ABRIL DE 1865. N.º 204

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de abril de 1865.

—Officio ao Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que apezar dos reiterados reclamos da imprensa continuam pelas ruas os grupos de moleques e meninos vadios, os quaes trazem os velhos e mendigos n'uma roda viva, além dos attentados que commettem contra pessoas que pacificamente transitam nas ruas, sendo que ainda na noite de 26 ia se dando um caso fatal, escapando de ser morto por uma enorme pedrada uma innocente creança que acompanha seu pae, pobre homem de religião judaica que se occupa em vender copos. Os aggressores foram dous *peralvilhos* moradores na casa n.º 15 atraz da Cadeia, os quaes sendo perseguidos por algumas pessoas do povo que acudiram aos gritos do homem, alli se acoutaram, sem que fosse possivel encontrar-se um soldado ou o inspector si quer para providenciar á respeito, ficando impunes semelhantes malfazejos; cumprindo notar que taes sujeitos são ja bastantes conhecidos por seus bellos feitos e actos de rapinagem, podendo bem informarem as vendedoras de doces na Praça.

—Ao Sr. 1.º secretario da assembléa provincial, para que informe com urgencia quantos dias na presente sessente funccionou aquella casa com as horas marcadas no regimento, e em quantos *levantou-se a sessão por falta de numero.*

—Que dous sujeitos são aquelles?

—Dous patifes, dous ladrões. dous carcamanos ingratos, dous marotos atrevidos.

—E que fallam?

—Fallam do Brazil e dos brazileiros, e desejam ardentemente a victoria de Lopez.

—Mande aquelle mestre de barco, aquelle maroto tollo para a fortaleza da *Lage* e o outro, aquelle carcamano linguarudo viperino como o diabo, mande trazer para bordo, ainda que o

Taco se opponha. A ambos pois Vm., Sr. aspirante, mandará o muxingueiro dar a competente dóso, afim de apprenderem a ser politicos e gratos para com a terra em que vivem e enriquecem, quando não passavam na sua, o primeiro de um pobre trampeiro e o segundo de um proselyto de Luidgi Vampa, um lazzaroni safado.

—Hei de metter-lhe o chicote em qualquer logar em que o encontrar!

—Sr., que diabo é isto?!

—E' o gazeteiro Cyrillo que *se vinga* das gazetas com ameaças; ja uma vez accommetteu a caza do Guedes Cabral para tomar satisfações e agora, no theatro publico, n'uma noite d'espectaculo, quer desfeitear um moço intelligente, honrado e honesto que é redactor como elle é!

—Que valentão!

—Está com as costas quentes!.....

—E as authoridades?

—Não repito o que o subdelegado disse, por que.... eu tambem sou ligueiro e não quero que digam que eu estou desacreditando a *liga*.

—Oh! urbem ubi moralitas fuit!

LA VAE VERSO.

Carta de um conservador da *Pojuca* a um ligueiro do *Catù*.

Stá feita a luz, meu ligueiro,
De tudo tirou-se a capa:
De S. Pedro o lindo corpo
Ja no braço tem a *chapa*!

Marcham pois offerecidos,
Voluntarios denodados
Que importa digamos nós
Foram elles agarrados?!

Que vão contentes, felizes
Pela patria a combater,
Em quanto houverem *saraivas*
Que nos possam mal fazer!

De tudo porém lastimo
O nosso destino crú,
Os males que nos tem feito
O ministro Camamú!

Lê, meu ligueiro, o *Diario*
De 26 do corrente,
E acharás, *do thesouro*,
Um horror, no expediente.

Soldado não tem direito,
Nem p'ra seu dinheiro dar
A suas pobres familias
Que a patria mandou deixar! (*)

Da limpeza da cidade
Ja devo lhe ter fallado;
Vou agora referir-lhe
Um outro caso passado.

Depois d'um *certo discurso*
Que uma assembléa escutou,
Um *certo requerimento*
O Seixas apresentou.

Fez mal; e o nosso Almeidinha
Quiz lhe dar uma lecção,
Sem lembrar-se que alli stava
O grande Pedro Brandão.

Ficou pois mui tosquiado
Quando lan quiz ir buscar,
Mas assim mesmo os vermelhos
O foram cumprimentar.

(*) Lê-se no *Diario* de 21 do corrente:

«Thesouraria geral.—Expediente de 17 de abril de 1865. — Officio ao Exm. Sr Des. presidente da provincia. —*Não pode ter logar o pagamento* que reclama Gustavo Francisco Xavier, da consignação de 20$ rs deixada por Antonio Sanches de Oliveira, praça expedicionaria do corpo de policia, á sua sogra Justina Maria de Santa Rita, *em vista da novissima ordem* do ministerio dos negocios da guerra de 28 do mez passado. Devolvo portanto á V. Ex. o requerimento do supplicante a similhante respeito.

Falla-se muito tambem
No fornecedor geral,
No grande Zé Malaquias
Que faz vezes d'arsenal

E' que esta terra, ligueiro,
Com a liga leva o diabo,
E si duvida examine
Da liga o que fez o rabo.

Trouxe onças e cometas,
Saraivas, e furacões;
Guerra co'as republiquetas,
Co'as monarchias questões.

E por fim o tal cometa
Deste mez que a liga é
Fez a todos nós andarmos
Qual foguete busca-pé.

Deu com seu rabo maldito
Pelas terras a varrer,
Que ahi está toda a montanha
Para as baixas a correr.

Temos breve um terremoto;
Quem te valerá, Bahia?!
Só si subirem vermelhos,
E cahir *Santa Luzia*.

Resposta.

Diz a sagrada escriptura
Qu'é V. cego chapado,
Por isso a Santa Luzia
E' que assim tem renegado.

V. vê, revê, não vê,
E asneiras vem repetir;
Si as onças mandou a liga
Foi só para os engolir:

Para aterrar os cometas,
Saraiva p'ra castigar,
Furacões p'ra metter medo,
Guerra p'ra moralisar.

E quanto a terra que cae,
São cousas do grande Andréa,
Que em vez de suster montanhas,
De *cobril-as* teve ideia.

E fique V. sabendo
Que rabo a liga não tem;
A vermelhos, como ao demo,
E' qu'elles assentam bem.

E si quer por finda dar
A nossa correspondencia,
E' favor que lhe agradeço
A's ordens, meu Excellencia.

A certo poeta bahiano

Lê-se no *Doze de Agosto*:

SONETO.

Giba nos hombros, na rasão carcunda,
Trovista insulso de esfalfadas nugas,
Cansado Pegaso debalde alugas
Nas longas vagas q'o Permesso inunda.

Delido pranto em vão no rosto enchugas
No rosto secco de carcassa immunda,
Cuja bolla ja tem, bola infecunda,
Pés de gallinha, encarquilhadas rugas.

Castrado cunucho de bastardas rhimas
De Antigo Apollo pertinaz lacaio,
Teu pingue craneo demasiado estimas.

Teus por modelo eximio um velho ensaio,
Rançosas loas por canções opimas;
Não és cysne, és marreco, és papagaio.

J. Gualberto P.

A PEDIDO

Perguntas sem malicia.

O Sr. F. d'Amorim Falcão queira responder si na qualidade d'inventariante do cazal do padre Alexandre da Silva Menezes, pode, além do mais que ja lhe tem sido perguntado, fazer o seguinte:

1° Arrendar terrenos da fazenda Matança, como fez ultimamente com o Sr. tabellião Lopes da Costa, o qual, consta, lhe paga 300$ rs. annuaes.

2° Authorisar o dito Sr. tabellião a edificar n'um terreno que está em litigio, sujeito por tanto a eventualidade.

O mesmo Sr. tabellião responderá, si dignar-se, ao seguinte:

1º Porque edifica nesse terreno.

2º Si ignora o litigio.

3º Si não tem em seu poder os autos de Maria da Luz que se ligam com os do padre Alexandre.

4º Si entra no numero de certos homens que concorrem para que esses negocios fiquem em statu quo, ou andem para peior.

Alguns herdeiros.

—Olá, chegaste emfim!

Melhor geito vão ter as cousas, que de podres se enchiam de *mosquitos*. Agora com o *barro* insignificante que importaste remenda-se tudo, tapa-se até a boca de José Balsamo e do commendador Cagliostro!

—Bom, bom! com *chicotadas* é que se ensina os patifes.

—V. que o diga, amigo de minha alma.

—Capitão, ouça um caso que me contou o *França*.

—Vejamos, Sr. *Ernesto*.

—Disse-me que certo *maritimo* que anda em terra, tendo um jardim lá para as bandas do *Unha grande* e querendo aformoseal-o sem gastar, foi a certo inspector de *trens navaes* e disse-lhe que a montanha visinha á sua fabrica estava a desabar, pelo que o credulo homem deu-lhe 16 homens, que lá estão expostos á chuva a aformosearem a chacara do novo *Nelson*.

—Desde quando é isto?

—Desde 29 de março.

—E quem paga a estes homens?

—Que pergunta! Não sabe que são empregados do governo, que lhes ha de pagar?

—Homem, nesta Latronopolis ha cousas!

—Eu não digo nada, por que como tenho de breve montar alli uma fabrica de cal, vou ver si arranjo tambem alguns homens para me trabalhar á custa do governo.

Si foi elle que escreveu
Aquillo que recitou
Na academia de Olinda
Seu saber se engarrafou.

Mas como deixar podia
De ser elle o proprio autor
Si a todos communicava
A bilis do seu rancor?

Sabe o que é isto capitão?

—Não.

—E' sobre um fidalgo pobre, bocca molle, toleirão e aristocrata, de quem o *Jornal da Bahia* em uma transcripção fez ver os desatinos como juiz em um municipio, sendo isto em completa retratação do *escripto republicano*, que fizeram em Olinda e lhe deram para recitar, como testa de ferro, sendo elle por inexperiente victima.

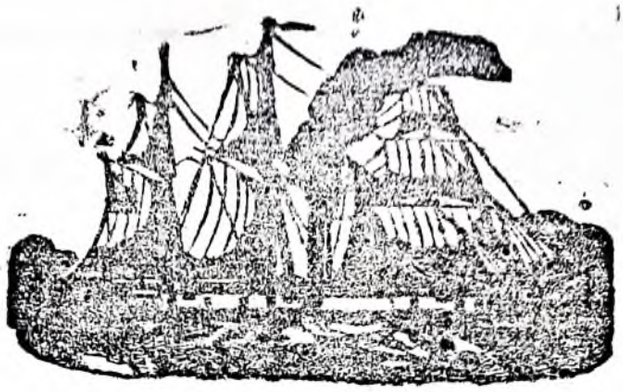
—Diga claramente o que está fazendo elle.

—Quebrando typographias, perseguindo os verdadeiros liberaes, e afinal representando a figura de Lucas da Feira e de Judas no sabbado d'Alleluia.

—Ora empine-se!

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.

O
ALABAMA
1865
A
1867
H. B.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 25.ª BAHIA 1º DE AGOSTO DE 1865. N.º 243

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 25.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de julho de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que se digne mandar *reparar* a calçada desde os Dendezeiros do Bomfim até o Julião, pelo menos, a qual se acha, como ja deve ter tido noticia a Illma., em miseravel estado.

—A' mesma, para que mande concertar a rua dos Curraes Velhos dos Barris que se acha engolindo os carros que passam.

—A' mesma, para que mande concertar um cano que existe na ladeira do Pau da Bandeira, o qual devia já ter merecido a attenção da Illma. e a do Illm. Sr. inspector de saude.

—Ao Exm. Sr. presidente, pedindo-lhe um olhar benigno para a ladeira do Pilar que ameaça jogar pela montanha abaixo as pessoas que tem urgente necessidade de por alli passar, visto como se acha inteiramente escarpada e é constantemente banhada pelas aguas servidas das cazas da Conceição do Boqueirão.

Espera-se da energia e boa vontade de S. Ex. algumas salutares providencias.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que sirva-se de mandar dar baixa da companhia de zuavos a Verissimo de tal que sofre de alienação mental, e que vive a incommodar o publico com seus gritos quando foge do quartel, por quererem obrigal-o ao serviço.

—Ao emprezario da limpeza publica, pedindo-lhe que antes de findar-se o praso para a remoção dos esterquilinios, se digne mandar acabar com aquella vergonheira da ladeira do Pilar, que serviu somente até agora para attestar o deleixo de quem se acha incumbido do bem publico.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando lhe que vá á uma venda atraz da Sé, quina para o Aljube, e obrigue o caixeiro da mesma a desmanchar in continenti duas figuras immoraes que alli ha pintadas. Cumpra.

Motte a premio.

Dá-se de premio tres volumes en-

cadernados de uma obra litteraria a quem melhor glosar o seguinte motte:

Lavado em jorros de sangue
O auri-verde pendão,
Ou do Brazil é mortalha
Ou tremúla em Assumpção.

—O Exm. Sr. presidente acaba de proclamar aos bahianos para acudirem ao reclamo da patria.

—E os bahianos hão de cumprir seu dever, temos fé nisso. A patria geme, implora o soccorro de seus filhos, e os bahianos que foram os primeiros a ouvir os ais da patria, serão por certos aquelles que ou a seu lado e por ella hão de morrer, ou que muito contribuirão para a victoria esplendida a que nos conduz o Senhor Deus dos Exercitos!

—Bom!

Bahianos! ás armas!

Bahianos! á guerra!

—Assim conclúe S. Ex. sua sublime proclamação.

—Tomou hontem (30) posse do commando do 4.° batalhão da guarda nacional o Sr. Dr. José Luiz d'Almeida Couto.

—Receba o illustre representante do partido liberal os meus sinceros parabens!

—Houve no sabbado, em S. Francisco, missa por alma dos bravos que morreram em Riachuelo.

—E nem uma authoridade compareceu!

.....

—Capitão, attenção!

—Que quer isto dizer?

—E' uma meza; quem falla é o Pau de Sebo.

«Peço uma xaúde obrigada para o nosso irmão thesoureiro. O irmão Chabes me ajudará.

«A' xaúde do nosso irmão thesoureiro que muito me coadjubou em... em.... em que, Chabes?

—Não sei, respondeu o Chaves.

E uma chuva de vivas e ups completou o espicha do burro que, muito ancho do papel que representou, ria-se contente e esgadelhava a porca cabelleira, enchendo os estirados dedos de nojento sebo.

—Bobagem!

Julguei que vinha fallar-me do arrombamento da loja fronteira....

—Ah! o capitão ja sabe disto?!

—....do roubo da viuva da loja de caldeireiro....

—Sabe tudo!

—.... da armação da botica, dos remedios que elle roubou & &.

—Pois bem, capitão, narrarei com minuciosidade as tratadas do cujo.

(*Continúa.*)

—Agora ha um bom systema de *caçar*.

—Que novidade é esta?

—E' que sahiu uma menina de caza e um portuguez que a encontrou conservou a na sua caza mais de tres dias sem dar cavaco.

—E que edade tem a menina?

—Treze annos.

—Oh!... E quem é o portuguez?

—E' um empregado n'um dos chafarizes.

—Em qual?

—Isso agora não digo.

—Pois então empine-se!

Vá dar denuncias desta ordem ao chefe de policia e verá a resposta que tem!

—Aposto que elle acertará com o fio sem querer constituir-me espião.

—Ca, ca, ca, ca!

—Vê a *Constituição* como está ligueira? Defende furiosamente o Exm. Sr. Dantas e accusa o *Diario* por ter dado com simplicidade a noticia da posse do presidente!

—Chama-se a isso politica de mão cheia!

—Politica para certa gente é pelotica. No mais, todos queremos comer, isto é mundo, vamos comendo para irmos vivendo.

(Continuação do Gafeiro.)

—Pedes que te poupe. E por que não poupas tu nem aquelles a quem deverias o coração, si fosse crivel que tivesse coração um monstro como tu?

Podes acaso merecer compaixão? tu que a ninguem fizes justiça? tu que desconheces o que é gratidão? tu que és a intriga viva, palpavel, personificada?

Queres misericordia? tu que insultas diariamente a quem te está superior attribuindo-lhe um crime, cujo perpetrador constante tens sido?

—Capitão, castigue-me, mas não falle!

—Sei que a publicidade de teus feitos te incommoda e por isso é que te hei de zurzir por ahi.

Eu só admiro-me, é de como enches a boca de dinheiro e de escriptores comprados!

Ora vê la si sabes quem foi o escriptor venal, com quem se deu o seguinte facto:

Um pobre cego entrou n'um hotel e foi pelo caixeiro arremessado pelas escadas abaixo; morreu da queda. Um jornal republicano deu noticias do facto e pintou-o com negras cores. A descripção podia compromettter o empregado do hotel e o patrão foi ter com o redactor amavel. Conversou pois com elle em particular, no gabinete, *explicou-lhe* o facto, deu-lhe *informações*, mostrou-lhe *documentos*, *abriu-lhe a vista* emfim. No outro dia o jornal referido deu o dito por não dito, isto é desmentiu completamente a noticia dada, attenuou, minorou, desfez inteiramente a impressão causada e....

Venga la plata que somos mortales.

—Capitão, compaixão.

—Bem sabes que factos identicos innumeros sei a teu respeito.

Ouve outro!

(Continúa)

—Capitão, aqui lhe trago uma prosa de Jaguaripe.

—Que bruto é este?

—E' um gallego atrevido que vive continuamente a descompor os brazileiros; é um certo *Antonio* desavergonhado que teve a insolencia de insultar a um seu patricio, porque enthusiasmado pelo triumpho dos brazileiros, com quem vive, sahiu no dia 2 de Julho, empunhando um estandarte brazileiro.

—Que pedaço d'asno!

—Enthusiasma-se tanto este gallege pelas victorias paraguayas, que do gosto cahe de bebado.

—Por aqui temos tambem um outro insolente, um traficante de carne humana, ou antes uma fera carnivora, um *leão* endiabrado, um *baptista* de candomblés, um safado orgulhoso, um miseravel no ultimo grau de abjecção.

—Haja muito embora mil outros, capitão; nem por isso este demonio deve ficar sem pagar. O que se segue logicamente é que todos os seus companheiros em crime devem soffrer o mesmo castigo.

—Então arbitre Vm. o castigo da azemola.

—Bem. Toda a tripulação dará neste patife uma duzia de bofetadas; depois o muxinguêiro dar-lhe-ha mil vergalhadas, e pondo-lhe o tronco ao pescoço o fará sentar junto a cloaca, onde será conservado à disposição de V. Ex.

—Pois seja...

—Balha-me S. *Antonio*!

—E haverá de quebra um ponta-pé dado por mim nas ventas deste burro!

—Mizericordia! Balha-me S. *Jacome*!

—Nem que tu peças ao *Martins*, escaparás; aqui sou eu o poder *moderador*.

VARIEDADE.

Roubo industrioso.

O arcebispo de Cantorbery encontrou um certo dia em um bosque, que elle atravessava bastantes vezes, um homem assentado no chão com um jogo de xadrez, que parecia preoccupal-o bastante, collocado diante de si.

—Que fazes tu ahi, meu amigo?

—Meu senhor, eu jogo o xadrez.

—Sosinho?

—Não, meu senhor, jogo-o com Deus!

—Com Deus! Deve-te custar pouco quando perdes.

—Perdoae-me, meu bom senhor, mas estaes enganado. Jogamos rijo, jogamos a valer, e quando perco pago exactissimamente. Esperae um instante, talvez sejaes de bom agouro; estou hoje de uma infelicidade pasmosa... Ah! *xeque e mate*, foi Deus que ganhou.

O arcebispo ria, e o caso era para isso.

O infeliz jogador com o maior sangue frio do mundo tira 30 guinéus da sua algibeira, e dando os ao prelado dizlhe:

—Meu senhor, quando perco enviame Deus sempre alguem para receber o que lhe pertence, e assim não hesiteis em acceitar este dinheiro e em o distribuir pelos pobres, que são os seus thesoureiros. E' o preço da partida.

O arcebispo quiz escusar-se, mas viu-se obrigado a acceitar os 30 guinéus, mormente pela applicação que o jogador lhes dava.

Dias depois tornou a passar pelo mesmo bosque, e viu ainda o seu jogador na mesma attitude que a primeira vez Fez lhe este, apenas o viu, signal para que se aproximasse, e disse-lhe:

—Meu senhor, tenho perdido, que é um nunca acabar, desde a ultima vez que nos vimos, mas agora espero desforrar-me. Effectivamente—*xeque e mate*. Foi Deus quem perdeu.

—Bem, diz o arcebispo, quem te ha de pagar?

—Sem duvida nenhuma, que sereis vós, meu senhor; joguei trezentos guinéus, e Deus, quando ganho, envia-me sempre alguem que pague, tão exactamente como eu o costumo fazer quando perco. Tenho mesmo neste bosque e não distantes d'aqui, alguns amigos que vos certificarão disso mesmo, si acaso vos não fiaes na minha palavra.

Contra este argumento não havia réplica; o arcebispo houve por bem pagar os trezentos guinéus, sem esperar que a isso fosse provocado pelos amigos do jogador do bosque.

(*Extr.*)

A PEDIDO

—Quem é aquelle emproado?

—E' um pharmaceutico formado em tolices, um mascavo desfructavel, um desertor de alfaiate, um bobo consumado.

—Pois olhe, o Carvalho não o leva em conta, mas si continúa a tomar sopas, apanha, apezar do grau.

—A culpa quem tem é o Amancio.

—Mas quem me paga é o boccorio do boticario improvisado que anda se adiantando.

ANNUNCIOS.

Attenção!

A redacção do—*Bosquejo Litterario*—scientifica aos seus assignantes, que deixa de sahir o terceiro numero do dito periodico no dia 1.° de agosto, em rasão de estarem alguns em debito, não só com o primeiro numero, mas ainda com o segundo.

Assim pois convida áquelles que ainda não satisfizeram as suas assignaturas, para virem quanto antes o fazer, sob pena de concorrerem para a extincção do dito periodico.

Attenção.

Vende-se a venda ao largo de Santo Antonio n.92; quem quizer dirija-se a mesma que achará com quem tratar.

Nesta typographia se dirá quem vende uma machina de photographar obrigando-se o vendedor a ensinar a trabalhar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 25.ª BAHIA 3 DE AGOSTO DE 1865. N.º 244

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

A' S. Ex. o Sr. Presidente da Provincia.

«E' preciso, Sr. presidente, que nós, que na opposição clamavamos desta tribuna pelo *imperio da lei*, que pediamos *garantias politicas e civis* para o cidadão brasileiro, que bradavamos contra *os abusos commetidos em larga escala* por algumas administrações anteriores, que repetiamos, voz em grita, que este paiz não se podia salvar senão *sob os auspicios da constituição liberal que possuimos*, é preciso que nós, homens de bem, fallando na opposição esta linguagem ao paiz, *uma vez collocados no poder, não sophismemos os nossos principios, não mintamos á nossa origem, não olhemos com desdem para a lei.* (*Muitos apoiados.*) E' preciso que não sejamos liberaes o progressistas unicamente por palavras. (*Sensação.*)»

E' este um trecho do discurso do Exm. Sr. presidente desta provincia, o qual vem hoje transcripto no *Jornal*.

E' preciso portanto que triumphe o imperio da lei; que se não olhe com desdem para ella; que haja para os brazileiros garantias politicas e civis; que sejamos governados sob os auspicios da constituição liberal em que vivemos; que não mais sejam commettidos abusos em larga escala.

E' preciso portanto que o recrutamento diminúa de furor, que os abusos cessem, que a população deixe de ser atterrada, amedrontada, maltratada, espancada, rasgada, insultada, vilipendiada pelos guardas incumbidos desse barbaro serviço!

Na administração do Exm. Sr. Des. Luiz Antonio, a imprensa conservadora queria que a convocação de voluntarios excluisse o recrutamento; hoje o que faz a tal imprensa?

E' ordem do governo geral, com a qual ella concorda?

Logo está plenamente defendido o Exm. Sr. Des. Luiz Antonio, que aliás não recrutou em larga escala.

A nação ultrajada precisa de defensores, sabemol-o.

Todos os cidadãos brazileiros são o-

brigados a defender a integridade e a independencia do seu paiz, sabemol-o.

O meio que ha para levar-se a effeito a lei é o recrutamento, sabemol-o tambem.

Mas a maneira porque se faz actualmente o recrutamento (contra isso é que clamamos) é terrivel, abusiva, inaudita.

Artistas estabelecidos, os cazados, viuvos com filhos, filhos unicos de viuva, arrimos de aleijados ou cegos, caixeiros, negociantes, estudantes matriculados nas academias, lyceus e seminarios, proprietarios, tudo, tudo tem sido preso, maltratado e espancado!

Pedimos portanto a S. Ex. que se digne pôr em pratica as ideias generosas de seu discurso que ahi ficam, fazendo cessar as arbitrariedades que em seu nome mandam commetter pessoas mal intencionadas que tem talvez por alvo comprometter a administração de S. Ex. que ora começa.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de agosto de 1865.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que com a maior brevidade vá a capella da Barroquinha, e tome da irman encarregada do festejo de Nossa Senhora da Boa Morte uma relação nominal das devotas que receberam salvas para tirar esmolas para a procissão da mesma Senhora, as quantias que recolheu cada uma, visto constar que ellas pelas ruas estão com as referidas salvas com dinheiro até de prata, e fazem, segundo dizem, entrega de tustão, seis vintens, e as vezes nada; sacrificando assim em grande debito a dita encarregada. Cumpra.

—Começam os patriotas a offerecer-se para organisarem voluntarios. Os Srs. major Athayde, tenente coronel Nolasco, tenente Bury e Militão Pires estão em campo.

Vamos a ver agora si tambem sahe á frente o Sr. tenente coronel Dr. Queiroz, que estava tão empenhado em marchar para o Sul.

—Até ver não é tarde, speremos por tanto.

—Eu só pelo bigode militar que tem o homem, nomeava-o, si fosse presidente.

—O tal *patriota* de barriga quando abre a boca, é para causar nojo! A comer sempre, glutão intruso, parasita politico, só deita pela boca porcarias que sujam a quem passa!

—Deixal-o o tollo!

(Continuação do Pau de Sebo.)

—Mas diga-me: é certo que o Pau de Sebo anda tonto?

—Tem feito o diabo, capitão.

Depois de attribuir a descoberta de suas traficancias a diversas pessoas, a um musico, a um armador, aos visinhos, encafifou agora com um negociante, e mandou um miseravel descompol-o. O bobo sahiu com um pau, foi á loja do negociante, mas sendo preso, implorou piedade para si e sua desventurada mulher, e ficou perdoado.

O gallego porém bradou como um possesso que era preciso acabar com os *alabamas*, fim para que elle concorreria com alguma quantia.

—Que quer?

Si os penhores da loja arrombada passaram para seu bolço!

Si a viúva das Grades de Ferro é quem sente!

Si para isso concorre a compra escandalosa de certa caza!

Si o dinheiro que elle tem tambem foi roubado a uma pobre crioula!

—E o patife tem rasão de querer acabar com os ala*vamas*, por que a gazeta pode lembrar-lhe o nome de certo negociante, o Sr. A. M. O. que lhe deu credito e fez revalidar um certo papel..

—(Papel que ia pondo o barril ás

costas e a corrente ao pé deste tratante).

—Porque a gazeta pode lembrar-lhe a ingratidão para com seu bemfeitor; pode fazer apparecer-lhe a alma do Nicacio. Mas fica certo, gallego; o que se ha de acabar hão de ser os ladrões, e os moedeiros falsos! E N. S. do Carmo que tome conta dos seus bentinhos d ouro e de todas as suas joias preciozas,que podem afinal de contas, ser reduzidas a sebo!

—Amen!

(*Continúa.*)

—Aza preta, chega á falla!

—Não tenho que dar attenção a....

—A vaqueiros talvez?

Pois tu, satan, anti-christo, meio demo meio padre, não estás contente com o que tens feito? Além de perverteres duas mulheres, queres prohibir que os visinhos cheguem á janella? queres que todas as janellas se conservem fechadas para dares melhor pasto a tuas devassidões?

—Ao menos quero passar por serio, não quero dar escandalo, sigo assim o Evangelho.

—E o Evangelho te manda calumniar, mentir, enredar, intrigar? aproveitar o mau estado financeiro dos outros, ir ao seu inquilino, dar mais dinheiro pela caza, pôr os visinhos corridos? E isto com um pobre pae de familia?

E tudo porque, malvado?

Porque mora elle defronte do teu alcouce; porque não queres que ninguem presencie o lobo que entra no curral...

—O lobo não, capitão; o vaqueiro.

—Sim, o lobo transformado em pastor; o cura d'almas que se tornou o viciador do corpo; o escarneo da moral; o sacrilegio em pessoa; a antithese, a affronta e a injuria do clero!

—Capitão, vou chamal-o á responsabilidade.

—Ameaças-me! Dá mais esse desfructe, bobo! As custas, quando perderes a acção, ha de cobrar-te nas costas o meu incansavel muxingueiro.

A PEDIDO

—Capitão, aqui trago a V. Ex. um meninorio experto no ultimo grau, o homem mais feliz desta cidade, o negociante mais acreditado desta praça, o unico cidadão honrado por que passa pelo mais rico, por isso mesmo que é o mais.....

—Conheço muito a firma; é o barão dos caranguejos, o homem que mais anhela por um titulo sem ter serviços, o especulador a quem um outro especulador chama honesto e bem relacionado.

—Pois, capitão, além de tudo que delle sabe, o magano fez mais o seguinte:

Devasso em extremo, immoral no ultimo grau, quer agora perverter uma senhora infeliz. Metteu-a n'um convento e interessa-se para que ella effeitúe um divorcio com o fim calculado de, infamando a, levar-lhe os poucos bens que possúe.

—Além de Marte adultero, Luidgi Vampa salteador!

—Além de Jacques Ferrand, Rolando!

O que é o menos; é a perfeita resurreição do Lucas: prostitúe, viola, estupra, deflora, e adultera, e rouba.

—Mas não assassina.

—Assassina de dor, de desgostos os infelizes que lhe cahem nas mãos; é mais cruel que Lucas que matava instantaneamente; este assassina, martyrisando!

Ouça um outro facte, por onde V. Ex. medirá o grau de fome pecuniaria que assalta a esta innocentaça creatura,

Alguem tinha a receber uma herança de doze contos que se achava em litigio; quiz rebatel-a e foi ter com o nosso amaroletico barão que fez o negocio assim, sem tirar nem por:

O sujeito vendeu-lhe a herança do 12 por 6 contos, com a condição de pagar-lhe um por cento da quantia do doze contos, si no fim de seis mezes, o *barão* não estivesse de posse do cobre.

—Que ladroeira!

—Ouça o resto: Si porém, para o barão receber a herança, fosse preciso gastar dinheiro, o pobre do herdeiro, o *rebatente* havia de pagar a despeza e mais o juro de dous por cento!

—E este homem levanta a cabeça no meio da gente honrada! e este homem tem quem o chame honrado!

—E' que dizem:

Omnia vincit amor.

E eu digo:

Omnia vincit pecunia!

(Continùa.)

—Cafageste, chega á falla.

—Aqui estou.

—D'onde és filho?

—Da cidade de S. *Luiz*.

—Havia de ju ar que eras *sergipano*.

—Pode ser.

—O teu nome?

—Nasci dia de S. *Francisco*, porém chamo-me *Souza*.

—Como é que sendo tu um despresivel creado ou servente de casa de saude andas te inculcando estudante do 5° anno de medicina, enxovalhando assim a moços briosos e intelligentes, tu um bruto que mal sabes assignar o nome, e que na deslavada cara não tens um ceitil de verniz?

—So digo isto a minhas namoradas para me dar importancia.

—Ja te esqueceste, sevandija, o que succedeu no dia 18 do p. p. á tarde? responde, creatura abjecta.

—Não me insulte: olhe que sou uma authoridade, sou inspector da rua dos *pés de laranja*.

—E's o diabo que te carregue, peste catharrenta, biltre de um dardo.

Vê-se na rua um tratante destes parecendo gente, quando não passa de um safado, de um patife, sem vergonha e que vive praticando os actos mais ignobeis da vida, e rebaixando a sua condição de homem ao ultimo grau de aviltamento.

—Não posso aturar tanto insulto. Olhe que não sou certo!

—Sei que és assassino, por que *tens tirado muitos filhos á patria*.

—O D. Carlos é quem sabe.

—Por hoje não estou para me cançar com tigo, mas si continuares a te inculcar de estudante de medicina, fica certo que o muxingueiro te ha de tirar esta manha.

—Até a primeira.

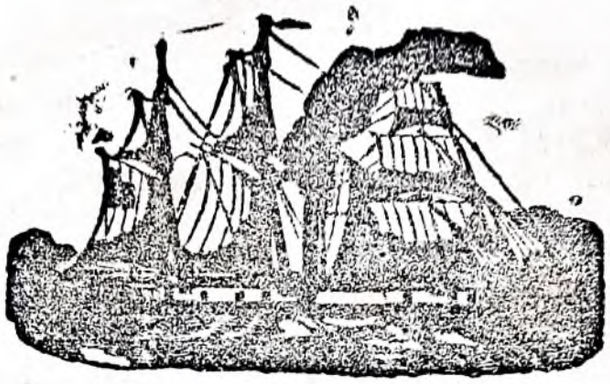
ANNUNCIO.

O abaixo assignado constando-lhe com certeza, que D. Emilia Joaquina d'Amorim pretende vender para dar quinhão a seus filhos orphãos a casa n. 55, sita á rua do Bangala, que arrematara pela quantia de 2:801$ rs. estando segura de fogo pela de 6:000$rs, levada nullamente á praça por execução de Antonio Telles da Silva Lobo contra o direito expresso da ord. l. 3. tit. 78 § 2., que o respeitavel Accordão do superior tribunal da Relação lhe designara com solemne offensa deste mesmo direito, que a citada lei lhe confere; de cuja decisão o annunciante interpondo o recurso de revista para o supremo tribunal de justiça, succedeu que por falta do respectivo escrivão não tivesse este recurso o seu devido andamento no praso da lei, e como essa falta de tal empregado de justiça em nada possa prejudicar a respeito o direito do annunciante, este passa a levar civel e criminalmente estas mesmas questões do seu recurso interposto perante os tribunaes competentes, que em face de sua prova tem de julgal-as; e por tudo isto faz sciente ao respeitavel publico que ninguem contracte nem celebre negociação alguma com a arrematante annunciada acerca da mesma propriedade, sob pena de tornar-se o responsavel, quem o fizer por todas as perdas e damnos, lucros cessantes, e emergentes, bem como pelos alugueres da mesma, que se acham protestados contra a mesma arrematante, escrivão Xavier da Costa, a 100$ rs. mensaes pelo sub-firmado.

Bahia 26 de junho de 1865.

Manuel Rodrigues d'Oliveira.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 25.ª BAHIA 5 DE AGOSTO DE 1865. N.º 245

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

A S. Ex. o Sr. presidente da provincia.

O abuso inqualificavel da *caçada* continúa a titulo de serviço da guarda nacional.....

A *defeza* não prevalece porque contra factos não ha argumentos e a opinião publica ahi está protestando contra as prisões exercidas em pessoas que não estão sujeitas ao serviço activo da guarda nacional e muito menos ao recrutamento.

Dado porém o caso de que o *recrutamento* seja para a guarda nacional, deve ser conhecido o seu fim.

O fim é remetter para os corpos destacados os *guardas* que não cumprem seus deveres.

Mas ha aqui um atropello, uma infracção de lei; as penas unicas a que estão sujeitos os guardas, são as comprehendidas no titulo V. da lei n.º 602 de 19 de setembro de 1850. Tudo que exceder disso é abuso, é prevaricação, é crime.

E depois, para formação dos corpos destacados são preferidos os que se apresentarem voluntariamente. Não chegando estes, ou não os havendo, serão tirados da *lista do serviço activo* em primeiro logar os solteiros, em segundo os viuvos sem filhos, em terceiro os casados sem filhos, em quarto os casados com filhos, em quinto os viuvos com filhos; não podendo passar-se d'uma para outra classe sem se concluir os da anterior, e sempre principiando-se pelos mais moços.

(Arts. 120, 121 e 122 da citada lei.)

E essa designação não pode ser arbitraria; o art. 124 da mesma lei manda fazel-a conforme os regulamentos do governo ☞ pelo conselho de qualificação, com recurso para o conselho de revista, de cujas decisões tambem haverá recurso para o governo na corte e os presidentes nas provincias.

Como é pois, Exm. Sr. presidente, que se anda agarrando pelas ruas a torto e a direito? Como é que sob a administração esperançosa de V. Ex., se vê de repente esta cidade exposta ás arbitrariedades de meia duzia de sargentos e soldados, que, quando fardados,

fazem timbre em desrespeitar a todo o mundo que não é militar?

Suspenderam-se acaso as garantias da constituição? Estaremos n'uma epocha anormal? Pesa sobre nós o arbitrio, o despotismo militar? As leis ja nada valem?

Mas a constituição e as leis que della emanam providenciam sobre os casos da epocha anormal em que estamos, sem que haja violencia, coacção, arbitrio, despotismo!

Quer V. Ex. ver ao que tem dado logar essa cousa que ahi anda que dizem ordenada por V. Ex., e no seu palacio resolvida?

Ha n'uma das freguezias desta cidade um batalhão, cujos capitães são todos *vermelhos* e cujo commandante é progressista.

Para comprometterem o commandante e o despopularisarem, as listas fornecidas pelos capitães ou antes pelos sargentos estão cheias de ligueiros, sejam embora doentes inspeccionados e incapazes de serviço, professores com casas abertas etc. etc!....

Em outra freguezia, um batalhão recebe, dizem, 30$ rs. de cada *recrutado* e o manda em santa paz!...

E que mil outros abusos não terão logar por ahi?

E' preciso pois que V. Ex providencie como o caso urge; a população sensata e esclarecida tudo espera da administração illustrada de V. Ex. que deve ja ter reconhecido as sympathias que inspira, a gratidão com que deve contar.

S. Ex. não malogrará por certo tão bem fundadas esperanças.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de agosto de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que na freguezia da Sé, ha uns moleques engraçados de casas de pessoas de posição, os quaes divertem-se ás vezes em arrastarem, alta noite pelas ruas, uma corrente, e ás vezes em andarem resando o terço e bemditos, ao som regular de uma campa, que ainda no sabbado fez despertar os moradores das ruas por que passaram, os quaes suppuzeram ser o SS. Viatico. Ha dias a patrulha quiz prendel-os, mas elles, encastellados na loja do Sr. Drumond á rua da Larangeira, livraram-se da prisão e fizeram a despedida aos guardas com uma chuva de pedras de que andam munidos.

A exposição de taes factos, julgamos, é sufficiente para despertar a energia e a actividade de S. S.

—Em quanto os medicos que ganhavam o dinheiro da nação pedem demissão—ahi está o proceder honroso de alguns briosos academicos que se acabam de offerecer para marcharem aos hospitaes!

—Diga seus nomes que é o unico padrão de gloria que lhes pode caber.

—São os Srs.:

Augusto Cesar Torres Barrense e Jayme Soares Serva, do 6.° anno;

Jesuino Borges, Antonio Celestino Sampaio, Raymundo Caetano da Cunha, João Theodorico de Souza Dantas, Manuel d'Aguiar Freire e Francisco Joaquim d'Oliveira Santos, do 5.° anno;

José de Teive e Argollo, do 4.°;

Joaquim da Silva Cajueiro de Campos, do 3.° de pharmacia;

Augusto Alves de Abreu e Ignacio Joaquim d'Almeida Chastinet, do 2.° dito.

—Avante! moços heroicos! A patria bemdir-vos-ha um dia e a historia registrará com honra vossos lembrados nomes!

—O batalhão de Brotas como é valente para recrutar!

—Tão corajosos, devem marchar para o Paraguay.

—Que ventura! Encontrava-se o Lopes de ca com o Lopes de la!

—Os academicos protestaram contra a selvageria do recrutamento.

—Onde? quando?

—Dizem que perante o chefe de po-

licia; o que eu vi foi o protesto no *Diario* de hoje.

—Os lyceistas tambem protestaram, mas foi á via de facto; deram pancada a valer.

—Effeito dos abusos; *abyssus abyssum invocat*.

—Gallego!

—Fez que não ouviu, capitão.

—Cardoso!

—Sabe-me o nome!

Prompto, capitão.

—Então és tambem escravo de Lopez? E' pena!

Em todo caso procuras a raça para que Deus te destinou; nasceste para páu de comúa, não podes servir para páu de egreja. Só noto em ti uma cousa; é conservares-te aqui, quando no Paraguay poderias ter um logar de *servidor* na camara do dictador. E em vez de fallares tanto, *servirias para obra*!

—Capitão, eu vou vender meus *instrumentos*.

—Pois que quero reforçar-te com mais um, *leva mais este*; espera, gallego!

Para que fallas tanto do Brazil?

—Porque é uma nação com quem as outras fazem o que querem.

—E' por isso que o chamas *az* das nações?

Mas porque tanto o insultas? porque és aqui o alcoviteiro do Paraguay? porque serves de noticiador enthusiasta das *victorias* dos pampas?

Pois não é aqui no Brazil que vives e augmentas?

Não foi aqui que tiraste os tamancos? que trocaste a caixinha pelo bahú? que mudaste a seroula? que viste o que eram calças? que soubeste o que era gravata?

Não foi aqui que te metteram estes instrumentos na mão? que foste dono de loja, tu o criado das meretrizes da Madragoa?

E como não te vem isso á lembrança? Como podes esquecer as vantagns que te dá o *az*.... das nações, como tu chamas o Brazil?

Ingrato!

—Capitão, julgue-me, mas não injurie!

—Olhe o susceptivel!

Vou porém fazer-te a vontade; lavrote a sentença e mando-t'a applicar.

Muxingueiro, um par de machos aos pés deste gallego, um milhar de lambadas por todo o corpo e um tronco ao pescoço até que tragam as folhas noticia de nossa brilhante victoria no covil da fera que nos assola os campos do sul.

A PEDIDO

—Que sargento é aquelle que tanto recruta na Solidão?

—E' uma cousa ruim, que queria ser official de seu corpo e prestou-se por isso a capacho nas eleições da freguezia do Bofe. Dizem que é tambem mau pae de familia, mau amigo.... O que eu sei é que é um pintor que sabe apenas sujar paredes e borrar portas.

—E que diz elle?

—Que ha de prender todos os gravatas lavadas, ainda que elle saiba que sahem na mesma hora.

—O seu nome?

—E' o que lhe não posso dizer.

—Pois entre as muitas *mercês* que me tem feito não me faz mais esta?

—Nem pelo *Nascimento* de Christo posso fazer-lhe a vontade.

Elle costuma ir á casa d'um sujeito visital-o quando não está em caza; o barraqueiro leva o dia orando a S. *Claudino* e mal sabe do que lhe vae por lá.

—E esta!

—Deu agora em invadir os quintaes alheios, dando logar a suspeitas que offendem a innocencia e a virtude e tem o desaforo de blasonar como grande cousa, insultando aos que lhe estão superiores!

—Deixal-o! não conhece o pouco que é e julga-se um rei, quando está com a farda que já tem sete cores no costado!

—Homem, ja sabe que o *Manda o fado*, está zangado por que botaram elle no *Alabama*?

—Não.

—Até anda de cassete.

—Homem, diga a besta que não se faça tollo, que va pagar o resto do dinheiro que são duzentos e cincoenta mil reis. E diga-lhe que esse dinheiro ha de sahir caro, por que dinheiro não é roupa na fonte.

—Mau! ja V. quer dizer que o homem é ladrão.

—E duvida? Toda a Calçada o sabe.

—Então o muxingueiro que se arranje com o tal meninorio, e ainda que grite por S. Marcolino, mandando-o fazer bocetas, dê-lhe tacadas de rijo.

Quem pergunta quer saber.

Pergunta-se ao Sr. A. V. F. S., no balanço que deu no dia 27 de julho ás 5 horas da tarde, mais ou menos, em uma loja ao CaesDourado, a que numero subiram as cartas que tem recebido de sua namorada de defronte dessa loja. Pois um homem casado anda dando desfructes pelas lojas feito bobo?

Forte palhaço!

O tempo que ha de cuidar de seus deveres conjugaes, anda feito tollo a namorar, causando desgostos á pobre moça filha de certo religioso fallecido!

Vou pedir ao Carahy que quando esse pateta for á sua loja dar espectaculo, deite-o para fora a caxações.

—Capitão, conhece aquelle padreco que desembarcou no Caes Novo?

—Não.

—E' o vigario de uma freguezia por onde ninguem transita sem que elle diga:—*Passe*.

—E o que tem isso?

—Nada. Mas é que lhe queria contar alguns passos daquelle cujo.

—Pois então entre na materia.

—Aquelle maganão tem muito que se lhe diga. Por isso hei de occupar a attenção de V. Ex. por algum tempo.

Intendeu que devia enriquecer de carreira e por isso augmentou o preço dos emolumentos parochiaes, de sorte que quem é pobre naquella freguezia á respeito do spiritual não pode viver nem morrer.

O que os outros fazem por dez elle faz por quinze.

Quando morre alguma pessoa não dá sepultura sem dinheiro adiantado, tendo já succedido ficarem corpos insepultos por tres dias.

Abandona a freguezia e vae dizer missa pelos engenhos cujos donos lhe pagam generosamente.

Mas como não ha de ser assim, si o homem tem tres moças, e é preciso dinheiro para sustental-as!

—Logo tres! Estou vendo que em breve forma um serralho.

—E o caso é que moram duas n'uma só casa.

—Que santo pastor!

—Faz-se desvellado protector de moças pobres, inculca-se de intermediario para arranjar-lhes casamentos, somente com o fito de cahir de dentro.

Insigne namorado, larga-se da freguezia e vae namorar n'uma *pitinga*.

Houve ahi uma rapariga a quem elle queria casar com o seu sachristão, e ás occultas mandava-lhe cartas convidando-a para sahir de casa.

Si é chamado para o seu mister a algum logar distante, por ser a freguezia extensa, esquiva-se e nunca é encontrado ou tem sempre o que fazer,

Tem um sitio ou fazenda para onde vae em certas epochas, acompanhado de mulheres, onde o nosso heroe mettido n'um chambre é o gallo de terreiro.

Alli põe-se em pratica tudo quanto é orgia, devassidão e immoralidade.

—Tudo isso são divagações; quero factos.

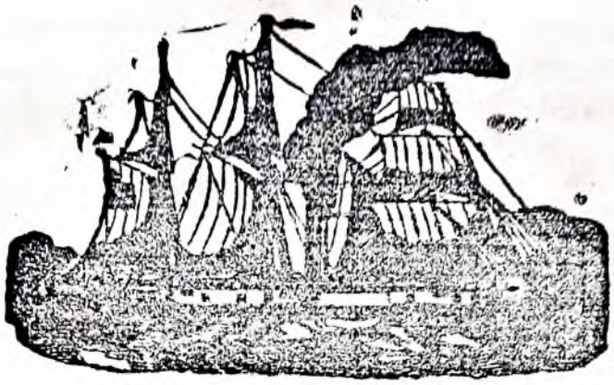
—Vamos á elles.

(*Continúa.*)

ANNUNCIO.

João Baptista da Fonseca agradece cordialmente á todas as pessoas, que se dignaram acompanhar até á Quinta dos Lazaros o cadaver de sua innocente filha Mathilde Maria da Fonseca.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 25.ª BAHIA 7 DE AGOSTO DE 1865. N.º 246

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de agosto de 1865.

Officio ao Sr. consul dos Estados Unidos, chamando sua attenção para o irregular e desordenado procedimento dos marinheiros de um navio de guerra dessa nação surto neste porto, os quaes andam pelas ruas ebrios a espancarem a quem encontram e a atirarem pedras, succedendo que na sexta feira um armado de bayoneta que tinha tomado a um guarda queria ferir a todo mundo; scenas estas que convém evitar afim de prevenir algum conflicto.

—Que noticias trouxe o vapor do Sul?

—As da côrte são de pouca importancia.

A 29 do p. p. havia chegado a corveta encouraçada *Brasil*.

O Sr. conde d'Eu ia partir para o Rio Grande no 1° d'agosto.

—S. M. o imperador havia chegado ao Rio Grande no dia 16 do p. p.

No mesmo dia foi publicada a seguinte proclamação.

VIVA A NAÇÃO BRASILEIRA!

« Rio-grandenses! — Sem a menor provocação é por ordem do governo do Paraguay invadido segunda vez o territorio de nossa patria. Seja vosso unico pensamento o vingardes tamanha affronta, e todos nos ufanaremos cada vez mais do brio e denodo dos brazileiros.

«A rapidez das communicações entre a capital do imperio e a vossa provincia permitte a mim e a meus genros, meus novos filhos, presenciar vossos nobres feitos.

«Rio-Grandenses! Fallo-vos como pae que zela a honra da familia brasileira, estou certo de que procedereis como irmãos, que se amam ainda mais quando qualquer um delles soffre.

«Palacio do Rio-Grande, 16 de julho de 1865.—D. Pedro II, imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil.—*Angelo Moniz da Silva Ferraz.*»

No dia 18 embarcou S. M. para Porto-Alegre onde chegou a 19, sendo recebido com freneticos applausos.

Tendo a camara municipal de mandar celebrar um Te-Deum em signal de regosijo, S. M. recusou urbanamen-

te esta demonstração, pedindo que guardassem para quando elle regressasse da campanha.

Tambem não acceitou a residencia que lhe estava preparada no palacete da Sra. baroneza do Gravatahy e foi residir no palacio da presidencia.

O nosso batalhão de S. Pedro ficava a embarcar para o Rio Pardo para onde já tinha seguido o 24º de voluntarios que tambem é nosso.

S. M. devia partir a 23 do p. p. para S. Leopoldo, e até 26 seguiria para S. Gabriel, Rio Pardo e Cachoeira.

De S Borja consta que as forças paraguayas sobem alli a mais de 8,000 homens, sendo 2,000 de cavallaria.

Não ha atrocidades que não tenham posto em pratica.

Degolaram um portuguez de nome Francisco Augusto Jardim, negaram a sua viuva permissão de enterral-o e atiraram o cadaver ao rio.

O chefe paraguayo deu ordem para saquear e roubar todas as casas, ameaçando punir severamente a quem occultasse bens.

Foi saqueada a casa do francez Lacroix, arreada a bandeira e feita em pedaços.

Do mesmo modo foram furtados da casa do Sr. Lergi todos os objectos que alli existiam.

A egreja foi completamente despojada.

Os objectos de valor são remettidos para o Paraguay. Os de pouco valor são para os soldados, de que resulta estar o acampamento cheio de relogios, espelhos e outras alfaias.

A 26 de junho passaram o Batahy e foram occupar Itaquy donde os moradores ja se tinham retirado com tempo.

O coronel Fernandes cahiu repentinamente sobre elles causando-lhes alguns estragos, segundo a parte official que dá.

Neste encontro perdemos 2 tenentes, 1 sargento, 2 cabos e 23 soldados. Foram feridos 1 tenente coronel, 3 capitães, 2 alferes, 1 sargento, 10 cabos e 69 soldados.

A horda paraguaya por onde passa vae levando a devastação e incendio como um bando de salteadores e incendiarios.

--São desoladoras as noticias de Matto Grosso.

As forças de linha e guarda nacional para defeza da capital constava apenas de 3000 homens, mal municiados e sem artilharia.

O Sr. Manuel Francisco Pereira morador no logar chamado Pedra de Amolar uma legua acima de Dourados foi accommettido no dia 10 de janeiro pelos paraguayos e perdeu tudo quanto tinha pelos roubos e incendios feitos por elles!

Podendo escapar com sua familia pelos campos e pantanaes foi no dia 6 de fevereiro atacado pelos indios gaulés que lhe mataram a mulher, o genro e tres escravos!

Os paraguayos haviam avançado até Coxim. Suppunha-se que o seu fim era marcharem sobre Cuyabá, depois de cortarem a communicação com a corte e as provincias.

Chegara á villa de Santa Anna da Parahybuna (provincia de S. Paulo) o juiz municipal de Miranda Joaquim Alves Correa que fôra prisioneiro pelos paraguayos, e que felizmente escapou.

Um creado do mesmo foi amarrado e pendurado a uma arvore onde o açoutaram barbaramente, até cahir toda a pelle do corpo Quando estava sem falla o desataram e atiraram ao chão.

Lancearam duas indias e foram arrastando com as lanças as entranhas das infelizes.

O Sr. Francisco Carvalhaes da Silveira foi roubado em tudo que possuia, ficando reduzido á miseria, pois que para poder fugir nem o chapeu poude levar.

O bispo de Matto Grosso fez voto de ir em pessoa collocar na sua capella a Nossa Senhora do Carmo padroeira do forte de Coimbra, logo que seja elle retomado.

Esta Imagem foi salva pela guarnição quando os paraguayos atacaram o forte e conduzida para a capital onde

foi recebida pelo prelado diocesano, e acompanhada do todo clero, povo e tropa em procissão até a Sé onde foi collocada.

Uma carta de Cuyabá diz o seguinte:

«Quando no dia 2 de janeiro deste anno o coronel commandante das armas retirou-se de Corumbá deixou como abandonado na praia o corpo de artilharia da provincia, que se havia batido heroicamente no forte de Coimbra, fazendo embarcar somente os officiaes no vapor *Anhambahy*. As praças do corpo assim abandonadas gritaram pelo 2.º tenente João de Oliveira Mello, que em Coimbra havia feito prodigios de valor, e elle, saltando immediatamente do vapor, foi á terra, tomou conta da tropa e de mais 200 pessoas entre paisanos, mulheres e crianças, arranjou, como pôde, algum mantimento, e subiu com esta caravana rio acima em uma escuna á espia. Logo no seguinte dia, vendo que chegavam a Corumbá os vapores paraguayos, desembarcou a gente na ilha do Paraguay-mirim, e por pantanos invadeaveis, na estação mais rigorosa que temos visto, por logares nunca trilhados, transpondo enormes distancias e caudalosos rios, salvou e conduziu esse povo até esta capital, onde chegou no dia 30 do mez proximo passado, com toda a gente quasi núa, depois de quatro mezes da mais penosa peregrinação e de soffrimentos sem conta, conservando sempre a maior ordem e disciplina em toda a comitiva.

«Teve nesta cidade um recebimento estrondoso e tocante; foi todo o povo encontral o no Coxipó; houve differentes discursos e felicitações, um arco de triumpho e uma corôa de flores; o nosso venerando bispo desceu e veiu abraçal-o á porta da Sé, disse missa, que foi ouvida com o maior recolhimento por essas infelizes victimas da invasão dos barbaros, e entoou logo o *Te-Deum laudamus*, findo o qual foi todo o povo acompanhar o tenente Oliveira Mello até o quartel.»

—Que barulho foi aquelle na Baixa dos Sapateiros?

Quanto povo! Que foi aquillo mesmo?

—E' o *recrutamento*, isto é os guardas do 6.º que prenderam a um inspector de quarteirão e que a ninguem attendiam; insultaram-no, deram-lhe tombos e bradaram furiosamente que fossem quaes fossem suas isenções, havia de dormir no quartel.

—Quem é o inspector?

—E' o cidadão José Xisto Gomes, do 10.º quarteirão da Rua do Paço.

—E aquelle sargento?

—E' o Sr. Anacleto José da Costa, da 1.ª companhia do tal 6.º.

—O unico responsavel por tal abuso, depois dos officios do Exm. Sr. presidente e commandante superior, é, me parece, o Sr. tenente coronel Moncorvo.

—Seja lá quem for, o que é certo é que scenas taes, em grande numero, se passam na Bahia, onde se deu esta, sabbado 5 de agosto de 1865.

—A companhia do Queimado acaba de annunciar que faz gratis as despezas das *pennas* para as cazas, cujos donos quizerem 20 barris d'agua diarios, no minimo.

—Ja é alguma vantagem; porém só aproveita ás grandes familias. Julgo que a companhia mais aproveitara si reduzisse o minimo a dez ou doze barris. Seria maior a concurrencia, e haveria menos abuso; não se venderia agua em muitas casas, apezar da prohibição.

—E' justo, é justo; porém elles la sabem melhor o que lhes faz conta.

—A lei da guarda nacional exige que para ser-se guarda tenha-se ao menos o rendimento de 200$; e certos sujeitinhos nem tem officios, empregos, nem bens! E são guardas nacionaes! E insultam a todos! E estão livres do recrutamento! E estão garantidos! Porque tem nas costas uma farda que lhes não compete!

—E viva o progresso! E viva a patria! Voluntarios, á guerra! Bahianos, ás armas!

VARIEDADE.

Peixe voraz.

Foi pescado ha pouco tempo em Queensland um esturjão monstruoso, de sete pés de comprido, e seis pés de circumferencia na parte mais grossa; a cabeça pesava oitenta libras. Dentro do buxo deste esturjão phenominal achou-se o seguinte: duas garrafas quebradas, um cangirão para cerveja (de estanho), uma leiteira, sete carangueijos, duas duzias de ostras, um pedaço de ferro de tres polegadas de comprimento, uma cabeça de carneiro (bem conservada), ossos de boi e espinhas de raia.

Tudo tem mudado os nomes,
De ha certo tempo p'ra cá;
Até aos paes de familia
Se chama—*mamã*, *papá*.

O tremó hoje é *console*,
Tête-á-tête o canapé;
Etagéres as prateleiras;
Dansa á noite é *soirée*.

Ja de ha muito se chamava
Ao carro *cabriolet*,
Ao barrete, á carapuça,
E mesmo á gorra, *bonet*.

Mas hoje sobe de ponto,
Parece mesmo mania;
E' a botica *pharmacia*,
A tenda *mercearia*.

A taverna é *armazem*,
Hotel a hospedaria:
Chama-se *talho* ao açougue,
Imprensa é *typographia*.

O antigo sangra-burros
E' hoje *veterinario*;
O barbeiro maldizente
E' *artista capilario*.

E' *porte-monnaie* a bolsa,
Termo tão vulgarisado,
Que usa delle o pobre, o rico,
O marujo e o soldado!

Hoje é chamado *thesouro*
O que d'antes era erario;
Ao que era moço de rodas
Hoje chamam *trintanario*.

A antiga sege é *coupé*,
A carruagem *caleche*,
Aos vidros dos castiçaes
Appellidam de *bobeche*.

Dog-cart e *char-á-bancs*,
Victorias, *americanas*,
Té *irmans da charidade*,
Chamam hoje ás traquitanas!

A' renda feita de agulha
Dá-se o nome de *crochet*;
A' manta abafa-pescoços
Denominam *cache-nez*.

Ao nosso antigo fustão
Dá-se o nome de *piqué*;
A's coifas feitas de rede
Capitulam de *filet*.

Chamam *soutache* á trancinha,
A' seda fraca *foulard*,
Chamam *passemaneries*
Ao mais pequeno alamar.

(*Extrs.*)

A PEDIDO

D. Raimunda meo anjo!!!—Saude é o que eu lhe desejo; eu por mim estou bom; eu lhe escrevo esta cartinha meo anjo de previvencia: porque os homens, que não sabem o que é o amor ardente, tem feito mil cousas; com as que amão por isso eu lhe digo que quando; eu, passar la hoje as 3 horas, ou a qualquer hora com algum colego: lhe peço seriamente por nosso amor! que não fique na janella??!

Adeos meo anjo. Ouça o que eu, lhe; digo.....!

Cadete fri.

ANNUNCIO.

Quem tiver e quizer vender por 10$ o numero do *Jornal* em que o fallecido J. P. Leite amaldiçoara a um filho, annuncie por este periodico que será procurado.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2.ª BAHIA 10 DE AGOSTO DE 1865. N.º 247

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de agosto de 1865.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Um vendedor de sapatos pedindo permissão para rifar um cavallo cego.—Continuando o supplicante a pôr em pratica, como é costume, os feitos de *honra do celebre* Roberto Macario, será attendido no que pede.

O *Pharol* vem divertido com a administração actual. Sabem todos que luz de pharol é movediça e ninguem se deve fiar na sua cor que toma diversos e differentes matizes. Admira somente que sendo elle acceso pelo Sr. capitão João Carvalho traga tantos *gryphos*, tantas sombras de esbanjamentos e filhos da fortuna.

—Queria antes que tratasse dos filhos de padre, despeitados por não serem admittidos n'um emprego para o qual não tinham direito algum?

—Tambem não; queria somente que certo *filhote ficasse vermelho*... isto é que pudesse levantar a cara ante a gente honesta.

—Capitão, offereceram-se ainda para seguirem ao Sul os Srs. academicos Eutychio Soledade, Isidoro Nery e Ulysses Varella.

—O exemplo é nobre e digno de ser imitado.

—O Sr. Dr Luiz Alvares é tambem digno de elogios por ter-se offerecido a seguir com os contingentes da guarda nacional.

—Recebam os medicos militares que covardes fugiram esta lecção de patriotismo e valor.

—A *Constituição* continúa nos seus desfructes. Embirrou com o *Diario* e provoca o riso da gente honesta.

—Pobre de spirito!

—Capitão, partecipo-lhe que Numa resuscitou transformado em Manlio.

—Os salteadores mudam de habito.

—Não sei porque ignoram as serpentes que, apezar da mudança da casca, sempre se lhes conhece o veneno.

—Capitão, não ha uma hora fixa para a limpeza?

—Eis-aqui a resposta, é o contracto: Art. 12. O serviço da limpeza, nos limites dos districtos ou freguezias aqui estabelecidos, deverá estar terminado ás 8 horas da manhan nos mezes de setembro a março inclusivo, e nos outros ás 9 horas do dia.

—Com effeito! E quando mais forte é o sol, quando mais voa a poeira, quando mais incommodado é o publico, ao meio dia, ás 2 horas da tarde, é que se faz a limpeza das principaes ruas! da Nova do Commercio, por exexemplo! da direita de Palacio e outras!

—Chama-se a isso falta de cumprimento, da parte de *cima*, dos arts. 18, 19, 20, 21, 22 e 23 do citado contracto.

—Capitão, julguei que V. Ex. tinha feito fugir a certos medicos, mas elles reapparecem.

—Que ha de novo?

—Uma preta africana metteu um prego no pé, do que sendo curada por um medico, gangrenou.

A' vista do seu mau estado foi chamado um outro medico para cortar o pé. Chegou o medico e pediu adiantados tresentos mil reis, do que não quiz desistir, apezar da promessa de diversos africanos presentes que cotisaram-se para dar-lhe cento e cincoenta mil reis, dizendo que aquelle era seu modo de vida, que com palavras não mandava ao açougue etc.

Foi portanto despedido!

—E o nome do medico?

—Quem contou-me a historia foi o *Cunha* e é por tanto quem pode dizer.

—Ah! sor *Castro*! vá saber o nome do cujo.

—Espere V. Ex., capitão.

A preta foi para o hospital mas não lhe quizeram fazer a operação, dizem, por que constou que ella tinha dinheiro.

E a negra morreu, hoje, tres dias depois que se deu o caso dos tresentos bicos.

Fica por tanto o facto simplesmente exposto á publicidade para ser bem apreciado.

—Capitão, a Preguiça é deposito de cisco? augmentou-se acaso o art. 6 do contracto?

—Não; mas o art. 5 dá á camara direito de designar certos logares.

—Mas a Preguiça não foi designada pela camara, tanto que o fiscal multou a empreza por infracção de postura.

—Disseram-me que a empreza apresentou authorisação competente.

—Está enganado; a authorisação deveria ser uma portaria da camara e o que appareceu foi uma carta de um vereador.

—E a empreza pagou a multa?

—Não, e continúa a infringir a postura.

—E quem infringe postura pode querer applicar multa?

—Porque pergunta?

—Porque na segunda feira um empregado da limpeza a cavallo chamou o fiscal para uma venda defronte do Carmo, ameaçou o dono com chicote, fez um barulho dos seiscentos, só porque encontrou na porta seis pedaços de casca de laranja! E antes ja tinha dado um furioso pontapé em uma negra que estava alli vendendo.

—Tenho ouvido contar innumeros factos de um empregado da limpeza e admiro-me de como pode ser conservado um homem assim. Dar-se-ha caso que será doudo?

—Doudo é provavelmente quem o empregou; quanto a mim julgo que o sujeito anda sempre de barriga cheia, isto é almoça bem, janta bem, ceia bem e.....

—Viva a nunca assás applaudida limpeza publica!

—Recrutem, recrutem, peguem a torto e a direito e digam mesmo que quem mandou foi o *major paraguayo*!

—Isto é que é commandante de batalhão! isto é que é cumprir leis!

—E a falta de cuidado nas boticas continúa!

Alli do Terreiro veiu, em vez de canella, quina em pó!

—E assim como é isso, é o mais.

Srs. boticarios, não mateis o povo com vossos deleixos!

A PEDIDO

—Capitão, ainda cousinhas de nosso amavel barão, o celebre coronel commendador.

—Diga-as.

—Eis um caso succedido em *Adaens*. O coronel deu ao filho de um rico negociante a quantia de tres contos de rs. e arranjou lettra de trese contos....

—Como?

—Não foi comendo, como a do pobre rapaz que elle engoliu, mas foi como a da afilhada em que *dous* veio a ser *um*; e bem vê V. Ex. que é muito mais facil *tres* para *trese*. Como quer que seja, o pae do negociante insta para pagar ao nosso commendador a lettra com juros rasoaveis e o avaro quer somente os trese contos com que ha muito faz calculo e conta sua desmedida ambição!

—Com effeito!

—Tem mais de que admirar-se.

Sem fallar no filho do coronel Cid e no filho de um outro rico negociante a quem o infame desgraçou e desgraça, V. Ex tem muito de que horrorisar-se, até sem ser em avareza; aquella alma vive tambem de intrigas, trahições, mexericos, torpezas e miserias; nutre-se, applaude-se com o mal que faz.

Ora ouça:

Entrou n'uma questão só pelo gosto de fazer mal, e, intruso, constituiu-se parte. Comprou, para comprometter a parte opposta, duas testemunhas que ajustou por um preço e quiz pagar por outro.

As testemunhas receberam um papel para decorarem e por elle jurarem, o que fizeram, dando porém parte á authoridade quando viram que soffriam calote.

—Que miseravel!

—Vamos porém ás ganancias.

Illudiu a um pobre moço de *Arache* e comprou-lhe por uma ninharia, ou antes roubou-lhe uma herança que teve.

—São tantos os factos identicos que ja não admiram.

—O filho de certo visconde foi por elle lesado enormemente, e o pae zangado fel-o sentar praça por perdulario.

—Moços, para que vos *fiaes* nesse tigre?!

—Ha um certo moço que ainda não sabe quanto ha de receber da herança do pae, e taes historias tem feito o *Luciado*, que ainda a empenhos do *filho do Querino*, fica o rapaz sem real só para satisfazer a gana do abutre.

—E verdadeiro abutre!

—Cobrou de um certo *Francisco* oitenta e seis contos que lhe foram mandados n'um *pires*, resultado de uma hypotheca de 30 contos; mas por calculo não deu baixa á hypotheca.

Certos credores, a Caixa Filial, Banco e outros, sabendo que estavam os bens do sujeito exonerados da hypotheca, activaram suas execuções, mas o nosso amavel appareceu, oppondo embargos de terceiro ás referidas execuções.

—Ladrão!

—E tanto que um sujeito hypothecou-lhe sessenta e tantos escravos ficticiamente e elle não deu a resalva a que estava obrigado, e mamou os escravos todos!

—Que lhe faça muito bom proveito! Muitas boas tetas que devia ter chupado.....

(*Continúa.*)

—O' rapaz?! Então, queres ser doutor?

—Falla commigo?

—Sim, figura abjecta.

—E por ventura por ser eu filho incognito tambem não posso gosar este titulo?

—Quem te perguntou por isto, animal casciro? Não ha tantos de tua egualha?

—Ha, é verdade; mas eu ca ainda

estou no 2.º anno, louvado Deus, o gósto quando me chamam *doutor*.... na falta de curiosos ja receito.

—Ah, charlatão, por isso é que te vi hontem á noite encostado á esquina da rua dos pés de laranjas. Ias sem duvida receitar alguma victima....

—Não senhor, estava a observar uma visinha chegada ha pouco.

—Ca, ca, ca. Pobre diabo! E si ella mandasse o preto dar-te um banho de ourina pela cara?

—Mas, si ella não me viu.

—E a moça que tu dizias que gostava de tua cara de mono, e que por causa della no anno de 63 foste reprovado em inglez, ainda aprecia os teus desfructes?

—Por favor não falle nisto. Não queira que este anno eu seja reprovado.

—Disseste isto tão afoito,e na presença de tanta gente e agora tremes á minha vista!

Muxingueiro, leve este difamador para bordo e o castigue rigorosamente.

—Ai! acuda-me o bravo Murillo.

—Levanta-te vibora, e dize-me d'onde és filho.

—Da fazenda dos *Mendes* em Santos.

—Então és paulista?

—Não, sou maranhense.

—Como te chamas?

—Vianna.

—Não estiveste na schola do Kacme?

—Não Sr., aprendi perfeitamente.

—E como escreves com um phraseado que não é teu, tu que não passas de um tollo e ignorante, tosco e grosseiro?

—Eu pedi a quem escrevesse por mim, por que desde o dia 18 de julho que ando murcho em rasão de me quererem torcer as orelhas.

E ando cabisbaixo entre meus collegas, por que quando me veem dizem: «Ahi vem o tratante, o estupido, o difamador, o vil, o instrumento inferrujado de traição.»

—E não coras?

—Basta. Não escarneça.

—Ainda tem mais.

(Continúa.)

—Conhece aquella firma?

—E' uma peste que disse havia passar os poucos bens que possue para o nome de um amigo.

—E que amigo que deseja o prejuiso dos credores desse infame?

—Um ladrão que, ha poucos mezes, comprou uma venda na Solidão, prejudicando ao vendedor em 120$, e ficou-se com diversos objectos no valor de 40$ que elle sabe quaes são.

—O nome?

—O *Domingues* fez-me jurar por S. *José* que não dissesse.

—Pois bem o *Pires* pergunta ao *Souza*, e eu sabendo-lhe o nome, elle paga logo todo o debito.

—E' um biltre descarado que quer sustentar familia á custa dos outros; não paga nem pelo diabo.

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Vae ver si com a conciliação da tua taca aquelle bregeiro paga o que deve. 50 calabrotadas nas ventas!

ANNUNCIO.

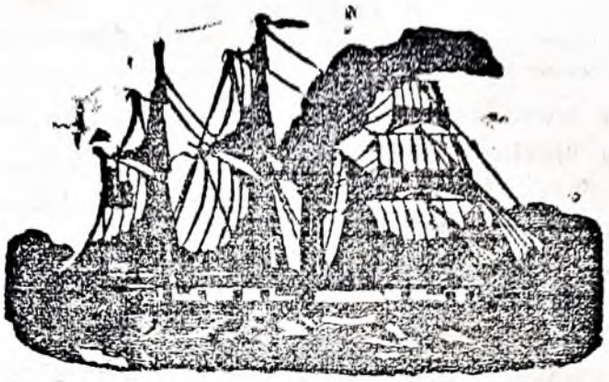
Attenção.

Na loja do Zuavo Bahiano na rua Direita do Commercio n. 37 se vende charutos de todas as qualidades, finos e entre finos, tanto a retalho, como por atacado, assim como recebe-se encommendas de qualquer qualidade.

Quem tiver e quizer vender por 10$ o numero do *Jornal* em que o fallecido J. P. Leite amaldiçoara a um filho, annuncie por este periodico que será procurado.

Nesta typographia se dirá quem vende uma machina de photographar,obrigando-se o vendedor a ensinar a trabalhar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 25.ª BAHIA 12 DE AGOSTO DE 1865. N.º 248

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de agosto de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias no sentido de obviar os inconvenientes que se podem seguir do comportamento que actualmente tem nesta cidade os marinheiros americanos.

(No mesmo sentido officiou-se pela segunda vez ao Sr. consul dos Estados Unidos.)

—Capitão, noticias do Sul.

—Estou prompto a ouvil-as.

—O governo promulgou um decreto sobre a guarda nacional que ordena que, no caso de não ser feita a designação para os corpos destacados pelos conselhos, seja ella feita pelos commandantes.

—Isto aqui é cousa velha; ja advinhavam o decreto.

—Si não for possivel a organisação dos taes corpos, seguirão os da guarda nacional com a mesma organisação, excluidos os viuvos com filhos e casados com filhos.

—Vire folha.

—O chefe de policia do Rio de Janeiro prendeu dous moedeiros falsos e apprehendeu 95:000$ em notas de 20$ do banco do Brazil.

—Ah! ladrões!

—E o *Monitor Campista* dá noticia de que foram apresentadas á policia duas notas falsas de 5$ rs.

—Em quanto ha vento agua ao panno.

—Falleceu o illustre litterato, o Sr. coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

—Que mais?

—Do Rio da Prata nada havia de importante. O general Urquiza tinha conferenciado com o presidente Mitre o tinha promettido voltar breve com seu exercito.

—Capitão, offereceram-se ainda para partirem para o Sul os academicos Pedro Affonso de Carvalho e Geraldo Francisco da Cunha.

—Os brilhantes exemplos partem sempre da mocidade.

—Alto la! muitos veteranos tem ja seguido e ahi está o bravo e corajoso tenente Rury.

—Nem era possivel que elles des-

mentissem seus heroicos feitos da Independencia.

—E as senhoras tambem distinguem-se; o exemplo está nas Exms. Sras. D. D. Joanna Francisca Leal de Souza, Maria Emilia Alves de Azevedo e Anna Justina Ferreira Nery.

—Nem menos era de esperar d'um paiz regado pelo magestoso rio das Amazonas.

—Com tudo V. Ex. concorda.....

—Só não concordo com a indifferença em que se acham as *charidosas* irmans de charidade; deviam marchar e prestar os serviços que lhes impõe sua regra, em vez de se arvorarem aqui em abelhas mestras.

—Mas para que ellas la?

—Para serem infermeiras, darem banhos, ministrarem remedios, applicarem clysteres.

—Historias! as taes charidosas no Sul extranhavam o clima, ficavam doentes e em vez de darem clysteres bem bons que teriam de chupar!

—Attenção!

Circular.—Rio de Janeiro.—Ministerio dos negocios da guerra, em 24 de julho de 1865.—1.ª directoria geral.—1.ª secção.—Illm. e Exm. Sr. Tendo a experiencia demonstrado os inconvenientes que se dão de virem os voluntarios e praças do exercito acompanhados de suas familias, resultando desse facto ficarem ellas muitas vezes abandonadas, ou ter o Estado necessidade de as sustentar para não deixal-as entregues á miseria; cumpre que V. Ex. não consinta que os voluntarios, ou qualquer praça do exercito embarquem com familia, sendo melhor dispensal-os de vir para a campanha se fizerem absoluta faltas ás pessoas que quizerem trazer.

Deus guarde a V. Ex —*José Antonio Saraiva.*—Sr. presidente da provincia de.....

—Diz o *Jornal* que estavam em S. Vicente dous vapores encouraçados paraguayos.

Não se garante a noticia, mas cumpre estar prevenido.

—Chegou da provincia de Sergipe um contingente de guardas nacionaes para seguirem ao Sul.

—Cumprem seu dever de brazileiros.

—Leu no *Interesse Publico* um artigo intitulado—Não é tarde ainda?

—Li, reli, creio, não creio, recreio, descreio; acho impossivel!

—Capitão, Dendebús é professor.

—Quem lhe disse?

—Eu que o vi dando lecções e castigando os meninos com *pimenta*.

—São milagres de *Santo Antonio*, que se ha de fazer?

—Capitão, vou abrir uma padaria.

—Que lhe faça bom proveito! E' preciso cuidado em certos generos de negocio.

—Não ha receio, capitão; só em fogo tiro excessivo lucro.

—E faz tenção de vender fogo?

—Admira-se? pois não é novo; é systema *d'Allemanha*; um padeiro que de la veiu, burro, estupido, malcreado, porém perito no officio, foi quem estabeleceu esse systema.

E tanto que ja uma padaria que ha na rua do Paço pegou na cousa; quem quizer fogo paga dez reis ou um vintem.

—O diabo tambem ha de pegar-lhes nas almas!

—Capitão, é verdade o que diz o *Jornal?*

—Sobre que?

—Sobre o recrutamento que houve no Rio Vermelho.

—Duvida?! Si aqui no centro da cidade, o escandalo foi tanto que até homens de pergaminho foram recrutados, quanto mais naquellas longinquas praias!

—Pois na Penha nada tem havido;

não ha rasão de queixa da parte de pessoa alguma.

—Agradeçam ao prudente subdelegado daquella freguezia.

—Viu uma portaria de 17 de novembro publicada no *Pharol*?

—Vi e acho aquillo extraordinario. E' doação de uma casa de campo com capella e quinta ao imperador, a qual tinha de servir para um estabelecimento publico, e no Cabeça nem sombra de taes casas existe!

—E' que alguem talvez comprou a *droga*, tanto que o *Pharol* falla n'um *rico negociante*.

—Então admittindo a authoridade do *Pharol*, o negociante é ladrão por que não comprou; defrauda a fazenda publica.

—Por lá se hajam. O que é certo é que não ha meio mais *poderoso* de vencer difficuldades do que o dinheiro.

—Tem rasão, Sr. coronel.....

(Continuação do n.º 242.)

—E a graça não é esta: o patife tinha e tem companheiros brazileiros!

—Que diz?

—Ha por aqui um resto de archote, um lombriga de az pobre, um certo Manezinho filho de Novaes, que é ainda mais paraguayo do que o Lopez.

Esse patife insultou bastante ao official de que ja fallei, e teve o desaforo de ameaçar o caixeiro despedido, andando de porta em porta a querer arranjar documentos.

—Miseravel! tollo! desfructavel!

Ca e lá más fadas ha. Assim como ha muitos portuguezes honestos e moralisados, muitos portuguezes respeitaveis e dignos de consideração, ha tambem alguns patifes, entre os quaes o tal *Larão*.

Não ha porem rasão para descontentamento; temos tambem muita gente seria, assim como brazileiros da casta do Manezinho, canalhas em todo o rigor da phraze.

O que deve por tanto fazer-se é em todo o caso salvar-se as excepções.

—Mas sim o tal Manezinho...

(*Continúa.*)

A PEDIDO

La vae obra.

O *Cangalheiros* visando
Uma teta bem gordinha,
Quer ir carregar cangalhas
No arsenal de marinha.

Ja tratou com pae Domingos
Deixar lhe as velhas cangalhas;
Do milho que lá comer
Mandar lhe trazer as palhas.

D. G. C,

Piqueta.

O *Guedes* toca viola,
O *Barros* pucha fieira,
O *Passos* fica mamado,
Poderoso enche a algibeira.

Attenção.

ALGUMAS PALAVRAS ACERCA DAS INFAMANTES E TRAIÇOEIRAS LINHAS CONTRA O HONESTO E RESPEITAVEL P. M. VIGARIO DE PASSÈ PUBLICADA NESTE JORNAL DE 5 DO CORRENTE MEZ. (*)

Sr. redactor.—Mau grado meu se conhecedor da verdade e da honra e dos actos que merecem á attenção do meu maior reconhecimento não viesse o abaixo assignado occupar em uma das columnas deste jornal algumas palavras que julgo de consideração e de respeito ao reclamo do que ha de mais honesto e respeitavel como seja o sacerdote.

O meu fito aqui é tão somente chamar a attenção do auctor da correspondencia com a minha calma lisongeira e não da precipitação para desmascarar o calumniador que se quiz occultar atravez da capa negra e nojenta porque não poude apparecer de frente ao homem virtuoso ou em parallello com a luz por ser negro como as

(*) Não nos consta. O Sr. Palharos é quem diz agora.

A Redacção.

trevas. De moto proprio quiz apparecer no alvo destas columnas em abono a verdade e justiça que tanto caracterisam a pessoa do P. M. Vigario, do qual eu protesto contra qualquer calumnia que a elle appareça porque exuberantemente tem os predicados que constituem a sua melhor vida de religião para o que é querido por todos aquelles que o conhecem e de mais pelas suas ovelhas.

Por tanto assigno-me para que o anonymo da correspondencia do meu amigo arranque a mascara que o cobre quem quer que seja por que é esta a arma da covardia e cuspida pela sociedade sensata e não seja o homem pequenino e intrigante semelhante ao infame reptil que se não peja de horror, assigne-se e siga os exemplos dos homens cavalheiros que medem-se com iguaes armas na luta a que ambos se propoem e então entre a luz do alto dia e a verdade dos factos um dos dous ganhará a victoria em face da sociedade illustrada da verdadeira auctoridade e da lei que garante o titulo e honra do cidadão.

Bahia 8 de agosto de 1865.

Antonio Joaquim Palhares.

O canto do voluntario.

Sou da patria voluntario,
Sou valente, sou guerreiro;
Geme a Patria, vou salval-a,
Sou leão, sou brazileiro.

Passo alferes a tenente,
E tenente a càpitão,
Q'eu tambem que sou soldado
Quero ter o meu galão.

Contra o poder do tyranno,
Se arroje o Brazil inteiro,
Turvem-se as aguas do Prata
Do vil sangue, traiçoeiro.

Eia, sus, eu sou da guerra!
Sou furia, fogo e dragão;
Sou tudo, mas quero as honras
D'espada, banda e galão.

De Lopez--a massa bruta
Curve-se ao genio guerreiro,
Que preside á santa causa
Do soldado brazileiro.

Quando o sul convida o norte,
No gemer do seu canhão,
Todos sobem muito embora
Por méra nomeação.

Geme a Patria; vou salval-a,
Sou valente, sou guerreiro;
Vou por ella dar meu sangue,
Meu suspiro derradeiro.

Sinto o fogo que me abrasa,
Sinto em chamma o coração;
Mas tudo se torna em gêlo,
Si me deixam sem galão.

Por—*P. R.*

Senhora!!!—Desde que os meus olhos, tiveram a dita ou desdita de versos: dita digo de olhar para a pessôa a más formosa que jamais tenho visto!!! e desdita em considerar que n'este olhar se encerra todo o meu desaçocego e inquietação, não podendo abafar as chamas que me abrasam o peito;.... a meu pesar lanço mão da debil penna para te comunicar o amôr que te tenho e a paixão que por ti sinto!!! juntamente confessando-te que só de ti mana o meu soscêgo e felicidade.....O' quam filiz seria eu se aquella a quem dirigo estas mesquinhas expressões se sorrisse para mim como uma estrela fagueira, para tornarem mais leve, os incendios que me abraza o coração??... Triste, e muito triste é á vida do homem a quem Deus presenteou um coração cincero!!

Sou!!...*Berchorf.*

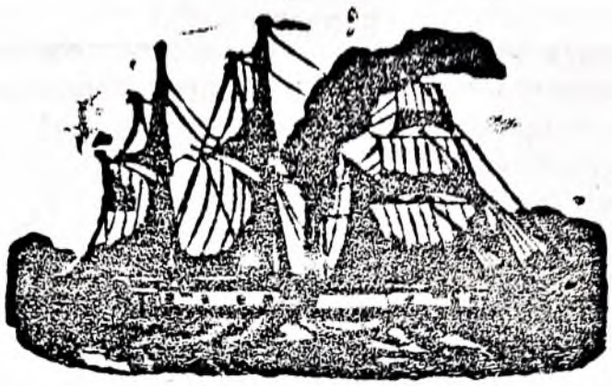
ANNUNCIOS.

No Campo do Barbalho freguezia de Santo Antonio ha uma caza para alugar toda forrada e assoalhada com commodos para grande familia. Para tratar no sobrado alto immediato.

LEITE PURO A 160 RS.

Defronte do Lycèu, sobrado n. 11, ás 6 horas da manhã.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 25.ª BAHIA 17 DE AGOSTO DE 1865. N.º 249

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n.º 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Palavras sem nexo que podem ser lidas.

« O Sr. é guarda?

« Não, Sr.

« Pois está preso. »

São estas as palavras sacramentaes com que qualquer *reu de policia* arvorado indevidamente em guarda nacional, faz preceder ao acto de agarrar qualquer cidadão honesto, qualquer pessoa isenta de todo o serviço militar.

E' um desaforo, cuja continuação se não pode tolerar! Nunca se viu em paiz civilisado, em provincia administrada por quem quer se fazer respeitar, actos de tal ordem! nunca se viu recrutamento para a guarda nacional!

Tal vergonha estava reservada a esta miserrima Bahia que tudo soffre, por amor da ordem, em favor dos filhos da fortuna, em detrimento de seus brios, com offensa das leis que a regem, com menospreso da moralidade, máu grado o protesto energico da opinião publica!

E' um desaforo que não pode continuar!

A' ordem de quem prende o guarda? Do commandante, diz elle! O commandante nega.

De duas uma: ou o commandante manda prender a todos, ou não manda.

Si manda, é um despota, um arbitrario, que deve ser processado, reprehendido publicamente pelas authoridades superiores que não podem, a capricho, ou por *innocencia*, fazer-se surdas ás vehementes censuras que bem fundadas se levantam contra tão inauditos abusos.

Si os guardas abusam, si tal ordem, não a dá o commandante, porque ficam impunes os soldados? porque não os manda castigar o commandante?

E' preciso, Srs., que renuncieis á pretenção de illudir este pacifico povo! Está acabado o tempo de enganar os homens!

« Mas todos somos brazileiros, a lei é egual para todos, devemos todos defender á nação ultrajada. »

Ah! que bonitas palavras para serem ouvidas! que bonitos commentarios ellas chamam! que *apertos* trazem! que colicas! que frios produzem!

E quanta injustiça deixam ver!...

....

Mas emfim todos devemos ir com certas e certas formalidades. A *formalidade* é a lei. A lei marca a maneira pela qual todos devem *ir indo*.

Pois cumpram a lei!

Querem guardas nacionaes para as fronteiras, para a guerra?

Deixem de abusos e escandalos, cumpram a lei. Façam a designação regular. Não estejam a pôr a cidade em alarma, a fazer sahirem em pranto pelas ruas as viuvas, as esposas, os cegos em procura de seus filhos, maridos, netos e arrimos que foram *tirados para o contingente*, quando ahi ficam centenas de milhares de homens solteiros em toda a extensão da palavra!

Querem recrutas para o exercito, já que o *Pharol* diz que é santo o recrutamento, apezar de levar certos dias mettido em caza?

Cumpram a lei, e tel-os-hão. Vão á qualificação da guarda nacional e e extraiam della os que não estiverem no caso de ser qualificados que não serão poucos.

Deixem de amedrontar a população, de fazer os tabaréus *fugirem*, o carvão desapparecer, a farinha encarecer, a fome augmentar, a miseria crescer, a pobreza soffrer!

Na Penha, por exemplo, o batalhão 110 tem 1185 guardas; estão no caso de servir todos?

Estão entre elles verdadeiros reus de policia, que ainda não ganharam em toda sua vida 200$ rs : os ratoneiros, os ladrões de pombos, os insultadores de familias, os ladrões de camarão e peixe, os quaes estão todos garantidos porque tem ás costas uma blusa de brim pardo!

Exemplo, o delegado quer recrutas e o subdelegado não os pode dar, não acha um, porque os que o eram pertencem hoje á guarda cidadã!

E entretanto são os que mais recrutam, os que mais abusam, os que mais insultam!....

Sabemos que para obviar certos abusos, o digno commandante o Sr. Silva Reis mandou de proposito a lista de qualificação ao subdelegado; o que tem sido um grande beneficio. Tão cavalheiroso procedimento, qual o de pôr o cidadão sob a immediata vista d'uma authoridade, ao ser preso por guardas ignorantes e malcreados, é por certo digno de louvores e encomios.

Que os commandantes não mais se desculpem com os guardas, que os façam punir por tanto!

Que a authoridade superior puna os commandantes arbitrarios!

Que a lei do recrutamento seja cumprida!

Que a lei da guarda nacional seja respeitada!

Que os decretos ultimamente expedidos sejam observados!

Que os criminosos tenham pena!

Que o arbitrio caia!

Que a constituição triumphe!

E o terror desapparece, o socego renasce, a confiança volta, o commercio vigora, a industria anima-se, a lavoura cobra animo, os tabareus tomam folego e a nação prospera.

E a nação prospera, os voluntarios correm, os recrutas affluem, os defensores da patria multiplicam-se e o nosso triumpho é certo.

Este paiz só pode ser bafejado pelas auras da Liberdade; nada portanto de compressão, que, como a mancinella de Java, tudo aqui nullifica, abate, destróe e mata!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de agosto de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande concertar um cano que arrebentou na Conceição do Boqueirão, o qual, além de pôr a rua em estado miseravel, muito tem incommodado as ventas do publico que naturalmente ha de soffrer em sua saude.

Espera-se pois da Illma. alguma cousa nesse sentido.

—Os academicos voluntarios ja embarcaram.

—Deus os leve e os traga a salvamento.

—Foi luzido o embarque; compareceram as authoridades, houve vivas, poesias excellentes, sincera demonstração de amisade e patriotismo tanto dos que foram como dos que ficam.

—«Florentino Nunes de San'Thiago, cabo da 3, companhia de policia, po-

dindo passagem para a 4ª companhia de zuavos bahianos.—Não tem logar.»

E' celebre!

Quer-se voluntarios, e engeita-se-os!

—E o mais é que em cima foi preso!

—Quem tem sua cousa bote! Quem tem sua cousa bote!

—Que gritos são estes? que significam?

—São os empregados da companhia da limpeza que pedem cisco.

—Isto de pregões é novo. Vão ver que augmentaram outra vez o contracto!

—Tem-se ja reclamado contra a maneira por que se portam os marinheiros dos vasos de guerra americanos, surtos no nosso porto; as providencias?

—Não apparecem! Mas as desordens que os taes homens fazem continuam. Deus queira que não haja algum conflicto!

—E' o mais certo; parece até que os homens vieram de proposito.

—Cale-se! negocio politico não é para todo bico.

—Calar-me! E além da desolação do recrutamento, o serem as casas invadidas por elles, o facto de suas desordens continuas!

Brasil, so nasceste para soffrer!

—Aquartellaram os corpos 4.°, 5.°, 6.°, 110 e 1.° de artilharia da guarda nacional, segundo as ordens expedidas pelo governo.

—Em Piauhy offereceu-se uma senhora para marchar para a guerra. Appareceu ao presidente vestida de homem; mas este conheceu-a, julgou-a alienada, ou apaixonada, fez-lhe minuciosas perguntas e conheceu somente que a moça é uma heroina. Está pois de sáfote, calções, fardeta, bonet e mosquete; recebe soldo e tem o posto de segundo sargento.

—Isto acaba por ser um paiz de amasonas.

—Não tem duvida!

—Não sei porque os Srs officiaes da guarda nacional estão na moita! Nada de offerecimentos, nada de quererem marchar!

—Não vão por bem, irão á força; os soldados tem obrigação de *encorajarem* os officiaes covardes, e ja que estes não seguem seu nobre exemplo, aquelles a taes obrigarão á ponta de bayoneta.

—Agora tenho reparado muito n'um dos perniciosos males da escravatura. As ruas estão cheias de homens robustos, decididos, animados, indignados das barbaridades de Lopez, mas prohibidos de marcharem, porque além da patria, tem um senhor; acima dos estimulos da natureza e da honra, está o prejuiso de uma sociedade rotineira!

—O que convinha era que esses fidalgotes ricassos, esses liberaes de herança, esses desfructaveis que enchem a boca de *infimas camadas*, libertassem os escravos que tem por ostentação, muitos, quasi todos sem officio, e os mandassem para as fronteiras defenderem a honra ultrajada do Brazil! d'um paiz que é só de quem tem dinheiro e posição!....

—Deus, compadece te desta terra miseravel tão cheia de miserias miseraveis!

A PEDIDO

—Ouça uma falcatrua de um caixeiro do Sr. Barateiro.

Uma pessoa foi na segunda feira a essa loja comprar uma peça de madrasto. Escolheu a que lhe servia, e ajustou por 7$500, que pagou todo em cobre, recebendo o caixeiro o dinheiro sem querer contar.

—O que vejo ahi de mais é um rasgo de boa-fe da parte delle. Nada mais.

—Ouça o resto O experto caixeiro em quanto ajustava substituiu a fazenda e enrolando-a entregou ao comprador que recebeu-a; porém causando-lhe

especie o se recusar o meliante a contar o cobre, estranhou a illimitada confiança, e desconfiou que havia embaçadella. Abriu o embrulho e achou-se logrado.

—Força de probidade commercial.

—Isto não é tudo. O caixeiro recusou-se a receber a fazenda, insultando com os nomes mais acres e torpes o comprador, cujo unico recurso foi deixar-lhe a fazenda no balcão.

—Além de fraudulento, insolente e atrevido!

—Não sei si era recordando-se da genealogia que elle appellidava com taes nomes a pessoa a quem tinha lesado.

—Pois olhe, era melhor que elle os guardasse para quando fosse cumprimentar a familia.

—Por fim depois de muitos desaforos entregou o dinheiro, por instigação de seus companheiros.

—Meu amigo é preciso que se faça destas e outras para supprir o que se gasta com theatros, cavallos e em casa das meretrizes.

—O Sr. Barateiro é que deve procurar caixeiros que não sejam tão insolentes e malcreados.

No alto mar da ganancia
Andam de tafularia
Quatro tafues mui expertos
Fazendo uma pescaria.

O Guedes leva o anzol
Com a fisca e a chumbada.
A rêde e os monzuás
Traz o Barros Chicotada.

O Passos cava minhocas
Para a isca fornecer,
Na hora de repartir
E' quem menos ha de ter.

Poderoso leva o *cófo*
Para os *peixinhos* deitar:
Este homem é finorio!
So quer cousas de guardar!

Sr. Redactor.—Peço-lhe permissão para por meio do seu muito lido jornal, fazer patente ao publico o procedor integro e justiceiro do Illm. Sr. Dr. Emygdio Joaquim dos Santos, que sendo juiz n'uma causa, acaba de cortar um abuso. Tracta-se do Sr. Lopes Cardoso, que commettendo um crime, disso gabou-se ante a authoridade e queria ficar *garantido*, allegando ser retratista imperial e *dever* por tanto ser recolhido ao quartel de policia e conduzido por um official.

Tão absurdas e phosphoricas pretenções desfez o illustrado Sr. Dr. Emygdio, lembrando-lhe que elle não era mais que um creado de galão branco

Por esse acto pois, que é mais uma prova de intelligencia do digno juiz que lançou por terra esse abusivo costume antigo, cumprindo a lei—receba o mesmo Sr. Dr. os louvores que de sua obscuridade lhe tributa

Um apreciador do merito.

—Leu o *Diario* de 15 do corrente? Vem nelle a resposta á *Constituição* pelos insultos que atirou ao Exm. Sr. Des. Luiz Antonio, por não ter nomeado official de voluntarios a um celebre Cornelio Borges de Barros.

—Lì; é a demonstração dos crimes e infamias do tal Cornelio. Nada honra tal constituinte; á *Constituição*, que lhe faça muito bom proveito a defeza de que se encarregou!

ANNUNCIOS.

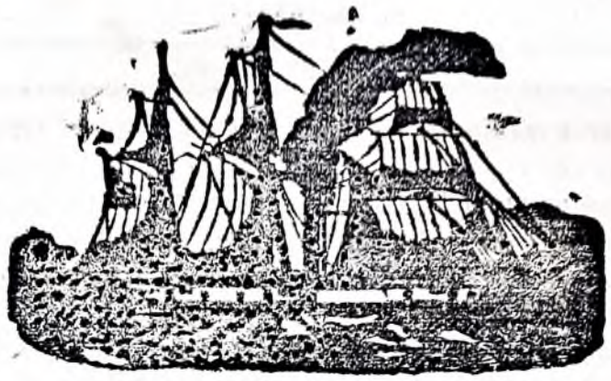
No domingo (20) haverá na Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, a festa do Glorioso S. Roque advogado contra a peste Espera se grande concurrencia de seus devotos.

No Campo do Barbalho freguezia de Santo Antonio ha uma caza para alugar toda forrada e assoalhada com commodos para grande familia. Para tratar no sobrado alto immediato.

LEITE PURO A 160 RS.

Defronte do Lyceu, sobrado n. 11, ás 6 horas da manhã.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 25.ª BAHIA 19 DE AGOSTO DE 1865. N.º 250

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao publico.

E' costume nosso mandar a gazeta a todos os presidentes que chegam; mandamol-a por tanto a S. Ex. o Sr. Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas.

Ao ir porém o caixeiro cobrar a assignatura, o ajudante de S. Ex. respondeu-lhe que S. Ex. nem pegava *nisto*!

Bem vê-se que ha *nisto* alguma delicadeza.....

A S. Ex. o Sr. presidente da provincia.

Continuam os guardas nacionaes a recrutar!.....

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de agosto de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, representando-lhe contra o procedimento de alguns zuavos que sahem de noite a *recrutar* voluntarios para suas companhias, e asseveram que o fazem por ordem de S. Ex., quando alguem reclama contra tal abuso.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que faça com que o respectivo fiscal multe os moradores da caza n.º 61 á rua do Commercio, os quaes se divertem em atirar caldeiradas d'agua servida em cima das pessoas que passam. Cumpra.

—O *Pharol* não disse tanta cousa bonita do recrutamento? Pois está damnado!

—Como?

—Foi preso o irmão e elle anda dizendo em particular que isto é malfeito, que o abuso é grande, que tal estado não pode continuar etc. etc.

—Cahiu-lhe o raio em casa e não gostou da graça!

Não ha nada como um dia depois de outro.....

—Escreve Deus direito por linhas tortas!

—O *Alabama* accusava o Sr. conselheiro Saraiva por declarar guerra e fugir para o engenho; agora calou-se porque o homem deu-lhe uma resposta que não admitte replica, é ministro da guerra!

—Melhor seria a resposta si elle fosse para a guerra; mas emfim o que V. censura ao *Alabama* é ao contrario

uma virtude, porque reconhecendo o heroismo do Sr. Saraiva, fez cessar as accusações.

—E com effeito o homem tem feito muita cousa boa: tem expedido seus decretos generosos, dispensando os que tiverem familias; tem mandado recrutar a torto e a direito, o que não é de censurar, attenta a necessidade em que estamos e a que alguem precipitadamente nos levou; tem realmente adquirido jus a um eterno reconhecimento de seus patricios que ja dizem que si elle não entra interinamente para a pasta da guerra, tão cedo o Paraguay não sabia para quanto prestamos.

—E foi bom o Sr. Saraiva achar aqui na Bahia, como se costuma dizer, uma forma para seu pé. O delegado do governo, o actual Sr presidente tem sido incansavel: tres, quatro dias depois da *caçada*, depois das cazas cercadas, dos cidadãos atropellados, chovem os officios, vem as respostas, apparecem os editaes, os abusos não são authorisados, suspende-se o recrutamento, tudo se fez sem sciencia de S. Ex. que não cuida só em ninharias. S. Ex está occupado, visita os vapores americanos, os arsenaes, o brigue chefe, o Gymnasio Bahiano; demitte os subdelegados da Diamantina que ainda não se juramentaram, assim como os de Taperoá e Porto Seguro; nomeia subdelegados e delegados para Caetité e Capim Grosso que estão acephalos; promotores para Chique-chique & &; manda arranjadores de voluntarios para todas as partes; recebe officios de offerecimentos de todo o genero humano; nomeia officiaes á espera de voluntarios que cheguem; faz cousas emfim que só um genio, dotado de elevado patriotismo e firme boa-vontade é capaz de praticar. Honra por tanto aos Exms. Srs. conselheiro Saraiva e Dr. Dantas que muito tem contribuido para o proximo desinlace de nossa questão no Rio da Prata! Honra ás intelligencias esclarecidas! Vivam os intelligentes bahianos que dão honra á provincia que os viu nascer!

Viva, viva!

—V. não dizia que iamos mal? que a constituição estava morta? que as garantias estavam suspensas? Pois leia o edital do chefe de policia e veja.

—O que? o que diz elle?

—Que o recrutamento é feito pelos subdelegados.

—Isto ha muito que sahiu na gazeta e foi justamente depois da sua publicação que principiou o escandalo do recrutamento indistincto para a guarda nacional.

Que mais?

—Diz que os tabareus das farinhas podem vir sem susto que ha ordens para que não sejam elles recrutados.

—Eu creio. Que mais?

—Diz que estão isentos do recrutamento os que tiverem isenções legaes.

—Ora va.... va elle!

Estão isentos os isentos?! Até ahi morreu o Neves ou appareceu o Eloy. Vejamos la a novidade! Estão isentos os que tiverem isenções legaes! *Qousque tandem abutere patientia nostra*?!...

—Traduza este bicho que eu não intendo.

—Quem é neste tempo que come araras?!...

—Capitão, disseram-me....

—O que?

—Que no arsenal de guerra os menores vão mal, por deleixo unicamente do seu guarda que se importa tanto com elles como eu com elle.

—Mas que houve?

—Ha sempre muita cousa; mas na terça feira 15, os menores foram á missa, e ao voltarem, o guarda deixou-os á vontade, de sorte que elles furtaram uma espingarda e dez cartuchos emballados, furaram um forro ou telhado e fugiram até hoje!

—Então acabaram-se os menores?!

—Não, os que fugiram foram quatro, de que se não tem noticia.

—E é certo?

—Creio que sim; e si não que desmintam os interessados.

—Sr. brigadeiro director do arsenal, providencias. Publicamos o facto para seu conhecimento e governo.

—Capitão, é moda entrarem as moças de chapeu na cabeça?

—Por que pergunta?

—Porque tenho visto e dizem que assim o ordena o capellão de Nazareth.

—E' talvez moda de Roma ou de França, donde voltou todo europicado o nosso amavel conego Dr Rocha.

—Ah! ah! ah! isto é rico!

(Continuação do Gafeiro)

—Ouve outro.

Lembras-te da noticia que correu de ter apparecido um cadaver no Queimado? lembras-te de quem a deu? lembras-te de quem a desmentiu? de quem insultou a quem a mandou dar, tendo delle recebido o cobre? Não descubriste quem foi? não recebeste dinheiro da direcção? quem foi o venal, safado? quem melhor merece o nome de canalha, gafeiro?

—Capitão, perdão!

—Perdão á cobra! Seria o mesmo que querer suicidar-me!

Ouve ainda outro.

Não se repetiu muito mais tarde noticia identica? os especuladores não a espalharam? não aproveitaram o mau estado das aguas para aterrarem a população? Quem era o orgão de taes noticias? não eras tu quem com todos se empenhava para desacreditarem as aguas? não forjaste historias de bichos? não fizeste teu amigo do *Pharol* ser cortado pela *Critica?*

E quem depois mais defendeu taes aguas? quem insultou aos medicos que as acharam más? quem insultou a quem continuou a prevenir o povo? Não foste tu, depois da *visita* na typographia e em caza? não foi o futuro barão do Queimado quem fez o milagre? não foi elle que ha poucos dias te chamava ladrão? Eim, cousa ruim? falla, dize, quem é o canalha, o alugado, o vendido, o comprado, o mercenario, o venal, o escrevinhador miseravel e corrupto?

—Capitão, V. Ex insiste de maneira que não parece christão! Oh! piedade, piedade por quem é!

(Continúa)

A PEDIDO

—Irra, Sr. *Palhaço*, que miscellanea de asneiras trouxe Vm. em defeza de seu amigo!....

Si eu fosse o tal vigario, em recompensa, mandava-lhe uma capella da mais verde gramma que houvesse nos pastos da freguezia.

Olhe que ha muito não vejo uma caxolla tão fertil em disparates como a sua!

Si o Sr. não é um completo simplorio, é um desmarcado desfructavel.

Apezar de que está me parecendo que a obra não é sua.

Como que vejo naquelle mixtiforio o phraseado capadoçal de seu amigo vigario.

Provavelmente a sua viagem a semana passada lá pela freguezia foi para trazer aquella *cancalurrada*.

Acertei ou não?

Olhe que bobo!... assignar seu nome n'uma babuzeira escripta pelos outros!

E ha quem diga que os toleirões ja se acabaram!

Muitas patacas—ha de lhe comer do frete—o mestre da lancha onde se deita *gamboa* pelas viagens que o Sr. ha de dar sempre que sahir a chronica do padreco.

A proposito, não vae aos annos do cujo? Dizem que ha pagode, samba, borracheira, etc.

Adeus, Sr. *Palhaço*, até a primeira.

O batalhão 110 fez sua formatura em frente ao convento do Carmo no dia 13 do corrente; louvores ao seu commandante, pois sendo um corpo que agora se organisou, se apresentou ja tão luzido, e com bella musica: o Gigante de Pedra despeitado por todas as formas, nem se atreveu a chegar á janella; diz elle que com quanto ainda hoje capitão (dote que lhe deu o bigode de ferro, e por elle taboquiado unindo-se a familia do perna santa) pretende algum dia chegar a commandante superior, para ter debaixo de si o commandante do 110: recommendamos ao commandante do 4° esse valente militar para o Paraguay, pois basta que S. S. tenha em lembrança o que elle praticou no dia que tomou conta do batalhão, porque si S. S. soubesse o que elle disse no almoço que deu nesse dia, a certos companheiros que insuflados por elle não aceitaram o copo d'agua que S. S. deu, de certo de ha muito o teria premiado.

Um official.

O alferes Gaudencio Cesar de Mello, retirando-se para o Sul, e não podendo despedir-se pessoalmente de seus parentes e amigos, o faz por meio da imprensa, pedindo desculpa desta involuntaria falta, attento o pouco tempo de que dispoz.

Negocios das Areias.

Insiste um miseravel das Areias, moleque fugido de duas freguezias, em fallar em *mamarrote*, calumnia contra que ja está cançado de protestar toda a gente honesta que conhece a certo subdelegado que não é da laia dos chupadores de *canninha*, que em todas as vendas tem dividas.

Quando o burro é manhoso que se ha de fazer?

Insiste a besta em mamarrote, que remedio se ha de dar? Em vão trabalham as esporas e a taca, o bicho continúa na teima. Deixal-o!

E depois quem mais Vampa do que o empregado que é demittido do arsenal por ladrão, ou o vigario que sahe corrido por pedir 50$ rs. por um casamento?

E pode haver maior besta ou egua parida do que o subdelegado que ignora a significação das palavras portuguezas?

As vaccas que o medico curava— outras não podem ser que a mãe que pariu o ferino bezerro da cara frunchada, que por milagre do demo pac que o amassou toca vú e viola; assim como as que no adro do Bomfim andaram ás marradas por causa de certas cousas que se contará si quizerem.

Por ora so.

Bofetada a premio.

José Caneta, portuguez, caixeiro de dous brasileiros, no dia 12 do corrente a bordo do vapor que faz as viagens para o Bomfim, disse que dava uma bofetada no portuguez que se offerecesse para voluntario.

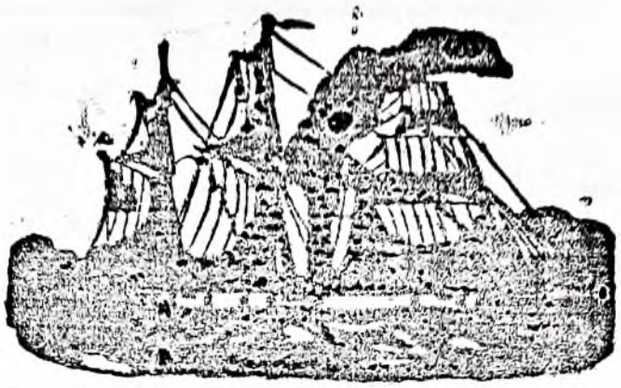
Quem a quizer receber por tanto dirija-se á Calçada para ser servido.

Um que ouviu.

ANNUNCIO.

Amanhan (20) haverá na Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, a festa do Glorioso S. Roque advogado contra a peste. Espera-se grande concurrencia de seus devotos.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2S.ª BAHIA 22 DE AGOSTO DE 1865. N.º 251

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

A S. Ex. o Sr. presidente da provincia.

E' o *Pharol* quem diz a 20 do corrente, ante-hontem:

« Asseguramos que ainda os guardas nacionaes procedem ao recrutamento, si bem que com reserva aqui na capital.

« Nos arrabaldes procedem muito peior.»

Continúa tambem o *recrutamento* para voluntarios.

Um sargento de couraças (que ja foi ao Rio como voluntario no 1.º batalhão e voltou sem duvida por *doente*) anda agarrando até na praça de Palacio!

Os zuavos andam no mesmo gosto; um delles mostrou uma lista de guardas do 2.º batalhão da guarda nacional, dispensados, cujo recrutamento, diz elle, tem ordem de S. Ex. para effectuar!

Para evitar abusos desta ordem, é que o *Pharol* e com elle toda a população, pergunta que castigo soffrerão os que não cumprirem o edital de 16 de agosto corrente.

Para evital-os é que escrevemos estas linhas a S. Ex.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de agosto de 1865.

Officio á companhia da limpeza publica, pedindo-lhe que mande tirar a *lama que ha de mais* na rua do Coqueiro d'Agua de Meninos, visto que alli ficou desde as chuvas que principiaram em março e que a fizeram descer da montanha!....

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que intenda-se com o fiscal da Rua do Paço para que prohiba que da casa do finado Dias Coelho ao largo do Carmo, se continúe a deitar agua em cima de quem passa, como ainda no dia 17 succedeu com o respeitavel cidadão Manuel Velho Jaqueira, que tomou sem querer, um completo banho de choque. Cumpra.

—Capitão, V. Ex. ja soube de uma nova caixa que se está criando na freguezia dos sanhaços?

—E' politica? não quero historias! A caixa é talvez um meio de vida de algum empregado demittido.

—Não, Sr., é cousa muito seria, é um estabelecimento para deposito de dinheiros afim de se escrever contra certas pessoas, que si quizerem pôr nua a careca de algum tratante, basta subirem em algum *jambeiro* ou em outra qualquer arvore, á cuja sombra se abrigasse algum *leitão*.

—Empurre-se, meu amigo; e diga ao Rastelli que me falle.

—Capitão, não ha uma postura que marca as horas da vendagem da carne fresca?

—Parece-me que sim: no verão até meio dia, no inverno até duas horas da tarde.

—Pois não sei si é por causa do frio que a conserva; o que sei é que fica ella exposta nos açougues até 5 horas pelo menos.

—Ha um remedio, é ninguem comprar carne podre.

—Mas, capitão, os cortadores sabendo que podem vender carne até 5 horas, conservam os preços nas horas da lei, e as pessoas pobres que esperam que *a carne abaixe*, não a podem comprar sinão quando está ella podre.

—Deixe-me, deixe-me! Quem tem obrigação de ouvil-o, de attender-lhe e providenciar, é a camara; dirija-se a ella, queixe-se dos fiscaes, expondo-lhe o facto, e si ella não puzer em vigor sua postura, bem vê Vm. que tudo isso é impostura, que não ha outro remedio por tanto sinão soffrer e calar!

—Capitão, licença para fazer descansar um pobre homem, que ha mais de mez pede que façam estourar uma bomba.

—Não sendo alguma bomba orsinica que tenha por fim matar algum potentado, faça o que quizer.

—E' ao contrario um beneficio, é a liberdade d'uma pobre africana que se reclama, e ja foram pela policia dadas as providencias a seu alcance.

O homem da *mofina* por tanto que não se amofine mais.

—E viva!

—Capitão, um facto praticado por um fiscal.

—Sou curiosidade e attenção.

—O Sr. Manuel do Carmo foi á caza de uma sua freguesa de farinhas, pediu-lhe farinha para porco e ella não tinha; elle procurou em outro logar, comprou meio saco e o deu a sua freguesa para guardar, afim de alli vir buscal-o um escravo que ja sabia o logar.

Appareceu o fiscal, examinou o meio saco, correu a caza, nada mais achou e multou a pobre mulher em 10$ rs. apezar dos protestos della, e de chegar naquella hora o Sr. Manuel do Carmo que pediu *sua farinha*. O Sr. Manuel do Carmo pagou os 10$ rs. visto que não era possivel que por sua causa perdesse a freguesa dez bagos para o fiscal chupar!

Ora, capitão, diga-me: isto que nome tem?

—Fiscalada.

O nome do fiscal sabe? conhece-o?

—O fiscal conheço eu, o nome ignoro; mas como o *Cypriano* viu o caso, é facil sabel-o por que elle me diz.

—Illma. camara municipal, os vossos municipes muito confiam em vós!

—Capitão, eu não sei como se pode agradar nesta vida!

—Mas que ha?

—A gente de Santo Antonio é dos diabos. Os commandantes de certos batalhões fizeram a designação a dedo, tiraram casados e viuvos com filhos e não houve reclamação; em Santo Antonio accusam o commandante por que formou o contingente á sorte!

—Talvez tenham rasão!

—Ora rasão!

Ouça e diga si ha que censurar na maneira porque procedeu o Sr. Dr. Almeida Couto. Pela lei, a designação principia pelos solteiros; o Sr. tenente coronel, por intermedio dos capitães, separou os solteiros, fel-os passar por uma inspecção e os que foram julgados capazes de serviço tiraram a sorte. Ora que ha aqui de censuravel? Não ha uma viuva que reclame seu filho; não apparece uma mulher que reclame seu marido; não se apresenta um filho reclamando seu pae; a lei foi cumprida, a designação foi feita pelo commandante, segundo o decreto a respeito; que ha pois a censurar?

A sorte?

Mas o commandante tinha a escolher ou a designação feita pela ponta da espada ou a sorte.

Si escolhesse por si, todos reclamavam, todos queixavam-se, e provavelmente attribuir-lhe-iam parcialidade, odios politicos si escolhesse vermelhos; ou ingratidão si designasse ligueiros.

Que querem pois?

Si houver quem publicamente se atreva a censurar o procedimento mais regular que eu tenho visto, que appareça!

—Duvida? Ha gente ahi capaz de negar o sol ao meio dia.

—Mas para estes, para os apaixonados, para os intrigantes, para os infames que com tudo especulam, ha somente uma resposta digna....

—A taca do incansavel muxingueiro?

—Não, Sr., o desprezo que lhe vota a gente honesta.

Prosiga por tanto o Illm. Sr. tenente coronel Dr. Couto na senda escrupulosa e justiceira por que vae trilhando, que ainda não chegou o tempo d'os cães morderem os astros.

—Capitão, leu o *Pharol* de 20 do corrente?

—Li; elogia o governo e o *Jornal da Bahia*.

—Mas censura e muito o recrutamento da guarda nacional; é um artigo que merece ser lido.

Todos os escandalos, abusos, insolencias, crimes e desaforos ultimamente dados, vem alli expendidos.

—Faltam ainda muitos; não refere por exemplo o facto de ser preso á porta de sua botica o Sr. pharmaceutico Marcellino dos Santos Lima; nem tão pouco a prisão do proprio Sr. tenente coronel Silva Reis!

—Serio?!

—Ao menos referiu-o elle a pessoa incapaz de faltar á verdade.

—Safa!

Qual será a consequencia de tudo isso?

—E', como diz o mesmo *Pharol*, que a limpeza da cidade suspendeu seus trabalhos, os saveiristas desappareceram, o arsenal de guerra está sem operarios, a espingardaria parada, os typographos atropellados, os hoteis e os theatros vasios, o commercio paralysado, as festas sem concurrencia.

—E tudo isso, diz o *Pharol* e outros, passou-se sem sciencia de S. Ex., tanto que a policia ja expediu editaes.

—La isso é verdade, não tem duvida!

A PEDIDO

Attenção!

Dizem que offereceu-se para seguir para o sul o Sr. capitão do batalhão da guarda nacional, Julio de Menezes.

Tal procedimento é credor de elogios, e pois não podemo-nos furtar ao prazer de dar á publicidade um acto do tanto heroismo, digno por certo de ser praticado por um brioso cidadão brasileiro, membro distincto do partido li-

beral que com orgulho o conta nas fileiras dos *protestantes* de 1863.

Honra pois ao distincto sergipano que não duvidou deixar os commodos da familia so por amor da honra de seu paiz, vilmente ultrajada por um governo selvagem!

Assim é que eu gosto.

—Olá, salteador!

—Prompto, Sr.

—Então continuas a fazer das tuas? cim?

—Isso é *indispensavel*.

—Continuas então a entregar, calumniar e mexericar, compromettendo até a teus proprios amigos, si é que os tens?

—São cousas necessarias a um salteador indispensavel.

—E a impudencia com que confessa os crimes este *mustardeiro*!

Pois tu que tens na tua vida, quer publica quer particular, um rabo immenso; tu que subiste á cathegoria de socio do Antonio *moleiro*, pelos *amarolleticos* favores que lhe fizeste sempre *desde creança*, sendo elle teu braço direito em quanta infamia pretendes executar; tu que entrelaças a todos n'uma rêde de intrigas, sem exceptuar o proprio Guedes, tens animo de confessar-m'o?!

Ouve: vou pedir a teu socio que anda sempre de *bujarrona* para aproveitar os momentos *lucidos* e fazer-te cuidar de teus deveres, afim de que não mais incommodes o genero humano.

O *Raspadura* te ha de fazer ver que posso deitar á rua tua chronica, meu *salteador indispensavel*.

Por que elle bem sabe que posso dizer-lhe os cantos em que elle embuçado n'uma *japona* curtia seus pifões, pensando namorar a primeira senhora com quem pretendeu casar; assim como lembrar-lhe o tempo em que vivia *encouraçado* nas ruas a resistir aos rigores da estação, a ponto da tal senhora julgal-o indigno de si e mandal-o á tabúa purificar-se de seus torpes vicios.

Vê o que fazes! Si não arrepiares carreira, si o safado de teu socio, te não fizer estacar, por-te-hemos a calva á mostra, e de cutellos e varredoures metter-te-hemos o esporão até afundar-te!

Hei de publicar certos negociosinhos de boa e pura consciencia feitos com um honrado proprietario do Rio Grande, um moço de nome *Domingos*, um *Paulino* e outros; assim como tambem muita cousinha boa dos dous Adonis.

Ouve mais, amphibio dos diabos: a primeira vez que me constar que tu adulteras os factos que se passam n'uma sociedade do *commercio* de que és fiscal, mando o muxingueiro esfregar-te a cara infame!

Toma sentido!

—Capitão, não diga que eu propalo os segredos da sociedade, porque perco o pouco credito e eu sou candidato á direcção.

—Que descaração de ladrão! E vão ver que pega na cousa por deleixo e fraqueza dos accionistas!

Pobre terra!

—Então, meu sargento, que diabo de escandalo é este?

Ja ninguem pode vel-o passar por S. José! a visinhança toda ja sabe! Quer V. desacreditar a moça assim?

Ora não seja bobo!

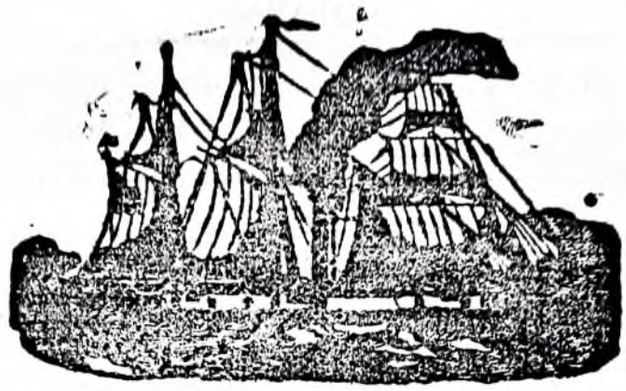
—Eu o que quero é prender o visinho da *cuja*; hei de pol-o tonto, hei de apertal-o, hei de conduzil-o preso entre 4 guardas, ainda que o não leve ao quartel.

—Não seja tollo! E' melhor que vá pedir perdão ao *Antonio* do que tem fallado do *José de Oliveira* que é tambem outro bobo como V.

—E tome sentido, si continuar no desfructe, leva taca do muxingueiro do *Alabama*, com cujo capitão vou me intender para prohibir seus escandalos.

ANNUNCIO.

Quem quizer comprar uma venda dirija-se á rua Direita da Misericordia casa nº 23 defronte do Forum. Trata-se com quem está dentro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 25.ª BAHIA 24 DE AGOSTO DE 1865. N.º 252

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de agosto de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia.—Apezar do pomposo officio do Sr. consul A. Peixoto, continuam os marinheiros americanos a praticar quanta cousa inaudita se pode imaginar.

Sem fallar na biqueira de palacio que galgou um, e nas correrias que na Praça fez elle com os moleques (visto que V. Ex. presenciou taes factos) os homens entram pelas cazas de qualquer pessoa, insultam a qualquer mulher, arrombam qualquer porta, accommettem as senhoras que vem em companhia de seus maridos, invadem a aula da Sé, offendem a professora, tomam os barris das negras e atiram-os pela ladeira abaixo, fazem emfim diabruras taes que admira que ate hoje só a policia não tenha dellas conhecimento para dar as necessarias providencias.

Pedo-se pois a V. Ex. o favor de fazer com que a policia se mova, a fim de evitar maiores desgraças que horrorosas se antolham ás pessoas que tem um pouco de siso e que não podem ver, indifferentes, tanta indifferença da parte *de cima*.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande fornecer um candieiro para a guarda da praça de S. João, onde se vê um caco com uma torcida mettida em azeite, revelando apenas pouco cuidado da parte de quem visita taes repartições.

—Offereceram-se 130 praças do 3.º batalhão da guarda nacional para marcharem para o Sul.

—Honra aos guardas da heroica, briosa, liberal e classica freguezia de Santa Anna!

—Hontem, 23, às 2 horas da tarde compareceu o dito batalhão na praça de Palacio, para pronunciar seus votos e foi grande o enthusiasmo. Vivas, hymnos, abraços, licores e refrescos, nada faltou para afervorar o patriotismo.

Era tambem immenso o povo que assistia a um tão magestoso e imponente espectaculo.

—Honra aos filhos da briosa freguezia de Santa Anna!

—Desaquartellou o 1.º batalhão de artilharia.

—Completou o seu contingente com voluntarios, a cujas familias se applicará os cobres da musica.

—Os guardas offereceram ao estado seus dias de soldo.

—Viva o patriotismo bahiano!

—S. Ex. continúa na sua infatigavel actividade; tem expedido officios para toda a parte no louvavel empenho de arranjar voluntarios e dizem que cada arranjador percebe pelo menos dez mil reis diarios; o que eu acho pouco, á vista dos incommodos que hão de soffrer e das pessoas que tem ido.

—O resto paga-lhes o patriotismo de que estão todos cheios.

—Vivam os patriotas da epocha! Isto é que é intender!

—Os Zuavos continúam a recrutar. No dia 21 recrutaram a um guarda do 110 e nem o proprio commandante, dizem, poude soltal-os. Dizem que ha com effeito ordem do Exm. Sr. presidente para recrutar todos os antigos guardas de S. Pedro.

—Ainda os dispensados, os que tiveram baixa por incapacidade physica, os que passaram para a reserva?

—Não sei, não sei. São cousas de grandes, elles lá se intendem.

—Vivam os voluntarios recrutados nas barbas do proprio presidente da provincia!

—Vivô!

—Sr. provincial de S. Francisco, veja que um frade gordo que anda tirando esmollas, é indigno de tal serviço. Ja uma vez, entre muitas, insultou uma senhora na Barroquinha; agora em todas as cazas em que vê moças, põe-se na porta a derreter-se em sorrisos.

Não pode isto continuar.

Sr. provincial, providencias!

—Foram absolvidos os Srs. Esmeraldo, Euclides, Ladislau, Dr. Odorico et reliqui, implicados no testamento de D. Antonia Teixeira.

—Mas consta que o Sr. presidente do jury appellou da sentença.

—Ao menos, ao menos..... ora veremos!

—O escrivão Procopio não entrou em julgamento.

—Abiit, excessit, evasit, erupit: *foi-se*!

—Viu o *Jornal da Bahia*? Traz ainda factos que provam que o edital do Sr. chefe de policia é uma perfeita pulha; que o recrutamento continúa ainda pela guarda nacional.

—E até pelos voluntarios.

—No Rio Vermelho, foi invadida, diz o *Jornal*, a caza do Sr. Abreu, sendo, na sua ausencia, ameaçada sua senhora com arma e baioneta empunhada por um guarda nacional!

—Vão ver que as authoridades superiores nada sabem!

—E a caza do Sr. Dr. Apollinario que foi ou é subdelegado, que é um ancião respeitavel, um professor jubilado, acaba tambem de ser invadida por homens tão valentes, cuja falta tanto sentem nossos irmãos no Sul!

—Que vergonha! que miseria! que epocha!

—Eis um inconveniente de S. Ex. não ler gazetas.....

—Qual?

—O *Diario* trouxe uma publicação em que se diz que o tenente Cornelio Borges de Barros furtou 600$ rs. Vem nella cartas do mesmo Cornelio, dizendo que so tem para restituir quatrocentos e tantos mil reis, que tenham pena delle etc. etc.

Apezar de tudo, apezar de nenhuma defeza, o Sr. tenente Cornelio está encarregado d'uma commissão, é commandante do contingente na fortaleza do Mar!....

—E o homem em certo tempo já foi demittido do correio por abrir uma carta e tirar della 30$.

—Si S. Ex. tivesse tempo de ler gazetas, taes nomeações não seriam feitas, e certos camarilheiros não abusariam assim da sua boa fe!

—Exm. Sr. presidente, sentido com os melros!

—Leia isto.

—«Repartição da policia. Foram presos Marcolino José de Santa Anna, *carapina*; Manuel Joaquim de Moraes, *44 annos*, *remador de saveiro*, e Innocencio Manuel da Boa-Morte, *pedreiro*, para terem conveniente destino!....

—De maneira que quem tem seu officio, quem possue e rema seu saveiro não tem destino conveniente!

Veja para diante.

—«Candido Manuel de Almeida, *marceneiro*, Marcolino Pereira da Rocha, *alfaiate*, Antonio Alves Pereira e Firmino Baptista de Souza Rebello, de *treze* annos, *tecelões* para terem conveniente destino!....

—Viva o reinado do progresso, que diz, não acha?

—E' que certos factos, como diz o *Pharol*, devem ficar registrados para delles se servir um dia o historiador desapaixonado.

—Que tempo! até meninos de treze annos!

—Porque se abre á noite aquelles açougues da Baixa dos Sapateiros?

—Não sei, nem quero saber.

—E eu quero saber o que querem dizer aquellas esteiras servindo de paredes e tapagens, aquelles homens que entram, aquellas mulheres que sahem.

—São cousas, homem, são cousas...

—Policia, oh! da policia!

—Capitão, os maus exemplos pegam, e por isso dei tambem em recrutar. Aqui trago-lhe pois uma boa pinga, um excellente ratão, um tratante mor, um malcreado em extremo, uma presa digna do seu porão.

—Que bruto é este?

—E' um desaforado *Zeles* das canetas, um patife que quer dar bofetadas nos portuguezes que se apresentarem voluntarios.

—Oh! boa presa na verdade! um ingrato! um miseravel que no Brazil é gente! um homem que falla do Brazil, vivendo dos trabalhos que exerce n'uma caza brazileira! Ah! alma de paraguayo! ah! caxorro vilão! ah! cousa ruim!

Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Eis aqui o José das canetas: mil tacadas, um clyster de bucha, uma pedra ao pescoço e mande-o passar bem com os peixes.

—Capitão, o que me diz a isto?

—Isto, o que?

—No sabbado, ás 11 horas da noite, dous guardas de policia prenderam um negro, por andar fora de horas. Preso elle, correram-no, isto é, deram-lhe busca e achando 15$ rs. largaram-se a

correr pela rua d'Ajuda, visto que o negro roubado gritava furiosamente contra os taes vasculhadores de algibeira.

—E onde se deu este facto?

—Na rua Direita de Palacio.

—Com effeito!...

A PEDIDO

Negocios da cidade «Patria-de-Christo »

Capitão.—Muito urge que mande V.Ex. o seu muxingueiro até aqui competentemente munido de calabrote, por que terá elle excellente occupação. Esta *Patria de Christo*, capitão, abunda em raridades e bandalheiras e, o que é mais notavel, é que—quasi todas as bandalheiras partem das raridades

Aqui temos, por exemplo, o delegado *Macho-de-chicara*, que é a entidade mais bandalha do logar e, por isso, a que domina tudo, visto não poupar meios para obter seus fins; assim é que, tendo o commandante superior *Tintura* de entrar com quantia não pequena para pagamento do desfalque da defunta *caixa de esbanjamentos*, assassinada por um bandalho da quinta essencia, tornou-se (*Tintura*) o *cãosinho dogue* do delegado *Macho-de-chicara*, de quem pende a decisão de tal negocio. O pobre *Tintura* é bom homem, mas não lhe fazendo conta pagar as favas que o asno comeu, sujeita-se cegamente ao espertalhão *Macho-de-chicara*. Verdade é que *sunt arcades ambo*. Que se importam, porém os mais que elles sejam *filhos da Arcadia*?

Tres propostas na guarda nacional tem sido feitas; duas foram informadas pelo *Tintura*—porque o *Macho-de-chicara* sabia que obteria que ellas não fossem approvadas. E de facto não o foram!

A terceira não foi informada pelo *Tintura* porque contava o *Macho-de-chicara* que ella era approvada. Tudo isto nada menos é do que preparar o terreno eleitoral para a candidatura de seu irmão.

Entre muitos espoletas que tem o tal *Macho-de-chicara* prima um padreco *Valla*, que não gosta de *dares* nem tomares; este é tão *habilidoso* que leva as noites a espiar de *cocorinhas* a vida alheia, occupa-se, ás vezes, em seduzir as filhas dos visinhos, como ha pouco fez. Com mais vagar, capitão, lhe fallarei d'outras gentilezas desse padreco e dos mais sucios. Quanto a mim, sou apenas um inspector de quarteirão, espoleta do espoleta *Valla*. Mas eu me vejo forçado a fazer este ridiculo papel, pois o meu unico meio de vida é deitar gallos a brigar. Em taes circumstancias, como não hei de eu assignar as partes policiaes feitas pelo padre e prender ou soltar quando este me ordena? Sou inspector por influencia delle; e, assim, fujo da guarda nacional ou antes da tropa de linha, por que sou um verdadeiro reu de policia. Mesmo assim, capitão, como receio que me venham ao pello por ser instrumento do reverendo e, conseguintemente, de toda a sucia aqui odiada, envie-me brevemente o muxingueiro, acompanhado de alguns da sua tripolaçãão com ordem expressa de surrar essa canalha, depois leval-a para esse bordo e pol-a a ferros.

Patria de Christo, 16 de agosto de 1865.

Dudu, o chineleiro.

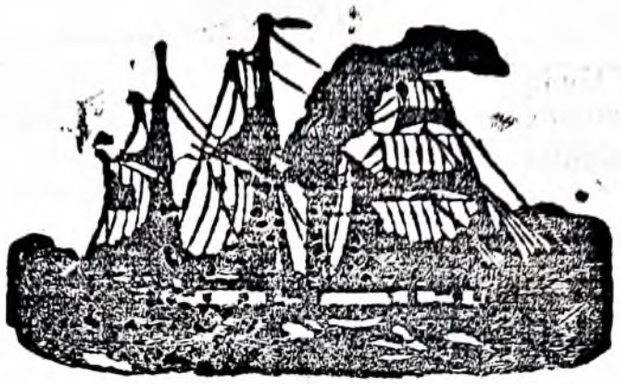
Attenção!

Iaya, tome geito! Olhe que a visinhança ja não a pode aturar! por santa *Emilia* ao menos tenha dó dos infelizes a quem perverte!

Aquelle sujeitinho de mais um poucachito adiante da Piedade ja não cumpre seus deveres, e incommoda todos os visinhos que dormem quando bate na porta que é sempre depois de meia noite. E' preciso que Iaya tenha pena delle, por que si continúa, ponho-lhe os podres na rua; quando nada publico-lhe o nome.

A rua de baixo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.ª



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 26.ª BAHIA 26 DE AGOSTO DE 1865. N.º 253

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Aos Srs. assignantes.

A 26ª serie do *Alabama* começa neste numero.

O Sr. Lepido José da Rocha já não é cobrador desta folha, por certos motivos.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de agosto de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande mais alguns guardas para a policia da freguezia de Santo Antonio que está cheia de moleques, cujo divertimento á noite, é proferirem palavradas e insultarem a patrulha que cança-se inutilmente em querer pegal os. Espera-se ser attendido.

—A' companhia da limpeza, pedindo-lhe por favor que não continúe a mandar deitar lixo na rua que do Barbalho vae á Matança, visto que os habitantes da *bemaventurada* freguezia de Santo Antonio não lhe pediram mais este augmento de causas de salubridade, principalmente tão perto do curral do conselho.

Portaria ao fiscal da freguezia de Santo Antonio para que partecipe á camara, afim de providenciar, que na rua dos Carvões ha um cano em estado vergonhoso, cujas evacuações a companhia da limpeza não se julga no dever de remover, apezar de por alli passarem diariamente os empregados da mesma. Cumpra.

—Ora ahi está! Accusavam o Exm. Sr. conselheiro Saraiva, por declarar guerra e metter-se no engenho; chamavam-no ambicioso, egoista, orgulhoso por não querer ajudar seus companheiros, e as respostas que o homem dá são de cachopeleta. Acaba elle, com seus companheiros ministros, de expedir circular aos fazendeiros invocando-lhes o patriotismo para arranjarem voluntarios, como si quizesse fazer crer que todos os fazendeiros devem ser patriotas e que são indignos da simples vista da gente honesta aquelles que por capricho se não prestam aos reclamos do

paiz, nas quadras melindrosas que nos traz a fanfarrice d'algum fujão ridiculo.

—E' isso, é isso: o homem quer fazer calar aos inimigos, tem rasão, tem rasão, Deus o conserve para nossas melhoras e felicidade deste paiz que nos criou e aguenta.

—Ora vejam que diabo! Não tem termos isto! Estes negros aqui deitados, tomando até a entrada da ponte!

E não sei como a companhia Bahiana consente isto!

—Ora como consente! Não consentindo. Não vê este pandorgas? é um empregado da companhia que vem servir de palhaço para os negros rirem-se; é um tal guarda que, desde que não chega vapor, põe-se aqui na rampa a contar historias e os negros a desfructal-o, recostados em seu divan, com as calças mal abotoados, sem camisas, e de barriga para cima.

—E' com effeito um bonito e edificante espectaculo. Admiro apenas a vista curta dos fiscaes e dos inglezes...

—A reunião que teve logar em palacio, entre pessoas do commercio, acabou por cotisarem-se os mesmos a fim de comprar-se fardamento e armamento para a guarda nacional que tem de marchar desta provincia para o sul.

A subscripção entre os Srs presentes subiu a 20 contos; foi nomeada uma commissão de nove membros para agenciar neste sentido das pessoas que não compareceram.

—Bom, bom, o commercio vae dando seus puxos.

—Houve vivas ao batalhão de Santa Anna, ao presidente, ao commercio, ao exercito, á armada e a S. M., assim como o hymno nacional executado pela musica do 110.

—Bravo, bravo!

—Joaquim Cyriaco dos Santos, *sapateiro*; Anastacio José de Sant'Anna, José de Santa Rita e Manuel Polidoro, *pedreiros*, para *terem conveniente destino*.

—Parte da policia dos dias 18 e 19 de agosto.

—O *Progresso* diz que defronte do hospital da Mizericordia foi encontrado um carro contendo o cadaver de um pardo escuro, que foi preso, dizem, em S. Gonçalo para recruta e, resistindo, fora morto a pancadas.

—Mas outros dizem que o homem se suicidara para não ser recrutado.

—Pode ser, pode ser.

—Tambem por la, um sargento de nome Manuel Bernardino de Almeida teve ordem para recrutar, mas como demorou-se um dia, foi preso por um capitão e amarrado in continenti, para ser contemplado, como foi, no contingente do batalhão 14!

—No mesmo dia veiu amarrado o cabo de esquadra José Soares d'Azevedo, por ter deixado fugir um recruta em rasão de não ter um companheiro que o ajudasse. Fardado apresentou-se para participar o occorrido e o capitão arrancou-lhe a farda e o gorro, deu-lhe um chapeu e um paletot e mandou-o para o contingente.

—São cousas, são cousas; quando por aqui as ha, quanto mais por la.

—Embarcou, hontem 24, uma das companhias de zuavos levando 11 pessoas, segundo nos dizem.

Foi uma ordem repentina que muito transtornou e atrapalhou aos guardas que com tal tão cedo não contavam.

—Eu não sei que urgencia é esta de embarcar zuavos; ja no dia 15 embarcou uma companhia levando 13 praças.

—E' que os homens são vestidos de

vermelho e podem metter medo aos paraguayos.

E' talvez por isso que se recruta para zuavos.

—Zuavada só!

VARIEDADE.

Receita spiritual.

O *Jornal do Recife* de 29 do passado, recommenda ás almas devotas a receita seguinte, composta pelo veneravel frade Capizzi, e transcripta do *Precursore* de Palermo:

« *Recipe*:—Raizes de fé.

Casca da arvore da *cruz*.
Viola da *humanidade*.
Rosas de *pureza*.
Essencia de *mortificação*.

« Mistura-se tudo isto com o xarope da *oração*, depois de estar de infusão na agua da verdadeira *contrição*, far-se-ha cozer com o fogo do *divino amor*, feita a decoção com *paciencia*, tomar-se-ha com *perseverança*, de manhã e á noite este remedio com uma dóse de *prudencia* no calix da *divina resignação*, observando a dieta do *silencio*; o curativo é certo. »

A PEDIDO

—Eu não sei porque certa gente tem protecção. Pois ha de Dendebús estar a massar a gente, dando aula, mettido a professor primario! E os paes a consentirem seus filhos entregues a tal educação! Um *bocorio* que nunca soube como se escreve—grammatica!

—Realmente admira;dirija-se porem Vm. ao Exm. Sr. Dr. director dos estudos, por intermedio do Illm. Sr. Dr. inspector parochial, e fique certo de que Dendebús não mais se confundirá com Kaemme.

—E' preciso um meio efficaz para coarctar certos abusos.

Andou sem duvida mal informada a *Constituição*, quando disse que do sorteio a que se procedeu entre os guardas do batalhão de Santo Antonio, resultou sahirem casados com e sem filhos, filhos unicos de viuva &. Os capitães devem ser os primeiros a desmentir tal noticia, visto que foram elles os que fizeram a designação dos solteiros, entre os quaes somente correu a sorte.

Quanto ao mais, bem como dizer-se que sahiram sorteados mais conservadores do que ligueiros, não merece attenção por que o bom senso repelle tal insinuação que só algum informante pouco digno teria coragem de levar ao illustrado redactor.

Aos Srs. officiaes, como homens de brio, dignidade e honra, cabe o protestar contra *isso*.

Um indignado.

Previne-se a certo Dr. gallego atrevido que não continúe a maltractar a quem, com um azorrague, pode retalhar-lhe a cara por não estar disposto a levar couces.

O Murrinhos.

—Eu não sei si o Sr. desembargador procurador da corôa lê gazeta; si não, perguntava-lhe si não viu o *Pharol* que traz uma portaria com data de 17 de novembro.

—E' provavel que visse. E si não viu, vou dar-lhe a data e mais particularidades. E' de 17 de novembro de 1824, assignada pelo ministro do imperio Estevam Ribeiro de Rezende; vem na Collecção de leis feita pelo Sr. conselheiro José Paulo de Figueroa Nabuco de Araujo,á pag. 357 do tomo 4°.

—Pois o terreno, as casas, a capella, a quinta, a que se refere a portaria, estão occupadas por um particular, e espera-se do Exm. Sr. desembargador da corôa uma solução ao negocio.

—Ora veremos.

—Capitão, uma novidade.

—Vamos á ella.

—Existe na freguezia da Sé um collegio hermaphrodita.

—Que diabo é isto?

—Pois não sabe? é um collegio que ensina ao mesmo tempo meninos e meninas, rapazes e raparigas. E' um collegio que figura com dois nomes differentes em uma mesma casa.

—Quaes são então os nomes?

—S. Salvador e Santa Clara: e além disto o tal director não tem os dados necessarios para exercer tal emprego, como o Regulamento de Instrucção publica prescreve.

—Pois admira que os arts. 93, de referencia ao § 4.º do art 55, o § 1.º do art. 46, e o art. 52 do Regulamento da Instrucção não estejam em execução.

—Não sei! E' a estrella feliz que nesta terra protege aos estrangeiros.

Sr. D. Ratão, deixe de tratar da vida alheia.

O Garibaldi.

Lê-se no *Diario* de 12 de julho de 1860:

Resposta ao annuncio—Prevenção—no «Diario da Bahia» de hoje n. 165.

Considero-me com direito de responder a este annuncio pela maneira seguinte:

Se Caetano Pinto Leite foi alguma couza no casal de meus paes os finados Antonio Pinto Leite e D. Thereza Angelica Bernardina Correia de Assumpção, de Portugal, hoje não é mais do que um comparte herdeiro no mesmo casal, por actos alli praticados, inda que nullos em partes, como compartes e herdeiros são os paes de meus sobrinho José Alves Pinto Leite, assim como sou eu, para cujo fim e effeito, hontem, foi accusada uma acção que tenho proposto, a rescindir uma escriptura que celebrei com um filho ingrato e traidor, ja por mim amaldiçoado com todas as maldições que Deus permitte a um pae, deitar a um filho perverso. Ja está no.....o C. commendador José Pinto Leite, que foi marido da viuva do T vivo, tomando o premio de procurar taes maldições para seu sobrinho, insinuando-o a desobediencia e ingratidão, aconselhando-o em ladroeiras, agenciando procuradores deste jaez: pagando-lhe com um conto de réis moeda da Bahia annualmente até 10. Desgraçado!

Como se viu este annuncio tarde, não pode de momento ir mais: logo irá: e depois em devido tempo irá tudo quanto se acha escripto. Bahia 20 de julho de 1860.

João Pinto Leite.

Adeos .. adeos... Bahia.

Adeos mares, adeos Terras
Pertemcentes ao Brasil
Gue eu vou para os Campos
Contra a sorte descedir.

Brava gente Brasileira
Vamos aos Campos guiriar
Vamos Bravos Soldados
Gue apatria livre á d'ficar

Vamos mosços e velhos
Vamos Cazados, e Solteiros
Marchamos com alegria
Vamos, Soldados Brasileiros

Marchamos bellos Companheros
Gue victoria avemos d'ganhar
Vamos derramar nosso Sangue
Ou guebrar, Humáytha

Um adeos a minha Patria
Prencesa d'todo brasil
Adeos adeios minha Bahia
Ah' deos patria onde nasci

22 d'agosto d' 1865.

Por *Monteiro,* cobrador da ***Busina.***

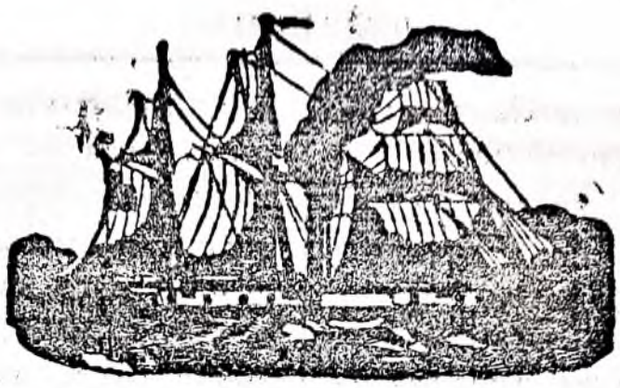
ANNUNCIOS.

No Campo do Barbalho freguezia de Santo Antonio ha uma caza para alugar toda forrada e assoalhada com commodos para grande familia. Para tratar no sobrado alto immediato.

LEITE PURO A 160 RS.

Defronte do Lycêu, sobrado n. 11, ás 6 horas da manhã.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.ª



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 26.ª BAHIA 29 DE AGOSTO DE 1865. N.º 254

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

Aos Srs. assignantes.

O Sr. Lepido José da Rocha já não é cobrador desta folha.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de agosto de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias afim de que seja melhorada a pessima illuminação da cadeia da Correcção, a qual, consta-nos, e feita com borra de azeite de baleia, o que deve infallivelmente affectar a saude dos infelizes que alli se acham, além de carregarem os cofres com uma despeza mal-feita.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que intime aos moradores do 1º andar do sobrado nº 4 ás Portas do Carmo para que sejam mais cuidadosos em despejar suas aguas sujas para a rua, afim de que quem passa não seja obrigado a tomar banhos sem vontade. Cumpra.

—Capitão, noticias do Sul.

—Devem ser importantes; diga-as.

—Ao Salto havia chegado a diligencia de Uruguayana.

As forças paraguayas, que assolam a provincia do Rio Grande, dirigiam-se para Uruguayana, hostilisadas fortemente pelo coronel Fernandes Lima e o barão de Jacuhy, os quaes nas immediações do rio Touro-Passos conseguiram tomar-lhes parte das boiadas que levavam.

A' ultima data, 4 de agosto, ficavam os paraguayos a duas leguas da povoação e a guarnição desta incorporada ao general Canabarro disputando-lhes o termo.

O vapor *Uruguay*, armado na Uruguayana com duas peças de 8 e guarnecido por uma tripolação escolhida, havia trocado já alguns tiros com a força que os invasores tinham do outro lado do rio, no Passo dos Livres.

No *Siglo* encontramos a seguinte parte official:

«Quartel-general do commandante interino de armas na provincia de S. Pedro do Sul.—Touro-Passos, 28 de julho.—Illm. e Exm. Sr.—Accusando recebidos os officios de V. Ex. de 22 do

corrente, cumpre-me agradecer as importantes noticias que me transmitte o communicar a V. Ex. ao mesmo tempo que o inimigo acampou hontem na margem direita do Touro-Passos, que supponho tinha intenção de atravessar para dirigir-se á Uruguayana, o que não effectuou em consequencia da chegada da 1.ª divisão ligeira, que se achava na margem esquerda, e além disso porque a esquadrilha que se organisou na Uruguayana cortou-lhe a communicação com as forças que estão do outro lado do Uruguay, tomando-lhe um lanchão e interceptando a passagem de outros.

«Segundo hei podido observar, a força inimiga que aqui se acha não póde exceder de 6,000 homens.

Deus guarde a V. Ex.—*João Frederico Caldwell*, tenente-general graduado.—Illm. Exm Sr. brigadeiro Manuel Luiz Osorio, commandante em chefe do exercito em operações contra o Paraguay.»

—Não ha mais alguma?

—Houve um grande temporal no Rio Grande do Sul.

—Adiante negocios da politica que actualmente em nosso paiz, segundo o programma do ministerio, se resume toda inteirinha em guerra, guerra e só guerra.

—Uma correspondencia de Santa Maria diz que em S. Borja morreram muitos paraguayos fóra de combate, por terem bebido *Le-roy* por vinho e comido *mercurio* por assucar!

A 18 do pp. havia sahido do exercito em direitura á Uruguayana o general Flores com 4,000 a 5,000 homens.

Com elle vem o Fidelis commandando um batalhão de voluntarios italianos.

Os paraguayos no dia 28 estavam passando no Touro-Passo suas artilharias. Canabarro na frente a tres quartos de legua em successivas e fortes guerrilhas, nas quaes apenas haviamos perdido um homem.

Uruguayana está bem fortificada e prompta a resistir, e a gente que está dentro acha-se muito moralisada.

Emfim resolveu-se o Canabarro a combinar com o Caldwel: si os paraguayos tentarem sobre Uruguayana, este deverá entrar alli com toda a infantaria, ficando Canabarro com a cavallaria fora, afim de os pôrem em dous fogos e tirarem-lhe os recursos, isto no caso de ainda alli não se achar o goneral Flores, porque então irão atacal-os fora.

Uma carta do Rio Grande diz:

«Por estes poucos dias devemos ter aqui importantes noticias da Uruguayana, e pode, como eu vou fazer, preparar foguetes para soltar ao annuncio que lhe fizer da completa derrota dos bandidos que ousaram pisar a briosa provincia do Rio Grande.

S. M. o imperador partiu no dia 28 para Cachoeira e dalli seguiria para S. Gabriel onde ia estabelecer seu quartel general.

—A convite dos Srs. João Carvalho, Mariz Pinto e outros, reunir-se-hão os caixeiros desta cidade, na sociedade Recreio Litterario da Mocidade para deliberarem sobre o melhor meio de dar uma prova de adhesão á causa da civilisação travada no Prata.

—O patriotismo nesta terra é como o sangue que alimenta e vivifica todos os membros do corpo.

—Honra á ideia patriotica que guia tão nobres moços!

—Grande numero dos academicos de Pernambuco offereceu-se para marchar para o sul.

—Ja sei; vi seus nomes publicados,

e vae em sua companhia o velho conselheiro Trigo Loureiro que é um cidadão honesto e estimado e que é, como se vê, um exaltado patriota.

—Louvores á mocidade briosa e aos velhos que se não deixam vencer

---

—Muxingueiro, ja que os fiscaes desta terra não tem olhos para ver as cousas com que se diverte Chico Careca, escandalisando ao publico, vae ao seu alcouce, faze daquelles brincos que elle tem mordaça, e tange-lhe a taca até o gallego cahir.

—Ja era tempo, capitão; vou vingar a moralidade, attacada por um patife que perdeu a vergonha, á proporção que da cabeça lhe cahiram os cabellos.

—No sabbado, na praia d'Agua Meninos, esfollou-se cinco bois mortos e a carne foi conduzida ao curral.

—Que diz, homem?

—O fiscal oppoz-se, foi ao subdelegado que não estava, foi ao inspector, e o mais que poude alcancar foi que dois bois fossem lançados ao mar, indo tres caminho das tripas deste povo camello que tudo supporta calado.

—Ah! lei de 1° de outubro de 1828!

—Não sei que diabo de mau costume é um!

Entra a gente nos quarteis e não pode sahir!

—São regras militares, que se não pode alterar; a facil sahida aos paizanos e até aos guardas em certas occasiões, o fechar-se o portão em outras...

—O que? fecha-se tambem o portão?

—Que duvida! depois do toque de recolher é infallivel....

—Em todos os quarteis?

—Em todos.

—Pois o portão do quartel provisorio, ao convento do Carmo, não se fecha; ao menos até uma hora da madrugada fica aberto que eu vi, e os soldados a fazerem baderna do lado de fora e até a pateiarem quem passa, o a sentinella a rir-se, a gozar tão suavos prazeres, tão doces entretenimentos!

—Ora bagatella!

Tambem V. não vê que o quartel é provisorio? Alli por tanto tudo deve estar montado á provisoria.

—Ah.....

A PEDIDO

Sr. João Garibaldi Picopeu Sexto-Golpe, quando tomar seu pifão não insulte os mais.

D. Ratão.

Ao Exm. Sr. arcebispo.

Pede-se a sua attenção para o seguinte:

Ha nesta cidade um padre que tem sahido corrido, sendo vigario de duas freguezias; é um homem bulhento, intrigante, maledicente, calumniador, intoleravel emfim; é inimigo de um tio seu, a qnem descompõe nas gazetas, assim como de seu proprio irmão, a quem insulta diariamente; é um ingrato requintado a ponto de ameaçar com injurias e gestos e de hostilisar publicamente a seu protector, homem que lhe deu dinheiro para casa, roupa, comida e livros, no tempo em que estudava.

Taes dotes so por si bastam para dar a medida do caracter do reverendo; e pois julgue V. Ex. o grau de pesar de que deve se achar revestida a freguezia a que ultimamente elle arribou e em que reside.

Tudo alli está em sobresalto: a familia honrada teme o seductor, ao mesmo tempo que o fim triste a que chegará seu filho, levado por tal homem á desgraça que a todos traz o terrivel vicio do jogo; o homem circumspecto mal pode resistir ás provocações directas que podem ter funestas consequencias, feitas por tal padre que se põe, á porta da rua, disputando tagarellice a qualquer negra quitandeira; o leito da esposa, o pudor da virgem, a honestidade da viuva, e até o proprio tumulo

de uma senhora casada tem sido revolvidos e babados pela lingua sedenta d'um homem a quem os homens são obrigados a ter por ministro do Crucificado!

A freguezia vive por tanto n'um estado de verdadeira desolação, e diversas representações, patenteando os escandalos desse homem, tem sido a V. Ex. dirigidas, sem que até hoje haja uma solução qualquer.

Os habitantes pois da tal freguezia reiteram seus pedidos, certos de que V. Ex. como bom pastor, não ha de querer que as ovelhas d'uma parte de seu rebanho sejam devoradas por um lobo ja reconhecido e expellido de um rebanho pelas acções immoraes e revoltantes que alli praticou.

Esperam receber mercê.

O Neca.

—Quem vem la, muxingueiro?

—E' um individuo avermelhado que tem cara de riso, signal de perfidia no coração, pernas arqueadas e.... capitão, cuidado com as algibeiras, é o salteador indispensavel.

—O Adonis do Antonio Moleiro, ou por outra do P. Raspadura como era conhecido no Rio Grande?

—Sim, capitão.

—E que quer elle por este bordo?

—Agora o saberei; anda naturalmente a pescar na sua rêde de intrigas e mexericos e calumnias.

Não soube como este safado se portou la em Roma? Os papeis que fez, ora depondo de uns, ora de outros, logo mostrando-se compassivo com os que eram por elle mesmo covardemente offendidos nos seus paschins, si conversava com um homem honesto e serio, finalmente trazendo tudo n'uma roda viva d'intrigas?

Não sabe, capitão, que este amphibio mustardeiro, quando encontra algum patricio, v. g., *alguma flor*, poem na rua a chronica publica e particular do seu patricio como elle chama ao barão dos Carangueijos?

Não sabe que elle conta tudo sem reserva, até os factos dos afilhados, das comadres, dos Domitildes &.?

Não sabe que este demonio, depois de dizer horrores, mostra-se compassivo, acrescentando infamemente as palavras seguintes: — O nosso patricio acha-se muito maguado com o M. por occupar-se de sua vida privada,—quando alias este ladrão é que tem dito cousas horrorosas e desconhecidas de todos?

—Ah! é o tal patife ladrão das massas fallidas, que paga aos *secretarios* ou *onze lettras*, aos monteiros, á custa das massas fallidas, elevando-os ao cargo de *procuradores*, quando não passam de safados despachantes e de postilhões ou entregadores de paschins!

—Justamente; é o mesmo que com o maior cynismo pretende polluir as cadeiras das caixas, dos bancos e do tribunal do commercio, sempre pela força do enredo, do mexerico e da tranquibernia.

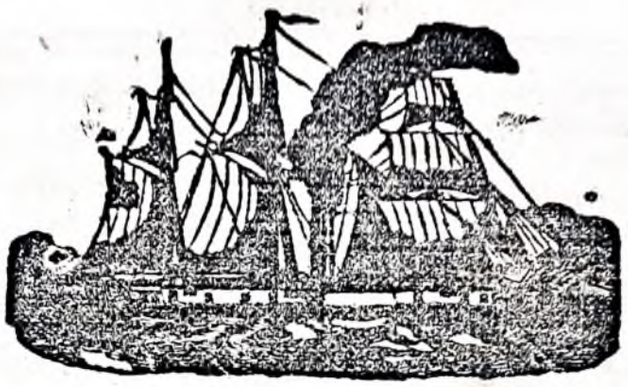
—E tem este tratante, por vergonha desta terra, se introduzido em administrações de massas fallidas sem ser credor!

Bem! leva-o para o porão e esfrega-o para que cuide d'ora em diante em trilhar o caminho dos homens de bem e abandonar os costumes despresiveis que tem, indignos desta terra que tem direito de expellir de si este tratante, traficante e enredador-mor.

ANNUNCIOS.

No Campo do Barbalho freguezia de Santo Antonio ha uma caza para alugar toda forrada e assoalhada com commodos para grande familia. Para tratar no sobrado alto immediato.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.ª



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 26.ª BAHIA 31 DE AGOSTO DE 1865. N.º 255

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de agosto de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe pela segunda vez a applicação de sua actividade para um cano ao Boqueirão, o qual se acha, como ja se disse, em estado somente de damnificar a saude publica e incommodar as ventas de quem por alli passa ou mora.

Espera-se benevolencia da Illma.

—A' companhia da limpeza publica, partecipando-lhe que no Pau da Bandeira estão dous barris cheios de trampa, que apezar de não estar comprehendida na palavra—immundicie—não podem ficar alli, sem grave prejuizo da salubridade publica e descredito da empreza a quem se officia.

—Querem ver a prova de que o edital do chefe de policia não diz verdade quando affiança que o recrutamento será somente feito pelas authoridades policiaes?

—Duvido que prove.

—Vou proval-o com as palavras do proprio presidente da provincia; leia este officio:

—« Ao coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.—Remetto a V. S. o incluso officio do commandante superior da guarda nacional deste municipio acompanhado do que lhe dirigiu o tenente-coronel commandante do 4º batalhão reclamando a soltura do guarda da 6ª companhia Luciano da Silva, *que fôra preso por praças da 6ª companhia de zuavos*, tenho a recommendar-lhe que dê suas ordens para que *se não recrute guardas nacionaes*, convindo que me informe si o dito Luciano estava na referida companhia antes de ser designado.»

—Viu?

—Vi; o presidente recommenda que os zuavos não recrutem aos guardas nacionaes.

Do que se collige que os zuavos, sendo voluntarios, recrutam para augmentar o numero de voluntarios.

Do que se collige que não sendo o Sr. coronel Carvalhal authoridade policial e tendo recommendação para não recrutar guardas nacionaes, tem ipso facto authorisação para recrutar ou-

tros, o que é manifesta contradicção ao edital pomposo do Sr. Dr. Junqueira.

—E' assim que os homens do poder acatam a moralidade publica! E' assim que respondem aos reclamos da imprensa!

Proh! pudor!

—Leu o *Diario* de 29?

—Li.

Eu si fosse lente da academia, ou administrador do passeio publico, palavra de honra que iria arranjar voluntarios! E depois mandava para a gazeta dizer que não percebia nem um so vintem para tão ardua commissão.

—V. tem sempre umas conversas que ninguem lhe intende!

—E' que está acabado o tempo de enganar os homens; ja ninguem engole pilulas ou come araras; os tollos eram vinte e morreram vinte e um; ninguem tem peneiras nos olhos;ja não ha quem chupe angás....

—Oh! basta, basta, por quem é, amigo de minha alma!

—Capitão, ouça um caso:

Chegou um tabareu e trazendo algum dinheiro, deu-o a guardar em casa de uns negociantes, que no dia seguinte appareceram *roubados*.

Requereram corpo de delicto, mas não houve em que fundal-o, pois que o subdelegado não achou porta, janella, ou movel arrombado. Perguntou-lhes por onde poderiam ter sahido os ladrões e um delles respondeu que pela janella, quando a janella é, como se sabe, muito mais alta que as portas que poderiam com facilidade ser abertas, e o pular janella attrahe com mais fundamento a curiosidade dos transeuntes e a actividade da policia.

—E o tabareu ficou som os cobres!

—Que duvida! E os ladrões ficaram a rir-se do tollo e annunciaram que tinham perdido somente papeis.

—Patifes!

—E a graça é que um dos socios, por não pegarem as bichas do corpo do delicto, teve o arrojo de dizer ao companheiro:

«Bocês não savem fazer as cousas!»

—Ah! tratante!

Si eu o pego, dava-lhe com este *machado* e nem que o patife se embrenhasse por *bastos* matos, escaparia ao rigor da taca do meu incansavel muxingueiro.

Quanto ladrão!

—Talvez o encontre n'alguma rua ou *becco* em que hajam *barbeiros* por ser amigo delles.

—Cahiu pela segunda vez um homem do jardim de Sé; isto é, cançado de andar neste mundo teve desejos de voar e mediu a altura da muralha até a ladeira da Mizericordia.

Ignoro porém a rasão porque as folhas diarias não deram noticia de tão lamentavel facto.

—Não tiveram delle conhecimento, e a imprensa miúda faz-lhes hoje as vezes.

—Capitão, ha aqui nesta cidade dous irmãos inteiramente diversos.

—Que tem isso?

—Um é amante do Brazil, portuguez honrado, tem filhos brazileiros, e é infeliz, sem duvida pela fatalidade que paira nas cabeças dos amigos do Brazil.

O outro é feliz, rico, trafica ou negocia em escravos e é inimigo acerrimo do Brazil.

São conhecidos por Baptista Leão.

Pois bem; o tal Baptista Leão no-

greiro ou traficante tem por timbre e garbo insultar o Brazil e os brazileiros e mostrar-se partidario acerrimo do Paraguay cuja victoria ardentemente almeja e fofamente prenuncia.

Tem sido corrido por muitos brazileiros que não podem aturar-lhe os desaforos, mas continúa impavido nos seus excessos, que é preciso que V. Ex. reprima com energia.

—Eu? nada posso fazer. Deixe-o ir fallando que elle ha de encontrar quem o faça calar.

Um destes dias, um carcamano estava se divertindo no mesmo gosto e acabou por dizer que os brazileiros eram ladrões e covardes. Um brazileiro que alli estava, respondeu-lhe:

«Não lhe posso ja provar que os brazileiros não são ladrões; mas para prova de que não são covardes, aqui estou eu. Saia para a rua e dou-lhe ja duas bofetadas!»

Assim, descancem os brazileiros que alguem ha de vingal-os das injurias que lhes atira um aventureiro pouco reconhecido.

—Capitão, ouça o que me contaram.

—Que foi?

—No sabbado 26 do corrente, á noite, os zuavos recrutaram a grande pela cidade baixa e na *leva* prenderam a um pardo escravo do Sr. M. I. F. Penna, que foi solto depois por lhes affiançarem que era escravo. Pouco depois foi o mesmo sujeito preso, ou ameaçado disso, e para livrar-se, lançou-se ao mar.

Dizem que no dia 28 appareceu na praia da Preguiça o cadaver de um pardo que é o mesmo, consta, que lançou-se ao mar!

—E as gazetas porque não noticiaram o facto?

—Porque neste mundo ha cousas! Bem vê que, a ser verdade, *gente de gravata lavada* tem interesse de occultar o facto.

—E o senhor, além de perder o escravo teve de fazer a despeza do interro!

—Tudo por amor da patria que exige sacrificios de todos.....

—Ora, meu charo amigo! Pois ha de o Sr., em fraldas de camisa, ter a semcerimonia de entrar no quintal de um visinho, e de um visinho que tem familia como o Sr. tem! Gostaria o Sr. que lhe andassem pelos fundos da mesma forma?

—Vim cortar pausinhos.....

Si quer, mande recrutar-me!

—Falla assim porque a miseria desta terra permittiu que V. tivesse galões! Realmente deve servir de recruta um homem que não respeita familias, e que tem o desaforo de insultar a quem com boas maneiras o adverte de uma acção má que pratica. Está porém o Sr. garantido, mas não está livre do porão do *Alabama*, onde se dá vergonha a quem não a tem.

—Eu cá sou maçon e nada me succederá pela benevolencia do veneravel S. *João*.

—La isso é tão verdade como estar o analphabeto a par das bellesas poeticas de *Virgilio*. Pois sim, Sr. *alferes*, insista e verá si isso aqui não tem alguma differença de *Passé*.

—Capitão, conhece um celebre ferreiro pucha-folles que por desgraça do Latronopolis era mestre n'um arsenal?

—Explique-se melhor.

—Um demonio que foi demittido por incapaz e ladrão, visto que em vez de fazer ferramentas fazia *grilos*?

—Peior.

—Um diabo conhecido por peitos de corcunda?

—Ainda peior.

—Um diabo que é capitão da guarda nacional, outra vez por miseria de Latronopolis?

—Mas que tem elle? diga.

—Occupou-se do nosso vaso, da nossa tripulação, da pessoa de V. Ex. &.

—Ora quem dá resposta áquella besta! Será melhor que elle vá prestar contas da caixa do batalhão *balaio*, cousa de que ha cito annos tem se esquecido.

—Ah! V. Ex. conhece-o!

Porque não castiga logo a esse ladrão descarado, um tratante mor que se quer impingir de homem de bem?

—Eu dou-me muito com o *José Candido* que me pediu por esse patife; mais tarde, o muxingueiro terá que fazer si o bruto occupar-se de quem ha dias está em uso de purgantes.

A PEDIDO

—Capitão.

—Oh! quando chegou?

—Agora mesmo e ja venho incommodal-o.

—So me dá muito prazer: o que ordena?

—Me diga: Esta companhia que arrematou as sujidades; quero dizer, que se incumbiu da limpeza da terra, já está funccionando?

—Pois não! advinho que quer entrar tambem nella, será?

—Pelo contrario; pergunto-lhe por que agora mesmo sahi e encontrei tanta porcaria como d'antes—olhe na ladeira da Misericordia o cisco está amontoado, é mesmo um monturo em...

—E o Sr. está admirado disso?

—E como não, se me dizem que a provincia paga isso tão bem! Eu acho boa a lembrança, porque aqui havia muita porcaria, mesmo ali na.... themuraria....

—Ah! agora sim. Meu amigo, Roma não se fez em um dia.—Os homens estão alimpando a thesouraria e por isso não podem attender a tudo.

—Então estão limpando a thesouraria!.....

Bem, agora entendo.

—Adeus.

—Até outra vista.

Attenção!

Lê-se no *Porto Livre* n. 143:

PROTESTO.

Na noite de 26 para 27 de outubro de 1864 foi nossa Typographia, á horas mortas da noite, arrombada, quebrada e roubada, sendo então chefe de policia, interinamente, o bacharel Sebastião José da Silva Braga!..... Os mandantes e mandatarios de todos esses crimes foram indigitados por alguns jornaes e pela voz publica; no entretanto a policia nenhum passo deu para punil-os, e mais antes pareceu protegel-os, armando-nos por esse tempo illegaes e tumultuarios processos!!!...Escandalo nunca visto em todo o Brazil!....

Agora, contra o terminantemento disposto no art. do Regulamento n. 120, de 31 de janeiro de 1842, acha-se de novo investido na interina chefatura de Policia o mesmo bacharel Sebastião José da Silva Braga, nosso figadal inimigo; vimos, por tanto, perante o publico, perante o paiz inteiro, protestar sobre elle por todo e qual quer attentado contra a segurança de nossa existencia e propriedade.

ANNUNCIOS.

Precisa-se de um *Horacio*, impressão de Londres; a tractar nesta typographia.

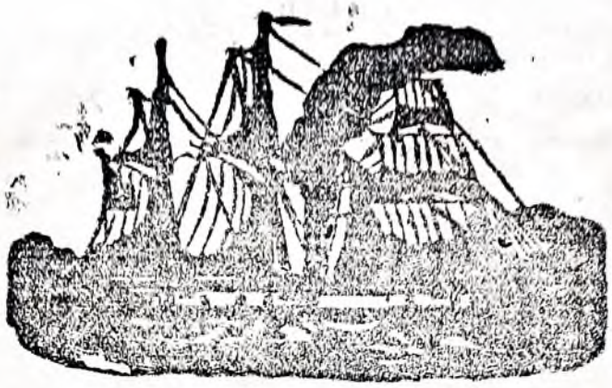
Precisa-se de uma ama para serviço de cosinha e compras; tracta-se nesta typographia.

LEITE PURO A 160 RS.

Defronte do Lyceu, sobrado n. 11, ás 6 horas da manhã.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.ª

O
ALABAMA
1865
A
1867
H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 30.ª BAHIA 2 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 295

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serio de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1 de dezembro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente, participando-lhe que a empreza da limpeza continúa a abusar da paciencia do publico: além de não remover os monturos, continúa a crial-os por toda a parte; agora fez deposito de lixo da roça ao Rio das Tripas, em que mora o Sr. professor Antonio Alvares dos Santos!

E não admira a sem-cerimonia com que a empreza infringe o contracto, ella interessada em cumpril-o, ella que manda alguns caixeiros imprudentinhos cobrar o imposto O que admira, o que espanta é a pachorra com que S. Ex. tolera todos esses mil abusos de que lhe tem dado conta a imprensa e que é facil de provar simplesmente com a vista.

A indifferença que S. Ex. mostra para com esse ramo de serviço tem dado logar a commentarios, o que pouco interessa-nos; o de que o povo carece e muito é de um governo que compenetre-se de sua missão, que tenha compaixão da sociedade que dirige, que procure minorar-lhe os soffrimentos, que vele por sua propriedade e sua honra, que cure emfim de sua saude.

Esperamos que S. Ex. ao menos tenha aspirações a taes dotes: mais faz uma boa vontade, do que um poder indolente. S. Ex. tracte da saúde do povo, ameaçada pela preguiça de carroceiros, ou pelo calculo de ganhadores.

—Ao superintendente da companhia Bahiana, pedindo-lhe que mude a viagem de 2 horas da tarde, da cidade ao Bomfim, para as 3 1/2 horas, por isso que a esta hora pode a companhia tirar maiores vantagens, e fica o publico melhor attendido em sua commodidade. Espera-se ser ouvido.

—Sabbado, 2 do corrente, anniversario natalicio do Imperador, ha *Te-Deum* na cathedral, grande parada, cortejo em palacio, e theatro á noite em grande gala.

—Ha quem peça, e pedimos nós que os cidadãos illuminem á noite suas cazas.

—Em signal de regosijo pela prospera volta de S. M., e tambem como demonstração do enthusiasmo que de nós se apodera por vel-o augmentar o numero de seus preciosos annos que Deus se digne prolongar.

—Sabe, capitão? No dia 29 do passado foi a collação do grau dos Srs. doutorandos na faculdade de medicina.

—E a dos pharmaceuticos quando foi, ou quando é?

—No dia das kalendas gregas.

—Pois não tomam tambem carta?

—Tomam.

—E não prestam juramento?

—Não, Sr.

—Pois olhe, ou ouça: os pharmaceuticos tem maior somma de responsabilidade; é assim que dizia Bocage que mais faziam os boticarios com agua do que os medicos com tinta.

—Pois la, meu amigo, pharmaceutico é quazi zero; a lei diz que nem tem pae.

—Tambem de que servem formalidades? obrigam os moços a gastar dinheiro com uma toga enfronhada, barretes, pergaminhos e lantijoulas e os lentes... bem poucos são os que tem a fatiota da lei.

—Por isso! por isso!

Só vi presentes cinco professores: os Srs. Drs. Aranha, Sodré, Magalhães, Gordilho, Baptista dos Anjos e o secretario Thomaz d'Aquino.

—São os que dão o exemplo!

A PEDIDO

—Ah! sor cara de pau!

—Nao é comigo.

—Ah! sor cara de solla!

—Não é comigo; eu corto.

—Ah! sor corta-solla.

—Peior.

—Ah! sor carta-pau.

—Cousa mais dura.

—Ah! sor corta-ferro!

—Prompto.

—Não podias logo dizer-me o teu verdadeiro nome?

—Sei que V. Ex. tem grande comprehensão e quiz que advinhasse; receiei que V. Ex. não quizesse explicações d'um burro.

—De que realmente não preciso, graças a Deus.

Mas tu nem és burro; és apenas um cão, um insolente, um tollo. E' preciso que tomes sentido, porque pode custar-te caro o atrevimento; ma-creação não é valentia, bem o sabes.

—Mas a que se refere V. Ex.?

—A' tua vida continua; ainda não houve quem fallasse comtigo e logo se não queixasse de ser maltractado por um cão; és ousado ao ultimo ponto e bem vês que ninguem tem obrigação de aturar desaforos alheios.

E depois não é so isso.

—Que mais será?

—Tu és invalido....

—Quem quizer que encoste.

—..... mas não o és das unhas; tens habilidade, ligeireza, volatilidade até....

—Misericordia!

—Bem vês que sei das tuas proezas, das tuas celebridades, das tuas ladroeiras; não és so *corta-ferro*, cortas tambem cobre, prata e ouro, papel, fardamento, comida ou etapa.

Não maltractes por tanto a quem te sabe das manqueiras; ninguem quer ir á repartição em que te espojas, com receios de teus couces, ou antes de tuas dentadas; os homens podem querer vingar-se, publicando a longa serie de teus admiraveis *exercicios de mão*.

—Retire a expressão, Sr. capitão; essa phrase pode ser tomada em outro sentido e eu ja não faço meus brinquedos de criança; diga antes *exercicios de unha*.

—Seja.

Ainda ha porém outra cousa.

—E' calumnia; malcreado e ladrão poderei ser, mais nada.

—E's tambem um grande intrigante: como andas *provisorio*, queres te encartar e a todos os amigos do proprietario do logar que deshonras tens odio, intrigas, calumnias e maldizes.

E' preciso que mudes de vida, meu corta-ferro....

Sinão.... sinão.... assim como ha um corta-pescoço, eu serei conhecido por corta-lingua!

—Valha-me o meu valioso S. Felisberto!

—E por corta-unhas, e por corta-dedos, e por corta-mãos, e por mata-ladrão! Toma sentido!

—Jesus! Si este homem fosse mili-

tar, era dos taes que mandavam dar tiro à cabeça da gente para tomar juizo!

—Capitão, variedade.

—Diga o que sabe de bom.

—Muita bernardice tem apparecido nestes ultimos dias; tenho-as lido com *interesse* no *interesse* de dar ao *publico* boas noticias. Na terça feira li em *prosa e verso* beneficios feitos e por fazer ao infeliz Julio, uma das victimas da perversidade de certo monstro. Nesta occasião, ao fallar o artigo em cordão sanitario que havia para que não deixassem o rabiscador ter advogado, disse alguem com alguma graça: E ha na verdade o tal cordão, mas quem passou-o foi elle mesmo que a todos tem mordido com dente de vibora, e ha muitos annos.—Não é tanto assim, acudiu outro, o *Romo-alvo*, que maior numero de descomposturas delle levou, acceitou com tudo a *honrosa* missão de defender o G., dizem que por *sacrificio* a um Sr. que a si proprio se inculca de chefe do partido conservador.

—Ora historias! Julguei que era alguma cousa importante, e ouço uma conversa sem significação.

—Será assim; mas aposto que a seguinte lhe ha de agradar; refere-se ao nosso estimavel, adoravel e amarolletico barão dos Caranguejos.

—Não me faça arrepender de o ter ouvido.

—Fallaram em *dotar* os filhos do infeliz Julio.

—Quem seria capaz naquella chusma de tão grande generosidade? Aquella raça de avaros soccorrendo a infelizes! Eram capazes antes de furtar-lhes os trapos, ainda que fosse para limpar utensilios de alguma fabrica de algodão ou de serrar madeiras.

—Foi o que eu pensei; foi a pergunta que fiz.

E fui dizendo: Quem seria capaz de dar a mão a infelizes?

O barão de Caranguejos?

Tomara este achar algum vintem cahido do sacco de algum mendigo. Si elle não cuida dos seus que andam miseravelmente a cada canto, como o attesta a infeliz Domithildes e outros referidos; si elle não faz caso do filho que tem na Europa....

—Tem filho na Europa?...

—Sim, Sr.; mas *como é pardo*, apezar de negociante em Longres, apezar de ser homem honrado, trabalhador e oasado, não merece da *pezeta* do pae nenhuma attenção. Cahiu ultimamente na asneira de mandar-lhe o retrato e este anda hoje pelas senzallas do *moço fidalgo*. Pediu-lhe 500 a 600 libras (5 a 6 contos) com o que melhoraria muito de posição em sua casa de negocio, e o tal coronelito mandou-lhe.... pedras! E ainda em cima guerreia de morte a pessoa que a seu filho protege, por julgal-o interessado n'uma herança!

—Que homem! renega os seus, desconhece seu proprio sangue, e seria capaz de romper suas mesmas veias si pudesse convertel-as em rios de ouro!

—Bem se vê que não é desse matto que sae coelho; não é desse cofre que sae a dotação.

Continuando, disse: Seria o B. Chicotada?

Não,que esse tem muito a quem dar; filhos não lhe faltam.

Apezar de estar rico, ainda hontem pedia sacos de cincoenta mil reis em cobre, para matar a fome de sua familia, ao mesmo homem a cujos pés se prostrou para salvar as pretinhas *que sua mulher levara do casa do pae*, e á cuja falta não podia resistir!

—Que ingrato!

—Seria o homem das massas fallidas? Tambem não, que esse tomara roubar mais para os seus.

Então foi o Bastinhos! Mas não, tomara tambem elle mais para si e para as nymphas.

Seria o proprio G.? Qual! o pobre homem trata apenas de arranjar-se: viva seu *interesse!*

Por fim acertei; foi o *Antonio Rapadura*, por antonomasia o *Moleiro*, que não tendo filhos e *rendendo a cousa*,se encarregou da dotação dos infelizes!

—Ora, meu amigo, não me aborreça! tenho comprehendido que o Sr. é um massante de primeira ordem.

Fardamento a bocorio.

Alma do padre João Thomaz, para que has de ser tão safado?! Porque queres abocanhar áquelles a quem nunca poderás imitar?!

Não vês que a prova de tuas ladroeiras escandalosas está no proprio palitot que vestes?!! .. E que as casas que tens são no mesmo logar em que as teve aquelle que, tendo a infelicidade de fazer-te seu procurador, foi por ti vil e traiçoeiramente roubado?!.

Ladrão, toma vergonha, deixa a politica de que nada intendes e trata de fazer o teu papel de criado para o que nem mesmo podes bem servir, por seres traiçoeiro.

O ex-commissario.

—Capitão, é de mais, isto é muito aturar!

Como é que um subdelegado, mandando comprar pombos e dando dinheiro a um inspector este o chupou?

—Eim, que freguez!

—E foi preciso a authoridade pagar de novo, bem que bradasse muito por S. Leopoldo, reclamando contra a carestia dos bichinhos.

—Que predisposição para gatuno tem o melro!

—E' preciso por tanto, Exm. Sr. capitão, que seja o nariz do *cujo* esfregado na cloaca, ficando o calabrote de molho para fazer-se-lhe a barba e tirar todo o pello do corpo.

—Intenda-se com o muxingueiro.

—Peço tambem a V. Ex. que no caso de servir-lhe de estorvo a bordo esse ruim fardo, o não atire ao mar; em qualquer ribeiro o bruto da-se bem.

—Pode retirar-se.

Aviso.

Na noite de 26 desse imperoso novembro, por occasião do festejo musical ao largo do Cruzeiro, apresentou-se-me o esculptor morador no Sangradouro, offertando seu cortejo com aperto de mãos, acompanhando essa liberal pathia, com diversos offerecimentos dando uma prova de sua alta delicadeza, filha da vasta educação que sempre reanima os corações hospitaleiros.

Tenho de responder a esse exemplar artista que seja a ultima vez que se digne offertar taes procedimentos, quer no publico, quer no particular, visto que fui, devo ser ainda mau esposo, mau amigo; devo so receber taes obsequios de homens de minha conducta, rasão que fez despresar sua mão na occasião em que estendia a unir-se com a do homem indigno.

E' o bom a procurar o ruim
e o ruim a fugir do bom.

C. do Sacramento.

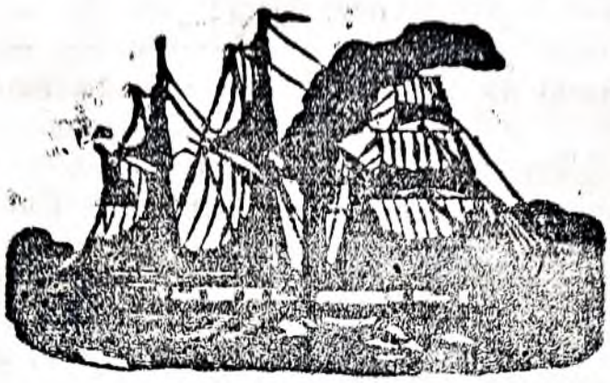
ANNUNCIOS.

Eduardo Firmino da Silva, Candido Ricardo de Santa Anna, Francisco Ricardo de Santa Anna e Aristides Ricardo agradecem cordialmente a todas as pessoas, que fizeram o caridoso obsequio de acompanharem até o convento de S Francisco e d'ahi ao cemiterio da Quinta dos Lazaros, o cadaver do seu querido e sempre lembrado pae José Ricardo de Santa Anna.

Com especialidade ao Exm. Sr. conselheiro Manuel Ladisláu Aranha Dantas protestam seu eterno reconhecimento, pelos esforços que empregou com a sua sciencia medica para salval-o; assim como aos Srs. muzicos. e sobre todos ao Sr José Bruno Correia; e aos Srs. Raymundo Ildefonso Pinheiro e Miguel Prates, pela maneira espontanea com que se prestaram.

Rogam ainda o especial favor de assistirem á missa do setimo dia, que terá logar segunda feira 4 de dezembro pelas 7 horas da manhã, no dito convento de S. Francisco. Bahia 29 do novembro de 1865.

Os Srs. Artistas e Devotos são convidados a tomarem parte na religiosa festividade da SS. VIRGEM DA CONCEIÇÃO protectora dos Artistas, erecta na igreja do convento de S. Francisco: a mesa assim confiada espera na coadjuvação de todos para tão alto fim.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 30.ª BAHIA 5 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 296

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de dezembro de 1865.

Officio á camara municipal. — Ha perto da egreja da Palma, em uma rua que lhe fica na trazeira, um cano dos que tem tampa de pedra ou ferro, a qual desappareceu ficando alli um abysmo prompto a engolir a quem passa ou ao menos a torcer-lhe o pé.

Espera-se que a Illma. não deixe no esquecimento este aviso que merece séria attenção de quem está incumbido de certas obrigações e as sabe e quer cumprir.

—Festejou-se com todo o enthusiasmo o anniversario natalicio de S. M. o imperador.

Ao *Te-Deum* concorreram diversas pessoas gradas e a camara municipal.

—Tambem estiveram presentes o corpo consular e alguns membros da relação.

—Foi orador o Sr. padre mestre Fiuza, que ninguem suppoz que aproveitasse a occasião para fazer elogios ao Sr. Dr. Dantas.

—Foi talvez quem lhe encommendou o sermão.

—Mas julgo que S.Ex.. que tem consciencia, será o primeiro a dar o devido merito a tanta profusão de incenso, capaz de suffocar o idolo.

—A parada esteve boa.

Dous guardas de artilharia, na occasião das salvas, ficaram sem os dedos; um delles entrou em uma botica a curar-se, e olhando para a mão mutilada, pronunciou estas palavras:

«Tão moço, tenho de pedir esmola!»

Este monologo arrancou lagrimas dos presentes que scuberam comprehender a dor pungente do soldado, que nesta terra, quando invalido, so tem o recurso da charidade publica!

—A' noite illuminaram-se as casas.

—Reparei eu em duas cousas: no contraste horrendo que faziam os lanternões da casa da relação e do palacio do governo com a agradavel illuminação a gaz que se via nas janellas da camara; e no facto de ter a camara pedido illuminação por tres dias e S. Ex. so illuminar o palacio uma noite.

—Bagatella. Economia.

—Embarcaram no domingo os batalhões 107 e Princeza Leopoldina e uma companhia de zuavos de 11 praças, inclusive o commandante.

Foi uma cousa nunca vista; o batalhão da Princeza representava um mosaico, aqui blusas pardas, alli blusas azúes, acolá fardões, e na frente o

major com o ferdamento do 4º batalhão.

—Falla V.em miscellanea; e a anarchia? a falta de disciplina, o desrespeito e o insulto aos officiaes?

—Ouvi dizer; contaram-me que os guardas chamavam publicamente ladrões a certos officiaes, cuja impassibilidade admirava e dava aos ouvintes motivo para crerem fundado o desespero das praças.

Um indio da companhia da Pedra Branca queixava-se amargamente de que, tendo baixa por doente, marchasse o seu soldo para o Rio quando elle ca ficava

—Appareceram credores, e houve o *diabo* entre os *dous* commandantes do tal batalhão da Princeza, isto é entre o coronel Seixas e o tenente coronel Medrado, por causa de dividas do batalhão, feitas na gerencia de ambos. Cada qual procurava tirar de si a responsabilidade.

Foi tal a vergonheira que o presidente e commandante d'armas os quizeram fazer retirar para um logar reservado, mas elles preferiram o bordo do vapor, onde estavam os cobres, e foram-se.

—E os credores do soldados?

—E' cousa antiga; o gosto do Sr. Dantas é mandar pagar soldo a bordo, com pena talvez dos soldados que ganham pouco e que podem ter mais dinheiro pregando calotes.

—Era uma miseria; alguns guardas estavam com a pala do bonet virada para as costas, signal de que o militar está cego, isto é de que não viu dinheiro.

—Tudo isso é por amor da patria; isso é para edificar o povo.

—Infelizes bahianos, Deus vos conduza ao triumpho e vos reconduza aos braços dos vossos, si escapando dos paraguayos de la, puderdes escapar dos paraguayos de ca!

—Capitão, uma hypothese.

—Peior, peior.

—Supponha V. Ex. que é hoje um dia de embarque de tropa; muita gente foi ver, muita authoridade imposturar; o presidente tambem foi; está se n'uma praça, e apparece uma mulher que se dirige ao presidente e falla lhe; o presidente responde, ninguem ouviu; a mulher volta, desfallece, cae, rola por terra, bate-se, debate-se.....

Que foi, que é, que será? perguntam todos.

E' nada menos que o seguinte:

Aquella infeliz mulher é uma viúva, natural da Jacobina; tem quatro filhas e um filho; mora na Feira de Santa Anna para onde a levou a seca que assolou ultimamente grande parte dos nossos sertões; veiu para a capital pedir o cumprimento da lei que a authoridade calca cynica, ousada, despotica e acintosamente; veiu em busca de seu filho que foi recrutado; traz documentos, vae a palacio por vezes, não encontra o governador, volta desanimada, mette na *caixinha os papeis que desapparecem da secretaria*; recorre ao patriota, liberal *francez*, recrutador, jardineiro publico, o qual lhe garante a soltura do filho; a mulher espera, espera e torna a esperar; chega a hora da partida, a esperança diminue, o desespero cresce, a resolução extrema chega, a mulher no meio da praça dirige-se ao mandão; a resposta é esta:

Seu filho vae defender a patria....

—E a lei? e a lei? Não é um filho de viúva? não tem quatro irmans? o recrutador voluntario não sabe disso? não lhe furtaram seus documentos?

Todos tem obrigação de defender seu paiz, mas a lei indica o *como*.

—Capitão, não se exalte; lembre-se de que isso é apenas uma hypothese. E quando o não fosse, ja um presidente respondeu a uma pobre mãe que o Imperador tambem tinha filhos e era casado e comtudo estava na guerra.

—Pois, Sr., nunca mais me figure dessas hypotheses!

—Agora, sua opinião; a realidade dessas conjecturas como a qualificaria V. Ex.?

—De nenhuma forma; entregaria ao muxingueiro, como sempre faço, os authores das desgraças alheias.

—Povo mirae-vos neste espelho, intendei-me!

—Capitão, os lentes da academia de medicina que compareceram ao doutoramento foram seis e não cinco: o Sr. Dr. Faria lá esteve.

—Tributo à verdade, justiça a quem tem direito.

A PEDIDO

—Venha ca, Dr!

—Não sou doutor, ja o fui; meu corpo desorganisou-se, meu spirito passou a outro.

—Pois olhe, apezar do seu *spiritismo*, ou antes de sua metempsychose, a mascara é a mesma, conheço-o perfeimente.

—Pois ha muito quem diga que eu estou mudado.

—E tem razão quem o diz; mas a mudança foi do spirito, suas ideas é que mudaram, seu patriotismo é que murchou, feneceu, acabou,

Qual flor em botão,
Poeta das luminarias.

—Das luzes, tem rasão de o dizer; poeta deste grande seculo, o seculo XIX, o seculo das luminarias.

—Está doudo o rapaz!

Por isso... por isso elle teve animo de dizer que tem um cunhado *predestinado* para commandar a policia.

Pois é pena! Tão patriota que era! tão liberal! tão amigo do escravo que queria libertar! tão protector do soldado que queria livrar da chibata!

Mudou! E ja não falla! é quasi mudo o tribuno da *These*.

Padece do peito! deixa a patria em perigo, os cidadãos, os soldados que elle amou sem os soccorros do medico, e empina-se!

Mas tem remedios para dar, si houver *doentes voluntarios*, elle os cura.

Ora esperem que alguem queira ficar doente!

Entretanto é preciso ter que fazer para matar o tempo; intriga e bajulação são bons officios.

Intriga por baixo, adulação para o alto.

—Protesto!

—V. sempre teve um ar parlamentar; foi um *protesto* em termos, com voz stentoria; apresente la a sua bala raiada.

—Sou sempre o mesmo: medico, liberal, amante do paiz, defensor das classes opprimidas e bom amigo.

Provas de bom cidadão, o meu passado, os meus escriptos; de bom amigo, esta bambochata, que offereço *ao publico*.

—Oh! Monumento imperecivel! em vez da bala uma bucha!

Sr. Dr., mude outra vez de corpo, que este em que mora transtorna-lhe a bolla, si é que o seu spirito não padece mais do que elle.

Defeza, elogios, thronos, altares, incensos, a quem?

Ora pelo amor de Deus!

(Continuação dos ns. 293 e 294.)

—Tem rasão, assim é; oh! o *grilo!*

Façamos uma disertação sobre o grilo....

—Nada, nada, deixe isso para outra occasião, nada de massadas!

—Pois sim; o reformista não principiou bem; devia tractar de punir os encarregados da caza, que, não limpando-a, fizeram com que ficasse cheia de immundicia.

E que canalha!

Quando o homem entrou, cercaram-no, puzeram-no tonto com queixas, participações, mexericos, calumnias e infamias; houve um miseravel tão adulador, tão infame, tão *rasteiro* que lhe disse: Seja bemvindo, Sr. T.! V. S. é a estrella brilhante que vem illuminar esta caza!—Estrella de noite de chuva, respondeu elle. E retirem-se, preciso descansar; não vou hoje, ha tempo para tudo e estou ja massado com tanta historia de afogadilho.

E os alcoviteiros, os primeiros ladrões retiraram-se cabisbaixos. Mas um delles é tão *rasteiro* (permittam a repetição) que chegou a dizer que tinha dous documentos contra o homem de quem mais amigo se dizia.

Tambem que querem? Si o miseravel

nem com a propria esposa fez liga! Si insulta-a, si offende-a, si escandalisa-a, si bate-a diariamente! Si para fugir á seu horroroso tractamento foi preciso que a senhora deixasse a caza em que habitavam, tornando á de seu pae! Si elle para defender-se da justa censura, calumnia a mulher!

Avaliem por ahi o caracter do homem!

O reformista porem que é fino, comprehendeu a peseta, lembrou-se da historia do Velho Paraizo, e calou-se.

Mandou sacudir os bichinhos, as traças, as baratas; fez um orçamento por quinzena da metade dos empregados, isto é: disse a centenas de paes de familia, a cegos, a aleijados, a doentes que podem comtudo trabalhar e alli trabalham ha mais de vinte annos o seguinte:

Por estes quinze dias não trabalham...

—Logo furtem.

—.... findos elles, sahem os outros por outros quinze dias e vossês deixarão de comer vento; fica assim bem dividido o sacrificio, que vossês fazem pela patria, que precisa de dinheiro, que se deve economisar.

—De maneira que a economia é tirar o pão da boca dos miseraveis para encher-se de dinheiro as algibeiras dos ministros e de quem mais puder bicar, em *sinecuras*! Economia é o Sr. Dantas dar dinheiro para fazer-se o adro de umas das capellas mais ricas da capital, que ja tem para tal quasi duas duzias de loterias! Economia...

—Mas repare, capitão, que isto além de não se ter passado agora, succedeu em Latronopolis.

—Vossês sempre andam com historietas!

—E os paes de familia voltaram a seus lares; e o operario laborioso, honesto e digno vão mendigar o pão, em quanto as ratasanas tripudiam nedias e ebrias das venturas que desfructam naquelle paiz da Cocanha! Os aduladores são felizes; a lisonja desperta a vaidade e não ha quem não tenha amor proprio; si os ladrões não são perdoados tornam-se esquecidos. E os pequenos a soffrerem, e os ladravazes a intrigarem!

—Não é tanto assim; tenho sabido de alguma cousa que me inclina para o homem.

O Sr. não fallou n'um *rasteiro*? não citou suas bajulações? suas infamias e intrigas? Pois este ladrão está apertado.

—Isso ia eu dizer; deve lembrar-se de que eu disse que o reformista comprehendeu o infame.

Foi pois a elle, depois que expelliu os insectos, e apertou-o.

«—Sr. almoxarife, dê-me conta desses armazens!»

E o homem abriu as portas!

Ja viu V.Ex. entrar um homem n'uma casa que está fechada ha tempos e ser accommettido por milhões de pulgas?

Pois assim succedeu ao reformador; uma multidão innumeravel de *grilos* accommetteu o ousado que se atrevia a penetrar no antro da sybilla... ou na spelunca do ladrão....

Aquella quantidade immensa de immundos, prejudiciaes e temiveis insectos causou tedio e indignação ao visitador que dirigiu-se para o celebre almoxarife, dizendo: V. é um porco, suas mãos estão manchadas; consente aqui estes bichos que são ladrões, tão bom é o ladrão como o consentidor, logo V. é ladrão; V. cria *grilos*, logo V. é *grileiro*.

O miseravel abaixou a cara, teve vergonha daquella porcaria (cousa que ha muito lhe não succede) e maldisse a *estrella brilhante* que clareou tanto aquelles tenebrosos covis. (*Continúa.*)

—Em actos publicos pode-se fumar?

—Mandam a decencia e a polidez que não.

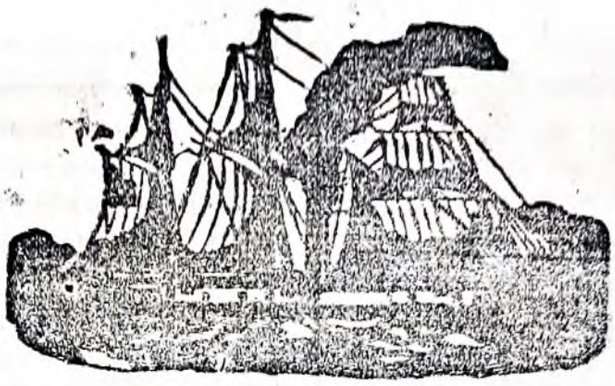
—Um presidente de provincia indo a embarque de tropas não comparece a um acto publico?

—Boa duvida!

—Pois eu vi S.Ex. a bordo do vapor, atravancado com um charuto a baforar os visinhos.

—*Modernismo, francezismo.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 30.ª BAHIA 7 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 297

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de dezembro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe do policia, partecipando-lhe que os gatunos continuam em suas excursões para as bandas da Calçada, o menos que fazem é saltarem os quintaes e levarem os patos, gallinhas, perús e outras aves que encontram; exemplo, a casa de uma senhora viuva de um Marinho, na noite de 30 do passado e na noite de 28 uma casa ao Engenho da Conceição, a qual nem por estar perto de um logar de punição ficou isenta da gana dos ladrões.

V. Ex. fará o que quizer.

—«Requerimento despachado.—Maria Valeria de Jesus, pedindo baixa para seu filho Leão Mendes da Silva. —O filho da supplicante não está entre os que ficaram, pelo que não ha que deferir.»

—Resultado das mil informações *pro formula*, e das delongas que ellas trazem e podem trazer.

—«Idem. Joanna Maria do Nascimento, pedindo a soltura de seu filho José Tranquilino das Neves.—Informe o Sr. Dr. juiz de direito chefe de policia.

«Joaquina Maria dos Santos, pedindo a soltura de seu filho Manuel Pedro Rodrigues.—Informe o Sr. tenente coronel commandante do batalhão n.º 107.»

—«Quando vierem as informações ja elles estão no Rio Grande.

—Mas de quem é a culpa? não será acaso de quem, podendo, não manda addiar a partida de pessoas que provam isenção do recrutamento?

Deus queira que fiquemos nisto! Deus queira que o exemplo de Joaquina Maria dos Santos falle alto no coração dos que antepoem sua vaidade a todas as considerações sociaes e humanas!

—Queixam-se de que se quizesse attribuir ao Sr. coronel Seixas a falta do pagamento do soldo; pode ser que alguem o dissesse, nós dissemos apenas que a culpa era do Sr. presidente, que não é a primeira vez que faz disso.

E fal o a prejudicar o commercio que lhe tem dado mostras de muito boa vontade!

—Justamente: si o soldado recebe aqui o soldo, compra um par de meias, de sapatos, camisas, calç-s etc. etc.; o que não succede si o dinheiro caminhar no bolço dos outros até o Rio.

—E depois as costureiras, as lavadeiras, as engommadeiras que soffrem os calotes deixam tambem de pagar

a quem lhes adiantou os materiaes.

—E o prejudicado não é sinão o commercio da Bahia.

—Ninharia.

—Expliquem la isto!

«Rufino Mendes de Souza, pedindo baixa depois do exame de sanidade.—Não tem logar.»

Então é ponta ou cabeça?

—E' cousa da cabeça do Sr. Dr. Dantas, actual presidente desta provincia.

—Capitão, um acto philantropico acaba de ser praticado.

—Qual?

—Cinco creanças escravas foram libertas pela sociedade—União e Segredo.

—Que sociedade é essa, que fim tem?

—Ignoro; a *união* e o *segredo* são duas barreiras que impedem aos profanos penetrarem no mysterio.

—Quem são seus representantes?

—Os que apresentaram as cartas á S. Ex. para entregal-as ás crianças foram os seguintes senhores: José da Silva Basto, presidente; Urbano José da Costa, secretario; Manuel Gomes da Costa, Narciso de Oliveira Maia Blanchet, Antonio Leonardo Pereira e Henrique José Fernandes.

—Com a publicação de seus nomes tive um fim: tornal-os credores da estima e da gratidão do povo desta terra que nunca escandalisa seus hospedes dignos. Recebam os mesmos senhores e a sociedade o merecido tributo de gratidão que daqui se lhe rende!

—Palavras não adubam sopas. Agora é que se quer ver. Maria da Gloria está prompta a forrar sua escrava Anna, si houver quem lhe dê o dinheiro que deu por ella, 1:400$ rs.

E' declaração feita na policia.

Convém por tanto que faça uma subscripção, que se agencie dinheiro, para que a moça goze de liberdade.

Mãos à obra, rapazeada de gosto!

—O tenente Luiz Gonçalves Pedreira França está entre nós; nega o facto pelo qual foi demittido, appella para seus companheiros, que em tempo confirmarão a historia que elle conta, e apresenta se neste gosto no *Diario* de 30 de novembro.

Chama-se a attenção do publico para o citado artigo; o publico é o juiz, deve ler a accusação e a defeza para bem desempenhar o seu lugar.

— Capitão, um commandante de guarda nacional pode tirar, em occasião de parada, os ganchos de um cabo, sem crime nenhum?

— Não sei.

—Pois em Latronopolis ha disso.

E' um domingo pela manhan, o batalhão dos pitús tem de dar a guarnição, não comparecem bastantes guardas; o major cavallinho de judeu, celebre nos annaes da fama pelo seu modo *paraguayo*, dirige-se aos cabos, arrancalhes as divisas e os manda montarem guarda ou fazerem sentinella. Pode ser?

—Tanto pode que ja poude.

—Quando hade a gente de *yoyôZezé* ficar livre de semelhante *Lopes* em miniatura!

—E continúa o cisco a ser depositado no Rio das Tripas!

—E na Estrada Nova!

—A culpa é do cima: si quem fez o contracto não tem obrigação de cumpril-o muito menos a tem quem entrou na ganga so para servir.

—Pode-se deitar cisco em lugares não indicados no contracto da limpeza?

—Pode-se, si os particulares consentirem.

—Em qualquer parte?

—Sim, si os particulares consentirem.

—E a saude publica? O motivo que deu logar á empreza?

—Cousa secundaria, a que se antepõe o interesse de algum particular, e a commodidade da empreza.

—Este mundo tem cousas!

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

Charo compadre.—Cam esta
Que lh'encaixo, fazem duas.

E V. não chega ao rego!
Não me dá noticias suas!

Stou vendo que escrever-lhe,
E' um trabalho baldado,
Depois de arrumar-lhe duas
E V. ficar calado!

Com os amigos da côrte
Não se queira parecer;
Que so escrevem a gente
Si servidos querem ser.

Lembra-me certo visconde
Que vindo aqui *passeiar*,
Prometteu a um pobre homem
Um emprego lhe arranjar.

Findo que fosse o *passeio*
Para a côrte se embarcou;
Com a pressa do embarque
A promessa aqui ficou.

Notando o homem demora,
Para se fazer lembrado;
Mandou-lhe um rico presente
No Desterro preparado.

E ajuntou uma carta
Que no seguro metteu,
Onde lembrava ao fidalgo
Aquillo que prometteu.

A carta voltou feixada,
E o presente la ficou;
E o credulo do homem
C'os beiços com que mamou.

—Do Brasil o *pan-de-lo*,
Não é so p'ra o brasileiro:
Vejo as fatias mais grossas
Dividir-se ao estrangeiro.

Ha de V. star lembrado
Do barulho que se fez,
Por causa d'um *Ze Eugenio*
Que disseram ser francez.

As gazetas accusaram
Quem o mandou recrutar:
Disseram qu'era um arbitrio
Para o paiz complicar.

Nossa assemblea intendeu
Q'o caso era uma questão
D'alto interesse á provincia,
E o poz logo em discussão.

O spirito de partido,
Que não perde occasião,
Para fazer barulhada
Aproveitou a moução.

Depois do homem com praça
No exercito brasileiro,
O ministro deu-lhe baixa
Porque era um estrangeiro.

Pois agora esse moço
Por um aceite á Bahia,
Passeia de espada e banda
A qualquer hora do dia.

E para maior escarneo
(Não sei si diga insolencia)
Ja o vi n'uma janella
Do paço da presidencia.

P'ra soldado, era estrangeiro;
Mas quiz ser official,
Foi ao Rio e a *Camamu*
E voltou nacional.

—No dia dous de dezembro,
Annos de nosso imperante,
Houve parada e Te-Deum
Com apparato brilhante.

A' espera de mamata
Vejo muita gente á tôa,
Em ancias pelo vapor
Que lhe traga uma bem boa.

Trez centos de baronatos,
De commendas dez milheiros,
De viscondados seis fardos,
Dez saccos de conselheiros;

Mil ancoretas de habitos;
Cento e cincoenta pacotes
De empregos vitalicios;
E de mercês dous mangotes;

Trez centos de guarda-roupas;
Um quarteirão de estribeiros
Duas mãos de veadores,
Trez duzias de resposteiros;

Dizem que toca á Bahia
Pelos serviços prestados!.....
Quanto á melhoras p'ra o povo
Os cofres estão esgotados.

La os soldados... que esperem
P'ra quando acabar a guerra,
Terão para cultivar
Braças e braças de terra.

Ja se franqueou ao povo,
De D. Izabel a praça;
A obra é feita com gosto
Com simplicidade e graça.

Disse o Meira que somente,
Aquella obra tomou
Pelo commodo do povo
E que nella não ganhou.

Consinta que pare aqui,
Tenho mais o que fazer.
Deite a preguiça de parte
E trate de me escrever.

Em quanto de cá lhe mando

Duas, p'ra se regalar,
V. siquer não faz uma
Para me alliviar.

E no mais creia que está
Com toda seriedade
Aqui prompto a seu dispor
O *compadre da cidade*.

A PEDIDO

—Rei dos moleques.....

—Ah!

—..... baptisou no dia 1 ° de novembro uma filha la para as bandas da Saude.

—E' casado?

—Não, mas o filho é de uma crioula; deu tres dias de funeção.

—E onde achou dinheiro?

—Faltam-lhe *meios*? E depois elle não recebeu os 200$ rs. da carta?

—Fez pagode no dia de finados?

—Ora que pergunta!

Si elle quando o *vovô* morreu, escreveu a um empregado da estrada de ferro, dando noticia da morte e dizendo....

—O que, rapaz?

—Que o velho ja tinha morrido e estava dando couces no inferno!

—E os parentes sabem disto?

—Creio que não.

—Que dirão, que farão, quando souberem?

—Dirão que é mentira.

—E si a carta apparecer?

—Contra factos não ha argumentos.

—Si Salú negar?

—Não sei; depois os parentes não podem vir a saber, porque não leem gazetinhas.

—Os que lerem lhes dirão.

—Creio então que elles hão de respeitar as cinzas de seu pae e abandonal-o-hão.

—Que pena!

—Tambem não será a primeira vez; quando o M foi cobrar certa divida de Salù, a tia *bradou*, depoz de Salú, disse que por nada respondia, que seu sobrinho era este e aquelle.

—E como ella protege-o?

—Cousas do mundo! O que é certo é que eu não auguro bem tal alliança.

—Isto é inveja sua.

—E' que nem sempre a belleza dura.

—Ora adeus!

—Depois da bonança a tormenta!

—Empine-se!

—No pé da rosa o espinho.

—Deixe o rapaz!

—E' que eu ja vi a amostra do panno; cesteiro que faz um cesto faz um cento, si tiver sipó e tempo.

—E pela ultima vez, retire-se!

(*Continúa.*)

—E este anno não ha festa na Conceição do Boqueirão!

—E' que os homens fizeram obra.

—Não fizeram tal.

Nos annos anteriores ha sempre um motivo: construcção de carneiros, pagamento de decimas, reparos na capella etc. etc. O anno passado por exemplo, o concerto foi grande no interior e assim mesmo houve a festividade solemne no dia 8 de dezembro; houve a inauguração de uma pequena capella em que se acha a Santissima Virgem exposta ao publico. Este anno, em que o prefeito é um homem *rico*, nem um prego se deu; nem um só acto dos ordenados pela regra da confraria se fez; nem a festa da Matriarcha tem logar!

—Nossa Senhora, como boa Mãe despensa sacrificios de seus charissimos filhos.

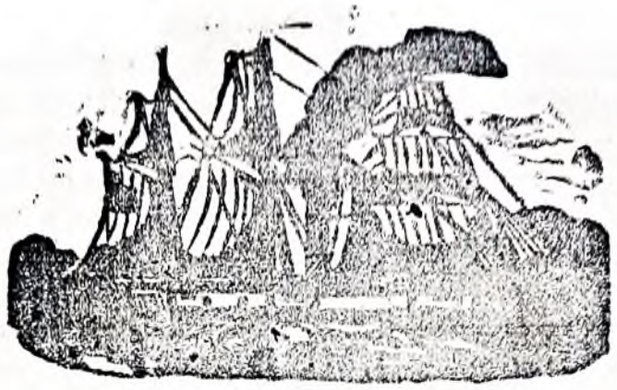
ANNUNCIOS.

O alferes Augusto Cesar Leal, não se tendo podido despedir pessoalmente de todos os seus amigos e conhecidos pela rapidez de sua partida, o faz por meio do presente, pedindo-lhes desculpa dessa involuntaria falta. Bahia 3 de dezembro de 1865.

Attenção!

Perdeu-se uma guia vinda do Rio de Janeiro pertencente ao alferes José Eugenio Cavalcante desde o dia 29 do corrente; quem a achou e quizer restituir será gratificado: podendo entregal-a nas Portas do Carmo sobrado n. 38.

Bahia 1° de dezembro de 1865.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

O ALABAMA.

—Chegou o vapor do Sul.

—Que noticias traz?

—O que encontrei no *Jornal do Commercio* foi o seguinte:

Foi nomeado o tenente coronel do estado maior de 2ª classe Cypriano da Rocha Lima director interino do arsenal de guerra desta prôvincia.

Por aviso do ministerio da guerra de 28 de setembro foi demittido o alferes do 5º corpo de voluntarios da patria José Eugenio Cavalcanti.

Foi declarado sem effeito o decreto de 11 de abril ultimo, que nomeou o Sr. major José Antonio da Costa Guimarães tenente-coronel commandante de 2º batalhão de artilharia da guarda nacional desta capital.

Tomou a numeração de 43º o corpo de voluntarios da patria que desta provincia partiu com o titulo de Princeza Imperial.

Foi reformado no posto de coronel o barão de Pirajá ,commandante do batalhão n. 25 da guarda nacional.

Para commandal-o foi nomeado o Dr. Rodrigo Sodré Pereira.

Poram nomeados:

Commandante do batalhão n. 112 Francisco Rebello de Moraes.

Dito do 113 major Guilherme Joaquim da Costa e Silva.

Do 114 Marcos Leão Velloso.

—Vamos ao theatro da guerra.

—As datas: são Montevidéu 21, Buenos-Ayres 23.

Corriam boatos sobre negociações de paz.

No dia 16 o exercito argentino passou para a margem direita do Batel, sendo seguido pelo brasileiro e o oriental. Ao atravessar a nossa força o rio Corrientes, morreram afogados, dizem os correspondentes dos jornaes orientaes, 30 soldados que iam em um bote de gomma elastica.

E' de grande prestimo este meio de transporte; mas, para empregal-o convenientemente, carece haver alguma precaução.

Na margem esquerda do rio estava ainda o material de guerra do exercito brasileiro.

O estado do exercito era bom, e promettia melhorar a proporção que a tropa se fosse approximando da margem do Paraná.

No dia 17 tinham de ser passados pelas armas dous desertores do 1.º batalhão da guarda nacional de Santa Fé, um official inferior e outro praça de pret.

No dia 14 o chefe da nossa esquadra, o Sr. Barroso, subira até as Tres-Boccas, afim de reconhecer as posições do inimigo.

....

Partiu ás 8 horas da manhan, levando a sua insiguia na canhoneira

Belmonte e com os vapores *Araguay*, *Itajahy*, *Ivahy* e *Mearim*.

Subiram o rio até além do primeiro posto militar, 20 quadras mais ou menos da bateria das Tres Boccas. A sentinella que alli havia, fugiu apenas viu a esquadrilha. Da bateria so se avistou o pau da bandeira, por que fica ella de traz de uma ponta, de modo que não pode ser examinada pelo lado do rio.

A's duas horas estavam os vapores de volta tendo encontrado pouca agua em alguns passos. Suppõe-se que por agora nao será facil subir toda a esquadra, ivsto como o rio desce com muita força.

Escrevem do vapor argentino *Guardia Nacional* fundeado em Corrientes:

«No dia 25 chegaram aqui diversos operarios fugidos de Humaita onde haviam estado presos alguns dias. São em numero de trese e o capataz é um hespanhol; ganharam o Chaco, e ajudados pelos indios, conseguiram vir até esta cidade.

«Dizem esses individuos que Lopez está em Humaita, e alli ha perto de dez mil homens.

«A mortandade havia diminuido. Houve dias em que falleceram 200 pessoas em Humaita.

«Fabricaram uma bomba submarina, presa por correntes, com mechas que tem de ser acesas á pequena distancia.

«As correntes, diz a pessoa que deu estas informações, podem facilmente ser retiradas, estando do lado de terra seguras a madeiras que não tem consistencia alguma na posição em que se acham.

«Parece tembem que o ponto em que esperarão o nosso exercito será Humaitá, á vista das fortificações levantadas do lado de terra. Veremos si Lopez tem a coragem de encerrar-se em suas baterias.

«O secretario do ministro da França subiu o rio no dia 15 na canhoneira *Decidée*. Julga-se que vae em missão especial.»

Contam os operarios a que allude esta correspondencia, que na fortaleza ha trez baterias: na ultima acha-se presa uma grossa corrente que atravessa o rio e é suspensa em quatro embarcações. Duas grandes machinas infernaes impedem tambem a passagem.

Lê-se n'uma carta:

.....

«Ha alguns dias que desconfio que a guerra do Paraguay acabará brevemente; *receio muito que não seja por meio de uma paz*.

«Veremos o resultado.»

—As tropas de Urquiza dissolverem-se segunda vez.

Pretendem os jornaes ter sido o proprio general Urquiza quem semeou na população entre-riana as idéas de prevenção contra a alliança-brasileiro-argentina, e certa sympathia pela causa do Paraguay, de modo que Basualdo e Toledo são apenas o *fructo* daquella *semente*.—Mas, posto que Urquiza é a primeira victima....

—O exercito brasileiro em sua marcha ia soffrendo graves privações de sustento, que era pessimo, segundo diz o *Jornal do Commercio*.

A PEDIDO

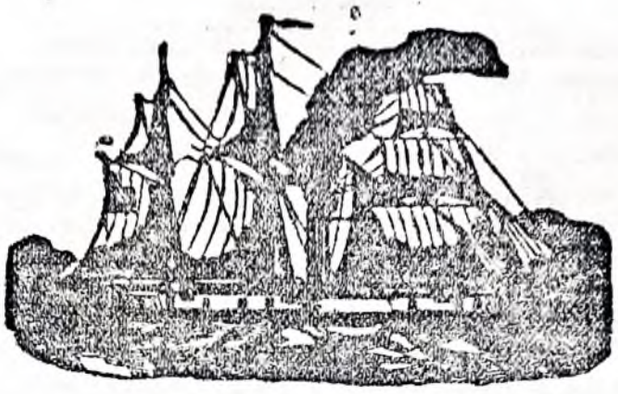
—Nada é étão apreciavel como a gratidão!

Entretanto, ao morrer certo Dr. conhecido, a corporação musical prestou-se de maneira a merecer elogios, indo a seu interramento, a mementos, a missas funebres por quatro vezes, sendo uma dellas ao Campo Santo; e agora seu pae, o *amigo que a todos comprehende*, acaba de desfeitear a mesma corporação, despedindo-a grossoiramente de um estabelecimento que administra, só pelo simples facto de ensaiar-se peças extranhas á caza!

Não houve consideração a que attendesse!

Fraca memoria que o faz assim passar por um ingrato, além de pouco polido!

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 30.ª BAHIA 12 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 298

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de dezembro de 1865.

Officio á camara municipal, para que que se digne lançar suas vistas para um cano que ha no becco do padre Sá, freguezia de Santa Anna, o qual se acha em miserrimo estado. Espera-se alguma cousa de quem tem obrigação de fazer muita cousa.

(No mesmo sentido ao subdelegado de Santa Anna, ao Dr. inspector de saude, e ao emprezario da limpeza publica.)

—Ao emprezario da limpeza, pedindo-lhe por favor que mande tirar o cisco e o mais que achar de immundicia na ladeira da Misericordia, a qual se acha em vergonhoso estado para uma cidade, em que ha uma empreza para limpar-lhe as ruas.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande limpar a rua do Pau da Bandeira que está inteiramente cheia de trampa, fazendo admirar ao publico que pergunta pasmado si a gente da limpeza nunca passa por aquella rua que tem tanta porcaria.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

O chefe da divisão do *França*, pedindo authorisação para poder usar dos oculos de Fr. Monte, visto ser nimiamente myope e querer adiantar o expediente.—Na forma requerida; ficando o supplicante privado de os levar para a caza, a fim de não estragal-os.

—Noticias do Prata.

—Importantes?

—Va ouvindo. Continuam os boatos de paz, apezar de desmentidos pela *Nacion Argentina* e pela *Tribuna*. Os boatos porém tem um fundamento; um vapor do Paraguay levou correspondencias ao general Mitre, e o commandante pediu que se içasse a bandeira brazileira a bordo do *Piragurá*, que é o nome do tal vapor.

—Que diz a nossa imprensa?

—Oppõe-se á paz; é digno de ser lido um artigo nesse sentido que vem no *Correio Mercantil* de 7 do corrente.

—Que noticias ha do Lopez?

—Furioso com a rendição de Uruguayana, entregou aos seus marinheiros as mulheres, filhas e irmans dos officiaes que se renderam.

—Barbaro!

—Os Srs. coronel Frederico Carneiro de Campos e os outros officiaes aprisionados no *Marquez de Olinda* iam ser transferidos dos carceres de S.

Joaquim para os do Assumpção.

E' mais ou menos o que ha.

—Apezar do pedido para que conservassem decencia ao logar, a praça de D. Izabel vae mal.

Não parece ter uma pessoa encarregado de sua conservação!

O capim cresce ja por entre as arvores que alli se plantou; estas emmurchecem, apezar de ter alli um chafariz; um canto tornou-se um odorifero mijadouro; ha alli trapos e cascas de jaca, e por fim de contas os meninos fazem daquillo arena, em que se exercitam para todos os jogos

—Mas aquelle a que elles mais se dedicam é o jogo de pedradas; constame que, das grades, divertem-se a jogar pedras para os telhados das casas da ladeira da Misericordia.

—E' verdade; entretanto o tal guardador não dá fé de cousa alguma!

—E' preciso que quem pode dar providencias as dê quanto antes, ao menos no principio, em quanto o caldo está quente.

—Ora esperemos pelo Sr. Dr. Souto.

—Oh!....

Hoje, 8 de dezembro, dia da Immaculada Conceição da Santissima Virgem, este trapiche aberto!

Trabalham hoje, sem guardarem um dos maiores dias do mundo catholico!

E depois é prohibido, si me não engano, pelo Sr. inspector d'alfandega abrirem-se os trapiches nos domingos e dias santificados.

—E', é; mas o mestre do barco quiz por força descarregal-o hoje, e não houve remedio sinão atural-o.

—Tem privilegio de companhia ingleza?

—Julgo antes que é algum judeu que escolheu de proposito o dia para massar a rapazeada.

—Seja quem for e seja como for, vou dirigir-me ao Sr. inspector d'alfandega para providenciar no sentido de prohibir que continúe este abuso.

E' preciso que os pobres caixeiros contem ao menos com os dias santos.

E' lá possivel que a religião e a lei estejam sujeitas aos caprichos o interesses de qualquer mestre de barco?!

—Venho cobrar as mensalidades da *porcaria da cidade*.

—Senhor, eu sou pobre.

—Não sei, si não pagar vae á cadeia.

—Mas, Sr, tenha paciencia, veja que eu sou uma pobre mulher e não posso pagar.

—Si não pagar, vae á cadeia.

—Oh! meu Deus! que imposição! que veixame!

Eu tinha ouvido dizer que os pobres não pagavam....

—A senhora, que paga, não é pobre.

—Não ha remedio sinão empenhar minhas argollas.

—Com isto pouco me importa.

—Menino, vae a venda de Sr. F. e...

Quanto é, Sr ?

—São dous mezes, dez tustões.

—... dize-lhe que me deixe ficar la este par de argollas e faça o favor de mandar-me dez tustões.

Com effeito! que imposto forçado! que gana dos cobradores!

—Nós fazemos nosso dever; o patrão vae mal, perde na cousa e é preciso consolal-o da perda de dous galões que lhe tiraram.

.....

—Aqui estão, Sr., os dez tustões.

—Eis aqui os recibos.

Queira passar bem.

—A's ordens.

Como tornou-se polido! Ameaçar a gente com cadeia! metteu-me medo!

E obrigam a quem nada tem de seu a vender ou empenhar o ultimo *cagabumesinho* de ouro que tem, para se sujar as ruas!

Ah! Latronopolis!

Amanhan quando eu precisar de algum dinheiro para comer, não poderei usar deste desesperado recurso! a empreza do *sujo* adiantou-me a miseria, tirou-me os meios da ultima hora!

A PEDIDO

(Continuação do n. 296.)

—Por isso ....

Quando a mulher desamparou-o, o ma-

rido infiel tractou de espalhar que a esposa offendida tinha subtrahido tres a quatro contos de reis, pertencentes á repartição; admirei-me de que isso podesse ser, quando em arsenal não ha dinheiro, ha generos.

—E' que os *grilos* são magicos; carregam provavelmente os generos para a casa do almoxarife e os reduzem a dinheiro, que o grileiro por sua vez reduz em seu proveito.

—Em conclusão fica decidido que o reformador muito acharia no covil d'um homem que accusa falsamente sua mulher por crime de furto.

—Vamos ao reformista.

—O reformador, nos dias seguintes ao em que entra nas reformas, diz: Façam o que quizerem, fallem, botem na gazeta; eu não tenho medo.

Dias depois, o reformista, eil-o na gazeta!

Quando entrou, bufava mais que baleia harpoada: «Botaram-me na gazeta? desejava saber quem foi, para vingar-me.

«Não era como superior, era como homem que haviamos decidir braço a braço.»

Continuou porém nas suas reformas, ou antes nas suas devastações o militar da catinplora; uma de suas glorias foi a seguinte:

Um pobre homem tem oito filhos, é empregado no tal arsenal; um de seus filhos o é tambem, emprega-se na limpeza de armas. «Não ha necessidade de gastar-se mais esse dinheiro; essa repartição de limpeza é *sinecura*, saia o menino.»

E assim ficou o pobre do pae sem o adjutorio do trabalho do filho, que alias não empobreceria a nação!

Homens cegos alli trabalhavam; «estão cegados, tirem esmolla, e venham daqui a quinze dias.»

E outras, e outras, e outras muitas!

Quando porém Deus tarda, vem no caminho; o reformista pensa que aquillo durará para sempre, tracta de arranjar os treus, muda de caza, aboleta-se dentro da caza que reforma. De repente tolda-se o ceu, o mar revolve-se, e um vapor chega ao porto; uma bomba estoura, um trovão ribomba, um raio cae-lhe em caza!

O reformista é por sua vez reformado!

Em vez de durar na reforma, tangem-no dalli a pontapés, e dão-lhe substituto.

Foi n'uma dessas occasiões que Virgilio escreveu:

Obstupui, steteruntque comæ et vox faucibus hæsit.

O reformista nem tomou folego; pasmou, teve arrepios, engasgou-se, e metteu os tres dedos.....

Quem tanto blasonava, quem ja se julgava um dictador, o Attila caricata, o Lopez de torrão, o militar de catinplora foi tocado pelo dedo da Providencia.

O Sr. tenente coronel *Par d'aranhas* ficou de agua no bico!

Queria fechar a porta, mandar a chave ao governador, e entretanto fecharam-lhe a porta, deram-lhe com a tranca no.....

São assim as cousas deste mundo!

Agora o remedio que tem é chorar na cama que é logar quente.

Acaba-se assim a prôa dos fofos!

E assim foi-se o diabo do reformista, dando ao diabo a hora em que o metteram na alhada. Maldisse então a boa firma que o quiz comprometter e viu que era loucura um *gato marisco* ter interesse em matar ratos que não comia.

Um facto digno de ser sabido.

Um cabo de policia, de ordens do Sr. major Salles, quiz no dia 7 de desembro beber vinho e para este fim dirigiu-se a uma taberna, onde *mandou vir* fiado. O caixeiro não quiz estar pela conversa e desattendeu ao cabo, que prometteu vingar-se. Effectivamente, ás nove horas da noite, ao fechar o caixeiro a taverna e sahir, foi preso pelo cabo que estava de espreita, a pretexto de vender fora de horas; ao chegar a patrulha, soltou o caixeiro.

O cabo não desesperou, ao voltar o caixeiro do banho para onde tinha ido, o valente policial insultou-o e ameaçou-o de metter-lhe o refle si dissesse alguma cousa.

Espera-se que alguma providencia apparega.

Cousa nunca vista.

Tendo de festejar a Virgem da Conceição com uma missa em seu dia 8 do corrente não descobri um sacerdote, que a isso se quizesse prestar, a pezar da esportula de 25$; com tudo sempre procurei um conego da Sé de Latronopolis e com este me contratei, com quanto tivesse elle de celebrar na cathedral, pois que lhe competia por escala, não só por ser-lhe avisado com antecedencia, como por ser o dia consagrado á Padroeira do Imperio.

A's cinco horas da manhã consegui os meus desejos fazendo celebrar na egreja da minha devoção o mestre padre da escola preguiçosa, revestido do

muitas perfumarias sobresahindo o spirito de *lima*, e ainda não satisfeito com esta missa fui á cathedral, e fiquei admirado de não haver uma só missa!

Perguntando qual a rasão, me disse o enxota-caxorros que um conego não podia dizer duas missas no dia 8 de dezembro embora se desse uma esportula de 25$, pois que tinha dado naquelle instante parte de doente, não se podendo mais dar providencias, visto que até os moços do côro ja tinham celebrado.

Por amor á religião mandei disso communicar á authoridade competente da corte para tirar o vencimento deste capitular por seis mezes a fim de não continuar com estas faltas escandalosas.

Latronopolis 9 de dezembro de 1865.

O mestre dos Domingos.

Casal do padre Alexandre.

IV.

Tendo sido julgada por sentença, como fizemos ver ao publico, a nossa habilitação, o Sr. Francisco de Amorim Falcão appellou da sentença para o superior tribunal da relação.

O illustrado magistrado, o Illm. Sr. Dr. Antonio J. de Magalhães Castro, descobrindo que o fito de alguem é procrastinar a causa, e vendo que ella é summaria (inventario)intendeu que uma parte não devia prejudicar o todo e recebeu a appellação em um so effeito, por intender talvez que o fisco tem sido ludibriado, estando todos os herdeiros sujeitos ao sello de herança.

O Sr. Amorim aggravou desta segunda decisão para o egregio tribunal da relação.

(Tempo é so o que elle quer,é toda a sua questão; quatorze annos sao poucos; apezar de o tempo tudo gastar, apezar dos estragos nos bens, apezar das quantias recolhidas no deposito publico levantadas, o tempo é pouco, é preciso algum eterno padrão de gloria, viva a chicana!

Acham pouco quatorze annos! e tanto que alguem teve o cynismo de dizer perante nós, no cartorio, as seguintes palavras ao escrivão: «Sr. Moreira, esta causa tem corrido a galope!

Mas o que tem corrido a galope é o usufructo de certos bens para um filhote feliz da fortuna.)

Que rasões apresentou o Sr. Amorim no seu aggravo? Verdades inconcussas, reconhecidas, se não contraria, não podia elle por tanto apresentar rasões juridicas.

Esperamos por alguma explicativa, mas qual! appareceu apenas um montão de palavras a causar nauseas.

Temeridade e grande foi a delle em chamar a attenção do tribunal da relação para seu embroglio.

Felizmente o egregio tribunal, fazendo justiça como costuma, fez ver aos audazes que a trica não illude a magistrados provectos, encanecidos no foro a honrar o paiz que lhes deu o ser, e a toga que dignamente revestem.

Os habilitados.

—Quem sabe das contas do batalhão Princeza Leopoldina?

—Provavelmente o presidente e o encarregado Dr. Souto.

—O publico quer saber disto e o Sr. Souto dove imitar a commissão dos Lençoes que poz tudo em pratos limpos.

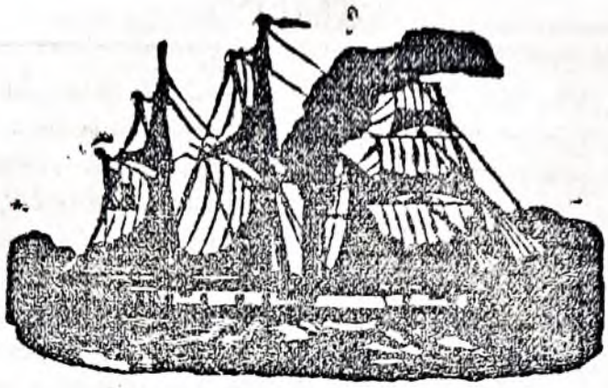
—Ora da-se!

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado com botica ás Portas do Carmo n.º 73 partecipa ao respeitavel publico, que recebeu nestes ultimos dias, de Lisboa e Paris, drogas muito novas, assim como preparações chimicas e pharmaceuticas, como sejam: agoa ingleza, pilulas de pepsina simples, de pepsina e ferro, de Dehaut, de Cauvin, de Blancard, de Vallet, Perlas de ether, Castoreo, de assafetida, Nevrosina, xaropes, e injecções diversas, citrato de magnezia em vidrinhos, capsulas de differentes qualidades e autores, le-roy, agoa de colonia e muitas outras substancias, e que tudo vende por commodos preços.—*Antonio Francisco d'Andrade e Silva.*

Quem annunciou ter perdido um cavallo no Corredor da Victoria, dirija-se ao Acú freguezia de Brotas ao Sr. Theotonio Jose Ferreira que pegou um em pello com os signaes publicados. Bahia 10 de dezembro de 1865.

O alferes Augusto Cesar Leal, não se tendo podido despedir pessoalmente de todos os seus amigos e conhecidos pela rapidez de sua partida, o faz por meio do presente, pedindo-lhes desculpa dessa involuntaria falta. Bahia 3 de dezembro de 1865.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 30.ª BAHIA 14 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 299

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alacama* 13 de dezembro de 1865.

Officio á camara municipal, participando-lhe que uma caza, ao largo do Pelourinho, pertencente á santa caza da Mizericordia, se acha com todo o bicame despregado, em risco de cahir, e em cima da cabeça de algum transeunte.

Espera-se que a Illma. officie á administração da dita santa caza para que quanto antes providencie no sentido de evitar alguma desgraça.

(Officiou-se no mesmo sentido á meza da santa caza da capital, de cuja reconhecida charidade se espera providencias.)

—A' mesma, partecipando-lhe que no becco do Mingau, ha um cano em pessimas condições hygienicas, para o qual pede-se as benignas vistas da Illma., que deve velar pela saude do povo.

—A' mesma, partecipando-lhe que em S. Miguel, ao subir para a rua da Poeira, ha um enorme buraco, cheio de materias fecaes, o qual não pode fazer bem ao publico. Espera-se da Illm. se digne fazer desapparecer aquelle foco de infecção.

—A' mesma, partecipando-lhe que na rua Atraz da Sé, ha uma boca de lobo que vive sempre farta, causando prejuizo á saude dos visinhos e dos transeuntes, cujos narizes são alli mimoseados. Espera-se que a Illma. ao menos dirija-se *á limpeza* para limpar a boca do tal bicho.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, louvando-o pelas acertadas providencias que deu, mandando recolher ao forte do Mar o infermeiro da infermaria militar, por serem encontrados, na noite de 8, pelas ruas diversos presos que deviam na mesma estar em tratamento.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que diversos meninos vão para os bancos dos tamarineiros á praça do Commercio, e *jogam buzio a dinheiro* na frente da guarda e na vista de quem passa!....

A policia do Sr. Dr. Freitas Henriques dava em cima dos jogadores de dedal e fazia bem, porque os que se divertiam eram membros do *olho vivo;* agora reunindo-se os jogadores de busio n'um dos logares em que delibera a companhia do *olho vivo*, é claro que ha entre elles intelligencia, devendo por tanto os *menores* ser punidos, ja pela filiação a que se sujeitaram, ja pelo crime que afrontosamente praticam.

Espera-se... que estas palavras não façam mal ao ouvido da authoridade....

—Não ha remedio!

Sahiu o *Observador* e diz que é politico do meio termo.

Na mesma pagina porém, enche-se de enthusiasmo pelo partido conservador e diz:

O partido que resignado espera a hora de subir com dignidade e brio... vence ou é derrotado com a expresão pura e sincera das urnas.

—E' V. melhor observador que o tal sujeito que se inculca; pegou-o a mão!

—Quem os não conhecer que os compre.

—Ha muito mais que ver e observar; porem ha tambem muito por ahi quem clareie a vista,

---

—Ora vejam a limpeza!

Um sujeito está, na travessa do Julião, a varrer a rua....

—Que tem isso?

—Nada: bom. Mas sabem o que faz? Alli ha um montão de *flores*, preciosidades, immundicias; o sujeito parece querer escalar o ceu, e novo titan, augmenta a montanha; torna maior a quantidade de cisco amontoado.

E alli ficará aquelle outeiro até que Deus ou o Sr. Costa Guimarães seja servido mandar um carro passar por aquelle beco!

—Com effeito! nunca se viu tanta porqueira como com esta limpeza!

—*Aza-preta,* chega á falla!

—Peior.

—E's vaidoso, tollo, fofo, orgulhoso, miseravel por fim! Pois tu não vês que esta proa que ostentas, este ar empavonado que finges, este inchado de perú que tens, não pode quadrar a um homem que se diz ministro da religião?!

—E' preciso que a gente se dê á importancia.

—A importancia, dão-na o merecimento, a virtude, o talento; tu que tens consciencia das virtudes de um vaqueiro, affectas distincção, su, eriodade no abrir da boca, na maneira de fallar, nos trages e até no modo de andar.

Ora que bobo!

Isto porém é o menos; tracta-se presentemente de uma alma a quem não soccorreste em tempo, de uma christan que deixaste morrer sem as consolações da religião, sem os sacramentos da Egreja.

—Ai que o homem tambem ja sabe disto!

—Que fazes quando estás em caza?

—Como, bebo, rio, danço, toco, folgo, canto e divirto-me com a Maricas.

—E deixas que uma tua confessada, em perigo de morte, te mande chamar uma, duas, tres vezes, sem dares cavaco?

Que pastor de almas! que confessor!

—Podia ser impertinencia de beatas, que realmente é gente que massa e muito aos ministros do Deus-homem; quando porém vi a insistencia dos chamados, sahi e fui vel a.

—E achaste-a ja sem fallar.

—Pelo que tive de voltar.

—Mas foste a causa de não confessar-se a infeliz; bem sabes o delicto de que és reu.

E depois não ajudaste-a a bem morrer, vendo-a, a ella tua confessada, nas ancias da morte! desamparaste um christão com tanta indifferença quanta dor mostravas ao veres morrer uma das tuas antigas companheiras, alguma vaca de teu curral.

—Não pude assistir-lhe aos ultimos momentos, tão penalisado estava!

—Penalisado, e foste fazer barulho na caza alheia!

Que te importava as gallinhas no pateo? era aquillo motivo para a berreira que fizeste?

—A dor de ver finar-se minha confessada e a convicção que adquiri de que o pateo concorreu para sua morte, puzeram-me fóra de mim.

—Pois vou ja fazer-te entrar dentro de ti. Sr. *Vianna*, ate este meninorio

àquella *rocha*, e intenda-se com o meu *desempenho*.

—Tambem não peço; quer castigar, castigue-me!

A PEDIDO

O *Interesse nosso* vem gaiato! Depois de metter o focinho no cano da Valla e em todos os montões de cisco que encontrou e criou, volta a seu elemento e continúa a mentir.

E depois de ainda uma vez abraçar-se com os piratas-marinhos, gente á cuja custa vive, inventa opposição marinha, sem esquecer os excrementos em que se farta e que tambem costumam ser encontrados nas marinhas.

E offuscado pela luz do *Pharol*; vendo-o de diversas cores pelo seu deslumbramento, sobe ao apogeu da intriga e da calumnia e diz:

O *Pharol* accusa o Dantas porque demittiu o engenheiro Pereira, e mandou parar com a obra da Valla.

Realmente, é preciso estar cheio, ebrio de odio para depois de escrever que ha muito havia opposição, bradar que ella principiou por motivos menos dignos.

Só quem não tem lido, ou quem tem interesse de mentir para vencer e adular é que nega que a opposição no *Pharol* principiou a 19 de setembro.

Mas que se ha de fazer? Que resposta ha a dar? Todo mundo sabe por quem aquillo é escripto, e isto basta.

—Ioyô, porque não vae á caza ha tanto tempo?

—Tem termos isso?

Sua mulher, exposta a privações, á miseria, e V. fanfando sem ir em caza ha mais de um mez? Mettido com as mulheres de boa-vida, gastando rasgadamente com a Mariquinhas *Corôa-siri*, pagando-lhe um porteiro *por causa das duvidas*?

Tome geito!

—Eu, ha pouco, mandei lhe dinheiro.

—Nem falle nisto!

Pois V. recebe um conto de reis, sua mulher manda pedir-lhe dinheiro, V. manda-lhe 2$ rs. e tem o desaforo de dizer que mandou dinheiro?!

Tome vergonha!

—Valha-me Santo *Antonio* da Barra!

—*E'* que V. deve tomar geito, Sr. *Pimentel*.

—Tem visto o *Pharol* e o *Interesse Publico*?

—Tenho; a melhor resposta ao que diz o *Interesse*:—Felizmente a opposição na Bahia é o *Pharol*—é esta:—Felizmente quem defende o Dantas na Bahia é a gazeta do *mestre-escola*.

—Apoiado: conheço um que foi republicano, liberal, figueiro; que renegou a republica, o liberalismo, os figueiros; que guerreou a *liga*, por amor aos liberaes por amor aos conservadores; que ja trahiu os liberaes e moderados por interesse que lhe fizeram os vermelhos; que tem andado e militado em todos os partidos; que é por todos apontado com o dedo; que não tem um só inimigo, dentre os seus milhares de inimigos, que ja não fosse seu amigo e por elle trahido; cujo castigo é em resposta a suas palavras, dizer-se: E' elle quem falla, nem seu elogio acredita, nem sua calumnia nodôa.

—Vê aquelle velho santarrão? Está com os pés na cova, e não se arrepende do que fez e continúa a fazer! Matou o filho, como muito spirituosamente disse um talento nosso, de medo!

E disse que o moço morreu de patriotismo!

Não trataremos porém disso agora.

Nosso empenho é fazel-o cumprir seus deves de tutor; é preciso que não continúe a deixar o pupillo maltrapilho e descalço; é preciso que o dinheiro do rapaz reverta só em seu proveito.

Si não mudar de rumo, voltaremos.

Até logo, Sr. *Silva*.

Faça o favor de dar o recado ao Sr. *Alvares*.

Adeus.

—O Interesse dos particulares a des-

fazer-se em lamurias pelo Des. Cabelleira!

Tem cara para tudo.

E a dizer que nunca houve eleições tão livres!

Apezar de Mané-Papafigos e até sua mulher ter candidatos!

Quem te viu e quem te vê!

Quem te viu estremecido pelo Sento-Sé, candidato do C. Rebello á presidencia do collegio eleitoral; quem te viu horrorisado com as chapas abertas, insultando o corpo eleitoral no seu enthusiasmo liberrimo; quem te viu cobrires de apodos e injurias ao Sr. S Gomes por presidir ao collegio, pasma hoje de ouvir o que vomitas por essa negra bocca!

Tens porém rasão.

O que admira é que o homem, intitulado o *mais safadinho* da commandita da estrada de ferro pelo *Marcos Mandinga* se deixe hoje levar por elogios que compra.

O que admira é que magistrados provectos, honrados e estimados ainda creiam em caraminholas, ainda pensem que mingau é cangica.

—Ora cebolorum!

Sr. Redactor.—Sendo tão pequeno o seu jornal quanto crescido o numero de seus leitores, peço a V. tenha a bondade de inserir o seguinte:

Um credor da massa fallida de Ferreira da Silva & Irmão, estabelecido outrora ao Caes Dourado, deseja saber onde, e em que circumstancias se acha o socio José Ferreira da Silva, responsavel pela mesma, por quanto o annunciante ja está cançado de esperar pelo seu dinheiro desde março do anno passado.

«—Canalha! comprometteram-me e foram-se!

«Chovem os processos e nada de dinheiro!

«Deixaram-me so!

«Não escrevo mais! Querem satisfazer seus caprichos, vem para aqui, gritam que tudo arranja-se, que dinheiro não falta, e quando a bomba estoura, mettem-se nas encolhas!

«O tal coronel commendador é o diabo, nem respinga!

«E o patife de meu amigo de mais de 20 annos, o tal Chicotada dos diabos?

«Nem mais procura-me!

«O F. é senhor de todos elles!

«Não escrevo mais, está decidido, vão todos á pata que os poz!»

—Capitão, Rei dos moleques!

—Safa!

—Vinham, um destes dias, dous moços na gondola e parando esta em frente á casa do Rei dos moleques, lembraram-se delle, e disseram:

«—Que é delle? ha dias não o vejo á janella »

«—Nem eu.»

A esse tempo, viram-no sahir e internar-se pela casa do visinho.

A gondola seguiu; ao parar no gazometro, viram os rapazes apparecer o cujo; do que inferiram que elle ja não transita pela Calçada, andando por tanto pela praia, logar por que elle sempre teve predilecção.

—So? Empine-se; quando tiver suas asneiras, desembuche-as no inferno.

(*Continúa*)

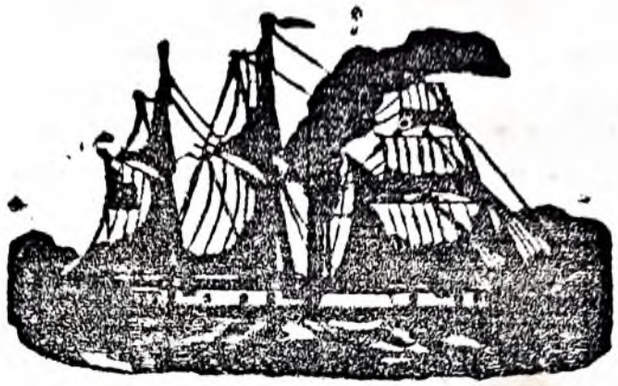
ANNUNCIOS.

José Eugenio Cavalcanti ex-alferes do 5º corpo de Voluntarios da Patria vem fazer sciente ao publico que foi dispensado da commissão a seu pedido a qual foi dada em Uruguayana a 28 de setembro pelo Exm Sr. ministro da guerra, o que prova com a ordem do dia n. 484 do Sr. ajudante general e com o *Diario Official* de 10 do corrente e não como demittido como dá este periodico em 7 do corrente.

Manuel Caetano Pereira Pimentel pede ás pessoas que com elle tem contas tanto de folhetos como de negocios tendentes ao theatro queiram vir ajustal-as, visto que o annunciante tem de prestar contas.

Quem precisar de um criado dirija-se á Rua do Paço sobrado n.º 14, 1.º andar, que achará com quem tractar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 30.ª BAHIA 16 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 300

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

Aos Srs. assignantes.

Ja não é a primeira vez.

Pedimos-lhes que não paguem absolutamente a pessoa alguma, sem que lhes seja apresentado o recibo.

E' cousa que custa pouco e que entretanto livra-nos de especuladores.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de dezembro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia.—Na Cruz do Cosme ja se não pode viver, nem transitar; ha alli uma baderna que o impede com palavradas, pedradas, desordens e pancadas; as pessoas que a ella se não filiam ou que lhe não satisfazem os desejos, caprichos e exigencias tem de soffrer.

E' assim que por duas vezes tem sido accommettida a caza de uma tal Custodinha, sem que o subdelegado Piapitinga se resolva a dar providencias.

E como tão feio estado de cousas não pode continuar, espera-se que S. Ex. dê algumas providencias para pôr em socego o animo atterrado da população do 2.º districto que tem pouco em quem confie.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que o jogo da loja de charutos, na rua Atraz da Sé, continúa, havendo sempre desordens que podem tomar um caracter serio e produzir um crime de que tarde se deve alguem occupar.

Espera-se que alguma providencia appareça no sentido de impedir que alguns infelizes mais se vão alli sacrificar.

—Ao Exm. Sr. Dr. juiz de orphãos, partecipando-lhe que nos informam que o Sr. Antonio Alvares da Silva tem em sua companhia um menor, seu tutelado, Leoncio de Argollo, a quem maltracta, apezar do menino ter dinheiro.

Dizem que anda descalço, roto, a comprar pelas quitandas como escravo e que ultimamente no Bomfim servira de pedreiro, caiando ou raspando a frente da caza em que foi passar a festa o seu tutor.

A ser verdade, espera-se de S. Ex. providencias.

Portaria ao aspirante João de Deus, ordenando-lhe que vá á pastellaria onde muito se festeja ao dous de julho e intime a seu dono e a quem la estiver, que não continúe a insultar quem passa, sob pena de serem-lhes publicados os nomes, e depois conduzidos elles ao porão, onde o muxingueiro lhes fará as contas. Cumpra.

—Ao fiscal do Santo Antonio, ordenando-lhe que vá á Lapinha e immediações o faça com que um Sr Tupinambá prenda seus innumeros burros que andam pelas ruas e pelos quintaes alheios, a incommodar o publico. Si o tal Sr. se não quizer sujeitar, use de seus direitos, applique-lhe a postura que não sabe-se porque rasão ficou até agora sem cumprimento, e dê parte do occorrido. Cumpra.

—Ao mesmo, no mesmo sentido sobre os burros que vivem por costume no largo do Barbalho, sem que até hoje os tenha visto quem tem obrigação de vel-os. Cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

—Os gatos d'alfandega, pedindo o augmento de seus ordenados.—A' vista da magreza que apresentam, acham se no caso de ser attendidos; mas para que não continuem indolentes, hão de dar primeiramente cabo dos innumeros *ratazanas* que infestam a repartição.

—Os abusos continuam nesta terra em tudo e por tudo.

As cazas de fogueteiro pullulam, diz o *Pharol*.

E é verdade: na freguezia de Santo Antonio ha muitas e bem no centro da população; não ha quem *saiba-o* entretanto.

Pois olhem: na Soledade ha uma; na rua Direita de Santo Antonio ha outra; nos Curraes Velhos ha outra; no Barbalho ha outra.

—E é prohibido?

—Si é?!

E quando não fosse, bastavam os casos lamentaveis que se tem dado para que os Srs. fogueteiros cuidassem mais de si, dos seus e dos visinhos.

Não soube do caso na caza do Guerra? Desabou a caza, e elle reconheceria talvez que o fiscal que uma vez quiz multal-o não lhe queria fazer mal.

—O que admira é o tenente Saturnino; quasi toda sua familia tem morrido queimada a polvora e com udo o homem trabalha em caza.

Perdeu uma filha, tem outros filhos em caza e não se emenda.

Insulta a quem lh'o adverte.

Viu perdida sua caza que readquiriu, graças aos esforços de alguem, e sujeita-a de novo a um incendio.

—A culpa não é dos fogueteiros; elles não existem de hoje e por tanto...

—Portanto exponha-se o publico a desgraças provaveis e ás vezes certas, só pela commodidade de meia duzia de homens que não reflectem!

—Então que historia é esta? V. reconhece o crime de seu subordinado e não o castiga, só porque a denuncia foi dada por pessoa sua desaffecta, por um jornal de que V. não gosta

—Sr ,quem conta isto a este homem?

—Tem rasão, *maior*; si a criminosos como V. não se pune, como castigar um infeliz por querer beber vinho á força e sem dinheiro?

A gazeta porem fará as vazes de authoridade, e o muxingueiro do *Alabama* lhe dirá o que sente.

—Valha-me S. Francisco de *Sallest*

—Gallego, que fallas?

—Queixo-me do que soffre.

—Devias queixar-te do que fazes. Quizeste roubar ao crioulo e ainda dizes que elle vae ao Paraguay e que o Lopez é que te ha de vingar?! Bregeiro....

—Retire a exprussão!

—Muxingueiro, retira do corpo deste patife a ladroeira!

—Valha-me Deus! Quem diria que o Souza habia de passar por estes dissavores?! Grande Deus! Eu, eu, um padeiro de primeira ordem, chicoteado!

—Sim, forneiro de mata fome, envenenador do publico incauto, ladrão que ainda não entraste para a cadeia porque nesta terra não ha fiscaes nem quem cuide dos comestiveis!

Cousa ruim! para que tanto não falles, vou mandar-te encher a boca n'um deposito da limpeza, gallego dos diabos.

—Conhece um certo padre francez o afrancezado?

—Será um que tem *amor* á gente?

—Justamente; é um conego da moda, que faz diarias, mas nocturnas, visitas a certa caza de familia.

—Ora deixe estar que eu hei de livrar as quatro mocinhas e a matrona das garras do tal bobo; hei de passar pela rua do Bispo, hei de ir ao chefe de policia e depois ao palacio de S. Ex. Rev., pedir providencias.

—Falle antes com o Luiz Carlos, que é attendido immediatamente.

Por que do contrario o patife vae continuando nas suas; antes disto visitava as visinhas dessa familia, acariciou uma das meninas, offereceu-lhe mundos e fundos, prometteu-lhe bens e *fez-lhe mal;* depois do que desamparou-a.

E' um bregeiro a que é preciso pôr freio, tarefa que bem pode desempenhar o muxingueiro.

—Pois seja.

—Quem é aquelle tenente?

—E' um voluntario que tem muita vontade de ficar aqui; nunca marcha para o Paraguay, não sei que diabo faz e arruma seus molhos que se não safa; em transferencias vae ficando, quando era felicidade vel-o pelas costas. A gente da *Cruz do Damião* tem-lhe horror e medo.

—Entretanto é um moço *candido*.

—Boa firma! Unido a uns taes ciganos, um Antonio, um João, parentes do Peixoto, faz o diabo, insulta a familias, arromba portas, atira pedras, quebra telhados e vidraças, dá pancadas etc etc.

—Que sucia!

O' muxingueiro, de vez em quando é preciso que dês um passeio pela *Cruz do Damião* para supprir o subdelegado que é mesmo uma trampa de *petitinga*.

A PEDIDO

—Capitão, ainda o reformista.

—Diga-se.

—Depois do raio que o deixou assombrado, ou antes depois do choque, o engenheiro T apresentou se, limpou-se porque tinha ido de cambalhotas e levou em pilheria o decreto que só dores lhe trouxe.

Os subordinados immediatos, os *rasteiros*, contentissimos por verem-se livres da *estrella brilhante* que lhes ia clareando o caminho para a cadeia, descobrindo-lhes as ladroeiras; os miseraveis, os aduladores, os covardes, os que tinham alias mais interesse em vel-o fora dalli, promoveram um nós-abaixo, elogiando-o, adulando-o, e massando o publico. O tenente coronel T deu-se por muito feliz, ficou muito contente e quiz chacotear com os outros:—V. quereria deitar foguetes; V. está satisfeito; V. estimou, mas, fiquem certos, nestes 30 dias aqui estou, havemos de ajustar contas.

Por unica resposta o bom do homem teve nas costas uma duzia de caretas, as armas de S. Francisco, muitas bananas e outros mimos que lhe fizeram os infames que o adulavam.

—*Sic transit gloria mundi!*

Attenção!

Pede-se com instancia ao digno Sr. vigario de Passé o favor de declarar quantas missas tem elle celebrado este anno na matriz, e quantas fóra della, em cazas particulares.

Esta pergunta tem por fim fazer calar os detractores que assoalham que S. Rev. bem poucos domingos tem celebrado na matriz.

Um seu parochiano.

Ao Dr. Bandinha.

Dr., si não fosse teu velho pae (a quem dedico amisade) eu te responderia ao pé da lettra, para não escreveres por informações vagas, quando dizes que é publico e notorio etc. etc.

Ca te espero pela

Villa de Abrantes.

—Então, ser birbante, que diabo é isto? V. é tratante!

Pois V., como não quiz o moço sujeitar-se á ladroeira dos recibos, vem fazer disso?

—Expliquo-se, que ou nada percebo.

—Vejam o cynismo deste cadello! V. não pediu ao moço para elle consentir em V. passar-lhe o recibo com preço menor do que o que elle pagava pela casa?

—Fallei nisto.

—E não é ladroeira? não é lesar a nação?

—Seja.

—Mas elle negou-se a acceder ao seu pedido e V. começou logo a fazer das suas.

Precisou da casa, chamou-o a juizo sem elle dever-lhe, fel-o sahir repentinamente para a rua e ainda quer dinheiro com desaforo, com ameaça!

Pois caia na asneira, meu burro, de fazer o que prometteu e veja o que lhe succede.

—E que tem?

—Tome meu conselho, si não voltarei, e depois de publicar o seu conhecido nome, mandal o-hei assistir com o muxingueiro, que é na verdade um rapaz que dá-se bem com canalhas da sua ordem.

—Não abre a boca o *Interesse do Dantas* que não minta desfaçadamente.

Quem quizer apreciar o de quanto é capaz a *fames auri*, o desejo sordido de ter dinheiro a todo transe, leia o ultimo numero do tal papel e convença-se.

Falla-se em palito, mas esquece-se os ponches; supprime-se as *faustadas*, mas os arcos, as bandeiras, as flores continuam, apezar dos voluntarios seguirem escoltados.

—Gravidade do governo com um paletot de casemira!

—L. A. mandou tres batalhões, afora os de Cachoeira e Santo Amaro.

—Que mais bando de S. Pedro que uma porção de officiaes de 2 de Julho na frente de batalhões nocturnos?

—E que maior sem vergonha do que a do homem de todos os partidos?

—E que maior loucura do que a de quem lhe dá importancia?

—Ora, *Totonho*, V. não toma geito! Como é que V. consente o *porteiro*, mettido em casa, de chambre, a tomar fresco, a dar entrada a gente que não é V? Que diabo de communismo é um? que descaração é esta?

—.r., deixe-me, deixe-me em paz, que estou afflicto!

—Sei eu porque; o embargo que V. apresentou áquelles cobres deu em agua de *barrela;* estourou o xabú e V. metteu as ventas no..., ficou sem os cobres.

—Deixe-me, deixe-me por Deus, Sr. *Pimentel*.

—E com todos os diabos. Tome porèm vergonha, corrija-se, volte á casa, trate da familia, e não tenha duvida, dou lhe um elogio de *ribimbamaia*.

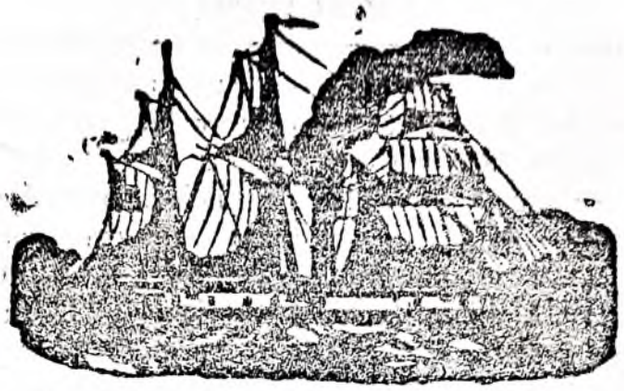
ANNUNCIOS.

José Antonio Bispo na qualidade de administrador da casa de armador, que foi do finado Vicente Joaquim de Araujo Ribeiro—e hoje de sua viuva, participa ao respeitavel publico, que achando-se encarregado pela mesma de todos os negocios da dita casa, estará prompto para tudo quanto for de sua profissão, á qualquer hora do dia ou da noite, e que se encarrega de todas as obras com promptidão e zelo, procurando por todos os meios satisfazer aos que se dignarem honral-o com sua confiança, para o que tem boas fazendas, officiaes, e desenhos, proprios para qualquer obra de gosto e elegancia.

Severiano Antunes Brum, com loja de alfaiate, batineiro, na rua de Baixo casa nº 11, faz toda obra talar pertencente aos Srs. padres e desembargadores, especialmente para os seminaristas, com brevidade e zelo.

O abaixo assignado gratifica com 10$ rs. a pessoa que levar em sua casa na ladeira da Praça n. 36, ou na rua Nova do Commercio n. 5 a sua escrava crioula de nome Maria, idade 26 annos altura regular, cheia do corpo, tem no braço direito um signal de queimadura muito visivel, e está prenhe. O mesmo protesta contra quem a tiver acoutado.
—*Nicolau Felix Teixeira.*

TYP DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 30.ª BAHIA 19 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 301

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de dezembro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe, ignora-se por quantas vezes, que se digne mandar tapar um buraco que ha n'uma das travessas do Caes Dourado, o qual toma toda a largura do beco, e impede por tanto a passagem por alli

Espera-se que a Illma. saia do seu estado natural e conserve ao publico uma via de communicação que a indolencia e o desmazello podem querer furtar-lhe.

—Eu não sei si o presidente tem lido o *Jornal*, o *Diario* e o *Interesse Publico*.

—Que duvida! S. Ex. lê imprensa graúda, na miuda é que elle nem pega.

—Mas provavelmente não lê annuncios.

—Tinha que ver!

—Pois ás vezes trazem cousas importantes; e a prova é esta: Compra-se dinheiro do governo com 4 % de premio.

E' um annuncio simples como outro qualquer?

Não o é; aquellas palavras afiam o desafiam a gana dos agiotas e dos tratantes; trazem veixames ao rico, consumições e desespero ao pobre.

—Mas que diabo é isto?

Que embrulhada é esta?

Explique-se; que mal pode causar ao pobre a venda do dinheiro, quando só pode vendel-o o rico?

—Que mal? ouça. O dinheiro do governo que se compra não é todo; compra-se apenas um, dous, cinco mil reis; são os trocos miúdos, os meios que facilitam as transacções.

O agiota que os tem, para ganhar quatro mil reis, vae levar cem ao agiota que os quer; si elle não tem cem não desprende mais da unha uns pobres dez tostões que apanhou; si tem cem, quer ter duzentos, quer ganhar oito mil reis, e então o recrutamento continúa; no fim de poucas horas as pequenas cedulas estão todas resguardadas do contacto commum; as cedulas maiores apparecem, vão, voltam repudiadas porque não podem ser cortadas.

E si o pobre ainda tem cinco mil reis, ninguem os troca que ha falta de dous; si tem dous, ha falta de um; não pode portanto comprar o de que precisa.

E si o pobre é um caixeiro, si tem dividas a cobrar, quebra em vão as pernas, si aquellas não forem grandes; tem de cobrar dez tostões, dous, cinco mil reis, apresentam-lhe vinte para que

dê o troco, mas o troco é cousa impossivel de achar, o pobre perde o tempo, deixa o dinheiro em mão de seu dono, perde seu trabalho, deixa de ganhar seu *pro-labore*.

E assim como soffrem a familia do pobre que ia gastar, soffre a familia do pobre que não poude ganhar.

E si o pobre é um artista....

—Está bom, basta, basta, faço ja uma pequena ideia dos males que soffre em geral a população. O remedio que ha é pedir providencias ao Exm. Sr. presidente.

—Era o que eu queria fazer, mas não sei si o homem me attende.

—Tem-se visto boas cousas!

—Que ha?

—Não falta o que. Cada cousa que apparece presentemente é digna e muito de grande regaro; não é de *cabeça dura*, mas é de cabeça *grande*.

—Mas que ha?

—Ora o que ha! O que ha é que o Sr. Dantas fez officiaes e não quer pagar-lhes soldo. E' assim que os officiaes do celebre Princeza Leopoldina que ficaram para o Imperatriz estão a chuchar no dedo.

—Pois é novo.

—Pois é velho; a prova está em que dizem que o professor José Honorio, si quiz dinheiro da patente de capitão, contentou-se com o ordenado de professor.

—E quem não é professor? quem não é empregado publico? fica a olhar o signal. Ora pelo amor de Deus!

Quem tal dissera
Que isto aqui se dera?

—V. não sabe?

—Não.

—Pois saiba. Houve um tempo em que uma corja de ciganos que aqui aribara costumava betar, como effectivamente betara os escravos alheios. A cousa era assim:

Passava um preto ou uma preta vendendo qualquer cousa, era chamado, agarrado, levava uma mordaça na bocca, era amarrado pés e mãos e assim ficava, até que, alta noute, tinha de fazer viagem e era vendido por ahi além.

Pois bom; esse costume reappareceu, no tempo em que o Sr. Junqueira mandou dizer na gazeta official que a provincia tornou-se um eden. E reappareceu na visinhança, nas proximidades do Sr. Junqueira, actual chefe de policia desta provincia.

Hontem, domingo, pela manhan era encontrada na rua uma crioulinha com uma corda que a prendia n'um pè; com os cabellos tosqueados e com a boca amarrada. Queixava-se de ter sido presa n'uma casa ao Gravatá, para onde dizem que dirigiu-se com o Sr. Dr. chefe de policia, a quem mostrara o quarto em que estivera e donde fugira na occasião em que a familia fôra ouvir missa pela madrugada.

—Não ha de que queixar-se; o chefe teve conhecimento, deu passos, as providencias virão.

—Mas adiaram-se as investigações porque hontem era dia de descanso, imposto pela religião.

—Devagar se vae ao longe; esperemos, esperemos e depois veremos.

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da roça ao compadre da cidade.

Recebi, charo compadre,
Suas amoveis letrinhas,
Em que se mostra arrufado
Por não ter noticias minhas.

De que servia escrever-lhe
Sem ter quem se encarregasse
De fazer com que a minha
A's suas mãos lhe chegasse?

Os homens por ca, compadre,
Estão mui *resabiados*;
Não querem ir a' cidade
P'ra não serem agarrados.

Por que mandando o vigario
O sachrista a' capital,
Recrutaram o menino
P'ra guarda nacional.

Apezar de ter corôa
Não estiveram por nada,
Andou da sala á cozinha
P'ra safar-se da rascada.

Si quiz ser solto, pagou
Um semestre adiantado
Para *os arranjos* da musica;
Trinta bagos de contado.

Como o *Miguel* Peixe-Galo
Que é uma via segura,
Vae la para suas bandas,
Aproveito a pojadura.

Com tudo lhe recommendo,
E veja bem o que faz:
Em negocios de dinheiro
Não se fie no rapaz.

Porque si elle vê *l'argent*
Dos outros, agarra, chucha:
Sinão que diga o Quintel
Que já levou uma bucha.

Isto so quanto á pecunia
Que onde acha vae bolindo;
No mais o rapaz é serio,
Mormente s' está dormindo.

Findou o expediente.
Vamos á ordem do dia:
Como vae o Sr. Dantas
Governando esta Bahia?

Aquillo do *statu quo*
Que disseram, será serio
Ou quer com isso pregar-se
Na gente algum gauderio?

Tem se aferrado ás ideas
Dos *governos de partido*?
Tem marchado em *meio* termo
Ou p'ra *algum lado* pendido?

Tem dado a *bem do serviço*
Centenas de demissões?
Encarregado os *amigos*
D'*importantes* commissões?

No spirito do homem
Tem influencia ou valor
Os *balões*; para alcançar-se
Alguma graça ou favor?

Tem servido de pretexto
Os corpos de voluntarios,
Para algum arranjaretur
D'interesses partidarios

Não assevero; contou-me
Pessoa que de lá veio
Que até vira um magarefe
Dos officiaes no meio.

Diz tambem que vira, o Juca
(Homem que em tudo se mette)
Um que sahiu da cadeia
Tenente do cento e sete.

Viremos porém de bordo:
Agora o rumo é novo,—
Quem são os nesta eleição
Novos *eleitos* do povo?

Deus queira que elles venham
P'ra si bastante insperados,
Q'augmente' a ajuda de custo
E elevem os ordenados.

Porque a fallar verdade,
Acho o ganho muito escasso
Para quem vem de tão longe
Aguentar tamanho masso.

Desejo que elles tragam
Enfartado o coração
De *puro patriotismo*
P'ra bem servir a nação.

E que venham indigestos
De *amor da patria sincero*;
Obstruido o estomago
De *desenteresse austero*

E tragam o ventre inchado
De *grave economia*;
Q'os pulsões venha' affectados
De *real philantropia*.

E tragam mais, nas cabeças,
Terrivel carregação,
De sarnas *d'intelligencia*,
E de *saber* comichão.

Que tragam as linguas grossas
De *pezada eloquencia*.
E padeçam nos miolos
Ataques de *consciencia*.

O que já disse está dito;
E como esta vae comprida,
Com negocios ca da terra
Vou lhe dar a despedida.

Aquella moça beata
Confessada do vigario,
Sem ninguem saber o como
Deu a luz um salafrario.

Seu afilhado se acha
Doente d'uma inchação
Por um couce que lhe deu
O burro do sachristão.

Tinha para lhe mandar,
Si o não matasse o maldito
Jumento do professor,
Um excellente cabrito.

E no mais, Sr. compadre,
Cá da sua pobre choça
Lhe envia muito saudar
O *seu compadre da roça*.

VARIEDADE.

Um jornal portuguez descreve assim a biographia do pobre:

Nasceu de paes incognitos.
Criaram-no por compaixão e caridade.
Educaram-no por cubiça.
Cresceu por necessidade.
Casou por tolice.
Trabalhou por fome.
Criou filhos para o recrutamento.
Brigou com os homens e foi escravo dos seus caprichos.
Lutou com a sociedade, com os elementos, com a natureza.
Foi desprezado na velhice.
Morreu á falta de remedios e de alimentos e inteiramente desamparado.
Interram-no na valla, e com medo da putrefacção.
Desappareceu da memoria de todos e só alcançou os suffragios anonymos que a egreja dedica aos finados no dia da commemoração dos fieis defuntos.

A PEDIDO

—Capitão, sabe o que disse o Rei dos moleques?
—Agora saberei.
—Que quem o estava flagellando eram uns marotos.
—Deixal-o dizer.
—Porém quem mais maroto do que aquelle patife? quanta bregeirada, quanta maroteira não tem elle commettido?
—Pois basta isso para seu castigo; que peso merecem palavras de um homem desmoralisado?

(*Continúa*)

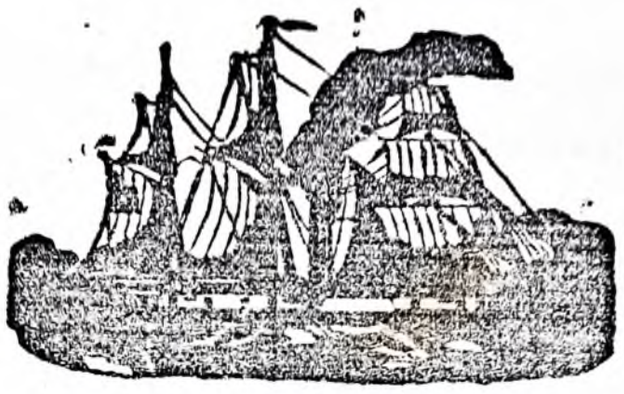
—Safa! Que homem de cara dura! Pois não tem o desfaçamento de se apresentar com Maria da Gloria, no theatro!
—E' muito feio para um homem casado como elle é!
—E note que ha poucos dias sahiu da cadeia. E anda tão deslavado!
—*Eu cri des* de que o vi á primeira vez que elle não tinha vergonha.
—Larga o osso, renitente!

—Leu a descripção da viagem macacal?
—Li; melhor porém chamal-a-hiamos viagem felina.
—Mudemos de assumpto.
Vae abrir-se nova estrada?
—E' uma felicidade; é n'um logar terrivel que vae em fim ser pisado pelo homem; chamavam-no estrada *d'antas* por que era um trilho transitado por taes animaes, o qual vae dar na caverna d'um *gato-mariso*.

—Leu o *Interesse Publico* de 16 do corrente?
—Li; é a coherencia personificada, não digo bem, papelisada. Quem o viu em julho e agosto de 1863 ás voltas com o Saraiva, espatifando a liga e exaltando o liberalismo que elle chrysmou de historico, e que hoje renega—ou cobre com as mãos a face e deplora as miserias deste mundo, ou indignado inutilisa um papel escripto, é verdade, mas sem nenhum outro valor real que o de mostrar a degradação d'um homem em quem muita gente ja confiou.

—Cahiu alli um soldado do 8° batalhão da guarda nacional.
—Que tem elle?
—Provavelmente está doente.
—Quem é aquelle official que se acha junto a elle?
—E' o alferes João Virgilio.
—Que faz?
—Olha.
—Retira-se.
—Vae talvez mandar vir uma cadeira para o doente.
—Vae buscal o para casa.
—Nem uma cousa, nem outra. O doente lá fica; si não chega aquelle companheiro, o pobre guarda alli ficava. E o Sr. João Virgilio morando defronte!

—Graças ao Sr Albuquerque, ja se pode ir do Passeio á Victoria por um caminho menos mau e menos longo; isto, ha dias, era uma viella, um trilho escabroso.
—Mas consta que graças ao Dr. Souto, breve acaba-se a historia: ha alli uma grade que o mesmo quer substituir por um muro.
—Paciencia; é talvez uso francez, e o Sr. Souto tem muito geito para a cousa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 30.ª BAHIA 21 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 302

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de dezembro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande concertar mais um *buraquinho* que se abriu na rua de Baixo, o qual se acha (como muitos outros de que a camara não cuida, apezar dos pedidos e reclamações) em estado de absorver a quem passa.

—A' mesma, pedindo-lhe, ainda uma vez, que lance suas benignas vistas para a infeliz freguezia de Santo Antonio, onde existem todos os germens de epidemias, e onde, em cada rua, se encontra pelo menos um cano a desinvolver o augmento da saúde daquelles tambem infelizes habitantes.

Espera-se que a Illma. lembre-se ao menos de que alli ha gente que vota, e em grande numero.

—Vae *de novo* criar se uma empreza de carros.

—Quero ver para crer.

—Dizem que ha ja poucas acções, e custam 50$000.

—Não querem privilegio?

—Que duvida! *é o ponto a que miram.*

—E' bom aproveitar *em quanto Braz é thesoureiro.*

—Mas si ficam com agua na boca, acho duvidoso o estabelecimento dos carroceiros.

—Emfim... até ver não é tarde.

—Continúa a falta de trocos.

A imprensa grauda ja occupou-se disso. S Ex., si ja não sabia, deve ter lido.

Que providencias deu? que pretende fazer? para quando guarda?

—E' mysterio; alem de que, S. Ex. está occupado com as visitas aos recolhimentos, ás cazas pias, ás matrizes, á estrada de ferro, a Santo Amaro &&.

—Si eu fosse presidente, havia passeiar muito em tempo de festa.

—E eu, em vez d'um vapor, encommendava uma bomba com que havia pol-o tonto.

—Fechemos o nosso parentheses, e esperemos pelas providencias que ha de dar o digno administrador, que dizem ser um financeiro de mão cheia.

—Oh! quanto a isso não tem duvida!

—O homem das *observações* observou bem a Revolução Franceza; com Brissot, Vergniaud, Robespierre e Marat faz a festa; estende-se quatro longas columnas.

—Julguei que o negocio era mais serio; é uma defeza fraquissima; serve-se até de plagios.

—E plagios de uma mulher.

—E' genero por que a tal gente tem predilecção.

—Si Latronopolis fosse um paiz de amazonas, quem o podia dizer era a mulher que mais elevado posto possuisse.

—Capitão, soube d'um escandaloso beneficio que deu um official de voluntarios?

—Soube; foi um tal Freire.

—Sabe dos promenores?

—Não; sei somente que houve barulho ahi em caza d'uma meretriz e que elle foi preso a rastos e esfarrapado.

—E que no dia seguinte andava fardado e solto pelas ruas desta cidade; não sabe tambem?

—Sei e admirou-me a facilidade com que se deixa impune um homem que, dizem, estava armado de um punhal, ameaçando e investindo a todos.

—Conhece V. Ex. uma celebre Andrelina, filha d'um *bichinho*?

—Não.

—Uma prostituta por quem se suicidou aquelle bello e infeliz moço, o Zabulon?

—Tenho lembrança de ouvir fallar nella.

—Esta mulher tem, ao que parece, gosto de matar ou desgraçar os rapazes: conheço um capitão da guarda nacional que depois de ter gasto com ella o ultimo vintem, atirou-se ao jogo e foi depois obrigado a fugir; o infeliz Zabulon disse que *ja não* queria dar desgostos a seu pae; um outro, escaldado, recebia comtudo pedidos instantes, cartas implorando-o para perder-se; agora é o pobre do rapaz, que entra na caza della, vae ao seu quarto; vê-a *envenenada* com agua de Colonia, ajoelha-se, adora-a, chora, lamenta-lhe a sorte, mas tem ciúmes; levanta-se furioso, arranca de um punhal, blatera, ameaça, e nada faz: gritam aqui-del-rei e lá se vae o meu valentão voluntario á presença do Sr. Dr. chefe de policia que lhe diz que tome juizo e o manda voltar para a caza, porque reconhece que o homem ama, e porque ama tem ciúmes.

E Andrelina continúa a rir-se á custa dos bobos; a contar as pennas dos patinhos que depenna!

Na morte de Zabulon dá vagados e vae dahi a dias ao theatro; agora envenena-se com agua de Colonia e brada aqui-del-rei quando vê o canivete, completamente restabelecida!

—E o culpado de tudo isso é o presidente da provincia!

—Como, Sr., explique-se!

—Estas mulheres o que querem é dinheiro; o rapaz voluntario é official que não recebe soldo, gosta da moça, a moça gosta delle e mais dos cobres... veja si advinha!

—Que penetração!....

—Um pretexto.

—Qual, porque, e sobre que?

—Um pretexto para matar-se a limpeza.

—Qual?

—Uma commissão que o presidente nomeou para examinar si o contracto tem sido cumprido, si precisa de modificações & e tal.

—Ah!

Agora verá o Sr. Costa Guimarães quem queria seu bem; si quem denunciava as faltas para serem ellas remediadas, ou quem consentia e mandava consentir que os abusos continuassem.

—E o Sr. Dr. Junqueira está dentro.

—Esperemos pelo resultado.

—Capitão, já viu uma senhora que anda por ahi a queixar-se de seu tutor?

—Não.

—Pois anda em toda parte, ultimamente pelo Forum a queixar-se de que o seu tutor, que é seu tio, o Sr. capitão Botelho, a maltracta, não a faz entrar no goso de seus bens.

E depois blatera contra os juizes.

—Talvez seja alguma louca.

—Que a mandem para o hospital.

Eu penso que as authoridades devem em todo caso cuidar do negocio, para que não esteja a soffrer a reputação d'um pae de familia, como é o Sr. capitão Antonio Joaquim Botelho.

—O Sr. Dantas tem tenção, dizem, de não pagar aos officiaes voluntarios, porque estão avulsos.

—Avulsos, creio que não; pertencem ao Imperatriz, de que é commandante o Sr. tenente coronel Rocha Medrado.

—E que tal vae o batalhão?

—Dizem que não tem praças.

—E que fazem os contigentes da guarda nacional, commandados pelo Sr. Erico Jorge Franco?

—Impedem que o batalhão se constitúa para que os afilhados tenham commissões.

—Olhe que esta terra!

—Por falta de segurança fogem os presos.

Ha dias fugiram quatro do hospital que não é muito seguro. A policia que não previu deu tardias providencias que até hoje nenhum resultado tem tido; apezar do premio ainda não houve capitão do matto que desencavasse os fugidos.

Entretanto a Correcção está cheia de presos, condemnados a grandes penas, temiveis malfeitores, cujo unico logar é o Engenho da Conceição.

Além de ser um augmento de cuidado para o carcereiro, um incommodo para os presos antigos que muito tem soffrido com a accumulação, accresce que a cadeia da Correcção não é tão segura como a do Engenho da Conceição; o que deve fazer com que S. Ex. o Sr. Dr. chefe de policia os faça remover para alli quanto antes até para evitar questões que diariamente as ha e que podem chegar a graves conflictos.

—Ora espera, Adão, até que chegue o verão.

—O' gallego!

—Balha-me Deus!

—Então é melhor ser gallego do que negro?

—Creio que sim.

—Pois ouve: gallego é uma especie de animal que nem as honras do baptismo recebe; seu unico merecimento é cuidar de eguas, cujos mensageiros se tornam. E' ou não?

—Assim succedeu comigo, mas é que eu julgaba que na *Vahia* ninguem savia disso nem se atreberia a dizer que o *Souza* o era.

—E lembras-te daquelles furiosos insultos que atiraste sobre quem se acha ha dias em uso de purgantes?

—Lembro, sim.

—Muxingueiro, repete-lhe a dose; 300 calabrotadas na cara deste insolente que vive a insultar os naturaes da terra em que é hospedado.

Si não emenda-se, corta-lhe a lingua, e conserva-o indefinidamente no porão.

LA VAE VERSO.

Raiada.

Nem Mr. Linski admira
Nem Mr. Lajournad;
Tem se visto boas cousas,
Tambem magia aqui ha.

A prova é que um feio gato
Tornou-se um commendador;
Foi depois té deputado,
Chegou a governador.

Borrifaram-no á *saraiva*
Um grande *bicho* ficou;
E longas noites com as pontas
Diz quem o viu que sonhou.

Hoje, somnambulo adoidado,
Teme os vultos, e brad' armas
E á meia noite a cidade
Põe de repente em alarma.

Ai! amor!
Miau!
Fora o bobo!
Fiau.

Ai, Doutor
Surdo-é,
Qu'assim falta-me
A fé!

VARIEDADE.

Em certo café de provincia estava um homem gordo, decentemente vestido, contando dinheiro que ia tirando das algibeiras,

e empilhando em cima da mesa, junto da qual se sentara. Chegou-se a elle um homem, e disse-lhe:

—O senhor é imprudente.

—Imprudente. Porque?

—Sim, senhor, imprudente, imprudentissimo. Procedendo assim, facilmente o hão de roubar.

—Mas...

—Não tem que responder. Quem é que se lembra de vir contar dinheiro em um café?

—E' que tenho aqui ao lado este pausito para sacudir quem quizer roubar-me. Seis e tres, nove, e cinco...

—Ouça-me. Olhe que apezar disso o roubam.

—Não tenha medo.

—Não tenho medo, não. Mas sei que o senhor é capaz de deixar-se roubar sem dizer palavra.

—Ora essa!

—Vai ver que está aqui um ladrão, eu por exemplo...

—O senhor? que loucura!

—E' a fingir. Suppunha pois, que eu sou ladrão e que faço assim (e o sujeito tirava o chapéo e approximava-o da mesa, com o tampo para baixo.)

—Sim! E depois?

—Continúe a suppor que faço isto (empurrando o dinheiro e fazendo-o cahir dentro do chapéo.)

—Ora! Deitava-lhe as mãos ao pescoço.

—Qual deitava! Continúe ainda a suppor que eu me levantava (levantando-se) e sem lhe dizer nada me ia embora, (indo-se em quanto o paciente esperava ouvir-lhe dizer: «o que faria o senhor.?»)

Mas esperou sem que o ladrão voltasse.

Primeiro deixou de rir como até então, e entrou a sorrir; depois tornou-se sério; depois zangou-se; depois encheu-se de raiva e correu à porta. Era tarde; o ladrão desapparecera.

A PEDIDO

—Viu como defende-se o Dr. Bebé-capona?

Diz que ha de defender todos os presidentes ligeiros, porque o seu partido está acima de tudo, até dos *historicos* que gabam-se de ter-lhe feito grandes favores, quando apenas lhe deram um accesso.

—Esqueceram-se de dar-lhe vergonha, para o que podiam dirigir-se ao muxingueiro.

—Mas aquillo é maluco; sobrinho do Bebé, não pode ser sinão Bebé; hoje é moda os sobrinhos imitarem os tios; exemplo Napoleão.

—Aquillo o que é é um grande safado; aquellas bochechas indicam bem o que se deve esperar d'um trahidor. Pensa elle que os que hoje montam nelle lhe hão de dar outra consideração que o chicote e a espora?! Como se engana a besta! Esquece que ama-se a trahição e aborrece-se o trahidor....

—Mas não esquece elle a occasião de adular a quem está de cima, de fazer-lhe versos, de fazer-se de caza, de cerrar os jantares, de comer os bolinholos.

—O miseravel é tambem somitego como o avô; para não comprar chá frequenta a cosinha de quem dá partidas.

ANNUNCIOS.

Vende-se uma caza na rua do Bom Gosto da Calçada do Bomfim, de n.º 22 com quatro quartos, sala de visita e de jantar, cozinha, tudo assoalhado, quintal soffrivel com alguns arvoredos; quem pretender dirija-se á praça do Commercio nas cazas em que se vende louça do paiz n.º 5 J K, ou na rua da Lapinha, caza n.º 27 que achará com quem tractar.

O abaixo assignado, thezoureiro da devoção de Nossa Senhora da Conceição da Passagem da Ribeira de Itapagipe, partecipa ao respeitavel publico que no dia 24 do corrente, haverá ás 10 horas do dia, uma missa na capella da mesma Senhora, e ás 4 horas da tarde haverá a brincadeira das canôas, postando-se o ramo na ponta da Sapoca de Baixo.

Bahia 20 de dezembro de 1865.

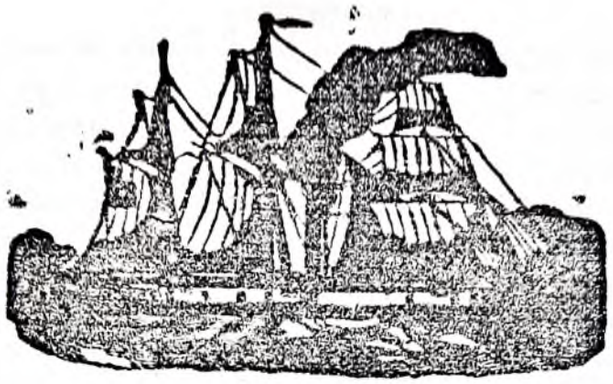
Belmiro Joaquim Baptista.

Aos tanoeiros.

Vende-se uma porção de barris promptos e por apromptar, baldes, tinas, madeiras aparelhadas e uma rica caixa de ferramentas & &.

Quem pretender dirija-se a esta typographia que achará com quem tractar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª BAHIA 23 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 303

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Começa neste numero a 31.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de dezembro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente, partecipando-lhe que a praça D. Isabel que se fecha ás 10 horas da noite fica illuminada até pela manhã. Na suppressão de uma tal desnecessidade deve haver economia, e pois espera-se por alguma providencia.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que na Estrada Nova continúa a ser depositado o cisco em grande quantidade.

Ignora-se *porque* e quem tal consente.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que um tal João Luiz Barboza, do Orobó, queixa-se do supplente da subdelegacia de sua freguezia Jesuino Gonsalves dos Santos, por ter soltado um ladrão que roubou a elle João Luiz, e por ter ficado com o dinheiro que tomou do ladrão.

Este facto merece reparo e, apezar de ser ja publicado em uma gazeta, chama se para elle a attenção de S. Ex., por que pode bem ser que S. Ex. não tenha lido, assim como suppõe-se com o facto de ser encontrado enforcado um homem que fôra recolhido á prisão bebado, em companhia de um filho louco.

—Ao Exm. Sr. Dr. administrador do Passeio Publico, perguntando-lhe quem é o responsavel pela falta quotidiana do empregado da praça D. Isabel, que nunca vae a ella, havendo por tanto quanta capadoçada se pode dar, pedradas, mijadas, gritarias, e até numeração com tinta vermelha em alguns assentos. Cedo principia o deleixo; espera-se pois de S. Ex alguma providencia, que mostre que o distincto liberal se esforça por conservar alguns poucos aprasiveis logares de recreio para este tão acarneirado publico.

—Ao Sr. emprezario da limpeza pedindo-lhe, em seu proprio beneficio, que não continúe a deitar cisco na Estrada Nova, em frente ao atalho que vae dar á Soledade; porque, além de ser nocivo á saude publica, é prohibido pelo contracto, e tal infracção lhe ha de servir de carga.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que olhe para o largo do Carmo que está sujo, apezar de passarem por alli os carros todos os dias.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que a remoçao do esterquilinio á ladeira do Pilar é uma irrisão, e que por tanto

S. S. se apresse em ir ver para providenciar.

Realmente si remover monturos é cortar alguns galhos de arbustos, arrancar poucas ervas, tirar um pouco de terra que estreitava a rua, e deixar a ribanceira cheia de esteiras e colchões velhos, cacos de todas as qualidades, enorme quantidade de *farinha velha*, gatos, cães e gallinhas mortas; então a empreza de que S. S. é representante não tem rasão de ser.

—A *limpeza* só tem obrigação de apanhar os papeis que encontra na rua, ou tem tambem o dever de remover e extinguir os lamaçaes?

Parece-me que quem *faz limpesa* bota fora até trampa.

—Pois então eu não sei que diabo é isso. A camara ha muito que não cuidava de cousa alguma; depois da creação da limpeza peiorou ou descansou; a limpeza que principiou peior tambem por sua vez descansa.

Tem-se clamado contra os escoadouros que ha na rua dos Marchantes, no Boqueirão, na Quitandinha, em toda a parte; a limpeza que usa de pá nem se digna tirar uma colher daquelles abysmos de lama!

—Pois admira! Nem o da Quitandinha tem melhorado?

Admira! O Sr. João Carvalho é amigo da empreza, mora bem defronte do foco, sabe que a visinhança está sempre em febres, tem tido incommodos em sua familia, e não arranja como amigo o que a imprensa não pode conseguir como reclamante!

Admira!

—Eu do que me admiro é de como se fazem as cousas nesta terra. Pouco falta para seis mezes de limpeza, e as porcarias continuam.

—Pois o que me admira é o *Pharol* com tanta luz não enchergar cousa alguma.

—E o que é certo é que a materia que passa pelos canos ou escoadouros não é immundicia.

Pobre terra!

—Capitão, consta-me que uma infeliz tirou uma sorte grande.

—Infeliz que tira sorte!

Que lhe faça bom proveito.

—E' o que me disseram.

Contaram-me que em caza do subdelegado do 1.° districto de Santo Antonio ha uma menina sem paes, da qual ninguem quer ser tutor. Uma pessoa condoeu-se da mocinha, mas sem meios de soccorrel-a, tirou para ella um bilhete do Rio; e felizmente para ella o bilhete deu o maior premio.

—Foi felicidade; agora, aposto, não lhe hão de faltar tutores.

—Mais um feliz!

Entre os officiaes avulsos apparece um outro que, si não recebe soldo tem, ordenado; é um tal Sr. Cisne, engenheiro.

—Ora com effeito!

—E os outros chucharão o dedo; si eram caixeiros, si tinham outra qualquer occupação que a percam embora; porque não foram empregados publicos?

—Capitão, contaram-me uma cousa que eu vou tambem contar a V. Ex.

—Diga.

—Morreu nos Dendezeiros do Bomfim uma mendiga, e pedindo varios moradores dalli ao subdelegado que requisitasse a carroça da Santa Casa, elle pouco cavaco deu, não tendo por tanto a mulher quem a interrasse, visto que a Misericordia não podia advinhar.

—E os visinhos não são catholicos? não sabem obras de misericordia? não sabem o que é charidade? que fizeram tambem? porque se não prestaram?

—Ai de nós si não fosse a charidade particular!

Um dos visinhos pagou 4$ rs. a dous pretos que a levaram para o cemiterio do Bom Jesus; si não ficava a defunta á espera de cova até que o subdelegado não podesse supportar o mau cheiro.

—Pobre gente!

VARIEDADE.

Quantos Sacramentos ha? perguntava um padre a um menino.

—Não ha mais, Sr. padre.

—Como não ha mais, tratante?

—Pois V. S. não deu os ultimos a minha mãi!

Uma senhora elegante, mas com lingua de palmo, julgou certo dia que estava doente. Mandou chamar o medico:

—Doutor, doutor, dê-me depressa um remedio, um remedio bom porque soffro atrozmente. Atrozmente doutor. Estou doentissima.

—De que, senhora?

—Não sei com certeza, doutor, mas por amor de Deus de-me depressa um remedio. Não posso mais.

—Um remedio! um remedio! deixe-me primeiro tomar lhe o pulso... E o medico entrou a rosnar, em quanto contava as pulsações.

—Vamos, doutor; pelo amor de Deus diga-me o que tenho. Morrer i, doutor. Ande, doutor. Olhe que estou mui doente.

—Não tem nada, o que precisa é descanço.

—Como! Pois é esse o unico remedio que me dá quando estou tão doente? tão doente doutor! Veja a minha lingua, doutor, veja a minha lingua, e notará que estou mui precisada de remedios.

Pois olhe, é exactamente para a sua lingua que receito repouso, descanço, immobilidade.

A PEDIDO

Piqueta.

Descobrindo o novo mundo
Prestou *Cabral* um bem fundo
Beneficio a Portugal;
Mas *Cabral* que bem conhece
Quanto lhe rende o *interesse*
Presta ao paiz todo mal.

D. G. C.

—Capitão, quero ver si lhe posso contar uma historia.

—E' fazer o que intender.

—Houve nesta terra um homem com cara de egua; houve não, ha; um patife de boca aberta, sempre babando-se, um estupido, um bronco....

—Um homem pedra, não?

—Não, Sr.; o homem pedra é o que a nada cede; será quando muito um homem sem coração; mas o heroe de que eu fallo é um homem egua, um homem burro quando muito, um cabeça de pedra, um homem que não tem miolo.

—Bem, prosiga.

—Esse burro teve de ir para uma academia, deixando vago o logar na estrebaria; por milagres do diabo alcançou uma carta de bacharel em direito, porém bem torto que de então por diante lhe andou o mundo; ninguem lhe confiou uma causa; a pobre besta viu-se reduzida a assignar de cruz; serviu de testa de ferro.

—Com effeito é facil o engano; pedra é dura, ferro é duro, elle tinha a cabeça de pedra, foi facil figurar de testa de ferro.

—Um advogado celebre, um Dr. abalisado, um lente de eloquencia teve pena do casmurro; chamou-o para seu escrevente.

Porém qual! o diabo assassinava a orthographia, adulterava os originaes por forma tal que o advogado não teve remedio sinão despil-o das honras de seu secretario. Mas, compadecido do bruto que nenhum recurso teria de vida e que solto deshonraria a classe dos advogados, empregou-o em porta-collista.

Ainda ahi o burro ia *encalacrando* o advogado que o conservou no escriptorio para varrer a casa e guardar papeis.

Antes disso porém, por um não *sei que* admiravel. pela mesma fatalidade que o fez bacharel, foi elle nomeado para *curar os que não tem pae.*

Banido dalli, não só por intruso, mas por incompetente, viu-se então que o burro tambem tinha prestimo; como o da fabula, zurrou, e depois escoucenou, espojou-se, babou-se e quasi salpica daquella nojenta bilis a toga de um magistrado honrado.

Procurou-se alli um chicote, uma espora; não os havia; lembrei-me então do muxingueiro do *Alabama* e vim ter com V. Ex.

—Pois não! está servido.

Onde está o homem?

—Anda longe; infelizmente, em quanto eu obtinha poder fallar a V. Ex.,

o diabo teve uma outra nomeação, feita de proposito e por acinte ao magistrado de que fallo; o burro está, a estas horas, na Conceição dos Engenhos, governando os *seguros*, quando elle tambem *seguro* devia estar, para não ter o desaforo de chamar ladrão a um homem, para cujos pès são incapazes de servir de capacho suas embranquecidas barbas.

—Não importa; vá ao *Tavares*, que mora no Joquim José de *Oliveira*, peçalhe o cavallo emprestado, chame o *Emilio* e o muxingueiro, siga seu destino, faça o que intender e dê-me conta da diligencia.

—A's ordens.

—O G. Cabral está bem!

Já falla pelo presidente da provincia; sybilla do novo Apollo, eil-o em 20 de dezembro dizendo a quem lhe não foi perguntar:

«Por cem paginas &, lêde cidadãos, essas quatro linhas que lhe devolve em resposta o honrado administrador da Bahia.»

—Tudo se vê nesta terra!

—E o Guedes já pode escrever para a sua.

—E a terra delle não é esta?

—Ha quem o duvide; alem de que diz elle ser filho de outra provincia e pode querer passar por cousa entre os *seus*, os heroes da *vaccaria*.

Pede-se attenção do Illm. Sr. subdelegado da freguezia da Penha sobre certo individuo que quando se embriaga passa a ponto de não respeitar a pessoa alguma, como ha pouco aconteceu querendo dar em um homem paralytico, sendo esse individuo mau pae de familia, pois tem por vezes espancado a propria mulher, e servindo de envergonhar aos parentes; e só direi quem seja o tal melro si me pedirem por *S. Vital* que é o santo a quem peço me livre de similhante homem.

Ora as cousas vão marchando, vão muito boas.

D'ora em diante—chamaremos o porteiro Cerbero por isso que faz a mesma figura desse cão que guardava a Proserpina mulher de Vulcano; assim pois o nosso Cerbero está hoje damnado, largando a baba peçonhenta em todos aquelles que o conhecem, promettendo morder assim que descobrir o author dos annuncios verdadeiros que contra seu amo e senhor se tem feito.

Ora isto é irrisorio!

Meu chambrão, outro officio.

—E nada de V. tomar geito, *Totonho*!

A senhora afflicta, desesperada, sem recursos, e V. badernando!

Sem bater-lhe a passarinha!

Sem doer lhe o coração!

Sem ter remorsos!

Pois V. não compara aquelle exemplo vivo de amor conjugal, a fidelidade que ella lhe consagra, a amizade que lhe tributa com o seu feio comportamento?

Para proceder-se assim, é preciso que o homem tenha perdido todas as noções do decoro, que esteja inteiramente safado.

—Quem tem a culpa de eu estar soffrendo isso é o *Pimentel*.

—Que o leve o diabo!

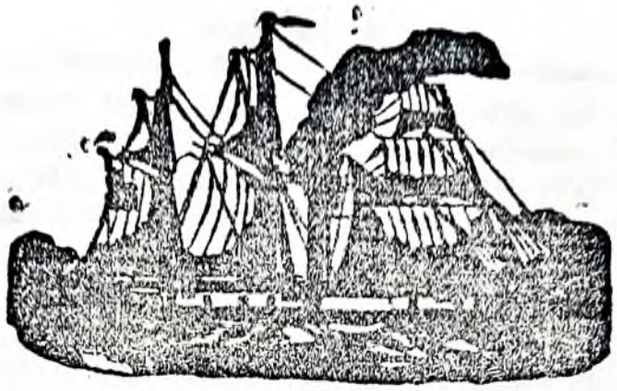
Seja *leal* que nada lhe succede.

ANNUNCIOS.

Vende-se uma caza na rua do Bom Gosto da Calçada do Bomfim, de n.º 22 com quatro quartos, sala de visita e de jantar, cozinha, tudo assoalhado, quintal soffrivel com alguns arvoredos; quem pretender dirija-se á praça do Commercio nas cazas em que se vende louça do paiz n.º 5 J K, ou na rua da Lapinha, caza n.º 27 que achará com quem tractar.

Manuel Caetano Pereira Pimentel pede ás pessoas que com elle tem contas tanto de folhetos como de negocios tendentes ao theatro queiram vir ajustal-as, visto que o annunciante tem de prestar contas.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª BAHIA 28 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 304

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de dezembro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande seus empregados prohibirem que das janellas da cidade baixa se deite agua para a rua, a fim de impedir-se que quem passa tome banho sem esperar.

—A' mesma, para que mande seus fiscaes á Barroquinha visitarem uma tenda de carroças e prohibirem que o seu deposito seja o meio da rua. Tal prohibição tem por fim impedir que, de dia e de noite, fiquem incommodados os transeuntes, e haja abalroamentos com outros carros e com as carroças da limpeza, que vem da rua da Valla e do largo de S. Bento.

Espera-se pois que a Illma., attendendo aos interesses do povo e fazendo cumprir suas mesmas leis, tenha energia ao ordenar o que aqui se lhe pede, para se não ver bigodeada como tantas vezes o tem sido.

—A' mesma, pedindo-lhe que mande concertar um cano que deixa presentemente ver ao publico lindas e cheirosas cousas, na travessa do Areial de Cima.

Espera-se receber mercê.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias no sentido de impedir a continuação do abusivo procedimento dos marinheiros americanos, que invadem as casas, assustam as familias, atterram a população. A freguezia da Sé acha-se em tal estado que as 7 horas da noute, veem-se todos obrigados a fechar as portas. Si S. Ex. acha que esse estado não deve continuar, espera-se uma resolução que ponha fim a desmandos taes.

—Pode-se fumar nas repartições publicas?

—Creio qne não; tanto que até no forum ha um edital prohibindo a *fumação*, bem que alli só não fume quem não tem tal costume; os proprios moleques dos procuradores entram alli de cachimbo ao queixo a baforar as partes que la vão ter.

—E' geral, é geral, não tem duvida, a....

E' talvez por isso que o Sr. commendador Ferrão Muniz, bibliothecario da livraria publica, não tira o charuto da boca, na repartição!

—E' os empregados seguirem-lhe o exemplo.

—Não so os dalli, como todos os empregados publicos; o exemplo vem mais de cima: S. Ex. o presidente fuma nos actos publicos.

—Pois então não ha que censurar ninguem; estamos na cidade do *fumo*.

LA VAE VERSO.

Houve um tempo nesta terra
Em que um bicho dormitava;
Remechia-se na lama
Co' as *posturas* que chocava.

Entretanto linda *pomba*
Era o dorminhoco bicho;
Não se sabe como limpo
Andava elle pelo lixo.

Não obstante, a porqueira
Aos outros incommodava;
Foi preciso dar manjuba
A quem della precisava.

Mas agora o resultado?
A pomba vive a dormir
E a porca da limpeza
A porqueira a influir.

Indolentes, preguiçosas,
Ambas fizeram união:
O que a pomba faz dormindo,
Faz a porca a pés e mão.

Liga de pomba com porca
Faça ideia o que será:
Quem não for p'ra o Paraguay
Da limpeza morrerá.

A PEDIDO

—Capitão, novidade!

Lembra-se de um motim que houve em uma noite da semana passada?

—Não; onde?

—Na ladeira da Praça, em casa de uma mulher perdida, um verdadeiro flagello, uma mulher que tem desgraçado a uns poucos de moços sem experiencia do mundo, uma tal Andrelina?

—Ah! sim. Mas o que houve?

—Todas as noites vive postada na porta d'essa mulher uma sentinella, um desertor do batalhão Princeza Leopoldina, sem isenção alguma legal, um tal Severiano: veja como vae esta nossa terra!

—Mas, por ordem de quem fica alli essa sentinella?

—Capitão, isso é segredo d'estado, mas dizem os meninos da Candinha, que é por ordem da authoridade

—Bravo! Isto é que é progresso!

—Mas....

—Cale-se! De amanhan em diante faça ronda na tal rua, e si continuar o mesmo espectaculo, previna-me, pois, tenho que fazer.

—Sim, senhor, meu capitão.

—Oh lá *Manuel*, encontraste por ahi o *José?*

—Não; porém estive com o *Silva*.

—Eu ouvi dizer que elle deu agora em tratante; é verdade?

—Não sei, em que consiste a tratantada d'elle?

—Em jogar os supapos com a gaveta do amo.

—Mas como elle pode fazer isso quando elle está desempregado?

—Está enganado, agora elle está guardando os livros do cunhado na padaria sita á rua dos *pés de mangas* á calçada do *Mau-fim*.

—Que ordenado tem elle?

—Consta que um conto e duzentos mil reis.

—Si elle tem esse ordenado para que ronba o amo?

—Para poder pagar aos seus onze letras.

—Que tratante! adeus até logo.

—Espere que eu quero-lhe contar mais um defeito que elle tem.

—Qual é?

—E' de mentiroso; mente tanto que para outra qualquer pessoa ter esse defeito é preciso licença d'elle.

—Vou com pressa, até outra vista.

—Quem é aquelle sujeito que falla como um possesso e que acompanha aquelles carros cheios de trastes velhos?

—E' o homem que queria comer repolhos em janeiro.

—Explique-se.

—E' o celebre Par-d'aranhas, o reformista da caza que devendo ser de paz é de guerra.

—E porque tanto blatera? porque

vae de olhos tão arregalados? porque esbraveja e espuma assim?

—Tem rasão; vae damnado porque mijaram-lhe na escorva.

—Como assim?

—Novo Lopez, mas de torreão, pretendia fazer dessa caza sua roça do *Mata-tudo* ou alguma feitoria de certa marqueza.....

—Ah! sim! o homem pelo que vejo é filho de peixe! Mas parece-me doudo.

—E' insolente, impostor, pilherico atrevido, mentiroso por calculo, intrigante e até detractor da vida alheia.

—Si é ou não prevaricador é o que muito importa saber-se.

—Sei la! Para lhe fallar a verdade é muito amigo de suas conveniencias, o que não é crime; é porem tambem amigo de tirar o pão aos pobres que lhe são sujeitos.

—Dizem que sendo elle empregado n'uma caza que lhe dá grandes vantagens, mentiu ao governador só com o fim de vir para essa outra, perdendo 164$ mensaes?

—Creio que sim.

—E como explica?

—São cousas; creio que o tal Par-d'aranhas é fino como batata; sem duvida ja tinha em vista os *grilos* com que elle tanto finge embirrar.

—Com effeito o homem é amigo de si, de sua pessoa, de seu bem estar, de seu interesse; não tem duvida!

—Veja agora como é amigo de fazer mal.

Alguem deu uma bainha de *cutelo* a um soldado para reparar; tanta berrada fez o militar da catimplora que o *homem da porta*, si pudesse, *faria* uma das boas, mostrando-lhe que a certos homens, por serem pobres, se não diz desaforos, insolencias, atrevimentos; o homem pobre teve um ataque de hemorrhoidas e deu alma ao Creador!

Foi esta, entre os pequenos, a *ladroeira* que achou, tão grande que o governador mandou restituir o seu a seu dono.

Entretanto elle fez o seguinte: Despediu um pedreiro que se empregava nos reparos da caza e forjou um orçamento para a caiação dessa mesma caza na importancia de 1:850$, quando por 600$ ha muito quem se offereça para caial-a, o que não é novo.

—Que honestidade! Nisto é que está o calculo do *mangelorum*; verdadeiro grileiro mór, ahi é que o reformista indemnisar-se-hia da differença de seus vencimentos.

—Tudo foi chegar o vapor, sinão V. Ex. veria como se faz calculos.

—E falla em ladrões, injuriando a todos, até os que o elogiaram em publico!

—Calculista de chapa, como todos o reconhecemos o nosso homem pode desta vez limpar a mão á parede; julgando-se seguro no logar e pretendendo reconstruir a caza e o cofre, começou a atrapalhar tudo com suas portarias, fez se de dono de caza malcreado, insultou a todos, desrespeitou a lei com o fim de desgostar a todos e *fiear elle só* com os da pandega, escolhidos *ad hoc*; deu porem tudo em vasa-barris!

—Si tal não fora, que ventura! Vida folgada e milagrosa passariam!

—E que especie de sentimento causava elle aos empregados? Respeito, temor?....

—Odio e desprezo.

Ninguem podia respeitar um provocador atrevido, um malcreado, reconhecido doudo por seus proprios parentes. Medo ninguem podia ter d'um grulha. O homem estava inteiramente desmoralisado, resultado do desafio que proferiu a quem quer que delle tivesse fallado em publico. Bem vê que quando a authoridade desce a convidar para um pugilato a seus subalternos, é que por meio da palavra, dos meios suasorios, dos recursos legaes, não se pode fazer ouvida nem respeitada; é que a força moral anda longe e bem longe do homem que quer brigar a dentadas como os cães, ou a couces como os cavallos.

—Mas isso prova ao menos que quem se quer vingar como homem tem vergonha.

—Talvez. E por fallar em vergonha, elle disse que a tal caza só servia para quem não tinha vergonha; entretanto

não sei como não estourou de paixão por não ter ficado. Veja si concilia isso; si me destroe o dilemma que a intelligencia de V. Ex. necessariamente formou de minhas palavras.

—E' que o homem queria ensinar a furtar por calculos, regras mathematicas, descobertas geometricas, gamados *engenh... osos* etc. etc.

—Ou talvez por magica; por isso queria tudo por arrematação, até o almoço, jantar e ceia para *seus filhos adoptivos*.

—Ora bem, conclúa.

—Partecipou ao governador que se trabalhava para os particulares, quando elle andava a dizer, como ja fiz ver, que havia comer, em janeiro, repolhos plantados na horta por serventes empregados *nesse ramo de serviço publico*. O exemplo quem dava era elle mesmo. Por ahi avalie-se da boa-fé do homem. Felizmente escreve Deus direito por linhas tortas e deixou um dia depois do outro.

—Leram uma endiabrada mixordia que vem no *Observador?*

—Não merece resposta; é o parto satanico do odio infernal que certos infames na extensão do termo votam a um honesto caracter que delles não dá fé.

—Felizmente é que o batalhão 4.º da guarda nacional está de novo fardado; a differença foi do dia 14 ao dia 24; dez dias que por caprichos foram negados, afim de que as viboras pudessem morder ou ao menos lançar baba por cima daquelles em que não acertassem seus damnados botes.

—E viu V. que angú de caroço! O 5º periodo mostra bem a illustração da besta que o engrolou; a oração principal ficou-lhe no coração, foi a calumnia que em cachões refervia no interior de tão despresivel insultador.

—Louco, para que evocas as sombras dos Pitombos, Dourados e Mellos, tu, filho do seu maior antagonista!

Para que lhes injurias as cinzas, tu o seu implacavel adversario material, sem consciencia! Para que lhes revolves os tumulos, para que emmurcheces as flores que lhes cercam a campa, tu a vibora de contagioso veneno!

—E o calumniador diz que o soldo dos que partiram para o Sul não foi restituido.

O povo sabe quantos dias durou o arranjamento de contingentes e avaliará si houve, si podia haver descontos quinzenaes.

—Avaliem, meninos, este outro periodo que começa assim: Sim nem todos é para tudo etc.!

—O burro que o escreveu, apezar de não ter o congote raspado, é que serve bem para donato, por que aproveita a cabelleira e tem geito para arranjar certos doces de que muito gostam os frades.

—E o bobo concluiu por uma ameaça! Ora venha com Deus!

—Nunca te faltem forças nos braços, muxingueiro da minha alma!

Duas feras arribadas,
Uma vinda do Catú,
Outra fugindo damnada
Do feio Itapicurú;

Ambas prenhes de ambição,
De vil inveja repletas,
Damnadas de coração,
Raivosas... feras completas;

Latronopolis destruir
Fazem um dia tenção
E para aos planos chegarem
Servem-se de reacção.

Demittem a honra, o merito,
Da moralidade os brasões,
Fazem emfim Latronopolis
Cidade só de ladrões.

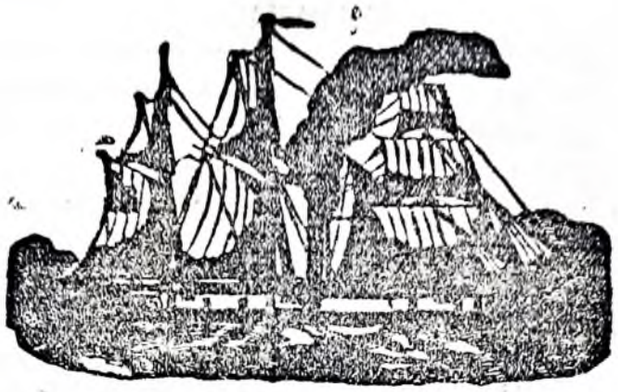
ANNUNCIOS.

Aos tanoeiros.

Vende-se uma porção de barris promptos e por apromptar, baldes, tinas, madeiras aparelhadas e uma rica caixa de ferramentas & &.

Quem pretender dirija-se a esta typographia que achará com quem tractar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª BAHIA 30 DE DEZEMBRO DE 1865. N.º 305

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de dezembro de 1865.

Officio á camara, pedindo-lhe pela terceira vez, que não deixe por mais tempo aberto n'Agua de Meninos um grande buraco que alli está ha mais de trez mezes a receber victimas.

Admira como isso se passa nesta terra sem alguem dar cavaco.

—A' mesma, pedindo-lhe que aproveitando o bom tempo, se digne mandar melhorar a Estrada Nova desde a Barroquinha até o Cabúla, a qual reclama ha muito reparos; o que sabe quem por alli transita em certo tempo.

— Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande recolher ao hospital da Santa Casa um infeliz alienado que vive na ponte d'alfandega a causar lastima a quem o vê em tão deploravel estado.

—Ao engenheiro do Gaz, pedindo-lhe que reviste a collocação das columnas na Estrada Nova, as quaes se acham em posição inconveniente, principalmente para o destino que levam que é a Quinta dos Lazaros. Faz-se este pedido por amor aos direitos publicos com os quaes sem duvida se fara a remoção quando for necessaria e urgente; espera-se pois que o digno engenheiro dê um passeio ao menos até a roça do Sr. conego Pereira.

—Capitão, nesta cidade se dá boas cousinhas.

—O Sr. é quem sabe e quem diz.

—Ora saiba de mais uma.

—Diga la.

—Isabel Lourença de Seixas, africana liberta, deu cartas de liberdade a dous menores, seus escravos, em 25 de agosto de 1857; chamam-se elles Felippe e Manuel Mendes Bastos; as cartas estão lançadas nas notas dos tabelliães Jorge Ferreira e Rodrigues da Costa.

Morreu porém a preta e o curador de ausentes, o Sr. Marcellino Dias da Rocha *que fugiu*, arrecadou todos os seus bens e deu como captivos os menores que foram encontrados em casa.

Os infelizes foram para a Correcção, onde se acham desde 4 de outubro de 1864, sem ter quem lhes dê comida e completamente nús! falta de cuidado contra a qual ja pediu providencias o Sr. carcereiro ao Sr. Dr. juiz de orphãos.

E apezar de ter-se exhibido publica forma das cartas, o Sr. Dr. procurador fiscal, Fernandes da Cunha, o homem das ideias de 89, o liberal-modelo, op-

põe-se á liberdade dos menores, por que podem as cartas ter sido falsas!

—E como provará que o são? quem declarará o contrario do que diz a publica forma que determinou a africana Isabel? para quando ficará addiada essa solução? quando tratar-se-ha de semelhante elucidação?

—Talvez quando a cadeira de deputado estiver honrada por algum *guerreiro* rancoroso e invencivel.

—Não zombe; é preciso que appareçam providencias; os menores estão nús e morreriam á fome, si não houvesse quem désse comida nas prisões; os menores estão presos ha quinze mezes; e são livres! Todas as presumpções, todas as provas, são a seu favor.

E quando não o fossem, ahi estão a indole, o pensamento, a inclinação deste generoso povo.

E quando isso não fosse, eram a liberdade de um lado e do outro quatro vintens para o cofre publico.

—Ora está V. a cançar-se!

Não me masse tambem, é o que lhe peço; faz-me este favor?

—Capitão, sabe quem está á morte?

—Quem?

—O 65.

— Que diz?

—Dão lhe apenas dous dias de vida, está desenganado.

—Coitado!

—Recebeu ja os ultimos sacramentos.

—Pobre homem!

—Quem o está ajudando a bem morrer é o charidoso sacerdote *Silvestre*.

—E quanto a medico?

—E' um portento; o Dr. Tempo prediz que infallivelmente o infermo tem de morrer ás 12 horas da noute em ponto do dia 31 do corrente.

—Ora vá bugiar! fomente-se!

—Leu o *Pharol* de 27?

—Que dá?

—Traz, entre outros, um excellente artigo sobre os *partidos politicos*.

—Pois vou lel-o.

—Capitão, assisti a um caso galante.

—Diga la.

—Estava eu na poute da Companhia Bahiana, quando chegou uma rapariguinha de Itapagipe.

Um sargento dos artifices que por alli passeiava avançou para a rapariga, tirou-lhe o torço e arrancou-lhe o chale; a rapariga amedrontada correu para um armazem e o D. Quichote começou a debellar moinhos; puchou da baioneta e rasgou o lenço; a rapazeada riu-se e applaudiu. O militar dobrou de furia, e rasgou o chale; as palmas continuaram e o valentão ficou de boca aberta. Sabido o nome do cujo, era o tal sargento um pobre *Mané de Souza* que tinha brigado com a Dulcinéa.

—Manuel de Souza! é o nome com que o *Pharol* chama S. Ex.

—Manuel de Souza é o nome de S. Ex.; mas é tambem o nome com que se denomina em geral os patetas.

—E' bom aproveitar-se em todo caso um tão valente militar; o Paraguay está clamando por elle.

—E eu acho que a melhor providencia a dar-se é não consentir-se sargentos Manés de Souza, que é raça que só serve para dar beneficio em publico.

—V. conhece aquelle *jesuita* que não abre as janellas da casa?

—Não.

—Um sujeito que arranjou um casamento, por compaixão de um honrado magistrado que não sei como poude entrar na casa do cujo, impenetravel para todos, a excepção d'um velho professor de francez.

—Não sei quem é.

—Um diabo que mora na rua *torta* da *Choupana* e que tem loja de fazendas ou capellista.

—Ah! sim! Um capeta velho ja com cabellos cor de *neve*, ares de *pinto* goguento e amigo do *Victorio* e cujo *nascimento* é enigmatico?

—Esse mesmo. Vê-o assim com a cabeça baixa, com porte amacacado? E' um refinado ladrão. Vendeu um pen-

te de tartaruga por 10$ rs , garantiu a qualidade, responsabilisou-se por elle, e no fim de tres dias, o pente quebrou-se; isto é, estava ja quebrado e soldado e largou a solda.

O comprador foi ter com elle, mostrou-lhe o pente quebrado, lembrou-lhe a palavra; mas o ladrão a nada attendeu, e concluiu dizendo: Pode levar o pente que o dinheiro não sae da gaveta; *o que me entra cá dentro me fica.*

—Que lhe faça muito bom proveito!

—O comprador, indignado do cynismo de ladrão, atirou-lhe ás ventas o pente e disse-lhe: Tome de esmolla os dez mil reis, e fique com o pente; mande soldal-o de novo e revenda-o.

E foi o que quiz o patife.

—Por isso está rico aquelle grão somitego, que morando no Bomfim vem para cidade no dia da festa para não dar um copo d'agua a algum conhecido que lhe passe pela porta.

—Rico! está inteiramente quebrado! De cada pataca do dinheiro do somitego tem o diabo tres tostões e dez reis; as cazas do ladrão, os bens do avaro vão voando; estão todos hypothecados e annunciados á venda.

—Como está V enganado!

Ladroeira e mais ladroeira; quebra fraudulenta que o expertalhão está preparando.

—Homem, é verdade!

Muxingueiro, vae ja buscar esse ratão dos diabos, que tem duas culpas a pagar.

—Prompto. Si respingar, posso metter-lhe a taca?

—Que duvida! dê-lhe de rijo, Sr. Macrobio, aperte o passo sem receio!

(*Continúa*)

VARIEDADE.

Certo lavrador foi ter com o cura pedindo-lhe que dissesse uma missa por alma da esposa, e promettendo-lhe cinco tostões.

O cura que estava a almoçar, offereceu um copo de vinho ao lavrador dizendo-lhe:

—Ande, prove dessa pinga que me deu um freguez.

E' vinho do purgatorio, como lhe chama o meu sachristão, por eu usar delle nas missas. Que lhe parece?

—Excellente!... E este é vinho do purgatorio?... Nesse caso... e metteu o dinheiro na algibeira.

—Que é isso? perguntou o cura.

—Si minha mulher bebe tão bom vinho no purgatorio, seria eu um maroto si tentasse tiral-a de lá. Que beba! que beba!

E o lavrador foi para a taberna com os cobres.

A PEDIDO

—Parabens, parabens, capitão!

—Então que ha?

—Vae-se embora a tal Andrelina... *pimenta damnada*!

—Felizmente vae ver-se esta cidade livre dessa praga, dessa *Lais*, que, praticando e dando logar a todos os escandalos, entre familias, era, se não protegida, tolerada pelas authoridades.....

—Mas, como sabes disso?

—Pelo annuncio que publicou no *Jornal da Bahia*, convocando os credores para apresentarem suas contas.

—E o desertor a acompanha?

—Creio que sim; e continúa no seu posto de *honra*, sem que as authoridades dêem a menor providencia!

—Pois bem, muxingueiro: antes que parta esse *ditoso par* imprime-lhe na fronte o stygma que esta cidade lhe vota pelos seus grandes feitos.

Pede-se ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia se digne lançar suas vistas sobre um celebre Francisco, membro insigne da companhia do olho-vivo, o qual foi ha poucos dias preso.

Si S. Ex. pudesse tel-o preso por muitos annos, era um grande favor feito á sociedade que ficaria livre de tal peste.

—Ora venha cá, meu amigo!

—Já me chama amigo; valha-me isso!

Prompto, capitão.

—Veja que o quero tractar bem! Para que ha de ser malvado?

—Ao contrario; sou charidoso, religioso, tanto que sem ser padre sou *vigario*.

—Sacrilego! ousas profanar as vestes sacerdotaes fingindo-te cura de almas!

—Intenda-me, capitão.

Sou vigario d'uma ordem terceira, da qual sou irmão professo; alli adoro a Virgem, e ás vezes vou resar no *Carmo*.

—Mas não temes a Deus.

Tua gente da *desordem* incumbiu-te de alterar o preço das cazas e o que fizeste?

—Alterei.

—Mas de que maneira, malvado?! Ainda me dizes que alteraste?!

A casa que estava por cem elevaste a duzentos.

—Vale isso.

—E a biboca em que te espojas alteraste? Alugas aquillo por uma ninharia, sublocas toda a casa ás farpellas, tuas conhecidas, pagas dez reis de mel coado pelo teu covil e achaste que o preço não devia ser augmentado! Ah! patife!

—Augmentei-o.

—Mas si o augmentaste, não foi duplicando como fizeste com as outras cazas.

—Mas isso não serve de prejuiso a ninguem e é lucro para maior brilhantismo dos festejos da Virgem.

—E' lucro para tuas algibeiras e para as de teu rancho e de quem la te metteu.

—Bagatella!

—Mas não é a *pequena* ladroeira que me importa; é a perseguição que fizeste a alguns paes de familia, especialmente áquelle pobre homem ourives.

—Bem que merecia, não elevei ao triplo o aluguel porque ficava calva a vingança. O patife teve um dia o desaforo de oppor-se á minha vontade: vou com bons modos á sua tenda, peço-lhe que m'a ceda, offereço-lhe duzentos mil reis pela chave, e o patife poz-se a fazer lamurias, a choramigar; metteu-me raiva o homem!

—Mais patife és tu, gallego dos diabos! Pois o homem pondera que naquelle logar é que elle arranja com que manter a si e a sua familia e tu dizes que ficaste massado!

A culpa tem quem te fez gente nesta terra, *Pau de sebo* fedorento!

Massado estou eu agora por aturarte tanto e vou ja fazer-te o que mereces.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Este gallego tem de festas 150 calabrotadas por dia, durante uma quinzena; e para passar bem este divertido tempo regalar-se-ha no porão com pão e agua e trará aos pés um par de machos e uma corrente ao pescoço.

—Sim, Sr.

—Que é do fiscal daqui?

—Nos domingos não apparece.

—Então aquelle *cujo* tem rasão.

—Quem?

—Aquelle que está reedificando a caza e que só trabalha nos domingos; não pediu alinhamento nem licença á camara e vae por diante com a obra, bem que aos pulos. Isto tambem só se vê nas Pitangueiras!

—Vê-se em toda parte comtanto que o sujeito tenha sangue no olho. Pergunte ao Joaquim do *Sequinho* e si elle não disser que os italianos ensinam essas tretas, corte-me o pescoço.

—Corto la pescoço de ninguem! O que vou fazer é pedir ao Sr. fiscal competente que dê um passeio até aqui, para ver com seus olhos o que eu ja vi com os meus.

ANNUNCIOS.

Vende-se uma caza na rua do Bom Gosto da Calçada do Bomfim, de n.° 22 com quatro quartos, sala de visita e de jantar, cozinha, tudo assoalhado, quintal soffrivel com alguns arvoredos; quem pretender dirija-se á praça do Commercio nas cazas em que se vende louça do paiz n.° 3 J K, ou na rua da Lapinha, caza n.° 27 que achará com quem tractar.

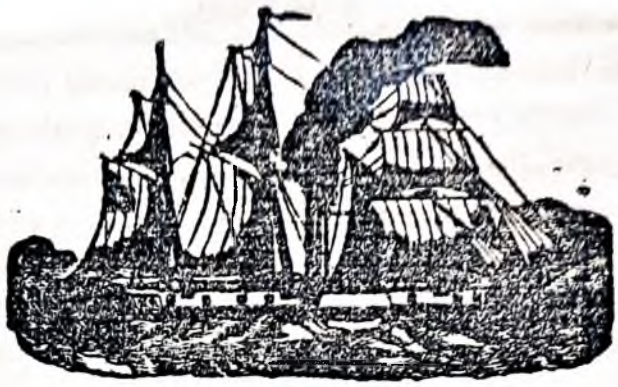
No deposito de cal ao Caes Dourado, preciza-se de um caixeiro.

YTP. DE MARQUES ARISTIDES, E IGRAPIUNV.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª BAHIA 2 DE FEVEREIRO DE 1865. N.º 167.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 31 de janeiro de 1865.

Officio á camara municipal, para que obrigue ao proprietario de um muro que ha no principio da ladeira da Saude a concertal-o ou arrial-o de todo, visto que ameaça desabar, mandando a mesma reparar aquella ladeira afim de evitar algum sinistro na ribanceira que alli ha.

—A' companhia Bahiana, para que mande collocar lanternas na extensa ponte do Bomfim, nas noites em que houver navegação para alli, afim de evitar algum caso lamentavel pela agglomeração de tanta gente em um logar tão estreito como é a referida ponte.

Portaria ao Thomé, feitor das obras da camara, para que vá com alguns serventes da mesma ao Canto do João de Freitas, e passe a mandar limpar um cano que se acha horrivelmente sordido ao pé da janella do *soldado hespanhol*. Cumpra.

—Graças a Deus!

Tivemos satisfação plena dos Estados Unidos, pelo desacato do *Wassuchet*.

—Era cousa com que eu contei sempre. Conscio dos sentimentos fraternaes e amigáveis daquella grande nação para com todas os povos d'America, especialmente para com o Brazil, eu estava certo de que os nort'americanos não sanccionariam o proceder reprovado de um capitão imprudente.

—Apoiado. E depois já o ministro tinha declarado que a satisfação nos seria dada tão completa e solemne, como si fossemos a nação mais poderosa do mundo.

—E a prova de que os Estados Unidos, apezar de seu aggravo para comnosco pelo reconhecimento de belligerantes, querem estreitas relações com o Brazil, é o facto de ter dado liberdade á tripulação do *Florida*.

—E comtudo o *Jornal* acha pouco; não sei o que mais quer. O capitão do *Wassuchet* foi suspenso e será processado em conselho de guerra. O consul foi demittido. A tripulação do *Florida*, como V. ja disse, foi posta em liberdade. O pavilhão brazileiro será saudado.

Que mais quer?

—Homem, calemo-nos! Entretanto a Inglaterra está até hoje a cassuar comnosco e o *Jornal* nada diz.

—Ora da-se!.....

—O *liberal* Pio IX renegou a liber-

—E' cousa antiga,

—Mas agora publicou uma burla.

—Burla não, bulla.

—Sim, uma bulla, mas o nome proprio é outro.

—Encyclica?

—Justamente. Publicou uma encyclica, estabelecendo até a inquisição, castigos corporaes, condemnando todas as liberdades, recommendando obediencia cega aos principes e o diabo a quatro.

—Misericordia, meu Deus! Não ha duvida nenhuma, o fim do mundo é chegado!

—Desencantou-se a caveira de burro!.....

O Dr. Virgilio poz tudo por terra!

—Enganou-se. A companhia pela lei e pelo contrato, tem direito a tirar agua do dique.

—Disso sei eu; mas tem obrigação de fornecer ao publico *agua potavel*.

—Concordo, concordo.

—Mas a companhia está mandando insultar o doutor porque se não petrificou com a cabeça de Meduza.

—Isto é, porque se não assombrou com a caveira do burro.

—Que epocha!

Este mundo tem cousas!

—Que gente mentirosa! Não creio mais em nada do que me disserem acerca de Paysandú.

—Mas porque?

—Disseram que Leandro Gomez fora degollado, quando o que é certo é que elle é um transfuga.

—Onde viu isso?

—Fugiu aqui para a Bahia e provavelmente naturalisou-se brazileiro.

—V. está doudo, rapaz.

—Doudo está o Sr.; pois si o homem acaba de ser nomeado continuo da faculdade de Medicina!

—Onde viu isso, homem de Deus?

—Está aqui no *Diario* de hontem e no *Jornal* de hoje; leia.

—Ca, ca, ca, ca!

José Leandro Gomes é um moço que foi musico de policia e que toca violão muitissimo bem.

—E esta?!

Safa! Em todo caso, eu sendo o tal meninorio do violão, mudava do nome. Era o que me faltava, eu ser confundido com um chefe de gaúchos!

—Ca, ca, ca, ca!

Na verdade o engano pode ser fatal.

Mas o que vale é que o do Prata era blanco e o de ca é vermelho.

Compramol-os, meu Deus, por um tostão,
Como ja se me comprou a *patacão*!....

S. V.

—Appareceu agora um cão damninho, um jacaré dos diabos.

Anda a tirar todas as impuridades que encontra nos tubos do chafariz, toda a lama que acha no dique e quer lançal-a sobre um joven honesto, de reconhecido talento e merito não vulgar.

—Então já se pode beber agua do Queimado; ja deve estar boa.

—Qual amigo! Está ainda peior; a baba nojenta do crocodilo e a cauda a revolver tem posto tudo n'um deploravel estado. A principio a agua poderia, quando muito, occasionar algum defluxão; agora está envenenada, tem de matar muita gente boa.

—Bem; vou mandar o muxingueiro metter a taca naquelle demonio.

—Ora, capitão! Chicote em jacaré. Mande ao contrario dar-lhe um tiro naquella desmiolada cabeça!

—Tambem pode ser e é na verdade muito melhor pensado.

—*Aguirre*!

—Cadello infame!

—Que diabo estão vossês a fallar ahi?

—Estamos a traduzir esta palavra: *Aguirre*.

—E que dizem?

—Que significa *briga*.

—Em que lingua?

—Em hespanhol.

—Pois em portuguez significa cara de urso, de cão, do diabo; insolente, tollo, malcreado; besta, burro, porco a quem se deu perolas e a quem presentemente se dá *queimados* e *farinha* ingleza; significa tambem assassino e ladrão....

—Ah! sim!

—...e gaúcho...

—Si encontrassemos um sujeito que

reunisse taes dotes, deviamos cuspir-lhe na cara... .

—Pois então cuspamos na cara deste cousa ruim que é elle mesmo..

Oh! dinheiro! oh! dinheiro! a quanto obrigas
Que até fazes serem brancas as formigas!
. . . . . .

P P M.

E' um digno papel a proclamação do Sr. tenente coronel Mondim Pestana.

Leiam:

O TENENTE CORONEL DOMINGOS MONDIM PESTANA A SEUS CONCIDADÃOS

Bahianos! Nem sempre o homem publico pode viver em o recolhimento a que se haja votado.

Um dia a patria reclama seus serviços, e elle não lh'os póde nem deve recusar.

Quando o brio, a honra e a dignidade de uma nação são feridos, todos, todos devem levantar-se em uma só vontade para vingar a affronta que lhe é feita.

Encarregado pelo Exm. Sr. presidente da provincia para organisar e commandar um segundo batalhão—de Voluntarios da Patria—eu, sem medir a extensão de minhas forças phisicas aos 60 annos de edade; sem attender á exiguidade de minha intelligencia; asilando, porem, no meu coração os mesmos sentimentos ainda puros, de veterano da Independencia, acceitei o encargo.

O homem pode temer os perigos da guerra, é natural; mas não os teme aquelle que é brioso; por que sendo o brio um sentimento innato de dignidade, quem o tem não trepida, enche-se de orgulho, honra e valor, seja qual jor a sua edade, e considera o campo da batalha defendendo a dignidade do sua nação como um altar venerando, como o resumo de toda sua gloria.

Eia, patricios meus, vinde a mim; accorrei pressurosos ao chamamento da patria: ella anceia revoltada pelo insulto de uma horda de barbaros e selvagens; cumpre desaggraval-a e só á nós, seus filhos caros, pertence fazel-o.

Convido pois a todos os Srs. officiaes reformados do exercito, meus antigos camaradas, das extinctas milicias, da guarda nacional do serviço activo e da reserva, inferiores e mais praças da mesma guarda nacional e todos os mais cidadãos a se encorporarem sob meu commando, offerecendo-lhes as garantias do patriotico decreto n. 3,371 de 7 do corrente mez, que ja se acha publicado e poderão ver em meu poder.

Bahia 23 de janeiro de 1865.

Domingos Mondim Pestana, tenente coronel reformado commandante.

ANNUNCIOS.

Pede-se a certo *solfejador* de nome Ernesto, queira ir pagar 6$580 que deve á Estrella do Oriente.

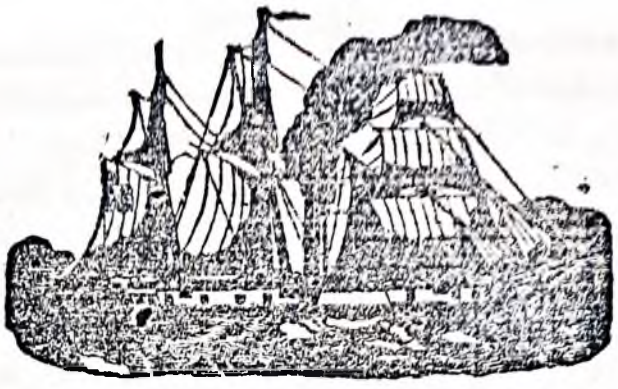
Sr. João que todos os *dias* anda entre *silvas* e faz *despachos* policiaes, tenha a bondade de ir pagar os 8$000 rs. que deve a Estrella do Oriente.

Pede-se por S. *Braz* a certo alfaiate que deve 4$700 na venda Estrella do Oriente que vá quanto antes paga-los.

Pede-se ao Sr. Braz *costureiro* queira a venda da Estrella do Oriente pagar 4$700 rs. que deve.

Pede-se a um certo carapina que pelo bem aventurado S. *Rufino* va pagar 4$900 rs. que deve na venda Estrella do Oriente.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª BAHIA 4 DE FEVEREIRO DE 1865. N.º 163.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 3 de fevereiro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande tirar uma enormidade de barro que ha na rua dos Capitães a qual obstrue o transito naquella rua, visto já o triste spectaculo que apresenta aos olhos do estrangeiro uma rua como aquella.

—Não sei de que serve haver medicos da camara!

Já se não pode comer carne podre!

—Jesus! é um horror! é mil vezes melhor comer bom bacalhau ou muito boa carne do sertão.

—Que deleixo vae por nossa terra!

—Olhe, hontem, eram 10 horas do dia, havia no talho n.º 13—A, á travessa da Valla, carniça, no rigor da palavra; preta como o diabo e fedorenta como o mesmo fedor.

—E não havia fiscal?

—Tanto o havia, que a carne foi lançada ao mar, por determinação do Sr. Castilho.

—Nesse caso, é desnecessario haver, ou fiscaes ou medico da camara.

—O medico da camara que é uma sinecura.

—V. já viu o batalhão careta?
Andam uns de casaco, outros de jaqueta.

—E continúa um miseravel a insultar um doutor, porque se não vendeu como elle e seu rancho!

—Canalha!

—Sr. menino, não se adiante! Quando V. veiu pedir miseravelmente, em companhia do Sr. Mariz Pinto Junior, para não sahir em publico seu escandaloso proceder com uma prostituta da ladeira do Carmo—não disse desaforos!

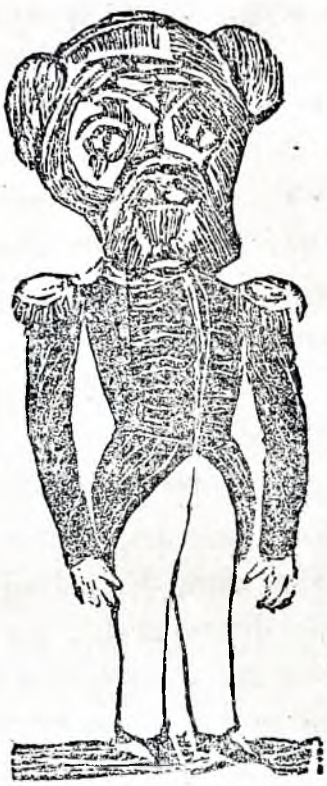
Mas é um refinado tollinho V.; não lhe devo dar importancia.

O orgulhoso de seu pae, o decantado futuro barão do Queimado, ja tambem mandou pedir-nos um favor; V, sôr bigorrilha, anda tomando sopas!

Não se adiante!

—Por quem é, capitão, desculpe-me; por S. *Paulo*, attenda a meus rogos!

—Miseravel, eu nada pretendo fazer comtigo; como já és *monteiro*, ou montez, o que farei é mandar amarrar-te n'aquella *pereira*, onde tomarás vergonha, com as refrescadellas do muxingueiro.



—Jesus! que bicho!

Este mundo está provavelmente a findar-se.

—Que horror!

Um homem com cara de bicho!

—Ou antes um bicho com corpo de gente!

—E é um demonio; sem nome escreve-se da seguinte maneira:

A primeira lettra é indispensavel para palavra —L—adrão.—

Sem a segunda ninguem escreve —O—diento.—

Com a terceira escrevem todos—P—atife.—

Com a quarta escreve-se tambem —E—stupido.—

Sem a ultima é impossivel que passe a selvagem Z—ebra, ou mesmo o Z—urrar do burro.

—Que bonito nome!

E uma fera destas no meio da gente civilisada!....

—Porque não a affogam no rio da Prata?

—E era bem lembrado.

Ou então, fazer do forte de Coimbra uma temida jaula para aquelle monstro.

—Ou mandar-lhe um *queimado* de presente, para tomar juiso e não incommodar a gente que está acostumada a lançar-lhe as migalhas de sua meza.

—E levou o Sr. tanto tempo para por fim dizer que isto é um CÃO!....

—Troca-me estes cincoenta mil reis?

—Pois não!

—Que moço é este?

—E' o Sr. Dr. promotor.

.....

—Troca-me estes duzentos mil reis?

—Pois não!

—Que moço é este?

—E' o alferes Costa.

.....

—Quanto custa?

—Um cruzado.

—Troque.

—Vá trocar.

.....

—Sr. Nabuco, ninguem quer trocar.

—Pois eu não sou quem ha de ver troco para o Sr.

—Mas n'uma repartição, como a do sello, em que se recebe tanto dinheiro, quem não trouxer a quantia justa que tem de pagar, não pode ser despachado por que não ha troco?!

.....

—Aqui está o cruzado, Sr.

Que diz elle?

—Falla em gravata alta e lavada.

—Justamente como elle fez com o Costa a quem estava a fazer roda, pedindo que o não deixasse com cara de lacaio.

—Mundo! mundo!

Ha troco para uns por favor, e a outros nem por obrigação é concedido!

—E anda um desfructavel sem nome a dizer ao *Jornal* que as aguas do Queimado, nos chafarizes, são purissimas!

—E' que o homem deslumbrado com o brilho dos olhos de certas *onças* que lhe correram pelas mãos e pelas algibeiras, está cego, nada enxerga.

—E' talvez algum porco acostumado a beber lama.

—V. é inimigo da companhia.

—Engano; sou amigo della; conheço e proclamo os muitos serviços que tem ella prestado. Mas desejo que as aguas tornem a seu antigo estado; que a companhia se compenetre de seus deveres; que mande lavar, semanalmente, os tubos; que colloque os philtros: que reassuma assim a confiança que nella depositava o publico.

—Ora dá-se!....

—Teremos breve um logar para recreio na freguezia da Sé.

—Onde?

—Em frente á matriz.

— Homem, já houve aqui essa lembrança.

— Lembrança não, mais. Houve uma commissão encarregada de fazer alli um passeio, um largo, sophás &, &; consta-me que houve subscripção nesse sentido, que recebeu-se dinheiro e que quanto a obras nada.

—Dizem que aquelle logar tem dado dinheiro para se comprar até roças.

—E' o que eu não duvido; o certo é que agora a obra, si já não está, tem de ser entregue a um homem intelligente e honesto.

—Temol-a por tanto realisada!

—O batalhão dos *corta-dendês* vae em progresso.

—Graças ao capitão que o commanda.

—Ao major.

—O major é phosphoro; dizem que veiu para garantir sua gente.

—Depois que o capitão aprompton, reorganisou o corpo, appareceu logo um superior!

—E' para ver; são cousinhas de Latronopolis!

—Dizem que despediu-se o barbeiro do seminario de S. Joaquim.

—Ouvi dizer que sim, por não estar disposto a cortar cabellos a 60 reis.

—Por isso é que os meninos estão com os cabellos tão crescidos e tão cheios de piolho!

Faz nojo!

Si fossem irmans de charidade....

—Jezus! não falle!

Que tempo faz isso?

—Ha tres mezes.

—Que miseria! que vergonha!

Bemaventurada administração!

—Bemaventurados os felizes que não nascem no Brazil!...

—Que diabo é aquillo?

Aquelles sujeitos nús, a passarem d'uma para outra porta, a gritarem desenfreiadamente, a proferirem palavradas, a fazerem gestos indecentes?

—E' uma caza de banhos, em que

por quatro vintens todo capadocio entra e faz o diabo.

—E a policia?

—Ora policia! Pois o Sr. não sabe que embarcou para o Sul?

—Ah! sim!

—E quer saber d'uma cousa? Para as Pedreiras não precisa policia.

—Nem para parte nenhuma.

—E viva a patria!

Gé, gé, gé, pô, pô!

—Capitão, contaram-me uma cousinha interessante.

—Pois vamos á obra.

—Um vigario que vive no *Catá* e que é mui devoto de *Santo Amaro*, tem em sua casa uma irman natural que pare....

—Por obra do Spirito Santo?

—Não zombe; mas pare a mulher sem entrar homem algum em caza.

—Homem, não é novo isso.

—Mas só desses factos se dão em Latronopolis.

—Em Roma é charro o incesto.

—Pois então, ouça mais outra: ha um sujeito que tira, o anno inteiro, esmollas para as obras da mat iz, e o vigario as engole.

—Costume antigo de muita gente boa.

—Ora adeus! Está V. Ex. a desculpar tudo!

—Que duvida!

Os thesoureiros do Bomfim, á excepção do actual que apresentou mais de tres contos, não apresentam sinão pouco mais de um.

—E que tem uma cousa com outra?

Demais, ha festa no Bomfim todos os annos, quando na freguezia do tal vigario, ha muito que nem em tal se falla.

—Ora maragulhões!

VARIEDADE.

Novo Archimedes.

Um bacharel acabado de formar na Universidade de Coimbra veiu para a capital, para aqui se estabelecer pela advocacia. As lettras d'elle não eram, segundo parece, das mais magras, os procuradores conheceram-n'o á légua, e a freguezia era nenhuma. Vingava-se, pois, em passear de dia, e em ir á noute a S. Carlos, em quanto lhe duraram os *cumquibus* que tinha trazido da terra.

N'uma das suas excursões matutinas deu consigo na praça da Figueira, viu um alguidar de grillos, e perguntou á mulher do logar para que serviam os bichinhos.

—Cantam, que é um gosto, principalmente de noute, lhe respondeu ella.

O homem reflectiu e tornou a interrogal-a:—Então quanto custa cada um d'estes musicos?

—Uma bagatella, dez reis, com um vintem de gaiola, faz trinta réis.

—E que comem?

—Qualquer folhinha d'alface.

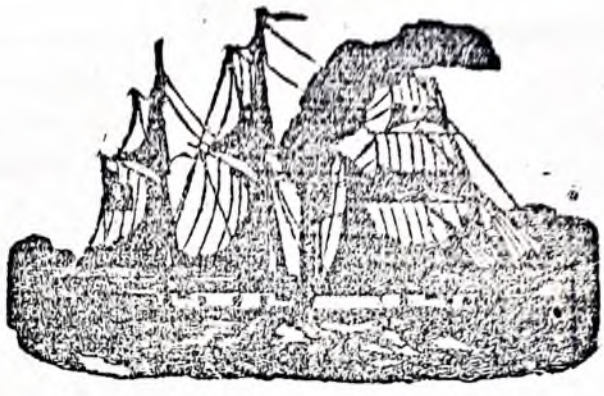
—Não são os cantores de S. Carlos que gramam dous coutos por mez, disse elle comsigo: pois muito bem, accrescentou, levantando a voz como quem acabava de fazer um grande achado, apui tem vossemecê um pataco e metta-me dous grillos n'uma gaiola.

—Concluindo o contracto, metteu a gaiola na algibeira, e por cima d'ella o lenço de assuar para maior segurança. Pelo caminho ia-se applaudindo interiormente do bello acerto que tivera, porque com dous vintens ia ter musica todas as noutes, e escusava de ir dispender moedas com o theatro.

Chegado ao seu quarto saca o lenço, pucha pela gaiola... vasia, completamente vasia! correu todas as outras algibeiras em procura dos fugitivos, e nada! Encostou se triste a scismar sobre tão extraordinario acontecimento, pois era para elle evidente que por umas gradosinhas tão meúdas não se podiam elles ter safado; parafusou, tornou a parafusar, até que emfim deu um murro em cima da meza com a alegria de um homem que fez uma grande descoberta—Está visto, exclamou, brigaram e comeram-se um ao outro.

(*Extr.*)

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª BAHIA 6 DE FEVEREIRO DE 1865. N.º 169.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 5 de fevereiro de 1865.

Officio ao Sr. subdelegado do 2.º districto de Santo Antonio para que mande acabar com a grande immoralidade que ha no largo da Cruz do Cosme, entre diversos rapazes e raparigas de má vida, com quem se dão repetidos conflictos, além de privar as familias honestas de por alli passarem á tarde ou á noute.

De S. S., energico e zeloso como se tem mostrado, espera-se providencias.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá a uma casa na Travessa do Gravatá que faz quina para a Estrada Nova e conduza para bordo deste navio uma porção de camas com pés de ferro, colchões, marmitões, cubos e outros objectos que alli existem, que consta pertencerem a a um dos batalhões que ultimamente embarcaram e que foram parar alli por *encanto*. Cumpra.

—Sabe me dizer para onde parte aquelle vapor?

—Meu officio é vender bilhetes.

—Pois, Sr., é assim que se responde?

Pergunto porque ja uma vez o tenente coronel Bellas perdeu uma malla, que foi embarcada n'um vapor de Cachoeira, quando tinha de ir para Santo Amaro; pergunto porque tambem ja o Sr. Miguel Ferreira Dias dos Santos embarcou-se para o Bomfim quando tinha de ir para a Barra.

—Não sei, não sei!

—Como está a companhia Bahiana!

—Só o major Soares ressuscitando e se arvorando em *corta-pescoço*!

—A companhia Bahiana vae em progresso; está acreditada e regularisada, que é um prodigio!...

Bilhetes inutilisados sem os donos embarcarem, viagens annunciadas e não realisadas, programmas não cumpridos, vapores rançosos, preços marcados sem vigor algum, além de empregados pouco delicados!.....

—Como foi a ultima parte?

—Ora, foi assim:

A companhia annunciou para Santo Amaro viagens de proa a 1$500; foi alguem comprar bilhetes nesse sentido e o Sr. Franco gritou: Tudo, tudo é 3$000 rs; é viagem de recreio, não ha distincção, o proço é o mesmo.

—Que garantia offerece então um annuncio da Companhia? que grau de veracidade pode merecer uma declaração sua?

—Foi o que perguntou o moço que ficou sem resposta.

—Está com effeito muito em termos o tão gabado systema inglez.

—Mas quanto a pontualidade na hora das partidas faz gosto.

—Quem lhe contou isto? Ha pontualidade quando estão innumeros passageiros na ponte do Bomfim, e o vapor larga, deixando-os em branco, para se não demorar um ou dous minutos; mas não vejo pontualidade nenhuma na viagem de 6 1/4 da cidade, em que o vapor attraca á ponte ás 6 1/2, por que sahindo da cidade ás 5, não pode ir ao Bomfim e voltar em uma hora um carro de lama, como por ex., o *Progresso*!

—Nesse caso o remedio que ha é chamar para arranjar aquillo o valente, denodado e *franco* capitão *corta-coço*.

—Homem, dizem-me que os negocios da thesouraria provincial, sem offender o seu antigo honrado inspector, vão agora muito bem.

—Tenho ouvido dizer; certos sujeitos que recebiam dinheiro para obras e que faziam disso verba de receita, tem sido obrigados a restituil-os.

—Ouvi dizer; alguns tem estado em serios apuros, por ex: certo vigario...

—Não diga o nome que eu sei quem é, e a proposito conto-lhe um caso de outro vigario, de que talvez não tem sciencia o Sr. inspector.

—Ora vamos com isto.

—Este maganão, por milagre talvez da Virgem *Madre de Deus*, recebeu 600$000 rs. para as obras da matriz e até hoje nada tem feito, apezar dos esforços de dous *pintos* que lhe tem mandado S. *Custodio* e S. *Domingos*, seus patronos ou fiadores.

—Bagatella.

—Vá ouvindo.

Um moço *santo*, delicado e *bello*, creio que do Mar Grande deu uma barcada de cal para os referidos concertos e ninguem sabe o que della se fez.

—Oh! o negocio vae tomando um caracter serio!

—Diversas pessoas offereceram madeiras e vispora.

—Sim, em?!...

—E mais faria elle, si apascentasse as ovelhas da Pirajuhia.....

—Bem, vou officiar ao Sr. inspector para que dê as providencias; si as não der, por santo *Antonio*, mando o grumete *Nunes* amarral-o a um *pinheiro*, durante o tempo em que jejuou Jesus Christo, quarenta dias e quarenta noites!

Oh! o meninorio tem de pagar seus peccados!

—Homem, disseram-me que havia na correção dous presos doentes, e que apezar dos reiterados convites do carcereiro, o medico da camara não apparece para dar a guia afim de seguirem elles para o hospital.

—Pode ser, mas eu duvido que se prove.

—Emfim o negocio é la com o Sr. Dr. chefe de policia, arranjem-se.

—Capitão, iô nan pore deixa meu boca carado; iô quê fala.

—Ora soffremos mais esta massada. Que tens tu a dizer?

—Que iô ta munto contente, mai iô ta trisse.

—Explique-se.

—Iô ta trisse, pruquê aibô vae ni meu téra, fruta malungo turo de Cossa, traze sicravo, tira patria de gente, liberdare de home, e nosso turo que fica sim pae, sim mãe, sim muiê, sim rimão, chega nesse téra e nan tá cidadão, nan tem denreto nim um, nim de propriedare qui turo judeu tim, nosso qui ta chrissão, catholica possolica romana!

E' pru esse qui iô ta trisse.

—De que vem então tua alegria?

—Iô ta contente, pruquê iô sabe que Rique Dia ta fricano qui vem nim Brazí, qui faze proeza, qui pursa landêze; iô ta contente, pruque iô ta vendo xa Quirino de theatro garnisa batalião de pretinho p'ra Rio da Prata; iô ta contente pruque iô viu palavreado fino di êre; iô ta contente pruque iô sabe que criora brazilero nan deixa nome de Rique Dia padecê; iô to contente pru que ta veno thusiasmo de xinhá bissipa de Rio Grande e de xinhá Dr. Abilia; mas iô tá trisse, pru que iô tamem não pore vae, pru que iô qui tem criação ni Brazi, nan tá fia de Brazi, assim cuma iô qui nascê nim Cossa nan ta fia de Cossa!

Iô ta cuma cigano qui gazeta dize:

Cigano não tem direito.

Cigano não tem nação!

—Negro, empina-te!

—Tem paxença, capitão; lê palavreado de crioro bravo.

—Sim, sim; vou ja mandal-o ler,

—Attenção!

Brazileiros pretenciosos, que julgaes o mundo só feito para vós, homens de cor branca (não todos) que vos metteis no quartel da saude, reclinados em fofos cochins, corae!

Crioulos, orgulhae-vos, ensuberbecei-vos!

Attenção!

«*Illm. e Exm. Sr.*—Sentindo o meu coração profundamente abalado pelos ultimos acontecimentos, que hão tido logar no sul do imperio, e sentindo renascer em minha alma o santo fogo do patriotismo, com a mesma vehemencia dos tempos da memoravel guerra da Independencia, não posso por mais tempo conservar-me recolhido á vida domestica, e impellido por uma força sobre-natural venho offerecer-me ao governo para ir combater em prol da honra, integridade e soberania do imperio, que vis gaúchos pretendem insanamente macular.

«Como eu, Exm. Senhor, innumeres cidadãos crioulos sentem-se dispostos a marchar para o sul, pelo que, si a imaginação me não cega, creio que todos nós reunidos poderemas formar um respeitavel corpo de voluntarios, que pelo seu denodo, coragem e amor á patria recordará mais uma vez os valorosos combatentes sob o commando do celebre—Henrique Dias.

«Apresento-me, pois, para organisar aquelle corpo, e, no caso de que elle se não possa constituir, uma companhia pelo menos, que seja aggregada ao 1.° batalhão de voluntarios que partir d'esta provincia. Falta-me a autorisação de V. Ex., como delegado do governo imperial, e sendo-me ella concedida, do mesmo modo porque tem sido a outros conferida, espero em breve poder reunir a briosa gente que quer quanto antes voar aos campos da honra e da gloria. Protesto á V. Ex. a mais elevada estima, consideração e respeito.

«Deus guarde a V. Ex. Bahia 26 de janeiro de 1865.—*Quirino Antonio do Espirito Santo.*»

—Está bom isto! O povo offerece-se, é obrigado a rondar, por que não ha policia, e os soldados de policia a dar pancadas nas patrulhas voluntarios!

—Onde foi isto?

—Sei que foi na freguesia da Sé; o offendido é um tal Bomfim, crioulo, que patrulhava na noute de 4 do corrente.

—E que houve?

—Consta-me que o guarda foi preso.

—Deve seguir para o Rio da Prata um tão valente cidadão.

—Provavelmente tem algum defeito que o impossibilite.

—E' hoje garantia que tem todo faquista.

—Ora da-se!

—Sr. Firmo, tenha pena da pobre mulher! dê metade do dinheiro, que eu dou o resto.

—Que sujeito é este do beiço rachado?

—E' um membro do *olho-vivo* que anda pelas cazas das meninas felizes, em companhia daquelle outro, irmão d'um doutor, a roubal-as, a insultar-lhes e a escandalisar o publico.

—E como está tão compadecido a implorar compaixão do outro para uma pobre mulher?

—E' porque está sob a vara da justiça e quer enganar o subdelegado.

—Que patife!

—E inculca se de advogado!

—Muxingueiro, vae metter a taca naquelles dous biltres!

—Disseram-me que os officiaes do batalhão—*Avó Christo*—são uns covardes.

—Como provam?

—Com o facto de terem elles andado a pedir aos guardas que se não offerecessem para o Rio da Prata.

—Isto é serio?

—Affiançam; dizem que só um Barros sustentou seu caracter de militar.

—E burlaram então aquelles miseraveis o plano do commandante?

—Que duvida! Elle pretendia com uma allocução sua haver alguns voluntarios para o seu batalhão....

—E massaram-no assim?!

Miseraveis!

VARIEDADE.

CORTEZIAS E REPLICAS.

—Dr. (disse certo dia o conde de Rochester, encontrando Barow, insigne mathematico do seu tempo) sou o vosso servidor até o centro da gravidade.

—Sr. conde, eu sou o vosso até os antipodas.

—Adeus, Dr., estou ás vossas ordens até o fundo do inferno.

—Adeus, mylord, haveis de permittir que ahi vos deixe.

(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

(COM AUTHORISAÇÃO DE QUEM?)

Xarope peitoral do Dr. Lima Silva, vende-se unicamente na botica de *meu tio*.

Pilulas anti-syphiliticas do mesmo Dr., na mesma caza á rua *Torta* do Commercio.

Vende-se uma taverna ao largo da Soledade, caza n.° 1, em virtude de seu dono querer se retirar para uma das cidades do Norte; quem a pretender, dirija-se á mesma que achará com quem tractar.

Adverte-se a uma *Sinhá Calù*, moradora á rua do Pão-de-ló, que não continúe a incommodar e insultar a visinhança; do contrario será nomeada fachineira do batalhão da *Mata-cobra*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª BAHIA 9 DE FEVEREIRO DE 1865. N.º 170.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 8 de fevereiro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Dr. director dos estudos, partecipando-lhe que, até hoje, acham-se por abrir as aulas primarias de diversas freguezias da capital; convindo por tanto que dê S. Ex. as providencias.

—Nesta Latronopolis tudo se vê! Aquelle *queixinhos de reguingó* não anda a rastejar pelos pés de certo vereador para *conservar-lhe* o logar das *chaves*!

—Cousa ruim! Rastejar é pouco, aquillo é capacho, onde se deve limpar os pés, e si não, veja-lhe o nome: Pedra coração de negro.

—Aquelle *queixos de tribuna* que ameaçou os pobres que moravam em sua terra de serem despedidos, si não votassem na sua chapa!

—Ja vem V. com os malditos partidos!

—Não; mas é preciso que se não esteja a fazer vigorar no seio as viboras que mordem os protectores.

—La isso é verdade, e a camara bem o sabe; são negocios com que me não involvo, nem pretendo.

—Aquillo é mesmo manhoso como um *coelho*.

—E a dar-lhe!

—*Estanhado* como a safra d'um *ferreiro*.

—Ai, Sr.!

—*Milagroso* como um santo *Antonio*.

—Sr., não quero partidarios a bordo!

—Ora boas noutes!

—Grumete, mette um par de machos nos pés deste patife.

—Capitão, a palavra de V. Ex. é uma só?

—Ainda o perguntas!

—Pois então, eu não posso ficar aqui; sou partidario e V. Ex. não quer desta gente a bordo.

—Deixe ir este imprudente.

—Capitão, dá licença para que eu diga o que sei?

—Sendo cousa que interesso pode fallar.

—O tal vigario que mamou os cobres da matriz, além de *mandingueiro* é devasso e falto de charidade; não o julgava mal quem dizia que mais faria elle si o fizessem vigario da *Pirajuhia*.

O homem nunca está em caza, si o procuram para incommendar defuntos!

Certo individuo que tinha o nome de *pedra jacintho*, homem pauperrimo, como mais do que o vigario ninguem sabia, teve a infelicidade ou talvez felicidade de perder um filho; foi ter com o vigario, pediu-lhe que o mandasse interrar, mas o vigario indeferiu a supplica. O homem deixou-lhe na porta o cadaver do menino. O vigario deu ordem a um seu escravo para que o deitasse no mangue, escandalo que não se realisou por intervenção da *comadre*!

—Que malvado!

—Um moço de nome *Firmino*, camarada do *Martins* e compadre do *Santos*, deu-lhe 500$000 rs. para elle trocar quando veiu uma vez á cidade; o bemdito filho da *Madre de Deus* metteu-os no peito, disse que os perdera e havia pagar....

—E ainda não pagou?

—Provavelmente porque ainda não teve com que.

—Muxingueiro!

—Ouça ainda mais este pedacinho, capitão.

—Aquelle bregeiro, em que deviam descançar as familias, passou uma vez em Barcellos, entrou n'uma caza, deshonrou uma familia, seduzindo-lhe uma filha e raptando-a!

—Muxingueiro!

—Vive com ella.

—Manda os grumetes *Antonio e Nunes* procurarem esse patifão para amarral-o a um *pinheiro*, onde far-lhe-has as contas, ouviste?

—Será obedecido, Sr.

—Ora isto! La se foi o chapeu de sol do homem!

—Quem é elle?

—E' o Rios, do Barbalho; vinha aquelle carro por um lado, elle montado pelo outro, e aquella grande *empanada* rasgou-lhe o chapeu todo.

—E' mau isso. Não haverá acaso um methodo para as empanadas? pode cada um fazel-as do tamanho que quizer? ainda que impeça o transito publico? ainda n'uma rua estreita como o Taboão?

Ora vejam; empanadas d'um lado e outro—umas a chegar ao meio da rua, faça ideia que espaço fica para os viandantes, para os carros, e principalmente para os cavalleiros!

—La disso não sei; temos fiscaes, temos camara, cada um tem sua obrigação. Eu o que sei é que esses sujeitos que deitam grandes coberturas em frente ás lojas, tem um fim: escurecel-as para impingirem os alcaides que tem.

—Ahi é que está a força do verso e a grandeza do poeta.....

—*Sabidos*!.....

—*Declaro guerra á carestia.*

—Que valente Roldão é este?

—Um exaltado campeão da bareteza, um denodado e joven *guerreiro* que appareceu.

—Em boa epocha; deve o governo aproveital-o no Prata.

—Bem aproveitado está elle aqui, pois tem dado que fazer a muito gallego insolente, que vive a entreter-se com a vida do moço por que é brazileiro.

—Que canalha!

—Em tudo o que o moço annuncia acham elles logo um defeito. Querem ganhar mundos e fundos, além dos roubos, e como encontram quem os não deixa ir adiante, toca a detractar de quem poderá ser infeliz, como são sempre os brazileiros porque não roubam!

—Canalha, canalha!

Aspirante, expeça suas ordens para que a policia secreta vá conduzindo para bordo os tratantes que se occuparem com os brazileiros honrados.

—Capitão, ja sabe que os estrangeiros, principalmente os portuguezes estão a despedir os caixeiros que são guardas nacionaes?

—Estão no seu direito.

—Veja que gente!

Uns offerecem-se para promover uma subscripção em favor das familias dos bravos que partiram; outros seguem como voluntarios, e outros, meia duzia de patifes, deixam sem pão pobres moços que são obrigados a servir na guarda nacional pela lei de seu paiz, paiz que amamenta a esses ingratos que nelle rapidamente adquirem fortuna e tão mal tractam a seus filhos!

—O que me parece é que V. é inimigo dos estrangeiros.

—Por Deus que não; sou pelo contrario amigo sincero dos bem intencionados, dos honestos e moralisados.

Mas não posso deixar de clamar contra o abuso e o desaforo praticados por alguns desertores das prisões d'Europa, meia duzia de bandidos e salteadores que vivem a dar garrote na fortuna alheia, que contrabandeam, que traficam, que passam moeda falsa!

—V. tem rasão, rapaz.

Ai delles, quando um dia o povo exigir vingança de tantas affrontas!

—Ora da-se!....

—*Que não vá a desmoralisação em marcha ascendente até abysmar o paiz.*

Ca ca ca ca!

Como está talentudo o ex-soldado de permanentes, o antigo official dos urbanos! Depois que fez sua *horta*, ou antes sua roça n'um *cofre* polici-*economico*, depois que o saqueiou, que o vasculhou, ficou cheio de *conhecimentos*..... .....

E' um talento!.....

Agora quem pode com elle?! tinha a cara dura, mas era preciso tapar o —L—que trazia na testa e cobriu-a com uma chapa de ferro; pelo que ficou sendo conhecido por *testa de ferro*, nome que se dá ás pessoas que subscrevem os artigos alheios.

—Ah!....

—Veja la V. que talento!

Em quanto uns retiram papeis de archivo, retiram outros cobres dos cofres.

—E com essas *graças* que val alcancem os ladrões *victoria*?!

—Este mundo tem cousas!

(*Continúa.*)

Enigma.

—Dizem que houve um defloramento no Curral.

—Ouvi fallar nisto: está preso o criminoso.

—Houve corpo de delicto?

—E' provavel; sem o que não se pode affirmar nada.

—O delinquente foi preso em flagrante.

—Que bipede!

—Ja houve tempo em que se disse que uma vaca parira meio homem e meio boi.

—Bipede com quadrupede.

Mas a que vem isto?

—Valha-me S. *Alexandre*!

—*Variações*.

—A natureza!....

—A carraspana!....

—Que diz, Sr.

—Que sou um homem infeliz....

Toca rebate, bahianos!
Seminaristas, alerta!
Franguinhos, fugi do bicho,
Do papão de boca aberta!

Rataplam, plamplam, plampam
Na Bahia ha grande cousa;
Cousa grande, que é chegada
De Sergipe uma *raposa*.

Todo o *Brazil* que é *catholico*
Se salva co'o *jornalista*:
Pelo *papão* ser *papado*
Basta p'ra se ser *papista*.

Que um gallego ratoneiro
Nos venha levar dinheiro—
Passaremos;
Mas q'um bruto, um brutalhão
Nos ensine religião
Não soffremos.

Que uma raposa se arvore
Em gente e cannas devore
Tem um passo;
Mas nunca havemos soffrer
Que os *frangos* seja a *comer*
Tal devasso

Assim pois, vamos a elle,
Eia sus!
Morra quem come as ovelhas
De Jesus!

A PEDIDO.

Lembrête.

Pede-se ao Sr. Herculano Antonio Pereira da Cunha Junior, 1.° vigario da veneravel ordem terceira do Carmo, para que lance suas vistas ao § 10 do Cap. X., segunda parte dos Estatutos que actualmente regem a Ordem, não se imbuindo nas comportas do fabricante dos vigarios da dita Ordem, nem daquelle que diz—que tal gente só elle sabe levar com..... visto aproximar-se a quaresma, e o Sr. vigario tem dous actos a desempenhar, onde o tal sujeito conta fazer sua pepineira costumada, e que tendo execução o dito § talvez seja de vantagem á Ordem.

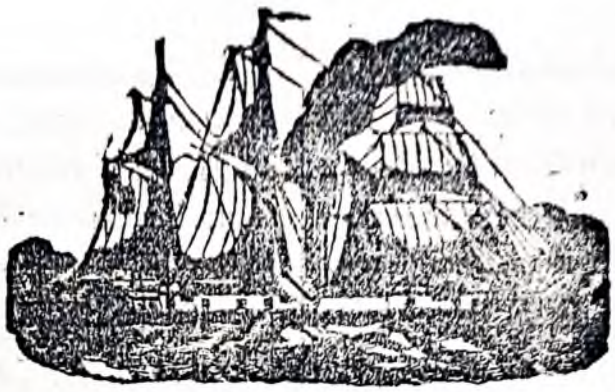
O amigo dalei.

ANNUNCIOS.

Vende-se uma taverna ao largo da Soledade, caza n.° 1, em virtude de seu dono querer se retirar para uma das cidades do Norte; quem a pretender, dirija-se á mesma que achará com quem tractar.

Pede-se por especial favor ao Sr. Julio Martins Coelho, do apparecer na casa n. 110 a rua da Pocira, para negocio de seu interesso.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª BAHIA 11 DE FEVEREIRO DE 1865. N.º 171.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 10 de fevereiro de 1865.

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

O alferes Cutila, tendo passado para a reserva, offerece sua espada para a commandante do batalhão Mata-Cobra.—Tire a ferrugem e volte.

—Os herdeiros do padre Zorra, pedindo a restituição de sua batina, que se acha no uso do padre J. das Pimentas, que a tem consideravelmente estragado, tirando-lhe a côr primitiva e os colchetes.—Chamem-o perante o juiz de paz de sua freguezia, o Lobo da Soledão.

—Xita, pedindo tres mezes de licença para ir á cidade do Forum estudar as materias do curso escrivanologico.—Dirija-se ao lente Fiote.

—Está um rapaz processado, um pobre homem, um infeliz que tem de ser julgado hoje no Jury e sabe Deus que sentença terá! Commetteu um crime, apertado pela necessidade, e quem sabe si como João Valjean não será elle arrojado a um carcere por ter querido matar a fome dos seus, por ter furtado um pão!

Pobre brazileiro!

Entretanto acaba de se dar o seguinte facto:

Um gallego que vende quartinhas foi a um certo que vende quinquilharias e pediu-lhe que servisse de abonador n'uma lettra de 600$rs. O homem negou-se e o *quartinheiro* comtudo serviu-se da firma, que falsificou e que foi acceita.

Um director da caixa encontra José Rodrigues, o *quinquilheiro*, e diz-lhe para agradar, que fora descontada a lettra que elle abonara.—Nenhuma, Sr.—Pois appareceu uma em taes e taes condições e foi acceita.—E' falsa.

O director, correndo, passou por uma *horta* e foi ás quartinhas.

—Si não paga, disse elle ao dono dellas, o importe da lettra, vae á cadeia.

O gallego virou, revirou, mecheu,

remocheu e vomitou in continenti os 600$ rs.

Si não fosse portuguez, si fosse brazileiro, não tinha aviso, era logo remettida a lettra á policia, como succedeu com o infeliz moço que lá está no tribunal a estas horas.

—Mas a culpa teve ello em se fiar em gente de sotaina.

—Faz favor não dizer nada a respeito!

—Capitão, estou muito zangado.

—Porque, Bucha?

—Por que supponho ser experto em mil alicantinas, que tenho feito, espichei-me como uma besta quadrada.

—Explica-te, Bucha.

—Por conselhos de um *leitão* vendi o meu lugar ao genro. Ao principio tudo foram flores para eu vender o emprego, mas agora só tenho achado espinhas para cobrar o meu ferro por que o tal Xita, depois de me dar uma nota de 50$000 rs., que tomei por insulto, visto ser este numero com que embirro...

—Faça conclusos, Bucha.

—Capitão, vou fazer todo o possivel para não o massar.

Zangado, passo a mão aos 50$ rs. e dirijo-me ao sogro para queixar-me. Ahi sou convidado para jogar o trinta e um e em menos de uma hora o Piroca lambeu-me o ferro. Desespéro com o negocio e rompo com a sucia. Sabe o que fez, capitão, o leitão? propoz-me supprir de pão e bolaxa por dous mezes e com isto me pagar o emprego, para o que ia dar ordem ao caixeiro Gustavo.

Em resumo, capitão, venho com vontade de que V. me publique tudo isto no *Alabama*.

—Isso não faço eu, Bucha.

—Pois, capitão, esses homens não satisfeitos com visgar o meu officio, ainda foram denunciar de mim á Mesa de Rendas por engano, que tive ao passar algumas escripturas.

—Bucha, basta, que eu não estou mais para aturar-te.

—Bem, então recorro ao Exm. Sr. presidente, para ver si dá meu livro.

—Capitão, vou lhe contar uma historia.

—Ouçamol a.

—Um dia.

—Ah! é negocio de carochinha!...

—Que ás vezes serve.

Um dia, habitava em Latronopolis um *menor* de *cavallos*, conhecido por *Besta-é*, altivo, estupido, orgulhoso, tolo, insolente, rancoroso e malvado como são todos os estupidos.

Tinha plantado, com seu desinvolto proceder, com seus escandalosos deboches, com sua revoltante extravagancia, a desmoralisação na sua repartição. O publico que recebe sempre os *novos* com agrado, começava a repudial-o, a ter-lhe asco, tanto que ninguem mais o quiz no interior de sua familia. *Besta-é* ficou moralmente morto.

Era porém preciso que *Besta-é* désse um signal de que besta é.

Intrigado com todos os companheiros, e querendo delles vingar-se, rasão porque andava a dizer que no Sul é que havia de ensinar estes latronopolitanos, escreveu a um marquez, que alguns diziam ser o futuro ministro da guerra e pedin-lhe que o mandasse buscar com os cavallos.

O marquez que julgo ser o de *Caïxinhas* fez tanto caso da besta, como fazem delle certos sujeitos que vão tomar banho depois do exercicio.

—Desliude-me isso.

—Fica para o fim; V. Ex. me lembrará depois.

—Sabe mais ou menos o que tinha a carta?

—Entre outras cousas, dizia que elle estava ancioso por sahir d'uma terra, onde qualquer moleque era redactor de gazeta.

—E como sabe V. disto?

—Juro que assim era, porque m'o disse gente que viu.

—Então não é isso uma historia da carochinha?!

—Tem rasão, capitão. Continuarei. O bruto como não teve despacho favoravel á sua satanica pretenção, começou a queixar-se do Exm. Sr. presidente e foi até um dia ao ajudante dizer-lhe muitas asneiras, entre as quaes a seguinte:

« Não pode ter uma pessoa para lavar o seu cavallo; é em quanto eu quizer; quando não, acaba-se a historia. »

—Olhe que bobo!

—E até hoje ainda não resolveu-se a acabal-a.

—Oh! ainda é vivo?

—Não, Sr., a historia ja se sabe que é da carochinha.

Mas sim, Besta-é, zangado com estas e outras, visto que nem resposta teve do Miranda...

—Que Miranda?

—Deixe passar, capitão. Besta-é, como dizia, fez uma *boa-viagem* e aboletou-se com um *machado* que começou a cortar-lhe capim, dando-lhe duzentos feixes por mez e apparecendo uma conta de trezentos.

—Bagatella; ainda hontem me disseram que no ministerio da guerra gastava-se, no tempo do Manuel Felizardo, 60:000$ rs de pennas de aço!....

—Uma vez levou para seu commodo um preso sentenciado, que era alias muito devoto de santo *Antonio* e de N. S. da *Conceição* e o *Rodrigues* empinou-se.

Besta-é chorou, implorou que o valessem os companheiros a quem elle trata com tanto rigor.

Tiveram pena da besta e carregaram com a culpa que só o *menor grande* devia expiar.

Um dia, não podia ser sinão bebedeira, diz elle:

«Por S. *Mauricio*, por S. *José*, por *Santa Ignez* este homem ha de ser castigado com setenta pranchadas na bunda».

—Mas, Sr. *menor*, falta o medico, o Dr. *Madureira*.

—Que medico? que *Teixeira* é este?

—Oh! Sr. *menor*, o medico do corpo.

—Todos os medicos são do corpo.

—O medico da nossa corporação.

—Por S. *Constantino*! o medico sou eu: fogo no cujo!»

E o infeliz ficou tão maltratado que ainda está no hospital.....

—Oh! é então verdade?

—Historia de carochinha, capitão.

—Isto está me cheirando.... isto negocio de besta é.....

—Pois ainda tem duvida, capitão de minha alma?!

(Continúa.)

—Como grita aquelle sujeito!

—Qual?

—Aquelle que está alli defronte do Forum, a dar com as mãos, de paletot de yanzú e sem gravata.

—Que diz elle?

—Eu sei la!

—Ouça. Disse que indireita a justiça com seu cassête.

—Sim; queixa-se de o qualificarem

juiz do facto o agradeceo a dispensa do juiz do direito.

—Ora! tambem um bruto daquelles feito juiz de facto! Infeliz do que tivesse de ser por elle julgado.

— Felizmente elle se conhece, já é alguma cousa.

—E quem é elle?

—E' um porqueiro.

—Onde mora?

—Na freguezia dos sanhaços.

—Em que rua?

—Na Lapa Pequena.

—Que nome tem?

—Juro-lhe por santo *Eusebio* que ignoro.

—Oh! que a tal freguezia dos sanhaços tem bons pedaços!

Aos Exms. Srs. Des. Presidente da Provincia, marechal commandante das armas e Dr. chefe de policia.

Consta que tem andado, pela freguezia de Santo Antonio, em busca do Sr. Igrapiúna, para o *correrem de páu*, o Sr. Requião cadete do esquadrão de cavallaria e quatro soldados do mesmo corpo cujos nomes são os seguintes:

José Zepherino, Manuel Joaquim de Souza, José Ricardo Viegas e José da Silveira Vidal.

Pede-se pois providencias.

VARIEDADE.

A escolha dos oculos.

Um velho, muito impertinente, entrou um dia n'uma loja d'oculista para comprar uns oculos. Topando alli o caixeiro que não era muito bom de dar a orelha, declarou-lhe sua pretenção, a que o caixeiro satisfez, apresentando lhe uma grande porção d'oculos à escolha e juntamente um livro para as experiencias.

Percorrendo todos os oculos e sem achar nenhum que o contentasse, pediu o velho nova porção que sem demora lhe foi ministrada. Seguiu-se o mesmo exame e o mesmo resultado.

Como pedisse terceira porção, ainda o caixeiro teve a condescendencia de lh'a apresentar, mas já de má vontade.

Feito sobre estes o mesmo exame que sobre os precedentes e sem melhor resultado, o caixeiro que já não podia conter a raiva, lhe diz no tom desta paixão, quando elle fazia a experiencia dos ultimos:

—Então por esses o que é que vê? diga, o que é que vê?

—O que vejo? lhe torna o velho abrindo muito os olhos e a boca; o que vejo? vejo um burro!

—Pois, Sr., lhe redarguiu o caixeiro, descendo algum tanto de tom, não se admire de que assim aconteça, porque sem aço, servem de espelho todos os vidros desta loja.

(*Extr.*)

A PEDIDO

Noticias Diversas.

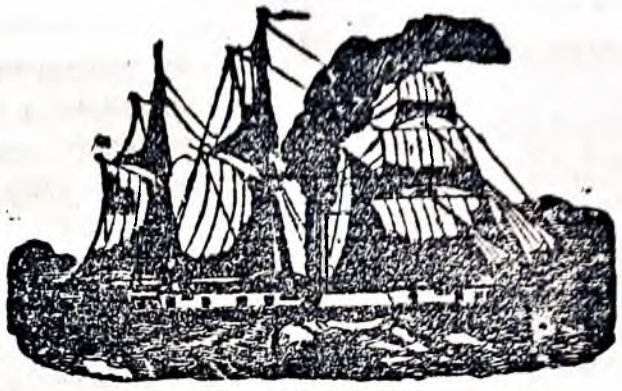
—Tendo o Xico Garrote renunciado á vida de empregado publico, para não obedecer á remoção, resolveu-se a prestar exame de medico com a protecção do Dr. Surdo e realisou-o ultimamente, tendo sido approvado nas seguintes materias:

Estupidez—plenamente.
Petalogia—plenamente.
Adulação—com grandeza.
Descaração—» »
Intriga—com louvor.
Calumnia—com distincção.
Detractação—com excesso.

—

Consta-nos que o Sr. tenente Santo das Peras offereceu-se ao governo para servir de cosinheiro mór nos Zuavos. Si a offerta for aceita, ninguem a desempenhará melhor, visto que o referido tenente é presentemente o dono das panellas de Nagé, celebres por suas excellentes feijoadas, de todos os ovos postos em cama e da famosa colher do Beiramar, herdada por seus parentes monteiros.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª BAHIA 14 DE FEVEREIRO DE 1865. N.º 172.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 13 de fevereiro de 1865.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á baixa dos Sapateiros e procure o dono de um hotel que ahi existe, e faça-lhe ver que ha repetidas queixas de que no seu estabelecimento ha constantemente jogos prohibidos, para o que ajuntam-se alli logistas, caixeiros, filhos familias, &; o que no caso de ser verdade, deve cessar immediatamente. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ás moradoras do 1.º andar do sobrado nº. 5 ás Portas do Carmo ao sahir para o Pelourinho e faça-lhes sentir que não podem continuar com o seu feio comportamento incommodando a visinhança com alarmas todas as noites fora de horas, na occasião em que chegam seus *Adonis*, como succedeu ainda na noite de 9 do corrente. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que acompanhado do muxingueiro va á rua do Maciel e faça desmanchar uma *baderna* de capadocios que se reune no corredor do sobrado n.º 33 a insultar as pessoas que passam e a praticar actos reprovados. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

J. das Pimentas, offerecendo-se para capellão dos Zuavos, com tanto que as missas sejam ditas com aguardente. —Indeferido, vista a heresia da proposta.

Noticias do Sul.

O espaço é pouco para detalhadas noticias.

O Paraguay continúa a investir-nos, a aggredir seus visinhos, a invadir nosso torrão.

Matto-Grosso está entregue a suas rapinas, a suas devastações, a seus horrores.

De Coimbra passam a Pequeno, a Ponte, a Nioac, onde saqueam tudo, até excavando a terra.

Dahi vão a Aibuquerque, a Corumbá, donde mandam aprisionar tres na-

vios brasileiros, *Anhambay*, *Jacobina* e *Juara*.

Suas communicações officiaes o não dizem, mas é certo: matam tudo que encontram; velhos decrepitos, estrangeiros embora, mulheres e crianças! . . .

E para maior horror, dizem, por espirito de inaudita perversidade cortam as orelhas a nossos patricios e as mandam levar ao cão dictador!

Bahianos! O imperio, a nossa dignidade implora-nos mais 2440 bravos!

Eia!

Vede como a respeito se exprime a *Semana Illustrada*:

« Brenno bate ás portas de Roma. . .

« Brenno? engano.

« Esse gaulez era barbaro, mas o administrador da fazenda do Paraguay é ainda mais barbaro e muito mais perfido.

« Lopez bate ás portas de Cuyabá, invadiu Matto-Grosso.

. . . . . .

« A constituição politica do imperio chama ás armas todos os cidadãos no caso de invasão do territorio nacional.

« Nosso territorio foi invadido. Uma rodilha da cosinha de Lopez a que se dá o nome de bandeira do Paraguay, fluctúa nas ameias do forte de Coimbra.

« Que mais é preciso para que aos bravos de Paysandú se reunam quarenta mil bravos das provincias do imperio?

Que mais é preciso para que vão a Humaitá e á escravisada Assumpção tomar serias contas a Lopez 2.°, trahidor, filho de trahidor, amamentado com o leito da trahição, em terra da infamia e servilismo sem rival?

« Brazileiros! Unamo-nos, levantemo-nos como um só homem! vinguemos estrondosamente as offensas torpes, jogadas á face de nós todos!

« Façamos de Humaitá e de Assumpção o que fizemos de Paysandú! »

Historia.

Houve tempo em que um velho safado, que por milagres de S. *Felisberto* foi doutor, deu para escrever gazeta.

O diabo tinha sido aguazil ou belleguim de policia, quando o seu verdadeiro emprego era réu de policia, tanto que tinha feito certos furos n'um cofre; apresenta-se-lhe um sujeito e diz:

—De quem são esses escriptos?

—Meus.

—Teus! Escreve-me pois o que está neste papel.

—Aqui está.

—Lê.

—Na *Graça* avia um dotô, ou antes um miseravel curandeiro, ladrão justamente como negro feitiseiro, o qual cá cabia curar com as folhas de certa *horta*.

—Vejam que burro!

Ja te esqueceste da *Marmota*, prevaricador relapso, bugre corrupto?

Pois olha, agora tens a teu serviço o muxingueiro do *Alabama*.

(*Continúa.*)

—Capitão, sabe?

—O que?. . . .

—Já foi á villa de *Sant'além*?

—Ainda não.

—Pois vá, capitão, que ha de ver boas cousas.

—Então, o que achaste lá de mais importante?

—O que, capitão?. . . muita cousa; ha alli um juiz municipal e de orfãos, que dá as audiencias de camisola.

—Rapaz, isto é impossivel!

—Não acredita, capitão? Pois pergunte ao escrivão delle, que lhe mora visinho, o que tem sempre o incommodo de se compor para comparecer nas audiencias; nem assim o tal juiz lhe segue o exemplo, a ponto do escrivão ter vontade de se apresentar da mesma forma.

—E porque não faz o mesmo?

—Porque? Porque o escrivão, as partes e seus procuradores, os espectadores que lá vão, e até os meirinhos são pessoas de vergonha, capitão, que em toda a parte ha bons e máus.

—Or', o juiz não faz isto, são historias da carocha.

—Historias da carocha, não capitão; elle anda por toda aquella villa da mesma forma, até com sua familia; ainda na noite de Natal, esta do anno passado, estando as casas bem illuminadas, elle sahiu acompanhando uma senhora (sua filha) decentemente vestida, pelas principaes ruas daquella villa, paramentado assim com a sua ridicula, costumada, e inseparavel camisola das audiencias.

—Que dizes, rapaz?! esse juiz é maluco, ou bobo?

—Nem uma, nem outra cousa, capitão; elle até blasona muito de seu bom procedimento, de ser homem de bem, muito serio; e na verdade é serio, porque dorme muito em qualquer acto, seja de suas audiencias, ou qualquer outro que não seja de seu particular interesse.

Dorme n'uma cadeira, como n'um bem fabricado colxão!

E' pessoa de juizo claro, e bem affirmam tantos cabellos brancos que ja tem.

—De que maneira, pois, queres que seja reprehendido?

—Não, sei, capitão; V. Ex. faça justiça e saiba mais que o tal quidam mandando applicar o sacramento da Eucharistia a uma pessoa de sua familia, recebeu-o vestido da mesma forma!

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Vae agarrar esse patife, tira-lhe a camisola, e dá-lhe de rijo no couro com outro couro.

—Isto só, capitão?

—Si elle não se emendar com esta lecção, dá-lhe um banho de cabeça p'ra baixo na cloaca do navio.

—Isto sim, capitão; prompto.

Epigrammas.

O ministro Las Carreras
No nome a sina terá;
Quando lhe entrarmos por caza
Que *carreira* elle dará!

Joga-se agora no Prata
Um jogo dos menos maus:
O Lopez è o rei de copas,
O Aguirre é o dous de paus.

(Da *Semana Illustrada*.)

A PEDIDO

Noticias da Corte. (a)

Pelo vapor *Oneida*, chegado a 11 do corrente, consta que cahiu o ministerio e in continenti foram nomeados:

—Tenente coronel do 4 ° batalhão o capitão Lazaro José Jambeiro.

—Inspector da alfandega da Bahia o Sr. Francisco José Monteiro de Carvalho Junior, ficando aposentado o actual.

—Inspector da thesouraria geral o Dr. Paulo Joaquim Bernardes da Malta.

(a) Não garantimos as noticias, que não encontramos nos jornaes; provavelmente vieram em alguma carta particular.
A Redacção.

—Foi escolhido senador por Paysandú o Dr. Moncorvo Tiberio.

—Commandante das armas de Matto Grosso, o coronel Galatéa.

—Chefe de policia da Bahia o Dr. Manuel Alves da Cruz Rios.

—Foi aposentado vigario da Sé do palha o padre Maximiano Avó de Christo.

—Consta que foi escolhido na vaga havida para desembargador o S.r. Dr. Henrique Jorge Rebello.

—Consta que fora escolhido para bispo do Rio de Janeiro por decreto de 2 do corrente o Dr. padre Des. vigario conego Antonio da Rocha Vianna.

—Por decreto da mesma data foi nomeado bispo de Goyaz o padre José Maria d'Almeida Varella.

—Para conego da Sé metropolitana da Bahia, na vaga deixada pelo conego Rocha Vianna, o muito reverendo padre Jacintho d'Araujo Pimenta.

—Por decreto de 3 foi nomeado para juiz de direito da 2.ª vara da capital da Bahia o Sr. Dr. Ermano D. do Couto.

—Para juiz municipal da 3.ª vara o Dr. Americo de Souza Gomes,

Condecorações. —Por decreto de 4 foi agraciado com o titulo de barão do Queimado o Sr. commendador Paulo Pereira Monteiro; com o de barão do Cabula o Sr. commendador José de Barros Reis e barão da Calçada o S. Joaquim de Castro Guimarãos.

—Foram agraciados com o habito do Cruzeiro os seguintes Srs:

Dr. Antonio Dias Coelho, Antonio Dias de Magalhães, Dr. Ludgero Rodrigues Ferreira, José Alves do Amaral, coronel Raymundo Magarão, Francisco de Azevedo Monteiro.

—Consta que S. M. o Imperador, tendo tido noticia do merito artistico do cidadão Manuel Pedro, resolveu nomeal-o por decreto sem data musico da capella Imperial.

—Por decreto de 7 foi nomeado tenente coronel do batalhão de Brotas o Sr. Manuel Jeronimo Ferreira.

Porque o Sr. cunhado do director lá da Barra e fiscal da fiscalisação não moralisa o desconto da letras da semana do illustre cunhado com o *Rabo de Christo*—que tem tanto como o tratante do indoçador? como não attende aos embarques das biscas? porque é fiscal do banco de certos D D verbi gratia o *gram charuteiro* que tem lá uma divida horrorosa e mal garantida? Quando elle havia tirar os 80 bicos de bicos daquella caza não sendo director? E se não fosse o homem que o Sr. lá da Barra agora procura incommodar com suas mal combinadas historietas em quanto estaria a tal bisca? Proseguiremos—porque é bom saber-se que taes são os sujeitos que querem vendor o vinho com ramo em diversa porta.

Puf puf puf e então?!

ANNUNCOS.

Vende se á Cruz do Paschoal um fardamento de tenente coronel e outro de seu fallecido cavallo.

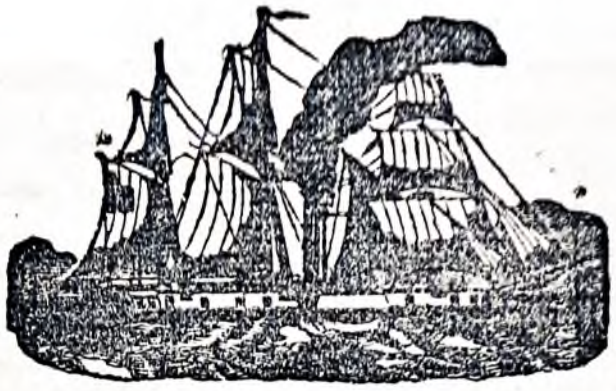
—Breve sahirá á luz o tratado completo de *chymica aquatica* pelo Dr. Gilet Doré.

Vende-se a fazenda denominada—Manguê—situada na Ilha dos Frades, freguezia da Madre de Deus do Boqueirão, com grande numero de arvores fructiferas (principalmente coqueiros) duas excellentes cazas bem construidas uma de campo que serve de morada, e outra do alambique, grande matto com boas madeiras para construcção, tres fontes de boa agua que nunca secam, bons pastos para criação, e muitas bemfeitorias.

Quem pretender dirija-se á rua dos Marchantes sobrado n. 5 que achará com quem tractar.

Quem precisar d'uma ama, dirija-se á rua dos Marchantes n, 20.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª BAHIA 16 DE FEVEREIRO DE 1865. N.º 175.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 18.ª serie do *Alabama*.

Ao publico.

O correspondente bahiano do *Diario do Rio* diz a nosso respeito (depois de uma grande adulação ao Sr. conselheiro Saraiva que della ri-se) o seguinte:

«Declinando o nome *deste* illustre bahiano, não posso eximir-me de noticiar, para maior gloria sua (*ad majorem Dei gloriam*, talvez....) que o *Jornal da Bahia* recebeu delle a mais acabrunhadora reposta por ter transcripto nas suas columnas um *infame* artigo de um *paschim* que se publica nesta cidade sob o titulo de *Alabama*.»

E vae por ahi adiante a mimosearnos com as delicadas expressões de cavalheiro.... de industria que é.

E si não é, que apresente se ao publico da Bahia para ser conhecido. Convidamol-o a isso solemnemente. Queremos saber quem é o liberal inimigo da *gazetinha que tem insultado a meia Bahia*, sem que haja lei que a contenha, magistrado que a puna.

Queremos, pelo menos, pôr em paralello a *vida illustre* do correspondente e seus ascendentes com a vida obscura *das entidades sahidas das infimas camadas sociaes*, os impressores Marques, Aristides e C.ª, ja que não somos conhecidos.

E' um solemne desafio.

E uma vez por todas declaramos que nem uma palavra diremos mais sobre o Sr. conselheiro Saraiva.

O publico que leu o artigo faz-nos justiça.

O artigo foi qualificado de infame por um bigorrilha, fugido talvez de todos os partidos, que ninguem sabe quem é: entretanto houve quem o chamasse *inspirado*, gente honesta, empregados publicos antigos de quem até hoje se não notou ainda um acto de prevaricação; intelligencias esclarecidas, prodigiosas; sacerdotes bomquistos, populares; todos os homens de bem em cujo animo cala a verdade que é o que contém pura e simplesmente o artigo alludido, exceptuando os sessenta

contos que é cousa que vem do senado, segundo diz o proprio Sr. Saraiva.

E tanto o artigo só continha a verdade, tanto se receiava que ella triumphasse, que no outro dia o *Diario* official ameaçava-nos com a cadeia e *alguem*, cujo nome citaremos si a isso nos obrigarem, pedia a um nosso amigo como grande favor o não continuarmos & & &.

Em attenção pois a este *alguem*, temos feito nosso proposito.

E o *liberal paschineiro* que appareça!

Para recebel-o com gosto lhe enviaremos deputado o nosso incansavel e sempre applaudido *aspi ante*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 15 de fevereiro de 1863.

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

J. Venancio do Rapé, pedindo permissão para crear uma companhia de voluntarios veteranos.—Como requer, com tanto que sejam todos maiores de 60 annos.

—Linguinha, offerecendo-se para corneta dos Zuavos, visto não ter dentes e ter o queixo molle.—Cortando a lingua danninha, volte para ser attendido visto que serve cada um para o que nasceu.

—Os moradores do segundo districto dos Sanhaços, pedindo a nomeação de um primeiro supplente para a sua subdelegacia.—Informe o *Pitinga* das negras.

—Amanhã, quinta feira 16 do corrente, celebra S. Ex. Revm. missa cantada, na cathedral, pela alma dos bravos que morreram em Paysandú.

—Ha *Libera me* e sermão, e são convidados todos os cidadaos.

—Ha tambem, no mosteiro de S. Bento, missa pelos que falleceram em Paysandú e no aprisionamento da *Anhambahy*.

—*Requiem æternam dona eis, Domine, et lux perpetua luceat eis.*

—Capitão, aqui está a—Organisação dos Poderes Constitucionaes nas Monarchias Representativas.

—Quem é o author?

—O academico José Pedreira França Junior.

—Que tal é a obra?

—Capitão, eu não posso avalial-a, nada intendo de politica; mas o que é certo é que alli ha grandes ideias, necessarias reformas que calam no meu coração, que se conformam com o meu fraco pensar.

E depois o moço é um reconhecido talento.

—Deus o fade bem.

Mande agradecer-lhe a remessa da sua interessante obra com que se dignou honrar-nos.

—Apre! ja se não pode dormir!

Depois que principiaram as rondas de vapor, é só desordem, o apito não para!

—Onde é isto?

—Em Santo Antonio, ao menos; ainuma destas noites chuvia a bom chuver, e o apito a trabalhar.

—Ah! ja sei o que é. Na freguezia de Santo Antonio, ha um inspector encarregado de fiscalisar as patrulhas e quando são disso incumbidos certos bobos, querem arrotar grandezas, querem dar na vista e começam a incommodar o publico.

—Olhe que a tal freguezia tem cousas!....

(*Continuação.*)

—Continue. Estavamos no ponto de Besta-é ter mandado castigar o guarda que *ainda* se acha no hospital.

—Agora, capitão vae ouvir um facto escandaloso, tremendo, arbitrario, despotico, tirannico, infame, abusivo, indigno de um chefe moralisado, só proprio d'um selvagem carcamano, cujo proprio nome indica que é um burro, um besta.

Ouça:

A lei da chibata estava suspensa; o castigo da prancha não podia ser arbitrariamente applicado; um conselho se fazia preciso anteriormente. Foi isso um triumpho das ideias liberaes.

Pois Besta-é que se dizia liberal, acostumado com os bois e os cavallos do Rio Grande que tem do que elle mais prestimo.....

—Não diga!

—Que duvida! Besta-é só serve para *comer*.

—Então é vivo o homem?

—Não, Sr.

Besta-é, inculcado liberal e acostumado com os brutos, salta por todas as considerações, escoucêa o legislador, pisa as leis e só seu bestunto o guia!

—Que ha de haver sempre em todos os partidos canalha que os desacredite e pollúa!

—E si V. Ex. visse-o mettido n'uma eleição que houve, então teria nojo do mundo; davam-lhe uma immerecida importancia, porque andava a incommodar a visinhança com os desafinados sons de uma musica que creou para si. Felizmente morava elle no curral e a visinhança era sua gente.

—Mas que fez então Besta-é?

—Que fez?! Nada menos do que mandar ☞ *dar de chibata n'um furriel*, sem ser ouvido o conselho, sem ser presente o medico, sem tirar-lhe as divisas e com a reprovação dos seus companheiros, superiores, como elle, que não tendo officio é *official*.

—Não creio.

—Pois creio eu, porque sei que até o furriel é o *Antonio* de S. *Raymundo*, que foi quem plantou uma *pereira* n'um *lago* que ha por alli.

V. Ex. não crê?!

Em quem? Em mim que conto a historia, ou na historia?

—Na historia, rapaz; contaram-lh'a, V. conta-m'a.

—Pois olhe, ella parece de carocha, mas nada disso tem. Quem presidiu ao castigo foi um 1.° cadete 1.° sargento.

—Pois me diga o nome delle que eu acredito.

—Estou compromettido, meu capitão; jurei por S. *Francisco* não dizer a ninguem, mas saiba V. Ex. que é *Sallustiano*; o *Silva* foi quem me disse.

—E queria esta besta marchar para seu pasto, no Sul para *ensinar* os filhos daqui! Veja o que não seria!

Si aqui, em Latronopolis, na capital, onde ha presidente de provincia, commandante de armas, e um enxame de authoridades civis e militares, Besta-é abusa assim, não respeita a lei, quanto mais nos pastos onde foi creado!

E entretanto tudo isso ha de ficar sem castigo!

(*Continúa*)

Historia.

(Continuação.)

«—Sr., não me insulte.

«—Pois, burro, déste agora para assignar de cruz descomposturas alheias!

«—Sr., os escriptos são meus.

«—Pois tu tens mais geito para carapina, pedaço de massa bruta. Anda; com estas chapas do *caixa*, com os *conhecimentos* que tens da lei *economica*, vae tapar os furos do cofre que fizeste, ladrão! Anda!

«Dize-me que papeis te foram negados? Não sabes tu que estavam os livros guardados por que os não guardou o secretario, teu amigo e companheiro, especulador como tu?

«Olha, biltre, si continúas, vou já ao capitão do *Alabama*.»

—Então quando se passou isto já aqui estava o *Alabama*?

—Sim, Sr.

(*Continúa.*)

A PEDIDO

Attenção.

Dá-se o premio de 100 feixes de capim (differença que apparece em *certa conta*) a quem souber e declarar quantos dias ha que são dispensados de responder á ultima revista á noite, os guardas do esquadrão de cavallaria, de nomes: Manuel Joaquim de Souza, José da Silveira Vidal, José Ricardo Viegas e JOSÉ ZEPHERINO.

Noticias Diversas.

Prestou exame o *gallinha assada* dos preparatorios que tem estudado para matricular-se em medicina, e distinguiu-se nas seguintes materias:

Estupidez—plenamente.
Ladroeira em rifas—com louvor.
Descaração—com grandeza.
Adulação—idem.
Calumnia—idem.
Detractação da vida alheia—idem.
Intriga—plenamente.

Offerecimentos. —A' semana passada foram feitos ao governo os seguintes offerecimentos:

O Brito das Areias offereceu os direitos das rezes que tem matado sem licença da camara.

—O fidalgo da *Vovó* offereceu todos os rendimentos do charéu que se pescar durante a guerra no Sul.

ANNUNCIOS.

Patriotica Associação d'Artistas.

A direcção conformando-se com a crise por que está passando o paiz, deliberou convocar a assemblea geral extraordinariamente no domingo 19 do corrente ás 4 horas da tarde na salla das sessões á Barroquinha para accordarem na continuação ou dissolução da referida associação. Outro sim, avisa-se que em caso de dissolução o thesoureiro pagará logo as mensalidades recebidas. Bahia 16 de fevereiro de 1865.—*João Rebouças*, secretario.

Ruas onde ha casas de «divertimento licito» para a rapazeada.

Ladeira da *Doença*.—La não vae nenhum *mandú*.

Ladeira dos *Cães*.—La não se usa de *chaves*.

Rua *torta* da *Cathedral*.—Sobe-se em *pontes* em logar de escadas.

Rua dos *Retratos*.—Atravessa-se por um *bracete* de rio.

Rua que deita *Laranjas*.—Installada no dia de *S.* Amaro.

Baixa da *Sapataria*.—Só se anda de *barrete*.

Ladeira da *Avó de Christo*.—Vão á casa do *Roberto*.

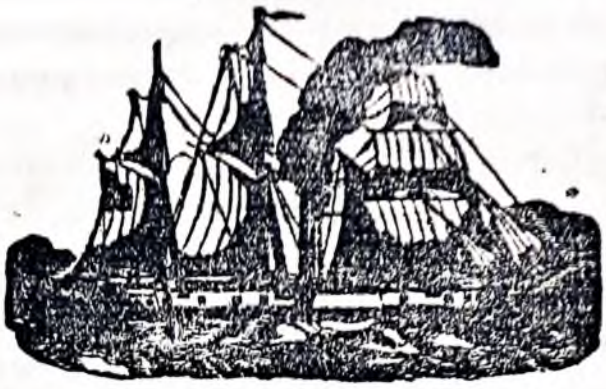
Rua dos *Esqueletos*.—A senha é um *macete*.

Rua torta da *Choupana*.—Na *al-a-meda*.

Rua dos *Capitães*.—Os indios, *Tupi*, *Nam*, e *Ba*, fazem a recepção.

(*Continúa.*)

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.ª



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª BAHIA 18 DE FEVEREIRO DE 1865. N.º 174.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 120 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 17 de fevereiro de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado, pedindo-lhe que lance suas vistas para uma caza á rua d'Ajuda, onde mora uma prostituta, e onde ha ás vezes algazarra, que incommoda muito a visinhança, além de toque de realejo e das palavradas que proferem a mãe da mulher e certos capadocios que podem muito bem ser aproveitados para o exercito.

Espera-se ser attendido.

—Ao Sr. subdelegado da Rua do Paço para que lance suas vistas para uma casa ao pé do botequim Garibaldi na rua das Flores, onde além dos alarmas que ha constantemente houve na noite de 11 muita pancada.

Portaria ao aspirante João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua do Paço e veja si encontra um sujeito, *recruta* da companhia do olho vivo, o qual acaba de prestar seus primeiros serviços, entrando pelo fundo da caza em que morou o vigario Lorenna e passando á do professor Manuel Florencio, donde empalmou mais de setenta mil reis que estavam n'uma carteira, além dos araçás e romans de toda aquella visinhança que já o não pode aturar. Si o encontrar, remetta-o ao Sr. Dr. chefe de policia para mandal-o sentar praça a bordo, embora allegue elle ser filho unico de viuva, visto que a isenção só cabe aos filhos moralisados que sustentam suas mães e não a rapinas e malfeitores, reus de policia, peraltas, sem officio, beneficio ou emprego. Cumpra.

—Capitão, affirmam-me que ha na Fonte Nova do Desterro, nas casas da Ordem 3.ª de S. Francisco, uma mulher douda e morphetica.

—E que quer que faça si para outros doentes é preciso empenho a fim de consentir o Sr. provedor da Santa Caza entrarem elles no hospital?

—Mas o hospital para essa é o da Quinta dos Lazaros.

—Homem, eu não sou authoridade policial, nem inspector de saude. Arranje-se com elles, e viva!

—Bem; lá irei ter, capitão. A's ordens de V. Ex.

—Capitão, na *Moenda da Conceição*, vae tudo a mil maravilhas.

—O que ha?

—Em tempo dir-lh'o-hei.

Por ora saiba V. Ex. que dizem que tendo os calafates de trabalhar no soalho, descobriram um rombo nelle feito por meio de fogo

—Creio-la nisso!

—Pois veja si crê nisto:

A' semana passada, houve samba feito pelos guardas do 7.º batalhão, que estavam alli destacados e que foram ja mudados.

—Retire-se, Sr !

—Capitão, as leis no Brazil são observadas?

—Que duvida!

—Não ha ahi um aviso de 2 de janeiro garantindo a liberdade individual? E como acaba de ser presa uma familia inteira, sem se saber a rasão só porque o Sr. major Soares o requereu?

—Rapaz, dizem que um escravo do major furtou-lhe quatro contos de reis e fugiu; como elle *tinha relações* nessa caza, é provavel que la estivesse, ou que a tal familia delle soubesse; por isso prenderam-na para dar contas do cujo.

—Ah!..... e viva a patria, não, capitão?

E os contractos são cumpridos?

—De certo.

—Não ha um contracto entre a Santa Caza e o Governo para aquella se encarregar dos doentes pobres?

—Ha.

—E como até hoje o Sr. Figueiredo Leite, o protector charidoso das *charidades*, não attende nem ás ordens do governo que lhe dizem que mande recolher ao hospital o cadete Carvalhal, á vista do seu estado e do que attestam os medicos?

—Isto la não sei.

—Pois ha de estar a provincia a pagar dinheiro para o Sr. Leite ter caprichos?

E o Sr. administrador da prisão sem reclamar? sem officiar ao delegado sobre a teima embirrante e a embirrancia teimosa do charidoso provedor?

Em que terra estamos nós? que é isso entao? em que paiz vivemos? Então pode aqui tudo o estrangeiro e o brazileiro estrangeirado?

Exm. Sr. presidente, Sr. Dr. chefe de policia, providencias!

—Vossês ouviram fallar n'uma nova *esperteza* do Chico Carteira?

—Ouvi; disseram-me que recebendo em sua caza um voluntario da Patria, dera-lhe em companhia de outros innumeras cassetadas, afim de roubar-lhe 40$ rs. que trazia no bolso. Ao gritar o infeliz que o acudissem, foi encontrado na porta de Chico Carteira que tinha fugido; dizem que deitava, em grande quantidade, sangue pela boca, ao querer articular qualquer palavra!

—Policia de minha terra!

E um assassino destes não terá punição?! não será ao menos conduzido ao exercito, cujas praças mata, só porque é casado?!

As leis que se presumem sempre cheias de bom senso garantirão acaso um malfeitor, um assassino, um ladrão?!

Vejamos, speremos.

Conversa em palacio.

.....

—Quem é o redactor desta gazeta? perguntou a primeira authoridade policial.

—São tres moleques alli adiante, respondeu o Gouveia Gravata.

Noticias.

Tudo, na Cathedral por occasião dos suffragios pelos mortos em Paysandú era simplicidade.

O mausoleu tinha tres inscripções, e estava decorado de diversos instrumentos militares ou bellicos: tambores, espadas, cornetas e espingardas, presididos pela bandeira de nossa nação.

Compareceram os Exms Srs. Dez. presidente, marechal commandante das armas, bispo do Rio Grande, Drs. chefe de policia e delegado, inspector das tropas, brigadeiro Moniz Tavares, inspector do arsenal da marinha e toda sua officialidade, officiaes dos corpos de voluntarios e muitas outras pessoas gradas.

Estiveram presentes tambem as communidades de S. Francisco e Capuchinhos, faltando a de S. Bento, por estar em acto semelhante no seu mosteiro.

Só os frades do Carmo não puderam ir!

Officiou o Rvm. Sr. conego Franco.

O sermão, pregado pela aguia do pulpito, o distincto pregador imperial, o Rvm. P. M. Fr. Carneiro, agradou a todos.

Depois do sermão houve o *libera me*, findando a cerimonia ao meio dia.

Historia.

(Continuação.)

—Já havia o *Alabama*, mas ainda não tinha elle apparecido, quando se deu o seguinte facto:

Era no anno de 1800 cinco vezes outo, quando embarcou para a villa d s Barras a gente dos permanentes, da policia. Por influencia d'um commandante superior, o coronel *Silva*, parente do *Manuel José* que tinha uma *horta* ao pé da do *Ricardo*, ficou no quartel da saude o nosso desfructavel velho que era alli gente que *intende* de *officio*.

O quartel era n'uma casa de frades, e o diabo por artes de *S. Bento*.....

—Ou S. Bento por arte do diabo?

—..... o diabo velho, dizia eu, deu um passeio á secretaria, estando de estado, e pela manhan.....

Oh! que não sei de nada como o caso conte!

O cofre estava arrombado!!!

—E que succedeu a elle?

—Nada, capitão. Os soldados é que foram presos, castigados e remettidos para a tropa; as sentinellas é que soffreram!

—Que desaforo!

E onde ficou a *honrada firma*?

—Sahiu do quartel, e até hoje metteu-se na *horta*.

—Qual, Sr.! isto não é possivel, não creio.

—E V. Ex. a dar o cavaco! Pois não sabe que a historia é de carochinha?

—E eu que me não lembrava!

(*Continua.*)

Hymno de Paysandú.

Do Brazil o pendão triumphante
Ja tremúla nos muros vencidos!
Ao erguer-se o imperio gigante
Seus contrarios são logo abatidos!

Rufa a caixa tocando a rebate;
Eia! ás armas! No mar e na terra,
Involvidos no pó do combate
Entoemos os hymnos da guerra!

Incendea-lhe o audaz pensamento
A victoria pousando a seu lado:
Onde existe uma vida—um alento
Tem a patria um heróe—um soldado!

Rufa a caixa, etc.

Nobres filhos d'indomita raça
Em desforço da honra ultrajada
Não resiste a seu brio uma praça!....
E' qual raio em seu punho uma espada.

Rufa a caixa, etc.

Contra as hordas selvagens, ferozes,
Das nações o opprobrio, o desdouro,
Correremos á lucta velozes,
Nossas frontes cingindo de louro!

Rufa a caixa, etc.

Honra aos fortes que o sangue valente
Derramaram ao sol da batalha,
E morreram na ancia fremente
Da bandeira fazendo mortalha!

Rufa a caixa, etc.

La ribomba o canhão nas fronteiras!
Invencivel ardor nos alenta!
Nossos peitos serão as trincheiras:
Chovam balas na guerra cruenta!

Rufa a caixa, etc.

(*Extr.*)

A PEDIDO

Estabelecimento Pallas das Sciencias,

Fundado em 24 horas.

O director assaz conhecido por onde tem andado, como seja em Cuba, Mexico, Terra Nova, Richmond, Hespanha, França, Italia Allemanha e até na Dinamarca, pouco se importando com as disposições do Regulamento Organico, que exige certas cautellas para direcção de casas de educação, acaba de abrir n'esta cidade um estabelecimento de instrucção primaria e secundaria, onde, alem delle alimentar os seus discipulos com todos os regalos possiveis, expandem suas luzes os seguintes professores.

Primeiras lettras até leitura—o director.

Grammatica portuguesa elementar e philosophica—idem.

Francez traduzido—idem, *interinamente*.

Francez fallado *com perfeição* — idem.

Inglez fallado *com perfeição*—idem.

Latim elementar—idem.

Latim classe superior—idem *interinamente*

Latim analyse dos classicos—idem.

Allemão, Hespanhol e Italiano—idem.

Geographia e Historia—idem.

Philosophia—idem.

Piano e musica—idem.

Aula especial de Petalogia, o insigne professor—Dr. Alexandre Puff.

O director tendo militado no Mexico, apresenta, em tres mezes, promptos nos exercicios militares aquelles seus alumnos que queiram seguir para o Paraguay.

Tambem o director tem a honra de annunciar que alem de uma gangorra, estabelecou no fundo do estabelecimento um logar proprio para ensino de natação.

Preços modificados—tres por dois.

O director—Dr. *Edward Fritz Puff*.

Sr. Redactor.—Por occasião do desembarque da tropa que veiu de Alagoas e Sergipe, horrorisei-me ao saber que alguns estrangeiros ingratos, *nossos tios*, andavam a desanimar aos denodados e valorosos Voluntarios da Patria, de parceria com alguns canalhas que mancham o partido conservador, querendo a elle se unir.

Lamentei sua imprudencia e logo á lembrança me vieram os annos de 1822, 1823 e 1831.

Satisfeito porém fiquei um pouco, quando vi que um crioulo que andava a propalar pela tropa que para *carniça* tinha ella vindo, satisfeito fiquei, digo, quando foi elle prezo por um portuguez que presenciou e reprovou a infamia.

Mas ao ir assistir, hontem, ás exequias dos bravos de Paysandú, indignei-me.

Estavam todos as authoridades, menos as que pertencem ao partido conservador, exceptuando o Sr. Dr. Manuel Vieira Tosta, unico que esteve presente!

Porque esses rancorosos vermelhos não se medem pela bitolla do joven conservador? Porque não apprendem no seu cavalheirismo a parecer, ao menos, amantes de seu paiz?

Como vae nossa infeliz provincia!

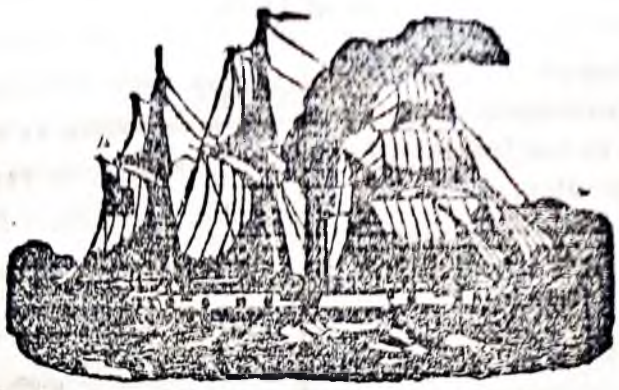
Mas ah! os ignorantes não são os que representam os partidos! O partido conservador lá esteve representado na pessoa do Sr. Dr. Tosta.

Certamente não se ha de fazer responsavel esse partido pelas palavras d'um louco que ainda uma destas noites dizia, no adro do Boqueirão, que a bandeira dada pelo Imperador á policia da Bahia era um engodo e não uma honra!

. . . . . .

Um ligueiro.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, ECOMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª BAHIA 21 DE FEVEREIRO DE 1865. N.º 175.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Noticias do Sul.

Do *Jornal da Bahia* colhemos as seguintes noticias:

«7 de fevereiro em frente de Montevidéo.

«Montevidéo vae se tomar sem um tiro.

«O almirante hoje recebeu propostas de rendição.»

—Uma partida de assassinos *blancos* passaram a fronteira de Jaguarão, mas foi repellida por uma companhia avulsa da guarda nacional, a 3 ª, commandada pelo capitão Emygdio José de Santa Anna. O inimigo teve alguns mortos e perto de vinte feridos.

Nós apenas perdemos um homem velho a quem depois de lanceado, tiraram os olhos, castraram e estrangularam!....

Tivemos dous feridos.

Pelos arrabaldes os sicarios saquearam a valer; o que não podiam roubar, quebravam, estragavam e reduziam a cinzas.

Saquearam duas cazas que tiveram de prejuiso mais de 16:000$ rs. Roubaram cavalhada em numero superior a 3000.

O governo é incansavel nas suas providencias e o enthusiasmo do povo cresce cada vez mais.

—Pedia demissão de ministro da guerra o Sr. conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, e obtendo-a, foi nomeado em seu logar o Sr. marechal de campo visconde de Camamú.

—Consta que, tendo pedido licença para tractar-se o Sr. marechal Menna Barretto, havia ordem do governo para assumir o commando do nosso exercito, no Uruguay, o Sr. brigadeiro Manuel Luiz Ozorio.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 20 de fevereiro de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que na ladeira da Barroquinha, loja n. 1 D, costuma ajuntar-se uma porção de capadocios para jogarem e trazem aquella vi-

sinhança em continuado susto pelas muitas desordens que se dão, sendo que na noite de 17 houve alli punhaes fóra, cacetadas, etc.; o que cumpre provenir a fim de evitar alguma desgraça.

—Capitão, obedeci ás ordens do V. Ex., mas o vigarinho tem ainda fazenda grande de que não tem V. Ex. conhecimento.

—Valha me Nossa Senhora da Pirajuhia!

Que tem então elle?

Um sujeito de Matá, que é conhecido por *Precursor*, talvez por ser devoto de S. *João*, mandou-o chamar para ouvil-o de confissão e a resposta foi que levassem á sua caza o infermo, morrendo por tanto o homem sem confissão.

—Que mais?

—Na Gamboinha, morreu tambem sem confissão uma mulher, porque elle não quiz ir confessal-a sem serem-lhe garantidos o almoço e o jantar.

—Ora deixe-me!

—Ouça, capitão; tenha mais um pouco de paciencia.

Um devoto fez um caixão que offereceu ao Orago da matriz para serem applicados os lucros em seu serviço.

—Boa offerta!

—Em serviço do Orago, capitão. O vigario recebeu 2$000 rs. de cada interro que é por quanto se afuga o caixão e ninguem sabe que fim leva o incantado dinheiro!

—E' gasto com as despezas do guizamento.

—Quando V. Ex. dá para proteger é assim!

Que dirá V. Ex. do cemiterio que é uma matta virgem? Quando alguem tem de alli sepultar um cadaver, tem de ir anteriormente com o machado deitar ao chão as capoeiras.

—Pois, meu rapaz, vae de novo pegal-o e si nessas mattas do cemiterio houver algum *pixheiro*, deixa-o lá amarrado para divertir-se com as almas do outro mundo.

—A's ordens, Exm.

—Sahiu o *Imparcial*.

—Ja o vi; traz indirectas que diz não serem allusões.

—Conheço o author, nada digo.

—Não tem partido, sabe?

—Ao menos elle o diz. Desejamos-lhe uma longa vida.

—Capitão, ouça o que me informaram:

Um feitor do Sr. barão de Matuim de nome Thimoteo, no engenho Pitinga, mandou por dois negros chicotear um homem livre que ficou maltratadissimo. As authoridades do logar tiveram sciencia do facto, mas parece que não se quizeram incommodar com tão pouca cousa, e o Sr. Thimoteo das Enxundias está a seu fresco.

E' o que dizem.

—Continúa a vir do matadouro para o mercado carne podre.

Em um dos dias da semana passada foi mandado deitar ao mar de um dos talhos á baixa dos Sapateiros um quarto de boi completamente podre.

—E o que se fez dos outros quartos?

—Pergunte ao Dr. Freire.

—Tem apparecido ja diversos offerecimentos ao governo.

—Tem; mas entre outros, primam os que são feitos *somente* em beneficio das filhas ou familias dos officiaes.

—Quanto aos soldados que são os que mais precisam..... *niclis est Virgilii*.....

—Certo *imparcial* é dos taes da *vida intima*; intende que denunciar ao publico um marido desnaturado, um regular irregular, é tractar da vida privada.

—Deixal-o.

Poesia,

RECITADA NO RIO DE JANEIRO PELO SR. DR. DIAS DA MOTTA, AO EMBARCAR PARA O SUL O CORPO DE POLICIA DA BAHIA, DEPOIS DE LHE SER ENTREGUE UMA RICA BANDEIRA POR S. M. O IMPERADOR.

Brava gente brazileira,
Longe vá temor servil,
Ou livre a patria ficar,
Ou morrer pelo Brazil.

Tremei, imiga cohorte!
Que honrando a brazilia historia
Entoam sempre victoria
Os bravos do Sul e Norte;
E si das armas a sorte
Não se apresenta fagueira,
Abraçada com a bandeira
Da patria que ama e defende,
Morre sim, mas não se rende
Brava gente brazileira.

Ao reclamo da nação
Corre á guerra, não hesita,
Nobre peito onde palpita
Brazileiro coração;
O rouco som do canhão,
O scintillar do fuzil,
Para um povo varonil
São accentos d'harmonia.
Perto venha o marcio dia,
Longe vá temor servil.

Briosa phalange ahi stá
Nobre, digna descendencia
Dos heroes da independencia,
Dos bravos de Pirajá;
Juram invocando Tupa
A patria desafrontar,
No continuo pelejar
Sem dar tregua aos inimigos.
Ou perecer nos perigos
Ou livre a patria ficar

Lutando quaes leões feros
Contra a horda vil d'escravos
Juram imitar os bravos
De Paysandú e Caseros;
Valentes, livres, austeros
Castigar o infame ardil,
Vencer a phalange hostil,
Ou morrer cheios de gloria,
Dar ao Brazil a victoria,
Ou morrer pelo Brazil.

A PEDIDO

—Olá Sr. maganão filho de *costureiro*!

Como é que V. anda em caza de camisa e ceroulas, e n'esse *rico toilette* chega á janella sem respeito ás familias da visinhança?

E de mais a mais, a dar beijos e abraços na.....

V. pensa que ainda está no Seminario, eim?!...

Tome cuidado!

Por S. *Rufino* advirto-lhe; do contrario direi ao *José* irmão do *Procopio* que o agarre onde quer que o encontre, ainda mesmo que seja na *descida* dos *Carmelitas* e que passe-lhe uma boa sóva de palmatoria, e de chibata, para V. não ser tollo...

Entendeu?!...

A donzella.

—Capitão, venho lhe contar uma cousa.

—O que tens, que estás tão assustado?

—Sr., vi o diabo.

—Onde o encontraste?

—Na casa de um preto velho angolla, papae Mané, que tira diabos, bota diabos, vende diabos, empresta diabos, e é o mesmo diabo.

No cazebre delle, está uma mulher do Rio Vermelho fazendo o diabo.

Quando elle está tirando o diabo, a mulher grita—Papae Manè, elle diz—Bomfim, ella—Papae Manè, elle Bomfim.

E com isto o tal ladrão angolla passa-se a gallinhas pretas, bodes, vinho, doces, dinheiro &.

—O que queres que eu faça com esse descarado negro velho?

—Providencias sobre isso e até porque elle não respeita familias.

—Muxingueiro!

—Prompto.

Vá ao cazebre d'este negro velho feiticeiro, passe-lhe o calabrote com todo o pezo do braço sobre o focinho.

—Isto não, capitão.

—Porque?

—Porque elle tem um genro que parece-me desertor da antiga cavallaria, tanto que tem um cavallo que foi d'esse esquadrão.

—Pois, bem, deixe o muxingueiro executar as ordens e depois continua-se.

—Malvado, chega á falla!

Dize-me a razão porque vives maltratando tua mulher, uma senhora tão boa, que tanto trabalha para matar a fome de teus filhos, visto que tu és um homem cazado, que trocas a caza de tua mulher pela caza das *meninas felizes*.

Responde-me ja, tratante.

—Capitão V. Ex. não sabe que pão comido é esquecido?

—Safado, não sabes que foste tu que comeste e gastaste o dote da moça com as tuas extravagancias, para hoje como não tens, estares sujeito a fazer canecos, e candieiros, e aperriado por esse motivo viveres a maltratar a pobre infeliz, que illudida por teus enganos hoje se acha em tua companhia, a maltratada diariamente, e a pobre mãi e irmão com tuas brutalidades e bebedeiras acompanhadas de infamias e malvadezas, que constantemente com elle pratica sem se lembrar, o que ja esbanjaste sem nada te custar?

—Capitão, por S. Amelio lhe prometto emendar-me, e juro-lhe por S. Ferreira que não precisa arrojar-me em cima de algumas Silvas por que com quanto eu tenha feito tudo quanto V. Ex. tem dito, peço-lhe, que não mande o seu muxingueiro esfregar-me, salvo si me não emendar, como lhe acabo de prometter.

—Vae tratante que eu cá fico espiando tuas infamias para depois to mandar dar a recompensa.

O corujão da Munganga.

Previne-se ao caixeiro da caza n.º 55, á ladeira de S. Bento que não continúe a abrir a *caza* depois das 10 horas da noite, para *despachar suas freguezas* sob pena de lhe ser remettido o muxingueiro do *Alabama* para dar-lhe um doce.

Pergunta-se ao digno Sr. subdelegado da Rua do Paço que solução deu a uma queixa que lhe foi presente, intentada por um professor publico, pessoa honesta e moralisada, que não está portanto no caso de ser taxada como de menos consideração.

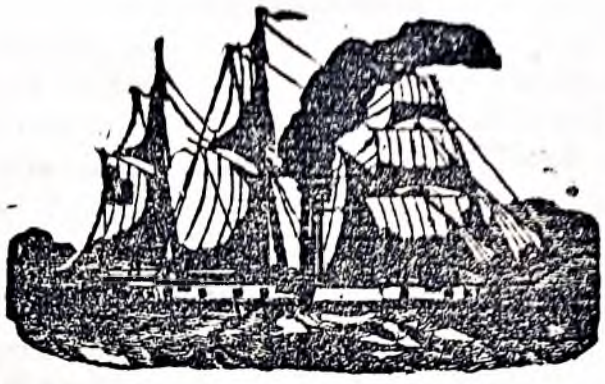
A queixa versa sobre um gatuno que tirou da secretária do mesmo professor quantia superior a setenta mil reis, em occasião em que estava o mesmo professor ausente e feixada a porta da rua.

O inimigo do Olho vivo.

Pede-se ao aspirante pedestre João de Deus que agarre uma negra conhecida por Margarida Mata-cobra que costuma andar pelo Canto de João de Freitas a fazer desordens, e a deposite por alguns dias na Correcção afim dos moradores daquelle logar verem-se livres de semelhante peste que na noite de 13 foi capaz de pôr aquella rua n'um alarma.

Conego Cyri.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, ECOMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª BAHIA 23 DE FEVEREIRO DE 1865. N.º 176.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 22 de fevereiro de 1865.

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

O Xita da Solidão, pedindo licença para pendurar na janella de sua caza a taboleta de escrivão.—Depois de pagar o importe do logar ao Bucha de 50 será differido.

—O Massarico Lins, pedindo uma licença de tres mezes para educar uma menina, que apanhou no Pilar.—Informe o stereometra do Becco do Garapa.

—O vigario Abutre, pedindo almoçar para comer pombas, visto achar-se soffrendo dos nervos.—Informe o Dr. Coelho, imperador dos moleques.

—O Xita, pedindo licença para vender pão sem peso, para o que já tem consenso do fiscal geral.—Indeferido, visto ter já obtido privilegio exclusivo o seu sogro.

—Então que diabo é isto? Pois a capella do Resgate está neste deploravel estado?

—E isso é novo?

—Eu sabia do abandono em que ella se acha; disseram-me que estava a cahir, como com effeito está, tanto que a vejo escorada; constava-me que dentro della havia mattos; mas sempre julguei que era algum cordão de S. *Francisco*, ou bredo de Santo *Antonio*, ou quando muito algumas capoeiras.

Vejo porém que é matta e matta grossa.

—Quem lhe contou isso, rapaz?

—Pois V. não está vendo sahirem aquellas grossas vigas para a caza do Sr. Paraizo?

—E' talvez alguma madeira que elle alli depositou. Andam a dizer que o *zelador* vende a madeira que alli está para o concerto, em quanto a egreja vem ao chão; mas é intriga, é falso; o *zelador* é um homem serio....

—Oh! 9 de fevereiro! 9 de fevereiro!

—Capitão, estou horrorisado com a policia.

—Que policia?

—A do Sr. Piapitinga, que dá-se com todos, ri-se com todos e todos contam com a sua bondade.

—E é mau ser bom? ser popular?

—Não; mas um bonanchão, um homem condescendente, como é o Piapitinga, não pode servir para subdelegado d'um logar, onde ha tantos *vadios*.

Não ha ainda muitos dias, no domingo 19, que houve no caminho d'Areia o diabo; entraram por uma caza, deram bofetadas na dona della e o criminoso *fuisse*.

—Não ha mais supplentes?

—Ha.

—Passe elle a vara ao immediato.

—Quem o pode obrigar? E depois o immediato é ainda mais condescendente que o outro.

Até consta que o primeiro desertor agarrado pelo energico Sr. Sisinio Dias que ora se acha doente, era o feitor do tal 2.º supplente.

—Não é possivel, nem eu creio e até protesto.

Si assim fosse, o Illm. Sr. Dr. chefe de policia não havia querer para authoridade policial um tal homem, que é aliás honrado.

—Eu sei, capitão! E' o que dizem. O que é certo é que devem ser tomadas informações e dadas as providencias.

—Capitão, foi hontem n'Academia lido o relatorio da commissão do Queimado.

—Houve concurrencia?

—Pouca gente; o povo não crê em formulas; sabe muito bem que o dinheiro é o que rege o mundo e que tudo mais é bagatella. Tracta por tanto de ver si o arranja, como o tem arranjado muita gente boa.....

—E que tal acha Vm. a agua?

—Eu acho-a inteiramente differente do que era; antigamente chamavam-na de *ferro*, hoje chamam-na de *sabão*, pela *cor embaçada* que apresenta.

Todavia nada direi porque os medicos dizem que é ella a melhor, que é crystallina, que só os ignorantes fallam & &.

—De maneira que quem tem olhos não pode ver.

—Mude de conversa, que eu já prometti a uma pessoa que o merece, não tractar mais disso.

—Pois eu acho que V. Ex. deveria continuar: cede-se a pedidos, e os proprios interessados assoalham e o publico julga que tudo ficou comprado.

—Quanto a mim, hei de dizer sempre que a agua mudou; que a causa ignoro; que muita gente anda incommodada; que é preciso remover o mal.

—Incommodada muita gente, de que, rapaz?

—De dor de barriga, capitão; toda a cidade se queixa.

—Ora pelo amor de Deus!

—Bem bello! E' mesmo de authoridade da roça!

—Que ha, meu charo?

—Contou-me o *Gil* que navega sempre para certa *Barra* que um subdelegado mandara dar bolos em um homem porque deflorara uma moça de maior edade, e que não podendo dar-lhe destino em virtude dos muitos pedidos que teve para soltal-o, impoz aquelle castigo.

—Ora creia em Deus.

LA VAE VERSO.

PRIMA.

—Aquillo será *preguiça*
S'espreguiçando no mar?
—Não senhor é o 2 *de Julho*
—Que semelhança sem par!

A PEDIDO

—Capitão, vou lhe contar uma historia.

—Ja quer o Sr. massar-me!

—Tenha paciencia, capitão!

Um dia amanheceu Latronopolis debaixo d'um terror geral; um surdo murmurio apenas se ouvia d'involta com um nome.

Latronopolis, apezar de Latronopolis, horrorisava-se d'um monstro que matara o pae!

Era um ladrão que *economico* trazia no punho galões, quando devera trazer no pé a calceta!...

Pois bem, elle que estava um dia n'um quartel, quando devera estar n'um carcere, encontra um agente de authoridade policial, isento de serviço e o prende!

Entretanto era o moço casado, artista, morigerado, eleitor, jurado, e quem o visse n'um calabouço julgal-o-hia um malfeitor.... pelo menos um ratoneiro... algum rato furador de cofre!

—Como estava valente o desertor das prisões!

—Ora!

Dias depois, encontra um caixeiro moralisado, manda-o tirar o chapeu, e respondendo este não ser seu escravo, o ladrão-sultão manda o arrastar para um immundo carcere! Elle que, se houvesse policia em Latronopolis, estaria pelo menos em viagem para Fernando de Noronha! Elle que devendo andar com a cabeça raspada, tinha ainda o desaforo de querer ser cortejado por quem lhe está muito superior em honra e dignidade, por quem felizmente podia levantar a cabeça ante todo o mundo!

—Em que tempo foi isso?

—Ja ha muito tempo, capitão.

(*Continúa.*)

—Aquelle moço é militar?

—Não; é estudante filho de militar.

—Ah! por isso é que anda constantemente de ordenança atraz.

R. Verde.

Noticias Diversas.

Offerecimentos.—O papa-gatos offereceu 50 % dos seus rendimentos, em quanto durar a guerra.

—O superior do Carmello offereceu a sua cocheira para exercicios do regimento da Mata-Cobra.

—O Bita offereceu os 40$000 rs. de sua chapa para occorrer ás necessidades do Estado, visto não ter comprado fato para votar, por lhe ter emprestado um semestre o Pato molle.

—O J. das Pimentas offereceu a cabocolinha para cosinheira do Batalhão dos Zuavos.

—O Lobo da solidão offereceu ao governo 5 % do fundo bruto do açougue do Caetano Zoinho, para occorrer ás necessidades da guerra.

Chamamos a attenção do Sr. subdelegado da Sé ou a quem competir, para que providencie sobre um tal Zeferino, morador á rua dos Capitães, afim de que se não reproduzam os factos de se apresentar elle todos os dias na porta de sua casa, cujo numero não é 43, de cami-

sola; impedindo assim as familias de chegarem nas janellas.

Espera-se pois as providencias necessarias.

Dous visinhos.

BIOGRAPHIA DO DR. « ANTOLHOS » POR SEU AFFEIÇOADO O DR. « MURRINHOS. »

Mil oito centos e trinta e dous
Do mez de junho aos seis
Nasceu um certo brutinho
Que depois progressos fez.

A Universidade portugueza
De Coimbra frequentou,
E ahi em philosophia
Esse monstro se formou.

Coalhado se vê o mundo,
De brutos e monstros taes
Que figuram como gente,
Não sendo mais que animaes.

Mas esse de fino esperto
Do que *fez* já enjoado,
Pediu ao nosso governo
Um decreto de empregado.

Vendo o governo que o homem
Era em sciencias formado,
Fel-o chefe de secção
Com um suberbo ordenado.

Mas nem assim o tratante
Quanto deve quer pagar,
E de grande e de fidalgo
Quer entre a gente campar.

Lembrou-se pois o formado
Em sciencias burricaes
De cazar c'uma *menina*,
Porque tinha cabedaes.

Negada lhe sendo a moça,
Pelos paes, gente de tino,
Porque o dote ia pagar
Desse monstro o desatino;

Em desforço foi o bruto,
Puxou dinheiro e forrou
Uma mulata da caza,
Com a qual se amancebou.

D'esta ja tem um filhinho!
Tal era o dezejo ardente
De propagar a especie
Na caza d'aquella gente.

Mas, charo Dr. Antolhos,
A *menina* stá vingada,
Porque a mulata altiva
Traz a *peste* atormentada.

E dizem, valha a verdade,
Que até lhe dá bofetadas
Já co'as mãos, já c'os chinellos
E tambem lhe dá unhadas.

Bahia 23 de janeiro de 1865.

Dr. Murrinhos.

ANNUNCIOS.

Attenção!

Um medico honesto e bastante conhecido pela felicidade de sua clinica convida os capitaes desempregados para uma empreza, que vai fundar nesta cidade e que promette lucros immensos e seguros.

Tendo o annunciante, cujo nome breve se publicará, notado que ultimamente um numero excessivo de empregados publicos tem obtido licenças para se curar, resolveu abrir um hospital, com o fundo de 30:000$rs., dividido por acções de 100$rs. e dedicado exclusivamente á cura dessa peste endemica, que a não ser atalhada seriamente, promette devorar todas as reparti-ções da provincia.

Ruas onde ha cazas de divertimentos licitos para a rapazeada.

Passagem dos capitães — *Almeidinha-rico.*

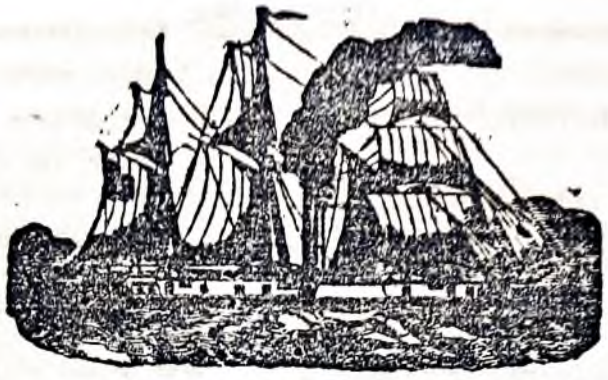
O Santo Antonio dos Mouros—*Santos*

Baixa do Mau-fim—*Croco*dilo.

Rua do Armazem—Ha café sem economia.

(*Continúa.*)

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, ECOMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª BAHIA 25 DE FEVEREIRO DE 1865. N.º 177.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Noticias.

Amanhã patrulha a cidade a tripolação do *Alabama*.

—

A demora do paquete do Norte tem dado logar a diversos commentarios.

Hontem espalharam *os meninos da Candinha vermelha* que tinha chegado de Pernambuco uma barca com atterradoras noticias.

Disseram que a familia Cavalcanti proclamara a revolução e se puzera á sua frente; que o povo estava allucinado; que queria a federação; que obrigara a não seguir para o Rio, o 5.º batalhão & &.

Entretanto ninguem via a barca no ancoradouro; provavelmente aportou á Barra, á Victoria, ou a Itapagipe.

O que é porem certo é que o vapor demora-se por tel-o impedido que sahisse a população desvairada: prenderam-no a cordas e deixaram-no como caranguejo no Lamarão.

E' o que dizem.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 24 de fevereiro de 1865.

Portaria.— Tendo a tripulação do *Alabama*, em vistas das graves emergencias por que passa o paiz, de prestar seu contingente para a defeza e garantia da propriedade individual, ordena-se aos Srs. immediato, aspirantes e mais praças de bordo que estejam no dia 25 do corrente promptos ao primeiro signal que será dado ás 6 horas da tarde afim de seguirem para os diversos districtos e fazerem a patrulha da cidade. O que cumpram.

—Ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á Lapinha e traga para bordo deste navio certo alfaiate, sachristão da Soledão, o qual anda em fraldas de camiza diante da visinhança que fica prohibida de chegar á janella. Cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Certo Dr. que tem uma *horta*, pedindo carta de testa de ferro para que alcancem *victoria* os vermelhos.—Dirija-se ao Dr. Rochinha que fica encarregado de mandar plantar grama para sustento de seu novo empregado.

—O Bitta, pedindo licença para ir á bibliotheca ler novellas.—Compre novo fato e volte.

—O Papa-gatos, pedindo licença para armar passarinhos.—Informe o *leitão dos pães.*

—A estrada de ferro dá, no domingo 26 do corrente, um passeio até o Aratú; o lucro é applicado em beneficio dos bravos que marcharam e marcharem para o Sul.

—Sei disso; a companhia Bahiana applica para o mesmo fim os rendimentos das viagens nesse dia.

—E' patriotica a ideia.

Bahianos, deveis animal-a!

Alem das distracções que recebereis n'um bem preparado passeio, contribuireis para um nobre fim, para uma causa santa, para a realisação de um pensamento humanitario e digno.

—Capitão, um caso galante com examinadores e exames.

—Vamos a ouvil-o.

—Um moço, formado em *Guimarães*, teve com um de seus discipulos uma questão e o emprasou para o exame. Chegado o tempo de ferias, o pae receioso pelo resultado do filho, aconselhou-se com alguns amigos e houve empenho para que o mestre o approvasse.

«Sim, Sr.. com tanto que eu o examine já, para para julgar de suas habilitações, disse o mestre.

Foi o discipulo e depois de examinado, a resposta que teve foi a seguinte: Diga a seu pae que eu vou abrir um curso de ferias.

O pae *intendendo a força do argumento*, mandou o estudante para a aula do *cujo*, que o que queria era cobres.

Foi por tanto o moço ao exame, e sahiu reprovado pela vingança mesquinha que n'alma mesquinha alimentava o tal examinador das enxundias!

—Ora diga-me, capitão, isto tem termo?

Não deve V. Ex. dar as providencias?

—Vou já mandar o muxingueiro. Quando se deu-o facto?

— Infelizmento V. Ex nada pode fazer Não foi agora em fevereiro, não; já foi ha muito tempo.

CANTO DE GUERRA

Do Voluntario Bahiano.

DEDICADO AOS VOLUNTARIOS DA PATRIA

Arma-! armas! guerra! guerra!
O Leão do Sul rebrama:
A tuba o echo derrama;
Ruge o Norte e treme a terra.

Brazileiros! meu canto de guerra
É feroz, é medonho—escutai!
Vos inspire este canto solemne
Só despreso ao villão Paraguay.

Sou soldado na patria aguerrido,
Muito embora nascido na paz;
Nasci livre, qual aguia no ninho;
Ser escravo outra vez não me apraz.

Brazileiros! co'as armas em riste
Os tyrannos do Prata humilhai;
Eia, sus! Uruguay jáz por terra,
Morda o solo tambem Paraguay.

Voluntario da patria hoje empunho
O mortif'ro certeiro fuzil;
Sou com elle, qual tigre gerado
Nas montanhas do vasto Brazil.

Brazileiros! ás armas! ás armas!...
Aos traidores do Prata ensinai,
Que quem vence de Lysia o soldado
Tem por timbre vencer Paraguay.

Ao bramir do Gigante que accorda
A Princeza do monte se ergueu!
Minha terra!...Foi ella a primeira;
Da vanguarda o soldado sou eu.

Brazileiros! espectros na guerra!
Aos cobardes do Prata assomb ai!
Eia, avante! de pé! brazileiros;
E no pó confundi Paraguay!

No mais arduo conflicto da luta,
Quando o prelio feroz se fizer;
Voluntario da Patria—Bahiano
Estarei onde a morte estiver.

Brazileiros! foi vossa a victoria
Lá nos campos do altivo Uruguay!
Que vos resta? Domar a insolencia
D'esse Lopez do vil Paraguay.

A panthera que rugo esfaimada
N'essa jaula d'alem Paraná
Estremeça raivosa ante os filhos
Dos guerreiros do meu Pirajá.

Brazileiros! a patria vos chama,
Em defesa da patria voai:
Não deixeis Matto-Grosso ás harpias
Do selvagem, feroz Paraguay.

Sinto o sangue escaldar-me nas veias,
Quando infames, quaes outros não ha,
Nos massacram nas terras de Coimbra,
D'Albuquerque, Nioac, Corumbá.

Brazileiros! á gloria, aos combates!
Os ultrages da patria vingai!
O que pode um punhado de escravos?
Ante vós o que val Paraguay?

Quando lá, n'essas plagas malditas,
Estrugir bellicoso o canhão,
Ilumaytá me verá nas cimalhas
Arvorando o brazilio pendão.

Brazileiros!.. ás armas!.. á guerra!
Os traidores do globo expurgai!
Do exterminio vos brada a trombeta:
«Paraguay!.. Paraguay!.. Paraguay!..

Dos guerreiros de Monte-Caseros
Irmão d'armas nas lides serei!
Tanta gloria, por Deus! que me excita
Dentro d'alma os impulsos de rei.

Eia, avante!... briosa phalange!...
Voluntarios da patria... marchai!...
Paysandú já vos deu nobre exemplo;
Verdes louros vos dá Paraguay

Paysandú!.. Paysandú!.. para Aguirre
Foste o sol que se poz no *Waterloo*!
Assumpção!.. terra ingrata p'ra Lopez
Tu seras a moderna *Moscow*!

Brazileiros! meu canto de guerra
E' feroz, é medonho—escutai!
Vos inspire este canto solemne
Só desprezo ao villão Paraguay.

Bahia 16 de fevereiro de 1865.

Por—*Domingos de Faria Machado.*

COMMUNICADO.

—Maldito 2 *de Julho!*

—Que diz homem, que blasfemia é esta?! Isto na bocca d'um patriota é horrivel. O Sr. não é bahiano, nem tão pouco brazileiro, é um verdadeiro hypocrita de patriotismo, é...

—Capitão, não me insulte, não abráce a nuvem por Juno, olhe que sou um patriota de mão cheia; sou mais patriota do que muitos que andam por ahi a arrotar patriotismo e encher as bochechas em nome da patria; em materia de patriotismo ninguem me leva a palma!

—Bravo! Temos um Silvio Pellico na Bahia!

Então, meu patriota para que maldiz o 2 *de Julho*?

—Como não maldizel-o, si é a peste peior que tem a Bahia!

—Assim, meu patriota, assim! Tomem nota, meus senhores, do que diz este bregeiro: «Maldito 2 *de Julho*. E' a peste peior que tem a Bahia.» Si eu fosse commandante da *ronda a vapor*, envial-o-hia desde já para a correcção.

—Capitão, V. Ex. inda não me comprehendeu.

—Talvez; então explique-se sem rebuço, diga seu recado sem rodeios; não venha cá insultar o melhor dia de nossa Bahia.

—Que dia, homem de Deus! V. Ex. si não está doido ao menos parece.

Eu fallo no vapor da companhia Bahiana, não fallo no dia glorioso de nossa emancipação.

—Então falla em vapores?

—E' verdade;—no vapor 2 *de Julho* que em suas viagens á Cachoeira anda tão *ligeiro* como um *ka..ga..do.*

Ouça:—o vapor 2 *de Julho* é na frase do vulgo um carro de *lama*, alem de ter um bôjo tão grande como o toutiço de *certo frade carmelita* que eu conheço, tem umas bordas tão largas como as abas do chapeu do *vigario de minha freguezia*, por Deus que para isto só lhe faltam as *borlas*; como ia dizendo essa *preguiça maritima* nos tempos normaes gasta 7 e 8 horas de viagem, porem havendo qualquer brinquedinho no mar ou inundações no Paraguassú, leva um dia inteiro sem tirar nem por.

E a companhia Bahiana que remedio dá a isso? ...

—Nenhum: a carreira da Cachoeira é a mais rendosa para a companhia, a concurrencia é enorme, e no entanto os passageiros d'aquella infeliz carreira teem alivio quando o maldito 2 *de Julho* está se medicando nos hospitaes de Itapagipe.

Outra cousa, capitão....

—Diga, mas não me estorve o tempo com vapores, porque não sou gerente de companhia.

—Por todos os logares, em que tenho andado reparo o seguinte:—que quanto mais concurrencia se vê n'uma carreira de vapores mais barato se torna o transporte, porem na Cachoeira não acontece isso.

Para as carreiras de Santo Amaro e Nazareth sendo menos concorrida paga-se 2$ de ida e 2$ de volta—Cachoeira 3$ de ida e 3$ rs. de volta.

E' bem bella similhante pratica: quanto mais gente, mais onus a pretexto de uma conta de *grão capitão* que os homens da companhia fazem.

—Tenho ouvido o seu *sermão* com paciencia, não quero saber de negocios de vapores, intenda-se lá com o gerente, e com a assembléa provincial; o que ella fizer, está bem feito, pode quem manda e manda quem pode.

—Tem rasão; o que não se lembra cae em *exercicios findos*, que em bom portuguez quer dizer esquecimento.

A PEDIDO

Dize-me, insensato, bruto, filho de fiscal, para que te has de intrometter com quem de ti não faz caso?

Para que estas levantando calumnias a quem não merece?

Mas eu deixo tudo isto á avaliação e julgamento do publico; elle bem está conhecendo a blasphemia, que tu, biltre infame, proferiste.

Em verdade nada ha que mais avilte o homem do que a impudencia.

Ainda ousas fallar em seminario, estolido?

Não te lembras que o meu amigo, filho do costureiro, foi quem te déu alguma importancia?

Não te vem á lembrança que elle, como teu infeliz collega, sempre cooperou para teu adiantamento, prestando-se, sem enfado, á faser-te comprehender as lições, todas as noites; ainda mesmo, depois de te mudares da ladeira do Alvo para defronte d'elle lá mesmo com elle foste terminar tua vida infame? e nada d'isto te serviu de modelo aos máus e depravados designios, coagindo á calar-te?!

Queres, agora, dar allivio á reprovação de teus preparatorios; porque não poderam entrar em tua cabeça, á tua justa expulsão, com o desmoralisal-o perante o publico, ente despresivel?

Agora, de que vives?

De moço de recados de tuas proprias!!...., vivendo de adullar para te poderes vestir, deixando os moços em casa..... com a luz apagada!

Não te envergonbas, filho de beleguim miseravel, de seres tu o proprio interprete?

Já te constou, peralta, que o meu amigo tivesse occupado cargos tão vis? o meu amigo até se abate em fallar n'estas cousas.

Toma sentido; do contrario pedirei ao Souza Bahiense, que por ser muito devoto de S. João e S. Joaquim, lhes rogue que te dêem juiso, para não ofenderes á pessoa, cujo calçado está acima de tua cabeça, ou para maior castigo teu, o muxingueiro applicará em tua deslavada cara, saltimbanco, innumeras calabrotadas, desaforado.

Isto é somente um advertencia, o mais será com opportunidade.

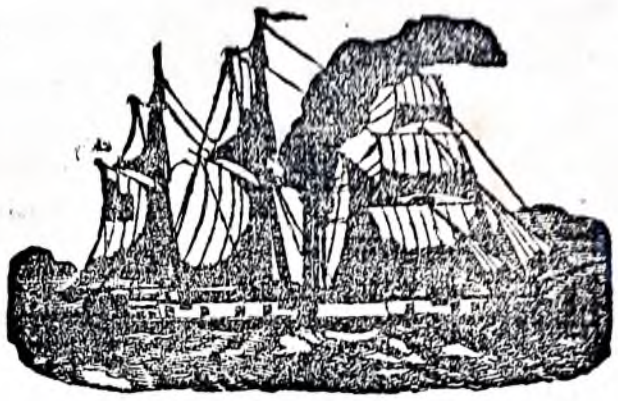
O amigo do calumniado.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, ECOMP.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª BAHIA 4 DE JANEIRO DE 1865. N.º 155.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Noticias em cartas.

As innumeras noticias que se espalharam nesta cidade, a respeito do Rio da Prata, são todas falsas. O que ha de verdadeiro é o seguinte.

O Sr. Manuel Felizardo foi nomeado ministro da guerra, para poder ir salvar a patria o bravo marquez de Caxias.

Estão pois satisfeitas as exigencias dos conservadores.

Está salva a patria.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do «Alabama» 3 de janeiro de 1864.

Officio ao Sr. commandante do corpo policial, para que informe com a brevidade possivel o seguinte:

Si o musico Virginio de Souza Aragão, apesar de ausente ha quatro annos, é considerado guarda desse corpo.

Si é verdade que esse musico se acha dispensado do serviço a titulo de doente, quando é sabido que se acha gordo e robusto passando vida folgada e milagrosa, e que de mais a mais é um *Cupido* de nova especie.

Si é exacto que apezar de ausente ha quatros annos, esse musico recebe constantemente soldo.

E no caso de ser verdade, com a authorisação de quem se commette este escandaloso abuso.

—Ao Sr. recrutador da Capital, para que vá até o sitio das Campinas e passe a recrutar uma malta de capadocios e vadios que alli se acham reunidos desde domingo em companhia de uma sucia de mulheres perdidas, na pratica de candomblés e outras immoralidades.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que traga á bordo deste navio uma mulher de nome Maria moradora á rua da Laranjeira n. 126 a qual teve a habilidade de dar em uma filha que tem oito duzias de bollos em dias da semana atrazada. Cumpra.

—Felizmente em pelourinho não se surra a cachorros.

—Porque diz isto?

—Porque sou um dos que *ladram* contra a companhia do Queimado, e estou livre do *Pelourinho*.

—Ora este *Pelourinho!*

Eu sei o que elle quer.

Na companhia do Queimado adula o Paulo Pereira Monteiro; na companhia dos Carros mette os pés no Paulo Pereira Monteiro e adula o Ariani; isto é, está disposto a proteger aquelles, cujos interesses se acham contrariados.

—Bondoso coração!

E não é por interesse que o faz.

Magano!

E para alimentar um sentimento pouco digno, chama cães a seus collegas, a quem aperta a mão...

—Ja ha falta de homens; parece-me que grande numero tem ido para o Rio da Prata.

—Quem lhe disse?

—Agora só vem á cidade com cavallos e carvão as mulheres dos tabareus e os filhos; os machos foram-se todos.

—Ora viva! Sumiram-se com receio do recrutamento, que entre parenthesis está suspenso.

—E como ja não ha empregados publicos?

—Quem lhe disse?

—Oh! o correio da Praça é diariamente aberto por uma preta!

—Isto é negocio velho; outro dia vi na Relação uma preta a janella amarrando colchas.

—Que spirito de contradicção! Safa!

—A carne em Itapagipe está o diabo

—E em toda a parte.

—Alem de cara, magra e podre.

Até dez horas está nos açougues; depois segue nesse deploravel estado a viajar na cabeça d'uma velha de nome Delphina.

—E' por que podre já sae ella do curral.

—Pode não sahir.

—Sim.... então é negocio de *compadres*.

Está que si eu tivesse meu presente de carne todos os dias, não fallava nada, ainda sendo medico da camara.

—Eis ahi o com que eu concordo.

—Vinho e vinagre tem sua differença, não?

—Parece-me, apezar do que muitos taberneiros fazem do vinho vinagre.

—Pois nas boticas é o contrario; fazem do vinagre vinho.

—Força de chymica.

Quem tem direito ao *brevet d'invention?*

—O Agostinho, cujos caixeiros vendem vinagre por vinho aromatico.

—Engano.

—Esses enganos..... ou são de má fé, ou são da ordem dos que vendem veneno por gomma.

E' por tanto preciso que os Srs. pharmaceuticos recommendem cuidado aos seus *praticantes*.

Para caixeiro de botica qualquer bicho careta não serve.

—Não se pode ter por commandante um bicho carnivoro, antropophago, quando se não é da mesma raça.

—Que quer dizer?

—E' que um batalhão de *cavallos* não se dá muito bem, tendo por commandante uma *onça*, bem que cavallo no tamanho.

E quando a *onça* merecia ser tran-

cada n'uma jaula, mette no chilindró a dous subordinados seus!

—E' porque os *cavallos* não sabem. Si elles trocam o papel.. ai da *onça*!...

—Dizem que o Bethbeset tem presos dous guardas por quererem seguir para o Rio da Prata.

—Isto é velho.

—Mas não convém que continuem elles a jazer presos, sem crime, para satisfazerem caprichos de um militar arrogante, que chega a dizer, consta, que nem o proprio presidente os pode soltar.

—E um governo que tolera isto quer voluntarios para o exercito!

Ora pipocas!.

—Muita roupa feita se tem vendido.

Estão no seu tempo os taes negociantes!

—No seu tempo está o feliz do 65; até de mais a mais tem o anno por seu.

—O campo de Santo Antonio vae a mil maravilhas.

O nivelamento é um gosto; quando a escavação está perto dos tubos do chafariz, pára a obra e adeus minhas encommendas!

Felizes arrematantes!

—Que o Exm. Sr. presidente tracte de mandar examinar a obra.

—Assim foi a calçada d'Agua Brusca; já tem um milhar de covas!... para encobril-as é que deitaram por cima uma camada de lama.

A chuva porém descobriu a vergonheira!

—Vivam os engenheiros bahianos!

—E os arrematantes felizes!

VARIEDADE.

—Meu charo, convido-te a almoçar comigo, dizia ao seu maior amigo um sucio muito conhecido entre a rapazeada.

—Com todo o gosto.

Vou brevemente casar-me com.... E' uma rica herdeira, já vês. Tenho este negocio muito adiantado. Hei vencido muitas difficuldade e estou em meia correspondencia.

—Homem, dou-te os parabens; mas o que realmente eu não intendo é essa historia de *meia correspondencia*.

—Pateta! E' facil d'intender: escrevo-lhe e ella não me responde.

A PEDIDO.

—Então toda nossa vergonha vem do actual governo?

Si morreu o Tamandaré, a culpa é do governo?

Si brigou o Flores com o Menna Barreto, a culpa é do governo?

Si Paraguay mandou reforço ao Uruguay, a culpa é do governo?

Si invadiu o Matto Grosse, a culpa é do governo?

Ninguem por tanto deve ir á guerra, como voluntario?

Ora é melhor que vá mostrar a seu filho o *processo* do seu querido cão, o Traviata.

E' melhor que tracte de indagar, dos escravos, da vida alheia.

E' melhor.....

Sr. Perna Santa, não me faça lhe lembrar a historia de certos ciumes...

O Rios.

O *Jornal* da 1.° do corrente traz uma moxinifada, que tem por fim lançar o odioso sobre um mestre de musica da guarnição, que não deve pedir para ganhar por que ganha o soldo.

Sabem todos donde vem essa perfeita asneira.

O despeito que transuda todo aquello escripto denuncia o author, contrariado em seus interesses. A ganancia, a sede de ouro, a cobiça insaciavel, o egoismo, fazem-no perder a razão e fallar em pontapés, miseravel e barbeiro, quando de pontapés precisa o insolente, ou antes o miseravel que lança sobre sua classe uma injuria para satisfazer simplesmente sua pretenciosa ambição, seu fofo orgulho, sua ridicula arrogancia.

O miseravel nem attendeu que pelos couces poderia ser conhecido!

Elle que, militar, que recebendo soldo, anda constantemente a mendigar cartas de empenho, para fazer funcção!

A mim fica pois sabendo que não enganas.

A ti, mânhoso burro, quem não conhecer que te compre.

Perdes teu tempo, que o publico bem te conhece.

Si estás zangado por não achares mamança desta vez, tem paciencia, contenta-te com o soldo que dizes dever satisfazer aos outros.

Não queiras estar no cazo dos que vêm o argueiro no olho do visinho e não a trave no seu.

E.... bufas.

O tres estrellinhas.

Batalhão Deusa das Artes.

Camaradas!

E' chegada a occasião de mostrardes á patria afflicta a vossa coragem e o vosso denodo! E' hora de provardes que todas as demonstrações ruidosas de enthusiasmo e de patriotismo, mostradas nos passeios arriscados á Pirajá onde fostes depositar vossas insignias e vossos estandartes no templo do immortal Labatut, não foram fofas e vãs.

A patria lá no sul se estorce ás mãos com o despotismo e a deslealdade. E' necessario que mostreis os vossos brios e que não desmintaes os vossos tão honrosos precedentes e os feitos heroicos de vossos maiores.

No quartel general do batalhão e casa do nosso sabio e valoroso instructor encontrareis os livros para vós vos alistardes

Soldados! a patria tem os olhos fitos em vós!

E' mister que cada som que aqui repercutam as brisas do sul, traga a par dos gemidos dos bravos o conto enthusiastico de vossas façanhas!

Viva o tumulo de Labatut!
Viva o batalhão Deusa das Artes!
Viva o nosso sabio instructor!

O commandante, *Gallinha.* (1)

Os truões infelizes.

QUADROS

POR — ASMODEU.

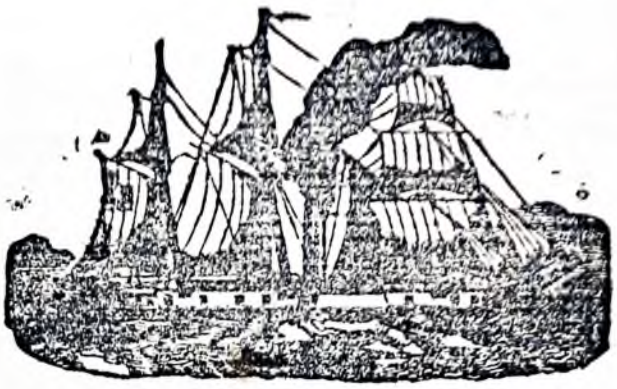
III.

A' frente da vanguarda de reforço,
Ousado rompe um gentil mancebo;
Na fronte traz o stygma gravado
—De odalisca gentil de mil sultões—
Coitado! já do seu seio o expellio
Coberta de vergonha—nobre classe—
E' fidalgo, que da Iberia veio
Versado em ladroeira e picardia;
E coberto de stygma e baldões
E entra de fronte levantada e *augusta*.
Ao lado vem-lhe outro *augusto* heróe
Que a terra do Maranhão nos exportou.
Como a Lucrecia do soneto de Bocage
—Com sua prôa não é de certo honrado,
E' amigos incero do fidalgo,
E nenhum do outro póde corar e rir.
Atraz lhe vem um mestiço tolo
Figura de Calabar, traidor, infame;
Zé Russo é boleeiro, ganha tostões
P'ra livrar-se do captiveiro do francez.
Como lacaios vem e são realmente:
Um celebre ponteirista adulador;
E' *porta maça*: e não sei porque
E' o conselheiro fiel de vossa sucia.
O outro é um celebre Gallinha,
Vadio, impostor e descarado,
Que por deleixo real da nossa camara
Anda de dous pès em vez de quatro.

(Continúa.)

(1) Depois de alistados os soldados, do batalhão Deusa das Artes se publicar a ordem do dia, em que serão nomeados para os diversos postos, dispenseiros, vivandeiras etc.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª BAHIA 5 DE JANEIRO DE 1865. N.º 156.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Noticias do dia.

O Sr. Arnaldo Gentil Ibirapitanga offerece 10 por cento de seu ordenado, em quanto durar a guerra com o Rio da Prata.

—Consta que o Sr. major Galvão e o Sr. tenente Alves se offereceram para ir ao Rio da Prata.

—Dizem que o Sr. alferes Malaquias José dos Reis segue tambem, como voluntario, para a guerra no Sul.

Avante, meu liberal valentão!

Pela patria, deixa desamparadas duas infelizes que estavam confiadas á sua protecção!

Perde-se um para salvarem-se todos!

Viva a patria!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama »4 de janeiro de 1864.

Acto.—O capitão do *Alabama* attendendo ás graves circumstancias em que nos achamos, e compenetrado de que nos casos extremos nenhum brasileiro se deve negar a accudir em auxilio da honra e salvação do paiz, e com muito maior rasão aquelles que recebem sua subsistencia dos cofres publicos, resolve pelo presente crear um batalhão provisorio cujo pessoal será tirado de todas as repartições publicas, concorrendo cada uma dellas com um terço de seus empregados.

Ordena por tanto aos chefes de repartições o cumprimento do presente acto na parte que lhes tocar.

Officio á camara municipal, pedindo, pela segunda vez, que por charidade mande tirar uma grande pedra que está no largo do Theatro desde que se concertou aquella rua, na qual correm risco as pessoas que por alli transitam á noite, principalmente os cegos que andam em grande numero mendigando.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua das Veronicas e passe a deitar a bolla a um enorme cão, que vive solto n'aquella rua a investir e morder quem por alli passa. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao largo do Cruzeiro, sobrado n.º 6, o

faça sentir aos seus moradores que si continuarem a incommodar a visinhança com repetidos alarmas e gritos de aqui-del-rei, principalmente como praticaram na noite de 3, serão obrigados a mudar-se em 24 horas, além das mais penas em que incorrerem. Cumpra.

—O Exm. Sr. presidente fez uma proclamação ao povo bahiano, para seguirem voluntarios ao Rio da Prata.

—E é realmente preciso.

Aquelles salteadores de lá passam do s lvagem ao ridiculo; deram para inquisidores. Convidaram todos os *dondons* e queimaram na praça os tractados celebrados com o Brazil!

Mandam fuzilar um portuguez por suspeito de communicações com os brazileiros!

E matam a vinte e tantos brazileiros por serem favoraveis ao Brazil!

E' pois preciso que o brazileiro vingue essas affrontas, que se vão reunir a milhares d'outras que constantemente soffremos de visinhos ingratos e turbulentos.

—Sim, sim, eu acho bom; mas aposto que o Sr. que tanto falla não vae á guerra.

—Onde mora?

—Na Victoria.

—Porque não mora na minha freguezia?

. . . . . .

—*Tentação*, não olhe para mim.

. . . . . .

—Que padre devasso!

Administrando o sacramento do baptismo e procedendo dessa maneira!

. . . . . .

—Como está magra!

Si V. não quer tomar *ares* na minha freguezia!...

Si não quer morar comigo!...

—Ora que relaxado!

E um patife desses anda a inculcar-se de honesto e casto!

Valha-me *S. Pedro*!

—Valha ao tal vigario o milagroso muxingueiro!

VARIEDADE.

Uma joven teve de confessar-se com um sacerdote velho e respeitavel. Principiou a relação de seus peccados pelos de menos vulto.

De repente porem vacillou, cravou os olhos no chão, e ficou-lhe presa a lingua n. boca.

—Vamos, minha filha, continúa, não tenhas pejo; compra com uma sincera confissão a absolvição de tuas culpas.

—Não me atrevo.

—Vamos, filha minha, não te affijas; a todos alcança a mizericordia de Deus. Leste algum livro máu?

—Não, padre.

—Injuriaste teus paes?

—Oxalá, fora isso e nada mais!

—Blasphemaste contra Deus?

—Não, padre, peior do que isso.

—Invocaste o diabo?

—Não, padre.

—Riste na missa?

—Nada disso....

O padre parou, fazendo diversas conjecturas e concluindo por algum namorico. Pouco tardou para que se certificasse.

—Padre, disse a innocentinha, eu vou confessar tudo, ainda que me custe a vida.

Pelas chagas de Christo, seja indulgente V. Revm. com esta peccadora.

Foi a unica e primeira vez de minha vida.... eu não sabia o remorso que me havia seguir!

O inimigo me tentou!

Era tão formoso! tinha um olhar tão seductor!...

O confessor estremeceu..

—Tão doce! tão carinhoso!... continuava a penitente.

—Queria-me tanto!

E o confessor franziu as sobrancelhas!

—E me seguia a todas as partes! era a sombra de meu corpo!

—Todos são assim, murmurou o padre, que não foi ouvido.

—Uma noite, uma noite aziaga entrou no meu quarto.

—Não succedeu mais do que isso?

—Ai! padre, aqui começa a minha debilidade... e o meu crime...

—Continue, disse o padre fazendo o signal da cruz.

—Aquella noite estava elle tão carinhoso comigo! trabalhou tanto por tentar-me! e eu peccadora de mim! eu succumbi á tentação!

—Mas, vem ca, filha de Deus, o como não poude tua mãe ter mais cuidado em ti e livrar-te desses perigos?

—Ahi tem V. Rvm., padre; si ella nunca me havia prohibido fazer caricias aos gatos!

—Um gato! com que foi um gato que entrou no teu quarto?

—Sim, padre, um gato maltez, formoso, roliço, grande, branco como a neve, que eu roubei á porteira do convento.

—In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti, ego te absolvo, disse o padre e levantou se.

(*Extr.*)

A PEDIDO

Será verdade que na villa de Cayrú, no dia 27 de dezembro p. p. depois da festa que se celebra á N. S. da Piedade, no convento de S. Francisco, os frades tomaram carraspana?

Será verdade que elles, de parceria com um José do Rozario, encarregado da freguezia e uma Rainha dos Anjos, todos no mesmo estado, sahiram com a procissão?

Será verdade que cambaleavam então todos, e que por vezes deu comsigo e com o thuribulo no chão a Rainha dos Anjos?

Será verdade que a custodia ia aberta e que saltou ao chão a sagrada formula?

Será verdade que depois da novena, houve grande alarido dos frades, por serem censurados?

Dizem; não queremos crer. S. Ex. Rvm. que syndique do facto.

—Ora vêm que gallego insolente! Quer que arda todo o quarteirão fronteiro, e elle não dá cavaco....

Ah! cousa ruim!

Para que esses acintes?

Pois, yaya, V. julga que ha quem inveje o seu ensebado e chulésento Narciso?

E V. ,sor gallego, acredita que ha quem cobice-lhe a ventura de deleitar-se com sua Moura Torta?

Ora fomente-se!

Que cazal de sabacús!

Vossês não provoquem, porque do contrario soffrem. Si querem fazer das suas, saiam das janellas. Quem os avisa meu amigo é.

Sinão, vou me queixar ao Jorge.

A santinha.

Desejo innocente.

Ah! si eu fôra da policia
O grão chefe ou delegado,
Não consentira que o povo
Fosse tão desacatado.

Pois que o liberalismo
Não garante a innocencia?
Como se deixa o Pedrota
Arrogar tanta insolencia?

O povo que vê nas praças
De bonet agaloado
O charlatão dos bigodes
Sobre o cavallo montado,

Diz comsigo: este doutor
Não é lá nem uma asneira...
Porque si o fosse a policia
Desmanchava a pepineira...

Por isso não é licito
De seu saber duvidar.
Sem receio lhe deixemos
Os dentes nos arrancar.

E o pobre povo enganado
Leva o dente ao charlatão,
Paga-lhe o queixo que perde
E depois lamenta em vão!

Diz então curtindo as dores
Que o maldito lhe causou:
« Este queixo que pedi
A policia m'o arrancou! »

E de bigode impinado
Passa avante o charlatão,
Montado no seu cavallo
Com seu bonet de galão!

Carcamano aventureiro
—Ridicula caricatura!—
Foge d'aqui, vê que o povo
Nem sempre os logros te atura.

Um dia, talvez não longe!
O pobre povo enganado,
Hade scismar, e então
Adeus bigode impinado!

O sem queixo.

—E nada da commissão do Queimado dar parecer!

—Homem, ha certos consas...

—Que diabo!

—...certos motivos ...

—E o Dr. Goes que tinha tanta pressa!

—...certas rasões ponderosas....

—Que impedem aos homens honestos de fazer o seu dever?

Não é possivel, Sr.; o que ha é caveira de burro, a maldita caveira de burro que comoa antiga cabeça de Meduza, mette medo a gente, para depois petrifical a.

—Ou isso, ou isso, que é a mesma cousa.

Consta que um subdelegado está muito zangado com *a gente* do *Alabama*, por causa d'um seu parente que se metteu ahi n'uma falcatrúa, e diz que ha de metter *todos* na cadeia, para remettel-os como recrutas ao Rio da Prata.

Isto ouvi eu e juro; mas, apezar de tudo, creio que é *chalaça* do homem; o que todavia não me impede de participar o caso á redacção, afim de que dê ella as providencias.

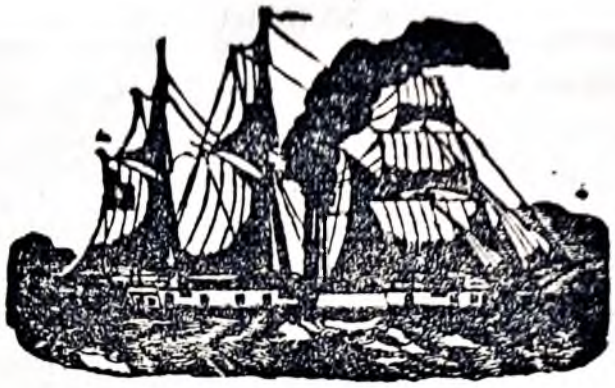
E adeus.

B.

ANNUNCIO.

Pede-se a um Sr. Pimentel, devoto de S. Elesbão, e empregado d'alfandega de Latronopolis, o favor de ir pagar 3$600 rs. que ficou a dever no botequim do Pedro Alexandrino.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.ª



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª BAHIA 10 DE JANEIRO DE 1865. N.º 157.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 9 de janeiro de 1865.

Officio ao Sr. Dr. inspector da saude publica, communicando-lhe que em uma loja de massas á rua Direita de Palacio vende-se uma bebida por 320 rs. a garrafa, com o nome de cerveja, que cumpre examinar, visto que nos informam ser preparada com substancias prejudiciaes á saude.

—Ora isto! Proclamações ao povo, convidando voluntarios para o sul, officios garantindo a suspensão do recrutamento .... e a caçada a continuar!

Tem la termos isto?! Pois a palavra empenhada do governo é brincadeira? Então quem nos garante que findo o tempo porque se contractou, cada voluntario terá sua baixa?

—Mas, Sr., quem lhe disse que o recrutamento continúa?

—Ainda no dia seguinte ao em que foi publicada e distribuida a proclamação e nos seguintes tem havido recrutamento feito pelo batalhão de Brotas e S. Pedro.

—Isso foi para prender os soldados *rebeldes*, insubordinados.

—Isso disse o *Jornal da Bahia*, mas foi engano delle, pois que até escravos foram presos; um postilhão do *Critico*, doente, um batedor da typographia F. Guerra, um tambor de Sant'Anna, guardas da Sé, tudo entrou para o chilindró.

E entretanto o incomparavel Sr. Saraiva, que imprudentemente declarou a guerra, deixou seus companheiros, desamparou os inteiramente, metteu no bolço os SESSENTA CONTOS, e encafuou-se no engenho, a plantar cannas!

—Ainda si fossem batatas ou mandioca....

—E quem quizer que siga para o Rio da Prata, para salvar a nação que o Sr. Saraiva compromelteu, em quanto o Sr. Saraiva chupa cannas no seu engenho, bebe seu leite e resomna, ebrio das delicias de Capua!

Pois não! Quem amarrou que desate. Elle que declarou a guerra, sem de-

claração, que arvorou-se em Christie, mandando proceder a represalias, sem attender á proposta d'uma arbitragem, elle que aguente-se!

—Que duvida! Elle que é o pae da patria, que andava pelas freguezias a fazer discursos pelas eleições, que venha agora ao menos formar um batalhão de voluntarios, animar o povo, por-se á sua frente, guial-o, enthusiasmal-o, obrigal-o a desatar o nó que elle só deu.

Avance elle, dê o primeiro passo, siga á frente, dè um impulso, um exemplo nobre, de coragem! elle que tem tanto prestigio, tão gabada popularidade.....

Ande, Sr. Saraiva, vamos, queremos ver a grandeza de sua alma, ante os *gaúchos* que V. Ex. tão mal considerou.

—*Amanan*!

—No Travasso ha um muro, rachado, em diversos logares, desaprumado, preso somente pela raiz d'um araçaseiro, o qual por força virá a cahir em breve e pode matar alguem.

—Isto é com a camara ou com a policia.

—Bem servido!

Então ja sabem que cae o muro e si tiver de matar alguem, mata sempre!

Policia e camara!...

Camara e policia!...

Uma é surda e a outra cega! uma é cega e a outra surda...

—O fiscal da freguezia da Penha é um empregado... prevaricador.

Tem-se constantemente denunciado que na caza do Sr. barão de Cotegipe, cria-se porcos á vista de todos, e o fiscal passa por alli *e não vê*!

—Aposto que si eu criasse, ja estava multado.

—Bem bello! Quer V. se comparar a S. Ex.! O barão é grande, pode servir, pode dar...

—Temos conversado.

Então si eu criasse porcos, pensa V. que eu não dispensava os ovos em favor de quem visse, calasse e consentisse?!...

—V. ja soube do que succedeu no Bomfim com o capitão João Carvalho?

—Sei; dizem que vinha em companhia de um filhinho, quando foi attacado por um sicario, armado de punhal, acerca do qual tivera uma conversa.

O assassino errou o golpe, ficando sem acção, a tempo que o innocente menino, de joelhos, implorava-lhe que não matasse seu pae.

O povo era immenso ja, quando chegou uma patrulha, que em vez de effectuar a prisão, cuja voz déra o aggredido, poz-se a defender o aggressor.

Mais 6 soldados vieram depois e puzeram-se no mesmo pé; os insultos choveram sobre a victima, que conseguindo com o favor do povo levar o criminoso ao destacamento, foi alli insultada pelo proprio commandante, apezar dos gritos e do pranto da familia, e de uma syncope de que foi accommettida sua senhora!

—Pois isto é serio?

Quasi não creio.

—Oh! Sr.! Facto presenciado por innumeras pessoas, entre as quaes os Srs. tenente Alves, major Guimarães, Pedreira França, Ceslau Pereira, Dr. Freire e Manuel Thomé!

—Mas então que amizade tem os soldados com o tal sujeito?

—A policia hoje compõe-se de capadocios e bem vê que deve ter amizade com capadocios, tanto mais quando

mora esse pelas immediações do quartel.

—Neste caso, parece-me, deve ser mudado o tal destacamento, como prejudicial á segurança publica naquelle logar, visto que está relacionada com os malfeitores.

—Que duvida! Nem outra cousa é de esperar do distincto caracter que dirige a policia actualmente.

—Mais uma facada para o coração paternal do Sr. Joaquim Mauricio!

—E' para que elle veja que acafrão não é para boi, nem pão-de-ló para soldado.

Muita bondade é prejuiso, tudo de mais é sobra.

—Aqui nesta rua *que não é de cima*, ha bons pedaços.

—Que viu?

—Aquelle cujo alli no balcão da venda a abraçar aquella mulher e a dar-lhe beijocas!

—Veja o numero.

—48.

—Aspirante!

—Prompto.

—Vá dizer áquelle maganão que não continúe; que é preciso respeitar a moralidade publica. Do contrario... o porão do *Alabama* far-lhe-ha as contas.

—Amorim Linguinha anda armado.

—Por que?

—Diz que foi attacado.

—Por quem?

—Não sei.

—Que arma traz elle?

—Um *rewolver*.

—Ora que tollo! quer ver si mette medo; julga que ha quem corra ou morra de caretas.

—E' na verdade uma cara de careta; desdentado, feio, ruim, besta, tollo...

—E' costume antigo; julga que ainda é soldado de policia.

—Costume é, mas é do tempo em que elle andava de paubal e cacête, feito o terror do curral.

—Jesus! então até as vaccas tinham medo do bicho! Cruz, diabo!

—Que dous sujeitos tão parecidos!

—São gemeos Mauricio e Aarão, joalheiros, vindos do Rio.

Disseram-me que aquelles dous maganos só costumam ir á casa das familias offerecer joias nas horas em que seus chefes não estão, com o fim de impingirem ás senhoras inexperientes o que vale dez por cem.

Contaram-me tambem um caso de uma transacção pouco licita, pelo que foram a presença do subdelegado.

Mas eu não acredito isso.

—Nem eu.

—Talvez seja intriga dos collegas.

—Provavelmente.

A PEDIDO.

Aos Srs. ministro da guerra, presidente da provincia e director do arsenal de guerra da Bahia.

Havia em Latronopolis, no arsenal de guerra, um laboratorio de que era encarregado uma especie de *Borgia*, terror do dinheiro alheio.

Um dos empregados dirigiu-se, um dia, ao pagador e pediu-lhe adiantada sua *feria*.

—Quanto tem?

—Dezesete mil e tantos reis.

—Serio?!

—Sim, Sr.

—Aqui os tem.

Ao chegar porém a folha no sabbado, o empregado tinha trinta e oito mil reis pelo menos.

—Sr. administrador, commandante

ou o que quer que seja do laboratorio, quanto tem este homem?

—Trinta e otto mil réis.

—Sr. empregado, quanto tem?

—Dezessete?

—Então, Borgia?

—E' que elle não sabe fazer calculo.

—Pois, Sr., aqui tem os seus trinta e oito mil e tantos reis.

E o homem recebeu o dinheiro que accusava a folha.

Borgia, porém, corre atraz do infeliz e deixa-o, si me não engano, com treze mil reis apenas!...

As honradas pessoas a quem me dirijo vêm que o roubo é escandaloso e calculam que muitos outros terão logar.

Si existisse ainda um larapio desses, não seria acaso demittido?

Perguntal-o fora injuriar os altos caracteres que presidem aos negocios da guerra.

O governo, pois, deve dar as necessarias providencias. Os *ratos* que engordam á custa dos cofres publicos são innumeros: é preciso metel-os na ratoeira.

O escandalisado.

—Estou damnado!... Estou furioso!... Isso não tem geito!

—O que tem, meu amigo?

—Fiz tenção de ir ouvir missa hoje sexta feira no Bomfim, e como me dissessem que o vapor sahia ás 7 horas comprei um bilhete, porém agora dizem-me que só largará ás 9!

De maneira que sou obrigado a esperar ou a perder, o dinheiro porque não m'o querem restituir, apesar da falta ser da companhia.

—Tenha paciencia, amiguinho.

—Ora não sabe?

—Que foi?

—Um bicho *montez* ou *monteiro*, la da caza de prisão sem trabalho, armou uma companhia de larapios e invadiu a fazenda dos Fiaes.

—Quando?

—A 18 do corrente.

—Que fez?

—A quadrilha entrou pela fazenda, desrosperton a familia que la estava, e deu forte nos pombos que foi um gosto!

—Tiveram então os larapios bom resultado!

—Engana-se; os negros tomaram os pombos até de dentro dos balões das mulheres que iam na quadrilha.

—Que vergonha!

—E elle que não continúe; a graça pode custar-lhe caro; si houver um bom *guarda*, o tal bicho *monteiro* ficará guardado.

Attenção! attenção!

Está preso Theodoro José do Couto, condemnado por injurias feitas á pessoa do Sr. Mariz Pinto.

Quem tem acompanhado esta questão vê que Couto não foi mais que o instrumento cego de quem quiz satisfazer seu rancor contra o honrado Sr. Mariz Pinto.

O proprio Couto chegou já a dizel-o, quando separou-se do *Interesse Publico*, dizendo-se illudido em sua boa-fé.

Assim, satisfeita a lei, preso Couto, illesa a reputação do Sr Mariz Pinto, nada mais tem este a desejar.

Estou pois muito convencido de que Mariz Pinto, vingado pela lei, terá bastante magnanimidade para livrar das grades d'um carcere a um infeliz.

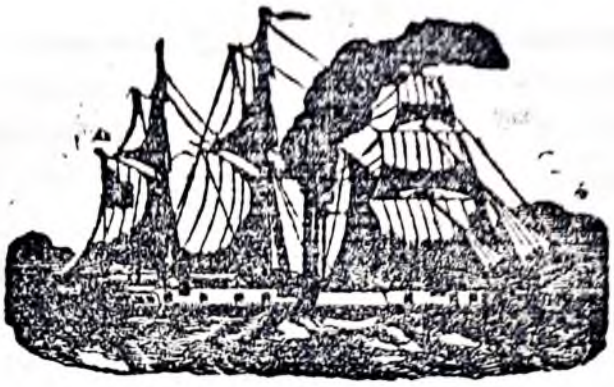
Um justiceiro.

ANNUNCIOS.

Vende-se a venda á quina do Pelourinho que se dirige para as Portas do Carmo e quem nella preferir dirija-se a mesma venda que achará com quem tratar,

Roga-se aos Srs. Justino Pereira Gallo e Antonio Francisco Rodrigues o favor de comparecerem á venda n.° 67 no largo da Soledade para tractarem de negocio de interesse.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª BAHIA 12 DE JANEIRO DE 1865. N.º 158.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 11 de janeiro de 1865.

Officio ao Sr. provedor da Santa Caza de Mizericordia pedindo-lhe que em vista do seu bondoso coração e das grandes acções meritorias de interesse e charidade que tem feito, se digne dispensar doze irmãs de charidade para marcharem para o Sul, a tractar dos nossos infelizes irmãos que forem feridos, visto ser esta a missão de sua ordem.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que mande á rua do Tingui a conduzir para o porão deste navio, afim de ser receitado pelo muxingueiro, um certo padeiro que vive alli quotidianamente a escandalisar o publico com um desfructavel namoro, que enjoa e indigna os visinhos. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua do Paço, descida para a baixa dos Sapateiros e mande orçar, para se effectuar, a obra que se faz precisa com um cano que alli existe, o qual tem por tampa uma pedra collocada em falso, que de continuo levanta-se de um lado, á proporção que se pisa no outro. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua do Tijollo e procure a *Sinhá* e *Candinha*, e faça-lhes sentir que ainda bem não tinham tres dias de estada naquella rua, ja os moradores dalli representavam contra seu pessimo comportamento, achando-se até a familia do cidadao Manuel Martins de Andrade inhibida de chegar á janella por que fica sua morada fronteira á dellas que costumam andar em casa em fraldas de camisa. Cumpra.

—Consta-nos que não haverá, este anno, lavagem no Bomfim.

—Ja era tempo que cessassem os escandalos na caza do Senhor.

—E tão boa providencia deve se ao Rvm. vigario da Ponha e ao Sr. thesoureiro da irmandade.

—E ao arcebispo.

—Sim... e ao arcebispo...

—Ora esta ladeira do Pilar é uma miseria!

—E V. a perder seu tempo!

—Não parece que ha um inspector de saúde que vela pela saúde do povo!

Não parece que ha camara!

Não parece que ha engenheiros!

Não parece que ha policia!

—Ora! nem que as gazetas fallem, e tornem a fallar!

—Veja que enorme monturo!

Ja não ha por onde se passe!

A montanha subiu mais de duas braças de cisco!

E até deram agora em escaval-a!

—Bom, bom!

—Quando chove, não se pode andar nem por cima do cisco: as aguas tomam toda a extensão da ladeira e correm pela montanha abaixo, que é um prazer.

—Bagatella!

Quando cahirem as terras, não hão de faltar cobertas de incerados!

—E tudo aqui é assim!

Ora historias!

—Rapaz, abrande o genio, e deixe correr o mundo.

—Em quanto não succeder alguma desgraça, não se dá providencias!

—Costume antigo, rifão do povo: O brazileiro fecha a porta depois do roubado.

—Bem bello! ... E depois vem cá o padre Ayres e outros fallarem da indifferença religiosa que existe, quando elles são os primeiros a dar o exemplo, e a mostrar o caso que fazem dos actos religiosos.

—Que ha de novo?

—Entrei no Collegio para ouvir o côro na segunda feira, e encontrei lá um conego, dous padres, e um frade franciscano.

—E' que os mais estavam occupados.

—Mas si isto é quasi todos os dias! E' raridade quando se vê alli tres conegos.....

—Neste caso é escusado fallar por que é materia velha.

—Ouça este pedaço.

—Ouvidos sou.

—Certo empregado publico *vermelho*, que vive constantemente a insultar, furioso e satanico, o actual governo, teve de ser removido.

«Não sigo o meu destino, não vou, que não quero! Posso passar sem ser empregado publico; não obedeço a um governo tão immoral!»

E os companheiros andaram a dizer:

«O F. não vae, vae abrir um escriptorio de commissões.

Gente só os vermelhos! Isso é que é protecção!»

A protecção porém que lhe deram foi ser caixeiro. F. começou a *despachar* na alfandega.

Reflectiu depois melhor e anda agora de joelhos, por todos os ligueiros, a implorar clemencia, a pedir perdão, a lembrar que tem filhos, e rogar que se interessem para que elle não saia da patria que o viu nascer.

—Coitado! tenho pena delle!

—E' por que não lhe conhece a arrogancia!

Si por empenho dos ligueiros elle deixar de seguir para o logar de sua remoção, virá disso gabar-se, dizendo que zombou do decreto, graças á sua força e a dos seus!

Isso não é de quem tem bom caracter!

—Não é prohibido ter cães soltos?

—Que duvida!

—Quem os tem não paga multa?

—Quo duvida!

—E que faz a cam ra?

—Ja não existe.

—Que fazem os supplentes?

—Estão sem fiscaes.

—E a policia?

—Como pode a policia acertar com a caza dos donos dos cachorros?!

—Poisentão mate-os, dêl-hes bolla.

Ja se não pode com os cães! Além do perigoso risco das dentadas, ha o *desaforo* escandaloso, que os moleques ainda mais escandaloso fazem, com seus gritos, pancadas e pedradas.

—E como está a cidade cheia de moleques!

A policia porque não toma uma providencia a respeito?

A' noite então, ninguem pode com elles; são encontrados aos grupos, a proferirem palavradas, a darem gritos, a correrem atropellando os viandantes, a brigarem constantemente com os companheiros, e si tem de ir para a caza vão; si tem de dormir na rua, dormem...

—Homem, reclame ao chefe de policia, que certamente o attenderá.

—Dizem que a camara mandou chamar os supplentes dos supplentes para tomar assento.

—Si fossemos do presente quatriennio, lá ia o Gouveia Gravata com seus 14 votos.

—Muxingueiro, vae ter com o sabidorio da companhia do Dique e pergunta-lhe quaes são os capitalistas das machambombas, pois desejo saber-lhes o nome.

—Prompto.

—Si nada responder, traze-o ao porão para soffrer o castigo que merece quem quer fazer dos outros tollos e enriquecer com *sabedorias*.

—Obedeço.

LA VAE VERSO.

A creoula.

Meus amores são lindos, côr da noite
Recamada de estrellas rutilantes;
E' formosa creoula, ou Thetis negra,
Tem por olhos dous astros scintillantes

Em rubentes granadas embutidas
Tem por dentes as perolas mimosas,
Gottas de orvalho que o inverno gela
Nas breves petalas de carminea rosa.

Os braços torneados que allucinam,
Quando os move perluxa com langor,
A bocca é roxo lirio abrindo a medo,
Dos labios se destilla o grato odor,

O collo de velludo Venus bella
Trocara pelo seu, de inveja morta;
Da cintura nos quebros ha luxuria
Que a filha de Cyniras não supporta.

A cabeça involvida em nubia trumfa,
Os seios são dous globos a saltar;
A voz traduz lascivia que arrebata,
—E' cousa de sentir, não de contar.

Quando a brisa veloz, por entre anaguas
Espaneja as cambraias escondidas,
Deixando ver aos olhos cubiçosos
As lisas pernas de ebano luzidas,

Santo embora, o mortal que a encontra pára;
Da cabeça lhe foge o bento sizo;
Nervosa commoção as bragas rompe-lhe,
E fica como Adão no Paraiso.

Meus amores são lindos, côr da noite
Recamada de estrellas rutilantes;
E' formosa creoula, ou Tethis negra,
Tem por olhos dous astros scintillantes.

Ao vir no chão tocar seus pés mimosos,
Calçando de setim alvas chinellas,
Quizera ser a terra em que ella pisa,
Tornal as em colher, comer com ellas.

São minguados os seculos para amal-a,
De gigante a estructura não bastára.
De Marte o coração, alma de Jove.
ue um seu lascivo olhar tudo prostrára.

Si a sorte caprichosa em vento, ao menos,
Me quizesse tornar, depois de morto,
Em bojuda fragata o corpo della,
As saias em velame, a tumba em porto,

Como os Euros, zumindo d'entre os mastros,
Eu quizera açoitar-lhe o pavilhão:
O velacho bolsar, bramir na prôa,
Pela pôpa rojar, feito em tufão.

. . . . . .

Dar cultos à belleza, amor aos peitos,
Sem vida que transponha a eternidade,
Bem mostra que a sandice estava em voga
Quando Uranus gerou a humanidade.

Mas já que o fado iniquo não consente,
Que amôr, além da campa, faça vasa,
Ornemos de Cupido as santas aras,
Tu feita em fogareiro, eu feito em braza.

(Extr.)

A PEDIDO.

—Consta-me que o Sr. Marinho diz que vae mandar o seu caixeiro castigado para a *sua terra*; que não admitte mais caixeiros brazileiros, por que são canalha; que os brazileiros são ingratos etc. etc.

—Deixal-o; o Sr. Marinho póde, está no seu direito, que se ha de fazer?

Dá-se um premio vantajoso a quem descobrir um LADRÃO que habitava a costa do Mar Grande, e que tinha reduzido á escravidão centenares de pessoas livres, o qual desappareceu ha *dias* não se sobe para onde.

O Ignacio.

Pede-se aos Srs. capitães dos vapores que teem de fazer viagens para o Bomfim todo o cuidado, afim de não acontecer o que aconteceu o anno passado com os vapores *Santo Antonio* e *Jequitaia*, que andaram ás boquinhas.

O receio.

Então, amigo Luneta, continuas com tua descaração, cada vez a mais?

Seja dia, seja noite quer a pé, quer de cavallo ou de besta?

E's muito safado; tens ja por vezes feito gemer os prelos e nada de emenda.

Por que te não adiantas com gente da tua egualha?

Para que estás a olhar para o sobrado, a fazer signaes?

Renitente, larga o osso.

Pois não córas das pateiadas que levas, na hora do jantar?

Pois o *que abrasa a terra* te dará rubor na cara.

E o muxingueiro do *Alabama* dar-te-ha geito no corpe.

Continúa e verás.

A penca de bananas.

Quem é aquelle que alli vem a todo galope, parecendo D. Quichote, tão alto e preto, de oculos, em um cavallo castanho?

Eu digo quem é... um preto alfaiate, impostor e bobo das lanternas, que tem este cavallo só para quando quer entregar obras.

Outro dia encontrei elle as voltas com o cavallo, o cavallo por cima d'elle, elle por baixo do cavallo, e os oculos saltarão longe da mascara...

Como se chama?

O nome, Sr. Marcolino, não lhe posso dizer, por que não quero que elle saiba.

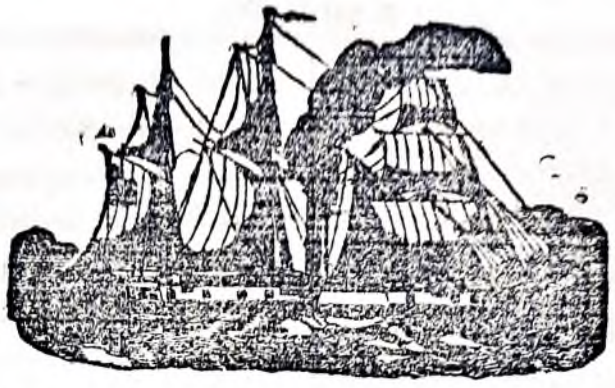
Onde mora?

Parece-me que mora lá nos matos n'algum *baixão*.

NOTICIA MARITIMA.

Chegou a sumaca *Francelina* dos portos de *S. José* com um carregamento de carne para *vender fiado* e dez volumes de *insolencias*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.ª



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª BAHIA 14 DE JANEIRO DE 1865. N.º 159.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 13 de janeiro de 1865.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que mande prender, para remetter a seu commandante, um soldado de policia, velho e *piloto*, o qual além de andar dizendo *graças* ás senhoras pelas janellas, deu agora em atirar pedradas nos moleques que o apupam. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á venda do Sete Composto e intime a um certo Joaquim, dono da mesma, que deixe de embriagar-se constantemente para insultar a visinhança e a quem entra na bodega, sob pena do muxingueiro fazer-lhe as contas, no caso de reincidencias. Cumpra.

—Ora V. não sabe!

—Que foi?

—Pois aquelle sujeito do *macassar* não anda agora mettido n'uma trapalhada!

—Deus o conserve.

—O diabo ajuda sempre aos seus.

—Safou-se ja?

—A trapalhada é para elle um mangelorum.

Um negrinho comprou sobrados, padaria e o diabo em nome do cujo, e este agora dá o preto por demente!

—Olá!

Bons recrutas para o Rio da Prata.

—Dizem que o governo propõe-se a acabar com tres companhias nesta cidade.

—Quaes?

—A do olho vivo, a do devora e a do arrasa.

—Explique-se.

—A primeira é a dos ratoneiros a outra é a dos jogadores e a ultima a dos agiotas.

—Que ventura, santo Deus!

—Amorim Linguinha disse que os bachareis e doutores é que devem ir para o Rio da Prata.

—E a companhia do olho vivo, para

que fica? Então não vão os testamenteiros intrusos, os herdeiros *sabidos*, os ladrões de todo o genero?

Deixe-se disso, Linguinha!...

—O *Jornal da Bahia*, transcreveu um artigo do *Alabama*, que falla de voluntarios e do conselheiro Saraiva.

—E está muito ufano, julgando ter atirado uma lança em Africa.

—Pois desengane-se! O artigo não serve a seus fins; o *Alabama* não tem partido, mas faz justiça a quem a tem.

E tanto a faz que no dito artigo repara em que estejam a comprometter o Exm. Sr. presidente, continuando o recrutamento.

—Agora não continua elle, garanto; foram até censurados os commandantes dos corpos, de cujas ordens abusaram os guardas.

—Agora, quanto ao Sr. Saraiva, julgo que elle que é alliado do governo, deve, pelo menos, vir ajudal-o na arduá tarefa de que está encarregado.

—Sim, sim, que duvida!

O meu maior prazer é vel-o, o seu maior dever é por-se á frente d'um batalhão de voluntarios.

—O relatorio do Des. Silva Gomes diz que o Dr. Reis foi demittido de delegado em virtude de graves accusações, que elle em sua defeza não destruiu.

—Serio?! Si o Dr. Reis foi demittido antes de defeza!...

—Nem tão *calvo*...

—Depois, muito bem defendido foi elle no *Interesse Publico*.

—Ora... *cabelleiras*!

—Muito barato está agora o oleo de babosa.

—A' proporção que desce no preço, sobem a carne e a farinha.

—Quando espalhou-se que o corpo policial seguia para o Sul, depois de seguir toda a tropa, corria que os negros *iam se levantar*.

Agora dizem que *levantaram-se*, que vivem a insultar as senhoras, a dirigir-lhes pilherias etc. etc.

—E' mão occulta que anda ahi; dedo de gigante...

—Parece; houve muita gente que não gostou da emancipação total dos africanos livres, e pretende assim desacreditar o acto do governo, porque é acto de livre, porque é acto de liberal.

—Com effeito! ha gente capaz de tudo!

Miseria!

—Está dado o primeiro passo, a guerra está feita, não ha remedio.

Continuam as infamias, os assassinatos, os roubos, as violencias, os insultos, as atrocidades, por parte do Uruguay, contra os brazileiros!

Brazileiros, como diz o M. Barretto! ás armas correi!

—Sim, bahianos!

Os *gaúchos* acabam de cortar o nariz e as orelhas a um pobre tambor! depois caparam-no! depois, cortada a cabeça, metteram-na n'um espeque, puzeram-lhe o bonet e por acinte um letreiro indicando a nação a que pertencia o infeliz!

—Horror, santo Deus!

Povo, é preciso na verdade vingar tantas affrontas!

Esqueçamos pequenos odios pequenas dissensões internas, tornemo-nos um só homem para salvar o Brazil!

Que importa que muitos que só tem gosos nos não dêm o exemplo?

Compramos nós nosso dever tenhamos tranquilla a consciencia e deixemos viver os zangões politicos.

— Está bom, Sr., vá indo qu jae vou.

A PEDIDO.

Hontem, foi um moço comprar um bilhete para o Bomfim, e sendo elle marcado, não consentiram que embarcasse elle para o Bomfim.

Dirigindo-se elle a um Sr. que dizem chamar-se Alves e morar nos Barris, empregado na companhia bahiana, este o tractou mal, dizendo que o bilhete cortado que lhe era apresentado fora talvez furtado!

Abusar assim da sua posição e insultar ás pessoas que tem negocios a tractar, não parece muito prudente quando nem todos tem instinctos pacificos e pode haver alguma consequencia má.

Pede-se pois á direcção da companhia providencias.

* * *

—Ja ha mulher, official da guarda nacional?

—Quem lhe disse isto?

—Eu que vi!

—Historias!

—Passei pela rua dos Carvoeiros e vi uma moça na janella de banda a tiracollo e bonet do 2.º na cabeça.

—Será alguma *voluntaria* que vae marchar para o Rio da Prata.

—No batalhão de S *Pedro*?

—Deixe-me, Sr. *Joaquim*.

—Arreda, sou um perdido...
Estou prompto a perder-me.
Nãe tenho casa.....
Minha casa está nas sollas dos pés.
Tenho uma faca prompta para qualquer branco que duvidar da fé.

—Quem é este?

Não conheço.

—Elle está bebado?

—Talvez, por que é o certo todo o dia.

Oh! este homem é um perigo!

—Onde mora?

—Está me parecendo um lavrador que ha no Matatu Grande; por S. Herculano e por estes gomos de laranja, creio que é elle.

Pois é bom que recorramos ao Sr. subdelegado de Brotas para dar destino a esta peste.

—Sabes quem é aquelle *romancista* que appareceu na *Catana* de 16 do passado em dialogo com um *sujeito*?

—E' um homem de lettras, elle mesmo o disse.....

—Qual homem de lettras!? Já viste algum andar pelas praças publicas a usar de uma lingoagem d'aquella ordem e a provocar desordens?!...

—Não de certo; será talvez, segundo indicam o *typo* e os ademães, algum adulador do *celebre comico*, algum loiolista, isto é, algum da *cafila* dos apreciadores da *mulher de marmore*!!...

—Não duvido; e o desespero d'essa gente é motivado pela justa expulsão do tal *comico* e da sua *impagavel consorte*, de certa sociedade.

—Todavia, parece-me, que o moço é valente; pois disse que *faria saltar os miollos* do outro a quem provocava; apesar de que consta-me que elle por ser amestrado no officio os faz saltar sem quebrar cabeças: creio que me intendes, eim?

—Perfeitamente. Esse e outros de egual jaez, não se querem convencer de que são miseraveis, covardes, pois se attrevem a provocar, não obstante um delles ter levado meia dusia de *bofetadas* em uma das ruas da cidade baixa na tarde de 13 do passado.

—O que me dises, homem! E o que fez elle ao adversario?

—O que fez?! O que faz todo homem sem brio; levantou-se e disse com o maior cynismo:

—Não gosto de semelhantes graças..—

—Ca, ca, ca, ca; forte pedaço d'asno!.,

—E são bigorrilhas d'esse quilate que arvoram-se em partidarios de *insignificantes vecadistas de theatro*, e que levados pela inepcia que os caracterisa, ousam insoltar o talento, que por ter consciencia e dignidade, não quiz (*como alguem*) tomar parte nos seus espectaculos.... de devassidão!

Apologistas do vicio, que apenas se satisfazem com a materia, despresando a sublimidade da intelligencia, querendo abatter o *genio* para elevarem a *estupida figura da prostituição!*

E são esses os imbecis que nas praças publicas se dizem homens de lettras, desmoralisando a nobre classe d'aquelles que de facto o são!.....

—Mas eu tenho ouvido dizer, meu charo, que o author desses pasquins contra os taes *pellados* é um redactor de gazeta; si assim è, e si concordas vou jà metter a *catana* n'esse pobre diabo.

—Não, meu amigo, não queiras confundir-te com essa canalha de sensualistas, deixa que elles nos lancem improperios, conservemo-nos como homens de bem.

A carne da *Venus* que elles agora tanto admiram, bade morrer; ao passo que o talento, à quem nos curvamos dignamente, será pela posteridade respeitado ...

—Concordo comtigo, e cada vez mais abomina *malfadada* Lólò, e a seus infames sequases..

Pede-se a um official de descarga d'alfandega que não troque a casa de sua mulher e filho, pela casa de sua amasia, a qual mora na rua Nova de S. Pedro; lembre-se que ja é velho, pois ja tem netos; e que esta forma de proceder só assenta nos moços solteiros! Por ora só isto, e se continuar, declararemos seu nome, e algumas cousas de sua amasia praticadas em certa terra de fóra, quando la foi com olla passeiar antes da festa.

Um da Saubara.

—Que mono é aquelle que desembarcou agora do vapor de Santo Amaro na ponte da Companhia Bahiana?

—E' morador n'um engenho onde se planta muito *timbó*, e cujo nome e proezas são eguaes a do heroe da *Martinhada*.

Aquillo é a devassidão em pessoa. Teve a coragem de deflorar uma menina de 9 annos a quem tratava por filha e na presença de suas proprias irmans.

—Que malvado!....

—Foi a 24 de dezembro do anno 18.. n'uma povoação cujo dono é um barão filho d'um conde e netto não sei de quem, a qual povoação tem o nome de uma provincia brasileira.

A menina preparava-se para ir a um baile pastoril de que era pastora.

O monstro ao vel-a tão bella e engraçada enche-se de desejo impudico e para satisfazer seu brutal instincto toma o pretexto de mandal-a ao quarto buscar o quer que fosse, e trancando-se com ella consummou seu nefando acto aos gritos da innocente violentada, e da familia consternada.

Ao depois empurrou-se por uns dias para um logar onde se faz *armas* em quanto passava a effervescencia.

As authoridades fizeram que não sabiam apezar da notoriedade do facto, mas a lingua do povo nunca mais o deixou pôr o pé em ramo verde, pelo que viu-se obrigado a mudar-se e ir plantar *timbós*.

—Aquelle patife só amarrado a uma *pereira* ou nas garras d'alguma monstro *marinho*.

—Por S *Martinho*, é o que merecia.

Charada.

Sou parte do corpo humano—2
E ao homem torno andante—1
Sou parte dos animaes—1

CONCEITO.

E bacia de estudante.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.ª

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª BAHIA 19 DE JANEIRO DE 1865. N.º 160.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Ao Povo.

O Sr. conselheiro Saraiva veiu á imprensa, porque *lhe escreveram* que estava sendo calumniado, attribuindo-se lhe a recepção de 60:000$000 rs., por occasião de sua missão ao Prata.

A calumnia, porém, S. Ex diz ter partido do Sr. senador visconde de Jequitinhonha, propalada talvez por empregados do thesouro.....

Bem vê S. Ex. que ha mais tempo devera tel-a fulminado, visto que se não concebe que S. Ex. só saiba do que diz a gazeta quando lhe escrevem;

O que, a ser verdade, só vem para provar o mal que faz S. Ex. em metter-se no seu engenho, sem cuidar da patria, de cujos interesses *teve alias o civismo de encarregar-se no Prata.*

Sendo agora o primeiro a declarmos ao mundo que S. Ex. sò recebeu 15:000$000 rs. *de ajuda de custo ordinaria*, pedimos-lhe que se digne por favor explicar ao Povo a rasão, porque n'uma crise terrivel que S. Ex. provocou, desampara S. Ex. os negocios publicos, quando acaba de dizer no *Diario* de 17 do corrente que servirá sempre á patria, quando julgar que precisa ella de seus serviços.

Bem vêm todos que S. Ex. não pode dizer que não precisa o Brazil presentemente de seus serviços: a rasão porque o Sr. Saraiva não está em campo é outra: algum mysterio profundo, cuja revelação o publico deseja na hora solemne do perigo commum.

Os amigos de S. Ex. não são sinceros;deviam *ter-lhe* tambem *escripto* que d'involta com a calumnia, havia taes exigencias.

Passando agora a um miseravel adulador que appareceu em um *communicado* no *Diario* de 14 do corrente, dizemos a elle que diz que seria melhor não responder-nos, que nós não lhe daremos resposta.

A opinião publica julgará quem tem rasão. Ao povo por tanto é que nos dirigiremos.

O *artigão* do impudente bajulador principia por dizer que o nosso artiguito, como elle chama, diz ter cou-

tinuado o recrutamento, ainda depois da proclamação do Exm. Sr. presidente.

E assim foi; houve recrutamento feito pelos batalhões de Brotas e S. Pedro; o proprio presidente disse o á *certa pessoa* que com elle esteve, accrescentando que reprehendera a seus commandantes os quaes desculparam-se com o abuso dos guardas, encarregados de prender soldados que não compareciam, vulgarmente chamados de *rebeldes*.

Diz tambem que convidamos os cidadãos validos a não servirem e os soldados a desertarem de suas bandeiras.

Calumnia desfaçada, cujo premio tereis em tempo, miseravel politiqueiro....

Diz mais o communicado que o *Alabama* censura o castigo a soldados *rebeldes*, cousa a que elle responde com uma risadinha amarella.

O riso do desdem, do asco que inspira a baba nojenta do reptil venenoso, é o que merece a calumnia que atiraes-nos.

Intendemos porem que não devemos perder tempo, analysando as outras infamias que pullulam no artigão do miseravel, que nem d'um pseudonimo teve animo de usar.

S. Ex. o Sr. presidente da provincia sabe que somos incapazes de criar tropeços a um administrador bem intencionado, justiceiro e recto, como é S. Ex.. Nosso programma (contestando aqui o direito do *artigão* de chamar o *Alabama* de liberal, pois que este sempre disse não ter partido) é fazer justiça a quem a tiver.

S. Ex. sabe que amigos não são escravos.

E o Povo faz-nos a justiça de crer que nunca seremos contra uma guerra em que se acha empenhada a honra do Brazil.

Imprudencia, ou não, cabe a nós agora *sustentar a independencia e integridade do imperio e defendel-o dos seus inimigos externos.*

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 18 de janeiro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe providencias para que seja mudado do destacamento de Santo Amaro o alferes da guarda nacional Manuel Jeronimo, medida que se torna necessaria a bem da ordem á vista do descontentamento que se nota na população, pelos excessos, tropelias e abuso de poder que consta tem aquelle alferes pr ticado.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que segundo nos informam, uma certa parda de nome Belmira, moradora á Fonte Nova do Desterro e que possúe uma roça na fazenda Santa Cruz, freguezia de Brotas, dá ventura, tira ventura, bota diabos, tira diabos, cura, mata, tem santo na cabeça, embriaga-se diariamente, faz casamentos, descasa, descompõe uma sobrinha, insulta os visinhos, canta, ri, chora, dança, toca, samba, tudo mediante dinheiro que lhe dão os tollos.

O que, a ser verdade, não é possivel que continúe com tão manifesto damno da religião e da moral publica.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, partecipando-lhe que no armazem da caza n.° 12 á rua do Bispo ha todos os dias ajuntamentos de africanos, das duas horas em diante.

—Ao mesmo, pedindo-lhe providencias para que cessem os escandalos e immoralidades que se praticam em uma casa ao becco do Arcebispo, pertencente a uma tal *Maria Cabrinha*

onde ha constantemente bebedeiras e palavras obscenas, chegando a orgia ao ponto de porem-se todas nuas no sabbado e domingo á noite para *sambarem* desesperadamente em companhia de diversos capadocios.

—Encantada caveira de burro!

Nada de parecer da commissão do Queimado!

A do theatro ja deu seu parecer e a outra nada!

—Ora bem bello! Pois uma commissão *chymica* é para ser comparada ao exame de bagatellas theatraes! V. não vê que é preciso tempo, estudo, trabalho....

—E como o Dr. Goes deu um parecer tão depressa?

—E' que o homem queria desencantar a caveira de burro.

—E vae o povo continuando a beber agua podre, pessima, como tem estado e ainda mais estes ultimos dias.

—Nem tanto....

—Que diz o Sr.?! Ora não brinque. Eis ahi que informam-me neste momento que o Exm. Sr. inspector d'alfandega mandou hontem fechar as *pennas* de sua repartição, communicando o facto á companhia!

—Sendo assim....

—Que terra! que gente!.....

.....

—O desfructavel communicante do *Diario* de 14 do corrente diz que breve tem o *Alabama* de soffrer a acção penal do codigo.

—Que tollo! pensa que mette medo com suas caretas.

—E' amigo que compromette as causas; fez uma excellente defeza o tal advogado sem nome!....

—Tem vergonha de apparecer.

—Provavelmente é algum sujeito que desceu das columnas *officiaes*.

Assim é natural esquecer a assignatura.

—Historias! o que elle é é um escravo do Saraiva, fugido do engenho.

—Prenderam na Saubara e remetteram para Santo Amaro, para de lá ter conveniente destino como recruta, um pobre homem que sustenta sua avó septuagenaria e sua mãe cega.

E dizem que foi por intrigas.

—São bem maus esses excessos.

—Fazia dó ver a pobre velha acompanhar o neto até Santo Amaro, e la, de joelhos aos pés d'alguem, implorar a soltura de seu neto sem ser attendida.

—Felizmente as authoridades superiores não pactuam com esses abusos.

Parodia a proposito.

Aguirre plantou quiabos,
Saraiva fez carurú,
O Mitre deu a farinha,
O Lopez mecheu angú.

(*C. popular.*)

A PEDIDO.

Adverte se ao Sr. sargento do corpo policial Moraes para que seja mais polido e commedido para com as pessoas com quem tiver de tratar em acto de serviço.

Deixe a sua grosseria la para os soldados que tem a infelicidade de lhe estarem subordinados e que remedio não tem si não aturar-lhe o genio rixoso.

Um maltratado.

Recitativo para viola

OFFERECIDO AO DR. A. L. P.

Quando te vejo qual perfeito burro,
Grande casmurro a enxergar d'antolhos
Sinto, lamento não poder (tu crêras?)
Com minhas veras escangalhar-te os olhos,

Quando te vejo a caminhar ligeiro
Como um sendeiro a galopar tangido.
Tenho vontade de fazer parar-te,
Para esfregar te com um mangual cosido.

E quando leio a informação que déste
E que quizeste a estupidez mostrar,
Sinto não possa esta *coisa* rara
Na tua cara com prazer rasgar.

Ja mais não grimpes, meu gagento *pinto*,
Que eu não consinto que tu vás assim;
Anda direito, toma bem cuidado,
Se não maguado hade ser o fim!

Pelo Dr. Ironigem.

C'est vrai.

Em quanto ao soluçar de mil cuidados
Nossos pobres irmãos marcham p'ra guerra,
Se combate por mar, quanto por terra,
Com dispendios e perdas de soldados;

Em quanto os brazileiros denodados
Sitiam Paysandú, e quanto a terra
Do feroz paraguayo, que se emperra,
Tem fé de supplantar, sempre altanados;

Em quanto o Brazil todo se conjura
A vencer ou morrer nesta contenda,
No justo desempenho de bravura;

Só tu, meu *diplomata* d'encommenda,
Gosando da *saraiva* da ventura,
De tuas cannas tratas na moenda;

(Do *Jornal da Bahia* de 14 de janeiro.)

Attenção.

Pergunta-se ao Sr. Malaquias a razão porque, segundo dizem, tem em sua caza, á rua do Bangala, as escravas Ignez e Mariana e filhos, tendo estas um depositario, que é o Sr. alferes Costa?

Para que não continue semelhante abuzo, chama-se a attenção do muito digno Sr. Dr. juiz municipal da 2.ª vara, afim de que o liberalismo do dito Malaquias não chegue até o ponto de estar se aproveitando dos serviços d'aquillo, que lhe não pertence.

Assim, sim. pode-se muito bem tractar de liberdade!

IMPORTAÇÃO.

De Pernambuco para Coyrú, cuter *Alfredo* capitão José, consignatario Oliveira Dr.,200 canastras de depravacões, 800 fardos estupidez, 100 gigos insultos, 500 barris insolencias para amostra; passageiros a mãe do capitão, o creoulo Manuel Luciano, e José Caroço, amigo do mesmo.

ANNUNCIOS.

Pede-se a certo guarda da camara que vá pagar o importe dos generos que tomou para si e seu companheiro (o qual diz ja lhe ter entregue sua parte) na venda da Estrella do Norte.

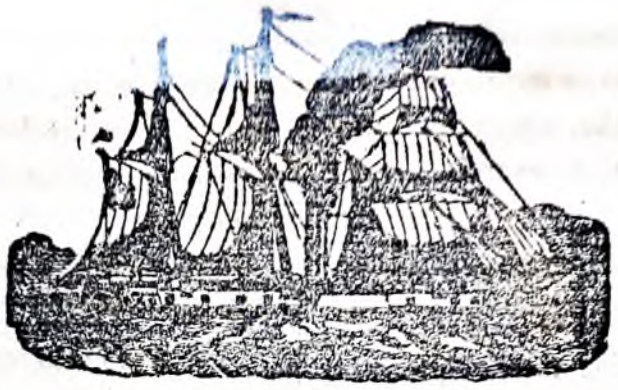
Pede-se encarecidamente e pelo milagroso S. *Nicoláu*, a certo dentista, que vá pagar a quantia de 10$000 rs. que deve na venda da Estrella do Norte.

Pede-se a certo individuo servente de rua o favor de pagar seu debito á venda Estrella do Norte.

Vende-se a venda á quina do Pelourinho que se dirige para as Portas do Carmo e quem nella preferir dirija-se a mesma venda que achará com quem tratar,

Roga-se aos Srs. Justino Pereira Gallo e Antonio Francisco Rodrigues o favor de comparecerem á venda n.º 67 no largo da Soledade para tractarem de negocio de interesse.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª BAHIA 20 DE JANEIRO DE 1865. N.º 161.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 20 de janeiro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, partecipando-lhe que um muro que se está construindo no Montserrat para impedir os estragos do mar, é feito de tal maneira que o mar já o alluiu pela base, não tendo além disso grossura alguma, e sendo construido de pessima liga; escandalo que deve V. Ex. mandar examinar, para que não continuem a soffrer os cofres publicos.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na noite de 18 do corrente um individuo de nome Luiz, empregado na casa de Saude do Dr. Seixas se apresentara ás 10 horas da noite em casa de um homem na rua da Laranjeira, da qual diz ser inspector, para tomar arrolamento, e como o homem se negasse e, por estar um pouco spiritualisado, o repellisse de uma maneira um pouco forte, o referido Luiz apresentou-se depois com dous guardas policiaes, invadiu a casa e levou o homem a rastos, preso á ordem de V. S. que por certo não combina com taes desmandos, e de quem espera-se repressão para tão escandaloso abuso.

—Ao Sr. commandante do corpo de caçadores, communicando-lhe que na noite de 18 um soldado do batalhão do seu commando, que se suppõe chamar-se Francisco de Salles, espancara brutalmente a uma mulher na rua do Maciel de Baixo, e sendo preso e remettido para o quartel por um official do mesmo corpo, no caminho evadira-se e voltou ao logar do conflicto onde continuou a espancar a mulher, constando que semelhante procedimento tinha motivo em não querer ella prestar-se a certas exigencias do mesmo.

—Muito soffrem os soldados, são simples e puras machinas; são uma especie de brinco para divertir os chefes.

—Porque diz isto?

—Porque em quanto o Bethbezet

morava no Barbalho; a cavallaria fazia exercicio no Barbalho, agora que mora na Boa Viagem, o exercicio é na Boa Viagem.

—Ora vêm vossês que asneirolla!

—Ha mais de dez mezes que está aberto, no meio da rua dos Coqueiros d'Agua de Meninos, um grande buraco, e ainda a camara se não dignou mandar tapal-o!

—Pois nem pelo Senna Moreira morar alli!

Safa!...

—E continuam a espalhar que os negros *se querem levantar*.

—Maganos! Estrategia de alguns militares que se querem fazer necessarios para ficar na Bahia...

Patifes!...

—Malvada negra! vou te vender ao José Carlos que é quem sabe ensinar escravo!

—José Carlos!

Ah! sim!... o homem que é para tudo... em quem para tudo se falla!

Até para ensinar escravos!

Pois olhe, não é nada bom o officio; carrasco...! isto é sem duvida asneira sua.

—Eu digo que elle é bom para ensinar escravos, por que o homem arremata obras e emprega no arduo trabalho de serventes aos seus escravos.

—Ah! logo vi!

Si o homem é *liberal*!...

—Ha muita falta de policia nesta terra!

Si não houvesse, não estariam aquelles capadocios moradores no beco do Rincão, á Rua das Veronicas, em fraldas de camisa, alli na esquina do Caminho Novo, ás dez horas da noite, hora em que muitas familias ainda estão acordadas.

—E que optimos recrutas para o Rio da Prata!

—Estou certo que estes lá não irão, por que se porão em salva-guarda.

—Sahiu o bando, publicando o decreto que cria os corpos de voluntarios.

—Tem com effeito muitas regalias e garantias:

Trezentos réis por cima do soldo, insignia honrosa, gratificação, terras para lavrar, et cetera, et cetera, et cetera e tal.

—Mas consta que os vermelhos dizem que a assembléa geral não approva o decreto, afim de despersuadirem os rapazes que pretendem seguir para a guerra.

—Veja o que disse o *Patriota*; tudo que apparece é obra dos vermelhos; nem tanto!..

—Nem tanto, nem tanto, e tudo se vae fazendo.

—Pois eu juro que não ha hoje no Brazil um brazileiro que folgue em ver manchado o pavilhão nacional.

—Coração nobre!....

—Contaram-me o seguinte caso, que deixo á apreciação de cada um:

Emygdio dos Passos Lima, morador ao Rio Vermelho teve, dizem, uma questão com dous filhos do Sr. Moreira Sampaio, os quaes o foram esperar com um chicote.

Emygdio conseguiu tomar lhes o chicote, e o foi depositar em casa do subdelegado Dias; depois os aggressores foram vistos de pistolas engatilhadas atraz da casa de Emygdio, o qual

se foi queixar ao Sr. José Carlos, sub-delegado do Rio Vermelho, que lhe aconselhou que andasse com a sua espingarda carregada!

—Quem lhe disse isto?

Pois o Sr. José Carlos é doudo para dar tal conselho!

—Não garanto; mais affiançaram-me.

O que é certo é, que até ja um parente do aggredido partecipou ao Dr. chefe de policia, que mandou que desse queixa.

VARIEDADE.

Mandamentos do proprietario.

Diga, meu menino, quantos são os mandamentos da lei de Deus!

—Dez.

—Muito bem; diga-os lá.

—Olhe a fallar a verdade, não me lembro bem, mas si quer, lhe posso dizer os do proprietario; é a oração favorita do papá!

—Pois diga, sempre quero ouvir.

—Primeiro: amar o dinheiro sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos, excepto aos inquilinos.

—Segundo: amar o dinheiro sobre todas as cousas, ainda que se vá para *as profundas* do inferno.

—Terceiro: guardar as suas festas, isto é, ás subidas e ambição.

—Quarto: honrar como bom filho o interesse e a ambição.

—Quinto: não matar com trabalho nem a pedreiros, nem a carpinteiros.

—Sexto: guardar com amor o dinheiro.

—Setimo: não furtar, mas augmentar a renda o mais possivel.

—Oitavo: não levantar as casas, senão até as nuvens.

—Nono: não desejar a propriedade alheia quando estiver arruinada.

—Decimo: não cubiçar as cousas alheias, sem contar os bens dos inquilinos que pelo arrendamento ficam sendo proprios.

Estes dez mandamentos encerram-se em dois, que vem a ser: amar e servir o idolo dinheiro e querer aos haveres alheios como os proprios.

(*Extr.*)

A PEDIDO

Será certo que o musico Virginio de Souza Aragão, ausente ha quatro annos do corpo como doente, acha-se com casa de negocio na Pirajuhia?

Será certo que esse musico fôra até agora despensado do serviço à moda *phosphoro*, e que só depois da entrada do actual commandante obtivera uma licença de seis mezes?

Si esse homem acha-se impossibilitado do serviço por soffrer de molestia de peito, que não apanhou em serviço do Estado, porque não se lhe dá sua baixa, desagravando assim os cofres de tal despeza?

O corujão do quartel.

—Que sujeito é aquelle com cara de bicho?

—E' o *Jozé ferreiro*, refinado desfructavel, insolente, de primeira ordem e malcreado pertinaz.

Além destes predicados, tem gana de *rapoza* e de tempos a tempos invade um *gallinheiro* que ha la para as bandas da estrada de ferro, chegando nessa occasião a profanar até o lar domestico.

—Então vou mandar prevenir *o chefe da estação* dalli para que tenha muito cuidado com semelhante *bicho-homem*.

—O melhor é pedir ao muxingueiro do *Alabama* que intenda-se com elle.

Aos Illms. Srs. Drs. delegado e juiz de orphãos.

Informam-nos que existe na caza do Sr. Jorge Blandy, á ladeira da Graça, uma crioulinha de nome Paulina, de dezoito annos de edade, mais ou menos, a qual naseeu livre e é com tudo alli bastantemente maltractada pela Sra. do Sr. Blandy, a ponto de ficar enfesada e não ter crescimento, parecendo ter apenas oito annos de edade.

E' filha da preta Felicidade que ficou liberta quando seu senhor que era um inglez foi para a Europa.

Blandy alugou esta aos Andrades da Solidade, depois do que desappareceu ella, morrendo talvez pela epidemia...

A Paulina foi baptisada como escrava pelo então vigario da Victoria, o finado Joaquim das Mercez; foram padrinhos Fritz, filho do Sr. Hasseman e a parda Maria dos Anjos que fora cosinheira de Blandy.

Pede-se pois providencias aos Srs. Drs. delegado o juiz de orphãos.

Um amigo da justiça.

Carta do Dr. Murrinhos a seu amigo Dr. Ant'olhos.

Collega, para satisfazer tua exigencia te envio a copia textual da nota, de que me fallaste com tanto empenho, escripta á f do liv. de 186.... existente no archivo de certa repartição e é do theor seguinte:

« *Ficou em branco esta folha por estarem pegadas estas duas paginas, quando se acabou de escrever a folha anterior dando-se por isto quando ja escripta a folha seguinte.* L, P. A. »

Estas iniciaes bem se pode traduzir pelas dos nomes—Amaldiçoado, Pedante e Lôrpa. E com effeito o sujeito é um lôrpa; e si não veja: E' baixo, grosso bastante, de olhos tão esbugalhados que não cabem nas orbitas, tocezas, em vez de pés, cabeça tamanha que á primeira vista confunde-se com a de um burro, falla pouco por calculo sempre gaguejando, e tão cerrado, que ha quem o tenha *comido* por portuguez.

Dizem que, apezar de formado, é um burro; que o que concebe não escreve, porque não lhe ajuda a lingua Digam lá o que disserem, collega, o homem apezar de burro, é doutor e viva a patria que o viu nascer e a mãe que para cá o mandou.

Em breve, collega, lhe contarei alguns casos deste sujeito.

Adeus, tenha saude.

Dr. Murrinhos.

P. S.

E' pena, collega, que no escripto do tal Dr. só se veja uma virgula. Será isso mesmo sabedoria?!..

ANNUNCIOS.

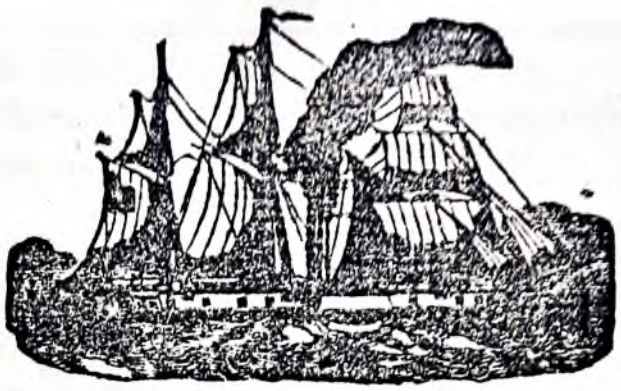
Roga-se aos devedores da venda Estrella do Norte, queiram vir saldar seus debitos, do contrario verão seus nomes por extenso nesta folha.

Certo pedreiro morador em Nazareth na rua de S. *Nicolau* venha quanto antes pagar o que deve na venda Estrella do Norte.

Pelo casto S. *José* e pelo bem aventurado S. Ricardo, pede-se a certo empregado na praça que vá pagar o que deve na venda Estrella do Norte.

Pede-se a certo guarda da camara que vá pagar o importe dos generos que tomou para si e seu companheiro (o qual diz ja lhe ter entregue sua parte) na venda da Estrella do Norte.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 16.ª BAHIA 21 DE JANEIRO DE 1865. N.º 162.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Com este numero finalisa-se a 16.ª serie. Os Srs. assignantes que devem mais de tres series não serão mais considerados como taes.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 20 de janeiro de 1865.

Officio ao Exm Sr. Des. presidente da provincia pedindo-lhe que lance suas vistas para a freguezia de S. Felippe, em Maragogipe, a qual informam-nos, acha-se n'um perfeito estado de anarchia, a população vive desasocegada por ver-se exposta aos faccinoras que alli formigam distinguindo-se entre elles um escravo de nome João que nem a seu senhor respeita!

Constando-nos que não existe alli um só guarda policial, pede-se a S. Ex. se digne dar as providencias precisas.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao beco do Motta, caza n.º 18, 2.º andar, e intime a quem quer que ahi mora que não continúe a lançar aguas sujas na rua em cima de quem passa, sob pena de ser conduzido ao porão deste navio. Cumpra.

—Aposto que ainda não reparou n'uma cousa que tem na verdade passado desapercebida por muita gente,

—Qual é?

—O continuo passeiar dos bispos do Brazil; estão sempre fóra do suas dioceses.

—E' tempo de festa, estão se divertindo.

—Estão com honras dos juizes de direito que sempre tem licença para estarem fóra de suas comarcas,

—E' quasi o mesmo; juiz e padre, todos os seus negocios correm pelo ministerio da justiça.

—E as ovelhas que soffram com a ausencia de seus pastores.

—Tambem ha tanto lobo vestido de pastor!.....

—Então, Sr. Paranhos, o Sr. já não lê o *Alabama*? E' gazeta que se não

deve ler? Só porque fallou do Sr. conselheiro Saraiva, de quem Vm. falla tanto bem na repartição para se inculcar?

Ora deixe-se disso!

Para que vira a cara?

Não sabe que má criação não é valentia?

Veja lá si quer que eu diga quantas *piquetas* forneceu Vm? Si quer que aponte quaes foram ellas?

Por S. *Agostinho*, Sr., não me aborreça, faz favor?

Ora bem, veja lá!

—Capitão, V. Ex. far-me-ha um favor?

—Qual é?

—Mande recrutar para bordo do nosso incomparavel *Alabama* o incomparavel *José Balsamo*.

—Que diabo de José Balsamo é um?

—Para a policia secreta é superior ao *coronel* e até ao *Javert*, de Victor Hugo; para a exemplar é melhor do que o finado Guilherme, o João de Deus, ou o *cabo negro*.

—Mas emfim quem é elle?

—O José Balsamo do *Interesse Publico* que descobriu ha dias uma *melgueira* de corrector e que falla agora em outra de 60:000$000 rs., descontados em certa caixa de *commercio* por duas firmas de negociantes, um morto e outro *vivo*.

—Ora desfie lá essa meiada.

—Figure V. Ex. o caso de morrer, por exemplo, a 21 de julho um negociante, e terem sido saccadas por elle duas lettras, uma de 40:000$ rs., a 23 de junho; outra de 27:000$ rs. a 30 de junho.

Não lhe parece que a sociedade devia logo participar ao administrador do casal, que se achavam vencidas as lettras, visto que é corrente que logo que morre o sacador fica vencida a lettra?

—Sim, devia ser assim.

Mas pergunto eu agora, ha duvida sobre isso?

—De certo; devo havel-a, tanto mais quanto o administrador, apezar de reclamal-os, ainda não teve até hoje os livros da escripturação da caza do fallecido, nem poude obter esclarecimentos sobre quem foi o portador da transacção, apezar de pedil-os.

—Mas o *vivo*?!

—O vivo é mesmo um *vivo*; é justamente por que está este *vivo* agarrado com o morto que ha cousas.

—Homem, vá pegar quanto antes o José Balsamo, que preciso delle a bordo para dar-me noticias.

Quero tudo em pratos limpos; quero deitar á mostra a calva dos ladrões.

Ah! muxingueiro denodado e valente! tens breve muito que fazer!

(*Continúa.*)

—Os *amigos* do Sr. conselheiro Saraiva não cessam de dizer que é elle muito influente, muito patriota, muito popular. Quem o nega?

Quer-se somente que elle ponha em pratica esse prestigio, essa influencia, esse patriotismo.

Ahi está que alguns offerecimentos tem já sido feitos por diversos, entre os quaes os proprietarios de engenhos, Matuim e Passé.

Por que não os imita S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva?

Por que se não inspira no nobre exemplo dos sempre chorados Bulcão e Santinho, que criavam corpos de voluntarios, logo que com a força intendiam elles ser preciso defender suas patrioticas ideias?

Pois o Sr. conselheiro nada pode accaso fazer, n'uma epocha em que todos se esforçam para mostrar o seu patriotismo?!

—Os grandes, ja sabem todos que são patriotas. S. Ex. já não precisa provar o que é sediço.

—Ah! . . . sim! . . . sim! . .

—A camara está mandando varrer o largo do Terreiro.

—Acceio na cidade.

—E porque não manda limpar a rua dos Marchantes que causa nojo passar-se por ella?

A rua de Baixo tem um enorme rego causado pelas aguas das cocheiras dos Srs. Ariani e Miguel das Armas e d'um cano do Sr. barão de Paramerim.

Na rua dos Capitães ha um cano que constantemente inunda aquella rua.

Na ladeira da Praça ha um immundo buraco que serve de deposito a cães e gallinhas mortas, e quanta podridão ha.

Nos Sete Candieiros ha um montão de cisco, colxões velhos e tudo quanto é porcaria.

A camara a nada disto attende. Manda varrer o Terreiro porque dá mais na vista.

—Talvez seja para commodidade dos moleques que alli jogam peão e empinam arraia.

VARIEDADE.

Deo na burra.

Perguntava um militar a uma linda recoveira, diz o *Douro*, que, fustigando a sua jumenta, seguia alegremente o seu caminho:

—Aonde vaes, linda serrana?

—A' minha aldêa, senhor.

—Levas muita pressa?

—Bastante; preciso chegar lá antes de anoitecer.

—Pódes levar-me uma encommenda?

—Com todo o gosto; qual é?

—Olha, dou-te um beijo para entregares a um amigo meu.

—O senhor tem muita pressa?

—Bastante.

—Então dê o beijo na burra, que chega primeiro que eu ao povoado.

(*Extr.*)

A PEDIDO.

Attenção.

Pergunta-se ao Sr. Malaquias a razão porque, segundo dizem, tem em sua caza, á rua do Bangala, as escravas Ignez e Mariana e filhos, tendo estas um depositario, que é o Sr. alferes Costa?

Para que não continue semelhante abuzo, chama-se a attenção do muito digno Sr Dr juiz municipal da 2.ª vara, afim de que o liberalismo do dito Malaquias não chegue atè o ponto de estar se aproveitando dos serviços d'aquillo, que lhe não pertence.

Assim, sim, pede-se muito bem tractar de liberdade!

—Que negocio é um de vencimentos de capotes la pelo corpo policial?

—Dizem que só as companhias dos capitães Salles e Estevam Caetano teem sido reembolsadas, e que as outras estão vendo o signal, tendo dous e trez vencimentos completos.

O corujão do quartel.

—Capitão estive em uma novena de Nosso Senhor que não tem *mau fim*, em certa egreja governada por homens que não são *segundos* nem *quartos* e vi um caso que me revoltou.

Vieram algumas familias, decentemente trajadas, assistir á novena, e ao passarem as grades que dividem o

corpo da egreja, um d'aquelles Srs. obstou a passagem, dizendo que o seu logar era das grades para baixo, por ellas serem mulatas.

Tal procedimento me levou ao ponto de querer mandar similhante patife para o porão de seu navio, porém vozes que sahiam da minha direita desviaram-me do meu proposito, e prestei attenção ao que diziam.

O objecto que motivava aquellas vozes era um porca de pelle azevichada, com algumas leitoazinhas de egual côr, pertencentes ao homem que apurava côres, que tinha mandado collocar aquelles immundos animaes em uma tribuna, para mostrar o grande apreço em que os tinha, e tanto era assim que um meu visinho da esquerda dizia para os outros: Aquello santo homem dorme com aquelles animaes. Porém, dizia outro, elle está com uma questão com alguns visinhos, porque elles dizem que as leitoazinhas lhes pertencem por serem filhas de porcos seus.

Mas esta questão ja está decidida disse um 3.° (bem intendido um 3.° não de ordem alguma, e sim dos meus visinhos que conversavam) o homem um dia mandou chamar aquelles que reclamavam os animaes, e na presença de testemunhas, fallou assim:

Meus Srs., vós que reclamaes aquelles innocentes animaes, respondei si eu não tenho rasão; aquellas porquinhas por serem filhas dos seus porcos não são suas filhas: aquella porca mãe é minha, ergo, os filhos são meus.

E os visinhos retiraram-se corridos

—E não foram postos fora da tribuna aquelles animaes e tangidos á taca para algum chiqueiro?

—Qual, capitão, assistiram a todo acto, findo o qual se retiraram então para seu chiqueiro.

—E onde é o tal chiqueiro?

—Capitão dizem que é defronte da tulha.

Que homem! Apura qualidades na casa de Deus, e suja-a de lama levando similhantes animaes pa a a tribuna da egreja!

Si S. *Feliciano* me ouvisse, eu pedia-lhe que não quizesse similhantes devotos!

—Mas Sr onde se deu semelhante facto, foi na Bahia?

—Não capitão, foi em Latronopolis em 1865.

—Muxingueiro vá assistir áquella funcção; si la pela egreja apparece alguem com porcos, meta-lhe a taca e traga-o á minha presença e mais os animaes.

ANNUNCIOS.

Sr. João que todos os *dias* anda entre *silvas* e faz *despachos* policiaes, tenha a bondade de ir pagar os 8$000 rs. que deve a Estrella do Norte.

Pede-se por S. *Braz* a certo alfaiate que deve 4$700 na venda Estrella do Norte que vá quanto antes paga-los.

Pede-se a certo guarda de policia cujo nome não é *Apollinario*, que vá pagar 6$640 que de tão bom modo se lhe fiou na Estrella do Norte.

Pede-se a um sujeito que faz coberturas para cabeça de nome José, que vá pagar 13$000 que deve á venda Estrella do Norte.

Pede-se a certo *solfejador* de nome Ernesto, queira ir pagar 6$580 que deve á Estrella do Norte.

Pede-se a certo individuo servente de rua o favor de pagar seu debito á venda Estrella do Norte.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª BAHIA 24 DE JANEIRO DE 1865. N.º 163.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

O embarque da tropa.

Hontem foi um dia, cuja lembrança ficará eternamente gravada no coração dos brazileiros e cuja gloria será immorredoura para a Bahia.

Seguiram para o Sul o batalhão de caçadores e o corpo policial—Voluntarios da Patria.

Desde a Mouraria até o arsenal as cazas estavam todas embandeiradas e as ruas, onde se encontravam armados arcos triumphaes, estavam juncadas de flores.

Antes de desfilarem os corpos da Mouraria, ao entregar o Sr. marechal commandante das armas a ordem do dia ao Sr. tenente coronel D. José, a consternação foi geral; lagrimas cahiram dos olhos de todos aquelles bravos soldados que vão, corajosos, vingar os brios de sua nação.

Diante daquelles rostos varonis que se enterneciam ao sentido pranto de innumeras familias, que imploravam aos céus a victoria para os seus, não houve um só coração que não sentisse a dor profunda que lhes ia n'alma, ao separar se dos entes que lhes são charos

O clarim porém soou e cada um pensou somente no interesse commum.

O corpo policial voluntario approximava-se.

Os Srs. Des. presidente da provincia, marechal commandante das armas, Dr. chefe de policia, coronel commandante superior, seu estado maior e mais authoridades tomaram a dianteira e seguiram pela Palma, ao som das musicas, dos vivas enthusiasticos, dos foguetes que prenunciavam a victoria.

Os Srs. tenentes coroneis Joaquim Mauricio e D. José que traziam duas riquissimas capellas que lhes foram offerecidas, eram frequente e freneticamente saudados, em companhia dos corpos que commandam, sobre os quaes cahia incessantemente uma chuva de flores.

No Guadelupe, em casa do Sr. coronel Carvalhal, estavam com o seu historico estandarte os veneraveis veteranos da Independencia.

Ao chegar á rua Direita do Palacio, uma senhora recitou uma brilhante poesia.

No arsenal, S. Ex. o Sr. presidente fez uma allocução, depois do que foram ouvidas tres sublimes poesias, dos Srs. Muniz Barretto, Manuel Pessoa e Vianna, estudante de direito.

Assim embarcaram os valentes filhos da filha de Paraguassú, que hão de necessariamente concorrer muito para que não sejamos continuamente aggredidos por insolentes e desprezivois gauchos, que tanto nos incommodam.

Oxalá vejamos em breve esses benemeritos pizar o solo bahiano com a fronte enramada de verdejantes louros!

E então as lagrimas que hontem deslisaram pelas faces das gentis bahianas, trocar-se-hão pelo riso do contentamento que transbordará no coração amazonico de nossas dignas patricias!

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 23 de janeiro de 1865.

Não houve expediente.

—O *Jornal da Bahia*, fallando em receios de que estão alguns possuidos quanto ás promessas feitas aos voluntarios, diz que as folhas officiaes estão proclamando taes garantias em nome do governo que representam, e que um governo que se diz liberal não pode mentir assim, em tão grave emergencia, áquelles que não pediram garantias que lhe foram espontaneamente offerecidas.»

—Muito bem! muito bem! gosto de ver isso! parabens ao *Jornal da Bahia* que acaba de fazer justiça aos seus adversarios politicos!

—Nada de partidos! O homem fallou como brazileiro a brazileiros.

—Engana-se; tanto que elle diz que os receios são fundados em precedentes, e confia em que o governo, para honra do Brazil, não fará como o ingrato, que apenas servido, volta as costas áquelle de quem recebeu o beneficio.

De quem são os precedentes?

—Dos conservadores.

—Quem é então o ingrato?

—O partido conservador.

—Logo...

—E' o que eu disse:

Logo, o *Jornal da Bahia*, despido das prevenções de partido, falla ingenuamente o que lhe dicta seu coração de brazileiro.

—Hontem, houve um caso importante.

Um certo *Domingos* companheiro de um *Azevedo*, velho tratante e devasso no extremo, desflorou, é o que dizem, uma menor lá para as bandas da Preguiça!

—Como lavra a corrupção em Latronopolis!

—Valha-nos o bemaventurado S. *Henriques*!

—Malacachias está damnado!

—Porque?

—Porque transigiu com os soldados de policia e chupou taboca.

—Assim succede aos avaros; quien tuto lo quier tuto lo pierde.

—O Dr. Horta é *protestante*.

—Duvido; é catholico ultramontano, creio.

—Ca, ca, ca, ca! E' protestante politico! negocios de eleição da Victoria; vide o *Jornal* de 21 do corrente.

—E como escreveu elle bonito, sem

um erro! Elle que uma vez escreveu na caixa economica a palavra *reforce* com um—c—cedilhado!

—Tem pouco de que se admirar; não foi elle só quem escreveu; elle falla tambem em seus amigos.

—E como vem elle a sangrar-se na veia da saude! Si vier viciada a acta *victoriosa* não foram elles, não, maganões.

—Este Dr. Horta tem cousas!

—Esta *horta* tem couves!

—E foi a policia para o Sul e quem desmanchou a gangorra ficou frescando!

—Homem, é verdade!

E eis que acaba o Exm. Sr. barão de Passé de offerecer 600$ rs. a qualquer guarda do seu batalhão que quizer seguir, além de sustento á sua familia, e o patriota Saraiva a cuidar nos restos da safra!....

Oh! tempora! oh! mores!

—Beatus est de quem possue; quem está de posse seu dono é.....

—O *Liberal* é advinho.

—Como?

—No supplemento que se distribuiu hontem, 23, ha artigos a respeito da tropa que devia seguir, e pedindo influencia e enthusiasmo da parte do povo. Entretanto publica a allocução do Exm. Sr. Des. presidente que foi lida ás 5 horas da tarde.

—Mysterios.....

—O Exm. Sr. presidente de Goyaz ia hontem acompanhando a tropa para o seu embarque.

—Ia; é liberal, patriota, popular, sem duvida nenhuma.

Mas reparei somente n'uma cousa e é que elle ia acompanhado das testemunhas que juraram no processo Gravata.

—Serio?! Quem eram?

—O Francisco Corte Imperial, o Aureliano Lisboa e o Rodolpho Bulhões.

—E entretanto fizeram escrever no depoimento *e do costume nada*!

—Prova de boa fé dos taes amigos liberaes.....

A PEDIDO

—Conhece aquelle tenente?

—E' um sujeito que *lavra*.

—Minas?

—Não.

—Terras?

—Não.

—Então o que?

—Metaes preciosos.

—Que costumes tem?

—A mulher, matou-a elle de desgostos que a fizeram phtysica; desgraçou uma pobre viuva que teve a infelicidade de agradar-se daquelle grauçá, quando passava elle por certas *barrocas*, donde mandava vir o dinheiro para suas despesas.

—Quem lhe contou isto?

—O Tito.

—Sabe muito da vida alheia.

—Quanto mais si o Sr. conversasse com o Vespasiano!

—A ser verdade o que me diz, vou intender-me com o capitão do *Alabama* para tomal-o a seu cuidado.

—Não precisa incommodar o moço; dirija-se o Sr. ao muxingueiro que aquillo não é *pessoa* com que se occupe a attenção do capitão.

—Está bom; tomo seu conselho; obrigado, Sr. *Silva*; adeus.

—O capitão Fausto é um patriota á toda prova!

Para influir não ha segundo.

Foguetes, flores, bandeiras etc. etc. para passar o corpo de policia.

—E Vm. crê nisso?

—E porque, não?

—Pois olhe, eu acreditava mais si o visse como um bravo marchando nas fileiras dos defensores da patria.

—*Amanan!*

- Achei bom tudo que hontem appareceu para despertar o enthusiasmo da tropa.

—Tudo?!

—Menos os foguetes; a reclamação no povo era geral: todas as vezes que subiam as girandolas ouviam-se murmurios de reprovação.

Cada estouro era uma punhalada no coração daquelles bravos, que deviam dizer: « Sim, alegram-se, porque ficam e nós seguimos, sem nossas familias. »

—Tambem havia de haver muitos que dissessem:

« Sim, quando voltarmos, com maioria de rasão e em maior numero, tambem deitareis foguetes. »

—Mas o que é certo é que enthusiasmo houve e muito.

—O *Rasteiro*. .

—Quem? um que anda se arrastando a lamber a lama do chiqueiro do *porco pequeno*?

—Provavelmente; é um que vive. .

—Um *rasteiro*, especie de capim pé de burro, renitente? . . .

—Não; pé de boi é elle pelo contrario.

—Pé de boi! explique-se!

—Pés de boi são esses sujeitos teimosos que quando dizem que a pedra é pau, o pau é pedra.

—Ah! *sim*! cabeças de ferro chamados!

—Testa de ferro é este.

—Como?

—Rasteja pelo *pé do jambo*, de quem è editor responsavel.

—Ora intendam lá essa embrulhada! E' um enigma indecifravel, um mysterio sybillino. . .

Mas emfim que teve o *rasteiro*?

—Fugiu do arsenal de guerra, mettou-se entre os mamões, e quer fazer qualificação e dar leis na freguezia dos sanhaços!

—Ora vêm que bobo desfructavel! Mamão comido e descomido é bom para fazer crescer o capim: que fazem os sanhaços que não applicam a receita no *rasteiro*?

Affugentam assim com facilidade essa comida só propria para cavallos, *porcos pequenos* ou *garrotes*.

Sr. Redactor.—Tendo V. dito em seu jornal, que Ignez, e Mariana, de quem sou depozitario, tem estado em serviço do Sr. Malaquias José dos Reis, devo declarar-lhe, que foi mal informado, e que ellas nunca sahiram de meu poder, não tendo ido em occazião alguma, nem mesmo por visita á caza do Sr. Malaquias.

Por amor da verdade tenha V. a bendade de publicar estas linhas com o que me obrigará.

Bahia 19 de janeiro de 1865.

De V. &. &.

José Antonio da Costa. (*)

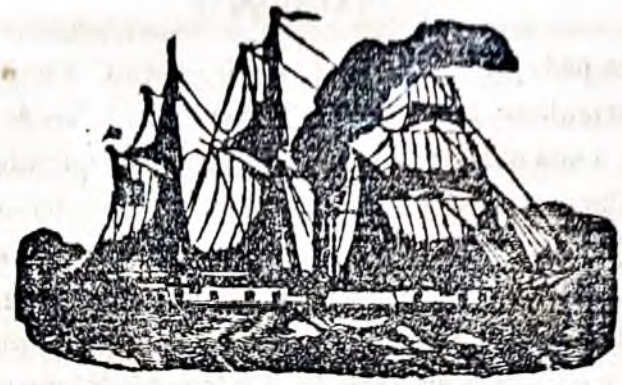
(*) Não é da redacção o artigo a que allude o Sr. José Antonio da Costa.

A Redacção.

ANNUNCIOS.

Quem precisar de uma creada parda para o Rio de Janeiro, procure nesta typographia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª BAHIA 26 DE JANEIRO DE 1865. N.º 164.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do «Alabama» 25 de janeiro de 1865.

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

O conego *Cyri*, pedindo para ser capellão dos voluntarios.—Dirija-se ao muxinguiro do *Aaara* que recebe nesta data communicações a respeito.

A crioula, comadre do conego Cyri, pedindo para seguir, como capellôa, no batalhão da Mata-cobra.—Idem.

—No *Jornal da Bahia* de 25 do corrente vem um artigo que rende completa justiça á S. Ex. o Sr. Des. presidente da provincia.

—Eu não lhe dizia que o *Jornal* não tem partido quando se tracta da causa commum!

O *Diario* não tem deixado de ser um pouco injusto para com o *Jornal*.

A prova é que franqueia elle suas columnas para se dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.

Não posso por tanto deixar de dar parabens ao *Jornal da Bahia* pela sinceridade de seu coração.

—O tenente coronel Mondin Pestana proclama ao povo, convidando-o a formar na capital um 2.º batalhão de voluntarios da Patria.

—E é preciso que vinguemos os insultos a nós feitos pela gente do Prata

Tenho aqui sob os olhos uma gazeta de Montevidéu, o *Artigas*, que diz o seguinte:

«O canhão de S. Christovam trovejou nas aguas do Uruguay. A canalha brasileira que obedece no Prata á voz do Cons. Saraiva metralhou o pavilhão oriental.

«Eia, filhos da Democracia!

«O ultraje feito á nossa bandeira não se pode lavar sinão despedaçando o solio imperial, rasgando seu manto, quebrando seu sceptro, pisando com as ferraduras dos nossos cavallos a coroa do monarcha insolente.»

—Jesus! que horror! que desaforo! que insolencia de gaúchos!

—Ouça mais este pedaço:

«Trinta e tres orientaes bastaram para dar liberdade á sua patria; nós, seus filhos, somos sufficientes para conservar essa liberdade, para castigar a arrogancia do inimigo desleal, para esbofetear o insolente monarcha.»

—Sr , basta, não continúe a ler taes infamias!

Esses miseraveis bandidos, despresiveis salteadores, precisam de uma severa lecção!

Povo! avante!

Vinguemos os brios de nossa nação aggredida!

Mancebos, esperança e gloria do paiz, a patria confia em vós!

O bravo veterano da Independencia chama vos em nome da patria, acudi a seus reclamos!

Que continúe assim a Bahia a sustentar entre suas irmans o distincto logar que lhe conquistaram seus heroicos feitos!

—Viu o *Padre Amaro* ultimo?

—Oh! falla purissimas verdades!

E' realmente de lastimar que estejam esses jesuitas e hypocritas a dar importancia a umas mulheres que nunca tiveram-na!

—Que duvida! Em toda a parte as irmans de charidade curam, são infermeiras, pois é este trabalho de sua regra. Aqui ensinam, são professoras; e quando depois de muitos clamores, por um requinte de adulação, de hypocrisia e de malvadez, são os brazileiros despedidos, são ellas chamadas para infermeiras,—não podem curar todas as molestias, porque o inhibem a pudicicia e *o voto* de castidade, a ellas, as desertoras dos boulevards!

E as filhas de João de Mattos que deixou, como outros muitos, sou dinheiro para que a orphandade não soffresse... as filhas de João de Mattos que são virgens, quando alguns mezarios infames não as defloram..... as filhas de João de Mattos—que vão fazer o trabalho que tem obrigação de fazer quem recebe o DINHEIRO DELLAS!....

Isto é um desaforo revoltante!

—Cale-se, cale-se por quem é! E' tempo de guerra, são capazes de o mandar recrutar, dizendo que V. quer fazer uma *charidadesada*.

—E por V. fallar em guerra, por que não vão ellas para a guerra.? por que como disse o *Padre Amaro* não seguem o exemplo das que foram á Criméa?

As do Rio da Prata levavam communicações officiaes a Leandro Gomez, entravam na guerra, como politicas; as do Brazil porque não ajudam os brazileiros, ao menos, exercendo a charidade?!

—Ora dá-se!....

—Ora veem que gallego dos diabos!

Como se espalhou a noticia de que não se dera bem nos terrenos do sul a arvore *gamelleira*, tanto que morrera, está aquella onça espumando de raiva e blaterando contra o Brazil!

—Onça não, rapaz; aquelle bicho é *leão*, e leão que come gente alem de traficar com os infelizes que tem a desdita de ser escravos.

E' um desses que amassam o pão com a lagrima do afflicto!

—Olhe que cara de ralo! e como mette-se naquella cafurna, alli por baixo daquella escada!

—E' o palacio do monstro.

—Muxingueiro, livra a rua *do Ouro* daquella fera antropophaga!

Da-lhe vergalhadas a valer!

(*Continúa.*)

— Capitão, ouça uma historia.

—Nao quero mentiras.

—Verdade pura, capitão.

—Pois vamos com isso.

—Um certo alferes destacado com *bom fim* teve o atrevimento de pretender alliciar um moço de 12 annos para *maus fins*. Sabendo disso o irmão, foi-se ao alferes e fez lhe ver que elle *não gostaria*, si continuasse. O alferes chamou dous guardas e mandou recolher o moço!

—Onde?! Que diz?!

—Onde? em Latronopolis. Que digo? a verdade.

—O nome do alferes?

—Ignoro-o, mas o nome nada vem ao caso. Mande-o V. Ex. amarrar a um *pinheiro*, fazendo lhe o muxingueiro as contas e o patife tomará geito.

—Acceito a lembrança, amigo; obrigado.

VARIEDADE.

Um inglez que intendia mui pouco o idioma portuguez, achava-se em certa caza de familia onde havia uma senhora, por quem elle seriamente se apaixonara.

Ao retirar-se, querendo dizer-lhe que a levava no coração e não sabendo proferir esta palavra em portuguez, pegou em um baralho de cartas, tirou o az de copas, cuja pintura representa um coração e, chegando-se a um sujeito, perguntou-lhe em voz baixa:

—Come chame este couso?

—Az de cópas, respondeu o sujeito,

—Mui biem, disse elle.

E despedindo-se de todos, chegou-se á moça e disse lhe:

—Madama, eu leva vossê ni minha az de copas. . . .

(*Extr.*)

A PEDIDO

— Que sujeito é aquelle?

—E' um grande usurario, homem rico que mandava entretanto suas filhas fazer adobes para construir cazas; maltratava-as por tal maneira que ellas empinaram-se, cazando.

A pobre mulher soffre tambem os diabos.

— E quem é aquelle outro?

—E' o genro, tabareu como o sogro e forma do pé deste.

Quando juiz, levou uma amazia em sua companhia e com ella vivia em grande escandalo.

—E aquelle infeliz?

—E' o pobre do filho que vive a cortar capim, quebrando pedras, e serrando paus.

—Que velhusco insolente!

—E devasso... Pois não deu agora para *conquistador*!

Ninguem pode com elle por alli; fez um *sangradouro* o patife e com seu dinheiro intendeu que devia rufianar a valer.

A visinhança já não pode aturar o sertanejo; as familias vivem amedrontadas; pecunia totum circumit orbem; o dinheiro é que rege o mundo e quem tem filhos estremece pelo seu futuro.

—Boa presa para o muxingueiro do *Alabama*!

—Qual, Sr.! si fosse em *Jacobina* ou em qual quer outra parte do sertão, tanto o sogro, como o genro ja tinhan ajustado contas!

—Que duvida! Isso affianço e juro eu pelo chapéu branco do Gouveia.

—E esta! aquelle bicho velho que fugiu daquella *horta* está damnado! quer morder a todos! Furiosa hydrophobia! Cruz, cruz! ave Maria!

Sursum corda! alleluia! arruda o sarça! cruz!

—Que tem o Sr., amigo? está acaso infeitiçado? foi quebranto que lhe deitaram?

—Aquello furioso canzarrão que me quer offender!

—Dê-lhe a *bolla*, que o bicho socega.

—Ah! quem me dera a taca do muxingueiro do *Alabama*! ... então ganhava eu *victoria*, e levando o cadello amarrado por entre as *silvas*, por Deus que o bicho acharia por *graça* seu cemiterio na *horta*!

Passa fóra, cão!

Chama se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe para um sobrado á rua Direita do Collegio onde se ajuntam todas as noites, uma sucia de reus de policia, vadios e capadocios para se entreterem com o pernicioso divertimento do jogo, incommodando a visinhança com seus continuados alaridos e desordens.

A visinhança incommodada,

Mais um acto de patriotismo.

Consta que o 2.º batalhão d'infantaria da guarda nacional que se acha aquartelado pretende no dia em que sahir do aquartelamento, offerecer-se ao governo para marchar para o Rio da Prata. E' mais uma gloria que cabe á Bahia. Desde já felicitamos ao digno commandante, officiaes e mais praças de tão distincto batalhão por esse acto de patriotismo e valor.

Attenção!

Mais um padrão de gloria para os denodados sant'amarenses, que não trepidam em acudir ao reclamo da Patria, ja correndo a alistarem-se na capital como voluntarios, ja organisando um corpo para marchar em soccorro de nossos irmãos d'armas que se acham nas fronteiras do Uruguay!

Honra ao patriotismo dos valorosos sant'amarenses!

Sr. Redactor. — Tendo V. dito em seu jornal, que Ignez e Marianna, de quem sou depositario, tem estado em serviço do Sr. Malaquias José dos Reis, devo declarar-lhe, que foi mal informado, e que ellas nunca sahiram de meu poder, não tendo ido em occasião alguma, nem mesmo por visita á caza do Sr. Malaquias.

Por amor da verdade tenha V. a bondade de publicar estas linhas com o que me obrigará.

Bahia 19 de janeiro de 1865.

De V. &. &.

José Antonio da Costa. (*)

(*) Não é da redacção o artigo que allude o Sr. José Antonio da Costa.

A Redacção.

ANNUNCIOS.

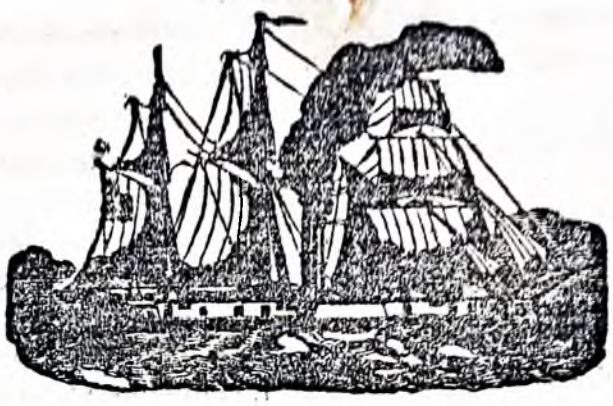
Quem precisar de uma creada parda para o Rio de Janeiro, procure nesta typographia.

Pede-se a certo *solfejador* de nome Ernesto, queira ir pagar 6$580 que deve á Estrella do Norte.

Pede-se a certo individuo servente de rua o favor de pagar seu debito á venda Estrella do Norte.

Pede-se encarecidamente e pelo milagroso S. *Nicoláu*, a certo dentista, que vá pagar a quantia de 10$000 rs. que deve na venda da Estrella do Norte.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª BAHIA 28 DE JANEIRO DE 1865. N.º 165.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 27 de janeiro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que ordene a seus fiscaes para que obriguem os pretos que conduzem burros de carga a seguir na sua frente para que se não repitam os factos, que constantemente se dão, de abalroarem os burros as pessoas que transitam, como ainda ultimamente succedeu, no Garcia, com uma pobre mulher que caiu e ficou inteiramente maltractada.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á uma caverna subterranea á ladeira da Palma e intime ás pessoas que ahi encontrar que acabem quanto antes com um samba immoral que muito tem incommodado a visinhança, desde o embarque da tropa, sob pena de serem os machos recrutados e as femeas tambem para vivandeiras. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao largo do Theatro e prohiba ao guarda do chafariz dalli a continuação de seus escandalos e immoralidades com as negras que vão buscar agua, sob pena de ser avisada a companhia e conduzido elle para o porão. Cumpra.

—Ora que padres! viraram cachorros! como andam ás dentadas!

—E' aquelle homem *celeste* que provoca o outro, que é alias um bom moço; que frade damnado, meu bom *S. Francisco*!

—Meu bom Santo Antonio—é o que se diz.

—C'est tout la même chose, rapaz; Santo Antonio e S. Francisco são ambos da mesma ordem.

—Que *tino* tem o frade de morder! la se vae o dedo do pobre padre!

E isso dentro da egreja! que escandalo, que escandalo! que horror!

—E o maioral do convento que não apparece!

—Ora esta! quer V. que o homem seja tambem mordido!

—Mas, Sr., que frade é esse?

—Um refinado patife que, dizem, desflorou tres filhas d'uma sua concubina!

—Misericordia!

Quem é da egreja acuda á egreja! Misericordia!.....

—A cavallaria não segue para o Sul?

—Não; dizem que lá não ha necessidade della.

—Pois o Sr. major Bethbeset dizem que está ancioso por seguir.

—Ora historias!

Não se quer lá cavallaria que plante aboboras.

—Como? que quer dizer na sua? explique-se.

—Pois V. já não viu em frente do quartel uma aboboreira?! Si os guardas não a plantaram, querem ao menos colher as aboboras. .

—Tambem V. nada falla serio!

—Ora da-se!...

Maldito vapor dos diabos! que viagem massante! uma hora e dez minutos da cidade ao Bomfim!

E chamam a isto *Progresso*! Realmente quem tal nome lhe botou cassuou com os progressistas.

—Ja V. quer metter partidos no meio!

—E V. duvida? Não sabe que a companhia era dirigida por vermelhos? que mal lhes ia em cassuar assim com os adversarios?

Pois este rançoso carro de lama não merecia bem o titulo de *conserva*, ou *regresso*?!

—Mas ao menos repare em que o vapor é mais velho do que a liga.

—Quer então V. dizer que a liga nasceu deste alcaide?

Que filho de alcaide alcaide ha de ser?

—V. sempre tem cousas!....

—O tenente coronel Gustavo Adolpho de Menezes está encarregado de organisar um terceiro batalhão de voluntarios.

—Viva o enthusiasmo bahiano!

—Ah! que brazileiro não se sente indignado ante os ultrages e os insultos feitos á nossa patria por aquelles turbulentos visinhos!...

Além das depredações, das mortes, das affrontas com que de continuo nos mimoseam—insultos em suas gazetas!

—Homem, vi no *Alabama* uns trechos, extrahidos de uma gazeta delles, horrorosos.

—Viu? Pois veja mais este:

«27 de agosto de 1864.

«Nesse dia os canhões brazileiros estrearam no Uruguay, disparando seus primeiros tiros sobre a gloriosa bandeira dos orientaes.

«Esse acto de abominavel pirataria, praticado em nome da monarchia a mais odiosa, da nação a mais covarde, do povo o mais prostituido, é uma duplicada offensa, cuja reparação está somente na guerra.»

—Ora que patifes!

—Quer ver agora uma hespanholada de gosto?

Ouça.

«Que resistencia pode offerecer o Brazil, quando qualquer republicano dos mencionados vale por dez imperiaes? Existe acaso paralello entre o valor do escravo e o do livre?»

—Ora que bestas!

Taca é o que precisam aquelles homens, si é que são homens elles que nos chamam de macacos.

Povo! ás armas! acudi ao chamado de vossa mãe que vos implora vingança contra os ingratos que assim a maltractam!

—Viu uma carta no *Jornal*, a respeito dos filhos dos voluntarios?

—Vi; é patriotica a ideia, que deve ser por tanto acolhida.

—E viu o artigo do *Interesse Publico* sobre a situação?

—Vi tambem; é a expressão sincera das convicções profundas d'um patriotico pensador.

—Felizmente concorrem todos com seu contingente para a grande causa commum!

—Nem era de esperar outra cousa do caracter dos briosos filhos da Santa Cruz.

Ante o perigo que corre a patria, cessam as desintelligencias internas, e todos ligados n'um amplexo fraternal porfiam por cercar o governo do prestigio de que carece em tão grave emergencia.

—Viva portanto a união dos brazileiros! Viva, viva!

—Sabe o que me contaram, capitão?

—Que foi?

—Que antigamente houve em Latrohopolis uma guerra, como a do Rio da Prata, e que tendo marchado toda a tropa, teve de aquartellar a guarda nacional. Um capitão do batalhão dos Pitús, creio que Augusto, era caixeiro de escripta da caza commercial d'um insolente labrego, que tinha vindo da *Costa* como um *pinto* e que depois trazia a cara calçada e dura como *louça*: teve o moço de ir para o quartel e depois de dous dias voltou a seu trabalho.

—Ou bem caixeiro, ou bem guarda nacional, disse-lhe o gallego.

—Passe bem, respondeu o moço e sahiu.

Havia então, como hoje um batalhão de voluntarios, e o moço que era pobre e honrado, como nunca o serão esses safados traficantes, emigrados do Limoeiro e das *ilhas d'alem-mar*, o moço, digo, assentou praça no corpo voluntario, afim de ter sua familia um meio seguro de subsistencia.

Isso, meu capitão, n'um tempo em que a cidade estava sem tropa, em que os negociantes, como agora (admiravel coincidencia!) andavam a arranjar patrulhas voluntarias!

Que desaforo! não acha, capitão?

—Si fosse agora, mandava ja e ja o muxingueiro procurar esse gallego atrevido que tractava assim seus empregados em quanto seus patricios tomavam tanto interesse pela patria que os adoptou, onde enriqueceram e onde viviam!

—Ah! capitão! quem sabe o que sua policia poderia fazer! Mande ella por ahi, e por *Santo Antonio*, por seus grandes milagres metta o gallego em taca; ponha-o no porão de machos aos pés e muita gente bem dirá sua corajosa e desinteressada acção!

—Sim, sim, vou ja expedir as ordens.

Gallego, prepara-te!

—Oh! que diz, Sr.?!

—Sim, não pode tirar agua aqui!

—Mas porque, Sr. alferes?

Esta fonte é da cavallaria, ou do publico?

—Não sei.

—Julguei que como estava no meio da rua e fora construida com o dinheiro do povo, era do povo.

Fico porém sabendo agora que a fonte é dos cavallos....

.....

—Com quem se intende uma reclamação nosse sentido? com o governo? com a camara?

Emfim, seja la com quem for, deseja-se saber si a fonte d'Agua de Meninos é ou não do publico e para o publico.

Olhe que ha cousas!

—Será certo que a Mizericordia tem contracto com o governo para receber os doentes pobres?

—Que duvida!

—Pois, meu amigo, o Sr. Francisco Antonio Carvalhal Junior, que está preso, a completar o pouco tempo de pena que lhe resta a cumprir; elle que não está doente *pro formula*, visto que tem attestados dos Srs. Drs. Bittencourt e outros; elle que já, por ordem do governo, mudado do seu cubiculo para um logar que lhe ficou mais commodo; elle, digo, até hoje não foi attendido ainda pelo charidoso Sr. Figueredo Leite, provedor da santa caza!.....

E' recorrer ao governo.

—Creio que já o fez.

Mas por ora o Sr. Figueiredo Leite a nada attende; está talvez atarefado com a *rehabilitação* das suas queridas irmans de charidade!

—Qual, Sr.! Provavelmente é capricho, tanto que quer que o homem coma por dia um quarto de gallinha, como si elle estivesse ás portas da morte.

—Tambem póde ser.

(*Continúa.*)

A PEDIDO.

—Que sujeito é aquelle dengoso, requebrado, polido, amarelletico, de cabello tão liso e lustroso?

Parece um anginho.

—E' com effeito o archanjo S. *Raphael*.

—E como recebeu dinheiro alli em Santa Barbara, naquelle açougue?

—Em falta dos fiscaes que a camara suspendeu, desceu elle do ceu e anda fiscalisando as tascas e açougues, e recebendo alli aquella multa, prendeu o homem á ordem do chefe de policia e depois á do subdelegado e talvez mais tarde á de S *Lucio*.

—E podia fazer isso?

—Si o homem é do céu!

—Ou do inferno; malvado como é, completa antithese do anjo, devia estar sob as plantas de S. Miguel.

—O muxingueiro do *Alabama* julgo que nenhum mal lhe faria.

—Oh! por S. *Casimiro*! que é uma bella lembrança!

ANNUNCIOS.

Pede-se ao Sr. Braz *costureiro* queira ir a venda da Estrella do Oriente pagar 4$700 rs. que deve.

Pede-se a um certo carapina que pelo bem aventurado S. *Rufino* va pagar 4$900 rs. que deve na venda Estrella do Oriente.

Pede-se ao Sr. *José* vindo de *Bittencourt* o importante favor de chegar á padaria á Cruz que não é a do *Paschoal* para pagar uns cobrinhos magros.—uns dez mil réis que tomou na dita padaria em effeitos, ha mais de quatro zes, sem que tenha tido a delicadez de dizer a rasão de sua falta de palavra ou pedir desculpa de sua má fé.

De outra vez se ei mais claro e não terei mais contemplações.

O fia-se em todos.

Pede-se a certo *solfejador* de nome Ernesto, queira ir pagar 6$580 que deve á Estrella do Oriente.

Sr. João que todos os *dias* anda entre *silvas* e faz *despachos* policiaes, tenha a bondade de ir pagar os 8$000 rs. que deve a Estrella do Oriente.

Pede-se por S. *Braz* a certo alfaiate que deve 4$700 na venda Estrella do Oriente que vá quanto antes paga-los.

Pede-se a um sujeito que faz coberturas para cabeça de nome José, que vá pagar 13$000 que deve á venda Estrella do Oriente.

POST-SCRIPTUM.

Noticias do Sul.

Paysandú está tomado. Leandro Gomez esta degollado.

Os inimigos deixaram em nosso poder setecentos prisioneiros, perdendo nós duzentas praças, entre as quaes dous officiaes apenas, um da marinha e outro do exercito.

São as noticias mais importantes cujo resumo aqui damos á pressa. No numero seguinte explanaremos alguns factos principaes.

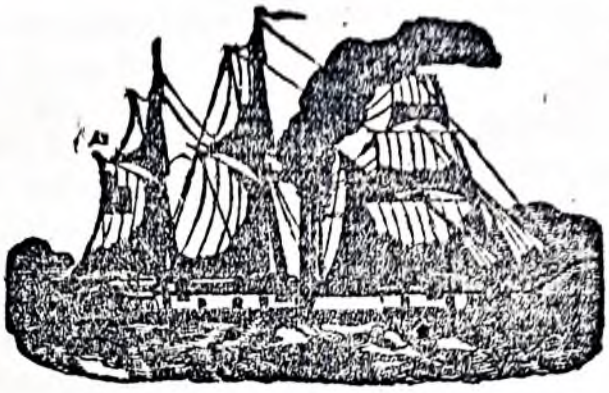
O *Alabama*, gazetinha que corre pelas mãos do povo, não é fóra de proposito que lhes annuncie hoje, bem que incompletamente tão faustuosa victoria para as armas brazileiras.

—Os paraguayos invadiram o Matto-Grosso e tomaram, depois de renhida resistencia de nossa parte, o forte de Coimbra.

Breve lá estaremos.

Deus seja por nós!

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.ª



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 17.ª BAHIA 31 DE JANEIRO DE 1865. N.º 166.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 30 de janeiro de 1865.

Officio ao Revm. Sr. guardião do convento dos religiosos franciscanos, pedindo-lhe informações sobre o facto que nos informam de andarem os frades a dar cabeçadas, dentadas e pauladas, uns nos outros, com grave escandalo dos fieis que assistiam ao officio divino e que foram, dizem, interrompidos pela extranha bulha que vinha do interior.

—A' companhia bahiana, pedindo-lhe, em vista das innumeras reclamações que tem havido, que mande deitar um pouco de agua, na ponte da cidade, para as pessoas que são obrigadas a esperar alli pela chegada dos vapores.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ás Portas da Ribeira e faça multar, já que o Raphael não vê, o dono d'uma padaria que impinge pão de farinha podre por 30 rs. Cumpra.

—O Dr. Horta tem cousas!

Pois não tornou á carga! não veiu de novo com a eleição da Victoria!

E diz que se revela o movel do acto de S. Ex., annullada sua amavel eleição e subsistindo as do Pilar e Brotas.

—Ca, ca, ca, ca! Bem lembrado! Ja não defende; concorda em que a eleição da sua freguezia tinha vicios, mas que outras tambem tiveram.

E' realmente um meio singular de defeza!

Ca, ca, ca, ca!

—O recrutamento tem estado furioso.

—Mas não por ordem do governo.

—Dizem que devia estar suspenso.

—Ignorancia.

—Não, Sr.; o *Jornal da Bahia* tambem diz.

—E' dos mestres o errar.

Eu ca penso assim:

Sempre houve recrutamento e admissão de voluntarios com regalias. Agora só o que ha é maior numero de regalias para os voluntarios.

O praso de tres mezes é para se aprom ptarem os corpos e não para suspensão do recrutamento.

—Tambem pode ser.

—Eu ca penso assim.

E si quer leia:

«Art. 14. Gosarão de todas estas vantagens aquelles que na corte e provincia do Rio de Janeiro se apresensentarem dentro do praso de 60 dias, nas provincias mais proximas no de tres e nas mais remotas de quatro mezes contados da data da publicação deste decreto nas respectivas capitaes; os os guardas nacionaes aos commandantes superiores, e onde os não houver aos commandantes dos corpos, e os outros voluntarios ás authoridades que o governo designar.

—*Salve*, amigo, como passa?

—Bem.

—Então, Sr. afinador de pianos, ainda alimpa o az com a lista de certos candidatos?

—Indiscripção.

—Muxingueiro, toma conta desta pezeta.

—Attenda, capitão.

—Cala-te ja, lazzaroni dos seiscentos, nem mais uma palavra!

—Pois então n'uma repartição publica é que tu achas para fallares do governo?! Mas a culpa não a tens tu, gallego insolente; a culpa tem quem te atura a bilis.

—Sr., eu nada disse.

—Então não disseste que os brazileiros eram os doze pares de França?

—Eu não, capitão.

—Não estavas a ridicularisar a victoria das armas brazileiras?

—Não era capaz, capitão.

—Não disseste isso na repartição da Mesa de Rendas?

—Calumnia, capitão.

—Safado! Calumnia e injuria é o que vertem tuas palavras ascorosas, tua baba pestifera, teus beiços sordidos, tua lingua damninha, patife!

Infame, assim pagas a hospitalidade que recebes dos brazileiros!

Vou dar-te ja o castigo que mereces, infame!

—Ai, capitão, por S. João *Baptista* perdoe-me.

—Não ter eu aqui um *leão* para devorar-te as entranhas, para esmigalhar-te vivo!

—Meu Deus!

—Grita antes pelo diabo que é quem te ensina a traficar com a carne humana.

Muxingueiro, este patife está á tua disposição.

—Sim, Sr., meu capitão.

—O Bethbezet continúa a fazer exercicio na Boa-Viagem.

—E' bom ponto, com effeito.

O Montserrat representa Paysandú.

—Ora viva! Paysandú já está tomado; agora o Montserrat representa o Humaitá no Paraguay.

—E o Bethbeset D. Venancio Flores.

—E a dar-lhe! O Flores é do Uruguay, meu amigo; o Bethbeset representará.....

—Ora quem?

—Seja lá quem for.

—Ora vejam que besta, a rir, a encafifar os outros, a ridicularisar a manifestação em favor da tomada de Paysandú!

—Deixe aquelle *gallinha* chóca!

—Ah! muxingueiro!

—Linguinha, não se bote a morder; olhe sua mulher e seus filhos!

Então quer matar o moço?

Si não é o conego, V. *arrefestelava-o* todo, eim?

Que valentão!

Mas valentia, só na lingua é que V. tem....

Tanto que ninguem sabe com quem foi a proeza de que V. se gaba.....

—Foi com elle mesmo, sim, Sr.

—Foi com a p.. a p.. a p.. a pata que o poz, meu bobo d'um dardo!

—E o cão a investir!

E' por que me não lembrei.

Não passo mais pela Graça; esta maldita *horta* com este maldito cão solto!

Não ha policia, não ha policia! não ha camara, não ha fiscaes! Sinão o dono havia de pagar multa e matal-o!

Tem lá termos isto!

—V. conhece aquella firma?

—Muito; é o frade mais devasso que ha. Conhece o Fr. Bugre? é elle.

—Ah! conheço; é um que deu agora para servir de Mercurio.

—Justamente, mas Mercurio sem azas; traz nos pés ferraduras que o tornam cambaio,

—E que cachaço tem elle!

Uma carga alli ficava-lhe a valer.

—E onde vê, aquelle patife desgraçou uma pobre mulher, que um companheiro delle seduziu e perverteu. Aquelle frade é lascivo como um bode, ciumento como um gallo, intrigante como o diabo; viu que o companheiro tinha-lhe passado a perna, foi ter com o pae e este com um parente da moça que a sustentava e aos filhinhos.

O parente, convencido, nem mais olhou para a infeliz senhora, que vive exposta á miseria e aos ditos infames de Fr. Bugre, que se deleita com a desgraça alheia.

—Como vae isto!

Todos os horrores e prostituições da Grecia antiga reproduzem-se hoje em Latronopolis!

Um convento é um lupanar, um frade um.... um.... diabo, um malvado, uma peste!

—Ha entretanto um remedio; mande V. Ex. o seu muxingueiro ficar na portaria de qualquer convento á noite e verá como lucra a moralidade.

—Não, nada disso por ora; o muxingueiro o que vae fazer é tirar um pouco da banha de Fr. Bugre para não morrer abafado.

—Vae refrescal-o, não? E' boa lembrança, uma obra de misericordia, uma acção meritoria.

Deus dê saude a V. Ex, e vigor nos pulsos do seu muxingueiro!

—Capitão, no portão da ponte de ferro que a companhia Bahiana está fazendo, ha uma rampa de madeira para facilitar a entrada aos passageiros, e como estes muitas vezes não subissem pela frente da dita rampa e sim pelos lados d'ella, a companhia para evitar isso e aformosear mais a entrada da dita ponte, mandou collocar a uma braça de distancia do portão, em cada lado, uma especie de frade de madeira, presas em cada um delles duas pontas de correntes, e as outras duas pontas presas nas extremidades do dito portão, evitando assim as passagens lateraes.

—E não acha que foi bem lembrado aquillo?

—Acho, capitão, e como intendo que não foi feito para descanço de pessoa alguma, vinha pedir a V. Ex. para mandar correr á taca os saveiristas da escada visinha, moleques, negras etc. etc. que alli todos os dias se embalançam, fazendo daquillo rêde de descanço, destruindo parte de uma bella obra que ainda se acha em principio.

—Muxingueiro, vae com a taca correr aquella canalha d'alli para fóra, e dizer-lhe que aquillo não se fez para divertimento de vadios.

VARIEDADE.

Entrou um pobre em uma loja de barbeiro, e pediu que lhe fizessem a barba pelo amor de Deus. Fizeram-no esperar algum tempo e por fim mandaram-no sentar.

Esfregam-lhe a cara com agua fria, mal lhe dão sabão, pegam de uma navalha de levar couro e cabello e começam, sem mais ceremonia, a escanhoal-o sem dó nem consciencia.

Torcia-se o misero sem ousar queixar-se, a tempo que um gato que torturavam no quarto immediato, prorompe n'uma gritaria infernal.

—Que diabo tem esse gato? Grita para dentro o barbeiro que, além do mau humor em que o puzera a barba gratuita, começava a impacientar-se com tanta bulha.

—E' talvez, replicou o pobre, algum pobre gato a quem fazem a barba pelo amor de Deus.

O barbeiro riu-se, desfranziu a testa e acabou de barbear o homem com mais alguma charidade.

(*Extr.*)

A PEDIDO.

Para o publico ler, e a Illma. camara actual meditar e resolver.

«Lei do 1.º de outubro de 1828.—Art. 83. Tambem nomeará a camara um ou mais fiscaes e seus supplentes para servirem durante os quatro annos, assim estes como os nomeados no artigo precedente: servindo uma vez não poderão ser constrangidos a tornar a servir sinão depois de passados outros quatro annos.

—

«Aviso de 16 de agosto de 1863.—A camara não pode nomear *sinão um fiscal para cada freguesia*, e sendo o nomeado sargento da guarda nacional, reputa-se vago o posto.»

—

A' vista do que se acha transcripto, espera-se que seja cumprida a lei e restituidos a seus empregos alguns paes de familia, que até hoje não delinquiram.

A justiça.

Attenção.

Corre que muito se apavora Thomaz d'Aquino *Martins* com a annullação que tem de fazer a camara do contracto das barracas para dal-as a uma antiga sanguesuga.

Tal não ha, nem pode haver.

Não é possivel que continúe a ser mugida essa teta; tracte o yoyô de procurar outra, onde melhor se farte com seu amavel socio.

Espera-se que preste attenção a estas linhas a dignissima camara em quem muito confiam os municipes.

O inimigo dos velhacos.

ANNUNCIOS.

Pede-se a certo *solfejador* de nome Ernesto, queira ir pagar 6$580 que deve á Estrella do Oriente.

Sr. João que todos os *dias* anda entre *silvas* e faz *despachos* policiaes, tenha a bondade de ir pagar os 8$000 rs. que deve a Estrella do Oriente.

Pede-se por S. *Braz* a certo alfaiate que deve 4$700 na venda Estrella do Oriente que vá quanto antes paga-los.

Pede-se ao Sr. Braz *costureiro* queira a venda da Estrella do Oriente pagar 4$700 rs. que deve.

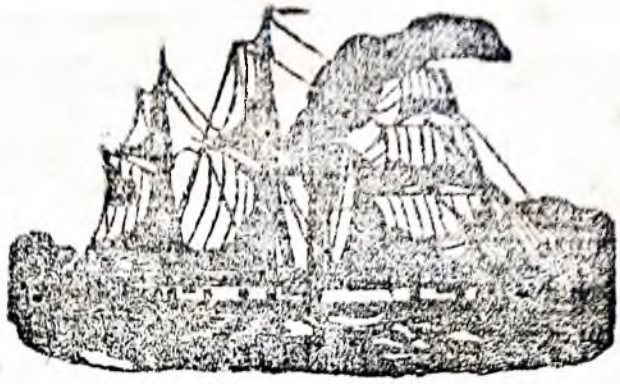
Pede-se a um certo carapina que pelo bem aventurado S. *Rufino* va pagar 4$900 rs, que deve na venda Estrella do Oriente.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.ª

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 23.ª BAHIA 1º DE JULHO DE 1865. N.º 230

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

DOUS DE JULHO.

A aurora refulgente de 2 de Julho não tarda a raiar!

O dia de nossas glorias, o fausto anniversario do sceilo victorioso de nossa emancipação politica, eil-o ahi vem!

O mesmo sol, que ha 42 annos alumiou o esforço bellico dos brasileiros, brilhará com intensidade para nutrir e fortalecer-nos n'alma as ideias de liberdade e independencia, agora que nos achamos a braços com o fero vandalismo do despota paraguayo!

Saudemol-o por tanto, a esse grande dia que nos declarou livres entre os povos livres,—bem que pesarosos pela ausencia de nossos irmãos, que sentem saudades de não partilharem comnosco das alegrias que despertam o torrão natal e as glorias da patria!

Saudemol-o por tanto, que tão grande dia inspirará por certo nossos irmãos em novas acções valorosas, em novos feitos de heroismo, que revertetão somente em honra do Brasil!

Viva por tanto o dia Dous de Julho!

Viva! Viva!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de junho de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que lance suas vistas para a estrada Nova ao Sangradouro, por onde é impossivel que passe uma pessoa a pé.

—A' mesma, no mesmo sentido, sobre a rua do Travasso, ao Bomfim, que se acha no mesmo ou em peior estado.

—Andar assim que é bom andar.

—Que foi?

—O filho do Sr. Gustavo, menino, estudando no Rio de Janeiro, foi no-

meado alferes do voluntarios da Bahia.

—Tenente ja.

—Tenente! Capitão foi elle, ha dias, nomeado; promovido, não sei si por serviços, distincção, ou antiguidade.

—Ora! é facil de saber: o moço subiu por distincção, que consiste em ser filho de seu pae, que é bom pae.

—Realmente, andar só assim que é bom andar.

Sahiu á luz a modinha=O Canto do Proscripto.

—E' velho.

—E' uma excellente poesia do academico Sr. I. Penha, posta em musica pelo conhecido e distincto professor o Sr. José Bruno Correia.

—E' uma composição que pelo seu merito recommenda-se ás Exmas. Sras. brasileiras.

—Ellas por tanto devem animar o artista que lhes procura algumas horas de divertidos passa-tempos.

—Fui hoje tomar café em uma *casa de pasto* na Praça, e fiquei admirado d'uma cousa.

—O que foi?

—O caixeiro quando arrumava palitos no paliteiro ia mordendo as pontas, não sei para que.

—Petarolas! Ora anda sempre este *coronel* com noticias extravagantes!

—Estou fallando serio.

—Ou o Sr. tem intriga do homem?

—Juro-lhe que não.

—Pois então vou mandar examinar pelo aspirante.

—O *olho* dos ladrões anda *vivo*.

—E' cousa velha. De novo que dá?

—Os taverneiros deram em medir por copos, cousa que é prohibida, pois que não ha medidas que não sejam as do padrão da camara.

Exemplo: vendem dous copos afunilados, cheios de vinho por uma garrafa, quando tres fazem a conta.

—Ora historias!

—Historia que é um logro, que paga o consumidor.

—Pois ouça um que é logro que paga o vendedor.

Ha um gatuno que munido de chave falsa, ao que parece, entra diariamente na salla de fazendas do Sr. José da Cunha Carvalho Bastos, e aos poucos, diminue-lhe o genero.

—Si soffre elle isto é por que quer; um cadeiado de lettras sana o damno.

—Foi o que elle agora lembrou-se de fazer. Como bom portuguez, fechou a porta depois de roubado.

—Que praga damninha!

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Onde encontrares um sujeito, á maneira de *filhote de burro*, com cabelleira de preguiça, com cara de velhaco, manhoso como burro, hypocrita como certo frade franciscano. . .

—Conheço-o; é um filho de padre, que diz que tem pae de quem pode receber conselhos; é um infame filho de uma bicha que não tem cabeça; é um ingrato que injuria e muito áquelle de quem recebeu innumeros favores, entre os quaes o de augmentar-lhe os lucros para ir buscar e sustentar duas irmans que a fera do pae queria devorar.

Que quer V. Ex. que faça com elle?

—Que vás dando-lhe tacadas na cara, desde que o encontrares até que chegue a bordo.

—E merece-o, capitão.

E' um patife que diz que só quer receber injurias de quem ja lhe deu que ganhar; que é honra que não procura nem rejeita, como si elle sou-

besse o que é honra, a não ser pelos diccionarios.

—E' um cousa ruim que chama tratante e avarento ao protector, sem lembrar-se d'uma sociedade em que elle caloteou o companheiro, que se esforçou na publicação d'um jornal, de cujos lucros só viu o cheiro.

—E' um publicista de *crista* em pé que caloteiou certa typographia de *maçons*, obrigada a ficar com a bucha de innumeros exemplares d'uma obra material, cujo prestimo foi o embrulho de assucar, manteiga e café.

—E' um miseravel que ridicularisa o logar de professor primario, quando por não alcançal o injuriou elle ao director dos estudos.

—E' um safado que quer dar a intender que alguem julga ser crime ter elle um emprego, quando ao contrario foi esse alguem quem o arranjou.

—E' um despresivel que depois de ter feito um ridiculo papel eleitoral, provou apenas ao mundo que era filho da..... natureza, ignorando ou fingindo ignorar quando o diabo do pae o atirou ao mundo.

—E' um desfructavel que para se ver livre da censura severa que soffreu então das pessoas honestas, tem o displante de querer pôr em duvida a nação daquelle que lhe deu a mão e o fez gente.

—E' uma serpe que morde hoje aquelle, as migalhas de cuja meza livraram-na muitas vezes de soccorrer-se á charidade publica.

—E' um provocador maligno que falla em *Alabama* e *Interesse Publico* e *Marcos Mandinga*, sem se lembrar do infame que, para escurecer a raça de que provém, escreveu um verso, perguntando si filho de frade era gente.

—E' um homem que aperta a mão de outro, e, por adulação a certo presidente que o admitte a servir á meza, chama o amigo de ignorante e mentiroso.

—E' um *ingenuo* que conta sua vida na praça, mas não é capaz de explicar o envenenamento de seu irmão, nem a historia de certa *ferasinha* (filho de peixe é peixinho) que devorou as irmans que tinha livrado das garras do pae.

—E' um homem sem brios.

Pega-o, onde o encontrares e faze o que te disse.

(*Continúa.*)

—Capitão, um caso que me veio á lembrança publicar, por causa do bando de hontem.

—Que viu?

—Um casamento de carêta.

—Ora deixe-me!

—Casamento digno de ser cantado em prosa e verso, e de ser apreciado por todos os amigos do bom e do bello, como dizem os pregoeiros de leilões.

—Desempate-me!

—Casamento que teve logar no dia do nascimento do Baptista, na capella da Lapa pequena.

—Avie-se!

—Cazamento que teve, no coro da egreja, musica tocando o hymno nacional.

—Não masse!

—Cazamento que teve repiques de sino.

—Ande com isso!

—Cazamento, cujo noivo apresentou-se de collete preto, de gravata azul de chapeu de pasta de vereador, conhecido por trazer uma pombinha, tendo no bico um ramo de oliveira e sob os pés um galho de alecrim que o careta alli collocou.

—E que tem isso?

—Pergunte o V. Ex. aos moleques que de pedradas puzeram tonto ao *pardo* Hygino.

—Cale-se o Sr., que não passa d'um grande linguarudo!

A PEDIDO

Pede-se ao auctor do escripto publicado no *Alabama* de 29 de junho, sob a epigraphe—Buscapé—que declare, sem rebuço, a quem se refere quando tracta d'uma historia de quinhentos mil reis de carne, e um outro tanto, que se deve a certo carniceiro, e quem seja esse carniceiro; e a não declarar pas-

sará por um infame, o vil calumniador.

—Aspirante pedestre!

—Prompto.

—Chame á falla aquelle barco que navega ao norte.

—Capitão, é um velho falucho.

—O seu nome?

—*Carlos.*

—Que bandeira é a sua?

—A dos relapsos.

—De onde vem?

—De Tratantopolis.

—Para onde vae?

—Para Seductoropolis.

—Quem é o capitão?

—E' um velho diabo, de barbas côr de pello de urso, olhos de abutre, garras de lobo, feições de mono, ventas de tigre, dentes de crocodilo, orelhas de jumento, unhas de corvo.

—O seu nome?

—Não quer declarar.

—Intime-o para que diga.

—Obstina-se em não dizer.

—Neste caso, estou que um par de machos ao pescoço no porão do navio o hão de fazer fallar.

—Acertou, capitão

—Ao porão com o bregeiro!

. . . . . .

—Capitão, metti o *bicho* no porão, mas não foi capaz de saber-lhe o nome. Apenas articulou estas palavras —*vi ar.*

—Deixe-o lá ficar até desembuchar. Passe revista ao navio.

—E' um velho casco podre e cheio de mazellas. Para nada serve.

—Servirá para o fogo.

—O modelo por que é fabricado indica ser destinado a traficancias, contrabandos e speculações fraudulentas.

—Vamos á carga.

—Aqui está uma enorme caixa.

—Veja o que contém.

—Uma quantidade de frascos contendo globulos homœopathicos.

—Que mais?

—Alguns vidros contendo ingredientes chymicos e diversas tinturas.

—Adiante.

—Aqui estão dous volumosos caixotes.

—Mande abril-os.

—Estão atupetados de cedulas de 5$ rs. falsificadas.

—Logo vi que não podia deixar de andar aqui moeda falsa.

Prosiga.

—Machinas e outros objectos apropriados ao fabrico de papel (moeda)

—Além de tantos ladrões que ha em Latrrnopolis, mais este!..

Continúe.

—Diversos massos de cedulas em branco.

—O que mais?

—Dous grandes volumes manuscriptos.

—Leia.

—E' o processo de certo *curandeiro* implicado em moeda falsa.

—Só?

—Tem mais quatro fardos *caridade fingida* para moças desvalidas.

Seis ancoretas *malvadeza.*

Dois embrulhos *impudor.*

Diversas caixas *seducções.*

Dez gigos *prostituição.*

Duas caixas lubricidade.

—Nada interessa isso. Veja a lista dos passageiros.

—São todas moças:

Uma joven de 13 annos que morou aonde ha *Pés de Dendês.*

Outra de 15 moradora nas *Areias* de cima.

Duas de 14 mais ou menos que moraram onde o *Saldanha tem palacio.*

Uma moradora na rua que *produz mangas.*

Tres crias de um engenho pertencentes a um fidalgo.

—Que destino levam estas jovens?

—Ignoro. São talvez seduzidas.

—Examine seus passaportes.

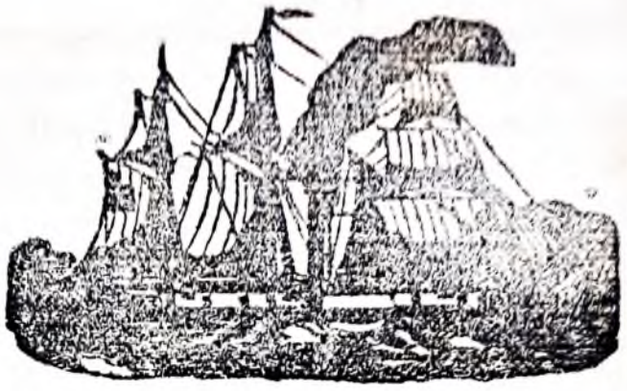
—Não trazem.

—Va buscar o lorpa do capitão para dizer que destino pretende dar a essas jovens.

—Já.

(*Continúa.*)

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2.ª BAHIA 4 DE JULHO DE 1865. N.º 231

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de julho de 1865.

Officio á camara municipal communicando-lhe que se acha interceptado o transito na ladeira da Cova da Onça não só pelos muitos barrancos e buracos que alli ha como pela enormidade de lixo de que ultimamente se tornou aquelle logar deposito. Espera-se pois que a Illma. mande pelos seus serventes remover aquelle obstaculo, visto que a empreza da *limpeza* ainda não funcciona.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que nos informam haver na noite de 30 do passado a patrulha prendido á ordem de S. S. a Antonio José da Silva Braga, com taberna ao Caes Dourado nº 71, por conserval-a aberta depois de 10 horas, mas que ao amaahecer estava o referido taverneiro em sua venda, o que parece um *mysterio*.

—Ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia.—Tendo se espalhado o boato de que uma recolhida de nome Maria Leopoldina de Mattos, de edade 12 annos, empregada no hospital de charidade, como infermeira, fôra castigada pela irman de charidade directora daquelle estabelecimento, de um modo pouco digno do sexo e edade da referida moça, tendo-a trancada desde o dia 25 até 28 do p. p., em um quarto escuro, onde antigamente se castigavam os escravos, sendo sustentada a pão e agua duas vezes por dia—torna-se preciso que S. S. informe com urgencia até onde isto é verdade, e a ser, o que deu motivo a tão grosseiro procedimento para com uma pobre moça—em todo caso—digna de melhor tratamento.

Convictos como estamos, que tal abuso, si se deu, foi sem sciencia de S. S., é de esperar que não se negará a dar as informações pedidas, e providenciar como o caso urge.

—Como andam a assoalhar que o *Alabama* insultou ao Exm. Sr. viscon-

do de Jequitinhonha, quando ao contrario foi o unico periodico que nesta provincia o elogiou, por occasião de seus projectos contra a escravatura— temos a declarar que nada temos com quem lê e não intende, porque ninguem escrevo para burros e *legere et non intelligere est burrigere*.

Sirva isto de resposta aos malignos.

—Foi luzida a parada. Esteve bastante concorrida.

Alguns batalhões da guarda nacional, o da Sé por exemplo, distinguiram-se

—E o povo não se esquece de seu dia; a affluencia foi, como sempre, admiravel.

—Merece particular menção o batalhão dos caixeiros nacionaes, que se apresentou, como de costume, nitido e elegante.

—Os homens de cavallo continuam no seu destino; para elles não ha lei, consideração que os detenha.

—E' um desaforo!

—Nos dias em que ha immensidade de gente pelas ruas augmentam os moços de furia, redobram de galope, e quem estiver em pé que fuja, embora não haja para onde nem tempo pa a correr.

—Ainda hontem, uns engraçados destes (que tinham sem duvida almoçado bem em consideração ao 2 de Julho) pisaram no Terreiro a um pobre preto. Vinham tres ou quatro, de braços dados e de cavallo!

—Tambem na rua Direita de Palacio, um cavalleiro que provavelmente estava carraspanado, deu com o Sr. conego Rodrigo no chão.

—Bem vê que é clamar de balde. Os fiscaes não ouvem, a policia imita-os, o povo soffre.

—Que epocha! A que estado chegamos! Estamos aqui á mercê de nós mesmos: cada um cuide de si que é tempo do muricy.

—E viva a patria!

—A charidade na Bahia parece phosphorica.

—Porque diz isto? Na Bahia ha muitas almas charidosas

—Não duvido; mas talvez sejam do outro mundo.

—Não diga assim. A gente desta terra é conhecida por hospitaleira e charitativa.

—Pois olhe: passei hontem (30 do p. p.) pela ladeira da Praça e vi um pobre velho estendido nas pedras, coberto de moscas; todos que passavam paravam para ver; mas não houve um coração bem-fazejo que o mandasse tirar dalli.

—Então principie por censurar a si, que passando tambem, não foi capaz de praticar essa obra humanitaria

—Mas eu não tinha meios.

—No mesmo caso estavam os mais.

—E authoridades?

—Petarolas!

—Muxingueiro, conheces aquelle diabo coxo que vae alli atravessando os tamarineiros da praça do Commercio?

—Conheço bem aquelle perna de cambão; para ser o *jardineiro* dos «Miseraveis» de Victor Hugo falta-lhe apenas o guiso no joelho.

—Mas vôu eu por-lhe uma pedra ao pescoço e nem que o gallego grite por S. *João*, deixará de encontrar no mar quem o coma

—Que bello! a *onça* devorada por um tubarão! fica a terra livre d'um monstro; que ventura, santo Deus!

—E que nariz tem o bruto! um tucano apenas o imita com o bico.

—E a cara, capitão! e o corpo! tudo revella manha de burro ronceiro...

—E excede a qualquer bode em lascivia.

—E' um capacho infame, um intrigante miseravel.

—E o patife anda sem ceroulas!

—Pega-o ja, muxingueiro!

Quando chegares, mette-o na cloaca do navio até minha segunda ordem..

—Arre, ladrão! Vaes agora pagar os damnos que tens causado! Arre, patife!

(*Continúa*)

—Capitão, iô pede venia.

—Temos novidade. Foste ao bando?

—Iô nan gussa di esse; iô gussa de cara limpo, iô gussa de ranca mascra.

—Que viste então?

—Esse fessa de Dôi de Julha qui é? Fessa de liberdare

Mai liberdare ni nome só.

Quim trabaia ni liberdare anani dize qui ta negro, qui qué forra parente; liberdare um dia só.

—Mas a que vens?

—Iô ja recrama um vez a ossincellence contra esse barbarimo de changó; mai angora sicandalo cresceu Iô pensa qui babiano tem vregonha, mai nan tem. Ossincellence ha de crê?

Babiano ni dia de 2 de Julha bota changó ni rua; e *changó* passa ni Cruze de Passichá, cum seu corrente ni pescoço, ni frente de cavalleiro que precede carro de liberdare, que traze caboca pisando serpente!

Que acha ossincellence desse coincidenciamento?

—Nada de mais; é facil ir a escravidão de facto, isto é homens captivos e agrilhoados a passeio pelas mesmas ruas por onde passa a liberdade de pau.

E' uma verdadeira realidade; o Brazil subjugou a escravidão, sacudiu jugos oppressivos, mas foi in mente; teve desejos, mandou fazer um quadro. E' *realmente* bonito, apesar de anachronico, de ridiculo.

—E trangera qui vê esse féssa; qui vê corxa ni janella, arco ni rua, flor ni peito e armamento de sordado, trangera faze um trisse idéa desse pobre tera qui é turo cheia de contradizimento!

Misera!

A PEDIDO

Requerimento ao Sr. subdelegado das Areias da Penha.

Pedindo providencias sobre um individuo pardo que veiu fugido do sertão, de estatura ordinaria, grosso do corpo, cara bastante larga e descarada, cheia de marcas de bexigas; o qual se acha homisiado em uma caza á rua da Madre e Gôa, onde tem uma amasia.

Ahi á noite, ajunta-se uma sucia, e fazem badernas de bebedeiras e gritarias, fallando contra todas as authoridades e familias honestas, sendo comparças dessa cafurna:

O medico das vaccas;

O major lusitano, que sendo empregado no arsenal de Latronopolis, fez bastantes ladroeiras, vendendo mastros, e outros objetos do mesmo arsenal a certos negociantes; que sendo subdelegado de certa freguezia, foi dar busca em uma caza que tinha escravos novos, e achando-os fechou os olhos, furtando tres que escolheu e levou para sua caza; o que podia provar o peixe marinho si pudesse sahir do mar;

O réu de policia que ha pouco alapardou uns centos e tantos bicos do amo, pelo que sahiu da casa como bem sabe o *feio* orangoutango.

O espoleta que compra as garrafas de caxaça.

O negro alcoviteiro, do appellido Fé Santa.

E outros muitos, como diz o jogador devasso, o caloteiro que furtou os cobres da infeliz que lhe cahiu nas unhas, a qual a sustenta, para jogar.

Resultando quando se acaba a tal sucia e bebedeira por alta noite dar o tal mamarrote fugido pancadas na pobre amazia que grita, e incommoda os vizinhos que acodem e dizem ser esse monstro padre, que não vai mais para o sertão por quererem limpar-lhe o vulto pelas boas obras que por lá fez.

A ser verdade que o tal safado é padre, pede-se a S S. o mande pegar e levar ao Exm. Sr. Arcebispo, para sentar-lhe praça de capellão de alguns dos batalhões voluntarios que vão para o Sul, por amor da classe, e para socego dos moradores dessa freguezia antes que elle se vá esconder em alguma Maracarás; o que espera-se da energia e actividade de S. S.

A creoula Olava e o inspector do Mocotó

(Continuação.)

—Capitão, eis aqui o celebre barão dos Caranguejos!

—Que cara de santarrão! Onde vê, parece uma charidosa alma, um coração bem formado, uma boa cousa, quando é vil como um cão. E' um homem que possúe milhões e quando algum infeliz lhe pede uma esmola, tem o desfaçamento de dizer que naquelle dia está sem um vintem.

—Uma vez disse que, si tivesse um saco, tambem ia tirar esmolas.

—E' um ladrão, á imitação do judeu da *Actriz Hebréa,* pobreza apparente, riqueza latente, apezar de ninguem desconhecer o vampyro.

—Fez isto o patife:

Havia aqui um fidalgo, um certo sujeito de S. *Felix* que tinha um engenho em *Bittencourt*, pertencente a *Capimerim*. Tinha filhos, de cuja educação cuidou tanto como eu da mulata Paulina, Morreu no anno da victoria dos *periz*.

Este grande, este barão, unido a outro tratante, um certo *Joaquim* amigo do *Hermenegildo*, fez um testamento falso em que o ultimo foi o herdeiro; o herdeiro vendeu um engenho ao primeiro por cem contos quando valia trezentos ou mais.

E assim mesmo nem esses cem contos pagou o *esperto*; brigou com o cumplice a quem retribuiu com um calote os immensos beneficios da ladroeira, e que viu-se obrigado a ir viver de vender escravos, balda para que dá todo o *olho-vivo*.

E tudo isso, meu capitão, quando os filhos do infeliz senhor de engenho acabavam na miseria, chegando a morrer um a bordo de um navio de guerra!

Eis-aqui quem é este malvado, o *poderoso* coronel barão dos Caranguejos.

(*Continúa*)

MOTE.

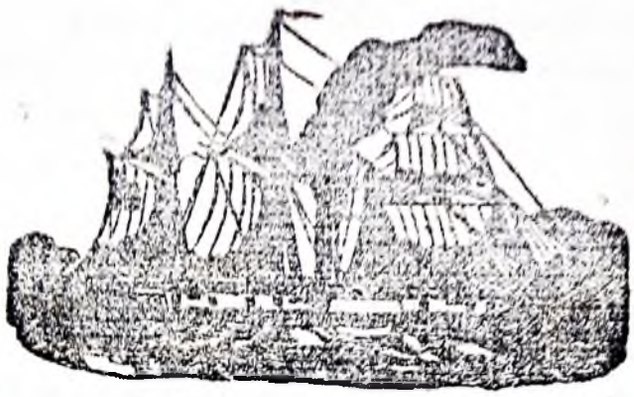
Nossos peitos, nossos braços
São muralhas do Brazil.

GLOSA.

Não teme a patria embaraços
Nem d'estranhos a fereza,
Quando tem para defeza
Nossos peitos, nossos braços.
D'heroismo indeleveis traços
Viu Cabrito, viu Funil,
Em Cachoeira ao fuzil
Debellou-se a gente má;
O Caibra, o Tupinambá.
São muralhas do Brazil.

Por—*Gaudencio Cezar de Mello.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 23.ª BAHIA 6 DE JULHO DE 1865. N.º 232

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de julho de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe sua attenção para os cavalleiros que continuam a galope a pisar os transeuntes, como ainda hontem no Terreiro um certo Sr. tenente que maltractou bastante uma senhora, que fora á illuminação. E' urgente activar-se o olho dos fiscaes para que cessem taes escandalos e desgraças, o que se espera da energia da Illma.

=Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que tenha em vista o galope dos cavallos que atemorisam os *peões*; assim como que informe a rasão por que se não fez effectiva a prisão ordenada contra um tenente que pisou uma senhora, na noite de 4 do corrente, e tambem o motivo por que se recusam os guardas de policia a prender, dizendo que não estão em serviço, apezar de ser o preso apanhado em flagrante.

(Continuação do Gallego.)

—Dahi por diante, intendeu que devia dividir-se, isto é procurar ter sua metade com quem pudesse repartir seu pedaço de broa, sua sopa d'alhos, seu gostoso unto.

E tantas bichas fez que pegou!

—Como?

—Havia em certa rua feia carcaça, que tinha lindos e azevichados cabellos, lindos e argentinos dentes; em tudo mais, era uma gorgone de fealdade.

Aos domingos, quando por alli passava o gallego (que para namorar substituira por um de cera o nariz que lhe tiraram) a brucha, da janella, fazia denguices de embasbacar o mono, que electrisado, cambaleava, a dar topadas sem poder suster-se nos tamancos!

Teve ao depois licença de entrar e começou a levar seus mimos á dousa de seus pensamentos: ora um maço de ganchos, ora seu vintem de sebo, ora um pausinho de areiar dentes, constituiam os presentes do noivado deste pobre diabo. Ainda bem que eram preparos para as duas lindas cousas que

possuia a furia: os cabellos e os dentes!

Correram banhos.

Casou-se o bruto.

Mais um par exotico a religião abençoou.

A' noite, o gallego deitou-se, cobriu-se e tirou o nariz de cera para que se não inutilisasse.

A mulher esperava que o marido dormisse.

O marido esperava que a mulher se deitasse.

Passado algum tempo, tanto quanto julgou a brucha sufficiente para que o macho dormisse, ella safou a cabelleira que era postiça e tornou-se uma perùa pelada! O marido a custo reprimiu um grito de horror, e ella metteu os dedos á boca e deixou sahir uma dentadura completa. O marido encolheu-se mais sob a coberta, como si receiasse o contacto daquella hedionda caveira; e a femea pegou nos seus arreios postiços, abriu uma gaveta e os quiz guardar.

A esse tempo, o marido que lamentava não serem reaes as *duas bellezas* que lhe fizeram conquistar o coração da caricata Dulcinéa, resignou-se, fez-se galboleiro e quando a mulher ia mettendo na gaveta os adornos, bradou elle, safando-se do lençol e entregando a ella o nariz de cêra:

—Guarde tambem ahi o meu nariz!

(*Continúa.*)

—A companhia da *limpeza* ja trabalha.

—E os empregados hontem (4) ja mostraram para quanto prestam; na Estrada Nova estrearam por furtarem doces.

—E as vassouras?

—Assisti ao seu despacho n'alfandega; sãofranccezas si me não engano.

—O serviço, a continuar como hontem, vae a mil maravilhas!

—Dizem que a empreza vae publicar um edital prohibindo aos caes, aos burros e cavallos o *sujarem* nas ruas!

—Ah! sendo assim, sim!

—E que contractou com todas as senhoras que tem vestidos de cauda para com ella varrerem as ruas.

—Ah! sendo assim, sim!

A PEDIDO

Officio ao Sr. subdelegado das Areias da Penha.

Pedindo-lhe providencias sobre uma caza de jogo que ha nessa freguezia, pertencente a um tal Simões, na qual se perdem os caixeiros das vendas, os filhos familias e até os escravos. E' um escandalo diario. Reunem-se alli um certo Victor, ladrão de porcos; um empregado da companhia das aguas que deixa o filho pequeno na *fonte*; um *feio* que alli perdeu os 180 bicos que *sumiram-se* do seu bolso; um Joaquim que *faria* mais si não estivesse hoje reduzido a viver á custa da infeliz rapariga, cujos cobres metteu no jogo, resultando-lhe disso uma navalhada, que a moça, desesperada lhe deu; um certo Chico, doente do mal dos *lazaros*, que deixou a mulher por causa do vicio e que vendeu uns cordões de ouro que tomou emprestado para certo baptisado; e muitos outros reus de policia que se espera da energia de S. S sejam remettidos á prisão para dalli pagarem a multa.

O cabelleira boca de bolça.

Ao Sr. subdelegado das Areias da Penha.

Pede-se providencias sobre uma sucia que se reune em certo adro para *maus fins*. Alli interra-se os vivos e desinterra-se os mortos; para os da sucia não ha familia honrada, pessoas de criterio,

authoridades honestas; a honra é um brinco que passa indifferente pela lingua damninha das taes viboras. São pernas certas o medico das vaccas; o major luzitano gago; o alcoviteiro Paula Santo; um ladrão dos peixes pescados pelos outros, um tal frei Pedro José. A conversa é animada pelas dóses da branquinha que fornece o Barnabé, que não gosta da graça pelos calotes que leva, como tudo conta o pardo velho linguarudo que dizem ser o rato lesador de certa egreja, e que diz que as familias *romeiras* ja não passeiam por causa das palavradas que alli se profere.

O Padre Eterno da Pedra Furada.

Dá-se um premio a quem melhor glosar o seguinte motte:

Caveira qu'é de Vicente
E' tenente coronel.

(Continuação do n. 230.)

—Capitão, aqui está o marreco.

—Olá tratantão! Que destino pretendias dar a essas pobres moças?

—E que importa ao Sr. isso?

—Serpente infernal! tens o arrojo de perguntar-me o que me importa isso!

—Não tenho satisfações a dar.

—Aspirante, traga ao convez o muxingueiro, com o calabrote bem ensebado.

—Si ha negocio de calabrote, sou todo humiliação.

—Covarde! para que essa arrogancia, si não passas de um miseravel!

—Agora serei o que quizer.

—Não é agora; sempre foste e serás.

Porém responde: que moças são essas?

E que destino levam?

—Umas vão ao porto da Deshonra e outra á ilha da Perdição

—Conduzidas por ti, infame!

—Não tem duvida, capitão, si esta é a minha condição.

—Onde achaste estas infelizes?

—N'um logar chamado *Intimidade do lar domestico*, onde encartei me e passei por excellente medico Alli fingi fazer immensos favores, e procurei tornar-me charidoso, e mostrar um desinteresse á toda prova, o que tornou-me bem-quisto dos chefes do logar.

—Tudo isso com o satanico fim de apanhares as incautas victimas em teus laços infernaes!

—Queria melhorar-lhes a sorte.

—Monstro, não era melhor que deixasses essas infelizes em paz, como viviam?

—Mas que havia de fazer si assim me ordenou uma Sra. a quem muito respeito, de nome D. Lascivia?

—Ente abjecto! tu não passas mais do que de um nefando seductor!

E s cem vezes peior que o tigre, por que este mata logo e devora sua victima, e tu a feres deixando-a ainda com vida e com a chaga vertendo sangue.

O tigre é feroz por instincto, tu és por calculo.

O tigre extingue logo a sua victima porque a sêde ardente e a fome a isso obrigam, e tu deixas a tua com vida para rever-te na tua obra, chacoteal-a, e seres o primeiro a apontal-a com o dedo.

Miseravel, tua presença fatiga.

Levarás por agora duzentas calabrotadas, e depois contarás os meios do que te serviste para seduzires essas miseras coitadas.

(*Continúa.*)

—Capitão, fui á freguesia de S. Pedro e dei com a Candinha

—Estimo, mas dize-me onde ella mora, e o que estava fasendo.

—Ella mora na rua de Baixo, e qnando entrei ella estava fasendo a barba.

—Animal ante-diluviano, já visto mulher barbear-se?

—Vi sim, senhor, e tambem vi, que ella era elle.

—Quesella era elle? então como diabo é isto?

—Ella era elle por que estava fasendo a barba, e elle era ella, porque tinha uma saia amarrada no pescoço.

—Então a não ser algum animal amphibologico, de certo é hermaphodita.

O que te disse esse ente commum de dois?

—Ella perguntou-me como me chamava, e eu nem por S. *Gustavo* lhe disse meu nome.

Perguntou-me mais si eu não tinha sobrenome; disse-lhe que tinha, mas que pertencia a uma familia nobre e que só podia usar delle em logares desconhecidos.

Perguntou-me tambem si eu era livre ou liberto; fiquei embaraçado com ésta pergunta, meu capitão, porque, si dissesse que era liberto pedir-me-hia a carta de liberdade, eu que a não tenho pela bondade de meu senhor, disse-lhe que era livre.

—Fizeste bem porque muitos como tu affectam de livres, não passando de vis escravos, inda que sejam do governo.

Que mais occorreu?

—Quiz saber si eu era vermelho, genuino, ou ligueiro; respondi-lhe com a sem-cerimonia franciscana do meu costume que era trigueiro—ao que me respondeu que não precisava saber disso porque minha ossuda e deslavada cara o está dizendo.

—Nada mais?

—Perguntou-me com as arrogante o que pretendia; respondi-lhe tambem com ar cor de fabrica de vellas de carnauba: Crear um batalhão de voluntarios da patria.

Interrompeu-me logo perguntando, que direito ou serviços tinha prestado ao paiz para exigir tão subida honra.

Respondi lhe que ha onze annos pouco mais ou menos, tinha commandado seis centos urubús, e que em todo esse tempo tinha mamado mais de cem contos de reis pela bondade de meus commandados, e pela estupidez de quem me nomeou.

Disse-me ella: Então estás apto para uma commissão da epocha, por tanto concedo-te a graça que pedes, e terá o teu batalhão o numero dos inimigos d'alma.

Curvei a cabeça, e fazendo-lhe uma grande reverencia, como meu senhor ensinou-me no tempo que eu era moleque, ella ficou muito satisfeita.

Perguntou-me por ultimo, si pretendia mais alguma cousa.

Disse-lhe, que somente dez contos de reis para adiantar ás praças do meu batalhão *quando se acabasse a guerra*; promptamente fui servido, e a fallar a verdade, capitão, arrependi-me de não ter pedido trinta ou quarenta contos porque em resumo, recebi os dez contos, paguei umas letrinhas do tempo da amavel Chapada, comprei alguns arranjos para minhas cazas, uns pacausinhos, algumas cestas de Porto fino, uns queijitos londrinos, uns devaneios cem as bellas jovens. . . e foram-se os taes dez contos de reis como si fossem arabicos.

—E agora, si pedirem contas dos dez contos e dos roubos que fizeste com os urubús, o que ha de ser de ti?

—Que me importa eu com contas quando mamei os contos?

—Fizeste algum adiantamento ás praças do teu provisorio batalhão?

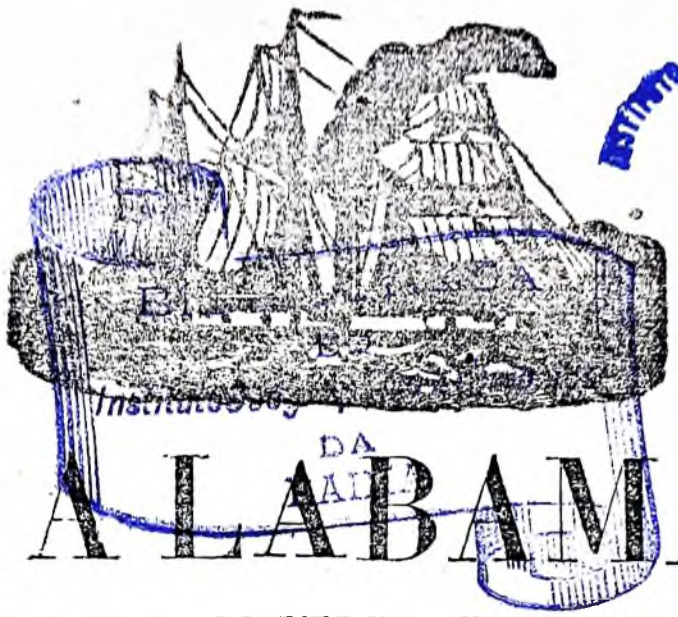
—Adiantamento? E' o que faltava.

O soldado quando vae para a guerra não precisa de dinheiro, o campo do inimigo e os logares por onde passam, é o potosi do soldado, e os que morrem no campo são os que ficam com a carga dos adiantamentos. E no mais, saude e bichas, quem for tolo ande magro. Adeus!

ANNUNCIO.

Sr. A. M P., queira ter a bondade de ir á Cruz do Cosme levar o dinheiro do aluguel da caza em que o Sr. morou na rua Direita da Conceição do Boqueirão, sinão quizer passar pelo dissabor de ver seu nome por extenso neste periodico.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



INSTITUTO GEOGRAFICO E HISTORICO DA BAHIA
18/9/97
BIBLIOTECA

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 23.ª BAHIA 18 DE JULHO DE 1865. N.º 233

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Principia neste numero a 24.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de julho de 1865.

Officio á companhia da limpeza, pedindo-lhe que lance suas vistas para a rua que por detraz de Palacio vae dar na ladeira da Conceição, conhecida pelo Pau da Bandeira, a qual parece um verdadeiro esterquilinio, povoado de esteiras, colchões velhos e mais lixo proveniente das varreduras das casas.

—Capitão, noticias.

—Diga-as.

—Embarcou o esquadrão de cavallaria...

—Adiante.

—... a companhia de artifices...

—Isto é velho.

—... o resto do batalhão de caçadores...

—Tambem é sabido.

—... e a companhia do sertão, commandada pelo Gualter Martins.

—Não masse!

—Quando iam embarcar-se os caçadores, dizem que um tal official Tanviá deu uma bofetada em um guarda de nome José Clementino, que se demorava um pouco a despedir-se dos seus amigos.

São os officiaes os proprios a desrespeitarem a farda!

—E hontem?

—Embarcou o 23.º batalhão de voluntarios, sem folhas, sem flores, sem foguetes; porém animado e saudado por innumeros vivas, por differentes poesias e por um excellente discurso do Sr. Porcino Carneiro, que muito agradou á rapazeada de gosto.

—Bom. Que mais?

—No dia 16 festeja-se, em Itapagipe, ao 2 de Julho.

No domingo 9, ha bando; no dia 15 o carro é levado para os Mares, donde sahirá pela Calçada, Bomfim, Porto, Papagaio, Madragôa, Porto dos Tainheiros, Ribeira, Rosario e Arcial para descançar no Poço.

Dizem que ha illuminação a gaz, por tres noites, assim como boa musica para entreter a gente.

Consta-me que hão de apparecer veteranos uniformisados para pucharem o carro; que o festejo ha de ser bom, graças ao gosto de quem o dirige e á *inflorencia* dos rapazes que não perdem vasa.

Ha guardas de honra, batalhões patrioticos, patacoadas emfim.

—Que mais?

—A surdez da policia.

—Cale-se!

—Debalde a imprensa brada, denuncia até attentados contra a vida, tentativas de morte, indica o logar, a rua, mostra o numero....

—E quem manda aqui sou eu. Silencio!

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Conheces quem vae alli de galão no braço?

—Não, capitão.

—Pois não conheces um tabareu nazareno, que andava de pés no chão, calças arregaçadas, vendendo louça de barro?

—Não, capitão.

—Um a quem o cunhado, por compaixão, fez caixeiro de taverna, tendo o tratante o desaforo de furtar uns tantos contos de reis para gastal-os com prostitutas?

—Não, capitão.

—Um a quem o mesmo cunhado arranjou em um armazem de carne secca, que elle deixou molhar, deixando-o ir pelo rio abaixo?

—Não, capitão.

—Um a quem certo doutor abonou uns cobres, com que elle abriu uma tranquibernia, com a qual caloteou diversos negociantes da cidade Baixa?

—Não, capitão.

—Um que já não tendo a quem illudir e calotear, e vendo-se quebrado, tractou de enganar uma viuva que possuia uns dez contos de reis?

—Não, capitão.

—Um que cazou com a tal viuva e em menos de seis mezes botou tudo fora, deixando a mulher ao desamparo, sem mais ir á sua caza, a ponto de a mulher deitar lucto?

—Não, capitão.

—Um tratante, um infame, um detractor da honra das familias, que passa pelas pessoas de quem já recebeu favores, faz que não as conhece e dellas depõe na ausencia?

—Não estou certo, capitão.

—Um safado que acaba de raptar uma moça honesta, por morar ella junto a uma *mangueira* que ha n'uma rua *calçada?*

—Ah! ja sei quem é.

E' um cujo que para não pagar o que deve, diz que certa familia, vindo de Vianna e indo para a Chapada, lhe ficou devendo um conto e tanto, quando tal não ha; é um quidam que por pedidos do *Gregorio* e por milagre de S. *José* arranjou uma banda de seda, com a qual intende que é cousa no rol das cousas.

—Pois bem, muxingueiro! Vae ter com o *Cardoso* que te dirá ende está o patife, a quem trarás a minha presença, para ser recebido com as formalidades do estylo: taca, machos, tronco, golilha e porão.

—A's ordens.

—Capitão, eu quero contar ao chefe de policia um caso.

—Pois vá á rua do Bispo, e procure a secretaria do Policia que la ha de achal-o.

—Ha na rua do Castanheda uma cer-

ta mulher, de nome..... (o nome quem pode dizer é Sinhá Maria, ou Sinhá Vicencia) a mulher é infeliz, é uma pobre mulher; tinha seu amante a quem estimava. Este queria casar e tractava de descartar-se da amasia; tanto fez que mudou se definitivamente da caza della, indo só visital-a de quando em quando.

A pobre e pobre de spirito foi ter com um negro feiticeiro que mora na mesma rua e contou lhe o facto, pedindo um remedio para *elle* voltar.

O negro pediu a roupa do moço que a mulher nunca poude conseguir. Combinou-se em que seria o *remedio* applicado á comida e assim se fez. Houve porem uma *differença*; é que o moço, em vez de voltar, empinou-se para o outro mundo depois de ter deitado muito sangue pela boca.

Agora quem é o culpado?

A mulher? O negro?

A mulher tem uma culpa: sua ignorancia.

O negro tem crime: a inacção da policia.

A policia é que é a culpada; os candomblés regorgitam, até dentro da cidade; lavra a crença dos milagres do santo vudúm; o dar ventura é meio de vida de todo peralta *sabido*, e ... esta Bahia, esta terra das condescendencias, das contemporisações e das demoras, é um paraiso de delicias; vive-se aqui em tão santa paz que o ocio faz somno até a quem deve velar pela segurança publica!

—Ora pipocas!

A PEDIDO

(Continuação.)

—Sei muito da vida deste maganão. Falla e manda fallar em Cuba e Havana; enche e manda os seus encherem as bochechas de *União Africana*, e este *cujo* fez o seguinte;

Tinha relações com a Havana e recebeu d'um seu correspondente, D. Gaspar, a ninharia de MIL E QUATROCENTOS escravos, cujo valor poz no peito, desgraçando ao infeliz dono que veio aqui acabar na miseria, morto á fome e frio, nas lages da rua!

—E o *poderoso* coronel viu impassivel a desgraça de seu socio! Que coração de monstro!

—Isto é capaz de mais.

Ouça: Um dia a mulher gastou dezeseis mil reis em caza, sem sciencia deste usurario, e elle descompoz, isto é insultou a mulher, maltractou-a talvez com pancadas, fez o diabo a quatro e obrigou com seus maus modos a mulher a sahir de caza.

O sogro horrorisou-se e julgou necessario um divorcio; mas a fera, o crocodilo chorou e fez com que a mulher quizesse tornar á caza; pelo que, apaixonado, o sogro morreu.

—Que miseravel! um millionario maltractar a mulher por 16$ rs.!

—Ora! O homem, n'uma quinta feira Santa, mandou quatro vezes um portador ao Rio Vermelho para ver *quatro libras* de peixe que elle encommendara!

—Que ridiculo! E provavelmente tinha visitas! E' que elle recorreu talvez aos caranguejos.

Alma vil!

—Attenção! Este barão de *lama* ou dos Caranguejos tem o louvavel costume de dar dinheiro aos filhos-familias ricos, á rasão de duzentos por cento; o que lhe não torna pequenos os lucros. Ainda ha pouco deu nesto sentido dous contos de reis a um moço filho da cidade de Adães, e quereu-

do o pae pagal-os com os juros da lei, o *poderoso* não o quer, com sperança de receber os seis contos no fim das contas!

—Que ladrão!

—Ha aqui um casal d'um italiano marceneiro, que tem sido desfructado por todos os ladrões; o barão de Caranguejos quiz tambem roer o osso, e foi a um infeliz herdeiro, que, necessitado, fez com elle uma transacção, chegando a comprar-lhe o avultado quinhão por uma ninharia!

Felizmente parece que Deus, como sempre, vae a escrever direito por linhas tortas; consta-me que o sujeito tomou uma furiosa bomba!

—Que lhe não tivesse esmagado a cabeça!

—E é uma serpe venenosa, furiosa papa-pintos que, como já se disse, vive a caçar rolinhas.

O patife tem presentemente em casa uma coruja harpya e duas pombinhas sob o dominio seu; tem honras de Pluto-Plutão-Jupiter.

—Explique-se

—E' feliz por que é mau, por que é rico, por que é devasso.

A velha que perdeu as meninas, extasia-se ante a *lauta* mesa que apresenta o somitego *quaker*, e as honras que lhe faz é protestar contra a lingua dos que dizem que o homem só come por que tem fome!

(*Continúa.*)

MOTE.

—Cavei a qu' é de Vicente
E' tenente-coronel.

GLOSA.

Tem chilena de corrente,
Bifada la na Chapada,
Essa cara deslavada,
—Caveira qu' é de Vicente;
Figura agora de gente,
Quando vae para o quartel,
Leva no bucho um tonel;
Qualquer negra é sua tia,
Por desgraça da Bahia
E' tenente-coronel.

ANNUNCIOS.

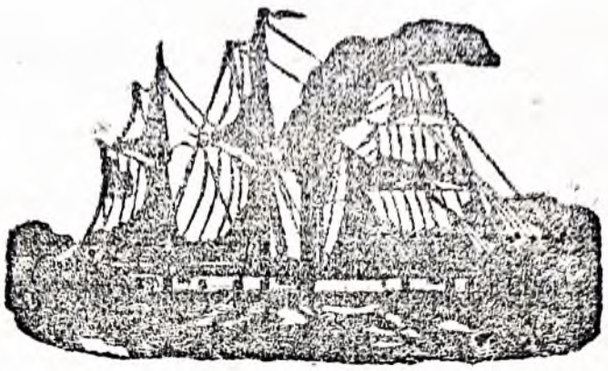
Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha,—embarcando-se, hoje 6 do corrente mez no vapor inglez *Ptolemy* da linha de Liverpool, com direcção a côrte, e d'ali, pela guerra com o Paraguay, retirando-se para o Rio Grande e para onde quer que o dever e o destino o chame e obrigue-o a estar fixo ou ambulante no seu cargo ou posto de capellão do 23. batalhão (3.° d'esta provincia) de Voluntarios da Patria,—sente sobremodo e cordialmente não poder despedir-se das pessoas que lhe merecem sympathia, consideração, estima e amisade, em consequencia de constituirem ellas um crescidissimo numero e de dispor o annunciante de pouco tempo, sempre na vacillação de ser a sua viagem d'um para outro dia, a espera só de qualquer vapor nacional ou estrangeiro: pedindo a todos mil desculpas por essa involuntaria e inevitavel falta offerece-se-lhes para quanto possa ser-lhes favoravel e util, no circulo acanhado de seus prestimos, anhelando regressar a esta capital, que é a cara terra de seu berço, logo que esteja concluida a lucta e convenientemente desaffrontada a dignidade e honra nacional.

Aviso Patriotico.

O abaixo asssignado Commandante do Regimento Patriotico—*União Brazileira*—convida a todos os Brasileiros para que se reunam no largo do Terreiro de Jesus no dia 9 (domingo) ás duas horas da tarde, vestidos de calça, palitot branco, gravata preta e chapéu de palha da terra enfeitados com folhas nativas para acompanharem os carros—Emblemas da nossa Independencia. Bahia 3 de julho de 1865.

Antonio Olavo da França Guerra.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BIBLIOTHECA DO Instituto Geographico e Histo.ico DA BAHIA

SERIE 2.ª BAHIA 11 DE JULHO DE 1865. N.º 234

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de julho de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande fazer os reparos necessarios na escadinha do Unhão, logar por onde passam as pessoas que tem de tomar banho, a qual se acha em pessimo estado depois das chuvas de abril que fizeram alli correr a terra.

Espera-se ser attendido.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, enviando-lhe, para ser lida, a seguinte publicação do *Progresso* de 22 de junho do corrente anno, que até hoje provavelmente não chegou ao alcance de S. S.:

«Sr. Redactor.—No dia 25 do mez de janeiro deste anno tive a infelicidade de perder meu filho Thimoteo Fernandes barbaramente assassinado com dous tiros! Sou pobre, e esperando pela justiça humana, sem resultado, deliberei-me a denunciar dos matadores de meu filho, dous dos quaes estavam presos, e confiava que pudessem ser soltos só depois de ouvida e recebida a prova vigorosa, que contra os mesmos me propunha a fornecer.

«N'esse sentido requeri; mas o Sr. Dr. juiz municipal, delegado de policia do termo da Purificação competente para formar a culpa, não quiz despachar minha humilde petição que me informaram ter cabimento em vista do que dispõe o art. 270 do Regulamento n.º 120.

«Não entendo de leis; mas faltando-me justiça e autoridade humana, do meu recolhimento recorro para a justiça divina, unica que não falta com o castigo a quem o merece por suas culpas.

A' rogo da Sra. Anna Joaquina Pereira do Lago. — *Jeronymo José de Cerqueira.*»

Espera-se providencias a respeito, até por que S. S. depois das reclamações do *Interesse Publico* que lhe dá elogios, foi á villa do Condo para fim identico, bem que o assassinado fosse homem rico e o de que hoje se tracta era um miseravel, cuja mãe appella, exasperada, para a justiça divina.

—Ao mesmo, communicando-lhe que na rua da Larangeira ha um preto africano, que vive de *dar ventura*, advi-

nhar e curar de feitiço aos credulos e superstiçiosos que alli vão em grande numero, chegando elles a persuadirem-se que o tal negro tem o poder de evocar os mortos para virem fazer revelações. E como semelhante abuso não deve continuar, pede-se a S. S. providencias.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias, contra os escandalos que se praticam no sobrado n. 5 ao Maciel de cima, cujas moradoras vivem em continua deshonestidade, sem respeito ás familias que por alli moram, além de que provocam e insultam não só aos visinhos, como as pessoas pobres ou maltrajadas que por alli passam, atirando-lhes agua, cascas de canna e outros objectos; o que não deve continuar.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, chamando sua attenção para o beco do *Pombal* á ladeira da Saude, onde ha constantemente desordens e palavras injuriosas proferidas por algumas mulheres de condição má que alli moram.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe pela 2ª vez que vá á ladeira do Alvo, caza da Açucena e intime a essa mulher depravada que cesse os escandalos que em sua caza tem logar, sob pena de ser conduzida ao porão, para levar a dóse do costume. Cumpra.

—Foram levados os carros á Lapinha.

—E' velho; foram acompanhados por tres batalhões patrioticos: o Minerva, o Caixeiros Nacionaes e o União Brazileira que estavam todos elegantes.

—E viva a patria!

—Não sei que diabo de invalidos são estes tão fortes!

—Quaes?

—Os da fortalesa da Barra.

—São artilheiros, são robustos.

—Mas é para andarem pelos quintaes alheios a furtarem gallinhas!

E isto é o que me parece que não está nas ordenanças militares.

—Emfim, Sr., haja-se com o commandante da fortaleza que é o responsavel pelos abusos.

—Capitão, na madrugada de 9 do corrente, ouvi furiosa gritaria na rua onde moro, beco da Agonia, e chegando á janella vi que eram batuques de negros africanos; o mesmo contou-me um amigo meu que mora la para Santo Antonio. Além de ter extranhado a hora do brinquedo, fiquei a scismar depois da noticia do amigo, em cuja caza me achava.

Nisto passaram cinco praças de policia a cavallo, isto é um cabo do corpo policial e quatro guardas do 5.º da guarda nacional. Achei que havia novidade, mas disseram-me que aquillo era provavelmente substituição da cavallaria, com o que concordei. Mas logo depois trouxeram-nos a noticia de que houvera *levante* na fazenda do Sr. barão do Rio Vermelho, rasão por que estava a policia em movimento.

—Bem; que quer agora?

—Eu? eu nada.

Eu sei muito bem que o povo não tem medo d'uma insurreição; que os negros, si nella pensam, pensam mal; mas não queria, pela minha parte fechar a porta depois de roubado.

—Fecho-a antes.

—Fecho-a sempre; mas ás vezes ha necessidade de sahir á noite, faz-se uma viagem, volta-se do theatro, vae-

se á missa de madrugada, vem-se d'um *ponto*, e bem vê V. Ex. que é mau o encontro com meia duzia de estupidos malvados, ou mesmo de ignorantes justamente indignados.

Achava portanto bom que houvesse alguma previdencia, isto é que a authoridade, energica, activa, prudente, dotada de tino como é, providenciasse em tempo.

—Sim, Sr., está bem servido; mas deve dirigir-se immediatamente ao chefe de policia que é quem está encarregado de velar pela segurança publica.

—A's ordens.

—Não se pode deixar de clamar!

—Que é que houve?

—Quando se falla dos fiscaes, elles reclamam e dizem que sendo pobres tem honra.

E o que é certo é que os abusos que praticam são tantos, tão repetidos e de ordem tal que a classe foi inteiramente condemnada á censura.

Em toda a regra ha excepção, é verdade; ha caracteres honestos entre os fiscaes, mas é que o publico colloca na mesma escala o fiscal, o meirinho, o aguazil.

—Mas a que vem a sua dissertação?

—Vem para dizer que os abusos continuam; vem para dizer que talvez por escrupulo, o fiscal torna-se excessivo.

—Mas cite um facto, diga ao que se refere.

—No dia 7 do corrente, ás 6 horas da tarde, o fiscal da freguezia do Pilar fez uma multa, justa talvez, mas.....

O caso foi este:

Uma crioula estava a vender pamonhas e com o taboleiro no collo sentou-se no passeio da rua da Mangueira; chegaram porém uns tabareus a vender pimentas e a rapariga, largando o taboleiro no passeio, foi ter com os tabareus; a esse tempo chegou o fiscal e prendeu a preta, que pediu ser levada á uma caza para p gar os 4$ rs. de multa.

O fiscal não cedeu e mandou-a para a correcção, apezar das considerações que lhe fizeram diversas pessoas presentes.

—E que queria? Quem infringe a postura ou paga a multa ou recolhe-se á cadeia.

—Sei disso, mas a crioula ia pagal-a. E depois a *infracção* não era tão grande que merecesse tanto rigor.

O Sr. fiscal sabe bem, porque deve ter visto, que aquelle passeio vive constantemente occupado por innumeras barricas de farinha de trigo, pertencentes ao Sr. Severo Chamusca.....

—Ah!... ....

—Eis ahi porque se diz que os fiscaes só multam a negras pobres, a tristes quitandeiras.

—Calemo-nos!

A PEDIDO

—Quem é a sombra de Mathaide?

—E' o espectro de um sujeito assim á especie de camaleão, que se transforma milhares de vezes; é serpente que larga a casca quasi todos os dias.

—Pois olhe, depois de muito elogiar um homem que lhe mandava diariamente dinheiro, isto é todas as vezes que precisava, quer dinheiro por conta dos elogios que o homem não encommendou, e isto dizendo que fez favores, que deu elogios de graça.

—Assim como agora dá descomposturas por dinheiro.

—O que prova que é um spirito pequeno; uma especie do cofre sorve-

dor em que não cabe dinheiro que chegue para saciar a gana.

—Pois a esse taful é preciso que o capitão do *Alabama* mande pegar para mettel-o no porão do seu inexpugnavel navio.

—Que presa!

E' um homem que despresa agora o favor que lhe fizeram de emprestar tres contos de reis, quando naquella epoca o fizeram elles ter uma indigestão de louvores.

—Pois não sei! E' um magano que enviava diariamente bilhetinhos pedindo esmolas á pessoa, a quem hoje injuria em publico.

—Sim, Sr. O homem é dos taes que allegam os favores que fazem; lembra so sempre d'um *pirata*, quando ha por ahi tanto pirata ingrato que se diverte em apunhalar a honra dos que o livraram de uma prisão, por exemplo, em Santa Pelagia; dos que o livraram de andar de calças na mão, destruida a pouca fortuna, graças ás extravagancias d'um velho mestre de escola, que se não condóe dos innocentes filhos, a quem poderia legar melhor futuro.

—Pegue o sujeito.

—Teve o desaforo de dizer que alguem veio para aqui imberbe e fallar em falta de brio, como si podesse fallar em brios o homem que, dizem, renega a sua patria.

—Sim, Sr.! um homem que accusa os mais sem se lembrar das accusações que lhe fazem.

Por exemplo: o ter vendido os typos e as ideas; o ter defraudado orphãos; o ter abusado da honra das familias; o ter esbulhado e devastado a fortuna dos amigos que defende.

—E vem a inventar historias em que elle anda dando *passos*, quando apenas o que ha é fome, fome, fome de ouro, ouro e só ouro!

Pegue-me ja o tratante!

(*Continúa.*)

MOTE.

—Cavei'a qu' é de Vicente
E' tenente-coronel.

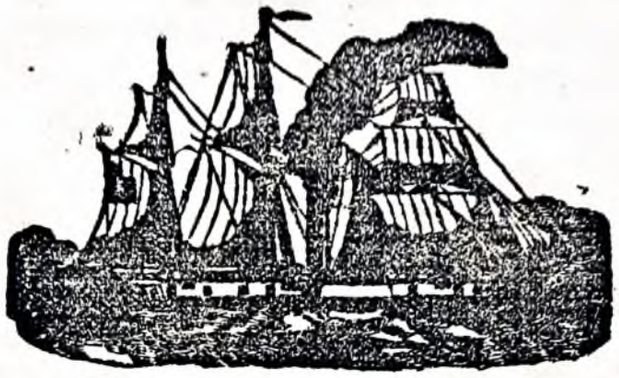
GLOSA.

Tem cabeça de serpente,
Incha qual camaleão
Na frente do batalhão
—Caveira qu' é de Vicente;
Pelo gesto, pelo dente,
Denota ser papa-mel,
E p'ra gloria de Lusbel,
E desgraça da Bahia
Tal abutre, tal harpia
E tenente-coronel.

ANNUNCIOS.

Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha,—embarcando-se, hoje 6 do corrente mez no vapor inglez *Ptolemy* da linha de Liverpool, com direcção a côrte, e d'ali, pela guerra com o Paraguay, retirando-se para o Rio Grande e para onde quer que o dever e o destino o chame e obrigue-o a estar fixo ou ambulante no seu cargo ou posto de capellão do 23. batalhão (3.º d'esta provincia) de Voluntarios da Patria,—sente sobremodo e cordialmente não poder despedir-se das pessoas que lhe merecem sympathia, consideração, estima e amisade, em consequencia de constituirem ellas um crescidissimo numero e de dispor o annunciante de pouco tempo, sempre na vacillação de ser a sua viagem d'um para outro dia, a espera só de qualquer vapor nacional ou estrangeiro: pedindo a todos mil desculpas por essa involuntaria e inevitavel falta offerece-se-lhes para quanto possa ser-lhes favoravel e util, no circulo acanhado de seus prestimos, anhelando regressar a esta capital, que é a cara terra de seu berço, logo que esteja concluida a lucta e convenientemente desaffrontada a dignidade e honra nacional.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª BAHIA 13 DE JULHO DE 1865. N.º 235

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de julho de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe policia, pedindo-lhe providencias sobre o estado de segurança da freguezia da Penha, que ficou encarregada a uma só patrulha, succedendo que em quanto está ella nos Mares por exemplo, pode acontecer o diabo no Bomfim, no Papagaio, na estrada da Vargem, na Madragoa, no Rozario, na Ponta d'Areia, no Porto dos Tainheiros, e no Poço, logares que são bastante distantes um do outro.

Espera se pois ser attendido n'um tão justo pedido.

—A' companhia da limpeza, pedindo lhe sua attenção para a maneira porque se procede á limpeza da cidade. E' bastante irregular, feita com má vontade polos empregados e no meio de insultos ás pessoas que levam o lixo; acrescendo que estando o cisco ás portas, os carroceiros o não vão buscar, pelo que torna-se necessario que quem não tem escravos pague a quem o conduza. Escapatoria que é impossivel que se dê, visto que não é de suppor que o presidente liberal que fez o contracto quizesse onerar com tres impostos sem proveito ao povo desta cidade.

—Mais um escandalo no hospital da charidade!

A *superiora* botou para fora um doente porque, sem comer ha quinze dias, pediu um pão!

E o homem teve de sahir com o caustico aberto, graças á *charidade* da digna filha de Vicente de Paula!

—E quem é este homem?

—Chama se Emiliano Teixeira de tal; vi-o agora, na santa casa, á espera do Sr. provedor a quem foi reclamar contra o despotismo da *humilde* catholica, que *faz charidade* por dinheiro!

—E estará com effeito doente?

—Tão doente que em quanto não pediu pão, esteve no hospital e está com o caustico aberto; tão doente que os medicos, entre elles o Sr. Dr. Januario, attestam sua molestia.

—E' provavel que o charidoso provedor condoa-se do homem.

—Ora vejamos...

—A *limpeza* vae em termos.

—Pois não! O art. 8 do contracto diz que em horas fixas se ha de receber o lixo; o edital do Sr. Costa Guimarães

diz que ha de ser das 4 ás 8 horas da manhã, e os *carroceiros* andam á qualquer hora (o que não faz mal ao publico) porém fazendo feia cara a quem lhes apresenta cisco e ás mais das vezes não o recebendo!

—Isso é o menos. O art. 6 diz que os depositos de lixo são o Garcia, o Retiro, o Cabula, Coronel, o Engenho da Conceição, e a Massaranduba; o Sr. Costa Guimarães annuncia que só em taes logares pode o lixo ser depositado, e os carroceiros andam *entulhando* o Barbalho e toda a estrada da Quinta dos Lazaros!

—Procedimento inqualificavel contra o qual se deve reclamar com insistencia e energia.

—Reparando Vm. que tal culpa não é da direcção, é apenas dos homens dos carros que tem preguiça.

—Não sei, não sei! Si a culpa não é da direcção, ella que faça o que deve, sabendo desse abuso. Si a culpa é sua, o Exm. Sr. vice-presidente que attenda para a maneira escandalosa porque se *pretende* cumprir o contracto.

Tinha que ver!

Sendo assim, era um soffrivel *mangelorum*....

Não basta talvez a *reducção* de lixo, da immundicie, a significação despropositada que se deu a materias putresciveis .....

Não basta!

—Homem, espere pelo que se faz, para ter então rasão de fallar; por ora silencio!

VARIEDADE.

Carta dos habitantes do Vimeiro a lord Wellington.

Illm. Exm. Sr.—Depois que V. Ex. fez ir de escantilhão para a França o fanfarrão Junot, tendo-o posto em papos de aranha nos campos do Vimeiro; depois que V. Ex. fez sahir com vento debaixo o ladino Soult da cidade do Porto, fazendo-o fazer vispere e ir com as calças na mão para Castella: depois que V. Ex. disse ao zanaga Massena: Alto lá, Sr. Macario; e jogando o jogo dos sisudos lhe mostrou as linhas com que se cosia, fazendo-o dar ás trancas e apanhar pés de burro por ter dado com as ventas n'um sedeiro; depois que V. Ex. fez ir de catrambias a Berrier, da cidade de Rodrigo, e ao caxola Philippon limpar a mão á parede em Badajoz como quem diz: Passa que não me viu e tendo o Tem-te Maria, para que não caias; depois que V. Ex. finalmente, nos campos d'Amapiles, zas, tras, zas, nó cego, desazou o macambuzio Marmont e o obrigou a contar sua derrota p-a, pa, santa Justa, timtim por timtim: foi então, Exm. Sr., que nós, os pés de boi, portuguezes velhos dissemos: Este não é general de cacaraeá, tem amoras, não faz cancaburradas, não deixa fazer o ninho atraz da orelha; e como prudente, umas vezes accommette e outras põe-se de conserva. Agora podemos dormir o somno solto; o nosso medo está nas malvas; a vinda do inimigo será dia de S. Nunca á tarde. Portanto só resta agradecer a V. Ex. a visita que nos fez, que desejamos não seja de medico nem com o pé no estribo, devendo saber V. Ex. que estes desejos não são embofias nem parolas que leve o vento, mas sim ingenuos votos de corações agradecidos e leaes, com os quaes tem a V. Ex. erguido com tanta justiça um throno de amor e respeito.

(*Extr.*)

A PEDIDO

—Eu quero metter uma *vela de breu* nesta ca-*neca* frunchada: quero ver si produz uma detonação, quero ver si assemelha-se ella a uma *bomba de Orsini*.

—E' cousa facil; veja uma *cabeça de carneiro*, introduza nella a tal vela, meta tudo dentro da caneca, tape bem o buraco e verá o fim.

Dos estilhaços sahirá uma infinita variedade de seres, a saber:

D. Infamia eleitoral, vestida de medico, curando um boi;

D. Impudencia clerical, vestida de padre, porém substituindo a Satyro e a

O ALABAMA

(SUPPLEMENTO.)

O ALABAMA.

—Capitão, noticias do Sul.

—Vá dizendo.

—S. M. o imperador resolveu partir para o Rio Grande do Sul a bordo do vapor *Santa Maria*.

A camara dos deputados e o senado foram em commissão felicitar S. M. por este rasgo de heroismo.

Foram adiadas as camaras para 4 de março.

Foi nomeado ministro da marinha o Sr. deputado Francisco de Paula da Silveira Lobo.

Estão nomeados: presidente da Bahia o Sr. Dr. Manuel Dantas e chefe de policia o Sr. Dr. J. J. de Oliveira Junqueira.

Presidente do Rio Grande do Sul o barão da Boa-vista.

Foi reformada o Sr. coronel Francisco Telles de Menezes Vasconcellos por sofrer molestia incuravel.

Bem diz a escriptura que os primeiro serão os derradeiros.

O Dr. Sodré que foi em ultimo logar no concurso para a cadeira de physiologia, foi escolhido lente.

A batata de tabellião das hypothecas da capital, pela qual tanta gente andava ao faro, coube ao Dr. João de Aquino Gaspar.

Falleceu no acampamento o capitão da nossa policia Irenio Gentil Gomes.

Foi nomeado o juiz de direito Joaquim Tiburcio Ferreira Gomes para a 2.ª vara crime desta capital

—O que ha mais?

—Noticias do Rio da Prata.

Ouça:

No dia 11 do p. p. houve um encontro da nossa esquadra com a paraguya, do qual a marinha brasileira sahiu coberta de gloria.

Só a corveta *Parnahyba* teve que repellir o ataque de tres vapores inimigos.

O 1.º tenente Coimbra, commandante da *Iguatemy*, ferido gravemente, teve que entregar o commando ao seu immediato o 1.º tenente Pimentel. Poucos momentos depois de estar este dirigindo o combate, uma bala de artilharia levou-lhe a cabeça. Então tomou o commando do navio um joven official de 20 annos de edade, portando-se com a maior pericia e bravura até alcançar a victoria.

Oitenta e duas peças paragnayas inclusive 30 raiadas de uma bateria romperam fogo sobre a nossa esquadra.

Os cascos do *Jequitinhonha*, *Belmonte*, *Amazonas* e *Parnahyba*, todos crivados de balas, ficando o primeiro inutilisado, a morte de varios officiaes de mar e terra, de 3 guardas-marinhas, 200 praças de marinhagem e tropa, entre mortos e feridos e extraviados, attestam o valor dos nossos.

O chefe de divisão Barroso, o primeiro no commando, foi tambem o primeiro no arrojo e no valor. Com o *Amazonas* metteu elle a pique tres navios inimigos em quanto a artilharia paraguaya lhe varria a coberta.

Os paraguayos perderam os vapores *Taquary*, *Paraguary*, *Salto*, *Jejuy* e *Marquez de Olinda*, e 6 chatas, todos os officiaes superiores, inclusive o chefe de esquadra capitão de mar e guerra Mesa, grande numero de prisioneiros, toda a artilharia de bordo, bandeiras, munições, etc., etc.

O commandante do *Marquez de Olinda*, Robles, prisioneiro e ferido, depois de receber os curativos arrancou com os dentes as ligaduras, deixando-se morrer.

Depois do combate do dia 11, teve ainda a nossa esquadra de ostentar altivo o pavilhão nacional, forçando ga-

lhardamento a passagem de uma bateria paraguaya situada duas leguas abaixo do Riachuelo, na costa denominada de Mercedes.

Esta bateria tinha por objecto bloquear a nossa esquadra, impedindo a sahida dos navios que lhes fosse levar viveres e munições.

O local era perfeitamente escolhido para esse fim, sendo ahi o canal estreitissimo e dominado inteiramente pela barranca, onde, além de um numero consideravel de canhões, se achavam entrincheirados 2,000 homens de tropa.

Na manhan do dia 18 poz-se em marcha toda a nossa esquadra, á excepção do *Jequitinhonha*, levando a reboque as quatro chatas tomadas ao inimigo. Ao aproximar-se a bateria rompeu um vivissimo fogo de artilharia de parte a parte, conseguindo os nossos navios forçar o passo com poucas perdas, apezar da incessante fuzilaria que partia da barranca, e havendo desmontado varias peças do inimigo e causando grandes estragos na gente.

Infelizmente temos a deplorar a morte do capitão-tenente Bonifacio de Sant'Anna, commandante do vapor *Beberibe*, morto de uma bala de fuzil quando ja se achava a quem do passo.

Morreram dous marinheiros e foram feridos de seis a oito.

Corria em Buenos-Ayres que Lopez havia chegado a Corrientes com um reforço de 12,000 homens.

Da Consordia havia noticias em Buenos-Ayres até 27 do corrente.

A 23 haviam começado a passar as nossas tropas do *Daiman* para aquella cidade.

As noticias de *S. Borja* confirmam a tomada dessa villa no dia 16. A guarnição que alli se achava e os voluntados Rio de Janeiro depois de uma heroica resistencia de cinco dias conseguiram burlar a vigilancia do inimigo e retirar-se para *Itaqui*, reunindo-se antes ás forças do coronel Fernandes, que se achavam no passo do *Butin* sobre o rio Santa Anna.

Os paraguayos passaram grande copia de petrechos de guerra, e se dirigiram ultimamente sobre Itaqui. O coronel Fernandes que os observava não deixava destacar-se partida alguma, e nem os invasores encontravam cavallos ou viveres em toda a circumvisinhança de S. Borja, havendo-se feito recolher tudo no centro da provincia.

No dia 9 chegou Lopez a Humaytá a bordo do *Tacuary*, com seu estado maior e uma força numerosa em 11 vapores. No dia seguinte baixaram todas as forças á terra, excepto as destinadas á abordagem da esquadra imperial, e Lopez estabeleceu o seu quartel general na fortaleza. Ficaram em Humaytá apenas os vapores *Rio Branco* (inutil), o *Paraná*, muito pequeno, e o *Olimpo*, antes brasileiro *Anhambahy*.

—

Relação dos officiaes d'armada e do exercito mortos e feridos no combate de 11.

Do *Jequitinhonha*:

Guarda marinha Lima Baros, morto.
2° tenente Lacerda, ferido.
1° tenente Freitas, dito.
Guarda marinha Castro Silva, dito.

Da *Parnahyba*:

Capitão do 9° Pedro Affonso Ferreira, morto.
Tenente do 9° Ignacio Maia, dito.
Guarda marinha Greonhalgh', dito.
2° cadete do 9° Pacheco, dito.

Da *Iguatemy*:

1° tenente Oliveira Pimentel, morto.
1° tenente commandante Coimbra, ferido.
Alferes Everton, dito.

Da *Belmonte*:

2° tenente Texeira Pinto, morto.
1° commandante interino Abreu, ferido,

Da *Mearim*;

Guarda-marinha Torreão, morto.
1° cadete Cesar Loureiro, morto.
Tenente Uchoa, ferido.
Alferes Sa Barretto, ferido.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

Baccho, tendo n'uma mão uma garrafa e na outra um *ou*, já celebre;

Um *amorzinho* com azas de baleia accendendo a pyra com azeite de peixe e tendo por emblema o cynismo;

Um major luzitano, tendo um embrulho contendo dinheiro das *bellezas* feitas em certo arsenal e tendo na fronte um grande L;

Um mono *feio*, digno de figurar na exposição por nascer *capado*;

Um carniceiro e outros muitos *ejusdem farelli* que trarão por emblema a calumnia vendida por *droga*.

—Que grupo funesto!

Tal combinação por tanto não pode ser bomba, é antes a boceta de Pandora que se vae abrir por sobre o desditoso Itapagipe....

Quod Deus avertat!

O melhor é atirar com estes cacos velhos ao fundo do mar.

Muxingueiro, esta *vela de breu*, esta ca-*nega* ou carranca frunchada e esta cabeça de boi mongo....

—De boi não, de carneiro....

—... esta cabeça de carneiro são prejudiciaes á saude publica; mas como é prohibido deitar ao mar, visto não ser elle deposito de lixo, leva á companhia da limpeza para as deitar no monturo da Massaranduba, que ao menos serve de cemiterio para certos homens sem brio.

Attenção.

Eu fui á Ordem Terceira
E vi lá um certo Zelis,
Ouvindo de boca aberta
O sermão do padre Felix.

Com sua casaca estreita
O meu compadre Fidelis,
Foi assistir no domingo
O sermão do padre Felix.

As beatas de capona
Que não é la gente *relis*
Ouviram todas contritas
O sermão do padre Felix.

Vinham assistir á festa
As filhas de Xico Telles,
Mas apenas encontraram
O sermão do padre Felix.

Que é um orador grande,
E que tem muita eloquencia,
Mostrou o bom pregador
Com rara e vasta sciencia.

Um pregador admirado.

(Continuação.)

—Disse o Sr. que o tal *poderoso* coronel barão de Carangueijos só come porque tem fome; eu digo porém que elle não come trampa por que fede.

Fallemos em cousas novas, já que o *meninorio* tem medo de que o publico saiba das suas gentilezas.

—Qual! certa gente não tem vergonha; não é por tanto crivel que elle tenha medo da publicidade de seus actos.

—Pois tem; teve o desaforo de, com o brilho de dous ou tres contos de reis, querer offuscar um *pharol* que ahi anda.

—Sim?!

—Mandou ter com um tal *chronista* um certo procurador do *Duarte* fazendo-lhe ver que *elle* tinha interesse em não ser desmascarado para poder impingir certas madeiras podres a certo arsenal: negocio que breve se espera conseguir por intermedio de um senador *resuscitado* que se encarregou da obra.

—Ah! logo vi que não era por pudor que elle pedia; somente o interesse, o lucro sordido, a ganancia o impelliu a implorar.

—E é trahidor.

Quando pediu, o miseravel teve o desfaçamento de mandar dizer que podia descompor a todos, incluindo o mesmo author dos artigos, o *Cangalheiros*, com tanto que só a elle poupasse, principalmente no que diz respeito á madeiras!

—Que caracter!

—De pouco se admira. Vamos porém ás ganancias. O coronel devia grandes favores a certo Dr., genro d'uma *pacca*, o qual Dr., devia dinheiro ao coronel.

Morto o Dr., a viuva mandou chamar o *amigo* de seu marido e propoz-se a pagar a divida, fazendo elle uma reducção. O *coronel* concordou e a reducção que fez foi nos juros que *sendo* de dous por cento a viuva pagaria como um. Pagou-se a divida e a viuva recebeu a lettra.

Querem saber o que houve? Não houve reducção, por que o diabo do usurario, obrigado pelos favores que devia ao finado, não foi capaz de lhe exigir dous por cento; o juro era de um por cento, o que se via na lettra que o usurario teve a protervia de emendar!

—Que bregeiro!

—E' um tratante. Não se lembra d'uma historia que contei acerca d'um engenho, comprado por menos de cem contos? Não se lembra de que o senhor do tal engenho tinha filhos? Pois bem, dessa venda fraudulenta, dessa tratada monstruosa, resultou a um dos filhos a quantia de dous contos, de que passou o *coronel* uma lettra.

Precisando, ao depois, o homem de seu dinheiro foi ter com o *poderoso* barão e apresentando-lhe a lettra.... que pensa que fez elle?

—Pagou, transigiu, amortisou.

—Roubou! metteu a lettra na boca e enguliu-a.

—Que *finorio*!

(*Continúa.*)

—Vem cá, biltre!

—Prompto, senhor.

—Quem és tu?

—Sou um homem.

—E's um canalha.

—Pois vá lá.

—Como te chamas?

—Nasci dia de S. *Francisco*, mas não sei meu nome.

—Em que te empregas?

—Em uma padaria, em que se tem *furtado* muito.

—Sem duvida és o ladrão.

—Pode ser.

—E o que andas a fazer todas as noites pela porta daquelle honesto homem vindo de Braga?

—E' para dar a intender a visinhança que ando seduzindo-lhe a familia.

—E não havias pedido essa moça para casar?

—Havia, mas depois arrependi-me, e mandei dizer a ella que só si fosse para sahir de casa e como fui repellido, faço isso para dar a intender á visinhança que tenho entrada alli, e sou bem-quisto.

—Infame detractor, miseravel sevandija, maculas assim a honra alheia, e vives a perturbar o socego de quem nenhum mal te faz.

Porém o muxingueiro do *Alabama* ha de te fazer as contas.

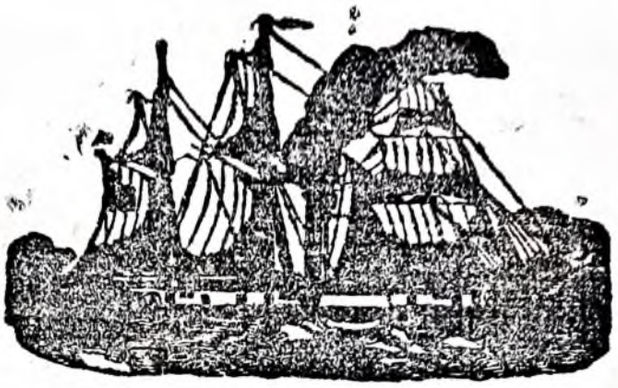
MOTE.

—Caveira qu' é de Vicente
E' tenente-coronel.

GLOSA.

Anda sempre descontente
Por não roubar um milhão
Oh! que famoso ladrão
—Caveira qu' é de Vicente!
Vou mostral-o de repente
E com meu pobre pincel,
Voe retratal-o em painel:
Dos soldados furta-tudo,
E' tremendo barrigudo,
E' tenente-coronel.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª BAHIA 15 DE JULHO DE 1865. N.º 236

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serio de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de julho de 1865.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias para que cessem as palavradas, que se fazem ouvir, depois das nove horas da noite, nas sallas de um sobrado á praça de Palacio, as quaes palavradas são proferidas pelos caixeiros do Sr. Feliciano Coquejo e offendem summamente a visinhança que já os não pode aturar. Espera-se pois que S. S., informando-se das familias visinhas, proceda com a energia necessaria para a supressão do escandalo.

—Ante-hontem e hontem, em regosijo pela victoria alcançada em Riachuelo por nossa armada contra a paraguaya, immensos cidadãos e os academicos percorreram as ruas precedidos por bandas de musica, ao som de enthusiasticos vivas analogos ao facto.

—E estiveram illuminadas algumas casas, sendo geral o jubilo de que se acha possuido o povo desta capital

---

—Viu as partes officiaes sobre o Riachuelo?

—Vi e extranhei a maneira por que as publicou o *Jornal do Commercio*; todas as vezes que havia elogios ás praças, o *Jornal* supprimia-os e continuava a occupar-se dos officiaes. E neste gosto publicou-as tambem o *Diario da Bahia*!

—E' por que o soldado é besta de carga, nem um elogio merece em publico!

—O que é o menos, visto que na Inglaterra, nas partes officiaes só se faz menção dos actos heroicos praticados pelos officiaes.

—Sabe o que me disseram?

—Alguma pomada sem duvida.

—Não garanto; mas dizem.

—O que?

—Que, em virtude de não terem os burros e cavallos obedecido ás ordens, ficavam elles obrigados a trazerem um saco na parte trazeira, afim de aparar

os excrementos e ficarem livres as ruas de mais esta immundicia.

—Ora pecegos!

Eu o que tenho agora a fazer é ir ao escriptorio da empreza, para participar-lhe que no largo do Theatro está corrompendo a saude publica um pequeno morcego que alli se acha morto.

—Ora vivorum!

—E' do contracto.

E na ladeira do Carmo existe tambem um grande rato que precisa ser quanto antes dalli removido segundo os artigos taes e taes do contrato da limpeza, sob pena de multas.

—Ora não me aborreça, faz favor?

LA VAE VERSO.

Na ultima folha d'um album

SENTENÇA.

Vistos os autos presentes
Em que author seu dono é,
E reus os vates *chorosos*
Que juram ser desditosos
Com dolo, fraude e ma fé. .

Attendendo ao *depoimento*
Que se encontra a folhas dez
E que é de um douto perfeito,
Leal, fiel, insuspeito,
Que em tudo a lei satisfez. . .

Ouvidos outros peritos,
Que inspirados são dos ceus,
E em trechos aprimorados
Erguem bem alto seus brados
A bem do author contra os reus...

Consid'rando que a verdade
Ahi transluz sem favor,
Por ser patente e notoria
A devida e justa gloria
De que está de posse o author. . .

Attendendendo á vistoria
A que ex-officio assisti,
Undé essa gloria attendida
Foi sem embargos havida
E por bons titulos que eu li. . .

Visto o artigo vinte e sete
Da lei do senso commum,
Que manda ser parco e breve
Quem (*sicut nos*) escreve
Versos sem sabor algum. . .

Eu por tanto e o mais dos autos,
E a lei a que se attendeu,
Absolvo o author do pedido
Na forma e como req'reu:
Condemno os reus por falsarios
Desçam todos dos *calvarios*,
Não mais corra o pranto seu,
Sejam postos em soltura,
Vivam na paz, na ventura,
Quanto ás custas. . . pago-as eu.

J. Candido Furtado.

A PEDIDO

Attenção.

PHILANTROPIA E CHARIDADE D'UM COMMENDADOR PODEROSO, O CORONEL ANTONIO DE ALBUQUERQUE, PARA COM SUA AFILHADA, VIUVA DO DR. ARAUJO FERREIRA EVARISTO.

Sabendo certo commendador, *poderoso* e ricasso (aquelle, cujo nome vem no titulo desta historia) que uma sua afilhada estava viuva e lembrando-se de que o marido della lhe passara uma lettra no valor de mais de tres contos, mandou chamar pelo *Brandão* a um seu sobrinho *Amaral* e o incumbiu de ir ter com a viuva, para exigir-lhe o pagamento, offerecendo-lhe logo a *charidade* de receber apenas a metade dos premios que resava a lettra.

A viuva, acceitando a *offerta offerecida*, prometteu pagar, logo que liquidasse seu casal.

Pouco depois Amaral sobrinho voltou a ter com a viuva, querendo receber escravos em troca da lettra; ao que respondeu a senhora não ser preciso, pois que estava em tracto em Passé com um barão; que ia então para fora e que na volta intender-se-hia com o commendador *poderoso*.

O sobrinho fez-lhe ver que a elle pertencia a lettra, por lh'a ter seu tio dado em pagamento e que os premios eram de dous por cento; cousa a que foi indifferente a viuva, disposta a pagar na volta a quem quer que fosse.

Quando voltou a viuva de sua viagem, o sobrinho Amaral pediu-lhe o pagamento integral da lettra. A senhora lembrou a *offerta*, ao que respondeu o sobrinho de seu tio que a lettra era sua; que nada cedia, salvo si o *coronel quizesse indemnisar-lhe a differença*; que neste sentido a senhora escrevesse a seu *charidoso* padrinho.

A viuva escreveu, mas a resposta que obteve foi a volta do tal Amaral para liquidar o pagamento.

Então, ja *ensinado* accedeu na *reducção* e trazendo a conta dos juros e capital ja feita, foi integralmente pago pela viuva.

Os juros, a 1 %, subiam a um conto setecentos e tantos mil reis.

O *cujo*, puchou então pela lettra e quiz passar no verso recibo somente do capital, ao que oppoz-se a viuva, exigindo recibo dos premios.

Passou elle o recibo e entregou a lettra a um filho da senhora para ver si esteva conforme, e rapidamente empinou-se, como dizem os capotes, fazendo ablativo de viagem.

A pobre viuva tomou a lettra das mãos do filho, leu-a, e, ao chegar ao logar dos premios (vergonha! horror!) o que viu? A lettra viciada, a palavra UM substituida por DOUS que ficou escripta DONS!

A viuva illudida mandou chamar o amavel Amaral dos Arabicas e o *sobredito* andava longe! delle nem fumaça se via! mais ligeiro que um galgo ou uma lebre tinha-se occultado talvez nos mattos do Barbalho, ou Jacaré!

A viuva foi á caza do seu *protector* e padrinho, o conhecido *poderoso* coronel *Antonio de Albuquerque*, mas elle não appareceu, *não estava* em caza.

No dia seguinte pela manhan, ao acordar o *bondoso* homem, soube que sua afilhada o esperava.

Recebeu-a com affaveis e lisongeiras expressões de ternura e amisade, e a infeliz disse ao que foi.

Fez ver a tramoia de que acabava de ser victima; notou que estando a lettra viciada, era o premio de 1 %; que sendo o premio de 1 %, só devia ella ter pago 1|2 %. O coronel ouviu e respondeu a tudo aquillo com um riso sardonico que lhe pousa de ordinario nos beiços sordidos.

A senhora indignada disse-lhe o que elle devia ouvir e prometteu leval-o aos tribunaes,—ameaça a que elle com um indizivel e descarado *sans façon*, respondeu: Faça o que quizer, minha afilhadinha.

E para mais zombar da infeliz senhora, para mais augmentar-lhe a dor, de que a tornava presa um roubo feito por um homem rico e seu padrinho; o coronel dirigiu-se ao filho da senhora que a acompanhou e poz-se a gracejar com elle, dizendo-lhe pilherias pesadas, palavras indecentes, sem respeitar dous sublimes estados da mulher, a maternidade e a viuvez!

A senhora sahiu e foi levada até a porta com gracinhas amarolleticas do seu incomparavel padrinho!

E isto, quando outros credores, os Srs. Braga e Moreira Ribeiro por exemplo, que com a infeliz senhora nenhuma relação tinham, perdoaram todos os premios e até um terço do capital das dividas do casal alludido!

E é este homem que se inculca do innocente, e que *alguem* apregoa do

honrado, fazendo enrubecer a todos os homens de bem que o ouvem!

Ora pulha!....

* * *

Braga, por que botaste-me no *Alabama*? Será por Santa Maria?

Que mal faz que eu em horas mortas vá fazer as minhas orações no altar de Santa Maria?

Pois sendo ella santa, entendo que Braga não deve alimentar zelos. Nem querer que ella vá dalli para fóra.

Por S. Januario não queira que se diga o que é verdade.

Ora não continúe com seus falsos, antes vá cuidar na sua futura da rua do Sodré, do contrario verá toda sua chronica de fora.

(*Continúa.*)

Senhora Ignacia,
Tome juiso!
Moça imprudente,
Tenha mais siso!

Crie vergonha
Na cara feia,
Não mais s'involva
Co'a vida alheia!

Velha viuva,
Reso-the a chronica,
Deixe comigo
De ser pyrrhonica

Depois não chamo
S. Severiano
Olhe.... Taparica!
Adeus, té quando?

O Caes do Ouro.

—Esta canalha só á taca do muxingueiro!

Andam uns bebados pelas ruas, outras a inventar historias, outros a dar vivas, outros a atirar foguetes, outros a offerecer feijoada, porque a politica *mudou*! porque *elles* subiram! porque a *gente é delles*!

E uma *droga* venenosa que anda por ahi, preparada não de lama, não de cisco, não de excremento, (que tudo isso não define bem o caracter de certa gente) mas pela baba peçonhenta de certa lingua viperina, tem por fim polluir uma toga honrada, uma boca exemplar, que está tão superior á calumnia quanto livres os astros de serem mordidos pelos cães que ladram!

—E fallam em *reposteiro*, sem se lembrarem que occultamente é que se *desiste*.

—E que quem ha de fazer a *limpeza* do que se descome para elles, ha de ser o putrido cano de suas guelas famintas e a vassoura escabrosa de suas linguas impuras.

ANNUNCIOS.

O moço que na noite de 13 do corrente deu em pagamento de um vidro de extracto que comprou em uma loja á rua Direita da Mizericordia, um patacão falso, haja de o ir resgatar sob pena de ser chamado á policia, e ser o seu nomo conjunctamente com o do seu companheiro estampado nesta folha.

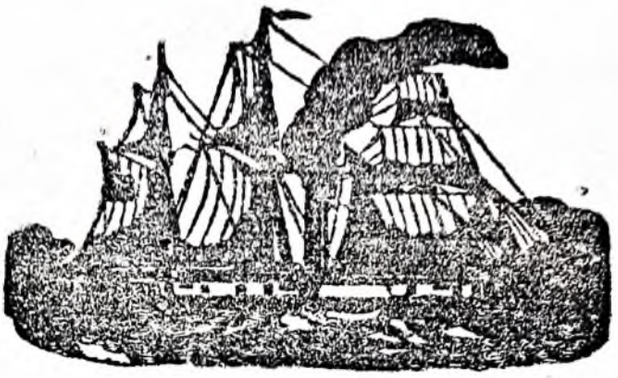
Eusebia Firmina de Jesus e suas irmans agradecem de todo o coração a todas as pessoas que fizeram o favor de se prestar, e acompanhar o cadaver de seu irmão Leopoldo Firmino do Sacramento para o cemiterio da Quinta, e novamente pedem ás mesmas que se dignem assistir á missa do septimo dia que terá logar no convento de S. Francisco ás 7 horas da manhã do dia 17: pelo que desde já se confessam reconhecidas.

AMA DE COSINHA.

Na casa do tenente Belmiro José de Castro, á Preguiça, precisa-se de uma, que desempenhe bem suas funcções.

O engraçado que foi a um baptisado no domingo e que por pilheria levou uma boceta de tartaruga, pode ir leval-a, porque para graça, ja é tempo de sobra, e brinquedo que dá prejuizo não presta.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª BAHIA 19 DE JULHO DE 1865. N.º 237

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de julho de 1865.

Officio á camara municipal, chamando sua attenção para o lamaçal que existe na rua do Caes Dourado proveniente da immensidade de buracos que tem o que muito incommoda a quem por alli anda, que vê-se obrigado a levar até pela cara a lama que espana com o incessante rodar dos carros, gondolas, e cavalleiros que por alli transitam. Espera-se por tanto que a Illma. se digne mandar tapar aquelles buracos, mesmo porque parece ser esse o caminho do Sr. vereador Senna Moreira.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que hontem á noite na rua dos Carvoeiros foi horrivelmente espancado Balduino de tal por uma sucia de capadocios, que aproveitaram-se do ensejo de encontrarem o homem spiritualisado para o deixarem bastante contuso, sem que apparecesse um agente da força publica.

—Noticias do Sul.

Depois das que tivemos sobre a villa de S. Borja, é bom accrescentar o seguinte que extrahimos do *Jornal do Commercio*:

«No dia 12 os paraguyos entraram na villa e lá se acham.

«Corre que Itaqui foi ao mesmo tempo attacado e occupado por 4000 paraguyos.

«Ainda por alli se não sabia ao certo onde estava o general Canabarro; todos esperavam com ancia este chefe que ha muito lá devia estar.

Tivemos no combate 17 mortos e 29 feridos.

Os paraguyos tiveram entre mortos e feridos 80 homens.

—Bom.

—Os estudantes de S. Paulo reuniram-se e cotisam-se para comprarem armamento que deve ser offerecido ao governo imperial.

—Que ha do Rio?

—Foi reformado o Sr. brigadeiro Manuel Muniz Tavares.

—Que mais?

—Foi promovido a marechal de campo o Sr. brigadeiro Manuel Luiz Osorio.

Foram agraciados:

O Sr. chefe de esquadra Leverger com o titulo de barão de Melgaço com grandeza.

O Sr. chefe de divisão Barroso com a

dignitaria do Cruzeiro e com a pensão annual de 1:200$ rs.

Os Srs. tenente coronel commandante de cavallaria do Matto Grosso, José Antonio Dias da Silva e 2.os tenentes de artilharia da mesma provincia, João de Oliveira Mello e Luciano Pereira de Souza, o primeiro com o officialato e os outros com o habito da ordem da Rosa.

—Mas porque?

—Um pelo facto heroico do Riachuelo; os outros em attenção aos relevantes serviços prestados, por occasião da invasão paraguaya.

—Que mais?

—Foi tambem agraciado com a commenda da ordem de Christo o Sr Des. Luiz Antonio pelo relevante serviço que na qualidade de presidente da Bahia prestou, animando e promovendo o alistamento de voluntarios da patria.

—Capitão, foi a Pirajá?

—Não; que houve?

—Ainda uma vez um tributo á memoria de Labatut e de seus fieis companheiros, os bravos da Independencia.

A corporação Minerva, com o seu estandarte alli compareceu como authora da ideia e acompanhada por grande numero de cavalleiros que muito realçaram o acto.

—Bem; que sabe de Brotas?

—Disseram-me que o festejo correu bem.

—E de Itapagipe?

—Este vi eu. Esteve bom; o carro, como se annunciou, sahiu dos Mares, puchado por uma companhia de veteranos, precedida por muitos cavalleiros e acompanhado pela musica do batalhão 110 da guarda nacional, por uma companhia de zuavos imperiaes, por uma dita de lanceiros, por um quasi batalhão da freguezia, e pelos menores do arsenal de marinha, sem contar as pessoas que voltaram de Pirajá, que muito contribuiram para o brilhantismo da festa.

As ruas estavam todas embandeiradas e cheias de arcos triumphaes, e os foguetes subiam repetidas vezes.

A' noite, houve a illuminação e mais uma enchurrada de *versos*, a maior parte dos quaes causaram nausea aos ouvintes, por que todo bicho careta intende que é poeta.

Em compensação á *diarrhéa poetal* houve pateada a valer.

Quebrou-se muita agua clara, isto é bebeu-se muita *Tamandaré*, ou antes chupou-se muita cachaça, e em algumas cazas houve samba ou baile de pobre, segundo o Muniz Barreto.

—Foi muito festejado o dia 16 de julho!

Não pensem porém que o prazer esteve somente pelos arrabaldes. Aqui na cidade tivemos a visita de nossa princeza, que ouviu missa, passeiou, comeu, ouviu discursos, deu a mão a beijar e embarcou se de novo, deixando muita saudade profunda no coração dos....cortezãos.

—E disse.

—Dizem que pela casa de prisão com trabalho o negocio não vae muito bem.

—Então que ha?

—Falla-se que alguns empregados não cumprem suas obrigações;que andam passeando á noite; que tomam dinheiros emprestados aos presos, que se julgam por isso com direito a exigirem delles certas condescendencias que não estão em harmonia com o regulamento daquella casa e que não lhe guardam a subordinação devida. Consta que estes factos ja chegaram ao conhecimento do Sr. Dr. delegado por denuncia que teve de um preso.

—Pois olhe, isso é bem máu por que diz o adagio—quem dinheiro tiver fará o que quizer—e si houver um preso que tenha dinheiro sabendo que ha empregados que gostam tanto de dinheiro pode intentar alguma cousa.

—O que vale é que alli tambem ha

bons e excellentes empregados que neutralisam a acção dos maus.

—E depois ahi está o Dr. delegado que ha de dar providencias, e acabar com os abusos.

—*Amen.*

—Sahiu o *Novo Patriota.*

—E' um novo barrigudo que, como elle mesmo diz, sente fome e tambem quer comer.

—*Não tem duvida!* Aposto que o sujeito é *popular.*

—Capitão, reparei n'uma cousa.

—Qual?

—No festejo que teve logar antehontem em Itapagipe, encontrei pela rua todos os *vermelhos* de lá, que são brazileiros e que estavam mais ou menos contentes; só não vi um certo brazileiro renegado, um major luzitano, um ingrato que empunhou armas contra a patria, um miseravel orgulhoso de quem unicamente se deve ter dó.

—Ora deixal-o!

—Mas que quer dizer isto, capitão?

—E' cousa simples; o homem não pode applaudir a victoria d'uma causa de que foi adversario.

—Ah!..bem m'o dizia o *Guimarães.*

A PEDIDO

—Capitão, conhece aquelle labrego de cabelleira remissa?

—Não.

—Pois V. Ex. não conhece um sujeito que por gostar de deitar muito sebo na cabelleira, deitaram-lhe o nome de Pau de sebo?

—Não.

—Não conhece um gallego que já foi pretendente a cosinheiro pratico?

—Não.

—Pois é um tratantorum que tem uma pequena loja de fazenda na *Taboa grande.*

—Já sei quem é.

E' um individuo que tem enriquecido com o lucro que tem tirado da sua pequena loja.

—Sim, da pequena loja....

E' melhor dizer, que com a moeda falsa!

—Isto é uma calumnia, Sr.

—A calumnia está provada, pelos *beneficios* feitos por elle a certa ordem terceira!

—Sr., vou mandar buscar á minha presença esse infame!

—Um certo —S— da *Constituição* não merece resposta seria de ninguem.

—Que duvida! Conheço-o bastante, fique certo disso. Si eu dispuzesse de forças, sabia o que delle havia de fazer. Agora o que posso fazer é remetter um homem sem brios, um politico infame, um renegado classico, um spirito elastico, um trahidor conhecido, um intrigante miseravel, para o porão do *Alabama*, onde o muxingueiro se intenderá com elle.

—Ora, Sr. *Francisco*, não irá amassar seus pães? Para que anda se mettendo em camisas de onze varas?

Depois-não venha dizendo:

Santo Antonio me enganou.

Você, pedaço d'asno, estupidarrão d'um dardo, que mal sabe assignar seu nome, ja quer escrever publicações contra os mais?

Namorado salprezo, é melhor que vá namorar as bolachas mata-fome da padaria em que tem *furtado.*

Não sei como sendo S Bento o advogado contra bichos peçonhentos, pode existir tão perto esse immundo calango.

Continúe, que caro lhe ha de custar.

O bigode ruivo.

A' Policia.

Na noite de 9, tres membros do olho-vivo, um de nome Marcos Rabeca, outro Manuel, e mais um outro, entraram na casa n. 11, 2.° andar á rua Direita do Collegio, e penetraram na salla de jantar e como nada achassem, foram a um armario e bifaram alguns copos, velas, louça e dous caixões de doce; depois vieram ao primeiro andar, e achando a sala aberta entraram, foram presentidos e só tiveram tempo de carregar um candieiro de gaz, sendo um seguro na escada por uma moça que o agarrou pela aba do palitot, que elle preferiu deixar, e ir á maneira de Judas.

Chama-se a attenção da policia para estes *cujos* cuja audacia é tanta, que praticam taes factos tão perto daquella repartição e n'uma rua tão publica.

Sr. Redactor.—Tenha a bondade de declarar si eu tive parte n'um escripto publicado no n.° 235 do *Alabama* o qual principia—vem cá, biltre—e que falla em padaria que se tem *furtado*. Bahia 17 de julho de 1865.—*Januario de Souza Braga.*

Affirmamos que não.

A Redacção.

Attenção.

«Contra as nossas previsões, contra a espectativa publica e a gratidão de toda a provincia, foi exonerado o Exm. Sr. Des. Luiz Antonio Barboza d'Almeida do cargo de presidente que S. Ex. honrou com a practica de todas as virtudes civicas.

«Não sabemos, por ora, nada a respeito de um facto politico de tanta magnitude, visto como até agora ignoramos si S. Ex. recusou-se, á proseguir na gloriosa missão em que conquistou a estima e adhesão de todos os spiritos rectos, de todos os caracteres probidosos.

«Seja como for, Washington recolhendo-se ao lar da familia depois de relevantissimos serviços á causa da Liberdade, ou Phocion injustamente punido pelo muito que fez á sua Patria, S. Ex continuará a ser para nós objecto de um culto profundo, de uma dedicação sem limites.

«A Bahia, que sob sua administração tanto elevou-se, não poderá jamais regosijar-se de suas glorias sem repetir com enthusiasmo o nome do patriota, que tanto a assoberbou.»

(Do *Liberal.*)

O Sr. capitão Hermenegildo Raymundo da Costa Rego.

E' digno de louvores o Sr. Hermenegildo Raymundo da Costa Rego, que acaba de seguir para o sul, levado por seu patriotismo a defender a patria ultrajada; procedimento tanto mais digno de encomios quando deixou cinco irmans honestas e sua mãe viuva do quem é e continúa a ser o arrimo.

O cidadão a que me refiro exerceu com dignidade, na villa de Capim Grosso, os logares de subdelegado, eleitor, juiz de paz, vereador e juiz municipal supplente.

E' um homem geralmente querido e estimado, como se acaba de ver, sempre distincto pelo governo e pelo povo que o encarregara de commissões.

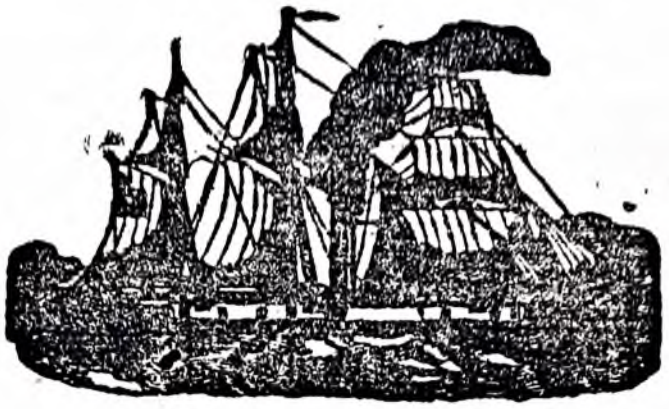
Seus inimigos pois que mordam a terra, á vista de tão louvavel proceder, em quanto a patria abençoa seu filho devotado que a vae vingar!

Um enthusiasta.

ANNUNCIO.

Quem tiver duas escravas que quizer alugar para vender doces, ficando as mesmas obrigadas a dormir na casa do annunciante, dirija-se a padaria na Ladeira da Soledade para tractar; não duvida pagar bem agradando.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª BAHIA 20 DE JULHO DE 1865. N.º 238

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de julho de 1865.

Officio á camara municipal.—Tendo-se em data de hontem scientificado a Illma. do mau estado da rua do Caes Dourado, é de necessidade que ao seu conhecimento seja levada egual communicação sobre as ruas do Julião e Pilar que semelham perfeitamente uma cloaca.

Espera-se pois providencias urgentes.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias contra quatro ou seis individuos, cujo chefe é um celebre Pacheco, ex-empregado do hospital militar, os quaes andam á noite, por essa freguezia, a perturbar o socego publico com vozerias e alarmas, quebrando vidraças, battendo pelas portas e commettendo mil desatinos e escandalos; e ainda na noite de 17, seria uma hora, quizeram arrombar uma porta no Canto de João de Freitas, gritaram muito, insultaram as pessoas da casa, proferiram muitas palavras obscenas, sem que uma guarda que ha perto dalli désse signal de si. Espera-se da conhecida energia de S. S. e zelo pela ordem, providencias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, pedindo-lhe que acabe com uma jogatina que ha todas ás tardes em uma casinhola na roça do Sr. Barros á Estrada Nova, onde vão alguns inexpertos deixar o fructo do seu trabalho a certos expertos que alli se reunem.

—Leu o *Pharol* de hoje, 19?

—Não.

—Pois leia e veja um artigo que vem nas Publicações Diversas, o qual é digno de ser lido, apreciado, estudado e meditado; traz a assignatura de *Caio Graccho*.

—O *Liberal* defende o Sr. Costa Guimarães, e eu acho rasão.

—E eu tambem. Mas é preciso que os carroceiros não insultem o publico! E' um desaforo vêr-se as familias expostas aos improperios insultuosos de meia duzia de empregados malcreados!

O lixo deve ser recebido nas portas das cazas. Entretanto os carroceiros não o vão receber, não attendem a chamado algum, e é por isso que as ruas estão hoje porcas como nunca; os que não tem escravos, muitas senhoras

não hão de sahir para correr, com o cisco á cabeça, atraz do carro que por ninguem espera; á noite enchem por tanto as ruas de cisco.

—Realmente é preciso que o Sr. Costa Guimarães desperte.

—Eu queria pedir ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos certas providencias.

—E' pedil-as.

—Dizem-me que no Barbalho ha um certo Sr. Seixas que tem em seu poder duas pupillas, a quem maltrata com gosto.

—E' talvez falso.

—Dizem que o menos que faz o sujeito é mandal-as acompanhar as cadeiras em que sahem suas filhas Bem vê que si no publico elle as tracta assim, muito mal as deve tractar no interior de sua casa.

Esperava pois que a authoridade competetente providenciasse a respeito.

—Ora esperemos.

—Querem saber o que disse um desfructavel *marinheiro* no hotel Bahiano?

—O que foi?

—Que só tinham accusado ao Mancebo os paschins.

—Páschins da marinha são certos officiaes que deshonram a farda que vestem, rojando miseravelmente pelos pés dos superiores covardes, talvez menos covardes do que os aduladores abjectos.

—Deixal-o! pobre capacho!

—Olá, parabens!

—Acceito-os, capitão, mas tenho alguma tristeza.

—Tristeza! não tem rasão; antes muito enthusiasmado deve estar dos feitos gloriosos de heroismo de nossos patricios, no Paraná; para a nação deve ser um verdadeiro dia de grande gala o 11 de junho de 1865. Os marinheiros inglezes e os soldados francezes não excedem em valentia aos brazileiros.

—Sim, capitão, é tudo verdade; mas vejo que só os brazileiros da marinha e do exercito, os voluntarios, os engenheiros e os medicos são mencionados e louvados por grandes feitos; entretanto uma classe de principes de vapor, os bachareis, muito numerosa, muito pesada aos cofres, muito avida de empregos, não apresenta um só voluntario, quando tanto se interessam pelo paiz, por *cujo bem* disputam, apresentando-se na eleição, pretendentes, baixos e pedinchões! . . . . .

—O remedio, meu charo, está nas mãos do exercito e da marinha, do povo emfim. Depois de firmar-se o futuro do Paraguay, os brazileiros que se expoem com vidas e fortunas, que tractem de firmar-se para excluirem esses egoistas que só querem tudo desfructar.

—Tem caminho o seu parecer, capitão; vou por tanto estudar a maneira de pôr o plano em execução.

—E adeus; até logo.

—Conhece o major paraguayo?

—Não. Será um que passa vida de *Lopes*?

—Talvez; é um de que as gazetas muito se occupam, mas a quem não fazem tomar brio nem geito; é um bobo com pretenções a despota, um judas almejando a sultão, um pobre diabo com sonhos de tyranno-regulo.

—Ah! sei quem é. E' um ladrão refinado que acaba de subtrahir uns dias de soldo d'um official pertencente ao batalhão que commanda, por miseria desta miseravel Latronopolis.

—Sim, sim, justamente; é esse mesmo!

(*Continúa.*)

A PEDIDO

—Vem cá, villão!

—Prompto, capitão.

—Este—S—que trazes na fronte indica bem o que és; não é verdade?

—Dizem os homens, capitão; uns chamam-me gallinha choca, outros camaleão, outros crocodilo, outros serpente, mas só acertam os que, pelo menos, me appellidam de safado.

—E ainda o dizes!

Para que fallas constantemente em 1837, tu descendente d'um homem a quem não podias chamar em publico teu pae? tu filho do brazileiro que condemnou á morte no porão d'um navio mais de trezentos brazileiros?

—São cousas, capitão.

—Para que fallas em profanação, tu o miseravel que rojas aos pés de quantos ministros existem para seres juiz de direito, ainda do inferno? tu que profanas com teus elogios encommendados o tino e a perspicacia do conselheiro Nabuco?

—São cousas, capitão.

—Para que fallas em compromissos de algibeira, tu o perdulario que para satisfazeres teus deboches, te manchaste com a lambança de quatro contos de reis d'um casal de que eras tutor?

—São cousas, capitão.

—Para que fallas em rafeiros tu que foste o cachorrinho de quanto presidente te deu uma migalha de sua meza? tu que ladras em balde á lua que se ostenta garbosa no firmamento?

—São cousas, capitão.

—Para que fallas em gente degenerada e vil, tu a escoria de todos os partidos? tu filho de bicho sem cabeça? tu que és a vileza personificada?

—São cousas, capitão.

—Para que fallas em aventureiro, tu que tens especulado com tudo e com todos? tu que não duvidaste polluir teu pergaminho de advogado em transacções ignominosas?

—São cousas, capitão.

—E' falta de vergonha, cousa ruim. E como fallaste em escarrar sobre a face, tu que só gottejas dessa boca hedionda venenosa peçonha, vou mandar tambem cuspir-te sobre a face. Mas ouve bem: o muxingueiro vae tomar um purgante e quando tiver elle produzido o seu effeito, servirá tua boca de cloaca; ouviste?

—Seja pelo amor de Deus, capitão.

—Muxingueiro, pega aquelle marmanjo que vae passando pela rua do Sodré.

—Eis o cujo.

—Como te chamas?

—Por S. *Januario* lhe juro que não sei meu nome.

—Responde biltre, do contrario o muxingueiro se intenderá comtigo.

—Chamo-me Souza.

—Souza não é nome, estupido.

—Pois pergunte ao Braga que talvez elle saiba.

—Para que andas a quebrar as pernas pelo Sodré? é melhor que vás arrumar teus pães e dobrar as toalhas para pol-as em cima?

Como é que com 20$ rs. mensaes, tens casa alugada, pagas 25$ de aluguel e fazes outras despezas?

—Meu dinheiro estica.

—E em cima queres casar para augmentares as despezas.

—Meu dinheiro cresce.

—Com teus *arranjos*, e pregando calotes nos mais.

Já pagaste os 5$ rs. do *Francisco* da padaria que tem *furtado*?

—Inda não.

—E tens cara de fallar delle!

—Bagatella!

—Por que não vás desempenhar teu relogio e a cadeia?

—Logo.

—Muxingueiro, bota para fora á taca essa cousa ruim, que estou enjoado de olhar-lhe para a nojenta bitacula.

—Pelo amor de Deus!

—Fogo, muxingueiro!

—O commendador *poderoso* está damnado! Está capaz de comer gente viva!

—Pois si andam a deitar a chronica do homem de fora!

—Quanto mais quando lhe contarem uma historia que elle julga que não ha quem saiba; quando lhe fallarem em certos proprios nacionaes que elle se acha indevidamente usufruindo; e vir publicados alguns documentos que mostram que taes bens não lhe pertencem, e que certas propriedades que chama suas foram offerecidas por seu primitivo dono ao primeiro imperador, o qual, mandou por um decreto, convertel-as em um *hospicio*!

O que, como muitas cousas desta terra' cahiu em esquecimento; correram os tempos, morreu o proprietario que era seu parente, e hoje elle ostenta de dono do que não é seu!

—E assim é que se enriquece!

—O diabo do homem está avesado a espertezas, está tão adestrado em trampolinas, que não ha quem lhe passe a perna.

Comprou o engenho *Bittencourt* pertencente a *Capimirim* por um quarto do seu valor, de combinação com outro esperto, a quem mais tarde tambem logrou. Passou letras aos herdeiros, e quando se aproximou o tempo de pagal-as, conseguiu de um presidente, com quem tinhe muita amisade, de nome *Thomaz*, parente de um *Xavier* que morou no *Garcia*, metter á bordo um dos herdeiros e mandou por portas travessas propor-lhe que si quizesse sahir havia de entregar as letras. O infeliz não annuiu, e morreu debaixo do calabrote.

Outro herdeiro, receiando a mesma sorte, foi para fora, deixou serenarem os tempos, e veio reclamar seu dinheiro. O sabido commendador recebeu-o no seu escriptorio com ar prasenteiro, disse que lhe ia pagar, tomou-lhe a letra, e poz-se a lel-a. Aquella alma damninha entrou a remorder-se com a lembrança de desapegar-se de uma preciosa quantia que ha tanto tempo jazia em seus aferrolhados cofres, e possuido de satanica vertigem, mastigou a lettra e engoliu-a. O homem quiz impedir-lhe, mas era tarde; o papel estava no bucho do come-dinheiro-alheio.

Gritou, blasphemou, chamou-o ladrão, mas ficou nisso; não havia testemunhas.

—Que homem malvado, que tratante!

—Elle já está acostumado a consumir o que não lhe faz conta.

Teve uma questão em certo tribunal ecclesiastico, nos autos havia certas revelações que denunciavam o caracter depravado do patife, havia declarações que punham a luz da verdade de quanto é capaz esse usurario por causa de quatro vintens. Não lhe convinha que existissem esses autos, e por intermedio de um homem que sem ser medico fazia *curas* de nome Vicente conseguiu subtrahil-os do archivo e consumil-os.

—E' um tratante de primeira classe.

—Onde ha negocio de dinheiro e ganancia elle está no meio. Não ha trampolina ou ladroeira em que elle não esteja involvido directa ou indirectamente. Ha pouco tempo dizia a um sujeito *nobre* que lhe cuspisse na cara quando elle se involvesse n'uma questão em que muitos dão *passos* para se apossarem do que não ganharam, e não passaram muitos dias que aquelle spirito sordido não estivesse com unhas e dentes a trabalhar para ver se mette o queixo nos 600 contecos.

—Realmente este demonio, não devia existir no meio dos homens.

(*Continúa.*)

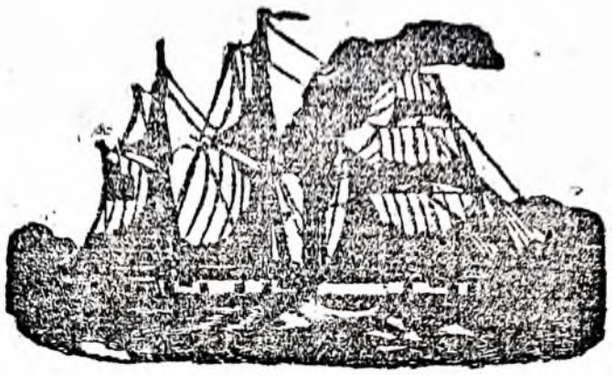
Peço attenção á policia.

Marcos Rabeca achando-se manchado, cuja mancha o deshonra na sua capacidade para o publico, vem supplicante declarar ao mesmo publico o caso que se deu na mesma casa.

Entrando eu na casa n. 11 achei nas escadas dous sujeitos; os quaes ja tinham saccado da dita mulher o candieiro de gaz e um delles sem uma aba do casaco que ella tem em seu poder para melhor prova. E ella não sabendo os nomes dos ditos supplicantes, perguntou a quem me viu entrar, e disseram que me chamava Marcos Rabeca. Ella está arrependida de botar meu nome, e já me defende e limpa minha mancha. E peço ao publico que se souber algumas destas, publique. sendo verdade, com tesmunhas. —O mesmo manchado, *Marcos Rabeca.*

ANNUNCIO.

Quem tiver duas escravas que quizer alugar para vender doces, ficando as mesmas obrigadas a dormir na casa do annunciante, dirija-se á padaria na Ladeira da Soledade para tractar; não duvida pagar bem agradando.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SÉRIE 24.ª BAHIA 22 DE JULHO DE 1865. N.º 239

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de julho de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Des. presidente da Relação, partecipando-lhe que estando doente o porteiro do *forum*, leva o mesmo aberto até 7 horas da noite; o que é um risco, visto que podem abusar da simplicidade d'uma preta que o fecha e subtrahir alguns papeis d'alguns cartorios que podem ser abertos ou arrombados. Espera-se pois que S. Ex. dê quanto antes providencias afim de evitar qualquer sinistro.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe sua attenção para o sitio da Gamboa, aonde são frequentes as desordens e conflictos occasionados por alguns desertores que alli vivem homisiados.

Da energia de S. S. espera-se o termo a um estado tão anormal.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus.—Constando-me que ha na ribanceira do Pilar uma *casinhola* em que se reunem diversos rapazes para o reprovado divertimento do jogo, ordeno-lhe que trate de scientificar-se do seu verdadeiro logar, afim de servir de guia na proxima diligencia, que em virtude de denuncia deste bordo, deve ter logar, ordenada pela subdelegacia do 1º districto de Santo Antonio, a que pertence o logar indicado. O que cumpra.

(Officiou-se ao Sr. subdelegado do 1º districto de Santo Antonio)

—Até que em fim achei um meio! Estou livre da contribuição dos quinhentos reis mensaes!

—Mas como?

—Mudo-me para a Calçada e estou feito.

—Mas note que a parte da Penha contigua ao Pilar é a Calçada e esta está incluida no contracto da limpeza.

—Disso sei eu; mas é que na Calçada é permittido deitar-se o lixo e eu morando alli, não tenho necessidade de pagar conducção á companhia.

—E' permittido?! V. está doudo rapaz; os unicos depositos de lixo são a

Massaranduba, o Coronel, o Engenho da Conceição, o Retiro, o Cabula, o Garcia.

—E a Calçada, em frente do collegio Atheneu, nas immediações do ferrador Frederico Turpe.

—Quem lhe contou, rapaz?

—Eu que vi; V. Ex. tambem pode ver; quem passa na Calçada tambem vê; lá está! Cisco alli é matto, e é matto depositado pelos carroceiros encarregados de *fazerem a limpeza* da cidade!

—Isto é rico! Emfim creio porque o Sr. é quem diz; admiro-me de como possa o Sr. Costa Guimarães concordar com isso!

—Capitão, explique-me um facto.

—Si puder.

—Supponha que eu devo a fulano, que me chama á conciliação. Em juizo o meu credor concede-me um praso, dentro do qual devo-lhe eu pagar tudo que deve, perdoando-me elle os juros. Pergunto: —Antes de findar-se o praso, o credor pode proceder contra mim?

—Não sou advogado, charo amigo; não posso por tanto lhe responder com a lei na mão. O bom senso porem está dizendo que dentro do praso concedido e acceito o credor nada pode fazer.

—Pois bem. Diversos devem decima urbana á provincia: o presidente publica um edital e diz que serão relevados da multa todos os que n'um trimestre (julho a setembro) pagarem toda a decima que deverem. Pergunta-se: —O juizo dos feitos pode proceder contra os devedores?

—Creio que não.

—Pois *elles* creem que sim.

E ahi andam os aguazis de porta em porta a augmentarem despezas, a desprestigiarem as ordens da authoridade, porque o juiz quer dinheiro, porque o escrivão tambem o quer, porque o solicitador come, porque o meirinho tambem é gente!

Não tem termos isso!

—Meu amigo, o melhor é ter paciencia, que isso de *papeis* complica-se muito.

—E complica-se tanto que com \a\ gente ninguem sabe a quantas anda.

Si elles mesmos vivem todos complicados!...

Em fim eu acho que não pode haver execução, isto é compressão para pagar, n'um tempo em que é livre ao devedor *escolher*.

O Exm. Sr. presidente deve por tanto tractar do caso!

—Muito bem! A companhia da limpeza em vez de aceiar é a propria a emporcalhar as ruas!

—Porque diz isto?

—Vinha na quarta feira um carro da companhia carregado de lixo pela ladeira das Hortas; quebrou-se uma das rodas e o lixo entornou-se. Os empregados não fizeram caso, seguiram seu caminho, e está a rua até hoje sexta feira transformada em monturo.

—Não faça caso.

—Si eu não passasse por alli.....

—Logo que a companhia souber manda limpar.

—E em quanto não manda vae o publico soffrendo....

VARIEDADES.

Achando-se em campanha um official, que era o caixa de certo batalhão, subtrahiu uns fundos pertencentes ao corpo e os foi perder todos n'um jogo de azar.

Conhecendo o compromettimento da sua posição, tratou de evitar-lhe as consequencias, apresentando-se ao coronel como victima de um roubo violento contra o qual havia sido inutil toda a resistencia.

—E o senhor não conhece os ladrões? perguntou-lhe o coronel.

—Não senhor.

—Conserva alguns signaes particulares, que possam dar indicios?..

—Tão pouco; eram muitos.

—Havia algum, insistiu o coronel, abaixando a voz, com um gorrosito sem viseira e uma blusa?

—Creio que sim, balbuciou o official.

—Calções estreitos e borzeguins?

—Sim, senhor...
—E um bordão nas mãos?
—Exacto.
—Já o suspeitava; sim, senhor; era nada menos que a dama de páus!..

Uma criança innocente
A um padre «papá» chamava,
E a mãe=do marido ausente=
Com a criança ralhava.

Castiga o marido um dia,
Do innocente a singeleza,
E brada o padre, que o via:
«Deixe obrar a natureza!»

(*Extr.*)

A PEDIDO

Attenção!

Consta-nos que n'alfandega assim como na ponte do Consulado continúa o abuso de agenciarem despachos pessoas que não são competentemente habilitadas.

Sabemos que o Exm. Sr. inspector ignora a existencia do facto e por isso respeitosamente pedimos-lhe providencias.

E. R. M.

—Conhece aquelle sujeito?
—Não.
—Pois é *fino*.
—Pelo contrario. Acho-o gordo.
—Si é grosso no corpo, é *fino* nas obras.

Veja lá esta:

Em 18.. veio d'uma *lavra* para ser vendida aqui uma escrava.

Esta infeliz tinha para libertar-se tres pedras de diamantes, mas receiando que o senhor, á pretexto de dizer que eram roubadas, não as tomasse, preferiu trazel-as para aqui, e dal-as em troca de sua liberdade a quem fosse seu novo senhor.

O cujo que alli vae comprou a escrava, a qual disse lhe que tinha as pedras para sua liberdade, e que as mandasse ver e avaliar, elle tomou-as e disse-lhe no outro dia que valiam apenas 30$ rs., quantia que lhe entregou. A infeliz queixou-se, e elle mandou-a plantar café no Rio de Janeiro.

—Pois aquelle homem que dizem ser tão bom, que é o *paraiso*, pratica destas? Não creio.

—Meu charo, fuja dos que se fazem muito santos.

—Sendo assim, em vez de estar no *paraiso* deve estar no inferno em vida.

—Amen.

(*Continuação do n* 237.)

—Vem cá, Pau de sebo!
—Prompto, capitão.
—Então ainda tu queres saber quem é lá da ordem que escreve contra ti?

Para que andas a inventar que quem te descobre as manhas é uma pessoa que nem nisso cuida?

Dize-me porque rasão has de estar tu a negociar com as casas da Ordem?

—Capitão, tudo posso ter excepto moedeiro falso! E' um insulto que V. Ex. me faz, e que não devo tolerar.

—Então não és moedeiro falso?
—Nunca o fui.

—Não tiveste um socio que a policia deu em cima delle por causa de passar moeda falsa?

—Tive.
—Elle não fugiu para Lisboa?
—Fugiu, sim.
—Quem ficou aqui sendo o correspondente delle?
—Fui eu.
—E a quem era remettida a moeda falsa?
—Era remettida ao *Guimarães* e não a mim.
—Era remettida a ti mesmo, tratantorum. A prova está em tu enriqueceres da noite para o dia, e seres hoje senhor de grandes propriedades.
—As propriedades que possuo e os escravos que tenho, tem sido ganhos com o suor do meu rosto.
—Lá isso é verdade!...

Ouve uma historia, que bem cabe aqui:

«Um negro foi-se confessar e accusou ao padre que gostava de furtar os bois alheios.

O padre disse-lhe:—Filho, como só

aquillo que custar o suor de teu rosto, e não o suor alheio.

O negro sahiu da egreja, e na estrada encontrou uma novilha, e pelo vicio que tinha de furtar, não obstante o conselho do padre, deitou-se a correr atraz da novilha para laçal-a o que pode obter depois de muito suado. Passou o negro a mão no rosto e viu o suor em bica e disse:

—Sr. padre bem dize que eu só come aquillo que custa suor de minha rosto!»

Está pois no mesmo caso do negro!

—Não tem paridade alguma a nodoa que V. Ex. quer me deitar, com o caso do preto!

—Nodoa vae te deixar no corpo a taca do muxingueiro!

—Capitão, compaixão!..

—E' cousa que nunca tive com tratantes e LADROES!

(Continúa.)

Attenção.

Pede-se a certo tenente do 5.º da guarda nacional que prove como o major ficou com os dias de soldo. S. S. tinha apenas que receber 10$709 rs., e sabendo que 10$ eram da joia de tenente que, ha dous annos, não pagou, zangou-se sem rasão, e invectivou.

Fique sabendo que logo dias depois de findo o aquartelamento, o Sr. thesoureiro recebeu os 10$ rs. Os 709 rs. com o recibo estão á sua disposição; pode recebel-os quando quizer.

Ou quererá acaso algum creado para leval-os?

Um que não lhe responde mais.

Sr. Redactor.—Firmino José San Thiago precisa que V. S. lhe declare se o supplicante algum dia foi, ou mandou a essa redacção algum annuncio, em desabono de alguem, visto ter sido calumniado por vezes, e agora pelo Sr. Augusto Salgueiro sobre uns versinhos, os quaes acabam por S. Severiano! e adeus Itaparica!

—

Declaramos que o Sr. Firmino José San Thiago nunca mandou-nos publicação alguma a respeito de qualquer objecto.

A Redacção.

De rozas cr'oado la vem radiante
O dia pomposo do nosso Brasil
O dia q'affirma, q'o povo bahiano
Soffrer jamais ha de um jugo servil.

E' dia, sim dia, de glorias cercado
P'ra os filhos da tribu de Tupinambá,
E' dia q'affirma q'o brasilo povo
Grilhões de tirannos jamais rojará.

E' dia que lembra a grande victoria,
Que sempre por todos lembrada será;
Que faz q'os bahianos com gloria reputam
O nome famoso do seu Pirajà

E' dia d'encantos para os brasileiros
Q'o jugo não temem de luzos mandões,
E' dia que lembra os nomes d'aquelles,
Q'outr'ora assombravam aos seus batalhões

Nascido d'um bravo, que já pela patria
Em lucta renhida a vida arriscou,
Que a brasila fronte tomada de orgulho
Ao ferro inimigo jamais se curvou.

Não posso, nem devo, curvar-me aos tirannos
A fronte orgulhosa tambem alçarei,
E logo q'a patria reclame um soldado
Nos campos de Marte contente serei.

Q'importam as balas? A morte o q'importa
A' quem vinga os brios da patria querida?
E' mais glorioso morrer na peleja,
Do que ver a patria de leve offendida.

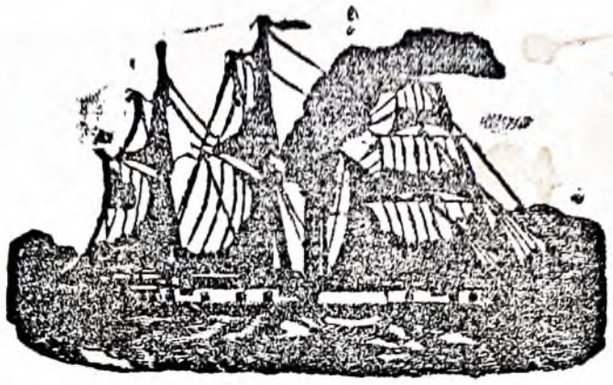
Eia pois oh meus patricios
Nada de retrogradar,
Um brasileiro não deve
A face ás balas voltar.

Guerra, guerra, eis o brado
Que resoaem Paraguay
Guerra, guerra meus patricios
A'quelles monstros levae.

E conheça o paraguayo;
Que o soldado brasileiro
Morre, sim, mas não se curva
Ao jugo do captiveiro.

Por—*Gaudeneio Cezar de Mello.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª BAHIA 25 DE JULHO DE 1865. N.º 240

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de julho de 1865.

Officio á companhia da limpeza, para que mande desobstruir o beco do Curiaxito que está no estado lamentavel em que se acham muitas outras ruas da capital, como por exemplo a ladeira do Pilar para a qual tambem se pede providencias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, partecipando-lhe que na rua do Bangala, beco do padre João Thomaz, um certo Barboza, crioulo, praça do batalhão de Caçadores e seu cosinheiro, em companhia de mulheres de má vida, armados de punhaes e faca, insultam desabridamente e ameaçam a visinhança quasi todos os dias, sem respeitar a pessoa alguma de qualquer sexo, posição ou estado. No dia 20 do corrente o barulho alli foi extraordinario, e no domingo 23 repetiu-se com mais intensidade, pondo em sobresalto os moradores daquella rua, alguns dos quaes, para se não verem attacados em suas propriedades, ja della se mudaram.

Espera-se pois que S. S. ponha em acção sua energia afim de vedar a continuação do abuso, que pode trazer funestos resultados que cumpre evitar.

Circular. — Tendo um *máu informante* nos dado a noticia d'um assassinato na villa de S. Francisco, e sendo tal noticia inteiramente falsa e só adrede propalada para desacreditar o Sr. de engenho João Mendes Barretto —declaramos que este Sr. se acha inteiramente livre de tal pecha e a prova está na seguinte carta que demonstra que o *assassinado* está vivo.

«Illm. Sr. Abeillard Xavier Alves.— Chegando a meu conhecimento que no *Alabama* do dia 17 do corrente sahira uma noticia de que tinha eu sido barbaramente assassinado por meu tio o tenente João Mendes Barretto, e como o Sr. Dr. chefe de policia possa pedir a V. S. informações é o motivo porque faço esta para que V.S. fique sciente de que me acho sem tal soffrer; tão somen-

te o que soffro é de um ataque de nervos, por tanto poderá V. S. fazer desta o uso que bem lhe convier e no mais aqui fico como quem é

De V. S. attento e obrigado
José Mendes Rodrigues Grama.»

Villa de S. Francisco 27 de junho de 1865 »

—Tomou posse da administração desta provincia o Sr. Dr. Manuel Dantas.

Estiveram presentes algumas authoridades, muitos officiaes da guarda nacional e os batalhões 1.° e 3.° da mesma.

—Hontem houve a festa de Nossa Senhora do Carmo na Ordem 3.ª. Esteve boa, sobresahindo, entre os foguetes, as luzes, as bandeiras, as fogueiras e a musica de porta, um lindo *pau de sebo* de cabelleira que muito divertiu aos concurrentes.

—Falla-se, como ameaça, em que um certo caixeiro despedido fez uma transacção com o *Barateiro*. E para que algum calumniador infame não torça os factos; é preciso que se conte a historia. O caixeiro alludido foi á caza do Barateiro, pediu um vestido no valor de 12$ rs. e deixou de pagar, por isso que quem o tinha encommendado (um moço da Matta) ficara de trazer-lhe os cobres. O caixeiro do Barateiro debitou em nome do amo do caixeiro alludido e nesse sentido extrahiu-se a conta. O caixeiro pagou logo, ao ir a conta ao escriptorio.

E' esta e só esta a transacção do Barateiro de que tanto falla um miseravel calumniador, um bobo-manequim, um porta-voz de gallego, um brazileiro degenerado.

—Capitão, peço attenção.

—Sou todo ouvidos, falle.

—Fico realmente admirado de ver praticados certos factos por gente de quem os não esperava! Que as más acções sejam praticadas por gallegos estupidos, por negociantes ladrões, por homens desmoralisados, por *barões* do sensualismo, *transeat*; mas que os Srs. Bernardino José Ferreira Rodrigues & C.ª praticassem tal cousa é que não comprehendo.

—Mas que cousa, Sr.?

—Despediram um seu caixeiro, o Sr. Ildefonso Lopes da Cunha, por ser poeta! isto é por ter feito uma poesia intitulada o *Veterano*.....

—Não creio; a rasão será outra.

—Pois eu creio que é esta mesma, e tanto é que elles responderam em uma carta ao caixeiro poeta que tinha elle sido despedido, por assim convir aos interesses delles, declarando outro sim que de forma alguma tal despedida affecta o credito do caixeiro, que não só era pontual no comparecimento ao escriptorio, como respeitoso e acatador no seu modo de tractar.

O mesmo declaram o guarda-livros e o caixa da caza!

—Oh! é um proceder inqualificavel!

—Tão descommunal, tão inesperado, tão virgem, que todo o commercio protestou; a associação dos caixeiros offerece logo ao moço uma quantia mensal, assim como o Sr. tenente coronel José Lopes Pereira de Carvalho que é digno de louvores pela maneira generosa com que se prestou e portou.

—Bem, estou inteirado do facto; que quer que faça? Bem vê que nada posso.

—Quero que V. Ex. dê a conhecer ao publico que o negociante portuguez Bernardino José Ferreira Rodrigues despediu de sua caza um caixeiro brazi-

leiro que fez uma poesia nacional por occasião dos festejos a 2 de Julho; quero que assim fique o povo brazileiro conhecendo quem é o seu hospede o portuguez Bernardino José Ferreira Rodrigues.

—Pois bem, publica-se o caso.

VARIEDADE.

Um rico velho avarento,
Já bem perto d'expirar,
Para fazer testamento
Manda o tabellião chamar:

Com timbre de voz roufenho,
Diz o velho a suspirar:
«Deixo tudo quanto tenho...»
—E não podia acabar—

O tabellião, cançado
Do seu tempo em vão gastar,
Tendo escripto, diz, zangado:
«O resto?—queira dictar»

«Deixo tudo quanto tenho...»
—O velho torna, a chorar—
Para um pouco, e diz, roufenho:
«Porque o não posso levar.»

(*Extr.*)

A PEDIDO

—Vem cá, diabo coxo!

Vê que eu te conheço bastante. Intimo-te em nome da decencia a que mettas a lingua no *az*, afim de que possas receber nas ventas o tiro de lixo com que só se suicidam os que nasceram no lixo, os que com lixo foram criados.

Vê que, si o perú odeia a raposa, o monarcha ao republicano, o seguro contra-fogo ao incendiario, tambem o diabo odeia a cruz. E tu não passas d'um pobre diabo coxo, que n'uma sexta feira da Paixão, quizeste desprestigiar teu sogro, sacerdote d'um Deus de paz, que naquella hora acabava de commemorar os mysterios da Religião; tu não passas d'um malvado ou d'um bobo que levaste tua pobre mulher illudida, em espectaculo, ante todos que a contemplaram de joelhos n'um templo, desamparada por ti que, occulto e a grande distancia te rias satanicamente do ridiculo papel que a fazias representar!

Toma pois sentido!

Toda a vez que achares occasião, tocarás a postos; e eu te acompanharei os passos.

Podes vir quando quizeres, *patriota* de borra!

Sr. Redactor.—Peço-lhe que declare si tenho tido alguma parte nas publicações que tratam de certos negocios em referencia a um Pau de sebo; o que é grande favor para quem se acha mettido n'uma vil intriga, urdida por gente capaz de todas as acções indignas.

Seu &.

Luiz Ferreira de Souza

—

O Sr. Luiz Ferreira de Souza em nada tem contribuido para as publicações a que se refere.

A Redacção.

Attenção.

Deseja-se saber do commandante do 3.º batalhão da guarda nacional onde achou as instrucções por que manda o o dito corpo proceder a *recrutamento*, assim como si a guarda nacional pode indistinctamente prender aos cidadãos sem motivo algum.

Os factos de abuso, apontados ja pela imprensa contra o dito corpo, são innumeros e é preciso que cessem.

Por occasião dos festejos ao 2 de Julho, foram *recrutados*, si bem que logo soltos, todos os estudantes que iam á Mouraria reunir-se ao batalhão *Minerva*.

Agora, por occasião das festas em Santa Anna, continúa o brinquedo, e são até espancados pacificos cidadãos que correm ao templo a cumprir seus piedosos deveres de christão.

No domingo á noite por exemplo, foram espancados, entre outros, tres cidadãos, um dos quaes cabo d'esquadra do 5.º, que levou bastantes tombos, sahindo por fim ferido com a baioneta.

O Sr. commandante deve providenciar a respeito.

O Sr. commandante superior deve olhar para isto.

O Sr. presidente deve fazer o que for de justiça.

—Sr. *Francisco*, tome geito, tenha vergonha.

Para que anda insultando a quem não se lembra de vossê, e que lhe dá a mesma importancia que dá a um despresivel cão.

Para que não paga antes a um mestre que lhe ensine a assignar o nome, com o dinheiro que gasta com publicações contra os outros?

Este bigorrilha bem sabe quem lhe deita os podres de fora, mas como vê que não tira partido, atira-se como um cão damnado, e escoucea como um sendeiro, a quem nunca o offendeu.

Forte pedaço d'asno!

Não te faças engraçado
Forneiro; assa teus pães:
Pula do meio da gente ..
Teu logar é entre os cães.

Salta, animal de orelhas grandes, bicho immundo, ratazana de cloaca!

Não sei o dono da padaria Furtado por que não emprega este jumento em carregar barricas de farinha de trigo.

Adeus ruivo, até outra vez.

Apezar que não saibas ler, manda por outro ler e aprecia estes versinhos que achei a proposito.

Pela lingua, ó lapuz bem te conheço,
Bem conheço esse teu fraco latido,
Olha o cacete, livra-te da pedra,
Guarda a cabeça, toma bem sentido.

Que és cão que ladra, sem morder de frente
Bem sei, porque já conheço as tuas manhas;
Sei que mordes á surdina; mas cuidado.....
Com um pontapé arranco-te as entranhas.

Si esta minha linguagem te incommoda
Si o que digo te faz perder o tino;
Cose essa boca, tapa esses ouvidos
Vae dormir, que assim faz o cão mofino.

Outras terras, lapuz aventureiro,
Outra vida, servente de padeiro
E como te metteste em camizada
Mando te por o freio do sendeiro.

Sr. Redactor.—Tenha a bondade de declarar se eu tive parte n'uma publicação contra o Sr. Francisco do *Alabama* n. 235 a qual principia—vem cá biltre, e que falla em padaria de furtado.

Bahia 21 de julho de 1865.

Emilio Augusto de Oliveira.

—

Affiançamos que não.

A Redacção.

—Sabe quem está por cima?

—Não.

—O *manda o fado.*

—Como foi essa transformação? como é que de fazer bocetas, o homem de repente deu parte de rico?

—E consta que até vae ser empregado publico.

—Que pechincha! Seria por ouvirem-no tocar violão, ou por alguma *noite perdida pela praia*?

—Não sei. O homem tem artes!

—Tambem ouvi fallar n'uma joven illudida.

—Quem?

—Uma filha da fallecida Joanna.

—Já sei. Foi uma a quem elle tomou tresentos mil reis, com palavrinhas doces e promessas de casamento.

—E depois abandonou-a.

—E' tratante! E agora anda pela Calçada fazendo versos.

—Na Calçada pregou elle o calote a uma preta que lhe vendia comida e roupas velhas do senhor, e que não lhe detxava a porta por causa dos cobres.

—Mas elle agora está rico.

—Qual rico; aquillo são fumaças.

—Que cabelleira ensebada tem o damnado!

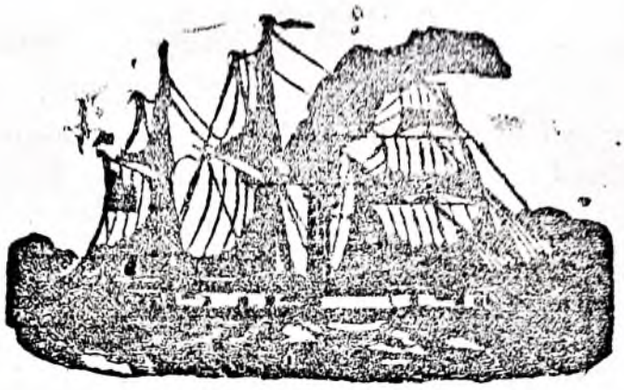
—Diz que é para as moças gostarem quando elle canta—*Adeus Lilia, malfadada.*

—Homem, peça ao muxingueiro que se arranje com o tal—*Manda o fado*—e deixemos-nos de cousas.

—E si elle gritar por S. *Marcolino*?

—Mande-o fazer bocetas.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª BAHIA 27 DE JULHO DE 1865. N.º 241

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de julho de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, pedindo-lhe que faça ir á sua presença uma menina orphan que existe no poder de uma mulher de nome Felismina, moradora á Fonte Nova do Desterro, n.º 31, a qual orphan, segundo nos informam, é cruelmente maltratada com pancadas, e coberta de andrajos, percorre as ruas desta cidade em compras e outros afazeres, sem attenção á pouca edade e inexperiencia da infeliz; do que pode muito bem abusar algum mal intencionado. Espera-se pois que S. S. mandando ir á sua presença a mencionada orphan, dê providencias afim de melhorar a sorte daquella infeliz.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que faça dispersar uma reunião que ha todas as noites no pequeno muro que dobra da Baixa dos Sapateiros para o Taboão, composta de sujeitos que vão para alli apuparem quem passa, travarem questões com as muitas *meninas felizes* que ha por alli e que á noite sahem para *girar*, resultando disto conflictos que muito offendem a moralidade publica. Cumpra.

—Rapazes, mirem-se neste espelho!

« PARA O PUBLICO.

«O abaixo assignado, ex-praça do 3º «de infantaria, assistindo ao fogo de «Paysandú, foi alli balcado, de cujo «ferimento resultou ficar aleijado do «um braço e inutilisado de todo o ser-«viço, e quando menos esperava, foi «reformado com o ALTO SOLDO de «2$560 por mez, cujo soldo enten-«do que devo desde já agradecer «a quantia que para reforma me foi «concedida, por quanto, antes quero «mendigar o pão de porta em porta do «que receber a gratificação que pelo «governo de Sua Magestade me foi da-«da, e desde já previno ao publico que «não negue a sua esmola a uma praça «que em defeza da patria derramou seu «sangue.

«*Ignacio Alves de Carvalho.*

«Rio de Janeiro.

—E queixam-se!

—E andam a dizer que foi pequena a gratificação ao Barroso!

—Quando o Barroso, além do seu gordo soldo, tem a gratificação de 1:200$!

—Quando o pobre soldado tem por mez OITO PATACAS!

—Isto é 85 reis por dia....

—Isto é, quatro vintens e cinco reis...

.....

—Que homem terrivel!

—Homem! Aquillo é o diabo que toma a figura de padre! E si duvida, repare. Não vê uma elevação trazeira por baixo da sotaina? é o rabo do bicho! Repare no pé; não vê como é arredondado? é pé de cabra o malvado.

—Por isso, por isso! Assim que o demonio chega na terra põe tudo em movimento: Jogo, palavradas, pancadas, furtos, insultos a familias, processos e o diabo que é elle mesmo!

—E' preciso que o Exm. Sr. arcebispo mande fazer exorcismos.

—E invocarmos nós a milagrosa protecção do Senhor do Bomfim.

—E de sua Santissima Mãe a Virgem Senhora da Penha.

—Muito gosta o *Manuel dos santos* que ha em Itapagipe.

—Isto é bom para o padre *Vieira* que sendo verdadeira antithese do antigo, é de mais a mais um hypocrita infame, um devasso refinado, um jogador decidido, um candomblezeiro consummado, um sambista desinvolto, um assassino de repetição.

—Calemo-nos!

—Continúa a quebrar-se pedras, isto é a dar-se tiros no meio da ladeira da Mizericordia, uma das ruas mais transitadas desta cidade.

—E' brinquedo; o Sr. Thomaz de Aquino ja se esqueceu d'uma pedra que cahiu no Corpo Santo em cima d'uma crioula!

—E a felicidade com que os operarios dão o tiro! avisam a quem passa, gritando:—Nãe se arredem e vejam!

—Deixe-me! O Sr. Aquino nesta terra pode fazer o que quizer.

—E não ha postura?

—Impostura!

—Os depositos do lixo são Engenho da Conceição, Coronel, Massaranduba, Retiro, Cabula e Garcia.

—Isto é velho, não masse!

—E' velho, que assim o ordena o contracto e o confirma o edital do emprezario; mas entretanto o lixo está sendo depositado no mar.

—Que escandalo!

—Vá á Preguiça, que o ha de ver; todos os carros hão de passar por um estreito beco e deitar o lixo á praia.

—E' um desaforo! Só se vê disto na Bahia!

E hão de dizer que é má vontade á companhia, ou á empreza! quando são tantos os abusos de seus empregados que nem o proprio Job pode atural-os!

VARIEDADE.

Um maltrapilho entrou na loja de um hervanario e perguntou-lhe :

—Quantas horas são?

—Dez, lhe torna o hervanario.

O industrioso ladrão entrou n'uma padaria defronte e disse que o visinho hervanario mandara buscar uma porção de pão.

—Não me lembro, disse elle, si são 9 ou 10, mas eu pergunto.

E chegando a porta, disse:

—São 9 ou 10?

O hervanario suppondo que eram as horas respondeu:

—São 10.

Dez, são dez pães, disse o ladrão ao inexperto padeiro.

Na melhor boa fé o padeiro deu-lhe o pão. O meliante sahiu, nunca mais foi visto.

Quando no dia seguinte o padeiro foi pedir o importe do pão é que reconheceu a burla.

Discorrendo um naturalista acerca dos irracionaes exclamou: « E' pena que certos quadrupedes não sejam dotados do dom da falla' » — « Pois maior pena é que alguns bipedes o sejam », tornou um de seus ouvintes.

(*Extr.*)

A PEDIDO

—Capitão, contaram-me o seguinte:

Houve uma lavagem em certa ordem 3.ª, e compareceram diversas crioulas.

Um *vigario* convidou-as para uma feijoada que ellas acceitaram, mas vendo que constava ella de mocotó, começaram a reclamar por paios e chouriças, entre innumeras gargalhadas e apupos que puzeram tonto o gallego.

O gallego mandou, para consolar, buscar vinho, que demorou-se tres horas, sendo impedidos as raparigas de sahirem, para não furtarem as colheres que eram de metal, talvez herdadas do bem conhecido negociante Peixe Frito.

E nesse interim em falta de paios, mandou metter nos feijões um *pau de sebo*, isto é uma vella sem pavio, cuja gordura emporcalhou tudo, a todos enjoando, e só borrando os beiços do labrego que por sebo e moeda falsa é como sariguê por aguardente.

—Ora vivorum!

—Capitão, ouça isto:

Um dia entrou em um hotel o mais rico negociante de Latronopolis e pediu comida. Veiu um prato com carne e um pão. O negociante comeu metade da carne do pão. Ao pagar, sabendo do preço, ficou espantado como si lhe pedissem cem contos, quando apenas lhe pediam um selo.

Retorquiu pois: Eu só comi metade, logo só devo pagar metade que vem a ser doze vintens.

Nesse caso, V. Ex. pode levar o dinheiro, disse-lhe o dono do hotel.

E o magano dando a Deus graças, metteu com a maior descaração o dinheirito no bolço.

Os circumstantes riram-se a morrer e dahi por diante ao entrarem nos hoteis só se pedia *meia isca*, o que veiu a ficar por costume.

—E quem era esse negociante?

—Era o bem conhecido e nunca assás cantado commendador coronel *poderoso* Antonio de Albuquerque!

—Que alma de cachorro!

—Sabe me dizer a rasão por que os guardas do batalhão de Brotas que aquartelaram na policia não receberam seus vencimentos?

—Dizem que é porque o major Joaquim Domingues Lopes mandou *guardar* para fazer fardamento quando tiver de aquartelar.

—Muito bem! E si até la morrer algum guarda para quem fica esse dinheiro?

—Eu sei cá. Pergunte a elle.

Eu o que intendo é que ninguem é mais competente para guardar meu dinheiro do que eu proprio.

—E estes Srs. commandantes de batalhões podem todos os dias a seu belprazer alterar o uniforme da guarda nacional, marcado por lei, sobrecarregando os guardas de despezas?

—E' um abuso que elles praticam. Mas nenhum fez ainda isto que, dizem, fez o Sr. major Lopes.

—Este Sr. major Lopes tem o que se lhe diga.

—Ouve, bobo!

Em quanto contam uns com o ovo no az da perúa, contam outros (a raça gallinacea, os perús e as gallinhas) com o ovo no az da *raposa*.

Não é verdade?

—E' sim, Sr..

—E só tal raça tem medo de raposa; será por isso que só ao ouvires-lhe o nome, tanto gritas?

—E' sim, Sr..

—Eu bem via que só receiando falta de comida, tanto fallavas na remoção do lixo Não tenhas susto; lombrigas não te hão de faltar. E depois, dar-te-hei por competencia a empreza das materias fecaes; ahi metterás o bico e as patas e engordarás por força; não será mais precisa a cousa do frade que tu queres

—Sim, Sr.; sim, Sr..

—Adeus, Sra. Ignacia, Vm. como está?

—Deixe-me, estou muito zangada! Pois não me botaram no *Alabama*?

—Talvez porque Vm. fallasse da vida alheia.

—Quem, eu? nunca fallei.

—Então não esta certa dos casos que me contava daquella moça donzella? daquella senhora casada daquella viuva? e finalmente de muitas outras cousas? Creio que muito gostou quando uma vez subiu no *Alabama* certa moça casada. Tome sentido, Sra. Ignacia, que tambem não lhe vão contar a historia do padrinho.

Diga-me mais, seu irmão Augusto onde vae buscar dinheiro?

—Meu irmão é marcineiro, não trabalha por que sempre tem dinheiro, e é bastante esse officio, que faz ser ligeiro de mão e fino da canella, para em algum aperto poder correr.

—Ah! então elle è da companhia do olho vivo?

—Não senhor, ladrão não é, informe-se da visinhança para saber do comportamento della.

—Está bom, Sra. Ignacia, virei outra occasião por que agora estou com pressa. para acabar de saber si ainda tem muito para arder o seu rabo de palha.

O caes do ouro.

—Meu rico, tome sentido, olhe que na sua ausencia, anda um sujeito nos seus *campos* a lhe ceifar a seara.

Abra o olho, que lhe querem cortar a retaguarda.

E si duvida, pergunte ao *Justino*, que sabe disto.

Mariquinhas.

RECITATIVO PATRIOTICO PARA SER CANTADO DURANTE A GUERRA DO PARAGUAY POR NOSSAS PATRICIAS BAHIANAS.

Acordae brasileiros, a guerra nos chama,
O valor nos inflama de fortes guerreiros
A's armas bahianos, o ferro dos bravos
Não teme os escravos, não teme os tiranos

Cravaremos com arte, na vil Assumpção
A bay'neta e canhão, o nosso estandarte.
A's armas, etc.

A lida da guerra nos causa prazer,
Vamos todos vencer, Humaytà não aterra
A's armas, etc.

Não se perca um instante, disponta victoria,
Rodeiemos com gloria o nosso Imperante
A's armas, etc.

Si houver um guerreiro, que diga: não vou,
Seu brasão renegou, não é brasileiro.
A's armas, etc.

Marchemos com fé! quanto não é honroso,
Ver de perto um Barroso, um Tamandaré?!
A's armas, etc.

Quem já tem por brasão o gram Pirajá
Não teme Humaytà, não teme Assumpção.
A's armas, etc.

Nós, os bravos do norte, na frente marchemos
A Lopez curvaremos, e sua cohorte.
A's armas, etc.

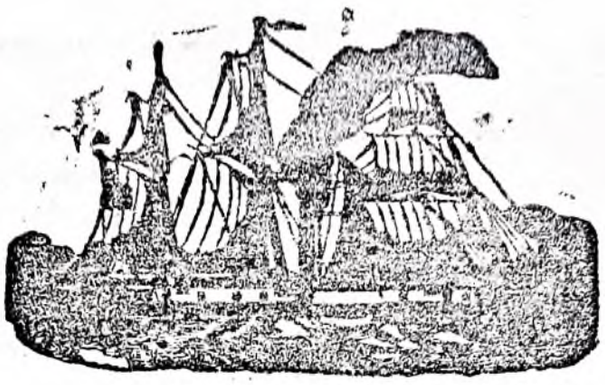
Hoje nós não louvamos, heroes veteranos,
Quando marcham ufanos, os não respeitamos?
A's armas, etc.

Voluntarios marchemos, sem constrangimento.
Em um só regimento todos nos alistemos.
A's armas, etc.

Que dirá o porvir, se escrever-se na historia:
Regeitaram a gloria, não quiseram la ir?
A's armas, etc.

Nossos filhos nos chamam e nossos irmãos,
Nossos braços e mãos com alfange reclamam.
A's armas bahianos, o ferro dos bravos
Não teme os escravos, não teme os tiranos

Por—*J. C. M.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª BAHIA 29 DE JULHO DE 1865. N.º 242

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de julho de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe pela segunda vez providencias contra as immoralidades e algazarras continuas que ha n'uma caza Atraz da Cadeia, onde mulheres de má vida, unidas a certos caixeiros de vendas, fazem timbre em incommodar e escandalisar a visinhança, que ja os não pode aturar.

Espera-se pois que S. S. faça quanto antes cessar o escandalo.

—Ao Sr. subdelegado da Sé levando ao seu conhecimento o seguinte:

Um africano de nome Maximiano empregado como servente no hospital de Charidade, occupa-se na industria de dar ventura e para esse fim traz daquelle hospital diversos membros de cadaveres que emprega no seu hediondo mister. Esse africano era morador n'um armazem do sobrado n. 8 á rua de D. José; e ameaçado por alguem do ser denunciado, mudou-se no domingo; não se sabe para onde; porém uma preta que existe no referido armasem poderá informar a S. S., e mesmo pessoas da visinhança que presenciaram entre outros objectos, caveiras dentro d'uma barrica. Espera-se que S. S. proceda como costuma, afim de reprimir semelhante escandalo.

—Noticias do Sul. São de pouca importancia. A de maior interesse é a da debandada do exercito commandado por Urquiza, a quem as tropas fizeram nariz.

—Nariz pregou-nos o amavel alliado, o celebre D. Justo José Urquiza.

—E' o Brazil ir se aguentando, por que, segundo o *Jornal do Commercio*, só em Corrientes os paraguayos tem 30,000 homens.

—Que mais?

—O exercito alliado com cerca de 30,000 homens ficava ainda na Concordia, mas as ultimas noticias o davam quasi a por-se em marcha, em quanto o Sr. de Tamandaré preparava a esquadrilha para subir o rio.

O general Canavarro reunia suas forças, ja engrossadas com algumas que tinham acudido do interior.

—Sabem todos quaes são os depositos do lixo; repetil-os é massar o leitor.

Pois os carroceiros ainda o ignoram.

—Como?

—A prova é que estão a deitar o cisco na Matança, cujos donos não lhe encommendaram o sermão.

—O Sr. Costa Guimarães que lhe responda.

—Continúa o cambio dos bilhetes no Theatro!

—E' um desaforo, que não sei como se tolera!

—E os bilhetes chamados da policia?! Por occasião do beneficio da Geovani venderam-se apenas dez. Quarenta foram mandados buscar *la de dentro* e o publico ficou em branco!

E, á noite, os cambistas traziam o bolço cheio e vendiam bilhetes a tres, a quatro e a cinco mil reis.!

—E entretanto á policia, a administração do Theatro e a empreza dormem profundo somno!

—Capitão, quero pedir-lhe um favor.

—Diga.

—Desejo que por seu intermedio seja perguntado á companhia do Gaz o seguinte:

O inspector faz de continuo multas aos accendedores; ha em algum logar a designação e a estipulação de taes multas? Si ha, os accendedores tem disto conhecimento?

Mas ainda havendo-o, em favor do quem revertem taes multas? que fim tem ellas?

E' o que se deseja saber.

E depois pedir ao Sr. inspector Caldas um pouco mais de delicadeza para com seus subalternos, que não estão obrigados a ouvirem palavras pezadas e a serem vitimas de grosseiro tractamento.

—Sim, Sr., é tomado na devida consideração o seu pedido.

—O Pau de sebo anda tonto! depois de ensebar toda visinhança, emporcalhando a todos; depois de grunhir, de ladrar, de morder; depois de inventar historias, de suspeitar inimigos, andou a defamar, a insultar: agora vendo que nada arranjava, anda a implorar misericordia, a pedir miseravelmente áquelles mesmos a quem ja insultou!

—Covarde!

—Sabe o que fez a beneficiada, a Sra. D. Jesuina Geovani? Esqueceu-se de que os assignantes aturam todas as suas massadas, todas as suas faltas, as partes mal sabidas, as indisposições que tem, e que deviam por tanto merecer mais alguma consideração.

—Mas que fez?

—Não se dignou, ou antes teve a delicadeza de não contemplar digno de assistir ao seu beneficio a um só dos assignantes, e taboqueou assim a todos que lhe queriam obsequiar com uma bem boa duzia de palmadas.

—Ora dá-se!

—Capitão, sabe d'uma pilheria do 5.º batalhão?

—Ah! não quero intrigas com o Sr. major Domingues Lopes nem com o Sr. alferes Bottas que acaba de vir hoje ao *Diario* a explicações!

—Explicações de que?

—Disse que o dinheiro dos guardas

está no estabelicimento para render o poder-se então fazer o fardamento.

—Eu não digo! Este Sr. Lopes tem um geito para paraguayo! é tão amigo de arbitrariedades! Onde achou elle lei ou disposição que o authorisasse a guardar o dinheiro dos guardas?

—Não sei.

—Vamos porém ao caso.

No domingo passava eu pela Fonte Nova e vi entre os guardas de Brotas um verdadeiro *pitù*, isto é um sujeito á paizana, arremedo de militar.

Julguei que era algum recruta, algum pescador de *yoyô zezé*, algum corneta mesmo; mas enganei-me porque o sujeito tinha ares de mandão.

Era, sabe quem? o capitão mandante que passava revista á sua companhia! Era o official que tem fardamento e que ia ver o estado dos guardas. em trajos de mariola, de paletot saco, de riscadinho!

—Ora historias! não são precisas certas formalidades para batalhões da roça.

—Capitão, bem se diz que a gente fallando se intende; que, em conversa, uma cousa pucha outra.

—Associações de ideias.

—Li que fôra um moço despedido de caixeiro por ser poeta e que tinha isso feito reboliço. Pois o caso não é novo; é ja segunda edição pelo menos.

—Então que sabe?

—Havia, *aqui assim* em Latronopolis, um gallego que.....

(A chronica do *cujo* contar-lhe-hei em tempo.)

O gallego tinha entre todas uma grande virtude, gostava de fazer suas charidades como as mulheres; e por tão boas acções era conhecido por *barão*, nome equivalente ao de *principe* em Portugal; tinha por officio ensacar alhos e tinha tambem em escriptorio de *commissões*.

Havia então entre os seus caixeiros um que como o que motivou esta conversa, fazia seus versos, era poeta.

Gallego burro é como ave nocturna que odeia a luz; o brutaço tinha por instincto horror á poesia que elle suspeitava que um dia satyrisasse seu bom costume de mulher charidosa, mas não se atrevia, por isso que receiava as consequencias, a despedir o moço.

Um dia o poeta fez uma poesia nacional, isto é tractou da ma paga que dão as nações aos soldados, e representou um veterano brasileiro lamentando não poder seguir a Tamandaré e Barroso.

—Então é cousa de pouco tempo.

—Foi logo depois que um parceiro delle despediu um caixeiro de escripta, por ser capitão da guarda nacional e ter aquartellado.

—E como se assemelham as historiras!

—E os tratantes!

Mas sim. Quando o gallego viu a poesia, não pode conter as iras. Era uma poesia que lembrava os guerreiros que venceram os luzitanos;era uma poesia que abatia os paraguayos!

«Desaforo! murmurou o bruto que, como muitos malungos seus, tem sentimentos paraguayos.....

—Sirva de exemplo o Pau de sebo.

—E inchando de raiva, rebentando de odio, despediu o caixeiro dizendo: Não quero caixeiros poetas!

—E um diabo destes teve ainda o desaforo de offender a honra d'um official da reserva, que se oppoz moralmente ao atrevimento inqualificavel do bruto!

—Pobre *hermaphrodita!*....

(*Continúa.*)

—Gafeiro, vem cá!

—Quem é V.?

—Sou um alquilé, um canalha como tu dizes. Disseste o outro dia que nenhum motivo tinhas dado ao Sr. Bellarmino para elle fazer-te o que mereces; mas a nós tens dado e muitos. Bem dizia elle que breve seria alguem, como elle, alvo de taes injurias. E' que elle te conhece bem.

Ora ouve. Ou não tens juizo, ou vergonha. Pois tu, o escriptor mais incoherente, te atreves a fallar em coherencia? tu que rompeste com a liga e és hoje ligueiro e defendes o Dantas, e lhe desejas gloria? tu que rompeste com a liga e insultaste o Saraiva, e acceitaste depois escriptos de *engenho*, e hoje o adulas miseravelmente?

Pois tu podes fallar em escriptores alugados, tu a Messalina da imprensa qne te vendes de continuo para satisfazer os desejos dos inimigos de teus amigos, pessoaes ou politicos?

Tu que vendeste a consciencia a *dous tostões* por linha?

Para que fallas em respeitar homens de bem, pessoas de consideração, bem relacionadas, bem conhecidas?

Pois de tua lingua sordida não é que cahiu um chuveiro de injurias contra os Andreas, Martins, Wanderleys, Goes, Chichorros, Aprigios, Pinto Limas, Barbozas e milhares de cidadãos, distinctos por sua capacidade e posição?

Sei bem porque tanto o defendes, a elle, a innocencia personificada, o typo da generosidade, o transumpto da honradez. Tu o adulas para que elle não descubra a *surpreza*, a ganancia, o roubo da casa do Baluarte.

—Capitão, poupe-me por quem é!

(*Continúa.*)

A PEDIDO

Patriota noviço,
Que vens p'ra comer,
Qu'enches a pança,
Qu'á *praia* vaes ter;

Que ahi dos *cavallos*
Te achas tão perto,
Que sob a montanha
Te pões a coberto;

Não bulas, ó bobo,
Com teu sup'rior,
Qu'a não seres coxo,
Serias tambor.

Um sanhaço.

Meu Campos.

A' noite nas *Larangeiras*
Anda um vulto a passear...
O *Justino* sabe disto...
E bem lhe pode informar.

Mariquinhas.

ANNUNCIO.

Attenção.

Vende-se a venda ao largo de Santo Antonio n.92; quem quizer dirija-se a mesma que achará com quem tratar.

Quem tiver duas escravas que quizer alugar para vender doces, ficando as mesmas obrigadas a dormir na casa do annunciante, dirija-se á padaria na Ladeira da Soledade para tractar; não duvida pagar bem agradando.

AMA DE COSINHA.

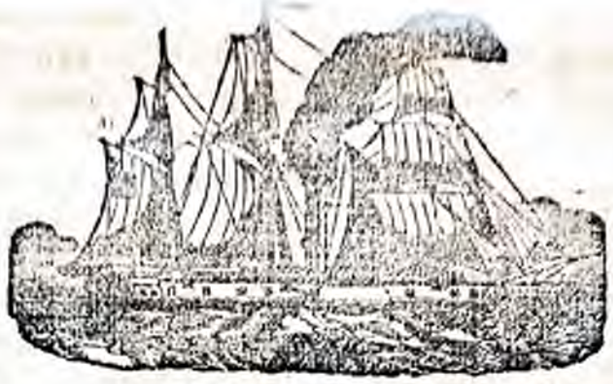
Na casa do tenente Belmiro José de Castro, á Preguiça, precisa-se de uma, que desempenhe bem suas funcções.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 3 DE MAIO DE 1864. N.º 33

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 à 1$000 rs. por serie d 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de Maio de 1864.

Officio á camara municipal, para que informe que edade tem a balança collocada no matadouro, em que tempo foi atarada e por quem, e quanto pe za uma pedra que na mesma serve de pezo.

—A' mesma, para que suspenda o actual fiscal, *por não saber* que nos talhos de S. Bento vende-se carne até 4 1|2 horas da tarde, e depois desta hora é remettida em cestos para as casas de pasto com cujos donos tem os cortadores negocio.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na sua freguezia ha uma mulher conhecida pelo nome de *Josefa boi* que é o escandalo da rua em que mora, reunindo em sua casa, principalmente à noite, mulheres dissolutas, homens perdidos, soldados de policia e *tout le mond* para *sambas*, algazarras e deboches, do que resultam continuadas desordens, sendo que na noite de 29 houve uma entre dous marinheiros, que ia tendo grayes consequencias por occasião de festejar-se alli os santos Cosme e Damião, e a que assistia, como é natural o *incomparavel* Granada!!

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

A Assembléa Provincial pedindo prorogação de suas sessões.—Informem os vadios que faltaram à ellas.

—O Dr. Manoel dos Livros, presidente da junta de qual ficação da freguezia dos mamões, pedindo pagamento dos dias em que tiver de servir como presidente da referida juncta.—Bem que seja reconhecida a *energia* com que o supplicante exerce o cargo de presidente de juncta assim como os *importantes serviços que presta em cumprir fielmente a letra da lei*, não pode comtudo ser deferida a sua pretenção, visto não haver cifra designada para tal fim.

—Criado do Sr. João Bolachão. Como tem passado?

—Deixe-me, sinhô.

—Mas então V. mudou a cavallariça por alguns dias e muda-a de novo para o antigo logar, emporcalhando a rua desta maneira assim?!

—Olhe que diabo! eu vou mudar, capitão

—Pois isso com brevidade; do contrario fallarei no enorme desaforo de remetter V. com diversos preços para suas diversas vendas os mesmos generos.

—Capitão, não tenha susto.

—Fallarei tambem na sua rapida fortuna, no Candido Ribeiro, &c., &c

—Pelo amor de Deus, capitão

—Capitão, um casamento de nova especie.

—De nova especie, como?

—Um bipede e um quadrupede!

—Jesus, meu DEUS!..... Que m'é o bipede?

—A mulher.

—Logo vi; só a mulher teria essa lembrança. Bem dizem que si ella não casa com sapo, é por não saber distinguir o sexo.

De sorte que teremos um monstro quando parir a mulher!

E o nome do quadrupede?

—Cá, cá, cá! Ora, capitão!... o bixo é gente; é um pobre homem que anda de quatro pés, por a isso obrigal-o a natureza.

—Então falle sério; nem ha n'isso nada de novo.

—Mas em todo caso, seria curioso saber como elle de quatro pés, deu a mão á noiva.

—Capitão, me dize um cousa: Latronopo tá ni Asia, tá ni Africa, perteucê à China, à Russia, ou qui é memo?

—Porque perguntas?

—Dize, capitão; esse paize tá livre, ou tá ni despotisma? Iô lê sitoria e biu que êre tem consituição.

—E é verdade.

—Mai nau parecê.

—Mas porque?

—Iô já nan qué falla de sicravatura, de anani vende anani; nim di patifaria de Forum, qui remata gente cuma quiabo, qui mussura anani cum cadeira e caballo. Iô só quê proguntá um cousa.

E-se má paxero turo qui tá cum barri ni cabeça, qui tá cum ferro ni pecoço, qui tá cum cadeiado ni cima di êre fazê argum delicto?

—Não; são simples presos, ás vezes depositados pelos senhores para serem vendidos.

—Tá denreto! E esse ferro nan é de garé? nan é de quem truta, de quem rôbe, de quem faze assassinamento?

—Mas não vês que a nação não tem necessidade de occupar muitos guardas com negros captivos? Prende-os com uma corrente para não fugirem. E depois os galés trazem a corrente no pé, e elles trazem-na ao pescoço.

—Cum effeito tá um trancelim de gôsso, u *correntão* di moda.

—Queres saber d'uma cousa? Negro e bixo é tudo o mesmo.

—E capitão tem resom; é pru esse qui quequerê, aibô mêmo châma êre changó.

Mai, capitão, condo trangero chega e bê esse, êre nan tá ni sua denreto de dizê que quem tá rei nan predê magestade, qui nosso tá um paize de bruto, fia de caboco qui come anani?

—Mas com factos desmentil-o-hemos; e tanto que ahi andam os *changòs* e ninguem os come.

—Condo capitão querê fallá seriamente, iô tá ni ordem de Vossincellence!

Ta cuma nim sembréa! nungocio tá serio, e deputaro cassua.

Iô nan gussa de comedia!

(Continuação do numero 53).

—Dize-me mais, como foi tambem uma barbaridade que pratic ste com uma tua comadre que te ficou incumbida por um teu parente, o qual deixou dous escravos em teu poder, para com o rendimento do trabalho delles e mais 15$ rs. mensaes a sustentares e a dous filhos seus, e tu faltando não só com respeito a religião, como abusando da confiança que em ti depositou teu parente, quizeste pelo meio da fome e alugueis de casa forçal-a a condescender com teus libidinosos desejos, e porque ella a

isto e não pressentes, e abriste no meio da rua seu recurso para viver, e pegaste barbaramente nos teus dous atilhados e primos arrancados dos braços da lacrimosa mãi, e os fostes atirar em S. Joaquim, sem teres ordem de seu pai, e por esta forma suspendestes todo o beneficio que elle presava aos filhos, e a mulher que tanto lhe serviu, e depois com calumnias illudist o teu parente que até hoje ignora teu negro procedimento, sendo a causa de tudo isso quereres passar a tua folha a tua comadre, e passares a mão nos escravos?

Sim, dize-me tambem como foi o negocio dos contos do austriaco que te deu para guardar, que por arte e geito fizeste o homem se metter em negocios de farinhas, com a forçosa clausula delle so comprar em tua mão e no fim de 8 mezes tu disseste ao homem que elle já te devia?

Emfim já deste o dinheiro do rapaz?

—Ai Sr. capitão, me falle em tudo menos em dinheiro ao rapazito.

—Oh! atrevido, queres roubar o rapaz! hoje eu punirei teus crimes a bordo deste navio.

—Sor capitão, piedade! por *S. Francisco.*

—Tratante hoje a nada attendo.

—Ai! Sor capitão por S. *José.*

—Gallego infame, os santos não toleram ladroeiras. Rapasiada, amarrem este maroto sobre a *Rocha*, e conduzam ahi todos os farinheiros da cidade de Latronopolis para lhe cuspirem na cara e não suspendam esse acto emquanto não for restituida a quantia que estava na Reserva Mercantil que o pai ha mais de 10 annos mandou dar aos filhos. E depois de cumprida esta minha ordem entreguem todos os *Alabamas* tendentes a este gallego, para elle não ter o trabalho de os procurar e tel-os á mão para os mandar para a sua terra com urgencia; façam-no depois subir da Rocha a trote a força de mangual, gritando todos —*viva o Sobrinho!*

—Sr. capitão.

—O que temos, amigo?

—Venho participar-lhe que os moradores do Sangradouro estão quasi envenenados.

—Então que historia é esta?

—Eu lhe explico. Ha alli uma padaria cujo respectivo dono, que só quer ganhar dinheiro, não dá cavaco que o pão seja mau com tanto que o venda, e o fabrica com farinha podre, mau fermento, de sorte que as pessoas que compram, naturalmente hão de soffrer.

—Mas meu amigo a camara não vê isto, em os seus fiscaes?

—O capitão [illegible] morrer, e além disso, [illegible] nha de cuidar de seu trabalho, leva todos os dias a matar sanhaços, deixando que uma BARATA esteja dentro da farinha fazendo ninho?

—Mané Bahia vai ao Sangradouro e traze-me esse padeiro, para perguntar-lhe, como é que deixa uma BARATA se creando dentro da barrica da farinha?

—Já, capitão.

—Espera—em primeiro logar adverte esse tratante, e si respingar, segura-o pelas orelhas, e atira-o no porão para o muxingueiro applicar-lhe dez calabrotadas por hora, até corrigir-se.

—Sim capitão; mas acho pouco.

—Quem quer lançar sobre o *escravo* que se acha presente, avaliado em 150$ rs.?

Dou-lhe uma, dou-lhe duas; não ha quem cubra o lance?

150$ rs.!

Quem quer lançar sobre o escravo que se acha presente, avaliado em 150$ rs.?

—Qual é o escravo, Sr.?

—É este preto.

—Isto é um desertor da portaria de S. Francisco! Pois um pobre diabo carregado de esteiras velhas, de samburás e tronxas, já com tres pés, no inverno da vida, de pau na mão, com os cabellos embranquecidos, e avaliado por 150$ rs. para ser vendido em hasta publica!

Grande Deus!

—Que quer, Sr.? São as instituições do paiz, que admittem a escravatura....

—Bem disse certo prelado que este povo morreria de *jacto!*

E esta terra é a da liberdade!..... e a epocha é do progresso!..... e um projecto favoravel aos escravos lá calou no senado!.....

Pois bem! quem quizer fazer enterro, que leve este fardo para a casa.

A' PEDIDO.

A El-rei Meu Seuhor.

Hoje pretendo levar ao alto conhecimento de S. Real Pessoa um facto tão excepcional que é impossivel crel o sem acreditar na ressurreição de Vidocq!

Aprecie S. R. M. com toda a calma, para poder conhecer com alcance do astucioso, primaz chefe das infamias e ladroeiras.

Lá vae o caso.

Um infeliz preso cahindo nas garras d'essa fera insaciavel deulhe a intender que si se creasse um novo tribunal de jury em certo logar seria sua sorte decidida.

Oh! achado feliz, oh mina inexhaurivel para saciar a gana de dinheiro e mais dinheiro de um tal salteador!

Não tardou por em pratica com a sua camarilha os planos do ataque á victima, e de saqueal-a!

Prepare-se, Real Sr. para a comedia; prepare-se que ahi vae apparecer o novo Vidocq; ahi vae o homem mostrar o seu ingenhoso talento.

Figure se, mas, realidade—apresentou-se dias depois á infeliz victima, e diz-lhe: Ganhei, e está livre! Coragem Real Sr! concluir.

Arranjei tudo na secretaria do governo, e preciso de 600$000 para satisfazer lá certos compromissos, pois nada ali se faz sem dinheiro para certos canalhas!!!

—Obstupui,steterunt que comœ et vox faucibus hœsit.

Oh! capacidade nunca vista: Beatus venter qui te portavit.

Diga-me agora Real Sr: V M. sollicito como é em beneficiar seu povo, creia que isto todo aqui se passou nas grades de uma cadeia, o que isso fez.... não, que Vidocq é um crapula, que se ache com a vara da justiça nas impias mãos:

Pergunto: Foi roubo que praticou aquelle salteador denodado já corrupto?

Poderão ser-lhe confiadas a vida, honra e fortuna de centenares de pessoas?

O que faria Real Sr. na affirmativa da 1. —e negativa da 2.—?

Ao Illm. Sr. Dr. Chefe de Policia.

Participa-se que a cidade se acha inundada de caceristas e faquistas, a ponto de em uma destas noites ser espancado por dous e ferido por um—certo sujeito que se anda mealcando de redactor do *Alabama*, felizmente sem sel o, e isso na Estrada Nova, um dos logares mais transitados da cidade; o que vê S. S que é um escandalo que não pode nem deve continuar, por honra e dignidade da policia de que é chefe S S. a quem se acham confiadas a honra, a liberdade, a propriedade e a vida dos cidadãos.

Pergunta innocente.

HORRIBILE DICTU!

Ao *recto* e *justiceiro* Sr subdelegado da cidade da Cachoeira Vicente Pereira da Cruz, pergunta-se o seguinte:

Si S. S. pode mandar por em *liberdade um individuo preso em flagrante por tentativa de morte e ferimentos*, sem afrontar a lei e a moralidade publica porque assim o intende em sua *omnipotente vontade*?

(*Continua*).

O *Lynce da Matriz*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 4 DE MAIO DE 1864. N.º 56

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17 a 15000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 3 de Maio de 1864.

Officio ao Sr. Dr. juiz d'orphãos, partecipando-lhe que no Pau da Bandeira, n. 36, existe, segundo nos informam, uma parda escura de nome Maria, a qual espanca diariamente a menor Severiana que em seu poder tem, orphan de pae e mãe; partecipação que a S. S. se faz, a pedido dos visinhos, de quem podem ser colhidas informações, ja que o inspector do quarteirão nao se incommoda com cousas poucas.

—Ao Sr. subdelegado de Sant' Antonio, pedindo-lhe que syndique de um facto que nos informam se passa quasi todas as madrugadas, na caza de um sapateiro á rua dos Adobes e é o seguinte: Tem o mesmo em seu poder uma menina, a qual é pelas duas horas da madrugada levada ao quintal, amarrada a uma bananeira e barbaramente surrada, ignorando-se o motivo.

A moralidade publica exige ser desaffrontada, e confia-se na prudencia e energia de S. S.

Portaria ao fiscal geral ordenando-lhe que quando passar pela rua Direita de S. Francisco de Paula por ser alli seu caminho, lance suas piedosas vistas para uma tenda de ferreiro que alli existe, cujas forjas collocadas perto da rua, e sem terem respiradouro ou chaminé, tornam-se um supplicio para a visinhança obrigando algumas familias a mudarem se, alem do incommodo que causa aos narizes dos viandantes, com o insuportavel cheiro do carvão de pedra. O que cumpra.

— Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á uma casa que fica por detraz da sachristia da egreja de S. Pedro, onde mora um africano que mata porcos em casa ás duas horas da madrugada, incommodando a visinhança, e traga preso esse sugeito para ser dependurado no lás da verga da gavea de gata para não continuar. O que cumpra.

— Ao mesmo ordenando lhe que

traga á este bordo a sacerdotisa Marianna para justificar-se da accusação que lhe é feita de haver envenenado um seu compadre para passar á sua folha os cobres do mesmo em companhia de quem vivia. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Jambo de Lisboa, pedindo accesso no seu emprego, visto sua intelligencia não permittir-lhe por concurso senão a *praticancia*.—Requeira por intermedio do commandante dos pitús, afim de com as divisas amarellas disfarçar-lhe a cor vermelha.

—O alferes Santos das Peras, pedindo, afim de poder acabar com as gazetinhas, o logar de promotor publico da comarca de Nagé.—Em vista dos importantes serviços prestados pelo supplicante ao partido conservador, como membro da commissão de intriga da freguezia dos sanbaços, lavre-se acto, concedendo a nomeação requerida.

—Campo dos Borges, pedindo um novo chinó para substituir sua hedionda cabelleira.—Informe o administrador da meza de rendas.

—Firmino Maçarico Lins, pedindo o logar de membro da commissão de intriga da freguezia dos sanbaços, vago pela nomeação do alferes Feijoada.—Indeferido por ser incompativel o logar que requer com o que exerce n'alfandega, tanto mais quando é este commando inimigo do filhotismo e das accumulações, de que em grande escala dá vivo exemplo o supplicante que se acha tambem nomeado betador-mór de pombos da referida freguezia.

—Capitão que anda fazendo este frade pela cidade baixa, de armazem em armazem, provando vinho velho e cerveja?

—Anda catando gente para a *mesa*.

—Que mesa, capitão?

—Para uma mesa de *ordem*, isto é bem arranjada; uma mesa a que nada falte, nem mesmo o cravo e a rainha das flores, a excelsa, a sublime, a *Santa rosa*, cujos pedores embriagarão os convidados.

—Tem gosto o frade.

—O que o tratante tem é *geito* para a *cousa*.

—Capitão, ha novidade.

—De que se trata, guarda marinha?

—Procura-se saber quem é o *corujão do quartel* que informa a V. Ex. dos factos praticados em S. Felix por um official de policia, e outros; ha suspeitas de que seja praça do mesmo corpo, e dá-se uma gratificação a quem o descubrir.

—Pois ignoram que a policia do *Alabama* anda em toda parte?

—E não vá recahir a culpa sobre alguma innocente.

—Pois bem; para arredar suspeitas, vá V. por ahi ao quartel de policia e veja si descobre o verdadeiro corujão,, que é sem duvida quem deseja conhecer o falso para *vingar o seu direito*.

—Então hoje sigo para os bairros de S João a tractar com um velho, que tem um filho vaqueiro, a tomar algumas informações; de lá irei a Nagé conversar com um velho panelleiro a ver si tomo uns documentos de que preciso, e para de uma via fazer dous mandado, irei á fazenda d'*Armada* fallar com o mestre de uma polaca carregada de escravos que desova nas praias da *Memoam* em 1850, saber delle os escravos por quem foram distribuidos, quantos vieram para esta capital de Latronopolis, quantos ficaram etc., etc.; de volta pedirei um esboço da campanha de Pirajá, uma relação nominal de quem contra o governo e a favor pelejou. Feito isto combino as minhas ideas, e direi a V. Ex. que sei donde vem o mal.

—Capitão, caballaria é de gente ou de caballo?

—O nome está dizendo; cavallaria é de cavallos.

—Mai siquadrão de caballaria é de aibô qui monta caballo.

—E' isto mesmo.

—Mai buro ágora tem sua bataião.

—Conte-me la isso.

—Caballaria nan tem bandeirinha? Poi buro tamem tá ni bandeirinha, mai nan tá caballaria, pruque um nán pode trepa ni outro; mai tá ni artiaria; ere turo tá pucha peça cum bandeirinha ni tessa.

—Ora vejam o que é a ignorancia! São carros de conducção de polvora, que para serem conhecidos trazem aquellas bandeirollas vermelhas.

—Ah! esse tambem é novidade de progresso? Felize tera qui buro trazê distincção! Felize tera qui buro trazê bandera! Iô vae pede cômenda p'ra ere, qui tá arfere.

—Ora, ora! quantos por ahi ja não a trazem ao pescoço!

—Ante esse; buro tem mai vregonha que esse olê turo que tem ni cidade.

—Está bom; são horas de almoço.

—Iô ja sabe; turo modinha de ossincellence tem esse tribia; patria de ossincellence tá ni bariga, iô vae sarva patria. Café tá ni meza.

(Continuação.)

—Não deu agora o boccorio em dizer que as casas de Santo Antonio são baratas, porque não ha quem goste de morar naquelle bairro!

Ora, meu Deus! pois um homem que a primeira papa que comeu foi na ladeira da cavallaria, onde o cigano de seu pae foi *coisa*, e onde sempre morou!

—E depois onde é que elle foi gente? onde é que o gallego do irmão do pae tem casa, roça, cavallos e escravos?!

—E' um refinado tollo!

—E tão tollo que se não lembra que si ha algum preconceito contra a freguezia de Santo Antonio, è por causa da ciganagem que foi atirada naquelles então logares desertos. Os effeitos daquella praga ainda hoje se fazem sentir. Os Viegas, os Carvalhos, os Machados, os Mouras, os Xavieres Pinheiros ainda vivem e são os membros do *olho-vivo*, companhia de duas ordens, aristocratica e plebea, á primeira das quaes pertencem os homens de pergaminho, os de colleirinho em pé, os de gravata lavada, bem intendido os da *caça*.

—Deixe-me, rapaz! basta de tanto cigano!

(Continua)

—Que *chiquinho* é aquelle com ar de *cazuza* que nos *mattos* dá *luz em scena*?

—E um ridiculo *contador* de correios, devasso e infame, que depois de desbonrar uma senhora, anda agora pelo Barbalho embuçado n'um capote a rondar a porta de um homem honesto, escandalisando a visinhança.

—Ora peguem-me naquelle biltre, sacudam-no pelas orelhas, preguem-lhe um vesicatorio na nuca, afim de ver si toma juizo e escreve melhor para o *Diario*. Si não tomar geito, o guarda-marinha mande-se de esporas, vá ao Domingôs Caetano, tome uma sella e um chicote, cavalgueso, amanse a besta e traga-o cá.

—Capitão, ossincellence lê discurso de xinhá Guerero, qui fallá ni favô de preto ganhadô?

—Li.

—E ossincellence bê condo êre dizê xinhá Zama qui *cantando* de cropo tá *chorando* de árima?

Iô gussa munto de esse. Si iô tá deputaro, iô dá meu *poiado*.

Mai xá Guerero querê qui buro trabaia e iô gussa de esse; mai tem um cousa. Precisa reguramento pra buro trabaia. Anani turo querê qui buro carega mai di qui pode, qui sobe ladeira cum carga dobrada, e ri mai a mai cum taca, esse iô nan acha jusso. Poriça devê fazê orde p'ra buro nan soffre.

—E os conductores não são africanos, não devem pensar como tu? E' porque mais burro do que o proprio burro é o negro.

—Tá ganaro, capitão!

Garego é qui puxa buro, e faze mai pió que buro. Erê cria cum couce e tombo, cum canga e tambem sipó, trata buro cum canga e taca, pruquè pensa qui buro é ere, qui tem arima de buro... de buro não, capitão, de proco, de gato, de cobra ou de diabo!

Em turo caso, poriça devê fazê qui nem povo dim Galaterra, qui protege animase bruto.

—E' porque são doudos que acreditam na metempsycose.

—Tá ganaro, capitão. Ingreze nan tá gente de India; ingreze tá humano. tá charidoso.

—Uma cambada de *quakers* e exquisitos!

—Mai povo livre, qui prega mancipação de sicravo turo, qui protege humana qui tem fricção.

—Vá fazer elogio aos inglezes e depois queixe-se do povo!

—Vredade, capitão; ingreze tá patife.

—Como mudou de pensar!...

—Esse é moda; eu prendê systema de porico de Brasí. Iô conhecê vredade; mai povo nan querê, io tambem nan querê. Iô tá pologista de Machiavel.

A PEDIDO.

Dizem que o negocio do Barnabò no quartel é com aquelle militar de cavaignac que esteve destacado no Bomfim e que ia

tomar café com certa sonhora no botequim.

O *corujão do quartel.*

Papeis velhos.

APONTAMENTO PARA A HISTORIA ILLUSTRADA D'UMA MITRA.

« Admiravel santo é o Jacintho! Sempre mostra que é nome de flor! e em vez de cheirar tem sabor!

—V. Ex. é até poeta! Qaando falla versoja; tanta é a força da natureza! tanta é a expontaneidade do genio!

« Feliz o homem que tal nome tem! é tão gostoso que sabe e bem!

—Eu não digo?! V. Ex é superior a Apollo.

Eleve quantos assim se chamarem ao sacerdocio.

« A um já botei eu da parte da epistola; tem ja ordem de subdiacono.

—Acho bom, acho bom, Excellentissimo!

(*Ineditos*).

Perguntas innocentes.

HORRIBILE DICTU!

Ao *recto* e *justiceiro* Sr. subdelegado da cidade da Cachoeira Vicente Pereira da Cruz, pergunta-se o seguinte:

Si é *veridica* a imformação dada por S. S. ao delegado, em a qual diz que o inspector é Felippe Nery de Santa Anna quando é outro individuo?

Si vindo um pobre homem da terra vermelha banhado em sangue procurar a S. S, para proceder a corpo de delicto nas feridas que recebera, S. S, podia responder-lhe que *não estava para isto*!!

Este infeliz estaria sem duvida hoje na enfermidade, si passando por ali o Sr. Moura Mattos, o se compadecendo do seu estado deploravel, não o levasse para o hospital da Santa Caza da Mizericordia, em uma cadeirinha!!!—

Esperamos pela resposta de S S. na certeza de que temos de ajustar certas *continhas* que andam por ahi mui atrasadas....

Até logo—ao depois conversaremos: gente de mais alta *jerarchia* do que S. S, o dedo voluvel da sorte tem collocado no môcho de reu!!!—

O *Lince da Matriz.*

Pergunta-se ao Sr. subdelegado de Brotas em que artigo do codigo se acha comprehendida a pessoa que em sua caza, satisfaz ás necessidades da natureza, por exemplo dá bufas.

Pergunta occasionada por ter S. S. mandado prender dous moços na rua do Castro Neves, no domingo 1. do corrente, pelo citado motivo, allegando se injurias e offensas á certo individuo bem conhecido que é impossivel que tenha a seu favor um expontaneo —nós abaixo—como o tiveram os moços, arrancados de sua caza, um até doente que voltou depois per delicadeza e humanidade do inspector de quarteirão.

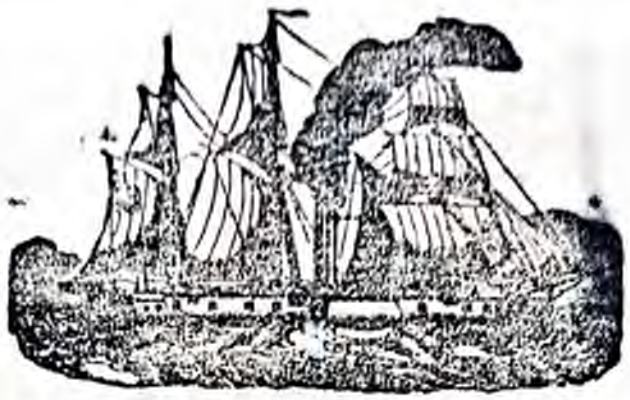
O *Incestuoso*.

ANNUNCIO.

Vejam bem.

O antigo botequim do Caminho Novo do Gravatá previne aos Srs. que são devedores que venham satisfazer o seu debito, do contrario se publicará seus nomes.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 7 DE MAIO DE 1864. N.º 57

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de Maio de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que ha amanhã á noite (7) grande recepção no palacio do *Rincão* (residencia da rainha da imparcialidade) pelo que se torna necessario que S. S. mande para aquella rua uma patrulha afim de manter a ordem.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, declarando-lhe que cumpre averiguar sobre o facto de haver, um dia destes, um official do batalhão de caçadores espancado cruelmente uma mulher na rua do Castanheda e proceder contra quem for culpado sem consideração á posições sociaes.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme ordenando-lhe que vá a rua d'Ajuda loja n.º 14 C. intitulada *Reducto*, covil onde se reunem mulheres depravadas á insultarem a moralidade publica, vadios e reus de policia a offenderem o decoro publico e onde quem passa á noite ouve constantemente alarmas, resultado do jogo que alli ha todas as horas; e pondo em cerco aquella espelunca, traga-me aquella sucia para lhe dar o destino merecido. O que cumpra.

—Ao porteiro do Forum, ordenando-lhe que expilla uma porção de capadocios que no mesmo todos os dias se reunem, sem ter o que fazer, dando logar a que alguem que ignore os confunda com os procuradores e lhes confie suas causas.

Outro sim que faça abrir a quinta janella á principiar da entrada, que ha dias se acha systematicamente fechada, ignora-se porque. O que cumpra.

Circular ás pessoas que passam pela Baixa dos Sapateiros pela rua fronteira ao Taboão que ainda até hoje não tem nome, (graças aos desvellos da camara) participando-lhes que reparem n'um buraco que no meio da rua se acha (onde já uma pretinha metteu o pé) o qual foi um destes dias por algumas pessoas tapado com terra, mas que infelizmente ainda engole algum descuidado, torcendo-lhe quando nada o tornozelo.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

—Diversos escrivães do fôro desta cidade pedindo licença para aprenderem a escrever.—Constando que o regulamento do Forum criara uma cadeira de primeiras lettras nesse estabelecimento, cujo professor deve ser o escrivão Barrete de Pinto, visto preferir a lei ao que tiver o curso de *leirão*, não ha que deferir aos supplicantes que bem podem estudar na referida schola.

—Um vendedor de doces tendo de exe-

que lhe fiou, e não achando um advogado que se queira disso encarregar, pede que se nomeie um — Vae se officiar ao Dr. Victor de Carvalho por ser o que mais nomeada tem actualmente.

—Mingú dos Seixos, pedindo licença para ir ao Rio, tractar de negocios de *alta monta* —Já tendo uma vez fugido o supplicante mamando os cobres da provincia, fica indeferida sua pretenção até que se feche a assembléa para que se não diga que rouba um *liberal* o dinheiro da nação.

—Capitão, trago noticias de Recifopolis e do *Georgia*.

—Que novidade traz?

—O *Georgia* metteu a proa n'um velho chaveco conhecido por *Pedro Trampa*, cujo mestre é um velho conselheiro, ridiculo ao ultimo ponto, tratante, troca-tintas, safado, versatil; sem caracter, sem partido, sem crenças; adulador servil, miseravel e despresivel; uma especie de velho gaiteiro e tollo, corruptor, corrompido e velhaco, verdadeiro Braz Mimoso da moda, e tambem verdadeiro Roberto Macario da epocha; um composto de hypocrisia e tratadas, um amalgama de virtudes e vicios, de torpezas e gaiatices.....

—Que carga levava então o diabo do barco?

—Uma grande porção de academicos, descontentes e queixosos do caracter do mestre, e um contrabando: uma porção de jesuitas resuscitados, lazaristas e irmans de charidade. E depois uma canastra de baldões e improperios atirados á magestosa fronte do democrata de coração, do liberal de crenças, do homem ingenuo e verdadeiro, do politico sincero, o insigne deputado Sr. Pedro Luiz Pereira de Souza.

—Deixal-o o cão ladrar á lua!

—Teve o desaforo de chamar *impio* a Pedro Luiz, e *anjos* ás irmans de charidade!

E em vez de discutir como Pedro Luiz, folhear a historia, apresentar factos, abrir os livros dos jesuitas, examinar suas constituições, suas regras, mostrar o que eram ellas; em vez de mostrar o direito que tem as irmans da charidade para educarem a mocidade brasileira, elevou-as ás nuvens, rador aos pés, beijou-lh os (Deus sabe quanta vez não as tem beijado) e clamou triumpho! Porque bem poucas vezes contra os jesuitas se levantam. E elle mesmo estranhou que a camara, muda, ouvisse a Pedro Luiz; muda, não, apoiando-o...

—Já levou o diabo, deixal-o.

—Sem lembrar-se aquella despresivel firma, aquelle estonteado rafeiro, aquelle inhabil sendeiro, que couces não desbonram ao offendido; que ninguem está livre dos botes de qualquer cão atrahiçoado; que elogios em certas bocas assumem as proporções da mais seria accusação, da mais virulenta injuria!

—Deixe o diabo do *Trampa*!

—Todos sabem que os jesuitas ensinaram, baptisaram, pregaram, fizeram e acconteceram, mas as regras.... as regras.... a comparação entre o apparente e o verdadeiro fim da instituição, sobre isso é que devia se espojar o diabo da *Trampa*.

E chamou-os sustentadores da monarchia, os assassinos de D. José, os lacaios dos Tavoras!...

E ousou trazer a aresto a voz do author do *Judeu Errante*, duvidando de sua fé!

Que spirito baixo! que miseravel intrigante! que coração pequeno! que calumniador insupportavel!

Si eu fosse no *Georgia*, capitão. enspialhe na cara!

—Que fez o commandante do *Georgia* d'aquella pezeta?

—Conservou-o para buxa

—Está bom: porém seria melhor mandal-o reduzir em Jaguaripe para offerecer um mimo ao deputado do povo. Ao menos satisfaria o Pedro Luiz suas necessidades naquella boca que tanto o injuriou.

—Novidade! Ou milagre ou castigo!

—Que historia é esta?

—O barateiro pariu!

—Temos o Mil-ameixas! este mundo vae mal; já é o segundo macho que pare!

—E isso seria o menos; mas o homem pariu e engeitou a filha; metteu-a entre as *damas* do Taboão, mas nem por isso deixou ella de mostrar a origem; lá está a *Filha do Barateiro* impingindo pechinchas e queimando fazendas!

—Capitão aquelle cazamento do *quadrupede* foi verdadeiro?

—Que duvida!

—Pois pegou a graça; um sujeito *acocorado* tambem vae cazar. E' a epocha do cazamento dos aleijados.

—Mas tudo tem sua rasão. O cazamento isenta do recrutamento; e o Rio da Prata mette medo; nem todos nasceram para a guerra.

—Quer então V. Ex. dizer que vae para o Prata um exercito de invalidos?

—Pelo contrario, quem caza quer ter filhos; e quem faz filhos tem sustancia.

—Inda mais este cruzamento de raças! lindos cabritinhos que hão de sahir! Uma moça daquella côr com este pretinho!

—E' progresso, rapaz, viva a civilisação!

—Capitão, ja viu *Les Drapeux du monde*?

—Não; que bixo é esse?

—E' um diabo d'um album representando todas as nações com suas bandeiras empunhadas por pessoas uniformisadas, mas a brasileira trazida por um moleque de cerôula e cobrindo-lhe o anus!

—Isto so pode ser obra d'algum estrangeiro infame; que se ha de fazer? Si um burro me dá um couce, devo eu pagar-lhe na mesma moeda?!...

—Mas a alfandega não deveria consentir que passasse similhante insulto a uma nação que o mal que faz é aquecer em seu seio todas as viboras que mais tarde picar-lhe-hão no coração!

—Foi talvez descuido; eram estampas sérias e um homem de boa fé como é o inspector não poderia desconfiar qne a má fé d'um tratante desavergonhado assim o trahisse.

E' o que lhe digo; si um cão me morde, não mordo o cão; si tenho chicote, ensino-lhe a ser cortez; si o não tenho, a Deus dou gracas de minha boa fortuna.

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA SEMANAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 6 DE MAIO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

Arbitrariedades.—Acha consumidores na classe pobre; porque quem pode, compra *complacencia* e *contemplações*, generos da natureza daquelle, porém superiores em qualidade.

Banalidades.—Em abundancia. Os possuidores acceitam qualquer offerta.

Vendeu-se um lote por conta de certo advogado que pretende admittil-o na defeza de uma causa a seu cargo.

Equidade.—Sem valor. A pouca que ha não acha preço. Os possuidores desanimam.

Fretes.—Fretou-se a baleeira *Leituga* para conduzir até a *Estancia* um lote de 400 arrobas de carne deteriorada.

Honra.—Vendeu-se um lote por 100$ rs. vindo de Passo da Roa. Ha commentarios sobre a maneira porque foi despachado este genero. Mas o official de descarga da policia *Valente* a quem cumpre tomar conhecimento negou-se a isso.

Resfriamento.—Chegou uma partida para os festejos do Dous de Julho que se aproximam.

Segurança.—Da *individual* não ha. Sua falta é sensivel.

Os especuladores pretendem tirar partido dessa falta, expondo á venda uma grande partida de *desordens* que ja estava refugada.

Sevicias.—Chegou do porto de *Brotas*, uma carga deste genero na barca *Ricarda*, mas falla-se que será reexportada para a

tas averiguações.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Cutter liberal *Augusto* vindo dos portos da *França* em *dous mezes e sete dias*, 7 fardos *mudez*, 2 volumes *indifferença*, 4 caixões *resentimentos*, 1 pacote *falta de zelo*, para obras e interesses da provincia.

Bergantim *Santa Thereza*, cap *José Joa-* vindo do porto das *Brotas*:

20 [illegible] pintaes *malvadezas*, 120 embrulhos [illegible] *dades*, 100 cofos *maus tratos*, 1,000 [illegible] de *Jaguaripe*, com certa preparação para curar de embriaguez.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA.

Cidade do *Rosario*—palhabote *João Padre*, carga *hypocrisia*, *sandices*, estupidez e malvadeza; passags. a preta *Maria*, esbofeteada na sachristia da egreja *daquella cidade*.

SAHIDA DO DIA.

Cidade da *Ganancia*—bergantim *Nova Rocha*, carga 50 feixes *amor da patria*, 60 pacotes *assiduidade*, 2 pipas *suor do povo*; passag. um individuo para receber as diarias de um deputado que faltou á toda sessão.

A PEDIDO.

Assembléa Provincial.

PROJECTO BELLARMINO.

MAMATA DE 300 BICOS.

Votaram à favor os Srs. Gordilho, Ildefonso, R. Octavio, Bento Alvino, Guerreiro, L. Alvares, P. Brandão, Ramiro, Autran, Alvares da Silva, Demetrio, C. Menezes, Gomes da Silva, Silva e Almeida, G. Dantas, Gustavo, Bulcão, Ricardo, Angelo, Mariani, Zama, Archias, Almeida Couto e Augusto França.

Contra os Srs. Paschoal, Pio Xavier, Antonio Carlos, Sodré e Domingos Couto.

V. S. com aquella Senhora casada com certo official quando este sahe á seus trabalhos?

E' preciso não offender assim a moralidade publica; é preciso mesmo, que pela profissão, que V. S. exerce, acostume-se a respeitar as familias! Veja que si agora encontra *mansos*, poderá ainda abalroar com algum, que o mande refrescar com uma boa dôze, ou mesmo fazer viagem para a contra costa.

O *olho perspicaz*.

—Que figura elegante! que ar de nobreza! que empavezamento de grande negociante! Olé!

—Quem é?

—Aquelle moço de lucto das barracas; elle falla muito e de todos; já criticou bastante d'amizade do tratante do visinho e agora.....

—Ainda bem que o conheces; eu te digo, meu asmodeu—criticou—mudou sua posição com a morte da parenta—está rico—e agora mãos á obra—adulla, festeja—é um verdadeiro cão perdigueiro—e terá em recompensa o que sempre tem esse animal quando as suas caricias aborrecem.

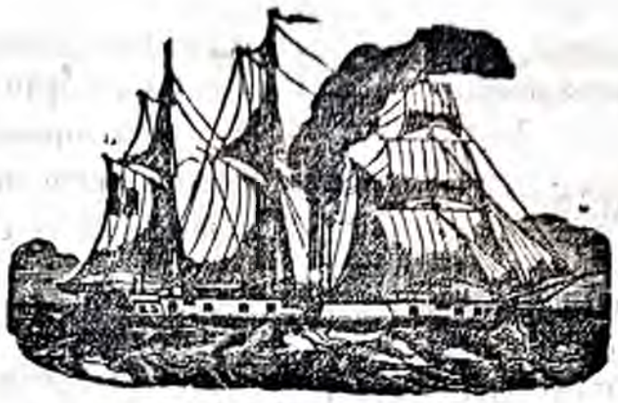
—Já intendo, quererá o moço tambem.....

—Quer meter-se de gorra: porem não pega.....

—Pois deve saber que o adulador é sempre olhado com asco, e muito principalmente elle que pratica o que reprovava nos outros.

—Mas o homem tem umas maneiras tão affaveis..... um modo tão *benigno*.....

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 10 DE MAIO DE 1864. N.º 58

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C.ª, à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de Maio de 1864.

Officio ao Sr. Dr. delegado, partecipando-lhe que no becco d'Alegria, á Estrada Nova, ha sempre em uma casa reuniões para jogos, mocotós e sambas com as competentes desordens que prohibem dormir em paz alguns honestos moradores que por alli ha, cumprindo por tanto que lance S. S. suas beneficas vistas para aquelle logar.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua do Bangala n. 29, e intime a um pretinho, cuja nação se ignora, que deixe de matar porcos pela madrugada, incommodando a visinhança, sob pena de ser conduzido ao porão do *Alabama*, ja que o Sr. subdelegado se não importa com isto, até porque *muita gente boa* tambem cria porcos. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá à rua dos Carvões, defronte da venda do Sampaio e faça com que o morador respectivo que olha para a rua Direita de Santo Antonio faça dessecar um pantano que seu desmazelo criou, sob pena de, em companhia do fiscal passarem por porcos e serem condemnados á viver onde vivem porcos. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Barbalho e traga á minha presença um official *superior* com sua comadre e o compadre desta afim de obrigal-os a mudar de vida, deixando o primeiro de visitar tanto a segunda e as filhas desta, e o terceiro, moço barrigudo, de frequentar tambem a caza della, deixando sua familia ao desamparo, sob pena de serem conduzidos ao porão deste navio. O que cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá ao beco do Açouguinho, e advirta ao pardista que tem morrinha de *arruda*, que não continue nos seus escandalos, sob pena de ser conduzido ao porão. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

—Gentil de Amando pedindo licença para andar sem chapéo—Remettido ao Sr. administrador do hospital da caridade para attender ao supplicante que requer.

—Catilina de Pogetti queixando-se de um thesoureiro de certa thesouraria, por vender poesias no acto do pagamento dos empregados — Remettido ao Engenheiro dos Taboados para que o redusa pela engenharia á bucha do rodizio de proa do *Alabama*.

—Mello e outros pedindo pagamento da subvenção do mez passado, na questão Moraes Passos—Remettido ao Sr. Pinto dos

Marcos para fazer o pagamento pedido, estando em termos.

—Leitão Borgia, pedindo adiantamento de seus vencimentos de aposentado para montar de novo a padaria, e poder surtir *os pontos* na proxima campanha eleitoral.—Informe o Rv. Fr Chagas.

—Capitão, si iô nan tem diproma, iô tà deputaro de galeria.

—Conte-me o que ha de novo.

—Triumpho de liberà, capitão; dotô Sirva Armeda provoca, Dotô Rodrigo Tavo, mai Lui Arva mette ere ni parede.

—Grande vantagem! Pois si o homem estava, como disse o Catão, feito uma barata num terreiro de gallinhas!

—Tá ganaro, capitão; ere nan tà ni resão; si êre dizê vredade, vredade triumpha; vredade é um so, mentira tà munto, mai vredade vence mentira.

—Dizias que eu tinha partido, e cahiste no erro.

—Tá ganaro, capitão; iô so faze justiça. Iô nan pore ouve carado vremeia dizê que liberá nan pressa, qui nan fazê nada, quim gana nação, qui consente quim Galaterra manga cum gente e outro cousa assim.

—Estão no seu direito.

—Predoa, capitão; liberà tem sua defeito, anani turo ta peccadô; mai vremeia mette lingua ni az, vremeia nan pore falla, mêmo pruquê vremeia tá morto, vremeia nan tá ni deia, qui nan tá ni deia nan tem arma, qui nan tem arma tá podre, tà rifunto.

E rifunto qui vai nin freno.....

Capitão, resa pru ere, e pru quem defende ere.

—Olhem, o negro não ficou liberal!

—E tem gloria ni esse! Libera tá Nansenhô Jesuchrisso qui dá liberdade a turo povo; liberá tà cuma posso qui tá *sal terræ, lux mundi*; liberá qui sarva humanidade; liberà qui prega mancipação di sicravo; liberà qui faze de home home, de criáro cidadão; liberà qni pisa frôca, qui quebra cadafarço; liberà qui renega chibata pra defensô de nação; liberá qui fazê consituição; liberà qui fazê independença; liberá qui sarva Brasî?

—Com isso mandaria no açougue.

—Condo iô nan pore ganha mai, chrissão vredadero, qui tà synono de liberá, me protege eu; condo iô tà duente, pitá tà hi; pitá de charidade, qui tà synono de liberdade, pruquê êre son irman; charidade fia di peito, liberdade fia de cabeça de Nansenhô, qui dà esse herança a sua fio turo, a nosso turo peccadô.

—E está a patria salva!

—Mai povo tà satisfeto, ni gareria turo gussa, meno dua ou trei vremeia qui tà chicanano cum deputaro. Mai esse tà cuma dize Lherminier, som grito de sicravo nitrai de carro de liberdade.

—Apoiado; muito bem, muito bem! O orador é cumprimentado por muitos membros.

—Capitão, cahiu o projecto que dividia em dous districtos de paz a freguezia da Penha.

—Porque?

—Porque dizem que o Domingos Couto não quiz, com receio de perder a *influencia* no Pilar.

E a graça é que fizeram cahir um requerimento pedindo informações ao governo, cousa indispensavel, segundo o regimento da assembléa, como mostrou o Domingos Seixas.

—E como fizeram isso?

—O Rodrigo Octavio disse que já se tinha muitas vezes saltado por cima da lei.

—Logo?!... *vive la liberté!*

Progressistas das duzias, que por uma questão particular, por um capricho, por um sonho illusorio d'um ambicioso, matam um projecto util e dizem que se não deve massar o presidente da provincia com pedido de informações!

E vem cá o cosinheiro a elogiar-me os liberaes!

—

ASSEMBLEA PROVINCIAL.

Sessão de 9 de maio de 1864.

« Art. 99. Nenhum projecto ou requerimento qualquer, cujo objecto seja, ou se encaminhe á creação, divisão, suppressão,

remoção ou alteração de limites ou jurisdicção de comarcas, municipios, cidades, villas, freguezias, curatos ou coadjuctorias poderá ser discutido e votado sem que o acompanhem os seguintes documentos:

« § 1.º Que ao menos aproximadamente demonstre a população.

« § 2.º . . . . . .

« § 3.º Informação do governo no que toca a objectos civis. »

Entretanto foi calcado aos pés o artigo, porque *não falla em districtos de paz!*

Proh pudor!....

(Continuação.)

—Capitão, pois o ciganinho não absolveu tres individuos a quem estava processando, mediante 500$ rs. que mamou de cada um!

—E a dar-lhe com o cigano!

Quem lhe contou isto?

—O meu compadre do Inhambupe.

—E' mentira.

—Meu compadre mente, capitão?! E' tanta verdade que cito os nomes, *Florente* de Souza *Ferreiro*, D. Ignez *que baptisa* a Souza, e Joaquim que tambem *baptisa* a Souza.

—Creio la n'isto!

—Quem levou o dinheiro foi um Claudiano dos *dias* de S. *José*.

—Rapaz, não creio em historias.

—Pois quer ver uma cousa? Quer ver como nem a educação apaga os instinctos da *raça*?

Foi encontrada na caza do melro uma *cabra* que fugiu do sertão.

—Ora, boas noites!

—E passou pelo dissabor do senhor da rapariga, Mauricio Mendes de Souza tiral-a de sua caza, onde se achava, ha dezoito mezes!

—Isto é serio?

—Sim, Sr.; a escrava chama-se Germana.

O tratante mostrou que filho de peixe é peixinho.

(*Continua.*)

—Que velho *é* aquelle?

E o *homunculo* alferes das extinctas ordenanças, o celebre Veiga da Murissoca.

—Pois um *bruzugú* daquelles, V. o chama *homunculo*?

—Foi assim que o tractou o cardeal Antonelli.

—Ora, pelo amor de DEUS! O Antonelli chamou *mununculum* a *grande* defeza que o Muricy fez ao papa. Mas agora é o negocio com o Murissoca e não com o Muricy.

—Pois o burro, demagogo em certo tempo, que cubriu de injurias as veneradas cans do finado D. Romualdo não deu em beato! Não está ultramontano!

O hypocrita não deu para poeta!

O desfructavel não faz sonetos!

O palhaço não se arvorou em Homero!

Oh! quanta species!.....

Ja faz versos em latim! Ora este Sr. Murissoca!

—Guarda-marinha, nós precisamos de um poeta latino para fazer versos ao arcebispo; mande agarrar aquelle pateta!

A PEDIDO.

Pergunta innocente.

Deseja-se saber do indigno director da orchestra do theatro da cidade de Latronopolis, tambor de D. Miguel, mestre de cavallos, clarineta passaremos, compositor copista, pianista cego, fagote gôgo, rabeca mocotó e ladrão do pão dos pobres pais de familia, o que fez do resto da cifra deixada pelo distincto maestro.

A sombra do assassinado.

Piparotes dramaticos.

Posso fallar a Sra. Queiroz?

Pode: porém veja que é preciso passar por cima da *Ponte das Oliveiras* porque ella está na *Germania*.

Pae Vicente.

Pergunta-se ao Sr administrador do theatro de S. João para quem deve reverter o producto do aluguel d'um botequim que ha alli —si para o emprezario, que ja tem uma boa chelpa, ou si para a thesouraria

Um curioso da vida alheia.

Será verdade que os Srs. Jacintho Dias de Souza e Machado Guimaráes arrematarão uma porção de café podre, e que a expozeram á venda no Caes Dourado pelo preço de 320 rs. a arroba, desafiando assim a cobiça dos usurarios para envenenarem o povo?

Não acreditamos, apezar de asseverarem que está alli exposta sem a menor reserva a quem queira ver e comprar. Porém como é negocio que affecta a saude do povo ☞ cumpre a quem compete averiguar até que ponto E' EXACTO similhante boato.

Quando tivermos informações voltaremos.

O contrabandista.

Venceslau, para que consentes Maria Christina beber tanto para insultar as visinhas a ponto de dar bofetadas e romper a roupa como ja aconteceu?

—Eu tambem bebo e jogo meu tres sete e as vezes o pacáo, e dou a casa para baderna, como hei de prohibir que minha dona da casa não beba?

Um Offendido.

Sr. Redactor.—Lendo em seu chistoso periodico um a *Mofina*, fiquei certo de sua referencia, e como intendesse juntar mais algumas asserções, por isso as faço sem perda de tempo:

Pergunta-se ao bacharel *Limpinho*, formado no Paço Fundo, na academia dos assassinos e moleques captivos, si já purificou o molado de sua côr, para esconjurar os *principios* de Manuel Pedrinho com a cabra (nao bicho) Maria Teixeirinhas, ambos socios do famoso Lucas?!!!.....

Si já se esqueceu do tempo em que arranhou bastante a bota d'um filho de barão, que dizia, gostar desse bacharel, não sò como seu espolêta e rabo-leva, como tambem por ser seu *macaco cheiroso*?

Nada mais, Sr. redactor, com a impressão destas linhas lhe serei grato.

O *advogado da roça.*

ANNUNCIO.

Gratificação.

Na rua direita da Mizericordia, ou á bordo do *Alabama* (gazeta) gratifica so com 500$000, a quem der noticia exacta de um cigano larapio, que, tendo sahido da Bahia pequenino, quando miseravel andado pelo Rio Grande, ultimamente pelo Pará, se acha nesta capital um pouco *graduado*.

Da se como signaes o seguinte:

Tendo levado no Pará um golpe de navalha na cara, que lhe dera a mulher, por ciumadas, ficou sendo conhecido por navalhada. E' filho de um cigano, alferes reformado, já morto, por antonomasia—o genebra; tinha uma irmã, que aqui tambem morreu, conhecida por Quininha do Tingui.... é baixo bastante, tem frente aberta, vive a *olhar para o chão*, o seu nome escreve-se com onze lettras, o que bem condiz com a sua condição; finalmente mora e anda acompanhado de um seu collega, alto, gordo adulador sem egual, conhecido entre os companheiros pelo cara larga.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 12 DE MAIO DE 1864. N.º 59

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de Maio de 1864.

Officio ao Sr. presidente da camara municipal, partecipando-lhe que, com quanto tenha sido repetidas vezes chamada sua attenção para diversos logares desta cidade, onde se lançam materias fecaes e em putrefação, não tem sido possivel até hoje obter-se providencia alguma da Illma. para a respectiva limpeza, lembrança que a S. S. se faz para que quanto antes, além de outros, mande acabar com um grande mato, que existe na rua dos Ossos da freguezia de Santo Antonio, que serve de montureira, a qual exhala um fetido tal que põe em risco a saude dos moradores daquelle logar.

—Ao Sr. Dr. inspector de saude, partecipando-lhe que no Caes Dourado se acha exposto á venda café de tão má qualidade que a côr é preta como si estivesse torrado, e cujas amostras se acham em nosso poder, remettidas por diversas pessoas que indo comprar pela barateza do preço (320 rs. a arroba) encontram veneno em vez de alimento. Da energia e actividade de S. S. espera-sa o remedio para cessação de tal escandalo, e para reprimenda dos especuladores e ladrões que por amor d'um lucro ignobil, não duvidam sacrificar a vida deste bom povo que ainda n'um momento de cholera os não esgana.

—Ao Sr. commandante de policia, partecipando-lhe que no dia 9 do corrente à noute, pelas 11 horas, uma patrulha que disse ser da Rua do Paço espadeirara e esbofeteára terrivelmente a um pobre moço que levava preso, a ponto de todas as familias da rua Direita de Santo Antonio chegarem á janella, protestarem contra aquelle acto de selvageria, e sahirem algumas pessoas á rua para cohibirem o inaudito abuso que se dava. Foram testemunhas oculares deste facto os Srs. F. M. Figueêdo, empregado na policia, João Monteiro, Venancio M., Geminiano M., Marcolino de Souza, artistas estabelecidos, capitão F. J. Monteiro de Carvalho, capitão J. Ferreira Botelho, capitão J. J. Teixeira de Castro, alferes Herculano P. da Cunha, Dr. Januario Manuel da Silva, Justino de Sento Se, negociante, J. Coimbra Andrade, partidor, Jeronymo José de Brito, proprietario e caixeiro, professor Rodrigo M. P. Mangabeira e innumeros outros que fóra enfadonho citar. Espera-se de S. S. providencias, visto ser o escandalo sem egual e contra um homem inoffensivo, como estão promptas a jurar todas as pessoas que presenciaram o facto, e que ja deram ao Sr. Dr. chefe de

policia a parte necessaria, e até porque costumam os guardas do corpo que S. S. commanda dizer que a ordem que de S. S. recebem é não *levar desaforo para o quartel*, vingando *com pancada* as affrontas que receberem.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao principio da rua dos Carvões, á principiar do becco do Padre Bento, e intime aos moradores daquellas immediações que se faz preciso acabar com um lamaçal que na rua existe a incommodar o publico, sob pena de ser alli levado o fiscal, que por si so não vê, para multal-os, conforme a postura 91. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á Baixa dos Sapateiros, em certa venda e traga-me pelas bedelhas o galleguito caixeiro da mesma que costuma comprar objectos que os meninos tiram de seus paes ou de pessoas que tem-n'os em casa. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Torquato Palhaço, pedindo um passaporte para o partido contrario.—Sendo este o costume do supplicante nas vesperas das eleições, fica indeferida sua pretenção, até que satisfaça certos compromettimentos pecuniarios.

—Sr. guarda, hoje é noite de *recolher*, o povo está reunido, e posso por tanto estar sentado aqui a ouvir a muzica.

—Mas eu não quero, Sr.! Não quero o Sr. sentado na porta da egreja!

—E' prohibido? Quem deu tal ordem? quem disse isto?

—E' sim! O subdelegado! Eu!

—Venha manso, Sr. guarda! Pois V. tão alto assim, tão garboso, com este amarrolletico e frisante cavaignac, tão pouco polido!

—Aqui na porta do Rosario ninguem senta-se!

—Eu não sabia; como obedeço às ordens, aqui me vou; ouvirei de pé *o recolher*.

Que ha de andar a gente honesta exposta ás chufas e dicterios de qualquer biltre desavergonhado que o accaso fez belleguim de policia!

Oh! Sr. Guilherme, estimei encontral-o. Ouça o que comigo agora se passou.

—Tudo ouvi. O nome do soldado assemelha-se a Sil.... Já o—*vi no* quartel e conheço-o.

—Então, charo immediato, desertou do posto? Ha muito que não apparece.

—V. Ex. não quer vingar-me dos rebeldes de Santo Antonio, daquelles maganões que me não quizeram qualificar!..

—Pois o que hei de fazer com os moços?

—Que moços! uns *rebeldes*, um Araponguinha, um Apolinarinho, um Xistinho e até o Sr. subdelegado!

—Perdoe-lhes, Sr. Lima Barbosa, que não sabem o que fazem. E depois ha nova qualificação.

—Como V. Ex. pede.....

—No governo constitucional o monarcha que é?

—E' o monarcha, o primeiro cidadão da nação e um dos seus delegados.

—Só assim pode ser considerado?

—Que duvida!

—Pois o Dr. Silva e Almeida que é moço de muita intelligencia disse que a manifestação promovida na camara dos deputados pelo Sr. Nebias e apoiada unanimemente pela camara fôra um acto todo pessoal,

—Talvez seja; como hoje os *constitucionaes* são somente os da *conserva*, talvez a constituição esclareça este ponto e *elles* saibam disto.

—Tanto é verdade, capitão, que os *homens* o que querem é plantar o regimen pessoal!

—Ja tomei nota.

—Illm. Sr. *Neca* que tira *mel* nos *mattos*, qual o motivo porque ha de entrar Vm. no *Forum* de chapeu na cabeça, como entra em sua casa?

—São habitos da educação, capitão.

—Ora Sr.! Pois Vm. é o primeiro a desacreditar áquelles que lhe deram o ser?! E depois ainda não leu o regulamento do *Fo-*

rum? Deve cumprir a ordem, charo *monsiu*.

—Si V. Ex. quer.... quem pode resistir á tamanha bondade?!

—Capitão, ja viu o padre grego?

—Ja assisti á celebração da missa por elle.

—Não acha inconveniente que na occasião da repartição dos pães o povo se porte como os moleques na quitanda?

—Que se ha de fazer?

—Nos officios funebres por alma d'algum *grande* não ha sentinellas por todo o interior do templo? Depois os padres poderiam vedar esse abuso.

O arcebispo que é tão zeloso pela egreja, os padres da charidade que são os *verdadeiros* ministros do Christo, os *anjos* do mundo o que fazem? Porque com sua palavra authorisada não profligam esse desrespeito, essa badernada, esse *pagode* nos templos?

—Ora, charo amigo meu! pois não vê Vm. que os *catholicos* não devem proteger os *schismaticos*?!

—Nem ainda quando tem um fim sagrado?! Nem ainda quando a charidade é seu norte?! Nem ainda quando levam a factos a missão sublime do Author do Evangelho?

—De pouco se admira; mais notavel é que nem uma só gazeta deu noticia do facto; com isso se não importaram nem os homens da imprensa, os homens do progresso, quanto mais os jesuitas, fora de cuja egreja não ha salvação.

—E o abuso continúa, o desrespeito no templo pela indolencia dos catholicos!

Tanto assim que o João Fernandes poz-se no Carmo a jogar capoeira com um inglez louco que estava de bonet.

—Deixal-os, deixal-os, amigo! La se intendem.

—E depois outro abuso; o pão que o padre reparte em boa fé, é recebido por innumeros capadocios, que andam com elle no bolço a *gracejar* por toda a parte!

Não deviam os padres catholicos, ja que permittiram tal ceremonia nos templos, fazer ver ao povo que aquelle pão não era motivo de gallofas e pilherias? Deixando-se ficar em inacção, não mostram elles contradicção no seu proceder?

—Talvez fosse por isso que estava no Collegio o Ponce de Leão a rir-se, não sei de que.

—E elle que é do *gremio*, que dá a vida por qualquer irmã de charidade, que é um zeloso catholico!

—Por isto mesmo.

Tenho que fazer, adeus; os padres que lhe respondam.

—Leu o *Jornal*, dando noticia da morte do Dr. Manoel Caetano?

—E chama-o potencia conservadora de Santo Antonio.

—O que é uma inexactidão.

O Dr. Manoel Caetano foi sempre liberal e liberal morreu; a mim e a muitos muitas vezes o disse.

Conheci-o em 1848, em 1852, em 1856, em 1860 sempre o mesmo.

Dizer que era elle conservador é injuriar a memoria d'um dos esforçados propugnadores da nacionalisação do commercio e de todas as idéas grandiosas do partido liberal.

O Dr. Manoel Caetano era liberal de convicção.

—Pois vá este protesto por honra, e em veneração á memoria daquelle honesto caracter.

—Que diabo de trouxa é aquella que está dependurada naquella loja á rua direita do arsenal, defronte de uma venda?

—E' uma casa de *cupim*, capitão.

—Deita-a abaixo que quero ver-lhe o conteúdo.

—Pequenos bixinhos que roem pau, é o que costuma ter; comtudo examinemos.

Oh! temos cousa, capitão!

Uma letra passada por um tratante e abonada por um pobre moço, a quem o patife illudiu, com supplicas fingidas e lagrimas mentidas, e a quem comprometteu o velhaco no vencimento da mesma, deixando-o na obrigação de pagal-a, e fazendo-se de vella.

—E quem é esse bigorrilha?

—Vejo assignado *Zé Soares*.

E' um insigne tratante, digno companheiro, inseparavel collega dum outro como elle espertalhão e patife, o celebre sujeito da impostura dos 4:000$ para certo negocio de *colonia*.

E de mais a mais é um perfeito capadocio, um completo sacco de asneiras; si eu não o conhecesse, si não lhe soubesse o officio de sapateiro, e si a côr o ajudasse, diria que era frade *Bernardo*.

Capitão, este leva a palma ao Soares. Si V. Ex. soubesse um caso do *taful* com uma mulher coixa que tira esmollas que mora defronte da Misericordia, arripiava os cabellos.

—Ja me contaram tudo. Não é uma a quem elle entre o *mais* obriga a levar-lhe 80 rs. de rapé todos os dias?

—Justamente, capitão.

—Bem; va buscal-o para comparecer a bordo no sabbado, e responderem por isto.

A PEDIDO.

Sr Pedactor.—Foi passear no sitio do Calundú, da freguezia de Passé, e la observei um casamento muito singular.

A noiva, que se chamava Izabel, foi para a egreja de sapatos de baêta e disseram-me que a rasão disso era por ser cambaia.

Foi para a meza e comeu com luvas, emporcalhando-se toda.

O perú foi trinchado á mão pelo Barbosa e José Crispim, não sei si por falta de talher, ou si por não se ageitarem a cortar o bixo.

Antonico Marquez.

Pede-se a certo moço da secretaria ecclesiastica o favor de não andar muito pelas Portas do Carmo n'uma certa casa á cata d'uma certa marafona que está sob a jurisdicção d'um *Santo*, sob pena de declarar-se-lhe o nome,

Um Organista.

ALERTA!

Pede se a uma Sra. bem conhecida nesta provincia que mande satisfazer a quantia de 1:100$ rs. de que é devedora, sinão verá o seu nome por extenso nas columnas deste jornal, ja que tem por costume maltratar seus credores, convidando para demandar, fiada em ter dous sobrinhos advogados.

Bahia 10 de maio de 1864.

O *Padecente.*

Pede-se ao Sr. subdelegado de Sant'Anna que quando as patrulhas da noite forem tomar suas ordens, recommende-lhes que tenham cuidado com a rua do Tingui, onde ha uma casa, por uma das janellas da qual descem e sobem certos vultos de côr escura.

Pede-se tambem providencias contra os grupos e palavradas que ha em frente da egreja matriz, cousa de que sem duvida ainda não teve conhecimento certo inspector, que costuma arvorar-se em subdelegado prendendo e quebrando pernas, que julga soldar com *incarnação* por ser pintor.

Pede-se tambem que S. S. advirta ao tal inspector de cabelleira que nao arrogue a si o direito que não tem, mandando-o incommendar-se a S. *José*, que si não fizer o milagre será preferido por S. *Lauro*, de quem são muito devotos o *Azevedo* e

O *Morcego.*

Deseja-se saber do Illm. Sr. inspector interino do arsenal de marinha si o marinheiro Jacintho Rodrigues, ajudante do escrevente, sendo praça arranxada, pode receber rações em generos, como consta.

A espia de prôa.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 14 DE MAIO DE 1864. N.º 60

Publica-se na typographia de Marques, Aristiles e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de Maio de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que na Jequitaia ha uma casa de jogo, assim como outra no quarteirão 17, da freguezia do Pilar, onde vão ter innumeros caixeiros, negociantes fallidos, tenentes, capitães e até um major de primeira linha; o que deve, como melhor vê S. S., desde ja desapparecer.

—Ao mesmo, participando-lhe que no domingo 15 do corrente, ha na Quinta das Beatas a posse do substituto do Turibio papae, a qual ha de, necessariamente, ser acompanhada dos competentes batuques e patifarias, essenciaes em *ceremonias* de tal ordem e de tanta magnitude; convindo além disto notar que é geral o alvoroto entre os capadocios para assistirem a tão solemne e edificante acto, que bem mostra o adiantamento e progresso desta terra.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector de saude, participando-lhe que na Calçada, botica do Sr. Amancio (que se acha doente) encontra-se um alfaiate sem habilitação alguma, a aviar receitas, e preparar sinapismos, com prejuizo dos infermos; o que não deve continuar à vista de factos que ja se tem dado, e principalmente porque o prohibe o regulamento de 29 de setembro de 1851 no seu cap. IV, art. 25.

—Ao Sr. subdelégado de Sant'Anna, para que mande ir á sua presença o crioulo Manuel, morador á ladeira de S. Miguel n.º 30, o qual vive alli a insultar a visinhança com actos e palavras, como ainda no domingo, praticou, e de quem ja S. S. tem recebido queixas; e remetta-o ao Sr. commandante das armas para assentar-lhe praça no exercito, visto ser este o refugio de quanto reu de policia, tratante, malfeitor e ladrão ha.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a uma venda à roda da Fortuna na quina que vae para os Mares, e leve ao Sr. subdelegado do Pilar o dono daquelle estabelecimento para soffrer a pena que merece, afim de não consentir, segundo dizem, em sua casa jogos prohibidos, que dão logar a graves questões que so a policia pode conter. O que cumpra.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Torres da Silva, infiel de uma thesouraria, pedindo licença para fallar da vida

albeia.—Informe o Balthazar Procopio si ha incompatibilidade no logar, que exerce o supplicante e no que requer.

—O mesmo, pedindo para serem dispensados os empregados que votaram pelo governo.—Remettido ao escrivão Matta para attender ao supplicante como for de justiça.

—Capitão, tem visto os homens da *ordem* como insinuam ao povo?

—A que se refere?

—Não viu a correspondencia particular do *Jornal da Bahia*?

São da *ordem*, chamam os liberaes revolucionarios e dizem que as carruagens *historicas* do imperador são bellezas do absolutismo, que são *ameaça* ao paiz, que a *cousa* tem algum sentido!

—Mas não vê V. que sendo os homens *constitucionaes* receiam o absolutismo?

—São bons meninos!

E a insinuação ao povo?

Vêm o argueiro no olho do visinho e não a trave no seu.

—O tal correspondente é inimigo do beijamão.

Está por tanto o Ottoni absolvido de sua *teima!*

—Amigo, quer saber duma cousa? Quem não os conhecer que os compre.

—Capitão, iô tá thusiasta de Catão Guerero; moço condo fara, vredade tá hi. Ere queixa de deputaro qui qué mata sertão; êre queixa de progressissa qui censura vremeia e qué faze tamem centrarisação, ere dizê que hare chega tempo de deputaro de sertão tamem paga rimposso.

—Por força! Todo tabaréu que quizer ser deputado ha de pagar licença, além do desgosto que se obrigará por contracto a soffrer—de não passar um só dos melhoramentos que projectar em favor daquelles que o mandaram para cá.

—Tá jusso; é pru esse qui nadimira qui deputaro mata negro.

—Negro, qual foi o deputado que matou a alguem?

—Péra, capitão. Deputaro qué qui fricana paga rimposso, rimposso e mai rimposso...

—E todos não pagam?

—E' pru esse qui deputaro qué mata negro.

E deputaro progressissa, liberá, qui tá cuma ai tempo din quisição mai jesuita qui judeu paga cabeça.

—E negro é peior que judeu; negro é o diabo.

—E blanco qui tá anjo vae buca diabo ni Cossa, fruta, mara, mata, bota ni maré, dá bexiga ni êre, vende ere, pra trabaia, cuma buro, êre serve, déi, vinte, trinta, corenta e mai anno, fóra, trabaia pru qué come, nan tin dinhero pra vê seu tera, nim sua pae, nim seu mãe, e paga rimposso; e dei tá pouco, toma vinte, vinte tá pouco, toma cincoenta, e esse tá pouco toma trecento!

E condo anani fara, deputaro repondi qui ere vae ni lavoura.... Osse qué gricultura de sicolla, qué doutô de enchada, e manda pra ere negro fricana, condo ess dize qui brasilero turo nan vae ni lavoura pru qué nau qué mussura cum sicravo mai negro!..

E' pru esse qui dotô Passichá dize que nan credita ni sicolla de gricultura, qui tá turo fofice!

E memo! faze sitrada ni sertão, indireita caminho, e deixa de querê cassua cum povo desse tera qui nan come mai zingá.

Deu dá saude xinhá Zama qui pede pru nosso, quin tende qui turo é gente, qui cô nan regura.

Graça Nansenhô qui da juizo argum gente pra defende humanidare, pra consolamento di affricto turo!

—E's suspeito rapaz!

—Tem resom, capitão; negro nan pore falla, e nesse tera quim mai grita mai resom tem.

Si fricana pore grita cuma dotô Gussitavo pra defendimento de Zacharia, qui liberà tá ni desconfiamento, entom, capitão, cousa tá outra, nungoço vae bem!

—Quer conspirar? Lembre-se da sublevação dos malês, e depois proclame, que o fim será o mesmo, a cavallaria ahi está.

—Ah! capitão! nan lembra esse pru quim

sos bens usurpados à infeliz Felicidade Maria da Conceição, um pequeno caixão cer-tos papeis de importancia roubados a uma infeliz pessoa, 1 pacote *miseria e prostituição* para ser entregue a uma desgraçada senhora.

—

DESCARREGA HOJE.

Palhabote *Ma-cara*, objectos de pintura, *phantasias*, *paisagens*, *allegorias*, pararizes caçadas na Barra para o almoço de certo presidente.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADAS DO DIA.

Villa das *Brotas*, sum. ecclesiastica *Coadjutor*, capitão Zé Fidelis, carga *preguiça*, 6 barris *instancias* para os beleiros pararem, 6 duzias *encommendações* no caminho.

Porto dos Sapateiros com escala pelos Algibebes —em 23 ds. sum. *Maria*, mestre *Dominicos José*, carga 400 fardos desaforos, 200 embrulhos alcovitices, 300 anneis de ouro pezando meia oitava cada um, e 5 pacotes illusões à consignação do *Aguia do Ar*; passag. 1 crioula escrava que se suppõe estar fugida.

SAHIDA DO DIA.

Porto Neutro—brigue *Peixe do Mar*, cap. Joaquim Pereira; passags. *seis moças bigodeadas*, filhas de um fallecido ricasso; carga diversos legados burlados, um pacote *bandalheiras*, alguns livros de commercio *arranjados por maneira*.

A PEDIDO.

Gratificação.

No reducto de Pedro Santo ou a bordo do *Alabama* (gazeta) gratifica-se com 10$ rs., a quem der noticia exacta d'um baguá que fugiu da villa do Bom Conselho, apparecendo nesta capital, em o mez de setembro do anno passado, em pello; deixando os arreios naquella villa, sendo preciso para ser cavalgado andar com arreios emprestados, desapparecendo logo depois; consta que está em uma estribaria para o lado do Forte de S. Pedro.

Dá-se como signaes o seguinte: bastante alto, barrigudo, coma preta, tem por costume estar com os braços abertos, é malcriado, grosseiro, indomavel, russo de pelle, cujo verdadeiro nome se escreve tambem com onze letras, o que bem coincide com seus actos.

Dizem ser tão malvado que quiz dar couces em seu proprio pae, por antonomazia —o alpercata, que é por excellencia o primeiro beberrão bem conhecido pelos seus feitos, no Rio Grande do Sul, Panellas de Miranda, e nesta capital donde é natural, que para se livrar deste monstro animal quiz dar-lhe um tiro com uma espingarda do que lançou mão; tem uma cunhada bem conhecida pelo frente aberta.....!!

Finalmente anda acompanhado com um petiço engeitado, bastante magro, melado baio, cujo nascimento vergonhoso por modestia não convém declarar por ora.

—

ACROSTICO.

M andalho ruim, e sem vergonha,
A trevido, covarde e presumpçoso,
D atuno, cujo todo é só peçonha
A rso no genio, e fertil so de roubo
C hi tendes um ente incestuoso.

Quem adevinhar
Este enigma
Tem os quinhentos
Do tamandúá
Que o Agapito
Lh'os entregará

Viva o Baguá...!!

Que o posto vendeu,
Por certa quantia!
Mais que ridiculo
Para fidalguia!!
Que diz ostentar
A torpe familia!!

ANNUNCIO.

Attenção.

Os senhores que devem á loja de José Eugenio da Silva, queiram vir pagar nestes dias, pois ha dois mezes que elle espera com muita prudencia; do contrario terão de ver seus nomes por extenso neste jornal. Bahia 6 de Maio de 1864.

José Eugenio da Silva.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

é! Esse tá mungoço de bruto, de facão e espada.

Esse guera cahe ni chão ni frente de guerra dideia, din telligença! Iô qué guéra de palavra, di decreto, di resom, iô tamem tá progressissa, iô tá ni seero de luze, iô tá howe, mundo anda, cuma dize Pelletan, iô tá ni mundo, iô tamem anda.

—Pois vá ao Portella para fazer uma representação nesse sentido; todos vosses assignam-na, e está concluido o negocio.

—Jussamente, capitão; fricano foro qui nan tem patria, nim de là nim de cá; de là pru qui brasilero fruta ere; di cá, pru que brasilero ingeita ere; fricano foro tem fia brasilero... preto sim, mai brasilero qui ni guera tá ni frente, qui tá primero qui more, pru qui branco dize bem, quim funcção di ere, negro panha primero, i comi ni derradeiro.

Brasilero, ao meno pru esse, compade di fricano, qui tá pac de sua patrico.

—Pois vá quanto antes que fecha-se hoje a assembléa.

—Que spectaculo representa-se hoje?

—O Cego e o Corcunda.

—Em que acto estamos?

—Vae principiar o 2.º E ja não se encontra uma gota d'agua para beber.

—Descuido.... talvez esquecimento.

—Esquecimento! Mas si sempre é assim!..

—Capitão, não tem visto os abusos que se dão com os bilhetes de loteria?

—Não.

—Pois não sabe que nas vesperas de andar a roda, os vendedores de bilhetes cambiam? Que exigem um tostão acima do preço?

—Isso é materia velha.

—Mas a policia deve tomar conta disso.

Com os bilhetes do theatro fizeram e acconteceram, mas ignoro si cessou o mal; devem tambem, por amor da coherencia, intervir na vendagem dos bilhetes de loteria por preço maior que o estipulado no plano.

—Acho justo, mas infelizmente o que é justo, nesta terra, não faz bom paladar a gente da justiça, nem mesmo à de policia.

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA SEMANAL

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 13 DE MAIO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

Beneficios.—Chegaram tantos da ilha da *Assembléa* que andam nesta cidade como sardinha em tigella.

Descomposturas.—Vende-se na praça do *Forum*. Ha dias determinados.

Economia.—O governo tem comprado toda que ha por sua conta para empregal-a em diversos misteres.

E' louvavel este procedimento.

Tendo-se esgotado a cifra para isto destinada lançou-se mão à destinada para o exercito (que é quem menos precisa) rasão porque deve-se um anno e mais de fardamento ao batalhão de caçadores.

Indisciplina.—Não havendo cifra para se pagar à tropa os atrasados que se lhe deve, tomou-se a deliberação de ir amortisando a divida com este genero.

Mamata.—Foi comprada uma partida pelo encarregado da compra de generos para certo corpo da guarnição.

Como foram feitas as transacções pouco tem transpirado. Na seguinte revista daremos cabal noticia.

Melhoramentos.—Ha immensos, graças ao interesse que tomam os salvadores da patria pela terra que os viu nascer.

Trovoadas.—Chegou um carregamento por encommenda particular de certo advogado. E' destinado a abafar a voz de seus adversarios em qualquer discussão que com elles tenha, pondo em evidencia o adagio—quem mais grita mais razão tem.

—

EMBARCAÇÕES DESPACHADAS.

Cidade das *Tranquibernias*, patacho forense *Babão*, V. das Amoreiras diversos avisos para sustentação de testamentos falsos, 10 bahús *morosidade* para certos negocios.

Cidade das *Bandalheiras*, brigue perdulario *Cadete*; Ricardo *torneador* documentos falsos para annullar o testamento de Pereira José dos Passos, algumas escravas usurpadas por dolo e artes de certo macrobio à sua legitima senhora; alguns objectos para pagodes no Poço de Itapagipe.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Bergantim espertalhão *Carneiro*, capitão *Januario*, vindo da ilha de *Santa Thereza*.

Um grande embrulho *estelionato*, diver-

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 17 DE MAIO DE 1864. N.º 61

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de Maio de 1864.

Officio ao Exm. presidente da provincia, para que mande pagar os atrazados que ficou a provincia a dever ao fallecido musico do corpo policial, Antonio Pedro, por haver este deixado uma pobre filha orphan que muito precisa, e mesmo por ser uma vergonha para este paiz que galardoa com tantas pensões, gratificações, e distincções muitas vezes a quem pouco ou nada fez, e se recusa a pagar um pequeno resultado das immensas fadigas e perigos á que se expõe o soldado que já tão mal pago é.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que no dia 1o do corrente, ás 5 horas da tarde, de um alcouce fronteiro ao curral do Conselho sahiram seis ladrões e accometteram um negociante matriculado, querendo á força tirar-lhe do bolço a quantia de 1:000$000 rs. que trazia; o que foi já levado ao conhecimento do Sr. subdelegado do 1.º districto da freguezia de Santo Antonio, de quem com o apoio de S. S., espera-se providencias.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Rosario de João Pereira e intime ao dono de uma caza cujo pavimento superior vive sempre fechado, que se faz preciso ordenar ás suas duas escravas que deixem quanto antes de immoralidades na loja da dita caza, prohibindo de chegar a visinhança á janella, sob pena de serem conduzidos todos aos ao porão deste navio e receberem ahi o castigo merecido. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua dos Carvões, caza n. 13, e intime a sua dona que é impossivel continuar com suas reuniões, fazendo algazarra, e proferindo palavradas a insultar a visinhança, como ainda um dos dias da semana passada o fez, sob pena de ser levada ao subdelegado, para impor-lhe as penas que a lei arbitra. O que cumpra.

—Capitão.·. venho participar-lhe que o secretario do governo e o ajudante d'ordens não me querem deixar entrar em palacio para requerer minha commenda de brilhantes que de novo me foi enviada.·. ja que os piratas e rebeldes levaram a outra para Santo Amaro.·.

—Vou ja officiar ao presidente para dar-lhe entrada e poder o meu immediato fazer valer seu direito.

—A's ordens.·. Exm.·.

—Adeus, Sr. Lima Barbosa.

—Que grupo pittoresco é aquelle, menino?

—E' a procissão de S. Cajombreiro, que desfila da Piedade em direcção á casa d'um bilheteiro conhecido.

—Ha agora este novo santo? Quando foi canonisado?

—No dia da Hora.

—E aquella gente é da familia do santo? Si é, não podia ser elle canonisado.

—Pois é; aquelle *agaloado* que vae marchando com aquella imagem agarrada é um escravo; o outro *macho* é o pae, o dono da casa; das moças, uma é a mãe e as outras as filhas; as duas ultimas personagens são crioulinhas, tambem escravas. Foi canonisado, porque a epocha é da moeda falsa, isto é, canonisou-se á falsa fé.

—E' isto, é isto. Tanto assim que não está no almanak.

Vou mandar esta importante noticia ao Laemmert, para incluir o novo santo, no dia da Ascensão do Senhor, nas folhinhas que houver de publicar.

E traz jejum?

—Por força, que em jejum deixou elle a muita gente.

—Santo homem!...

—Capitão, vou ler no *Flos Sanctorum* a vida do cujo e virei a V. Ex. relatal-a.

—E se caso leve os apontamentos ao Padre Rocha Vianna que muito gosta de escriptos feitos como os de Bossuet, para pregar o sermão na festa do proximo anno.

—Chegaram as irmans de charidade no paquete francez.

—E' certo?

—Disseram-me.

—Não duvido; o que é verdade é que passou um lazarita bebado a cahir e fumando.

—Que diz, capitão?

—*A* pura verdade; toda a rua Direita da Mizericordia viu; o *forum* estava aberto e concorrido.

—Entretanto o clero brasileiro que é *incompetente* para moralisar a sociedade e até para incommendar defuntos, nunca teve um membro que andasse pela rua fumando.

—Ora está V. muito atrazado. Fumar é crime?

A civilisação destruiu certos preconceitos, o padre é das Europicas, centro da civilisação, segue por tanto o caminho do progresso.

—E a mamadeira, capitão?

—E quem é que hoje não chupa?

Depois já o divino Mestre transformava a agua em vinho.

—Não falle nisso, capitão; diga antes que é progresso..,..

—Ou isso, ou isso.

—Podendo agora seguirem todos a lei do exemplar missionario:

Garrafa ao lado e charuto na bocca.

—Capitão, temos novidade.

—Então o que ha?

—Venho prevenir a V. Ex. que indo ao arsenal encontrei lá um porco com divisas de official da guarda nacional.

—Ora quer Vm. gracejar a minha custa!

—Sou incapaz de gracejar, capitão. Si V. Ex quer se certificar vamos ao arsenal de marinha de Latronopolis.

—Basta sua palavra honrada. Então é porco ou *leitão* o tal animalejo?

—La isso é o que não sei, quem bem o podia dizer era certo intendente natural de S. Philippe Ferreira, que *tinha bastante conhecimento de causa.*

—Mas isto é um escandalo, um insulto à guarda nacional desta cidade; um animal tão immundo chafurdando-se pelos lamaçaes vestido de official e com bonet com numero 7.

—Que quer, excellentissimo? são cousas deste mundo, quanto mais si V. Ex: soubesse o que eu sei e que sabe muita gente do *respectivo leitão.* Esse animal nasceu em um chiqueiro que havia no becco chamado *dos carneiros*, cresceu como cresce qualquer porco, ora na lama, ora nos monturos, porém indomavel sempre. Depois de crescido brigava com aquella que lhe deu o ser todos os dias, e insultava-a publicamente.

—Então, elle falla?

—Por infelicidade nossa, arremeda a voz humana. Mas como ia dizendo, o *respectivo leitão* brigava com a infeliz mãe e tanto brigou que até enxotou-a de sua companhia e ella retirou-se; mas passado algum tempo, soube ella que o filho ingrato estava a morrer de um ataque apopletico que teve (porque, note V. Ex. que um burro não come tanto quanto este porco) e vindo visital-o ou lançar-lhe a ultima benção porque sempre era mãe, quando a viu fez sahir immediatamente de sua casa com os mais horrorosos improperios e injurias.

—Que monstro! Santo Deus!...

—V. Ex. se admira disso? pois saiba que por vendas, botequins e loja de sapatos dizia della cousas que faz pejo fallar, so porque sendo ella ainda moça tinha lhe dado um padrasto.

—Que infame!

—Por tal pas ou elle em uma sociedade... em que o moço quiz entrar e que não admitte em seu seio maus filhos; elle tratou hypocritamente de fazer as pazes com a *mãe*, que por ser mãe annuiu e ficou desde essa hora comendo à custa do padrasto, que para lhe satisfazer a gana dá-lhe todos os dias uma bacia cheia de espinhas, agua e farinha.

—E sempre entrou esse animal para a sociedade?

—Qual, Exm.! quem o queria lá? Soffreu uma horrivel accusação, e foi-lhe passada a esponja no nome. Esta fera em uma epocha eleitoral foi esbofeteado por um official chegado de *Alves*.

O respectivo leitão é o mesmo que uma noute tomou a chave da casa dum alfaiate de *S. José filho da Nogueira*, para que fim até hoje ignora-se, e o resultado foi apparecer a casa arrombada, faltando certos objectos. Para acommodar-se essa vergonheira foi preciso certo *frade Bernardo* emprestar-lhe algum dinheiro sem ser por impostura.

—Está bom amigo; estou inteirado, ja sei que o tal *leitão* é um animal insigne nas tratantices; entretanto si eu o pilhasse aqui a bordo havia de mastigal-o, pois é um excellente bocado....

—Oh! oh! que o digam os *franciscanos!*

—Sr. *Má-Ventura* o Sr. é um homem incorrigivel,

—Que novidade ha, capitão? Ja me foram outra vez calumniar com V. Ex.?

—Qual calumniar! Pois havia de *jantar* o Sr. no domingo em casa de seu ti-, e ir para casa *inglez* e sua infeliz senhora se quem pagasse as favas, deixando Vm. a pobre moça toda ferida e maltratada? Ora, o Sr. deve tomar juizo, ou ao menos ter mais alguma consideração para com o publico, e não dar tanto escandalo.

—Quem se emenda fica mais comprido, capitão.

—Iô hoje tá zangaro, xinha capitão.

—Já vens com idéas!

—Idéa [illegible] capitão—vredade só. Iô qué prequntá, prequê motivo frade di Cárimo que só valente.

—Pois acreditas em valentias de frades?

—[illegible] xinhá capitão— iô cabô de [illegible] cum io iô passô ni Cruz de [illegible]

—O que viste então?

—Pêra; ni rua vinha passano um moça bonito cum sua balão, e trai di êre dua moço tava dizeno palavrinha doce a êre, e frade tava ni jinella di convent o olando pra esse nunguço; derepente moço oia pra cima i vê frade cassuando di ere dua.

—E tu viste isto?

—Viu, xinhá capitão, frade fica zangaro de vê moço ta riudo di ere, chama pra riba e qué toma satisfação, moço qui sou quentado, garra ni chapéu de só e qué rumá ni cara di frade, êre gritano corre e chama negro di convento pra mettê chicote ni êre dua, moço core pru escada di convento e ariba ferro.

—E tu conheceste o frade?

—Iô pregntà e sabe qui tá maiorá di convento.

—Oh! pois então isto logo succedeu com elle?

—Cum êre memo, anani turo tá veno, frade turo, condo tá ni convento, tá bolino cum famia qui tá detronte—iô ja ouviu dizê que creoula drome dentro di cella cum êre, e condo dá tiro de cinco hora ni mar negra sae devagarinho.

—Está bom, eu officiarei ao Sr. arcebispo para providenciar.

—Tá deureto, mai ante iô vai fallà Mané Bahia pra garà maiorà e trazê êre ni porão pra toma cum calabrote ni cropo di ere memo pra nau insultar ninguem qui passa ni rua socegaro.

A PEDIDO.

Qual a razão, porque se está descontando no corpo policial 2$ rs. por soldo de cada soldado, a titulo de ser para compra de capotes?

Muda isso o regulamento?

E como se desconta 2$ rs. por soldo de homens que já tem direito a um e dous capotes vencidos?

O digno commandante daquelle corpo não deve pactuar com tão escandalosos abusos.

O corujão do quartel.

Chama-se a attenção do Sr. inspector interino do arsenal de marinha para certos sujeitos ahi empregados, que abandonando suas obrigações, vão para a casa chamada da padaria—tratar da vida alheia (e até de S. S.) soffrendo o serviço e os cofres publicos.

A espia de próa.

Padre, que faz vossê a estas horas deitado nesta praia? Olhe para aqui ao clarão da lua, não vê que o ponteiro ja está entre as duas?

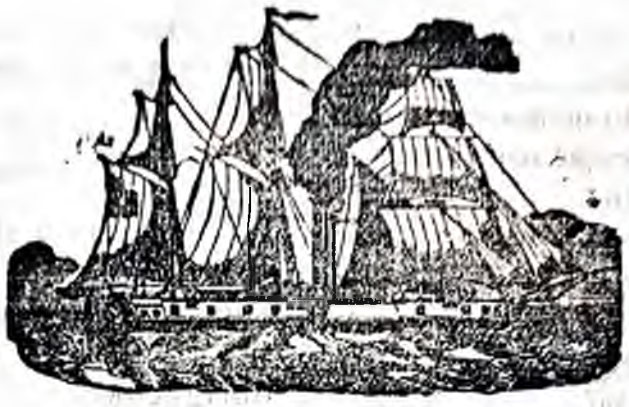
Sr. *Crescente* tome *tino*.

— Não enxergo nada agora, nem sei aonde estou; mandarei guiar me para a minha casa, que é para as bandas do padeiro Dominicos de Souza.

Que miseria! um padre tão embarrachado assim faz lastima! Coitado..... levem no, e de caminho vão revistar a paderia desse tal Dominicos, e vejam si o pão que elle vende ao povo ja tem o pezo legal; si não tiver tragam-me o fiscal, quero-o trancafiar no porão amarrado como um porco. Saibam tambem alguma cousa sobre o administrador da capella de Santo Antonio dos Velhacos; tenho muita cousa para averiguar sobre essa administração que tem boa receita, e não faz despezas. Sigam.

Sr. Dr, C. Caveira, pois V. S. sendo cazado, abusa da confiança de seu amigo, velho major e esta fazendo da caza delle cortiço na rua da Mangueira! V. S. tem de costume todas as tardes deixar a caza de sua familia e vae se meter com negras em caza do seu amigo (coitado!) velho major e passa por muito serio.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 6.ª BAHIA 19 DE MAIO DE 1864. N.º 62

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rúa da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Finalisa hoje a 6.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de Maio de 1864.

Officio ao Dr. chefe de policia, pedindo providencias para o grande numero de casas de jogo que como praga infestam esta cidade, onde não só se arrisca a sorte como tambem se rouba escandalosamente com artificios que a experteza tem inventado, a incautas pessoas que nellas vão ter ou seduzidas pelos estratagemas de que se servem as taes harpias, ja convidando para jantares, bailes e baptisados, ou levadas por falsos amigos a pretexto de qualquer cousa, como seja mostrar um objecto para comprar, apresental-as em certa sociedade etc; etc. cumprindo advertir a S. S. que para que suas providencias tenham o desejado effeito, deve S. S. ter muita reserva para com certos empregados de sua secretaria, que ou tambem são da *cassuada*, ou mantém *imtimas relações* com os donos de taes casas.

—Ao mesmo, pedindo-lhe providencias sobre os moleques que andam a atrapalhar os mendigos, especialmente a Mata-Cobra, visto que o *spectaculo* é improprio do seculo das luzes, tanto mais quando já deu o *Diario* noticia de que tinha a respeito a policia tomado providencias.

—Ao Sr. subdelegado de Santa Anna, ainda uma vez chamando sua attenção para os becos do Araçà e Consolo, na rua do Castanheda, afim de que S. S. providencie para que não continúem alli constantemente sambas e desordens, offendendo a moral e perturbando o socego publico.

—Ao Sr. subdelegado de S. Pedro, pedindo-lhe com urgencia providencias contra um crioulo de nome João, que vive por toda a rua dos Barris a insultar a todos que pasaam e que por alli moram, assim como a espancar os moleques, as negras e até os meninos livres, como o caixeiro d'uma venda dalli, que aquelle ousado crioulo quiz desfeteiar. O que é inconveniente; e até extranhavel como já não teve S. S. sciencia disso.

—Capitão, a assembléa prorogou-se pela 2. vez e ha quatro dias que não ha sessão.

—Por causa da chuva, rapaz.

—Por causa da mamadeira, capitão.

—Não diga; pois os homens que tanto fallaram em economia, podem lá querer

comer o cobre da nação, sem trabalhar! 550$ rs por cia é cassuada?!

—E a politica do *vanha d nòs*, a sciencia do *eu*?

—Mas esta politica de hoje é a do *progresso*.

—Là o nome não vem o caso. Estando cheia a barriga dos paes da patria, dos salvadores da nação, *ipso facto* está salva a patria.

—E' o que V. quizer, lingua damninha!

—Capitão, que diabo de sitoria é esse? Ossincellence tá blanco; blanco tá surido? Blanco nan oube baruio de Satanai?

—Que barulho, rapaz?

—Esse musga de baribeiro qui tá cuma musga din freno, xan-xan-xan, xan-xan-xan, fon-fon-fon, fon-fon-fon, bum-bum-bum, bum-bum-bum, nan commoda ouvido de ossincellence?

—Negro tu não passas de papagaio. Pois esta *musica* que é a melhor, e que pertence a uma senhora da Chapada è que te incommoda os ouvidos?

—Mai péra, capitão, Condo musga sem musga nan faze má anani, progresso nan ta hi? Progresso nan bota nim baixo tambô de folião de Prito Santo mai pandeiro?

Pruque augora esse bobage de baribeire qui nan sabe nin b-a-ba, nin Cinhà Meu Jesu-Chrisso?

Dono di ere é di Chapada; poi vae ni Chapada, qui tabareu ta ni gosso. Ni capitá de Latronopo anani gussa mai qui dinhero toca, e ripoi taliana ha hi; nan esse taliana qui pere simolla, mai taliana di gosso.

E ripoi, outro veis, em turo caza, moço turo tem sua piano qui toca pra gragan-teamento di esse modinha brasilero quin canta trangero, que commove bahiana, qui mata anani de turo classe, ou tà blanco ou ta preto, imbora ta mau paxero, imbora ere tà a'i.

—De sorte que só o doce vem da tal chapadeira [illegible] ella, triumpha o progresso.

—Iò nan dize esse.

Cambra deve caba cum esse musga tuço qui tà discreditamento pra esse povo.

—Ora cala-te! sem duvida foste barbeiro, e vens agora fazendo-te de rola!

—Poi é pru esse; iô nan tem bocadura, iô toca craneta; queixo cahin, baba coreu.

E muleque proveta, trapaia meu capito, chama iô baba de quiabo, e pretinha é quem soffre.

—Ah! então tem rasão!

Pois và ao guarda-marinha e dê-lhe ordem minha para dispersar.....

—Graça meu Deu, musga cabou!

—Està enganado..... para fazer dispersar os muleques que se reunirem aos barbeiros *musicos*.

—Iô gradece; iô nan gussa de sophissima; ou turo ou nada. Pouco saúre, mai vale nim um.

Denreto, denreto; quim gana outro é judeu.

—Capitão, olhe que o tal recolhimento dos Perdões tem boas cousas. Ja outro dia foi o José Joaquim de Carvalho que felizmente esteve desta vez accommodado; agora são dous... dous... diz a voz publica que dous moleques do padre João Teixeira.

—Que foi então?

—Na unica porta lateral que dá livre entrada ao publico achavam-se alguns rapazes, moços todos de educação e moralisados.

Um dos taes servidores do convento chegou-se a elles, e mandou-lhes que se retirassem! para fechar-se a porta, por causa do vento. Os moços não estiveram por isso, e houve um disturbio.

O padre *Avó de Christo* (é justamente o nome delle) que estava de capa d'asperges, gritou: Pois vou eu fechar!

E veiu, e fechou, e bateu e tripudiou!

—Não posso crer que fizesse isso.

—O que V. Ex. deve admirar é não terem os moços lhe rebentado a cara para ser mais polido; deviam fazer o que vinha elle dizendo ao padre Ambrozio, pela rua dos Adobés, que faria, si os moços impedissem que fechasse a porta.

Mas cada um dá o que tem. Só nos Perdões, e em Santo Antonio é que se dão desses factos.

—Perdoe; em Sant'Anna já o tal padre teve questão identica.

—Pois é para ver; é a vestal dos templos; enxerga em tudo immoralidade e quer moralisar.

Quem?!.....

Elle, o padre que a opinião publica accusa de simoniaco?!

Elle que vivia de andar com o do-re-mi às voltas, porque segundo dizem, era tão torpe e devassa sua vida, que nunca poude receber ordens sacras, em quanto presidiu à egreja brasileira o veneravel D. Romualdo?!

Comparem D. Romualdo e o tal padreco!

Elle que vive amancebado, como è publico com duas moças irmans?!

Elle que vivia como o Jovino a fazer *presepios*, bailes e contradanças?!

Elle que cantava até nos presepios?!

Elle, cuja horrorosa chronica em Latronopolis fez com que fosse receber ordens em diocese extranha, como quem recebe uma esmolla para comer que seu compadecido *patricio* lhe deu?!

Elle, que acabou de jantar bem no recolhimento, e que estava por isso tão exaltado?!

Triste desta terra si para moralisal-a tivesse um clero da ordem do tal *supplicante*.

—Deixal-o, amigo; a peior ovelha do rebanho é a que berra.

—Deixal-o, capitão?!

Pois o publico honesto ha de estár exposto ás insolencias.... não, à pouca delicadeza de qualquer homem de sotaina, embora chafurdado no lamaçal dos vicios, embora sahido dos alcouces e prostibulos?!

—E' verdade; nesse caso, vá ao guarda-marinha, e diga-lhe que mande chamar à fallar o tal padre, deixando de parte os outros dous insolentes, a quem se não deve dar resposta, porque.... porque.... põe-se ao nivel da canalha quem com ella disputa.

—Ou antes, quem com porcos se mistura farellos come.

—Master, que rua está esse?

—E' a rua do Carro.

—Oh! esse está rua do inferno; si mim nan está bom, mim quebra perna ne caverna de Ach[illegible].

Pois olhe, é excellente rua para dar-se um passeio.

—Pois mim hade vim passeia aqui, quando companhia bota gaz ni rua.

—A culpa é de vossês mesmos, que são os senhores da terra, que fazem aqui o que querem.

—Very well, master: you tem toda a rasão, mim vae manda *you* diploma de *good man*.

—Capitão, uma grande calamidade.

—Que desgraça succedeu, meu moço?

—Nenhuma, capitão.

—Então não meta sustos à gente!

—Não succedeu, mas pode succeder, capitão...

—Que ha então?

—E' que querem quebrar pedras e andam a dar tiros.

—Onde é isso?

—Na ladeira da Mizericordia, e na d'Agua Brusca.

—Não causa damno a ninguem, deixal-os.

—Pois o capitão Lazaro Jambeiro que lhe diga; um destes dias estava elle jantando quando soou o tiro, e vieram os estilhaço da pedra cahir na meza.

—Oh!.... E a camara o que fez?

—Está calçando as ruas; é até por isso que manda quebrar pedras.

Dizem que como está breve a eleição, a tactica não é mà; é uma especie de programma.

—Olhem que os meninos da Candinha não dormem!

A PEDIDO.

Pede-se ao guarda marinha pedestre Guilherme que agarre o conego perù, pesca moleques, hypocrita mor, enredador, miseravel, tiranno, perigoso, cão manhoso e burro pois não se pode tolerar que descomponha uma auctoridade, e um sacerdote de merecimento, somente porque foi taboqueado. O mesmo pedestre conduza-o ao hospital, e si não puder, pelo seu estado de loucura,

seja auxiliado pelo guarda Pereira dos Santos.

O Serpente.

Variedade.

O publico já teve occasião de apreciar os—gatos chinezes—do Silva.

Apreciará tambem em breve a —*gata chineza*—de Vicentinho, vestida á Garibaldi; dizem que *mimia* bem.

Sim, sim juremos..

Dialogo do contra-mestre e do marujo.

—Oh! *Antonio*, baes á terra?

—Bou, sim senhori.

—Pois dize ao *Lazaro* que bá devaixo da *olibeira*, tire no chiqueiro aquelle *leitão* e te entregue, ja oubiste?

—Sim senhori; e que faço com o animalzito?

—Saves a Mizericordia?

—Sim sinhori.

—Saves o votequim que se abriu de novo?

—Sim sinhori.

—Entrega-o ao *Cazuza* que bá o engordando com os restos da meza; pois quero dal-o de prizente ao primeiro intindente que gustar da *fructa*.

Mysterios de Latronopolis.

(*Fragmento achado entre diversos papeis velhos.*)

—Então meu Lazaro,o que nós tratamos em que fica? vossê já está de posse das cazas e nada ainda me deu, aquillo era negocio para repartir-mos igualmente; eu fiei-me em sua palavra, por isso estou na orça.

—Qual Dr.! o Britto que lhe diga como ando sem dinheiro, sinão fosse isso eu lhe daria uma boa gratificação; porque reconheço que me fez grande serviço.

—Ah! é bom que saiba que um testamento em que você herda tudo sem ser parente não é graça.

—Tudo não, Dr. apenas tive metade, o resto foi da sobrinha.

—Mas você ficou afinal com tudo.

—Não eu dei a volta à sobrinha.

—Que volta? o que você fez foi metel-a em caza, defloral-a, e dar-lhe um pontapé; quantos arrependimentos não tenho as vezes! os remorsos me figuram a finada a bradar-me. . infame!

—Ah! o Dr. está soffrendo .

—Estou soffrendo tratante,deixa-te estar que o tempo tudo ha de esclarecer.

Attenção.

Pede-se a certo Dr. que *nos Perdões fez de pau de dous bicos*, instigando ao padre e defendendo a um dos offendidos o favor de não continuar a adular, na presença,as pessoas, de quem, na ausencia, falla mal; porque alem de não ser proprio da educação de um medico, tal proceder dá logar a que se lhe attribua o coração, a alma, o pensamento, o caracter emfim do verdadeiro judas.

Um que viu e ouviu.

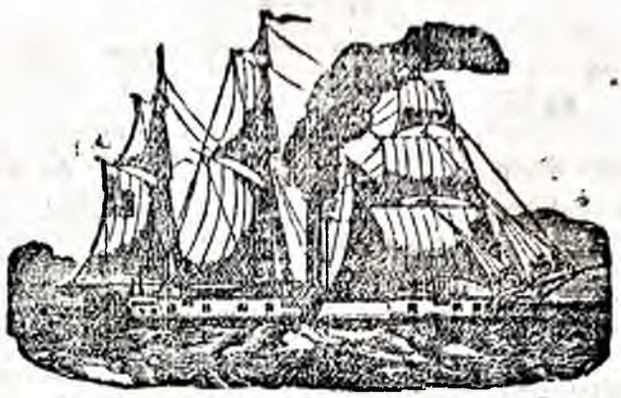
Attenção:

Pede-se à Sra. D. R. L. F.M. o favor de mandar pagar o *fico* abaixo declarado, já que o seu credor não pode cobrar pelos canaes competentes, como a mesma Sra. quer, a fim de pagar quando tenha vontade, por ter quem embargue e peça vista,e ponha difficuldades, com o fim de dar um mulato que vale 900$ rs. por um conto e cincoenta, e disendo muito fresco: tudo é negocio, si quizer queira, e si não que lhe hade pagar quando *quizer*.

—

Este por mim assignado declaro que das tornas que devia dar pelas partilhas dos bens de meu pae o J. L. F. M. e o cadete A. A. F. só lhe resto a quantia de um conto e cem mil rs. que lhe devo pagar na conformidade e nos mesmos termos que se acham determinados na partilha. Bahia 17 de abril de 1865.—

TYP.DE MARQUES,ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 21 DE MAIO DE 1864. N.º 65

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2o de maio de 1864.

Officio ao Exm. Cons. director geral dos estudos, pedindo-lhe que informe si é exacto o boato que corre de que o professor primario de Paramerim quasi nunca está no exercicio de sua cadeira, abandonando-a a uma pessoa de sua familia inhabil para tal mister. Outro sim si é exacto que aquella schola apenas conta seis alumnos, ao passo que ja teve 5o, e 6o no tempo do outro professor.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, communicando-lhe que hontem (19) em um dos beccos da rua do Castanheda, para onde mais de uma vez se tem chamado a attenção de S. S., um soldado esfaqueou outro, deixando-o em imminente risco de vida, (talvez à esta hora ja tenha fallecido,) o que se poderia talvez ter evitado, si se houvesse dado as providencias reclamadas. Cumpre por tanto que S. S. mande prender a parda Eudoxia, e ouça ao inspector de quarteirão porque não se achou no conflicto.

—Ao Sr. subdelegado de Cachoeira, para que chame à sua presença um portuguez conhecido pelo Rufino Cambeta o qual, segundo dizem, é o deposito de quanto roubo por alli fazem os escravos, traficando e negociando em todos os objectos, como colheres de prata, relogios, trancelins, anneis etc. etc.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Baca de cincoenta, pedindo licença para deixar de comparecer na junta de qualificação da freguezia dos sanhaços—Indeferido à vista da informação do presidente, da qual consta que, ha muito, só apparece o supplicante depois do meio dia.

—Capitão, temos felizmente festejos ao Dous de Julho.

—E era vergonha que o contrario succedesse.

N'outros tempos, patriotadas e patacoadas, e hoje..... era realmente digno de lastima e nojo....

—Pois agradeçam ao Exm. Sr. Des. Silva Gomes, que muito se tem esforçado para que não passe desapercebido o immorredouro dia de nossas glorias.

—Capitão, o fogo do Spirito Santo falhou?

—Não viu a chuva?

—Perdem-se então o dinheiro empregado?

—Não, senhor; o fogo ficou transferido para o domingo 22 do corrente. Avise a rapazeada para o spectaculo e á *policia* para que redobre de actividade.

—O seu guarda-marinha é todo obediencia.

—Capitão, uma novidade; um animal mudo, mudo, sem articular palavra, e um traste inutil, um pedaço de papel sujo fallando e muito.

—Ou é magnetismo, ou presdigitação; explique-me isto.

—E' um *pinto* mudo, e uma *buxa* tagarella.

—Peior um pouco.

—E' um *frango* que não canta e uma *buxa* que estoura.

—Ainda peior.

—E' um *membro de junta* em silencio, e um escrivão orando.

—Não comprehendo.

—E' uma ave encorujada, e um molambo a palrar.

—Ora adeus! Onde viu Vm. molambos a fallar?

—Nunca viu V. Ex lingua de trapos molambos?

Emfim quer sàber? vá V. Ex. a Santo Antonio, olhe para a junta, e decifre o enigma.

—Capitão, esta terra vae a mil maravilhas, vae em progresso, a vapor, a balão, vae voando!...

—Está doudo rapaz?

—Pois V. Ex. ha de crer?

Honra a este povo, capitão, tantas vezes injuriado e calumniado!

Honra a ti, minha patria, que apezar de recheiada de ladrões importados e discipulos destes, dás um tão nobre exemplo de tua indole pacifica, de teu invejado procedimento.

—Não tem duvida; está doudo o moço, está no mundo das ideialidades, está poeta!

—Pelo contrario, estou na realidade, no positivismo; apresento factos. E os factos, a realidade é esta:

Ha tres para quatro dias que não ha patrulha na cidade!...

—Porque?

—Porque não ha policia; a força que havia foi mudar os destacamentos, e a propriedade, a vida dos cidadãos, a segurança individual foram confiadas aos cidadãos.

Isto é que é povo!

—A gente fallando é que se intende; agora achó justo o seu enthusiasmo.

—Capitão, quem mais vive mais vê.

—Que foi?

—Encontrei agora um soldado aos tombos e agarrado por um cadete; e ignoro si soldado é negro fugido, si cadete é capitão do mato.

—Bem bello!... quanto ao soldado, que não é o soldado?

Mas o cadete.... perguntar V. si é capitão do matto? é cassuar com essa gente que arrota tantos foros de nobreza.

—Mas, em todo caso, capitão, o cadete é valente; mostra bem que é *sobrinho do tio*; deve criar seu *bigode de ferro*, para mostrar que é da raça.

—A camara está de nojo?

—Porque pergunta?

—O portão do paço está cerrado.

—Ah! sim! morreu-lhe a irman!

Sepultou-se hontem a assembléa.

—Que amor de manas! amisade santa!

—Irmãos, oremos, pelos mortos, respeitemo-lhes as cinzas!

—Rapaseada, um passeio a Maragogipe.

Bons dias, Revm. Sr. *Cura*.

—Capitão, eu não sou padre.

—Mas V. não *cura a quem não tem pae*? Quem cura não é doutor?

—Il est vrai, il est vrai, charo senhor.

—E para que tanto orgulho, tanta pôa, tanta gabolice, tanta impostura?

—A posição da gente, Sr.!

—Que posição?!

Pois V. não foi cabo de esquadra do batalhão dos periquitos? Não foi depois funileiro?

—Mas hoje advogo; sou de gravata lavadà. Não queremos saber o que *fumos*, queremos saber o que *emos*.

—Mas à quem se esquece do passado é preciso lembral-o. E depois ha certos actos que são passado, presente e futuro.

V. não ia todas as noites, á deshoras, comer cajús? V. o que fazia então? Quanta immoralidade praticou V? Quantos desgostos não causou á sua mulher?

—Capitão, isto é vida privada.

—Eu intendo o contrario; factos que affectam á moralidade publica são publicos e bem publicos. Mas ainda não sendo, raptar é tambem vida privada?

E como V. matou de desgostos a sua pobre mulher, raptando uma moça que era até sua sobrinha?!

—Capitão, por quem é; a seus pès humilde estou!

—Capitão, cheguei agora de Cachoeira.

—*Ah!* meu immediato, como foi de viagem?

—Mal; o diabo do vapor levou 8 horas.

—Porque? pelo vapor, ou pelo tempo?

—Por ambas as cousas; o tal *Dous de Julho* virava-se no mar como uma canoa no majestoso Mississipi.

—Que conta de novo?

—As cazas por lá custam de 5$ a 25$.

—Que mais?

—O festejo do heroismo cachoeirano é, este anno, com grande enthusiasmo; foguetaria, palanques, folhas, flores, o diabo, tudo tem de apparecer, graças aos bons desejos da commissão que não tem poupado esforços para brilhantismo do dia.

—Estou com desejos de assistir ao festejo, e como é negocio de Dous de Julho, no vapor *Dous de Julho* é que me hei de embarcar.

Fica por tanto sem effeito o seu requerimento quanto á retirada do tal vapor da carreira, pois que outra cousa não queria Vm. pelo que disse.

—Pois, capitão, enganou-se; lá não ha cousa alguma ao Dous de Julho; tracta-se do Vinte Cinco de Junho.

—Aceito o quinau.

Que mais viu Vm.?

—A Liberdade servindo de cabide.

—Olé! explique-me a cousa!

—E' que os bustos dos indigenas que servem ao festejo, lá estão atirados debaixo da cadeia, e os soldados pendurando nelles patronas e cinturões, capotes e fardas, bonets e polainas!

—Pois acho bonito; é a Liberdade armada em guerra.

Mas em todo caso, ja que a commissão, tão influente e patriotica, não poude alugar nem uma caza de 5$ rs. na *rua dos quebrados*, ou do Camarão, incumba-se Vm. disto, correndo á despeza por conta d'uma subscripção entre os cachoeiranos, que hão de, certamente, applaudir o meu acto.

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA SEMANAL

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 20 DE MAIO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

Cynismo.—Na actualidade ha em abundancia.

Chegou de *Navarra* um lote de encommenda particular para certo personagem, que na qualidade de magistrado dá sentenças por empenho reduzindo á miseria uma desvalida, e depois em particular vae confessar que si fez tal injustiça foi coagido pelos pedidos.

Desmazello.—Este genero tende a subir de preço á vista da procura que ha para nossos correios.

Patriotismo. — Escassez completa. Ha grande procura para as festas do Dous de Julho, mas acabou-se o que havia com a inauguração da *liga progressista*.

—

GENEROS DESPACHADOS.

Porto da *Nova Estrada*, barca *Olho-Vivo*, Castilho e C. pulseiras, brincos, collares e outros objectos de ouro arrancados á força a duas menores, duas gallinhas e um gallo de raça *mudados* de um quintal para outro.

—

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTOS.

Chaveco *Pinheiro* vindo das *Grades Ferradas*.

30 volumes *md fé*, 20 varas de brim podre fraudulentamente vendidas a um pobre alfaiate, 30 canastras recusas em receber fazendas avariadas que impingiu por boas.

—

EMBARCAÇÃO A' CARGA.

Galera *Pitada*, capitão Machado; consignatario Frederico—jogos prohibidos.

—

DESCARREGAM HOJE.

Patacho *Má-Ventura* maus tratamentos, desprezos e embriaguez.

Barca *Magliola*, desordens e alarmas.

PARTE MARITIMA

MOVIMENTO DO PORTO.

SAHIDA DO DIA.

Ilha da *Trapaçaria*—brigue *Cadete*, cap. *João*, carga peixes e cocos para presente de um procurador; 800$ rs. para compra de duas assignaturas falsas em duas cartas de liberdade com prejuizo da legitima herdeira, 100 cartas de empenho e peditorio para certo supplente de juiz de orpbãos e ausentes, 300 volumes *uso-fructo* dos beus alheios, 400 canastras *miserias* e desgraça à uma infeliz senhora sem protecção.

ENTRADAS DO DIA.

Bergantim coroado *Sant'Anna*, cap. Maximiano, carga diversos objectos para bailes pastoris, uma vestimenta de palhaço para certo padre devasso representar nos intervallos dos mesmos bailes, 4 pacotes *descaração*, 30 vasos *immoralidades*, 10 garrafões *bebedeiras* para serem tomadas depois de qualquer festa religiosa, 1 grande caixão *maledieencia*; passags. diversas meninas para representar em presepios, pervertidas por um moustro, duas irmans prostituidas e vivendo em commum, 2 volumes sermões massantes e somnolentos.

Aviso aos navegantes.

Pela capitania do porto de Latronopolis faz-se publico áquelles que navegam à noite pela villa de *S. Miguel*, ilha da *Ordem Terceira* em direcção àquella villa que se acha estabelecido um pharol de luz transparente, o qual será acceso entre as 9 1|2 e 10 da noite e durará de 5 a 8 minutos.

O pharol será collocado no rochedo de Santo Ignacio, sua luz será vista até dobrar o cabo de *S. Francisco*, onde será collocada uma *lanterna magnetica*, logar que será chamado *Ponto do Mattos*.

Bahia e capitania do porto de Latronopolis 2o de maio de 1864.

Annuncio maritimo.

O bergantim *Granada* tendo desembarcado toda sua carga, constante de *especulação*, modo de *viver commodamente*, generos falsificados e em mau estado no trapiche do *Maciel*, acha-se na franquia e segue em breve para o Rio Grande por ter parte do carregamento, constante de drogas para curar de feitiço, breves e reliquias para tirar diabos; recebe frete, para o que tem optimos commodos. A tratar com o rei dos feiticeiros em qualquer logar da cidade e no domingo na Quinta das Beatas.

A PEDIDO.

O artigo do numero 61 do *Alabama* relativo á rua da Mangueira e caza de um major não se intende ser a Mangueira da freguezia do Pilar, e sim outra qualquer Mangueira em que mora um major reformado.

O seu a seu dono.

Sr. Redactor.—No dia 14 do corrente pelas 11 horas da noite, uma rapariga na rua das Flores, em companhia de uma collega encheu a rua de panellas velhas e cisco, e não satisfeita, sahiu e deitou pelos buracos d'uma certa venda varios objectos inuteis; além do incommodo que durante a noite causaram ambas á visinhança, testemonha diaria de taes spectaculos.

O *Britto*.

ANNUNCIO.

As Bahianas.

NOVA MODINHA.

Está nos prèlos, e brevemente se publicará. Poesia do Sr. Tito Livio—author da da poesia do Gigante de Pedra.—

Musica de José de Souza e Aragão (na Cachoeira.) Assigna-se nas livrarias do Sr. Catilina, Viuva Lemos, Francisco Queirolo e na cidade alta na casa do Sr. Balduino dos Santos e Oliveira e Typ. do *Diario*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

SERIE 7.ª BAHIA 24 DE MAIO DE 1864. N.º 64

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 23 de março de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, já que tão grande peso deu á queixa do Sr. Dr. José Dias d'Andrade quanto aos porcos de Itapagipe, pedindo lhe providencias contra os porcos que em grande escala se acham na Lapinha tossando as testadas das casas dos cidadãos, que è muito differente de arruinar larangeiras e roseiras de qualquer figorão, e principalmente sendo a lei egual para todos.

—Ao Exm. Sr. conselheiro director geral dos estudos. Constando que o professor do collegio *S. Salvador* lecciona nelle a ambos os sexos, e sendo isso prohibido pelo Regulamento Organico, leva-se ao conhecimento de S Ex. o facto, para terem logar as medidas, que elle requer, as providencias que o abuso reclama.

—Ao Illm. Sr. Dr. juiz de direito em correição, pedindo-lhe sua attenção para os abusos que se tem dado com o testamento do padre Alexandre da Silva Menezes (fallecido ha trese annos) cujo primeiro testamenteiro, João da Silva Menezes, falleceu, ha quatro para cinco annos, entrando o terceiro (sem ter o segundo, que é tambem herdeiro, feito renuncia) na administração do casal, que, SO, usufrue, com manifesto damno dos interessados e da fazenda, pois que não sendo aquelles herdeiros forçados, tem de pagar todos o sello de herança.

Espera se pois do S. S. providencias á vista da faculdade que lhe concede o regulamento de 2 de outubro de 1851, art. 34, § 3, inserto no cap. V. art. 1122 da *Consolidação das leis civis* que diz assim:

«Aos juizes de direito em correição egualmente compete remover os testamenteiros suspeitos ainda antes de ser chegado o tempo das contas, os illegalmente nomeados, os que mal administrarem, ou forem negligentes, ou prevaricadores; encarregando das testamentarias os outros testamenteiros nomeados pelos testadores.

ou, de sua falta, nomeando pessoa que os substitua.»

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Joaquim Soares da Bragaria, pedindo licença para plantar capim em terreno da nação, fundos de sua roça á Cruz do Cosme, para sustento dos animaes do 2.º districto que vierem á votação.—Indeferido, por ser amphibologica a redacção do seu pedido, da qual se deprehende que ou os animaes vem votar, ou o supplicante quer tractar os votantes de cavallo, offerecendo-lhes capim.

No primeiro caso julga os outros por si, mas tome só o alimento; no segundo é uma injuria àquelles que o fizeram sahir do nada immundo em que vivia; convindo por tanto que se dirija ao major Bethbeset que deve já conhecel-o, á fim de ver, si na sua infermaria, o allivia do mal que padece, alienação mental, causa unica dos desfructos que dá, das asneiras que requer, das tollices que faz, da ridicula proa que tem, da affectada fidalguia que arrota, da impostura fofa que ostenta.

—Olá, gallego!

—Ax ordes, capitão.

—Tu não és caixeiro d'uma venda às Pedreiras?

—Xim, xinhori.

—Pois olha; tracta de cuidar no sabão e na manteiga e deixa de abusar do estado infermo d'aquella pobre senhora para estares a seduzir-lhe a filha!

—Quem, capitão? eu?

—Sim, sim, patife! estas marcas que trazes na cara, estas bexigas, bem te denunciam, Manuele dos diabos!

—Eu não, capitão.

—Pois queres que te falle na *filha do gaz*?...-.

—Eu não, capitão.

—.... No *filho de S. Floripes*?

—Eu não, capitão.

—Tu, sim, patife!

—Bou já p'ra benda, capitão.

—Tufé, cousa ruim!

—Ouça o que me acabam de contar. Não ha patrulhas, porque não ha policia; e entretanto o fiscal da Penha, no sabbado 21 do corrente, com uma porção de guardas de policia, invadiu uma caza no Poço de Itapagipe: um dos guardas deu uma bofetada na filha do dono da caza; espancaram todos ao velho, conhecido por *Zuza*, e metteram-no na cadeia!

—Jesus, meu Deus!

E porque, capitão?

—A' pretexto de matar porcos!....

—E a constituição? e o codigo? e a inviolabilidade do asylo do cidadãos? e as garantias sociaes?

—Ora, ora, meu charo! O Sr. parece que não mora nesta terra!

—Pois assim é que se tracta a um homem casado, proprietario, honesto pae de familia!.

—Pois si é prohibido crear porcos! O homem *transgrediu a lei*, para elle não ha lei, suspendem-se as garantias.....

—E na Lapinha não ha mais de mil porcos? Os moradores não estão todos a queixar-se? O chiqueiro alli não é immenso?

Que terra meu Deus! que tempos, Jesus! que cousas, capitão!

—Moço, si quer, réclame á camara, á policia, a quem competir, e deixe-me.

—Mas o chefe tomará providencias?

A camara sahirá do seu *dolce far niente*?

O commandante de policia fará alguma cousa?

—Meu amigo, experimente; é bom não perder a fé; em quanto dura a esperança não ha sorte desgraçada. Siga o exemplo do povo!

—O povo, ha muito, que em ninguem crê; mas emfim....emfim vou ver, capitão.

—Capitão criaram-se os concursos para fazer frente ao patronato e o patronato caminha e os concursos invadem até os menores empregos!

Oh! quem diria que até para o logar de meirinho seria preciso concurso!

E quem lhe disse isto?

—*Oculi mei viderunt.*

Passei agora pela ladeira de S.Francisco ellà estavam,na porta da antiga aula de desenho, subdelegados, escrivães, tabelliães e meirinhos, cada um com seu enorme livro debaixo do braço e a competente penna

na velha, estavam, sem tirar nem por, a representar de estudantes.

Aquella casa tem queda para a litteratura.

—Ora pelo amor de Deus! alli é a caza do jury e um dos juizes de direito está em correição; os livros que seus *imaginarios* estudantes trazem tem de por elle ser examinados; é só o que ha.

—Bem; mas seria, na realidade, ridiculo si o progresso da epocha pretendesse officiaes de justiça de borla e capello, meirinhos de pergaminho.

—Venha cá, meu escrivão.

—Quem é V.?

—Para que este orgulho? Olhe que o conheço.

—Descendo de paes nobres, meu passado é honroso.

—Deveras?! Pois diga o nome de seus paes.

Para que ha de ser presumpçoso? Pensa que não sei de quando andava V. aqui por este Maragogipe de calças e rambeque de chita?

—O habito não faz o monge.

—Quem bem sabe disso, sou eu. Mas sua presumpção é causa de lhe lembrar eu o passado.

—Quem tem dinheiro tem brasão.

—E onde achou V. dinheiro? Herdou? tirou sortes?..... veja em que fica; trabalhou ou furtou?

—E quem furta não é *barão*? Quero por tanto que me respeitem, como representante da nobreza do seculo.

—Mas espere que o respeitem; não é agora V. que foi da Santa Casa querer impôr!

—Mas sou homem de brio.

—Oh! oh! la isso é verdade; tem tanto brio V. que certo juiz atirou-lhe ás ventas um tinteiro, e V. continuou a frequentar-lhe a casa com a maior descaração do mundo.

—Basta; o Sr. pelo que vejo é da policia do *Alabama*, adeus.

—Fique certo de que o conheço, Sr. *Olho de pombo inglez*.

Vim á Maragogipe para colher apontamentos para a historia d'alguns vaaões *illustres*. A sua pessoa representa nella o segundo papel.

—Ha tres dias que me gabaram o povo, e uma facada, um assassinato teve logar no domingo.

—Ora bem bello!

Queria então V. Ex. que nada succedesse?

O homem não é perfeito, nem impeccavel.

A policia é que não devia deixar um povo entregue a si mesmo, sem uma patrulha, siquer!

—Agora, tambem perdão. Si o homem não é perfeito, nem tudo pode vir-lhe á mente, nem tudo se pode prevenir.

O que porém admira é que se desse um facto desses, na praça de Palacio, sempre concorrida, e defronte de um corpo de guarda!

—Mas si o commandante da guarda respondeu a quem lhe foi noticiar o facto que não era soldado de policia!

—Meu Deus, compadecei-vos deste povo tão infeliz e tão resignado!

Mas como temos agora o homem do *Gaz*, bem pode ser que com sua lanterna descubra o *gaiato*.

A PEDIDO.

A inveja matou Caim.

Tudo nesta terra vive por imitação; o tal 8 Simples invejou de facto e de direito o distico de vinhos da loja do Atalaia, mandando tambem fazer para a sua um outro com dois matutos incostados a uma *pipa* em duvida sobre a qualidade do liquido. Ora a couza de—uva pura—poderia pegar si com effeito fosse o tal distico plantado n'alguma aldeia onde só bebem do zurrapa; e então seria para essa uma grande novidade os—vinhos escolhidos de uva pura!—Assim mesmo desconfiariam certamente sobre o epitfacto de—uva pura—por quanto extracto de—uva pura—aqui no nosso clima degeneraria rapidamente. Foi máu, sem duvida alguma, o pensamento do [illegible], ou então desculparemos o pincel que em delirio traçou si-

milhante ideia. Não vá pois o Sr. *Atalaia* invejar a nova invenção do distico—uva pura—mudando de letreiro, porque então si o fizer dará completamente com os burros n'agua, e por certo perderá o conceito e tambem o credito que gozam os seus vinhos sobre o qual lhe não abalam e nem lhe tirarão a freguezia que em grande escalla consta-nos ter elle pois não ha jantares nos quaes se não fallem nos vinhos do *Atalaia*. Mas o fim principal da—uva pura—é como diz o rifão antigo—errar o porco, e dar na porca, que vem a ser enganarem-se com a loja do Atalaia e cahirem na do 8 Simples, eis a causa primordial do tal distico.

Cuidado meo *Atalaia* com os incautos que te não errem a loja.

Sr. Redactor.—No seu *Alabama* de 21 de maio vem uma censura feita á commissão encarregada do festejo do dia 25 de Junho em Cachoeira por conservar por baixo das arcadas da cadeia dois emblemas nacionaes. Em abono da verdade convem asseverar a V. que isto é exacto, mas nenhuma culpa deve pesar á commissão, visto que taes emblemas pertencem a um particular—o Sr. Bella-Flor, e não á commissão e por tanto não deve ella responder por peccados alheios. O emblema pertencente à commissão está convenientemente guardado e zelado por mim. Por parte da commissão agradeço a V. os immerecidos elogios que nos tece.

Vicente Octaviano Ferreira da Cruz.

Exm. Sr. que veiu de Vianna, porque não casa V. Ex. com a pobre moça que de casa tirou?

Sr. bigode de gato, tome geito!

Porque consente V. Ex. que a mana da moça, sua *cunhada* faça seus grilos? Porque não aconselha a certo negociante que disso se deixe?

O nome do cujo tambem virá, si disso se não deixar.

E o seu, *Exm.* o seu, cá, cá, cá, cá!..... esta *Vianna* tem cousas! olhem que luxo! gato de bigode!..... cá, cá, cá, cá!!...

O seu nome eu lhe digo, meu velhaco d'uma figa! meu tratante dos seis centos!

O *Miau.*

Sr. escrevente, olhe que dous proveitos não cabem n'um sacco; ou bem trate de negocios de certos barões, deputados e senadores que lhe rendem alguma cousa, ou bem cuide de suas obrigações, pois a nação lhe paga para isto.

Vm. desce, não, vae tão tarde para a repartição, distrahe-se do serviço tantas vezes e sahe tão cedo!

A espia de prôa.

ANNUNCIOS.

Roga-se ao Sr. Luiz P. F. C. o favor de vir pagar a quantia de 2$000 rs. que tomou emprestada aos prezos da prizão n.º 6. da casa de correcção, quando o dito Sr. *das fontes* das *correias* esteve prezo na mesma prisão ficando certo de que sinão vier pagar a dita quantia, recorreremos às authoridades competentes para dar as providencias necessarias, visto as provas que existem.

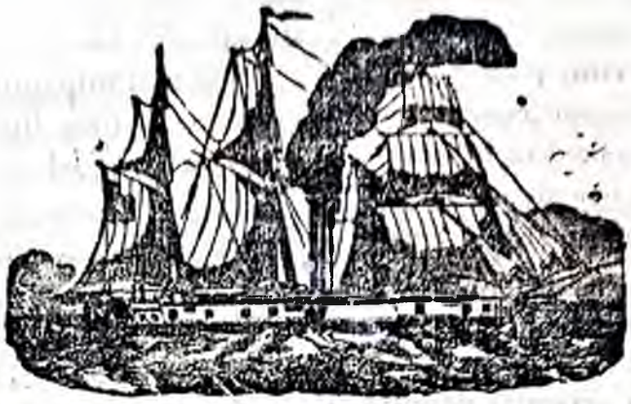
Os prejudicados.

Noticia religiosa.

Para conhecimento dos fieis faz-se publico que acha-se instituida uma casa de oração com a invocação de *Nossa Senhora do Monte* ao pé da *rocha* da *Gameleira*, onde haverá todas as noites *exercicios e praticas edificativas*.

São convidados os fieis a concorrerem com suas offertas, para o que acharão sempre promptos a receber o capellão Fr. Leite, ou o irmão sachristão-mor Fr. Utra.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 26 DE MAIO DE 1864. N.º 63

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C.ª à rua da Mizericordia n. 17 a 15$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 25 de março de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias contra um alfaiate arvorado em pharmaceutico, á Calçada do Bomfim, botica do Sr. Amancio, visto que o Sr inspector de saùde a quem já foi communicado o facto, nenhum cavaco deu, ainda á vista do art. 25 do regulamento de 29 de setembro de 1851.

—Ao Sr subdelegado de Santa Anna, invocando sua protecção para os moradores da roça do Sr. conego Pereira, á ladeira do Alvo, os quaes vivem incommodadissimos com certos visinhos que a ninguem respeitam e que de mais a mais intenderam que deviam vestir sem comprar roupa e comer gallinhas sem creal-as ou compral-as; sendo entre os quaes indigitado um individuo de nome Firmino, a quem deve S. S. obrigar a assignar termo de bem viver, conforme dispõe o regulamento de 31 de janeiro de 1842.

—Ao Sr. subdelegado do 1. districto de Santo Antonio, pedindo-lhe que por seu intermedio seja recolhida ao asylo de mendigos uma pobre creoula, incapaz de qualquer serviço por seu estado defeituoso. a qual se acha á ladeira da Soledade que vae para Agua de Meninos n'uma caza arruinada, sem paredes e sem portas, exposta ás intemperies do tempo, em companhia d'uma criancinha cujos soffrimentos mais augmentam seu martyrio—commovendo e ao mesmo tempo indignando a todos similhante espectaculo n'um paiz catholico, onde existem estabelecimentos pios.

—Capitão, não gosto, não sympathiso com o padre Rocha Vianna e por isso lhe não levei os apontamentos para o sermão de S. *Calombreiro*.

O cujo, isto é o santo, nasceu; nasceu da mãe que o pariu e do pae que o gerou, n'uma das mais rafadas villas de Ulyssea; ignora-se o nome, por se não achar em nenhuma das freguezias do reino certidão de baptismo da tal pezèta.

—E' bem provavel que não tivesse sido baptisado.

—Isto não; si o homem é santo!....

—Continúe.

—Cresceu o bigorrilha, que tinha então uma enorme cabeça, inteiramente similhante a *cer os queijos*..... ia adiantado o negocio....

Cresceu o portuga...

—Mais respeito aos santos!

—... cresceu o menino á força de sopa d'alhos até que poude dedicar-se á *selecta*, tempo em que melhor passou o labreguito.

—Olhe!

—Retiro a expressão... o bom do menino, que havia d'um dia dar provas do grande e desmedido talento que lhe refervia naquella desmedida e rotunda cachola.

Molequinho de seus dez annos...

—Que homem, meu Deus!

—.... Rapazete, já taludinho, começou o pobre a fazer penitencia; pancadas do tio á noite, comida de unto e broa.

Tal martyrio porém era pouco para aquella elevada alma, toda entregue ao seu Deus, oda abstrahida do mundo.

Fallava-se n'uma *arvore das patacas* e querendo o *santinho*...

—Agora sim!

—.... viver vida frugal, gostou da fructa só pelo extravagante nome, e quiz proval-a.

Fez então uma romaria, não á Roma, mas....

—A' Meca? bem lhe dizia eu que não era baptisado!

—Qual Meca, Sr!.... á *terra da promissão*, ao Novo Mundo, ao Eldorado, que produz as taes benditas patacas.

A romaria, apezar delle embarcado, foi uma verdadeira romaria, uma penitencia amontoada; atiraram-no ao porão do navio, deram-lhe por alimento broa e agua, e por vestido, além d'uma embreada ceroula e d'uma camisa azul, taca e pontapés para esquentar-lhe o corpo.

Quando saltou o *penitente* (gostou agora?) foi descalço; agua não via aquelle corpo desde que deixou os coeiros. Vinha elle dando a Deus graças de, sem novidade, chegar á terra de seus amorosos desejos, quando um papagaio de gaiola gritou—o *papagaio real, por Portugal*; o *anacoreta* prostrou-se humilde e reverente e adorou o *Divino Spirito Santo*, que lhe lembrou a [illegible] deixado pela *arvore das patacas* [illegible] que se achava.

Attonito pelo *milagre*, vagou o *cabeçudo*, quero dizer o talentoso moço, pelas ruas, em norte, sem destino.

Uma alma *charidosa*, que o conheceu *com geito* para certa cousa que não a penitencia, chamou-o, exhortou-lhe, deu-lhe uns tamancos, e eis o maganão embarcado em terra; vogava o enjo naquellas alvarengas como tomba fragil canoinha em mar irado.

A cor da roupa foi-se ennegrecendo, e de negro *burel* julgou-se vestido o meu *beato*, chrysmando de alpargatas os enormes pranchões que nos pés trazia. Mas o meninorio....

—Já lhe não reprehendo porque sei que é ingenuidade sua.

—.... si era frade,
Era da ordem de S. Raymundo;
Dos que poem em Deus os olhos
E as unha n'este mundo.

Intendeu depois que algum dinheiro que tinha arranjado devia ter um bom destino *ad majorem Dei gloriam*, e empregou-o em fazer *mingau* para a pobreza; muito deu-o em Santo Amaro, e ficou *reduzido á ultima miseria*. E para mal de seus peccados casado! Pobre, pobre como Pedro Sem! Mudo, humilde paciente, resignado como Job!

Sant'alma! pagou-lhe Deus tantos sacrificios!

Teve filhos; como sustental-os?

Santas inspirações do ceu!

Lembrou-lhe um meio; mandou vir queijos, e vieram os queijos. Oh! bondade da providencia divina! milagre espantoso!

Calombreiro (inda não era santo) mette a faca no primeiro queijo e voam de dentro *borboletas*! e as borboletas se convertem em ouro! e o ouro servirá de sustento á sua familia!

Prodigio infinito! Como retribuis, Senhor, áquelles que em vós confiam!

Faca no segundo queijo, novas borboletas a voarem; faca no terceiro, ainda borboletas ....

—Ficou então a casa cheia?

Nova praga do Egypto!

—Transformaram-se, capitão; o milagre

ainda não estava concluido, era a 3. vez, que o diabo fez.

E como em todos os negocios de Deos mette-se o diabo, e menino é peior do que diabo, um dos filhos pegou um dos bixinhos, todos os outros quizeram, e não poude mais o pae cortar os queijos, sob pena de perder tantas cedulas quantas as borboletas apanhadas pelos tafúes.

O santo homem elevou-se a Deus, pegou da faca e partiu o quarto queijo!

Que havia de sahir, capitão?!

Onças, onças e mais onças!

—Jesus! que perdição!

Comeram aos meninos?

—Onças mansas, capitão; criaram-nos, engordaram-nos.

Onças nutridas a queijo que não seriam? De gordas amarellas ficaram; que bellas amas para os maganos!

Continúo.

—Guarda-marinha, vá pegar-me pelas orelhas aquelle desaforado gallego ferreiro ou *ferraz*, que abusando da prudencia daquelle pacato moço, não lhe quer ceder o logar que não é seu.

—Anda lá, biltre; segue para a cavallaria que é teu logar; theatro é para gente moralisada, que não procura conflictos, tornando-se imprudente.

—Eu ja bou, eu ja bou; eu conheço meu logari, sôr Guilherme.

—Capitão, V. Ex. tem me elogiado tanto o Francisco Monteiro, o Jambeiro, o Pinto, a junta de qualificação de Santo Antonio, e ei-la que acaba de desqualificar o Sr. José Joaquim Correia, dizem!

—Porque?

—Por não ser conhecido.

—Ora com effeito!

Não conhecem então o Correia?!

E' prova da boa fé dos homens que vivam a abalar o mundo com lamurias e queixas.

—É que o homem não tem edade, capitão.

—Guarda-marinha, mandei formar a tripulação, para dar-lhe os merecidos elogios pelo resultado feliz de sua diligencia.

—E' obrigação de todo homem de bem concorrer para a expiação dos crimes, desaffronta da moralidade, e galardão do merito.

—E é verdade; a primeira obrigação satisfez Vm., prendendo o criminoso; a segunda, cumpro-a eu agora.

—Bondade de V. Ex!

—Justiça e só justiça; Vm. tem geito para a *cousa*. Si Victor Hugo o conhecesse, aposto que o *seu Javert* seria substituido pelo *meu Guilherme*.

—V. Ex. è a bondade em pessoa!

—Capitão, principiei a ler no *Diario* de 24 a distribuição do dinheiro agenciado para as victimas do desabamento da parede do gazometro, e vendo aquinhoadas as filhas do Manuel Archangelo, bradei:

« Que falsidade! dizem que as irmans de charidade tomaram os cobres!

Mas depois ví o Manuel Archangelo com 300$ e a Caza da Providencia com 250$!

—Que tem la isso?

A caza da Providencia sustenta e educa a innumeras desvalidas.

—Sei disso; mas é abusarem da paciencia do povo; dae a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.

E a casa do Sallete?

—E' tambem uma instituição pia.

—Mas não queiram parecer *pios* com o dinheiro dos outros; destrahir um donativo feito por um fim determinado em favor

d um outro que na occasião a ninguem lembrou, e para qual muitos não se sacrificariam para contribuir, é um abuso, é um escandalo, é um roubo!...

—Modere a furia, marcel

—Pois posso lá tolerar [illegible] ses jesuitas de meia ti[illegible] tarrões das duzias, hypocritas do diabo estejam a pr[illegible] ir mans de cha[illegible]ade com o que não é seu!

Bem bello! querem fazer cortezias com o chapeu alheio!

Isto é rico!

—Sr. *fiel das rendas*, isto é de fiel?

—Que foi, meu moço?

—Quando for a theatro; não se assente em logar que lhe não pertença, para dar depois satisfações, chicanando com a gente.

Não se queixe, si continuar; si esteve um pelos seus dichotes, pode encontrar alguem que lhe queira tomar a dimensão das ventas.

VARIEDADE.

Os varredores.

A' proposito de eleição proxima, de *varredores* e ruas, transcrevemos o seguinte artigo da *Semana Illustrada*, n.° 177.

Nove foram as Musas
E cada qual mais sabida
Nove tambem nós somos
Sempre em continua lida.

Ellas, alegres, contentes
Passaram todas as horas
E nós sempre, desfructando
Uns aos outros dando *foras*.

Ja que somos varredores,
Justo è que trabalhemos,
Quatro annos vão findar,
Com o povo não brinquemos

Breve temos eleições,
Vamos ás ruas limpar,
Acabado este serviço
Toca, toca a cabalar.

A PEDIDO.

A' quem descubrir um burro com os signaes abaixo declarados, dá se o premio de 2$ rs., por ser insignificante o *bixo*.

Foi gente, mas não conheceu pae e muito menos a mãe; foi encontrado á porta de uma familia fidalga, pelo que intendeu dever chamar-se D. João; serve de guarda portão de certo juiz, que lhe atirou ás ventas um tinteiro; já pertenceu ao partido que hoje guerrea; escreve autos, rabisca processos; é emfim muito conhecido pelas pessoas tortas que tem.

Maragogipe 21 de maio de 1864.

Pede-se a certo carniceiro que ao lado da Dulcinea no balcão vive com ella a aproveitar o tempo em beijocas e abraços, sem respeito e consideração aos que passam e aos que entram, o favor de não continuar, sob pena de ir esperal-o na Baixa dos Sapateiros o muxingueiro do *Alabama*, a cujo capitao se requererá em tempo.

ANNUNCIOS.

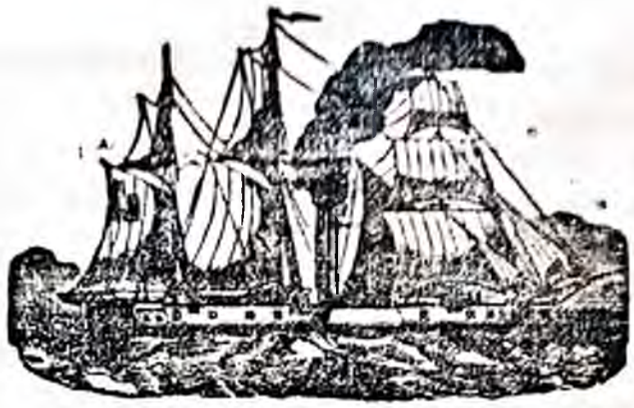
As Bahianas.

NOVA MODINHA.

Poesia do Sr. Tito Livio (author do Gigante de Pedra) e musica de José de Souza Aragao.

Assigna-se nás livrarias do Sr. Catilina, Viuva Lemos, Francisco Queirolo e na cidade alta na casa do Sr. Balduino dos Santos e Oliveira e Typ. do *Diario*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 28 DE MAIO DE 1864. N.º 66

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 4$000 rs. por serie de 16 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de maio de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias sobre uma enorme porção de *meninos* de pessima conducta que a ninguem deixam parar, contra os quaes muito tem reclamado a imprensa, e do numero dos quaes saiu o assassino do infeliz Jorge; distinguindo-se entre elles o João Caucio, que teve a habilidade de *pegar* um cavallo no Terreiro e ir vendel-o na Barra a um moço de nome Gercent, o irmão das Bolachinhas, o Bernardino, o celebre *Costellinha* e outros que necessariamente são conhecidos do guarda-marinha, com quem se intenderá S. S.

—Ao mesmo, participando-lhe que no dia 25 do corrente, como melhor verá S.S. do *Diario* de 26, foi bastante maltractado um moço, no Sudré, por uma pedrada que lhe atiraram na temporal; o que.... o que..... e é impossivel que se continuem a repetir desses factos, que poem em sobresalto a população desta pacifica cidade.

Portaria ao escrivão dos feitos da fazenda provincial. Constando que se acham em seu poder contas que foram remettidas para esse juizo, ha seis e mais mezes, sem que Vm. se tenha dignado dar-lhes o conveniente destino, ordena-se-lhe a maior actividade neste sentido, não so por interesse da fazenda provincial, que Vm. deve zelar, como tambem para que não continuem alguns contribuintes a dizer que—*o rigor da lei* recahe apenas sobre meia duzia. O que cumpra.

—Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Correio e veja que obra se faz precisa, afim de que, quando o publico la for em tempo d'inverno, não fique exposto á chuva que cahe alli como na rua, e intenda-se com o capitão José Fernandes do O' para fazer os reparos precisos, por conta da subscripção para o armamento do paiz, visto que hoje é moda distrahir dinheiros que tem um fim determinado. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá às escadinhas da Rua do Paço depois das 11 horas da noite e passe a verificar quem são dous vultos que alli costumam ir em certas e determinadas noites, e la demoram-se até 3 e 4 horas da madrugada, isto depois do dia 17 de abril. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá em companhia do muxingueiro à fonte d'Alegria, Calçada do Bomfim, e faça cessar, como lhe convier, a grande immoralidade que alli se dá entre as pessoas que à mesma vão buscar agua. O que cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO

O novo *Borgia* dos *Campos d'Alfandega*, pedindo permissão para não entregar o charuto a quem lhe pedir o fogo.—Indeferido por ser esse um *capricho* dos estrangeiros, cuja rasão ninguem sabe, e que só os pelintras querem importar. Si porém é por nojo ou receio de estar suja a mão de quem pede o fogo, declare-se-lhe que não é crivel que sejam todos como certos meninos bonitos que trazem as mãos tão feias, como o supplicante.... não ignora que tristes *scenas* representaram no *theatro*.

(Continuação do numero antecedente.)

O trafico de africanos era escandaloso, barbaro, immoral; a humanidade soffria e o gemido do escravo era suffocado pelo tinir do ouro que amontoavam os canibaes civilisados, os avarentos, piratas e ladrões.

Uma andorinha só não faz verão; porém faz mais quem quer do que quem pode.

O *servo de Deus* mette mãos á empreza que delineara; trafica a fim de que os escravos em seu poder conheçam a religião da Cruz; para chegar aos fins não olha os meios e seu fim é libertar primeiro os africanos do poder do demonio, que é mais forte; do dos homens libertem-se elles, quando for Deus servido.

E nesta empreza o infeliz perde ainda; sua familia esta exposta á miseria!

Seu sogro é rico, seus cunhados devem sel-o; é preciso que o homem faça uma obra de christão, e fazendo-a, faz d'uma via dous mandados.

O Evangelho diz que é mais facil passar um camello pelo fundo d'uma agulha, do que entrar um rico em o reino dos ceus.

O *santo* homem não quer que seus parentes vão para o inferno; é preciso tomar-lhes o dinheiro, que vae, de mais a mais, servir para o sustento dos seus.

E depois diz o proverbio: Matheus, primeiro aos meus.

Mas os filhos *comem-lhe* todo o dinheiro, que era *pouco*; e é preciso educal-os.

Vende bilhetes, não, *tentos* de jogo á sorte, e ai delle! um experto vende-lhe *uma pomada* de mais de *dezena e meia de contos*, dos taes que a muitos já elle *contou!*

Vale porem mais aquelle a quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga!

Calombreiro pega da Biblia e medita; tem horror á Sodoma, á historia de Loth.

A' pretexto de estudos expatria os filhos, sem dar-lhes que comer, porque não tem, e a um pequerrucho encerra-o na gruta ou caverna ...

—Dos ladrões?

—Não, senhor, de suas *meditações*, com positiva ordem de não receber a benção de sua mãe, nem os carinhos de suas irmans porque não lhe é permittido vel-as!

—E isso é d'um pae christão?

—Que duvida! O 4.º mandamento diz que devemos honrar nossos paes; o filho obedecendo-lhe, dizia elle, adquiria direitos á gloria celeste, que é superior a passageiros prazeres de familia, aos mais extremosos carinhos maternaes.

Não podia, alem disso, ser seu procedimento contrario á vontade de Deus, pois que tinha por fim obstar a um peccado, prevenir um crime.

Apesar de tudo, o nosso santo empobrecia sempre; era que Deus o queria para si e Deus não tem amisade com os tratantes e ladrões que são os ricassos, fidalgos e barões.

No dia em que o SENHOR subiu ao ceu, levou comsigo aquella alma bemfazeja; Calombreiro deixou o mundo para habitar na mansão celeste no dia da Hora: foi recebido com as honras do dono da caza; todos os anjos em canticos festivos applaudiram o recem-chegado, entoaram hosannas e cantaram *te-Deum*.

Obscuro viveu Calombreiro, na obscuridade morreu: a gloria lhe estava reservada na outra vida.

Seu corpo ficou incognito, mas a terra respeitou-o, e fez seu dever: poupou o involucro d'aquella bemdita alma, a séde d'aquella miraculosa intelligencia. Sua cabeça era digna de respeito!

Indo, um dia, os parentes visitar-lhe a tumba, escorria della *mingau*, e um funebre discurso se fez ouvir!

Eram recordações dos passados tempos;

a lembrança dos prazeres da infancia não se esvae assim.....

Lagrimas verteram da terra.

Será alma penada? Disseram os sous.

Cavaram o sepulchro, e Calombreiro estava perfeito, estava conservado! O corpo de Calombreiro estava mettido n'uma grande quantidade de selecto, perfeito, como si vivo e são estivesse o homem!

—Estava então embalsamado pelo exterior?

—Embalsamados ficaram os parentes; mas attribuindo o facto á obra de Deus, que em fazer reapparecer o *elemento* de sua infancia quiz mostrar sua predilecção por aquelle martyr, canonisaram-no á *secreta*, e mandaram então celebrar a missa, de que já teve V. Ex. noticia, no dia da Ascenção do SENHOR.

—E onde achou V, esta historia?

—Apontamentos que me deram diversos contemporaneos do santo; o *Flos sanctorum* nada resa sobre o cujo.

—E' santo de contra-bando, não tem dúvida!

—Capitão, iô progunta ossincellence um cousa.

—E' novidade já?

—E' cousa véio, capitão, mai iô querê sabê reson di ere; turo tem sua reson de sê, turo tem sua motivo; cousa qui iô pregunta tem sua motivo tamem.

—Vamos lá com isto.

—Iô vae ni fessa di Cropo de Deu; ah! mê Deu! chuva ta hi! Iô panha chuva, chuva munto, capitão; capitão predoa, iô chupa mê bocadinha p'ra siquenta mê cropo.

—Isto e o que querias era a mesma cousa.

—Capitão, qui má faze esse? Blanco turo chupa; qué tá rico, qué tá pobre, qué tá nobre, qué tá di plebe, turo chupa; oia poreia qui chama—Binho—de Faussitino Xabié de Nobae e iô tá ni minha denreto.

—Dize o que queres, que tenho mais que fazer.

—Pera, capitão; iô vae ni procissão, iô toma taboca, procissão nan sahi, pagode gero u.

—Anda negro!

—Soldado consola iô, soldado panha chuva tamem; mai iô tem pena de balisa; carca de ere tá turo xujo, turo manado; ere deve faze queixa de cumbra qui nan carça rua; pé di ere ta nim buraco tá; tira qui, mette alli, sarta qui, sarta cora...

—Ora este negro!...

—Iô caba já; esse balisa qui fazê? Ere sipanta menino, moleque, quequerê turo qui vem ni frente de bataião? Ere mette me'o musga pra toca denreto? Ere tá prota-massa de bataião?

Pru falla ni esse, qui é esse memo de prota-massa de cabido? Qui figura faze essi? qui sinhificamento tem esse bobage memo?

—Pergunta aos padres e aos militares que melhor te informarão.

—Cousa, tá cuma fô, resurtado tá esse: dua paiaço pra anani diverte; dua figura pra puxa risada!

—Negro, respeita as etiquetas, as formalidades, as ceremonias e os usos antigos!

—Capitão, predoa; tempo ja foi di *Magister dixit*; xa Pithagora nan tá nim uso. Turo hoje tá nim baixo de raçocino, nim dominamento de cabeça, ou di resom esse cousa qui domina anani, ni sujeitamento di esse luze qui clareia ideia qui litterato chama ere discussão! Secro di luze tá hi.

Anani ta nim denreto de indagamento; litterato chama ere *phirosophiu peculativa*; qui nan tem resom, cae ni chão.

Si cousa nan ta assim, antão folião de Sprito Santo ta hi cum sua tambó; então *judeu* de Nansenhô de Passo ta hi cum sua curneta; antão gata de Migiricordia tamem ta hi com sua matraca.

—Tem rasão, mas isto quanto a egreja; quanto aos militares, talvez haja rasões, alguma manobra ou outra cousa qualquer.

—Inzemplo vem de greja, capitão.

—Não fallemos nisto.

—Capitão já qué bole cum padre....

—Negro, traze-me um pouco de cognac, que o frio está insuportavel!

—Ah! ah! ah! quim fallô pagô castigo ta hi; Nansenhô nan drome, capitão! Capitão, ossincellence bebe, io faze saude á xinhá Faussitino de Nobae!

—Anda negro!

—Capitão, o progresso caminho rapido, veloz, nesta afortunada Latronopolis!

—Que diz, moço?!

—Pois não! Pois já não ha juizes de paz que attestam a identidade dos votantes, o emprego! o rendimento! e a edade!...

—Si for vigario...

—Qual, Sr.! um gallego estupido, um minhoto bruto mettido em manteiga e azeite, pratico na venda do bacalhau e sabão!

—Respeite o homem que é veterano.

—Elle que vá à *praia*, capitão!

—Bem intendido, o juiz dos *Borgias*.

—Forte gallego! quer ser politico!

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA SEMANAL

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 27 DE MAIO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

Bajulação.—Chegou no dia 19 um carregamento na barca *Moniz*, vindo da cidade do *Barreto* e consignado à casa commercial *Silva* e *Gomes*.

E' a primeira vez que aquella casa recebe consignação d'aquella procedencia, sem duvida pela *elevada posição* que gosa hoje no commercio.

Innocencia.—Chegou uma partida deste genero, apparelhada *em ouro* por encommenda de uma casa de joias, mas verificou-se que era galvanisada.

Retratação.—Chegou um lote que foi logo comprado pelo corretor Victor por 100$ rs. para triumpho de *uma boa causa*.

—

EMBARCAÇÃO DESPACHADA.

Villa do *Mocambinho*, escuna Ricarda, *tagarellees*.

PARTE MARITIMA

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADAS DO DIA.

Santa Cruz—em 3 annos, brigue *Murta*, cap. Maximiano; carga varios instrumentos de sopro, como trombones de vara e outros, o cadaver de uma mulher fallecida por soffrer uma injecção de pimentas na vagina para ser examinada; passag. um contra-mestre de musica militar.

Santo Antonio—em 46 ds. brigue *Xico*, cap. Monteiro, carga 400 taboas de *carvalho*, 500 saccos *aimeiras*, 1,000 volumes *attestados*, 1 fardo *buchas*, 1 *pinto* encorujado; passags. 1 *lazaro*, 1,000 amas para crear meninos qualificados.

Torres—em 15 ds. barca *Silva*, de 400 ts., m. Antonio Candido, carga 1,000 caixas estupidez, 400 barricas projectos pedindo augmento de ordenado, 500 gigos descomposturas ao partido liberal, 600 pipas adulação (em mau estado) aos deputados e 1 surrão de vermelhão avariado á Balthasar Procopio.

S. João—em 4 ds. pat. port. *Trate-serio*, m. Manuel, carga 1 caixa de pinho, 1 jaqueta de veludo, 1 calça de dito, 1 sapatão brôas do Porto; passag. a crioulinha Hilaria.

Arribado por causa do tempo—vapor *Gentil* que tinha sahido para Ibirapitanga com 1,000 caixões, contendo fôrmas de cabeças sem chapeu.

A PEDIDO.

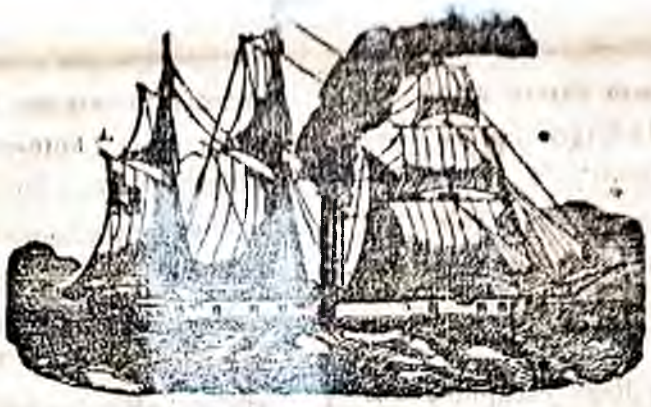
Bem *bello—forte* teima do Sr. major querer criar gallinhas e porcos com o sobejo do rancho.

Já disse a S. S. que não era possivel mandar-lhe senão de tres em tres dias. Porque são tantos a querer! O Sr. agente quer, e acho-lhe razão,—quem dá papas lambe o dedo.

Cá o meu velho, o meu protector, o Sr. capitão *lima* tantos os ouvidos da gente, e mesmo não posso deixar de servil-o porque elle é quem me desaperta, nas minhas faltas!

O rancho mal chega para as cem praças arranchadas, e querem que haja tantas sobras!

TYP. DEMARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª BAHIA 31 DE MAIO DE 1864. N.º 67

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 47 15$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de maio de 1864.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe informações sobre o cemiterio da Moritiba, que até hoje está sem andamento, continuando os interramentos, assim como em S. Felix e Cachoeira, a serem feitos nas egrejas; e isto depois de ter officiado a S. Ex. a commissão encarregada da construcção do mesmo, pedindo, segundo nos consta, a quantia de 500$ para elle destinada, sem preceder vistoria dos engenheiros, orçamento da obra, ou qualquer outra *formalidade do costume*.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que dê as providencias sobre o seguinte facto, á que nos parece se não pode applicar a legislação do Sr. de Paranaguá.

No dia 24 do corrente foi espancada ao becco dos Perdões, casa n. 1, uma moça de nome Feliciana, que vive em companhia da Sra. Christina de Lima, por um moço que com ella mora, o Sr. Claudemiro Ismael Valle.

A moça ficou bastante maltractada e correu para a casa d'um visinho, de nome João Carlos do Sacramento que presenciou o facto, assim como a familia do Sr. major Pitta que estava á janella e os Srs. Joaquim do Nascimento Mercez, Bernardo da Silva Gazina e José da Silva Ribeiro.

Confia-se na moralidade de S. S. e leva-se por isso o facto a seu conhecimento.

—Aos Srs. consules estrangeiros, recommendando-lhes que lancem suas vistas para a companhia do *Olho-vivo da Estranja* que dêu agora em *capturar* chapeus dos transeuntes da cidade Baixa, distinguindo-se um preto tambem estrangeiro que vive a seduzir para a deserção as praças de bordo dos navios americanos, depois de terlhes limpado as algibeiras.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector de saude, para informar sobre o pantano existente na Moritiba em toda a extensão da rua da Feira, o qual engole carga e cavallos, e é tambem um deposito de materias fecaes de homens, cavallos e porcos, do qual desprendem-se pestiferas miasmas e um nauseabundo cheiro, que são talvez a causa das innumeras molestias que tem alli logar, mal passa a estação chuvosa.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio, pedindo-lhe por favor que intime a Antonio Francisco de Britto para deixar de ter na sua venda, sita aos Perdões, uma caixeira de nome Athanasia, de quem em geral se queixam os

compradores pelo seu continuo estudo de ebriedade; pedido que a S. S. só faz para evitar provocações e desordens.

—Revm. Sr. Padre *Amaro*, então mandei buscar a V. Revma. e V. Revma. oppoz-se?

—Sou livre, não tenho culpas, vou onde quero e me parece.

—Mas eu sou amante da pena de talião. O *Interesse Publico* obrigou a dar-lhe uma denuncia uma pessoa aqui da tripolação, a quem chrysmou de piloto do *Alabama*, quero agora que V. Revma., por bem ou por mal, me dê tambem noticias.

—Mas V. Ex. não tem policia? avenha-se com ella!

—Padre-mestre, diga-me que novidades ha.

—Dizem que o consul portuguez quer reduzir a *seu patricio* quanto filho e quanta mulher de portuguez houver nascido neste abençoado torrão.

—Acho justo; si os estadistas brasileiros revogaram a constituição, ante as exigencias extrangeiras!...

Mas isto já é velho; já o *Interesse* tractou dessa *explicação*.

—Pois vae outra.

Todo sapateiro, todo ferreiro, todo pedreiro quer ser alferes, quer ser doutor, quer ser empregado publico; mas como anda hoje o mundo às avessas, os majores, os muzicos, os cavalheiros e officiaes da Rosa, os empregados publicos querem ser pedreiros e carapinas.

—Acho bom; o mundo como anda, assim desanda; é a lei do *sobe e desce*, a das compensações; é a ordem natural do mundo, o equilibrio do universo, dos homens e das cousas.

—E' o systema do *venha a nós*, capitão, a conjuração do interesse proprio, o *arranjaretur* do *EU*.

—Não duvido; mas pelo que vejo, V. Revma. quer dar-me somente *novidades velhas*!

—Pois lá vae uma nova e boa.

—Chó, diabo!

—Ha uma sociedade por aqui que depois de embrulhar-se n'uma *baêta* navegou por *marinhas*, foi ter à Costa d'Africa onde fez transacções com um *Mingá* ou Mané, contrabando; voltou depois á *Havana*, donde levou dinheiro para Inglaterra, e finalmente... são honrados *negociantes* da praça, *homens honestos e probos* desta inimitavel, incomparavel e *inexpugnavel* Latronopolis, como disse o seu informante do *Interesse Publico!*

—Bem, bem; adiante ideias, que isto é bom.

—Lá vae outra.

E' agora incompetente qualquer outro juizo, que não seja o da provedoria, para tratar de testamentos, legados e inventarios, ainda que existam herdeiros forçados, filhos orphãos, reconhecidos ou legitimos.

—Deixe andar o mundo como anda, que ainda ha de apparecer algum ministro da justiça para lembrar ao paiz que quando nos tribunaes superiores e em toda a magistratura houver tratantes e prevaricadores, a honra e a dignidade do paiz serão salvas!

—Deixa-me agora ir em paz, capitão?

—Explique-me primeiro a sua segunda noticia!

—E' que supponha V. Ex. que morre um homem rico, riquissimo, ricasso, ricão;

Que esse homem reside fora do paiz em que tem socios ladrões, ladravazes, ladrarrões;

Que tem filhas;

Que tem innumeros bens, entre os quaes uma baixella de prata avaliada em trezentos contos de réis;

Que apparece agora o tal homem morto pobre, pauperrimo, pobrissimo;

Que não podem seus bens cobrir os legados que fez;

Que por ex. a baixella, por *causa do cambio talvez*, baixou à decima parte do seu valor, a 30:000$ rs.....

—Isto tem rasão; o antigo preço incluia a mão d'obra; o presente somente o peso da prata.

—Menos isso; quando se compra prata portugueza, no preço porque se compra a oitava de metal vem incluido o feitio do objecto.

Continuando, porém, supponha V. Ex. que é de necessidade reduzir o mais possi-

vel o valor dos poucos bens que o homem possúe....

Pergunta-se:

Que seria preciso fazer?

Peritos *ad hoc*, louvados *a dedo*; eis o que se procuraria.

E então que mal faria si para a ladroeira ficar bonita e lustrosa, se a untasse de sebo, de trampa ou de *carnauba*?

—Mas si algum *machado* deitasse abaixo a futrica?!

—Não tenha susto V. Ex., que o *instrumento* é de casa, ja teve até seu *sello*.

—Está então a velhacada com todas as formalidades do estylo?! sellada e reconhecida?!....

Vento em popa, bonançosa viagem!

—Ah! tratantes dos seiscentos! hei de haver-me comvosco, canalha de ladrões!

Revm:, obrigado.

Recommende-me á seu chefe.

—Capitão, nunca mais destas graças!

—Desculpe, meu charo. O meu Javert está occupado na captura dos socios do assassino de Jorge, e não houve remedio.

—Ja sabe d'um novo progresso?

—Não; qual é?

—O hotel que era d'Europa ficou sendo dos Estados Desunidos.

—Como?

—O Bastos, quando tem em casa homens brancos não tem comida para os crioulos.

—Diz bem, na Europa não ha dessas distincções; o homem pois é *confederado*, deve até mudar o distico. Mas será certo?

—Ora!

No dia 28, dous crioulos lá foram ter, e embalde pediram uma frigideira, não havia; pediram mil cousas, nada havia; pediram café...

—Não havia!....

—.... porque a casa estava cheia de estrangeiros!

—Gente d'Europa, ou d'Estranja?

Mas o Bastos tem rasão; n'Europa não ha pretos, e os crioulos deviam saber que aquillo é casa d'Europa.

—Sim, o Bastos tem rasão, porque em vez de encontrar dous europeus bebados e insolentes que depois de quebrar-lhe a *droga* lhe quebrassem a cara, encontrou dous crioulos morigerados e *honestos como não* é capaz de sel-o qualquer bodegueiro, qualquer dono de tasca ou taverna, qualquer gallego de hotel!

—*C'est trop fort*!

Quem são esses crioulos?

—Dous operarios do arsenal de guerra, um carapina e outro serralheiro e proprietario; em todo caso tão bons como os estrangeiros que com o Sr. Bastos estavam, e superiores ao Sr. Bastos.... ao menos em delicadeza, civilidade, educação!

—Olá, Chico-sobrinho!

—Balha-me Deus!

Prompto, capitão.

—Tu não sabes, ladrão, que os infames, devassos e immoraes como tu são aqui açoitados desapiedadamente?

Energumeno, tu perdeste o sizo?

E te acreditavas seguro para continuares a guardar, contra vontade do dono, o dinheiro d'aquelle pobre moço?

Não basta, armazem de torpezas, o que praticaste com a infeliz menina?

—Xinhori capitão, eu quero fállari e entonce bossa senhoria berá que tudo isto é inbeja de minha fortuna adquirida aqui assim.....

—Aqui assim roubando, ladrão, bem sei.

Safado, vil embusteiro, o que eu devia mandar-te fazer agora era entregar-te ao muxingueiro para elle, depois de tirar-te o fundo velho, lambusar-te a cara de alcatrão e involvel-a em farinha velha e expor-te em Santa Barbara ás vistas de todos, afim de que quantos te olhassem, depois de cuspir-te na cara, dissessem:

« Eis aqui o—Xico sobrinho—o *zeles* mais vil e despresivel que Portugal exportou.

« Eis aqui o *ilheo* mais desalmado, mais torpe, mais immoral, mais devasso, e nojento que d'alem mar nos veiu.

« Eis aqui o ladrão mais descarado, e ordinario, que nesta terra saltou »

Porem não; limito-me por ora á ordenar-te que vás restituir o dinheiro que não é teu, sinão..... intendes?

—Xim xinhori, mas eu.....

—Cala-te miseravel! depressa fora de minha vista!

—Immediato, que faz aquelle interro parado no largo do Paranhos?

—Espera o padre que se está revestindo em casa da comadre para ir então incommendar ao pobre morto!

—E porque não foi à casa do finado como era sua obrigação?

—E' porque talvez tivessem pago mais do que marca a tabella!

—E porque não levou tambem o seu sachristão?

—Pois o capitão não sabe que aquelle boleeiro de chapéu armado é o tal que o Para-assú mandou ensinar latim para servir de acolito de certos sacerdotes?!...

—Si isto fosse na cidade de Brotas, vá; porém em Latronopolis, nas barbas de um coadjuctor, é para admirar.

Valha-me S. Felizardo!

LA VAE VERSO.

—Me diga, o que é *Assu*,
Senhor homem do *Parà*?
—*Assù* quer dizer grandeza,
Tão *grande* qual só *Tupá*

—Que grandeza de bocorio,
Quer o senhor ostentar?
Só tem um carro e a todos
Quer um só carro alugar?

Deixar o defunto em caza
Tres dias, tem termo assim!
—Fui n'um interro de luxo
La p'ra as bandas do Bomfim.

—Foi ao diabo que o poz,
Meu velhaquete manhoso!
Mas os pés ha de puchar-lhe
A alma do seu *Moscoso!*

A PEDIDO.

Ao publico.

O Sr. Dr. Tosta é incontestavelmente um juiz honrado. Quem o negava era o Sr. Guedes Cabral; agora é o Sr. Guedes Cabral que vem affirmal-o em publico.

Attenção!

I.

(*Interesse Público* n.º 612 de 28 de maio de 1864)

« Desse anno infausto por diante, subjugada a imprensa nos pés do poder, não houve mais um homem sensato, que no uzo de sua razão ouzasse arrostar os perigos da responsabilidade pessoal pelo exercicio do direito da palavra impressa: d'ahi o recurso indispensavel á responsabilidade d'um editor.

« Do grande numero de pessoas que se acham por toda parte dispostas a aceitar em taes condições um partido para este fim, era o Sr. Theodoro José do Couto, como tal um dos mais conhecidos nesta cidade.

« .....

« Achou-as—retirou-se declarando por um annuncio publicado no *Jornal* de hontem, 2ª, que d'ahi em diante deixa de ser responsavel pelos artigos do *Justus*. (Esse annuncio traz data de 24, dia justamente em que o Sr. Couto ainda às 8 horas da noite recebia dinheiro no escriptorio do *Interesse Publico*. »

O *Justus* é pois o Sr. Guedes Cabral; elle o confessa; sem o que não podia o Sr. Theodoro no seu escriptorio às 8 horas da noite receber dinheiro.

(*Interesse Publico* do mesmo dia.)

« Ha *excepções*—é verdade, por honra da magistratura brasileira o confessamos—ha *excepções* muito *honrosas* nesta regra, e do *numero d'estas excepções* é na essencia do facto o despacho do *integro* juiz municipal da 3. vara desta capital etc.

« .....

« Justiça de Deus, Sr. João Victor, é essa decisão que ahi acaba de ser hoje proferida no juizo da 3. vara municipal por orgam do *honrado* Sr. Dr. Tosta arrancada talvez aos principios severos de sua schola politica *pelos dictames não menos severos de sua probidade.* »

(*Interesse Publico* n.º 553 de 27 de junho de 1862.)

«Mas tanto é verdade, que na *ordem das forças moraes nada excede na audacia á ignorancia*, que o Dr. Tosta, não só commetteu o abuso de poder, mandando sem direito expedir, por dous despachos, mandado de prisão contra nós, mas agravou-o ainda com circunstancias tão extraordinarias que chegam a revelar a mais *deploravel atrabilis, o ultimo* grau de *loucura, o furor.*»

Então é bico, ou cabeça?

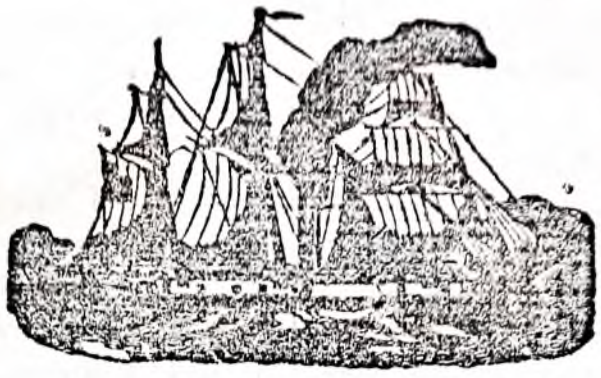
O verus justus.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 21.ª BAHIA 2 DE MAIO DE 1865. N.º 205

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de maio de 1865.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, communicando-lhe que na povoação da Incarnação existe um padre de nome Thomaz, completamente cego, segundo nos informam, a ponto de para ir para o altar ser guiado por uma pess a, sem embargo do que continua a celebrar missa e a exercer outros actos ecclesiasticos, sendo que ainda pela Semana Santa foi para a freguezia da Pirajuhya em um carro substituir o vigario que ausentou-se para Nazareth, o que a ser verdade, reclama da parte de S. Ex. Revm. promptas providencias, afim de que cesse tal escandalo.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá ao Maciel e faça effectiva a postura contra um sapateiro que ha alli, o qual quando *janta bem*, diverte-se em *iscar* um furioso cão que tem contra quem passa. Cumpra.

—Capitão, veja que é costume chamar-se paraguayo a quem não anda pelas esquinas a apregoar o seu patriotismo. Assim, sem dar V. Ex. noticia dos movimentos patrioticos, está no risco d'algum intrigante malquistal-o com o publico.

—Mas que ha?

—Nada de noticias das missas e festas dos voluntarios.

—Mas que houve?

—Chegaram os voluntarios de Sante Amaro....

—Ora vire folha!

—....commandados pelo honrado coronel Pinto que é digno, por seu desinteressado offerecimento, de louvores e distincções.

Os zuavos tem feito continuados exercicios e o publico está satisfeito.

O 2.º e o 3.º foram á Piedade ouvir missa.

O 3.º foi ao Bomfim assim como o 5.º

Foi uma brilhante festa.

Houve missa, benção da bandeira do 3.º e um sublime discurso proferido pelo distincto orador, mui conhecido, o Revd. pregador imperial padre mestre Fr. Carneiro.

Houve tambem missa celebrada pelo capellão do 5.º

Ambos os corpos estavam luzidos; ao passarem pela Calçada, choviam flores e diversas poesias foram ouvidas. Havia preparados lindos e singelos arcos triumphaes, e as janellas estavam cheias de flores, bandeiras, donzellas e donas.

O collegio Atheneu distinguiu-se, como sempre, nas demonstrações de seu patriotismo, que alli se desinvolve graças aos impulsos generosos de seu digno director, o Sr. Dr. Ernesto Pereira Espinheira.

Flores, foguetes, vivas e poesias houve alli em profusão.

A's 5 horas da tarde, estavam ambos os corpos em seus quarteis.

—Bem; está satisfeito?

—Muito, meu generoso capitão; quando o publico faz justiça a V. Ex. o prazer é meu, e estou certo de que quem tiver consciencia ha de fazer-lhe justiça.

—Esta terra vae a mil maravilhas! A segurança individual é um sonho: os redactores são attacados; os meninhos invadem as vendas, bebem vinho, não pagam e dão pancadas; os moleques accommettem os viandantes, quebram-lhes as sabeças com pedradas; e a policia.... e a policia.... toma chá em palacio e passeia a cavallo pelas ruas! Feliz Capua! ditosas delicias!...

—Homem, por fallar em policia, disseram-me que na casa do finado Chico Papae tem havido, ha oito dias, berreira, samba desordenado e o competente estribilho, pancada a valer.

—E a policia... a policia...pucha os bigodes e desgrenha os cabellos!

—Capitão, trago uma pesada mala do Itapagipe o quero desabrochal-a; trago-lhe noticias novas e noticiosas novidades.

—Abra o saco e diga-se.

—Dizem que o Dr. Freire anda dizendo que não recebe o voto d'um só votante, reconhecido pelo conselho municipal, a pretexto de que a meza *que é sua* não reconhece-o como o identico.

—Historias!

—Dizem que o dinheiro alli é farinha; que certo barão *mofino*, que guarda as pontas de charuto, deu muito dinheiro *para lá*; que certo moedeiro falso o distribue a mãos prodigas; que certo *marmanjór* luzitano guarda as pontas dos bois que lhe manda um *medico* para defeza; que um gordancho carniceiro faz por sua parte o diabo; que emfim aquillo parece effectivamente o diabo!

—Bom; nada mais adianta?

—Dizem que um pescador *lazaro*, um *santo* reu de policia e um diabo *babão* andam a apanhar os chinellos dos outros para os fornecerem aos seus queridos votantes, seus amigos do peito que só calçam tamancas quando chegam a Itapagipe e não nas brenhas assassinas em que são criados.

—Que mais?

—Consta que virá de Itaparica uma lancha tripulada que ha de fundear em frente á matriz, afim de *desovar* quando for tempo.

—Bagatella!

—Dizem que o seu fim não é só produzir *phosphoros*, mas tambem gerar capangas.

—Deixal-os!

—Deixal-os! Mas não dizem assim os habitantes daquelles logares; receiam todos um conflicto, por causa de ser *alguem* teimoso e querer ser popular, á custa de phosphoros.

—E' o que eu não admitto; não

quero aqui nada que me cheire a partidos politicos, difamação de adversarios etc. etc.

—Ja começa o homem! Pois é difamar alguem dizer que apparecem *phosphoros* ou *vagalumes* de Pirajá, por exemplo, de Paripe, de Itaparica, da Sé, de Santo Antonio, do Pilar, do Inferno?!

—Mas Sr., Vm. o que tem a fazer aqui é referir, sem commentar, o que se passa em Itapagipe.

—Por ora de nada mais sei; está vazia a mala.

—Foi o parto da montanha:

.....tanto gemeu
Que á luz um ratinho deu.

—Parto da montanha, não Sr., são accusações graves, factos inauditos, inesperados, provocadores, cuja repressão e prevenção o governo deve pôr em andamento.

—Vem cá, Tacão!

Julgava-te amigo da humanidade e tive-te affeição. Perdi-te porém a fé; desde que defendeste os jesuitas e as irmans de charidade, por que ou eras simplorio ou hypocrita; porque ou julgavas serem reaes as virtudes que se propala das irmans, ou por má fé exaltavas actos que bem sabes foram *com certos fins* praticados pelos jesuitas. O juiso que de ti fiquei fazendo foi que ou eras burro ou malvado; agora sei que és malvado e burro.

Tenho porém aqui a bordo com que resistir a tuas perversidades; si nos antros dos sertões tens o punhal e o bacamarte e o tronco e as torturas, o porão nada te fica a dever.

Toma sentido!

Disseste que alguem da tripulação pediu-te um favor; pois olha, agora ha grande quantidade de mulheres e os rabos de saia trabalham melhor, são os melhores empenhos.

De teus favores, ninguem aqui ainda precisou; provavelmente tinhas jantado e perdeste o rumo.

Tacão, toma sentido!

Repara que os *bodes* viram onça em quantos certos *guerreiros* viram macaco.

E adeus.

—Capitão, eu venho pedir a V.Ex. um bote de seu vapor para me levar hoje á Cachoeira.

—Pois o Sr. tendo um vapor da companhia Bahiana, que sae hoje ao meio dia, vem me pedir um bote emprestado para ir á Cachoeira!

—Sim capitão, venho porque Nossa Senhora me livre de eu pôr o pé naquelle vapor; antes quero ir em um bote, em um batelão, em uma jangada, em dous talos de bananeira do que nelle.

—Mas então que vapor é aquelle e o que tem que o Sr. tanto receia se embarcar nelle?

—Pois o capitão não sabe o que ha com os vapores da companhia Bahiana?

Eu lhe conto: Olhe lá para a ponte que ha de ver uma casa abarracada, com varandas puchadas fora; é o decantado vapor *2 de Julho*, da carreira da Cachoeira, no qual eu somente hei de me embarcar quando estiver condemnado á penna ultima; porque o mau estado de suas caldeiras etc. etc. etc., me fazem tremer.

Este vapor, capitão, me afiançaram que ja foi condemnado pela vistoria por incapaz de navegar; porem por bondade de quem pode, concedeu-se-lhe mais um mez para navegar, prazo que dizem-me seguramente ha dous mezes expirou, e o vaporzinho continúa a viajar.

E' por este motivo que eu não embarco nelle, porque quem nelle se embarca deve primeiro preparar-se para morrer.

Vê aquelle outro com honras de balança, com as caixas das rodas maiores

do que elle? Desgraçadamente chama-se *Progresso*! Este bello vaporzito, creio que tambem ja foi condemnado, porem como ainda não estourou, continúa a fazer suas viagens.

Anda tanto no mar como as preguiças em terra, e era melhor que se lhe mudasse o nome de progresso para preguiça. Ainda mesmo que queiram fazel-o seguir com pressa não conseguem, ao contrario o fazem parar.

—Explique-me isto.

—Eu lhe digo; quando lhe deitam mais carvão nas fornalhas para elle andar mais depressa, a agua de dentro das caldeiras (dizem) sae pelos immensos buracos e vae apagar o fogo, e está o vapor parando por não ter fogo nas fornalhas.

O *Gonsalves Martins* e *Valeria do Sinimbú*, tambem me dizem que estão de caldeiras arruinadas, tanto que não andam com força inteira; mas em quanto não fizerem explosão podem navegar.

—Mas de que procede isto?

Esses vapores são modernos.

—São modernos aqui na Bahia. Eu lhe digo de que procede: procede de só mandarem para aqui vapores velhos que para nada mais servem na Inglaterra (segundo dizem pessoas que andam involvidas com elles) e si não, veja.

A' excepção do *Jequitaia* (vindo de lá) os melhores vapores da companhia são *Cotinguiba* e *Santa Cruz*. Esses vapores são os mais antigos aqui na Bahia, que a companhia possue; porque pertenceram a antiga companhia Bomfim, e foram mandados fazer pelo commendador Pedroso. Ora si esses 2 vapores sendo os mais velhos são os que estão em melhor estado segue-se que os que vieram de Inglaterra e tem pouco tempo de Bahia e ja foram condemnados pela vistoria por estarem arruinados, não vieram novos, são vapores com cascos novos e machinas velhas.

E si não, tenha em lembrança o vapor *Itaparica* que me disseram que com 15 dias de navegação aqui ja fazia concerto na machina.

Eu acho melhor, que si a companhia não pode ter bons vapores, para desassombrado poder-se navegar, não seja companhia, por que a vida é a cousa de que mais se precisa.

Vm. tem toda rasão, não se embarque no 2 *de Julho* que tanto envergonha o dia de que tira o nome, vá no escaler com 4 remeiros.

—Obrigado, capitão.

—Quero que o senhori me faça uma imagem.

—Que imagem quer o Sr.? De *S. Bernardo*.

—Não senhori. O que eu quero é uma imagem que tem outra montada em cima.

—Para que ha de ser bruto Sr. *Lima*? Pois o Sr., já velho, nos ultimos *dias* de sua vida, profere uma blasfemia destas?

—Alli esta a imagem que eu procuro, senhori.

—O Sr quer uma imagem da Piedade, não é isso?

—Sim, sim senhori, é esta imagem mesmo que eu queria.

—Ora com effeito!...

Então a imagem da Piedade é uma imagem montada em outra?!

Montado em cima do Sr. deveria estar o muxingueiro, com a sua competente taca em punho!

Errata.

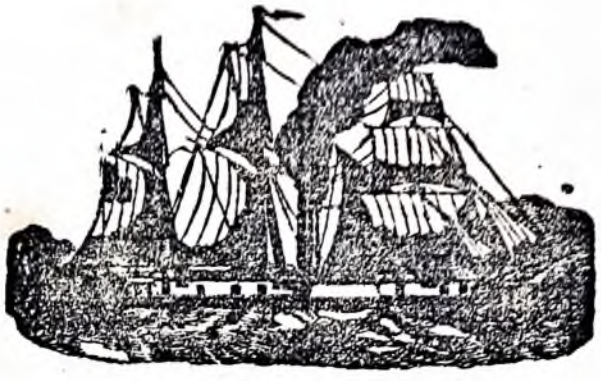
No n.º passado, columna 2.ª, 1.ª linha da nota onde se lê: *Diario* de 21 do corrente, leia-se: *Diario* de 26 do corrente.

A PEDIDO

Pede-se

A um homem que sendo *sol* escureceu a rua do *Julio Grande* que não continúe a se occupar de quem lhe não dá importancia nenhuma. Do contrario vae-se ao capitão do *Alabama* que lhe remetterá o muxingueiro.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 21.ª BAHIA 4 DE MAIO DE 1865. N.º 206

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de maio de 1865.

Officio á camara municipal, para que mande tapar um buraco que ha na ladeira da Praça ao voltar para a rua dos Capitães, e bem assim um outro no becco do Motta, verdadeiras armadilhas para quebrarem a perna de qualquer descuidado, principalmente agora em que a companhia do Gaz accende seus lampeões depois de 7 da noite e apaga-os antes de 4 da madrugada.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Chico d'Amor-rir Facão da Matança Junior, pedindo permissão para continuar a fallar dos caracteres honestos. —Informe a directoria do beco do Grelo.

—Ante-hontem (1), embarcaram os voluntarios de Santo Amaro e a 2.ª companhia de zuavos bahianos...

—Que ia linda, garbosa, ovante e esperançosa. Os briosos descendentes de Henrique Dias não hão de desmentir no Humaytá o nome, os feitos heroicos, as acções de valor de Manuel Gonsalves nos campos de Pirajá. Tenho fé em que grande parte da victoria caberá a tão estrenuos e denodados brazileiros.

—E' verdade.

As ruas estavam ornadas de arcos, folhas e bandeiras; o povo formigava, especialmente no arsenal, onde foram ouvidas lindas poesias.

—Tudo isso é já sabido.

Deus leve os filhos e defensores da Patria a salvamento!

—Capitão tem lido a *Constituição*?

—Tenho sim, Sr.

—Tem visto os desfructes do *Minimus?*

—Ah! O Sr. é um pouco teimoso! Tenho-lhe por muitas vezes dito que não quero discussões politicas a bordo e o Sr. a provocal-as!

—V. Ex. não quer discussões politicas a bordo! E por tanto hei de deixar impune um bobo atrevido, um pa-

lhaço insolente que querendo massar a paciencia do Imperador com sandices, faz accusação de um *crime* que o Imperador amnystiou! Hei de deixar impune um miseravel calumniador, um infame mentiroso que ousa dizer, diante da mesma sociedade que foi testemunha, que os *rebeldes* lançaram seus companheiros indifferentes no fogo, quando aliás o canibalismo dos vencedores, o furor vandalico dos *legalistas*, os Attilas caricatas é que lançaram nas chammas seus patricios, seus irmãos, que aterrados fugiam dos hospitaes e transitavam pelas ruas em camisolla!

—Bem, como foi para restabelecer a verdade d'um facto, concordo.

—E ousam esses sanguinarios crueis, esses tenebrosos politicos, esse parto de furias, emanação diabolica, fallar em agua-raz e archote, elles, os sicarios dos sertões, os intimos de Vicente de Paula, os assassinos de Nunes Machado, os tigres que assolaram Pernambuco, que o devastaram e saquearam, que o despovoaram com o recrutamento indistincto, com as torturas e a morte! Elles, sobre cuja cabeça pesa tremenda a maldicção de um povo martyr!

—Está bom, Sr.; faça ponto por ora, que seu enthusiasmo está crescendo.

—E tem ainda essa canalha o desaforo de dizer que os melhores homens do logar evitam o contacto do Exm. Sr. Des. presidente, quando ao contrario os homens de posição e fortuna, os prestimosos, os illustrados, os moralisados, os probos de um e outro lado apoiam o actual administrador!

Comvosco, homens do sangue, é que sempre estiveram os banca-roteiros, e não só estes, mas tambem os traficantes do carne humana, os contrabandistas, os moedeiros falsos, os ladrões de toda especie e os assassinos!

—Ja deu o Sr. expansão a seu genio, agora nem mais uma palavra.

—Mas, capitão.....

—Suspende-se a bordo a liberdade da palavra! Silencio!

—Passou hontem (2) a presidencia ao Exm. Sr. Dr. Balthazar o Exm. Sr. Des. Luiz Antonio Barbosa de Almeida.

—Consta que S. Ex. está doente.

—Dizem.

—O que é certo é que S. Ex. deixa no coração de todos os bahianos sinceros, de todos os brazileiros bem intencionados, grande saudade, que provavelmente será alliviada por vermol-o elevado á cupula social.

—Berrem embora os *zangões*, a verdade é sempre uma.

Um ou outro defeito terá S. Ex., por que não ha homem impeccavel; mas negar os beneficios, que teve a provincia, o adiantamento que certos melhoramentos materiaes tiveram, durante a feliz administração do Sr. Des. Luiz Antonio; urdir infamias, pregar mentiras, levantar aleives, socorrer-se a frivolidades, é improprio de caracteres honestos e que se presam de leaes.

—Bem, cabe agora a nós que temos por norte fazer justiça, felicitar, em nome da provincia, ao Exm. Sr, Des. Luiz Antonio Barbosa de Almeida, com quem nos congratulamos.

—Viva o Exm. Sr. Des. presidente da provincia!

—Viva, viva, viva!

LA VAE VERSO.

Carta de um conservador da *Pojuca* a um liguciro do *Catù*.

Compadre, venho dizer-lhe,
Apezar do que escreveu,

Que a cazinha do oratos
Hont' á tarde falleceu.

Foi uma alegria immensa,
Que aos moleques deu folia.
Conto-lhe isto por que hontem
Tambem stive na Bahia.

Foguetes, caro compadre,
Vi alli grande porção;
Parecia um 2 de Julho.
Oh! que bonita funcção!

Arcos, flores e bandeiras,
Versos, vivas e pagode;
Até eu ao meu Saraiva
Fiz tambem a minha ode.

Bem sabe V. que fui
A' cidade p'ra leval-o,
Apezar de meu contrario
Hei de sempre elogial-o.

Embarcou-se pois o homem
Com o Dantas, outros mais;
Que gente tão feia aquella!
Credo em cruz dos liberaes!

E depois foram com elles,
(Erriçam-se-me os cabellos!)
Uns pretinhos de mochilla,
Mouros pretos e vermelhos.

Compadre, fiquei pateta
De tanta cousa que vi!
Deus me livre que meus pés
Tão cedo vão por ahi.

No emtanto morre a *sallinha*!!
E de que?! Morte macaca!
A pedra de sua tumba—
Uma tampa de cloaca!....

Resposta.

Não seja atrevido, tollo!
Não repita, tabareu!
Como V., assassino,
Não me queira tornar reu!

O qu' ao povo deu motivo
Para tamanha alegria
Foi o embarque dos briosos
Filhos da nossa Bahia.

Meu burro, os pretos que viu
São os zuavos bahianos,
Que ao insolente Lopez
Causarão estrago e damnos.

Pateta é V., ha muito,
Ninguem pode-o duvidar.
E a tal corporação
Nunca mais ouse insultar!

Que do contrario, meu bobo,
Minha lingua de matraca,
De sua boca fará
O *Alabama* cloaca.

A PEDIDO

—Este alferes é feiticeiro!
Disseram-me; dá *ventura* o tratante.
—Dá, porem *má ventura*. A mulher que diga o tractamento que delle recebe; uma parenta que atteste a *ventura* que elle lhe dá; e uma infeliz incauta que venha dizer ao publico quantas felicidades lhe tem sido prodigalisadas pelo tal official, que, é em caza uma fera, sendo na rua um apaixonado pombinho quando vê *pombinhas*.
—Mas que fez elle?
—Mais uma conquista, capitão.
—Olé! E que faz o governo que o não aproveita para o Paraguay?
—O biltre é desertor de Marte e sectario de Cupido; deixou o pae pelo filho com a mesma facilidade com que qualquer sobrinho deixaria a mulher pela tia; suas conquistas são amorosas.
—Nada, nada de vida privada!
—Vida privada! é a palavra da epocha, o mote dos devassas. De sorte que um tratante deixa a mulher em caza depois de ter deshonrado a cunhada, deshonra as cans d'um pobre homem, entra por caza d'um mancebo, roubalhe a mulher e chama-se a isso vida privada! Vida privada!

E amanhan ha de dizer que quer metter o chicote.

—Quando delle precisam os tratantes e os devassos. Aspirante, vá ter com o alferes e traga-o á minha presença!

—Não se pode mais chegar na janella aqui nos Mares, depois que aquelle homem deu para namorar. Desejava saber si elle não tem o que fazer para levar um dia inteiro na janella, quer chova, quer faça sol!

—Foi caixeiro, mas hoje está desempregado.

—Não seria melhor que fosse sentar praça n'algum batalhão de voluntarios?

—Neste caso peça ao aspirante João de Deus para o recrutar.

—E si elle gritar por Santo *Antonio*?

—Tape-lhe a bocca com uma raiz de *oliveira*.

Despedida.

Marcolino José Dias, commandante da 2.ª companhia dos Zuavos Bahianos, retirando-se para a corte e não lhe sendo possivel, por seus muitos affazeres, despedir-se pessoalmente de seus muitos amigos, o faz agora pela imprensa, a todos enviando um apertado abraço e um adeus saudoso.

Ao muito generoso amigo e seu protector o Exm. Sr. Des. presidente da provincia, ao Exm. Sr. coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalhal e ao Exm. Sr. commandante das armas, mais que um abraço, o protesto de sua eterna gratidão.

—Capitão, quero lhe contar um caso horrivel.

—Dize lá o que é!

—Um carrasco que ha.

—Onde?

—Em uma rua direita que não é a da Misericordia.

Não conhece um barrigudo que já teve loja de charutos nessa mesma rua?

Esse individuo tem em sua casa uma infeliz mocinha, que não tendo pae nem mãe e tendo vindo do Bomfim ha pouco em companhia desse carrasco lava, cosinha, gomma, coze e faz tudo quanto é necessario para a dita caza e assim mesmo é esbofeteada e levada a pontapés etc. etc.

—Declare-me o nome desse paragauyo?

—Capitão, pergunte ao Franco que melhor lhe contará.

ANNUNCIOS.

Attenção.

Pede-se ao Sr. thesoureiro das loterias que não pague, caso saia premiado, o meio bilhete de n.º 853 da 13.ª loteria da Rua do Paço, si não a Franklin Cesar da Silva Lima, que o perdeu e faz o presente annuncio.

Na caza de Armador na praça de Palacio n. 26 ha cadeiras de anjos com muito gosto, e tudo mais que é preciso, fazendo-se tudo mais barato do que outro qualquer.

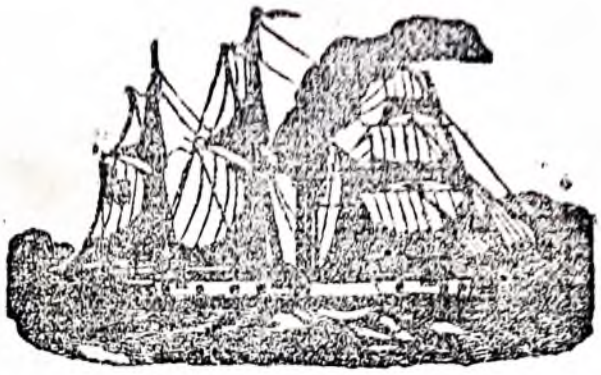
Nesta typographia precisa-se de um bom distribuidor.

Fugiu no dia 5 do passado um escravo de nome José, sem signaes, estatura ordinaria, cosinheiro, de edade de 20 annos; quem o prender, levando-o á caza de José Pedro Moreira Rios ao Barbalho, ou na sua loja á rua dos Algibebes será recompensado com 20$000 rs.

Bahia 8 de abril de 1865.

Na lojinha á rua Direita da Mizericordia n. 10 vende-se e aluga-se cêra em porção e a retalho, papel para requerimento, rapé tambem a retalho e diversas miudezas, etc. etc.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 21.ª BAHIA 6 DE MAIO DE 1865. N.º 207

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de maio de 1865.

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo, para que providencie sobre o facto censurado no *Critico*, isto é sobre o conego Rocha fechar as portas da egreja de Nazareth, para dizer missa, a pretexto da grande quantidade de cães que ha por alli. Informam tambem que o dito conego nada tem da humildade requerida pela egreja e que ao contrario insulta desabridamente a todos que ignoram seus *excentricos costumes*, sem exceptuar senhoras e crianças.

Espera-se de S. Ex. a repressão de tão brusco e anti-theologico proceder.

—A' camara municipal, pedindo-lhe por favor que mande tapar um cano que ha na rua das Grades de Ferro, a tampa do qual afundou-se sem ter até hoje mão charidosa que a substitua, havendo o risco de visitar aquelle abysmo qualquer descuidado que ande a olhar para o ceu a ver estrellas ao meio dia.

—Ao Exm. Sr. vice-presidente da provincia, pedindo-lhe que expeça terminantes ordens para que seja arreado um sobrado á Munganga, o qual ameaça cahir por cima de quem passa, tanto que assim opinou o engenheiro que o foi examinar; não obstante o que está ainda alli servindo de ratoeira.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, reclamando de novo contra os moleques *soltos*, causa continua de desordens e desgraças, os quaes ainda a 1.º de maio, avançaram contra um escravo da Exma. Sra. viscondessa do Rio Vermelho (o qual passava pelo Campo da Polvora) e atiraram-lhe uma pedrada tão valente que lambeu-lhe o queixo todo. E' preciso pois alguma cousa a respeito que tenha visos de energia da parte da authoridade.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Visto o que o diz o *Critico*,
Justiça a outro pedindo,
Mando ao tenente França

Que vá papeis exhibindo,

Afim do provar poder
A sua grande innocencia,
E ficar se conhecendo
Da tal obra a excellencia.

—A ingratidão é a ferida que mais sangra no coração do homem! E quando esse homem tem illustração; quando esse homem tem mais ou menos conhecimento do mundo, dos homens e das cousas; quando, apezar disso, se deixa levar por companheiros, que mais tarde, como a vibora da fabula, lhe hão de pagar favores com dentadas—então o soffrimento cresce, o spirito indaga inquieto o que é o mundo, e vê um abysmo; o abysmo é o coração do homem! O homem descrê de tudo e a carne soffre....

E' justamente o que está succedendo a um distincto cidadão, moralisado, honesto, probo, illustrado, respeitado, bemquisto e venerado.

—Ah! sim! sei do que falla.

Refere-se a *Numa*, Numa algoz da honra, verdadeira antithese do pacifico rei, do Numa romano....

—Sim, fallo d'um *Numa francez*, caracter versatil, alma ignobil, coração pequeno, principe dos trahidores, Judas resuscitado, que desacredita o mestre e protector com o mesmo affan, com o mesmo empenho com que este lhe procurara e garantira uma cadeira em certo parlamento.

—Ah! para que estarmos com cousas?!

Muxingueiro, vae alli áquelle *souto*, corta um tronco, finca-o na pôa, e espera até setembro pelo primeiro *cabelleira* que passar.

Agarra-o, e como todas as infamias faz elle para subir, eleve-o a grande altura por meio d'um baraço, afim de que tenha o destino dos Judas; aposto que não hade resuscitar pela 3.ª vez!

—Oh! grande capitão! Deus lhe pague bondades tantas!

LA VAE VERSO.

Amigo e Sr. compadre
Do fundo do coração;
Como vae minha comadre,
E toda mais geração?
Sei que meu afilhadinho
Ja deve estar crescidinho

Depois que V. mudou-se
Desta terra abençoada,
Tudo por cá transformou-se...
Anda em bacafusada.
O bedelho *progressista*
Em tudo introduz a crista

Os trabalhos da assembléa
Saiba que estão encerrados,
E foram tomar geléa
Os deputados, cançados
Do muito que trabalharam
E pela patria gritaram.

Deus permitta que este povo
Para ser reconhecido
Os reeleja de novo,
Mostrando-se agradecido
A quem com tanto lidar
Cuidou do seu bem-estar.

Temos presidente novo,
Que é o Dr. Bulcão.
Qu'elle seja a prol do povo
Na sua administração
Como seu antecessor
Q'ora parte no vapor!

O theatro que fechado
Esteve por alguns mezes,
Foi de novo restaurado;
E lá tem ido os freguezes:
Mas receio que o contracto
Não possa ficar intacto.

A companhia do gaz
E' um prodigio de arromba!
Não pode qualquer rapaz,
Ja não digo tocar bomba,
Porém mesmo conversar
Com sua bella ao luar!

Porque do maldito gaz
O luminoso clarão
Um mosquito enchergar faz
Na torre da Conceição,
Quanto mais um namorado
N'uma janella encostado!

Tem agora no Passeio
Aves de mil qualidades;
Tudo alli anda em aceio.
N'um viveiro, infinidade
De peixes vão se criar
Para o povo recreiar.

Tambem um lindo jardim
Fazem no quintal da Sé,
Diz-se que tão lindo assim
Não houve; e eu tenho fé
Porque delle o encarregado
E' de gosto consummado.

Quanto a questão Moraes Passos,
Stá de lado, já não cheira,
Talvez por fundos escassos.
O testamento Texeira
Está na ordem do dia,
Anda agora na folia.

A PEDIDO

—Capitão, aqui está o alferes.

Oh! que *ventura* encontrar eu o patife!....

—Onde o pegou?

—Lá para a rua do Esposo da Santissima Virgem.

—Vem cá, meu alferes.

—Prompto, capitão.

—Para que has de ser devasso?

Para que foste pedir ao pobre moço para elle consentir sua mulher em tua casa, porque a tua estava doente, e depois obraste como um cão?

Não sabes o nono mandamento?

Pensas que eu não sei que andas enganando a uma pobre moça lá para a Quitandinha?

Achas então pouco o máu tracto que dás a tua mulher e o que praticaste com tua cunhada? Não?

Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Capitão, por quem é!....

—Não posso deixar de castigar aos immoraes e devassos!....

Muxingueiro, cem calabrotadas neste safado, afim de que elle saiba melhor respeitar as senhoras casadas!...

—Capitão!....

—Fogo no devasso!.....

—Agora, meu amigo, o capitão já m'o entregou, avenha-se comigo.

—Ai..ui..ai..ui...

Compaixão para mim Sr.!....

—Si Luzia ou saquarema
Fizeram cousas de espanto,
Nem por isso sublimaram
Como os ligueiros d'encanto.

Ora, capitão, diga-me uma cousa:

V Ex. já viu algum saquarema, vermelho, ou mesmo liberal, intentar um processo de fallencia a ex-officio, contra um proprietario de typographia, só com o fim malevolo, despotico e arbitrario de fazer desapparecer a imprensa de *certa villa*, onde um fidalgo pobre, por antonomasia—*Boca-molle*, quer praticar toda especie de absurdos, ladroeiras, escandalos e mil outras tranquibernias?

—Não.

—Pois o Maniz, segundo dictador da republica do Campo do Gado, teve o cynismo de assim fazer, e alardear o seu rancor contra os empregados da typographia e até e contra os assignantes de certo periodico, que lhe deitou a calva á mostra!

—São farrombas de hespanhol, V.

não vê que elle é liberal de arromba.

—E' verdade, ia-me esquecendo... é liberal de tempera tal, que nunca assignou 320 rs. si quer para uma alforria.

—Sim, sim. Os diabos que os intenda.

—Então, Sr. *Guimarães*, Vm. depois que seu sogro o tracta melhor, deu em conquistar!

E tem rasão! bonita mulata! Só me admira o seu animo em entrar na caza do Passos!

Vou ja dar parte ao Mariz Pinto que tem um novo neto. Pode perfilhal-o para tambem herdar.

—Ai! misericordia! tal não faça, Sr.! compadeça-se d'um infeliz brazileiro, d'um desgraçado, d'um..... d'um..... d'um pobre diabo!

—Oh! porque tanto queima este *sol*?! que furioso calor!...

—E' porque está muito baixo, muito perto da terra. Emfim o *Julião* que lhe diga.

—Eu o que ouvi dizer é que o *sol* tem feito tanto mal ás meias que ja estas riem-se e estão mettidas no rol das quebras.

—Ai, ai! nada mais digas! por quem és não falles, que se torra tudo!

—Capitão, sabe de uma coisa?

—Diga.

—Os dois batalhões da guarda nacional da reserva desta capital embarcaram para o Sul sem foguetes nem arcos.

—Não ha tal, estão se organisando.

—Quem lhe contou, capitão?

—Eu que vi as ordens do presidente e commandante superior em novembro ou dezembro do anno proximo passado.

—Então, capitão, não foram executadas. Ou terão morrido os commandantes?

—Não senhor, não consta dos obitos até esta data.

—Serão vermelhos que queiram bigodear com o governo?

—Não sei; o que é verdade é que nem os officiaes apparecem aos cortejos.

—Pois si elles não estão fardados!

—E' porque lhes não chega o dinheiro para fardamento.

—E a lei não se põe em execução?

—Logo, quando o Exm. Sr. presidente e commandante superior tomarem o negocio ao serio.

—Pois veremos.

—Ha de ser sim, Sr.

Immediato, um officio a S. Ex. para mandar chamar os commandantes desses corpos afim de que lhes estranhe o não terem dado execução á sua ordem, e nesta mesma occasião obtenha d'elles uma lista dos officiaes desfardados.

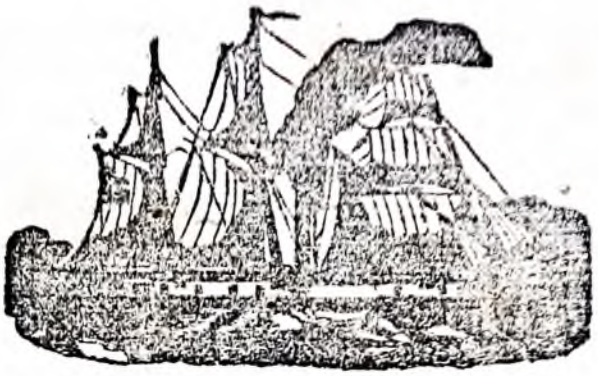
ANNUNCIOS.

Foi furtado do Paço do Saldanha, n. 7. um relogio cylindro de prata, dourado, de n. 3,287, com uma cadea de ouro, com sinete de marfim, tendo na tampa o nome de Soter, e dentro as iniciaes S. J. C. R.; foi furtado pelo menor Manuel, quem o entregar ao abaixo assignado será bem recompensado. Bahia 3 de maio de 1865.

Soter José Chrispim do Rosario.

Na lojinha á rua Direita da Mizericordia n. 10 vende-se e aluga-se cêra em porção e a retalho, papel para requerimento, rapé tambem a retalho e diversas miudezas, etc.etc.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 21.ª BAHIA 9 DE MAIO DE 1865. N.º 208

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de maio de 1865.

Officio à camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um grande buraco que ha na travessa de Santa Thereza, o qual além de estar prompto a engulir a qualquer um, tornou-se deposito de lixo e materias fecaes, cujo cheiro e accumulação muito incommodam o publico.

—Ao Illm Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que a Mariquinhas do Ouro e a Lasca-fogo (de cujo procedimento ja se deu parte a S. S. sem que houvesse providencia) brigaram hontem á noute, ao Caminho Novo do Taboão onde moram, e disso resultou sahir uma dellas ferida com uma navalhada. Pede-se pois a S. S. providencias, ja que não quiz prevenir.

—Ao mesmo, pedindo-lhe providencias para uns *cavallinhos* que ha na Piedade, os quaes são um motivo para que os meninos e os moleques deixem de ir á schola, á tenda, ou ás compras, furtando os cobres que levam de seus paes e senhores, demorando-se na rua, difficultando o andamento de certos negocios de suas casas, e provocando quasi sempre desordens. Confia-se em S. S.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, dizendo-lhe que uma vez que não ha providencias contra os escandalos que praticam os moleques, ao menos mande S. S. recolher á casa de Asylo um velho tirador de esmollas morador á rua das Veronicas, a quem elles chamam *Pae de Eguas*, o qual enfurecido por isto não só diz quanta asneira lhe vem á boca sem attenção ás familias, como, em razão de encher-gar pouco, dá bastonadas a torto e direito com um grosso cacête, podendo vir alguem a soffrer innocente. Além de que o referido velho de si mesmo é immoralissimo, a ponto de que, quando briga com a amasia, embebeda-se e vem nú para a porta, como pode S. S. informar-se dos visinhos. Não é justo pois que um homem que vive da charidade publica esteja a commetter escandalos desta ordem.

—Os vermelhos estão anciosos por saber que partido tem o *Alabama*.

—Ainda o ignoram?

—Dizem que agora depois da partida do Exm. Sr. Des. Luiz Antonio, é que se poderá avaliar.

—Ah! Não leram a *Constituição* ainda! Si ella que tem partido elogia o Dr. Balthazar, quanto mais o *Alabama* que só faz justiça! O Dr. Balthazar, na *Constituição*, é um liberalão, que ella quer embahir; para os homens imparciaes é um homem honesto, moralisado; politico leal e sincero; cidadão prestimoso e benemerito.

Membro d'uma familia his'orica, digno neto de Bulcão, patriarcha da independencia de nosso paiz, de cuja liberdade foi um dos mais estrenuos defensores, o Sr. Dr. Balthazar tem sido um constante propugnador dos principios liberaes, cingindo-se ás gloriosas tradições dos seus. Assim pois não pode deixar de receber do *Alabama* muitas felicitações por estar á frente dos negocios de sua provincia que muito delle espera e com rasão.

—Apoiado, apoiado, capitão.

E quem tiver paixão que se morda.

—Foi ao embarque do Exm. Sr. Des. presidente?

—Fui; esteve brilhante e concorrido. A saudade, que reinava no coração do povo, estava pintada no semblante de centenares de cidadãos que concorreram ao arsenal e cujos sinceros sentimentos S. Ex. retribuia com um apertado e expressivo abraço. Não havia alli distincções; eram as diversas *camadas da sociedade* que vinham depor nas mãos do rei dos presidentes (mau grado aos insulsos e repisadores chacoteiros) as bençãos e louvores d'um povo agradecido. O batalhão 2.º de voluntarios e uma guarda de honra do 2.º da guarda nacional estavam presentes, assim como diversas pessoas gradas e toda officialidade do 3.º de voluntarios.

As flores cahiam incessantes e em grande numero por sobre a veneranda cabeça do digno administrador.

Ao chegar á ponte, o Sr. Cyrillo Eloy Pessoa de Barros proferiu um bello discurso, em nome da Imprensa, que muito captou a attenção e o applauso dos ouvintes; fallou depois o Sr. tenente coronel Mundim Pestana, e o Sr. Manuel Pessoa da Silva recitou uma sublime poesia.

Os saveiristas, que tinham offerecido uma primorosa capella de pennas a S. Ex., convidavam o povo ao seu bota-fora, para o que tinham dispostos os seus saveiros que estavam todos galhardamente embandeirados.

S. Ex. foi até a bordo do *Cleator* acompanhado por diversas pessoas.

—Bom, bom; felizmente deve ja ter chegado S. Ex. a seu destino!

Deus ajude a tão incansavel cidadão!

—Leu um artigo do *Pharol*?

—Qual?

—O *Hodie mihi, cras tibi*.

—Oh! sublime! A verdade pullula alli em cada pensamento, em cada phrase, em cada linha, em cada palavra. Si estivesse em minhas mãos, recommendal-o-hia ao publico.

—Gosto de ouvir fallar assim.

E' a imprensa reconciliando a imprensa.

—A gazeta se responde com gazeta; é como dentada de cão que se cura com cabello do mesmo cão.

—Que magano divertido!

Então, quantas vezes te casaste?

—Duas, capitão.

—E duas quatro.

—Quatro não, Sr.; apenas sustento presentemente duas cunhadas; cazei-me com duas e.....

—Duas cazaram-se comtigo.

—Muxingueiro!

—Capitão!

—Maroto!

—Muxingueiro, leva este diabo, amarra-o a uma *pereira* para esfregar-lhe o corpo com boa somma de cala-brotadas. Patife!

—Valha-me a Birgem de Nazareth!

—Quem sabe me dizer si o official maior da secretaria d'assembléa ja respondeu ao officio do *Alabama*?

—Que officio?

—Um que pedia informações dos dias em que trabalhou a assembléa.

—Não; ha de ir, porem, um pedido de urgencia e breve, no proximo numero talvez, e o publico se mirará em tão bello espelho.

—Bença, siô.

—Adeus.

—Ardeu, bota áua; iô qué dinero.

—Dinheiro de que?

—De aua, qui ossê manda bota ni seu caza mai di seu moça; 157 barri ni premero, 54 ni outro.

—Não hei de deixar de comer um bom presunto para pagar-te, negra!

—Tem resom, siô tenente; ossê tá ficiá de marinha, iô tá negra captiva.

—Vae pedir ao *Barbosa* que te forre.

—Bem ditas palavras!

Deus quando quer punir os malvados, começa por tirar-lhes o juizo.

Lopez está louco!

Acaba de mandar cinco vasos de guerra ameaçar as povoações de Corrientes e tomar-lhe dentro do porto dous dos navios de sua esquadra, o *Vinte e Cinco de Maio*, e o *Gualeguay*, além do *Salto* que foi detido em Assumpção.

—Deixal-o! Terá breve o castigo de sua insolencia.....

—O povo argentino pediu energia e prompta vingança do insulto, e o presidente Mitre respondeu o seguinte:

Em tres dias nos quarteis, em quinze na campanha, em tres mezes n'Assumpção!

—Anda la, meu Lopez, havemos de chegar-te a mostarda ás ventas!

LA VAE VERSO.

Resposta do compadre da roça. (*)

Illustre Sr. compadre.—
Meu coração se babou
De prazer, ao receber
A carta, que m'enviou;
E sua boa comadre
De alegria até chorou.

Li, reli com attenção
O que sua carta encerra;
Fiquei de cabeçaôca
Co' o progresso dessa terra;
Meus olhos se esbugalharam
A lingua sahiu da boca.

Vi que fechou-se a assemblea,
E que os dignos deputados
Foram descançar um pouco
De fadigas alquebrados:
Adquirir novas forças
P'ra trabalhos tão pesados.

Mas discordo do compadre,
Que os illustres deputados
Devam de ser reeleitos:
Por tanto tempo sentados
Firmes em suas cadeiras
Podem soffrer das cazeiras.

(*) Na carta antecedente falteu dizer—*Carta do compadre da cidade.*

Pois havendo tanta gente
Que queira tambem servir,
Estou que não deve a patria
Tal sacrificio exigir.
Por tanto si ha quem queira
Outras caras devem vir.

Si eu soubesse o q' *mais fez*,
Um bom pote de cauim
Feito da grossa raiz
Do mais comprido aipim,
Mandaria; pelo esforço
Q' fez em bem do paiz.

Quanto ao que V. me diz,
Sobre o theatro, compadre,
Deixe lá para os meninos;
Eu cá com sua comadre
Em quanto planto feijões
Ella cata-me os pepinos.

Sobre o que me diz do gaz
O contrario me informou
O meu compadre Belchior;
Diz que nisto quem lucrou
Foi somente a companhia,
E o publico ficou peior.

Q'além da luz ser escassa
Vão os taes accendedores
A's horas que lhes parece
Accender os combustores;
E á custa da provincia
Muita gente enriquece.

Diz V. ter no Passeio
Aves que nunca se viu;
Meu compadre, serão raras
Como o chorão e bibiu?
Jandaias e bem-tevis.
Periquitos e araras?

Felizmente, meu compadre,
Nada tenho que deixar;
Os ladrões depois d'eu morto
Nada acham para herdar.
Só si fore' os abacates,
Si levarem, não m'importo.

Paro aqui, charo compadre
Porque á isso sou forçado.
Desculpe estes disparates:
Lanço os olhos p'ra o roçado
Vejo o toiro do vigario
A machucar-me os tumates.

V., na sua, compadre,
Se despediu em *francez*
Nem se quer me prometteu
Noticias pr'a outra vez.
Talvez fosse esquecimento
Da pressa com que escreveu.

Aqui fico a seu dispor:
Como quem deveras é,
Seu compadre afeiçoado
Da cabeça até o pé.
Sua comadre lhe envia
Um abraço apertado.

O compadre da roça.

ANNUNCIOS.

Attenção.

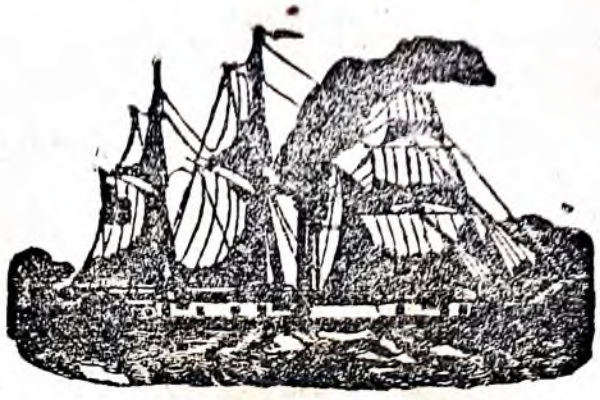
Breve sahe á luz a Descripção Minuciosa da Vida Criminosa do Tenente dos Pitús, Despachante Canastra, para a qual se recebem todos os apontamentos veridicos que forem ministrados.

Fugiu no dia 5 do passado um escravo de nome José, sem signaes, estatura ordinaria, cosinheiro, de edade de 20 annos; quem o prender, levando-o á caza de José Pedro Moreira Rios ao Barbalho, ou na sua loja á rua dos Algibebes será recompensado com 20$000 rs.

Bahia 8 de abril de 1865.

Na lojinha á rua Direita da Mizericordia n. 10 vende-se e aluga-se cêra em porção e a retalho, papel para requerimento, rapé tambem a retalho e diversas miudezas, etc.etc.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 21.ª BAHIA 11 DE MAIO DE 1865. N.º 209

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de maio de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande tirar da Praça de Palacio uma porção de terra que alli empata o transito e impede as evoluções militares quando ha parada; assim como outra grande porção que ha no Taboão, onde a rua é estreita e são continuas a ida e a volta de innumeros carros de conducção.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que faça retirar uma porção de meninos e moleques que se reunem na entrada do theatro, nas noites em que ha espectaculo, os quaes vivem alli se exercitando no *olho-vivo* e atropellando os espectadores, além de darem pancadas uns nos outros e haver constante gritaria.

(No mesmo sentido ao Sr. administrador do theatro)

—Ao mesmo, pedindo-lhe providencias sobre as *rifas* innumeras que em todas as ruas se encontra á noite, e nas quaes se vende foguetes buscapés, com que os meninos engraçados atropellam os que passam, especialmente os cegos e os cavalleiros. E' de crer que esta lembrança não seja por S. S. atirada ao desprezo, como outras muitas.

—A' companhia do Queimado, participando-lhe que um portuguez velho, que ha no chafariz do Boqueirão, vive a escandalisar a visinhança e o publico, dando palmadas e beliscões nas pretas que vão buscar agua, além das pilherias de máu gosto que profere.

Espera-se providencias.

—Capitão, tem lido o *Interesse Publico*? tem visto o escandalo que tem dado os Srs. Costa Netto e Antonio da Costa?

—Tenho,e lastimo-os.E' cousa nunca vista, ao menos no nosso paiz: dous filhos que maltratam, acabrunham, flagellam e martyrisam um pae infeliz, encerrado ha mais de onze annos, n'uma prisão publica!

E' horrivel!

—Deixal-os com o seu maior inimigo, melhor mestre e peior juiz o punidor: o remorso do seu feio procedimento!

—Mas elles tratam de questões particulares, de familia, e ninguem tem que ver com ellas.

—Si eram questões intimas, que as não trouxessem para o dominio publico.

A maioria sensata, hoje, ha de, necessariamente, inclinar-se a favor do pae, que o Decalogo manda respeitar e honrar e não pelos filhos que assim escandalisam o publico.

—Mas, Sr., elles tem bastante edade, e juizo por tanto para saberem o que fazem.

—Pois é por isso que eu fallo e me calto.

—Querem uma prova do *liberalismo* da camara municipal da capital?

Leiam:

«*Acta da 1ª sessão ordinaria em 5 de abril de* 1865.

«.....

«Requeiro que se ouça a secretaria a respeito de todos os fiscaes antigos que se apresentarem como pretendentes á continuação de seus cargos. Bahia, etc.—Dr. Monteiro.—Regeitado!»

«.....

«Requeiro se declare nas actas as horas em que ellas principiam. Bahia, etc.—Dr. Monteiro.—Regeitado!»

—Ah! tudo que o Dr. Monteiro requer é regeitado!

Bem feito, bem feito lhe seja! Quem o mandou ser vermelho?!

—Estavam presentes os Srs. barão do Rio Vermelho, Tourinho, Senna Moreira, Monteiro, Albuquerque e Francisco Luiz que foi o unico dos ligueiros que votou a favor do ultimo requerimento!

—E vive la liberté!

—Então, charo amigo, que é feito de sua palavra?

O Sr. não prometteu libertar sua escrava, quando ella lhe désse os 600$ rs.?

Ella ja lh'os não entregou?

Como até hoje se não lembra de cumprir a promessa?

—Capitão, intrigas.

—Intrigas! E como eu vi a *subscripção* com quantia maior de 600$ rs. e nada de alforria?!

Eim, Sr. *Castro*?

—Pergunte ao *João Pereira* que é quem pode informar a V. Ex. com toda a minuciosidade.

—Inspirem-te ao menos a cor, a belleza, a juventude da infeliz *Alcina*!

—Dous homens, a estas horas, pela Soledade!

—Engano. São o marido e a mulher, felizmente; a mulher vem vestida de macho, e isto não tem significação possivel, honesta e plausivel. Além de que é prohibido, e si a policia não tractar do caso, o muxingueiro *do Alabama* tem que fazer.

—Valha-me o archanjo S. *Miguel*!

—Arranje-se antes com o *Bruno* que é milagroso.

—Vem cá, velho insolente, gallego atrevido, guardanapo das negras!

—Quer alguma cousa, capitão?

—Pois não! Quero saber de ti o mal que te fazem aquelles homens que se sentam no adro do *Boqueirão*; desejo saber em que ellos te incommodam,

para teres o desaforo de te occupar com a vida delles.

—Em nada; mas reunem-se alli todas as noites e eu não posso dizer minhas graças nem fazer meus mimos ás negras que vem buscar agua.

—Olhe que patife! Um velho coirão desses mettido a galan! mas galan de deidades de Guiné!

Muita attracção tem na verdade gallego para negro!

Porém os trampeiros, os miseraveis da *selecta*, os ganhadores de pau e corda, os cangueiros, tem ainda mais attracção para chicote. E vou por tanto fazer-te a vontade.

Muxingueiro!

Como este gallego tem horror á limpeza, seu primeiro castigo será lavar-se ja e ja no *chafariz*; depois tomará 500 embreadas, findo o que irá á cloaca para recordar-se da primeira papa que o alimentou e para dar-lhe descanso na lingua viperina.

—Ah! tratante mor! velhaquete do diabo! peguei-te por fim!

—Capitão, veja que bonito pedaço.

—Que é isto?

—O tomo IV. do Parnaso Luzitano.

—Mas que pretende ler?

—A ode do *amor*, de Stockler.

—Ora menino!

Não se pode conversar com namorados.

Pois está V. a cuidar em amor n'um tempo em que todos cuidam em guerra, em combates, acções valorosas, marciaes, victorias, triumphos, ovações e patria!

—Pois, capitão, quem mostrou-m'a foi um valente guerreiro, um distincto voluntario da patria, o Sr. tenente coronel Gustavo que se enthusiasmou, principalmente ao ler estas estrophes.

—Diga-as.

—« O soldado animoso que se arroja
Com brio denodado a expor a vida
Em defensa da patria ameaçada,
De inimigas phalanges;
Depois de haver soffrido longas marchas
Por aridos sertões, por frias serras,
Arrastrando cançado os cavos bronzes
Nas pesadas carretas;
Depois de ouvir nas horridas batalhas,
Troando a furiosa artilharia,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte involta levam;
Depois de ver os rapidos ginetes
Atropellando os fulminados corpos
Dos cahidos guerreiros que em vão pedem
Vingança ou piedade;
Entre os braços da timida donzella
Q' amor lhe promettera, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da guerra sanguinosa.»

—Bom, bom, assim concordo.

Deixe-se V. por tanto de bellas, e quando triumphar a patria, corra então aos braços da donzella, que lhe fará esquecer os perigos que não passou por ella.

—Capitão, eu quizera tomar o seu conselho, mas não sei por que fatalidade a religião é sempre opposta a certos principios: ouça o que diz o Evangelho:

«Por *ella* deixarás teu pae, tua mãe, teus irmãos, teus parentes, teus amigos, tua caza.....

—Sophista! poltrão!....

—Capitão, noticias do Sul.

—Si são importantes, pode dizel-as.

—No dia 14 do passado, ás 7 horas da manhan, apoderaram-se os paraguayos da capital de Corrientes, sendo as forças invasoras 5000 homens por terra e 2500 de desembarque.

O governador Lagrana expediu um decreto obrigando todos os argentinos de 17 a 60 annos a pegar em armas, e declarando traidores á patria

reus de morte os que obedecerem ao Paraguay.

Já está promptó em S. Roque um exercito de 8,000 homens que com um reforço de 10,000 de Entre-Rios marcharão para Corrientes e dalli para o Paraguay.

—Bem, bem serão os paraguayos punidos.

—Serão, mas entretanto, como no Matto-Grosso, elles vão seu caminho; occuparam já Empedrado, Bello, Goyo e Esquina.

Urquiza chamou ás armas os entrerianos, devendo partir a 26, á frente de 10,000 homens.

Havia partido de Buenos-Ayres o general Pannero com sua divisão embarcada em diversos vapores.

—Mas o Paraguay tem, segundo o *Standart*, uma temivel esquadra.

—Ca, ca, ca, ca!

A esquadra dos cujos, segundo uma folha de Montevidéu, compõe-se do seguintes vasos:

Rio Blanco, fundeado em frente d'Assumpção, pontão inutil.

Tacuari, 6 peças d'artilharia.

Iguarey, 2 bocas de fogo.

Paraguay, 2 ditas.

Marquez d'Olinda, idem.

Salto de Guaira, idem.

Jejuy, idem.

Paraná, sem artilharias.

Vesuvio, transporte sem artilharia.

Cavour, armado.

Rio Apa, idem.

Ha mais cinco chatas em Humaytá com um rodizio de calibre 36 cujas embarcações movem-se a vela e remos.

Ha uma pequena goleta de cabotagem, mal armada em guerra; ha tambem em construcção oito chatas mais.

Não se falla no *Anhambahy*, *Salto*, *Vinte e Cinco de Maio*, e o *Gualeguay*, por ignorar-se que destino tiveram.

Quem deu taes informações visitou, ha mez e meio, os taes navios e diz que o armamento é de excellente qualidade, porém mal distribuido.

Os navios são de ferro e por conseguinte pessimos para a guerra.

—Rapazeada, ás armas!

Alliança triplice!

Ou vencer ou morrer!

Lecção tremenda ao despota d'Assumpção!

A PEDIDO

Pergunta-se a certo calafate que mora na Roda da Fortuna que reverencia foi uma que elle fez no dia 1.° de maio, no adro do Carmo, em que elle de joelhos beijou a mão de certo negro papae de terreiro? Seria por mandado de S. *José*, ou por algum milagre do propheta *Daniel*?

Ou sera talvez por *ser irmão da caza*?

Um curioso.

ANNUNCIOS.

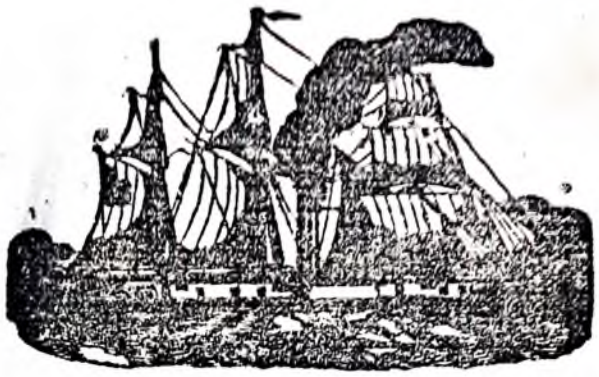
Um *costureiro* da rua *onde não ha misericordia*, desesperado por nada lhe render o officio, em razão de suas tranquibernias, ja tomando dinheiro dos freguezes para comprar fazendas e pondo-as no papo, e ja consumindo as obras que lhe dão para apromptar: offerece-se a exercer o officio de *Mercurio*, no que tem grande habilidade, como tem dado provas em algumas façanhas que tem posto em pratica. Promette ser mais commodo que o Manuel Bahia e o José Roberto.—Trata-se na *Cruz de S. Miguel Archanjo*.

Na loja de calçado á rua Direita do Palacio n. 3 de Salvatore Centolani precisa-se de officiaes de sapateiro.

Na rua Direita da Mizericordia n. 21 ha uma rapariga que se aluga para comprar e cosinhar.

Na caza de Belmiro José de Castro, á Preguiça, preciza-se de uma ama de cozinha.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 21.ª BAHIA 13 DE MAIO DE 1865. N.º 210

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de maio de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado partecipando-lhe que hontem á noute, os moleques da Sé foram a Santo Antonio em grande numero e começaram o brinquedo *dos bairros* com palavras offensivas á moral publica e insultuosas aos moleques das outras freguezias; do que podia originar-se grande conflicto, si a procissão de S. Francisco de Paula não tivesse levado após si os moleques *sanhaços*.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que na rua Direita da Misericordia, *caza da guarita*, ha umas mulheres que se divertem, á noute, em atirar foguetes busca-pés em cima de quem passa; podendo accontecer alguma desgraça, como ainda na quarta feira succedeu com um moço que veiu a cavallo e que levou uma grande queda, graças ao innocente *brinquedo* das taes *meninas felizes*. Espera-se providencias de S. S., que se tem até hoje mostrado surdo e indifferente aos reclamos da *imprensa miúda*, que falla mais verdade do que muitos figurões, inimigos dos paschins.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ás Portas do Carmo e faça com que o gallego João Bolachão deixe de escandalisar a visinhança com suas immoralidades e atrevimentos, sob pena de, na primeira, levar do amavel muxingueiro uma centena de beijocas de couro. Cumpra.

—Consta que o Sr. Dr. Moniz Sodré, delegado da Feira de Santa Anna, quer, por capricho, recrutar PELA SEGUNDA VEZ o cidadão Franklin Cezar da Silva Lima, typographo, administrador e proprietario do *Feirense*!

—Providencias, Exm. Sr. Dr. vice-presidente! providencias, em quanto é tempo!

—Capitão, conhece aquelle Dr.?

—Não.

—Um Dr. formado em cannas, inti-

tulado pastor, o *regenerador* da lavoura, o protector dos braços livres.....

—Ah! sim! um pobre diabo presumpçoso e ousado cuja mania é ser reformista; conheço-o muito.

—Justamente, capitão, um que tem uma aduella de menos, ou como diz o outro, um que tem pancada na bolla.

—Mas que tem elle?

—E' um grande patife; em vez do lavrador é um *pescador* que adula o governo saquarema e deprime o liberal, quando se inculca elle de liberal com o simples intuito de embarcar suas biscas, de vender suas pomadas, de impingir suas patotas.

—Visionario ridiculo!

—Tratante politico é o que elle é; e tanto que quer arranjar-se com a capa do bem publico, fazendo do senhor d'engenho pedagogo!

—Bem; mande-o amarrar alli á *garcez* do mastro, para corar ao sereno, ao sol e á chuva.

—Obrigado, capitão.

—A *Constituição* de hontem vem divertida! Trocando incenso por lama, quer marear o brilho do fardão de Luiz Antonio, e vendo o mundo ás avessas exclama:

« Que importa que apenas meia duzia de homens tente denegrir a luz da verdade que reflecte nos factos que ahi estão entregues ao dominio publico, si a verdade é sempre a mesma, pura e invencivel, uma como Deus?»

—Deixal-a! pobre louca! não tem consciencia! As palavras do tal jornal exprimem a sua mesma condemnação. Deixal-a!

—E seria melhor que quem escreveu tal artigo se désse mais a um poucachito de grammatica para não escrever isto, por ex.: Podem como *quizer* elevar-o—Digam o que *quizer* os apaixonados.»

—Bagatella! o homem é todo brazileiro, aprendeu a concordancia com algum caboclo.

—A estrada da Vargem está em pessimo estado; ha nella grande quantidade de buracos, por onde entra o mar e impede o transito; a areia bastante movediça torna o caminho um dos mais incommodos para o viajante. Entretanto é elle um atalho para Itapagipe e com pequena despeza podia tornar-se uma das melhores ruas, promptas, facil e commoda via de communicação entre a cidade e aquelles pittorescos logares.

Caliça, barro e cooke bastariam para melhorar a estrada por onde tem necessidade de passar pelo menos os carros que conduzem os cadaveres ao cemiterio do Bom Jesus, e as carroças do aceio da cidade que irão na Massaranduba e Coronel depositar o lixo.

—Então a companhia que se encarregue da obra; ja tem *algum* luero.

—Não sei; sei que a rua precisa de concerto e peço ao Exm. Sr vice-presidente que lance suas vistas para ella.

—Capitão, os empregados publicos não tem obrigação de despachar ás partes?

—*Não tem duvida*!

Para isso é que recebem os cobres da nação.

—Pois fui á thesouraria geral trocar dinheiro, e o fiel do thesoureiro levou a conversar até o meio dia. Ao depois fingiu-se zangado e disse que era passada a hora, que elle não estava alli ás ordens do publico.

—E' que o moço estava zangado nesse dia. Vá hoje que troca seu dinheiro.

—Bom bello! Ja o troquei o rebati, si o quiz trocar.

—Estes empregados publicos!

Não vê o João Gualberto com as portarias?!

—V. tem ido ao theatro?

—Não; estou enjoado.

—Não diga!

—Não fallo quanto ao bom desempenho da companhia, mas não estou para peças em duplicata.

—Mas que quer o Sr.? Não quer acaso que seja a peça repetida ao menos uma vez? Ora pelo amor de Deus!

—Não é isso o que eu digo; fallo do *ponto* que falla tão alto que antes do actor pronunciar a palavra, ja a plateá toda sabe o que elle tem a dizer e ás vezes chega a dizel-o.

—E' por que o Sr. gosta das cadeiras e deve ter paciencia: dous proveitos não cabem n'um sacco.

—Pelo contrario, estava eu no portão quando tive occasião de apreciar a força de pulmões do bom do *ponto*.

—E eu, meu charo, tambem faço ponto.

LA VAE VERSO.

PIQUETA.

Da-se um *pedrisco* de mimo
A quem souber nos dizer
Qual será o ministerio
Que agora vae nos reger.

Pois ha receio de que,
Do grande frio apezar,
Nova *saraiva* maldita
As telhas vem nos quebrar.

E sendo assim,
Quem é que vae
Com *represalias*
P'ra o Paraguay?
O frio é muito:
Quem tem calor
Que mostre irado
Todo o valor,

Deixando o ocio,
O engenho, a canna;
—De ser ministro
Deixando a gana.—

VARIEDADES.

Amostra de spirito.

Ha um individuo chamado Zé Brôa que tem por amigo outro individuo chamado Carneiro. Sempre que este vae jantar á caza daquelle, aquelle manda assar um pedaço de carneiro. Esse cuidado de fazer com que venha sempre um prato de carneiro, não é por que o amigo seja muito apaixonado da carne desse animal, mas é para que Zé Brôa tenha occasião de dizer uma cousa de spirito. Assim que, quando todos os convivas estão muito attentos descobre o assado e diz ao seu amigo:

—Sr. Carneiro, carneiro.

E depois ri muito e os comensaes fazem coro com elle, mostrando uma alegria tão descomedida que a gente não sabe si tem por objecto o dito ou assado.

Mas o Sr. Carneiro cançado de ouvir aquillo, andou a excogitar uma resposta egualmente spirituosa, e no fim de um mez achou o que lhe convinha.

E na primeira occasião em que o Sr. Zé Brôa dizia ao Sr. Carneiro:

—Sr. Carneiro, carneiro.

O Sr. Carneiro depois de despojar uma costelleta do animal seu homonymo, deu o osso ao Sr. Zé Brôa com estas palavras:

—Sr. Zé Brôa, rôa.

Ninguem applaudiu o dito, não por

que fosse mais tollo que o primeiro, mas porque o auctor era convidado como os outros.

Quem tem mais spirito?

—Os que se riram da primeira vez.

(*Extr.*)

A PEDIDO

—A *veneravel* ordem terceira do Carmo está toda *branca*; os *brancos* invadiram aquillo por tal forma que até os bodes ficaram *brancos*; *branqueiaram* tudo.

—Mas que diabo é isto?

—E' que um branco quiz entrar na ordem e foi indeferido, por que.....

—Porque era cazado com uma parda e tinha filhos pardos que se julgariam com direito de entrar um dia para a tal ordem e ficariam manchados os brancos.

—Oh! vanitas vanitatum!

—Traducção: muito póde a ignorancia.

Pergunta-se ao Sr. presidente da imperial sociedade Monte-Pio dos Artistas a razão por que não se reúne o conselho directorio da mesma, ha tanto tempo?

Saiba o Sr. presidente que por ahi se diz que S. m. com fim calculado poem embaraços á que se reúna o mencionado conselho, afim de que não tenham andamento certos negocios e sejam despachados alguns requerimentos que em poder do Sr. presidente existem, sofrendo com isto muitas victimas.

A alma do Faria.

Attenção.

Será verdade que os trabalhadores do arsenal que foram para a montanha do Unhão, não receberam até hoje os seus ordenados?

Será verdade que em vez do trabalho na montanha, se occupam elles em encalhar canoas e enterrar cavallos mortos d'um figurão?

Duvido; mas sendo assim, providencias se pede a quem as pode dar.

Os operarios são pobres e não podem esperar.

O dinheiro publico não deve ser aproveitado em beneficio de sabidos.

A certo bipede que traz uma *boa nova* a um *critico*, responde-se que cuide de sua vida, que se lembre da casa do Malaquias, onde era *servidor* e não se occupe de quem lhe dá tanta importancia quanta a um cachorro.

E si continuar, o capitão do *Alabama* lhe mandará o muxingueiro para ensinar-lhe a encurtar a lingua e reparar na cor.

E. J. S. A. G.

ANNUNCIOS.

Passar bem com pouco dinheiro.

Queijos flamengos bons a 1$500 cada um, manteiga ingleza fina a melhor que ha no mercado, Champagne, Chefarre, Bordeaux, Cognac, Absinthio, vinho Lisboa sanguinal, vinho Figueira superior, vinho do Porto Meneres, e mais outros generos que desnecessario é mencionar, tem a venda na ladeira de S. Francisco n. 23 tudo por preços commodos Assim como previne as pessoas que tiverem seus penhores para resgatal-os em 30 dias.

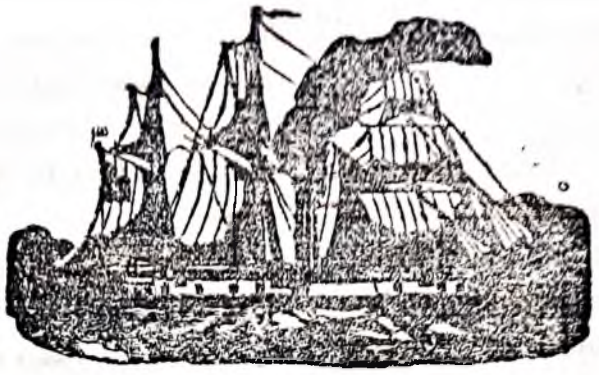
Rapazeada, attenção!

Fazendas baratas, finas, finissinas, vende-se nos depositos de Luiz Zuanny e José da Cunha Carvalho Bastos, á rua Direita do Commercio, e de José Dias Souto, em Santa Barbara.

A ellas, rapazeada!

Depressa que podem acabar-se.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 21.ª BAHIA 16 DE MAIO DE 1865. N.º 211

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Fatalidade!....

Lincoln foi assassinado!

O presidente dos Estados-Unidos cahiu ante a trahição covarde do sicario!

O apostolo da Liberdade desappareceu sob as machinações infernaes dos filhos da escravidão!

Dous irmãos de Booth, dous escravos orgulhosos de seu captiveiro, penetram, um na casa do ministro Seward, outro no theatro de Washington, e assassinam assim dous denodados campeões da democracia universal!

Uma lagrima sobre o tumulo desses grandes homens!

Que os brasileiros, amigos da Liberdade em manifestação sincera e cordeal de seu profundo sentimento, se cubram de luto por tão funesto acontecimento, longe a imitação ridicula das vaidosas etiquetas da côrte!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de maio de 1865.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua da Laranjeira, acompanhado de alguns grumetes e do muxingueiro e faça prender um desfructavel *alferes Candinho* que vive, todas as tardes, a insultar o publico com um escandaloso namoro que entretém com certa pretinha da caza n. 82. Depois que for preso o patife e que o muxingueiro tiver executado em publico sua missão cortar-lhe-hão a cabelleira e tirar-lhe-hão a casaca e os sapatos, afim de que se lembre que ainda é captivo. Cumpra.

—Sabe noticias do Rio?

—Sao velhas. O Abaeté, sendo chamado para organisar o ministerio que devia succeder ao que pediu a sua demissão, recusou.

Foi chamado o Saraiva e acceitou; mas *ás onze da noite*, arrependeu-se, pelo que foi chamado o Nabuco!

—Mas que é então da influencia do Saraiva?

Sahiu daqui tão orgulhoso, tão ufano, tão promettedor de regeneração no paiz e fez fiasco!

Ca ca ca ca!

Bello patriota!

Declara a guerra, *politica sabia*, como dizem os sous aduladores, e mette-se no engenho; rejeita a pasta d'estrangeiros; o logar de presidente do sua provincia; não dá nem um puxo para a acquisição dos voluntarios que devem, verdadeiros patriotas, realisar o que elle iniciou....

E depois, intrigado o ministerio que faz mais do que poderiam fazer mil Saraivas, chega á corte a regenerar o progresso, e regeita a presidencia do conselho de ministros!

Isto sim, isto é que é verdadeiramente ser patriota!

Ora nonoroques!

—Temos conversado.

Elles todos são um, calemo-nos.

—Ja sabe que os confederados foram foram derrotados e capitularam?

—Ja.

—Ja sabe que os federaes occuparam Richmond?

—E' velho.

—Sabe que o presidente Lincoln e o ministro Seward foram assassinados?

—Sei.....

—Mas não sabe que havia o sinistro plano de matar o intrepido general Grant.

—Não.

—Nem que o filho de Seward morreu defendendo seu pae dos assassinos que lhe invadiram a caza.

—Não.

—Pois é assim que procedem os inimigos da Liberdade.

Desesperados por serem batidos no campo legal da guerra, *ultima ratio* dos povos, unico direito que resta a quem se não curva á rasão,—verdugos da humanidade, carrascos de natureza, assassinos de profissão, eil-os, na emboscada com o punhal do sicario! São assim os inimigos da Liberdade.....

—Tremenda porém lhes ha de ser a lecção!....

—Ora, Sr. Dr.!

—Que ha?

—Bons dias, patriota!

Seu ardor juvenil reapparece, V. S. remoça! E a prova é que, apezar da cabeça branca, ó seu branco bigode tomou a cor de.... de....

—Do ebano, quer talvez dizer a bondade de V. Ex.

—De pós pretos, meu toleirão d'um dardo! Si V., que quer formar batalhões, intende tanto de guerra, como o Dr. Queiroz de grammatica, estamos bem servidos!

—O Dr. Queiroz não é um que quer formar batalhão em Santo Amaro, e que ja tem (dizem que diz elle) 700 praças?

—Esse mesmo.

—Mas, meu rico capitão, para a guerra não se precisa de syntaxe.

—Mas para as academias se exigem lettras. E o Dr. Queiroz, com um pergaminho, não deve mandar publicar na *Constituição* um officio, cujo primeiro periodo não tem oração principal!

—La isso é verdade.

—E é tambem verdade que *elle*...

—Elle é pulha.

—Que certa classe de *visionarios* estupidos deve ser entregue ao capitão do *Alabama* para dar-lhes o destino que devem ter os importunos, os imprudentes, os ridiculos, os bobos presumidos, os palhaços da patriotagem, os desertores dos *hospicios*, os confrades dos *orates*.

—E' verdade, é verdade, capitão.

A's suas ordens.

Estive em apuros... quasi,quasi... Si o capitão me conhece!

(*Continúa.*)

Quem conhece o bom Gualberto?
Eil-o aqui, Sr. *João*:
Sobre casaco e bengala,
Chapeu do Chili na mão.

—V. viu a *Droga*?

—E' cousa com que embirro; gosto pouco de ingredientes de botica; tenho medo de *adjudas*.

— Fallo da *Droga*, gazeta, que fallando dos saveiristas no embarque do presidente traz este trecho:

«Foi uma scena bem arranjada fazer-se apparecer *espontaneidade* em corações como aquelles!»

—Que desaforo! De maneira que os saveiristas não tem cabeça, não pensam, não podem ter espontaneidado!

—E quem diz isto? Um que se intitula mais liberal que os liberaes, um *vermelho* em todo o rigor da palavra, por qualquer face que o mirem, um e ndedor de *drogas*!...

—Os saveiristas que tomem nota!

—Elles o que hão de responder é que quem por si os julga, a elles não offende.

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da cidade.

Compadre.—Que V. steja
De saude, é o que deseja
O meu coração sincero.
Nesta, q' agora lhe encaixo,
Digo-lhe que cá me acho
Por dinheiro em desespero.

Vou lhe dar sem mais rodeio,
Noticias em tiroteio
Q' quentes da penna sahem,
Um prato bem adubado
De parolas, recheado
De novidades, lá vae.

Retirou-se o ministerio;
E para lhe fallar serio
Não sei quem stá no poder!
A grei vermelha por cá
Muito orgulhosa ja stá
A exultar de prazer.

Creio que co' ordem expressa
Um vapor a toda pressa
Foi o Eusebio chamar.
Porque na actualidade
So elle tem qualidade
Para o paiz governar

Diz-se, que por não poder
O Nabuco se intender
Com a phalange ligueira,
Retirou-se do banquete,
E então o gabinete
Fez-se por esta maneira:

Pasta da guerra—o Caxias,
A da justiça—o Nebias,
Felizardo—no *thezouro*;
Paranhos nos estrangeiros,

O Dantas p'ra os marinheiros.
Que ministerio de estouro!

Nestes homens não é novo
De contarem com o ovo
Antes da gallinha por:
Andam todos a sonhar
O que lhes deve chegar,
Pelo proximo vapor.

Acho escusado dizer
Pois V. ja hade saber
Q'embarcou o presidente;
Foi um embarque luzido:
O homem foi commovido
Com saudades desta gente.

Quanto a noticias da guerra,
Si minha razão não erra,
Não são muito lisongeiras;
Nossa inercia aproveitando
O Lopez vae atacando
As nossas bellas fronteiras.

Mas o barbaro que trema
Porque sua hora extrema
Lavrou a justiça eterna!
Deste povo o heroismo
Suppre ao patriotismo
De quem o paiz governa.

Faço aqui ponto final.
E receba por signal
De minha estima um adeus.
Aqui fico a seu dispor
Porque sem tirar nem por
Sou um dos criados seus.

O compadre da cidade.

A PEDIDO

—Vem cá, fusco!
—O que quer comigo?
—Como te chamas?
—*Evaristo*.
—Mentes! chamas-te *José*.
—Juro-lhe por *SantAnna*, que não.
—Mas *José* ou Evaristo, para que andas a desacreditar a pobre moça do becco do Ferrão, dizendo que has de te cazar com ella?
Não conheces tua qualidade?
Tu não conheces teu lugar, que é na cosinha do Malacachias?
—Isto é enredo do *Gomes*, para me intrigar
—Cala-te, cafre de um dardo, sevandija descarado, cousa tão ruim que nem para o calabrote do muxingueiro serves!

Responda

O fiscal da freguesia da Conceição da Praia si a multa feita ante hontem ás quatro horas da tarde n'um açougue dentro do mercado de Santa Barbara pelo Sr. subdelegado da dita freguezia por causa de uma porção de carne que estava exposta á venda foi ou não bem feita.

Pergunta-se ao Sr. ajudante do batalhão que *principia* na guarda nacional, si é regra de serviço ameaçar de mandar escovar inferiores? Parece que S. S. deve ser mais brando para com seus subalternos, afim de que estes lhe consagrem o respeito devido.

Um dos taes.

ANNUNCIOS.

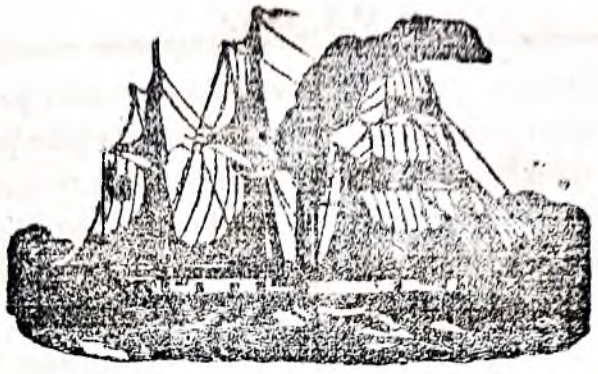
Attenção.

Pede-se a certos Srs. que estão devendo, na venda á rua Direita da Misericordia n. 23, que venham satisfazer seus debitos; do contrario verão seus nomes por extenso n'este jornal.

Passar bem com pouco dinheiro.

Queijos flamengos bons a 1$500 cada um, manteiga ingleza fina a melhor que ha no mercado, Champagne, Chefarre, Bordeaux, Cognac, Absinthio, vinho Lisboa sanguinal, vinho Figueira superior, vinho do Porto Meneres, e mais outros generos que desnecessario é mencionar, tem a venda na ladeira de S. Francisco n. 23 tudo por preços commodos. Assim como previne as pessoas que tiverem seus penhores para resgatal-os em 30 dias.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 21.ª BAHIA 18 DE MAIO DE 1865. N.º 212

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de maio de 1865.

Officio a camara municipal, pedindo-lhe que mande concertar um cano que ha no Guadelupe, o qual ficou entulhado por cahir nelle um burro que foi tirado, entrando caliça e barro, que impedem o escoamento das aguas; de sorte que quando chove, ninguem pode passar por alli sem incommodar o dono da padaria fronteira que presta sua caza ao transito publico. Espera-se pois da Illma. que dê quanto antes um puxo a respeito, ainda que seja contribuindo para que o citado dono da padaria se incumba da obra.

—Homem, ja viu a *Busina*?

—Tenho visto dous numeros; o ultimo vem cheio de *tyrannas*, traz: Este nosso batalhão; Alecrim verde cheiroso e outras asneiras.

—Por exemplo:

Atirei um limão verde,
Na vossa porta parou,
Elle que parou ahi,
E' que ahi tem cousa.

—Não, disso não traz.

—Mas si trouxesse, havia ao menos a novidade da rima.

Ora ouça esta:

Ahi vem o sol sahindo,
Vermelho como um quiabo;
Tomara achar quem me diga
—Caranguejo tem cabeça?—

—Ora retire-se! Deixe de massar-me a paciencia e a do publico.

—Pois olhe, meu capitão, isso não diria o Manuel Pessoa, apezar de ser poeta Si eu lhe fornecesse uma colecção destas *primorosas* que tenho, estou que o homem me agradecia.

—Capitão, disseram-me que os voluntarios que aqui estão tem ordem de não marchar por ora para o Sul.

—Tambem pode ser.

—E sendo assim, achava eu que, em logar do estar o 7.º batalhão da guarda nacional servindo ha tanto tem-

po, fizessem os voluntarios o serviço.

—Mas si elles não tem armas!

—Para o serviço da guarnição ha de sobra nos arsenaes.

—Mas si o Exm. Sr. presidente acaba de dizer que não ha armas para os destacamentos!

—Mas os destacamentos são de guardas nacionaes e para elles, pelo ministerio da justiça, é que as não ha.

—Sendo assim, acho sua ideia aproveitavel.

—E é tanto aproveitavel que o paiz economisa. Si ha de estar o cofre publico a pagar voluntarios e guardas nacionaes, pague somente aos voluntarios que não tem por ora que fazer, sinão os poucos exercicios que fazem.

—Aspirante João de Deus!

—Prompto.

—Vá ver o que tem aquella mulher que está tão zangada.

—Queixa-se amargamente do seguro do correio.

—Porque?

—Diz que subtrahiram-lhe lá uma carta com dinheiro que lhe mandou seu filho Faustino Albino do Sacramento, carpinteiro, que daqui foi trabalhar no arsenal da côrte.

—Não pode ser; o seguro é seguris simo. Talvez o homem não mandasse o dinheiro.

—Diz ella que depois disso ja seu filho lhe escrevera duas cartas, sendo a ultima com data de 23 de abril, accusando a remessa de tal dinheiro que ella por mais que tenha cançado as pernas não tem podido encontrar.

—Mas elle que provavelmente ha de ter uma clareza exija do seguro na côrte a entrega de seu dinheiro, si é que o mandou.

—Sim; mas a mulher que é pobre está desesperada, porque contava com esse dinheiro para pagar a casa em que mora; cujo proprietario é o capitão Cabocolo que não é de graças com os seus inquilinos, e não admitte esperas.

—Pois então que tenha paciencia.

—Conhece a firma?

—E' o *official maior* que eu conheço e ainda quer ser maior.

—E' por tanto um ambicioso; é o maior patife que os ceus cobrem e que Latronopolis sustenta.

—Si o chamam *secretario*, isto é homem que intende de segredos e *secretas*, o bobo levanta-se, desfaz-se em cortezias, mesuras e venias, e fica tão requebrado, tão dengoso, tão *peripatetico* que baba-se de gosto! Arregaça aquellas ventas que parece um boi!

—E' sem duvida para aspirar melhor o aroma das secretas que volita em torno delle.

—Mas tanto tem de affectado esto macacão quanto de insolente; tanto de insolente quanto de preguiçoso; tanto de preguiçoso como de adulador dos grandes, tanto do adulador como do caloteiro.

Na repartição os moleques do doce vivem espreitando-o, porque o patife, é um milagre quando se o pode bispar.

—Mas o Sr. não disse que elle era official? e como dá-lhe aqui em Latronopolis uma repartição, sendo elle o maior official, algum marechal d'exercito por certo, algum almirante talvez?

—Ca ca ca ca ca!

E' official de carapina!

Finge-se aristocrata, amarra a gravata bem alto, maltracta os parentes que lhe lembram a genealogia, afim de passar por grande cousa, quando é elle apenas um desfructavel, um ridiculo desprezivel, enfadonho e nojento!

—*Não tem duvida*; é maluco o sujeito! Eu ao menos não dou nada pela cacholla que sempre anda ao vento; nenhuma fé tenho no juizo de quem sempre anda com o chapeu na mão.

—Ora pelo amor de Deus!

Aquillo ainda é facceirice: o bobo anda de chapeu na mão para mostrar a cabelleira!

—Que é realmente *linda*! E' das taes do João Nepomucenó: bastas cabelleiras pardas a empurrarem o chapeu.

Talvez por ter a cabeça cheia é que elle não a cobre.

—E inculca-se de poeta; quer macaquear um celebre poeta que aqui tivemos, o illustrado *João Gualberto*.

—A ran querendo imitar o boi!

A gralha ornando-se das pennas do pavão!

O burro vestido com a pelle do leão!

(*Continúa.*)

—Capitão, já uma vez dei-lhe esta noticia, e os *magicos* continuam.

—Qual é?

—E' que quando appareceram esses sujeitos com as vaccas pelas ruas, todos julgaram haver melhora; mas é um engano! Levam os sujeitos uma canada de leite com agua e quantos compram são obrigados a levar uma porção da preparação.

—V. deve dirigir-se aos fiscaes que são os incumbidos de velar contra as falsificações dos generos.

—Ora! fiscaes!

O campo do Barbalho está cheio de burros, a dar couces nos meninos, a incommodar a todos, e os fiscaes estão cegos!

—Logo, batatas!

—Misericordia sem misericordia! charidade sem amor do proximo!

Esta *santa* casa!....

—Que ha, Sr.?

—Um menino de nome Tranquilino Salvador dos Santos, sem pae, sem mãe, vindo de Santo Amaro, foi trabalhar na estrada de ferro, onde fracturou uma perna nas galerias; um individuo de nome Pinto remetteu-o para o hospital, d'onde, apenas *melhor*, foi despedido pelo charitativo e inimitavel provedor, Sr. Figueiredo Leite!

A creança pediu que lhe deixassem alli mais alguns dias, até fechar a ferida, mas não foi attendido, por que o medico o deu por bom!

E foi para a guarda de palacio, onde esteve até que mão charidosa o levou para sua companhia!

Chama-se a isso (na cidade de *S. Salvador*, Bahia de *Todos os Santos*, imperio da *Santa Cruz*) fazer charidade.

—Quando com o dinheiro dos outros são assim, quanto mais si sahisse do bolsinho delles!

—E amanhan seus retratos estarão collocados na salla de honra, com o titulo de protectores ou bemfeitores!

—Capitão, veja que insolencia! tres creoulas a obrigarem os outros a deitar lucto por Chico Papae!

—E que tem la isto? Cada um pode deitar lucto por quem quizer.

—Mas si eu estou a dizer que as taes obrigam as outras!

—Ah! mande chamar o muxingueiro, para dar-lhes uma lecção de mestre.

—E' o que merecem, capitão.

Ainda no dia 13 insultaram furiosamente a diversas, por que se não quizeram sujeitar ás suas ordens.

—Quem são ellas?

—Brazida, Joanna, rainha de Flandres e Thomazia, pescoço furado.

—Que satanica trindade!

Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Pega na taca e vae, quanto antes, dar os pezames á commissão encarregada do lucto por Chico Papae!

LA VAE VERSO.

Cahindo *saraiva* um dia,
N'um ovo se transformou;
Do ovo virou gallinha,
A final homem ficou.

Mas lembrando-se ao depois
Qu'era raça de gallinha,
Para fazer presidente
Corre a pôr um ovo asinha.

Mas nem o *pinto* sahiu,
Nem ministro elle ficou,
Pois que o ovo da gran pata
Não teve gala, gorou.

A PEDIDO

Attenção.

Da-se de gratificação um par de bigodes brancos pintados de preto a quem descubrir o assassino do infeliz Bigode, trahiçoeiramente morto por occasião da revolta de 1837. Dizem que o sujeito vive atormentado de remorsos e que está por isso louco; tem barbas de *perú*, nariz de tucano, cara de fuinha, orelhas de burro, cabellos de preguiça.

Quem o prender e levar ao tenente coronel *Azevedo*, ou ao Sr. *Queiroz* receberá a gratificação acima.

—Lá vem o patife do *Gabriel*.

—O que diz V., Sr. *Fernandes?*

—Digo que o *Silqueira*, irmão daquelle cujo que mora no *Carmelo*, é um tratante sem pudor, devasso sem brio, descarado e infame.

—Para que falla assim homem?

—Pois aquelle infame não foi capaz de deixar ao desamparo sua virtuosa senhora, carregada de filhos, por causa de uma miseravel meretriz em casa de quem mora, vendo-se a abandonada senhora obrigada a lavar e engommar de ganho para comer com seus filhos!

—Olhe que a sua lingua, Sr. *Gabriel*, só frita em azeite. O que se importa com a vida particular dos mais?

—Quem chama o procedimento de um libertino vida privada, chama sino assobio.

Pede-se a certo sujeito, que sendo macho se offerece para *serva*, o favor de não continuar a tasquinhar na reputação de quem lhe está muito superior em probidade, dignidade e inteireza.

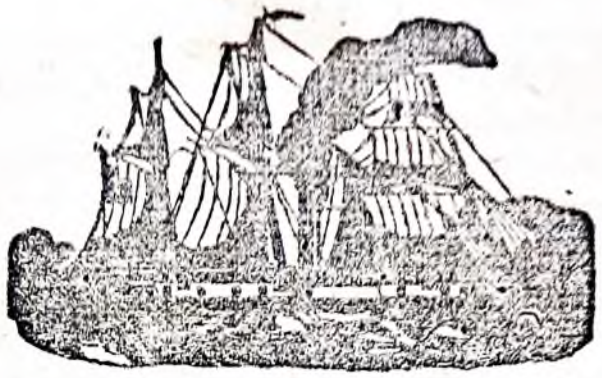
A rua das Vassouras.

ANNUNCIOS.

Passar bem com pouco dinheiro.

Queijos flamengos bons a 1$500 cada um, manteiga ingleza fina a melhor que ha no mercado, Champagne, Chefarre, Bordeaux, Cognac, Absinthio, vinho Lisboa sanguinal, vinho Figueira superior, vinho do Porto Meneres, e mais outros generos que desnecessario é mencionar, tem a venda na ladeira de S. Francisco n. 23 tudo por preços commodos. Assim como previne as pessoas que tiverem seus penhores para resgatal-os em 30 dias.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 22.ª BAHIA 20 DE MAIO DE 1865. N.º 213

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

A 22.ª serie do *Alabama* começa neste numero.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de maio de 1865.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao celleiro na praça de Palacio e faça pelo muxingueiro, estabelecer a moralidade que falta a certas mulheres que alli vivem na maior depravação, sem respeitar a quem entra e até a uma honesta senhora viuva que é obrigada a estar alli a vender, attenta a necessidade que tem de meios de subsistencia. Extranhe aos fiscaes que estão sempre por alli sua negligencia e traga seus nomes para prevenção. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua das Veronicas e faça com que um Sr. Britto que mora n'um sobrado de dous andares, recommende a sua familia que não continúe a atirar para a rua aguas servidas, que cahindo de grande altura vão saltar dentro das casas fronteiras, além de molharem a quem passa e incommodarem o nariz do publico. Cumpra.

—Viu o *Diario da Bahia* dando noticia da morte do barão de S. Francisco?

—Vi, mas foi a pouca cerimonia com que o artigo estava encaixado na redacção!

—Pois não é...

—Qual, Sr.! O mesmo artigo, tintim por tintim, sahiu nas publicações a pedido do *Jornal da Bahia* e do *Interesse Publico*, no mesmo dia, é preciso notar!

—Safa! Assim, sim, mas assim tambem, não!

—E dizem que esta camara não é do progresso! E' tanto do progresso que quer que vamos subindo até chegar ao céu!

—Que é que está V. ahi a dizer?

—Pois não tem visto?

—O que, homem de Deus?

—O nosso terreno é montuoso, mas como as montanhas não são la grande cousa, que faz a camara? manda criar montanhas artificiaes, para que o homem subindo-as vá ter ao ceu. E' uma especie de torre de Babel.

—Fica mais proprio si disser: a guerra dos titans; montanhas umas sobre outras para escalar-se o ceu.

Mas eu nada disso vejo.

—Passe pelo Taboão e pela Praça e la verá dous montões de caliça, empatando o transito.

—Ora nonoroques!

—Estes pharmaceuticos não se emendam! La vae mais uma victima! E devida ao desmazelo, ao descuido, á inercia daquelles em cujas mãos está a vida do povo!

Um homem chamado Norberto, creio, teve necessidade de tomar um purgante e mandou comprar sal inglez; veiu não sei que diabo da botica, e o homem foi direitinho para o ceu, graças aos caixeiros do Sr. Agostinho Dias Lima, dizem.

Então que tal a cousa?!

—Talvez pomada.

—E' caso passado no dia 16 do corrente, na rua das Flores. Dizem que o subdelegado procedeu a corpo de delicto e a academia á autopsia.

—E não ha um codigo de pharmaceuticos? não ha inspector de saude?

—Ah! ah!... ha... ha.....

—Ora bem bello!

Certos socios do Monte-pio dos Artistas caballam, brigam, intrigam para fazerem parte do conselho, e quando se acham servidos, fazem o diabo, não comparecem ás sessões, faltam a suas obrigações sem cerimonia alguma!

—Não se reunem, quando ha *razões*...

—Tambem não duvido; e é provavelmente por isso que ha tanto tempo não ha sessão.

Ha certo requerimento que *não convém* despachar, talvez porque o procurador é da *menoria*.

—E ha tambem os artigos 11, 12, 13 e 45 dos Estatutos.

—Manda quem pode....

—Si V. Ex. visse as *grimaces* que faz este bobo, as momices que apresenta este desfructavel, os trejeitos de que usa este mono, n'uma salla de baile, á vista das senhoras a cujo contacto quer se derreter a tal figura d'engosso, quando apenas se derrete o fedorento sebo da nauseabunda cabelleira; si V. Ex. soubesse do *beneficio* que deu o *galan* n'uma reunião de familias,—ou tinha dó do infeliz, ou escangalhava-se de riso com o desfructe.

—Mas, então, que foi?

—O *poeta* entra na salla, garboso, a desgrenhar os cabellos, a arregaçar as ventas, a puchar o colleirinho, a indireitar o pescoço. Ao ver as senhoras, vae dando de bunda, isto é recuando, recuando, recuando e abrindo os braços, a nadar no ar:

Qual em impura lagoa pata choca.

As mãos do pahorra porém tantas direcções tomam, tantas voltas fazem que vão cahir desapiedadas sobre uns copos que n'uma salva traz um criado. Principia o espicha do *poeta*. O tinir e o fracasso dos copos, o tombo e o barulho da salva, as gargalhadas dos circumstantes poem o pobre diabo em serios apuros.

O *poeta* faz um tiroteio e calca o pé com força involuntaria sobre a cauda do vestido d'uma senhora que passava, e a moça quasi fica em fraldas!

Si o ex-carapina pudesse ficar vermelho, era essa uma occasião; o *poeta* ficou roxo.

Tonto, perturbado, o azoinado *zaranza* intende que é tempo de sentar-se e cahe em cheio por cima d'um violão que n'uma cadeira estava.

As reclamações do dono do instrumento, as atarantadas desculpas do trovador, o suor frio que lhe corria pelo rosto, as risadas das damas, as chacotas dos cavalheiros, mandaram o bobo, *enfiado*, para um canto, donde não sahiu sinão para com uma ultima *gentileza* realçar aquella noute do seu beneficio!

O embuchado *galan*, protogonista da comedia, poeta improvisado, Momo resuscitado, bobo applaudido, actor pateado, levantou-se e despediu-se de todos em geral com um simples *boa noute*. O *Mané gostoso* tornara-se n'um *João-duro*, nenhum geito fazia.

A dona da caza levou-o até a porta onde o infeliz lembrou-se das estiradas cortezias e lá se foi pelas escadas abaixo a contar com as ventas os degraus, ou como disse alguem, a medir com o corpo a altura.

A antiga casaca, com sua respeitavel golla de quatro dedos, e canhões no punho, ficou, oh! dolor! toda manchada, a cabeça empoeirada, isto é a cabelleira polvilhada; e naquelle lastimoso estado, dando ao diabo sua má estrella, sahiu daquella caza o nosso incomparavel poeta a quem tinham pregado nas costas a seguinte sextilha:

Quebrei copos, me molhei,
Da bella as vestes pisei,
Me sentei no violão!
Levei grande pateada,
E depois d'estar na escada
Fui de ventas pelo chão!

J. G. P.

(*Continua.*)

A PEDIDO

—Providencias se pede ao Exm. Sr. vice-presidente sobre um facto escandaloso.

—Qual é elle?

—Dizem que certo commandante de voluntarios recebeu DEZ CONTOS DE REIS e não paga até hoje, duas quinzenas, aos guardas do batalhão!

—Historias de mestre *Gustavo* que é um pomadista.

Não creia nisso.

—Não affianço; é o que dizem; valha a verdade.

—Leu a *Constituição*?

—Aquillo é imprensa graúda ou miúda?

—Porque pergunta?

—Por que não escreve uma linha em que não altere a verdade!

—Lá isso é exacto! Abusar da paciencia do leitor com tanto cynismo, impingir-lhe petas tão de continuo, calumniar tão sem cerimonia, juro que nunca vi!

—Opposição ridicula, o unico partido de que lança mão é a intriga e a mentira, a calumnia e a inveja, trazendo sempre na ponta da lingua — a

verdade e a justiça, que sacrilegamente profana.

—E com effeito! Outro dia, teve o desaforo de dizer que os *raposas* lançaram nas chammas os *raposas*, hoje levanta o beque impudente e com a desfaçatez propria de quem ignora o que é pudor, sem medo de ser agarrada na praça e convencida de calumnia, a *Constituição* diz, depois de muita mentira, que Luiz Antonio foi constituinte!

—Ah! falla o que lhe inspiram! A *Constituição* é apenas o echo da impotencia e da raiva que se serviram da *necessidade* para abusarem de sua boa-fé.

—Quem é que não sabe que por occasião da Constituinte houve um scisma no partido liberal? Quem ignora quaes foram os redactores da *Opposição*?

—Ignora-o a má-fé; ignora-o tambem a *Constituição*, que é simploria; escreve o que lhe mandam; isto é, ignora-o a ignorancia.

Exm.ª Sra. D. Alcina, não se esqueça dos pasteis.

—O que quer, meu amigo?

—Fallar ao capitão do *Alabama*.

—Diga-se.

—Vinha pedir a S. Ex. providencias para a freguezia do *Santo que os indios mataram*, onde existem dous facinorosos um nascido no dia de S. *Benedicto* e outro no de S. *Estevam*, ambos vaqueiros, os quaes apezar de não fazerem *boa-união* vivem alli impunemente a espancar e commetter atrocidades contra os pacificos habitantes do logar, e o subdelegado não sei si aterrado por elles, ou por condescendencia pouco se lhes importa com isso.

—Vá ao governo ou ao chefe de policia que é quem pode dar providencias.

—A acção do governo torna-se nulla, porque as authoridades subalternas não cumprem seu dever.

Esses dous sicarios assassinaram naquella freguezia o infeliz Matta com um filho de dous annos nos braços e até hoje andam por alli zombando da justiça e das leis.

—Neste caso, meu amigo, é soffrer resignado e fugir dos homens.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado pede a certo alfaiate morador da rua onde se *perdoam as Crueldades*, que por S. *Miguel* o grande *Archanjo*, e pela *Cruz* do nosso piedoso Redemptor vá buscar a sua taboleta que mandou apromptar, levando os competentes dez bicos, porque além de empatar-lhe a casa, o annuncio está no desembolço do seu trabalho ha tanto tempo; e si acaso o Sr. *costureiro* não pode ir buscar autorise a que se venda a referida taboleta, por que de esperas ja basta.

Jorge W. H. Dunham.

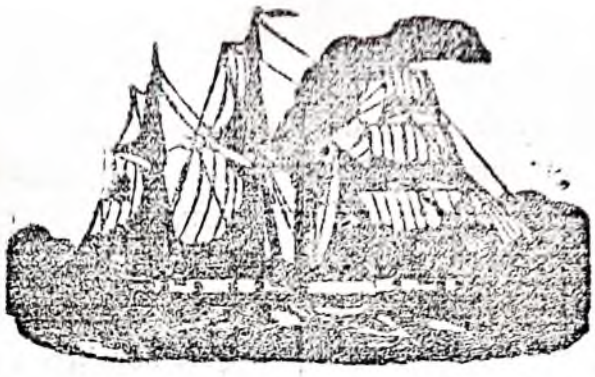
Na casa n.º 23 á rua Direita do Collegio precisa-se de uma ama de leite que seja sadia.

Vende-se uma lancha baleeira em muito bom estado; com pannos e cordame novo; quem a pretender dirija-se a rua dos Algibebes loja de couro n. 7 que achará com quem contractar.

Vende-se um bom piston prateado com cinco bombas sendo do melhor fabricante, por commodo preço na rua do Coberto Grande n. 41.

Na lojinha á rua Direita da Mizericordia n. 10 vende-se e aluga-se cêra em porção e a retalho, papel para requerimento, rapé tambem a retalho e diversas miudezas, etc.etc.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 22.ª BAHIA 25 DE MAIO DE 1865. N.º 214

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de maio de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que se digne mandar concertar ou fazer com que os donos das cazas mandem calçar a ladeira da Palma que se acha em deploravel estado, cheia de profundos buracos, os quaes servem para fazer a algum incauto quebrar a perna e tomar um formidavel banho de choque.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que, hontem ao meio dia, os moleques da Sé foram a S. Pedro e *pintaram a manta,* dando pancada e quebrando a cabeça a quanto menino encontraram, isto ao som de innumeros vivas ao bairro de Santo Ignacio que elles representavam.

Tendo alguem, para desculpar a S. S., dito que por falta de dinheiro, não podia haver policia, lembra-se a S. S. que para castigar moleques insolentes e turbulentos não se precisa das cazas da India, e sim de energia e boa vontade da parte da authoridade.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que dê providencias quanto aos *cavallinhos* da Piedade, que são perdição para os moleques e filhos-familias e foco de quanta immoralidade e desordem se pode imaginar. Algumas honestas senhoras que alli moram reclamam contra o escandalo. Ao menos por attenção ao bello sexo, espera-se ser attendido.

—O *padre Amaro* quer que lhe conte a chronica? Não estou por ora resolvido. Sabe que lhe podia dizer muita cousa que até hoje ainda não veiu ao dominio publico.

Si lhe perdôo porém, fique sabendo, é porque o considero *testa de ferro* no que disse: sei muito bem que o *capitão* é que lhe metteu a cousa....na cabeça.

Com quanto spirito pequeno, incapaz de comprehender as grandes ideias; bem que concepção rasteira, que censura os pensamentos elevados, por que os não vê, porque os não intende, não

injuriarei ao mancebo libertino e incestuoso que offerece, como meio de seducção, romances á leitura....

Por ora só.

E fique sabendo que o seu *pharol* está embaçado com a fumaça do podre incenso que queima aos Josués caricatas do progresso.

—Agora está na ordem do dia um chicotinho.

—Homem, é verdade; não ha official de voluntario que garboso o não empunhe; entram com elle até na platéa do theatro a sacudirem as calças.

—O que seria o menos, si não fosse a pouca delicadeza, com que elles o manobram para com os soldados, quando estão no exercicio; chegam a ameaçar os guardas....

—Bagatella!

Andaram a fazer official quanto menino bonito encontraram, que querem? é brinquedo de meninos.

—Capitão, disseram-me uma cousa que não garanto, mas que pode ser verdade, e a policia que indague.

—Ora vamos.

—Disseram-me que certo typographo que se veste de *archanjo* e que empunha então uma linda *bandeira*, tinha em seu poder um menino a quem escravisava, constando até que já o quiz vender; não garanto, dizem.

O menino chama-se Isidro; maltratado com pancadas dizem que vive; é livre; seu padrinho, segundo disseram-me, é o Sr. Calixto, professor jubilado, que mora na freguezia de S. Pedro.

Ora, si fer, ou si é assim, deve haver providencia. A policia deve investigar o facto, afim de que o Sr. Dr. juiz de orphãos cuide do caso.

—Pois sim, rapaz, vae esperando, que desesperas.

—Hontem, fiquei massado com um official do 3.º dos *arranjados da patria* que ia importuno.

Quiz Deus que um antigo infame de tropa de linha subisse, como sobem os monturos, e então o tal official fallava hontem como o diabo! reprehendia seus companheiros com tanta insolencia que o publico se admirava.

Chegava a censurar seus superiores por que nomearam officiaes a *tabareus*!....

—Ora deixe-me, Sr. *Guimarães*, lembre-se de seu tempo, de tanta cousa feia que o Sr. fazia e deixe-se de censurar os outros!

—Foi solemne o *cavaco* do *poeta* e ainda mais galante a sua historia.

—Com o cartaz ás costas, á moda careta, o bobo desafiou a attenção dos moleques, e no meio de terriveis vaias, gritarias e até pedradas, poude finalmente chegar á casa, corrido, vexado, massado, agitado, pateado, zangado, logrado, cançado e suado....

A *ama* que o não esperava áquel-

las horas, quasi assombrada ficou de ver o desalinho em que entrava seu amo, a pedir-lhe que comer.

Sabe V. Ex. que quando o *poeta* tem de jantar em casa d'outrem (o que succede 7 vezes na semana) não manda apromptar comida em casa, e assim julgue-se do pasmo da creada ao ouvir o extranho pedido que lhe fazia o somitego glutão.

A creada porém resolveu-se e despachou o alarve, declarando-lhe que não havia com que comprar melões.

O poeta, lembrado do proverbio—quem dorme janta—recorreu a Morpheu, que bondoso o attendeu em seus rogos.

—Vire folha.

—E' a noute de 2 de julho; o theatro está concorrido, litteralmente cheio; o presidente da provincia acha-se presente. Canta-se o hymno nacional, findo o qual soam palmas: todas as vistas dirigem-se para o camarote donde ellas vieram. Um homem, de grande cabelleira, de maior cara, endireita o pequeno laço da gravata, puxa o colleirinho, dá com o pescoço, desgrenha os cabellos, arregaça as venias, pega no nariz; está de pé, é *elle*!

Bate de novo palmas, e grita:

«Embora pelo *po rodem*
Os liberaes é que podem....

A gargalhada foi estrepitosa; os apupos foram freneticos; os gritos furiosos

O poeta repetiu:

«Embora pelo *pó rodem*....

A plateada não consentiu que continuasse.

O ousado que intentara galgar o Pindo levara uma patada do Pegaso e descera o monte a unhas de cavallo, a quatro pés. Fugira do theatro; mas na porta ja a rapazeada o esperava e aos gritos de *poeta-pó-rodem* foi elle saudado com uma bonita encapellação de cachopeleta!

Assim findou uma noute de prazer, pela pouca consciencia que tem de si os presumidos.

—D'agora por diante quando tractar delle, chame-o Po-rodem.

—E' o nome que ficou tendo desde então.

(*Continúa.*)

—Dizem que Malacachias, depois de arranjar-se com os *supprimentos*, anda a attribuir sua *felicidade* ao governo que della participa.

—Impossivel! Malacachias é patife, é malvado; mas ignora o que seja ingratidão. Malacachias é incapaz de morder a mão que o ergueu do pó.

—Tambem pode ser.

LA VAE VERSO.

Piqueta

A's onze, larga o Saraiva,
A's doze, pega o Nabuco,
Que *julgara* os patriotas
Da revolta em Pernambuco!...

Temos pois *da meia noute*
Um ministerio galante,
Em que dirão que o partido
Liberal é triumphante!...

Quem dera chegue
Ja o paquete
P'ra ver-se as firmas
Do gabinete.

Que tonto estou
Ja por saber
Quem é que agora
Vae nos reger.

A PEDIDO

—Breve tem logar a festa do *Paraclyto*.

—E quem será eleito thesoureiro?

—Si não for o mesmo, algum dos *taes*.

—Não é possivel, porque todos devem servir a Deus, pois é assim que se ganha o reino dos ceus.

—Mas não é novo; em muitas partes succede isso, principalmente naquella

freguezia, onde ja um serviu tres annos, outro quatro, outro seis, e outro quatorze em duas prestações!

—Valha-me *Santo Antonio*!

E o *Divino* senhor que illumine o nosso *spirito*!

—Amen!

—Leia isto!

—«Mas a immoralidade, a mentira e a falsidade constituiram as condições unicas da vida governamental do Sr. Des. Luiz Antonio.....»

—Que nome tem isto?

—*Chama antes que te chamem.*

—Leia agora isto!

—«O que faz pasmar, o que maravilha é que n'uma epocha em que se monta um serviço de limpeza publica, se não comprehendesse no contracto o *fardão da propria presidencia* e menas tantas consciencias immundas e miasmaticas que bem precisam das varreduras diarias da companhia das limpezas publicas.»

Isto é a *Constituição*.....

Esquece-se de que no contracto da limpeza deviam com maioria de rasão ser contemplados os *gafanhotos*, os inquietadores das meretrizes, os capitães do *arrenego*, *certos conhecimentos falsos* dos estabelecimentos bancarios e uma sentença enviando um ladrão para Fernando de Noronha.

Esquece-se das *gallinhas chócas*, dos *populares* e de certos tutores que depredam os bens dos italianos.

Esquece-se dos intrigantes que despeitados por sahirem d'uma empreza com grossa taboca encaixada, vão á imprensa dar mais um testemunho de calumnia e d'alma pequena que os dirige.

Esquece-se de todos os moedeiros falsos e ladrões de qualquer especie que são, uns barões, outros commendadores, outros tenentes coroneis, todos chefes d'um grande partido *pelotiqueiro*.

—E esquece primeiro que tudo a vergonha e a moralidade que devem ser o caracter de quem escreve a historia.

Um curioso deseja saber o seguinte:

Quanto descontou-se de cada um guarda nacional do 7.º batalhão para compra de sobre casacos.

Si o preço do panno foi na razão do desconto.

De que qualidade é o panno.

Si no caso de haver sobra na compra do panno, esta entregou-se aos mesmos guardas ou a favor de quem reverteu.

Um pitú.

Adverte-se ao sargento da 3.ª companhia do 9º batalhão da Matta de S. João, que seja mais polido com os guardas de sua companhia quando estiver em forma deixando de os chamar burros e descarados, por que pode custar-lhe caro.

Um offendido.

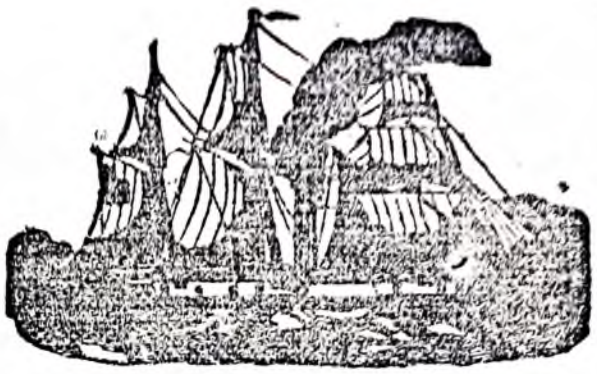
ANNUNCIOS.

Passar bem com pouco dinheiro.

Queijos flamengos bons a 1$500 cada um, manteiga ingleza fina a melhor que ha no mercado, Champagne, Chefarre, Bordeaux, Cognac, Absinthio, vinho Lisboa sanguinal, vinho Figueira superior, vinho do Porto Meneres, e mais outros generos que desnecessario é mencionar, tem a venda na ladeira de S. Francisco n. 23 tudo por preços commodos. Assim como previne as pessoas que tiverem seus penhores para resgatal-os em 30 dias.

Na loja de calçado á rua Direita de Palacio n. 3. de Salvatore Centolani precisa-se de officiaes de sapateiro.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 22.ª BAHIA 25 DE MAIO DE 1865. N.º 215

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de maio de 1865.

Officio ao Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias para que as ruas desta capital sejam policiadas á noute convenientemente, afim de que os malfeitores e desordeiros contando com a impunidade pela deficiencia que ha de patrulhas, (pois que uma patrulha que rara vez apparece, para uma freguesia extensa não é sufficiente) não andem a pôr em pratica seus malevolos intentos, como acconteceu na noite de 23 que um crioulo morador á ladeira da Praça accommetteu com uma faca a outro naquella rua, deu-lhe uma facada, e passou desapercebido o facto, indo um ferido e outro muito ufano para suas casas.

—Ao mesmo, pedindo-lhe, não pela primeira vez, se lembre das familias que moram ao Castanheda, no logar que deita para o becco do Araçá, as quaes vivem alli incommodadas com o incessante jogo, com as desordens que delle derivam e com as repetidas immoralidades, que até ja chegaram a arrancar um brado do *Diario*. Ao menos em attenção á folha official que tanto exalta a S. S., espera-se providencias para socego das familias honestas.

—Ao Sr. subdelegado do primeiro districto de Santo Antonio, communicando-lhe que ha no becco do Queimadinho uma casa de jogo com a qual cumpre acabar, não só por ser ella o valhacouto de muitos vadios e reus de policia, como pelas innumeraveis desordens que alli ha todas as noites.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

O cabra do Carmo, pedindo para criar barbas queixaes.—Será attendido, quando deixar de ser immoral, quando deixar os colleirinhos á moda de cutello a varredores, e quando fizer resuscitar o seu amigo carnal, Serva-Moleque.

—

—Capitão, é velho que chegaram os voluntarios de Santa Isabel.

—Cujo organisador quer ser tenente coronel, commandando 190 praças que fizeram um barulho dos seiscentos.

—Chegaram tambem voluntarios dos Lençoes.

—Vi-os; duzentos e tantos ao mais; esteve luzido o seu desembarque. A chuva moderou para deixal-os saltar.

—Por fallar em chuva, leu o *Diario* e o *Jornal* de domingo?

—Li; traziam um annuncio do 3.º batalhão de voluntarios, dizendo que por não estar prompta a musica deixavam de ir naquelle dia ao Bomfim e iam ouvir missa na Cathedral.

—Pois, ao findar a missa, o tal Sr. tenente coronel arribou com o seu batalhão para o Bomfim, debaixo de chuva e mais chuva.

E viu-se então um caso galante: o batalhão recolheu-se em S. Francisco de Paula!

Ao depois, ainda debaixo de muita chuva caminhou até o Bomfim, onde o bom do commandante mandou tocar a debandar.

E debandados ficaram os guardas; quasi todos já estavam de pés no chão.

Quando voltaram, 8 horas da noute, tinham esquentado o peito, e vieram fazendo diabruras, todos *debandados*, em magotes de vinte e trinta.

—Que quer que lhe faça?

Sempre é commandante que mette os soldados na chuva e tem medo de chuva...

—Emfim como eu não sou militar, nada intendo da cousa, calo-me.

—E eu fallo, que nunca vi disto; nunca vi batalhão recolhido.

—Sabe do barulho de S. Pedro?

—Oh! S. Pedro anda brigando?

—Capitão, fallo-lhe d'um conflicto que houve entre a policia e os guardas do 2.º batalhão da guarda nacional.

—Os *voluntarios*?

—*Sim, Sr.*, o 2.º batalhão da guarda nacional *voluntario*....

—Que houve então?

—Entre diversos jogadores foi encontrado Gregorio de tal, guarda de S. Pedro, que se não quiz entregar á prisão; do que resultou um conflicto entre o capitão Salles, o tal Gregorio e diversos guardas de S. Pedro, que o queriam á força levar para o quartel.

—Serio?!

—Tão serio que foram para a porta do chefe de policia, fizeram reunir-se grande numero de pessoas, e sahiu até a cavallaria.

—E depois?

—Foi hontem 23, pela manhã, conduzido o guarda para seu quartel, bem recommendado a seu commandante.

—Então foi sempre o guarda para o quartel?!....

—Ora!.....

Isto andam elles a dizer; mas o guarda dormiu na policia. Quanto ao ir para o quartel, sempre havia elle de ir com a parte das gentilezas que fez, remettido a seu commandante, como foi.

—E os outros guardas?

—Estes, apezar dos grandes elogios que faz o *Diario* ao chefe de policia, julgo que não são conhecidos.

—Bom! E' a isto justamente que se chama tino policial!

—Appareceu agora um escriptor que faz do—M— um labyrinto (enigma, diz elle, que só o talento de Ariadne podia decifrar)

—E' um escriptor macho!

Traz grizetas (é azeiteiro) lembra sua velha avó, anda com cachorros e gatos, tem lepra, rasteja o cavallo de Attila e aspira a Napoleão!

—Oh! que bobo!...

Maluco é a decifração do—M.—

Sem ter o talento do Ariadne, sem *suar* para escrever protestos de brios contra os pasquins, gazeteiro que não teme *caretas* de Napoleão de gêsso, ou do Momos de comedia, levanto-me para dizer que paschins vivos, ambulantes, é uma familia inteira, representada por um pae que despreza sua mulher para viver em concubinato com outra, e que o exemplo que dá a seus filhos é escrever um *album para os rapazes*.

—Safa!

—Bem vê por tanto o Sr.—M—que o conheço, apezar de M significar muita cousa ruim.

—Homem, a imprensa graúda não deu noticia do envenenamento do infeliz Norberto!

—São cousas.

—Pois o *Diario* que dá noticia de uma espingarda de caça que desarmou e quebrou a perna de um homem, lá no sertão distante daqui 50 e 80 leguas, não dá noticia de um envenenamento dentro da capital!

—Que quer que lhe faça?

—Dizem que até uma publicação que esclarecia certos factos a respeito, competentemente legalisada, fora regeitada em todos os dous *grandes* jornaes.

—Condescendencias, talvez.

—Sim, sim.....

—E a policia, o que tem feito?

—Ora.... a policia.... .

—Meu amigo, ser poderoso até no inferno.

—Capitão, uma historia.

—Vá dizendo.

—Certo governador, querendo acabar com os *bancos*, cadeiras e tripeças, nomeou uma commissão para examinar o estado delles e apresentar o que a respeito mais conveniente julgasse para serem tomadas providencias por elle.

Um dos membros da tal commissão (que dizem uns ser o Dr. Murrinhos e outros o Dr, Antolhos) encarregou-se de tomar e tomou apontamentos com que formulou um relatorio. Os outros, envergonhados do rol de roupa suja que apresentou a peseta, formaram uma obra de gente para ser vista por gente e enviaram-na ao tal quidam para assignal-a.

O bruto, porém, julgando que estava a dar despachos, escreveu no fim do relatorio:

«Não concordo com a exposição dos factos e menos com as illações que se tirou!»

Entretanto a exposição era a mesma, limada porém e concertada por que o animal é redundante e difuso a mais não ser!....

Apesar de ser formado em duas faculdades!....

O governador soube da *cousa* e mandou que a *firma* désse parecer em separado.

O animal levou 16 dias e gastou 75 (!!!) folhas de papel! que nada mais são do que quinze cadernos.

E o resultado foi um furioso couce que deu a besta para quebrar todos os bancos!

—Que *leitão* damnado!

—Leitão! é apenas um *pinto* endiabrado!

—Que sujeito é aquelle?

—Um que deu na mulher por causa d'um namoro.

—Com quem?

—Com uma menina do Pará, que elle quer seduzir em uma *mangueira*.

—De quem é a mangueira?

—Pertence ao Herminio.

—E o cujo onde anda?

—Pelo campo da Polvora', donde não sae, quer chova, quer não; sobe a um alto para ver....

—Si descobre a policia do *Alabama*?

—Não Sr.; a mangueira, onde está a moça.

—Muxingueiro, conheces o insolente?

—Muito capitão; ja foi criado do Malacachias e é muito amigo do *Ernesto*.

—Pois, onde o encontrar, mette-lhe a taca de rijo.

A PEDIDO

—Viu o que se diz no *Alabama* acerca do *Paraclyto*?

—Vi; falla em reeleição de thesoureiro, confundindo os do Spirito Santo com os de Santo Antonio e SS. Sacramento; quando todo mundo sabe que a devoção do Spirito Santo não tem rendimentos que equivalham ás despezas da festa e outras muitas que tem feito o actual thesoureiro com obras dentro da capella e compra de certos moveis.

—Fica por tanto claro que não pode ficar injuriado o actual Sr. thesoureiro, a quem faço a justiça que merece.

—Vem cá, fusco!

—Não me chamo fusco; o meu nome é *Evaristo*.

—Sevandija! para que trocas o nome quando todos te conhecem por *José*?

Juro-te por *Santa Anna* que si continúas, te mandarei ao *Gomes* para te tirar esse maldito costume.

—Mas o que quer comigo?

—Com que cynismo e descaro andas a fallar no procedimento dos outros tu que tens precedentes escandalosos?

Com que audacia vae o teu patrono dizer na presença de um juiz respeitavel que és santarrão?

—Mas então que foi?

—Ora dize-me, ja não moraste n'uma *estrada que não é velha*?

—Ja.

—Não foste inspector n'um logar onde *agua-singra*?

—Fui.

—E porque foste demittido?

—Intrigas.

—Mentes, infame! foi pelo teu procedimento vil e escandaloso, pelas devassidões e orgias que commettias. Reunias alli trez ou quatro salafrarios teus comparsas e começavas a chamar as pretas de doces e outras vendas.

—E' falso.

—Cala-te, ordinario! Pois entre outras, não chamaste uma creoula de nome Carolina, escrava de um parente do capitão João Carvalho para comprar arroz, e não lhe quebraste todas as chicaras por que ella não se quiz prestar aos teus torpes intentos? Não a tiveste trancada quasi um dia apezar dos seus gritos? E não foi este facto que deu origem á demissão do cargo que infame e indignamente occupavas?

Miseravel, tu bem mostras que foste criado e mais alguma cousa de Malacachias!

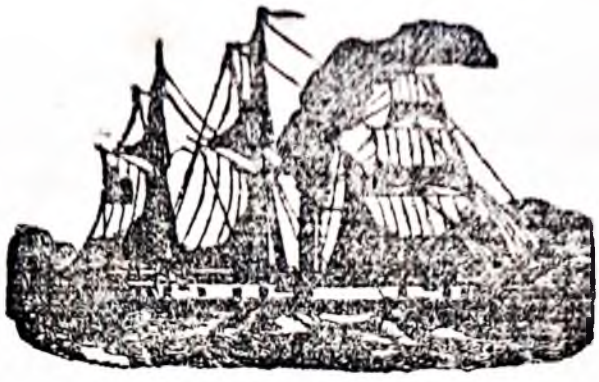
Foge, tratante, da minha presença, antes que te mande para o inferno!

—A mais tempo.

ANNUNCIO.

Desappareceu uma cachorrinha, de raça pequena, pelluda branca, com o cabello aparado; tem por signal uma pinta parda no canto dos olhos; quem der noticia nesta typogrophia será gratificado.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 22.ª BAHIA 27 DE MAIO DE 1865. N.º 216

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de maio de 1865.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua dos Carvoeiros, sobrado n.º 19 e intime a certos sujeitos que alli moram que não continuem a mijar da janella para a rua, sob pena de, não dando providencias a policia, serem conduz dos ao porão do *Alabama* para receberem as honras do estylo que competem aos engraçados e desrespeitadores da lei. Cumpra.

—E' preciso insistir no facto.

Ha dias levantou-se a opinião publica e denunciou um delicto, um descuido talvez.

—Qual?

—Morreu na rua das Flores um homem envenenado com sal d'azedas, que dizem trouxe elle da botica do Sr. Agostinho Dias Lima, onde fora compra r sal inglez.

—Mas então que quer? Foi um descuido, uma falta involuntaria. Bem vê que não é crivel nem provavel matar-se um homem que nunca se viu.

—Que foi um descuido não duvido; mas aqui, ha tempos, deu-se um caso identico em a botica do Sr. Borges e o homem foi preso, e trancadas as portas de sua botica.

—E que quer V. inferir?

—Nada. Podia dizer que um soffreu e o outro zomba, por que aquelle era pobre e este tem *com que*; mas o que quero, o que quer o publico, o que quer a lei que é egual para todos, é que o Illm. Sr. Dr. chefe de policia, tão elogiado por sua *energia* no *Diario* o *Interesse Publico*, se lembre de que ha um caso de morte, cujas causas convém indagar, cujo mysterio convém aprofundar, cujo author convém descobrir, para punil-o.

—Bom; gosto de ouvir fallar assim. Direito, direito; quem engana a outro é judeu.

—Capitão, estou massado.

—Porque?

—Dei meus dous mil reis no beneficio de uma sujeita assim com o nome de *Pe-tripas*, e não gostei da *bicha*; a tal prima dona dos principaes theatros de França e Belgica, a societaria da capella do imperador dos francezes, a dirigir a orchestra, agradou dez mil vezes menos do que o Martins na *Namoradeira*.

—Ora vivorum! Seria melhor que V. apprendesse a dizer o nome da moça.

—*Petit-pois* (Petî-poá) disse o Martins; é verdade, tem rasão, capitão.

—Petitpas chama-se a moça.

—Ora ahi está o que eu não sabia; eu logo vi!

Seismei com a moça, abria a boca! Jesus!....

Por isso a rapazeada berrava tanto!

Ah! era por isso!....

A tal sujeita era *Pé de pato*!.... Cruz!

—Eis ahi o que faz um tabareu vir ao theatro!

—Capitão, a ordem 3.ª do Carmo, que ja era dos *brancos*, é agora portugueza.

—Mas porque?

—Porque mandaram dizer em Lisboa duas mil e tantas missas por alma dos irmãos da Ordem.

—Ah! isso é porque o thesoureiro é portuguez e faz muito bem em proteger seus patricios.

—E a lei da caza, que manda que as missas sejam ditas no bufete?

—Historias! A lei é de cera e com facilidade se torce.

—Bem fazem os *verdadeiros* brancos e os verdadeiros irmãos que estão retirados, e não entram na panella, além dos que morreram desgostosos, como Faca de Ponta, Rita Sebolla &., &.

—E' porque inventaram certas distincções que não ha no regulamento.

—E quer V. acaso que um negro qualquer seja irmão d'um *branco*, que, com quanto tenha da raça, ja está apurado?

—Ora empine-se, Sr. sanhaço branco!

—Os voluntarios dos Lençóes, por ordem do Exm. Sr. vice-presidente, foram incorporados ao 2.º batalhão *nacional* de voluntarios da patria.

—Bello! a guarda nacional do municipio da Bahia enxertada dos voluntarios do sertão!

—Quem lhe disse, Sr.? O 2.º batalhão é o commandado pelo Sr. Mundim.

—Está enganado; a palavra *nacional* que alli está indica que se tracta da guarda nacional. E si não veja o *Diario* de 25, que traz um officio do presidente, dispensando um tambor do tal 2.º nacional.

Bem vê Vm. que o 2.º de voluntarios não tem tambores.

—Tem rasão, tem rasão. Só admiro... só admiro como é que o Sr. Maia teve coragem de offerecer o corpo que commanda!.....

—Audaces fortuna juvat.

—Capitão appareceu uma *nova estrella* que é um raio, um cometa de rabo e rabo comprido.

—Sei; è uma invenção d'um grande patife, intitulado devoto de S. *Sebastião*, quando não passa elle de um meninorio experto, com honras de gavião a comer franguinhas! E' um dos *carvoeiros*, o qual ainda um destes, dias, com ajuda de uma *Jacintha*, commetteu um delicto occultando a victima.

—Muxingueiro, chame o bregeiro á ordem em companhia da Jacyntha, a-

fim de que lhes possas applicar,a geito, cincoenta das boas!

—E' ja, meu valente capitão!

LA VAE VERSO.

Como assignantes tem dito
Que atural-o já não podem,
P'ra o porão vae remettido
O poeta D. *Po-rodem*.

La pagará o que deve
Esse biltre, esse bregeiro
A's voltas com as estiradas
Tacadas do muxingueiro.

Bruxas e bruxas
Chorae por elle,
Q'a taca é grossa
Tira-lhe a pelle.—

Carta do compadre da roça.

Compadre.—Que esta minha
Lhe vá ás mãos sem desvio.
Receba meus cumprimentos
Que cá de longe lhe envio.
E o que p'ra mim não quero
Não m'importa seja seu;
Pois só dando o que desejo,
Fica triste o peito meu.

Soube pela sua carta
Que o ministerio cahiu;
Mas eu que não sou politico,
Não se me dá quem subiu.
Acho que todos são um,
Seja qual for seu partido:
O que sobe sempre é bom
E pessimo o que stá cahido.

Este costume é antigo
Em certos homens da terra;
Para elles quem é grande
Tudo bom em si encerra:
Mas logo que descahiu,
Do fastigio do poder,
Fica atirado p'ra um canto
E ninguem mais o quer ver.

Mas eu que vivo na roça
Longe desse movimento
Quando sei de taes noticias
Não me abala o pensamento:
Como roceiro, só quero
Ver minhas favas crescidas,
As aboboras maduras,
E as alfaces nascidas.

Ver meu fumo bem taludo,
Em estado de colhel-o
Sem sem ser preciso capal-o
E achar a quem vendel-o;
Plantar minha mandioca,
Vel-a dar boa raiz,
E' somente o que aspiro....
E creio sirvo ao paiz.

Inda s'eu tivesse geito,
P'ra batedor de eleição,
Pode ser que nessa *rosca*
Me tocasse algum quinhão.
Seria subdelegado
E depois commendador,
Juiz de paz, capitão,
Da camara vereador.

Os nossos homens d'estado
Que vão por lá s'aguentando
Com seus enredos da côrte,
Que por cá vou eu passando
Longe desse labyrintho.
Não quero ser eleitor,
Inspector parochial,
Nem tão pouco collector.

Previno-lhe que neste anno
Não mande milhos comprar
Visto que sua comadre
Vae-lhe um presente mandar.
A mulher que não é disso,
Não sei por que desvario
Deu p'ra fazer um roçado
Co' a comadre do vigario.

Permitta que pare aqui
Pois tenho mais que fazer,
Ficando o resto da cousa
P'ra outra vez q' lhe escrever.
Seu afilhado lhe manda
De presente esse leitão,
E' raça de um excellente
Porco do nosso escrivão.

A PEDIDO

—Capitão, tem notado na liga da *liga*?

—Tenho.

—Sabe do que vae pela camará?

—Não, nem quero saber.

—Ouça: disseram-me que em certa corporação dous *cujos* faltavam alternadamente ás sessões, afim de que não houvesse certa votação a respeito de bois, cabeças de carneiro, vaccas & &.

—E sabe quem são?

—Um é da ordem de *S. Francisco*, discipulo de *S. Luiz* e tem tenda de *ferreiro*; o outro....

—O outro é da caza do *Albuquerque*, é juiz, apologista de todo o governo, patriota de barriga; conheço-os muito.

—Mas acho-lhes rasão. E' o systema de estar bem com Deus, e em paz com o diabo.

—Levara-os o diabo a todos, ligueiros de borra!

—Mas acho-lhes rasão.

—Rasão! e o Sr. a repetir que tem elles rasão! Rasão porque certo potencia offereceu doze votos a quem quer ser deputado, ideia fixa que lhe não sae da mente, desde que o mundo é mundo, apezar das repetidas tabocas que tem tomado!

—Louco! pensa que o Dr. é tão miseravel como elle! esquece-se de que o Dr. é fanatico pelo partido a que pertence e que é por tanto incapaz de trahil-o!

—.....

—Como te chamas?

—Geraldo.

—Teu nome é Xavier.

—Juro-lhe por Santa Anna.

—E teu pae?

—Chico.

—Tratante, pois eu não conheço o Sebolla!

De que vives?

—Papae quer que eu estude para padre.

—Que loucura! Serves muito para pescador e o velho bem te podia aproveitar. Além de que o Ariani precisa de boleeiros; porque eu vejo bem que apezar de teres entrado no estudo, ainda até hoje o estudo não entrou em ti.

Attenção.

Quem quizer cobrar beus, illicitamente dando metade dos mesmos, procure a um celebre lord da costa d'Africa, morador na rua do *chefe dos padres*, que indicará um bom procurador que disto se incumbe; pois que sendo agraciado só quer achar incautos que lhe dêm destas mamatas, para poder sustentar seu luxo.

Com mais vagar se dará minuciosas informações de ambos.

Sr. Redactor do *Alabama*.—Tendo-se attribuido a mim o escripto sob o titulo—requerimento despachado, publicado no dia 25 do corrente; rogo á V. se sirva nesta mesma declarar em abono da verdade se com effeito é o abaixo assignado author de tal escripto.—Bahia 26 de Maio de 1865.

De V. venerador e criado

Justino Alves da Cunha Bacellar.

—

Não, senhor.

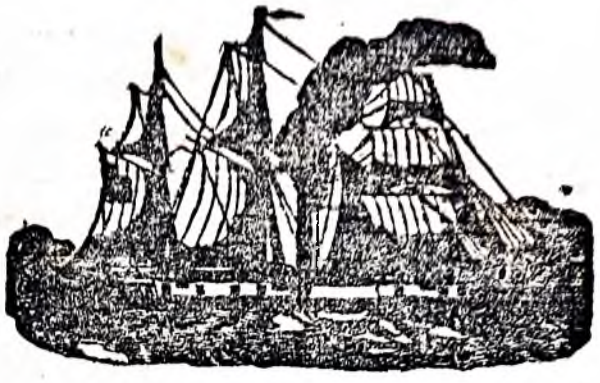
A Redacção.

Pede-se ao *filho* do Sr. *José Manuel*, que por amor aos *Santos* tome vergonha na deslavada cara, ja chicoteada no Morro; assim como que deixe-se de desrespeitar as familias tendo o atrevimento de pôr-se em cuccas.

Do contrario, será máu o resultado.

Um offendido.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.ª



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 22.ª BAHIA 30 DE MAIO DE 1865. N.º 217

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de maio de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande por favor concertar a rua dos Coqueiros n'Agua de Meninos, a qual se acha cheia d'innumeros buracos, além de estar inteiramente solapada pelas aguas d'um cano da caza de Santos Correia, que a Illma. não manda concertar nem intima ao dono para que o concerte. O estado da dita rua é semelhante a um sorvedouro, cuja superficie illude aos incautos, facilitando a passagem e convidando ao perigo os que costumam passar por alli, sem exceptuar as innumeras carroças de conducção, os diversos cavalleiros, os carros e as gondolas.

Bem vê a Illma. o damno que tem por dever evitar; espera-se pois da sua bondade que seja o publico attendido n'um tão justo pedido.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que nos informam que um portuguez de nome Sebastião, com venda á rua dos Carvoeiros, desflorou uma menor que desappareceu e ja appareceu, tendo ainda elle o cynismo de zombar das lagrimas da mãe que lhe foi implorar sua filha, e que ja se queixou, dizem, sem resultado ás *authoridades*. Pede-se pois providencias.

(No mesmo sentido ao Illm. Sr. Dr. promotor publico.)

—Ao mesmo, pedindo-lhe, pelo amor de Deus e das leis, sua attenção para a insubordinação dos moleques, que, animados da impunidade que lhes confere S. S., andam a ameaçar a segurança individual. Hontem, domingo, o escandalo foi grande e maior o numero de moleques que, organisados em batalhão, com divisas, bandas e espadas de folhas de Flandres, fizeram uma perfeita guerra nos Campos da Polvora, Mouraria e Palma, ajudados dos voluntarios!.....

.....

Bem vê S. S. que tolerar taes abusos nada tem da tão apregoada energia, a S. S. attribuida e proclamada pelos jornaes de seus amigos.

Espera-se pois providencias.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua do *Negocio* e procure um certo sujeito que tem o divertimento de mijar pelas grades do fundo de sua loja, que deita para o becco da Carne *que não é molhada*, e o faça vir á bordo afim de ser reprehendido, publicando-se o nome, si continuar. Cumpra,

—Gallego, vem cá! olha para minha cara, maroto!

Queres então franguinhas?

Velho sariguè, enjoado da caxaça, com estas pernas tortas, seboso assim, não te agradam as gallinhas chocas?

—Capitão, eu fallei isso em particulari.

—Queres achar meia duzia mais para saciar tua gana?

Pois bem! serás satisfeito.

—Capitão por S. *Sevastião* lhe peço que me deixe em paz a benderi os meus molhados. Si eu dixe que não gostaba de gallinhas belhas, era porque....

—Era porque o sebo que tens no corpo e que te torna tão hediondo, não pode te substituir o verniz que te fugiu da cara, desde que roubaste teu amo e protector!

—Calumnia, capitão!

—Sim calumnia, que te fez andar encovado pelo Rio Vermelho, com receio de seres mandado para a galé pelo teu protector que te fazia gente.

—Capitão, quer saberi? eu nunca tibe protectores.

—Sinão aquelle logrado que com pena de te ver mendigando no Brazil, sem selecta para carregar, te matou a fome por muito tempo, dando-te pão *co'queijo*.

E nem mais uma palavra quero onvir-te!

Muxingueiro, mette em talas, para ondireital-as, as pernas deste gallego! mette-o depois no trouco! refresca-o depois com duzentas calabrotadas, em novena, afim de ver si este cação vae gostando de cousa dura, pois que diz que ninguem o pode obrigar a comer gallinhas velhas!

—Capitão, serei o mais severo possivel no cumprimento de suas ordens; este maroto merece dez vezes mais.

—Capitão, como sei que V. Ex. dá remedio a muita cousa, venho pedir-lhe um favor.

—Qual é elle?

—Bradar contra as irmans de charidade.

—Mas porque?

—Pelo desaforo dellas.

—Explique-se.

—Não me deixaram entrar no hospital. Vim de fora na quarta feira, e sabendo que estava doudo um meu parente José Maria Servulo Sampaio, fui visital-o na quinta feira, dia da Gloria, porque tinha de embarcar-me na sexta feira e as taes *charidosas* prohibiram-me o ingresso.

—Mas é porque o regulamento prohibe: ha um dia marcado na semana para visitar-se os infermos.

—Bello, capitão! E é V. Ex. que concorda com isso!

E' realmente um regulamento de charidade!

De maneira que quem é pobre e deixa seu parente ir para o hospital para ser bem tractado pela charidade publica, não lhe pode assistir aos ultimos momentos, porque os *charidosos* mesarios o não querem, porque as *charidosas* irmans o não consentem, por que o regulamento o não permitte!

De maneira que um tabareu, nas

curtas horas de que dispõe na cidade, não pode ver um parente, um irmão, um filho, um pae, sua mãe louca, porque a charidade do hospital da Charidade da Bahia o prohibe!

Ora nonoroques!

Levara o diabo tão decantada charidade!

—Mas olhe que é regulamento.

—Mas é contra o regulamento mesmo e contra os charidosos que o fizeram que eu clamo. E' um regulamento absurdo e os absurdos devem cahir.

—Pois então vá clamando; clame, clame, reclame e torne a reclamar; isto é, espere até desesperar.

—Capitão, dá licença!

—Diga-se.

—Operario do arsenal de guerra, official de carapina, obrigado a trabalhar até quatro horas da tarde, venho queixar-me do proceder pouco delicado do Sr. tenente-coronel Gustavo que reteve a mim e alguns companheiros no seu quartel, por capricho seu, até 7 horas da noite.

—Mas que foram lá fazer?

—Uma obra, cuja realisação dependia do arsenal.

—E' então que o arsenal lhe tinha dado poderes para tal.

—Não, Sr.; nem o arsenal podia querer extorquir o trabalho alheio. O homem massou-nos, a pretexto de que a obra era urgente, quando tal não era. A obra consistia em concertar umas caixas velhas, que até hoje sem detrimento poderiam estar como estavam.

—E que quer que lhe faça?

—Nada; que publique somente mais esta delicadeza do commandante voluntario, que para se mostrar, anda correndo as ruas da cidade e os suburbios com o batalhão, debaixo de caudalosa chuva.

—Só?

—Queira V. Ex. dar-me as suas ordens.

—Viva!

LA VAE VERSO,

Piqueta.

Nunca vi um gabinete
Que désse tanto trabalho!
Ha *dias* nossa *fazenda*
Dirige o Sr. *Carvalho*.

Paula Souza a *agricultura*,
O Ferraz nos faz a guerra.
O *Rosa* fica *estrangeiro*
Por estar fora da terra.

O' linda scena apparece
Agora no nosso *imperio*!
O *Nabuco* faz *justiça*,
Está prompto o ministerio.

Mas eis que vem tempestade
Das bandas do fero *mar*;
Cae, horrivel, a *saraiva*
Que vem tudo anniquilar!...

Não ha ainda esperança,
Choremos!
Por alma deste defunto
Oremos!....

A PEDIDO

Attenção.

I.

Sr. Redactor.—Nascido das *ultimas camadas* da sociedade, apologista da *imprensa miúda* que açoita, na praça da publicidade, os delinquentes, embora de alta jerarchia, venho valer-me de suas columnas para defender um meu companheiro, um crioulo estimado, mas perseguido, o Sr. Grego-

rio Joaquim da Silva, que se acha preso e processado, por ser encontrado n'um hotel ou botequim ao largo do Theatro onde consta que se jogava.

Que V. acceitará tão justa defeza, tão desinteressada protecção em favor de um infeliz desprotegido, não ha que duvidar; e só essa certeza induziu-me a invocar os prestimos da imprensa democratica, de sua gazetinha que é a folha do povo.

Dito isto, entro em materia.

(*Continua.*)

Sr. redactor.—Venho de novo incommodal-o, para dizer duas palavras em resposta aos escriptos do Sr. capitão Teixeira de Castro

A resposta acha-se no proprio escripto. O Sr. capitão Teixeira ha seis mezes é thesoureiro; o artigo falla dos que são thesoureiros tres, quatro, cinco, seis e QUARTOZE annos; claro está que nenhuma referencia tem com elle.

Assim, respondida fica a interpellação do citado Sr. capitão Teixeira, no *Interesse Publico* de 27 de maio.

Um devoto.

Pergunta-se a certo alferes de cavallaria, si é ou não arbitrariedade um official mandar por dous soldados prender e canduzir pelo cós da calça para a Correcção, um homem, depois de lhe haver este provado com testimunhas que era cadete, com praça em um dos corpos de voluntarios, mormente quando o dito official allegava que o mandara prender por denuncia que teve de que elle andava armado, sem que nada se lhe encontrasse; e somente para satisfazer a caprichos de algum seu protegido.

Gratifica-se com 18:000$ rs., si a tanto derem logar os credores, a quem descobrir um despresivel bebado que enchafurdado no lamaçal do debocho se poude limpar, ligando-se em casamento com uma deusa de Guiné que por sua infelicidade cahiu-lhe nas garras para em breve ter a mesma sorte que a outra a quem esta succedeu.

Quem der noticia certa pode dirigir-se á rua de S. Joaquim casa do Victor e roça do Pereira do *Baio grande* que terá a gratificação acima, e mais algumas canadas de vinho com *pão-de-ló*, promettendo não quebrar vidros com a mão.

Remessa da Costa d'Africa.

—Guarda marinha, vá á freguezia do Pilar e indague quem é um espião de policia que ha por alli, o qual dizem-me que é o mesmo que em certa epocha, depois de *certo clyster*, levou uma sova de bollos de que passou recibo.

Si for com effeito empregado na policia, pergunte-lhe porque não policia sua propria caza, prohibindo o jogo em que constantemente vive.

Si não der satisfactoria resposta, traga-o para bordo, afim de mandar-se o muxingueiro dar-lhe cem calabrotadas, untando primeiro o calabrote com alcatrão ou *breu*.

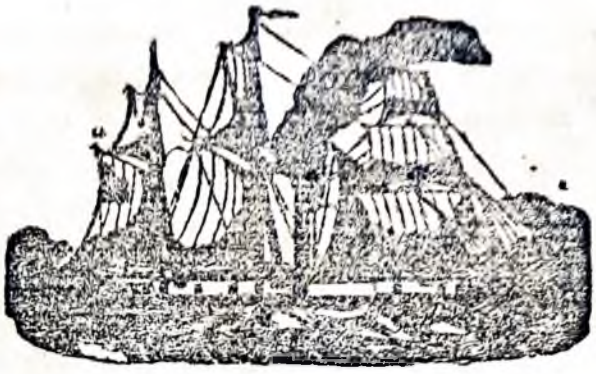
ANNUNCIOS.

O abaixo assignado gratifica a quem descubrir os authores do roubo de sua taboleta ou distico com letras de metal dourado, que se achava no alto em frente de sua pasteleria á rua Direita da Mizericordia n. 27, constante do nome—Pasteleria— cujo roubo teve lugar na noite de 27 do corrente. Bahia 28 de maio de 1865.

Sotero Joaquim de Almeida.

Precisa-se de alugar uma caza até 400$ rs. annuaes; a tractar na rua Direita de Santo Antonio, n. 22.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.ª



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 22.ª BAHIA 1.º DE JUNHO DE 1865. N.º 218

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de maio de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe suas protectoras vistas para a ladeira da Saude, que se acha no estado de quasi todas as ruas da capital, isto é cheia de buracos, havendo dous principalmente, um de cada lado, que tomam quasi toda a largura da rua, deixando apenas no centro uma pequena passagem, especie de pinguela em riacho.

Espera-se ser attendido.

—A' mesma, para que mande tapar um grande buraco que ha na rua do Saboeiro, freguesia da Sé, o qual buraco acha-se no mesmo caso de todos os buracos, cuja existencia tem sido noticiada pelos jornaes.

—Ao Exm. Sr. Vice-presidente, pedindo-lhe se digne informar si está ou não concluido o nivelamento do campo de Santo Antonio; por quanto tendo-se elle tornado uma verdadeira praça de caranguejos, pela grande quantidade de lama que tem, resultado de uma porca escavação que alli se fez, está como um testemunho indelevel da incuria dos engenheiros e da facilidade com que se manda abrir os cofres publicos para favorecer a quem precisa.

Espera-se de S. Ex. que mande examinar aquelle trabalho por algum engenheiro de confiança, afim de saber o publico si o unico melhoramento que coube em sorte ao dito campo é a plantação de gameleiras em cercas.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe a execução da postura que prohibe a venda e o jogo de fogos soltos, afim de obviar os innumeros inconvenientes que resultam das bombas tocadas quando passa um cavalleiro, dos busca-pés atirados quando passa uma senhora de capona e do mil outros *divertimentos* que dão em resultado uma desgraça qualquer, além de attestarem o pouco respeito que se tem ás ordens da authoridade.

Um destes dias um magote de *engraçados* que infestam a Cruz do Cosme,

advertido pelo inspector, continuou a atirar foguetes e por cumulo de audacia e insolencia arrojou para dentro da caza do inspector um que estourou no corredor, causando grande susto á familia que poderia soffrer algum desastre maior.

Espera-se por tanto providencias, ja remettendo força para certos logares, ja expedindo ordens para o fiel cumprimento das leis.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que dê andamento ao processo que principiou por occasião d'um envenenamento que teve logar na rua das Flores, no infeliz Norberto. A opinião publica acha-se anciosa por saber do resultado, visto que espalham que se quer proteger a *algum poderoso*, com menoscabo das leis e da moralidade, com manifesta injustiça para quem quer que seja.

Espera-se por tanto providencias.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, chamando a attenção do S. S para a pessima qualidade de café moido exposto á venda na quasi totalidade das tavernas desta cidade, resultado da criminosa especulação de alguns aventureiros com prejuizo da saude do povo.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.° districto, pedindo-lhe que organise a descida e subida dos carros pela ladeira do Taboão, que é um perigo para a vida de quem por alli passa; que, como o seu antecessor, se digne postar alli sentinellas para evitar que n'uma rua estreita se encontrem os taes carros que conduzem grandes e compridas vigas que tomam toda a ladeira em diversos sentidos, empatando o transito; que expeça um regulamento nesse sentido. O que se esp ra da bondade e integridade do S. S., tão solicito no cumprimento de seus deveres.

—Sabe quem é Montezuma?

—O do Mexico?

—Não; Montezuma é um distincto brazileiro que resume uma das mais gloriosas epochas do Brazil; é um dos patriarchas de nossa independencia, o redactor do *Constitucional Independente*, que teve o dissabor de ver em sua officina um magote de luzitanos commandados pelo celebre Ruivo, que a poz em pedaços.

—Ah! sim! é o Exm. Sr. visconde de Gequitinhonha; conheço-o de nome.

—Acaba de apresentar no senado excellentes projectos sobre a pena de morte e sobre a liberdade dos escravos. Entre outras ideias apresenta a da abolição da escravatura no praso de 15 annos.

—E' malhar em ferro frio; é cousa que ha de ficar nas pastas, apezar dos bons desejos de seu author.

—Não duvido; o que é certo é que o exemplo visinho ha de pegar. Si não quizerem por bons modos, a força ha de amparar o direito.

E em todo caso agradeçamos ao honrado senador a bondade de seu coração, a illustração de sua intelligencia, que se revela nos projectos que acaba de apresentar.

—Sahiu o *Bosquejo Litterario*, jornal scientifico e recreativo, redigido por tres jovens de esperanças, dedicados ás lettras.

—E' um bello folheto. O numero que acaba de sahir, correspondente ao mez de junho, traz os seguintes artigos: Prospecto, A creação, A attenção, A noite feliz, O seculo, e tres mimosas poesias dos Srs. Silva Lisboa e Natividade.

—E' um periodico que merece toda a animação dos homens de lettras. E' um esforço da mocidade, avida de gloria e da felicidade do seu paiz. Cumpre animal-a.

—Capitão, venho merecer-lhe um favor.

—A' sua ordem.

—Fui ao arsenal de guerra fallar com um aprendiz e voltei enjoado.

—Foi por mar?

—Não, Sr; fiquei enjoado do mau tractamento que soffrem os taes menores aprendizes.

—Mas então não comem?

—Provavelmente; mas a julgar pelo que vi, a comida ha de ser *importante*...

—Mas que viu?

—Vi os meninos nús, sem camisas, ou com ellas esfarrapadas, com as blusas em cima da pelle, com as calças rotas, com os pés no chão!

Isto aqui na Bahia, na capital, debaixo das vistas de quanta authoridade existe!

Isto no meio d'um povo que ridiculariza os soldados do Paraguay!

Isto quando os meninos um dia hão de pagar o dinheiro que com elles despendeu a nação!

—Com effeito! Rasão tem o Sr. e muita, mas aqui nesta terra basta ter rasão para não ser attendido.

—Clamarei na imprensa.

—Clamará no deserto; perderá seu tempo, mio caro signor.

A PEDIDO

Attenção.

II.

Na noite de 22 do corrente foi cercado o botequim ao largo do Theatro, por constar que alli havia jogo prohibido.

Cinco eram as pessoas que lá estavam, uma das quaes o cidadão Gregorio Joaquim da Silva.

Suppondo que estavam jogando, a obrigação da policia era prendel-as e multal-as.

Foi o que fez o Sr. major Salles?

Dizem que não.

De espada em punho, consta que avançara para as pessoas presentes, gritando para os guardas que prendessem *aquelles negros*.

Nasceu dahi, dessas injuriosas palavras do major e da resposta dos offendidos, um conflicto, no qual tomou parte o povo que correu a presenciar o facto; dizem que de pannos d'espada o Sr. Salles e seus guardas fizeram o que puderam.

Nem isso admira; é costume nesta terra a policia espancar os presos.

Mas Gregorio resistiu, dirão os amigos do Sr. Salles.

Gregorio não resistiu; lembrou somente ao Sr. Salles que elle era guarda aquartellado e que devia ser conduzido ao seu quartel.

Os homens de boa fé bem vêem e hão de confessar que o Sr. major, tendo reconhecido o preso, devia sujeitar-se ás formalidades militares, de que é conhecedor.

Gregorio, desattendido, poderia ter instado pelo seu direito; não resistiu porem.

Tanto assim que com docilidade foi á secretaria de policia, em companhia do Sr. capitão Fausto.

Entretanto Gregorio está ainda preso!

Mas porque? Porque jogava? A pena para o jogador é a multa.

Está sendo processado!

Mas porque? Porque resistiu?

Escarneo! o Sr. Dr. chefe de policia deve ser o primeiro a acudir em defeza do innocente; o Sr. Dr. chefe de policia sabe que Gregorio não resistiu á prisão; por honra de S. S., convém que S. S. o diga.

Quem se oppoz á prisão, quem resistiu foram os guardas do batalhão de S. Pedro, que amotinaram a cidade, que commetteram o crime de sedição armada, que desrespeitaram a authoridade, contra quem levantaram imprecações e a quem atiraram injurias e doestos.

Gregorio não pode ser responsavel pelos actos de seus companheiros que elle não açulou nem animou; os unicos criminosos são os guardas, a quem não puderam conter o seu proprio major e o commandante!

E esses não são processados!

Em santa paz gabam-se por toda a parte da *vantagem* que fizeram porque o Sr. Dr. chefe de policia esqueceu-se de saber quem eram!

Recae a culpabilidade de todos sobre um só, que os outros menos criminoso, que os outros mais infeliz!.....

E a isto hão de chamar justiça, embora penda a balança para o lado do major, que precisa de vingança a seu amor proprio offendido, a seus brazões desrespeitados!

O Sr. major Salles nada soffrerá....

O *soldado* Gregorio pagará multa, estará preso, soffrerá um processo e terá nova prisão, além dos pannos de espada que levou....

E' isto sim o que se chama justiça!

(*Continua.*)

Gratifica-se com quatro escravos ou seu valor a quem descobrir dous personagens, a saber:

O primeiro é um homem que de violão empunhado, cantando sua tyrannas, e embebedando-se nas espeluncas como réo de policia, que a não ser certo doutor que o achando bonito e geitoso para vender *peoides* deu-lhe a mão, e assim o tirou do lodaçal infame em que se chafurdava, hoje como procurador pratica velhacadas inqualificaveis para assim poder dar partidas semanarias e sustentar um luxo odioso para o publico.

O descobridor receberá a gratificação acima na rua do *chefe dos padres* casa de trabalho de vellas de *carnauba*.

O segundo é um peralta que ja esteve de gargalheira ao pescoço e machos aos pés pelos desgostos que dera ao pae, o qual morrendo, este saltou aqui com figura nojenta e amacacada, e hoje faz figura de pelintra para envergonhar seus parentes, chegando a ponto de levar na cara sem pudor bofetadas das mãos de ordinarias negras meretrizes, e para sustentar seu luxo ja lhe é preciso tomar dinheiro a 30 por cento, e finalmente se vae unir em casamento com uma deusa do Brazil a quem o publico ja agoura a sorte futura.

Alem de ser pedante, tolo, descarado, desrespeitador de suas proprias irmãs, tal é a besta que nem para carga serve

Quem der noticia receberá a gratificação acima na rua de S. *Raphael* em casa de José em frente ao Martins.

Um pergaminho em mão de peralta.

ANNUNCIOS.

30$000 rs. de gratificação.

O abaixo assignado gratifica a quem descubrir os authores do roubo de sua taboleta ou distico com letras de metal dourado, que se achava no alto em frente de sua pasteleria á rua Direita da Mizericordia n. 27. constante do nome—Pasteleria— cujo roubo teve lugar na noite de 27 do corrente. Bahia 28 de maio de 1865.

Soterio Joaquim de Almeida.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.ª

O ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª BAHIA 1.º DE MARÇO DE 1865. N.º 178.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Noticias do Sul.

Lê-se no *Jornal da Bahia*:

Montevidéo.—Escrevem-nos da côrte em 23 do corrente:

«A's 8 horas da manhã.

«Acaba de chegar do Rio da Prata o paquete *Princeza de Joinville*, e traz-nos a importante noticia de que Aguirre e Carreras fugiram, constando que o fizeram no paquete francez *Saintonge*, motivo este porque este vapor se communicou com Montevidéo. O novo presidente da republica Oriental Vilhalba dá todas as satisfações que o Brazil exigir.

«Felicito pois ao nosso paiz por similhante e grandioso acontecimento, que poupa-nos muito sangue que se ia derramar. Temos agora só a ajustar contas com o moderno Attila da America do Sul, o incomparavel Lopez. Elle deve de estar um tanto assombrado com o desfecho da questão oriental.»

—

O Sr. barão de Tamandaré foi nomeado visconde do mesmo titulo.

—O Sr. marechal Menna Barreto teve o titulo de barão de S. Gabriel.

—Muitos outros officiaes do exercito e d'armada foram tambem agraciados, e tiveram accesso.

—Foi removido para a relação da Bahia o Exm. Sr. Dez. Luiz Antonio Barboza de Almeida.

—Foi condemnado o chefe de divisão Gervasio Mancebo.

—Do Paraguay chegou a Buenos Ayres um enviado pedindo permissão de passarem tropas de seu paiz pelo territorio de Corrientes.

O presidente Mitre respondeu-lhe que, assim como o Brazil, tinha o Paraguay o rio á sua disposição.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 28 de fevereiro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande remover para logar mais conveniente uma enorme porção de immundicia que existe n'uma boeca de lobo á ladeira do Carmo ao pé de uma venda.

—Capitão, encontrei uma alma do outro mundo.

—Sae-te daqui!

—Pensa que é historia, capitão? E' serio; vi-a com estes olhos e ouvi-a fallar com estes ouvidos.

—Rapaz, deixa-me!

—Capitão, não sahiu no *Alabama* uma historia d'um parricida de galão?

—Sahiu; que teve?

—Isso foi cousa de muito tempo; provavelmente o protogonista já é morto, por que ninguem ouve fallar nelle. Pois o que eu ouvi, capitão, foi na rua Direita de Palacio um sujeito a dizer n'uma loja que a historia era com elle!

—Algum maluco sem duvida.

—Maluco?' Depois de insultar muito aos Srs. Marques, Aristides e C., disse que vinha breve quebrar a typographia, cousa para que ha muito tempo já havia elle convidado a seus amigos.

—E então não é isso proprio de maluco?

—Eu acho ao contrario proprio d'um tolo presumido, d'um biltre insolente, ou d'algum gaúcho de corda e bellas.

—Aquillo pode ser tudo que quizeres, menos alma do outro mundo.

—Então, capitão, si tem tanta certeza, mande ter com elle o muxingueiro.

—Mandal-o-hei; ha de tirar-lhe os galões e p r-lhe algemas; tirar-lhe o bonet e raspar-lhe a cabeça; tirar-lhe a banda e por-lhe uma corrente; tirar-lhe as esporas e atar lhe a calceta.

Findo o que, o muxingueiro fará uma de suas costumadas e lançará ao mar de cabeça para baixo e pedra ao pescoço tão ruim cousa.

—Arre, patife! Pois não disse que havia desfeitear, onde encontrasse-os, a Marques, Aristides e C.!

—Aquillo é tollo ou come....

—O Dr. Freire não tem vindo ao curral?

—Não sei.

—Provavelmente não tem vindo, incommodado talvez. Contaram-me que nos dias 25 e 27 de fevereiro que acaba, bois podres foram esquartejados no curral e mandados vender por negras quitandeiras!

—Parece impossivel; lembre-se que alli ha um administrador e um empregado da meza de Rendas, além do medico da camara.

—Ha sim, mas o que é certo é que o povo tem-se tornado urubú; já está tão acostumado com a carniça que nem se queixa.

—Muito pode na verdade o costume!

—Não houve, este anno, prohibição d'entrudo?

—Houve.

—Pois nunca vi tanta *brincadeira* como desta vez.

Alli pela Preguiça ninguem podia passar. Ha uma casa que tem muitas moças, muitos homens, muita grandeza, muito luxo, muito *fausto*, e o que se botava em quem passava era mijo, ou agua suja.

—Vá mentir la para o diabo!

—No dia 27, á tarde, a patrulha ao menos foi o que tomou; mijo despejado d'um penico! ...

E isso depois de ter a patrulha pedido ao dono da caza, que é um capitão ligueiro, que não deitasse agua!

—Boa maneira de respeitar a lei!

—Bom systema de consolidar o *progresso*!

—Tão bom o systema que elle disse que havia mandar para o sul os guardas!

—Bobagem delle! tolice! *faustada*! gabolice! pataeoada!

—Ora dá-se!

—Capitão, eu ouvi um homem dizendo que na Bahia os homens honestos não podiam viver, por causa do *Alabama*.

—Quem disse tal necessariamente é um homem *honesto*.

—E' um que matou o pae por *certos negocios* na caixa economica.

—E quer esse ladrão passar vida de *Lopes*!

Com effeito!

—C pitão, não sabe?

—O que?

—O capitão F. Fausto da Silva Castro molhou todo o mundo, nos tres dias

de entrudo, e por fim prendeu a patrulha!

—E' do progresso, não faz mal.

O chefe de policia que tracte de indagar a maneira por que seus companheiros lhe querem garantir a força moral.

Hymno dos Zuavos Bahianos.

COMPOSTO POR F. MONIZ BARRETTO.

Sou crioulo; da guerra na ch isma
Por *Zuavo* o meu nome troquei;
Tenho sêde de sangue inimigo;
Por bebel-o o meu sangue darei.

D'*Henrique Dias*
Neto esforçado,
Vôo ao teu brado,
Patria gentil!
Mais que o da França,
Ligeiro e bravo
Seja o *Zuavo*
Ca do Brazil!

Para medo infundir a contrarios
Tem meu rosto das trevas a côr;
Para vidas crestar de tyrannos
Tem meu peito do sol o ardor.

D'*Henrique Dias*, etc.

Como pennas as armas manejo;
Corro, como o *veado*, veloz;
Quando estranhos me assanham, me pisam,
Sou *giboia*, sou *onça* feroz.

D'*Henrique Dias*, etc.

Sou crioulo; da guerra na chrisma
Por *Zuavo* o meu nome troquei:
Campear vou do sul nas batalhas...
Do meu ferro, *gaúchos*, tremei!

D'*Henrique Dias*, etc.

Contra a hyena cruenta do *Prata*,
Contra o monstro voraz d'*Assumpção*,
Raio ardente ha de ser o meu braço,
Minha voz temeroso trovão.

D'*Henrique Dias*, etc.

Como a cor, que o semblante me tinge,
Tenho negra minh'alma, a raivar...
Oh! preciso da luz das victorias
Para clara minh'alma tornar.

D'*Henrique Dias*, etc.

Mata, rouba, incendia, devasta,
Gorostiaga covarde e cruel!
Tu a pena terás de teus crimes;
Nós teremos da gloria o laurel.

D'*Henrique Dias*, etc.

De *Gonsalves* (*), o bravo d'outr'ora
Nas refregas do meu Pirajá,
A bradar-me—que morra, ou triumphe
Dentro d'alma a memoria me está.

D'*Henrique Dias*, etc.

Sou crioulo; *Zuavo* me chamo;
De *Zuavo* o appellido honrarei...
Do meu ferro, nas lides vibrado,
Paraguayos e *blancos*, tremei!

D'*Henrique Dias*, etc.

SECUNDA.

Uma *preguiça* não ganha
A tal vapor—na *carreira*!
E essa *besta* maritima
Só anda p'ra Cachoeira!

Que fazer! Si a companhia
Só quer tirar resultado?..
Mas o publico n'este caso
E' o que fica *mangado*!

A PEDIDO

—Capitão, porque rasão rondam os artistas e não rondam os doutores e desembargadores etc?

—V. está enganado, os doutores tambem rondam.

—Rondam nada; pois outro dia um inspector convidou a um doutor para patrulhar (um liberal) e elle disse que estava prompto e quando foi á noite que o inspector foi buscal-o, escondeu-se e mandou dizer que não estava ahi!....

—Pois olhe, elles devem ser os primeiros a servir, principalmente este doutor de quem V. falla, que é *de merito*.

Previne-se a certo moço que não continue a chamar seus collegas estupi-

(*) O crioulo tenente-coronel Manuel Gonsalves, um dos mais bravos e distinctos officiaes de Pirajá na luta da Independencia.

dos, porque mais estupido é quem uza desta palavra continuamente, assim como se o Sr. continuar, mando pelos meus peitos largos os Srs Palhaço, Semana Illustrada, Pereira da Silva e Manuel Pereira que andem prevenidos para onde o encontrarem tirarem-lhe tantos caroços que tem no rosto; e si isto for pouco mando que tire mais a dentadura de baixo por que com isto se ha de emendar, assim como previno ao archivista que esta lembrança não é de nenhum dos offendidos e sim dos que todos os dias apreciam a sua boa educação que trouxe do Maranhú.

O mata cobra.

O proprietario da loja—Salgada—disse que nunca viu portuguez amigo de brazileiro, nem brazileiro amigo de portuguez.

Ora que asno, que desfructavel.

Homem isso pode ser mentira.

Não é, Sr. pois eu o ouvi proferir estas bostas quando passava pela rua do Pereira, e que eu tive a infelicidade de passar por elle, n'essa mesma occasião, ao contrario não lhe fallaria com tanta certeza.

Entrega ao despreso esse bruto cara de salto, e perdoa-lhe, pois elle não sabe, e nem tem consciencia do que diz. Vae muxingueiro, da-lhe *uma boa salgueirada.*

Ai capitão!

Esfrega bem esse tratante, para que não continue a fallar d'aquelles, que o fizeram gente, da-lhe de rijo, para que elle se lembre.

Oi capitão! não posso mais.

Larga por hoje. Vae meu.....

Pede-se a certos moços *engraçados* da caza n. 7 á travessa da ladeira do Tijollo sejam mais delicados no seu brinquedo de entrudo. Dizem que aquella casa é do Sr. Cons. Lisboa.

Uma victima.

Capitão, quero contar-lhe uma historia.

Nada de massadas, meu charo.

—E' um caso melindroso, ouça:

O cornijão da Munganga que jurou á V. Ex. por S. Amelio, que não maltratava sua mulher; provou botando-a para a rua, e maltratando-a com immensas palavras injuriosas, e jurando-a.

Então o tratante é incorrigivel, ou a mulher?

Qual capitão! o tratante sim! é incorrigivel, devasso, estupido, malfazejo, e tudo quanto de ruim pode possuir comsigo um bruto; capitão, em uma palavra é a vergonha da familia inteira!

E a familia d'elle não vê isso ou são todos assim?

Não Sr.! faz uma differença d'agua para o vinho, os irmãos são dignos de tudo, mostram que receberam educação, são morigerados, e bemquistos de todos por suas maneiras urbanas, e delicadeza em seu tractar; mas o tal bruto não parece irmão; senão conhecesse a familia diria, que elle era paraguayo.

Então não se corrige?

Parece que não.

N'este caso não admitto mais graças; mande já ao Dr. chefe de policia, que mande agarrar aquelle tratante, e o remetta para o Sul a beneficio da Patria, visto, que aqui, de nenhuma utilidade serve, nem mesmo para sua mulher, que a jogou na rua, depois de chupar-lhe tudo, quanto seu pae lhe deu de dote.

Pois vá já, e do resultado, quero ter sciencia. Olhe, conte ao Dr., todo o passado, que elle, energico como é, não deixara ficar impune semelhante devasso.

(Continúa.)

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, ECOMP.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª BAHIA 2 DE MARÇO DE 1865. N.º 179.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 1.º de março de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe providencias afim de que o serviço das rondas que ora se faz, recaia egualmente sobre todos os que pertencem á reserva, e não somente sobre os pobres artistas, que ja carregam com tanta cousa, pois que negam-se a elle os empregados publicos, bachareis, homens do foro etc.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á Preguiça e faça dispersar um grupo que alli reune um negro de nome Francisco, escravo d'um Sr. Victorino, ja que o Sr. subdelegado se não importa com isso, nem tão pouco as patrulhas que por alli vão ter. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Forum acompanhado do muxinguciro e tanja pelas escadas os moleque alli encontrar de chapeu á cabeça e charuto na boca, os quaes não tem comtudo a culpa, pois que o *exemplo vem de cima*. Cumpra.

—O *Diario do Rio* tem um correspondente liberal da Bahia que attaca a administração do Exm. Sr. Des. Barboza.

—Serio?!

Certamente é algum liberal dos que queriam recrutar pessoas isentas do recrutamento, no tempo do Cons. Sá e Albuquerque.

—Mas veja. Em quanto os conservadores ou conservam-se mudos, ou applaudem a administração do distincto bahiano, pondo de parte prevenções de partido, o tal liberal das duzias quer fazer-lhe piqueta.

—Deixal-o, o cão, ladrar á lua.

Não pode ser sinão algum liberal *francez*, dos taes que promettem empregos e desviam sua vista de quem recebeu a promessa, ou embarcam-se para o Rio sem dizer palavra.

—São liberaes que por viverem *afflictos* vão dar seu *passeio*.

Deixal-os....

—Então, Sr. major, ter uma typographia é um meio reprovado de vida?

E quem rouba um cofre é um homem honesto que não pode viver aqui por causa do *Alabama*?

Ora não seja tollo!

—Capitão, houve um cazamento, de novo gosto.

—Que houve de mais?

—Um antigo pretendente da moça, ajudado talvez por alguma oração de S. *Marcos*, e sem duvida abraçado e por tanto esquentado com alguma *patricia*, intendeu que devia reivindicar seus direitos, e poz-se a descompor tudo.

Insultou a noiva, o noivo, os convidados todos, seu proprio pae, sua propria mãe!

Quebrou a cabeça delle mesmo, quebrou as janellas, ficou quasi nú, foi preso e *abaixou o fogo no chilindró*.

—Que diabo foi esse?

—Um musico que toca rebeca ahi para a Estrada Nova.

—Eu acho que o Sr. Dr. chefe de policia deve aproveitar um tal valentão para a guerra do Sul.

—Quanto a isso, não ha duvida; deve servir á patria um tão *prestante* cidadão.

—O maior patriota de Matto Grosso é o barão de Villa-Maria.

—E o Porto-Carrero?

—Deixe para depois.

O Villa-Maria largou-se a correr das márgens do Paraguay, onde tem suas fazendas, e em ☞ VINTE NOVE DIAS chegou ao Rio de Janeiro!

—E' então heróe das *Carreras*.

—E teve o animo de dizer (vide o *Diario do Rio*) que o forte de Coimbra foi entregue por fraqueza; que si a guarnição esperasse mais, chegavam munições.

—Mas como a guarnição podia resistir mais?....

—Talvez fugindo como o barão do Villa Maria.

—...Si não havia munição! si as mulheres faziam das fraldas cartuchos!

E depois qual a gente que no forte poderia resistir a 10,000 paraguayos?

—E tanta asneira proferida talvez por algum covarde, vem apoiada nas columnas do *Diario do Rio*!

—E a ligeireza com que chegou ao Rio o barão, que nem teve tempo de ir a Cuyabá!....

Para salvar a patria e aos seus, diz o *Diario*.

Este mundo hoje é dos barões!

E os barões que não são tollos!...

Segue-se que este mundo hoje é dos sabidos.....

—Deu-se nestes dias o seguinte facto:

Um homem estava ás portas da morte e mandou chamar o vigario de sua freguezia para confessal-o e sacramental-o; o vigario respondeu-lhe que ia a um cazamento e que deixasse para depois.

—Creio la nestas cousas!

—Pois é verdade; agora onde foi veja si *S. Pedro* lhe diz; ou então rezo um responsorio a *Santo Antonio* que gosta de fazer seus milagres.

—Capitão, não se pode passar pela rua dos Carvões.

—Mas porque?

—Porque ha alli um rio que quando tem enchente alaga tudo.

—Falla serio, rapaz!

Alli não pode haver rio...

—Será então lagoa; o que é certo é que a rua está inundada.

—Mas como? Pouco ou nada tem chovido.

—Espere, capitão, que eu lhe explico. O Sr. coronel J. Baptista Vianna fez dous sobrados á rua Direita de Santo Antonio, os quaes deitam os fundos para a rua dos Carvões; fez encostado ao muro dos quintaes um banheiro e os moradores levam a tomar banho o dia inteiro; a torneira não se fecha, a agua não cessa de cahir.

—Mas que tem isso com a rua?

—Que tem? é que o coronel mandou abrir um rego de 4 palmos de largura bem no meio da rua dos Carvões, para exgoto das aguas dos banhos de suas cazas.

—E' incrivel, mas é facto, nesta terra *quem dinheiro tiver* fará o que quizer.

—Não é assim, rapaz.

—Além de que o coronel é um homem sisudo e amante do engrandecimento de seu paiz; não é possivel que esteja alormoseando uma rua com bonitas propriedades e arruinando outra com escavações.

—Pois, capitão, si duvida vá ver com seus proprios olhos.

—Pois sim; si existe e tal rego, é provisorio, até que conclua-se o outro sobrado ou se engaste algum tubo.

—Capitão, os maus exemplos pegam de pressa. O Sr. Manuel Espinola fez tambem um sobrado na rua Direita e umas cazinhas na rua dos Carvões; pois tambem não fez um rego que desagua na ribeira do coronel?!

Logo vem outro, outro e mais outro e ninguem mais pode por alli passar.

—Ja te disse que tudo isso é provisorio, rapaz.

—E' provisorio por que, nesta terra a lei só é para quem não tem dinheiro! não ha policia municipal, não ha fiscaes, não ha camara, não ha nada!

Ora historias!

—Capitão, uma cousa.

—Diga.

—Na noute de 28 de fevereiro appareceu na ladeira da Taboa Grande certo polidor que proferiu muita palavrada, insultou a quantos appareceram, quiz dar na patrulha e indignou a gente honesta que horrorisada o ouviu.

—E que homem é esse?

—Por S. *José* que não sei.

—V. bem sabe-o, Sr. *Marciano*, diga-o.

—Não sei, capitão.

—E não havia inspector?

—Havia; mas não quiz prender o polidor, apezar de ser ameaçado até com bofetadas, por ser elle seu amigo.

—E por alli não moram familias?

—Algumas; e com tudo o sujeito fez o que quiz, por que o inspector depois que veiu de Pissandock, ficou mui devoto de S. *José* e não se importa com a policia de seu quarteirão.

—Muxingueiro, traze para bordo o inspector para ensinar-lhe eu a fazer o serviço.

O forte de Coimbra.

I.

Por invios caminhos, por mattas espessas
La marcham sombrios, calados, trahidores,
Milhares de homens que a sede de sangue
Somente da guerra lançou nos horrores.

Não é que uma ideia de nobre vingança
Os passos lhes guie, os chame a combate;
Não levam na mente intentos de gloria,
Da honra usurpada não vão ao resgate.

Quaes tigres sedentos, de torvos olhares,
Que espreitam a preza que os não presentiu,
La marcham sombrios, calados, trahidores:
Seu grito de guerra ninguem o ouviu.

II.

Lá se balouça brandamente ao vento
Auriverde pendão que symbolisa
De uma nobre nação a honra, os brios.
Ei'o alli tremulando o sacro manto
Que tantos corações involve e aquece
No fogo santo da querida patria.
Ei-lo alli arvorado sobre os muros
Do forte de Coimbra, que modesto
Do rio Paraguay demora á margem.

III.

Não vades, não sigaes, que ahi se aninham
Vinte bravos apenas, mas são bravos!
Não vades porque alli talvez a morte
Vos espera... porem a morte é menos,
Que, si lá fordes, a deshonra é certa!
Si os instinctos levaes de feras bravas,
Si a sede de beber o sangue humano
Vos empresta o vigor, si a força avulta
De vosso lado—sentimentos nobres
Dos poucos que lá stão os peitos nutrem!
Não vades, não sigaes que alli se aninham
Vinte bravos apenas, mas são bravos!...

(*Continúa.*)

A PEDIDO

—Felizmente passou o maldito entrudo!

Foram tres dias levados da carepa!

Molhava-se a torto e á direito, e quem ousava dizer alguma cousa era apupado, insultado e ameçado.

Por estes dous seguintes factos aprecie-se o *ardor* dos amadores do *brinquedo*.

Na noite de 27 molharam um moço, o qual foi queixar-se a policia; quando voltou com a patrulha, foi recebido debaixo de vaias por uma malta de capadocios A patrulha nada podendo fazer, retirou-se. Pois sabe o que fizeram? Foram á casa do moço, pintaram-lhe a porta com trampa, despejaram-lhe ourinóes na janella e quizeram arrombar-lhe a casa a pedradas, debaixo de ameaças e improperios.

E a' frente de tudo isso figurava um guarda voluntario!

—Bellissimo!

—Do 2º andar do sobrado nº 1 ao Cruzeiro de S. Francisco, um Sr. que disseram chamar-se João Campos e que tem loja á rua dos Droguistas, com uma enorme seringa dava borrifadas indistinctamente em quem passava, e si alguem dizia alguma cousa, era apupado por uma horda de moleques que alli havia para isso.

Um homem, doente, que pedia cortezmente ao Sr. Campos não lhe molhasse em rasão do seu estado de saude, recebeu pelos olhos uma valente seringada. Subiu á casa do Sr. Campos para lhe fazer ver as consequencias que podiam resultar de sua louca imprudencia, molhando uma pessoa doente e em uso de remedios, e foi recebido por um grande caxorro que o mesmo Sr. tem e que parece soltou de proposito, não se dignando apparecer elle nem pessoa alguma de sua casa.

—Então o Sr Campos costuma mandar o seu caxorro receber quem lhe vae fallar?

—Talvez que faça isso só em dia de entrudo.

Mas faça idéa em que confusão não se viu o pobre do homem quando ao sahir daquella casa achou-se cercado de uma turba de capadocios que o apuparam até em casa.

—Tenha paciencia..... São cousas desta terra.

—E graças do Sr. Campos.

—Tim tirim tim tirim trim!

—Que quer isso dizer?

—Toque de campainha.

—Temos missa?

—Sem duvida.

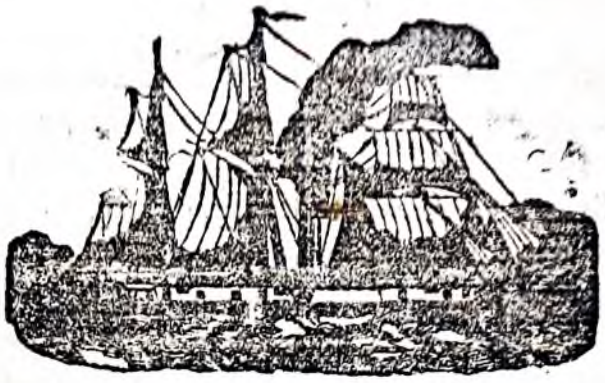
—Aonde?

—No *Santo* Forum.

—Ah! E' por isso que lá esta tanta gente á espera da benção,

Que força de devoção! Que gente religiosa!

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, ECOMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª BAHIA 4 DE MARÇO DE 1865. N.º 180.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 3 de março de 1865.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

O capitão *Lobo-Sariguê* pedindo para tomar conta da adega dos Zuavos. —Indeferido em virtude do supplicante não *beber nada*.

—Abriu-se a assembléa provincial no dia 1º de março e no dia 2 ja não houve sessão por falta de numero.

—Patriotismo do progresso....

—Capitão, aprecie e julgue o que lhe vou contar.

Certo sujeito que anda zangado com as vergalhadas do seu muxingueiro disse que o *Alabama* tinha ido ao cemiterio profanal-o, exhumando as cinzas de seu querido papae.

E entretanto o patife não se lembra que poucos dias depois da morte do pae, mandou elle cercar a casa de sua madrasta, para tirar-lhe *certo cofre*!

—Que bruto! que coração de harpya! Não se lembrou elle então de que por elle morrera o pae! E tem animo de dizer em publico que o *Alabama* nem aos mortos respeita!

—Pois si elle diz que é honesto....

—Camarada, sabe francez?

—Não.

—Não diga! Estamos no principio do anno lectivo e tracte de apprendel-o.

—Mas então porque? Vae ser-nos interdicta a lingua portugueza? A conquista do Mexico vem até nós? Estamos obrigados a fallar francez?

—Cale-se, cabecinha estonteada! Já não viu o exemplo?

—Que exemplo, Sr.?

—O exemplo do entrudo, peste!

Pois ahi não está um pobre homem, creio que o Sr. Lemos, com a cara espatifada, com a perna toda quebrada!

—Por não saber fallar francez?

—Sim, sim; porque não soube fallar francez. Teve a infelicidade de encontrar-se com tres ou quatro fidalgos, que

sabiam d'um hotel, e como lhes não poude responder em francez, escangalharam-no todo.

—Mas eu acho, Sr., que para evitar isso, em logar de ser a gente obrigada a estudar francez, é preciso que a policia, que até já interveiu nos testamentos, puna os delinquentes.

—Tambem vossês querem que a policia faça tudo! Não se lembram que todo homem tem amigos!

—E' que a lei nesta terra só tem vigor para os fracos e pequenos. Aposto que si fosse um pobre da Cuuba, com quem alguem da policia não nutre intimidade, ou algum Borges de Barros, aposto digo em como ninguem se lembrava mais dos decretos Paranaguás e Furtados.

—Maragulhões.

—Capitão, os voluntarios foram ao Bomfim, incommendar-se a Deus.

—Deus os ajude.

—Continúa a falta de trocos.

Diz o *Jornal* que lhe consta que até na Thesouraria tem deixado de haver pagamento por causa disso.

—E que quer? Si até certo corretor que pediu-nos um favor, não quiz pagar a assignatura, sem se lhe levar *miudos* para elle transigir!....

—Quanto a mim, só peço providencias em favor da pobreza de que faço parte.

—Dizem que os deputados vão offerecer seus readimentos em favor da guerra do Sul.

—Si elles principiam sem trabalhar, que mal lhes vae em fazer patriotagem com o dinheiro que não ganharam?

—Ora da-se!

O forte de Coimbra.

(Concluzão)

IV.

Feroz bramido pela margem soa
Do immenso rio, e a coborte iniga
Delirante, insana, com selvagem furia
Subito arança para o modesto forte.

Salve-se a patria! fai o brado ingente
Que ao grito insano responderam bravos:
Trava-se o prelio, mil canhões estouram,
Mil balas voam conduzindo a morte.

Firmes os bravos no seu posto de honra,
Repellem calmos o embate horrivel:
Si um bravo morre, morrem mil selvagens
E a terra mordem no estertor da morte.

Meu Deus que luta! Desegnaes em forças,
Como é que poucos sobrepujam tantos?
Poucos, que importa? Si naquelles peitos
Do amor da patria o fogo intenso arde?

Manada indomita de ferozes tigres
Que, lonca, investes sobre alguns leões,
Has de vencel-os, mas o teu triumpho
Do justo aos olhos ha de ser vergonha.

Supremo esforço faz a iniga horda,
Galgar procura os denodados muros.
Embalde tentam; sob duros golpes
Aos centos tombam n'um medonho acervo.

Da base ao cimo da muralha se ergue
Informe massa de convulsos corpos;
Sangrenta escada de cadaveres feitos
Cujos degraus são outros tantos mortos!

E só por ella foi que la subiram!
Victoria! gritam. Que mentira infame!
Não, não venceram, pois não ha victoria
Si mil covardes um valente vencem!

Não, não venceram, que vergonha eterna
Ha de somente lhes lembrar tal feito!
Decidam fortes de quem é a gloria
Si mil covardes um valente vencem.

M. I. F. M.

A PEDIDO

—Capitão permitta que lhe narre um facto que aqui se deu.

—Pode fallar.

—Um negociante RICO fica repentinamente infermo (de congestão pul-

monar, diz seu genro que é medico).

O negociante tem mais genros, tem filhos, tem amigos.

A molestia é grave.

Na casa ha um medico especial.

Por que não foi o medico chamado?

Por que não foram chamados seus genros, suas filhas, seus filhos?

Por que não foram avisados seus amigos?

E' o que indaga, curiosa, a opinião publica.

. . . . . .

«—O medico foi chamado, diz o medico genro

«Mentira, responde-lhe o outro genro; chamei-o eu, como ha de affirmar o Dr. que commigo no carro foi até á casa de meu sogro.

«—Foram avisados os parentes, tanto que meu concunhado foi quem chamou o medico.

«Mentira, responde ainda o genro; tinha uma carta d'Europa, para meu sogro, fui entregal-a ás 6 horas da tarde, quando o achei morrendo e fui chamar o medico. Entretanto meu sogro, havia 10 horas que estava soffrendo! »

. . . . . .

E a opinião publica indigna-se. . .

. . . . . .

—Dr., venha receitar.

—E' tarde, nada posso fazer!

. . . . . .

E o pranto da familia chega aos ouvidos do publico indignado!

. . . . . .

—O negociante é já morto; seu parente era o unico medico que alli estava!. . . . . .

. . . . . .

E o genro escrevia que não tivessem susto de vender-lhe fiado, porque não haviam perder; seu sogro havia morrer!

. . . . . .

E a opinião publica horrorisou-se, immudeceu!

Apenas em quanto passava o Dr. no seu carro, algum homem do povo o apontava, indicando o malvado que por um punhado d'ouro dera a beber ao sogro *algum remedio infallivel.*

. . . . . .

Passou-se isto em Latronopolis, 1864 annos *antes* do Nascimento de Christo.

Estou certo de que si fosse agora, com o incansavel delegado que temos

. . . . . .

—Nada de conclusões, nem moralidade. Quem quizer que as faça ou a tiro.

Noticias diversas.

OFFERECIMENTOS.—A' semana passada foram feitos os seguintes:

O Zoinho offereceu-se para fornecer carne verde por tres dias, aos Zuavos visto ter uma vacca muito gorda á disposição.

—Os padres desta cidade offereceram-se para fazerem gratis os interramentos em quanto durar a guerra do Sul.

E' bom aproveitar a quadra quem for pobre ou usurario.

Quadros.

I.

(O VELHO A UM AMIGO.)

—Ora vejam o diabo! E eu que não queria *carecas* em caza e tenho agora uma raça inteira: meu genro e toda sua geração!

II.

(O PAE Á FILHA)

Menina, dize a teu marido que compre uma cabelleira postiça.

III.

(A MULHER AO MARIDO.)

—Dr. V. mette-me medo! a cabeça

tão lisa! quando passo a mão julgo que estou a dormir com um defunto; sua cabeça me parece uma caveira.. ... Jesus! tão feio!

IV.

(o marido a' mulher)

—Pois irei comprar um lindo chinó; e ha de ser de cabello chinez. Fino, bem fino; preto, bem preto; lustroso como as *onças* que teu pae traz engaioladas na burra.

.....

Então, não me assenta bem o chinó? Quem me vir agora não ha de dizer que eu sou um mulato careca. Aposto em como geralmente, me terão por um branco moreno....

V.

(o dr. com os doentes)

—Quem é o Sr.? não o conhecemos.

—Pois não conhecem o seu medico, o Dr. *Serô*?

—Como V. S. era careca, e apparece agora de cabellos, desconfiamos.

—E' que agora ando de cabelleira por gosto de minha mulher....

VI.

(o marido e a mulher.)

—Iaya, has de usar tambem de chinó! Não é possivel que se diga que um *branco moreno* é cazado com uma mulatinha de mau cabello.

A *ciganinha* está doente, dei-a por douda, cortei-lhe os cabellos, e has de ter tambem um chinó.

Não o queres, yaya?

—Si o Dr. quer.....

EPILOGO.

O marido e a mulher andam hoje com a cabeça enfeitada; trazem ambos cabelleiras postiças.

Breve o marido, em vez de curar no hospital, tem de la enfiar a camisa de força, e então não lhe terão o trabalho de raspar a cabeça.

Pergunta sem malicia.

Deseja-se saber de quem estiver habilitado a responder, o seguinte:

Pode o inventariante d'um casal receber dinheiros e delles dispor?

No caso de ter elle obrigação de pôl-os n'um deposito, o Sr. Amorim Falcão pode receber (si é que os recebe) os alugueis de uma caza no valor de 720$ rs. annuaes desde 1858, tempo em que exerce elle o logar d'inventariante do cazal de Maria da Luz?

Pode elle levantar dinheiros recolhidos e empregal-os seja em que for, sem ouvir aos interessados, e sem prestar fiança?

Quem pergunta quer saber; espera-se a resposta.

E. R. M.

Quanta gente defronte da porta desta loja!

Tanto official de justiça, tanto procurador, a raça inteira do forum!

Não se pode alli comprar cera; a porta impedida, não se entra nem sae.

Coitado do pobre moço! Foi ficar visinho ao forum; bem feito lhe seja!

Um que tem pena.

ANNUNCIO.

Acha-se nos prelos—**O canto do proscripto**—poesia do academico I. R. Penha, posta em musica para piano e canto pelo insigne artista José Bruno Correia. Assigna-se nesta typographia a 1$000 rs. o exemplar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, ECOMP.

O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª BAHIA 7 DE MARÇO DE 1865. N.º 181.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 6 de março de 1865.

Hoje não houve expediente.

—Que chaveco é aquelle que atravessa alli pela Barra?

—E' o cuter *Dr. Seró*; tem o nome do mestre e dono; é navio de contrabando.

—Chame á falla aquelle diabo.

—Para onde segue?

—Para onde não é da sua conta.

—Bom. Donde vem?

—Donde sahi.

—Optimo. A que nação pertence?

—A' dos curiosos.

—Bonito! Que carga leva?

—Indagações da vida alheia, intromettimentos, abelhudez etc. etc.

—Camaradas, ala para uma abordagem!

.....

—Então, responde ou não responde?

—Ja, Sr. capitão: sigo para a ilha da Traficancia; venho de Tratantopolis; sou natural de Latronopolis; faço parte da sociedade do Olho-vivo; trago por carga uma porção de negros, a quem maltractei e quiz seduzir.

—Só?

—Um cavallo lazão que dei de presente.

—Só?

—Uma porção de certidões, tiradas a geito.

—Só?

—Uma lettra de algumas dezenas de contos que ponho em duvida.

—Só?

—Dous lindos chinós de cabello de branco.

—Nada mais?

—Uma beberagem para colica; um remedio infallivel para congestão; a receita de um banho similhante ao rio Acheronte.

—E que historia é essa de negros?

—Ai, capitão! os negros eram do cazal de meu sogro que até hoje não tem cabeça. Estavam em meu poder, mas não me davam dinheiro; iam-no entregar a outro herdeiro.

Restavam dous que intenderam dever fazer o mesmo, cousa com que não concordei.

Ameacei-os, mas elles não deram cavaco. Denunciei-os á policia como tentando contra minha vida e a segurança publica; accusei-os de insurreição. Foram presos seis.

Os *diabos* obtiveram para elles sol-

tura e então recolei; intriga com negro bruto é o diabo.

Fui por tanto á cadeia e soltei-os antes que seus protectores tivessem tempo para tal; fiz crer aos negros que seu protector era eu e dei-lhes 10$ rs. para comida pedindo-lhes que dissessem que eu a tinha fornecido.

Um delles, de mais tino ainda do que *Salomão*, achou pouco e chupou-me mais 10$ rs.

—Mas pensa V. que os pretos tomaram esse dinheiro? Andaram a mostral-o de porta em porta.

—Sim, Sr.; chegaram a levar-m'o outra vez, mas eu não o quiz acceitar.

—Alguem então deu-lhes ordem para que o gastassem.

—Veja que papel ridiculo representou V.!

E que cavallo é este?

—E' um bichinho do engenho.

—Mas V. não o tinha dado de presente?

—Dei-o sim, Sr.; mas o homem emmagreceu o bicho com os emprestimos que fez e eu tomei-o para engordar.

—E por que o não restituiu?

—Porque estou mal com elle.

—Então tomou o que ja não era seu?

E vendeu-o ao inglez!

Que ridiculo desfaçado!

E estas certidões?

—Tirei-as para macular o nome honrado d'um negociante de quem sou desafecto.

—Que infame!

E esta lettra?

—E' a minha perdição; quiz tudo, e estou quasi quasi a levar o diabo.

—Nada de susto; os meus empregados ahi estão para o defenderem,

—E estas cabelleiras de defunto?

—De defunto não, Sr.; ao menos uma é d'uma cigana a quem eu devia um continho.

Trago-as para meu uso e de minha mulher; o meu cabello tinha desapparecido e o *d'ella* era *feio*.....

—Não parece um homem que tem juiso.....

E esta mobilia como a tem?

Quando eu me cazei não tencionava sahir mais da caza do meu sogro.

—Não era mau o negocio; tinha a papança forra, escravos, cahidos etc.

Mas caza-se outro diabo e muda-se logo.

Meu sogro começou a scismar; mandou de proposito apromptar uma caza para mim.

Mas eu....

—Estava agarrado como a ostra ao rochedo.

—...nenhuma vontade tinha de dalli sahir.

O velho porém, n'um dia em que estava a caza cheia de visitas, levou-nos todos a ver a nova caza e gritando que não queria mais ninguem em sua caza, poz me aos pés a cara..

—Foi sem duvida a primeira vez que V. teve vergonha.

—Tractei pois de mobiliar a caza e mudei-me. Esta mobilia é a de caza.

—Rica! que lindos lavatorios! que excellentes aparadores! que ostentosas cadeiras! que asiatico sophá! que ricos tapetes! que fino marmore!

—Isso disse minha sogra, ridicularisando o meu concunhado que comprara uma mobilia mediocre.

—Mas aposto em como elle pagou.

Entretanto V., meu caloteiro d'um dardo, foi Gavazza, ao pediu adiamento do pagamento por dias, demorou-se, passou uma lettra por um mez, não a pagou!

—Paguei, sim, Sr.

—Pagou, depois que seu sogro, aos chóros de sua filha, deu o dinheiro d'uma escrava que vendera.

Pagou depois de soffrer um sequestro de cujas consequencias o livrou certa generosa pessoa que o fez gente e a quem V. paga tão mal.

Além de patife ingrato!

—E estas bebidas?

—Tem o merito de abreviar a passagem para o outro mundo.

Appliquei-as a quem estava tardando em me dar dinheiro.

—Olá, camaradas, atirem esse ruim fardo ao porão do nosso navio e incendiem este alcaide de chaveco.

—Estou cheio de prazer, capitão, com a abertura da assembléa.

—Pretende algum logar, ou espera algum privilegio?

—Nada d'isso.

—Quer-se passar para a opposição?

—Capitão, não me comprometta.

—V. é um homem que custa a compreh^{e}nder-se! Diga o que quer, meu tatamba.

—Quero que a dignissima lance suas vistas patrioticas e compassivas para a carreira da Cachoeira fazendo com que a companhia Bahiana retire d'ella o insupportavel vapor 2 *de Julho*!!

—Vá esperando.

—E porque não? O Sr. deputado Cesar está ahi para fazer-lhe a poda; não fazem quatro dias que elle experimentou a *bondade* d'aquella cousa ruim.

—Deos o permitta!

—Hontem 6, abriu-se a sessão d'assembléa provincial, foram eleitas duas commissões, depois do que foi ella encerrada por *falta de numero*.

—Ha *cinco* dias que está aberta a assembléa e TRES ja la vão em que não ha sessão.....

Oh! tempora, oh! mores!

—336$ X 3 = 1:008$000 rs.

—Quer V. dizer que n'estes tres dias gastou a provincia um conto e oito mil reis com os deputados!

Mas veja que não estão presentes todos.

—Ora vivorum! a differença não é de palmo.

—V. sabe? a tropa vae usar de botinas.

—Quem lhe contou isto?

—Cada par de calçado a 3$700.

—E onde ha botinas por tal preço?

—Em quasi toda a parte; ao menos o Seraphim, no Terreiro, vende-as a 3$500.

—Pois as botinas reduzem-se a muito bom par de sapatos do Caboto, quando muito com ferraduras.

—Não é possivel; o arrematante é ligueiro e honrado, o Sr. José Caetano Gomes, e não pode por tanto querer *soltar o totó* no governo.

—O que é certo é que eu li na gazeta.

—Leu o preço de 3$700, mas não leu a qualidade do calçado. Si não for botinas, ha de ser botins....

—Seja; ficando bem claro que um bom par de sapatos francezes custa 4$000 rs.

—Sahiu a *Droga*.

—Ja vi; mas como *tudo isso são droga ou dão em droga*, passaremos.

—Entra até na politica; analisa os escriptos do academico Pedreira França!

—Olé!

—A assembléa provincial vae em progresso. No dia 1 houve sessão, no dia 2 houve sueto, no dia 3 houve sessão, no dia 4 houve sueto, o dia 5 foi domingo, no dia 6 levantou-se por falta de numero.

—Que quer que lhes faça? São os paes da patria, os salvadores da nação.. provavelmente estão cuidando nos negocios da guerra.

Um dia á paz, outro dia á guerra.

—Consta que *Don-don Aguirre* acha-se em casa do consul francez.

—Pilheria; invenção dos capotes. O que dizem é que o Sampaio Vianna, guarda-mor d'alfandega, prendeu-o e metteu-o na fortaleza do Morro.

—Serio?! Que valentão é o Sampaio Vianna!

Eu fazia-o ja barão de Paysandú, si fosse o governo.

—Não corra que cansa; ainda nãe vieram communicações officiaes, nada se pode garantir por tanto.

—Ora nonoroques!

A PEDIDO

Consta nos, que os Academicos vão offerecer-se para marchar para o Sul, em defesa dos b ios nacionaes,—com a condição de serem commandados por seu distincto Director.

Por Saint Joannes da Matacena que mora lá para a rua do Laço.

Pelas Irmãs de Caridade, olhe para sua familia, deixe de ser bobo affrontando com dinheiro as pessoas que estão pacificamente em sua habitação; do contrario será emendado de seus erros.

Corrija-se. Si continuar voltarei. Até logo, ouviu?

Capitão, vou contar-lhe uma historia de Simão sem ser de garapa sem beco. Esse bello sujeito deu, ha tempos, um cavallo a tracto, na Estrada Nova a um pobre velho, e já lhe devia 26$ rs ; um dia porem mandou elle buscar o cavallo, e alta noite mandou leva-lo, e estando o velho agasalhado, e não encontrando o portador ninguem, não se quiz dar ao trabalho de chamar e deixou o cavallo solto da parte de fóra com o sellim; no dia seguinte estava o cavallo junto de caza comendo; mas sem o sellim que apezar de ser tão maduro como o tal Simão, tendo cada aba de sua qualidade desappareceu, e o tal Simão quer os 26$ rs. por elle, e mais si mais estivesse devendo.

Assim pagou elle a estada de seu animal, com um sellim de differentes qualidades, de maneira que si a estada orçasse em 50$000 ou 60$00 rs. estava paga com o velho sellim.

Não lhe agrada a historia capitão?

Acho boa, pois é de esperto. Muxingueiro, vae ao tratante, e dize-lhe, que com um sellim sem era, não se paga a estada de cavallos, que vá pagar os 26$000 rs. ao velho; do contrario esfrega-lhe a cara na cloaca para ver si toma vergonha, e paga o que deve; vae já!

Pinto Ruivo, porque V. não toma vergonha, grandissimo bebado?

V. não se lembra daquella firma falsa que V. fez em nome de outro para receber 7 barricas de assucar, que o dono foi tomar em uma caza na rua de Baixo onde estava depositada? Eim desgraçado? Por verem a sua mizeria não foi que não deram comtigo na cadeia. grandissimo réo de policia? para que V. anda pelas casas das mulheres a fazer algazarras malandrim? pois si não tem officio assente praça que é muito melhor do que V. andar dormindo nos bancos do Theatro e debaixo dos arcos da Praça.

Mas é porque a policia desta terra não presta grande attenção a certas cousas; si prestasse, meu Pinto Ruivo, já V. estava no Rio da Prata, grandissimo bebado; mas deixe estar, meu mariola, que V. não escapa.

Sr. Redactor.—Queira ter a bondade de declarar si eu fui quem mandou publicar no *Alabama* de 1.° de março, um artigo em que fallava, que indo um inspector de quarteirão avisar um doutor para rondar, elle a noite se escondera, na occasião de ir buscal-o, mandando diser que não estava em casa.

Arnaldo Gentil Ibirapitanga—Inspector do 25° quarteirão do C da Sé.

—

Não, Sr.; a publicação chegou a nosso poder por intermedio da *policia secreta.*

A Redacção.

ANNUNCIO.

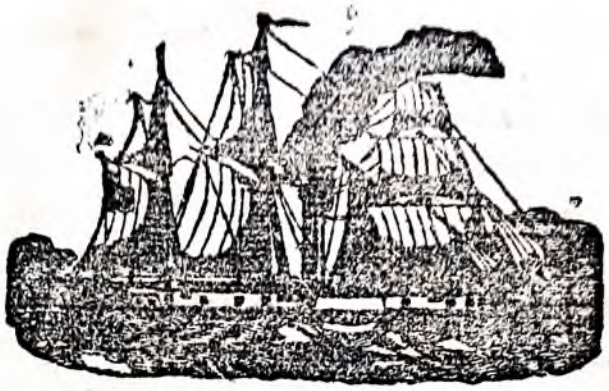
Publicação Patriotica.

CANTO DE GUERRA DO VOLUNTARIO BAHIANO DEDICADO AOS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

Sublime poesia, ornada de excellente musica para canto com acompanhamento de piano, tendo no frontiscipio o lindo emblema do Voluntario em frente de Paysandú.

Vende-se na livraria da Viuva Lemos.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, ECOMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 18.ª BAHIA 9 DE MARÇO DE 1865. N.º 182.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Aos Srs assignantes.

Finda-se hoje a 18ª serie deste periodico.

Pedimos aos que não pagam que nos não obriguem a publicar-lhes os nomes.

Até hoje nunca nos excedemos, nas poucas vezes que lhes temos lembrado seu dever.

Não nos forcem por tanto a fazer-lhes o que merecem.

E os engraçados que nos mandam piquetas que tomem tambem nestas linhas seu quinhão.

Ao governo.

Ha dias escreveram-nos o seguinte:

«Em breve terão desapparecido da circulação todas ou a maior parte das notas de 5$, 2$ e 1$, em vista do premio de 2 por % que offe. ecem sobre o dinheiro do thezouro.

«Os males que pode causar a falta de troco, que ha de seguir-se, ao Commercio e em geral a todas as classes da população, com especialidade as menos abastadas, são incalculaveis.

«Seria muito para louvar que acertadas providencias viessem atalhar o mal em quanto é tempo.»

No dia seguinte dizia a *imprensa graúda* que o governo officiara ao inspector da thesouraria para providenciar.

Dias depois S. Ex. officiava tambem ao agente da companhia Bahiana.

Entretanto os miúdos desapparecem, e a especulação continúa; os trocos somem-se e a pobreza soffre.

Trocar hoje uma cedula de 10$ rs. é cousa mais difficil do que descontar dinheiro.

Pedimos por tanto providencias neste sentido.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 8 de março de 1865.

Officio á camara municipal para que mande tapar um buraco que ha na ladeira do Tijollo, que ameaça tornar-se n'uma lagoa pela quantidade d'agua

que ja contém em si, o que pode pelo menos, devorar a perna de algum cego.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias afim do que se torne effectiva uma medida que ha sobre meninos vadios pelas ruas, cujo numero se tem tornado crescido ultimamente.

—Homem, esta Latronopolis tem bons pedaços!

—Que houve?

—Apontamentos para a historia; certo subdelegado que virou Kaême, á imitação de certo commandante que aqui temos.

—E então um subdelegado não pode ser professor?

—Que duvida! Mas o de que se trata não é de ensinar a leitura, é do castigo da ferula applicado áquelles que elle julga criminosos. O caso é este:

Foi preso um sujeito por ter deflorado uma sujeita de maior edade; dez testemunhas e informantes que juraram a favor do delinquente e o mesmo delinquente foram todos presos, agarrados e conduzidos á presença do subdelegado que pegando da palmatoria metteu-os em bollos, mostrando que tinha mais geito para muxingueiro do que para authoridade policial.

—E onde foi isso?

—Si me não engano, no *Mar Pequeno, entrada do Gil.*

—Valha-me N. S. da *Pirajuhia*! Como se chama o subdelegado?

—Por S. *José* que não sei.

—Morará elle no 4.° *districto*?

—O *Nunes* não me disse quando me contou o facto.

—Pergunte alli ao *Antonio* a ver si o diz. E mande ja e ja trazer pelas orelhas aquelle patife para bordo, afim de experimentar si a graça é boa.

—Certo sujeito que tem dinheiro offereceu-se a outro que tem levado algumas piquetas, para dellas o livrar e achou-se em branco.

—E anda a incommodar-nos; a fallar em dinheiro que tem cunho e *costa*, como si nós pertencessemos á religião do Deus Dinheiro.

—Eu peço-lhe pois que não torne com sua insistencia.

E a Deus.

—Ora estes boleeiros são sempre o diabo!

Querem por força que os burros andem mais do que voam passaros.

—Que diabo é isto?

—Os boleeiros do Pará-assú (dizem) voltavam d'um interro e queriam tomar a dianteira a um carro que *não era da caza*; tangeram os burros, e o carro, ao passar por junto do outro, metteu uma de suas rodas nas do concurrente e ficou enganchado. Brincadeira foi esta que o carro acommettido cahiu de lado e fez uma ponte por sobre o rio das Tripas!

Os convidados cahiram ao rio, tomaram seu banho, e sahiram mais sujos; estavam cobertos de lama, e feridos!

E isto por uma graça de boleeiro!

—E que hei de fazer agora?

—Eu sei!.... Estou contando a historia, capitão.

—Quantos doentes ha n'esta casa?

—38.

—Quantos barris com agua gastam-se para banhos?

—12.

—Que abundancia!

—E' porque no mez de *fevereiro* a agua é muito vasqueira.

—Capitão, não leu na *Catana* um artigo sobre recrutas algemados?

—Li.

—Pois fique sabendo que a ignorancia do subdelegado obrigou os homens a vir assim. Offereceram-se como voluntarios e pedindo ao subdelegado uma guia, tiveram elles, livres e heroes, algemas para os pulsos!. ...

—Deus!

Cale se por quem é; tanta miseria deve ficar eternamente n'um silencio rigoroso.

—E eu acho que o tal subdelegado devera soffrer o processo summario de Labatut: um tiro na cabeça para tomar juiso.

—Linguinha, essa lingua é a causa de tua perdição; por ella já não tens dentes; além da baba venenosa que os estraga, os sopapos que levas tem-te posto neste deploravel estado. Por que não tomas juiso? porque não és mais prudente? porque não fallas menos?

Que vicio!

Toma o meu conselho, rapaz e verás que te has de dar melhor.

—Agua e conselhos só se dá a quem pede; guarde por tanto os seus que delles não preciso.

—Ora que patife!

Linguinha, não me conheces? Não sabes que eu sei da tua escandalosa vida, das tuas devassidões e ladroeiras?

Linguinha safado, para que te andas a occupar da vida de dous *teus senhores*?

Não vês que duas pessoas illustradas não se hão de pôr em comparação e contacto comtigo, rustico roceiro, artista surrão?

Para que has de fallar até de quem ja morreu?

Si elle ganhava cantando, era com seu trabalho; não era com o suor alheio como tu que vives a roubar os outros, a depennar o casal, para metteres na pança de tua reverenda e impudica tia a quem nem respeitaste!.....

Linguinha, toma sentido! olha que te ponho os podres na rua.

—Desaforo! o Sr. entrando na minha vida privada!

Quero satisfação de seu proceder inconveniente.

—Pois não!

O' muxingueiro!

Da-uma satisfação em termos, no rigor da diplomacia, ao Sr. Chico Linguinha d'Amor-rir Facão da Matança Junior.

Ao batalhão de policia da Bahia no dia de seu desembarque no Estado Oriental do Uruguay, na qualidade de voluntarios da patria.

SAUDAÇÃO.

Dae logar, nações absortas...
Damos o nosso logar!!
(M. L. JUNIOR.)

Salve! salve brasileiros!!!
Salve distinctos herdeiros
Daquelles bravos guerreiros
Dos campos de Pirajá!!
Que os heróes de—Dous de Julho
Possam encher-se de orgulho
Vos comtemplando de lá!!

Os restos inanimados
Desses valentes soldados
Que lutaram commandados
Pela voz de Labatut
Se erguêram das sepulturas,
Para escutar as bravuras
Dos heróes de Paysandú.

Sim! erguêram-se attrahidos
Pelos sons dos estampidos
Que foram repercutidos
Do Rio Grande ao Pará;
E este elogio escutou-se:
Como outr'ora aqui lutou-se
Luta-se agora acolá!!

Eram os nossos soldados
Combatendo denodados
D'encontro aos entrincheirados
Sicarios de Paysandú!!
Os nossos... cujas bravuras
Erguêram das sepulturas
Os heróes de Labatut!!

E vós—seus filhos, seus netos,—
Vós ficastes inquietos, !!..
Vossos mais caros affectos
Guardastes no coração,
Para escutar esta senha
—Quem for brasileiro venha
Desaggravar a nação!!—

E voluntarios, valentes
Bradastes impacientes
Nós somos os descendentes
Dos heroes de Pirajá!!!
Patria!! Tocaste á rebate?!!
Onde é o campo de combate?!
Queremos marchar p'ra lá!!

.....
.....

E... eis-vos aqui nesta terra
Quereis os louros da guerra?!
Olhae!!... Acolá se incerra
Nosso primeiro trophéu!!...
Pegae na vossa bandeira,
E plantae-a na trincheira,
Que cerca Montevidéu!!!

Estaes entre brazileires,
E tendes por companheiros
Os mais valentes guerreiros.
Nas lutas de Paysandú!
Eia! Mostrae denodados
Que sois filhos dos soldados
Que commandou Labatut!

.....
.....

Na luta que vae travar-se
Por força ha de renovar-se
O desejo de mostrar-se
Cada qual com mais valor!
Não esqueçaes um momento,
Que déstes um juramento
Diante do imperador!...

Heroicos depositarios
Do melhor dos sanctuarios
Batalhão de voluntarios!!
A patria esperando está
Que os heróes de Dous de Julho
Possam encher-se de orgulho
Vos contemplando de lá!!

Dr. Symphronio Olimpio A. Coelho.
Bucêu, 16 do fevereiro de 1865.

A PEDIDO

Enigma.

Um individuo, que ainda ha bem poucos annos era caixeiro nesta cidade, *andando com os cotovellos rotos* e depois apresentou-se capitalista e director de estabelecimentos monetarios sem ter tido grossa herança, nem tirar sortes grandes na loteria, o que será?

E ainda mais, cheio de embofia, cabala para tudo, e tudo quer ser, tanto no commercial como na politica, gasta dinheiro a ródo; dá bailes explendidos, tem carros e carrinhos... onde irá isto parar?... Olho no melro!...

Domingo elle apparecerá para galgar a directoria... no banquinho em que procura com affan sentar-se... para certo arranjo...

O Hermann.

ANNUNCOS.

Na lojinha á rua Direita da Mizericordia n. 10 vende-se cêra em porção e a retalho, papel para requerimento, rapé tambem a retalho e diversas miudezas, etc. etc.

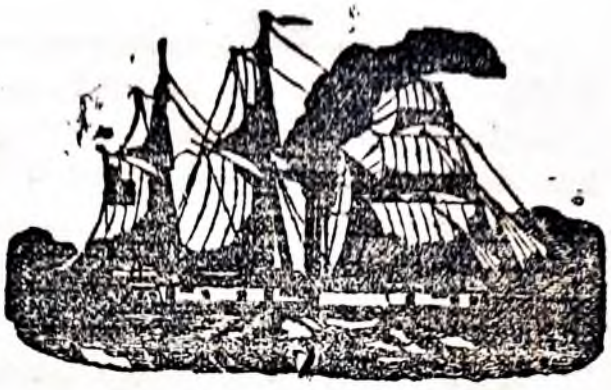
Publicação Patriotca.

CANTO DE GUERRA DO VOLUNTARIO BAHIANO DEDICADO AOS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

Sublime poesia, ornada de excellente musica para canto com acompanhamento de piano, tendo no frontiscipio o lindo emblema do Voluntario em frente de Paysandú.

Vende-se na livraria da Viuva Lemos.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, ECOMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª BAHIA 11 DE MARÇO DE 1865. N.º 183.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Noticias.

Ja sabem todos que Montevideu foi occupada por nossas forças em 20 de fevereiro.

Consta tambem que os paraguayos foram repellidos de Cuyabá, soffrendo grande perda.

Por tão faustosos motivos o povo ante-hontem, ao meio dia, precedido de uma banda de musica e de voluntarios da Patria, com duas bandeiras nacionaes, percorreu as ruas da cidade, depois de ter ido ao Barbalho buscar a companhia de Zuavos.

O povo sahiu da Praça, depois dos vivas que das janellas de palacio deu S. Ex. o Sr. Des. presidente da provincia, e ao voltar do Barbalho seguiu pela rua dos Adobes, Conceição do Boqueirão, rua do Paço, Taboão, toda a cidade baixa, e subindo pela ladeira da Gameleira atravessou o largo do Theatro, rua Direita de Palacio, chegando á Praça, onde o Sr. Muniz Barretto Filho recitou uma excellente poesia, florão immurchecivel que ha de ornar a laurea coroa do joven e esperançoso poeta bahiano.

Fechou-se algumas repartições publicas e cazas de negociantes.

A' noite houve as mesmas demonstrações; o distincto corpo academico, precedido de musica e acompanhado de milhares de pessoas, percorreu as ruas da cidade, cujas cazas estavam illuminadas e embandeiradas algumas.

O enthusiasmo foi emfim indescriptivel.

Tão suspirada victoria, tão anhelado triumpho marcou no dia 9 de março um dia de orgulho para a Bahia, assim como o dia 20 de fevereiro uma pagina brilhante para a historia do Brasil.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 10 de março de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um buraco que ha no cano real á rua de Baixo de S. Bento, buraco este que impede ou difficulta o transito publico.

—A' mesma, pedindo-lhe pela 2.ª vez que mande tapar outro buraco, na rua dos Coqueiros d'Agua dos Meninos, o qual existe alli ha mais de dez mezes e ameaça impedir inteiramente o transito publico com o proximo inverno e com as repetidas investidas do mar.

—A' mesma, no mesmo sentido sobre um outro que existe na Calçada do Bomfim em frente ás cazas de Lima & Irmão, que não tendo com que fazerem dalli retirar tão perigoso sorvedouro, o mandaram tapar com a cobertura de um bahú.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao Manguinho e faça dalli mudar-se uma tal Pomba Suja, mulher immoralissima em cuja visinhança é impossivel que habitem familias. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

O Dr. *Chinó*, tendo pedido demissão de um cargo militar depois de ter offerecido seus vencimentos para a guerra do sul, requer um logar no regimento do olho-vivo.—Deferido, com a condição de applicar aos larapios o mesmo *remedio infallivel* que applicou a seu sogro.

—A assemblea está muito patriotica; hontem, dia do enthusiasmo não houve casa, hoje 10 não ha, é provavel que amanhan tambem o não haja.

—Que duvida! que duvida! São tres dias feriados.... festa nacional....

—Sabbado 11 do corrente, a corporação dos caixeiros nacionaes reune-se, á noite, na Baixa dos Sapateiros, para percorrer as ruas em signal de regosijo pelo feliz successo que obteve o Brasil no Estado Oriental do Uruguay, cuja capital foi occupada pelo exercito alliado.

—A rapazeada que se prepare.

—Mellor Southal & Comp. compram dinheiro do governo com o premio de 2 % (vide *Interesse Publico* de 8 do corrente).

E' preciso por tanto que o activo, intelligente, honesto e energico actual Sr. Des. presidente da provincia dê quanto antes as providencias.

—Ora vejam que gallego insolente! Pois aquelle *Pau de Sebo* não reprova as manifestações patrioticas do Brazil!

Muxingueiro, vae alli ao Taboão, pucha as orelhas daquelle ladrão, pergunta-lhe como enriqueceu, dá-lhe depois mil fortes calabrotadas e deixa-o no porão de machos aos pés e tronco ao pescoço!

—*Boa presa*, capitão!

—Uma cousa, capitão.

—Si vale a pena, diga.

—Porque não! um rasgo de patriotismo, uma acção louvavel...

—De quem?

—Dos deputados provinciaes.

—E o que fizeram os dignissimos?

—Sahiram das encolhas do indifferentismo, e enthusiasmados com a tomada de Montevidéu offereceram os seus subsidios durante todo o tempo das sessões em favor das despezas da guerra; agora sim. os nossos representantes merecem o epitheto de patriotas; agora sim acredito no patriotismo d'elles; não marcham para a guerra, mas dão com que se compre os *melões*.

—Meu amigo, V. está lenganado, aquella gente não dá de si, mas

emfim um bom dia mette-se em caza.

—Capitão, V. Ex. é incredulo de mais; si o pobre empregado publico offerece 5 % de seus ordenados, porque um deputado não ha de offerecer os seus subsidios?....

—E quem contou-lhe tal cousa é author seguido, ou não?

—Ora si: caldo da mesma panella.

—Então esperemos.

—Sim Sr., no esperar é que está a sciencia da vida.

—Si isto é verdade, em nome do povo que os elegeu recebam os dignissimos os nossos sinceros elogios e agradecimentos.

—Ora deixe-me. capitão! O vapor 2 *de Julho* é antithese do nome que tem.

—Por quem é não me falle mais em vapores.

—Tenha paciencia, me ouça ainda uma vez.

—Diga.

—O dia 2 de Julho marcou uma nova época de regeneração para a Bahia e quiçá para o Brazil inteiro: no entanto o vapor 2 *de Julho* marca uma era de regresso nos annaes das companhias de vapores....

—Não lhe acho rasão.

—Certamente porque V. Ex. nunca foi á Cachoeira n'aquella *preguiça*.

—Quantas horas gasta esse vapor na viagem?

—Nos tempos normaes 6 e meia e 7 horas, e em outras occasiões 8, 9 e 10, havendo enchente.

—V. é rigorista de mais, não se lembra do desconto da correntesa etc.

—Ora pelo amor de Deus, não me falle V. Ex. em desconto de correntesa; por causa d'elle o vapor *Béarn* trepou-se com casca e tudo nos baixios dos Castelhanos e toda a tripulação e os passageiros seriam victimas sinão encontrassem o mar manso como leite.

—E como assim naufragou o *Béarn*?

—Desconto de correntesa, capitão, e nada mais.

—E o governo não tem um contrato com a companhia Bahiana?

—Si não me engano,até com a clausula de ter vapores nas diversas carreiras que realisem as viagens em 5 horas!.

—Então cale-se, homem dos diabos, o excedente de tempo que se gaste na viagem é desconto de correntesa.

—Em correntesa se veja o vapor 2 *de Julho* e a companhia Bahiana, tenho concluido.

—Muito bem! fallou como um deputado de côrte..

—Na Feira da Conceição recrutou-se um guarda nacional remisso.

—E que tem lá isso?

—O guarda merecia ser recrutado, mas o commandante não devia remettel-o algemado, com os braços para traz, como um escravo fugido para a Cachoeira; foi um ultrage á farda.

—Isso la petarolas: maior ultraje sofremos por causa do Mancebo, mas elle só teve um anno de prisão.

Soneto.

Princeza da montanha, tu que outr'ora
Foste a primeira que se ergueu do norte
Para affrontar no sul sem medo a morte,
Do triumpho tambem partilha agora!

O auriverde pendão alegre arvora:
Cahiu por terra a barbara cohorte!
E' justo de prazer tanto transporte;
Que surgiu para ti risonha aurora.

Montevideu rendou-se; a tyrannia
De selvagens crueis jaz inanida,
Não poude resistir nem mais um dia.

Que presagio feliz, patria querida,
Para nova victoria! Sim, Bahia,
Tambem ha d'Assumpção gemer vencida.

J. A. da Cunha.

A PEDIDO

Previne-se ao meço dos bigodes, formado nas reprovações d'academia de medicina e official dos pezos e escripturações das casas das mitras de Latronopolis, que quando não estiver presente o seu patrão, dê-se a tratar bem as pessoas que na repartição apparecem para cuidar em negocios ecclesiasticos, e que se deixe de gritar e impor como mandão, porque deve lembrar-se que não está guiando gado da villa de S. Francisco com ferrão de Barros da terra dos Borges.

—Sr. *Herculano*, então ainda é cedo?

Veja que eu vou ja dizer ao *Dantas* que V. não quer pagar o que deve.

Aos defensores da Patria. (*)

E' hoje o dia magestoso,
Dia de alto fulgor ao ceos tão claro,
A leda primavera os campos orna;
Os zefiros suaves balanceam.

E' filiz o dia pompozo
Que o nome de um heroe a fama sôa
Pedro segundo do Brazil primeiro
Que os brazileiros a sua voz entoa.

«Não deixeis qu'o torrão nosso invadam
Esses lobos do sul! combatei!
Vossos paes do sepulchro vos bradam
Brazileiros as armas correi!

«D'esses monstros com o sangue vertido
Os seus lares bem rubros fazei!
Recordai-vos de Rozas vencido!
Brazileiros as armas correi!»

Por—*Gomes Borges.*

(*) O author é já conhecido desde—*Os ligueiros venturoso.*

Pergunta sem malicia.

Deseja-se saber:

1.° Si o Sr. Francisco d'Amorim Falcão pretende vender uma caza nobre, á rua da Bomba, pertencente a diversos herdeiros.

2.° Si sendo elle herdeiro somente por parte do padre Alexandre da Silva Menezes, pode considerar como sua a dita caza excluindo os outros herdeiros, quando ja recebeu seu quinhão em alugueis da mesma caza no valor do 7:000$ e nos reditos da Matança, avaliados, em 1832, na quantia de 500$ rs. annuaes.

3.° Si pretende arrendar parte da citada fazenda (Matança).

4.° Si, na qualidade d'inventariante, pode o mesmo tudo isso fazer, sem licença do juiz e audiencia dos interessados.

5.° Si pode o mesmo affrontar assim as leis, desrespeitar os juizes e damnificar os herdeiros.

O Linguinha.

Enigma.

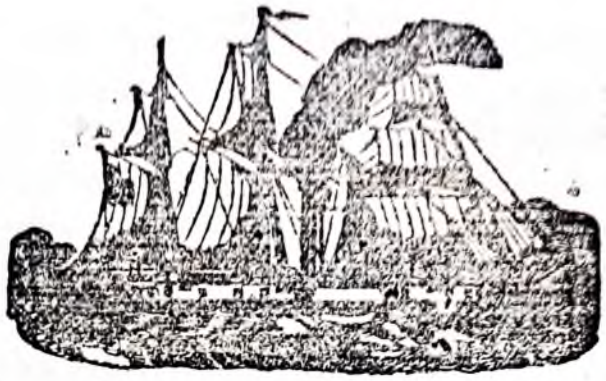
Um individuo, que ainda ha bem poucos annos era caixeiro nesta cidade, *andando com os cotovellos rotos* e depois apresentou-se capitalista e director de estabelecimentos monetarios sem ter tido grossa herança, nem tirar sortes grandes na loteria, o que será?

E ainda mais, cheio de embofia, cabala para tudo, e tudo quer ser, tanto no commercial como na politica, gasta dinheiro a rôdo; dá bailes explendidos, tem carros e carrinhos... onde irá isto parar?... Olho no melro!...

Domingo elle apparecerá para galgar a directoria... no banquinho em que procura com affan sentar-se... para certo arranjo...

O Hermann.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª BAHIA 15 DE MARÇO DE 1865. N.º 184.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 14 de março de 1865.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua do Bangala e indague onde existe uma infeliz filha de João de Mattos, cazada com um meirinho, afim de trazer á minha presença o marido. Informam que vive continuadamente a visinhança sobresaltada com os gritos da mulher, arrancados pelo barbaro tratamento que lhe dá o sobre dito cujo, e que na noite de 9 do corrente foi tal o espancamento que ninguem esperou mais vel-a viva. Pegue-o por tanto pelas orelhas, e debaixo de pescoções traga-o para bordo, depois de fazer em duas a sua classica cazaca. O que cumpra.

—Tem visto os liberaes como se tem lavado das pechas que lhes attribuem?

—Oh! pois não!

—Vê que triumpho estrondoso no Uruguay!

—Tambem foi dos liberaes?

—Que duvida! Dos liberaes de cá, unidos aos *colorados*, liberaes de lá.

—Pois eu julguei que era da nação brazileira, sem distincção de partidos; até por que via lá o Sr. Cons. Paranhos.

—E não sabe o que fez o Paranhos? não sabe porque foi elle demittido?

—Foi demittido, por que sua missão estava finda. O mais é uma infamia que assoalham os homens do dia, liberaes caturras que nada podendo produzir, tractam somente de desacreditar as mais bem intencionadas acções dos outros.

—Não falle assim dos liberaes!

—E porque não? São liberaes só no nome.

Liberaes centralisadores! Liberaes que votam pela estrada de ferro da corte e deixam duas das provincias a luctar com a morte!

Liberaes que calcam a constituição e todas as leis della derivadas! Libe-

raes que demittem os empregados publicos do partido contrario! Liberaes que por uma pasta insultam seu amigo do hontem, deixam todos os seus companheiros e mettem-se em suas fazendas!

Liberaes da rolha que (para não ouvirem os brados energicos da opposição contra seus desregrados actos) chamam de anti-nacionaes os adversarios para malquistal-os com o povo!

Liberaes da rolha para quem toda a verdade é um paschim, para quem qualquer advertencia do Sr. Saldanha Marinho é opposição!

Liberaes de distincção de classes entre o povo!

Liberaes sem camaras! Liberaes dictadores!

—Está bom, meu amigo, adeus.

—Adeus! Veja a nossa assembléa provincial como vae galante! Em trese dias de sessão, só a houve em quatro!

Pois são esses os liberaes que se atrevem a censurar os adversarios! Ora pelo amor de Deus!

—Aposto que não conhece estas duas firmas que ahi estão?

—Não; mas o que é certo é que vão de cavallo e ás carreiras.

—Pois justamente o de baixo é o Las Carreras.

—E o de cima é o Aguirre que vae montado nelle.

—Varro a palha.

Notou porém V. nos nomes daquelles cujos?

Um é traste de sapateiro, *sovela*; outro é *Pé de moleque*; este anda ás *carreiras*; aquelle roja na *lama* como todos os mais, e assim por diante.

—E por ca temos *flores*, assim como elles ja tiveram suas *rosas*.

☞Ah! não quer ir, não?! Pois vá entregar seu armamento e dê seu nome.

—Vivam os Voluntarios da Patria!

—Hontem 13 do corrente AINDA não houve sessão por falta de numero!

São quatro dias successivos!

Assim como só em quatro dias houve sessão.....

Beatus venter qui te portavit, benedicta assembléa!

Andar assim é bom andar.

Ao Brazil.

Poesia recitada na noite de 9 do corrente por occasião da noticia da tomada de Montevidéu.

Era ja tempo!... o a tro da victoria
A final expandira a luz da gloria,
Que ao Brazil aclarou,
E como o cedro altivo da floresta,
Ao som tremendo de tremenda orchestra
Montevidéu tombou.

Em Paysandú surgira um horisonte!
O povo brazileiro erguera a fronte
Radiante de luz!...
Travou-se a lucta: e o povo sempre erguido,
Conduzira ao calvario promettido
Da liberdade a cruz

Eu poeta, eu soldado da sciencia,
Que no balcão corrupto da opulencia
Não vendo a inspiração,
Venho agora com alma interneccida,

Render uma homenagem merecida,
Aos bravos da Nação.

A liberdade, como luz divina,
Dando vida á razão, illustra, ensina
A ganhar-se tropheus:
No fragor do combate incarniçado
A liberdade é o hymno do soldado,
A liberdade é Deus.

O povo, o Prometheu da humanidade,
E' columna que a mão da tempestade
Não pode demolir,
O povo é como a onda que espaneja,
O povo é como a fera que esbraveja
Quando a tentam ferir.

E é sempre o povoquem sustenta o throno,
Quem não deixa arrastar-se no abandono
O brazilio florão:
E é sempre o povo o destemido vulto,
Que cospe á face d'um poder stulto,
De estupido brazão.

Tamandaré, o genio da batalha,
Que ri-se quando sente audaz metralha
As plantas lhe beijar,
Co'a energia que manda a honestidade,
Co'a nobreza que ordena a liberdade,
Fez a *Aguirre* curvar.

Montevidéu é nosso: e muito breve
A desgraçada sorte que esse teve,
O Paraguay terá,
Q'inda ha pouco em combate infurecido,
Ao *gaúcho* cruel sempre atrevido
Vencera Cuyabá.

Era ja tempo!... o astro da victoria
A final expandiu a luz da gloria
Que ao Brazil aclarou;
E como o cedro altivo da floresta,
Ao som tremendo de tremenda orchestra
Montevidéu tombou.

Brazil, oh! não te curves soberano,
Que tu es o gigante americano,
Poderosa Nação;
Como genio caminha p'ra o infinito,
Como a aguia não pouses no granito.....
Tens mais alta missão.

Aprigio Menezes.

A PEDIDO

Noticias.

—O Sr. Dr. Gonçalo Bulcão offereceu os seus vencimentos de deputado provincial para as despezas da guerra com o Paraguay.

Solus et unus.

—O 2.º cadête do 1.º batalhão de voluntarios, José Henrique Barboza de Oliveira, filho do pharmaceutico 2.º tenente do corpo de saúde d'Armada, José H. Barbosa de Oliveira, renunciou em favor das despezas do estado a gratificação que lhe confere o decreto n.º 3371 de 7 de janeiro de 1865.

Ao Governo da Provincia.

Está visto que a Assembléa Provincial não satisfaz, na quadra actual, os deveres que tem a seu cargo.

Si a provincia ha de estar despendendo sem proveito, S Ex. o Sr. Des. Presidente bem vê que é de urgente necessidade adiar a presente sessão.

A opinião publica.

Mofina.

« A Guarda Nacional é instituida para defender a Constituição, a Liberdade, Independencia e Integridade do Imperio; para manter a obediencia ás leis, conservar ou restabelecer a ordem e a tranquillidade publica; e para auxiliar o exercito de linha na defesa das praças, fronteiras e costas.»

« A Guarda Nacional deve fornecer corpos destacados para defender as praças, fronteiras e costas do Imperio como auxiliares do exercito de linha.»

« Os corpos destacados não poderão ser tirados da Guarda Nacional *sinão em virtude de lei especial*. Dado porém o caso de rebellião, ou de invasão repentina de inimigos no intervallo das sessões da Assembléa Geral, o poderão ser, por decreto do Governo no municipio da corte, o por ordem dos Presidentes nas provin-

cias, dando-se conta á Assembléa Geral logo que estiver reunida. »

« Para a composição dos corpos destacados serão preferidos os *guardas nacionaes que se apresentarem voluntariamente*, e que forem julgados propries para esse serviço. »

« Si *o numero de voluntarios não for sufficiente para completar o contingente exigido*, serão designados os guardas que hão de fazer parte dos corpos destacados d'entre os comprehendidos na lista do serviço activo, que não estiverem dispensados em virtude desta lei, classificando-se todos na ordem seguinte:

§ 1.° Os solteiros.
§ 2.° Os viuvos sem filhos.
§ 3.° Os casados sem filhos.
§ 4.° Os casados com filhos.
§ 5.° Os viuvos com filhos. »

« A designação principiará pela primeira classe, e não se passará á segunda sem estarem designados todos os da primeira, e assim por diante. Em cada uma das classes se principiará pelos mais moços, seguindo-se a ordem das idades. »

« O irmão mais velho de orphãos menores de pae e mãe, o filho unico, ou o mais velho dos filhos, ou dos netos de uma viuva, ou de um cego, aleijado, ou sexagenario (quando lhe servirem de amparo) entrarão na classe dos casados com filhos. »

« A designação será feita conforme os regulamentos do governo pelo conselho de qualificação, com recurso para com o Conselho de Revista, de cujas decisões tambem haverá recurso para o Governo na corte, e para os Presidentes nas provincias. »

(Arts. 1, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, da lei n. 602, que dá nova organisação á guarda nacional.)

Agora pergunta-se: O corpo inteiro da Guarda Nacional organisado como actualmente se acha tem obrigação do seguir para as fronteiras?

Respondem: Pode seguir o que voluntariamente se presta.

Mas pergunta-se: Offerece-se como voluntario um corpo, cujos officiaes se negam a seguir na sua maior parte?

E' o que tem obrigação de responder quem quer commendas para o peito, fazendo cortezias com o chapéu dos outros.

ANNUNCIO.

Morte de Aguirre.

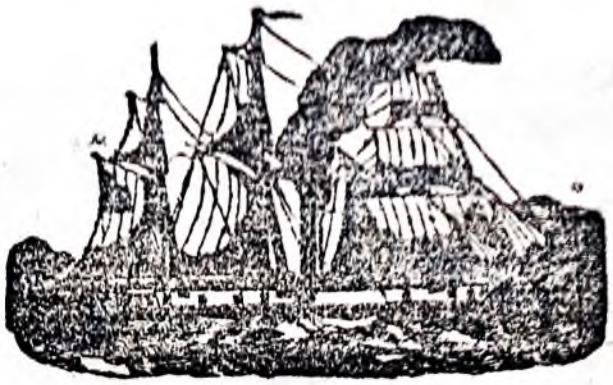
(E' SERIO)

Viva a rapazeada do Commercio!

O infame e covarde Aguirre tem de expiar seus horrorosos crimes sendo queimado em forma de judas, sabbado d'alleluia ás 10 horas da noite no largo do Pelourinho onde será batido por um vapor nacional onde tremulará a bandeira da Nação Brazileira. Espera-se da rapazeada offendida em seus brios nacionaes suas quotas para tão licito e innocente divertimento do Povo, dando ao mesmo tempo uma lecção aos malvados uruguayos que *pretendiam* offuscar os brios de nossa Nação. A subscripção acha-se na loja da Fama ao largo do Pelourinho n.° 68, e no Commercio em mãodos Srs. Caixeiros para assignarem. Convida-se para o indicado dia ás 10 horas da noite a rapazeada Academica, Caixeira e a todo povo em geral.

Na lojinha á rua Direita da Mizericordia n. 10 vende-se e aluga-se cêra em porção e a retalho, papel para requerimento, rapé tambem a retalho e diversas miudezas, etc. etc.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª BAHIA 17 DE MARÇO DE 1865. N.º 185.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de março de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr chefe de policia, communicando-lhe que continúa a haver todos os dias ajuntamento de capadocios na loja n. 1 D. do sobrado conhecido pelo do major Jequiriçá á ladeira da Barroquinha, ajuntamento que é seguido de desordens provenientes da jogatina que alli ha; o que é de urgente necessidade que desappareça afim de evitar algum caso lamentavel.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na sua freguezia ha uma nova *biboca* com o titulo *Café Brazil,* onde ha todas as noites *orgia* a valer praticada por diversas meretrizes que alli se reunem em companhia de alguns *bailernistas*; o que traz os moradores da rua por detraz da Sé em continuo incommodo pelas immoralidades que alli se dão. Espera-se por tanto do zelo e energia de S. S. a repressão de taes escandalos.

—Ao Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio para que dê providencias sobre o barbaro tractamento que recebe uma creoulinha de sua deshumana mestra, á rua dos Marchantes. A visinhança toda se queixa dos diarios, continuos e incessantes castigos que a Gorgone applica na infeliz discipula, cujos gritos, gemidos e pedidos só não commovem o impedernido coração da furia. Confia-se por tanto na rectidão e integridade de S. S.

—Oh! Tabareu na cidade é força de negocio.

Quando chegou?

—Ha ja tres dias.

Muita novidade por aqui tem havido: pelo que me dizem e pelo que tenho lido houve grande demonstracção pela occupação de Montevidéu.

Sahiu até o Senhor dos Passos em procissão de triumpho.

—Quem lhe contou isto?

—Li eu no *Liberal* de 11 de março, que aqui trago no bolso.

Veja a noticia dos festejos, olhe:

«O corpo academico deixando a schola medica....

—Ora Sr.! Si a schola estava em ferias!

—Não é isto. «Durante..«O corpo academico...«Foi uma festa...Está aqui: «A' tarde os voluntarios acompanharam com a maior contricção a imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos.»

—Procissões de quaresma, charo amigo; foi a imagem do Senhor dos Passos que d'Ajuda foi em deposito para a Cathedral.

—Ora não cassúe!

Então como é que se inclue uma noticia inteiramente diversa em outra e se conclue assim:

Continuam ainda hoje os mesmos festejos!

—Eu sei, eu sei!

São cousas do *Liberal*!

—Capitão pegou a moda do Rio da Prata.

—Que moda, rapaz?

—As cordas, capitão.

—Cordas para que?

—Para recrutar. Na freguezia de S. Sebastião um alferes mandou laçar um tal Ignacio, no Jacaré, e o rapaz foi laçado por um Rufino, conduzido ao arraial, donde seguiu algemado para a villa de S. Francisco e dalli para aqui, onde creio que ainda está na Palma.

—E como se chama o alferes?

—Por S. *Pedro Alexandrino* que não sei.

—Ora diga, Sr. *Gouveia*.

Por todos os santos de *Portugal* juro-lhe que tenho medo de dizer, pois esse alferes uma vez por brincadeira quiz furar a barriga de um certo João Barriguinha, e quando nada pode tambem querer recrutar-me a laço.

—E anda-se recrutando a quem tem isenções?

—Esse alferes nada respeita. Ha pouco recrutou um rapaz com o braço quebrado, marcineiro, de nome João Cancio, filho unico d'uma pobre mulher que lhe não quiz lavar uma porção de roupa, e mandou-o escoltado para aqui, onde consta que sentou praça.

—Pois si não diz o nome, perde seu tempo em contar historias.

—Paciencia.

—Capitão, novidade.

—Diga-se.

—Na Palma ha uma caza incantada. Um destes dias foi ella aberta e sem ninguem alli morar, encontrou-se dentro cadeiras, sophá, lençóes com iniciaes, restos de petisco, garrafas de vinho do Porto etc. etc.

—E de quem é esta caza?

—Dizem que do Sr. coronel Pedroso.

—E nada mais adianta?

—E' que eu vi uma noite alli dentro um charuto á janella, mas não dei cavaco porque julguei que eram moradores.

—Que mais?

—E' que depois que o encarregado da caza mudou a chave por causa do incanto, eu bispei o seguinte. Um negro apagou o lampeão da esquina, caza do Odorico, e dous vultos appareceram e sentaram-se á porta do sobrado; bateram com os cotovellos. Quiz reconhecel-os; eram dous homens que abriram um chapeu de sol e cubriram-se.

Retirei-me e espiei-os; bateram com mais força.

Vim de novo a reconhecel-os; levantaram-se e um cobriu com o capote o outro que era mulher. Acompa-

nhei-os; tomaram a direcção da caza do Cons. Magalhães em cujo vão se encastellaram.

Escondi-me e espici-os; voltaram, mas nada puderam fazer: estava-lhes interdicta a entrada.

—Isso é algum caso horroroso que se premedite ou consumma contra a honra de alguma familia; para poetas simplesmente um episodio romantico, amores cavalheirescos.....

Que se ha de fazer?

A policia que, si quizer, syndique do facto e faça o que pode.

Eu ja fiz o que pude.

—Sr. Bucha chegue á forma! Então Vm. tambem pertence á companhia do Olho-vivo?

—Eu não, capitão.

—Então como é um caso com o caxeiro da Estrella do Oriente que se queixa que Vm. *bifou-lhe* 50$000 rs. no sábbado?

—Pilheria, capitão.

—Mas elle não lhe tirou os cobres do bolso?

—Foi por gracejo.

—Que graça pesada!

—Capitão, o estrangeirismo, ou antes o luzitanismo invade tudo.

—Rapaz, deixa-me!

—Por estas e outras é que tudo succede.

Fique V. Ex. sabendo que até missas ja se manda dizer em Portugal.

—Cousa simples: por que aqui não ha padres.

—Pois eu vejo-os aqui em abundancia; e tanto os ha que dizem que elles vão á Ordem 3.ª do Carmo e são despedidos por não haver dinheiro para a celebração das missas!

E o que consta é que sendo o thesoureiro portuguez, quer mandar dizer as 4000 missas da caza na sua bemaventurada e santa terrinha, para proteger seus bondosos patricios.

—E que se ha de fazer?

Manda quem pode, obedece quem serve.

—Forte pachorra!

Ao Paraguay!

AOS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

O Brazil vae fazer de um povo escravo
Um povo livre—A algema brutalisa
Horda de vis sicarios que inda beijam
A propria mão que ferrea os tyrannisa.

Vae dar uma lecção tremenda ao despota
Que o povo á escravidão contente guia;
E ao gremio das nações chamar o escravo
Que adora a escravidão e a tyrannia.

Vilão e sanguinario, os seus escravos
Lopez verá passar livres do jugo,
Livres a seu pesar, que importa aos bravos
Que vão das mãos tiral-os do verdugo?

Tyranno em miniatura, ha de a arrogancia
Ante nossos canhões depor em terra!
Sus! á guerra, valentes paladinos
Da luz, da liberdade! à guerra! á guerra!

Ides regar de sangue aquelles campos
Onde impera o terror da tyrannia;
Porém do nosso sangue generoso
Ha de nascer a liberdade um dia!

Filho da gloria, o santo enthusiasmo
Que da da patria o amor, te guia e inflamma;
Arde-te á face a injuria feita á patria
Que nunca embalde o sangue te reclama.

E o paraguayo, imbrutecido aos ferros
De antiga escravidão e servilismo
Vacilla e treme e só o instiga o latego
Que Lopez deu por sceptro ao despotismo

Que importa ao servo a gloria da conquista,
Os louros da victoria dos tyrannos?
Elles não tem amor á liberdade. . .
São paraguayos, não americanos!

Obedecem á voz da tyrannia,
Ao aceno da fera que os domina

Ide, valente troço de guerreiros.
Mudar daquelles barbaros a sina.

Ide ensinar áquelles salteadores
Que a Matto-Grosso as garras estenderam
Dos seus covis a estrada ensanguentada
E a aprenderem de novo o que esqueceram

A aprenderem que ás nossas baionetas
Ja deveram a patria e a liberdade,
E que um povo d'ingratos que isto esquece
E' indigno de viver na nossa edade.

Heróes, vingae o ultrage feito á patria
E a luz levae áquella escuridão!
Mostrae áquelles vis que um brazileiro
Vale cem dos escravos d'Assumpção.

Ao Paraguay, valentes campeadores,
A luz, a liberdade e a paz levae!
A gloria vos sorri, vos abre os braços:
Ao Paraguay, irmãos, ao Paraguay!

Dr. J. A. Teixeira de Mello.

A PEDIDO

—Gallego vem cá!

Porque espancaste no dia 6 do corrente aquelle pobre menino?

—Estaba vevado, capitão.

—Pois mando metter-te a taca para melhorares o systema de tuas bebedeiras.

—Tal não faça, capitão!

Repare S. Ex que eu sou de *varro* e uma lamvada do muxingueiro desanca-me todo.

—Pois então limparás com a lingua a cloaca do navio.

—Concordo, concordo, capitão.

Sr. *Carne secca*.—Sei que tem de fazer uma viagem no *Santo Antonio* até até a ilha da *Pouca roupa*, e então peço-lhe que diga lá ao *Nunes* que seja mais commedido não só com os *viandantes* como com a gente de casa. A maneira brutal porque tratou o rapaz da villa de S. Francisco, é só propria de um mariola grosseiro, e não de um homem que quando não seja, deve parecer um cavalheiro.

Pergunte-lhe si ja se esqueceu da desfeita que lhe fez o patrão-chefe naquella viagem do *Regresso* para a Barra.

Ao Exm. Sr. Presidente.

Embarcam, amanhan 17 do corrente, os voluntarios do 1.º batalhão.

Consta que não receberam dinheiro, para acodir ás necessidades urgentes; dizem que o Sr. commandante adianta-lhes apenas 2$500 rs.

Bem vê V Ex. que é isso um veixame para homens que vão salvar a dignidade da nação, e que deixam todos, mais ou menos, mães o irmãs, mulheres, filhos e parentes.

Consta-nos, que o Sr. Francisco de Amorim Falcão em conciliabulo com o seu *habilissimo* procurador José Leocadio Ferreira Mondim juraram pelos Penates, que em quanto ambos tivessem vida nenhum herdeiro, do cazal padre Alexandre da Silva Menezes, entraria no gozo de sua herança.

Affirmamos-lhes que em quanto houver leis e juizes rectos havemos do competir, pois estamos convictos do triumpho da justiça de nossa cauza, como é publico e notorio.

Alguns herdeiros.

Justiça.

Entraram para o quartel, afim de auxiliar a força policial, oitenta e tantas praças do 5.º batalhão da guarda nacional.

E continuam as rondas de vapor?

Pois os paizanos ja se não querem prestar....

Ha policia paga, deve cessar o sacrificio.

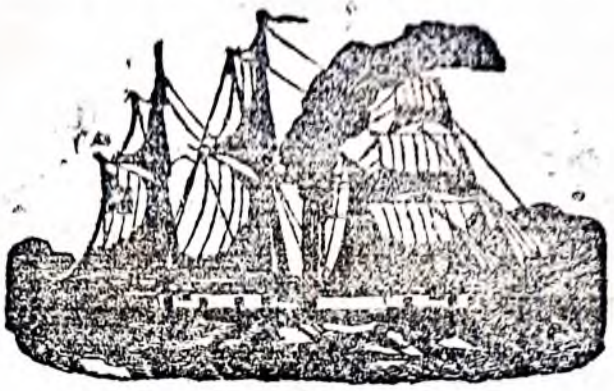
Oraveremos.

—Sr. arrematante de fornecimentos, para que ha de andar Vm. a berrar e gritar com os caixeiros das lojas onde manda aviar encommendas?

Como é que Vm. vae á loja *salgada* e põe-se a gritar com o pobre caixeiro, como si fosse seu escravo?

Olhe, Sr. *Manuel*, hei de pedir ao *Gomes* que lhe conte aquelle caso acontecido com o *Bastos* para ver si Vm. se emenda.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª BAHIA 18 DE MARÇO DE 1865. N.º 186.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

O embarque dos voluntarios.

Hontem embarcaram o 1.º batalhão de voluntarios da Bahia, a 1.ª companhia de zuavos bahianos, os voluntarios e os caçadores de Sergipe.

Foi uma brilhante festa. Mais de quinze mil pessoas enchiam as ruas por onde passava o luzido prestito, as quaes estavam todas embandeiradas e ornadas de elegantes arcos, entre os quaes distinguiam-se o da sociedade Italiana, á rua Direita de Palacio e o do Gymnasio Bahiano á ladeira da Conceição. No arsenal estava tambem preparado um lindo arco, onde se via o Brazil, representado por um indio, coroando o voluntario da patria; lia-se esta inscripção:—A patria agradecida.

Compareceram a tão solemne acto todas as authoridades, a assemblea provincial, a corporação dos veteranos e o 2.º batalhão de voluntarios.

De todas as janellas que estavam embandeiradas choviam poesias e flores sobre os bravos defensores da nação que eram incessantemente victoriados pelo povo enthusiasmado.

Ao chegar ao arsenal, novas poesias foram ouvidas e S. Ex. o Sr. Des. presidente da provincia recitou uma bella allocução, depois do que seguiu-se o embarque.

Foi uma festa nunca vista: o enthusiasmo, o amor da patria, a união que reinava neste brioso povo muito concorreram para seu realce.

Cidade de Latrocinopolis, bordo do *Alabama* 17 de março de 1865.

Estando fechada a secretaria em consequencia do embarque dos voluntarios, não houve expediente.

—Capitão, que padre é aquelle?

—E' o padre Quiabo Duro, subdelegado, juiz de paz, escrivão, pastor que só cuida das ovelhas para mettel-as no bucho.

—E aquelle outro sujeito?

—E' o espoleta do vigario, piloto que enxerga como quatro e ja foi juiz de paz tambem.

—Que juiz piloto é osso?

—E' um que vive a fazer carotas.

—Diga o nome.

—Ainda que V. Ex. me poça por S. *Innocencio*, ou mesmo por S. *José* que é milagroso, eu tenho obrigação de de não dizer.

—Pois veja si diz, lembrando-lhe eu o monte das *Oliveiras*, onde orava Jesus Christo.

—Está bom, capitão, eu vou a *Pirajá* e na volta fallaremos.

—Capitão, V. Ex. não tem sabido do que se ha passado nos mattos do Jacaré?

—Proximidades da roça do Sr. Pedroso?

—Sim, Sr.

—Tracta da morte de duas mulheres?

—Sim, Sr. E que diz V. Ex. a isso?

—Eu nada.

—Pois eu tenho minhas suspeitas. O Sr. Pedroso tem muitos negros em casa, deixa-os alli á mercê de Deus; elles a ninguem respeitam; dizem que furtam pela visinhança; sambam desordenada e escandalosamente a ponto de incommodarem a quem mora pelos Curraes Velhos, Quitandinha e rua Direita de Santo Antonio; devem fazer o diabo, ter seu candomblé, suas feitiçarias em casa.....

—E que tem la isso com as mortes?

—Que tem?

E' que si eu fosse a policia, prendia-os todos, punha-os em interrogatorio e havia de apparecer cousa por força.

—Quer V. dar conselhos a policia! Ora empine-se!

—Está direito, capitão; tudo vae em progresso; até o seu modo de tratar.

—Onde vae, amigo, tão zangado?

—Ora deixe-me, estou levado dos seiscentos milheiros do diabos.

—Quem lhe causa tanto vexame?

—O homem que *confere* as medidas. Como é o unico no seu genero, assenta que deve massar os que lhe cahem nas unhas.

E' a decima vez que vou procurar uma vara que mandei *conferir* e nada de encontrar o homem.

Não sei si o cujo se occupa em alguma outra cousa que o faz esquecer de seus deveres.

—Não sabe que elle tem uma roça onde leva a colher *pitangas*?

—Ah! só si é isso.

Adeus.

AOS BRIOSOS VOLUNTARIOS BAHIANOS.

Dulce et decorum est pro Patria mori.
HORACIO.

Pressurosos, da Patria ao chamado,
Mais temiveis que as hostes da Gallia,
Como, ha pouco, os valentes da Italia,
Ao theatro da guerra marchaes!
N'este empenho, que tanto vos honra,
N'esta marcha, que exprime a vontade,
Pela gloria calando a saudade,
Lar, familia, fortuna deixaes!

Mãe suprema, prevendo a perfidia
Quaes aos seus filhos mil ferros aguça,
Quem não geme, si a patria soluça?
Quem não corre, a vingal-a, feroz?
Para settas quebrar d'inimigos,
Quem não sente escaldarem-se as veias?
Quem não parte de amor as cadeias,
Para as garras partir de *Munhoz*?

Não foi só para a Italia remir-se
Que o civismo gerara os caudilhos;
O Brazil como vós possue filhos,
Que mais bravos a Europa não tem.
N'*Assumpção* o bahiano heroismo
Do Cruzeiro o estandarte desfralde;
Si na Italia venceu *Garibaldi*,
Garibaldis nós temos tambem!

Aos guerreiros d'idéa tam nobre
Que de flores estão reservadas!
Por santelmo das vossas cruzadas

Nictheroy vos prepara um pendão (1)
N'essa tela, bordada d'estrellas
Pelos dedos de brazilas damas,
Quando tentes cuspir, impio *Lamas*,
Tinja a lama o teu nome, villão!

Surge a aurora que as trevas espanca
D'essa noite servil, feia noite;
Paraguay, da vingança o açoute
No Brasil já t'espera sem dó!
N'este sólo de martyres cheio
Quando em sangue sublimam-se as almas
Do martyrio rebentam mil palmas,
Mil vencidos se arrastam no pó.

Já no Prata não fallam as iras
D'esses *blancos*, irmãos desunidos;
Recuando ao furor dos partidos
Já de *Aguirre* o furor se abateu!
Ide, agora, punir *Gorostiaga*;
Implacaveis, correi, *Voluntarios*,
Contra o bando voraz de sicarios,
Que d'inermes o sangue bebeu!

Negras nuvens de fumo rompendo
Ao troar dos canhões das bombardas,
Dos bahianos s'illustrem as fardas,
Seja o peito bahiano um arnez:
Ao lampejo das armas do Norte,
Para as furias do b'rathro emigre
O bandido da honra, esse tigre,
Esse tigre chamado *Lopez*!

Do Amazonas ao Prata a victoria
Hade ao mundo narrar maravilhas,
Quando forem as brazilas quilhas
Tuas aguas sulcar, Paraná.
Ante a força do Imperio gigante
Da *republica* humilhe-se o *Nero*;
Quem outr'ora, transpoz *Tonelero*,
Hade as chaves quebrar de *Humaitá*.

Grande exemplo vos deu *Matto Grosso*
Na pujança de *Villa Maria*;
De *Carrero* a sublime ousadia
Fez *Barrios* dobrar a cerviz!
Quando à luz d'este sol que nos queima
Do *gaúcho* rompermos a capa,
Dos paizes mais fortes no mappa
Mostraremos que somos paiz.

Quem não lê n'estes rostos desejos
De pagar ao *gaúcho* um aggravo,
Vendo à frente o cadete mais bravo,
Que entre os bravos nobon *Labatut*? (2)
Quem, levando por chefe a coragem,
Ser na lucta o primeiro não timbra,
Imitando os heroes de *Coimbra*,
As façanhas que viu *Paysandú*?

Succumbir na peleja, o qu'importa
Aos que zombam da morte na campa?
Quando a lousa de um bravo destampa
O porvir colhe eternos tropheus,
Que valera um de vós, si vivendo,
O torrão de seu berço infamasse?
Aos que ás balas não voltam a face,
No meu canto dirijo este adeus.

Eia, avante, guerreiros bizarros,
Mais temiveis que as hostes da Gallia,
Como, ha pouco, os valentes da Italia,
Ao theatro da guerra marchae!
N'este empenho, que tanto vos honra,
N'esta marcha, que exprime a vontade,
Convertendo em victoria a saudade,
Laureados á Patria voltae.

Rozendo Moniz Barretto.

(1) A preciosa bandeira que as patriotas senhoras bahianas, residentes na corte, pretendem offerecer ao 1.º batalhão de Voluntarios da Bahia.

(2) O Illm. Sr. major José da Rocha Galvão, assim appellidado nas luctas da Independencia pelo general.

(*) Menna Barretto.

VARIEDADE.

Conselhos

De D. Veronica de Antonina a seu patricio Lopez.

Meu amigo D. Solano
Do meu peito e coração
V. tem feito asneirada
Perdendo nossa nação,
E ficamos reduzidos
A um povo de invalidos.

Não vê V. que o Brazil
E' mui e forte aguerrido?
Para que foi despertar
O leão adormecido?
D. Solano, meu patricio,
Cuidado com D. Propicio! (*)

Para que em Matto Grosso
Com tanta sanha e crueza
Mandou cortar o pescoço
A tanta gente indefesa?

D. Solano! Solanão!
Peça a Deus já seu perdão.

A D. Juan M. do Rosas
O Brazil desbaratou....
Depois não diga raivoso—
Santo Antonio me enganou—
Tenha sempre na memoria
Esse facto da historia.

(*Extr.*)

Morta duas vezes.

Tendo morrido uma senhora, o seu inconsolavel marido, derramando copiosas lagrimas, mandou dobrar todos os sinos, e dar esta triste noticia a seus amigos e parentes. A' noite, estando elle guardando sua cara metade que jazia estendida sobre uma esteira, tendo aos lados quatro grandes castiçaes de pau com vellas acezas, eis que ella senta-se repentinamente dando um suspiro.

—Ai Jesus!....

—Que é isto lá? exclamou o marido.

—Acordei, disse a pobre mulher: e sonhava tantas cousas feias....«

—Acordou!....como!...pois a senhora não morreu?! ..

—Estava dormindo...

—Qual dormindo!.... a senhora morreu, estava morta e muito bem morta; tanto que já mandei dobrar os sinos, e participar aos amigos...

—Mas o senhor está vendo que eu estou viva e sã...

—Viva! viva e sã!!...interrompeu o marido. Oh! sempre a senhora hade andar de encontro a tudo que eu faço, até depois de morta! Quer agora deixar-me de mentiroso, quer que eu appareça amanhã com cara de cão? tenha paciencia.....

E arrumou-lhe com um dos castiçaes na cabeça. A pobre mulher não acordou mais.

(*Extr.*)

A PEDIDO

Sr. *Redactor*.—O *Jornal* traz um mixtiforio, repetição d'um aranzel, ha tempos publicado, onde se lê que o subdelegado da Penha tem recrutado os homens de bem, só porque não são de seu partido.

Uma gargalhada é o que mereco em resposta aquella demonstração da alma pequena que a escreveu. O publico porém precisa de explicação e tel-a-ha.

Até hoje o Sr. capitão Hermenegildo só recrutou a dous individuos: um Braga, sem occupação conhecida e um Venancio, conhecido por Chibata, cuja vida é uma serie de desordens e prisões e processos.

Actualmente estando elle affiançado pelo Sr. Dr. Freire, tem feito na Penha tres conflictos, sem que o Sr. Freire pague a fiança, dizem.

Si pois são esses os homens de bem da Penha, não admira que perigue alli a causa da liberdade e do progresso, e mesmo a segurança individual e a honestidade das familias.

Verdade é que alguns outros tem sido dalli remettidos, mas são guardas nacionaes remissos, requisitados por ordem de seus commandantes.

Funda-se nisso a accusação que levantam ao digno Sr. subdelegado, que aliás é hoje gabado por ambos os partidos como moderado, prudente e justiceiro.

O publico avalie portanto si o ladrar do cão pode deter a lua na sua marcha incessante.

O verdadeiro itapagipano.

O abaixo assignado, pede aos Srs. redactores do periodico *Alabama*, que declarem, si o referido teve alguma ingerencia sobre a portaria que trata do official de justiça morador a rua do Bangala, a qual foi publicada no dia 15 de março no mesmo *Alabama*.

Bahia 18 de março de 1865.

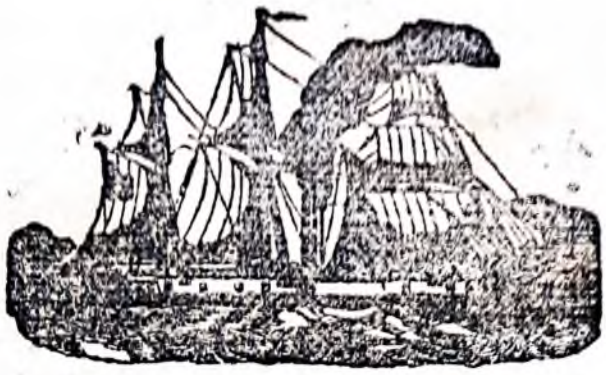
Eduardo d'Abreu Contreiras.

—

Não, senhor.

A Redacção.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª BAHIA 21 DE MARÇO DE 1865. N.º 187.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de março de 1865.

Officio à camara municipal, pedindo-lhe que dê andamento ao concerto das fontes publicas, segundo os desejos manifestados por S. Ex.

—A' mesma, pedindo-lhe que mande tapar um buraco que ha na rua da Oração, quasi defronte do collegio S. Salvador, e que serve de despejo publico aos moradores daquelle logar, indo até os pretos despejarem alli barris com trampa.

—A' mesma, pedindo-lhe por favor que mande concertar um cano que ha na Palma, o qual, no dia do embarque dos voluntarios, além de pintar as calças dos concurrentes, exhalava tão odoriferos vapores que a rapazeada viu-se obrigada a deixar de respirar, tapando as ventas que não estavam dispostas ao forte e insinuante cheiro de farinha velha.

—A' mesma, pedindo-lhe que mande quanto antes remover um enorme esterquilinio que ha no principio da estrada da Quinta dos Lazaros e que ameaça estreitar o caminho e impedir o transito, além do damno que pode causar á saúde da visinhança, pelos miasmas que exhalam as cabeças de boi e os seus ossos com fragmentos de carne que alli se acham.

—Ao Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias para que o administrador da casa de Asylo esteja sempre presente afim de evitar os repetidos disturbios e escandalos que se dão entre os mendigos alli residentes.

—Ao Sr. Dr. procurador fiscal da thesouraria provincial, para que quanto antes dê as necessarias providencias afim de que seja arrecadado o sello dos legados deixados em testamento por Joaquim de Castro Lobo fallecido em 1854.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna para que dê providencias a fim de cessarem os escandalos nunca vistos e incessantemente a S. S. denunciados, os quaes tem logar no celebre beco do A-

raçá, onde a offensa á moralidade publica é habito e virtude de certos moradores que timbram em incommodar os outros.

—Viu o *Jornal* de sabbado? Traz uma publicação a pedido, em que se defende o actual governo.

—Amanhan os ligueiros hão de fazer disso carga de culpa a elle.

—Deixal-os, pobres de spirito, que não sabem o que fazem!

—Quero dar um passeio por aqui.

—Pois vamos.

—Bello! temos um rio; entremos comtudo: passa-se a pé.

—Qual! que *rio fundo*!

Passemos na canôa.

—Vamos á caza do vigario.

—Aquillo é um tratantão; roubou todos os parentes, todos os credores do pae; é um devasso cujo contacto pode polluir-nos.

—E que *cotia* está na porta do cujo!

Voltemos ja e ja que o bicho pode roer a canôa.

—Que diabo é aquillo na rua Direita de Palacio?

—Aquillo o que?

—Aquelle vulto alli que toma quasi metade da rua, impedindo que se passe pelo passeio.

—Ah! é a D. Anna das Quartinhas que se repimpa todas as noites n'uma cadeira a contemplar o mundo.

—E o mundo a contemplal-a!...

—Conhece aquelle sujeito?

—Não.

—Um que despachava na policia.

—Não.

—Um que é cazado e que nove dias depois do cazamento mijou a mulher e a cama.

—Não.

—Um que não paga os alugueis das cazas em que mora.

—Não.

—Um que disse ao proprietario que fizesse penhora nos trastes, pois a mulher os tinha trazido.

—Não.

—Um que gastou a fortuna em andar a carro ao lado de marafonas.

—Não.

—Um que tomava á força o dinheiro que a mulher arranjava com costuras e ingommados.

—Não.

—Um que toma o dinheiro para os despachos e embebeda-se, a ponto de fazer a pobre da mulher dormir nos mattos.

—Não.

—Um que espanca a mulher.

—Ora diga o nome e deixe de massar-me!

—Chamam-no João Sete Poias.

—Ora viva!

—O nome delle é *João* sim, Sr.

—João não é nome porque se tracte em publico.

—Então V. Ex. pergunte ao *Rodrigues* que deve saber.

—Ora que desaforo!

Muxingueiro!

—Capitão, perdoe-me pelos tormentos e Paixão do Bom *Jesus*!

—Muxingueiro vae com este *bolas* pegar o cujo.

—Que desaforo! Que escandalo!

—O que ha rapaz?

—Não vê aquella mulher de côr parda com as costas insanguentadas?

—Vejo. O que foi aquillo?

—Obras de um cortador de carne,

—Como?

—A mulher foi ao talho e comprou tres libras de carne, nas quaes o magano teve a habilidade de *diminuir* meia libra A mulher conheceu o logro e reclamou. Mas o sujeito além de uma tremenda descompostura, deu-lhe com um dos ganchos de pendurar carne e feriu-a daquella maneira. E como a pobre mulher não tem protecção, além de ficar com a carne mal pesada, lá vae espancada.

—E os fiscaes o que fazem?

—Agora não ha fiscaes.

—Ora si os ha!

—Então é que elles não viram.

—Onde se deu este facto?

—Na Baixa dos Sapateiros.

—Em que talho?

—N'um talho do Sr. Cafezeiro, que tem por cortador um pardo escuro de nome Pedro.

—Aspirante João de Deus!

—Prompto.

—Va sem demora ao talho do Sr. Cafezeiro e traga-me o individuo de nome Pedro que quero mandar ensinar-lhe o modo de bem viver no porão deste navio.

—Já.

A PEDIDO

—Que sujeito é aquelle?

—Oh! aquelle é um bom tratante

—Porque?

—Quiz agora de proximo ficar com uma venda por trapaçarias.

—Em que logar é a venda?

—Por Deus como não é na Solidade.

—O numero da venda?

—Por S. Domingos como não é n. 1.

—Mas como queria elle ficar com essa venda?

—Eu lhe conto, por meio de trapaçarias: dizendo que tinha tomado estucha com os generos variados.

—Elle estava *cego*?

—Elle disse que não tinha assistido ao balanço.

—Pelo contrario que sim.

—Isso foi só para r...

—Que quantia?

—Por S. José como foi 120$000 rs. e não satisfeito queria cento por cento; mas quando o *Souza* vier com um *Pires* elle pagará.

—Como?

—Como! basta elle ser quem é, la.... e feiticeiro.

—Feiticeiro como?

—Basta que a m... é mamãe de terrreiro.

—Em que logar?

—Parece-me que no Pau-javá.

—E quem é aquelle outro?

—Oh! aquelle é de mitra, gaita, fogote, cancra diabo.

Um que não gostou.

Dialogo

ENTRE O XITA E O JAMBRO, UM ESCRIVÃO, OUTRO JUIZ.

—Que fazia V. S., Sr. juiz si o chamassem ladrão?

—Eu? não sei. Porque?

—Porque? Pois aquelle cachorro do Bucha, aquelle lingua de trapos, aquelle tratante mór, não teve a ousadia de dizer que eu era ladrão!

—Ora, não faça caso: isso disse elle muitas vezes ao Lobo da Solidão, mas o Lobo nunca se inflammou.

—Pois eu me inflammo.

Não está má! o miseravel, depois que o Gustavinho lhe jogou com o cartorio ás ventas por não poder servir, andou atraz de mim pegando-se por quanto santo havia para eu lhe comprar o emprego, que suas ladroeiras lhe tinham feito perder e diz que eu é quem insisti com elle para a damnada

do tal venda, em que antes nunca eu me tivesse mettido.

—Mas o facto é que V. não pagou.

—Não paguei e fiz muito bem; para o presidente mandar tirar-me o logar e o Sr. Bucha ficar com meu dinheiro, como ficou com o do Gustavo, que nunca mais entregou!

—E que se ha de fazer? é fado do Bucha pregar buchas; que quer? ha nomes fatidicos.

—Quaes fatidicos nem historias! Eu ia vendendo meus pães e já desde esse tempo me acostumei a ter medo dos embuxados; mas o damnado do Bucha de Sessenta, vendo que o iam processar e que elle não poderia vender o emprego, pediu-me, rogou-me, intercedeu para que eu ficasse com o emprego para pagar-lhe depois de resolvida uma duvida que havia ahi; mas assim que me pilhou dentro, queria que elle lhe pagasse o cobre.

—E tinha razão.

—Razão! Parece que V. S. só dá razão aos velhacos. Razão como?

Pois eu não paguei assim que se decidiu a duvida?

—Mas não pagou 1:100$ rs. como ajustou.

—Paguei um conto e elle acha pouco? Elle comprou ao Batelomeu dous empregos por 600$ rs. e vende-me um só por 1:000$ rs., que quer mais? Tanto mais quando elle estava para perdel-o e eu podia ser nomeado por meu sogro sem pagar real.

—Mas o logar vale mais.

—Mais o que? Elle diz que rendia-lhe o logar 900$ rs. Não duvido, porque elle sempre foi muito ladrão e em vez de um cobrava cinco e sabia como um preto ganhador desses descarados com o livro debaixo do braço a angariar trabalho nos Tamarineiros; mas eu não hei de fazer o que elle faz.

Rende o que? Rende, si muito 600$ annuaes: não rende mais,

—Mas V. não lhe pagou 1:000$ rs.

—E então? descontei 600$ rs. que elle devia de impostos; não estava em meu direito? E depois mandei-o chamar para me ensinar e elle teve o atrevimento de cá não vir; que lhe parece!

—Ora o Bucha é uma boa xita e V. é um embuxado não menos mau. Safe-se!

—Cebolas, Sr. Jambro!

Attenção.

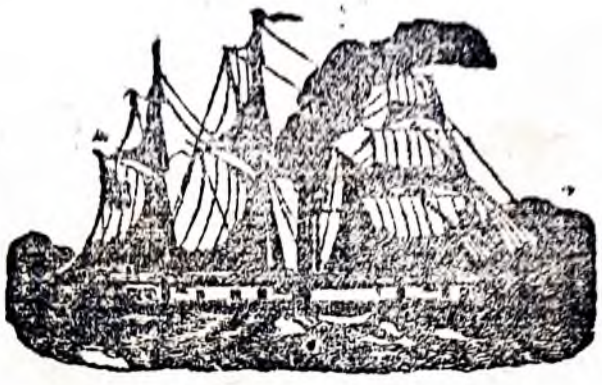
Sr. Redactor.—Como não é possivel que a calumnia abuse da boa fé d'um redactor para invectivar homens honestos e moralisados, peço-lhe que transcreva em cada numero do seu jornal os documentos que lhe remetto.

O *inimigo dos infames*.

—

Nós abaixo assignados, moradores á freguezia do Pilar á rua da Munganga na visinhança do Sr. Amelio Ferreira da Silva declaramos e juramos si necessario for que alli mora o mesmo Sr. com sua familia, cumpre os deveres de bom pae, pois que trata sua familia com desvello, merecendo por isso a simpathia d'aquelles que o conhecem, é assiduo ao trabalho, e nunca presenciamos, nem ouvimos dizer que tenha vicio algum, nem tão pouco que maltrata sua familia com offensas de qualquer natureza, antes, ao contrario, educa seus filhinhos muito bem e os trata decentemente conforme suas posses. E' o que em abono da verdade declaramos, e estamos promptos a justificar. Bahia 10 de março de 1865.—Manuel José Soares, Balbino Benjamim dos Passos Bahia, José Gonsalves dos Santos Marques, Manuel Joaquim de Sant'Anna, João Antonio de Miranda, Mauricio Joaquim de Argôllo, João José Espinola, O alferes Anacleto Ventura Paraizo, José Candido Pereira, Francisco Pinto da Silva, José Maria da Fonseca.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª BAHIA 23 DE MARÇO DE 1865. N.º 188.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de março de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande cortar os mattos que ha na frente da Matança e da roça do coronel Pedroso (caminho da Quinta dos Lazaros) os quaes além de estreitarem a rua e impedirem o transito formam um arco ou capoeira, por sob a qual passa difficilmente um carro, cujas rodas vão por cima do grande monturo de que já deu-se noticia á Illm.ª.

—A' mesma, pedindo-lhe que mande limpar e concertar a escadinha que da ladeira da Conceição vae ter á Preguiça, a qual acha-se n'um vergonhoso estado, impedindo o transito que por alli torna-se mais facil e commodo para muita gente.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua d'Ajuda e acabe com uma caza de jogo que ha por alli, na qual ha sempre desordens e gritarias. Cumpra.

—Ao fiscal *provisorio* de S. Pedro, ordenando-lhe que vá á travessa da ladeira das Hortas, caza n. 4, e faça valer a postura quanto aos porcos que o mesmo tem em caza. Cumpra.

—Ao fiscal *provisorio* da Sé, ordenando-lhe que vá ao Maciel de Baixo, loja da caza do Sr. Paranhos e intime a uns negros que alli moram o cumprimento da postura que prohibe criar porcos no centro da cidade. Cumpra.

—A assembléa provincial fundamentou uma indicação, elogiando o presidente da provincia por ter ajudado o governo imperial a levar a effeito a politica nobre, sensata e esclarecida, inaugurada no Prata pelo Sr. Saraiva.

—Concordo com restricções.

Sou de parecer que se felicite ao governo provincial, mas quero que me expliquem si é politica nobre, sensata e esclarecida declarar guerra, para ver-se ao depois obrigado a fazer transacções.

—Explique-se, meu amigo!

—Com todo o gosto.

Sabe V. que eu concordo com o que fez o Paranhos, por que mais não podia fazer, sem comprometter o Brazil. Não concordo porém com o governo que declarou guerra por não receber satisfações, e deu por finda a guerra sem receber satisfações.....

—An!

—E tudo é assim e o mais são *flores* e viva a patria!

Eis por que não concordo com a nobreza, nem com a sensatez, nem com o esclarecimento do Sr. Saraiva e do ministerio.

—Consta que na Madre de Deus, houve um envenenamento em uma familia inteira, cujo chefe é um Mattos, feitor da fasenda—Enseada—pertencente ao Sr. commendador Thomaz Geremoabo. O envenenamento proveio d'um sacco de farinha que lhe enviaram da ilha das Fontes, e da qual a familia comeu, morrendo immediatamente uma mulher e ficando os outros em deploravel estado, como se pode ver.

—E que providencias houve?

—Um corpo de delicto, sem peritos, feito pelo juiz de paz.

—E o subdelegado?

—Este diz que não está na sua alçada proceder a respeito.

—E o delegado e o chefe?

—E' bem possivel que ignorem o facto.

—E amanham hão de dizer que a policia da Bahia é superior á da Europa!....

—Na Bahia a guarda nacional não merece confiança do governo; é toda vermelha, ou revolucionaria, anarchica, ou *paraguaya*.

—Quem lhe disse?

—Dizem, e dão como prova o facto de só terem aquartellado tres batalhões, dous dos quaes, o de S. Pedro e Brotas, REAQUARTELLARAM.

Os outros não aquartellam porque os commandantes são vermelhos.

—Ah! ah!

Este mundo tem cousas!

—Acabam de fugir da caza de prisão com trabalho quatro presos, por um rombo feito, não sei onde.

—Aquella caza! vae a mil maravilhas.....

Entretanto *alguem* tem obrigação de correr diariamente os cubiculos, cujo soalho ja foi uma vez encontrado com um rombo, feito a fogo, quando os calafates alli foram trabalhar!...

—Viva a energia do Dr. Lucio Bento Cardoso!

—No tempo do Dr. Freitas Henriques, os ligueiros enchiam as columnas das gazetas do Rio com absurdos e disparates á guisa de accusações á policia. Até um homem que se afogava, um incendio n'uma cosinha, um mendigo que morria, eram resultados da policia do Dr. Freitas Henriques!

Hoje repetem-se os assassinatos, os roubos, os furtos, as ratonices e a culpa não é de quem dirige a policia, não Sr.! a culpa é da falta dos meios.

—E que duvida! Não foi por falta de meios, de agentes praticos que escapou das mãos do chefe o *olho-vivo* Sampaio?

—Pois então reclamem os meios, que do contrario tanto importa cabeça sem corpo como corpo sem cabeça.

Estes ligueiros!

E tem o descoco de comparar esta policia com a da Europa!...

Ora munhões!

—Venha cá, meu amigo.

—Prompto, capitão.

—V. merecia agora uns carinhos do muxiugueiro, mas passa por esta vez.

Então como é que V. da-me noticia de que o facto do Bucha se deu na venda *Estrella do Oriente*, quando tal não houve?

—Foi engano, capitão; o facto succedeu no—*Tudo Bom*.

—Pois veja como vem com a cabeça e como dá suas noticias.

VARIEDADE.

Baralho glorificado.

Em Inglaterra assistia um soldado ao officio, e em vez de ler na biblia o evangelho do dia, como os outros, espalhava um baralho de cartas.

Notou o sargento a irreverencia, intimou-o para que guardasse as cartas, foi desobedecido, e por isso, logo que acabou o officio, levou o soldado á presença do principal magistrado da cidade, pois o crime era civil.

«O que vos levou a um tão extranho e escandaloso procedimento? Si tendes razões que vos justifiquem dizei-as, alias sereis rigorosamente punido.

—Sr. diz o soldado, tirando da algibeira o baralho e mostrando ao juiz a carta do az: quando vejo o *az*, lembro-me de que ha um só Deus; quando vejo o *duque* ou *terno*, recordo-me do Pae e do Filho, ou do Pae, do Filho e do Spirito Santo; os *quatro* fazem-me pensar nos quatro evangelistas; os *cinco* nas cinco virgens sabias que ministravam o oleo á santa lampada; os *seis* dizem-me que em seis dias creou Deus o mundo; os *sete* que no setimo descançou; os *oito* recordam-me que foram oito as pessoas virtuosas que se salvaram do diluvio, Noé e seus parentes; os *nove* lembram os nove leprosos purificados pelo Salvador; os *dez* os dez mandamentos da Lei de Deus.

Nisto chegou elle ao *valete*, poz-o de parte e continuando disse:

A *dama* lembra a rainha de Sabá admirando a sabedoria de Salomão; e o *rei* recorda o rei do ceu e tambem o nosso monarcha Jorge III.

Ainda mais Quando conto o numero de pontos que ha nas cartas, acho 365, tantos como os dias do anno; quando conto as cartas, acho 52 tantas como as semanas do anno; quando conto as figuras acho 12, tantas como os mezes do anno.

Deste modo um baralho de cartas é ao mesmo tempo para mim uma biblia, um almanak e um livro de orações.

«Muito bem, lhe diz o magistrado, déstes uma explicação satisfactoria de todas as cartas, menos do *valete*.

—Si V. Ex. promette não se zangar, darei a explicação.

—Falle, não me zangarei.

—O valetes (knave *) são tratantes e de todos o mais tratante é o sargento que me trouxe a vossa presença.

E' escusado accrescentar que o soldado foi absolvido.

(*Extr.*)

A PEDIDO

Pede-se ao *José Balsamo* do *Interesse Publico* que chame a attenção do Sr. Dr. chefe de policia para uma celebre casa de jogo onde um caixa de certa casa commercial tem perdido avultadas sommas; porque a não haver uma providencia que repare o mal em quanto é tempo, brevemente teremos de presenciar mais uma defraudação

(*) Knave em inglez significa valete, velhaco, tratante, etc,

na fortuna alheia e lastimar uma victima de sua louca imprudencia.

O J.....o.

Attenção.

Sr. Redactor.—Como não é possivel que a calumnia abuse da boa fé d'um redactor para invectivar homens honestos e moralisados, peço-lhe que transcreva em cada numero do seu jornal os documentos que lhe remetto.

O inimigo dos infames.

—

Illm. Sr. Dr. chefe de policia —Amelio Ferreira da Silva a bem de seu direito precisa que V. S. mande que os escrivães do auditorio revendo os livros competentes certifiquem si o nome do supplicante se acha comprehendido no rol dos culpados.

P. a V. S. se sirva assim o mandar —E. R. M.—*Amelio Ferreira da Silva*. Bahia 16 de novembro de 1860.

D. — P. Alvará. — Bahia e Repartição da Policia 16 de novembro de 1860.—*Silva Moraes.*

Alvará.—O doutor José Pereira da Silva Moraes juiz de direito e chefe de policia n'esta cidade &. &.—Mando aos escrivães e tabelliães que costumam fallar as folhas, que vendo este por mim rubricado em seu cumprimento fallem a presente do supplicante com as culpas que tiver ou sem ellas. O que cumpram. Bahia 17 de novembro de 1860.—E eu José Alberto Ramos, escrivão que subscrevi.—*Silva Moraes.*

Nada do supplicante. —Bahia 19 de novembro de 1860.—*Lopes.*

Nada pelo meu cartorio, nem pelo que foi de Chaves, nem pelo do Auditorio de Marinha.—Bahia 19 de novembro de 1860.—*Fialho.*

Nada.—Bahia 19 de novembro de 1860.—*Lopes da Silva.*

Nada pelo meu cartorio, e pelo que foi do escrivao Pinto.—Bahia 19 de novembro de 1860.—*Jorge Ferreira.*

Nada do supplicante.—Bahia e freguesia do Pilar 20 de novembro de 1860.—*Pestana.*

Nada.—Bahia 20 de novembro de 1860.

Nada.—Bahia 20 de novembro de 1860.—*Costa.*

Nada.—Bahia 20 de novembro de 1860.—*França.*

Nada.—Bahia 20 de novembro de 1860 —*Pimenta.*

Nada pelo meu cartorio, nem pelo do escrivão Mundim hoje extincto — Bahia 21 de novembro de 1860.—*Ramos.*

Nada.—Bahia 21 de novembro de 1860 —*Barretto.*

Certifico que fallaram a presente folha os escrivães e tabelliães que costumam fallar a ellas e nada consta do supplicante pelo que passo a presente. —Bahia 23 de novembro de 1860 — *José Joaquim Pinto.*

Sr. Redactor.—Ha dias que leu-se no seu periodico um artigo tractando do facto de estar presa uma familia inteira, por ter fugido um escravo do Sr. major Soores, que se suppoz na casa dessa familia acoutado.

Pois bem: a familia acha-se ainda hoje toda presa, apezar d'um decreto recente do distincto Sr. Cons. Furtado, e de ja ter, segundo consta, o Sr. major recebido mais de um conto de reis.

Que estaja uma familia inteira a responder pelos crimes de um, é o que não se pode esperar da recta imparcialidade que distingue ao actual Sr. Dr. chefe de policia.

* * *

ANNUNCIO.

Pede-se ao Sr Lopes que não metto *cunha*, que por *S. Luiz* vá pagar os charutos que comprou fiado ao Vencedor.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª BAHIA 25 DE MARÇO DE 1865. N.º 189.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 4$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de março de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que dê destino a uma porção de rapazes que se reunem n'um sobrado ao Taboão os quaes vivem a insultar todos que passam e a atirar-lhes pedras, a ponto de com suas graças expor a familia do andar superior aos insultos e pancadas de alguns estrangeiros que sendo por elles offendidos, invadiram a caza e desta accommetteram os moradores, que nada fazendo se achavam desprevenidos.

Este facto deu-se no domingo 19 do corrente e é provavel que delle tenha S. S. noticia, pois que foram presos os inglezes.

Espera-se que S. S. digne-se attender a tão justo pedido, principalmente nesta epocha em que tanto se precisa augmentar o quadro do exercito.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que faça ir á sua presença e dê conveniente destino a um individuo alfaiate morador na loja n. 6 C, por baixo da casa do Sr. barão de Pirajá que costuma trabalhar em casa em fraldas de camisa, com notavel escandalo para as familias de defronte.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua do Bangala e passe a agarrar uma sucia de vadios que alli ha e que vivem por *graça* a apedrejar os quintaes e casas dos moradores do becco por detraz do quartel da Palma, succedendo um destes dias quebrar-se a cabeça de uma criança que dormia em uma rêde, devendo depois de os segurar leval-os de presente ao Exm. Sr. commandante das armas. Cumpra.

—V. viu aquelle magriço que tem catinga de barata?

—Qual? um que veiu do Rio dos *Rosarios*?

—Sim; um que ainda fede á gente que mataram seus parentes, uma raça improvisada de *guerreiros*, quando não passavam de assassinos e ladrões.

—Ah! já sei; é um bigorrilha á similhança do um *tacão* do couro velho.

—Esse mesmo. Diz-se liberal e ainda estava na schola, ja queria ser deputado geral e provincial *para poder servir a seu paiz.*

E entretanto nem delle caso fizeram para enxota-cães. Si galgou uma cadeira, onde serve de palhaço, provocando risos aos companheiros e aos circumstantes, foi só por mera compaixão do filho do valente commendador que mandou para o inferno aquella raça endiabrada.

E agora vem tractar de quem se não occupa delle!

Seria melhor que em vez de levantar falso ao *Alabama* que não dá bicadas em *baratas*, por que não é *gallinha em terreiro*; seria melhor, digo, que fosse cuidar na sua incomparavel poesia, recitada no embarque dos voluntarios, unicamente para divertir a rapazeada, por que não ha recita sem comedia, nem comedia sem bobo.

—Elle é tão magrinho, capitão! Eu acho bom, já que elle se intitula de barata, que V. Ex. mande-o deitar na cloaca do navio que ha de engordar por força.

—Pois então encarregue-se V. da execução e tracte de seguir viagem.

—Au revoir.

—Que fim levou a companhia das machambombas?

—Pergunte ao R. Ariani que comprou a casa da rua de Baixo.

—Bem bello! e arretavam tanto!

Tinham mandado vir não sei quantos mil carros para as festas do Natal e até hoje nada....

—Que quer? Si os homens só queriam privilegios de interro!

—Ah! está bem!. .. fiaram se em sapatos de defunto!....

—Capitão, eu ouvi dizer que a crise dos trocos miudos é criada pelos inglezes.

—Não sei.

—Olhe, capitão, os inglezes com as desordens que fizeram no Rio de Janeiro, tomando nossas embarcações, é que despertaram ao paiz e ao governo do abandono em que se achava aquelle sem exercito e sem marinha.

Dahi nasceram as providencias.

Agora tambem com esta historia de dinheiro miudo, bem pode ser que appareça alguma providencia segura, para termos um melhor systema monetario, antes que haja muita bordoada. Veja V. Ex. que já é difficultoso trocar 5$000 rs.

—E que tem os inglezes com isso?

—Oh! elles não tem aqui um banco, assim como outro em Pernambuco? por que não saccam pelo banco daqui para o de lá? Não parece isso um plano occulto?

Só querem o dinheiro miudo; apezar de ja ter o Exm. presidente prohibido a sahida desse dinheiro, elles não se importam e vão continuando a comprar toda a moeda miuda.

—O Sr. tem raiva dos inglezes.

—Elles são a cauza de todas as desordens que ha no mundo; e agora como estão vendo que nós estamos obtendo alguma vantagem la pelo Sul, estão a mecher a panella para nos pôr em difficuldades.

Bem me dizia, capitão, um preto velho a respeito dos inglezes:

«Blanco vremeio, feticeiro munto.

—Ora pipocas!

—Leu o *Jornal*?

—Li; dá noticia de que o forte de Coimbra foi tomado aos paraguayos.

—Leia.

—Aqui está:

«*A tomada de Coimbra.*—Lê-se em um jornal de Montevideu:

«A *heroica* tomada do forte de Coimbra pelos *heroicos* soldados paraguayos sahiu cara ao proprietario do Paraguay.

«144 foram os mortos e 182 os feridos, dos quaes mais de 50 morreram 48 horas depois.»

—Munhoz depoz as armas e submetteu-se com todos os chefes de seu exercito ao governo de Flores.

—Sim; estou lendo.

—Aguirre, a bordo de um navio, pediu licença a Flores para desembarcar!....

—Bello! Mas ha de soffrer processo, creio eu.

—Em Salto, os orientaes organisavam um batalhão de voluntarios para marchar com os brazileiros ao Paraguay.

—Bom.

—Lopez armava-se com rapidez.

—Deixal-o. Sua alma, sua palma.

A PEDIDO

—Capitão, estou satisfeito, pela boa policia que ora vae no meu districto.

—Bom proveito. Quem está na vara?

—O Sr. Dias, que não poupa esforços em beneficio da segurança publica. Ha dias mandou que um dos valentões da Cruz do Cosme fosse, a bordo do vapor *Mayé*, tomar assento na camara dos recrutas.

—Bom.

—Mas o *supplente* não está contente, depois que lhe *tiraram o feitor*. Mudou-se até.

—Ora deixe-me por S. *Symphronio*!

Dilemma politico conservador.

Ou o convenio do Sr. Paranhos é honroso e brilhante, e esse diplomata não podia ser demittido.

Ou o convenio do Sr. Paranhos é defectivo e incompleto, e então elle não seria exautorado.

! ! !

O dilemma nos parece claro.

(*Diario do Rio*, transcripto pelo *Jornal da Bahia* de 23 de março)

Attenção.

Constrangido pelos desgostos que nos aperta o coração por ver os limites que vai atingindo a imprensa no seu curso diffamador das melhores reputações, vamos fazer um serviço ao publico desta capital, apresentando os nomes desses individuos que debaixo da capa do *geral interesse* pelas cousas desta terra, que aliás desejam ver confundida nos horrores da maior desgraça, e humilhada pela ideia immoral que d'aqui fóra se fará d'ella são aquelles que mais mal lhe fazem, e farão, por isso mesmo que convem pelo menos apontal-os á gente sensata d'esta capital, para que d'elles fuja como se deve fugir d'almas ruins e condemnadas ao desprezo publico.

Quem vir a loucura com que certos escriptos se querem desvanecer da idéa de moralisar esta terra; quem vir o afinco em apurar os deffeitos das cousas e dos homens; quem attender ao zello verdadeiramente pharizaico com que se quer defender os interesses dos bancos e de alguns particulares, pasmará sem duvida quando souber que tudo isto parte de um grupo composto de vultos podres e cheios de mazellas, e então concluirá que a verdadeira desgraça do paiz está em ter de os supportar!

Elles ahi vão sem mais observações e admirem.....

Joaquim Carvalho Lopes.

F. Francisco dos Mosquitos.

Estes dous senhores são os mais as-

sanhados articulistas, e entram nas despezas mensaes.

Francisco Chaves Joaquim Teixeira.

F. Antonio Pontes.

Amaro Mamede Lopes.

Estupidarrões, apenas concorrem para as despezas da guerra.

Machado José Miranda.

Balanciador do dinheiro d'ouro do Banco, e delator de má fé do que n'elle se passa.

Temos mais os Cardozos Polkas, os Bastos & &, de quem faremos brevemente especial menção.

Escusamos acrescentar que outro individuo anda sempre associado; é o Sr. Antonio Barros d'Oliveira, socio ostensivo da imprensa e.....

O coração de Jacob.

Attenção.

FAÇAM-LHE APPLICAÇÃO.

Nos livros dos manifestos da alfandega se encontrará o seguinte—que para moralidade da praça, visto que estamos no tempo das *moralisações*, explicaremos.

« Do Rio Grande em tantos dias patacho *Lina-caro* carregado por Simões João Lopes á *consignação de Lopes Joaquim Carvalho & Comp.*

Vê-se que o segurissimo Sr. Simões dirigiu a primeira carga a uma casa tão respeitavel que fará embasbacar aquelles que a apellidam muito solida como qualquer filagrana!...

E qual a razão?

Sabem-na alguns e ignoram-na muitos e é a causa por que nos propomos a explical-a.

Está na memoria de todos a indigna e insolente historia trazida, do centro de uma casa de familia d'onde não respirou além do espaço de um pequeno gabinete, á imprensa, de uns bolos que por correção dêu um chefe de uma caza a um rapaz seu recommendado para o fim de fazel-o recuar das immoralidades a que outro o ia conduzindo, e que podiam perdel-o. Este facto todo reservado e que aliás devia ser recebido com reconhecimento pelo severissimo pae da criança foi de tal forma adulterado, pintado de taes cores que o homem esqueceu os precedentes do amigo velho, abraçou a nuvem por Juno e o que manda dizer?—que pelas informações recebidas d'um *cavalheiro* que tinha resolvido retirar seu filho da Bahia e que este cavalleiro se apresentaria a recebel-o e a dirigil-o a Pernambuco.

O cavalheiro é o Sr. Joaquim Carvalho Lopes que recebendo o filho posteriormente veio ainda á imprensa elogiar o Sr. Simões como brioso etc. etc. e a *xingar* ainda o individuo que antes merecia as honras da amisade deste, e que a deixara pela mais infame e negra calumnia, urdida por um homem do commercio, para ganhar um ou dous contos de reis!!

E tal é a desgraça porque vamos passando que a mesma imprensa que parece pretender moralisar esta terra exagerou tanto a historia que viu logo dous brazileiros offendidos—o Sr. Simões e o visitante—quando um d'elles é um matalote portuguez e tido por *antropophago* e desde muito immoral, que para *leccionar* o seu amigo se largava ás nove da noite da cidade Baixa para a Victoria!

Ora a imprensa não andaria melhor si fustigasse os patrões desse sujeito porque o conservam, não ignorando estes factos de seu caixeiro?

Voltaremos á materia.

Que amigo!

No dia 21 do corrente largou-se do escriptorio o Sr. F. dos *Mosquitos* em procura, segundo elle affirmava ante os grupos a que chegava, do doutor juiz do commercio.

De caminho e *a proposito realmente*, dizia: «Elle ha de andar por aqui por que vai examinar os livros do negociante M.», occultando de proposito e de má fé a circumstancia de que, si havia exame, era requerido pelo mesmo negociante para desmascarar seus gratuitos inimigos e calumniadores, e não por outra qualquer circumstancia.

Si fallava com alguem que reputava affeiçoado da victima de sua ferina lingua mostrava compaixão—por ver o referido M. *atassalhado* pela imprensa e dizia—Eu tambem não soffro por causa das adminstrações das massas fallidas? elle não quer gastar dinheiro porque muito bem se sabe que è o que elles querem; por isso está soffrendo!..

Si differentemente fallava com alguem que reputava inimigo de sua victima, a linguagem era das *congratulações* e tão alegres se meneavam que parecia que estavam no céo de delicias!

Este senhor dos Mosquitos é das arabias!

Havemos de discutil o; havemos de trazer ao publico os *papelinhos* de sua lavra em que depois do grande roubo feito pela arrematação das dividas de massa Villarim feita por elle mesmo em nome do seu cunhado, ainda roubava os credores comprando as partes *ja liquidas* que simulasse não o estarem, em nome do mesmo cunhado, e cuja instrucção para a passagem dos titulos elle escrevia de seu amavel punho—*ao Dr. F. por Rs.* $, valor recebido do mesmo!

Que ladrão!....

Innocencia.

Perguntava certo sujeito sentado debaixo d'uma *oliveira*, e pedia ao Sr. Barros que por *S. Antonio* lhe dissesse a razão porque elle servia de instrumento aos inimigos do M , levando e mesmo angariando escriptos falsos e calumniosos, quando aliás eram sabidos nesta praça os favores que elle lhe devia.

E' porque elle quer ser *Catão* e é necessario que n'esta epocha não os haja. Propoz-se-lhe paz e amisade si elle protegesse ao M. Passos, e elle recusou-se.

Eu nescessito habilitar-me pelo Tribunal do Commercio e mostrar-me purificado das brincadeiras que fiz ao mesmo commercio, mas cahi em deitar o tal *Catão* como meu credor sem que o fosse e não posso conseguir d'elle o recibo!

E então tenho ou não tenho razão de perseguil-o, infamal-o & &.?

Segundo sua *boa logica* tem muita razão, Sr. Barros.

E que tal é o meninorio!

Prevenção muito a tempo.

Para que o Sr. F. Chaves J. T. continua a animar as provocações, calumnias e mexericos contra quem o tirou do nada?

Para que está gastando dinheiro que devia applicar para cousas mais nobres, e aviltando-se com a amizade d'aquelles que ha pouco o chamavam ladrão e mais ladrão?

Não será melhor conter suas *raivas* e obstar ás dos seus excellentes amigos Mosquitos, Não-medos, Carvalho Lopes, Miranda et reliqua?

Pois como não tem juizo permitta que lhe perguntemos o seguinte.

A razão porque mandou o seu *Não Intrepido* á Cotinguiba tomar assucar branco só proprio para Lisboa comprado a 3$400, despachando o navio para Longres? Para que estando o referido navio precisando fazer grande obra, que realmente vae fazer em Lisboa (para o que até Sm. lhe metteu estopa)o despacha para um porto diverso?

Quem acreditará que Sm. arriscava aquelle cangalho no canal neste tempo? E que alcance tem similhante dissimulação, quando brevemente lhe mostraremos o navio fundeado no Tejo, *si lá puder chegar*.

Si não nos responder explicaremos mais devagar as versões que por ahi correm a respeito.

Ainda perguntaremos as causas por que Sm. comprou dous pretos africanos e passando a escriptura, depois de assim *legalmente* adquiridos, foi illudir a policia para habilital-os como crioulos (pelo que seu despachante devia ser corrido d'alli a pontapés) porque sabia que a capitania não podia admittil-os como..... Logo mais explicaremos.

Ainda a razão porque anda tão assanhado com o Sr. Barros que deu pela imprensa novas de sua avó torta, que discutiu tambem aquellas habilitações falsas com que quiz empalmar uma herança, porque Sm. o tinha querido metter na cadeia embargando-lhe sua viagem etc. etc.

Agora está tão cosidinho com o mesmo para melhor exercer suas vingançasinhas, e dar pasto aos seus rancores xingando a quem lhe devia somente merecer respeito.

Esperamos nova provocação e seremos sufficientemente claros para que Sm. não continue a vender bullas falsas; será desmascarado, lh'o affiançamos..

As Latas d'Espiguilha.

Nada de Bullas falsas.

O heroe do banco, o incomparavel *Ourinol Branco* ha de fazer-nos o favor de declarar as causas porque se ligou tão estreitamente ao senhor que tem cor de *barro* quando ainda ha pouco se mimoseavam mutuamente com o epitheto de ladrão.

Hade desvanecer a impressão causada, e que ainda se conserva, por uma briga atrevida e perigosa que não acabou ás facadas por cauza do digno consul portuguez intervir na accommodação.

Ha de finalmente esclarecer, si, como se afirma, teria a briga alguma origem no metal que tambem originou o processo do seu cordial amigo de hoje e socio então?

Deus nos livre de fazer juizos temerarios, mas a briga por occasião da separação social, aquella de Sm. para a discussão das *pratas do Dominguinhos* parece que denota uma tendencia irresistivel para o referido metal— do *melhor toque* que aquelles achados pelo subdelegado da Conceição da *Maré* na carteira do tal amigo *Barroso*.

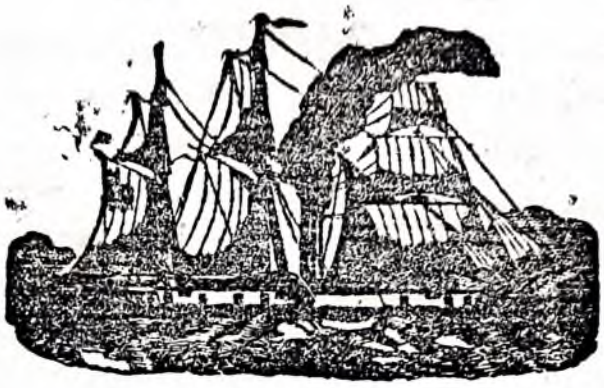
Si Sm. descubrisse, ainda que *vasculhasse* alguns cartorios, aquelle processo, então é que nós o proclamariamos o homem do progresso e da sciencia!

Cynico.

ANNUNCIO.

Pede-se ao Sr. Lopes que não metta *cunha*, que por *S. Luiz* vá pagar os charutos que comprou fiado ao Vencedor.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª BAHIA 28 DE MARÇO DE 1865. N.º 190.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 4$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de março de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande por favor melhorar algumas *tampas de canos* que ha na ladeira que da Palma vae ter ao Gravatá, as quaes acham-se de tal sorte collocadas que succedendo alguem pisal-as, entra o pé da pessoa que corre assim grande risco. Este facto ja se noticiou á Illm.ª, haverá alguns seis mezes, e traz-se de novo a seu conhecimento por ter uma moça, n'uma destas noites, passado por uma das ratoeiras que quasi a engole.

—A' mesma, pedindo-lhe que lembre aos fiscaes *provisorios* o cumprimento de certa postura que marca um peso certo para os pães, visto que anda por tudo quanto é padaria porção enorme de *grillos*, que brocando o pão, diminuem-lhe sensivelmente o peso estipulado.

—A' mesma. Tendo o vereador Bernardino de Senna Moreira requerido, a 17 de janeiro, que se mandasse tirar do meio da rua do Taboão uma porção de terra que alli ficou desde o calçamento ultimo, e não havendo até hoje providencias a respeito, pede-se-lh'as nesse sentido, sendo de notar que até nas urgencias requeridas pelos de casa, a Illma. é tão pressurosa como a mais *diligente preguiça*!

—Ora viva a *liga*!

—Ora vivô!

—Blanco faze cambra

P'ra non trabaiou.

—E com effeito a nova camara está com honras de estudante *gazeteirō*...

—E a assemblea?

—Oh! oh! oh!

Ha vinte e sete dias que está aberta a sessão e creio que os paes da patria ainda se não reuniram sete vezes!

Hoje 27 de março, depois de dous dias sanctificados, não heuve sessão por falta de numero!

Safa!....

—Não vê o *Numa* resuscitado?

—Fugido pelo contrario.

Não lhe conheco os gestos, os arrancos? Não vê como arregala os olhos? Não repara como arregaça os punhos? Não nota como pucha os cabellos e os espalha? os esgadelha?

E' o liberal *francez* do *passeio*, o esgrimidor de palavras, o botanico que intende de marinhagem, o companheiro trahidor, o orador dos cópos d'agua, o *cabocolinho dos Afflictos*, o canario d'estalo, a quem deve o hospital da Santa Caza uma boa duzia de annos de fardamentos, isto é de camisola. E' um desertor da caza dos orates.

Nem por tanto lhe refrescarem a cabeça com *saraiva*, toma juiso!

—E falla na diminuta figura do Exm. Sr. Des. presidente!

—E' por que elle não sabe que «nos pequenos frascos se guardam as melhores essencias!» E' por que elle ignora que n'um pequeno corpo reside ás vezes uma alma grande, generosa, inteiramente diversa da d'aquelles de quem se diz: homem grande besta de pau.

—E falla em aduladores, parentes, amigos e nescios!

—Só não falla nos ingratos, por que realmente não devem ser contados entre os de boa fé os tratantes e especuladores que se esqueceram das eleições do directorio e dos que mais contribuiram para o triumpho d'um doudo desalmado, ou d'um pedante ridiculo!

—Diz tambem que Sergipe...

—Ah! ah! ah! ahi é que está a força do verso...

—E' *Cincinato* applaudido por *Numa*!

Bem se diz que o mundo anda hoje ás avessas! .....

—Foi nomeado o Sr. Emygdio José da Cunha para servir interinamente o logar de administrador da casa de prisão com trabalho.

—E o *Interesse Publico* julga que a cousa vae muito bem.

—E por que não? Suspender-se um carcereiro que deixa fugir quatro presos de grandes crimes não é de lei? ou ao menos de costume?

Não é uma punição da negligencia do empregado?

—Será. Mas o que lhe posso garantir é que o proprio Dr. Lucio Bento Cardoso disse que pedira licença para tractar-se, sendo por isso nomeado um outro.

—Oh! tempora, oh! mores!

O *Diario* official que deu a noticia tão ambigua, que venha explicar ao publico si o Dr. Lucio está suspenso, ou licenciado.

O publico deve ser attendido em suas justas pretenções.

—Que sujeito de cavallo é aquelle na guarda da caza do governador?

—Diz elle que é o rondante; mas creio que é um maluco, *pelo menos*, pois que elle mostra ter jantado bem.

—E como o povo o pateia! E' signal de que está recitando poesias, ou fazendo de bobo.

—De malcreado.. pois o patife não quiz metter o chicote na sentinella!

—Valha-nos o archanjo S. *Miguel*!

—Ou antes o esposo da Virgem, o bemaventurado S. *José*.

—Como está furioso! parece um *leão!*

—Leão ou cão?!

Muxingueiro, vae pelo menos espantor o cujo!

—Eia!

Errata.

No n.° 189, pag. 3.ª linha 2.ª onde se lê:

«Li; dá noticia de que o forte do Coimbra foi tomado aos paraguayos, leia-se:

«Li; dá noticia de como o forte de Coimbra foi tomada pelos paraguayos.

A PEDIDO

Não pode deixar de fazer especie...

Consta que em cumprimento de certas condições acertadas entre os Mosquitos, Amaros, *guarda* dos *livros* Basto, o Barros etc. etc. se verificaram alguns negocios *muito importantes*! Um d'elles o fretamento d'um da *esquadrilha* de Barro, que *entrou* na amavel quebradeira sem realmente ter entrado, surdido d'ella mais guapo e mais acabado! Outros são certos emprestimos forçados que o ultimo meninorio tem *conseguido* dos seus protectores d'hoje. Mas isto não é o que nos faz arrepiar... As conferencias nos cantos, nos corredores até no da casa do Sr. G. P. e C. onde toma sempre a palavra, o *guarda dos livros* d'estes e diz: Srs, o movimento n'estes dias que se prepara o navio de Barro para a Costa, é sempre que o Sr. dos Mosquitos tem para o Rio Grande algum capitão de peito... Por outro lado o grande Bastinho, ambicioso como se sabe, com amigos... com cavallos, boa casa e sucia n'ella, ordenados que ainda bem esticados não podem chegar!... As perdas da carne secca e diminuição de freguezia por causa de uma *maldita* casa nova que se deitou.. aquella guarda de *honra* commandada pelo subdelegado da Praia... no escriptorio de *barro*... *meu* Deus que lembrança!... longe de nós *levantarmos testemunhos falsos*, mas as coincidencias são temiveis.....

Que fortuna!

Lavra a discordia no campo dos alliados. A desconfiança jaz entre os confrades. E qual a causa? Dal-a-hemos.

O Sr. F. dos Mosquitos intendeu que podia organisar uma commissão *mais distincta*, *mais honrada*, *e mais intelligente* para o exame dos livros, exame que lhe merece o maior cuidado! Então dirigiu-se ao dignissimo, intelligentissimo e sapientissimo guardador de livros conhecido por Bastos, empregado na casa de G. P. e C. para, como *digno* e *consciencioso* inform nte dos livros *particulares*, *dos copiadores* &c. &c., se prestar a este trabalho, requerendo-se novo exame. O Sr de Bastinho lá mastigou, a pilula custou a seguir da guela, e a final não se decidiu; perguntou porém quem eram os companheiros? O Sr. dos Mosquistos ficou tambem embasbacado como estava o digno *amicus*.

—Lembro o Miranda por que andando carregado de obras bancarias necessariamente *ha de saber*, muito principalmente segundo o rifão do estudante: —*burro carregado de livros é doutor*.

—Com elle não vou, mas si V. quer acompanhar-me, sim.

—Isto não tem resposta, acudiu o dos Mosquistos, quando sabe que eu sou *grande* ou mesmo *optimo* na minha specialidade=*contas de Adm. de massas*=nada de mais....

—Pois então eu não vou tambem.. e demais....

—E de mais o que? covarde, tem medo?

—Qual medo! Pois não sabe que

nos livros que me convida para examinar tem lá uma falcatrua minha quando fui *guardador de livros* naquella casa? Não andou isso ja na gazeta?

—Então para que anda todos os dias a insinuar—*bata-o por aqui, bata-o por acolá* e quanta parvoice me tem querido impingir?

—O homem deve ser seguro de suas opiniões, quer calumnie quer não calumnie vae-se por diante, haja o que houver.

—Que cynismo!

Qual foi o logrado?

Nos planos relativos ao Sr. Simões houve dous amigos que marcharam de accordo mas com fim diverso: o Sr. Carvalho e o Sr. dos Mosquitos. O primeiro entrou na farça para receber a recompensa devida á infamia, calumnia e traição: o segundo a seu turno empregou os mesmos meios e mais, para que essa recompensa lhe viesse *untar as unhas*; cada qual mais primou na bandalheira. O agente do primeiro, o feroz animal (que está pagando ja suas boas obras) matreiro como soem ser os *lobos*, com alguma ascendencia sobre o velho, infiltrou-lhe nos cascos a *solidez* da casa, encareceu os *bons* serviços do tal odre de impostura, ganhou por tanto a partida, que porém se cifra a um só jogo e de naipe preto!

Por bem pouco Judas vendeu a alma!

Será bom que intenda que as mais das vezes pensa-se que se adianta e se atraza;é o que lhe ha de acontecer, visto que caminha por veredas torturosas.

Calculo singular.

Um amigo do Sr. Carvalho Lopes querendo evidenciar os lucros provenientes de uma torpe e negra transacção, torpe e negra porque foi originada pela infamia mais revoltante, e pela calumnia mais atroz, fez a seguinte conta:

«Commissão de venda do casco do *Lina-caro* calculando na rasão maxima do valor de quarenta contos bruto, e pela maior commissão de venda de 3 %; somma 1.200$000 (!!!)

Adiantamento 2 %; Delcredere 2 % si não menos »

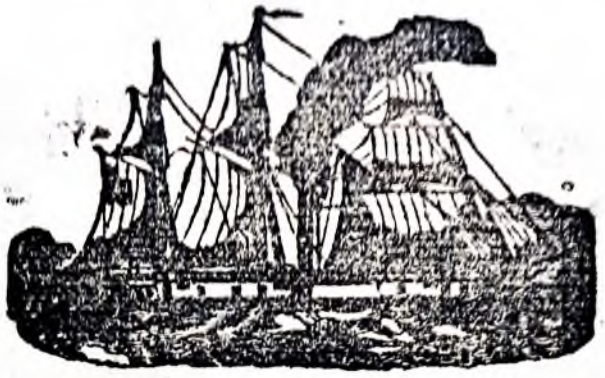
Mas fugindo pela algibeira fóra a segunda destas sommas em calotes, e a primeira não chegando para os descontos (salvo, diz o amigo. si estes são deduzidos no valor da venda,o que se pode dizer á vista da *não equivoca* honra do tal senhor) que se sabe *não serem pequenos*, aqui temos o bonito resultado d'uma torpeza! Judas por pouco mais vendeu a alma. Esperará o Sr. Carvalho Lopes não pagar n'este mundo? Recorde-se do fim de certo grupo calumniador e infame d'outr'ora, como a confraternidade do de hoje!..

Um favor.

Ao Sr. Pontes se roga encarecidamente que dê um pontapé no seu socio que não cessa de o enrolar em compromettimentos, que lhe trarão, como tem trazido, serios desgostos. E' elle o principal autor d'esses escriptos provocadores, calumniosos e insultantes que por vergonha da Bahia, e muito mais da classe a que Sm. pertence se lêem no *Interesse Publico*,que guiado por falsos dados, e necessariamente por influencias do Barros os publica. Já tendo sido autor do mais sanhudo dos *Piratas* andou disfarçado na Cidade Baixa de noute a mettel-os pelas portas conjuntamente com seu despachante o tratante do J. Monteiro J. E sem mais esclarecimentos para agora lhe darmos, concluimos com asseverar-lhe que si não corrigir aquelle tratante, Sm. ha de ouvir novas de sua avó torta, porque si o cohibisse de seus desmandos elle não os praticava; e é muito vulgar o ditado que quem consente fazer o mal sem o evitar podendo, tem as mesmas culpas que aquelle que o pratica!.....

Por um amigo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 19.ª BAHIA 30 DE MARÇO DE 1865. N.º 191.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de março de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande o fiscal *provisorio* de Santo Antonio á ladeira do Pilar, afim de executar a postura que diz respeito aos porcos que apparecem em grande quantidade a revolver as immundicias que alli ha em profusão.

—As sessões d'assembléa provincial durarão quatro horas, contadas de minuto a minuto (é do regimento).

Pois os *homens*, depois de faltarem dous, tres dias successivos, abrem a sessão aos doze minutos depois do meio dia e encerram-na á uma hora e dez minutos, como hontem succedeu!

—Que vergonha!

—E todos pagam o crime de certos..

—Ha deputados (honra lhes seja feita) que vivem realmente envergonhados do procedimento de seus collegas.....

—E a chuparem os taes os cobres! maganões!

Ora hei de dar-me ao trabalho de publicar diariamente os nomes dos que não comparecem.

Safa!

—O *Progresso* de 25 do março dá noticia de que foi preso e amarrado um inspector de quarteirão, por ser vermelho.

—Onde foi isto?

—Na Conceição da Feira, a mandado do Sr. Dr. Paim que é liberal.

—Manda quem pode.

—Como diz o *Progresso*, que diz tambem que os guardas quebraram os moveis do homem, estragaram-lhe a venda, beberam-lhe o vinho e deram-lhe pancada.

—São cousas do progresso; que se ha de fazer?...

—Capitão, uma novidade.

—Qual?

—A sentinella do destacamento no Bomfim recebeu ordem de não deixar entrar no quartel dalli paizano algum,

depois do toque de recolher. O Dr. Freire quiz entrar, entrou e protestou (é o que dizem) vingar-se da sentinella. E o que corre agora é que o commandante do batalhão a que pertence o guarda (o 7.º) quer prender a sentinella, por ter faltado com o respeito a seu superior, não reconhecendo no Dr. Freire o tenente cirurgião do corpo!..

—Pois reza a tradicção que Pedro I. agraciara um guarda do Passeio Publico que recebendo ordem de não consentir cavalleiros no interior do edificio, negara a entrada a elle proprio.

—Mas, meu amigo, *tempora mutantur et nos mutamur in illis....*

LA VAE VERSO.

Esfusiote.

As farrombas da *saraiva*
Deram todas em *patranha*;
O governo agora pega-se
Em frageis têas d'aranha.

Tendo ja em certa epocha,
Do Prata as *rosas* banido,
Manda-lhe hoje de presente
Botão de *rosa* escolhido.

Não tem duvida que o negocio
Nos trará mui graves dores;
Tudo aquillo dura tanto
Quanto podem durar *flores*.

Carta de um conservador da *Projecta* a um lavoureiro do *Cafés*.

Compadre, quando me ponho
A pensar na minha terra;
Quando me lembro do geito
Que pode tomar a guerra;

Quando penso no principio
Da questão que se acabou;
No presagio mau que houve
Quando Saraiva embarcou;

Tenho ca meus pensamentos,
Faço minhas conclusões,
E digo ás vezes comigo,
Sosinho com meus botões:

Que a saraiva que cahiu,
As casas escangalhando,
Representava o Saraiva
Guerra, guerra declarando:

Que o pampeiro atrevidão
Que o diplomata empatou,
Representa o Paraguay
Que o nosso solo pisou;

Que a quebra horrenda das caixas,
Que ha pouco se fez sentir,
Significa o dinheiro
Que sahiu e ha de sahir;

Que duas onças ferozes
Que S. Paulo amedrontaram,
São Munhoz e Apparicio
Que as fronteiras devastaram.

Pondo tudo em collecção,
E vendo os signaes de *cima*,
Sinto muito discordar
De quem, como tu, me estima.

Mil perdões te peço pois,
Compadre liberalão;
Cada um pensa o que quer
Aonde ha constituição.

Resposta.

Compadre, peço licença
Somente p'ra lhe dizer...
Não sei si diga... a palavra
Talvez lhe possa offender...

V. de conservador
O nome só tem; e hade
Concordar que bruxo egual
Nunca teve a humanidade.

Pois que tem o vento e a chuva
E as onças dos sertões
Com o que fazem os homens,
Desta terra os sabichões?!

E vem V. neste tempo,
Todo progresso e verdade,
Alimentar prejuizos
Da velha sociedade!

Mas V., Dr. *Conserva*,
Tem rasão de isso dizer;
E' plano seu e dos outros
Deixar-nos embrutecer;

Levar-nos ao phanatismo,
Embutir-nos abusões,
Fazer-nos temer cometas
E as proprias exhalações.

Sim, Sr. vá *conservando*
Que esse tempo se acabou;
Mas fique certo que o povo
Ao ministerio apoiou.

Deixando de parte o *cujo*,
Que de *lama* nos sujou;
Qu'entrou na dança assim como
Pilatos no Credo entrou;

Era impossivel deixar,
Sem logo pol o ás *carreiras*,
Um ministro tratantorum,
O chefe das bandalheiras.

V. não julga que deve
Levar carga de sipó
O valente D. *Aguirre*,
O espoleta *Juannicó*?

Não queria que a *munheca*
Se tirasse a um ladrão,
Que assolando *appareceu*
As cazas do Jaguarão?

Não se devia quebrar
As ventas do *Palomeque*?
Co'uma *sovela* espinhar
Os beiços d outro moleque?

O cadello paraguayo
Que de orelhas faz rosario
Passará vida de *Lopes*,
Escrevendo o *Semanario*?

Vossês aos orientaes
Puzeram n'um mau costume...
Vão ver que davam dinheiro
Ao Dr. *Estraga-estrume*!

Ora pelo amor de Deus!
Vão conservar o diabo...
Vossês não podem fallar,
Que sae-lhes comprido o rabo.

Aviso.

Veja lá, manso bichinho
Carneiro que galhas tem,
Que si não paga o que deve
Tomará obra tambem.

Pede que quer a gazeta,
E nem uma só pagou!
Tome tento que eu *escrevo*
E p'ra *relação* me vou.

Veja si intende.

A PEDIDO

Por ora....

Pede se ao *José Balsamo* que declare, qual foi a gazeta, qual o redactor a quem Mello se dirigiu, quem tal lhe contou, como soube de taes particularidades etc. etc

Um que quer saber.

—Capitão vim dizer lhe que apareceu o selim do Simão das bixas, sem ser o do beco do Garapa, e que elle não quiz recebel-o dizendo que lhe não servia mais e que o velho ficasse com elle pelos 26$000 rs , que elle lhe é devedor.

Capitão diga-lhe, que receba o selim, e pague ao velho, que lembre-se dos 450$ rs. em ouro que o velho lhe deu em 61 em confiança, e que elle depois pagou-lhe em ferro velho, como quiz e intendeu.

—Simão vê que aquelle velho, que alli está, não vive só ainda tem por si a mão de Deus, e não é para se igualar a ti que vieste para aqui advinhar com tuas bichas, tendo por paga da viagem o favor, que te quiz fazer algum capitão de navio; lembra-te que aquelle velho quando veiu para o Brazil, veiu com honra, e tendo por timbre o nome de portuguez e não o nome de aventureiro, labrego; porque assim como no Brazil ha bons e máus, em Portugal ha portuguezes honrados e ladrões e tu pertences a esta segunda classe, que é o refugo da sociedade; não sejas tratante, vae pagar o que deves; anda gallego, lembra-te que aquelle velho não tem no livro de sua vida uma pagina negra, e nem escripta com sangue alheio, vê si te não escalda a consciên-

cia com os 450$ rs. que na boa fé agazalhaste, queres mais esta ridicularia, guarda-a, pelo amor de Deus, que tú a outrem pagarás.

O inimigo dos tratantes.

—Ora bem! agora correm melhor os do negocios Santa Luzia, em Nazareth.

—Que ha de novo? O conego Rocha fez algum milagre?

—Não, Sr.; mas pelo menos, nas quartas feiras, ha missa no altar da santa, e pede-se a concurrencia dos fieis devotos.

—Que tres firmas são aquellas que vão de barraca em barraca de carne do sertão?

—São os tres inimigos d'alma, mundo, diabo e carne.

—Explique-se.

—Um é o barbudo trahiçoeiro, o outro é o camarão typographo e o terceiro é o batedor de prelos; o primeiro é o falso maior que ha; o segundo é um mexeriqueiro, e o ultimo traz o riso nos labios e o veneno no coração; já teve em 1861 a baixeza de deitar por baixo das portas avulsos contra um collega seu com o fim d'encaixar-se no seu logar.

—Falle-me do presente amigo!

—Elles procuram assignantes para um papel que levam: catam certos sujeitos que em novembro de 1863 assignaram uma correspondencia contra um empregado da camara. (Vide o *Diario* de 1 a 11 de novembro de 1863). Felizmente o empregado defendeu-se tão bem que o Dr. Tiberio, tendo-lhe mandado responder ás accusações, foi tão satisfactoria sua resposta que continuou empregado até 7 de novembro de 1864, em que pedio sua demissão. (*Diario* de 8 do mesmo mez.)

—E que interesse tem os tres diabos em reproduzir o que ja é do dominio publico?

—E' porque sabem que o homem é candidato a fiscal e como tem probabilidade de ser nomiado, tractam de desacredital-o, quando aliás se sabe que elle por não poder servir mais, com a passada camara, pedio sua demissão.

—Ora deixal-os!

Por mais que tramem nada hão de fazer. A camara actual sabe aquilatar o merito.

Pede-se ao 1.º cadete 1.º sargento da 2.ª companhia do 2.º batalhão de Voluntarios da Patria que não continúe a insultar em publico os cadetes e soldados, como faz no sabbado 23 do corrente, por occasião de ir o referido corpo assistir á missa.

Um que viu.

Pede-se

Ao aspirante que vá ao Genipapeiro e traga para bordo do *Alabama* aquellos duas guapas moças que namoram o *cujo* de gravata azul, filhas de um italiano e façam rolar pelo porão essas rethoricas que vivem a insultar a todos.

Tão grande favor-lhe será agradecido em nome das virgens santas Francisca e Epiphania.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado previne ao Sr. thesoureiro das loterias sobre um meio bilhete que um inspector que mora em S. José achou e não quer entregar, de n. 491, para que si sahir qualquer sorte não pague até se justificar, e roga-se ao mesmo Sr. inspector, que é official de pintor que queira entregar visto ter elle achado como prova-se; não declaro o nome por ignorar por ora.

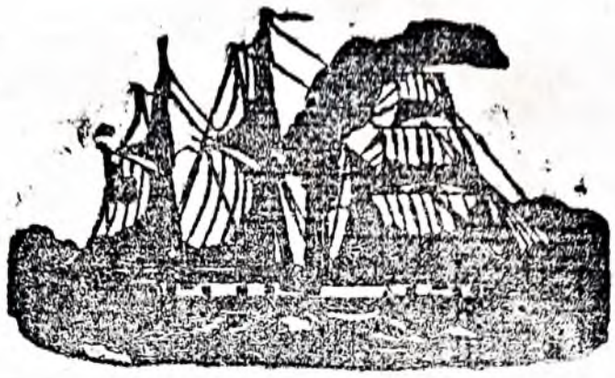
José Firmino de Oliveira.

O annuncio publicado nos ns. 188 e 189 deste periodico, não se intende com o Sr. Luiz Ignacio Lopes da Cunha.

Quem tiver uma medalha da Independencia e queira vender, dirija-se á esta typographia, que se lhe dirá quem compra.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E COMP.

O
ALABAMA
1865
A
1867
H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 28.ª BAHIA 2 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 282

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de novembro de 1865.

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe que se dirija á camara municipal, afim de que ella faça uma postura que tenha por fim impedir que os fogueteiros usem, nas suas obras, de figuras religiosas, escandalo que ja se prohibiu nos bandos mascarados.

Tal pedido tem por fim obviar a continuação de *spectaculos*, taes como a disputa que nos Afflictos, teve logar entre um fogueteiro e um padre, por ver este sua classe em caricatura n'um fogo de planta. Espera-se por tanto ser attendido.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que esta cidade não está no invejavel estado de socego em que ha dias a proclamou o *Diario*; a prova está no *Diario* do 1.º docorrente que reclama providencias contra as desordens continuas dos voluntarios de blusa

FOLHETIM

PALESTRA

A BORDO DO *ALABAMA*.

O folhetinista e seu modo de escrever. Um escandalo ou a India no Brasil. Mudança de proposito. Quem é o Umbelino. Padrão de gloria da administraçaõ. Tudo é deserto. Viagem redonda a Paris. Inconveniencias da pequenez de um jornal.

II.

O folhetinista não è um collaborador de artigos de fundo encouraçados, novo systema seguido pelos publicistas de polpa da nossa terra.

Proferidor de verdades incontestaveis, não quer dizel-as a êsmo e *ex abrupto*, á guiza de sermão de lagrimas, para não desvirtuar e inquinar o genero do scripto, cujo caracter predominante é o joco-serio.

Ennunciando-as, procurará amenisar-lhes a rudeza ja pelo colorido do estylo, ja pelas regras da decencia, ja finalmente pelas citações historicas.

E' por isso que, embora compromettido pela palestra passada a apresentar os factos abusivos da administração, principia a presente sem que o faça, porque, sobre o mais, é preciso commentar um acontecimente inesperado, que a todos deve admirar.

Não se espantem com esta nova: o espantar-se a gente não tarda ser um symptoma de demencia, e o que eu não quero é —leitores em tal estado, porque então meu trabalho e meu tempo estão perdidos.

—Quando o Brasil para salvar a honra lucta encarniçadamente com um inimigo vil, infame, e despresivel;

Quando em massa os brasileiros correm á porfia para desafrontar a patria, que ul-

asul e chapeu do moleiro; o é tambem a collecção que lho tem sido scientificada de furtos e roubos, aos quaes reune-se a seguinte tentativa:

A caza do Sr. professor Cajaty, á travessa da Jaqueira, freguezia de Santa Anna, tem sido accommettida por mais de tres vezes; em uma destas estava elle em caza e deu uma cacetada no ladrão que conseguiu evadir se; em outra com os gritos da familia, o ladrão que arrombara o soalho e ja tinha meio corpo fora, safou-se sem incommodo, estando ausente o dono da caza; em outra a 22 do passado, quizeram os ladrões arrombar a porta, sendo corridos pelo cunhado do Sr. Cajaty que só com sua senhora alli se achavam.

Para este e outros factos é que é precisa actividade, que muito se espera de S. Ex. ver dar mostras de si.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que um sujeito á rua das Flores, quina da Valla, o qual vende linguiças e mais *drogas*, espancou barbaramente no domingo uma africana liberta que foi cobrar da *dona da caza* uma pataca de gomma, de que era credora uma outra africana.

Como não appareceu na occasião patrulha, inspector, subdelegado ou qualquer outro cidadão que prendesse o criminoso em flagrante; e como a pobre preta não pode dar queixa, pede-se a S. Ex. que faça corrigir o sujeito, como diariamente se faz com os africanos por qualquer cousa.

O que não succedendo, fica todavia sabendo o publico que os conflictos continuam, apezar da apregoada energia de S. Ex.

—Não ha coveiros no cemiterio do Bom Jesus; ha queixas de que os parentes dos defuntos são obrigados a procurar quem abra as covas.

—Ouvi dizer que o pagamento é diminuto e que por isso os *escravos-livres* retiraram-se.

E depois eu não devo saber de tudo; cada um que trate do que lhe pertence.

—Aspirante, mande o muxingueiro agarrar aquelle padreco que é senso como uma preguiça e esperto como um *coelho*.

—Qual padreco?

—Uma fera vestida de loba que fez do consistorio de uma matriz seu covil, onde acabou de devorar uma victima.

—Ah! sim! Não é um jesuita que tem por insignia a *cruz* do Redemptor que elle prostitue?

—Sim.

—Eil-o, capitão. Sabia ja do caso do cujo; desconfiei que não fosse

---

trajada reclama os seus soccorros;

Quando nas provincias milhares e milhares de soldados por falta de transporte estão agglomerados;

Quando todas as forças podiam e até deviam concentrar-se nos pontos do attaque para debellar a tirannia;

Quando nos estaleiros vapores estão sendo construidos para prompta expedição;

Quando nossa marinha, por maior que fosse, devia estar no theatro da guerra, seu logar de honra;

Quando de vasos algumas compras tem se feito por necessidade indeclinavel;

Quando para a defeza da integridade do Imperio interveio o estrangeiro;

Quando, apezar da infinidade de donativos, que expontaneamente se offerecem, os cofres publicos estão exhaustos;

Quando finalmente o Imperante despresa os commodos da vida para compartilhar com os bravos das fadigas da campanha é por demais doloroso, demasiado confrange o coração, ver estar surto neste porto, no ocio e no recreio o transporte *D. Izabel*, trazendo da Côrte um chefe de esquadra, ex-ministro e deputado, e seu estado maior de cinco ou seis officiaes, alem dos tripolantes, enviados pelo governo em missão especial para engajar voluntarios para a armada com um dispendio exorbitante!...

Nem tanto, senhores do governo!

Governar assim só na India, onde se estabelecem hospitaes para os cães leprosos, e se é indifferente á sorte dos mendigos, lançando-se os doentes para pasto dos insectos.

Ahi, pela inversão dos principios naturaes, governar assim não admira porque a lei é essa; aqui, porem, a lei é outra e a maldicção certa.

Attentem bem os leitores para as consi-

punido pelas authoridades a quem compete o trouxe o patifo para bordo afim de apresental-o a V. Ex.

—Emfim tirou-me Vm. o prazer de ver este tratante pelas ruas acompanhado pelo muxingueiro!

Ja agora o processo será summario.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Concedo-te ampla liberdade para usares dos teus direitos muxingueiraes com este demonio.

A PEDIDO

—Ora bem, Sr. *Faria*, aqui estou por minha vez; como outr'ora descreveu o poeta *Virgilio* as heroicas acções de Eneas, tenho em mente publicar as suas.

—Charo amigo, são honras que me dá.

—E' obrigação que contrahi desde que soube que V. é um ingrato dos seiscentos.

Para que ha de andar V. a calumniar uma pessoa que ainda quando disso fosse merecedora, devia receber attenções de V.?

Quer acaso que lhe lembre aquelles quatrocentos mil reis que V. bifou de um negociante bem conhecido de que V. era caixeiro; e para pagamento dos quaes seu pae quasi fica doudo por tirar de um estabelecimento bancario o dinheiro resultante da venda de uma escrava?

Quer tambem que lhe recorde certa quantia que V. empalmou d'um doutor de quem era cobrador, para cujo pagamento vendeu um escravo que recebeu em dote de sua mulher?

Quer que prove que V. é um estellionatario convicto?

Porque se não deixa de cousas! Seria melhor que se lembrasse de suas brincadeiras de criança.

V. bem sabe que não o temo; diga o que quizer que eu não tenho rabo de palha, apezar de ser hoje moda applical-o em quem não o tem.

Breve volto e então hão de apparecer seus comparças, cada um por sua vez; são personagens bastante conhecidos por seus altos feitos, actos vergonhosos de que se pejaria qualquer familia desmoralisada, mas que até hoje não os tem feito corar.

Au revoir.

Remorsos á mofina.

Acha-se em poder do Sr. Ali-pachá a quantia de 6 contos de reis, producto de uma subscripção promovida pelo mesmo Sr, com o qual se tem de montar em um bom logar, como seja o *Caes*

---

derações supra, e vejam si um governo desta ordem pode ter por si a opinião publica.

Este mundo, alem das patacuadas, está cheio de miserias, que não compensam a felicidade.

Como Fausto, como Manfredo, e como Werther pode-se perguntar ao Creador, si a vida não é uma illusão, o mundo uma peripecia.

Analisado o facto que desviou o fim principal da palestra, desvie tambem o folhetinista o seu proposito, e em vez de mostrar, ao que estava obrigado, os actos malversores, faça apparecer os *relevantissimos de utilidade publica*, pelos quaes a provincia *bradava* todo dia, e que bem *espelham um tino e gosto extraordinarios* na governança publica.

Para tudo ha conveniencia, e a conveniencia aqui, mais que de ninguem, *é do scriptor*.

Por isso ja se vê que o Umbelino, servo humilimo dos leitores, e scrivinhador do folhetim, não é um partidista de facção, nem candidato despeitado. Dando a Cezar o que é de Cezar, e a Deus o que é de Deus, reparte e conta bem, é optimo *contador* na repartição.

E sem mais preambulos, venham esses factos, e *in primo loco os materiaes*.

—Mudança das paredes da secretaria de papel para oleo;—eis o primeiro facto, que, como a luz do meio dia, vem dar vista aos cegos que não viam um beneficio na administração.

Em quanto esta cidade jazia sem nenhum adiantamento na via do progresso; em quanto era o que foi, e havia de ser o que é pela incuria culposa de seus governadores—, um brado de *admiração e enthusiasmo* prorompe expontaneamente do imo do coração *por tal maravilha*, que, como a

Dourado, um estabelecimento para ser offerecido a um empregado *aposentado* que descobrir: —

O *tocheiro* que com maravalhas do *carvalho* incendiou a preguiçosa propriedade, marcenaria e deposito de madeiras de H. G Coelho, onde um *pequeno* negociante por ciumes perdera 18 contos de reis, ficando-lhe unicamente salvo o direito de ver sua fazenda e casa á Preguiça mais bem illuminada do que com gaz; sendo tão grande nessa occasião a illuminação que prolongou-se ou dilatou-se a diversas freguezias como Pilar no *Caes Dourado* e a alguns suburbios como Barra e Canella fazendo resplandecer até a *Victoria* e indo ao *Garcia*.

Ali-pachá nº á Preguiça.

Pede-se ao Sr. major José Pedro de Souza Paraizo o favor de não continuar a mandar queimar maravalhas e cavacos, ao beco do Açouguinho, visto que a fumaça é em tal porção que incommoda até os moradores dos Portas do Carmo, os quaes lhe fazem a presente supplica. *Os mesmos.*

Pede-se

Ao Illm. Sr. subdelegado da Se que faça acabar com um samba que ha á noite, fora de horas, em uma casa da rua do Tijollo, ao pé do Aljube que não consente a visinhença pregar olhos.

Os visinhos incommodados.

—Ora Sr.! que desfructe é este? Pois o Sr. ja com seus sessenta janeiros, no inverno da vida, sahir á noite, apanhar sereno, vir para o adro *bento* d'uma egreja, não respeitar o logar e por-se a querer comprar roletes na fonte na mão daquella pretinha!

Encostar-se depois ao templo e pnr-se com honras de morcego a guinchar, a dar psios, a esvoaçar em redor desses pretinhos besouros que passam!

Isto não tem termos, Sr. João Ignacio! Com quanto o Sr. não pareça, já está posado e deve andar de prumo na mão

—Conhece-me!

—Não só ao Sr., como ao seu amigo Sa que recebeu uma carta do *Barretto* annunciando-lhe que o Sr. estava na cidade.

— Esta noite não faço nada!

Charada.

Para o socego é este o primo passo—1
Me deixa á porta quem na lapa entrar—1
Nove centos e novo a vossos olhos
Duas vezes me ha de patentear—1

O grande personagem, que achareis
De Lopez fero a par sempre vereis.

---

columna de Phocas no meio das ruinas do fôro romano, ou como o granito das pyramides, triumphador dos seculos, ha de attestar ás gerações vindouras a *memoria* de seu author.

Por taes serviços o unico premio merecido é a *immortalidade*.

A' vista disto o que querem mais?

Qual o administrador que ja chegou até ahi

«Por mares nunca d'antes navegados?

Respondam logo, porque si a pergunta esriar, a resposta será desmoralisadora e epigrammatica.

Silencio de tumulos!

Nem os proprios empregados da secretaria, cuja commodidade foi attendida, se atrevem a bocejar!

O caso é serio, não tem duvida; por ahi não vou bem, porque estou nas circumstancias do poeta:

Neste campo solitario
Onde a desgraça me tem,
Fallo, ninguem me responde,
Olho, não vejo ninguem.

Este silencio é de certo a prova de que o folhetinista não agradou com esta *plaisanterie* administrativa, de que tanto gosta o povo parisiense já nas conversas, já nos scriptos.

Verdade é que a distancia da Bahia a Paris é grande, e esta viagem, sem ser esperada, devia incommodar.

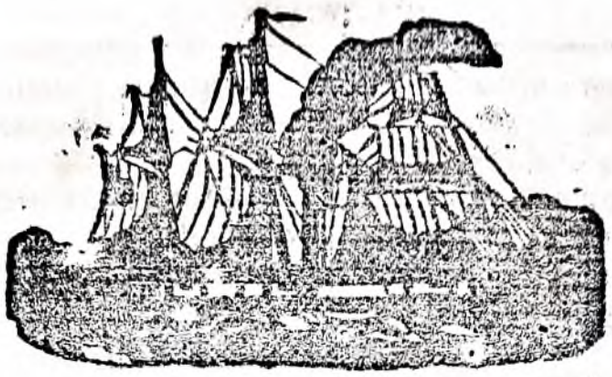
Em tempo por tanto, vae remediado o mal, e eis-nos outra vez, na cara patria qual povo de Israel na terra promettida, mais firmes e inabalaveis que um penhasco.

Não se pode escrever folhetim para jornal pequeno. Agora que a palestra chegou na apojadura, la vae terminar porque não ha logar para mais.

Quando não é o impressor, é a pequenez do jornal.

Queixem-se os leitores dos Srs. Marques, Aristides & C., e desculpem ao

Umbelino.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 29.ª BAHIA 4 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 283

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Neste n.º principia a 29.ª serie.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de novembro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que os moleques fazem o diabo na ladeira do Sodré, atirando pedradas, proferindo palavradas e fazendo pilherias de mau gosto, que não divertem por tanto aos visinhos e aos transeuntes, á requisição dos quaes se faz a presente partecipação.

Espera-se alguma providencia satisfactoria.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado, chamando sua attenção para os beccos do Oratorio no Caminho Novo, e da ladeira de S. Francisco, onde a reunião de mulheres de má conducta dá origem a continuadas desordens. Estes beccos, celebres pelos casos lamentaveis que nelles se tem dado em tempo dos seus antecessores devem merecer serio cuidado de S. S., que zeloso como é dos deveres de seu cargo, deve procurar evitar a reproducção de factos deploraveis.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector de saude, lembrando-lhe que deve intervir no accio da cidade, reclamando contra o seu mau processo e pedindo providencias para que se concerte os innumeros canos que ha nesta cidade, entre os quaes distinguem-se: um ao largo do Boqueirão, tres á rua dos Carvões, dous á rua dos Marchantes, um no quartel da Praça desaguando na ladeira da Mizericordia e um outro no quartel da Palma, que admira como são em tão mau estado conservados, andando pela rua tanta gente que ganha dinheiro para velar pela salubridade publica.

—Ao mesmo, chamando a attenção de S. S. para os pateos das casas ás ruas do Saboeiro e Tijollo que são uma completa esterqueira, e que muito incommodam a visinhança, com o fetido que exhalam, o que não deve ser muito bom para a saude na presente estação.

—A' meza administrativa da caza da Santa Misericordia, pedindo-lhe que se lembre dos preceitos de mizericordia e charidade que a regem, e faça por tanto concertar a biqueira de uma das propriedades desse pio estabelecimento, á rua Direita do Collegio, a qual biqueira se acha em estado de fazer alguma desgraça, desabando na cabeça de alguem que passe.

—Sabbado 4 do corrente embarca para o Sul o 6º batalhão de voluntarios da Bahia, commandado pelo Sr tenente coronel Manuel Jeronymo Ferreira

—Acompanham-no uma companhia de zuavos e a dos couraças.

—Ouvirão muito cedo missa no Collegio, dondo seguirão a embarcar-se pelas ruas Direita do Collegio, Misericordia, Palacio, largo do Theatro, ladeira da Conceição ao Arsenal de Marinha.

—Fará a guarda de honra o batalhão voluntario 107 da guarda nacional.

—Não ha mais recrutamento! O chefe de policia e o presidente *combinaram no caso* e expediram ordens para que cessasse o *pega-pega* que tanto tem atrapalhado os pobres tabareus.

—Deo gratias!

—Ha cousas que realmente admiram! Quem viu como sempre viveram em luta encarniçada o *Diario* e o *Jornal*; quem sabe que este tem descoberto vergonhosos plagios daquelle; quem os tem presenciado sempre a brigarem por publicações de noticias que cada qual diz ser de sua propria lavra, pasma ao ver como hoje se combinam quando tractam da administração que nos rege!

E' assim que espanta ver a unidade, a identidade de pensamento que ambos tiveram, dando noticia:

Do embarque do batalhão Princeza Imperial;

Do asylo de mendicidade;

Da casa de prisão com trabalho.

—Homem, reparei nisso; são as mesmas palavras; dir-se-hia dous *devotos* que resam pela mesma cartilha.

—Milagres da epocha! Isto é que é saber conciliar!

—Capitão, disseram-me que o vigario de Maré não quiz interrar uma infeliz mulher, deixando-a dous dias em casa.

—Historias! não creio nisso!

—E' o que dizem e dizem que o subdelegado foi quem obrigou o vigario.

—Não creio.

—O que é certo é que a mulher morreu a 25 e foi interrada a 27 de outubro.

—Negocios d'alguma pessoa desalmada!

—Os fiscaes estão agora diligentes; é encontrarem carroças sem conductor e multarem o dono em cinco mil reis.

—Pois ás vezes é uma grande injustiça; chega o carro á porta de uma casa donde tem de sahir os objectos para serem conduzidos, e entra o carroceiro para buscar um saco de farinha, por exemplo, e nessa occasião chega o fiscal e impõe a multa! .... Isto não tem nome!

—Sendo assim, a camara deve providenciar para que cessem os abusos.

—A bom santo se encommenda!

Eis aqui o *Yoyo Feio*
Por natureza castrado;
Na falta de *certa cousa*,
Pela lingua é respeitado.

Serve de babo do *Freio*
P'ra quem faz d'alcoviteiro;
E' lacaio de Fr. Neca,
Peteca do *carniceiro*.

Leva recados, intriga,
De todos o bobo falla,
A deshonra de seus proprios
Elle proprio é quem propala

Capitão p'ra seu castigo
Ponha o bobo em correção,
Dê-lhe taca o muxiangueiro,
Mas não metta-o no porão.

Que punido fica elle,
Si o puzerem de marmota,
Vindo a ser o dous de paus
Meio homem meio sota.

A PEDIDO

—Rei dos moleques zangou-se por ter sido recrutado por um que já fôra escravo de seu tio, e seus parentes tambem ficaram zangados.

Mas razão elles não tem; Rei dos moleques dá motivo para isso: mantém

relações com todos os escravos da casa; escreve-lhes pedindo dinheiro emprestado, pedindo que mandem buscar botinas de que elle precisa para alguem ir ao Bomfim, etc. etc. Bem vê que brigando com seus *amigos*, estes se hão de querer vingar e cada um arranha com as unhas que tem.

—Descarado!

—E assim mesmo teve quem desmaiasse por elle, quando sahiu o n.º 270 do *Alabama*; houve choro, delirio, vagado; os risos da vespera, os beijos e abraços escandalosos na janella tornaram-se em lagrimas, dores, angustias, soluços, suspiros e ais.

—Bem vê que sempre ha um chinello velho para um pé doente.

—E o que admira é os parentes interessarem-se por elle, quando tantas peças lhes tem pregado.

Uma vez, por exemplo, sacou do tio Dr. 10$ rs. que este foi tirar-lhe do bolço; tomou em nome do mesmo, sem sua sciencia, uma porção de fazendas na loja do Tiburcio; e na casa do 2.º barateiro trinta e tantos mil reis de sedan para calças e collete.

—Tem recursos o rapaz!

—Que algazarra foi aquella, aspirante?

—Quando?

—No dia 31 do passado ás 7 para 8 horas da noite.

—Onde?

—Na rua d'Ajuda.

—Ah! foi um certo *Sr. tenente* que quer ter mulher sem dar que comer, sem dar que beber, sem dar que vestir, sem a casa pagar.

—Bello!

—E intende que a mulher deve atural-o, e dá-lhe pancadas todos os dias.

—E não receia a censura publica; não se vexa com esses espectaculos, com esses gritos d'aqui d'elrei, com a agglomeração de pessoas, com a visinhança á janella?

—Qual! não dá cavaco por tão pouco; é costume antigo desde que morava no Cruzeiro!

—Pobre mulher que assim, em pranto, rota e desesperada sahes pela rua, valha-te o milagroso S. *Camillo*!

—Que ella antes se apadrinhe com a virgem da *Piedade*, que de todos se compadece!

—Capitão, mais esse tratante.

—Quem é elle? para que lhe mande o muxingueiro fazer uma visita.

—Eu lhe digo, é o Dias morador á estrada, que já tendo seu tempo, chamam-lhe nova.

—Ah! conheço muito este safado, o que fez elle então?

—Nada menos do que ter vendido a uma senhora um burro, e em quanto esta o manda examinar pelo alveitar elle acha quem dê mais 80 rs. vende de novo o burro; acha, capitão, que é ser safado, usurario, infame e mesmo até descarado?

—Mais até do que isso; nesse caso devem saber os tratantes que o meu muxingueiro está sempre prompto a dar-lhes 500 e 1000 tacadas.

—Então capitão é um favor.

—Muxingueiro, acompanhe o Sr. e faça o que elle lhe ordenar, e por minha conta arrume nesse José mais 200 por lado em cima do que elle já levou outro dia do Amorim.

—Aspirante, chame á falla aquelle cuter que vae de proa para o norte, e pergunte ao mestre donde vem.

.....

—Donde vem?

—Da Costa.

—O nome?

—S. Manuel.

—Como se chama V., mestre?

—Nunes.

—Que carga traz?

—Objectos para tamancos.

.....

—Capitão, eis aqui o mestre.

—Traga esse ladrão a minha presença.

—Prompto, capitão.

—Então como é que roubaste quatro contos de reis naquella certa venda?

—Eu não roubei, puz o embrulho

em cima do balcão, disse que alli estavam quatro contos de reis quando só havia dez mil reis, e sahi sem que entregasse o embrulho em mão propria, e na volta ja não o achei.

—Ou foste tu mesmo que o levaste, safado?

—Eu não.

—E como sahiste sem dar o menor cavaco e foste ao subdelegado?

—Foi porque eu quiz valer-me do mais bem amparado.

—Que minestras tem estes ladrões para roubarem! E não ha quem os castigue! Pois castigo-os eu.

Muxingueiro, quatrocentas calabrotadas neste patife!

—Ah! ser capitão, por S. *Manel*!

—Que burro! nem seu nome sabe!

—O que ha de novo?

—Ouça o que sei de mais moderno:

Subindo uma destas noites a ladeira de S. Cazuza ouvi altas vozes; parei e observando de todos os lados vi em uma janella um sujeito que entretinha-se com uma moça em colloquio amoroso.

Que desfructe!

—Mas quem era o desfructavel?

—Era o Pedro Rasteiro, official do *balaio* que por sua bravura, animo e coragem offereceu-se ao governo para marchar para o sul; porém o governo sciente de suas proezas, mandou-o embora, deixando-o com os beiços com que mamou.

—Então vamos agarral o e leval-o de presente ao capitão do *Alabama*.

—Nem assim estou que toma geito.

—Então, si não tem vergonha todo mundo é seu.

Pergunta-se á pessoa a quem se dirigiu uma supplica, em favor do orphão Luiz, que providencias deu?

Estará esperando que desappareçam os vestigios da bicadas do pinto?

Não foi o que prometteu.

Bem, esperaremos, e outra lembrança lhe faremos por S. João.

O massado.

—Eu não sei como é isto!

A Philarmonica Bahiana tem um numero maior de quarenta socios, e por vontade de um, dous ou tres não é que se ha de ella extinguir!

A sociedade tem um activo e passivo; quasi todos os socios que devem estão no caso de pagar e poderão por tanto funccionar.

Si não puder ella viver, que sejam prestadas as contas.

—E antes é preciso que a assemblea dê a authorisação para a extincção da sociedade.

—Deve saber-se o fim que tiveram ou terão o pianno, as arandellas e mais moveis.

—Vende-se isto, cobra-se dos socios que estão devendo e com esse dinheiro paga-se o resto do importe do piano, e o saldo, si o houver, passará a algum estabelecimento pio.

—Concordo, concordo; negocio em ordem; contas, contas! toda publicidade é pouca.

—Torno de novo com o homem.

—Que homem?

—O do desfalque na caixa: depois que o navio chegou ao *Caes do Ouro* e disparou a peça 220, o tal inspectorzinho sentindo o cheiro da polvora, ficou desesperado; era gosto vel-o entrar de porta em porta, blasonar e vociferar contra o navio.

—Que dizia esse mono?

—Tanta cousa que não lhe sei dizer; parecia um louco e no seu ladrar goguento não ligava duas ideas.

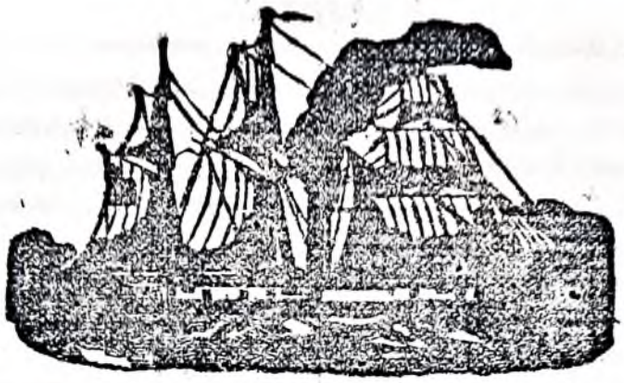
—Bem, o muxingueiro lhe dará remedio para sua loucura.

Muxingueiro vá ao *Caes do Ouro* e pergunte aa *Leopoldo* onde existe um fallastrão, agarre-o e leve-o ao *Ribeiro* para lhe applicar quatro sanguesugas das boas, afim de tirar-lhe a força do sangue.

ANNUNCIOS.

Aluga-se uma caza com todos os commodos para familia no alto do Bomfim com mobilia, quem a pretender dirija-se á rua dos Algibebes n. 9. que achará com quem tratar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 29.ª BAHIA 7 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 284

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de novembro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo lhe pela segunda vez que mande concertar a biqueira da casa á rua Direita do Collegio, a qual biqueira ameaça cahir em cima de quem passa.

—Ao Exm. Sr Dr. chefe de policia, pedindo-lhe pela segunda vez que mande retirar da rua de S. Raymundo e recolher ao Asylo uma mulher que vive a incommodar todo o mundo com gritos, pedradas e palavradas.

—Ao mesmo, partecipando-lhe, si ainda o não sabe, que no domingo 5 do corrente á tarde, morreu em Itapagipe um menino filho do Sr. José Chrispim do Rosario, por ir fazer uma fonte em casa de um Sr. Manuel Rodrigues, ficando abafado debaixo de grande porção de areia que sobre elle cahiu, quando o buraco tinha ja 14 palmos de profundidade.

Consta que o subdelegado Marback, muito intendido como é em negocios policiaes deu excellentes providencias, resultando que o corpo do delicto foi muito bem feito e arranjado pelo Dr. Freire que ficou de ir ter com o Dr. Autran para assignar o termo; e que o Sr. Manuel Rodrigues foi para sua casa tomar cha á noite.

Espera-se por tanto que tão salutares providencias sejam coroadas por outras mais energicas, emanadas de S. Ex., de quem se espera vindicta á morte de um innocente.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, communicando-lhe que no becco de Sebastopol, na rua do Bacalhau, existe um pateo onde ha immensos pes de bananeiras, que servem do deposito de immundicie e despejo aos moradores do logar, o que causa grande incommodo a visinhança nas horas em que o sol esquenta; em vista do que espera-se que S. S intendendo-se com a Illma. camara mande derrubar taes bananeiras, que além do que fica dito servem á noite para ajuntamentos de pessoas que alli vão com fins immoraes.

—A' empreza da limpeza, partecipando-lhe que o largo do Carmo ha dias que não tem limpeza.

—A' mesma, para que se digne lançar suas vistas para a rua do Paço do Saldanha que se acha n'um vergonhoso estado de porquidade.

—O cholera, o cholera!

—Providencias, providencias!

—Estão dadas.

—Quaes?

—Quarentena, lazareto, revista dos quintaes, e ordem á limpeza para que se limpo.

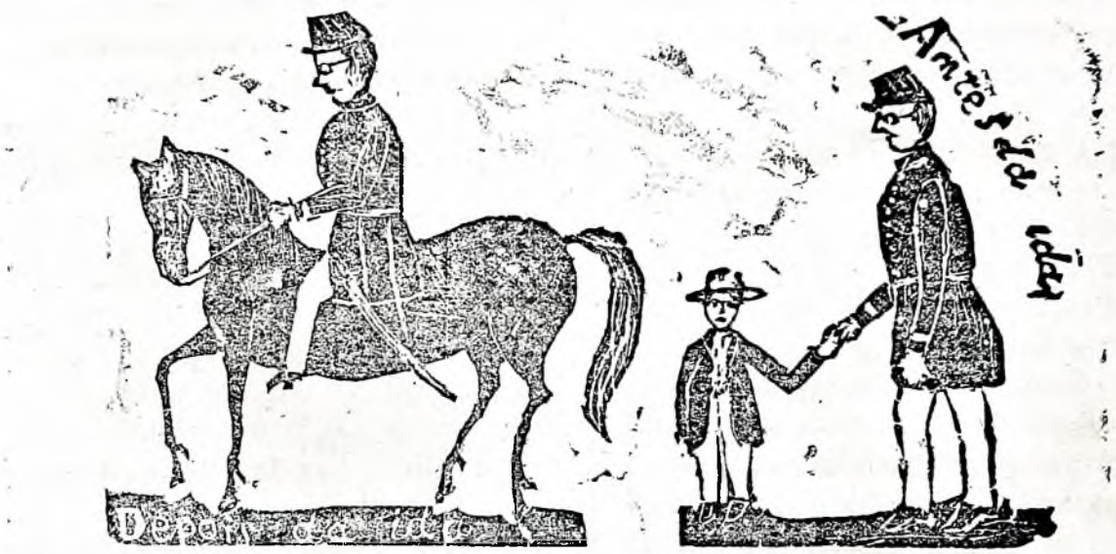
—Que quer dizer?

—Ordem ao Sr. Costa Guimarães para *so deitar cisco em os logares marcados no contracto.*

—Ora apreciem bem isto! Si não é o cholera, não se cumpre o contracto! E é o presidente que confessa que tolerou os abusos, mas que não é possivel soffrel-os agora que tambem periga a saude dos grandes.

—E o inspector da saude ja deu seu pucho.

—E' bom prevenir para ao depois não *andarem ás carreiras....*



—Venha ca, sôr moço!

—Prompto.

—Então V. é o *maior* desta terra? Pois admira; que em terra de cego quem tem um olho seja rei, *vadeat in pace*, mas aqui onde todos tem dous! ..

—Capitão, sendo assim, repare V. Ex que eu tenho quatro.

—Ah! tinha-me esquecido das cangalhas! Mas sendo assim, repare, Sr., que V. tem tres.

—Capitão, intendamo-nos.

Eu não sou o maior da terra; sou o *maior* entre a gente que dormindo, vela, pelos outros e pelos costumes alheios. Depois não tenho falta de um olho, vejo perfeitamente por ambos.

—Disso sei eu; a prova é que no dia do certo embarque, V. precisava de um guia, e no seguinte, desembestava a cavallo por esta cidade. Por isso mesmo, e porque sei que V. é um bobo de primeira ordem, um impostor fofo, um presumpçoso arrogante e desfructavel, é que o chamei; quero tomar-lhe contas.

—Não me faltava mais nada!

—Psio! lembre-se que o conheço desde que morou na Cruz do Paschoal, ou antes desde que esteve feito limpador da montanha.

E sendo assim; e vindo V. de tão baixo; e sendo o seu principio o trabalho com escravos da nação; e surgindo V. do lixo da ribanceira do Pilar, para que ha de ser tão orgulhoso, meu cara de cação do escama?

Pois não recorda-se do passado, só porque a desgraça desta Latronopolis elevou-o á dignidade de seu *maior permanente*?

—Capitão, agora digo eu como os capotes, não queremos saber o que fumos, queremos saber o que emos.

—Que V. sempre foi um capote sei eu, por isso é que quero que me dê a rasão porque intrigou e desacreditou um infeliz moço, muito superior a V.

—Bem dizem que a corda quebra pelo mais fraco. Fazem das suas, praticam bandalheiras, tem seus afilhados, fazem imposições aos subalternos, e estes é que são os responsaveis, os criminosos!

Capitão, confesso que foi uma infamia que eu commetti, sujeitando-me a ordens contrarias a lei, á minha consciencia e dignidade; mas a culpa não foi minha.

—Cale-se, cousa ruim!

V. tem consciencia nem sabe o que é dignidade!

—Ouça, capitão: não gosto do moço, tenho-lhe antipathia, aproveitei a occasião; mas a culpa directa não é minha; a culpa foi do governador, cujo primo tinha um afilhado que devia ser encaixado á força, como este andava assoalhando.

—E chamam canalha os pequenos!

Quem mais canalha do que taes canalhas?!

—E' para V. Ex. ver!

—Mas, miseravel, V. se não devia prestar a tão ignobil papel!

Eu sei que um gato marisco esfaimado é capaz de arrancar com unhas as entranhas da propria mãe; mas quem feriu o rapaz foi V. que não é gato, nem cão, nem cobra; é apenas um venenoso lacrau, nojoso insecto que um pé descuidado esmaga com facilidade; hediondo animalejo a causar asco, triste painel do que é a falta de intelligencia.

—Capitão, deixe fallar a verdade; V. Ex. vae n'uma descompostura furiosa contra mim e breve tira-se de seus cuidados e é capaz de injuriar-me com o epitheto de *individuo*, o mais despresivel dos nomes, de que usam as meretrizes.

—Que besta!

—Confessando a verdade, não mereço castigo.

Insultei o homem nas minhas partes, desacreditei o, carrego com a responsabilidade dos actos do primo do governador que é o verdadeiro governador, tudo porque não gosto delle; não posso tolerar que seja cousa na minha vista quem na minha vista de nada valia.

—Pois bem, a sentença que proferiste é a tua: na minha vista não serás pessoa tu, que foste conducção de lixo e terra na montanha.

Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Um sopapo neste biltre que lho quebre os oculos; depois despe-o das insignias, e para elle se lembrar do seu tempo, emprega-o na *limpeza* dos presos de bordo.

—A's ordens.

—Quanta palavrada!

—Tambem aqui não ha moças.

—Bravo! então quando não estão presentes senhoras pode-se fallar em publico quanta asneira se quizer? ficam suspensos o codigo e as posturas?

—Depois estamos no campo de Santo Antonio, onde ha poucas casas e em grande distancia.

—Mas hoje é 4 de novembro, vespera de festa, o largo está concorrido, e não posso tolerar que aquelles guardas do 110 sahissem de sua guarda á Correcção para darem, em publico, tão triste idea de si e de mais alguma cousa.

—Tambem V. está feito a palmatoria do mundo!

Ha de tirar bem resultado de sua *catonice*....

—Embarcou o batalhão Princeza Imperial, acompanhado, como se annunciou pelo 107 da guarda nacional e recebido no arsenal pelos voluntarios Princeza Leopoldina.

—Foram tambem os couraças e uma companhia de zuavos.

—Tudo luzido.

—Depois da missa e da bençam da bandeira, dirigiram-se ao arsenal, onde teve logar a allocução official a cavallo, e onde S. Ex. com sua gente desamparou um sublime orador que fazia um brilhante discurso, só porque o homem pronunciara palavras, cujo sentido aqui damos, sentindo não poder repetil-as: « Os grandes formam as crises, voltam a seus palacios e reclinam-se nos divans; o povo é quem paga as favas! »

—S. Ex. não gosta de palavras, quer factos; foi por isso que, sahindo, na procissão, dentre os seus, dizem que prendeu um capitão de policia, facto de que ainda não tractou a *imprensa graúda*.

—Eu bem digo; quando vejo aquelle homem com sua farda bordada, seu chapeu armado, parecendo um brigadeiro, ninguem me tira da cabeça que S. Ex é um valentão.

—Voltemos aos voluntarios, e peçamos a Deus para que voltem contentes e cobertos dos louros da victoria.

—E nós que os vejamos.

A PEDIDO

Casal padre Alexandre.

III.

Continúa ainda o Sr. Francisco de Amorim Falcão no seu premeditado intento de procrastinar a causa em que com elle estamos empenhados.

Continúa ainda com a mais escandalosa trica e com a mais requintada chicana, que felizmente com brevidade, attentas a honestidade e justiça dos tribunaes do paiz, serão inteiramente debelladas.

O Sr. Amorim tem rasão de proceder assim; vive dos rendimentos do casal, tem 750$ annuaes de uma casa sita a Nazareth; tem caza para morar, tem lenha, agua para gasto e para vender; tem pedras e fructas que tambem vende, arrendou parte da fazenda ao tabellião Lopes por 400$, o qual tira diariamente oito ou dez feixes de capim que ficam em sua porta á Praça de Palacio, e pedra que tambem vende.

Tem rasão o Sr. Amorim; tem bens alheios para desfructar, não lhe é preciso trabalhar, apesar de ter alugado um corredor, onde uma ou outra vez apparece algum remendo, e onde sempre é grande a palestra, principalmente com um seu honrado compadre e amigo e conselheiro, que ha de dar contas a Deus ou ao diabo do que tem feito por cá.

Tem rasão o Sr. Amorim de tudo atropelar.

E atropelando, fez o seguinte:

O Sr. Dr. Candido Gomes de Castro, depois de lançado, mandou os autos sem contrariedade alguma; mandamos os conclusos ao Illm. Sr. Dr. provedor; este por sua reconhecida probidade julgou por sentença os habilitandos habilitados, filhos do fallecido Dr. João Gonsalves dos Santos; o Sr. Amorim appellou da sentença para o superior tribunal da relação!

O illustrado publico attenderá que dentre todos os interessados no cazal, foi o Sr. Amorim o unico que se oppuzera, e a quem foram com vista os autos por duas vezes; na primeira o advogado appareceu com o seu *afinal direi*; na segunda nenhuma contrariedade appareceu. O que querem é dilação, demora; as ferias estão perto, é preciso ir entretendo o tempo, até que ellas cheguem.

Os habilitandos.

Roga-se ao muito digno Exm. prelado o favor de fazer um codigo ecclesiastico, marcando penas aos crimes praticados pelos padres, como por exemplo raptarem moças e levarem-nas para as sachristias das matrizes, como dizem que aconteceu em S. Pedro.

Espera-se de um prelado probo e virtuoso ser attendido.

Um fogueteiro.

Roga-se aos Exms. Srs. presidente, commandante das armas e commandante superior, que não consintam que os fogueteiros, nos seus fogos de artificio, apresentem figuras de militares, visto serem classe respeitada.

Espera-se ser attendido.

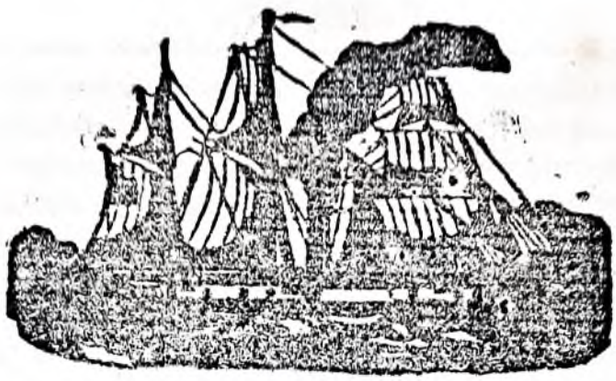
O amigo do amigo dos padres.

ANNUNCIOS.

O proprietario da padaria á rua do Tingui tem a honra de participar aos seus freguezes que na mesma casa tem aberto um deposito não so do celebre pão francez como de massas finas, além de um completo e escolhido sortimento de molhados, que além da boa qualidade tem a mais a vantagem da commodidade dos preços.

Quem perdeu ha nove mezes uma mula toda preta, dirija-se a esta typographia que se lhe dirá quem a tem, pagando as despezas do annuncio.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 29.ª BAHIA 9 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 285

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 8 de novembro de 1865.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe por mais uma vez providencias para que seja concertado um cano que do quintal do Sr. Olympio Manuel de Castro despeja para a rua dos Capitães, o qual torna-se insuportavel a quem por alli mora. Esta providencia é da mais urgente necessidade, neste tempo em que estamos ameaçados de ser visitados pelo terrivel cholera.

—A' mesma, pedindo-lhe providencias sobre as aguas podres que constantemente correm pela rua de Baixo; providencias estas tantas vezes reclamadas, e que nenhuma attenção tem merecido da Illma., mas agora, espera-se, (ao menos em consideração á saude dos Srs. vereadores, que corre tanto risco como a de qualquer pessoa, si acaso vier o cholera) que se procurará remediar o mal.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, participando-lhe que nos informam que vae dormir em sua casa, todas as noites, um certo tenente que se acha preso, o que, a ser verdade, espera-se não continúe.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que va ás Portas de S. Bento e intime os visinhos do theatro que não continuem a entupir um caco ou bocca de lobo que alli ha, com cascas de laranja e de limão, espinhas de peixe e cisco, occasionando tal accumulação um mau cheiro que não pode fazer bem a quem tem nariz.

Si reincidirem, multe-os ou conduza os ao porão deste navio, para terem conveniente destino. Cumpra.

—Ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que va ao 2.º andar do sobrado nº 31, ás Portas da Ribeira, e *peça por favor* ao dono da casa que não continúe a aromatisar os narizes dos visinhos com a expulsão para rua de materias fecaes e urinarias, o que se espera da bondade de quem receber o recado. Cumpra.

Indagações policiaes.

—Quem são *aquelles tres sujeitos*?

—.....

—São cazados?

—.....

—O estabelecimento delles faz vista? parece dar grandes rendimentos? quanto pode render mais ou menos?

—.....

—Vejam que tino! que perspicacia! que actividade!

Sabe do que lembrou-se o Sr. Dantas?

—Não.

—Officiou ao director da faculdade de medicina que désse posse de lente de physiologia ao Dr. Sodré, visto que ha «vantagem ao serviço da faculdade em «ser desde ja empossado o referido «lente.»

E isto aos 31 de outubro, justamento o mesmo dia em que se deram ferias!

Apesar do não apresentar titulo!

Apesar de a isso oppor-se o aviso do ministerio do imperio de 5 de maio de 1859, não havendo urgencia, visto estarem incerrados os trabalhos da schola!

—Onde viu V. isso?

—No *Diario* de 7 do corrente, pag. 1.ª, columna 2 ª, linha 72.

—Cousinhas da epocha.

—Dizem que o vigario Rocha Vianna não consente que em sua freguezia celebrem ou façam qualquer officio religioso os frades de qualquer ordem.

—Ja ouvi dizer; ainda hontem um veneravel franciscano foi celebrar na capella do Rozario da Baixa dos Sapateiros, e o *reverendo* não quiz.

—Si elle diz que disse que depois de uma questão na matriz com o Affonso Moura, nunca mais lhe havia de pisar na freguezia religioso algum!

—Tem rasão de dizel-o, porque quem fel-o padre foi um frade. Só me admiro é de S. Ex. Rvma consentir na dictadura paraguaya do Sr. vigario bacharel.

A PEDIDO

—Conheces o sagui?

—Nem o macaco.

—Não conheces o mingotinho, namorado salpreso, que ja bebeu veneno por uma deidade?

—Não conheço.

—Um que ja levou taboca da Rainha dos Mares; que anda de galha em galha e pisando nas seccas, pois que até hoje não achou quem o quizesse?

—Talvez conheça; mas o que fez elle?

—Occupa-se do *Alabama*, e unido a uma sucia, quer saber quem seja o author das accusações ao Rei dos moleques, como si todos não soubessem de seus feitos que são publicos e notorios. Admira-se de quem quer que é, que está muito ao facto da vida delle, e deve por tanto ser ou ter sido amigo delles.

—Ora deixe viver em paz o tal sagui; quanto á pretenção de saberem quem é o *promotor*, o Rei dos moleques olhe para a frente e para a trazeira que ha de encontral-o.

—Capitão ahi está o recrutamento para a marinha e acabou-se o do exercito.

—Que tem isso?

—Tem que venho lembrar-lhe para um logar na marinha o celebre Rei dos moleques, que ja tem muita pratica de subir em paus de sebo, e por tanto apto para o serviço dos mastros.

—E não sabe de mais alguma cousinha para recommendal-o ao conselheiro J. J. Ignacio?

—Isto é cousa que se pergunte nem falte!

Ora vá ouvindo, capitão:

Quando houve uma festa de Nossa Senhora da Conceição, elle, depois de andar pelos *mares*, foi ter com o thesoureiro que tinha nesse dia muita gente em caza, e aproveitando-se da confusão que alli havia, furtou o paletot do homem com algum dinheiro e registros que no bolso estavam.

—Oh! Sr.! é um olho vivo desesperado! não deixa passar camarão pela malha!

—E a lingua, capitão?

Pois este patife, quando estava com *Yayazinha*, não insultava horrorosamente suas proprias tias, so porque ellas estavam zangadas com elle! E que nomes, capitão! que terriveis injurias! que desaforos! Elle que veiu a precisar dellas, á cuja custa vive, porque tem de graça comida, vestiario e casa!

—Pobre diabo!

(Continúa.)

—Como appareceu F. C. no *Jornal*, injuriando a todos, e como F. C. não é mais do que um pobre testa de ferro, visto que não é elle membro da commissão dos academicos—pede-se ao Sr. Ladislau José de Carvalho e Araujo (que não se quiz acompanhar com os Srs. Demetrio e Alvim e que acceitou comtudo a commissão não sei para que) o favor de declarar o seguinte:

Quanto recebeu de assignaturas; de quem recebeu-as; quanto gastou na le-

genda; quanto sobrou, visto que tem tanto dinheiro para entregar a todos que forem reclamar sua assignatura: quantos quilates tem o ouro que serviu na legenda, visto que S. m. diz que o ourives lhe disse que se não pode fundir ouro de desoito quilates.

Espera-se que S. m., descendo da altura de sua honrada pobreza, acompanhe, respondendo, ao

Curioso.

FOLHETIM

PALESTRA

A BORDO DO *ALABAMA*.

Novo personagem mis en scene. Apontamentos historicos e geographicos sobre a Arabia. Descoberta do folhetinista e sua abnegação. O ginga e sua divisa. A resurreição de Roma corrupta. Vagas considerações. Noticia infausta e previdencia fallaz. Besta biblica em perspectiva. C'este finie la contradanse.

III.

A uniformidade no gosto é o impossivel da humanidade, é o Prometheu da fabula.

O meu amigo inseparavel, o incomparavel—*cabelleira ou cache-tête—de florida memoria*, unico que tem lido a palestra antes de sahir no prelo, exprobrou-me a falta de eito nos assumptos de que tenho me occupado, achando-os disparatados.

Quando impertinente, a censura doe, e esta a principio molestou-me.

Debalde fiz sentir ao *cabelleira* que si o folhetinista não é um Athlotas na invenção, assemelha-se mais a Pindaro pela novidade dos pensamentos, e pela gravidade das maximas,—gosta mais dos abalos que dos embalos—, tudo combateu sem um argumento serio.

A' força de um soliloquio, chegando á conclusão de que o juizo do dito meu amigo, pelo abafo abaetado da sebosa carapuça que o involve, está em estado deleterio,—deido varrido,—qual, Bocage á Nise, lagrimei-lhe a sorte, e de levante retirei-me.

Justificado assim o incidente para obviar futuras arguições de futuros carapuceiros, a pareça alguma coisa que se pareça com palestra.

Este governo está muito *arabe*, e esta nacionalidade não é das mais invejaveis.

Os arabes, descendentes de Ismael, filho do patriarcha Abraham com Agar, sua ancilla, por isso que o seu progenitor foi desterrado e desherdado, julgaram-se, e julgam-se ainda com o direito inauferivel de *tirar a coisa alheia contra a vontade de seu dono*, e nessa qualidade são subtis, magicos, do olho vivo, ou como melhor nome queiram dar-lhes.

Si directamente pelo estreito de Behring que une a Asia á America, si indirectamente pelos do Hellesponto e Bosphoro da Thracia que unem a Europa á Asia, si finalmente pela reincarnação das almas arabes entre nós, segundo a metempsycose da moderna sciencia spirita,—não sabe o folhetinista como vieram para o Brasil os arabes; o que sabe, porem, affirma e jura é—que elles aqui estão de facto e de direito, e a todas as classes, sem excepção de uma só, baixas e elevadas da vida humana, tem-se dedicado, principal e especialmente á politica pela vastidão do campo, e certeza da colheita.

Eis-nos, por tanto, arcando com uma invasão assoladora, maior que a dos piratas normandos no occidente da Europa, cujos males são incalculaveis.

A sanie podre e tabida que poreja da sociedade, as *nuanças* grosseiras e improvisadas, que se dão na sciencia de dirigir os povos, e que assemelham *em contraste* os seus authores á faxa do arco-iris pelo *melange* das côres, são effeitos directos desta invasão *arabico-beduina*.

E' a *arabia*, leitores, è a maldita *arabia* a causa de tudo isso.

A palavra—contraste—, empregada na comparação supra, não julguem-a desnecessaria; foi usada de proposito para pôr bem em relêvo a semelhança, que ficaria sombreada com a sua falta;—é o matizado do quadro.

O folhetinista explica-se melhor.

Assim como o arco-iris é o signal da alliança que Deus fizera com o homem para não mais acabar o mundo por diluvio,—é um pacto de bondade; assim tambem a variegada multidão de cores que tem certos politicos, *os arabes*, é o caracteristico que tem o povo para no dia do banquete das urnas, repellir com asco e indignação esses miseraveis d'alma, que só curam de si, gema quem gemer,—é um saldo de contas, é um ajuste de vingança.

Queridos leitores, o folhetinista, por este supremo exforço ou puxo que den na via da humanidade, descobrindo a causa efficiente do mal publico, nada quer para si, porque o seu principio é o desinteresse, o bem publico sua lei, sua religião a charidade; o que quer é para outros, e por isso pede, supplica, roga e implora que, ja que não ha logar para tanta gente, ao menos o *chefe ostensivo e official desses politicos arabes* de nossa terra seja collocado onde outrora esteve o ginga da cadeia, com a se-

guinte legenda em caracteres indeleveis:

Das arabias a politica
poz-me nesta condição,
no mundo foi minha sina
de gallo virar capão.

O pedido é pequeno; do Capitolio se avista a rocha tarpeia, dista só um passo.

Basta de arabia, e menos que fôra bastava, afim de a palestra não ficar *arabict*.

Por uma retroacção, os tempos romanos estão apparecendo entre nós, mas são os da Roma corrupta dos Cezares, —amaldiçoada, e agonisante na enxerga da orgia e da infamia.

Os Caios Graccos, e os Quintos Curcios, em caricato resurgem á toda hora, e ainda mal para elles, porque a opinião publica, apezar da impropriedade das mascaras, ha muito que os vira e revira por dentro e por fora, lançando-lhes o anathema do despejo e do cynismo, da protervia e do crime, em que tem se atolado para não mais levantarem-se.

Melhor seria que se appellidassem de sujos traficantes do interesse publico, Quasimodos phisicos e moraes, venigos mercadores do templo, novos Cains do lar da familia.

Não ha laço mais indissoluvel que o da cumplicidade dos delictos, e pois, não é de admirar da juncção dos pseudo-Graccos e Curcios.

Continuem, por que tudo se ha de ver nesta terra onde a audacia inconsiderada é elogiada como coragem estimavel, a precipitação insensata tida em conta de valor, a traição infame—nobreza d'alma, a aberração dos principios de justiça e de moral—uma virtude.

Apedrejem o sol no occaso, offusquem e embrum m a verdade, mas contem que o sol sempre ha de nascer, e a verdade apparecer, porque o erro, bem como o corpo, traz em si o germen de sua destruição.

A lucta principiada no parlamento pelo vehemente desejo do poder, pela ambição esfaimosa de uma *pasta*, ha de ter fim, e ai d'aquelle que se envergonhar com a narração da historia,—seus precedentes e consequentes.

Ditas por *summa capita* estas palavras que, por mais de uma pessoa, hão de ser traduzidas ao pé da letra e em sentido elegante, venha outro assumpto.

Pelo paquete *Rhone* vindo no 1.º do corrente da Europa, chegou a sempre infausta noticia de que o cholera invadira a Italia, a Allemanha, a França, a Inglaterra, a Hespanha e Portugal.

—E' pela 3ª vez, diz o correspondente de Lisboa para o *Jornal*, que os fanaticos musulmanos regressam da peregrinação de Meca, trazendo este inimigo.

Como veem ainda os leitores, é de Meca, capital da Arabia, que vem mais este flagello, além dos que foram apontados. A' vista disto digam la si o folhetinista tem ou não rasão de odiar e detestar de morte os arabes.

Com esta nova que a todos deve aterrorar, espera-se da administração e da policia, toda a vigilancia e prevenção, mais que a empregada em Santo Amaro e Cachoeira, onde ja estiveram em tempo identico e obraram prodigios de valor.

Quem não sabe acudir aos gemidos da humanidade na agonia da dor, no leito da morte, menos sabel-o-ha nos dias de descanço, nas necessidades communs.

Ss. Exs. com o cholera ja tem um nome feito, è preciso não perdel-o, porque perdido, é como a vergonha que não volta mais.

A calamidade é grande; além da guerra a ameaça da peste.

Por tudo,

Chora, infeliz cidade da montanha, que a fatalidade pesa sobre ti!

E a fatalidade é a onda negra que quer submergir-te.

E a fatalidade è a podre elephantiasis que te ulcera o corpo.

E a fatalidade é o horrivel pezadelo que quer esmigalhar-te.

Mais que a guerra, mais que a peste, chora a ingratidão de teus filhos;

Porque justa é a guerra, Deus misericordioso, perfidos teus filhos.

Ao envez de Saturno que os devorava, são elles que querem sugar-te o sangue das entranhas.

Vesuvios da ambição, qual a Herculanum e Pompeia, procuram soterrar-te.

Nas tuas agonias, nova Ninive peccadora, lança os olhos para o Alto, porque o Deus de Israel ahi está, e a sua misericordia é maior que a justiça.

Ora e serás ouvida, supplica e serás attendida, cahindo so o castigo sobre os criminosos.

Quasi que com este arremedo biblico me perco como papagaio que quebra o fio, e não sei mesmo onde iria parar.

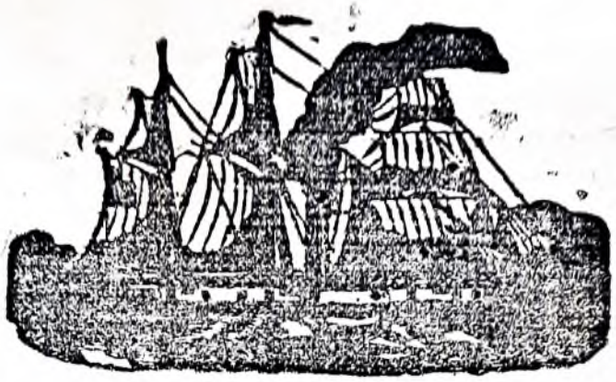
Felizmente accordei em tempo.

Houve uma grande revista militar, e a ella compareceu o Napoleão de ponche. Não houve Orsinis, mas la esteve o padre Verger.

Acabou-se o recrutamento, dizem as gazetas; está acabada por hoje a palestra, diz o folhetinista; e por tanto imprima-se.

Umbelino.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 29.ª BAHIA 11 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 286

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de novembro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que se digne POR FAVOR lançar suas vistas para a ladeira d'Agua Brusca, onde existe um enorme buraco, assim como para a Agua de Meninos onde existe um outro defronte de uma venda, os quaes se acham abertos ha muitos mezes, sem que a Illma. dê accordo de si.

Espera-se que mude o procedimento dos dignissimos vereadores que parece estão mais cegos do que os que não querem ver.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que dê as providencias que julgar convenientes sobre o facto de andarem, na segunda feira 6 do corrente á noite, diversos officiaes do 107 a cavallo e a galope, espantando as pessoas que passavam pelas ruas do Boqueirão e Direita de Santo Antonio. Como tal brinquedo é contrario ás leis do paiz, dá-se a S. Ex. sciencia do facto, e dos detalhes pode S. Ex. informar-se melhor do Sr. tenente Clarindo que com elles demorou-se algum tempo a conversar.

E' preciso que certos militares provisorios saibam que ha lei que os pode conter.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que foi arrombado um botequim defronte da capella do Rozario da Baixa dos Sapateiros; o que pode ser visto, revisto e examinado por quem se quizer dar ao trabalho.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que informe em que pé está o processo intentado por occasião do desastre ultimamente succedido em Itapagipe, no dia 5 do corrente.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, partecipando-lhe que na loja nº 28 Atraz da Sé, reune-se uma porção de meninos que alli jogam, *divertimento* com que dizem que lucra o dono da casa; o que é facil de suppor, á vista do consentimento que elle presta á *cousa*.

Espera-se por tanto que S. S. faça-lhe uma visita e applique-lhe a lei que é infelizmente tão benigna para quem gosta de taes brinquedos.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que faça com que uma tal Joaquina do André Pinto, moradora á rua do Arcebispo, se dê ao trabalho de curar uma sua escrava, a qual anda pelas ruas em perigoso estado de saude, bastante maltractada de um peito que tomou quasi

o tamanho de um pote, dizem, por pancadas que lhe dera a supradita senhora.

Taes factos bem que pertencentes á vida particular, desde que são expostos ao publico, acham-se sujeitos a severa censura, principalmente, infringindo e postergando as leis da humanidade e religião, que mandam amar o proximo, curar dos infermos, soffrer-lhes as fraquezas; obrigação que cresce, sendo os infelizes pessoas de quem tiramos algum proveito.

Espera-se por tanto que S. S. faça o que intender conveniente, ao menos para tirar da vista do publico o facto repugnante de uma mulher monstruosamente inferma, quasi a desfallecer, trabalhando comtudo para um senhor que lhe não suavisa as dores.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, pedindo lhe por compaixão suas piedosas vistas sobre uma caza que ha no beco do Grelo, na qual joga-se desabridamente, indo alli perder-se os voluntarios da Princeza Leopoldina, que sahiram de lá desesperados sem vintem para comerem.

Recebe-se aqui diarias queixas contra a actividade de S. S , mas espera-se comtudo que uma providencia efficaz venha pôr cobro ao crime repetido que se commette naquella caza publica.

E até ver não pode ser tarde.

—Eu officio a tres sujeitos para que, formando uma commissão, agenciem uma subscripção entre os negociantes, a fim de calçar-se uma rua.

Apparecem depois tres *tios nossos*, adulam-me até porem-me no inferno, e promettem pegar na cousa, isto é metter mãos á obra.

Eu que prometti anteriormente dar um auxilio á commissão, (apezar da lei do Sr. Tiberio e dos seus que obriga os proprietarios a fazerem a calçada) com a maior facilidade deste mundo saco, de um cofre que não é meu, *quinze contos de reis*, e dou a meus felizes aduladores..... *cousinhas*!.....

Chama-se a isto governar com tino, cumprir leis....

—Mas olhe que é caro um elogio de gazeta por este preço!

—Chegaram, dizem as gazetas grandes, 112 voluntarios.

—E em tal estado que mereceram geral censura das pessoas que os viram na cidade baixa; vinham até descalços!

—Ora, Sr. alferes, pois isso tem termo?! O Sr., por não poder satisfazer seus instinctos brutaes, infringiu o 8.º mandamento, calumniou um subalterno, disse que elle fizera entrar e estar no quartel uma mulher! Fez assim com que fosse preso o moço!

—Eu vi a rapariga.

—Mas o Sr., si viu-a, foi na porta, levando comida ao moço.

Mas eu agora vejo o Sr. sahir muito delambido e requebrado, do interior do quartel com essa rapariga que ahi vae. Que merece que eu lhe faça?

—Nada, porque não tem direito de metter-se nos negocios alheios; o que me poderia succeder era o offendido dar tambem parte de mim e eu chupar como elle, alguns dias de cadeia.

—O offendido não fará isso; eu o que farei é mandal-o ja e ja conduzil-o á *cavallaria*, afim de ver si toma alli juiso.

—Oh! que fortuna!

—Boa ou ma?

—E' *boa* toda *ventura*, capitão.

—Ouvi dizer que o quartel 110 tornou-se eschola Kaemme.

—Como?

—Pois não tomou um estylo de certo commandante de batalhão!

—Explique-se.

—Dizem que o mestre da musica deu bolos n'um musico que foi tirado da fileira para tocar ferrinhos.

—Olá!

—Sr. commandante do 110 e mais gentes a quem compete, providencia!

—Oi-i, oi-i, oi-i, abri oio!

—Que é isso pae? arreia! ja vaes com um bahu sem dono!

—Nan siô, ère tem sua dono novo, veia ja morê.

—Então esperaste que o dono morresse o levas o bahu!

—Are-rá, mia siô!

—Arreia quero ver o que levas! Ah! é roupa velha; para ondo levas este traste tão pouco usado? este parece dos que vendi ao *Bahia*.

—Mi nan sabe di esse, fara cum anani qui faze arranjamento.

—Donde vens?

—Mi vem di rua de João-grande, mi vae ni casa de consi de anani de siô Ruca qui morê.

—Ora ahi está porque o Gallinha tambem queria ser consul; dize a elle que mande voltar o bahu para a mulher que tractou do homem até elle morrer, e que bem precisa disso; que deixe-se de ninharias que desacreditam.

—Bença, siô; mi faze esse mêmo.

—Sabe d'uma novidade?

—Qual?

—Na thesouraria da fazenda não ha obrigação de haver dinheiro miudo.

—Mas....

—Um moço foi receber o ordenado de 30$ rs., e o pagador Pires disse que so havia cedulas de 50$ rs., que a thesouraria não tinha obrigação de ter cedulas de menor preço, que quem quizesse receber o ordenado levasse troco, qui si o moço quizesse o ordenado de 30$ rs. levasse troco de 20$ rs. para receber.

—Pode ser que seja ordem do thesouro; agora é epocha das novidades, tudo pode ser sem causar espanto.

VARIEDADE.

Ha pouco tempo passava um interro por uma das ruas de Paris.

A mulher do defunto ia atraz do feretro chorando amargamente.

Um rapaz de quem havia sido namorada, quando solteira, aproximou-se della e disse-lhe:

—Não chores, meu amor, que se tu quizeres casar-nos-hemos.

—Perdoa, João, respondeu a viuva com a maior simplicidade, ja tenho empenhada a minha palavra.

Esta sahida lembra-nos outra de uma recem-casada, que estava muito pensativa no dia da boda, e que perguntando-lhe um individuo a causa das reflexões em que parecia abysmada, ella respondeu:

—Não é nada; estou pensando em quem escolherei para marido quando enviuvar.

A PEDIDO

—Capitão, um favor.

—Vamos a elle.

—Queria como passageiro que S. Ex. mandasse dar toda força de que dispoem o seu navio, e virando de bordo sobre o caes do putrido ouro, arrumasse o beque qual outro *Amazonas* sobre o homem de penteadissima cabelleira que sendo *Me* e *Ne* é tambem *Zes*, e pelo seu marinheiro 46, bradar pelo 44 até que Santa Ignez deixe de fazer tanto milagre de saccada. E recuando sempre no mesmo rumo e força, mandasse chamar o 42, para que intimem o *fidalgo de cabelleira*, que querendo ser branco *não se lembra do que fazia em pequenino*, que tenha mão em taes grafunhamentos nocturnos, e corrija sua branca metade e juntamente a garapeira ama, para que deixem de ser o almanack de quem na rua passa, até finalisar a *Guerra*.

—Tanto favor por V. só! emfim por um bom passageiro tudo se faz.

Immediato, vire de bordo, dê de rijo nesses peraltas para ver si com isto se emendam, e si continuarem façalhe fogo com o rodizio de prôa.

—Yess capitain.

—Capitão, as familias que moram na rua torta da freguezia dos Sanhaços não podem chegar á janella!

—Porque?

—Porque uma mulher que dizem ser cazada com um inspector de quarteirão,

empregado na morada dos bois, vive na janella a escandalisar o publico.

—Mas como?

—Sei la! Os pombos beijam-se, os cães mordem, o lezador da egreja dá abraços além disso.

—Quem é o marido dessa mulher?

—Sei la! Eu nunca o vi; dizem que desamparou a cuja por falta do *saúde*.

—E o zelador?

—Juro-lhe por S. João que não sei.

—Pergunte alli ao Paulo; si elle não puder informar, va a sinhá Theodora que lhe diga. Sabendo quem são os maganos, vá á ceza do tal zelador, esfregue-o, e traga a mulher para bordo, afim de tomar destino.

Para deputados provinciaes.

Dr. José Luiz de Almeida Couto.
Dr. José Theotonio Martins.
José Alves do Amaral.
Dr. Antonio Euzebio Gonçalves.
Con. Rodrigo Ignacio de Souza Menezes.
Dr. Pedro Antonio d'Oliveira Botelho.

Attenção!

Pede-se ao Sr. Francisco de Amorim Falcão, author do requerimento *filhos supposlos naturaes de F.*, que declare quem foi ou é seu pae, visto que até hoje ignora-se quem seja, até porque o putativo que o criou renegou-o depois.

Ao Sr. LADISLAU, professor.

O *Curioso* chama-se

Sebastião d'Arruda Alves Leite Branco Pacheco d'Assumpção Bom-tempo.

Chapa itapicuruana para deputados provinciaes.

João Alves Portella.
Dr. José Eduardo Freire de Carvalho.
Dr. Francisco d'Azevedo Monteiro.
Dr. Jeronymo Sodré Pereira.
Major Antonio Souza Vieira.
Engenheiro João José de Sepulveda Vasconcellos.

Será certo quo os moradores do Castro Neves deram uma queixa ao subdelegado de Brotas contra um tal Bandeira por mau visinho?

Será certo que a queixa tratava de factos indignos de uma escrava, como o *sujar* na porta de um moço de nome Evaristo, e o furto por duas vezes de um carneiro pertencente a um outro moço chamado Pio?

Será certo que o subdelegado vindo do *Candiá*, ordenou ao inspector e ao ordenança que avisassem os queixosos para comparecerem na rua do Castro Neves?

Será certo que comparecendo os queixosos naquelle tribunal de nova especie, o subdelegado mandou-os para a casa do tal Bandeira, que se achava acompanhado de um advogado e tres outros individuos?

Será certo que, negando se os queixosos a tal intimação, mostrando a inconveniencia de converter-se em tribunal a casa do reu, e indicando a do inspector para tal fim, o subdelegado foi á casa de Bandeira que negou-se a sahir?

Será certo que o subdelegado instou com os queixosos, mas que nada obtendo, gritava que, a não ser em casa de Bandeira, nada se fazia?

Será certo que os queixosos pediram outro dia e logar para a audiencia, e o subdelegado retirou-se, indo á casa de Bandeira, donde sahiu com o advogado e os tres individuos?

Será certo que até hoje, mais de um mez passado, estão os queixosos á espera de nova audiencia ou de qualquer outra solução?

E' o que se espera saber de quem quizer e puder responder.

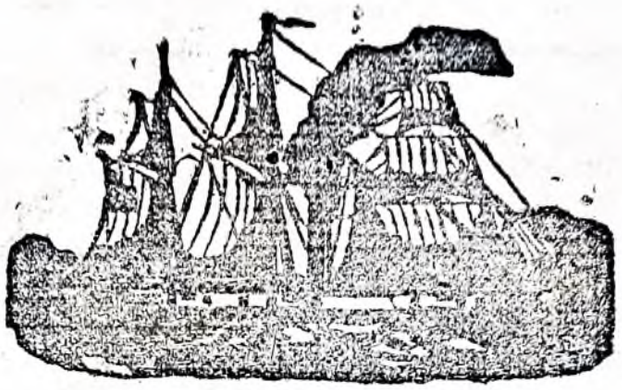
O incesto.

ANNUNCIOS.

Roga-se

A'pessoa que na noite de quarta feira 8 do corrente por engano levou um chapeu de pello por um outro ja usado, queira ir trocal-o na ladeira da Fonte das Pedras n. 25.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 29.ª BAHIA 14 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 287

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de novembro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande recolher para onde for possivel, visto que é impossivel que continúe a viver na rua, uma pobre preta velha que vive se arrastando pelas ruas da cidade baixa e que de vez em quando dá o triste espectaculo de lavar as partes pudendas nas aguas que vertem da montanha do Pilar e ficam empoçadas em frente á egreja do Hospicio.

Tal facto, como bem vê V. Ex., não pode continuar a ser reprodusido nesta cidade, principalmente fazendo reunir os moleques e raparigas, que por ignorancia ou mau instincto, zombam com apupadas e gritarias da infeliz velha que nem delles dá fé; espera-se por tanto providencias.

—Ao mesmo, louvando-o em nome da população agradecida pelas providencias que deu quanto á subida e descida dos carros que ameaçam a vida do publico; e pedindo-lhe que se digne organisar tambem a descida e subida dos mesmos quanto ás ladeiras da Preguiça e Conceição, visto que naquella é grande o risco que corre quem passa, quando elles se encontram; o que não succede poucas vezes.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande remover uma mulher que não levanta-se e que ja se preparou para morrer, amarrando até o queixo com um lenço, e que vive debaixo dos arcos do paço da camara dando um vergonhoso indicio da charidade publica desta terra e do deleixo de *algumas* authoridades.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que continúa a trabalhar com grande actividade a companhia do olho-vivo:

Um *devoto*, um romeiro, um *beato* tem de mandar dizer uma missa em acção de graças ao Senhor do Bomfim; chega á sachristia, dirige-se ao primeiro padre que encontra e encommenda-lhe a missa; o padre reveste-se, sobe ao altar, celebra, volta á sachristia, e o *romeiro* dispõe-se a pagar; mette a mão no bolso, o padre volta-se para purificar os dedos, e ao concluir procura o beato que é um refinado ladrão e que ja se tem escamado com geral admiração das pessoas presentes e desagradavel surpresa para o padre caloteado!

Uma casa de massas do Sr. Miranda a S. José acaba de ser arrombada, furtado o dinheiro e o mais que havia dentro.

No armazem de louça nº 5, á praça do Commercio, seu dono o Sr. Manuel dos Passos Silva pendurou á parede o seu paletot que tinha no bolço dinheiro e papeis; entrou uma negrinha fula, de chale, a querer comprar um porrão e encostou-se á parede onde estava o paletot, em quanto o homem mostrava-lhe um porrão que agradasse; agradou-se ella de um e sahiu, a pretexto de ir ver quem o carregasse. Não voltou porem, pois que já tinha ella levado comsigo uma lettra de 150$ passada por José Maria do Rosario ao dono da loja e a quantia de 46$ rs.; por cuja falta deu o homem, quando lhe appareceu uma pessoa a quem elle tinha de dar uns cobres.

Taes factos devem despertar a attenção da policia, que deve tornar-se mais incansavel do que a tal incansavel companhia.

—Foi demittido o *tenente provisorio* Pimentel que, repentinamente arvorado áquelle cargo com o qual nunca sonhou, julgou-se logo o czar das Russias, e mandou chibatar um voluntario da patria, que elle figurou um revolucionario polaco.

—Graças ao presidente da provincia, que dizem foi implacavel e inaccessivel aos innumeros pedidos e empenhos com que o atormentaram.

—E creio que cabe parte desta gloria ao Exm. Sr. Cons. commandante das armas!

—Ja que hoje é assim, louvores, graças a quem cumpriu o seu dever!

—O chefe de policia reuniu as authoridades policiaes para tractarem da salubridade publica.

—E' louvavel o seu procedimento; torna-se digno de encomios.

—Pede providencias contra diversos focos de infecção que existem por esta cidade, intitulados canos.

—Vi; e como tracta de um, á Conceição do Boqueirão, seria bom lembrar que com pouco muito se podia lucrar.

Esse esgoto poderia ser canalisado com facilidade até a rua dos Adobes (distancia de 4 a 5 braças) onde existe um enorme buraco, receptaculo das aguas da chuva. Essa mesma rua dos Adobes é cheia de esgotos particulares que desaguam todos para rua; poderiam elles com facilidade ser levados á citada garganta.

Na Quitandinha do Capim ha tambem um cano immundo ao ultimo ponto; desagua em frente ao sobrado dos Srs. Pitombo, com facilidade poderia tambem esse ser conduzido até uma outra garganta bebedora que existe fronteira ao beco do padre Bento. Na rua dos Marchantes, como no Boqueirão, os canos impedem os visinhos de abrirem ás janellas; poderiam estes com muita facilidade ser levados a um outro receptaculo de aguas pluviaes que perto delles existe, á Cruz do Paschoal, junto á venda do Sr. Joaquim Gomes de Pinho.

Era pouca a despeza e maiores os resultados.

—Eu sei, homem!

Como não intendo disso nada digo a respeito; o que sei é que é preciso cuidarmos na vida.

—O governo geral officiou aos presidentes das provincias para que demorassem os voluntarios que estivessem nas provincias como reserva; chega o vapor do Rio, espalha-se a noticia, e o Sr. Dr. Dantas tira-se dos seus cuidados, desaloja um chefe de esquadra e manda para o Rio de Janeiro o vapor *Izabel* levando a seu bordo 700 praças mais ou menos!

—Mas que tem isso? Eram precisos ainda quatro a cinco mil homens.

—E cabia á Bahia dar 600! E com tanta pressa que nem o soldo pagou-se aos soldados, muitos dos quaes ficaram sem suas roupas, porque mandando-as lavar, certas lavadeiras as não quizeram entregar sem os cobres nas unhas!

E as que entregaram soffreram um calote involuntario!

Foi um atropello nunca visto no arsenal de marinha: os credores formi-

gavam; as mulheres gritavam, chorando, pelo seu dinheiro; os officiaes chamavam-os para bordo e muitos la foram, pagaram saveiro, e voltaram com agua no bico!

—Ora historias! Soffrem todos pelo bem commum.

—S. Ex. tem dado seus passos para calçamento de algumas ruas da cidade, e é louvavel nisso.

—Mas é preciso que não tracte de calçar as ruas calçadas: S. Ex. não deve só cuidar das ruas do centro da cidade: a freguezia de Santo Antonio tem ruas que nunca foram calçadas; toda a extensa rua do Julião ao Bomfim precisa ja de concerto e concerto serio, total, radical; innumeras outras ruas por ahi se acham no mesmo ou em peior estado, e para ellas é que é preciso olhar-se.

—Hontem o batalhão 24 da guarda nacional voluntario foi ouvir missa ao Bomfim.

—Os soldados iam garbosos e bem preparados.

—Capitão, venho agora das Areias.

—Que dá de novo da eleição?

—Nada sei a respeito; não quiz entrar no cortiço, recei os maribondos.

—Então empine-se.

—Mas vi o exterior, dizem que o *luzitano* tem de dar pagode, mas não pagou ainda a cerveja que tomou da vez passada em mão do caloteado Chamusca.

—Quanto mais o pobre do *Yoyo-Feio* que andou convidando a todos para tomarem em sua casa um copo de champagne!

—Pois *Yoyo Feio* tirou o pé da lama e está de ventas na trampa; quem é tolo pede a Deus que o mate e ao diabo que o leve.

—Continúa a fazer festanças, ainda desempregado?

—Não, Sr,; prestou sua casa para *ponto* da eleição, por ser fronteira á egreja; havia todas as qualidades de iguarias de *nada*, caxaça, palitos etc...

—Oh! miseros votantes da Pedra do Furo, Uruguay e outros longinquos logares que ficastes com as tripas em carnes vivas!

—Pois elles bem que as podiam matar affogando-as: o baio grande dava agua de graça a todos que a iam pedir no chafariz. E depois tinham ido votantes de mais longe; tinham dado reforço todas as freguezias da cidade, tinha ido gente de Maré, Pirajá Passé, Cotegipe, Paripe, Itaparica etc.

—Oh! bemaventurada potencia do mingau que assim resolves e revolves uma provincia inteira! santa e magica influencia da nunca assaz cantada cabeça de carneiro, eu curvo-me ás provas convincentes do teu inconquistavel poder! dictador eterno dos siris e mariscos! campeão victorioso das moquecas de pagode, quem ha que possa resistir a teu immenso poder?....

—A verdade, a verdade, a verdade, Srs. potencias de *areia*!

Deem seus pagodes de palitos e lombos de caxaça; mandem certo padre tocar vu; mandem o irmão de Yoyo-Feio fazer versos; façam do samba caballa, mas a luz da verdade ha de descobrir as imposturas e o castello de *areia* ha de cahir.

—Está bom, Sr.; faça ponto e vá ver o que se passa no interior do templo.

—A cidade não está, como se diz em socego geral.

Um guarda do 107 passa pelo beco do Oratorio, sahe de um daquelles cafogis uma furia com um cassête na mão, bate no rapaz e deita-o por terra.

Uma crioula que vende peixe, uma carcundinha, espanca uma outra em companhia de diversas, e a infeliz ja deu alma a Deus.

Um filho do Sr. major Marinho é convidado a um baile, e ao sahir delle é barbaramente espancado pelos convidados que lhe quebram a cabeça.

Registra-se estes factos para que os vendedores de pomada não julguem que o povo engole araras.

A quem compete.

O mestre da musica do batalhão 110

deu bollos n'um guarda nacional; demos noticia do facto e um dos irmãos do Sr. tenente coronel, tenente do mesmo batalhão, achou que ficava desculpado o mestre, assoalhando que a noticia fôra publicada, porque o sargento mestre renunciara comprar-nos o artigo que sobre isso tractava.

Os nossos assignantes, o publico que nos tem acompanhado desde 1863, nos julgarão.

E Ss. Exs. os Srs. presidente da prosidente da provincia, commandante das armas e commandante superior dirão si pode ser um guarda nacional castigado a bollos, por não ter apparecido no quartel....

A PEDIDO

E' candidato a deputado provincial o Illm. Sr. Dr. Francisco de Almeida Sebrão Filho. Cidadão amante de seu paiz, homem de lettras, sectario da liberdade bem intendida e da ordem, o Sr. Dr. Sebrão é digno da honra que solicita.

Um eleitor.

Para deputados provinciaes.

Dr. José Luiz de Almeida Couto.
Con. Rodrigo Ignacio de Souza Menezes.
Dr. Pedro Antonio d'Oliveira Botelho.
Dr. José Theotonio Martins.
José Alves do Amaral.
Dr. Antonio Euzebio Gonçalves.

—Capitão, ha dias que não apparesço para dar-lhe noticias do *cujo*.

—Que *cujo*, Sr?

—Ora que cujo! o cujo mesmo, o abutre ainda mais voraz que o que despedaça as entranhas do Prometheu; o alicantineiro mór; o detractor que tira de si defeitos para lançal os sobre os outros; o biltre que, apesar de tantos crimes, vive até hojo impune; o homem feliz, que si vivesse em outro paiz que não fosse Latronopolis, não andaria espalitando os dentes, enchendo as ruas de pernas e esvasiando as algibeiras dos outros;....

—Sr., alto lá, tenha mão! onde vae parar?

—.... o celebre Salú, o decantado Rei dos moleques.

—E que tem ainda esse diabo?

—Venho pedir-lhe o seu muxingueiro....

—Ora da-se! Então quando vossês querem fazer suas pirraças, intendem que devem incommodar-me!

Emfim.... como não quero ver aquelle ruim traste, vá-se V. com Deus e o muxingueiro.

Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Que exige V. do rapaz?

—Que dê no tal sujeito de 500 a 1000 tacadas para tomar vergonha.

—Mas que fez de novo?

—Muita cousa, capitão; mas não conto para não massal-o.

—Refira um facto so que eu despacho o *freguez*.

—Tomou emprestados umas calças de casemira em mão de um escravo de *vovô*, de nome Hypolito e nunca mais entregou-as.

Quando o moleque animou-se a pedil as, mostrou-as elle em misero estado, de sorte que nem para o escravo serviam!

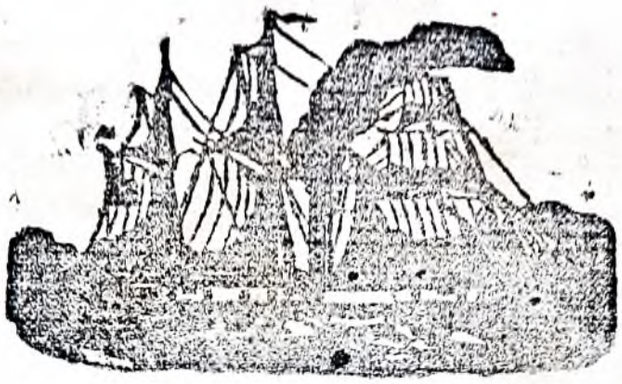
—Vae, vae, muxingueiro, arranjate la com este Sr..

Nunca vi tanta cousa por junto assim! Safa!

ANNUNCIOS.

Manuel dos Passos Silva gratifica com a quantia de 20$ rs a quem lhe der noticia certa ou antes lhe levar a quantia de 46$ rs. e uma lettra de 150$ rs. passada por José Maria do Rozario, que hontem ás 9 horas da manhan lhe furtou de sua loja á praça do Commercio uma creoulinha fula, rebuçada n'um chale.

João Capistrano Fernandes, tenente dos couraças bahianos, não tendo podido, em vista da rapidez com que fora ordenada sua partida, se despedir de todos os seus amigos e conhecidos, o faz por meio do presente pedindo-lhes desculpa de sua involuntaria falta. Bahia 4 de novembro de 1865.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

SERIE 29.ª BAHIA 16 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 288

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de novembro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, partecipando-lhe que a empreza da limpeza, não trabalha presentemente com 65 carroças, como é de sua obrigação; observação que se faz porque para freguezias extensas como é a de Santo Antonio so apparecem quatro carroças, ás 8 para 9 horas do dia, ficando algumas ruas em ar de quem não viu vassoura; exemplo, a rua Direita de Santo Antonio, depois do beco do padre Bento, cujos moradores ficam com o cisco á porta, vendo o carroceiro voltar do meio do caminho, por ser ja tarde e a carroça estar cheia.

E sendo assim, e resumindo-se a limpeza a sete freguezias, e suppondo todas, maiores e menores, favorecidas com quatro carroças, o numero total vem a ser vinte oito, menos de metade das estipuladas no regulamento; o que é.... falta do cumprimento de deveres.

V. Ex. pois deve mandar examinar si é isso verdade ou não, afim de providenciar, como for de justiça.

— Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que peça tambem o concerto do cano que ha no quartel de policia, o qual se acha nas mesmas condições de um que existe no quartel da Palma, para o qual tem se embalde pedido a attenção de quem compete.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que os ladrões foram á casa do Sr. coronel Lima, á Fonte das Pedras, no dia 12 do corrente, em occasião em que sabiam que o dono não estava em casa, e com alavancas tiraram a soleira da porta da cosinha, e adiantaram-se até um dos quartos, não seguindo adiante por ter naquella occasião tossido uma preta que alli se achava.

Dá-se sciencia destes factos para que desperte a actividade de alguem, de quem se espera algumas providencias.

—Ao Sr. subdelegado de S. Pedro, pedindo-lhe que não espere pelo calçamento projectado pela rua de Baixo que não pode effectuar-se nestes dias; que por tanto mande ao menos fazer uma cerca em roda do enorme buraco que nessa rua existe, afim de evitar algum sinistro, que so por milagre de Deus não tem até hoje se dado.

—Ao Sr. subdelegado do Pilar, dizendo-lhe que tenha paciencia, e que apezar de terem furtado a cerca, deve com tudo S. S. mandar collocar uma

outra ao redor do um buraco que existe n'Agua de Meninos, até que a camara se digne providenciar.

—Ao emprezario da limpeza, pedindo-lhe que mande limpar a Praça de S. João, em frente aos talhos, a qual parece que não merece as boas graças das pás e das vassouras dos seus *numerosos* empregados.

Espera-se que um pedido tão simples lhe não desafie a cholera e faça vomitar contra nós toda a bilis do seu rancor; o pedido que lhe fazemos é somente filho do desejo de vermos a lei cumprida e garantida *nossa* saude, *quæ in dubio est*.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande varrer a ladeira do Taboão e Fonte dos Padres que se acham bastante sujas, parecendo que por alli não passam empregados do aceio.

—Ao mesmo, perguntando-lhe si está ou não comprehendido no contracto o Campo Grande. Faz-se-lhe esta pergunta pelo simples motivo de achar-se a frente da casa do Sr. Dr. Victor de Oliveira inteiramente porca, ha muitos dias sem que mão charidosa, bem que *subvencionda*, tenha se dado ao trabalho de remover as bellezas da limpeza.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao Gravatá, venda de *José sem Tripa*, e faça pelo muxingueiro dispersar à taca uma porção de negras que alli vivem a fazer das portas quitanda, escandalisando o publico com algazarras e immoralidades. O que cumpra.

—Capitão, uma providencia contra o cholera.

—Ora apreciemos este novo professor de hygiene!

—Ja não houve um tempo em que era prohibido comer chouriças e paios?

—Mas isso nada vem ao caso.

—Ja não foi prohibido comer tainhas do Rio Grande?

—Cifra-se nisto a sua descoberta? quer de novo a prohibição das chouriças, dos paios, dos queijos e das tainhas salprezas?

—Quero que ninguem mais coma batatas!

—Ora pelo amor de Deus, rapaz!

—Pelo amor de Deus, rapaz?! Ora veja la si eu, sem saber hygienne, não sou mais diligente que o inspector de saude.

Dê um passeio á Quinta dos Lazaros, visite o cemiterio e admire que lindo batatal ha por alli; repare depois si as batatas não crescem justamente por cima das sepulturas; repare mais em que muitas dellas crescem logo na frente da antiga capella, logar onde se sepultava pela epidemia; e diga-me, si os pretos *livres* tirando-as, vendendo-as, dando-as, assim como os pedreiros que por alli trabalham, podem ou não d'uma para outra hora *embatatar* toda esta cidade.

—Não tem duvida, o caso é serio, e batatas dos defuntos podem tornar-se um meio de desinvolvimento para o mal de que fugimos. Bem que o Sr. inspector de saúde seja membro da administração da Quinta, vou comtudo officiar-lhe, dando parte do mal que nos podem fazer as batatas. Disse.

—Capitão, sabe a ladeira da Saúde?

—Parece-me.

—Logo no principio, quina da Estrada Nova, não havia uma cerca?

—Creio que sim.

—Pois essa cerca cahiu.

Dentro della não havia um poço?

—Sim Sr.

—Ahi é que está a cousa. Tenho pensado no que vi e não sabendo a quem dirigir-me, lembrei-me do *Alabama* e vim ter com V. Ex.

O caso é que reunem-se muitos meninos ao redor do poço, trepam alguns por cima delle, e eu vi um em risco de cahir dentro por querer mostrar-se temerario e um outro engraçado. Nestas graças, nestas *experiencias* é que succedem algumas desgraças que convém prevenir, em quanto é tempo.

Cifra-se nisto o meu pedido.

—Srs. da policia, Srs. da camara, ha na Estrada Nova um poço que ameaça a vida dos meninos vadios e im-

prudentes; remedio, providencias em quanto é tempo!

—Capitão, penso assim ter concorrido para uma boa acção.

—Vá-se com Deus.

—Capitão, disseram-me uma cousa....

—Que foi?

—Eu sei! Tambem de que serve fallar! tenho visto o *Pharol* queixar-se tanto de não ser ouvido...

—Diga sempre, homem!

—E' que dizem que ha em certa repartição provincial que *rende* um empregado.... não digo não!

—Diga sempre.

—E' que o homem, dizem, dá conferencias, a troco de charutos, doces, cerveja e outros petiscos.

—A conferencia é um resultado do seu emprego.

—Mas a quem lhe satisfaz os apetites glutões dá conferencios favoraveis, *em conta;* e para quem não dá *gorgeta* é inexoravel, impertinente, massante, exigente em excesso.

—Faz bem, faz bem o homem; cumpre o seu dever de zeloso empregado.

—Ah! sim, o *zelo* do homem é conforme o vento que venta!

Pois olhe, conforme o vento ventar agora, eu mandarei aos ares o nome do cujo.

—O *Pharol* teve a sem-ceremonia de dizer aqui, nesta cidade, que a limpeza funcciona com um sem-numero de carros, que se crusam trabalhando todo o dia; que a população desta terra não é docil como a do Rio de Janeiro que melhor comprehendeu a empreza e o resultado em beneficio ao publico; que ninguem pode *desapaixonadamente* dizer que a empreza *não tem cumprido com severidade*, as condições do contracto; que tem aliás sido cumprido pelo modo o mais louvavel!

Ora pode-se assim impunemente zombar do publico que presencia diariamente as diarias faltas e porcarias da limpeza?

—Não, de certo; e elle que tanto appella para a imprensa, que ponha de parte seus interesses, que esclareça o publico, deixando de confundir a utilidade da limpeza com o processo por que é ella feita.

—Apoiado. Ninguem nega que o aceio da cidade é necessario; mas contra o que se reclama é sobre a maneira porque se faz a limpeza: tarde, a más horas, pouca gente, ruas mal varridas, monturos em ser, trampa por toda a parte!

—E o *Pharol* nada vê! diz que tudo vae bem e muito bem.

—Effeitos da muita claridade do pharol das luminarias!

A PEDIDO

—Capitão, depois da ultima escovadella, Rei dos moleques abaixou a cabeça.

—Deixal-o!

—Os parentes é que estão damnados e queixosos, chamam tudo de injustiça, dizem que é impossivel Salú fazer taes cousas, que isso é improprio de sua geração, e outras tolices semelhantes; como si os ladrões trouxessem letreiro, ou como si não houvesse tanto fidalgo-ladrão, assim como existe tanto ladrão fidalgo

—E' o sangue que nelles falla; tem queixas de rapaz, mas emfim sempre é seu parente.

—Sabe agora para que deu elle? para ir trabalhar da parte da epistola, isto é da mão esquerda a um tal Sr. L... R... na baixa do Mau Fim!

Uma destas noites, um passageiro descendo da gondola ouviu o tal L. dizer-lhe estas palavras: Não dê cavaco, meu Salú, com estas graças do *Alabama*; si fosse commigo o menos que eu faria era esconder-me no *az* de um burro.

E o descarado nem comprehendeu, riu-se e pensou como havia de *agatanhar* mais alguma cousa do proximo.

E la vae elle; entra na caza de um sapateiro *fortunado* e *candido* que se chama *Silva*, toma-lhe um par de botinas e paga-lhe 6$000 rs. O sapateiro

entrega-os de novo e pede-lhe que os dê ao Folô.

Beatus est quem possue; mamatus est cobres alheios: Salú metteu o dinheiro no peito, ou antes no bucho.

—Si ja sabem dos seus maus costumes, para que cahem nestas?

—Agora, capitão, é que o publico está abrindo os olhos; agora é que o cujo está sendo conhecido; agora é que elle deve cuidar n'outro ramo de vida que a rapinagem pouco lhe ha de dar; agora deve elle tractar de encommendar-se aos santos e ás almas; deve ir fazer suas torcidas ou enfiar suas contas; deve dar graças a Nossa Senhora de nunca ter ido parar á cadeia e safar-se daqui, onde cada moleque o aponta com o dedo como o ratoneiro mais conhecido.

—Pobre homem!

—Não vê aquella chusma de moleques que gritam e correm, acompanhando aquelle homem barbudo e de oculos, que virou alli a esquina da rua do Bispo? é o Rei dos moleques saudado por seu povo. Não viu um embrulho que leva na mão? é o sceptro daquelle rei de carreiras; é um par de botinas que furtou alli á rua Direita do Collegio.

—Miseria!

(*Continúa.*)

Aos eleitores do 1 ° districto.

Desnecessario é recommndar-vos a candidatura do distincto liberal, o Illm. Sr. tenente coronel Dr. José Luiz d'Almeida Couto, para deputado á assemblea provincial na presente legislatura; visto como bem sabeis o quanto foi elle dedicado e decidido na tribuna, defendendo a causa da provincia e dos interesses do povo, segundo o attestam seus monumentaes discursos proferidos naquelle recinto, nos mezes de abril e maio do anno passado, os quaes se acham nos prelos da typographia do Sr. França Guerra, mandados imprimir por seus amigos e admiradores e brevemente sahirão á luz.

E' por tanto dever vosso concorrer á urna com vossos suffragios, afim de ser elle reeleito no logar que tão dignamente occupou.

Assim recommende-o a briosa população desta illustrada capital.

Um verdadeiro patriota.

Chapa itapicuruana para deputados provinciaes.

João Alves Portella.
Dr. José Eduardo Freire de Carvalho.
Dr. Francisco d'Azevedo Monteiro.
Dr. Jeronymo Sodré Pereira.
Major Antonio Souza Vieira.
Engenheiro João José de Sepulveda Vasconcellos.

Para deputados provinciaes.

Dr. José Luiz de Almeida Couto.
Con. Rodrigo Ignacio de Souza Menezes.
Francisco Luiz Ferreira.
Dr. José Theotonio Martins.
José Alves do Amaral.
Dr. Antonio Euzebio Gonçalves.

ANNUNCIOS.

Na noite de 12 para 13 do corrente desappareceu da casa n.° 15 sita ao corredor da Lapinha, um cavallo castanho escuro com os signaes seguintes: gordo, crinas e cauda grandes, um pequeno signal branco na testa e nas ancas manchas tambem brancas pequenas, e um volumoso callo do sellim no espinhaço; quem o trouxer á caza do annunciante será generosamente gratificado.

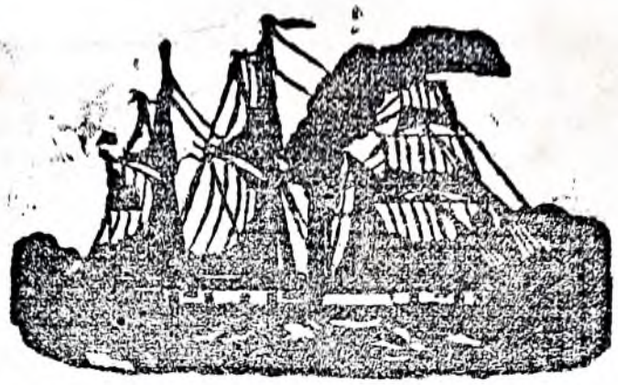
Bahia 14 de novembro de 1865.

José Domingues de Souza Pires.

ESCRAVA FUGIDA.

O abaixo assignado gratifica a pessoa que levar em sua casa na ladeira da Praça n. 36, ou na rua Nova do Commercio n. 5 a sua escrava crioula de nome Maria, edade 26 annos, altura regular, cheia do corpo, tem no braço direito um signal de queimadura muito visivel, e está prenhe. O mesmo protesta contra quem a tiver acoutado.—*Nicolau Felix Teixeira.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 29.ª BAHIA 18 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 289

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de novembro de 1865.

Officio á camara municipal, participando-lhe que desde a caza n.º 71 até a de n.º 85, á rua da Santissima Trindade, acham-se aguas podres e estagnadas que exhalam um pessimo cheiro que ha de por certo prejudicar á saúde publica.

Suppõe-se que procedem ellas dos canos das ditas casas que ficaram sem esgotadouros em rasão de, com o alargamento da rua, ficarem tapados os que existiam e corriam para o mar.

Espera-se pois que a Illma. se digne dar de si alguma cousa, attentos os reccios que nos accommettem.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que no dia 15 do corrente houve um arrombamento e roubo na casa n.º 111, á Roda da Fortuna, e foram-se 55$ rs.

Foram ja presos os seguintes sucios:

Um Victoriano, escravo celebre por seus atrevimentos; outro de nome Salvador, sempre mettido em tratadas, mas apoiado pela senhora que para o livrar de castigos o dá como forro, tendo ultimamente, pelo recrutamento o dado como captivo; o outro um tal José Miguel (Funé) que ja tem sido preso algumas vezes, e um outro de nome Thomaz, do José Affonso, que consta deu uma facada no inspector de quarteirão, Nelson Rodrigues Monteiro.

Espera-se comtudo que V. Ex. faça activar as providencias, até porque o facto do ferimento as requer promptas e energicas.

—Ao mesmo, participando-lhe que, além do roubo da venda á Roda da Fortuna, houve tambem um na Mangueira da Calçada, caza do Sr. Tiburcio Augusto de Oliveira, levando os ladrões sessenta e tantos mil reis.

Outro sim, dando-lhe sciencia de que na noite de 15 do corrente uma sucia de vadios e peraltas quebrou tudo quanto foi vidraça que encontraram nas janellas da caza do beco do Açouguinho, onde todos os moradores despertaram com os gritos de reclamações dos prejudicados e os insultos e bravatas dos *valentões*, que bem mereciam ser aproveitados no Paraguay.

Cumpre notar, entre parenthesis, que taes sujeitos foram anteriormente *preparar-se* para taes excursões n'uma venda que alli ha, o que admira-se como estava aberta fora de horas, sem que a policia o impedisse.

Taes factos são trazidos ao conhecimento de S. Ex., simplesmente para

que as authoridades tenham noticia do que não vae esta cidade tão pacifica, como o apregoam as gazetas grandes.

—Ao mesmo, participan lo-lhe que na rua do Bispo existe na caza n.º 33 uma crioula de nome Romana, a qual, dizem, estando entregue de uma menor de 3 annos, espanca-a diariamente como si a infeliz criança fosse pessoa de maior edade, tivesse bastante juiso e praticasse algum acto reprovado.

Espera-se de S Ex. alguma cousa a respeito.

—Ao Sr. Dr. inspector de saúde, perguntando-lhe si não está em vigor o regulamento que prohibe a medicina por charlatães; e pedindo-lhe que indague qual é a caza na rua do Paço em que dizem se vende *Le-roy*, fabricado pela mulher de certo gallego *jardineiro*, a fim de que cesse o abuso, a ser verdadeiro o facto.

Espera-se ser attendido.

—Capitão, a unica novidade que ha do Rio é a chegada á côrte de S M. o imperador e seus augustos genros.

—Quando chegou?

—A 9 do corrente, dia de festa para a população, que reconhecida saudava enthusiasticamente o seu patriotico monarcha.

—Ja viu os *defuntos em julgamento*, ou o *mirador dos que não morreram*?

—Nem vi, nem sei o que é.

—E' uma obra do celebre alferes das ordenanças Murissoca das Veigas.

—Ah! é alguma jesuitice desse bobo!

—E' um velho tolo, ultra-papista, insolente, que tem o desaforo no seculo XIX de pôr no inferno dos ferros em braza a Luthero, Zuinglio, Henrique 8º, Calvino, Voltaire, Rousseau, Marat, Robespierre, Danton, G. Vasa e CAVOUR!

—E V. a dar cavaco por tão pouco! A palavras loucas orelhas moucas. V., pelo typo do *cujo*, pelo beiço cahido, pelos cabellos desgrenhados, pelo ar negligente e sordido do fato, julga-o um mendigo bebado; mas não é nada disso o pobre do homem; é apenas um idiota, um despresivel maniaco, que ja não vestiu a camisa de força, porque é um doudo inoffensivo; merece a mesma consideração que um cão que encontramos pela rua, e a cujos latidos indifferentes passamos.

—Consta que o Exm. Sr. chefe de policia vae proceder a uma reforma na sua secretaria.

Que realmente della precisa, não so nos moveis como no pessoal. O pessoal precisa de augmento; a mobilia é extraordinariamente ridicula; resume-se em algumas cadeiras e duas mezas improprias em que trabalham os empregados.

—E depois vae se pôr em execução o art. 29 do regulamento da secretaria que exige um uniforme para os empregados.

—E' tambem justo; cada um precisa de um signal para ser conhecido, especialmente um empregado de policia.

—Por taes medidas merece elogios o Sr. Dr. chefe de policia.

—Falleceu na sexta-feira (10 do corrente) Manuel Ladisláu Soeiro, quando contava apenas 47 annos de edade.

Foi cidadão honrado, esposo extremoso, pae desvellado e amigo severo. Um dos instaladores da imperial sociedade Monte-pio dos Artistas.

Lamenta-se a sensivel falta que fez á sua inconsolavel familia.

A PEDIDO

Sou obrigado a dirigir-me ao publico.

Sendo exonerado de tenente da companhia de Voluntarios da Patria no dia 11 do corrente, depois de haver sido incansavel na sua organisação, que a custa de fadigas e até de dinheiro consegui elevar-a ao numero de 52 praças—pelo facto de haver castigado com 20 chibatadas a um soldado da referida companhia, a mim compete ligeira defeza por ora fazer declarando o motivo que me levou a assim praticar, deixando para outra occasião o que não for tão necessario por agora.

Toda a Bahia é testemunha ocular do modo irregular porque se portaram nesta terra, antes de seguirem para o sul, alguns dos batalhões dos Voluntarios, com especialidade o do Sr. tenente coronel Galvão que apezar da sua pericia e disciplina militar, pouco conseguiu para conter algumas praças em seus furiosos desatinos. O facto praticado por quasi todo o batalhão no Terreiro em a noite de 4 de julho; os barulhos e desordens que tantas noites e dias trouxeram a policia da terra em desasocego, fallam ainda bem proximos á memoria dos habitantes de Bahia: deixo de parte o que fizeram no Rio de Janeiro. A Bahia sabe que desde que se organisa para as necessidades da guerra qualquer corpo voluntario, é mais que necessario, por isso que as conductas e sentimentos são diversos, toda energia da parte dos officiaes para os conter e toda disciplina é nenhuma em certos casos e para certos homens.

Antonio Cardoso da Silva foi o soldado a quem castiguei—sahindo ha pouco das cadeias desta cidade onde cumpriu a pena de dous annos, pelo crime de ferimento grave, e que me foi na occasião da soltura dirigido por meio de um officio do Exm. Dr. chefe de policia.

O motivo porque o castiguei foi o de ter elle em presença do sargento José Mendes Rodrigues Gramma se retirado da companhia onde se achava retido por mim, e que obrigado a voltar, arrancou do corpo a farda e com brutal insubordinação arremeçou-a ao chão deixando cahir dois botões.

(Tudo isto juraram as testemunhas no conselho de investigação a que respondi.)

Com a minha chegada fez-me o sargento ver o perigo que corria no meio da companhia similhante soldado, pois como possesso a tudo desattendia. Chamei-o, perguntei-lhe com brandura a rasão de seu procedimento e lhe fiz ver que procedendo assim estava sujeito ao regulamento do conde de Lippe, mandando in continenti proceder á leitura em sua presença, respondeu-me com arremeço que não se importaria com ser castigado visto que ja tinha feito uma e podia fazer duas e tres; portanto o que me restava para garantir o respeito que me era devido, manter a disciplina e por zelo do serviço, era fazer o que fiz—cumprir a lei; mandei fechar a porta da companhia e appliquei-lhe 20 chibatadas; tendo depois reflectido que o castigo devia ser com 50 pranxadas, conforme dispõe os artigos de guerra, apezar de que a leitura abaixo não explica si devem ser castigados com espada ou com chibata.

Art. 1.º dos de guerra.—«Aquelle que recusar por palavras ou discursos, obedecer ás ordens dos seus superiores, concernentes ao serviço, será condemnado a trabalhar nas fortificações; porém si se lhe oppozer, servindo-se de qualquer arma, ou ameaça, será arcabuzado.»

N. B.—O § 11 do cap. 23 do Reg. de infantaria diz assim: «S. M. manda que seja castigado severamente e sem algum genero de condescendencia, qualquer official inferior, ou soldado, que na presença dos seus officiaes, se esquecer do respeito que lhes deve ou lhes responder com menos attenção, e que de nenhum modo se sofra que os soldados se juntem sediciosamente, nem vão fazer queixas em assuadas, e si alguns forem tão insolentes que se atrevam a fazel-o, se castigue logo o cabeça do motim, com a maior severidade.»

Ainda continúo.

F. J. Chagas Pimentel.

(Da *Droga*.)

Ahi vem o Salú,
Pifio sem egual,
Façamos por tanto
Pelo signal.

Como foge o mocho
Dos raios da luz
Foge elle e o demo
Da santa cruz.

De tão ruim cousa
Que falla dos seus,
Que rouba os extranhos
Livre-nos Deus.

Tomara que o peguem
Para ser tambor;
O que queira Deus
Nosso Senhor.

Do gatuno ficam livres
Senhor, os servos vossos;
Não soffrem os bens
Dos nossos.

Seus parentes ficarão
De todos amigos,
Não verão na visinhança
Inimigos.

A Calçada dará graças
Dos Mares de Deus á Madre;
Louvores se entoarão
Em nome do Padre.

Da festa para maior
Solemnidade e mais brilho
A's da Mãe unam-se glorias
Do Filho,

Salú, desertor recruta,
Acoutado em qualquer canto
Servirá de folião
Do Spirito Santo.

Haverá festa arrojada,
Fogo de planta tambem;
Salú servirá de judas,
Amen.

Sr. Redactor.—Na qualidade de encarregado da limpeza na freguezia de Santo Antonio, não posso e nem devo deixar passar intactas as censuras que no *Alabama* de 16 do corrente foram publicadas relativamente ao modo por que é feito o serviço naquella freguezia.

Em primeiro logar houve engano quando se tractou do numero das carroças, empregadas na remoção do cisco, assim como da hora em que se diz effectuar ella, pois que este trabalho faz-se não ás 8 para 9 horas como menos exactamente se diz e nem por 4 carroças, mas sim das 5 ás 6 horas e por 10 carroças, afora cinco trabalhadores de enxada e dois varredores.

A segunda accusação como a primeira é infundada: Si em algumas portas o cisco fica amontoado, a culpa não pode ser attribuida á empreza, mas unicamente aos moradores negligentes que excedem da hora marcada e só muito tarde, ja quando se tem retirado os trabalhadores, é que o deitam ás suas portas.

Bahia 17 de novembro de 1865.
Americo M. da Silva Oliveira.

NOTA DA REDACÇÃO.

Pode muito bem ser que não vão para a freguezia de Santo Antonio quatro carroças somente; dez porém não vão, e que fossem, ha freguezias que tem duas como a da Rua do Paço, e por ahi faça-se a proporção.

O Sr. Costa Guimarães nunca será capaz de provar que a empreza trabalha actualmente com 65 carroças como é de sua obrigação.

As carroças chegam a receber o cisco ás 8 horas e ás vezes 9 da manhã, bem que principiem ás 6, hora em que devia terminar o serviço.

O cisco não fica amontoado ás portas por negligencia dos moradores; negligente é a companhia, cujos empregados chegando tarde á rua Direita de Santo Antonio, desviam-se pelo beco do padre Bento e deixam os contribuintes dos 500 rs. com a agua no bico.

Serve-lhes?

—Vem ca, descarada!

—Com quem é isto?

—E' comtigo feiticeira. Dize-me, porque deitaste aquelle feitiço na porta da barraca de Venancia?

—Não fui eu, não.

—Foste tu mesma.

—Não fui.

—Muxingueiro, taca!

—Não fui eu, ja disse. Ai, oi, ui ai! eu digo Sr., fui eu com usura do negocio que ella faz.

—E quem te deu dinheiro para fazeres aquillo?

—Foi um negro meu conhecido.

—Descarada! Vou ja publicar teu nome, para....

—Por quem é! Si souberem quem eu sou, matam-me na Preguiça.

—Muxingueiro, entrega esta peste na cav.....

—Ahi posso dar prejuizos á nação; mande-me antes para o logar onde se mata a mãe de boi.

—Diabo! cousa ruim! tufé, feiticeira!

ANNUNCIOS.

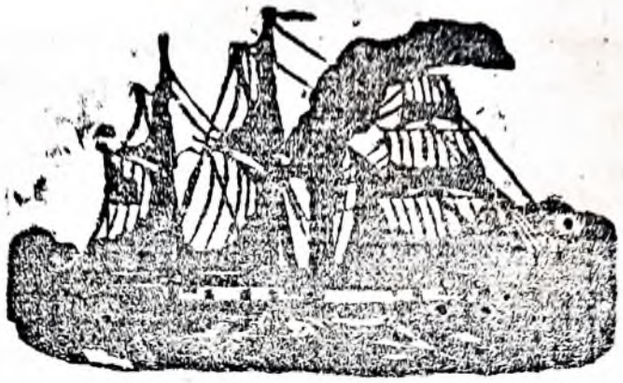
D. Ursula Maria das Virgens Soeiro agradece cordialmente a todas as pessoas, que se dignaram acompanhar os restos mortaes de seu sempre lembrado esposo Manuel Ladislau Soeiro, da rua Direita da Piedade ao Rosario do João Pereira, e dahi ao cemiterio da Quinta dos Lazaros, e tambem por assistirem a missa do septimo dia.

Bahia 16 de novembro de 1865.

Attenção!

Vende-se a quitanda defronte do Forum. Na mesma se achará com quem tratar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 29.ª BAHIA 21 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 290

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de novembro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe, ja não lembra por quantas vezes, o concerto da rua que principia nos Caldeireiros ou Julião até o Xixi, que é um verdadeiro lamaçal, por onde ainda se passa por haver de um lado um passeio nas peiores condições.

Agora que o presidente mostra desejo de calçar as ruas, é bom aproveital o para aquellas que ja não podem dispensar concerto.

Que ideia ficará fazendo da edilidade desta terra qualquer pessoa que chegue a nosso porto e tenha necessidade de ir ao Bomfim, a pé ou em carro? Que dirá ella quando vir-se obrigada a atolar-se no Caes Dourado e Pilar, ou quando der os *saltos mortaes* pelos Dendezeiros?

Tão vergonhoso estado de nossas ruas é preciso que desappareça, principalmente o das mais frequentadas e do maior facilidade ás necessidades do publico.

Espera-se pois da Illma. alguma cousa.

—A' mesma, pedindo-lhe que informe que cercas são umas que impedem o transito pela estrada da Independencia, vedando inteiramente a passagem de cavalleiros e carros.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que na madrugada de 18 do corrente os ladrões foram aos Mares á estrebaria pertencente a um africano liberto Abrahão, e não podendo levar um burro com o qual trabalharam, levaram um carneiro e algumas gallinhas que alli encontraram.

E' ja o terceiro facto que se dá por aquelles logares, e espera-se providencias, bem que esta partecipação so tenha por fim provar que não moramos n'um paraizo de delicias.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que na rua de Baixo caza n.º 11, ha reuniões de mulheres e moleques, que muito incommodam os visinhos com palavradas e ameaças; distingue se nesse grupo um moleque atrevido em excesso, sambista, chefe do olho vivo, jogador, brigador, que diz aos visinhos que ha de deixar um por terra.

Pede-se a S. Ex. que dê destino ao *cujo*, que bem pode ser aproveitado n'uma commissão, que possa fazel-o melhorar de sorte e conducta.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado, partecipando-lhe que a tal Joaquina do André Pinto prendeu a ferros em um for-

ro a infeliz escrava doente do que demos ja noticia, em vez de mandal-a curar, como o reclama a humanidade.

Sabe-se que nem tudo está sob a alçada das authoridades, mas um conselho faz, ás vezes, muito mais do que o rigor e a punição.

Espera-se por tanto que S. S. faça com que a mulher cure e solte a preta.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio, partecipando-lhe, segundo se vê d'uma representação da prejudicada, que a Sra Maria do Bomfim, aos Quinze Mysterios, vive com sua casa assaltada pelos ladrões, e pede providencias que se conta certas.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S Pedro, pedindo-lhe a attenção para algumas cazas na ladeira de S. Bento, os quintaes das quaes, segundo informam, acham-se em pessimas condições, inteiramente cheios de aguas putridas e immundicia.

—Capitão, aqui estou eu, com o queixo á banda; venho dar-lhe novidades novas; tenho visto cousas!.... Muita cousa tenho visto, mas nunca esperei ver o que vi hontem; so falta-me ver voar um boi, segundo a apropriada e engraçada phrase do Sr. Dr. Dias Coelho.

—Mas que viu?

—Vi... eleitores não reconhecidos tomarem parte nos trabalhos eleitoraes; vi os figurões do *caramanchão* alcançarem *victoria*, dando foras, e batendo com os pés; vi um barão julgando estar nos engenhos de Passé a fazer assuadas; vi outro, qual estupido tabareu de Cotegipe que não comprehende as cousas, espalhando que quem votou uma vez, ainda julgado incompetente depois, deve votar segunda vez, porque os homens da *ordem* querem em tudo *conservação*; admirei-me de que taes ideias fossem apoiados por um ex-ministro e senador do imperio: si ainda fosse por algum juiz de paz ignorante!

Vi tudo! Vi o Dr. Gustavo, vi o Dr. Domingos Carlos, vi o Ignacio Alberto, vi o Benjamin Pires! Vi o Des. Silva Gomes, presidente das chapas abertas, insultado desabridamente pelos conservadores, acceitar a presidencia do collegio que lhe foi dada pelos conservadores!

Vi tudo! Vi o Aguiar, o Ernesto do correio, e o Pereira Bastos!....

Vi tudo! Vi o Revm. Sr. conego Rodrigo insultado como si o collegio se compozesse de moleques; vi *sympathia* na corôa de um sacerdote honrado; vi seu rosto, seu corpo ameaçados por beleguins, vindos das duas extremidades da cidade e por certos estudantinhos, filhos de um prudente advogado os quaes julgavam o collegio o lyceu, o paço da camara o antigo hospicio dos agostinhos!

—Mas quaes são os deputados?

—Os mais votados são:

Major Souza Vieira	147
Dr. Antonio Euzebio	132
João A. Portella	132
Dr. Almeida Couto	131
Dr. Freire	129
Dr. J. Sodré	125

—S. Ex., dizem as gazetas diarias, mandou 5:000$ rs. para as obras do Bomfim.

—Mas de quem? do seu bolsinho? á custa da nação?

—E'o que resta explicar. As obras devem ser feitas á custa dos fieis, e o Sr. Dr. Dantas não é nenhum mouro ou judeu.

—Pobre nação que és quem paga as favas .....!!

—«Eu ja sei que amanhan tomo uma descompostura.

—«De quem?

—«De F. no *Alabama*.

—«E' uma flor.»

—Onde ouviu isto?

—Conversa de tres figurões, dous barões e um desembargador.

—O que se segue é que o tal *baronet* tinha consciencia do papel triste que estava representando. O *Alabama* porém não se occupará de tão alto personagem; quanto á pessoa a que se referiu, essa nem deu accordo da falta dos dentes do fidalgo tabareu.

—Sabem o que disse o major luzitano?

—Onde, quando?

—Hontem 19, no collegio eleitoral.

—Diga-se.

—Discutia-se, isto é, a voz do orador era abafada por insultos, pateadas e ameaças, quando a besta roncou:

« Si for preciso empregar a força, emprega-se a força »

—Que tollo fofo! Pobre diabo que bem boas carreiras deu quando seu chefe Madeira o fazia apparecer em publico.

—Coitado! E os sustos que teve aquelle demonio quando rondava as Areias e avistava algum vulto?!

—Sansão de estopa! esquece elle que os seus cap ngas não se atreveriam a medir-se com a parte san da sociedade que alli se achava.

—O que elle esquece é que em vez de comer charuto o fariam alli mesmo comer trampa.

«Quando a victima das perseguições da imprensa é uma natureza docil, debil e inoffensiva, a consequencia dos golpes impunes que soffre é o acabrunhamento, o desespero interior, a vergonha bebida á tragos lentos, a mina abafada, o veneno occulto,—em resumo: o suicidio.

—Mas quando a victima é o contrario?

—O *Pharol* talvez se esqueceu de dizel-o.

Quando a victima tem um carão encouraçado, rigido e inexpugnavel; quando a couraça, não contente com o ter-se apoderado do corpo, involveu-lhe tambem o spirito; quando a victima ignora o que é pudor, desconhece o que é moralidade, e tem por lei o incesto, —então o resultado é a imprensa perder seu tempo, malhar em ferro frio; e o descarado andar pelas ruas affrontando o publico com uns oculos de mascarado e uma cabelleira de alma do outro mundo, e de vez em quando intreter-se com quem delle se não lembra nem para servir de guardanapo.

Veja si percebe, meu tollo!

—Ora esperemos pelo que dirá um velho cão tinhoso.

Latiu tanto contra as chapas abertas, mordeu damnadamente o Silva Gomes, que dirá agora?

—Qual meu amigo! nada espere do tal *liberal* a seu modo; o seu *interesse historico* está muito acima das opiniões politicas, isto é de *palavrorio;* o que o bicho quer é *pratica*, e a pratica para elle é bolça aberta, *liberalismo*, generosidade, da qual abuse, mandando um dia por outro pedir centenas de mil reis, para engrolar quatro banalidades insulsas, seis infamias das suas.

—E diz que tracta do bem *publico*!

A PEDIDO

Maria do BomFim, moradora nos Quinze Mysterios, vê-se inteiramente amedrontada por certo *club* de pessoas malignas, as quaes, depois de 10 horas da noute, desde a semana passada, quando a rua está em silencio, costumam tanto pela frente como pelo fundo de sua caza, experimentar as portas e janellas, dando empurrões, levantando os caixilhos, e gritando que hão de ensinar a negra. Fazem disso por fiarem-se nas authoridades que estão agazalhadas, e não podem dar providencias, pola falta de sciencia; acha se por tanto a mesma privada de seu socego e com sua vida ameaçada, recorre pois á imprensa para que as authoridades tomem conhecimento.

Bahia 18 de novembro de 1865.

Então, Sr. academico Ladislau, que é feito?

Nada de contas?!

Pois um homem que se jacta de honrado, que dedigna andar com seus collegas, faz disso?!

Incumbe-se de uma commissão como dictador, recebe dinheiros, transige, e não presta contas?!

Pede-se-lh'as em publico, deseja o *professor* saber quem as exige, apresenta-se o seu creado, e nem pitada?!

Porque não obtive resposta? porque não sou academico?

E' rasão que não procede.

Quem presa sua honra, quem não tem crimes, não receia a publicidade, sua vida é francamente exposta a exame: quem não deve não teme. Quando apparece alguma duvida, o homem honrado deve lançar para fora de si a suspeita, deve annihilar os boatos calumniosos.

Espero pois que saia a campo, Dr. Sou mais seu amigo do que pensa; desejo vel-o illibado, apresentando a conta ao publico e pulverisando os calumniadores.

O Sebastião d'Arruda.

—Como lhe prometti, capitão, ouça mais estas:

Disse-me o sentinella da galera *Ordem* 3.ª, que o commandante d'aquelle navio na occasião da promoção dos novos officiaes ficara desesperado por muitos de seus officiaes declararem que queriam ficar em seus postos, contra a vontade expressa do commandante, porque era tenção deste que ficassem despachados para a guarnição os bacudos dinheirosos que elle a força de laço os tinha prezos no porão, e muito mais desprezado ficara quando o immediato dissera que queria ficar, não se achando ainda pago com a generosa nomeação que lhe fôra feita para aquelle cargo pela celeberrima lembrança da —Effigie Protectora,—que se não fosse certo official, que é bom moço, e que só dispendeu 13:000$000, com insignificantes concertos do barco, e que o commandante o elevou aos cornos da lua, que em seu genio folgazão metteu tudo em pilheria, mandando tocar foguetes a congreve, acabava tudo em pancadaria.

Felizmente metteu-se o capellão de permeio, e assim foram apasiguados os animos, para terem de ouvir missa, mas acabada ella, e tocando-se a rancho, foi tal o frenesi e prazer dos que ficaram que houve funcção a valer —pau de sebo, foguetaria etc. etc., de sorte que os meninos da Candinha que se achavam mandando nas immediações diziam; aquillo é que é gente, como chupam!....

Acabado o festejo vieram para a terra dous a dous, empunhando os ramos dos altares os tres officiaes demittidos, e então travou-se entre o commandante e mais alguns officiaes nova altercação, dizendo o commandante:

Que patife que é o immediato! quando estava na esperança de que pedisse sua demissão, é quando descaradamente diz—eu fico—; se eu soubesse das manhas do burro tinha-o nomeado moço, porque elle já estava acostumado a acudir ao toque de campa.

—Bem me disseram alguns amigos, que aquillo era um traste muito ordinario, e que não havia de fazer parte da guarnição em quanto elle alli estivesse, pois estava bem bom para ensinar lingua de nagô.

Todavia vae indo a cousa a mil maravilhas, como entrou outro grande para render a sentinella espero que esta seja rendida para lhe dar outras novas.

—Capitão, sabe o que disse o Salú, depois da carreira que deu com o furto das botinas?

—Deixe-me! e deixe tambem o rapaz!

—Ouça, capitão: Salú disse que pouco se importava de levar taca do muxingueiro do *Alabama*, porque o presidente e o chefe de policia tambem soffriam censuras.

—Deixe-o!

—Mas tem comparação possivel? O chefe e o presidente, si soffrem censuras, é por um ou outro facto publico, em que não tem havido prevaricação. E elle?! é um experto, um ratoneiro, um *olho-vivo*, um ladrão; tanta melgueira, tanta bandalheira, tanta ladroeira tem sido publicada, e esse tratante tem o desaforo de querer egualar-se a duas authoridades superiores!

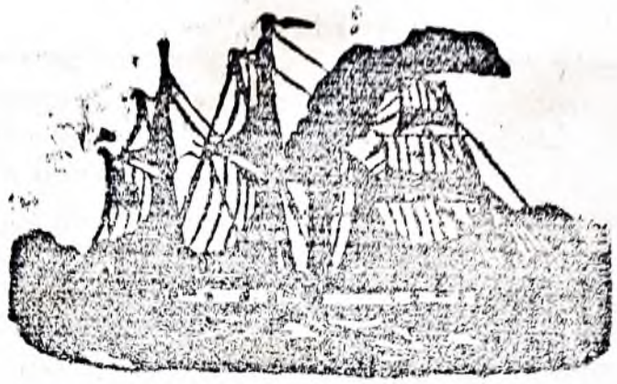
—Deixe-o, está doudo o rapaz.

—Mas não está elle doudo para apoderar-se do que não é seu.

—Sr. empine-se!

(Continúa.)

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 29.ª BAHIA 23 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 291

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de novembro de 1865.

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe que nos informe si pode um armador servir de coadjutor d'uma freguezia, na falta do vigario e do que serve, e andar pela rua com o vaso da Santa Unccão.

Espera-se resposta para que a gente saiba como vive, e tenha por tanto na morte facilidade em ser attendido por *S. Pedro*, que é quem abre as portas do ceu.

—Ao Exm.Sr. presidente da provincia.—Constando-nos que foram alguns eleitores á presença de V. Ex. queixar-se do Sr.alferes Rastelli que, de guarda em palacio, os quiz fazer retirar do collegio eleitoral; constando-nos queV.Ex. dissera que tal ordem não dera a elle que se apresentara alli com alguns guardas; constando que elle *gagueijava* respondendo a V. Ex.; com todo o respeito pergunta-se:

O official que desampara a guarda e que distrae praças, empregando-as em serviço que não é o de sentinella, merece castigo e a lei commina-o?

Sendo affirmativa a resposta, espera-se que seja cumprida a lei, que é egual para todos.

(Officiou-se no mesmo sentido ao Exm. Sr. conselheiro commandante das armas, de quem se espera a fiel observancia da lei; no que tem S. Ex. dado provas de que é zeloso.)

—Ao Exm Sr. conselheiro commandante das armas, partecipando-lhe que na noite de 21 do corrente,tres guardas voluntarios de chapeu de Braga,accommetteram uma negra na rua Direita da Misericordia, e roubaram-lhe o arroz que vendia; descendo pela ladeira dos Gatos, chamaram,á rua do Tijollo, uma preta de peixe,e furtaram duas grandes sororocas.

E' preciso que cesse isso; ja não é a primeira vez que presenceamos destas scenas.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que nos informam que no quartel do batalhão Princeza Leopoldina deu-se o seguinte:

Consta que o Sr. alferes José Pedro de Alcantara, tendo dado para guardar a um sargento sua farda e sua espada, soube no dia seguinte, ao preparar-se para o exercicio, que lhe tinham desapparecido a farda e o talim.

Tal facto, a ser veridico, depõe contra a moralidade e disciplina do corpo, e espera-se do S. Ex. algumas providencias.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que continúam os roubos.

A Calçada do Bomfim tem sido visitada, e as gallinhas e mais aves que são encontradas nos quintaes pelos ladrões, somem-se; assim, a casa do Sr. pharmaceutico Amancio Mendes de Oliveira, a do Sr. Manuel Alves da Cruz Rios, e a do Sr. Joaquim Caetano.

Julga-se que a Calçada deve tambem merecer a attenção da autheridade.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que ha uma venda na rua dos Carvoeiros, cujo dono espanca diariamente um menino que lhe serve de caixeiro; dias ha em que fica a rua cheia de pessoas que assistem indignadas a tão brutal espectaculo.

Pede-se-lhe pois por S. *Sebastião* alguma providencia.

—Ao mesmo, louvando-o pelas providencias que déu acerca da prisão dos inglezes, que arrombaram a casa de uma Sra. alleman, insultaram a esta e a fizeram sahir para a rua em fraldas de camisa; facto que não condiz com o sumptuoso elogio do *Diario*, respeito á tranquillidade publica.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que faça com que seja limpo um pateo que está cheio de materias fecaes e aguas servidas, o qual serve indevida e impropriamente de despejo para as cazas da ladeira dos Gatos, do lado direito de quem desce, as quaes *aboletam* mais de quinze familias que pouco cuidam de sua propria saúde, por uma ridicula economia.

S. S., si examinar o profundo pego de que tracta-se, ficará horrorisado, e si não quizer providenciar, mudar-se-ha immediatamente da visinhança desse novo Ganges, que não pode deixar de prejudicar-nos.

Espera-se pois merecer alguma attenção; o caso é serio e não ha motivo para menospresar-se cousa de tanta gravidade como é a saúde do publico.

—*A bem da ordem!*

Sempre o mesmo chavão! sempre a insulsa e banal repetição de duas palavras que só servem para acobertar o cynismo de alguns hypocritas e sophistas, que almejam beber o sangue de seus patricios que não curvam a cerviz á sua vontade!

Quem os não conhece que os compre.

Ainda uma vez, é o zelo da *authoridade* que elles injuriam debaixo, que os faz latir.

Não estamos certos de quem seja o *author poeta* que julgou que o melhor titulo a dar a outro era o epitheto com que talvez elle e toda a sua geração sejam conhecidos.

O tiro vem *de cima*, vem de anjos malditos que si triumpham no inferno para onde vão, são repudiados do sanctuario da virtude donde são tangidos a ponta-pés.

Ladrão, além de outras muitas especies, é a authoridade que come, bebe, dorme e mora com os ladrões, com os moedeiros falsos.

Ladrão é a authoridade que recebe dos criminosos centenas de contos de reis.

Ladrão é a authoridade que enriquece, além do referido, com o que rouba profusamente dos cofres publicos.

Ladrão é o representante, ou ladrões são dous representantes que unidos a outros, transformam uma estrada de ferro em estrada ou mina de ouro.

Ladrões são certos conhecidos antigos do Dr. Marcos Mandinga.

—A bem da ordem! Em cumprimento da lei!

Fora o sophisma!

E' crime alguem arvorar-se em authoridade, mas authoridade das constituidas no paiz.

Quanto ao mais sabemos o fim que tem *as piquetas*, sempre vindas em defeza de certa authoridade.

Não somos *gato* para receiar agua fria, nem tão pouco saguí para morrer de caretas.

—Capitão, o resultado final das eleições foi o seguinte:

Dr. Almeida Couto	186
Engenheiro Sepulveda	183
Major Souza Vieira	179
Dr. A. Monteiro	177
Dr. Freire de Carvalho	171
Dr. Antonio Euzebio	170

—Isto é velho, vire folha.

—O candidato do peito, que, estudando como se *ama*, *lia* ha muito uma obra importante, naufragou e a taboa de salvação que lhe atiraram foi um grosso bambú com o qual dizem que está bastante satisfeito.

—Ah! o Sr. é opposicionista!

—Partecipo-lhe que o Dr. Sodré não sahiu eleito.

—Bem; o Sr. Sodré é conservador; não ha quem seja capaz de provar que elle entrou na chapa do governo que é progressista; e depois o governo não teve chapa.

—Sim, isso é verdade, o governo não fez chapa... inteira ao menos. E o que é certo é que muitos outros levaram taboca com *elle*.

—E retire-se, antes que eu mande metter-lhe tambem uma taboca... por essa boca indiscreta.

—Ou os soldados de policia estão muito susceptiveis, ou a cidade está cheia de desordeiros.

—Porque?

—No dia 12 de novembro, foram presos José Alves de Souza por desattender á patrulha e Manuel Gregorio Pereira por insultos ao official rondante.

—Rondante não é soldado de policia.

—No dia 13, Candido Militão por insultos a guardas policiaes; Cosma Damiana idem a uma força encarregada de uma diligencia.

No dia 15, Mirato Francisco de Oliveira por insultos á patrulha; Maria de Santa Anna idem a um guarda policial.

No dia 17 José Gonçalves idem idem; o escravo Feliciano idem a um guarda nacional.

—Que não é policial.

—Não adiantam nada as observações de V. Ex.: o que eu quero fazer patente é que a cousa não vae bem.

—Disso sei eu, e a prova eil-a na parte da mesma policía:

Presos por furto: Lucia escrava no dia 12; Virginia idem, e João idem no dia 13; Sophia Maria do Sacramento e Odilia Maria de Santa Anna, no dia 14; José Marcellino do Bomfim, Maria Luiza da Guia e os escravos Salvador, Victoriano e André e Thomaz d'Aquino; Manuel Ramos Teixeira Gomes e o escravo Narciso no dia 16; e Joaquim Rodrigues de Magalhães no dia 17.

—E por outros motivos.

—Trar-lhe-hei a collecção em outra occasião.

Bem vê-se que a policia tem trabalhado.

—Como tractou-se de canalisação de esgotos, e como é tempo de cada um cuidar de si, venho lembrar providencias para a freguezia em que moro, que é infeliz na extensão da palavra.

—Diga-se; a duvida está em ser attendido por quem compete; as authoridades, a *gente grande*, não leem gazetinhas.

—Embora! Eu moro na freguezia em cujo coração existe um cancro temivel, o matadouro publico!

Pois bem, esse demonio tem seus affluentes disseminados por toda a freguezia; canalisados, poderiam melhorar e o povo lucraria; e é por isso que eu reclamo.

Além do que ja tem apparecido de pedidos, peço eu, em nome do povo, o seguinte: Ha innumeros canos por todas as casas do lado do mar da rua dos Perdões; ao chegarem a casa pertencente ao Sr. Tito Mello, os canos *empatam*; é o deposito geral. Entretanto com mais alguns passos, poderia aquelle foco de infecção correr por ahi além, passando por uma garganta que existe no beco dos Perdões, e que escoa pelo quintal do recolhimento do mesmo nome.

Do outro lado, a cousa é identica; ha na Fonte de Santo Antonio um beco que serve de desaguadoro geral e que so não inspira nojo e serios receios pela saude publica a quem nunca presenciou aquella magna cloaca em exposição n'uma das ruas desta cidade.

O Sr. Costa Guimarães intendeu que ainda é cedo para limpar a ladeira do Pilar: aquello horror alli está exposto ás vistas e ás ventas do respeitavel publico que ignora como é que se tolera certas cousas nesta nossa terra.

Acabou? Por ora ja Cada um interra seu pae como pode; eu fallo, outros obrem Por fim cada um ajustará contas com sua consciencia.

A PEDIDO

—Leu uma gazeta official de 14 do corrente?

—Não; que diz?

—«Para deputados provinciaes pelo primeiro districto, os distinctos cidadãos liberaes genuinos, Dr. Freio de Cangalhas e Dr. Henrique Autrancas.

—Ca, ca, ca, ca! Que safadez!

—Certo sujeito da Calçada, deparando com essa juncção foi ter com o Mingot e perguntou-lhe si o Freio ja estava liberal. Mingot respondeu-lhe: Freio é um pobre diabo, que o anno passado disse na matriz das Areias que conhecia muitos surdos, mas nenhum descarado como eu e comtudo me incluiu na lista para juizes da *guerra*, sahindo eu o do *quarto*; aquillo só faz o que lhe manda certo figurão.

—Que quer? em tempo de eleição suspendem-se as garantias da vergonha, da honestidade, do decoro.

Mas, por fim de contas, quem metamorphoseou-se, o Autrancas ou o Freio?

Qual dos dous merece o estygma e o despreso dos homens honestos?

—Sei la! Deus os fez e o diabo os ajuntou;quem pode bem responder é o Neca.

O cabelleira boca de bolça.

—Capitão, aqui estou eu de novo, a relatar as tratadas do Rei dos moleques.

—Ora, Sr.!

V. não ouviu o que disse a tia? o rapaz pode vir a tomar juiso.

—Vae esperança! Ja tem seus trinta janeiros e seus cabellos brancos, ja está corcovado, para quando deixará a mudança, a conversão?

Elle vae com effeito se preparando; exemplo:

Mandou fazer a roupa para luto e até hoje não pagou ao Agostinho.

—E' sem duvida por falta de dinheiro.

—Mas quem não tem esperança de ter dinheiro e toma fiado, é ladrão. Porque não vae trabalhar? Quem trabalha come.

—A Manuel Caetano deve elle desde 1860 seis mil e tantos rs. de alguns objectos que tomou. Si não estava resolvido a trabalhar, si o homem do Bomfim não paga bem, si as titias não estão gordas para sustentar pansudos, como é que esse diabo abusa assim da confiança que nelle depositam alguns camaradas que não o conhecem bem?

—V. falla, por que não soffreu ainda privações; a necessidade tem cara de herege.

(*Continúa.*)

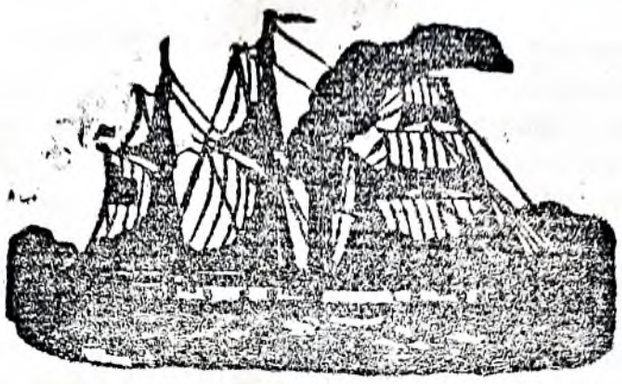
ANNUNCIO.

Pede-se ao amavel que da mesa do escrivão da Provedoria no dia de sabbado 18 do corrente no Forum, tirou sem duvida para *ler*, um livro novo, intitulado Manual do Commercio por Cordeiro, tendo a firma do comprador na pagina do frontispicio, o favor de o vir entregar, sendo que não lhe convenha ver seu nome neste jornal, pois a sua subtileza foi presenciada por mais de uma pessoa.

ESCRAVA FUGIDA.

O abaixo assignado gratifica a pessoa que levar em sua casa na ladeira da Praça n. 36, ou na rua Nova do Commercio n. 5 a sua escrava crioula de nome Maria, edade 26 annos, altura regular, cheia do corpo, tem no braço direito um signal de queimadura muito visivel, e está prenhe. O mesmo protesta contra quem a tiver acoutado.—*Nicolau Felix Teixeira.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAFIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

SERIE 29.ª BAHIA 25 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 292

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de novembro de 1865.

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe em nome da moral e da religião, que se digne ler o *Progresso* de terça feira 21 do corrente, o qual diz, por intermedio do Sr. Antonio Ferreira de Queiroz, o seguinte:

O padre João Baptista de Magalhães convidou o queixoso a casar-se com D. Anna Joaquina Eloy que elle dizia querer proteger. O homem casou-se, e oito dias depois foi chamado pelo padre para receber o dote; foi preso em um quarto e ameaçado para que entregasse a mulher, sendo obrigado a escrever-lhe.

Apesar do escripto e das ordens que deu o padre, burlou-se a acção. Mas no dia 12 do corrente o padre mandou raptar a mulher, que foi conduzida para a capella de S. José de Jaguaripe, onde mora elle.

Este facto é horroroso; S. Ex. não deve deixal-o passar impune, e espera-se por tanto occasião de elogiar-se por mais uma vez o nosso distincto prelado.

(No mesmo sentido ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, em quem muito se confia.)

—Ao Exm. Sr presidente da provincia, partecipando-lhe que suas ordens não são cumpridas pelo emprezario da limpeza, que, para satisfazer seus calculos, pouco se incommoda com a saúde do publico. E' assim que em vez de ser o lixo depositado nos logares designados, obrigação que elle tinha desde que poz-se em execução o contracto, e que cresceu depois das ordens de S. Ex., providenciando contra o cholera; é assim, dizemos, que a Estrada Nova, em frente a um braço que vae dar á Quinta dos Lazaros, se acha em estado de não poder ser transitada, pelo grande amontoamento de cisco que alli faz o Sr. Costa Guimarães, pelo insupportavel fetido que aquillo exhala, pela innumerabililidade espantosa de insectos picantes que dalli se desprendem e vão visitar a algum transeunte pouco avisado que ignora a existencia de semelhante *mare-magnum*.

Espera-se pois de S. Ex. promptas e energicas providencias.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, louvando-o pelo seu procedimento quanto ás escravas da Joaquina do André Pinto e de um *certo commerciante*, tão feliz que apesar de barbaro e deshumano mereceu tanta contemplação d'alguem que não foi publicado seu nome.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

O Dr. Capona sem sal, tendo tomado passaporte para os conservadores, requer um logar de importancia.—Remettido ao emprezario da limpeza para que o nomeie varredor do lixo da conserva.

—Como havia annunciado sua familia, teve hontem logar no convento de S. Francisco a missa pela alma do veterano Querino Antonio do Spirito Santo, capitão da primeira companhia de zuavos bahianos que organisou, sendo sua a ideia.

—Compareceram á missa S. Ex. os Srs. presidente da provincia, commandante das armas, presidente da Relação e chefe de policia, além de muitas outras pessoas que foram render a ultima homenagem ao distincto bahiano que illustrou a descendencia de Henrique Dias, honrando sua memoria e a de Manuel Gonsalves.

—A proposito, é digno de ser lido este soneto do Sr. Francisco Muniz Barretto:

Soneto.

No leito da doença fenecoste,
D'*Henrique Dias* descendente bravo,
Tu, que a punir o paraguayo escravo,
Primeiro aqui, impavido, te ergueste.

Da patria, por quem tanto te doeste,
No sangue in'migo não lavar o aggravo—
Só choravas, intrépido Zuavo,
Não o golpe da morte, que soffreste.

Morrer, como morreu *Marsilio Dias*,
Era a tua ambição, velho soldado,
Que com elle em denodo competias.

Mas exulta; que bello foi teu fado!
Louros colheste em marciaes porfias;(*)
Hoje martyr da patria és proclamado.

—Viu o *Pharol* de 23 do corrente?

—Traz um excellente artigo sobre os factos que se deram nesta capital no dia 19 do corrente.

—E' isso mesmo; tracta brilhantemente da eleição.

(*) Na guerra da Independencia, da qual foi n'esta provincia valente lidador.

—Quem ainda não o leu que o procure ler; affiança que não ha de perder o tempo.

—Ainda uma vez combinaram-se o *Jornal* e o *Diario* para darem noticias.

—Quaes foram?

—A do embarque da tropa e a da missa funebre; ipsis verbis ambo florentes.

—Ora vejamos que geito dá o Guede Cabral á gangorra que armou. O Marinho faz-lhe hoje um bonito partido, e duvido que o *de-cano* dos jornalistas levante a luva.

—Embarcou hontem o batalhão 24 da guarda nacional, dito de Santo Amaro.

—Que o presidente chrysmou de Pedro 2°.

—Homem, este presidente tem um amor á familia imperial! Breve o de S. Felix, ou o commandado pelo coronel Seixas toma o nome de Imperatriz. Já ha Pedro 2°, Princeza Imperial, Princeza Leopoldina, so falta ser aproveitada minha lembrança.

—Ha tambem Princeza Isabel.

—Este é por demais; Princeza Imperial e Princeza Isabel é uma e a mesma pessoa; são fertilidades do Sr. Dantas...

Deixemos porém o Sr. Dantas e vamos ao embarque.

—Foram acompanhados por Ss. Exs. os Srs. presidente, chefe de policia, commandante das armas etc. etc.

—Capitão, estou arreliado.

—Explique-se.

—Capitão, estou massado.

—Não o comprehendo.

—E' que eu principiei a fazer um raciocinio e não sei que conclusão tire.

E' que um dia, quando menos se esperava e ninguem em tal cuidava, entra pelo porto a dentro um vapor de quatro canudos! Era o conselheiro Joaquim José Ignacio que vinha, de estado maior, alistar voluntarios; tinha vindo do Rio, tocado ao Spirito Santo, iria a todas as provincias do norte e viva a patria!

O Sr. Dantas porém tem uma lembrança, toma o vapor do homem e fica o conselheiro sem v se.

E o ex-ministro desampara a missão, quer voltar ao Rio, seus committentes nem lhe mandam conducção!

E o conselheiro aproveita um vapor estrangeiro, mette-se dentro, diz adeus a Bahia e deixa-nos tanta saudade com sua inesperada partida que ninguem sabe a que attribua.

Era este o meu raciocinio. Que conclue V. Ex?

—Que V. falla muito para dizer pouco.

A conclusão é que o Sr. Joaquim J. Ignacio foi dispensado da commissão, que era na verdade uma.... economia da epocha.

—Ha domingo festa de Santa Cecilia em S. Francisco; ha palanques, musicas, foguetes, fogueiras, fogo de planta.

—Na vespera ha matinas.

—E ha illuminação a gaz.

—A musica tem de brilhar.

—E lindos balões tem de subir.

— No dia 26 ha a festa.

—E tambem o *Te-Deum* á noite.

—Mas antes disto, ás 5 horas da tarde, haverá sesta.|

—E depois musica, lindas cousas, maviosa harmonia, e o fogo.

—E' uma funeção solemne; o povo deve abrilhantal-a com a sua necessaria presença.

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

Meu compadre—Ha muito tempo
Não tenho o summo prazer
De saber noticias suas,
Nem tambem de lhe escrever.

Por isso pego na penna
Para esta lhe enviar;
Que vá lhe achar de saude
Muito me ha de alegrar.

Sem mais exordios lhe digo
O que ha de occorrido:
D. Eleição deu um baile
Que foi muito concorrido.

— Em casa de *D. Camara*
Teve logar a funeção;
Assistiu toda *nobreza*
Da presente geração.

Não faltou *D. Caballa*,
Dr. Voto, homem serio,
Compareceu *D. Cynismo*,
Só não vi la *D. Criterio*.

D Intriga, mui gamenha,
Estava a se requebrar
Com os irmãos *Candidatos*,
Q' a queriam requestar.

Somente D. *Modestia*
Deixou de ser convidada;
D. *Moral* retirou-se
Por estar incommodada.

D. Victoria, intruza
Sem ninguem a convidar,
Apresentou-se na sala
A querer contradançar.

D. Rodrigo de Menezes,
Viu que não era direito,
Disse á matrona: «faç'alto!
Isto se faz com mais geito.»

Houve grande ruge ruge;
Um barulho dos peccados:
De *D. Victoria* os filhos
Ficaram muito enfesados.

Quasi que vejo acabar-se
A cousa em cassuletada:
Os moços não são de graças
P'ra dar uma cabeçada.

Depois de tanta algazarra,
D. Calma accommodou,
D. Meza decidiu,
D. Victoria dançou.

Então reatou de novo
O fio da brincadeira
Servindo de mestre-salla
O Sr. *D. Cabelleira*.

O barão de S. *Gustavo*,
Moço todo afrancezado
P'ra ajudal-o na tarefa
Foi tambem designado.

Este moço, meu compadre,
Celebre um dia ha de ser,
Pela *firmeza* com que
Apoia todo o poder.

Homem de *crenças*, seja
Quem quizer na governança;
Sabe viver entre todos,
Tem de todos a *privança*

Fazia as honras da salla
O cavalheiro *Leal*,

O *Americo* e o *Joaõ*,
E um *Carvalho* de tal.

Chamou-se a gente p'ra dança,
E a orchestra tocou;
Cada qual tomou seu par,
Na sala se infileirou.

Com D. *Penha* dançou
D. *Cabeça de Carneiro*,
Foi par de D. *Victoria*
O esculapio *Monteiro*.

O visconde do *Sudré*
Não teve com quem dançar,
Certa dama, creio, fez-lhe
Uma taboca levar.

Creio que por segurança
Um *esvelto* advogado,
Andou a duas amarras....
Mesmo assim ficou lograd!

O que mais admirou-me
Foi de ver o velho *Souza*,
Homem ja bastante usado
Mettido n'aquella cousa.

Dançou D. *Luiz d'Almeida*
Co'a dama de *Santonio*
A marqueza do *Pilar*
Com o medico *Theotonio*.

A duqueza de *S. Pedro*
Com o Dr. *Gravatá*....
Depois de acabada a dança
Passaram a tomar cha.

Um *rapaz* Bastos Pereira,
Quiz se fazer engraçado,
Praticou um acto feio....
Foi por todos reprovado.

Paro aqui. P'ra outro ponto
Vou chamar sua attenção:
No vapor americano
Embarcou um batalhão.

Foi um embarque ás carreiras
Que fez admiração:
Os soldados iam sujos
E outros de pe no chão.

O acceio da cidade
Caminha a mil maravilhas;
Mas breve a tal companhia
Creio vae plantar ervilhas.

A respeito do theatro
Creio que acabando o anno
O Custodio Figueireido
Manda *arriar* o panno.

O *Guedes* do *Interesse*
Anda todo atrapalhado
Com dois milhões de processos
Que se lhe tem arranjado.

O homem diz na gazeta
Q'o querem assassinar;
Não creio nisto, compadre,
Com tudo não é bom brincar.

Este anno, meu compadre,
Dos musicos a irmandade,
Festeja Santa Cecilia
Com grande solemnidade.

Ponto final. Fica o resto
(Si houver opportunidade)
Para quando lhe escrever
O compadre da cidade.

A PEDIDO

Ha tempos, o Sr. Guedes Cabral queixou-se de terem ido algumas pessoas á porta de sua habitação familiar dar gritos e fazer assuadas.

Pois bem; o Sr. Guedes Cabral fez de sua typographia ao Maciel um cortiço; nas janellas estão constantemente suas escravas e conhecidas, e a immoralidade é grande. Mas sabem agora o que succede? Quando passa alguma pessoa desaffecta a seu senhor, os escravos do Sr. Guedes Cabral pateiam-ne, insultam-na, injuriam-na.

Dir-se ha que o Sr. Guedes não tem disso sciencia; mas o Sr. Guedes está alli mesmo, no seu escriptorio, separado apenas por uma fragil parede.

Ou saiba ou não saiba o o Sr. Guedes, fica registrado o facto para que se ajuize da moralidade.... ao menos da caza do escriptor de 30 annos.

E havemos de voltar á carga, si for preciso.

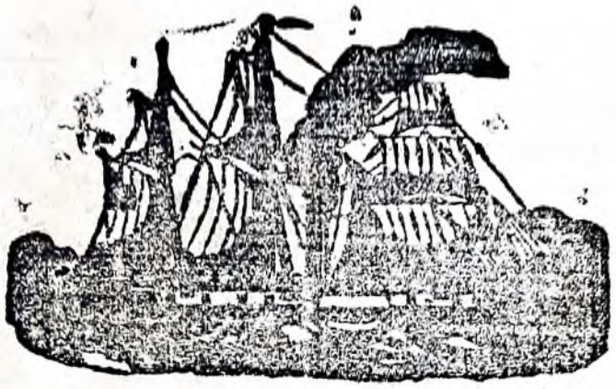
Lê se no *Progresso* de Cachoeira:

«FINALMENTE! —No sabbado passado chegaram da capital os dous guardas nacionaes do 12° batalhão, Manuel Julião e Alberto Moreira, que *por ordem* dos Srs. Dr. Salustiano Souto e tenente coronel Hermenegildo haviam sido recrutados.

S. Ex o Sr. presidente da provincia, attendendo ao que lhe requereu o Sr. tenente coronel José Ruy Dias d'Affonseca, os mandou pôr em liberdade.

Triumphou, pois, a causa da justiça.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



BIBLIOTHECA
DO
Instituto Geographico e Historico
DA
BAHIA

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 29.ª BAHIA 29 DE NOVEMBRO DE 1865. N.º 293 e 294.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Começa hoje a 30.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de novembro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, levando ao seu conhecimento o seguinte boato, que se ha espalhado pela voz publica, afim de que S. Ex. se digne mandar averiguar que fundamento tem isto de verdade:

Tendo José Antonio de Sant'Anna, guarda do batalhão Princeza Leopoldina requerido inspecção de saude no 1º do corrente, fôra o requerimento por S. Ex. mandado informar ao Exm. commandante das armas, o qual mandou ouvir o commandante de companhia do referido guarda, capitão Faustino Correia de Araujo que informou em data de 10 que aquelle guarda nada soffria, succedendo porém que no dia 10 fosse atacado de gotta e com o supposto nome de Antonio Ribeiro levado para o hospital militar onde falleceu a 22 e foi interrado a 23 do corrente sem sciencia de seus parentes.

Tudo isto pode muito bem ser de proposito espalhado por algum mal intencionado ou *pomadista*, sem embargo de que, espera-se, á bem da humanidade e da justiça, que S. Ex. mande syndicar do facto e dê as providencias que o caso requer, si por ventura *é verdadeiro*.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude partecipando-lhe que em uma casa da rua Nova de S. Bento existe um grande charco que deve causar maior damno á saude de quem mora na visinhança; á vista dos sustos e receios porque passamos espera-se de S. S. que sem perda de tempo providencie de modo que desappareça em breve aquella fonte do contagião.

(No mesmo sentido ao chefe de policia, camara municipal, e emprezario da limpeza publica.)

—Ao mesmo, pedindo-lhe que se digne visitar o Engenho da Conceição e ver si pode continuar a ser depositado o lixo no meio da rua, em frente á cadeia, no centro da população....

Espera-se que S. S. preste alguma consideração a este simples pedido, filho unicamente da boa vontade de servir ao publico.

—Ao administrador da meza de rendas provinciaes, pedindo-lhe providencias no sentido de obviar que certas cazas na freguezia do Pilar continúem a vender spiritos fortes, sem o pagamento de imposto.

—Ao Sr. emprezario da limpeza, pe-

dindo-lhe que mando limpar a ladeira da Misericordia, que além de achar-se inteiramente povoada de empadas de pé de muro, converteu-se, logo no principio, junto á fonte, em um grande lodaçal que admira como até hoje a limpeza não deu por elle.

Espera-se pois que S. S. providencie.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á caza n.º 9, á rua d'Ajuda e faça cessar as gritarias e pancadas que diariamente ha entre um negro de nome José, que foi escravo do Sr. Reinaldy e uma negra Balbina. Si nada delles conseguir por boas maneiras, mande o muxingueiro pol-os em termo, ja que por alli não ha inspector, ou si o ha, padece dos ouvidos. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua da Quitanda Velha e indague (para dar as providencias ja que os fiscaes não cuidam de cousinhas) qual é a caza, donde sahe sem cessar para a rua aromatisando ás vezes quem passa, grande quantidade de mijo e agua podre. Cumpra.

—O Sr. Dr. inspector de saude está tratando de seus deveres.

—E' bom que o publico leia os seus artigos com o titulo de Hygiene Publica.

—Ahi estão o *Diario*, o *Jornal* e o *Interesse Publico*.

—Quem dá noticias do batalhão que ficou de organisar o Dr. Queiroz em Santo Amaro?

—Pergunte á *Constituição* que tanto empenhou-se por elle, e ao Sr presidente que acceitou-lhe o offerecimento.

—Vejam que policia!

E' um alferes que alli está pateando uma boa actriz! e fardado! bella moralidade!

—E aquelle pobre diabo, um burro estupido, intendeu que devia massar o publico com os sobejos de sua meza! trouxe uma porção de capim, extravagante prodigo, sem lembrar-se de que pode faltar-lhe no pasto o incomparavel petisco e ser-lhe preciso aproveitar o retraço da cavallaria.

—E prejudicou a saude da senhora!

—Graças de tolle!

—Felizmente são ambos bem conhecidos e sua sucia.

Voltaremos.

—Ha dias espalhou-se a noticia de que um padre desflorou uma menor, dentro do templo. A opinião publica nomeou-o, indigitou-o; mas nada de resultado.

Pediu-se pela imprensa providencias ao Exm. Sr. arcebispo; nada de resultado. O padre continúa a passeiar livremente pelas ruas, a habitar no templo, a dizer missa, a fazer todas as suas funcções de sacerdote.

Mas porque? Não ha lei nesta terra? Si ha, não é ella egual para todos? Não se tem usado de severidade com outros padres em casos muito menos graves do que este?

Dizem por ahi as más linguas que ha certas rasões para isso; si o padre fosse bahiano.... si não tivesse certas intimidades....

—Olhe que os taes filhos da Candinha são dos diabos.

—Capitão, ha por aqui um sujeito, inculcado chefe de partido, potencia, grande cousa & & & e tal; a paixão do quidam é forjar processos, mas como processos não se arranjam com palavras, deve até aos meirinhos!

—E os meirinhos porque o não citam?

—Porque elles bem sabem da *cousa*; e depois o homem é um figurão, pessoa de consideração.....

—Que o prejudicado vá fallando por toda a parte.

—Está doudo! Em risco de o homem metter um *freio* na boca do caloteado!

Melhor fez um. O Dr., isto é o potencia, sempre que via o official de justiça a quem deve 6$ rs., escondia-se, fazia viravoltas, dirigia-se logo a uma pessoa qualquer que encontrava e evitava assim a citação civel...não, politica.

—Tinha medo?

—O sujeito não é realmente para graças. Mas sim, um dia o tal official bispou-o, antes que o *medico* o enchergasse, disfarçou porém.

O *juiz de paz*, ao avistal-o, correu lesto e breve a uma loja, por detraz de cuja porta se metteu.

O official de justiça foi direito ao *eleitor*, e abrindo a porta perguntou ao *deputado* o que alli fazia.

—Jesus!

—Faça ideia que vergonha para um *antigo empregado municipal*!

—O homem não corou?

—Felizmente! Elle ja é *vermelho*, porem ficou mesmo da cor de um camarão ou da casca de um siri, cozidos, especie de *gente* que elle tem ás suas ordens nas suas vastas possessões de maré vasia.

—E assim campeam esses demandistas corriqueiros, esses politicões de meia tigella, esses *processeiros* de industria!

E o official ficou á espera de melhor occasião; o Dr. estava em serios apuros, crise completa.... banca-rota.

—Latronopolis, valha-te o Senhor do Bomfim!

—E sua mãe Santissima a Virgem Senhora da Penha!

—Capitão, cousinhas.

—Pode dizer.

—Um capitão, devoto de S. *Braz*, irmão do *Pacheco*, e primo do *Monteiro*, fez com que viessem para esta cidade como praças de contingente a João Nunes e outro, homens doentes. Depois foi ter com os homens e disse que escreveria ao Dr. Arsenio, para dispensal-os, o que não fez; os homens porém como estavam doentes foram dispensados e retiraram-se a suas habitações.

O tal *capitão* apresentou-se então aos pobres homens, inculcou-se como arranjador do favor, e tomou quasi á força um cavallo alazão de frente aberta, do João Nunes e um boi, do outro, os quaes levou á *Fonte Pequena*, deixando-os no sitio d'um tal Florentino.

—E que quer agora que lhe faça?

—Que metta a cabeça desse grande patiforum n'um grande vaso de *Nagé*, que esteja cheio.

—Pois bem; mande pegar o expertalhão, que destino dou-lhe eu a bordo.

—Vem cá, abutre! Quando tomarás vergonha?

—O que quererá este canalha comigo?

—Canalha! Quem mais do que tu que sahiste dos pastos do sertão e por vergonha desta Latronopolis, te mascaraste de loba, inculcando-te sacerdote?

Dize mais uma só palavra e immediatamente mando-te metter os pés!

Tu bem sabes com quem estás fallando, toma sentido!

Que barulho foi um a 1 hora da madrugada no teu covil?

—Quem sabe disto não pode deixar de ser algum canalha que vive espreitando a vida alheia!

—Muxingueiro, quatro tombos neste *aza preta*!

.....

Pois tu, lembrando-te do tempo de *vaqueiro*, não berraste tanto como as vaccas que guardavas?

E não querias que a visinhança despertasse?!

Que escandalo, *ministro de quem te deu o ser!*....

O diabo ha muito apoderou-se de tua alma sordida. Pois illudiste a duas virgens, fizeste da caza da pobre mãe um lupanar; e, quando uma dellas deseja retirar-se para o santo fim do matrimonio, tu o queres impedir? insultas a rapariga, insultas a velha, insultas o barbudo paio teu cunhado, dás pancadas no pequenote!

—Aquillo tudo é uma canalha; só a Maricas é que é seria.

—E como falla tanto em canalha! Bem dizem que quem maltracta a escravo é negro que ja foi escravo.

—E a caza? Ha de a *Calú* ficar com parte della, sem continuar a ser minha metade?

—Ou antes a tua terça parte, vergonha da classe a pertences.

Tu não fallas tanto em moralidade? não a pregas? porque não a praticas para que os visinhos tomem o exemplo o não escandalisem a um pastor morigerado?

Pois so por um pedaço de cubiculo fazes tão grande *sarceiro*, querendo desgraçar a infeliz que te deixa para desposar o marotinho da padaria?

So por isso obrigas teu cunhado com sua irman a arribarem para a casa de Rosinha?

—Isto é vida particular, Sr. capitão.

—*Vida particular* é o escudo de todo mau pae de familia, de todo homem que não cumpre seus deveres.

E quanto a ti, não aproveita a lembrança, porque padre não pode ter concubinas e muito menos escandalisar o publico com suas degradantes vergonheiras.

—Mas... capitão...

—Prompto.

— O castigo desse fogoso *abutre* é assistir, de ferros aos pés, no porão a seus companheiros de penas.

—Assim, si morrer algum, o diabo do bicho farta-se em gostosa carniça.

—Neste caso, como os cadaveres costumam ser atirados ao mar, lancem vossês o abutre atraz da presa.

—Festejou-se, no dia 26 do corrente, a Santa Cecilia. Esteve tudo bem arranjado na extensão do termo.

—Graças aos esforços do incansavel thesoureiro, o Sr. João Bispo.

—O interior do templo estava magnifico; a illuminação a gaz no exterior estava bella; a orchestra esteve sublime; a banda militar e a philarmonica Terpsychore arrebatadoras; o fogo... soffrivel.

—A affluencia de pessoas foi extraordinaria, o que muito concorreu para brilhantismo da festa.

—Capitão, novidade!

—Que ha?

Um sujeito foi aqui recrutado; houve gritos, discussões, artigos de gazeta, barulho da assemblea provincial e geral, decisão de ministro emfim. O homem foi reconhecido subdito francez.

Chega porém a guerra, cria-se corpos de voluntarios, o homem offerece-se.

Marcha para o sul, e um dia apparece de novo na Bahia e é official!

Que explicação tem isso?

—E' que o *francez* é filho da fortuna.

—E toda a gritaria que fizeram para provar que o homem era estrangeiro?

—Ainda isso confirma o que eu digo; é prova de que o homem é um filho querido da fortuna.

—Pobre paiz das afilhadagens!

VARIEDADE.

Um corneta de certo batalhão tinha relações de amizade com uma criada, que frequentemente o recebia muito sem-ceremonia em casa de seus amos. Uma noite estavam os dous comendo na sala de jantar, quando se ouviram pés no corredor proximo. Era a dona da casa que chegava imprevistamente. A fuga era impossivel ao pobre corneteiro. Instado por tão critica circumstancia, encolheu-se para baixo da meza que estava coberta com um panno, e lá se escondeu juntamente com a corneta que levava comsigo.

A senhora entrou, e sentou-se á mesa com um primo que a acompanhava.

Depois de algum tempo de conversação, disse o primo:

—Parto com um presentimento horrivel: receio que, apezar do eterno amor que me jurou, se esqueça um dia da sagrada promessa que me fez de um dia ser minha esposa quando eu voltasse.....

A prima respondeu:

—Si algum dia por obras ou por palavras eu me desmentir do que prometti, castigue-me Deus sem piedade desde esse momento até o dia do juizo final.

O corneteiro sentiu fuzilar-lhe na mente uma idea luminosa, e a estas palavras embocou a corneta e despediu a nota mais estridente de que era capaz o seu instrumento.

Imagine-se o effeito deste lance no meio do amoroso colloquio.

O primo apaixonado fugiu como um raio deixando ficar na sala a bengala e o chapeu.

A dama cahiu desmaiada dando um grito de pavor.

O corneta retirou-se com a impavidez de quem abandona generosamente uma praça conquistada.

— — —

Estava uma senhora a morrer. Chamou o marido e, depois de tentar enternecel-o com a narração dos seus soffrimentos, disse-lhe que estava culpada de uma falta. Tendo-lhe o marido promettido o perdão que ella sollicitava, confessou a esposa que fôra infiel.

—Perdoo-te de todo o coração, disse o marido offendido; mas espero de ti egual perdão para o mal que te fiz.

—Conta com elle.

—E' que tendo descoberto o crime que me confessaste, envenenei-te, sendo assim a causa de tua morte.

— — —

Um official inglez, ferido na batalha de Victoria, teve que soffrer a amputação de uma perna, e, depois de soffrer a dolorosa amputação com grande valor, viu que o seu camarada estava para um canto a chorar.

—Não finjas que choras, maroto; cuidas que não sei quanto estás contente, porque daqui em diante, só terás que engraixar uma bota em vez de duas.

— — —

Sonho d'um estudante.

Era uma noite, eu sonhara
Que o *dies iræ* chegara
De meu exame fazer;
Não era bom estudante,
Com meus laivos de pedante,
Tinha rasão de tremer.

Era rico na verdade,
Mas por infelicidade
Não se compra um *brilharetur*:
O dinheiro nada val
Quando chega o triste mal
Quando vem o *espicharetur*.

Nada pois mais natural
Que desse terrivel mal
Viesse a imagem, sonhando:
Foi isso o que aconteceu.
Pois apenas dormi eu,
Foi m'a idea atormentando.

Sonhei que chegara o dia
E que triste eu me vestia
Para fazer o meu acto:
Tinha chapeu *tamberlick*
Estava todo no *chick*,
Era mui fino o meu facto.

Sonhei depois, que, *espichado*,
Ja todo envergonhado,
Fugindo, qual foge um cão;
E depois vi o bedel,
Que me dizia—«Manuel,
Levaste reprovação.»

Mas finalmente acordei
Desse sonho que sonhei
Em noite triste, aziaga:
Acordo, vejo o credor,
Que me dizia—«doutor,
Mando-o citar, si não paga.»

(*Extr.*)

A PEDIDO

—Sabe, capitão?

—O que?

—Que ha grande interesse em conhecer-se o Rei dos moleques? O publico está ancioso; quando passa alguem pela Calçada julga descobril-o em qualquer homem de bem que está á janella; o que é uma injustiça, bem que involuntaria; os ladrões não trazem lettreiro.

Em toda parte conversa-se sobre isso; todos fazem supposições, conjecturas; alguns acertam, mas a maior parte fica olhando o signal.

—Ora deixe estar que o publico ficará satisfeito; breve teremos a bordo a importante firma e a sua linda caricatura saudará aos que quizerem ter a honra de conhecel-o.

—Sabe o que succedeu por esse grande desejo de ser elle conhecido?

—Diga.

—Os academicos queriam vel-o; alguem dentre elles disse que o conhecia e ficou certo de mostral-o.

Passa um dia Rei dos moleques, foi indigitado pelo espia e saudado pelo congresso com tanto enthusiasmo que o biltre parou; não poude andar; *felizmente* para elle, reconheceu entre os estudantes um seu parente e a elle se dirigiu, mas a pateada redobrou; Salú quiz dar se a importancia, quiz campar de rei, mas recebeu em recompensa um furioso sopapo, que o fez voltar de cabeça baixa, cuidando somente nos oculos que ficaram com um vidro de menos.

—Ora viva!

—Capitão, aqui lho trago o gallego Souza, que anda macio como um gato e ligeiro como o vento; ladrao sem egual, tratante, safado, infame, á vista do que é preciso que V. Ex reunindo sua tripulação, lhe mande lançar uma corda ao pescoço, inçal-o até a ponta do joannete, ahi detel-o por 24 horas, findas as quaes, arrumar-lhe machos aos pés, dando-lhe por sustento lombos d'agua e bifes de vento, até que venha o Pereira livral-o do flagello ou o Cardoso empenhar-se.

—Sri. capitão, pela mor de Deus, balha-me o meu S. Jau! eu nunca mais dou vufetadas na vrasileira Ricardim, mi perdoe, sinhori capitão.

—Inda é cedo, gallego. Olá da proa, levem este diabo, amarrem-no junto a figura por oito dias, e si pedir comida, deem-lhe calabrote.

—Ai, sinhori capitão, não posso mais com tanto sufireri, balha-me a sinhura Ricardim.

—Agora, patife, o remedio é aguentar-se.

—Ora o que é este mundo!

Vê aquella negra? E' a amiga da Mata-fome, a quem acabou de abraçar!

E traz por lacaia uma pobre moça que si não fosse escrava della passaria por branca!

—E dizem que a rapariga, a infeliz, levou a bordo uma bofetada!

—A culpa não é da negra, é das instituições do paiz.

—*Maria*, o premio do penitente é a *gloria*.

—Capitão, venho contar-lhe novidades, ou antes antiguidades.

—Pode fallar.

—Havia em certo tempo um arsenal em Latronopolis; tractava se nelle da guerra. Algumas pessoas chamavam-no caza de ladrões, e na verdade, com honrosas e raras excepções, quem para elle entrava filiava-se na ordem, sahia dalli ladrão approvado.

Quem menos fez foi quem mais soffreu, ou antes quem nada roubou foi quem tudo pagou: um homem honrado o simples que para alli foi, sahia trahido, enxovalhado e envergonhado.

Veiu então um *reformador*....

Figurae-vos ahi uma especie de minotauro militar, uma caricatura miscellanica de paizano e soldado, um ar impostor, uma importancia presumpçosa, um orgulho mal intendido e fundado, o 2.º tomo do coronel Galatéa emfim, e tereis o inculcado reformista.

Ha muito quem precise de reformar o cofre e a caza que um incendio de repente destróe.

Pois bem. O homem acorda de madrugada....

—Costume antigo; o feitor é quem acorda os escravos.

—.... julga que aquillo são os trabalhadores de alguma roça, sem lembrar-se de que estes, zangados com os rigores brutaes de certo senhor deshumano, podem vingar-se um dia matando o feitor; entra pelo seu novo dominio, e, novo Attila, assola, devasta, põe tudo por terra; Lopez caricata, quer acabar com quem lhe possa fazer alguma sombra. E principia diz elle, por destruir os ladrões; de certa pessoa disse alguem que sabia a arte de acabar com os ladrões, ficando elle só. E sabe quaes foram os ladrões com que elle se occupou? Os pequeninos, os ratos, as baratas....

—Mas olhe que o *grilo* é um pequeno insecto e é mais perigoso nessas cazas do que o cupim na madeira.

(*Continúa.*)

—Capitão, trago-lhe de mimo este bisborrea, para que V. Ex. lhe mande applicar alguma cousa por conta.

—Chegue-se para cá, minha azemola.

—Pelo amor de Deus, tenha comiseração de quem o unico defeito é fallar da vida alheia.

—Ah! V. gosta de encher a bocca com as cousas dos outros, e não acha nisto crime! Espere que farei se corrigir.

—Misericordia!

—Qual misericordia! Maxinguei-ro, toma conta deste animal de nova

especio e applica-lhe duzentas calabrotadas.

—Não tem duvida: venha cá meu *Dr. Vidraça*, e danse ao som d'esta tremenda orchestra—*Eu vi sinhá Anninha montada no boi.*

—Assim como os lentes da academia estão agora experimentando nos exames a seus discipulos, tambem o Rei dos moleques tem dado bons discipulos, approvados todos no ponto principal: alicantina, ladroeira.

—Ora empine-se!

—E' que deve com effeito a gente empinar-se, mas é dos taes discipulos do *cujo* que a qual quer hora do dia, empalmam de qual quer um diversos objectos e os cobres. A raça do olho vivo reproduz-se com espanto e em quanto os grandes cuidam na guerra e nos votos, os pequenos devem cuidar na vida e na bolça.

O abaixo assignado pede á Redacção do *Alabama* o favor de declarar si elle teve parte no artigo publicado em 23 do corrente relativo ao armador que levou o vaso da Unecção.

José da Costa Ferreira.

—

O Sr. José da Costa Ferreira nenhuma parte teve no artigo alludido.

A Redacção.

Sr. Redactor.—Carecendo de evitar duvidas, peço lhe que declare si o escripto lido no seu periodico de 23 do corrente, refere-se a mim por isso que além da palavra—armador—sou vulgarmente conhecido por S. Pedro.

Seu etc.

Pedro Celestino Junqueira.

—

Não, Sr.; o armador alludido mora na freguezia de S. Pedro.

A Redacção.

Sr. Redactor.—Como V. ignora quem é o Sr. da escrava cabra que foi toda escatrisada se queixar ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, saiba que é o negociante Januario Cyrillo da Costa, morador aos Barris, nascido na Bahia e naturalisado portuguez.

* * *

—*Victoria* na *Penha*!

—Refere-se á illuminação?

—Não; fallo de cousas anteriores; refiro-me ás asneiras que em *constituição* foram publicadas contra adversarios generosos.

—Não venceram por que os desleaes usam de infamia e tolhem os meios de pronunciar-se a opinião publica; retiraram-se porque põe-se ao nivel dos patifes quem com elles disputa.

Sr. Redactor.—Ainda que uma luz quasi electrica, emanada d'um *pharol* digno do seculo em que estamos tenha illuminado bem o spirito dos homens do nosso commercio, eu não posso deixar de fazer conhecer mais algumas gentilesas do individuo que no correr do escripto será indicado, e que documentalmente foi no referido pharol posto em relevo perante a opinião publica.

Não foi todavia bastante claro na apreciação o mesmo *pharol* quando tractou de uma notavel questão de fallencia *Vilarim*, e dizendo muito, e muito não disse o melhor, segundo meu fraco pensar; darei por tanto no arremate deste pequeno escripto uma pincelada para colorir o quadro ja pintado, e bem pintado do refinado ladrão, que sem o ser todavia se subscreve com as iniciaes do Sr. F. F. dos Mosquitos. (!!) O Sr. Silveira J. R, carne secca estabellecido com barraca daquelle artigo, comprou a diversas pessoas e pouco feliz intendeu liquidar, e foi para os corpos voluntarios.

Os credores necessariamente viram neste passo um prejuiso certo, e um delles o Sr. C. F. e B., intendeu dever apressar-se a abrir-lhe fallencia.

O que fez um matreiro e que *tem unhas de gavião* nas palmas das mãos, que se subscreve com as iniciaes indicadas, *mas sem que seja o mesmo individuo?*

Poem-se em campo, e, como costu-

ma, fez-se protector do fallido, e emquanto um socio, bestealissima creatura, com o Sr. C. arenga pedidos, empenhos e rogos para elle suspender a fallencia, eis que o tal *amphibio* se arma com valores de dividas activas do devedor commum, entre ellas uma do Sr. tenente coronel Carneiro.

E garantido por est'arte o que não consegue do credor C. F. e B., tracta de vencel-o pelas alicantinas, mexericos e intrigas, misturados de lamurias com que sôe illudir as authoridades, e eis que o fallido contra minha espectactiva e dos credores tem uma sentença a favor!

E que tal Sr Redactor? o tractante e rapina confesso e provado, ao tempo que simula intimidade, que realmente a tem, com os seus commanditarios C. F. e B., e lhes faz empenhos, por trás crava-lhes o punhal, rouba-lhes a algibeira!

E por esta occasião dizem certos individuos, que de tudo fazem nota:—E que fez elle com Lima Rodrigues devedor do M., que compromette-o fazendo-o vir á imprensa negar a divida? pois não lhes metteu gente a arranjar a tosca escripta, não o animou a sustentar a demanda, dando procurador, advogado o Dr. Albuquerque, e tudo mais, e para enredar, afim de, por est'arte sustentar a *inexactidão* do debito do M.? e não lhes faz as despezas, não se empenhou com juizes, não trama finalmente para quando as cousas corram a seu desgosto abrir fallencia do dito Sr., e com isto prejudicar aos seus credores, salvando-se elle, e cevando seus odios?

E o tal *salteador mostardeiro*, e seu *honestissimo* socio, não quererão que lhe provemos o que aqui dizemos?

Deus o permitta.

Dizendo documentalmente o pharol tanta cousa acerca da fallencia Vilarim e seu *muito* e *muito consciencioso* administrador, faltou indicar ao publico o melhor, que é *não ter sido o referido administrador jamais credor daquella massa*, e aliás recebendo poderes do Rio Grande para o chefe da caza (então giravel, em nome individual) liquidou as contas d'um negociante (o Sr das Flores) com a caza do Sr Junior Costa; acontece que transferiram os poderes ao indicado salteador, caixeiro então (que ainda que se subscreva com as iniciaes de F. F. M., não é elle todavia) e este ajustando as contas, resultou deste ajuste um balanço de vinte e tantos contos (vid. os autos) do qual se passaram lettras tornando-se coobrigado Vilarim, mas em logar de passal-as a nome do credor legitimo, passou-as (por prevenção e não por *calculo sem duvida*) a sua propria ordem, e quando as cousas mal corressem, como ja era bem de prever, ahi estava o *honrado* homem encartado n'administração como credor directo!

Então alguem duvidará do talento *latrocinico* de similhante individuo? creio que não, e qualquer que o vir passar poderá afoitamente apontar com o dedo ☞ *ahi vae o mais safado ladrão que tem pizado nesta terra*!

Dos planos do tractante resultou que elle se encaixou na massa, roubou descaradamente, fez com o seu amigo no Calvario e no Horto, tirou pingue commissão della, e tirou-a tambem sem duvida ao constituinte, pagou ao caixeiro despachante á custa da massa (vejam nos autos as contas, onde de despachante d'alfandega que é, se fez do Sr. Monturo procurador de causas, havendo um outro aliás legitimo procurador o Sr. Canabrasil) e o fez generosamente etc. etc. etc.!!

Aqui tem Sr. Redactor os homens que querem campar de honestos, e que se propoem a guerrear as verdadeiras capacidades da nossa praça para que deixem o logar para elles!!!...

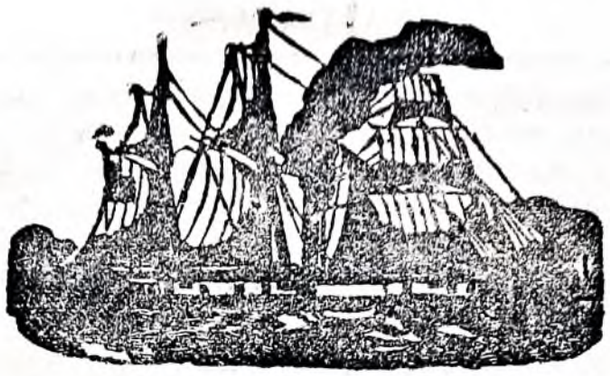
O credor codilhado.

ANNUNCIO.

Nesta typographia se preciza de um menino que tenha principios d'arte typographica.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.

O
ALABAMA
1865
A
1867
H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 27.ª BAHIA 4 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 269

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de outubro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe que informe a rasão porque, quasi sempre nos domingos, não ha missa na Cathedral, ficando o publico sem podor cumprir o preceito religioso, e os ministros da religião em suas cazas frescando.

—Ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe que faça impor multas á companhia da limpeza que não cumpre com nenhum de seus deveres; tanto que sujeitou-se a remover os monturos no praso de tres mezes e são elles ja passados, ficando a cidade no mesmo vergonhoso estado; especialmente na Estrada Nova e ladeira do Pilar, que só não causam indignação a quem não viu ainda a porcaria que alli existe.

—Ao mesmo para que se dirija á camara afim de influil-a a mandar calçar certas ruas da cidade, para as quaes se tem em balde reclamado a attenção da Illma.. Sem fallar nas ruas dos Ossos e Carvões por pertencerem á engeitada freguezia de Santo Antonio, as ruas do Julião, Caes Dourado, Pilar, parte da Calçada, Roma e os Dendezeiros particularmente, precisam de um concerto radical, até porque se não prestarão bem á passagem dos carros que, pelas festas, levarão S. Ex. ao Bomfim assim como os dignissimos membros da Illma. que infelizmente vae matando nossas charas esperanças.

Espera-se receber mercê.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que faça extranhar energicamente ao Sr. subdelegado da Victoria o seu proceder, consentindo que o Campo Grande se torne pasto de animaes muares, com grave risco dos transeuntes, especialmente dos meninos e com manifesta violação da postura que probihe animaes soltos pelas ruas da cidade.

—Ao mesmo, agradecendo e louvando-lhe as acertadas providencias que tem dado em relação aos moleques, e pedindo-lhe se digne alargar suas vistas para a freguezia de Santo Antonio, onde nos domingos á tarde e todos os dias á noite, os moleques apparecem em bandos.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que se dirija á rua dos Capitães e procure o caixeiro de uma padaria que ahi ha, na qual se reúne todas as noites uma sucia de vadios para provocar a quem passa, além de incommodar os visinhos com suas

algazarras e palavradas, e faça-lhe sentir o inconveniente que resulta de tal ajuntamento, que a continuar, será de urgente necessidade que vá o moxinguciro dar um passeio até alli. Cumpra.

—Veja como está S. Ex. occuppado; esqueceu-se de tudo, só para cuidar da guerra, e a prova de que na secretaria do governo se não demora o expediente está no seguinte:

«Justina Maria das Virgens, pedindo ser posto em liberdade seu marido Pedro Pereira de Souza.—Não ha que deferir por ter o supplicante seguido para a côrte.

«Manuel Zepherino de Carvalho, pedindo para ser inspeccionado.—Não ha que deferir por ter o supplicante seguido para a côrte »

—Accumulação de trabalhos; ninharias, bagatellas.

—Leia isto.

«—Thesouraria geral.—*Expediente do dia 25 de setembro de 1865.*—No officio que devolvo a V. Ex. declara o delegado da villa da Barra do Rio de Contas, Francisco de Souza Paraizo, que os quatro guardas nacionaes que acompanharam voluntarios a esta cidade sol licitam o pagamento de diarias durante o tempo da viagem, ao que me cabe dizer a V. Ex. que não sendo necessario a voluntarios *um tal acompanhamento*, nem haver exemplo de authorisação para similhante despeza, não podem ser satisfeitas as dos guardas: si porém *viessem escoltando recrutas*, então teriam direito não so á etape de 400 rs. diarios como ao soldo de 90 rs. os soldados e de 100 os cabos.»

—Sabe me dizer si o escravo do major José Maria que tinha sido *recrutado* para *voluntario* zuavo, já sahiu da prisão?

—Parece-me que não; o presidente mandou o senhor provar identidade.

—Ja está provada e os papeis estão na secretaria ha mais de dez dias.

—E' que S. Ex. está occupado com negocios mais urgentes e importantes.

—E o homem sem ter solução de seu negocio! E perdendo os dias de serviço do escravo! Tudo porque o quer a authoridade, ou qualquer outro que se mette de permeio!

—Sr. C. E. P. B., não se queira fazer o echo de intrigas pequenas, arranjadas pela ignorancia, aproveitadas pelos maledicentes, e espalhadas e ouvidas pelas esquinas, pelas bodegas, por gente capaz de tudo, menos de respeitar a verdade e ter dignidade! Tome sentido; não bula com quem se não occupa de sua pessoa; ao depois não nos queira metter medo com seu chicote. A chronica sabemos-lhe a fundo. Si não quer bulha com jacarés não bote jequis n'agua.

Tome sentido! Lembre-se de que a gente de ca, os caracteres mesquinhos, os abutres nunca andaram de braço dado nem lambendo as plantas d'um major que injuriava seu irmão, levando á morte sua cunhada prenhe, facto pelo qual teve o descaro de deitar lucto!

Não se indireite com nosco! Tome sentido!

Attenções deviamos receber do Sr., mas que ha de dar quem não tem?

Bem se vê que não havemos de dar um couce n'um *bicho* que nos offende.

—Esta terra parece que não tem leis, nem authoridades que as façam executar! Cada um faz aqui o que quer e não responde por seus actos; é assim que o Sr. Thomaz de Aquino manda quebrar pedras na ladeira da Mizericordia com a maior semcerimonia do mundo e põe em risco imminente a vida dos transeuntes e dos visinhos; todas as barracas de Santa Barbara são acommettidas, seus telhados quebrados, seus habitantes ameaçados; de vez em quando os transeuntes tremem, assustam-se, olham para o ar e veem a voar uma especie de pombos sem azas, um furioso coração de negro que si der um beijo na cabeça de alguem o manda ceiar com Christo.

E tudo porque?

Por um deleixo, pela grande relaxação que distingue tudo desta terra. Dizem que com uma simples tapagem de taboas se obvia tudo isso.

—Meu amigo, nós não somos palmatoria do mundo, deixemos correr as cousas.

Deixe morrer alguem, que ha de haver providencias.

—Onde vae aquelle homem tão apressado com aquella faca na mão?

—Vae sem duvida fazer alguma desgraça.

—A culpa é do caixeiro do talho do Sr. Britto á Madragoa, d'onde acaba elle de sahir; a faca é a do serviço do talho.

—Dirige-se á praia fronteira; vejamos.

—Graça! capou um cão, isto é decepou-lhe.....

—Graça! malvadez chamo eu; antes matasse o animal!

—Mas a culpa é do caixeiro do Britto; não deve ter tanta facilidade em emprestar uma faca de ponta enorme, uma furiosa *lambedeira* como é aquella.

—Supponha que o sujeito, em vez de cão, dá para capar homem!

—La isso é verdade; e como pode repetir-se a graça sem que appareça um inspector, ou qualquer outro agente da authoridade, pede-se ao Sr. Britto que dê providencias.

VARIEDADE.

Um rapaz a quem morrera o pae havia um anno, soube que infermara gravemente um seu visinho. Foi vel-o e perguntou-lhe:

—Como te achas?

—Mal. Si queres alguma cousa para teu pae, dize-o, que me parece que vou vel-o qualquer dia.

—Deixa-te disso, homem; tu não has de morrer assim.

—Morro, que sinto que morro com certeza... Com que vê la si queres alguma cousa para teu pai.

—Tu não morres, e si morreres não vais para o ceu, e si fores não topas la com o autor dos meus dias, e si o topares esqueces-te do meu recado, mas si por ventura te lembrares diz-lhe la que mande dizer onde demonio metteu o seu cachimbo velho que eu ando a procurar desde que elle me voou da terra.

Havia tempos tinha desapparecido de Werschetz, na Hungria, uma rapariga de 12 annos. A mãe inconsolavel procurara inutilmente sua filha: Havendo uma feira em Werschetz, foi alli muita gente estranha á localidade. A mãi aproveitou esta occasião para ainda procurar sua filha. Com effeito encontrou-a no meio de uns poucos de mendigos, mas a infeliz rapariga tinhe sido mutilada. Haviam-lhe cortado ambas as mãos. Não é este o primeiro caso. Um rapazito de menos edade escapou milagrosamente a que lhe tirassem os olhos. Aquelles miseraveis e infames armam á caridade publica apresentando ao viandante deformidades expressamente arranjadas para provocarem a compaixão e por tanto a esmola.

Duas mulheres muito feias assistiam a um infermo. Este, vendo-as, disse aos seus amigos:

—Senhores, eu morro.

—Porque? perguntaram-lhe.

—Porque tenho lido em muitos livros que á hora da morte se vêm visões e agora vejo-as espantosas.

Dirigindo-se o marquez X. .. para Madrid com sua esposa, parou a carruagem em um povoado para os passageiros passarem a noite em uma estalagem que alli havia.

No dia seguinte erguen-se o marquez e, desejando saber o que havia de novo no povoado, dirigiu-se ao dono da estalagem e perguntou-lhe:

—Que temos?

O estalajadeiro pensando que o marquez queria saber o que havia para o almoço, respondeu logo:

—O Sr. marquez tem cabeça de porco, e a senhora marqueza, si lhe agradar, tem uma lingua de palmo e meio.

—Obrigado pelo elogio, respondeu o marquez, retirando-se tranquillamente.

A PEDIDO

—Quem é aquelle *cujo* que alli vae fardado e montado no cunhado postiço?

—E' um pobre diabo que injuria a guarda nacional pelas rapinagens de sua vida prostituida.

Ha pouco recebeu 80$ rs. de certo Carvalho, afim de entrar este para a reserva; fez á força ir tambem para a

reserva o sargento ajudante, afim de ficar vago o logar e ser encartado seu postiço cunhado, irmão de certa professora; é o mesmo do que se fallou outro dia a V. Ex. e que foi demittido, por prevaricador, de certa repartição de guerra; fez por dinheiro a um cujo alferes, que é o mesmo do negocio de uma carteira com os competentes cobres a bordo do vapor da C.; fez tambem alferes a um celebre homem *rasteiro*, escoria dos conservadores de Santo Antonio, um politico de trampa.

—Aspirante, mande pegar aquella pinga, e si ao voltar eu não estiver aqui, mande-o metter no purão de machos aos pés ate que esteja eu presente e resolva o contrario.

Pede-se ao aspirante João de Deus que vá a rua de S. José e intime a um individuo que alli existe para que vá tirar a casaca que deixou na venda empenhada por um par de botinas e outro de sapatos contra a vontade do dono da casa, deitando-a em cima do balcão involvida em uma gazeta e dizendo que ja voltava. Isto deve ser quanto antes, sinão quer passar pelo desgosto de ver seu nome por extenso, além de ser obrigado por um anno a carregar lenha para a festa de S. *Liborio*

Da-se uma gratificação soffrivel em casa do Rei dos moleques a quem descobrir onde foram parar duas peças de brim furtadas a certo negociante por um sou caixeiro que as vendeu a um bahuleiro na rua dos tachos.

O ama secca.

Paga-se bem a quem descubrir qual foi o medico que pediu 50$ rs. a um doente de pernas inchadas para attestar que elle padecia de erysipela.

Si não apparecer quem disso se encarregue com brevidade, ir-se-ha ter com um celebre candidato ja por vezes taboqueado.

O Rei dos moleques foi a Amarelinho pedir-lhe fiado cêra para uma festa.

—Não posso, Sr.

—Pois o Sr. não me conhece?!

—Pois por conhecel-o é que lhe não dou cera.

E um tratante assim ja tão conhecido não foge desta terra, não vae ver si ganha os 10:000$ offerecidos a quem pegar o Lopez!

Si cahisse elle nesta asneira, so assim ficavamos livres da peste!

Poesias de José Monteiro.

SONETO.

La no Prata se acham nossos jovens guerreiros
Cumprindo a missão que é do seu dever (*)
Mostrando ao inimigo que ha brasileiros
E q'as muralhas de Humayta avemos abater.

Estão nos campos da lutta como os primeiros
Os Bahianos filhos de povos gentil,
Mostrando a Estigarribia que ha brasileiros
Para vencer os seus bandidos, servos vil.

Oh! misero Estigarribia, tu não tens nação!..
Então tu discestes q' para o Brasil te vencer
Era preciso acabar com toda escravidão?

Nós não precisamos disto!. Tu nem tem soldados guerreiros!...
Nós ca somos filhos do grande Brasil...
A estes bandidos—guera, guerra, brasileiros!

MOTTE.

A força da sympathia.

GLOSA.

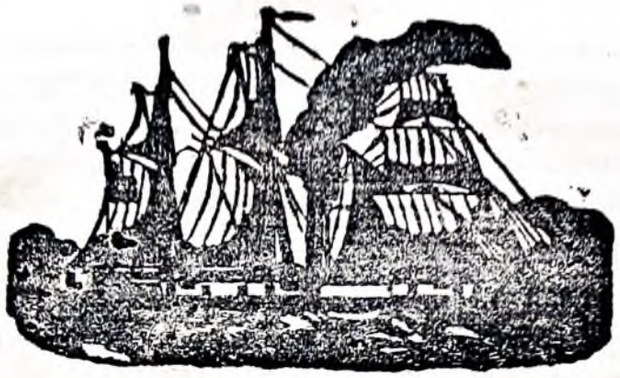
Em gostos prazeres e alegria,
Em reunião de amisade um dia,
Entre elles haviam dous
Em grande desharmonia,
Um anjo então apparecia,
E o nome de virgem ella tinha,
Entre os dous mal se queriam;
Com affavel voz lhe dizia,
Que fazer-se a paz devia
A' força da sympathia.

(*) Ou vencer;;; ou morrer.

ANNUNCIOS.

Na loja á rua Direita da Misericordia n.º 17 A, precisa-se de officiaes de sapateiro.

Vende-se um bonito carneiro para sella, manso, muito grande, e novo; tracta-se na casa nº 3 atraz da Cadeia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 27.ª BAHIA 5 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 270

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de outubro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe que mande indagar a rasão porque os conegos, *empregados publicos* quasi nunca apparecem a dizer missa no Collegio, aos domingos, como é de sua obrigação.

—Ao Exm. Sr. conselheiro commandante das armas, pedindo-lhe o favor de informar si deu licença a um Sr Pimentel para fazer jurarem bandeira no quartel da Praça os cidadãos que se apresentam para fazer parte da companhia que o mesmo organisa. Tal licença, si existe, tem dado logar pelo menos ao abuso de sentarem praça pessoas doentes que não passam anteriormente por uma inspecção.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando a attenção de S. Ex. contra os ratoneiros que abundam nesta cidade, principalmente na freguezia da Sé, onde durante a semana passada roubaram a loja de miudezas do Sr. Filippe á rua Direita do Collegio, arrombaram e roubaram a tenda do barbeiro Firmino no Terreiro, foram á casa do negociante Nicolau Carneiro da Rocha Menezes á rua Direita do Collegio, e na noite de 3 do corrente tentaram arrombar a venda n. 41 ao Terreiro.

São indigitados como authores de taes attentados um crioulo mudo de nome Sergio, bastante conhecido por seus feitos de rapinagem, um cabra de nome Tiburcio, cego de um olho, e outros, cujos nomes ignora-se. Estes individuos são ja conhecidos por seus genios turbulentos e inquietadores do socego das familias: por vezes tem sido levados ao conhecimento de V. Ex., dos Srs. Dr. delegado e subdelegado da freguezia, factos praticados por elles; entre outros o de andarem alta noite com uma campa pelas ruas resando o terço. Não ha muito que encastellados em uma loja do sobrado do Sr. Dormund na rua da Larangeira, apedrejaram a uma patrulha de policia. Por tudo isso espera-se da energia, zelo e actividade de S. Ex., remedio para que cesse semelhante flagello.

—Ao mesmo, pedindo-lhe providencias afim de que a companhia do Gaz seja obrigada a quanto antes mandar collocar um combustor que ha muito se acha cahido, na rua Atraz do Muro, rua que por ser ja de si bastante *exquisita*, incute serios receios a quem em trevas, tem de por alli passar fora de ho-

ras, n'um tempo em que ha falta de patrulhas e por consequencia os malvados e ratoneiros estão mais audazes; o mesmo não é justo que a companhia esteja a ganhar o dinheiro da provincia de gauderio.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que multe o dono da taverna Estrella d'Ouro, ás Portas de S. Bento, por conservar, todos as noites, aberta uma porta por onde vende depois das horas marcadas, zombando assim da postura e do regulamento expedido pela policia. Cumpra.

—Chegaram voluntarios, guardas nacionaes e recrutas:

De Cachoeira;

De Maragogipe;

De Cannavieiras;

De Barcellos e outras villas do sul.

—Chegaram por tanto os dous campeões Sallustiano Souto e Ernesto França.

—Noticia o *Progresso* que a Exma. Sra. D. Marianna Amalia do Rego Barreto, prima do Sr. visconde da Boa Vista, offereceu-se para marchar para a guerra. O Exm. Sr. conselheiro Paranaguá, presidente de Pernambuco, acceitou os serviços da distincta joven, que tem apenas 18 annos de edade, e tem ella de marchar para os hospitaes de sangue, podendo usar das insignias de 1.º cadete.

—Ante actos tão significativos, que tanto em realce poem o valor feminino, o homem pensador curva, reverente, a cabeça.

—Suicidou-se o Sr. João Fernandes Chaves, antigo escrivão do foro desta cidade.

—E foi sepultado *extra-muros* do logar sagrado.

—Porque?

—Pois não sabe que os suicidas não gosam das ceremonias funebres por parte da egreja?

—Muitos suicidas tem sido interrados no *cemiterio* e muitas missas se tem dito por alma dellos; ha pouco succedeu assim com o academico Zabulon.

—Isto la não sei; são differenças talvez da posição, da familia, da edade...

—Ha de ser isso, ha de ser isso.

—O que é aquillo alli nas Portas do Carmo? Tanto povo reunido, toques de apito, vidros quebrados, cadeiras atiradas, etc.?

—E' barulho entre um militar e um paisano.

—Onde estão elles?

—Dentro daquella casa dos quatro dobrado cinco vezes.

—E a rasão?

—Dizem que o militar tem genio bellicoso e de *conquista*; julgou que estava no Paraguay e que alli era uma fortaleza, atacou-a de assalto e tomou-a. E agora o dono trata de desalojar o inimigo.

—Mas não precisa estragarem assim os trastes e darem aquelle espectaculo. E nem siquer apparece o inspector de quarteirão!

—Agora não ha inspectores, que o chefe não quer; a freguezia está acephala.

—Ah!... .

A que corpo pertence o official?

—A' policia provisoria, dizem.

—Tambem os Srs. officiaes de policia são uma antithese perfeita dos fins que tem aquelle corpo. Ja outro dia contaram-me que um entrou em casa de uma *menina feliz* na ladeira da Misericordia, deu pancada, quebrou cabeça, e sahiu muito fresco acompanhado de assobios de moleques. Agora aquelle está reproduzindo a scena.

—Bellezas desta terra!

—Vá me saber do *Carlos* da botica o nome do official, que quero dar parte delle ao commandante, e tambem do outro cujo para mandal-o ao chefe de policia que ha de gostar do presente, por que o homem é valente como um cavalheiro que conheci de nome *Arthur*.

«—Hei de bradar... sim hei de bradar... Os fiscaes são coniventes; si não fossem não consentiam taes escandalos!

«—Mas o Sr. não prova.

«—Que mais prova quer do que estar se vendendo carne podre ás 3 horas da tarde, em quanto o fiscal está socado na casa daquelle homem das *cotias*, pagodeando com

elle. Como é que o fiscal ha de cumprir suas obrigações a respeito de um homem em cuja meza se senta e cujo vinho bebe?

«—Pois brade até arrebentar.

«—V. tem rasão de dizer isso! Si não houvesse quem a troco de 5$ rs. mensaes, de uma garrafa de vinho e outras cousas, sacrificasse a saude do povo, V. não estaria tão ufana.»

—Onde ouviu isto?

—N'uma rua que dá n'uma *valla* entre um sujeito e uma crioula *conhecida* de um homem que vende *cotias* e que tem talho alli. O homem foi comprar carne, e achou-a mà, entrou a bradar por que viu o fiscal jantando em casa do dono do talho.

—Quando foi isso?

—Não sei.

—Pois elle que vá bradando até 30 do passado para ver si a camara ouve.

A PEDIDO

—Capitão, aqui está o Rei dos moleques.

—Que ha de novo com este demonio?

—Muita cousa boa, capitão.

Havia no Mau Gosto do Engenho da Conceição um pretinho velho que servira a seu *vovô*, e que possuia algum dinheiro; o patife arrombou a caixa do preto que estava na loja do sobrado do vovô, subtrahiu-lhe os papeis que tratavam de dinheiro que provavelmente cobrou; tirou todo dinheiro que achou e debandou-o.

Despresado dos parentes pelos maus feitos, voltou á caza paterna e andando pela rocinha, espreitava a occasião de se introduzir no quarto do *vovô* para saquear, como fez por diversas vezes nas commodas, gavetas, carteiras &.

Por diversas vezes foi chamado ladrão por suas tias, principalmente em uma em que foi encontrado debaixo da cama do vovô, para dar pasto a seu genio rapina.

Apresentou a um Sr. Adriano, com hotel no Bomfim, uma carta falsa do Sr. M. I. S. M. com ordem para dar-lhe varios objectos; e recebendo-os no valor de trinta e tantos mil reis, passou recibo na dita carta e foi dar um jantar, uma verdadeira pagodagem de moleques, de que era elle o capitão ou rei, e fez o diabo no fim da rua das Areias.

Tomou em nome de uma de suas tias um chale na loja dos Srs G. & M., ao pagamento do qual se não quiz sujeitar a tia que não está gorda para sustentar ladrões.

Furtou de uma outra ou da mesma uns anneis de brilhante de 200$ e foi vendel-os a Mané Cotoco por 20$, dinheiro que pagou a pobre da tia para rehaver seus bens.

Este homem, occulto em casa de uma senhora ao Tingui, e tendo de haver ahi um casamento de uma recolhida da Misericordia, serviu de padrinho.

O noivo era um musico e a noiva afilhada da dona da casa, protectora do Rei dos moleques; o musico devia a um capitão 50$ e tendo recebido o dote, quiz pagal-os. Rei dos moleques estava presente e pareceu ao noivo pessoa capaz, competente por tanto para levar o dinheiro ao capitão. Da sua parte Ama-secca tripudiava, arregalando os olhos para os cincoenta bagos.

Foi afinal escolhido para portador, mas esqueceu-se do capitão e dando largas á sympathia que sentia por aquelles cobres, beijou-os, apertou-os ao seio e *metteu-os no peito* para ficarem seguros.

O musico, si não quiz passar por caloteiro pois não tinha a cara de Salú, reduziu o dote de 600$ a 500$ rs. pagando duas vezes o que so gastara uma.

(Continúa.)

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Agarra aquelle birbante que la vae todo teso.

—Sem demora, capitão.

Ah sô tratante!

—O que quer commigo?

—Venha á presença do capitão que saberá.

—Valha-me *S. Estevam*! Pensei que este homem ja se tinha esquecido de mim.

—Havia de ser bem bom! Elle se esquecer de um dos primeiros tratantes de Latronopolis.

—Mas agora não fiz nada de que possa ser accusado.

—Siga para a frente,e nao me conte caraminholas, que as não como.

Capitão, eis o bargante.

—Como vem este sevandija com a cara deslavada!

Então, meu cavalheiro de industria, o que fez V. dos 5$ rs. que lhe deram. ....

—E' falso, capitão, falsissimo; ninguem me entregou cinco mil reis.

—Não tome o recado na porta da rua. Os cinco mil reis que lhe deram para entregar a um sacerdote

—Repito que é falso, capitão; são meus detractores que me calumniam.

—Não negue que è peior.

—Mas si é falso!

—Muxingueiro! Prepara o calabrote!

—Ah! meu Deus! valha-me o bemaventurado Santo *Estevam*.

—Então não minta. Não é verdade que n'um dia em que V. foi a um logar em que tinha de passar por um campo *bento* lhe deram cinco mil reis para entregar a um sacerdote para dizer uma missa?

—E' sim senhor.

—E porque não entregou?

—Porque gastei o dinheiro.

—Como se gasta o que não é seu?

—Necessidades da vida.

—Descaração, chamo eu! E com dinheiro de defunto se brinca?

—Como estou acostumado a trabalhar para elles julguei que não fazia mal.

—Diga antes, ja é meu costume fazer destas bregeiradas, quando vejo dinheiro dos outros. Tolo é quem lh'o confia.

—Foi uma precisão urgente. Eu agora ja estou serio.

—Serio! ainda ha pouco quiz V. pregar uma *peça* ao chapelleiro da rua Direita.

—Isto é cassuada do Vianna.

—Cassuada que o homem ia ficando sem o chapeu.

Mas diga-me quando tenciona V. restituir o dinheiro do padre?

—Quando tiver.

—Isto é resposta de velhaco! Pois V. *armando* todos os dias geringonças e tranquibernias aos infelizes, não tem 5$ rs. para restituir o que *fintou* dos outros?

Depois não grite por seu patrono S. *Estevam* porque mandar-lhe-hei metter n'uma *cachoeira* si dentro em tres dias não restituir o dinheiro.E mais logo será obrigado a andar pelas ruas carregado com uma armação de defunto ás costas,

Pode se retirar.

—A's suas ordens.

—Vae biltre!

—«A honra tem um preço real.»

—E' certo?

—Inda duvida!

—Duvido que V. tenha conhecimento do que é honra, palavra e sentimento que constantemente prostitue na sua boca sordida, na sua lingua viperina, na sua penna damninha.

Admiro me de que falle em honra V. que della tem conhecimento pelo que lê nos lexicographos.

V. faz-me lembrar o caso d'um homem devasso que dizia ter conhecimento de todos os livros de moral.—Da mesma maneira que conhecem os ladrões todos os agentes de policia; respondeu-lhe alguem.

Enjoa ouvir-se V. fallar tão de continuo em honra, em difamação, V. o descredito vivo, a difamação personificada, a deshonra ambulante, o cabrion das familias honestas....

—Sr., não prosiga! não me bote a perder!

—Sr. C. não me aborreça, faz favor?

—Olhe que o ensino!

—Sei da sua fama, V. é um galliuho de campina, um valentão dos seiscentos; tem ja dado por vezes seus beneficios; tem avançado de chapeu de sol e corrido de chicote; mas que importa? Por mais proesas que faça o espadachim, é sempre considerado pelo publico honesto come um perigo no meio da sociedade, como um malfeitor de que é preciso livrar-se, como um criminoso que é urgente punir.

—Sr., não continùe!

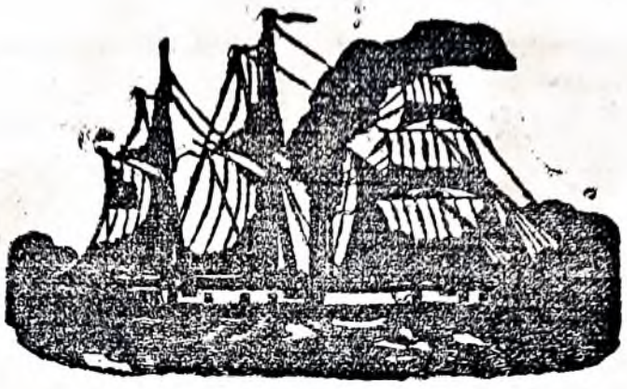
—Mande-me prender pelo ordenança, Sr. engenheiro sem carta!

Não seja bobo, retire-se!

ANNUNCIO.

Nesta typographia se dirá a pessoa, que pretende alugar um moleque cosinheiro, e com pratica de casa de pasto.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 27.ª BAHIA 7 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 271

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de outubro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe, com todo o respeito, que informe si tem ou não dado licença aos proprietarios da Estrada Nova, para fazerem represas no rio das Tripas.

—Ao Exm. presidente da provincia, ponderando-lhe a desegualdade que ha entre o crescido numero de officiaes da intitulada policia provisoria com o de soldados da mesma, o que parece uma sinecura, ou que aquelle corpo foi creado para arrumação, por que pouco ou nenhum serviço presta, continuando as ruas a permanecer sem policia, e os ratoneiros e desordeiros a seu salvo arrombando portas e dando pancadas como aconteceu na noite de 2 no Maciel; e não precisando a provincia de pagar a tanta gente para arrastar a espada e fazer estado, sem ter a quem commandar, espera-se de S. Ex. a conveniente reducção.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que partecipe á meza administrativa da Quinta dos Lazaros, que o serviço da tapagem dos carneiros se faz com bastante e aborrecida demora, levando as pessoas que conduzem o cadaver a esperar uma hora e mais até que cheguem os materiaes necessarios. O que não é possivel que continúe, como bem vê S. Ex.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que em complemento a suas providencias contra os moleques, se digne mandar espalhar ou antes reunir *essa praga* que apparece todos as noites no theatro e que não faltará certamente á recita de amanhã.

—Ao mesmo, communicando-lhe que em uma casa aos Coqueiros da freguezia de S. Pedro reunem-se em certas noites africanos em numero maior a 60. Essa casa é de proposito destinada a taes reuniões: figuram de donas duas moças que moravam em Itapagipe, e que foram para alli levadas por uma preta que foi escrava da Misericordia, com o fim de não despertar suspeitas.

(No mesmo sentido sobre a casa da africana Maria Luiza moradora á rua da Lapa.)

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande recolher uma mulher que mora, na quitanda de S. Raymundo, em uma caza de esteiras, e que incommoda a todo o mundo com palavradas e pedradas.

—Ao Sr. subdelegado de Pirajá pa-

ra que informe a respeito de uma diligencia que foi fazer em Peripori um guarda nacional, o qual foi attacado pelos inglezes da Estrada de Ferro com rewolvers e espadas e por um escravo que trazia cordas para amarral-o; consta que serenou o conflicto com a chegada do inspector de quarteirão, mas que o guarda foi remettido para a tropa de linha. A ser verdade, espera-se saber o dia do accontecimento, o nome do guarda nacional, o do inspector de quarteirão, o motivo da diligencia, e o crime do guarda.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que haja de providenciar para que cessem as immoralidades commettidas á noite debaixo dos arcos da antiga cadeia.

—Ao mesmo, no mesmo sentido, sobre o adro da egreja de S. Domingos, onde é maior o escandalo, não so por ser alli mais publico. como pelo desrespeito á casa de Deus, em cujas portas vê-se á noite sem a menor ceremonia vultos abraçados e outras cousas que a decencia manda calar. Estes factos S. S. poderá verificar passando por alli depois das 10 horas, posto que desde a boca da noite seja aquelle logar destinado a *entrevistas*.

—Contra-mestre que novidade foi aquella no arsenal da marinha com os discipulos e os menores?

—E' uma onça que os persegue.

—Como?

—Comendo.

—Onde?

—Alli, ou levando os para a caza ou covil.

—E o Sr. Costa Lima sabe disto?

—Provavelmente não, pois que do contrario mandaria dalli tanger aquella fera, que ha pouco fez um menino precipitar-se na machina e ficar sem um dedo.

—Que diz, homem?

—Pergunto ao jesuita José Gabriel que sabe desta immoralidade.

—Vou pedir ao digno Sr. inspector para informar-se deste mysterio que não comprehendo, e dar as providencias, si houver *cousa*.

—E eu voltarei ao assumpto.

—Ah! ferreiro da mão furada!

—Vidro quebrado não está comprehendido no contracto da limpeza?

—Creio que sim, segundo o art. 3.º de combinação com o 8.º

—Pois os empregados da empreza dizem que vidro não é cisco e não recebem nos carros nem pratos nem garrafas quebrados.

—O Sr. ja viu?

—Sim, Sr.; ha tempos um não quiz receber uma garrafa que naquella occasião se quebrara; e hoje, 6 de outubro, um menino que varre a rua da Conceição do Boqueirão não quiz receber de maneira nenhuma um garrafão quebrado que por vezes depositaram no carro uns africanos que provaram ter pago dous mezes, e aos quaes chamou elle até de bebados.

—São interpretações dos empregados da empreza.

—Mau, mau! está o homem do cisco!

—Queira pagar sua contribuição do mez de julho.

—Sr., o carro do cisco ainda não passou por esta rua que é a ladeira do Desterro; não obstante aqui tem mil reis, dê-me o troco.

—Não, Sra., Vm. tem de pagar mil reis; quantas pessoas tem em caza?

—Com esta menina de peito, dez.

—Pois é isso; é a conta do regulamento do lixo.

—Que tal!

E como foi-se tão lampeiro o maganão!.....

—Parte do batalhão da Sé foi buscar os voluntarios de Santo Amaro.

—Bello! voluntarios acompanhados!

—Depois o Sr. inspector da fazenda só quer pagar vencimentos de quem escolta recrutas.

—Capitão, ha uma certa viúva que fez o seguinte:

O marido que tinha filhos crias, forrou-os e deixou-lhes alguma cousa em testamento; a viúva achou um meio de desherdar os enteados e foi este:

Arranjou-se com *alguem*, seja la quem for, e os tem mandado recrutar, de sorte que a geração de nove ja está reduzida a tres rapazes que tem ido para bordo.

—Detestavel mulher!

O Sr. chefe de policia que indague si é verdade, que dê as providencias, si for certo, que faça proceder contra esta mulher temivel.

—E o seu nome?

—Direi em segredo ao chefe de policia, si acaso não puder elle sabel-o por meio de seus agentes.

E' preciso reprimir o crime!

—Ahi vem Fr. Manezinho com a santa Unção.

—Entrou naquella loja de sapatos; quem estará alli doente? seria algum incommodo repentino? alguem que entrou e teve alli uma syncope?

—Qual, amigo! O padre depositou o vaso santo em cima do balcão e está a escolher sapatos.

—O exemplo é bom e não deve ser perdido; *nasce de cima a corrupção dos povos.*

VARIEDADE.

Doer Oued-Ethal é um typo original. Certo dia, como os campos estivessem sequiosos por falta de chuva, atirou dous tiros de pistola contra as nuvens que pareceram obedecer-lhe, porque meia hora depois cahia chuva a torrentes.

Algum tempo depois, Doer foi ao paiz dos Bogos tambem desolado de secura. Ouvindo os queixumes do povo, ergueu o punho contra o ceu, exclamando:

—Não me conhece? Sou o homem dos dois tiros de pistola.

Charada.

E' um tecido
Fazenda fina—1
De certa arvore
Uma resina—1

Conceito.

Um tyranno, um sanguinario.
De um povo oppressor vil;
Bem conhecido é seu nome
Pela gente do Brasil.

A PEDIDO

—Capitão, sabe uma cousa?

—Diga.

—O Dr. Freire, juiz de paz da Penha deu uma queixa ao juiz de direito da 1.ª vara contra o subdelegado Hermenegildo, por ter tomado parte, diz elle, nos trabalhos da qualificação e ter-lhe faltado ao respeito.

—Isto é velho.

—Mas elle diz que o facto foi depois de suspensos os trabalhos; vide a queixa.

—E fez-se o autoamento?

—Diz elle que sim; mas muita gente ignora onde e quando foi elle feito, até porque nelle não serviu o escrivão da subdelegacia que funccionou nesse dia (13 de junho) e porque diversas pessoas que estavam na egreja e della só sahiram ao ser fechada, nada viram.

—Então o processo é por uma conversa havida depois de suspensos os trabalhos?!

Bom! E quem serviu de escrivão?

—Um moço ahi... que foi juramentado *ad hoc*, isto é agarrado para a cousa; um rapaz que não é bonito nem feio.

—E a meza assignou?

—Dizem que os dous membros da maioria do Sr. Dr.; appareceram tambem certos e determinados sujeitos como testemunhas.

—Meio para incommodar um homem.

—E tanto que ja foi esta queixa dada ao Exm. Sr. presidente, que lhe não prestou attenção, conhecendo-lhe os fins.

—Bem ouvi eu dizer que extranhando certa pessoa a um doutor o procedimento de seus alliados, respondera-lhe elle: Homem, o que se quer é que o Mendes o pronuncie, a fim de pol-o fora da subdelegacia.

«E o Mendes e o chefe de policia prestam-se a isso? perguntou-lhe a referida pessoa.

—Que duvida! retorquiu-lhe o Dr., está ja tudo arranjado; muito valem os votos para deputado.

—Como defamam as authoridades!

Como si os Srs. Drs. Mendes e chefe de policia si prestassem a manejos ignobeis!

—Homem, deixemos a cousa para o fim; vamos ver em que dá a historia e então fallaremos.

—Conhece aquelle magano?

—Nunca o vi; quem é?

—E um homem que *pratica* em uma thesouraria ha 12 annos.

—Disso não quero saber; pois não me importo com a vida alheia.

—Ouça sempre:

Este sujeito intende mais de *hortas* e jardins do que do emprego, e por isso leva na repartição a tratar sobre a plantação do coentro, a maneira de tornar as alfaces viçosas, os pepinos grelarem e os tumates tornarem-se graúdos. Quando não é isto, está na janella fumando, de maneira que nada faz durante o dia.

—Homem, sabe que mais, si tem algum interesse nisso, vá se queixar ao chefe da repartição, e não esteja a massar-me.

—O interesse é que não devem uns viver nas costa dos outros.

—Então fomente-se com o seu homem das *hortas*.

Sr. Redactor.—Não posso deixar de vir á imprensa render justiça a quem faz justiça. Hontem á noite, uma mulher de nome Margarida luctava com um couraça e apparecendo o guarda da 6ª companhia de policia Chrispiniano prendeu-a. Ella não quiz seguir, e o guarda (que a todos insultava, desattendendo ao proprio sargento commandante da guarda da repartição de policia) puchando do refle espancou-a; tal procedimento indignou a todos que estavam presentes, e, entre outros, dirigi-me a elle, fazendo-lhe ver em termos rasoaveis e polidos a inconveniencia e a crueldade de maltratar uma mulher inerme. A resposta que tive foi a voz de prisão, obedecendo á qual, fui conduzido á guarda da secretaria, cujo commandante mandou me recolher ao quartel de policia ao que oppoz-se áquelle guarda, dizendo que eu devia ir para a Correcção, e que seria elle quem me havia acompanhar. O sargento vendo os desatinos daquelle homem, mandou-me conduzir por outros guardas, o que não obstou que Chrispiniano desamparasse a guarda, fosse me esperar na ladeira de S. Francisco e me dirigisse insultos até o quartel de policia, onde permanoci até hoje ás 10 horas, quando, dando S. Ex. o Sr. Dr. chefe de policia e o major commandante suas providencias, vi-me solto immediatamente.

Por este acto venho pois, Sr. redactor, ás suas columnas gravar em indeleveis caracteres os nomes das duas authoridades acima citadas, a quem rendo a mais sincera gratidão.

Bahia 6 de outubro de 1865.

J. Bruno Correia.

Attenção!

Quem mandou publicar uma catilinaria em que se trata de cinco mil reis que deviam ser entregues a alguem e não o foram—tenha em resposta que tal dinheiro lhe não pertencia, o que prova o documento que segue:

—

Recebi do Sr. L.J.d'A.P., por intermedio do Sr. Estevam Eremita Cachoeira a quantia de cinco mil reis, esmolla da missa do septimo dia, que celebrei no Campo Santo por alma do finado F. Z.d'A P.,o que me assigno—in fide sacerdotis. Bahia 15 de setembro de 1865.

Fr. Leopoldo da Piedade.

Roga-se a certo tratante que *vive escrevendo* onde se *cura os marinheiros*, que va pagar o par de botinas que tomou na loja Salgueiro, dizendo que dava no dia seguinte, isto desde o dia 2 de junho!

Um que ja levou calote do Lima.

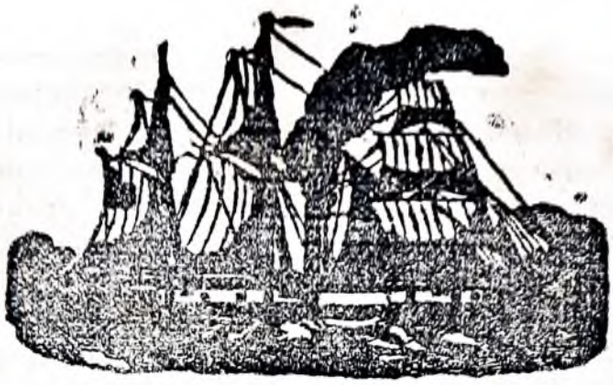
ANNUNCIO.

O abaixo assignado agradece cordialmente a todas as pessoas, que se dignaram acompanhar o cadaver de sua sempre lembrada esposa D. Maria Joaquina Pereira Baião.

Bahia 5 de outubro de 1865.

Domingos Pereira Baião.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 27.ª BAHIA 10 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 272

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Com este numero finalisa-se a 27.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de outubro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe sua attenção para a Quinta dos Lazaros, onde consta que passam pessimamente os doentes que não veem remedios sinão quando os compram; cuja comida é ma porque o seu fornecimento é mal feito e de generos deteriorados, e de cuja sorte deve compadecer-se qualquer homem, maximé a meza administrativa e S. Ex. digno administrador desta provincia.

Este pedido não tem por fim offender a pessoa alguma, por isso que o administrador actual foi para alli ha poucos dias e acha-se gravemente doente de uma queda que levou, e por isso que julga-se que a meza administrativa, composta de homens que tem que fazer, se não pode entregar de todo a negocios de pura charidade; tem porem por fim despertar a attenção do governo para que haja mais rigor e grande fiscalisação nos negocios que dizem respeito a doentes, tratados com o dinheiro publico, os quaes em geral se diz não terem direito de fazer reclamações.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia. —Sendo innumeras as reclamações que da imprensa tem partido contra o proceder immoral de uma celebre Santinha, que na Praça escandalisa o publico, espera-se de S. Ex. que a mande recolher a qualquer logar onde se lhe dê destino, até para que não seja S. Ex. saudado com o brado e a apresentação de armas com que o foi no sabbado 6 do corrente quando se dirigia ao acompanhamento dos voluntarios que chegaram de Santo Amaro.

—Ao mesmo, pedindo-lhe pela segunda vez que providencie contra os moleques da freguezia de Santo Antonio, os quaes, ainda no domingo á noite, laçaram, á Fonte de Santo Antonio, um respeitavel cidadão como é o Sr. Ambrosio José de Carvalho.

—Ao mesmo. —Tendo, segundo informam, o almoxarife da companhia Bahiana se compromettido, perante pessoas, a formar em menos de 15 dias um batalhão de 500 praças voluntarias, com pessoas da Calçada a Penha; assim o communicamos a V. Ex. a fim de aproveitar os serviços deste tão popular patriotão.

Portaria ao fiscal de Santa Anna, or-

denando-lhe que vá ao largo da Saude e indague, para applicar-lhe a competente multa, quem é um Sr. Jeronymo que cria na rua uma porção de carneiros, bodes e cabras, um dos quaes ainda a semana passada deu uma cornada em um menino que o poz bem mal. Cumpra.

—Capitão, contaram-me que o capitão do 28.º batalhão J. J. de Menezes Dorea remetteu a 4 do corrente, como recruta, o cidadão José Tranquillino, filho da viúva Joanna Maria e matriculado na capitania do porto.

—Talvez seja mau filho.

—Ao contrario dizem que é excellente, que sustenta sua pobre mãe, como ella mesma diz, que está por tanto livre do serviço do exercito.

—Pois apresente seus documentos e trate de ver *si é despachado o requerimento, depois do rapaz seguir para o Rio.*

—Chegou de Santo Amaro o batalhão 24.

—Parte do qual, *para ir por sua vontade,* dizem, ficou trancafiada no forte do Mar.

—Trouxe uma rica bandeira.

—Mas dizem que seu commandante não marcha.

—E' impossivel; duvido que o distincto Sr. Francisco Lourenço de Araujo faça tal papel.

—Até que emfim sahiu o escravo do major José Maria!

—Mas exigiram que o homem pagasse as despezas.

—Bravo! De sorte que além do major perder os dias de serviço de seu escravo, *recrutado para voluntario*, tem de pagar as despezas!

Ha um nome bem significativo para designar estas extorsões, estes abusos...

—*Sua Magestade* não sahe de palacio.

—E que tem? Estaria em seu logar proprio; mas o Sr. não falla verdade, pois que S. M. partilha no Sul dos azares da guerra.

—Ora fomente-se! Eu fallo d'um maluco que não sahe do palacio da presidencia e que quer por força ser imperador, designando-se com o titulo de sua magestade.

—Ah!... Mas o que me custa agora a comprehender é o que poude ligar S. Ex. a *Sua Magestade*; ainda si ambos tivessem as mesmas aspirações, poder-se-hia trazer o *similes cum similibus.*

—E' força de charidade; S. Ex. tem pena dos pobres de spirito, compadece-se das fraquezas do proximo.

—Eu não sei a quem me hei de dirigir.

—Nem eu o que quer o Sr.

—Quero que o publico saiba e que a authoridade providencie....

—Mas que ha?

—Ha tempos, fallou-se aqui da *gamação* feita por portuguezes a um africano....

Mas não é isto. Um portuguez, de cujo nome me não lembro agora, dono de uma padaria á rua Direita de Santo Antonio, teve certas relações com um africano de nome Leão, em virtude das quaes, dizem, constituiu-se credor do preto e tomou-lhe onze escravos, dizem, e cousas. Ultimamente tendo em sua casa os trastes do preto (que o chama ladrão por toda a parte, mas que está *maluco*) requereu, consta, á justiça para o fazer vir buscal-os e não tendo este vindo, ou por outra qualquer rasão, deu-se o seguinte espectaculo que está, ha dias, exposto ás vistas do publico que admirado e indignado o contempla, pensando na audaz insolencia de quem quer reduzir a Bahia a alguma aldeia da Galizia.

O tal Sr. Miranda, dono da padaria, fez do Becco Sujo o que lhe pareceu; encheu-o de velhos trastes, empatou o transito publico e não houve fiscal que o visse, nem authoridade alguma que de tal tivesse conhecimento!

Ainda não é tudo: até um rologio o bondoso portuguez, o amavel encomparavel Sr. Miranda mandou-o pregar a uma parede, donde o levou quem pre-

cisava de dinheiro ou de marcar o tempo que muitos, em vez de empregal-o em ladroeiras, deviam passar no serviço publico de calceta ao pé!

E não houve authoridade que disso tivesse conhecimento!

E o espectaculo continua immutavel, affrontando e indignando o publico!

—Desabafe seu feito, amigo, faz bem; é tambem o que eu faço quando vejo certas cousinhas da minha terra.

—Eu não sei em que terra estamos; faz-se tudo aqui á lei da natureza!

—Que é, Sr.?

—E' que eu julgo que todos não tem obrigação de andar pela estrada de ferro.

—E' até prohibido e com multas.

—O que é um desaforo, meu charo Sr.

—Não o comprehendo.

—E' que é um desaforo prohibir-se o andar pelos trilhos da estrada de ferro e obrigar-se por tanto o publico a transitar nos wagons.

—O Sr. está doudo; onde viu isso? vá pela estrada *real* que nem paga passagem nem soffre multas.

—E a estrada real onde existe? ahi é que está a questão: é não haver estrada real, é todos não terem dinheiro, é pagar multa quem passa pelo unico caminho que existe. Aqui estou eu que tive de ir á Praia Grande, e indo por Itapagipe, fui ter á Plataforma; não tive por onde passar! E si o presidente for capaz que passe; si qualquer deputado for capaz que passe; si o Sr. engenheiro fiscal for capaz que passe!

Aposto que, si não tiverem azas, nem de cavallo passam por alli, quando a maré estiver cheia!

Não ha estrada; a que havia, a companhia inutilisou-a com a sua! E o Sr. engenheiro não viu o transito publico, difficultado, impedido, cortado!

E o governo nem uma providencia deu!

E os deputados nem uma palavra disseram!

E eu, si quiz não perder o negocio que áquellas paragens me levava, quasi nadei; fui obrigado a tirar os sapatos, a arregaçar as calças, a molhar os pés e as pernas, a suspender o paletot, a tropeçar de quando em quando, a subir em grandas e escorregadias pedras, e afinal a tomar um banho!

—E agora o que ha de fazer? O Sr. ja se referiu ao engenheiro, ao presidente, aos deputados, agora quem ha de dar as providencias?

—A moralidade publica.

—E o Sr. continuará a tomar banhos; é facil de contentar, pode viver.

—A limpeza vae realmente de admirar! quem nunca viu *sujidade* ande pelas ruas da Bahia que horrorisa-se. O contracto vae rasgado, borrado, mutilado, pisado em todos os seus artigos. Não sei quem deu direito ao Sr. Costa Guimarães para annunciar que pode se deitar cisco á rua pela madrugada! e sem elle mandar seus empregados a tempo de limparem até o amanhecer do dia! de maneira que ficam as ruas mais immundas do que qualquer chiqueiro até duas horas da tarde!

Isto não tem termos!

E não ha multas! e ainda se pede prorogação de prasos! So se vê disso na Bahia de todos os santos e de todas as indulgencias!

—Mas Sr., explique-se.

—E' que ja estou cançado de fazer diarias reclamações; os monturos pullulam por toda a parte.

E agora, para mais brilhantismo, desde a caza do Dr. Franco até S. Raymundo, ha de um lado e outro da rua montões de cisco, de capim arrancado pela empreza, que os deixou alli ficarem para servirem de comida talvez aos burros dos emprezarios que estão magros que ja não chegam a tempo com os carros.

—Mas o capim é misturado com lama e cisco, não pode servir de sustento a burros.

—Mas si elles recebem a ração em dinheiro.... Fallemos porem serio: Exms. Srs. Drs. chefe de policia e presidente da provincia, providencias; o escandalo é publico, o abuso é palpavel, calvo, notorio; providencias!

LA VAE VERSO.

Carta de um lgueiro do *Catiè* a um conservador da *Pajuca*.

Compadre, sei que jamais
Eu lhe devera escrever,
Mas esta lhe mando agora
Pelo prazer que ha de ter.

Sua gente stá de cima,
A voz do povo é que diz,
Os taes homens da *conserva*
Nos deram corno e nariz.

Por consequencia sobre isto
E' que vou lhe conversar;
Bem que comprida esta fique,
E' sua, queira a tomar.

Sabe V. como a *ganga*
O velho Olinda arranjou;
Sabe tambem que o vaqueiro
Em governo se arvorou.

Mas não sabe depois disto
O que tem sido e havido,
Quantos *milhões* voluntarios
Dos sertões tem concorrido;

Quantos bandos de emissarios,
Quantos mil recrutadores,
No sertão procuram briga
Co' os commandos sup'riores;

Quantos lentes cathedraticos,
Em procura de *cadeiras*,
Escrevem de la de fora
Mais de cento e vinte asneiras;

Quantos escravos recrutas
Se apresentam de legenda,
Que entre os donos e o governo
Por isso houve ja contenda;

Que a *caçada* foi a tanto
Qu' isto um deserto ficou;
Que nem *padre com corôa*
Do *leva-leva* escapou;

Qu' uma mentira *ex-officio*
Publicada appareceu,
Mas que a *leva* foi avante
Por terras, mares e ceu;

Que na guarda nacional
(Oh! nunca vi nada assim!)
Houve até recrutamento,
Deram-se abusos sem fim;

Que os casados embarcam,
Cedendo a lei a decretos,
Que os filhos-viúva foram,
E tambem de cego os netos;

Que o *statu-quo* do Nabuco,
Foi por acinte pisado—
Nomeada a gente deste,
Demittida a do outro lado;

Que comtudo á corte foram
Correspondencias ás mil,
Onde se dava o *caboclo*
Como o *genio do Brazil*;

Qu' é tudo assim nesta terra
Onde domina o terror—
Arma com que se reveste
O lado conservador.

Bata pois palmas á sorte
Que a sua gente venceu;
Receba meus cumprimentos
Que por aqui fico eu.

VARIEDADE.

Charada.

Por metade do rabo não sou lobo—1
Si uma quarta me tiras, não sou pezo—1

Conceito.

Curva se a teu acceno horda d'escravos!
O povo... esse te odeia, em ira accezo.

Um jornal americano assegura que um viajante sentiu uma descarga electrica, e logo verificou que o seu cavallo ficara desferrado. Mas o mais curioso foi que um cavallo que pastava a uns 200 passos de distancia, e que não tinha ferraduras, appareceu instantaneamente ferrado.

O jornal citado não explica miudamente o facto, mas bem dá a intender que as ferraduras saltaram do primeiro cavallo para o segundo, em cujos pés a electricidade as pregou artisticamente.

Que tal?

A PEDIDO

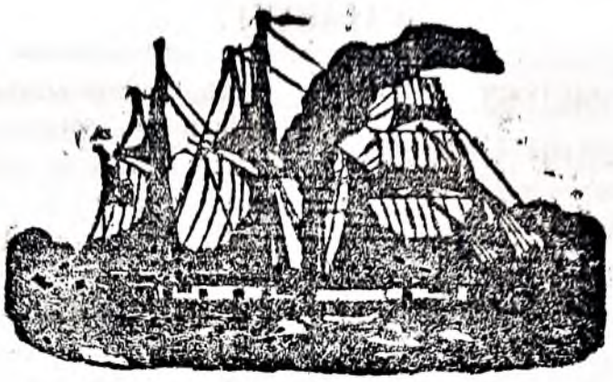
—Muito zangados estão os homens da Philarmonica e sem rasão.

Tudo que teve principio ha de ter fim, sabe-se disso; mas depois da prestação de coutas é que a sociedade deve morrer.

—E a cousa é simples.

—Que duvida! O velho Simeão ja prestou suas contas, segundo diz; prestem-nas os outros tambem.

—Ora speremos.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 28.ª BAHIA 11 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 273

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 28.ª serie deste periodico.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de outubro de 1865.

Officio ao Sr. emprezario da limpeza, lembrando-lhe que deve mandar apanhar os montões de cisco que ha na rua dos Algibebes, assim como mandar desentulhar o becco do Garapa que se acha cheio de caliça desde o concerto de uma casa que teve alli logar. Espera-se de S. m. ser attendido, visto que é isto um aviso de amigo que não deseja que aproveitem os *invejosos* qualquer pequeno descuido, para delle fazerem uma grande falta.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao becco do Arcebispo e intime a um certo Godinho, desfructavel em excesso, que não continúe a chegar na janella de suas concubinas em fraldas de camisa, sem respeito á moralidade publica; isto sob pena de ser conduzido ao porão, mettido no tronco, e perfumado na cloaca deste navio. Cumpra.

—As noticias que nos acabam de chegar são satisfactorias; o enthusiasmo do povo é inexprimivel, percorre as ruas ao som das bandas de musica, dos vivas que se entoa, dos foguetes que sobem; as repartições publicas estão fechadas; algumas casas commerciaes tambem; muitas casas estão embandeiradas e o palacio da presidencia; os campanarios deram signal do regosijo, a fortaleza do Mar salvou; hoje é um dia de festa nacional!

Viva a nação brasileira!

Viva S. M. o imperador!

Vivam o exercito e a armada nacionaes!

Viva, viva, viva!

—Mas, amigo, modere o enthusiasmo e diga o que ha.

—CARTA DO SR. MINISTRO DA GUERRA FERRAZ.—*Uruguayana, 18 de setembro de 1865, ás 8 horas da noite.*

«OCTAVIANO.—Hoje estamos na Uruguayana.

«Logo que o general Mitre chegou, Estigarribia se dirigiu a este distincto general, fazendo-lhe proposições. O officio que lhe foi dirigido como chefe do exercito não podia agradar-lhe, e nenhuma resposta lhe deu; mais tarde, porem, se abriram as conferencias entre os generaes sitiadores, e, depois de combinado o plano de operações, se resolveu que a praça fosse intimada

logo que as tropas avançassem e tomassem posição.

«Occupamos sem resistencia as posições determinadas, pela combinação dos generaes, assestamos tambem sem resistencia nossas 42 praças de artilharia, e ao meio-dia em ponto se lhes intimou que se rendessem.

«O imperador estava em posição conveniente, e eu com o general barão de Porto-Alegre e sua comitiva mais á frente.

«A intimação foi feita pelo mesmo general barão de Porto-Alegre em nome dos alliados: se lhes deu duas horas para responderem; e a resposta veiu nestes termos:

«1.° Que as praças de sargento para baixo entregariam suas armas, ficando prisioneiros;

«2.° Que os officiaes e mais pessoas de distincção sahiriam com suas armas, bagagens e poderiam residir aonde quizessem, inclusive no Paraguay;

«3.° Que os orientaes blancos seriam prisioneiros do Brasil.

«Reunidos os generaes em presença do imperador, se combinou em responder que se admittiam as condições 1ª e 3ª, e que emquanto á 2ª se modificava por esta forma:—«Os officiaes entregariam suas armas, podendo residir onde quizessem, menos no territorio paraguayo.»

«Combinou-se que eu levaria a resposta verbalmente e que trataria em nome dos chefes alliados.

«Dirigi-me ás trincheiras, e ahi se apresentaram Estigarribia e o oriental Salvanack; declarei-lhes o que se havia resolvido; pediram-me que escrevesse: assim o fiz em uma pequena mesa que me apresentaram, e assignei em nome dos alliados.

«Deram duas horas e meia da tarde.

«Foram conferenciar e voltaram meia hora depois. A resposta foi nos termos convencionados,—constituindo-se prisioneiros de guerra.

«Convidei então a Estigarribia, ao padre Duarte e a Salvanach para que viessem comigo para apresental-os ao imperador: chamei o general barão do Porto-Alegre, para que estabelecesse a forma do desarmamento e a entrega do material de guerra; e, seguindo com Estigarribia e os outros, os apresentei ao imperador.

«Immediatamente, estando S.M. e os generaes alliados presentes, se procedeu ao desarmamento, passando para o nosso acampamento os officiaes e soldados paraguayos, operação esta que durou até a noite.

«O padre Duarte, Estigarribia, os Salvanachs, etc., estão a bordo.

«Não escapou nem um homem.

«Está pois Uruguayana, ainda que incendiada e saqueada, em nosso poder.—*Ferraz.*»

—Carta do presidente mitre.—Uruguayana, 18 de setembro.—Exm. Sr. vice-presidente D. Marcos Paz—A guarnição da villa de Uruguayana entregou-se hoje á discrição das armas alliadas, sendo superior a mais de 6,000 homens, sendo os trophéos desta victoria 5 canhões, 9 bandeiras, mais de 5,000 espingardas, 1,300, lanças com suas bandeirolas das cores paraguayas, clavinotes, correiame, caixas de guerra e mais equipamento além de uma esquadrilha de canoas e balsas, nas quaes intentavam evadir-se da sorte que os esperava.

. . . . . .

—Carta do sr. hector f. varella.—Uruguayana, campo da victoria 18 de abril de 1765.

«Hurrah! hurrah! E sempre hurrah!

«O problema da Uruguayana está resolvido!

. . . . . .

«Até o dia 17 as cousas se achavam no mesmo estado, fugindo da praça algumas pessoas, eguaes todas em pintar o estado desesperador dos sitiados e sua pouca vontade de bater-se.

«Os que se apresentaram nesse mesmo dia pela manhan disseram que Estigarribia instigado pelo padre, ia tentar essa noite vadear o Urugnay, burlando a vigilancia da flotilha brasileira, valendo-se para isso de algumas chatas e canoas que haviam construido dentro da villa.

«Prevenido o visconde de Tamanda-

ré, collocou-se elle com seus vapores em frente da Uruguayana, achando-se a bordo do navio chefe o Sr. duque de Saxe, genro do imperador.

«Foi devido a esta operação e a oito ou dez tiros que se fizeram de bordo que os paraguayos abandonaram seu louco projecto de fuga.

«Na mesma noite começaram os preparativos para o ataque.

«Varias conferencias tiveram logar entre os generaes Mitre, Flores e barão de Porto-Alegre.

«Nellas accordou-se dar o commando em chefe do exercito a Sua Magestade o Imperador, obrando de commum accordo com os generaes.

«O presidente Mitre e general Flores combinaram o plano de ataque, que submetteram a Sua Magestade o Imperador, e este o aceitou sem a menor modificação.

«Dispostas assim as cousas, deu-se ordem para que ao amanhecer do dia seguinte, isto é, hoje, os exercitos alliados se preparassem para marchar.

. . . . . .

«A's 5 horas da tarde os representantes das tres potencias alliadas approximaram-se perto das trincheiras para verem desfilar os prisioneiros que iam sahir.

«O imperador estava no meio, o general Flores á direita e o general Mitre á esquerda.

«Que quadro pungente offereceu-se então á nossa vista!

«Os soldados paraguayos infundiam compaixão e desprezo ao mesmo tempo.

«Pareciam loucos fugidos do hospital, pelos seus trajos e phisionomia.

«Pareciam cadaveres ambulantes.

«Em sua phisionomia estava pintada a fome e a miseria.

«Conforme iam sahindo eram os prisioneiros repartidos pelos tres exercitos

«Os poucos officiaes que haviam sahiram sem armas.

«Eu mesmo, fallando com Estigarribia, a quem conhecia do Paraguay, perguntei quantos eram, e disse-me que não chegavam a 6.000.

«O resto havia morrido ou achava-se na povoação doente.

«Acabada a sahida dos prisioneiros, entramos na villa e fomos á egreja que era o seu quartel-general.

«Alli havia alguns pobres diabos deitados.

«O imperador mandou immediatamente o corpo de saude para assistil-os, e, dirigindo-se para mim, disse-me: «Cuidaremos destes infelizes.

«A villa era um cemiterio e exhalava um cheiro nauseabundo.

«O inimigo não tinha ja que comer, restavam-lhe apenas alguns cavallos magros.

«Depois de reconhecer algumas ruas da villa dirigi-me ao porto.»

— Que ha mais?

— Diz um correspondente de Buenos Ayres que Antonio Estigarribia acha-se na corte para onde o levou o *Mersey*.

Quando virem, diz o correspondente, um homem alto, bastante robusto, trigueiro, de physionomia impassivel e certo andar tropego, é o Leonidas da Uruguayana!

— Que mais dá?

— E' morto o marquez de Abrantes que foi ministro mil e tantas vezes, que era senador, conselheiro de estado & &. &. e tal.

— Deus se compadeça de sua alma!

— «26 *de setembro*. — Receberam-se noticias da Uruguayana posteriores á rendição da praça.

Davam-se as providencias para que essa povoação ficasse de novo habitavel, circumstancia que tinha perdido nos 42 dias que a occuparam os paraguayos. As casas sem portas, nem janellas, que tudo foi queimado nos *fogões* e cheias de immundicie, muitas em ruina, e ainda muitas arrasadas, eis o que nos devolveu Estigarribia do que *foi* a Uruguayana.

O imperador e sua comitiva não puderam ahi ficar por não haver um quarto limpo, uma cama.

Todavia era a Uruguayana a mais joven (2), mais linda e a mais rica povoação da nossa fronteira.

Na Uruguayana acharam-se cerca de 1.000 soldados e officiaes paraguayos doentes, que tem sido tratados com desvelo pelos medicos do exercito alliad

Tambem serão vestidos os prisioneiros, para os quaes chegaram muito a tempo as remessas de roupa que dahi e da Concordia se fazem, ou fizeram.

Com a sua conhecida actividade, o general Flores não quer descanso, e logo depois de rendida a Uruguayana principiou o seu exercito a repassar o Uruguay para a margem correntina.

Dizem as folhas que a elle se vão reunir 6,000 homens de infantaria brasileira, tirados das forças do Rio-Grande, mas que ainda não tinham chegado á Uruguayana.»

—De Matto-Grosso consta que a 9 de agosto tomaria conta da administração e do commando das armas o Exm. Sr. Leverger, e suppunha-se que a provincia andaria melhor.

—Ao que diz o *Jornal* de hoje sobre o recrutamento, devo accrescentar, meu charo capitão, um escandalo que vi.

Na segunda feira, 9 do corrente, estava em casa, na janella, quando vi o seguinte espectaculo: 34 cidadãos, de chapeu de couro, com as camisas hediondas, porcas, immundas ao ultimo grau, e algemados todos com uma canga que pelos pulsos os unia de dous em dous.

—Que vergonha!

—E vergonha ainda maior por virem escoltados por mais de doze guardas de policia, armados de rifles e espingardas!

Foi um facto que horrorisou a todos; uma ostentação de força desnecessaria que levantou protestos de todos; uma amostra de despotismo que fez nojo e que fez rir aos homens que confiam no andar dos tempos!

—Consta porém, diz o *Jornal* que o chefe de policia vae providenciar.

—Bom! Antes tarde do que nunca, diz o vulgo.

VARIEDADE.

Os Bem-aventurados.

Bem-aventurados são os empregados publicos, porque comem o dinheiro da nação, e são os que menos se prestam nas epochas excepcionaes, além de não serem designados para contingentes da guarda nacional, nem presos para voluntarios, e quando morrem são chamados *servidores* do Estado.

Bem-aventurados são os que se offerecem para engajar, por que o fazem nas costas do governo.

Bem-aventurado é o Sr. Coelho fiscal geral, porque foi admittido por aquelles mesmos que o tangeram do logar.

Bem-aventurado é o Sr. Costa Guimarães, por que tem o contracto do acceio da cidade.

Bem-aventurado é o Dr. Freire de Carvalho, porque conseguiu fazer a eleição da Penha, quando seus adversarios estão embaraçados com processo.

Bem-aventurado é o aferidor de pesos e medidas, por que tem uma immensidade de gente que espera por sua vontade.

Bem-aventurados são os empregados da assemblea provincial, porque trabalham quatro mezes e ganham ordenado de um anno.

Bem-aventurados são os membros do Olho-vivo, por que acharam graça no animo da policia que so os incommoda quando são presos em *flagrante*.

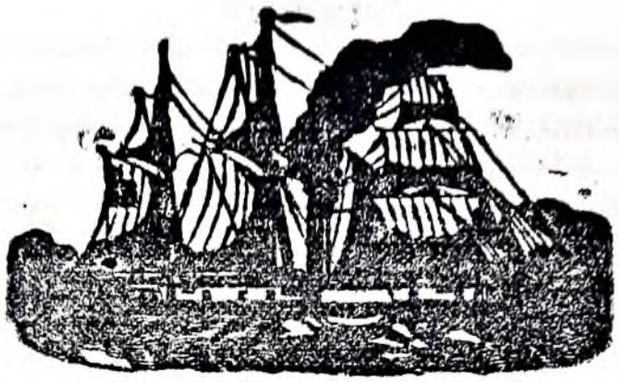
A PEDIDO

Exm. Sr. capitão do *Alabama*.—Como V. Ex. gosta de saber o que se passa por este mundo de meu Deus, venho lhe contar o que se passou por minha terra, e a meu respeito.

Tendo eu sido recrutado com alguns de meus companheiros viemos para esta cidade como voluntarios: Eu, Manuel pequeno, Benedicto, Lucio Cyriaco, Manuel Páu, e outros; admiro-me por que o Sr. Subdelegado não mandou a Avelino, que matou o policia, e responde as authoridades que não vai lá porque não quer; Manuel Esteves que deu o tiro na mulher la na Chapada, João de Deus e outros, e como admirado lhe partecipo a ver se V. Ex. indaga e faz com que estes trez desertores apadrinhados venham me fazer companhia.

O do Curralinho.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 28.ª BAHIA 14 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 274

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de outubro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande dar destino conveniente a uma sueia de moleques que se reunem nas vendas ao largo do Theatro, e que insultam alli a quantos transitam, ou vão comprar, offendendo-os ás vezes physicamente.

Espera-se ser attendido até para que não fique em meio a salutar providencia de que lançara mão S. Ex.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ás Portas da Ribeira, onde não ha noite em que deixe de haver barulho, sem que haja authoridade, inspector ou patrulha que cohiba tantos e tão repetidos conflictos; todas as mulheres que alli encontrar conduza ao porão deste navio e leve seus nomes ao Dr. chefe de policia para fazer o que achar de mais conveniencia. Cumpra.

—Ao fiscal da freguezia de Santo Antonio, ordenando-lhe que va ao Barbalho e indague qual é a casa em que se vende spiritos fortes sem licença e sem pagamento de imposto, afim de multar seu dono e dar parte do occorrido á meza de rendas que deve cobrar mais alguma energia. Cumpra.

—Homem, ha certas lembranças que parecem esquecimento.

—Mas que ha?

—Ora veja a novidade, meu capitão de minha alma!

Com effeito é menos difficil achar um quadrado com forma de triangulo, descobrir o motu continuo ou a quadratura do circulo.

—Mas a que se refere?

—Eu? a cousa alguma.

Mudemos de conversa: V. Ex. ja leu o *Diario* de 5 do corrente?

—Li.

—O expediente de 29 do passado?

—Não.

—Pois leia este officio:

—«Ao *alferes* José Antonio da Costa Filho.—Em resposta ao officio de Vm. com data de 26 do corrente, offerecendo-se para marchar para o theatro da guerra com 20 voluntarios que alistar, tenho a declarar-lhe que acceito seu patriotico offerecimento e que *lhe garanto a patente de alferes uma vez que Vm. apresente aquelle ou maior numero de cidadãos*, conforme compromette-se »

—Então é bico ou cabeça?

—Eu sei, eu sei....

—Pois sei eu que o Sr. Costa é alferes da guarda nacional e que não precisa de ser-lhe garantida a patente sinão pela lei.

E admiro-me de que S. Ex. mandasse publicar tal officio, quando ha ordem do governo para preferir-se os officiaes da guarda nacional, e quando S. Ex. tem feito capitães a paisanos, quando tem nomeado officiaes a testas de ferro!

—Adeus, adeus.....

—Dizem que n'Alfandega ha trabalhadores effectivos e supplentes.

—Tenho ouvido.

—Mas dizem que os supplentes, além de nunca supprirem temporariamente os effectivos, são preteridos pelos escravos de certos empregados que, com prejuiso dos homens livres, são alli encaixados.

—Nada sei a respeito; queixe-se ao Exm. Sr. inspector e si tiver rasão, si puder ser attendida sua queixa, afianço-lhe que hão de apparecer providencias.

—Ha gente que tem a cara encouraçada; nada ha que lhe faça chegar o rubor á fronte.

—Com quem falla Vm.?

—Quero ver o que diz agora Malacachias.... Malacachias tão conhecido desde a sabinada, desde a policia; em quanta tranquibernia apparece sempre involvido!

—Mas o que houve?

—E' que o Sr. capitão Camará deu ao publico uma satisfação cathegorica no *Jornal* de 5 do corrente, e duvido que o intrigante tuja.

—Ora, ora, ora! E' capaz de berrar ahi um anno inteiro a incommodar o publico.

—Mas para seu castigo basta que o publico fique sabendo quem é elle, por que então nenhuma importancia lhe dá, e como diz o Sr. brigadeiro Carvalhal no *Diario* de 11, caem por terra todas as suas accusações.

—De certo; causa nojo ver um tratante querendo egualar todos a si...

—*Sessenta caixeiros* é um gallego abrazileirado, mettido a patriota, plantador de folhas imperiaes, gaiato, patusco, bon vivant no rigor do termo.

—Conheço-o muito.

—Admittiu em sua casa uma mulher que levou uma cria, um crioulo que a sustenta; está a mulher em perigo de vida e não tendo parentes quiz forrar o rapaz, que fiado nas palavras do antigo negociante e nos sophismas de um certo conego ia quasi ficando na ratoeira.

Na ausencia de *Sessenta caixeiros*, compareceram o escrivão e as testemunhas para passar-se a carta de alforria, o que se effectuou; entra então *Sessenta caixeiros* e insulta aos que se achavam em casa, recordando o testamento Teixeira.

Teve energica e digna resposta, mas fez ver que a mulher lhe devia 200$ rs.; a mulher negou, elle insistiu e em vez de 200$ reclamou 400$ rs. Viu-se então que a ladroeira era grande, e deixou o larapio de ser attendido, visto que o medico que se achava presente apoderou-se da carta e sahiu.

Sessenta caixeiros vociferou como um possesso e acabou por deitar para fora de casa a pobre mulher, á cuja custa comia, fazendo-se de rola e não tendo quem lhe apromptasse comida como homem solteiro.

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Ouviste a historia e conheces o tratante?

—Sim, Sr.

—Pois vae buscal-o ainda que seja pela estrada de ferro.

—A's ordens.

—Capitão, ouvi agora um patife fallando do *Alabama*.

—Onde?

—Vinha subindo a Fonte dos Padres e desciam quatro sujeitos, fallando um delles contra o *Alabama*.

—Pode ser que fosse algum elogio.

—Não, Sr.; logo que percebi a palavra *Alabama*, puz-me a seguil-os e ouvi o tal bobellas dizendo que si fosse

em outro paiz o *Alabama* ja não existia.

—E quem é este quidam?

—E' um sujeito que foi lacaio do Dr. Alves e que é hoje servente de empregado publico; é um devasso pelintra que anda a correr nu pela Estrada Nova quando vae tomar banho; é um bobo que V. Ex. conhece de perto, é um miseravel que ja veiu a bordo implorar misericordia, um caloteiro que não pagou as series da assignatura, um *marmoteiro* que converteu o covil em que mora em lupanar hediondo, um pobre *mer*... ou *mello*.

—Basta, basta por quem é. Não se lembra o miseravel que em outro paiz o que não existiria era elle empregado publico, porque não sabe distinguir nem o branco do preto!

Vae pegal-o, muxingueiro e traze-o á minha presença.

VARIEDADE.

Charada.

Por metade de tala não sou couro—1
Por metade de baba eu não mato—1
Por metade de bofe não sou palha—1

Conceito.

No Brasil não me procures
Que ahi não me achas não,
Posto que mui conhecido
No Brasil, por tradicção.

Carta de um pae a seu filho estudante na corte.

JUCA, meu filho:
Estás muito atrazado,
Segundo me declara o professor;
Tu bem sabes que o assucar tem baixado
E eu não quero perder o meu suor.
Tua mana Josephina está casada;
Ja teve um filho, um lindo Seraphim...
O teu Pampa morreu na Encruzilhada,
E tu... nem patavina do latim!
A' vista do teu mau comportamento,
Suspendo-te a mezada deste mez;
Posso eu la sustentar um catavento,
Um asno, um madraçáo como tu és?
Vaes de mal a peior—és um *camello*
E eu sou teu pae....

André Nunes Campello.

Um official dos que estão na campanha do sul, dirigiu uma carta que principia assim:

«Escrevo-te esta tendo a espada n'uma mão e o revolver na outra. Faze idea da minha posição.»

Realmente é difficil.

A PEDIDO

—Olhe que o tal Rei dos moleques tem que se lhe diga!

—Va ouvindo e admirando, capitão.

Este magano inculcou se de procurador a uma sua comadre Maria, e depois da Flora ter esgotado todo o dinheiro que tinha n'uma pequena questão, deu a elle um vestido preto do valor de 150$ para empenhal-o por 20$ rs.

E são passados quatro mezes, e a comadre manda-o chamar todos os dias, e este moleque-rei, não ha força humana que o faça passar ao menos pela rua em que habita a pobre senhora!

—Que patife!

—Duay tem uma penhora e entrega ao inculcado procurador 30$ para despezas; felizmente o advogado é pago, mas o official de justiça não vê dinheiro e soffre um pedido de Salú para passar recibo de favas que o burro comeu! O merrinho respinga, apresenta-lhe as armas do *seraphico* e vae a Duay que paga duas vezes.

—Neste genero o nosso Ama Seca é fertil.

—E é feliz este diabo; acha até quem gaste com elle.

Havia aqui uma baroneza, que tinha, entre outras, uma cria a quem estimava muito e a quem servia sempre nos continuados pedidos de dinheiro que ella fazia; esta rapariga era amasia de Salú; vestia-o, calçava-o, dava-lhe que comer; andavam elles juntos, juntos pagodeavam, juntos dormiam, eram emfim, como hoje se diz em moda, uma só alma em dous corpos. Um dia a senhora deu á cria umas joias para empenhar; esta entregou-as a Salú que effectuou n'uma caixa o negocio e trouxe cento e tantos mil reis.

—Estou admirado com este rasgo delle.

—Ouça: no dia do vencimento, exige elle duzentos e tantos mil reis para resgatar as joias e entregou-as a P., ficando elle, como bem vê V. Ex com a pequena differença d'uns com bicos. Morre a cria e Salú encarrega-se do interro, furtando um chapeu de sol que uma escrava, a Melania, lhe tira das mãos e uma bengala que é a que hoje possue.

—Tambem furta essas cousinhas?!

—Que pergunta! Pergunte-lhe V. Ex. onde achou os oculos de que usa e si elle não confessar que os furtou de cima da meza de layasinha, é além de ladrão mentiroso.

Mas, como ia dizendo, morta a rapariga, lembra-se elle de que pode tirar ainda partido das joias e escreve á baroneza, dizendo:

Que tem de marchar breve para o sul; que tem em seu poder as joias; que por não ter dinheiro não as tem todas; que desejando ser fiel (!!!) precisa de mais dinheiro para resgatar o resto; que espera uma resposta definitiva em quanto antes, pois que o soldado não tem tempo de seu.

Quando taes joias não existem em seu poder; quando nenhum dinheiro podia elle dar para resgate, pois não tem de seu nem as barbas: quando ainda não não é certo que vá este demonio para o sul, o que é uma felicidade e grande!

—Em logar de rei dos moleques, chamem-no rei dos tratantes.

—E tão tratante, que sendo thesoureiro de certa irmandade de Nossa Senhora das Dores, pediu ao thesoureiro do Bomfim umas capas emprestadas, no que foi satisfeito. Ao ter de restituil-as, substituiu uma da sua irmandade por outra da do Senhor do Bomfim, só porque esta tinha borla de ouro.

E abusou assim da boa-fé do andador, que se acha agora na pimenta, no meio de apuros, porque a mesma que tinha ido trocada o andador da irmandade delle já foi por terras e *mares* a toda pressa buscar!

—Deite a pontapés esse cousa ruim para fora de minha vista!

—Até outra vez, capitão, façanhas desto heroe nunca faltam. *(Continúa.)*

MOTTE.

O Brazil ha de esmagar
O tyranno da Assumpção,
Sustentando os altos brios
De mui heroica nação.

GLOSA.

Si Roma deu leis ao mundo
Com seu immenso poder,
A fara desmerecer
O nosso Pedro segundo,
Com valor e ar jucundo
Sempre havemos triunfar,
Nossas armas vão mostrar
Inda por mais uma vez
Que aos Barrios e Lopez
O Brasil ha de esmagar.

Até pelos de além mar,
O Brasil é conhecido,
Por quem for esclarecido
Nossa historia ha de invejar:
Ao despotismo esmagar
E' do imperio a missão;
Seremos a redempção
Desse povo escravisado,
Quando for anniquillado
O tyranno de Assumpção.

Quando o imperio raiou,
Com Pedro Grande, e Andradas,
Parece que até por fadas
Nosso porvir s'invejou.
A carta consolidou
Dos bravos os sacrificios;
Gosamos os benificios
Que vem da civilisação
E de marcial nação
Sustentando os altos brios

Brio e valor nunca falha
Nos batalhões do Cruzeiro
São lá no Prata o luzeiro
São mais que heroes na batalha
Lanças, baionetas, metralha,
Tangidas por nossa mão
A esses, que sem rasão,
Violaram nossa terra:
Exterminio, morte, guerra
De mui heroica naçaõ.

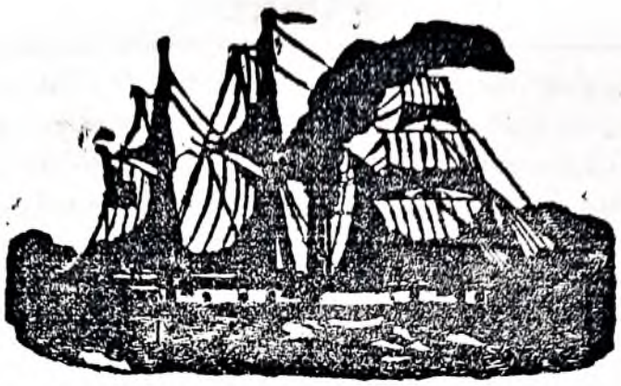
Por, *João Caetano Martins.*

ANNUNCIOS.

Quem precisar de uma ama de leite, sadia, e de boa conducta, procure na rua Mouraria casa n.° 27.

Januario de Amorim Vieira, relojoeiro, declara que se mudou do 1.° andar da rua dos Ourives para a loja n.° 12 A, na mesma rua.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 28.ª BAHIA 17 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 275

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de outubro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, partecipando-lhe que a capella de S. Francisco, denominada da Horta, situada no quintal do convento do mesmo Santo, que dá hoje frente para a Estrada Nova—se acha convertida em estrebaria, ou pasto, guardando-se dentro della capim e os mais pertences necessarios a vaccas leiteiras que alli são criadas. Além disto, foram alli interrados christãos e seus restos mortaes jazem á flor da terra, na sua superficie, profanados, espalhados, pisados pelos bois e pelos seus criadores!

Espera-se pois da charidosa e evangelica piedade de S. Ex. uma providencia reparadora.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que a bem da justiça e disciplina dê suas ordens afim de que sejam obrigados os officiaes do batalhão n. 107 a assistir aos exercicios que o mesmo batalhão faz diariamente.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que continuam os attentados contra a segurança de propriedade na freguezia da Sé: na noite de 13 foram a uma loja que deita para a venda de Antonio Gomes da Cruz ás Portas do Carmo, e não conseguindo arrombal-a, carregaram com uma grade que na mesma havia. Estes factos, Exm. Sr., estão clamando á sollicitude de V. Ex. por um prompto remedio.

—Ao mesmo, pedindo uma energica providencia para que cessem os desvarios praticados por um insolente bebado e atrevido gatuno de nome Rocha Lima, que anda por esta cidade atemorisando os meninos e pretas para lhes tomar o que trazem, entrando em casas onde vê que não ha homens, para roubar, além de viver affrontando a moralidade com palavras e gestos obscenos e desacatando não só quem anda na rua, quando não lhe dá dinheiro, que exige, como as familias em suas janellas, que se veem continuamente expostas ao ludibrio de tal desalmado. Espera-se de S. Ex., que tambem tem familia, um correctivo.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que nos consta que a patrulha do dia 30 do passado, ás Portas da Ribeira, recebera 5$000 rs. da mão de um tal *Coxo* para soltal-o por ter sido preso em rasão de repellir insultos das mu-

lheres *daquellas bandas*; assim como que tendo voltado a mesma no dia 1.º do corrente, por insultações de um *cujo*, de quem recebera 2$ rs. e uma garrafa de vinho, prendeu um pobre homem que vinha de um passeio e que ao entrar em sua caza, teve intimação de multa a que se negou, pedindo-lhe então a patrulha 5$ rs. para acommodar o negocio.

Espera-se da energia de S. Ex. o desapparecimento completo de taes escandalos que muito depoem contra os nossos costumes e principalmente contra a gente encarregada de policial-os.

—A' companhia do Gaz, pedindo-lhe que mande accender um lampeão que ha n'uma das voltas da ladeira da Mizericordia, e que se acha, ha 8 noites, apagado, tornando-se por tanto aquelle logar pouco seguro para quem passa.

—Ao Sr. emprezario da limpeza, para que informe sobre o facto de ter sido no dia 13 esbofeteada uma mulher no Taboão por um agente da mesma.

—Capitão, attenção!

—Si merece a pena a sua dissertação, pode dizer.

—Leia este *Diario*.

—«N.º 227, 8 de outubro de 1865. Requerimentos despachados. Paulino Simões de Paiva e outros; pedindo para fallar a S. Ex. o Sr. presidente da provincia.—Remettido ao commando das armas para *informar*.»

—Conticeant omnes intentique ora teneant!

—Ah! Corydon! Corydon, quæ te dementia cepit!....

—Leu V. que o tenente coronel Leão de Caldas Britto deu 100$ rs. a cada um dos voluntarios arranjados por elle?

—Li.

—Pois eu queria saber quaes foram as praças que receberam, e desejara que o Sr. commandante me dissesse o nome delles.

—Ora esperemos.

—Ora esta *limpeza*!

—Viu alguma porcaria?

—Capitão, ou V. Ex. não anda pelas ruas, ou é cego.

Uma pergunta destas!...

Em S. Francisco, no Cruzeiro, ha tres dias, está uma bacia de folha cheia de preciosidades!

No largo do Barbalho ha cães mortos em abundancia!

Na ladeira da Mizericordia ha uma barrica, aromatisando os ares, e calçando as ruas!

Et cœtera, et cœtera, et cœtera e tal.

—E viva a patria!

—E chova m.... arroz!

—«Quem não tem correia não entra!»

—Que significação tem isso?

—Dizem que estabeleceram os terceiros do Carmo um logar de distincção para suas irmans que deviam comparecer de correia; não avisaram-lhes porém e muitas compareceram sem a insignia requerida. Sabendo que lhes havia sido preparado um logar, dirigiram-se a elle, mas o melhor foi que um dos vigarios, creio, poz-se com honras de sentinella a bradar desattenciosamente: «Quem não tem correia não entra.»

—Historias! cousinhas que não merecem attenção!

—Desfeita solemne a senhoras que tinham o direito de ser respeitadas!

E' que não ha bonito sem senão; como esteve tudo bem arranjado, como não houve pau de sebo...

—Psio!

—Os *voluntarios* de *leão* são quasi todos incapazes de serviço; são voluntarios de mingau.

—Mas que voluntarios são esses?

—Os voluntarios das *caldas*, homem de Deus!

Ha entre elles cara-olhos, coxos, doentes de pleuriz etc. Dizem, que indo elles ao quartel, o commandante, so para ter muita gente no seu batalhão, disse que não precisavam sar inspec-

cionados porque ja o tinham sido.

Quando tal não houve e diversos *forçados* tratam de ser submettidos a inspecção.

—Que fanfarrão! E anda pelos hoteis se gabando que é um popular de primeira estofa, que foi o unico que trouxe verdadeiros voluntarios!

Ora da-se!

—Tres estrellas!

—Tres T T T!

—Quanta banalidade! Não sei como prestou a *Constituição* suas columnas a tanto disparate, a tanta palavra junta sem sentido!

—Em que sentido?

—Ora não masse!

E' uma cousa sem significação, uma porção de lama para sujar a farda do tenente coronel do 4° batalhão da guarda nacional.

—Ah! A companhia da limpeza que preste um serviço à *Constituição;* aquillo enjoa....

VARIEDADE.

Amor commercial.

Tu és, oh bella das bellas
Meu *diario*, meu *razaõ*:
Vales mais que tres *parcellas*
Com dez *cifras* e *cifraõ*:
So por ti tenho paixão.
Para o mais fechei a *caixa*
Suspendi as *relações*;
Dou-te provas mais que fartas
No meu *copiador* de *cartas*
Livros de entrada e *borrões.*

Minha chara *committente*
Teus-me tu tão forte amor?!
S'eu te der *conta corrente*,
Quem terá *saldo a favor*?!
De meiguices e ternuras
Posso dar-te mil *facturas*,
Contas de venda umas cem;
E' tal qual eu te affianço;
Provart-t'o-hei no *balanço*
Si o desejas, meu bem.

Por mais que o meu estro espiche
Não te dou *copia fiel*
De um amor grande.... um *trapiche*
Abarrotado de mel;
Spirito aqui não se acha,
Porque ninguem me *despacha*
Um *caixaõ* que mandei vir;
Ja pelo *conhecimento*
Ganharei *cento por cento*
Si o quizer repartir.

De caricias serei prodigo:
Viverás muito feliz
Com a leitura do *codigo*
E dos *jornaes mercantis*:
Da *barra* as suaves *notas*
Sensações ainda ignotas
Te farão experimentar.
Viverás teus dias puros
A fazer *contas de juros*
E *rebates* de escachar.

E si o favor da modista
Quizeres *saccar* tambem,
Cumprirei ordens á vista
Sem rebate de um vintem;
Quando o que digo não faça
Desabona-me na *praça*
Zumbindo qual um *zangaõ*.
Embora venha um *protesto*
Venham *credores* no resto
Por-me a *fatrica* em leilão.

Responde, ora anda, dize
Tamanho amor viste já?
Em tempos destes, de *crize*,
Quem mais do que eu te amará?
Oh! responde, eu fico tonto:
Chegarei a fazer *ponto*,
Fraudulenta quebra até.
Oh! não me sejas ingrata,
Vem fazer a *concordata*
Comigo, na melhor fé.

Oh! verás como te agradas!
Gosaremos nós assim
Vida em *partidas dobradas*,
Eu por ti, e tu por mim;
Esta te sirva de aviso:
Somente nos é preciso
Um *contracto social*;
Sim, faremos *bom negocio*,
Sendo *socia* de tal *socio*
Rennindo o *capital*.

(Do *Portugal.*)

A PEDIDO

—Tem apparecido tantos elogios do encommenda, tantas bajulações massantes, tanto incenso podre, e nem uma palavra se diz, nem um encomio se tributa, nem um elogio se faz ao verdadeiro patriotismo que está muitas vezes na obscuridade, em que o conserva uma excessiva modestia!

E' assim que só o *Pharol* dispensou algumas expressões de amigo para com o cidadão Elziario Prudencio da Lapa Pinto por ter-se incumbido da organisação de um batalhão de voluntarios.

Sem querer porem apreciar os motivos que tiveram os jornaes para tal silencio, eu venho, capitão, pedir-lhe licença para dizer a verdade, render justiça ao merito, dar o seu a seu dono.

—E' cousa que satisfaz me cordialmente, congratulo me e felicito ao Sr. Elziario pela feliz lembrança que teve e faço votos para que seja satisfactorio o seu exito.

—O cidadão Elziario, Sr. capitão, é um dos voluntarios mais distinctos; não offereceu-se para fazer arranjo, para poder viver: é empregado publico, cheio de consideração do publico e attenções de seus superiores, é bem conceituado, principalmente na freguezia em que mora, onde exerce logares da confiança do governo e da eleição popular; não foi por tanto especulação o que o levou a offerecer-se.

—A prova de que só um patriotismo exaltado, direi mesmo phanatico, dirige os passos do Sr. Elziario, é o deixar, por momentos embora, sua excellente senhora, que ha pouco a elle ligou-se ante os altares; naquella alma heroica o patriotismo é a primeira de todas as virtudes; primeiro a sociedade, depois a familia.

—E rasgos destes ficam ás vezes ignorados!

—Embora! Daqui terá elle sempre uma prova de veneração pelo seu procedimento digno de louvores!

O abaixo assignado, tendo por costume mandar fazer o pagamento de carnes que tomava ao Sr. capitão Gavino, pelo Sr. João Cosme, veiu depois a saber que tinha este Sr. deixado de satisfazer ao Sr. capitão Gavino, subtrahindo a quantia de 203$800, que por tres vezes lhe enviara. Intendeu-se por tanto com João Cosme, que confessou seu delicto, addiando o pagamento. O abaixo assignado porém exigiu lhe que passasse uma lettra e João Cosme nega então a divida. Nestes termos não cabe ao abaixo assignado outro recurso sinão a lei de que vae usar, dando contra o supradito João Cosme uma queixa por crime de estellionato.

Assim como aproveitará a occasião para usar de seus direitos e ser pago da quantia de 123$ rs. que lhe ficou o mesmo a dever, no tempo em que não tinha credito e lhe fornecia o abaixo assignado carnes que tomava sob sua responsabilidade.

Bahia 16 de outubro de 1865.

João Ladislau de Menezes.

ANNUNCIOS.

Precisa-se de 50:000$ rs. ao premio de 50 por c. ao anno sem garantia alguma; não se duvida hypothecar a palavra de honra, si assim se exigir. — Condições. — O prompto pagamento dessa quantia e dos premios vencidos será realisado no fim de 10 a 15 annos, o mais tardar; a quem convier annuncie.

Sr. Chichi.—Pague ao seu credor Onça o conselho do

Camello.

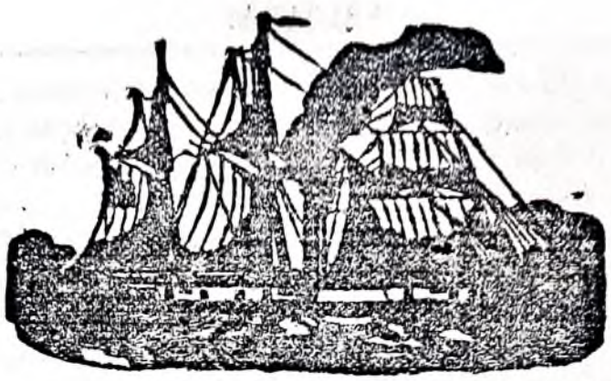
Attenção!

Ao Sr. Lourenço José de Aragão, partecipa o abaixo assignado que existe em seu poder a quantia de 207$475 liquido de 215$000 que lhe remetteram quatro musicos do corpo de policia desta provincia em operações no Sul do Imperio, por intermedio de meu pae o Sr. major do mesmo corpo, a qual quantia recebi hontem (14 do corrente) no saque que me veiu pela caza commercial dos Srs. Bastos & Sobrinho; assim me poderá encontrar para o referido pagamento na estação da Estrada de Ferro na Calçada, das 9 horas do dia ás 4 da tarde. Bahia 15 de outubro de 1865.—*José Antonio Marinho de Queiroz Junior.*

Quem precisar de uma ama de leite, sadia, e de boa conducta, procure na rua Mouraria casa n.° 27.

Vende-se um preto carregador de cadeira. Para tratar na loja do capitão Benjamim á rua Direita da Misericordia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 28.ª BAHIA 19 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 276

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de outubro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande concertar um buraco que ha na travessa do Cruzeiro defronte do sobrado nº 1, afim de evitar depois maiores despezas e algum sinistro.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe providencias afim de que na casa da moeda que ora se acha servindo de quartel, não continúem a dormir mulheres que sahem pela manhan sem a menor ceremonia.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para o clamor dos guardas do batalhão nº 24 que se queixam do ranxo que lhes é distribuido, não so por ser de infima qualidade como mesquinho. Informam-nos que tal abuso da-se á revelia do commandante, que, homem de boa fe, confia nos encarregados de tal fornecimento, os quaes, consta, apresentam para amostra comida de boa qualidade e depois dam-na pessima nos soldados.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que continúe a mandar corrigir os moleques de Santo Antonio, os quaes ainda no domingo 15 do corrente, deram vaias nos couraças que por aquella freguezia passeiavam, apostrophando os com nomes injuriosos que escandalisaram as familias que nas janellas se achavam.

O desaforo dos moleques alli sobe de ponto. e espera-se da energica administração de S. Ex. que haja um paradeiro a tão prejudicial ousadia.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado.—Havia ordem para que só descessem carros pela ladeira do Taboão e só subissem pelo Caminho Novo, *vice versa*; tinha por fim essa ordem impedir o encontro dos carros e prevenir desastres; para cumpril-a havia postadas alli duas sentinellas.

Mudou-se, acabou-se isto. Os carros encontram-se de continuo, os transeuntes são ameaçados diariamente, os carroceiros pouco cuidado tem,e a vida do publico está a correr grande risco.

Ante-hontem vinha um carro com grandes vigas, e o carroceiro, sem medir as forças do burro, queria, bradando pelo diabo, que o burro subisse a ladeira; nas mil vira-voltas que deu o burro, quebrou um homem que passava a cabeça com uma pancada que levou das vigas; o inspector correu pressuroso, mas o carroceiro largou burros e carro, e empinou se.

Para evitar esto e mais desagradaveis e perigosos accidentes, espera-se de S. S. que mande postar alli de novo duas sentinellas com as ordens ja por essa delegacia expedidas; e diminuirá o risco, bem que se não possa de todo extinguil-o sinão quando se obrigar os donos dos burros a carregarem-nos com carga que elles possam conduzir.

Tão justo e innocente pedido é de crer que não seja posto á margem por um caracter previdente, como é S. S. em quem muito confiamos.

—Capitão, quer uma amostra do panno?

—Falle em termos.

—Leia o *Progresso* de 14 de outubro do corrente.

—Deixe ver.

«—*Recrutados.*—Foram recrutados e remettidos hontem para a capital os guardas nacionaes do batalhão nº 12, Manuel Julião e Alberto Moreira, guardas estes fardadas e armados, e que por vezes tem destacado nesta cidade.

«O Sr. capitão commandante interino do batalhão reclamou-os aos Srs. Dr. Salustiano Souto e Hermenegildo Ferreira Nobre, por ordem de quem, dizia-se, terem sido recrutados, e esses responderam-lhe que tinham ordem do governo para recrutar na guarda nacional.

«Não marchamos bem...»

—Eis aqui como os liberaes da epocha arranjam voluntarios por sua popularidade!

—E continuam os roubos, apezar das reclamações!

E o Sr. Dr. chefe de policia passeia garboso, mimoso, delicado e faceiro, no seu bonito cavallo, acompanhado de suas duas ordenanças!

Quando ha pagode de voluntarios, festejos por victorias, reuniões populares, S. Ex., todo popular, é quem preside ao festim.

Na sua secretaria, todos os dias, recebe os offerecimentos de dous e tres voluntarios.

E os roubos continúam apezar das reclamações!

E a segurança e a propriedade individuaes perigam!

—Que diabo de declamação é uma, Sr.?

Diga ao que vem e ponha-se ao fresco.

—E' que a imprensa tem referido innumeras tentativas e perpetrações de roubo e a policia dorme, ou não ouve, ou não dá de si!

Por exemplo, disse-se que a casa do barbeiro Firmino, ao Terreiro, tinha sido arrombada e roubada; sabe o que succedeu? O homem preveniu-se e nunca mais deixou dinheiro na tenda, mas o ladrão que isso ignorava voltou na madrugada de 17.

E desta vez prevenido; trouxe chave, entrou, achou talvez o bispote, sahiu, e ao querer fechar a porta de novo, foi encontrado por um escravo do Sr. Serva que ia para a fonte. O preto gritou, agarrou o ladrão, luctou com elle, deixou-o correr quando puchou uma faca e a policia nem despertou com o barulho! O ladrão correu pelo Saldanha, atravessou a rua do Bispo e o destacamento nem piou!

E uma chave, perfeitamente egual á do pobre barbeiro, ficou na fechadura!

—Capuam dormentem!

—Capitão, que miseria!

—Que viu?

—Admira como certa gente ainda apparece em publico!

—Mas que ha?

—Que irrisão! Messalina affectando pudor, pregando moralidade!

—Explique-se, amigo.

—Veja o *Interesse Publico* de hoje, 18, e leia o artigo—Assumptos politicos.—

Quem escreve aquillo?

O homem que tem mudado mil vezes de partido, que tem injuriado aos mais illustres chefes de todos elles!

E diz que a pura crença liberal converteu-se em pura especulação de aventureiros!

—E tem rasão de o dizer; não vê como affecta liberalismo desinteressado? julga os mais por si! elle que tem especulado com todas as crenças!

—E tão sem coragem que desceu do seu logar para ficar em *communicado*.

—E' que então não tem, como disse V. no principio, a coragem de apparecer em publico de face descoberta.

—Felizmente por mais que se transforme, é sempre conhecido, fica-lhe o rabo de fora.

—Deixemos por tanto ladrar o cão até que algum moleque o faça correr do meio da gente que elle empesta com sua incuravel gafeira.

—Vem ca, *Ma-neca*!

—Eu não presto attenção a....

—A reus de policia, quer V. Rvma. dizer?

—E repito!

—Si *V.* não tem vergonha, si *V.* encouraçou esta lata, si *V.* é o homem mais safado que pisa as areias de Itapagipe!...

Cousa ruim! traste nojento e indigno! não se lembra V. daquelle reu de policia que, de batina e corôa aberta, mostrou uma de suas phases, dando-se em espectaculo a espadachim, espancando uma pobre mulher!

Esqueceu-se do padre infame e capadocio que andava a pregar á noute pelas esquinas versinhos contra os miseraveis a quem esta hoje ligado!

Esqueceu-se do vigario hediondo, que rasgou as folhas do Breviario, empunhou o bacamarte e o punhal, poz a tiracollo o frasco de aguardente, as castanholas, o pandeiro, o vú e a viola e affugentou as ovelhas com sua voracidade de lobo, como outr'ora amedrontara o leão o povo de Florença!

Esqueceu-se do que um monstro coberto de todos os crimes desde o defloramento até o estupro, desde o estupro até o adulterio, se cubriu com as vestes sacerdotaes para insultar impunemente a todos!

Reu de policia és tu, degradação do clero, que para tua correcção mereces um logar no porão de qualquer navio de guerra, e de machos aos pés!

Reu de policia és tu, ente despresivel, que aqui no porão podes contaminar com teu mau halito os maiores criminosos que soffrem castigo, e que nem te quero para *servidor* do muxingueiro!

Retira-te da minha vista, cão leproso!

Tufé, cousa ruim!

A PEDIDO

O Sr. João Ladislau de Menezes tendo caloteado a diversos negociantes de carne verde, vivendo ha mais de dous annos como reu de policia veiu á imprensa injuriar-me, julgando com isso prestar contas aos seus credores, não se lembrando que o infeliz seu cunhado o capitão Irenio como seu garante foi obrigado a vender uma escrava para pagar ao Sr. Gavino quantia maior a um conto de reis.

Tendo o Sr. Menezes promettido dar uma queixa de estellionato e accionar-me pela quantia de 123$ que lhe não devo, fica-lhe marcado o praso de 3 dias para esse fim, certo de que si o não fizer será reconhecido como um infame calumniador e será por nós arrastado á barra do tribunal. Bahia 17 de outubro de 1865.

João Cosme.

Attenção!

Um amigo do Sr. M. José R. para confirmar o bom conceito de que o mesmo gosa deseja saber o seguinte:

A partida de quinhentos e tantos pares de sapatos comprados a J. G. B., de que tractou J. C. G. e que foram encaixotados de noute no Forte de S. Pedro, entrou na conta para a thesouraria da fazenda pelo mesmo preço?

Por que consta que só de carretto a cada um pagou-se 2$ rs. e a agencia da commissão.

Mofina.

Dá-se um *gato marisco e um cão leproso* de presente a quem descobrir quaes são os actos de liberalismo pratico, de patente e incontestavel utilidade, pelos quaes se esta *revelando* a administração dos Srs. Dantas e Jun-

queira, actuaes presidente e chefe de policia desta provincia.

O Marcos-Mandinga.

O lente de pathologia externa da faculdade de medicina da Bahia.

Super omnia autem vincit veritas.
ESDR 3. 12.

Sr. Redactor.—Eu faltaria ao sagrado dever da gratidão, se ainda uma vez não recorresse a V., afim de dar um testemunho publico do meu profundo reconhecimento ao illustre medico da Côrte, que não hesitou em fazer logo ouvir um brado contra a semrazão, com que fui doestado por quem me julgou sem nunca me ter ouvido, ou levado de odio gratuito, ou servindo de instrumento a paixões ruins de alguem.

Queira V. transcrever dos *Annaes Brasilienses de Medicina* de setembro de 1865, n.º 4, a seguinte carta, dirigida ao Sr. Gama Lobo, pelo nobre cavalheiro, e muito illustrado e distincto oppositor da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, o Sr. Dr. José Maria de Noronha Feital, de cuja generosidade conservarei sempre doce lembrança; e deixará cada vez mais penhorado o

De V.

Muito attento venerador e creado.

Manuel Ladisláu Aranha Dantas

S. C. 17 de outubro de 1865.

Caritas non gaudet super iniquitate: congaudet autem veritati.
1. COR. 13. 6.

« Meu collega e senhor.—Por conhecer seu cavalheirismo, peço-lhe a reparação de uma injustiça.

« O professor de pathologia externa da escola de medicina da Bahia é digno em toda a extensão da palavra. Foi substituto e lente por concurso; compoz o compendio que explica, e *fel-o imprimir á sua custa*: e de anno a anno vai fazendo as modificações que o progresso da sciencia exige. Actualmente está compondo uma nova edição da sua obra, e tem demorado a publicação por causa do estudo das feridas por arma de fogo, que hoje tem immensamente divergido do que outr'ora era.

« Sua ultima licção sobre gangrenas provou quanto o Sr. conselheiro Dantas acompanha os avanços da sciencia; o estado atheromatoso das arterias e as embolias foram por elle tratadas como causa da destruição da vida. E', repito, um professor digno e distincto, que tem cumprido religiosamente seus deveres, e que chega ao fim do anno sem dar falta alguma, tendo familia com pessoas de saude bem enfraquecida.

« Além disso, o Sr. conselheiro Aranha Dantas falla e escreve o portuguez com uma pureza classica, sabe o latim, o grego, o francez e o inglez; e é tal sua maestria em philosophia, que é procurado com muita instancia para leccionar esta disciplina, tendo o prazer de ver seus discipulos alcançarem sempre as melhores approvações.

« Estive, meu collega, na Bahia, e posso dar testemunho do que avanço: espero de sua bondade a publicação destas linhas.

« De V. collega e amigo
Dr. *José Maria de Noronha Feital.*»

Sr. Redactor.—O que disse o almoxarife a respeito de que tracta V. no seu periodico de n.º 272, foi o seguinte:

Que entre a freguezia da Penha e Pilar, podia-se alistar ou recrutar 500 praças, sem fazerem falta ás mães, irmãs ou pessoas que lhes pertencessem desvalidas, ou que dependessem delles, e não como acontece que se recruta pessoas que não estão no caso, e os que estão no caso acham in continenti dezenas de padrinhos.

O almoxarife.

ANNUNCIOS

Vende-se

A quitanda defronte ao Forum; quem a pretender dirija-se á mesma que achará com quem tratar das 9 horas do dia ás 10 da noite.

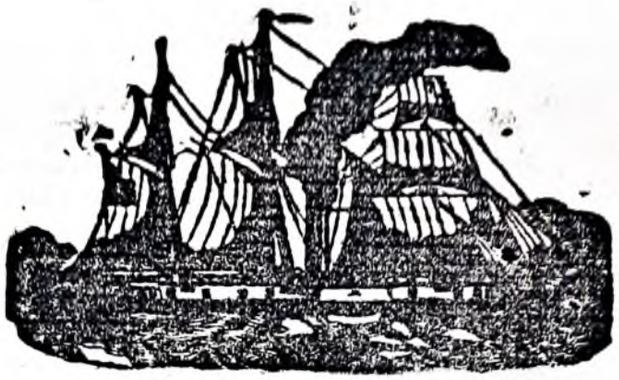
Roga-se ao Sr. M. E. que faça o favor de vir pagar a quantia de 2$500. proveniente de um par de botinas que tomou fiadas; isto quanto antes, afim de que lhe não saia o nome por extenso.

Troca-se um terreno que tem mil e quinhentos pès de ortiga e duas mil casas de formiga, por um orgao, que tenha pelo menos sete canudos; a quem convier annuncie.

Dá-se 3:000$ por um negro novo, com principios de opilação, para se fazer uma experiencia; quem o tiver nestas condições, annuncie para ser procurado.

Compra-se um pianno antigo que esteja ainda em bom uso, para uma senhora de 82 annos aprender a solfejar; quem o tiver annuncie a sua morada.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 28.ª BAHIA 21 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 277

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de outubro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que as gazetas grandes tanto tem elogiado a prisão dos moleques, e elles continuam endiabrados por toda a parte. Agora acompanham a musica da Chapada, que toca ás noites na Piedade, gritam, dão pancadas, furtam doces, o que ja não é pouco e convém ser evitado, como se espera de sua apregoada actividade.

—Ao mesmo.—Informam-nos que existe no campo Grande um certo exfigurão, que castiga barbaramente os escravos por ter, v. g., quebrado a tampa de uma quartinha, ou qualquer outro objecto de louça. Informam tambem que por tal motivo se acham litteralmente chicoteadas duas infelizes pardinhas; que a Exma. senhora do consul da Italia tem tido desmaios na occasião dos castigos, e que toda a visinhança vive ja horrorisada com tanta barbaridade.

V. Ex tome em consideração, si quizer, estas linhas, indague quem é o *Leréo* e providencie como for de justiça. Si porem este pedido for esquecido como outros muitos, teremos tranquilla a consciencia que nos affiançará que cumprimos o dever que nos impuzemos, em quanto outros descuidaram-se das obrigações que lhes impuzeram.

—Ao Sr. subdelegado de Santa Anna, partecipando-lhe que na caza do Sr. Dr. Cunha de Castro, á rua do Caquende, existe um escravo de nomo José, o qual vive a caçar todas as gallinhas dos quintaes da rua da Jaqueira, cujos moradores são ameaçados de chicote, quando reclamam. Tal insolencia e gatunice devem ser punidas, e espera-se da energia de S. S. que não deixe campear o melro, que bem precisa de uma sóva de bollos, dados pelo muxingueiro da correcção.

—Viu como andaram combinados o *Jornal* e o *Diario* para elogiarem o chefe de policia?

—Não tem duvida!

Ambos tractam do Rocha Lima; ambos lembram cazas para bebados; ambos acham poucos os crimes; ambos negam os crimes; ambos dizem que só Rocha Lima e um marinheiro são os ladrões.

Que identidade de pensamento! Uma alma em dous corpos, como dizem os capotes.

—Ou antes um apontamento para duas gazetas.

—Entretanto a casa de Nicolau Carneiro da Rocha Menezes foi roubada, e o crime foi publicado.

A venda de Antonio Gomes da Cruz ia sendo arrombada, lá estão os signaes e uma grade que em uma das portas havia, foi-se; tambem foi publicado.

A venda, de que é caixeiro Manuel de Souza Gomes tambem foi ameaçada, e foi publicado o facto

A caza de uma mulher Luiza á ladeira da Praça foi invadida e saqueada e a dona da caza chicoteada.

A caza de uma outra mulher Francelina á rua Direita da Mizericordia foi tambem invadida, houve gritos de aqui d'el-rei e dahi a quatro dias um dos criminosos era nomeado alferes de voluntarios.

A caza da *Hespanhola* foi tambem saqueiada e o *Jornal* cançou de annunciar.

A caza do barbeiro Firmino ao Terreiro foi por duas vezes accommettida; da segunda, a chave falsa ficou na porta para ser vista por quem por alli passou em todo o dia.

Ainda hontem um sargento arrombou a porta de um outro barbeiro, pelo que foi preso pelo seu capitão.

A loja do Sr. Felippe, á rua Direita do Collegio, foi tambem roubada em quantia maior de 80$ rs.

Dizem que os moleques estão sendo presos, e elles ahi andam a insultar a todo o mundo, como ainda hontem fizeram, atirando pedras para dentro da botica do Sr. Andrade ás Portas do Carmo.

São cousas que se não pode prevenir?

Mas então como os ligueiros de que se arvoraram chefes os Srs. Dantas, Junqueira e seu rancho, tanto amofinavam o Sr. Dr. Freitas Henriques?

Por que escreviam para a corte quanta banalidade lhes vinha á cabeça?

Si havia incendio, o crime era da policia; si havia suicidios, a culpada era a policia; pois bem, hoje ha incendios, ha suicidios, de quem é o crime, quem é o culpado?

E o *Diario* tem coragem de dizer na 2.ª pagina que só tem havido um roubo do 20$ rs., quando elle mesmo annuncia na 4.ª pagina, que os larapios entraram pela caza dos Srs. Costa e Filhos e gamaram-lhe o relogio, a corrente e o trancelim!

—Que façam muito bom proveito ao chefe de policia taes elogios de encommenda!

—Ao author da bambochata do *Jornal* de hoje que trata do *Alabama*, não ha resposta seria para dar-se. Si quem estivesse a dizer estas palavras tivesse a educação dos facciosos incendiarios, dos caloteiros insignes, dos especuladores inimitaveis, dos ladrões de capello, ou de algum brigada de policia infame e calumniador, elle proprio a injuria no seu todo; si quem escreve estas linhas fosse o ente abjecto que recebeu a educação n'um miseravel prostibulo, a resposta seria mandar o tal *Phedro* á tabua, ou fazel-o lembrar da velha pata que o poz.

Dir-se-ha com tudo duas palavras.

E' licito a qualquer um dar os motivos que quizer á morte do Sr. João Gualberto; nós sentimos que elle tenha morrido, porque respeitamos a religião dos tumulos.

Ha quem diga que o *poeta* falleceu, apaixonado por uma deidade que lhe ficava fronteira e cujas relações foram interrompidas por ordem paterna. Dizem outros que o *empregado publico* tinha aspirações, como secretario, a inspector da thesouraria; no que foi burlado. Querem outros ainda que o *litterato* pretendera o logar de bibliothecario da livraria publica; pretenção que se não realisou, apezar de estar na presidencia seu amigo, Dr. Bulcão etc. Espalha-se tambem que o mau estado de suas finanças, que o obrigava a rebater de continuo seu ordenado, o levou ao deploravel estado de loucura. Propalam *certos interessados* que o *Alabama* foi causa de sua morte.

Que se lhes ha de fazer?

Deixar correrem as aguas;

Mas protestar contra a audacia de um ousado *Phedro*, bobo de comedia, salteador de tragedia, bem conhecido

nesta cidade, ladrão convicto, homem odioso e repulsivo que tem o atrevimento de querer manchar os homens de bem, chamando-os para seu lado, a conspirar contra a existencia do *Alabama*.

Como si os homens de bem não tivessem interesse em conhecer os tratantes, para delles se affastarem!

Como si a gente seria não devesse ajudar a quem se encarregou de apontar com o dedo os ladrões!

Como si não fosse sabido que so os ladrões odeiam o *Alabama*!

Descança, vibora, a população bahiana ja se não engana com o brilho de tua escamosa casca!

O que deves fazer é tractares de dar o teu bote á trahição; do contrario havemos de esmagar-te a cabeça com o salto das botinas.

Toma sentido, meu *Phedro* caricata, meu bobelas d'um dardo!

—Mais um Caio Graccho!

Mirabeau nos seus devaneios liberaes lembrava tambem Graccho e vendeu-se á corte.

Apparece agora uma caricatura de tribuno, um Marat renegado, Catilina despresado, e invoca tambem Graccho, cuja memoria pollue, esquecendo-se de Paschino....

E babando, e vociferando, e mentindo, e calumniando, e injuriando. depõe contra um respeitavel caracter, que si tem defeitos não tem crimes, e a cujas plantas o cynico ja levantou incensos!

—Não se lembra elle de que no tempo do liberal de 48 (apezar de ser posto o punhal ao peito dos jornalistas da opposição, como teve o desplante imprudente de dizer) não correu risco a sua vida; não foi preciso que a typographia trabalhasse a portas fechadas; que os operarios andassem armados; que elle andasse fugitivo pelo Cabula e Rio Vermelho.

—Esqueceu-se de que a porta de sua caza não era rondada por homens sinistros.

—Esqueceu-se de tudo porque o governo não comprimiu, não suffocou o pensamento a peso d'ouro, comprando typos e prelos estragados.

São assim os taes Gracchos da epocha.

—E' por isso que elle julga todos por si.

Pobre diabo!

—Capitão, ouça:

«Por acto de 18 do corrente foi demittido, por *mau comportamento*, o alferes da 4.ª companhia do corpo provisorio de Policia, João Antonio de Barros Lisboa, e nomeado para substituil-o João Pereira Dormund.»

Conhece quem é o Lisboa?

—Não.

—E' um moço cazado e com filhos; conheci o caixeiro, dizem que accendeu o gaz e foi depois ser guarda de policia.

Um homem que se sujeita a tudo para não ficar desempregado para ter com que sustentar sua familia, pode ter mau comportamento?

—Não sei.

—Esse homem, sendo cabo de ordens do governo, foi nomeado alferes de policia, dizem que a pedido de sua senhora que se foi valer do presidente, apresentando-lhe seus filhos. E agora o *governo liberal pratico*, *de incontestavel utilidade*, apregoado pelo Sr. Guedes Cabral, demitte o honrado chefe de familia, e lança-lhe a pecha de mal comportado, sem lhe dizer qual o seu crime!

Elle, o Sr. Dantas, que mandou dirigir e governar a voluntarios o tenente Cornelio B. de Barros, accusado pelas gazetas de ladrão, com a propria confissão do reu em cartas!

—Caluda, Sr.! não compromette a gente; quem falla a verdade merece castigo, e o seu constituinte é pobre, não pode achar quem lhe dê rasão.

—E viva a patria, que o Sr. Dantas salvou!

A PEDIDO

—Capitão, quer noticias?

—Diga lá.

—Saiba que se fez a nova eleição para meza da ordem 3.ª do Carmo, e que entre outros, o sub-prior foi tambem de novo reeleito contra o disposto nos estatutos que prohibe a continuação por mais de 2 annos.

—E porque infringiram a lei?

—Não foi infracção, foi voto de agradecimento pela feliz lembrança que teve para o retrato do prior como *bem-feitor da caza*, e como não se devia pagar favores com ingratidões—fica desta vez jubilado em sub-prior.

—Que mais ha?

—Deixou-se tambem de propor para a nova meza alguns irmãos da meza de 1864 porque naquelle anno estavam fracos e foram lançados fora para se reforçarem, mas apezar de chuparem boas iguarias e de se reforçarem todavia ainda os acharam magros, e por isso desta vez não os encartaram; bem disse o Mello, é mel que nos dão pelos beiços.

O prior não é mau!

Seria porque alguns delles não tivessem servido com satisfação? Pois consta que até um delles teve uma menção honrosa na acta, e que não devia ser esquecido, porque então não tinha as manhas de um certo vigario.

—Mas porque então se não lembraram deste?

—Quando o botaram para fora para se reforçar, diziam de boca pequena que o prelado se tinha mettido nisso; o que eu não creio—o certo é que cumpriram suas tenções; mas a razão, capitão, não é essa, é porque o commandante d'aquelle navio não quer homens independentes, mas sim doceis e maleaveis—bem fizeram o Maneca e Valença que escamaram-se.

—E quem lhe contou essas cousas?

—Alguem que prometteu-me contar outras cousinhas que ficarão para outra vez.

—Venha ca, sor gallego!

—Eu sou paulista, capitão.

—Seja la o diabo, o que não o priva de ser um grande ladrão. Ora conte-me que traficancia foi a sua com o Soterio?

—Si eu fallari berdade, estou perdoado?

—Pode fallar.

—Confesso tudo, Sr. Propuz a elle uma sociedade ao que elle annuiu, mas sendo crescida a somma do que existia, fiz com que elle retirasse os generos até ficarem em 760$ rs.; mas não tendo dinheiro para entrar, entrei com alguns generos, ficando de dar o resto do dinheiro; quiz porém enganar o rapaz e mandei aprompter uma escriptura de venda com o seguinte fim:

Como elle estava de boa fé, não suspeitaria de minha tratada; eu por tanto aproveitava uma occasião em que o visse muito occupado e fingindo pressa, lhe diria: «Fulano, assigne aqui.» Elle cahia e a pastelaria era minha. Foi o que eu fiz, levando o procurador que eu disse ter muita pressa e precisar de retirar-se Infelizmente porém o diabo do homem não quiz assignar o papel, disse que estava occupado, que na occasião não tinha tempo, que ficava com elle para ler, e descobriu-me a ladroeira e quer por-me os podres na rua!

Eis aqui, capitão, o que houve simplesmente.

A's ordens.

—Espere, sôr tratante!

O *João Luiz* disse-me que V. não merece perdão; que V. além disso fez o seguinte:

Quiz fechar a pastelaria á força, chamou a patrulha, inculcou-se de dono, descompoz ao moço seu companheiro, fechou a gaveta e não quiz dar a chave etc. etc.

—Doudices, capitão!

—Ladroices, tratante!

Muxingueiro, vae alli em casa do *Souza* na *Bahia*, toma-lhe uma espia, e enrola este ladrão; dá-lhe depois mil tacadas das boas, e assim mesmo enlinhado, atira-o ao porão do navio!

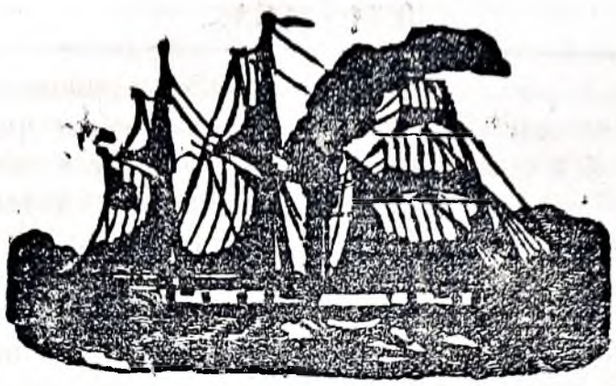
—Balha-me Deus, meu Deus!

ANNUNCIO.

Vende-se

A quitanda defronte ao Forum; quem a pretender dirija-se á mesma que achará com quem tratar das 9 horas do dia ás 10 da noite.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 28.ª BAHIA 24 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 278

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de outubro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande concertar um buraco que existe na rua de Baixo, a fim de não haver algum accidente, que se pode prevenir com pouco.

—A' mesma, pedindo-lhe (para que se não dê um facto egual ao desastre que succedeu ao infeliz pae do actual Sr. inspector d'alfandega) que mande arriar toda o bicame da caza n.º 41 á rua Direita do Collegio, o qual, preso somente em alguns logares e voando de quando em quando, ameaça cahir por cima de quem passa, não lhe fazendo bom cabello.

Esperamos da actividade da Illma. e da bondade do coração dos membros da mesma, uma prompta providencia.

(No mesmo sentido ao Illm. Sr. subdelegado da Sé.)

—Ao Exm. Sr. commandante das armas.—Constando que um guarda do batalhão de Sant'Amaro de nome Assumpção que naquella cidade cortara os dedos para não marchar *voluntariamente*, sem embargo do que, foi obrigado a seguir para esta cidade, ondo chegando se lhe negara os soccorros medicos, sob pretexto de ter praticado aquillo para esquivar-se do serviço, permanece doente no quartel com prohibição de ir para o hospital, e sendo isso, a ser verdade, contra as leis da humanidade, sirva-se V. Ex. de informar que fundamento de verdade tem tal boato.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe, ao menos para constar, que um destes dias os ladrões visitaram a loja do Sr. Assumpção á rua de Baixo; assim como tres mulheres arrombaram a porta de uma outra, á rua Nova de S. Bento, e espancaram-na a ponto da mulher ir valer-se do capitão Hilario.

—Ao mesmo, para que indague si o pregador na festa que teve logar na Piedade, hontem, ae sahir do pulpito, achou ou não sua cella arrombada e seu relogio furtado.

—A' companhia do Gaz, pedindo-lhe que mande collocar o combustor da esquina do Porto do Bomfim, na rua que vae ter á baixa do Bomfim, o qual se acha fóra do logar ha tempos.

Espera-se que tão insignificante pedida seja attendido, visto que os moradores daquelles logares (Itapagipe) não tiveram a felicidade de ter illuminação em todas as ruas.

—A' empreza da limpeza, pedindo-lhe que mande retirar um cão morto que ha mais de tres dias se acha na ladeira do Pau da Bandeira.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Os empregados da thesouraria geral de Latronopolis; pedindo providencias para que cesse o incommodo que sofrem de uma até tres horas da tarde pelo activo cheiro das comidas adubadas de palacio, quando elles se acham com a barriga pregada no espinhaço.
—Os supplicantes queixem-se a quem teve a lembrança de collocal-os em cima da cozinha do presidente.

—Ha dias entraram por esta cidade vinte e tantos recrutas algemados no rigor do termo. A opinião publica revoltou-se, e o *Jornal*, reprovando o facto, disse constar-lhe que o chefe de policia expedira ordens para que cessasse tal escandalo.

—Eu li.

—Pois na sexta feira e no sabbado entraram outros tantos por esta cidade a dentro, escoltados, os primeiros acompanhados até de um capitão, e vinham algemados!

—Oh! é preciso não zombar assim da opinião, n'um paiz de livre exame! é preciso mais respeito á moralidade publica!

—Vê como blatera aquelle padre! E dentro da egreja! dentro da sachristia!

—E' um capeta que insulta aquelles dous homens por estarem a ler o *Alabama*.

—Que olhos! que furia! que demonio! Como pode aquelle coração rancoroso sujeitar-se á paciencia e á humildade, pregadas por Jesus Christo, de que esse homem se inculca ministro!

—E nem respeita o templo!

Ha de ter *mau fim* por força, que foi o que ja succedeu a um tal amavel Neca, que aqui tivemos.

Credo, cruz, anjo bento!

—Viu que grupo de pretos no largo da Piedade!

—Vi; e admiro-me de que a policia consinta em batuques e sambas no meio da rua, quando ha uma postura que prohibe ajuntamentos de africanos em qualquer logar e á qualquer hora

—Vão ver que a gazeta official ha de fazer seus elogios porque houve samba, mas não houve conflicto.

—Ja ha aulas publicas de capoeiragem.

—Quem lhe disse?

—Vi-as eu no largo da Piedade, toleradas pela policia.

—Ah!

Eu tenho lido nas gazetas do Rio que os capoeiras são quasi diariamente presos. Emfim, cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso.

Declaração.

Tendo se nos dirigido o Sr. Pedro Lucrecio Pessoa da Silva, pedindo que declarassemos si alguma parte tem elle tido nas publicações, neste periodico feitas, sobre a limpeza da cidade—declaramos que não, que assumimos a responsabilidade de nossos artigos que são puras verdades, das quaes só não tem conhecimento os cegos. Documentos contra a empreza existem em qualquer canto da rua; o contracto ainda não foi litteralmente cumprido em um só de seus artigos; a população inteira clama, e somos apenas o echo della que não pode soffrer impassivel um imposto de capitação sem um proveito real.

A Redacção.

Errata.

A casa de Luiza, á ladeira da Praça, não foi saqueada; foi *apenas* invadida, depois de arrombada a porta, seguindo-se o facto de ser chicoteada a dona della.

O dono da venda ás Portas do Carmo não é Antonio Gomes da Cruz, mas sim Antonio José Dias.

Taes declarações são feitas por amor á verdade, que sempre presamos.

A PEDIDO

—Capitão, não posso deixar de im-

portunal-o com as tratadas do celebre rei dos moleques.

—Que mais fez este diabo?

—Tem ultimamente se occupado de V. Ex., a quem insulta desabridamente. Ha dias, na freguezia das Areias, fallando-lhe alguem nas cousas feias que estavam sendo publicadas, respondeu que seus crimes eram do passado, e que elle era do presente; que não dava alem disso attenção a gazetinhas que lhe faziam um bem sem o saberem; que em quanto estava sendo desmascarado, fingia-se victima e continuava a illudir os incautos.

—Que descaração!

—Andou abalando ceus e terra para ser official do 110 e tomou taboca; para ser official de policia, taboca tambem; agora anda dizendo que vae ser empregado na repartição da policia.

Como si os empregos dalli fossem para ignorantes que escrevem *gato* com—j—e *brazileiro* com—h—!

Mas emfim esta dando forte e é provavel que pegue a cousa.

—Eu aconselho-lhe antes que vá para o sul em busca da cavallaria, em cujo collegio aperfeiçoou-se elle na escripturação e leitura.

—Deu agora em outra especulação: anda pelas prisões se inculcando de procurador e lesando os presos, comendo-lhes os cobres, e deixando-os com agua no bico.

—Patife!

—Convidou uma vez dous rapazes para irem com elle ao theatro, e ao pedir tres bilhetes deu ao bilheteiro 5$ rs. que ja não corriam e que na confusão o pobre homem recebeu sem reparar; testemunhas Mané Cotoco e Th.

—E' fertil nas descobertas!

—Metteu-se de escrivão d'uma irmandade de S. Antonio, em que os moleques se chamam *humildes* e elle que é o unico que sabe ler e é o rei delles faz todo serviço. Mas o que soffre é o cobre, que quando lhe cae nas unhas não lhe sae sinão depois de ter estado na pansa: enganou ultimamente ao Fernandes, dando-lhe um recado do thesoureiro para lhe entregar 12$ rs. que deviam servir para a incarnação do santo, mas que elle botou no peito, serio como um homem branco.

—Ja não se contenta com os homens, vae até ás imagens!

—Quando este despresivel, repudiado dos parentes pelas suas obras andava aqui e acolá, esteve algum tempo na fazenda Gamboa, em Santo Amaro do Catú e botou no peito quatro patacas e mais cinco tostões que lhe deram o padrinho e uma senhora para o cujo comprar lhes um chapeusinho e um par de meias!

—Que ridiculo!

—Encarregou-se de fazer um interramento, a pedido de uma senhora viúva que chegara da colonia Leopoldina e que residia em Campos; o resultado foi que não pagou ao vigario das Areias, que mandou a conta á senhora que pagou de novo.

—Com effeito!

Cada acto de charidade que este demonio parece querer praticar não é mais do que uma emboscada de salteador para saqueiar o viandante!

(*Continúa.*)

—Então, gallego, ja entregaste o purrão?

—Ja.

—Mentira; o pobre do negro está afflicto pelo que lhe roubaste; vae ja entregar o purrão, sinão mando o muxingueiro metter-te a taca.

—*José*! olá, caixeiro! quando passar o preto, entrega-lhe o tal purrão dos diabos.

—*Francisco*, isto é vergonha, toma sentido, gallego, ladrão descarado.

—Como é bom este homem!

Em vez da taca, dá-me conselhos...

—Ouça isto:

O Sr. Manuel Calixto do Spirito Santo foi hontem a um talho na Baixa dos Sapateiros e comprou quatro libras de carne O cortador roubou-lhe tres quartas; elle conhecendo a fraude, chamou o fiscal que estava defronte e queixou-se. O fiscal examinou a balança, reconheceu a ladroeira, e disse:

«A balança está viciada; mas que quer que lhe faça?»

—«Que cumpra seu dever, Sr fiscal.

«Mas o Brito que é o dono do talho não está, não hei de multar o preto, deixe elle vir que fallo com elle.» Foi a resposta do fiscal!!...

Este facto que não precisa commentarios foi presenciado pelos Srs. Luiz Bastos Varella, Francisco Rodrigues e José Joaquim Pinheiro.

—Por isso outro dia um cortador de carne dizia no botequim do João Gualberto que *elles* davam todos os mezes 5$ rs. aos fiscaes, porém que neste mez elle não tinha dado, razão porque o fiscal estava sempre a embirrar com elle. Mas que estava enganado si lhe fizesse alguma multa.

E tudo no mundo é assim!

Casal do padre Alexandre.

II.

Como promettemos ao illustrado publico desta cidade communicar toda e qualquer occurrencia que se for dando na presente causa,—afim de mostrar as boas intenções do Sr. Francisco de Amorim Falcão e o plano innocente de seus advogados e procuradores particularmente do seu amigalhão o Sr. José Monteiro—aqui estamos.

Antes porém de referirmos o que se tem dado, diremos ao Sr. Monteiro, chicanista de primeira ordem, que acha infelizmente advogados que apadrinhem com sua assignatura seus bellos factos, o seguinte:

Lembre-se que está em avançada edade, e conseguintemente com os pés na sepultura; entregue-se á oração e ao arrependimento, e não sirva de lima nas mãos do obreiro. Em occasião competente, ha de exigir-se-lhe um recibo de 300$ e mais outros papeis que dizem respeito ao casal, como declarou o mesmo padre.

Entremos porém na questão. Depois do *afinal direi* do Sr. Dr. Emilio Tavares, o Illm. Sr. Dr. juiz provedor mandou pôr em provas; além da prova sufficientemente documentada que existe nos autos, reforçamos com o testemunho de caracteres probidosos á toda prova, como sejam os Illms. Srs. coronel João Baptista Vianna, padre mestre João Teixeira de Carvalho e João Gabriel de Gouveia, offerecemos o merecimento dos autos e demos vista por um termo ao Sr. Dr. Emilio, advogado do Sr. Amorim, para arrasoar; mandou este que os autos passassem para o immediato, citando a parte, o que fizemos. O Sr Dr. Emilio Lão sei porque, talvez por conhecer sua falsa posição, não querendo contradizer a verdade conhecida por tal, renunciou as honras de advogado de tal causa.

O immediato constituido em procuração é o Sr. Dr. Candido Gomes de Castro, que está como o primeiro; até o presente não mandou os autos; o que provavelmente fará agora, depois de lançado, como ja o foi na audiencia de sabbado 21 do corrente; procedimento inteiramente egual ao de seu antecessor.

Estamos por tanto á espera do homem que se resolva; demora e mais demora é so o que lhes convém.

Os habilitandos.

ANNUNCIOS.

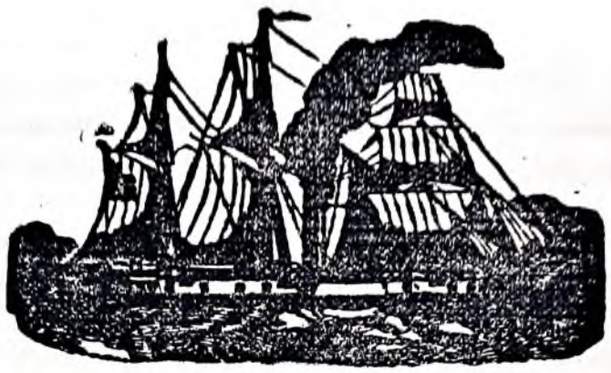
Quem perdeu ha nove mezes uma mula toda preta, dirija-se a esta typographia que se lhe dirá quem a tem, pagando as despezas do annuncio.

Attenção!

O Sr. J. L, mestre de caiar e rebocar paredes, tenha a bondade de ir pagar a quantia de 13$320 que deve ao caixeiro da venda defronte do Pelourinho, isto sem demora, pois ja se lhe deu grande praso, e não o fazendo terá o dissabor de ver seu nome neste jornal.

Vende-se uma casaca de panno fino com portinholas dos lados e seis bolsos, sem defeito algum. Adverte-se que em alguns logares falta-lhe o pello e está um pouco roida da traça. E' um objecto que vale a pena observar-se por ser obra do tempo em que o primeiro imperador veio a esta cidade.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

SERIE 28.ª BAHIA 26 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 279.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de outubro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas. perguntando-lhe que origem teve o conflicto que se deu no quartel da Palma, em a noite de hontem 24 do corrente; assim como pedindo-lhe que nos informe si foram ou não desrespeitados os officiaes e feridos os guardas, a fim de que o publico tenha conhecimento do que se passa, e não possa a gazeta official impingir-nos que vae esta cidade pacifica e mansa como um pacifico e manso mar de leite ou rosas.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe, que faça acabar com o samba constante que ha em

FOLHETIM

PALESTRA

A BORDO DO *ALABAMA*.

Rasaõ de ordem. A incognita—X—*e o spiritismo. Principio da palestra. A guerra externa e a paz interna. Analyse administrativo—latronopolitana. O impressor.*

I.

Muito não é de admirar aos amaveis leitores do *Alabama*, que a bordo haja palestras, si as ha no gabinete da presidencia, na secretaria da policia, e nas repartições publicas, á imitação do hotel—Figueredo, livraria—Martin, loja—Theodoro, boticas em geral, e mais casas para esse fim predestinadas.

A rasão disto é bem simples, e funda-se em a naturesa humana que está para as palestras *na rasão directa* do lixo e materias fecaes para a companhia da limpeza, e *na inversa* dos voluntarios para os recrutados.

Que bella proporção! e venham cá dizer-me que minha sciencia algebrica, arithmetica, e geometrica não é devida ao puro, exacto, e mathematico—Xico Sautos,—meu antigo professor!

Vá a digressão para dar tempo a descobrir-se a incognita—X—; e quem descobril-a, á fe de folhetinista, prometto dar uma chapa redonda de bronze estanhado, para ser collocada na testa, tendo de um lado duas letras maiusculas, e do outro quatro, as quaes a sciencia spiritica ou o spiritismo, por meio de seus evocadores, medium-videntes, curadores etc., assim decifra —Morre doudo,—Mande pedir sua demissão.

A' proposito; Deus haja, e livre da reincarnação o spirito que, em tempo, foi o explicador desse enigma, muito antes de Allan Kardec, Roze e mais spiritistas por *calculo* ou convicção.

algumas cazas sitas ao Gravatá, nas quaes se reunem alguns voluntarios, havendo no fim da historia, desordens que poem em alarma toda a visinhança, acordada em sobresalto pelos gritos e pancadas que tem então logar.

Espera-se receber mercê.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande policiar a freguezia da Conceição da Praia, onde ha, todas as noites, sambas, algazarras e barulhos; o que não é novo, e tem sido muitas vezes levado ao conhecimento da authoridade, sem que appareçam providencias.

—A' companhia da limpeza, pedindo-lhe que se digne mandar varrer a ladeira da Palma, que se acha como um chiqueiro, esperando a chuva para limpal-a; não obstante o que, anda o seu cobrador a receber a contribuição.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá visitar e examinar minuciosamente as balanças dos talhos, as quaes tem o gancho da corrente da concha virado para fazer no peso grande differença, como a sentem os compradores, que infelizmente não podem reclamar porque nunca encontram os fiscaes parciaes. Cumpra.

—Ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá atraz da Cadeia e agarre uma mulher conhecida por *Nariz de Porrão* que costuma á noite aromatisar o nariz da visinhança com aguas podres e o mais que se segue. Cumpra.

—Ha ainda necessidade de recrutas?

—Não sei.

—Ainda havendo, não acha que a Bahia deve ser dispensada, á vista do extraordinario numero de voluntarios que tem dado?

—Assim devia ser.

—Pois eu ja ouvi dizer que ha ordem a respeito, mas ignoro porque não tem apparecido.

—Negocios de alta politica, rasão de estado.....

—Capitão, ja leu a *mistura de grelos*?

—Não.

—Então viremos folha.

Tem lido os despachos dados pelo Sr. Dr. Dantas?

—Um destes dias vi isto:

F.; pedindo um praso para provar sua isenção do recrutamento.—Declare o batalhão da guarda nacional a que pertence o supplicante.

—Isto é o menos; viu este:

E que tal! quasi que a sciencia dos spiritos em sua profusão e confusão acabava com a palestra, e coitado do folhetinista, que teria de vagar por esses mundos spiriticos, (o que não è das melhores coisas) praguejado pelos leitores, si o seu anjo familiar, e familiarissimo dos que o ouvem,—a santa conveniencia,—não viesse accordal-o desse lethargo spasmodico *videndi*, *audiendi*, *ambulandi*, *prognosticandi* etc., lembrando-lhe o fio da palestra, cuja materia são os latrono-politanos.

A' vista do exposto, mãos a obra, e fiquem-se os spiritos, quaes sylphides, volteando na amplidão do espaço, até que chegue a vez que expiados possam gozar da felicidade, que á sciencia é facil prometter-lhes, e da qual de bôa vontade me dispenso, occupando-me em outra occasião delles exclusivamente.

Moralmente fallando, nada ha que saiba tanto quanto uma palestra, quando é *comme il faut*.

A variegada multidão de assumptos, que naturalmente vae se desenrolando, a modo de panno yanzú para blusas, este para a tesoura, e aquelles para a lingua, (palavras synonimas pela identidade de effeitos) deleita tanto o spirito, que de tudo se esquece até mesmo de um dever.

E' por isso que a tudo se antepõe uma palestra; é por isso que atè no gabinete presidencial, na secretaria da policia, e nas repartições publicas, onde só se devia tractar do bem commum, *res publica*, tambem se palestra, como ja ficou dito.

E, pois, ja que de cima nasce a corrupção dos povos,

«Zoilos estremecei, rugi, mordei-vos,
«Que o *Alabama* começa a palestrar.

A maxima questão do dia è a guerra com o Paraguay; e ainda bem, porque de sua solução depende a honra e dignidade do Imperio, que se ha de elevar ao mais alto gráu de força e esplendor, do mesmo modo que os egypcios pelo conflicto dos hiksos, a

F., offerecendo-se para marchar para o sul como voluntario.—Apresente a escusa que tem do serviço militar?

—Vi; e vi tambem este.

Maria Simôa da Conceição Castro, pedindo a baixa de seu filho Archimino de Souza.—Não ha que deferir, por não estar competentemente habilitada para requerer por seu filho.

—Esta agora é de *cachopeleta*! A mãe sem habilitação competente para pedir por seu filho!

Este pedaço só do Sr. Dantas.

—O batalhão Princeza-Imperial foi assistir a uma missa na matriz de Santa Anna, no domingo 22 do corrente.

—Ja sei.

—O Revm. Sr. conego Rodrigo subiu á tribuna sagrada e como sempre enlevou o auditorio.

—Ja sei.

—Compareceram algumas authoridades e muito povo.

—Ja sei.

—Os empregados da camara municipal offereceram ao tenente coronel Manuel Jeronymo uma espada.

—Ja sei.

—O batalhão estava luzido, e deu seu passeio até o Campo Grande, por gosto do presidente, apezar de estar o sol em toda sua força como notou o commandante das armas.

—Ja sei.

—Sabe de tudo, mas não sabe de nada! Sabe acaso que o presidente appareceu de ponche e chapeu armado? sabe que assim se conservou no templo, na cadeira especial que lhe estava reservada?

—Isto agora é novidade!

—Pois é facto que despertou as censuras de quem la esteve e tem dous dedos de juizo.

A PEDIDO

—Capitão, ainda cousinhas boas. Rei dos moleques....

—Ainda?!

—E sempre; ouça V. Ex :

Pedro tira mandado de executivo pela 3.ª vara municipal, contra J. S. G. por alugueres de casa; faz-se apprehensão em um carro e um burro e assigna o deposito U., ficando em poder de G. estes objectos.

Morre G., e sua mãe, africana liberta, não tendo quem lhe tratasse do interro, vae ter com o vampyro! Rei dos moleques acceita avidamente o convite,

---

Grecia pela guerra de Troia, a Europa da idade media pelas crusadas, e a Europa moderna pelas batalhas nopoleonicas. (Cezar Cantu).

E' uma lei da Providencia que as nações, á semelhança do homem necessitam de uma lucta para desenvolver-se.

E' um principio confirmado pelos factos, e que aos referidos outros podiam ser accrescentados, mesmo de nossos dias.

Ainda quando civil, a guerra traz suas vantagens na rasão dos principios que se debatem.

Os effeitos da revolução franceza de 1789, não ha negal-os; custaram caro, é verdade, mas a lecção foi proveitosa.

Assim, não se arreceiem spiritos pequeninos e timoratos da guerra emprehendida e quasi terminada, porque a victoria é certa. Alem de vingar a affronta trahiçoeira e ingrata, ingratamente lançada a um paiz amigo e alliado por barbaros e selvagens, o Brasil vae levantar mais uma nação que se definhava pelo captiveiro, que se extinguia pela tirannia.

E' a conquista do progresso.

Soou a hora, tremam os despotas porque a liberdade não morre, a liberdade é Deus.

Eis o pensamento do rabiscador destas linhas sobre a guerra. Mais poderia dizer, porem tanto tem se dicto, scripto, e protestado, que dispensa-o de proseguir no assumpto desta vez, até que appareça algum facto importante, que mereça ser analisado, e a respeito rematando, diz:—Si todas as palavras, que se tem dicto e scripto, podessem por um milagre converter-se em combatentes, os brazileiros, quaes pragas do Egypto enviadas pelo Deus dos exercitos para exterminar a gente de Pharaó, ha muito que, de facto e de direito, teriam reduzido á expressão mais simples Lopez e seus sequazes.

Em quanto, porem, externamente é tudo guerra, e guerra de morte, internamente é tudo paz, e paz muito maior que a que

mas o depositario tomou o burro e o carro, e ficou elle em branco.

Furioso, começou a gritar, e a chamar todos de ladrão, sem se lembrar de si que até fez desapparecer 40$ rs. que o homem deixara!

Damnado por não poder pilhar nem o burro para suas viagens á Itapagipe, correu ao curador de ausentes, e disse-lhe que tinha morrido um intestado que possuia 5:000$ rs., e que na sua casa havia uma mulher que se ignorava quem fosse.

O curador foi immediatamente, mas achou-se logrado, com o que deu grande cavaco.

Tudo fez esse demonio, so por que não achou que mamar!

—E' ladrão vingativo.

—Foi á loja de Vicente do Amaral, tomou cinco maços de fios de aljofar para amostra, e quando os entregou viu-se que em cada fio faltava grande porção de contas, tendo de prejuizo o dono sete a oito mil reis.

—Ladrão porco!

—Era amigo de um moço por nome Horacio, em cuja casa ia, e roubou 40$ da carteira do moço.

Ao dar este pela falta obrigou o a passar um fica com a declaração de que o dinheiro fôra subtrahido, e esse papel ainda existe, assim como a divida, apezar de ja ter fallecido o generoso credor!

—Ladrão descarado! (*Continúa.*)

—Ora decifre este enigma.

—Diga-o la.

—Amo e caixeiro pretendiam uma garrafa preta, involvida n'um panno da Costa; o amo encontrou-a primeiro em baixo de uma arvore-pão, e apoderando-se della, tirou-lhe a rolha com o sacatrapo e fazendo fogo, pingou-lhe dentro espermacet. Sabe disso o caixeiro e corre ao logar, mas sem saber que fazer, disse ao amo que tocava a fogo, o que surprehendeu a este e voltaram juntos. E com effeito fogo tinha havido, sem disso lembrar-se o caixeiro, que então queixava-se de infeliz.

—Pois si queres ter mais *fortuna*, senta-te na *roda*, disse-lhe o amo; o que era com effeito um allivio, por que so dalli poderia o caixeiro ver a garrafa que fôra atirada ao mar.

Advinhe!

—Va la para o diabo que o alure; a somnambula que lhe desfie a meada; o *spiritismo* que lhe dê conta de tanto *materialismo* por junto.

---

os anjinhos gosam na celestial morada.

Assim dizem os jornaes elogiando e apoiando *com fundamentos* os actos da administração, que, a meu ver, quando não fossem dignos da mais acre censura, que realmente o são, deviam passar calados ao menos em attenção á opinião publica por tantas vezes affrontada.

O homem sensato e honesto que tiver acompanhado os dias de sua inglo ia existencia estremecerá, e receiará pelo futuro desta infeliz terra, exclamando com o poeta:

E' a cinza gelada por fora,
E no centro vulcão a escaldar;
Oceano tranquillo na face,
E no fundo revolto a bramar.

Não será, de certo, por meio de declamações vagas e arbitrarias, que esta verdade será provada. Os factos abundam, e contra elles não se argumenta.

Antes, porem, de desfial-os, consintam os l itores que o folhetinista parodie um pensamento de um distincto escriptor contemporaneo, que vem muito ao caso:

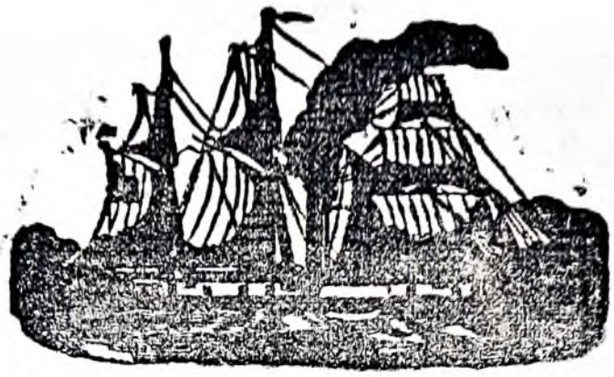
Assim como as fabricas recebem o farrapo sujo das barricas de lixo, e fazem deste farrapo um papel assetinado, assim tambem pensam os governos que escolhendo homens—farrapos, delles podem fazer um estadista sublimado.

Eis o pensamento parodiado, e da sua applicação e realisação é que nascem todos os males, que a experiencia por mais de uma vez tem comprovado, e que apezar de tudo ainda não cessou.

No melhor do gosto paro com o folhetim, porque assim o quer o impressor que não admitte demora. Mil vezes não tivesse me compromettido a dal-o hoje: está de que servem os compromettimentos, não ha nada como a liberdade. E, pois, não tendo tempo nem para corrigil-o, despeço-me por esta semana, seguindo o systema de um amigo bem conhecido dos leitores:

—Quod scripsi scriptum est.

Umbellino.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 28.ª BAHIA 28 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 280

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de outubro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que, em vez de caliça, mande calçar com pedras as ruas do Pilar e Xixi, que ja não admittem remendos. A tão justo pedido se não pode oppor a rasão de falta de dinheiro, visto que sendo suspenso o fiscal geral por falta delle, foi reintegrado, como bem disse o *Pharol*, sem duvida *por havel-o*.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que não consinta que no quartel da Palma continúe a vender cangica depois de 8 horas da noite uma preta de nome *Chica*, que dizem as más linguas fora a causa do disturbio que houve alli ultimamente.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que informe si é verdade que hoje 27 foi chibatado por quatro cabos um voluntario dos que estão no quartel da Praça, commandados pelo Sr. tenente Pimentel, por cuja ordem, dizem, se deu o facto; assim como qual o crime que commetteu o paciente.

Espera-se que tal pedido tenha prompta solucção.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe, ao menos para conhecimento do *Diario*, que os ladrões andam de olho vivo; tanto que no domingo 22 do corrente ás 8 horas do dia foram conduzidos para caza do Rev. conego Muniz tres canudos de cobre pertencentes ao Rev. Sr. conego Pereira, e na segunda feira 23 pela manhã ja la não estavam, tendo-se a notar que o quintal da dita caza é inteiramente amurado.

Não está por tanto esta cidade no estado invejavel de paz e socego que proclama a gazeta official.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que tome conta de um pobre molequinho, cujos senhores moram na Passagem, e que em vez de apprender o officio de pedreiro para que fora destinado, vive em caza, ás ordens da mulher do dito mestre, a levar pancada de continuo, e a vender *joça* na porta da rua.

Espera-se muito dos sentimentos de humanidade que distinguem a S. Ex.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que faça com que os proprietarios dos sobrados contiguos á botica do Sr. Maximo, na ladeira da Praça, sejam obrigados a mandar limpar os pateos e concertar os canos das mesmas que se acham entupidos o transbordando, ameaçando invadir as casas visinhas. Cumpra.

—Que noticias ha do sul?

—Todo o dia não é dia santo.

—Mas então nada ha?

—Consta que foram batidos completamente 800 correntinos, favoraveis aos paraguayos.

—Só?

—O padre Duarte está em Buenos-Ayres.

Segundo uma carta d'Assumpção escripta ao *Moniteur*, as forças paraguayas compõe-se de 47,000 homens, sendo 28,000 de infantaria, 16,000 de cavallaria e 3,000 de artilharia para guarnecer 120 peças de campanha.

—Chegou um vapor com quatro canudos, trazendo a seu bordo o chefe de esquadra Joaquim José Ignacio, que vem arranjar voluntarios.

—E' a epocha dos canudos, não tem duvida! Em quanto a patria geme afflicta, precisando de cabeças que dirijam os planos para sua completa desaffronta, o governo do Rio de Janeiro que se acha hoje sem cabeça, manda para as provincias os homens illustrados do exercito e da armada! E' assim que aqui está ha tempos o Sr. coronel Bezerra, a ver peças podres e balas frunchadas, visitando o arsenal, inspeccionando as tropas! E' assim que vem agora o Sr. chefe de esquadra Joaquim José Ignacio angariar voluntarios! Logo depois ficará a ver navios!

—E na volta o vapor que veiu com quatro canudos levará para a pobre da patria que tanto nos atura todos os canudos que o Sr. ex-ministro encontrar pelas provincias do norte.

—Leu o *Diario* do 26 do corrente?

—Li.

—Viu um requerimento despachado dos taes?

—Vi; aposto que é este:

F. de tal; pedindo a baixa de seu marido.—Não ha que deferir por ter o marido da supplicante sentado praça voluntariamente.

—E' este mesmo; á primeira vista parece que S. Ex. tem rasão; mas só dar-lh'a-ha quem não souber como se arranjam aqui os voluntarios.

—E tanto que o homem, apezar do despacho, ja teve a baixa.

—Coloridos, coloridos.

—Attenção! Felizmente é a imprensa graúda quem falla; é a segunda gazeta em grandeza no imperio; façam o favor de ler o *Jornal do Commercio*, supplemento do dia 21 de outubro.

—Que ha?

—Leia.

—«O commandante do batalhão da Pirajuhya, aquartellado na capital, conserva preso um homem carregado de mulher e filhos, os quaes estão ás sopas de um pobre conhecido, declarando que não o soltará em quanto elle não der conta de seu irmão, que deixou de apresentar-se!

«Esse mesmo commandante conserva no batalhão um homem que deu baixa, por ser protegido ou parente de uma authoridade policial que lhe recrutou um protegido, e declara que ha de mandar com o contingente os parente de tal authoridade!

«A respeito da alimentação desse batalhão tenho tambem sabido queixas amargas de varias praças, porque é ella tão pobre que andam sempre esfomeadas.

«Na Cachoeira consta que o encarregado da organisação tem prendido e dado baixas, pondo e dispondo dos batalhões como si não houvesse considerações para todos esses actos.

«Aqui na capital tem havido até exercicios a uma hora da madrugada, por intender o official encarregado disso que a lua era dia!

«Ahi por fora ha fazendas abandonadas por causa da perseguição de que são victimas os vaqueiros ou administradores, qualquer que seja a sua edade, quaesquer as suas isenções., si elles servem a pessoas condemnadas ao ostracismo politico pela gente pseudo-liberal.

«No districto da Tapera tem se dado cercos a voluntarios para recrutal-os, porque elles são conservadores e não devem gosar das vantagens da lei. Entre os cercados havia até um alferes.

«Ahi mesmo, ou na Pedra Branca

ou no Sururù, tem sido até corridos à faca e a tiro para se deixarem recrutar, ficando alguns feridos e um até em risco de vida!

« .....

«O governo deve saber de tudo isso, porque ☞ *até tem tido representações por escripto e queixas verbaes*; já terá dado as providencias convenientes? E' o que resta saber. Pode ser que tenha occorrido a tudo, não duvido, mas esses escandalos são publicos e a repressão deve sel-o tambem »

—Apoiado; isto é que é intender. Si não pune os criminosos, pactúa com o crime, ergo é criminoso.

Eu ca penso assim.

—E o *Jornal do Commercio* tambem.

VARIEDADE.

Carta de um voluntario da patria a sua namorada.

Mochilla de meu coração.—Desde que ouvi os gritos de alarma da patria, e tive de alistar-me voluntario, sinto continuamente no polvarinho do meu peito accender-se o morrão da saudade e o xadrez da minha vida traspassado pela espada da desventura.

Na tarimba da minha alma so dorme a idea de nossa separação, que a cada alerta do bater do coração, vem despertar o sentinella dos meus prazeres.

As metralhas do ciume abrazam e despedaçam meu peito, quando tenho a idea de perder-te.

A' noite, depois do cansaço do manejo, o fuguete de congreve da minha imaginação vôa ligeiro para cravar se no teu lindo rosto.

Vejo as escorvas dos teus olhos, fazendo sobre mim aquella descarga dos teus affectos, que deixou-me prisioneiro em tua tenda! Ouço o sibilar dos teus sorrisos, o ribombar dos teus suspiros, e a corneta de tua voz chegar aos meus ouvidos, doce como o toque de alvorada, tudo para apertar mais os correiames dos meus soffrimentos.

Sinto horrivel confusão no chumbeiro desta cabeça, quando nella se apresenta o quadro de tua belleza, que com a vareta dos meus desejos finalmente conseguiu capitular.

Não fazes idea, mochilla de minha alma, quanto custa viver-se bombardeado pela ausencia, quando a bala do destino vem arrancar toda infantaria dos sonhos do futuro.

Aqui para mim tudo é triste como o marche-marche para o combate.

Quantas lagrimas de saudades não tem disparado a coronha de meus olhos! quantos toques de despedida no tambor de meus labios!

Ferem-me as bayonetas do cuidado quando me lembro que talvez algum desalmado desertor tenha querido fazer-te sitio, cravando sobre ti os perdigotos do namoro!

Não posso mais; está a rasgar-se o cartuxame da minha paciencia, e quebrar-se o cinturão da minha coragem; e si a espingarda do meu desespero fizer pontaria para esses lados, esquecerei o quartel dos meus deveres, preferindo a quente guarita do teu peito.

Mas si te achar qual—Montevideu—covarde, rendida á peça inimiga de algum audacioso recruta, então verás convertida em terrivel chibata as dragonas dos meus amores, para retomar a usurpação do meu acampamento.

A esse miseravel, levarei como despojo, um bom da minha espada, que como o *Amazonas*, tambem sabará o pôr a pique.

Mas não, Deus ha de permittir que a bonancosa bandeira branca sempre nos fluctuará; e que alerta me esperaras para sermos cingidos pela banda da ventura.

Adeus.

O teu guarda-fechos
Joaõ Beltraõ.

A PEDIDO

A mascara de cera derretendo-se.

COMO SAÕ AS COUSAS D'ESTE MUNDO!

Em 1863 o Sr. conferente d'alfandega d'esta cidade Domingos José Antonio Rebello foi ao Rio de Janeiro e com lamurias pode obter que o Exm. Sr. marquez de Abrantes, então occupando interinamente a pasta da fasenda, o salvasse de ser demittido, tomando-o debaixo de sua protecção!

No dia 11 do corrente mez chegou aqui a triste noticia da morte do marquez, e é nesse mesmo dia que o seu protegido de então se lembrou de dar um explendido baile em sua casa, talvez o primeiro que deu em sua vida!!..

No dia 15 deste mesmo mez, dia da santa do nome de S. M. a Imperatriz, entrou neste porto o vapor francez, trasendo para os parentes e amigos do Dr. Fernando Maria dos Reis a triste noticia do seu passamento. O Sr. Rebello tem a mais intima amisade com a Exma. Sra. D. Heduviges irmã do fi-

nado, sua visinha defronte; o o que faz esse Sr.? cobre de bandeiras o mastro que tem em sua casa, sem ser consul, nesse mesmo dia em que a pobre familia de sua intima amisade desolada e afflicta se cobria de pesado luto!! Oh! que *amigo dedicado* e *delicado*!..

Eis que, para remate de *sua dedicação*, raia o dia 19 deste mez, dia do santo do nome de nosso adorado imperador, e porque esse Sr. conferente d'alfandega não levanta no seu mastro uma só bandeira?!!! Que desgraça aconteceria para assim tornar taciturno e pesaroso o Sr. conferente que tão contente se mostrou nos dias 11 e 15?!

Ah!.. é por que o inspector d'alfandega adoeceu e elle quiz dar um publico testemunho de que *sente muito* essa doença!!! Como são as coisas deste mundo!

O marquez de Abrantes morto nada mais pode prestar ao Sr. conferente! A Exma. Sra. D. Heduviges, pobre viuva, de nada pode servir ao Sr. Mingote! Porem do inspector d'alfandega seu protector elle tudo espera e por isso é preciso faser constar que *tem um grande sentimento* de sua doença!!

Estes e outros factos vão mostrando que o Sr. conferente d'alfandega Domingos José Antonio Rebello é daquelles que adoram o sol quando nasce e o apedrejam quando se esconde!! Os Srs. Andrade e Barretto, ambos victimas da *lealdade e facilidade* desse Sr. conferente, ahi estão para attestarem esta verdade!

Matatú 25 de outubro de 1865.

A caderneta do Finado.

Faç'alto!

O carpinteiro do Novo Testamento parou tambem aqui e deu o nome desta ladeira.

Quem por aqui transita horrorisa-se vendo a esposa fiel sacrificada pelo sevandija do maridão s orgias de modernas Borgias.

Alli se arr*ast' elle* para embriagar-se, nos braços de seu bem, em presença da triste esposa.

E esse infame é *Pedro Restillo* que de homem só tem a forma e cuja historia tornaremos publica. (*Continúa.*)

Attenção!

Será verdade que, estando doente um primeiro sargento do 110, examinado pelo medico respectivo, e não apparecendo no quartel 11 dias, foi dada ordem pelo mandante para agarral-o e conduzil-o da maneira em que estivesse?

Será verdade que o sargento que teve a ordem de prender encontrou o seu companheiro bastante doente, deitado, ás voltas com terriveis dores, frios e febres?

Olhe que este mundo!.....

* * *

Pede-se ao Sr. J. A. C. que vá pagar os onze mil reis do aluguel da caza em que teve negocio ao largo da Doença, visto o proprietario não ter mais paciencia de promettimento já ha 5 para 6 mezes, isto já é muito esperar.

Um padecente.

ANNUNCIOS.

O caixeiro da venda ao Paço do Saldanha n.° 7, roga a todas as pessoas que devem a mesma, tenham a bondade de vir satisfazer os seus debitos até o dia 30 do corrente, do contrario verão seus nomes por extenso neste periodico, assim como as quantias.

Aluga-se uma caza com todos os commodos para familia no alto do Bomfim com mobilia, quem a pretender dirija-se á rua dos Algibebes n. 9. que achará com quem tratar.

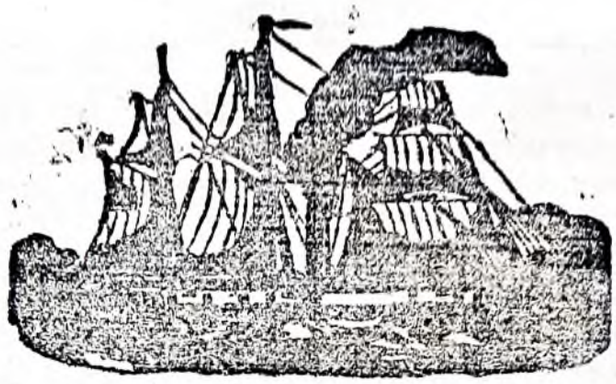
Vende-se

A loja de miudezas na rua Direita da Mizericordia n. 4 ; quem a desejar comprar dirija-se a mesma que achará com quem tratar.

Vende-se

A quitanda defronte ao Forum; quem a pretender dirija-se á mesma que achará com quem tratar das 9 horas do dia ás 10 da noite.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2.ª BAHIA 31 DE OUTUBRO DE 1865. N.º 281

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de outubro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar dous buracos que se acham na rua de Baixo.

Admira que até pedidos desta ordem sejam feitos por mais de uma vez, para que a Illma. se digne tirar-se do seu santo ocio e dar algumas tardias providencias.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que informe si é verdade que se acha retido na prisão dos sargentos á ordem do Sr. commandante do 107 o alferes Sebastião do batalhão Princeza Leopoldina, e a razão que a isso deu logar.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que dê conveniente destino a um sujeito que costuma á noite, reunido a outros, dar vaias e provocar a quem passa com assovios e insultos desde o Terreiro até atraz da Sé. Esse individuo, consta que é afilhado do Dr. Queiroz, e está constantemente em uma venda que faz quina para a rua das Campellas. Espera-se do S. Ex. uma providencia afim do que quem pacificamente transita não se veja exposto aos insultos e provocações de um traquinas.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que hontem ás 9 horas da noute um meninorio do olho vivo saltou por uma janella da caza do Sr. Luiz de Miranda, defronte do beco do Padre Bento, e safou-lhe um relogio que se achava pendurado á parede da sala.

Communica se a S. Ex. este facto, somente para que o publico o saiba e deixe-se de deixar levar-se por palavrorios, em que ja não crê o liberal historico do *Interesse Publico*.

—Ao emprezario da limpeza, perguntando-lhe si o largo da Palma não se acha comprehendido no *seu* contracto, visto que se acha convertido n'um esterquilinio completo, cujo maior ramal é a porta do lyceu.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua dos Perdões e dê conveniente destino a um sujeito que de proposito, quando as janellas estão frequentadas e a rua concorrida, dá-se ao trabalho de massar o náriz do publico, lançando á rua aguas servidas e vertidas. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á ladeira do Taboão e intime a uma certa Laurinda que não continúe a desrespeitar a visinhança, sob pena de ser conduzida ao porão deste navio para receber o castigo, ja que o inspector

nonhum cavaco tem dado até hojo. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ás Portas da Ribeira, onde não ha noute em que deixe de haver barulho, sem que haja authoridade, inspector ou patrulha que cohiba tantos e tão repetidos comflictos; todas as mulheres que alli encontrar conduza ao porão deste navio e leve seus nomes ao Sr. Dr. chefe de policia para fazer o que achar de mais conveniencia. Cumpra.

—No domingo, á tarde, S. Ex. passou revista aos voluntarios no campo Grande.

—Dizem que os batalhões que compareceram á revista iam preparados.

—Com algumas excepções.

Dous zuavos vi eu que largaram-se de S. Bento, porque la deixaram os sapatos que ja não podiam....

—Chegaram os voluntarios de Cachoeira, intitulados da Princeza D. Leopoldina.

—Vi; vinham tambem zuavos e cabocolos.

—Mas os cabocolos eram mesclados; o sargento era branco e alguns guardas tinham carapinha na cabeça.

—São cousas desta terra!

—Foi ao Bomfim, na sexta feira, o batalhão n.º 107 ouvir missa.

—E os couraças tambem.

—Desaquartellam no dia 1.º de novembro os batalhões da Sé e da Pirajuhia.

—Diz o *Pharol* que sabe com certeza que só um dos batalhões[1] expedicionarios deve ir para o sul; que os mais ficam a guarnecer a cidade, porque, quaesquer que sejam as forças de Lopez e as eventualidades da guerra, o nosso exercito está sufficientemente preparado e disposto.

—Bom, bom! Mas a gazeta official nada diz a respeito.

—Mas é crivel porque o *Pharol* affiança e o homem é da confiança do governo.

—O *Diario* diz que o presidente mandou dizer a *alguns* recrutadores que suspendessem a caçada.

—Que favorão!

Bondoso coração tem o Sr. Dantas!

—Leu um artigo do *Pharol* sobre a limpeza?

—Li; como se refere a contracto, nada digo. O que sei somente é que elle não é cumprido, e é contra isso que convem bradar.

—Ficando liquido que ninguem aqui a bordo é desaffecto a pessoa alguma da limpeza, nem tem interesse em derrubar a empreza.

—Não sei si a gente da Egreja tem noticia de um caso que se deu.

—Qual foi?

—Havia na egreja do chefe dos enviados de Christo, um lobo vestido de pastor, fingido, beato, hypocrita consummado; trazia na fronte uma *cruz*. Viu uma tenra ovelha e começou a amimal-a; a ovelha deixou-se levar pelos agrados do padre, que tratou de desgarral a do rebanho. Em uma noite sahiu a familia da moça, quero dizer os parentes da ovelha e deixaram-na só no seu aprisco. O lobo farejava a presa e levou-a para a matriz que elle convertera em covil; ahi....

—Devorou a moça?!

—Não Sr.; despedaçou apenas a capella virginal da innocente, perdendo-a no conceito das pessoas honestas!

—Monstro! no templo do Senhor é que essa fera intendeu dever saciar seus infames instinctos!

—E um tal caso talvez seja ignorado, ou dissimulado, ou perdoado por aquelles a quem compete vingal-o!

—Deixal-o.

Cada um responderá a Deus pelas acções boas ou más que houver praticado.

LA VAE VERSO.

Carambolas.

Os homens todos são bollas,

O mundo um grande bilhar;
E' pichote quem se esquece
Que deve carambolar.

Com effeito ou por tabella,
Por bamburro, ou bem tocado;
Todos fazem carambolas,
E' joguinho muito usado!

Carambola faz a moça
Que namora a dous sujeitos,
Escapa um—pega no outro;
São bolas de dous effeitos!

Beijo dado na criança
Por moça posta a' janella,
E' beijo que ao namorado
Carambolla por tabella.

Viuva (velha) sem prendas
Si encontrar rapaz bregeiro,
Tome cuidado que leva
Carambola no dinheiro.

(*Extr.*)

VARIEDADE.

A Sra. de B... foi unida muito cedo, por laços matrimoniaes, a um homem desfavorecido da fortuna pela horrivel feiura de que era dotado, e a quem ella nunca poude perdoar este defeito.

Uma noite destas, no momento em que este par pouco unido ia subir para a carruagem os cavallos espantaram-se á vista do Sr. de B ..

A Sra. de B... furiosa com o cocheiro, deita a cabeça pela portinhola, e exclama com accento inimitavel:

—Que imprudencia, José! Ja te tenho por tantas vezes ordenado de nunca accenderes as lanternas sem que meu marido tenha subido primeiro!...

A PEDIDO

Boa descoberta.

O Dr. que quizer se ver livre de doentes, gratis, receite calomelanos.

O Martyr.

—Que vozeria é uma naquella casa á rua das laranjas?

—Não sei; moram alli academicos.

—Pois não parece; dir-se-hia antes uma casa de doudos; gritam todos a um tempo, ninguem se intende e incommodam os visinhos e até quem passa.

—Os moços que alli moram, capitão, são pacatos e circumspectos; não sei a que possa attribuir tal algazarra.

—Felizmente não nega que a algazarra existe.

—Ah! agora lembro-me, capitão; são os academicos do 1° anno medico que tratam de uma legenda de ouro que offereceram ao Sr. Dr. Rodrigues da Silva.

—Mas com este barulho?

—Tudo tem seu fundamento, capitão. Os calouros de medicina, depois de terem agenciado dos de pharmacia dinheiro para a supradita legenda, intenderam que deveriam excluir estes, gravando na legenda o seguinte: Offerecida pelo 1° anno medico—, em vez de offerecida pelo 1° anno academico.

—E' uma extorsão, uma fraude, uma trahição; a ser verdade, tem os pharmaceuticos o direito de exigir suas quotas, uma vez que lhes não coube o regosijo de brindar a seu mestre.

—Mas, capitão, houve proposta de dar-se uma satisfação aos pharmaceuticos.

—A satisfacção é a entrega do dinheiro.

—Provavelmente será isso; mas um da commissão que se arrogou o direito de tres; que foi ao ourives prohibir-lhe que mostrasse a legenda aos companheiros, que apresentou conta de cento tantos mil reis, quando geralmente se avalia a obra em sessenta; esse cujo votou contra a satisfação, por *haver circumstancias*, disse elle.

—Sabe do nome desse especifico? Vão ver que é alguma cousa ruim.

—O nome ignoro; mas é um pardavasco de cabelleira esticada, parece-se muito com uma especie de crustaceos da ordem dos graúcás, encontrados no Rio de S. Francisco; disse-me isto o João, primo do Florencio que morava com o Gomes.

—Pois bem; si os pharmaceuticos estão descontentes, que peguem o cujo que eu dou-lhe destino nos baixos do navio.

—Capitão, quero que me empreste o muxingueiro competentemente armado.

—Para que?

—Para porguntar ao Leopoldo si foi so aquelle o dinheiro da subscripção; si não houve quem pagasse sem assignar.

—Houve arranjo; appareceu um desfalque na caixa, onde entrou o dinheiro que não teve sahida; milagre feito pela mulher de capona com quem o *cujo* se desculpa. O mesmo tem por tanto do haver do *abelhudo* 220 de saldo, não incluindo na conta sua generosidade e trabalho; pelo que vou recompensal-o com *uma boa* commenda. Não lhe bastando porém isso, ordenarei ao muxingueiro que o atire n'um *ribeiro* para tomar geito.

—Muxingueiro, acompanha o Sr. e cumpre suas ordens.

—Capitão, aqui lhe trago uma pezeta importante; é um negro atrevido pelas confianças que lhe dá o senhor; é cosinheiro.

—Mas que tem?

—Foi a uma venda á Calçada comprar e como o dono não satisfez em tudo, começou a insultal-o. e quiz atirar-lhe uma medida. O homem que ja não era possivel ter paciencia, pegou d'uma acha de lenha e deu duas lamboradas no preto, que foi queixar-se ao senhor.

—E que fez o senhor?

—O que fez? disse aos Srs. J. R., S. C e M. P. que quando se mudasse havia de mandar o preto fazer no homem da venda o que o homem fez no preto.

—Pois que faça, que o homem porlhe-ha a calva á mostra, publicando seu nome, para que os homens que ainda lhe apertam a mão fujam de quem se nivella com seu escravo.

Roga-se a um certo Sr. que mora na casa 5 X 7 na rua que tem um golpho como o *Bangala*, que seja mais modesto e não se intrometta tanto com a vida alheia, commentando e calumniando; tornando-se assim um grande enredador, em negocios que no caso que assim fosse não era da sua jurisdicção tomar conhecimento,no que deve ser zero e não intruzo.

O calumniado.

—Vê aquello preto que está sentado naquella loja na rua do nome dos *alfaiates que vendem roupa feita*?

—E' escravo do dono da loja.

—Pois olhe, elle que se chama José e outro de nome Alexandre eram legados de uma certa associação religiosa.

—E como foram parar alli?

—Artes do conego Napoleão que os vendeu.

—Quem é conego Napoleão?

—Não ha quem não o conheça em Latronopolis.

—Menos eu.

—E' um sujeito que sendo administrador de certa capella que tem uma *cruz* no alto, intendeu que a prata da mesma ficava mais *segura* em sua casa, para onde levou-a, e foi *desfructando*, (não se esquecendo da beata *Teté* sua *conhecida* que lhe cosia as rendas para a sobreliz, e a quem deu uma ambula e uma patena) até que um juiz de capellas que não era de graças, chamou-o a contas.

Como a cousa era de muitos annos, e poucos sabiam daquillo, elle prestou as contas como quiz, e recolheu o que restava á thesouraria.

—E os escravos?

—Os escravos desappareceram, e depois appareceram em poder de novos senhores.

—Mysterios de Latronopolis!

—O que vale é que na Bahia não ha disto.

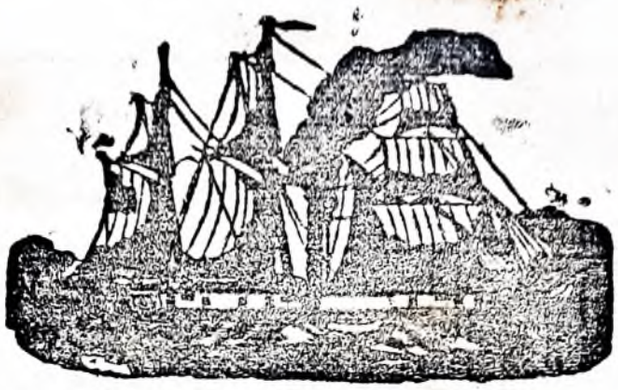
ANNUNCIOS.

Vende-se

A quitanda defronte ao Forum; quem a pretender dirija-se á mesma que achará com quem tratar das 9 horas do dia ás 10 da noite.

Uma pessoa que soffre ha bastantes annos de gotta e dores rheumaticas, offerece-se gratuitamente para fazer companhia a qualquer familia que precise de distrações, dando-se-lhe somente casa, cama e comida e uma escrava para a servir. Para distrahir as pessoas que de seu prestimo precisar levará uma gaita de folles onde executa magistralmente o fandango, a gaivota e o suspiro. Leva mais em sua companhia duas gatinhas e tres cachorrinhos pellados. A quem convier annuncie.

O
ALABAMA
1865
A
1867
H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 26.ª BAHIA 2 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 256

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alab ma* 1° de setembro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias para que se não reprodusa factos da ordem do que se deu na noite de 31 do p. p. em que diversos capadocios, depois de insultarem os moradores, arrombaram a porta de uma caza á rua do Paraizo, com grande escandalo e sobresalto para a população. Um maior numero de patrulhas basta para tirar a vontade do *brinquedo* a taes escaladores que podem ser melhor aproveitados na tomada de Humaytá; e por tanto espera-se de V. Ex. se digne prestar sua attenção a tão rasoavel pedido que tem por fim garantir a inviolabilidade da caza do cidadão, apregoada e sustentada pela constituição do imperio.

—Capitão, noticias do Sul.

—Vamos lá com isso.

—Um correspondente da *Tribuna* de Montevidéo, escreve da Concordia em data de 15, o seguinte:

«A minha paciencia começa a esgotar-se.

«Isto é insupportavel.

«Esperamos, esperamos..... mas em vão!

«A grande noticia não chega.

«Já que temos que esperar dir-lhe-hei o que corre.

«O presidente Mitre recebeu um officio do general Flores datado de 10 no Passo dos Livres.

«A unica noticia que dá é que no dia seguinte Flores se incorporaria ao general Paunero, e no dia 12 ao general Madariaga em S. Joaquim.

«Depois destas incorporações que succederá?

«Silencio, não ha que fazer commentarios.

«O general Osorio recebeu um proprio do general Canavarro.

«Traz communicações de 10 datadas em Imbajá.

«Participa que na noite anterior os paraguayos que se achavam na Uruguayana haviam trabalhado de carpintaria e ferraria, o que dava logar a crer que o inimigo preparava transportes para a passagem do rio.

»O vapor que os brasileiros têm na Uruguayana tomou uma embarcação aos paraguayos.

«A tripulação conseguiu evadir-se.

»O general Osorio communicou tambem ao presidente Mitre, que o imperador do Brazil, sahiria de 3 a 5 de Porto-Alegre em direcção a S. Gabriel, para dali trasladar-se ao acampamento do general Canavarro.

«Os entrerianos começam a reunir-se.

«Falla-se de uma manifestação de seus chefes em favor do general Urquiza.

«Este escreveu ao presidente que a 28 estaria organisado o exercito entreriano.

«Esperemos pois.

As noticias do Paraná são de 12.

Os invasores estavam a 13 leguas de distancia de Goya.

Verdadeiros cossacos da America deixam nas povoações que atravessam signaes evidentes da sua passagem.

Em Empedrado, Santo Antonio, Saladas, S. Roque e Bella Vista, na provincia de Corrientes, não houve propriedade que não fosse saqueada. Francezes, inglezes, italianos, hespanhoes e norte-americanos não os salvou a qualidade de estrangeiros. Os selvagens a ninguem dão quartel. Em Bella Vista fuzilaram dous italianos.

A nossa esquadra conserva-se ainda fundeada no Chimboral.

Escrevem dalli a 9 que havia ordem para no dia seguinte de manhã a esquadra descer o rio até o Rincon de Soto, afim de vencer as passagens em que o inimigo pudesse levantar baterias.

Corria que o general paraguayo Robles fôra passado pelas armas por não ter querido saquear Corrientes conforme lhe havia sido ordenado.

Barrios no commando do exercito paraguayo tinha-se mostrado muito mais cruel que Robles. Este ultimo dizia-se ter sido passado ás armas por não haver saqueado Corrientes. Lopez tem mostrado ser capaz de tudo, mas tambem muito se tem inventado para divertimento dos leitores das folhas do Rio da Prata, que ainda accrescentam que o mesmo Lopez mandou atirar ao mar o almirante da esquadra batida pela nossa, e que os purões dos navios paraguayos estavam cheios de gente pára substituir a que fosse morrendo no convés, o que fez que nos cinco barcos mettidos a pique perecessem 4,000 homens.

—Que ha mais?

—Ha noticias de Matto-Grosso até 13 de junho.

—Diga-as.

—A *Imprensa de Cuyabá* diz, que Coxim fôra occupada por mais de 400 paraguayos, com duas bocas de fogo, e que passados alguns dias esta força retirára-se depois de reduzir a cinzas os arranchamentos e casas, e depois de uma pilhagem extraordinaria de gado e cavallos, e completa destruição dos sitios e fazendas circumvizinhos.

Haviam chegado a Cuaybá dous paraguayos de Nioac por Coxim, que faziam parte da força expedicionaria ao mando do coronel Resquin; não fallavam senão o guarany.

O 4º batalhão da guarda nacional, que desde janeiro tinha prestado contingente para a guarnição da capital, e estava organisado e em destacamento, offerecêra-se voluntariamente para marchar.

—Capitão, o *Diario do Rio* traz o seguinte:

O subdelegado Jeronymo Joaquim Pires foi degolado e a cabeça fincada em uma das praças de Corumbá.

—Ah! quantos não lhe terão imitado a sorte!

—O mesmo diz que egual destino teve um soldado brazileiro, que sendo prisioneiro não quiz denunciar onde se achava o tenente Mello com uma força de 200 homens que commandava.

—Heroica abnegação!

—A pessoa que escreve estas palavras que repito e que se assignou *Tayná*, depois de lamentar que uma só palavra se não dissesse em veneração á memoria do homem que praticou tal acto de heroismo—diz:

Proclamemos ao mundo que, si ahi onde a luta se decidiu por nós, tivemos um Tamandaré destemido, um bello que planta a bandeira imperial no cantão tomado, um Martins que no seu posto de honra é ferido de morte, tambem lá na provincia accommettida, entre o punhado de bravos que só por um prodigio poderiam vencer, tivemos um soldado que preferiu a morte gloriosa á delação feliz. Ponhamos em paralello esse soldado humilde que cae no sacrificio sublime e o invasor Barrios, que degola crianças chorosas, mulheres espavoridas e velhos fracos.

—O nome desse heróe, sabe?

—Ignora-se; é, como diz o artigo a que me refiro, uma divida de honra do nosso governo saber o nome desse heróe-martyr; a nação e a historia tem direito de exigil-o.

—No dia 19 de novembro proximo vindouro, terá logar a reunião dos collegios eleitoraes para a eleição da nova assembléa provincial.

—Tractaremos disto em tempo.

—Querem ver o recrutamento feito pelas autoridades policiaes?

Um rapaz que disputa sua liberdade com o Sr. conselheiro Rebouças, trabalha em uma loja de marceneiro, é della chamado por dous guardas de policia que lhe querem dar uma palavra, é por elles preso á ordem do capitão Erico, e depois á do chefe de policia que o remette para a correcção, afim de provar que não é ainda livre.

—Eu acho direito.

—E eu torto.

Um escravo do Sr. Florencio da Silva e Oliveira sahiu para comprar folhas de banana para curativo de um vesicatorio, e duas horas depois seu senhor foi encontral-o na antiga casa da moeda, fardado a zuavo (voluntario) e ja em exercicio!

—Ora bagatella!

—Que duvida!

Este mundo, esta patria, as leis, tudo, tudo é uma bagatellasinha do tamanho da vontade do governo. que se mede pela bitola do arbitrio.....

—Eu não sei que fazem os fiscaes!

—Arre tambem!

—Mas como se ha de viver calado, si a immoralidade continúa ahi em grande escala?

—Ora pelo amor de Deus! Fallar o Sr. em immoralidade e censurar os pequenos é o mesmo que querer apagar incendios com um bochecho d'agua.

—Mas a cada um sua vez; aqui não ha distincções: empregado ladrão, juiz venal, authoridade arbitraria, todos os tratantes particulares e publicos são julgados com a mesma severidade. Mas agora é a vez dos fiscaes, ou antes do fiscal do Pilar, que não sendo nada do que fica acima e que não sei quem seja, tem-se descuidado um pouco, v. g. no seguinte:

Ha no Fortinho uma vendola de n.° 303 em que ha um divertimento immoral, exposto ao publico, principalmente nas sextas feiras quando passa maior numero de pessoas que vão ao Bomfim.

Ora todo o mundo tem visto, o fiscal é cego?

—Mas V. não repara que os taes sujeitos da graça andam prevenidos e occultam o *brinquedo* ao fiscal?

—Pode bem ser, e dou ja um pouco de rasão ao fiscal; mas elle ou o seu substituto (visto que o mez findou) que tracte de acabar com o tal escandalo.

—E que brinquedo é esse mesmo?

—Ora vá perguntar lá ao diabo! Provavelmente é cousa com que muita gente ja tem brincado.

—Hontem, 31 de agosto, atravessaram as ruas desta cidade alguns homens acompanhados de mulheres e crianças....

Disseram terem vindo da Matta.

Foram a palacio e de palacio á secretaria da policia.

Serão recrutas?

Farão parte d'algum contingente?

Serão voluntarios acompanhados por guardas?

—Ninguem o sabe; é a patria que precisa do concurso de todos os seus filhos....

—Diabo! ha ordem de matar cachorro e ninguem mata! os diabos não deixam a gente dormir; não se pode andar á noute na rua, é um atropello dos seiscentos!

—O que é o menos. O peior é andarem elles de dia a incommodar e escandalisar o publico e haver donos que se divertem em vel-os offender a quem passa.

—Tambem tenho visto; ainda hontem um padre, de nome Francisco Antonio, visinho do Gama dos Dendezeiros, teve um prazer destes que o fez rir boa meia hora. A graça foi assim: Passam cães, elle manda investir o seu que elle quer que seja o mais valente; o cão avança e na furia com que corre enlaça-se nas pernas d'um homem que passava e isso com tanta rapidez que o remedio que o homem teve foi ir ao chão. O charidoso padre largou-se a rir, deixou o *bixinho* correr, e teve o desplante de dizer ao pobre homem que elle cahiu porque estava fraco e não tinha almoçado ainda. E o homem é quem sabe como está, acha-se bastante incommodado, tem sentido dores horriveis em quanto o Sr. padre mestre ufana-se da valentia de seu companheiro fiel!

—Olhe, para certas cousas não ha sinão um remedio: os fiscaes não multam, o povo mate.

—E a camara o permitte, a lei ordena-o.

A PEDIDO

—Capitão, quer saber de um grande desaforo praticado por um *maltez*?

—E' boi, gato ou homem?

—Desgraçadamente para vergonha da natureza humana, esse bruto tem figura de homem.

—Como se chama?

—Não sei.

Em um destes dias entre varios brasileiros na loja que outr'ora foi do Sr. Cafezeiro tratou aos nossos soldados de covardes e estupidos, propoz apostas em como até agosto do anno vindouro o Brasil ha de perder no Prata a força phisica e a moral.

—Que logo tão grande atrevimento fosse praticado entre brasileiros tão pacatos!!

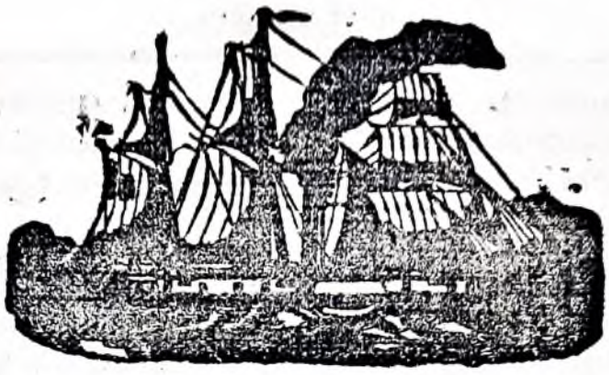
—E' verdade, Sr. capitão. E quem sabe si elle mesmo não projectará unir-se ao Lopez entregando-lhe o vapor!

—Tanto não poderá o sevandija.

Vae aspirante, traze esse brejeiro para levar uma boa sova de calabrote, e depois andar no serviço do porão debaixo da vigilancia de um bem embreado cabo ao menor descuido do serviço.

Não o poupem.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 26.ª BAHIA 4 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 257

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de setembro de 1865.

Não houve expediente.

—Que novidades trouxe o *Herschell*?

—As noticias da guerra, si alguma cousa adiantam, carecem de confirmação.

Em Porto Alegre havia datas da campanha até o 1º do passado. No Rio Grande havia datas mais modernas, mas nada se sabia além da entrada de uma força paraguaya na Uruguayana,

O *Echo do Sul* publica a seguinte carta:

«Estancia de Freitinhas, a 1 legua de Touro Passo e 4 da Uruguayana, 31 de julho.—.....

O inimigo em numero de 7,000 homens incompletos, acampou no dia 27 na margem direita do passo, e faz picada para se dirigir á villa.

Do passo de Santa Maria, so têm o dominio do terreno que visam, sustentado pelas armas com as nossas guerrilhas junto de si, sobre as quaes fazem grandes descargas sem nos ferirem.

Queimaram as casas que encontraram.

A nossa força é de 5,100 homens, em marcha na frente do inimigo, em quanto a 1ª e 4ª brigadas, que estavam em Missões em numero de 3,000 sendo tres batalhões de guarda nacionaes, vem na retaguarda. Na Uruguayana nos espera o corpo do Bento Martins e o 4º batalhão, 1,000 homens; ao total teremos 9,000.

Estamos deseguaes em armas.

O nosso vapor *Uruguay* com dous lanchões armados tomou uma chalana ao inimigo, e os fez recolher á terra todas as suas canoas.

Tem pois o inimigo um grande obstaculo para fazer juncção com os 2,100 que vem pelo outro lado do Uruguay.

Hontem á noite chegou do exercito o tenente Cypriano da C. Ferreira, e affirma que o general Flores com 6,000 homens, na maior parte infantaria, hoje terá passado o Meriham (4 leguas da Uruguayana) e depois de amanhan estará na Restauração. Já vês que são importantes as noticias que transcrevo e que devemos esperar até o dia 2 ou 4 de agosto que se dê batalha aos paraguayos.

Penso assistir a ella, contando estar depois de amanhan no exercito. Teu, etc.

Um boletim do *Echo Gabrielense* publica o seguinte:

«1º de agosto.=Chegam importan-

tes noticias do exercito. As forças de Goyo Soares e as do general Flores estão reunidas ás nossas. O inimigo, de Touro-passo, deixou a estrada da Uruguayana, veiu á Casa-Branca, e dirigiu-se ao Passo da Cruz, no Quarahim, seguindo, por saber na frente um forte exercito e estar cortada sua retirada pelo rio. O nosso exercito tomava a sua frente, e hoje deve haver uma grande batalha.

Das onze horas em diante se tem ouvido nesta cidade o troar da artilharia.»

Outra carta publicada na *Echo do Sul* diz:

«Cinco leguas aquem da Uruguayana, 7 de agosto.—Marchei hoje do exercito que deixei acampado no Tapitocay a divisão Jacuhy, e Imbacá a do Caravarro. Desejava dizer-te minuciosamente as vergonhas que presenciei, mas falta-me o tempo.

Estão os paraguayos na Uruguayana, onde entraram no dia 5 ao meio dia, sem soffrerem o menor incommodo do nosso exercito, que lhe fazia a honra de os acompanhar, marchando no seu flanco esquerdo.

Flores não vem sem primeiro bater a força que ha do outro lado, 2,500 homens.

Vi todo todo o exercito paraguayo de perto, e affirmo-te que so tem 6,000 homens incompletos. Marcham na melhor ordem, e com todos os preceitos da arte. Perderam-nos de todo o medo. Entraram na Uruguayana ao toque de corneta.»

«Bagé, 15 de agosto. — Os paraguayos entraram na Uruguayana sem darem um tiro, no dia 5 do corrente, constando aqui que fôra abandonada por ordem de Canavarro.

No Caldwel não so falla.

.....»

A mesma folha citando datas de S. Gabriel extrahe do *Echo Gabrielense* o seguinte:

«Os taes paraguayos são uma praga; por onde passam deixam vestigio de sua passagem, estragando tudo quanto acham no seu caminho.

«Deitaram fogo no egreja de S. Borja e o incendio não concluiu a antiga egreja por que a mão da Providencia o extinguiu.

«Algumas casas foram presas das chamas.

«Em Itaqui rapinaram tudo quanto lhes convinha, tendo incendiado todas as estancias que encontraram em seu malefico caminho.

«Ainda que tarde, esses vandalos hão de pagar bem caro as atrocidades que têm commettido na nossa provincia.

«Seria por certo muito de lamentar que ficasse impune tão nefando procedimento.

—Que mais?

—Em S. Gabriel reuniram-se os estrangeiros para o fim de offerecerem-se ao governo para auxiliarem a guarnição da cidade no serviço da mesma.

As nossas forças ao mando do tenente coronel Sezefredo fizeram prisioneiros um tenente e um cabo pertencentes ao exercito paraguayo.

Refere-se que por essa occasião deu-se um facto que revella a crença em que vive aquelle desgraçado povo e que um jornal do Porto-Alegre narra do seguinte modo:

«Esse tenente vinha com um sargento, um cabo e dous soldados encorporar-se ao exercito delles, mas sahe-lhe ao encontro um corpo dos nossos. Elles a principio suppuzeram que eram companheiros, porque o fardamento dos nossos guardas nacionaes se confunde com o dos paraguayos. Vendo porém que estavam diante do inimigo, e que era forçoso entregarem-se ou morrerem, formaram conselho.

O tenente opinava que deviam render-se, porque a resistencia, além de impossivel, trazia-lhes inevitavelmente a morte; o sargento porém, e um soldado declararam que não se entregavam, e que iam carregar, porque si morressem iriam *ressuscitar em Assumpção*, como lhe tinha asseverado o Sr. bispo.

Animado pois, com esperança de voltar a Assumpção, depois de mor, o ca-

minha para frente com intento de atirar-se aos nossos; mas o tenente desfecha-lhe a pistola, o prostra por terra sem vida, e vae em acto continuo entregar-se.

Consta-nos que esse official tem sido bem tratado na divisão do general Canabarro, onde está bem guardado.

Por esse mesmo official se soube que as forças paraguayas que estão na provincia eram assim compostas:

8 batalhões de infantaria com 700 praças.....	5,600
4 regimentos de cavallaria de 500 praças.....	2,000
5 bocas de fogo de 100 praças	500
	8,100

Os indigenas da tribu do cacique Fong offereceram-se para marchar como voluntarios, e o governo acceitando o offerecimento, mandou organisar uma companhia de 200 praças, para a qual nomeou os officiaes, addindo-a a um dos corpos de cavallaria da guarda nacional.

Em Porto-Alegre os allemães formaram uma companhia de artilheiros que ia marchar para a campanha,

Uma carta dirigida á pessoa de Porto-Alegre, datada do Rio Grande, diz que a *Atalaia* de Jaguarão dá a noticia do ter havido no 1º do corrente uma grande batalha entre o nosso exercito e o invasor, que foi derrotado, soffrendo um prejuizo de 4,000 mortos, além dos prisioneiros, toda artilharia e bagagens, reputando-se em menos de metade o numero de mortos e feridos de nossa gente.

Entretanto o *Artista* do Rio-Grande põe em contradicção semelhante noticia, dizendo:

«Vimos cartas do 1º do corrente escriptas do logar em que se achava o nosso exercito, nas quaes se diz que nesse dia os paraguayos tinham dado muitos tiros de artilharia e fuzilaria, mas que nenhum damno causaram ás nossas forças; dizem mais que ahi tinha chegado o Sr. barão de Jacuhy, e que se preparava o ataque para dahi a tres ou quatro dias.»

S. M. o imperador, ás ultimas noticias, achava-se em Caçapava.

De S. Leopoldo tinham chegado a Porto-Alegre 40 cavallos lindos e possantes, com a marca =P. II.= enviados de mimo a S. M. o imperador pelo Sr. coronel João Daniel Hellidebrand.

—O Exm. Sr. barão da Nova Friburgo libertou seis escravos pardos com a condição de se offerecerem para o exercito.

—E' louvavel o acto; e admira que, tendo o ministerio se dirigido aos fazendeiros para arranjo de voluntarios, o Sr. conselheiro Saraiva que declarou a guerra e se metteu no engenho, não tenha até hoje dado de si...

—Ora V. tambem!...

—E' que o exemplo deve vir de cima,

—E' que façam o que eu mando e não o que eu faço.

—Capitão, os zuavos estão recrutando.

—E o presidente continúa a officiar para que elles não recrutem e não os pune!

—Como, si o *alferes* Hygino *mostra* ordem do presidente para recrutar a quem o duvida, e quizer ver?

—E' por isso que os escraves d'uma senhora cujo nome me não lembra agora, do Sr. Campos Lima, do Sr. major José Maria e outros estão da carapuça vermelha e paletot de brim escuro...

—Oh! quanto á prisão do escravo do Sr. major José Maria, o caso é mais importante.

Ao ir reclamal-o, o major foi desmentido pelo alferes, e pelos soldados que em grita o desrespeitaram e ao Sr. coronel Carvalhal que os reprehendeu, apezar das regras e etiquetas militares.

E no dia seguinte antes do major levar a certidão para provar seu dominio sobre o *voluntario recrutado*, ja este tinha jurado bandeira, coisa que hoje se faz com tanta facilidade que até se dispensa a inspecção!

—Isso é o resultado de alguem querer no seu reinado grande numero de voluntarios; isso é o resultado de nomear-se alferes a bodegueiros *pharoux*.

—Vem cá, peste!

Então assignaste a gazeta, leste duas series e não pagas, nem ao menos as restitúes porque o diabo que te poz levou-as, eim?!

A culpa não é tua, sei eu; a culpa teve quem fiou-se em ti, quem julgou ser gente um pobre diabo da Gasconha que vem para aqui vender pomadas.

Mas si passas por esta vez, meu remendão de Paris, agradece ao *Gilbert*; continúa e verás.

—Nan xe pode vivre dans cette terre!

—Muxingueiro, faze este diabo ferrar o focinho!

—Porque chora aquelle menino?

—Que menino?

—Aquelle portuguez daquella venda alli, á Cruz do Paschoal, pertencente ao Sr. Joaquim Gomes de Pinho?

—Ah! foi graça de um tal Archiminho, guarda do 110, que deu uma bofetada no rapazinho porque lhe não quiz dar bolachinhas.

—Bravo!

A PEDIDO

Para quem tem ouvidos e quizer ouvir.

Alli vae um homem chegando apenas ao Bomfim e tres soldados o cercam.

E' um cadaver; quem o encontra pasma e aconselha-lhe que se acautelle, que vá para o Monte-Alto, que mude de ares, etc.

Não obstante é preso, é recrutado pelos Srs. Julio de tal, João Telles Menezes e Izidro Jose de Souza, sargento, cabo e guarda do batalhão n.° 110 da guarda nacional, que antes combinam si o devem *massar* ou não.

O homem é incommodado, obrigado a andar mais do que pode, é insultado, até que chegando á presença do subdelegado, é mandado em santa paz para sua casa.

Não estão porém satisfeitos os taes *fiscaes servidores da nação*.

Aquartellaram no Carmo e a victima que lhes escapou das garras é diariamente insultada, apupada, chacoteada por tão merigerados rapazes....

Não haverá meio de sanar este abuso? de evitar algum conflicto?

Pois quem não *deu o gosto* do ficar preso ha de levar pateada?

Tudo se tem visto nesta Bahia!

Entretanto ficam estas palavras publicadas, afim de ver-se si a *graça* não continúa.

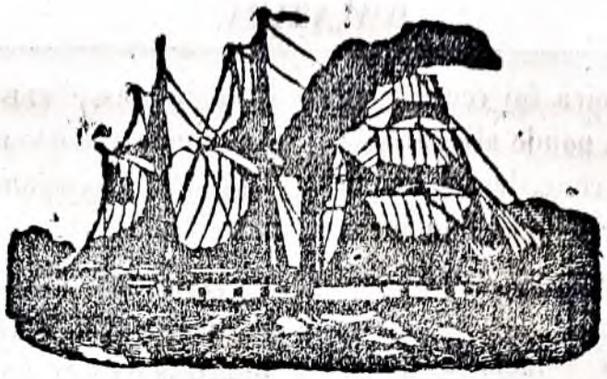
O offendido.

ANNUNCIOS.

Precisa-se de um *Horacio*, impressão de Londres; a tractar nesta typographia.

LEITE PURO A 160 RS.

Defronte do Lycêu, sobrado n. 11, ás 6 horas da manhã.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 26.ª BAHIA 7 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 258

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de setembro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande concertar um cano, que n'um dos becos do Caes Dourado, se acha,ha muito tempo, de boca aberta a bafejar o publico.

Espera-se ser attendido.

—A'mesma para que se digne mandar fiscalisar, á noute, os açougues da Baixa dos Sapateiros, nos quaes, dizem, se faz outras cousas que não são guardar e cortar ou vender carne.

Espera-se da Illma. a repressão do escandalo, visto que as patrulhas de policia nada enxergam, quando por alli passam.

(No mesmo sentido ao Illm. Sr. Dr. inspector de saude.)

—Que diabo faz aquelle carro alli sem conductor? Que é do fiscal?

Que é do carroceiro?

—O carroceiro é um pobre homem, doente de asthma, que, a estas horas, deve estar *bem*; foi recrutado e não consentiram os recrutadores que o pobre homem entregasse o burro e o carro a seu dono.

E tanto barulho fizeram que o burro espantou-se e ia matando uma criancinha, filha do Sr. Manuel Claudiano de Andrade.

—Com effeito!

—Capitão, viu aquelles guardas do batalhão 24?

—Vi; conduziam diversas pessoas amarradas!

Os pulsos de algumas gottejavam sangue!

—Tudo por amor da patria!

—Recrutamento de zuavos é moda; não é só *sinhô* Hygino que tem licença.

—Quem mais?

—Dizem que o Sr. José Carlos manda para a companhia que se está formando no Barbalho recrutas e mais recrutas.

—Historias!

—O que é certo é que o cidadão Ge-

raldo Amaro da Silveira foi recrutado, tem 15 annos e nada poude allegar até hoje, porque não lhe concederam tempo e o quizeram obrigar a jurar bandeira; deram-lhe até pancada!

—E jurou?

—Não jurou, mas o facto é que o recrutamento para voluntarios continúa, aqui, na capital, nas barbas do chefe de policia, debaixo das vistas do presidente, que até officia nesse sentido.

—Capitão, uma rectificação.

—Faça-a.

—O recrutado para zuavo não é escravo do Sr. Florencio, é seu pupillo.

—O que não impede de provar que os zuavos recrutam para voluntarios.

—Viu a voluntaria Jovita?

—Vi; teve um acompanhamento popular suberbo.

—Honra de que é credora uma heroina de sua tempera.

—Divida que o hospitaleiro povo desta terra pagou-lhe com enthusiasmo.

—Deus guie-lhe os passos!

—V. viu uma *historia* dos Srs. Machado Bastos & C., que vem no *Jornal* de 6 do corrente?

—Vi; e admirei-me de fallar ella em *Alabama* quando elle não chama ladrão sinão a quem o é, como os Srs. Bastos & C..... bem o sabem.

—Ora deixal-os!

LA VAE VERSO.

O canto da heroina do norte.

Nascida nas plagas virentes do norte
Ao senho da morte não sei recuar!
Da patria ao reclamo nos dias da briga
Eu cinjo a loriga,—eu sei batalhar!

Os fumos eu quero sorver dos combates,
Da guerra os embates eu quero sentir:
De sangue maldito de gente pirata
As aguas do Prata eu corro a tingir.

Nascida nas plagas virentes do norte
Ao senho da morte não sei recuar!
Da patria ao reclamo nos dias da briga
Eu cinjo a loriga,—eu sei batalhar!

Eu corro ao mais denso das filas cerradas,
Unidas, travadas no ardor da batalha:
Impavido o passo franqueiem-me as balas,
Abrindo-me valas por entre a metralha!

De um despota as hostes, no prelio que são?
Q' vale o canhão q' assestam escravos?
As filas raream ao choque primeiro,
Ao tiro certeiro de brasilos bravos!

Nascida nas plagas virentes do norte
Ao senho da morte não sei recuar!
Da patria ao reclamo nos dias da briga
Eu cinjo a loriga,—eu sei batalhar!

Cercada de fogos embalde te alteias
Nas fortes ameias—gigante Humaytá:
Empunho na dextra invicta a bandeira
Que um dia altaneira em ti se erguerá!

Nascida nas plagas virentes do norte
Ao senho da morte não sei recuar!
Da patria ao reclamo, no dia da briga
Eu cinjo a loriga,—eu sei batalhar!

O. O. O.

VARIEDADES.

Jantava Alexandre Dumas em casa do Dr. Gisiel, uma das celebridades do paiz.

—Querido amigo, lhe disse o amphitryão, ao passar á sala do café, ouvi dizer que sois um habil improvisador; fazei-me o obsequio de honrar o album com uma producção vossa.

—Com muito gosto, respondeu o poeta.

E, tomando a penna, escreveu diante do seu hospede, que o seguia com a vista:

Desde que o Dr. Gisiel
Cura infermos serios,
Estão vasios os hospitaes...

—Adulador, interrompeu o doutor.

Dumas continuou:

E cheios os cemiterios.

Conta o *Corriére del l'Emilia* que, estando em costume designar com um rotulo os wagons do caminho de ferro que levam objectos de serviço de Turin para Florença, um dos mesmos wagons levava o distico =*ministerio da instrucção publica*,= e dentro do wagon o que havia de ir?

Meia duzia de burros.

(*Extr.*)

A PEDIDO

—Capitão, mais um caso para provar o estado lastimoso em que nos achamos.

—Algum recruta? Nada adianta com isto que é cousa velha; vire folha.

—Não é recrutamento, mas é cerco. A porta da rua de uma caza, ao beco do Queiroz, está aberta; entram, sobem as escadas, mas a porta interior está fechada; tentam mettel-a a dentro....

—Mas quem, Sr.?

—A policia.

—Que policia?

—Um major e guardas.

Desembainham a espada e gritam: A quem resistir, fura!

—Mas quando foi isso?

—No sabbado 2 do corrente.

—E sabe quem é o dono da caza assim invadida? E' um bravo a quem o Brazil deve uma capella, um martyr crivado de ballas por occasião da guerra com Bento Gonsalves, e por ellas paralytico e infeliz, presenciando de um leito de dor a desfeita e os esbarrões que levaram sua mulher e suas filhas.

—Mas porque?

—Porque gritavam por seu marido o seu pae, a quem se queriam reunir, sendo impedidas então pelo major.

—Mas o motivo do cerco?

—Ignoro; mas seja qual for, o arbitrio não tem desculpa; esta terra é regida por leis e a espada de certos militares Alexandres caricatas, não tem aço suficiente para destruil-as.

—Ora viva a patria, rapaz!

—Capitão, uma pilheria do nosso incomparavel barão de caranguejos.

—Ora vamos a ouvil-a.

—*Bucha* é um homem a quem o coronel deve innumeros favores por diversos papeis que lhe arranjou; está porem em más circumstancias e vae ter com o coronel, que recebe familiarmente, e lembra-se logo dos *antigos negocios*. «Bucha, V. precisa, diz elle, é tempo d'eu provar-lhe o meu agradecimento.»

Procura a chave do cofre para *soccorrer* ao homem e *não encontra-a*.

«Vá, continúa elle, tome este embrulho, em quanto se abre o cofre, arranje-se e volte á tarde, que eu estou anciosissimo por demonstrar-lhe quanto sou grato e reconhecido aos favores que me fazem.»

Bucha sahiu e contou duas patacas. A' tarde voltou. Em má hora porém que voltou elle! Não sei si o homem já tinha jantado ou que diabo lhe tinha succedido; é porém certo que na lucta travada entre a avareza e a gratidão triumphara a gana do ouro.

«Que quer V. aqui? Ja não recebeu dinheiro? Isto é mina? V. quer me desgraçar?

Taes foram as palavras com que o *poderoso* senhor coronel recebeu a seu antigo e intimo confidente que tanto lhe deu a ganhar.

—Miseravel! Causam nojo as acções

mesquinhas dessa alma mesquinha, as quaes eu só consinto em ouvir, por V. dizer-me que são pilherias.

Para deputados provinciaes

Cap. João J. de Sepulveda Vasconcellos.
Dr. José Luiz d'Almeida Couto.
Conego Lourenço Borges de Lemos.
Dr. Antonio Euzebio G. d'Almeida.
Conego Rodrigo Ignacio Souza Menezes.
Tenente Saturnino Vieira de Carvalho.

—Meu senhor, queira pagar aos pobres pretinhos que até hoje estão a ver o signal.

—Que pretos?

—Os que levaram as cadeiras para Vm. e sua senhora irem ao theatro.

—Quando foi isso?

—Ha mais de quinze dias.

—Eu não devo nada.

—Sinão 6$000 rs., preço pelo qual Vm. ajustou com os pretos.

—E o Sr. é procurador delles?

—Não; mas sou inimigo dos velhacos e protejo os fracos contra os que moram em sobrado, em segundo andar.....

—Iste é com aquelle sujeito da rua Direita do Collegio.

—Pois é com o Sr. mesmo, meu charo; pague o que deve, si quer campar de homem de bem.

Sr. Redactor.—Vimos á imprensa somente para não deixarmos que uma calumnia revoltante e estupida seja commentada como facto consumado, embora os spiritos desprevenidos tendam sempre a procurar a luz da verdade.

No *Interesse Publico* n. 740 de 29 de agosto vem um artigo sob o titulo —*Um abreve rectificação*,o qual em um de seus topicos trata da prizão que fizeram n'uma casa á Soledade quatro inspectores de quarteirão da freguezia de Santo Antonio, levando o *escrevinhador* o seu atrevimento ao ponto de chamar esses empregados da policia de bandidos, e dizer que estavam bebados a cahir, quando effectuaram tal diligencia.

Ora, se não fosse a compaixão que merecem certos anões, de certo que respondiamos a esse lambe-pratos da maneira competente: resta-nos, porém, perguntar-lhe se são bandidos e bebados aquelles que vivem na sociedade *com uma* occupação honesta e que não fazem vida nas tabernas, ou se o são os que como parazitas, amanhecem nas tascas a detratar de todos e de tudo e depois almoçam e jantam com os amigos?

Quanto ao mais que encerra o nauseante topico desse rabiscado artigo não nos furtamos de dizer que os inspectores bateram á porta da casa alludida e apparecendo o rapaz que procuravam por ordem superior, disseram-lhe que estava prezo, e elle entregando-se, foi conduzido como cidadão para o forte de Santo Antonio.

E' o que ha de verdadeiro; e não o que refere o author da rectificação,que foi guiado por intenções más e não teve animo preciso de apparecer desmascarado ante o publico, que melhor conheceria o ousado mentiroso.

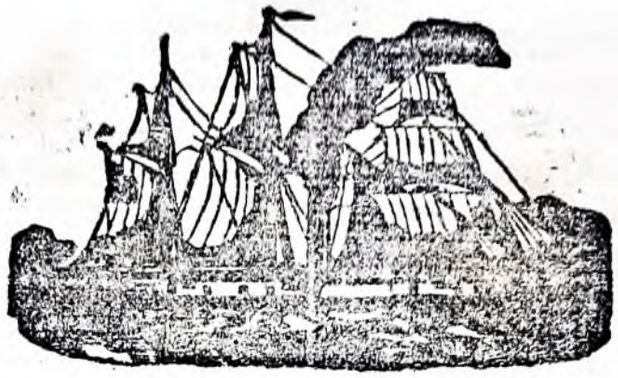
Bahia 2 de setembro de 1865.

Os amigos da verdade.

ANNUNCIOS.

Vende-se a armação d'uma loja de charutos, sita ao Gravatá incluindo dous bonitos armarios de jacarandá, quem a pretender dirija-se á loja n. 22 C. por baixo da Directoria dos Estudos, que achará com quem tratar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 26.ª BAHIA 11 DE SETEMBRO DE 1865. N.os 259 e 260

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de setembro de 1865.

Officio á camara municipal, partecip ndo-lhe que nos dias 5 e 6 do corrente, nos talhos da Baixa dos Sapateiros, esteve exposta á venda, depois de 4 horas da tarde, carne completamente podre, a 20 e 40 rs. a libra, sem que isso désse o menor cuidado ao *complacente* fiscal da freguezia, e como talvez fosse devido ao homem ter pouca vista, torna-se necessario que a Illma. lhe mande fornecer uns occulos afim de ver si o cujo abre a vista.

—Ao Exm. Sr. conselheiro commandante das armas, para que se sirva de dar providencias afim de que o corpo da guarda da Correcção e o quarto do commandante da mesma não continuem a permanecer em trevas como até agora, vendo-se os officiaes que para alli vão obrigados a comprar azeite e vellas a sua custa, uma vez que o ministerio da guerra não está tão pobre que precise de favores de particulares.

—Ao Illm. Sr. commandante da policia provisoria, para que haja de informar com brevidade os motivos que determinaram a prisão do guarda João José da Silva, que se acha no calabouço, a meio soldo, desde o dia 28 do pp., e que foi no dia 4 do corrente esbofeteado por um Sr. official. A informação pedida torna-se urgente, em vista dos boatos que correm pela voz publica, de que tão extranho castigo tivera por causa factos, que affectam a moralidade do corpo do commando de S. S.

Dia 9.

Officio ao Exm. Sr. Dr. juiz de direito chefe de policia, pedindo-lhe que faça acabar com uma jogatina que ha na rua da Larangeira, pertencente a um Sr. Evaristo.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que passe a intimar ao dono de um enorme cão que ha na casa nº 87 C ao Terreiro, junto a egreja de S. Pedro, que costuma investir e morder a quem passa por alli á noite, para que o tenha preso, sob pena de ser morto o referido cão. Cumpra.

—Capitão, os zuavos continuam a recrutar.

—Isto é velho.

—E os guardas de policia tambem.

—Não repita o que ja se sabe.

—Na 4.ª feira ás 10 horas da noute, á rua Direita de Santo Antonio, os zuavos prenderam um sargento do 4.º batalhão.

—E era crioulo o sargento?

—Qual, capitão! Ja não ha para elles cor destinada, o que não deve ser novo para V. Ex. desde a morte d'um pardo escravo, occasionada por elles na cidade Baixa.

O sargento recrutado é pardo e chama-se Constantino Duarte Burgos Junior, que apezar da banda e das divisas iria dormir no chilindró do azeite de peixe, si não apparecesse o Sr. alferes Sisinio Dias.

—E o Sr. Junqueira diz na gazeta que o recrutamento na capital é feito pelas authoridades policiaes!

—O typographo França Guerra offereceu ao governo sua typographia para serem nella publicados todos os papeis concernentes á guerra, que tenham de ser espalhados pelo povo, isso sem retribuição pecuniaria, á qualquer hora e com a presteza possivel.

—E' um louvavel offerecimento. O cidadão que tem sempre dado provas de patriotismo nos festins publicos não podia ficar indiferente aos gemidos da patria!

Louvores por tanto ao cidadão patriota Sr. França Guerra!

«—A' disposição da policia foram presos Americo Rufino da Costa, branco, de *trese annos* de edade, *funileiro*, e Francisco dos Santos Alves, pardo, MENOR de *doze annos*, *ferreiro*, para terem *conveniente* destino. (Extracto da parte da policia do dia 26. do p. p.)

—Não se pode entrar na egreja de Sant'Anna!

—Porque?

—Por causa das moscas. Nunca vi tanta mosca assim! Entram pelos olhos e bocca da gente! Não si pode estar alli cinco minutos!

—Tambem ja ouvi queixas dos moradores daquella rua. Dizem que isso é devido á montureira que em frente a egreja está fazendo a companhia da *limpeza*.

—Desta sorte os moradores dalli vieram a ficar peior com o tal acceio da cidade!

—E em cima hão de pagar 500 rs. mensaes!

—Não tem duvida!

—No dia 9 do corrente no talho n.º 36 em Santa Barbara vendeu-se carne a 120 rs. a libra depois de se haver vendido alli a 100 rs. ao meio dia.

—Quem lhe disse isto?

—O Sr. Zepherino Vaz Peixoto que comprou quatro libras. E havendo quem fallasse por vender-se carne áquellas horas, o preto respondeu: « E' p'ra quem qué, não qué vae queixá a fiscá.»

—Muita confiança tem elle no fiscal!

—E' preciso que o fiscal explique que *relações* tem com esse preto que tão francamente appella para sua authoridade quando commette uma infracção.

—A camara municipal que o chame á contas.

—Estamos na mesma.

—No domingo, na occasião em que o contingente do batalhão de Sant'Anna estava na missa, os moleques foram ao matto, cortaram um galho em que havia uma casa de maribondos, e vieram quebral-a no adro da egreja. O povo que alli estava, para não ser mordido, espalhou-se debaixo da assuada dos taes moleques.

—E a policia o que fez?

—Ora a policia!.... Si la estivesse tambem corria para não ser mordida.

—Viva a moralidade na Bahia!.... Viva a charidade publica!.....

—O que foi, meu charo?

—Passei agora pela Casa de Asylo, e vi na porta uma velha completamente nua aquentando sol, aos olhos da turba que admirada contemplava aquelle painel.

—E o administrador onde estava?

—Não sei.

—Ah! como hoje é domingo, talvez fosse jantar fora.

—Capitão, temos novidade.

—Que ha?

—Chegou o vapor do Sul e traz interessantes noticias.

—Vamos a ouvil-o.

—Verificam-se as noticias da batalha no Passo dos Livres.

Teve ella logar a 17, e não a 13, ficando em poder do exercito de vanguarda ao mando do general Flores 1,200 prisioneiros, inclusive o seu chefe Duarte, 1,700 mortos, quatro bandeiras, armamento, munições, oito carretas com os respectivos cavallos, e 300 homens feridos.

O exercito da vanguarda teve fóra de combate 250 homens, entre mortos e feridos.

Ao fanatismo com que combate o inimigo deve-se attribuir a enorme mortandade de sua parte

«O exercito oriental estava dividido em uma brigada, composta dos tres batalhões *Florida*, *24 de abril* e *voluntarios da liberdade*, ás ordens do coronel Pallejas.

«A brigada brasileira compunha-se dos batalhões 5.° e 7.° de linha, e o batalhão de *voluntarios da patria* ás ordens do coronel Fidelis.

«A artilharia oriental estava ás ordens do general Borges, secundando-o o chefe della, major Ianci.

«O exercito argentino constava de tres divisões, commandadas a 1.ª pelo coronel Rivas, a 2.ª pelo coronel Arredondo e a 3.ª pelo coronel Mathias Rivero.

«A 1.ª divisão compunha-se de duas brigadas, formada a 1.ª pelo batalhão 1.° de linha e o da guarda nacional de S. Nicolau, ás ordens do commandante Roseti, e a 2.ª pela legião militar, batalhão 3.° de linha e o esquadrão de artilharia do major Macdone, primeiro que rompeu o fogo de sua arma, ás ordens do commandante Charlone.

«A 2ª divisão constava tambem de duas brigadas, a 1ª formada pelo 2.° de linha e o batalhão correntino, ás ordens do commandante Orma, e a 2ª brigada pelo 4° de linha, o 1° batalhão legião voluntarios, e a artilharia de Nelson, ás ordens do commandante Fraga.

«A acção iniciou-se, despregando em guerrilhas todo o batalhão de voluntarios do tenente coronel Bustamante, que logo depois se confundiu com outro batalhão paraguayo, que tambem estava em guerrilha.

«Acto continuo, carregaram alguns esquadrões de cavallaria inimiga, que foram contidos pelos valentes Segovia, do 1° de cavallaria de linha, e Fortunato Flores, chefe do regimento Escolta, que no meio do combate quebrou sua lança.

«A posição que o inimigo occupava era forte; combatiam com tanto denodo os paraguayos que a ferida do coronel Fidelis é de lança, o que prova que a sua cavallaria veiu esbarrar com nossos infantes.

«(Quatro dia antes da batalha, desejando o general Flores evitar o derramamento de sangue, mandou um cartão de visita a Duarte, chefe da força paraguaya, por meio de um allemão. A resposta que Duarte deu foi mandar fuzilar o allemão Que commentarios exige isto?)

«A artilharia quasi não tomou parte alguma no combate, tendo sido a batalha sustentada pelas infantarias.

«No Passo dos Livres tinham os paraguayos deixado todas as suas canoas com uma guarda de 100 homens. Homens e canoas foram tomados pelos alliados.

«No começo da batalha foi Duarte tomado prisioneiro pelo capitão Uriburu, a quem entregou a espada e o revolver.

«Depois de se pronunciar a derrota de 300 a 400 homens, atiraram-se a passar o arroio Jatahy, porém os generaes Madariaga e Soares sahiram perseguindo-os com uma força de 2,000 de cavallaria.

O general Barrios, que ja havia tomado o commando em chefe do grande exercito, saqueava villas indefesas.

A nossa esquadra do Paraná descêra em consequencia da baixa das aguas. Na passagem pela barranca de Las Cuevas, no dia 12, soffrêra vivo fogo de 30 peças e de mosquetaria, feito a cavalleiro, por espaço de 20 minutos.

Fôra horrivel a passagem sob aquelle chaveiro de balas. O *Amazonas* recebêra no casco 40 projectis, e soffrêra algumas avarias na mastreação.

Ficaram fóra de combate em toda a esquadra, que respondê a vivamente á bateria inimiga, 41 homens, 13 dos quaes mortos.

Entre estes contam-se o alferes do 14° corpo de voluntarios da patria, da Cachoeira, Marcellino Barbosa Leal e o aspirante de marinha Joaquim Candido do Nascimento.

O vapor argentino *Guarda Nacional* que faz parte da esquadra, perdêra dous guardas-marinha e dous marinheiros, e soffrêra tambem alguma avaria.

RELAÇÃO DOS MORTOS E FERIDOS NA PASSAGEM DA ESQUADRA BRAZILEIRA PELA BATERIA E MOSQUETARIA PARAGUYA COLLOCADA NA BARRANCA CUEVAS, NO DIA 12 DE AGOSTO DE 1865.

Vapor *Amazonas*: soldado do 1.° batalhão de infantaria Antonio Joaquim de Sant'Anna, contuso levemente.

Vapor *Parnahyba*: nada houve.

Vapor *Ivahy*: 1.° tenente Fernando Xavier de Castro, contuso levemente; imperial marinheiro Manuel Francisco das Chagas, idem; furriel do 1.° batalhão João Ernesto de Salles, idem; soldado do 9° batalhão Pedro Bernardo Ferreira de Araujo, idem; dito Pedro Malaquias dos Santos, idem.

Vapor *Apa*: grumete imperial marinheiro Alexandre dos Prazeres, morto por bala.

Brigue *Pipiriassù*: imperial marinheiro Alexandre José da Silva (é do *Magé*), fracturou ambas as pernas, as quaes foram amputadas. Estava doente de bexigas; soldado do 9° batalhão Manuel Alexandre da Fonseca (do *Parahyba*), morto. Estava doente de bexigas.

Barca *Quaraim*: marinheiro José Joaquim Coimbra, morto; o verdadeiro nome deste marinheiro era Justiniano Soares.

Vapor *Magé*: alferes do 14° batalhão (voluntarios cachoeiranos), Marcellino Barbosa Leal, morto por uma bala no coração; 2° sargento, dito, Duval da Silva Neves, ferido gravemente, morreu 6 horas depois; soldado, dito, Pedro José Martins, ferido gravemente, morreu 7 horas depois; furriel, dito, Bento Gomes dos Reis, ferido em ambas as pernas Foram ambas amputadas, cadete, dito, Fernando de Souza Lima, contuso levemente; grumete da armada, Manuel Antonio Beraldo, contuso no peito; grumete creado, José da Costa e Silva, contuso na perna direita; soldado do 14° batalhão (voluntarios cachoeiranos) Clemente Pereira Lima, morto.

Vapor *Itajahy*: imperial de 3.ª classe Antonio Francisco, contuso gravemente; dito da 3ª classe Joaquim Antonio da Silva, contuso gravemente; guarda-marinha Rodrigo José da Rocha, ferido levemente no rosto; 1° marinheiro Manuel Soares, ferido levemente.

Vapor *Araguary*: Nada houve.

Vapor *Iguatemy*: Nada houve.

Vapor *Beberibe*: grumete imperial, Pedro Severino de Oliveira: contuso levemente.

Vapor *Belmonte*: soldado do batalhão naval José Pereira de Azevedo Terra, morto; dito José Francisco da Paixão, ferido gravemente na perna direita; 1° tenente Francisco Goularte Rollim, contuso levemente no pé esquerdo; imperial marinheiro Claudino Apolinario, contuso levemente na cabeça.

Vapor *Ipyranga*: 2° marinheiro Lucio Antonio da Silva, morto por bala na cabeça; imperial de 1ª classe Antonio Moreira Sampaio, ferido gravo-

mente na fronte; grumete da marinhagem Manuel Antonio, ferido gravemente; soldado do 12º de voluntarios, Manuel Victorino de Oliveira Guimarães, ferido gravemente; dito Diniz de Paula Moura Gavião, ferido levemente; escrevente Manuel Cesar de Sá, contuso levemente; guardião Zepherino José Ferreira, contuso levemente; classe superior, Frederico Burel, contuso levemente; imperial de 3ª classe Ferino José Antonio, contuso levemente; aspirante Joaquim Candido do Nascimento, morto; grumete Eustaquio Gonsalves, morto.

RECAPITULAÇÃO.

Mortos	13
Feridos gravemente . . .	7
Ditos levemente	3
Contusos.	18
	41

Sendo:

Praças da marinha. . . .	25
Ditas do exercito	15
Marinha mercante. . . .	1
	41

Commando da 1ª divisão da esquadra do Brazil no Rio da Prata bordo do vapor *Amazonas*, no Rincão do Soto, 13 de agosto de 1865.—*Francisco Manuel Barroso*, commandante da 1ª divisão.

A missão especial no Rio da Prata dirigiu ao governo imperial a seguinte participação dos ultimos acontecimentos:

«Missão especial do Brasil em Buenos-Ayres, 24 de agosto de 1865.

«Illm.e Exm.Sr.—A columna paraguaya, que por muito tempo acampava á margem direita do Uruguay, composta de uma força de infantaria e artilharia superior a 3,000 homens, não tendo jamais podido atravessar para Uruguayana, porque lhe impedia o passo um pequeno vapor brasileiro e alguns lanchões, foi completamente destroçada, no dia 17 do corrente, pela vanguarda das forças alliadas ao mando do general Flores nas margens do arroio *Jatahy*, perto da villa da Restauração,

«O inimigo deixou no campo uma grande quantidade de mortos, para cima de 1000 e tambem egual numero de prisioneiros, entre os quaes o commandante Duarte, que era o chefe da columna.

«O elevado algarismo de mortos em um combate, que durou talvez menos de uma hora, é explicado nas partes officiaes como resultado do fanatismo, que leva os paraguayos a não se renderem sem ordem dos seus chefes.

«A brigada brasileira, commandada pelo tenente-coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelly, e os voluntarios do coronel Fidelis, que faziam parte da vanguarda, cooperaram para o prompto e feliz exito daquelle combate. São mencionados com honra tanto pelos generaes Flores e Paunero, como pelo general Mitre nas suas communicações officiaes. O general Fidelis distinguiu-se por sua reconhecida bravura e é o unico official que ficou gravemente ferido, segundo as noticias até agora publicadas.

«O Sr. marechal Ozorio ainda não recebeu do commandante da brigada brasileira a parte circumstanciada, que deve ser submettida ao conhecimento do governo imperial; todavia ja se sabia no acampamento que poucas perdas tinhamos a deplorar, e que além do commandante Kelly e do major João Nepomuceno da Silva merecem elogio especial por seu comportamento, quer no ataque, quer na sustentação dos pontos estrategicos, varios officiaes tanto de voluntarios como de linha.

«O governo argentino dirigiu-me uma communicação das partes officiaes transmittidas pelo general em chefe. Incluo copias dessa communicação e da minha resposta.

«Felicitando á V. Ex. por esta victoria que alcançaram as armas alliadas, tenho a satisfação de reiterar á V. Ex. as seguranças de minha muito grande consideração e maior estima.—A S. Ex. o Sr. conselheiro José Antonio Saraiva, etc.—*Francisco Octaviano de Almeida Rosa.*»

—Capitão, duas palavras.

—Falle.

—Aristarchus, Aristides, Justus, Par de Galhetas.....

—Quanta gente!

—Quantas caras é o que devoria V. Ex. dizer..... O barão de Cangalheiros diz muito ufano que o Sr. Pedroso é o dono das casas do Cabeça, apezar da portaria publicada no *Pharol*.

—Dá a prova.

—A prova são a verba 6ª e 7ª do testamento, mas este é datado de 10 de julho de 1822, a portaria é de 17 de novembro de 1824, dous annos depois do testamento que ficou revogado nesta parte pela doação que fez o Sr. marechal Acciaivoli a 31 de outubro de 1824.

—E onde está isto?

—Encontra-se a portaria acceitando, agradecendo e dispondo o offerecimento á pagina 357, tomo 4º da Legislação Brasileira, ou Collecção chronologica das leis, decretos, resoluções de consultas, provisões etc. do Imperio do Brasil, desde 1808 até 1837 — pelo conselheiro José Paulo de Figueroa Nabuco de Araujo. Impresso na typographia Imperial e Constitucional de Villeneuve e Cª—1838.

Ou então no *Diario Fluminense* nº 125 de 25 de agosto de 1824.

—Por lá se avenham.

Quem tem obrigação de vellar pelos proprios nacionaes que cuide da questão.

—Eram ministros os Srs.:

Marianno J. Pereira da Fonseca—fazenda.

João Vieira de Carvalho—guerra.

Clemente Ferreira França—justiça.

Luiz José de Carvalho e Mello—estrangeiros.

Francisco Villela Barbosa — marinha.

Estevam Ribeiro de Rezende—imperio—que foi quem assignou a portaria.

—Bem; decidam os competentes, que eu só quero saber do resultado.

—O que é certo é que
Quem dinheiro tiver
Fará o que quizer.

—Vem cá, azemola!

—Capitão, deixe-me em paz!

—Gallego, pois tu, além da pretenção de litterato, tens o desaforo de te impores de critico dos costumes de nossa terra?

Gallego, tu sabes o que fallas? tu nunca soubeste portuguez? tu sabes distinguir bom e mau escriptor? tu sabes onde tens o focinho? tu enxergas dous palmos adiante do nariz? E como fallas, pedante? pois tu não vês que teu prestimo não pode ser outro sinão dar patadas naquelles que te consentem no seu seio?

—Capitão, deixe-me em paz!

—Então os bahianos são reus de policia, tocadores de violão, comedores de carurú e bebedores de caxaça?

Mas elles ao menos conservam-se aqui; não são como os filhos enxotados da Galizia que vem para esta terra ser tudo, até professores por tretas, sem pescarem nada de lettras!

—Capitão, deixe-me!

—Si me interromperes de novo, metto-te os pés na cara!

Então as bahianas são quentes por causa dos costumes? crescem depressa por causa dos vatapás? prostituem-se por causa das pimentas?

E tu, gallego, de quem és filho?

Tua mãe te poude algum dia dizer quem era teu pae?

Sem duvida nunca o conheceste por que as labregas são frias por causa da sopa d'alhos, e crescem devagar por causa da broa e do unto....

Ouve, gallego, si me constar que tu abres a boca para proferir a menor palavra em relação ao Brazil e aos brazileiros, corto-te a lingua, patife! E depois, mudo, remetto te para o exercito, que és um bom recruta.

—Eu cá sou estrangeiro e professori.

—Tu o que és é apenas um Kaemmo

carrasco que se intromette nos negocios extranhos, o que vive a dar bollos nos meninos e meninas que, por desgraça desta terra, estão a ti e a tua mulher confiados.

—Em xeis mezes estão promptos.

—Cala-te ja, desavergonhado!

Sem duvida que muito hão de aproveitar teus discipulos, servindo tu de adelo, sahindo, á chegada dos vapores, para venderes pelos hoteis bordados de lençoes e anaguas que tua mulher arranja!

—Já é a xegunda bez que bossa excellencia falla em minha mulher e eu não conxinto.

—Muxingueiro, tira a proa deste calhego; da-lhe as vergalhadas que quizeres e pinta-lhe a cara com *barro*!

A PEDIDO

«—Quanto costuma o Sr. dar aqui por mez?

«—Sr. fiscal, o seu antecessor recebeu 2$ rs., attendendo aos poucos fundos que tem esta casa.

«—Isso é muito pouco; o fiel da sua balança está alguma cousa pendido para um lado, o que equivale a uma multa de 10$ rs.; acho melhor que façamos uma accommodação, por que não gosto de fazer mal a ninguem; quanto lhe convém dar?

«—Em rigor 3$ rs., por que aqui quasi nada rende.

«—Emfim, vá la. Venham os 3$ rs.

«—Valham-me o glorioso S. *Joaquim* e o bemaventurado Santo *Amancio*! Breve fecho isto, que não estou para trabalhar para o diabo! Tão pouco lucro e tanto quem queira comer!»

—Isto passou-se, capitão, no dia 4 do corrente entre um fiscal e o dono de uma pequena loja de massas. Veja V. Ex. como procedem os taes fiscaes.

—Falla serio? Em que freguezia succedeu isto?

—Creia por S. *Salvador* que é exacto.

—Mas em que rua deu-se?

—Não sei o nome, porém affirmo que não foi na de D. *José*.

—Estes fiscaes são das arabias. Mas, os homens são viventes e como os mais precisam de comer.

Para deputados provinciaes.

Pelo ecclesiastico, Padre Pimenta.
Pela instrucção, Vicente Tupyassú.
Pela guerra, Tenente coronel Luiz Soares Queiroz e Azevedo.
Pela marinha, Tenente Barboza.
Pelo fôro, Vicente Ribeiro Moreira.

Um eleitor amigo do progresso.

—Capitão, aqui estou ás voltas com o meu querido e sympathico barão dos Caranguejos.

—Ora ouçamos.

—O nosso amavel tinha uma filha, a que foi obrigado a dar alimento por sentença em uma demanda que teve, sendo a menina reconhecida sua filha por um exame a que se procedeu e no qual se verificou que ella tinha no corpo os mesmos signaes que elle.

Crescida a menina, chama elle um sobrinho e diz-lhe: Tem Vm. quarenta contos para cazar com fulana.

O moço acceitou a proposta e cazou-se.

Recebeu então o seguinte dote: Tantos pares de calçado desde tal epocha, tanto; para enxoval, tanto; alimentos, tanto & &. Somma.. 30:000$000
Em dinheiro..... 10:000$000

Somma ..... 40:000$000

—Vejam só que homem ordinario!

Não tem a menor consideração nem pelos seus parentes, por seu sobrinho, por sua filha!

O dinheiro falla mais alto naquella cabeça egoista do que o sangue naquelle coração gelado!

Que tratante!

—Ouça outra, capitão; é de menos peso, mas é tambem de admirar.

O filho de um poeta, nosso comprovinciano, estava a estudar na Europa;

faltando, um anno ao pae os cobres para supprir ao filho, teve aquelle a lembrança de agenciar uma subscripção entre os amigos e foi o nosso amarolletico barão o primeiro a quem recorreo o vate.

O coronel recebeu-o com affagos mil, com dobradas zumbaias, animou-o e disse-lhe: Não é preciso isto, meu amigo; vá para a caza e depois me appareça.

O poeta contou ao *Moniz* que foi para a caza muito contente, e deixou de tratar de subscripção á vista das palavras—não é preciso isto.

Quando porém foi procural-o de novo, o pobre homem sahiu desapontado! O coronel entregando-lhe um papel, disse: Aqui está meu amigo, arranje-se, que eu tenho muito prazer em servil-o; para outro vez que precisar me occupe, que estou prompto.

Quer V. Ex. o que continha o papel?

O poeta tinha sido fiador de um sujeitinho que alugara ao commendador uma casa e ficara a dever-lhe 170$ rs ; pois o papel era a divida do homem, era a fiança do poeta que o nosso heroe mandava cobrar!

—Oh! por quem é, Sr., não continue!

Esse homem é mais miseravel que todrs os miseraveis.

Para deputados provinciaes

Cap. João J. de Sepulveda Vasconcellos.
Dr. José Luiz d'Almeida Couto.
Conego Lourenço Borges de Lemos.
Dr. Antonio Euzebio G. d'Almeida.
Conego Rodrigo Ignacio Souza Menezes.
Tenente Saturnino Vieira de Carvalho.

Post-scriptum.

Ha datas de Matto-Grosso até 7 de julho.

Na *Imprensa* de Cuyabá desta data lê-se o seguinte:

«As ultimas noticias que tivemos do Coxim são de que fôra occupado aquelle ponto por uma força paraguaya de 500 e tantos homens com duas bocas de fogo, e não 6 a 8,000 homens e 24 bocas de fogo, como se espalhou nesta capital no mez passado; que esta força abandonara o ponto occupado poucos dias depois, deixando reduzidos a cinzas os arranchamentos e casas, depois de uma pilhagem extraordinaria de gados e cavallos, e completa destruição dos sitios e fazendas das circumvisinhanças.

«Acham-se entre nós mais dous paraguayos vindos de Nioac pelo Coxim. Esses individuos eram praças da artilharia expedicionaria do coronel Rasquino, não fallam nem intendem hespanhol, exprimem-se so em guarany.

«Como os outros que hão procurado a nossa sombra e protecção, têm sido bem tratados, porque é preciso que nos mostremos taes quaes somos, civilisados e humanos, e não barbaros e selvagens como os mandatarios de Lopez »

Sobre a força existente na provincia e sua distribuição, communica-nos pessoa conceituada e que recebeu carta, o seguinte:

«No Aricá estão acampados 2,000 homens, commandados pelo tenente-coronel Camisão, que é o commandante das armas interino, porque si os inimigos marchassem por Coxim teriam de passar por este ponto antes de entrar na capital.

Na passagem do rio S. Lourenço estão 300 homens commandados pelo capitão Antonio Maria Coelho; estes serão os primeiros a encontrar-se com o inimigo.

Existem:

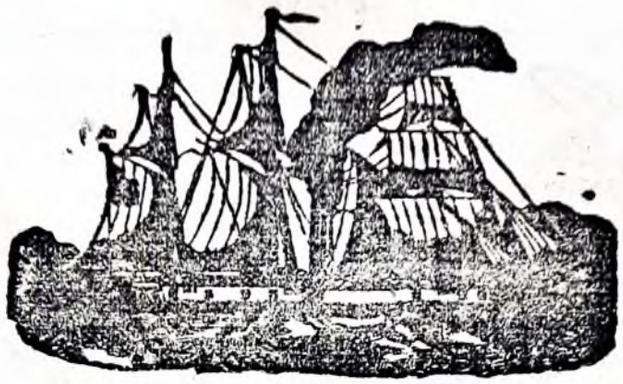
Em Villa Maria .	400 homens
Em Poconé. . .	200 ditos.
Na capital . . .	200 ditos.
Em Matto Grosso.	100 ditos.
Em Melgaço . .	50 ditos.

Estão por consequencia em armas 3250 homens, entrando neste numero 800 de tropa de linha.

Constava como certo que o coronel Resquim e major Vicente Dappy estavam no Apa com cerca de 5000 homens que haviam feito um cerco aos indios cadiueos, fazendo nelles um estrago horrivel e que ultimamente se occupavam no plantio da mandioca.

Começava a sentir-se falta de viveres, tanto que o forneedor Antonio de Cerqueira Caldas ja luctava com muita difficuldade.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 26.ª BAHIA 14 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 261

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de setembro de 1865.]

Não houve expediente.

—Illm. Sr. capitão corta-ferro! Como tem passado?

—Bem.

—E mal para quem tractar com V., que é um malcreado de primeira ordem. Pensa V. que está commandando alguma fortaleza e que todos são seus subalternos? Pois engana-se, isto aqui é uma repartição e o Sr. deve tractar as partes com muita dignidade.

E' preciso que o commandante das armas saiba de seu procedimento, Sr. capitão.

—Capitão, por S. *Felisberto* peço-lhe que deixe-me!

—Pois tome geito, deixe-se de ser tollo, sinão, sinão!

—A policia, quero dizer, os guardas de policia andam a insultar todo o mundo por luxo, por qualquer cousa...

—Prove.

—O cabo Sabino encontrou o Sr. tenente Clarindo, muito conhecido, insultou-o a grande e quando elle bradou que era official, respondeu-lhe: Não sabia, V. S. desculpe.

Outros insultaram ainda o filho do Sr. major Marinho, e quando este fardou-se: V. S. desculpe, nós não o conheciamos.

—O que se segue é que os homens só tem ordem de respeitar os officiaes; todos os mais podem, devem, hão de ser e tem sido insultados d'uma maneira escandalosa, impropria de homens que tem por fim prevenir conflictos e que entretanto os provocam com affan.

—Consta-me que os contingentes que chegam e os recrutas não comem.

—E' provavel, porque é certo que, embora ganhem soldo, não o recebem logo nos primeiros dias, rasão porque não tem com que comprar comida e não comem por tanto.

—Seja como for, a authoridade deve providenciar para que se forneça comida aos homens que chegam para desaffrontar a nação.

—Foram ouvir missa no Bomfim uma companhia de zuavos e o batalhão 3.º da guarda nacional ou antes o 1.º dos contigentes.

—Vi-os passar. Iam galbardos e luzidos.

—Correu noticia de que Aguirre e Las Carreras estiveram no nosso porto, vindos no vapor inglez *La Plata*. Muita gente porém foi vel-os e os não encontrou; e o *Jornal* continúa na duvida, fazendo a respeito judiciosas observações.

Vieram e até passeiaram entre nós; não foram conhecidos por que Las Carreras transformou-se em gato, symbolo da *agilidade* e Aguirre n'um quadrupede qualquer, as caricaturas dos quaes aqui damos, para que o publico os fique conhecendo de hoje em diante.

—A ordem de S. Bento tem se distinguido muito na presente quadra que atravessamos.

—Onde? Aqui nada vejo; nem para quartel serviram os commodos de seu convento.

—Pois ouça: si o exemplo não partiu daqui, nem por isso deixa de haver gloria para a ordem pois que ahi estão os factos de S. Paulo e Rio de Janeiro.

Leia por tanto:

«O mosteiro de S. Bento offerece a todos os seus arrendatarios, que quizerem apresentar-se voluntarios para servirem no exercito em campanha contra o Paraguay, o perdão dos arrendamentos por espaço de cinco annos e mais a quantia de 100$ que será entregue a cada um no acto de jurar bandeira.

«Além destas vantagens, as despezas de transporte e conducção até esta côrte correrão por conta do mesmo mosteiro »

No *Correio Paulistano* lê-se:

«Consta-nos que o Revm. D. abbade do convento de S. Bento desta capital escrevêra ao geral da ordem fazendo lembrar uma acção do maior vulto pelo seu fim patriotico e humanitario. Consiste ella em dar a ordem liberdade a 1,000 de seus escravos para formar um batalhão que marchará para a campanha.

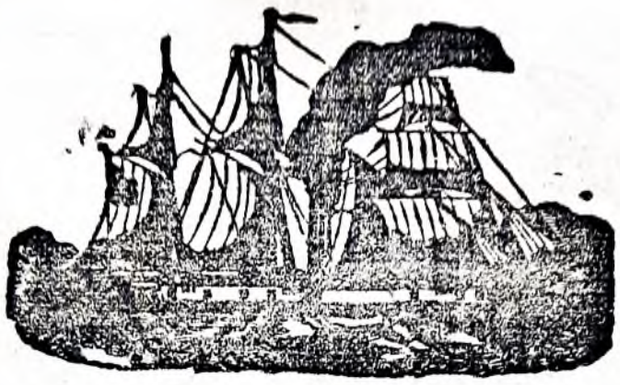
«Oxalá o digno geral não seja surdo a esta feliz lembrança e o respectivo capitulo não se demore em sanccionar tão bello pensamento!

«Pela nossa parte não podemos deixar de render os maiores e mais cordiaes elogios ao Revm. D. Abbade, que desta arte, no silencio da vida spiritual não esquece o que é da patria e do bem de seu proximo.

«E' duplamente cumprir o sacerdocio do homem de Deus »

—Capitão, viu que enthusiasmo! Assim que chegou a noticia de nossa victoria, o povo alvoroçou-se e correu á Praça onde arvorou-se o nosso pavilhão nas janellas de palacio. As repartições publicas e algumas cazas de negocio fecharam-se immediatamente. Os zuavos e os couraças, precedidos de uma banda de musica e depois dos vivas dados por S. Ex. das janellas do palacio, sahiram a percorrer as ruas, guiados pelo nosso historico estandarte da Independencia.

—Mas eu vi grande porção do povo sem couraças e zuavos.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 26.ª BAHIA 14 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 261

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de setembro de 1865.]

Não houve expediente.

—Illm. Sr. capitão corta-ferro! Como tem passado?

—Bem.

—E mal para quem tractar com V., que é um malcreado de primeira ordem. Pensa V. que está commandando alguma fortaleza e que todos são seus subalternos? Pois engana-se, isto aqui é uma repartição e o Sr. deve tractar as partes com muita dignidade.

E' preciso que o commandante das armas saiba de seu procedimento, Sr. capitão.

—Capitão, por S. *Felisberto* peço-lhe que deixe-me!

—Pois tome geito, deixe-se de ser tollo, sinão, sinão!

—A policia, quero dizer, os guardas de policia andam a insultar todo o mundo por luxo, por qualquer cousa...

—Prove.

—O cabo Sabino encontrou o Sr. tenente Clarindo, muito conhecido, insultou-o a grande e quando elle bradou que era official, respondeu-lhe: Não sabia, V. S. desculpe.

Outros insultaram ainda o filho do Sr. major Marinho, e quando este fardou-se: V. S. desculpe, nós não o conheciamos.

—O que se segue é que os homens só tem ordem de respeitar os officiaes; todos os mais podem, devem, hão de ser e tem sido insultados d'uma maneira escandalosa, impropria de homens que tem por fim prevenir conflictos e que entretanto os provocam com affan.

—Consta-me que os contingentes que chegam e os recrutas não comem.

—E' provavel, porque é certo que, embora ganhem soldo, não o recebem logo nos primeiros dias, rasão porque não tem com que comprar comida e não comem por tanto.

—Seja como for, a authoridade deve providenciar para que se forneça comida aos homens que chegam para desaffrontar a nação.

—Foram ouvir missa no Bomfim uma companhia de zuavos e o batalhão 3.º da guarda nacional ou antes o 1.º dos contigentes.

—Vi-os passar. Iam galhardos e luzidos.

—Correu noticia de que Aguirre e Las Carreras estiveram no nosso porto, vindos no vapor inglez *La Plata*. Muita gente porém foi vel-os e os não encontrou; e o *Jornal* continúa na duvida, fazendo a respeito judiciosas observações.

Vieram e até passeiaram entre nós; não foram conhecidos por que Las Carreras transformou-se em gato, symbolo da *agilidade* e Aguirre n'um quadrupede qualquer, as caricaturas dos quaes aqui damos, para que o publico os fique conhecendo de hoje em diante.

—A ordem de S. Bento tem se distinguido muito na presente quadra que atravessamos.

—Onde? Aqui nada vejo; nem para quartel serviram os commodos de seu convento.

—Pois ouça: si o exemplo não partiu daqui, nem por isso deixa de haver gloria para a ordem pois que ahi estão os factos de S. Paulo e Rio de Janeiro.

Leia por tanto:

«O mosteiro de S. Bento offerece a todos os seus arrendatarios, que quizerem apresentar-se voluntarios para servirem no exercito em campanha contra o Paraguay, o perdão dos arrendamentos por espaço de cinco annos e mais a quantia de 100$ que será entregue a cada um no acto de jurar bandeira.

«Além destas vantagens, as despezas de transporte e conducção até esta côrte correrão por conta do mesmo mosteiro »

No *Correio Paulistano* lê-se:

«Consta-nos que o Revm. D. abbade do convento de S. Bento desta capital escrevêra ao geral da ordem fazendo lembrar uma acção do maior vulto pelo seu fim patriotico e humanitario. Consiste ella em dar a ordem liberdade a 1,000 de seus escraves para formar um batalhão que marchará para a campanha.

«Oxalá o digno geral não seja surdo a esta feliz lembrança e o respectivo capitulo não se demore em sanccionar tão bello pensamento!

«Pela nossa parte não podemos deixar de render os maiores e mais cordiaes elogios ao Revm. D. Abbade, que desta arte, no silencio da vida spiritual não esquece o que é da patria e do bem de seu proximo.

«E' duplamente cumprir o sacerdocio do homem de Deus »

—Capitão, viu que enthusiasmo! Assim que chegou a noticia de nossa victoria, o povo alvoroçou-se e correu á Praça onde arvorou-se o nosso pavilhão nas janellas do palacio. As repartições publicas e algumas cazas de negocio fecharam-se immediatamente. Os zuavos e os couraças, precedidos de uma banda de musica e depois dos vivas dados por S. Ex. das janellas do palacio, sahiram a percorrer as ruas, guiados pelo nosso historico estandarte da Independencia.

—Mas eu vi grande porção do povo sem couraças e zuavos.

—Perdão, capitão. Alguns cavalleiros, entre os quaes se achavam os Srs. commandante das armas, contador da fazenda &, deram, depois de S. Ex., enthusiasticos vivas e acompanhadas de innumeras pessoas e de uma banda de musica seguiram tambem a percorrer as ruas da cidade. Cumprimentaram os voluntarios guardas nacionaes, o corpo do commercio, a nação brasileira, e o governo provincial quando de novo vieram á Praça, onde houve algumas enthusiasticas poesias. O prestito vinha então augmentadissimo: empregados publicos, medicos, bachareis, academicos, negociantes, todas as classes emfim davam grande realce á festa popular.

—O passo que deu-se foi de gigante, não é para menos.

—A' noute toda a cidade illuminou-se.

O batalhão 110 (com alguns guardas armados, não sei para que) sahiu tambem com uma banda de musica, a dar vivas e a enthusiasmar as turbas.

O povo sahiu de novo em batalhão patriotico e renovaram se os festins.

Foi um dia de festa nacional o dia 11 de setembro de 1865.

—Oxala sejam elle e a victoria que commemorou os precursores de novas e mais solemnes victorias!

VARIEDADES.

Certo sujeito louvando muito o aceio de um parente seu, dizia na força do enthusiasmo:

«Era tanto o seu desejo de andar sempre muito limpo, que algumas vezes lhe succedeu vender a unica camisa que tinha para comprar sabão com que a deixasse mais branca do que a neve.»

———

Um viajante perguntou a um roceiro, a quem encontrou em uma estrada de S.Paulo, si não tinha medo do recrutamento.

—Ora, respondeu o roceiro, Deus é grande e o mato é maior!

———

Mirabeau *Tonneau* irmão do celebre orador, voltando uma noite para casa, e estando soffrivelmente embriagado, tropeçou ao entrar no quarto com o criado que estava ainda em peior estado.

—Biltre, disse-lhe Mirabeau no dia seguinte, não podias escolher para embebedar-te algum dia em que eu não fizesse o mesmo?

—Ora, meu amo, replicou o criado, si eu esperasse por isso estava bem arranjado.

Mirabeau riu-se com a resposta, e dahi por diante elle e o criado embriagavam-se alternativamente.

———

Boa pessoa, amigo de bons bocados, porèm falto de dinheiro, o Sr. Y...., tinha por costume passar a maior parte do dia em frente de uma casa de pasto, para, ja que não podia comer os petiscos, pelo menos, regosijar-se com o cheiro delles.

O dono do estabelecimento, homem avaro e de mau genio, perguntou-lhe um dia:

—Que faz o senhor de sentinella á minha casa?

—Cheiro, visto que não posso comer.

—Entendo; alimenta-se á minha custa.

—Não faço sinão aproveitar o que os mais despresam.

—Pois saiba que vou obrigal-o a pagar-me, por lhe ter satisfeito os seus appetites.

—Guarde o cheiro em casa, que ja eu o não aproveito. Quanto a pagar-lhe, não projecto fazer tal asneira.

O dono da casa de pasto chamou á conciliação o pobre Y..., a quem o juiz de paz disse que para livrar de questões o melhor era pagar. Conformou-se Y... com a decisão e, mettendo a mão na algibeira, tirou della uma libra que chegou ao nariz do que se julgava seu credor. Este dispunha-se a apanhar a moeda, porém Y...., retirando a mão apressadamente, disse:

—Não, amigo, cheire V. S. a libra, que eu tambem so cheirei os seus petiscos.

A PEDIDO

MOTTE.

Lavado em jorros de sangue
O auri-verde pendão,
Ou do Brazil é mortalha
Ou tremúla em Assumpção.

GLOSA.

O imperio do Cruseiro
Ha de sempre triumphar,
Paraguay ha de acabar,
Chegou seu fim derradeiro;
O soldado brazileiro
Embora Lopèz se zangue
Por montes, valles e mangues,

Com a bravura de Marte
Salvará nosso Estandarte
Lavado em jorros de Sangue.

A patria já sustentou
Vinte e nove annos de guerra,
O sangue alagou a terra,
Mas o Brazil triumphou;
A Hollanda supplantou
Quanto mais vil Assumpção!
Com fuzil, ferro e canhão,
Seja o Brazil um soldado,
E nosso bem adorado
O auri-verde pendão.

O pendão que os veteranos
Sustentaram com respeito,
Por ninguem será desfeito
Em quanto houverem bahianos:
Esses pigmeus tirannos
Voarão ante a metralha,
Oh! venha, venha a batalha...
Verão, que nossa bandeira,
Ou se sorri altaneira
Ou do Brazil é mortalha.

A Lopez já espantou
A bravura dos de cá,
A sorte do Humaytá
Riachuelo apontou;
Nosso sangue expadanou,
Porém um novo brazão
Teve cultos da Nação,
E fez ver ao estrangeiro
Qu'ou morre o Brazil inteiro
Ou triumpha em Assumpção.

Por, *João Caetano Martins.*

Proclamação.

A hora solemne do triumpho vai raiar, Brasileiros! As forças paraguayas estão derrotadas! A victoria do Brazil é certa. A Bahia, a Provincia que primeiro acudiu ao reclamo do Imperio, deve hoje cobrir-se de galas.

Bahianos! risos e festas. A columna Paraguaya que descia a margem direita do Uruguay foi vencida pelo exercito Brasileiro.

Honra e gloria aos filhos da Santa Cruz!

Viva S. M. o Imperador!
Viva o Ministerio actual!
Viva S. Ex. o Sr. Presidente da Provincia!
Viva o Exercito Brazileiro!
Viva a Armada nacional!
Vivão os Voluntarios da Patria!
Viva o primeiro cidadão do Paiz!

Antonio Olavo da França Guerra.

Ao publico.

Acaba de ser nomeado subdelegado da Penha o cidadão Samuel Augusto Marback.

E' uma nomeação que nada deixa a desejar; a pessoa escolhida é, a todos os respeitos, digna do cargo que lhe foi confiado.

Ignoramos porém a rasão porque não foi nomeado o actual 1.° supplente o Sr. Hermenegildo que, ha mais de um anno, quasi sempre em exercicio, tem servido a geral contento dos Srs. administradores.

E nem ha contestal-o.

Até hoje uma queixa justa, uma reclamação seria se não fez ouvir contra o funccionario alludido. Na presente situação, em que foi preciso proceder a recrutamento que em todo o tempo acarreta odiosidade contra quem o exerce, é quasi desprestigiar uma authoridade não conferir-lhe um accesso, havendo vaga. Disso os adversarios, os inimigos pequenos e os que se consideram offendidos tiram motivo para desacreditarem e insultarem o funccionario circumspecto.

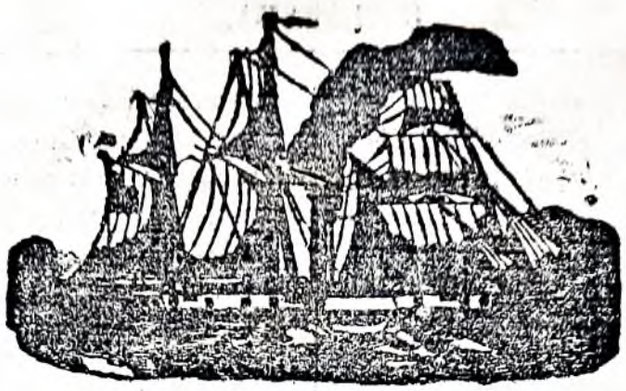
Estas linhas não são censura, que ficaria rebatida á vista da nomeação feita, pela qual felicitamos os habitantes da Penha; tem porém por fim fazer valer o merito do distincto cidadão que occupa o cargo de 1.° supplente, a quem saudamos do alto da imprensa.

Alguns Itapagipanos.

ANNUNCIOS.

A pessoa que perdeu uma bengala com as iniciaes F. J. C. e de outro lado um—L—queira vir recebel-a nesta typographia; pagando a despeza do annuncio.

Vende-se um bonito carneiro para sella, manso, muito grande, e novo; tracta-se na casa n° 3 atraz da Cadeia.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 26.ª BAHIA 16 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 262

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de setembro de 1865.

Officio á camara municipal, para que não dê licença á empreza da limpeza publica para deitar cisco em o centro da cidade, visto que o contracto da-lhe authorisação somente para mandar entulhar com pedrinhas e pedaços de telha; e a população não está disposta para supportar mais monturos na cidade, mandados de proposito accumular por trabalhadores a quem paga, por cada familia, 500 ou 1$000 rs. mensaes.

Tão justa reclamação merece a seria attenção da Illma. que tem esfriado um pouco de sua actividade, mas em quem muito confiam os municipes.

(Officiou-se ao Illm. Sr. Dr. inspector de saude para que faça ver á camara municipal, apezar della não ignoral-os, os inconvenientes que traz a accumulação de materias putresciveis, principalmente no centro das populações; assim como para que active, de accordo com a Illma., a remoção dos esterquilinios que criou a limpeza da cidade, dirigida pelo Sr. Costa Guimarães)

—Ao Exm. Sr. presidente, pedindo-lhe providencias, de accordo com o Sr. Dr. inspector da saude publica, para que não seja a nossa provincia invadida pelo terrivel cholera que lavra pela Africa e Europa e que nos pode ser importado pelos frequentes navios que chegam aos nossos portos.

Assumpto de tamanha magnitude não será por certo despresado.

—Leia isto.

—«Repartição da policia.....

«Nesta data faço remessa a V. S., por intermedio do Sr. 1.º tenente França, de 10 voluntarios constantes da inclusa lista, que tenho a honra de remetter, *não sendo possivel* a esta delegacia *remetter maior numero de voluntarios,* ☞ *porque sendo recrutados* 20 *guardas nacionaes, foram soltos,* em virtude de reclamação dos commandantes dos batalhões desta villa e da de Belmonte..... Delegacia de Canavieiras..... Illm. Sr. Dr. chefe de policia.....

—De quando é este *Diario*?

—E' de hoje 15 e o officio é datado do 4 do corrente setembro de 1865...

—Si não ha proposito feito e deliberado de mostrar-se que a lei presentemente é a vontade dos despotas, ou de quem governa; si a authoridade não

tem por timbre affrontar a opinião publica—a publicação desse officio é uma inepcia maior que a que presidiu a quem o redigiu.

—Com effeito!

Não é preciso o mais leve commento: quem tiver olhos de ver que veja.

—A companhia da limpeza é uma completa porqueira. Alli só ha limpeza no nome. Até no tractamento para com as pessoas ha porqueira, falta de polidez, de civilidade! O Sr. Costa Guimarães, todo enfatuado nos seus brasões de nobreza, todo fofo do posto que tem de tenente coronel sem patente, todo arrogante, todo cheio de si e de sua riqueza, nem sabe tractar, não tem a delicadeza precisa, ou para melhor dizer não desce a tractar com mulheres plebeas.....

O governo quando escreve as senhoras, da-lhe o titulo de donas; o Sr. Costa Guimarães, que é nobre e que quer distinguir a plebe da nobreza, não faz assim e extrahe os recibos de sua mamata, trocando e mutilando os nomes das senhoras, a fim de que a pessoa que lhe dá por mez 500 rs. para comer pareça uma sua creada, uma sua escrava que lhe paga dias de serviço.

Sr. Costa Guimarães, a civilidade nunca fez mal a ninguem; entretanto que a cousa mais grossa (como muitos gordos que ahi andam) que em toda a parte se encontra, a grosseria, é sempre, em toda a parte, por todos repudiada....

E adeus.

—Fallam tanto do Exm. Sr. Dr. director dos estudos; chamam-o vingativo e rancoroso e eu ao contrario tenho-o por um homem que não dá fé dos uivos dos invejosos e ingratos. A prova é que ha aqui nesta cidade um gallego arvorado em professor, o qual insulta-o diariamente, injuria-o em publico, por chafarizes, bibocas, tascas e tabernas, e nenhuma reprehensão, nenhuma pena tem soffrido.

E o patife é, além disso, um immoral de primeira ordem. Como tem no covil *instructivo* meninas tambem, agradou-se d'uma e quiz adiantar-se. A mocinha repelliu-o, mas á noite o sujeito faz de gato e quer arranhal-a, ao que oppõe-se ella com todas as forças. No dia seguinte, quer que a mulher castigue a discipula e como aquella nega-se a satisfazel-o, cahe sobre a infeliz que o atura um chuveiro de improperios e chingamentos que poem horrorisados a todos os que o ouvem.

—Que desaforo! que patife! que desavergonhado!

Muxingueiro, é tempo de besuntar de *barro* a cara desse cão.

—Capitão, não se pode com as immoralidades que de todos os lados surgem desta terra!

—Nada de declamações.

—Factos. Si V. Ex. quer dar-se ao trabalho de passar, a qualquer hora da noite, pelas Portas da Ribeira, é favor. V. Ex. ha de admirar-se de ouvir ditos atterradores e obscenos, de ver scenas horriveis, bebedeiras, desordens, um bello e agradavel batuque no beco do Grelo, umas tres tascas abertas, com especialidade a do Lameira, em que se agrupam soldados, marinheiros, mulheres et reliqua. Ha de ver passarem

rondantes e patrulhas, todos cegos e surdos!.....

—Oh! manes do major Soares! por que com vosso sipó não vindes de novo a policiar esta terra!...

Irá porém o muxingueiro em seu logar, afim de ver si ao som das tacadas despertam as authoridades.

—Por ora não; basta que gritemos, gritemos e tornemos a gritar. Depois o aspirante intender-se-ha com o subdelegado e em ultimo caso então o muxingueiro no porão dará lecções de moralidade, punindo delictos a que a authoridade não prestou attenção.

—Luzitano, vem cá!

—Prompto, capitão.

—Tira este tronco de charuto da boca! Como come fumo este porcalhão!

Que é que estás ahi a dizer?

—Dizia aqui a este meu amigo da firma R. A. que eu não levo gazetinhas em conta; que antes quero ser nellas insultado que elogiado.

—Que impudencia de cão!

Pois tu não tens sido constantemente accusado até por ladrão dos cofres publicos em gazetas dessas que se chama imprensa graúda?

E quem é que vae elogiar-te?

O elogio só tem valor quando reflecte a verdade, e a verdade unica que de ti dizer-se pode é o seguinte:

E's um mau cidadão; trahiste tua patria, quando ella precisava do soccorro de seus filhos, quando ella queria sacudir o jugo da metropole; és por isso conhecido por luzitano.

E's mau pae de familia.....

.....

E's um criminoso, um homem mau, um empregado prevaricador, um ☞ LADRÃO.

Eis aqui o teu elogio.

Estás satisfeito? é por meio de uma gazetinha que se te diz estas verdades; estás satisfeito com o elogio?

—Alto lá, Sr.!

—Pensas que tua patente de *major* te dá direito de me articulares mais palavra, *luzitano*?!

Muxingueiro, vae ter com o *Guimarães* e o que elle te ordenar, executa immediatamente com esse patife.

A PEDIDO

Sr. Redactor do *Alabama*.—Lendo o *Alabama* de 14 do presente, nelle deparei com um artigo respectivamente a nomeação do subdelegado da Penha, em substituição ao Sr. Francisco Luiz Ferreira, e como trata de meu humilde nome, e alguem queira attribuir-me esse escripto, para intrigar-me com as authoridades respectivas, as quaes apoio sinceramente, peço-lhe por amor á verdade, e obsequio a mim, haja declarar si eu tive parte alguma nesse escripto, com o que muito obrigará ao seu affectuoso, e constante leitor.—*Hermenegildo*.

—

O Sr. capitão Hermenegildo Pereira de Almeida nenhuma parte teve no artigo alludido; o que affiançamos debaixo de palavra de honra. *A Redacção*.

MOTTE.

Lavado em jorros de sangue
O auri-verde pendão,
Ou do Brazil é mortalha
Ou tremula em Assumpção.

GLOSA.

Ao vil despreso votado
Brame em furor o Lopez,
Do stulto orgulho, a altivez
O torna assaz desvairado;
Ergue a hiante fauce irado,
E tendo a seus pés exangue,
Um povo escravo, que langue
Sob o jugo da oppressão,
Tem no peito um coração,
Lavado em jorros de sangue.

Esse monstro detestavel,
Oppressor dos Paraguayos,
Que de colera despe raios
Contra esse sólo adoravel;
Pela sêde insaciavel
D'oiro e poder,—á traição
Opprimir-nos tenta em vão;
Porque os filhos de Tupa
Hão de alçar no Humaytá,
O auri-verde pendão.

Invadido qual outr'ora
Pelos barbaros Germanos,
Godos, Suevos, Alanos
O Romano imperio fora;
Assim o Brazil agora
Se vê por servil gentalha,
Mas quando a nossa metralha
Ribombar canhões de Marte,
Triumpha o nosso estandarte,
Ou do Brazil é mortalha.

Ao que traidor accommette,
Inermes provoações,
Creanças, virgens, anciões,
Qual ao selvagem compete
A esse o Brazil promette
Esmagar sem compaixão,
Por seus brios seu brazão,
Sua divisa altaneira,
Ou deixa de ser bandeira,
Ou tremula em Assumpção.

—Minha senhora, pois o caxorro comeu 50$ reis em tão poucos dias?

—Comeu, comeu sim senhor! Si o quizer levar, ha de pagar o meu dinheiro.

—E' com effeito boa maneira de ter cães de raça; pagarei, senhora, os cincoenta mil reis, mas não ja, visto que me falta dinheiro na occasião.

—Pois passe um papel.

—Passarei.

(Deu-se este facto, ha tempo, e a mulher que deu 50$ rs. de comida a um caxorro sem interesse, mandou citar o dono do cão e pespegou-lhe nas costas com uma despeza de cento e tantos mil reis.)

—E quem é essa mulher?

—Ignoro; é provavelmente alguma mamãe de caxorros.

—E' casada, donzella ou viuva?

—Dizem que é *viuva* e é conhecida por andar sempre com uma cousa na boca; quando nada, traz um pau de *tamarindo*, com que se diverte.

—E onde mora?

—Tambem não sei; a gente da *Lapinha* diz que a mulher tem cara de morar no curral, o que não duvido pela affeição que ella consagra aos caxorros que todos moram juntos.

—Só ha um meio para evitar questões com essa mulher; quem perder caxorros annuncie que ninguem lhe dê comida.

—E o que é certo é que ha muita cadella com forma de gente!

—Que diabo é isto aqui na roça do Sr. Manuel Alves da Costa?

—E' incendio na cerca.

—E de quem é a roça visinha por onde parece ter sido lançado o incendio?

—E' do Sr. engenheiro Pessoa de Barros.

—E quem foi o author da *graça*.

—Um cabriola que alli estava disse que ignorava; e uma preta disse depois que foram uns meninos vadios que alli entraram.

—E' singular a coincidencia. Os visinhos não estão em boas relações, apparece incendiada a cerca de um, e são os meninos que entram e incendiam, que sahem e sem crime, sem correcção, sem castigo!

Ora pelo amor de Deus! vão cassuar com quem traz um—T—na testa!

—Não ha nada como viver-se em paz com a visinhança!

—E' por isto que diz certo sujeito que não quer malquerença para o presente nem rancor para o futuro.

Um artigo que sahiu no *Alabamo* tractando d'um Archimino não se refere a um musico do batalhão 110 que tem tal nome, porém a um cabo ou guarda do mesmo batalhão.

Archimino Francisco dos Santos.

ANNUNCIOS.

Uma pessoa que deseja ir ao Rio de Janeiro offerece-se para criada, servindo gratuitamente até pagar a passagem. Lava, engomma e cosinha. Para tratar defronte do palacio do arcebispo. n° 4.

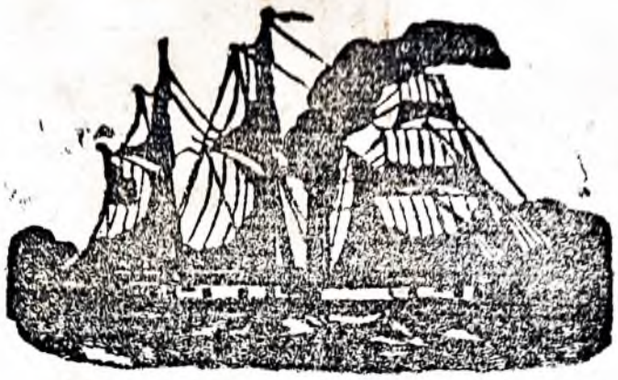
Pede-se a um certo Dr. que pague ao Alcamim cinco mil reis de telha que comprou ao feitor do Carvalho, pois ja não tem conta as vezes que tem ido o homem á sua caza na Solidão.

Do contrario vae-se ter com o capitão do *Alabama* para ajustar as contas.

Hotel Brazil.

(NO BOMFIM.)

Este grande estabelecimento acha-se todos os dias aberto com ricos quartos mobiliados, para hospedes, por preços razoaveis, e tem todos os dias comidas, e nas sextas feiras e dias santos haverá almoço a 1$ rs. e jantar a 2$ rs. em meza redonda.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 27.ª BAHIA 19 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 265

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., á rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Com este numero principia a 27.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de setembro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe que faça com que o Sr. Dr. inspector de saude se dirija á Illma. camara municipal para que esta se digne mandar remover um enorme monturo que, com ordem della sem duvida, está criando a companhia da limpeza, em um quintal á Calçada do Bomfim, defronte do collegio Athenêu. Tal providencia si for por V. Ex. dada, além do beneficio feito á salubridade publica, ha um beneficio e grande, feito á dita empreza, qual o de não poder-se tomar o exemplo e deixarem todos de pagar as mensalidades, queimando-se o cisco ao quintal.

Espera-se pois ser attendido de S. Ex., e principalmente porque é preciso um exemplo, visto que ha quasi tres mezes passados e o contracto e o regulamento não tem sido cumpridos nos seus pontos principaes, nas bases que deram causa a sua existencia.

—Ao Sr. Dr. delegado, pedindo-lhe providencias em ordem a ser preso um celebre preto de nome Pae d'Eguas, o qual não tem consideração para com familia alguma, insultando a todos e escandalisando terrivelmente ao publico, e continúa comtudo a transitar por esta cidade, sem que alguem tenha dado o menor cavaco.

—Ao mesmo, em egual sentido para com uma celebre Santinha que não sae da praça de Palacio, assim como para com uma certa Rosa Moleta, as quaes ambas não fazem mais do que depor contra os costumes desta terra.

—Ao mesmo, para que mande trancafiar na cadeia um tal intitulado Sua Majestade, que anda pelas repartições publicas, pelo theatro, pelos estabelecimentos particulares, por todas as cazas de negocio, pelas ruas emfim a incommodar os empregados, os donos e a todos os transeuntes, a quem desabridamente insulta, quando lhe não dão dinheiro para caxaça.

—Embarcaram-se o 1º e o 2º batalhão de contingentes da guarda nacional.

—Estava luzido e concorrido o prestito. Compareceram as authoridades militares e innumeras pessoas.

—E o Sr. Dr. chefe de policia tambem.

—Por fallar em policia, *offereceram-se* para a guarda nacional 34 praças de policia.

—Tem havido muitos desses *voluntarios*; mas agora nossa conversa é outra.

Não houve poesias, porque o commandante da brigada, o Sr. Dr. Evaristo deu com uma espera de cinco dedos aos poetas, que os massou.

—E assim foi bom; esteve tudo muito regular e o embarque effectuou-se cedo.

—Dirija Deus os passos dos valentes filhos da Bahia!

—Que em breve voltem coroados de louros!

—Chegaram quarenta e tantos voluntarios da ilha Itaparica.

—Bonita gente!

Foram acompanhados por uma banda de musica e, depois de virem á Praça, dirigiram-se ao Barbalho, creio, a reunir-se ao corpo que se está alli organisando.

—Capitão, um pedacinho da *Constituição*, dirigido depois de muitos elogios, ao Exm. Sr. presidente, ligueiro, liberal, liberalissimo, membro do directorio etc, etc ...

—Vamos com esta batata.

—« Não se pede ao governo reacção .....

—E com que direito? em nome de que partido? ao adversario? ao correligionario?

—«.... que nem o tempo a comporta, nem se *exigem*, como não cansaremos em dizel-o, nomeações para votos »

—Eu não sei; talvez o homem tenha razões, tenha intimidade com S. Ex., ou quando nada *direito* para esperar alguma bondade de um coração generoso como é o do Exm. Sr. deputado Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas.

—Mas isso depois de elogiar o presidente por nomear subdelegados a conservadores que desse cargo ja foram demittidos!

—Cale-se!

—Leu o *Diario* de 17?

—Li.

—Traz uma resposta á *Constituição* e ao correspondente do *Jornal do Commercio* sobre negocios do 4º batalhão.

—E' uma declaração solemne dos officiaes do dito batalhão em favor de seu commandante, nas ditas folhas injustamente accusado.

—O *Jornal* deu noticia de que o *Progresso* noticiara a apresentação de uma zuava; entretanto ninguem a viu.

—Foi uma pilheria de mau gpsto do Sr alferes Hygino; mandou á Cachoeira um sargento buscar a *Maria Meia Noite*, sua conhecida antiga, mandou-lhe um fardamento á zuavo, com o qual veio no vapor; aqui quiz elle impingir a broca; mas como atrapalharam-no deixou a bucha que ahi esta com veras saudades daquelle ingrato Adão que esqueceu-se da sua querida costella.

—E desprestigia-se assim a farda dos defensores da nação!

—Quem for encarregado que tome nota e, si quizer, que dê as providencias.

—De que trata?

—Da bomba do arsenal de guerra.

—Era a melhor, e a que mais serviços fazia quando trabalhada pelos soldados artifices.

—Pois, meu amigo, eu o vi: no incendio ultimo, nada fez a não ser molhar o publico; era um escandalo vel-a deitar agua! inteiramente cheia de buracos similhava um borrifador de horta, ou um mijão de presepio a espantar e a constipar o publico.

Deve por tanto ser, pelo menos, remendada a bomba, afim de que os donos das cazas, alem de pagarem bombas, não levem bombas.

—Que chaveco é aquelle que alli vem?

—E' o pirata *Baptista de S. Leão.*

—E sulcando as aguas de Latronopolis! Sabendo que se acha o *Alabama* no porto! Deve ser bem ousado o capitão!

—E' maluco, meu capitão, porém desses do quem se diz que todo tollo é malcreado; é um insolente de primeira ordem, é, como sabe, um pirata e tem roubado claramente e impunemente a honra do paiz, cujas aguas toleram seu podre vaso, cujas auras dão vida áquelle mostrengo.

—E que diabo tem o barquinho na proa?

—A' similhança da proa do capitão que a tem grande e larga e que está toda frunchada pelas bexigas que erraram em não mandar para o inferno esse gallego, a proa do navio está escangalhada, desde que encalhou uma vez nos recifes d'Agua de Meninos. E foi uma entaladella dos diabos!

O Bethbzé e o Andrade mandaram sahirem os soldados para soccorrer o vaso do homem e por mais cousas que estes mettessem, por mais escoras que applicassem, nada conseguiram sinão ficar o vaso com a proa deteriorada.

—Assim como me dizem que ficou o capitão com a cara por duas boas bofetadas que lhe deram na cidade baixa, quando insultava os brazileiros e elogiava o Paraguay.

Não attacal-o-hemos por tanto pela proa, havemos de ir-lhe á popa.

—E pela popa, capitão, é que o pirata tem feito alguma cousa; a principio dava a popa aos outros....

—E ainda dá; consta-me que trafica ou contrabandea em escravos e os mette todos na sua popa.

—...depois attacava os outros pela popa; assim fez com o saveiro *Gamelleira*, a quem perdeu.

—Pirata de saveiro!

—E das algibeiras de muitos, capitão; que o diga um homem que lhe serviu de amo e a quem fugiram uma porção de moedas de ouro e prata.

—Toca a manobrar em direcção áquelle escarneo dos navegantes!

(Continúa.)

VARIEDADE.

Na creação ha dez cousas, cada uma dellas mais fortes do que as outras:

As montanhas;
O ferro que as corta;
O fogo que funde o ferro;
A agua que extingue o fogo;
As nuvens que absorvem a agua;
O vento que dissipa as nuvens;
O homem que arrosta o vento;
A embriaguez que atordoa o homem;
O somno que dissipa a embriaguez;
O pezar que obsta ao somno.

Os christãos podem accrescentar:

A sperança em Deus que obvia os pezares.

Ha alguns annos vivia na cidade de Limoges um medico celebre, que uns achavam um excellente esculapio, outros simplesmente um original. Era partidario do methodo hydrotherapico, que quasi sempre empregava, ainda que não de maneira exclusiva.

Uma manhan foi chamado a uma casa, onde uma senhora soffria de uma nevralgia na face. O doutor examina-a por alguns instantes, e depois applica-lhe na face doente um alentado socco que lhe causou a ella uma forte hemorrhagia. O doutor abre a porta sem pronunciar siquer palavra, sobe a' carruagem e parte. O marido da senhora inferma, furioso, corre atraz delle, e consegue apanhal-o em Limoges.

—O que é que o senhor me quer? pergunta-lhe o doutor; não me chamou para curar sua esposa?

—Sem duvida, mas....

—Mas... sua mulher está curada, volte para casa e verá. Si eu a tivesse prevenido que lhe ia dar um socco, nem ella nem o senhor consentiria em similhante cousa. Ja vê que tive razão. Boas noites.

E voltou-lhes as costas. Effectivamente a doente estava curada graças á emissão do sangue.

A PEDIDO

—Capitão, não conhece o rei dos moleques?

—Não, Sr.

—Pois não conhece o Sallustiano que serviu de Maria-madeira no dia de Reis?

—Não.

—Um que foi recrutado por um guarda que ja foi escravo de seu tio Janjam e que veiu de S. Thomé?

—Não; nem quero saber.

—Pois V. Ex. não sabe o que perdeo. E' um meninorio que transformou-se em rato e roeu o cofre do Senhor das

Bonanças, roendo tambem 10$ rs. que encontrou.

—E deu-se a tão grande trabalho por tão pouco?

—Por menores quantias tem elle feito vergonheiras; recebe por exemplo 5$ rs. de esportula e entrega 2$ o 3$ rs. e ás vezes nada; encarrega-se de encommendas, toma dinheiro, não o restitue nem as apresenta; si faz compras, accrescenta os preços e só assim é que tem alguns vintens.

—Bagatella!

—Subtrahiu uns cordões de ouro a uma pobre filha de Jerusalem; deram-lhe dinheiro para comprar umas contas de ouro e elle apresentou contas de aço galvanisadas; deve a todos os caixeiros de venda e a algumas lojas.

—E' cousa que muita gente boa faz.

—Fez uma divida no beco no Jilú, e quando o credor o encontrou, pediu-lhe o dinheiro: «Si tem troco para 50$ rs , pago-lhe ja.—Pois V. só tem 50$ rs.?—Só.—Pois vamos andando até achar troco.» Foi esta a conversa que tiveram e nunca acharam troco nem appareceu a cedula.

E o pago que elle deu ao pobre caloteado foi denuncial-o para elle ser recrutado!

—Que ingrato!

—Safado, que outra cousa se não pode dizer.

Bandalho por não guardar amisades e não respeitar considerações.

Malandro porque todos o sabem, todos o veem, todos o dizem.

Covarde porque não sustenta o que diz com sua ferina lingua que ha muito não deveria ter.

Anda com cangalhas, podendo alguem aproveital-o para montaria.

E' muito provavel que breve dê um couce no tio Manezinho.

—Com pouca excepção, todas essas historias suas são cousinhas.

—Pois elle não é nenhum peco! Deu tão boas contas no escriptorio em que esteve que o amo quiz processal-o, pelo que foi remettido pelos parentes para Lisboa.

E voltou o diabo para aqui a continuar a atormentar a gente que ja dava graças a Deus por ver-se livre da peste.

Foi depois para Valença e la não durou na fabrica porque aquillo só ha de parar no inferno.

E foi preso para o exercito e achou quem o soltasse! E teve informação a seu favor!

—Deixe-me, Sr., vá-se!

—Eu breve volto, capitão, e então conto-lhe o resto; affianço-lhe que são cousinhas boas.

Ao publico.

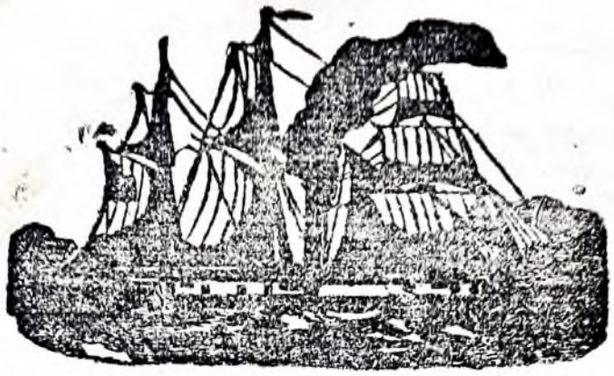
Não satisfeito ainda o Sr. Francisco de Amorim Falcão de ter atropellado durante a vida do fallecido Dr. João Gonsalves dos Santos o direito deste, continúa a atropellar o direito dos filhos, pois que tendo estes offerecido artigos de habilitação nos autos de inventario do padre Alexandre, nenhum outro dos interessados no casal se oppusera, a excepção do Amorim, que juntou procuração e pediu vista, como sempre pratica, não para negar os artigos, porque o mesmo não pode negar a luz ao meio dia, mas sim para procrastinar como é proposito. Tendo-se vencido o termo de vista o advogado do mesmo, o Sr. Dr. Emilio Tavares ainda não mandou os autos para o cartorio, podendo sobrevir dahi algum incidente e a habilitação prolongar-se, que é o que aspiram. Porem os herdeiros conscios da rectidão, justiça e imparcialidade, que presidem aos actos do juiz a quo, esperam breve pela solução de uma das maiores tratantadas que tem a Bahia, até em prejuizo do fisco.

ANNUNCIOS.

Vende-se um bonito carneiro para sella, manso, muito grande, e novo; tracta-se na casa nº 3 atraz da Cadeia.

A pessoa que perdeu uma bengala com as iniciaes F. J. C. e de outro lado um—L—queira vir recebel-a nesta typographia; pagando a despeza do annuncio.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES & C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 27.ª BAHIA 21 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 264

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de setembro de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado para que mande dar *conveniente destino* a um sujeito que anda, pela cidade baixa, a tirar esmollas, *com licença*, para N. S. da Conceição; ignorando-se porém de que irmandade ou devoção é elle esmoler, visto que as conhecidas lhe não deram tal ordem nem lhe encommendaram sermão algum. Espera-se de S. S. providencias em ordem a que esse sabido não queira fazer dos outros tollos.

—Ao Illm. Sr. administrador do correio, pedindo-lhe que na caza que se está preparando para nella funcionar essa repartição, se sirva mandar collocar uns bancos para darem assento ás pessoas que alli vão ter, as quaes são obrigadas a esperar tres, quatro, cinco e mais horas, á chegada dos paquetes.

Não sendo desarrasoado o pedido, espera-se vel-o tomado na devida consideração.

—Capitão, prova de que os voluntarios são recrutados.

—Ja vem Vm. com historias!

—Oh! leia V. Ex.!

—« Maria Joanna do Sacramento, pedindo um praso para provar o dominio que tem sobre seu escravo José de Mattos, que se acha com praça n'uma das companhias de zuavos.....»

Mas olhe que o escravo pode ter ido offerecer-se.

—V. Ex. queira ler para diante, veja o despacho do presidente e depois falle.

—« Remettido ao commando das armas para informar e conservar em deposito até 2.ª ordem o RECRUTADO, em vista da allegação da supplicante, que deverá provar.

—Então é ponta ou cabeça?

—E'... é. . é uma cousa que não tem qualificação possivel; é mais que desplante, é doudice.

—Capitão, não sei si ouviu fallar ou leu que o conde d'Eu dispensou no Rio Grande um rapaz de 16 annos que se offerecera como voluntario?

—Li.

—Sabe a razão?

—Menor edade.

—Pois veja como na Bahia se observa as leis:

«Maria Febronia, pedindo ser posto em liberdade o crioulo menor de 18 an-

nos, de nome Izidoro.—Não tem logar.

—Realmente não comprehendo! Ha dias S. Ex. mandou entregar ao Sr. Florencio da Silva Oliveira um seu pupillo de menor edade.

—São cousas, capitão; é que a lei é interpretada conforme a pessoa que allega seus artigos.

—«Joanna Francisca de Menezes, pedindo a soltura de seu marido Manuel Nunes Gomes San Thiago—Não tem logar!....

—Esta historia é comprida; havemos de contal-a.

—Para terem conveniente destino foram presos:

Marcos Francisco de Souza, empregado no arsenal de guerra! Deodato Teixeira dos Santos, marceneiro; Lydio Cecilio Muricy, tecelão e Avelino Belarmino dos Santos, 14 *annos*, alfaiate..

—Para honra e gloria das glorias honrosas de alguem....

—Eis o que succede aos patriotas. O Exm. Sr. presidente queria fazer um acto heroico, uma acção meritoria e digna de applausos, como o foi, mas o Sr. Adães burlou-a em seus effeitos!

—Que diabo falla V?

—Pois não sabe que um *escravo* do Sr. Adães *assentou praça* no contingente da *guarda nacional*?

Não sabe que o senhor o reclamou com antecedencia e que o presidente o quiz libertar na occasião do embarque?

—Ouvi dizer, mas não pude crer que o presidente quizesse fazer um rasgo de patriotagem, deixando para aquella hora o offerecimento que deveria ter feito em occasião opportuna ao dono do escravo que o foi reclamar, si é que tinha S. Ex. desejos de libertar o crioulo.

—Pois foi assim e o Sr. Adães não obra com prudencia, insistindo em reclamar o escravo.

—E' duro na epocha que atravessamos, mas devemos queixar-nos dos nossos legisladores que não tractam ao menos de formar leis protectoras dos escravos, quando não queiram a extincção da escravatura. A lei dá direito ao dono do escravo, o qual allega e, com rasão, o mau exemplo.

—Ora vire folha; é cantiga que ja não entoa.

—Ao menos sei com certeza e affirmo que S. Ex. pensa da mesma maneira, até porque ja se dirigiu a alguem neste sentido.

—Por la se avenham; sua alma, sua palma.

—Capitão, sabe que o Pedro Uraga brigou com o Vasconcellos beiço comido?

—E porque?

—Eu lhe conto. Na caza do Seraphim apparecem ás vezes alguns membros do olho vivo.

Pois bem, no sabbado entrou no *bazar* uma mulher com 5$ rs. Vasconcellos quiz fazer *boa preza*, mas Pedro declara-se protector da infeliz, e simulando de homem de bem apodera-se dos cinco bicos; Vasconcellos beiço comido com grimaças e rompantes a entretem até que Pedro desapparece. A mulher não vendo Pedro volta-se e ja não vê Vasconcellos tambem, deita-se a correr pelo Terreiro e depois de procurar em roda do chafariz vae dar com ambos occultos atraz de umas das capoeiras ou cercas que alli ha.

Encaminha-se para os dous *lazaronis* ao tempo que Pedro Uuraga dizia: Não Sr....

Então, capitão, o *Beiço comido* agarrou-o pelo palitot e gritou: Está preso, ladrão, á ordem do Dr. chefe de policia. Pedro agarra tambem o collega e diz o mesmo, e a falta de uma patrulha, para recolher ambos, deu lugar á chegada de pessoas que envergonhando-os, os fizeram entregar os 5$ rs. á mulher que em verdade não esperava mais vel os.

—Em que se occupam esses homens?

—Ora capitão... Dous vagabundos, dous sem vergonha, dous reus de policia emfim, ambos cazados sem filhos, sem doença, sem officio, nunca foram guardas nacionaes ou de primeira li-

nha; vivem do que comem; comem do que furtam; furtam o que encontram; oh! é uma desgraça!

—Homem, não servem nem para *voluntarios*?.....

—A policia é quem sabe.

Capitão eu volto logo.

VARIEDADE.

Lord Rokeby foi um dia de carruagem para Greenwich. Quando regressava para Londres, o cocheiro completamente embriagado fez tombar a carruagem. O lord que tambem era devoto de Bacho, não teve animo para despedir aquelle meretissimo confrade, nem mesmo ralhou com elle. Mas dahi ha dias tendo de voltar a Greenwich, viu que se preparava para conduzil-o o mesmo cocheiro. Disse-lhe então:

—Ah! és tu. Pois ouve; outro dia regala-te-te à tua vontade, não me queixo; mas hoje é a minha vez. Por tanto eu hei de embebedar-me, e tu nem o proves. Sinão, rua.

O cocheiro adheriu a tão agradavel proposta, e à noite levou para casa o lord são e salvo.

A PEDIDO

—Vê o *quebra cadeiras*? além do muito que faz no quartel, anda agora mettido a protector, servindo de padrinho, elle um pagão dos diabos, um pobre judeu que não tem onde cahir morto.

E por cousa de sua protecção, de sua afilhadagem escandalosa, leva a massar no serviço os officiaes que lhe não chupam o caldo, ou antes os que lhe não dão caldo para chupar.

—Explique-se.

—Tem quatro amigos subalternos, os quaes nunca comparecem, a não serem avisados anteriormente por elles.

De sorte que os serviços extraordinarios, paradas, acompanhamentos, &. pesam exclusivamente sobre os outros.

—Bagatella! façam o serviço e reclamem depois.

—O estado do corpo *balaio* é lamentavel: o secretario alli sabe tanto do escripturação e do destino que levaram os livros como sei eu ou V. Ex. da primeira camisa que vestimos.

—Historias, historias! deixe-me que tenho que fazer.

—Pois eu volto e breve, capitão.

Ao cara encouraçada, fornecedor por excellencia.

O tal Malagrida, propugnador dos extravios do arsenal de guerra só faz o seu cavallo de batalha nos 200 pares de sapatos, cuja compra effectuada pela directoria esta afecta ao governo para definitivamente resolver, em vista das razões expostas pelo chefe; porem não falla elle em 2,000 mantas de lã que offereceu para comprar-se com menos 3 onças cada uma de pezo, comparativamente ás primeiras que vendeu, supplicando para convir nesse negocio, bem como uma grande porção de panos, no tempo do finado director Vasconcellos, o qual ficou, dentro de 3 mezes, côr de macaco e S. M. I. bem viu esse lindo fardamento, e que por taes vendas com vantagem de 35 e 40 por cento não o fizeram continuar fornecedor como desejava; porque se dava gatos por lebres.

Ha de ouvir mais cousas, até noticias da avó torta e bôcca negra, desde o tempo de soldado de policia, e então essa chronica servirá de padrão de gloria a sua nova prole aristocratica, a qual terá de saber o que nunca esperava.

O mais será categoricamente respondido por quem compete, não por outros alheios a taes negocios.

Desejaria muito que esse cavalheiro de industria com faro de cão galgo, e vista de lynce fizesse parte da distincta commissão de compras, porque só assim os cofres publicos ficariam repletos, ou então fosse ser o fornecedor geral do exercito do Sul, que certamente daria uma vantagem de cento por cento.

O Malacachias.

—Capitão, bem se disse que, por não ter sido o Sr. capitão Hermenegildo nomeado subdelegado, os seus adversarios e inimigos pequenos haviam de tirar disso motivo para o desacreditar e insultar: realisou-se a prophecia.

A gente do *doutor* desde que foi publicado o acto da nomeação do distincto cidadão o Sr. Samuel Augusto Marbak, largou barcos e rêdes, e não se occupa de outra cousa mais, que não seja propalar e fazer acreditar aos tollos e incautos que o Sr. Hermenegildo deixou de ser o nomeado por influencias daquelle seu chefe, e que por estes dias, tanto elle como todos os supplentes da subdelegacia hão de ser demittidos.

Consta que ultimamente, para chegarem ao fim desejado, e mais o perseguirem e atropellal-o fizeram apparecer uma celeberrima autoação procedida contra elle pelo *doutor* na qualidade de juiz de paz no dia 13 de junho deste anno, sob pretexto de haver interposto sua authoridade de subdelegado nos trabalhos da junta de qualificação da freguezia, e haver dirigido palavras offensivas ao membro da junta Francisco Maria Henriques, cunhado do juiz, asseverando muitas pessoas que esta autoação foi ob e subrepticiamente feita: a fim de que seja instaurado o competente processo pelo juizo de direito da primeira vara; constando tambem que o Sr. Hermenegildo fôra ja intimado no dia 7 do corrente para responder a essa accusação.

Que essa autoação é cavillosa, não ha a menor duvida, porque os trabalhos da junta se concluiram ás horas marcadas que é ao pôr do sol, e até a suspensão dos trabalhos desse dia, e nem mesmo depois, em quanto alli estiveram os mezarios e differentes cidadãos se procedeu a cousa alguma, a menos que não fossem trabalhos da qualificação e agora appareceu este auto, que ninguem sabe quando foi forjado, sendo por isso um acto criminosamente praticado, devendo por tanto serem punidos tanto o author como seus cumplices, os quaes consta estarem no dito auto designados como testemunhas.

—Ora, não se amofine por isso que nada valle. O Sr. Dr. juiz de direito da 1ª vara tem bastante discernimento e honradez para se não prestar a mancjos e vinganças taes, que so tem por fim desprestigiar a um funccionario publico, que nunca praticou actos indignos e vergonhooss.

—Dizem mais, capitão, que agora alli certas e determinadas pessoas não se occupam sinão em propalar mentiras. Que os emissarios (bonitos e feios) andam por todas as ruas, becos, tascas, tavernas e quintaes a perguntarem a todos que encontram, o seguinte: «V. sabe que o Hermenegildo está processado? Si não sabe, fique sabendo; assim como que muito breve está demittido.»

—Homem, descanse seu spirito: estas e outras patifarias não hão de concorrer nunca para o descredito desse cidadão que bem tem desempenhado seus deveres até hoje. Deixe correr o barco, que algum dia ha de naufragar apezar das bençãos do *celebre* capellão.

—Capitão, por falar em capellão, dizem que até um coroado, que não se sabe si é padre, se acha encarregado de espalhar essa noticia por toda parte.

—Quem será esse coroado?

—Não sei, capitão; quem me deu esta noticia disse-me ter ouvido dizer que o *Neca* o conhecia, como as palmas de suas mãos.

—Ca... ca... ca... ca... Então querem imitar os paraguayos, que, como se diz, são aconselhados pelos padres a morrer antes por Lopez, do que lançarsse nos braços de seus libertadores. Com effeito!!!.... Ca e la más fadas ha.

—Tinha mais a contar-lhe, capitão; porém ficará para occasião opportuna, e então verei si posso obter uma copia da tal autoação para V. Ex. ler e analisal-a, pois dizem que è uma moxinifada dos peccados. Adeus.

—Olhe que os taes freiristas tem que se lhe diga! O que valle è que o muxingueiro está ahi, e cada vez mais robusto.

Poesias do Monteiro.

SONETO.

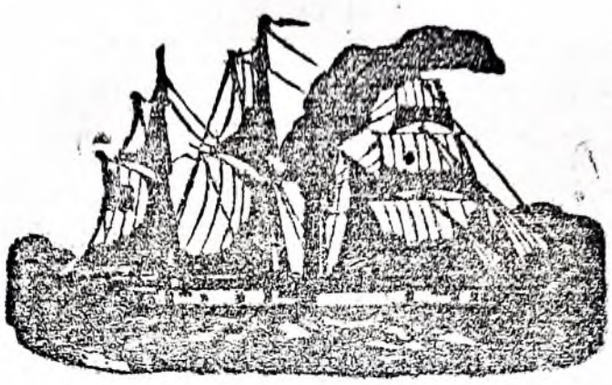
Um adeos a os meus amigos
Que a campanha vou ganhar
Que é para vencer os enimigos
E á minha Nação não si manchar

Eu tambem sou brasileiro
Ao meu pendão vou Salvar
Como Soldado mui guerreiro
Para os Campos vou marchar

Marcho com muita imtrepedez
Vou arrasar o Humayta
E ismagar ó Monstro Lopéz

A'os campos Soldados guerreiros
Para entramos em Assunção
Que é a gloria dos brasileiros.

Por—*Um homem duente da mão que*
não pode em arma pegar
Mas que vai cartuxo imbalar.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 27.ª BAHIA 23 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 263

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de setembro de 1865.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que, para obviar abusos inveterados, ordene aos donos de escravos que lhes dão licença de residirem fora de suas casas o seguinte:

1.º que passem a declaração por escripto; 2.º que a apresentem na secretaria de policia para ser rubricada e vista; 3.º que nella declarem o nome, qualidade, edade e offício do escravo; 4º que marquem o tempo da licença e designem o fim.

Taes providencias, julga-se, acabarão por extinguir a facilidade de arvorar-se qualquer em dono de escravo, na occasião em que a nação implora o soccorro de seus filhos.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado, pedindo-lhe que dê providencias para espalhar ou arrumar uma sucia de capadocios que se reunem á Estrada Nova, proximidade de S. Miguel, por baixo da casa do Sr. Castilho. Taes individuos alli representam no mais alto grau a immoralidade em todas as suas formas.

—Ao mesmo, para que mande aos açougues de S. Bento proceder da mesma maneira contra certos moços que fazem alarde de não respeitar a decencia e a moralidade publica.

—«Leopoldina Maria da Conceição, pedindo a soltura de seu filho *menor* João Dias de Castro, voluntario da patria.—Não ha que deferir.»

—Que quer dizer isto, rapaz?

—E' despacho do Sr. Dr. Dantas, Exm presidente desta provincia.

—E esse Sr. cumpre, ou deseja cumprir leis?

—E' provavel; ao menos é o primeiro encarregado de executal-as

—E pode-se ser voluntario sem ter-se a edade de 18 annos?

—Não lhe sei responder; o art. 1.º do decreto de 7 de janeiro diz que os corpos de voluntarios se comporão de maiores de 18 e menores de 50 annos.

—Bom; era só o que eu queria saber. Felizmente *muitos* actos de S. Ex. são publicados.

—Exm. Sr. presidente, um homem que serviu de sargento nos couraças e passou para um outro corpo, é incapaz de serviço. Ja foi ao Rio no 1.º batalhão de voluntarios e voltou inspeccionado.

E' impossivel que estoja aqui a comer soldo para voltar da corte, bigodeando as authoridades provinciaes.

Informam que o seu defeito é no braço; convém que seja quanto antes inspeccionado, a fim de que deixe esse novo meio de vida, que em verdade não lhe é nada mau.

—O Illm. Sr. tenente coronel Joaquim José Rodrigues Saldanha acaba de offerecer-se ao governo para tomar parte na campanha do Sul.

—Honra ao brioso e distincto bahiano, que, deixando os commodos de sua vida commercial, dá um exemplo digno de ser imitado!

—O *Pharol* acaba de dirigir-se a todos os homens da imprensa, pedindo-lhes que se cotisem para offerecer uma espada ao Sr. tenente da guarda nacional, João Capistrano Fernandes, administrador de uma typographia; o qual segue, como tenente dos couraças, a tomar parte na guerra do Sul.

—E' uma lembrança aproveitavel e louvavel; para tal fim acha-se, na typographia do Sr. França Guerra, por parte da redacção do *Pharol*, aberta uma subscripção.

—Que sujeito é aquelle?

—E' um doutor, que está preso n'um quartel, do qual sahe todas as noutes para passeiar e dormir na sua caza.

—Bello! São talvez milagres de S. *Odorico*.

Pobre Latronopolis!

—Capitão, uma pergunta innocente.

—Diga-se:

—Um rapazinho, que for castrado, não sendo bonito, e sim *feio* está isento do recrutamento?

—Parece que não, porque isso não o inhibe de trabalhar em todos os manejos *d'arma*.

—Bravo! o primeiro que encontrar está recrutado.

—Com isso faz V. um serviço não pequeno a seu paiz, tanto mais quanto, quando não preste para pegar na *arma* póde ser portador de embaixadas a qualquer *acampamento* sem deixar reccios.

—Sabes, perguntador, um facto de um aereometra?

—Não.

—E' este:

Vindo elle a bordo da curveta *Bertioga*, disse que era casado com uma Sra. bem prendada e *bonita*; pelo que podia ter elle *boas* pretenções para ter entrada no Paço!

—Logo o sujeito é protegido da belleza da mulher! valha-lhe *isso*!

Quem é esse burro?

—Não sei-lhe o nome; mas o *Domingos* diz que é um que ja foi official de marinha o é actualmente empregado de fazenda.

—Ah! é um que tem no quintal uma *fonte seca*!

—Bravo! advinhaste! Si eu fosse ministro visitava-lhe a dama.

—Amigo e devotado Padre Eterno, prenda querida do meu coração! Aqui estou ás suas ordens.

—Quem é o Sr.?

—Pois me não conhece! Conheço-o eu, meu pansudo d'um dardo! Realmente é muito bom viver á custa dos cofres publicos, trabalhando mal tres mezes para ganhar um anno! E então si se chupa o caldo da cosinha d'um presidente! Si se ganha ainda mais por *fazer limpeza*! é com effeito uma gordura de espantar! isto é, uma rasão para engordarem porcos!

E si quizer milho, si quizer farello, si quizer garapa, va á cavallaria que é boa mangedoura para patriotas de barriga como é V.

—Não me insulte, Sr.!

—E' um conselho, amigalhão. E não se queira fazer de rola comigo, porque V. bem sabe que o conheço. V. é um patifão de primeira classe; V. é um trahidor, um infame, um ordinario: depois de ter bajulado miseravelmente

o doutor da Penha; depois de ter lho servido de capacho sordido, impinou-se, fugiu, desertou tristemente para ganhar *victoria*.

E tem o desaforo de insultar a quem está muito superior a V.! E falla em gazetinhas! Gazetinhas so mettem medo a quem tem chronica, assim como o fogo mette medo a quem tem rabo de palha e comprido como o seu. Tome sentido!

—Capitão, deixe-me por Santo *Eloy*!

—Agradeça o não ser eu mais explicito áquella pessoa de cuja intimidade V. abusa para insultar os amigos.

—Capitão, perdoe-me, que de hoje em diante prometto ser *leal*.

—Viva!

—Capitão, conhece o escrivão que não é leirão?

—Muito.

—Pois um homem daquelles, que vive no tribunal a causar nauseas aos ouvintes, porque não sabe ler, porque gagueija por luxo, por costume, um homem daquelles, digo, não se atreveu a emendar umas rasões, uns autos, demorando o julgamento da causa! impedindo que o homem tenha breve solução de seu negocio!

E que emendas fez o bruto! onde estava—paroxismo—escreveu—parocismo—!...

—A vergonha não é do funccionario, é de quem nomeou para uma capital um sabão de alta cathegoria.

—Seria melhor dizer, que a culpa é de quem em vez de nomear a gente, nomeou a *pintos* porque andam de *barrete*.

VARIEDADE.

Leiam todas a seguinte legenda indiana, e aproveitem a lecção que nella se incerra:

Tendo ido desta para melhor vida um pobre indio, ficando assim livre de uma esposa cheia de maldades, foi bater á porta do deus Brahma.

—Ja estivestes no purgatorio? perguntou o numen.

—Não, mas fui casado.

—Neste caso entrae; é como si ja tivesseis estado no purgatorio.

Na mesma occasião chegava outro defunto, o qual submissamente pediu a Brahma que o deixasse tambem entrar.

—Devagar, devagar. Ja estivestes no purgatorio?

—Não, mas que importa? não acabaes de deixar entrar alguem que está no meu caso?

—E' verdade! mas esse foi casado.

—Casado, pois bem, eu que vos fallo, ja o fui duas vezes.

—Retirae-vos quanto antes, bradou Brahma: o paraizo não se fez para os tollos.

Conta Fernão Caballero que desejando um cura celebrar certa festa com solemnidade, e não havendo na aldeia cantor, nem orgão na egreja, perguntou o cura a um barbeiro, afamado em descantes e mestre de guitarra, si seria capaz de acompanhar a missa com o seu instrumento e com o seu canto.

O barbeiro fanfarrão declarou logo que não havia cousa mais facil.

Ao entoar o *Gloria* começou a cantar em tom de fandango:

—Ai que gloria, que gloria, que gloria! e não parava de gritar que gloria e de arranhar na guitarra, enthusiasmando-se com o bom effeito da voz e do instrumento debaixo das abobadas do côro.

Zangado o cura com aquella irreverencia, e querendo fazer calar o melomano, voltou-se para o côro e exclamou:

—Ai que besta, que besta, que besta!

Em certa terra apresentou-se ao administrador do conselho um rapaz que pretendia isentar-se do recrutamento.

—Que tens que allegar, Francisco? perguntou o funccionario.

—Senhor administrador, que sou tolo.

—Que és tolo? e que provas apresentas?

—A primeira é o meu casamento com uma prima do Sr. administrador.

—Isso não è prova; por muito honrado te devias dar. E demais a minha pobre prima ja morreu.

—E' verdade, mas fui tolo em casar,

—Oh homem, isso não é razão. No teu caso estão mais rapazes.

—Com perdão de Vm.; não ha ca na terra mais rapazes que tivessem casado segunda vez, e eu casei.

—Sabes que mais, vou me convencendo que és pateta e vou mandar-te para o regimento para te espertarem.

—Mas, Sr. administrador, olhe que meu pae dispõe de 10 votos.

—Isso é outro caso. Porque não o disseste logo?

—E' que sou tolo, Sr. administrador.

E o caso é que ficou livre do recrutamento, porque a epocha era de eleições liberrimas.

A PEDIDO

O abaixo assignado, lendo no periodico *Pharol*, n.° 35, de 21 do corrente, a lembrança de seu illustrado redactor o Sr. Bellarmino Barreto, para que lhe seja offerecida uma espada pelos seus collegas typographos, pelos donos de typographias, pelos redactores, por todos os homens da imprensa emfim—vem solemnemente agradecer ao mesmo Sr. a ideia que enunciou, e os elogios immerecidos que lhe prodigalisou, protestando desde já com fé em Deus, não polluir o sagrado penhor de honra que lhe offerecerem; assim como não deshonrar a classe a que tem a honra de pertencer.

Bahia 22 de setembro de 1865.

O typographo—*João Capistrano Fernandes*, tenente dos couraças.

—Conhece aquelle sujeito?

—Conheço e muito, é um vigario charidoso.

—Tem cara de santarrão. E a prova é que sendo recrutado o filho unico de uma viúva, foi esta ter com elle para dar-lhe um attestado; o meu reverendo amigo negou-se ao justo pedido da senhora, que precisava de documentos para ter em sua companhia seu filho que lhe servia de pae, de marido, de protector, de arrimo.

E depois, com a maior facilidade, deu um attestado a uma outra viúva que tem sete filhos, dizendo que só o recrutado era quem sustentava a senhora.

—E' que o sujeito tem ardente desejo de que seja nossa a *victoria*.

—Mas com uma parcialidade propria somente do *José Felix*. Si quer que o exercito engrosse, dê attestados verdadeiros, refiram-se elles seja lá a quem for; faça como faz o *Pereira de Araujo*.

—E' sem duvida o que deve fazer o padre-mestre; justiça que é synonimo da charidade, tão recommendada por Jesus Christo, de quem é ministro.

O homem do arsenal de guerra, que entrou pobre, e ha de sahir de la pobre, como diz, mandou declarar que nos havia de ferir na familia, na honra, na vida intima.

Pois bem—faça o que quizer, mas veja que tambem tem familia, e então será—olho por olho, dente por dente—depois não se queixe porque não lhe perdoaremos.

* * *

ANNUNCIOS.

Precisa-se de uma ama de cosinha na caza n.° 11 á Preguiça.

Na rua da Segunda Secção, casa do Dr. Murrinhos, ha para vender-se um burrinho com antolhos, duas cangalhas e duas mallas carregadas de livros.

Quem precisar de uma senhora capaz para tomar conta de meninos, dirija-se á esta typographia.

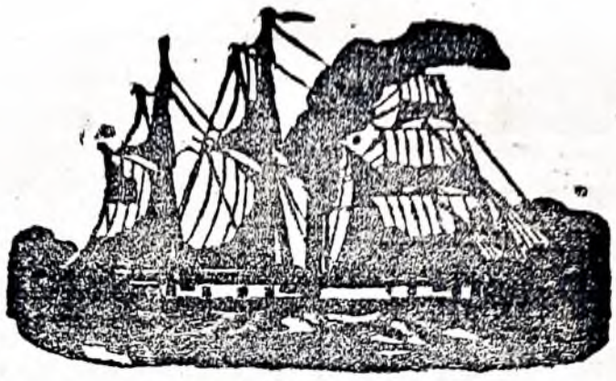
Na loja á rua Direita da Misericordia n.° 17 A, precisa-se de officiaes de sapateiro.

Vende-se um bonito carneiro para sella, manso, muito grande, e novo; tracta-se na casa n° 3 atraz da Cadeia.

LEITE PURO A 160 RS.

Defronte do Lyceu, sobrado n. 11, ás 6 horas da manhã.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES &C.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 27.ª BAHIA 26 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 266

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de setembro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande concertar um cano ou boca de lobo que ha no Cabeça, em que se faz diariamente despejo.

—A' mesma, ainda uma vez pedindo-lhe que lance suas protectoras vistas para um cano arrebentado que ha no largo do Boqueirão, o qual só não incommoda a quem tem olhos e não quer ver, a quem tem ouvidos e faz-se surdo, a quem tem ventas sem ter olfacto.

—A' mesma, pedindo-lhe humildemente o favor de mandar calçar, pelo menos, a rua do Julião até a rua Direita do Pilar, assim como o espaço de Roma aos Dendezeiros, que só servem para envergonhar os cidadãos que se lembram, indignados, de que vivem n'um paiz civilisado onde a desmoralisação e o deleixo são em geral as virtudes dos funccionarios incumbidos do bem publico.

—A' mesma, pedindo-lhe que mande dar direcção conveniente a um cano que ha na Cova da Onça, sae da caza das irmans de charidade, e corre pela rua empoçando-a e fazendo beneficios á saude do publico que se admira de como vão a cousas edis desta terra.

—Ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe que ordene á companhia do gaz que faça illuminar a estrada que do Barbalho vae ter á Quinta dos Lazaros, visto que tem ella disso obrigação, tanto que por alli depositou grande numero de tubos e columnas que se acham quasi interrados, servindo apena de caza a lagartixas.

Da energica administração de S. Ex. espera-se ver um exemplo que prove aos estrangeiros que nos vem bigodear, que aqui ha força bastante para fazer-se com que sejam respeitados os contractos publicos.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que a estrada da Quinta, fazenda Matança, tornou-se deposito de lixo, sem comtudo estar especificada no contracto de 5 de abril do corrente, o qual estabelece as bazes da limpeza publica.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio, pedindo-lhe que faça prohibir á noute os banhos que tem logar no Queimado, os quaes dão occasião a que innumeros capadocios vão para alli fazer gritarias e praticar immoralidades.

—Ao mesmo, para que faça prohibir

que os burros d'um Sr. Tupinambá vão ao Queimado prover-se d'agua, visto que tal concurrencia incommoda o publico que da mesma agua tem precisão e a vae buscar, e o mesmo Sr. Tupinambá tem obrigação de sustentar seus animaes em sua caza.

—A' companhia do gaz, para que mande collocar á ladeira da Mizericordia o combustor de n.° 643, que ha muito está de ferias.

Portaria ao fiscal de S. Pedro, ordenando-lhe que prohiba que nos talhos de S. Bento se venda carne podre até 5 horas da tarde; isso sob pena de se officiar a camara para proceder como melhor intender, visto que os cortadores respondem a quem lhes adverte o crime que não receiam o fiscal pois que lhes recebe elle um quantum para tal *licença*. Cumpra.

—Capitão, teve seu pagode, sua funcção muito bonita... Eu soube de tudo; muito foguete, muito viva, muito enthusiasmo, muito povo pelas ruas, muita luz; e a prova é que ainda o paço da camara municipal está preparado, la vi o gaz encanado.

E não era para menos; uma victoria não é para despresar se!

—Sim Sr., assim foi; apezar de um pouco militarisado, o festim popular foi brilhante, o enthusiasmo do povo subiu ao delirio.

Mas o que vê o Sr. na camara é outra cousa, é o resultado de uma ideia nobre, de um pensamento elevado. A Exma. Sra. baroneza do Rio Vermelho teve a feliz inspiração de fazer, com o concurso de outras senhoras, um concerto musical, para com o seu lucro (offerta dos convidados) serem brindados os guardas nacionaes expedicionarios. Lembrança tão aproveitavel realisou-se, sendo applaudida: o concurso foi immenso, todos mais ou menos coadjuvaram e a companhia do gaz que ja se tinha offerecido prestou-se: eis o que ha.

—Quem não sabe é como quem não vê; é o diabo ser-se tabareu, mas ainda assim aproveito a occasião para exaltar as qualidades virtuosas e applaudir por minha vez o sublime pensamento da Exma. Sra. baroneza, pela prolongação de cujos dias vou orar ao Altissimo.

—Capitão, é a epocha que acharam os doentes para darem desfructe ao publico; sem fallar n'um celebre sujeito do Amazonas, nem ainda no =doente da mão que quer cartuchos embalar, referir-me-hei somente a um outro doente que não pode marchar para o sul mas que tem vontade, diz elle.

—Ja sei a quem se refere; é a um *não sei quem* que no *Diario* se occupa do *Alabama*, censurando-o por ter fallado em voluntarios.

—Justamente; e querendo intrigar uma gazetinha de que não gosta *por certas rasões*, diz aos voluntarios que são elles atrozmente insultados, comparados a reus de policia.

—Sem reparar o *susceptivel* que a palavra —voluntarios— se não refere aos verdadeiros voluntarios; que por isso vem ella em grypho; que ella assim tem a significação de recrutas; que por tanto perdeu o especulador seu tempo e deve metter uma rolha na boca ou onde melhor lhe parecer, até porque pode melhorar de seus incommodos e marchar para a defeza da nação ultrajada.

—Capitão, não gaste sua cera com tão ruim defunto.

«Irmão, a outra porta e Deus o favoreça.»

VARIEDADE.

Vingança feminil.

Mad. D. tinha um gato suberbo, um gatarrão destes de pello avelludado e malhas graciosamente combinadas, que tem uns olhos que scintillam nas trevas como carbunculos e que quando se lhes passa a mão encrespa preguiçosamente o lombo, tomando a feição de um dromedario em miniatura.

O gato de Mad. D. tinha todas as bellezas imaginaveis, mas um defeito terrivel as deslustrava todas.

Miava, miava horrivelmente aquelle ga-

to em que Mad. D. empregava uma affeição louca.

A dona tudo lhe soffria, porèm não tinha a mesma resignação um visinho de Mad. D., que pelos modos não gostava da especie de estudos musicaes a que elle ás vezes se entregava com certo desespero, incommodando ainda os de ouvido menos sensivel.

O resultado disto foi uma deliberação desesperada e barbara.

O visinho de M. D. um dia não teve contemplações: pegou n'uma arma, carregou-a, escorvou-a, metteu-lhe o fulminante, fez todos os preparativos necessarios com um sangue frio incrivel, postou-se em sitio apropriado, lobrigou o seu inimigo, apontou e.... uma scena horrivel se passou então, como se diz nos romances de grandes effeitos.

A bala atravessara-lhe a cabeça.

Mad. D. estava ausente.

Quando voltou e deu com os olhos naquelle horroroso espectaculo cuidou de enlouquecer de paixão pelo bichinho.

Teve cinco ataques nervosos e chorou por espaço de tres semanas mais do que tinha chorado até então.

Um dia cobrou alento.

A reacção da vingança fez-se sentir e de uma maneira terrivel.

Mad. D. tratou de indagar quem fôra o barbaro que ceifara a existencia daquelle gato que ella tanto estremecia.

Soube-o e calou-se.

Duas semanas andou pelas casas da visinhança pedindo que lhe deixassem collocar uma porção de ratoeiras que comprara.

No fim desse tempo tinha uma formosissima collecção de ratos, em numero de quatrocentos.

Metteu toda aquella bicharada n'uma caixa e mandou-a levar á casa do visinho matador do gato, com recado de que era para a senhora.

Mad. C., esposa do visinho, julgando que a caixa continha objectos de moda, como inculcava, abriu-a.

Abril-a, e sahirem desta nova bocceta de Pandora todas aquellas damninhas creaturas, foi obra de um momento.

A pobre senhora soltou um grito de aterrada e desmaiou.

Acudiu o marido a indagar do facto.

Imagine-se que recepção teria.

Pouco faltou que os ratos não subissem por elle a morder-lhe o nariz, tão desesperados estavam.

Com a porta aberta, porém, derramaram-se pela casa e elle poude prestar a sua mulher os soccorros necessarios.

Quando ella restabelecida do susto e elle mais senhor seu, trataram de examinar aquella machina infernal de nova especie encontraram no fundo um bilhete com as seguintes palavras:

«Minha senhora.—Seu marido matou-me o gato; envio-lhe agora de presente os meus ratos.»

O caso ficou plenamente explicado.

Era uma vingança feminil.

A PEDIDO

—Capitão, lembra-se de ter visto um annuncio em que se dizia que um *desarmador* vindo da côrte, trazia muitas *novidades novas*, cenotaphias, bagatellas?

—Lembro-me.

—E a ser assim, não acha que elle deve apresentar *batata* em interro rico?

—Acho.

—E como hoje, 7º dia, e mesmo no dia do interro d'uma senhora rica elle nada fez de novo? Pois não valia a pena ao menos uma *espinheira* para ser vista pelos bahianos que ainda não foram ao Rio?

—Está talvez esperando para quando chegarem as fazendas que costuma mandar vir da Europa pelo seu correspondente *Souza*, parente do *Carvalho*.

—São mesmo cousas do corujão de S. Bento!

Attenção!

Consentirá o governo, por proposta ou pedido, em fazer alferes um quidam que foi recrutado a 24 de agosto e que teve do seu subdelegado a informação de que não tinha isenção, nem profissão conhecida e que tinha mau procedimento? um homem que como tal é conhecido por grandes e pequenos? o conhecido rei dos moleques?

Não é possivel: e si for, eu tambem quero pois que ja estou cançado de servir de

Ama secca.

Attenção!

A' requisição do Sr. Dr. administrador da descaração das senhoras casadas que se não dão a respeito e com licença do capitão do *Alabama*, vá o muxingueiro ao Maciel de Cima em ca-

sa de umas das taes senhoritas fazer-lhes ver que não podem continuar a dar, da janella, escandalosos espectaculos, quando morrer o marido de algumas dellas.

Outro sim intime a mulher do certo alveitar que em vez de curar mata, que se não dê a beneficio, mal vestida e ridicula, a rir-se, a bandeiras despregadas, em companhia das outras, como fez, quando sahiu o cadaver do infeliz moço que com ellas morava, e que alli viveu illudido até ser morto pelas torpezas de umas e infamias de outras.

No caso de reincidencia, serão seus nomes publicados para desagravo da moralidade e correcção das desinvoltas.

O almocreve de petas.

Sr. capitão.—Sou justiceiro, ao menss supponho; como consequencia, sou grato. Não posso por tanto deixar de fazer justiça e de tributar gratidão ao Sr. major Joaquim Balduino Ferreira por certo favor que me fez; não podendo porém por mim so mostrar o meu agradecimento, valho-me do publico e peço-lhe que me secunde no meu justo desejo. O Sr. major Joaquim Balduino Ferreira merece um logar na nossa assemblea provincial.

Porque classe, perguntarão.

E' difficil responder, ou antes é facillima a resposta que faz não receiar pela victoria do meu candidato.

Por todas as classes.

O Sr. major Joaquim Balduino tem feito todos os papeis. E' advogado, procurador, testemunha, testamenteiro, inventariante, avaliador, proprietario, caixeiro, lavrador, etc. etc.

Com taes predicados, com o apoio de tão differentes classes, applaudo-me ja do seu certo triumpho, e ufano apresento ao publico seu nome.

Um coração penhorado.

—O S. Joaquim que era festejado pelos devotos do mesmo nome, não o é mais?

—Faltas de dinheiro.

—Não diga isso, que ninguem lhe acredita.

—Pois creio que outra não é a causa, porque o procurador é zelloso em extremo.

—Mas isto dá que fallar.

—E que ha de elle fazer? Os maldizentes que continuem a calumnial-o; não dizem que elle não pagou a musica; que a Fr. Joaquim do Amparo se deu metade do sermão e que ao andador de Sant'Anna ainda deve, e quanta cousa querem inventar?

—Mas tudo isso é facil de desmentir-se: basta publicar as contas.

—Sem duvida; e fique certo que logo que elle possa arranjar os recibos dessas pessoas a quem pagou, ha de fazer....

—Porém...

—Va-se com tresentos milheiros de diabos, não me incommode, deixe cada um viver.

—Está bom, queira me perdoar.

—Capitão, aquelle que V. Ex. disse em 6 de maio que si fosse recrutado e gritasse por santo Antonio lhe tapassem a boca com uma raiz de oliveira—foi recrutado por ordem do Dr. chefe de policia. E a graça é que so gritou por S. Vallier que em nada o valeu.

Infelizmente porém creio que não vae para o sul por ter as pernas inchadas e fazer falta a alguem para

Mestre de cerimonias.

ANNUNCIOS.

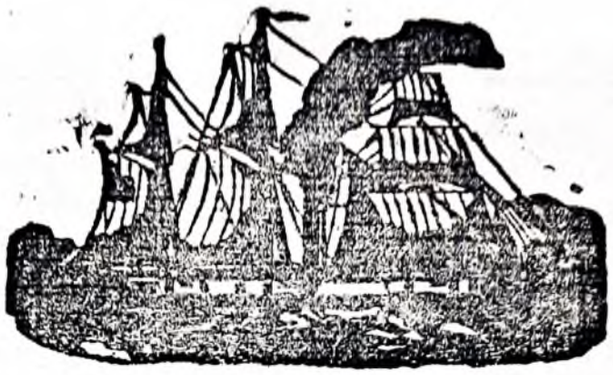
Precisa-se de uma ama de cosinha na caza n.° 11 á Preguiça.

Na rua da Segunda Secção, casa do Dr. Murrinhos, ha para vender-se um burrinho com antolhos, duas cangalhas e duas mallas carregadas de livros.

LEITE PURO A 160 RS.

Defronte do Lycêu, sobrado n. 11, ás 6 horas da manhã.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES EC.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 27.ª BAHIA 28 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 267

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, 4$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de setembro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que se digne mandar reparar a fonte do Queimado que se acha bastante deteriorada, assim como todos as mais desta cidade, ainda mesmo uma das duas, para cujo melhoramento o governo se offereceu a concorrer.

—Ao Exm. Sr Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que (em continuação á acertada e tão propalada providencia de ter prendido a dez moleques na Praça) se digne estender suas ordens ao Terreiro, á rua da Larangeira e ao Cruzeiro, onde ainda hontem os moleques fizeram um judas e atiraram sobre as pessoas que passavam os seus fragmentos incendiados.

—A' companhia da limpeza, dizendo-lhe que deve mandar limpar a ladeira da Cova da Onça que tem uma lagoa putrida, proveniente das aguas das irmans de charidade, em quanto a Illma. se não dá ao trabalho de melhorar aquillo.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Os habitadores do Taboão, reclamando contra a infracção do contracto da limpeza publica, cujos empregados varrem a rua ao meio dia, e emporcalham todas as lojas, especialmente as dos pintores que ficam com as imagens perdidas.—Remettido ao Sr. Dr. chefe de policia para providenciar, como for de justiça.

—O chefe de policia garantiu no seu edital que iam ser expedidas ordens para que fossem alliviados do recrutamento os lavradores, não é verdade?

—Sim, Sr.

—Pois pessoa fidedigna contou-nos o seguinte:

Havia no Inhambupe alguns rapazes que tinham suas plantações de milho, feijão, mandioca etc.; foram indigitados para recrutas e esconderam-se nos mattos da roça.

Procurou-se um meio para prendel-os, appareceu um que puzeram em pratica. Os inspectores fizeram de carneiros ou vaccas e puzeram um chocalho ao pescoço. Os rapazes occultos julgaram que era gado na roça a destruir a plantação e correram a enxotal-o; o *gado* foi-lhes então á mão e os trancafiou na cadeia!

Ha com effeito muita garantia para os lavradores; que diz?

—E' que o edital ainda não chegou

ao Inhambupe, o sertão é longo e os homens não voam.

—Grande Deus!

—A *limpeza* não anda pelo Pau da Bandeira?

—Creio que não, visto que alli ha de *tudo*; nem o capim, ou o retraço do cavallo em que S. Ex. monta é apanhado; alli está já uma soffrivel montanha de talos de capim e de bosta.

—E S. Ex consente que se deite na rua o cisco?

—Ora viva! Pois S. Ex. tambem ha de tractar de immundicie?

E seja permittido ou não deitar cisco á rua, logo que a *limpeza* o vê, deve levar comsigo a porcaria.

—Ah! sim!.....

—Capitão, permitte que no domingo o muxingueiro me acompanhe?

—Para que?

—E' só pela manhã.

—Para que?

—A's horas de missa.

—Mas para que?

—Para mandal-o metter a taca na cara d'um padre que de padre só tem as vestes; é um devasso, um satyro, um bode; é um *siri*, um graúça, uma aranhola; é um corujão ruivo, um abutre de pernas vermelhas.

—Mas que faz elle?

—Além do muito que faz na missa, arriba a loba, em ar de adoudado, até a cintura e parece então um relogio com seu par de pesos!

—E' realmente um desaforo.

E onde é isso?

—Ora!... é na egreja da gente das pernas vermelhas.

—Nem precisa esperar para o domingo.

Muxingueiro, acompanhe o Sr. e obedeça-lhe.

—A's ordens de V. Ex.

—Sabe, capitão, que *yoyô feio* tem de responder a um processo?

—Que crime tem?

—Dizem que está accusado por defloramento.

—Ora viva! Pois V. não sabe que o homem é capado!

—Ah! é verdade!

—Que diabo é isto no arsenal de marinha? Fizeram daquella janella gaiolla; provavelmente estará dentro algum lindo passarinho.

—Aquillo parece-me mais ratoeira. Sabe Deus que ratasana não habita aquelle seguro aposento.

—Agora lembro-me: aquella janella é a da pharmacia; teriam engaiolado o Sr. Barbosa?

—O que prenderam sem duvida foram os medicamentos que sendo volateis sahiam pela janella.

—Ah!...

—Capitão, que *diabo* é aquelle que alli vem?

—E' o cobrinha verde da freguezia de Santo Antonio, para a qual veiu arribado e da qual é inspector de quarteirão.

—Sabe-lhe os predicados?

—São terriveis: lingua viperina, calumniador, tratante, socio effectivo da companhia do olho vivo!...

—Como sabe disso?

—Ja foi á presença do Dr. chefe de policia por furto de um chapeu de sol e outras ladroeiras.

—Dizem que vae para o sul.

—Deus permitta; a Bahia e a repartição de que elle é rapina so assim se verão livres desse tratante.

—Dizem que vae como official.

—Ja ouvi, mas não creio; não é possivel que sendo commandante um caracter honesto e probidoso, moço de muita illustração, queira fazer uma tal nomeação, deixando vagos os logares de corneta, ou tambor e pifano.

—Tambem estou por isso.

O Henrique está bem satisfeito por se ver livre delle; da mesma forma o Rodrigues, cujas *limas* elle furta e o vendelhão que sempre lhe dava sa-l.

—O tratante, capitão, furtou tambem um curió do papa-gatos.

—Deixe-os lá, são dous tratantes, la se avenham!

Si pudesse Vm. pegar em ambos!...

VARIEDADE.

Um sonho.

Tive um dia um sonho horrivel como um pesadelo; sonhei que estava no inferno. Vi cousas tenebrosas!

O inferno não è illuminado a gaz, nem com vellas de spermacete; mas sim com o clarão das labaredas de fogo, que nascem de todas as partes.

Vi homens com fardas rotas e com a calva à mostra: eram os ministros politicos que tinham dado no outro mundo com a sua patria em pantana.

Vi outros que estavam vestidos de togas, que ardiam de todos os lados: eram os juizes que tinham vendido a justiça, quando foram vivos.

Vi outros cercados de ossos e caveiras: eram os medicos que tinham vivido matando a humanidade com o seu charlatanismo.

Vi outros que resavam gritando e que tinham as batinas esfarrapadas: eram os padres que tinham vivido embriagados nas graças das barregans dando mau exemplo, e tendo por devoção continua os nefandos prazeres das bachanaes, manchando a egreja no mundo de Christo.

Vi outros curvos como arcos de pipas, e que se abaixavam, apenas viam o diabo mais pequeno: eram os aduladores que tinham vivido quebrando as abas do chapeu, para fazerem cortezias.

Vi outros que, vendo fundir-se nas caldeiras moedas de ouro, procuravam tiral-as, assando-se todos: eram os usurarios que tinham vivido a adorar os vintens das algibeiras.

Vi outros carregando grandes pesos e medidas: eram os negociantes que tinham existido furtando o alheio.

Vi outros ardendo dentro das caldeiras de fogo, e não achando quem lhes desse soccorro: eram os egoistas do nosso mundo.

Vi outros juntando brazas em um canto e devorando-se: eram os que tinham sido monopolistas, quando tinham vida.

Vi outros de cabellos irriçados e a cara medonha tendo diante um papel, e um instrumento na boca dando sons que pareciam guinchos de burro: eram os musicos que tinham vivido ca no mundo a inquietarem as pessoas com espectaculos e *concertos*.

Vi outros cercados de demonios que os esbofeteavam a todo momento, e que riam, quando recebiam, seus insultos: eram os hypocritas da terra.

Vi outros espetados em uma porção de agulhas, e com a roupa toda em chamma: eram os alfaiates ladrões, que em sua vida não davam conta das fazendas dos freguezes. Entre elles havia um com a cabeça á especie de *peixe gallo*: era o chefe delles por ter sido o mais tratante de todos em vida.

Vi mulheres muito bonitas chorando e cantando ao mesmo tempo: eram as mulheres casadas que tinham vivido envergonhando os maridos por meio do escandalo e da prostituição.

Vi outras correndo abaixo e acima sem socego algum: eram as viuvas de capello roto que tinham deshonrado as cinzas de seus maridos quando vivas.

Vi outras que se estorciam n'um canto cheias de raiva: eram as moças namoradeiras que se tinham deixado de casar, e que maldiziam os pais quando as aconselhavam.

Vi... mas acordei, e ja era meio dia em ponto!

———

Uma folha do Porto refere o seguinte:

«Estou com fome e sem real! dizia o Sr. Simplicio Barata saccudindo os bolsos ao ar que lh'os ajoujava e no entanto, passa como axioma, que a necessidade apura a intelligencia humana, promove os grandes commettimentos e gera as mais engenhosas subtilezas.

«Simplicio fôra estudante de logica, mas não se lhe apegara a philosophia de ver com bons olhos os bolsos sem dinheiro, e o estomago amarfanhado por uma devorante monumental.

«O caso era serio, e Simplicio Barata pensou nelle com toda a seriedade. Primeiro scismou, depois viajou *au tour de sa chambre* e não vendo cousa que mandasse para o prego enfiou a porta, galgou as es-

cadas e apresentou-se no andar da rua. Dahi a pouco entrava Simplicio Barata com modos cortezes em casa de um doceiro e com elle estabelecia o seguinte dialogo em linguagem melliflua:

—«A como são os pasteis?

—«A vintem.

—«Dê-me doze.

Simplicio recebeu os pasteis, metteu a mão no bolso com ademanes de que vae pagar, ficou nesta posição meditabundo por alguns segundos e quebrou o silencio dizendo:

—«A como são os bolinholos?

—«A vintem.

—«Não tem duvida em me trocar estes doze pasteis por doze bolinholos?

—«Nenhuma; aqui os tem.

«Simplicio entregou os pasteis, recebeu os bolinholos que comeu socegadamente, e aprooú a porta como quem não tinha alli mais que fazer.

—«Então o Sr. retira-se sem me pagar os bolinholos?

—«Sem lh'os pagar? redarguiu Simplicio a um tempo risonho e serio. Pois como quer que lh'os pague si lhe dei por elles os doze pasteis?

—«Muito bem; nesse caso pague-me os pasteis.

—«Os pasteis! como pague-me os pasteis? pois eu não lh'os entreguei? Valha-o Deus! o Sr. parece-me estar perturbado.

—«Que m'os entregou não ha duvida, mas.... mas.... a verdade é que não recebi o dinheiro dos bolinholos.

—«Nem podia receber, porque o valor delles foi-lhe entregue nos doze pasteis.

—«Mas.... mas.... mas.... sabe que mais? O Sr. arranjou alli uma tal trapalhada dos diabos, que me dá volta aos miolos. Va com Deus e não me torne mais aqui.

—«Assim farei, mas levo a intima convicção de que Vmc. é uma pessoa, e que mais tarde ha de acclarar o erro em que labora, fazendo-me a justiça de me considerar um homem honrado.»

A PEDIDO

—.....

—E porque não funcciona a sociedade?

—Porque os mestres, logo que o Denti falleceu, ganharam terreno, adquiriram discipulas, e esqueceram-se do mais; foram ingratos para com quem os animou.

—E quem eram os mestres?

—Não os conheço, mas podem dizel-o os Thomés a quem sempre eu via por lá.

—E o piano?

—Oh! oh! este está guardado por causa das baratas e das traças.

—E que mais ha?

—Dizem que o cobrador ja prestou suas contas e o thesoureiro tem de fazer o mesmo; para esse fim o consul que é o presidente vae mandar convocar a assembléa geral.

—E o Barboza ainda é o thesoureiro?

—Não se conformando com as doutrinas do velho Simão, pediu exoneração. Quem funccionava era o homem da caixa que economisa os dinheiros nossos e vossos.

—Deu por tanto a sociedade ferias.

—E mesmo ja não ha grande numero de socios: o Santos quiz se fazer rogado, o Cardoso necessario, o Rochinha foi-se embora; o Pitanga que escreve, o Castilho que prima, o Genesio, Soares, Lino P., Bernardes, Gentil, Carnaùba, Reis e muitos outros que animam as reuniões, comparecendo com suas familias, estão desgostosos, assim como muitos amadores.

—E' porque os musicos não comparecem, occupados com a Philarmonica Bahiana.

—Mudemos de conversa; ha de ser isso.

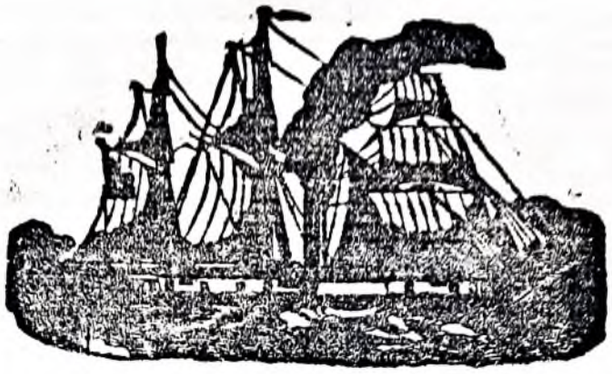
Attenção!

Será certo que os trabalhadores do curral não recebem, ha seis semanas, seus vencimentos? A ser verdade, qual a rasão da demora?

E' o que deseja-se saber de quem for o habilitado para responder.

Espera-se a resposta com brevidade, pois o caso é serio.

Um dos taes.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 27.ª BAHIA 30 DE SETEMBRO DE 1865. N.º 268

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de setembro de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande concertar a escadinha do beco do Motta, na qual ha um buraco, bastante fundo, bem que estreito, em que se pode metter o pé e ficar-se inhabilitado, pelo menos, de andar direito.

Espera-se da Illma. providencias.

—Capitão, as noticias do Sul não são de grande importancia.

—Mas diga sempre o que ha.

—O exercito alliado continuava a estreitar o sitio em Uruguayana, esperando que os paraguayos se rendessem obrigados pela necessidade.

Houve desejos da parte dos alliados de que os inimigos se rendessem e foram enviadas notas neste sentido.

A resposta, dada pelo general Estigarribia, foi que o soldado paraguayo não tinha ordem do seu governo para render-se e que sabia morrer com gloria ao lado de sua bandeira; que não podia tolerar os insultos feitos a seu governo, nem comprehender como os alliados só tinham por fim libertar o Paraguay, quando deixavam no Brazil milhões de negros escravos para sustentarem o ocio de centenas de figurões; que assim como Leonidas e os espartanos não se arreceiaram do grande numero dos inimigos, tambem os paraguayos haviam morrer, deixando saudades a seus patricios, por não haverem entregado ao inimigo a insignia sagrada da nação.

—Hespanholada só!

—Apezar porém desta *farromba*, Estigarribia pediu aos alliados que deixassem sahir as familias; o que é bom signal. O mesmo declarou a Iturburu, general paraguayo que combate Lopez e que foi ter com elle, que no seu exercito havia *varias opiniões* a respeito da maneira por que deviam proceder.

—E que ha do Rio?

—Dizem que teve baixa a voluntaria Jovita Alves Feitosa.

—E do Rio Grande?

—Foram despedidos do exercito e destituidos dos seus postos cinco valentes officiaes do 3.º de voluntarios que fugiram do combate....

—Não lhes diga os nomes por favor; para seu castigo eterno basta-lhes a consciencia do papel indigno que fizeram!

—Viram o Boletim official?

—Vi.

—E eu tambem.

—Não é com effeito noticia da guerra, e de muita importancia, a transcripção dos elogios feitos por um particular ao Exm. Sr. Dr. Dantas, presidente desta provincia?

—Eu só noto a falta de modestia de quem *officialmente* elogia a si proprio.

—Caluda!

—Morreu o Dimas sineiro da Misericordia.

—Era empregado alli ha 27 annos.

—A sua viuva está afflictissima.

—Com rasão. O marido não estava interrado e já ella era intimada para despejar o aposento em que moravam.

—Não diga isto, que não creio.

—Ao menos ouvi dizer que logo que elle falleceu o Sr. provedor a mandara chamar e lhe ordenara que despejasse a casa, sem demora, entregando o que la havia por inventario; que a pobre mulher chorando lhe disse que assim repentinamente não podia sahir por que não tinha para onde ir, e que teve em resposta que ja devia estar prevenida por que bem sabia que a molestia de seu marido era mortal, e que aquella casa era para o novo empregado que viesse substituil-o.

—Não faça esta injustiça ao Illm. Sr. Figueiredo Leite, coração bem fazejo e humanitario.

—Estou vendendo pela carregação, digo o que ouvi. Quanto a mim sou o primeiro a reconhecer os principios humanitarios do Sr. provedor.

—E a mulher sahiu?

—Dizem que depois de muitas rogativas teve 24 horas.

—Vão ver que tudo isso não passa de calumnia de invejosos. Si eu fosse o Sr. provedor mandava a mulher ficar na casa para desmentir esses maledicentes.

—Pode ser. Porém o que nunca levarei a bem é, que servindo aquelle homem ha tanto annos a um estabelecimento pio e de caridade fosse preciso para interrar-se promover-se uma subscripção.

—Porém a meza tambem deu.

—20$ reis!...

—E acha pouco?

—Ora pelo amor de Deus!

—Capitão, offereceu-se para marchar para o sul o cidadão João Antonio Pereira, que disse leccionar actualmente uma aula particular e ser alumno da antiga schola normal.

—Quem, Sr.?! Esse homem merece elogio porque se offerece; mas fique sabendo que nem é alumno da aula normal nem lecciona aula nenhuma pois que nenhuma habilitação possúe, e frequentou apenas tres mezes, si tanto, a aula normal. Não é possivel que o Sr. Dr. director dos estudos consinta n'um abuso.

—Que sabido! como se quiz inculcar o *professor*!

—Porque lamenta-se aquella preta á Baixa dos Sapateiros?

—Porque foi multada pelo fiscal.

—Porque?

—Por atirar agua á rua.

—Foi bem feito.

—Mas é que em vez de 4$ rs. que, disse elle, tinha de receber, recebeu 2$ rs. e passou recibo de 4$ rs.

—Neste caso o prejuiso é delle.

—E do *Joaquim* que dá-se com a preta e que foi pedir ao *Amancio* dous mil rs. emprestados.

—Bagatella!

VARIEDADE.

Certo ladrão negava no tribunal um roubo que commettera.

—Mas de que lhe serve negar? exclamou o juiz. Estão ahi dez testemunhas fidedignas e todas unanimes em dizer que o viram fazer o roubo.

—Dez testemunhas! Olhem que prova! Posso apresentar-lhe, não dez, mas dez mil testemunhas fidedignas e todas unanimes em dizer que não viram semelhante cousa.

Comprou certo caçador um cão e no fim de alguns dias fugiu-lhe o animal. Por mais que diligenciou encontral-o nada conseguiu

Encolerisado exclamava então:

«Si me não appareces, dou-te cabo da pelle.»

Conversava-se o seguinte nas cadeiras de um theatro:

—Que edade julga ter aquella senhora, que parece tão airosa?

—Não sei; parece moça.

—Moça não é.

—Então é velha?

—Tambem não. E' uma mulher entre as duas edades.

—Entre as duas edades? Que quer dizer isso?

—Significa uma mulher que vive entre a edade que tem e a que diz ter.

—A que hora parte o comboio das sete horas e quarenta e cinco minutos?

Esta pergunta era feita por uma elegante, vestida na ultima moda, a um empregado de certa estação do caminho de ferro.

—O trem das sete horas e quarenta e cinco minutos?

—Sim, senhor.

—Parte ás oito menos um quarto, minha senhora.

—Oh! meu Deus! clamou a dama; nunca mais andarei neste caminho. E' hoje a ultima vez. Não se pode aturar! Nunca parte o comboio á hora marcada nos annuncios!

A PEDIDO

—Capitão, faz-me um favor?

—Pois não!

—Qual a rasão porque não serve o guarda nacional, qualificado no quarteirão 19° da freguezia do Pilar, sob n° 163, conforme a certidão do commando superior? Si está elle no serviço activo e não na reserva? Será porque os outros guardas e os officiaes se não queiram hombrear com o Rei dos moleques? Será porque como tal é elle conhecido até pelo José Candido?

—Isto não é commigo; quem souber que lhe responda.

—Vae apparecer uma modinha muito bella, diz assim:

«De certo não esperava
«O cruel Lopez rixoso
«Os abraços do Amazonas
«As boquinhas do Barroso.

«Viva o nosso conde d'Eu
«Da nossa futura espozo,
«Que vae repetir no Sul
«As boquinhas do Barroso.

—Ah! é poesia de um distincto veterano da Independencia, o Sr. Jacome Dorea.

—Mas a belleza não está so na poesia, está tambem no gosto da musica em que ella se canta.

—E' obra da Exma. filha do veterano da Independencia o estimavel professor Gentil, que quiz assim obsequiar o amigo de seu pae e author da poesia.

—Está redondamente enganado. A musica é composição do distincto padre mestre Ivo José Ferreira, author não so desta como de muitas outras que por ahi correm, intende?

—Pois meu amigo, eu ouvi dizer isso

—E eu sei o contrario, e lhe fallo assim porque intendo que a nossa patricia não quererá chamar seu o que é de outro, e que o padre Ivo não deve ser esbulhado de uma propriedade que lhe pertence.

—O que sei é que de qualquer dos dous a composição ha de agradar, por que tanto a Exma. Sra. Ibirapitanga como o padre Ivo na musica são cousa.

—Dizem que Tio Mãnezinho pediu ao coronel Domingos Americo para arranjar com o presidente um logar de alferes de policia para o Rei dos moleques.

—Sim, respondeu o homem, mas olhe que eu sei quem elle é; ha dias recebeu um dinheiro de uma pessoa de fora e metteu-o no peito.

Tão boa recommendação serviu para que, em vez de uma espada de official, tivesse o Rei dos moleques um sceptro de bambú.

Epigramma.

Quando vires um doutor
Com cara de jesuita,
Estouvado e ganhador
Que no jogo se exercita,
Foge delle in continenti;
O que perde no seu jogo
Quer tirar do seu docente.

Casal do padre Alexandre.

E' agora nosso proposito scientificar ao publico de toda e qualquer occurrencia, que se for dando na causa do padre Alexandre da Silva Menezes como ja demos de uma.

O Sr. Francisco de Amorim Falcão ou o seu advogado o Sr. Dr. Emilio Tavares de Oliveira, não mandou os autos para o cartorio no praso estabelecido por um termo, como ja declaramos; lançamos e submettemos este proceder ás penas que a lei commina; depois de lançados, mandaram *elles* os autos, mas almejando o incidente afim de procrastinarem, apresentaram.... o que? as seguintes rasões: *afinal direi*!

Depois de 10 dias de reflectido estudo! Mons parturiens, nascetur ridiculus mus!...

Mas que poderão elles dizer? que os habilitandos não são filhos do Dr. João Gonsalves dos Santos? que a escriptura publica de perfiliação não é verdadeira?

Esperemos; o que é certo, si forem capazes de infamias, é que nunca poderão provar que os habilitandos são filhos sem pae, encontrados dentro de uma boceta, achada na porta de certa fazenda.

Alguns herdeiros.

Olho por olho, dente por dente.

Quem tem rabo de palha não bota em quem não o tem; ouviu?

O Dr. Cabeça de carneiro mandou escrever no *Patriota* e na *Droga* doestos e injurias atrozes contra o subdelegado das Areias; além de tocar-lhe na familia, na vida intima, pol-o de mamarrote e attribuiu-lhe mil outros defeitos, que felizmente foram tidos por calumniosos como são.

Agora anda a dizer que taes infamias tinham por fim desacreditar o subdelegado para que de 1.º supplente que é não passasse a effectivo, o que conseguiu. Isto disse elle a um amigo que lhe extranhou o modo reprehensivel e as calumnias que urdia, a quem elle respondeu nestas palavras: Homem, quem não tem rabo bota-se-lhe; eu o que queria era indispol-o com as authoridades afim de não ser elle nomeado subdelegado em logar do F. que pediu demissão.

O que é uma gabolice, uma presumpção tola, porque a rasão que houve para não ser nomeada a pessoa em questão foi o não querer-se nomear chefes de partido n'uma quadra em que o governo tem por fim a moderação dos partidos e a união de todos os brazileiros.

Seja como for, já que quer palha, havemos dal-a; o codigo de Talião será nossa lei: olho por olho, dente por dente.

Havemos de contar ao charo Dr. bellas cousinhas; havemos de dizer-lhe quaes são as vaccas; havemos de fallar-lhe em certo moleque que veiu de fora para ser curado, que foi vendido e dado por morto; havemos de lembrar-lhe o thesoureiro de certa egreja que rouboulhe os rendimentos de quatro annos que sobem a mais de 60 contos; que deixou as cazas virem abaixo; que si fica mais um anno e o não deitam para fora a tombos, devorava até a prata; apresentaremos ao publico um mau pae de familia, e peior filho, e verá então si é bom deitar rabo de palha em quem o não tem, tendo o tal doutorete um tão comprido a que tocaremos fogo, de sorte que a prima, cuja fortuna tem elle comido a maior parte, pedirá, pelo amor de Deus e de santa Umbelina, que o não façam tambem arder; por fim faremos a resenha de seus irmãos e parentes, mamarrotes conhecidos e cahidos do cavallo e provaremos que é sua familia inteiramente falta de senso commum.

Está empenhado o duello, travou-se a luta; contra suas calumnias havemos de dizer-lhe terriveis verdades.

Maldição ao que disser: basta!

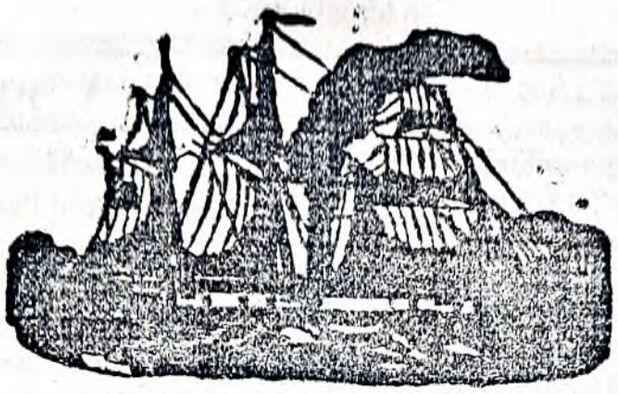
Tem ouvido, Sr. Dr. das vaccas?

Alguns amigos da victima.

ANNUNCIOS.

Desappareceu no dia 38 do corrente a preta Joanna, de nação gêge, levou vestida saia de chita roxa, camiza de esguião, panno de algodão trançado, lenço de cabeça de chita yaya de ouro. Quem a levar na ladeira na Praça n. receberá 100$ rs. de gratificação.

O
ALABAMA
1865
A
1867
H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 3 DE ABRIL DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 30

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de abril de 1866.

Falla

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Fazendu provincial,

Considerações sobre alguns ramos de receita.

O tabaco paga bem; mas como é objecto de luxo, pague outro tanto, e o publico que toma nas ventas bula mais com as algibeiras.

Isto é que é intender!

O imposto sobre baleia que se desmanchar dentro da decima urbana, nada rende; e de mais é odioso pois que ha so um estabelecimento neste genero; deve por tanto desapparecer do orçamento.

E' assim que se faz justiça. Em quanto Meuron deve pagar o duplo, porque é extrangeiro, Abreu nada pague por que é *potencia*, da Penha.

Hoje a cousa é assim; quem é estrangeiro soffra: assim o disse o Sr. F. L. Ferreira na sessão da camara municipal, quando se tratava das machambombas.

Secretaria.

Vae bem. O intelligente cidadão que a dirige é digno da confiança da gente, quanto mais de um gato que tem a felicidade de poder ser alguma cousa nesta feliz e decantada Latronopolis.

Eis o que ha; o que colhi, o quo pude arranjar para pedestal de minha futura estatua.

Nada mais é preciso dizer-vos; vossas luzes, vossa sabedoria, vosso patriotismo, vosso dedicação, supprirão o que não puderam imaginar nem obrar as manhas do vosso humilde servo

GATO MARISCO.

EXPEDIENTE.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, perguntando-lhe, com a devida venia, que providencias houve n'um arrombamento e roubo que houve á rua de Baixo, em caza de uma mulher cujo nome ignora-se,e que a deshoras, perturbava o socego publico com repetidos gritos d'aqui d'el-rei.

Faz-se esta pergunta, porque talvez seja ella a partecipação que tenha a nossa previdente policia de tal facto.

—E' sempre assim! Os pequenos são sempre os soffredores!

—Que ha?

—E' a camara que não tem dinheiro para pagar aos trabalhadores, aos operarios que contracta.

—Pois admira! A semana passada o subdlegado da Rua do Paço, apezar do

ser secretario da Illma., deu uma busca completa nos açougues, acompanhado do fiscal e fez multas a valer! Multou até um homem porque tenha no açougue um fogareiro em que cosinhava; era porcaria!

—Não sei; o que ha é que no Matadouro ha obra em que estão empregados carapinas, pedreiros e canteiros e os pobres dos homens não vêem dinheiro a sete semanas completas, dizem; estão a *jejuar* uma quaresma inteira com o accrescimo dos domingos.

—Não pode ser, não creio, não ha quem disso me convença, nem que arrebente de provas.

—Boas maneiras!....

—E depois si deve, ha de pagar-se.

—Mas deve tambem notar-se que pobres operarios não tem outro recurso sinão o de seus braços, e o dia inteiro empregam elles alli, confiados em ter dinheiro no fim da semana.

Ninguem ignora o que é um sabbado para o jornaleiro, e pois deve attender ás suas necessidades quem precisa como elles.

—Pois bem, pregue seu sermão, e veja si a camara lhe ouve.

—Que haviam apparecer os cavallos para subida de ladeiras e incommodo do publico!

—Não diga; commodidade para o publico tem elles trazido.

—Isto é la para quem se dá bem com cavallo. Mas não tem visto o que fazem os moleques?

Na Conceição da Praia levam os cavallos para o banho e fazem completas cavalhadas; atropellam a todo mundo.

Na ladeira da Misericordia dava-se o mesmo, quando voltavam elles a conduzir os animaes em que subiam os passageiros.

Maltrataram uma vez uma preta!

—Mas que quer? De quem é a culpa? Pois a policia não pode obrigar os donos de taes cavallos, a terem conductores certos?! Não pode estabelecer e impor-lhes uma multa?

Quem quer moça bonita, bole com a bolça; quem quer ganhar, gasta, emprega capitaes.

Não é possivel que por interesse de um ou dous possam a vir ser prejudicados todos os que andam pela rua.

—Ainda bom que V. concordou; vejamos si a policia tambem concorda comigo.

—Tem lido a *Constituição?*

—Tenho.

—Tem visto como o Gustavo anda apaixonado?

—Tenho.

—Ama cega, louca, perdida, desvairadamente uma linda mulher que o despreza.

—Pois é pena. O Gustavo não é feio; tem bonitos bigodes, um ar affeminado, porte gentil, todo amarolletico e o seu *toillette*..... da imprensa ja passou á tribuna.

—Mas bem feito lhe seja! Agora é que elle ha de saber que valor tem uma *capona*. Aposto que si elle arranjasse uma que fallasse á menina, aposto em como a deusa render-se-hia em tres minutos ao poder irresistivel daquelles dous azevichados olhos!

—Podera!...

—Que diabo de trapalhada é uma com a musica d'artilharia?

—E' que serve na policia e n'artilharia; é, como dizem os capotes, uma alma em dous *corpos*.

—E a policia nem é corpo; tem apenas uma enfiada de officiaes, não passa de uma companhia.

—E dizem que a musica está sendo subsidiada pelos cofres provinciaes.

—Ainda mais esta!

Precisa-se de dinheiro para tudo que é urgente, necessario, util e não o ha; para biscas, sinecuras, luxos porcos, sempre apparece!

—E que necessidade ha de ter a policia musica?

Já a quizeram extinguir, já a extinguiram talvez, e agora que a policia é provisoria tem o luxo d'uma musica emprestada, que a nação paga!

—São cousas da epocha; é preciso que a provincia tenha musica para bailes, passeios e actos publicos.

—Historias: por cima muita farofia, por baixos molambos só.

—V. tem reparado na maneira triste porque aqui chegam os inspeccionados do Sul? Tem visto que traje sordido? Tem-os visto de pés ao chão?

—Tenho, e admira-me que vindo elles da corte, logar de illustração, venham para aqui maltrapilhos.

—Faz lastima ver os que vieram no *Cruzeiro do Sul*. Andam de enfiada, descalços, em mangas de camisa esfarrapada, a mendigarem. Dir-se-hia que o ministro toma-lhes o fardamento, porque quando não, voltariam fardados, visto que não é possivel que no Rio andassem de tão triste maneira.

—Amigo, ca e la más fadas ha. O que ha a notar somente é a ingratidão do governo com pessoas que foram arrancadas de seus longinquos lares, para defender uma patria que não reconhece sacrificios.

—Attendei!

A *Constituição*, periodico conservador, chama os seus adversarios politicos:

Batalhões de ratoneiros e ratonices;

Tropas de velhaquetes e velhacotes;

Companheiros do olho-vivo, gatunos e gaviões.

Esquadrões do devora, de espertalhões e machacazes;

Legiões de mamarrotes, chuchadores, chupitantes e cerrantes;

Socios de pepineiras e afilhadagens;

Potestades dos contractos, dos escandalos e emprezas.

E amanhan os seus hão de dizer que os adversarios injuriam, que prostituem a imprensa, que criam paschins.

—Deixal-os; fica publico o facto e o mundo vae correndo.

A PEDIDO

—O Dr. Domingos Aberem é safado!

—Basta ver-lhe a lata deslavada para ter certeza.

—Pois não é caloteiro?!

—Ora que novidade!

Quem tem cara de fazer as acções tristes, de representar os papeis miseraveis que elle tem feito, é capaz de outras cousas, quanto mais de pregar calotes.

—Mas eu pensei que o homem era serio.

—Serio?! V. é doudo. Serio um homem que vende agua fria a titulo de excellente panacéa!

—E agua fria, quando Deus quer, é remedio.

—Mas não o é para satisfazer a gana de tratantes e especuladores.

Em resumo, que fez elle?

—Sabe que elle é um pobretão, o que não é defeito. Dava-se muito com certa professora e poude della conseguir o emprestimo de 600$ rs., sem garante, para sua formatura.

A senhora, ingenua, não sellou a lêtra, e passados alguns annos, mandou pedir seu dinheiro em que nunca mais lhe fallará o Aberém.

«Não devo nada, chame-me a juizo» são as respostas do patife que se fia na revalidação que ha de pagar a infeliz senhora.

Veja que infamia de meço!

—Admira-se de pouco; aquillo é tão abjecto, que ja teve tenções de negar o pae, para passar por branco.

—Miseravel!

—*Mané da Virge* que é isto que está tudo com raiva de vossê, por causa da *manqueira velha* lá da Ribeira?

—*Home* eu não tenho *curpa*! E' meu cunhado que só gosta de gallos de navio, quer por força cortar a *mangueira velha* que está plantada a dez annos.

—Max sua *riman a dona*, me dixe esta noite lá junto dos *Barbeiros* que a Mesquita queria o empregar lá na Ribeira?

—Quá home, eu só sei cosinhá ciri, e não quero me intrigá com ninguem por causa do José.

—Mas a *dona* pediu a *nhonhô*, um emprego para vossê, e elle prometteu de arranjar isto com o Marcellino.

—E arranja! Ja não arranjou o An-

tonio José, sem ser o poeta ou a inquisição.

—Pois eu não quero; porque assim como cahiu a inquisição, cahe tambem a Mesquita que está toda arruinada, e depois eu posso ser de novo recrutado p'ra marinha, e vou pagar a fava que o asno comeu, junto ao *Diabo Cóxo*.

—V. esta bem sciente de todas as ruas, praças, largos, becos e bibocas de Latronopolis?

—Sim, Sr.

—Conhece essa gente da *injustiça*?

—Sim, Sr.

—Sabe onde é o ponto de reunião?

—Sim, Sr.

—Pois ponha-se alli pelas proximidades e não me volte sem trazer um sujeito *que escreve, ajudando*, cujos signaes são os seguintes: Cara descarnada, ossuda, resultado da syphilis que lhe destroe o corpo; cabelleira das almas; altura regular; andar apressado; anda sempre com um lenço de cor na mão e com uns autos debaixo do braço, vilmente subtrahidos do cartorio; traja chapeu de catimplora, conhecido por canudo do *Florida*, sobrecasaco cuja cor se não percebe bem pela falta de pello e abundancia de sebo, mas que se suppõe ter tido cor de rabo de macaco; falla constantemente e cospe a quem cae na asneira de lhe ouvir as tolices.

Parece que é o segundo tratante-mor que tem apparecido nos cartorios e por isso lhe deitaram o nome de *Segundo*. Só pelo nome, julgou-se o biltre que era algum descendente de linhagem real, e como um maniaco que ahi ha, encasquetou-se-lhe a ideia de ainda reinar. Alguns companheiros charidosos tiraram-no do engano, e por isso e porque é elle um ente ridiculo, chamaram-no *Segundinho*; cousa que muito o satisfez e fez com que elle explicasse que tal palavra era um diminutivo.

Intitula-se de grammatico e ja quiz reformar a *educação* com um papel que é o seu maior corpo de delicto grammatical.

Agora arvorou-se de novo em redactor e deffende e insulta aos mesmos homens, em diversas gazetas que lhe deram as honras de pregador dos orates.

E' esse o cujo; não volte sem o trazer; não o deixe escapar.

—Qual, capitão! Com esta papeleta que V. Ex. me forneceo nem que elle seja o diabo me escapole das unhas.

(Continúa.)

VARIEDADE.

Ha exemplos de senhoras que se suicidaram por lhes faltar a modista com o vestido; exemplos de crianças que deixaram voluntariamente a vida por terem sido reprehendidas; faltava ver um velho, que tinha obrigação de ter juizo, suicidar-se porque o sol o incommodava.

No dia 5 de novembro, um viajante que ia de Quiévrain para Condé, ouviu um tiro de pistola. Correu para um salgueiral, donde via sahir fumo, e encontrou um velho, talvez de 70 annos, que dera um tiro no coração, e, como é de crer, que estava morto.

«Era o Sr. M... L..., capitão reformado e cavalleiro da Legião de Honra, e que vivia em modesta abastança.

Encontrou-se em uma das algibeiras da sobre-casaca do defunto a seguinte carta:

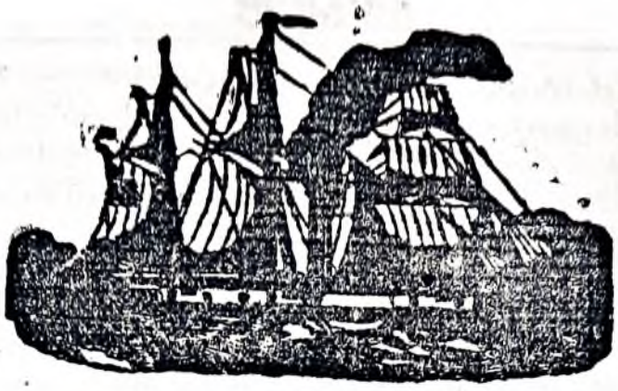
«Meu querido filho.—Peço-te perdão, mas não posso mais; o calor do sol torna-me a vida insupportavel. Adeus; a minha criada te dará contas.»

ANNUNCIOS.

Tendo algumas pessoas desaffectas da abaixo assignada, com o fim de desconceitual-a, propalado que havia ella soffrido uma execução por divida de aluguel de caza, vem pela imprensa declarar que similhante execução não se intendeu com ella, e sim com os moradores do 1º andar da caza em que mora a annunciante.—*Francisca Bernardina d'Andrade.*

Roga-se encarecidamente a todas as pessoas, que tem contas desde o principio do anno p. p., na loja de charutos atraz da Sé, o obsequio de virem satisfazel-as, do contrario passarão pelo dissabor de verem seus nomes publicados em um grande catalogo, em frente da mesma loja.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 5 DE ABRIL DE 1866. SERIE 4.ª—N.º 31

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de abril de 1866.

Offi io ao Exm. Sr. presidente, participando-lhe que informam-nos o seguinte:

O alferes do destacamento (mez de março)na Caza de prizão com trabalho, praticou algumas barbaridades com os guardas; á espada os mandava para o xadrez; reduziu as horas de jantar; em alguns recrutas deu sopapos, e outras cousas mais fez a ponto de causar admiração a quem via; consta tambem que no dia 16 do dito mez castigou a 12 guardas com o peso de quatro armas, por algumas horas e expostos ao rigor do sol.

V. Ex. syndicará si são verdadeiras tass accusações e providenciará como costuma.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que ha cerca de uma semana apparece no Campo da Polvora, das 10 horas da noite em diante, um individuo a accommetter as pretas e pessoas inofensivas que por alli passam e a lhes tomar o que levam: quando encontra resistencia ou alguem brada por soccorro, corre e vae refugiar-se nos mattos de uma casa que demoliram no referido campo. Espera-se que S. S. tomando em consideração este aviso, dê providencias, para que tal industrioso não continúe, e não pegue o gosto em mais algum que ache bom o officio e conte com a inercia da policia.

—Ao Illm Sr. Dr. delegado, pedindo-lhe providencias contra uma chusma de capadocios que invade as immediações dos Barris e faz pe de exercito na venda n.º 36 ao becco do mesmo nome: semelhante caterva vive a fazer desordem e insultar sem reserva. Por alli tem apparecido diversos roubos; duas vendas, uma foi roubada e outra tentaram arrombar; e não tendo semelhante gente meio conhecido de vida, é bem provavel que seja ella a authora de taes graças. Ja se levou ao conhecimento do respectivo subdelegado que nenhuma attenção prestou. Por isso, espera-se que S. S. dê providencias que faça cohibir tão pervertida gente.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, partecipando-lhe que andam de novo os grupos de alarmistas á noite a perturbar o socego publico com palavradas e continuadas desordens e as patrulhas não enchergam nem ouvem: ainda na noite de domingo dous indi-

viduos armados desafiavam-se na ladeira dos Gatos e despejavam um no outro um calendario de injurias e os mais terriveis baldões: a visinhança acordou sobresaltada com aquella torrente de descomposturas e nem um soldado appareceu para accommodar aquelles dous *brigadores*; felizmente a intervenção de alguem conseguiu apartal-os. Ante-hontem, um destes grupos depois de pintar o diabo a quatro, foi á uma botica nas Portas do Carmo, e bateu nas portas com estrondo, e por que o dono se recusasse a abril-a, foi victima de insultuosos epithetos, e grosseiros improperios.

Ha sujeitos que saem á noite de diversas freguezias para vir dar *beneficio* em casa das meretrizes e fazer barulho na freguezia da Sé, que é o desagua foro de tudo quanto é capadocio.

Da reconhecida actividade de S. S. espera-se correctivo para taes abusos.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para a casa n° 4 á rua da Misericordia, habitada por mulheres dissolutas, onde é gravemente desrespeitada a moral publica com as escandalosas orgias que ha alli constantemente: palavras indecorosas, gritos, algazarras, homens em fraldas de camisa na janella, vêm-se á noite naquelle conventiculo: rara é a noite em que naquelle lupanar não acaba a bebedeira e a crapula com pancadas e gritos d'aqui d'el-rei. Para que não pareça exagerado o que aqui se expõe, pede-se a S. S que ouça as familias da visinhança. Em nome pois do pudor e da decencia publica, espera-se que S. S. empregue o rigor da lei e faça emendar de vida tão perdidas mulheres.

—Ao Sr. engenheiro Aguiar para que tome em consideração e examine a estrada Dous de Julho, na qual pareco que se está gastando dinheiro, sem que ella precise actualmente de concertos.

Espera-se que S. S. se dê a esse pequeno trabalho que lhe solicita esta provincia, onerada de muitas e grandes despezas.

—Viu que *beneficio*?

—Qual?

—Aquelle sujeito na ordem 3.ª do Carmo, aos tombos com um moço que elle dizia que lhe estava a namorar as filhas?

—Ah! sim! Muito admirei-me de ver um homem velho dar aquelle espectaculo na sexta-feira da Paixão, dia de recolhimento para qualquer que sabe dar apreço aos actos da Religião, quanto mais para quem tem ou pode ter netos.

—E que barulho! que confusão! que escandalo!

—E dizem que é alli empregado.

—E perturbou impunemente os actos religiosos, sem que a administração o reprehendesse!

—E' para ver; houve muito quem o defendesse, porque dizem que os namorados são parentes e ha certas prevenções.

—An! diga-*me missol*

—Eu não sei que diabo é isso! O presidente da provincia diz, no seu relatorio, que a meza da Misericordia tracta de dar um destino conveniente ás poucas recolhidas que restam. Por melhor que seja o tal destino, não será tão bom como o cazamento. Entretanto vê-se, ao menos parece, que a tal meza nenhuma vontade tem de que as recolhidas se cazem; para *fazer-se tijollos*, é preciso que se esteja em distancia de ser comprehendido; pois a meza mandou as recolhidas para o mirante, donde, só a telescopio, podem ellas descobrir algum *passarinho verde* que tenha boa vista.

Não contente com isto, o Sr. provedor fechou a porta e entregou a chave á regente, prohibindo que viessem ellas ao corpo da egreja.

Na 5ª feira Santa, porém, tinham ellas de commungar, e ninguem atinava em desatar o nó gordio: como se levaria o Santissimo Sacramento ás tribunaes, era o que perguntavam entre si os governadores.

O mordomo competente foi á regente, tomou a chave, abriu a porta e foram as recolhidas para a egreja.

Pouco depois chegou o Sr. provedor que, encontrando na egreja as recolhidas, enfureceu-se terrivelmente, e fallou muito; mas nada podendo dizer ao mordomo..... despediu a regente que culpa nenhuma tivera!

—Eu aqui ja me não admiro de sua admiração sobre os casamentos, admiro-me da apregoada charidade do provedor das *charidades*.

—Ora graças a Deus! A encantada obra do Rio Vermelho, da qual era administrador o Sr. José Carlos, teve adiamento! Sem duvida mais de setenta contecos foram alli absorvidos. Si não é agora o Exm. Sr. Dr. Leão Velloso que põe fim á mamadeira continuava o escandalo.

—E agora em que fica?

—Vae ser posta em arrematação.

—Sempre melhorou se, não ha duvida; obrigado a quem teve tal lembrança.

A PEDIDO

Sr. Redactor—Na quinta-feira Santa dirigiam-se dous moços caixeiros á povoação do Rio Vermelho para comprarem peixe, e já de volta foi um delles accommettido por um cão pertencente a um dos filhos de um Sr. Mattos, professor de francez, que tem uma vendola no caminho do Rio Vermelho; accommettido o moço pelo tal cão, deu uma pancada neste com um sipó que trazia, e foi esta offensa tão grande que fez com que o filho do dito Sr. Mattos se lançasse sobre os moços e esmurrasse a ambos, ficando depois tudo em paz.

E' o que dizem.

Chegando essa occurrencia á casa, o Sr. Mattos cheio de cholera e vingança arma quatro escravos com paus, foices e o diabo a quatro, e em procura dos moços, consegue alcançal-os, e qual outro capitão de matto, manda descarregar sobre os infelizes toda aquella ferramenta, resultando desse acto de cannibalismo ficar um dos moços com um olho quasi furado e muito espancado e o outro espichado no chão sem sentidos.

E' tambem o que dizem.

Fez-se corpo de delicto, e o ultimo dos moços jaz no leito de dores contando os dias de existencia.

Não é porém de admirar isso, porquanto a culpa só é da policia do Sr. Carlos Ferreira que dorme na indolencia.

Um admirado.

—O que é isto?!

—Ouça-me. Estando hontem na secretaria das *Averiguações* para tractar de certo negocio (eram 11 horas do dia) vi um empregado interino invadir a repartição com o chapeu á cabeça, ar de diplomata, charuto na mão, aza direita um pouco pensa, era mesmo um t...., personificado e apesar de encontrar alli alguns outros empregados e diversas partes, o nosso *cousa* não fez caso, nem cumprimentou a alguem: depositou o seu amavel charuto em um canto, e voltou todo *teso* a occupar o seu logar de *cathegoria* na salla de cathegoria.

—Muito bem, e como se chama esse *cousa?*

—Não sei ao certo, mas ja tenho ouvido chamar-se-lhe *Dr. Cathegoria, Napoleão de gesso, João duro; Iaia aqui estou eu*, e na Barra, onde vae todas as tardes passeiar o cavallo, o conhecem por *Vira beco*. Eu porem julgo que o *bimbas* tem direito antes a ser chamado MALCREADÃO.

—E' justo, o seu a seu dono.

—Contaram-me isto:

Alguem mandou comprar um queijo pelo filho; o filho foi ao armazem do Sr. Manuel Joaquim de Carvalho e Oliveira, e comprou um queijo; pediu um canivete para experimentar e não havia.

Em caza, ao partir-se o queijo; estava cheio de bichos; a pessoa que mandara comprar o queijo foi ter com o homem, mostrou lhe o queijo podre, fez-lhe que si estivesse ardido com elle ficaria; mas que estando podre era obrigação do vendedor recebel-o porque é regra que receba os generos damnificados quem os vende a retalho e compra em porção; que por tanto elle

comprador estava no direito de exigir a troca do genero ou a restituição do seu dinheiro.

—Pois como está no seu direito use delle; chame-me a juizo; foram as palavras que em resposta deu o Sr. do armazem.

Que acha agora do proceder do cujo?

—Não sei quem tem razão, é certo porém que de vagar se vae ao longe e quem liso joga liso fica.

Casal padre Alexandre.

VI.

A *boa-fé* do Sr. Francisco d'Amorim Falcão sobe de ponto! Apresenta uma interminavel chicana, appellações, aggravos, embargos, vistas &! Oh! decantadas vistas! sois a estrella polar do Sr. Amorim! Por qualquer *da ca aquella palha*, por um espirro, o Sr. Amorim pede vista para pôr embargos e fazer tudo mais que uma mente escandecida costuma forjar.

E não concorre com dinheiro para as despezas que em taes casos são indispensaveis para o sello e andamento da causa!

Não lhe convém que tenha solução a questão; atropella e deixa ficar e quem quer o andamento della concorre com as suas e as despezas delle.

Como ja scientificamos ao publico, o Sr. Amorim embargara nossa intimação que tem por fim chamal-o a dar esclarecimentos e a prestar contas para reforma da partilha. Impugnamos os seus machiavelicos embargos. A impugnação foi elaborada pelo provecto e illustrado advogado (pedimos venia á sua modestia para declarar o seu nome) o Sr. Dr. Francisco Antonio d'Araujo, caracter integro, um dos ornamentos da advocacia brazileira, intrepido pela sua pericia e honradez em destruir pelas bases todos esses castellos creados pela malversação e pela pilhagem.

Conscios como estamos de sua illustração, cortará com a espada da intelligencia todas as cabeças que possam surgir da nova hydra de Lerne; temos ufania de tel-o como patrono da nossa causa.

O illustre advogado, além de muitas outras rasões ponderosas, impugnou os embargos com documentos do proprio Sr. Amorim.

Nos autos a f. 237 existe uma petição do Sr. Amorim feita em 1859 (oito annos) pedindo reforma da partilha; nos mesmos autos a f. 246 existe uma cota de um outro interessado pedindo reforma da partilha—como é pois que embarga o Sr. Amorim a nossa intimação, sendo no mesmo sentido, pedindo reforma da partilha?

Ja se vê que a boa fé não preside a seus actos; em 1859 pedia reforma, não havendo successão de herdeiros, nem quantia tão crescida de rendimentos, dez a doze contos de reis; em 1866, quando os herdeiros são outros, não lhe convém a reforma!

A partilha existente é leonina, feita pelo João de Menezes de eternas recordações, partilha que dá ao Sr. Amorim 400$ somente de herança; não foi julgada por sentença, está eivada de erros juridicos, mas a boa fé do Sr. Amorim quer a partilha fique no *statu quo*.

Percebemos porem o motivo, a força da chicana do Sr. Amorim: ja lhe bate á porta o momento de vir aos tribunaes prestar contas dos dez ou doze contos de reis que dizem ter mettido no seu bojudo ventre; deve portanto procurar e empregar todos os meios a fim de que o revoltante escandalo não caia tão cedo debaixo das vistas severas da punição.

Como é praxe, o Sr. Dr. juiz procurador, deu vista ao Sr. Amorim para sustentação dos embargos; estamos á espera desse montão de palavras.

E aqui ficamos.

Parteciparemos porem ao publico que os autos quando vão com vista, é por um termo, por 5 dias; mas não voltam ao cartorio, sinão depois de lançado em audiencia, ameaçado com as penas da lei: prova isso ainda a boa fé do homem com quem pleiteamos.

Os habilitados.

ANNUNCIOS.

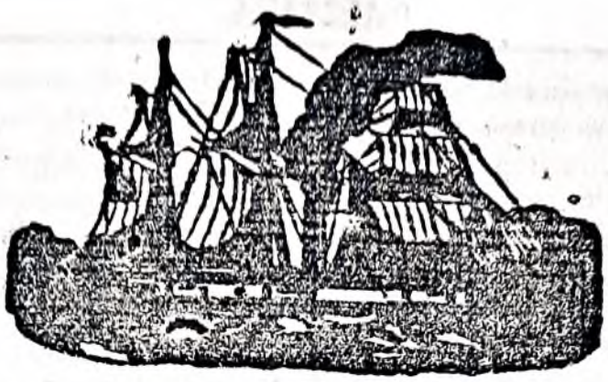
PARA AS PESSOAS DE GOSTO

Acha-se nos prelos uma nova modinha intitulada—**O meu penar**, breve indicar-se-ha o logar onde será exposta á venda.

Roga-se encarecidamente a todas as pessoas, que tem contas desde o principio do anno p. p., na loja de charutos atraz da Sé, o obsequio de virem satisfazel-as, do contrario passarão pelo dissabor de verem seus nomes publicados em um grande catalogo, em frente da mesma loja.

Vende-se no deposito de cal ao Caes Dourado barricas com cal fina por preço muito em conta.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 7 DE ABRIL DE 1866. SERIE 4.ª—N.º 32

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de abril de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que, em virtude de dous officios publicados pedindo a repressão dos escandalos que commette uma corja de vadios aos Barris, foi insultado e ameaçado um chefe de familia na dita rua residente, por lhe attribuirem a noticia das badernadas delles.

Espera-se pois que S. S. faça dispersar aquella sucia e dar-lhe o destino conveniente, até para evitar um crime que com facilidade praticam e que é bem provavel venha pôr fim áquella bandalheira, si a authoridade não intender que é melhor prevenir que punir.

—Ao Sr. fiscal do gaz, partecipando-lhe que ha mais de quinze dias não se accende um dos lampeões da rua do Bangala, por estar quebrado o tubo conductor. Além disso a visinhança acha-se bastante incommodada com o mau cheiro da exhalação.

Espera-se pois que S. S. faça com que a companhia urgentemente mande reparar o dito combustor com cujo mau estado tambem ella soffre pela continua evaporação do gaz.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que se dirija ao subdelegado da Rua do Paço e peça-lhe licença para fazer o que não faz a policia; isto é, espalhar uma cambada enorme de moleques que na Baixa dos Sapateiros, á noite, desrespeitam a todo mundo e maltractam especialmente as pretas, por cujas vestes pucham, produzindo grande alarido e algumas vezes conflictos. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Bomfim e conduza para bordo um Sr. Leandro que costuma andar alli em ar de phosphoro, de chambre, sem camisa e em ceroula, como quem está na roça comendo cajús, visto que esse homem parece incorregivel ás admoestações que se lhe tem feito. Cumpra.

—Ora ahi está! Fallou-se da camara por ficar ás escuras, quando a relação e o palacio do governo si illuminavam; agora eis o contrario: é a camara que brilha, em quanto os desembargadores e o presidente permanecem em profundas trevas.

—Trocaram as bolas, como diz meu irmão Fonseca.

Mas que motivo tem a illuminação?

—Creio que o nascimento do principe.

—A camara a ninguem avisou; dir-

se-hia que fel-o de proposito para caberem-lhe as honras de mais apologista e amante da familia imperial.

—Cousas da epocha.

—Continuam as assuadas e os conflictos na freguezia da Sé.

—E a policia?

—Que pergunta!

Os engraçados foram â caza de Mr. Osborne á rua Direita de Palacio e furtaram-lhe os quadros photographicos que tinha na porta.

—Rapazeadas!

—Rapazeadas que deviam ser punidas com muito boas 24 horas de correcção na cadeia.

Um turbulento entra, no dia 4 do corrente, em caza de uma tal *Conhecida*, á ladeira dos Gatos, e dá-lhe muita chicotada.

A mulher grita, pede soccorro, injuria, insulta; e o criminoso sae da caza da offendida, pacifico e moderado, sem que alguem lhe vá á mão.

Ora isto tem termos?

—A mim é que pergunta?

Respondo sempre:

Não tem termos não, Sr.; a policia devia estar acordada para saber de tudo o que passa na cidade.

—E o homem que levou a encapellação e deu a porretada, ainda está preso?

—Ainda; está sendo processado.

—E' uma injustiça, tanto maior quanto é certo que no dia seguinte o offendido fôra ouvir sermão. Demais sabe-se quem são os taes encapelladores; vivem acostumados a desrespeitar e a incommodar todo o mundo; por força havia dar-se um caso mais serio; a policia não previne, vê-se obrigada a punir, mas injustissimamente; cae o rigor da lei n'um pobre homem.

Os taes senhores declararam guerra aos chapeus de pello; havia fazer-se-lhes a vontade? Ou a policia ignorava? Não podia ser, porque a imprensa o denunciara, quando fora insultado um probo caracter, medico de reconhecida capacidade, respeitavel por seus annos, por seus serviços á causa da Independencia e da humanidade em geral.

Que esperava pois?

Sujeitar agora um pobre que sae de sua caza e por acaso vê a procissão; que tem por destino comprar sua garopa para seu jejum de sexta feira Sant ; que, levado á policia isso logo confessa e mostra o saco em que tinha de enbrulhar suas economicas consoadas; que deixa em caza duas filhas sós que por elle em balde esperam, e sabem depois a noticia de sua prisão; sujeitar esse homem, digo, a um processo que o conservará mezes na cadeia, donde sahirá absolvido porque nenhum crime commetteu, é uma falta de equidade, quando ha por ahi tanto criminoso de cabeça erguida, devendo annos e annos á cadeia.

E ja que disse que o homem nenhum crime commetteu, é bom explicar: foi apenas uma paulada por uma encapellação; o que houve de mais é que, sendo toda a familia Martins Alves nervosa, o moço com o choque tremeu das pernas e foi ter outro choque com o adro dá egreja, do que lhe resultou a perda da falla, opinião que dizem manifestara o Sr. pharmaceutico Barata.

Mas soffre o homem por que é pobre!

Si tivesso dinheiro, ja não haveria processo, desde que o corpo de delicto fosse uma mentira; para proval-o bastava no dia seguinte um exame de sanidade.

E porque o homem não requereu tal exame, muito embora se saiba que o incommodo causado não passou de duas ou tres horas, ha de ficar na prisão.

Porque neste paiz onde se manda dar um defensor ao reu pobre, onde a lei quer todas as facilidades para a defeza dos accusados, so na ultima hora apparece um homem que devora os autos e arranja a cousa da melhor maneira!

Por que nesta terra a policia consente meia duzia de gaiatos a perturbarem o socego publico e chama delinquente um homem que insultado

respondeu a um couce par uma sipoada!

Leiam e pasmem!

O acto de feroz vandalismo que se vae expor ao publico não é praticado nas brenhas dos nossos sertões por algum salteador de estrada; não! O facto inaudito que acaba de dar-se, succedeu na capital da Bahia, na freguezia da Rua do Paço: é nada menos que a authoridade com o poder de sua força fazendo mudar-se no prazo de um mez uma mulher que mora ha 15 annos em uma casa, os moradores de cuja rua nenhuma offensa tem della soffrido!

Em certo dia do mez passado, houve em casa dessa mulher, ao Taboão, um conflicto, a que foi inteiramente extranha a dona da casa; o Sr. subdelegado Valença, apezar de ter disso consciencia, prendeu a mulher por 24 horas e intimou-lhe que se mudasse da freguezia em um mez.

Achar uma casa em 30 dias com accommodações necessarias, sabem todos que é cousa difficil; demais a mulher não estava corrida, como não está, pelo proprietario, e disseram-lhe que não tivesse pressa, por que nenhuma lei havia em que se fundasse o Sr. Valença para fazer sahir um inquilino da casa de que não é proprietario; o seu poder de subdelegado não vae a tanto.

Passam-se os 30 dias; ninguem suppunha que o Sr. Valença ousasse..... ora, o Sr. Valença é capaz de mais! Mandou chamar á sua presença a mulher, que compareceu, acompanhada de um habil advogado, a quem nenhuma consideração intendeu que devia prestar o Sr. Valença; pegou d'uma portaria que ja havia prompto, entregou-a ao ordenança e mandou conduzir a infeliz mulher á Correcção!

A portaria diz que o crime da mulher é desobediencia (certidão passada, por despacho do Sr. Dr. delegado, pelo Sr. carcereiro da Correcção).

Entretanto a Sra. Maria Francisca Borges de Mello (a victima) requer ao Sr. subdelegado que lhe declare qual o delicto commettido, qual a desobediencia em que incorreu; o despacho é o seguinte:

«A supplicante deve ter consciencia da desobediencia que commetteu, pelo que foi presa correccionalmente, etc.»

A presa replica, dizendo que não tem consciencia de ter praticado o menor delicto, nem desobediencia; mas como o subdelegado falla em prisão correccional, pede-lhe que declare qual o facto que motivou a desobediencia, a fim de não incorrer de novo na mesma falta. O sultão da Rua do Paço despacha: «Tenho despachado!»

Dirão que a desobediencia vem de não mudar-se Maria Borges; mas ninguem pode fazer outro mudar de domicilio, nem ainda a authoridade quando não estribada na lei. Em que lei fundou-se o Sr. Valença? aponte-a.....

Ao contrario, em vez de um crime, Maria Borges, não cedendo á imposição tyrannica do Sr. Valença, usou de um direito, garantido pelo codigo, que manda os cidadãos desobedecerem ás ordens illegaes, aos arbitrios, aos caprichos das autoridades que se julgam n'um paiz livre, com direitos de sophi da Persia, ou de tutu do sertão. (Art. 180)

O criminoso pois é o Sr. Valença, e criminoso por desobediencia; desobedeceu á lei; elle mesmo o confessa, querendo em seus despachos encapotar seu acto que sem duvida ja elle viu que não foi bem pensado; n'um paiz de livre exame, de publicidade, fornecem-se aos que soffrem todos os meios de defeza.

Para esse proceder abusivo, arbitrario, tyrannico, inaudito, sem nome, sem qualificação possivel chama-se a attenção das authoridades competentes. E' preciso que haja um exemplo, que a ultima authoridade na escala social se não julgue com os illimitados poderes de um dictador.

—Conhece o inspector dos cães?

—Não; quem é?

—E' um mono que tem a cara frunchada, as feições de bolo mal-amassado, cor de rato velho quando foge da commua, olhos de espanta-boiada, e cabellos de porca parida.

—Realmente não conheço.

—Um sujeito que mora agora por baixo de uns *artifices*, que trabalham em *sociedade*.

—Será na rua do *Pé de Cruzes?*

—Justamente.

—Ah!.. Ja sei. Este ó o *Julio Feijoada*, homem.

—Elle mesmo.

—E o que tem elle?

—Este diabo não deixa ninguem dormir á noite; falla por cincoenta regateiras. Que diga a gente de cima.

E agora deu em andar dizendo que ia ser nomeado inspector dos cães.

—O que é inspector dos cães?

—Diz elle que é fiscalisar, mandar agarrar os cães que encontrar na rua soltos o sem dono e outras cousas.

—Que bobo! Quem lhe alugou a casa é que deve tomar sentido com elle,

por que ainda não morou em casa em que não pregasse o calote.

Arpejos de uma lyra sem corda.

A NAMORADEIRA DA RUA DO B.

Por uma namoradeira
D. Julinho se perdeu:
Por outra namoradeira
D. Julinho a esqueceu.
D. Julinho o renitente
P'ra dar desfructe nasceu.

Os moleques ja o chamam
—Palhaço das Pitangueiras—
Dão lhe assovios e vaias,
Fazem-lhe mil molequeiras:
E coitado! elle tolera
Todas essas bandalheiras!

E que remedio?—Quem ama
A tudo deve s'expôr;
Quanto mais soffre o amante
Maior se torna o amor.
—E' pena que D. Julinho
Não desse p'ra trovador!...

Mormente agora que vivo
Em certa caza mettido
(*Bem que de viva quem vence*)
Ao pé do seu bem querido;
E faz bem, que da menina
Não ha quem tome sentido!

E assim vae D. Julinho
Vida alegre e regalada
Passando á vista de todos,
Na rua da *Bangalada*,
Té que alguem se delibere
A dar-lh'outra chavascada.

Pergunta innocente.

A lei tem estabelecido que, por impedimento de qualquer escrivão sirva o seu companheiro e quando este não puder accumular em consequencia de muitos afazeres, o governo da provincia dê nomeação por um anno emquanto o serventuario não se apresentar para servir a qualquer individuo (proposto pelo juiz) pagando este de direito do titulo 10 %, sobre a lotação do officio.

Pergunta-se, pois, ao Exm. Sr. presidente do tribunal do commercio si, não estando impedido por molestia o Sr. Luiz Joaquim de Magalhães Castro, mais sim oculto em consequencia de um mandado de prisão que tem contra si e por conseguinte abandonando o officio, pode estar o filho delle servindo por tempo illimitado nesse logar com uma simples portaria ou nomeação, e sem ser pela authoridade competente; sem pagar direito, quando a Bahia vê constantemente na janella o dito escrivão conversando com seus visinhos.

Um que não quer ser prejudicado.

Pede-se a certa senhora, moradora na rua do Fogo, que vive a conversar *patetices* para a rua até tres horas da madrugada, o favor de deixar-se disto, pois a visinhança anda incommodada.

A Sra. paga caza, si quer conversar, mande entrar a *quem chega*.

Previne-se-lhe que si não emendar-se, publicar-se-ha seu estado, seu nome e os dos visitantes.

O visinho.

ANNUNCIOS.

PARA AS PESSOAS DE GOSTO

Está exposta a venda na loja de livros ao largo da Praça do Sr. Martin, a nova modinha intitulada—**O meu penar**, por José Bruno Correia.

Preço 1$ rs.

Pede-se a pessoa que tomou um caixão de doce em confiança, dizendo que era para mostrar a sua irman, á ver si agradava, e com elle se ficou até hoje, que ou o venha trazer, ou o seu valor, si não quer que o publico o fique conhecendo.

Como talvez se tenha esquecido do logar declara-se-lhe que é na rua do Tijollo n.° 16.

Pede-se a certo empregado do *trem do mar* que não se esqueça dos mil e tresentos que deve na venda á rua do Tijollo, para não obrigar á que se o chame ao pagamento pelo nome.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 10 DE ABRIL DE 1866. SERIE 4.ª—N.º 33

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de abril de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que na sexta feira da Paixão, ás 3 horas da madrugada, roubaram da caza nº 41, aos Barris, a quantia de cento e tantos mil reis.; ao retirarem-se os ladrões foram descobertos, e perseguidos, deram um tiro de polvora seca, com que puzeram-se a salvo.

A caza do Rvm. Sr. vigario de S. Pedro foi visitada; mas, presentidos, correram

Quizeram arrombar a venda n. 29 á ladeira da Piedade; mas sendo vistos do terraço fugiram.

E' de suppor que os taes gatunos sejam os membros da sucia que incommoda os moradores dos Barris, e espera-se de S. S. energia e actividade para acabar com essa ninhada do olho vivo que parece inextinguivel.

—Ja faz raiva fallar!

O deleixo é tanto que o publico ja considera a sujidade o estado normal da limpeza; ha até quem diga que o *Alabama* ja tracta de similhante nojosa empreza para encher vacuos. Não ha tal; é que se não pode ver assim tão desfaçadamente devorar-se os dinheiros publicos, sem um brado de indignação, sem um protesto por parte dos soffredores.

E admira como a thesouraria paga sem escrupulo perto de sete contos de reis mensaes a quem faz timbre de querer comer sem trabalhar!

—A thesouraria, si paga, é por que sem duvida a empreza leva attestados de ter bem cumprido os seus deveres. E ainda não havendo tal formalidade, pertence á empreza esse dinheiro, por que ella está trabalhando e o contracto está em vigor.

—Para ella receber dinheiro.

Deixemos porém isso e façamos publico o facto de que ia eu tractar.

Ja se não fallou n'um esterquilinio creado á Estrada Nova, na roça do Sr. Pedroso?

—Ja.

—Pois dalli por diante tudo é monturo até a roça do Sr. conego Pereira, até a estrada que vae ter á Quinta.

A passagem estava ja interdicta, sinão de todo por falta de caminho, ao menos por sobra das moscas e do mau cheiro; agora está inteiramente impedida: com a chuva, as baixas receberam bastante quantidade d'agua e aquillo tornou-se um medonho treme-

dal, em que bóiam simultaneamente cães, gatos e gallinhas mortas, pedaços de esteiras, molambos e *outras especies de immundicia*.

Agora digam os intendidos, os medicos, os professionaes quaes serão os effeitos que podem produzir aquellas preciosidades alli accumuladas e banhadas, quando o sol se dignar esquentar-nos mais, ou mesmo assim.

—Ora os effeitos!

Os effeitos serão o Sr. Costa Guimarães engordar e continuar a receber dinheiro, em quanto levarem picadas de moscas os que pela estrada passarem para conduzir os mortos.

—*Quod Deus avertat*.

—Pobre terra!

Realmente é preciso ter animo!

—Um caso que serve.

—Vamos a ouvil-o.

—A' semana passada um feitor da armação do Saraiva, pertencente ao Sr. barão do Rio Vermelho, passou pela Pituba e ao encontro sahiu-lhe de uma casa um caxorrinho desses renitentes, a latir-lhe. O homem apeou-se e quiz com uma faca matar o caxorro; um menino, dono deste, oppoz se; o homem quiz sangrar o menino; mas o pae deste que dormia, acordou espantado e bem que deslocasse um braço indo de encontro a uma porta, avançou com tudo para o faquista. O resultado porém foi elle levar um talho na testa e outro no braço e ficar cahido, apezar de ter então o seu pequeno filho se munido de um pau e quebrado a cabeça ao damnado do feitor.

—E que fez a policia?

—Ahi está o *busillis*; nem corpo de delicto houve.

O homem la jaz atormentado de crueis padecimentos, e a policia que tem tantos rigores para uns, cruzou os braços diante dessa barbaridade feitorica!

—E' o estado normal d'um paiz anormal.

—O Sr. commendador Paulo Pereira Monteiro que tantos beneficios tem feito ao seu futuro solar de barão, o Queimado, fez o seguinte: demoliu uma ponte que havia na baixa entre as duas ladeiras e construiu um agulheiro; agulheiro foi elle que engasgou-se com as agulhas e não deixa a agua passar, pelo que fica tudo alagado e a gente tambem não passa.

Agora a gente da Cruz do Cosme pede ao futuro Sr. barão um favor: o de mandar indirreitar seu agulheiro ou pôr uma canôa franca para passagem; e si fosse um vapor melhor seria, até porque mais conforme se acharia com as ideias de S S que é todo homem de progressos, como prova a agua do seu dique, a estrebaria de seu cavallo e as machambombas.

—Não tem duvida, o concerto está feito, as providencias estão dadas. V. sabe que o Paulo, ainda quando não fosse zeloso pelo seu solar, havia de attender a tão justo pedido, só com a lembrança de que por alli é que podem passeiar os habitantes da Cruz do Cosme que tem necessidade de vir á cidade, e que fogem da lama que na estrada da Quinta é *matto*.

—Ora vejamos.

—Que *cujo* é aquelle que se dirige ás patrulhas que encontra? Será algum espião? algum paraguayo mesmo?

Traja paletot e bonet militar; ora vejamos.

—E' um tenente de policia; é o rondante Srs.! Nem por ser hoje 7 de abril, dia de gala, o tal phosphorico official deixou de apresentar-se á *Bacellar*!

—Cousas da terra!

—Eu o arrenego, padre dos diabos! *CRUZ!*

Pois, homem dos diabos, V. leva aquellas trouxadas em caza da mulher e vinga-se na mulher?

Si V. achou que aquellas merecidas bastonadas não eram appropriadas ás costas do um padre, não era mais logico vingar-se de quem lhe deu a esfregação?

Eim, covarde, porque se não mediu com quem ja lhe tinha medido o lombo?

Abusa da simplicidade da mulher o espanca-a! leva-a para sua caza e maltracta-a!

E' um patife este formigão sonso, especie de boi mongo que comeu coirana e que com a cabeça baixa tem illudido a toda esta cidade.

Ja não é possivel atural-o.

O muxingueiro não lhe porá as mãos por certo respeito, e porque está visto que si este demonio respeitasse pancada, ha muito teria continuado no seu antigo officio de fazer de conta. Irá pois para o porão e terá aos pés um par de pesados machos e ao pescoço uma cruz, signal de negro fugido, por que elle, má ovelha, fugiu do rebanho que ás escondidas quer deitar a perder.

LA VAE VERSO.

Recitativo

A FEIJOADA.

Pedes-mes um canto, d'inspirado amor,
Que falle em flor, em estrella, em lua;
Em doce aragem, em botão de rosa,
Em fada airosa, que nos céus fluctua?

Não sou cantor; só rimar eu sei;
Como, dizei, modular um canto?
Mas ja que pedes, que remedio tenho?
Ouve o desenho do que amo tanto:

Amo uma mesa de manjar gostoso
E appetitoso, com que encha a pança:
Gosto de doces quando são bem feitos,
E por confeitos sou uma criança.

Amo o carneiro, quando vem assado
E apimentado com limão e sal,
Amo a cavalla, o pampo, a tainha,
Amo a gallinha que não causa mal.

Mais q' um olhar, q' um sorrir mimoso
Amo o gostoso bello carurú,
Mais q' um suspiro, mais q' um gemido
O arroz cozido, com gordo perú.

Bem feita torta, de bom caranguejo,
Prefiro a um beijo, de qualquer mocinha,
Despreso as fallas que respiram amores
Pelos olôres da pior cosinha.

No bom presunto vejo amor escripto,
E não resisto a seu *olhar cheiroso*,
Lanço-me a elle com furor ardente,
Sinto meu dente o trincar—damnoso.

Nas lindas fructas, de variegadas cores,
Vejo das flores a risonha imagem,
Tirando a rolha e entornando o vinho,
De tão bom visinho sorvo a doce aragem
De linda estrella ao virar do copo
No fundo topo com a imagem sua;
Vejo em um prato que é so brancura
A formosura e o brilhar da lua.

Findo o banquete, ja de pança cheia,
Minh'alma anceia, tonta, embriagada,
Si lanço, grito a chorar, bravejo,
Si durmo vejo minha airosa fada.

Isto é que é vida!.... Realidade pura....
Isto é ventura. .. tudo mais é peta.
Oh bella virgem, si te agrada o assumpto
Manda um presunto, que o cantor acceita.

A PEDIDO

Previne-se ao Sr. Joaquim tacheiro ou thesoureiro, que deixe-se de perseguir os moços da visinhança de seus estabelecimentos e os que por ahi passam com seus olhares importunos e libidinosos.

Deve lembrar-se de que é pae de oito ou nove filhos e lhe pode cahir o raio em caza.

A companhia de escamoteadores

Sr. Redactor — A companhia do olho-vivo não cansa; em seu seio ha gente de todas as graduações.

Na noite de 6 do corrente entrou um moço em uma casa á rua da Misericordia e quando teve de se retirar appareceu um grupo de escamoteadores, e em um apertado abraço um—grande magico que vinha entre elles safou um relogio de ouro quo o moço trazia ná algibeira; soubese logo que aquillo era obra do tal magico, avezado ja a taes graças. Não se analysa por ora o facto, declarando-se-lhe o nome, para ver si o cujo toma vergonha e vae restituir o relogio a seu dono.

Esse cavalheiro de industria ja é muito conhecido pelos seus altos feitos. Por tanto si não entregar o que não é seu verá seu nome, estado, profissão, e as muitas ratonices que tem feito, em publico.

(Continuação.)

Capitão, eis-aqui o tratante de cuja captura V. Ex. me encarregou; peguei-o atrapalhado com o [illegible] que lhe

escorria das ventas e que com o lenço aparava, com uma penna que punha e tirava successivamente da orelha, e com umas tiras de papel que me disseram ser ingredientes de typographia.

—Vem ca, infamia personificada! Não sabes quem sou eu?

—Tenho a honra de conhecer a V. Ex.

—Não sabes que te sei da chronica?

—Sim, Sr.

—Promettes emendar-te?

—Prometto.

—Promettes?!

—Prometto sim, Sr.

—Pois ouve. Si me constar que tu, te aproveitando da boa fé de teu amo, continúas a subtrahir os autos do cartorio para com elles especulares, aperta-te!

—Sr., nunca tal fiz nem farei.

—Safado, quantas vezes procura-se alguns autos antigos no cartorio e deixa-se de encontral os? Quem é que os esconde? Não é quem os faz apparecerem? E quem os faz apparecerem não és tu? Não te pões tu a offerecer para, mediante alguma quantia, os *procurar com descanso*?

Não é por essa tua *busca particular* que os autos que hontem deixaram de ser encontrados em todo o cartorio acham-se hoje em cima da meza?

—Capitão, é falso.

—Falso! E como os outros escrivães não consentem que tu lhes chegues á porta?!

O pobre do homem que te atura ja te não te metteu os pés, por que sabe que está perdido, porque tu o compromettes com o grande numero de autos que do cartorio furtaste.

Toma pois sentido!

Si continúas nas tuas especulações forenses e si te mettes tambem em camisa de onze varas fallando daquelles, cuj s botas escovaste, tomas taca sem piedade!

Quem te avisa teu amigo é.

Vae, cousa ruim!

—Será certo que o subdelegado em exercicio na freguezia do Sant'Anna tem demittido a mais de vinte inspectores?

—Tenho ouvido dizer.

—Não tem duvida!

O *progresso dantino* caminha em tão larga escala que breve não ficará pedra sobre pedra.

—O pae do Dr. Aberem está damnado com o *Alabama*.

—Não tem rasão; zangado deve elle estar com o filho que quer ser branco.

—E como o filho não ha de querer ser, si o pae diz que o é?!

—Ah! ah! ah! agora comprehendo a zanga do homem!

De tal pae tal filho se esperava. O bolas, depois que metteu casaca, e deixou de envernisar os trastes dos outros, ja não falla com artistas.

—E' pena; deve porem ter um espelho e deixar de ser bobo, ficando a saber que a probidade e não a cor é que dá o merecimento.

—Sabem? Novidade e grande.

—Que ha então?

—Bebé sae todas as noutes com quatro peito-largos, quatro carrancudos e amestrados faquistas que o acompanham incessantemente para qualquer logar a que elle se dirija.

—E' que o rapaz, si não está com medo de alguma nova onça, tem receio de que lhe cuspam nas ventas como ja lhe fizeram em claro dia.

—E' um bobo! E mais bobo quem lhe mandou os taes capangas.

—Mas pode fazer alguma asneira e é preciso prevenir.

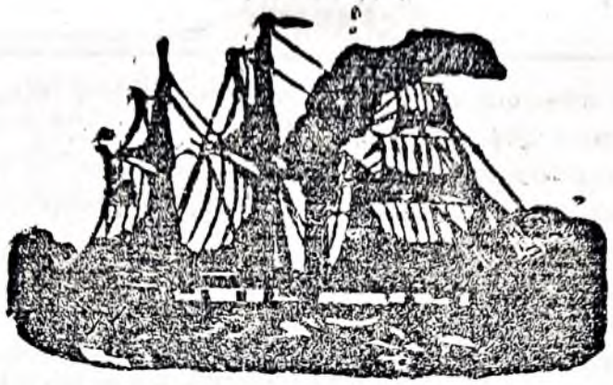
—Prevenir o que? E' a cousa mais simples do mundo: o *Capona* a querer figurar de Mata-cobra.

—Adequado papel para Bebé Sobrinho!

ANNUNCIOS.

O' lá da companhia dos *Xorões;* si continuam a frequentar a casa n.° 4, na rua *Misericordiosa* vão todos pelos bedelhos, remettidos ao muxingueiro do *Alabama*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 12 DE ABRIL DE 1866. SERIE 4.ª—N.º 34

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de abril de 1866.

Officio ao Illm. Sr Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que no Rio Vermelho ha uma companhia que se occupa em furtar carneiros, gallinhas, patos, perús &; o que não convém muito a quem tem taes animaes. Fazem parte dessa sucia um tal Victorino, um Patricio e um João Gomes, sobre os quaes devem recahir as vistas da policia que naquellas paragens só vê o que lhe faz conta.

Espera-se providencias.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que, no sabbado á noute, appareceu nos Barris um sujeito vestido de mulher; dizem que, *perseguido*, conseguiu fugir.

Na mesma noite os larapios invadiram a caza do Sr. Antonio Manuel de Sant'Anna, á ladeira de S. Francisco, e levaram uma caixa de joias.

Estes e outros factos diariamente trazidos á imprensa, provam contra a energia da policia, e espera-se que S. S. não queira confirmar a sua ausencia.

—O *Oneida* trouxe noticias do Sul.

—Desembuche.

—A 17 de março a nossa esquadra, deixando sufficientemente gardado o porto de Corrientes contra qualquer surpreza paraguaya, subia em tres divisões até as Tres Boccas.

A esquadra tomou posiçao da seguinte maneira:

Primeira e terceira divisão—em linha desde as Tres Boccas até o forte Itapirú, ficando na testa da linha o navio almirante *Apa*.

Segunda—na embocadura do Paraguay tambem em linha cuja testa é o encouraçado *Barroso*, fechando assim ao inimigo toda communicação por agua.

Constava a esquadra de 22 vasos com 102 peças.

No dia 21 partiram os vapores *Tamandaré*, *Araguary e Henriques Martins* commandados pelo capitao de mar e guerra Alvim, com instrucções para reconhecer os passos do Alto Paraná afim de escolher-se o logar mais favoravel de effectuar-se a passagem do exercito.

A's duas horas da madrugada do dia 22 uma bateria volante collocada nas Trez Boccas fez 14 tiros de bala no encouraçado *Barroso* no qual porém nenhum pegou.

A esquadra reconheceu toda a margem direita do Parana até algumas leguas acima do Passo da Patria, destacando alguns navios para este serviço, e balisou o canal, sendo em todo este serviço apenas hostilisada por alguns tiros do forte de Itapirú e baterias de terra, tiros que não acertaram

e a que os nossos navios nem se quer se dignaram responder.

Ficou a resposta adiada para o dia 25 de março, em que a esquadra devia arrasar todas as fortificações paraguayas levantadas á margem, franqueando a passagem ao exercito alliado, que a 28, segundo se dizia, transporia o rio. Para este effeito havia prompto um immenso material capaz de transportar de cada vez 7,000 homens, e em 24 horas todo o exercito, que passava de 40,000 homens. A' sobra da artilharia da esquadra esperava-se que esta passagem se realizaria sem grandes perdas da nossa parte.

O exercito estava acampado em *Tala-Corá* a 6 leguas de Corrientes e 2 e meia do Passo da Patria.

—Eis o que é! Foram recrutados, foram remettidos ao sul homens cazados, doentes, empregados, que de qualquer modo faziam falta a alguem.

Os que deviam ir, esses meus senhores sem eira nem beira, os capadocios, amotinadores e desordeiros ahi estão!

Occultaram-se no tempo da leva; mas agora deitaram as manguinhas de fora.

Roubo, furto, desordem continua, assuadas, arrombamentos de cazas de meretrizes, insultos a familias, bofetadas no templo, as ruas causando receio, tudo tem apparecido!

Não é declamação; desta imprensa mal apreciada por alguns não faltam noticias dos casos que se vão doudo.

Ainda um destes dias, domingo á noute, na caza n.º 32, Atraz da Sé, houve uma orgia diabolica; parecia que os capadocios queriam deitar por terra a habitação das pobres infelizes que os admittiram em caza. E depois do grande barulho que no interior fizeram, sahiram á rua, e um dos taes que era guarda policial á paizana, chicoteou horrivelmente um dos companheiros bacharel.

Este e outros factos são dados á luz diariamente; mas a maganagem levanta o collo porque conta com a impunidade; a capadoçagem affronta o publico porque tem por si a inercia da policia!

Oh! é preciso que quem se incumbe das cousas tenha a aptidão e geito necessarios para bem geril-as!

E' preciso que o publico viva desafrontado, que julgue que paga imposto para lhe garantirem a propriedade e a vida como diz a lei fundamental.

E' preciso que o cidadão possa ter confiança nas leis e nas authoridades do seu paiz.

E' preciso que o crime seja punido e perseguido para que possa descançar a virtude.

—E eu só quero ver o resultado do que V. disse; é qualquer *grande* dizer que não leva em conta gazetinhas.

—Bem bello! E' o Sr. Costa Guimarães a insultar seus empregados e estes por sua vez a insultarem o povo!

—Onde foi que V. viu isso, Sr.?

—O insolente carroceiro que cuida da rua do Saldanha, quando apanha o cisco, injuria desabridamente as mulheres, chamando-as de porcas, burras e.....; é todos os dias.

De maneira que o povo paga para ser bem servido e é apenas insultado, porque o Sr. Costa Guimarães só acha bebados e malcreados para empregar!

—Cousinhas da terra.

—A direcção da Quinta dos Lazaros pode intervir nos negocios internos das irmandades que alli tem cemiterios?

—Está claro que não.

—E como prohibe que uma irmandade interre em seus carneiros?

—E' que ha motivo. Mas quando foi isso?

—Ora quando! Uma irmandade deve tapagem de carneiros, manda dar parte que ha hoje um interro, respondem-lhe que o mordomo *deu ordem* para que *alli* se não interrasse. Leva-se porem o dinheiro da tapagem daquelle dia e ainda assim a *ordem* fica em vigor, o defunto é interrado!

—Incrivel!

—Incrivel, porem facto....

—E' que nesta Bahia só é impossivel ella tomar geito.

—E invadem assim os homens da morphéa os dominios da morte!

—Na ladeira das Hortas ha um beco na caza do Sr. Joaquim Torquato, em que se reunem mais de 30 moleques, tambores, meretrizes e outros ejusdem furfuris; á noute ha alli barulho a valer, gritos, samba e furto de gallinhas pela visinhança, que se queixa do grande incommodo que soffre.

—E' intender-se com o subdelegado competente, dizendo-lhe que deve tractar de policiar aquella rua, visto se achar na Gamboa o Sr. Joaquim Torquato que com a sua presença e força moral espavoria os peraltas.

—A bom santo me encommenda!

—Capitão, disseram-me isto....

—Isto, o que?

—Que o guarda policial Vicente Attilo Regulo requerera ao commandante inspecção de saude a 14 do passado e que somente a 29 teve elle despacho favoravel. A junta achou-o incapaz de todo serviço por soffrer elle de hernia; o homem requereu immediatamente ao presidente sua baixa; o requerimento foi demorado até o dia 7 do corrente e o guarda intendeu dever fallar vocalmente ao presidente no que foi impedido pelo cabo d'ordens, o qual correu immediatamente a provenir o commandante. Este mandou metter o pobre guarda no calabouço a meio soldo!

—Agora V. trazendo isto para o *Alabama* faz o homem soffrer até tronco; o Sr. Salles não castiga soldado accusado pelo *Alabama* e enfurece-se contra as victimas por quem a imprensa reclama.

—E' o que me disseram.

E disseram tambem que o guarda está bem doente; e que so a pedido de alguns officiaes alcançou ir á revista de doentes, sendo dalli mandado para o hospital.

—O facto, a ser verdadeiro, é semelhante a outros muitos. Hoje so por meio de empenhos se alcança alguma cousa; é preciso que o pobre soldado valha-se d'algumas pessoas de quem o commandante dependa e tudo arranja-se.

E' a moda.

LA VAE VERSO.

Dialogo

—Compadre, por que será
Que o delegado João
Que não me fallava, ao ver-me
E' logo chapeu na mão?

Veja la si o advinha,
Tire me desse embaraço;
Ha dias, mil conjecturas
Na mente faço e desfaço.

Quererá pedir-me o homem
Por acaso algum dinheiro?
Pouco tenho; mas lh'o cedo
P'ra mostrar o que é *roceiro*.

Mas elle tem uma Eva
De quem ja tem um filhinho;
Querem ver que sou chamado
P'ra servir-lhe de padrinho!

Mas não; eu vejo a menina
Meio arisca, elle tambem;
O cujo pede-me a filha,
Dou á sorte o parabem!

—Visionario, não vês
Qu' és um rustico roceiro
E que figurar não podes
De pae rico e fazendeiro?

E si padrinho do filho
Do rico não podes ser,
Como de sogro do rico
Pretenções ousaste ter?

O que somente ser pode
E' que o dinheiro te coma
E que depois te abomine
Como o toucinho Mafoma.

O cortejo que recebes
Com frequencia, assiduidade
Não é mais do que uma rede
Que te lança a authoridade.

Ahi stá novembro, compadre,
Ahi vem as eleições;
Aperta-se a mão de todos,
Ja não ha mais figurões.

—Tudo no mundo é possivel,
Mas agora caio em mim:

Da phantasia e vaidade
Andei feito manequim.

O chapeu que o homem tira,
Quando ja negou-me a falla,
Tem por motivo eleições,
Serve apenas de caballa!

A PEDIDO

—Capitão, peço-lhe o muxingueiro para metter a taca n'um desfructavel atrevido.

—Não pode sahir de bordo; os castigos não cessam em quanto não cessarem os crimes.

—Pois ouça o que ha e veja si me *lambadêa* o sujeito.

Ha no sitio das *Pitangas* um taful conhecido por *Julinho Sete contos*; é mettido a petit-maître e tem-se em conta de *conquistador* de virgens; e bem que não passe de ridiculo palhaço para muitas, vae comtudo illudindo aquellas que por inexperientes pensam que tudo que luz é ouro.

Esse desfructavel escandalisava diariamente a visinhança com uma innocente virgem, ahi para a Fonte das Pedras; alguns rapazes reuniram-se, e em uma noite, quando ia elle visitar o ponto, foi abordado e representou o tristissimo papel de judas; isto é, sujeitou-se a que os rapazes lhe atassem uma caixa de traques na aba do sobresaco, a que tocaram fogo, soffrendo na vista da *demorada* as vaias dos moleques que o viam saltar enfurecido por entre os estouros, faiscas e fumaça.

Ora um caso destes é para envergonhar um cão; pois o nosso Julinho voltou á conquista e taes escandalos continuou a fazer com a *condescendente*, que foi dalli corrido a pedradas pelos moleques, entre assovios e gritos de *renitente, larga o osso.*

E ainda continúa a roer o osso aquelle esfaimado cão de açougue!

—Quer então que eu indireite um pau que nasceu torto?!

—Algumas providencias são precisas.

Não é so isto; vae indo no seu destino por toda a parte. Agora anda pela rua do Bangala, e tem feito o diabo com uma coquette amarellada da qual se acclamou dono, sem que nenhuma reclamação houvesse.

O namoro é o primeiro passo para o casamento; mas quando elle não tem por fim a união de dous entes, a procreação da raça, a perpetuação da familia, abençoadas pela magestade da Religião; quando, ao contrario serve elle apenas para enojar e indignar os visinhos, escandalisar ao publico, é preciso que haja um correctivo, e este correctivo venho imploral-o de V. Ex. para o caso vertente.

—Bem; hei de encommendar á policia disfarçada que me agarre o bobo e fallaremos.

—Que ao menos a gente da caza ponha cabo em certas cousas.

—Arranja-se tudo e o tal Julinho, apezar dos 7 contos, toma taca sempre.

Pergunta innocente.

Estando em arrematação a canalisação do rio Camorogipe, pode o Sr. José Carlos continuar a receber ordenado, como seu administrador?

O bom senso está dando a resposta; mas quem se julgar habilitado ou obrigado que se digne dar um ar de sua graça.

Um que não sabe.

ANNUNCIOS.

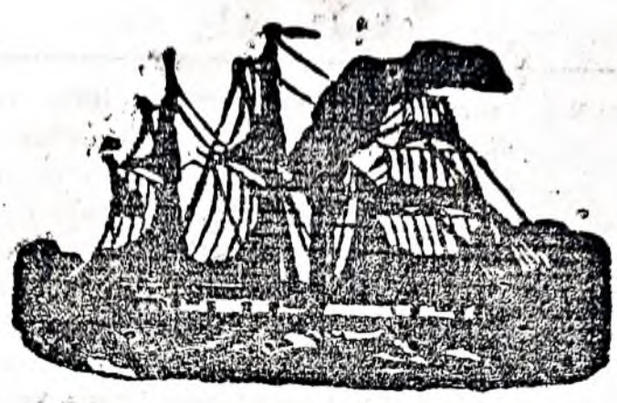
Quem precisar de um caixeiro para alambique, habil para distillações de agoardente, dirija-se ao armazem do Sol á rua dos Caldereiros, que achará com quem tractar, sendo para o reconcavo.

O proprietario da loja de fumo e charutos sita ao Caes Dourado n. 83 pede ás pessoas que tem contas desde o anno passado o favor de vir saldal-as no praso de 8 dias, do contrario terão o dissabor de ver seu nome publicado por extenso neste jornal.

Está exposta á venda na loja de livros ao largo da Praça do Sr. Martin, a nova modinha intitulada—**O meu penar,** por José Bruno Correia.

Preço 1$ rs.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 14 DE ABRIL DE 1866. SERIE 4.ª—N.º 33

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade do Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de abril de 1866.

Não houve expediente.

—Por acto de 7 do corrente foram nomeados, para a subdelegacia do arraial do Alegre, termo de Carinhanha

1.º supplente tenente coronel *Irenio Pereira de Castro*;

2.º dito major *Honorato Pereira de Castro*;

3.º dito *Pio Pereira de Castro*.

São portanto tres membros da mesma familia, um tenente coronel, um major e o outro provavelmente capitão, que ficam agora todos subdelegados.

E' provavel que os outros que tambem foram nomeados e que não tem o mesmo appellido sejam comtudo da familia que com um olho só domina aquella terra de cegos.

Andar assim é bom andar.

Deitem as manguinhas de fora que temos vento pela popa.

—Acabou-se o *changó*! O espectaculo repulsivo que se presenciava diariamente nas ruas desta cidade de passarem acorrentados pelo pescoço homens que nenhum crime tinham commettido—foi abolido! Graças, ao Sr. Dr. chefe de policia Galeão que assim deu provas de que não desmente as ideias que predominam na sua illustre familia!

—Que tiros são estes?

Ja não é a primeira madrugada que os ouço; sempre que passo pela ladeira de S. Francisco, soam elles do lado da maçonaria.

—E' um sujeito que intendeu que melhor era comer gato sem dinheiro do que vacca *salgada*; anda portanto a caçar gatos, para seu regalo, bem que fique incommodada a visinhança.

—Pois é uma caçada perigosa e prohibida.

—Uma mulher ia sendo offendida.

—Julgo que a policia deve intervir; tambem é pouca cousa: atirar uma *bola* bem arranjada, e nenhum perigo mais haverá de que o tal caxorrão devore os gatinhos dos seus visinhos.

—Capitão, uma como ha muitas.

—Vamos a ella.

—Aqui em certo tempo (tempo em que Latronopolis era Latronopolis!) havia uma policia que não era a policia de hoje.

—Boa duvida!

—Foi destacado com outros para o

sertão, Caetité por exemplo, um guarda do nome *Balbino*, filho de um tal *Frederico*, que la morreu. Não obstante o soldo do homem começou a tirar-se na thesouraria e o capitão da companhia a comel-o.

—Salva a redacção.

—Creio que o *grito* comeu uns 261$ rs. e mais comeria, si um tal capitão, parente do *Emygdio*, não mettesse uma *cunha* no negocio, quando teve certas questões que nos não importam.

—E como se chama o cujo que mamou os cobres?

—Foram diversos; todos achavam o escandalo e o continuavam. V. Ex. sabe que elles estão sempre em commissões, entra um, sae outro e neste vaivem a ladroeira ia andando.

—Bagatella...

—Bagatella ou não, são 261$ reis. Supponha que o caso se deu presentemente, o que faria V. Ex.?

—Não tenho nada com isso; não adianto ideias que podem não ser cumpridas nem argumento por hypotheses

—Pois eu fazia os cobres voltarem á thesouraria e havia de apparecer muita cousinha boa e muita carinha bonita.

Ladrões!

—Capitão uma historia.

—Conte-a.

—Havia aqui uma africana que vendia mingau na porta d'alfandega, chamada Victoria; era casada com Raymundo d'Almeida que foi para Africa. A mulher aqui ficou por suas rasões. Tinha ella, entre outros escravos, uma crioulinha de nome Amancia a quem muito estimava e a quem passou carta d'alforria. Querendo deital-a em notas, aconselharam-lhe que tal não fizesse, porque crioulo era gente ingrata e a crioulinha, logo que crescesse e soubesse que era livre, a desampararia; que ella guardasse a carta até a sua morte, unica maneira de obrigar a crioulinha a viver com ella. Assim fez.

Quem conhece, quem sabe o que é um africano que tem bens, como é *seguro*, ha de dar um juramento comigo em como Victoria vivia desembaraçadamente, sem dever a ninguem.

Morreu, ha dous annos, e foi a menina para a casa da Joaquina do André Pinto, comadre da fallecida. Agora apparecem dividas e não apparece a carta da menina, quando muita gente sabe que sua senhora deixou-a liberta; querem vender a crioulinha, a pretexto de pagar as taes dividas tão demoradas em apparecerem!

Que acha, capitão?

—Acho que a authoridade devia investigar esse negocio, saber que fundo de verdade ha nisso que o Sr contou, ouvir alguem que sabe da carta, e fazer o que for de justiça.

—Pois bem; em nome da humanidade pede-se a attenção dos Srs. Drs. chefe de policia e promotor publico para esse negocio, si é que está nas suas alçadas.

A PEDIDO

—Capitão, duas perguntas.

—Hei de dar-lhe duas respostas.

—Si V. Ex. fosse o capitão do porto da Bahia e tivesse sciencia de que por ahi algures, por exemplo nas praias de Una, fosse encontrada uma bomba que um capataz puzesse a bom recato para servir em sua lancha (no caso de a ter, bem intendido) V. Ex. o que faria?

—O capitão do porto que lhe responda.

—E suppondo que V. Ex. era o chefe de policia e o capataz subdelegado, que faria V. Ex. ao saber que um pobre crioulo conhecido por João Congo, casado, foi, por embriagado, á ordem do tal subdelegado, mettido n'um tronco, onde esteve um dia inteiro, exposto ao sol, com ambos os pés presos, sendo dalli tirado quando desfalleceu e ficando de cama muitos dias e defeituoso de uma perna?

—O proceder das authoridades em casos taes responde ás suas hypotheses.

—Oxalá nestas procurem as authoridades ver si descobrem alguma these!

—V. não vê aquelle bobo, Vira-beco

da Barra, João duro da cidade, Cathegoria da repartição?

—Vejo.

—E' apenas um phosphoro da policia, escreve alli, devendo cortar capim e lavar cavallos, que é dever dos ordenanças.

Pois teve o desaforo de dizer que ainda havia ser supplente de subdelegado para recrutar os redactores do *Alabama*.

—E duvida? Peiores cousas tem havido.

Elle ja vae principiando; ha dias andou de ordenança atraz, quiz prender e desprender, fez mil proezas pela frente da egreja de S. Francisco.

—E' preciso primeiro que o porco va lavar-se que anda muito sujo.

E antes que chegue a cumprir seus intentos, ha de o muxingueiro pegar-lhe pelas orelhas para elle ficar conhecendo que mocotó não é lombo.

A cada tacada que levar o improvisado empregado publico das *cathegorias* ha de se ir lembrando das leis e dos direitos do cidadão brazileiro e ha de ser o primeiro a proclamar a infallibilidade das receitas do *Alabama*. Aposto então que quando elle estiver *com a vara na mão* nem por sonhos terá a lembrança de prender a postilhões quanto mais a redactores que se não dão a desfructe, servindo de palhaço para os companheiros.

—Ora venha ca, Sr. Leopoldo das enxundias!

—A's ordens.

—E' V. o membro protector da companhia dos *pescadores*, estabelecida no Caes do Ouro?

—Creado de V. Ex...

—E por miseria de Latronopolis, inspector de quarteirão, da confiança do subdelegado que com tudo feito por V. concorda!...

Ora ande ca: que modo é este seu de tomar fiado, pedindo, rogando, com boas maneiras, allegando amisade e conhecimento e depois sem querer pagar, brigando, insultando e intimando de authoridade?

Por que faz V. aos credores guerra desabrida?

—Calumnia.

—Testemunhas o victimas, ahi estão a confundil-o o Motta, o José da Fazenda, o Torres Sabiá, o Agostinho Preguiça e outros.

—Pode ser que tenha feito algumas, mas não lembro-me.

—Si V., cousa ruim, além do mais anda sempre chupado!

Pois tem termos V. tomar os alqueires de farinha fiado ao mestre do barco das *fontes*, e agora, para não pagar, andar a insultar o homem e ameaçal-o com prizão?!

Até com seu pobre compadre, por que não pode mais atural-o nem levar facadas, V. exerce seu genio endiabrado?!

Uma vez ou outra em que elle se descuidasse em fechar a porta, era V. o primeiro a defendel o por que V. delle tem arranhado muito. E como o anda perseguindo, mandando prendel-o quando se descuida?

Tenho conhecido que V. é cousa ruim no seu auge; castigo para certa gente safada aqui a bordo não ha.

O' muxingueiro!

Todas as vezes que encontrares este sujeito pelo Caes do Ouro e immediações mettido em questões e prisões, mette-lhe a taca de rijo; pode ser que elle te ameaçe com o poder do Sr. de *Castro*, mas continuarás as tacadas até que elle se lembre que mais valem os santos do que os homens e implore por S. *Leopoldo*, que é o santo de seu nome.

—Capitão, venho pedir-lhe um favor.

—Não sendo dinheiro ou cousa que o valha, estou a seu dispor.

—E' um simples pedido apenas.

—Va dizendo.

—Queria que mandasse o seu aspirante intender-se com o morador da casa nº 21 D, ao Saboeiro, e o obrigasse a ter, á noite, ou suas janellas fechadas ou se conservasse ás escuras.

—Isso é impossivel; cada um pode estar em sua casa como lhe convier.

—Mas a razão é porque o homem á noite escancara as janellas e põe-se nú em pelle como sua mãe o pariu e pelo meio da casa, de officleid na bocca a tocar: chama assim a attenção da visinhança cujas vistas vão esbarrar-se com aquelle painel.

Pode ser que elle faça isso por soffrer muito calor, mas tambem devo attender ao decoro das familias.

—Então o sujeito *é musico?*

—Parece.

—Como se chama?

—Não sei.

—Bem; vou mandar chamal-o e admoestal-o, pela primeira vez; mas si reincidir tem obra com o muxingueiro.

—Obrigado, capitão.

—Capitão, quem é que não conhece o Rei dos moleques?

—Creio que ninguem.

—Pois engana-se e a prova é um ourives que tem taboleta na rua dos Ourives; levou do larapio uma bombada soffrivel.

—E' que então o homem estava despachando canastras de vinagre.

—Não sei; o que corre é que Salú foi ao homem em um dos dias da semana Santa e tomou-lhe algumas joias para ir mostrar a sua tia para ver de qual dellas se agradaria.

—Estava doudo o homem, não tem duvida!

—Que fez Salu?

Empenhou as joias por 50$ rs. e mandou o ourives á fava.

—Bem feito lhe seja; avisos não lhe faltaram.

—O ourives não foi tão infeliz como parece; sabendo da tratada de Salú, foi ter com a tia que escorregou in continenti os 50 bagos para se ir resgatar as joias.

—Pobre senhora!

—E assim mesmo ha de negar as ladroeiras desse ingrato que ella devera tanger a ponta-pés pela porta fora.

Ha pouco uma familia chegada de Valença fez reparo nas diabruras que Salú fazia e ella defendeu-o promptamente.

Esse proceder causa dó; mas fez rir ouvir o descaradão que estava presente dizer que se havia vingar.

—E que faz?

—Pobre coitado, mal chega uma isca para cada tubarão que o pretende devorar. E depois se vinga-se quem tem vergonha que foi cousa que Salú nunca conheceu.

O abaixo assignado roga á illustre redacção do *Alabama* o especial favor de lhe declarar por este mesmo periodico si um escripto, que sahiu em o nº 33, oito do corrente, pag 3.ª columna 2.ª in fine, que traz por titulo—*Continuação*,—e contem allusões de *autos sumidos em certo cartorio, para somente apparecerem quando se pagar as buscas*, se refere ao abaixo assignado: visto como um tal *judeu Leão da Silva*, contra quem agencia o abaixo assignado uma execução e um embargo, anda pelo Forum com esse numero do *Alabama* affirmando, que essas allusões se referem ao mesmo abaixo assignado, por ter *elle judeu* disso inteira sciencia.

Com a resposta de Vv. muito terá a agradecer-lhes.

Secundino Mendes Rabello.

—

Tendo sido o artigo remettido por terceira pessoa, como se vê do titulo—a pedido—sob o qual foi elle publicado, ignoramos a quem se referem as allusões nelle contidas. Bahia 13 de abril de 1866.

A Redacção.

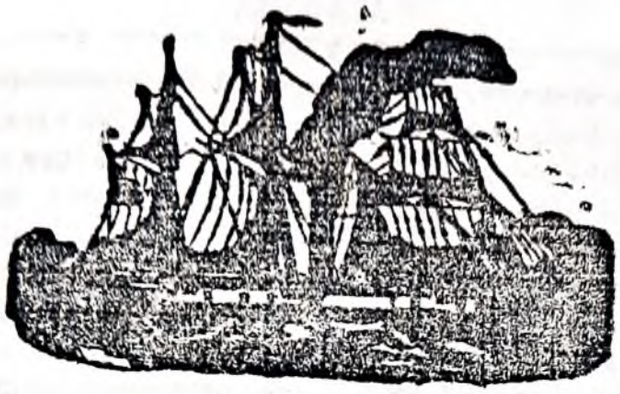
ANNUNCIOS.

Quem precisar de um caixeiro para alambique, habil para distillações de agoardente, dirija-se ao armazem do Sol á rua dos Caldereiros, que achará com quem tractar, sendo para o reconcavo.

Está exposta á venda na loja de livros ao largo da Praça do Sr. Martin, a nova modinha intitulada—**O meu penar**, por José Bruno Correia.

Preço 1$ rs.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 18 DE ABRIL DE 1866. SERIE 4.ª—N.º 36

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de abril de 1866.

Officio á camara municipal, participando-lhe que as barracas da praça do Mercado se acham tão estragadas que os cornijamentos e linhas de engradamento, que são de madeira, estão vindo abaixo.

E como pode succeder que caiam elles em occasião em que passe algum infeliz, e como é sempre bom prevenir, espera-se da Illma. que lance para as ditas barracas suas piedosas vistas.

—Ao Sr. fiscal do gaz, pedindo-lhe que faça com que essa companhia mande indireitar o combustor nº 1372, junto a fonte das Pedras, que se acha cahido ha seculos!

Aquella rua presta-se, por sua exquisitice, a maus fins, e conserval-a no escuro parece protecção e animação a desordeiros e ratoneiros que por alli se embosquem.

Espera-se por tanto que S. S. dê-se pressa em executar o pedido que importa um bem commum.

—E' uma barbaridade!

Entretanto o Sr. tambor vae seu caminho socegado e impune, sem ter quem lhe tome contas dos maus tractos que pratica com infelizes creanças que lhe cahiram nas unhas!

—Que é, rapaz?

—E' um desaforo inqualificavel! Realmente esta terra está perdida! Ja tambor é cousa; pode castigar, martyrisar impunemente, sem que ao menos um protesto da visinhança seja ouvido!

—Que necessidade tem os visinhos de se intrigarem?

E onde mora o tambor? o que faz?

—Mora na rua das Veronicas; creio que é do batalhão de artilharia. Quando qualquer das creanças, de que é mestre, commette qualquer falta, arma elle todos os companheiros de chibata, forma quadrado, mette o pequeno delinquente no centro e faz carambola com o menino á força de vergalhadas, que é um nunca acabar!

Causa lastima, faz dó ouvir o gemido da criança e o chiado do junco, em quanto ficam indignadas as pessoas que lhe ouvem a voz imperativa a ordenar manobras que são executadas no corpo do menino.

—Que perversidade! Aqui o remedio, julgo eu, é a policia intender-se com o homem etcetera e tal.

—Ora speremos.

—Quantas casacas tem o Dr. Junqueira?

—Provavelmente muitas.

—Diabo! anda o homem a virar de bordo; quando se o espera bonançoso, ei-lo que vem pela proa furioso como trezentos demonios!

Sempre a virar a casaca!

—Si vira a casaca é que só tem uma com duas vistas talvez.

—Mas, homem de Deus, em tracto de politica; quero dizer que ninguem sabe quando tem pelos pés ou pelas mãos o Dr. Junqueira; não lhe sei comprehender o ligueirismo, o progressismo; proclamou-se ligueiro e sempre esteve na opposição.

—Pois o que V lhe acha um crime, julgo eu virtude. S. Ex. guerreou o celebre ministerio Olinda por causa do celeberrimo emprestimo do marquez de Abrantes; guerreia agora o celeberrimo gabinete Olinda talvez por causa do decantado emprestimo do Sr. Dias de Carvalho.

E' sempre a mesma casaca; opposição aos abusos onde quer que os encontre.

—Emfim, la se avenham;são brancos, comem seu toucinho, por la se arranjem.

—Capitão, uma rectificação.

—Faça-a.

—Lembra-se d'uma historia que contei sobre um defunto soldado de policia que recebia soldo?

—Pois não!

—O dinheiro do homem morto ja foi recolhido á thesouraria; recebiam-no por que estavam na *duvida de que o defunto seria ou não vivo*. Eu sou justo, dou o seu a seu dono e é por isso que declaro ja que não está provado que a restituição do dinheiro fosse feita antes das ameaças de certo capitão.

—Gosto muito de quem falla a verdade.

—Nesta terra parece que nunca houve camara municipal e ainda outras e outras .....

Veja aqui o largo da Palma como está inteiramente coberto de capim.

—Admira-se do pouco; a frente da matriz do Pilar está cheia de mamoneiras e coirannas.

—Mas veja quanto cisco, quanta garrafa quebrada! Onde está a empreza do Sr. Costa Guimarães?

—Que lembrança!

—Venha agora pelo Castanheda, ande; arranje-se, abra o capim com as pernas, muito embora leve-lhe o diabo os sapatos e as calças! Está vendo! Conte: um, dous, tres, quatro..... dez!

Dez canos particulares que despejam para a rua! Tem termos isto?!

Veja aquelle muro com aquella bica de telha e com aquelle rego tambem de telhas; é mais um escoadouro para aformosear a rua!

Eis o *beco* do Tarquicio; não vê um rego tambem? Como o *beco* é um pouco mais alto, a infeliz rua é ainda o receptaculo das *aguas* que dalli correm.

Isto é rua em que se more? Que é das authoridades da terra? que é do inspector de saude? que é do diabo da limpeza?

—Estão ahi; mas não ha dinheiro, e depois falta tempo ao homem do cisco.

—Mas os exactores serão promptos em cobrar as decimas e outros impostos, embora soffra o publico em sua bolça e em sua vida.

—Ora que diabo! Sae um homem de caza, limpo, paramenta-se, acode-se, e quando menos o pensa, quando, descuidado, vae passando por uma rua, fica de repente sujo de lama! Isto só na Bahia!

—Com effeito é um cravo; onde sujou assim a casaca?

—Ia pela rua da Poeira, entretido a olhar para uma dama e nem reparava no chão que pisava; de repente sae de um muro uma porção de agua suja e lama não com tanta rapidez que eu me não pudesse pôr a alguma distancia; mas como o diabo do cano é no alto do muro e a enchente foi grande, salpicou-me sempre e poz-me no estado em que vê.

—Que decepção! que risadas não daria a moça!

—Nem de tal lembrei-me mais; comecei a bradar comigo mesmo contra a camara e tomei nota do logar para mandar para o *Alabama*. O diabo do muro fica junto a caza 89.

—E' com effeito lastimavel que em todas as ruas desta cidade se encontre aguas servidas!

—O Sr. Dr. chefe de policia interino fez ver ao Sr. carcereiro da correcção que não era possivel que continuasse o abuso de serem retidos os presos pobres, a pretexto de falta de pagamento de carceragem.

—Era com effeito um abuso; depois que o homem obtinha sua soltura ficar preso á disposição de 1$800 reis que elle não podia ganhar.

—Abuso tanto maior quanto a lei não quer ninguem preso sem crime e neste paiz constitucional ninguem pode ser preso por dividas!

—Finalmente cessou o escandalo.

—Ja era tempo. O Illm. Sr. Dr. Galeão receba, em nome da humanidade desvalida, os agradecimentos que lhe são devidos pelo seu acto justiceiro.

LA VAE VERSO.

De quem seria o feliz
Que fosse eleito mandão
Havia, ha muito, disputa
Dos pitús no batalhão.

Entre outros se apresentaram
(Eu não sou homem de petas)
De *yoyô Zezé* o filho
E o homem dos caretas.

Tambem *Lopez* caricata
Queria pegar na cousa;
P'ra isso, dizem valeu-se
D'el-rei D. Mané de Souza.

Vae porem Mané ao Rio
E teco tal barafunda
Que pelas ventas nos joga
Horrivel... feia careunda!...

J. C. F.

A PEDIDO

Consta-nos que em certa caza nas immediações da policia, das 10 horas em diante principia a escamotage em jogatinal, e isso com todo o escandalo, e menoscabo á lei e ás authoridades; tendo ja havido pancadarias, trastes rotos, &; ajuntam-se francezes, hespanhoes, e um celebre portuguez das commendas, muito rico nas plagas lusitanas, mas que veio para esfollar aos papalvos, e a policia....a policia... no somno da innocencia, estamos no tempo da liberdade.

Continuaremos.

O official de justiça.

—Antes trabalhar-se para gente pobre que tenha vontade de pagar, do que para esses fidalgotes ricos que quando não estão no banho ja sahiram de casa, e sempre vivem cheios de embaraços!

—Que duvida!

—Estou aqui damnado! Trabalhei no funeral de uma pessoa titular, chefe de uma familia ricassa, e até hoje estou por ver meu dinheiro.

—E tem procurado?

—Ja estou cançado de caminhar. E' um jogo de empurra; anda-se de Judas para Pilatos e nada de apparecer dinheiro.

—Então va tendo paciencia.

—Eu o que faço é um protesto de nunca mais trabalhar fiado para barões, viscondessas, etc.

—Pois o *Zé* vapor é mais *feliz* que V.; so trabalha para pobre e sempre recebe.

Caso virgem.

Indo alguns officiaes de justiça dar cumprimento a um mandado do juiz, tiveram em resultado apanharem, e voltarem rotos e maltratados; o juiz da terra, consta-nos, que satisfez-se com o prometterem os taes desrespeitadores da lei de pagar; em vista disso ja se vê que pago o dinheiro, está a lei desafrontada, e tambem o juiz. Não posso crer; e só quero ver em que fica isso; pois não estamos no Paraguay.

Uma testemunha de vista.

—Que feio e reprehensivel procedimento!

—Qual?

—Daquellas mulheres na rua Direita do Collegio.

—O que fizeram?

—Ha um cego a quem os moleques chamam *Saruê-bejú*: todas as vezes que o homem passa por alli á noite, despejam lhe bacias d'agua. Acho isso uma deshumanidade.

—Sabe o nº da casa?

—18.

—Vou ja dar providencias para que essas honradas senhoras não continuem.

O Dr. Cathegoria
Quer ter foros de barão,
Quando aqui é conhecido
Por um grande TOLEIRÃO.

Arrenega a sua patria
E diz que quer ser francez,
Ja não se lembra em menino
Das *cousinhas* que elle fez!

O Dr. não passa aqui
De um simples ordenança,
Quer ser subdelegado,
Qu'é para tirar vingança.

O Jayme.

—O que faz este sujeito constantemente em pé pelas portas das boticas e lojas?

—Este bigorrilha não tendo em que se occupar, vive trocando as pernas e malandreando.

—E que faz a policia que não lhe dá destino?

—O cujo tem labias que engana a todos; intitula-se de ricasso: diz que tem 36:000$, em diversos estabelecimentos, que é filho de um Sr. de engenho parente do *Carvalho*, que tem bens no reino do *Aragão*; mostra cartas com letra fingida dizendo que é do pae, em que lhe promette mundos e fundos: diz que recebe uma quantia todos os mezes para seus gastos e outras cousas; e com taes palavrinhas conseguiu tomar um abono de fazendas no valor de 898$200 em mão de um estrangeiro, a quem comprometteu, e mandando este lhe fazer penhora nos cacos, nada achou.

Ja foi em algum tempo despachante de certa repartição, mas por suas boas obras o enxotaram dalli.

A certa pessoa tomava constantemente aos 2$ e 3$ rs. dizendo que não tinha recebido mesada e mostrando uma carta do pae em que lhe promettia dinheiro no mez seguinte.

—Sabe-lhe o nome?

—Não; sei que tem Pires.

—Pois va com o grumete *Francisco* agarral-o e o leve para bordo que tenho destino para elle.

Attenção

Pede-se ao aspirante João de Deus, que vá ao Gravatá, venda dos *dous-dous*, e disperse uma sucia de sujeitos que põem-se alli a fazer assuadas e ás vezes a adiantar-se; no caso de reincidencia conduza-os a bordo afim de serem castigados por ordem do capitão do *Alabama* e publicados seus nomes.

Um massado.

—Caso raro!

—Qual?

—A beata da ladeira dos Barris casou-se.

—E o que tem isso?

—E' para admirar; por que ella dizia que não era mais deste mundo e que tinha feito confissão geral na Piedade; e que toda sua vida consagrava a S. Firmo de quem era devota.

—Então foi milagre do santo.

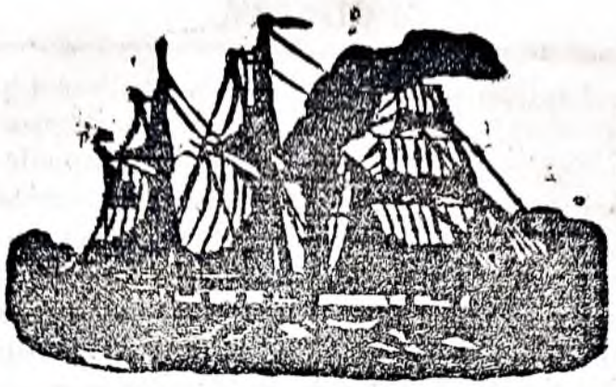
—E' provavel; mas muito milagroso é o tal S. Firmo si reduziu aquelle coração tão chegado ao ceu a voltar-se para o mundo.

ANNUNCIOS.

Attenção!

Fugiu do abaixo assignado ao Campo da Polvora, um caxorrinho do Reino, branco, cabelludo, com uma pequena ferida no pescoço, accode por Nilo quem o achar, e levar a dita roça ou ao trapiche Julião será recompensado com 8$000. *João Manuel Fernandes.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 19 DE ABRIL DE 1866. SERIE 4.ª—N.º 37

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de abril de 1866.

Officio ao Sr, commandante do corpo de policia provisorio, para que responda com brevidade sobre o seguinte:

Si é verdade que o guarda da 3ª companhia José Luiz de Souza fôra espancado a panno de espada desde o tanque do engenho da Conceição até a casa de prisão com trabalho pelo tenente Filgueiras.

Si é exacto que aquelle guarda esteve de guarda seis dias successivos e fazendo sentinellas dobradas.

Si é egualmente exacto que não podendo o referido soldado resistir aos maus tratamentos de que era victima, fugiu do destacamento como foge um escravo do poder do senhor vilão, e veiu se apadrinhar com S. S.

E no caso de ser tudo isso exacto, que crime commetteu aquelle soldado para ser tratado tão brutalmente.

E no caso de haver commettido crime, si é esse o meio de punição apontado pelo regulamente do corpo.

Finalmente si não estando o mencionado official authorisado a praticar tal abuso com um seu subordinado, a razão porque até hoje está impune, a serem verdade estes boatos que o vulgo espalha ha mais de 8 dias.

A moralidade e disciplina do corpo do commando de S. S. urge por uma prompta solução a este negocio.

—V. tome sentido quando passar pela ladeira do Gravatá.

—Que ha então?

—Uma bocca de lobo, coberta pelos capins da beirada e collocada em falso; tem succedido a muito gente pisar naquelle alçapão e ficar de perna dentro; tem sido felicidade não haver ja alguma perna quebrada.

—E' o que a camara está esperando; descança inertemente até que alguma desgraça a desperte de seu somno para que dê algumas providencias.

—Com effeito!

—Veja o de que é capaz o coração humano. Um tal Albano, na Lage, tendo desconfianças da mulher, castrou-a e serrou-lhe depois as munhecas!

—E' horrivel e incrivel!

—Impossivel não é, e o *Jornal* que relata o facto affiança que é verdadeiro.

—Frigidus horror membra quatit!

—Ha na rua do Bangala uma caza de dar venturas pertencente a um preto de nome Izidoro; alli se reunem todos os infelizes ignorantes que creem que

mingau é cangica o que depositam seu dinheiro nas mãos do sabido que vive á custa dos tolos; bruxarias de toda a specie são praticadas com revoltante escandalo, indignando a quem tem cabeça e coração para lamentar os desvarios da humanidade.

O candomblé é nas immediações das cazas do Sr. Malaquias; nelle entrou no dia 12 a policia, que, em outro paiz ja o teria descoberto e feito desapparecer.

Dous portuguezes, acompanhados de dous guardas de policia, la penetraram e tiraram duas negrinhas fugidas, que se tinham acoutado nos dominios do novo ogam; entretanto contentaram-se com isso, quando podiam dar cabo daquella patifaria.

—Ora bem bello!

V. parece doudo; como é que queria que dous portuguezes e dous guardas que foram por ordem da authoridade a um fim especial, ultrapassassem suas attribuições e se mettessem a vasculhar a casa sem a presença da authoridade?!

—Está bom, Sr; mas agora a authoridade ja sabe onde é o covil, deve expellir dalli quanto antes a fera e as victimas que habitam aquelle immundo templo de devassidões e miseria.

—Isto sim; esperemos que a policia faça o seu dever.

—O olho-vivo anda desaforado; os tratantes abrem de dia as portas dos cidadãos com gazuas!

—Deixe-se de historias.

—A historia é que na segunda feira 16 do corrente um tal Mamede foi á rua d'Ajuda e abriu a caza de uma crioula de nome Paulina e roubou-lhe mais ou menos noventa mil reis em dinheiro, umas correntes cheias de patacões e enfeites, um collar e mais algum ouro que achou. E nesse mesmo dia o patusco foi a uma caza de jogo e apresentou diversos patacões com signal de que tiveram argollas e estiveram em correntes.

E' um sujeito bastante conhecido; ha dias bifou um relogio com a maior semcerimonia e facilidade do mundo.

—E a policia o que fez?

—Bifou-o por sua vez.

Havia contra elle algumas suspeitas e o subdelegado da Sé recorreu ao subdelegado de S. Pedro (elle mora no Accioli) que cercou-lhe a caza e achou interradas as joias da rapariga; os cobres provavelmente ja se tinham ido na jogatina.

—E amanhan sae esse ladrão da cadeia, porque a liberdade.....

—Nada, homem de Deus; desta vez o crime é roubo, houve arrombamento, violencia, emprego de certos instrumentos; e creio que a *ex-officio* o ladrão tem de gramar provavelmente 8 annos de galés.

—Safa!

—Era a pena que eu lhe dava: grau maximo; pagava por todas que tem feito que não são poucas.

—Até que a final resolvi a quadratura do circulo. Queria comprar um cavallo, mas tinha medo das despezas de comedoria; agora está salva a patria; vou mudar-me para a rua do Bangala e solto o bichinho na rua que ha de dar gostos.

—Serio? E o fiscal, homem de Deus!

Quem quer solta alli seu burro para pastar e não tem nada; eu que chego agora sou logo multado!

Favor ainda faço eu á camara em limpar a rua que está cheia de capim, que é uma vergonha, no meio d'uma cidade que tem edilidade, que faz posturas, que tem agentes; d'uma cidade que tem companhia de limpeza, que paga para se ver limpa oitenta contos annuaes, afora o *alho*.

—Faça la o que quizer....

—Ha por aqui uma celebre sertaneja, que por mais batida que tenha sido, ainda não ficou inteiramente civilisada e julga que está nos campos das lavras a amansar burros.

No seu orgulho unido á sua ignorancia, intendeu que estava no direito de fazer o que faz o salteador; mandou por alguns escravos seus invadir a caza de um velho padeiro e tomar á for-

ça o cesto de pão que conduzia um preto para vender. As pessoas que passaram horrorisaram-se de ver aquelle acto de brutal demonstração da força.

—E' que a mulher suppõe que onde se mata o boi se o esfolla.

—Pois que fique sabendo que engana-se: fosse qual fosse a rasão não se adequadam taes modos com a civilisação da terra em que vivemos; temos tribunaes no paiz para as questões sociaes.

—Tambem o diabo da mulher é uma tabarôa *chapada!*.....

A PEDIDO

—E' preciso pegar o Leopoldo.

—Pegado ja esta elle. Ha no Caes do Ouro um gallego saveirista e subcapataz, socio deste moço nas ladroeiras; os fardos de fumo é elle quem os traz para terra. *Aperta-se* ás vezes soffrivelmente, e no dia 9 entortou por tal forma o cotovello que tornou-se insupportavel. Eram 8 horas; a patrulha prendeu o gallego e Leopoldo appareceu e quiz soltar o homem porque era seu amigo; a patrulha não soltou.

Então Leopoldo, apresentando a facha e intimando de authoridade, disse que o preso não seguiria sem que chegasse o rondante; a patrulha, não sei porque, recrutas talvez, annuiu. A's 10 horas chegou o rondante e perguntando aos guardas si tinham dado voz de prisão, responderam estes que sim e o official mandou seguir o preso.

Leopoldo porém que tem labias, taes historietas contou ao rondante, depois da seguida do preso, que o official apitou para a patrulha e mandou soltar o gallego atrevido e bebado que a todos insultava.

—Acho que Leopoldo tem ao menos a virtude de ser bom amigo; é ladrão fiel.

—Mas eu peguei-o, por que V. Ex. ordenou que o segurasse e fosse-lhe de taca, sempre que o encontrasse involvido em questões

—Fizeste bem; da-lhe duzentas vergalhadas e atira com esta peste á rua.

Ao commandante dos pitús.

Os burros queriam por fas ou por nefas
Formar um congresso da grei burrical,
Criaram empregos e burros pelludos
Até s'encartaram faltava um fiscal.

Faltava um fiscal e os coices choviam,
Reuniram-se os burros em um tribunal,
Troaram discursos, arengas e berros,
Ninguem se intendia, faltava um fiscal.

Um burro do club, talvez o mais sabio,
Ergueu as orelhas e disse afinal:
Não vejo por ora quem suppra a lacuna,
Talvez o accaso forneça o fiscal.

Ao longe isolado pastava um burrico,
Ninguem se lembrava do pobre animal;
Mas elle chegou-se por sorte ou accaso,
Serviu-lhe o emprego, achou-se o fiscal.

—Capitão, acabo de presenciar uma injustiça.

—Vamos com isso.

—Conhece o official de justiça Guabiraba?

—Conheço.

—Pois esse homem foi á rua Nova dos Benedictinos, casa de certo procurador, cobrar os emolumentos de uma diligencia que fizera na Calçada do Bomfim e que lhe fôra encommendada pelo tal procurador; o procurador negou-se a pagar a pretexto de que não foi bem varejada a casa, corrida a cosinha e sequestradas as panellas, cousa que o mandado não authorisava O official de justiça ponderou-lhe que era pobre, carregado de familia, e que o dia era sabbado em que elle muito precisava de algum dinheirinho para remediar-se O procurador respondeu-lhe que se fosse embora e não tornasse, sob pena de o mandar atirar em corpo e alma no meio da rua por dous ou tres pretos; e começou a gritar que não fosse insultal-o, dando logo um espectaculo a que assistiu a visinhança. Guabiraba respondeu-lhe que cobrar custas garantidas por lei não era insulto; o procurador, doudo, possesso, armou-se de uma espada, e apezar da opposição da familia, chegou ao patamar da escada. gritando: Deixem-me atorar este bode!

O official disse-lhe que viesse para a

rua e a pedido de algumas pessoas retirou-se logo depois.

Então?!

Não paga ao homem e quer atorar bodes!

E anda depois inculcando-se de grande cousa e fallando em empenhos. Empenhos para que?

Oh! é preciso que o tal Sr. procurador se lembre que eu nasci na villa de S. Francisco, muito perto do engenho Gurgaia e da fazenda Orobó!

Quererá acaso certas recordações?

—Qual, o homem não quer nada sinão deixar de pagar ao outro. E acho que não deve isso continuar, uma reconciliação põe termo a tudo.

—Ora vejamos.

Caso virgem.

Indo alguns officiaes de justiça dar cumprimento a um mandado do juiz, tiveram em resultado apanharem, e voltarem rotos e maltratados; o juiz da terra, consta-nos, que satisfez-se com o prometterem os taes desrespeitadores da lei de pagar; em vista disso ja se vê que pago o dinheiro, está a lei desafrontada, e tambem o juiz. Não posso crer; e só quero ver em que fica isso; pois não estamos no Paraguay.

Uma testemunha de vista.

Vi um dia um bicho feio,
Feio, feio a mais não ser.
As moças todas que o viram
Foram logo se esconder.

Vendo elle a impressão
Que causara seu aspecto;
Por muito tempo o coitado
Ficou n'um canto quieto.

Porém D. Agulha branca
Que louca por secundar
Com quem quer que apparecésse
Queria outra vez cazar;

Agarrou o pobre lorpa
Que não poude resistir
Aos medeixes da dona:
E o segundo fez cahir.

O burrego então pensando
Ter mui grande cousa feito
Arranjou uma commenda
E a cravou no largo peito.

Conseguiu logo em seguida
Depois de mui batalhar,
Um logar no parlamento,
E lá foi se encaixotar.

Foi então que se passou
Scenas de grande primor;
Ora era liberal,
Ora bom conservador.

Tanta infamia praticou,
Tanta arte poz em frente
Que arranjou uma provincia
Para ser o presidente.

.....
.....!!!!

Agarrou para capacho
Um Sr. José Ferreira.
Que nos cofres da provincia
Fez então a sua feira.

A proposito de feira
Elle a faz em toda parte....
Contra as leis da natureza
Empregou não sei que arte.....

Mas a raça do cabreiro.
Inda ninguem descobriu
Dizem uns ser uma anta,
Outros que um burro o pariu.

Digo eu com experiencia
Sem medo de correr risco;
Tem uma cabeça d'anta,
Mas é um gato marisco.

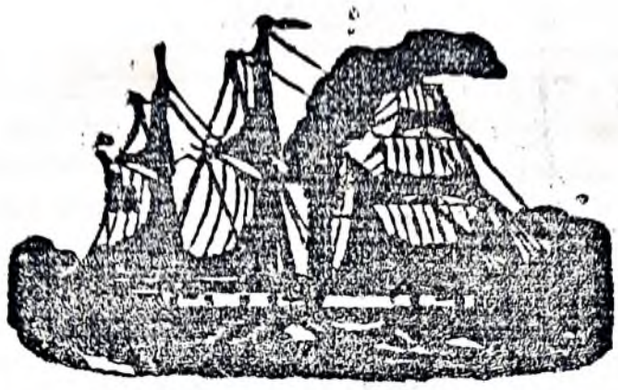
ANNUNCIOS.

Quem precisar de um caixeiro para alambique, habil para distillações de agoardente, dirija-se ao armazem do Sol á rua dos Caldereiros, que achará com quem tractar, sendo para o reconcavo.

Precisa-se de uma ama para cosinha de pequena familia; quem pretender dirija-se á loja n.° 72 B ao Caes Dourado, prefere-se captiva.

Está exposta á venda na loja de livros ao largo da Praça do Sr. Martin, a nova modinha intitulada—**O meu penar**, por José Bruno Correia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 21 DE ABRIL DE 1866. SERIE 4.ª—N.º 38

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de abril de 1866.

Officio ao Sr. inspector do gaz, pedindo-lhe providencias para que os accendedores que á bocca da noite são tão negligentes e so accendem os lampeões ás 7 horas e depois; demadrugada não sejam tão expeditos apagando-os logo que dão 4 horas. Entre outros cita-se o que do Caminho Novo vem á ladeira dos Gatos. Não se sabe si é por que o homem tenha outro emprego e queira abreviar o negocio, ou si por insinuações da Companhia para economisar; por isso pede-se a S.S. preste um pouco de attenção ao que aqui se lhe expõe.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que faça desmanchar um ajuntamento de rapazes que ha á noute, tarde, na ladeira da Misericordia, defronte da casa de uma tal Lucrecia Crioula.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando lhe que vá até a matriz de Pirajá e traga para bordo alguns pedreiros e serventes que alli se acham trabalhando, e que me consta provocam a quem por alli passa, especialmente um tal Theodorico de Santa Izabel, pedreiro, e Domingos da Rocha, servente, que são os cabeças do pagode. Cumpra.

—Ah! celebre companhia da limpeza! quem lhe limpasse as ventas precisava ella!

Pois alli, na ladeira das Hortas, o Sr. Costa Guimarães que tanto se empenhou para *fazer limpeza* não vê um cano aberto em que os moradores da rua fazem despejo? Não vê aquella montanha de materias fecaes que alli jaz?

Para quem fica aquillo?

Ora, Sr Costa Guimarães, mande tirar da rua o que é seu!

—Tambem nunca vi assim; a camara e a limpeza fizeram uma *liga de encouraçados* que eu duvido que jamais *voltem contra si os seus esporões*.

—E esta?

O praso da substituição das cedulas de 5$ rs. finda-se a 30 do corrente, e suspendeu-se a substituição.

—Mas por que?

—Por que acabaram-se os miudos na thesouraria e onde não ha el-rei o perde.

—Bello!

—Não é possivel porém que deixe

do haver prorogação; o Exm Sr. vice-presidente ha de dar as providencias e o remedio virá do quem o pode administrar.

—E a não ser assim era o mesmo que o Lucas na Feira....

A PEDIDO

—Então, Sr. Manuel de S. Carlos, como tem passado? Como vae o *doutor*?

—Oh! estou aqui damnado com o *Alabama!* Mas foi bom; ha males que vem para bem.

—Mas que ha?

—Disseram que meu filho era mulato e que tinha parentes captivos e o Dr. que é de sentimentos veixou-se e foi á secretaria ecclesiastica tirar umas certidões, pelas quaes descubriu sua ascendencia.

—Então o Dr. Aberém não é mulato?!

—Ora Sr.! que desaforo!

—E ser mulato é injuria, para que o Sr. arregalasse tanto os olhos e me quizesse comer pela cabeça?! A deshonra está nas acções más que o homem pratica e não na cor que é um mero accidente.

—Ou assim ou assado, descobriu o Dr....

—Quando se falla como eu fallo, é porque certos cujos querem *desertar*, pobres gralhas, mettem-se no meio dos pavões e de patos querem passar a ganços.

—Ai, ai!

Descobriu o Dr. que era descendente dos Cavalcantis de Pernambuco.

—Isto negocio claro, decidido, corrente? em linha directa e legal ou com alguma mucama do....

—Oh! Sr.! não me faça sahir do serio!

Em linha recta; elle traz no bolso os documentos para mostrar a seus amigos.

—Bom, estimo muito.

Como vae com o relatorio da caza de prisão sem trabalho?

—O Sr. parece decidido a cassuar comigo.

—Quer então que lhe falle nos seus trabalhos mentaes?

—Sr., não zombe!

—Pois o que hei de fazer com V., um velho desfructavel, orgulhoso, gabolas e mentiroso como o almocreve de petas?

Não tem tido mais fatalidades, além daquellas?

—Oh! Sr. não me lembre esse terrivel dia!

—Repita-me suas infelicidades, eu partilharei da sua dor; choraremos juntos e menos amargo será o pranto.

—Foi no dia..... não me recordo.

—Uma data fatal não se perde facilmente da memoria.

—Tenho tanto em que cuidar!

Foi um dia....

—Assim principiam as historias da carochinha.

—.... dei á dona da caza 15$ rs. para a despeza do dia.

—Assim dá em vasa barris; quem cabras não tem e cabritos vende.....

—Não sei onde a tonta da mulher deitou o dinheiro que perdeu 10$ rs..

Procurou-se a caza toda; vira daqui, saca dalli, mexe de ca, remexe acola, nada de dinheiro. Sabendo do caso e não tendo miudos disse que comigo fosse a preta á cidade baixa para trazer o dinheiro da despeza. Nisto abro uma gaveta parar tirar uns papeis e acho um bilhete do Rio que tinha corrido ha muito e de que absolutamente me não lembrava.

—Dinheiro na sua caza era cisco.

—Metti o bilhete na carteira, em que havia 60 contos....

—Si 60 contos o vissem, que carreira não dariam!

—....em dinheiro e lettras.

—Que gabolas! Só si era V. o devedor!

—Chegando á cidade baixa, entro n'um armazem e contando o caso, tiro a carteira, mostro o bilhete e não sei porque fatalidade deixo a carteira em cima do balcão, recostado ao qual ainda conversei por algum tempo. Ajustei depois os generos e mandei a preta esperar em quanto ia ao Miguel ver o bilhete com que fiquei na mão. O bilhete tinha dado vinte contos!

—Arabicos.

—Foi immenso o meu jubilo; recebi logo o dinheiro, mas oh! fatalidade! quando metti a mão no bolso para guardar o dinheiro, que é da carteira?....

Sobresaltado, corri, voei até o armazem; indaga, procura, vasculha, nada de carteira, foi debalde; pela primeira vez deixou de ser attendida minha palavra que affiançava que a carteira ficara no balcão.

—Isto é caso de forca.

—Pois eu resignei-me; não era de todo infeliz, porque recebia vinte e perdia sessenta.

—Que alma grande!

—Tirei então os vinte contos e dei á negra...

—Muita confiança tinha o Sr. nella!

—Muita. Disse-lhe que entregasse o dinheiro a Sinhá, que esta tirasse o dinheiro da despeza e guardasse o resto.

—Ja não era então preciso trocar? nem pagar ao armazem?

Ora va elle!

—Ouça o resto, a consequencia das das minhas facilidades.

Duas horas depois, apparece-me a negra em lamentações, a dizer que ia morrer, lançar-se no dique &; perguntei-lhe que diabo tinha, a negra renovou as lamentações, até que por fim a negra confessou que perdera os vinte contos e que se ia enforcar.

—Mais no caso de se enforcar estava o Sr. que era a victima.

—Pois não me alterei.

—Santa paciencia!

Eu creio que Job lhe invejaria, si fosse seu contemporaneo.

—Nos meus trabalhos mentaes vi logo que era aquelle um dia aziago, em que a Providencia me punha em prova, e revesti-me de resignação; receiei que a negra fosse commetter algum crime e para fazel-a crer que nada soffreria, que estava perdoada de sua involuntaria falta, tirei do bolso tres mil reis que me restavam e dei-lhe, dizendo que comprasse uma saia para ella e fosse para a caza.

—Eu tambem, como os não tenho, não me importo de perder cem contos de reis.

—E a graça não é esta; é que depois de todas essas fatalidades, continuei a tratar dos meus negocios até a hora costumada de subir para jantar.

— Eu lhe creio sim, Sr.!

Ouviram toda essa patacoada que este pachola acabou de contar?

Faz rir! este pobre diabo que sacrificios não fez para educar o filho! E vem fallar em contos de reis, quantia que elle nunca viu nem teve em suas mãos.

Este Dr. Aberém que V. vê ahi impostorando estudava com o paletozinho de cotovellos rotos.

E este bolas não se lembra que estamos em terra em que nos conhecemos!

Vae, bobo, vae vendendo tuas pomadas por ahi até que os moleques te tomem conta e desfaçam em tiras o rabo de curió da tua celebre casaca.

Consta-nos que em certa caza nas immediações da policia, das 10 horas em diante principia a escamotagem jogatinal, e isso com todo o escandalo, e menoscabo á lei e ás authoridades; tendo ja havido pancadarias, trastes rotos, &; ajuntam-se francezes, hespanhoes, e um celebre portuguez das commendas, muito rico nas plagas lusitanas, mas que veio para esfollar aos papalvos, e a policia....a policia... no somno da innocencia, estamos no tempo da liberdade.

Continuaremos.

O official de justiça.

Ao commandante dos pitús.

Caro te ha de custar
A minha preterição:
Segura bem a corcova
Que vaes de ventas ao chão.

Tem se visto phenomenos espantosos
Nesta terra toda ella novidades;
Tem se visto muito burro de casaca
E até o casamento de tres frades.

Viu-se um gato com as redeas do governo;
Viu-se um burro ladrar como cachorro;
Sobre o mar ja se viu nascer um touro,
Viu-se um peixe nadar em secco morro.

Viu-se um homem matar a sua escrava
Com a espora que trazia atada á pata;

Um ladrão que não tendo o que roubar
De quanto interro havia andar à cata.

Viu-se cousas que não posso relatar
Porque o pejo me suffoca e me detem;
O pudor torpemente escarnecido;
O cynismo ostentando a par do bem.

Eu que livre nasci, livre serei,
E livre do poder não tenho medo,
Gritando hei de dizer o quanto sinto,
Sentindo não começar isso mais cedo,

Mas é porque até hoje
Nem pessoa alguma viu,
Por um decreto elevar-se
A commandante um chibiu.

Elevar tão feio grillo
Ao posto de commandante,
E' cassuar com Quinquim;
Preferindo-se um tratante.

Ao posto de commandante
Passar um carcunda feio,
E' enigma insondavel
Todo de mysterios cheio.

São arranjos do Manduca,
Do feio gato marisco;
Que puchando uma carroça
Podia carregar cisco.

—Capitão, ainda uma do Rei dos moleques.

—Com effeito!

—Não lembra-se d'uma historia d'um vestido preto que elle tomou da comadre para empenhar e metteu os cobres no peito?

— Sim.

—A pobre da comadre tendo alugado uma caza, subloco u-a depois a um estrangeiro que lhe ficou a dever alguns mezes; a moça chamou o homem a juiso e Salú offereceu-se para procurador e procurou tanto e tão bem (para si) quenem aos meirinhos pagou.

A comadre ficou exhaurida; o vampiro do compadre tinha lhe sugado a ultima gota de sangue; foi mister recorrer a meios extremos; a infeliz deu ao ladrão seu vestido preto para empenhar por 30$, quantia que Salú poz no peito, sem a menor compaixão da senhora que nelle confiava.

—Até ahi sei eu.

—E nunca mais ninguem soube do vestido; embalde foi ter com a tia de Salú a infeliz prejudicada!

Agora quer Salú 100$ da senhora!

—Mas para que?

—Supponho que a titulo de *pro labore*, seus emolumentos por ter servido de procurador na causa da comadre.

—Forte patife! realmente não toma vergonha esse larapio de casaca!

Muxingueiro, vae metter-lhe a taca onde quer que o encontres.

Forte salado!

Sr. Redactor —Para desfazer infundadas suspeitas, sirva-se de declarar si eu tive alguma parte nos artigos dos ns. 35 e 37 do seu jornal, que dizem respeito a um inspector do Caes do Ouro. Bahia 19 de abril de 1866.

João Cardoso Pereira Soares.

—

Não, senhor. Bahia etc.

A Redacção.

ANNUNCIOS.

ATTENÇÃO.

Tem dono o cachorrinho branco cabelludo com marcas côr de barro, o qual desappareceu da Rua do Paço: por tanto quem o achou fará o especial favor de entregal-o na casa junto a egreja da Conceição do Boqueirão. Outro-sim, previne-se punir-se com o rigor da lei a quem o tiver escondido.

Pode-se á pessoa a quem for offerecida uma canêta com as iniciaes L J.B., o favor de leval-a a ladeira do Aljubo n. 5, que será recompensada, si accaso o exigir. Faz-se este annuncio não pelo valor da canêta, mas pela estima em que se a tem.

Roga-se aos Srs. que estão devendo na loja de cera a rua da Misericordia, que venham liquidar suas contas no praso de 8 dias a contar da data deste; do contrario verão seus nomes e as quantias neste jornal. Bahia 20 de abril de 1866.

Está exposta á venda na loja de livros ao largo da Praça do Sr. Martin, a nova modinha intitulada—**O meu penar**, por José Bruno Correia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 24 DE ABRIL DE 1866. SERIE 4.ª—N.º 59

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de abril de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua dos *Genipapos* e pegue-me um moço creador de pombos que ahi habita; indague si elle não tem outro meio de vida; intime-lhe que não continúe a quebrar os telhados da visinhança, e si qualquer palavra menos agradavel ousar dizer traga-o para bordo, afim de se lhe ensinar a ROLAR POMBINHAS com a taca do muxingueiro. Cumpra.

—O vigario Abutre fez mesmo uma de abutre; foi chamado um destes dias para confessar e ungir um seu parochiano e nem a gancho la foi.

Aos chamados respondia que no dia seguinte la iria; e a mulher morreu no mesmo dia ás 2 horas da manhan.

—E a que horas foi chamado?

—A uma hora da tarde; não foi, a pretexto de chuva, quando a casa da inferma era bem perto da sua.

—Deixe estar, o diabo que é o chefe dos abutres lhe fará tambem as contas.

—Aposto que a policia não soube.

—De que?

—Na terça feira ao beco do Queiroz, onde morava uma crioula de nome Maria e uma parda paralytica Juliana, foi ter o olho-vivo. Em quanto Maria sahiu, entrou em caza um sujeito branco e poz se a trabalhar para abrir o quarto della.

Um caxorrinho Dentice, vendo gente extranha, começou a latir e a investir; o ladrão começou a ficar embaraçado sem bem poder fazer a operação na porta, com receio de que o cão lhe pregasse alguma dentada, pois que já o atropellava pelas pernas.

Ao latir do caxorro, a paralytica começou a perguntar quem era, e não tendo resposta poz-se a gritar. O ladrão foi até o logar em que se achava a infeliz Juliana e ameaçou-a de morte, si gritasse. A mulher atterrou-se a principio, mas depois cobrou animo e repetiu os gritos; o caxorro acompanhou-a, latiu furiosamente, de sorte que o larapio, receioso, escafedeu-se sem nada ter feito, são e salvo.

Nem a policia nem a visinhança ouviu; si o tratante não é tão covardo lambia o *ourinho* da creoula, e adeus, Sras., que eu parto!

—Esta terra vae realmente n'uma desfilada de progresso, que seu futuro é ameaçador.

A PEDIDO

Como a assemblea provincial promove o bem publico.

Na previsão infallivel de continuarem os apuros financeiros do Brasil, se ha aventado na camara dos deputados geraes a ideia d'uma reducção de 5 por c. nos ordenados dos empregados publicos. Em quanto assim se discute naquelle foco de luzes, a nossa assemblea provincial acha opportuna e justa a elevação de 30 por c. nos vencimentos dos empregados da thesouraria da provincia!....

Que bom senso!

Que zelo pelos interesses publicos!

Ai dos povos que são regidos por leis promulgadas pela ignorancia, pela presumpção e pela leviandade!...

Descobriram accaso os legisladores provinciaes, que, durante os embaraços financeiros do imperio, a Bahia não fará parte deste? não soffrerá aquelles? A parte não entra na composição do todo?

Oh! rara penetração!

Si, como parece, vingar tal escandalo, so resta á Bahia appellar para a recusa de sancção da presidencia; que certamente não quererá carregar com essa responsabilidade ante o governo geral e a opinião publica da provincia.

Um roceiro.

Ao commandante dos pitús.

Caro te ha de custar
A minha preterição;
Segura bem a corcova
Que vaes de ventas ao chão.

Um lerdo matungo nos pastos gerado,
Pellado, quadrado, quiz ser commandante;
Vae *Mané de Souza* que serve de empenho
E elle gamenho espera chibante.

Audacia pasmosa! la foi o safado
Por ser descarado buscar a patente:
E para o senado é o passo primeiro
Que dá o sendeiro que foi presidente.

Zombando do mundo por julgar-se gente
Carcunda insolente se mostra fardado!
Havendo ja outro que os mortos interra,
Diz quer ir p'ra guerra n'um gato montado.

E' este o momento Sr. coronel
Em que o Manuel não te pode valer....
São contas antigas que quero ajustar;
E has de saldar, pois ficaste a dever.

A setta que atiro te ha de ir ao couro
E dar um estouro mesmo de matar!
E tu meu burrego nos campos sem fim
Comendo capim te has de occultar.

Mas, la onde quer que estejas occulto
Veras o meu vulto dizendo a verdade....
Ouvirás fraca voz do tumulo erguida
Da escrava perdida por tua maldade.

Que mal te fez ella, homem desalmad
Careca damnado, do mundo terror?
Tiraste-lhe a vida a golpes d'espora!....
E hoje nem coras, homem sem pudor!

Bem sei meu careca que nada te atterra
Porque n'esta terra tudo é explendor;
Eleva-se um lorpa sem brio na cara
E não se repara si é elle um traidor!

Mas, os moleques sem compaixão
Hão de cantar este estribilho:
Jumento que come milho
Não commanda batalhão.

Com tal cara de mamão,
Rinchando como sandeu,
E com genio de judeu
Não commanda batalhão.

Dizendo ser mocetão,
Matando escravas á espora
Mesmo na casa em que mora
Não commanda batalhão.

—Que diabo de grasnada é uma?

—E' mesmo uma *grasinada*; são aquelles dous velhos que não deixam a visinhança socegar, que se descompoem e injuriam alternadamente por ciumes.

—Quem são elles?

—Um é o L. Barboza, deputado do J. Garibaldi e Napoleão III, condecorado com a mitra do papa e com a grã-cruz de todas as ordens, grão-mestre da maçonaria & & &.

O outro é um demonio que foi caixeiro de um tal Amaro em Cachoeira e, si não é despedido, passava a perna no homem, passava de caixeiro de amo.

—Ignoro.

—Falla nagô.

—Peior.

—E' um velhaça que anda agora pelo forum a tractar de certos negocios

seus em que o unico que não tem razão é elle.

—Cada vez conheço menos.

—E' um sujeito que anda com dous torreões, ora um preto ora um branco; anda de calcinhas mui apertadas, jaqueta e collete sem gravata.

—Fallas sem duvida do Grasina.

—Justamente; é deste grasnador de quem fallo.

—Sabe a causa da questão?

—Mais ou menos. Esses dous velhos eram amigos, conversavam muito da janella, mas como o maçon é surdo respondia alhos por bugalhos; o que fazia rir muito uma sobrinha do *jaquetinha*, de quem o maçon veiu a apaixonar-se. Jaquetinha mora com uma irman que as más linguas dizem que é sua sogra; não gostou portanto da graça do maçon que perguntou á moça si queria unir-se a elle perante os altares.

Começou a scismar com o surdo e para que a sobrinha não pendesse para este disse que era um mendigo, que não tinha portanto dinheiro para dar a mulheres &.

E intrigou-se por tal maneira com o surdo que diariamente ha insultos, escarros, gestos offensivos á moral e outras bandalheiras; chegam os velhos a desafiar-se, apparecem ambos de cassête na janella, mas nenhum sae á rua.

No dia 25 de março estava na janella o Jaquetinha a comer cana, em companhia de suas duas *cavacas*; jogavam continuamente o bagaço para a porta do surdo; mas o surdo nada via porque estava no interior; mandaram então jogar um tição na porta do homem, e como este tição não foi ainda visto, atiraram outro no meio da salla.

Houve o que se pode julgar: choveram os insultos.

No outro dia foi Jaquetinha queixar-se ao subdelegado, para fazer mudar o surdo.

O subdelegado disse-lhe que, insultado, testemunhasse o caso e désse queixa e veiu o tal—Sabe-tudo— com cara de asno, mettida a lingua onde não ha osso, astuciando maneira de incommodar o maçon.

Agora estes gritos que V. Ex, ouve, hoje 15 de abril, a uma hora da madrugada, são dos velhos e das cavacas; queixam se o Jaquetinha e os seus de ter o maçon lhe pintado a parede com carvão; mas ainda assim não acho justo que tanto *grasmen*.

—Muxingueiro, vae pegar o Jaquetinha e passa-lhe uma escovadella de metter respeito.

O outro não; é geralmente conhecido por um homem affectado do cerebro.

Joaquina Rosa do Sacramento em resposta ao que appareceu em algumas folhas desta cidade increpando-a de querer ella vender uma crioulinha de nome Amancia, faz ver ao publico ser isso uma falsidade por isso que essa crioulinha que existia em poder de sua senhora, hoje fallecida, Victoria Maria dos Anjos casada que foi com Raymundo d'Almeida, é na realidade escrava; e por uma procuração ordenou o mencionado Raymundo d'Almeida a dispor della e de alguns outros objectos deixados por sua fallecida mulher, fazendo de tudo entrega a seu procurador.

Por tanto quem souber que a referida escrava é liberta, apresente o titulo dessa liberdade; e o não fazendo lhe recahirá a pecha de calumniador.

Bahia 21 de abril de 1866.

Joaquina Rosa da Conceição.

—

(Copia.) Pela presente procuração por mim tão somente assignada na presença de tres testemunhas por não haver aqui tabellião ou escrivão, concedo á Sra. Joaquina Rosa do Sacramento amplos e illimitados poderes para poder por mim dispor como que si fosse eu proprio dos bens deixados por minha fallecida mulher a Sra Victoria Maria dos Anjos bem como a escrava Amancia e dou por firme e valioso tudo quanto a mesma senhora fizer na cidade da Bahia.

Ajuda 30 de junho de 1864

Raymundo d'Almeida.

Como testemunhas— Marcos Perges

Ferraz; Marcellino dos Martyres Silva; Francisco de Souza Maciel.

Nós abaixo assignados attestamos o juraremos, si necessario for, em como as assignaturas supra são proprias e identicas dos signatarios, por termos dellas perfeito conhecimento. Bahia 3 de setembro de 1864.

Joaquim Pereira Marinho.
Thomaz de Souza Magalhães.

Reconheço as duas firmas do nós abaixo. Bahia 3 de setembro de 1864. Em testemunho de verdade—*Manuel Jorge Ferreira.*

(Está com o sello publico.)

Attenção!

Pede-se a certo portuguez, estabelecido com loja de fazendas ao Taboão, que não continúe a insultar e perseguir uma sua infeliz vizinha, sem motivo plausivel.

Quanto á cabeça perdida do seu caixeiro, parece que mais perdida a tem um homem que não vê que quando elle não é tido por cousa, muito menos o será uma pobre lesma.

Si continuar, o remedio é ir-se ao capitão do *Alabama*, e então lhe sae caro o negocio.

O homem da caza feliz.

Sr. Redactor.—Como na sua folha sob n. 36 tivesse tratado de pessoas que costumam ir em certa casa, a quem a umas devo amisade e outras nem as conheço, e tendo me dito um amigo que intrigahtes vis para levarem a effeito seus fins e nutrirem seus genios de detractores, attribuem esses escriptos a pessoas de minha amizade e por minha intervenção; tenho so a dizer a esses genios da maledicencia que não costumo fallar por detraz dos respostei ros e os meus principios foram outros.

R. M.

Até quando quererá trazer suspensos os nossos juizos o Sr. conego Jorge Franco? Desde que S. S. nos pediu que suspendessemos o nosso juizo por occasião de ser suspenso de ordens pelo Exm. Sr. arcebispo, ninguem tem até agora podido pensar e cremos que tem sido por isso que os Srs. d'assemblea tem andado á matroca e os gatunos tambem.

Um cançado.

Attenção!

Será verdade que foi preso como desertor do exercito o Sr. Thimoteo F. Leite, homem muito conhecido, matriculado na estrada de ferro e morador á Plata-forma?

Será verdade que foi elle solto, depois de dous dias, em consequencia de diversas reclamações?

Será verdade que ficou elle preso em Pirajá sem que viesse á cidade, só com o fim de ser perseguido?

Será verdade que essa perseguição provém de intrigas com o Sr. vigario Brito que sempre anda em questões.

E' o que se deseja saber: o Sr. subdelegado respectivo, bem vê, si é que se dirije e tem cabeça, que não pode estar a acobertar attentados contra a liberdade do cidadão.

Um que tambem enxerga.

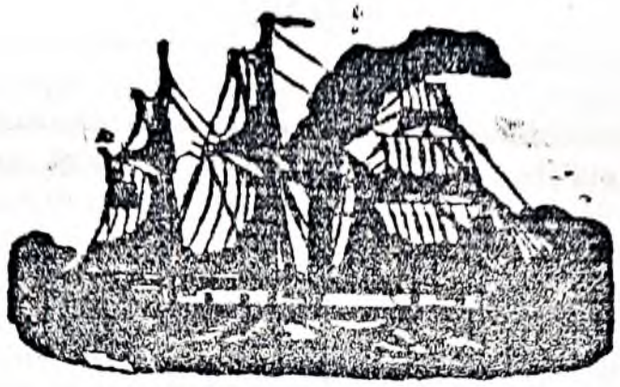
Adverte-se a certo sachristão, neto de sinhá Monica, que não continúe com seu escandaloso namoro salpreso com a menina ao pé do *Xaveiro do ceu*, por que arrisca-se a que o mandem agarrar e lhe appliquem um confortavel clister de pimenta.

ANNUNCIOS.

Fugiu do abaixo assignado ao Campo da Polvora, um caxorrinho do Reino, branco, cabelludo, com uma pequena ferida no pescoço, accode por Nilo quem o achar, e levar a dita roça ou ao trapiche Julião será recompensado com 5$000. *João Manuel Fernandes.*

Está exposta á venda na loja de livros ao largo da Praça do Sr. Martin, a nova modinha intitulada—**O meu penar**, por José Bruno Correia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 26 DE ABRIL DE 1866. SERIE 4.ª—N.º 40

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de abril de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá à cidade *inferior*, procure um portuguez estabelecido com venda defronte do trapiche *maior* na rua do *Corpo beatificado*, e o traga para bordo, por costumar virar gato e andar trepado pelos telhados alheios, além de em *certas occasiões* querer á força entrar onde não lhe chamam, procedimento pelo qual tem de responder. Cumpra.

—Capitão, a Joaquina do André Pinto fez gemer os prelos.

—Que diz?

—Diz que a crioulinha Amancia é escrava de Raymundo, marido de Victoria, o qual a authorisou a dispor de todos os bens deixados por sua mulher.

—Que é da procuração?

—Foi publicada; é passada em Ajudá aos 30 de junho de 1864 e reconhecida na Bahia a 3 de setembro do mesmo anno pelos Srs. Thomaz de Souza Magalhães e Joaquim Pereira Marinho.

—Olé! o negocio vae *encruando;* ainda que a crioula tivesse nascido livre não ha quem seja capaz de dar-lhe o goso de sua liberdade.

—Pois a Joaquina diz que ficará tido por calumniador quem não apresentar o titulo de liberdade da rapariga.

—Ora bem bello!

Désse-me ella todos os papeis de Victoria que eu havia de pegar o *sabido* a geito. E depois aqui nada se affiançou; pediu-se apenas ao Sr. Dr. chefe de policia que havendo taes e taes boatos, delles indagasse para ver si colhia alguma cousa.

Que diz a procuração?

—Que Joaquina pode dispor dos bens deixados por Victoria, como si fosse Raymundo, *bem como* da escrava Amancia.

—Esta especificação mette medo; traz á ideia *machiavelismo*. Pois nos bens deixados por Victoria ja não está incluida Amancia? Para que essa declaração especial?

Olhe que no negocio anda dente de coelho.

—Não sei, nem quero saber, nem complicar-me; falla-se, quem tiver obrigação que se interesse.

Ponho fim á cousa.

—Estamos em tal estado que até o *Abaixadinho* faz barulhos do diabo! Estamos n'um mau andar; conflictos por

to la a parte, especialmente na freguezia da Sé, onde se amontoam os capadocios de todas as freguezias para fazerem suas molequeiras.

—Mas como foi o negocio do tal sujeito abaixadinho?

—Foi no domingo; fez elle um samba e poz-se a tocar gaita; a mulher com o compasso do samba e com os maviosos toques do instrumento de seu marido, ia sentindo certas sensações, que ella, tyranna, queria desvanecer com goladas de cotréa; tantas vezes usou do remedio que este produziu effeito: uma desordeme ntre ella e o marido!

O abaixadinho que é dos diabos pegou d'um cassete e aos pulinhos fez ver á mulher que em caza havia homem; bumbou com desafogo a metade empitorrada.

A mulher gritou; aos gritos acudiu gente, cujas fileiras muito se engrossaram pelo extraordinario e singular da pessoa que servia de heróe naquella comedia.

Accommoda, pega daqui, deixe-se disto &, quando diz um sujeito: Que ha de estar esta metade de homem a incommodar a gente!

Abaixadinho enfureceu-se contra a injuria, quiz fazer novo barulho, mas custou-lhe caro. A este tempo, corre a mulher ao deposito de suas economias delle, saca-lhe 30$ rs. e foge.

Quando elle reconheceu que a mulher não estava em caza, correu ao cofre e achou-se em branco; novo alarido, gritos daqui d'el-rei e o diabo a quatro.

E assim, n'uma só tarde, um meio homem fez tres *sarceiros* por conta!

—E que fez a policia?

—Quiz accommodal-o, não conseguiu; estavam presentes inspectores e patrulhas.

—Isto é que se chama energia policial!

A PEDIDO

—Ora puf!

Que espicharetur do diabo!

Um moço tão bonito dizer tanta asneira em tão pouco tempo!

Eu logo vi! Aquelle *menino bonito* do Lyceu, aquelle estudante *branco*, distincto dos de cor, aquelle bobo que se fechava n'uma sala com meia duzia de sabidos para discutirem, o Sr. *Sobrinho da Figueira* não podia dar bons fructos.

Tendo memoria e verbosidade, o presumpçoso lê quatro pensamentos bonitos e superficialmente, sem nenhum conhecimento da materia, o parlapatão engrola quatro tolices e illude a quem nunca lhe foi ao fundo, a quem não sabe que elle nada sabe.

Agora, *desputado*, faz a sua estréa; os que pensam que tudo que luz é ouro esperavam do mocinho muita cousa.

Mas qual! Si o mocinho tornou-se n'um bicho feio! metteu a cara (tão linda que é!) entre os cabellos e parece um urso, a metter medo a gente!

E foi o que fez; com as theorias extravagantes que expendeu, com as asneiras que proferiu, metteu medo aos companheiros e ao povo que fugiam dos seus logares, assim como delle fugia o bom senso.

Oh! que foi um desfructe desfructavel!

—Mas então que disse o homem?

—Matou o partido liberal a ferro e fogo em 1849; matou o conservador por meio de reformas em 1855.

—Valentão do diabo!

Pois naquelle tempo o rapaz ainda brincava com bichinhas.

—E depois de rojar miseravelmente pelos pés do Sr. Saraiva, fazem ambos um novo partido (antes um todo) o unico que existe, o unico que pode existir, neste seculo que teve o prazer de contar entre seus homens illustres esse aborto de sapiencia, eloquencia e demencia, que se chama o Sobrinho da Figueira!

Cifrou-se nisto a grandeza do poeta que foi correspondido com meia duzia de bufas ás quaes eu acrescento agora o meu=puf!

AO PUBLICO.

Sr. Redactor.—Queira publicar-me no seu conceituado jornal estas quatro

linha-§ nas quaes apresento as dividas deixadas p la fallecida Victoria Maria dos Anjos, mulher que foi de Raymundo d'Almeida e senhora da cria Amancia.

Quanto a dizerem que Victoria nada deve, pode saber do Sr. Manuel José da Rocha, si ella não ficou devendo a elle dezaseis mezes de caza na razão de 12$000 mensaes, e si tambem não ficou devendo uma letra de duzentos mil rs. assignada em arrogo do supplicante José Roberto que é padrinho da crioulinha Amancia.

Quanto tambem a dizerem que a supplicante entre outros escravos que possuia, e que tambem tinha a crioulinha Amancia, que querem vender, quaes são os outros escravos? os que eu conheci foi um velho de nome Florencio o qual acha-se forro, por que a supplicante mesma mandou pedir licença a seu marido para botal o no hospital por não poder mais cural-o,então nesta occasião foi elle forro.

Quanto a dizerem que a dous annos ella é morta e que agora é que se quer vender a crioulinha, qual o interesse em se vender; ainda apresento que eu mesma mandei a crioulinha em casa de seu padrinho José Roberto dizer-lhe que eu tinha recebido uma carta da Costa de Raymundo d Almeida, elle respondeu que ja sabia e que o que eu fizesse era bem feito.

Continuei a escrever para a Costa, e obtive sempre resposta e que mandasse o rol de tudo quanto Victoria deixou, eu mandei e de novo escrevi, e obtive resposta que vendesse tudo, e tambem a crioulinha Amancia. De novo escrevi-lhe dizendo que mandasse buscar a menina, elle tornou a responder-me que não, e so que eu vendesse a crioulinha e entregasse o dinheiro a seu procurador; junto com o dos mais objectos que lhe mandei no rol.

Existem em meu poder todas estas cartas as quaes estou prompta a apresental-as em occasião opportuna. Respondam qual o interesse em eu vender essa cria, quando eu tenho tido vinte e oito e as que não estão em meu poder são as que morreram, as mais existem, e como posso eu querer vender uma so que não é minha? Si é que a carta de alforria da cria existe em mão de alguem, peço por favor que me apresentem, visto eu desejar vel-a livre de captiveiro. Victoria nada me disse Desejo ver a carta passada e assignada pelo senhor da cria.

Bahia 24 de abril de 1866.

Joaquina Rosa do Sacramento.

—Então como vae o Di ?

—Meu filho anda zangado; estas gazetinhas....

—São honras; gente grande é que sahe nas folhas

—Mas sempre magôa.

—A quem tem vergonha.

Mas eu hoje venho agradecer-lhe um favor Fui raposa e acabo de saber que o Sr. foi um raposa inteiro, de mão cheia.

—Oh! estive pela Sabinada em Itapagipe e fui o pae daquelle povo; fui para alli com minha familia e levei infinidade de bolachões; dava todos os dias um bolachão a cada pessoa que me ia á porta Ficou isso em costume e todos os dias a porta se enchia e um bolachão tocava a cada um.

—Bemaventurada transfiguração de Fr. Chagas raposa, eu te agradeço !

—Não tem de que; um bolachão para mim nada vale.

—Pobre pachola! quando has de perder esse costume de mentir? Quantos mil bolachões não te seriam precisos para sustentar uma povoação durante quatro mezes? Quem te pode crer?

So si fossem os aberens que a dona fabricava....

—Oh! Sr. por quem é!

Pede-se a certo caixeiro que por devoção faz sentinella á noite n'uma janella na rua *calçada* o favor de não continuar, pois a visinhança ja não pode aturar as suas denguices; do contrario será entregue ao muxingueiro para lhe dar o que fazer.

—Dizem que ha na freguezia de S. Antonio um filalgo *branco*, morador nas proximidades do patibulo dos rezes, o qual acaba de sarrar com 850 açoutes um rapaz de nome Alexandre, livre de nascimento.

—O caso é serio.

—Dizem que esse infeliz surrado foi encontrado quando criança, involvido em coeiros, detraz da porta de uma senhora, devota de Santa Anna, e S. Joaquim e S. Silvestre; que ella o criou, mas que morreu sem fazer as declarações precisas por que o tal Sr. *Alves* a impediu de fazer testamento.

E mettido este de dentro, gamou o pobre rapaz e mandou o para a fazenda de um seu parento, na *ilha das freiras*.

Agora não sei que delicto fez o infeliz que tomou tão grande somma de açoutes.e a quem dizem está reservada segunda dóse, si não morrer da primeira.

E é realmente milagre; dizem que o homem deixa ver até os ossos com as chagas que tem no corpo.

—A ser verdade, além de roubaremlhe a liberdade, martyrisarem-no tão barbaramente!..... E' terrivel!

—E terrivel é que não ha de haver o menor movimento da policia que não lê gazetinhas, nem presta attenção a denuncias metaphoricas.

—Que quer? A esta terra só pode valer a alma do celebre *Peixoto*.....

—Veja este specimen de uma authoridade nossa.

—Diga la.

—«Illm Sr.—Para desempenho da ordem do Excel. Governo requesito a V. S. 70 prassas armadas no Sabbado, 8 do Corrente, pelas 8 horas da noite afim de dar exzecoção da Portaria que ja apresentei a V. S. e por qualquer falta ficarei desionerado para com S. Ex. Deus Guarde a V. S. Pedrão 2 de Março de....Illm. Sr. Tenente Coronel....

.....

«Illm. Sr.—Respondendo o Officio de V. S de data de 3 do corrente asserca do exzigido de V. S. Respondo que ja fiz quanto o Excel presidente me ordenou, que foi apresentar a V. S. a portaria, e essa perante pessoas, e por escrita fiz arrequisição vindo esta armada e moniciada no dia marcado deixo com tudo de mandar copia por ter mandado apresentar a differentes autoridades por onde eu nesse dia tenho de tocar afim de me prestarem com o que ordena o mesmo Excel. Governo, servindo os meus officios para desoneração de V. S. e por qual quer falta eu livre para com S. Exc.

Deus Guarde a V. S. Purificação 4 de março de..... Illm. Sr. Tenente Coronel etc.....

Raridades calçadenses.

O paraguayo Canêta.

A philosophia estupida do João do Talho

As mentiras do Teixeira.

A faceirice e gaz do Bode George.

A constancia e renitencia do Sarmento.

O todo do usurario Reis.

O toillete preto do Broa.

O typo e a paxorra do Rogero.

Os oculos da V. P.

O vestuario do Dr. Erva isto.

Os tamancos do Mendonça.

A brutalidade e estupidez do Ignacio.

A paciencia do gato marinheiro.

A sympathia do gato Romão.

A magrem do Olympio Boia.

As economias do José Oliveira.

A impostura do Manuel Silva.

A penitencia do correio Paiva.

A experteza do Sebastião.

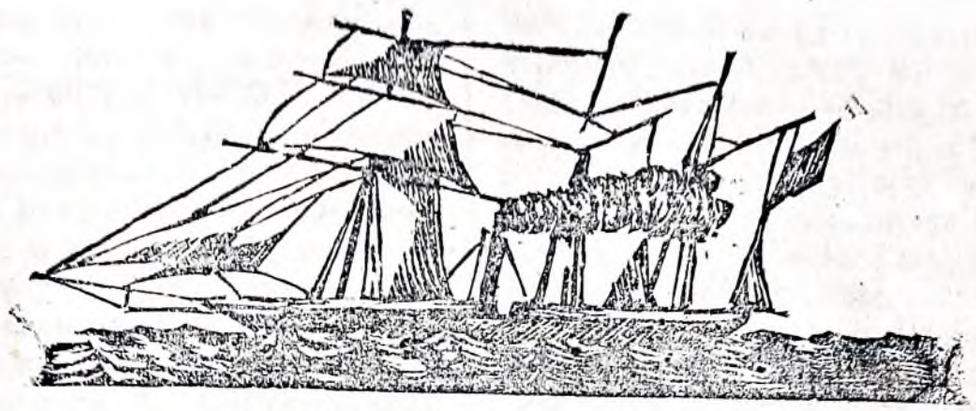
ANNUNCIO.

F. A. S. Igrapiúna pede a seus amigos que se dão ao incommodo e lhe dão a honra de o visitar, o favor de o fazerem o menos possivel, por certas rasões que serão ditas em particular aos que o exigirem.

Bahia 25 de abril de 1866.

Precisa-se de uma ama no deposito de cal ao Caes Dourado.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 28 DE ABRIL DE 1866. SERIE 5 ª—N.º 41

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 5.ª serie do *Alabama*.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de abril de 1866.

Não houve expediente.

—Não se pode tolerar esta maldita empreza! Pois o Sr. Costa Guimarães ter a ousadia de fazer deposito do lixo da roça do Sr. Jacintho Alves de Sá!

Dentro da cidade, na rua das Mercês!

Quem não vê não o crê, tanto é o atrevimento, a ostentação da infracção da lei!

—Creio eu que se me tem dito; os moradores dalli ja não podem com as moscas, não levantam suas janellas! E estas assim mesmo fechadas, por mais cautellas que se tome, não impedem que as cazas estejam cheias de moscas que aos enxames e cardumes visitam todos os objectos e os moradores, pouco acostumados com boquinhas de insectos.

—E aquelle pobre convento! O que não soffrerá? Aquellas reclusas, alli agglomeradas, que dias não terão passado com a harmonia e os mimos da creação do Sr. Costa Guimarães?

—E' para ver!

E em quanto alguem que se descuida bem merece o epitheto de papa-moscas, o tal Sr. ex-tenente coronel não deve ficar zangado si o chamarem de cria-moscas.

—Não sei como ha de ser!

—O que?

—Esta embrulhada dos cinco mil reis. Hoje são 27 de abril, a thesouraria não tem troco para dez, nem para vinte mil reis!

Quem não tem 25$ para recolher não pode recolher 5$, nem 10$, nem 15$, nem 20$!

E as vendas, as cazas de negocio a não quererem receber o diabo das taes cedulas, ainda se gastando mais de um quinto do valor dellas!

Hontem por exemplo, mandou-se comprar uma garrafa de vinho do Porto velho e na freguezia da Sé não houve venda que quizesse receber o tal papel que o governo garantiu como cinco mil reis, *valor recebido!*

Oh! que tudo se ha de ver neste paiz!

—E a graça não é esta; é que os taes decantados 25$, o unico troco que existe, são notas do Banco. O pobre, o operario que recebe seu salario, como se ha de haver com uma nota destas,

si não ha troco em parte alguma? Si é preciso rebater o seu dinheiro?

Não sei si direi: imprevidencia ou astucia do governo!

—Tambem não sei; custa pouco haver dinheiro miudo.

—Agora supponham que uma pessoa de fora, do interior da provincia, chega nestes dias a esta cidade e troca o dinheiro que tem em notas; recebe notas do Banco.

Mas elle tem de viajar a outra provincia e o dinheiro que o governo lhe dá não tem valor na provincia para que elle segue, porque o governo não quer!

Como se ha de haver este homem?

Em nada disso pensam os figurões que no alto de suas cadeiras não enxergam os pequenos nem ouvem os gritos da miseria!

—E o melhor de tudo será, si no fim de contas, o governo não attende a que na Bahia faltou troco e nega a prorogação do praso que o Exm. Sr. vice-presidente ja deve ter pedido.

—Tambem tudo é possivel.....

—Daqui a pouco vem a superiora das charidades, vem o mordomo, vem o provedor da Santa Casa desmentirem, ou ao menos affiançarem o contrario debaixo de sua palavra de honra. Eu não sei; disseram-me que dentro do hospital de charidade ha jogos prohibidos entre empregados e certos doentes.

—Ha muito falla-se nisto.

—Dizem que o divertimento conclue sempre por um conflicto entre os da sucia; o que contribue para desmoralisação do estabelecimento: ha falta de respeito, de ordem, de disciplina.

—E' que a administração não sabe.

—Pois me disseram que a sucia reune-se em um quarto que fica por cima da privada; a administração pode pegal-os á mão em occasião em que mais entretidos se acharem.

E' preciso remedio.

—«Negar a influencia da familia Madureira é negar a influencia da minha familia.»

—Quem disse isto?

—O Dr. Melgaço.

—Oh! quanta species!

—Ou então é muita falta de modestia, orgulho fofo.

—E vire folha; dê a taes palavras melgaceas o valor que tem os elogios em bocca propria.

—Houve aqui um emprezario de companhia lyrica que nunca passou pelo dissabor de ver o theatro em vasante: criava elle mesmo partidos, dava uma meia duzia de bilhetes a alguns rapazes estouvados os quaes se encarregavam de propalar que tal ou tal partido estava disposto a pateiar a actriz contraria; os amigos da pateanda influiam-se, queriam vencer em numero os adversarios e la se iam os bilhetes, e ficava cheia a platea; quanto aos camarotes ahi estavam as assignaturas dos figurões.

—Pois olhe, creio que o Martins sabe da cousa e imita o tal emprezario.

—Si imita! Pois elle unido ao Cezar de Lacerda, o primeiro *imitador* do mundo, não ha de saber imitar!

—Alto lá! O Martins é antigo nas imitações; ja teve a ousada sem-cerimonia de nos impingir —Perdi o vapor do Bomfim— como obra sua, quando é o mais vergonhoso plagiato, a copia mais miseravel da comedia —Por um triz.—

—São bons! como elles se unem!

—Mas então o Martins dá seus bilhetinhos de graça?

—Dizem.

—Ah! é por isso que agora frequenta o theatro certo Dr Cangalhas que não sei como abanca de tão longe, desde as Areias!

—Vem de burro; mas eu supponho que elle agora está frequentando por que tem a diaria; V. sabe que o homem está *desputado*.

—Artes do Martins, homem de Deus! Dizem que elle offerece bilhetes aos deputados para ver si mama o subsidio, como si os deputados fizessem caso de

28 rs. e se deixassem levar por bagatellas

—Homem, este tempo é de arranjar, deixe o moço arranjar-se, que é muito engraçado.

—Arranje-se, quem o priva? Mas si elle arranjar-lhe tambem uma graça como a do Colovia....

—Vejam o que são as cousas deste mundo. O Sr. Des. Silva Gomes fez algumas nomeações e demissões para o 3º districto da provincia, no sentido, dizem, de abater a influencia Madureira.

—Fez muito bem. E ainda assim, o Sr. Chico Madureira tem animo de dizer na face do povo, que sua familia *domina* o 3º districto!

—O directorio de quem fazia parte o Sr. Dantas era interessado na derrota dos Madureiras.

O Sr. Dantas sempre se disse, sempre se fez, sempre se mostrou intimo amigo do Sr. Des Silva Gomes.

Mas sabe o que fez o Sr. Dantas? desfez algumas das nomeações, fez algumas reintegrações no 3º districto, no sentido de dar influencia aos Srs. Madureiras, e *ipso facto* desmoralisar o seu amigo Silva Gomes, o qual é diariamente vituperado n'assemblea pelos taes deputados do Sr. Madureira e por um membro de sua familia. Expressões indignas do parlamento são dirigidas contra o Sr. Des. Silva Gomes; felizmente não ficam sem protesto energico de um amigo leal e sincero.

—Destes encontra-se poucos; o de que ha muitos são os do calibre dos Manés de Souza.

—Oh! factos horriveis tem se dado! E' em Alagoas um jogador estupido que entra no domicilio de uma pobre mãe e rouba-lhe uma criancinha pagan, uma innocente filhinha a quem mata e arranca a munheca!

—Mas para que, meu Deus?

—Porque corre que o jogador que tem uma mão de menino pagão nunca perde no jogo!

—Barbaridade! Eis ahi os effeitos dessas crendices que lavram entre a gente ignara....

—E' aqui, nas nossas barbas, em Cachoeira, no arraial de Belém, um pae que tem tres filhas, que as deflora, e que mata a segunda, na occasião do parto.

—Oh! ainda uma vez que rasão teria esse malvado para isso?

—Por perguntar elle á filha quem era o pae do menino e responder-lhe ella que ninguem melhor do que elle o sabia.

Agarrou-a, conduziu-a a rastos até a porta da rua e matou-a a pancadas, ameaçando de matar tambem a parteira e outras pessoas, si revelassem o crime.

—Tudo effeitos da perversidade!

—Sim; mas o crime ainda que não, em tão larga escala dobra de horror, quando é commettido por quem deve ter sido illustrado pela Religião, pelo educação, qualquer que ella seja Ouça agora uma barbaridade d'um subdelegado; é de Sant'Anna do Catú; o homem de nenhuma maneira quiz fazer o corpo de delicto que lhe requereu um paciente, visto que, segundo o *Jornal*, os criminosos são seus parentes. Tão bom é o ladrão como o consentidor.

No dia 9 do corrente quatro malvados assaltaram e invadiram a caza de Maria Luiza do Spirito Santo, e armados de cassetes, esbordoaram a mulher e quebraram-lhe a cabeça em dous ou tres logares; deram-lhe depois muitos bolos, roubaram-lhe quanto possuia, até as argollas que trazia nas orelhas e arrasaram-lhe a casinha em que morava!

E o subdelegado impassivel!

—E que faz o chefe de policia?

—A infeliz veiu a esta capital, e o Sr. Dr. chefe de policia mandou proceder a corpo de delicto, sendo julgados os ferimentos graves, tão graves que Deus sabe si escapará.

—Esperemos agora pelo resto; não é possivel ser conservado como authoridade um homem que pactúa com crimes desta ordem.

—Ao menos a integridade do Sr. Dr. Villaboim affiança que hão de haver providencias.

E' muita cousa por junto.

A PEDIDO

Sr. capitão do *Alabama*. —Por vezes tem a imprensa chamado a attenção do Sr. commandante do porto para dar providencias sobre a obstrucção em que se acha o porto da Ribeira de Itapagipe, respeito ás ossadas de differentes embarcações que alli tem desmanchado um carcamano, e outros que alli tem estaleiros. Desmancham os altos das embarcações, deixando a quilha com as ossadas, que privam de chegarem embarcações, e ja tem acconteeido ficarem lanchas encalhadas em cima das ditas ossadas, que so são vistas com a maré vazia; em meia maré não são vistas. Já por vezes tem sido preciso botarem parte da carga fora para se safarem, e os saveiros e canôas daquelle porto são os unicos que alli entram á noite, por estarem praticos, e assim mesmo não tem deixado de algumas vezes ficarem espetados nas referidas cavernas.

Portanto é preciso que o Sr. commandante do porto que tem bons escalleres, vá alli ver com seus proprios olhos, que ha de achar mais do que se tem dito, e mesmo para não passar por verdade o que diz o tal carcamano, que não faz caso do que dizem as gazetas, porque lhe custa muito caro aquelle estaleiro alli....

Si S. S. não quer providenciar com lhe cumpre, os maritimos daquella ancouradouro recorrerão ao Exm. Sr. presidente, pois não é possivel continuar esse escandalo, com o beneficio de um e detrimento de todos os mais que fazem alli vida do mar, que á noite ja custam chegar no porto.

Ouça, Sr. commandante do porto, e dê providencias.

Um que esteve espetado

—Não se lembra d'um sargento Mané de Souza que rompeu o chales da Eva, na ponte dos vapores?

—Que teve?

—Vive na Roda da Fortuna a escandalisar a visinhança com seus amores mal correspondidos, e anda mettido a valentão, a querer dar em todo o mundo.

—Mas porque?

—Suspeita de qualquer pessoa porque a rapariga não nega agua a pintos, e então é uma descompostura dos seiscentos; depois quer dar pancadas.

Mas não é só por suas patifarias que que elle faz disto; é genio do homem; ha pouco deu muita pancada n'uma preta africana, sem que se soubesse o porque.

—Ah! Humaytá, que braço forte perdeste para te derrocar as muralhas!

—E' ao contrario um poltrão dos diabos com a Eva; ha pouco safou-se esta de caza e de joelhos o bobo foi pedir-lhe que tornasse á caza, ainda que rotas as relações, e só para o serviço da cosinha, quando no tempo della o cosinheiro era elle.

—*Omnia vincit amor*. Em geral os vencidos em amor são os vencedores na guerra; Cupido abate os heróes de Marte, por causa de seus amores com Venus.

—Deixemo-nos de cousas; o que é preciso é um remedio aos escandalos do Sr. Mané de Souza (sargento) que se tem tornado insupportavel.

—Recorra á policia; bata na porta do subdelegado, que quanto a minha, Deus lhe favoreça.

Pede-se a tres desfructaveis que andam pela freguezia de Santo Antonio a darem beneficio, um delles com um par de cangalhas nas fossas nasaes burraes—o favor de la não tornarem, sob pena de publicar-se o que fazem, as insolencias que praticam, assim como seus nomee para que sejam conhecidos do publico e da policia que até hoje ainda não deu com taes peraltas.

ANNUNCIOS.

F. A. S. Igrapiúna pede a seus amigos que se dão ao incommodo e lhe dão a honra de o visitar, o favor de o fazerem o menos possivel, por certas rasões que serão ditas em particular aos que o exigirem.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.

O

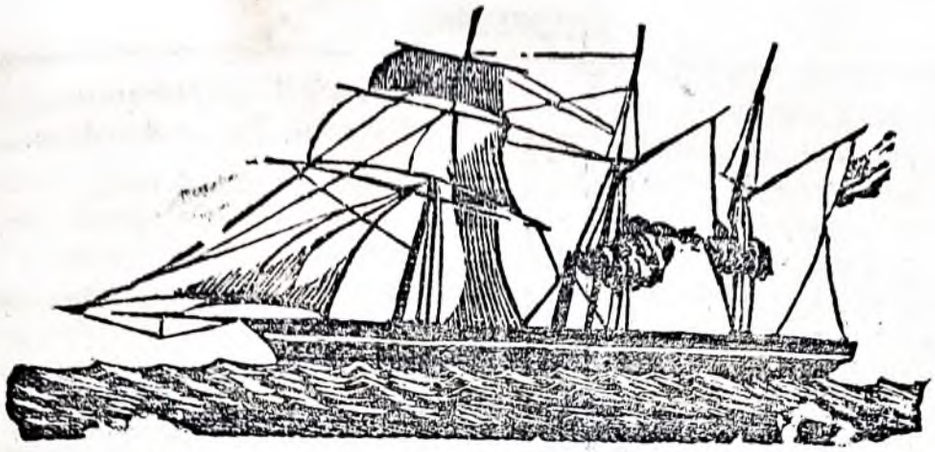
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 2 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 9.ª—Ns. 81 e 82

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de agosto de 1866.

Officio ao Illm. Exm. Sr. arcebispo, representando-lhe que nos informam que se acha nesta cidade, ha perto de um mez, hospedado no convento de S. Francisco, o Reverendo vigario Manuel Joaquim de Andrade Rego, deixando os seus freguezes em completo abandono dos misteres parochiaes e faltas do pasto espiritual. Em vista do que pede-se a S. Ex. ouça do referido vigario as rasões que o demoram nesta cidade, e o faça seguir in continenti para sua freguezia.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, levando ao seu conhecimento o seguinte facto:

No dia 29 do p. p. Gertrudes de tal, moradora á ladeira do Alvo, negociante em pannos da Costa e outros objectos, fechou sua porta, seriam 10 horas do dia, e sahiu ao giro de seu negocio.

Nesse dia demorou-se até 8 horas da noite e quando voltou, com extraordinario espanto achou sua porta aberta: os ladrões tinham lhe carregado tudo.

E' muita ousadia na gente do olho vivo, para n'uma rua publica e a taes horas ter a audacia de commetter uma façanha destas, ou então contar muito com a inacção da policia! Si S. S. não empenhar esforços que amedrontem semelhante gente, animada por esta, que emprezas não commetterá ella?

Ja um dia destes foram aos Curraes Velhos e limparam tudo que havia na casa de uma familia, como verá S. S. de um annuncio estampado no *Diario*.

—Ao Sr. emprezario do lixo, dizendo-lhe que lance seus olhos benignos para o becco Sujo, da freguezia de S. Antonio.

Portaria ao fiscal geral, para que obrigue o governo a mandar cortar os arbustos que existem no telhado da casa da moeda. Cumpra.

—Sahiu á luz o *Brado do Povo* —periodico politico.

—Deus o fade bem.

—E que suas ideias não sejam uma ironia ao titulo que estampou no frontespicio.

—Capitão gasta-se tanto dinheiro superfluamente, por que não se manda concertar a capellinha de Nosa Senhora do Rosario situada dentro do quartel da Palma?

—A mim é que V. pergunta? dirija-se ao presidente e commandante das armas.

—O deleixo em nossa terra chega a tal ponto, que não acharam logar mais proprio para deposito de materiaes das obras publicas senão alli: a capella está cheia de caibros, madeiras etc

—Isto agora é com o arcebispo, elle não está dormindo, e me parece que deve ter sciencia destas coisas.

—Sendo alli um logar sagrado entra-se sem o menor respeito, e commetem-se actos, que é melhor calar para não tornar o escandalo mais patente.

—E as Imagens estão lá?

—As Imagens ha muito que foram tiradas e removidas não sei para onde.

Si não se pode ou não se tem vontade de concertar, ao menos devia haver uma providencia para que fosse a Casa de Deus tratada com mais respeito, e não se entrasse alli para guardar paus e o mais; ou então deitem-na abaixo.

—E mesmo que o soldado que tem diante dos olhos aquelle exemplo, quando entrar em uma egreja entra com a maior indifferença e menos-preço possivel, como si entrasse em uma taverna.

—Como esse ha poucos. O *Jornal da Bahia* copia do *Diario* do Rio Grande o seguinte a respeito do general Netto.

«S. M. o Imperador mandou honrar e agradecer ao brigadeiro Antonio de Souza Netto o seu desinteresse e patriotismo, deixando de receber vencimento algum desde que está em campanha, e declarando que desiste desses vencimentos e dos que possa ter direito durante a guerra actual em beneficio das despezas da mesma guerra.

—Infelizmente essas almas desinteressadas, esses typos de abnegação, não são deste mundo, passam ligeiras por elle e somem-se.

O general Netto não pertence mais a esta vida.

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

(*Continuação.*)

—Faz-se um grilo em Latronopolis
Em certa arrecadação,
Mas o grilo é *provisorio*
No *corpo* do um batalhão.

A *policia* nunca pode
Os grileiros descobrir!
E' tudo gente de dentro
Que sabe entrar e sahir.

Outro tempo n'uma casa
Centos de homens moraram;
Si bem fossem *permanentes*
Depois dalli se mudaram.

E foram p'ra longes terras
N'uma *questão* s'involver;
Na intenção de voltarem
Os trastes deixam em ser.

Mas foi logo outra gente
Por *em quanto* ahi morar;
E o que estava dentro
Começou a desfructar.

Porém entre os moradores
Que alli foram habitar
Um intendeu que devia
Os trastes dalli levar.

Não podendo elle somente
Um tal plano executar,
Procurou mais companheiros
Para se associar.

Entrou um mais *inf'rior*
Que faz a trasladação
Dos objectos guardados
Dentro d'arrecadação.

Peças de panno *rajado*
Aos *pedaços* tem sahido;
E ja ha freguezes certos
Que compram isso escondido.

Embaixo de um capote
Tem logar a transferencia,
Um *sofa*, passa a outro,
Este leva para a agencia.

Não sei onde tanto brim
Vão esses cujos achar!
E não sei como por falta
D'isso não se veiu a dar.

E outras muitas melgueiras
Que depois lhe hei de contar;
Por agora faço pausa
Pois não lhe quero massar.

—Notei para o Dous de Julho
Este anno indifferença:
E' que o povo todo soffre

Ao peso de dôr intensa.

Creio que não ha familia
Que o pensamento voltado
Não tenha lá para o Sul
Por um ente idolatrado.

O presidente deu vivas
Mas não foi correspondido!
E si foi, foi tão baixinho
Que por ninguem foi ouvido.

No outro dia á noite,
Pelo Terreiro passou
Mas não sei si com vergonha
No palanque não entrou.

—O governo declarou
A cama'ra dos deputados
Que estava sem real...
Com os cofres esgotados.

A assemblea mandou
Que a primeira commissão
De fazenda emitisse,
A respeito opinião.

A commissão declarou
Que o modo de arranjar
Dinheiro, é novos impostos
Ja e ja se decretar.

Porém ella esqueceu-se
Lembrar na proposta sua
De se crear um imposto
A quem queira andar na rua.

E' de razão. Si o paiz
De dinheiro assim precisa
O povo deve pagar
Decima, taxa e siza.

Admira-me que haja
De dinheiro tal carencia,
Quando gasta-se á mão cheia
No que não é de urgencia.

Vejo ir o Lopes Netto
Para Europa estudar
O systema de prisõ-s
E bom dinheiro levar.

Vejo a propria assemblea
Muita gente dispensar,
De cobres que recebeu
Aos cofres embolçar.

Subvenções a theatros;
Todo dia se mudando
Presidentes, os quaes vão
De custo ajudas levando.

Sei que o povo ha de pagar
O onus, resignado;
Muito mais quando se diz
Q'á guerra é destinado.

Que faz tanto patriota
E servidor do Estado
Que não socorre o paiz
Vendo-o tão necessitado?

O que faz tanto politico
De riqueza colossal
Que não vale a sua patria
Vendo-a n'um aperto tal?

Creio que todos são ricos,
Entre os tres da commissão
Tanto faz o Manuel Dantas
O Madureira e o Aragão.

Si querem ver como o povo
De coração os bem diz,
Repartam alguma cousa
Do que tem com seu paiz.

A hora é de sacrificios:
Cada um dê o que tem,
Si o povo dá seu sangue
O rico dê seu vintem.

—Dou-lhe parte que passei
Um S. João excellente,
Comi laranjas mui doces
Da roça do Zé Vicente.

Saboroso carurú,
De milho grossas espigas;
Mas eu por falta de dentes
Deixei para as raparigas.

De aipim boas raizes
Compridas de meia vara;
As meninas me diziam:
Que grossura! é couza rara.

Estive quasi mandando
Levar uma ao Nicolau,
P'ra servir na exposição....
Estou que não era mau.

No outro dia larguei-me
Para a Quinta das Beatas
Assistir a um candomblé
De crioulas mui gaiatas.

Encontrei la o Sardinha
Feito papae do terreiro,
De camisola e turbante
Vermelho, mui basofeiro.

Que bella rapazeada
Fui encontrar na folgança!
No carneiro com azeite
E bobó enchendo a papança!

Encontrei la Zé-monturo
Com sua canastra ás costas,
Nos pés de mamãe Maria
De joelhos e mãos postas.

Que é *ogan* do terreiro
E gosta bem da folia,
O amigo Lopes Qincas
Se lá não vou não sabia.

Agachado e n'um tabaque
Tocando com arte geito
Vi um padre que uma flor
Ambrozia trazia ao peito

Ajudava-o na tarefa
A cabra velha Lucinda
Da Da Hora sem pestana.
Que faz sua perna ainda

D. Bebé deixou de ir
Sendo do *rito* sectario,
Por que *papae* não lhe deu.
O logar de *secretario*.

Encontrei o padre Abutre
Com safada hypocrisia
Vendo lá si alcançaria
Augmento na freguezia.

O Mané da Silva Carros
Lá vi tomando ventura,
Para alcançar do governo
Tres mezes de sinecura.

Nos pés do *papae* estava
O Guimarães, com receio
Que lhe tirassem das *costas*
A chupeta do *aceio*.

Encontrei lá a Sinôa
Que de vesp'ra tinha ido
De saêta e toalhinha
E penacho bem comprido

A Constança das borrachas
Lá estava, bem mamada;
Vi-a pela madrugada
Já toda emborrachada.

A Maria Clementina
Seu *celeste* ca deixou,
E com *tino* inexprimivel
Vulcaneos laços atou.

Lá vi Damiana Pipa
Com Paulina Barriguda
Pulando no candomblé
Que era um Deus nos acuda.

Henriqueta Olho de Vidro,
Bernardina Empenha-saia,
Felicidade Gaguinha
E Juliana Cambaia.

A PEDIDO

—Sr. *Correia*, bem me disse o *Antonio* do Taboão que Vm. era o gallego mais immoral!

Olhe que não se pode mais morar na rua do *Sabão* com o seu escandaloso namoro...

—Isto são intrigas de algum meu desafecto.

—Não, Sr. Só quem não quer não vê Vm. namorar escandalosamente a menina ....., até pela manhã, e mesmo com chuva; e no entanto como atribuir-se este namoro a outro, dizendo se que offerecia beijos e abraços, quando Vm. é que os offerece, meu refinadissimo devasso?

—Ora deixe-me gozar um caldinho gordo. Pois o homem não é Sr. de seus desejos?...

—E' justamente esta a resposta de um gallego devasso como Vm.; mas breve teremos de ajustar contas.

Vm. prometteu casamento a moça, e já disse ao *Zé* que a ha de lograr.

—Hei de fazer o que quizer, não tenho a quem dar satisfação.

—Tem o muxingueiro.

(Continuação.)

—E não param aqui, capitão, os altos feitos do *carraça* vigario de Matatuim.

Ja quando elle esteve em *Camacomu* commetteu tantos desregramentos, tornou-se tão devasso, que o povo a unavoce queixava-se delle; viuva, casada ou donzella para elle nenhuma consideração mereciam; ahi raptou elle a menor Vitalina que é hoje sua amazia; tornou-se tão desrespeitado e vilipendiado que era o alvo das mais zombeteiras satyras, pelas vendas, pelas portas das casas; pelos pés de arvores appareciam escriptos incisivos em que eram relatados os actos de torpeza praticados pelo tal vigario; tornou-se tão odiado esse *tavão* que viu-se obrigado a fugir a unhas de cavallos da noite para o dia.

Em 1862 visitou-lhe o prelado a parochia e ficou contristadissimo do estado em que achou a egreja; tudo alli denotava deleixo e porcaria; a ponto do homem ordenar que os actos do Divino fossem celebrados em uma *capella* onde antigamente venerava-se a *Nossa Senhora de Nazareth*.

Mas o abominavel vigario tem menos-cabado da ordem superior e vae alli celebrar casamentos, baptisados e até missa, com a mira sómente n'um lucro depravado.

—Estou certo que tal facto não chegou ao conhecimento do Prelado.

—Quando ha sambas por alli elle toma parte com o seu companheiro Erva-isto, que é outro immoral como elle e então a chula—*Samba minha negra*, requebrando-se que parece um boneco de engonço!

—Que padre damnado!

—Um velho major amigo do *Justiniano* e primo do *Ferreira* exprobando-lhe tal procedimento e censurando-lhe a impudencia de se pôr de copo na mão no meio das negras a cantar papagaio, elle respondeu, que não fazia mal por que aquillo era feito ás occultas!

O preto *Dehú*, feitor da fazenda que é *brochada* que diga as bandalheiras que elle tem praticado, quando vae alli em suas orgias.

(*Continúa.*)

—Capitão, horror! horror!

—O que dizes, rapaz, estás doudo?

—Horror! horror! capitão!....

—Falla, falla, não me inquietes.

—Ja lhe conto a causa do que estou soffrendo:

Conversavam á pouco dous homens sisudos, quando passou por elles um individuo, cuja phisionomia lhe descreverei depois, e passando, ficou elle sendo objecto da conversação dos ditos. Ja sabe, capitão, no desejo de sempre lhe trazer noticias, aproximei-me e ouvi assim:

Alli vae o cynico maior que ja tem visto Latronopolis, o ambicioso mais despejado que se pode imaginar, o amigo mais calculado e desleal que se poderá encontrar; tudo, tudo que na de peior acha-se encerrado n'aquella alma damnada, que ja devia coucear no inferno.!

Capitão, confesso que só com este principio fiquei frio, mas o homem continuou:

Ignora por ventura a causa da morte do nosso amigo *Chico maior?* foi aquelle abutre! Na sêde insaciavel de ouro, mentiu, calumniou para o *rio do primeiro mez*, e afinal conseguiu que mandassem-lhe entregar dous misteres exercidos pelo nosso amigo e mais outro, arrancando-se-lhes os meios de subsistencia!

Capitão, estremeci, e disse commigo: que malvado!...Mas o homem não ficou ahi.

Logo que o nosso amigo recebeu esta noticia (continuou elle) apaixonou-se por tal forma, que um dia, desgraçadamente sucumbiu suicidando-se!

Capitão, horrorisei-me tanto que não me pude conter por mais tempo; corri desesperadamente para contar-lhe em quanto me estava o caso em lembrança.

—E crimes desta ordem póde-se esquecer? Quem é este tratante?

—Capitão, eu estou atrapalhado por que não lhe sei do nome, mas, si V. S. o conhecesse pela figura....

—Dize lá.

—E' um sujeito sarará, figura setenta e tantos, tem a cabeça de bagre esfolado, o cabello é curto por que o tem de malê, sobr'olho carregado affectando *fidalguia*, não tem barba, por que embora ja se ache no ultimo quartel da vida, não quer ser velho, e por isso todo dia rapa; orelhas de cachorro goso, nariz de tucano mestiço, tem uma boca incafifante que espuma quando ri. Capitão, o bicho é antipatico; não sei si V. S. ja o conhece pela maneira por que o acabei de traçar; e si isto não basta, saiba ainda mais: Anda todo impertigado, tem o oveiro de tanajura, e chamam-no o rei macacão.

—Cala-te rapaz, ja penetrei; é o mesmo que ha pouco mandou publicar uma versalhada a fim de injuriar a um individuo, só por que o paiz em que vivemos negou-lhe no nascimento a melhor regalia que se pode desejar: não se achando, com tudo, coberto de maldições e opprobrios, como a firma de que tratas indubitavelmente se acha.

—O que fazer, capitão?

—Dize tu.

—Vou esfregar-lhe o focinho em alguma cloaca lá para *Nazareth*, e depois será entregue a algum *boleiro* para dar-lhe o destino que quizer.

Um curioso deseja saber quanto pretende o Sr. José Luiz Soares Sobrinho levar do governo pela armação que fez para o funeral do general Bezerra?

O curioso.

Attenção.

Segunda missiva de José-monturo a El-rei D. Mané de Souza.

Olélé.....Caspite domine! aqui está o gingas!...conheces meu bom compadre de minha alma?...

Compadre, não sei quem foi o tratante que tirou copia da carta que lhe mandei pela via do meu secretario *mel do matto* e mandou publicar, assim como a pithographia que V. me accusa pelo dito não ter recebido, pois olhe eu mandei; Joaninha viu quando eu metti na carta; desconfio que foi elle mesmo pra mode ver os nossos segredos, e os da comadre para depois andar contando como é o costume delle contar tudo ao Duquinha, para mangar commigo; mas eu ja os conheço. Por tanto envio-lhe outro para deitar no seu abrum. Então não é tal qual o gingas, mas sem calças a bolão? Veja que quero que saia na *Semana Illustrada* com o Dr. Semana contando a elle na *fonte dos amores*, o que ahi se passou, V. me escuse de lhe contar, pois V. bem sabe o que foi que que se passou ahi com a menina, intende?...

Quero tambem sabir nas *gallerias dos homens illustres* bem perto do *Lucas da feira*. Estas cousas por aqui não vão boas, compadre de minha alma, eu mato um, com uma chifrada que deito as tripas de fóra e ha de ser o malvado maroto do batalhão e si eu o pilho a geito faço o que fiz na negrinha....que para isto tenho boas rosetas, intende compadre?

Dou-lhe parte que ja descobriram aquelle negocio dos cordões da mulata na rua da Faisca, que fingi-me estar com o diabo no corpo, e não queria ver Nossa Senhora, e eu dava urros em cima da cama que parecia mesmo o diabo, e que assim que todos sahiram, eu limpei todas as gavetas e não deixei nada, e deitei sebo nas pernas como tambem aquelle outro negocio dos quatro centos mil reis que dizem que impalmei na Chapada, e que me agarraram no braço e fizeram eu deitar em cima do balcão; pergunte ao Sr. *Par d'aranhas* que foi quem me salvou! Compadre tudo se sabe; não se pode fazer nada escondido.

Estou muito infeliz, meu caro compadre! vou lhe contar o que me aconteceu; si a comadre me visse como eu chorava, cortava o coraçao; comprei para sahir no bando vestido de macaco, um lindo animal, um poldro-sinho de quinze annos filho do burro do *Surdo-é* com a egoa do *villa-mansinha*; como de facto sahi, mas não me poude occultar pra mode a juba, e os gallos, que tem tido muito crescimento com a lua nova; tractava eu delle com todo o carinho para servir-me no do anniversario da independencia, e por ser muito fogoso pretendia offerecer a comadre, para montaria delle.

Como V. sabe, a nossa commua é na estrebaria, e uma noite eu sonhava com V. que virado n'uma pombinha vinha voando sobre mim e eu com a boca aberta todo babado, lhe estendia o braço para lhe apertar, pensando ser a pombinha do Espirito Santo, foi quando fui despertado pela nossa crioula, que me dava *empurrões*, e sua comadre me acorda toda chorosa gritando que o *gatto marisco* estava na commúa; corremos, eu em fralda de camisa, só tive tempo de vestir uma saia da crioula, e corremos

ambos, e na corrida que levamos quasi que vamos todos trez; ainda sua commadre estrepou-se n'um pau, oh! compadre! qual gatto! Compadre, era o meu cavallo Pitú; nadava na *ditta* de que estava meia a commua, corri a sim mesmo até o *trem*, pedi ao *feitor mor* a sua mestrança com cordas, guindastes e cabrestantes, e depois de longo trabalho poude-se salvar do perigo de morrer por *immerdação*, ah! si a commadre me visse como eu abraçado com o cavallo de minha alma! Chorando como uma criança, e elle com os olhos ternos para mim fazia despedaçar o coração,

No outro dia depois de longo soffrimento deixou-me. Foi interrado com todas as honras de que era digno. Mandei-lhe collocar sobre sua sepultura uma pedra com esta inscripção offerecida pelo autor do *Album da Rapasiada* o poeta *momiz*.

Luão infeliz foi a tua sorte.
Carregas mouturo em vida.
m.....depois da morte.

Assim acabou meu pobre infeliz cavallo digno de melhor sorte, sem ao menos me ter servido para a parada do anniversario da Independencia que deixei de comparecer pra mode a falta de *Pitús* e por que os gallos da infeliz testa, já não consentem barrete, tudo chega aos velhos.

Passamos de uma cousa a outra:

Na vespera de S. João fomos tirar sorte em sua tenção, mandamos buscar um ovo de pata e o moleque diz que não só furtaram o ovo, como a pata que o pôz, fomos a ovos de galhinha que depois de passados na fogueira com a oração de S. Salvador que diz *duas frangas e um so gallador*, sua commadre escolheu um e poz n'um copo; sahiu um navio virado, ella consultou a *Juninha*, esta disse ser máu agouro para a pessoa da tenção, será V. que naufragará na politica? V. é bom que dóe!

A commenda ainda estou chupando no dedo, apezar de ter já mandado a importancia do diploma: não lhe disse que o Pedro não me dava o logar do *guarda-gados*? Tambem não sei V. para que serve, á vista de tantos presentes que lhe mando?

Comprei um bilhete para interessar com a commadre, é d'uma rifa que corre aqui brevemente, e o premio grande é um traste de senhora, bordado de filigranas.

Compadre! V. é um ingrato nem ao menos me agradece as espigas que lhe enviei para seu regallo e da commadre, ella nada me diz das laranjas d'umbigo, si foram do seu gosto: bem depressa V. já se esqueceu do nosso filho, que quer ser moço da casa Imperial, e que todos os dias pergunta pelo padrinho.

Compadre este anno a muda foi muito forte; o inverno foi aqui muito rigoroso, e frio, tanto que caliu-me um dos espinhos da tal limeira e o outro está n'elle, com a receita que me deu o boticario *Borgia*. Veja si V. quer usar do remedio, pois apezar de não estar aqui pelo inverno não está livre da muda; por isso, como o Dr. *Sirdo-é* diz que vae para o Sul e fica ahi quinze dias lhe fazendo companhia, pode V. aproveital-o para applicar-lhe a dóse.

Adeusinho compadre, beijocas em sua sogra, e acceite um terno abraço bem junto do coração que lhe aperta seu compadre escravo do coração.

José-monturo.

P. S. Sinhô Manuel, aqui está muito forte a influencia do Paraguay, e como o Humaytà ja deve estar tomado vou me offerecer para ir com o batalhão, pois eu não perco o saque de Assumpção, nem por sombra. Como não voltarei rico, cim compadre? Só estou a espera que V. chegue para lhe entregar a commadre, mas só sinto deixar a minha *cysne* da *rua* dos *pés de laranjas* que tanto me custou a conquistal-a; só V. me dando para dispor do posto de capitão para o Sul como fez, e depois de tantos trabalhos deixal-a? é cruel, isto não faço.

Esta vae pelo seguro pra mode as duvidas, e o commandante do vapor lhe entregará uma cambuca em que vae uma *coruja* Preangú que canta muito denoite, e foi apanhada na ribanceira do pau do Estandarte, ella come namão. O nosso filho pede-lhe a benção. Pelo proximo vapor lhe conto a historia da minha cysne, que hoje não tenho mais tempo que o correio fecha-se. Adeus.

—Leopoldo que foi isto?
Perdeste a mamadeira?
Agora no Caes do Douro
Não ha tanta ladroeira.

Tantas fizestes até
Que não poude supportar
Aquelle que protegia-te
E te mandou bugiar.

Agora meu descarado
P'ra viver muda de sorte;

Procura quem tem dinheiro
E no bolso da lhe corte.

Ja eras do olho vivo,
De outra especie porém:
Não podes furtar mais fumo,
Vae para o *golpe* tambem.

VARIEDADE.

Copia de uma defeza em um jury do sertão.

Senhores Jurados.—Tudo está perdido: a farinha cada vez mais cara, os ladrões não tem mãos a medir, e o réu que defendo, este homem honrado e execrando, perseguido e massacrado por scribas e farizeos, vindo de casa de Annaz para a de Caifaz, gritando todos —*crucifige*, *crucifige eum*,—Abel não era mais innocente do que aquelle pobre diabo, que alli está assentado tão triste; coitadinho... para ser sentenciado por esta augusta assembléa da synagoga. Ah! Manoel Pipoca! (não se riam, que por tal é conhecido o meu cliente, e além disso—macaco não olha para o seu rabo. —) Ah! Manoel Pipoca! quem me dissera o anno passado quando tocaste toda noite viola no casamento da filha da Capôa, que casou com quem casou, que te havia de ver hoje neste jardim das Oliveiras para carregares a cruz de teus enormes peccados!

Rasgou-se o véo do templo, e apparece a verdade apocrifa perante este nobre congresso constituinte, que hade vir a julgar os vivos e os mortos... Capitão Virissimo, trazei-me cá esses autos de fé. Aqui está, aqui está já a primeira mentira! Snr. Juiz de Direito, por vida de sua Teté (para que se faz tão vermelho, se não ha cão nem gato que não saiba...) mande já metter no tronco estas testemunhas... Oh! vejam quem tambem jurou contra aquelle innocente? Snr. Juiz nós todos não conhecemos João da Annica?.. forte bebado! Diz-me ladrão, onde viste Manoel Pipoca dar essa facada embaixo do umbiguo do defunto? O sol se escurece!.a terra treme! o inferno se abre com tão grande calumnia! Aquelle pobre, Snrs., um homem que por bom até já foi impostor de quarteirão! é um Lilia abandonado, quieto, implacavel e garantido... Snr. Deos dos Exercitos, salvai este filho de Semamites das garras destes caxorros, pela Vossa Cruz, pelas Vossas Chagas, e pela Vossa Divina Misericordia, como tudo se vê do Codigo do Processo!..

(*M. Fluminense.*)

ANNUNCIOS.

O Sr. P. S. C. tenente dos charutos tem cartas ao Caes Dourado n.° 57.

Pede-se ao Sr. redactor da *Sempreviva* o favor de vir a esta typographia para realisar certo negocio.

ESCRAVO FUGIDO.

Fugiu desde 9 de junho do corrente do poder do abaixo assignado, o seu escravo africano, de nação nagô, de nome Fiel, estatura regular, magro, tem no rosto signaes de sua terra, tem os dentes da frente podres, costuma beber cáxaça com excesso a ponto de dormir em qualquer logar; quem o prender e o levar ao Caes Dourado caza n° 54 receberá 20$000 de gratificação.

Este preto tem sido visto no Sangradouro, Cabula, Matatú; foi do Sr. Antonio Joaquim Freire de Carvalho e Albuquerque do engenho das Brotas termo de Santo Amaro.

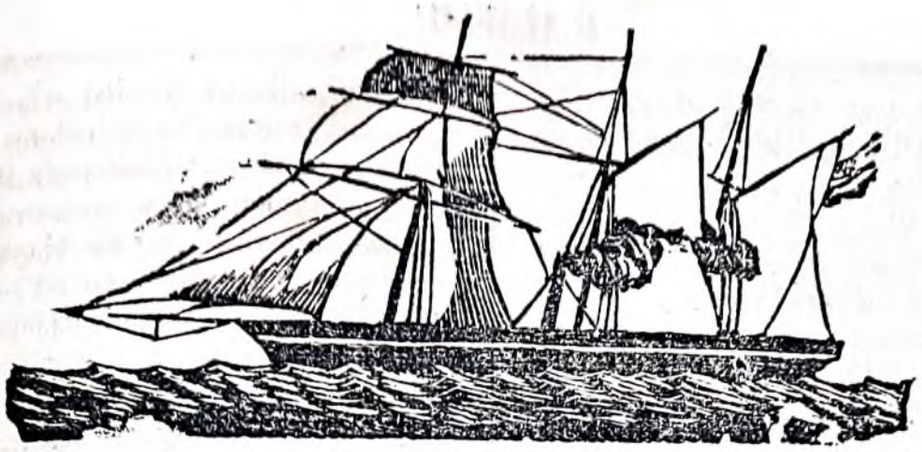
José Machado Guimarães.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.° 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diriamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Nesta typographia se deseja fallar ao Sr. Francisco de Paula Gesteira.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 4 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 9.ª—N.º 83

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de agosto de 1866.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um grande buraco, que ha na encrusilhada da Estrada Nova com o caminho Novo do Gravatá, porque sendo aquelle logar muito transitado, e nas noites de escuro ficando elle invisivel pela sombra do muro á que está encostado, pode alli quebrar-se uma perna.

—Ao Illm. Sr. Dr chefe de policia, communicando-lhe que nos informam que no sitio do Rio Vermelho ha uma mulher maluca de nome Marcolina, a qual tinha uma filhinha de nome Thomazia; de certo tempo desappareceu a menina, e ninguem sabe ao certo para onde foi; pelo que correm diversas versões sobre o destino que tivera essa innocente; a mais seguida é que essa infeliz está no recolhimento da Mizericordia, mandada pelo subdelegado do logar, mas ha logo quem diga que não, e commente por outra maneira o facto, pelo que para obviar duvidas, pede-se a S. S. procure esclarecer esse negocio.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para uma salla de dança que ha em casa de uma certa moça á rua do Tijollo, por que nenhum geito tem de uma reunião recreativa, mas antes de uma casa de deboche pelos gritos e assuadas, que alli ha; por cuja razão, espera-se que S. S., dê providencias, afim de que a continuar a referida reunião seja com os termos que requer a decencia.

—O Sr. Leão Velloso ja nomeou quatro officiaes, inclusive o tenente coronel, para o batalhão Pedro II, e mandou publicar os nomes no *Diario*.

—Seria bom tambem que S. Ex. mandasse publicar quantas praças ja tem o referido batalhão.

—Ai está como são as cousas!

Os marinheiros americanos provocavam aqui desordens, e os hollandezes as acommodam.

—O que houve?

—Na rua dos Capitães estavam duas mulheres a esbofetearem-se, e vinham dous hollandezes de um navio de guerra que se acha em nosso porto: dirigiram-se para as mulheres, apartaram uma da outra, levaram cada uma a uma certa distancia para não brigarem outra vez, e assim acabaram com as bofetadas e palavradas, que proferiam as duas estabanadas!

—Talvez que si fosse a patrulha ficasse impassivel, e provocasse ainda mais desordens.

—Isso não tem duvida!

A PEDIDO

LADRÃO.

Por que não pagas ao procurador, que te deu ganho da causa, em duas execuções de dividas de mais de 10 annos, que as consideravas perdidas?

Por que não attendeste a um negociante honrado desta praça, quando te foi pedir para chegares a um accordo em attenção a ser o procurador um pae de familia, que se achava enfermo, e sem recursos, respondendo que não davas mais nem 10 rs., e que preferias ir com elle para o ceu?

Pois bem: prometto contar-te a historia de um calote pregado á certo tabellião Lopez, chegado da Costa, por um exame n'uma firma no cartorio de um escrevente que fra alhos.

E's bem conhecido?

Paga, ladrão descarado.

O Vigilante.

(*Continúa.*)

Sr. alcoviteiro das almas pobres, tão prompto em fazer petições de queixas, breve lhe daremos a paga. A demora é só em quanto chega certo documento.

Recommenda-se ao Illm. S. subdelegado da freguezia de S. Pedro, uma mulher depravada conhecida pelo nome de Marocas, moradora para as bandas do Sodré, a qual, com suas immoralidades, muito incommoda a visinhança, impossibilitando as familias de chegarm á janella.

O Carcunda do Sodré.

—Capitão, tenho a honra de apresentar á V. Ex. o Sr. *Gatuno dos Seixos Aberto*, respeitabilissisima firma, muito digno gran-cruz da Lascivia, dignitario da Garridice, commendador da respeitavel ordem das Frascarias, cavalheiro da distincta e privilegiada Ordem dos Seductores, condecorado com a medalha da Protervia, doutor em sciencias corruptivas forenses, membro da associação dos *Ardis*, presidente honorario da sociedade dos Mequetrefes, chefe da legião dos *merus*, engenheiro de tratadas e bandalhice, socio correspondente do Tartufismo, *distribuidor* geral das tranquibernias, intendente mor dos cynicos, com jurisdicção e alçada sobre os lupanares etc. etc.

—Safa! o seu personagem é um nunca acabar de titulos!

—E' um vulto proeminente em Latronopolis.

—Com que fim porém me é apresentado o Sr. Gatuno?

—Desejava que V. Ex. o mandasse conversar um pouco com o muxingueiro.

—E' cousa de pouco custo.

—Antes porém desejava contar-lhe uma historia que não deixa de ser cumprida.

—Estou á seu dispor.

—Ha em Latronopolis um homem infeliz, sobre quem parece que inflexivel pesa a mão da fatalidade.

Antigo militar, serviu por muito tempo nas fileiras do exercito.

Fez parte das forças que em 1842 bateu a revolta de Minas e S. Paulo.

Depois de longos annos de serviço teve baixa sem outra recompensa mais que o germen de uma molestia adquirida nesses pantanos do Rio Grande.

Regressando á sua terra, e ao seio de sua familia, retirou-se para o campo, com o intuito de dedicar-se á lavoura. La o seu mal aggravou-se, e tornou-se completamente paralytico.

Com a sêca que assolou o centro em 1858, foi obrigado a retirar-se para a cidade por lhe faltarm recursos com que mantivesse sua chara esposa, cinco filhinhas e dous filhos.

Aqui chegando, exhaurido de meios, estendido sobre o leito, sem poder mover-se, foram seus filhos, que contavam um 14 e outro 15 annos, obrigados a assentar praça no corpo de perma-

nentes, emprego de mais facil acquisição para os filhos desta terra.

Que torturas não passou aquelle coração de pae ver seus filhos tão crianças, obrigados pela necessidade á vestir uma farda, e seguir uma carreira onde elle tinha sido tão mal pago!

Os rapazes eram excellentes filhos e tudo que ganhavam traziam para casa; porém muito moços, e de natureza fraca, não puderam resistir ao peso do serviço militar. E o infeliz pae teve o dissabor de vel os um após outro descer á sepultura.

Faça ideia que consternação para uma familia, neste estado de desesperação! O infeliz pae não teve outro recurso senão recorrer á charidade publica. Mandava suas filhinhas que tão idolatradas lhes era com uma subscripção á implorar a charidade, que si nos o paiz fosse outro devia dar á quem lhe serviu por espaço de 16 annos, e que talvez lhe prestou mais serviços do que esses que tão galardoados são até depois de mortos.

(*Continúa.*)

—Que senhorita é aquella que está naquelle camarote a se requebrar?

—Senhorita? Pois chama uma mulher de 58 annos senhorita?

—Não indago por isso, pergunto quem é.

—E' a Barca de Noé.

—Falle-me claro.

—Quer mais claro?

Não conhece a Quininha Chapadeira?

—Não tenho essa honra.

—Conhece a Bigode?

—Não, Sr.

—Mas ja havia de ter ouvido fallar n'uma fera chapadista?

—Ah! percebo agora. E' uma senhora que mora lá para o *Surdo-é*.

—Aqui-qui.

—E aquelle sujeito que como um cão fraldiqueiro a acompanha?

—Aquillo é um certo caixeiro que lhe serve de palhaço ou porta-voz.

—Aquelles gestos, aquellas maneiras não assentam em uma senhora, devia ao menos respeitar o publico e o lugar onde está.

—Está se admirando de pouco.

Em casa della é que se aprecia bellos pedacinhos.

—Em sua casa ella pode fazer o que quizer.

—Si não desse escandalo para a rua.

Ha pagodes em que se reune muita rapaziada, caixeiros, filhos familias etc, toca a chover os ditos graciosos, algazarras, cantorias, etc.

—Pois vae ser intimada para que não continue nessa vida.

—Deus queira que se emende.

MOTTE.

Os olhos desta mulata
São brilhantes lapidados.

GLOSA.

Offuscam mais do que a prata
Do que o ouro, o diamante,
Quando me passam farfantes
Os olhos desta mulata.
Qundo me falla arrebata
Com seus requebros pensados.
Que braços bem torneados!
E que cintura ella tem!
Seus olhos possue ninguem,
São brilhantes lapidados,

—O' lá, espia dos altos do Saboeiro?

—Eu não sou dos altos nem dos baixos, sou do meio, e tambem não sou espia.

—Qual é seu nome?

—Antonio.

—O Marques me disse que V. era o homem mais discarado que existe.

—Isso são mexericos que me fazem, não ha tal.

—V. é tão safado que não respeita as familias, ainda sendo prevenido e ameaçado com o porão do *Alabama*.

—Faz favor de não continuar.

—Si V. se emendasse e não continuasse com suas macaquices a offerecer abraços e beijocas em quem não lhe dá apreço nem fé, não passaria pelo que lhe vae acontecer.

—Eu conheço que não devia ser tão relaxado como tenho sido, mas isto são dotes da natureza que só a sepultura ha de tirar.

—V. é um safado sem pudor! Ainda diz que são dotes da natureza! Tenha pena de sua infeliz senhora que la anda abandonada pela *Ilha do Valor*, acabrunhada de desgostos.

—Ha um impecilio para isso,

—Qual é esse impecilio?

—E' que eu não me casei por amisade e sim por interesse; julgava achar grandes cabedaes, pensei que ella trouxesse muita riqueza, para eu gastar com minhas apaixonadas, e achei-me em branco.

—Mas V. não sabe que é um crime não cumprir o juramento que deu perante os altares, e que a sociedade moralisada não lhe pode ver com bons olhos?

—O que tenho eu com sociedade quando estou a minha vontade?

—O Souza me disse que V. era tão indigno e miseravel que n'um anno teve 50 amas.

—Tudo isso é inveja.

—Mas biltre, como é que V. chama as mulheres com o pretexto de cosinhar, e depois quer empregal-as em outros serviços, e isto á força, querendo obrigal-as?

—Calumnias, e depois o homem não é santo...

—Eu sei de tudo; além de não pagares queres que ellas te sirvam para tudo.

—Eu sigo o systema de que, quem se aluga, deve estar por tudo que seu amo quizer.

—E' muito immoral!

—Capitão ha quem nos ouça, falle mais baixinho.

—Cale-se safado! que não estou para atural-o.

—Não me enxovalhe; eu sou um empregado, e pode chegar aos ouvidos da direcção, e eu não desejo que ella tenha noticias de minhas bandalheiras.

—Não estou mais para ouvil-o.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Mette a cara desse bisborria na cloaca, e depois dá-lhe uma surra de cansanção, para não se intrometter com a vida de quem não se lembra delle.

VARIEDADE.

Um genro de Deus.

—Diz o *Siglo*:

Um soldado que estava curando-se no hospital gemendo hontêm com as dores das feridas que recebera no ataque do arroio *Bellaco*, exclamava desconsolado:

Meu Deus! Meu Deus!

A' estas vozes acudiu uma formosa joven irman da charidade, e lhe disse:

Para que chamas por Deus? Diz-me o que queres delle, por que eu sou sua filha.

Então replicou o soldado com um sorriso malicioso.— pedirei á Deus que me conceda a dita de ser seu genro?

ANNUNCIOS.

Vende-se

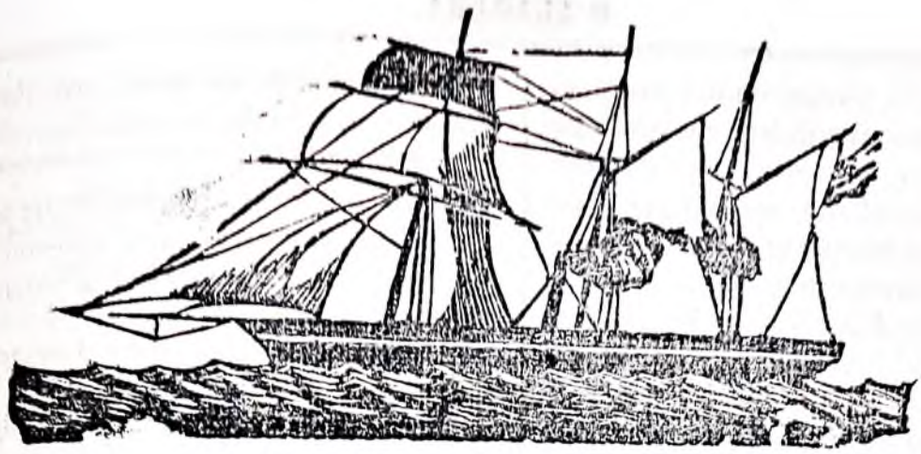
Um sobrado de um andar com 4 janellas de frente e loja de aluguel com duas janellas e uma porta, contendo em cima sala de frente, 4 quartos, sala de jantar, cosinha fora, dispensa e quintal grande para plantação; na loja contem salla, um quarto e cosinha; em bom estado, edificado em terreno proprio á rua do Bom Gosto da Calçadà do Bomfim n.° 57.

Trata-se na casa n.° 40 ou na botica sita á ladeira do Carmo.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.° 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diriamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 7 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 9.ª—N.º 84

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de agosto de 1866.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe que mande quanto antes proceder a inventario nos objectos existentes nas reservas do corpo provisorio de policia, em vista do boato que se espalha de que capotes e outros utensis daquelle corpo, andam a offerecer pelas tavernas e outros logares, dizendo-se até que um dia destes foram vendidos ou offerecidos dous capotes na venda do Braga ao Gravatá.

Taes boatos, como nos parece, podem ser infundados, e por essa mesma rasão é bom uma investigação, para restabelecer a verdade, e deixar os maledicentes de bocca aberta. Por isso espera-se que S. Ex. dará algum pezo a este pequeno pedido.

—Ao Illm Sr. delegado do 1.º districto, informando-lhe que na rua do Bispo sobrado n.º 21, uma mulher de nome Eufrasia, tem em seu poder uma menina de nome Brazilia, em quem applica severos castigos e depois a manda ficar de braços abertos por espaço de duas horas, e chega a sua barbaridade ao ponto de applicar pimenta nas nadegas da infeliz crioulinha. Em virtude do que espera-se que S. S. depois de mandar proceder um rigoroso exame na referida menina, a livre das garras daquella fera.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que acabe com um candomblé que ha em casa da africana Julia na rua da Larangeira, onde além de muitos actos reprovados que se praticam, é a visinhança do lado de S. Miguel incommodada pelo toque de *tabaque*: na noite de 2 para 3 não poude ninguem por alli dormir com a infernal zoada que faziam. Nessa casa vão crioulas, mulatas, etc., e muito homem que passa por serio. Espera-se de S. S. a costumada providencia.

—Hontem um carro da companhia de Vehiculos pisou o Sr. Malaquias Portella de Alcantara Bogarim, fazendo-lhe uma brecha na testa.

—E o boleeiro?

—Seguiu impavido seu destino.

—Isso é rico!

—Até agora si algum cidadão se offerecia para organisar companhias ou corpos de voluntarios, o governo si acceitava a offerta da pessoa, era como de simples cidadão, e declarava que só

teria direito a vencimentos quando conseguisse reunir numero conveniento de voluntarios; então dava uma patente! correspondente ao numero de praças, e a proporção que estas crescian fazia o devido accesso.

—Está o Sr. Lapa Pinto que reuniu mais de 300 homens e nenhuma patente teve.

—Pois meu charo, o Sr. F. M. G. da Cunha offereceu-se ao governo para organisar um corpo de voluntarios, e o Sr. Leão Velloso antes de verificar si o homem tem a necessaria influencia para organisal-o nesta epocha, sem mais nem mais, conferru-lhe a patente de tenente coronel sem soldados!

—Não era cousa de tanta pressa; mesmo que além de feio, é desperdicio pagar a um tenente coronel para commandar dez ou vinte soldados. Chama-se a isso fazer a cama sem ver a noiva.

—De sorte que si por um accaso, não for preciso o batalhão do Sr. Cunha, si por uma eventualidade a guerra acabar amanhan, ou si o Sr. Cunha não tiver a precisa força para realisar seus patrioticos e louvaveis desejos, terá a nação feito uma despeza superflua com uma patente luxuosa, porque estou convencido que aquelle cidadão se contentaria com o soldo de capitão que é, até que com numero sufficiente de soldados fosse elevado ao devido posto.

—Eu tambem sou dessa opinião; porque estou certo que o Sr. Cunha é movido por ardente patriotismo, e não pela vangloria de vestir uma farda de commandante e perceber um soldo gordo.

—E a commissão de fazenda na camara lembra quanta casta de vexame ha para acabrunhar o povo!

E amanhan o povo se verá carregado de impostos para accudir a crise!

E em nome da salvação do paiz si lhe arrancará o suor para ser desperdiçado futilmente!

A PEDIDO

(Continuação do Sr. Gatuno.)

—Nesta emergencia, o infeliz homem foi morar em uma casa do Sr. Gatuno, depois de diversas vissicitudes e contrariedades.

Com os tenues recursos de que podia dispor ia provendo suas necessidades e pagando a casa. Succedeu porém atrazar-se no aluguel.

Quando recebia algum dinheiro separava metade, e mandava por uma de suas filhas levar á casa desse vampiro de olhos azues e cabellos côr de capucho de milho.

Mal suppunha elle que um homem casado, no seio de sua familia tivesse a baixeza de alli mesmo querer manchar a virgindade de uma innocente, commettendo a mais feia das atrocidades.

O canibal tem por baixo de sua morada uma loja que antigamente lhe servia de toca ou escriptorio, e onde, antes que se reunissem na casa do Tribunal todos os officios da *chicana* exercia elle seu mister de repartidor.

Todas as vezes que o homem lhe mandava por sua filha levar dinheiro, elle fingindo que vinha fazer assentamentos, descia para o seu antro e vinha esperal-a. A principio empregou caricias e ternuras, fez promessas lisongeiras; mas, vendo que eram baldados desvelos e carinhos para conseguir seus torpes intentos, assentou que devia empregar a violencia.

Quando a menina la ia agarrava-a, e qual tigre, queria puxal-a para dentro de sua caverna; ella chorava, forcejava, gritava, e elle com algum vislumbre de receio largava-a.

A mãe da pobre menina muitas vezes reparou quando ella tinha de ir á casa do Sr. Gatuno arrazar-se-lhe os olhos d'agua, mas attribuia isso ao natural pudor de uma menina que ia se pondo moça, e pelas circumstancias de seus paes era obrigada a sahir á rua, e chorava tambem sem nada dizer ao marido, para não sangrar mais a chaga no dilacerado coração do desafortunado pae.

(*Continúa*)

—E' raro hoje o individuo que revestido deste ou daquello cargo, por

mais insignificante que seja elle, não se julga authorisado para commetter quanto abuso e arbitrariedade ha.

O mal tem invadido todas as gerarchias; desde o meirinho até o magistrado, com rarissimas excepções, aproveitam-se da posição que a lei lhe confiou para atropellarem a seus desaffectos quando estes tem a infelicidade de lhes cahir nas unhas.

—Ora está o Sr. com uma arenga tão comprida que ninguem lhe incommendou!

—Que quer que lhe faça? Por mais que procure disfarçar, quando vejo certas cousas, o meu genio não me deixa!

—Pois então, dê seu recado e faça favor aviar-se.

—Passei por aquelle sitio que o *Castro* comprou ao *Neves* e vi um meirinho fazendo um berreiro dos diabos, e dirigindo improperios e insultos para uma casa; o menos que dizia era chamar cambada de velhacos e tratantes.

Perguntei o que era aquillo, e soube que era um official de justiça natural da *Cermania* que tendo ido fazer uma execução, encontrou apenas na salla da casa quatro cadeiras e uma banca, motivo por que exasperou-se, e entrou a vociferar.

—E o Sr. não acha que é massada tomar uma caminhada e ficar com os beiços com que mamou?

—O dono da casa pediu-lhe que mostrasse o mandado pelo qual se julgou authorisado a penetrar em sua casa com caracter official e elle a resposta que deu-lhe foi um turbilhão de doestos e grosserias.

—Talvez o homem ignore os costume da terra; o Sr. não disse que elle era *germano?*

—Então, seria bom que si não nomeasse homens brutos ou leigos para desempenhar certos misteres.

I.

A victima do candidato a um commando da guarda nacional da Cachoeira, e do seu agente M... n'esta cidade, pergunta-lhes si, tendo-a deixado ao desamparo judicialmente, e sem defeza quando d'ella precisava, agora que está condemnada por uma sentença confirmada, pretendem abandonal a na miseria a que se acha reduzida, e que tem sido apenas minorada por quem não quiz se parecer com elles.

Esse victima tinha mãe, que infermou logo que elle foi prezo, e morreu na penuria, ficando aquelles dous monstros surdos aos clamores do filho que esmolava para sua mãe agonisante.

Tudo isto ha de recahir sobre os vis usurarios, que, apenas servidos, esqueceram o favor, e, ingratos e infames, empurravam sua victima para aquelle que somente para os obsequiar se havia involvido, e como simples intermediario.

Entretanto, si não fosse essa victima, o difamador ou seu agente M. estaria na cadeia!

Elles esqueceram-se do modo porque contrataram a responsabilidade, mas nos seguintes artigos tudo ser-lhes-ha lembrado, e esta historia será minuciosamente contada com todos os seus episodios e nomes proprios.

Continuem, pois que proximo está o dia em que todas as suas contas se hão de ajustar pela imprensa, e então serão conhecido os *briosos commerciantes*, que tão *honradamente* procedem... depois não se queixem!

Uma prisão tão prolongada — por crimes —, uma miseria tão insupportavel, bem valem que se desmascarem os.... infames.

O o..... branco.

VARIEDADE.

I.

Um rico fazendeiro, apaixonou-se por uma pieuvre.

O amor tem azas, como o medo; mas, collocadas em sentido inverso, as do amor avançam, as do medo fogem.

O namorado avançou.

Desta avançada colheram-se dous resultados: 1.º ficou a moça sabendo que era amada pelo fazendeiro; 2.º ficou o fazendeiro sabendo que a moça amava um collar de perolas e brilhantes exposto em casa do Sr. F.

II.

Em casa do joalheiro.

—Sr. F., quanto custa este collar?
—Tres contos e oitocentos mil rs.
—E' caro! Dou-lhe dous contos.
—Não é menos.
—Dous e quinhentos.
—Não é menos.
—Tres.
—Não é menos.
—Viva!
—Viva!

III.

Em casa da diva.

—Mademoiselle A.... o F. quer um desproposito.
—Gostou do collar?
—Nem por isso. Gosto mais de seus olhos. Que fogo!
—Brilham como os diamantes?
—Sem duvida.
—Já vê que não lhe é permittido gostar dos olhos sem gostar do collar.... pois que se parecem no brilho.....
—E no preço.... o preço do collar é alto.
—Quanto?
—Tres contos e oitocentos. Offereci tres contos.
—E' bem pago. Volte e diga ao joalheiro que as joias são para mim.
Verá como elle cede.

IV.

Em casa do joalheiro.

Um carro a porta, a moça no balcão.
—Sr. F., quanto pediu por este collar?
—Tres contos e oitocentos.
—Quanto lhe offereceram?
—Tres contos.
—Si o mesmo individuo voltar e disser que é para mim, venda-lh'o pelos tres contos; aqui estão os oitocentos mil reis.
—Oui, Mlle. A...
—Adieu.

V.

No mesmo logar o fazendeiro a pé.

—Sr. F... sustento a offerta de tres contos. E' para Mlle. A.....
—Isso é outra couza! Aqui tem o collar.
—E aqui tem o dinheiro.
—Obrigado.
—Viva!
—Viva!

VI.

Na rua um amigo e visinho do fazendeiro.

—Oh! charo Z., não esperava encontrar-te; devias ter partido hontem. Já sei que vaes hoje com migo.
—Não meu charo; um negocio imprevisto.....
—E importante.... Oh! Sr. Z., tu corres-tes!
—Uma criançada, um capricho, uma paixão.
—Que te detém longe de tua virtuosa mulher e de teus filhinhos....
—E me obriga a gastar tres contos nisto. (*mostrando o collar*).
—Toma juizo, homem! Pois tua mulher pede-te um annel de 30$ rs. e tu vaes gastar tres contos em....
—Vês tu, meu amigo! as mulheres.... são caras.
—As que não são nossas. Comprara.
—E' um verdadeiro abysmo.
—Lá está o ceu no lar domestico. Leva o collar a tua mulher.
—Homem, é uma idéa....
—A unica que pode sahir de uma cabeça bem organisada; vamos embora.
—E a outra?
—Ha de ter saudades.
—De mim?
—Não, do collar.
—Tens razão. Vamos.

—

E o fazendeiro, deixando as azas do amor, tomou as do medo, e fugiu.

A sua apaixonada ainda agora espera o collar e desespera dos oitocentos mil reis.

(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

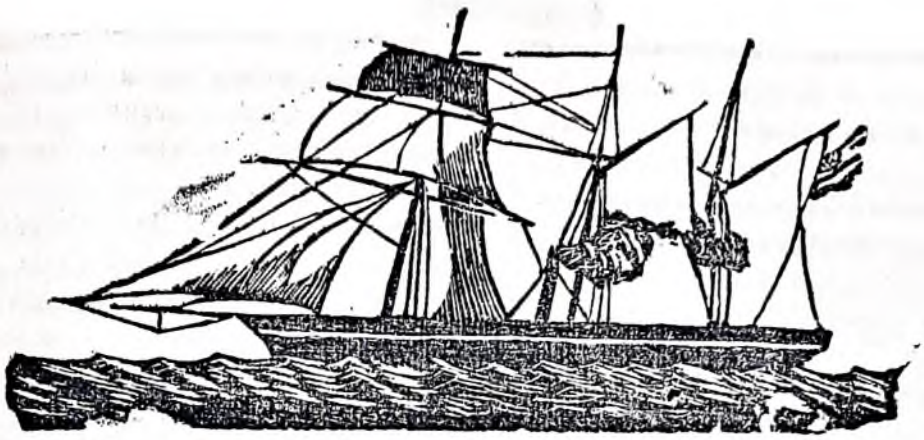
DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.° 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diriamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Na rua Direita da Misericordia, n.° 21, 2.° andar, recebe-se roupa para engommar com aceio e promptidão.

Nesta typographia se deseja fallar ao Sr. Francisco de Paula Gesteira.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 9 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 9.ª—N.º 85

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de agosto de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia. pedindo-lhe ainda uma vez providencias para que os moleques não continuem a atropellar o Camaleão, mendigo conhecido por esse nome, o qual por sua vez atropella o povo com as pedradas que atira n'aquelles.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para um individuo que anda pelos escriptorios na cidade baixa a vender bilhetes de loteria de outras provincias, em contravenção ao § 34 do art. 1.º da lei do orçamento provincial.

—Faz favor Sr. testa de ferro?

—A seu dispor.

—Chamei-o para ver si quer responsabilisar-se pela publicação desta correspondencia.

—Não Sr., não posso.

—Mas o Sr. não é o responsavel d'aquella gazeta?

—Sou, é verdade. Mas si assignei, (não digo isto para offendel-o) é por que conto com pessoas de posição e que podem me valer nas occasiões.

—Acho-lhe rasão.

—E depois, o Sr. não me dá o que me dão?

—Quanto lhe dão?

—60$ rs. mensaes.

—E' um bom ordenado para um testa de ferro!

—Tanto recebia eu na *repartição das averiguações* no tempo doV.....

—E o que tinha a repartição com responsabilidades de gazetas?

—Não sei; sei que no fim do mez apresentava-me la com o recibo, e um homem que *tem cheiro* pagava-me; depois que o V.... largou, passei a receber em mão do Xixi na cidade pequena.

—E quem lhe dava ordem para receber o dinheiro n'essa estação official?

—O patrão.

No acto de assignar recebi do J. 300$000.

—No entanto o povo é sobrecarregado de impostos para haver dinheiro com que se sustentem gazetas, que nenhum *interesse publico* trazem. O suor do povo é esperdiçado, baga por baga, com pequeninas questões de partido! Serve para encher a barriga de meia duzia de espertalhões!

Ha dinheiro para se pagar a responsaveis de gazeta, que descomponham á quem estiver fora das graças do poder.

—E os testas de ferro alardeam em publico; a generosidade com que são pagos!

A PEDIDO

—Sr. capitão, uma historia, ou antes um facto.

—Pode contal-o.

—Ha cousas que devem ficar involtas no silencio, outras porém necessitam de toda a publicidade; o que lhe vou contar está n'este ultimo caso.

—Sem mais preambulo, vamos ao facto.

—Certo estrangeiro que por ora calo o nome, seduziu e desflorou uma pobre menina, filha de um dos nossos patricios, que partiu para a guerra, como voluntario, á defender a honra da nação, não se lembrando que sua familia ficaria exposta.

A pobre moça concebeu, recebendo por isso maus tratos do seu seductor, e abortou cahindo em grave doença.

Esse monstro, porque outro nome não merece, deixou-a de todo. A infeliz vendo-se desamparada no leito de dôr e na miseria, não tem a quem recorrer, pede á uma pobre preta que va ao escriptorio do Sr. João pedir-lhe em seu nome uma esmola, porque ella estando doente não podia trabalhar, e certo morreria de fome, si elle não lhe valesse: que se lembrasse que era o causador de sua desgraça, e que ao menos lhe soccorresse em quanto assim se achava.

—O que pensa que fez esse homem que se diz ter nascido e vivido em um paiz civilisado? Elle quer que chegue ao auge a sua perversidade e diz a preta: Diz-lhe que não me encontraste, que me acho doente, qualquer pretexto emfim, e toma lá para ti. (dando-lhe 2$000.)

Na noite desse mesmo dia o monstro dirige-se pela casa da infeliz moça, e entra na de uma *pastora* meretriz.

Ahi, para se distrahir manda vir champagne etc., deixando afinal 20$ á dona da casa em pagamento dos seus bons serviços.

Assim, diz elle, estou livre de ter filhos. Ah! homem desnaturado! pois não sabias que seria essa a consequencia do teu feito?

Não sabias que assim praticando ias entregar ás garras da fome e da prostituição uma menina na flor da edade?

E isto se realisaria si não fosse a charidade de alguns visinhos d'essa infeliz moça, que a soccorresse.

Esse Sr. João não poderia se fosse *Brioso* despender alguns mil reis com o sustento dessa pobre moça, que elle lançou na mizeria somente para saciar o prazer d'um momento?

Pode muito bem, e si o não fizer ficaremos obrigados a publicar o seu nome com mais alguma cousa, para que fique bem conhecido, e não poder continuar na sua obra de destruição.

—De quanta perversidade é capaz o coração humano!

MOTTE.

Morreu afogado em t.....
De Zé Monturo o cavallo.

GLOSA.

Desceu o coitado á campa,
Por um descuido fatal!
Lá foi se o pobre animal.....
Morreu afogado em t.....!
Escorregou pela rampa,
Não foi possivel tiral-o;
Poz toda caza em abalo
Tudo a gemer e chorar,
Por ver assim acabar
De Zé Monturo o cavallo.

—Que homem é aquelle barbado, que foi para a cidade *Industrial* no vapor de 3 de agosto com um ordenança atraz, e que fallou tanto no vapor, que um inglez que ia ahi pensou que era um *deputado*?

—E' deputado mesmo, é aquelle que fez uma transacção, e que foi eleito, pregando o logro no bobo que o acreditou.

—Quem foi?

—Pergunte ao *Albino* que sabe?

—E o que é elle para ter ordenança?

—E' juiz *torto* licenciado.

—Mas por isso pode ter ordenança?

—Não; mas elle suppõe, como não tem importancia, que o ordenança lhe pode dar, e por isso pede, chora, e o *governador* para lhe fazer a vontade dá-lh'a.

—Com effeito! vou contar esta ao *Francisco*.

—E diga ao *Baptista* que o *Cunha* disse ao *Madureira*, que era melhor que fosse dormir debaixo de algum pé de *joaseiro*, do que andar se dando á petisco, sob pena de ir ao porão.

—Ora *nhonhô*, V. um homem casado illudindo a moça!

—Que moça?

—Como se faz santinho! Os moradores do *Boqueirinho* estão zangados com seu procedimento, até alguns ja se queixaram de V. á authoridade competente.

—Por um tão frivolo motivo?

—Pois V. no dia passa alli mais de dez vezes, como quem não tem o que fazer. A' noite vae para alli fazer tolices e offender a moral, dando uma triste ideia de si.

—Mas é preciso notar que eu sou casado em casa; na rua sou solteiro.

—*Nhonhô* dos diabos se continua nesse procedimento, será agarrado e entregue ao muxingueiro, estampando-se sua caricatura neste jornal para ser de todos conhecido, depois será amarrado n'uma arvore no cimo de um *gordo monte*.

Leopoldo sevandija
Com ardis e artimanhas
Das vendas do Caes do Ouro
Os cobres ja não apanhas.

Foste enchotado a manguá
Do cargo de espiador,
Vae agora te ajuntar
No matto ao salteador.

—Venha cá, Sr. bigodinho.

—E' a primeira vez que me vejo embaraçado com este homem.

Estou ao dispor de V. Ex.

—Sabe me dar noticia de um sujeito, especie do *bonifrate* ou bonequinho de engonço, que ficando com a procuração de um amigo que marchou para o Sul para receber-lhe o soldo, e entregar a mãe do mesmo, tem deixado a pobre senhora á gagoza e posto os cobres no peito?

—Não conheço quem é.

—Pela identidade que tem com sua pessoa estava convencido que conhecia a firma.

—Não, Sr., não sei quem seja.

—E si eu lhe disser que é o Sr. mesmo?

—Eu! é impossivel.

—Impossivel é Deus mentir.

Julga que não sei que ha mais de trez mezes está V. a enganar a pobre mulher comendo o dinheiro que seu filho deixou-lhepara se sustentar?

—Capitão, ou será o *Souza* que se parece muito commigo.

—E' V. mesmo, meu espertalhão de um dardo.

Vá ja entregar o dinheiro alheio, si não o mandarei atar a um *pelourinho*, e dar-lhe 50 pauladas com um galho de *pereira*.

Bem fez o Sepulveda que quando foi d'aqui não o quiz encarregar de seus negocios.

MARIZ E BARROS.

On se parlerà de sa glorie
Sous le cahaume bieu long temps
(BERANGER.)

II

Além das aguas do Prata
Ao subir ao Paraná,
Em frente ao Passo da Patria
Travado um combate está
De um lado—o fogo das *chatas*
Fogo do *forte*, e das matas
Um fogo vivo a traição.
Do lado opposto nas vagas
Dando fogos áquellas plagas
Dous vasos somente estão.

Fuzila o fogo do mato
Do *forte e chatas* tambem;
Para aquelle povo ingrato
Não é bastante o desdem:
Os vasos despedem raios
Travando c'os paraguayos
Combate renhido e crú;
Chovem de ambos os lados
Balas nos encouraçados,
Bombas sobre o *Itapiru*!

Tamandaré vai à frente
Mariz e Barros lá vai;
Em busca vai do valente,
Das *chatas* do Paraguay,
Por entre as balas se avança
Sem descorar, sem tremer
Fogem uns espavoridos,
Outros porêm destimidos
Na lucta querem morre.

O seu navio manobra
Como pequeno batel!
Inquieto o furor redobra
Como indomito corsel
Ferve-lhe a espuma na proa,
Foge delle a *chata*, e vôa
Vae de novo se esconder,
Covarde, nefanda gente,
Que não combate de frente,
Nem sabe livre morrer.

Segue-o de perto o « Bahia» ;
Trovejam ambos ao par!...
Mariz e Barros se erguia
Como um rochedo do mar !
Tinha projectos tão grandes
Que nem o condôr dos Andes
Subia mais alto; não!
Protestava ao mundo guerra,
Com tanto que sua terra
Fosse a mais livre nação.

(*Continúa*)

Pede-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia providencias para que não consinta em certos pontos da cidade e seus arrebaldes, como Cruz do Cosme, Engenho Velho, Campina, Quinta das Beatas, Engenho da Conceição, Matatú e outros, candomblés, onde se praticam os actos mais offensivos á religião e á moral, servindo tambem de escondrijo á escravos fugidos, que ahi se acoitam por muitos dias.

—Grilos! grilos! por toda parte! A terra está molle com as chuvas, e elles formigam a qualquer canto!

—Que alvoroço é esse...? Venha manso.

—La estão a querer reduzir a propriedade daquelle homem nos *Pés de Côcos* á condicção de pedreira.

—Que embrulhada é essa?

—Com a differença que os cavouqueiros trabalham á noite; talvez com o receio de que algum estilhaço ou fragmento de pedra não fure o olho do alguem.

—Faz favor do explicar-se?

—E no fim da somana carrega-se na folha:—despeza de pedras sessenta e tantos baguletes,—e a Illma. cahe com elles.

—Homem, diga o que quer em termos claros e breves.

—O que digo é que este mundo é para os espertos que sabem viver.

—Quanto a isso é antigo.

Charada.

Eu sou na corte Otomana
Senhor de baraço e cutello,
E das minhas decisões
Nem para o sultão appello—2
Na historia das nações
Vereis de todos os feitos,
Um tirano, outro cruel,
Sendo poucos os perfeitos—2

Conceito.

Oh que colosso de Rhodes
Que cabeça de Meduza,
Se vejo dous reunidos
Um defende outro accusa.

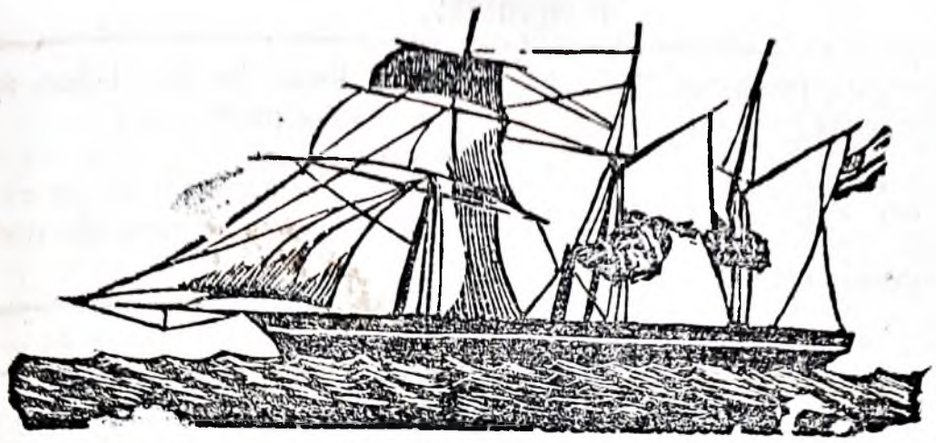
ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.° 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

José Marcellino Madureira e João Manuel da Purificação tendo de mandar celebrar no dia 10 do corrente, primeiro anniversario do passamento de sua sempre chorada mãe, uma missa com memento na egreja dos Religiosos Carmelitas, pelas 8 horas da manhan, convidam a seus amigos para assistirem a este acto religioso: e desde já confessam seu eterno reconhecimento. Bahia 9 do agosto de 1866.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 14 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 9.ª—N.º 86

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

—No dia 9 do corrente, pelas 7 horas da manhã, entregou alma ao Creador, depois de longos sofrimentos, Francisco Angelo da Silva Igrapiúna, na prematura edade de 25 annos!

Era um joven talentoso e cultivador das letras, amigo dedicado até o sacrificio, e de uma conducta exemplarissima.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de agosto de 1866

Officio ao Exm.Sr. inspector d'alfandega, levando ao seu conhecimento o seguinte que nos informam: na noite de 7 atracou no caes d'Alfandega um escaler de onde desembarcaram dous grandes volumes; a sentinella rondante quiz obstar, mas alguem que se *julgou authorisado*, disse-lhe que deixasse passar, e o guarda obedeceu. Não se sabe o que significa isso, nem si o caso é exacto; comtudo pede-se a S. Ex. mande-o syndicar, e ouvir o guarda que esteve de sentinella ás 10 horas.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, partecipando-lhe que os meninos tiveram a habilidade de arrancar a grade da Communhão da egreja da Sé e foram vendel-a n'uma tenda de marcenaria á ladeira dos Gatos: foram authores desta graça, um filho do finado Guilherme que foi empregado na policia, um filho do sineiro da Sé, e mais dous conhecidos por *Nonô* e *Totonho*; estes meninos são diabolicos e vivem de atirar pedras e de outras traquinadas, não ficando isemptas de suas artes as pobres pretas vendedeiras de doces. S. S. por tanto está vendo quanto se torna urgente a providencia de mandal-os agarrar, ja que na casa paterna não encontram a devida correcção.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande acabar com uma sucia de meninos vadios que ha na rua do Castanheda; são chefes dessa baderna; Elias neto de um guarda d'alfandega, um filho de João Candido da Familia, que tem casa de jogo no becco do Araçá, e o neto de uma africana moradora no becco do Pinho; são esses tres athletas que reunem a valente cohorte que traz os moradores dalli atropellados. S. S. fará, á vista do exposto, o que entender.

—Vejam que graça!

—O que houve?

—No sabbado quando se representava o drama Suzana, no quinto acto na occasião em que Imbert desfecha o

tiro em Montal, o Sr. Flavio possuiu-se tanto do papel que julgou que a cousa era de veras, e pespegou na cara do Sr. Julio um tiro á queima-roupa de polvora secca!

Felizmente as consequencias não foram desastrosas.

—Uma rectificação.

—Pode fazel-a.

—As allusões contidas na segunda missiva do Zé-monturo a seu compadre, sobre uma pessoa moradora na rua dos *pés de Laranjas*, não se intendem com uma respeitavel senhora moradora na rua da Larangeira, como espalha alguem.

—Estou sciente.

—Isso é mesmo da policia de nossa terra!

—E' celeberrimo!

—Pois a patrulha acha um alarma daquelles, mais de uma pessoa ferida, os gritos deshonestos continuam em sua presença, e ella no meio de tantos só prende a um homem que está ferido!

—Mas o que quer? Não vê que dentro da dança ha soldados de policia, e que não é possivel prender gente da seita?

—E o Sr. subdelegado da Sé que ja tem tido noticia do procedimento daquellas mulheres na ladeira dos Gatos, deve dar uma providencia para que as familias não estejam de vez em quando expostas a uma chuva torrencial de palavradas.

—Eu tenho fé que elle ha de fazer isso.

—O estado em que se acha a fonte do Queimado, é lastimavel.

—Graças a camara municipal!

—E demais a mais reduzido aquelle logar de serventia publica a lavadouro de cavallos!

—Outro dia tive de passar por la ás 6 da manhan, e vi se lavando um grande numero de cavallos, que me disseram serem de um filho de um Sr. *Zé-Bruno* morador daquelles lados.

—E os cujos (cavallos) vão alli á qualquer hora do dia beber agoa.

E com suas patas.....

—Varro!

—..... estragam tudo por alli.

—Si ao menos o fiscal geral desse um giro por lá...!

VARIEDADE.

Julia, filha d'um livreiro,
Lucinda d'um impressor,
Por sympathia levados
Amaram-se com ardor.

Amor fez um dia dos dous
Ensaiar um terno beijo,
E de oitavo viu in folio
Julia crescer o desejo.

Os quatro labios no choque
Accenderam tanta chamma,
Que só conhecel-a pode
O coração que bem ama.

Não passou Lucindo avante
Mais do que um beijo não quiz,
Separando-se de Julia
Com quem fôra tão feliz.

Ah! exclama a triste amante
Toda dôr, toda pezar,
Que louco impressor.... d'um beijo
Tira só um exemplar.

Gentil.

Um ladrão, que não tinha chapeu, sahindo de certa egreja no meio de um immenso apertão, furtou um de castor muito fino a um sujeito que o levava debaixo do braço. O sujeito sentindo o chapeu escapar-lhe poz-se a gritar: furtaram o meu chapeu.—Mas o ladrão pondo immediatamente na cabeça o que tinha tirado, e carregando nelle as mãos ambas disse: *Eu desafio a algum que me tire o meu;* e evadiu-se, sem que ninguem suspeitasse que era elle quem tinha commettido o roubo.

Estava uma mulher a um canto allivi-ando-se do que a incommodava a tempo que passava um sujeito, ella muito envergonhada levantou-se.

Não, não, lhe disse elle, deixai-vos estar; antes quero ver a gallinha, do que o ovo.

(Extr.)

A PEDIDO

Declaro que a pessoa encarregada da procuração de meu irmão o tenente

Adolpho Sepulveda que se acha no sul, nada deve das consignações deixadas a minha mãi para seus alfinetes; e esta faço publico em virtude de um escripto sahido no *Alabama* de 9 do corrente mez, talvez por informações inexactas. Bahia 11 de agosto de 1866.—*João Muniz Sepulveda*.

AVISO A COMPANHIA DOS CHORÕES.

A Mariquinha Coroa-ciri está pedida em casamento

O Azeiteiro.

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Vae ao *Madeiro do Paschoal* e procura o dono da casa marcada com *Tres lustros* e diz-lhe que a visinhança queixa-se amargamente de uma caterva de meninos e moleques que vivem a insultar e provocar a todos, com palavras e obras, o que não é possivel aturar por mais tempo.

Si la não estiver procura-o na rua *Real* onde elle sempre está.

—Ja sei quem é; tenho informações que esta gente no lugar em que anda é o flagello das pessoas que tem a infelicidade de lhes ficarem perto.

—Talvez que o chefe da casa ignore, por que anda na rua, e por isso é bom prevenil-o.

—Serei breve.

Eis como paga a mãe patria
A um filho devotado,
Que na guerra a defendel-a
Volta aos lares mutilado.

Nem si quer doze mil rs.
Que a outros costuma dar,
Como uma esmolla mensal
A este quiz dispensar.

E agora o *voluntario*
Pede a todos uma esmolla;
Serve-lhe a blusa de andrajos
E o chapeu de sacolla.

(Continuação.)

—Seria um nunca acabar, si quizesse narrar ponto por ponto a vida dissoluta do vigarinho de Matatuim.

Aquillo não é padre, é satanaz em figura de homem.

No dia 6 de julho findo, metteu-se elle em orgia n'uma senzalla com a negrinha Emilia.

Sabendo disso a Vitalina, que é ou-

tra damnada como elle, munia-se de um canivete e foi surprehendel-os no melhor do gosto.

O padre mestre que não esperava por aquella visita desmancha prazeres, ao ouvir a voz de Vitalina, que parecia uma trovoada, ficou atterrado, e sucumbido.

Vitalina açanhada como cobra quando perde a peçonha metteu o pé na porta da senzalla e quiz arrombal-a, mas vindo o tal vigario, para evitar a tempestade, correu pela porta do quintal com a Emilia e foi se esconder no mangue que fica no fundo da casa.

Vitalina não os encontrando voltou para a casa, e em desfeita ao laxo vigario cortou os cabellos, por que elle tem os cabellos de sua *dona* em grande apreço.

No outro dia foi o vigario para a casa julgando que Vitalina estivesse de animomais brando;porem esta ardendo em zelos, lançou-se á elle como vibora, e foi lhe passeando pela cidade dos queixos, e não contente com isso foi buscar uma navalha, dizendo que lhe ia tirar metade do ardor genital.

O padre sabe que Vitalina não é de graças, poz-se no andar da rua, e no dia 8 largou-se para a cidade, onde anda a ver se seduz a filha da crioula na ladeira do Carmo onde vae comer mocotó.

—Si me não engano, o dia 8 foi domingo; e elle deixou os seus freguezes sem missa!

—E é a primeira vez? Isso é sempre. Só diz missa por dinheiro.

Foi se empenhar com um homem serio para o levar de padrinho para que a Vitalina não brigasse quando elle chegasse.

—N'um padre, é o que pode ser safatez.

—Não é a primeira vez que a Vitalina faz disso com elle.

Uma vez até quiz dar-lhe uma surra.

—Homem de Deus,não me diga isso.

—E' o que lhe digo.

Andava elle atraz da filha do sapateiro de que ja fallei.

Um dia Vitalina inchou a cabeça o foi esperal-o ao pé de um rio, que tem muitas *aboboras* na margem.

Quando nosso Rvm. apontou, Vitalina foi sobre elle com um estirado sipó de caboclo, e não perguntou quem estava de vigia, foi o refrescando com viração. Então elle para serenal-a ajoelhou-se em seus pés pedindo que não fizesse aquillo alli que era feio; mas ella não esteve por isso. Felizmente para elle, appareceu alli um homem que o livrou daquelle transe.(*Continua*)

Portaria.—O muxingueiro do *Alabama*, logo que esta lhe for apresentada, dirija-se á cidade da Judéa, reuna todos os moleques, e tomando o reu mais criminoso que nas cadêas d'aquella cidade se achar cumprindo sentença, conduza os beleguins que arrancaram a farda a um guarda nacinal ao logar onde praticaram esse acto, e ás mesmas horas em que sacrificaram aquella victima, arranquem-lhe a facha, façam lhe a barba á facão, rompam-lhe a casaca até a gola, atem-no á grade da mesma cadêa, e arrumem 500 calabrotadas no chefe e 250 em cada um dos que o ajudaram; o que feito conservem-nos atados á mesma grade, para exemplo dos malvados até que gritem por *S. Alexandre* de uma egreja de *barro* e pelo desleiteado: O que cumpra. Bordo do *Alabama* aos 28 de julho de 1866.

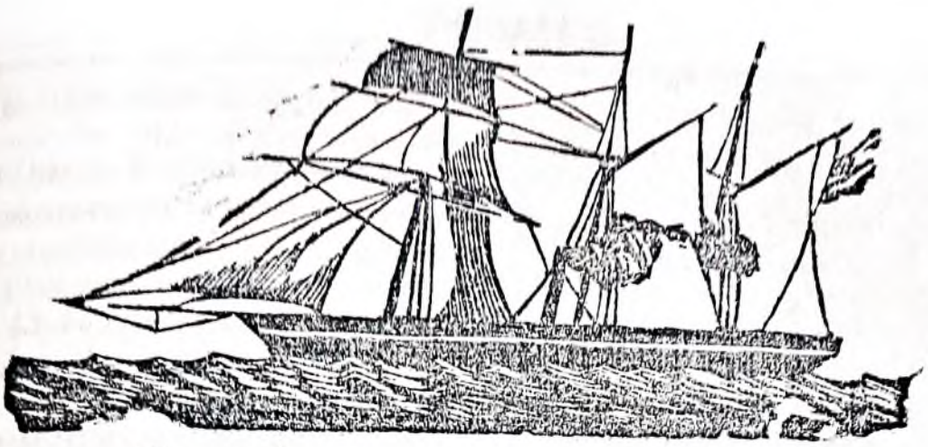
O Immediato.—*Lima Barboza.*

Está conforme.—*Veriato.*

ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.° 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 17 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 9.ª—N.º 87

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de agosto de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que no dia 6 do corrente, tentou suicidar-se dando um profundo golpe de navalha no pescoço, a parda Maria Guilhermina, moradora á rua da Faisca, freguezia de S. Pedro, e não consta que até hoje as authoridades locaes dessem o menor cavaco, nem procurassem tomar conhecimento do facto, que talvez encerre algum mysterio escandaloso; havendo até quem assoalhe que anda mettido nessa rascada um sacerdote; espera-se á vista do exposto, que S. S. proceda como é de dever.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para a loja de uma casa na rua do Saboeiro a dobrar para a ladeira da Praça, onde parece que os moradores não dormem á noite, e fazem gala de incommodar duplamente a visinhança não só com o barulho, como com as immoralidades praticadas. Em vista do que pede-se a S. S. mande depositar tão turbulenta gente por uns dias na Correção, para ver si fica escarmentada e deixa de fazer algazarra.

—Ha cousas que só o diabo as intende!

—Quaes são ellas?

—Dizem que o destacamento de policia nos Lençoes está morrendo á fome, por que ha tres mezes não recebe soldo; que os soldados estão quasi ás esmolas, que o commandante do dito mandou duas praças á capital ha cerca de um mez a ver si arranjavam alguns cobritos e estão até hoje vendo ao signal por que na thesouraria provincial não ha vintem; e no entanto vejo no expediente do governo do dia 9 o seguinte:

« —Ao inspector da thesouraria provincial, dizendo que, a vista de sua informação com data de 6 do corrente, pode mandar entregar ao commandante do corpo provisorio de policia a quantia de um conto de reis pelo mesmo pedida para compra de arreios e animaes necessarios ao mesmo corpo.»

Como se decifra isto?

—E' que, ou os arreios dos cavallos são de mais urgencia de que a penuria dos soldados, e o presidente tem interesse em que elles ajuntem dinheiro, ou então é falso que elles estejam mortos de fome e pelo contrario passam vida folgada e milagrosa.

—Leu a Historia da Semana—do *Liberal Progressista?*

—Pois não; é assignada por um Sr.

Macario. Gostoi muito delle dizer que durante a semana tivemos dous divertimentos:—O beneficio da sociedade G. Litterario, e a *reunião familiar de S. Ex. o Sr. Dr. Leão Velloso, que teve por objecto solemnisar o natalicio de uma de suas queridas filhas!*

De sorte que uma reunião de familia para solemnisar annos de um filho ja é divertimento publico, que mereça ser registrado como tal, só por que foi o presidente quem a deu:

—Homem, V. é que não entende; quando o Sr. Macario disse—tivemos dous divertimentos, creio eu que falla relativamente á sua pessoa, que divertiu-se duas vezes na semana. Porque o homem não ia cahir na asneira de dizer que o publico é meia duzia de amigos do presidente, que lhe foi comer os bolinholos e cerrar o chá.

—O que mais me admira é que sendo o Sr. Macario, como diz, uma aurora em frente d'um valle de cypreste, uma estrella quebrando-se apagada sobre a fronte gelada de um cadaver, um homem frio para o mundo, goste tanto de pagodes e de estar em reuniões que tenha moças bonitas.

—Isso tambem ja parece deleixo inqualificavel!

—O que ha?

—Pois a camara não pode mandar tapar aquelle enorme buraco que está no meio da rua antes de chegar a fonte de Santo Antonio?

Um logar tão transitado, em que passam tantos carros que se dirigem ao matadouro publico, em que as ganhadeiras de carne andam para baixo e para cima; está aquelle precipicio de boca aberta á espera que algum descuidado lhe vá cahir nas garras!

—E empenham-se, pedem para serem vereadores; quando se apanham eleitos deixam tudo no mais vergonhoso abandono.

—Eu, até certo tempo, quando ouvia se fazer certos juizos, achava que eram exagerados, mas hoje tenho plena convicção de que com limitada excepção só si quer ser vereador com um fim.

—Qual é?

—Elles sabem melhor do que eu.

—Foi ao fogo na Saude?

—Não tem duvida.

—E eu tambem. Achei bom.

—Houve extraordinaria concurrencia, e poucas desordens.

—A unica que vi foi provocada pelos proprios policias que queriam acabar com suas espadas um soldado do 8.° pelo simples facto de estar este tocando viola!

E si não é o delegado com sua costumada prudencia a cousa ia adiante.

Os homens estavam esquentados, não queriam attender nem ao proprio delegado.

—Os moleques tambem fizeram das suas com um maluco que lá appareceu.

—E andavam a escabriar os rapazes que appareciam com suas dulcineas, par a par.

—Nisso é que a policia devia intervir.

VARIEDADE.

ORAÇÃO.

Oh! meu Deus! supplicou um homem devoto em sua oração á Deus; fazei que eu ganhe de repente cem contos de reis, e de boa mente darei a metade aos pobres; ou si me não acreditades, dae-me só os cincoenta contos!

O MEU DESEJO.

Si eu fôra das matas, um tigre sanhudo,
Comtigo sómente quizera morar;
Si eu fôra das aves, a ave rapina,
Em teus feios hombros quizera pousar.

Si eu fôra polia, ou galica sarna,
Teu nojento seio quizera adornar;
Si eu fôra emissario da Gran Proserpina,
Nas azas, ao Averno te havia levar.

Si eu fôra Plutão, cruel rei tenebroso,
Meu throno de fogo te havia offertar;
Si eu fôra das minas, o ferro mais forte,
Servira em algemas para te arrochar.

Si eu fôra das agoas que o Lethes despeja,
Teu corpo asqueroso quizera banhar;
Si eu fôra o artista que o Inferno pintou,
Em braços de fogo te havia pintar.

Mas eu não sou tigre, nem ave rapina,
Nem sarna ou polia para te acabar;
Nem tenho de fogo, o throno, e as azas,
Nem tambem algemas para te arrochar.

Nem tambem sou Lethes, nem tão pouco artista,
Menos azorrague para te açoitar;
Mas sou oh! infame, um ente offendido,
Que com teu remorso se ha de vingar.

(*Extr.*)

A PEDIDO

(Continuação do Sr. Gatuno.)

—Um dia porém o Sr. Gatuno com os olhos chamejantes, à maneira do lobo esfaimado quando se atira a presa, com o espirito indemoninhado agarrou a joven menina, luctou com ella, rasgou-a, arranhou-a, e....a debil menina, sem forças para luctar com o monstro, succumbiria na lucta,si a não acudissem pessoas da familia que a vieram tirar das garras do abutre, o qual retirou-se escumando de raiva por não ter logrado seu intento.

A menina foi para casa banhada em prantos; o pae ao saber, impossibilitado de poder tirar vingança, pelo seu estado de saude, escreveu-lhe de cima da cama uma carta exprobando-lhe sua indigna acção, lançou-lhe em rosto toda picardia de tão covarde procedimento, valendo-se da infelicidade de um pae para intentar saciar nefandos desejos,e finalisou lastimando o seu estado que permittia que elle passasse por aquelle transe sem poder dar a um desalmado o justo castigo.

A fera guardou a carta porque assim lhe convinha e nada disse. Deixou passar dias, e como o homem lhe era devedor, mandou-o intimar que queria sua casa, e tratasse de se mudar, e in continenti requereu mandado de despejo. O homem prevendo a furia do Sr. Gatuno, mudou-se, de sorte que a intimação quando foi já não o achou.

A serpente assanhada, premeditou vingar-se; fez alguns desarranjos na casa, arrancou fechaduras, borrou as paredes etc., e requereu depois a authoridade corpo de delicto em sua propriedade por damnos causados, diz elle, pelo inquilino.

Armado com o corpo de delicto anda agora a massacrar o pobre homem; todos os dias dirige-lhe recados e cartas insultuosas; allega que sua casa ficou tão ordinaria, como ordinaria era a gente que nella morou,e exige arrogantemente o dinheiro do aluguel, ameaçando que lhe ha de mandar pôr os cacos na rua, embora elles nem para as custas cheguem.

E amiudadamente recebe o homem uma ameaça destas, levando a consternação e o desespero ao seio da desventurada familia.

Eu que sei, que V. Ex. é o decidido protector dos desvalidos, trago-lhe o Sr. Gatuno para que V. Ex o obrigue a não contender mais com o pobre homem que, além de ultrajado, ainda se vê perseguido.

—E o que diz a isto o Sr. Gatuno?

—Digo que só quero meu dinheiro.

—Ainda não é isso que lhe pergunto, fallo-lhe acerca dos factos de que foi accusado?

—Tudo isso, Sr. capitão, são pretextos frivolos. Eu sou uma pomba sem fel.

—Eu lhe creio. A sua physionomia está mostrando.

—Quantos mezes de aluguel lhe deve o homem?

—Um mez e tantos dias.

—Ora deixe-se disto. Pois Vm. para tirar uma vingança infame deita o homem para fora, fal-o mudar da noite para o dia, e ainda tem animo de o perseguir?

A couza muda de figura.

Tomo a negocio a mim.

(*Continúa*)

Pergunta-se ao Exm. Sr. inspector d'alfandega, si sendo a lei igual para todos, qual a rasão porque, em quanto todos os guardas dessa repartição estão no trabalho, anda um de sol á sol, a encher as ruas de pernas?—Será algum protegido, ou estará licenceado, para com seu proceder andar affrontando a moralidade publica?

O Rochinha.

Destas meninas da moda
O segredo vou trahir,
Venia humilde á ellas peço,
Si a verdade as vae ferir.

Não mandei, que no meu peito
A vingança despertassem;
Não mandei que dos rapazes
Sem rasão tão mal fallassem.

Depois que se descubriu
Póz de arroz, balão, crescente
Não ha moça que não seja
Formosa, bella e decente.

Com cabellos de defunto
Sua fronte é povoada,
Com carmin, pós e zarcão
Sua face alva é corada.

Sarda, espinhas des'parecem
D'uma cara matizada,
Dentes á Renaldy fazem
Levantar boca chupada.

Almofadas de algodão
Suprem bem d'um seio a falta,
Eis que sendo lizo, chato,
De repente aos olhos salta.

Nos vestidos largas mangas
Dos braços encobrem ossos,
Suas caudas de macaco;
Pés compridos, chatos, grossos.

La por dentro das anagoas,
Dos balões pernas zambetas,
Parecendo mui roliças
Quando são finas varêtas.

Si alguem, moça enfeitada
Por engano desposar,
Conduzindo-a pela mão
Pode ao pae assim fallar:

«Não foi esta a bella moça,
Com quem hontem me casei,
Me casei com moça e carnes
E só pannos encontrei,

Trago pois esta esguellada
Que dos pannos me ficou,
La em casa fica a esposa,
Que nas roupas me deixou.»

Estas meninas da moda
São de arame e papelão,
Quem quizer caze com ellas
Quanto a mim, eu cruz! eu não!

Nova algebra de Mr. le-Baron du venha á nós.

Ponde sempre em rasão decrescente
Toda idea de moralidade,
O respeito á Religião
Ponde em zero, ou d'um avo a metade.

Corrupção, malvadeza, perjurio
A' potencia maior elevai;
Somai peita, traição, e suborno,
E co'o estado actual comparai.

P'ra vencer, mesmo algum homicidio
Seja aos numeros supra levado,
E de taes gentilezas sommadas
Tirareis grandes homens de estado.

Ai do povo!..... é exacto, e provado
Calc'lo este da velhacaria.
De figuras de quem nenhum caso
O Brasil, ha bem pouco fazia.

MOTTE.

Quando morre um homem rico
Todos querem ser parentes.

GLOSA.

Quer tudo metter o bico
Juiz, escrivão seu rancho:
Vem muita gente de gancho
Quando morre um homem rico:
Até mesmo do penico
Ha trinta mil pretendentes,
Chegam todos bem contentes
Formando o jogo do pilha,
E na hora da partilha
Todos querem ser parentes.

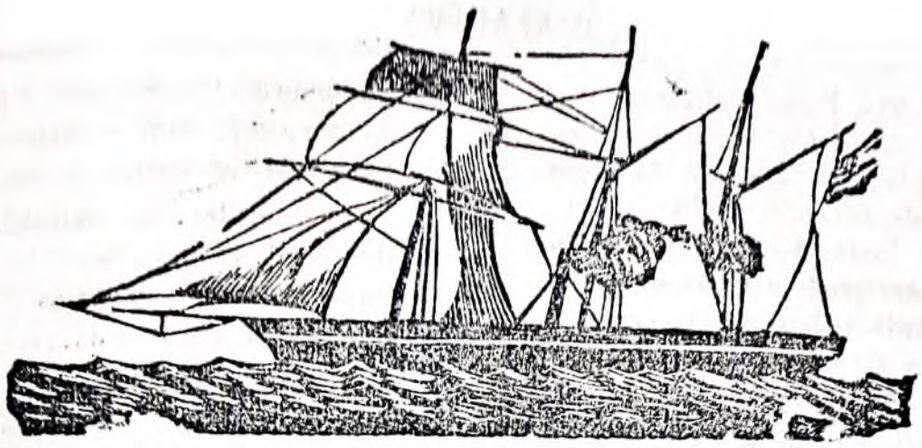
(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhres diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 18 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 9.ª—N.º 83

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de agosto de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que a companhia do Olho-vivo anda fazendo proezas. Na Calçada, só á casa da viuva do patrão mor João Fernandes de Carvalho foram duas vezes; na ultima sendo presentidos pela senhora quando se retiravam, chegou esta na janella e disse para ver si os intimidava—vae, que eu ja te conheço—, a que um dos ladrões com incrivel audacia respondeu—dê graças a Deus si for isso só—. Entre elles distinguiu ella um soldado.

No mesmo lugar andam tres sujeitos membros da companhia e insignes escamoteadores, um delles conhecido por *Nós pardos*, outro *Prudente* e um outro; estes porém contentam-se com cousas insignificantes: garrafas de vinho ou cerveja, pedaços de carne, um queijo etc.

Na semana passada um tal Ignacio, ourives, fabricante-mor de rosarios para creoulas, morador á rua Direita do Collegio, mandou por um seu discipulo á cidade baixa buscar um rosario de ouro que tinha dado para enfiar; um sujeito que presenciou quando o menino recebeu, acompanhou-o até a ladeira da Misericordia, e ahi dando um tombo no menino, tomou-lhe o rosario e largou-se.

Além disso, S. S. terá reparado constantemente nas gazetas diarias annuncios de roubos de relogios e outros objectos.

Em vista do que fica dito, pede-se a S. S. providencias que façam refreiar a ousadia de semelhantes larapios.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, lembrando-lhe de novo a providencia de fazer com que os capadocios não andem na sua freguezia alta noite a incommodar o povo com vozerias e bebedeiras; insultando a quem tranquillamente vae seu caminho.

Na noite do dia 11 uma pessoa que sahia do theatro foi insolentemente pateada na rua da Mizericordia sem que nenhum motivo desse para isso.

Na rua do Bispo havia um outro grupo de mais de vinte pessoas, que fazia um alarido infernal, e a guarda da policia estava alli bem perto!

Portanto ainda uma vez recorre-se a actividade e energia de S. S.

—Ora entendam lá o Sr. Leão Velloso:

«Expediente do governo—requerimentos despachados—dia 10—Augusto Ferreira da Costa; offerecendo 600$

afim de ter sua baixa conforme permitte a lei.—*Não tem logar o que requer o supplicante á vista da lei n. 1250 de 8 de Julho de 1865.*

«Antonio Leão da Silva Serra; pedindo para ser posto em liberdade por haver recolhido a thesouraria de fazenda a quantia de 600$, *afim de ficar isempto do serviço militar.*—Com a ordem nesta data expedida *foi o supplicante deferido.*

Isto é justiça?

Pois a lei permitte a um que se resgate do serviço por dinheiro e a outro não?

Ou será que o presidente da provincia quer fazer gala da mais requintada parcialidade?

—Veja outra:

«Hermogenes Nery Barbosa; offerecendo a quantia de 600$ para ficar isempto do serviço.—Remettido ao commando das armas para informar.»

—Parece uma stultice; si S. Ex. sabe que a lei prohibe, o que é que vae o commandante das armas informar?

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da roça ao compadre da cidade.

Amigo e Sr. compadre.—
Meu coração só anhela,
Que vossê ao pegar nesta
Não soffra alguma mazella.

Ficarei encorujado,
Todo triste e angustiado,
Si ao pegar vossê na minha
Estiver adoentado.

E desejo que a comadre
Gose uma boa e perfeita;
Porque isso de doença
Não agrada nem deleita.

Cá chegou o *Peixe-gallo*
No seu cavallo *das duas*,
E eu pela via delle
Recebi noticias suas.

Quando vossê me faz uma
Carta, eu fico arrepiado,
Sinto cocegas de gosto,
De prazer fico babado.

Aproveito a Anastacia,
Que agora a negociar
Anda cá por minhas partes
Para esta lhe enviar

Por serem dous os caminhos
Que ha de cá para lá,
Quasi entre nossas cartas
Um desencontro se dá.

A Anastacia que leva
Esta que agora lhe encaixo,
Gosta sempre d'ir por cima
E o *Peixe-gallo* por baixo.

—Vejo o que me diz na sua
Sobre os impostos novos.....
Me diga—eu tambem pago
Quando deitar os meus ovos?

Vossê bem sabe que sempre
Gostei de crear gallinha;
Quantos pintainhos tiro
Come a porca da visinha.

O Dantas tão philantropico
Junto com seus companheiros
Deviam dar o exemplo
Para serem justiceiros.

Não são elles deputados?
E como taes não recebem
Uma bem grossa quantia?
Porque metade não cedem?

Elles talvez se esquecessem,
Mas deviam se lembrar
De no seu parecer monstro
Estas medidas ditar:

«Dará do seu ordenado
Cada illustre deputado,
Cincoenta por cento ao menos
Par' urgencias do Estado.

«Dará sessenta por cento
Deputado que for mudo;
Para os cobres de gauderio
Não levar de tudo em tudo.

«Cada nobre senador,
(Por serem homens usados)
Pagará por uma vez
Dos ganhos dous mil crusados.

«Cada um Sr. ministro,
Trinta por cento dará
Em quanto durar a crise;
Finda esta cessará.

«Presidente que acceita
Com grande constrangimento

As redeas da presidencia,
Deve dar vinte por cento.

«Tanto general de baldo
Que anda ahi á tôa
Ganhando sem fazer nada,
Pague uma cota boa.

«Quem tiver mais d'um emprego
Com immensas regalias,
Em quanto durar a guerra
Não ganha por duas vias.»

Os homens hão de dizer
E' melhor que esse roceiro,
Cuide em sua mandioca
E não se metta em sarceiro.

Apezar de tudo isso
Eu com gosto pagarei;
E o que der meus abacates
Com elles repartirei.

—A comadre do vigario
Anda muito enjoada;
Tudo quanto come lança,
E traz a barriga inchada.

—Seu afilhado, coitado!
'Stá bem doente o rapaz,
D'uma terrivel dentada
Do cão do juiz de paz.

—Lhe remetto esses quiabos,
E não lhe mando uns pepinos
Porque servem de regalo
Par' a mãe de meus meninos.

Paro aqui, charo compadre,
Do que desculpa lhe peço;
Esta ja vae estirada
E me faz mal o excesso.

VARIEDADE.

De quem é o filho?

—De quarenta e um annos de edade, e dotada de uma formosura notavel, Mme. V..... viuva residente na rua de Saint-Honoré, em Paris, tinha se ajustado em segundas nupcias; esperava porém, que sua filha, mademoiselle Ernestine, de vinte e dous annos de edade, casasse primeiro.

Mlle. Ernestine, casou haverá um anno, e poucos dias depois madame V. contrahiu segundas nupcias.

A mãe e a filha acharam-se ambas ao mesmo tempo em um estado interessante, e no mesmo dia deram á luz dous rapazes.

Não se tinha previsto esta coincidencia, portanto só havia em casa um berço, onde a parteira accommodou como poude e provisoriamente as duas crianças recem-nascidas.

A parteira sahiu. Poucos momentos depois uma das duas mães quiz ver o seu filho.

No berço havia dous rapazes, mas qual delles seria?

Foi chamada a parteira para a classificação das crianças. Confessou com franqueza que tinha andado com tanta precipitação que se não podia lembrar qual dos dous recem-nascidos pertencia á mãe ou a filha.

Este mysterio talvez nunca se esclareça.

A PEDIDO

—Vem cá, *Carrinho!*

—Prompto.

—Ora dize-me para que não vendes teu basilicão socegado, sem te importar com a vida alheia?

—E' porque é genio meu fallar de todos.

—Pois como é genio teu fallar de todos, como para ti não ha honra, lembrar-te-hei certos casos de tua familia, e depois mandarei o muxingueiro cortar-te metade desta lingua viperina!..

—Jesus!....

—Vê lá si não te emendas!

Foram nomeados para os postos vagos do batalhão *Sem vontade* de Latronopolis os seguintes cidadãos:

Estado maior.

Tenente coronel—Patronato das Enxundias Beldroega.

Major—Filhotismo Carcavista Ramalho Maniçoba.

Tenente quartel-mestre—Senicura de Paiva e Pona.

Tenente secretario—Mamador dos Arranjos Lirio Branco.

Tenente ajudante—Surripio Lamuria Pepineira.

Alferes porta bandeira—Estuldio Manjelornm Cumicheira.

1.ª *Companhia.*

Capitão—Acinte Menos-preso da Lei.

Tenente—Violento Atrabilario Caianana.

Alferes — Peditorio dos Empenhos Maganão.

2.ª *Companhia*

Capitão — Rabo-leva Penteado Jequitaia.

Tenente — Interesseiro Parente de Nós mesmo.

Alferes — Servil Bajulatorio Cabis-baixo.

3.ª *Companhia.*

Capitão — Ze Capavira Instrumento Cego.

Tenente — Arbitrio Prepotente de Azambuja.

Alferes — Impudico Saturnal de Piparotes.

4.ª *Companhia.*

Capitão — Desregrado de Conducta Duvidosa.

Tenente — Passarinho da Virtude Meu Paosinho.

Alferes — Indecoroso Salti-banco Rio Cheio.

5.ª *Companhia.*

Capitão — Galardão dos Escandalos Mandioca.

Tenente — Evidente Impericia do Governo.

Alferes — Mandrião Bocca Aberta Sem Prestigio.

6.ª *Companhia.*

Capitão — Macario Presidente Sem Tino.

Tenente — Marmanjorio Maria Vae-te-com as Outras da Boa Morte.

Alferes — Simplorio Tatú-peba da Imbecilidade.

7.ª *Companhia.*

Capitão — Egoistico Frascario das Bringellas.

Tenente — Birbante Sem-pavor Caroço-duro.

Alferes — Espalha-Brazas do Olho-Vivo Caqueirada.

8.ª *Companhia.*

Capitão — Tropiante Espertalhão da Pavonada

Tenente — Esteio Receptaculo das Tratadas.

Alferes — Braz Bollotas dos Capotes Arranjados.

MARIZ E BARROS.

On se parlerà de sa gloire
Sous le cahaume bien long temps
(BERANGER.)

III

O rio é turvo; e a fumaça
Escurece a terra e o ceu!
Dos navios a couraça
Resiste ao negro escarcéu.
Cruzam-se as ballas... e a morte
Voa dos vasos ao *forte*,
Do *forte* aos vasos tambem.
Ninguem na lucta descança
E todos bradam — vingança,
Cada uma vale por cem.

O *forte* é quasi arrasado
A *chata* la se afundou,
A *guarnição* cabe a nado,
E logo o fogo cessou:
Batidos esses *escravos*
Não quizeram nossos bravos
Abusar da posição.
Mas ah! que fatalidade!
Nossa heroica mocidade
Succumbe depois d'acção!

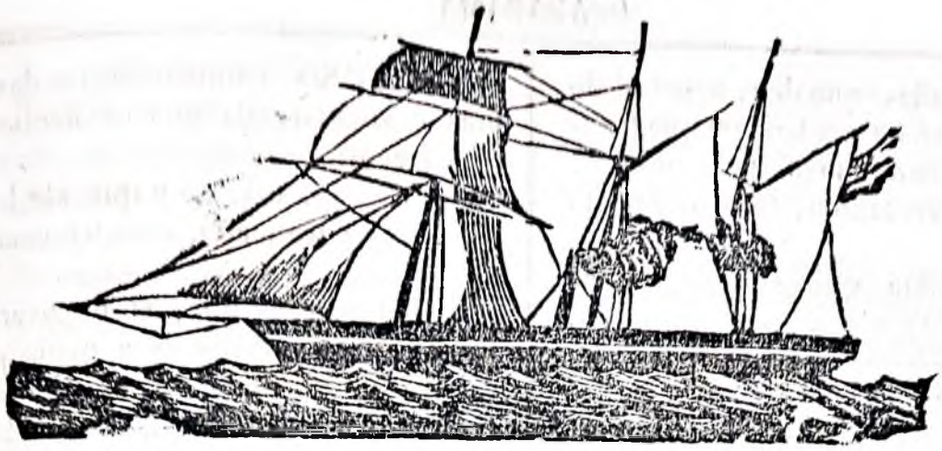
De repente a casamata
Do vapor *Tamandaré*
Com estampido se achata
Estremece a prôa e ré!
Foi uma tremenda bala,
Que, como um raio que estala
Arremeçou estilhaços
Da casamata em pedaços
Por toda a tripolação,

E foi nas vascas da morte,
Nessa agonia final,
Que lançou aquelle *forte*
Esse lampejo fatal.
Mortos uns... e decepados
Foram outros amputados;
Mas ninguem alli tremeu!
Mariz e Barros — ferido...
E sem dar um só gemido
Foi amputado... e morreu!

(Continúa)

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado declara a todos os seus devedores que compareçam na sua loja ao Taboão, n. 2 — M N — para saldar suas contas; do contrario terão de ser chamados pela imprensa pelos seus respectivos nomes. — *José Mariuho da Motta.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 21 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 9.ª—N.º 89

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de agosto de 1866.

Officio ao Exm. e Revm. Sr. arcebispo, lembrando á S. Exc. Rev. a conveniencia de acabar com o abusivo costume das missas pedidas, meio de que se vale muito espertalhão para implorar a charidade publica: ultimamente esta praxe tem attingido proporções extraordinarias, e a cada canto, principalmente nas quintas feiras, vê-se o povo atropellado por um enxame de pedintes, de pés no chão e um pratinho na mão, o que parece ridiculo.

S. Exc. Revm. sabe, que quem não tem para dar, não deve prometter para depois ser obrigado a incommodar os outros; e que o Supremo Senhor e sua Santissima Mãi não são tão interesseiros que, para restituir a saude deste ou aquelle, seja preciso se lhes fazer promessas, como se fazem á certos ministros quando si quer alcançar emprego.

Resulta de tudo isso que, si um ou outro procede de boa-fé quando pede esmolla para missa, dá azo a que immensidade de espertos façam disso meio de vida; razão porque se leva ao conhecimento de S. Ex. Revm. estas humildes reflexões, esperando-se que em sua alta sabedoria S. Exc. Revm. resolva o que for melhor.

—A' Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar dous enormes buracos que existem, ha mais de um mez abertos, na freguezia do Pilar, sendo um nos Coqueiros d'Agoa dos Meninos, e o outro defronte do arsenal de guerra, e em um dos quaes cahiu ha dias um homem que por alli transitava. Pede-se pois á Illma. que mande quanto antes remediar este mal, afim de que não se tenha de lastimar alguma outra scena mais triste.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que mande entulhar, por conta de quem pertencer, um rego d'aguas servidas e materias fecaes que ha no becco das Hostias, o qual desagua por um buraco que ha nos fundos do portuguez Antonio Roberto de Vallasques. Cumpra.

—E' um desaforo insupportavel dos taes boleeiros!

E não ha uma providencia que os faça chegar ao rego!

—Andam desembestados, sem attenderem ao risco que ha de pisar qualquer pessoa n'uma volta de rua etc.

—Um destes dias ia um pela rua Direita de Palacio a toda brida, zurzindo os pobres animaes que fazia dó; em uma

das mangoaladas que deu, a ponta do chicote foi offender um homem que tranquillamente caminhava pelo passeio!

O homem reclamou, mas o sujeito ja ia longe!

—Si a policia quizesse, o publico não se veria exposto a estas e outras.

—Na civilisada cidade da Bahia, debaixo do governo constitucional de S. M. o Sr. D. Pedro 2 °, dão-se factos, que nada deixam a invejar os actos praticados por Lopez!

—O que tem, meu Jeremias, que tanto lamenta sobre as ruinas de sua nova Jerusalém?

—Ouça; e si eu não tiver razão, diga:

João de Souza Rebello marchou sem vontade em um batalhão de voluntarios para o Sul, e de lá voltou com dous dedos de uma mão inutilisados.

Saltando aqui, foi immediatamente *recrutado* por um dos batalhões de guarda nacional para ser dado como contingente do mesmo, na segunda remessa que tem de fazer a guarda nacional.

Mettido no quartel da Palma, como vissem que o homem não servia, lá o deixaram entregue as baratas, e o infeliz permanece preso ha perto de um mez sem saber á ordem de quem, nem quem o ha de soltar.

O estado deploravel daquelle desgraçado faz dó! Morto á fome, sustenta-se com as migalhas dos outros presos que quando estão de vontade lhe dão um pouco de comida, e quando não estão, passa dias inteiros sem comer. O infeliz já teria morrido á fome a não ser alguns officiaes do 8 ° batalhão que condoidos dos soffrimentos do desvallido lhe dão alguma esmolla quando elle em brados queixa-se que está a exhalar por um pedaço de pão!

Ora diga-me, isto tem termos?

Pode-se sem culpa formada ter um homem preso por tanto tempo?

Com que direito manda um commandante de guarda nacional agarrar um cidadão e mettel-o n'um immundo calabouço, sem dar satisfação a ninguem?

—E os Srs. commandantes das armas e superior da guarda nacional o que fazem?

—Não sei: o facto é que até hoje o infeliz está trancado, sem ter commettido crime.

—Estou certo que, si o governo já tivesse responsabilisado a quem praticasse taes desmandos, os abusos não continuariam com tanta impavidez!

—Quer saber? Este mundo só é para quem é grande, e tem dinheiro adquirido seja como for; os pequenos só tem regalias e direitos nas vesperas de eleição.

—E si não houver uma providencia o homem la ficara toda vida; por que ninguem se julga authorisado a soltal-o.

VARIEDADE.

AOS SRS. POETAS.

Da-se uma obra ricamente encadernada a quem glosar o seguinte:

MOTTE.

Amor no meu peito é polvora
Que arde e não deita cinza.

Bilhete

Que ao seo amante escreveu uma rapariga, que havia aprendido latim.

Vita mea.—Non possum manifestare dolorem que padeci quando notitia me veuit que tu habebas molestiam; tota nocte não dormivi cum o pensamento in te, et vix amanheci com multa dolore capitis, eis que me diz mater mea, nolo saias, rapariga, espera, Eibe remedium para jam ficares bona; et quando Margaritam video in manibus cum a mesinha cum tanta ira me possuit cam arrenegada chingavi, et como me responderet, levantavi manum, dedique bofetão. Quod jam tens ententido que tota minha molestia sanare non potest esse, quod tu infirmus eris

Jam sapis quem.

A PEDIDO

—Sr. mestre *Fructa de pitangueira*, deixe-se de andar desacreditando a quem não lhe dá a menor fé.

Para se intitular professor dançarino não é preciso andar á pôr os honestos professores dessa arte pela rua d'amargura, atassalhando-lhes a honra e a moralidade, e procurando desconceitual-os no meio das familias circumspectas, muitas das quaes tem o devido criterio para darem o verdadeiro peso e valor que merecem suas hervadas palavras.

Não continúe, para não ter depois do que se arrepender.

—Padre vossê é patusco!
Onde vae de violinha?
—Vou entoar uma chula
Na porta da crioulinha.

—Como fuma seu charuto
E toma sua golada!....
—Que fazer? si a Vitalina
Traz minh' alma apaixonada?

—Aqui por Matatuim
Fallam de seu proceder!....
P'uma vida tão devassa
Não pode retroceder?

—Eu tivera bem vontade!...
Mas a crioula maldita
E' causa dos desvarios
Qu' assim me desacredita.

—Sabe quem quer casar com uma das filhas do Cabocolo?

—O dez *reis*.

—Não conheço.

—Não conhece um cujo que anda a fazer casamentos em toda parte que sabe que ha moça com dinheiro?

—Ignoro.

—Está muito atrasado! Ouça:

Quando elle sabe que ha alguma menina rica, quer logo casar. Pretendeu casar com uma moça, que tinha oito contos, e levou taboca: depois encontrou nos *Pés de coco* outra mocinha, com seus quatro contos e tambem quiz casar; soffreu grande opposição e afinal levou taboca: agora quer a moça que lhe fallo.

—Si for do gosto della, e si o juiz de orphãos achar que elle está no caso, porque não?

—Qual no caso! Elle o que quer é montar-se nos cobres.

(Continuação do Sr. Gatuno.)

—Capitão um pouco de paciencia, ouça mais um caso do *zecora* Sr. Gatuno dos Seixos Aberto. E depois dê V. Ex. suas ordens.

—Pode fallar.

—Em 185..., como V. Ex. sabe, uma secca terrivel assolou o centro de Latronopolis.

—Tenho aind a gravadas na memoria as scenas desoladoras que presenciei por essas estradas.

—Pois bem; centenares de familias abandonavam o lar e sahiam ao accaso em procura de linitivo ao terrivel flagello da fome e da sêde, sem saber onde o encontrariam. Muitos paes viram seus filhos cahirem extenuados, sem lhes poder valer. Houveram familias que se finaram por essas estradas!...

—Tudo isso é pungente e consternador, porém é verdade.

—No numero dessas infelizes familias, houve uma composta de pae, mãi, e tres lindas meninas; uma teria 12 annos incompletos, outra 13, e a mais velha 14.

Tinham na capital alguns parentes de quem ha muitos annos não sabiam;

mas na terrivel calamidade que a todos affligiam, todos os recursos para se sahir de tão consternador estado pareciam optimos e realisaveis.

Foi assim que o chefe dessa familia resolveu-se com ella a procurar os parentes da capital.

Na estrada foi assaltado de terrivel febre que o prostrou para sempre.

Não sendo possivel a viuva voltar mais para o seu domicilio, seguiu seu destino e depois de innumeraveis fadigas e tormentos sem conta, chegou a capital, onde não encontrou quem procurava.

Abandonada, desprevenida, sem abrigo, o que valeu a infeliz foram algumas pobres mulheres do logar, destas que costumam acompanhar para a capital os soldados quando andam por esses sertões.

Essas mulheres, corações bemfazejos, encontrando sua patricia em semelhante penuria conduziram-na para sua pobre morada, em um beco na rua dos *Castanheiros*.

Ha nesta cidade uma sucia de bandalhos e hypocritas, que acobertados com o manto da charidade e arvorados em protectores da indigencia, vão invadindo as casas de familias pobres, e valem-se das criticas e apuradas circumstancias destas, para saciarem sua libidinosa sêde de lascivia. Pretendem afogar com dadivas os sentimentos de dignidade e honra dos paes, e depois exigem, como prova de gratidão, a pureza e virgindade de suas filhas ...

—Eu sei disto; sei até de uma authoridade que prometteu a um pae alcançar-lhe licença para ter uma casa de jogo, só por que o homem tinha tres filhinhas lindas como os amores; e todos os dias ia visitar o pobre homem.

—E aqui até já houve um vigario que passava por grande esmoller e beneficente, e que no entanto só dava esmollas a viuvas que tinha filhas bonitas, e mais de uma foi victima de suas garras.

—Mas como ia dizendo... si o infeliz pae por um sentimento de brio e pundonor repelle a audacia e insolencia do atrevido que o quer reduzir a degrante condicção do carrasco da honra de suas filhas, lançam-lhe em rosto os beneficios, chamam-lhes ingrato, e dessa data começa uma perseguição inaudita, principalmente si o chefe da familia como sempre nestes casos acontece, é mulher.

O Sr. Gatuno pertence a sucia dessa gente, e representa nella um papel importantissimo.

(*Continúa.*)

ANNUNCIOS.

Leopoldina Maria da Silva Igrapiuna e seus filhos, agradecem á todas as pessoas que se dignaram acompanhar até o ultimo jazigo, o cadaver de seu sempre lembrado filho e irmão Francisco Angelo da Silva Igrapiuna; assim como aos que assistiram a missa do septimo dia. Bahia 16 de agosto de 1866.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Nesta typ. vende-se os seguintes livros:

Direito Publico Brasileiro de Pimenta Bueno.—7$000 rs.

Historia da revolução franceza.—8$000 rs.

Casamento Civil, por Carlos Kornis de Totvárad.—5$000 rs.

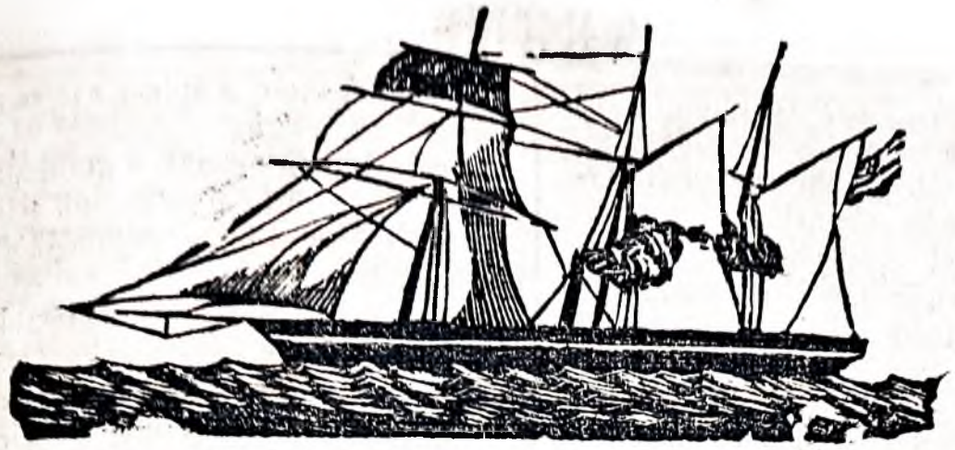
Historia da Edade media por Calogeras.—3$000 rs.

Guia eleitoral, ultima edição 2$000.

Formulario do Chernoviz, edição do corrente anno.—5$000 rs.

Os Lusiadas de Camões. 3$000 rs.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 23 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 9.ª—N.º 90

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de agosto de 1866.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe por especial favor que mande concertar um cano que ha na travessa que da ladeira do Genipapeiro vae para a Saúde, por que nem só incommoda as ventas de quem passa, como á noite succede que quem vae desapercebido por alli, atolla-se até as pernas nas materias fecaes que o mesmo desagua.

—Esta tambem é de cachupeleta!

« Requerimentos despachados—dia 17—Antonia Maria do Sacramento; pedindo que se lhe certifique si foram ou não para a côrte os papeis de seu filho Antonio Ignacio de Jesus, ex-praça da companhia de invalidos.—Na secretaria nada consta á respeito do requerimento de que trata a supplicante.»

De maneira qne eu faço um requerimento ao governo geral por intermedio do governo provincial, e quando pergunto por meus papeis respondem-me que não sabem!

—Não se admire disso por que tenho visto muita gente se queixar de requerimentos e papeis extraviados na secretaria do governo.

—Que maldicto lamaçal! Tenho tijuco até os olhos! Si sei não passo pelo Jogo do Carneiro.

—E' o cano do Motta que despeja para a rua.

—Não sei o que fazem os Srs. fiscaes que não obrigam o Sr. Motta a tapar o seu cano, ou ao menos não lhe prespegam com uma boa multa

—A rua sempre está escura, á noite a gente vai sem pensar e mette-se no atoleiro.

—Viu a guerra das mulheres esta noite?

—Onde?

—No Terreiro.

—Não.

—Pensei que a policia só é que não tinha visto.

—Como foi?

—Uma tal Leonidia travou desordem com uma outra que mora por baixo do desembargador Tourinho e atracaram-se; cinco minutos depois haviam dous campos de pelejadores. Homens e mulheres de cada lado arremessavam-se pedras cacetadas etc. isto era acompanhado de uma vozeria e confusão difficil de comprehender; as

descomposturas, ameaças, imprecações terriveis brotavam das aguçadas lingoas. Só a Carijó com sua guella fazia um estrondo infernal.

—O Sr subdelegado da Sé deve tomar em consideração semelhantes factos, e pôr cobro á esta gente que anda á noite a perturbar o socego publico, e a offender a moral com seus actos.

Todos podem andar na rua á qualquer hora, mas é preciso comportar-se em termos e não andar a incommodar o publico e assustar as familias com suas badernadas.

A PEDIDO

—Capitão, um acto digno de menção!

—Va dizendo.

—O Sr. Manuel Joaquim da Paixão Ribeiro, manda todos os annos no dia de S. Joaquim celebrar uma missa á Nossa Senhora de Guadelupe; este anno para tornar mais solemne sua devoção, deu carta de liberdade a uma sua escrava, que está pejada, afim de que seu filho ou filha nasça no goso della.

—Foi, na verdade, um brilhante acto!

Deus recompensará a todos aquelles que trabalham em favor da santa causa da liberdade!

—Que diabo de barulhada é aquella?

—E' a Felismina Tarasca que está a se esbofetear com a Maria Gertrudes; uma ja está toda ensanguentada, e de cabeça quebrada.

—E que bonita collecção de palavradas estão os moradores da rua das Larangeiras a ouvir daquellas boccas!

—E nada de um soldado! Nas ruas desta cidade pode se matar a vontade!

—Olhe, que a tal Felismina é dos diabos! Sempre anda em rascadas!

—E parece que as patrulhas são somente para as ruas direitas; nunca vejo uma patrulha na rua das Larangeiras.

—Não diga isso; diga que as vezes para uma cousa de nada ha tanta ostentação de força, tanta superfluidade de providencias e para um negocio serio, para manter a ordem não se acha um soldado na rua.

—E si o Sr. chega a um destacamento ou guarda e pede um soldado para um caso urgente, negam-lh'o.

— E assim vai tudo!

—Ouça mais esta; para ver até que ponto chega a falta de policia.

No domingo á tarde, passei pela rua da Misericordia, e vi um tal Viriato, que anda ahi, membro do olho-vivo, a dar beijos n'uma creoula na porta da rua!

O abaixo assignado responde ao artigo da Bofetada inserto no Jornal *Constituição* de 19 do corrente, que a brida e as chilenas e o mais que elle offerece, em melhor boca e costado não podem assentar do que no tal bofetada —negociante mais tratante deste commercio, ladrão, passador de moeda falsa, charlatão gazozo, capacho, mizeravel adulador, infame, intrigante, e tudo quanto mais de abjecto e immundo existe na melhor rua da cidade baixa.

Continuarei como dizes a espiar, não a tua vida, mizeravel, porque dessa ninguem de vergonha se poderá occupar, mas para com quatro bofetadas te quebrar os antolhos para ver se avista te fica melhor.

E' a resposta que merece o bofetada, a menos que não se empenhe com algum protegido do

Caldeira Quente.

Maróca de minh'alma,
Venha cá, faça favor,
Me diga o que você faz
Por vida do seu amor.

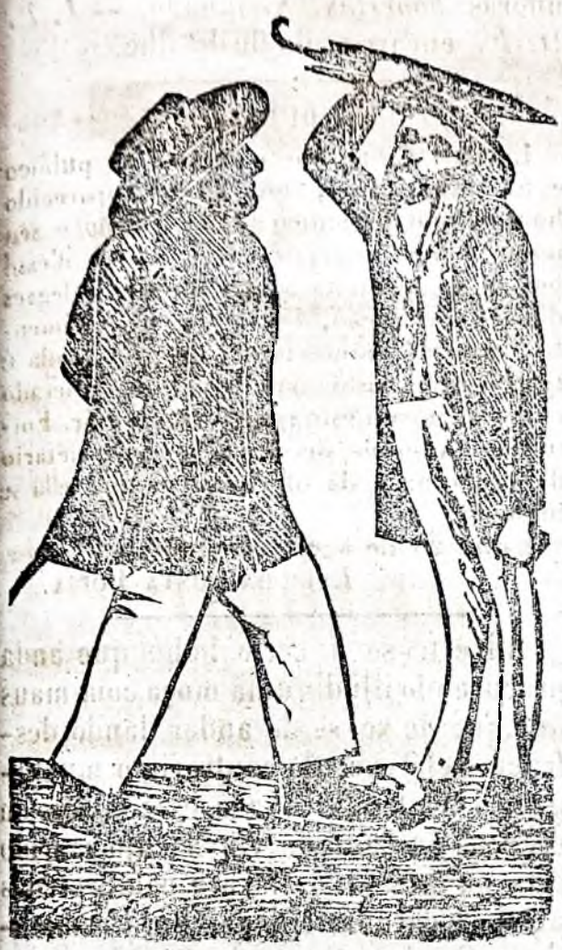
Você foi ao beneficio
E muito mal se portou
Té que por fim os cachorros,
De você conta tomou.

Um e outro a pelejar
Para alcançar seu quinhão,
Entra Martinha gaguinha,
E acaba toda função.

E assim concluida esta,
Que me enfastiava ver,

Cachorros deixem Maróca
Seu vicio satisfazer.

(*Continúa.*)
O Vigilante.



O'lélé.....Querem brigar
Aquelles dous maganões?!
Pretende um lograr ao outro.....
Oh! que dous espertalhões.

Um *Perneta*, outro *Medonho*,
Cada qual mais sabidorio!
Pleteiam uma questão
Sobre qual é mais finorio!

E antes que a sentença
Tenha dado o juiz,
Quer o *Perneta* amassar
Do tal *Medonho* o nariz.

—Que carraspana tomou aquelle sujeito! São 7 horas da manhan e ainda dorme!

—Deitou-se alli nos bancos do *Passeio Particular*, e a mona foi tão forte que ainda cosinha!

—E fez da farda travesseiro!

—Aquillo é feio para um official! ainda si fosse soldado, tinha desculpa.

—O que vale é que elle tomou *voluntariamente* sua bebedeira, ninguem o mandou.

—Sr. ourives do *Corpo Bento?*

—Prompto.

—Porque não entrega as peças que tomou para concertar, e o ouro para fazer obras, ha mais de anno, sendo que V. prometteu entregar dahi a 15 dias?

—Isso não é comigo.

—Não se faça da roça. V. não tomou na Lapinha certos objectos para concertar, e não arribou até hoje?

Falle verdade, não negue.

—E' verdade; mas tenho andado atrapalhado.

—Ah já confessa! Pois trate de entregar as obras alheias; tem para isso 8 dias, findos os quaes será chamado publicamente e depois entregue ao muxingueiro.

—Capitão, venho expor a V. Ex. o procedimento de um chefe de familia que abandona e despresa seus filhos por causa de uma *mundeira*.

—Silencio! Nada de vida privada.

—Não é vida privada, è cousa publica; todos sabem disso.

—Quem é esse sujeito?

—E' o *Bernardino Panorama*.

—Conheço muito; e sempre passou por disvellado por seus filhos.

—Depois que enviuvou mudou de figura, e faz um extraordinario contraste do que era d'antes para com seus filhos; tornou-se secco, inflexivel e severo para com estes.

—E a rasão dessa transformação, sabe?

—Uma damnada mulher que admittiu em sua companhia chamada *Ná* é quem promove todos os enredos para que o pae abandone os filhos; elle cahe na asneira de lhe dar ouvidos e satisfazer aos seus malevolos desejos.

—Que rasão tem essa mulher, para proceder tão infamemente com os filhos daquelle que lhe mata a fome?

—Ella tem filhos, e para que elles sejam bem cabidos do *Panorama*, trata de indispor os filhos deste com seu pae.

E o homem acredita nas mentiras que lhe prega essa maldita *Zoina*, a ponto de concorrer para que uma filha morresse de desgosto por se ver obrigada a cosinhar para a tal *Ná* e seus filhos, sendo obrigada a pobre moça a fazer até despejo!

—Fazia melher conceito do Panorama!

—Presentemente, capitão, uma outra filha acha-se egualmenfe enferma, soffrendo todo o rigor dessa *infame mulher* que tem o praser de ver finarem-se todos os filhos do *Panorama*, suppondo que para o futuro seus filhos venham a ser os herdeiros.

—Mas então o *Bernardino* não vê isto!

—Qual, capitão, está completamente allucinado, está maluco, apaixonado pela sua *Ná*, e por isso faz todas as vontades, e chega a tal ponto que um seu filho que era seu caixeiro, abandonou a caza paterna por não poder supportar a infame *Ná*.

Mande o muxingueiro armado do competente calabrote procurar pela freguezia do *bofe* a caza do *Panorama* e sua *Ná*, e dar cem calabrotadas e um clister de agua forte na tal *Ná* para ver se muda de vida, e sahe de caza para fóra, a estabelecer-se como era dantes.

AVISO A COMPANHIA DOS CHORÕES.

A Companhia dos Chorões, no dia 26 do corrente pelas 7 horas da noite, deve estar formada no largo da Conceição da Praia, afim de acompanhar os Jovens que se vão receber como esposos. Depois do acto consumado, o Sr. ajudante interino, dividirá a gente que houver, mandando postar uma guarda de honra a rua direita da Misericordia, onde tem na porta uma corôa de cascas de *Ciri*, afim de que de certa hora em diante não queiram perturbar o socego d'aquelles que tem de passar horas felizes ao depois o pobre noivo se veja na dura necessidade de ir para a cosinha, ou então ir socar-se na pastelaria, ou na casa do alfaiate. O jantar será no domingo, segundo o aviso do quartel general; já se acha réde ao mar para apanhar as siobas, por tanto, é necessario que se apresentem debaixo do rigoroso uniforme, expedindo-se ordens necessarias para a musica da chapada tocar nas entradas das excellentissimas senhoras *honestas*. Assignado. —*J. P. D. F.* encarregado do detalhe.

AO PUBLICO.

Luiz da Costa Doria declara ao publico e ás authoridades, que tendo apparecido hontem no periodico *Constituição* o seu nome como impressor responsavel d'esse periodico, protesta contra os effeitos legaes d'essa declaração, feita sem conhecimento algum do annunciante, que por nada é responsavel, visto não haver contractado cousa alguma á este respeito com o Sr. Fortunato Antonio de Freitas, proprietario d'essa gazeta e da officina, em que ella se imprime.

Bahia 20 de agosto de 1866.

LUIZ DA COSTA DORIA.

Adverte-se a certo bobo que anda procurando illudir uma moça com maus fins, que deixe-se de andar dando desfructe pela rua, do contrario o muxingueiro ira tanger á taca esse *andejo* da esquina da casa da viuva cujo marido esta na *gloria*. E levará calabrotadas até José chegar; e depois será remettido ao *Cardoso* da rua de *Cima*.

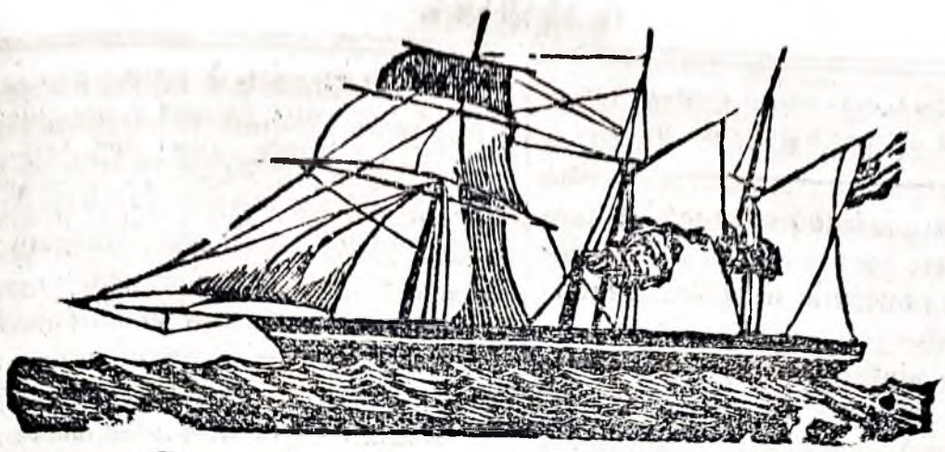
ANNUNCIOS.

Uma pessoa habilitada propõe-se a ensinar desenho em casas particulares; quem pretender dirija-se a esta typographia que se lhe indicará.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 25 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 10.ª—N.º 91

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de agosto de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento o seguinte facto que nos communicam:

No domingo 19 do corrente no logar Aratuba, freguezia de Santo Amaro do Catú, foi barbaramente espancado Candido Mathias de Meirelles; o offendido acha-se na villa de Itaparica em casa do capitão José Narciso de Carvalho e corre perigo de vida, sem que até hoje nenhuma providencia se tenha dado, e nem ao menos se procedeu a corpo de delicto. Este attentado torna-se gravissimo pela circumstancia de dizer-se que fôra uma authoridade policial o aggressor.

Espera-se que S. S., mande syndicar o facto e proceda como requer a justiça.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, communicando-lhe que no sobrado n. 2 á rua das Veronicas moram umas *meninas felizes* que com seus actos immoraes offendem o decoro publico, a ponto da visinhança não poder chegar á janella. Pede-se pois a S. S. providencias que façam cessar procedimento tão irregular, o que se espera do zelo e interesse que S. S., mostra em casos taes.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, partecipando-lhe que, na rua da Oração, sobrado de azulejos em que mora o Sr. Tiburcio, ha uma loja que está deshabitada e vive aberta, do que se aproveitam os vadios para fazerem dalli seu valhacouto. Entre a malta figuram alguns tambores da Sé: vão para alli á noite acompanhados de duas negrinhas e lá fazem o que lhe parecem. Espera-se que S. S., empregue os meios a seu alcançe para que seja fechada aquella casa, cujas chaves acham-se na venda contigua.

—Será verdade?

—O que?

—Dizem-me que, no arsenal de guerra, está se procedendo a uma severa e rigorosa economia, cortando-se tudo que é superfluo, a ponto dos meninos hoje almoçarem pão secco sem manteiga, para poupar essa despeza.

—E V. acredita isso?

—Estou vendendo pela carregação.

—Isso é impossivel; pois ha quem se lembre de tão porca economia, quando dentro do proprio arsenal ha tanto abuso e pepineira, que merecem um corte?

—Homem, a corda sempre quebra pelo lado fraco.

E o que está em *baixo* é mais facil de enchergar do que o que está no *alto*.

—Que brinquedinho engraçado!

—Que é?

—Não está ouvindo uma trabuzana dos peccados?

São os soldados do 8.°, de guarda em palacio, que açulam o cachorro de um delles sobre o Mathias, o qual como V. sabe tem uma lingua endiabrada, e está bradando.

—Tambem não sei para que soldado quer cachorro.

—Acha que leve ao conhecimento do commandante?

—Si quizer; diga-lhe que os soldados fizeram o diabo na quarta-feira demanhan com o beberrote Mathias.

—Quem passa demanhan pela rua Direita de Palacio é obrigado a tomar banho sem querer!

—Como?

—Lhe explico. No sobrado n.° 13 defronte da repartição do sello, ha nas janellas immensos cacos de planta. De manhan quando vão regal-as não attendem a quem vae passando por baixo, e despejam extraordinaria quantidade d'agoa que vae ensopando os trajes dos caminhantes. A agoa é em tal abundancia que uma hora depois ainda escorre das saccadas em cima de quem passa, e o passeio fica alagado!

—Quem mora ahi, sabe?

—Dizem que é um judeu.

—Por acaso fará elle isso de judiação?

—Isso é que não sei.

VARIEDADE.

Obra curiosa.

O boticario Gervasio escrevendo ao musico Justino, ou vice-versa, e satisfazendo um ao outro.

CARTA DO MUSICO AO BOTICARIO.

Ilha das Tizanas 1.° de agosto de 18.

Amigo Basilicão.—Muito inflammado fiquei por ver que Vm. tendo promettido vir hontem formular uma patuscada comnosco, extrahiu-se do contracto, e mettido de infusão em casa, deu-nos a pilola do logro, o que entre amigos é um sulfato de patifaria; e nunca pensei que Vmc. assim borrasse a pharmacopeia da nossa amizade; pois mal sabe o que perdeu, porque vierão as primas do beco das Aguas-Verdes, e com a familia de João Gomes, divertiram se até meia noite bem confortativas, porque o padre Lulú mandou-nos uma formidavel cataplasma de cangica, e um grande almofariz de goiaba, que as meninas cahiram de espátula dentro, e lamberam tudo n'um instante, e o negocio por fim com a despeza do vinho, etc., foi um caustico que levei na algibeira; mas dou por bem empregado, porque ao menos, me diverti com os refrigerantes da pilheria: espero pois que domingo á noite Vm. não me falte para a segunda dóse, e creia que sou, *secundum artem*.

Seu peitoral amigo e servo anti-flogistico.
Justino Californio.

A PEDIDO

—E' um desaforo revoltante!

Estar aquelle sujeito a espancar cruelmente no quartel da Palma aquelle pobre rapazinho, o povo apinhado na porta do quartel a clamar e não apparece uma providencia!

—O que é aquillo?

—E' o mestre de tambores de Sant'Anna que castiga um aprendiz.

—E' mau, é mau.

—Ha coisas que por mais serias que sejam, me parecem graciosas!

Tal é a noticia que dá o *Diario* de 21 á respeito do recrutado Augusto Ferreira da Costa não poder isemptar-se do serviço militar por contribuição pecuniaria.

Ouça:

«A lei de fixação de força naval n. 1250, de 8 de julho de 1865, que está em vigor, não permitte aos individuos recrutados para a armada a isempção pelo meio de substituição.

Esta é a razão porque foi indeferido o requerimento de Augusto Ferreira da Costa, recrutado para o serviço da armada na cidade de Nazareth, e que requereu substituição pecuniaria.»..... .....

. . . . . .

«No entretanto a lei de fixação de forças de terra estabelece a substituição, não somente a pessoal como a pecuniaria; razão porque tem sido admittida a substituição de *todos que recrutados* para o serviço do exercito a tem requerido.»

Agora veja si isso é ponta ou cabeça:

«Requerimentos despachados—dia 3—Augusto Ferreira da Costa; offerecendo 600$ rs. afim de ter sua baixa conforme permitte a lei--Remettido ao **commando das armas** para informar.»

Não me dirá o que tem o commando das armas com a força naval?

E si o recruta estava affecto a este porque indeferiram seu requerimento?

Não lhe parece isso um accintoso capricho?

—Eu sei la; o que acho é que ainda sendo assim, a lei não pode querer distincções odiosas, porque quando se recruta este ou aquelle individuo, não se diz si é para o exercito ou armada; o presidente ou chefe de policia é quem lhe dá o conveniente destino; e nesse caso, é uma arma poderosa para os amigos do governo nas vesperas de eleição!

—O que eu creio é que ahi ha cousa. E depois parece-me que o simples facto de não vir especificada na lei de força naval a permissão de poder o individuo eximir-se por dinheiro, siga-se que essa permissão esteja revogada; é preciso que a lei o declare expressamente.

—Eu como não tenho a lei do orçamento do imperio nada digo a esse respeito.

—Sabe quem é aquella senhorita que frequenta o Recreio da Mocidade?

—Onde é este recreio?

—Lá perto da Igreja das *Contas?*

—Seu nome?

—Mubelina Pagode; assim é conhecida.

—Não sei; sua morada?

—Dizem que é confronte ao muro das casas do Aqui *no* Tomaz. em *Santa Té té.* Ali é que é abusar da bondade dos visinhos. junta-se a uma amiga da *porta grande*, senhora bastante uzada, que vive de *facilitar partos*, por já contar os seus 60 janeiros, e toca a folia com rapasinhos caixeiros e a rapasiada do olho-vivo, que vae para la de prevenção para depennar os patos.

—Muxingueiro vê o irmão da *Calú*, e com elle vae a esta Pagodeira; intimid-a para que deixe semelhante habito e não se afferre tanto ao Bacho; quando não irá para a latrina de bordo Veja que sabe se pelo que veiu dos sertões.

AVISO A COMPANHIA DOS CHOCÕES.

No dia 21 do corrente, reunido o conselho á rua *torta* das Misericordias foi posto em discussão o casamento da actriz Palmira, moradora á mesma rua; depois de orarem alguns pretendentes, pondo o Sr. presidente á votação, obteve por unanimidade a preferencia o Sr. ajudante da companhia Joaquim Parteiro, ou Beato, que obteve a palavra e declarou que aceitava o casamento pedindo porém o prazo de trinta dias, que lhe foi concedido.

O Quartel Mestre.

Victoria! Victoria! G itemos victoria!
Que um dia de gloria nos faz o porvir
Q'a terra de heroes, que a patria dos bravos
So deixa aos escravos—morrer ou fugir.

Victoria! Victoria! Gritemos victoria!
Que a patria na historia mais feitos produz!
Que o vil tirannete tam fero e faustoso
La foge medroso dos filhos da cruz.

Não vistes tyranno, não diz a historia
Que outr'ora sem gloria fugira um vilão!
Que os filhos da cruz, heroes Brasileiros
Fizeram guerreiros fugir teu irmão?

Não vistes de Rosas a grande cohorte
Tremendo ante a morte do medo mais vil
E as armas depondo, fugir em desordem
Ao grito de ordem do nosso fuzil?

Pois saibam cobardes—e vejam, tyrannos,
Crueis deshumanos a patria vencer!
E saibam ainda, que os filhos dos bravos
A serem escravos preferem morrer.

Victoria! Victoria! Gritemos victoria!
Que aos bravos de gloria la fogem os vis:
Conheçam tyrannos—conheçam escravos,
Q' a patria dos bravos não curva a cerviz.

Ulyses Barroso.

—O Sr. compra-me um bilhete?

—De que loteria é?

- Do Rio. A lista chega no vapor.

—E não é prohibido vender-se bilhetes de outra provincia sem pagar a muleta?

—Ora tanta gente por ahi que vende!

—Não me consta. Quando não havia muleta o *Calombreiro* e outros vendiam, porém agora não.

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Vae metter a taca n'um desavergonhado immoral que tem o descaro de ir para o largo de Santo Antonio além do Carmo, deitar-se no collo da negrinha Lourença que vende arroz doce na porta da venda do Xico.

Dá-lhe de rijo.

—Cumprirei as ordens de V. Ex.

—O atrevido tem a insolencia de deitar-se todas as tardes no collo da negrinha e mandar que ella lhe dê cafunés!

—V. Ex. sabe o nome do cujo?

—Não me lembra; disseram-me um nome assim se parecendo com Bru *no* que não prestei muita attenção; mas o primeiro sei que é João.

—Basta isso.

—Aproveita a occasião e adverte ao tal Xico que tenho informação de boas cousinhas passadas na sua taberna; e que breve lá irás com o aspirante.

—Na verdade, é boa e lucrativa a especulação daquelle sujeito!

—Que faz elle?

—Metteu-se a devoto, e anda com um quadro do Senhor Ressuscitado a tirar esmolla, e dahi come, bebe, e sustenta a familia que não é pequena.

—O que me diz?

—Elle acha tão boa a vida, lhe rende tanto, que largou o officio de carapina para andar tirando esmollas.

—E como affiança que elle come dahi?

—Si elle não tem meios, si se occupa nesse mister diariamente com uma familia grande, é claro que o Senhor Ressusitado apenas serve de pretexto para seu arranjo.

Elle apenas o que faz em proveito da Imagem é mandar dizer uma missa todos os annos, occasião em que dá um opiparo banquete que dura tres dias!

—Onde mora este esperto?

—Em *Santa Teté*.

—Como se chama?

—E' parente de um *Barboza* que tambem é *carapina*.

—Vou chamar a attenção do chefe de policia para esse magano.

MOTTE.

Hei de rufar uma caixa
Nos muros de Humaytá.

GLOZA.

O Brasil não se rebaixa
De Lopez a vil traição...
La no centro d'Assumpção
Hei de rufar uma caixa
Cada soldado uma faixa
Sobre o peito seu trará
Que no futuro será
Eterno padrão de gloria,
Que escreverá nossa historia
Nos muros de Humaytá.

ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.° 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Nesta typ. vende-se os seguintes livros:

Direito Publico Brasileiro de Pimenta Bueno.—7$000 rs.

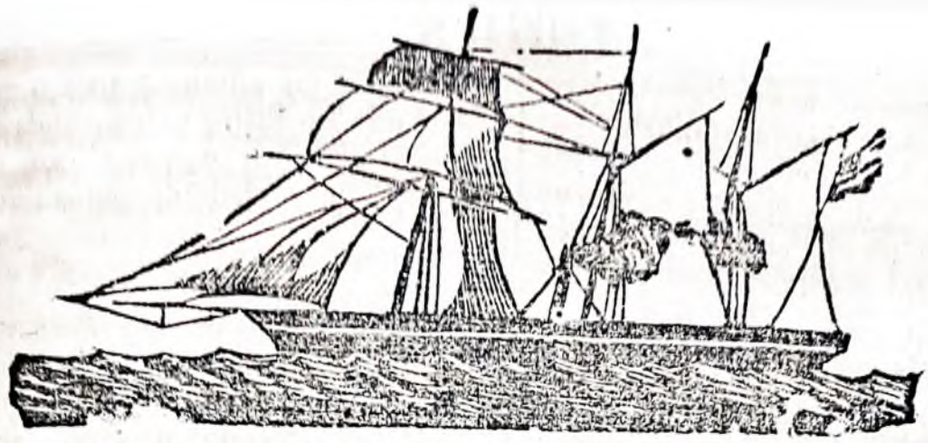
Historia da revolução franceza.—8$000 rs.

Casamento Civil, por Carlos Kornis de Totvárad.—5$000 rs.

Historia da Edade media per Calogeras.—3$000 rs.

Guia eleitoral, ultima edição 2$000.

Os Lusiadas de Camões 3$000 rs.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 23 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 10.ª—N.º 92

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

AOS SRS. ASSIGNANTSE

Tendo adoecido o cobrador deste jornal, fica interinamente encarregado da cobrança o Sr Romão Pereira da Silva.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de agosto de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o becco do Gaspar, freguezia de S. Pedro, onde moram mulheres deshonestas, que vivem a incommodar o socego publico com continuadas desordens, sendo rara a noite em que não ha alli garrafadas, gritos de aqui-d'elrei etc., O referido becco é uma cafurna que só vae lá quem tem negocio, e parece que desde que existe nunca pisou lá uma patrulha.

Outro sim, mora no mencionado becco uma tal Felismina que porta-se como uma fera para com uma innocente criança, que teve a infelicidade de cahir em seu poder, e á quem espanca desapiedadamente, matando-a além disso á fome, por que sahe de manhan para vender caixinha e quando volta, a comida que lhe dá, é pancada. Pede-se a S. S. que condoa-se dessa infeliz.

—Ao Illm. Sr. inspector do theatro, pedindo providencias contra o procedimento de alguns individuos, que vão para as *varandas* do theatro nas noites de spectaculo, e apenas finda este, apagam os candieiros de gaz, com o fim de occasionar confusão e desordem na sahida, do que se aproveitam os taes sujeitos para apalparem as mulheres que vão ás torrinhas. Espera-se que S. S. á bem da ordem, dará as providencias reclamadas.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Santo Antonio, communicando-lhe que, segundo nos consta, ha na rua dos Carvões ao dobrar para o beco Sujo, uma improvisada professora chamada Alexandrina do Chareu, a qual, quando deixa a gamella do peixe, ensina a ler a duas infelizes crianças, que tem em sua companhia, as quaes são barbaramente castigadas, tapando-lhes as bocas, na occasião do castigo, afim de que a visinhança não ouça os gritos. Espera-se pois de S. S., que a ser verdade o que dizem, dê as providencias necessarias contra tão barbaro e deshumano proceder.

—Parte n'um destes dias para o sul do imperio, afim de incorporar-se com seus collegas medicos que daqui partiram, o Sr. Dr. José Antonio da Rocha,

cidadão honesto e amante dedicado de seu paiz; Deus o guie incolume ao seu destino.

—Capitão, diga-me que alcance tem este facto:

Um marinheiro de nação franceza, porém que andava em navio inglez, foi remettido para o hospital de charidade com a seguinte guia:

«*Consulado de S. M. Britannica.*

«O Sr. administrador do hospital da «Misericordia terá a bondade de rece-«ber J. Ganandie marinheiro que veiu «aqui em navio inglez. Bahia 25 de «agosto de 1866. *J. C. Morgan*, C. S. M. B.»

Chegado ao hospital não o quizeram as irmans de charidade receber apezar do seu estado visivel de molestia.

Aconselharam ao homem que recorresse ao chefe de policia e elle assim o fez. O chefe de policia officiou a directora, superiora ou o quer que seja do hospital, mas esta recebendo o officio, sem ao menos o abrir atirou-o ao chão e disse ao homem que apanhasse e se fosse embora, que agora nem officio do imperador o faria entrar!

—Que diz a isso?

—Que foi uma solemne desconsideração a authoridade do chefe de policia; que ao menos por delicadeza ella devia abrir o officio e ponderar a authoridade as rasões porque o marinheiro não podia ser recebido.

—E essa acção tão grosseira é praticada por mulheres que se inculcam o typo da candura, o symbolo da virtude e da paciencia!

—E que vieram de proposito de sua terra para nos ensinar a praticar boas obras!

—«Expediente do governo—requerimentos despachados—dia 18—Anna Rosa do Amor Divino, mãe de *um voluntario da patria*; pedindo uma quantia das que se acham recolhidas em favor das familias dos voluntarios.—Informe o Sr. Dr. chefe de policia.»

Será crivel que uma mãe não saiba o nome de seu filho?

—O que me admira mais é o presidente que em outros casos, manda o peticionario provar o que allega, neste mando logo o chefe de policia informar!

—Na verdade é um despacho de arromba.

LA VAE VERSO.

O BEIJO.

Diz um poeta do Porto
Que beijo nunca p'rovou;
Si isto assim é, coitadinho!
Doçuras nunca chupou.

Inda diz-me que não sabe
Aonde os deve encontrar
Respondo, onde houver beiços
Elle os deve procurar.

Isto é, beiços de carne,
Beiços, que sabem mamar,
Beiços macios, quentinhos,
E não beiços de alguidar.

Apezar d'eu ser mais tolo,
Com tudo estou mais sabido,
Porque nem só tenho dado,
Como tambem recebido.

Aprenda pois meu poeta,
Não traga as bolas trocadas,
Os beijos de que fallamos
Não confunda com dentadas.

O beijo é dado somente
De leve chupando o ar,
Não leva nada nos dentes,
Não tem nada de agarrar.

Salvo si o beijo é lambido
Sobre a lingua dando estalo,
Isto então em vez de beijo
Tem o nome de regalo.

Porém, nunca empregue destes
Nos bailes, nos baptisados,
Porque são beijos occultos,
São proprios só dos casados.

Os beijos dos militares
São agrados de jagodes.
Atrapalham todo gosto
Arranhando com os bigodes.

Um beijinho em face pallida,
Descorada e sem enfeite,
Quando é dado brandamente
Tem gosto de arroz de leite.

Um beijo em moça formosa
Corada, e de beiço fino,
Faz na guella o mesmo gosto

Q' um calix de marrasquino.
Um beijo n'um pé mimoso
Com sapato de setim,
Além de ser saboroso
Traz ideias de jardim.

Dei beijos em uma moça
Que nunca m'os quiz pagar,
Inda hoje por velhaca
A conta não quer saldar.

Deixe a velhaca mangar
Como hei de cobrar eu sei,
Depois que vencer-se a letra
Cobrarei juros da lei.

Tenho pois já discorrido
Sobre os beijos cambiados
Fallemos agora um pouco
Dos beijos que são furtados.

(*Continúa*)

A PEDIDO

—O' Quinquas, por aqui!

—E' verdade.

—Para que veiu da cidade da Judéa?

—Vim.... realisar certo negocio que premedito ha muito tempo.

—Qual é elle?

—Quero ver si me cazo com uma das filhas do Cabocolo.

—Jesus!.....

—De que se espanta?

—Da desgraça que V. quer cavar a pobre moça.

—Porque? Por ventura não sou digno della?

—E *muito*.... apenas o que pode fazer é esbanjar da noite para o dia o que tocar a moça, como ja fez.....

—Ora qual! Todo tempo não é um.

—E' verdade; mas porque está V. a arruinar aquella moça que cahiu na asneira de lhe dar ouvidos? Si ella não tomar sentido breve está em estado de deitar a gamella na cabeça.

—Bagatellas!

—Depois V. não vive com ella, como quer casar?

—Que tem isto? Fico com ambas.

—Immoral!

E aquella crioula que V. frequenta?

—Continúo.

—E não se peja de dizer isso!...

—Pejo! vergonha! São palavras ôcas de sentido!

—Para V. que é um perdulario; que quer se casar com interesse no dinheiro.

—E ha quem seja inimigo de seu interesse? quem faz um negocio é com a mira no ganho.

—Cynico! não cora ao dizer isto! V. quer dinheiro para fazer grandes paradas ao jogo e esperdiçar tudo, como fez da primeira vez.

—E o Sr. a querer me desmanchar!

—Quem lhe ha de desmanchar é o juiz de orphãos, que ha de saber de suas feias baldas e obstar a realisação de seus planos ambiciosos.

—Que desfrutavel é aquelle que todas as noites passeia pela rua direita do *orago* da freguezia do bofe?

—E' um sujeito que namora a uma moça da caza de certo capitão artilheiro, empregado n'uma repartição publica.

—E o que faz elle que não vê essas couzas?

—Ora que faz? —dorme a somno solto, no entanto que a tal mocinha vive com honras de coruja até que horas da noite á janella a espera do tal morcego e as familias são obrigadas a retirar-se cedo da janella para não presenciarem o escandalo.

—Pois se ella não se emendar, prometto-lhe que hei de dizer-lhe o nome e o que mais sei a respeito do cujo.

—*Au revoir*.

—Capitão...

—Que temos?

—Muita cousa.

—Diga-se.

—V. Ex. que sabe tudo, não me fará o favor de dizer si um depositario de bens penhorados por acção judiciaria, é a policia a competente para executar o mandado de prisão?

—Qual, senhor, sempre anda V. com historia.

—Historia não....

—Historia sim: pois a policia havia se entrometter em negocio que não é de sua competencia; ainda mais uma vez repito—historia... historia...

—Capitão, o negocio é serio, é negocio de um seu conhecido, não ponha duvida no que lhe digo; um moço foi preso por ser depositario de uns bens, e por um soldado de policia, sem que este trouxesse ordem alguma...

—E quem mandou elle entregar-se?

—Moço de educação, quiz prevenir um conflicto, e, portanto preferiu entregar-se fiado como estava em um despacho do honrado Sr. juiz municipal da 3.ª vara, que revogara o mandado de prisão.

—Ainda mais esta; o moço tinha ordem revocatoria do juiz e foi preso?!

Bonitas cousas, bonita epocha; viva o progresso. E foi sempre preso?....

—Não; o honrado juiz sustentou seu acto, nullificando a prisão e dando liberdade ao paciente.

—Honra ao juiz.

—Meu amigo, está n'um soberbo e vistoso cavallo!

—Custou-me 80$ rs.

—E' de graça! Onde achou esta pechincha?

—Este cavallo pertenceu a *companhia dos Cavalleiros*.

—Eu estive no ultimo leilão da companhia e não vi lá este animal.

—Comprei-o particularmente em mão de um dos membros da companhia.

—Como! explique-me isso.

—Quando a companhia tem de expor em arrematação, v. g., cavallos, elles escolhem os melhores, e os classificam como peiores, e deitam-nos de parte. No dia da arrematação a relação consta por ex., de 20 cavallos, mas só apparecem 16; 4 elles vendem particularmente e dão-lhe um preço excessivamente baixo; sendo tudo que apuram para si.

—Não acredito; pois si vae para alli uma pessoa fiscalisar a vendagem como se pode fazer isso?

—Ora meu charo, o Sr. não sabe o que são condescendencias nesta Latronopolis.

—O que lhe garanto é que comprei-o da maneira por que lhe disse. E não sou eu só, si quer lho apontarei mais alguem que os tem comprado.

—Bom; quem mais vive mais vê.

Pergunta-se ao Sr. brigadeiro dos canhões virados quando de novo pretende regressar, ao campo da honra, donde voltou tão bem aquinhoado?

O reclamo da patria.

A' COMPANHIA DOS CHORÕES.

Cheios de todo jubilo, e possuidos de summo prazer, a commissão abaixo assignada tem a distincta honra de felicitar as praças da companhia por occasião de terem pedido em casamento as duas visinhas, moradoras á rua *torta* da Misericordia, assim pois queiram acceitar os nossos protestos de estima e consideração.

(Assignados)

Damazio de Souza
Americano Guimarães.
Luiz Gomes.

LA' VAI VERSO.

Canta o Sapo
No pé do coqueiro
Quem vae casar
Joaquim Parteiro.

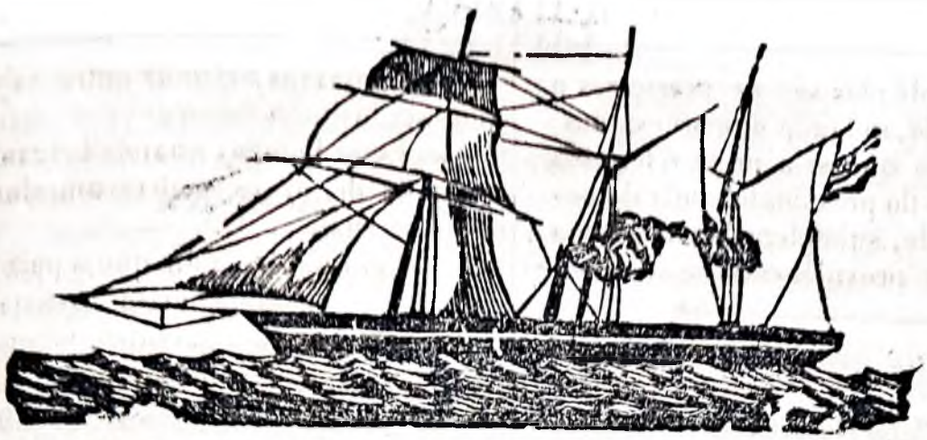
ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Uma pessoa habilitada propõe-se a ensinar desenho em casas particulares; quem pretender dirija-se a esta typographia que se lhe indicará.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 30 DE AGOSTO DE 1866. SERIE 10.ª—N.º 93

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de agosto de 1866.

Officio a camara municipal, pedindo-lhe por charidade que mande concertar a rua do Carro, a qual, pelo mau estado em que se acha, está completamente intransitavel.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, participando lhe que reappareceu a Santinha, e parece que trouxe mais afiada a desavergonhada lingua. As familias continuam a ser insultadas com torpes e obscenas palavras que sahem daquella porca bocca. A moralidade publica, por tanto, exige de S. S. um termo a isso.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, scientificando-lhe que na Lapa, loja do sobrado em que mora o Sr. G. Sanches, ha uma preta que se inculca de dar ventura e curandeira de feitiço, meios que usa para extorquir dinheiro dos credulos que lá vão. Pede-se a S. S., que faça acabar com isso.

—A charidade em nossa terra é hyperbolica. Ha muita basofia e poucas obras.

—Tambem não é assim.

—Quando é para negocio de dar na vista todos concorrem, porque cada um quer se mostrar e passar por philantropico e humanitario; mas para um negocio que não resôe, e d'ahi não provenha elogios em gazetas, todos recuam e choram mais do que um necessitado.

—Com honrosas excepções ha pois muita gente amiga de fazer boas obras sem alarde.

—Lá está no Rio Vermelho uma mulher morta desde domingo e até hoje terça-feira, não appareceu quem se prestasse a leval-a ao cemiterio.

—Si derem parte á authoridade, ella ha de fazer sua obrigação.

—Fará ou não: as authoridades em nossa terra tem muito em que cuidar, para andarem se involvendo em bagatellas.

—Hontem, 28, um soldado de cavallaria ia a toda brida pela rua da Misericordia, sem attender que n'aquelle desesperado galope podia pizar alguma pessoa, das muitas que continuamente transitam por essa rua.

Dito e feito. Uma pobre preta foi a victima. Ficou esmagada em baixo das patas do cavallo, com duas contusões e uma perna fracturada.

—Ha muito que se clama contra o desatino de se andar a galope n'uma cidade como esta; porem não ha quem se importe com isso.

—E os soldados são os primeiros a dar o exemplo, andando desembestados.

—Eu creio que, si a preta offendida fosse da casa do presidente, chefe de policia, delegado, subdelegado etc., havia de apparecer providencias.

—Vejam no que vae o dinheiro do Brasil!

Lê-se no *Echo Gabrielense*:

«*Mosquito* é nome de um pequenino vapor, que em uma carreta, acompanha o exercito ao mando do Sr. barão de Porto Alegre.

Informações que reputamos fidedignas asseguram que esse vapor, de propriedade particular, está alugado ao governo por 2 contos de réis mensaes!

Esse vapor que talvez não custasse mais de 1 conto de réis a seus proprietarios, percebe de aluguel por mez mais do que custou!

Que excellente negocio!

Que escandalo!

E a epoca é de economia!»

—Quer ouvir em que gastam o tempo os nossos estadistas, e como chupam os cobres da nação?

—Diga lá.

—E' do *Jornal do Commercio* de 22.

«Camara dos Srs. deputados—sessão em 17 de agosto.

. . . . . .

«*O Sr Silveira Lobo*:—E eu não faço caso do seu menos preço; antes tenho honra nisso.

(*Trocam-se apartes entre os Srs. Silveira Lobo e C. Ottoni* entre os quaes *ouvimos os seguintes*:

O Sr. Silveira Lobo:—A questão é toda pela perda da *mamata*.

O Sr. C. Ottoni:—*Mamata* era a meiação Bomfim.

O Sr. Silveira Lobo:—Isso é uma *calumnia* que desprezo e sem calumnia nada pode dizer contra mim, graças a Deus.

(*O Sr. presidente reclama attenção.*)

O Sr. C. Ottoni:—Quem está pedindo attenção demonstrou em juizo e pela imprensa que não era calumnia.

O Sr. Silveira Lobo:—Só V. Ex. é capaz de inventar tal calumnia; é propria de V. Ex.»

Na sessão de 6 houve outro trocadilho de palavras *urbanas* entre os dous deputados.

—Esses homens quando brigam tratam de deitar os podres um dos outros na rua.

—Em quanto se diz que o paiz lucta a braços com uma crise assustadora, que é preciso para salval-o impor a nação pesados impostos, em quanto se diz ao povo brasileiro que é preciso ir derramar seu sangue nas fronteiras do Paraguay para salvar a honra nacional, em quanto em nome da dignidade do paiz ultrajada se commettem excessos com o recrutamento, nossos representantes occupam-se de questões individuaes e atiram-se mutuas recriminações!

—E a patria está salva, a crise resolvida e a guerra debellada!

—Continuam as arbitrariedades na guarda nacional.

Outro dia foi João de Souza Rebello, preso no Commercio, dizem, pelo Sr. tenente Falcão do batalhão da Sé, e mandado metter no calabouço, não se sabe á ordem de quem, que lá permaneceu perto de um mez; e mais tempo ficaria, si uma humilde voz não se levantasse em seu favor. Agora é João Paulo, pobre idiota, homem reconhecidamente mentecapto, e que anda pela freguezia de Paripe e immediações, que vem agarrado e encafurnado na Palma por 15 dias!

—Este foi solto hontem; sei disso.

—Mas porque logo que o homem não serve para o que querem, ha de ficar opprimido n'uma immunda prisão por 15 dias, e um mez; por que não o soltam?

Pois ha de uma pessoa innocente ficar presa por esse longo tempo, e sem ao menos se lhe dizer a razão por que está retida com detrimento de seus interesses e incommodo de sua familia?

—Ha, si me não engano, uma postura que prohibe as vendedeiras de caixinha o baterem com as varas pela rua.

—Creio que sim.

—Parece que o fim dessa medida é evitar que, quando se reunnem tres ou mais caixinheiras, não atordoem os ouvidos dos transeuntes com o incommodativo som que tiram de suas varas.

—Sim, Sr.

—E porque não se applica essa medida aos carcamanos vendedores de taxos, que andam todo o dia a fazer uma zoada dos diabos, fazendo doer a cabeça á quem está são?

—Lá isso é que não lhe posso responder.

VARIEDADE.

Obra curiosa.

O boticario Gervasio escrevendo ao musico Justino, ou vice-versa, e satisfazendo um ao outro.

RESPOSTA DO BOTICARIO AO MUSICO.

Amigo e Snr. Justino das Variações.— Acabo de receber a sua afinada carta, e depois de ler a ouverturade suas expressões vejo o que me diz a respeito da cavatina com que se divertiu; mas não me foi possivel entrar na harmoniosa orchestra do do seu divertimento, porque hontem amanheci muito desafinado da saúde, com o corpo doendo-me, e o tampo todo empenado: toda a noite passei sem dormir sentindo fusas pela cabeça, doendo-me as caravêlhas dos pés, e a boca me sabendo a papel pautado; e por fim, para maior desgraça, appareceu-me uma diarrhea descompassada em adagio que me é preciso estar a cada instante sentado no instrumento; ora, vendo-me eu n'este corêto de molestias, sem poder sustentar o compasso das pernas, mandei chamar o meu amigo Dr Violoncellos, o qual não estava em casa, e veiu-me então o cirurgião-mór Fagote, que é bastante perito no contra-ponto da saude: elle examinou-me o corpo todo, e disse logo que a minha molestia era um tanto perigoza por ser de clave do fá, e apresentar no pulso trez sustinidos e pausas intermittentes, e que por tanto, desde já me pozesse em rigorosa diéta meio ponto abaixo; que não comesse nada de comidas temperadas com G-r-sões S-mis, etc. etc, apenas de noite ceiasse dous B fa-cis com chá: e estou bem assustado, porque não sei se poderei me aguentar n'esta quadrilha de doença; e paro aqui, porque cada vez estou mais afflicto, e até me appareceu agora uma dissonancia no teclado da barriga, e por isso Vm. me desculpe de não ser mais extenso.

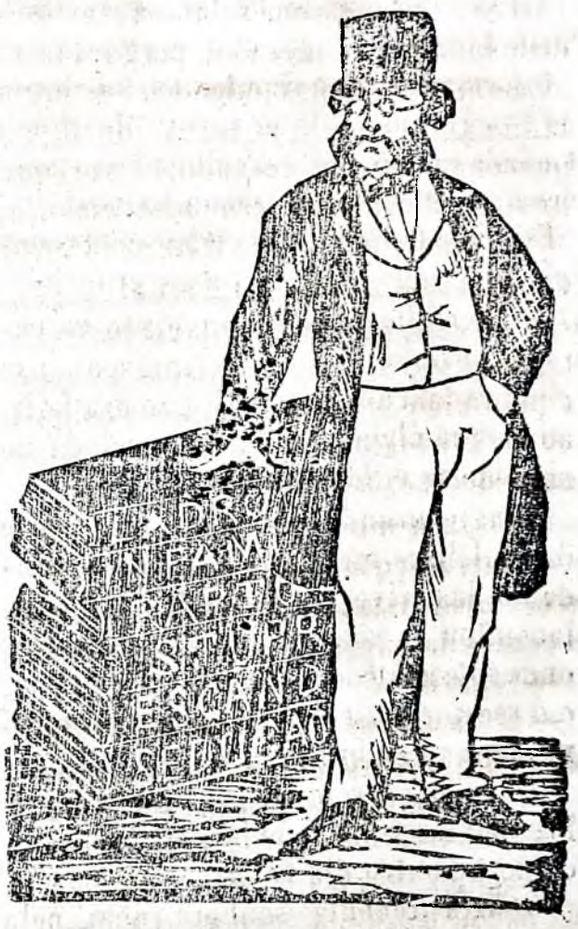
Desejo que continúe a gozar melodiosa saude em companhia de todo compromisso de sua familia, e creia que sou no solfejo da amizade.

Seu amigo sonoro e servo retumbante,

Gervasio Rabecão.

(Extr.)

A PEDIDO



(Continuação do Sr. Gatuno.)

—A sucia infame de vampiros do pudor virginal, de que acabo de fallar a V. Ex., e da qual o Sr. Gatuno é proeminente membro, anda a semelhança do corvo que fareja carniça, a esmerilhar onde ha familias desvalidas e em circumstancias precarias, onde ella possa dar pasto a sua desordenada concupiscencia.

O sujeito que descobre onde ha algumas dessas infelizes familias, procura occultar com o maior sigilio dos seus collegas a sua nova descoberta, com receio que elles não o vão tirar a presa das unhas.

Com rasgos de generosidade, o com

mentirosa compaixão, entram com pés de lan para a casa da insciente familia, para mais tarde dilacerar-lhe o socego e abysmal-a no sorvedouro da ignominia; e quando se retiram deixam após si inevitavel e eterna vergonha.

O Sr. Gatuno teve noticia da infeliz familia, por intermedio de uma das taes mulheres da rua dos *Castanheiros*, quando esta procurava costuras para as tres moças com o seu producto si manterem e a sua mãe.

O Sr. Gatuno com satanica curiosidade indagou da morada, perguntou se as meninas eram bonitinhas. si eram muito pobres, si lá já tinha ido algum homem; e sciente de tudo, disse que no outro dia lá iria *levar uma esmolla.*

A esmolla que o Sr. Gatuno ia levar era a prostituição e a infamia!

O Sr. Gatuno com a maldade no coração, e o riso nos labios, apresentou-se á pobre familia, a qual, si não era feliz, ao menos vivia pacifica e consolada no meio de sua desventura.

Fingiu grande interesse pela sorte das infelizes moças, mostrou-se condoido das privações por que passavam, lamentou as vicissitudes deste mundo, onde só é galardoado o vicio e o crime, e disse que a virtude só encontrava penhascos e escabrosidades.

Quando retirou-se, prometteu a pobre mãi fazer lhe todo bem que podesse, e que no outro dia voltaria.

—E a incauta senhora nem pela mente lhe passou os sinistros planos que formigavam na diabolica imaginação da vibora! (*Continúa*)

—Em que estado vae o batalhão Pedro 2.º?

—Pelo que diz o *Diario* tem mais de 100 praças.

—Ainda não tive o prazer de ver um soldado voluntario na rua.

—Talvez por que não estejam ainda fardados.

—Dizem que é o contrario; que os homens vão *voluntarios*, porém com modo de que não arrependam, não os consentem sahir; outros dizem que são voluntarios forçados.

—Está o que não duvido, porque tenho-os visto saltar do vapor escoltados e até encangados.

—Capitão, o mundo marcha á mil maravilhas!

—Que ha de novo?

—Não viu um escripto no *Diario* de 28 do corrente do cidadão Olympio Candido de Aguiar *deffensor dos crioulos livres do paiz?* Ora da-se que mania de moço!—ou quer dar desfructe, ou quer ser cousa nesta pobre terra em que todos são conhecidos.

—Não é isso. V. bem sabe que as eleições estão proximas, e o homem quer ser deputado, e então quer pertencer a deputação das crioulas.

—Quem lhe disse que eram crioulas? são crioulos, capitão.

—E' a mesma cousa, o homem ja pensou que por meio dellas é que se logra alguma cousa, e então quer tambem ter uma pasta para fazer fortuna, mas elle que se aguente porque lhe podem dar com a pasta n'outro logar.

—Deus o guie na sua estreia, só tenho medo delle ser tão magro, e não poder aguentar tanta carga.

ANNUNCIOS.

Os devedores da loja de cera á rua da Misericordia n.º 10 B. são convidados a virem no prazo de 8 dias, contados da publicação deste, a satisfazer seus debitos, sob pena de verem seus nomes neste jornal.

Bahia 30 de agosto de 1866.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

O

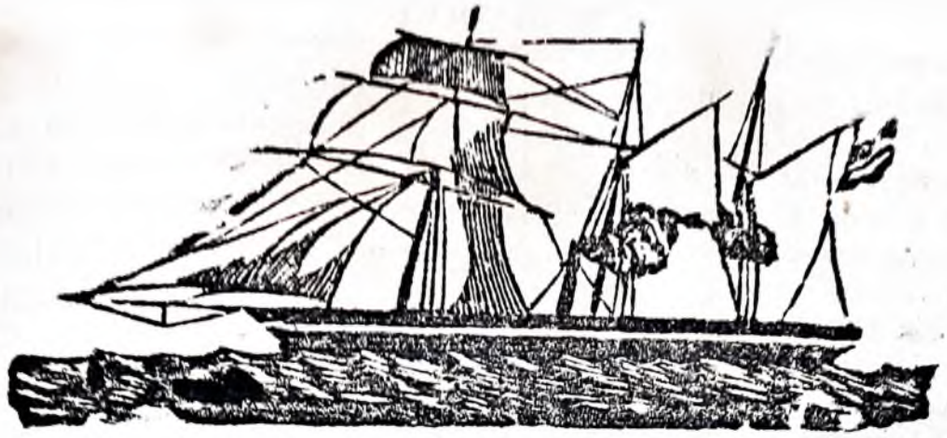
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 1.º DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.ª—N. 133 e 134

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de novembro de 1866

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para um espectaculo repugnante, que se presencia ás tardes nesta cidade.

Um infeliz, atado á laia de macaco, pelos quadris, com uma comprida corda, segura a certa distancia por um pequeno moleque, com duas enormes folhas de Flandres presas por cordeis a cada um dos pés, passeia por esta cidade, debaixo de pancadaria de um barbaro conductor, e dos trambolhões, vaias e pedradas dos moleques; o proprio conductor diverte-se em açular a turba contra o desgraçado paciente.

S. S. comprehende, que semelhante scena não é condigna da illustrada capital da Bahia e que tal maneira de castigar, além de repugnar com os principios de civilisação, provoca a desordem o algazarra da malta que acompanha o *farrancho* O melhor remedio para quem tem escravos maus é vendel-os; e certos castigos em vez de corrigir descara.

Espera-se que S. S. mandando chamar o Sr. do miseravel, que nos informam ser um tal Bastos, da Baixa dos Sapateiros, faça dosapparecer das ruas desta illustrada capital um tão vergonhoso quadro.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, communicando-lhe que nos informam que o Sr. Barros Lisboa, conhecido pelo Lisboa das bichas, recebe em sua casa, á rua do Bangala, a roupa suja do hospital de marinha, para lavar, sem que a referida casa tenha as necessarias condições para esse fim, do que resulta que os moradores soffrem constantemente de febres, e tem havido por alli, bastantes casos de morte.

Em bem da saude do povo, confiada ao zelo de S. S., pede-se, no caso de ser isso verdade, que, quando não seja o Sr. Lisboa coagido a mudar-se do centro da população, seja ao menos obrigado a ter desaguadores que dêem livre sahida as aguas estagnadas no pateo de sua casa, onde se faz o despejo, por que além do mais deteriora as propriedades da visinhança.

—Em Pirajá não ha fiscal?

—Pois não; o que não affiança é si elle lá pisa; porque?

—Porque dizem-me que ha lá, um individuo que adoptou por negocio, comprar pelo barato, bois mongos e

cançados o dal-os para consummo da população da freguezia.

—Ora, si aqui dentro da cidade ha disto, quanto mais por lá; é quem tiver escrupulo não comprar.

—E tudo vae assim nesta terra!

—Por mais caudalosa que seja a torrente de abusos, que innunda esta infeliz terra não é capaz de abalar, a quem tem obrigação de velar pelas necessidades do povo!

—Os padres são os primeiros a menos-presarem os actos da religião!

—Não diga.

—Si quer a prova disso vá á tarde á Cathedral; ha dias em que não comparece um so conego ao côro, em outros tenho visto apenas o chantre; tem deixado de haver missa por falta de conego, e por ahi vae indo o deleixo.

—Mas a ser assim, parece-me, não affianço, o culpado é o Exm arcebispo, por não usar de um pouco de energia para com os taes Revms., que não cumprem com seus deveres.

Correspondencia enciclopedica do «Alabama.»

Foi pelo vapor *Guienne*
Que me veiu o *Alabama*
Ora, pelo *North America*
Lhe digo: fiquei de cama.

Ao ler o que vinha escripto
Na minha correspondencia
Confesso-lhe exacerbei-me
Falteu-me a paciencia.

Encafuado na cama
Vieram-me convulsões
O corpo todo tremia
Como si fossem sesões.

A caza me andava a roda,
Cada olho, era um faixo,
As tripas todas roncavão,
Sentia um peso por baixo.

Felizmente uma parteira
Que á resar seu terço ia
Foi a primeira chamada
P'ra me fazer companhia

Depois vieram dois medicos,
Um barbeiro, um boticario,
E os quatro reunidos
Fizeram o—receituario.

Constou elle d'um clyster,
Que em seguida tomei;
E creio que me fez bem
Pelo muito que obrei.

Julgando-me já melhor
De nada mais quiz usar;
Sobre as causas do meu mal
Eu então puz-me a pensar.

Nesse estado eu estava
Não era sonho, eu via;
Suas caixas, o seu prelo
E toda typographia.

Aqui me apparecia
De thesoura o capitão
Destruindo meu trabalho
Como um cabo d'alcatrão.

Alli, os compositores
Brincando com os papeis,
Em vez de compor a carta
So fabricavam—pasteis.

Vi la o paginador
Errando a pagioação
Um paquê posto por outro
Sem dar pela alteração.

Vi tambem o revisor
Com ares de estudante;
Disse: pode saber muito,
Mas no rever, é pedante.

Vi tambem o impressor
Co'a mão coçando a virilha
Dizendo ao seu batedor:
Osté falla la castilha.

Vi tambem o Maximino
Abalroando assignantes
Dizendo: paguem as series
Pra não chamal-os tratantes.

Tambem vi oMiguel Prates
Sentado, e o Bugarim
Esperando o *Alabama*
P'ra entregar, no Bomfim.

Na casa não havia ordem
Era tudo um labyrintho,
E da desordem que la ha
Os effeitos cá eu sinto.

Então não pode conter-me:
Praguejei: sejam maldictos
Quem no trabalho alheio
Assim pratica delictos.

Disse, e me levantei;
Apeua logo empunhei
Pra dizer-lhe, com decencia:
Fica sem correspondencia

Pois que, eu mando o escrito
Mutila-o a redacção!
E depois manda imprimil-o
Sem ter nenhuma attenção?

Escrevo um nome, o muda,
Si é uma ideia, me corta,
Si fallo deste, não quer
Sempre acha uma porta.

Pois então não quero mais
Para jornaes escrever,
Eu ca fallo só verdades
Não m'importa d'offender.

Leve a breca o revisor
E mesmo o paginador,
Não faque um só postilhão
Sem soffrer d'indigestão
Impressor e o batedor
Nos dentes, só sintam dôr,
E aos taes compositores,
Em paga de seus favores,
Recebam mil sipoadas
Em troca das cassnadas.

Sirva pois isso d'aviso,
E' uma amostra do panno
Do contrario, fago ponto
Não escrevo para o anno

Si não sabe o que escrevo,
Pelo que sou responsavel,
Me dispeço e busque outro
Que seja mais agradavel.

As verdades hei de dizer,
Não terei condescendencia;
Contra o pobre, ou o rico
Goze ou não de influencia.

Si assim serve, muito bem,
O que ha, lhe vou narrar,
Publique como lhe mando
Sem em nada a alterar.

Principiarei pois pela *obra*, que o grande Saraiva nos arranjou, o que tanto dispendio, de sangue, dinheiro e credito, nos tem custado; sem que, apezar disso, se possa saber quando teremos essa—empreitada concluida.

Ja vê que me refiro á guerra.—

A não ser uma armadilha, que *dizem* fizera o Polydorio agora, tudo seria *pasmaceira*.

O que porém não ha duvida é:

Que o sangue la vai correndo,
O dinheiro, se gastando;
O que em trez mezes fazia-se
De dous annos vai passando.

Entretanto o *empreiteiro*
Para Europa se largou
Levando *setenta contos*
Que para *ajuda* embeiçou.

Capitão desingane-se, que este mundo é composto de uma corja de tratantes, patifes e expertalhões como Voce não ignora; e que o povo foi, é e ha-de ser, quem tem de pagar as differenças.

E no fim, quando morre um tratante, ahi vem a Sra. imprensa cantar-lhe as *virtudes*, e notar a *pobresa*, quasi sempre, do mais experto ladrão que teve o thesouro.

Agora mesmo deparo com os seguintes avisos, que são uma prova de *cuidado, zelo e parcimonia* com que se gastam os dinheiros publicos, que é o mesmo que dizer—o suor do povo.

« —Ao ministro da fazenda, communicando as nomeações do conselheiro José Joaquim Rodrigues Lopes, e Dr. José Joaquim Rodrigues Lopes, o 1.° para *commissario especial* do governo, a fim de proceder á medição das terras da ex-colonia de S. Leopoldo, vencendo (*além do soldo*) a gratificação mensal de 600$000 e o 2.° para acompanhar aquelle commissario nos trabalhos a seu cargo, com a quantia de 160$ mensaes.

Não fica o favor n'isso só.

« —Ao mesmo para que seja abonado ao conselheiro acima referido *a ajuda de custo* de 1:800$, afim de *vo-der seguir* para a provincia de S. Pedro do Sul.

Vai mais longe a proteção ainda.

« —Ao gerente da companhia brasileira de paquetes á vapor, mandando dar passagem de ré e *commedorias* até Porto-Alegre, ao conselheiro J. J. Rodrigues Lopes, ao Dr. J. J. Rodrigues Lopes e a Sra. deste!!!

Eis ahi por que se diz:
O mundo é p'ra quem é
O esperto anda de carró
O bobo caminha a pé.

Na ultima que lhe escrevi, fallei do uso que se hia introduzindo de *meetings*, ou reuniões populares, das quaes tão mal sahiram os tribunos de Pernambuco, e nessa occasião fallei-lhe da que se projectava em Pelotas, cidade do Rio Grande.

Se o resultado desta não foi o d'aquella, por que ninguem foi a cadeia; com tudo não foi feliz em seus resultados com verá do que se segue:

« No domingo ás 4 horas da tarde, teve lugar no paço da camara municipal, a reunião popular, que em nosso ultimo numero dissemos.

A concurrencia foi numerosa.

O Illm. Sr. Dr. Antonio Ferreira Garcez, iniciador dessa reunião, fez lavrar um acta em nome do povo, pedindo aos Srs. charqueadores e mais pessoas, que estivessem no caso de contribuirem com alguns de seus escravos, (dando liberdade), para engrossar as fileiras do nosso exercito, ou mesmo com dinheiro para as despezas da guerra.

Foi então para isso nomeada uma commissão, que recahiu nos Illms. Srs. Dr. Antonio Ferreira Garcez, Dr. Gama Lobo e major Bastos commandante da guarnição.

Findo estes trabalhos, sahiu a illustre commissão, procedida de muito povo e da bella musica do Sr. Carlos John, que durante a reunião deixava nos fazer ouvir algumas bellas peças de musica, á cumprir essa missão.

Nesse mesmo dia, tiraram um feliz resultado: e, temos toda a convicção de que não se hão de arrepender.

No dia seguinte porém, a commissão encarregada de agenciar os donativos, embarcou-se em um carro (ja se sabe, pago á custa della) e proseguiu no

seu generoso e pratiotico empenho, animada pelo bom exito da vespera.

Tão infeliz porém, foi no segundo dia que, ao entrar, na terceira casa (dizem do um tal Sr. Dr. Antonio Gonçalves Chaves, charqueador importante, valha a verdade!) fóra por ello tão mal e brutamente recebida, que deliberou immediatamente, não dar mais um passo para a frente.

Realmente o tal Doutor começou dizendo: «que a commissão estava mal organisada, porque não tinha sido tirada das pessoas de importancia do lugar (como ello e seus amigos, provavelmente!) que ainda não estava enraizada nesta terra, emfim que não inspirava a menor confiança; tendo na vespera alarmado toda a cidade, *aterrando as familias com a muzica e aos charqueadores com o povo.*»

Correo risco a Comunissão
Não acha meo camarada?
Foi bom o doutor só fallar,
Não dar couces, nem dentada.

O governo imperial, pela *via* do ministro da fazenda acaba de decretar a liberdade *gratuita* dos escravos da nação, com fim de approveital-os no exercito. Foi uma boa lembrança pela diminuição dos roubos que por ahi costumam haver. Em verdade, era lamentavel que, ao passo que os filhos do paiz são compellidos e recrutados para voluntarios, essas parasitas, isentas de todo onus social, estejam somente a amontoar fortunas, sem se saber a origem dellas.

Mas, vem ao caso uma pergunta:

Quaes são esses africanos, escravos da nação, áquem agora se manda libertar, gratuitamente?

Creio que foi no ministerio do ministro comprador do *Cotopaxi*, que egual medida se decretou; e se é certo, quaes são os escravos que ainda existem.....?

Este é o resultado
De fazer-se leis na perna
Como se fora o codorio
Que se bebe na taberna.

Isso porem, não passa de uma reflexão minha e n o censura.

Mais 850 brasileiros seguirão para o exercito nos vapores *S. José* e *Calgo*.

E' escusado dizer, que S. M. e seus semanarios assistiram ao embarque.

Foram dispensados do serviço do exercito os tenentes coroneis Salvador e Carolino Tosta.

Não louvarei nunca o procedimento de qualquer que sollicitando licença depois de gosal-a; quando deve voltar, diz — não posso; principalmente quando, como estes, venceram soldos e mais vantagens no ocio.

Parece isso um modo feio de especular.

Me dá noticias do general commendador Dr. Evaristo? Vem ou não? A licença já concluiu-se — *Oitocentos mil reis por mez*!!! sala.

P'ra mamarem da Nação
Cada qual é mais ladino;
Mas, regressar para o campo
Cada qual é mais molino.

Esquecia me dizer-lhe. O José Eugenio andou aqui peraltando e por fim, vendo que nada fazia, fa se arranjou e como alferes regressou para o campo. Ah! quantos destes temos lá que o mesmo deviam fazer?

Ca, os recrutadores, deram uma noite no *celebre* Alcazar e fizeram uma colheita de vagabundos, que chegou para uma companhia.

Para refazer se dos trabalhos e incommodos, teve o Barão de Uruguayana seis mezes de licença com vencimentos. Para substituil-o foi nomeado o conselheiro Nabuco.

O Barão de Melgaço, vice-presidente da provincia de Matto Grosso desistiu de seus vencimentos em favor dos cofres do Estado.

Quando tantos buscam empalmar por todo modo; este desiste, Um viva pois ao nobre barão de Melgaço.

Brasileiros, como este,
Que prosa sua Nação;
Devem ser sempre lembrados
Com toda veneração.

Nas correspondencias do Pará para o *Paiz*, insertas no n.º 125, encontrei a seguinte noticia, que é uma prova da facilidade, com que todos os dias somos enganados, por qualquer qu-i

dam, que se nos apresenta, como o conde JASIENSKI, que tanto barulho fez em Pernambuco e foi alli objecto de muita consideração.

« Uma longa carta dirigida, de Pernambuco pelo Sr. Joaquim d'Aquino Fonseca ao Dr. Francisco Castro, diz que o tal inculcado conde, que ahi esteve e aqui, tratando da colonisação polaca, nada mais é que um aventureiro, visto como em vez de verdadeiro conde é o ex-lacaio da condessa Plater, Felix Jaworski, que o despediu por seu pessimo comportamento, e que nem se quer um Mr. Hube consentiu que elle casasse com uma sua cosinheira.

« Entre muitas outras informações que da Fonseca ao Dr. Castro, acerca do inculcado conde, diz que dirigindo se em carta ao principe Czartorwski chefe dos polacos emigrados e residente em Pariz, este lhe dissera, em carta de seu proprio punho, que o conde Jasienski, é muito alto, louro, corado e casado com uma ingleza, signaes estes, que se não parecem com o inculcado conde, e que lhe não constava que aquelle conde houvesse deixado a Polonia, e que pelos signaes que lhe mandou o principe chefe dos polacos de Felix Jaworski, não restava duvida ser este o que se apresentou na sociedade brazileira com o falso titulo de conde Jasienski. »

Não faz mal, qualquer *pé-leve*
Pode vir neste Brasil,
Dizer: nasci conde, embora,
Vendesse agoa em barril.

Com isso nada elle perde
Tem logo consideração;
Não faltam aduladores
Que vão render-lhe oblação.

Esta vae sem noticia de importancia, mesmo porque como o que hoje dá que fallar é a encommenda que nos deixou o Saraiva; dessa nada ha á contar.

O governo está a braços com uma questão importante, si bem ella não merecesse tanto barulho na terra do Dr. Getulio; autor da bodarrada. Não querendo deixar de nella fallar o farei transcrevendo as proprias palavras, com que o correspondente de Minas escreve ao *Jornal do Commercio*.

Diz elle: «Ainda não foi decidida pelo Sr. ministro da justiça a questão Moutinho.

«Com effeito depois de uma certidão passada pelo vigario geral e rubricada por S. Ex o Sr. bispo do Marianna, que prova ser Antonio Jorge Moutinho, liberto, ainda será o mesmo conservado no posto de tenente coronel do batalhão 59 do termo do Marianna?»

Acho mau taes apuros neste paiz onde isso se dá a todas as horas.

Quantos neste caso haverão na nossa terra, exercendo empregos e em posições vantajosas? Mais de um conhecemos, e quando isso fosse crime o governo sabendo, para que os acceita? Não está no exercito, cingindo uma espada e as divisas de capitão o nosso Marcolino, e elle sendo liberto, ha pouco tempo, com que direito, destinguindo-se e ganhando postos se lhe ha de depois dizer—sois liberto—despi o que vosso merecimento vos deu?

E' assim nosso paiz,
Onde tudo igual se diz,
Se precisam oh! de certo
Não importa ser liberto.
Mas quando s'está servido
O traje lhe é despido,
E por honra da Nação
Vão ver na escravidão;
O nome do inexperto
Qu' é brasileiro—liberto.

Pela minha parte digo, caro capitão, são tantas as bandaleiras que vejo, que só me poderia vingar dellas, se podesse realisar a ideia, consagrada no seguinte:

«Podesse uma só nau contel-os todos
E o piloto fosse eu.....»

Na falta de louça propria, vamos ver o que ha pelas casas dos visinhos:

O seguinte codigo militar, composto de 14 artigos, que se observa na China, é uma prova do que alli não se fabricam, unicamente, fogos e brinco para creanças. O dito codigo é expedido

por um *mandarim* e explica a origem da valentia dos povos do imperio celeste.

1.—Treze dias antes da batalha, os bravos comerão *geléa de tigre*, afim de se possuirem da cólera, da raiva, e da ferocidade dos tigres.

2.—Doze dias antes da batalha, os bravos comerão *figado de leão assado*, afim de por esta forma se apoderarem da intrepidez natural do leão.

3.—Onze dias antes da batalha, os bravos comerão *pelle de serpente*; afim de adquirirem a finura e astucia d'esse reptil.

4.—Dez dias antes da batalha, os bravos hão de beber *licor de camaleão*, afim de deslumbrarem os inimigos, mudando constantemente de aspecto.

5.—Nove dias antes da batalha, os bravos tomarão *caldo da crocodilho*, afim de poderem perseguir o inimigo, por mar e por terra, assim como fazem os crocodilos, que se batem em ambos os elementos.

6.—Oito dias antes da batalha, os bravos comerão *moéla de jaguar diluida em vinho*, afim de se lançarem sobre o nimigo com a rapidez e a furia do jaguar.

7—Sete dias antes da batalha, os bravos comerão *cabeças de milhafre*, afim de se lançarem sobre o inimigo com a rapidez e a furia desse animal.

8. Sete dias antes da batalha, os bravos comerão *intestinos de hemione*, para terem o grito terrivel d'este quadrupedo, e poderem assim atordoar o inimigo.

9.—Cinco dias antes da batalha, os bravos comerão *hippopotamo*, afim de communicarem á sua pelle a rigidez d'esse amphibio impenetravel às balas.

10.—Quatro dias antes da batalha, os bravos comerão *rabos de macaco*, afim de sahirem ao assalto com a velocidade d'este ligeiro quadrupede, e procederem em tudo o mais com a finura que lhe é habitual.

11—Tres dias antes da batalha, os bravos comerão *um prato de escorpiões*, afim de que todas as feridas que fizerem ao inimigo sejam venenozas e mortaes, como são venenosas as picadas do escorpião.

12—Dous dias antes da batalha os bravos comerão uma *fritada de linguas de saguins*, afim de tornarem medicinal a sua saliva, com que curarão qualquer ferida que receberem, como fazem com a lingua aquelles animaes.

13—Na vespera da batalha, os bravos comerão *petto de panthéra*, a fim de serem despiedosos para os inimigos, como a panthéra,

14—Na manhã do dia da batalha, os bravos tomarão ao almoço uma *chavena de sangue de léopardo*, afim de nunca se voltarem, dilacerando um inimigo, o que é a virtude caracteristica de guerreiro, ensinada pelo leopardo.

Disposições geraes.

Artigo unico:—Não comerão os bravos, em tempo algum, *carne de veado*, para que na occasião da lucta suas pernas não se lembrem de imitar ás d'este animal.—Tremão e obedeção! »

São estes os principaes artigos da guerra do *celeste imperio*.

Se elles em parte fossem observados em nosso campo de Marte no Paraguay, talvez menos longa tivera sido a guerra actual, e não tantos os que n'ella hão desapparecido.

Oh! que povo tão feliz,
Sem rival no mundo inteiro;
Em valentia—excede
A qualquer nosso sendeiro.

O calor por aqui tem subido de modo espantoso. E' pena, que nos que estamos sempre promptos a imitar tudo que o estrangeiro faz, não façamos como nos Estados-Unidos, se pratica, segundo a noticia que se segue, que encontrei em um jornal d'alli.

«No dia 25 de junho o thermometro marcava em Washington mais de 36 gráus. No capitolio a temperatura era tão elevada que, os membros da camara estavam em mangas de camisa a discutir o bill dos impostos e clausulas do bill dos creditos militares»

Devia ter graça, os representantes da nação a advogarem os seus interesses em mangas de camisa!

O caso é que, em camisa
Fazem leis sem detrimento;
Nossos *cazacas* não as fazem
Sem rabo, o *regulamento*.

—Onde pararão os progressos da industria moderna? Na America acaba de inventar-se uma machina de castigar, si dermos credito ao seguinte annuncio, inserto em um jornal de New York:

« *Aos mestres de eschola*—Ha para vender um machina de bater em bom estado, garantida, para castigar em 20 minutos uma classe de 50 discipulos. O proprietario separa-se della por ter terminado os seus negocios, e pelos seus dous rapazes estarem já muito crescidos para serem castigados »

Ah! s'eu a possuisse!

Fazia uma experiencia
Havia principiar
Por tudo qu'é excellencia.

Conta o *Jornal do Havre* que se acaba de observar um interessante phenomeno d'uma aldeia de cantão de Villefranche (França). Uma mulher, que foi impresionada pela vista de um negro, deu a luz uma menina, cuja metade do corpo é branca e a outra negra. O proprio rosto appareceu bipartido de negro e branco de modo que, vendo-o de perfil, é uma negra de um lado e uma branca de outro. Apesar d'esta singularidade, diz o mesmo jornal, a creança é bonita e a sua saude não deixa nada a desejar.

Ver gente de duas caras
Entre nos não admira,
Ha tantos como sapatos,
Chamados de sola e vira.

Exemplo, veja o Almeida
Qu'era vermelho extremado,
E hoje é mouro, é dia o
Por que quer ser *deputado*!!

La vai o Souto, è um dos taes: dedicado, e amigo, intrepido e corajoso; *desinteressadamente* acudiu ao grito da patria e deu fundo nas enfermarias de Buenos-Ayres.

Paiz de ingratos, que não comprehendem a dedicação de seus melhores servidores!

Seiscentos mil reis mensaes e outros *pequeninos* favores que fazias á esse *benemerito*, te impobrecia, Brasil?

Ingratidão por ingratidão: Não reconhecestes o sacrificio que elle fazia, correndo risco de ser victima de uma balla quando Lopez *entrasse* em Buenos Ayres. Querieis, sem duvida, que elle fosse para *Corrientes*, *Tuyuty*, *Curuzú*, *Curupaty*?—Te enganastes.

Tão nescio não era elle.

Volta pois á sua provincia á cuidar nas bellas plantações de flores e capim do seu Passeio.

A Bahia, apreciadora de seu caracter de—*quebra mas não torce*—lhe fará justiça; e o sertão, não lhe negará, ainda que seja, uma *tripeça* para se assentar na *representação* nacional; como homenagem ás *suas luzes*, á seu *talento* e aos *grandes serviços*, que tem prestado á sua patria.

Quanto á mim, não podendo de outro modo, rendo-lhe de cá o meu tributo com a seguinte parodia.

Não lamentes, meu Souto, o teu estado
Como tu, muita gente tem havido
Milhões de Soutos ao Paraguay tem ido
De lá, milhões de *bravos* tem voltado.

Não quizeram te ver, Souto, soldado,
Ingratos, te roubaram essa c'roa
Não importa, conserva tua pròa,
Quem sabe, serás tu o deputado?

Quantos d'aqui, no *correr*, famosos
Não tem visto seus nomes na gazeta
Com pensões e titulos extrondosos!

Si Caxias tirou-te a grossa teta;
Teu tino e conhecimentos espantosos
Te darão, para entrares, um' outra greta.

O nosso Tamandaré ja passou o commando ao barão do Amazonas, e corre que ja vem, agoas abaixo, em procura desta Corte.

Ca estou para aprecial-o e oportunamente dar-lhe noticias delle.

O *Diario de S. Paulo* nos noticia o seguinte:

« Um brasileiro, o Sr. D. Francisco Alvares da Cunha, contrahiu o matrimonio pela undecima vez. Que vocação!»

Na Inglaterra o que ha de mais notavel é que um individuo, querendo cazar, annunciou precizar de uma mulher. No fim do dia, em que se leu o annuncio tinha recebiddo--desoito—cartas de maridos, que cediam-lhe suas caras metades.

Não erra quem afirmar
Em Londres, mulher casada
Quando o marido a enjôa
E' como ca carne salgada.

Vou agora dar-lhe noticia de um facto curioso, que se dá no nosso exercito.

Si é verdadeiro, é digno de ser memorado como agradecimento á distracção, que elle offerece á nossos irmãos:

E' de uma carta do exercito, na qual entre outros episodios communica:

«Ha dias veio corrido do campo inimigo uma turma de veados perseguidos por um cão; a soldadesca immediatamente formou um circulo e conseguiram apanhar alguns veados e o cão.

« Um soldado teve a feliz idéa de escrever uma descompostura aos paraguayos, amarral-a no pescoço do cão e soltal-o para o campo inimigo; quando alegres e contentes tratavam do como teria sido recebida a missiva pelos paraguayos, eis que apparece do

novo o cão com a resposta. Repetiram-se as missivas e as resposta, cada uma dellas mais atrevidas O cão, correio, continua na sua missão, proporcionando mais este entretenimento aos pobres soldados; fazendo-os esquecer por momentos, as suas fadigas e os seus trabalhos. »

Louvamos a lembrança.

Vou fazer uma rectificação sobre o final da minha ultima missiva:

Pedindo-lhe noticias das vagabundas digo, das *ninphas*, escrevi:

Diga se está por lá
Palmira—a pernambucana,
Mulata velha e atôa;
Que quer parecer sultana.

Que meiguices ella faz,
Que tregeitos, que amores!
Qualquer homem não lhe agrada
Só quer receber *doutores*.

Entretanto, é mui ruim,
Não val nem uma *pitada*
Quer parecer que é cousa
Servindo p'ra cassuada.

E' como Judeu errante,
Tem corrido todo mundo;
De syphilis é armazem,
Ou antes poço—sem fundo.

Isso tinha eu escripto, porem veiu alterado de modo que, não se entendia.

Agora me dê noticias
Da Anastacia—foveira
Onde está Calú—boneca
E a Lourença—fateira?

Diga-me, Antonia das Vellas
Ainda é mãe de terreiro?
Inda faz feitiçarias
P'ra ter moços de dinheiro?

A Maria—aborrecida,
Martiniana—canario
Inda andam em S. Bento
De noite no seu fadario?

Amalia—olhos de sapo,
Felicidade—gaguinha
Inda fazem sua roça....
Com a tal Aninha—galinha?

A grande Serapiana,
A Maricas—boa obra,
Dizem, que para vagarem
Sempre teem tempo de sobra?

Finalmente, dê noticias
Do nosso Foló-madrasso
Aquelle que é casado
Com a filha do Sanhasso.

Fallei de bota e sapato
De tamancos e chinellos
Dê-me novas, eu lhe peço
Do *ruido* Vasconcellos.

O Patusco.

VARIEDADE.

CA' E LA' MAIS FADAS HA.

Enviaram-nos a seguinte e curiosa peça:

Termo de *penhora*.—Aos 12 de Agosto de 186.. eu a baixo assignado, Official de justiça, com o meu escrivão tão bem assignado, em *vertude* do despacho *recto* do Sr. juiz de... procedi a penhora nos moveis seguintes de E....—Huma *commoda* de jacarandá—um armario de amarello——uma duzia de cadeiras de sóla—Hum espelho com sua meza de pedra—uma cama de casado torneado.—um oratorio com seis imagens, a saber—um cavallo de estribaria—dois porcos—uma bacorinha—dois carneiros. Eu etc. etc.

.....

Se *alguem* se propuzer a compôr um novo formulario, recommendamos-lhe o modello acima.

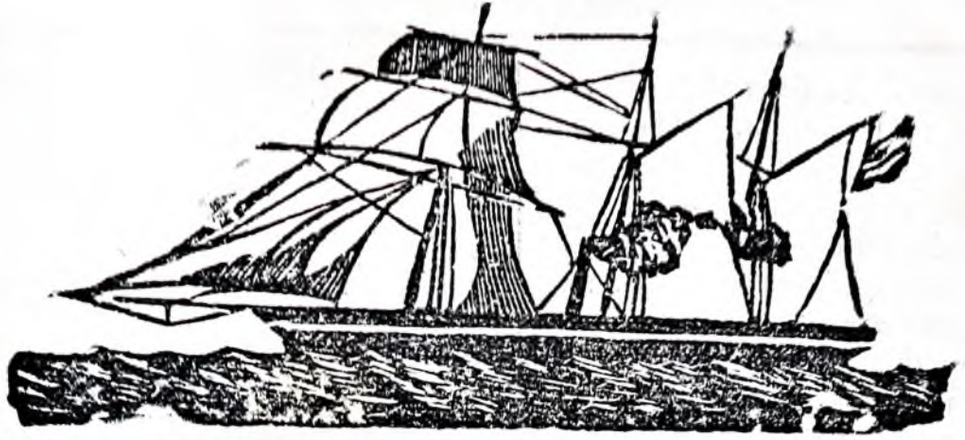
——

Um aldeião sabendo que tinha envinvado certo fidalgo seu compadre, julgou dever ir dar-lhe os pesames; o que fez desta maneira:—*Sr. compadre, as cousas que a gente mais estima, são as que mais depressa leva o diabo, a Sra. commadre já lá está, ora, console-se que, tambem V. Exc. a ha-de ir acompanhar.*

——

Sir John T**, membro da camara dos communs era conhecido por vender seu voto ao ministerio. Um dia em que elle ia fallar a favor de uma proposta ministerial, um seu collega de differente opinião, puchando-lhe pelo vestido, lhe diz: « Ora pois, meu amigo, todos os vossos sete filhos já estão empregados.—He verdade, respondeu sir. John, mas he que minha mulher está prejada.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 4 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.ª—N. 135

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de dezembro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que dê providencias, afim de que seja sem demora tapado um buraco, em frente ao Caes do Pedroso, onde, ainda ha poucos dias, foi um descuidado, sem vontade, medir-lhe a profundidade.

—Não sei para que certa gente tem escravos!

—Para trazel-os espancados e mortos a fome, pedindo que comer pela visinhança.

—Como uma pobre negrinha, esqueleto ambulante, que anda pelo Gravatá. A miseravel traz um fragmento de saia sobre a pelle retalhada pela correia e um trapo enrolado ao resto do corpo; anda por alli a esmollar dos moradores um pouco de comida, e algumas pessoas charidosas, condoidas do estado da miseranda, matam-lhe a fome com algum bocado do pirão; o corpo dessa coitada vive coberto de sevicias, produzidas pelo latego do azorrague.

—Quem é o senhor dessa desgraçada?

—Para fallar verdade não sei quem é: vou ver se consigo do *Ernesto* me dizer quem é o sujeito.

—Pois vá e volte para dar-se providencias.

A PEDIDO

—Que desaforo! Ah! desavergonhada negra! Porém a culpa é de teu senhor moço, que é da tua eguala; si não fosse, não estarias á mandado delle, lançando quanto nome injurioso ha sobre a pobre mocinha de defronte, porque ella se nega a corresponder ás finezas desse marmanjo!

—A culpa é do chefe da familia, que deixa sua casa andar á matroca. Não é aquelle velho que *ensina meninos* da *Ilha do Valor* quem mora alli?

—Elle mesmo.

—Eu creio que nesta rua do *Dono do Zé* nem inspector ha, para ver aquillo.

—Elle fia-se em ser amigo do *Porphyrio*, que *faz gloriosas* piruetas áquelle advogado da rua *Torta*, muito chegado a egreja.

—Porém o muxingueiro, que não tem condescendencias, de taca fará a festa na cara desse bigorrilha, bem como na sua negrinha Damiana.

—Por toda a parte injustiça e patronato!

Quem é que deixa de confiar um rebanho a um pastor zeloso, cuidadoso e previdente e que o leva todo dia a beber nas agoas cristalinas do *certo rio*, para entregal-o a outro desregrado, immoral, bebado e devasso, que anda sempre de cara *azeda!*

—Eu de enigmas ¡entendo pouco.

—Não ha enigmas; é que havia ahi para fora uma freguezia, onde existia um rebanho confiado aos cuidados de um pastor, que falleceu; dois individuos, que exercem a profissão de pastores, requereram ao dono do rebanho o logar; um, apezar de, como homem, ter defeitos, cuidadoso de suas obrigações, morigerado etc., outro, tendo tudo de ruim em si, já conhecido por perverter as ovelhas, abandonal as e deixal as desgarradas em vez de conduzil-as ao aprisco. O dono do rebanho mandou os pretendentes ao seu intendente ou provisor de logares. Qual dos dous acha que elle escolheu?

—O moralisado, é claro.

—Enganou-se; escolheu ao pervertido debochado.

—Então é que tem desejo de ver perdidas as ovelhas de seu amo, e não quer seguir o preceito do Evangelho—*apascentai minhas ovelhas*.

—E' que nesta terra predomina em tudo o nepotismo e o patronato, meu charo.

Spiritismo é chimera,
E' tolice, é baudalheira;
E' a sciencia dos cegos....
E' uma completa asneira.

Certo francez pretendendo
Debicar a humanidade.
Ideiou e poz em pratica
Semelhante necedade.

E logo mil idiotas,
Em adeptos se arvoraram;
Baniudo assim, temerarios,
A crença, em que se criaram.

Um delles, pobre pateta!
Viu o anjo do Senhor:
Um outro a Moysés—e onde?
Na montanha do Tabor.

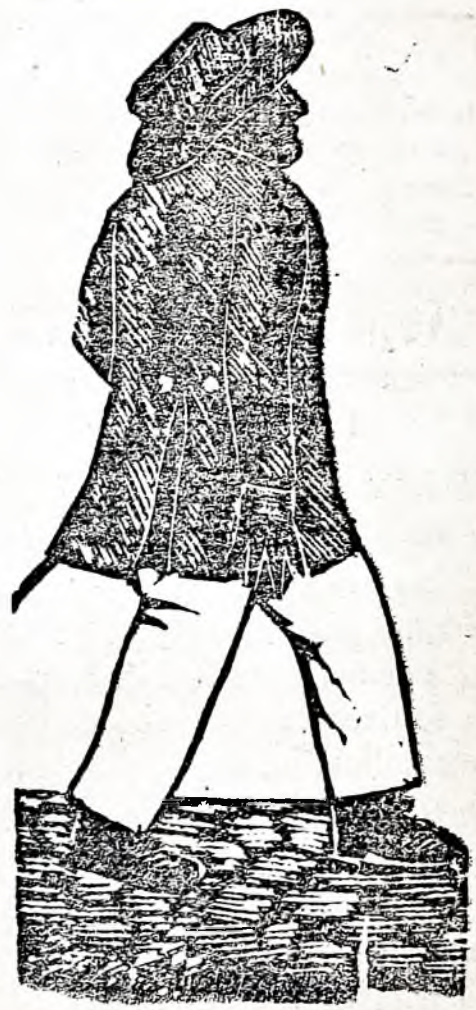
Veem tudo quanto querem
La no mundo da verdade;
São felizes os taes bichos....
Sabem tanta novidade!..

Dão seus candomblés á noite
A moda da inquisição;
E malucam todo dia,
Forjando nova invenção.

Fazem chapeus, à galope,
Correrem a casa inteira;
Mezas fallarem; em summa
Tudo quanto é brincadeira

E assim levando a vida,
Nessa ridicula illusão.
Enganam a toda hora
Tudõ quanto é *toleirão*.

Allan Kardec.



—Queijo encetado, vae acabado. Já que principiei a relatar as proezas e traficancias do infame e endiabrado *Medonho*, não ha remedio sinão ir até o fim.

Por tanto, entro na materia.

—Porém antes de começar, é preciso desfazer um engano seu. O sujeito para quem *Medonho* diz que alcovita o casamento, não é o pharmaceutico, que *pratica* n'um hospital de *afflictos*, e sim um individuo, que o mesmo admittiu, como seu ajudante, com pena delle, e por empenhos do *Procopio*, amigo intimo do tal ajudante, que por gabolice diz pela rua a quem não sabe, que elle é quem *pratica*,

quando está alli somente por commiseração.

—Acceito a rectificação, e sem mais commentarios continúo a decifrar as façanhas do desfaçado *Medonho*.

Logo que esse *mameluco* sem vergonha, conseguiu que a Joaquina do *André Gallinaceo* se tranferisse para sua toca ou cafurna, levando toda pacotilha e escravos, que possuia, fructo do commercio illicito e immoral da carne humana, em que traficava n'uma *costa* o tal Gallinaceo, e cujo producto mandava a lasciva negra para ella esbanjar com seus amantes, tratou de animal-a com mentidas palavras e enganadores subterfugios para assenhorear-se do animo do velho cação, e constituir-se administrador de seus bens.

Tinha Joaquina alguns contos de reis em uma *caixa* por *economica* que era. *Medonho* sem authorisação da negra propoz-se a levantar o dinheiro, allegando ser procurador; porém, nessa ladroeira, foi esbarrado por um dos directores do estabelecimento, que tambem já tinha sido amante de Joaquina, o qual mandou consultal-a por portas travessas, si annuia a que *Medonho* tirasse o dinheiro, e como teve resposta negativa, quando o harpya apresentou-se na caixa, passou-lhe uma tremenda descalçadeira, o enchotou a trote, chamando-o espertalhão, tratante e rapina, e esse salteador de raça ethiope, sahiu com uma quente e duas ferventes, pela porta do estabelecimento afóra.

Vendo o tratante escapar-lhe essa occasião de montar se nos cobres da preta, cogitou um meio mais seguro por onde fosse roendo molle, molle, a chelpa da ignorante preta velha, que apezar da tratantada de *Medonho*, ainda depositava nelle grande confiança pelas palavrinhas doces com que a soube illudir.

Tinha ella uma propriedade bastante arruinada; *Medonho* persuadiu-a a que a mandasse concertar para não vir abaixo, e encarregou-se da obra.

Tomou logo 600$ rs. para comprar materiaes, e os poz no peito; depois apresentava todos os sabbados uma folha de trabalhadores de 80$ e 100$ rs., sem que tivesse ainda dado principio á obra!

E nessa chuchadeira levou mais de tres mezes; até que a negra descoufiou da graça, achou que o concerto da casa vinha a ficar exorbitante, e fez ponto. Averiguado o facto soube ella, que sua casa estava no mesmo, ou em peior estado do que d'antes.

Medonho ajoelhou-se aos pés da velha preta, verteu lagrimas de crocodilho, e disse que atrapalhado por uma letra tinha lançado mão do dinheiro, porém que assim que estivesse desembaraçado, fazia o concerto á sua custa, e ella comeu a pilula e continuou a crer no gatuno *Medonho*.

—Eu comprehendo: essa gente, que faz vida de lograr os outros, tem labias, que qualquer cahe na esparrela.

—Passado tempos não escarmentado o velho coirão das peças que lhe tinha pregado o ladrão, ainda cahiu em outra. Disse-lhe elle que andava á venda um excellente terreno, por 4:000$ rs., o que era de graça; que ella, comprando-o, podia edificar duas ou tres excellentes propriedades, que lhe dariam um bom rendimento, e tanto cantou, que a negra metteu o pé na ratoeira e deu-lhe os cobres. Elle, com effeito, comprou o terreno, porém em seu nome e ficou de posse delle Dessa occasião em diante principiou ella a ficar arrepiada com *Medonho*, vendo que esse corvo só trabalhava para sugar o que era seu.

Depois disso, fingiu-se alcançado em um negocio, e propoz-lhe que vendesse alguns escravos, bem como a hypotheca de duas raparigas livres, que ella tinha em seu poder.

Desta vez Joaquina não esteve mais pelos autos e levantou o banco, deixando o covil da panthera e indo para sua casa, com o que era seu bem differente de quando para lá tinha ido.

Entretanto Luiza, sua antiga aman-

te, apezar de estar na *quebradeira*, ainda tinha alguma cousa.

Medonho somente por *pirraça* á Joaquina, mandou-a buscar para casa; porém foi para peiorar de sorte, por que o ingrato *Medonho* tratava a peior do que a um cão, e ella desesperada de sua má sorte, dilacerada por ver o mau pago que tinha, pouco durou e morreu.

Dizer as angustias, os dissabores que sofreu a miseranda em tres mezes que esteve de cama, as privações que passou, o desamparo em que se viu, causa horror, e seria um nunca acabar; o melhor é deitar um veu sobre esse quadro lugubre e aterrador.

A desgraçada foi enterrada miseravelmente; expirando em uma immunda marqueza, sobre uma simples esteira, passou-a para um velho caixão e dahi foi conduzida ao cemiterio por 6 soldados do quartel que tem *palmas*, sem ao menos lhe mandar o padre encommendar!

Luiza morreu á mingoa, sem um medico, sem os soccorros da religião, e entretanto, dias depois de sua morte, Medonho, apresenta um testamento em que Luiza o instituira herdeiro do que deixara! (*Continúa*)

—Celebrou-se no sabbado um Te-Deum, na matriz de Santo Antonio....

—Já sei; para pedir a Deus que cesse a guerra que nos flagella.....

—Enganou-se.

—Então foi para que barateassem...

—Não Sr., foi por que o conego Pedro de Campos foi nomeado pelo arcebispo provisor do arcebispado.

—Ora,.... que vão bugiar.

Muito banaes são esses padres, que cantam um *Te-Deum*, por tal motivo.

—Não, o auctor foi o padre Uzeda.

—Ah, comprehendo, elles lá se conhecem e la se coçam.

Padre Uzeda fazendo Te-Deum ao vigario Pedro de Campos!

Ah! manes de D. Romualdo.

Bem diz o Sr. arcebispo que: depois do porco morto é que se vê o toucinho.

—Esta nossa terra é fertil em extravagancias.

—Isto já não admira; e até já aborrece fallar nellas.

—Mas, ha cousas que se não podem callar. Ora veja: no sabbado, foi um padre francez, que mora no convento de S. Francisco, e que alli como em todas as egrejas diz missa, celebrar na capella de Nossa Senhora d'Ajuda por mandado do franciscano, que alli é capellão.

—E o que houve?

—Os irmãos reuniram-se, fizeram o padre desvestir-se; o povo encommodou-se; o padre teve uma syncope, e o resultado foi os fieis sahirem sem missa, e feixar-se a egreja.

—Mas, porque fizeram isso os irmãos?

—Ora porque? Por entenderem que o padre não é padre.

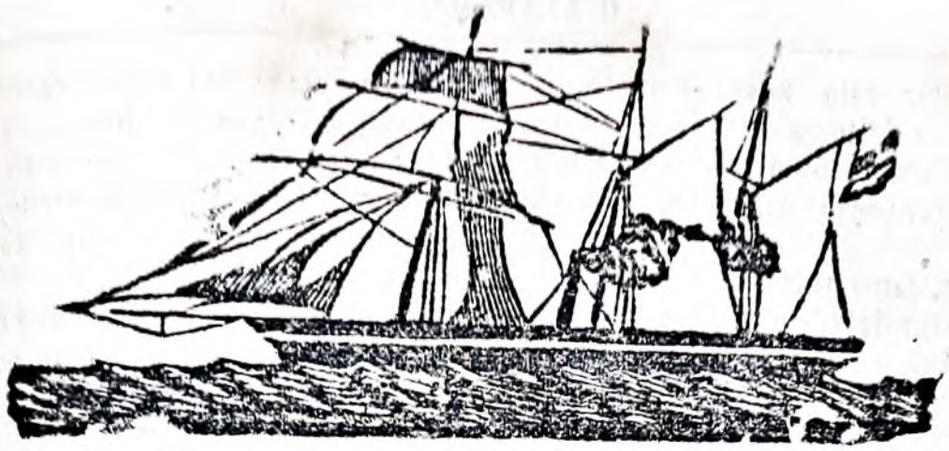
—Homem, isto é uma patifaria, pois uma irmandade pode prohibir a um sacerdote de celebrar! Isto não é da competencia do arcebispo?

Si o padre celebra, é naturalmente por ter licença; já deve tel sido examinado, e como tal reconhecido; e como se pratica assim?

—Muxingueiro, vá á uma taverna' que não fica no principio nem no fim da subida do *Carmello* e diga ao vendelhão que deixe de consentir alli badernas, principalmente do escravo do Jacintho, que vae la fazer *pipocas;* mandando elle vendelhão patear e insultar quem passa, como aconteceu no dia 26 do p. p., em que elle mandou esse mulherengo apupar uma mulher, do que resultou um grave conflicto, no qual sahiu o cujo bem convidado de chinellas pelos beiços, porem em que muito soffreu a moralidade pelas palavradas que choveram de parte a parte.

VARIEDADE.

Perguntou um Persa a um ecclesiastico christão si satanaz era casado: ouvindo a resposta negativa, exclamou elle: Infeliz de mim! Que grande delicto terei eu commettido para merecer mais castigo do que elle?



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 7 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.ª—N. 136

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de dezembro de 1866.

Officio ao Illm Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para a ladeira das Veronicas, onde moram algumas mulheres de vida irregular, as quaes, á noite, levam a encommodar a visinhança com desordens e palavradas etc.

—Ao Illm. Sr. subdelegado em exercicio de Pirajá, pedindo-lhe que tenha preso seu cachorro, já que elle por ser cachorro d'authoridade, está fisempto das bollas do Evaristo, para não andar mordendo a quem o vae procurar, como ainda ha poucos dias aconteceu a um pobre velho. Isto espera-se em bem do *serviço publico*.

Portaria ao grumete Evaristo, ordenando-lhe que va deitar a bola n'um renitente cão que ha na casa n.º 69, ao Cabeça, que investe para morder a todos que por alli passam. Cumpra.

—O Dr. Gustavo faz vezes de mulher?

—Anda sempre o Sr. com graças pesadas!

—Não sou eu que digo, é o *Jornal a Bahia*.

—Onde está isso, homem?

—Leia aqui.

—« Outro tanto folgo de dizer á respeito do digno official maior Dr. Gustavo Adolpho de Sá, por mim nomeado, em reconhecimento de seu *marido*, para substituir o finado Dr. José Moreira do Pinho. »

—E então?

—Homem, si isso é verdade, estava reservada ao Sr. Leão Velloso a gloria dessa descoberta.

—Dá licença que faça uma rectificação?

—Pode fazel-a.

—Não é exacto o que diz o =á pedido=do numero passado á respeito do padre francez não ter celebrado missa na egreja d'Ajuda, sabbado. O motivo foi unicamente por ter elle soffrido um incommodo na occasião em que ia celebrar. E' verdade que espalhou-se entre o povo o boato de que a irmandade se oppozera a que o padre celebrasse; porém foi falso.

—Bem; da irmandade que hade se achar *formalisada*, acceito a retificação como uma satisfação.

Apontamentos á lapis.

PRIMEIRA PAGINA.

E' cheio de pezar e tristeza, é longe de todo o qualquer preconceito, que

vamos encetar esto nosso trabalho, mostrando aos leitores um facto, que demonstra á toda evidencia o mais alto gráu da depravação da moral e dos costumes.

Esse facto, como outros muitos, será, já o dissemos, relatado e analysado com toda franqueza e lealdade.

Na apreciação justa e imparcial d'elles não pretendemos, nem tão pouco temos em mira systhematisar principios, afim de que d'elles se infiram illações rigorosas e necessarias para a execução de qualquer acto.

Alternativamente indulgente e rispido, condescendente e austero, não negaremos a verdade, scentelha do Creador.

Sem mais ambages entramos em materia, narrando em primeiro logar o facto promettido.

Esse facto é o recrutamento das freguezias de fóra.

O acto de recrutar-se n'esses logares se faz de um modo absurdo e arbitrario.

Não são só absurdos que se commettem, não são só arbitrariedades que se practicam; praticam-se e commettem-se actos immoraes, torpes e vergonhosos, actos que aviltam ao homem, amesquinham o seu fim e polluem a sociedade.

Nada mais triste, sombrio e doloroso, que vêr-se o modo austero e barbaro porque se faz o recrutamento em taes logares, entristece, enlucta e até compunge o coração o mais corrupto e perverso.

O quadro d'aquelle espectaculo é horrivel de vêr-se e terrivel de contar-se.

Não é preciso que se lhe carreguem as côres.

Aqui é um pae, que, cançado pelo pezo dos annos e pelas lides do labor, como um animal irracional, é arrancado de sua humilde e pobre habitação, deixando suas pobres e innocentes filhas no abandono e na miseria!

Alli é um filho, que, sendo o unico arrimo de seus paes, por meio de uma força torpe e vilmente empregada; é tirado do lar paterno, ficando elles gemendo sob o peso da fome e da molestia!

Mais adiante é um esposo, que é constrangido a deixar sua esposa carregada de filhos, entregue aos braços da saudade, do desespero, e, o que mais é, do infortunio, porque não mercadejou a sua honra na hastea publica da desmoralisação!

Mais adiante é um irmão, que forçosamente abandona á sua irman, porque tambem não consentiu, que a virgindade della fosse enxovalhada e perdida no lodaçal torpe e immundo da prostituição!

E, afinal, filhas, mãe, esposa e irman são lançadas ao torvelinho impuro da perdição, deixando por essa forma impresso na fronte d'aquelles entes, que lhes eram mais charos, o stygma da infamia, do aviltamento e da deshonra, porque infelizmente os homens assim o quizeram, porque a miseria bateu-lhes na porta, porque não tiveram uma pedra onde repouzar a cabeça, nem um pedaço de pão para matar a fome de alguns dias!

Esses e outros factos não se dão somente nas freguezias de fóra. Ao passo, porem, que taes cousas se dão, ao passo que homens, que teem grande prestimo na sociedade, são por essa forma maltractados e vilipendiados nos seus mais nobres e puros sentimentos por essa cafila de safados, e mandados para o theatro da guerra; outros, que estavam, sem contestação alguma, no caso de la ir, homens que, como vulgarmente se diz, *não tem officio nem beneficio*, andam, como todos os dias estamos vendo, perturbando o socêgo publico com palavras immoraes, torpes e obscenas, e practicando actos maus publica e escandalosamente.

E dizem que esta cidade è policiada, que a policia tem grande actividade, quando taes factos se dão, ficando os seus authores impunes.

Não sabemos em que se occupa a policia, permittam-nos que tal absurdo digamos, porque em toda hora do dia e da noite ha desordens, e ella não apparece, fica muda e taciturna, dorme o somno da indifferença, está mergulhada em um profundo lethargo, d'onde é impossivel sahir, pela inepcia, indo-

lencia e crassa ignorancia dos seus principaes agentes.

E o governo, que devia reprimir com toda força e energia, que devia refrear esse cataclysma, que ameaça derribar a sociedade desde os seus mais firmes e solidos alicerces, infelizmente não pode, porque elle é o proprio, que escolhe para esses cargos, alias onerosos, homens, que teem tanto prestimo *como a quinta roda de um carro*, homens vis, mercenarios e libidinosos.

E esses homens não se envergonham, não teem pejo de não poderem desempenhar bem o seu dever!

E não coram peranto a opinião publica!

Mas porque?

Porque, infelizes, já teem o coração corroido pelo vicio!

Porque, desgraçados, a semente da corrupção, que nos seus peitos germina, já teem raizes bem grossas e profundas!

Porque, miseraveis, já nem distinguem o bem do mal, conhecimento indispensavel para os bons actos!

Basta: tudo isso indigna ao homem o mais reprobro e malvado.

Tambem na guarda nacional tem se commettido escandalos e abusos.

Para dar uma ideia basta ler o seguinte no expediente da presidencia do dia 24:

«Officio ao marechal commandante das armas communicando que, em vista das informações do commandante superior deste municipio, do commandante do 1.° batalhão de artilharia e da sociedade—Monte pio dos Artifices provando ser menor o GUARDA NACIONAL Martiniano da Rocha Gravata dado como contingente do dito batalhão, resolveu a presidencia que seja elle posto em liberdade com baixa do serviço do exercito.

«—Ao mesmo, communicando que, em vista dos documentos com que requereu Maria Silvina Correia de Mello, provando ser do menor edade seu irmão Manuel Valleriano de Mello dado como contingente da guarda nacional deste municipio, resolveu a presidencia que seja elle posto em liberdade com baixa do serviço do exercito.

«—Ao commandante superior da Feira de Sant'Anna, communicando-lhe que, tendo sido julgado inapto para o serviço do exercito, por NÃO TER A EDADE LEGAL o GUARDA NACIONAL João José Baptista, que remettera por conta do contingente que deu o mesmo municipio se maudou pol-o em liberdade.»

Vamos a outros assumptos.

No dia 25 do mez p. p tomou posse da presidencia o Sr. Dez Ambrosio Leitão da Cunha. A' noite do dia seguinte houve no theatro de S. Joãa o beneficio do actor Salles Guimarães, e a elle compareceu o Sr. Leitão. Notamos e muito, que ao apparecer S. Ex. no camarote, a orchestra tocara o hymno nacional.

Com effeito o Sr. Leitão da Cunha já teve as honras do nosso monarcha!!! Quando nunca S. Ex. pensara n'isso!! Mas pensamos e firmemente acreditamos que tal facto se dera afim de insuflal-o mais, porque em toda parte e para tudo ha aduladores. S. Ex. que não se deixe levar por essas cousas ridiculas e fugaces, não queira que do Capitolio, onde se acha, seja precipitado á rocha Tarpeia. S. Ex. sabe que d'aquelle logar a este dista só um passo!

S. Ex, pelos actos que já tem practicado em tão curto espaço de tempo, parece vir predestinado a melhorar o estado desta provincia, infelizmente tão despretigiado pelos seus dous predecessores, Dantas e Velloso.

Os actos de summo alcance e de melhoramento por elle practicados são os seguintes:

Officiou ao commandante do corpo provisorio de policia, determinando que nenhum individuo poderia ter praça no serviço do referido corpo sem previa authorisação sua.

Ao mesmo, ordenando-lhe que diariamente mande para a presidencia mappa demonstrativo do serviço do referido corpo.

Ao inspector da thesouraria provincial, ordenando-lhe que sobre-estivesse no cumprimento de todas as ordens para pagamentos, que não importassem

despezas com o caracter do ordinarias, devendo ella informar quaes aquellas, que, sem inconveniente, poderiam ser adiadas, reduzidas ou supprimidas.

Essas ordens, repitimol-o, são de summo alcance e valor, em consequencia das arbitrariedades, que se dão na admissão de guardas para o corpo policial, e tambem encarando-se sob um aspecto grave e serio o modo porque se acham os cofres provinciaes, infelizmente devastados pelos Srs. Dantas e Velloso.

Enfim:

O Leitão é grande cousa
E' um soberbo senhor,
Pois já teve na Bahia
As honras de imperador.

Depois desses factos vamos referir um outro que demonstra o estado mesquinho e degradante a que se acha reduzido o nosso commercio. Os nossos negociantes já não sabem mais o que hão de fazer. Estratagemas, escamotagens e toda especie de ladroeira, que ha, elles practicam.

Ainda no dia 25 do mez p.p. dizem que o Sr. Costa Alves commerciante desta praça encontrou o proprietario de um dos trapiches alfandegados a tirar de cada pipa de vinho seis canadas e substituil-as por agoa destillada.

Oh! que baptismo atrevido! Baptisar deste modo só é previlegio de certos mysteriosos, que enriquecem enigmaticamente.

E este facto, nós o esperamos, ha de passar impune, porque nessa epocha é impossivel refrear-se qualquer acto por mais revoltante e anti-humanitario que seja.

O seculo actual é o do progresso e da civilisação. Até ja se inventou calçado de papel. O sabido principio de Eugenio Pelletan está sempre em pé.

« Chegou o reinado do papel, serve a todos e para tudo. Presentemente fabrica-se na America uma grande quantidade de calçado desta materia; e esta uma das novidades do dia. Este calçado é feito de papel combinado com o tecido chamado mursellina, Na realidade deve ser commodo para o dia chuvoso. »

Em vista desse novo invento, é preciso que a humanidade não esmoreça. Abraçada com essa maxima caminha ella sempre. A desesperança e a descrença são o suicidio d'alma.

Houve no dia 25 do mez p. p. um passeio á ilha de Itaparica.

Foi um vapor levando para mais de duzentas pessoas, indo tocando durante a viagem a philarmonica Therpsicore bellas e variadas peças.

Apreciamos pela primeira vez o adiantamento, a ordem e a bella educação d'aquelles jovens, que se dedicam com todo esmero e luxo á tão bella quão sublime arte O povo portou-se com a maior sisudez e criterio que é possivel ter-se.

Voltamos á tarde penhorado sincera e verdadeiramente dos bellos sentimentos dos itapariçanos e das maneiras polidas e delicadas com que souberam tractar a todos e entre elles ao

Agrippa.

A PEDIDO

—Ora o que havia de fazer aquello *leitão*!

Metteu o focinho naquella Cova de Caco e descubriu tanta podriqueira!

—Si elle revolve-se mais a terra havia de encontrar uma alluvião de ninhos de ratos.

Pede-se ao Valette de Copas que deixe de perseguir a mocinha da casa da modista.

Pergunta-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, si podem dous escravos deitar casa de negocio com distico na porta, sem licença.

A formiga da casa n.° 17 a baixa do Mau-fim.

—V. aqui em pé no adro, é novidade!

—Estou aqui de vedeta para agarrar negras de peixe e mulctal-as sem contemplação, ainda que ellas me peçam por Sant'Anna.

—V. é inflexivel, pois não cede nem ao nome da inclyta Avó de Christo?

—Eu sou das *virgens*, si alguma se lembrar dellas, e me pedir eu cedo; do

contrario tudo hoje fica sem peixe e paga 4$000 rs.

—Não sei, meu charo, não tenho condescendencias; *si p'ra o anno* eu for demittido, nesto hei de fazer o que poder.

—Capitão, trago-lhe uma nova triste; a morte de um bello caracter social.

Morreu e está sepultado no cemiterio do Campo Santo o Dr. Gasparino Moreira de Castro.

—E' sensivel a perda para o partido conservador.

—E' uma verdade; assim como deixou na indigencia numerosa familia.

—Meu charo, do governo não espere ella nada: mais dos correligionarios, estou certo que se hão de lembrar que, o finado era um dos que em politica não transigia; e que dedicado de coração prestou-lhes valiosos serviços.

—Gosto de o ver assim, capitão....

—Não, aqui faz se justiça; sova-se os patifes, mas elogia-se os homens de bem.

—Capitão, as suas ordens.

—Mandei chamal-o para perguntar-lhe, si conhece aquelle sujeito que está alli blasonando valentia?

—Muito. Tem até o meu nome.

—Então chama-se Cerqueira?

—E' verdade. Aquelle sujeito offereceu-se para marchar como voluntario, e depois de ter comido bastantes cobres do governo, no dia do embarque, atirou-se dentro de um buraco em Nazareth, quebrou uma perna e um braço afim de não seguir!

—Que cobarde!

—Casou-se, deixa a mulher em casa, sem ter o que comer, e um dia porque ella reclamou essa maneira de proceder, agarrou-a pelo braço, e atirou no lamaçal da prostituição!

—Que infame!

Muxingueiro, vae ao *fortinho* onde tem *lagartixas*, procura lá o Cerqueira que fabrica charutos, amarra-o em uma das peças da mesma fortaleza, para que todos os tabareus, que por alli passarem, cuspam-lhe na cara; depois leva-o para dentro de casa e mette lhe a cabeça dentro do cano, obrigando-o a comer toda trampa, que dentro delle existir.

—Serão cumpridas as ordens, capitão!

—Aquelle homem está possesso? Só doudo faz aquillo!

—Quem é aquelle cujo?

—Diz-me aqui o *Pedro* que é um tal *Joaquim*, official da guarda civica, eleitor da freguezia do *Chaveiro do ceu.*

—Que destino!

Entrou por casa da *Tintinha* e cortou os trastes todos a navalha, fez um berreiro dos seiscentos, deu pancada, apanhou, e por fim não foi preso.

—Edificante exemplo para um homem casado!

—*Cruz padre!* .... Esse demonio, isto é a escoria da classe.

Não ha taca na cara deste desfaçado relapso, que o faça endireitar.

Quem vê este sevandija ruim, andar de cabeça baixa pela rua, com ar recolhido, não ha de dizer que aquella peste é um safado seductor, um deflorador infame, um abutre da honra das familias.

—Deixe o; são fraquezas humanas.

—Pois ha de andar este demonio de corôa, a perder e prostituir innocentes meninas, que tem a infelicidade de ouvir suas torpes labias?

—Creio que elle já se deixou disso.

—Quem lhe disse? Agora mesmo anda elle a seduzir uma inexperiente menina da casa 17.ª á rua das *Estampas*, que incauta, ignora as manhas da hedionda besta e dá lhe ouvidos, quando seu pae sahe para o trem e os irmãos para seus empregos.

Vá a rua das Estampas que ha de vel-o todo dia a bordejar para ver se emboca.

—Quem tem a culpa de tudo isso?

—E' a authoridade ecclesiastica, que consente; si elle fosse punido desde

que teve a insolencia de deflorar uma moça dentro da sachristia de um templo, si tivesse correcção, quando, encontrado n'uma casa á ladeira dos Gatos, deu-se o escandalo de ser espancado publicamente na rua, e outros muitos factos, que tem praticado, não continuaria em tão irregular e descarado procedimento.

—Já que não ha quem se importe e procure prevenir os desmandos deste infame aza preta, vamos escrever uma carta anonyma ao pae da moça, fazendo-o sabedor do que se passa em sua casa, ao menos para prevenir a desgraça de mais uma infeliz.

—Si quizer faça; eu cá por minha parte vou mandar o muxingueiro, retalhar a cara desse abjecto e immundo padre, em cujo corpo, á despeito da *Cruz*, Satanaz vive encarnado.

—Agora não foram capadocios, foi gente de colarinho em pé. Bem se diz que em toda classe ha moleques.

—Que foi?

—Tres sujeitos, que estavam alli na Ladeira do Aljube a insultarem e quebrarem as janellas de uma moça por não lhes querer abrir a porta.

—Quem eram?

—Não era canalha; era gente de gravata e posição, empregados, etc.; creio que *havia* até um engenheiro.

—Para esses é desnecessario policia, porque ainda que houvesse não os levava presos.

—Por fim, oh, *cabocolinha*,
Cahiste no alçapão....
E contra tua vontade
Foste presa *pela mão*.

E por *tamanha fortuna*,
Os amantes da melgueira
Fizeram tanta armadilha
Que cahiste na visgueira.

—Ahi temos novo Patatiba, a fazer versos.

—E' uma poesia que arranjava para recitar nas bodas de um casamento; mais infelizmente não pude, porque a policia não me deixou entrar.

—O Sr. está padecendo da bola; o que se importa a policia com convidados de um casamento?

—Vm. é que anda, pelo que vejo, muito atrazado com as novidades de sua terra. Então não sabe que, cassou-se o Dr. Aberem debaixo de um apparato todo militar?

—Ignoro.

—Pois saiba.

—Que motivo houve para isso?

—Eu bem digo que o Sr. anda a tôa; por ventura não ouviu tambem fallar nos episodios, que antecederam ao casamento do Dr. Aberem?

—Não sei nada absolutamente.

—Pois vá ouvindo.

Sabe da celeuma, que levantou-se ha pouco nesta Latronopolis por causa da fortuna deixada por um celibatario millionario, na qual todos quériam metter o queixo, tomando por alvo algumas filhas naturaes do mesmo, que até essa data tinham vivido esquecidas ou até despresadas.

—Estou ao facto; appareceram cincoenta mil pretendentes; uns alegavam até que namoravam as meninas desde o tempo de eschola.

—Pois sim; a posse dessas meninas, ou antes da fortuna dellas, foi posta em hasta publica, os pregões annunciaram a venda do objecto e cada pretendente, por intermedio de seu corretor, apresentou sua proposta, cada qual mais vantajosa. A vista da concurrencia o agio subiu e as transacções tornaram-se difficeis; houve pretendente que passou letra de 40:000$rs. fora o que deu a seu agente.

Realisaram-se as transacções, e os *fardos* foram cedidos aos que mais lucrativas condições apresentaram: ficando apenas um fardo em ser, que foi depositado n'uma casa de *barro* na freguezia de *Itaparica*.

Somente para esse haviam 83 pretendentes!

Entre elles havia um *Valentanno*, essencialmente protegido e que provavelmente seria o feliz, que alcançaria o pomo dourado, si o Dr. Aberém que se achava n'um *rio* desde *Janeiro* não se apresentasse incontinente, trazendo cartas do ministro, que anima e dá incremento á industria para o *pae* dos orphãos. As cousas mudaram-se desde logo, como que por encanto; a menina foi trasladada logo da casa de *barro* em *Itaparica* para a casa de umas *irmans*, isso não por *charidade*, mas para proteger ao Dr. Aberém.

O *pae* dos orphãos, desejoso do bem

estar de sua tutelada, foi em pessoa *aconselhal-a*, levou-lhe o retrato do seu *futuro*, e entregou-lhe uma carta do mesmo para responder com urgencia.

Ao sahir elladirigio-se à *irmam* mais velha da casa, que era *superiora* ás outras, e prohibio que alli tivesse communicação com a moça outra pessoa que não fosse o Dr. Aberém, ou quem trouxesse um bilhete assignado por elle.

Preparado o terreno, foi assiduo o Dr. Aberém em visitar a constrangida moça, que depois de cancada da impertinente visita teve um dia a franqueza de lhe dizer:

«—Nas condicções em que me acho, não posso ser esposa de outro homem, sinão daquelle a quem me dediquei, serve-lhe?

«—Serve, minha senhora.»

Foi a resposta.

Entretanto o *pae* dos orphãos foi tomar a resposta, e não a obtendo impoz para o outro dia impretirivelmente, declarando que no caso de ser negativa, ella ficaria reclusa 5 annos!

Nesta contingencia, não havia remedio si não ceder, e o sim fatal foi proferido.

Os preparativos andaram accelerada e mysteriosamente, sem embargo do que, o facto divulgou-se; e para evitar duvidas foi conduzuda em segredo debaixo de todo apparato militar para o *Mata-eu*, onde os foi unir o padre *Pés de Cajü* que caminhou a pé até lá.

Eu que era amigo do Dr. Aberém tencionava ir la recitar a minha poesia, porèm ao chegar fui esbarrado pela força militar.

—Vamos bem á respeito de segurança de propriedade!

A excepção de uma ou outra venda que amanhece arrombada, da porta desta ou daquella casa que apparece aberta, o estado de segurança, é o mais satisfactorio possivel.

—Não diga.

Só na Roda da Fortuna nestes ultimos dias amanheceram abertas a porta da venda do Daniel de Mattos Guimarães, e no dia 3, a do Antonio José de Miranda Junior, levando os sujeitos toda moeda que acharam nesta.

Até a propria Virgem Santa Barbara não ficaria isempta, a não ser o proprietario do hotel das Nações, que *gradou* um soldado da guarnição que fazia viagem com a caixinha das esmollas da Santa.

Estado peior do que esse, só si os ladrões andarem de punhal, attacando quem passar na rua.

—Tambem V. não quer que se dê um ou outro facto, n'uma terra tamanha e onde *não temos policia*.

—Diga isso que eu lhe creio.

—Toda noite, quando vou,
Caminho do *Gravatá*,
Um vulto constantemente
Passeia de cá p'ra lá.

—Quer que lhe diga o que faz?
—Si me disser não faz mal;
—Faz horas para *embocar*
N'uma casa de quintal.

O sujeito é militar,
Pois que ja o vi fardado:
E mesmo mandando a guarda
Por alli ja tem passado.

—Em horas tão solitarias
Que vae na casa fazer?
—Creio que com certa dona
Doce entrevista vae ter.

—Entrevistas a taes horas!
Devem ser bem perigosas.....
—O que se hade fazer,
Si ella as acha *gostosas*?

—Os phariseus em outro tempo mercadejavam apenas á porta do templo, os de hoje traficam descaradamente com o culto divino.

—Naquelle tempo o divino Mestre os expelliu a azorrague, hoje serão tangidos á taca pelo muxingueiro.

—O Sr. sabe que a irmandade de *Santa Abre a Vista* festeja a sua padroeira na capella da *Cidade da Judea*.

—De tempos immemoriaes.

— Sem que nunca soffresse o menor obstaculo. Pois agora um relapso hypocrita lembrou-se de impor á essa devoção o onus de 50$000 rs. pagos adiantados, si quizer celebrar festa na dita egreja, ou um fiador á seu contento.

—Isso é uma miseria. Preterir a celebração do culto, por uma ridicula questão de dinheiro!

—E' para ver os santarrões da epocha, que vivem na egreja a bater

nos peitos, e a bajular as irmans de charidade!

—Affectam a charidade de Job quando nelles está incarnada a hypocrisia de *Poncio* Pilatos! Andam cabisbaixos com ares de contrictos beatos, quando nos corações de *leão* lhe refervem os sentimentos de torpe sordidez!

—Em resumo fica a Santa este anno sem novenas e festa?

—E' verdade; si não pagar o aluguel do templo, nem a porta da egreja se abrirá.

—Infames mercenarios!

—Mas creio que ainda ha recurso no Sr. prelado, que é o interessado e imcumbido do—Culto Divino.

—Homem, elle saberá entrar no negocio.

Emfim, esperemos e veremos.

—Si eu conhecesse o fidalgote—Nós—do *Diario*, mandava a esse presumpçoso palhaço o seguinte pedacinho, que encontrei no *Echo Popular*:

«*Licção aproveitavel.*

«Extrahimos do « Correio Paulistano » a seguinte noticia:

«Um dia passou por certa rua o immortal Washington, presidente dos Estados-Unidos e chefe dos exercitos da grande republica.

«Acompanhava-o um amigo e aproximou-se um negro escravo, que respeitosamente saudou o presidente, tirando o chapeu.

«Washington correspondeu ao cumprimento, tirando tambem o chapeu, com grandes mostras de consideração.

«—Como, disse o amigo de Washington, sauda com tanto respeito um miseravel preto?

«—Pois, então, respondeu o general, queria que achassem esse a quem chama «miseravel preto » mais bem educado do que eu?

«Eloquente liccão para certos figurões que se envergonham de cumprimentar qualquer honrado homem do povo.»

VARIEDADE.

Certo doutor foi chamado á pressa a casa de um doente seu, que em razão de uma recahida pedia uma junta.

Quando chegou, já em casa do doente estava um dos presados collegas, a que o doutor dirigio os cumprimentos do estylo, e entre elle e o doente começou o dialogo seguinte:

—Oh! o senhor está muito peior.

—E' verdade, senhor doutor.

—Pois olhe a culpa é sua.

—Minha? então por que?

—Por que, prescrevendo-lhe eu restricta diéta, o senhor foi comer laranja.

—Ai! E' verdade, Sr. Dr., peço perdão, mas eu tinha tanta sêde, e foram só dois gomos, bem vê V. S. que não nego.

—Poderá negar aquillo, que eu vejo, olhe (mostrando a bacia), ainda aqui está as cascas; com doentes assim, o que se deve fazer é deixal-os, e retirou-se.

O collega que tinha chegado primeiro, e que ja estava impaciente, prescreveu ao doente uma *laranjada*, sahindo em seguida, visto não ter chegado o terceiro; e, com as ideias ainda frescas do dialogo, que acabara de ouvir, entrou em casa de outro desgraçado doente, que tambem estava um pouco peior (talvez por lhe mudarem a roupa, e mecherem a cama, cujas palhas se viam ainda no chão) tomando o pulso ao doente, a seu turno começou assim:

—Olá, então o que é isto?

—Ah! meu bom doutor, estou muito mal.

—Isso sei eu, queixe-se de si.

—Queixar-me de mim?...

—Sim, de si; pois eu ponho-o a caldos, e você poe-se a comer *palha*?!

—Oh! S,. Dr., por Deus, não cassue comigo.

—Heim! Eu cassuar, ora essa; pois eu não vejo ainda *algumas palhas* no chão?

ANNUNCIOS.

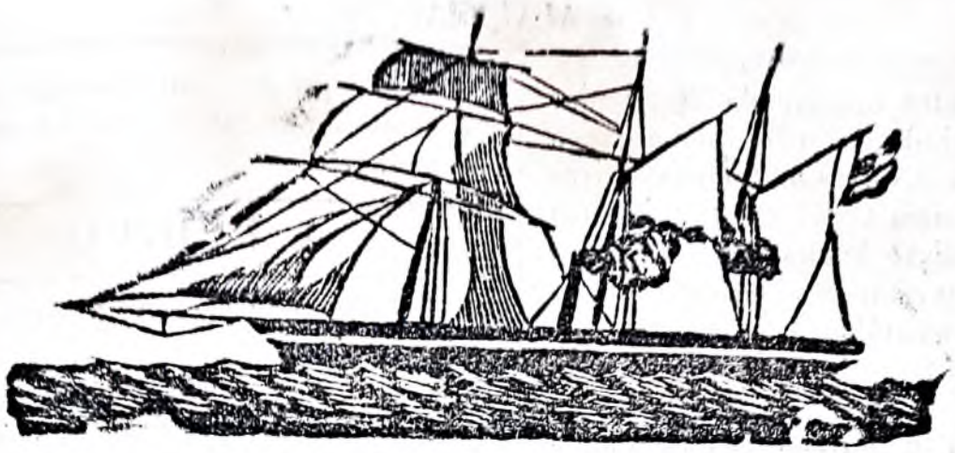
Amanhan terá logar na Cathedral os festejos de Nossa Senhora da Gloria dos Meninos. Espera-se a concurrencia dos devotos.

Na rua da Louça casa n.º 32 3.º andar—reforma-se, e concerta-se chapeos para meninas e senhoras com perfeição e por preço commodo; e faz-se flores de todas as qualidades.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Este numero, apezar do sahir com duas folhas é contado por um.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 11 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.ª—N. 137

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de dezembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que em um callogi, nas Quebranças, freguezia da Victoria, sob a direcção dos crioulos Adolpho e Gregorio escravo do Sr. Pessoa poeta, reune-se uma caterva de individuos, de toda catadura, para o uso de jogos prohibidos; ha constantemente desordem alli, principalmente na occasião de dividirem os despojos dos inexperientes; por aquelles lados dão-se sempre furtos, que são attribuidos aos individuos, que frequentam essa casa, por que ahi vae gente de todo quilate. Espera-se que S. S. encarregue a um agente de sua confiança, (e não a algum interessado em eleições), a captura de semelhante quadrilha, aonde poderá fazer uma boa colheita, para mandar de presente ao marquez de Caxias.

—Ao Illm. Sr. delegado de policia, recommendando a S. S. um desavergonhado moleque, de nome Horacio, cuja vida é nos assentos de S. Bento a atirar pedras. Nas noites das novenas a Conceição, divertia-se em atiral as pela rampa do theatro abaixo para ir bater no povo que subia a ladeira; tem o desaforo de escrever cartas a meninos de eschola, convidando-os para fins libidinosos e assignar-se Horacio da Fonseca e mandal-as levar ás casas dos paes dos referidos meninos, como se poderá apresentar a S. S. uma das mencionadas cartas.

Portaria ao aspirante pedreste João de Deus, ordenando-lhe que previna ao official de justiça Xavier, que, quando tiver de ir ouvir missa, não leve o seu cachorro felpudo, para com seus latidos se pôr a encommodar o povo, perturbando o silencio e acatamento que se deve guardar na Casa de Deus, sendo elle o proprio a puchar os seus cabellos (do cão) para ouvil-o dar uivos; sob pena do Evaristo dar conta delle. Cumpra.

—Celebrou-se a festa da Immaculada Padroeira do imperio, com a pompa devida a tão Excelsa Senhora.

—Na Conceição da Praia houveram novenas com todo luxo, sermão, boa musica e illuminação; no dia houve festa, procissão, fogo de planta, etc.

—A companhia do olho vivo tambem aproveitou-se, muita gente ficou sem relogio, lenço nos bolsos, chapeu de sol e o mais que poude bifar.

—Tambem deram-se algumas de-

sordens; entre outras, do 3.º andar de um sobrado chamado *portão*, em que moram diversas marafonas. atiraram um homem ao pateo, o qual homem ficou em petição de miseria; sendo para admirar que estando a easacer cada, ao amanhecer os authores da rascada tinham se posto ao fresco!

—S. Ex. o Sr. presidente foi na quinta-feira â novena acompanhado de seu ajudante, e de lá, consta, que deu um passeio inexperado até o arsenal de marinha, visitando o hospital.

— O que achou por lá?

—Não sei.

—Continúe elle a dar de vez em quando desses passeios, que ha de encontrar muita cousa boa por essas tocas.

—Além das innumeras buraqueiras, que ha ahi pelas ruas, ainda a camara municipal encarrega-se de augmentar-lhes o numero!

—Não diga tal.

—Lá está a rua dos Adobes, freguezia de Santo Antonio, toda esburacada em consequencia de uma obra que a Illma. principiou e deixou em caminho.

—Ha de continuar, quando houver dinheiro nos cofres.

—Já sabe que nunca se concluirá.

—Consta-nos que o Sr. commandante superior Carvalhal foi encarregado pelo governo da provincia de crear uma companhia de zuavos, sendo designado para isso o quartel do Barbalho.

—A escolha foi acertada; o Sr. Carvalhal é amante da disciplina e tem genio organisador.

—Era boa occasião de aproveitarem a idéa de crear-se um batalhão ou companhia de libertos.

—Si S. Ex. quizer, bem pode.

Ao menos ficariamos livres desses pretos que andam a furtar gallinhas pelos quintaes.

—Tentou suicidar-se o caixeiro do Manuel da Cunha Lima, com venda ás Portas da Ribeira n.º 71,—V. B., desfechando uma pistolada nos queixos.

—Que pressa tem essa gente em abreviar uma cousa que ha certeza de acabar!

A PEDIDO

—Vossê, meu caro, vem mordido de cobra.

—Venho na verdade desapontado, vendo a figura triste que esta terra faz entre os demais paizes civilisados; a ponto de, aquillo mesmo que sempre foi objecto de veneração e respeito em todo tempo e logar, nesta terra serve de brinco a meia duzia de individuos, que, por meio do ridiculo, se querem celebrisar de tal modo.....

—Explique esta parabola; aqui se faz e consente-se tanta patifaria, que quasi, ja nada é admiravel.

—Porém, capitão, isto é desaforo...

—Ora! desaforos se veem todos os dias; agora, pode ser que esse seja de nova especie. Divirta-nos com a narração delle.

—Pois bem o Sr. sabe que morreu o Dr. Agrario?

—E' muito antigo.

—Que morreu o Dr. Alvares da Silva?

—Tambem é velho.

—Que morreu o bravo tenente-coronel Galvão?

—E o filho tambem, ambos no campo da honra.

—Muito bem; assim como o padre Assis e, ha pouco, o chamado—Capitão Caboclo?

—Mas..., a que vem esse catalogo de mortos?

—E' sobre isso que trato. Onde crê o capitão que essas almas estarão?

Ora, esta é sua. No ceu, ou aonde Deus as collocou, segundo as bôas ou más obras, que ca fizeram.

—Pois esta enganado. A alma de um reencarnou em um principe da Inglaterra; a do outro, anda errante no espaço.....

—Homem, deixe-me pelo amor de Deus; onde vossê descobriu isso?

—Attenda-me: a deste encarnou-se em *um cão*, a daquelle em um burro.

—O Sr. faz favor de não massar-me

com tanta asneira!

—Espere, ainda não é tudo: o capitão Caboclo—está aboletado na barriga do 65!!!

—Meu amigo; estou quasi jurando que vossê está doudo!

—Não, o que ha de V. Ex. dizer, é que isso é uma patifaria, é um escarneo feito aos manes dessas creaturas, que se finaram; é um insulto á Religião, que professamos; é um desacato a humanidade; é.....

—E' tudo; mais onde vossê descobriu isso?

—Isto sahe de uma casa em, que se reunem muitos homens brancos, os *spiritas*, atraz de *um muro*. Diz-se que ha lá uma mulher, chamada—*medium*—que é o *spirito* ou o *diabo*, que diz essas cousas aos que a cercam.

—Meu charo, não creia nisso. Si assim fosse a policia, que prende os negros porque praticam aqui os costumes de sua terra, que chamam feitiçaria, não havia de consentir que feiticeiros *brancos* se reunissem para o mesmo fazerem; e, depois, ahi está o Sr. arcebispo, que zeloso, como é, da religião, não consentiria tambem que a desacatassem por tal modo; porque isso ou é um desacato, ou então, é muita estupidez.

—Mas, capitão..... .....

—Não creia nisso; e, para certificar-se si é exacto, vá ao 65 e elle que lhe deixe ver o logar por onde *entrou-lhe* o capitão Caboclo. Veja e venha dizer-me por que, só assim acreditarei na bruxaria ou spiritismo.

O Spirita Rozalvo
Do meio da multidão,
Ergueu-se altivo, arrogante,
E fez uma *evocação*.
Todos olharam p'ra elle
Com a maior attenção.

Foram correndo os segundos,
Minutos e depois horas,
E como o *bicho evocado*
Poz-se co'as suas demoras,
Rufaram o *Spirita*
Ao som de vibrantes *foras*!

Que tristeza! que vergonha
Para um Spiritista,
Que não despreza umas luvas,
Depois que acclamou-se artista!
Daria elle o cavaco?
Seria tão regressista?!

A medium tambem largou-se,
Com medo da pateada,
Nem ao menos respeitaram
A triste *Pompa* coitada!
Queira Deus que ella não morra
Desta vez, apaixonada!

Mas eu que sou bom sujeito,
Conhecendo que isto é duro,
Corro a evitar lhe a morte
Por um modo bem seguro·
Reenviando a Pombinha
Um pastel de pé de muro.

Allan Kardec.

Para o Exm. Sr. presidente da provincia ver, apreciar, e syndicar.

Na presidencia do Exm. Sr. senador Cansansão do Sinimbú, mandou-se demolir a capella de Nossa Senhora de Guadalupe, em consequencia do ameaçar ruina, por causa da excavação que se fez nos terrenos adjacentes para a construcção do encanamento da rua da Valla; sendo ordenado nessa occasião que os materiaes, utensis e mais objectos da capella demolida, fossem recolhidos aos armazens da repartição de obras publicas.

Entre esses objectos, que deviam para alli entrar, havia tres sinos, que possuia a mencionada capella.

Nesse tempo accumulava Lazaro da Silva Medões os logares de mestre geral das obras publicas e almoxarife da repastição de obras publicas, por ter o cidadão, que exercia este ultimo emprego, passado a occupar outro; e foi necessariamente elle quem, na qualidade mestre da obra em demolição, retirou, os sinos da capella, e, como almoxarife os recolheu ao deposito.

Desses tres sinos, consta que um foi mandado para o cemiterio do Bom Jesus, e os outros dous, não se sabe por encantos de quem, desappareceram d'onde estavam guardados; tanto

que, quando presidente o Exm. conselheiro Sá e Albuquerque, mandando que alguns objectos da extincta capella fossem dados para a capella do Senhor dos Milagres, que se edificava no largo do Paranhos, já os sinos não existiam!

A' vista do exposto, pede-se á S. Ex. que mande syndicar minuciosamente onde existem os mencionados sinos, e mesmo ouvir o referido Medões, si é exacto que em seu tempo foram elles transferidos para os ditos armazens, provando o mesmo com documentos como alli os recolheu, e a quem os entregou, quando se retirou, afim de que a fazenda não venha a soffrer alguma lesão, podendo até accontecer que elles estejam lá mesmo na repartição, tão bem guardados, que de guardados não appareçam, ou mesmo que tivessem algum destino legal, o que por se ignorar, faz-se este appello a S. Ex., para que elucide-se a verdade tão somente, não havendo desejo de affectar o credito de ninguem.

(Continuação)

—Correram os tempos, Sr. *Madeira da Suecia*; o hypocrita ladravaz, estava quasi esquecido, quando emprehendeu nova viagem ás *lavras* de diamantes; desta vez não quiz levar fazendas. Dedicou-se a nova empreza. Emprehendeu negociar nas lavras em *canarios* e *papeis pintados*.

Atupetou algumas latas e caixotes de papeis pintados, muniu-se dos taes *canarios* e seguiu sua aventureira derrota.

Chegando ao logar de seu destino, dedicou-se ao giro de *trocar* papel pintado por diamantes, gado etc., e asseverava a todo mundo que aquelle papel era de muito *boa qualidade*, tanto que o governo o garantia.

No fim de poucos mezes tinha feito um negoção! Tinha *trocado* todo o *papel* por objectos preciosos, e ganhou uma sofrivel centena de contos de reis, que mandou pôr a bom recato, na capital, surrateiramente e de forma a não ser percebido.

Bem sabe, que nessas emprezas, sempre ha socios, agentes, commissarios etc., para desempenho de certas commissões.

Tratou então de arrumar sua trouxa e empurrar-se antes que o descobris-sem, porque todo o *papel* que levara era *falso* na pintura.

Depois de ter em segredo dado todas as providencias, simulou uma viagem repentina á Feira *d'Avó de Christo* para tratar de um negocio extraordinario, e disse a todos, que sua ausencia era por poucos dias.

Largou-se *escoteiro*, deixando sua casa e negocio em estado de não causar desconfiança, e ainda hoje lá estão esperando pela volta do sagaz traficante.

Quando deram pelo logro era tarde. Nada se podia fazer.

O Sr., mais do que ninguem, sabe como se fazem essas couzas, como se arranjam a não deixar vestigios nem provas, a não ser que o tratante seja pegado em flagrante, com a mão na ratoeira.

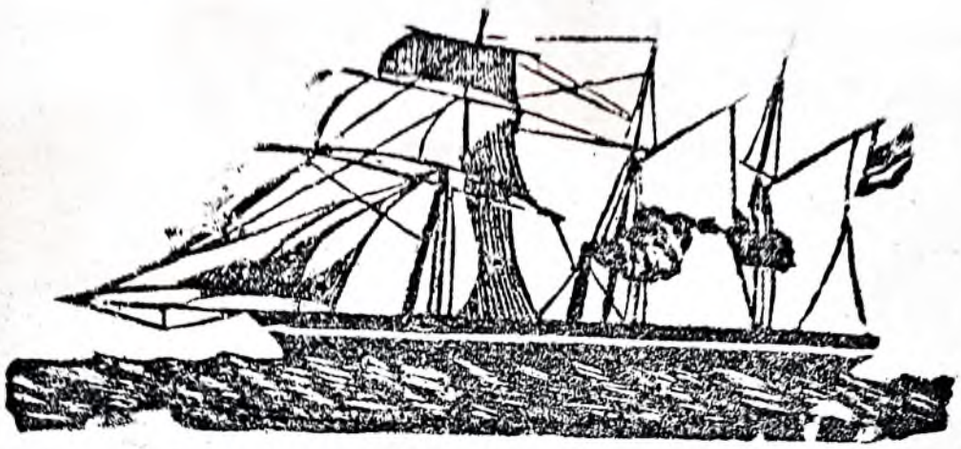
O Sr. ha de estar ancioso por saber como é que esse insigne patife poude arranjar tamanha quantidade de *papel* pintado, *falso* que chegou para, reduzindo-o a dinheiro, enriquecel-o.

Vou dizer-lhe. (*Continúa*.)

ANNUNCIOS.

Pede-se á pessoa que na occasião do Te-Deum na Conceição da Praia, levou um chapeu de sol de senhora, paragon de beiras achitadas de vermelho, queira ir restituil-o á sua dona moradora na rua d'Ajuda defronte da porta do Senhor dos Passos, si não quer passar pela vergonha de ver seu nome nesta folha.

Fugiu da abaixo assignada, no dia 20 do p. p. o escravo Manuel, crioulo, bastante fulo, alto, grosso, com uma perna meia torta, a vista um tanto espantada; é natural de Sergipe, entende de trapiche e intitula-se de padeiro, quem o aprehender e leval-o ao Pilar, caza n. 91, será recompensado com 20$000.—*Candida Monteiro Alves*.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 13 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.ª—N. 138

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de dezembro de 1866.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, levando ao seu conhecimento o lamentavel estado em que se acha, segundo nos informam, o cemiterio de Brotas.

Dizem-nos que os ossos andam dispersos pelo campo, que os animaes entram e vão lá pastar, que no caminho da *Fonte* existem seis caveiras abandonadas, que ha até quem vá alli desacatar o sanctuario dos mortos, que sobre as sepulturas satisfazem-se necessidades corporaes etc., emfim que aquillo de cemiterio só tem o nome.

S. Ex. zeloso e previdente, como é, pelos deveres á seu cargo, não ficará, por certo, indifferente á vista de tão rasoavel reclamação, e procurará inteirar-se da verdade, para providenciar como for de justiça.

—Ao Exm. Sr. D. abbade geral da Ordem benedictina, communicando-lhe que no portão de ferro contiguo á portaria do mosteiro, commettem-se a noite actos indecorosos, devido isso a fazerem dalli as *conhecidas* dos famulos dessa casa seu ponto de visita aos mesmos. Na noite do 10 houve até bordoadas em grande escala originadas, por zelos ou arrufos, entre um dos taes e sua *amavel*, sem que a policia ouvisse os gritos de soccorro, que dalli partiam. Pede-se por tanto, que em bem da moralidade e por amor da disciplina religiosa, digne-se S. Ex. providenciar para que não continue a reproduzir-se o exposto.

—Não sei entender; dizem que ha abundancia de gado, e a carne exposta á venda estes dias tem sido diminutissima para o consumo.

—Si até agora muita gente ficava sem comer carne, o que será actualmente, em que a que tem ido para os açougues é visivelmente pouca!

—Si não houver uma providencia á respeito, vamos bem mal.

—Está o que aquelle padre descarado andava procurando!

Ser atrozmente esbofeteado na rua!

Cruz!.....

—Não é a primeira vez: na ladeira dos Gatos ja o Eloy meteu-lhe os pés.

—Mas o que quer? Aquelle exemplo vivo de torpezas e impudor não acha repressão aos seus lubricos e damnados instinctos, em quem os devia reprimir, por amor da propria classe; encontra na rua a paga de suas libidonosas façanhas.

—Veremos si elle ainda passa na rua das *Estampas*.

Uma esmola pelo amor de Deus!!

Deixae passar a turba de *mendigos*. Cobre-lhes o peito da blusa esfarrapada uma fileira de fitas multicores, que attestam o seu valor no campo de batalha! Aquelles fragmentos de farda, occultam cicatrizes honrosas obtidas na defeza da patria ultrajada!... Deixae passar os *mendigos*!

Este que arrima-se a um pau informe, e caminha quasi de rastos, perdeu a perna no acto de plantar nas trincheiras inimigas o pendão nacional; aquelle que traz pendentes as mangas de sua blusa, deixou os braços ambos nos banhados paraguayos, quando cumpria o dever de bom soldado: aquelle outro, cujo rosto está transformado em medonho crivo, acha-se cego: uma descarga á queima-roupa privou-o dos olhos, mas não foi-o calar-se, não conseguiu que elle deixasse de bradar: *Viva o Imperador! viva a nação brasileira*!

Oh! deixae passar essa turba, ha dias festejada, e agora atirada ao supplicio da mendicidade! Não lhe recuseis a esmola pedida, pois que o seu estado valetudinario dá-lhe direito á percepção do obolo da charidade; não lhe volteis o rosto, pois que naquelles destroços humanos escerram-se a honra, o denodo, e o patriotismo desinteressado!

Dessem pernas, braços, olhos aos *mendigos* da patria, e elles não vos estenderiam a mão supplice; por Deus, vol-o juro, não o fariam: correriam de novo ao seu posto honroso, affrontariam ainda uma, cem, muitas outras vezes a selvageria brutal do inimigo fanatisado, e não voltariam ao paiz natal sinão depois de haverem cantado victoria nos arraiaes da superstição.

Dai-lhes a esmola que resignados vos pedem! Os altos poderes do Estado esqueceram-se dos seus compromissos; mas esses poderes, só por si, não constituem a Nação: a Nação é o povo, e o povo brasileiro é essencialmente nobre e generoso para ver com indifferença tanta ingratidão quanta crueldade! Deixae, pois, passar incolume a turba de *mendigos*, e no seu trajecto doloroso e afflictivo dai-lhe uma esmola pelo amor de Deus!...

—Si este homem continúa assim, não agrada; parece que conhece os patifes pelo faro!

—Longa experiencia, muito tino.

—Um dia destes um certo meliante quiz ver se empurrava uma *gamada* de desapropriação de certa propriedade á custa da fazenda, em beneficio particular; porém o homem sacudiu a cabeça, o mandou o sujeito á tabúa.

—Acho justo: quem quer criar bezerros, compre vaccas; nem sempre haviam de achar quem condecendesse com suas trampolinadas.

—Que faz tanta gente reunida alli na *curva* da Estrada Velha?

—Assistem a um espectaculo bem triste. E' o sobrinho do barão dos Ca-

rangueijos, que mandou por dous escravos do dito destelhar uma miseravel casinha, em que habita uma pobre mulher doente.

—Alma de ferro!..... Que differença pode fazer o aluguel de uma pequena casinha de barro áquelle Creso, que possue tão soberbas propriedades.

—Bem me diz o *Affonso* que aquelle cujo é digno sobrinho de seu tio, no que é usura.

A PEDIDO

—As ladroeiras de *Medonho* são tantas, que difficilmente caberiam em um grosso volume, si quizesse enumeral-as de uma vez.

—Porém, como diz o adagio—devagar se vae ao longe—irei aos bocadinhos contando as proezas desse audacioso ladrão, mais perigoso do que o atrevido salteador, que na estrada, de punhal em punho, assalta o viajante para apossar-se-lhe da bolsa; esse ao menos arrisca a vida.

Medonho não; rouba na praça publica descaradamente sem nada arriscar, á não ser a bonra, si a tvesse.

Esse sicario da fortuna alheia rouba com o maior cynismo dez-tostões da pobre viuva ou do desvalido orphão com a mesma desfaçatez, com que enche as insaciaveis algibeiras no cofre do mais opulento, ricasso quando pode.

A p ova está no que praticou agora esse abutre com a infeliz viuva do André, que plantava *carvalhos* com licença da *camara* Essa senhora teve a infelicidade de possuir um pequeno terreno visinho da vibora, que aproveitou se disto para usurpar-lhe uns palmos de terra, onde safadamente mandou assentar alicerces para edificar.

—Não se admire, por que me disseram que esse gavião sem azas ja quiz se appossar de um terreno do Senhor dos *Affligidos*, e, si a irmandade não se pozesse a testa, o ladrão ficaria na posse do que não era seu.

—E o que faz pasmar é que, commettendo esse desfaçado tratante tantas trampolinas, ainda uma não lhe custasse caro.

Agora mesmo a familia de um titular em S. *Francisco* moradora á rua *Torta*, encarregou-o do concerto de uma propriedade. Sabe este rapina o que faz? Toma dinheiro para comprar madeira, come-o, e emprega a madeira podre na obra, deitando betume nos frunchos.

—Que harpya!

—Esse safado rato de comúa é tão infame, que manda até os escravas roubarem.

—La isso não creio; por que elle deve receiar que o feitiço não vire contra elle.

—Pois eu lh'o provo: a semana passada, mandou elle por um seu escravo roubar do *Jorge*, homem *franco* quanto pode ser, uma cabra, na rua dos *Pés de manga*.

O negro desempenhou a missão como lhe tinha mandado a boa chita de seu senhor, porém, por mais que apertasse o pescoço da cabra, o bichinho persistia em gritar, de sorte que não ponde elle leval-o ao deposito de roubos de seu senhor.

— Então esse salteador tem deposito para roubos?

— Pois não; na rua sem Dependencia tem esse atrevido gatuno uma espelunca, aonde guarda os roubos, que faz, de madeiras, cal, telha, tijollos, fazendas e tudo quanto por artimanhas pode bifar.

(*Continúa.*)

—Muxingueiro, vae dar uma leção de civilidade e polidez ao *Mané* Ferrabraz.

Amarra esse infame mariola a um grosso pé de *carvalho* e mette-lhe a faca na sebosa e immunda cara, com viração. Dá-lhe vergalhadas, até que eu mande o *José* com um ramo de *oliveira* dizer que basta.

—Capitão, esse machacaz será um que anda a blasonar, que por milagre da *Conceição* é *juiz*, sem nunca ter sido magistrado?

—E' esse infame mesmo, o qual teve a insolencia de n'um templo desfeitear uma respeitavel senhora, julgando, que com isso agradava a alguem de alta posição.

Não tenhas contemplação com essa malcreada besta, que não se pejou de agredir uma inoffensiva senhora, merecedora de alta consideração.

—Não é preciso recommendar, por que, com animaes dessa ordem não costumo ter condescendencias.

—Vem cá, *Julio*!

—Estou ao seu dispor, capitão.

—Dize-me para que has de metter meretrizes dentro de casa, sem respeito á tua irman donzella e á tua mãe?

—Ora, eu tracto a ellas bem, logo não devem fazer caso disso, que é proprio de um rapaz solteiro.

—E' proprio de um rapaz devasso de tua egoala, meu safado!

Bem me disse o *Cezar* que tu eras maluco, e é esta a razão por que não mando o muxingueiro escovar-te o pello.

—Capitão, quem lhe veiu contar isto foi o *Oliveira*, que me ouviu conversando em um botequim sobre minhas estravagancias.

—Até que ponto chega a tua descaração, meu maluco, que vaes contar em um botequim o desrespeito que tens á tua mãe e irman! Tufé, infame!

—Que diabo de *tribuzana* é uma á esta hora, na rua da Laranjeira? São 11 da noite, não se pode dormir!

—E' um fulano Cruz, que não quer que o Gonçalo, guarda do 6°, entre em casa da *Maria Meia noite*.

—E vai alli um paisano correndo de bayoneta empunhada.

—E' o Laurentino, que faz parte da rascada.

—Olhe que é uma *corticeira* dos diabos, a tal *Meia noite*!

—A policia ainda não quiz acabar com aquelle cortiço, aonde se encafuam:

Maria meia noite, abelha mestra do alcouce,
Idalina, immediata do cortiço,
Angelina, quarteleira,
Victoria, fachineira,
Joanna, porteira.

—Capitão, pode responder-me a uma pergunta?

— Qual é ella?

O Valleriano, de que trata no seu numero passado; que tambem pretendeu a *Cabocolinha* é um moço, cujo nome é..?

—Não sei o nome; sei apenas que é um menino gamenho, que tem contractado um casamento no Cruzeiro de S. Francisco; que ja tem para isso os padrinhos fallados; que o enxoval está prompto, bem como a casa &.....

—Mas, capitão..... .....

—Não ha mais nem menos do que isso.

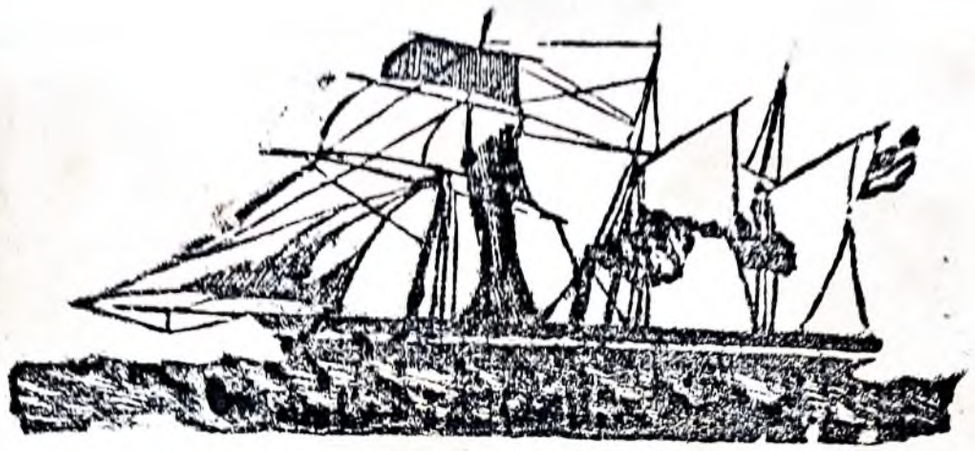
—Homem, eu acho incrivel tal cousa.....

—Tambem eu; porém ha tanto patife nesta terra, que em tudo se deve crer.

—Capitão, se é exacto, esse cujo devia entreter-se um pouco com o seu muxingueiro.

—Esta é tambem a minha opinião.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 15 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.ª—N. 130

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de dezembro de 1866.

Portaria ao fiscal geral, ordemnando-lhe, ainda uma vez, que mande tapar uma bocca de lobo, que ha na subida do Gravatá para a rua do Bangala, a qual acha-se destapada e coberta de capim, o que é uma perfeita armadilha para uma perna Cumpra.

—Ao mesmo, ordemnando-lhe que vá *in continenti* á venda n.° 7, á rua de D. José, e, além da competente mulcta, faça deitar fóra um immundo e pessimo vinagre, que o magano dono dessa venda impinge ao povo; esse sujeito, parece que faz timbre em negociar com generos damnificados, tanto assim, que só nesta semana o fiscal da freguezia, impoz-lhe tres mulctas, mas que, não sabe-se porque diabo de contemplação, contentou-se apenas com a de uma porção de carne podre, relevando-o das outras. Cumpra.

—Quer ouvir um facto, que me contaram?

—Porque não?

—No domingo 9, foi deshumanamente despedido do hospital, pelas charidosas irmans, que governam aquelle estabelecimento, João, rapaz de 15 a 16 annos, filho de Marcellina de tal, que alli o deitou, pelo seu extremo estado de pobreza. A razão, que deram, para isso as *piedosas* mulheres, foi que João *não queria ficar bom*!!!....

O infeliz foi arrastando-se até a Soledade, onde cahiu exhausto e desfallecido. Compadecida, a Exma. Sra. do Sr. Paulo Pereira Monteiro mandou conduzir o infeliz em uma cadeira para a casa de um tal Moreira, parente do mesmo, á Estrada das Boiadas, aonde expirou miseravelmente!...

O cadaver ficou insepulto, porque Moreira, homem pobre como Job, não o poude enterrar; depois de 40 horas, o levaram para a roça do Mendonça nos Mares, e, graças, á charidade do digno coadjutor da Penha, foi sepultado.

Ora, si isto é verdade, não me dirá o que entendem estas Sras. irmans de charidade?

Onde já se viu se despedir de uma casa de charidade, um doente, porque sua molestia prolonga-se?

Julgarão ellas, que o hospital de charidade é sua feitoria? que são senhoras absolutas daquella casa?

—Homem, narre o facto sem commentarios, e entregue-o á apreciação do Sr. Figueiredo Leite, apezar de

que, permitta ello que com franqueza digamos, parece que se deixa fanatisar pelas taes irmans, porque sendo tão previdente em attender ás reclamações que se lhe faz, somente quando ellas dizem respeito ás irmans de charidade, fica impassivel.

—Que novidade é aquella?

A bandeira nacional hasteada á meio pau, no hotel Figueiredo?

—Dizem, que é por causa da sogra do proprietario do hotel, que falleceu.

—Muito bem! A sogra de um estalajadeiro já tem honras da familia imperial!

Nesta terra se vê cousas!

A PEDIDO

—Que vem ainda fazer este diabo aqui?

—Este safado, apezar da esfrega que levou, não toma geito, continúa a embebedar-se e tratar da vida alheia.

—Olá, meu burro velho, então não tens pena de tua pelle?

—Ora qual, capitão! cincoenta bofetadas com as armas seraphicas, para mim é polvora; não é cousa que me faça mossa.

—Dizes isto de descarado que és, velho labrego, porque, apezar de estares na tua terra acostumado com a canga, ha muito que de lá vieste, e este corpo immundo devia ter soffrido alguma modificação, e depois, quem tem brio sente o mais diminuto castigo que se lhe dê.

—Eu cá estou callejado, não me abalo com cousas poucas.

—Bem; de hoje em diante levarás diariamente 300 açoutes, com uma boa correia de couro crú e depois se te applicará nas cicatrises um picante molho de pimenta e sal.

—Arre! Tambem isso é muito, capitão.

—Só te eximirás de tal castigo, si prometteres deixar em paz a vida alheia.

—Bem que isso me custe muito, vou ver se contrafaço meu genio.

—Pois vae, infame, certo de que, á mais leve falta, que commetteres neste sentido, serás amarrado e acoutado em frente ao sobrado maior que ha na praça, até o diabo te levar.

Pede-se ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, que lance suas vistas para uma espelunca de jogo, que ha no beceo do Jogo, freguezia da Victoria, pertencente a um tal Cypriano, o qual entende que deve viver á custa dos pobres filhos familias e escravos, que vão alli com o dinheiro das compras de seus paes ou senhores com o fim de augmental-o, e de lá sahem depenados, como si fossem gallinhas, não só pelo dono da casa, como por uma sucia de larapios, que ahi se reunem, que não saptisfeitos nos *gamados*, que por ahi fazem, ainda vão se ajuntar nessa casa para com o titulo do jogo uzurparem o suor d'aquelles, que Deus sabe o quanto terão soffrido em suas casas.

Illm. Sr., este individuo, não satisfeito do que usurpa, mandou fazer tres caixinhas com o fim de adquerir esmollas para certas devoções, de tal sorte, que ainda algum ganhando sabe

Uma scena da epocha.

Uma scena da epocha.

sempre com differença, por ter do dar o seu contingente para as taes devoções, ao passo, que essa quantia já serviu para passagem do *alguem* á Pernambuco.

Assim, pede-se a S S. queira dar cabo d'aquelle fóco de perdição.

O visinho encommodado.

—Dá licença, capitão?

—Pode chegar, meu amigo.

—Li na sua folha um annuncio convidando a quem soubesse alguma proeza do safado e bigorrilha *Medonho* a fazel-a chegar ao seu conhecimento.

—E' verdade.

—Pois eu como magoado, porque sou um dos lesados por esse ladrão de raça malabar, venho trazer meu pedacinho.

—Então sente-se e desabafe seu peito.

—Apezar de que, é o mesmo que nada: porque esse asqueroso ente não tem pejo de que lhe ponham a calva á mostra.

Creio que nem cincoenta mil cusparadas, applicadas pelo mais ralé cangueiro, fariam aquella cara deslavada tomar brio.

—Peço-lhe que abrevie seu recado, porque ha mais reclamantes.

—Antes de tudo, V. Ex. não sabe, que aquelle cafre tambem foi pretendente a uma das *cabocolinhas?*

—Era melhor, que elle pretendesse um bom relho no costado.

—Pois foi; agora não sei fiado em que! Aquellas moças, por causa do seu dinheiro, tinham um milheiro de pretendentes, pessoas de posição e não iam lá dar fé do biltre de *Medonho*, sevandija immundo, mais nojento que o persevejo, e mais calinguento que um bode no cio, em pino de meio dia.

—Tambem este demonio com todo mundo quer casar, é com pretas africanas, crioulas, pardas, brancas, etc., até o diabo lhe apparecendo em figura de mulher, elle quer; o ponto está em que tenha cobres.

—Com as pretas não sabe porque é? E' para illudil-as e roubar-lhes a prata, ouro e tudo, que ellas tenham; e quando as vê bem depennadas, abandona-as e vae procurar outras.

A proposito de fallar em casamento com pretas, ouça esta:

Quando a Joaquina do André Gallinaceo era zeladora da irmandade do *Redemptor*, na egreja aonde ha um *corpo santo*, guardava tambem a prata de Nossa Senhora no *encontro* que fez. O rato *Medonho* formou o projecto de apossar-se da prata e deixar Joaquina compromettida; primeiro persuadi-a a que mandasse limpar a prata, que estava muito suja e que elle tinha um amigo, que arranjava aquillo baratinho; porem ella *tirou o pé do caminho* e não cahiu na *corriola*.

Vendo que era baldado o expediente, simulou abreviar o casamento projectado com Joaquina, para melhor engodal-a, e valeu-se da boa-fé do Rev. coadjuctor da freguezia *d'Avó de Christo*, para provar, que o casamento ia em bom caminho e seria realisado breve; ella acreditou na mascarada e ficou contentissima; então *Medonho* aproveitou a opportunidade para pedir-lhe a prata, mas Joaquina que andava *resabiada*, varreu fora e elle ficou mamado.

—Brincando, brincando, anda entre nós este Lucas de nova especie, sem que a policia lhe passe as garras!

—Aquella besta é a figura de Satanaz; não tem lei com ninguem.

Não vê como elle quer, á faca de ponta, roubar ao Thomaz 3:000$ rs., dizendo que o homem lhe devo, quando este até o gratificou, por uma obra que lhe mandou fazer?

Este malvado já está ardendo nas profundas do inferno, em vida.

As unhas desta harpya estão sempre promptas para surripiar.

—Porem agora eu reparo que o Sr. tem dito cobras e lagartos, e ainda não tocou no ponto que lhe diz respeito.

—Capitão, quando fallo neste infame, fico fora de mim e para me desabafar vou dizendo o que sinto. Porem, tenha mais um pouco de paciencia, que lhe conto minhas queixas contra esse sicario.

—Agora deixe para outra occasião, porque sua palestra vae muito comprida e eu tenho que fazer.

(*Continúa.*)

—Vejam como é este mundo!

Fallavam do S.r major Pereira ser engenheiro exclusivo da decantada estrada da Valla; hoje, dizem-nos, o Sr. major Aguiar é o engenheiro *unico* da estrada do Campo Santo, de que é arrematante o Sr. Magalhães, seu contraparente.

—Este mundo é assim mesmo; quem faz hoje, paga amanhan.

VARIEDADE.

Um inglez, em um momento de furor, mattou em um hotel um criado, que o servia.

Alborotou-se a gente da casa, chegaram os visinhos, e a policia invadiu a habitação do filho de Albion.

—Que doudice é esta? Tanto barulho por uma cousa, que não vale a pena, disse o inglez; mettam-me o moço na conta, e acabem com isso.

— —

Um genetleman dormia perfeitamente, quando o seu creado entrou no quarto a despertal-o.

—Senhor, senhor, vossa esposa acaba de expirar, disse o creado com voz pavorosa.

—Ah! sim, sim; grande será o meu sentimento amanhan, quando acordar, respondeu voltando-se para o lado opposto.

— —

PROVAS DE LOUCURA.

Traduzimos o seguinte:

« Dizem que está louco um meu amigo, e parece-me, que tem razão os que o asseguram.

Porque? Ouçam.

—O homem acreditou na boa fé de alguns escriptores.

—No amor da mulher.

—Na homeopathia.

—Tem sido fiador de muitos amigo se emprestado dinheiro sem exigir recibo.

E' *hespanhol* e nada escreveu para theatro.

—Bateu-se em um duelo por uma actriz.

Nunca pensou em ser ministro.

—Para salvar uma mulher, que se afogava, atirou-se ao rio: quando esforçava-se por fazel-a tornar a vide, chegou o marido e metteu-lhe o cacete com prodigalidade.

—Exalta-se em defender os amigos por questões, que elles olham com a maior sem ceremonia.

—Faz versos.

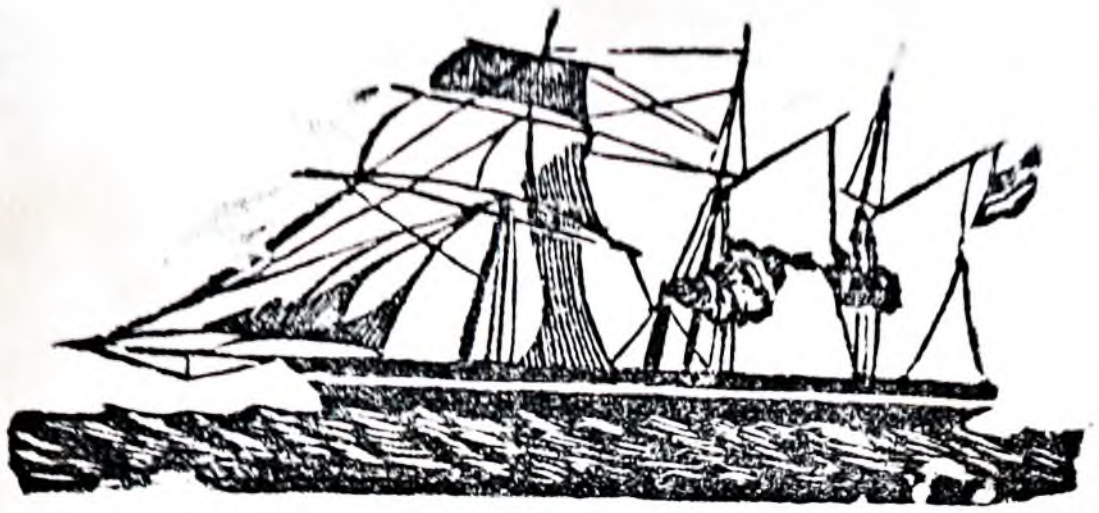
—E casou ultimamente.»

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado, havendo mudado a sua casa do pharmacia para a cidade de Valença, vem por este jornal despedir-se dos seus amigos, offerecendo alli os seus prestimos, e como o não poude fazer pessoalmente, attento o grande trabalho, e pouco tempo, que houve nessa sua resolução, pede desculpa aos mesmos, reiterando naquella cidade os seus protestos de estima. Bahia 14 de dezembro de 1866. O pharmaceutico, *Marcellino dos Santos Lima.*

A'S PESSOAS DE GOSTO.

Está exposto á venda na loja de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, a nova modinha brasileira intitulada —**Nada possuo neste mundo,**— por José Bruno Correia. Preço 1$.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 19 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 14.ª—N. 140 e 141

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de dezembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. delegado de policia, partecipando-lhe, que nos informam, que um Sr. Evaristo Gomes, morador ao Neves do Castro, tem em sua companhia uma menina, sua aggregada, de nome Martiniana, que causa dó e lastima, pela maneira porque é tratada. Dizem-nos que os indicios do mau tratamento são visiveis pelos signaes de espancamento, que apresenta em seu corpo, além de ser horrivelmente maltractada a respeito de vestiario, e alimento. Assim como tudo isso pode ser exagerado, pode tambem ser verdade; e portanto pede-se a S. S. mande syndicar para, no caso de ser exacto, minorar o pesado soffrimento, da sorte daquella infeliz.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, chamando sua attenção para alguns capadocios, que querem reduzir a fonte dos Coqueiros, á noite, a um foco de immoralidade, nem só com palavras como com obras. Espera-se de S. S. providencias.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que leve ao conhecimento da camara, para dar providencias, o estado immundo de um cano, que da casa n.º 26, á rua do Bangala, sahe para a rua a communicar com o cano do quartel da Palma. Cumpra.

—Quem usa de nome supposto que crime tem?

—O codigo no art. 301 diz:

«Usar de nome supposto ou mudado.....

«Penas—de dez a sessenta dias e multa correspondente á metade do tempo.»

—Neste caso está o proprietario de uns carros, que andam por ahi a vender agoa.

O taful deu na especulação de deitar nas pipas o letreiro—Agoa do Tororó—mandando-as encher no chafariz do Terreiro e tocando a embahir o povo. Isso é usar da mais requintada má fé para com a população; e a companhia do Queimado, em credito seu, não devia combinar com essa esperteza, que denota, que as suas agoas são inferiores ás do Tororó, tanto que para serem vendidas aproveitam-se deste nome.

—Meu amigo a gloria deste mundo é dos espertos.

—Os moradores da casa n.º 13, á rua Direita do Palacio, são renitentes!

—Porque?

—Por que teimam em dar todas as manhans banhos em quem passa por baixo de suas saccadas, com o diabo de um pessimo systema de molhar plantas.

—Meu charo, queixe-se dos fiscaes, que só veem o que lhes faz conta.

—A companhia do olho vivo anda desenfreada estes dias. Acastella-se na Baixa dos Sapateiros, logar muito concorrido, e toca a fazer proezas.

—E' tempo de festas, precisam de dinheiro.

—Admira ver o arrojo com que essa gente abalroa qualquer homem para lhe safar a carteira. Felizmente la estão dous na gaiola, por causa de uns 110$ rs. que roubaram a um tabareu; e creio que vão ser processados, por que achou-se-lhes nos bolsos papeis pintados fingindo dinheiro, moedas galvanisadas de prata, cartas, dedaes, etc.

—Elles não estão em bons lençoes, porque o Sr. Valença, honra lhe seja feita nesta parte, é incansavel e não brinca com semilhante gente.

—Consta que não obstante estarmos em vesperas de eleições, indo dous magnatas interceder pelos maganos, elle se mostrou inexoravel.

—Si todas as authoridades procedessem assim, a cousa andaria melhor.

—Com tal gente não deve haver contemplação. Na semana passada, trouxeram um pobre homem de fóra, á pretexto de ver si conhecia um moleque, que estava preso, e lhe bifaram perto de 200$ rs.

—Sim, é preciso um pouco de rigor para ver si atemorisa um pouco tão audaciosa gente.

Apontamentos á lapis.

SEGUNDA PAGINA.

A verdade reage contra todos os obstaculos.

Quando a mentira e a ignorancia tentam com o seu poder elevar-se ao sublime e magestoso, ou antes pretendem á toda força mostrar o brilho e o fulgor da verdade, esta, calcando-as aos pés, assenta-se triumphante no solio que, até ahi, não podera occupar.

As gerações succedem-se como os seculos, e com ellas as utopias tomam o cunho indelevel da verdade, ou, consideradas ainda sob o mesmo aspecto, somem-se no abysmo do passado, desapparecendo por essa forma da face do mundo.

A intelligencia humana, superando os mais fortes obstaculos, caminha, e no seu continuo e incessante caminhar, com os arrojados vôos de sua imaginação ou com o poderio da rasão, descortina muitas vezes o véu sombrio e espesso da ignorancia e do erro, ou mostra *ab ovo* verdades inconcussas e irrefragaveis ante o espirito vacillante e inquieto de toda uma geração.

O genio avança destimido e affoito, qual outra aguia, arrojando-se com o seu vôo altivo e soberbo para as regiões ethereas.

E porque vemos todo isso? porque, na eloquente e sublime phrase de um escriptor contemporaneo, o genio tem o sestro de nunca parar, é de sua propria natureza o caminhar, afim de que algum dia empolgue os louros para remontar-se á gloria.

Basta de exordio, tomemos o ponto principal d' esse novo escripto, que versa sobre a nova sciencia chamada *espiritica*.

O espiritismo será uma chimera, um sonho, uma utopia, ou uma verdade, uma realidade, um meio razoavel?

Dada a hypothese de ser elle uma verdade ou antes um complexo de factos veridicos na restricta accepção da palavra—sciencia—pelo grandioso e sublime facto de ser o homem, *o rei da creação*, um composto de duas partes, uma material—corpo, outra immaterial—alma, terá elle a sua rasão de ser?

O silencio seria por certo a melhor resposta, que poderiamos dar a tal respeito.

A humanidade, quanto a nós, ainda conhece impossiveis.

O fanatismo encarado sob qualquer ponto de vista e a superstição ainda reinam n'esse seculo *de luz e civilisação*.

Grandes e indecifraveis são os arcanos de quasi todas as cousas.

Mysteriosos e muita vez de todo inexplicaveis são os phenomenos do pensamento humano.

Mas para avaliarmos essas duas questões, que ao correr da penna se nos apresentaram, e para podermos inferir d'ellas illações logicas e necessarias, preciso se

faz que digamos algumas palavras.

O spiritismo nao é mais nem menos, que a sciencia dos spiritos.

Pelo seu objecto não lhe podemos negar a sua importancia e utilidade, ou antes o fim grandioso a que se propõe, no quadro das sciencias philosophicas.

Mais para o estudo d'alma não é precizo que a estudemos em sua naturesa ou antes em sua essencia, como faz a psichologia na sua parte racional, porque sabemos que por mais prescrutador, laborioso e paciente que seja o spirito humano, elle jamais poderá penetrar na essencia ou natureza de cousa alguma.

A essencia das couzas para elle é um sigillo sibyllino.

Pelo que acabamos de dizer, já se está vendo que *a nova sciencia* é infundada.

Ainda mais: Os *spiritas* ou os novos adeptos d'essa sciencia, quaes outros metaphisicos, parecendo-lhes ser lar similhante segredo, julgam-se spiritualistas *ad extremum* e não passam de materialistas e atrevidos.

Não queremos dizer que sejam materialistas na accepção etymologica da palavra, mas em um sentido mais amplo.

Quem no seculo actual, no seculo em que quasi todas as luzes se teem derramado por sobre todos nós, nesse em seculo que a intelligencia humana, progressivamente desenvolvida no aperfeiçoamento das idéas, combate exforçada nas lides honrosas da sciencia e das artes, n'esse seculo emfim *de civilisação*, admitte, qual outro Pithagoras a metempsychose ou a transmigração das almas é digno de lastima e compaixão.

Quem diz que, quando o spirito se separa da materia, si está puro, vae para os Ceus, e si impuro, vai de novo animar um corpo humano ou um corpo de um animal irracional, ignora sem duvida os principios mais comesinhos das sciencias philosophicas.

E'preciso ou antes é de necessidade que, entre nós, o chefe d'essa doutrina, como Pithagoras, use da impostura; que depois de algum tempo de ausencia, appareça pallido e desfigurado, qual outro spectro, ou demonio, que venha dos infernos, que conte aos credulos o que vira, em que corpos se encarnara,

E o spiritismo, que tal doutrina admitte, que dogmatisa taes absurdos, vae por essa forma com passos agigantados, porem incertos, ganhando terreno na ingreme e tortuosa vereda da nossa *illustração*.

E tendo por armas essas idéas, proprias dos epicuristas e stoicos, idéas que a consciencia e o bom senso repelle, vae elle a firmando o seu assento: porém *com tanta firmeza*, que o sôpro do nordeste ha de dosmoronal-o e derribal-o por terra.

Queriamos, verdadeiramente fallando, desenvolver este ponto, não só dizendo mais alguma couza, porque o campo è vasto; mas, sendo a foice pequena e pequeno tambem o periodico, em que estamos escrevendo, não o fazemos.

Cordialmente tambem desejavamos encarar esse ponto sob um aspecto grave e serio, porém tantas ja são as desgracas, tantas as miserias causadas por essa doutrina, que nos é impossivel termo-nos sempre n'esse circulo, alias de grande utilidade.

Os idiotas abundam com essa doutrina e na sua inexcedivel abundancia vae ella deixando homens de talento e capacidade inaptos á tudo.

Com tal doutrina as superstições tem apparecido, n'essa epocha, que, bem se pode denominar, nova idade de ferro.

A nossa religião está sendo profanada por taes homens, n'esta epocha terrivel e assustadôra.

Não ha logar infecto, não ha botequim, não ha tasca, aonde o espiritismo não se ponha em pratica, como uma arte.

Não podemos acabar o nosso escripto, visto a pequenez do jornal, finalisaremos em outro numero, pedindo aos leitores que dignem-se desculpar ao

Agripa.

LA VAE VERSO.

Metralhada

A um moderno Quixote, que pretende descompor o «Alabama» por causa do spiritismo.

Depois que a bella Pombinha
Sua bombada tomou,
Coitadinha! ah! que levou
Todo dia em pranto, em ais,
O Rosalvo ainda mais
Cavaco deu co'a historia:
Ganhamos essa victoria
Só com uma *Alabamada*!!!
Avante! rapazeada!
Acabemos co'a gaiola.

Agora, medium, spirito
Tudo vae p'ra o *Alabama*;
Vôe aos annaes da fama,
Do Idelfonso a memoria!
E' dos pedantes a gloria,
Hoje em dia o spiritismo;
O mundo, de idiotismo
Jaz todo contaminado,
Vae ficando endiabrado
Tudo quanto é mariola.

Mas o caso é outro, vamos
Com elle para diante;
Já que da Pomba o amante
Quer fanfar de D. Quixote,
Esperemos pelo bote:
Recuar, não! não havemos;
Boas chronicas sabemos,
E si as calamos agora
E' que aguardamos a hora
Do combate.

Allan Kardek.

A PEDIDO

No expediente do governo do dia 11 do corrente, vê-se um officio ao Sr. Dr. chefe de policia, sobre a irregularidade com que se recrutaram deshumana e iniquamente nesta provincia, menores para a companhia de aprendizes marinheiros, contra o decreto n.º 1543 de 27 de janeiro de 1855.

Bom é que S. Ex. vá reprimindo os abusos de certas authoridades policiaes, que, ignorantes de suas attribuições, commettem os maiores absurdos e desvarios em nome da lei. Quantos infelizes foram victimas desta prepotencia brutal!

Nem tudo é para todos, nem todos são para tudo.

Alarma.

Uma novena assistir
Tendo ido um presidente,
O *juiz* lhe foi levar,
Um pão-de-ló de patente:

Duas bojudas garrafas,
Contendo do Porto vinho:
«Petisque vossa excellencia,
«E chupe lá um traguinho.

—Sr.—disse o presidente,
Amigo da temperança,
No templo só adoro Deus,
Não admitto *chupança*. —

Não sei como o *Ferrabraz*,
Autor desta caçoada,
Não lembrou-se de offertar
Logo uma feijoada.

—Então, foi hontem á revista?

—Fui.

—E não viu nada digno de mensão?

—Toda a guarda nacional esteve decentemente em muito boa ordem.

E' verdade. O José Carlos brilhou especialmente em seu commando! Chegou a gritar:

Puche p'ra aqui, Sr. capitão.....
O batalhão vae fazer roda.

—V é muito caçoador! Pois o José Carlos ia lá dizer isso?

—Disse, que muita gente ouviu.

—Ora, va elle!

—Sr. fiscal *visitador* da *escuridão*, que mal lhe fizeram os rapazes, para o Sr. multal-os?

—Aquillo são uns preguiçosos; têm obrigação de limpar 60 *lanternas*, e alguns apenas limparam 48.

Mas, note que elles não haviam de limpal-as todas a um tempo; o Sr., com um *candeial* na mão, não acha quem lhe faça isso.

Cá, no meu districto da *Avó de Christo*, quero que a cousa ande muito em regra.

—Porém as más lingoas andam a dizer que o Sr. não entrega essas muctas *in totum* á empreza, e outros dizem que isso foi para resarcir os gastos dos pagodes dos dias 8 e 9.....

—Ora de quem é que não se falla neste mundo? Deixe-os fallar que não dou cavaco.

—E si lhe accusarem tambem de que Sr. não cumpre suas obrigações?

Si disserem que as suas *visitas* são apenas de dia e que de noite não ronda?

—Eu saberei me defender.

—Bem; e assim vai fazendo mal aos outros, sem receiar que lhe façam tambem?

—Que duvida!

Pede-se aos Srs. Carne Virada & C.ª que deem mostra de melhor educação ás pessoas, que os vão procurar; do contrario, terão o troco á suas grosserias.

—Sr. Salabardote faz favor?

—Dis;õe alguma cousa desta pessoa?

—Pois não; tenho que lhe fallar.

—Primeiro que tudo, desejo saber á quem tenho a honra de me dirigir.

—Oh! não me conhece! Breve saberá quem sou, quando sentir na pelle os sons vibrantes da minha taca.

Nunca ouviu fallar no muxingueiro do *Alabama*?

—Muito, e é uma entidade com quem não desejo ter negocios.

—Isto dizem todos os patifes, os quaes fogem de mim ás legoas; porém eu os sei procurar, tanto assim, que chegou a sua vez, sem o esperar.

—A consciencia não me accusa de ter commettido nada, por onde mereça andar ás voltas com o Sr. Sou um homem que em signal de minha boa vida trago uma *capella grande na* fronte, *pelo que* sou conhecido; vivo de consolar os moribundos, n'uma *enfermaria* do *mar*, e aconselhar e edificar os sãos de uma casa, onde ha tanta cousa, que era bem posto o nome de *arsenal*, se lhe deitassem.

—O Sr. o que é, sei-o eu, é um grande esperto.

Porque não paga ao homem com quem associou no seu *quintal*?

—Eu não devo real neste mundo.

—Nada de mentiras; diga por que se nega a embolçar o pobre homem?

—Já disse que não devo nada.

—Pois eu lhe mostro, que deve, e depois lhe farei as contas com a minha taca.

O Sr. desemcabeçou um homem, para que largasse a sua casinha onde morava na cidade, e que fosse tomar conta do seu *quintal*; que plantasse-o,indireitasse-o, para dividir os ganhos, quando estivesse em condicções de dar lucro; emgambelou o incauto, dizendo—que lá não pagava casa, não comprava lenha, agoa, etc. O homem acreditou-em suas parolas, e mudou-se para seu *quintal*; comprou sementes a sua custa, pagou trabalhadores, limpou, regou, semeou, e poz aquillo em ordem, quando o Sr viu o *quintal* cheio de larangeiras,hortaliças, etc., o despediu, sem ao menos lhe querer pagar o seu trabalho, e apresentou-lhe com a maior desfaçatez, uma conta de casa 24$ rs., agua e lenha 30$ rs.!

Isto não é roubar o suor alheio? Onde já viu quem mora n'um *quintal* que tem fonte comprar agoa?

—Sr. muxingueiro, o *Luiz* foi quem me aconselhou que cobrasse a agoa.

—Qual Luiz! foi a usura que encheu-lhe os olhos; e por isso o Sr. faltou torpemente ao que tinha contractado. O pobre homem era seu escravo, para ir se metter lá nos confins de Judas, sem interesse; sendo obrigado a abancar de lá toda madrugada debaixo de lama, para vir para seu emprego, e quando voltava cançado, ir trabucar n'uma enxada, para agora o Sr. querer usurpar-lhe o suor?

—Conselhos do *Luiz*, Sr. muxingueiro.

—Não me falle mais do *Luiz*, que lhe metto a taca na cara. Si o Sr. fosse á *França* ou viajasse pelo estreito do *Guimarães*, havia de dizer que aprendeu lá esse engenhoso systema de roubar o trabalho alheio, tão improprio de um ministro daquelle que lhe deu o ser.

Agora prepare-se para ajustar-mos contas Vou leval-o á rastos para bordo, lá com licença do capitão, lhe darei diariamente, por espaço de um mez 50 tacadas nesta cara,para não ser *espertalhão* e gostar de uso-fruir o trabalho alheio.

—Sr. muxingueiro, eu estou resolvido a pagar ao homem.

—Agora é tarde; eu sou inflexivel, ha de chuchar o castigo, e depois pagar quer queira ou não.

—O dia 16 de dezembro foi o 34.º anniversario da instalação do Montepio dos Artifes.

—E passou em segredo.

—Que quer, si a sociedade anda atarefada em emprezas lucrativas? O dinheiro que tinha comprou acções da companhia de Vehiculos Ecconomicos.

—E fez tambem um rico oratorio n'uma casa alheia.

—Ah! é dos taes que faz filhos na mulher dos outros.

—Ora que esta gente hade, metter os Santos em suas rascadas?

—O que ha?

—E' que ha mandado do despejo contra Santa Luzia de Nazareth.

—Será por que a Santa esteja devendo muitos annos de aluguel de sua morada?

—Não; por que a capella foi edificada especialmente para Nossa Senhora, S. Gonçallo, e Santa Luzia.

—Então porque será?

—Dizem-me que por desintelligencias que ha entre irmandades, S. Ex. Revma. mandara terminantemente que a Santa fosse transferida para outra egreja qualquer.

—Essa theoria de desalojar o proprietario de dentro de sua casa, é nova.

—Ao passo que ha lugar para a irman do Sr. conego Rocha e elle alli morarem, não si sabe com que direito.

—Capitão, aqui estou.

—Seja bem vindo.

—Venho concluir a minha queixa contra o *lazaro* de spirito *Medonho*.

—Estimo que seja breve.

—Hei de cingir-me o mais que puder á materia, e quando eu infringir o regimento de bordo, V. Ex. me chame a ordem.

Antes de principiar, conceda-me uma pequena digressão. Medonho quando quiz surripiar a prata da egreja, que tem um *corpo santo*, e illudir para isso Joaquina com treitas de casamento, foi acompanhado de pessoa de confiança, da mesma ao padre, fallou-lhe no casamento, nos banhos, em licença, na realisação com brevidade, etc., e foi desta maneira que elle se serviu da boa fé do respeitavel sacerdote. Digo isso, para que alguem não interprete minhas palavras com juizo menos favoravel ao digno ministro de Christo.

—Estou sciente.

—Permitta ainda, que, antes de entrar na materia, lhe conte uma ladroeira, que Medonho queria fazer com um pobre homem que *faz ferro*, na *quitanda* de vender *capim*.

—E vae Vm. divagando, e me estorvando o tempo.

—E' cousa diminuta, capitão.

Esse *fabricante de ferro* tem seu estabelecimento em uma casinhola, que o larapio Medonho possue na *quitanda* de vender *capim*, a qual é do tempo que Judas teve sarampo, em estava á desmoronar-se a qualquer hora, porque nunca soubera o que foi concerto. Como não fazia conta ao inquilino sahir d'ella; por estar conhecido e afreguezado, foi a Medonho para mandar concertar sua arapuca, o qual levou a *empandiar* com—hoje e amanhan—sem nunca dar principio ao concerto. Por fim, porque o homem estava todo dia a esporeal-o para concertar a casa, ajustou com o morador, que fizesse os concertos á sua custa, e descontasse no aluguel; cahiu esse na asneira, e quando Medonho viu a casa prompta, apresentou-se para receber os alugueres, fallando infamemente ao que tinha tratado, dizendo que nada ajustara, que, si o homem tinha concertado a casa era por seu interesse, e exigiu que lhe apresentasse o contracto que tinham celebrado, pelo qual o authorisava a fazer semelhante despeza a custa dello. O homem nada teve a responder, porque o trato fôra feito de palavras e não havia clareza escripta, e esperou a ver si Medonho mordendo-lhe a consciencia, dissuadia-se de um roubo tão crasso! Mas

qual! Medonho, tratou de ajuizar o pobre homem, e este, vendo que indubitavelmente havia de pagar ao ladrão, usou de um raciocinio, o unico capaz de convencer os velhacos.

Foi com um bom cacete a Medonho, e disse-lhe que elle lhe havia de roubar o seu suor, porém que tambem tinha gosto de ir para a cadeia por lhe quebrar os ossos com aquelle pau. Medonho acovardou se e desistiu da projectada bandalheira.

—Que genio de rapina!

—Caso egual pratica esse sanhudo mameluco, com um vendelhão de Santo Antonio dos Mouros, o qual anda atrapalhado, além de gastar seu dinheiro em concertar a *parte* de uma propriedade, que esse ladrão tem ahi; o que fez authorisado pela harpya.

—Si esse demonio vivesse em outra terra, que não não fosse Latronopolis, já estava de barril ás costas e corrente no pé.

—Isso não é para aqui, onde os ladrões andam de cabeça alçada.

Na rua das *Bengalas* acaba elle de roubar um terreno de uma senhora, que lhe fica visinha do quintal, e com a mais atrevida audacia, o ousado ratoneiro mandou fazer uma fonte alli; sabendo a dita senhora e mandando perguntar-lhe —quem o authorisou a utilisar-se do que não era seu, fabricando até fontes, elle, descaradamente respondeu, que aquillo era para o bem commum.

E si essa senhora não tomar sentido, quando pensar que não, Medonho tem empolgado meia duzia de palmos de terra do seu quintal, porque elle não tem outra vida, sinão roubar o alheio.

Si esta vibora podesse, devorava toda a humanidade.

—E levou Vm. ladeando, sem adiantar ideia. São horas do expediente, guarde sua historia para depois.

(Continúa.)

A festividade de Nossa Senhora da Gloria dos meninos na Cathedral ficou transferida para o dia 23 do corrente.

Poderá um escravo abrir casa de negocio, com distico na porta, sem licença de seu senhor?

A formiga da casa n. 17 a baixa do Mau-fim.

—Continúa a *Maria meia noite* em suas badernadas!

—Si a policia quer assim!....

—O diabo da mulher é origem até de irmãos andarem as porretadas. O Cruz, que brigou outro dia com o Gonçalo, eram irmãos, e entretanto iam se acabando por causa daquella *ostra*!

—Isto é uma vergonha para o nosso governo! Além de não cumprir o que prometteu aos voluntarios, ainda em cima não lhes paga o que ganharam, para andarem elles aqui miseravelmente esmollando vestidos com a blusa de *voluntarios*.

—Tem chegado muitos com pensões.

—A proposito, quer que lhe conte uma que acabo de ouvir tambem?

—Diga.

—Antonio Manuel Caetano Pojuca, sargento do 40 de voluntarios, voltou do Sul, apenas para vir morrer aqui; tres horas depois de desembarcado, tinha expirado; o ex-voluntario não trouxe vintem, porque o governo não lhe pagou o soldo; faça ideia as colicas que soffreu a mãe do mesmo, pobre mulher, para enterral-o.

Aconselhada por alguem, foi ao governo pedir uma esmola, lá mandaram-na esperar, porque S. Ex. estava occupado: a mulher esperou de 9 até uma e meia da tarde.

—Para quem está com defunto em casa, de vespera, não é mau petisco.

—Queixando-se de tanto esperar, um dos aulicos de palacio disse-lhe: «S. Ex. ja deu audiencia, e hoje não falla mais; é melhor que a Sra. vá ver outra maneira de enterrar seu filho, e deixe-se de estar importunando a gente.»

Depois de tão dolorosa espera, sahiu a inconsolavel mulher de palacio com o desespero n'alma, sem ter para onde

lançasse as vistas, porque o governo, que, tinha obrigação de soccorrel-a, era o primeiro a desamparal-a!

Felizmente assim não aconteceu porque, graças á charidade de alguns conhecidos do finado, elle foi enterrado.

—Na verdade, é um exemplo edificante para adquirir novos voluntarios.

—Sr. *Eumacho* não faça artes de ficar com os 25$ rs. que deram para as irmães do homem.

—Logo que a sociedade do *Officio de S. José* se prestou a fazer-lhe o enterro, Vm. deve entregar os 25$ rs a Sra !

O que lhe importa saber quantos covados de chita vestem cada uma?

Não é com essas que o Sr. hade pregar *totó* nos cobres; porque o *Calmão* ja está sciente da tragedia e ha de lhe ser custoso filar o coco.

Chama-se a attenção do Sr. subdelegado da freguezia da *Padroeira* do Imperio paro um individuo de nome *Zezé Marçal* do *Lino* parente dos *Madureiras*, morador ao logar de *fabricar barcos*, o qual quando se embebeda sahe a descompor os visinhos e como semilhante imprudencia, praticada por muitas vezes, continua a sel-o, pede-se a S. S. providencias que façam tal mamarrote tomar geito.

VARIEDADE.

O CAIXEIRO.

No afan continuo da brutal carreira,
Cumpre o caixeiro seu destino vil,
Da mocidade—suas bellas flores
Todas se trocam por espinhos mil.

Do leito se ergue quando mal desponta
Ainda frouxa a matutina luz,
O dia passa sem fruir descanço,
Gemendo ao peso da pesada cruz.

Activo embora, desagrada sempre,
Nunca louvores no serviço tem;
Nascendo livre, a liberdade perde,
E mais que o escravo a sujeitar-se vem!

Si elle professa sentimentos nobres,
Nunca do—nada—sahirá então;
Pois não se póde, em semelhante vida
Da sua virtude possuir brasão.

Firme no posto que o dever lhe marca,
Sujeito á infame, caprichosa lei,
Passa o coitado a mocidade toda
Soffrendo cousas que dizer não sei!

Tratado sempre com desprezo estupido,
A' tudo attende sem a voz erguer;
Porque si falla, si repelle insultos,
Incontinente vae á rua ter!

Não se diverte, não frequenta bailes,
E' criminoso, si ao theatro vae;
Si tem parentes—que bem perto morem,
Nem por descuido a vizital-os sahe.

Quando namora, receioso vive,
Teme si saiba da voraz paixão,
Porque—aos olhos do patrão altivo,
Amor é crime que não tem perdão.

Passam-se mezes no trabalho insano
Nem um domingo de folgança tem:
Tem conhecidos, mas amigos certos
Poucos encontra q'lhe queiram bem...

As algibeiras, que andam sempre leves.
Só vêm dinheiro quando finda o mez,
E o que recebe nem ao menos chega
Para as despezas que comsigo fez.

Ao sapateiro quase sempre deve,
O alfaiate sempre é credor:
A lavadeira la de vez em quando
Manda-lhe cartas—que não são d'amor!

Por mais que faça seu servir não muda,
Não deixa nunca de soffrer assim.....
Todos lhe dizem: Sê prudente, espera.....
Tem paciencia... e chegarás ao fim...,,

E na esperança a mocidade passa,
Sujeito sempre á rigorosa lei;
Vem a velhice, e continúa ainda
Soffrendo cousas que dizer não sei!

UMA TOCANTE PREPARAÇÃO PARA O BAPTISMO.

Um chefe da Nova Zelandia, marido de doze mulheres, deixou-se tocar pela grandeza do christianismo e pediu a um missionario que o recebesse no seio da egreja.

O missionario respondeu-lhe que o christianismo prohibe a polygamia.

—Não posso baptisal-o, se possuir mais de uma mulher, concluiu o missionario despedindo o polygamo.

O chefe retirou-se cabisbaixo.

Dous mezes depois apresentou-se de novo em casa do missionario.

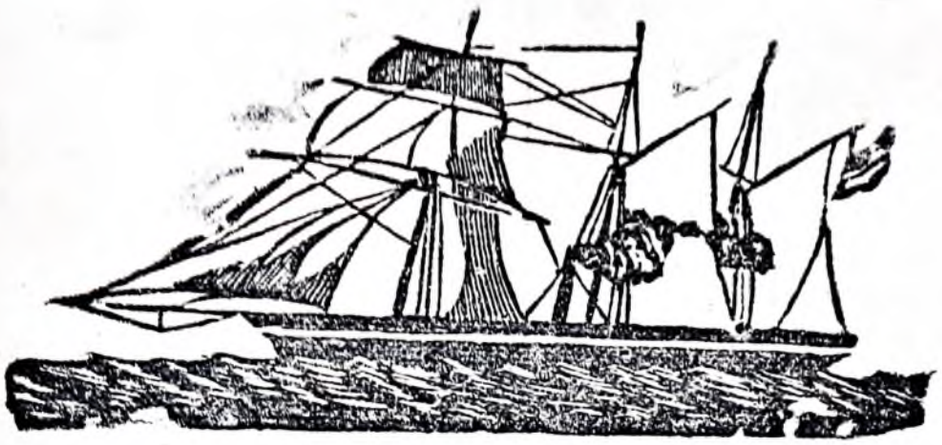
—Meu padre, disse o selvagem tocado da graça do ceu, já posso ser baptisado.

—E as suas doze mulheres?

O selvagem respondeu com o sorriso de satisfação:

—Comi-as, meu padre.

(Extr.)



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 21 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 15.ª—N. 142

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de dezembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr Dr. chefe de policia, participando-lhe que, segundo nos informam, mora na loja do sobrado n.º 20, á rua do Bispo, uma viuva com quatro filhas, uma das quaes natural, a qual, por esse motivo incorreu na odiosidade da mãe, que a castiga cruelmente, mandando-a até fazer despejo na rua. A miseranda, anda sempre chicoteada, e sem camisa; á noite, é obrigada a coser por castigo ate horas adiantadas, e si essa infeliz coxilla, mettem-lhe *mexas* de algodão ou papel, accesas, pelo nariz.

Pede-se por tanto a S. S. providencias á respeito.

—Não sei como o Sr. vigario de S. Pedro consente em tal!

—O que é?

—A irmandade do Rosario reduzindo a egreja a casa de pagode.

—Como, homem de Deus?

—Banqueteando-se os irmãos em commum amplexo com as *irmans*. Ainda no domingo houve uma folia destas; comeu-se a valer, bebeu-se a larga, fizeram-se saudes aos novos eleitos, e depois vieram fraternalmente para as janellas da egreja verem as tropas passar. Não vê S. Revm. que, por mais decencia e boa ordem que presida a uma patuscada destas, é impropria da casa de Deus, e que por força a um ou outro, que *tenha spirito* mais exaltado, ha de escapar uma palavra mais crespa, uma falta de respeito, etc.?

—Homem, tudo isso releva-se, por que é para engrandecimento do culto divino.

—Bem, estou calado.

—O Sr. Manuel Leovegildo Gomes de Sá ia sendo victima hontem de um grave senistro.

—Que aconteceu?

—Conversava na rua Direita da Misericordia, quando do 2.º andar da casa n.º 29, *voou* um enorme caco cheiu de terra e plantas que veiu cahir a dous passos distante delle.

—Que se hade fazer, si a nossa camara, não sei por que, so escolhe gente cega para fiscal?

LA VAE VERSO.

Artilheria raiada a Whit-worth.

Bateria de Estebordo.

1.ª CARGA.

Em breve o spiritismo,
No abysmo,

Do ridiculo tombará;
E deste pezado tombo
O ribombo
Pelo mundo echoará.

Ver-se-ha Zé-Couto a trote,
Como um zote,
Dos moleques a correr;
E a infeliz Pombinha,
Coitadinha!
Na lama a se debater.

E o anjo caricato,
Como um gato;
Contra o Telles reagir;
E entre as vaias do povo,
Como um ovo,
O *cujo*, murcho, fugir.

E o Rozalvo chorando,
Lastimando
A derrota que soffreu;
Dizendo no proprio beque
Do Espeque
—O Spiritismo morreu.

Allan Kardek.

A PEDIDO

—Immediato!

—Prompto.

—Chame a falla aquella vela, que navega em demanda ás praias de *Xequitaia*.

—O' lá do barco?

—Que ordena?

—Que navio é esse?

—E' o brigue *Agosto Pequeno*.

—Em que se emprega?

—No commercio de traficancias, usurpações e lubricidades.

—A que nacionalidade pertence?

—Tratantopolis.

—Que bandeira traz?

—A dos relapsos.

—Quem é o capitão?

—*Dias*.

—De onde vem?

—De *Lima*.

—Para onde vae?

—Para Concupiscentopolis, com escalla por Defloratopolis.

—Que carga leva?

—Uma alluvião de bandalh.iras, e escandalos.

—Vejamos o manifesto.

—*Embaçadellas, subtracções a bens de orphãos, extorsões, honradez encapada*, crapula, drogas, *sabão, panacéas*, elixires, e mais objectos de pharmacia.

—Bem. Leva passageiros?

—Dous orphãos, despojados de sua herança.

—Quem mais?

—Duas moças sobrinhas do capitão, tambem orphans.

—Só?

—Uma menina, fructo de um amor reprovado, á entregar nos *Pés de Cruzes*, onde vae ser creada mysteriosamente, afim de se encobrir a hedionda devassidão de um tio, e se poder *suavemente* empurrar a algum papalvo uma buxa.

—Lá isso nada interessa.

Vamos aos papeis de bordo.

Em primeiro logar, examinemos as matriculas de bordo.

—Não ha; a tripolação é toda gente aventureira e incognita.

—Oh!. .. isso é rico....

E esses africanos?

—Fazem parte da equipagem.

—Acho exagerado.

Venha a derrota do navio.

—O navio é de contrabando, e traficancias, e não traz papeis.

—Nem o itinerario da viagem?

—Nem isso.

—Olé! Temos á vista um insigne pirata disfarçado!

Rapazeada de bordo, prepara para abordagem.

(Continúa.)

—Ainda não vi homem mais estupido e insolente do que este.

—Qual?

—Aquelle empregado, que está alli dando guia.

—E' o *Piroca?*

—Pois é deste atrevido mesmo que eu fallo.

—Não responda áquella besta, que já se esqueceu do tempo em que andava com o *Borges*, pela cavallaria, empinando arraia, socado por dentro

das coxias, sujo como um *leitão*, e furtando as cannas dos tabareus!

—V sabe disso?

—Muito. Sei qual foi a creação, que elle recebeu do pae, e para prova ahi está o irmão, que é um perfeito reu de policia!

—Mas, hoje, já elle é empregado em *fazenda*!

—Qual empregado! Um servente tambem é empregado?

Mande esta besta ao pasto, não lhe dê resposta.

—Capitão, venho valer-me de sua justiça.

—Pode dizer o que quer.

—V. Ex. conhece o Papa-pinto?

—E' um sujeito que mora na ladeira da *Doença*, não?

—E' justamente este tratante, de quem venho queixar-me, e pedir o auxilio de seu incansavel muxingueiro.

—Mas o que ha?

—Esse safado tem por graça jogar agua para o telhado da casa visinha, e mandar pelos seus malcreados filhos insultar a um honrado moço, que alli mora.

—O *Rodrigues* tambem ja veiu queixar-se do proceder desse infame; mas conte-me os principaes factos delle, afim de eu poder mandar applicar-lhe o conveniente castigo.

—Então tenha V. Ex. a bondade de ouvir-me:

Este miseravel é *soldado da casa dos despachos*, e ganha a quantia de quatrocentos mil reis annuaes; embebeda-se todo o dia; dá constantemente pagodes e sustenta um grande luxo. Talvez que V. Ex. ignore a maneira mysteriosa porque vive este biltre; porém é muito facil de explicar-se.

Este tratante é como já disse a V. Ex., *soldado da casa dos despachos* em Latronopolis, e estes *soldados*, são para não deixarem passar contrabando; mais elle os deixa passar quando está de vigia, mediante alguma quantia ridicula que recebe dos contrabandistas. Tem uma filha, a qual sempre vae passear em casa da madrinha, segundo dizem, porém o que é certo é que ella não passa da casa em que mora um seu ..... padrinho.

—O que quer dizer o senhor com essas reticencias? Já vem com negocios de vida privada?

—Não é vida privada, por que é facto presenciado por toda visinhança, por conseguinte já é publico; mas certos casos horrorisam contar e mesmo ouvir-se!

—Pode continuar na sua queixa que sou todo ouvidos.

—Este bedado alugou um miseravel que o acompanha para as tabernas, para descompor o moço, de quem ja lhe fallei....

—Já vejo que o tal moço, goza da anthipathia dos tractantes e dos bebados.

—E' verdade; V. Ex. sabe que os tractantes não gostam dos homens probos e honrados....

—Por força. Si não pactuam com elles!

—..... porque sabe que o tal bebado da *Quinta*, é inimigo do moço e a razão foi elle não querer dar-lhe as chaves de uma propriedade sua.

—Como um homem intriga-se com outro, só por não lhe querer alugar sua propriedade? Esta é mesmo de bebado!

—Tem ameaçado até a vida do dito moço!

—Estas ameaças são tolices! Logo que elle provar a taca do muxingueiro deixar-se-ha das ameaças.

—Pois bem: eu venho pedir a V. Ex. justiça para que este moço não esteja sendo incommodado a toda hora, por esse sevandija!

—O *Sena e o Bernardino* ja me tinham contado toda esta historia. Contaram-me mais que elle tem uma negrinha, que vive toda chicoteada....

—E' verdade! Faz lastima olhar-se para ella!

—.... que tem um filho de nomo João, o qual é um verdadeiro reu de policia, um perfeito *assassino dos filhos da patria*....

—Tambem é exacto.

—.... que vem todas as tardes *mamado* para a casa e se põe na janella, junto com os seus insolentes filhos, cujas janellas deitam para os fundos das casas do *Maciel*, a proferirem palavras obscenas, o que prohibe as familias de estarem á tarde em seus quintaes; que apredejam o telhado do moço, e como elle falla, arredam as telhas para jogarem trampa dentro de casa, em cima da meza de jantar.

—E' exactissimo!

—Então já vê, que ando mais adiantado do que o Sr. A minha policia secreta é incansavel!

Muxingueiro!

—Ao seu dispor, capitão.

—Vae á ladeira da *Doença*, procura lá o Papa-pinto e traze-o já á minha presença!

(Continúa)

O que quer dizer o Sr. *de Breu* authorisar um fiscal a fazer mulctas clandestinas, na freguezia das Arcias, sem sciencia dos donos das vendas, e contra o que determina a lei?

Será porque estamos na festa, e precisam elles de *gordura?*

Cuidado! O negocio pode chegar aos ouvidos da Illma., e então ahi está desmanchada a egrejinha.

—Quem mais vive mais vê! Soldados armados com cacetes!

—De que batalhão?

—11.°

—Si não me engano, é o batalhão da Matta.

—Do matto é elle; e ahi é que está a minha admiração; por que não ha tabareu que não tenha seu trabuco para *enfiar* um *jacú*.

—Deve ser muito pacifico o povo dessa localidade, que os soldados não precisam de armas!

—E vê o garbo com que elles perfilam os cacetes e vão marchando como se tivessem nas mãos uma boa carabina!....

—Que padre incorrigivel!

Cruz, ente degenerado!

—Deixe o salabardote. Não basta a tunda que lhe deram?

—Ainda foi pouco. No mesmo dia, em que lhe deram as trompassadas nas bitaculas, foi á casa de uma moça sua amasia, no becco do *Açougue Pequeno*, e quebrou-lhe toda a louça, trastes, etc.

—Porque?

Porque, disse elle, a moça é quem, com ciumes, tinha mandado deitar no *Alabama* as foscas, que elle andava fazendo á inexperiente menina da rua das *Estampas*.

— Oh! que padresinho da mão furada!

—Não sei mais o que fará aquillo tomar geito. Até o muxingueiro ja tem repugnancia de bater-lhe na encoscorada pelle.

VARIEDADE.

DOUS PACHORRENTOS.

Dous inglezes passavam em direcção opposta por um passeio muito estreito, e nenhum dos dous queria ceder o passo. Em vista d'isto, um d'elles sentou-se como quem diz: «Tens que esperar!» O outro, que viu aquella acção, fez o mesmo, e por fim tirou o *Times* do bolso, e começou a lêl-o com todo o vagar. O que primeiro se tinha sentado olhou com muita attenção, e disse-lhe com a maior delicadeza:

Quando acabar de ler, faz favor de m'o emprestar?

AOS SRS. ASSIGNANTES.

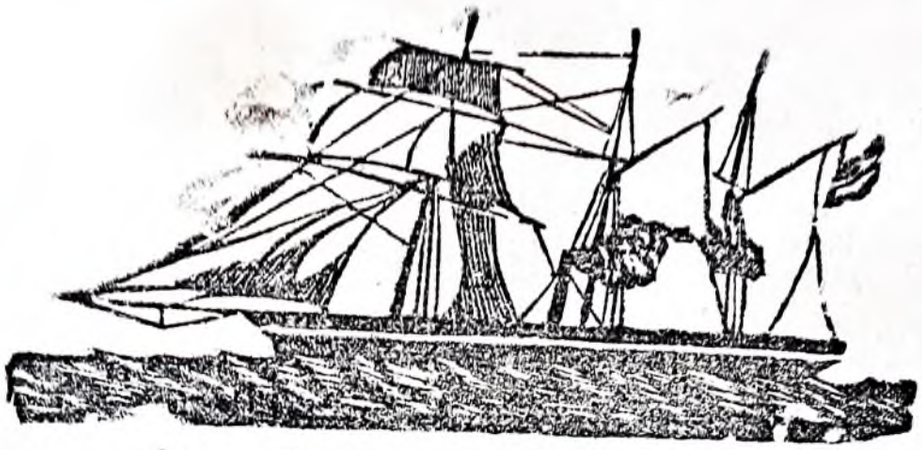
FESTAS.

Com a primeira folha do anno vindouro, será distribuido pelos Srs. assignantes um quadro contendo as caricaturas de todos os marralheiros, que assignaram o *Alabama* e não pagaram, bem como, a dos principaes sujeitos conhecidos nesta cidade por tratantes e caloteiros.

E' de grande utilidade ás pessoas, que tem giro de negocio possuir um exemplar destes, para conhecer os melcorios.

Cada numero avulso custará 500 rs.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 24 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 15.ª—N. 143

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de dezembro de 1866.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, chamando a attenção de S. Ex. para o estado de indisciplina, que reina á noite, no quartel de cavallaria; ha constantemente algazarra e desordem entre os soldados, principalmente na hora de rezar terço, e, ha poucos dias, dous soldados desembainharam as espadas para acutilaram-se. Por bem da disciplina militar, e do socego da visinhança, espera-se que S. Ex. faça cessar aquelle estado de anarchia.

—O vaporsinho do arsenal *Riachuelo* vae hoje para o Bomfim, e de lá partirá amanhan em viagem de recreio para a Madre de Deus, levando diversas pessoas, que vão patuscar e comer cajús.

—Muito bem!

—Mandou-se preparar convenientemente o vapor, e fazer-se tres toldos novos para abrigar os distinctos viajantes dos ardores solares.

—Na verdade depois da nação gastar uns 40:000$000 com o tal vapor, não se lhe pode dar melhor applicação do que andar em viagens de pagodes particulares,

—Bem dita gente, que tão bom uso sabe dar ao pecunia populi!

—Desejava saber, si aquelle sentenciado tem mais previlegio do que os outros.

—Qual?

—O Cyriaco.

—Quem é o Cyriaco?

—Aquelle, que matou a mulher na ladeira de S. Francisco.

—Ah! já sei. Que tem elle?

—Passeia constantemente na cidade. O regulamento da casa de prisão dá essa faculdade?

—Pergunte ao chefe de policia.

LA VAE VERSO.

Artilheria raiada a Whit-worth.

Bateria de bom-bordo.

2.ª CARGA.

Diz o abaixo assignado
(Já que não temos policia),
Que nesta terra a malicia
Sobe cada vez a mais.
Por tanto, que o attendais
Vem submisso vos pedir,
Pois não ha mãos a medir,
No que occorre a cada dia
Da nossa infeliz Bahia

Nos mais immundos curraes.

Ha poucos dias um caso,
Horripilante, terrivel,
Um caso, meu Deus! inerivel;
Todavia aqui se deu:
E com tudo de um judeu
Não partiu a tal historia,
Pois o author teve a gloria
De receber o baptismo;
E diz com todo o cynismo:
—Sou christão, não sou atheu!—

Pois bem! pretendendo o Telles,
Da sogra se descartar,
O que havia de inventar,
Para da casa tangel-a?
Dal-a por douda? Prendel a?
Nada; temeu cahir nessa:
Iel-a passar por possessa,
E a força só de pancadas
Lançou-a pelas escadas
E nem mais procurou vel-a!!

Depois, do Dr. *Espeque*
Os conselhos adoptando,
Foi nos filhos despertando
Contra a pobre avó rancor!
Pois n'ella, n'ella, que horror!
A Infertine (*) execrada
Se achava reencarnada
Por um mysterio profundo
Só conhecido no mundo
Por esse parvo impostor.

A' vista pois, deste facto,
Tão medonho e aviltante,
Ridiculo, repugnante,
Como outro egual não se vê,
Pode o supplicante que,
Mandeis vosso muxingueiro
Tocar de taca o bregeiro
Author dessa tramontana
Um dia em cada semana,
E receberá mercê.

Allan Kardeck.

(*) Spirito mau, que diz elle, encarnou-se no corpo da pobre velha!

A PEDIDO

—Tenebrosos mysterios de Latronopolis!

—O Sr. todo é um tenebroso.

—E' que eu ando mais iniciado em certos mysterios, do que a nossa policia, que não encherga dous dedos adiante do nariz, nem se dá ao trabalho de pesquizar certos factos, que despertam suspeitas, pelas circumstancias, de que são revestidos.

—Creio que sua cachola é que anda atribulada, á imaginar crimes e horrores.

—Pode ser; comtudo, si eu dirigisse a policia, e chegasse a meu conhecimento o mais leve indicio, de que se havia perpetrado um crime, empregaria todos os meios para descobrir a verdade.

Por exemplo:

Imaginemos que o proprietario e morador no 2.° andar de um sobrado, entrando um dia, encontra sua mulher que sobe, e um morador do primeiro andar que desce, ambos trocando palavras ou cortejando-se.

O marido tem suspeitas, infundadas ou não; ha um conflicto entre os tres, a mulher desculpa-se que vinha do pavimento terreo, onde tinha ido tomar banho, porém o zeloso esposo não se convence, e continúa duvidoso sobre a fidelidade de sua esposa.

O inquilino do primeiro andar, teima em permanecer na casa, á despeito de ser intimado para mudar-se, o que augmenta as suspeitas do esposo.

Dias depois, um mez talvez, a mulher repentinamente adoece, e é quasi deixada em abandono; uma molestia violenta a faz succumbir em breve espaço; um medico não é consultado, um padre não é chamado para soccorrer espiritualmente a enferma; e o enterro faz-se com a maior reserva possivel. Entretanto, uns linguarudos que moram na *rua* onde tem *collegio* á *direita*, propalam que a infeliz foi *enviada*, e o boato toma logo vulto no *Largo do Messias*, na bocca dos garotos, que vão palestrar na *fonte publica*.

Eu, *maioral* da policia, logo que meus agentes me participassem o occorrido, daria todas as providencias, afim de que se verificasse o facto, e não ficasse talvez um crime envolvido nas trevas do mysterio.

—E' justamente o que pratica a policia de Latronopolis, quando casos destes se dão.

—E eu estou capacitado do contrario
—Não creia; para isso tem ella bons agentes, os quaes são capazes de descobrir o mais incognito segredo. O Sr. é que anda a inventar aventuras ficticias.

Pede-se ao infame e covarde detractor, que não teve coragem de apparecer em campo com as informações de que deu noticia o *Alabama* de 19 do corrente, descubra-se (si é capaz) a fim de declarar e provar quantas vezes tem morto a fome e dado o necessario vestuario á negrinha Martiniana, bem como em que logares são as cicatrizes de espancamento, uma vez que são visiveis, para então ser devidamente respondido e o publico conhecer mais essa vibora de lingua ferina, que assassina tão vilmente a reputação alheia.—*O Evaristo Gomes.*

PRESENTE DE FESTAS QUE MANDA O DR. PROGRESSO A SUA PRIMA D. BAHIA.

Viva a sabia previdencia
Dos ministros da nação;
Viva o seu terno cuidado,
Que a seu povo bem amado
Dá de presente um *leitão.*

Nada mais justo; equidade
E' do ministro o phanal;
Como perto ahi vem a festa,
Já um banquete se apresta
Para o dia do natal.

Em uma sessão secreta,
Foi que n'isto se fallou;
Ahi ficou discutido
O que depois foi sabido
E que assim se executou:

Que a *côrte* tivesse um *pinto*,
Que o *Pará* um *leão*;
Mas que tivesse a Bahia,
Por signal de primazia,
Um excellente *leitão.*

Veiu *elle*: agora escutem
O que convém se fazer:
Faça-se já uma tulha
(Mas em segredo e sem bulha)
Que não lhe falte o comer.

Assim que estiver bem nedio
E for dia de funcção,
Vá levado em romaria
Pelas ruas da Bahia,
Com solemne devoção.

Depois, então, se esquarteje
No terreiro de Jesus,
E seja, alli mesmo, assado
Por um senhor deputado
Da terra de Santa-Cruz.

Feito isto, se divida,
Assim como eu vou marcar:
Um *quarto* p'ra o *saquarema*;
Outro para os *L. de gemma*,
E dos *mocoto's* um par.

Aos *L. P.* cabe o *toucinho*,
A *cabeça* é da nação:
O *resto*, si assim for feito,
Leve, quem for de seu peito,
Co' as *tripas* á *Opposição.*

—Ha muito que não fallo nas *pipineiras* do *tren do mar* de Latronopolis.....

—Ja tardava.

—..... e da chusma do ratazanas, que innundam aquella spelunca. Não ha tintas, ferro, madeira, solla, papel cobre, etc., de que esses terriveis *roedores* não deem cabo.

—Pelo geito, estou vendo que o Sr. quer tagarellar um pouco á respeito?

—Apenas fallar de uma *pepineira* ou esperdicio.

—Qual é ella?

—Uma despeza inutil, e despendiosa, que se acaba de fazer, para commodidade somente de um individuo.

—Ponha isso em pratos limpos.

—Somente para que certo *tenente*, *lemos* seu nome n'um papel, mas não nos lembra agora, não se incommode em fazer uma pequena digressão; mandou-se-lhe arranjar uma *passagem*, gastando-se pranchões de *pojumutú*, que se compram a 80$rs., dias de serviço de operarios, materiaes etc., além de empatar o transito da *caldeirona*.

—E quem lhe disse que isso é por commodidade? Talvez seja para não esperdiçar o precioso tempo do homem, dando uma comprida volta; tendo alias cousas de utilidade em que se occupar.

—Enganou-se; elle é obrigado a *ajudar* o chefe na direcção da casa, e nessa condição, tem dever de visital-a e examinal-a; por tanto em nada prejudica o serviço um pequeno rodeio que é de obrigação; nem era isso motivo para se fazer tão extraordinaria despeza.

—Emfim.....

—E' que o homem considera aquillo como seu patrimonio, onde frue tudo que ha de commodo e bem-estar. Em quanto muitos nas *condicções* delle andam por longe com as armas na mão, arrostando os perigos de sua profissão, elle em santo ocio habita um rico palacio, que custou dezenas de contos aos cofres de Latronopolis, com o fim de nelles se depositar *pequenos* meninos, que fossem *aprender* officio, passa uma vida folgada, faz obras suas com os operarios publicos, tem jardins, cria animaes e gosa tudo quanto constitúe uma vida deleitavel e prasenteira.

—E assim é que é o fazer, meu charo; nesta epocha quem é tolo anda magro.

—E os espertos, que commettam quanta patifaria lhes venha á cabeça.

ATTENÇÃO! ATTENÇÃO!!

Um individuo, que tem uma altercação de palavras com outro, e, depois, de caso pensado, arma-se de uma faca e vae tirar nova satisfação, parece-me que não é com boas tenções. Este facto foi presenciado por muitas pessoas que foram testemunhas no processo, em que o offendido deu queixa contra o offensor, por certo juizo; porém o accusado alardeia, que não dá cavaco, porque tem a seu favor o juiz, tanto que, depois que soube, que o offendido fez corpo de delicto para processal-o, elle offensor dá, no dia seguinte ao da queixa do offendido, uma queixa querendo processar as testemunhas do offendido para ver si assim se podia facilmente destruir os depoimentos d'ellas para melhor livrar-se do crime, que intentava prepetar. Então é ponta ou cabeça; por ora, nada podemos dizer a respeito, ficaremos de observação, a ver a tenção do illustrado juiz, para podermos narrar alguns factos, que neste sentido se propalam. Até logo que voltaremos.

João Bocorio.

ANNUNCIOS.

GRANDE QUADRO

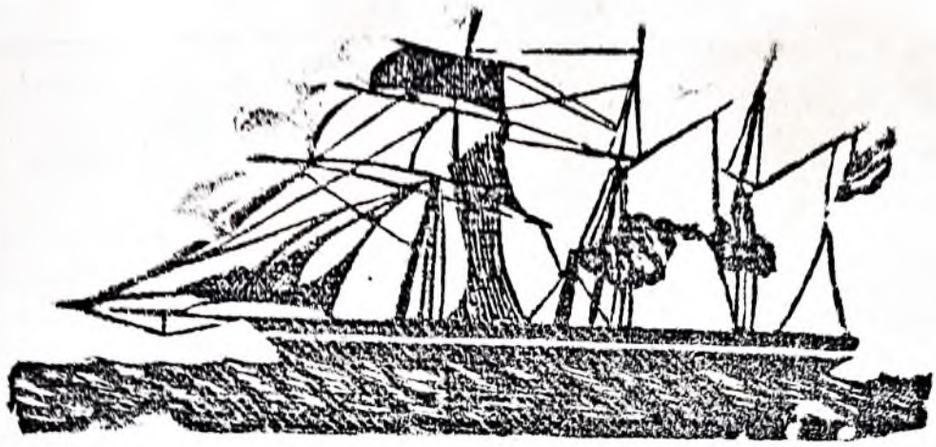
Contendo as caricaturas de todos os assignantes, que não pagaram o «Alabama;»

E de todos os caloteiros, tratantes, velhacos, mal-casados e seductores, que povoam esta Latronopolis.

Será exposte á venda no principio do anno vindouro.

Preço de cada exemplar—500 reis.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 27 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 13.ª—N.º 144

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de dezembro de 1866.

Não houve expediente.

—No dia de Natal morreu afogada no Dique a parda Margarida Anna de Jesus.

A infeliz tinha ido lavar roupa; á tarde, quando retirava-se, succedeu que o vento carregou-lhe um vestido e atirou-o n'agoa, commetteu a imprudencia de querer ir apanhal-o; e submergiu-se.

—Deus se compadeça de sua alma.

—Os ratos deram no *fundo* do banco e fizeram um estrago dos seiscentos!

—Aquillo não podia deixar de ser rato de casa; da rua não acertava para fazer um *rombo* tão bem feito e com tanta facilidade.

—A direcção dá 10:000$000 a quem descobrir o *bicho*.

—Acho inutil. Ella que procure, lá por dentro mesmo, que o hade encontrar.

—Gostei muito da ingenuidade com que requereu ao chefe de policia—*providencias para acharem o dinheiro e conhecerem quem o tirou*.

—Ainda si a policia fosse *spiritista* podia ser que descubrisse.

—A Fonte de Santo Antonio acha-se n'um estado immundo.

Os canos por onde escoam as aguas estão entupidos, e ellas ficam estagnadas e putridas.

Os vadios satisfazem á noite suas necessidades corporaes alli; e consta que ja se tem visto pretas encherem barris daquelle tijuco para venderem por agua de gasto.

—Bem. Aspirante!

—Prompto.

—Onde encontrar o fiscal geral agarre-o, e leve-o pelo braço até a Fonte de Santo Antonio para ver o estado a que está reduzida.

—Aspirante Jão de Deus!

—Prompto.

Vá a casa do Bota de Prata e verifique si é verdade que elle tem um pobre menino preso constantemente a uma corrente.

Si for exacto isso que me informam, vá ao Sr. delegado participar-lhe para providenciar a respeito.

—Os guardas do 110 pintaram a *manta* na Praça com a Mata Cobra, na madrugada de 23!

Atropellaram a pobre mulher!

—Parece que a guarda toda foi do pagode, porque eu passando no domingo á tarde pela frente della vi, no aposento do official, diversos sujeitos em mangas de camisa, como quem estava em sua casa.

—Foi ao concerto no Passeio Publico?

—Não; nem sabia disso

—Pois houve um em beneficio.....

—Dos voluntarios?

—Não.

—De alguma viuva?

—Não.

—De alguma casa pia?

—Não.

—Para melhoramento do passeio?

—Não.

—Com os diabos, a beneficio de quem foi então?

—Si o Sr. não me deixou acabar a phrase.... A beneficio de um sujeito, que vende bebidas.

—Olá! essa não é má! Então o passeio converteu-se em theatro?

—Não, S. Ex o Sr. presidente permittiu que o sujeito desse alli um concerto

—E por tanto quem quizesse entrar nesse dia no *Passeio Publico* havia de dar dinheiro?

—500 reis apenas.

—Nesse caso seria bom, que si authorisasse tambem o cujo a mudar, nesse dia, o nome de Passeio Publico, para logar de protecção e arranjo particular, para que quem sahisse a tomar seu refrigerio, e como eu, não soubesse, chegando lá não passasse pela decepção de se ver esbarrado; não podendo entrar n'um logar, que dizem ser franco ao publico.

Quem disse que nesta terra so faltava ver-se um boi voar, não mentiu.

—Bagatella! Quem não teve dinheiro para entrar, que fosse tomar fresco nos assentos de S. Bento.

—Por que o patronato esganchado n'um portão e o menos-preso ao publico acocorado n'outro, estorvavam a entrada á quem não fosse metter 500 rs. no bolso do feliz beneficiado.

—A nossa camara municipal tem cousas!

—Diga—tem lembranças que parecem esquecimentos.

—E' verdade; V. sabe que a camara tem uns guardas que coadjuvam os fiscaes?

—Sim Sr.; por signal que ganham 800 rs.

—Pois a Illma. não teve a lembrança de dar soria aos homens por quatro dias?

—Economia meu rico.

—Diabo leve tão porca economia! Ou os homens são necessarios para ajudar a fiscalisação ou não são. Si não são para que os aturam? E si são, o municipio hade ficar estes dias entregue as baratas? Porque na verdade os fiscaes so não se animam a certas diligencias.

—Meu charo, grão, grão, galinha enche o papo; si não for assim não se ajunta dinheiro.

A PEDIDO

—O que diz o fiscal do Banco da Bahia sobre o *rombo* que fizeram no mesmo?

—O que diz? Ora o moço anda por fora advogando, sabe la dessas cousas?

—Dá licença que lhe conte
Meu reverendo vigario
O pagode que fizeram
As crioulas do Rosario?

Houve *bella* feijoada
Com *xebês* e bem toucinho,
Cachacinha concertada
E garrafas de bom vinho.

N'uma valente terrina
Carne de porco ensopada.....
A Andrelina mandou
Um guisado de *rabada*.

Na cabeceira da meza,
Repimpou-se o Germano,
Do outro lado estava
O *bacudo* Firmiano.

Em toda circumferencia
Só havia um logar vago,
Que estava reservado

A espera do Thiago.

Tudo mais, era occupado
Por crioulinhas faceiras,
E os homens atraz dellas
Por não haverem cadeiras.

O Horacio mui gamenho
As raparigas servia,
Fazendo papel de bobo
Em quanto a sucia comia.

Mafalda foi a primeira,
Que a celeuma levantou,
Propondo uma saude
A' juiza que findou.

Foi acceita com calor
Da crioula a lembrança,
E pedindo a palavra
Levantou-se a Constança:

«Minha gente, esse brinde
«Não deve ser assim só;
«Vamos primeiro cantar:
«*De gostos sinhá Loló.*

«E depois *ipes* e *hirras*
«E tambem o *papagaio.*»
Isso dizia mordendo
Um gram pedaço de paio.

—Concordo, gritaram todas;
Viva nossa irman Juiza!
Em seguida foi a chula
Entoando a Luiza.

Agora vamos beber
Da juiza para o anno,
A saude, diz Libania
Do Valentim africano.

—Não senhora, esta fica,
Diz Afra, p'ra derradeira
Agora a procuradora
E a actual thesoureira.

E quero uma saude
De arrojo e enthusiasmo,
Que saia no *Alabama*
A todos causando pasmo.

—Deus nos livre, gritam todas,
De sahir em tal diabo,
Tomara já haver quem
Desse maldito dê cabo.—

Nisso vem tocando a musica
Na praça da Piedade;
Correm todas p'ra janella
Com grande anciedade.

Umas vinham tropeçando
Do *peso* que em si traziam,
Outras correndo na egreja
Grande barulho faziam.

Foi no dia da revista
Da guarda nacional,
Que as crioulas no Rosario
Fizeram pagode tal.

Quando passaram as tropas
Cada uma retirou-se,
E não havendo mais vinho
A patuscada acabou-se.

Não consinta, meu vigario,
Que na sua freguezia,
Si commetta para o anno
N'um templo tamanha orgia.

—Venho concluir, minhas queixas, capitão.

—Ficando certo que não admitto mais delongas.

—Espero finalisar hoje, mesmo que tenho de retirar-me da cidade até fevereiro.

—Pois então, abra a bocca e falle.

—Sou parente de um antigo *tangedor* de *sinos*, que era empregado na egreja principal de Latronopolis.

Medonho, quando rapaz, era muito

faisca, e amigo do mexer nos badalos dos sinos e, por isso, andava sempre pelas torres das egrejas a fazer travessuras.

O velho sineiro, a quem Deus haja, gostava das graças do Medonho e travou com elle *intimas* relações.

Conhecendo o fraco do velho, que era gostar de *seccas*, doce que naquelle tempo se usava, *fazia*, com suas mãos, de vez em quando uma *secca* e lhe ia levar.

Tanto *fez* Medonho, que por fim installou se na torre da egreja como ajudante de tocar sino, e tornou-se o companheiro intimo e amigo de *cama e meza* do velho.

Tinha esse sua meia duzia de patacas boas, fructo de ecconomias, de que usavam os homens do tempo antigo.

Entretanto uma vez a egreja ia levando a breca incendiando se. Com o susto que teve o pobre velho cahiu-lhe a quebradura e foi tamanho o choque que não sahiu mais da cama, sinão para a sepultura.

Medonho, cujos instinctos de rapina, cresceram com elle no berço, logo que o homem expirou foi a sua caixa e surripiou tudo que nella havia, de sorte que quando eu e mais parentes la chegamos achamo-nos em branco, e o ladrão locupletando-se com o que não era seu.

E em cima quiz alterar-se comnosco.

—Ora, o Sr. a massar tanto tempo por uma cousa tão diminuta. Isso é nada, á vista das immensas bandalheiras, que tenho ouvido contar dessa hyena sanguisedenta de latrocinios.

—Concordo; porém é muito para os prejudicados.

Diz V. Ex. que tem sabido immensas bandalheiras desse salteador; assevero-lhe que ainda não ouviu a quarta parte das hediondas acções desse lazzaroni.

Por exemplo não soube que elle sendo mestre das *obras* que não são *publicas*, recebeu para escorar uma *egreja* na ilha de *Guadelupe* 450$ rs., quando com 80$ rs se fazia o negocio.

Não sabe que elle recebendo dinheiro para fazer *casinholas* de abrigar os soldados das intemperies, aproveitou as madeiras do templo, ficando com o dinheiro.

Não sabe que elle chama operarios para lhe trabalhar, não paga, e quando os homens vão cobrar, elle os entretém mostrando-lhes uma machina, que diz inventou, e depois de muito tagarellar, despede os homens com os beiços com que mamaram.

Não sabe.....

—Meu amigo, basta isto é um nunca acabar; estou com os ouvidos atordoados.

O pau que torto nasce, tarde ou nunca se indireita.

Não ha vergalho por mais rijo, que faça a desfaçada cara desse bugre tomar verniz.

Quando o *Lazaro* que é outro tratante, não se quer comparar com elle, faça ideia que tal é!

—O caso é que esse diabo vae continuando a roubar sem nada lhe acontecer.

—Homem, o pote tanto vae á fonte, até que lá se fica.

Eu creio que desta vez, no fim de contas elle não hade ficar muito bem com o muxingueiro.

—Não se pode passar á noite no Pau da Bandeira.

—Porque?

—Porque ha sentinellas prohibindo.

—A rasão?

—Não sei.

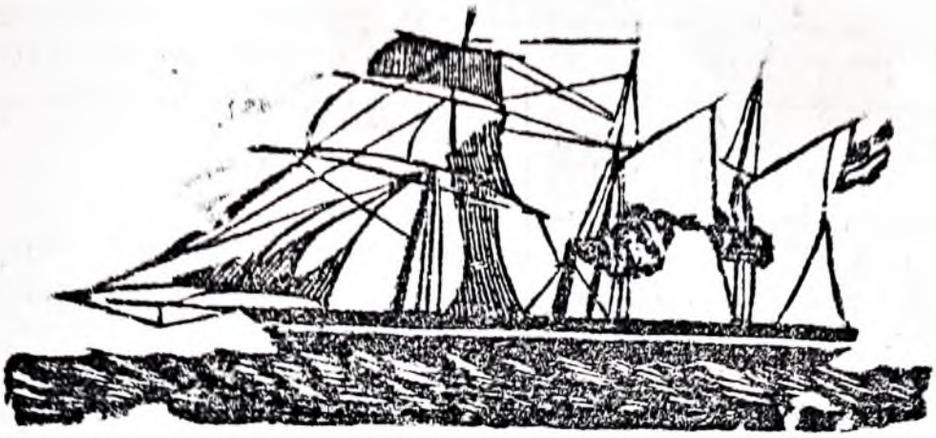
—O que lhe affianço é, que por medo não é, porque S. Ex. não é dos que se assustam de *corujas*.

ANNUNCIOS.

GRANDE QUADRO

Contendo as caricaturas de todos os assignantes, que não pagaram o «Alabama;»

E de todos os caloteiros, tratantes, velhacos, mal-casados e seductores, que povoam esta Latronopolis.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 29 DE DEZEMBRO DE 1866. SERIE 15.ª—N.º 143

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de dezembro de 1866.

Portaria ao aspirante pedreste João de Deus, ordenando-lhe que procure o padre Rosa e apresente-lhe o inclusive figurino, de que devem usar os capellães do exercito, para que S. m. não ande pela cidade de bonezinho, mostrando o alisado cabello, e de sobrecasaco abotoado. Cumpra.

—Como andam os ladrões accesos! Tanto os da alta, como os da baixa classe, estão n'uma actividade espantosa!

—O tempo é proprio.

—Foram á matriz da Conceição da Praia, em pleno dia, e carregaram do corpo da egreja uma Imagem do Senhor Deus Menino, que, no meio de quatro tochas, estava exposta á veneração dos fieis!.....

—E' extraordinario!

—Os ladrões não tiveram em mira roubar a Imagem, mas o que ella tinha em si, que era—uma capella de ouro, cordão do mesmo no pescoço, botão de peito com pedra azul esmaltada, e cordão de cintura com borlas de fio de ouro, e tunica de filó.

—A patuscada á Madre de Deus ficou burlada.

O vaporsinho *Riachuelo* não sahiu do porto.

—Então porque? Depois de tantos preparativos, arrependeram-se?

—Porque o *Alabama* deu noticia da viagem.

—Ora, essa! De pouco cousa se assustaram.

—O arsenal de marinha de Latronopolis é o que se pode verdadeiramente chamar um arsenal completo; tem de tudo!

—E assim deve de ser.

—Até um chiqueiro de porcos.

—Ora vá bugiar! Eu logo vi que V. não passava sem uma das suas.

—Si duvida vá ver, que ha de encontrar chiqueiro, estribaria etc. E o fiscal que vá lá!

—Então, não quer que os homens, n'um dia de festa, se passem a carne gorda?

—E os cavallos? Serão da cavallaria de marinha?

—La isso saiba do inspector.

A PEDIDO

—O que tem aquella preta, que tanto lastima-se na *Alta* dos Sapateiros?

—Aquillo quer dizer, que a companhia do olho vivo não se compõe so da gente, que rouba carteira dos bolsos dos transeuntes.

— Explique-se.

—A pobre africana foi victima de um ratoneiro, que anda entre nós de colarinho em pé, que mui *limpamente* arrancou-lhe 35$000.

—Conte lá isso.

—A gente do olho vivo roubou em certa quitanda a um tabareu e escamou-se. Recahiram suspeitas sobre a pobre africana a qual foi presa; verificada sua innocencia, mandou o *alcaide do bairro* soltal-a.

Um sujeito, que ja padeceu o mal dos *lazaros*, porém que hoje é um moço *candido*, depois que foi a *Vianna*, offereceu-se para levar a portaria de soltura á paciente, mostrando grande interesse por ella.

Solta a africana, foi o moço *candido* a sua casa e exigiu-lhe 35$000, dizendo que 15$000 eram para o *alcaide* de *Valença*, 15$000 para o inspector, e 5$ do seu trabalho. A preta chorou, maldisse seu destino e por fim cahiu com os *melões*, por que o rapina dizia-lhe que ella voltaria para a cadeia, si não pagasse. De maneira que, além de ser presa pelo que não fez, ainda pagou 35$000 rs.!

—E Vm. como soube isto?

—O que se faz neste mundo, por mais recondito que seja, que não se vem a saber?

A preta encontrou o inspector e queixou-se de, além de ser presa injustamente, ainda dar 15$ rs a elle, 15$ ao *alcaide* e 5$ ao tal *candido* moço. O inspector espirrou com a graça, foi ao *alcaide*, este mandou chamar o larapio e descobriu-lhe toda a massada.

—E o que fez o *alcaide* com esse rapina?

—Contentou-se em ordenar-lhe que fosse entregar o dinheiro da africana, o que elle não fez até hojo.

—Authoridades de contemplações. Pois a bordo não ha destas indulgencias

Muxingueiro!

—Prompto.

—Vae procurar um tratante, que curou-se ha pouco do mal dos *lazaros* e inculca-se de *candido* moço, por que viajou em *Vianna*, e o traz para bordo.

—Ja. Conheço muito este rato roedord e algibeiras; immenssimas vezes tem elle provado esta taca.

—Logo que o pegares, vem sovando esse infame bandalho até a bordo onde se lhe destinará o castigo.

—Sr Eu-*macho*, diga-me, V. tem *cara de pau?* que presidente é que foi visital-o, por saber que V. é *influencia* na freguezia dos sanhaços?

—Capitão, foi.....

—Foi quem, impostor? Para que ha de V. ser estupido? Todos sabem que isto é mentira; porém não vê, que si o leitão souber que V. diz que elle o visitou para pedir-lhe que ajude ao governo,—que isto lhe pode ser prejudicial, e V. ser posto em *ablativo* do arsenal?

Raridades Calçadenses.

A retidão da Estrada de ferro.
As manhas do João Badega.
Os bigodes do Dudú.
A innocencia do Jacintho Reis.
A protervia do João do Talho.
A hospedagem do Totonho Oliveira.
A riqueza embalançada do *Aguia do ar*.
Os gritos do Mendonça.
A altivez e impostura do Xico Gomes.
A bajulação do *Novissimo*.
A sabedoria do Baptista Francez.
A honradez de Salú Rei dos moleques.
O futuro processo do Antonio Broa.
Os calotes do *Zezé* Funileiro.
O coito negreiro do *Zé* dos Boneccos.
A impafia do Cutilla.
A reunião de certo Hotel
As bebedeiras continuas do José Magro.

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Vae á ladeira do *Santa Theté* e procura lá um *gato capado*, e traz esse terrivel animal para bordo, afim de não incommodar quem por alli mora com seu terrivel e *desavergonhado miado*.

Ce-nazareth, 18 *de dezembro de* 1866.

Venho pedir-vos um cantinho de vosso jornal, porém que seja na mais obscura de suas columnas, bem abaixo do ultimo annuncio de escravo fugido, ou de barricas de bacalhau podre, a vender-se por atacado.

Perspicaz, comprehendeis desde logo, meu charo redactor, que é para tractar de cousa muito insignificante, de assumpto muito baixo, de um ente muito despresivel.

Eu vou descrever as qualidades e predicados da vida do mestre Mané Quelé das *caldas*.

O romancista francez, symbolisou no mestre schola o genio da malversação; o povo que lê no livro da sabedoria, chrismou de mestre a esse velho—

Immoral:

Porque no templo de Deus, no hospital de charidade, deshonrou uma joven enfermeira, alli mesmo esbofeteada pela mulher desse monstro, e pouco depois arrojada ao lodaçal da prostituição e da miseria, em que morreu:

Porque tem de publico uma *costureira*, onde um certo Luiz toma lautas ceias á meia noite:

Porque é um frequentador, sem reserva nem escolha, das cazas de alcouce:

Porque foi coagido, de pistola ao peito, a assignar, ainda ha pouco tempo, ás 10 horas da noite, em certa sala, d'onde desappareceu a luz, e fechou-se a porta com a sua arrojada entrada, o seguinte recibo:

«Recebi do Sr..... seis bolos for-«tes e bem puchados, por ter tido a «audacia de entrar em sua caza para «seduzir a sua.... e para que fique «certo e bem patente que reconheço «a infamia praticada por mim, lhe «passo o presente de minha letra e «firma.

«Latronopolis .. do mez de... de 1866.»

(Segue-se a assignatura e o reconhecimento publico.)

Miseravel calumniador:

Porque descompoz até com o seu proprio nome ao infeliz Quincas Profirio, lançando-lhe todos os labeus infamantes, e depois procurava commungar com elle, que homem rancoroso, voltou-lhe sempre as costas, não o podendo todavia evitar-lhe o encontro nos circulos dos amigos:

Porque chamou a certo negociante de *Magalhães*, maroto, ladrão, stellionatario, por ser credor de um fallido, e foi logo depois a um baile em sua caza, e, sem convite, ao jantar do dia seguinte, em que emborrachou-se e intalou no meio do aranzel de palavras, que n'este estado proferia em ar oratorio:

Porque escreveu horrores contra o Dr. do *ermo mano*, juiz *direito*, e agora, de sua escada pede licença para entrar *um seu escravo*, e esbarrou na sua sala a um amigo, que se antecipava em servil-o de um copo d'agoa:

Porque não se lhe importa de dirigir, hoje, contra um homem a ultima palavra do insulto e amanhan dar-lhe o osculo da amizade.

Avarento, impostor e invejoso:

Porque o seu dinheiro só sahe do azinhavrado cofre para o excesso da usura, ou para sustentar gazeta, emprestando-lhe qualidades e calumniando aos outros:

Porque não estende a mão á miseria, e inculca-se protector de orphãos e viuvas:

Porque tendo cobrado com vantagem o que gastou com certos parentes na infancia, inculca-se d'elles bemfeitor, não perdoa-lhes a distincta figura, esquecendo-se que a fortuna que tem é a elles em grande parte devida:

Porque promove pleito, sem interesse, e com dinheiro alheio, em nome de terceiro, contra seus desafectos,

sempre pela mais imperdoavel emulação:

Porque, supino ignorante, maluco bisonho e asqueroso, aspira um assento na assemblea provincial e o commando superior do municipio:

Porque, para não perder o assento que lhe está reservado no averno, foi a ultima pessoa que dirigiu a palavra ao assassinado, enviando lembranças a Satanaz:

Incorrigivel, assassino e ladrão:

Porque, não lhe servindo de exemplo o destino fatal dos malvados, tem por unico estimulo do seu espirito o soffrimento dos outros:

Porque, si não assassina de emboscada na estrada, procura, malvado, assassinar a honra com as armas da calumnia:

Porque, finalmente, roubou a fortuna do padre, e tornou-se celebre *chapelista* no negocio de escamotagem de escravos vendidos para o centro.

—Nova maneira de castigar os escravos!....

—Qual é?

—E' amarrar o paciente, pendural-o a um gancho no tecto da casa, e sovar-lhe á murros por baixo, até o miseravel ficar exhausto.

—Isso é cassuada.

—O subdelegado da Sé acaba de proceder a corpo de delicto n'um preto, que foi victima de semelhante castigo no dia de Natal.

—Logo nesse dia?

—O Sr. em regosijo ao Nascimento do Deus Menino, tomou uma *carraspana* e metteu-se-lhe na cacholla, divertir-se por tal maneira. A cousa foi tão pouca, que os medicos deram 15 a 20 dias para tratamento.

—Quem é esse barbaro?

—Homem, não sei quem é pelo nome.

O cujo mora na casa nobre do *Maciel*; a qual, por signal tem na porta, pintadas, como tropheu de armas, um *Par-de-Aranhas*.

—Bem. O *Tonico* ou o *Freitas*, é que hão de me dizer isso pelo miudo.

—*Tempora mutantur et nos mutamus in illis*. Com a chegada do progresso, nada fica estacionario!

—O que vem V. dizendo ahi, meu choramingas?

—Admirando os *phenomenos* da natureza.

Diga-me, ja viu a *folhinha ecclesiastica* e *civil* deste arcebispado para o anno de 1867?

—Ainda não.

—Pois compre-a e verá que o anno vindouro é muito menor, que todos os que tem passado, os mezes de abril e maio supprimiram-se. O de junho principia no dia 4 tem, portanto, 26 dias. Setembro tem tambem só os quatro primeiros, seguindo-se de novo o de junho, que principia no mesmo dia 4.

—Homem onde vio V. isso?

—Aqui está—Folhinha para 1867: typographia de *Camillo de Lelis Masson & Comp.*

—Ora pelo amor de Deus! Isto é um erro da encadernação, ou antes um engano.....

—Mas, meu amigo, obra imperfeita não se expõe á venda.

—Meu charo, não tenho tempo para occupar-me com taes ninharias.....

—..... Vendidas a 160 reis?

—Entenda-se com quem lhe vendeu e não me aborreça.

—Capitão, aqui está o safado do Papa-pinto. V. Ex. não sabe que trabalho me deu esta besta para trazel-a.

—Ora vem cá, meu grandissimo aquilé!

—Estou ao seu dispor, bem contra minha vontade, meu capitão.

—Ora dize-me, para que jogas agua para o telhado do visinho? Para que diriges palavras obscenas para as familias, que moram no Maciel e desta forma as prohibes, junto com os teus malcreados filhos, de chegarem nos seus quintaes? Para que arredas as telhas da casa visinha e jogas trampa dentro?

—E' porque gosto mesmo de me intrigar com os visinhos. Não ha uma rua, aonde eu tenha morado, em que não me intrigue com todos.

—E com que cynismo tu confessas isso! Para que alugaste o miseravel bebado da *Quinta* para atassalhar com o seu *magico oculo* a quem nunca te offendeu, meu refinadissimo ladrão!

—E' porque esse bebado da *Quinta*, de quem falla V. Ex., se presta á isso por um simples copo de cachaça, e como ainda eu queria ser o victorioso, além de insultante, recorri a elle; mas soube que esse bisborria já quiz fazer negocio disso, mandando por um Dr. pedir a esse, a quem eu mandei descompor, a quantia de 200$000 rs., ou as chaves de uma sua propriedade, para morar por espaço de um anno, sem nada pagar, com a condicção delle *Quinta*, não acceitar mais publicações contra elle.

—Que ladrão! Acho melhor que este safado vá para a estrada pedir aos viandantes a bolsa ou a vida, do que estar profanando a imprensa, com suas ladroeiras!

—Ora, elle tem feito cousas peiores. Morava na propriedade de um conego, que se allumia com *brandão*, formou um artigo contra elle e o mandou levar, dizendo, que, si não quizesse que aquelle artigo sahisse, devia consentir lhe morar na sua propriedade de graça.

—Que infame!

—Fez tambem um outro artigo e mandou levar a uma pobre senhora casada, cujo marido se acha ausente estipulando logo a quantia, que ella havia de pagar, sob pena de sahir o artigo calumnioso, que elle tinha arranjado. A mulher chorou e, por fim, com receio de que o marido não acreditasse naquella calumnia, lhe mandou a quantia, que tinha pedido.

—Então, como tu sabias que este safado tem todos os defeitos, recorreste a elle para descompor a um moço probo e honrado, não?

—A razão é porque, si eu recorresse a um outro, não publicaria, porque veria que era uma calumnia e ninguem quer se encarregar de propalar calumnias.

—E quem leva a elle uma historia de um roubo inventado, de umas fazendas em *Santo Antonio das Oliveiras?*

—Isso é um sujeito, que é inimigo desse moço, que o manda.

—Mas é uma mentira calva, porque este sujeito das fazendas, que quebrou fraudulentamente, antes de declarar a quebra, ou roubo feito aos seus credores, ja tinha passado recibo de saldo de todas as transações, que tinha com o dito moço.

—Mas V. Ex. sabe que o *Quinta* inventa o que quer dizer.

—E o muxingueiro inventará tambem com a taca no costado desse infame, que roubou á um incauto, que teve uma sociedade com elle.

—Capitão; para lhe fallar a verdade, quem manda é o tal negociante quebrado.

—Pois esse ladrão é quem manda esta babuzeira? Um safado, que casou-se com uma rica viuva, que gostava de seu *regaço* e depois que a depennou, mandou-a para fora e, de combinação com o genro della, assassinou-a!

Um infame que se amasia com uma pobre rapariga, porque sabia que ella tinha uma rica mobilia no valor de um conto de reis, e a foi hypothecar a um rico negociante de *taboa-grande*, pela quantia de setecentos mil reis, sem a rapariga saber de similhante ladroeira; depois inventou uma briga com ella, para poder mandar buscar os trastes da pobre *Vicencia*, e recolhel-os em casa do hypothecario! E até injuria se fallar nisso; mais si este tractante continuar com essas infamias tem de ajustar severas contas commigo!

Deixemos elle e vamos á ti men Papa-pinto.

Para que has de deixar passar contrabandos, quando estás de *espia*?

—E' porque a quantia que ganho, não me chega para matar a sêde, que tenho pela cachaça e por isso cometto essa infamia!

—Não tens remorsos de seres um mau empregado, um falsario?

—Capitão, a cousa que mais remorsos tem me feito, foi um dia, me vendo sem dinheiro para um *prego*, lo[illegible]ntar vender a honra.....

—Que sevandija!

—Muxingueiro, leva esto patife, da lhe quinhentas chicotadas e, depois, colloca-o no alto da ladeira da *Doença*, afim de que todos os moleques cuspam-lhe nesta deslavada e infame cara!

—Capitão, pareco-me que ainda assim este safado não se envergonha!

—Applica-lhe o castigo, depois vae buscar a minha presença o bebado da *Quinta*.

(*Continúa.*)

Chama-se a attenção do Sr. delegada para uma malta de moleques vadios, que se reunem todas as noites no largo do Theatro. os quaes se dividem em varios grupos, denominados—contradansa—sahindo um na frente dizendo: vou dar o baile, e os demais gritando—pega na onça! E neste gosto vão proferindo tudo quanto ha de offensivo á moral publica. Confia-se no zelo e actividade de S S., e espera-se que semilhantes vadios tenham conveniente destino.

Deseja-se saber do Illm. Sr. subdelegado do Pilar em que ficou a questão do barbaro espancamento feito pelo portuguez Joaquim Marques Nogueira da Silva em uma infeliz mulher?

Terão tido força no animo de S S. os pedidos e conveniencias da epocha, ou terá cerrado ouvidos ás condescendencias o se achado sobranceiro no desagravo da justiça?

—Será verdade que estão a oito dias detidos na Correcção alguns escravos do Sr. Manuel Pedro Celestino, por não haver juiz, que lhes assigne a ordem de soltura?

—Qual! não creia.

—E' o que me disseram: que o juiz foi passear fora, não deixou substituto e a vara ficou acephala.

—Emfim.. . tudo pode ser.

VARIEDADE.

ENIGMAS.

—Quaes são os individuos que veem sempre o mundo debaixo de uma côr celestial?

—São os que usam de oculos azues.

—E os que só veem a sociedade por um lado esquerdo?

—Os que são cegos do olho direito.

—E os que veem tudo negro?

—Os que se passeiam de noute.

—E aquelles que não dão um só passo digno de censura?

—Os entrevados.

—E os que não criam nunca cabellos brancos com os desgostos terrenos?

—Os calvos.

—E aquelles para quem é uma agonia cada passo no caminho da existencia?

—Os que uzam de botas apertadas.

—E o que antes de ser, já é?

—O vestido.

(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

GRANDE QUADRO

Contendo as caricaturas de todos os assignantes, que não pagaram o «Alabama;»

E de todos os caloteiros, tratantes, velhacos, mal-casados e seductores, que povoam esta Latronopolis.

Por baixo de cada caricatura irá as iniciaes do indiuiduo para melhor ser conhecido.

Será exposto á venda no principio do anno vindouro.

Preço de cada exemplar—500 reis.

Attenção.

O vigario da Conceição da Praia, gratifica com 5$ rs. a quem descobrir o Senhor Deus Menino, que furtaram da Matriz, no dia 27 do corrente.

Luiz Ferreira de Souza, armador, mudou sua residencia da caza á roa dos Marchantes, para o sobrado n. 32 á rua da Cruz do Pascoal.

A'S PESSOAS DE GOSTO.

Está exposto á venda na loja de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, a nova modinha brasileira intitulada —**Nada possuo neste mundo**,— por José Bruno Correia. Preço 1$.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna

O

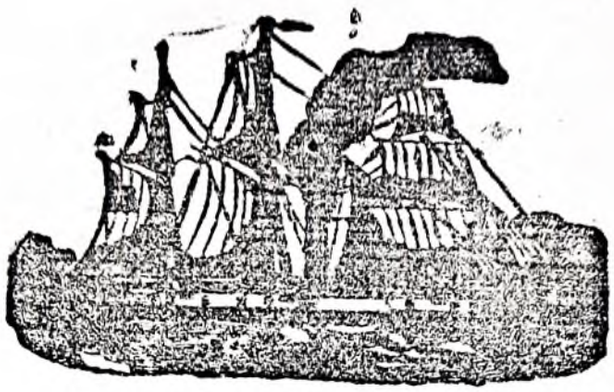
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 1º DE FEVEREIRO DE 1866. SERIE 1.ª—Nº 5.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, sobre os innumeros buracos que povoam a rua de Baixo.

Espera-se.... espera-se tudo da Illma.

Portaria ao aspirante João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua da Preguiça e veja onde mora certa sucia damnada, composta da mãe e duas filhas; intime-lhes que não continúe a incommodar a visinhança e ao publico e advirta-lhes que, si continuarem, irá fazer-lhes uma visita o muxingueiro, que sabe cumprir suas obrigações. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua Direita do Collegio em uma casa da Misericordia que se está concertando, e intime aos operarios que se deixem de fazer acenos, do lado do quintal, para a visinhança, visto que nem todos gostam de graças e muito se offendem com ousadias de quem deve estar trabalhando, si quizer ganhar dinheiro. Advirta-lhes que, si continuarem, terão de ajustar contas com o muxingueiro. Cumpra.

—Os paraguayos querem paz; jornaes inglezes assim o dizem.

O *Jornal da Bahia* traz o seguinte extracto do *Evening Star*:

«Temos agora a esperança de que acabe brevemente a guerra sanguinaria e prolongada que existe no Rio da Prata. Diz-se que a mediação europea foi solicitada e que o resultado será o melhor possivel. Com quanto sejam grandes os revezes que soffreu o Paraguay, os sacrificios que a guerra impoz ao Brasil devem influir para que esse imperio deseje vel-a acabada quanto antes.»

—Como vem com pés de lan!

—E' para ver. Em quanto (é do *Jornal*) puderam offender-nos no que ha de mais sagrado, so tinham arrogancia e insultos; agora (isto é meu) que se acham com as calças nas mãos, andam a procurar padrinhos com honras do *cabra-cega*.

—Canalha!

—Consta que chegaram cento e tantos *recrutas voluntarios* do Sul, *todos incapazes de serviço*.

—E aqui não havia inspecção?

—Havia; mas havia tambem necessidade de grande numero para realçar as glorias do administrador.

—E teve a nação essa despeza inutil!

—Inutil, é verdade; mas que não deve dar na vista porque muitos ladrões tem enchido a barriga á custa do paiz.

—Deve dar na vista, sim. Si eu fosse o governo geral, obrigava o presidente a pagar a despeza.

—Os medicos é que deveriam pagal-a.

—E pague la quem pagar, ou ninguem pague, o que é certo é que os taes recrutas invalidos andam pela cidade, atôa.

—E' uma lastima!

Doentes de hernia, obesos, epilepticos, paralyticos, phtysicos, rheumaticos, aleijados, andam a queixar-se, e muitos ficam dias inteiros á porta de palacio, sem que S. Ex o Sr. commendador, presidente o deputado os possa ver da altura de suas janellas!

—Oh! mundo!

—Por ordem do dia (diz o *Diario*) foi dispensado o Sr. tenente coronel José Pinto da Silva do commando do 14.° corpo de voluntarios (Cachoeira).

—Li; e em virtude disto, todos os officiaes pediram sua demissão.

—E em virtude disto, foram mandadas encorporar as duas alas do corpo aos batalhões 16 de linha e 10 de voluntarios (caçadores e policia da Bhia.)

—E em virtude disto, aboliu-se o decreto de 7 de janeiro; os voluntarios ficarão confundidos com a tropa de 1.ª linha!

—Não sei...

Realmente não comprehendo! Salvo si forem, ao findar a guerra, descriminados das praças do exercito ordinario.

—E' o que eu duvido; soldado sem commandante, sem protector portanto, só por si, com seu direito, por mais alto que falle, por mais que grite, sua voz não vae *até la em cima*.

Emfim vejamos.

—O Sr. Patterson é philantropico.

—Quanto aos doentes; mas não intendo de philantropia *in partibus*. Não sei que diabo de philantropia é essa que põe um moleque a correr atraz do cavallo em que S. S. percorre as ruas desta cidade!

—E' que S.S., apezar de inglez, não reparou que o preto é organisado como o branco e não pode portanto andar continuamente *pari passu* a um cavallo.

—O correio da capital da Bahia vae acompanhando o progresso. Chegou um vapor no sabbado e na 2.ª feira ainda não havia lista!

—E' porque chegaram outros, houve accumulação de trabalhos, e não se poude dar vasão a tudo.

—A rasão é convincente, é!

—Padre, venha ca!

Não mente o seu nome!

O *amor* com que o chamam infiltrou-se no seu corpo por forma tal que sahiu V. um furioso *leão* de Paris!

Pois, não contente com as familias que tem desgraçado, deu agora para requestar as recolhidas!

V. tome geito; olhe que lhe ando na pista!

—Capitão, não me envergonhe!

—E V. si tivesse vergonha não era o primeiro a zelar a dignidade da classe a que pertence?

Todavia, como é bonito, como ainda mostra o que foi, para não ficar muito conhecido, quando tiver de reprehendel-o, em vez de chamal-o Amor, chamo-o *Amour* por que eu tambem sei francez.

—Isso não; na Bahia ha um conego com esse nome e podem vir complicações para V. Ex.

—Elle bem sabe que eu ancorei em Latronopolis!

Toma la sentido, meu dandy!

—E' celebre! parece que na Conceição da Praia não ha fiscal! Ha uma postura que prohibe na rua objectos que impeçam o transito, especialmente em os passeios; entretanto estes amaveis pretinhos largam suas cadeiras de arruar em cima dos passeios, e o que succede?

Chove como agora; a rua fica inteiramente alagada; as portas estão occupadas e não se pode a gente recolher; ha necessidade de andar-se por cima dos passeios; as cadeiras lá estão; o remedio é metter-se os pés n'agua, porque os negros estão sentados em suas cadeiras, frescando, sem dar cavaco com quem passa!

—Mas para isso queria V. que o fiscal apparecesse com chuva?

—A cousa é sempre assim; os fiscaes devem pôr em vigor as posturas, e quando não façam seu dever, que faz o subdelegado?

—Tambem V. quer levar tudo á risca!

Quem tem seu carro, offerece ao governo de graça e obtém contemplações; quem pode offerecer cadeiras porque tambem não será *attendido?*

—Faz nojo ver as batinas dos meninos do coro! Estão rotas, sujas, a feder!

E' preciso providenciar-se.

Agora que temos novo deão, esperemos.

O aceio faz parte da boa sociedade; como pois na sociedade catholica, nos seus templos, seus agentes se apresentam sordidos, immundos?!

E depois o governo dá dinheiro para taes cousinhas....

VARIEDADE.

Alguns periodicos allemães referem o seguinte singular facto:

Hans Glasser estava convencido de que seu pae interrara grossos cabedaes, e que á hora da morte não teve tempo de revelar. Começou a demolir pedra por pedra a casa em que habitava, porém nada encontrava. Um destes ultimos dias, durante uma tempestade, Hans trabalhava com maior ardor do que nunca, e de repente cahe fulminado por um raio Quando se levantou viu espalhadas em volta de si notas do banco de França no valor de 180:000$; a faisca electrica havia desinterrado e feito em pedaços o cofre em que o Sr. Glasser senior tinha escondido o seu dinheiro aos olhos de todos.»

A PEDIDO

(*Continuação.*)

—Capitão, como prometti, aqui estou para contar certos episodios da vida de Corta-ferro.

—Pois ande lá com isso.

—O diabo ficou *inutilisado,* e como tal foi ser director dos *inuteis*; mas como os *inuteis* comem, vestem, dançam e folgam, é preciso dinheiro que os *solde*; vem o dinheiro, ha soldo, mas os *soldados* ficam sem elle. Corta-ferro tem o terrivel vicio do jogo e no seu voraz sorvedouro atira o dinheiro que pertence aos pobres mutilados.

—Que patife!

—E mais foi elle nisto: Vendo-se compromettido, lançou-se miseravelmente aos pés de duas pessoas a quem passou uma lettra de seu *vencimento* e ordem para recebel o na thesouraria; mas enganou-os infamemente; quando os moços foram receber o seu dinheiro, ja a outro estava rebatido por dous annos!

—Que ladrão e que ingrato!

—Não se emendou dessa o patife; cesteiro que faz um cesto faz um cento. O ladrão deu fim a uns sapatos dos pobres *inutilisados*; mas soube-se do roubo e o patife attribuiu-o a um cadete.

—Calumniador em cima!

—O cadete, homem brioso, defendeu-se, provou sua innocencia e ficou liquido que Corta-ferro tambem cortava sapatos.

Deu-se porem por injuriado, quiz fingir susceptibilidade, e deu-se a ridiculo, mostrou que tambem era bobo; convidou o cadete para um duello e andaram ás cabeçadas, quero dizer ás espadeiradas.

—E quem venceu?

—O cadete, que dizem que, ao malhar-lhe no corpo com a espada, gritava:

Si tu cortas ferro, eu corto-te a carne.

—Depois disso que fez?

—Nas suas extravagancias, pelas

suas continuas bebedeiras, nas suas diarias jogatinas, pelo muito gasto que fazia ganhando pouco; via-se sempre Corta-ferro sem dinheiro.

Existia então em certa rua um certo negociante de *cousas velhas*, um *Belchior* de nomeada, um bazarista em cheio, especie de *caga-negocio*, que tinha muita *misericordia* dos pobres, a quem protegia com suas transacções. Pois ahi, n'um desses momentos de crise, no apuro da *quebradeira*, foi ter Corta-ferro; na porta onde batiam os necessitados bateu tambem o atrevidaço e orgulhoso militar-*mor*.

Fez seu negocio; isto é, trouxe seus quatro vintens no bolso e deixou na casa do Belchior-Varella o fardamento rico.

—Empenhou-o, não?

—Sim, Sr.; mas Belchior que era gaiato, pendurou na porta da loja o fardamento do homem. De sorte que todo mundo que passava logo dizia: Corta-ferro empenhou o fardamento!

—E os moleques que fizeram?

—Ora! Fizeram logo uma *tyranna:*

Corta-ferro por quebrado,
O fardamento empenhou;
O Belchior qu'é cassuista
Na porta o dependurou.

(*Continúa.*)

—Irra! Já não é relaxação! Já não é descaração!

—Então o que é?

—E' *atrevido* atrevimento!

Como é que acontece, que um quidam vigario, um *nobre* padre, que deve ser o typo, a imagem da moralisação, e bom exemplo, no centro d'uma cidade como a de Latronopolis, atreve-se a escandalisar a moral, e a prostituir a propria egreja que parochia, d'uma maneira tão extranha á religião e á casa de Deus vivo!!

Si fosse em uma freguezia dos arbustos que tal se praticasse, si bem que indevidamente, dir-se hia: foi nos mattos. Mas aqui! O vigario, e sua manceba sendo ambos padrinhos d'um menino na sua propria egreja em um dia e dahi a pouco, repetindo-se um outro novo escandalo de ser na mesma freguezia o filho do proprio vigario baptisado, assistindo de tocha na mão o dito vigario e sendo padrinho do recem-nascido vigarinho o avô, o pae do vigarão! Irra! Já não é relaxação, já não é descaração! E' *atrevido* atrevimento!!

Para outra vez a noite de Natal, e o soirée do baptisado na morada dos bois!

Dos vigarios o primeiro—
Cabra cega adivinha—
Quem te deu!?—
Por tudo isto és um san deu.—

—Capitão, pancadaria velha.

—No Bomfim?

—Não; la houve-as; dizem que até facadas; mas o caso foi para as bandas do Matatu e na sexta feira, ás 7 horas.

—Mas que houve?

—Certo cujo, morador nas Pitangueiras, não sei por que, fez um alarma em casa e acabou por dar muita pancada na pobre da amazia.

—Roupa miuda se lava em casa.

—Mas a obra foi grossa; o homem, estando a mulher pejada, bateu-lhe de maneira que a infeliz se não pode levantar da cama, nem mecher!

—Barbaro!

—E continuou por dar bofetadas na irman da moça e metter o cassete no irmão.

—Bello!

—E no dia seguinte deu queixa do moço por ter defendido sua irman; disse que era reu de policia, que devia ser preso etc. etc.

—E que fez a visinhança que não acudiu á moça? ou ella não gritou?

—Gritou muito e muito *aqui d'el-rei*, mas ninguem quiz prender o homem, e o inspector não appareceu.

—Pois o negocio é com a policia; vão a ella, deem queixa e *alcançarão justiça*.

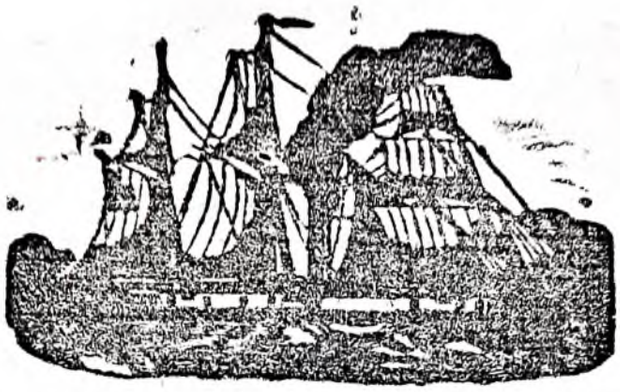
—Capitão, quero antes que V. Ex.ª o mande pegar pelo muxingueiro.

—Pois diga o nome do homem.

—La isso não sei; mas veiu do *Porto* na companhia do Manuel Marques, ha bem pouco tempo.

—Está bom; viva!

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRATUNA



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 6 DE FEVEREIRO DE 1866. SERIE 1.ª—N.º 6.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de fevereiro de 1866.

Officio á camara municipal,' perguntando-lhe si não sabe que a rua da SS.Trindade se acha cheia de aguas estagnadas e putridas,como ja se lhe noticiou; no caso de saber, para quando guarda a remoção daquelle mal do centro de seus committentes.

(No mesmo sentido ao emprezario da limpeza publica)

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado, participando-lhe que no dia 26 do p. p. pelas 7 horas da noite foram cruelmente espancadas nas Pitangueiras, freguezia de Brotas duas mulheres, uma das quaes se acha em perigo de vida, e não consta até hoje que o subdelegado dalli desse a menor providencia.

Espera-se que S. S. se digne tomar conhecimento do facto e dar as providencias que o caso requeira.

—Ao Sr. Dr. provedor de capellas. —Sendo digno de censura que em um dia de festividade na capella de Santa Barbara esteja uma imagem de Nossa Senhora sem a sua corôa; e constando que existe a mesma,além de outras alfaias, em mão de *certo devoto* que não a quer entregar, chegando a não cumprir ordens superiores, quando em pleito; convém que V. S. dê suas terminantes ordens, afim de que esso individuo não queira fazer de Borgia em santo corpo, as entregue por tanto e preste contas dos dinheiros pertencentes á mesma imagem. Sabe V. S. que não é possivel que esteja um a despender com missas, festas, guizamentos etc., e outro no gozo dos rendimentos.

—S. Ex. foi a Santo Amaro.

—Provavelmente assistir aos folguedos do dia 2.

—Não; a serviço publico.

—Mas fez d'uma via dous mandados; achou a quadratura do circulo, isto é, metteu dous proveitos n'um sacco.

—Deus guie S. Ex. que tanto procura engrandecer a provincia em que nasceu e que administra!

—A festa esteve boa, a mascarada melhor; appareceram mascaras importantes, entre os quaes um gato-marisco de oculos, com fardão de... de... de futuro ministro, e uma *coruja* a querer comer o bicho.

O mais foi na ordem do costume.

—No dia 2, o Bomfim esteve applaudido; houve a abertura do cofre, a posse da nova meza e o comparecimen-

to do batalhão Imperatriz que foi ouvir missa e benzer a bandeira.

—Quanto rendeu o cofre?

—3:109$360; em papel 1:668$; em prata 735$220; em ouro 131$000; em cobre 573$140.

Appareceu tambem um quinto de bilhete e uma carta d'um fulano de tal, pedindo que se consignasse na acta a sua offerta de 5$000 rs.

—Este aproveitou sem duvida muito para o ceu com a ostentação que pediu.

Deus o converta!

—Capitão, a mulher do caxorro morreu!

—Quem se importa com a morte dos cadellas?

—Ora boas noutes, capitão; fallo da pobre velha mordida pelo cão do subdelegado.

—Ah! morreu?

—Pela primeira vez; estava com o corpo em petição de miseria, uma das pernas estava inteiramente escalavrada.

—Ora vejamos o que soffre o dono do cão, que, segundo o *Jornal*, presenciou a scena em gargalhadas.

—Esteve luzida a festa do Senhor do Bomfim em S. Domingos.

—Esteve; mas houve foguetes a entrarem pelas portas e janellas das casas e a ferirem cabeças.

—Tambem cahiu um pedaço de tribuna, especie de ceu velho que quebrou a cabeça de algumas senhoras e occasionou syncopes em outras.

—Pois seria melhor que em vez de gastarem o dinheiro em foguetes e fogueiras, o empregassem em reconstruir o templo, pois no seu aceio é que se reconhece o grau de culto e reverencia que se presta a Deus.

—O batalhão Imperatriz foi no dia 2 ao Bomfim benzer a bandeira.

—Ja se sabe.

—Mas não sabe que o padrinho foi o actual Sr. commandante das armas.

O batalhão portou-se muito bem, devido ás ordens de seu commandante e do padrinho da bandeira, que é militar inteiro: quando o tal Leopoldina la foi, houve orgia, gritos, e depois reclamos de fome e soldo; hontem nada disso houve. Ao contrario muito enthusiasmo demonstraram os guardas nos repetidos vivas que deram e nos brindes que fizeram.

—E' assim que succede, quando ha ordem, justiça e contentamento.

—Não vê que certos *mombocas* pensam que commandar armas é andar em jantares e passeios?!

—Pois que lhes aproveite a lecção!

E fiquem sabendo que o actual commandante das armae que teve um pae que sustentava pesadas dragonas de brigadeiro, nunca chegaria a negal-o, si fosse elle um pobre sapateiro.

—Barbarismo! Um negro surrado, inhabilitado para serviço por mais de 30 dias! N'um estado deploravel, quasi morto!

—E quem é o senhor?

—E' um fugitivo, um tabellião annotado, que andou fazendo artes de berliques e berloques, que gamou uns oito contos de reis, e que apezar de escondido, apparece todos os dias á janella da casa em que mora.

—Ah! conheço-o!

E' um sujeito que veiu do estreito de Magalhães no brigue *Castro*

Sr. Dr. chefe de policia, as partes da policia não cessam de noticiar escravos fugidos por maus tratos dos senhores; providencias.

—Que vergonha! Para a cidade da Bahia que se orgulha de religiosa, para uma das primeiras provincias d'um imperio que tem por padroeira N. S. da Conceição, é uma cousa inaudita, inesperada!

—Mas o que?

—Pois no dia 8 de dezembro deixa de haver missa no Collegio, cathedral d'uma metropole ecclesiastica!

—Ora casos antigos!

E admira-se de pouco; o que V. deve admirar é a sem-cerimonia com que os conegos enganaram o arcebispo, dizendo que tinha havido a missa, afim

de que (dizem elles) S. Ex não soffresse algum choque com tão grande e censuravel falta.

—Reconheceram o erro, mas continuam na falta de cumprimento de suas obrigações!

Com effeito!

—O Dr. Sudré tem hoje um grande valor.

—Porque?

—Esta com honras de salsa-parrilha de Bristol que cura a todas as molestias.

—E o Dr. tem esta felicidade, cura a todos?

—Não cura a todos, mas serve para tudo; é lente de academia de medecina, historiador da mesma, candidato taboqueado, fiscal dos exames na dita academia, redacter do *Observador* e... que sei eu?

—E' tambem um moço sympathico; captiva os corações do bello sexo!...

—Capitão, sabe qual a rasão porque o armamento para os militares, em vez de ir para o arsenal de guerra, foi para o de marinha?

—Caprichos do Sr. Dantas.

—E que diabo de correiames são estes amacacados de que usam os guardas do 8.º?

—São correiames de fusileiro que os homens deram para caçador; de brancos é preciso reduzil-os a pretos e o trabalho é grande: quem quizer pode ir ver os guardas em qualquer parte, de graxa e escova na mão a vassourar as correias, que o mais que consentem é tornarem-se atabacadas.

—São luxos.

E o melhor é deixarmo-nos disso, que podem os figurões zangar-se e dizer que estamos a cassuar dos *pitús*.

A PEDIDO

(*Continuação*)

—Que Corta-ferro sem vergonha!

—Ouça mais o que elle fez: jogou de novo o soldo da companhia; mas fertil em recursos, arranjou um papelito com solimão e foi ter com um major, que apesar de nascer em terra era *marinho*; lamentou-se e disse ao homem que delle dependia sua sorte e a de seus filhos; que si lhe não fossem abonadas umas lettras pelo major, alli mesmo se envenenaria elle.

O major abonou-lhe 1:000$ rs. Corta-ferro, já servido, cassuou com o protector; nunca mais em tal cuidou, empinou-se para o Rio de Janeiro, em virtude de uma commissão que de proposito arranjou.

Tendo o major de ir ao Rio, la encontrou-o e fallou-lhe a respeito. O caloteiro respondeu-lhe que se intendesse com um major robusto e *basto*, que o dinheiro não foi para elle, que todos eram ladrões, que o tal major fora quem armara a *ganga* etc. etc.

—Que ladrão safado!

—E o pobre do major por fazer beneficios, foi quem pagou ao estabelecimento o que não comeu nem bebeu.

(*Continúa.*)

—Gallego, vem cá!

—*Ostrenou*, criado de V. Ex.

—Então qual é a rasão de quereres que se demitta a um nacional, para tu seres empregado? Eim, bebado?

—Capitão, não me insulte!

—Queres negar que és um grandississimo bebado, que vives só pelos botequins?

Queres negar que no Rio estiveste até uma vez preso, porque foste encontrado na praça encarraspanado? Eim, tratante?

Lembra-me agora até de uma vez que o *Vicente Ferrer* passando por tua caza, e encontrando uma mulher na janella, perguntou a ella o seguinte:

—Sra. Caveira, diga-me:
Onde está o *Ostrenou?*

Ella respondeu:

—Está na praça cosinhando
A caxaça que chupou!

Aqui mesmo já muitas vezes tu tens andado pela Praça, dando espectaculo!

—Capitão, não lhe presto mais attenção, pois não estou para soffrer insultos desta ordem!

—Pois bem: has do prestal-as ao muxingueiro.

Muxingueiro!

—Estou ás ordens de V. Ex.

—Leva este gallego para bordo, afim de ajustares contas com elle.

—Chegue-se para mim, infame!

—Capitão, estou já em seus pés!

—Segue, gallego.

—Capitão, por quem é!

—Avenha-se com o muxingueiro.

Muxingueiro, dá tantas calabrotadas neste gallego, quanto a mãe deu de boquinhas nelle, quando menino!

—Serão cumpridas suas ordens, capitão.

—Ai.... ui.... ai!....

—Vem ca, Chica!

—Eu não conto; tenho quem peça por mim, capitão.

—Já morreu o afilhado de quem vossês eram compadres.

—Ah!

—Esqueceste-te daquellas saias velhas emprestadas que tomavas á visinhança do becco de Maria Pires?

Esqueceste-te do *Nicolau* que te dava seu *café* o deu-te tambem sophás, camas, colchões, etc.?

Mas has de te lembrar do moleque cortador de carne.

Nem podes esquecer o Mandú!

Nem ainda o Bernardo, o Felippe e o Marcos do zabumba.

Esqueças porém ou não esqueças, o caso é outro. Disseram-me que tinhas sentado praça no olho-vivo; que ias para Nazareth e lá betavas o que podias; é verdade?

—Falso, capitão.

—Mas queres ir ao Rio de Janeiro, não?

—Quero sim, Sr..

—Has de te dar bem; os capoeiras de lá gostam do *jogo da banca* e tu és mestra na cousa. Quando voltares, em vez de uma,como Maria da Gloria trouxe, trazes duas ou tres escravas.

Deves ir,acho bom.

Mas antes, quero que restitúas a seu dono o que não é teu.

—Nada tenho que meu não seja.

—Uma salva de prata circulada de aljofar; dous castiçaes de prata; salva e tesoura para luz; copos, molheiras, almofadões, calças, camisas, lenços, lençóes, toalhas, fronhas e duas caixas, uma grande e a outra pequena; nada disso te pertencia e quero que tudo entregues a seu dono

Bem vês que sei de tudo e que não mente portanto quem diz que estás no regimento do olho-vivo.

Chica, é preciso tomares vergonha; toma sentido! Tu bem sabes que o muxingueiro tem o dom da ubiquidade e é infallivel em todo o logar em que se chame por elle.

Pergunta-se qual o motivo de não ter ainda sido solto o infeliz José Maria da Costa. Dizem que influem nisto os partidos e caprichos desta infeliz terra; mas que culpa pode ter um infeliz preso de ter sido transferido em 1864 por ordem do Sr. Des. Silva Gomes e em 1865 por ordem do Sr. Dr. Junqueira?

O infeliz recorreu ja ao Sr. Dr. chefe de policia de quem espera-se que obre como costuma.

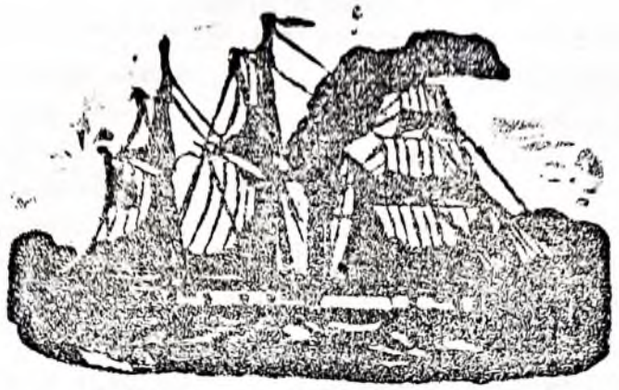
ANNUNCIOS.

Pede-se a certo sapateiro da rua Direita do Collegio para vir á ladeira de S. Francisco n.° 47, pagar á vista sua conta proveniente de costuras de botinas ha mais de seis mezes feitas, sendo seu nome publicado por este jornal no caso que não venha pagar nestes dias.

Vende-se duas casas terreas, feitas de taipa, de n.os 180 e 778, na estrada do Rio Vermelho, pouco adiante da encruzilhada do largo; quem pretender dirija se ao Portão da Piedade n.° 35. Vende-se muito em conta por querer seu dono retirar-se.

Compra-se um macho, ou mulla nova passeira;quem a tiver para vender pode apparecer na rua da Lapinha caza n.° 2.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAFIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 8 DE FEVEREIRO DE 1866. SERIE 1.ª—N.º 7.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de fevereiro de 1866.

Officio ao Exm. Sr. presidente, pedindo-lhe que se digne providenciar para que o beco do Bambú (por cujas cazas se paga decima) seja illuminada a gaz, visto que é hoje um logar bastante transitado e está no caso das mais ruas.

Espera-se que S. Ex., cujos glorificadores tanto o exaltam pelas obras do centro, se digne cuidar tambem nas cousinhas de que precisa a capital.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia pedindo-lhe providencias contra um celebre brinquedo que inventaram os capotes: põem-se á porta de qualquer egreja onde ha festividade, e começam a dar encapelações em todas as pessoas que do templo sahem com seu chapéu de pello, venham ou não acompanhadas de familia.

No dia 4, na porta de S Domingos, o tal brinquedo não foi em pequena duração e occasionou uma cabeça quebrada, com o choque da bengala que deu a encapelação, na cabeça do encapelado, homem respeitavel e credor de attenções.

Informam-nos que tal graça foi praticada por certos moços de certa sociedade, acompanhados por seus mestres.

Espera-se que appareça alguma providencia no sentido de obviar a continuação de tal insolencia.

—O Costa Guimarães requereu que se lhe conservasse o primeiro praso marcado para a remoção das monturreiras.

—Com effeito! Que animo!

Nem que lhe dêem dez annos, no gosto em que vae, é capaz de remover todos os monturos; si o homem continúa a creal-os por toda a parte! Deu agora em apromptar um na baixa do Jacaré, á Estrada Nova, com a singularidade de ser augmentado por cães e outros animaes mortos...

—Malfadada limpeza, em que mão cahiste!

E a pobre da Bahia a pagar as favas!

—Deixe-me repetir o edital da policia contra o divertimento de entrudo.

—E' baldado.

—Comtudo. Quem brinca entrudo tem 30$ de multa, ou 8 dias de prisão; quem vende laranginhas, seringas etc., além de perdel-as, tem tambem a multa ou a prisão. Os donos das cazas res-

pondem por todos que nellas se acharem e infringirem as ordens; pelos escravos nada soffrerão, si a seu pedido forem elles castigados corporalmente. Ha, além disso o crime de desobediencia, cuja pena são dous mezes de cadeia.

—Ainda quando houvesse energia bastante para se executar a lei, haveria sempre quem, apezar dos pezares, fosse molhar sua Bella.

E' tão doce!

Que valem, em comparação, tres mezes de cadeia?

—Mais vale um gosto que quatro vintens.

Quem quizer divertir-se, que brinque; julgo porem que faço alguma cousa explicando a cousa.

—Em quanto *se trata* de reparar as ruas, os buracos continuam. E, além dos canos destapados e brocados, na ladeira da Mizericordia, está-se a fazer um concerto e deixa-se os novos canos com a boca aberta. A rua é toda um buraco; por ella entretanto muitos cegos transitam...

—Que mudem de rumo!

—Mas si por alli é que elles recebem suas esmolas! si aquella rua é uma das mais frequentadas!...

—Dous proveitos não cabem n'um sacco.

—Mas quem recebe dinheiro para cuidar dos interesses publicos deve mandar cubrir esses precipicios, afim de que não soffram os descuidados.

—Os moleques continuam com as pedradas; mas bem vê que o chefe de policia se não ha de occupar com pedradas e moleques.

—Está claro; ainda que dellas venha a morrer alguem, como ha pouco succedeu a uma senhora.

—Serio?!

—Ora!

A senhora sahia da caza da modista em que trabalhava, e, na rua Direita do Collegio, levou uma pedrada no peito; não deu cavaco e bebeu apenas uma sangria. Dous mezes depois; deitou sangue pela boca e, chamando o medico, soube que era incuravel sua molestia, resultado da pancada forte que no peito levara. E effectivamente, não durou quatro mezes; ha dias deu a alma ao Creador, graças aos brinquedos dos moleques e á indolencia da policia da Bahia!

—Pobre terra!

Vejamos si agora apparecem providencias.

—Que mulheres são aquellas n'uma das portas da egreja de S. Domingos?

—Moram alli

—E fazem daquillo cortiço! Quanta rapazeada a entrar!

A culpa tem quem dá consentimento para taes cousas.

—Capitão, que noticias me dá do Riachuelo?

—Não tenho correspondente no Sul.

—Capitão, eu fallo do Riachuelo da Bahia, um vapor que se esta construindo no arsenal de marinha.

—Ah! Dizem que falta-lhe a caldeira; está-se no fabrico da terceira, visto que com a collocação da segunda andou elle menos que da primeira vez.

—E gasta-se assim o dinheiro da nação!

Habil engenheiro, Deus te conserve!

—Houve ordem da presidencia para que se mandasse calçar a frente do tanque d'Agua de Meninos, que está em estado de estropiar, mancar e quebrar as pernas aos cavallos do esquadrão.

—Houve, mas o concerto não se fez.

—Que lhe dê a rasão o Sr. engenheiro director das obras militares.

—O contracto da limpeza diz que esta se estenderá á Penha nas immediações da Calçada mais ou menos; parece-me portanto que até a fonte d'Alegria, até o principio da Vargem, devia se estender a limpeza. Por alli entretanto não passam carros, e la está, ha dias, um porco podre, a incommodar quem passa!

—Bem servido está V. si pensa que a limpeza lhe attende; no beco do Pilar está um gato podre, os carros passam pela Cruz do Paschoal, a limpeza funcciona no beco e o gato permanece. Entretanto eu nada digo, por que ha um artigo no contracto que diz que quem quer dar avisos que vá ao escriptorio da empreza.

—Alto lá! fica sempre salvo á imprensa o direito de indicar o abuso.

—Pois si fica, ella brada, e os abusos continuam: parece que o Sr. Costa Guimarães faz timbre em não ouvir o que lhe dizem as gazetas.

—Veja que desaforo de gallegos! Chamam os burros de Princeza, Mulatinha, Sinhá e outras cousas semelhantes!

—Que diz?!

Muxingueiro! Vae esperar por esses patifes; o primeiro que proferir alguma dessas asneiras offensivas que ouviste contar, seja por ti posto em logar do burro para conduzir o carro; o que elle fará debaixo de furiosas e não interrompidas tacadas.

A PEDIDO

—Não sei para que servem as listas, que a lei manda os inspectores de quarteirão fornecerem ao juiz de paz!

O juiz de paz de Santo Antonio fez o que quiz, alterou as listas a seu bel prazer, diminuiu-as em uns quarteirões augmentou-as em outras, fez o diabo a quatro.

—Pouco tem que admirar; o homem teve a faca e o queijo nas mãos!

—Mas affianço que muito terá V. Ex. que admirar, quando na volta eu lhe contar certas *cousinhas*.

—Pois venha com isso que já *tarda a remessa*.

Pede-se a um Sr. que anda de *thuribulo* pelo Forum o favor de restituir os 2$ rs. que por *graça* foi buscar na vespera do Natal, em casa do homem que cava *terra* sem seu consentimento; pois que para o tempo já é de mais.

A subtracção das chaves

O abaixo assignado pede aos Srs. redactores do *Alabama*, que declarem por sua honra si tem elle nesta folha escripto cousa alguma contra o Sr. Guimarães, arrematante da limpeza desta cidade. Faz esta pergunta não porque tenha medo de cousa alguma, caso tivesse escripto, e sim para não carregar peccado dos outros pois sempre teve de costume quando escreve alguma cousa contra alguem, assignar seu nome, como tem feito com outros

Bahia 5 de fevereiro de 1866.

De V. etc.

Florencio da Silva e Oliveira.

—

O Sr. Florencio da Silva e Oliveira nunca partecipou-nos ommissão alguma da limpeza da cidade; nunca nesta folha escreveu neste nem em outro qualquer sentido.

A Redacção.

Sr. Aurelio, V. chama os companheiros relaxados?!

E' certo que na sua queixa qualificou de relaxado a um moço que sempre foi bem considerado entre todos, e que teve uma educação que fica a perder de vista d'aquella que V. recebeu em Portugal?! Ora, Sr. Aurelio, não seja tolo, nem queira experimentar o gosto *de casca de boi*...

Relaxado é V. que descaradamente vive amancebado com uma rapariga que libertou para esse fim em casa de uma nobre familia, tendo-a publicamente na rua dos *vasos d'agua*, á vista de todos, e pondo-se na janella com ella a catar-lhe as immundicias n'essa cabeça de burro, d'onde nunca sahiu senão burrices. Socegue... heim!... depois não chore!!....

Olhe as reprehenções!:..

O Dr. Murrinhos.

—Apreciem isto.

Pedro em qualidade de proprietario de um jornal que se publica em Latronopolis, foi chamado aos tribunaes por um escripto calumnioso contra Paulo. O juiz pronunciou a Pedro, e em consequencia tem de se defender no tri-

bunal do jury. Da pronuncia que Pedro teve, pedia fiança que lhe foi concedida, e nomeados os arbitros, um delles, que é doutor, e com fumaças de grande cousa, deu o seguinte laudo:

«Em vista da sentença f. *condemnando o falso impressor* (Pedro) a quatro mezes de prisão simples, avalio o damno causado e custas em vista tambem da circumstancia de ser ja fallecido o *condemnado* (é vivo) na quantia de 1:000$, salvo melhor juizo. Bahia etc. etc.»

E' visto nas Oliveiras.»

—Que pedaço! De sorte que o condemnado é fallecido quando todos sabem que é vivo!

—E quando estivesse morto, cessava o processo e não havia necessidade de arbitrar fianças.

—Fertilidade da cabeça original do *advogado em mangas de camisa...*

—Forte burro!

Pede-se ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, que faça vir a sua presença, pelos meios competentes, o processo por injurias verbaes instaurado ante a subdelegacia da Penha em que é author Severiano Cabé, e reu fulano de tal Lima e aprecie a imparcialidade e justiça, com que se houve o *digno subdelegado* daquelle *feliz* logar.

O amigo da justiça.

Attenção!

Pergunta-se por que razão acha-se ainda encostado um guindaste fundido no arsenal de marinha, ha bastante tempo.

Será por falta de tinta?

Será por falta de solla para os planos da cabeça?

Ou será pelo calculo das rodas dentadas?

Espera-se resposta.

Um curioso.

—Breve sae de Latronopolis o *Lopes*.

—Estava entre nós esse diabo?! Não saber eu para esganal-o!

—Não esperdice seus bons desejos; o tal *Lopes* de que lhe fallo é caricata; em quanto o Lopes do Paraguay organisava exercitos que punha em campanha, o de Latronopolis intitulava-se, sem haver tropa, chefe dos armamentos.

—Provavelmente os de guarda nacionaes inutilisados que vão para o arsenal.

Pois que Deus leve em boa hora o tal bobo por bem longe desta terra onde só deu beneficios!

A quem souber.

Deseja-se saber a razão porque ainda está na officina das machinas, no arsenal de marinha, uma bomba que, ha perto de dous annos, la foi afim de melhorar se lhe o systema.

Será por falta de azeite para os bronzes, engenheiro?

Um innocente.

—O que é isto?

—E' o extracto de uma carta achada, nas immediações da secretaria da policia, por um varredor da limpeza da cidade.

—Lêa.

—«Minha Querida.—Como desejo ter uma occasião opportuna para a manifestação do meu amor, peço-lhe que em vista do exposto haja de me mandar dizer qual o dia e hora em que pode ter logar uma entrevista.

Seu amante fiel,

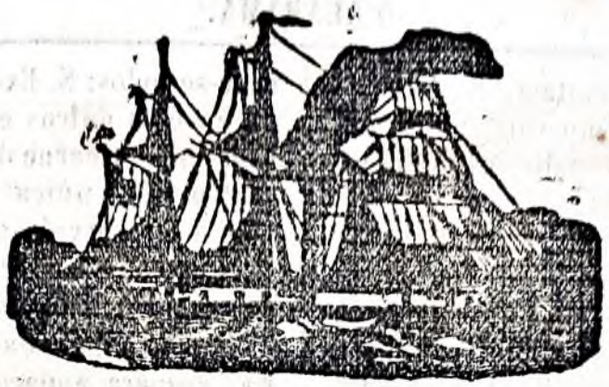
O Dr. Cathegoria »

ANNUNCIOS.

Preciza-se de uma ama para cozinha para pequena familia, quem pretender dirija-se ao deposito de cal ao Caes Dourado.

Vende-se duas casas terreas, feitas de taipa, de n.ˢ 180 e 778, na estrada do Rio Vermelho, pouco adiante da encruzilhada do largo; quem pretender dirija se ao Portão da Piedade n.° 35. Vende-se muito em conta por querer seu dono retirar-se.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRACIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 10 DE FEVEREIRO DE 1866. SERIE 1.ª—N.º 8.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de fevereiro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande examinar a rua do Imperador e ver si foi cumprido o que a Illma. mandou fazer quanto ao aterro e concerto da mesma rua. Informam-nos que não houve nivelamento sinão na porta do encarregado da obra, ficando o resto da rua no mesmo ou em peior estado.

Espera-se portanto que a Illma. tome em consideração este pedido, que tem por fim economisar os cobres municipaes que são tão minguados como se allega e que não comportam destes grandes desperdicios.

—A' mesma, pedindo-lhe de novo para mandar intimar o dono ou morador de um sobrado n.º 14, ás Portas do Carmo, defronte da botica do Sr. Andrade, sobre a necessidade que ha de concertar a bacia das janellas do mesmo, a qual está prestes a cahir, e provavelmente em alguma cabeça.

—Sahiu ja o 3º numero do *Agricultor Bahiano*, folha redigida pelo muito conhecido Sr. Dr. Mello Moraes.

—E sahiu tambem o *Mané de Souza*, satyrico-politico; como ja trabalhou na companhia Bahiana, intende muito de negocios maritimos.

—E dirige-se, em ar de phosphoro, sem respeito, sem consideração alguma, ao capitão do *Alabama*, para perguntar á thesouraria provincial que deficit ha na verba dos passeios do presidentes.

—Mané de Souza de tudo intende pouco, principalmente de *politica*.

E como o caso é de utilidade publica, custa pouco fazer-lhe a vontade:

Pergunta-se á thesouraria provincial que *deficit* ha ja na verba —passeios presidenciaes— afim de ser ella augmentada no proximo orçamento.

—E eu recommendo ao publico que se dê ao trabalho de ler o *Mané de Souza*, que promette no 2.º numero apresentar-se em exposição, dando o seu retrato ás avidas vistas dos meninos da Candinha.

—Em quanto servem uns de salsaparrilha, servem outros de *le-roy*; com bons pés voltou a esta terra o Dr. Leão Velloso.

—Acaba de ser nomeado 1.º vice-presidente desta provincia.

—Andar assim....

—Embarcou-se hontem, 8 do corrente, o batalhão Imperatriz; foi levado até a bordo pelo presidente e toda mais companha.

—Deus o leve a salvamento!

Constando ao Sr. Samuel Marback (que até perguntou a alguem) que o author de alguns artigos sobre a subdelegacia da Penha era o Sr. capitão Hermenegildo—appressamo-nos a affiançar-lhe, sob palavra de honra, que assim não é. A pessoa que lh'o affirmou não pode ser sinão um miseravel intrigante, que quer ver destruidas as boas relações que existem entre S. S. e aquelle digno cavalheiro.

—Ninguem mais do que S. Ex. o Sr. Dr. chefe de policia sabe quão pernicioso é o brinquedo de entrudo; e a prova está no seu edital. Pede-se-lhe comtudo que active as providencias, que lance suas vistas para a Preguiça, onde ha uma casa em que se faz timbre de molhar com aguas sujas a quem quer que passe. O entrudo ja principiou, não se pode sahir á noite, os moleques atropellam, insultam e molham a qualquer um.

—E em Itapagipe?!

Joga-se alli as pessoas ao mar, desde os escravos que sahem a mandado de seus senhores até os figurões que voltam da missa. Para alli é preciso tambem alguma providencia.

—Confia-se no Sr. Dr. chefe de policia

—Capitão, uma historia, isto é um facto.

—Pode contal-o.

—Certo presidente fez uma viagem por um rio, justamente como ha pouco o Sr. Dantas passeiou pelo Jequitinhonha.

Tendo andado bastante, sobreveiu a noute e foi preciso desembarcar; havia em terra apenas uma cazinha de palha e a comitiva de S. Ex. compunha-se de muitas pessoas: estudantes, poetas, empregados publicos, empregados dos vapores e mais tres estrangeiros indagadores. Na tal cazinha accommodaram-se todos; S. Ex. n'uma pobre marqueza e os outros em esteiras; comeram alli sua carne do sertão e tomaram seu *prego*, unica refeição que lhes poude ser servida naquellas paragens.

O calor porem era de abafar; os tres estrangeiros sahiram a tomar fresco.

Depois o dono da cabana contou que na vespera apparecera nas immediações uma onça.

Bebé (que era o poeta) poz-se a tremer e ficou alagado de suores frios; de quando em quando olhava para a porta e perguntava porque a não fechavam de todo; os companheiros riam da coragem do homem dos bigodes.

Entretanto a demora dos tres estrangeiros começou a causar cuidado aos companheiros, depois da historia da onça.

Principiou a chover; dous estrangeiros appareceram; a porta estava meio cerrada, e a chuva continuava a cantaros.

O terceiro estrangeiro tinha uma grande cabelleira e maiores barbas; parecia um leão ou um urso; com a chuva procurou tambem a caza, mas com passos lentos; ao chegar á porta que estava meio aberta, fez apparecer a cara, e um dos da comitiva bradou: Olhe a onça!

Todos olharam para a porta e riram-se a morrer, ao encontrarem a cara exotica do estrangeiro que os espreitava; Bebé porem a nada deu tempo, pulou em cima da marqueza, sallou ao chão, metteu-se debaixo da marqueza, onde, apesar das gargalhadas dos companheiros, se conservou, até que o foram dalli tirar.

Bebé sahiu n'um estado de grande prostração, e julgando-se ferido pela onça, perguntava, apezar de medico, si sangue fedia. Bebé estava com as calças inteiramente borradas!

A gargalhada renovou, augmentando-se, e é hoje isso cousa em que se falla em qualquer grupo.

—Tambem que quer?

Bons companheiros escolhia o tal presidente; si levasse alguma mulher de *capona*, resava contra o bicho e ninguem tinha medo.

—Mas ou assim ou assado, não admira que um homem tenha medo de uma fera; cousa que me poz o queixo á banda foi ver um gato-marisco a correr de uma coruja!

—Vem ca, vaqueiro dos diabos!

Então ainda te não resolveste a tomar geito?

Isso é de vigario ou de *abutre*?

Como a mãe do menino morto não tem dinheiro, tu deixas o menino apodrecer!

Carniceiro!

São passados tres dias, a pobre da mulher arranjou 6$ rs, e tu ainda assim não interras o defunto!

Monstro!

Si não houvesse subdelegado, si o inspector não attestasse, podia o menino ficar uma semana em casa, que tu cavaco não davas!

Si és abutre! si te deleita o cheiro de carniça! Cousa ruim!

—Capitão, o tempo não está para graças; de graça os cães...

—Safado! Não foi a falta de dinheiro que te levou a praticar essa miseria mais; o teu genio diabolico é que te faz commetter todos os crimes.

Ora dize-me la:

Porque surraste barbaramente uma tua escrava, que provavelmente já morreu das pancadas?

—Porque andava a fazer de onze lettras la com a minha cunhada que quer cazar com o marotinho.

—E confessa-o!

Diabo, que tens tu com a pobre moça? Ella é tua filha, tua irman, tua afilhada ou pupilla? Diabo, não me faças esganar-te desde já!

Mas por tão pouco, era preciso *matares* quasi a negra e envial-a para a tua vaccaria do sertão? E com ordem de, si escapar, lazeram-na arrepender de ter resistido aos martyrios que a fizeste soffrer?

Satanaz, anti-christo, aza-preta, cruz eu te esconjuro!

—Ainda que eu seja diabo, sou baptisado, não respeito essas cousas.

—Muxingueiro, faz exorcismos para fazer desapparecer este espirito immundo!

A PEDIDO

—Capitão, grande novidade.

—Qual é ella? Vamos la e empurre-se quanto antes que tenho mais que fazer.

—O negocio não pode ir assim de enfiada, porque é bastante interessante, sinão para V. Ex. ao menos para outros.

—Outros quem? Apresse-se; anda sempre V. com rodeios toda vez que tem de dar-me alguma nova!

- Tenha paciencia, que desta vez serei breve, além de que não lhe ha desagradar o que vou dizer-lhe.

—Deveras? Muito estimo.

— O *escriptor dos trens de paz*, o tal que foi mudado da terra da borracha, acaba de fazer uma descoberta que muito deve importar aos amadores do spiritismo. Oh! capitão, na verdade o homem parece que muito lucrou em morar tanto tempo entre borrachas, porque voltou com a consciencia e cabeça elasticas! isto conhece-se facilmente, e o que tenho de dizer-lhe comprova-o.

—Pois então acabe logo com isso, porque, si realmente o que pretende dizer-me, e que diz foi descoberto por elle tiver merecimento hei de galardoal-o.

—Acaba o tal *escriptor* de assegurar a seus companheiros de repartição, que o *spiritismo* é uma sciencia de incontestavel verdade, que o sabe pelas experiencias que tem feito por aprofundar esta materia.

—Mas então, quaes são os resultados que tem colhido o seu personagem? Isto está me parecendo chufa.

—Não Sr., meu capitão. Entre outras, diz elle que sua mulher, tres annos depois de morta, escreveu-lhe uma carta em inglez!

—Ah! ah! ah! Pois logo em inglez, é pena que não fosse em grego.

—Capitão, não ria-se que o caso é serio, e o facto de ter a carta sido es-

cripta em inglez, é, a meu ver, o que mais faz com que elle seja acreditado.

—Mas então o que quer dizer com isso? não intendo.

—Eu me explico. Conheci muito a mulher do escrivinhador, era uma senhora muito prudente e acautellada; tão prudente que ainda depois de morta calculou que a carta que fazia a seu marido podia chegar-lhe ás mãos depois de jantar e por isso escreveu-a em inglez, por que na verdade a essa hora o tal cujo maneja perfeitamente essa lingua.

—Ora va-se dahi! quem pode la acreditar que defunto falle inglez!

—Não, capitão, não é o defunto, é o spirito do defunto quem falla, sempre que se magnetisa alguem.

—Ainda assim não me convenço.

—Pois creia, capitão, olhe que com esse homem tem se dado episodios muito interessantes. Sabe o que a pouco elle affirmou-me? Que na terra onde esteve serviu-se muitas vezes de borracha para assento, isto é que la ha muitas cadeiras de borracha, e que comeu muita gelea de vergalho de vaca.

—Ora suma-se, antes que o mande metter no purão, V. quer cassuar? Pois ha la alguem que acredite em semelhante metarmophose!

Isto so na boca de quem, por viver com as borrachas, ficou todo emborrachado.

—Ora veja o que succedeu a quem quer voar com azas de Icaro. Um *pinto* deixando as *silvas*, bateu um dia as empennujadas azas, mudou de provincia e subiu até a cadeira de governador, onde se inculcou de Cincinato. Eis senão quando, tangem o bicharoco do throno, e vem o pintainho corrido abrigar-se de novo sob as arvores do *passeio dos afflgidos*!

—Eis o que é o mundo!

Esta historia já ouvi contar em Sergipe, e passa por certa.

Presumpçosos, mirae-vos neste espelho!

—O porto da Ribeira em Itapagipe está inteiramente obstruido; ha muito que clama contra isso a imprensa.

—Ja uma vez houvo providencias.

—Quaes? O capitão do porto mandou um sujeito examinar e o exame cifrou-se em um jantar com um tal Tuvo que é justamente quem obstrue o porto.

—E' para ver! As lanchas de fora espetam-se diariamente nas cavernas dos navios desmanchados; ja não ha saveiro que alli aporte, fazendo apenas viagem e fundeando no porto as canoas dos moradores dalli, que ja conhecem os escarpeus.

—E tudo em proveito d'um homem que arremata navios para desmanchal-os.

—E é prohibido?

—Não; mas ao menos que tenha elle obrigação de remover do porto as ossadas que impedem a livre entrada e sahida dos barcos que fazem o commercio dalli.

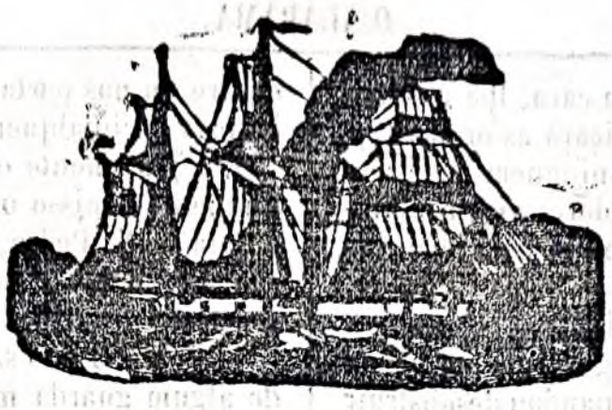
E' preciso por tanto que o digno Sr. capitão do porto dê um passeio até la, examine aquillo, e veja e decida por si si é possivel continuar aquelle atropello maritimo, aquella obstruição desnecessaria, a não ser para proteger a indolencia e os interesses dos mercadejantes.

ANNUNCIO.

O abaixo assignado, administrador da sociedade de bailes pastoris, denominada *União*, tendo por innumeras vezes pedido ao nobre Sr. director e mais membros para prestar contas, por meio de uma sessão da assembléa geral; e não sendo attendido, talvez por ser tal pedido feito particularmente, vem por meio da imprensa renoval-o, pedindo desculpa aos Srs. socios de ter assim praticado; pois que tracta-se de salvar a responsabilidade do abaixo assignado, na qualidade de encarregado da receita e despeza da mesma sociedade.

O mesmo roga a alguns socios que ainda não tem recibo de quites o favor de irem tomar até o dia 12 de fevereiro em mão do mesmo. Bahia 4 de fevereiro de 1866.

Eduardo de Abreu Contreiras.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 13 DE FEVEREIRO DE 1866. SERIE 1.ª—N.º 9.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de fevereiro de 1866.

Não houve expediente.

—A limpeza da cidade, que tantos beneficios poderia trazer-lhe, até hoje só tem trazido vexames á população! O contracto ainda não foi cumprido em um só artigo; ainda um só carro de cisco não foi depositado nos logares designados; os monturos ahi estão; e, o que é mais, o Sr. Costa Guimarães encarregou-se de povoar as immediações da cidade, logares bastante habitados, de innumeros esterquilinios!

E' assim que ha monturos na Calçada, no Rio das Tripas, na Matança, na Estrada Nova! E' assim que augmenta o mal que o Exm. Sr. Des. Luiz Antonio quiz remediar. E' assim que em vez de monturos parciaes, o povo é obrigado a pagar 500 rs. mensaes para fazer-se um monturo geral no centro da população!

E' assim que a accumulação das materias putridas produz miasmas deleterios em grande quantidade e o povo *paga cabeça* para sustentar focos, causas perennes de molestias! E' assim que o Sr. Costa Guimarães recebe dinheiro e mata o povo de que antes abusa, porque não ha um governo energico que obrigue o contractante desleal a cumprir com os deveres que lhe impõe a lei e sua assignatura, visto que a firma de um homem tem muito valor para quem tem brios!

Oh! grande Deus, como vae esta terra!

Apregoam por ahi que S. Ex. o Sr. presidente tem feito muitos beneficios a esta provincia; o maior beneficio que elle podia fazer-lhe, o maior favor que elle podia prestar a esta capital era rescindir o contracto com o Sr. Costa Guimarães e mandal-o aprender a cumprir palavra, a não zombar do publico e da primeira authoridade da provincia! Não tem termos tantos abusos! ja não podem ser tolerados tacitamente; é preciso que alguem proteste contra tamanho escandalo.

Agora mesmo, la está na Estrada Nova um enorme monturo na roça do Sr. Pedroso; ha alli de tudo, sem exceptuar animaes mortos.

O logar é bastante povoado, tem diversas cazas boas, alguns sobrados e muitas familias; pois por alli ninguem é capaz de passar sem tapar fortemente o nariz.

Tape embora o nariz, não pode encobrir todo o corpo; um enxame de

moscas lhe cobrirá a cara, lhe azoinará os ouvidos, lhe picará as orelhas.

Dentro das casas ninguem pode com as moscas, os moradores vivem afflictos, e pode fazer-se ideia do bem que lhes causará aquelle cheiro continuo, que tambem vae adiante.

E isto quando o governo, em beneficio da população, mandou desobstruir o rio das Tripas! De sorte que é o melhoramento por parte do governo e o empeioramento por parte do protegido Sr. ex-tenente coronel Costa Guimarães! E' o governo a fazer com as mãos e a limpeza a desfazer com as patas!

Isto só se vê na provincia da Bahia, onde o escandalo da afilhadagem e do patronato subiu tanto que nem o *salus populi*, a vida dos cidadãos impede o abuso na sua desenfreiada carreira!

Oh! miseria!

—Falleceu no dia 9 do corrente o Rev. padre José de Assis Gomes.

—Falleceu no dia em que completaram quatro annos que celebrou sua primeira missa.

—Seu corpo esteve depositado na matriz de Santa Anna, onde houve officio e encommendação e donde seus collegas e amigos o conduziram até o cemiterio da Quinta dos Lazaros, em que foi sepultado.

—Sacerdote irreprehensivel, filho exemplar, amigo sincero, o finado deixa um vacuo no coração dos que com elle tractaram.

—A terra lhe seja leve!

—Pois a policia manda de vez em quando elogios para a gazeta, diz que deu providencias contra os moleques, e os moleques, sempre, em toda a parte, a incommodaram o publico! Ora pelo amor de Deus!

—Mas que quer? Não se pode extinguir os escravos alheios.

—Mas podem ser castigados por correcção. Pois pode-se aturar, impassivel, que uma chusma de moleques ande a proferir palavradas, sem respeitar as familias, e as vá de proposito repetir, dentro ou nas portas das vendas, lojas, boticas ou qualquer estabelecimento!?

E é justamente o que succede; distinguem-se nisso os moleques da freguezia de S. Pedro, que não sabem da rua de Baixo, ponto certo de suas sessões.

E a policia não sabe de nada; quando algum guarda mais activo espalha com a chibata um rancho de taes peraltas, ella no dia seguinte manda para a gazeta dizer que a policia cahiu do ceu, que é previdente e providentes a mais não ser, que os moleques foram espalhados, que a patria está salva; e contenta-se com isto!

—E' que nós navegamos n'um mar de rosas....

—Eu não sei para que fazer leis e regulamentos para não serem cumpridos!

—Refere-se ao entrudo? E' impossivel extinguil-o.

—Em quanto não houver um chefe de policia energico que tenha bastante vontade para fazer cumprir o edital que elle assigna e publica.

Mas não é a isso que me refiro. Ha alguns annos apparecem sempre pelo entrudo diversos mascarados a cavallo e a carro que percorrem as ruas desta cidade; este anno o Sr. Junqueira, no seu regulamento carnavalesco, intendeu que so devia ser permittido pelas ruas o transito de mascarados desde a casa destes até o theatro. E comtudo elles so não andaram por onde não quizeram; andaram a atropellar os viandantes, a molhar as familias e a ser por ellas molhados.

Si o Sr. Junqueira desejava consentir carnaval e mascarados, porque disse que o não queria, que era prohibido passeiar-se mascarado? Dar-se-ha caso que haja proposito firme de mostrar que sua palavra não tem peso real, nenhuma consideração deve merecer?!

—Oh! isso tambem não!

E' que S. Ex. é *rapaz moço*, gosta de divertimentos, principalmente dos que vem da França, e ao formular o regulamento, so se referiu ás noites de baile.

—Ah!....

Em todo o caso me parece que é prohibido a qualquer por-se a *masqué* sem ordem da policia.

—A limpeza vae em progresso! a ladeira do Carmo esteve n'um vergonhoso estado: mudaram-se algumas pessoas de uma caza e deixaram á porta da rua barricas com cisco, trapos, cacos e penicos.

Por mais de quatro dias la permaneceram elles a attestar que o Sr. Costa Guimarães só quer dinheiro, zombando da paciencia do povo desta terra.

—Com effeito!

A PEDIDO

—Embarcou-se o ex-commandante das armas.

—Já sei e vi no *Diario* que lhe offereceram uma commenda.

—Podiam até offerecer-lhe uma coroa; mas não posso deixar passar calado uma mentira que vae na commenda. Contribuiram para ella os officiaes do exercito, alguns dos quaes assignaram por formalidade, ou para não ficarem em vista com seu superior; tambem para ella contribuiram alguns poucos officiaes da guarda nacional; ainda porém quando assignassem todos os officiaes de guarda nacional, me parece que não tinham *elles* o direito de mentir assim!

—Assim como?

—Dizendo no verso da commenda que era ella offerecida *pela Bahia agradecida*.

—Bello!

—Então os taes officiaes reformados se julgam com direito de representar a Bahia?!....

E a Bahia agradecida! Mas a que?

O Sr. coronel Lopes podia ser muito bom moço no tracto particular; mas em militança, que favor lhe deve a Bahia? que serviço fez elle?

Onde ficam os Coelhos, Leite Pachecos, Fontes, Fonseca Costas, Francisco Felix e mesmo Bittencourts?

Ora pelo amor de Deus! vão plantar batatas os taes *encommendadeiros*, que bom mereciam forte lecção por arranjarem sermão que ninguem lhes encommendou!

Que atrevimento!

A Bahia agradecida!

Proh dolor!

—Capitão, ouça isto:

O subdelegado de Brotas teve noticia do facto de terem sido brutalmente espancadas duas moças nas Pitangueiras e ordenou ao inspector do logar que lhe désse parte circumstanciada do caso.

O inspector respondeu ao subdelegado que apenas houvera altercação de palavras entre um homem e sua amazia, e que o mais eram cousas da gazetinha *Alabama*, folha que nenhuma consideração merecia.

—O tal inspector é que nenhum conceito merece, si com effeito procedeu assim, porque mentiu a seu superior dando-lhe uma informação falsa, quando todos os moradores do logar sabem do facto e o estado das infelizes é a prova mais clara do occorrido.

—Porém como não havia de ser assim si consta que a pessoa a quem se dirigiu o inspector para tomar informações foi o proprio aggressor?

—Pois si o Sr. subdelegado quer desenganar-se, perca um dia, vá as Pitangueiras, syndique o facto e verá a fe que merece a parte do seu inspector.

—A companhia do olho-vivo é do diabo. Nunca vi gente mais atrevida!

Foram á casa do Sr. Joaquim Fernandes Ribeiro em Itapagipe, em quanto este jantava com sua familia, entraram no quarto e levaram-lhe o relogio e uma carteira com 200$ rs.

—Que audacia!

—Porem o que é mais extraordinario é que no outro dia amanheceu em sua porta a carteira vazia e o relogio sem a cadeia.

O Sr. Fernandes Ribeiro gratifica generosamente a quem der informações certas do ladrão.

—Elle que vá esperando.

—Veja que tal é a nossa policia:

Hontem (11) da casa n.° 8 á rua de D. José jogava-se agua a valer em quem passava. Os escravos que iam a mandado de seus senhores eram agarrados e mettidos em banho. Para mais a seu salvo *brincarem*. os taes entrudadores, convidaram a patrulha que passava para *tomar um pouco de vinho*, e la se foi ella tambem metter no pagode e fazer parte da folia.

Passa segunda patrulha e novo convite foi feito: o commandante acceitou e entrou, mas o companheiro não quiz e ficou na porta. Os homens intenderam que aquillo era desaforo, e quizeram molhar o soldado que se não quiz sujeitar ao banho e puchou pelo espadagão.

Foi um Deus nos acuda; tomaram o refle do tabareu, quebraram-no; este deu voz de prisão; houve um alarma dos seiscentos, gritos, confusão, muita cabeça *esquentada*, a rua apinhada de povo, e por fim ficou tudo em nada e ninguem foi preso.

—Mas como haviam elles de prender si tinham ido serrar o *piguá* dos homens, e beber-lhes o vinho?

—E' para ver; sujeitam-se por um copo de vinho a serem ludibriados.

Mas veja o resto:

Serenado o barulho, cada qual tomou seu caminho. Dahi a dez minutos o cabo de esquadra commandante abandonou seu companheiro, e veiu para a venda do Albino tomar vinho com os homens da rascada.

E' preciso em tudo isto fazer justiça ao soldado do refle quebrado, que em nada concorreu para aquillo, não acceitando vinho para deixar brincar-se entrudo.

—Bem; o Sr. Salles lhes fará as contas.

—Quem é aquelle sujeito?

—Disseram-me que um preso.

—Então pode bater palmas á sorte. E' dos taes que fugiram, fazendo nariz a policia do Sr. Junqueira? E' provavel; ja o outro dia me mostraram outro. Tem rasão os capadocios e os intendedores *marechaes* no Prata) de dizerem que os *cujos* andam por aqui mesmo.

—Pois enganou-se; não é nada disso. Aquelle sujeito, além de preso, está doente.

—Ora que novidade! Pois não foi do hospital que os presos fugiram!

—Ouça rapaz: aquelle preso que eu lhe estou mostrando é doente que sae da *infermaria de Marte*, lá para as bandas dos *Affligidos*.

—Ah! como está doente, deixam-no sahir para tomar ares! Tem bambas as pernas para não fugir....

—E apezar de um dos taes ter sido preso lá para as bandas do becco do Grelo, querendo tirar os ares as raparigas, o *aconselhador chefe dos deffensores da patria* nunca soube de nada! nenhuma providencia deu o tal innocentaço!

—Que quem o substituiu dê as providencias!

ANNUNCIOS.

No dia 4 do corrente, das 7 para as 8 horas da noite, perdeu-se do Gravatá até o Terreiro uma carteira com algum dinheiro, diversos papeis de importancia e um bilhete premiado com 10$ rs.

Dá-se além do dinheiro que tinha dentro mais uma gratificação a quem achou e queira entregar os papeis na loja de barbeiro Boa-nova ao Guadelupe,

---

Vende-se duas casas terreas, feitas de taipa, de n.os 180 e 778, na estrada do Rio Vermelho, pouco adiante da encruzilhada do largo; quem pretender dirija se ao Portão da Piedade n.° 35. Vende-se muito em conta por querer seu dono retirar-se.

Na freguezia de S. Pedro Velho, rua dos Curraes n° 33 indo para os Barris, preciza-se fallar com a Illm.ª Snr.ª D. Caetana Silvestre Lisbôa, para negocio de seu interesse, e por se ignorar a morada de S. S. é que se faz o presente annuncio.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 15 DE FEVEREIRO DE 1866. SERIE 1.ª—N.º 10.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de fevereiro de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao Engenho da Conceição, acompanhado do muxingueiro e faça por este *esfregar* a um certo Faustino e sua amazia Mariquinhas Sete C...., afim de não continuarem escandalosamente na janella a dar abraços e beijocas, sem respeitar as familias honestas da visinhança. Cumpra.

—Dizem que o juiz de paz de Santa Anna dá audiencia as seis horas da manhan.

—Não admira, que não é o primeiro; o de Santo Antonio escolheu a mesma hora, afim de aviar-se em tempo de poder seguir para sua loja.

—E as partes, o publico que soffram! A's 6 horas da manhan ainda muita gente dorme.

—Mas não dorme o Sr. Justiniano, que mora na Cruz do Paschoal e acorda com o toque da *garrida* do convento do Carmo.

—Em todo caso eu acho a hora impropria, até porque em Santa Anna não ha sino que acorde a gente.

—Tambem é celebre!

—O que?

—Em certos logares, ruas inteiramente habitadas, não ha illuminação a gaz; em outras, bem que povoadas, a illuminação de nada serve.

—Mas porque?

—Porque ha roças e as frentes dellas estão cheias de arbustos, de matto; a columna do combustor é plantada nas extremidades lateraes da rua, mas estas estão abrangidas pelo matto e fica portanto a illuminação sem serventia; clarêa apenas os arbustos que a impedem de clarear a estrada.

Ora isto tem termos?

A companhia não tem empregados para verem isto?

—Mas a companhia nada tem com isto; o que V. deve perguntar é si o governo não tem um fiscal para lhe dizer que a illuminação acha-se em taes e taes condições; que é preciso providenciar-se neste ou naquelle sentido, afim do governo officiar á camara e esta então fazer cumprir-se a postura que obriga os proprietarios a terem limpas as frentes de suas cazas.

—Não sei, não sei.

Ou companhia do gaz, ou fiscal do governo, ou camara, ou governo, o que é certo é que o povo esta pagando para se illuminar o matto e não a rua.

E quem duvidar que dê um passeio

á Estrada Nova, do arco em diante, e veja com seus proprios olhos até onde chega o deleixo nas cousas publicas desta terra.

—A policia mandou dizer no *Diario* de 12, que este anno, minorou o abuso do entrudo; mas que por causa do brinquedo, um menino da casa da viuva Lentini ficou a morrer.

—E que certo empregado publico desrespeitava solemnemente a lei, entrudando na Preguiça.

—E faltou dizer que na freguezia de Santo Antonio appareceram diversos capadocios a sujar a cara dos pretos com farinha de trigo e manteiga de porco!

—E que por toda a parte choviam caldeiradas em cima de quem passava.

—E que até o chefe de policia tomou um banho de choque.

—E que algumas authoridades tambem brincaram.

—E que si tal não fosse, o escandalo não subiria a tanto.

—Morreu afogado no dique um infeliz homem de nome Felix, que soffria de alienação, e esteve exposto vinte e quatro horas nas margens do dique sem que ninguem se lembrasse de mandar interral-o!

—E' porque ninguem sabia; logo que a authoridade teve conhecimento deu as providencias que o caso requeria.

—Ora pecegos! morre um homem afogado, puxam-o para beira de terra, e so 24 horas depois é que a authoridade sabe!

Então não sei para que servem os Marcellinos, Evaristos, Adãos João de Deus, Viriatos e Ricardos, agentes secretos da policia, e esta chusma de soldados que andam nas portas dos subdelegados, delegados, chefes de policia, etc.!

—Os taes soldados de policia são das arabicas! Em vez de accommodarem, são os primeiros a provocar desordens!

—O que fizeram de novo?

—No dia 12 á tarde a patrulha entrou na rua das Larangeiras em casa de uma tal Margarida Ciri, mulher perdida pelo brinquedo do entrudo, e que não olha cara para molhar, la comeu, bebeu, *brincou* e sahiu um pouco *electrisada*. Voltaram á noite, porém de mau humor, e um prendeu a dona da casa, fazendo um espalhafato dos diabos: quiz arrombar a porta, gritou como um doudo, tocou apito a se esganar, poz a rua em alarma, levou pateada dos moleques, insultou o Dr. Matta que procurava accommodal-o; si alguem o aconselhava que tomasse o numero da porta e désse parte no outro dia antes do que estar dando aquelle espectaculo e desmoralisando daquella maneira a força publica, elle respondia com uma desandadeira e ameaçava com prisão.

—O dia era d'agua e o homem *se esquentou* de mais.

—Houve quem dissesse que era despeito, por que voltando com o gosto da tarde acharam o ponto tomado.

E eu achei razão, por que de tantas casas que alli jogavam agua so com aquella embirraram.

—E as vezes a imprudencia de um homem destes dá motivo a graves conflictos, e quando nada expõe a força publica a ser desacatada!

—O *Pharol*, entre os seus triumphos, conta as providencias que alcançou sobre os trocos miudos; entretanto o martyrio continúa, ninguem pode fazer transacções pequenas, o pobre não pode arranjar sua vida, porque para trocar 10$ é preciso deixar 500 rs. de cambio!

—Exm. Sr. presidente, providencias! Compadeça-se dos infelizes, do pobre povo!

—O que faz tanto povo alli nas Portas da Ribeira?

—E' o Sr. Salles que está jogando o *rolo* com um Fulano de tal Feio, chapeleiro, que sendo preso, illudiu a quem o prendeu e escapuliu.

—Acho imprudencia no major em entrar na casa do homem para querer tiral-o.

—E eu acho que o Sr. Feio merece acre censura por abusar da condescendencia do official que o prendeu, o qual por bondade o deixou ir á casa mudar de roupa.

—Tudo isto são effeitos das carraspanas do entrudo.

VARIEDADE.

Paulino Cabral, abbade de Jazente, fez contra os frades o seguinte

Soneto.

Desterrado murmura o jesuita,
O dominico o seu logar pretende,
O neri novos methodos defende
E ás ricas confessadas faz visita.

Intromete-se o grillo e premedita
Com o cruzio que o seu francez aprende;
E em caza do juiz de quem depende
Entra com pés de lan o carmelita.

O capucho no estrado toma assento,
Exorcisma e esconjura qualquer damno,
E depois sempre traz para o convento.

O loio é fofo, triste e graciano,
Tolo o Bernardo, comedor o Bento,
Emfim o franciscano é franciscano.

Logo que tal soneto chegou ao conhecimento de um frade franciscano, por alcunha o *lingua de prata*, tractou este de responder ao abbade, o que fez com os mesmos finaes, no seguinte

Soneto.

Que lhe importa ao abbade o jesuita?
Do neri e dominico que pretende?
Vá cuidar das ovelhas que defende
Que pode no bispado haver visita.

Sabe o author o que o grillo premedita
Com o cruzio que o seu francez aprende?
Pois é dar-lhe as lecções de que depende
E o mesmo lhe fará o carmelita

Não torne a fazer outra, que eu assento
Que do santo cordão sentira damno,
Si inquietar o capucho no convento.

Pode muito o bernardo e o graciano,
Não se metta co'o loio, deixe o bento,
E vá beijar no..... ao franciscano.

(*Extr.*)

A PEDIDO

—Capitão, não sei si se lembra d'um celebre reformista grileiro que appareceu no trem de paz de Latronopolis?

—Pois não! Um que foi desalojado tres dias depois de haver para lá conduzido a traquitanda da sua caza.

—Justamente; e que queixou-se amargamente de gastar de balde 70$ rs. na sua conducção, quando os cacarecos voltaram.

Referi eu acaso que elle tinha outro emprego?

—Fallou nisso, disse que elle deixara o mais pelo menos, facto que se attribuiu a *calculo*.

Pois bem; entre os seus innumeros trastes trouxe elle tambem os poucos moveis da morta repartição que elle dirigia, repartição dos *concertos dos soldados*; achou que era muito pagar elle 70$ rs. de conducção, sem proveito, e atirou a despeza para as costas da nação, elle, o economico, o reformista, o mata-ladrão.... O governo deu ordem ao thesouro para que pagasse ao honrado Sr. Par-d'aranhas setenta mil reis gastos com a conducção, dos Affligidos para os Noviços e vice-versa, da mobilia da secretaria dos *concertos dos soldados*.....

—Bem diziam que elle queria dar cabo dos ladrões para ficar elle só.

Ex digito gigas, pelo dedo se conhece o gigante; por ahi avaliem o destroço, a *guerra* que ia causar aquelle homem n'uma caza de tanta *paz!*

E fique registrado isto, para que o publico fique conhecendo quaes são os homens honrados, ou antes quem são os homens que se inculcam de honrados.

Cazal padre Alexandre.

V.

Continúa o Sr. Amorim no seu firme proposito de tergiversar a questão que com elle encetamos, e jacta-se de ter tido grande numero de demandas, que todas tem vencido e que nos ha de vencer portanto, visto ter grande numero de amigos etc.

A epocha é de hespanholadas; attenta a justiça da nossa causa e a moralidade e circumspecção dos tribunaes,

não temos receio de bravatadas.

Si o Sr Amorim tem ainda a ousadia de propalar estas e outras, é por que não temos um codigo civil, em que os tratantes encontrem difficuldades e a chicana um termo.

Reliramos porém a questão.

Depois da decisão do egregio tribunal da relação notificamos o Sr. Amorim para em tres dias vir apresentar suas declarações, contas de receita e despeza e todos os mais esclarecimentos para a reforma da partilha, debaixo das penas da lei; o Sr. Amorim apresentou uma petição que é mais um monstro horaciano que uma peça juridica, contendo allegações falsas, escandalosa trica, mas nunca conseguindo provar que não está, ha mais de quatorze annos, de posse do cazal que tem delapidado, qual estragador cometa

O intelligente e imparcial juiz da Provedoria, o Sr. Dr. A. J. Magalhães Castro mandou que a petição viesse nos autos para decidir e deu o seguinte despacho: «Não sendo competente o meio de que usa o inventariante, siga a notificação os seus turnos regulares.» A' vista delle, o Sr. Amorim apresentou outra petição pedindo vista para embargos; deu-se-lh'a e apresenta agora os embargos que são a copia fiel da monstruosa petição já mencionada.

Aguardamo-nos para a decisão do juiz.

Acha ainda pouco o Sr. Amorim a retenção e destruição dos bens alheios, ha quartorze para quinze annos; emprega portanto *todos os meios* para a dilação da presente questão!

Os habilitados.

Sr. Aurelio, si V. pretende *subir*, suba por adulações, por pedidos etc.; mas não minta nem intrigue os companheiros, chamando-os relaxados, por que elles tem vergonha de sobra para lhe darem côr ás faces d'esse *famoso* carão.

Attenda-nos, porque é muito feio, quando um superior representa, ainda que falsa e calculadamente, contra um subalterno, ser reprehendido por ter usado de termos improprios e descortezes para com aquelle que lhe fica acima, terminando por *chorar*!! porque isso é proprio de covardes e pusilanimes!!

Entende?

Socegue, e veja que se todos lhe tomarem contas dessa e de outras burrices, V. está muito mal?

Não nos faça voltar, porque ha de arrepender-se... e então....ahi vem a historia da Thereza e seu loyo!....

Dr. Murrinhos.

ANNUNCIOS.

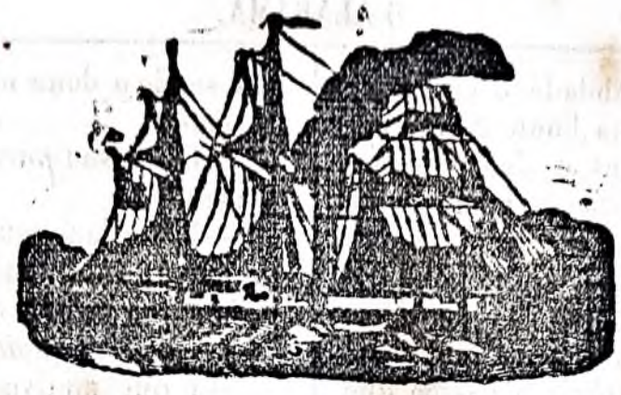
Francisco de Assis Gomes, sobremaneira penhorado pelas demonstrações de amisade e affecto, que lhe acabaram de dar os respeitaveis Srs. sacerdotes e os dignos membros da corporação musical, e os dignos numerosos amigos, no infausto dia 10 do corrente, em que teve logar na freguezia de Santa Anna o officio solemne e memento, que, por alma de seu presado filho o padre José de Assis Gomes, fizeram ahi celebrar, e assistiram e conduziram seu cadaver para o cemiterio da Quinta dos Lazaros; vem agradecer-lhes do intimo d'alma todas essas provas de dedicação e desinteresse com que se distinguiram, o tanto mais apreciaveis e reconhecidas, quanto é a dôr pungente pela sensivel perda de seu querido filho.

Ao Sr. Augusto Antonio Ribeiro rende egualmente seus eternos agradecimentos pelo incessante trabalho de que se sobrecarregou com sua estimavel familia no esmerado e dedicado tratamento durante o tempo em que viveu seu infeliz compadre e amigo.

De novo pede a todos os seus amigos o caridoso obsequio de seu comparecimento na missa do setimo dia do obito, que terá logar sexta-feira 16 do corrente, pelas 8 horas da manhã, na referida matriz de Santa Anna; confessando-se desde já agradecido por mais esta nova prova de seu favor.

Compra-se um macho, ou mulla nova passeira; quem a tiver para vender pode apparecer na rua da Lapinha caza n.° 2.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA — ANNO IV. 17 DE FEVEREIRO DE 1866. SERIE 2.ª — N.º 11.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizriecordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 2.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de fevereiro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que faça com que os seus fiscaes obriguem os moradores a terem limpas as frentes de suas casas, especialmente os das roças á Estrada Nova, cujos mattos e bambús beijam as faces de quem não passa bem pelo centro da rua.

Espera-se que este pedido seja attendido, até por que rende para o cofre da Illma.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que na casa de Asylo, á ladeira de S. Francisco, ha um tal *Camaleão* que não respeita a pessoa alguma, vivendo constantemente a pronunciar palavradas e a fazer reuniões de moleques, cuja algazarra tambem incommoda os visinhos daquelle estabelecimento.

Espera-se que S. Ex. providencie como intender conveniente, no sentido de fazer cessar aquelle espectaculo diario, pouco digno d'uma capital illustrada.

—Então dá ou não dá de si a empreza dos vehiculos?

—Veremos.

—Assim dizia o cego, que era rapaz de ideias livres e *que não admittia privilegios, tolhendo direitos adquiridos, nem causando prejuizos a negociantes estabelecidos*. Percebe?

—Ora graças a Deus!

A policia deu um *grude* em alguns membros do *olho-vivo*, que roubaram cento e tantos mil reis d'um matuto no jogo dos dedaes.

—E o *Diario* diz que os sujeitos tem isenções legaes para a armada e o exercito; mas que estão todos presos para serem processados.

—E o decreto do Paranaguá ha de pol-os na rua.

E os taes ratoneiros hão de continuar a vasculhar as algibeiras do povo.

—O *Pharol* publica a primeira carta de *Fr. Claudio*; quem gosta do que é bom que procure lel-a.

—Está com effeito divertida!

—Aspirante João de Deus!

—Prompto!

—Tenho que incumbir-lhe de uma importante commissão.

—Estou ás ordens.

—Vá de traje mudado e em ar de disfarce postar-se na Fonte Nova. Por alli passa em certos e determinados dias depois das 9 horas da manhã, uma cadeira toda fechada, sóbe a ladeira dos Galés, e toma o caminho do Matatú; quando são 3 horas está de volta.

Acompanho essa cadeira até onde for, e procure descobrir a pessoa que vae dentro, e com que fim se dirige para aquelle lado.

Espero de tudo uma informação exacta.

—Prometo a V. Ex. que em tres dias darei conta da commissão.

—E eu confio na sua pericia.

—O Dr. Souto embarcou para o Rio.

—Foi fazer o que?

—Dizem uns que tomar assento na camara.

—Para isso é cedo.

—Mas o homem vae talvez incumbido de arranjar maioria.

—Ha de ser isso.

—Dizem outros que vae supprir a vaga do Sr. Silveira Lobo na pasta da marinha.

—Que habilitações tem?

—E' politico, é deputado e depois já fez seu discurso sobre a marinha que muita gente chrysmou de encyclopedia.

—Ah! ha de ser isso, ha de ser isso.

—E ainda dizem outros que o ministerio está bambo, que S. Ex. vae portanto a toda pressa, a chamado do monarcha, para organisar novo gabinete.

—Ha de ser isso, ha de ser isso; é o mais provavel.

—E a graça é que V. concorda com as tres opiniões.

—Que se ha de fazer? Tem se visto tantas cousas, que tudo hoje é possivel.

—E' aqui que mora um gallego, vindo de Portugal no brigue *Vasconcellos*?

—Nós dous, que somos irmãos.

—E quem é o dono do armazem?

—E' alli assim o sor meu mano.

—Então o negocio é comligo, que não sendo o dono mandas mais do que o senhor.

—Eu cá sou *pardo lavado*! o mano é acanhado.

—E' verdade que tiveste a confiança do dares n'um teu caixeirito, a ponto do menino cahir e quebrar a cara?

—*Não tem duvida*, capitão.

—E que motivo deu o menino para assim o maltractares?

—E' que eu cá não aturo desaforos; é *camarão na boca, casca fora*.

—Para que mentes? E ainda quando verdade fosse que o menino te désse uma resposta má, não era para fazeres aquillo.

—*Ora da-se*!

—E' verdade que tens continuado nas tuas malvadezas, a dar pasto ao teu genio ferino?

—Eu cá não mudo: *lavado sempre*!

—E' verdade que tendo um infeliz mulato escravo de teu irmão se demorado um pouco na rua, tu o injuriaste, chamando-o de bebado?

—E estava; o cujo gosta da *canguara*.

—Bebado estás sempre tu, gallego d'um dardo, infame labrego que só nesta infeliz Latronopolis pudeste chegar a cousa, isto é a caixeiro de armazem com ares de dono.

—Capitão, *tire seu cavallo da chuva*; pode dizer o que quizer que eu pouco cavaco dou, comtanto que me não toque na pelle. Porque.... si se atrever... então ha um *sarceiro* dos diabos e *sáe cinza*!

—Vejam este gallego como quer antecipar as tacadas que tem de levar.

—Capitão, o muxingueiro tambem veiu?.....

Capitão, não se ria! olhe que *o caso é serio* e meu pae não me faz para levar pancadas!

—O pae do infeliz escravo do teu irmão é que o fez para soffrer os castigos barbaros que lhe quizeres infligir? Gallego, tu tinhas direito de esbofetear o homem? Tu tinhas motivo de queimar-lhe a cara como o fizeste? Si nesta terra houvesse policia, tu ja não estavas substituindo com a Correcção o Limoeiro donde fugiste? Gallego, tu

não sabes que apezar de escravo o homem é sempre homem e um egual ao outro? tu não sabes que perante a humanidade e a religião todos somos filhos d'um pae, eguaes portanto?

—*Não é com essas*, capitão.

—Mas ha de ser com aquellas, biltre; é de mais a mais capadocio o *cujo*, sabe *giria*!

—Mas, capitão, eu o que estou é admirado d'uma cousa: V. Ex. a defender com tanto affinco um mulato, um bode, um negro!

—E tu o que és, gallego? Pensas acaso que por vires d'alem mar o povo daqui te come por branco? Quem é que nao sabe que por la ha mulatos e em grande numero? Quem ignora que os crioulotes que daqui *para la* foram em 1817, e antes e depois, deixaram la bem desinvolvida a geração com as tuas sebosas patricias? Quem ignora aqui que tu és o fructo illicito d'uma dessas uniões ligeiras?

—Ahi está o com que eu não contava: terem o atrevimento de nas minhas barbas, chamar-me mulato!

—Com que tu não contavas era com o presente que te vou dar, gallego capadocio, atrevido e sem vergonha.

Oh! muxingueiro!

—Prompto.

—Conduze-me até bordo este diabo debaixo de rijas vergalhadas; amarra-o no porão, mette-lhe machos aos pés, tracta-o a pão e agua, dá-lhe por dia 500 calabrotadas na cara, até que sáre a cara do rapaz que este diabo queimou com ferro quente.

A PEDIDO

—Quem dá noticias de dous sacos de fumo que ha dias foram apprehendidos, por furtados, no Caes Dourado?

—Eu não sei; um tal Sr. Leopoldo, inspector de quarteirão, é quem pode dizel-o.

Bota-fora.

—Dom Salú la foi á vela.
—Não, senhor;
Dom Salú foi para o Rio
No vapor.

—Dom Salú salvar a patria,
Dizem, vae;
Põe por terra, la chegando,
O Paraguay.

Deus te leve, meu *francez*
A salvamento,
E juizo te dê nessa cabeça
De vento!

S. F. S.

«—Qual é o governo do Brasil?
—Monarchico-representativo.
—Quem é o seu chefe?
—O Sr. D. Pedro 2.°.
—Quaes são seus titulos?
—Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil.»

E' assim que em Latronopolis se examina aos estudantes que se querem matricular n'academia si tem a *côr vermelha*.

Si porém o pae do menino é adversario politico do Sr. de Itapicurú, o Dr. *Surdo-é*, implacavel, e outros que cedem ao *primo d'el-rei*, condemnam o pobre estudante a manchar sua carreira com um R!

—Urbem... urbem corruptam!

—Capitão, sabe de mais uma?
—Alguma extravagancia.
—Não, é uma descoberta importante: laranginha de borracha não é laranginha, e por isso quem brincou com ellas não paga multa.
—Sem duvida foi o Thomé da Costa Passos quem lhe metteu isto na cabeça.
—Não, Sr., foi uma illustração mais elevada e que intende da materia, por que quando menino muito trabalhou na borracha em Cachoeira.
—Ora vá se dahi!
—E como conclusão disse que laranginha era de cera e sendo a cera feita por abelhas, nenhuma analogia tinha com borracha.
—Que bestunto! Quem é este aborto de raciocinio?
—E' certo coronel que tudo a *justa-no-anno* e que vindo outro dia do Bom-

fim para a cidade na gondola explicou *magistralmente* este ponto.

—Que talento de moço! por essas e outras é que os passageiros das gondolas o chamam —*dinheiro grosso*.

—Venha ca, meu reverendo, julgou que tinha me esquecido de V.?

—Deixe-me, capitão, que vou com muita pressa Vim a cidade comprar certos arranjos para a familia, e volto hoje mesmo para a freguezia.

—Qual freguezia! V. em tempo de safra pára na freguezia! Vae la de visita. Vive socado no engenho do barão seu amo moendo cannas.

—Capitão, por quem é, dispense-me; as lanchas da Gamboa largam ás duas horas e eu não quero perder a viagem, porque a familia está á minha espera.

—Quem é sua familia? As tres moças com quem V. vive escandalosamente?

—São tres moças desamparadas. Tenho-as em minha companhia por charidade.

—Charidade de Satanaz é a sua.

Porém vamos ao que interesse.

Ora diga-me, para que anda V. á pôr pela rua d'amargura aquella senhora que o fez gente?

Si não fosse ella,estaria V. hoje occupando o cargo que indignamente exerce?

—Não Sr.

—A quem deve V. a posição que immerecidamente occupa na sociedade?

—A ella.

—Quem influiu para que obtivesse V. do Rio o logar que conspurca e degrada?

—Foi ella.

—Não foi a instancias della que a tia lhe deixou a terça, com o que tornou-se V. suberbo e arrogante de humilde e cabisbaixo que era?

—Sim, Sr.

—E não lhe morde a consciencia, não sente ralar-lhe a alma de remorsos quando escancara essa bocca de latrina e puxa por essa lingua viperina, mas afiada do que uma navalha para atassalhar o nome de sua bemfeitora?

Que motivo tem para deprimir e marear a quem beneficente lhe estendeu a mão e lhe levantou do pó?

—Capitão, é verdade que a mulher a principio protegeu-me; mas depois tornou-se minha rival.

—Mente! foi a sua desmarcada ambição quem lhe imbebeu no coração o veneno da ingratidão.

Era impossivel que essa alma onde se aninham tantos vicios fosse extranha á ingratidão.

—Capitão, o tempo corre, e eu tenho mais que fazer; por quem é deixe-me seguir meu caminho.

—Mais estou eu perdendo,esperdiçando meu tempo com cousa tão ruim!

Muxingueiro! leva esta boa chita para o porão.

—Pela *Incarnação de Nossa Senhora* não me estorve, capitão.

—*Passe* para diante! Não se faça rola!

(Continúa.)

Pede-se ao Sr. Amancio do Bangala que tome nota da Roza Cotó que não se tira de sua casa; diga-lhe que deixe-se de andar fazendo perguntas e mettendo-se com a vida alheia; que se metta com a sua, e lembre-se do tempo do afilhado do Malaquias, quando andava com os soldados; que não continúe, sinão deita-se-lhe a chronica á rua.

—Será verdade que o dinheiro do cofre do Bomfim não chega nem para pagar aos musicos?

—Qual! não é possivel.

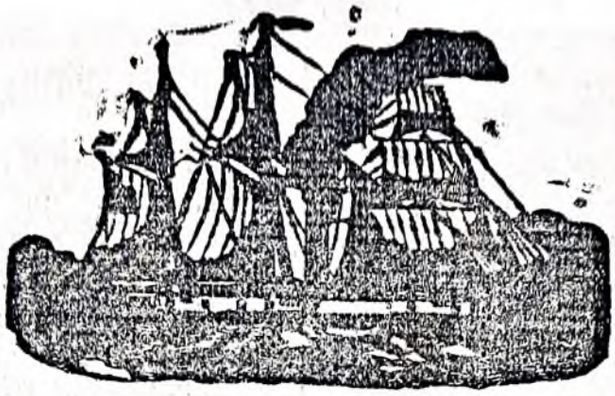
Si elles ainda não receberam, é por que o mestre ou thesoureiro anda occupado com negocios mais importantes e de maior interesse.

—Sera.....

ANNUNCIO.

Compra-se um macho, ou mulla nova passeira;quem a tiver para vender pode apparecer na rua da Lapinha caza n.° 2.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 20 DE FEVEREIRO DE 1866. SERIE 2.ª—N.º 12.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizricordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de fevereiro de 1866.

Officio ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que ha uma certa casa em S. Miguel, onde existe uma escrava acorrentada, ha tempos immemoriaes. Consta que a senhora não tira daquelle martyrio a infeliz, nem por intercessão de Santa *Rita de Cassia* que faz prodigios e destroe impossiveis.

Espera-se que S. Ex. syndique do facto e dê as providencias que achar uteis.

—A' empreza do cisco, partecipando-lhe que, na rua dos Curraes Velhos dos Barris, ha lama constantemente, apezar de por alli passarem diariamente os varredores, que intendem que só *cisco seco* é que é immundicia.

Espera-se que algum encarregado explique aos varredores as obrigações que lhes competem

—A' mesma, pedindo-lhe que mande seus empregados até a rua dos Coqueiros d'Agua de Meninos, que está inteiramente cheia, tanto de aguas podres como de grande ciscalhada.

Espera-se ser attendido.

—Não ha remedio sinão dar um cavaco ao *Diario*. A querer elogiar a policia do Sr. Dr. Junqueira, insiste o publicista em dizer que este anno o entrudo esteve menos desabrido.

Não ha tal; este anno houve o que tem havido sempre, desordens em toda a parte, insultos ás authoridades, até desacatos pessoaes ao Sr. major de policia; em certas ruas ninguem podia transitar, sem sahir inteiramente molhado e com mingau pelas ventas; a verdade é esta.

Deixemos de elogios de encommenda!

—Si houve até mortes, quasi isso, meninos sem falla, ferimentos, pancadas, aqui d'el-rei; si mais de noventa cazas (podiam ser novecentas) foram notadas, que mais queria o *Diario*?

—Nem tanto!

—Que sarceiro é aquelle na ladeira dos Gatos? Porretada a valer!

—E' ladrão no puleiro; não vê aquelle corujão preto que vae alli se escafedendo?

E' um patife que come *frangas* dentro dos templos, que deu tambem em comer *gallinhas* nas casas alheias.

Mas desta vez vae de aza derreada; o dono da prenda metteu-lhe o cassete e o demonio nem piou.

—Que diabo, *cruz*!

—Quanto mais si V. soubesse que o tal corujão é *coroado*, e coroado protegido de gente de mitra; tanto que nenhuma pena soffre, apezar de ser até gatuno!

—Misericordia! como vae esta pobre Latronopolis!

—Os homens das machambombas ja tem licença para assentarem os trilhos.

—Deus os leve ao seu *bom fim*.

—O Illm. Sr. Dr. inspector de saude acaba de apresentar ao publico uma obra (hygiene publica) que denominou *Algumas considerações e conselhos preventivos contra a cholera morbus epidemica*.

—O titulo indica o que é a obra; são conselhos ao povo e ás authoridades no sentido de prevenir-se o desinvolvimento do terrivel monstro do Ganges.

O que prova o zelo com que S S. se dedica ao cumprimento de seus deveres naquillo que não requer agentes, que elle não tem.

—Havemos de ler a obra com cuidado. Por ora agradeçamos ao Illm. Sr. Dr. Goes a remessa de seu folheto com que se dignou honrar-nos.

—Nesta terra cada um só cuida de si; ninguem, nenhuma authoridade vela pelo bem publico! A imprensa reclama diariamente a tapagem dos canos á ladeira da Mizericordia, apontou o facto de ter cahido n'um delles um cego, e comtudo os buracos la estão na rua á espera de quem passe! E' o homem da obra com seus concertos, por um lado, e a Illma. com sua pouca energia por outro.

Ora vivorum!

—O remedio é soffrermos calados, com a resignação dos camellos.

A PEDIDO

—Breve temos duello em Latronopolis. O cavalheiro *Surdo-é* de afia o cavalheiro *Montez* para desaffrontar brios.

—Fiau, fora o bobo!

Sempre vi que o galan havia dar para heroe de romance; depois da deshonra que leva a uma casa, embraça o escudo, empunha a lança e revive os tempos da edade media!

—Pobre Quichote!

—Capitão, não sei si sabe.

—O que?

—Ha na freguezia dos sanbaços uma cambada de cães *joceiros* que so vivem das *tripas dos bois* e são conhecidos por empregados publicos, sejam muito embora negociantes, empregados publicos, despachantes ou outra cousa qualquer. Como vivem sempre no curral onde se fartam com as *moxibas dos bois*, não sentem fome, não tem que fazer e vivem de continuo a ladrar e a investir contra quem passa; ladram porém de balde, porque ladram á lua: o *fardão luzido* que passa offusca-lhes a vista e então os cães não fazem mais que morder o proprio rabo.

Ora até aqui nada ha que admirar; é apenas uma sucia de cachorros importunos a incommodar quem passa, si não vem prevenido de chicote. O que porém admira é ver mettido na matilha um gordo *garrote*, de *bigode de ferro* que trepa ás vezes por um *jambeiro* acima, ficando os companheiros a esperar que lhes venha daquellas alturas ceu velho, agua, ou manjar com que muito se deleitam os taes cadellos.

Não acha que admira?

—Eu o que acho é que V. é um massante dos seiscentos que não tendo que fazer vem matar o tempo com suas sécas.

O homem a roubar o tempo alheio com historietas de cão!

Si me tratasse d'algum *coronel* ou d'uma sucia de *capetões* papa-bofe, passe.

O Camaraça com as aguas não pôde fazer grilo, pegou nos tortos mandou para frente, a ver se os direitos chegavam ao rego, mas esbarrou-se porque os meninos não deram pelo leme; ou-

tro officio, cuide só no seu trem de paz onde arranja seus grilinhos com facilidade, e passando por tacão; quem o não conhecer que o compre, saberá a peça que leva.

Um a quem o Fariasso contou cousinhas suas.

—Capitão, permitta que lhe conte um caso la do Rio Vermelho. A um annuncio sobre a festa das jangadas, no qual certo bobo quiz fazer crer que os pescadores dalli vivem opprimidos, mas comtudo se prestaram para o festejo, se respondeu com outro annuncio em que assignaram pessoas destruindo a calumnia. O bobo, apesar disto insistiu em um annuncio no *Jornal da Bahia*, sob o titulo—Ora esta e boa—proseguindo em chamar o odioso contra o subdelegado daquelle logar.

Quem diria que esse exquisito em outro tempo disse em uma carta a esse mesmo subdelegado: Esfregue-me estes negros?

Agora que o sujeito tem la para si que pode alguma cousa contra a gente boa da Victoria, toma outro rumo, mas sempre no seu terreno das mentiras e burrices.

Concluida a festa, viu-se a gente a dar vivas ao subdelegado em sua residencia, e ao chefe de policia, que então la se achava.

Que merece pois o tal bicho?

—Muxingueiro, quando aqui chegar o pedante que vou já mandar buscar, arruma-lhe em cheio, visto a falta de caracter.

Sr. redactor.—Para desfazer um engano, queira declarar que a casa de que trata o *Alabama* n.° 9 a respeito de entrudo na rua de D. José, é n.° 7 e não 8 como sahiu.

* * *

—Quem são aquelles sujeitos, que alli vem de ordenanças atraz?

—Observe tambem que alli na quina do palacio de Latronopolis, tem um sujeito espiando.

—A quem espreita elle?

O que quer elle fazer?

—Os cavalleiros aproximam-se do palacio.

—Ah! E' *el-rei* e o Dr. *Capona* que foram passeiar na *Alagoa pequena* pela via de ferro, e voltam agora ás 10 horas da noite.

—Note que o vulto aproxima-se a *el-rei*, e pode ser algum inimigo, que esteja á sua espera!

—*El rei* entrou, está escapo!

—Entrou tambem o vulto atraz!

—O que será?

Corramos para ver o que é aquillo!

.....

—Ah! E' o Dr. *Mingú Carrinho d'Aberem* que estava á espera que *el-rei* chegasse d'*Alagoa pequena*, para elle ir fazer-lhe os comprimentos.

—Que susto tomei eu!

Olhe que esta Latronopolis tem cousas.....

Cruz! Ave Maria!

—Arrenego da *coruja!*

Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia.

Consta que na cadeia da Correcção está *preso* ha dez annos um pardo de nome Manuel Moutinho, optimo official de livreiro, muito conhecido nesta cidade, onde passava por livre.

Que crime tem? quem o processou, quem o julgou?

Ninguem: um homem que se diz senhor do infeliz alli o detém sem que se saiba o motivo.

Mas ainda sendo o tal homem dono do pardo, pode elle tel-o assim pelo longo espaço de dez annos?

O bom senso diz que não. Si é prohibido a um senhor martyrisar um escravo com castigos barbaros; si elle não pode tel-o em clausura domestica por tanto tempo, sem que a authoridade intervenha, ao menos por humanidade —como se póde consentir que um senhor deshumano tenha em prisão publica, no lento decurso de dez annos, um seu escravo, cujo crime se ignora e que certamente tal pena não merece?

O escravo está detido em correcção; mas que longa correcção é essa que

excede a pena de quasi todos os crimes previstos no codigo?

Oh! tanta barbaridade deve desapparecer dos olhos desta capital civilisada!

Sr. Dr. chefe de policia, compadeça-se V. Ex do infeliz, dê um passo em favor da humanidade que geme, indague o motivo do escandalo, extinga a immoralidade, destrúa o abuso da *força*, vingue a civilisação; e fique certo, ha de haver muitos corações agradecidos que nunca hão de esquecer o serviço valioso que V. Ex., neste caso, presta á sociedade.

Esse contra-senso não pode continuar. *Um infeliz tambem.*

—Isto é que é fazer economia!

O Martins no theatro é capaz de fazer uma reducção de 13$ rs. na orchestra, diminuindo o pessoal, e o melhor do pessoal!

Isto é que é intender! Não tem duvida, Sr. Martins, o caso é serio; pode continuar com seus progressos economicos, que o publico lhe dará um doce.

—E eu ando secco por saber do pessoal comico, artistico ou como melhor nome tenha. Que figuras apparecem? que pomadas nos querem fornecer? que caricaturas nos apresentarão?

—Não sei, nem quero saber; este theatro da Bahia está reduzido a ensaio de especuladores ou apaixonados desfructaveis.

—Sabe a rasão por que se não abriu o theatro? parece-me que o praso é em fevereiro?

—E qual será o repertorio?

Quererá o Sr. Martins massar o publico com quatro bambochatas ridiculas como fez na noite de seu beneficio?

—Não sei, não sei; já lhe disse que não frequento theatros, não me masse portanto.

—Sr. Martins, tome sentido!

—O *Interesse Publico* diz que S. Ex. é um dos administradores mais accessiveis; é inexacto. *Voluntarios* que voltam do Rio, que, doentes, não tem quem os cure, que, tabareus, não tem aqui domicilio, levam dias e dias ás portas de palacio, sem poderem dirigir a palavra a S. Ex. que chega entretanto á janella a qualquer hora.

—Não é tambem exacto que S. Ex. dá audiencia franca a todas as pessoas que o procuram; os figurões, os amigos, os correspondentes, os *membros de compras de fardamento* abrem os resposteiros á hora que querem; mas os reclamantes, as mulheres de capona, os mal-trajados ficam alli horas e horas e por fim são mandados vir na hora da audiencia. Quasi todos os dias, á hora da audiencia, o ajudante apparece á porta e brada: Hoje não ha audiencia; S. Ex. está incommodado, ou occupado!

Eis o facto; o mais é vontade de querer o *Interesse Publico* brilhar.

—E tem rasão; amor com amor se paga, a gente deve servir bem os bons amigos.

ANNUNCIOS.

Manuel de Assis Gomes, Antonio Gomes de Assis e João de Assis Gomes, vem por si agradecer as distinctas corporações sacerdotal e musical, aos seus amigos e todas as pessoas, que se dignaram honrar aos actos funebre que tiveram logar nos dias 10 e 16 do corrente na matriz de Sant'Anna, por occasião do interro e missa do setimo dia, celebrados por alma do seu muito presado e nunca esquecido irmão o padre José de Assis Gomes. Bahia 17 de fevereiro de 1866.

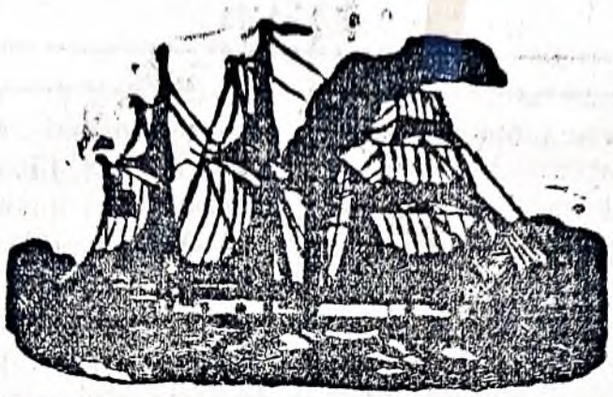
Attenção.

No trapiche Querino ao largo do Pilar se dira quem dá dinheiro sob penhores e pequenas hypothecas.

No dia 4 do corrente, das 7 para as 8 horas da noite, perdeu-se do Gravatá até o Terreiro uma carteira com algum dinheiro, diversos papeis de importancia e um bilhete premiado com 10$ rs.

Dá-se além do dinheiro que tinha dentro mais uma gratificação a quem achou e queira entregar os papeis na loja de barbeiro Boa-nova ao Guadelupe,

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 22 DE FEVEREIRO DE 1866. SERIE 2.ª—N.º 13.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizriecordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de fevereiro de 1866.

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo, partecipando-lhe que na noite de 17 um padre procurou por *subterfugio* entrar, sem licença de seu dono, em uma casa á ladeira dos Gatos, o que deu motivo a que este o encontrando com o pé na ratoeira, o fizesse dalli retirar a rufo de pau, e ao estrepito da galhofa dos circumstantes que presenciavam o caso.

E como similhante procedimento esteja clamando por um correctivo em desaffronta á respeitavel classe sacerdotal, vilipendiada por um membro seu, espera-se que S. Ex. se digne mandar indagar quem foi o tal padre, e de castigo o mande pôr de penitencia ao pé de uma *cruz*.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que os combustores de gaz ao Matatú, acham-se todos deteriorados, o que faz com que os moradores daquelle logar, ha dous mezes, vivam constantemente em trevas, tornando-se superfluo o dinheiro que gasta a provincia com aquella parte da cidade a respeito de illuminação.

Confia-se que S. Ex. attenderá a tão justa reclamação.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que a companhia do olho-vivo foi á Estrada Nova e roubou da estrebaria que pertence ao Sr. Barros Reis um burro, e da casa visinha pertencente a um crioulo um cavallo. Os homens preparam-se portanto; e como já se chegou a dizer que formavam um regimento, é provavel que o formem de cavallaria, e devem ser temiveis as excursões.

S Ex. portanto se não deixe levar por palanfrorios, fiando-se nas palavras de que os restos da companhia vão cahindo na ratoeira; active sua energia e não perca de vista os ratoneiros que renascem e reproduzem-se como os dentes de Cadmo.

—Dizem que a ilha do Medo está arrendada por 40$ rs. annuaes.

—Ouvi dizer que, a esforços do Sr. tenente coronel Paranhos, director das obras militares.

—Não sei; o que é certo é que só de cocos pode-se seguramente tirar dalli 80$ rs., exactamente o duplo do preço por que está arrendada.

—Bagatella!

—Tem havido boas cousas com os exames, este anno, na faculdade de

medicina; a questão de cartas passou a jornaes e de jornaes vae tomando direcção de duello!

A causa principal é o abuso que aqui se da de todos os que se creem examinadores abrirem curso de ferias, para *garantirem* os discipulos e apontarem os que devem e os que não devem prestar exame.

—Como cohibir o abuso?

—Julgou-se algum tempo que era ser feita a nomeação na vespera dos exames; mas o caso é que o Sr. Dr. Dantas fez assim e nem assim evitou o escandalo. O remedio, parece-me, seria nomear pessoas habilitadas inteiramente extranhas ao magisterio e os professores jubilados que não abrissem curso. Pode-se dizer que estes se negariam; mas muito é de esperar de homens illustrados que bem poderiam fazer um pequeno sacrificio, para que não vissem, a entrada da sciencia, uma tão vergonhosa mercancia, que enoja e afflige.

—Credulo! utopista!

—Atraz dos apedrejados correm as pedras! A *magra* chupeta da limpeza acaba de perder um de seus magros burros, por querer economisar.

Foi atirar cisco ao mar, e o burro deu um pinote, fez um sarandango e la se foi tomar banho pelo mar a fora, de carro ás costas.

E a graça é que, bom mergulhador, la se ficou pelo fundo a ser devorado por algum tubarão, justamente como o dinheiro dos cofres publicos é devorado anciosamente por meia duzia de barrigudos, emprenhendedores e amantes do progresso desta bemdita terra!

—O castigo do vicio é o proprio vicio.

Pezames á empreza por ter fallecido um dos seus!

—A presidencia da provincia está mandando erigir um monturo nas Mercês.

—Ora viva!

—E' certo; a limpeza está fazendo da roça do Sr. Jacintho Alves de Sá deposito de cisco.

—E isto é prova?

—Si a presidencia consente, é porque o quer: tão bom é o ladrão como o consentidor.

—Não deixa de ter rasão.

Como vae esta terra, meu Deus!

—Não sei si sabe que ha nos cofres dinheiro para as familias dos voluntarios?

—Tenho ouvido dizer.

—Não sei si sabe que algumas já o tem recebido?

—Tenho ouvido dizer e até lido.

—Pois admire o talento do Sr. Dr. Dantas; avalie o seu grau de liberalismo; veja como elle tracta os pobres, como é a todos accessivel; e pasme diante da força daquella intelligencia, cujo possuidor foi pelo *Pharol* chrysmado de *pedra!*

E' um requerimento despachado a 15 de fevereiro:

«Agueda Xavier da Conceição, mulher do voluntario da patria Conegundes José dos Santos, pedindo que se mande dar alguma quantia das que se acham recolhidas nos cofres publicos para as familias dos voluntarios.—Informe o Sr. inspector da thesouraria de fazenda si o marido da supplicante consignou alguma quantia.»

—E' realmente de admirar! A senhora pede do dinheiro recolhido ao cofre; S. Ex. mandá informar si seu marido lhe deixou algum.

E tem rasão S Ex.; o dinheiro dos cofres é para gente bonita ou para quem tem padrinho; as mulheres pobres, si querem, seus maridos que lhes deem!

—S. Ex. obra sempre com tanto tino, tanta vontade, tinha de proteger a infeliz que marcou ao inspector o circulo em que devera girar, cousa inteiramente extranha ao requerimento!

E' assim que se governa com o liberalismo pratico, não é Sr. Guedes Cabral?

Amanhan o homem tem um elogio por conta.

Pelo amor de Deus, respeitem a decencia publica!

—Capitão, é verdade que existem tres agiotas nesta cidade...

—Tres! tres mil, pode dizer sem susto.

—Sei disso; mas fallo de tres que vivem no quartel de policia a rebater o soldo dos guardas.

—Ja ouvi dizer; e a graça é que o escandalo tem logar com authorisação dos commandantes de companhia, que servem de abonadores.

—Eu ouvi dizer que ha tambem sargentos que servem de agentes e que recebem uma commissão para darem e receberem o dinheiro.

—Dizem que sim.

—Ora ahi está! E vivem os pobres guardas sempre atrapalhados com o *favor* que lhes fazem, mal trajados, sordidos e presos porque assim se apresentam.

Ha então dous infelizes, Barboza e Chibante, que estão diariamente na prisão, por serem favorecidos pelos taes meus bons senhores.

—E que diabo de ganancia é uma, sabe?

—Dizem que o soldado toma dez mil reis para pagar doze no dia do soldo; porém o soldo, de dez em dez dias, chega apenas a dez mil reis, e o soldado que não p de pagar doze fica devendo dous, com o juro de 500 reis. E nesse gosto vae continuando o negocio, em que, bem se vê, fica o pobre guarda eternamente entalado, á disposição dos charidosos Srs. Custodio José da Silva, Gandavo, e Thomaz-coxo.

—Com effeito!

E tal abuso se não pode acaso reprimir?

Ha de estar o suor do soldado a gottejar para saciar as fauces sequiosas dos usuarios? Quando a policia ou a magistratura do paiz *não queira* nisso intervir, uma força de vontade do commandante não poderá dalli expellir os especuladores, como do templo os expelliu Christo?

—Creio que sim; tanto que o Sr. Argollo, quando era commandante, prohibiu no quartel a entrada de tão santas creaturas e quaesquer transacções entre elles e os soldados.

—Os guardas que lhe chorem a falta! O Sr. Salles, ainda querendo fazer alguma cousa, não encherga bem e podem cassuar com o homem.

A PEDIDO

—Capitão, venho valer-me de seus prestimos; recorro á sua protecção para ver si por meio de sua intercessão sou vingada, ou antes si justiça me é feita.

—Si dependesse de mim so, sendo sua a rasão, havia de ser attendida; negocio porém em que eu interceda para com as authoridades, é difficil de arranjar-se, porque não ouvem, são surdas por que não querem ouvir.

—Mas, Sr, a quem hei de recorrer?

—Falle sempre.

—Chamo-me Maria Leopoldina Neves dos Santos; tenho alem de outras uma filha menor de nome Maria Emilia; moro na rua do *Julio Grande*. Ha seis annos mais ou menos um demonio começou a perseguir-me e ficou o dono de minha casa; a dita minha filha que tem hoje 13 annos tinha então sete; o malvado agradava-a muito; fazia-lhe muitos carinhos e meiguices, mas desmoralisava a innocente *preparando-a;* aos 11 annos deflorou-a, segundo se veiu ultimamente a saber.

—E quem é o infame seductor?

—Um gallego ordinario, um tal *Dias José*, ou José do Dia, que muitos chamam José do Diabo; um pintor de portas, um borrador de paredes que a Galiza produziu para dessocego meu e de minha familia.

Morava defronte de mim um moço que pediu em casamento minha filha; quando José do Diabo *viu* a carta, rasgou-a e não quiz dar a resposta; eu disse que approvava o casamento, que era muito do meu gosto e José do Diabo não teve remedio sinão concordar; prometteu dar a resposta ao moço o deu-a verbalmente.

O moço apromptou mobilia e enxoval, mas a esse tempo recebeu duas cartas anonymas em que se lhe dizia que José do Diabo gabava-se de ter-se

servido de sua futura e da irman mais velha.

O moço interrogou a noiva e esta na sua innocencia confessou tudo.

—Que fez a senhora?

—Recorri ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, perante quem compareceram elle e minha filha que tudo confessou; la está nos autos a declaração Não tendo porém meios para intentar processo contra o malvado, o Sr. Dr. chefe de policia mandou soltar o monstro, depois de 8 dias, por não poder tel-o preso por mais tempo.

—E elle continúa a frequentar sua casa?

—Não sei como, no dia 4 do corrente roubou-me elle uma filha de tres annos, que depois de muitas reclamações minhas, me foi entregue, por ordem do subdelegado no dia 12.

No dia 19 subiu elle minhas escadas, a pretexto de ir tirar seus cacos de tinta; entrou com palavras macias e assucaradas a ver si ficava de novo, mas eu conhecendo a fera despedi-o ameaçando-o de gritar por soccorro; ao sahir cubriu-me de improperios e injurias atrozes.

—Voltou ainda?

—Vive de continuo na rua em que moro, a passar d'um lado para outro, a insultar-me,e a dizer que o moço que quiz casar-se com minha filha foi quem deshonrou-a, Alias sabem todos que o moço nunca entrou em minha casa, sinão depois do pedido.

—Não dê cavaco com o tratante; a cousa é não deixal-o pôr pé em ramo verde. A menina onde está?

—Está em caza do moço, que a pedido de algumas pessoas e por charidade, a tem em seu poder. Mas o malvado tanto tem fallado, tanta mentira tem inventado, taes cousas tem feito, que o moço ja disse que breve manda-me a rapariga para a caza.

—Ora deixe estar. As authoridades é provavel que não ouçam os gritos lamentosos da mãe; mas pela minha parte, vou mandar chamar o gallego, e na sua presença mesmo, elle prestará contas do que deve .*(Continúa.)*

—Os musicos que tocaram no Bomfim já foram pagos?

—Já.

No dia 16 do corrente o thesoureiro ajustou contas com o encarregado da orchestra e embolsou o, descontando o que tinha por conta.

—Bem; agora não ha mais razão de queixa.

Deseja-se saber onde existe a conta corrente dos contribuintes do 4.° batalhão da guarda nacional.

Esta pergunta faz-se somente porque, ha muitos annos, não ha musica no referido batalhão e havia somente dous tambores até certo tempo.

Um que deu somente cinco mil reis.

ANNUNCIOS.

No deposito de massas e casa de molhados á rua do Tingui, vende-se vinho da Figueira muito bom—a 4800 rs. a canada,—garrafa á 500 rs.; dito do Porto a 6800 rs. a canada, garrafa a 700 rs dito velho, qualidade superior, em meias garrafas, a 480 rs.,manteiga franceza a 900 rs. a libra; dita ingleza superfina a 1$000 rs. a libra; cerveja marca triangulo—a 640 rs a garrafa; Genebra—vida eterna frasco a 640 rs. azeite doce 720 a garrafa; e tudo mais que se procura nestas casas—vende-se mais barato que em outra qualquer parte.

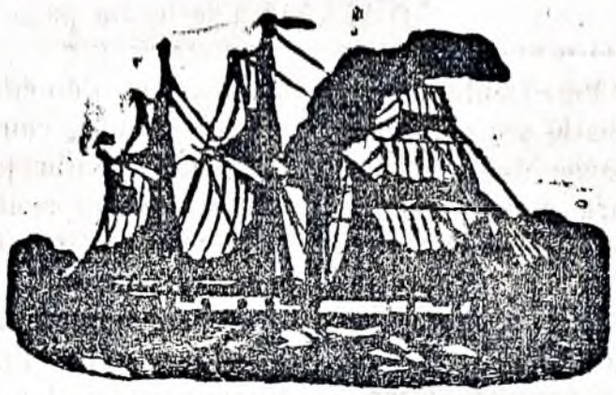
Declara-se, que as massas preparadas no mesmo deposito tem merecido muita aceitação dos freguezes que sabem apreciar

---

Roga-se encarecidamente a todas as pessoas, que tem contas desde o principio do anno p p, na loja de charutos atraz da Sé, o obsequio de virem satisfazel-as, do contrario passarão pelo dissabor de verem seus nomes publicados em um grande catalogo, em frente da mesma loja.

No trapiche Querino ao largo do Pilar se dirá quem dá dinheiro sob penhores e pequenas hypothecas.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 24 DE FEVEREIRO DE 1866. SERIE 2.ª—N.º 14.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de fevereiro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. administrador do theatro publico, para que informe si ha ou não prohibição de emprestar-se objectos do theatro, e no caso de haver, com authorisação de quem sahiu para Santo Amaro a roupa do mesmo destinada á companhia lyrica para servir no bando que houve naquella cidade ultimamente.

Portaria ao fiscal da freguezia de Sant'Anna, ordenando-lhe que intime ao proprietario da casa n.º 93 á rua da Poeira para que mande limpar uma enorme montureira que existe no pateo da referida casa e que muito incommoda a visinhança. Cumpra.

—Sahiu á luz o *Liberal Progressista*.

—Traz no seu titulo o seu programma.

—O que não impediu á sua illustrada redacção de apresentar-nos um programma tão bem elaborado como bem escriptos são todos os artigos que se lê no primeiro numero.

—Deus dê longa vida ao contemporaneo, tanto que possa ver realisadas as sublimes ideias que defende e por cujo triumpho denodado se apresenta o esforça.

—A limpeza não tem obrigação de varrer o Pelourinho?

—Que duvida!

—Pois o carroceiro obriga as quitandeiras a varrerem a praça e a deitarem o cisco em o carro, em quanto se diverte em galhofas, ou *indo fazer oração em alguma capella da visinhança*.

—Bem tollo é quem acha o bocado prompto e não o come. O Sr. Costa Guimarães é que sabe destas cousas.

—O largo do Carmo está sempre cheio de cisco; parece que a limpeza por alli não passa!

—Passa, mas que quer? Fizeram da rua gallinheiro e o remedio é ter alli com que sustentar a *criação*.

—Ora com effeito! Como é que Vm. seringa assim sem piedade a um pobre homem que passa, principalmente quando esse homem é um padre?

—Vontade tinha eu de seringal-o, sei onde.

Aquillo não é padre, não é nada, é peccador como os mais, é mais ainda, é um *abutre* dos diabos.

—Ora apreciem! Uma senhora requereu, como mulher de um voluntario da patria, que se lhe desse algum dinheiro dos que para essas familias ha nos cofres; S. Ex. despachou mandando que o inspector da thesouraria informasse si o marido da senhora lhe tinha deixado algum dinheiro.

Agora dá S. Ex. o seguinte despacho: Selle o requerimento!

Tem termos isso?

Si o requerimento não estava sellado, S. Ex. commetteu um erro, lançando nelle um despacho. Dizem porem que o negocio é outro.....

Eu cá exponho o facto, e quem puder que o qualifique.

Isto succede na 2 ª capital do Brazil, no anno da Graça de 1866, na administração progressista do Sr. Dantas, na situação politica inventada pelo Sr. Saraiva.

—Chama-se a isso accessibilidade, diz o Guedes.

—Capitão, ouça esta que é de *cajuleorum*.

—Que ha?

—Eu lhe conto. Uma pobre mulher não podendo dar educação devida a seu filho, conseguiu por meio de empenhos pol-o na casa dos orphãos de S. Joaquim; dalli foi o menino tirado por um portuguez para caixeiro de venda, da qual fugiu, ignora-se para onde, por ser bastante maltratado pelo amo.

A mãe sabendo da fugida do filho, procura-a afflicta por toda a parte; o portuguez porém persuade-se de que o menino está em casa da mãe e queixa-se nesse sentido ao Sr. Dr. chefe de policia.

O que faz S. Ex.?

Por effeito da justiça, ou por impulsos de seu paternal coração, manda metter no chilindró a pobre da mãe, desesperada por ja lhe não restar o recurso de procurar livremente seu filho!

—La com isso não me metto. O chefe de policia que assim o faz é por que o pode.

—Capitão, si souber me diga. Um homem tem de embarcar para o sul, mas dá 600$ rs. ou um homem por si. Pergunto eu: Em quanto o batalhão a que o homem que o dinheiro pertencia estiver no sul, não se segue que o homem está no sul?

—Parece que é do bom senso.

—Pois saiba. Francisco da Silva e Oliveira, por ordem do presidente, foi substituido por João Telles de Menezes, a 17 de setembro de 1865; foi por tanto para o sul João Telles de Menezes que representa Francisco da Silva e Oliveira.

Entretanto, um destes dias vae Francisco seu caminho pacifico, quando lhe dão voz de prisão, a nada attendem e mettem o homem na cadeia!

Pois o capitão não sabe que o homem foi substituido? Como manda prender um cidadão sem crime que vae a seu negocio e que não espera, não pode nunca esperar que o chamem para fazer um serviço que outro está fazendo por elle, porque... elle deu seu dinheiro?

Sempre atropello!

Todos os abusos de prisões, recrutamento que tem havido nascem debaixo, bem que os superiores consintam. E' que quem tem um galãosinho, julga-se com direito a metter no tronco, a maltratar tyrannamente qualquer cidadão seu desafeiçoado.

Isto porem não pode continuar.

Que acha, capitão?

—Acho que o moço deve prevenir-se, a fim de não estar exposto ás insolencias de quem quer que o queira atacar.

A PEDIDO

La vae obra.

Onde vae *Mané de Souza*
Tão lampeiro?
Cede os cavallos, vae de mula,
Corriqueiro!....

Vae tomar seu regabofe
N'um *Assado*.
Dom Bebé o acompanha
Appressurado.

Leão que vela vae correndo
P'ra funcção;
Aberém o acompanha, caladinho
A dar co' a mão.

O barão commendador se apresentando
Dá *piguá*.
As aguas são tão puras, até servem
Para chá.

«Viva o vinho, viva a patria,
Chova arroz!
Viva o esp'rado barão que em tal stado
Assim me poz'»

Diz Bebé enchendo um copo
De Madeira;
Façanha que tonto o fez cahir
Sobre a cadeira.

De um tão grande desfructe o D. Coruja
Envergonhado,
Mandou levantar o acampamento
P'ra o Queimado.

SONETOS.

E' crivel que o paiz ande a matroca
E ao capricho a nação viva sujeita?
Que entre nós a justiça seja a peita,
Que o direito não valha uma pipoca?

E' crivel que tamanha seja a broca
Da podre consciencia que rejeita
Equidade e justiça e á fome affeita
No Olinda infeliz pregue a taboca?

Não te importes, Olinda; a fome e a sede
Não te hão de levar a acção cruenta
Q'breve surgirá, q' a infamia o pede.

Si a bomba te estourar por sobre a venta
Pinta um *gato marisco* na parede
E as armas franciscanas lhe apresenta

E' crivel que um juiz seja lacaio
De todo presidente da Bahia!
Heide ser presidente ainda um dia
P'ra reduzil-o a negro de balaio.

Com botas de canhões montado em baio
Hade andar a cidade feito espia,
Para que o Xavier não veja a tia
Fique em baixo da loja feito aio.

Os meus bons alliados hão de ver
Elle caro pagar-me o que tem feito
Reduzido a não ter do que viver.

Leite quer Saubara, elle tem geito
E quando não tiver mais que comer
Metta o dedo no..., tire confeito.

—Um aviso em tempo.

Ha na Bahia um negociante fallido, que tendo um processo em Sergipe, o sendo preso, foi por *habeas-corpus* da relação mandado pastar livremente. O processo porém continuou, e o nosso amavel Chicotada (é elle) ficou aqui tomando fresco, apezar de estar definitivamente condemnado.

Tem de seguir para Sergipe um honrado magistrado, que não tem até hoje desmentido as glorias de seu pae, typo de probidade na magistratura, em cuja summidade se acha collocado. Os tratantes e *poderosos* pretendem perdel-o; esperam illudil-o, fazendo-lhe crer que o tratante ja cumpriu a pena *em outro logar* e que o digno magistrado deve mandar-lhe dar baixa na culpa.

Tenha por tanto o illustre juiz todo escrupulo nessa questão; não se deixe levar por palavrinhas assucaradas.

O aviso não vem tarde.

S. S. que se previna.

Um que conhece as bestas.

—Quando appareceu o juiz de paz da roça, muita gente riu-se; os tabareus porem foram virando macaco com os costumes da cidade e tudo imitaram; chegaram a ter rei e o Itapicurú teve a honra de contar entre os seus primoi-

ros um celebre gato marisco cabelludo.

O nosso el rei do matto fez annos; celebrou o anniversario, dando as fortalezas da Ribeira, Taboão, e Caes Dourado as salvas de bufas; á noite houve baile em que compareceram os assignantes do largo do Theatro; S Ex... quero dizer, S. M. escolheu o dia para distribuição de graças e desgraças; nomeou porteiros, demittiu delegados, arranjou afilhados antes que o *esperado defunto morresse*, e desenganou um pae afflicto, um sogro infeliz, um avô sobrecarregado, que fora pedir ao tyranno uma graça devida.

—Ora não masse!

Pois ainda ha quem peça a feras do sertão favores que tem o nome de equidade?!

Mais facil é uma coruja comer um gato do que deixar de ser malvado ou tollo qualquer Mané de Souza.

Convenientemente instruidos sobre a pergunta feita por este jornal n.° 11 de 17 do corrente sobre o pagamento dos musicos que tocaram nas festas do Sr. do Bomfim de Itapagipe, apressamos em respondel-a, afim de restabelecer a verdade dos factos.

No dia 6 do corrente mez o Sr. Joaquim Pedro como encarregado da musiça recebeu a quantia convencionada, pelo que passou recibo que se acha em mão do thesoureiro da irmandade, tendo desde o dia 1.° sido chamado para esse fim por varios musicos a pedido do mesmo thesoureiro, e já tendo algum dinheiro adiantado.

O Sr. thesoureiro como commandante do 1.° batalhão, dissolveu a musica do batalhão sob o seu commando, e disse ao Sr. Joaquim Pedro, que era mestre d'ella, que fosse em outro dia para liquidar as contas relativas á banda militar.

Com effeito no dia 9 o Sr. Joaquim Pedro compareceu na caza do Sr. thesoureiro, e este no acto do pagamento levou em conta a quantia de 300$ rs., que pagou ao Sr. Urbano Ignacio de Sá Mendonça de uma fiança passada em favor do Sr. Vicente, contra-mestre da musica á pedido do Sr. Joaquim Pedro. Havendo este encontro, o Sr. Joaquim Pedro recebeu 6$ rs. saldo a favor da conta, e do que passou a competente resalva.

Eis como se deu o facto

Pelo que fica dito ve-se que o Sr. thesoureiro da irmandade do Senhor do Bomfim foi prompto em satisfazer os compromissos da mesma irmandade; e se alguma falta houve diga o publico a quem se deve attribuir.

Foi bom que fossemos esclarecidos afim de que o mesmo Sr. thesoureiro fique salvo de qualquer pecha, e o seu credito, como sempre apreciado.

* *

—Chica, vem tomar uma chicara de café.

—Ja não rôo tudo que encontro.

—Não recebeste de certa protinha 4$000 rs. para pôr em notas a carta do filho?

—Recebi.

—Que fizeste do dinheiro?

—Gastei com almoços e jantares para regalar Mané.

—E não róes tudo que encontras!

Que disseste á preta?

—Contei-lhe quatro brocas, ella ficou sem os cobres e eu e Mané consolados.

—Sem vergonha!

—Como a pode ter quem ja vendeu café do Nicolau, jogou o burro com o Marcos, cortou carne no açougue de Felippe, e bebeu na tasca do Bernardo?

—Qu'é da roupa do moleque, Chica?

—Meu Sr., outro officio; ja lhe disse que não tenho vergonha.

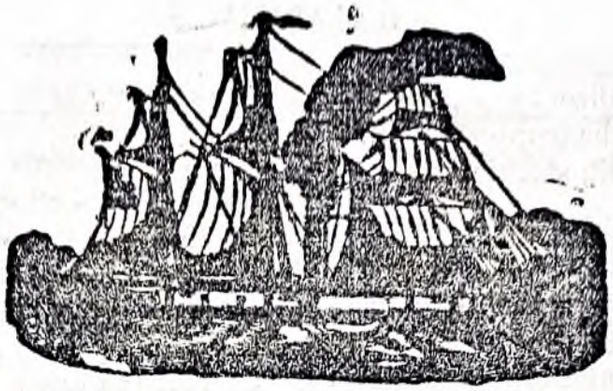
—Muxingueiro, leva esta negra a tacadas até a rua dos Ourives e mette-a no cano mais immundo que encontrares.

(Continúa.)

ANNUNCIO.

No trapiche Querino ao largo do Pilar se dirá quem dá dinheiro sob penhores e pequenas hypothecas.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 27 DE FEVEREIRO DE 1866. SERIE 2.ª—N.º 15

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 3$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de fevereiro de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á travessa do Cruzeiro nº 8, e advirta a uma mulher aciganada que ahi mora, mãe de um malcreado menino que se diverte em cuspir e molhar não so a visinhança como tambem quem passa, e que quando se lhe vae fazer queixa diz que o menino não tem juizo, que si não pozer cobro a tal insolente, passará pelo dissabor de vel-o conduzido ao Dr. chefe de policia para lhe dar destino na companhia de aprendizes.

—Attendite et videte!

«Requerimentos despachados em 21 de fevereiro de 1866.

«Carolina Carlota Joaquina do Sacramento e Silva, casada com o sargento do batalhão 23 de voluntarios, João Chrysostomo Ladislau e Silva, pedindo alguma quantia mensal.—Foi a supplicante deferida com o officio dirigido á directoria da caixa Economica para que se entregue a quantia de 15$ rs.

«Francisca Romana de Moraes, viuva, com 11 filhos, dos quaes 6 estão como 1.os cadetes voluntarios no exercito, pedindo alguma quantia das que se acham recolhidas em favor das familias dos voluntarios.—Officiou-se á directoria da caixa Economica para que se lhe entregue a quantia de 30$ rs.»

Agora vejam e pasmem!

«Requerimentos despachados a 15 e a 19 de fevereiro.

«Agueda Xavier da Conceição, mulher do voluntario da patria, Conegundes Jose dos Santos, pedindo que se mande dar alguma quantia das que se acham recolhidas nos cofres para as familias dos voluntarios.—Informe o Sr. inspector da thesouraria de fazenda si o marido da supplicante lhe consignou alguma quantia!

«A mesma, idem.—Selle o requerimento!

«Anna Rosa dos Santos Vital Castilho, viuva de Thomé Feliciano Castilho, praça do batalhão de caçadores desta capital, pedindo uma quantia dos dinheiros que se acham recolhidos á caixa Economica.—Prove o que allega.»

—E' assim que o Sr. Dantas distribúe justiça?

—E'; é assim que S. Ex., liberal moderno, da moda, da epocha ou como quei am, pratica equidade; é assim

que elle prova, confirma e *reprova* a *accessibilidade* que lhe emprestou o generoso e chicanista Guedes Cabral.

—Hontem teve logar a cerimonia da bençam da bandeira do 1.º batalhão d'artilharia da guarda nacional.

—Esteve edificante; foram padrinhos os Srs. commandante superior, Dr. Tiberio, coronel Magarão e *outros referidos no Novo Methodo*.

—Houve discursos; o Sr. barão arranjou o seu e o Sr. Magalhães dividiu o delle em dous.

—Ouvi dizer; parou no meio do caminho, sensibilisado com o luzimento e galhardia dos guardas que commanda.

—A epocha, não tem duvida, é só de pavonadas!

—Embarcou para o Rio de Janeiro, a 23 do corrente, no vapor americano *North America*, o Exm. Sr. Des. Luiz Antonio Barboza d'Almeida, a tomar assento na camara dos deputados de que é membro.

—Assisti ao embarque, esteve bastante concorrido; innumeros amigos seus, pessoaes e politicos, o acompanharam de sua caza ao arsenal de marinha e o seguiram até bordo, em alguns escaleres e diversos saveiros, todos embandeirados.

—Que S. Ex. chegue feliz a seu destino e mostre aos invejosos o quanto vale a probidade!

—Capitão, uma hypothese por conta.

Supponha que ha em Latronopolis uma repartição onde ha uma *meza que rende;* supponha que o administrador que nella entra diariamente ao meio dia, deixa de ir n'um certo dia; supponha que nesse mesmo dia o thesoureiro sae a prestar contas, o fiel está doente, o escrivão não sei onde anda; supponha que o expediente pára, que os despachantes ficam empatados, os despachos incompletos, as mercadorias sem poderem embarcar; supponha todo esse atropello, todo esse atrazo n'uma capital illustrada, onde os empregados publicos, os chefes principalmente, devem ter moralidade e respeitar o publico—e diga-me si tal estado de cousas pode ser tolerado, si é possivel que continúe.

—Rapaz, deixe-me. O exemplo dos passeios vem de cima; o empregado que não toma regabofe não é da moda, visto que, com honrosas excepções, empregado hoje é synonimo de folgazão, patusco, *bon vivant* e capadocio.

A PEDIDO

—Graças a Deus que vão apparecendo actos de beneficencia imperial ou ministerial ao infeliz arsenal de guerra da Bahia.

—Como assim?

—Ao servente de escripta José Monteiro Mascarenhas, que se acha doente dos olhos foi mandado abonar seus vencimentos de 1$000 por um aviso do Exm Sr. ministro respectivo, durante seus padecimentos.

—E' de admirar.

—Si esse acto do governo geral continuar, tornando-se extensivo a todos os que cahirem em identicas circumstancias, que não tiverem um salario fixo, de certo não teremos de lamentar a reproducção de casos como os que se tem ja dado naquelle arsenal, de adoecerem e morrerem mestres e contra-mestres de officinas na miseria estendendo a mão, implorando o pão da caridade publica, depois de terem consumido toda sua mocidade no serviço da nação, como operarios publicos. Exemplo, o que aconteceu ultimamente com o mestre pedreiro Casimiro Gomes Ferrão, e o contra-mestre de latoeiros Manuel José Gularte e outros muitos.

—Quem espera sempre alcança.

—Até ver não é tarde.

—Capitão, aqui está o José do Diabo.

—E' este mesmo, Sra.?

—E' o diabo em pessoa, capitão da minha alma. Basta olhar-lhe para o trajo; não o vê assim besuntado, porco, sordido, immundo, a feder a oleo e a colla, á trampa até?

—Ora vem ca, brutaço, qual é teu meio de vida?

—Sou pintor.

—E que pintas? Os barris que outr'ora carregavas cheios em tua terra?

E's pintor, e andas a encher a rua de pernas, a insultar esta pobre senhora, cujo unico defeito foi ter-te dado ouvidos!

E's pintor, e te occupas em apregoar a deshonra que subtil e infamemente levaste a uma casa!

E's pintor, e vives de esmolas, sendo preciso que a sociedade de Beneficencia Portugueza te dê 50$ rs. mensaes para tua subsistencia!

E's pintor, e teu officio é andares pelas casas das *felizes* a incommodal-as, incommodando a policia que te não trancafia de uma vez!

Quaes são os documentos legaes que apresentas, que trouxeste da tua terra?

Pensas que te não conheço?

—Penso, capitão, penso....

—Pois não penses, que por pensar morreu o burro de teu pae.

Julgas que não sei que vieste fugido? Julgas que não sei que és casado e *lá* deixaste a pobre da tua senhora?

—Misericordia, capitão, assim põe-me os podres na rua!

Quem lhe contou isso tudo, meu Deus!

—Foi quem me contou que tu raptaste uma moça na Baixa dos Sapateiros, a qual só durou em teu poder tres mezes por que a mataste.

Quem me contou foi quem me disse que tambem mataste uma outra infeliz, mãe de um tal Manuel, que foi guarda de policia e que anda por ahi; é pintor como tu e tem uma belida n'um olho.

Quem me contou foi quem me disse que tu andas armado de estoques e punhaes, alguns dos quaes estão em poder da policia, sem que comtudo ella tenha obrado.

Olha para mim direito, gallego! Por que não tomas vergonha, safado!

—Ora por que! Onde se bende, capitão?

—Vende-se na pata que te poz.

Sabes qual é o castigo que te espera?

E' ires daqui amarrado para a policia, onde se te instaurará o processo. Antes porém, perfilado como estás, levarás do muxingueiro uma furiosa desandadeira de tirar couro e cabellos. E si acaso succeder que, depois das indagações policiaes, dos exames nos autos, a policia te solte depois de oito dias, aqui a bordo acharás o que te não puder dar o amavel Custodio.

—Balha-me a Birgem!

(Continúa.)

Soneto.

Não lamentes, Olinda, o teu estado,
Tabocas tem levado gente boa,
Taboquistas fidalgos tem Lisboa,
Taboqueado as vezes tem reinado.

O Chico taboqueia até soldado,
O Manê de tabocas tem corôa,
Certa dama apezar de sua pròa
Seu amante lá foi taboqueado.

O Sena é a potencia aqui famosa,
Ao Chico se entregou, diz a gazeta,
Para dar-lhe sentença vantajosa.

A politica daqui é pura peta,
Outra vida, Olinda, mais rendosa
Manda Manê mamar em grossa têta.

Attenção.

E' certo e se provará sendo necessario que certo subdelegado da roça recebera d'um cidadão a quantia de 1$200 de proferir um despacho na petição que lhe fora pelo mesmo apresentada no dia 23 de janeiro do corrente. Uma authoridade que assim procede, bem póde ser policiada Agora porém cumpre saber se o regimento de custas judiciarias, mandado organisar pela lei nº 604 de 3 de julho de 1851 e executar pelo decreto n.º 1569 de 3 de março de 1855, seria alterado unicamente la para a tal freguezia em proveito do sapientissimo Sr. subdelegado e provavelmente de seu escrivão e primo quo tem contra si os avisos de 28 de julho de 1843 e de 3 de dezembro de 1853.

Um tabareu da Saubara.

—Sr. *Ildefonso* deixe-se de cousas! Não queira soparecer com o *Marinho*.

Pois porque o Sr é empregado na repartição das *averiguações* se julga com direito a insultar os mais, e quando é repellido vae se queixar ao *chefe*?

Ora deixe-se disso que é *bobage*.

Diga antes a sinhá Apolinaria que não se intrigue com os visinhos.

Vm. é filho de um conego, e ja é alguma cousa; por tanto deixe-se de crianças, que nada lhe adiantam.

Trate de viver bem com todos que é o melhor.

Enigma.

A mulher de um homem do commercio
Vae, quasi sempre, á Quinta das Beatas,
A um certo candomblé, dançar *vudum*
Com negras gêges, crioulas e mulatas.

Larga-se fechada na cadeira
Conduzida por Jorge e por Joaquim:
Vae a *Loco* adorar; tomar ventura;
Comer bobó de inhame, ou de aipim.

La chegando, a papae toma a bençam,
E nos pés da mamãe ajoelhando
Recebe *obi* e *colla* que mastiga,
E depois no *pegi* la vae entrando.

Toca *cundúm* vestida de saêta,
Amarra sobr'a testa a *toalhinha*,
Atupeta o pescoço de *missangas*,
E pega de Xangô na *machadinha*.

Cahe na roda e *mette péna obra*
Que uma preta africana não a ganha;
Quanta mais o *ogan* toca o *tabaque*
Mais voltas ella dá e mais se assanha.

Quando o santo lhe sobe *p'ra cabeça*,
A levam p'ra *casinha* a toda pressa;
La so entra papae e mais ninguem,
Q' ha prohibição p'ra isso, expressa.

Querem saber quem é essa senhora?
Isso não; é segredo, não se diz.
Quem quizer que va té a Fonte Nova,
E ponha-se de espreita, como eu fiz.

Ioio Chiquito do Surdo-é—Vm. está dando seus ouvidos a Domingos mais Anecleto, por isso não vem ha dois dias nesta caza. Si Vm. não quer mais vim me diga logo, pois Sr. Bitú quer vim e eu não quero que elle venha. Vm. sabe que eu lhe quero tanto bem que botei flor em seu cavallo quando morreu, e se não carreguei foi porque não posso com um cavallo.

Ioio Sena ontem veio aqui me pedi para Vm. dá centença a favor d'elle nos autos da caza da fazenda; diz que Vm. está demorando muito—eu lhe peço que se desemburre d'isto, pois não quero vê seu nome na boca do povo da *terra dos mosquitos*. Ioio Moura veio oje de noite e disse que Vm. queria ir para Acembréa sem tratar o negocio do crime d'elle na rua, eu disse a elle que Vm. não era capais de fazê isto, e elle me disse que Vm. ja tinha prometido a elle junto com Sr. Presidente por isso Vm. se guie e faça favor absorver logo Ioio Moura—eu não tenho remedio senão fazê estes pedidos porque anani pensa que Vm. inda me qué o bem que queria.

Eu fallei a Sr. Maxí para dar o recado a Vm. e como elle dice que não era arcovitero pedi a Sr. Zezinho para fazer esta carta. Vm. não me farte, veja que ioio Sena e ioio Moura me prometteram uma cousa si Vm. fizece isto e eu não quero perder, e nem Vm. ade consentir pois Vm. sabe que iô Sena quando promette não farta, e si iô Moura fartar eu faço queixa a iô Sena e elle faz iô Moura me pagá.

Vm. dê lembrança a Xico e a Veronica que eu mando—com Domingos mais Anecleto eu não que não quero mais graça nunca mais em minha vida.

Vm quando vié do Brejo bata seja la que ora fô Sou sua escrava e amiga

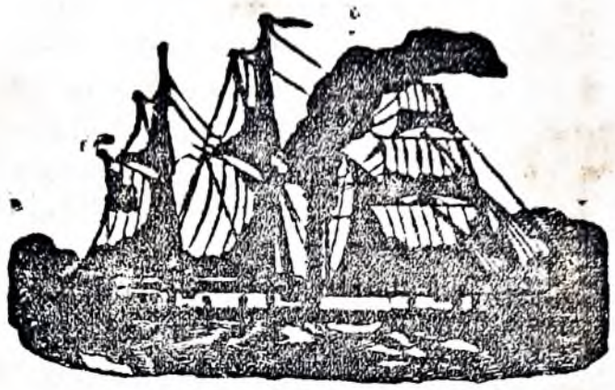
Colombô.

N. B.—Ioio Janinho sahiu daqui agora mesmo fallou muito bem de Vm, disse que Vm. disse a elle que não era mais juiz Sant'amargo si não rasgasse a carta de Eliza, eu peço a Vm. que não faça isto pois é muita marvadeza, Ioio Janinho qué vender ella. Eu fiz este verso para dizer a Vm. quando viece ca, como esta demorando eu lhe mando—

Onde vae meu pombo roxo
Com meirinho e escrivão?
Vou dar um beijo em meu bem
E disto trazer certidão.

A mulhé que quizé dar
Em tua boca boquinha
Hei lhe dar bofetadas
Inda sendo iaiazinha.

O
ALABAMA
1865
A
1867
H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª BAHIA 4 DE JANEIRO DE 1866. N.º 305

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de janeiro de 1866.

Officio ao Sr. subdelegado do 1º districto de Santo Antonio, pedindo-lhe que mande acabar com um jogo quotidiano que ha em tres casas, ao Corredor da Lapinha, frequentadas sempre pelos mesmos sujeitos, que divertem-se até a manhan, incommodam a visinhança, e acabam a cassuada por pancada. Um dia destes metteram o cassete n'um pobre Pedro Ta-ta-tá que ficou desancado e que creio tão cedo lá não tornará.

Espera-se que S S. providencie.

—Capitão, a forca está de pé na Bahia; a pena de morte realça a cabeça; ja não foge espavorida da civilisação, ja não recúa, como diz Victor Hugo.

A lei, o codigo diz que a forca será levantada na occasião do castigo, para não ficar exposta ás vistas do publico; apezar disso porém, ha mais de 15 dias, está a forca armada em Itaparica, a escandalisar o publico, a sensibilisar as pessoas delicadas, a indignar os homens de coração!

—Bagatella! A lei é a vontade da authoridade; o juiz municipal quer, que se ha de fazer?

—Pobre terra!

—Capitão, venia.

—Diga-se.

—Aportaram em certo tempo a Latronopolis (por pedido e chupança de certa gente sem... juiso que só dá importancia aos estrangeiros) certas mulheres abanadas, intituladas sem charidade; depois de pregarem e inculcarem castidade que nunca tiveram, dirigindo collegios e recolhimentos, chegou uma chusma dellas e foram para certo hospital que, como ellas, tinha o nome de sem charidade.

Ahi fizeram o que puderam; de lorettes e grisettes das ruas e cortiços de Paris tornaram-se sultanas, directoras da vida dos infelizes que as toleraram em sua terra natal, onde elles precisavam da charidade publica e official, charidade apparatosa, mas sem effeito real, mentida, e ultrajante por allegada.

Para esse hospital teve de ir um ex-soldado caçador, um condemnado a galé, homem protegido que depois de correr todas as prisões, *ficou doente* e foi-lhe preciso o hospital.

As sultanas, as odaliscas, as pudi-

bundas virgens, as abanadas, as mulheres que vendem charidade no grosso rosario enveronicado que trazem á cintura, fizeram do galé um senhor de serralho e o adoraram. Houve muita ciumada, muita bregeirada, muita cousa feia; mas o que mais admirou foi que as *cujas* quizessem brigar com o commandante da guarda que havia no hospital, só porque elle oppoz-se a que ellas passeiassem com o feliz Adonis de calceta, rival afortunado do conego Serpente e de um certo Sebastião, que não gostaram muito da graça, bem que fossem os prazeres egualmente repartidos.

—E o nome do feliz?

—Não sei; esta historia contou-me o *José Maria*, que é homem antigo e que diz tel-a ouvido do fallecido padre mestre *Costa*.

—E o sultanete não teria no serralho alguma favorita?

—Disse-me sinhá Thereza que sim; uma que vivia a conversar largas horas com o doente e que não queria que um guarda acompanhasse o seu dengoso macho, apesar de estar preso.

—Não ser hoje o caso, para metter-se a taca nessa canalha.

—O Sr. Cyrillo Pessoa queixa-se de ter sido attacado com cassete e faca.

—Hoje por mim, ámanhan por ti; quem com ferro fere com ferro será ferido. O Sr. Cyrillo é um valentão, quer metter o chicote em todos!.....

Achou por sua vez quem lhe mettesse o porrete em cheio.

—Capitão, disseram-me que no arsenal de guerra trabalham escravos.

—E' possivel; havia alli um escravo do Sr. escrivão que varria diariamente a caza e....

—Pois o que dizem é que justamente dous escravos do Sr. escrivão foram admittidos nos logares de dous homens livres que foram despedidos para darem entrada.

E' um facto que se expõe ao publico e ás authoridades sem commento; é censuravel no rigor da palavra o admittir-se n'uma repartição publica escravos, quando por toda a parte se clama pelos braços livres.

—São cousas.....

—Continúam os moleques a atrapalhar o publico.

Atraz da Sé ninguem pode com elles; unidos aos escravos do Sr. barão do Catú, não ha mulher de capona que delles fique isenta, não ha cego que não leve pedrada, não ha pessoa alguma que não ouça uma pilheria pesada.

E a policia não sabe disso, não imagina as desordens, os crimes que podem originar-se do brinquedo por ella tolerado.

—V. falla em moleques!

E uns tambores que se ajuntam á ladeira de S. Francisco! fazem o diabo, insultam a todos, e não ha familia honesta que possa ouvir uma unica palavra das que sahem daquellas desaforadas boccas!

—E a policia não passa por alli? O negocio é com ella que amanhan ha de querer passar por exemplar, e mandar elogios para a gazeta.

—Capitão, ouça.

No Gravatá ha um certo *cujo* em cuja casa apprendia a cozer com sua mulher uma crioulinha menor; a menina porém apprendeu com o cujo a *comer feijão*, e tomou a lecção, ou antes prestou exame no dia 2 de julho, ficando approvada, *prompta e cheia*.

—E como chama-se o sujeito?

—Ignoro: estava eu sentado debaixo de umas *arvores* quando o *Paulo* contou-me o milagre sem dizer o nome do santo. Disse-me tambem que a mulher do cujo fallecera ha um mez pouco mais ou menos, talvez apaixonada por ver o marido com foros de melhor mestre, e passar-lhe a piassava.

—Patife!

E que fazem os parentes da menor?

—Deram queixa ao chefe e ao delegado, os quaes inqueriram a paciente que confirmou tudo que antes dissera á sogra de um tal infame.

—Muxingueiro, vae com o Sr. pegar

o bandoleiro para fazel-o variar a bordo com lindas beijocas de tua alada taca.

—Olé! o moleque vae bem de Reis!

VARIEDADE.

Lê-se no *Correio Paulistano*:

«Ha tempos andou transcripta por todos os jornaes uma noticia que deu uma folha portugueza, sobre os estragos e damnos que tinha produzido o calor em algumas cidades daquelle reino.

«E' costume nosso copiar o alheio, esquecendo o proprio. Eu não sou assim, e por isso passo a narrar os males que tem causado este anno o calor em nossa Paulicea.

... .

«Um sujeito que sentia sahirem-lhe labaredas por todo o corpo, foi a uma casa de banhos e pedin um banho frio; momentos depois de ter entrado na agua esta ficou fervendo e este sahiu todo pellado.

....

«Um porqueiro que chegou do interior, ao entrar na Luz, trazia quasi todos os porcos assados, alguns cozidos, e elle proprio estava encruado.

«Uma nossa visinha que havia posto umas faixas do filho a enxugar ao sol, quando voltou a procural-as achou apenas as cinzas. Tinham sido devoradas pelas chammas produzidas por aquelle astro.

«Hontem encontramos quatro ferreiros no centro de certa rua a malhar em uma ferradura; aproveitavam o sol para o seu trabalho, poupando assim o carvão da forja.

....

«Hoje, ao meio dia, o chafariz de Miguel Carlos fumegava de uma maneira assustadora, e tudo annunciava um proximo incendio naquelle magestoso monumento. Felizmente conseguiu extinguir-se com dous barris de agua, cedidos por um carroceiro que passava.

«Um amigo communica-nos que vira em uma tarde destas um exercito de *bagres* a correrem pela Varzea fora, desesperados pelo calor que sentiam dentro d'agua.

... .

«Em uma venda da rua da Quitanda, appareceram cerca de 2,000 pintos sahidos de egual porção de ovos que ahi existiam, e que chocaram-se com o calor atmospherico!

«Uma senhora de nossa amisade, que mandara comprar ovos para o jantar, e que os deixara por descuido alguns momentos ao sol, quando voltou a procural-os achou meia duzia de pintos, comendo umas couves que estavam proximas.

....

«Cerveja, capilé, orchata, tudo que é refrigerante disapparecen das casas de negocio; ha quem dê 500 rs. por um copo de cerveja ou de orchata, mas não encontra!

«Em alguns bairros tem escasseado tanto a agua que as familias reunem-se a chorar dentro de um poço para cosinhar um feijão commum com o lacrimoso liquido.

.....

«A lenha e o carvão ninguem dá um real por elles; o sol substituiu estes dous combustiveis. Desde o meio dia até ao entardecer estão as ruas e os telhados cobertos de panellas de todos os tamanhos, esperando que o ardente astro se incumba de cozinhar os manjares.

«O pó que que acompanha a secca, tambem ha feito das suas. Ninguem mais é senhor de ter o nariz desoccupado. De um individuo nosso conhecido e proprietario de um alentado *beque*, foram tiradas em uma tarde destas duas libras de pó.

A PEDIDO

—*Progresso! Progresso!*

Assim como sob o nome de liberdade (é do *Observador* ou de Mme. Roland?) se commettem crimes, assim tambem sob o teu se occultam infamias! Que havia vir um desfructavel pateta para a terra do Paraguassú escrevinhar quatro disparates insulsos, offendendo a caracteres dignos! Que um calouro vindo de Pernambuco, um intitulado poeta, almejando ser *Milton*, quando é apenas um *safado trovista de batuque*, queira manchar a toga de um magistrado integro! E depois de servir de capacho de um throno a que elle eleva um *rei de copas* em substituição a um homem honrado que é rei em todos os corações de homens de bem — confunde-se no lixo da cidade para emporcalhar uma gazeta, a unica em uma das cidades do littoral!

—E seu redactor prestou-a!

E abusa elle assim da boa fé do amigo! Não farto de insultar os collegas da academia; não contente de cuspir injurias nos patricios ausentes, vem agora para a *cidade do rio* e arvora-se em redactor, prostituindo o *progresso*, e dizendo, felizmente, que não communga nos festins da liberdade!

—Ora não masse!

O sujeito é patife? tem culpa? merece castigo?

—Sim, Sr., eu acho.

—Pois leve o muxingueiro, e faça o que merecer este novo *Aristides* da rolha, este defensor da conserva, *Augusto* caricata, Sansão de estopa, cujos *cabellos linguarudos* hão de perder a a força com a simples vista da taca.

—Então amigo Manuel, pelo que vejo ainda não poude descobrir o José?

—Qual! Não sei onde se mette o biltre que ainda não pude encontral-o. Com quem sempre estou é com o *Silva*.

—Ah! meu charo, V. não faz ideia das manhas que tem aquella creatura bestial.

—Quaes são?

—Vá tomando nota.

Primeiro quer a torto e direito namorar todas as moças da rua do *Mau Gosto*.

Segundo — é que sendo insigne *mercurio* quer que os outros sirvam para elle.

Terceiro—é que renegou sua patria e naturalisou-se portuguez para não ser recrutado.

—E elle está nesse caso?

—Ora si está! Tanto que morando perto de um *rio grande* para a banda do *Sul*, de lá fugiu por causa disso.

—Basta; é melhor ter pena da miseria desse infeliz. Adeus.

—Si eu o encontrar mais alguma vez, e si até essa occasião o insolente tiver praticado mais alguma brutalidade eu lhe contarei.

—D'ora em diante não é necessario me fallar mais a respeito d'aquelle insubordinado.

(*Continúa.*)

—Capitão.

—Diga-se.

—Havia em certo arsenal um escrivão que se proclamava muito honrado sendo ao contrario um grande ladrão que já demittido fora de uma secretaria de policia, na mesma qualidade.

—Vá me declarando logo qual o arsenal, não estou para massada.

—Não, tenha paciencia; não posso declarar.

—Pois diga onde está esse famoso.

—Está em Latronopolis.

—Fazendo o que? em que logar?

—No mesmo lugar que exercia lá.

—Mas que lá é este? declare logo

—Não posso; só direi que veiu de lá PARA cá.

—Então o que faz elle por cá?

—Ninharias. Lá tinha uma sociedade denominada —24— da qual era presidente (conforme elle mesmo disse.)

—Qual era o fim de tal sociedade?

—Era haver partidas de orgia com os productos de certas sobras d'aquelle arsenal de *Paz*.

—E por cá?

—Começou por querer fazer o mesmo; ja mamou n'um negocio de madeiras, dizem, uns duzentos mil reis; tem feito partidos mallogrados, e agora quer metter o bico em uns meios de solla, quer comer boa manteiga e carne gorda, etc

—O nome?.. O nome? quero recompensal-o.

—Não digo; eil-o aqui em pessoa: só declararei mais, que na noite de S. *João* com um certo *Antonio* seu amigo por alcunha o *Barbosa* estiveram debaixo de uma *oliveira*.

—Basta. Muxingueiro, que ouviste a relação dos feitos deste heróe da-lhe o devido apreço.

(*Continúa*)

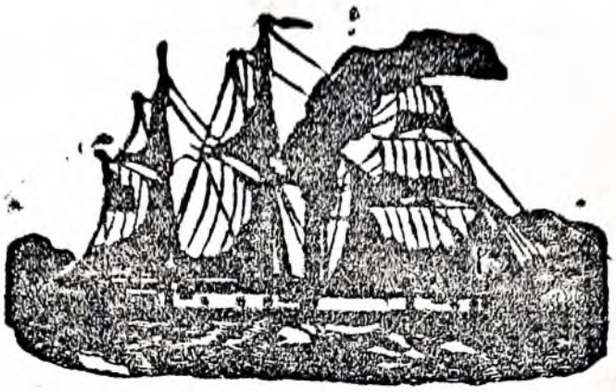
ANNUNCIOS.

Vende-se uma boa casa terrea situada na freguezia da Penha, rua do Areial de Itapagipe, de n.° 21; quem pretender dirija-se á freguezia de S. Pedro, rua do Duarte n.° 13 para tractar.

Manuel Caetano Pereira Pimentel pede ás pessoas que com elle tem contas tanto de folhetos como de negocios tendentes ao theatro queiram vir ajustal-as, visto que o annunciante tem de prestar contas.

No deposito de cal ao Caes Dourado, preciza-se de um caixeiro.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES, E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª BAHIA 3 DE JANEIRO DE 1866. N.º 307

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, para que se empenhe mais pelos negocios de alinhamentos, que ficam demorados por informações, impedindo que quem quer edificar faça com brevidade o que intenta.

—Ao Sr. subdelegado do Pilar, pedindo-lhe que lance suas vistas benignas para um telheiro dividido em dous, em um dos quaes mora um sujeito *afortunado* que reune todas as noites grande porção de capadocios e moleques (um até captivo de uma freira) os quaes fazem grande barulho até certas horas. A reunião não tem bons fins como dizem algumas pessoas que moram na rua do Imperador. Espera-se que S. S. queira dar-se ao trabalho de prevenir para não ter mais tarde algum incommodo.

—Ao Sr. fiscal do gaz, pedindo-lhe que faça com que a companhia mande cortar diversos arbustos e arvores que ha em frente de certas cazas á Estrada Nova, os quaes impedem que a luz dos lampeões se difunda pela rua, alluminando o matto.

(Officiou-se á camara para que faça effectiva a postura que obriga os moradores a terem limpas as testadas de suas cazas, tanto mais quando na Estrada Nova é só delles o proveito.)

Portaria ao Rei dos moleques, ordenando-lhe que não abandone seu posto, deixando os moleques em desabridas carreiras e assobios, a incommodarem seus visinhos da Roda da Fortuna, e que os faça reunir la para as bandas do Bomfim e becco do Jilú. Cumpra.

—A estrada Nova, a rua da Valla, em frente á travessa que ha na baixa dos Sapateiros é rua ou largo?

—E' rua.

—A baixa dos Sapateiros é rua ou largo?

—E' largo; a prova é que alli ja foi quitanda; que não ha nesta cidade rua alguma que tenha tamanha largura; que as casas junto á capella do Rosario recuam um pouco para formarem a praça.

—Bem. Sabe que a camara permitte o vender-se farinha nas praças ou largos, precedendo licença sua?

—Sei, li o edital.

—Sabe que em virtude disso ha quem venda farinha á Estrada Nova?

—Vi, e admirei-me por que o logar em que ha taes estabelecimentos nunca foi praça.

—Sabe que a camara, por intermedio de seu presidente e secretario, declarou que a baixa dos Sapateiros não é largo?

—Agora; não sei como possa isso ser quando o Sr. Valença Junior que é *coisa* na Rua do Paço se intitula o barão do largo do Carmo que é tres vezes menor que o da Baixinha.

—Pois é isso: diversos, em vista do edital, requereram para vender farinha ahi; o Sr. Valença despachou, e fez o presidente assignar, que sendo a Baixinha rua e não largo, ficava indeferido o pedido dos supplicantes.

—E os outros continuam a vender!

Muito pode a protecção nesta terra, em que o abuso impera!

A Illma. porém, estou certo, reformará o despacho, que, sem injuria, parece filho de um capricho e arranjado pela boa fé.

—Ora vejamos; esperar beneficios de certa gente é contar com sapatos de defunto.

—Capitão, eis aqui um pedido dos Srs., cujos nomes lerei.

—Diga.

—«Attenção!

Justino Fausto Teixeira de Carvalho, Julio Teixeira de Carvalho e outros, offerecem gratuitamente a quem quizer edificar a porção de terreno de sua fazenda Engenho Velho que fica á beira da estrada Dous de Julho com preferencia ás familias necessitadas dos voluntarios da patria, com a unica condição de apresentarem estas documentos que justifiquem a estada dos seus representantes em defeza da Patria e aquellas a sua conducta civil e moral. Bahia 30 de dezembro de 1865.»

—Mande publicar o patriotico offerecimento dos mesmos Srs., para que seja aproveitada sua lembrança.

—Capitão, a companhia do olho-vivo não dorme.

—E' velho. Que ha?

—Não lembra-se de que a esforços do Sr. barão de Cotegipe e outros foram remettidos ás praças da armada charutos, cigarros e doce?

—Lembro-me.

—Pois até hoje nada chegou a seu destino.

—Talvez por causa da distancia.

—Qual nada, capitão! Charutos, cigarros e doces da Bahia tem se vendido em quantidade pelo rio, e outros não são sinão os da offerta aos defensores da nação.

—Quem lhe contou isso?

—Li no *Jornal da Bahia;* quem o diz é pessoa que está na armada e que ficou aguardo.

—O paiz não tem governo?

Eu acho que lhe pertence fazer punir os ladrões que burlam assim uma generosa e patriotica ideia dos bahianos.

—Attenção!

No *Journal du Havre* encontra-se a seguinte interessante noticia:

«A loja maçonica de Palermo, do rito escossez antigo, responde nestes termos á excommunhão do papa:

«Houve um homem chamado Mastai Ferretti que recebeu o baptismo maçonico e que jurou fraternidade e amor para com seus irmãos. Esse mesmo homem foi mais tarde eleito papa, sob o nome de Pio IX, e eil-o que lança a maldição e excommunhão contra todos os filiados da franco-maçonaria!

«A maldição e a excommunhão cahem, pois, sobre a sua propria cabeça, e, ainda mais, por semelhante acto elle tornou-se perjuro.

«O papa está, conseguintemente, excomungado por si mesmo!»

—São diversos os passeios que se acham annunciados para o dia de Reis. Cachoeira, Nazareth, Santo Amaro, Itaparica e Bom Jesus são os poutos escolhidos para recreio da rapazeada.

—Para o Bom Jesus ha musica que vae no vapor; a philarmonica Terpsychore realça o festim com sua presença.

—A elles, rapazeada, a elles!

—V. ja ouviu tocar-se a Noite do Carnaval?

—Ja; é a imitação solemne do—Gosto muito do pagode—na extravaganeia.

—E' uma peça profana no rigor do termo, não?

—Creio que sim.

—Pois apezar disso toca-se hoje em todas as egrejas; os organistas tambem tem moda e não querem parecer jarretas na musica.

O que porem admira é que guardem o *carnaval* para a occasião da elevação da hostia e do calix, como acabei de presenciar no Bomfim.

—Bagatella! E si não é, o Exm. Sr. arcebispo e seus satellites que cuidem disso.

—No Travasso, caminho que vae do Bomfim ao Papagaio de Itapagipe, rua sempre e bastante transitada, especialmente pelas festas, atalho conveniente para quem tem que fazer e tem pressa, mas que até hoje não viu o que é illuminação a gaz, nem sabe si a camara existe pois que em tempo de chuva é um completo lamaçal...

—Amigo,si vae neste gosto arrisca-se a morrer por falta de respiração; tome folego!

—....no Travasso, ha um muro contra cuja queda se pediu e se pede,ha mais de um anno, providencias.

—E cahiu?

—Não.

—E vossês a massarem a gente com pedidos massantes, com temores pueris!

—Não cahiu, mas cae breve; vae indo pouco a pouco até beijar o chão, si antes não encontrar o empecilho de alguns corpos humanos.

A racha cresceu, elle fez maior venia á rua e aos transeuntes, e não sou eu que irei passar junto d'elle.

—Que os outros façam o mesmo.

—Mas é que alli não ha gaz, e de noute ninguem encherga sem luz; quem não sabe passa pelo precipicio e pode ser victima; é tempo de festa, muita gente que não tem conhecimento daquelles logares anda por elles, e muitos nem sabem por que ruas passam.

—Mas a quem se hade pedir providencias? acaba de dizer que ha um anno pede-se á policia e á camara e esta gente não ouve.....

—Pois continuamos a bradar na imprensa! No Travasso ha um muro que ameaça cahir com muita brevidade; rapaziada sentido na ratoeira!

LA VAE VERSO.

Sr. João de Deus, eu quero
Um rancho mui excellente,
Para na noite de Reis
Divertir-se a nossa gente.

Por tanto, va já d'agora
Convidando p'ra baderna
Os rapazes que costumam
No folguedo fazer perna.

Para dar graça a' folia
Deve tomar parte nella
Gente preta de turbante
E tambem côr de canella.

Não quero que falte nada:
Mande preparar violas,
Pratos, vús, cavás, pandeiros,
Violões e castanholas.

Como sei que è folgazona,
Traga-me a sua Simôa,
Q' apezar de veterana
No lundú ainda é boa.

Ha de a Maria das Velas,
Fazer parte da festança;
Com a Joanna Palanque
E a borracha Constança.

Tambem a Maria Julia
Deve entrar na brincadeira,
A Maria do Xixí,
E a Eva rascadeira.

Na frente com seu gibão,
Para presidir a' couza,
Venha de chapéu armado
O Sr. Manè de Souza.

Atraz delle, mui gaiatos,
Venham tocando timbales,
Carlos Mingu, Surdo-é
E *Gustavinho* de Sa-les.

Siga-se logo a burrinha...
E o homem predestinado
P'ra chefe dos permanentes
Deve ir nella montado.

Atraz do *bumba-meu-boi*
Que será o Par-d'aranha,
As creoulas cantarão:
E' vai linha de Bretanha

Dr. Solto de viola;
De cavá Xico Monteiro;

Dr. Feio de bandurra;
Toque pratos D. Jambreiro.

Para tocar berimbáu
Servirá Xixi Ribeiro;
O major dos lusitanos
Será p'ra rufar pandeiro.

Sem ter gente de coroa
Perde o pagode o sabor;
Chame o conego *Ciri*
E o padre que tem *amor*.

Veja mais um que faz *calda*
Em tacho não, em gaiolla,
E que traz uma *canaria*
Em vez de trazer stolla.

Convide p'ra tocar vú
Um padre que móe pimenta;
Para carregar foguetes
Traga o bucha de cincoenta.

Miguel Peixe-Gallo pode
Ser mui bem aproveitado
Para com suas cangalhas
Ir de archotes carregado.

Aquelle Dr., que stá
Là no adro do Bomfim,
Em prazeres.... V. sabe,
Deve vir para o festim.

A PEDIDO

—Capitão, não sei porque ha por aqui tanto *gato* disponivel quando os ratos abundam.

—E' que os gatos estão gordos e por tanto preguiçosos.

—Mas eu acho que se os poderia recrutar para prestarem um serviço ao publico.

—V. tem cousa ahi que quer vomitar; as aranhas de seu papo fazem-no ficar tonto. Diga o que sabe.

—E' que ha grande quantidade de ratos por todas essas estações da estrada de ferro, o que causa um grande damno aos freguezes; exemplo:

A mercadora Romana veiu com diversas compras que fez, de Alagoinhas e ao chegar á Jequitaia, tendo-se demorado em Mapelle, achou a seguinte differença para menos: em 47 ananazes 10, em 200 mangas 75, em 2 1|2 alqueires de farinha um.

—Para isso é preciso gato?

Armem ratoeiras ou deitem comida com noz vomica.

—Fallemos serio, capitão. Essa mesma mulher já perdeu alli um saco com milho.

—V. é apaixonado pela rapariga, maganão!

—Não, Sr., sou sempre pelo direito. Ahi está a Sra. Venancia que trazendo do Parafuso umas mallas com raspaduras, achou-as diminuidas em grande quantidade, faltando-lhe as de cima que vinham destinadas a um presente e que traziam um coração em relevo.

—Assim, sim; mas assim tambem não. O caso é serio e vou ja officiar ao Sr. superintendente para que dê providencias.

—Na Lapinha ha no dia 5 á noite funcção de gosto; a egreja estará aberta ao publico.

—Havera tambem balões, fogueiras, foguetes, botequins, feiras, zabumba e o diabo a quatro.

—E' uma funcção de estouro; é bom aproveitar quem gosta de divertir-se.

—«Muita força de negocios
E' tabareu na cidade.»
O' compadre, no Inhambupe,
Ha alguma novidade?

—Nada, nada, meu compadre,
Traz-me aqui mui pouca cousa;
Venho apenas trazer festas
A el-rei Manuel de Souza.

Trago-lhe um par de *trilhões*,
Outro par de *chancharolas*,
E tambem um *assobio*,
Um *flautim* com duas bolas.

ANNUNCIOS.

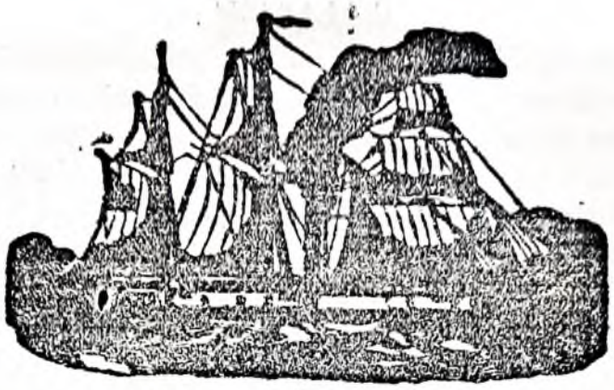
Na rua da Poeira, sobrado n.º 83 preciza-se de uma ama para cozinha, preferindo-se captiva.

Aos tanoeiros.

Vende-se uma porção de barris, promptos e por apromptar, baldes, tinas, madeiras aparelhadas e uma rica caixa de ferramentas & &.

Quem pretender dirija-se a esta typographia que achará com quem tractar.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES, E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª BAHIA 10 DE JANEIRO DE 1866. N.º 308

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de janeiro de 1866.

Officio á camara, pedindo lhe, não pela primeira vez, que mande tapar um cano que ha na ladeira da Misericordia, encostado á parede, e que não tem até hoje engolido algum dos innumeros cegos que por alli transitam e fazem assistencia, só por milagre de Deus que condoe-se dos infelizes, em quanto a Illma. descança adormecida nas suas nove poltronas.

A edilidade deve mostrar maior zelo e actividade por essas cousinhas que entretanto interessam muito ao publico.

—O Passeio da Se...

—A praça de D. Isabel...

—Sim; a praça de D. Izabel continúa no mesmo estado. Os capins crescem (e com rasão que ha *esterco)*; o mijo abunda; a agua falta, apezar do chafariz; as crioulas entram, e, apezar do gaz, entregam-se aos deleites de amor nos braços dos Martes que as requestam; os moleques infestam tudo com pedradas e jogam castanhas; o publico falla; o director do Passeio Publico não responde porque está atrapalhado com as contas do *Princeza Leopoldina;* e o guarda da tal praça não cuida de suas obrigações, sem duvida porque o ordenado não paga-lhe bem o trabalho.

—A cousa é outra: ha talvez o plano de destruirem uma obra cujo promotor foi um digno caracter, cuja honestidade se odeia, por que faz inveja.

—Au! *Diga-me m'isso!*

—Mr. Lajournad dá um beneficio em favor das orphans da Providencia.

—Felizmente quem administra a casa, ou melhor quem toma conta dos cobres não são as *charidades.*

—Ainda peior. Não lembra-se do quando cahiu a parede do gazometro? As irmans de charidade tiveram um dos melhores quinhões da subscripção em favor das familias offendidas e prejudicadas....

—Pobre e infeliz terra!

O que não impede a quem tem vergonha de agradecer ao estrangeiro generoso os lances de sua alma bemfazeja.

—Está installada a sociedade dos carros ou companhia de vehiculos.

—V. não se lembra do barulho que fizeram da vez passada? Extinguiu-se quando o Ariani comprou certa casa da rua de Baixo. Agora dizem as más

linguas que o Nicolau Carneiro e o Paulo Pereira Monteiro não ficariam zangados, si achassem quem lhes comprasse a fazenda do Garcia.

—Mas agora o caso é serio. Acham-se nelle empenhados personagens como o barão de Cotegipe e Dr. Quirino, e já está feita a installação da sociedade.

—O que é certo é que eu creio muito no que pego; sou da seita de San' Thomé, quero primeiro ver para crer.

—Pois vel-o-ha.

—Morreu a filha do general Labatut, esposa do Sr. capitão Manuel Francisco Gomes que partiu para o Sul na brigada Evaristo.

—Que dor para o patriotico e amoroso coração de seu marido infeliz!

—E ainda maior quando elle se lembrar de tres filhas menores, a ultima das quaes tem tres annos de edade.

—E ainda maior quando lembrar-se de que seus poucos recursos ficam diminuidos com a pensão que recebia de 900$ rs., e que findou com a morte da mulher!

—Gasta-se ahi tanto dinheiro á tôa e julgo que melhor seria empregal-o, pelo menos, em beneficio das tres infelizes filhas do Sr. Gomes, brazileiras cujo avô tanto se prestou na Independencia e cujo pae presta-se hoje na guerra do Paraguay, largando mais commodos misteres, depois de ter-se prestado, menino brazileiro, na *guerra do Madeira*.

—V. está com cara de quem leu o *Jornal da Bahia*!

—Embora; sou o echo de quem pede justiça: a pensão que se deu á filha do general deve continuar a ser dada ás netas de Labatut.

—Apoiado.

—Só se come peixe podre!

—Que quer? Si a camara consente vender-se assado peixe moido! ...

—Fui comprar charéu, que é peixe de que muito gosto, e estava inteiramente podre; fui ver o fiscal, não o achei; o medico da camara não me lembrei quem era, nem o conheço; fui a uma pessoa intendida que me affiançou que o peixe estava podre; quiz ir ter com o inspector de quarteirão, não soube quem era; quiz queixar-me ao subdelegado, mas já estava cançado e não valia a pena incommodar a authoridade por uma posta de peixe que custa quatro vintens.

—Qual subdelegado, inspector, medico, nem fiscal! O charéu vem da armação, a armação é do barão do Rio Vermelho, o barão é vereador, o vereador é presidente da camara, a camara é a encarregada da economia e fiscalisação municipaes.

—Mas que ha?

—Nada; eu, si fosse legislador, propunha que não podiam ser vereadores os negociantes em comestiveis.

E calemo-nos.

—Esta companhia Bahiana é celebre! Não satisfeita de arriscar diariamente a vida dos passageiros com seus navios podres, zomba diariamente do publico!

—Prove.

—Recebe dinheiro, dá bilhetes, corta-os, o vapor larga e o passageiro não embarca!

—Doze vintens, historias!

—Historias! Pelo dedo se conhece o gigante.

Ahi está que annunciou bilhetes para diversos logares a 3$ ida e volta, e vendeu a alguns passageiros a 2$ ida, para receber mais 3$ volta!

E' uma fraude.

—Historias!

—E depois marcou viagens para Nazareth ás 6 horas, sabendo que o vapor lá não podia chegar ao meio dia por falta de maré.

—Historias!

—Historia que fez cada passageiro pagar 1$ de canôa, quando podia ser que muitos não estivessem prevenidos!

—Está bom, Sr., estou calado.

—A companhia Bahiana não vae bem. Está dando ares de *quebrada* ou de ganancia.

—Mas porque?

—Fazem guerra ao Ariani, por ser carreiro; quem a fará á companhia que

agora acaba de elevar as passagens ao Bomfim a 500 rs., quando nos annos anteriores, custavam 240 rs.?

A companhia é um monopolio, quem lhe fará guerra, quem se metterá com os inglezes?

—Talvez appareça.

—E em quanto não chega, o povo que ature tudo que passa pelas celebres cabeças dos celebres empregados da celebre companhia Bahiana, celebre ainda mais por de—bahiano—só ter o nome.

—Não cessam as reclamações contra o hospital da *santa caza* da Mizericordia.

—Que é Sr.? Eu não ouço ninguem fallar.

—Tem lido o *Alabama*?

—Ora!

—Ora! A *Constituição* é da amizade do Sr. provedor da Mizericordia, e tem reclamado contra os abusos que se dão naquella caza.

—Não minta!

—Uma preta morreu na freguezia da Victoria, ficou exposta ao ar e ao tempo, la apodreceu, a policia reclamou, e a *santa caza da charidade* não interrou o cadaver, sinão depois de muitos reclamos da imprensa!

—Que mais?

—Um pobre homem, volantario, foi do hospital expulso, com causticos abertos: dizem que indo reclamar ao presidente, este o enviara para Cachoeira, para ser depois conduzido á sua terra.

Um outro, ha dias, sahiu do hospital, e cahiu, exhausto de forças, morto de debilidade, na rua Direita da Mizericordia.

—São as boas obras das irmans de charidade.

—Mente; são condescendencias dos medicos, que me fazem lembrar um celebre Dr. Alão, medico de freiras, descripto por Castello Branco.

—Pois nem é ainda isso; é um desaforo que só o pacifico povo desta terra tolera! O dinheiro não é do Sr. provedor que, as mandou vir, nem do medico que tambem chucha, nem das mulheres que fazem e recebem *suas charidades;* o dinheiro tem um fim, que é a minoração dos males dos infelizes; quem julga da sua distribuição é o povo, e o povo não pode portanto tolerar impassivel que os administradores da *santa caza* só cuidem das *santas,* sem condoerem-se das fraquezas do proximo, *como o amor* que—

«Nem minora o mal dos vivos,
Nem respeita os moribundos.»

—Esta agora é, de cachupeleta!

VARIEDADE.

Um habitante de Nova-York exprobara a um preto corpulento, porque não queria alistar-se no exercito: « Vossês, disse elle, são a causa desta guerra; são propriamente o osso da disputa; porque não vaes combater? —Vistes jâmais, respondeu elle, dous cães brigarem por um osso?—Sim. — E vistes nunca o osso combater?—Não.— Pois bem, eu sou o osso, e intendo que não devo pelejar.

A PEDIDO

—O anno passado, a thesouraria do Bomfim estava entregue a um honesto caracter, o Sr. José Maria Henriques Ferreira, homem verdadeiramente religioso, sem hypocrisia, sem idolatria, sem superstição e sem impostura.

O Senhor do Bomfim desceu do throno e poupou-se um escandalo no templo de Deus; não se viu a immoralidade terrivel dos annos anteriores, não houve a *lavagem*, tres dias antes da festa do Bomfim!

Agora que está um figurão, um tenente-coronel, um amigo dos Barraes e Pedras Brancas, um proprietario, um moço bonito, de bigode invejavel, como invejavel é no todo, que succederá?

Terá havido apenas treguas de lavagens?

As desordens das quitandas, os horrores dos cortiços, as palavradas das meretrizes, o complexo da desmoralisação, a anniquillação dos bons costumes, entrarão de novo pela porta da

egreja donde, como os mercadores do templo, foram tangidos o anno passado a cordas?

A *lavagem* continúa?

—E' a mim que pergunta?

A bom santo se incommenda; pergunte ao thesoureiro.

—Não pergunto a ninguem; o Revm. Sr. arcebispo é so quem pode saber destas cousas.....

—Certo homem, conhecido nesta terra por cuidar somente de seu *interesse;* egoista no ultimo grau, apezar de inculcar-se amante do bem *publico*; certo apostata de todas as crenças, que antepõe as ideias do partido que inculcou ter ás damnadas comichões do odio que aninha no coração, sem motivo honesto, contra respeitaveis caracteres; certo.... *quidam* que vive hoje a adular miseravelmente aquelles que damnadamente açoutou n'um pelourinho, teve a insolencia de fazer *lembranças* com o unico fim de marear a reputação de certo administrador, a que o miseravel quer sobrepor F G. M., o homem que nesta terra mais injuriado por elle foi, até na honra, na vida intima, no thoro conjugal!

Oh! mores!

A que degradação chegou Latronopolis!

.....

—Capitão, aqui lhe trago um bom paraguayo.

—Quem é?

—Um tabareu malvado, um caralarga, sem verniz, um desertor de bordo, um mata-cães, um caixeiro-cachorro de uma venda ao *circulo* da *má fortuna* na rua *calçada*.

—E o que fez o tal paraguayo?

—Eu lhe conto. Além de muitos espectaculos que tem dado quando surra com pau e chicote dous cães que tem ou algum pobre preto que vae comprar e não lhe cae em affeição, deu ha dias outro espectaculo que fazia horror e compaixão; amarrou um de seus cães e deu-lhe de pau e chicote até o animal não gritar; depois deitou sal e vinagre nas feridas, mas vendo que o animal ainda respirava, amarrou-o de novo e tornou a dar-lhe de chicote por espaço de uma hora, até que matou o animal.

—Que mau genio!

—E era o bichinho uma cachorra prenhe de dous mezes, disse elle.

—Talvez fizesse isto para que seus filhos não se parecessem com o pae

—Desaforo de tabareu! E' um bom recruta; não tem praça em corpo algum.

—Muxingueiro!

—A's ordens.

—400 calabrotadas nesse malvado; é um cujo que diz tem isenção por ser caixeiro de taverna.

—Oh! nem que o Miranda me peça por S. *Joaquim*, o patife ha de levar a dóse; não tem duvida!

—Que faz aquelle sujeito com um livro debaixo do braço? esta estudando em tempo de ferias?

—Não, é artista; é um dos encarregados da festa de Nossa Senhora da Conceição dos Artistas; tem-se arranjado, só com registros tem obsequiado a meio mundo; ninguem lhe entra em caza que não saia com o seu.

—E como anda orgulhoso!

—Nunca se viu nesses assados! Gato que nunca comeu azeite quando come se lambusa.

—*Oi* que bobo!

ANNUNCIOS.

Acha-se nos prélos e será publicado por toda semana

AS SCENAS

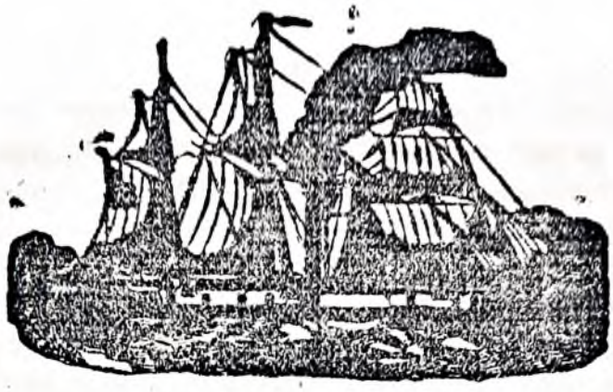
DO ALPENDRE DO MAU-FIM.

Pelo Dr. Arras-cujinho.

Preço da assignatura 500 rs.

Perdeu-se uma besta castanha, com um golpe no beiço inferior que a pôz defeituosa, tornando-o maior ao superior; fugiu do quintal do arsenal de guerra. Nesta typ.se indicará o dono que gratificará a quem achal-a e restituil-a.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª BAHIA 13 DE JANEIRO DE 1866. N.º 309

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que acabe com o abuso de irem diversos carroceiros á rua do Imperador cavar areia, enchendo seus carros, e deixando sepulturas abertas.

Faz-se-lhe este pedido sò por amor ao publico; por que é impossivel que de tal abuso não tenha noticia a Illma. que tem tantos agentes, entre os quaes o Sr. clavicularío que pela citada rua passa todos os dias, e mora perto.

—A' directoria dos estudos, participando-lhe que as aulas primarias publicas ainda se não acham abertas, apesar do regulamento organico.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, pedindo-lhe que lance suas vistas para a rua do Carro, em que reunem-se e existem muitos vadios que muito incommodam o publico; dizem palavradas, jogam pedras, espancam os animaes alheios, e estragam os quintaes visinhos.

Espera-se ser attendido, pela confiança que se deposita no caracter de S. S., que por mais tempo não deixará os habitantes daquella rua entregues a meia duzia de malevolos.

—A companhia Bahiana brigou com a estrada de Ferro.

—Porque?

—Por dous vintens.

—Por dous vintens se briga! Dous vintens daria eu para não brigar.

—Mas a companhia Bahiana concordou com a estrada de Ferro em ter vapores promptos na occasião da ida e volta dos trens; a principio cumpriu, depois affrouxou.

A estrada de Ferro, por isso ou por outra qualquer rasão, exigiu pedagio dos passageiros da companhia Bahiana; esta scismou, e a ponte daquella foi-lhe interdicta.

A Bahiana fez nova ponte, a Estrada embargou porque foi feita nas suas marinhas; o presidente metteu-se, houve dilação e estamos nisso.

—Negocio de inglezes; por lá se avenham.

—Sabe que se pode vender farinha em largos e praças?

—Ora vire folha.

—Em virtude disso, ha licença para vendel-a na Barroquinha.

—Que tem?

—Tem que se não concede a quem

pede licença para vendel-a em outros logares; pelo que diz a voz publica que a postura foi feita somente com o fim de proteger-se a certo figurão, afilhado da Illma., um celebre Thomaz....

—Ora dá-se!

—Chegaram de fora no dia 11 do corrente dous voluntarios, que estão na guarda de palacio, a causarem dó, a indignarem quem assim os vê!

—Mas que tem?

—Estão inchados, amarellos, convulsos de frio e fome, deitados, a pedirem que S. Ex. o presidente lhes falle, e S. Ex. lhes responde que appareçam n'audiencia.

—Que esperem.

—Esperar, quando a qualquer hora S. Ex. recebe os amigos potencias! esperar quando dous e tres dias S. Ex. deixa de dar audiencia! Está com effeito muito bom o remedio: morrem os homens á fome e S. Ex. lhes ordena que digam á fome que os não mate!

—Espectaculo contristador!

Quem diria que por baixo do alcatifado soalho em que pisa o *liberal* M. Dantas haviam estar a morrer de fome os defensores da nação, que elle fez vir de tão longe!

Gloria a Deus nas alturas!

—Dizem que são divertidas as patrulhas da freguezia da Victoria.

—E' regra geral; os soldados de policia são muito engraçados.

—Mas não fazem disso as patrulhas das outras freguezias.

—Disso, o que?

—Andam pelas roças alheias a espantar os cães, a acordar quem dorme e amedrontar os caminhantes.

—Ora sebolorum!

Si não fazem isso n'outra parte é por que nem acham cachorros nem encontram roças.

—Capitão, como vi o outro dia V. Ex. occupar-se de uma historia de ausentes, lembrei-me d'um caso que se deu na Calçada.

—Qual foi?

—Morreu um intestado, os *ausentes* appareceram e não attenderam a uma africana que era mãe do fallecido, só pelo simples facto de ser ella africana.

—Custava pouco tirar uma certidão de baptismo do fallecido.

—Mas para que? Desta vez os prejudicados foram os ausentes que nada acharam e voltaram sem terem ao menos em que cobrar a porcentagem; vieram furiosos!

—Tiram breve a desforra; acham logo um caldinho gordo; todo dia tambem não é dia santo; umas em cheio, outras em vão.

—Mas si houvesse dinheiro, ficava a pretinha prejudicada, porque os taes ausentes-presentes são muito solicitos em arrecadarem dinheiro para a nação.

—Não tenha susto; si houvesse com que comprar melões, haveria tambem calções que se *interessassem* pela herança da velha.

—Desejo dar-lhe uma palavra.

—Quem é o Sr.?

—Quero fazer-lhe um beneficio.

—Quem é o Sr?

—Quem me avisa meu amigo é; quero fallar-lhe em seu favor.

—Falle.

—O Sr., além de *querer* commetter um crime, não respeita a moralidade publica. Tenciona prostituir essa infeliz, que tem apenas 12 annos, e á vista do publico, em uma casa publica, vive a beijal-a, acarical-a & &.

Queria prevenil-o, de que, si continuasse, não era muito impossivel que lhe apparecesse o muxingueiro do *Alabama*.

—Jesus! com que gente estou!

—Repare que a rua das Drogarias é muito frequentada, que sua loja de capelista e *drogas* é visitada e deixe-se por tanto de criancices.

—Muito obrigado, meu bom Sr.

—A escrava de Maria da Gloria já está liberta?

—Não sei.

—Muita gente assignou para sua liberdade?

—Não sei.

—Ou sim, ou não, não transpira nada. Gente, mostrem agora seu patriotismo; a moça pede uma esmola para ficar livre!

—*Amanan*!

A PEDIDO

Pede-se ao Rei dos moleques, que quando despachar seus vassalos, não os mande para as vendas comprar passas, manteiga e queijo, impingindo recados falsos, sob pena do porão.

—Capitão, estive com o Manuel quando chegou o José que veiu da Costa, passando por Guimarães, e disse-me que era mesmo no circulo da *ma-fortuna* que se dispara a meada.

—Pois vamos a ella.

—Ponto por ponto: 1º Nunca estive na armada e *elle* veiu fugido de sua terra, desertou por tanto.

2º Mata-cães não sou, porque até hoje so dei n'um cachorro por ter comido o pinto do visinho e não morreu; quando elle matou o gallo por ter saltado em cima do balcão, e quiz cobrar fraudulentamente duas garrafas de cerveja que inventou que o gallo quebrou.

3º Si eu sou cachorro por ser caixeiro, elle tambem o é.

E depois quem comprou aquelles objectos de ouro furtados á Senhora do que, si o moleque ladrão não fosse delle mesmo, *faria* o diabo? Elle, um gallego que acabou de calumniar-me.

Quem engeitou aquelle peso de carne que o amo delle comprou?

Elle, o gallego.

Quem substituiu a carne nova pela velha?

Elle o calumniador.

Quem roubou no peso as quatro libras?

Elle, o patife.

Quem maltrata os compradores? Eu si alguma vez tenho desavenças com algum preto é por furtos, e o gallego maltrata os que não podem comprar-lhe o genero e o engeitam.

Aquillo é que é.... não sei como está até hoje ainda empregado, quando tanto atrevimento tem feito e todos delle se queixam: com receio d'alguem ja elle andou foragido pelas mattas do S. João; é um patife no grosso.

—Quer pois que lhe attenda e obsequie o homem?

—Em represalia, peço-lhe, capitão, que mande o muxingueiro dar-lhe daquellas boas, ainda apezar dos reiterados pedidos do Mendonça.

—Pois intenda-se com o muxingueiro, e impine-se.

—Ai!..soccorro!..quem me acode
Que estou quasi assombrado!
—Que tem menino? que viu
Que stá tão amedrontado?

—Si disser o que vi, temo
Que de horror aqui pereça.
—Foi alma do outro mundo
Ou foi mula sem cabeça?

—Não senhor; cousa mais feia,
Terrivel, muito peior.
—Pois diga logo o que foi,
Não trema, limpe o suor.

Descance um pouco, e me diga
O que assim tanto lhe espanta.
—Foi ver de fardão um *pinto*
Feito d'uma pelle *d'anta*.

—Pois uma cousa tão simples
Tanto susto lhe causou,
Que o fez vir tão assustado,
Q' até as calças borrou?!

Com tudo do seu terror
Não me devo admirar;
Quando tenho visto *homem*
De corujas se mijar.

M. D.

—V. ja leu ordens do dia, assignadas pelo actual commandante das armas?

—Ja li; e tenho gostado muito do gosto com que gostosamente o Sr. tenente coronel Lopes, commandante interino das armas escreve antes do seu nomo—*conselheiro*!

—Faz rir, não tem duvida!

Mas não admira porque o Sr. Pa-

checo Pereira, actual delegado do 1.º districto, *que regula com a cabeça do Sr. Dantas*, tambem se inculca de doutor e põe—D R—antes do nome, quando é apenas um bacharel.

—Que mundo! Desde a suberba de Lucifer e o orgulho de Adão que todos querem ser mais do que são!

—V. lê o *Pharol?*

—Leio.

—Viu sem duvida um artigo que falla d'*uma boa* peça que um tal intitulado Prates pregou no Manuel de Souza?

—Li; e admirei me de tanta *boa-fe*.

—Tanto maior quanto admirou o Sr. commandante das armas exigir, para sêr nomeado, carta do Dr. Joaquim Sem-sobrenome, o homem mais conhecido desta terra.

—Rigorismo militar, que tendo falhado da primeira vez, não convinha que de novo claudicasse sob pena de reincidencia que em cousas de *posturas* tem penas dobradas.....

—V. conhece uma negra carcunda que vende peixe?

—Muito; é uma barulhenta dos diabos.

—Pois não sei em que se fia! Insulta a todo o mundo, e ha pouco deu pancadas n'uma companheira que succumbin talvez disso.

—E injuriou tambem muito a um pobre homem que lhe foi comprar peixe e não quiz, por achal-o podre,

Em que se fia aquella negra?

—Ora em que! Pois não sabe que a negra é da casa do barão do Rio Vermelho?

—Ah!....

—A *papa-ceia* prometteu *clarear-nos* os negocios do batalhão de Santo Antonio, e tão grande foi o *eclypse* que ainda está *escuro*!

—Fora bobo!

A fugida de *Venus*, vivendo no lamaçal das infamias, não podia sinão emlamear a cara de algum *observador* que por sua elevação esperava.

Meu charo Sr. vigario
Do Passé,
Poço-lhe que me responda
Por quem é.

Desejava saber: durante o anno
Que passou,
Quantas missas na sua freguezia
Celebrou.

ANNUNCIOS.

Continúa fugido desde o dia 15 do mez passado o mulatinho Maximiano, escravo de D. Olympia Joaquina de Oliveira. Tem 12 annos de edade, magro, olhos vivos, beiços grossos, muito fallante, a testa com uma saliencia de cada lado. Quando fugido costuma dizer-se forro, não ter mãi nem pai e mudar o nome. Sabe ler, e escrever um pouco. Sahiu de casa, tendo o cabello cortado a meia cabelleira, palitot e calça de brim azul desbotado, camisa branca, botinas de couro e chapéu de palha da Italia. Já foi visto de trajo mudado, uma vez no largo da Piedade, com uma cesta na cabeça em companhia de um homem, outra vez na Barra, onde depois informaram que havia seguido para Itapuan. Ultimamente tambem foi visto vagando pela roça do Gantois.

Quem o levar a sua senhora na rua da Larangeira casa n.º 102 terá 25$ de gratificação.

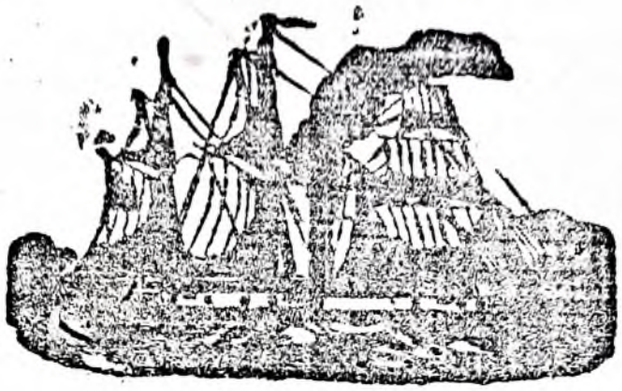
Gratifica-se com 600$ para a compra de uma mobilia a quem der noticia de um burro, cor de babosa, com frente aberta, crinas grisalhas; é gordo, meio manco, e fugiu do quintal do arsenal de guerra. Quem achal-o, levando-o defronte do fortinho da Lagartixa, receberá a quantia acima.

Aos tanoeiros.

Vende-se uma porção de barris, promptos e por apromptar, baldes, tinas, madeiras aparelhadas e uma rica caixa de ferramentas & &.

Quem pretender dirija-se a esta typographia que achará com quem tractar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª BAHIA 18 DE JANEIRO DE 1866. Ns. 310 e 311

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de janeiro de 1866.

Officio ao Sr. subdelegado da Penha, pedindo-lhe providencias para que não continuem a tomar banhos meninos e rapazes núS, em todo o littoral de Itapagipe.

Espera-se de S. S. alguma attenção para semelhante objecto em respeito á moralidade publica.

Portaria ao fiscal da Conceição da Praia, ordenando-lhe que multe o dono de uma tasca ás Portas da Ribeira n.º 42 D, não só por tel-a aberta toda noite, o que dá motivo a que alli haja desordens sem conta, como por vender uma tintura extravagante a que dá o nome de vinho da Figueira. Cumpra.

—E' certo que no sabbado 13 do corrente, uma crioula lançou-se á rua das janellas do sobrado n.º 40 á rua do Sodré?

—Ouvi dizer; dizem, mas não creio, que foi por ter quebrado um prato e a senhora castigal-a horrivelmente.

—E as authoridades?

—Bem vê que *hão de ter feito corpo de delicto.*

—Esteve muito concorrida a festa do Bomfim; nunca vi tanta gente.

—Como sempre, como sempre.

—Menos isso, as gazetas grandes dizem que a concurrencia foi maior.

—E por isso V. tambem diz! Pois eu que não tenho necessidade de elogiar thesoureiros, desmerecendo a fé dos fieis, digo que não vi la estas cousas. Comtudo gostei da illuminação, que é a melhor que tem apparecido; gostei do palacete; gostei da musica e de não haver os incommodativos barbeiros; gostei da musica interior; muita gente achou falta de foguetes do ar e eu acho muito o que chega a um; não vi abrasadoras fogueiras, mas vi muito enthusiasmo, muito samba, muito *canguá*, alguns balões e o fogo de artificio que não esteve mau.

—Mas aposto que me não viu; levei tres dias sem dar acordo de mim!

—Disseram-me que uma furia da Chapada fizera desapparecer uma sua cria de 15 annos por ciume.

—Já ouvi dizer; dizem que antes dera-lhe muitos bolos e que depois disso, a rapariga desappareceu sem que ninguem della pudesse dar certa noticia.

—E são assim as cousas; vae esta terra á lei da natureza!....

—Aspirante João de Deus!

—Prompto.

—Vá á rua dos *Pés de laranja*, procure um mono que anda preso com *cerol* á uma *tripeça* e que á noite vae pousar na *larangeira* n.º 13, e alli põe-se a beijar e abraçar uma guariba, e veja si o agarra para livrar as familias do incommodo de não poderem chegar á janella com a semcerimonia do tal bicho.

—Será obedecido, capitão.

—Capitão, não se pode morar do lado terreo na ladeira do Carmo.

—Porque?

—Um mau cheiro dos diabos que não deixa a gente parar.

—E de que provém?

—Vem do quintal da caza n.º 53; os moradores povoaram o quintal de cloacas, a maior parte das quaes estão cheias e exhalam terriveis gazes para quem tem nariz, por menos delicado que seja, e para quem tem saúde e quer conserval-a.

—Mas que quer que lhe faça?

—Que mande o muxingueiro visitar aquelles negros, para que elles se deem ao trabalho de regularisar suas indigestas digestões.

—Ora viva!

Intenda-se com o fiscal da Rua do Paço, que é o competente para providenciar em casos taes.

—Pois sim; si o moço dignar-se, que visite o quintal da citada caza, pois, além de dar lucro á camara e a si, faz um beneficio ao publico que agradecerá sem duvida ao empregado zeloso.

—Capitão, supponha....

—Peça licença ao *Observador* que é quem pode fallar por hypotheses em attacado.

—Supponha que a bordo ha uma estrada de ferro; supponha que nella ha roubos; supponha que os prejudicados reclamam e vão á imprensa; supponha que o principal empregado quer que os subalternos se defendam das accusações e elles o não fazem; supponha depois que um dos roubados traz umas aves e um dos empregados não as quer receber, de proposito, por acinte, afim de que a rapariga soffra as consequencias de ter reclamado o que era seu; supponha que as aves ficam na distancia de 20 leguas sem ter quem dellas cuide, por que a dona não pode perder a viagem; supponha que esse tal empregado das *cunhas* não deixa em outro dia embarcar a rapariga, ficando ella a esperar pelo dia seguinte em que pelos *mattos* chegou á cidade; supponha que com taes maneiras e bandalheiras não é que se angaria augmento e prosperidade para qualquer empreza—pergunto:

Que faria V. Ex. a empregados taes?

—Demittia-os immediatamente e talvez até os processasse pelas faltas encontradas na bagagem dos passageiros.

—Mas supponha, capitão, que a estrada, como eu ja disse, é a bordo.

—Mandava o muxingueiro se indireitar com os taes *meninorios* para andarem direitos.

—Pois em Latronopolis, capitão, ha disso tudo, e as aguas correm pelo rio abaixo.

—Houve um gallego....

—Peior.

—.... que deixando a santa terrinha em que *biu* o ser, embarcou-se para o Rio de Janeiro, onde chegou a ser caixeiro. Ahi deu-se mal, e arribou para a Bahia, onde serviu por pouco tempo, de caixeiro do José, irmão do Joaquim, compadre do Leite, amigo do Borges.

—Não deite á rua a parentella do homem, Sr.!

—Deixou o amo e foi ser socio em uma loja de louça e ahi serviu de *atalaia*; estabeleceu-se depois n'uma *rua formosa*, mudou-se mais tarde para a rua *torta* do *Mercado*, e deu-se por quebrado, deixando a chave em juiso. Deve a um credor, quinze contos de reis, a outro doze e assim por diante;

não pagou nem ao caixeiro que diz ter revelações a fazer na hora do estouro.

—Dê-me lá o nome desse celebre tropiante!

—Manueli.

—Manuel de que?

—Manuel Junior; era filho d'um pobre roceiro que andava com um *machado* ás costas a cortar lenha; isso informou-me o *Teixeira*.

Esse gallegorum...

—Quem, o Teixeira?

—O Manueli; insultou a propria sogra.

—Cousa de pouco admirar com a educação que recebeu.

—Mas ficou querendo campar de gente, quiz ser até *trovador*, como si trovador fosse peralta ou ladrão.

E o genio que tem a peste!

Quando mudou-se da primeira loja, conservou em seu poder a chave por mais de um anno, só para fazer mal a um honrado negociante brazileiro que pretendia a caza.

Fez isso, pelo simples facto de ser o negociante um brazileiro, e carregado de numerosa familia; com o que prejudicou os credores pois que fundo elle não tinha.

—Deixal-o, pobre besta!

(Continúa.)

—Capitão, eis-me aos pés de V. Ex.!

—Levanta-te! Quem és tu?

—Ah! por quem é tenha dó de mim! Não vê V. Ex. como estou?

—Que tens?

—Ah! pois não vê! Ja não sou aquelle que mandou fazer fogo a bordo deste vaso contra quem protegia certa mulher que illudi, deitando-a depois para fora de caza, carregada de filhos.

—Com effeito, ja não és quem d'antas eras. Como estás desta forma?

—Nem o sei: em outras epochas fui um grande, fiz prodigios; negociei para Azia e Africa, Europa e America; traffiquei em carne humana e perdi mais do que lucrei; bati solla, cozi sapatos e fiz tamancos, e em tudo isso foi-se-me o dinheiro, vendo-me portanto obrigado a enganar uma pobre mulher de quem tive filhos e de quem mamei os cobres; fil-a assignar um papel em branco, e deitei-a depois a ponta-pés pela porta fora. Dahi por diante, não sei si por castigo, periga minha vida e continúo ou caminho apressado para a miseria.

—Estás leproso! não me venhas contaminar a tripulação!

—O meu moral é que pode ser que corrompa os marinheiros.

—E de feito! Um homem que nega em juiso seus filhos é egual ao que injuria em publico aquella de quem os tem e injurias não merece.

E's infame!

—Capitão, estou arrependido daquellas descargas do n.º 19 do *Alabama* até trinta ou quarenta e tantos.

—Tarde chega o arrependimento.

—E' verdade, capitão; tanto que fui ao *Subtil* pedir um favor que elle me prometteu e na occasião faltou.

—E fez bem; ninguem tem obrigação de aquecer viboras para o picarem ao collo.

—Nem eu digo o contrario; o que é certo é que tenho em caza a cascuda Verissima, especie de jacaré ou cascavel que é capaz de envenenar e matar a quantos della se approximem.

—E ainda nenhum mal te fez! Bem dizem que um veneno destróe a acção do outro.

—Não é tanto assim, capitão; mas é que outro remedio eu não tinha, salvo si quizesse dar com os ossos na cadeia, a pagar as custas da demanda que tive contra ella por causa da escrava no curso de 7 annos, em que lhe não dei que comer.

—Fizeste como o hespanhol que comeria n'um só dia o que....

—Não fiz como ninguem; fui a todos os candomblés e os papaes me diziam que eu ganhava; fiado nisso....

—Fizeste quanta bandalheira imaginaste.

E que historia é uma de certa viúva rica, de quem te inculcaste procurador?

—Ainda ahi nova taboca, meu capitão!

Queria ver si a pilhava o pilhava-lhe

os cobres, gastei perto de 400$ e quando a pedi em casamento, a viuva abanou com a cabeça, que foi mesmo um repellão dos seiscentos; repellão ainda maior, porque querendo cobrar o que gastei, perdi tambem a demanda!

—Ficaste sem amor e sem dinheiro! Mas tambem o que querias si ja tinhas illudido a Verissima e a reduzido á miseria?

De ti, meu patifão, sei ja de duas; para a terceira o muxingueiro se intenderá comtigo, para o que vou ja expedir as convenientes ordens.

—Capitão, eu quando cheguei implorei compaixão.

—Ter compaixão do infeliz é ser charidoso; obrar charidade cifra-se em cumprir as obras de misericordia; uma dellas é castigar os que erram; tu erraste; logo a compaixão que eu posso ter para e comtigo é mandar o muxingueiro dar-te juiso.

—Terrivel codigo o de Labatut! Capitão, V. Ex. modifique a conclusão do seu sorites que me faz muito mal ao lombo.

—Muxingueiro, si terceira vez, este diabo vier a bordo, não perguntes, obsequia-o: por alimento 100 calabrotadas; por bebida mordaça; por talheres anginhos. E si quizer mais tarde um banho, deita-lho ao pescoço uma *boia* de 20 mil arrobas e manda-o brincar com os peixes.

—Tenho ouvido, Exm..

—Não ha policia nesta terra! Quando apparece algum guarda, é para espancar africanos ou para prender a *quem insultou* a patrulha. O insulto é dizer que um preso não deve ser espancado.

—Ora!

—E' assim que um negro foi, antehontem, roubado, espancado e preso; é assim que no domingo houve um *vavavá* dos diabos la para o Baluarte e o inspector nem appareceu, a patrulha ninguem a viu,

—Mas que foi?

—Quatro capadocios entraram pela caza de uma familia, cujo chefe está ausente, insultaram-na, offenderam-na, pateiaram-na e foram-se! Eram um celebre Beiço rachado, um Caldeira filho da Trindade, um tal Henrique Ribeiro, e outro diabo, cujo nome não adianta o caso.

—Sem duvida iam todos mamados. E amanhan Beiço-rachado ha de dizer que é serio, casado, advogado, parente do cons.. Zacharias etc. e tal.

—Pobre diabo!

—E pobre policia que se não pode com effeito arranjar com taes importunos barulhentos!

VARIEDADE.

Um jornal americano conta o seguinte:

Um medico materialista quiz ultimamente sustentar contra um famoso orador sacro a doutrina da não existencia da alma, e para este objecto fez ao reverendo padre as seguintes perguntas:

Já vistes alguma alma?—Não.

Já ouvistes alguma alma?—Não.

Já cheirastes alguma alma?—Não.

Já saboreastes alguma alma?—Não.

Já sentistes alguma alma?—Sim, graças a Deus, respondeu o padre.

Pois bem, proseguiu o medico, aqui temos quatro sentidos contra um para provar que a alma não existe.

Então o reverendo lhe replicou com estas perguntas:

Na vossa qualidade de doutor em medicina dizei-me:

Já vistes alguma dôr?—Não.

Já ouvistes alguma dôr?—Não.

Já cheirastes alguma dôr?—Não.

Já saboreastes alguma dôr?—Não.

Já sentistes alguma dôr?—Sim.

Nesse caso, continuou o padre, aqui tendes quatro sentidos contra um, que provarão que a dor não existe, e todavia sabeis que ella existe.

O doutor ficou confuso e virou as costas, por não poder dar o troco.

Um official francez, tendo sido ferido com uma bala na coxa, foi transportado á sua casa, onde os medicos compareceram. Por oito dias elles trataram de sondar a ferida em busca da bala. O official que soffria muito lhes perguntou o que elles procuravão. « Nós procuramos a bala que o feriu. « Com mil diabos! gritou o official, deviam ter dito isto antes; eu a tenho na minha algibeira.

Os nossos avoengos, ao fallar-lhes de uma mulher, perguntavam:

—E' honrada?

Os nossos paes diziam:

—E' formosa?

Os da geração moderna, supprimindo sem duvida alguma ambas as qualidades, contentam-se em perguntar:

—E' rica?

A PEDIDO

—E' certo que o anno passado o Sr. Joaquim de Castro Guimarães foi o primeiro dos tres propostos em meza, na devoção do Bomfim, pelo thesoureiro José Maria Henriques Ferreira para o substituir, não sendo acceito pela meza?

—Consta.

—Pois surprehendeu-me bastante, êste anno na occasião da festa, ler-se a eleição dos novos funccionarios e achar-se o Sr. Castro Guimarães na qualidade de escrivão.

—E' que o Sr. Castro Guimarães não servia para thesoureiro, até porque fallava-se que o Sr. Dr. Pedroso, pelas grandes obras que projectava fazer, so queria servir como juiz, sendo thesoureiro o Sr. Nicolau Carneiro Filho.

Agora o homem que muito no caso estava de servir naquelle logar é chamado para este, pois aquelle é para os *amigos de alguns mordomos protegidos*, e até por que a gente não pode concordar com tudo.

—E depois o cargo é de dar 300$ rs e o dinheiro (ao menos para algumas pessoas) vale mais do que honra, probidade, caracter e intelligencia.

—Emfim que nos importa *negocio de branco?*

E' provavel que alguns honestos e independentes caracteres que afervoram a devoção do Senhor do Bomfim a elevem á altura a que miraram e para chegar á qual se esforçaram nossos antepassados.

—O Sr. tenente coronel José Joaquim Rodrigues Lopes, em ordem do dia, n.º65, censurou ao Sr. commandante superior Carvalhal, por se dirigir, sem seu intermedio, ao presidente da provincia; citou para isso a lei.

Agora porém esqueceu ou fingiu ignorar a lei que manda tratar com um posto de accesso o official que serve de commandante das armas; acabou de tractar em ordem do dia ao Sr. coronel Eustaquio por *senhoria*, quando devia dar-lhe excellencia!

—Deixe o homem! O caso não é para menos. Pois um *conselheiro-engenheiro* ser substituido por um coronel ahi!

—E reparou quanto elogio vem na ordem do dia! Só faltou ser elogiado o seu cabo Luiz.

—Já houve quem se lembrasse do cavallo *Amisade*, que realmente com amisade foi por muito tempo desfructado, apesar de ser da pobre *da nação*.

—Olhe que este mundo tem cousas!

—O Sr. Dantas tem passado uma vida regalada; boas festas que tem tido! Não ha uma semana em que S. Ex. não dê seu passeio.

—Mas é pelo bem publico.

La vae agora S. Ex. para o rio Pardo aplanar as difficuldades que possam sobrevir á navegação do vapor Santo Sé.

Tambem so a censurar!

—E a elogiar, quando o merecer. Si bem que não haja merito em mandar calçar as ruas do Julião ao Bomfim, por que para ver tal necessidade não é preciso grande esforço de intelligencia, com tudo é digno de louvor o acto, por que não se fez até hoje, não se faria sabe Deus até quando, si o actual presidente não se lembrasse disto.

Receba por tanto o Sr. Dr. Dantas elogios por ter feito o que deveria fazer.

—Que quer? chegamos a uma epocha em que o cumprimento de dever é favor....

—O homem-camaleão, o politico-furta-cor, o *mestre-eschola* de Latronopolis, finge-se Jeremias: em vez de prantear sobre as ruinas desta terra como o propheta sobre as de Jerusalem, lamenta a sorte de um homem honrado que acaba de soffrer uma grave injustiça.

Mas a consciencia do miseravel está sempre abaixo do seu *interesse*; sabe a rasão porque foi *destituido* o medico, o

militar, com algumas dezenas de annos de serviço, sempre respeitado, sempre elogiado, sempre honesto; onnumera os serviços do doutor; faz ver a grande familia que sustenta e as que delle dependem; mas não stygmatisa o tyranno por meio de quem tal injustiça se fez! O *interesseiro*, ainda pelos laços d'amisade não é capaz de protestar contra a arbitrariedade de quem esmaga o amigo, so porque os cevardes figurões, os mandões de borra lhe pagam quatro ductos de podre incenso!

—Como ha de elle dar a rasão, quando ella so pode servir para anatomisar os corações mesquinhos dos entes rancorosos que commetteram uma infamia, que muitas commetteraõ? Como, si elle sabe que o *seu amigo* soffreu por ser amigo do *seu inimigo*?

Bem feito! quem o mandou fazer versos? Sahiu-lhe caro o acrostico.

—Ainda bem que V. o sabe!

Avalie por ahi o de que é capaz o tal republiqueiro dos principios-pouco e dos homens-tudo.

—Capitão, venho representar contra o proceder injusto do inspector da thesouraria geral de Latronopolis.

—Diga-se.

—Não é praxe ficarem por mais 6 mezes n'alfandega os empregados da thesouraria encarregados da revisão dos despachos?

—Assim o tem declarado o proprio inspector em algumas occasiões, e tanto que não consentiu por mais tempo dous empregados, cujos nomes não me occorrem agora á mente.

—Pois creia que estão n'alfandega dous empregados da thesouraria a revistar despachos (sinecura completa) um de nome Matumbas, ha perto de tres annos, e outro por nome Jambo a caminho de um.

—O inspector é praxista de nota, amigo de equidade.

—O que eu julgo que elle é é um amante extremoso do filhotismo; os meninos são realmente credores de patronato, um pela doçura do nome, ambos por *conservarem* e receberem o ordenado por inteiro, revistando despachos, trabalhando até as 11 horas!

—Safa!

E chama V. a isso patronato! Os homens a trabalhar até 11 horas da noute! Pobres victimas!

—E quem lhe disse, capitão, que as 11 horas eram da noute?

Os homens antes do meio dia concluem a revista, e andam a encher de pernas as ruas e as lojas e a tractar de politica.

—Homem, si tem inveja, faça assim tambem; cabale para ser empregado na thesouraria.

—Capitão, ainda que eu o fosse, taes commissões não recahiriam em mim, que la ha meninos mais bonitos, melhor prendados e optimamente apadrinhados.

—Percebo-lhe: o Sr. quer dizer *amor* e a lingua não o ajuda!

—E' isso; adeus; eu breve volto para desinvolver o mecanismo da cousa.

—O que tem aquellas mulheres que vão tão zangadas?

—Queixam-se que foram na sexta-feira 29 do p. p. fazer uma romaria ao Senhor do Bomfim, levaram meia arroba de cera, deram uma esmola soffrivel em dinheiro, mandaram dizer uma missa incensada e depois foram ao zelador pedir uma medida e este não só negou como tratou-as mal.

—Tenham paciencia. O Senhor do Bomfim este anno está fazendo obras, e não tem dinheiro para ninharias.

Capitão,

Pergunte ao Sr. Bastos, morador ao Barbalho, si elle consente que seu escravo ande saltando as cercas dos quintaes alheios, para furtar jaccas, todos os dias e noites.

E diga-lhe que o escravo furta tambem fumo dos charutos que se faz em casa, para vendel-o na rua.

E' uma pergunta e uma partecipação que lhe faz um visinho que se julga bom e que não quer questões na visinhança.

Um prejudicado.

Oh! que grande novidade!
Que descoberta se fez!
El-rei D. Mané de Souza
Não é Solano Lopez.

Isto diz muito vaidoso
Mestre-eschola interesseiro;
Não que tenha consciencia,
Mas porque lhe dão dinheiro.

Os nomes não são eguaes,
O nome ao caso não vem,
Si é tyranno o Lopez
Mané de Souza é tambem.

Queres a prova, morcego?
Olha o pae, o neto, o irmão,
Olha o filho, olha o marido
Como para a guerra vão.

Algemados uns vieram,
Outros em pranto ahi stão;
Estes rotos, maltrapilhos,
Vem descalços do sertão.

O pranto alli corre em jorros,
Converteu-se a terra em mar;
Pois no pranto das viúvas
E' que el-rei vae se banhar.

Sacia ahi sua gana,
Seu desejo de ser *cousa*,
Vão *recrutas* para o Sul,
Triumpha Mané de *Souza*.

Stás satisfeito, leproso?
A lepra que te destróe
E' a mesma que o moral
De Manesinho corróe.

—Não toco mais, que não posso!

—Toque, que é por ordem do commandante.

—Sacco vasio não se põe em pé; estou tocando desde manhan sem comer; não é possivel.

—Porque não comeu em sua casa?

—Não sabe que eu vim para aqui desde hontem? E que não tenho escravo para me trazer comida tão longe?

Sempre se deu comida á musica militar que vem tocar.

—O commandante disse que á tarde mandava dar dez tostões a cada um de gratificação.

—Agradeço. O meu quero dar de esmola para o Senhor do *Bomfim*.

—Capitão, aqui lhe trago pelo cangote este sujeitinho, que tirei das garras de dous que iam com elle aos puxavantes lá para o Porto da lenha, no Mau Fim.

—Quem é este diabo?

—Ha um anno que o carreguei, no dia de *Reis* feito *Maria* Madeira com o *Sallustiano*.

—Oh! Rei dos moleques, que fizeste de novo?

—Ja não sabe o costumado?!

—Ainda não tomaste vergonha?

—Como, si pau que nasce torto tarde ou nunca se indireita!

—E ja ensinaste os marotos, de quem disseste que te havias vingar?

—Ora deixe-me! ainda não os encontrei.

—E que tu podes ensinar, quando precisas apprender na coxeira de Ariani?

—Sou homem de importancia, capitão. Pois não viu-me conversar com aquelles dous moços na egreja?

—Vi-te, mas vi-te logo depois a conversar com dous moleques capadocios, em tudo differentes dos primeiros.

E a graça é que ainda achas quem te aperte a mão!

E o que admira é que um delles seja aquelle mesmo de quem abusaste com uma carta falsa.

—O moço perdoou-me, capitão.

—Mas não te perdôo eu, patife.

Muxingueiro!

—Ja quatro duzias de bollos no Rei dos moleques; e, si for possivel, trancafia-o no porão até que chegue a quaresma, para ver si esta peste com a penitencia toma geito.

—Sim, Sr.

—*Quem não é por nós é contra nós.* São palavras que todo capadocio pronuncia e que cahiram da bocca do rei....

—Dos judeus.

—.... dos egoistas, acaba de dizel-o o homem do *interesse*.

—Coitado! nunca leu o Evangelho o pobre do mestre-eschola.

—Ignorante! Sempre o comi por al-

guma cousa illustrado; mas agora reconheço que tem rasão os que dizem que sua sciencia é bem desinvolvida no ponto do *venha-a-nós*. Não pode por tanto estar em dia com as palavras do divino Mestre (que tangia a chicote os especuladores do Templo) quem vive especulando com a inepcia de um governador, capaz de levar as lampas a Bertholdinho, so para ter quatro vintens de que não precisaria si se lembrasse de presar a dignidade que alguem lhe emprestava em certo tempo.

—Safa!

—Capitão....

—A que vens?

—Noticias do tal escrivão do arsenal de guerra de Latronopolis.

—Diga, diga, que estou ancioso.

—O *cujo* lendo ou sabendo do primeiro escripto que começou por descobrir-lhe a melgueira, bradou que os authores *daquillo* mereciam lama na cara; que se apresentassem os patifes, que elle daria um alfinete de brilhantes.

—Admira que hoje lhe sóbre dinheiro para brilhantes, quando lhe faltou para o titulo do emprego, despeza que foi feita, a seu pedido, por quem *faria* o fornecimento da tal madeira que lhe fallei.

—Quem foi que alcançou do mesmo 50$ para certos arranjos, além da promessa de 600$ para mobilia, dos quaes só se poude obter 200$? São estes os 200$ de que lhe fallei.

Ficam os 400$ para quando se fizer a entrada das cossueiras, que ainda se não realizou.

Mas sim. Enfurecido como estava, depois de muito rugir, *roxo*, de muitas *borracheiras*, apresentou para sua defeza documentos *ad hoc*, do mesmo modo que tem arranjado avisos para apadrinhar certas reformas, que tem feito por ca, bem como os de 4 de outubro de 1862 e de 24 de abril de 1865...

—Continúe, que estou gostando.

—....o primeiro tractando de receita e despeza e o outro que o constituia secretario do conselho de compra do arsenal de Latronopolis.

(Continúa.)

ANNUNCIOS.

Gratifica-se com 8$ rs. a quem entregar um relogio de prata galvanisado de nº 41829 com cadeia de ouro de 18, que foi furtado no Bomfim pela companhia do olho-vivo a Manuel Francisco dos Santos. Outro sim, pede-se aos Srs. relojoeiros o favor de apprehender, caso lhes seja offerecido semelhante relogio. Na travessa do Cruzeiro, n.º 3 A se encontrará o annunciante.

Quem perdeu um cachorrinho de raça ingleza, vá á rua do Paço n.º 52 que dando os signaes certos e pagando a despeza do annuncio, lhe será entregue.

O collegio de meninas Santa Izabel, á ladeira da Baixa dos Sapateiros, abre-se no dia 3 de fevereiro. O incançavel zelo das directoras tem apresentado meninas (bastante assiduas) promptas em dous annos de ler, escrever, contar e todas as prendas domesticas, como seus paes, tutores etc., o poderão attestar. O mestre de dança será o Sr. Bastos—nesse collegio não ha castigos de qualidade alguma, conseguindo se adiantamento espantoso pela amenidade e carinho das directoras D. Joanna Maria da Silva, D. Perpetua Maria da Silva e D. Narcisa Maria da Silva.

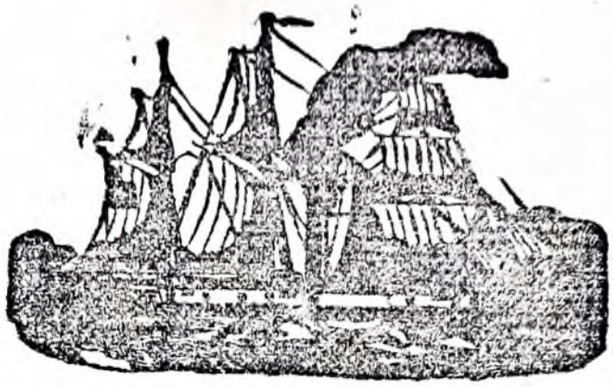
Aos tanoeiros.

Vende-se uma porção de barris, promptos e por apromptar, baldes, tinas, madeiras aparelhadas e uma rica caixa de ferramentas & &.

Quem pretender dirija-se a esta typographia que achará com quem tractar.

Vende-se uma boa casa terrea situada na freguezia da Penha, rua do Areial de Itapagipe, de n.º 21; quem pretender dirija-se á freguezia de S. Pedro, rua do Duarte n.º 13 para tractar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª BAHIA 20 DE JANEIRO DE 1866. N.º 312

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, perguntando-lhe si não ha uma postura que prohibe vender-se laranginhas e outros objectos para o entrudo; e no caso de havel-a, indagando o motivo por que os fiscaes consentem que em toda parte sejam elles vendidos.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que, na manhan de 19 do corrente, dous empregados varredores da limpeza publica, na rua Atraz da Sé, insultaram um tabareu e escovaram-lhe depois o pello com o cabo das vassouras.

Parece que tal procedimento não é o mais conveniente, e espera-se portanto de S. Ex. que procure evitar conflictos que de tal graça possam provir.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que faça conduzir ao curral do Conselho uma immensidade de porcos, que existem em uma quinta *ao pé* da padaria de Guadelupe, depois de applicar a conveniente multa ao dono de taes porcos. Cumpra.

—Anna, escrava de Maria da Gloria, está liberta!

—Custou a alforria 1:300$.

—A commissão que agenciou a assignatura é composta dos Srs. Antonio Francisco Brandão, Antonio de Freitas Paranhos Junior e Francisco Xavier Catilina, a quem Anna agradeceu o grande favor que lhe fizeram, assim como a todos os subscriptores e ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, que é realmente credor de elogios pela feliz lembrança que teve.

—E nisso ficamos.

—V. conheceu Fumaça?

—Conheço.

—Conhece não, que ja morreu.

—Morreu! Quando?

—Entrou para o hospital sem charidade, sahiu delle por são, e morreu no dia seguinte na caza da moeda.

—Pobre Manuel Francisco!

—Decantada charidade!

—Mané da Hora, socegue!

—Mané da Hora, deixe-se disto!

—Mané da Hora, não brinque!

—Mané da Hora, olhe que o diabo é sujo!

—Mané da Hora, isto não é graça!

—Que diabo de tanto Mané da Hora é um!

—E' aquelle menino, empregado na *limpeza* que se põe a ameaçar os com-

panheiros com uma faca e que diz que tendo vontade de dar facadas, quer aproveitar a occasião para dal-as *sem intenção*.

—Bons empregados tem o Sr. Costa Guimarães!

—O chefe de policia, si achar que não desce de sua dignidade, que providencie a respeito.

—O *Progresso* declara ao *Alabama* que o Sr. Aristides Augusto Milton não é o author dos artigos que no primeiro dos dous periodicos tem sido publicados contra o Sr. Dez. L. A. Barbosa de Almeida.

—E quem o disse?

—O *Progresso* diz que o *Alabama* de 4 do corrente.

—Pois eu *garanto* ao *Progresso* que está *muito mal enganado*.

—E' grande o desaforo que se dá nos açougues! Carne podre, mal pesada, cara, cheia de ossos e o diabo a quatro! E os fiscaes a dormirem!

—Que quer? Si os proprios cortadores arrotam intimidade com o subdelegado!

—Ora não diga!

—Os da Baixa dos Sapateiros dizem a quem os queira ouvir: Que remedio tem os fiscaes, sinão *combinarem* comnosco, quando temos por nós o subdelegado que é um bonacho e que nunca confirma uma multa?

—Bom! E' por isso que aquelle Sr. Lino tem o desaforo de maltratar a quem lhe vae comprar.

Não sabe o que fez agora?

—Não, mas desejo saber.

—Entrou alli uma mulher e pediu-lhe tres libras de carne; o sujeito cortou duas libras; a compradora reclamou; «Não ouvi, respondeu elle. E trouxe para a balança um frangalho de carne com uma porção de ossos quasi moidos.

«—Sr. eu vim comprar carne, e isto é osso.

«—O osso tambem é do boi; onde quer que o bote? quer que o bote no az da mãe?

«—Deite no da sua.

«—Ahi tem a carne; e atirou-a ao balcão, cahindo ella ao chão.

«—Ahi tem o dinheiro, disse a offendida, atirando-o tambem ao balcão e indo parte delle cahir no interior do talho.

«—Dê-me o resto do dinheiro.

«—Sr., cahiu dentro.

«—Aqui é onde eu costumo deitar o dinheiro que recebo, e não sei si o seu ahi está; quero outro.

E nesse *dize-tu, direi eu*—ficou o sujeito com a carne e com o dinheiro, e a mulher inteiramente lesada!

—E' com effeito digno de admirar-se o caso!

E de maior admiração é merecedor o fiscal, que nunca se acha presente, que nada vê!

—E a dar-lhe! O que é credor de espanto, de pasmaceira e bocca aberta é a *bonhomia* do Sr. subdelegado que é realmente um anjo de paz, que quer ficar bem com todos, mas que se esquece de que os consumidores não lhe podem querer bem.

—Pobre terra!

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

Sr. compadre —Ha bem tempo
Não lhe atiço uma das minhas,
Pois agora la vae esta
Contando certas cousinhas.

Saiba que fui á lavagem
Que foi muito concorrida,
Foi uma funcção d'estouro,
Cousa gostosa, esplendida.

O que não sei lhe dizer
E', si é por devoção
Que s'abala tanta gente,
Ou por simples distracção.

Só sei é que neste dia
Bicho careta não ha
Que deixando a cidade
Para a lavagem não va.

E' bello estar á janella
Logo pela madrugada
Vendo passar a crioula
De vassoura, e requebrada.

De balaio na cabeça
A dengosa mulatinha,

E' gostoso contemplal-a
Como faceira caninha.

Ver gorducho taverneiro
Com a cara avermelhada
Munido d'uma bem grossa
Vassoura toda enfeitada.

O proprio inglez esquecido
Que chega o vapor inglez,
Deixa fechado o escriptorio
E lá vae por sua vez.

E' um dia de mão cheia
Que se passa no Bonfim,
Bem poucos dias na vida
Se podem contar assim!

Quanto thesouro *occulto*
Apparece nesse dia!
Primores da natureza
Que tem suprema valia!

Eu quizera ter uns olhos
Que fossem devoradores,
Que meu peito fosse rede
E meus labios pescadores.

Depois de ouvirem a missa
Dão principio á funçonata,
Reunindo-se em commum
Branca, crioula e mulata.

Ahi é que está o choro,
Meu compadre de minh'alma,
Si chamam isso martyrio
Do martyrio eu quero a palma.

Qual será o coração
Que por mais empedernido
Mirando aquelle painel
Não se sinta derretido?

Haverá peito tão duro
E capaz de supportar
Os *me-deixes* da creoula
Sem de prazer se babar?

Quem pode ver impassivel
A cabrinha delicada
Mostrando mimosa perna
Roliça e bem torneada?

O jarreta amortecido
Com 60 annos de edade,
Carrega seu pote d'agua
Com presteza e agilidade,

Somente para poder
A mulata acompanhar
Que la foi ao chafariz
Seu pote d'agua buscar.

O padre depois da missa
Tira a batina e la vem,
Para junto das creoulas
Lavar o adro tambem.

Não esperam que a lavagem
De todo findado tenha,
La vae a passarallhada
A' praia carregar lenha.

Na frente Marcos barbeiro
No zabumba vem tocando
Um bem tangido lundú;
E toda gente sambando.

Vem muita *fazenda fina*
E cousa grossa tambem,
Vem Mafalda do Querino
E Mariquinhas Bem-bem.

Vem Olegaria da tulha,
Vem Helena, vem Rosaria,
Vem Ignezinha do Pinto,
Vem Salomé, vem Maceria.

Vem Izabel do Cruzeiro
E Maria matadeira,
Bernardina do Balbino
E Maria sapateira.

Maria Gloria la vem,
Maria-rica, do peixe,
Pulcheria, e Severiana,
Cada uma traz seu feixe.

Felicidade Vovó
Que ainda não perde vasa,
Martinha boi, e Mosqueta
Com toda gente de casa.

La vem Miguel Peixe-Galo
De lenha um feixe trazendo
Faz rodilha d'umas calças
Do Moysés, q'stá cozendo.

O Custodio que é um homem
Por creoula apaixonado
Vem no meio do farrancho
Com um *ramo* acompanhado.

Tambem vejo certo medico
De *vela accesa* na mão
Para accender as foguciras
Quando for occasião.

No centro la vem sambando
O Barros das Oliveiras,
Com Jeronyma e Umbelina,
Duas creoulas faceiras.

Mais atraz vem um doutor
Cujo gosto conhecido
E' querer só desfructar
Aquillo que é prohibido.

Quem fecha o rancho? aposto
Não sabe como se chama;
E' o nosso João de Deus,
Aspirante do *Alabama*.

Agora faço reparo
Q'esta vae muito comprida;
Não vamos a estafar:
Chupe aqui a despedida.

O mais que se tem passado
Dirá com simplicidade
Outra vez que lhe escrever
O compadre da cidade.

A PEDIDO

—Capitão, mais uma.

—Qual?

—Um cavalleiro ia, na noite de Reis ás 9 horas, pela Munganga, quando encontrou-se com o Rei dos moleques, em quem quiz metter o chicote; caminhou para elle, pegou no chicote pela ponta e com o cabo ia dar-lhe em grosso. Infelizmente o chicote cahiu e, *oh! pudor!....*

—Rei dos moleques aproveitou a occasião? virou o feitiço contra o feiticeiro?

—Qual, Sr.! nem nisso falle! O covarde do Rei de copas apanhou o chicote, entregou-o ao seu offensor, pedindo-lhe miseravelmente que o não offendesse; que pelo amor de Deus tivesse compaixão delle; que elle nunca o tinha offendido; que era falsidade o que disseram que elle tinha dito contra o moço.

—E que fez o cavalleiro?

—Perdoou áquelle pobre diabo que so tem lingua e coragem para attribuir o que elle falla ao pobre do Thomé,

—Ah! quanto não terá soffrido aquella celebre carcunda!

—Não sei; é certo porém que em casa sempre elle entra bem fresco!

—Covardão!

—Ora que desfructe!

—Qual?

—Pois aquelle subdelegado. si ha de tomar conta do que vae pela freguezia, anda servindo de bobo?! Deixa os cadaveres insepultos e vem para a cidade, rondar a porta da casa.... da casa....

—E quem viu?

—Tem até um ordenança á disposição, o qual fica na praça a observar a ladeira.

—Como se sabe?

—E o que é que neste mundo não se sabe? Houve um barulho grande com um apaixonado e o ordenança que prohibia a entrada.

«Com que direito faz isso?

«Sou mandado e por authoridade.

«Mas isso é improprio da authoridade.

«O remedio é deitar *sal-ás-moedas.*

«Não repliques!

«Acudam-me os anjos! pombinhas appareçam!

—Não admira o ordenança; o subdelegado é que é cravo

Onde viu-se uma authoridade andar aos sopapos com certa gente?

—Que quer? Fazem subdelegado a um pombista!

E' homem que recebendo um officio do chefe e o criado lhe dando a ler, elle manda deixal-o de parte, por que quer, por exemplo, pegar duas betas que passaram pela *praça.*

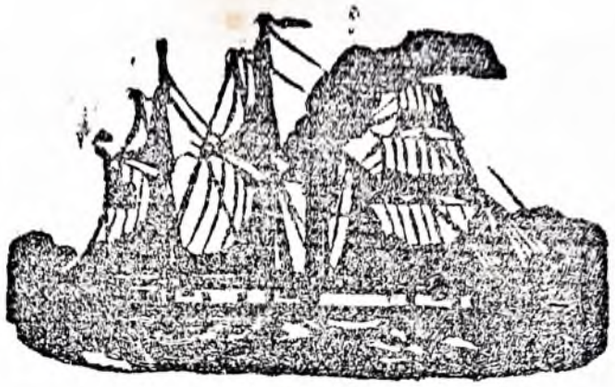
—Ora não continúe, meu moço. Si insiste no desfructe, volto á carga e ponho-lhe os podres na rua; declaro-lhe o nome, a freguezia, e é quanto basta.

ANNUNCIOS.

Continúa fugido desde o dia 15 do mez passado o mulatinho Maximiano, escravo de D. Olympia Joaquina de Oliveira. Tem 12 annos de edade, magro, olhos vivos, beiços grossos, muito fallante, a testa com uma saliencia de cada lado. Quando fugido costuma dizer-se forro, não ter mãi nem pai e mudar o nome. Sabe ler, e escrever um pouco. Sahiu de casa, tendo o cabello cortado a meia cabelleira, palitot e calça de brim azul desbotado, camisa branca, botinas de couro e chapéu de palha da Italia. Já foi visto de trajo mudado, uma vez no largo da Piedade, com uma cesta na cabeça em companhia de um homem, outra vez na Barra, onde depois informaram que havia seguido para Itapuan. Ultimamente tambem foi visto vagando pela roça do Gantois.

Quem o levar a sua senhora na rua da Larangeira casa n.° 102 terá 25$ de gratificação.

Quem perdeu um cachorrinho de raça ingleza, vá a rua do Paço n.° 52 que dando os signaes certos e pagando a despeza do annuncio, lhe será entregue.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 24 DE JANEIRO DE 1866. SERIE 1.ª—N.º 1.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericor dia n. 17, a 1$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa o primeiro numero da primeira serie do 4º anno do *Alabama*.

Pede-se aos Srs. assignantes que devem tres e mais series, o favor de saldarem suas assignaturas, sob pena de serem suspensos como remissos.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe, por quem é, que olhe para a rua de Baixo.....

Ha talvez seis mezes que existe alli um buraco a esperar por quem passa; não ha gazeta nesta terra que não tenha pedido que seja coberto aquelle abysmo; a Illma. entretanto não se move até hoje!

Espera-se providencia.

—A' mesma, partecipando-lhe que dous outros buracos se acham, um á rua do Areial e outro ao Cruzeiro de S. Francisco, advertindo-se que para elles não é a primeira vez que se chama a attenção da Illma.

—Ao Sr. subdelegado de Santo Antonio, pedindo-lhe que faça com que o fiscal competente multe os donos de certos burros que andam por todas as ruas dessa freguezia, a toda hora, especialmente pelo Barbalho e Lapinha; visto que parece que ha por ahi alguma cousa que prohibe tanta liberdade a taes brutos que se divertem ás vezes em pisar a gente.

—A' empreza do cisco, pedindo-lhe que, ao menos por *coherencia*, mande acabar com um monturo que estão creando nas suas ventas, sem que o cheiro e os insectos tenham feito dar cavaco aos burros da cocheira, nem ainda a quem os cura.

—Mais um brinquedo da companhia Bahiana! Intende que deve comprar navios velhos e impingir na Bahia por grande cousa!

A sede do lucro não lhe deixa ver o risco que correm os que lhe dão dinheiro para sustentar-se!

Reclama-se diariamente contra a antiguidade dos seus vapores, contra o seu mau estado, e felizmente cada reclamação não é acompanhada de um sinistro; mas os sinistros dão-se ahi todos os dias.

Que querem?

Si fazem navegar um *Progresso* sem proa! Si a capitania do porto consente!

Forte miseria!

—Mas a que vem a sua declamação?

—Declamação! Pois não sabe! O va-

por *Paraguassú* foi a pique no domingo, à noite, com luar claro, indo elle de encontro ao *Lucy*, e estando ambos de pharóes accesos, e cheios de gente.

—Que diz?! Impericia do capitão? mau estado de seu cerebro? teria jantado? estaria cego?

—Fosse como fosse, o caso deu-se; si tão perto não fosse da ponte, poderiam ter ido ao fundo mais de trezentas pessoas que em ambos navegavam.

Ja um dia da semana passada o vapor de Cacheira ia levando a breca, com um rombo no costado e a unhas de cavallo galgou o porto.

—Deus queira que a *segunda edição* de sinistros da companhia Bahiana aqui dentro do porto, desperte as authoridades, si é que ha alguma incumbida de velar pela vida dos cidadãos que confiam em uma empreza negociante e só avida de ganhar dinheiro.

—Si for a se esperar pelo que venha de cima, estamos bem servidos.

O melhor é o povo não concorrer á companhia, queja um idiota me disse, que sendo composta de inglezes, tem interesse de matar os brazileiros, para ficarem elles senhores da terra.

—Ora cebolorum!

—Dizem que appareceu nos mangues do Uruguay (freguezia da Penha) o cadaver de uma mulher, isto no dia 14 do corrente.

—Que houve?

—O subdelegado procedeu no dia seguinte a corpo de delicto.

— Que tem a censurar?

—O corpo la ficou e la está.

—Sabe si deu o subdelegado ordens ao inspector?

—Ignoro. E quantoá inspectoria do Uruguay conversaremos largamente.

—Louvores ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia!

—Que ha? que fez elle? salvou a patria?

—Fallemos serio. Não salvou a patria, mas pode ser que o deseje.

O que é certo é que vejo cães mortos pelas ruas, e não pode ser sinão o resultado de *bollas*.

—Ah! é verdade. Foi feliz a ideia que teve S. Ex.; os cães são innumeros, atropellam os viandantes, escandalisam á moral, á noite incommodam a quem quer dormir, e nesta estação calmosa são atacados de hydrophobia; S. Ex. fez por tanto muito bem em mandar matal-os; merece realmente louvores.

—Mas ha uma cousa; os cães mortos não correspondem ao grande numero de vivos que ha; não deixa de haver indolencia da parte de quem está incumbido de matar estes.

Não seria mau que o Sr. chefe de policia fizesse activar o trabalho dos *mata-cachorro*.

—E recommendasse terminantemente ao Sr. ex-tenente coronel Costa Guimarães que não deitasse os cães mortos no centro da cidade.

—Que duvida! Seria bonito que a *limpeza* enchesse de cães mortos a roça, ao rio das Tripas, em que mora o Sr. professor Antonio Alvares dos Santos!

—Teria pouco de que admirar-se; o mesmo professor tem consentido que toda a immundicia seja alli depositada, de sorte que quem mais vem a soffrer são os pobres habitantes de Santo Antonio, bafejados pelas auras que de la refreseam.

—Eu tenho fe no chefe de policia. Depois o homem da limpeza mesmo é que ha de pagar.

—A directoria dos estudos declarou que as ferias do Natal concluem-se a 15 de janeiro.

Assim é; da parte da imprensa houve equivoco, engano, erro.

Mas hoje são 22 de janeiro e ha mais de uma aula em mais de uma freguezia, cujos professores ainda se não dignaram dar um ar de sua graça.

—Disseram-me que no Bomfim, quando ha fogo, não sobem ao largo cavallos nem carros; é certo?

—E' velho.

—Pois consta que, apezar da ordem, na noite de Nossa Senhora da Guia, S. Ex. o Sr. Dr. chefe de policia mandou subir o seu carro.

—Não duvido.

—As sentinellas oppuzeram-se; mas o esforçado defensor das leis e das charidades intendeu que sua palavra não devia *tornar atrás*, e mandou ás sentinellas ordem de deixarem o *seu* carro subir.

—Cousinha. O menos que podia succeder era subirem todos os carros e cavalleiros a atropellarem o povo, graças ao Sr. Junqueirinha que provocara tal scena.

—De certo; ninguem tem obrigação de obedecer a intimações, nem de executar leis que a authoridade é a primeira a desrespeitar e transgredir.

A PEDIDO

—Ja se não pode, capitão, com as gondolas!

—E' ir para os vapores.

—Peior a emenda que o soneto; *la*, si ha destroço, a gente molha-se e pode ser que va ceiar com os peixes; *ca* o mais que pode succeder é plantar-se com o costado nas pedras ou quebrar-se a cabeça e as pernas.

—Pois então, dous proveitos não cabem n'um sacco.

—Mas é que deve haver quem intervenha, quem fiscalise tudo em que o publico concorre com seu dinheiro; tanto vapores, como gondolas devem estar debaixo das vistas da policia.

As gondolas, não direi sempre, mas quasi sempre, em dias de festa principalmente, não são agradavel nem commoda passagem para o publico; são um pessimo meio de conducção. Todas ellas ficam no meio do caminho; agora cahe a roda, mais tarde quebra-se o eixo; logo cahe o burro; hontem partiram-se os tirantes, hoje emperrearam as bestas, e assim por diante. De maneira que quem pagou sua pataca, seu selo e um vintem, seus dez tostões, ha de galgar metade do caminho a pe, porque a gondola não anda, os burros não seguem.

E' preciso um termo a isto.

—Os Srs Arianis não deixarão de attender a tão justas reclamações; dirijam-se a elles que serão servidos.

—Pois bem, si elles são bons moços, eu vou ter com elles.

—Dizem que vão offerecer uma espada de honra ao Sr. tenente-coronel José Joaquim R. Lopes

—Não acho bom. Si tal ideia não vingou quanto a S. M. o Imperador, por não ter elle se achado em fogo, como é que a vão dar ao Sr. conselheiro, que não tendo armas para aqui commandar, andava a cavallo visitando as egrejas?

—La se avenham; sua alma, sua palma.

Tambem quem dá uma espada bonita quer vel-a zelada, e o melhor meio é tel-a guardada na bainha.

—Sabe d'uma cousa?

—V. dirá.

—O Ariani prohibe que entrem mulheres nas cocheiras que lhe pertencem.

—Acho bom.

—E eu Na quarta feira achou elle uma na cocheira de S. Bento, fechou as portas e mandou chamar o subdelegado que prendeu a rapariga.

—Que tem isso?

—Tem que a rapariga era menos culpada que o caixeiro que a chamou e este nada soffreu.

—E queria que o subdelegado prendesse um empregado particular que apenas peccara contra a disciplina interna da caza?

—Não; mais queria ao menos que o subdelegado de S Pedro soubesse que o largo do Theatro é freguezia da Sé e não se mettesse portanto em *invadir o territorio alheio*.

—E eu estou admirado da presteza com que elle acudiu ao chamado do rico proprietario e negociante.

Reclama-se-lhe tanta cousa pela imprensa, e S. S. nem dá signal de vida!.....

Nessa mesma noite, andavam pela freguezia de S. Pedro quatro capadocios a tomar os pannos das mulheres,

Consta que uma prejudicada foi queixar-se e indicou quem eram os sujeitos, mas que S. S não deu importancia a isso, porque os criminosos não moram na freguezia.

—São cousas!

—Graças ao digno Dr. juiz de direito da 2.ª vara criminal, acha-se livre Candido Ferreira dos Santos, que se achava preso ha dous annos e sete mezes como captivo.

Receba pois o mesmo illustrado, recto e honrado magistrado os louvores que lhe rende um admirador, pelo seu imparcial *habeas-corpus*.

O justiceiro.

Tiroteio.

Uma fera, ja cansada
De nas mattas passeiar,
Intendeu que pelos rios
Deveria navegar.

D'anta que era tornou-se
Em *pinto* feio e goguento,
Cabelludo em demasia,
Inda em cima bexiguento.

Foi ao rio S. Francisco,
P'ra sondar o *Sento Sé*;
Visita o Jequitinhonha,
O Pardo, o *Jerubué*.

De la com cara de burro
Virá ainda mudado
(Nem espanta, de *cangalhas*
Foi elle ja carregado.)

E assim como muda a cor
O bicho camaleão,
Cara de todos os bichos
Tem o *liberal-tacão*.

M. D.

—O—S—da *Constituição* arvorou-se em Mentor; ensina á A. P. a maneira porque tem de proceder.

—E insiste no regulamento da instrucção, que chama funesto.

—Bem se o conhece; odio velho não cansa.

—Lembra até medidas que são do regimento interno.

—Fertilidade do moço, originalidade.

—Deus queira que o conselheiro não seja o primeiro que se va alli nutrir com questões pessoaes e odiosas!

Sr. Redactor.—Consta com toda certeza que na ladeira de S. Francisco existe uma senhora que tem em seu poder uma criança, engeitada, a quem o pae supre; porém a dita senhora nenhum caso faz da tal criança que vive morrendo a falta de leite, a fazer horror.

Roga-se a quem competir que tome conhecimento de caso por amor da humanidade e pelo amor de Deus.

Um observador.

ANNUNCIOS.

Continúa fugido desde o dia 15 do mez passado o mulatinho Maximiano, escravo de D. Olympia Joaquina de Oliveira. Tem 12 annos de edade, magro, olhos vivos, beiços grossos, muito fallante, a testa com uma saliencia de cada lado. Quando fugido costuma dizer-se forro, não ter mãi nem pai e mudar o nome. Sabe ler, e escrever um pouco. Sahiu de casa, tendo o cabello cortado a meia cabelleira, palitot e calça de brim azul desbotado, camisa branca, botinas de couro e chapéu de palha da Italia. Já foi visto de trajo mudado, uma vez no largo da Piedade, com uma cesta na cabeça em companhia de um homem, outra vez na Barra, onde depois informaram que havia seguido para Itapuan. Ultimamente tambem foi visto vagando pela roça do Gantois.

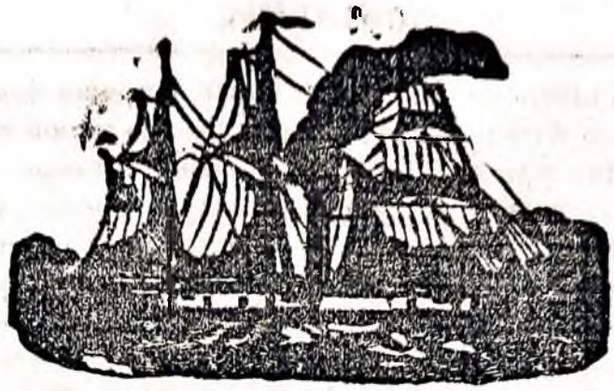
Quem o levar a sua senhora na rua da Larangeira casa n.º 102 terá 25$ de gratificação.

Aos tanoeiros.

Vende-se uma porção de barris, promptos e por apromptar, baldes, tinas, madeiras aparelhadas e uma rica caixa de ferramentas & &.

Quem pretender dirija-se a esta typographia que achará com quem tractar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 23 DE JANEIRO DE 1866. SERIE 1.ª—N.º 2.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Sahe hoje o segundo numero da primeira serie do 4º anno do *Alabama*.

Pede-se aos Srs. assignantes que devem tres e mais series, o favor de saldarem suas assignaturas, sob pena de serem suspensos como remissos.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de janeiro de 1866.

Officio à camara municipal, participando-lhe que a fonte do Queimado se acha no estado mais elevado de porcaria, além de estar quasi destruida em suas bicas e cheia de buracos na proximidade.

Sendo aquella fonte uma das que fornecem melhor agua para o consumo, espera-se que a Illma. condoa-se da pobreza, que alli por cada barril poupa um vintem, sinão tres.

—A' mesma, partecipando-lhe que n'um sobrado às Portas do Carmo, defronte da botica do Sr. Andrade, se acha uma taboa na bacia da sacada em estado de cahir em cima de quem passa.

Espera-se que a Illma. mande o fiscal respectivo intimar o dono da casa para livrar o publico de similhante precipicio.

—Até que emfim!

Ainda hontem reclamava-se contra os buracos e hontem mesmo um dos taes buracos ameaçou engolir um homem.

—Como foi isso?

—Sendo. Ha na ladeira da Mizericordia uma boca de lobo destapada ha mais de um anno; a pedra que a cobria quebrou-se, e por mais que a imprensa clamasse, por mais que os proprios fiscaes se esforçassem, a Illma. não reparou no mal que isso podia causar, apezar de por alli passarem diariamente centenas de aleijados e cegos.

Hontem vem um pobre cego encostado á parede, e quando menos esperava, submergiu-se em meio, graças a um filho do Sr. tabellião Jorge Ferreira, que o livrou de interrar-se todo pela trampa a dentro!

Ora isto é cuidar do bem publico?! E' assim que a camara cumpre com seus deveres?!

—E fica o caso em nada. O mais que pode succeder é taparem agora o buraco, visto que o brasileiro só fecha a porta depois de roubado.

—Vejam a camara municipal da capital da capital da Bahia como é diligente, activa e energica.

«Sessão do 29 de novembro de 1865

—Expediente.—Um officio do chefe de policia, remettendo o do subdelegado de Santa Anna, sobre diversos canos particulares que desaguam no Jogo do Lourenço e Travessa das Hostias e uma boca de lobo na travessa da ladeira da Pocira para a Fonte Nova de S. Miguel. Ao fiscal da freguezia remetteu-se por copia para tomar em consideração.»

—Bello! De sorte que os fiscaes tem tambem obrigação de concertar bocas de lobo!

—E depois, fiscal pode dar providencias para que canos particulares deixem de desaguar para a rua? O remedio é um cano geral ou *real* que receba as aguas de seus *affluentes*.

—Esta camara tem cousas!

—E tem; veja mais isto:

«Um officio do chefe de policia, remettendo o do subdelegado da Se, acerca de um pedaço de muralha á ladeira da Misericordia que ameaça desabar. Ja tinha ido por copia ao Dr. engenheiro para providenciar com *urgencia*.

—Ha mais de um anno que a imprensa pede providencias e a *urgencia* do Sr. engenheiro é realmente muito urgente!

—E' com effeito para fazer rir!

—Vem ca, jesuita!

—Ave, domine!

—Tu tens-me cara de paraguayo; estou a crer que és o padre Duarte que anda foragido.

—Vous vous trompez; moi, je suis *francez*.

—Fallas bem! Mas, grego, romano, paraguayo ou francez, Sr. padre, aqui nesta terra se anda com decencia e se acata a moralidade publica.

—Moi, qu' ai-je fait?

—Que fizeste?

Primeiramente não é decente um padre comprar bananas; nem este brujaco é vestimenta de sacerdote; não sei como os moleques ja te não mandaram cortar as pernas com estas ricas calçolas de casimira, para emendar a batina.

Depois isto não é sapatos; tem muita similhança com as chatas do teu Lopez, em uma das quaes pudeste talvez desertar; aqui chama-se isto broa, lanchão, alvarenga, qualquer outra cousa, menos calçado, bem que te fiquem a geito as ferraduras.

Outra cousa é, quando vaes á caza da tua freguezia do Cruzeiro, entrares pelo interior, pôres-te a amassar a rapariga, a contar mentiras e immoralidades.

E outro delicto maior teu foi o teres animo de propor á rapariga que te arranjasse uma viuva rica, que tu gratificarias.

Isso é de ministro de religião, a não ser paraguayo?

Falla, anda!

—Eu não digo nada, je suis muet.

—Não quero mais mais que me falles em francez! tens intendido?

—Je suis *Pierre* et sur cette *pierre*....

—Com uma pedra mesmo é que te mandarei ao fundo.

Oh! da proa, lancem este fardo ao mar!

—Capitão, por piedade; eu quero antes morrer como Judas ao pé da cruz no *convento de S. Francisco*; si por eu me chamar pedra quer dar-me pedra por castigo, serei segundo S. Estevam, e entregue aos moleques levarei pedradas a cheias mãos.

—Tens a rasão; o teu *fardamento* faz-me aproveitar-te a ideia; ficarás a bordo a pão e agua até que no sabbado de alleluia te mande entregar aos gaiatos.

—Que algazarra é uma alli na Praça?

—São os caixeiros do Coqueijo que se vão á noite *refrescar* nos banhos e, quanto voltam entram n'um ou n'outro botequim, sahem brigando, dão pancadas, proferem reciprocas descomposturas, e fazem o diabo a quatro.

—Que diz?!

—Não são todos; ha entre elles alguns mais serios, mas os outros estão alli sentados ás escadinhas da camara e fazem um barulho dos diabos!

—Oh! da policia!

—Ha em Latronopolis um padre que tem uma *cruz* da qual fez gazúa ou garras de gavião; come pombinhas e frangas, come franguinhos tambem, e como ás vezes encontra alguns pintos nuélos, *arranja* com que vestil-os E' assim que indo em casa de uma *confessada* á rua d'Ajuda, em quanto ella veiu á porta fallar com um preto que a procurara, o *reverendissimo* gavião da *cruz* empalmou um capote de valor de 40$ rs. e foi-se.

—Que tratante!

E' muito bom ter-se protecção dos grandes! merecia estar de corrente ao pé para não seduzir a infelizes; ficou impune, assentou praça no regimento do olho vivo! Que quer?

Quem cabras não tem e cabritos vende....

—E a culpa recae no geral quando ha por ahi tanto sacerdote moralisado!

(Continuação.)

—Venha ca, meu velhaça! Então não se importa que o botem em todas as gazetas, apezar de ser publicados seus maus feitos? E' signal de ter muita vergonha.

Gostou da primeira?

Leve agora mais esta que apezar de menor é das boas.

Nesse gosto, a vender pentes quebrados, fazendas podres, deve estar tambem podre de dinheiro.

Mas é que escreve Deus direito por linhas tortas: á proporção que V. rouba dos pobres que lhe vão á tasca fazer gasto, leva-lhe o diabo os lucros.

V. sabe dizer-me de quem foi um moleque que sahiu á noute da casa do senhor e meia hora depois volton com uma facada por conta?

—Este moleque era do Sr. Victorio á rua Direita de Palacio.

—Pensei que era seu, que queria dizer-lhe que quem deve a Deus paga ao diabo.

—Coitado do Victorio! perdeu o pretinho, foram se-lhe aquelles cobres

—Como tem pena dos outros! Por que não a tens, quando fazes as manobras e exercicios do olho-vivo? Pode bem fazer par com um cigano velho que é o coronel do regimento.

—Não tolero, capitão!

—Não?! E' pena!

E admira por que quem viu-se a braços com o muxingueiro sem dar cavaco, é capaz de soffrer o que não atura a mais rafada das meretrizes.

Como se inculca de pundonoroso!

Tufé, ladrão descarado!

(*Continúa*)

A PEDIDO

Pergunta-se

Ao fiscal da Se, si os donos das tabernas Estrella d'Ouro e Estrella d'Oriente tem privilegio para conserval-as abertas até depois de 10 horas.

—E o homem dos *progressos* a inventar e a declamar!

Insultando a illibados caracteres, calca a verdade e profere uma quantidade enorme de frioleiras.... que, si não causassem nojo, faziam rir a estourar o mais meditabundo solitario!

E com dentes de vibora, com furia insana, com horrenda hydrophobia, accommette a sua antiga victima que, resignada, só pede perdão a Deus, por que o *homem*, coitado, merece-o pois é dos taes que não sabem o que fazem.

—E depois de manchar 37 e 48 com sua boca impura, lembra *Momo*.

—Momo, menos bobo do que muitos, critico severo, rir-se hia das sandices que vomitam esses bichos-caretas mettidos em politica; Momo, achando a fresta que desejara no coração humano, saberia que era indigno de ser considerado entre gente o homem que se apregoa agradecido e apunhala aquelles com quem diz que seu pae tem relações de amigo; Momo... poder-se-hia ir mais longe.

—Si quer ouvir, é possivel que se lhe faça o sacrificio.

—Capitão, ja que estamos sem nada fazer, celebremos a Nossa Senhora da Guia com historias de carochinha.

—Boa lembrança!

—Que quer, capitão? O nosso amavel aspirante vae ja chegando á edade dos vovós e quer em tudo se parecer com elles.

Eu sou de voto que o Sr. João de Deus conte sua historia.

—E nós tambem.

—Ora desembuche la essa batata, Sr. aspirante!

—Foi um dia, era tempo de guerra; havia um commandante das armas, bom moço, agradavel, bemfasejo, segundo uns; bobo, desfructavel, rancoroso, vingativo, segundo outros (não se pode agradar a todos)

—Siga a narração e nada de parentheses.

—Esse homem escolheu um secretario; que secretario! era um homem de aço! Pensa que por ser de aço cortava acaso papel no seu mister de secretario? Enganou-se. Tesoura tinha elle na lingua, que a ninguem respeitava; o homem não era de qualquer aço; era aço rijo, forte, de fina tempera; era aço de *cortar ferro*.

Vejam la que secretario!

Chamavam-no portanto *Corta-ferro*. E ás vezes tambem cortava aço.

Ora eu lhes conto:

Corta-ferro tinha uma paixão cega pelo dous de paus que julgava parecido comsigo; namorava-se das sotas; beijava amigavelmente o az de copas, era emfim amante das cincoenta e duas que, não obstante, o mandavam de continuo á tabua.

Não sei si percebem?

—Quer dizer que Corta-ferro jogava e perdia?

—Isso mesmo; gosto de andar por cima de quem me intende.

Corta-ferro uma vez tanto jogou que até a espada jogou. Official militar sem espada é padre sem breviario, isto é a relaxação em pessoa.

Corta-ferro, orgulhoso, querendo passar por serio, sahindo da baiuca e tendo de apresentar-se a superiores, não tinha uma espada, e sem ella não era possivel apparecer. Recorreu a um companheiro e obteve emprestada uma espada.

Tendo com que, quiz *desforrar-se*; foi ao jogo e perdeu de novo. O dono da espada levou tempos longos sem ver Corta-ferro; ao encontral-o pediu a espada, elle deu desculpas, e em desculpas ficou o dono sem ella, pois Corta-ferro *passou o aço* na espada e *cortou-a*, apezar de ser tambem de aço; eis-aqui porque dizem que Corta-ferro tambem....

—Faz escamotagens?

—Não; homem.... tambem corta aço.

Pois bem. Pau que nasce torto tarde ou nunca se indireita, não é?

—Assim dizem.

—Logo quem tem cabeça de pau nada aprende.

—Que logica na conclusão!

—Agora, si são capazes, malhem la em ferro frio! Bem vêem que por mais tacadas que apanhasse, por mais couces que os paes lhe dessem, Corta-ferro nunca poude ficar limado; aço forte, homem bruto.

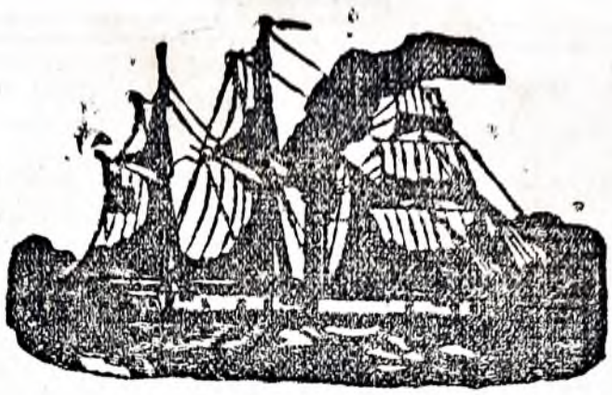
Atrevido, impostor, orgulhoso, fofo, intractavel, detractor, ladrão, jogador e bebado, foram os principaes dotes de Corta-ferro. Por miseria daquelles tempos (todo tempo é um; não ha nada novo debaixo do céu, diz a Biblia) por desgraça daquella era, Corta-ferro, que ninguem sabe donde veiu, foi soldado e de soldado foi subindo... ☞ monturo que foi se erguendo.....

Com elle foi crescendo o atrevimento, que nunca o impediu de borrar as calças, quando apenas ouvia o ribombo da artilharia e do mosquete que annunciavam a morte de uns e o triumpho de outros.

Pudera aqui largamente historiar a vida de Corta-ferro, mas a historia não é delle, e ficará para outra occasião. Tracta-se presentemente de quando chegou elle a secretario do commandante das armas.

(Continúa.)

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 27 DE JANEIRO DE 1866. SERIE 1.ª—N.º 3.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de janeiro de 1866.

Officio á empreza da limpeza, participando-lhe que a ladeira do Pilar, está no mesmo estado em que se achava, antes de haver limpeza; convindo portanto que lance a mesma suas vistas para alli, pois não é possivel que os moradores de SantoAntonio que pagam 500 rs. mensaes continuem a receber exhalações miasmaticas pagando tambem a provincia 80 contos annuaes.

E' preciso que se não zombe do povo que tem o direito de saber em que se gasta o seu dinheiro.

—A' mesma, perguntando-lhe si não tem tenção de remover a enorme ciscalhada que está no Barbalho, desde que a limpeza é.... *limpeza*.

—Em sessão de 29 de novembro p. p., a camara decidiu, sob parecer do Sr. Dr. Almeida Couto, que se désse com urgencia ordem ao engenheiro para tratar de dous canos, *focos permanentes de infecção*, um á rua dos Carvões, outro ao Boqueirão.

Dous mezes não tarda completarem-se e ninguem sabe si o engenheiro já sentiu o cheiro de taes canos, isto é si já os examinou; o que é certo é que jazem pacificamente no *sicut erant* e assim até que Deus se amercie de nós.

—Venha ca, amigo velho; onde está morando?

—Lá mesmo: rua do *Archanjo*, n.º XVI.

—Bem pena que ha de ter o tal *Archanjo* de pesar na balança as vezes que V. castiga barbaramente a crioulinha?

Quantas lagrimas não terá elle derramado por sua alma que lhe escapa e que o demonio lhe leva!

—Capitão, a negrinha, além de tudo o que faz, deu em fugir.

—Mas era motivo sufficiente para V. fazer da negrinha uma chaga-viva e pôr-lhe em cima pimenta?!

—Si era ou não, sei-o eu.

—Não se ponha com arremessos; si lhe fallo é por que quero favorecer-lhe; conheço o *Bastos* e elle pediu-me que fallasse com o *João* que o *José* me disse que era V. afim de ver si podia contel-o a esse respeito mesmo.

—Importa a mim ninguem? Do que é meu posso eu dispor como me aprouver.

—Mas ha de importar-lhe o muxingueiro, atrevido.

Falla-se-lhe com boas maneiras, dá-se-lhe um conselho e V. não agradece!

Olá rapazes, deixem ahi este diabo amarrado, ao menos para livrar por algum tempo a negrinha das unhas deste *bom* senhor.

—Capitão, aqui está um sujeito, criminoso de leso-*Alabama* e preso em flagrante; este velhaco abriu a velha e podre cloaca que lhe serve de boca e vomitou quanta porcaria tinha dentro de si; causou nojo aos circumstantes. Eu porem fui-lhe direito á gola da farda, escovei-lhe o pello e a pontapés nas nadegas o trouxe até aqui.

Olhe a cara deste patife! Pareces um grande cousa, quando este teu bigode serve apenas para te dar similhança com o carrasco.

—Ora venha ca, sor maganão! Que aggravos tem desta gente de bordo para offendel-a em publico? Diga, falle, ande, vamos com isso!

—Eu nada disse, nada fallei.

—Nem ja tendo sido marinheiro, respeita os superiores!

—Eu nunca fui marinheiro, protesto contra a calumnia.

—Oh! patife que é que dizes?! Pois para contares antiguidade de serviço não tiraste certidão do tempo de grumete e marinheiro para documentar tuas petições?!

Pensas que te não conheço!

Ora vou contar-te a vida.

Depois que déste baixa de marinheiro foste sentar praça na policia; moravas então na ladeira da Praça, n'um quartinho d'uma loja, sobrado do commendador Motta.

Chegaste na policia a furriel e déste baixa por teu mau comportamento.

Sentaste praça no batalhão dos 3, commandado por L. *Francez* embarcando para o sul, foste castigado, ainda por teu mau comportamento

Mudaste de batalhão., e não sei porque artes de berliques e berloques galgaste official, na *derrota* de Bento Gonçalves.

—Ai que o homem esqueceu um feito meu na Bahia!

—Não esqueci, não.

Além de muitas ladroeiras, jogatinas e bebedeiras, fizeste o seguinte: Incendiou-se uma grande caza na rua Atraz da Sé e ahi te encheste; roubaste quanto pudeste; até saccos de farinha metteste em caza.

Não é limpa esta vida para quem quer fallar dos outros?

—Capitão, me deixe por compaixão!

—Casaste....

—Alto lá! não tracte de minha vida particular!

—Ainda mostras ter tuas proas de militar fanfarrão. Não me mettem porém medo; assim como vossês entram na privada dos outros, tambem hei de pôr-lhes a calva á mostra.

Casaste com uma pobre senhora, filha de um homem *santo*, sendo testemunhas o *carneiro avô Nicolau* e sua senhora.

Pouco depois desamparaste a esposa!

Não é vida de quem pode levantar a cabeça e occupar-se da vida alheia?

São realmente feitos dignos d'um habito de Aviz!

Só aqui disso se vê! Uma condecoração para distinguir quem tem vergonha, quem é moralisado, quem não é bebado, velhaco, jogador nem ladrão; uma condecoração de merito prostituida no teu peito, tu um homem de tal ordem que nem o castigo corporal te fez tomar geito!

—Isso não, capitão, indireitei alguma cousa, tanto que cheguei a capitão.

—Si a tanto chegaste, safado, foi nas brenhas do *Guaraná*; em Latronopolis, apezar de decahida, não serves nem para a fachina da Correcção.

E nem mais uma palavra; agora quem está em scena é o dignissimo e incançabilissimo muxingueiro.

—Capitão, não deshonre a farda d'um militar antigo!

—Ca, ca, ca, ca! Que escrupulos! não receiou o patife á deshonra quando lhe metteram a *chavasca* no Rio Grande.

Muxingueiro, fogo!

(Continúa.)

A PEDIDO

—Não cessa o mau genio dos inculcados *conservas* de Santo Antonio; depois das injurias e calumnias do *Observador*, continuam a attacar traiçoeiramente o Sr. tenente coronel Dr. Almeida Couto e compromettem os infelizes que a elles se ligaram. E' assim que um *coronel*, querendo figurar de advogado, desce a copista e faz metter na cadeia um infeliz *exaltado*.

Tracta-se do guarda Hermenegildo Antonio da Silva que, preso, representou contra seu commandante, em termos taes que o presidente da provincia expediu o seguinte officio:

«Officio ao commandante superior da capital.—Devolvo a V. S. a representação que me foi dirigida pelo guarda do 4.º batalhão de infantaria, Hermenegildo Antonio da Silva, contra seu respectivo tenente-coronel commandante, na qual se encontram phrases injuriosas ao mesmo tenente-coronel commandante, afim de que V S. em desagravo da disciplina militar, mande proceder como for de lei »

—Fizeram do moço o echo, o canal dos seus rancores, o despejadouro de suas injurias, das infamias que lhes assuberbam os peitos!

—E o pobre do rapaz é que ha de *grammar* na cadeia!

—Que aprendam por ahi a conhecer a gente com quem vivem.

Attenção.

Um pae de familia deseja saber a rasão porque não é punido um celebre Paulo que deshonrou a discipula de sua mulher, que falleceu de desgostos. O mesmo se acha no caso de cumprir as penas da lei ou de casar-se com a offendida, pois está viúvo.

Espera-se do Sr. Dr. chefe de policia prompto andamento e solução a esse negocio que ja se vae demorando muito; S Ex , pae de familia, pode melhor aquilatar do facto e esforçar-se em bem dos infelizes, punindo os criminosos seductores que com a mascara de protectores e amigos abusam da innocencia e boa-fé o levam a deshonra ao seio das familias.

Confia-se na authoridade e na lei.

E deixe estar o Sr. *Paulo* que o *Alves* lhe ha de tomar as contas; juro lho por Nossa Senhora da *Conceição*.

O antolhos-verdes.

(*Continuação.*)

—Vamos com isso.

—Corta-ferro', official militar por artes do diabo, chegou a secretario do commando de armas.

Ahi insultou a quantos tiveram a infeliz necessidade de tractar com elle; muitos suppuzeram que a secretaria se tornara em estrebaria, todos affirmaram que um cavallo alli os maltratara.

Era em tempo de guerra, como ja disse; formaram-se corpos voluntarios; o ultimo destes batalhões que se organisara na terra estava n'um forte; o forte tinha o nome do *Pescador*; nesse forte estava o *deposito;* houve desintelligencia entre o commandante do deposito e o official de estado do batalhão voluntario.

« A's armas!»

Mas ao numero maior tinha de ceder o menor e os *depositarios* recuaram do caminho, pediram paz; o bobo do commandante *depositado* teve de ver vigorar a ordem do official de estado, que fez muito bem em se não deixar desmoralisar por caprichos mal intendidos.

Com ares de menino malcreado que se vae queixar ao papá, o *depositado* foi ao commando das armas e contou a historia a seu geito.

O commandante das armas que era celebre nos *conselhos*, intendeu que pelas leis da *engenharia* se podiam supprir os militares, e mandou o secretario que syndicasse do facto e procedesse.

Ahi é que foi!.....

Corta-ferro tomou a sebosa e ferrujenta farda; enfiou as calças brancas ja avermelhadas do tempo em que estão pendurados ao cabide; calçou os lustrosos sapatos ferrados; affagou com delicadeza e ares de importancia o

grisalho bigode; poz o chapeu á cabeça, metteu na mão uma grossa bengala, chamou o camarada, alteiou o pescoço e sahiu.

Pelo caminho Corta-ferro e o ordenança disseram o seguinte:

Ao chegar lá, grito, ralho, fallo, berro!

—Assim, Corta-ferro!

—Faço e desfaço!

—Assim, Corta-aço!

Temos cousa. Sor major vae fazer patacoada e Deus queira que no meio da brincadeira não lhe fallem na espada.

A esse tempo uma chusma de moleques que se achava na Pieda le, ao ver Corta-ferro, poz-se a cantar:

Na cidade tocou fogo,
Na Victoria repicou:
Minhas gentes, venham ver
Corta-ferro que chegou.

E nesse gosto acompanharam Corta-ferra até a porta do quartel para que elle se dirigia.

Corta-ferro suava, mordia os beiços, rangia os dentes, dava patadas, mas... era preciso em todo o caso manter a dignidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do commando das armas que a tanto chegou....

Entrou no quartel, lançou um derradeiro golpe de vista sobre os moleques, mediu-os. Os moleques o ficaram esperando, e a elles contou o ordenança que pelo caminho o major resmungava que havia berrar e fallar muito.

Corta-ferro foi bem recebido, como era de esperar de moços illustrados que envergam a farda so por amor da patria. Mas em compensação mostrou para quanto prestava Imagina uma reunião de pessoas limpas, entrando na salla um porco, a bater-se, a salpicar lama em todos, a roçar-se nos que encontra? Comprehende o que é acariciar um cão ou um gato e receber em resposta uma dentada ou uma arranhadella? Foi ainda mais. Os capadocios por pilheria, ao dar-se-lhes a mão para apertarem, apresentaram o pé; foi ainda mais do que isso. Figure um beijo correspondido por uma bofetada!

Corta-ferro foi insultando o offi i [que lhe fallava, fallou logo em subalterno, lembrou sua superioridade, e sem rasão prendeu o moço que errou em não prendel-o por ir insultar um official de estado, que é cousa muito superior a um pobre major, reformado, cheio somente de proa e de falta de vergonha.

Felizmente a ordem do paraguayo burlesco teve de ser revogada; quem lá o mandou viu-se obrigado a cumprir seu dever, deixando de satisfazer imposturas e caprichos de militares sem succo.

Mas sim; dada a ordem de prisão, Corta-ferro sahiu e affagado pela ideia de sahir triumphante, de ter prendido o official, nem se lembrou dos moleques.

Mas os moleques lembraram-se delle; ao vel-o, bradaram de novo:

Na cidade toca fogo,
Em S. Pedro repicou;
Minhas gentes, venham ver
Corta-ferro que chegou.

Eu faço, desfaço,
Eu grito, eu berro;
Fora desfructavel,
Chô Corta-ferro!

Corta-ferro, furioso com a recepção que lhe prepararam, julgou não merecida aquella ovação e, a galope, metteu-se em casa, d'onde, si fosse na epocha presente, eu pedia a V. Ex. que o mandasse tirar pelo muxingueiro, que é na verdade bom rapaz.

Deo gratias.

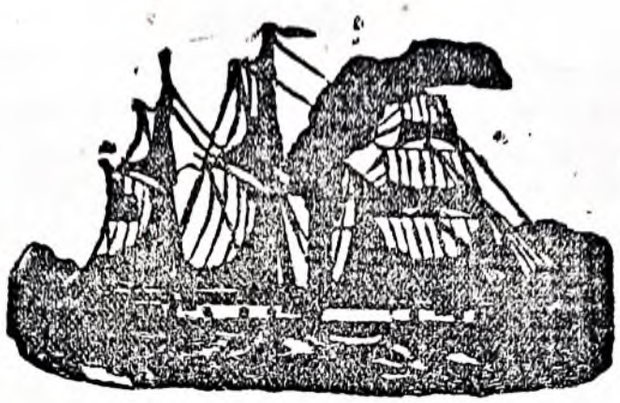
Ora V. deixa as historias no meio do caminho!

—Capitão, prometto a V. Ex. dar á luz o segundo volume. A historia é comprida.

(Continúa.)

Sr. official *por contade*, porque não vae levar os 20$ rs. daquella *transacção* no Porto do Bomfim?

Quer primeiro que se lhe ponha a calva á mostra? Será satisfeito, si não der solução do negocio em tres dias.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 31 DE JANEIRO DE 1866. (SERIE 1.ª—N.º 4.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande o morador ou o proprietario da caza n.º 51 á ladeira da Mizericordia, concertar a bacia da varanda da dita caza que está em estado de desabar na cabeça de quem passa.

Não é o primeiro pedido nesse sentido que se faz á Illma., sem ser-se attendido; todavia insiste-se em lembrar taes ninharias.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que dê providencias para que os moleques não continuem a atirar pedradas, da praça D. Isabel para a ladeira da Mizericordia.

Espera-se que este pedido seja attendido, á vista da gravidade que encerra; bem que se reconheça que a nação paga a quem alli deve ter cuidado de taes cousas.

—Capitão, não sei si se lembra de um santo.....

—Nunca li o Flos sanctorum.

—.... muito milagroso.....

—Santo Antonio?

—Não, Sr.; um santo, cuja vida, cujos milagres foram narrados aqui a bordo....

—Tenho lembrança confusa de uma cousa dessas.

—Um que fez milagres de *queijos e borboletas*.

—Ah! sim! S. Calombreiro!

—Justamente. Naquella minuciosa resenha escapou um milagre, que desejo contar hoje *ad majorem Dei gloriam*.

—Diga la isso!

—Havia um negociante que vendia bilhetes de outras terras; tinha dinheiro, porém quanto mais tinha, mais desejava e foi ter com Calombreiro para ministrar-lhe *um meio*. Que faz o santo?

Pediu-lhe os bilhetes que vendia, indicou taes e taes, disse que vendesse uns e guardasse outros, e succedeu o seguinte:

Quando chegou o barco trazendo a noticia (não se usava vapores) os bilhetes que o negociante guardara sahiram premiados, e todos os que vendera brancos. Ficou assim o negociante com dinheiro e S. Calombreiro com esta de mais.

—Ora vivorum!

Destes milagres ha muito quem faça.

Em Latronopolis ja houve menino que recebia noticias, por um vapor extraordinario, dos bilhetes premiados;

guardava os bilhetes que tinham premio e vendia os brancos; acabados estes, vendia os que tinham o mesmo dinheiro, porque ganhava a commissão; e os mais guardava no bolso, até que chegasse o vapor esperado.

Isto sim, isto é que é fazer milagres!

—Bem vê que era o dinheiro ficar em casa sem ser preciso resar responsorios, nem consultar beatos.

—Não tem duvida! Os escamoteadores são mais *finos* do que qualquer santo; o diabo é a policia não cuidar delles com o esmero com que o devia.

—Mais moeda falsa.

Ao passo que embarcou para Fernando de Noronha o infeliz João da Costa Junior e aqui ficaram tantos ladrões, seus socios e instigadores, estes davam fogo ás forjas.

E dous infelizes é que vão *gramar* na cadeia: um José Christino e um tal Sampaio, a quem Deus dê juiso para não cahirem em outra.

—Mas que novidade é esta?, explique-se.

—E' que foi cercada uma caza ao Sudré, e nella foram encontrados os utensilios necessarios para o fabrico da moeda de prata e algumas moedas. Consta que ja andavam em circulação. A fabrica tem filiaes, e ha caveira de burro na cousa.

—Ora vamos ver em que dá.

Sempre que certa gente está na policia, ha moeda falsa! Dir-se-ha que os taes moedeiros gostam de dar aos taes chefes occasião de prestar serviços. E' boa a occasião para o Sr. Dr. Junqueira mostrar para quanto presta.

—Embarcou hoje o presidente de Sergipe.

—Quem?

—O Sr. *Pereira de Moraes*.

Um batalhão prestou-lhe as honras devidas.

—Leu uma noticia que vem no *Jornal* sobre um cão?

—Não.

—Pois leia; é de 27 do corrente.

—« Corrada! —Pedem-nos a publicação do seguinte:

« Hontem chegou da Estiva (municipio de Jaguaripe) uma mulher maior de 80 annos, remettida pelo juiz de paz ao governo.

« Essa infeliz vem toda mordida por cão, e em estado que causa horror. Chama-se Mariana, e é objecto de uma representação, que ja existe em poder de S. Ex. contra o dono do cão, pois que, sendo autoridade, assistiu impassivel a quantos estragos soffreu a octogenaria e indefesa mendiga.»

—Que coração!

—Eu só quero ver que providencias se dá. Ha poucos dias, um cão, no forte do Mar, mordeu um capitão inglez; houve reclamação do consulado e a presidencia ordenou ao dono do cachorro do forte do Mar que o prendesse.

—Devia officiar á camara para que o mandasse matar e multar o dono.

—Talvez a Inglaterra o reclame; mas a infeliz da Marianna, pobre velha tabarôa da Estiva, quem por ella tomará interesse?

—A moralidade publica.

A PEDIDO

—Si V. tivesse um parente que *por graça* désse um tiro n'um rapaz honesto; si a familia do *brincador* interviesse para que não houvesse processo, com promessa de certo emprego; si o *ferido* viesse reclamar o cumprimento dessa promessa; si o *rei* lhe observasse que não podia ser *por ora*, em quanto o doente estivesse de muletas; si depois disso, a dous mezes, nunca mais o infeliz pudesse fallar com o *rei* que é parente de quem deu o tiro; si por tanto, a dous mezes, o *rei* evitasse fallar com o desventurado que lhe ia lembrar a promessa; —pergunta-se: Esse *rei* mereceria consideração de quem presasse a fé de cavalheiro?

Da-se quinze dias, ao muito, para qualquer expender sua opinião a respeito.

—Tem visto o novo commandante das armas?

—Tem reformado alguns abusos; é militar de mão cheia.

—E homem honesto, respeitavel por seus principios e precedentes.

—Deus o guie na senda por que tem de trilhar!

—O *Pharol* diz:

O Sr. G. Dantas primo do presidente, dizia ás mães dos recrutas: Sou filho das selvas, *bruto*.

O Sr. Manuel Dantas, presidente dizia: *Sou pedra*.

São dous homens, por amor da patria, descendo da escala que Deus lhes assignalou: um homem passa a *irracional*, outro a pedra, a *mineral*.

—Falta somente quem aproveite os *vegetaes* para dar clysteres a quem não tem juiso.

Não se pode aturar este maldito Beiço-rachado!

Ha de trazer constantemente a visinhança incommodada com suas borracheiras!

Embriaga-se na rua, e vae para casa espancar a pobre senhora, a qual não podendo com semelhante tratamento que lhe dá o bruto, grita, brada por soccorro, corre para a rua e foge para a casa do pae, e Beiço-rachado vae tomar a nova mona!

E um patife destes apadrinha-se com o nome de casado, para praticar quanta maroteira ha, contando com a isenção da lei!

—Capitão, os homens mudaram de resoluçao.

—Que homens?

—Os taes que inculcando-se queriam offerecer uma espada ao Sr ex-commandante das armas engenheiro.

—Mas que resolução tomaram?

—Em vez da espada, dão uma commenda de brilhantes.

—Olhe que são na verdade mui *brilhantes as ideias* do Sr. Guaraná!

Gratifica-se com um pergaminho manchado, a quem der noticia de um Dr. que *escamoteou* um chapeu de sol, n'um baile que houve em *S. Thomé*.

O Dr. toca-bomba.

—Capitão, é necessario deitarmos o navio em direcção ao theatro de Latronopolis.

—Porque?

—Por causa das injustiças que ja principia a fazer a nova empreza.

—Que injustiça fez?

—Demittiu um nacional para admittir um estrangeiro!

Que estrangeiro!

—E' mau o homem? E' tratante?

—Informe-se, capitão, dos botequins, das tavernas, dos hoteis.

—Que quer dizer com isto?

—Quero dizer que o novo empregado, além de ser estrangeiro, é um grande beberrote.

—Pois vou ja mandar pôr o navio em direcção ao theatro, para intender-me com o tal *Vicente Ferrer*, e saber a razão porque se demitte um empregado antigo, para admittir um estrangeiro!

—Eu quero ser examinador em francez, na academia, e si o *homem* me nomeia, defendo-o na gazeta com energia, ordem, liberdade, e segundo os preceitos da *Constituição*.

—Isto é que é intender!

—Em quanto pretendo, finjo-me amuado; como me disseram que o negocio vae melhorando, dei-lhe um toque, fiz uma defezasinha. Si *trasteja*, não é só o *Alabama* que tem rodizios; eu com minha *fragata*, escangalho o governador.

—Isto é que é intender, repito; não tem duvida! andar assim que é bom andar....

Recommenda-se a certo major reformado que tem o apellido de certa droga do Pará, que procure defender ao seu *honrado amo* por modo que não offenda o *Alabama*, tema-se da sua artilharia, veja que nem de leve lhe toquem as buxas de suas peças nas costas pois

estas não são como as chibatas do batalhão quando praça de pret.

O aspirante João de Deus.

—Frito e assado!

—Peixe podre.

—Oh! *frito* e *assado* quer dizer peixe podre?

O *portuguez* em Latronopolis é differente do que se falla no Ceará.

Quando cheguei aqui ouvi gritar: aipim fubá; pareceu-me tudo, menos lingua portugueza; perguntando o que era disseram-me que era o que no Ceará se chama macacheira macia.

Agora ouço *frito e assado* e V. diz-me que é peixe podre; é celebre! preciso apprender a lingua.

—Nem precisa, nem é celebre; mais celebre é o que por aqui temos.

Nesta terra, as negras compram o peixe aos figurões e o vendem a todos; os figurões elevam os preços, as ganhadeiras tambem; os figurões demoram o peixe em terra, as ganhadeiras ainda mais; quando começam estas a vendel-o, está quasi podre, e podre fica com a continuação da vendagem; quando por podre, ninguem o compra, ellas o assam e vendem-no; ao peixe assado chamam ellas frito e assado que é synonimo de podre, por que sem esta qualidade ellas o não assam; bem vê portanto que não é preciso diccionario para intender o que eu fallo.

—Bem; mas admiro-me d'uma cousa, é consentir-se *nisso*, quando devia haver quem velasse pela saude do povo, quem fiscalisasse os viveres etc.

—Pois não ha? O claviculario é inexoravel; farinha podre elle não poupa, mas o peixe!... mettam-se nisso!

Supponha V. que o empregado da saude é irmão de um dono dos peixes: que outro dono é o principal.....que deste recebe-se ordens; que o reino não se pode dividir contra si; que só doudos se suicidam; e que ha ainda muitas outras razões, a principal das quaes é serem todos os *pescadores* figurões; e diga-me si ha outro remedio sinão a gente ficar a comer peixe podre e carissimo.

—Bem faz a camara da Bahia; não deixa *todos* venderem farinha por causa do *monopolio*, diz ella, ou alguem por ella.

—Aquillo sim! é de respeito a respeitar!

A outra faltou á fé dos contractos, não cumpriu o que prometteu, e deu licença a pae Gaspar para proteger a humanidade, vendendo farinha a granel.

—Gaspar feliz, não ser eu da tua raça, para, mettido n'alguma *barroca* ou *barraca*, gozar dos beneficios deste municipio que tanto te deve!

—E em quanto V. fallava aquella carcundinha que é escrava do barão do *Rio Sanguineo*, já vendeu o peixe todo!

—Povo, sentido nas tripas!

Enigma.

Trazia no bico a *pomba*
Verde ramo de oliveira;
Em vez de tornar á arca,
Metteu se a pelotiqueira.

Fez *posturas*, poz seus ovos,
De nove a conta inteirou;
Poz-se choca, mas a raça
Nos ovos toda gerou.

Agora, de envergonhada,
Finge que não pode andar;
Que importa que a chamem kagado
Ou preguiça a caminhar?

A bicha nem quadrumano,
Nem reptil se tornou:
Apenas de linda qu'era
Em pomba choca ficou.

Foi so este o resultado
De metter-se em pelotica;
Sempre mal succede a quem
No seu cantinho não fica.

ANNUNCIOS.

Na freguezia de S. Pedro Velho, rua dos Curraes nº 33 indo para os Barris, preciza-se fallar com a Illm.ª Snr.ª D. Caetana Silvestre Lisbôa, para negocio de seu interesse, e por se ignorar a morada de S. S. é que se faz o presente annuncio.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.

O

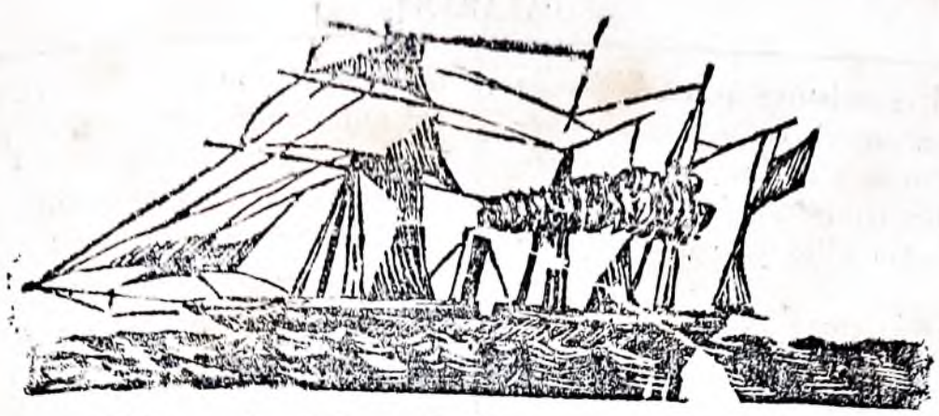
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 5 DE JULHO DE 1866. SERIE 7.ª—Ns. 68 e 69

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de julho de 1866.

Não ha expediente.

—Ora dê-me noticias suas; quasi não torna!

—Apreciei bem para poder contar. Do bando ja sabe· pequeno, mas em ordem; apenas mascaras de spirito—dous balões enormes, um cabeça maior que o corpo e um macaco. O vapor *Amazonas* foi uma ideia sublime e louvavel; bem eqvipado, salvava de quando em quando e cada portinhola representava um logar memoravel de nossas victorias no Prata; á noite esses nomes estavam illuminados e representavam as cores italianas e brasileiras.

—Tudo isso é sabido.

—Um dos encanadores do gaz no palanque atirou nesse dia um foguete que foi estourar dentro da venda por detraz do palanque; um guarda de policia prendeu-o, mas os companheiros tomaram-lh'o da mão.

—Adiante.

—A chuva fez as todas no dia 2; talvez por ella chegaram os carros ás 3 horas da tarde; não obstante a guarda nacional apresentou-se luzida: o 5º batalhão não compareceu; dizem que não houve quem o quizesse commandar; que o commandante deu parte de doente , o major fez o mesmo (e foi ao Te-Deum). Pregou, ao Te-Deum, o Revm. conego Rodrigo que recitou um brilhante discurso, de que muita gente não havia gostar; a elle compareceram o presidente, o chefe de policia, o commandante das armas, apenas tres vereadores, os membros das ordens religiosas, menos os do Carmo e cinco conegos; *o* corpo consular não compareceu !.... tanta importancia deu á primeira festa nacional da terra em que reside!....

Houve descargas e vivas e seguiram os carros para a praça dos Veteranos; havia porém quem quizesse que fossem elles á Piedade; houve pequeno disturbio que serenou seguindo elles a seu destino.

A's noites tem havido illuminação o theatro.

A camara apresentou uma linda illuminação; mas a relação nem colchas deitou e contentou-se com cinco lanternas.

Indifferença tem havido muita; os vivas são mal correspondidos; no dia 3 ao descerrar o commandante das armas a effigie de S. M. ninguem respondeu aos vivas; e havendo nesta terra tanta gente que figura, que mama

da patria, não houve ás 10 horas da noite quem encerrasse a effigio imperial; prestou-se a isso um filho do capitão Hemenegildo que deu dous magros vivas,tão altos que ninguem ouviu-os.

Faça ideia como foram correspondidos.

—Outra cousa.

—Barulhos tem havido poucos (graças a Deus) e de pequena monta.

Na noite de 2 porém dous moleques, um dos quaes escravo do Sr. Pereira de Albuquerque, deram uma furiosa cacetada n'um negro que o deixaram por morto; felizmente foram logo presos e tinham do tomar destino visto que passavam por forros; os senhores porém apresentam-se e não sei si irão á taca.

E disse.

—Novidade, capitão.

—Diga.

—O Sr. Leão Velloso, Exm. vice-presidente desta provincia, tem o poder de *desanojar* os funccionarios publicos.

—Que diz, homem?

—O Sr. Dr. chefe de policia, tendo fallecido seu pae, participou a S. Ex. o estado em que se achava, pedindo a nomeação de um substituto; S. Ex. respondeu que *tinha por conveniente desanojal-o* e que continuasse no exercicio do seu emprego. Então?!

—Destas só se despregam da cachola do Sr. Leão. Talvez pelo nome S. Ex. julga-se arvorado em dictador e usurpa até as funcções do corpo legislativo, elle um simples executor da lei escripta. Mas que quer? Aqui pode se fazer tudo, nesta terra para ser feliz basta ter animo.

—São muito interessados pela companhia do gaz os empregados della; de vez em quando apagam a illuminação ás 3 horas da madrugada e deixam tudo em trevas.

—Onde é isto?

—Em qualquer parte; é dar-lhes o destino, algum pagode para que precisem fazer viagem de madrugad , vão aos lampeões apagam-os e empinam-se; são entretanto duas horas de luz furtadas á população que não tem honras de coruja para ver no escuro.

—Cousas da terra, rapaz.

—E' um desaforo, um escandalo; parece que o quarteirão não tem inspector, que a freguezia não tem subdelegado.

—Onde é isto?

—E' na Mangueira, caza do Sr. barão de Passé; reunem-se uma sucia de peraltas e vadios e incommodam a visinhança com assuadas e vozerias; todas as noites ha cantorias, toques de violão e por fim samba; ás vezes formam-se em linha de atiradores e dirigem-se reciprocamente chufas pesadas e experimentam quem da *bufa* mais alto; a visinhança mal pode chegar á janella.

O Sr. subdelegado (que teve ha poucos dias queixa de que um delles raptara e deflorara uma sua filha a qual consta la foi encontrada e está depositada) deve fazer o mais possivel por acabar com aquelle foco de immoralidade; depois S. S. deve ter em vista que ha na visinhança uma caza de educação de meninas, que não deve ter presente tão lindo espectaculo.

Tome S. S. o exemplo do subdelegado dos Mares que acabou com os sambas e pandeiros do Uruguay; energia no caso; a maior parte destes sujeitos vem corridos de Itapagipe donde os tangeu o subdelegado; imite seus collegas, rua com elles!

—Capitão sabe d'uma cousa? No dia 27 passava eu pela rua Direita de Palacio quando a sentinella do Catundú deixou cahir a arma e cahiu tambem. Indagado o caso,era um guarda do 11 que tinha desfallecido de fome; não comia desde a vespera!

—Occulte certas miserias!

—La está a escangalhar-se a estrada de ferro com os seus trens! No da Pojuca é preciso um concerto radical,

uma obra nova, dizem que avaliada em 600 contos.

—Bem que clamou o engenheiro fiscal!

—E dizem que assim mesmo foi illudido; que devendo ser todo o tunel arqueado, arquearam somente uns 400 metros da parte inferior; que o peso da terra ia abaixando a *droga*, mas que se remediava a cousa, admitindo-se á noite trabalhadores para abaixarem tambem as silipas.

—E o transito impossibilitado! e os dous por cento garantidos!

—*Ah! goodman*!

—Embaldo se clama, embalde se reclama, o deleixo continúa: eu nunca vi nada de tão relaxado como o serviço da limpeza.

Ha mais de quinze dias que não passa um carro na ladeira dos Gatos! A ladeira está em pessimo estado, porquissima, e o Sr. Costa Guimarães frescando e engordando á custa do povo que sustenta tão grande pansudo!

—Pode fazer o que quizer; a terra é delle.

—Sahiu a luz o periodico *Aurora*, scientifico e litterario, propriedade do Sr. Franklin Cezar da Silva Lima.

—E' digno de animação. E' de crer que os homens de lettra não deixem desamparado o aspirante que se esforça para servir a seu paiz.

Deus lhe dê longos annos de vida e prosperidade!

—Capitão, acabou-se o tempo em que os tabareus comiam acaçá por canjica; hoje estão sabidos, atilados que admira.

—Melhor para elles.

—Ouça V. Ex. este pedaço e admire o espirito de um delles. No dia 23 do pp. vinha eu pela Calçada e vinha tambem um tabareu conduzindo um cavallo carregado de carvão; passa por elle um sujeito do commercio, moço engraçado e diz-lhe:

A como vende a vara de fita?

O tabareu com o maior sangue frio, levantou a cauda do cavallo e respondeu:

Entre aqui nesta loja e pergunte ao caxeiro.

O sugeito amuou positivamente com a pilheria, em quanto eu rindo-me dizia:

Eisahi o que se chama buscar lan e sahir tosquiado.

—Esta foi na verdade de cajulcorum

—Mais uma lecção aos conquistadores, ás nações insolentes. A Hespanha anda presentemente a fazer caretas ás antigas possessões d'America, e assim como bombardeou Valparaiso, intentou bombardear Calhau. Os peruanos porém estavam prevenidos e com tres pequenos vapores e suas baterias de terra puzeram fora de combate todos os navios da esquadra hespanhola: os peruanos cubriram-se de gloria.

—Que os europeus fiquem sabendo que, apezar de mal fortificados, os americanos tem bastante dignidade e patriotismo para manterem a integridade de seu solo, zelarem a honra de seu paiz, sustentarem a sua independencia, que ja uma vez com sangue conquistaram.

—Olhe que graça!

Hontem houve no palanque barulho serio: um accendedor do gaz encarregado de atiçar alli a illuminação, intendeu que devia permanecer de chapeu na cabeça mesmo depois de descerrado o panno; o sentinella implicou com isso, e o homem permaneceu no seu proposito; disso resultou um conflicto. O Sr. alferes Affonso Lariz Pinto veiu em auxilio do seu guarda e quiz com sua espada obrigar o homem a tirar o chapeu; seguiu-se a lucta: imprudencia de parte a parte.

A guarda de honra estava de armas ensarilhadas e debandada; um soldado agarra em uma caixa, toca alarma, reuniu-se a guarda e foi um barulho dos peccados. Felizmente com a presença do delegado o barulho serenou e o homem foi preso depois de muito panno de

espada que levou; si não é o povo, era victima de sua imprudencia porque os guardas estavam desenfreados, e o alferes desforrou-se.

A PEDIDO

Ora vejam este mundo
Como é:
Ao bichinho que faz festas
Pontapé.

Sabe um dia das mattas, foragido,
Leão manhoso;
E' logo gente, bacharel e gazeteiro
Aventuroso.

Depois na *opposição* encontra logo
Pechincha boa:
Magistrado faz proezas, mancha a toga,
O mais atoa.

Presidente, alça a cabeça, mira a juba,
Bichas faz,
Estar em guerra crê o povo quando é tempo
De paz.

Trahe os lados, protegido se apresenta
Por dois;
Mas dão-lhe o que merece, o que na testa
Trazem bois.

Traidor sempre, o miseravel é caixeiro,
Ordens excede
Só p'ra ver si a moxiba a que aspira
Se lhe concede.

Gato-marisco porém que tem ao bicho
Surra ogerisa,
Manda um bambú ao leão que rindo fica
De cara lisa.

Paraná, Paraná,
Vou para o Maranhão,
Eu sou do norte,
Não sou daqui, não.

—Sabe a razão porque o Sr. José Carlos não foi a parada no dia Dous de Julho?

—Não, porque foi?

—Dizem que foi porque o cavallo do digno commandante soffreu um incommodo.

Quem tem seu rabo de palha
Não va o fogo atear,
Que pode alguma faisca
A coivara incendiar.

Quem tem telhados de vidro
Não ande a jogar pedradas,
Que pode um dia de chuva
Ficar de telhas quebradas.

E então ver-se apertado
Quando em casa lhe bater
A chuva, e tudo innundado
Não tiver p'ra onde correr.

A prudencia aconselha
O não cuspir para o ar
P'ra não ter o dissabor
Da propria face sujar.

Si estamos n'uma terra
Onde todos se conhecem;
P'ra que catonismos podres
Que ao menor sopro esvaecem?

—Então donde vem?

—Venho de *Matatuim*, escandalisado. *Nosso Senhora* tenha *piedade* daquelle vigario!

—Mas que fez o vigario e quem é elle?

—Pois não sabe quem é! Aquelle sujeito que dava-se muito com o *Manuel Joaquim*...

—Eu sei lá quem é tal firma.

—Aquelle sujeito que morava junto do *Andrade* naquella rua que tem um *rego*.....

—Vire folha; que fez o vigario?

—E' um devasso de primeira ordem; metteu na caza em que mora com a amasia uma negrinha do Teixeira Barbosa; aquella percebendo foi espial-o, preparada de tições accesos; o vigario receiou e miseravelmente prostrou-se aos pés da negrinha para que não fizesse barulho e sahisse calada; houve-o comtudo entre elle e a Vitalina que não deixa de reclamar seus direitos.

Agora vae elle celebrar missa n'um logar *brochado*, afim de continuar a merecer as graças da negrinha Emilia, escrava do commendador; baratea assim ridiculamente o sacrificio da missa!

La pela *freguezia* o meu vigario tem ainda outras distracções; a filha de um pobre sapateiro é o alvo de quanta immoralidade imagina o sotaina que parece nunca ter conhecido o sentido da palavra moral.

—Boas lecções para o rebanho.

—Ainda não contente, illudiu uma negrinha Faustina, fechou-a em uma

sensala e quiz forçal-a;a rapariga para safar-se deu-lhe uma tremenda bofetada e foi-ao.

—Desta vez fugiu-lhe o peixo do anzol.

—E depois anda se dando a desfructe: é um bobo ridiculo.

Por ter um moleque que vendia pão offerecido a Emilia dez tustões, o vigario, ao encontral-o, disafiou-o.

Si não apparece quem apparte o barulho, o vigario ficava convidado.

—Está doudo o homem;aqui a bordo ha commodo para esta especie de gente. O' aspirante dê as determinações para que venha á minha presença o vigario de Matatuim.

A nossa guerra vae mal,
E peior o ministerio,
Vae tornar-se o caso serio
Pelo signal.

Do progresso fez a luz,
Maravilha dos ligueiros,
Que querem ser os primeiros
Da Santa Cruz.

Mas desses que taes judeus
Liberaes e progressistas,
Em politicas conquistas
Livre-nos Deus.

Antes o conservador
Assuma ja o poder,
Porém que não venha a ser
Nosso Senhor.

Porque pelos bons esforços
Que faz na opposição,
Mostra ser amigalhão
Dos nossos.

Embora pareça amigo
Da gente de Portugal,
Ser áno dia fatal
Inimigo.

Pela santa egreja madre
Que creio na redempção,
De qualquer escravidão,
Em nome do Padre.

De Pedro o povo caudilho
Que veiu para o Brasil
Tenta na patria gentil
Do Filho,

Porém não ha de ser tanto,
Que quando tal aconteça
O fogo nos favoreça
Do Spirito Santo

Brasileiros, eia sús!
Maldição ao ministerio
Que acabe no cemiterio
Amen Jesus.

C.

—Capitão,ainda o Rei dos moleques.

—Arre!

—A tia era zeladora de N. S. dos Mares e guardava em caza os aneis e mais joias da mesma; Salú, quando bispou-os, foi immediatamente a elles, e em vez de mettel-os nos dedos metteu-os no peito.

—Oh! que ladrão descarado!

—Outra. E' director de uma salla de dança la para a freguizia de S. Pedro; houve no domingo uma outra reunião na mesma freguezia e Salú, dizendo que era a delle, recebeu 5$00 de cada um de dous socios honorarios; á noite foram os moços ao baile e ficaram bastante envergonhados quando lhes perguntaram quem os tinha ali chamado.

—Tambem a culpa não é delle; si não achasse quem lhe désse não comia.

—Os moços sahiram furiosos á procura de Salú, e encontrando-o no Rozario quasi dão-lhe muito trompasso.

—E que fizeram?

—Salú conservou-se impassivel e mudo; ouviu o que lhe disseram com a maior semcerimonia do mundo.

—E um homem destes é para ser director nem fazer parte de nenhuma sociedade?

—Dizem que os companheiros fizeram-lhe a desfeita de despedil-o do baile e que elle entretanto conservou-se com a maior serenidade de spirito.

—Pudera! aquella cara deslavada!

Olha *Firmino*,
Não és menino,
Toma juizo;
Senão chicote
Ou calabrote
Te dará sizo.

Si não te emendas
Não te arrependas,
Cara de vacca
Quando no coiro
Com grande estoiro
Bater-te a taca.

E's insolente....
E por valente
Queres passar
La no Catú;
Que és tutú
A alardear.

—Que desfructe! que spetaculo!

—E aquelle homem não repara que é casado, que aquillo não assenta n'um empregado publico, para estar se ridicularisando daquella sorte!

—Ao menos devia respeitar a moralidade, e ver que aquillo não é proprio de um homem de edade: quem tem 60 annos não é criança, ja deve ter juizo.

—E n'uma rua tão publica como a da Mizericordia, ás 10 horas da noite a quebrar com pedradas as vidraças daquella caza e a dizer tantas asneiras sem respeitar as familias!

Si fosse algum rapaz haviam de chamar capadocio.

—O homem estará maluco?

—Talvez; dizem que tem veia de maluco tanto que ja esteve no Rio de Janeiro, creio que tomando ares no hospicio de Pedro II.

—Isso não, quando elle esteve no Rio foi removido do emprego por causa da falta de um *sello* n'uma conta que apresentou.

—Isso são historias do *Benjamim*.

—O *Velasques* disse-me o mesmo.

—Maluco ou não, alli está o Sr. Santos Martins como um possesso a atirar pedras e a gritar como doudo.

—Quem mora ali?

—E' uma tal D. Rosa.

—Ah! logo vi. Esses velhotas não se enchergam; si hão de pegar em um rosario e ir resar, querem á força desfructar moças bonitas que ja não são para seus bicos.

Leopoldo descarado
Por que não tomas vergonha?
Não temes que o muxingueiro
A taca outra vez te ponha?

E's o tratante maior
Que pisa no Caes do Ouro;
Não sentes mais calabrote,
Ja callejou o teu couro.

Ladravaz como tu és
Pode haver no mundo alguem,
Porem mais é impossivel,
Occu não cobre ninguem.

Em teu lombo vou mandar
Gastar uns cinco mil feixes
De junco, depois no mar
Servirás de isca aos peixes.

—Sr. capitão, isso é desairoso para V.S.; articulando com um pr so, trocando doesto. V. S. não so desmoralisa a si como a seus collegas.

Quando não se tem a energia e força moral precisas para sustentar a dignidade de certos cargos, não é tambem melhor evitar conflictos cujos resultados são o ludibrio e o escarneo dos subordinados?

—E Vm. o que tem com isso? guarde essas etiquetas para si.

—E' por que acho muito feio, e V. S. expondo-se assim ao ridiculo não é só quem sofre.

—Ora deixe isto para batalhões assim como o de *Sant'Anna* e outros; cá a nossa gente é de paz.

—Está bom Sr., quem fallou não está mais aqui.

Houve samba no Uruguay
A vinte tres do passado
Bebeu-se tanta cachaça
Que tudo sahiu melado.

Mestre Paulino ferreiro
Com a viola empunhada
Acompanhava na prima
Uma chula bem tirada.

A Mariquinhas rufava
Com muito garbo pandeiro,
Custodia tirava o samba,
Tocava o samba o Pinheiro.

Miguel Corcunda e Paulina
Respondiam a toada,
De vez em quando tomando
De cachaça uma golada.

Té o velho Nobilat
Ja com a cabeça bamba
Batendo palma gritava:
—Minha gente arrib' o samba.

Sahiu a fazer seu risco
Victoriano tregeitos
Mas co'o *peso da cabeça*,
Tropeçou cahiu de peitos.

Sahiu então o Elias
A fazer seu roda-pé
Da embigada no Victor
E cahe sobre um canapé.

MOTTE

As potencias alliadas,
Com seus bravos e canhões,
Ou tomam Humaytá,
Ou deixam de ser nações.

GLOSA.

O rudo brado de guerra,
Que Solano proferiu,
Echoou em toda terra
Que Colombo descobriu:
Sanhudo como o leão
Esse barbaro mandão,
De tribus escravisadas,
Confiando em seu poder,
Pensou que havia vencer
As potencias alliadas.

Então estas despertaram
Do seu profundo dormir,
E suas hostes marcharam
Para o selvagem punir.
O Brasil, como o primeiro
Sobresahiu sobranceiro
Com mais destros campeões,
Dos mares se apoderou,
E o sólo imigo pisou
Com seus bravos e canhões.

A peleja se travou
Tão grande e tão sanguinosa,
Que d' ella se admirou
Essa Europa tão famosa.
Nossos valentes soldados,
Descendentes denodados
Dos heroes de Pirajá,
Defendendo a patria terra,
Ou morrem todos na guerra,
Ou tomam Humaytá.

São tres povos mui valentes
Que nessa lucta campeam;
Suas bandeiras ingentes
No *Paraguay* ja meneam.
São povos livres e bravos,
Que não temem vis escravos;
Nem bombardas, nem canhões;
São fortes como o occeano,
Ou vencem o vil tyranno,
Ou deixam de ser nações.

A. G. Pinho.
(*Extr*)

Attenção.

Para nossos irmãos feridos em defeza da patria no Sul do imperio.

No Asylo da Misericordia, ao Campo da Polvora, serão recebidos, em qualquer quantidade, pannos de linho velho, para delles se tirarem fios para os feridos dos hospitaes de sangue na campanha do Paraguay.

VARIEDADE.

O sim e o não.

O sim—tem a serenidade da Esmeralda a Cigana.

O não—tem o desespero de Gandula, a emparedada.

O sim—é uma flor que perfuma.

O não—è uma sensitiva que se contrahe

O sim—tem meiguice de uma frauta.

O não—tem a aspereza de uma busina

O sim—tem a simplicidade de uma criança.

O não—tem o estouvamento de uma velha.

O sim—tem a lealdade de Dimas.

O não—tem a perfidia de Judas.

O sim—tem a virtude de Abel.

O não—tem a tyrannia de Caim.

O sim—tem a doçura da sabedoria.

O não— tem o amargo da ignorancia.

O sim—é expansivo como Democrito.

O não—é concentrado como Heraclito

O sim—é o jordão da felicidade.

O não—é oceano da desgraça.

O sim—é a Magdalena que se levanta.

O não—é a mulher Loth que se immobilisa.

O sim— são as palmas de Jerusalém.

O não—são as apupadas do Calvario.

O sim—são os anjos de Klopsok.

O não—é o satanaz de Milton.

O sim—são as vozes dos Prophetas.

O não—são as lamentações de Jeremias.

De um—sim—ou de um—não pende muitas vezes a nossa felicidade ou desgraça. Por isso si eu pedir indulgencia aos meus leitores, respondam sempre que sim—em vez de dizerem que—não—!

Nomes em antagonismo com sa pessoas.

Um Spirito-Santo—que é um perfeito demonio.
Um Candido—perverso.
Um Angelica—terrestre.
Um Franco—mesquinho.
Um Generoso—sovina.
Um Galhardo—cambêta.
Um Clemente—impiedoso.
Uma Barbara—benigna.
Um Salgado—insosso.
Um Guerreiro—inoffensivo.
Uma Branca—negra.
Um Seguro—que não está seguro.
Um Luz—que faz sombra.
Um Ribeiro—secco.
Um Valente—poltrão.
Um Horta—que não da couve.
Um Pimenta—adocicado.
Um Cunha—sem serventia.
Um Gentil—corcunda.
Um Perfeito—aleijado.
Um Modesto—orgulhoso.
Um Rosa—palido.
Um Ventura—desgraçado
Um Prudente—brigador.
Um Benigno—malvado.
Um Grato—ingrato.
Um Trigueiro—claro.
Uma Felicidade—infeliz.
Um Bravo—pacifico.
Um Rico—pobrissimo.
Um Casado—solteiro.
Um Pacifico—turbulhento.
Um Regrado—perdulario.
Um Peregrino—sedentario.
Um Santos—peccador.
Um Bello—feio.
Um Bento—amaldiçoado.

—Hoje 4 de julho, percorreu as ruas desta cidade como no dia do bando, o vapor *Amazonas*, parando em differentes logares.

Uma commissão composta dos Srs. tenente coronel José Lopes Pereira de Carvalho, Custodio Moreira de Souza, Luiz Lopes Ribeiro e major Antonio de Souza Vieira recebia as offertas que faziam para os voluntarios da patria.

Os Srs. Arianis, diz o *Jornal*, que tiveram tão feliz lembrança, abrilhantem-a agora com a philhantropia de que a cercam e que sem duvida será bem correspondida pela população.

—Honra ás almas grandes.

ANNUNCIOS.

Anda fugida uma crioula alta, gorda, um pouco fula, conhecida geralmente por Quiabo duro, quando seu verdadeiro nome é Maria Philippa; tem sido vista pela ladeira do Alvo e immediações quem a prender e levar a seu senhor, será gratificado com duas saccas de farinha.

Vende-se

Um sobrado de um andar com 4 janellas de frente e loja de aluguel com duas janellas e uma porta, contendo em cima salla de frente, 4 puartos, salla de jantar, cosinha fora, dispensa e quintal grande para plantação; na loja contém salla, um quarto e cosinha: em bom estado, edificada em terreno proprio á rua do Bomgosto da Calçada do Bom-fim nº. 57.

Trata-se na casa nº. 40 ou na botica sita a Ladeira do Carmo.

VINHO PURO SANGUINAL.

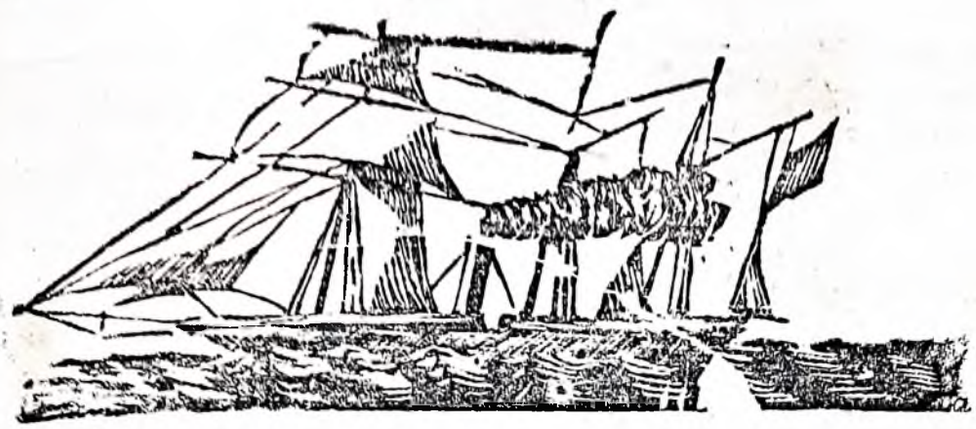
O melhor vinho desta marca que tem vindo ao mercado e de todas as mais qualidades por preço muito comodos, vende unicamente na venda de M. J. Costa Guimarães na Calçada do Bomfim n.º 106 A B C.

Alexandre José Vieira, na ladeira da Misericordia aluga e recebe-os para tratar.

Na rua Direita da Misericordia, n.º 21, 2.º andar, recebe-se roupa para engommar com aceio e promptidão.

Quem quizer comprar uma negra que sabe cosinhar e lavar, dirija-se a esta typographia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 7 DE JULHO DE 1866. SERIE 7.ª—N.º 70

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de julho de 1866.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, para que informe qual a razão porque a força do 8.º batalhão que na noite de 4 do corrente, foi fazer a guarda de honra á effigie de S. M. o Imperador no palanque do Terreiro, marchou sem bandeira.

—No domingo á tarde sae pela ultima vez o vapor *Amazonas*.

—Bom.

—E percorrerá ás seguintes ruas:

Rua de Baixo, rua Direita de Palacio, Ladeira da Praça, Gravatá, Sant'Anna, Desterro, Jogo do Carneiro, Largo da Saude, Nazareth, Barbalho, Perdões, S. José, Solidade, Lapinha, Quinze Mysterios, Marchantes, Carmo, Rua do Paço, Maciel de Baixo, Cruzeiro de S. Francisco, Bispo, D. José, Misericordia, S. Bento, Piedade, Rosario, Mercez, Afflictos, Campo Grande, Canella, Victoria e Graça, e na volta pelo becco das Mercêz, ruas da Faisca, Fogo, Dous de Julho, Areal de Cima, Sudré, Cabeça, Rua de Baixo, & &.

—Ja se está plantando arvores no Campo da Polvora.

—Signal de que está prompto.

—Prompto! Leve-lhe o diabo o nivelamento! Como é que n'uma terra em que ha engenheiro, em que ha governo, se dá por prompta uma obra destas! Está peior do que dantes; quando chove, ninguem pode passar pela calçada nem pelo largo; charcos, atoleiros, agua imbarreada a escoar....viva a patria! vae tudo n'um progresso de rio abaixo que é um nunca acabar.

—Quem tem ouvidos de ouvir ouça; quem tem obrigação de obrar tenha energia.

—Anda por ahi uma mulher ou louca ou roubada; dorme pelas portas das casas, pelos adros das egrejas; queixa-se de seu tio, o capitão Botelho, morador á Calçada, que lhe usurpou os bens, e assim vae andando.

E' louca? mettam-na no hospital; não convém que a honra do Sr. capitão Botelho esteja a ser manchada publicamente, atassalhada por todas as ruas.

E' roubada? Que fazem as authoridades, o juiz de orphãos, que não indagam do facto, que não pesquizam o fundo de veracidade que ha nas allegações da mulher, para conhecerem o verdadeiro criminoso?

Roubada ou louca, o que é certo é que quem anda atrapalhado é o tal capitão Botelho; ainda um destes dias, na porta do forum, a moça agarron-o, pediu seu dinheiro, gritou, fez o diabo;

o Botelho deu graças a Deus quando viu as abas do sobre livres da mão da sobrinha; deu sebo ás canellas e embarafustou-se por um daquelles cubiculos que ninguem mais o viu.

Entretanto o spectaculo continuou, a moça injuriou-o, queixou-se, lastimou-se, praguejou-se e desesperou.

E hontem, nas Portas do Carmo, foi peior; a mulher agarrou o capitão, gritou, os moleques chegaram, tomaram conta do homem e o atropellaram; foi preciso incommodar o Sr. delegado que com alguns guardas os dissolveu.

Esses casos repetem-se quasi diariamente; loucura ou verdade, as queixas da infeliz cortam o coração de quem as ouve.

Porque não dão á infeliz garantia? Por que não dão á louca um asylo onde não possa ver o ente que lhe desperta suas maguas, livrando assim o publico de spectaculos consternadores?!

—Felizmente, consta que o Sr. Dr. João Victor tem tomado a si a causa da infeliz e pretende desenrollar toda essa maeda.

—Honra lhe seja feita!

A PEDIDO

—E esta gente não cessa com tão pernicioso brinquedo! Fazem os capadocios timbre de fazerem o contrario á lei e não se importam que venha o povo a soffrer! Ha pouco morreu um escravo do Sr. Solposto, victima de um buscapé; pois não basta o exemplo?

—Que tem, rapaz?

—Tenho que deve ser multado o morador da caza á esquina da rua Direita do Collegio, não sei si o dono, um tal Ignacio, ourives, o qual soltava foguetes por cima do povo; era seu proposito offender a quem passava; deixava que os grupos passassem-lhe pela porta e pelas costas atirava-lhes os foguetes. A policia deve fazer effectiva a postura e o processo por crime de desobediencia.

—Tambem acho que sim; é preciso que se dê fim a graças de tolo ou malvado.

—Olhe que ha gente que de tudo quer fazer questão.

—Tracta dos carros triumphaes?

—E' verdade. Querem por força que fosse a Piedade o logar delles; mas que é do direito que apresentam os *figurões dalli que tramam* para que os carros lhes fiquem na porta?

Para os carros nunca houve logar certo; occasiões ha em que ficam no Terreiro, outras na Praça e ultimamente na Piedade; desta vez, creada a praça dos Veteranos, que logar mais proprio?

Tanto mais quanto alli é um logar historico; um encontro alli houve entre tropas luzitanas e o inclyto Pedro Jacome; alli era a Opera Velha que tornou-se morada dos bravos soldados do regimento velho e da legião. Depois o itinerario que os carros tem de seguir é feito por logares que symbolisam ou recordam alguma cousa de nossa independencia e historia; assim, os carros sahem da praça dos Veteranos, vão pela estrada da Independencia e praça Dous de Julho, passam em frente ao Tororó onde tambem Jacome bateu-se com os lusitanos, seguem pela Lapa, logar de gloriosas recordações, pelo heroismo das virgens do Senhor que se debateram contra o canibalismo de monstros, que chegaram a assassinal-as á baioneta; chegam então á Piedade: ha nisso ainda uma conveniencia, essas santas mulheres, cujo sangue tambem correu para regar a arvore da liberdade, *vêem pela primeira* vez os emblemas do triumpho, a allegoria de nossa victoria!

—E não é só isso; não é a primeira vez que por ficarem desamparados naquella grande praça da Piedade se tem dado sinistros: arrancam os cravos dos caboclos e muitas vezes tem elles escapado de cahir; eu até ouvi dizer que para evitar esse brinquedo ou desaforo, havia tenção collocal-os na praça D. Izabel, onde ficariam fechados; infelizmente houve *terremoto*, e onde se acham estão muito bem: o pacifico povo da Bahia não altera a ordem estabele-

cida, programmas a que deu assentimento.

Testamento.

Eu Leão Pedro Vellado
Governador desta terra
Vou fazer meu testamento
Como abaixo se encerra

Sou natural do sertão,
Porèm nunca fui vaqueiro;
Sou bacharel em direito
E d'ahi ganho dinheiro.

A gente desta cidade
Deve ser-me mui grata,
Porque saio de palacio
Deixando lá toda prata.

Deixo ao homem da *saraiva*
Em prova de gratidão,
Um logar de senador
Na primeira occasião.

E p'ra que nesta provincia
Possa gosar de conceito,
Vou deixar outro legado
Que lhe sirva de proveito.

Deixo a Chico *Surdo-é*
Coitado, desesperado,
Pois já presente a taboca
E se vê desempregado.

O meu amigo Gustavo
Visto ser homem da imprensa,
Vai em minha companhia
P'ra sustentar nossa crença

Quem me dera qu' eu pudesse
Levar commigo tambem
O nosso Gato marisco
E Domingos aberém!

Por ser firme e circumspecto
E de diversas bandeiras,
Deixo a terceira vara
A meu presado *Figueiras*.

Deixo tambem para elle
Do Pará mui rica prenda
Por haver composto um drama
Que fallava de *legenda*.

Ao João José por pequeno
Quasi que delle me esqueço;
Mas so por aquella emenda
Me merece muito apreço.

Não tendo nada a deixar-lhe,
Escrevo ao João de Souza,
Que apenas aqui chegar
Na não lhe metta uma cousa

Ao amigo *Silva Costa*
Por ser torto e aleijado
Deixo-lhe duas muletas
E o meu chapeu armado.

Item: como elle hoje
Ja possue uma patente,
Deixo-lhe meu espadim
E fardão de presidente.

Ao homem de *Jacobina*
Por ser quasi analphabeto
Deixo as obras do Filgueiras
P'ra ficar burro completo.

Ao Magalhães eu ja dei
Uma boa pepineira,
Comprei-lhe algumas cazinhas
Que tinha em certa ladeira.

O amigo João Gualberto
Não deve ficar zangado;
Ja lhe dei as carnes verdes,
Peça Deus venha *ca gado*.

Ao amigo Dr. Freio
Devo deixar uma herança,
Fica unido ao João Gualberto
Dividam a tal chupança.

Attendendo aos curativos
Que me fez quando assistente
Deixo as obras do remedio
Que tomei quando doente.

Para que o Romualdo
Não fique muito enfesado
Vai commigo té o Pará,
La o farei deputado.

Villa-mansinha que aguente
Impertinencia do Caldas,
Si me deu algum dinheiro
Foi por saber-lhe das baldas.

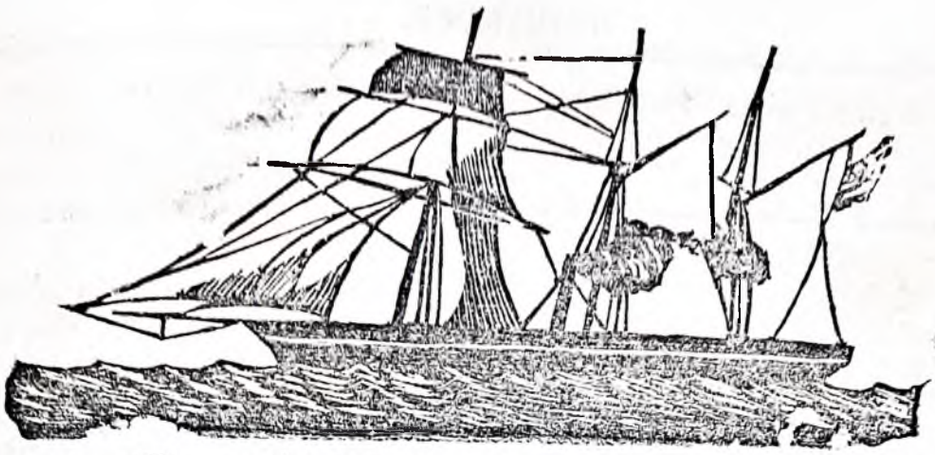
E' um bello auxiliar,
Aproveite-o na eleição;
Pago-lhe todas as dividas
Com officio p'ra o Brandão.

Não querendo que a justiça
Anulle meu testamento,
Deixo ao *Villa-masinha*
Uma egoa e um jumento.

A certo Dr. de quem
A Bahia ja tem asco
Pela figura que faz
Deixo o logar de carrasco.

Ordeno á thesouraria
Que calcule em quanto monta
O roubo com voluntarios
E obrigue Linneo á conta.

Deixo a Mané macriado
Que mudou o barracão,
Em honra a tamanho feito
Um franciscano figão.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 10 DE JULHO DE 1866. SERIE 8.ª—N.º 71

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de julho de 1866.

Oficio ao Ex. Sr. commandante das armas, communicando-lhe que dos 26 massos de cartuxames existentes na guarda do Collegio evaporaram-se segundo nos consta 3, e dos 23 restantes estão alguns cheios de terra e pó de tijollo.

Pede-se por tanto a S. Ex. que mande pesquizar si isso é exacto, e quem são os auctores de similhante magica.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que durante estas noites o Olho-vivo tem andado pelo Castro Neves e arrombado diversas casas, aproveitando-se da ausencia dos moradores que vieram passar os dias de festa de Dous de Julho na cidade.

A' vista do que torna-se de urgente necessidade que S. S. dê suas ordens para que haja alli todas as noites uma patrulha.

—Ao Sr. commandante do corpo de policia provisorio, communicando-lhe que alguns guardas do seu batalhão destacados no engenho da Conceição andaram na noite de 3 do corrente pela Calçada *pintando*: foram á venda de um tal Samuel, compraram traques, tocaram metade e engeitaram o resto ao vendelhão e quizeram obrigal-o a restituir-lhes o dinheiro; dahi foram a venda do Viveiros, comeram e beberam, não pagaram e em cima quizeram espancar o homem; dalli sahiram desenfreados a fazer outras muitas.

Leva-se semilhantes factos ao seu conhecimento certos de que, amigo como é S.S da disciplina militar procurará pôr cobro a taes desmandas.

—Ao Sr. emprezario da limpeza dizendo-lhe que mande carregar uma porção de cisco, monzuás velhos, cacos etc. que estão ha muitos dias na ladeira da Rua do Tijollo encostados á casa da familia do finado conselheiro Gaspar José Lisboa.

—Hontem á tarde foram os carros triumphaes conduzidos á Lapinha.

Foram acompanhados de alguns batalhães patrioticos e de uma immensidade de povo.

—Sahiu tambem o vapor *Amazonas* percorreu, como estva annunciado, diversas ruas da cidade ao som de vivas e foguetes e de um concurso extraordinario de pessoas.

—Na verdade pode-se dizer que foi o que abrilhantou o Dous de Julho este anno.

Sabe em quanto andou os donativos?

—Dizem que para cima de 600$ rs.

—Viva o povo babiano! Vivam as almas generosas!

A PEDIDO

—Sabe que o governo mandou aquartellar como contingente os restos do batalhão de S. Pedro?

—E' verdade; mas consta-me que é uma despeza inutil, por que o tal contingente se compõe unicamente de officiaes e sargentos

Entraram para o quartel no dia 25 dous officiaes, tres sargentos e Deo gratias.

—E agora para fazerem soldados, andam a torto e direito recrutando, a titulo de que o recrutado pertence ao antigo batalhão, e sofre-se o incommodo de ir preso para depois se averiguar si a pessoa é ou não guarda.

—Isso é costume antigo.

—Ouça uma de chupeta.

Hontem 8, prenderam na Praça do Commercio, um homem crioulo, muito conhecido nesta cidade, a pretexto de ser guarda do batalhão de S. Pedro; o homem protestou que jamais pertenceu a tal batalhão. Não attenderam e quizeram conduzil-o; ponderou então elle que aquella prisão era um atropello para elle e lhe fazia grave transtorno, porque sahira a negocio, e em sua casa de nada sabiam; assim que lhe tomassem o nome que elle iria depois ao quartel se justificar, que elle era bastante conhecido e que não havia de fugir por causa de guarda nacional. Os *caçadores* não cederam de seu proposito e disseram que o homem iria a todo transe.

Seguiu-se uma lucta terrivel: os aggressores deitaram o homem ao chão, depois de despedaçarem-lhe a roupa, pisaram-no com os pés, montaram sobre elle e o amarraram de mãos para traz!!!... E neste estado o levaram á guarda do Commercio!

—Parece incrivel.

—Eu tambem não acreditaria si o facto não se passasse n'uma praça publica e á vista de centenares de pessoas.

—Mas em que ficou?

—V. sabe que quem é victima de um arbitrio, e não pode desafrontar-se, o desabafo que tem é fallar: o homem pois fallou a arrebentar; disse cobras e lagartos.

O sargento executor da *diligencia* ordenou ao preso que se calasse e ameaçou-o em termos grosseiros; o preso respondeu-lhe no mesmo consoante: insulto com insulto. Sabe o que fez o sargento? em presença do commandante da guarda deu uma tremenda bofetada no homem que estava amarrado.

—Acho muita imbecilidade no official consentindo tamanho desacato á sua vista.

—O povo revoltou-se contra aquelle acto de insolencia do sargento; mas la estavam as bayonetas da guarda para garantil-o.

Diga-me, quem é o responsavel por tão nefando abuso?

Alguem authorisaria semelhante escandalo?

Ainda dado o caso que o homem seja guarda, o que não duvidamos, era por maneira tão descommunal que devia ser chamado ao serviço?

A lei não manda preceder aviso? e so depois de reluctancia no individuo em comparecer ao chamado proceder á prisão?

Si o individuo resiste a policia não tem meios de effectual-a sem ser preciso que quatro malsins vão dar o mais triste espectaculo manietando um cidadão n'uma rua publica?

Com que garantia pode contar a pessoa do cidadão si com a consciencia tranquilla, vê-se cercado por quatro reus de policia que o amarram como negro fugido?

—Homem, quer que lhe diga uma cousa? a culpa tem tambem quem nomeia para sargentos homens ignorantes e até analphabetos, reus de policia sem officio sem beneficio, membros do olho-vivo, gente que vive enchendo as ruas de pernas e em caza das meretrizes a cujas sôpas vive.

—Isto é verdade; está que me disseram que para o tal contingente de S. Pedro, ia ser ou ja estava nomeado sar-

gento um sevandija conhecido como um dos primeiros ratoneiros desta terra, e o mais insigne tropianto e cavalheiro de industria, e além de tudo mais, homem de coração duro como *pedra*.

—O resultado do homem?

—O resultado não sei; o homem ficou na guarda até dissolver-se o povo e eu retirei-me tambom.

—Agora vamos a ver o que fazem o Srs. Leão e Velloso e Rio Vermelho.

—Esperemos.

Pois Vm Sr. Lopes
Diz perante gente seria
Que o privou de ir parada
Certa molestia venerea?

E diz isto bem gritado
N'uma casa de negocio,
Onde tinha tanta gente
Além do dono e o socio?

Isto é feio em Vm.
Que ja não é mais criança;
E que além de ser casado
Para seus 50 avança.

—Venha ca, sor doutorete de borra! Então V. intende que deve ser sempre capadocio, andar de perninha solta bestando algures? Pois V. não sabe o que soffre sua mulher de sua mãe?.

E como, infame! teve o desaforo de dizer-lhe que si tivesse certeza de ser ella a authora da publicação, V. deital-a-hia pela porta fora?! Deite-a, que é um favor que lhe faz; entregue-lhe seu filhinho, onde ella recordará o ingrato que duvidou da boa fé da mulher, que ousou suppor que a martyr obrasse, a não ser para rogar a Deus pelo minoramento de seus soffrimentos, augmentados terrivelmente com a chegada de seu marido que ella suppunha seu salvador!

—E o Sr. que direito tem de entrar na minha vida privada?

—E' a palavrinha a que se agarram os maus chefes de familia.

Vida privada e todo mundo sabe; vida privada e sua mulher sae correndo pelas ruas em pranto, a gritar que lhe não roubem seu filho; vida privada e o escandalo é publico!

Ora, doutor, si tivesse mais um pouco de brio, não me havia de fazer essa observação.

—O Sr. insulta-me!

—Digo-lhe o que merece e mandar-lhe-hei dar mais tarde o de que precisa.

Foi com medo da furia de sua mãe, ou foi approvando, que V. consentiu que ella esfregasse a gazeta nas laces da moça?

Sem duvida consentiu em tal vileza, para ter sempre comida forra e poder passar a sua desastrada vida de *Lopes* que lhe ha de dar bons lucros....

Vejam que safado!

Um marido que consente em que seja desfeiteada sua mulher para que elle não compre que comer!

Doutor, são horas; ha muitos dias que o ando esperando, tenho estado firme na *estacada;* peguei-o, aperte-se.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Este bolas está a tua disposição; é um marido que desampara a mulher sem recursos.

—Eu intendo que a companhia Bahiana devia fazer na ponte uma declaração quando os vapores não podem atracar, para quem vae comprar passagem saber.

—Que duvida!

—Pois não Sr., chega-se alli, compra-se o bilhete e logo um salafrario arruma-lhe o carimbo, e só quando a gente vae embarcar é que dizem:—O vapor não atraca,—quando o bilhete ja não tem serventia.

—Porém estou certo que ninguem quererá perder sua viagem pela despeza com um saveiro.

—Mas quem vae como eu fui a uma viagem de passeio á Cachoeira por 25 de junho, e não quer se expor ao risco de um saveiro, com aquelle temporal, sendo advertido evita o risco.

E depois são mais 500 rs. que se gastam.

—E até acho-lhe razão.

Dous de Julho.

Silencio! surgio a aurora
Matizada de explendor;
E' da Patria o natalicio
Que transunda encanto, amor.
O dia é vosso, bahianos;
Mancebos ou veteranos,
A mim unidos cantae;
Maldicção à atrocidade,
Uma hosana á liberdade,
Abri os labios, soltae.

E' grande, bem grande o dia,
Maior na historia não ha;
Que o diga Lysia vencida,
Nos campos de Pirajá;
Que o diga esse povo bravo,
Que deixou de ser escravo,
Que as algemas sacudiu;
Nossas florestas dobradas,
Nossas armas denodadas
Nosso canhaõ que zuniu.

Que o diga o ceu azul claro,
Da bella Paraguasú;
E a espada altiva e nobre
Do sub'rano Labatut;
Esse valente guerreiro,
Que o diga Pedro primeiro,
Que dous mundos libertou;
Que o diga a França orgulhosa;
Essa Hollanda raivosa,
Que nossos campos talou.

Sim, bahiana mocidade,
Sera sempre vosso orgulhõ,
Esse dia immorredouro,
Que se chama—*Dous de Julho*;
O dia em que nossa terra
Seus filhos voltar da guerra
Mirou com santa expanção;
Em que as algemas quebradas,
Foram com raiva lançadas
Por sobre a pôeira do chão.

Que magestade elle assoma!
No sol, na brisa—que amor!
Na mocidade, que fogo!
Nos vencidos que stertor!
O' povo saudae tal dia;
Lembrai-vos que a tyrannia,
Foi abysmada por vós—
Lembrai-vos, que sois bahianos,
Que os bravos veteranos,
São vossos paes, ou avôs.

E tendes demais provado,
Que amais a vossa nação—
E no sul inda daes provas
De um povo serdes—leão—
Por vós Aguirre vencido,
Cahiu par terra estendido
Sem ter bandeira, e valor—
E esse Lopez sedento—
Hade ver vosso portento
Das batalhas no stridor!

O' povo exultae sois livre!
Escravo ser nunca mais—
Inflammae-vos, sempre e sempre
Com as glorias de vossos paes—
E saudae o Dous de Julho,
O dia de vosso orgulho.
Que fez-nos libertos ser—
Sêde sempre brasileiro,
Amai a vosso— Cruzeiro,—
Por elle sabei morrer!

Silva Lisboa.

—Capitão, veja quanto é safado o Rei dos moleques.

Na noite de 28 na rua da Lama foi a reunião de que elle é director. Estavam todos intretidos no seu divertimento e dansavam uma contradansa, quando appareceu na salla do baile um alfaiate dizendo que tinha feito o sobrecasaco de Salú, e gritando que queria o seu dinheiro, visto que elle obtivera a obra illudindo-o.

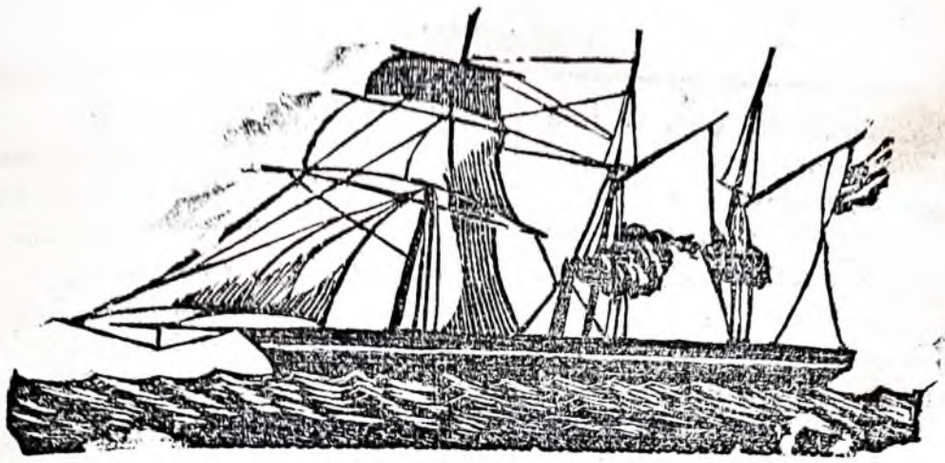
—Mas a culpa é de quem o admitte no meio de gente

—Os companheiros, envergonhados talvez mais do que elle, cotisaram-se com 1$000 cada um e deram o dinheiro ao homem. Mas como cousa do diabo eis que apparece outro; era o sapateiro; reclamava um par de botinas que Salú lhe tomara para vir mostrar e entretanto estava com elle *fanfando* no baile! Depois de muitos peditorios e accomodação retirou-se.

ANNUNCIOS.

Ze-munturo, traspassado da mais profunda dor pela morte prematura de seu lembrado cavallo—*Pitu*— victima de uma asphixia e afogamento por immersão, convida a seus amigos, e admiradores das habilidades do morto a acompanharem o mesmo (cavallo) de sua casa á rua de *S. Carlos* nº 5 ao Engenho Retiro, onde será interrado o pobre bichinho. Nessa occasião haverá lamuria e choramingas em commemoração áquelle honrado animal. O annunciante confessa-se desde ja eternamente grato.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 12 DE JULHO DE 1866. SERIE 8.ª—N.º 72

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de julho de 1866.

Officio á Illm. camara municipal, pedindo-lhe encarecidamente que lance suas vistas para o pessimo estado em que se acha a fonte de S. Pedro.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, communicando-lhe que nos informam que não é exacto o mappa que a S. Ex é remettido contendo a força aquartellada do 2º batalhão, por que allega seus soldados promptos quando alias existem 3! Accrescentando-se ainda que estes tres ficaram reduzidos a dous por haver um se ausentado da guarda do quartel onde dobrara dous dias.

Isto a ser verdade, pode ser muito bem desejo de apresentar numero de soldados, mas o publico pode tambem dar outra interpretação ao caso, pelo que espera-se que S. Ex. mande pôr o negocio em pratos limpos.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia communicando-lhe que os moradores do Campo Grande queixam-se da falta de policia que alli ha de noite; não se pode mandar uma cria na venda comprar qualquer couza por que apparecem vultos a lhes tomar o dinheiro etc.

—Ao mesmo, levando ao seu conhecimento que por occasião dos festejos de 25 de Junho foram desta cidade para Cachoeira diversas mulheres entre as quaes Lucrecia de tal: de Cachoeira seguiram para uma roça. Succede agora que voltando todas as outras, Lucrecia não apparece e nem dão noticia della.

Diz porém alguem que se acha presa e violentada em um quarto em casa da africana Ludovina.

—Ao mesmo, participando-lhe que anda por ahi um individuo, crioulo, de nome Gregorio, fingindo-se de procurador de devoções e irmandades, e munido de papeis arranjados por elle, a explorar a charidade publica, recebendo dinheiros em seu proveito. Diversas pessoas tem sido victimas da esperteza do tal magano e consta que entre outras o Sr. barão de Passé.

Faz-se por tanto preciso que o tal especulador caia nas rêdes da policia.

—Publicou-se o novo regulamento para o Matadouro Publico.

—Na minha opinião não adianta idéa. Aquillo não é mais do que algumas fatias de pan-de-ló para se repartir com as amisades. Quanto ao povo continuará a ser roubado pelos cortados es; a pobreza ha de como de antes comprar libra e meia de carne por

duas: porque não ha alli uma medida preventiva para isso.

—E os novos agentes fiscaes?

—Ora os agentes fiscaes, logo que *tomarem amizade* com os cortadores a cousa fica no que era.

—Eu o que acho no tal regulamento são muitas contradicções e escapatorias.

—Por ex., depois de dizer que o medico e o porteiro será de nomeação da camara, indicar que devem ser os actuaes; sujeitar a opinião do medico aos magarefes, etc., etc.

—E dá ao superintendente certos poderes que servem muito bem para prestar favores aos amigos.

—E muitas cousinhas mais.

—E factos destes observam-se n'uma terra que se diz civilisada!

N'uma terra eminentemente charitativa: tão amante da charidade, que manda buscar em França enxurradas de irmans de charidade e afaga a cidade dellas presenceam-se scenas como aquella!

—O que ha de novo?

—Desde hontem, domingo, cahiu alli na Quitandinha um preto e hoje segunda feira, é uma hora e ainda lá permanece.

O infeliz cahiu de bruços, com a face sobre a calçada; provavelmente morreu sufocado, porque depois de cahido dizem que deu signal de vida, mas não houve quem condoendo-se do desgraçado, ao menos o tirasse daquella posição; e assim esteve elle toda noite exposto a rigorosa chuva e até esta hora la está,

—E as authoridades da freguezia o que fazem?

—Consta que até algumas passaram ao pe do cadaver, mas parece que pouco cavaco deram a vista do resultado.

VARIEDADE.

Meus desejos.

Meu desejo? Era ser um carrapixo
Eandar na lingua dos q ue fallam mal,
Meu desejo? Era ser um raio ardente
E no seio cahir de quem faz tal.

Meu desejo? Era ser erysipela
Que se abre em arestins bem ulcerosos,
Eu quizera engrossar as pernas finas
De muitos que alhi andam ociosos.

Meu desejo? Era ser um aneurisma
E inchar, inchar até quebrar a veia,
Eu quizera com dores lancinantes
Dar que fazer a muita gente feia.

Meu desejo? Era ser horrivel serpe
E estorcer-me de raiva pelo chão,
Até poder pegar os malfeitores
Ir mordel-os bem junto ao coração.

Meu desejo? Era ser um oceano
E abrir meu seio tão profundo e frio,
Engollir essa cafila maldita
Q' bem mostra meu Deus, não ter mais brio.

Meu desejo? Era ser flexivel junco
Manejado por mão herculea e forte,
Eu zurzir com raiva os que maldizem
Da vida alheia até lhes dar a morte.

Meu desejo? Era ser atroz veneno,
Desses, que a morte num momento dão;
Retalhar as entranhas desses monstros
Que da rapina fazem profissão.

Meu desejo? Era ser um ferro em brasas
E entrar pelas guellas dessa gente,
Que anda formigando pelo forum
E do desvallido compaixão não sente.

Meu desejo? Era ser aquelle salto
Que traz certo dandy no seu botim,
Esmagar com elle os charlatães
E depois lhes arruinar com um selim.

Meu desejo? Era ser uma corneta
Egual a do anjo no fatal juiso,
Clamar onde assomassem os intriguntes
Com tal fragor que lhe tirasse o riso.

(*Extr.*)

A PEDIDO

Isto é dente, queixo ou ponta?

O Sr. guarda-maior rapare a maneira por que o Piroca faz o detalhe da companhia.

Ha muita protecção para uns e diabos para outros.

E isto assim é o diabo e duro de se aturar.

Os prejudicados aguentam com resignação e paciencia mas não é bom que o nhonhô do cajado abuse tanto.

Depois os homens podem agarral-o e amarral-o n'algum pé de *Pereira*.

Dizem que o culpado de na noite do 4 a guarda de honra á effigie de S. M. Imperador no Terreiro não levar bandeira foi o Sr. ajudante de ordens encarregado do detalhe; o que não acreditamos porque S. S. parece muito intendido nas cousas militares.

—Nesta terra commettem-se abusos inauditos!

—Temos alguma das suas?

—Francisco de Paula Miguel, guarda do 3º batalhão aquartellado foi preso no domingo para o 2º batalhão que se está organisando. O homem não se quiz entregar por pertencer a corpo diverso. Amarraram-no e esbofeteáram-no e o escoltaram para o calebouço.

O commandante do contingente deu parte ao Sr. presidente pintando o homem como uma fera, como um sicario, um mal-feitor; tendo porém a prevenção de omittir que o homem era guarda de Sant'Anna e que fôra esbofeteado e amarrado com cordas.

O Sr. presidente sem mais preambulos ordenou que Francisco de Paula partisse para o exercito no vapor que nesse dia seguia para o Sul.

Sabendo o digno commandante do 3º do occorrido foi in continenti reclamar seu guarda, mas teve de andar de Herodes para Pilatos, porque o presidente mandou-o para o commando superior, este para o commando das armas, e por fim nada fez, por que consta que alguem lhe dissera que si quizesse o homem havia de ser como um favor.

—Caprichos, caprichos.

—O coronel Leite brioso como é respondeu que não queria favor no que era de justiça e direito.

—E o homem embarcou?

—Não; dizem que a intervenção de um poderoso barão conseguiu o que não a razão e a justiça.

—Bem fez o Sr. coronel Nicolau que tendo sido preso pelos taes um guarda contribuinte do seu batalhão, elle sem dar satisfacção mandou-o sahir do calabouço e mandou-o embora.

—Eu so queria saber com que fim manda o Sr. Leão Velloso aquartellar uma chusma de officiaes sem soldados: tres officiaes, quatro sargentos e tres soldados!

—Cada official commandará um soldado!

—E viva a patria, morram os patifes!

—Leopoldo, bem que saiba
Qu'a taca não te faz mossa,
Antes de atirar-te ao mar
Has de levar outra cossa.

—Tenha dó, sôr muxingueiro,
Não me castigue mais não;
Humilhado a suas plantas
Eu lhe supplico perdão.

—Bem te intendo, crocodilo;
Pensas que has de me illudir,
Com tuas labias e choros
E do castigo fugir?

Ja te conheço as manhas
Minha besta de dous pés:
Ladrão, safado e infame
Traidor e covarde és.

Agora que estás filado
Pedes miseravelmente;
Logo que te vires solto
Ficas audaz e imponente.

Não é a mim que illudes,
Da natureza escoria;
Enganarás quem não sabe
Tua negra e feia historia.

Por tres dias de infusão
Vou metter-te na cloaca;
Vê si podes roubar la
D'algodão alguma sacca.

Auri diabolica fames.

O aviso de dez de junho do anno proximo passado, veiu confirmar ainda mais quanto é diabolica a fome d'ouro.

Com effeito! Quando nesta terra do *valedismo e da corrupção*, que mais e mais tem desenvolvido o governo d'estado desde que em mil oito centos e sessenta e dous, levantou a bandeira revolucionaria, que tem abalado o paiz por seus alicerces, preparando o cataclisma, que ha de, infalivelmente, ingulir o imperio e suas instituições, já

por do mais desacreditadas, gozavam pacificamente, a sombra da lei, dous cidadãos, cada um de um pequeno emprego, que lhes ajudava a subsistencia, derepente levanta-se o Sr. Ignacio Alves Nazareth, que não se acha satisfeito com a riqueza, que hoje possue, obtem do Sr. Nabuco de Araujo um aviso, pelo qual são destituidos dous empregados, quando determinado na lei provincial n.º 142 de 26 de abril de 1841, eram vitaliciamente providos ensaiadores d'ouro e prata, quando o Sr. Nazareth, o predilecto dos famelicos da liga, possue de longa data o de contraste de metaes.

E um desses individuos, Francisco José de Souza, arrancando-se-lhe a unica minguada fatia, que o alimentava e a sua numerosa familia, no apogêo do desespero suicidou-se!!!

E não lhe doe isto n'alma, Sr. Nazareth? Ora estas cousas da historia antiga! Ande eu quente, ria-se a gente. E o Sr. Nabuco fez tudo quanto quizeram! Dizem que até o Sr. Nazareth pretextara serviços a independencia!

Será isto verdade?

Onde foi que os prestou?

Em que qualidade?

E então não traz no peito a insignia dos bravos?

E o Sr. Nazareth, que tanto tem crescido e que deseja ainda mais crescer!

O bolieiro.

—Que ajuntamento é aquelle na botica do Sr. Carlos?

—E' o capitão Botelho que receia sahir.

—Sahir de onde?

—Da botica.

—Que impossibilidade ha nisso?

—Os moleques querem apedrejal-o.

—Porque?

—A sobrinha encontrou-se com o tio e o chamou ladrão de seus bens e da sua honra.

—Isso rapaz é materia velha; outro dia houve, entre elle e ella na porta do forum, bofetada velha.

—Agora, capitão, não houve bofetada, houve cousa melhor.

—O que foi?

—Dentre os observadores ouvira-se uma voz chamando o Sr. Botelho macacão, em menos de dous minutos todos que passavam o conheciam por tal.

Elle ficou, capitão, em um estado cataleptico, palido, lavado em suores; tanto que passando na occasião o Sr. Antonio Joaquim da Maia e vendo o papel triste que representava o Sr. Botelho, foi á delegacia pedir ao Sr. delegado que viesse soccorrer ao Sr. Botelho, que elle receiava ser acommettido de alguma syncope.

A presença do delegado deu fim a historia.

—Rapaz ninguem pecca neste mundo por innocente, sua alma sua palma.

Será verdade que ha perto de um anno e meio que anda nesta cidade um moço com insignias de 1.º cadete sem que até hoje tenha se justificado e provado que tem foros para poder usar dellas?

Será verdade que esse moço anda constantemente a cavallo quando todos os outros cadetes andam a pé, e tem até soldado que lhe lava o cavallo á porta?

Isto deseja-se saber por curiosidade.

O Cunha.

ANNUNCIOS.

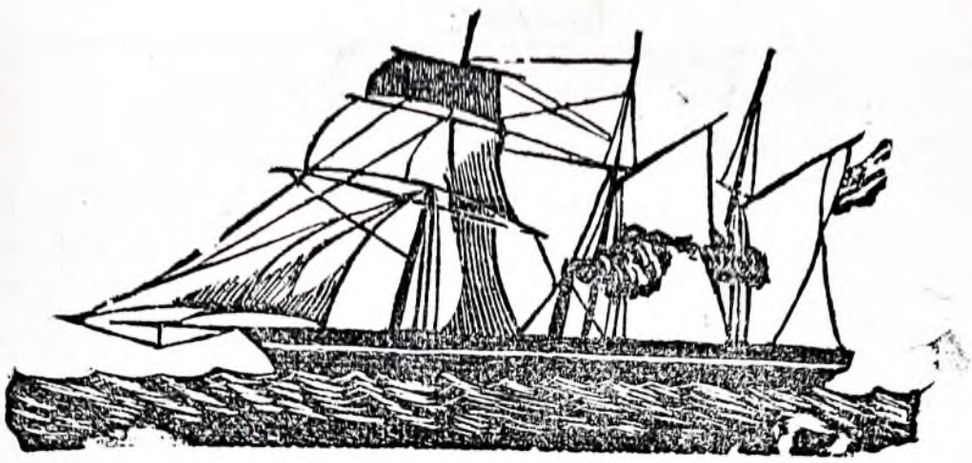
Attenção.

Para nossos irmãos feridos em defeza da patria no Sul do imperio.

No Asylo da Misericordia, ao Campo da Polvora, serão recebidos, em qualquer quantidade, pannos de linho velho, para delles se tirarem fios para os feridos dos hospitaes de sangue na campanha do Paraguay.

Anda fugida uma crioula alta, gorda, um pouco fula, conhecida geralmente por Quiabo duro, quando seu verdadeiro nome é Maria Philippa; tem sido vista pela ladeira do Alvo e immediações. quem a prender e levar a seu senhor, será gratificado com duas saccas de farinha.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 14 DE JULHO DE 1866. SERIE 8ª—N.º 73

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicaçõ s. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de julho de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe por prevenção que mande examinar o estado do sobrado nº. 32 atraz da Sé, o qual do lado da Mizericordia apresenta uma saliente rachadura do alto até o 2º. andar; e ficando o mencionado sobrado n'uma esquina com o incessante rodar dos carros pode sofrer algum abalo e resultar algum sinistro que é bom prevenir.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, communicando-lhe que na ladeira das Hortas ha um formidavel candomblé ou caza de dar ventura pertencente a um africano, ondeattrahidas pelo desejo de melhorar desorte e fazer fortuna vão centenares de mulheres e alli sujeitam-se a praticas não so reprovadas pela moral como pela religião, que lhes impõe o tal africano.

Em vista do que, appella-se para a energia de S. S. si deve continuar semelhante escandalo.

—Ao Sr. emprezario da limpeza publica, dizendo-lhe que mande apanhar um grande colchão que ha muitos dias está na ladeira do Pau da Bandeira.

—Ao mesmo, para que mande apanhar na ladeira do Pau da Bandeira uma esteira velha que das janellas de palacio jogaram na manhan de 14 do corrente.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que não consinta que se continue a tirar areia nos Mares, reduzindo-se aquelle logar a perfeitas covas de tutús com as innumeraveis excavações que fazem as pretas. Cumpra.

—Mais uma brilhante phalange vae provar nos campos do Sul o fervoroso patriotismo que distingue os filhos desta nobre terra.

Sete distinctos professores da schola de medicina e vinte um briosos academicos de differentes annos, vão marchar para o theatro da guerra a acudir seus irmãos feridos.

Gloria á terra que produz taes filhos!

Honra á sublime dedicação de tão generosos corações.

—Deus que protege as causas santas lhes recompensará tanta abnegação.

—Abusos! Abusos! Por toda parte abusos!

—Abra lá seu almanak.

—Ante-hontem apresentou-se em

uma casa á rua das Campellas Domingos José Cardoso acompanhado de um official de justiça e sem mais satisfação ou formalidade, invadiram a casa, varejaram-na, vasculharam canto por canto, gritaram com o dono da casa, e por fim declararam que iam em procura de uma tal Domingas com quem pende um litigio sobre liberdade.

Ah! ja sei o que é. Sobre esse negocio, ha cousinhas bôas que breve lhe contarei.

—Faço ideia o que será; nada menos do que a prepotencia opprimindo o fraco.

—E mais alguma cousa.

—Diz o *Diario* que o Sr. capitão F. Manuel Gonsalves da Cunha offereceu-se para organisar um corpo de voluntarios, e que S. Ex. o Sr. presidente acceitou o seu offerecimento, e mandou-o aquartellar no Forte de S. Pedro.

—Ainda vae a tempo!

—E vae.

—Então concorde que a cousa não vae muito bem, e que o governo tem nos pregado muita pomada nas noticias que manda publicar.

Quando se exige de quem ja fez tanto novos sacrificios, é. . . .

—Não se exige, é expontaneo.

—Pois bem; quando se acceita os recursos extremos de quem ja deu o que tinha para dar é prova evidente de que ainda se precisa de muito; porque deve se attender tambem que a lavoura, a industria e as artes não devem paralysar.

—Mas eu intendo que em primeiro logar está a honra da nação.

—Sim Sr.; mas si não andasse aqui a dizer que tinhamos um exercito de sobra quaesquer que fossem as eventualidades da guerra.

—Meu charo, eu o que desejo é que o Sr. capitão Cunha seja muito feliz, e que os babianos dêm mais uma prova de patriotismo e resignação.

—Nós o que devemos é pedir a Deus que se amercie do infeliz Brasil.

—O olho-vivo anda desenfreado, é por toda parte!

—Menos na policia.

—Ha cerca de duas semanas roubaram a uma preta la para o Bomfim, 1:000$ rs. pouco mais ou menos.

—Bagatella!

—São indigitados alguns individuos entre os quaes um escravo do Sr. Argollo e um tal Serra, que foram presos, e consta que entregaram 500$ rs.

—Do mal o menos.

—Sabbado 14 fizeram no Rio Vermelho uma caçada horrivel; a povoação ficou deserta, o povo abandonou o logar.

—E o *Diario* não diz que não ha recrutamento?

—Historia? O Sr. não vê todos os dias a immensidade de homens que chegam de fora escoltados?

O que eu queria é que em logares como o Rio Vermelho se fizesse o negocio com mais regularidade e não se aterrorisasse o povo.

—Pode ser que não fosse recrutamento e sim prisão para a guarda nacional.

—Isso lá não sei: o que sei é que se procedeu bruscamente e a população desamparou suas habitações.

A PEDIDO

—Mais uma do Rei dos moleques.

—Arre! E' um nunca acabar!

—Si a cada instante elle faz uma!

V. Ex. já sabe que elle é director de uma sociedade de dança, a qual na noite de 28 deu uma reunião n'uma rua cheia de *lama*.

—Siga o carro.

—Foi ao *chefe* do trem do mar e contractou com elle para ir a musica dos *infantes* tocar na referida reunião.

O chefe que não sabia das façanhas do Rei dos moleques cahiu no logro, julgando que tratava com alguma pessoa seria e até hoje está sonhando com elle.

—Perdoe, meu charo, é costume quando se ajusta estas funcções cahir-se logo com o côco.

—Mas V. Ex. não sabe que Rei dos moleques é fertil em patranhas?

Foi logo offerecendo algum dinheiro por conta e dizendo que finda a reunião daria o resto.

—E' dos diabos o Sr. Rei dos moleques!

—Os pobres musicos viram-se encafifados.

—Porque?

—Porque Rei dos moleques queria que a musica tocasse toda vez que entrasse alguem, até crioulas de saia, os capotes da rua tomaram conta e cahiam de pateada toda vez que entrava uma belleza de Guiné e que elle mandava tocar.

E sabe de mais uma?

—Qual?

—Rei dos moleques deu agora para escrever.

—Serio?

—Está tirando a lama que tem em cima de si e jogando em outra pessoa.

—E elle tem dinheiro?

—Elle escreve e outro paga.

—E o muxingueiro corrigirá as provas.

MOTTE.

Os olhos desta mulata
São brilhantes lapidados.

GLOSA.

Qualquer um peito s'exalta;
Faz a gente enlouquecer,
Si uma só vez chega a ver
Os olhos desta mulata.
Encanta, seduz e mata
Seu olhar; e si quebrados,
Ternos e afaceirados,
São astros a fulgurar
Quando estão a scintillar
São brilhantes lapidados.

—Sr. *Antonio*, bem me disse o *Marques* que Vm. era incorrigivel!

Ja se lhe deu a amostra do pano e Vm. não dá de si!

Ja sei, quer fazenda mais grossa.

Por causa de suas foscas o Firmino mudou-se, e a visinhança descançou de suas macaquices e tregeitos; agora quer continuar o escandalo offerecendo beijos e abraços ás meninas de defronte; mas olhe que com essas a cousa se fia mais fino; si o pae presenciar..... elle não é de graças

E acha pouco a sua depravação que ainda consente que seu hospede venha para a salla enrolado n'uma coberta com as janellas escancaradas!

Emende-se!

Si quer fazer carinhos e afagos e dar provas de ternura, va buscar sua mulher que la está esquecida em Itaparica, e prodigali-se-lhe o que anda a offerecer a quem não lhe pede, e assim fica a visinhança livre de suas bobages.

—E' o diabo! Um homem não é senhor de suas acções!

—Isto dizem todos que obram bregeiradas.

Pois desta vez ainda se teve contemplação com o Sr., porém si continuar não gosta.

Depois não diga que é um homem empregado, que é la da *sociedade negocio*, por que o muxingueiro não tem nada com isso, e apezar de sua ligereiza de trepar em pés de *saboeiro*, lá mesmo o alcançará a inexoravel tacà do dito.

—Os especuladores de tudo querem tirar proveito!

—Alguma cousa?

—Um moleque aqui a tempos achou um annel e levou-o ao senhor; o annel tinha uma pedra de diamante sofrivel. Incontinenti o homem annunciou que quem fosse o dono fosse buscal-o, Appareceu um sujeito. mas não accertou com os signaes. Depois um certo cujo pediu em confidencia que lhe mostrasse o annel e dias depois apparece a noticia de que um parente do tal cujo tinha perdido o annel do casamento.

—Bem diz o *Casusinha* que com estas e outras é que muita gente ajunta dinheiro!

—E recebeu o annel?

—Qual! o sujeito não decorou bem a lição, quero dizer, esqueceu-se dos

signaes do sou annel, o não deu-os exactos.

—E ficou com agua no bico?

—Justamente.

—E vão ver que hade querer passar por algum *santo*.

—So si for de pau de *amoreira*.

MOTTE.

Na travessa do Cruzeiro
Cahi de nariz no chão.

GLOSA.

Certo rapaz mui faceiro
Olhava para a janella
Onde vira certa bella
Na travessa do Cruzeiro
Todo absorto o bregeiro
Ja se julgando um Titão
Leva um baque; a moça então
Pelo que vê põe-se á rir;
Ah! disse elle a fugir:
Cahi de nariz no chão.

—Capitão, antes que o muxingueiro tome conta da bôa rolha do vigario de Matatuim, irei contando algumas gentilezas delle.

Tem o magano entre suas ovelhas um sujeito de nome *Come-teiú* que é amasiado com uma certa *Bitú*; rapariga que não mette lá medo a ninguem.

O marreco do vigario, moderno Faublas, cubiçou a companheira do homem e entrou a fazer-lhe roda-pés. Um dia metteu-se n'uma moita de couraneiras e chamou a rapariga para *aconselhal-a*. *Come teiú* que não é de graças, e que ja andava com a pulga na orelha, bispou o negocio, muniu-se de um cassete e foi direito ao padre vigario, que levou uma tremenda carreira com as calças na mão.

O vigario para salvar as costas correu com a maior sem vergonha, e quando se viu apadrinhado por algumas pessoas entrou a blasonar e insultar o homem.

—Que padre damnado!

—Indo assistir a umas missões na freguezia de *Cogitipe*, sumiu-se da egreja; quando o procuraram foram dar com elle atraz de uma moita perto da egreja, aos detens com a crioulinha Emilia, vestido de batina etc. etc.

—Que devasso!

—Abandona a freguezia constantemente; ainda no dia 29 de junho, dia do principe da egreja, foi dizer missa em um logar onde chamam *brochado* a quem lá vae, deixando os parochianos em branco.

Metteu se n'nm pagode dos escravos da fazenda; presidiu a um banquete delles, deu muitos vivas e ipes; cantou o papagaio, fez saudes etc., e sambou toda noite com elles; mas sabe por que fez elle tudo isso?

—Não.

—E' por que no meio tinha bellas crioulinhas.

Mostrava-se muito amigo de um homem de quem é compadre, o qual depositando nelle confiança dava-lhe ampla liberdade em sua casa.

O Rvm. que não tem contemplação com ninguem abusou da franqueza que o homem lhe dava para ecometer mais uma das suas, sendo apanhado no acto pelo proprio compadre o qual tendo mais vergonha do que elle não lhe disse nada e o que fez foi retirar a confiança que depositava no animal, fechando-lhe a entrada do interior de sua casa.

(*Continua.*)

ANNUNCIO.

Nesta typographia vende-se os seguintes livros:

Constancio. Diccionario portuguez, em bom estado.—9$000 rs.

Direito Publico Brasileiro de Pimenta Bueno.—7$000 rs.

Historia da revolução franceza.—8$000 rs.

Casamento Civil, por Carlos Kornis de Totvárad.—5$000 rs.

Historia da Edade media por Calogeras.—3$000 rs.

Guia eleitoral, ultima edição 2$000.

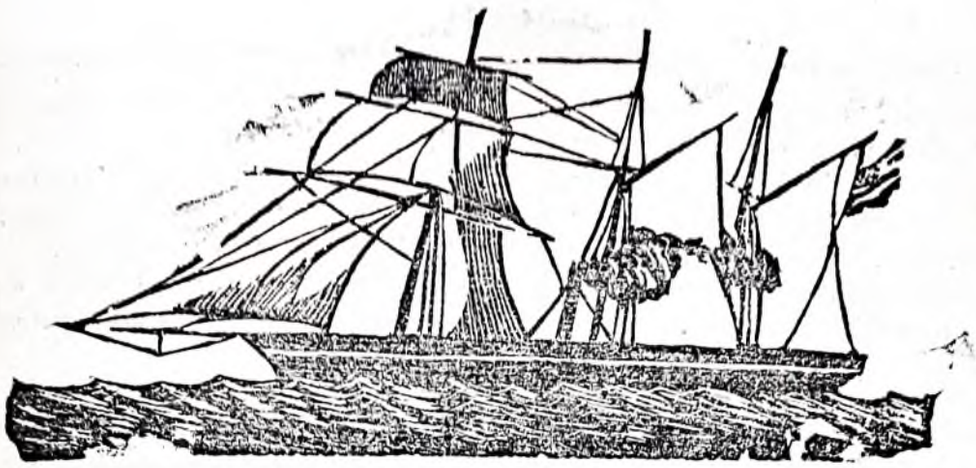
A Mão do Finado.—2$000 rs.

Constituição do Imperio.—1$000.

Codigo criminal.—1$000.

Formulario de Chernoviz, edição do corrente anno.—5$000 rs.

Os Lusiadas de Camões.—3$000 rs.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 14 DE JULHO DE 1866. SERIE 8.ª—N.º 73

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de julho de 1866.

Officio ao Illm Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que na madrugada de 8 do corrente foi arrombada a barraca em frente a guarda da praça do Mercado, pertencente a Maria da Purificação, roubando se-lhe 50$000 em dinheiro e uma porção de ovos.

Bem vê S. S. que se dando desses factos, defronte de uma guarda que deve vigilar sobre a fortuna alheia, é de presumir que sejam os authores os mesmos guardas sobre quem pesam todas as suspeitas.

Espera-so da energia de S. S providencias, afim de que não se reproduzam actos taes, em prejuizo das pobres ganhadeiras que já pagam á camara um aluguel estupendo.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, scientificando lhe que os meninos vadios, ja vão soltando as manguinhas e continuando nas suas travessuras. Torna-se preciso que S. S. ponha de novo em execução a salutar medida de mandar agarral-os.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe, que veja si pode dar cabo de uma sucia de mandriões que andam por sua freguezia, á noite, a roubar candieiros pelas escadas dos sobrados. Só a casa n.º 30 á ladeira da Praça tem sido victima tres vezes nestes dias, na rua Direita de Palacio a casa da Mariquinhas Gostosa e mais duas, além de muitas outras por ahi; em rasão do que espera-se que S. S. dará providencias a respeito.

—Ao emprezario da limpeza que mande limpar a bocca de lobo á subida da ladeira do Carmo que está transbordando.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Zeze Deslocado Ferreiro Mundinho pedindo, em vista de sua aptidão na arte de escamotagem, para continuar a advogar causas injustas, e fabricar testamentos falsos —Attendendo aos relevantes serviços prestados pelo peticionario neste ramo, não só nesta cidade, como na ilha da *maré* fica nesta data deferido.

—Caqitão, ouça isto que vem no *Publicador*:

«O HOMEM FERA—Os jornaes publicam um facto horroso que se passou em Cavite, na Manilha e poz em alarma os habitantes d'aquella pacifica povoação, derramando entre elles a confuzão, o terror e a consternação Eis o que referem os jornaes essa scena de horror:

Um soldado indigena do regimento n. 8, de guarnição n'aquella praça tinha entrado em uma casa á rua do Arsenal, habitada por um mestre schola com quem se travou de rasões, e dominado pela ira, lançou mão a um punhal, e dando-lhe um terrivel golpe na região do braço, cahiu o infeliz mestre schola para nunca mais se levantar.

Um seu filho, rapaz de 10 annos, travou de um sabre e accudiu em defeza de seu pae, mas o assassino, mais destro, poude evitar um golpe, e cravou o punhal no coração do pobre moço que cahiu morto junto ao cadaver de seu pae.

Esta horrivel scna era apenas o primeiro acto do espantoso drama que a povoação ia presenciar.

Perpetrado o duplo assassinato, sahiu o soldado para a rua, e a primeira creatura que lhes offereceu aos olhos foi uma menina de 10 a 12 annos, correu para ella e deixou-a morta com duas punhaladas.

Acto continuo, saltando como panthera em matas, arremessou-se sobre outra criança de não mais idade que a primeira, a derrubou morta a seus pés.

Este quadruplo assassinato não produziu no animo do soldado outro effeito que não fosse o de procurar mais victimas.

Passou correndo por uma travessa para a rua Real, e tomando a direcção do quartel feriu muito gravemente a uma mulher com uma punhalada na região do figado; um menino de 8 a 9 annos recebeu um golpe na região inferior do braço esquerdo; um cocheiro ficou mortalmente ferido na região do braço; outra mulher recebeu uma ferida transversal no pulso direito; um grumete europeu da corveta «Narvez» cahiu gravemente ferido nas costas; um artilheiro do exercito, evitando um bom golpe recebeu uma leve ferida transversal no antebraço direito; um soldado do mesmo regimento 8 levou uma punhalada no seio direito; e finalmente, um soldado europeu de infantaria teve um ferimento leve e ficou com a farda rota.

Todos estes crimes foram perpetrados do corrida, e talvez em menos tempo do que o necessario para o referir.

Ao chegar ás portas do quartel com o espanto nos gestos e com o fato manchado de sangue deteve-o a sentinella, e elle cego de furor, cravou em si mesmo o punhal na região do estomago, fazendo uma ferida de gravidade.

Cahiu, e ainda assim foi difficil desarmal-o.

O instrumento de tanta desgraça era um máo punhal de manufactura indigena, cujo ferro tinha umas cinco polegadas.

O criminoso está no hospital, e posto que o seu ferimento seja grave parece que não é mortal.»

—O homem parece que tinha no coiro sete diabos!

VARIEDADE.

Lê-se no *Jornal do Recife*:—Ha poucos dias transcrevemos da *Revista Commercial* de Santos a noticia do phenomeno que alli se deu de haver uma gallinha posto um grande ovo, que encerrava um outro dentro; phenomeno egual acaba de dar-se aqui. Um estrangeiro, que reside entre nós, pessoa de toda circumspeção e credito, nos apresentou hontem a casca de um ovo pouco menor que o de avestruz, que lhe puzera uma galinha sua, dentro da qual foram encontradas tres gemas e um outro ovo de tamanho regular.

A PEDIDO

—Capitão, aqui está o tal vigario de Matatuim; tem feito o diabo Andou atraz de uma negrinha a quem chamam Santinha, atormentando-a e como esta o desenganasse deu um furioso espectaculo de gritos dizendo que havia de leval-a a chicote.

Em certas noites anda por detraz das casas das familias a seduzir as filhas alheias; ás vezes a desacreditar familias que nenhuma importancia lhe dão.

Tem o costume de abusar do confissionario, crime, capitão que não deve por forma alguma ficar impune.

Para avaliar-se quem é basta dizer que são seus amigos um celebre Ervaisto advogado e um Anacleto irmão da filha do sapateiro em cuja casa se faz as orgias.

E não é so por este lado.

Uma senhora conhecida da Leandra, filha do avô delle foi quem o criou;

elle deitou-a comtudo para fora de casa a ponta-pés dando-lhe uma cuia de farinha na occasião da despedida, a qual cuia atirou ao chão por achar indignidade entregal-a na mão da mulher.

E' pois um grande ingrato, um desalmado.

—E' gente de sotaina, merece um certo respeito.

—Qual respeito, qual nada, capitão! E' taca em cheio; pergunte a elle quantas vezes a Vitalina lhe tem posto aquella cara em petição de miserias.

—Neste caso arranje-se la com o homem.

Soneto

Offerecido a um miseravel vendedor de carne secca no mar que leva 5 mezes para vender um pequeno carregamento.

Mal naceste patife, e qual damnada
Besta manhosa que afoita escoceia
Assim tu toleirão na vida alheia
Tua lingua voraz tens empregada.

D'uma alma baixa, vil e depravada
Quanto de mau existe em ti se enleia,
Falla de todos, té que a vil correia
Do corpo te saccuda a poeirada.

Continúa assim pois oh! meu jumento,
Progride em tua lei, meu D. Quixote,
Que um dia terás teu pagamento.

Não mudes de vida e nem de norte
Que epocha virá que n'um momento
Tu pagues com grosso calabrote.

O Cabra. (*que lhe ha de quebrar a casa*)

—Ora que ha de estar aquelle belado a incommodar o socego publico, ás tres horas da madrugada!

—E o sujeito é finorio! Appellida-se de *D. Augusto*, talvez para descarregar a responsabilidade de seu feio procedimento sobre um moço deste nome.

—Em algum tempo havia aqui um sujeito tido por valentão e desordeiro chamado Regis; os capadocios quando faziam das suas á norte, gritavam:—é o *Regis* para imputar ao homem seus maus-feitos, de sorte que elle não só carregava com as suas culpas como com as dos outros.

—O diabo do homem está furioso a atirar pedras como doudo, não ha palavra offensiva á moral que não desteje pela bocca fóra!

—Eu só estou a ingenuidade com que aquelle empalhador da rua do Tijollo emprestou-lhe um cacete. Si o homem pede-lhe uma faca elle dava.

—Que encouraçado dos seiscentos! não attende nem ao official da ronda que chegou com a patrulha; e no seu furor bachico descompõe a chefes de policia, delegado etc.

Oh! que damnado! Paraguay está chorando por ti e outros que taes!

—O sujeito chama-se Balthasar.

—Porque o rodante chamou-o assim.

—E diz elle que não ha forças humanas que o levem dalli em quanto não se vingar com um tal Barretto que bebeu com elle e o trahiu.

—Assim queira a policia que eu lhe mostro si vae ou não.

—E é bom que a policia o leve a descansar afim de ver si dissipam-se os vapores que lhe pesam na cabeça.

—E poder a gente dormir, porque não se ha de ficar acordado até demanhan com os gritos de um chupista.

—E note que é uma das cousas insuportaveis, é um bebado atrevido.

Sr. commandante do *Alabama*.—Tendo chegado de Nazareth a esta cidade um celebre espalha-cisco, heroe de sumidouro, e constando-me que esse individuo, além de não ter passaporte tem sido encontrado em diversos logares a detrahir da honra de uns Caldas de Nazareth, se bem que esse impostor e presumido tolo ja seja aqui bem conhecido e,desacreditado como está, não mereça confiança nem daquelles que o ouvem que, so por debique, soffrem as suas massadas como ja tivemos occasião de notar, convém que V.S., com a precisa urgencia, mande que o seu muxingueiro, depois de cortar-lhe a lingua pelo pé para que jamais possa

ferir a reputação de alguem, amarre-o á cauda de um cavallo pampa e correndo as ruas d'esta cidade, leve-o para o porão ola, com um calabrote bem breado, dê-lhe ate que elle grite por S. Viriato de Jesus e repita aquella quadrinha:

Bravo parente
Bravo lusia
Sua criada
Helena Maria.

—Oh! Sr. *inspector*, Vm. por aqui?

—E por que não? minha obrigação é andar *velando* em toda parte.

—Eu creio que motivo mais forte o obriga a andar tão á miúdo pelos Mares.

—Está enganado.

—Não se faça esquerdo quando muita gente ja sabe; depois o Sr. faz a cousa tão semcerimonia que só não dá na vista dos cegos.

Passa com frequencia para lá para cá; para no lampeão, faz tregeitos, momos, acenos etc. E hontem muita gente viu quando a negrinha levou a cartinha.

—Distracções, distracções.

—Mas, Sr. *fiscal*, isso é desairoso, Vm um homem casado, na rua, com o *gaz* accezo, pucha por uma carta e manda dar a uma moça na janella.

—E ella porque recebe?

—Ella recebe, por que incauta ignora que o Sr. é casado, porque o Sr. a anda a seduzir com promessas que não pode realisar, e a inexperiente acredita em suas parolas e infelizmente não tem quem lhe abra os olhos, quem lhe mostre o abysmo que está aberto a seus pés.

E a infeliz cahirá no malevolo laço que o Sr. lhe arma, e cederá a seus lubricos desejos, para o Sr. depois abandonal-a como tem feito com tantas outras.

Para que faz esse mal a innocente? Para que lhe quer desfolhar a capella virginal?

O Sr. não sabe que a honra tem um preço real, e que deshonrada aquella moça, não será mais rainha dos Mares?

—Não dou satisfacção dos meus actos.

—O Sr. não dá satisfacção porque seu excellente irmão acha-se a esta hora nas fronteiras do Paraguay barateando a vida em defeza da honra nacional, em quanto o Sr. aproveitando-se de sua ausencia, qual tigre sedento quer estrangular o thesouro maior de sua vida, a honra de sua irman.

ANNUNCIOS.

ESCRAVO FUGIDO.

Fugiu desde 9 de junho do corrente do poder do abaixo assignado.o seu escravo africano, de nação nagô, de nome Fiel, estatura regular, magro, tem no rosto signaes de sua terra, tem os dentes da frente podres, costuma beber caxaça com excesso a ponto de dormir em qualquer logar; quem o prender e o levar ao Caes Dourado caza nº 54 receberá 20$000 de gratificação.

Este preto tem sido visto no Sangradouro, Cabula, Matatú; foi do Sr. Antonio Joaquim Freire de Carvalho e Albuquerque do engenho das Brotas termo de Santo Amaro.

José Machado Guimarães.

A pessoa que precisar de uma moça para servir de ama secca, procure á rua do Aljube, á travessa do Saboeiro sobrado n.º 15 2.º andar, que ahi achará com quem tratar.

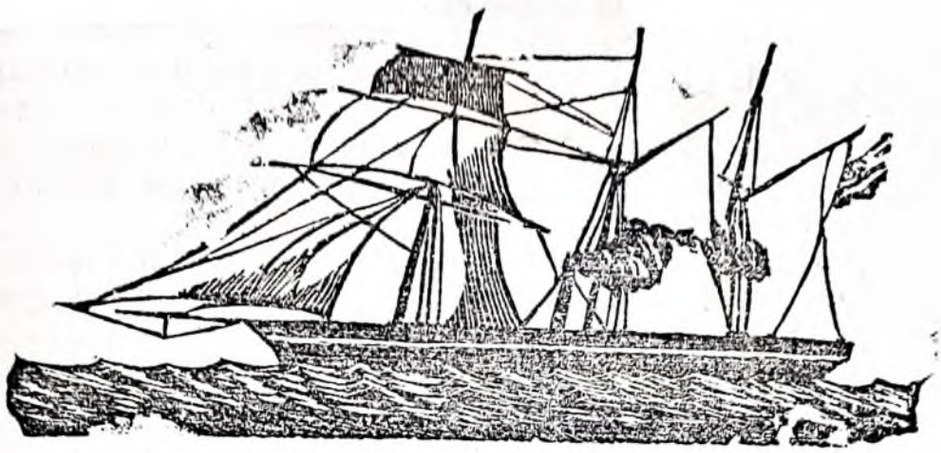
Attenção.

Para nossos irmãos feridos em defeza da patria no Sul do imperio.

No Asylo da Misericordia, ao Campo da Polvora, serão recebidos, em qualquer quantidade, pannos de linho velho, para delles se tirarem fios para os feridos dos hospitaes de sangue na campanha do Paraguay.

Na rua Direita da Misericordia, nº 21, 2.º andar, recebe-se roupa para engommar com aceio e promptidão.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 19 DE JULHO DE 1866. SERIE 8.ª—N.º 73

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

O numero antecedente do *Alabama* é 74 e não 73 como por engano foi publicado.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de julho de 1866.

Officio ao Exm.Sr. commandante das armas.—Constando que um individuo de nome Manuel Henriques do Couto Pinho assentara praça de 1.º cadete no antigo esquadrão de cavallaria em 23 de abril de 1865 e que tem usado dessas insignias sem que até hoje se tenha justificado, faz-se preciso, no caso de ser assim, que V. Ex. obrigue o referido individuo a exhibir quanto antes seus fóros para poder continuar a usar das mencionadas insignias.

Portaria ao fiscal geral, perguntando-lhe a razão porque consente que os armadores de feira deixem as ruas esburacadas quando desarmam suas traquitandas. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que faça demolir por conta de quem pertencer um cano ladrilhado de tijollos que ha na entrada dos Curraes Velhos ao Barbalho, o qual sahe de uma propriedade e toma uma boa parte da rua.

—

REPARTIÇÃO DA POLICIA DE LATRONOPOLIS.

Extracto da parte do dia 15.

A' disposição da policia foram presos:

Na freguezia de S. *Carlos*, *José monturo*, hespanhol de 73 annos, casado, *ferreiro* preso em flagrante por tentar violentar uma moça que se diz sua filha na *fonte dos amores*.

Na freguezia de S. *José*, *Carlos ferreiro* judeu 72 annos, viuvo, ferrador, por ter roubado a uma parda á rua da Faisca uns cordões de ouro, allegando, estar com o diabo no corpo, e por isso não podia ver Nossa Senhora.

Na freguezia de Passé, *José*, cabra escravo do *Escriptura Sagrada*,57 annos pelo roubo de *dous patacões* e uma pessa de corda de estender roupa de *Rosa-florete* e iniciado como chefe da companhia do olho-vivo daquella freguezia.

Na freguezia de S. *Jauninha*, *Carlos florete* italiano, 65 annos bigamo, accendedor de lampeões, pelo crime de seducções e offenças a honestidade a menor Annita das qnartinhas.

—Continúa o enthusiasmo na classe medica.

Viva o honroso exemplo que dá a Bahia!

—Honra a seus filhos que não trepidam ante qualquer sacrificio quando

se tracta do desaggravo da patria e da humanidade que soffre.

—A mocidade é sempre inexgotavel de acções heroicas Vede que brilhante pleiade de jovens deixam lettras, familia e commodos para acudir ao reclamo da patria que implora soccorro para seus bravos defensores !Vêde, o exemplo é da mocidade, os primeiros que se apresentam, que correm pressurosos são os mancebos; honra pois á mocidade!

—Tem de ser dado um espectaculo no theatro publico, para com cujo producto erigir-se em Pirajá um monumento ao bravo tenente coronel José da Rocha Galvão.

—E' louvavel o pensamento que sem duvida bem acatado será pela população bahiana, sempre disposta a abraçar as grandes ideias.

—Dar publicidade aos actos de generosidade é sempre bom, n'uma epocha em que elles são raros e podem servir de estimulo a outros. Assim como os religiosos franciscanos prestaram se gratuitamente ás ceremonias do funeral do tenente coronel Galvão, tamtem o Sr, José da Costa Ferreira prestou-se com sua armação, erigindo aquelle magnifico cenotaphio, e reduzindo toda a despoza do funeral a seis centos e tantos mil rs.

—Não tem duvida é digno de cordiaes elogios e credor de gratidão o proceder do Sr. Costa Ferreira.

—Capitão providencias!

—O que foi meu amigo?

—Está a cinco dias uma mulher a expirar na freguizia do *Segura-parede* sem o Sagrado Viatico!

—E por que não chamam o vigario?

—Ja se cançou de chamal-o.

—Impossivel!

—Verdade, capitão

A primeira vez disse elle que n'aquelle dia não podia, mas que no seguinte iria; no segundo dia tornou a desculpar-se que estava occupado;mas que iria no terceiro *si não chovesse*; no terceiro perguntou si não tinham visto a chuva; no quarto disse que era doente, que o logar era longe, podia vir no caminho alguma chuva, e elle não queria se expor.

Perguntando-se-lhe si a mulher devia morrer sem o Sacramento, respondeu que ella ja estava nas portas da morte e que não era justo que elle se arriscasse a adoecer, pois nesse caso seriam dous infermos.

—E onde mora a mulher?

—No *Mau-gosto*.

—E' por isso; o homem não quer caminhar.

—Mais devia ter um coadjutor.

—Sim. ..

—Ou então, si não pode desempenhar o cargo não se encarregasso delle.

—Tambem ha freguezias tão compridas!

Emfim, Deus permita que a mulher dure mais alguns dias e que faça sol, para o Sr Vigario se resolver a ir administrar-lhe o pasto spiritual.

VARIEDADE.

Carta

D'um caixeiro traficante a um retratista

Rua do Rozario, 7 de junho de 1866.

Tenho bisto pelo jornaes que V. S. tem sido primiado en conzequença de vons retratos que tira e por isto derigome a Vmc para me tirar como consta do apontontamento.

Eu podia aqui mandallo tirar mais coma he para minha terra para meu quirido pai que havita na freguesia de abintes pareceme que quanto mais longe he tirado melhor debe ficar meu primo que he o portador do retrato lhe pagara o importe

ahi bão os apontamentos tenho 19 annos e 3 meses sou vastante alto olho azul esberdiados cavelo louro encarcolado alguã varva tamvem lourinha inda por fazer naris não muito pequeno nem grande custumo andar com calças de vrim riscado culete preto e en mangas de camisa fasso luxho en andar com a camêsa bem engomada e votão

du retrato do Sr. D. Luis aos domingos voto lenco ao piscoso estenaria muito que me pintase ao valcão com ar agradabel para os freguezos e a serbilos vem, ou antão pintar-me a carteira de noute afaser os lansamentos no vorrão dos gastus do nugocio que he do que me encaregu si mi pintar ao valcão ha de ser con cara de rizo he prezizo que me pinte con um demte de menos qui mi falta diente e se for de noute não deve ezquicer de por en cima da carteira um candiero de qrosina que uza o patrão

ha tempos trago uma vorvulagem por todo o corpo e por isso não sera mao uma cara com pintainhas que parecão vorvalinhas espero que V. S. qui fara uma ovra como he seu custume fasendo esta bontade não me inporta pagar mais deis mil res

Seo benerador criado

(*Segue-se a assignatura do pedante.*)

A PEDIDO

—Com effeito olhem que é de mais! ha coizas que a gente vê e não tem remedio sinão fallar.

—Pois o bom é ver, ouvir e calar.

—Mas capitão, não posso, senão arrebento.

—Então desembuche-se.

—Aquelle negro que *não faz barba nem mora defronte do convento na rua* que *não é do Carmo* é um grande atrevido

—Porque?

—Por que tem aquella caza so para os frades pregarem immoralidades e praticarem actos indecorosos; pois o tal mestre tudo consente por que ja foi de la. Assim é preciso corrigil-o para que elle não faça da casa de seu trabalho um lupanar de orgias e infamias como costuma praticar, consentindo até que os taes frades limpem-se depois do trabalho assiduo nas toalhas onde elle limpa as barbas dos freguezes!!!!

—Forte desaforo de negro!

Muxingueiro vae pegar aquelle safado e dá ao Francisco ou ao José para impurrar-lhe 400 por conta para ver sise corrige,

Do contrario lhe decuplarei a dose e mandal-o-hei atirar a algum *ribeiro*.

MOTTE.

Os olhos desta mulata
São brilhantes lapidados.

GLOSA.

Meu Deus, este olhar me mata!
Que vivo, estranho fulgor!
Ai! são espadas de amor
Os olhos desta mulata!
Seu quebrado arrebata,
São divinos seus *piscados*,
Seus brilhantes são roubados
Aos fogos celestiaes....
Taes olhos não são mortaes...
São brilhantes lapidados.

—Capitão, tenho o que lhe contar.

—O que foi?

—Ha na rua que tem carvão um ferreiro, que dá-se com um inspector, tem um filho, que por ser bem educado anda pela rua a brigar com os outros com consentimento do mesmo; jogando pedradas pelos telhados dando lucro aos proprietarios, em fim com palavras offensivas, não respeita as familias, quando vae-se queixar ao pae este diz que não faz mal.

—Então é preciso o muxingueiro ajustar com elle contas.

Muxingueiro.

—Prompto.

—Vae na caza do Sr. José e dize ao ferreiro que aprompte-se para soffrer a pena.

Leve um arxote e um pouco de aguarás e a taca, queime aquelle cavanhaque, e arrume-lhe por conta até que elle tome juizo e ensine ao filho para não ser descarado.

—Capitão, elle pede pelas armas da sua officina.

—Por esta vez não tem perdão.

Poesia

dedicada a uma atriz que longe da scena desmaia.

Não desanimes, atriz,
Não andes tão cabisbaixa!...

Si tens na vida uma racha
Que te falta a ser feliz?....
Si bem como a parariz,
Tu tens *malta* para voar...
Que importa que sem luar
Seja a cor do tal rafeiro;
Si viveu no captiveiro
Ja tratou de se forrar.

Não podeste resistir...
E meteste o pé no laço
Que tendo verga de casso
Bastou para te illudir...,
Por la buscaste fruir
Antigos gosos de Roma...
Vai tomar caldos de gomma
De raiz de mandioca...
Si ti agarras a taboca
Verás cousas de Mafoma!

Tu bem sabes que Mané
Si falla como bisouro
Tem paciencia de touro,
E na novilha tem fé:
Ora, as cousas neste pé
P'ra que te has de massar?
Ao contrario sustenta
Deves o cujo na tela
Da vacca, o mais é peta....
E o viver é gosar.

Bem diz o Justinianno
Que sem goso a vida é pecca
Por isso de ama secca
Elle serve muito ufano! ..,
Tomando de anno em anno
De leite o resto, o souro
Não acredita no goro,
Que está constante a soffrer,
E neste seu padecer
So tem por collega o touro!

Olympio valha a verdade
Dizem tambem que canta
De gallo, e se me espanta
Que seja realidade,
O Neiva com magestade
Assestindo a tal folgança
Sem poder entrar na dança,
Pucha badalos de sino
E diz—si eu sou menino
Mostro aqui minha mestrança.

Prosegue atriz, tua fama
Vence de Nize a historia,
De *Lucrecia* apaga a gloria,
Ciumes a *Dido* enflama;
Messalina ja reclama
Contra essa usurpação!..
Tao grande revolução
Ja que soubeste plantar
Não deves desanimar!...
O dalisca sem sultão

O Antunes.

Sr. Spinola tome sentido no seu caxeiro que o tempo que hade aviar os freguezes recosta-se sobre o balcão a namorar uma menina de defronte.

O Manuel Alves.

ANNUNCIOS.

ESCRAVO FUGIDO.

Fugiu desde 9 de junho do corrente do poder do abaixo assignado, o seu escravo africano, de nação nagô, de nome Fiel, estatura regular, magro, tem no rosto signaes de sua terra, tem os dentes da frente podres, costuma beber caxaça com excesso a ponto de dormir em qualquer logar; quem o prender e o levar ao Caes Dourado caza nº 54 receberá 20$000 de gratificação.

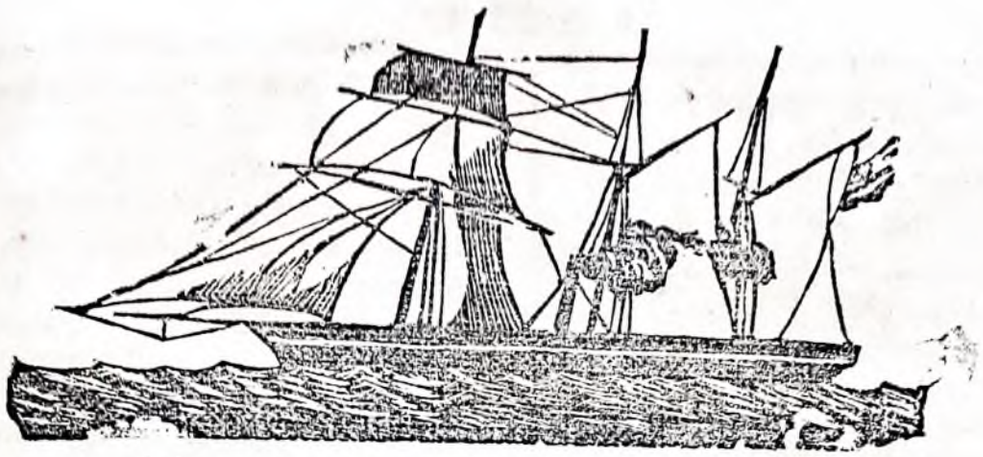
Este preto tem sido visto no Sangradouro, Cabula, Matatú; foi do Sr. Antonio Joaquim Freire de Carvalho e Albuquerque do engenho das Brotas termo de Santo Amaro.

José Machado Guimarães.

Anda fugida uma crioula alta, bem parecida, pretinha, cara comprida, conhecida geralmente por Chica Malafome, quando seu verdadeiro nome é Chica da Silva Maria; tem sido vista nas ruas dos Ourives, Poeira e immediações; quem a prender e levar a Felicidade Vovó para certos ajustes ou ao Bernardo, será gratificado com uma peça de chita Tamandaré, que dá seu senhor o Mandú e que se acha depositada em mão do Martinho bem como 350 rs. em dinheiro.

Na rua Direita da Misericordia, n.º 21, 2.º andar, recebe-se roupa para engommar com aceio e promptidão.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 21 DE JULHO DE 1866. SERIE 3ª—N.º 76

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de julho de 1866.

Officio ao Illm Sr commandante do 3º batalhão da guarda nacional, dizendo-lhe que os guardas do seu commando commeteram alguns abusos nas noites de 17 e 18 prendendo pessoas que nunca foram guardas nacionaes e obrigando-os a ir passar a noite no quartel.

Espera se que S. S. á vista da rasão que assiste a esta reclamação empregará meios para que não se reproduzam taes factos.

—Sabe me dizer si o academico Manuel Ignacio Lisboa ainda é pharmaceutico do exercito?

—Creio que sim; tanto que no mez de junho foi chamado á côrte.

—Justamente, e deixou de seguir por estar embaraçado em certo negocio do hospital militar.

—E o que ha de novo?

—Vi o nome delle como um dos contratados para marchar para o Sul.

Desejava saber si o Sr. Leão Velloso podia fazer isso.

—Si não pudesse não fazia.

—Porém é abuso; por ventura não está esse pharmaceutico sujeito ao ministerio da guerra? e para fazel-o marchar é preciso que seja contractado? quem lhe concedeu licença para contractar-se?

Não é isso vontade de esperdiçar dinheiro?

Ou S. Ex. quiz fazer favores com o que não é seu?

—E eu achava melhor que o Sr. cuidasse n'outra cousa.

—Estão na ordem do dia os excessos do recrutamento!

—O povo está aterrado!

—Os guardas nacionaes de todos os batalhões commettem excessos e desregramentos!

—Prendem sem distincção, e o que é mais, a prisão é acompanhada de ultrages e grosserias.

—Não admittem a menor observação; si o escravo pede para o levarem á casa de seu senhor, não attendem.

—E quem authorisa taes abusos?

—Não sei; propalam que vae se tirar contingente da guarda nacional; os guardas para salvarem sua testada seguem o adagio—si hei de ir eu va meu pae que é mais velho—e vão segurando.

—E eu lhes acho razão. Apezar de que me disseram que o recrutamento é para voluntarios.

A PEDIDO

HONRA A' BRIOSA SOCIEDADE INSTITUTO DRAMATICO.

Na terça feira 24 do corrente pretendem alguns moços da sociedade Instituto Dramatico offerecer um espectaculo no theatro de S. João, e com seu producto levantarem um mausoleu em Pirajá, para serem encerrados os restos mortaes do 1.º bravo voluntario da patria tenente coronel Galvão.

A lembrança é digna de ser apreciada por todos os brasileiros.

O theatro prepara-se com todo luxo, e consta-nos que em um dos salões haverá um tropheu em lembrança aos feitos do finado tenente coronel.

O espectaculo é todo variado e representado por estes moços que se tornam sempre dignos de todos os elogios.

Honra pois a estes briosos moços que fazem parte desta digna sociedade.

Casal padre Alexandre.

IX.

No nosso ultimo artigo, o illustrado publico viu estampada a imparcial e recta sentença do Sr. Dr. Juiz provedor, dada no dia 10 de junho do presente; embargou o Sr. Amorim Falcão a esta sentença; porém o Sr. Dr. Magalhães Castro, que não dá entrada a chicana, nem a causas capciosas, desprezou os embargos com a seguinte sentença: *Sem embargos dos embargos que não recebo por sua materia já discutida e sufficientemente esclarecida; subsista a sentença embargada, pagas as custas pelo embargante. Bahia 3 de junho de* 1866.—*Antonio Joaquim de Magalhães Castro.*

Appellou da sentença para a Relação; incontinenti nós mandamos intimal-o para preparar e atempar a appellação.

No Sr. Amorim a protervia sobe de ponto, que escondera-se do official de justiça por mais de duas vezes, indo este à caza de morada, na Matança, disseram-lhe lá que o Sr. Amorim estava no Mar-Grande, sabendo o official de justiça que era uma mentira, ficou de sobre-avizo, até que o encontrou; quando ia à casa de trabalho achava a porta aberta, nada do Sr. Amorim, escondia-se no Mar-Grande da vizinhança.

Attenda bem o publico para o pundonor do mesmo, não satisfeito de tudo, quanto tem feito occulta-se para não receber as intimações, afim de que a causa prolongue-se, é muito cynismo querer que um inventario de 16 annos perdure mais por meio de vistas, de embargos, de appellações de aggravos e finalmente oh! vergonha! do escondimento de sua propria pessoa, furtando-se aos requisitos, que a lei pede.

Os habilitados.

—Capitão, Rei dos moleques está em scena!

—Irra!

—Outro dia ia elle em uma cadeira pelo Noviciado, ao chegar no gazometro defronte da venda do *Constantinho* apeou-se e não pagou aos pretos, dizendo que pagava no outro dia. Os pretos não estiveram por isto e emperraram. Rei dos moleques quiz escafeder-se; porém um dos pretos agarrou-lhe na aba do paletot, Rei dos moleques vendo-se fisgado, quiz safar-se das garras do preto; forcejou, empurrou o negro, pois este estava decidido a não largar Rei dos moleques sem ver o cobre. Salú fez nova tentativa para safar-se, empurra o negro e ameaça-o; baldado exforço! O negro ameaça tambem Rei dos moleques.

—Que miseria!

—Vendo isso o Sr. *Constantinho* sahe para a rua com o seu catatau e quer obrigar o preto a soltar Rei dos moleques.

—Tão mal fez elle nisso.

—Escute: Rei dos moleques com o maior cynismo e descaração disse ao homem que não se mettesse n'aquillo por que o preto era de casa!

—Que safado! que sevandija!

—Não é a primeira vez; um moleque *Florencinho* de casa delle por poucas que esfrega-lhe as bitaculas.

—Um homem como este não devia existir!

—Eu acho que a mesma morte tem nojo delle.

—Aquillo tem tudo ruim com sigo.

—Vai mais um caso delle que me contaram.

No *trem bellico* existia o quartel dos artificiaes e os soldados costumavam

alli jogar. Rei dos moleques ia jogar no meio delles. O jogo era uma especie de banca na qual quem tinha o o az de copas ganhava as paradas; quando lhe cabia por sorte, Rei dos moleques dava o az de copas aos soldados por qualquer cousa e deixava de ganhar todas as paradas.

—La isso de jogo não intendo.

—Tambem fazia suas bixinhas sem ser em tempo de S João e os moleques davam-lhe pateadas e vaias quando o viam com similhantes coisas atarracadas na mão, pelo que ficou sendo chamado Rei dos moleques,

---

—Sabe que escapei agora de morrer?

—Como?

—Passava pelo Maciel de cima quando terceiro andar do sobrado n.° 34 despencou-se o peitoril da janella, foi a saccada do 1.° e veiu cahir tres passos distante de mim.

—Que graça!

—Ha ahi alguma cousa de pouco cuidado.

LADRÃO.

Porque não pagas o jornal a quem trabalha?

Não sabes que é isso um preceito divino, e sua contravenção um dos peccados que bradam ao *ceo*?

Por que não procuras indemnisar o procurador que te deu ganho da cousa?

He por que além de ingrato és um irreligioso e tratante.

(Continúa)

O Vigilante.

—So assim pode se comer gallinha de graça!

E é um sacerdote, um ministro da religião que comette uma baixeza destas!

—Esfriei o sangue, Sr.

—Fico fora de mim quando vejo certas acções ridiculas, praticadas principalmente por quem não as deve praticar.

—Conte-me la o motivo de sua zarga.

—Um sacerdote mandou por um seu escravo comprar uma gallinha para comer. O preto foi a uma mulher moradora na rua dos *Mercadores de rezes*, que cria gallinha, escolheu uma e levou a em confiança para ver si agradava a seu senhor coadjutor.

Sabe o que fez o salabardote? disse que aquella gallinha era sua e que lhe tinha sido furtada ha trez mezes, e ficou-se com ella.

A mulher foi ao padre e pediu-lhe até por *Santo Antonio* que lhe desse a gallinha, mas foi o reverendo impassivel.

—Sua alma sua palma Dizem que quem furta gallinha cada penna desta é um tormento que passa no inferno; si o padre roubou a gallinha da mulher la pagará seu peccado.

—Adeus, Sra. Quiabo duro.

—Sinhô, com quem é isso? V. não se assumpta não?

—Não sabia que dava o cavaco.

Julguei que so se zangava quando a chamavam *Cuia ligeira*.

—Sinhô se enxergue.

—Adeus, Sra. Maria Felippa.

A como vende a farinha?

—Não tenho farinha para vender.

—Então é para dar?

—Não sei, vá adiente.

—Ora diga sempre a como vende a farinha.

—Não vendo a certa gente!

—Então a quem vende a negros?

—.....

—Não responde; a brancos?

—E', e faço muito bem.

—Ora preta vae te lavar.

—Lavada ando eu sempre. Em quanto tiver por mim meu yoyo, não olho p'ra cafageste.

—Tem rasão, acho justo. Vou comprar minha farinha adiante.

—Faça isto e diga que eu lhe engano.

—Desgraça de nossa terra... uma preta tem desdoiro de que um de côr parda lhe falle!

Previne-se á Sra. Joaquina Cara-de-todos os bichos, moradora na rua da *Campbellas* em casa de um marcineiro, que cuide em sua vida e deixe

de metter-se com a dos outros, enredando toda visinhança, si continuar, depois da competente queixa ao subdelegado, irá para o porão do *Alabama*.

A' memoria

Do bravo 1.º tenente da armada brazileira Antonio Carlos de Mariz e Barros, morto no combate de Itapirù.

Era moço e valente. Dentro d'alma
Vibravam-lhe as sublimes emoções.
No seu peito bracões de verde palma
Diziam d'alta gloria as ovacções!
As lendas de heroismo, a valentia
Seu porvir d'esperança traduzia;
A Patria sua imagem sonhadora
Exaltava-lhe a mente—elle s'erguia
E no centro da lucta abrazadora
Zombava do inimigo, e a soccorria!

Foi ante essas muralhas memoraveis
De Paysandú, cuspida, escarnecida,
Qu' em feitos de bravura perduraveis
Ergueu a nossa honra e a nossa vida!
—Era embalde vencel-o; a chuva ardente
De balas e fuzis, humildemente
Seu vulto respeitava.—Era um gigante,
Na peleja medonha e enfumaçada
Ao soar dos clarins, da bala errante
A fronte além se via illuminada!

Seu nome se cubriu de immensa gloria
A' voz febril das ondas populares;
A Patria lhe sorriu, e a nossa historia
Foi graval-o nos louros seculares!
Mas la nesse covil—covil immundo
D'infame paraguayo—à luz do mundo
Praticam-se nefandas tropelias!
—E'a que o vil *Solano* engendra o crime;
Qu' em furia s'arremessa em correrias,
Deshonrando a virtude tão sublime!

Foi la *Mariz* e *Barros*—la bem perto,
Onde cruzam pellouros e a metralha!
De vencer, ou morrer era bem certo:
Oh! que espectaculo! horrivel batalha!
—Nossas tropas affrontam mil bombardas...
Accommettem medonhas espingardas;
Tolda o ar a fumaça, treme a terra,
Aos trovões infernaes rolam soldados,
O sangue serpenteia o chão da guerra,
E os nossos batalhões soltam mil brados!

Victoria! Gritam todos contemplando
Os destroços, que ao longe divisavam...
De repente porem foi se gelando
O sangue desses bravos, que se amavam!
—Uma estrella de luz, que aqui se via
Foi aos poucos morrendo... e se sumia!
—Era o bravo *Mariz*, que se finava
Entre as lucidas pompas da victoria:
Se um ai! elle gemeu e suspirava
Foi só a sua Patria e a sua Gloria!

No momento sinistro em que s'espraia
A vista moribunda, em que um adeus
Esflora nossos labios e desmaia,
A imagem da familia foi seu Deus!
—De seu Pae se lembrou e consagrava
Um laurel, que na fronte lhe restava.
Leis eternas!—O genio busca os ares,
Vae aos ceus hombrear co'a tempestade,
Beija o sol, e só ama desses mares
Os grandes turbilhões—a Eternidade!

Paranaguá 8 de maio de 1866.

Dr. João Antonio de Barros Junior.

ANNUNCIOS.

ESCRAVO FUGIDO.

Fugiu desde 9 de junho do corrente do poder do abaixo assignado, o seu escravo africano, de nação nagô, de nome Fiel, estatura regular, magro, tem no rosto signaes de sua terra, tem os dentes da frente podres, costuma beber caxaça com excesso a ponto de dormir em qualquer logar; quem o prender e o levar ao Caes Dourado caza nº 54 receberá 20$000 de gratificação.

Este preto tem sido visto no Sangradouro, Cabula, Matatú; foi do Sr. Antonio Joaquim Freire de Carvalho e Albuquerque do engenho das Brotas termo de Santo Amaro.

José Machado Guimarães.

Attenção.

Nesta typ. vende-se os seguintes livros:

Direito Publico Brasileiro de Pimenta Bueno.—7$000 rs.

Historia da revolução franceza.—8$000 rs.

Casamento Civil, por Carlos Kornis de Totvárad.—5$000 rs.

Historia da Edade media por Calogeras.—3$000 rs.

Guia eleitoral, ultima edição 2$000.

A Mão do Finado.—2$000 rs.

Constituição do Imperio.—1$000.

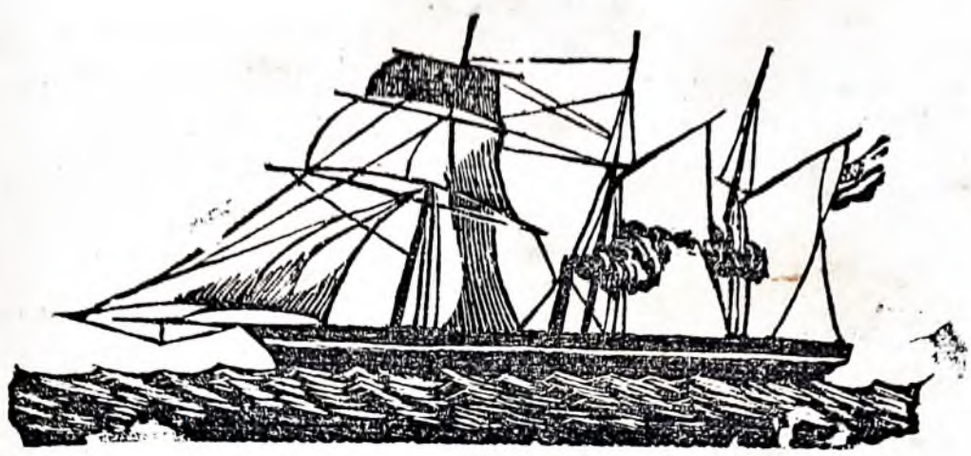
Codigo criminal.—1$000.

Formulario de Chernoviz, edição do corrente anno.—5$000 rs.

Os Lusiadas de Camões.—3$000 rs.

Constancio. Diccionario portugaez, em bom estado.—9$000 rs

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 24 DE JULHO DE 1866. SERIE 8.ª—N.º 77

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicaçõ s. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de julho do 1866.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, levando ao seu conhecimento que corre por ahi o boato de um dia destes ter sido atrozmente esbofeteado o soldado de policia Luiz Estacio pelo alferes Olympio, que o offendido apresentou-se a seu commandante queixando-se e mostrando as sevicias occasionadas por aquelle acto ignomioso, e que este contentou-se em mandar chamar o alferes o reprehendel-o brandamente.

S. Ex. naturalmente inimigo de arbitrariedades, mandará informar-se do caso, e fará a justiça devida.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que mande trancafiar na Correcção um insolente bebado de nome Mathias que anda pela sua freguezia a proferir voz em grita palavras obscenas,a qualquer hora do dia sem importar-se que pelas janellas estejam senhoras.

—Seguiu hontem para onde lhes está acenando a gloria a brilhante constellação academica que vae nos campos do Sul desempenhar a honrosa tarefa de que se incumbiu.

—E tambem seus distinctos mestres que com elles vão tomar parte em tão ardua missão.

—O embarque foi concorrido de pessoas de todas as classes e jerarchias.

—Deus os leve e traga a salvamento.

—Hoje ao meio dia teve logar a salva em satisfação que dá o governo dos Estados-Unidos ao nosso pela offensa feita ádignidade do Imperio pelo vapor *Wassuchet* no acto de aprisionar o *Florida*. Foi correspondida pela corveta *D. Januaria.*

—Foi muito reparado que no pau da bandeira hasteassem a bandeira americana e alli não apparecesse a nacional.

—Lembranças do capitão Fausto.

—Capitão, ha cousas que me fazem duvidar de mim mesmo.

Julgo estar sendo victima de algum pesadello.

—Alguma banalidade que espremida. não deita um dedal de suco.

—Pelo pouco avalia-se o muito; ha factos camesinhos e de nenhum valor, que põe em evidencia a maneira porque certas cabeças se regulam.

—Mas a que vem essa historia tão comprida?

—Estou estupefacto com uma do Sr. Leão Velloso.

—Qual é?

—Mandar declarar sem effeito o contracto celebrado com os individuos Procopio Gomes de Britto e Manuel de Assumpção de Jesus, para servirem de enfermeiros nos corpos do exercito por não saberem ler e escrever!

—E que tem isso?

—Na minha humilde opinião parece uma estultice, porque si os homens se contractaram haviam de assignar o contracto, ou alguem por elles, e não havia melhor occasião de verificar-se si sabiam ler ou não.

Porque o Sr. Leão Velloso não é nenhum parvo nem doudo.

A PEDIDO

—Si eu tivesse intimidade com o Sr. major de engenheiros Aguiar pedia-lhe um favor.

—Qual era?

—Que desse andamento a obra da praça D. Izabel Era uma distracção que os moradores da freguezia da Sé tinham e da qual estão privados.

—Aventure sempre, o Sr. major Aguiar é um cavalheiro urbano e si a cousa depende delle estou que lhe ha de attender.

Poesia

dedicada à um artista disponivel, com lettra immitativa de uma outra

Não desanimes, Dom X.,
Nem andes tão cabisbaixo,
Que, si precisas de um macho,
Em breve serás feliz,
Si, banida parariz,
Não tens p'ra onde voar,
Que importa que sem luar
Viva assim ten candieiro,
Si, estimando o captiveiro,
Não tratas de te forrar?!...

Como ao fado resistir?
Como fugir d'este laço,
Que te põem na *verga* o braço
A descer e a subir?
Si outros podem fruir
Antigos gozos de Roma;
Vae tomar caldos de gomma,
Com raiz de mandioca,
Bem agarrado à taboca,
Que filho ir de Sodoma!

Meu neto de D. Manê,
Começas comoro bisoure:
De manhan—flores, de touro,
De noite na m... (*tufé!*)
Ora.. , as cousas n'este pé,
Ou se vence ou se arrebenta!
Teu *nobre officio* sustenta,
De vacca si não tens teta,
Tens de boi; o mais é peta;
Qualquer se pode chupar!

Maldiz o Justiniano,
Que não da-te a fructa pecca,
Nem precisa de ama secca
P'ra limpar-lhe em casa o *cano*!
Somente um dia do anno
Poderà ceder-se os *souros*,
Que colherás como louros
P'ra formares uma figa,
Com que adornes a barriga
De teu *preferido* touro.

E' raro; mas é verdade,
Que a gallinha tambem canta
De gallo, tal não espanta,
Pois vejo a realidade!
Tens o dom da magestade
Na *Gomorrense* folgança!
Nas suas sallas de dança
E's tu quem tocas o sino,
No *brinquedo* dos meninos
Tu tens direito à mestrança!

Prosegue, A. B ; tua fama
Já repete a voz da historia,
Dos *filhos* apaga a gloria,
Ciumes n'elles inflama!
Ganimedes já reclama
Contra essa usurpação!
Mas esta revolução
Já que soubeste plantar,
Não deves desanimar,
Gazella, que não tens cão!...

Augusto o artista.

—Onde vae parar tanta arbitrariedade!

O cidadão nem dentro de sua casa póde contar-se garantido.

Chama-se ao governo de Lopez despotico, e aqui commette-se quanta violencia ha em nome da authoridade!

—Tem alguma cousa nova?

—Dous guardas da Sé prenderam

no sabbado á noite á ordem do seu commandante um homem matriculado na capitania do porto, e com excusa do serviço da armada. O homem disse que ignorava que authoridade era o commandante do 1.º batalhão para ser preso á sua ordem, e mostrou a sua isempção.

Os guardas com tudo teimaram em prendel-o e o perseguiram até o largo de Santo Antonio onde o prenderam á ordem do chefe de policia; o homem ou para não dormir na Correcção ou pelo que fosse, correu e entrou n'uma casa. Um dos soldados invadiu a casa, foi até salla de jantar, d'ahi passou á cosinha, saltou uma janella, e foi ao quintal prender o homem!

—E' um abuso inaudito entrar á noite em casa do cidadão sem seu consentimento!

—E escandalos como estes commettem-se a cada hora.

E a lei é por maneira postergada a cada momento!

E o povo é massacrado a todo instante!

—E assim se paga a dedicação com que se tem distinguido os bahianos na actual conjuctura!

—E amanhã o *Diario* dirá que está authorisado a declarar que não ha recrutamento, quando se authorisa os soldados a arrancar gente á noite de dentro de casa!

—Não se admire disso por que na noite de 19 na freguezia de Brotas cercaram quatro casas á uma hora, arrombaram as portas e recrutaram quem estava dentro.

AO BALBINO.

Que hade este moleque
Accostumado ind' ha pouco
A escutar o som rouco
Da correia pelo beque;
Que atado um espeque
Ande agora atrevido
Pimpando de emproado.
Em dura corda amarrado
Escapou de ser surrado,
Si não é certo pedido...
Um moleque cuja pelle
Ainda não é bem forra
Anda a se metter de gorra
Com quem está distante delle;
E não se lembra aquelle
Descarado sevandija
Quando da comida a caixa
Levava á cidade baixa
Para o senhor almoçar,
Com a cerviz cabisbaixa?

—Ha factos que não devem passar desapercebidos do publico, uma vez que quem é encarregado de velar pela vida e bem estar do povo pouco cavaco dá com isso.

—Então abra a bocca e falle.

—No sabbado p. p., vinha socegadamente para minha casa em busca de descanso de oito fatigantes horas de trabalho, quando ao chegar perto do forte de Santo Alberto veiu empare-lhando commigo a gondola da carreira do Bomfim. Como o logar era espaçoso procurei o lado do muro, porém o boleeiro ou por malvado ou por inexperiente, quanto mais eu me achegava ao muro ia elle tomando essa mesma direcção, até que emfim não tive mais para onde desviar-me e levei um forte tombo na roda que me atirou ao chão, e para mais infelicidade embaraçou-se o palitot na mesma e fui assim arrastado, cerca de dous minutos; a não serem os gritos dos passageiros hoje estaria na outra vida; e me julguei muito feliz por sahir apenas com o corpo amassado e todo arranhado, e com a roupa em pedaços.

—E agora o que quer Vm.?

—Queria que V. Ex. se dirigisse aos Srs. Ariani pedindo-lhes mais algum cuidado na escolha dos boleeiros, para não se ver o publico aos desatinos de um estabanado ou á impericia de algum ignorante no officio.

—Será satisfeito; e estou certo que elles hão de attender.

(Continuação.)

—Estou de bocca aberta! O tal vigario de Matatuim tem o que se lhe diga!

—V. Ex. ainda não ouviu metade,

ja se admira!

Agora anda elle atraz de seduzir uma innocente menina filha de uma pobre crioula moradora na ladeira dos Carmelitas.

Para alcançar o que deseja anda la com treitas fingindo-se camarada da mulher para melhor poder fisgar-lhe a filha.

E para mais bem cabido se fazer quando está na cidade vai toda demanhan almoçar mocotó!

Faça V Ex ideia da moralidade de um padre que não se peja de ir comer em uma bodega, n'uma terra como esta onde ha tantas casas e hoteis decentes para uma pessoa de sua cathegoria.

—E' debochado na verdade.

—E' o suprasumum da descaração!

A sua prediletca Vitalina tomou para ensinar uma menina filha de um pobre homem que *trabalha* em *ferro*. Um dia Vitalina foi encontral-o no quintal aos *tombos* com a desgraçada menina que a esse tempo ja tinha perdido o unico e precioso bem que possuia.

Vitalina fez um berreiro dos diabos, bradou mais que o preto do leite. Nosso Rvm. desculpou se com um rapaziuho que tinha em sua companhia e a quem ensinava a ler e disse que aquillo era obra do menino, e a pretexto de que a menina estava peijada arranjou em poucos dias um casamento sem sciencia dos paes do rapazinho, e encarregou da ceren onia a um frade mentecapto irmão de um tal *Leopoldo* que aqui houve por que elle mesmo não teve animo de se apresentar com receio do pae do menino que ficou desesperado quando soube do laço que armara o satanico padre a seu filho.

O casamento para não dar na vista foi celebrado em casa, e fazia rir ver o maluco do frade sem saber desenvolver-se e a Vitalina guiando-o no que havia de fazer

—Estou pasmado, si não fosse o Sr. que me dissese não acreditava.

—Converse V. Ex. com qualquer habitante do logar e si não lhe confirmar tudo quanto tenho dito, passarei pelo ente mais embusteiro deste mundo.

(*Continua.*)

Foi publico no arsenal de marinha que se achava á disposição dos amigos dos distinctos lentes e academicos que partiam para o theatro da guerra, um pequeno vapor para os levar a bordo ao bota fóra.

Embarcados quatro moços em um saveiro que conduzia passageiros para o tal vaporzinho, um dos quaes era irmão de um dos lentes, ao subir o vapor apparece um figurino mais ma inheiro que estudante impedindo a subida a titulo de não levarem cartão, quando ahi embarcavam todos quantos para la se dirigiam

Ora quando assim fosse, era do brio, educação de um moço civilisado, por miseraveis vintens, obstar a subida de taes moços, que talvez fossem preencher um fim mais nobre do que o delle?

Era melhor que o tal marinheiro se mettesse em uma casa cabisbaixo de vergonha por não imitar a seus nobres companheiros do que commetter acto ão reprovado por todos quantos preenciaram essa falta de educação.

LADRÃO.

Porque não pagas ao procurador que te deu ganho da couza? Lê a Doutrina Christan, e verás explicada toda a vida de São L. e São A. que andaram pelo mundo vendendo rendas, e quando cansavam da jornada iam aposentar-se defronte de um morgado e darem graças a virgem Santa Barbara.

(Continúa.)

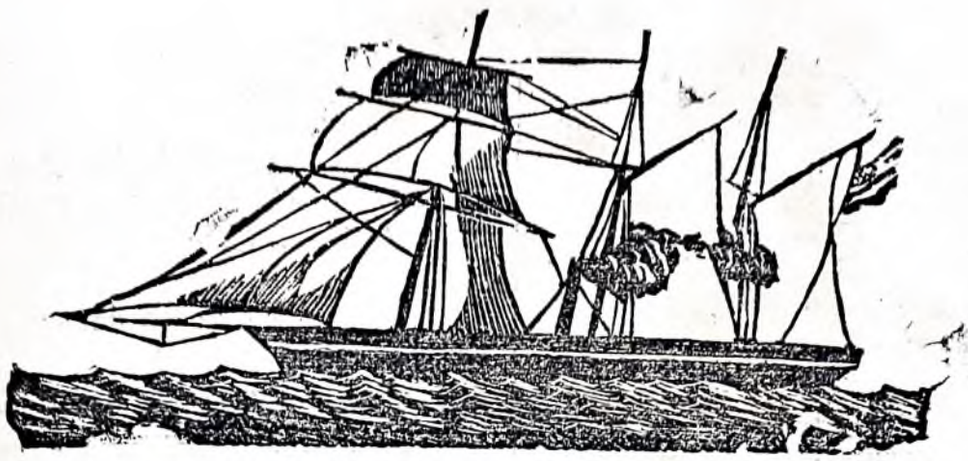
O Vigilante.

ANNUNCIOS.

ESCRAVO FUGIDO.

Fugiu desde 9 de junho do corrente do poder do abaixo assignado, o seu escravo africano, de nação nagô, de nome Fiel, estatura regular, magro, tem no rosto signaes de sua terra, tem os dentes da frente podres, costuma beber caxaça com excesso a ponto de dormir em qualquer logar; quem o prender e o levar ao Caes Dourado caza nº 54 receberá 20$000 de gratificação.

José Machado Guimarães.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 26 DE JULHO DE 1866. SERIE 8.ª—N.º 78

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de julho de 1866.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação, pedindo-lhe que empregue os meios a seu alcance para que a maior parte dos lampeões na freguezia de Santo Antonio não sejam apagados antes de quatro horas, parecendo isso um proposito da companhia em mangar com os moradores daquella freguezia.

Si S. S. quizer se dignar dar um passeio pela madrugada, verificará com seus proprios olhos o que aqui fica dito.

—O *Diario* diz que não ha recrutamento.

—Veja aqui a mostra do panno:

«Presidencia da provincia,—expediente do dia 18.—Ao coronel commandante das armas communicando que por despacho desta data, foi concedido ao *recrutado* Francisco Alves Ferreira o prazo de 15 dias para provar a isempção que allega etc. etc.»

« Requerimentos despachados—dia 16—Lino Rodrigues da Luz; pedindo um prazo para provar sua isempção.—Idem.

Henriqueta Maria da Conceição; pedindo um prazo para provar a isempção que tem a sua cria de nome João de Lima Rocha—Concedo o prazo de 8 dias.

Manuel de Oliveira Figueiredo; pedindo baixa do serviço militar—Não tem logar, visto não constituir o que allega isempção legal.

Macario Geraldo de Farias; pedindo um prazo para provar a isempção que tem do recrutamento seu sobrinho Anastacio José Damasio — Concedo o praso de 8 dias.

«Repartição da policia—Extracto da parte do dia 9.—Na freguezia de Santo Antonio, pela subdelegacia do 2.º districto, foi preso Gonsalo Paulo Alimite, pardo, *sapateiro*, *vadio*, para ter conveniente destino.

Dia 15.—Na freguezia de S. Pedro, á ordem do respectivo subdelegado, João de Santa Rosa de Lima, crioulo, *barbeiro* para ter conveniente destino.

Dia 16 —Na Rua do Paço, foram presos Suterio Augusto Candido de Jesus, pardo, *carroceiro*, Hylario Joaquim Lopes, crioulo, *marcineiro*, Manuel cabra, *que se diz escravo*, todos para terem conveniente destino.

Dia 17.—A' disposição da policia foi preso Anastacio José Damasio, crioulo, *carpinteiro*, para ter conveniente destino.

Na freguezia do Pilar, Manuel Jeronymo Pereira, pardo, *funileiro* para ter conveniente destino.

—Capitão, quer ouvir um facto da mais requintada arbitrariedade?

—Porque não?

—Acabo de chegar de Nazareth onde foi elle acontecido e do qual fui testemunha occular.

Foi recrutado em occasião em que vinha trazer ao mercado productos de sua industria da lavoura Manuel Ferreira da Costa, guarda nacional do batalhão 109 e foi trancafiado na cadeia apezar de tudo quanto allegou em seu favor. Alli esteve alguns dias, até que se resolveram a embarcal-o para a capital. O preso tinha mandado vir o seu uniforme de guarda nacional, e na occasião de embarcar vestiu-o.

Ordenaram-lhe os satrapas da terra que despisse aquelle uniforme, e como o homem não quizesse satisfazer a tão desordenada intimação, mandaram com uma navalha rasgar-lhe a farda no corpo, tomaram-lhe o bonet e então foi escoltado em mangas de camisa para o vapor que acaba de chegar a este porto.

Que diz V. Ex. a isto?

—Que assim como isso é tudo mais.

—O theatro está em crise. Faltas de dinheiro. Os empregados estão as escuras.

—Ha quem duvido que a empreza dê cabo da missão.

—Eu sei la!

—Até o criado do Sr. Leão Velloso não escapou do recrutamento! Foi seguro hontem a noite.

—Mas com este o negocio se fiou mais fino; o sujeito veiu se fazendo de *móca* e quando chegou na porta de palacio cabiu dentro e de la passou uma tremenda desandadeira nos recrutadores, ajudado dos ordenanças de S. Ex.

—E com effeito é grande atrevimento dos taes soldados: recrutar o criado de S. Ex.!

—Aspirante!

—Prompto

—Sabe o *Recreio da Mocidade?*

—E' uma taverna no Rosario de João de Pereira.

—Justamente

Informam-me que o dono dessa taverna reune nella todas as noites immensidade de pessoas apreciadoras da *boa pinga*; que as quaes á força de muito provar e examinar a melhor qualidade do secco da uva, ficam com os miolos esquentados e dão para gritar e cantarolar indistinctamente;o que faz com que quem mora por alli não possa pregar olhos até as duas da noite, hora em que se retira o grupo.

E é preciso acabar com isso.

—E o que ordena V. Ex?

—Que procure o dono dessa taverna e lhe faça sentir isso.

Será obedecido.

—Que a continuar, uma vez que não ha fiscal nem authoridade que veja, mandar-se-ha um personagem ca de bordo, muito respeitado intender-se com elle.

VARIEDADE.

OS FOLGASÕES DA MONTANHA.

ROMANCE DO DR. TAPIOCA.

I.

Houve ha algum tempo, na cidade do Rio de Janeiro, um tivoly, situado no campo de Santa Anna, creio eu: entre os saltimbancos que formavam a caricata companhia, distinguia-se uma linda menina de onze para doze annos, esperta como o azougue, tendo uma perna bem feita, pé pequeno e cheio, anca baleada, cabellos castanhos, olhos pardos, cujas retinas insinuantes, de combinação com as dilatadas narinas, já annunciavam grande propensão para essa vida de sensações vivas e ardentes.

Si em um dançado *Jesuna* (assim chamava se a menina) arrebatava ja pelas posturas hesitantes, ja pelo arreganho, causara pasmo quando fóra do tablado servia aos freguezes..... no botiquim, do qual era caixeiro. Não tardou que acobertada pela protecção dos que amam o que é bom, fosse admittida em um theatrinho de ordem muito inferior, é verdade; mas sempre me-

lhor que um tivoly, sempre mais decente que uma bodega; era a sorte que dava-lhe o seu primeiro sorriso!...

Os mais desenvoltos e precoces desejos porém obrigaram a que *Jesunai*, d'esde logo se inclinasse a um seu collega, que sem importancia, sendo até bastante *escuro*, tinha com tudo um nome bastante lindo, o de Celestino.

Destra em certos manejos, com tudo, justiça seja feita, guardava ainda o *pomo*, com o qual mimoseou ao *cabrinha* !....

Seus protectores que esperavam a mesma recompensa, vendo assim baldadas as esperanças, arrefeceram: então foi-se resumindo o circulo dos adoradores, por verem a deosa pronunciar-se abertamente pelas cores *escuras*.

Um travesso estudante porem, foi pertinaz, e no fim de 15 ou 20 dias tomava de assalto a *celeste* propriedade: nem se admire o leitor do pouco tempo que durou o endeosado imperio *Jesunai* ouvindo muita vez repetir-se o dito de Horacio —A variedade deleita,— tinha jurado tomal-o por divisa: engolfada nessa nova fonte de prazeres, esqueceu completamente o seu primeiro amante, que moça inxperiente se tinha deixado arrebatar nas azas de doces illusões, acreditando encontrar sinceridade, no aqueducto do cynismo, quando se viu só e trahido, soffreu tão profundo golpe, que o prostrou mortalmente no leito das agonias; e ahi, sorvendo gole a galle a morte na taça do despreso, supportando as convulsivas angustias do ciume, via-se escarnecido por aquella que o abandonou, e que com um gargalhar satanico e escuro aplaudia o seu triumpho !

Foi um soffrer pungente! foi uma morte horrivel !

Por um requinte de cynismo, *Jesunai*, quando escutou o ultimo soluçar dorido, quando ouviu escapar-se dos labios da sua victima—o suspiro angustioso que revelava o poema da morte, o carme da extensão, apresenta-se e á cabeceira do moribundo ella se sacia em escutar os ultimos arrancos, daquelle que morrendo por seu despreso d'ella, dava-lhe com sua morte o diploma do poder de sua belleza!

Derepente impallidece...os labios esbranquiçados lhe tremem....quem a visse assim diria que o arrependimento a tocara....mas não, não era uma prece, era uma imprecação ! não era o remorso, era uma blasfemia !..... por fim um riso livido como o cadaver lhe assoma nos labios, e bem como esses profanadores dos jazigos dos mortos, ella desrespeita o silencio solemne que assiste a passagem para a eternidade!

Obrigada ! disse ella: obrigada ! morreste por que te despresei, lavraste assim o attestado do meu poder!...o mundo é cheio de tollos como tu, obrigada, tu me fizeste conhecer quanto valho.

E proseguindo no seu rir infernal lentamente se retira.....encontrando seu novo amante, da-lhe um beijo ardente que o faz estremecer, diz-lhe que precisa estar só..... elle obedece....ella esta pensativa ?....

Aquelle beijo teria mel, ou peçonha ?.... é o que vamos saber.

(*Continúa.*)

A PEDIDO

—Vem cá birbante!

—Lembrou-se de mim ?

Porem note que ja não sou quem dantes era; hoje sou *alferes*.

—Ja sei que não lavas mais os cavallos de teu *chefe*.

Mas por que és *alferes* não deixas deser reu de *policia* Ora dize-me frascario, para que havias de te valer da posição que indignamente occupas para ultrajar e desfetear um pobre homem, talvez com mais brio na sola dos pés do que tu na cara?

Por que rasão havias de esbofetear o pobre homem.

Tu ja não estiveste em condições mais baixas do que elle, por que só servias para lavar e tratar dos cavallos, unica condição de que te achavam digno?

—Quero saber quem sou e não quem fui.

—E fiado nisso, canalha, tens o arrojo de abusar de tua authoridade para avillar e massacrar um infeliz sem protecção, nesta terra onde somente são protegidos os infames e bandalhos como tu.

—Sr. basta de sermão, deixe-me que vou visitar o *Olympio*.

Devias ir antes para o *Engenho da Conceição*.

—Certas authoridades só servem para atropellar o povo, e commetter

em nome da lei os actos da mais nefauda selvageria quando assim convém a seus interesses particulares. Valem-se do caracter official para cevarem vinganças pequeninas e odiosidades mesquinhas!

—E rara vez não é o fraco quem caro paga a desforra que não pode o mandão tirar com o forte!

—Esta Latronopolis rola por um despenhadeiro de abusos, e vae afundar-se no abysmo da corrupção e desmoralisação.

Ajuize pelo seguinte facto:

Ha na freguezia das *Grutas* um homem proprietario da fazenda *Engenho Idoso*, o qual tens alguns rendeiros.

Na noite do Precursor, ordenou a seus escravos que fizessem na fazenda uma fogueira para se divertirem, com tanto que d'alli não sahissem.

E' preciso advertir que a fazenda é toda cercada.

O subdelegado do logar que tem seus queixumes do proprietario, quando foi alta noitd apresentou-se cambaleando, com uma bengala de *Sebastião* d'arruda com castão em forma de *Cruz* acompanhado de um sujeito que dizia seu ordenança,e que se chamava *Mello* a querer tomar um pandeiro com que os escravos se divertiam.Os escravos foram acordar o senhor que ja dormia, e esto fez ver ao subdelegado que não admittia a entrada delle em sua propriedade áquella hora sem seu consentimento, que seus escravos estavam alli por sua ordem e que se haviam de sahir para serem presos, estavam se divertindo em sua casa.

O subdelegado que ja tinha talvez entornado no bucho suas duas ou trez botelhas de genebra, por que é apologista da cousa, e que foi alli somente para satisfazer um capricho, impellido ainda mais pela força do alchool tornou-se pertinaz e disse quanta asneira lhe veiu a pesada cabeça; ameaçou com processos e prisões, mas como aquillo não era delle,supportou-o até que elle retiron-se.

—Obrou com prudencia.

—Mas capitão o tal sujeito é daquelles bebados que tem atilada reminiscencia.

—Na bebedeira destes não acredito, são atrevidos e insolentes que se emborracham para dizerem e commetterem seus desaforos com desculpa.

—Deixou passar dias, e uma noite destas reuniu alguns reus de policia e peitos-largos que lhe fazem roda e foi ao *Engenho Novo* e cercou as casas dos rendeiros que alli moram, arrombou as portas, quebrou as janellas,entrou, não respeitou nem o leito conjugal, nem o quarto da donzella, foi arrancar de cima de suas camas pobres trabalhadores da lavoura, que descançavam áquella hora do incessante trabalho do dia; homens que apezar de pobres são talvez mais honrados do que muita authoridade caricata, stupida e nefaria, por que regam a terra com o suor de seu rosto para viverem honestamente.

—E esses actos de feroz prepotencia vem de cima, meu charo, não admira nada que um subdelegado arrombe uma casa a meia noite e tire quem nella estiver dentro.

—Si dissesse que era algum criminoso, ainda passaria.

—O Sr. ha de ver que elle ha de continuar no exercicio para commetter maiores e mais reprovados excessos.

Apezar de que eu confin muito na integridade do chefe de policia.

—Um official aquartellado pode ausentar-se da cidade por trez ou quatro dias?

—Que sussurro é aquelle?

—São dous officiaes que altercam e desafiam-se

—Pois em frente da parada!

—E com o ajudante do general presente!

—Homem, repare, parece cousa que elles querem se atracar

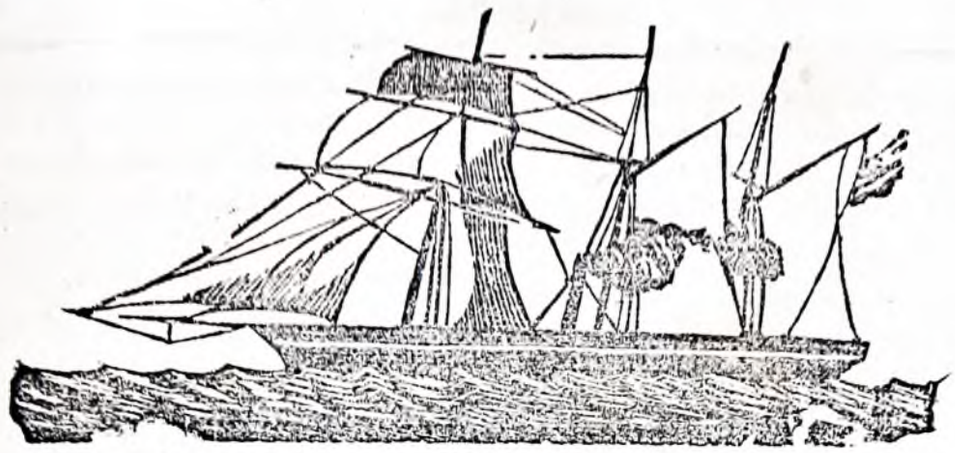
—E la se atracaram!

—Valha me Sant'Anna!

Que exemplos para os soldados!

ANNUNCIOS.

Na rua Direita da Misericordia, n.° 21, 2.° andar, recebe-se roupa para engommar com aceio e promptidão.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 28 DE JULHO DE 1866. SERIE 8.ª—N.º 79

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de julho de 1866.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que continúa a affrontar a decencia publica com suas palavradas o beberrote Mathias; um dia destes teve a sem ceremonia de arrear as calças no meio da rua para satisfazer uma necessidade corporal.

—Os cortadores de carne excogitaram mais uma para roubar o povo.

Agora tem elles constantemente uma faca em baixo da concha da balança que leva o peso. No acto de deitar a carne na balança batem com uma ligeireza inapercibivel no cabo da faca, a qual suspende a concha, parecendo que é o peso da carne; tiram pressurosos esta da balança e a dão por pesada.

—E a graça é que os fiscaes estando mortos e vivos nos açougues ainda não deram por isso.

—E o Sr. Leão Velloso no seu regulamento monstro que fez tanta couza não se lembrou de estebelecer uma medida que abrigasse o povo de semelhante rapinagem.

—Em casos como este é que a authoridade deve empregar toda energia para fazer respeitar o seu caracter official, e para que sejam atacadas e obedecidas as ordens legaes della emanadas.

—Qual é elle?

—Não vê como está aquelle sujeito *coroado* com cara de laranja *azeda* a blaterar contra o delegado por haver affixado editaes no theatro prohibindo que se fume nos corredores e salões como manda o Regulamento do mesmo, e dizendo que os ha de rasgar todos?

—Do dizer para o fazer vae muito; o homem está exaltado; deixe-o.

—E o mau exemplo que va pegando.

—Dizem que de certos dias para cá tem havido toda reserva no recrutamento, a ponto de não se publicar mais os nomes dos recrutados.

—Acho bem, acho bom...Nada de publicidade a certos actos.

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

Compadre do coração.—
Como passa esta vida?
Os meninos como vão,
E a comadre querida?

Isto por ca do venturas,
E' rio sem paradeiro.....
N'algibeira do quem tem
Não ha falta de dinheiro.

Nosso estado sanitario
Dizem que é excellente;
Todos gosam de saude,
Excepto quem está doente.

Estou cheio como um ovo!
E é preciso brotar!...
P'ra pôr em sua presença
Tenho coisas de espantar

P'ra não ficar indigesto
Com tanta cousa que guardo,
Vou despejar sem preambulos
De novidades o fardo.

—Anda aqui por entre o povo
A meia voz, um falacio
Que a pouco um ministro nosso
Comprou um rico palacio.

Mil e tantos contos deu
Pela soberba morada!.....
E' mesmo uma habitação
Propria para gente honrada!...

Veja V., meu compadre,
No seu mister de roceiro,
Quando hade em sua vida
Ajuntar tanto dinheiro!

—Temos presidente novo
Que ainda ca não chegou!
No meu ver o ministerio
Com o Velloso mangou.

Da Bahia ir p'ra o Pará
E' p'ra *amuar*, um tal facto!....
O vulgacho chama isso
De ganço passar a pato.

—Deve ir ja se preparando
Para o que produzir
Seus tomates e bringellas
Com a nação repartir.

Por que parece que brevo
Temos imposto directo,
Creio até que n'assemblea
Ha sobre isso um projecto.

—Agora uma bem boa
Pexincha se offerece,
Si V. quiser a cousa
Em dous mezes enriquece

Fios vendidos a seis contos
Cada arroba, mal pesada,
Compra o governo no Sul
P'ra o exercito e armada.

—Tambem ha um outro arranjo
Que servia p'ra nós dous:
O Sento-Sé quer comprar
Duzentos e tantos bois;

Para levar um vapor
Por esses mattos além;
Si pega a moda dos barcos
Por terra estamos bem.

Que dinheiro não ganhavamos!
Mas disso me desengano,
Pois que a vacca da comadre
Só pare uma vez no anno.

Si o touro do vigario
De bicheira não soffresse;
Podia agora vendel-o
E com algum interesse.

Veja si pode comprar
A besta do professor;
E tambem s'aguenta carga
O burro do collector,

—Vamos de mal a peior
Com as noticias da guerra;
Não sei si alguma caveira
De burro o negocio encerra.

Os cofres se esvasiam,
E o povo lê com magua
Q' um dia nao ha cavallos
E no outro falta agua.

Veja o deputado Brusque
N'um seu discurso o que diz;
Que ha cousas escandalosas
Denuncia elle ao paiz.

Nas forças de Porto-Alegre
Diz elle, que se arranjou,
Um contracto oneroso
Que aos cofres muito pesou.

Bolacha que no mercado
A 120 girou
A tres mil reis cada libra
Agora se contractou.

Fumo que a oito mil reis
Cada arroba custava
Cento e vinte ao Estado
Se usurpando estava.

Custa noventa novente e seis bagos
Cada alqueire de sal!
Erva-mate uma arroba
Vinte bicos!... E que tal?!

Para sessenta soldados
Um boi; custando a nação

Sessenta e quatro mil reis!
Isso é de encher a mão.
Diz o mesmo deputado
Haver quem se propozesse
Fornecer tudo por menos;
Mas houve quem não quizesse.
(*Continua*)

A PEDIDO

—Ah Sr., faz favor!

—Quer fallar-me da crioula?

—Não senhor; quero dar lhe um conselho.

—Pois olhe, ella tem feito o diabo commigo.

—O Sr quer ficar maluco?

—A malvada abandonou-me por causa do tratante daquelle marotinho, mas elle paga-me, ja lhe augmentei o aluguel da venda!

—Sr. torne em si; tome juizo; Vmc. não é criança, de mais esse papel que representa, não lhe assenta. O Sr. um negociante matriculado perde o conceito entre os seus collegas, e serve de chacota para elles.

—Vê, estou mais calvo do que era, por causa da endiabrada preta.

—Mas o Sr. mesmo é que tem a culpa disso; em vez de se dar a respeito, fazendo asneiras que não condizem com sua edade, nem estado.

O que significa o Sr., um homem negociante, sahir pela rua em mangas de camisa com o paletot dependurado no braço e ir para casa da Henriqueta dar-se a desfructe? para que corre de dia pela rua atraz de uma negra pelo Taboão acima, entra n'uma venda e põe-se alli — dize tu direi eu — com ella atirando-lhe pedras como doido?

—Não sabe que alli é a venda do patife do marotinho, que ja foi meu caixeiro, e que entra alli para me fazer acinte?

—Mas o Sr não tem nada com isso, a mulher é forra pode ir para onde quizer.

—Aquelle bregeiro labreguito que veiu para meu poder aqui assim pequenito, é hoje o primeiro que me atraiçoa!

—Tudo isso é nada com tanto que o Sr. não ande fazendo papel de bobo o maluco pela rua, servindo de risota no commercio, e depois podem lhe deitar o nome no *Alabama*.

—Sim, é verdade; e depois....tenho a minha *Ledia* para desabafar-me.

—Espero que tome juizo.

(*Continúa.*)

—Capitão, Rei dos moleques apanhou.

—Quem deu?

—Não lhe disse que elle estava escrevendo contra uma pessoa?

—E' verdade.

—Pois escrevesse ou não, elle andava alardeando isso e fallando dessa pessoa o que Mafoma não falleu do toucinho.

O sujeito soube e poz-se a cata do Rei dos moleques, até que encontrou-o no Fortinho. Rei dos moleques assim que viu o homem, ficou pallido como papel; o homem ia montado e metteu-lhe o burro em cima; Rei dos moleques correu e escondeu-se n'uma loja, mas o homem la mesmo foi esmurrar-lhe os queixos Rei dos moleques de homem tornou-se creança e poz-se a choramingar.

Alguem teve delle compaixão e veiu apadrinhal-o. Depois que se viu livre das unhas do homem e em porto salvo disse com a maior safadez—*elle me fez isto por que eu não trazia uma pistola!*

—Miseravel! merece dó.

—Aquelle bregeiro com uma lingua tão ferina, para atassalhar os outros, tão valente na arte de surripiar, e tão covarde quando vê qualquer carêta.

Aposto que se lhe fossem examinar as calças as achariam borradas!

—Coitado! aquillo é a abjecção da natureza.

Previne-se a dous celebres traficantes vindos um ha *dias* de Guimarães e o outro do porto de *Vasconcervos* com um carregamento de *pintos*, que deixem-se de envolver em questões que lhes não digam respeito, do contrario serão recrutados o 1.º por não ter offi-

cio para marinheiro de bordo do *Alabama*, e o 2.º para constructor de uma escada que o governo tem de mandar construir e que elle tanto se empenha para que ella seja collocada em frente de seu armazem.

—Sabe de uma cousa?

—Diga.

—Bebé para affectar familiaridade e a privança com S. Ex. vae para palacio e põe-se com uma tesourinha a cortar as unhas na janella.

—Quem lhe contou isso?

—Eu que vi no domingo.

—E' muito bobo!

Será verdade que se impoz aos empregados do theatro o rebate de 20 % para receberem seus ordenados?

—Ora dá-se.

—O que?

—Pois Zé Monturo não intendeu de si para si que é cousa?

—Mas que novidade é esta?

—Eu lhe digo:

Zé Monturo foi despedir-se de uma cathegoria que partiu no domingo para o sul, e intendeu que só devia cumprimentar aos donos da caza, como se as visitas que lá estavam não estivessem no caso de ser consideradas tanto ou superiores á elle.

—Não tem duvida, o homem como está acostumado a lidar com africanos boçaes tem perdido a pouca lição de civilidade que ia adquerindo com a gente limpa.

—Deus lhe indireite a canastra e lhe faça cahir os bigodes para não lhe tapar a vista.

—Capitão uma pergunta.

—Dar-lhe-hei uma resposta.

—Supponha que um homem, entre alguns escravos que possue, pouco importa adquiridos como, tem um que commetteu uma falta, e para esquivar-se do castigo ausentou-se de casa e foi procurar a protecção de um amigo de seu senhor, o qual na incerteza de ser servido, vae ao intitulado amigo e expõe-lhe o occorrido. Este o assegura que seu amigo manda na sua pessoa para coisas de maior importancia quanto mais para o que nada vale.

Sahe o illudido amigo seguro da promessa e volta em pessoa a trazer-lhe o escravo.

Succede porém que na volta ja o senhor está de outro humor, e diz: meu amigo estou resolvido a não ceder; Santo Antonio que venha, o negro ha de ser castigado.

E logo alli em presença de seu amigo manda por dous guardas prender o preto.

Que classificação se deve dar a um caracter destes? é a minha pergunta

—Vá ao Ovidio que é intendido nestas coisas que lhe responda.

—Um official aquartellado pode ausentar-se da cidade por trez ou quatro dias?

—Creio que não.

—Pois ha poucos dias encontrei um capitão la por fora passeiando.

—Deixe-se de historias.

—Si duvida pergunte ao *Tito* que foi comigo e tambem viu.

—Sr. *Vespasio no* mundo quem quer viver, vê ouve e cala.

—Isso é outra cousa.

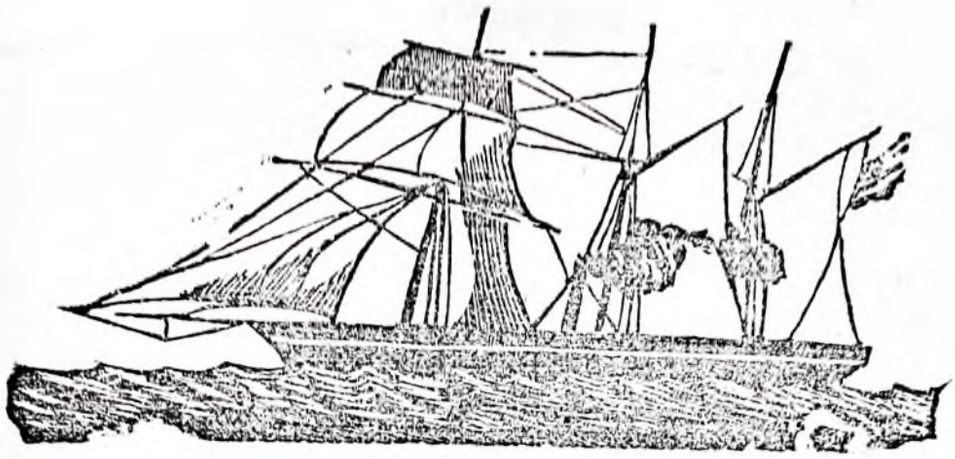
ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diriamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Na rua Direita da Misericordia, n.º 21, 2.º andar, recebe-se roupa para engommar com aceio e promptidão.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 31 DE JULHO DE 1866. SERIE 8.ª—N.º 80

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de julho de 1866.

Officio ao Sr. emprezario do cisco, dizendo-lhe que mande remover da rua dos Ossos, freguezia da Sé, um monte de tijuco, balaios velhos e cacos, que alli está,ao pé da esquina que vae para a ladeira de S. Francisco.

—Que noticias da guerra trouxe o vapor do Sul ?

—As cousas marcham no mesmo terreno. Repetidas conferencias dos Srs. generaes, sem nada resolverem As infermidades crescendo segundo se deprehende deste trecho de uma carta !

«Tem vindo algumas praças restabelecidas de Corrientes, porém é trez vezes maior o numero de outras que voltam doentes.»

Os hospitaes estão atulhadas, o governo faz uma despeza enorme com alugueis de casa para esse fim.

Pode-se ajuizar por esse pedacinho que se lê no *Jornal da Bahia*:

«HOSPITAES NO SUL—Lê-se em uma correspondencia escripta de Corrientes para o *Rason Espanola*:

«Summamente previdente e atè prodigo, mostra-se o imperio visinho: tem ja cinco hospitaes e trabalha-se dia e noite para concluir-se outro; ha pouco offereceu por uma casa para collocar doentes 4,000 pesos fortes (8:000$000) por um anno de aluguel. E 30 oncas de ouro por mez por outra casa que o dono se nega a alugar por menos de 40 onças, que é o que pode valer a propriedade em seu justo valor.»

—Valem-se da occasião para esticarem a corda.

—Nos hospitaes de Montevide ugastam-se 9:600$000 rs.com gallinhas n'um mez!

O exercito é todo dia incommodado pelo inimigo com bombardeamente.

Não ha vavalhada, e creio que serà bem difficil havel-a; ou pelo menos o Brasil tem de pagar por ella preços fabulosos.

Do exercito do barão de Porto-Alegre que se contava receber alguma, sabe-se agora infelizmente que longe de trazel-a, estava falto della até para sua propria cavallaria.

Os paraguayos eram incansaveis em atirar contra a nossa esquadra torpedos. Ultimamente duas daquellas machinas fizeram explosão.

O general Flores tencionava em agosto recolher-se ao Estado Oriental.

Em uma conferencia que houve ultimamente consta que o general Flores dissera que elle com duas divisões brasileiras e a sua gente iria destruir todo o poder militar de Lopez e acabaria a guerra.

Os prisioneiros paraguayos são tratados à vella de libra entre nó ; no entanto que o brasileiro que cahe em poder do tiranno é logo degolado.

Dizem alguns jornaes que entre outros o capitão Gustavo Xavier dos Anjos do corpo

de guarnição do Ceará, o alferes Chaves do 26 de voluntarios e o major Oliveira (conhecido no corpo pelo Cbiquinho) foram feitos prisioneiros e degolados a mando de Lopez!

—E em quanto nossos irmãos lá gemem sob o peso de mil privações, muita gente aproveita-se da dolorosa situação em que se acha o Brasil para encher a barriga.

—E delapida-se ou esperdiça-se o suor suor do povo em proveito de meia duzio de amigos e compadres.

—A prova da nenhuma economia que ha alli é esta:

O Sr. Dr. Ubatuba remetteu para o exercito sob o commando do general Osorio algumas latas de extracto de carnes, preparado pelo processo de sua invenção, marcando o preço de cada lata 5$000 rs., caso ficasse reconhecida sua utilidade como alimento nutritivo e saudavel, principalmente para os infermos. A preparação foi reconhecida util para alimentação, entretanto não foi acceita a proposta de 5$ rs. por que já haviam sido contractados em outra mão a 15$ rs. cada uma!

—Este paiz pelo geito que leva vae dar em pantanas, si Deus não lançar sobre nós olhos de infinita Clemencia.

—As vezes por mais que se queira colloir uma pintura, vem o diabo e borra.

—Não intendo de paraphrases.

—Nem eu tão pouco.

—Então mude de assumpto.

—Sabe que o Dr. J José Ferreira foi por proposta da camara nomeado superintendente do matadouro?

—E' antigo.

—Mas não sabe que elle officiou ao governo recusando logar.

—Tambem sei; e que o Sr. Leão Velloso respondendo disse lhe: «..... e em resposta cumpre dizer-lhe que tendo sido o zelo, actividade e pericia que Vm. mostrou sempre no serviço publico, a unica razão que, *me gerando* confiança inspirou na escolha....»

O que faz crer que o acto da nomeação *foi obra somente de S. Ex.* e não de combinação com a camara, ou então que foi ella inspirada por alguem.

—Justamente. E na opinião de S. Ex. me parece, não ha outro homem apto para superintendente do matadouro sinão o Sr. Ignacio José Ferreira, por que tendo S. S. pedido dispensa allegando razões justas, não foi attendido.

—Na minha opinião S. Ex. está até infringindo os Mandamentos da Lei de Deus, porque quer que seu proximo vá arruinar sua saude, já deteriorada, e sacrificar sua vida, obrigando-o a servir um logar que não falta quem queira!

—Ainda si fosse para ir para o Paraguay! que ninguem quer ir concordo, mas aqui!

—O que dirá agora o Sr. Leão Velloso? Desta vez, não são as gazetinhas, os paschins, que levam ao seu conhecimento actos de vandalismo commettidos por authoridades. E' uma publicação estampada no *Jornal da Bahia* de 28 de julho, que traz o seguinte:

Mappa dos recrutados pelo delegado no meio da feira da Egreja Nova, amarrados com os cabrestos de seus cavallos! e conduzidos á cadeia de Alagoinhas, para serem remettidos em defeza da patria.... aos 22 de julho de 1866.

1.—Anacleto Alves dos Santos, casado com Albina Maria dos Santos, tendo nove filhos!!!

2.—José Canuto de Sant'Anna, casado com Maria Joaquina, tendo cinco filhos!!!

3.—João Paulo, casado com Maria Constancia, tendo 4 filhos!!!

4.—Manuel Barbosa, casado com Maria Rosa, tendo 2 filhos, mãe e avó aleijadas!!!

5.—João de tal, casado com Maria de S. Pedro, tendo 2 filhos!!

6.—José Simeão, casado com Maria Izidora, tendo pae doudo, e 5 irmans menores.

—O Regulamento do corpo de policia marca ordenança aos officiaes?

—Quem lhe pode responder é o commandante.

—Desejava saber. Tenho visto officiaes de folga com um soldado feito lacaio atraz de si e outros com o sol-

dado sentado em sua porta, feito criado; por isso indago, porque não gosto de fallar atôa.

—Nesse caso é tomar o expediente que lhe apontei, vá ao commandante.

—Parece-me que só o fiscal e commandante tem direito a ordenança; no entanto vejo soldados que incontestavelmente devem fazer falta no serviço acompanhando officiaes, e até ja os tenho visto comprando para elles.

—Homem, deixe correr o mundo que assim como vae, vae bem.

A PEDIDO

—Oh! Sr. Reverendo! Ha que tempos não vem Vmc. á falla!

—Não tenho feito por onde, emendei de vida, e estou outro homem.

—*Passe* cá para este lado que temos conversa.

—O que será? Alguma nova calumnia que me levantaram, sem duvida.

—Ha de ser isso mesmo; esses linguarudos e maledicentes só servem para se importar com a vida alheia.

Que moça foi aquella com quem apresentou-se Vmc. na capella dos *Candelabros* por occasião da missa no dia 2 de fevereiro? E depois andava com ella ambos, a cavallo apostando carreira no meio do povo?

—Era minha sobrinha.

—Qual sobrinha! Pois alli todos não sabiam e não era voz geral que aquella mocita é sua companheira?

Alguem perguntou ao *Palhaço* que moça era aquella, e elle para desculpar-lhe disse que era sua mulher, quando todos alli conheciam a senhora delle.

E como era desembaraçada a tal *bichinha*! como esquipava repimpada no bucephalo!

—Licções minhas, capitão.

—Ainda o diz! Ella bem que disse la que tinha aprendido a montar com o vigario.

E para que foi Vmc. metter-se n'aquelle samba atraz da egreja? Não repugna isso com o seu caracter sacerdotal?

—Foi aquella maldicta mulata do arroio do Cunha que deu-me uma imbigada e eu fui pagar.

—E metteu-se na folia.

—Que remedio, capitão.

—E vem dizer-me que emendou de vida! Abandona a freguezia n'um dia sanctificado, apresenta-se n'outra egreja com ella, correm ambos a cavallo, samba, e diz que é outro homem!

Só se emendou para peior.

Desta vez quero V. seja seu proprio juiz, o que merece?

—Capitão por Nossa Senhora da Encarnação! Basta o que tenho ja soffrido.

—Escolha o que quer soffrer.

—Perdão, capitão.

—Muxingueiro! Va com o Reverendo e deite-o n'alguma *restinga* exposto aos mosquitos, a tomar conta das *camboas* que la hajam. Isso por trez dias.

MOTTE.

Os olhos desta mulata
São brilhantes lapidados.

GLOSA.

Minh'alma toda se achata,
Fico sem tino, perdido,
Quando vejo, qual Cupido,
Os olhos desta mulata
Ai! não são olhos de gata...
São travessos e quebrados;
São demonios engraçados,
Que inspiram mil seducções
São astros, são dous clarões,
São brilhantes lapidados.

—

OUTRA.

Negro tormento maltrata
Minh'alma, meu ser pensante
Quando encaro delirante
Os olhos desta mulata.
Aguda setta me mata:
Desprendo ais magoados
Mil suspiros esmagados
Arranco cheio de dor,
São elles settas de amor,
São brilhantes lapidados.

—Capitão ha gente que não anda de quatro pés por que Deus não é servido!

—Ha milhares destes.

—Ainda ha poucos dias tive occasião de verificar isto; estando no convento do Carmo conversando com um frade, entra certo cujo que não direi quem nem quem não, com uma senhora pelo braço e dirigiu-se a cumprimentar o frade o qual disse: Apresento-lhe o Sr. F. e sua senhora casados ha pouco. Ao que respondeu o sujeito—e tenho muito gosto n'isso por que achei minha senhora o contrario do que se dizia.

—E não disse nada de mais.

Sr. capitão do *Alabama*. Um dia destes foi uma senhora fazer uma visita em certa casa onde ha um *meninorio* rato e levou em sua companhia uma negrinha que levava na cintura uns enfeites e moedas de prata.

O sujeito foi-se para ao pé da negrinha, e fingiu que brincava com ella e foi torcendo as moedas para safal-as da corrente; mas por infelicidade cahiu uma no chão e descobriu-se a tramoia, Veja com que cara não ficaram todos. E nóte que é inspector de quarteirão.

—Que tal! é fino! *Nelson* no mar não fazia proesas mais gigantescas do que essa.

MARIZ E BARROS.

On se parlerà de sa glorie
Sous le cahaume bien long temps
(BERANGER.)

I.

Que grande e vago estampido
E' esse que se ouve alem?!
Parecem sons de um gemido
Os echos que de lá vem.
Que estrondo horrivel, medonho.
Como nas vascas de um sonho,
E' esse que alem se ouvia?
Que fados o mundo incerra?
Algum planeta cahia? !

Que brado de enthusiasmo
Fèz a terra estremecer? !
Por entre os risos de espasmo
Ouço carpir e gemer!....
Ruge o mar; tremem as plagas
Ao brusco embate das vagas
Em ancias e convulsões!....
Que brados!..e que lamentos!
Murmuram soltos dos ventos
Em turvos, negros bulcões !...

De sombras negras, escuras
Se nubla o ceu azul,
Ao choque das armaduras
Para as bandas lá do sul!
Esse estrondo e murmurio
Desceu nas aguas do rio,
Que alem do Prata gemeu !
Esse som profundo e vago
E' um annuncio presago;
Mariz e Barros morreu !

(*Continúa.*)

—E' um desaforo intoleravel,
Só nesta terra se soffre isto.
O clamor é geral.

Rara é a pessoa que passando depois de 10 horas por atraz da Sé não tem levado pelas ventas uma bacia d'agua com trampa da casa n.° 28 !

—Ainda hontem fui victima. meu amigo, atiram agua, com a força do vento esta espalha-se de sorte que quem está na esquina não fica isempto daquella aromatica preparação.

—E não ha fiscaes que vejam isso, por que se occupam em prender pobres pretas que ajudam a gamella n'uma porta ou em passarem na frente dos açougues, para guardal-os!

ANNUNCIOS.

Pede-se ao Sr. redactor da *Sempreviva* o favor de vir a esta typographia para realisar certo negocio.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.° 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diriamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Nesta typographia se deseja fallar ao Sr. Francisco Marcellino Gesteira.

Na rua Direita da Misericordia, n.° 21, 2.° andar, recebe-se roupa para engommar com aceio e promptidão.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.

O

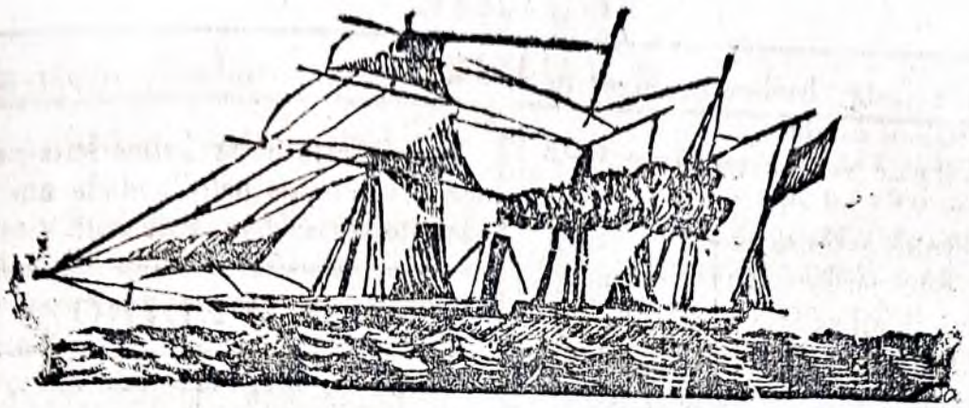
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 2 DE JUNHO DE 1866. SERIE 6.ª—N.º 56

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1 de junho de 1866.

Officio á camara municipal, participando-lhe que os seus municipes da rua do Tijollo vivem bastante incommodados com as exalações que se desprendem do quintal da caza n. 20 pertencente ao Sr. Adães; ha alli um cano immundo e uma immensa estrumeira, cujo cheiro activa quando o sol resplandece e que entretanto não devem fazer muito bem á saúde publica.

Espera-se pois que a Illma., por meio de seus agentes, faça dalli remover-se aquelle foco de infecção.

—A' mesma, para que se digne mandar tapar um buraco que existe no meio da rua do Taboão e que pode causar algum prejuiso.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe, a bem da moralidade publica, que mande ir á sua presença uma tal Maria Augusta, conhecida por Gallinha frita, a fim de ser severamente reprehendida.

Esta mulher costuma tomar seus pifões e a sahir, como hontem fez, proferindo em altas vozes os nomes mais obscenos, as palavras mais immoraes; deve ser reprimido tal procedimento cujo gosto pode ir pegando, tanto que a mesma é ja acompanhada por mais duas.

Espera-se providencias.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que hontem á noute um grupo de capadocios que provavelmente não tem o que fazer, andou a bater por todas as portas dessa freguezia, querendo á força que lh'as abrissem as *meninas felizes*, levando uma solemne descompostura as que se negavam; com o que vinham a soffrer as familias visinhas.

Além disso bifaram em caza de uma dellas uma boceta de colxetes e um caudieiro de gaz que foram depois vender em um botequim por 1$500.

Taes sujeitos merecem ser espreitados para que se lhes dê destino; o que se espera da conhecida actividade de S. S.

—Falleceu o Dr. Luiz Maria A. F. M. Barretto, secretario do governo da provincia. Era advogado de grande nomeada, geralmente querido e respeitado.

—Requiescat in pace.

—A festa do SS. Sacramento na Soledade está de arrojo; ha na vespera illuminação, balões, musica etc.

No dia a festa, Te-Deum, fogo de artificio, balões ainda etc. etc.

—Olé! Ha de ser bastante concorrida.

—Os devotos assim o esperam; tanto que para que perduro esta devoção e seja sempre lembrada mandaram vir veronicas especiaes que se hão de trocar pela esmola que estipular a generosidade dos fieis.

—Em algum tempo eram os moleques, hoje são os cães que servem de policia.

Ouça este caso que é galante:

No dia 28 do pp. um sujeito foi esperar uma sujeita no Guadelupe; ao sahir de uma caza, o campeão foi á victima por elle espreitada com unhas e dentes.

A mulher gritava, o povo reunia-se e os moleques davam vaias; um dos meninos trazia um caxorro, o caxorro começou a ladrar, outros cães appareceram e o homem continuava a dar na mulher e o povo impassivel!

Os meninos estumaram o caxorro que pertencia a um delles, o caxorro avançou, metteu-se pelas pernas do valentão e só assim largou este a infeliz mulher.

Só então foi preso o homem!

—Quem sabe destes factos e de outros de charidade canina não deve pedir a morte de taes bichinhos.

—Informam-nos o seguinte:

Havia na Calçada um cano que recebia as aguas que desciam do alto dos Mares e atravessando diversos quintaes ia desaguar na Fonte d'Alegria. Alguem fez por alli certas obras, deteriorou inteiramente o cano, desmanchando-o no seu quintal; e o caso é que não podendo as aguas fazer seu curso vão empoçar na roça dos herdeiros de Manuel José dos Reis; quando porém a chuva é maior, as cazas visinhas, cujas soleiras são baixas são todas inundadas. Assim todas as cazas por alli tem pelo menos um palmo d'agua na cosinha, e a loja n.° 168 está completamente alagada.

—E' preciso um remedio; pelo menos cada um cuidar de alteiar as soleiras.

—Só nesta terra é que se vê isto: soffrerem todos pelo bem de um, para luxo de quem tem dinheiro!

A PEDIDO

—E' um plano de gigante....

Si levar ao cabo a empreza....

Si por um accaso não lhe falharem os dados.... A cousa está bem encaminhada.

Uma deixa de 150:000$rs.... os cargos de 1 e 2° testamenteiros em casa, ficando o filho unico do testador em 3° logar...., certa moça perfilhada e declarada herdeira.... o arranjo de certo casamento.... tudo isso augura um futuro brilhante.

Mãos á obra.

O testamento do mez de março.

—E' o que resulta da distincção nos templos; ha sempre imprudencias; apparecem conflictos, desrespeito por tanto á casa do Senhor.

Estabeleceu-se em S. Francisco que das grades para dentro só entrariam por um lado senhoras; um homem accompanhado da sua quiz entrar por este lado, impediram-no; mas ja la estava um outro homem, o que veiu insistiu, alteiaram-se as vozes, ouviram-se palavras grosseiras, sussurro geral, escandalo!

—Tambem não sei de quem é a culpa; apparecem tantos moços a abusar do logar em que se acham que ás vezes não ha remedio sinão criar certas distincções.

—E o melhor de tudo é deixar cada um responder por si.

—Dizem que breve tem de ser feita a proposta para o 6.° batalhão.

—E' portanto tempo de pôr de sobreaviso o digno commandante interino. Ha no batalhão muitos intrigantes, e isto é gente que deita a perder os mais illibados caracteres. Que S. S. se ponha bem longe delles, que os enxote de junto a si; pelos mexericos

dessa canalha tem sido preterida muita gente que tem direito, vindo a apparecer uma injustiça involuntaria.

—Não tem duvida, eu ao menos espero que S S. procederá com justiça e equidade, e todos ficarão satisfeitos.

Ao menos não se dirá do seu corpo o que se diz de certo batalhão, onde foi official um sujeito involvido em roubo de carteiras, por proposta de certo capitão *quebra cadeiras* que por isso recebeu 100$ rs.

Donde vens e onde vaes oh! *Lio* alferes
Da policia o que esperas bigorrilha?
De rabicho,barbella, freio, e cilha,
E tre a gente pimpar de cousa queres?

Vai a perna lavar, fedelho stulto,
E no pasto com as bestas, vae rinchar,
D'Ariani as cocheiras, vae buscar.
Deixa a farda a quem legas vivo insulto.

Si o galão de commisso pingue naco
Da impostura te leva ao lodaçal
Baixa a infame cerviz torp'animal
Porq' a pèia, e zorrague põe-te em caco

Si porém meu pilintra não te emendas,
O *Vigildo* dará por ti as contas,
De roseta, as chilenas estão promptas,
Para dar-te esporadas the que aprendas.

Deseja-se saber a rasão porque até esta data certos figurões ainda não pagaram as despesas do funeral de sua mãi.

O negocio assim torna-se feio até por que ella deixou muito com que pagasse Por que não acabaram com isso? Querem acaso que a alma da finada lhes appareça a perguntar o que fizeram do seu dinheiro?

Peccados mortaes.

Os peccados mortaes calçadenses são
1° A soberba do Chamusca.
2° A avareza do T. Oliveira.
3° A luxuria do Mingotinho.
4° A ira do Reis.
5° A gula do Fome negra.
6° A inveja do C. Valença.
7° A preguiça do Rios.

Contra estes sete peccados ha sete virtudes:

Contra a soberba do Chamusca, a humildade do Menezes applicada pelo Froes.

Contra a avareza do T d'Oliveira, a liberalidade do A. d'Oliveira por fricções de escova

Contia a luxuria do Mingotinho, a castidade do Elpidio.

Contra a ira do J. Reis, a paciencia do Virginio M.

Contra a gula do Fome negra a temperança do Leleu por economia.

Contra a inveja do C. Valença a charidade do A. contra sua vontade.

Contra a preguiça do Rios ,a diligencia do João Itap. applicada pelo pae.

—Dá licença capitão? Desejo fallar-lhe.

—Ao seu dispor.

—Como V. Ex. é amigo dos factos e tem sempre uma sahida para dar-lhes, venho narrar-lhe um de grande importancia afim de ver si tem alguma para elle. De tempos a esta parte não ha defunto por mais pobre e menos importante que seja que não tenha sua missa do 7.° dia, tire a familia de onde tirar, fique embora sem ter que comer. A companhia Predial morreu ha tanto tempo, e não me consta que tal tivesse havido, nem mesmo a do triennio, que ja decorreu tendo a *commissão liquidadora* tomado a si os despojos della. Desejo então, capitão,

que V. Ex. indague si a *commissão* mandou celebrar, e onde; porque nenhum amigo della teve sciencia para acompanhal-a nesse sentimento religioso, que os herdeiros ao menos fingem ter; e tenha a bondade de responder-me, em quanto eu tambem procuro saber disso e de alguma cousa mais.

—Hei de indagar da cousa.

Gratifica-se com um bom oculo magico, a quem descobrir o logar onde se acoita um animal quasi irracional que ja foi *criado* de um conselheiro—rabiscador de cartorio, botequineiro, ebrio de natureza, ladrão, capacho de quem tem alguns vintens &. &., —receber-se-ha a gratificação á rua da Poeira caza n.°...

—Vem cá, sargento!

—Prompto, capitão.

—Então tem V. aqui o atrevimento de cazar-se com uma honrada senhora e pretender novos casamentos?

—Calumnia, capitão.

—Então é mentira o que me disseram da A A do Gravatá? Não recebe V. seus jantares no quartel, seus presentinhos de lenços, meias, fronhas, travesseiros e até dinheiro?

—Isso é uma amisade seria.

—Tão seria que V. só entra na caza, fora de horas, andando de meias, com os sapatos na mão para não fazer barulho!

E a pobre de sua mulher, aquella infeliz senhora tão digna de melhor sorte, é por V. diariamente maltratada, despresada, insultada, espancada!

Ah! si seu honrado pae fosse vivo não precisava eu occupar-me de vingal-a nem V. ousaria tanto. Como porem a fatalidade quiz que nas garras te cahisse a pobre victima, preciso se faz que respeites a moralidade e a lei.

Muxingueiro!

—Capitão, eu tenho foros.....

—Isto é la em Pelotas; no porão todos são um; perante a lei é o mesmo, quem tem crime deve ter castigo.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Avenha-se la com esse maganão que não respeita a familia de um dos mais exaltados e infelizes patriotas desta terra.

Como está Peixe gallo tão lampeiro
Na janella!
A chamar qualquer negra que passa
De gamella.

Vadio! p'ra saber da vida alheia
Deixa de trabalhar;
Por detraz da vidraça o que se passa
Vive so a espiar.

Quem desejar saber das novidades
O que a' noite se passou
Va demanhan bem cedo perguntar-lhe
Que elle tudo espiou.

E conta em toda a visinhança
Quem entrou e sahiu
Tal casa a que horas se fechou
E quando se abriu.

VARIEDADE.

Fatalidade

Ha oito mezes uma joven parisiense, de rara bellesa, Sophia G..., sahiu do convento para casar com um mancebo, que ella conhecia de ha muito.

Este casamento era feito com consentimento das suas familias.

Por infelicidade, Sophia foi confiada depois que sahiu do convento, a uma aia tão depravada como hypocrita.

Esta mulher occultava sob a mascara da virtude um proceder desregrado.

Uma noite sahiu com a joven G..., e só voltou pela manhan seguinte.

A aia foi despedida e a menina tornou para o convento.

Julgando-a corrigida e arrependida, seus paes que gozam de alguma fortuna tornaram a mandal-a para casa.

A infeliz joven não pensava sinão em diamantes, cavallos e carroagens; o seu arrependimento era simulado.

Ultimamente abandonou segunda vez o domicilio paterno.

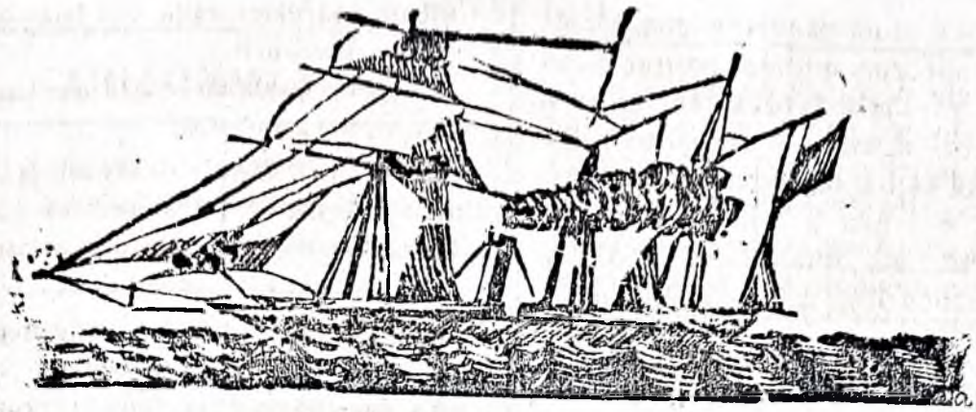
Foi procurada por toda parte, mas sem resultado. Seus paes estavam consternados.

Por fim tiveram a triste noticia que Sophia estava encerrada em uma casa de detenção.

O pae, sabendo esta terrivel desgraça, entrou no seu gabinete e poz termo á vida, dando um tiro no ouvido.

A mãe não poude resistir a estas commoções, perdeu o juizo.

Quanto ao noivo da infeliz rapariga, encontraram o seu corpo inanimado a boiar no Sena; o pobre rapaz tinha annunciado a todos os conhecidos o seu casamento com aquella que elle amava; a vergonha e o desespero conduziram-no ao suicidio.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 5 DE JUNHO DE 1866. SERIE 6.ª—N.º 57

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de junho de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que ao menos uma vez mostre que que presta attenção ás considerações da imprensa e ás reclamações e necessidades do publico; não ha gazeta nesta terra que ja lhe não tenha feito ver quanto são prejudiciaes os buracos no meio da rua e até os successos que se tem dado. Entretanto a Illma. não se move; os buracos formigam; ha agora dous immensos, o da ladeira de S. Francisco e Caminho Novo do Gravatá, além do *eterno* da rua de Baixo, d'um novo perigosissimo ao Taboão etc. etc.

E' preciso que a Illma. mostre energia, isto é, *mostre* que faz o que pode, que não podendo calçar as ruas, ao menos tapa os buracos; do contrario é fortalecer o scepticismo que lavra a respeito da proficuidade de sua instituição.

—A' mesma, partecipando-lhe que na rua da Laranjeira ha tambem um cano aberto que pode engulir quem passa.

—Ao Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio, pedindo-lhe que mande ir á sua presença para ver si, reprehendida, modifica seu barbaro procedimento, uma tal Alexandrina do Chareu, moradora á rua dos Carvões, a qual maltrata diariamente com pancadas a duas crianças que tem em seu poder; tal pedido, faz a visinhança que não pode tolerar impassivel tanta deshumanidade.

Espera-se da actividade de S. S. promptas providencias.

—Ao Sr. commandante do 1.º batalhão de infantaria da guarda nacional, communicando-lhe que o serviço do dito batalhão não é distribuido com equidade; na 2.ª companhia, por exemplo, ha guarda que esteve quatro dias de guarda, ao passo que ha outros, e não são poucos, mais folgados; attribúe-se tal procedimento a vingacinhas de sargento.

Espera-se que S. S. acabe com taes abusos.

—V. tem passado pela rua das Flores?

—Não.

—Pois si passasse, havia admirar: ha pouco adiante da caza do padre Manuel Ambrosio um furioso lamaçal, que não fazia pasmar em outro logar que não fosse uma rua calçada, no centro da cidade; não ha entretanto

quem tracte do tapar ou entulhar aquillo. Note que não é qualquer buraquinho: a prova aqui está: na segunda feira do Spirito Santo estava elle em peiores circumstancias com as chuvas que tinham havido; dous meninos que por alli passaram começaram a brincar; o menor, de 6 annos, começou a dar saltos e n'um delles la foi dentro do atoleiro, ficando interrado até os joelhos; reuniu-se o povo, mas ninguem queria tirar o menino porque sendo immenso o atoleiro e de larga boca, a vontade de ficar enlameado era nenhuma; pagou-se a um preto para desatolar o rapazito.

—Bem feito lhe seja!

Quem o mandou dar saltos n'um logar em que elle via risco?

—Mas é que o que succedeu ao menino por vadiação pode succeder a qualquer outra pessoa por falta de conhecimento daquelle abysmo.

E' incomcebivel como uma cousa destas que so denota deleixo fica tanto tempo na Bahia exposta ao publico que em vão censura e ao estrangeiro que aponta e ri-se.

—Então, pataqueiro dos diabos, tu podes fallar na vista de pessoa alguma? tu nunca viste um official servir de ganhador? tu nunca viste um capitão prestar-se ao papel com que rebaixas teus companheiros?

E como tens animo de fallar de quem só se lembrou de ti uma vez em que te mandou metter a taca?

Não será melhor que deixes de tomar teu pifom diario, insultando e maltratando os guardas que não são teus escravos e se não acham dispostos a tolerar bebedeiras?

Olha, si me constar que abres o focinho para articular palavra contra quem quer que seja, tu a deshonra da tua classe, mando o muxingueiro pespegar-te segunda sova, e ai de ti!

Nem que brades por S. *Spiridião* ou qualquer outro santo dos do teu calendario, afianço-te que levarás uma de menos; e depois para envergonhar-te, mando dar parte ao capitão *Aniceto*.

A PEDIDO

Pede-se ao autor da poesia e caricatura publicada no *Alabama* n.° 56 que prove o que disse.

—Capitão, um facto sobre o qual venho pedir providencias ao Sr. Dr. chefe de policia.

—Que foi?

—No dia 30 chegou de Santo Amaro Gliceria Moniz, africana liberta, que veiu a esta cidade comprar generos para negociar e foi hospedar-se em uma casa ao Taboão.

Essa africana tem uma filha nesta cidade captiva, e como é natural, desejou vel-a: foi á rua do Rosario visital-a, esteve com ella, despediu-se e voltou para casa.

Por infelicidade na noite de 31 desappareceu a rapariga. Recahiram suspeitas de que a mãe a tivesse seduzido. No dia 1° foi um africano á casa em que esta estava e intimidou-a a que desse conta da filha. A preta desculpou-se disse que de nada sabia e que nem a filha lhe communicara sua intenção.

Sahiu o preto e ás 6 horas da tarde voltou com dous soldados de policia, invadiram a casa, correram-na e prenderam a preta á ordem do Sr. Dr. chefe de policia.

Conduzida dalli, em vez de a levarem á presença do chefe ou á prisão a levaram á mencionada casa do Rosario: ahi chegando foi a infeliz mettida em um tronco de dous pés para dizer onde estava a filha: mandaram buscar relho e palmatoria, ameaçando a pobre preta com castigos si não declarasse. Persistindo ella em negar, principiaram a castigal-a; mas alguem da casa observou que tal não fizessem em vista das consequencias que poderiam resultar e mesmo por que a preta gritou que era forra e não podia apanhar, não continuaram.

Entretanto permaneceu presa a infeliz á noite de 1°, o dia 2 todo inteiro e so ás 7 horas da noite desse dia foi conduzida por um guarda á Correcção.

—E' caso serio, que cumpre averiguar.

—Eu tenho fé que o Sr. Dr. chefe de policia mandará ir a sua presença a infeliz, a interrogará, e dará providencias que mostrem que nesta terra a lei é egual para todos, e que o rigor della não recae somente sobre os pequenos, desenganando assim a certa gente que por maior que seja a *bandeira* das contemporisações é inefficaz para apadrinhar seus maus feitos.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para um individuo, de *ma cara*, conhecido como um dos mais insignes ratoneiros desta terra, que por suas façanhas e roubos foi parar na primeira linha, por que nesta terra o exercito e armada é a punição dos tratantes, velhacos e reus de policia: na tropa de linha procedeu tão mal que foi condemnado a andar de calceta, e depois de cumprir uma sentença o mandaram para rua onde continuou em suas gatunices em alta escala.

Tem soffrido immensas prisões por causa de seus roubos, mas infelizmente aqui os ladrões entram para a cadeia e sahem dahi a 24 horas e o tratante que tem qualquer motivo para o isentar da farda está de carta branca para roubar, com tanto que quando metter a mão no bolso alheio ella não fique la presa, e por isso o tal *ma cara* persevera impune em seu crime.

Ha cerca de dous mezes teve com outros um processo por ladroeiras, encontrando-se em suas mãos o dinheiro tirado dos bolsos de um tabareu; o que não obstou a que fosse absolvido.

Fez uma viagem ao reconcavo e agora volta trazendo cerca de 800$ rs.

Não será dever da policia interrogal-o onde houve tal dinheiro?

Um homem sem meios, sem profissão, pode apparecer da noite para o dia com quantias avultadas?

Comprou a parte de um socio de uma casa de jogo e ahi installou-se com o dinheiro a depennar os incautos qu lá vão.

Nessa casa ha todas as noites desordens tremendas, barulhos, gritos; cada individuo que para alli vae é munido de uma faca ou punhal, por felicidade ainda não houve uma desgraça.

E' preciso que a policia cuide de vigiar esse homem pernicioso, tão aferrado nos crimes.

O Figura.

—Exm. Sr. commandante das armas, suas protectoras vistas para o infeliz batalhão 111!

—Mas que tem elle?

—Vive alli, além de entregue aos caprichos do Sr. capitão Requião, mal accommodado; está em quatro sallões do pateo, as 1.ª 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, companhias estão englobadas e tudo em tal confusão que nem ha logar proprio para os inferiores escreverem, andam a fazer mappas e trapalhadas pelos batentes das janellas.

Na Palma entretanto ha excellentes commodos deixados pelo 5.º batalhão.

—Mas o 5º quando sahiu do quartel, ja o 111 estava aquartellado.

—Ainda que não estivesse.

Consta que o Sr. capitão Requião pediu para ficar no forte de S. Pedro, *só, para ficar a seu gosto.*

Os tabareus vivem mortos á fome; si algum sae para comprar á venda, é preso e maltratado com palavras.

Ha alli um tal brigada Pimentel que vive a insultal-os, a dar-lhes esbarrões, affectando um rigor de disciplina que nem na 1.ª linha se observa.

—E' costume do moço; ja não chibatou um voluntario?

—Não trata os guardas sinão por tu, elle um verdadeiro *tutú!*

Ha la um capitão que, *depois que janta*, imita completamente o Pimentel, prende oito, dez homens por qualquer bagatella; dizem que tem costume de metter no quartel mulheres; e como uma noute destas a isto se oppuzesse um sargento, la foi o pobre diabo preso com casca e tudo.

A serem reaes taes escandalos, providencias se tornam precisas.

Ss. Ex.as pois os Srs. commandantes das armas e superior que tratem de examinar, de ver que cunho de verdade tem taes boatos; vão inesperadamente ao quartel, surprehendam, e ainda si examinem si alli ha commodo para 300 praças.

E' um pedido feito em prol de concidadãos que servem a patria com grande sacrificio, desamparando seus lares e suas familias.

Tens visto ó Peixe-gallo,
O infernal resultado
Dos enredos que fizestes?....
Stás satisfeito, safado?

Si achas q' ainda é pouco,
Continúa a enredar....
Mas sabe que quem faz mal
Cedo ou tarde ha de pagar.

Algum dia pagarás
A sezania que plantaste
Isso espera ver aquelle
Que infame atraiçoaste.

Sr. Redactor do *Alabama*.—Faça favor de declarar por seu conceituado jornal si eu tive parte n'uma publicação contra a companhia do olho-vivo do Caes do Ouro.

Angelo Pimentel.

—

Não senhor.

A Redacção

VARIEDADE.

O sim e o não.

Do *Album Litterario* extractamos o seguinte, cuja leitura muito importa a todos:

O sim—é doce como um favo do mel das abelhas do Himetho.

O não—é amargoso como uma gota de absynthio.

O sim—alegra nossa existencia.

O não— entristece nossa alma.

O sim—é bello como a luz do sol.

O não—é medonho como o fundo de um abysmo.

O sim—é o cantico de Gabriel.

O não—é a blasfemia de Lucifer.

O sim—tem delicias do céo.

O não—tem tormentas do inferno.

O sim—consola como a esperança.

O não—tortura como o despreso.

O sim—é como a predica no morto em face da multidão.

O não—é similhante a voz que clama no deserto.

O sim—é a estrella que nos sorri.

O não—é a nuvem que nos engana.

O sim—é o arroio que dislisa.

O não—é a onda que arrebenta,

O sim—faz lembrar a harpa do propheta rei.

O não—recorda as perseguições de Saul.

O sim—é a palmeira que se ergue.

O não—é a parasita que se enrosca.

O sim—é o clarão da madrugada.

O não—são as densas trevas da noite.

O sim—é a crença de Chateaubriand.

O não—é o septicismo de Byron.

O sim—é um balsamo que cicatriza.

O não—é uma ferida que sangra.

(Continúa)

ANNUNCIOS.

Uma joven senhora, competentemente habilitada, offerece-se para ensinar qualquer ramo de prendas domesticas em algum collegio ou casa de educação. Para informações nesta typographia.

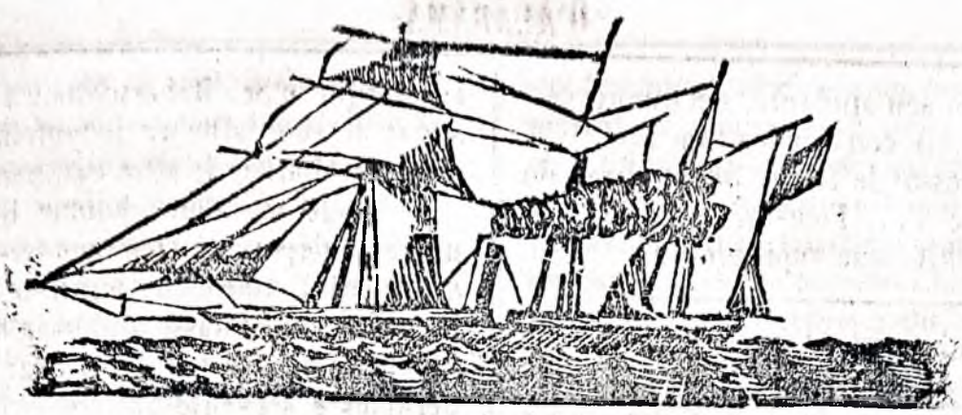
CASA DE ENGOMADEIRA.

No Cruzeiro de S. Francisco n. 5 A, recebe-se roupa para engommar com acceio e a preço commodo.

Na caza de Pasto defronte do Theatro Publico por baixo da Sociedade Recreativa n.° 93, existe uma carta para ser entregue em mão propria ao Sr. Thomé Moreira Pinho.

Na mesma preciza-se alugar um servente para todo serviço interno, e externo, preferindo-se um africano de meia edade.

Vende-se a posse d'um terreno baldio, com duas frentes contendo nove braças, na rua do Castro Neves. Contrata-se na ladeira da Palma caza n.° 5, das 2 ás 4 horas da tarde.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 7 DE JUNHO DE 1866. SERIE 6.ª—N.º 58

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de junho de 1866.

Officio a Illma. camara municipal.—Com quanto pareça que a Illma tem negação para negocio de buracos, tanto que não manda tapar nem um só dos que a imprensa reclama diariamente, com tudo leva-se a seu conhecimento mais um na rua das Veronicas, e este perigosissimo, por ser de pequena dimensão e profundissimo sendo facil á noute qualquer pessoa julgando que está pisando em terra firme, metter alli uma canella que não sahirá tão boa como entrou.

Portanto para não parecer que se está malhando em ferro frio, mande a Illma. tapar ao menos este.

—Ao Illm. Sr. delegado, communicando-lhe que nos informam que nas Portas da Ribeira mora um Sr. Diogo, o qual tem em seu poder uma menina de nome Lucrecia, a qual é victima de severos e exagerados castigos, proporcionados pelo dito Diogo.

Em nome da humanidade espera-se que S. S. mande averiguar si isso é exacto e dê as providencias necessarias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que sem embargo de ser na rua do Bispo a secretaria de policia e de haver alli um destacamento, sem nenhum respeito e attenção vae um grupo de 6 a 8 homens, todas as noutes depois de 11 horas, ás casas de umas moças que alli moram, e fazem quanta immoralidade ha, gritam, batem, cantam e tudo isso descompassadamente, o que produz um alarido insupportavel; e si as pobres moças se recusam a abrir as portas, a cousa é peior: querem arrombar, apedrejam e fazem o diabo, o que as coage a cederem aos taes sujeitos para não soffrerem isto.

Mais uma vez appella-se para a energia e actividade de S. S., e confia-se que taes perturbadores não continuarão a incommodar a visinhança nem a ultrajar a moralidade.

—Eu não digo!

Desde que vi o Sr. Leão Velloso do chapeu armado que scismei com elle; não gosto nada de homem que quer parecer maior que os outros.

—E um presidente não é o maior de todos?

Que fez porém elle?

—Pois não sabe!

No dia do interro do Dr. Luiz Maria ia acompanhando o corpo, mettido no

carro com seu ajudante, em quanto todos os mais convidados iam a pe.

—Excesso de fofice, quero dizer de civilidade.... Fica-lhe a gloria do papel bonito que representou.

—O administrador do Engenho da Conceição declara ser falsa a noticia de uma facada dada por um preso n'um guarda.

—E é.

—Fazemos coro com elle em declaral-o; felizmente S. S. não contesta outros factos que se tem alli dado.

O publico porém que nos tem acompanhado nos fará justiça; temos por timbre só dizer a verdade e temos cumprido nosso dever quanto podemos; fomos illudidos: uma padiola entrou no quartel de policia, mandou-se indagar, a resposta foi que vinha do Engenho da Conceição e trazia um guarda ferido por um preso. Abusaram de nossa boa fé ou fomos muito faceis; como quer que seja, o publico sabe que muita gente no quartel de policia não nos pode querer bem.

Veiu dahi a falsa noticia que com todo o prazer destruimos.

A PEDIDO

—Capitão, mais um escendalo.

—Onde?

—No *trem do mar*.

—Diga o que ha.

—Ha alli um sujeito mestre da *tenda* de *fazer ferro* que fez proposito de enriquecer á custa de seus companheiros.

—Como?

—Rebatendo com desconto exorbitante o salario dos pobres operarios, ás quaes por precisão sujeitavam se ás duras condições que lhe impunha o tal Sr. Joaquim Usura Ruiberto que é o nome do tal agiota, e uma vez sacrificados nunca mais se desembaraçavam.

Assim durou o escandalo por longo tempo, até que indo *inspeccionar* aquella casa um homem intendido *nas cousas do mar* por nome *Tavares*, o *Diogo* foi a elle e contou-lhe a maneira porque o Sr. Roberto-usura vivia a sugar o suor alheio, locupletando-se com o trabalho de seus companheiros.

O chefe mandou chamar Roberto-usura e depois de reprehendel-o energicamente, ameaçou punil-o severamente si continuasse a abusar da qualidade de mestre para negociar com operarios e serventes.

—E obrou com justiça.

—Roberto-usura porém menoscabou completamente das ordens de seu chefe e illudiu toda vigilancia empregada, e continuou em sua voragem de dinheiro: chamou um sujeito primo do *Raymundo*, que tem geito para a cousa por ser manso como um *carneiro* e encarregou-o da commissão que desempenha até hoje.

Os homens que estavam acostumados a rebater o ordenado, enchergaram no beneficio que lhe tinha feito o inspector, um mal, e por isso applaudiram a nova resolução de Roberto-usura, de sorte que tornou-se baldada toda vigilancia e previdencia do digno chefe daquella casa.

—E o que quer que lhe faça, si o Sr. confessa que a authoridade do inspector foi inefficaz para conter aquella torrente de avareza?

—Não é sobre isso que reclamo, é sobre uma injustiça, consequencia desse abuso.

—Qual é?

—Ouça:

Nem todos os operarios alli se sujeitam á desmarcada ambição do mestre *faz ferro*. Alguns vivem com economia e passam como podem a fim de não precisarem do *generoso favor* de mestre-usura.

Ultimamente o trabalho escasseou e teve de ser dividido simultaneamente, o que alli chamam *orçamento*.

Pois sabe o que fez o homem?

Empenhou-se com o *director das tendas* e conseguiu que ficassem trabalhando somente aquelles que tomam dinheiro emprestado em mão do *cordeiro* ou cordato primo do Raymundo.

Não é uma clamorosa injustiça?

—Si é como diz, não deixa de ser.

E o que faz o inspector?

—O inspector ignora estas cousas.

—Pois eu o que posso fazer é levar ao seu conhecimento para ver si elle dá algum geito á cousa.

Attenção!

Attestado da caixa de Economias, á petição de Fortunato Dormund.

Attestamos que o supplicante deixou de ser procurador deste estabelecimento por não querer continuar com as mesmas condições com que outro se apresentou para esse fim.

Que nada ficou a dever quando prestou a sua ultima conta, ao contrario teve de receber um saldo. E, finalmente, que sempre se mostrou zeloso e diligente pelos interesses do referido estabelecimento durante o seu serviço. Bahia 26 de maio de 1866.

Os directores
José Thomaz de Brito,
Joaquim José de Freitas.
J. Pedro de Souza Paraizo.

—Consta que foi promovido a tenente quartel mestre de um dos corpos da guarda nacional do interior um alferes desse mesmo corpo.

—Não ha nisso novidade.

—Quem o diz? Ha ao contrario justiça e só justiça; o tal nomeado tem merito, foi uma excellente acquisição para o corpo; para contabilidade, escripturação mercantil aquillo é um portento, vae fazer brilhaturas.

—E depois o *Firmino* me disse que era um moço bonito, figura elegante, engraçado, estatura de Garibaldi, ares de Cavaignac &. &.

—Parece que alcançou o posto em attenção aos serviços prestados na subdelegacia; desinvolve-se na vara que parece.....

—Algum vaqueiro do Chique-Chique?

—Está doudo, homem!

Parece mesmo um juiz togado; no processo mais comesinho, para que se não diga que nas perguntas protege ou persegue o reu, incumbe diversas pessoas do interrogatorio e da sua redacção e fica então aquillo que é um *verdadeiro corpo de delicto.*

—E como sabe V. destas cousas?

—O *Souza* não é correspondente e admirador do homem? foi quem contou-me.

—E como elle la pela chapada desinvolveu-se tanto?

—O irmão do homem já esteve aqui na capital, morou até no *Muciel.*

Falla bem que é um gosto, é muito polido, muito delicado, tem maneiras.

Só lhe ficou um defeito que deita tudo a perder; não diz=vossê=nem pelo diabo, é=*ance* como tem passado, *ance* como está?=

—Mande V. ao diabo a civilisação do seu tenente subdelegado e empine-se.

—Eu o que sei é que o meu homem é um heroe; o mais é que não ha bonito sem senão.

Sr. Quintas. — Antes de entrar na discussão, acho prudente que venha primeiro pagar o que deve.

O irmão bastardo.

VARIEDADE.

Será?

I.

Era n'um dia sanctificado,
Soavam seis horas da tarde no relogio de S. Francisco.

O sol escondia seu rosto afogueado por detraz das cordilheiras que ficam em frente a cidade

O mar açoitado pela ventania, arremessava-se impetuoso sobre os arrecifes, desdobrando o seu lençol de espuma branca e salitrosa.

Densas nuvens agglomeravam-se na amplidão; a noite prestes a cahir, promettia ser tempestuosa. No largo de.....,bem perto daR....estava deitado nas lageas da calçada um pobre ancião.

No seu rosto macerado pelo perpassado dos annos, pelas intemperies e pelas privações, havia um cunho de tristeza indefinivel. Aconchegando os seus andrajos, elle procurava adormecer, quando a sua attenção foi despertada pelo ruido dos passos d'alguem que descia a escada daR....Effectivamente, destacou-se dos umbraes d'aquella casa, um homem que teria pouco mais de

40 annos; o seu trajo denotava abastança de meios, e o seu olhar altivo e radiante revelava uma perfeita tranquilidade de spirito.

Ao avistal-o, o ancião levantou-se como si fôra impellido por uma mola; depois collocando-se diante d'elle, disse com uma voz tremula e supplicante:

—Sr. commendador, dê-me uma esmola pelo amor de Deus!

Aquelle a quem o mendigo denominara —commendador— fez um gesto de enfadado, e tentou proseguir o seu caminho sem se dignar responder.

O velho não desanimou: indereçando de novo a palavra ao opulento, repetiu:

—Sr. commendador, dê-me uma esmola pelo amor de Deus... a mim Sr., que devo a minha desventuara a V. S.

O commendador, então, retrocedendo um passo, traçou com a bengala um semi-circulo em roda de si, como si quizesse antepor uma barreira ao contacto do pedinte; em seguida, encolhendo os hombros, disse com um accento arrogante e desdenhoso:

—Deixe-me. Va trabalhar... quem o mandou ser tolo?

A estas palavias, o seu interlocutor de pallido tornou-se livido; mas dominando a sua emoção, redarguiu ironicamente:

—Manda-me trabalhar não é assim, Sr.? Manda-me trabalhar... a mim que, confiado na sua preconisada probidade, depositei em suas mãos o fructo de longos annos de um lidar incessante!

Fui tolo, bem sei: tolo porque entregando a V. S. todas as minhas economias não exigi um documento siquer; mas de que valeria esse papel? V.S.pôde fazer acreditar aos seus credores que estava alcançado; conseguiu uma concordata de 80 por cento no seu *passivo*; hoje é rico, muito rico; e eu, Sr., vagueio pelas praças involto nestes miseraveis farrapos, e passo dias sem comer um pedaço de pão!

O velho proseguiu, redobrando de ironia:

—Não se condóe de mim? Não me dá uma esmola? Não se compadece d'aquelle a quem a decrepidez arremessou na mais horrivel miseria?!

Novo gesto de impaciencia foi a resposta do commendador.

—Oh! Tenho soffrido muito! V. S. não pode ser insensivel ás minhas supplicas, não! Illudir a minha fé, locupletar-se com o meu dinheiro, e recusar-me um auxilio, embora diminuto, não pode ser!

—Arrede-se! Não tenho cobre....

A lividez desenhou-se novamente no rosto do mendigo; nos seus olhos amortecidos passou uma chispa de luz; ergueu a fronte, e, pousando a dextra no hombro do commendador, murmurou:

—Então nega-me uma esmola?...

O interrogado recuou vivamente, e dirigindo-se a um homem que passeiava n'aquelle momento, gritou, indigitando o mendigo com a ponta da bengala:

—Prenda este larapio que quer roubar-me.

A ordem do commendador foi de prompto executada: felizmente para elle, esse homem que passeava, era um inspector que lhe devia alguns obsequios, e que de ha muito solicitava sua protecção.

O cidadão policial aferrou o velho gritando-lhe:

—Marche!

O ancião como unico desforço deixou deslisar das faces rugadas duas grossas lagrimas.

O inspector depois de fazer meia duzia de zumbaias ao ricasso, impelliu o preso para a frente repetindo-lhe:

—Marche!

O preso e seu conductor desappareceram.

O Sr. commendador recebeu logo alli os parabens de diversos amigos que o felicitavam por ter escapado ás garras de um pobretão.

Aos emboras de seus afeiçoados, S. S. replicava:

—Não ha policia nesta terra!

Que para elle não havia, era uma triste realidade! (*Continúa.*)

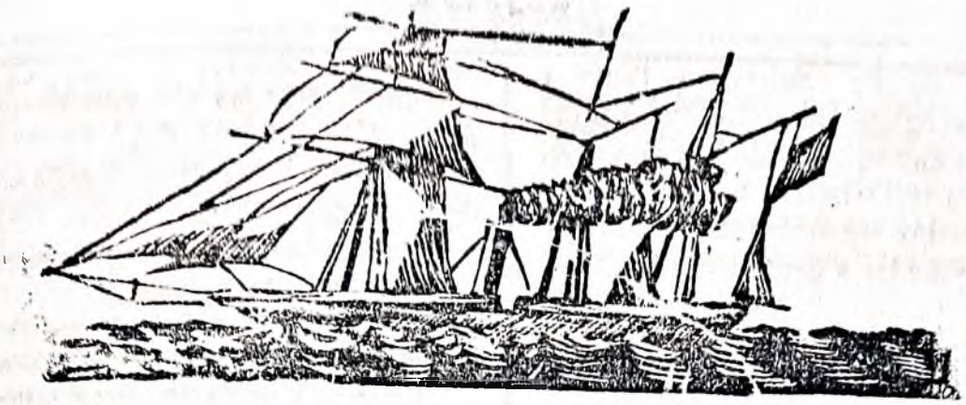
ANNUNCIOS.

Convite

Convida-se ao Sr. Francisco Adães Villas-boas Junior, a vir a loja de calçados, a rua Direita do Commercio n.º 3; para negocio que não ignora

RS. 200$000.

Fugiu em 1864, do Rio de Janeiro, de Antonio Moreira Bittencourt o seu escravo Romualdo, que antes de baptisado chamava-se Euzebio, crioulo bem retinto, de 22 annos, dentes mui claros, bonita figura, corpo fino, altura regular, muito ladino e de muita proza; costuma gingar e andar muito aceiado, e dizer que é forro, procurando trabalhar occulto; sabe ler, escrever e tocar viola; é natural da Bahia, onde foi escravo de Dona C.Sibilla de Moura Barata; foi charuteiro da fabrica que teve o Sr. Correia ao Barbalho, padreiro e cosinheiro com a mão e dous irmãos no Rio de Janeiro: quem der noticia e trouxer á rua dos Ourives n.º 21, 3.º andar, receberá 200$000.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 9 DE JUNHO DE 1866. SERIE 6.ª—N.º 59

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de junho de 1866.

Officio ao Exm. administrador da provincia, para que se digne declarar a maneira por que quer ser tratado, uma vez que o *Diario* em certas occasiões atiça-lhe com *vice* e em outras com *presidente*, e como é preciso ser ou não ser, pede-se a S. Ex. se digno dar resposta.

—Querem ver no que vae o dinheiro do Brazil?

A desgraçada viuva, a esposa, a irman, a filha, a mãe do voluntario da patria esmolam alli, até na porta de palacio onde permanecem um dia inteiro; para ellas não ha dinheiro.

E' bisca a embarcar? caprichos de figurões a favorecer? O cofre ahi está.

E' assim que o Sr. Dr. Villaboim anda de Herodes para Pilatos a perceber gordas *ajudas* de custo; foi daqui para Minas, de Minas veiu para aqui, quando ja tinha sido desta provincia chefe de policia.

Chega porem e pede demissão; no seu orgulho e poderio quer somente mostrar que veiu á Bahia chefe de policia outra vez; tendo concluido seu papel, o liberal da *constituinte* agradece a seus novos alliados o triumpho e cahe nos braços do sogro que o ha de fazer deputado a todo transe, embora o cubra a bandeira rubra do seu partido.

E venceu e venceu! e a teta da vaca gemeu!

—E amanhan serão apontados pelo povo como os servidores da nação!

—E' mais facil um burro aprender a ler, do que a decantada companhia do Gaz deixar de mangar com o publico.

—Mas que quer, si não ha quem lhe va ás mãos? Eu si fosse os taes inglezes uma noite por outra deixava a cidade inteira ás escuras, para acostumar este povo bonanchão a andar nas trevas.

—E são capazes disso.

- Ora si são!

—Si elles contam com a complacencia de nosas authoridades, que fecham os olhos, ou fazem que não veem taes desmandos!

—Eu creio que os Srs. Dr. chefe de policia e delegado passam pela rua Direita de Palacio, ao menos quando voltam do theatro.

—Isto é verdade.

—Pois ha seis ou oito noites que parte daquella rua jaz em escuridão, ha um lampeão de luz amortecidissima

na porta do Dr. Sebastião Pinto o outro em egual condição na esquina da casa do finado barão de S. Francisco.

Veja em tal distancia dous lampeões com luz bruxoleante, si não é para fazer andar a gente ás cabeçadas!

—Mas que quer? Naquella extensa rua ha apenas quatro lampeões: um está quebrado, ficam tres.

—Ainda si estes tres dessem luz conveniente, passaria; a cousa é o deleixo da companhia em tel-os quasi apagados.

—E o que faz o Sr. fiscal da illuminação que não providencia para ser concertado o lampeão n.° 633 que está quebrado?

—Eu sei cá.

—A escada do Caes do Commercio está toda quebrada e fora de seu logar.

—E' mandarem concertal-a.

—E' justamente isto o que eu desejo; como não ha *gente superior*, disso encarregada para quem se appelle, achava bom que os saveiristas desse caes contribuissem para o concerto da tal escada; o lucro vem a ser dellos; não se pode embarcar alli, ninguem quer arriscar-se a queda e banho, e o prejuiso não é meu com a ausencia dos freguezes.

—Ora está V. ahi com honras de advogado dos presos pobres! Deixe estar que cada um sabe bem o que lhe faz conta. Quando a concurrencia for para menor, a *differença* para maior, a vontade de concertar a escada será para melhor.

VARIEDADE.

Será?

II.

Decorreram tres dias. Ha baile no palacete do Sr. commendador Faviano sito á rua da * * *. A fachada da habitação do millionario ostenta-se repleta de milhares de luzes.

Centenas de curiosos fitam pasmados á magnificencia deslumbrante daquelle saràu.

A orchestra faz ouvir os sons harmoniosos d'uma walsa doidejante e vertiginosa.

O vento conduzia ao albergue do pauperrimo as melodias do baile, como um escarneo atroz que a opulencia dirige á miseria!

N'um dos salões joga-se. O soido metalico do ouro repercute cá fora.

A esposa do commendador prodigaliza finezas aos seus convivas: a uns, em voz baixa e n'um tom particular..... A outros n'uma voz clara e expressiva.

Na alta sociedade, um marido, não confiar em sua consorte, seria a maxima das imbecilidades.

Assim pensando o commendador procedia d'accordo com as suas ideias. O amphitrião accolhia os seus amigos com um sorriso protector esteriotypado nos labios.

Ao perpassarem perante elle, todos lhe endereçavam um elogio, sinão uma banalidade bombastica.

O baile attingia ao seu auge.

O ambiente d'aquelles salões estava impregnado d'um perfume inebriante.

Quantas promessas no intuito de quebrar a fidelidade conjugal; quantos apertos de mão a sós significativos; quantos olhares transluzindo volupia ou cubica ahi se trocavam—é o que nós não sabemos.

Recostados ao peitoril d'uma das janellas conversavam dous convidados:

—Este soirée está magnifico, dizia um, que luxo asiatico! Que sumptuosidade explendida! Que riqueza se divisa em tudo!

—E' verdade, retorquiu-o outro,—o commendador soube-se arranjar.

Soube-se arranjar!—Eis as palavras que o mundo profere absolvendo quantas infamias ahi se praticam!

Soube-se arranjar! Equivale a dizer: fez bem, muito bem!

Saber-se arranjar.—E' o mote glosado pela chusma de cavalheiros de industria que pullulam na sociedade!

III.

No dia subsequente ao do baile o Sr. commendador repoltreado n'uma ottomana lia o *jornal*:

De repente fez um movimento de espanto, e leu as seguintes linhas exaradas nas *Noticias Diversas*:

«No dia 3 foi encontrado morto em sua casa o Sr. Carlos da Cunha que tentou roubar o honrado negociante o Sr. commendador Faviano.

«O infeliz depois de estar alguns dias detido foi solto, devido isso á bondade de coração do Sr. commendador que consta ôra o proprio a por elle se empenhar.

O infeliz suicidou-se com sua propria camisa....

Julgou que punia seu crime commettendo outro crime.

Aqui o commendador emmudeceu e tornou-se pallido e meditativo; mas retomando logo o seu habitual sorriso, proferiu estas palavras que talvez encerrem uma verdade dogmatica:

—Procedeu com juizo: a vida só é boa para os velhacos.

Será?—Perguntamos nós.

A PEDIDO

—Capitão, hontem houve alvoroço no *trem do mar*.

—A razão?

—Por causa do que sahiu no *Alabama*, o inspector mandou indagar do facto.

—Deus permitta que não fique em indagações.

—Os homens ficaram desesperados; blasphemaram contra um tal *Requeijão* e tira *modelos* porque attribuiram a publicação a elle, em consequencia de uma duvida que tiveram por causa de uma transacção que o tal usura queria descontar mais do que tinha ajustado.

—E' regra do mundo; soffrem uns pelo que outros fazem.

—Porem o que mais gostei foi quando o homem fallava e espumava de raiva, chegar um servente e dizer: pois logo hoje é que havia de succeder isto que vinha com tenção de pedir-lhe dez tostões. «Ao que o homem retorquiu como um possesso:» Não *dou* mais meu dinheiro a diabo nenhum para ao depois ir fallar de mim.

—E' o que eu não creio, que elle largue aquella gorda pexinxa.

—*Cara-uma* é um sujeito....

—Que tem duas caras?

—Justamente, como verá do fim da historia.

—Tinha elle em sua companhia, ha deseseis annos, uma mulher que o aguentou no tempo em que elle não passou de cabo de policia; tinha esta mulher uma amiga que a visitava a miudo e o nosso cujo que não desgostou da fructa taes artes fez que poz a *dona* na rua e admittiu a visitante.

A substituta tem uma sobrinha; depois do primeiro dia Cara-uma começou a reparar que esta era mais nova; que para quem sabia apreciar não era mau o bocado; a matrona começou a parecer-lhe o diabo, para cujos agrados mostrava-se elle indifferente.

O passarinho cahiu no alçapão; o caçador, instinctos de quadrumano, pachiderma e carnivoro, lançou se á presa, foi-lhe ao melhor e saciou-se por aquelle dia.

Em casa continuaram os maus tratos, ciumadas, gritarias, patifaria velha. Isso porém era bem feito; ninguem faça mal que espere bem; assim como ella trahira sua velha amiga, achava por sua vez quem a fizesse supportar tormentos de amor.

Rabadó, sujeito muito conhecido em Latronopolis, afamado mestre de tesoura vem por acaso morar visinho dos cujos.

—E onde moram elles?

—Na rua da *neve de Castro* onde Cara-uma é hoje proprietario, á custa dos lucros que teve quando criado fiscalisador do municipio.

—Continúe.

—Rabadó quando viu a menina ficou de queixo á banda; tantos rodapés lhe fez que a menina delle não desgostou, e tendo o seu consentimento pediu-a em casamento.

Sal em Rabadó como é de rasgar sedas: obtido o *sim*, entrou a gastar, a dar presentes e so para enxoval chegou á dar para mais de 600$ rs.

O sujeito, em quanto mordia-se de ciume, aproveitava os presentes do noivo; ou antes o passarinho e o caçador, fingiam ambos, tramavam.

E a epocha do casamento avisinhava-se e tudo estava prompto e o casamento era impossivel.

—Mas por que?

—Em fructa que passarinho broca dá bicho: a menina trazia em seu seio o que as mulheres prenhes trazem no ventre.

Para remover este obstaculo o malvado não duvida matar seu filho, faz

a rapariga tomar tantos o tão repetidos purgantes que a *velha* extranha; a resposta e que é bom para engordar.

Trinta dias faltavam para o casamento; o capeta que sempre as teco fez com que os purgantes não produzissem effeito, e a barriga continuou a crescer: o caso estava em apuros; Rabadó não era tão tollo que levasse para a casa uma fructa *inchada*, quando elle andava procurando as verdes.

Que fazer pois?

Cara-uma fez com a menina certa combinação que deu o seguinte resultado: Entra uma noite Rabadó para visitar a noiva, ella fez uma viravolta, foi para o interior da casa, fez uma trouxa de sua roupa, deixando apenas um vestido preto, sahiu pela porta do quintal e foi-se!

Acompanhou-a um sujeito, a mando de Cara-uma, o qual levou-a para certa casa onde tem sido vista e onde se faz grande festa a S. *Cypriano*; ao menos sahiu das *neves* e molteu se nas *flores*; a rua é melhor.

Deixo porém aos Srs. o avaliar o desapontamento em que ficou o noivo, ao saber-se na caza da novidade. Cara-uma, tratante, que é até comprador dos furtos que fazem os escravos nas roças dos senhores, patife de alto costado, mostrou que o habito não faz o monge, deu provas de que tem realmente duas caras; fingiu grande sentimento e consternação, mostrou-se succumbido e pezaroso. E Rabadó depois de ter gasto dinheiro pela fructa ficou com agua no bico!

Emquanto o patifão visita diariamente os novos lares onde repousa seu bem querido, sua nova victima,

—Valente conquistador!

O' muxingueiro, não conheces esse diabo de que se falla?

—Muito, capitão.

—Pois joga as cristas com elle, e conduze-o para bordo.

—Ora deixe-me contar-lhe um caso do Dr Aberém.

—Vamos lá com isso.

—Quando Villa-masinha estava na policia, era quem limpava-lhe as escadas; não sahia da secretaria, do gabinete do homem, bajulava-o de aborrecer; tinha um fim: alcançar uma reforma no regulamento da casa de prisão sem trabalho; escreveu-a, levou-a ao chefe. Este remetteu-a immediatamente ao administrador para informar; foi a resposta que deu ao safado adulador.

Sabe porém o que continha a reforma?

Mil regalias para o logar que exerce o pao.

Criava o logar de almoxarife dos officiaes que *seria accumulado pelo ajudante*, o qual teria de demittir e admittir os mestres; cada mestre tem dous quintos do rendimento, um vinha a ficar pertencendo ao tal almoxarife; o ajudante podia dormir fora do estabelecimento, e só substituiria ao administrador em caso de impedimento, e não por ausencia ligeira, &. &. &. e tal.

Que tal o menino?!

—E' bobo; filho do pae, só quer fofices, grandezas, vaidades.

—O que seria o menos; o pae tem outros dotes, é falso como Judas; dá parte ou queixa de qualquer mestre de officina e nesse dia é que elle mais amigo se mostra do homem; ha pouco convidou até um para jantar. E' o maior inimigo do administrador, guerreia-o de morte: entretanto manda-lhe continuadamente presentinhos de canna rapada e faz outras bajulações de egual quilate.

—Pobre diabo! deixal-o ao menos intretido lá com os seus mosquitos!

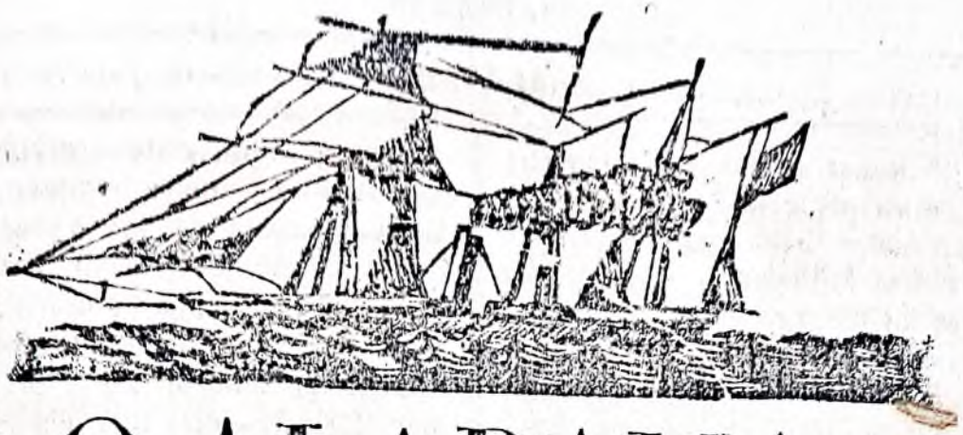
ANNUNCIOS.

AMA DE LEITE.

Quem precisar dirija-se á rua da Ajuda loja n.° 4, que achará com quem tratar.

Quem precisar de um excellente cosinheiro procure no largo do Terreiro n.° 33.

Convida-se ao Sr. Francisco Adães Villas-boas Junior, a vir a loja de calçados, a rua Direita do Commercio n.° 3, para negocio que não ignora.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 12 DE JUNHO DE 1866. SERIE 6.ª—N.º 60

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de junho de 1866.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe que nos informam que nos talhos de S. Bento reunem-se á tarde diversos individuos, os quaes chamam as pretas para violental-as; na sexta-feira deu-se no talho nº 8 uma scena bastante immoral; um delles chamou uma rapariga em quanto os outros se tinham occultado; a rapariga entrou, appareceram todos e fizeram a maior das violencias com ella; scena egual deu-se com uma escrava do Sr. Rios do Barbalho, a qual ficou ainda mais prejudicada porque comeram-lhe os doces que vendia,

Taes factos merecem seria repressão, e espera-se de S. S. o emprego de sua reconhecida actividade.

—Li na correspondencia de Buenos-Ayros para o *Jornal do Commercio* as seguintes noticias do theatro da guerra.

—Estou ancioso por ouvil-as.

—No dia 24 de maio pelo meio dia e favorecido pelo conhecimento dos bosques e lagoas que circulam o campo dos exercitos alliados, adiantou-se todo exercito paraguayo em força de 20,000 homens das tres armas, e atacou ao mesmo tempo pela frente direita e esquerda.

Porém, menos bem succedido que no dia 2 de maio, desta vez achou as forças alliadas promptas para recebel-o. Tendo somente fugido uma força de cavallaria argentina de 400 homens, todas as mais forças das tres nações receberam o inimigo com intrepidez, e operando com toda serenidade, cortaram-o e flanquearam-o em diversos pontos.

Foi todavia o exercito brasileiro que soffreu o maior acommettimento dos inimigos.

Uma columna paraguaya de 3,000 homens penetrou por uma vereda só por elles conhecida e veiu collocar-se na retaguarda do exercito, e junto a artilharia que o cobria, mas pagou cara a sua ousadia.

Só dessa força ficaram 2,000 mortos.

Essa batalha a mais sanguinolenta da America do Sul durou mais de 4 horas, fugindo afinal em completa desordem os batalhões paraguayos abandonando a artilharia, armamento, diversas bandeiras, 5,000 mortos e mais de 500 feridos, que não tinham força para marchar.

Não ha palavras para mostrar a bravura que nessa jornada mostraram as tropas brasileiras desde o chefe até o ultimo soldado.

Os batalhões de voluntarios fizeram prodigios.

A artilharia sustentou um fogo infernal, e a cavallaria, especialmente um esquadrão da brigada brazileira que primeiro carregou o inimigo, fez prodigios de bravura.

Desta vez quasi não ha a mencionar este ou aquelle corpo pelo seu comportamento, todos portaram-se briosamente.

Honra e gloria ao soldado brasileiro!

Honra ao voluntario da patria e ao intrepido veterano do Imperio!

O glorioso combate, o esplendido triumpho, não se alcançou porém sem perdas muito sensiveis para os exercitos alliados e em maiores proporções para o brasileiro.

O marechal Ozorio além de ter seu cavallo morto, sahiu contuso de uma bala.

O intrepido brigadeiro Antonio de Sampaio, commandante da 3ª divisão, sahiu com tres ferimentos de bala, que todavia não se julgam mortaes.

Morreu gloriosamente no combate o tenente-coronel José da Rocha Galvão, commandante do 3º de voluntarios.

O tenente-coronel Dr. Pinheiro Guimarães tem tres ferimentos, que não se julgam mortaes. Este joven heroe depois de ferido conservou-se sempre na frente de seu batalhão.

Acha-se egualmente ferido e com bastante gravidade o major Francisco dos Guimarães Peixoto commandante do 1º e o major Innocencio Cavalcanti de Albuquerque commandante do 11º de voluntarios.

Foi tambem ferido o capitão Francisco de Paula de Abreu Seixas do 42 de voluntarios,

Temos cerca de 60 officiaes subalternos e cadetes feridos.

Na classe da tropa calcula-se em 300 o numero de mortos e 800 feridos.

O inimigo so conservou do seu exercito os destroços, isto mesmo por que o terreno não permittia alcançal-o em sua fugida.

Eis o que foi a grande batalha de 24 de maio: sangrenta, porém a mais gloriosa e decisiva para as armas alliadas.

Depois della, parece infallivel que os exercitos alliados avançariam para desalojar os paraguayos das ultimas posições que occupam até Humaitá.

—Da esquadra ha noticias até 25.

Não se confirma o bombardeamento de Curupaity, por terem os inimigos cortado o rio com uma forte palissada que o vice-almirante propunha-se a romper.

Sem espaço para mais, encerro esta com um appello urgentissimo ao coração das familias brasileiras:

«Temos como tres mil feridos com-«patriotas nossos, e os fios e com-«pressas vão faltar.»

Não preciso accrescentar uma palavra para ser comprehendido.

—Hoje 11 de junho é o aniversario da batalha do Riachuelo.

—A musica do 1.º batalhão da guarda nacional tocou alvorada na porta de palacio.o qual embandeirou-se, houa da tarde salva.

—Um guarda de policia, tendo baixa, pode ficar retido no quartel?

—Creio que não.

—Pois Antonio Joaquim de Campos Rios obteve baixa (vide o *Diario* de 2 do corrente) e está até hoje no quartel.

—Haverá alguma rasão.

—A que dão é que é preciso *completar* o pagamento do fardamento que recebeu adiantado!

—Então, ainda dispensado, isento de todo o serviço por ordem superior e competente, é obrigado a servir por bagatella, quando tento ladrão ahi se farta?!

Só nesta terra!

VARIEDADE.

Doudo cordato.

O *Siglo* de Montevidéu narra o seguinte:

«A um joven argentino que ha poucos dias tinha vindo de visita á nossa cidade, succedeu um caso bastante original.

«Na quinta-feira tendo sahido de passeio

a cavallo, em companhia de varios amigos, ao passar pelo caminho do Reducto, vendo o hospicio dos doudos, quiz entrar para visital-o. Com effeito assim o fez juntamente com seus companheiros.

«Ao passar pelo lado de um dos loucos foi saudado por este que lhe disse:

«—Ouça Vm. duas palavras.

«—Estou às suas ordens, responden-lhe o joven, chegando-se um pouco, conservando-se em uma respeitosa distancia.

«—Não tenha medo, proseguin o louco, porque, si bem que eu esteja n'esta casa e com este traje, é mais por inveja, do que por curar-me. Chegue-se Vm. e nada tema.

«O joven, confiado n'aquellas palavras approximou-se.

«—E' a primeira vez que o vejo, disse o louco, e comtudo ja lhe tenho grande affeição.

«—Obrigado, obrigado.

«—Esses agradecimentos dar-mos-ha Vm. depois, pelo conselho que lhe vou dar. Ouça-me: em seu aspecto se conhece que Vm. é um homem de sociedade e um cavalheiro.

«Não me interrompa.

«Sendo isto certo, como é, acha-se Vm. exposto a que o enganem todos os dias sem poder dar-lhe remedio.

«Para obviar esse inconveniente só ha um recurso.

«—Qual é?

«—Que não acredite em cousa alguma ligeiramente.

«O moço retirou-se dando os agradecimentos e admirado do bom juizo daquelle louco.

«Seguiu visitando o estabelecimento, e já se dispunha a retirar-se quando, ao voltar, tendo de passar pelo logar em que se achava o louco que acabava de dar-lhe o conselho este o chamou outra vez.

«—Esqueceu-se do meu conselho?

«—Não, não o esqueci, e creio que não o esquecerei em toda a minha vida.

«—Pois chegue-se mais, que eu quero dar-lhe outro.

«O joven chegou-se, e o louco deu-lhe uma tremenda bofetada, dizendo:

«—Ignorante!... não te disse eu que em nada acreditasse facilmente? Como me acreditaste, pois?...

«O visitante retirou-se no meio das gargalhadas de seus amigos, que não puderam deixar de rir de um tal logro.

«Fiem-se lá de loucos que parecem cordatos.»

MOTTE.

O Lopes equilibrista
Deu co'a maromba no chão.

GLOSA.

Quiz d'heroes entrar na lista
(Velhaco como seu pae)
Esse infame Paraguay
O Lopes equilibrista.
Contava grande conquista
Usando de vil traição;
Mas depois o toleirão
Fugiu ante os alliados,
Vendo seus planos frustrados,
Deu co'a maromba no chão.

(*Extr.*)

A PEDIDO

Sr. Redactor.—Constando-me que breve tem de ser feita a proposta do batalhão do *balaio*, desejava ver passar do posto que occupa, desde que para elle foi, um sujeito que aqui ha tempos veiu da ilha de *Botelhos* no barco Santo *Antonio*, por ser moço digno do que vale apezar de que sendo empregado na estrada do *pau* apenas la durou 15 a 20 dias; mas issosegundo dizem os meninos da Candinha, e o *Facão* assevera, foi por que o *Ricoardo* lhe disse que fosse aprender a fazer contas e voltasse.

O Arapuca.

De novo chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia e delegado para a casa de jogo de que é proprietario o individuo Macario de que ha dias tratou o *Alabama*.

A cada hora ha alli uma desordem, gritos, algazarras, carreiras, individuos saltando pelas janellas, pedradas da rua para dentro, e em tudo isto admira como ainda não teve de lastimar-se uma desgraça, porque cada individuo que vae áquella casa vao munido de sua faca ou punhal.

Macario por sua parte leva para alli

o dinheiro que ninguem sabe d'onde o houve, estende-o em uma mesa, o que em phrase jogatinal chama-se *dar a cheirar*, installa-se banqueiro e a avidez do ganho impelle para alli uma chusma de sujeitos de toda qualidade: livres e escravos, pacatos e desordeiros, inexperientes e expertos, todos vão deixar em mão daquella harpya o que tanto lhes custou a ganhar.

Depois das *differenças feitas* (phrases do jogo) começa o *desespero*: os *encorraçados* querem brigar por qualquer cousa: a menor duvida, a mais simples palavra, é origem de uma rascada.

Pede-se portanto a Ss. Ss. que lancem suas vistas para aquella espelunca e acabem com tal escandalo, que muito lhes agradecerá

O Figura.

—Que berrada é aquella na ladeira da Misericordia?

—E' Mariquinhas *Coroa-ciry* que está fazendo aquella tribusana toda.

—Está enganado; *Coroa-ciry* é moça de vestido; e a turbulenta está de saia e panno.

—E' ella mesmo que metteu-se naquelles trajes para espiar o azeiteiro que suppoem estar em casa da *Marocas*.

—E nem passa uma patrulha para ensinar-lhe o caminho da Correcção!

—Peça ao *Joaquim Porteiro* que va buscar dois homens na guarda de palacio.

—Homem deixe a mulher estirar a lingua; nós não somos autoridade policial, que nos importamos com isso.

DESPEDIDA.

Adeus Bahia
Vú, vú, vú,
Adeus que parto
Tú, tú, tú.

Ja furtei muito,
Vou furtar mais
O meu Marquinhos,
Guarde os meus ais.

Meu Nicolau café torrado
Meu Bernardinho
Vou chocar ovos
Em outro ninho.

Adeus Bahia
Adeus lembrança
Vou fazer fortuna
No jogo da banca.

Vom, vom, vom
La vai a Chica
Entre os descarados
Seu nome fica.

ANNUNCIOS.

Quem quizer comprar uma negra que sabe cosinhar e lavar, dirija-se a esta typographia.

RS. 200$000.

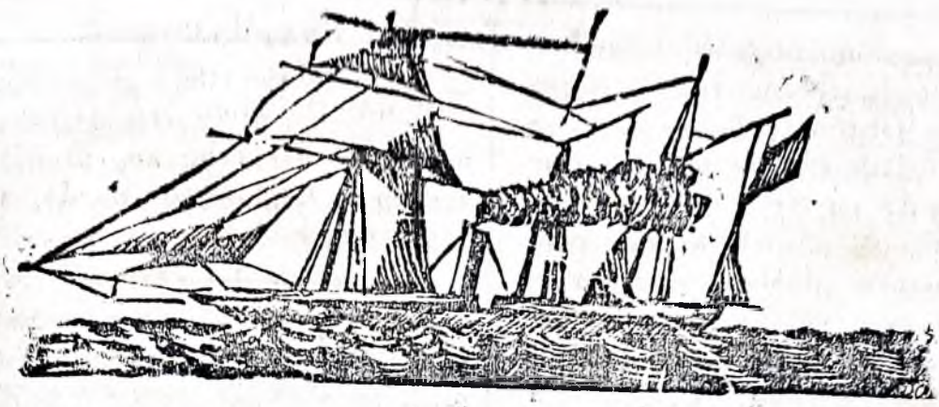
Fugiu em 1864, do Rio de Janeiro, de Antonio Moreira Bittencourt o seu escravo Romualdo, que antes de baptisado chamava-se Euzebio, crioulo bem retinto, de 22 annos, dentes mui claros, bonita figura, corpo fino, altura regular, muito ladino e de muita proza; costuma gingar e andar muito aceiado, e dizer que é forro, procurando trabalhar occulto; sabe ler, escrever e tocar viola; é natural da Bahia, onde foi escravo de Dona C. Sibilla de Moura Barata; foi charuteiro da fabrica que teve o Sr. Correia ao Barbalho, pedreiro e cosinheiro com a mãe e dous irmãos no Rio de Janeiro: quem der noticia e trouxer á rua dos Ourives n.° 21, 3.° andar, receberá 200$000.

Na caza de Pasto defronte do Theatro Publico por baixo da Sociedade Recreativa n.° 93, existe uma carta para ser entregue em mão propria ao Sr. Thomé Moreira Pinho.

Na mesma preciza-se alugar um servente para todo serviço interno, e externo, preferindo-se um africano de meia edade.

AMA DE LEITE.

Quem precisar dirija-se á rua da Ajuda loja n.° 4, que achará com nossa quem tratar.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 14 DE JUNHO DE 1866. SERIE 7.º—N.º 61

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de junho de 1866.

Officio ao Illm. Sr. inspector do arsenal de marinha, partecipando-lhe que nos informam que com o *orçamento* que ha nesse arsenal são prejudicados muitos operarios, emquanto outros nunca são orçados, apezar da promessa de cahir o raio ora nestes ora naquelles. Si assim é vê S. S. o quanto devem ter soffrido os que não tem padrinho; e pois espera-se da sua reconhecida bondade que mande indagar do facto e providencie como for de justiça.

—Acha-se aberta uma subscripção para a despeza com o funeral do tenente coronel José da Rocha Galvão.

Espera-se que todos os bahianos, todos os corações generosos e patrioticos, todos os que sabem comprehender o que é amor da patria, corram pressurosos a concorrer com seu obulo para a realisação da ideia.

A memoria do Galvão é digna o credora destas demonstrações: a Bahia que não sabe faltar a seus deveres vae cumprir o da gratidão.

Galvão que, joven, batalhou pela nossa independencia, ao ter noticia de que a integridade e a soberaniaa do territorio de sua nação eram violadas, sentiu transbordar-se-lhe o coração do indignação e foi o primeiro que no Brazil convidou o povo para, como voluntario, ir defender os brios da patria ultrajada; commodos e familia não lhe lembraram então.

A Bahia pois, amorosa e reconhecida aos serviços do filho que a honrou, paga-lh'os na hora extrema, elevando a Deus preces pela sua alma.

E' um tributo devido á memoria do bravo.

As listas acham-se na Praça, botica do Sr. Gomes Borges e na cidade baixa, livraria do Sr. Catilina.

—Continúa o escandalo da agiotagem no quartel de policia; e a graça é que é influido pelos sargentos, especialmente por um Marcos, dizem.

—Mas que interesse tem os sargentos em prejudicar os guardas?

—Ora viva! Pergunte a elles que lhe hão responder que si mettem o prego é porque tem estopa.

Não tem visto V. na policia uma porção de tabareus? Estão chegando de maneira que não ha logo fardamento para todos; ha de tel-os visto a fazer o serviço, um fardado, outro a paizana. Pois com esses pobres homens é que

elles se arrumam; aos que ja sabem emprestam 5$ rs. para receber 6$, ou 10$ para receber 12$; aos tabareus porém dão 6$ ou 7$ e ficam com os 10$ do soldo do homem; quando no dia do pagamento o pobre do tabareu pergunta por seu dinheiro, respondem-lhe perguntando si ja o não comeu.

—E' uma ladroeira a que convém dar fim.

—Dizem que na companhia do capitão Castro duplica o escandalo.

—Em todas ellas ha de ser o mesmo; de que serve porém denunciar, si providencias não apparecem?

—A limpeza continúa no seu celebre desaforo: acaba de interrar na estrada Nova, no cisco que ja alli deitou, á flor da terra, mais de trinta ou quarenta cães.

—Que quer? Bem tolle é o cão que acha osso e não roe.

—A companhia do Gaz quer inverter a naturesa; faz do dia noite e da noite dia.

—Não lhe intendo.

—Apaga os lampeões a noite e accende de dia.

—Petarolas!

—Si o Sr. passase no dia 11 a qualquer hora do dia em frente do combustor n.° 1008 não duvidaria.

—Conhece o *Curió sem rabo?*

—Conheço; é um pobre homem branco, maltrapilho.

—Pois no domingo fez o diabo nas ruas Direitas de Palacio e da Mizericordia; os moleques começaram a atrapalhar o homem com apupadas e pedradas, o homem ficou desesperado e atirou pedradas que fazia horror.

Entretanto era dia de descanso, as janellas e as ruas cheias de pessoas que bem podiam ser offendidas; na rua Direita de Palacio uma das pedras foi bater bem perto de uma moça que se achava á janella.

—A cousa era facil de evitar; dous guardas policiaes com uma chibata davam fim ao desaforo.

—E note que isto é todos os dias.

—Que a policia veja o que faz; ao menos dê um rabo ao curió; vista a camisa de força si está doudo, si vive a jogar pedradas.

—Realmente não sei para que tanta formalidade, tanta cousa instituida nesta terra. Tudo corre á revelia!...

E os particulares que pagam para sustentar-se os funccionarios são os mais prejudicados com os seus deleixos.

Vê esta baixa? Sabe que aqui é a ladeira do Alvo? Vê estas duas boccas de lobo? Vê esta que está tapada? Parece que não vale nada; porem faz nada menos que o seguinte, não recebe as aguas da chuva porque não pode, estas precisam de ter para onde correrem e la entram pela venda daquelle pobre homem que alagam tudo!

Ora isto, quando é dia, transeat; mas á noute, veja que transtorno, fica o homem com a caza transformada em dique, com seus generos molhados, tudo porque assim o quer ou a meritissima limpeza ou a dignissima camara!

—Que se ha de fazer?

São duas entidades que não attendem a reclamações de gazetas!

A PEDIDO

Illms. Srs. Dr. chefe de policia e delegado attendam:

Lê-se no *Progresso* Cachoeira:

«Olho-vivo —A companhia do Olho-vivo continúa nas suas correrias. Ha dias o celebre Macario, um outro de nome Domingos, e o velho Miguel, que tem uma casa de jogo na Praça do Mercado, foram ao Coqueiro e roubaram de um africano a quantia de UM CONTO DE REIS.

«*Macario safou-se no vapor para a capital*, e os outros dous foram recolhidos á cadeia desta cidade, e estão sendo processados.»

O Figura.

—Capitão, acabo de chegar de Santa Anna dos *Tatús*.

—O que viu por lá?

—Cousinhas boas.

—Pois dê de si alguma.

—Entre outras vi um sujeito cercar a casa de outro porque este não lhe quiz vender o que tinha em sua meza para si e seus amigos.

—E' interessante! conte-me isto.

—Na noite de 5 do corrente ceiava um pacifico cidadão com seus amigos quando entrou pela porta dentro um individuo de má catadura.

Convidaram-no para a meza: elle rejeitou, e disse que so si lhe vendessem alguma cousa; retorquiram-lhe que o que havia alli era para comer-se e não para vender: o homem continuou a insistir. Então um irmão do dono da casa gracejando disse: pois escolha os pratos que quizer e custa-lhe um vintem.

Com effeito o homem escolheu um pouco de massa e sahiu; dahi a pouco voltou trazendo dous vintens como paga.

O dono da casa offendeu-se; achou aquillo uma insolente e premeditada provocação, e mandou-o sahir: travou-se uma disputa; houve injuria de parte a parte, doestos etc.

Por fim o provocante sahiu e ficaram os mais muito descansados, julgando que tudo estava acabado, e continuarem a ceiar.

Avalie como não ficariam pasmados vendo a casa cercada e recebende a voz de prisão.

—E quem cercou a casa?

—O turbulento é sobrinho de um inspector de nome *Mané de Souza*, o qual para servir a seu sobrinho foi ao destacamento, tomou praças e foi fazer a deligencia.

—Olhe que ha nomes fatidicos! Os taes *Manés de Souza* são das Arabias!

O sobrinho tambem é Mané de Souza?

—Não o sobrinho chama-se *José Firmino*.

—Accrescente *Souza*.

Siga o caso.

—O subdelegado mandou os homens embora.

—E o *Firmino?*

—José Firmino é um petulante, disse em presença do subdelegado que mandaria dar um tiro no homem si fallasse em seu nome.

Disseram-me tambem por la muitas cousas delle.

—O que lhe disseram?

—Disseram que *elle conhece* um cujo que em outro tempo passou moeda falsa.

Que *conhece um outro* que vendeu um escravo de nome Charuto e uma escrava de D. Catharina.

Que tem *grande relação* com o assassino de Domingos do Orobó.

Que *tem muita intimidade* com um sujeito que falsificou a firma do finado Duarte Lisboa para soltar presos na villa de S. Francisco.

Sabe quem foi o sujeito que mandou por Genesio atirar em Mariano.

E' intimo camarada de quem deu a facada na crioula Claudina.

E que *assistiu* quando um outro chicoteou uma pobre moça.

Emfim disseram-me que não ha ladrão, ratoneiro, estellionatario que não seja conhecido do Sr. José Firmino.

—E' um homem especifico!

Conhece todos os ladrões e tratantes do logar.

—Vive em relação com todos elles.

—Olhe que ha gente de *toda a classe*!

Que visinhos do diabo! Vieram estas pestes de Nazareth para impedir que se more no *Maciel alto*.

São insultos por palavras e gestos; são os meninos a cuspir e a mijar em quem passa: é uma gente do diabo!

—Onde é isto?

—E' n'um 3° andar; n° *um anno mais velho* do que Christo.

São tão malvados que um destes dias fizeram isto: no andar inferior estava a expirar uma mulher, mandaram pedir que não fizessem barulho; foi debalde, o barulho cresceu e continuou, apezar dos pedidos da propria inferma!

—O' aspirante, dirija-se até esse alcouce e proceda nos termos.

O abaixo assignado, morador á Conceição do Boqueirão declara do alto da

imprensa que chamará a juizo qualquer vil intrigante e calumniador que assoalhe ter elle ingerencia do apedrejamento da casa do Sr. F. M. Figueiredo; nenhum odio nutre contra o mesmo e quando rasões houvesse era incapaz de proceder tão baixo. Bahia 11 de junho de 1865.

Antonio José da Silva.

Quartel do commando dos pitús 4 de junho de 1866.

Ordem do dia n. 0.

José *monturc*, commandante dos pitús, tendo de mandar a côrte em missão especial o seu secretario particular *mel dos mattos* queixar-se e pedir a el-rei D. Manuel de Souza castigo para os insolentes que se tem atrevido a devassar-lhe a vida, e ao mesmo tempo solicitar algumas condecorações para aquelles officiaes que se tem collocado firmes nos seus postos de *honra*, convida a seus companheiros de armas, não esquecendo-se os instructores Rocha Lima, Martin bringella e Pae d'egoas o para accompanhar ao embarque no dia da chegada do vapor. Os Srs. officiaes deverão apresentar-se em rigoroso uniforme em ordem de marcha com mochila ás costas á imitação do commandante. Na occasião da despedida ;todos os Srs officiaes de calças na mão executarão uma aria de *bufos* com acompanhamento de fagote pelo commandante, em logar da musica que se não quiz prestar por dous patacões.

(Assignado) *José monturo*, commandante.

(Está conforme) *Martin Bringella*, secretario.

ANNUNCIOS.

Quem quizer comprar um jumento bom para carga e para montaria; nesta typographia se dira quem vende

AOS DEVOTOS

Na madrugada do dia 17 do corrente haverá missa do Glorioso Santo Antonio na egreja d'Ajuda.

No deposito de sanguesugas ao Caes Doirado, deseja-se fallar ao Sr. Raphael José Vianna.

A AURORA.

Periodico seientifico, litterario e recreativo.

(PUBLICAÇÃO MENSAL)

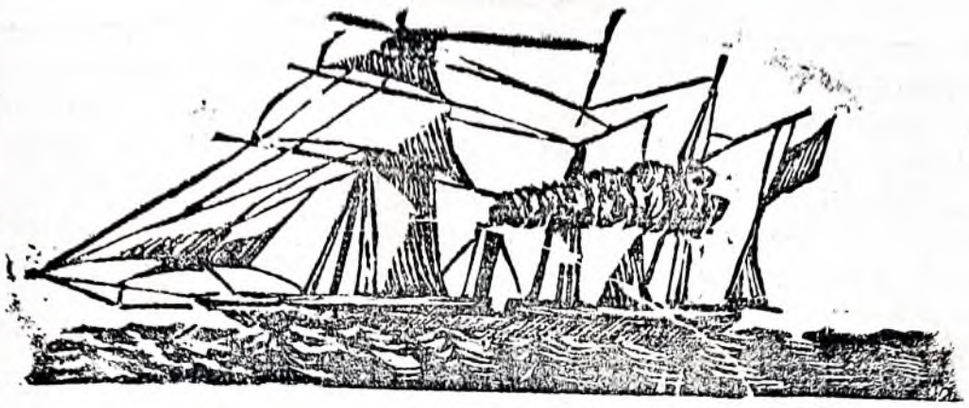
Brevemente sahirá á luz este periodico com vinte paginas em papel commum pelo modico preço de 1$000. Assigna-se nesta typographia, na do *Interesse Publica*, *Pharol*, *Observador* e *Constituição*.

Vende-se

Um sobrado de um andar com 4 janellas de frente e loja de aluguel com duas janellas e uma porta, contendo em cima salla de frente, 4 quartos, salla de jantar, cosinha fora, dispensa e quintal grande para plantação; na loja contém salla, um quarto e cosinha: em bom estado, edificada em terreno proprio á rua do Bomgosto da Calçada do Bom-fim n.° 57.

Trata-se na casa n.° 40 ou na Botica sita á Ladeira do Carmo.

Quem precisar de um excellente cosinheiro procure no largo do Terreiro n.° 33.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 16 DE JUNHO DE 1866. SERIE 7.ª—N.º 62

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber as publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de junho de 1866.

—Ao Illm. Sr. inspector do arsenal de marinha, levando ao seu conhemento em aditamento ao officio que se lhe dirigiu em data de 13 do corrente, quem são, segundo nos informam, os *felizes* para quem não ha orçamento nesse arsenal.

Espera-se, que S. S. á vista disso, mande minuciosamente syndicar o que tem semelbante facto de exacto e dê as necessarias providencias.

Officina de ferreiros

Raymundo Izidoro Carneiro
Florencio Bispo de Pinna
Marcellino Libanio
Mauricio Pereira
Mariano Antonio
Manuel do Nascimento
Felix José do Spirito Santo
Marcolino Gomes Pereira,
Zeferino Constantino
Lucio Aragão.

Machinistas

André Avelino
Jeronymo Joaquim d'Almeida
Alcino Ferreira da Silva.
Crescencio de Menezes Brum
José Benicio de Lemos
Militão de tal.

Fundição

Manuel Domingos de Barros
Horacio de tal
E alguns outros.

—E' celebre isto!

No dia 13 do corrente, seriam 6 horas da tarde, quando dez crioulos que formavam um grupo no Terreiro, correram a cercar um outro, escravo do Sr. tenente coronel Silva Reis, e deram-lhe cassetadas de rijo; o crioulo cahiu!

Si não são os Srs. Ramos, Xavier, official de justiça e o caixeiro do chafariz matavam o homem!

Este facto, este crime presenciado por um guarda de policia que se conservou impassivel! E sendo chamado; respondeu que sua obrigação era vigiar o palanque!

E por uma patrulha que sendo tambem chamada, respondeu que nada tinha com isso, que ia para a Rua do Paço, seu districto!

—Vamos bem; no centro de maior população, no meio da cidade attaca-se assim a vida do individuo!

—E a falta de policia é tanta, o criminoso ja conta com a impunidade de tal maneira, que os taes crioulos continuaram a conversar no Terreiro, depois de concluida a façanha!

—Grande b u !

—Ha uma postura que prohibe os carroceiros sentar-se nas carroças etc. entretanto elles ahi fazem o diabo; atropellam a todo o mundo porque não cuidam de bem conduzir os animaes e só tractam de seu descanso.

Não ha dia em que se não dê um facto; de pequena monta, é verdade, mas que tambem pode ser funesto.

Ora eis ahi no Canto da Cruz, um logar espaçoso, um carroceiro vendo um guarda de policia embriagado que mal podia conter-se, não mudou a direcção do carro, não o fez parar e contentou-se apenas com gritar: Olhe o carro!

Olhe o carro foi elle que o guarda, si não dá um pulo, fica bastante maltratado, indo comtudo de ventas ao chão, porque a roda de um lado do carro i apellin-o e com bastante força, ficando pouco offendido.

Assim como foi só isso, não poderia ser algum sinistro maior?

—Isto de clamar contra os carroceiros é malhar em ferro frio; todavia tornaremos a elles.

—O *Jornal da Bahia* ja não deve queixar-se; denunciou o facto de serem maltratados pelos moleques os velhos e os defeituosos, e immediatamente appareceram as providencias. O incansavel Sr. delegado mandou hontem proceder á apprehensão dos meninos vadios, encontrados pela rua e fez uma limpa extraordinaria.

—Oh! quantas bençãos não receberá elle de todos esses milhares de mendigos que crusam as ruas, victimas certas de tão desenfreada canalha!

Que porém S. S. não pare; é preciso repetir o remedio para que possa produzir o desejado effeito.

—A estrada Nova continúa intransitavel; ja tardam as providencias, depois da *vistoria* do Sr. presidente.

—E peior se torna ella no logar do celebre monturo que alli cria o Sr. Costa Guimarães na roça do Sr. Pedroso: os carroceiros ja se não dão ao trabalho de deitar o cisco ao quintal, acham a estrada cheia de lama e intendem que devem entulhal-a, deitam portanto o cisco na rua; vae então tudo, cacos de prato, vidros, espinhas de peixe, pregos, o diabo.

—E' com effeito boa a calçada.

—E tão boa que ja um delles mesmos metteu um grande prego no pé; perigo que ameaça as innumeros pessoas que por alli transitam descalças.

—Exm. Sr. presidente, que suas providencias não fiquem em passeios e patacoadas; a estrada precisa de serios e urgentes reparos, mãos a elles!

—O Sr. Leão Velloso acaba de praticar um acto louvavel porque é justo, e esta terra vae tão pervertida que é preciso elogiar e agradecer a quem cumpre seu dever.

Agora o Sr. Costa Guimarães ha de engordar menos, os depositos de lixo vão ficar mais longe da cidade, elle ha de ter mais um pouco de trabalho, ha de satisfazer-se menos.

—Que fez então o presidente?

—Obriga-o a cumprir o contracto, a criar os depositos de lixo nos logares indicados, dentro do praso de dous mezes, sob pena de perder a mamata.

—Esta foi bater forte em certo reverendo cachaço!

Tambem era de admirar que depois de tantos abusos denunciados pela imprensa e pelas authoridades, confirmadas pela commissão encarregada de examinar si era cumprido o contracto; era de admirar, digo, que depois da mudez e inacção da assemblea provincial, passando pelo cisco como gato por brasas, não houvesse administrador que zelasse os dinheiros do povo, inutilmente consumidos n'uma empreza talvez proveitosa á cidade, mas desmoralisada pelo deleixo, pela falta de cumprimento de seus deveres, pela insistencia com que os não cumpre, pelo alardo que faz de não cumpril-os.

A Bahia rende portanto gratidão ao Exm. Sr. presidente da provincia.

A PEDIDO

—Capitão, vê este gallego como anda macio, sem fazer o menor tropel?

—E' propriedade de todo ratoneiro;

caminham assim para não serem observados

—E este é fino! Si se lhe fosse contar as tratadas, então é que se havia saber o que é mestre.

—Conheço-o muito, é o João bocorio; morou na freguezia do Santo de Lisboa, donde sahiu corrido por malvado.

Vem ca, rapaz! Quero ouvir-te de confissão, dize já o que tens feito, si-não mando-te aos machos.

—Agora, capitão, estou emendado, só o que faço é virar gato, ando pelos telhados quando é preciso; resigneime a fazer meus charutinhos, trabalho o anno inteiro e não compro fumo; obrigo minha mulher a trabalhar como escrava por que do contrario levará sete e oito dias a fazer cruzes na boca, como acconteceu quando ella quiz forrar a negra; compro tudo que me apparece; não obstante ter pago em certa epocha a um negociante um pouco de cacau, faço magicas em carteira da qual tiro resultado soffrivel; sou feliz principalmente em contrabandos; sou amestrado em tudo que se diz arranjos, e não ha policia que me pilhe; quando me vejo incommodado, vou curar-me com o Dr. Sexo.

Eu sei que não posso mais largar este costume; ainda tendo um milhão não deixava de ser ladrão; quero porém ver si emendo-me, hei de emendar-me, capitão, absolva-me portanto.

—Nada mais?

—Nada. Eu podia estar rico; mas a usura, a justiça e a maldita Ricardinha atrapalharam-me o capitulo; como porém sou incansavel em minhas façanhas, nada me assusta. Absolva-me, capitão.

—Muxingueiro, traze a taca e o facão; arruma-lhe 400 das boas e faze-lhe a barba.

—Ja capitão.

Que penitencia teve o marreco! Ande depressa a cumpril-a para receber o bilhete. Va contando para se salvar.

—Ai, oi, ui! por S. *John* que não subo mais na *pereira* do Sr. *Cardozo*; de vagar, sor muxingueiro, por vida de seu amigo *Souza*!

—Vae, diabo! toma este pontapé, que o bilhete da tua confissão vou remetter ao consul de tua nação.

E' bom previnir.

Rogamos a certo morador na rua Direita de Palacio, sobrado n.° 3, que não continue a jogar estrume do seu terraço para o largo da Praça offendendo assim a moralidade publica, e livrando os transeuntes de similhante implasto. Do contrario ha de ver o que não deseja.

Sobrado do finado.

Sr. Pedro da Burra—Perca o costume quando estiver conversando de jogar com os braços; para com suas patas não offender a quem vai passando mesmo a quem está ao pé do Sr.. Do contrario se lhe fará perder o costume por outros meios.

Attenção!

Previne-se a *quatro meninos* que não continuem a andar roubando pelas roças alheias.

Por ora só isto e o seguinte para ver si se corrigem:

Moram na estrada Nova, Cajazeira; vieram de fora, talvez da Matta ou de qualquer outra immediação da estrada de ferro, com o fim de estudar; com effeito estão no lyceu, mas em vez de apprenderem as licções dos seus sabios mestres, estudam *a arte do padre Vieira* e estão excellentes para estrada.

Da-se-lhes pois um conselho de amigo: não continuem que hade lhes custar caro o brinquedo.

Os prejudicados.

Firmino, si vossê for
A Sant'Anna do Catú
Fuja do *José* ás legoas
Q' alli quer ser o tutú.

Mas é tutú de emboscada
Segundo me disse o *Souza*,
De bacamarte e facão
Atraz do pau elle pouza.

ANNUNCIOS.

Convite.

Convida-se ao Sr. Francisco Adães Villas-boas Junior, a vir a loja de calçados, a rua Direita do Commercio n.º 3, para negocio que não ignora.

Quem precisar de um excellente cosinheiro procure no largo do Terreiro nº. .33.

Quem quizer comprar um jumento bom para carga e para montaria, nesta typographia se dirá quem vende.

Silencio! silencio! silencio!

Emmudeceu!

Quem? que é isto? que houve? que ha?
Coitado! já não diz palavra.
Desembucha, homem: quem é que ja não diz palavra?
Ora quem.... quem havia de ser?

O GUERREIRO!

Chamaram-no palrador, disseram que gritava muito e mimosearam-no com este anexim:

«Quem mais grita menos rezão tem.»

Pois elle ja não falla; nem tartamudea ao menos; coitado! Vejam la o que fizeram!!!

Horror! horror! sobre horror!!!

Fulminaram o pobre do Guerreiro! ja não pode fazer annuncios, não pode dispor do profuso e lindissimo sortimento de fogos de que se acha provida sua casa á rua dos *ALGIBEBES* nº 5.

Não! não é assim: é antes pelo contrario.

O GUERREIRO está mudo, porém fallam por elle, a Verdade, a Rasão e a Logica dos factos.

OUÇAM E ADMIREM.

E' a sonora voz da abençoada trindade que empresta seu sopro tão doce ao invencivel Guerreiro.

Na loja do Guerreiro, á rua dos Algibebes n.º 5 (*não se enganem*) é onde se vende toda a sorte de fogos para as divertidas noites de S. João, S. Pedro e 2 de Julho, da melhor qualidade e pelo mais diminuto preço que é possivel encontrar-se no mercado.

Venham ver; venham todos; todos comprem e depois digam si o Guerreiro mente, si o Guereiro não tem razão e si elle sophisma ou falla escudado pela irresistivel logica dos factos

CONDIÇÕES.

As mesmas que dá nos seus annuncios anteriores.

Venham comprar: encontra-se na loja do Guerreiro tudo quanto a pyrotechnia pode descubrir para recreio de nossas vistas.

Eis a linda collecção que ao publico desta cidade offerece o Guerreiro:

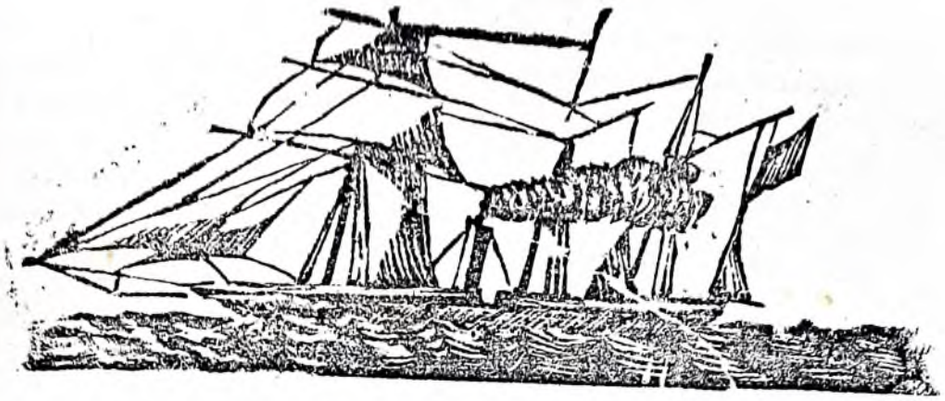
Pistolas e pistolletas,
Traques, chuvinhas, chuveiros,
Espadas resplandecentes
E deslumbrantes craveiros.

Ricos fogos de Bengala,
Só faltando buscapé,
Serpentes de Pharaó,
Sortes a Tamandaré.

Rodas, traques fulminantes,
E pistolletas de cores,
Papeis de chammas mui lindas,
Sortes com fructas e flores.

Tem tudo o Guerreiro, tudo
Quanto se pode querer;
E tudo vende barato,
Quem duvidar venha ver.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 19 DE JUNHO DE 1866. SERIE 7.ª—N.º 63

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de junho de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que espalhe um grupo de rapazes que á noite postam-se defronte das lojas dos Srs. Ludovico e P. Falcão, atraz da Sé, e alli proferem palavradas e gritos e qnando retiram-se vão estrondando as ruas com a barulhada que fazem. Cumpra.

—A missa que se tem de celebrar pela alma do heroe Galvão é no sabbado 23 do corrente, no convento dos religiosos franciscanos que, consta-nos, se prestaram.

A concurrencia de todos os patriotas é cousa infallivel.

—A policia continúa a *corrigir* os moleques.

—E comtudo elles andam a gritar certas palavras que tem um mau sentido e a fazer das suas sempre que acham occasião.

—Tambem Roma não se fez n'um dia; vá o Sr. delegado repetindo a dose que a cura se operará.

—Os desordeiros da rua dos Barris continuam; são uns taes que se reunem na venda n.º 25.

Na segunda feira pp., ás 10 horas da noute, fizeram grande desordem, e deram tempo a que se apresentasse a patrulha; perseguiu um tal Manuel Honorato, conhecido por Caboclo, o qual embarafustou pela caza a dentro de uma senhora, indo até o quarto.

A senhora, assustada, pediu soccorro e a patrulha, acompanhada então do inspector que tinha apparecido entrou. *Caboclo* não se quiz entregar; mas vendo que era inutil a resistencia contentou-se com cubrir de injurias os guardas e o inspector, acabando por dizer que ia preso *hoje*, mas que havia sahir *amanhan*; que não era a primeira vez que tal succedia; que ahi estava seu amo o Sr. Olegario o qual tinha as authoridades fechadas na mão.

—Que o subdelegado de S. Pedro abra a vista.

E que se acabem certas condescendencias que dão logar a que esses sujeitos prosigam nas capadoçadas e assoalhem intimidade com as authoridades, ás vezes de modo offensivo a ellas.

—Não é so a empreza da limpeza que tem zombado do publico; a companhia do gaz ahi está para levar-lhe

a palma. Nunca fez tenção de cumprir o contracto e de illuminar por tanto as ruas que tem obrigação; a estrada que vae ter á Quinta dos Lazaros está com um uma porção de columnas interradas que o deleixo e o interesse la deixaram ficar. A pobre da Cruz do Cosme nada tinha obtido,seus moradores ficaram condemnados ás trevas; dá porém o Sr. Dantas um passeio ao Queimado e intendeu que devia ceder ás reclamações do futuro barão que o obsequiava com um copo d'agua; houve ordem para que se illuminasse a Cruz do Cosme.

A 28 de fevereiro deste anno marcou-se os logares para assentamento dos tubos e das columnas e a 15 e 16 de março foram alli depositadas algumas peças e até hoje nada mais.

—Estão á esperá que o Sr Leão Velloso dê tambem seu passeio para principiarem o trabalho.

—E' impossivel que n'outro paiz uma companhia particular, obrigada por contracto com o governo, abuse tanto deste e do povo. Entretanto os moradores da Cruz do Cosme pagam decima, tem direito tambem á luz.

Exm. Sr. presidente, veja como é isto; que não continuem estes Srs. a cassuar com o publico.

—O 7 composto anda á procura de gatos.

—Dizem que é bom petisco e elle provavelmente é conhecedor da materia.

—Mas supponho que o homem quer os gatos para dar cabo dos ratos que tem em caza.

—Então em maus lençóes fica elle; a maior ratazana que la existe é elle mesmo.

—Está bonito isso!

Julguei que era so o largo do Carmo; não senhor; ca pelo centro da cidade temos o mesmo divertimento; está a rua d'Ajuda convertida n'um verdadeiro gallinheiro

—Quer tambem que se prohiba gallinhas soltas pelas ruas?

—Eu não; para meu despique bastava apenas mandar para aqui um destes *gaviões* que ha por ahi, e estava o o negocio feito; o *Bomboi* por exemplo.

A PEDIDO

Aos Veteranos da Independencia

O conselho da Sociedade dos Veteranos da Independencia na provincia, querendo fazer commemorar o glorioso passamento de seu nunca assás chorado irmão, o benemerito tenente-coronel José da Rocha Galvão, que mais uma vez, defendendo como heróe as instituições e a santa causa do paiz, acabou ntrepidamente nos campos do Paraiuay, na acção do sempre memoravel gia 24 de maio deste anno; se dirige a todos os seus companheiros, quer socios, ou não, a solicitar-lhes que se prestem como lhes for possivel para o acto funebre, que no dia 25 do corrente pretende fazer celebrar na igreja Matriz de Santa Anna, em honra áquelle denodado e inclyto Veterano; dignando-se cada um de subscrever o seu obulo para tão patriotico quanto religioso fim em casa do thesoureiro da mesma sociedade ao largo do Desterro n.° 60.

Bahia 14 junho de 1866.

O abaixo assignado, morador á Conceição do Boqueirão declara do alto da imprensa que chamará a juizo qualquer vil intrigante e calumniador que assoalhe ter elle ingerencia no apedrejamento da casa do Sr. F. M. Figueiredo; nenhum odio nutre contra o mesmo e quando rasões houvesse era incapaz de proceder tão baixo. Bahia 11 de junho de 1866.

Antonio José da Silva.

Na camara fui registrar
A fidalguia do *Pinto*
E de vinho neste dia
No jantar chupei um quinto.

O Barreto se achou
Mettido nesta funcção
De enthusiasmo deu vivas
Ao nosso escrivão leirão.

O João.

—Vai mal o batalhão 111! No sabbado 9 era uma vergonha ver os guardas no theatro; converteram-no em portaria de S. Francisco, os que estavam de sentinella nas portas pediam esmollas a todos os qus passavam. Isto denota relaxação pelo menos.

—Mas que quer? Quem não tem dinheiro pede esmolla. São uns pobres meninos que o Sr. Requião trouxe de Cotegipe e Moritiba; por força hão de fazer de meninos.

Muxingueiro aprompta a taca
P'ra o *Firmino* refrescar,
Vae lhe atiçando de rijo
No logar onde o encontrar.

Por Santa Anna do Catú
Disse-me o *José* que o viu,
Em companhia do *Souza*,
Quando para aqui partiu.

Assim faz-se necessaria
Uma viagem por lá
Para pegar o tratante
Antes que dalli se vá.

—Sr. *Vallasques*, venho pedir-lhe um favor. O *Antonio Roberto* disse-me que o Sr. tem como seu caixeiro um galleguito a quem maltrata furiosamente com pancadas; essa classe de gente não merece contemplação, peço-lhe comtudo que poupe mais o rapazito e que se deixe de gritar obscenidades.

—Sou todo obediencia, capitão.

Detalhe

de um samba que houve no dia 8 la para as bandas do Uruguay, em que o subdelegado J. J. J. deu em cima.

O Manuel *Tres invernos*
Barão de Mandateré
Levou tamanha carreira
Que deu tres golpes no pè.

O grande Victoriano
Que arrota tanta grandesa
Assim que viu a rascada
Correu p'ra baixo da mesa.

Mijou-se o *Sacra-furada*:
Correu o *Cavaco-secco*
Pulando como macaco
E foi se esconder no becco.

Mas o Felix Boi laranja
Que namora p'ra casar;
Ficou tão embaraçado
Que não se poude safar
Fez pena *Miguel Carcunda*
Quando viu o inspector;
Passou a mão pelo ventre
E foi gritando: que dor!

Innocencio Feio passo
Ficou todo atribulado,
Quando o tiraram do canto
Estava todo borrado.

Feliciano Rascada
Pela janella saltou,
Inda hoje está doente
Pela queda que levou.

Quanto ao *Juvencio Castrado*
Estava bem escondido,
No poleiro da gallinha
O homem estava mettido.

Philippe *rapaz* bonito
Fazendo-se muito serio
Fez-se amigo do inspector
P'ra livrar de gauderio.

La veiu Sinhá Custodia
Que assustada tremia
Perguntar ao inspector:
Meu filho tambem iria?

—Valha-me Santo *Antonio*! que furiosa *estacada* me deram!

—Estacadas tem levado aquella infeliz senhora que alli mora.

—Pois dão pancadas naquella moça!

—E' so o que falta.

Aquella moça é filha de um juiz de direito em Pernambuco, não é rica, mas sempre foi tractada com distincção correspondente á posição que occupa seu pae na sociedade; casou-se com um moço estudante contra a vontade dos paes deste; os paes delle são os donos da caza em que ella está; o marido está ausente, e a sogra, a sogra que é um verdugo, obriga a infeliz senhora a soffrer os maiores tormentos, nem á meza se senta!

A infeliz tem escripto ao pae, mas as cartas são abertas e furtadas; seu martyrio pois durará emquanto o quizer seu marido, hoje bacharel, empregado, que devia ter bastante *coragem* para levar em sua companhia sua

mulher, assim como teve coragem para o namoro.

—E' justamente o principal culpado; e pois que está fora da terra para receber o castigo, vá o aspirante avisar á tarasca da sogra que não continue a atormentar a moça, sob pena de metter-se-lhe as ventas no ourinol que ella nega á mulher de seu filho.

—Prompto, capitão.

Esta mulher não pode ser boa, eu a conheci *no seu tempo* em Itapagipe.

Mui variaveis por certo
São as voltas deste mundo!
Em quanto os debaixo sobem
Os de cima vão ao fundo!

Quem havia de dizer
E mesmo quem pensaria
Que nesta terra o Bebé
A tão alto subiria!

—Que barulho é aquelle no principio da rua das Flores?

Tanta gente junta!

—E' a patrulha que prendeu um sujeito que pacificamente transitava.

—Porque?

—Dizem que sem motivo. São talvez effeitos do dia de Santo Antonio. Já são 11 horas da noite, é justamente a hora de Bacchо principiar o seu trabalho.

—O preso é aquelle que está alli clamando com honra de João no deserto, não?

—Qual! O preso escapuliu, e o que está alli clamando é o cadète Vital que constituiu se advogado delle, e está demonstrando os direitos do cidadão.

—E' na verdade um bom advogado!

—E o povo continúa a reunir-se, a policia a tocar apitos, e não apparece nem ao menos o inspector de quarteirão para acabar com aquelle ajuntamento, e mandar aquelle *pregador* para casa dormir.

—São cousas! Quatorze bolachinhas e outros, feitos soldados de policia, é para accontecer disto mesmo!

Bellezas da Bahia!

ANNUNCIOS.

RS. 200$000.

Fugiu em 1864, do Rio de Janeiro, de Antonio Moreira Bittencourt o seu escravo Romualdo, que antes de baptisado chamava-se Euzebio, crioulo bem retinto, de 22 annos, dentes mui claros, bonita figura, corpo fino, altura regular, muito ladino e de muita proza; costuma gingar e andar muito aceiado, e dizer que é forro, procurando trabalhar occulto; sabe ler, escrever e tocar viola; é natural da Bahia, onde foi escravo de Dona C. Sibila de Moura Barata; foi charuteiro da fabrica que teve o Sr. Correia ao Barbalho, pedreiro e cosinheiro com a mãe e dous irmãos no Rio de Janeiro: quem der noticia e trouxer á rua dos Ourives n.° 12, 3.° andar, receberá 200$000.

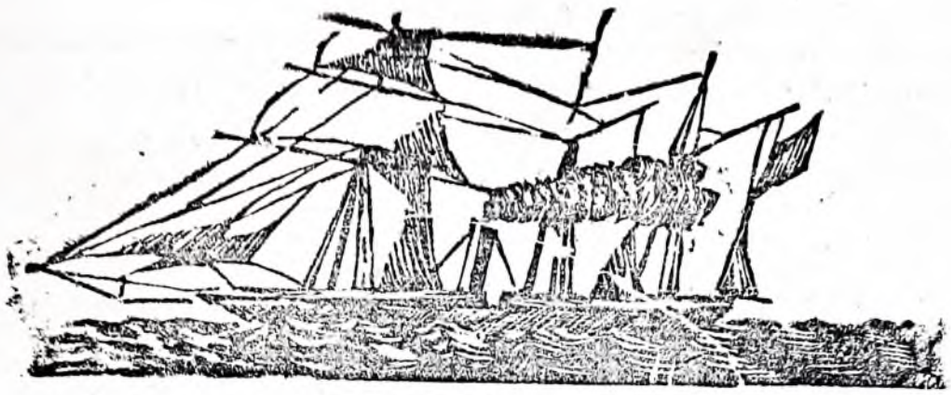
De profundis clamavi ad te domine.

O jumentinho Lambisgoia, o Diabo Côxo, e o Santos das Peras agradecem do intimo d'alma a todos aquelles que concorreram para interrarem nas trevas da sua ignorancia o muito *falso*, *fofo*, *desfructavel* e *pequenino orador* que não conhecendo o seu nada em litteratura usou antepor-se á candidatura de um moço intelligente so porque era liberal, querendo ser o *patrador* perpetuo. Os mesmos rogam o especial favor de assistirem ao funeral do 7° dia que tem de mandar celebrar no hospicio das Sete Portas pelo eterno repouso de alma tão mesquinha.

Requiescat in pace.

No deposito de sanguesugas ao Cae.s Doirado, deseja-se fallar ao Sr. Raphael José Vianna.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 21 DE JUNHO DE 1866. SERIE 7.ª—N.º 64

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de junho de 1866.

Não houve expediente.

—Veja o deleixo de quem é obrigado a fazer certas cousas em que dá; a estrada Nova está n'um miseravel estado; além de altos e baixos tem muita lama ainda no espaço que corta a cidade; pois bem. Ante-hontem, 18, o padre coadjutor da Sé foi levar o Sacramento a um infermo na estrada Nova, bandas de S. Miguel, junto á rocinha da Sra. D. Rita; na volta deu alguma topada ou escorregou; o que é certo é que foi de ventas ao chão com o Sagrado Viatico, não se entornando felizmente as sagradas Formas!

—Isto de escorregar e cahir succede ao mais forte de pernas, quanto mais ao padre Manuelzinho que não é moço e que só enxerga de um lado.

—Mas si as ruas estivessem como o deveram, talvez se evitasse a queda. Foi um espectaculo que entristeceu os corações religiosos ver o padre voltar com a sagrada ambula, com as vestes sacerdotaes todas enlamcadas!

—Ja a providencia da policia contra os moleques tem desgostado a alguns.

—E' que certos paes intendem que seus filhos podem andar de parceria com os moleques para fazer bregeiradas; mas que não são moleques para soffrerem correcção.

—Va o Sr. delegado seu caminho e deixe fallarem os apaixonados.

A PEDIDO

Casal padre Alexandre.

VIII.

No dia 10 de junho do presente, o Sr Dr. juiz provedor publ cou, em audiencia, a judiciosa sentença concebida nos seguintes termos:

Não procedem os embargos da f. 502 em vista do expendido na impugnação f. 506, e parecer fiscal f. 517. Subsista portanto a notificação f. 496, e dê-se ao inventariante a vista que requereu, e lhe foi concedida a f. 257 para apresentar as declarações da receita, e despeza accrescida depois da partilha f. 162 com o prazo improrogavel de 5 dias, findos os quaes, com declarações, ou sem ellas, venham conclusos os autos e pague o embargante as custas. Bahia 9 de junho de 1866.—*A. Joaquim de Magalhães Castro.*—

Vê pois o publico que ainda desta vez teve a justiça um apostolo extremo, a imparcialidade um tropheu, a malversação e a

pilhagem um adversario constante; portanto receba o Sr. Dr. Antonio Joaquim do Magalhães Castro, pela justiça que preside sempre aos seus actos, os nossos sinceros agradecimentos.

Os habilitados.

Firmino, V. socegue,
Se aquiete, tome geito,
Perca o instincto do mal,
Risque a maldade do peito.

Dispa-se destas fumaças
De querer ser valentão;
Quando for hora de aperto
Mostre o que vale então.

Acceite estes conselhos
Que como amigo lhe da
O *José* irmão do *Souza*
Que la no Catú está.

—Venha ca, sor *Ovidio*! Então V. vae com honras de *Lopes* do Paraguay; não saqueia, mas deflora as infelizes que se julgam amparadas debaixo de suas telhas!

—Calumnia!

—Disse-me o *Silva*. E tanto é verdade que desappareceu aquella menina da charidade, que não sei por que diabo foi parar em seu poder.

Julga que não sei? Julga que não estou informado das luzes apagadas no sotão? daquelle caso do quarto trancado por dentro? V. desflorou-a e continuou com ella, sem respeito a sua mulher que vivia em continuas barulhadas com V. por causa do seu desaforo. Ultimamente teve o desplante de comprar vestidos irmãos para sua mulher e sua amasia, e o ciume daquella, a indignação cresceu com rasão; a pegada foi tão pequena que o remedio foi V. tirar a cuja de casa.

Isto porém é o menos; o peior é ter V. desamparado em dous dias a infeliz que V. foi subtrahir ás auras beneficas da charidade que a ella podiam bafejar o resto da vida.

Muxingueiro, avenha-se com esse Sr.

Ca... ca... ca... ca!
Isto faz rir e pasmar!
Não sei onde o *Barreto*
Fidalguia foi achar!

Ora essa é bem boa,
Eu estou admirado!
Um sargento de policia
Em fidalgo transformado!

De sargento elle passou
Para *perfeito* escrivão,
E quando lia no j...,
Dizia eu não sou leirão!

Ha muito tempo que o *Pinto*
Ao imperante requerera,
Usar dos mesmos brasões
Qu' a seus avós pertencera.

O João.

Attenção.

Primeira misura do José Monturo a El-rei Mané de Souza.

Compadre.—Pela via de meu secretario *Mel dos Mattos* lhe envio esta que V. receberá, assim como a comadre que a tome como sua; elle lhe *esporará* como si fosse eu; não vou proprio por estar muito atrapalhado com o commando dos Pitús que V. me metteu. Só V. era capaz de me fazer essa. Dou-lhe parte que já comprei barretina, e bem me custo a ageital-a com ella por causa daquelles gallos que tenho na testa (que V. bem sabe,) provenientes daquelle maldicto espinho de limeira. Sua comadre, é de opinião que eu faça operação e que seja operador o Dr. Surdo-é pra mode tirar o espinho que deu causa aos dous gallos, mas eu tenho medo, por que este Dr. é capaz de m'os tornar maiores; não é verdade compadre? V. que o diga.

Compadre tenho sofrido cousas!

V. e a comadre não fazem ideia o que as más linguas tem dito de mim; que de chiogamentos tenho levado. Cousas que eu fiz e julgava que ninguem sabia tem sahido para a rua. Emfim até aquelle segredo que eu suppunha que só nós dous sabiamos e o Dr. *Porto delle* por lhe haver a menina contado, até isso os maldictos descobriram e puseram em pratos limpos.

Ah! compadre! um malvado maroto que ha no batalhão é quem mais me tem atrapalhado.

V. mande ordem ao Pedro para nullifical-o, bem como ao Duquinha.

Dou-lhe parte que pariu a nossa crioula: que bôa ama, si sua sogra ainda precisasse!

Ah! compadre de minha alma! que bôa bisca perdi eu agora! Si V. está ca decididamente era eu nomeado para o curral, pois era o lugar que justamente me servia. Agora

é tarde; pois ainda V. mandando ordem ao Pedro elle não me dá o logar; por que sei que a mesma sociedade que eu tinha com V., elle terá com alguem e ja deve estar compromettido. Si eu pilho era uma boa pexinxa para nós.

Estou anciôso que V. volte para me ver de farda. As moças correm quando eu passo, para me ver; tenho até feito minhas *conquistas* na rua dos pés de laranjas; emfim estou outro, lerdo, galhardo e esv lto, mandei comprar um apparelho de ferro para me desempenar e estou mais aprumado; a minha giba ja não dá tanto na vista, com V. verá pela *pitografia* que junto remetto: é tal qual, menos as calças que são a balão. Já criei bigodes pretos e a Janinha mandou me dizer que criasse *caranhaque* comprido, a imitação do C. S., mais eu tenho vergonha; que acha?

Ah! si a comadre me visse.....

. . . . . .

O *Santos Marcos* não quer mais me emprestar o cavallo. V. mande ordem para me emprestarem no dia 2 de Julho, por que ja outro dia foi preciso pedir ao Caveira de Mamão o delle para poder sahir.

Não se esqueça de mandar-me pelo secretario a commenda que lhe mandei pedir, e veja que quero do Cruzeiro.

Por hoje faço pausa. Adeusinho compadre. Saudades a' comadre.

O nosso filho pede-lhe a benção.

Adeus, queira bem a seu compadre, escravo por amizade, agradecido do coração

José Monturo.

N. B.—Vão dous caixões de laranjas de umbigo para a comadre, porque sei que ella gosta da fructa. Os milhos irão depois; este anno espero regalal-o com boas espigas; ellas ainda não estão maduras, mas ja estão bem taludas e grossas e os gráos bastante graúdos. Adeus.

—Capitão, dá licença?

—Pode entrar, Sr. Ignacio.

Queria alguma conza?

—Desejava fallar-lhe.

Pois sente-se e diga o que quer.

—Venho queixar-me à V. Ex. do *Cabo dos uteis.*

—Não sei quem é.

—Pois V. Ex. não conhece o *Cabo dos uteis!*

—Não Sr.

—Não conhece o enredador-mor desta terra, o primeiro ingrato deste mundo, o fallastrão maior que o cèu cobre?

—Ainda não pude atinar quem seja.

—E' que V. Ex. não se recorda.

Pois não conhece o ex-governador do jazigo dos mortos, que foi despedido por comer as *massarandubas* de uma roça vizinha, e por trazer aquillo em completa relaxação, reduzindo os arvoredos a lenha, e vendendo; abandonando dias e dias o seu logar e vindo socar-se na cidade entre os vivos quando devia estar entre os mortos?

—Cada vez sei menos quem é.

—Pois V. Ex. não conhece o eleitor feito por contemplação, o glutão das mezas alheias, o comilão sem egual, o papa jantares dos outros quotidianamente?

—Sr. Ignacio, o seu heroe é um personagem confuso, bem difficil de conhecer!

—Então V. Ex. ainda não ouviu fallar n'um individuo cujo genio malevolo e intrigante é abocanhar e detratar de todos, não havendo uma pessoa que escape daquella lingua ferina e mordaz; um sujeito cujo maior gosto é atassalhar a vida alheia e que tem o arrojo de dizer quando conversa com alguem: *fallemos um pouco da vida alheia que não faltará' quem falle da nossa?*

—O Sr. quer ouvir uma cousa? acabemos com isso. Reduza o seu exordio a termos claros e intelligiveis.

Como se chama o sujeito?

—Supponho que *Vidalá.*

—Aspirante!

—Prompto!

—Conhece o Sr. *Vidalá?*

—Muito.

—Traga-o a minha presença.

. . . . . .

—Aqui está o homem, capitão.

—Sr. Vidalá.....

—A's ordens do Sr. capitão do *Alabama.*

—Não é preciso tantas zumbaias. Mandei-o chamar para assistir ás accusações que lhe faz o Sr. Ignacio.

Sr. Ignacio, pode fallar.

—Capitão este miseravel para malquistar-me com um honesto caracter teve a insolencia de dizer em occasião que eu passava: =ahi vae um bem acerrimo no jogo: um

. . . . .

Diga-me agora capitão, pode fallar d'alguem um tratante que estando o Cazuza com casa no Bomfim ia todos os dias com seus dous irmãos almoçar e jantar, marcando as horas de se pôr á meza, o que era reparado por todos?

Pode fallar d'alguem um patife que em uma casa de jogo levou uma bofetada do João Honorio que o estendeu ao chão?

Pode fallar de alguem um infame que

consentir que a mãi de seus filhos andasse á noite pela praça com uma menina pela mão a tirar esmollas, o que muita gente nesta terra sabe?

Pode fallar de alguem um safado.... .....

—Sr. Ignacio, peço-lhe que seja mais moderado em suas palavras.

—Desculpe capitão.

Pode fallar d'alguem um biltre que recebendo covado e meio de setim para fazer uma obra e entregal-a dahi a trez dias, ficou-se com elles até hoje, comprometendo de mais a mais a quem lhe deu a encommenda?

Pode faliar d'alguem um ingrato que devendo mil favores a um honrado homem, capitão da guarda nacional, que até lençol para a cama lhe deu, que lhe matou muitas vezes a fome, e fez-lhe milhares de beneficios, um ingrato que ainda hoje não pagou a seu bemfeitor dinheiros que lhe emprestou, o qual possue felizmente lettras passadas por este ingrato que hoje com seus dentes venenosos e com sua baba peçonhenta procura polluir a reputação daquella alma bemfazeja, daquelle coração magnanimo, pergunto capitão esse ente pode fallar d'alguem?

Pode faller d'alguem uma creatura vil e abjecta que chamando um homem para baptisar-lhe tres ou quatro filhos adultos, que se achavam pagãos; nesta mesma noite imputou a seu compadre a mais vilan baixeza que se pode commetter, alardeando que seu compadre para levar seus filhos à pia foi preciso que elle lhe emprestasse 2$ rs. para dar ao vigario e que seu compadre subratahiu os 2$ rs?

(*Continúa.*)

—Faz favor, Sr. *Mofado*.

—Não é commigo.

—E' com V. mesmo.

—Eu sou *Luiz*, não sou *Mofado*.

—Deixe-se de subterfugios; sei que é V. mesmo a quem procuro.

Ora diga-me, para que ha de incommodar seus visinhos com palavras de palmo e meio, gritos indecentes, insultos e tudo mais que lhe vem a esta lingua porcalhona?

—E' mentira, capitão, eu sou o melhor dos visinhos, elles é que me provocam.

—Mentindo está V.; pois é possivel que todos a queixar-se de V. seja V. o bom e elles os maus?

Pois por esta vez vá em paz, mas fique certo que á primeira queixa que aqui vier do Sr. não ha mais remissão nem aggravo, vae provar o porão.

—A's suas ordens.

—Passe bem.

VARIEDADE.

O sim e o não.

O sim—é a vida do coração.

O não—é a morte do sentimento.

O sim— é o *fiat lux* do nosso amor.

O não—é o *consummatum est* dos nossos desejos.

O sim—é o arrependimento de Hermengarda.

O não—é a maldição de Eurico.

O sim—são as vozes do templo da felicidade.

O não—é quasi sempre e epitaphio de um sarcofago.

O sim—jamais enfastia a quem ouve.

O não—aborrece sempre a quem ouve.

O sim—é o Synai da nossa gloria.

O não—é o Golgotha das nossas illusões.

O sim—é a innocencia de Christo.

O não—é o perjurio do apostolo.

O sim—é o berço do christão.

O não—é tumulo do atheu.

O sim—é o gorgeio das andorinhas.

O não—é o grasnar do corvo.

(*Continúa.*)

ANNUNCIOS.

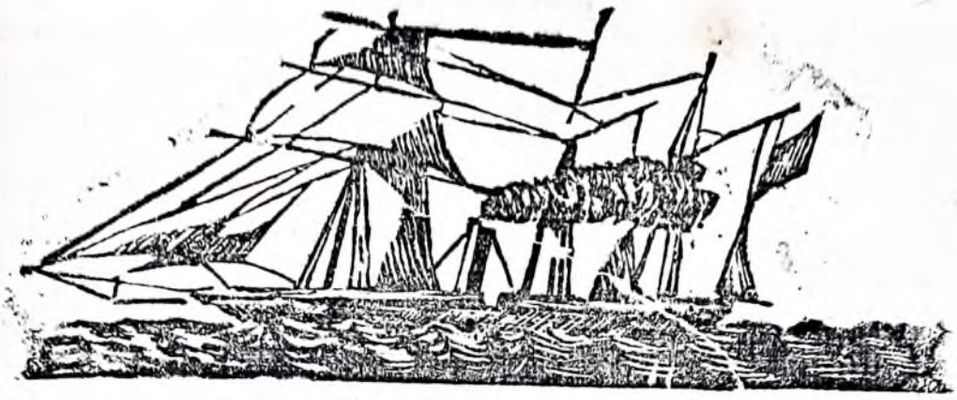
A SEMPRE-VIVA

Com este titulo sahirá breve n'esta typographia. um periodico scientifico, litterario e recreativo, pelo modico preço de 1$000 por serie de 8 numeros.

A Redacção espera que, os filhos da sciencia animem a essa publicação por ser um meio de cultivar a intelligencia. Assigna-se nesta typographia e na *Constituição*.

Fugiu do abaixo assignado ao Campo da Polvora, um caxorrinho do Reino, branco, cabelludo, com uma pequena ferida no pescoço, accode por Nilo quem o achar, e levar a dita roça ou ao trapiche Julião será recompensado com 5$000. *João Manuel Fernandes.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 23 DE JUNHO DE 1866. SERIE 7.ª—N.º 63

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de junho de 1866.

Officio ao Illm. Sr. delegado, chamando sua attenção para um individuo conhecido por Marcos Rabeca e ainda mais conhecido por seu pessimo comportamento. Esse sujeito dá-se ao uso de bebidas, e quando está no que elle chama no *pifão* não guarda o menor decoro á moralidade. E' bastante conhecido do Sr. subdelegado da Sé, por factos praticados nessa freguezia. Ultimamente reune-se com alguns de sua bitola e accommettendo indistinctamente as casas, seja de meretrizes seja de familia, ahi fazem das suas.

Nestes dias foram á casa de uma familia ás Portas do Carmo, de uma outra á ladeira da Praça e no dia 13 á rua do Tijollo á casa de uma respeitavel familia, e sendo advertidos que alli não existia quem procuravam, retiraram-se dirigindo palavras obscenas e termos injuriosos ás pessoas que alli estavam.

Estes factos precisam de um correctivo, e espera-se da energia de S. S. prompta repressão a tão descommedido procedimento.

—O Sr. Cyrillo, inspector do gaz por parte do governo, vem á imprensa darnos explicações. Quanto a uma dellas temos a dizer-lhe que todos sabem que cumprindo S. S. seu dever, não percebe a companhia o dinheiro do combustor apagado; reclama-se porém por que fica a rua em trevas, o publico a soffrer e a companhia a deixar de cuidar immediatamente de seus deveres, porque lhe não fazem differença quatro vintens de mais ou de menos.

Acceitamos as outras, agradecemolhe a deferencia, e aproveitamos a occasião para felicitar aos moradores da Cruz do Cosme; *hão de ter illuminação, no primeiro dia de sol.*

—Não ha remedio a dar-se! não ha camara....

A camara! Seus membros dizem que não fazem caso da imprensa!

Si o fizessem, mostravam mais dignidade, seriam mais cumpridores dos seus deveres. Actualmente a voz publica diz que *vereador* é emprego, officio negocio.

Mas sim, não ha um fiscal que saiba para providenciar; tambem fiscal multando o Sr. Adães!

—Mas que é, rapaz?

—E' que a montureira da caza n.º 20, á rua do Tijollo, vae crescendo e crescem accumulativamente os

fedores. Os visinhos queixam-se ao Sr. Adães e elle responde com a classica resposta—vou dar as providencias.

E nisto fica!

—E não mora alli um membro da finada junta hygienica? Elle que não reclama, não se interessa pela remoção do monturo, é que não faz mal; a visinhança que tape as ventas.

—Isto só aqui! Sr. Dr. inspector de saude, os outros nada fazem, faça V. S. alguma cousa!

—Disseram-me que no 5° batalhão ha um alferes estrangeiro.

—Ha um Benedicto Beltori, italiano, que foi ou é administrador das fazendas do Sr. barão do Rio Vermelho.

—E' esse cujo mesmo; disseram-me que não é naturalisado cibadão brasileiro.

E' pois de sua obrigação provar o contrario, sua dignidade o exige,

E quem o nomeou, quem o propoz não deve conservar-se quedo,

A PEDIDO

Consta que os religiosos Franciscanos tendo recebido grandes presentes de milho, resolveram dar tambem as maiores espigas; por tanto amanhã a tarde será a distribuição; tambem ha cangica, porem é preciso cada um levar sua panella, visto que elles não tem. As espigas são muito bôas, bem como os côcos que são de patente. Regalam-se os que lá forem.

Circular

de um tenente coronel da guarda nacional a seus officiaes.

Quartel do commando do batalhão da Bahia 21 de junho de 1866.

Tendo a commissão encarregada da Missa de requem e memento, pela alma do fallecido nosso Patricio o Tenente Coronel Jose da Rocha Galvão, *o qual* tem de ser celebrado no Convento dos Religiosos Franciscanos pelas 8 horas da manhã do dia 23 do corrente, e recebendo convite *para mim* e officiaes do meu Corpo, assim *lhe communico* para sua sciencia, sendo debaixo do informe simples

Fulano dos Anzoes.
Tenente Coronel Commandante.

—V. não conhece um celebre vigario que se dava muito com o *Antonio Nunes?*

—Pois não! desde que eu vim da *Pirajuhya* que conheço a firma; muito hypocrita, fazia oração na rua, debaixo de um *pinheiro* para quem o visse comel-o por santo; ja tem vindo por vezes a bordo.

—E não se emenda!

Fez agora isso: furtou de caza uma rapariga filha de uma tal Florencia, senhora viuva. A moça creio chamar-se Libania, tem 15 annos de edade e amasiou-se com elle.

Mas no fim de contas a *mulher do vigario* descobre a enrola, vae á caza da outra, fez uma rascada dos seiscentos, e poz o padreco apertado com o barulho. E a mulher tem rasão; elle a trouxe de Barcellos, e tem della cinco filhos; talvez reconhecendo isso o marreco trouxe a menina para cidade, ja gravida; elle o sabia e fingia ignorar, ou o ignorava. O que é certo é que começou a desconfiar de algum *barrete* que um sujeito queria offerecer-lhe, e não quiz aguentar com a bucha; atirou com a carga para o *Moniz,* dizendo que quem comprou o peixe que o escamasse; mandou por tanto deitar o menino na porta do supposto pae.

—E' do diabo!

A menina ficou talvez desamparada. Capitão, o muxingueiro ao cujo.

—Ja sem demora.

Muxingueiro, não te enganes, trazo o devasso de que se tracta á minha presença.

—O' aspirante!

—Prompto.

—Conhece o Seraphim?

—O do Terreiro? ás leguas; é bom menino.

—Não é esse. E' um sujeito de

nome *Martin*, que por morar n'uma *ladeira*, onde, diz elle, se faz muitas obras de *misericordia*, intende que se deve contar no numero das potestades celestiaes e intitula-se de *seraphim*.

—Não conheço tal firma; mas si apraz a V Ex. irei procural-o e não é difficil encontral-o pelos signaes que me dá

—Pois veja si o descobre e traga-o á minha presença: quero mandar o muxingueiro ensinar-lhe as regras de bem viver.

—Sem duvida o tafal commetteu algum desacato, fez alguma tranquibernia, não?

—Pois esse desavergonhado vivendo entre os brasileiros, sendo casado com uma excellente brasileira, estabelecido aqui com officina d'onde tira para viver commodamente, não tem o desaforo de dizer cobras e lagartos daquelles que hospitaleiramente o acolhem? Não é um dos insolentes que se pronunciam abertamente a favor dos paraguayos e contra os brasileiros, não esbraveja a qualquer triumpho alcançado pelo Brasil contra aquella horda de selvagens?

—Então é preciso dar-lhe a amostra do panno, capitão.

—Dizem-me que não ha baldão que não lance sobre os brasileiros: preguiçosos, indolentes, bebados, ambiciosos, amigos do alheio, desordeiros, tudo quanto é mau elle mimoseia a este povo generoso, que atura a quanto gallego ladrão e passador de moeda falsa ha.

—Capitão, eu vou buscar o labrego, e V. Ex. vá mandando o muxingueiro ensebar e preparar a taca.

Pergunta sem malicia.

Será verdade que os apontadores do arsenal de marinha tem obrigação de permanecer na repartição durante as horas do trabalho?

Será verdade que algum delles demora-se lá, ao mais tardar até as 11 horas do dia?

Será verdade que assim inhibe de elucidar-se qualquer duvida que acaso venha a dar-se?

Sera verdade que, sendo obrigados a appresentar a folha do pagamento prompta dentro de tres dias na thesouraria, ha demora de cinco e seis dias vindo os operarios a soffrer com a espera? sendo obrigados com a demora a rebater o salario que recebem oito, nove dias depois?

Será verdade?

Espera-se pela resposta e com urgencia para solução de certa questão que aventaram.

Os prejudicados.

VARIEDADE.

O sim e o não.

O sim—encanta como as flores da primavera.

O não—entristece como o gelo do inverno.

O sim—quasi sempre significa paz.

O não—poucas veses deixa de exprimir guerra.

O sim—tem graça ainda que escape de uns labios sem côr.

O não—é desenxabido ainda que saia de uma boquinha de rosa.

O sim—tem a belleza de Narciso.

O não—tem a fealdade de Vulcano.

O sim—quasi nunca offende.

O não—offende quasi sempre.

O sim—é suave como um canto.

O não—é monotono como uma pendula.

ANNUNCIOS.

RS. 200$000.

Fugiu em 1864, do Rio de Janeiro, de Antonio Moreira Bittencourt o seu escravo Romualdo, que antes de baptisado chamava-se Euzebio, crioulo bem retinto, de 22 annos, dentes mui claros, bonita figura, corpo fino, altura regular, muito ladino e de muita proza; costuma gingar e andar muito aceiado, e dizer que é forro, procurando trabalhar occulto; sabe ler, escrever e tocar viola; é natural da Bahia, onde foi escravo de Dona C. Sibila de Moura Barata; foi charuteiro da fabrica que teve o Sr. Correia ao Barbalho, pedreiro e cosinheiro com a mãe e dous irmãos no Rio de Janeiro: quem der noticia e trouxer á rua dos Ourives n.° 12, 3.° andar, receberá 200$000.

Fogo!
fogo!
fogo!!

MISERICORDIA!!.... FOGO! FOGO! FOGO!

AONDE?

AONDE?

AONDE?

NA LOJA DO GUERREIRO

NA LOJA DO GUERREIRO!

NA LOJA DO GUERREIRO!

Ah! ah! ah! não corra amigo, não se estafe tanto, pois não é fogo—são FOGOS PARA AS DIVERTIDAS NOITES DE

Santo Antonio,

S. João,

S. Pedro

e Dous de Julho,

E esta! Li no *Jornal* e no *Diario*, fogo no GUERREIRO, julguei cá para mim somente, que o incendio era tamanho que o dono do estabelecimento via-se obrigado a ann nciar para juntar a população d'esta capital para apagar o incendio.

Que duvida! A' população desta capital pede elle para comprar as boas *pistollas, craveiros, chuveiros, traques, sortes, espadas, rodinhas, traques de massa, foguetes do ar, e outras muitas qualidades de fogos escolhidos*, como sejam os *surprehendentes ovos de Pharaó*, famosa inversão de certa massa informe, pouco maior que um grão de milho, em uma perfeita serpente de 1/2 polegada de grossura e 3 a 4 palmos de comprimento!

Ora dá-se amiguinho da minha alma, será isto verdade?

Ouça, estes ovos que deitam serpentes, é coisa rara e nunca vista, e o Guerreiro vende a tres por dois, sim tres ovos por 2$000 e aquelle que comprar 4$000 de ovos que deitam serpentes terão de presente uma duzia de pistollas de 5 ballas ou uma duzia de craveiros, ou finalmente 2$000 em fogos da escolha do freguez. As mesmas vantagens offerece elle a todas as pessoas que comprarem 6$000 de fogos pois lhe será offerecido 3 ovos serpentaes no valor de 2$000. E esta! será possivel?

OUTRO SIM:

Toda pessoa que comprar 50$000 de fogos terá de abatimento 10% e as que comprarem de 100$000 para cima 15% affiançando somente que ali encontra-se o melhor sortimento de fogos os quaes se pode tocar sem receio; pois garante-se que são fabricados por peritos foguetteiros.

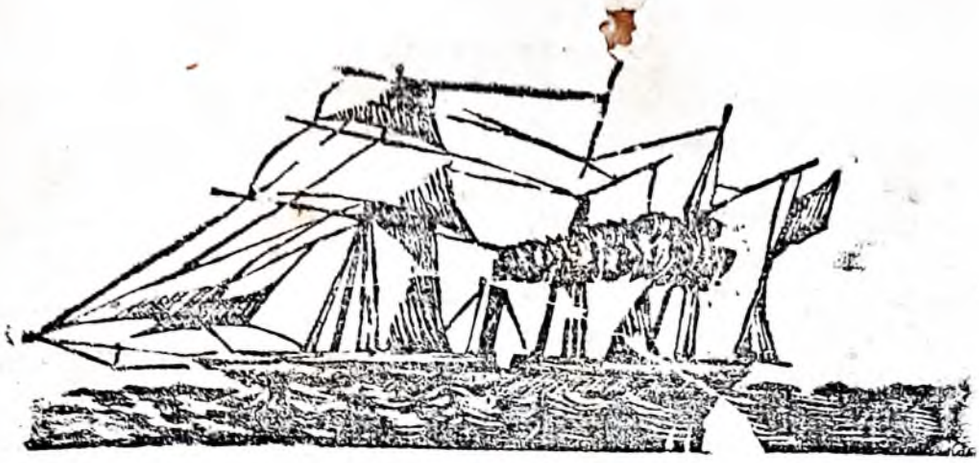
Alli somente encontrareis

pistollas, com ballas de lindas cores como sejam: verde, asul, solferino, magenta, escarlate, cor de prata, especialmente feitas para a Loja do Guerreiro.

E esta! meu amiguinho do coração estou tão admirado do que me contou que sem demora vou comprar fogos no tal Guerreiro para ver como de um ovo se vira uma serpente.

Va e não se engane, o *Guerreiro é na rua dos Algibebes n.* 5.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 27 DE JUNHO DE 1866. SERIE 7.ª—N.º 66

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de junho de 1866.

Officio ao Illm. Sr. delegado, pedindo-lhe que dê conveniente destino a um desastrado menino, que anda por ahi a fazer grillos, e que apezar da pouca edade é já praça distincta da companhia do Olho-vivo, de nome Felippe Sanhaço; esse campeão quando volta de suas correrias, faz pousada nos talhos de S. Bento, ou na cocheira dos Srs. Ariani situada nesse lugar.

—Ao emprezario da limpeza, para que mande apanhar um montão de garrafas, botelhas, boiões e quartinhas quebradas que ha na praça da Piedade encostados ao muro da primeira casa a quem vae pelo Duarte.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que a ladeira do Coqueiro, dita dos Barris, e parte da rua dos Barris, se acham cobertas de hervas e arbustos bastante crescidos, e pedindo-lhe que os mande arrancar, visto ser sua obrigação; réunindos-e a esta o seu interesse, pois que os seus burros comem as folhas e seus empregados não tem o trabolho de deitar o cisco fora.

—Ante-hontem sahiu o bando da camara municipal.

—Pode por tanto o povo entregar-se livremente aos folguedos que costumam ter logar por occasião do 2 de Julho.

—Celebron-se a 23 do corrente a missa funebre solemne por alma do tenente coronel Galvão, gloriosamente morto no combate de 24 de maio do corrente, no Paraguay.

A egreja estava decentemente decorada e o acto foi bastante concorrido.

—E a 25, celebrou-se, em Santa Anna, uma outra, mandada celebrar pelos seus companheiros d'armas da Independencia.

—Houve tambem missas, mandadas celebrar pelos mesmos, por alma de todos os que falleceram no glorioso combate de 24 de maio e pela dos fallecidos veteranos.

—A Bahia é sempre grata aos filhos que a defendem e honram.

—Apezar dos esforços da policia, houve muito fogo solto e alguns sinistros.

—Isto é sempre.

—Na ladeira de S. Francisco um sujeito preparava uma bomba; soltaram na rua um foguete, o foguete entra pela

janella do homem, caem as faiscas na polvora, explosão no caso, e ahi está o homem com a cara em deploravel estado.

Um foguete estourou na barriga de um escravo do Sr. Sol-posto e fez-lhe um rombo. O escravo foi carregado para casa e so ao outro dia fallou; está mal.

No becco do Viva-Jezus, n'uma casa de azulejo, soltavam amiudados foguetes para o lado esquerdo, onde na janella estavam diversas moças; as faiscas iam constantemente incommodal-as e queimal-as O dono da casa foi pedir aos seus visinhos, muita cortezmente, que deitassem os foguetes para o outro lado Os dous portuguezes qus alli moram e que faziam aquillo por gracinha responderam nestes termos: O que tem isso? ahi é que está o choro, o dia é proprio ete.

E continuaram no seu brinquedo encostando de proposito os foguetes á janella. O visinho zangou-se, sahiu para a rua e da casa de azulejo expediram para a rua uma furia que é ama, a qual desandou pela lingua e botou pela boca fora tudo quanto foi palavra obscena, quanta porcaria encerrava aquella cloaca. Si não são certas accommodações, o negocio acabava mal.

—Deixemos os foguetes, vire folha.

—Temos samba, capitão.

Alguns guardas da Sé (que tinha dado as patrulhas) entraram n'um samba ao Cruzeiro de S. Francisco e *enthusiasmaram-se* pelo brinquedo; passam dous de policia e vão espiar o samba: um da Sé tira esta chula:

Paraná, Paraná,
O' policia, va-se embora.
Falla de mim, falla de V.,
O' policia, va-se embora.

Os guardas de policia ficaram de cabeça inchada, tomaram satisfação e temol-a travada. Dize tu, direi eu, refles e baionetas fora, *abre* que furo um, arreda que esfollo; foi o que se viu e ouviu: um *vavavá* dos diabos. Si não apparecem algumas pessoas pacificas e ordeiras, tomava o conflicto serias proporções.

—E' a garantia que temos, nossa força publica!....

A PEDIDO

—Capitão, quem com muitas pedras bole, alguma lhe dá na cabeça.

—A que vem isso?

—E'que o Rei dos moleques está atrapalhado; ttanas fez que anda ás voltas com a policia, está se vendo em papos de aranha, está na pimenta, está, esta apertado.

—Mais que diabo tem elle?

—Não lembra-se do vestido da commadre que elle foi empenhar e metteu no peito?Pois dahi é que veiu a cousa.

O amasio da commadre tomou o negocio a peito e foi queixar-se ao chefe; este officiou ao subdelegado que o mandou ir á sua presença. Salú porém não foi e não sei que artes fez que o negocio não transpira.

—Ora viva!

—Appareceu ao compadre a quem ha muito não fallava e virava a estanhada lata quando o encontrava; este admirou-se; entraram em conversação e trataram do vestido.

Allegou Salú o dinheiro que gastou, fez uma conta de grão capitão, disse que empatou tantos e quantos, contou brocas como o diabo.

O companheiro fez-lhe ver que toda despeza andou por 15$500 e que ficar com um vestido preto por aquelle preço era um roubo. Salú pede para restituir o vestido dous, tres, oito dias e afinal nem apresenta o vestido nem quer diser onde está. O compadre porém está com gana no cujo e promette mettel-o na cadeia. Eis por que eu digo que Salú está na pimenta.

—Ora viva! pensei que adiantava ideia.

—Impaciencia!

Ouça uma nova que elle praticou; o que admira é que haja quem caia na esparrela sendo elle tão conhecido, especie de Judeu Errante, apontado por todos como o celebre Rei dos moleques.

Foi o cujo a uma senhora lá para o Jilú e pediu-lhe que lhe alugasse u-

ma cazinha; a senhora negou-lhe a chave e pediu fiador

Salú foi a um moço na Ribeira e este cahiu na rede! Tomou elle a chave e entregou-a a um boleeiro do Ariaú para quem tinha de servir; são muito amigos, de cama e mesa, fazem ambos gaiolas.

Trese mezes porem são passados e nem um vintem á dona da casa!

E o fiador tonto, da salla para a cozinha, a dar caminhadas por ter de pagar o que não gastou.

E Salú fresco, enchendo as ruas de pernas, com uma risada de tollo para o primeiro que lhe apparece,

—E' com effeito incorrigivel o rapaz; nem o muxingueiro tem podido domal-o!

—Que diabo! sempre que encontro este *aza preta* é ás carreiras!

—Si elle deve, por força ha de temer. A' primeira vez que V. Ex. o viu foi ás voltas com o diabo.

—Safa! Pois nem o diabo poude com este tratante!

Alto la! não corra! pare ja! V. tem-me geito de *vaqueiro* a correr atraz de novilho bravo.

—Quod natura dat nemo negare potest.

—Ja sei que V. estudou latim, graças ao finado Pança que V. esqueceu ingratamente. A questão é outra: que faz a correr, quando não a voar com esta vestimenta que lhe dá uns ares de tanajura ou morcego?

—Ando assombrado; tenho muitas dividas moraes, os credores são muitos, o juiz, a consciencia, inexoravel, e eu temo. As mães pedem-me a honra das filhas, os maridos a das mulheres, a sua; a viuva chora seus desvarios, a miseria em que cahiu, em quanto meu *bolo* cresce; a provincia aponta para o representante que vendeu o voto; o pae lembra-se do filho que o insultou, indo lhe pedir esmola; todos queixam-se de mim, vejo até almas do outro mundo a pedir-me os sacramentos, que lhes eu neguei na ultima hora!

—Oh! bem me disse o *Vianna* que V. tinha um coração de *rocha*. E tem; e tem tambem a cara de estanho que é o que lhe vale; sinão mandava o muxingueiro fazer-lhe a festa.

Safe-se j , que safado ja está V.!

—Capitão sabe o que me disseram?

—Que foi?

—Que o Vigario de Pirajubya, Antonio Nunes Pinheiro deixa de cumprir suas obrigações parochiaes.

—E' possivel, não seria o primeiro.

—Contam que o homem tinha um cavallo no pasto o qual brigando com os outros, levou alguns couces, do que ficou espadoado.

Depois deste prejuiso que soffreu o nosso vigario, deixou elle de ir a Mutá, negando-se ali a confissões, a pretexto de que os moradores dalli lhe mataram o cavallo e elle não tem conducção; pelo que o infermo que não pode ir á freguezia morre sem os sacramentos!

—Si não fosse em caso tão serio eu diria que o padre tem rasão

—Só lh'a daria o diabo, crendo ganhar uma alma.

Veja agora V. Ex. como cresce em bediodez o proceder de tal vigario, sabendo-se o verdadeiro motivo por que elle não vai ao Mutá: intriga com as pessoas de influencia, dizem

—O arcebispo deve indagar disso; eu gosto pouco de andar misturado com gente de sotaina; não é possivel que as ovelhas de um rebanho sejam maltratadas pelo proprio pastor.

VARIEDADE.

Contrastes.

I.

Quando a aurora matutina
Rasga da noite a cortina,
E expande a luz purpurina
No mar, na terra, e nos céos;
Levanto a fronte, e medito,
Fito os olhos no infinito,
Contricto ajoelho e grito:
Bemdito sejaes meu Deus!

O mundo vejo:—é materia,
E' podridão deleteria,
E' o vicio, é a miseria,
Tornando os homens atheus!
Fito de novo o infinito,
Hesito, vacillo e afflicto
Coguto, mas não repito:
Bemdito sejaes meu Deus!

II.

Da miseria em frio leito,
Sentindo ã morte no peito,
De cadaverico aspeito
Jaz miserando ancião;
E o filho, em torpes orgias,
Entre voraces harpias
Jovial consome os dias. .
E' miseria, é corrupção!

Ao desabrigo deitado
Chora infeliz engeitado,
O seu pranto âmargurado
Faz cortar o coração;
E o pai, no auge do brilho,
Esquece que tem um filho,
Segue dos vicios o trilho...
E' miseria, é corrupção!

Em andrajos envolvida,
Triste joven pervertida
Na lascivia gasta a vida
Victima da seducçao;
Quem sabe si o desalmado,
O seductor festejado
Medita um novo attentado?..
E' miseria, é corrupção!

Pobre ancian esfaimada,
Que passando pela estrada
Estende a mão descarnada,
Chorando, pedindo pão;
E a filha, vil prostistuta,
Os ais da mãe não escuta,
Por oiro o corpo permuta. . .
E' mizeria, é corrupção!

Ao ruido da opulencia
Que nos bailes tripudia,
Junto a pallida indigencia
Mil gemidos d'agonia;
Alli—nos salões doirados,
Rasgam-se ricos brocados;
Rola o ouro pelo chão...
Perto—nas lages da rua,
Pobre mulher semi-núa
Fallece á fome ingua de pão!

Emquanto rompendo sedas
Na louca dansa a folgar,
As bellas —ricas e ledas—
Sorriem fingindo amar;
Em quanto os nobres senhores
Gastando enormes valores
Ostentam pompas de reis....
Muitas orphãs desvalidas
Pela miseria impellidas
Tombam no pó dos bordeis!

Em quanto no ardor do jogo,
Os jovens, sem o sentir,
Ardem do vicio no fogo
Anniquilando o porvir...
Em quanto os velhos amantes
Alastram d'ouro e brilhantes
O leito da meretriz...
Famulentos, sem abrigo,
Geme o pallido mendigo,
Chora a viuva infeliz!

Nesta vida ha luz e sombra,
Céo escuro e céo azul;
Ha p'ra uns macia alfombra,
P'ra outros negro paul;
Ha canções e tristes cantos,
Pouco mel, muito amargor:
O goivo perto do lyrio,
A festa ao pé do martyrio,
O sorriso junto a dor.

F. da Silva.

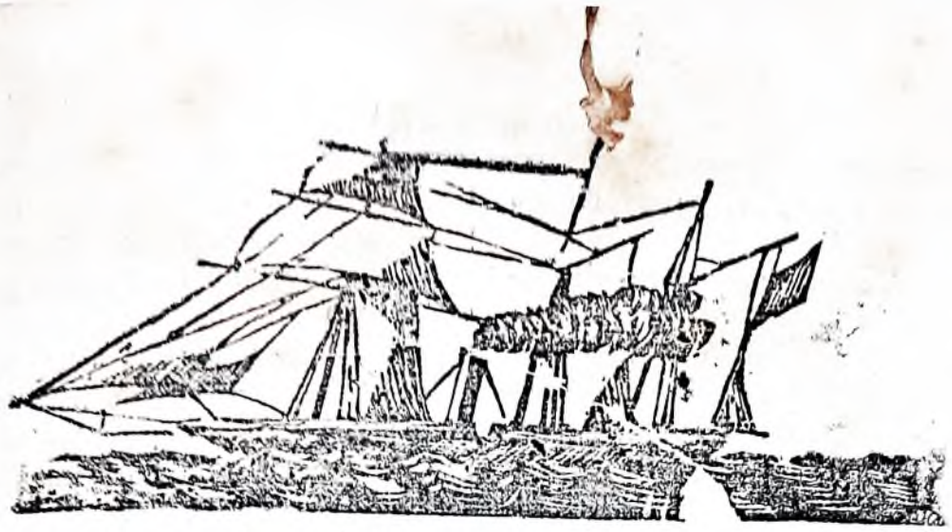
ANNUNCIOS.

Nesta typographia compram-se os ns. do *Alabama* 7, 12, 13, 33, 34, 35, 36, 43, 44, 45, 48, 51, 53, 37, 63, 64, 65. 73, 76, 77, 94, 95, 96, 97, 107, 120, 155, de 1864, ns. 166, 218, 235, 238, e 244 de 1865, e n.º 42 de 1866.

Quem quizer comprar uma negra que sabe cosinhar e lavar, dirija-se a esta typographia.

Quem quizer comprar um jumento bom para carga e para montaria; nesta typographia se dira quem vende.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 30 DE JUNHO DE 1866. SERIE 7.ª—N.º 67

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Negros se apresentam os horisontes; o estado do paiz é desanimador; a guerra prolonga-se, a mortandade é terrivel; mais de 30 homens por dia (o que equivale a 1000 por mez) perdem a vida nos hospitaes que contém seguramente 7000 doentes; o exercito ja sente falta de soldados a ponto de desembarcar a gente que se achava na esquadra (15º de voluntarios); os voluntarios voltam queixando-se amargamente da maneira porque foram tratados; e a guerra prolonga-se!

Dispende-se enormes quantias de dinheiro, o sangue da patria corre em jorros e os ladrões tripudiam!

Uma formidavel caveira do burro traz tudo encantado; um vapor traz a noticia de que depois da batalha de 24 de maio só restam os destroços do Paraguay—o vapor seguinte annuncia que o nosso exercito não tem cavalhadas, não tem que comer!

E os ladrões tripudiam e a guerra prolonga-se!

Por outra parte, o nosso estado financeiro causa serias apprehensões, os negociantes recorrem ao governo que mal sabe o que fará e lança sobre o paiz uma nova praga de moeda papel no valor de 16:000$!

E' na realidade desolador o estado de nosso paiz!

A' vista de tantos males e calamidades que nos ameaçam, em presença de tão negra procella, que coração brasileiro deixará do seriamente compungir-se?

Mas a esperrnça ahi está; ha de por certo haver homens que, ajudados do Dedo Omnipotente, possam conjurar a tempestade, salvar o paiz do abysmo em que se arroja.

Longe pois ideias tristes!

Esqueçamos por alguns dias os males de que somos victimas para só lembrarmo-nos do dia da patria.

O Dous de Julho ahi vem; que cada um demonstre com exterioridades o enthusiasmo que profundo lhe mora no coração sincero e patriotico!

Os hospitaes carecem de fios e ataduras; pede-se a protecção, invoca-se a caridade das senboras para que minorem os males de nossos irmãos, que se finam em defeza da patria ultrajada.

A's que porem não tem o preciso tempo, a todos os cidadãos dirige o provedor da Santa Casa um pedido de pannos proprios; 150 meninas do Asylo do Campo da Polvora se entregarão ao trabalho de preparal-os.

E' louvavel a ideia.

Eis como a respeito se exprime o *Jornal*:

«Para os feridos do exercito—O digno provedor da Mizericordia, no intuito de approveitar o trabalho de 150 meninas que ha no Asylo de Nossa Senhora da Misericordia no Campo da Polvora, fazendo-as tirar fios para serem remettidos para o Rio da Prata para os feridos da campanha do Paraguay, sollicita offertas de pannos proprios para isso.

As pessoas, pois, que puderem prestar-se a esse pedido, concorrerão do modo muito louvavel para uma obra de charidade.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de junho de 1866.

Não ha expediente.

—Então como foi de viagem?

—Pessimamente. O 25 de Junho esteve tambem pessimo, chuveu como o diabo. Quanto a funcção a commissão devia ter mostrado mais patriotismo; pelo que obrou na vespera á noute, deixando que fosse conduzido o carro sem uma musica marcial, levou ella uma grande vaia da rapazeada. Para compensar porém a falta de musica, alguns capadocios devertiam-se em atirar buscapés por entre o prestito.

No dia do festejo sahiu o carro dos Tres Riachos até a Praça, e alli ficou depositado durante os tres dias de illuminação.

Houve vivas dados pelo presidente da camara, houve Te-Deum solemne, e orou o padre mestre Guilherme que é vereador.

No dia 26 houve espectaculo em grande gala, o qual, apezar da muita chuva, foi alguma cousa concorrido.

A illuminação foi pessima, nem só pela chuva, como pela má administração; e eu tratei de vir-me escamando, porque não queria que me conhecessem e os cachoeiranos estavam anciosos por mandar a commissão para o *Alabama*.

—Que barulho foi um que teve aqui logar?

Vão alli aquelles dous estrangeiros bebados, apezar de presos a fazer o diabo; dão murros e couces nos guardas sem piedade.

—Foram elles que estavam na Estrada Nova a fazer o barulho; creio que são suissos e chamam-se Alberto Valongo e Albet Laios; vão á secretaria de policia.

—Mas que fizeram elles?

—Embebedaram-se e puzeram-se a dar soccos em quem passava; um guarda da Sé foi tambem accommettido e perdendo a cabeça, foi-lhes de baioneta; os diabos resistiram, até que chegou o inspector que tambem levou seus soccos. Ao depois com o auxilio de alguns guardas de policia e nacionaes, conseguiram prendel-os e os levaram á policia.

—A fazer o que? Deviam ir direitinhos para a caza de cachorro.

—São cousas; o Sr. Gualberto Dantas pediu por elles e V. Ex. sabe que elle é hoje o rei da terra.....

—E' sina de nossas fontes publicas; não ha uma para que se possa olhar, quanto mais beber agua nellas!

Dir-se-hia que a camara conservando-as em estado de não poder satisfazer ao publico, protege a companhia do Queimado!

Sem fallar nas outras, em todas, vá aos Barris e veja si é possivel ir buscar-se agua áquella fonte: um immenso lamaçal tomou conta da ladeira e quem for capaz que o transponha.

Ora tem termos isso? E' tão grande a despeza com a remoção daquelle atoleiro que a camara não a possa fazer?

Eis ahi porque eu fallei.

—Conhece o Julio Feijoada?

—Muito

Tirou-se de seus cuidados e fez uma porção de mascaras com chifres, deitando o nome de chifres brazileiros, chifres imperiaes; sem mais cerimonia pendurou-as na grade do Cruzeiro de S. Francisco; o delegado soube e mandou apprehendel-as.

—Foi bem feito.

—Que duvida!
E ficou o melro sem vender mascaras, esta pechincha de menos.
—Tempo não teve elle de fazer outras; o remedio que elle teve foi tirar a que trazia na cara e expor á venda.

BANDO

ANNUNCIADOR DAS INTOLERANCIAS DA BAHIA.

OFFERECIDO

ao povo tolerante da mesma provincia.

Não tolero que a Bahia,
Uma provincia tão nobre,
Dê tanto valor ao cobre,
Escurecendo a rasão.
Não tolero que esta mesma
Tenha só por presidentes
Bichos ferozes, valentes,
Gato-marisco, Leão.

Não tolero um presidente
Que leis não quer promulgar,
Que faz a muitas voltar
E na assembléa morrer;
Pois si isso tolerasse
Eu diria aos deputados:
«Que elles, todos, amarrados,
Fossem só rendas cozer.

Não tolero uma assemblea
Com tantas prorogações
Nem que se leve em sessões
Quasi o anno por inteiro
Não tolero o entulhamento
Da praça desta cidade,
Que virou em porquidade;
Deu-se o mesmo no Terreiro.

Não tolero que uma camara,
Tão linda como esta nossa,
Consinta cisco em carroça
Pelo meio destas ruas.
Não tolero que a empreza
Do aceio da cidade
Seja quem com sujidade
Faça das ruas comuas.

Não tolero que de Dantas
Tenha o nome certa estrada;
Nem que um vapor d'arribada
Tire seu nome de um Gato.
Não tolero que o governo
Sustente cinco pançudos
A ficarem barrigudos
Socados n'um internato.

Não tolero que foguetes
Vendam lojas de fazenda,
Nem o Salio em sua tenda
Os ovos de Pharaó.
Não tolero que as gazetas
Principalmente o *Diario*
Reduzam-se a um summario
De tolos annuncios so.

Não tolero que as gazetas
Se occupem do vida alheia;
Nem que da praça a cadeia
Sirva hoje de senzala.
Não tolero umas lanternas
Que em palacio se apresentam,
Que fumeiros representam
Em dia de grande galla.

Não tolero que o Gustavo
Queira ter sinceridade;
Nem tão pouco que a cidade
Fique sem cavallaria.
Não tolero gente gorda
Voltando do Paraguay;
Nem as pilulas de Hollovay
Do *Diario da Bahia*.

Não tolero um *ingenhoso*
Escrevendo o *Progressista*;
Do Guedes seguindo a pista
Fallando de amigo seu.
Não tolero um sôr Carneiro
Mettendo o nariz em tudo
Nem Cachoeira barrigudo
A indagar de quem morreu.

Não tolero certos melros
Tirando esmolla p'ra santos,
Com esfarrapados mantos,
Afim de jogar pacau.
Não tolero um sachristão
Namorando uma beata;
Nem que andem sem gravata
As praças do Nicolau.

Não tolero o Sr. Ze-Carro
Ser tenente-coronel,
P'ra, com farda de papel,
Commandar um batalhão.
Não tolero ferreos trilhos
Passando em ruas estreitas;
Nem vender o Zé de Freitas
Bilhetes, sem ser tralhão.

Não tolero que o Martins
Exagere seus papeis;
Nem que se vendam pasteis
Frios, mercados por quentes.
Não tolero n'um collegio
Certo doutor *abelhudo*,
Pregando calote em tudo
Que dizem ser dahi lentes.

Não tolero que a policia
Tenha soldado menino;

Nem que o crioulo Querino
Seja quem arrume egreja.
Não tolero os formigões
Andarem sem camisola
Nem qu'um militar gabola
Corresse em um uma peleja.

Não tolero que no bando
Saiam mascaras a carros
Nem que tambem a cavallos;
Mas sim todos por, eu pé.
Não tolero que dous quidans
Chicanem com o mundo novo
Soltando o seu povo
Tão tremendo busca-é.

A PEDIDO

—Não ha nada como ser-se o sobrinho de seu tio! Andar assim é bom andar.

Emquanto Braz é thesoureiro é tempo de aproveitar.

E' uma *esmolla* dada sem motivo, que a justifique: *que não saiba tua mão esquerda o que faz a direita*; vejam:

« *Diario Oficial* 26 de maio.

« Camara dos Srs. deputados.

« ..... participando que por officio do ministro da justiça de 21 do corrente constou ao senado que S. M. Imperador consente na resolução d'assembléa geral, *dispensando* o bacharel Domingos Ferreira Velloso, *de restituir* aos cofres publicos a quantia de 1:000$ rs. que recebeu para auxilio de despezas de viagem.—Inteirado.»

Então é bico ou cabeça?

—Não ha nada como ser parente do Sr. Saraiva; ainda bem que eu sou seu afilhado.

Firmino, isso em V,
E' tolice, é presumpção,
Querer por força passar
No *Catú* por valentão.

O muxingueiro lhe hade
Desenganar, meu palhaço,
Quando a taca lhe metter
De rijo sobre o cachaço.

Toda essa pavonada
Que anda ahi alardeando
Mostre quando estiver
O calabrote chupando.

O *José* me affiançou
Que V. é um bobellas,
Que só merece em resposta
Selim, rabixo e barbellas.

E o *Souza* do *Sant'Anna*
Tambem me diz outro tanto;
Dou-lhe por gravata um freio
Duas cangalhas por manto.

VARIEDADE.

Sim e o não.

O sim—é fertil como o Egypto.
O não—é esteril como a Ethiopia.
O sim—è a aurora da cortesa.
O não—é o crepusculo da duvida.
O sim—tem o fogo do enthusiasmo.
O não—tem a neve do indifferentismo

ANNUNCIOS.

Anda fugida uma crioula alta, gorda, um pouco fula, conhecida geralmente por Quiabo duro, quando seu verdadeiro nome é Maria Philippa; tem sido vista pela ladeira do Alvo e immediações quem a prender e levar a seu senhor, será gratificado com duas saccas de farinha.

Alexandre José Vieira, na ladeira da Misericordia aluga e recebe-os para tratar.

Na rua Direita da Misericordia, n.° 21, 2.° andar, recebe-se roupa para para engommar com aceio e promptidão.

VINHO PURO SANGUINAL.

O melhor vinho desta marca que tem vindo ao mercado e de todas as mais qualidades por preço muito comodos, vende unicamente na venda de M. J. Costa Guimarães na Calçada do Bomfim n.° 106 A B C.

Pede-se ao Sr. Redactor que queira fazer esta ou este individuo provar a verdade desta calumnia que imputam para pessoa de Sr. Marcos Rabeca, o qual deseja que appareça isto com a maior brevidade com as mesmas familias e mulheres por testemunhas.

O mesmo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.

O

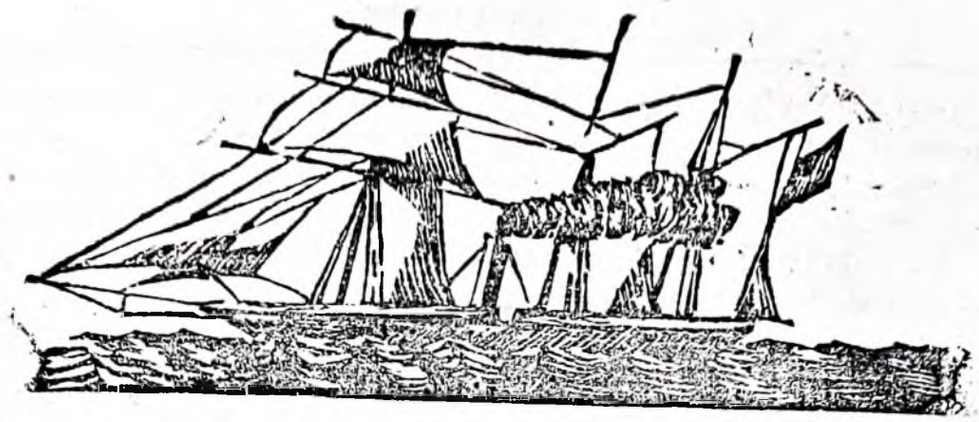
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 1 DE MAIO DE 1866. SERIE 5.ª—N.º 42

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de abril de 1866.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, para que digne-se mandar informar, pela irmandade do Senhor dos Passos que se venera n'Ajuda, quem teve a lembrança de ornar os dedos do Senhor dos Milagres com anneis, e substituir por uma capella de flores a corôa de espinhos do mesmo Senhor.

O facto é tão descommunal que estamos certo S. Ex fará com que certos carolas ridiculos não se atrevam a continuar a insultar a magestade divina e fazer desmerecer os actos da Religião.

—A' camara municipal, pedindo-lhe que mande providenciar sobre um eterno buraco que ha na rua de Baixo; acha-se elle agora unido a uma pedra em falso em que qualquer pessoa pisando se afundará, tornando-o um pouco maior. Bem no centro da rua, não é impossivel, que alguma desgraça se dê, e pois espera-se da Illma. que não deixe em esquecimento este pedido.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector de saude, pedindo-lhe que indague do inspector de quarteirão da rua do Bangala qual é a caza alli em que se lava centenares de peças de roupas de bexiguentos, vindas do arsenal de marinha. Suppõe-se que no meio da popnlação não pode a ella fazer bem similhante lavagem que o bom senso manda que seja feita em rios; e pois pede-se a S. S. que prohiba a continuação desse abuso, até porque em *Lisboa* se não pratica assim.

Portaria ao aspirante João de Deus, ordenando-lhe que vá a rua dos Capitães e intime aos moradores de certas cazas que costumam atirar aguas catingosas e podres para a rua, perfumando ás vezes a roupa de quem passa, que não o continuem a fazer sob pena de ir visital-os o muxingueiro. Cumpra.

—Brasileiros, tivestes a triste noticia de que uma bala paraguaya levara á morte cinco dos nossos bravos officiaes d'armada; vêde agora como morrem os estoicos espartanos desta porção brilhante d'America do Sul.

E' do *Jornal do Commercio*, transcripto da *Nacion Argentina*:

«O 1.º tenente Silveira, a quem a bala havia arrancado uma perna pelo quadril, e despedaçado um braço, ao ver chegar o Sr. almirante, lhe apertou a mão, deu-lhe algumas ligeiras explicações sobre o combate, e pedindo uma imagem sagrada a beijou, dizeu-

do: *agora me vou; adeus, camaradas!*

«O commandante Barros, grande alma, nobre coração, não lançou um gemido em seu largo soffrimento.

«Estendido sobre uma padiola, com metade da perna somente e coberto de sangue, sorria aos amigos que se lhe approximavam.

«Ao Sr. conselheiro Octaviano apertou a mão sorrindo.

«Quando os medicos lhe iam amputar a perna repelliu o chloroformio que lhe queriam dar, dizendo — deixem isso para mulheres, a mim dêm-me um cigarro.

«Deram-lhe com effeito e todo o tempo que durou a amputação esteve fumando, sem lançar um grito, sem pronunciar um ai!

«Depois, conhecendo que ia expirar, se dirigiu a um dos medicos dizendo-lhe: — Manda dizer a meu pae, que sempre honrei seu nome.»

Pareceu que adormecia, e ja não existia!»

— O Brasil chora sobre a campa do tão illustres mortos uma lagrima de gratidão e saudade....

VARIEDADE.

As perdizes.

Magdalena gostava de comer bem, e João seu marido, era por bons bocados o mesmo que sua mulher. Além disto era violento e tinha com ella amiudadas vezes suas quesões.

João um dia matou duas perdizes, e saltava de contente com a idéa de ter um bom petisco; mas para a festa ser completa era mister ter um conviva e por isso convidou o seu visinho José.

Quando sahiu disse elle á mulher — olha que tudo deve estar prompto ás tres horas, vou convidar José e fazer algumas compras á villa.

Magdalena arranjou tudo um pouco mais cedo, de modo que ás duas horas e meia já as perdizes estavam promptas. Como se estragariam si estivessem mais tempo no espeto, tirou-as para fora, mas nesta operação arrancou-se-lhe o pescoço a uma dellas. Ides ver o mal que resultou deste pequeno incidente.

Magdalena pegou no pescoço e comeu-o. Como o achou delicioso, arrancou o outro e pareceu-lhe ainda melhor. Como lhe deveriam saber as azas, as pernas que ella parecia querer devorar com os olhos! Lembrou-se com anciedade que talvez lhe não deixassem nada deste excellente petisco. E como ella mirava as perdizes, e as voltava d'um lado para outro, ficou-lhe entre as mãos uma perna dellas. Magdalena pensou no que havia de fazer d'uma perna separada do resto da perdiz, e para se tirar da difficuldade comeu-a.

Quiz encobrir a sua falta e poz a perdiz de lado, mas como a aza não deixasse estar a perdiz na posição que ella desejava, arrancou a aza e comeu-a. A perdiz estava collocada como ella queria, mas não fazia uma figura conveniente ao lado d'uma visinha munida de pernas e azas. Magdalena assim o intendeu, e por isso achou que o mais acertado era comel-a inteira, dizendo que fôra o gato que lh'a roubara. Assim aconteceu. Magdalena regalou-se com a perdiz inteira, mas lembrou-se logo com receio do castigo que o marido lhe infligiria.

Voltou depois para a cozinha, descobriu a perdiz que restava e poz-se a fazer considerações; pareceu-lhe que ella era a mais gorda, e que João e José poderiam ficar bem com ella. Comtudo como ella receiava o genio do marido, teve uma idéa... Ah! o que é ser gulotão!

Magdalena disse comsigo — si heide ser castigada por meu marido por comer uma perdiz, é melhor comer tambem a outra, mesmo por què é a mais gorda! e sem mais reflexões fez desapparecer a segunda como ja havia feito desapparecer a primeira.

Mal tinha acabado de comer, entrou João.

Não sabes, João! o gato comeu-me as perdizes.

Pois tu deixaste comer as perdizes! exclamou João já todo indignado. Immediatamente deita a mão a um cajado, e como a pobre mulher julgava que era chegada a sua ultima hora, disse ao marido: eu estava a brincar, as perdizes estão alli, estão ao lume. Ah! isso é outro caso, replicou João, aliás havia de custar-te caro. Vai pôr a meza, accrescentou elle, e entretanto vou afiar uma faca que não corta nada. E sahiu para o fazer.

Neste momento entrou José. — Ah! senhor José, lhe disse Magdalena, que vindes cá fazer? — O que venho cá fazer! redarguiu José, venho comer perdizes; creio que não é nada mau. — Senhor José, replicou Magdalena, vós sabeis como sou vossa amiga e por isso é necessario que eu vos falle a verdade. Aqui não ha perdizes, bem vedes;

porém João que vos quer mal secretamente, jurou, que vos havia de cortar as orelhas na primeira occasião que tivesse: vêde como elle está no pateo aguçando a faca.» Effectivamente via-se da janella João em mangas de camisa, passando a faca por uma pedra de afiar.—José, sem mais hesitações, não quiz saber mais de perdizes e poz-se a andar para sua casa.—Magdalena chamou então o marido, ao qual disse que José, querendo certamente para elle só as perdizes, lh'as levara. João sahiu logo para a rua a gritar. José já se não avistava; João acreditando o que a mulher lhe havia dito, perseguiu José quanto poude: quando o avistou, gritou-lhe: ao menos uma! Nem uma nem outra, respondeu José levando ás mãos as orelhas; e, como lhe levava grande distancia me teu-se em casa e alli intrincheirou-se.

Magdalena ria-se e zombava do logro, mas a sua artimanha não lhe valeu de muito. João e Jo é puderam afinal explicar-se. Tudo foi posto em pratos limpos. E' facil advinhar o que aconteceu a Magdalena; é escusado dizel-o e é melhor não imitarmos os gulotões, porque tambem nos póde custar caro.

A PEDIDO

Carta do Muriçoca ao seu compadre Pestana.

Bahia.. de abril de 1866.

Compadre e amigo.—V. deve ter notado ha muito não lhe ter escripto, e a razão dessa falta não creia ser voluntaria, porém sim muitos afazeres em meus negocios, que me tem privado de por em suas mãos e nas de minha estimada comadre meus respeitosos cumprimentos.

Ja que lhe fallei em negocios, dir-lhe-hei que elles me não tem ido á medida de meus desejos, principalmente depois que me metti em certa sociedade com o fim de ver se embaçava alguns dos espertalhões de meus socios, é quando me vejo logrado, porque um delles tira dinheiro em nome da sociedade e compra escravos para si, não contente com os contrabandos que constantemente faz de brilhantes; outro depois que harmonisou-se com o sogro, e que tem mandado buscar etiquetas em França para charutos, mais com apparencia de moeda, e que se acha millionario, quiz patotar a nós todos; o terceiro que é um palerma, e que quizemos fazer delle polleiro, aconselhado, fez de gallo e nos quer esfregar; em fim meu compadre, —quem muito quer, muito perde— de maneira que fazendo nós liga na sociedade (que outros chamam *união*) temos-nos tornado tão desunidos á maneira de meretrizes quando não são concorridas, que me parece que o negocio ha de acabar em pancadaria. Mas que quer? eu um pobre Muriçoca não devia me intrometter em negocios com Cavallos, nem Vacca de Cancella, porque para dar ferroadas, tenho dado ja muitas, como muito bem disse meu tio quando daqui sahiu quasi doudo para Portugal— e vou continuando a dar, como sabem todos, ja em manteiga, ja em polvera; e sobre esta si não sou bem esperto não me livrava do *precipicio* em que podia cahir.

Ja um sujeito aqui me andou querendo pôr a calva á mostra publicando minhas ladroeiras, porém teve compaixão de mim, por ser um pobre Lixinho.

Na tal sociedade que acabo de lhe fallar, quiz empurrar um celebre tratante, jesuita, devoto de S. Custodio, para tomar conta do negocio, porque o tal para isso tem geito, mas parece que tinha almoçado bem n'aquelle dia, e deu tudo em vasa barris, dando logar a que nos desunissemos e estejamos a brigar para ver qual ha de comer a maior fatia de pan-de-lo.

Eu devia saber com que tratantes me ia involver, por que em certo tempo o Cavallo deitou para fora de casa a ponta de pés o Vacca de Cancella por ladrão; porém estava persuadido que tinha tomado brio; mas qual! cada vez se tornam mais finos, mas eu, meu compadre, felizmente vou me safando dos taes amaveis.

Para outra vez lhe contarei mais circumstanciadamente este negocio em que vae dando, com todos os seus pormenores; agora vou ler as noticias do Sul.

Metta na mão de minha comadre esta para ella ler e saber egualmente do meus negocios.

Lê abraços aos meninos e lance a-

benção a meus afilhados. E adeus.

Seu compadre
Mariçoca.

—Progressos da policia.

Oh! que é celebre este destacamento do Engenho da Conceição! relaxa qualquer soldado!

—Mas ha alguma cousa de novo?

—Pois não sabe o que se deu? Eu lhe conto.

Na 5.ª feira embebedou-se um soldado e andou pela Mangueira a espancar pretas e a querer comprar á força pelas vendas, sem dinheiro; fez o diabo!

O Sr. Tiburcio Augusto d'Oliveira, homem muito conhecido e estimado, como inspector de quarteirão sahiu a accommodal-o; porém foi insulta lo e ameaçado Prudente como é, exgotou em vão os meios brandos e deu por fim a voz de prisão ao soldado, que tornou-se com isso mais insolente. Alguns cidadãos que então ahi se achavam coadjuvaram o Sr. inspector que poude conseguir envial-o ao destacamento.

—Bem; que ha nisto?

—Que ha? E' que á noite o pacifico Sr. Tiburcio foi accommettido por um cabo e alguns guardas que lhe foram tomar satisfações por ter prendido o companheiro!

—Spirito de classe.

—Ora não brinque!

Não pode continuar isto; o criminoso procedimento das praças deve ter castigo Não sei do que vem a relaxação alli, no tal destacamento; os officiaes descansam e a indisciplina trabalha; os habitantes dos arredores queixam-se, tremem, fecham as portas, porque os soldados embebedam-se, insultam a todos, furtam gallinhas, dão pancadas e trajam á fresca.

E' preciso providencias.

—Aposto que as authoridades devem ter noticia; a imprensa ja tem fallado até de officiaes; va gritando que talvez lhe ouçam.

Pergunta innocente·

Pergunta-se ao Sr. administrador do Correio, si o regulamento do estabelecimento obriga aos carteiros nos dias de entrada de vapores, a irem chamar os empregados em suas casas?

Si obriga,bem; mas si não obriga, é uma deshumanidade, para um carteiro que mora longe, se ver na necessidade de chegar ás 9 horas e sahir immediatamente para ir partecipar, supponhamos, ao Sr. contador que mora na Fonte das Pedras, que o vapor está no porto!

E nem só elle como todos os empregados o exigem, segundo consta

Pede-se pois á S. S. providencias, afim de que cesse similhante abuso.

O carteiro dos pirões.

Em nome de um santo vudum etc.

Eu Chica, rapariga do olho-vivo, jogadeira de banca, tendo resolvido ir para a corte, e como alli seja a terra das capoeiras, e possa eu levar alguma marrada de que venha a morrer, faço o meu apontamento.

Tudo o que tenho arranjei pelo meio da gamação, e como não tenho animo de restituir a seus donos,peço-lhes disso perdão.

Meus pannos e saias velhas, balaios usados e mais traquinadas deixo a minha irman, com a condição de ir á Quinta das Beatas dançar candomblé em minha tenção.

Ao meu protector Nicolau, pelos desgostos que soffreu, uma navalha bem cega para rapar a cabeça, afim de não endoudecer.

Ao Marcos barbeiro pela visão que lhe fezo Viva-pureza (em Nazareth) um caboré de mandinga por ficar desassombrado e perder o medo.

Ao Justino deixo uma lata de café que furtei ao Nicolau para se regalar nos batuques da Armação.

Ao Felippinho deixo ferros velhos, pedras, tesouras,para deitar uma loja sortida.

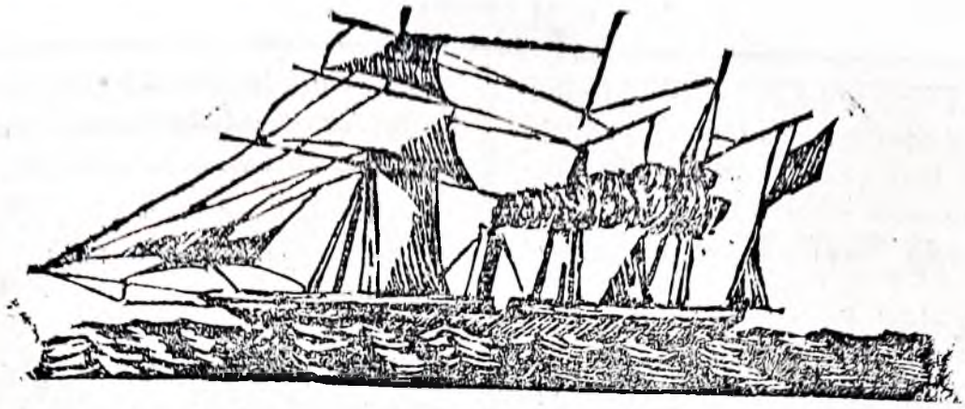
A minha comadre tres anaguas velhas; a minha sogra duas saias usadas que receberá em mão de Mané.

A Felicidade Vovó em attenção ás vezes que me maltratou por querer so para si, deixo as minhas quartinhas de *dous dous.*

Deixo ao meu Bernardo 12 bombas para tocar na festa de pae Gelu: deixo-lhe mais uns chinellos de couro cru que receberá em mão do Maudu.

Ao Martins deixo alguns massos de cigarros que bifei de algumas pessoas.

Nomeio para meu testamenteiro conego Siri.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 3 DE MAIO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 43

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de maio de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que nos informam que existe no Rio Vermelho uma infeliz escrava presa ha oito dias n'um tronco, soffrendo fome e maus tratos.

Toda culpa desta desgraçada foi sahir para vender e trazer para casa duas patacas de menos da vendagem!

Consta que pertence a uma Sra. *Anna Cleta*.

Espera-se que S.S. mande averiguar o caso e dê providencias.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que, acompanhado do muxingueirov,a as Portas do Carmo n. 18 e mande tanger a chicote uma sucia de moleques que na porta dessa casa se ajuntam e insultam a visinhança e a quem passa, isso todas as noites: procure depois saber quem é o inspector do quarteirão e lhe faça ver que é preciso usar de energia e acabar com aquelle desaforo. Cumpra.

—Amanhan, 3 do corrente, tem de ser plantado no largo do Terreiro o emblema despertador dos patrioticos festejos ao 2 de Julho.

—Dizem que o negocio é de pompa. Em todo caso a lembrança de tão magestoso dia se não extingue no coração dos brasileiros.

—Pela fausta noticia que nos trouxe o paquete nacional, percorreu hontem as ruas da cidade um batalhão patriotico e muitas casas se illuminaram.

—Houve hymno cantado por uma senhora e ha hoje à noite (2) representação no theatro de S. João.

—Deus proteja os brasileiros!

—Bem o dizia eu. Graças ao Sr. Figuereido Leite, o jogo no hospital está acabado.

—Serio?

—Que duvida! O Sr provedor mal teve noticia da cousa, deu no cortiço e acabou com a cuia dos quiabos.

Foram despedidos dous principaes authores do brinquedo.

—Bem, bem; assim é que eu gosto. Va o Sr. Figueirede Leite por ahi e diga que eu o engano.

—Tudo so vê nesta terra! E a camara em tudo a consentir!

—Que ha?

—A Constituição do Imperio diz terminantemente que so o herdeiro presumptivo do throno terá o tratamen-

to de —Principe Imperial—; entretanto fez-se aqui uma rua e deram-lhe o nome de Princezas Imperiaes, a camara a consentir, o governo a tolerar!

—V. está cheirando-me a republicano!

—Ora viva! Eu estou cheirando ao direito.

Que dirão os extranhos quando virem uma rua denominada com um epitheto impossivel, segundo a lei do paiz? Dirão pelo menos que esta terra não tem edilidade, não tem cabeça que a governe.

—Está bom, rapaz; intenda-se com a camara e mande os vereadores lerem o art. 103 da constituição.

—Vê aquelle portugas seboso que se mette no armazem do Urso?

—Vejo; que diabo é aquillo?

—E' um pobre diabo remendão, talvez vindo do Limoeiro, e que aqui se inculca de alfaiate; ajunta uma sucia e vae para a casa do outro que é tão bom como elle, por que lá o consente, e põe-se a dizer cobras e lagartos do Brasil e a elogiar o Paraguay.

—Ah! tenho ouvido fallar na pezeta; é um tal Joaquim Molecão.

—Esse mesmo; quando apparece alguma transcripção nos jornaes de algum artigo em que se depõe do Brasil, o gallego anda com o jornal de porta em porta a mostrar e a ler.

—Que patife!

—E ao chegar a noticia da morte dos nossos officiaes, ultimamente, o desavergonhado fez uma bebedeira dos diabos em que se fizeram saudes contra o Brasil, tudo no armazem do tal Urso endiabrado que isso consente.

—Muxingueiro, vae ao armazem do Urso e pega o Molecão; tacadas da-lhe quantas puderes em todo o trajecto. E quando tiveres chegado a bordo, amarra-o ao mastro e continúa a operação; um macho depois aos pés e porão com elle.

E quanto ao Urso, diga-lhe que provina-se, que breve temos umas continhas atrasadas a ajustar; si gostam do Paraguay, posso aqui a bordo offerecer-lhes um magestoso palacio no gosto das fortalezas de Assumpção.

—Capitão, eu vou dizer o que me contaram, para que a policia faça o que quizer.

—Pois diga.

—Não garanto; indico apenas o logar em que me dizem mora o sujeito, cito os factos que dizem ter elle commettido, e a policia, si quizer, tire indagações, faça seu dever.

—Vamos com isso.

—O sujeito é do Caboto, mas mora presentemente em Piraja, onde vendeu uma sua afilhada que lhe confiara uma infeliz comadre.

A comadre, no Caboto, nunca esqueceu sua filha e por ella sempre perguntava aos que podiam dar-lhe noticia; soube pois que sua filha se não achava em poder do malvado e veiu ter com elle, pedindo-lhe que lhe désse conta della. O compadre respondeu-lhe que a afilhada estava aprendendo a coser no Bomfim e que no dia seguinte lh'a mandaria mostrar.

E com effeito recommendou a um seu escravo de nome Pedro que fosse com a infeliz mostrar o logar em que se achava sua filha; este conduziu-a por dentro da fazenda do Sr. Faria, subdelegado nesta occasião, e esfaqueou-a. Dizem que presenciou o facto um moleque escravo de uma cunhada do Sr. Faria, o qual moleque fôra furtar um cacho de dendês e trepara a uma jaqueira visinha donde tudo vira. Dizem que o moleque, ao terminar-se o assassinio, correra assustado, referira o caso á senhora e esta ao cunhado.

Mas nada transpirou! Apenas um boato correu.

—Que monstro!

—Esse sujeito pretendeu cazar em uma caza em que havia cinco moças, e casou; teve porem filhos não só da mulher como das cunhadas, e dizem que já tem das proprias filhas!

—Horror!

—Acoutou em sua caza um desertor do 7.º batalhão de 1.ª linha; mas desconfiando que havia namoro entre o

soldado e uma das filhas, mandou assassinar o infeliz homem pelo mesmo Pedro, assassino da comadre.

—Que fera!

—Esta victima, como a outra, foi interrada na fazenda do Sr. Faria.

São estes os factos que me contaram e que julgo sufficientes para mover a attenção da policia. O da morte da comadre é de quatro annos, e o da do soldado é de seis mezes mais ou menos.

—Bem; ora espera ahi, Adão, aié que chegue o verão.

—Ha factos que comquanto pareçam insignificantes, devem contudo merecer a attenção da policia.

Faustino de tal é um alfaiate morador á rua d'Ajuda. Em dias de semana passada teve seus prazeres, jantou bem e ficou alegre.

Tão grande foi o seu enthusiasmo e contentamento que julgou de si para si que sua caza era pequena para receber a expansão do que lhe ia pela alma, assim como para conter o corpo que a encerrava, e sahiu á rua a tomar ares.

Não sei como, dá o homem com os ossos na cidade baixa, por la andou, mas ignora porque ruas.

O caso é que alta noite quando voltou á caza e tornou a si do seu vaporoso extase, achou-se com uma estocada no braço, que o poz até hoje na cama; não sabe quem lh'a deu, nem em que logar, em que rua.

Não poderia algum desaffecto ou inimigo de Faustino aproveitar-se da occasião para pregar-lhe aquella peça?

—Podia; mas que ha de fazer a policia em taes casos?

—Não sei; mas ella deve tractar destas cousas.

—Temos jogo de empurra. Estou vendo que chega o dia da exposição e não ha commissão encarregada; é nomear-se um hoje, é amanhan pedir exoneração; nomea-se amanhan outro pede depois dispensa.

Não tem termos isso; os nomeados são mais ou menos pessoas habilitadas e devem prestar-se a um serviço que delles exige a provincia. São grandes homens só para ostentar, e nas occasiões de urgencia negam-se a pequenos trabalhos?

Onde está então o seu patriotismo?

—E a commissão das cannas de Nazareth?

—E' verdade; tem sido o mesmo scandalo; si os lavradores se não prestam, quem ha de examinar?

Verdade é porem que alguns dos de Nazareth tem tido rasão; eu, acabando de ser demittido de um cargo de policia, não acceito commissão de especie alguma do governo que me demittiu.

—Isto vae *longe*; voltemos á vacca fria.

E' preciso que os Srs. negociantes, lavradores e proprietarios lembrem-se de que não devem viver só para si.

A PEDIDO

—Que diabo de trapalhada é uma sobre a obra do Camorogipe? Dizem que foi ella arrematada a 3$ rs. a braça, o Sr. José Carlos ainda a continuar na sua feliz administração! Então são duas cabeças a dirigirem; dous administradores?

—Talvez delegado do governo para fiscalisar.

—E um engenheiro depois!

Por elle ha de ficar bem fiscalisado. Quem quizer pode ver: a obra feita, com as chuvas, cahiu, está uma miseria, uma vergonha, uma cousa incrivel.

—E a vacca a dar leite! Pobre Lação, vae-se assim o teu dinheiro, o suor, o sangue de teus filhos!

—Muxingeiro!

—Prompto capitão!

—Conheces aquelle sujeito com ares de *cardeal*?

—Muito.

—Quem é elle?

—E' filho do *Clympio*.

—De onde é?

—De *Camamu*.

—Ah! então é tabareu ligitimo.

—E parece que tem raça de irracional. As vezes tem assomos de *fera*.

— Bom: pois agarre-o e prenda-o em gaiolla de cinco ponteiros.

Miscellanea

Si hei de gritar que é maldade
De refinado egoismo,
Ou infrene crueldade
De descarado cynismo;
Despresar de um cidadão
Sua justa pretenção
Não fazer caso do pobre,
Ao povo não attender,
E attenção só merecer
O rico, o fidalgo, o nobre!

Si hei de dizer que hoje em dia
Somente o rico e o nobre
São *trastes* que tem valia;
E que o plebèo e o pobre
Da nação são enteados,
Que os filhos são os morgados,
Que ostentando o patrio amor,
Vão postergando o dever,
Tratando de enriquecer,
Para realçar seu valor!

Von outro rumo seguir,
Pois que a chuva ou a poeira
Não me deixam distrahir;
Irei por esta maneira
O tempo, ao menos, passando,
Maus costumes censurando,
E si alguem tocar na chaga
Tenha santa paciencia,
Faça, como eu, penitencia,
Amor com amor se paga!

Quando por ahi vejo andar,
Figurão improvisado,
Em bello trem a rodar,
Todo muito repimpado;
Que si não é um *barão*
Já traz no carro o brasão,
Que o timbre forma do-t,
Fico tão maravilhado,
Que exclamo arrebatado:
Quem te viu e quem te vê!

E si encontro algum doutor,
Cabalando em eleições,
Para ser vereador;
Fazendo protestações
D'iot'resses seus desprezar,
Do bem publico só cuidar,
E não querer nada p'ra si;
Encaro-lhe bem a feição,
E pespego-lhe com o rifão:
Tu procuras so p'ra ti!

Si vejo padre gamenho
Pela rua a namorar
Fazendo todo o empenho,
Em a corôa occultar;
E conduzindo a seu lado
O sobrinho ou afilhado;
Digo que é cousa mui feia,
Mas como a constituição,
Dá poderes ao cidadão,
Quem não pode trapaceia!

Quando observo a jactancia
De emproado *papelão*,
Dando a si a importancia
Que os outros lhe não dão:
Dos que ao chapeu leva a mão,
Em ar d'alta protecção,
Sem fixar a ninguem;
Deixo passar a demencia,
E digo p'ra insolencia,
Cada um dá o que tem!

Pois s'é um afidalgado
(Da moderna fidalguia,)
Que vira o resto p'ra o lado
Para evitar cortezia;
E de cara carrancuda,
Dar provas de quem estuda
Moderna civilisação;
Tambem digo—coitadinho.
E' d'espirito pobrezinho,
Naõ tem mais na sua maõ.

Si contemplo a extorsão
Que se faz impunemente
Ao pobre cidadão,
Tirando-se-lhe continuadamente
De custas quantia tal
Que dobram o capital
D'importe que, só por não
Poder pagar, não pagara;
Digo com dor amara:
Saõ progresos da naçaõ!

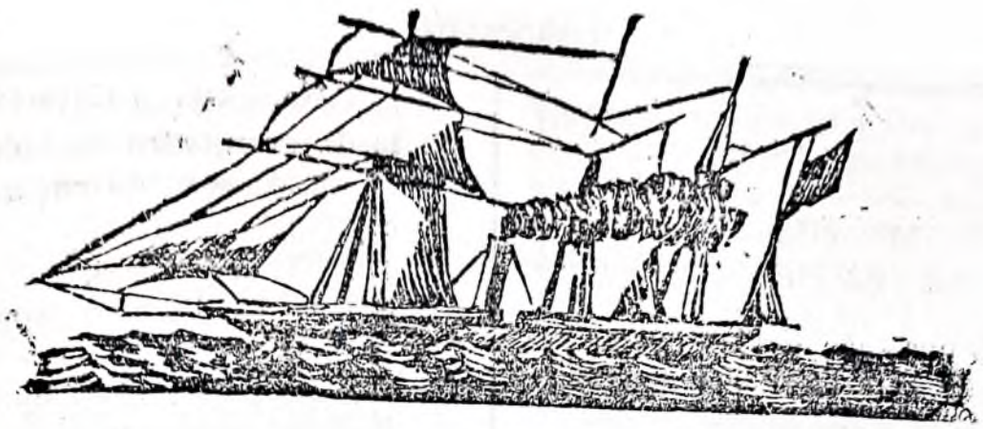
Si vejo ministro d'estado,
Como quasi todos são,
Esquecer com o seu passado
Os negocios da nação;
Não posso ficar calado,
E exclamo indignado:
Attenda, senhor, qu'é enorme
A desgraça do paiz;
Olhe o que o povo lhe diz:
— *Quem tem cuidados naõ dorme!*

(Continúa.)

ANNUNCIOS.

Na casa de Pasto n.° 3, A. á praça de Palacio preciza-se de um bom cosinheiro.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 5 DE MAIO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 44

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 3$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de maio de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe pelo amor de Deus (para ver si assim si é-se attendido) que mande concertar um cano que ha na rua da Fonte de S Miguel, esquina da travessa que vae para o Genipapeiro, o qual cano constituiu-se deposito de aguas podres que muito incommodam a quem por alli mora.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, pedindo-lhe providencias para que seja dessecado um monstruoso pantano que existe na Estrada Nova, em frente ás casas novas do Sr. Paranhos, e que si continuar a permanecer alli, ha de infallivelmente fazer mal á saude do povo.

—Capitão, ouça.

Um homem vae sellar um papel que é necessario para se poder fazer uma viajem no outro dia. Falta meia hora para as 3. Depois do papel sellado, paga com 1$ rs. Não ha troco; o homem pede que esperem em quanto vae trocar. Sabe-se a difficuldade que põe os vendelhões em trocar qualquer dinheiro sem se fazer gasto. O homem foi á uma venda, não havia troco; a outra, o mesmo; a outra, a mesma cousa, e nisto foi-se seguramente um quarto de hora. Quando voltou encontrou os empregados ja de sahida, que disseram: é tarde, fica para amanhan. No outro dia o homem qne tem precisão de seu papel, vae esperar que se abra: depois que dão 9 horas dirige-se a um e pede que lhe despache.

«—Agora estou fumando, não posso ir la dentro, espere, foi a resposta que teve.

«—Mas Sr. isto tem urgencia para hoje.

«—E porque não veiu hontem?

«—Pois o Sr. não se lembra que hontem em quanto fui trocar o dinheiro os Srs. fecharam a repartição e foram-se?

Foi então que o homem largou o seu *aprasivel* e foi despachar a parte.

—Peior seria si a não despachassem.

—Mas me diga: Tem termos, n'uma cidade como esta, certos casos que se dão? Pois esta capital é para tolerar, calada, indolencias e desaforos de certos empregados publicos que cassuam soberanamente com as partes?

—Oh! que tudo se ha de ver!

—Que boa policia!

—O que é, meu charo?

—Hoje festeja-se a Exaltação da Santa Cruz na egreja d'Ajuda: estão alli na porta da egreja dous moleques a se espedaçarem, e aquelle soldado a animal-os para ver qual é mais valente!

—Mas que quer? si admittem na policia gente daquella ordem!

Quer ouvir cousa melhor?

—Ja agora diga.

—A' semana passada um conductor de gado chegou ao matadouro publico e dentro do seu chapeu de couro trazia 12$ rs. Em conversa, mostrou o dinheiro a um guarda, o qual nunca mais largou o pobre do tabareu. A' noite deitou-se este, e quando accordou foi sem o chapeu. Depois de muito procurar foi encontral-o n'um canto sem o dinheiro.

No outro dia queixou-se a diversos empregados dalli, os quaes, para salvarem suas reputações reuniram-se a procurar o dinheiro. Sabe onde foi encontrado?

—Onde?

—No quarto do destacamento onde se entram as praças.

—E como é isto, é muita cousa por ahi.

—Meu amigo, os fiscaes so servem para multar pobres pretas quando ajudam a gamella na rua.

—Por que diz isto?

—Porque passei agora na Fonte de S. Miguel e fui obrigado a metter-me pela lama.

—A razão?

—O Sr. sabe que aquella rua é estreitissima; em frente da casa do Sr. Torquato José da Silva ha um grande lamaçal e tem apenas um estreito passeio encostado a sua porta por onde se passa. Ora está na porta desse senhor um burro atravessado, que toma quasi toda rua, de sorte que quem quizer passar ha de interrar-se na lama.

—Homem, é verdade, ja tenho por vezes passado alli, á tarde, e visto o tal burro na porta.

—Pois então convença-se do que eu digo.

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

Sr. compadre.—Accaso
Tinha la de si p'ra si,
Que por não lhe haver escripto
De V. ja me esqueci?

Pois enganou-se, meu charo,
E muito redondamente,
V.' tá sempre na minha....
Isto é, na minha mente.

Porém ando atrapalhado
D'uns achaques e manqueiras.
Me vejo constantemente
Atacado das caseiras.

Sua comadre tambem,
Não anda la muito bô;
Agora em todas as luas
Vem-lhe aquella macacôa.

A não ser isso, meu rico,
V. mesmo não gostava;
Havia arrumar-lhe tantas
Que V. se enfastiava.

Mas agora lhe affianço
(Si é que não se enfastia)
Que estou no firme proposito
De lhe dar uma por dia.

Vou agora lhe enfiando
Sem reserva, o que é passado;
Si não me faltar o folego
Heide pol-o n'um cortado.

—Ja sabe que o Sr. Dantas
Ha muito que nos deixou?
Achou volumoso o cargo
Que nas mãos se lhe encaixou.

O homem fez bom governo,
Posto que alguem não gostasse;
Prisões, canos, e estradas,
Não ha que não visitasse.

Foi, por dous de fevereiro,
Passeiar em Santo Amaro;
Teve brodes e pagodes
Cousinhas finas, meu charo.

A crioula Colombó
Quiz dar-lhe uma feijoada,
O *Chiquinho* se agastou
E fez sua ciumada.

A respeito voluntarios,
O homem fez maravilhas!
Elevou-se a uma altura
Longe da terra dez milhas!

Embora fosse alli gente
Que para nada prestasse,

Somente p'ra fazer numero;
E la do Rio voltasse.

—Nossa assembléa trabalha
Com um ardor dos peccados
Tem na forja mil projectos
E dous mil realisados.

Não se esperdiça um minuto
Dentro daquelle recinto,
Que não seja a bem do povo!
Olhe que é serio; não minto.

Assim tambem é de mais
Tão insano trabalhar!
Receio que aquelles moços
Não esfalfem de gritar.

Não sei como de hemorrhoides
Ja não foi um atacado...
Levando n'uma cadeira
Dias inteiros, sentado.

Achava bom que usassem
(P'ra evitar algum evento)
De pomada de pepinos
P'ra refrescar o assento.

—O Sr. Leão Velloso
Faz das suas e bem feitas!....
Vou ja lhe contar um caso
P'ra não ficar em suspeitas.

Não foi capaz de encaixar
Com feliz habilidade
Uma cabeça em dous corpos?!!...
Não é isto raridade?

Ha uma banda de musica
Da guarda nacional
Que o homem mandou addir
Ao corpo policial.

Ganham soldo de policias
E são guardas nacionaes!....
Si não vivesse até hoje
Veria progressos taes?

Ora dois com um sapato
Como se hão de arranjar,
Si quizerem sahir juntos?
Por força hão de brigar.

Mas diz o Souza Barbosa
Qu' o homem obrou com pericia,
Por que é preciso gente
P'ra completar a policia.

—Que horrenda e fera taboca
Levou de ca o Lopez,
Para chefe dos pinús
O *Mané* a outro fez.

Que feio rhinoceronte,
E' o Sr. commandante!....
Tem feições de leopardo
Quando assalta o viandante.

—Sabe que 'stá furada
De D. Izabel a praça?
Foram as aguas da chuva
Que fizeram esta graça.

—O Carrinhos Aberém
Anda co'a gente zangado
Diz que so si não vier
Um governo affeiçoado.

Que ha de metter a bordo
A todos que delle fallem
Tendo um chefe e um presidente
Q' a seus empenhos s'abalem.

(*Continúa*)

A PEDIDO

—Capitão, vou lhe contar a chronica do homem mais infame desta terra; talvez não creia, mas, capitão, eu lhe mostro todos os documentos que comprovam o que vou narrar.

Conhece o Sr. *José-monturo*?

—Não.

—Pois si não conhece, adivinhe, que eu juro-lhe por *S. Carlos* que não lhe direi quem seja; aposto porem, que á proporção que eu for lhe contando as façanhas desse barbaro animal *fouveiro*, acertará visto que nesta cidade todos sabem dos *brilhantes feitos d'armas* desse heroe que fugiu das calcetas por esporear de modo barbaro uma sua escrava pensando ser a sua mulinha creoula, que a mandou n'uma madrugada n'uma carroça de barro, tomar fresco na *Sexta dos Lazaros*. E então desejando um logar distincto no jury, na impossibilidade de alli figurar como juiz, defensor ou promotor, acceitou o tamborete de reu, e la foi ouvir a leitura de sua *buena dicha*, feita pelo homem dos curios, porque além de ter esporeado a dita escrava, fel-a deitar nesta occasião para fora o fructo de suas entranhas, mettendo-a n'agoa fervente e arroxando-lhe os pulsos com cordas e tronco.

Mas emfim depois de alguns mezes de romaria na caza de penitenciaria escapou por misericordia, da sentença condemnatoria do jury, bem contra a vontade do promotor.

Que tal é o ex-tenente reformado por incapacidade physica—gosma e mormo e 72 invernos, eim, capitão?

Advinhou agora?

—Isto ja é velho, e muito sabido; pensei que trazia alguma mais nova

—Aposto que tambem ja sabe do que lhe vou contar.

—Pode, mas diga sempre.

—A' força de muito mau tracto, de muito espesinhar com repetidos actos de libidinagem e devassidão, déra cabo da virtuosa primeira mulher, e passara a segunda nupcias com outra victima, em vida da qual, em casa da qual, põe em pratica toda sua concupicencia bodaica com uma moça sua propria...

Para um paiz civilisado, é crime de fera, não verdade, capitão?

—Conta-me, que esta eu completamente ignorava, eu só sabia de muitas ladroeiras; desta tenho anciedade de saber, vamos.

—Pois bem; o primeiro consorcio não ficasa sem resultado; o diabo, Saturno-bode, quiz *devorar* a sua propria raça; declarou amor, a uma infeliz cujos laços de sangue eram bem unidos e tentou por meio de caricias saciar os seus torpes desejos e encontron a mais formal resistencia; a virtude intentou desvial-a do abysmo que o monstro lhe cavara aos pés.

Procurou outro meio, que dé-se melhor resultado, mas de balde, inventou que ás noites ella conversava com namorados e fel-a mudar de aposento, collocando-a em um segundo andar onde, a noite, a fechava; quando toda a caza era silencio, o monstro..... horror!.... penetrava no recinto e... a seducção, a violencia, a infamia eram empregadas, felizmente debalde; uma heroica resistencia burlava os planos do malvado!

A infeliz tremeu por sua vida e por sua honra que ella viu muitas vezes ameaçadas por uma pistolla; poude felizmente fugir para um convento onde vivia uma sua parenta e ahi se demorou algum tempo.

Choveram porem cartas, visitas, rogos, promessas por parte do monstro e empenhos por parte dos seus amigos para que a infeliz tornasse á caza: allegava-se que sendo elle viuvo, ninguem melhor do que *seu sangue* lhe poderia fazer companhia. A moça sahiu do convento.

Avalia-se agora aqui o grau de perversidade daquelle pae deenaturado e infame.

Empregou de novo todos os meios de seducção, as blandeis de que pode usar um macacão daquelles; foram repellidos como a principio.

O infame teve forças para fazer o seguinte:

Convidou a moça a acompanhal-o para ver uma fonte que havia mandado construir, e para que ella nada receiasse fel-a acompanhar por uma escrava. Ao chegar ao logar que havia designado para consummação da torpeza que tinha em mente, fez voltar a escrava a pretexto de buscar um objecto esquecido e praticou então um horrendo attentado contra a Religião e a natureza; o bafo pestifero do monstro fizera murcharem e cahirem as flores de coroa virginal que ornava a fronte altiva de sua victima anniquilada.

E o que mais a essa perversidade levara o monstro não foi a concupiscencia; o malvado tinha agora um capricho, queria exercer uma vingança, por ter a infeliz se negado a seus carinhos....

E tanto, que apenas concluiu sua nefanda obra, quiz assassinal-a; a infeliz foge, corre, grita, conta o facto aos que chegam e o monstro diz-lhes que a moça é louca; a moça é levada á caza de um parente que não a quer entregar.

Casa-se o diabo segunda vez e traz para sua caza a victima. E o escandalo augmenta, e a moralidade cobre o rosto, e os visinhos tapam os ouvidos, e a esposa do burro definha, enlanguece, martyrisada com as scenas que em sua vista se passam.

—Petarolas.

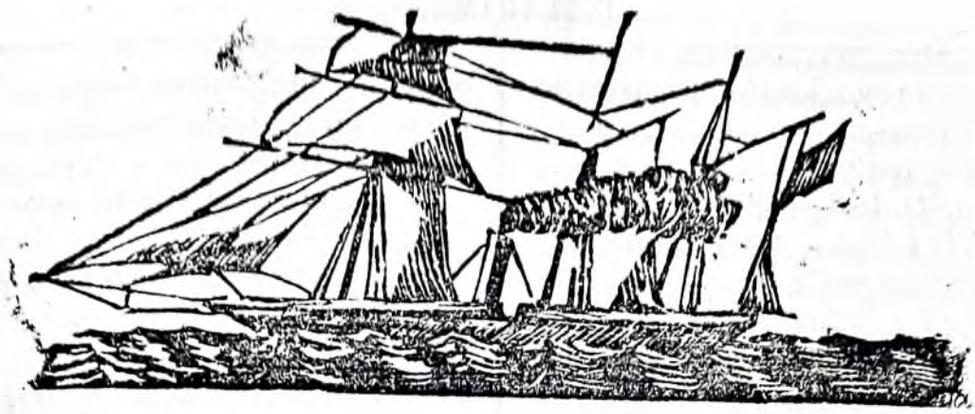
—Petarolas que fazem com que se não possa ouvir, sem horror, sem asco, o nome historico desse heróe na devassidão da vida que leva, na execrabilidade do caracter que tem, na venalidade e na corrupção que nelle se personificam.

—Ande para diante, moço.

—Agora amanhan, capitão; até logo.

(Continúa.)

TYP. DR MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 8 DE MAIO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 45

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de maio de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia pedindo-lhe que mande acabar com as *rifas*, nas quaes se vende fogo solto que ja é prohibido; os meninos agrupam-se em torno a ellas, compram e tocam os taes busca-pes e muito incommodam a quem passa, ou causando sustos, ou queimando-lhe o corpo ou a roupa.

Vê S. S. que a cousa não é pequena e que precisa de reparo. Espera-se ser attendido.

—Conhece um poeta Villas-más?

—Não.

—Um que offereceu uma poesia ao Lisboa da *Estrella*?

—Não.

—Nem eu; mas admiro-lhe o animo. Pois o homem não teve a ousadia de copiar uma poesia do finado João Freitas a uma actriz, e dedical-a a um seu amigo!

—Isto hoje de plagiar é moda: os litteratos que por ahi formigam não podem ser sinão ratoneiros dos pensamentos alheios.

—Mas eu dou um conselho ao tal Demetrio, si não tem geito para a cousa, deixe-se disso, não se metta em camisa de onze varas, pode custar-lhe caro.

—São do diabo!

Amanheceram arrombadas quatro barracas na praça de S. João e todo o seu conteúdo roubado.

—Vi o escandalo.

Como é que se dá um arrombamento daquelles defronte do tal destacamento que alli está! Pois estão alli os guardas para dormirem!

—Não sei, são cousas; o que dizem é que la estava uma baioneta ou refle.

—Foi sem duvida de algum guarda que quiz prender os ladrões e foi desarmado.

—Boa policia!

—Acaba de ser publicado um folheto com o titulo de *Jardim Litterario*.

Agradecemos á illustrada redacção a remessa que nos fez do seu 1º numero e desajamos ao seu periodico longa vida.

—Ora ahi está!

—O que?

—Que antigamente eram so os mo-

lequos; agora são homens de quem se não devia esperar.

—Mas o que?

—Na noite de 3 alguns guardas do batalhão 111 foram a uma preta que vende doces na porta de uma venda ao Terreiro e roubaram o que puderam; acharam boa a graça e na noite de 4 repetem o facto, pondo em petição de miserias a caixinha da preta, que bradou afugentando-os. Um delles foi preso pela patrulha; mas esta soltou-o depois.

—Mas que quer? Ha razão para isso. Os soldados andam mortos á fome; homens de fora, nenhum conhecimento tem por aqui e não ha quem lhes valha O capitão, que está no commando do batalhão pouco cavaco dá.

Quer ver um facto?

Um destes dias, foram elles para uma guarda com um tenente de outro corpo; ao meio dia foi uma queixa geral de que estavam com fome, pois não tinham almoçado. O tenente mandou parte ao capitão Requião, mandante, e este perguntou-lhe o que queria que fizesse?

O tenente deu então 2$ rs , mandou comprar bacalhau e *fez-se um arranjo*.

Quer outro?

A praia da Preguiça fica pela manhan coalhada delles; vão esperar quando chegam as canoas dos parentes que vendem peixe, para darem-lhe esies alguma cousa. Andam os homens n'uma entaladella dos diabos. Ainda não receberam soldo, não tem de que valer-se, as canoas estes dias não chegam com a chuva, a fome aperta, é preciso comer; os homens tem rasão.

—E então quem soffra sejam os particulares!

E' como digo, tudo se ha de ver aqui.

—E esta?!

Quem for sellar um papel até 1$ e der 10$ não é attendido, não se recebe o dinheiro, ha de ir trocal-o em outra parte. Quem sellar até um cruzado mais ou menos e der 5$ acha-se nas mesmas condicções; vá procurar por ahi o que na casa donde sahe o dinheiro lhe não querem dar.

—Oh! isto é novo e admiravel

—Dizem que é ordem do Sr. administrador da recebedoria.

—Nesta terra cada um faz o que quer e lhe parece.

—Viu que caso horrivel traz o *Diario*, extrahido do *Correio Sergipense*?

—Não.

—Pois não viu o facto da castração?

—Foi homem ou mulher?

—Desta vez o paciente foi homem; mas a compensação não ficou perfeita porque não foi mulher quem capou o homem.

—Então como foi a historia?

—Um sujeito fazendeiro tinha em caza um aggregado, o qual uma noute, tendo de sahir, em vez de ir ter á porta da rua entrou pelo quarto da filha do amo; esta gritou e elle fugiu.

Dias depois recebeu muitos pedidos de seu amo para trabalhar e elle em boa fé voltou á caza do patrão; recebeu logo ordem de ir cortar madeiras em mattas distantes e elle lá foi; quando estava no serviço, apparecem-lhe o amo e um desconhecido, attacam-lhe um pau sobre os peitos que lhe tira todos os movimentos, e praticam a castração, querendo obrigar o infeliz a tragar as partes extrahidas de seu corpo!

—Safa!

—Fizeram depois um curativo com sal e o obrigaram a dizer que tinha levado uma chifrada.

—Esta é de cajuleorum

Que fez a policia dos capa homem?

—Espera-se a prisão dos mesmos.

—Eu tambem.

—Ora venha ca, sor amigo! Que tal esteve o *doce*?

—Capitão, que quer comigo?

—Conversar um pouco; pergunto-lhe que tal esteve o *doce*.

—Que doce, capitão?

—O doce das fructas da *nogueira*, meu maganão. Dizem que V. e o *Marques* fizeram as todas na caza da pobre *Ferrada* , é verdade?

—Tomamos apenas uma carraspana, isto é a dona da caza foi quem ficou mamada a cahir.

—Ah! grandississimo gallego! Ja se vae então lembrando?

E não comeu do doce antes de bebel?

—Oh! o *doce* que eu comi foi depois; aproveitei a tia embriagada (embriaguei-a de proposito) e forcei a sobrinha

—E ainda o confessa, com esse cynismo inqualificavel!

—E' facto sabido; ja está feito o corpo de delicto, mas eu não me caso; hei de pular fora, aposto com quem quizer que me safo da rascada.

—Admiro-lhe a impudencia. Não duvido que V. safe-se da rascada porque é estrangeiro, é *negociante avulso*, e terá protecção.

O que porém lhe asseguro, meu perturbador do socego das familias, é que V. não se safa das tacadas do muxingueiro nem que berre até amanhan por S. *Bernardo*.

O' rapaz'

—Prompto.

—Eis aqui este charo amigo que diz ser bom *pulador*; experimenta-lhe a habilidade; fal-o pular com gosto.

—Chega a esta capital no proximo paquete o *Echo de Portugal*, jornal impresso em Lisboa, vendido unicamente em avulso

O jornal dará o maior numero possivel de noticias, especialmente das ilhas, onde tem amigos encarregados de transmittil-as.

Encontra-se o programma, um dos quaes nos foi remettido, na praça do Commercio e em todos os estabelecimentos commerciaes mais concorridos desta praça

O jornal vender-se-ha uma hora depois da chegada do paquete.

E' publicação de interesse.

A PEDIDO

Ao Illm. Sr. commandante do 6.º batalhão.

E' preciso que V. S. tenha cuidado com certa sucia de aduladores que o querem comprometter, desmoralisando o batalhão sob seu commando; lembre-se V. S. da caixa da musica e tome o exemplo dos seus collegas que se lembram dos inferiores: são estes os mais habilitados pela pratica e pelo conhecimento que tem dos guardas.

Falla-se ahi tanto em proposta que dizem que certos trahidores que rodeiam V. S. tomam dinheiro e vem depois alcançar de V. S. certas nomeações, ou por si, ou a pedido de certas pessoas com que elles vão ter e a que V. S não pode faltar.

Evite V.S. commetter essas injustiças involuntarias; expilla de junto a si essa canalha; dê vida ao 6.º batalhão, distribuindo justiça praticando com equidade e, alem da gratidão do paiz, terá V.S os agradecimentos sinceros de

Um amigo do 6.º batalhão.

Ao Doutor Leirão.

SONETO.

Havia em certo tempo um escrivão
Privativo do j... na Bahia,
Que, quando nas sessões os autos lia,
Soletrava o que lia, e sempre em vão.

A final, la em uma occasião
Em q'o povo de onvil-o então sorria,
Elle todo infiado lhe dizia:
Eu Senhores, não sou, não sou leirão

Por desgraça ficou-lhe o apellido,
E o filho que as leis longe estudava
Tambem ja por leirão era attendido.

Na eschola outro irmão ja gagueijava;
Tenho emfim, o' leitores, conhecido
Que de tal pai, tal filho se esperava.

Attenção!

Pede-se muita vigilancia com uma *onça* que existe no arsenal de marinha, e contra a qual ja se tem clamado. E' tão desaforado o bicho que devora até a *Nestores*, bem que de edade *menor*.

Espera-se providencias.

O Ferreiro.

Olhem aquelle sargento
Que anda agora com *paixão*,
Arranjou tater de orphans
O que é um pexinxão.

—O Sr. Dr. Junqueira defende-se brilhantemente, não das torpezas do do *Liberal-Progressista*, mas de uma subtil censura do correspondente da Bahia.

—Onde?

—No *Jornal do Commercio*; vem transcripto o seu artigo no *Jornal da Bahia* de 3 do corrente.

—E' bom respeitar sempre as opiniões alheias.

—O artigo deve ser lido; e já que estamos em politica, recommendamos tambem um excellente discurso do Sr. Des. Barboza de Almeida sobre o ministerio da justiça, o qual vem publicado no *Jornal* de 4.

—Ora da-se maior desaforo! Ha penna, que deva responder ao que contra um homem honrado escreveu um *observador* das luminarias no *passeio daSé*?

Oh! não por certo!

Quem sabe que o que agora succede é acto todo independente da vontade de qualquer, quando muito proveniente da impericia do engenheiro; quem sabe que aquella obra foi projectada por alguns, approvada e aconselhada por muitos e que só da parte do administrador influiu o desejo de dotar a cidade com um melhoramento—deve de certo indignar-se ao ouvir um dasalmado dizer que desmorona-se o padrão da cubiça!

Oh! não ha penna, nem lingua que responda a tão desaforados desparates e calumnia!

Empreste-me pois por quem é, Sr. capitão, o seu muxingueiro; só a taca desse incançavel campeão pode dar juiso e vergonha a certa gente.

—Ahi o tem; metta o cujo em pannos de sal e vinagre.

Deseja-se saber da pessoa competente si ainda continúa no serviço da policia o espião Cobra; correu noticia de ter sido elle despedido desde o 1.º do corrente e não obstante elle intervem nos serviços policiaes, andando com praças para coadjuvar prisões, recebendo officios &.

O Muriçoca.

ANNUNCIOS.

ATTENÇÃO!!! ATTENÇÃO!!!

O Sr. José-*monturo* commandante dos pitús, morador á rua de S *Carlos*, pouco antes da casa da mulher do *ferreiro* pede ao respeitavel publico que suspenda o seu juizo em quanto elle vem a este jornal *justificar-se* das ladroiras, assassinato da escrava e o caso da filha na fonte dos amores.

Publicação agradavel.

Breve sahirá á luz o primeiro volume dos sermões do padre *Alho das tabocas*, morador *á rua das chammas*, em caza *da farinheira*.

Estes sermões tem sido pregados na egreja dos affligidos.

E' uma peça interessante a tal obra; e prova que S. S. deve substituir ao *membro* da limpeza que cahiu ao mar. Em um dos discursos diz o pregoeiro: Meu Deus, vós é a mesma misericordia! Em outro, assim se exprime: A graça cresce de grão em grão; mas, porem, ninguem se aproveita!

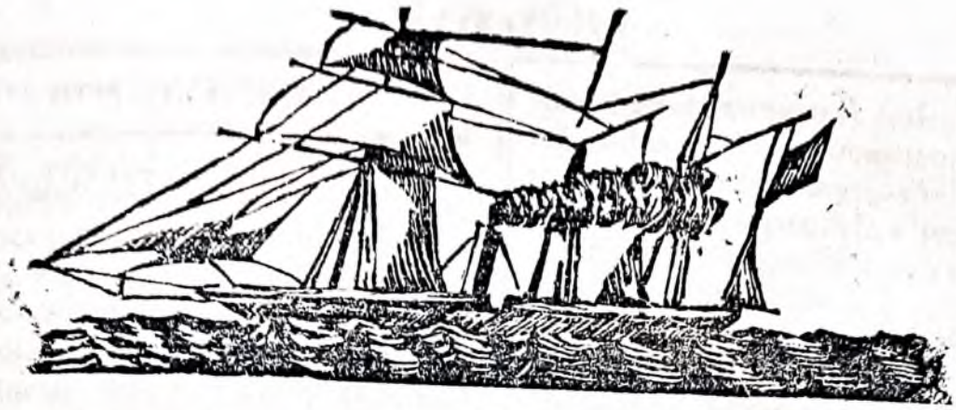
Ha tambem um bello pedaço que diz: A meza está preparada, faltam os convivas que foram convidados pramode comer.

Antecipadamente previnimos ao publico para que compre essa obra logo que sahir á luz, pois, segundo o que podemos conhecer da leitura que fizemos de seu borrão, prova que seu auctor é um *padreco* capaz de prestar optimos serviços á humanidade si for morar em *casa* do Sr. Ariani.

(*Fr. Taboca.*)

A pessoa que levou no dia 4 do corrente, das galerias d'assemblea provincial, um chapéu de seda novo, queira ir entregal-o á seu dono, no escriptorio do Sr. Carvalho á Rua Direita do Commercio n.º 12, sob pena de ver seu nome publicado neste jornal, pois sabe-se quem o tirou. Bahia 7 de maio de 1866.

TYP. DR MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 10 DE MAIO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 46

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de maio de 1866.

Não houve expediente.

—Como ja devem saber os nossos leitores, o exercito alliado (o nosso á frente) pisou o solo do Passo da Patria, tendo batido os soldados paraguayos.

Ao ser recebida a noticia deste triumpho no Rio de Janeiro, o senado e a camara dos deputados deram significativas provas de patriotismo e toda a população da corte.

Aqui entre nós o jubilo é immenso; o que hontem houve não é preciso narrar, os actores somos nós mesmos.

Apenas soube se em terra da faustosa noticia de tão explendido triumpho, subiram innumeros foguetes que não cessaram sinão a adiantadas horas da noute; o povo poz se logo em movimente, as repartições publicas fecharam-se e seus empregados foram congratular-se com o Exm. Sr. vice-presidente, assim como os academicos e os estudantes do lyceu; a assembléa provincial, depois de quatro excellentes discursos vivamente applaudidos das galerias, foi tambem em commissão *felicitar o paiz na pessoa do Imperador, por intermedio do seu digno delegado nesta provincia*; o pavilhão do palacio foi arvorado; compareceu na Praça o 1.º batalhão de infantaria da guarda nacional, e depois dos vivas do seu commandante, o Sr. vice-presidente deu tambem vivas que foram enthusiasticamente correspondidos pelo povo; a officialidade do batalhão tambem *congratulou-se*, depois do que, seguiu o batalhão, acompanhado de muita gente, a percorrer as ruas da cidade; á noute houve ainda batalhões e a cidade illuminou-se.

O Dr. Gustavo recitou uma linda poesia, mas acabou por despertar ideias de partido que elle foi o primeiro a dizer n'assembléa que deviam desapparecer ante a nação que se acabava de glorificar; deu um viva ao partido progressista, e outro ao ministerio, *unico que trabalhou para salvar o paiz;* os vivas foram dados em frente ao Sr. França Guerra, conservador que não muda e que não havia gostar da graça.

Em toda parte ha indiscretos!

—Deus protege a causa do justo.

—O Exm. Sr. vice-presidente visitou a estrada Nova para avaliar por si o seu mau estado e os reparos de que precisa.

—Havia de ter visto boas cousas!

Deus queira que elle se não esqueça dos monturos e lamaçaes que o celebre Sr. Costa Guimarães se encarregou de criar por alli.

—Os monges benedictinos decidiram libertar e educar todos os escravos seus que nascerem desta data em diante (3).

—Honra a essa corporação religiosa que é quem primeiro dá o passo em prol de tão santa causa, a abolição da escravatura!

—O Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes acaba de offerecer-nos a sua traducção do Spiritismo, introducção ás obras do Sr. Allan Kardeec.

Agradecemo-lhe a offerta, nada dizendo sobre a materia, á qual somos inteiramente extranhos.

—O dia de hontem foi cheio de conflictos.

Além da questão com os academicos, houve mais alguma cousa. Na baixa dos Sapateiros, não sei por que nem por que não, um guarda da Se desembainhou a baioneta e espalhou meia duzia. Houve depois um grave conflicto que podia ter funestos resultados entre um Sr José Dias e um Sr. Capella. Na Praça houve tambem um sarcerio occasionado pela prisão de um guarda nacional, ausente do batalhão!

—E a policia?

—Oh! a policia quando não briga dorme.

—Consta que está sendo rifada uma casa de seis janellas em Alagoinhas; os bilhetes são de 5$ rs., e a rifa ficará encostada a uma das loterias que correrem em junho.

—Não é prohibido?

—Dizem.

—Consta que a casa pertence a um major de um corpo, apezar de se acharem os bilhetes assignados por F. R. da Silveira.

—Cousa simples.

—Consta que o major vende aos soldados bilhetes, e desconta-lhes no soldo dez tostões.

E' crivel?

—E'.

—Ora vejam que relaxação não deve rolar por aquelle corpo!

Que disciplina pode ter um batalhão, cujos guardas negociam com o commandante?

E dizem que temos *policia!*

Nem que me jurem por S. *Francisco de Salles*, hei de sempre dizer que não tenho fé em authoridades que consentem que se faça o que por lei é prohibido.

—Ha factos que devem ficar involtos no silencio; por outro lado porem é preciso um remedio a abusos e só denunciando-os pode-se contra elles alcançar algumas providencias, quando ellas apparecem.

—Mas que foi?

—Os soldados de policia V. sabe que a maior parte delles são *meninos* vadios, desordeiros, que depois de terem se servido de *todos* os meios de vida, atiram-se á policia e envergam a farda. Assim paramentados, julgam-se grande cousa, ficam valentões, a ninguem attendem, a todos querem prender e prendem, desembainham logo o refle, insultam os inspectores e ai de quem approximar-se-lhes!

Hontem no Terreiro fizeram disso; era um grupo de mera duzia mais ou menos, que quiz intervir n'uma disputa dos academicos; estes os repelliram; reflles fora foi obra de um segundo, e algumas pessoas ficaram feridas.....

A guarda nacional prendeu-os, assim como um inspector de quarteirão a quem a principio não quizeram attender de maneira alguma; gritaram, blateraram, fizeram o diabo os taes policiadores da Bahia!

Ora este facto tem tido outro e muitos outros similhantes; é possivel que continúe isto? Não será preciso mais escrupulo na admissão de guardas que tem de velar pelo socego, pela vida, pela propriedade dos cidadãos?

—Preciso é; mas emfim não ha gente, ha casos que podem mais que a lei.

—Viu que desfructe?

—Onde?

—Pela cidade. Um sujeito com pergaminho, chegado ha pouco de fora e aboletado n'um hotel, alegrou-se tanto com a noticia da passagem das nossas tropas para o Passo da Patria, que tomou uma borracheira dos diabos em companhia do *Pilla*.

Sahiu ao fado, andou pelo Theatro e diversos outros logares, fazendo asneiras; ao chegar á rua da Misericordia, levado por um José Sarará que se intitulava seu sobrinho e que elle dizia escravo seu, o homem viu-se rodeado de mulhsres. Seguiu com ellas para os botequins e ahi deu largas a sua prodigalidade; quiz rasgar cedulas, atirou patacões ao chão e mandou vir o que as raparigas quizessem: o homem estava recheiado.

A vista do dinheiro dispertou a cobiça das mulheres e cada qual quiz fazer delle seu patinho; viu-se então nosso Dr. em serios apuros, cercado de furias que disputavam a presa e davam-lhe puchavões, mettendo-o n'uma especie de carambola

O alarma cresceu e rolou pancadaria; houve bofetada velha.

Não houve quem fizesse accommodar as mulheres sinão o cansaço.

Ora diga-me, um facto destes, essa algazarra á noite, esse barulho, esse escandalo devia ficar impune? Não mereciam aquellas mulheres passar a noite no chilindró?

Dir-se-ha que uma patrulha não pode estar ao mesmo tempo em todos os logares n'uma freguezia como a de Sé; mas em uma noite de movimento publico, deve haver maior numero de patrulhas, ao menos para prevenir, para acalmar.

—Os homens sabem o que fazem; cale a boca e deixe correr o rio.

A PEDIDO

—Vem ca, labrego que te dizes injuriado; quero narrar ao capitão do *Alabama* a tua bem conhecida vida.

Ja te esqueceste da immunda fabrica de vellas de carnaúba? Ja te esqueceste daquellas fazendas de certo negociante inglez que roubaste?

E dás-te por injuriado!

Não vês a distancia que te separa daquelle que não sabe si és vivo e a quem ousasts insultar!

Bruto, não vês que de humano so tens a forma?

Não te lembras do teu antigo mister da *scelecta*?

Tu so com um freio nestas queixadas, para não berrares tanto!

—Sr., deixe-me!

—Ah! sim, agora recordo-me: ouvi dizer que disseras que tinhas muito dinheiro para metter certo moço na cadeia e perdel-o. E' verdade? Si é, onde achaste tanto dinheiro, onde o ganhaste? Foi na tua encantada fabrica? Foi naquella ladroeira das fazendas do pobre B.....? Ahi não que as pagaste carissimo. Foi daquella a quem chamavas negra e que de mão armada expellias de sua propriedade?

Provavelmente o dinheiro veiu-te daquella infeliz negra (na tua phrase) com a qual desgraçadamente casaste. E por *alguns meios* mais.

Tu julgas que estás n'algum canto da costa d'Africa ou n'algum ponto da India?

Enganas-te; vives no meio de homens livres, garantidos pelas leis que o regem.

Vae-te, cousa ruim; nem mais te levo ao capitão, que és um grande covarde.

Ouve porém um aviso: ha insultos que custam caro.... percebes?

E fica sabendo que, apezar da tua queixa ficarás sempre sendo *commendador*, na phrase do finado Rodrigo Brandão.

Vae; tomar conta de tua *casa feliz*, e nem uma palavra digas ao *Magalhães*.

Pois o professor Km não foi queixar-se á authoridade que era insultado por mim!!

Não teve a habilidade de chamar-me devasso!

Não ha azemola maior! tenho pena d'elle!

Muito contente foi elle com sua queixa, pensando atirar uma lança em Africa, mas coitado! buscou lá e sahiu tosquiado!

Não fez mais que dar-se a conhecer a similhante authoridade.

Muitas d'ellas conhecem-me perfeitamente, e sabem que eu não sou capaz de insultar a homens que se prezam, o muito menos a um beleguim, a um descarado, que vale tanto como uma cousa que não vale nada!

Eu sou um cidadão morigerado, prestante ao meu paiz; em vez de insultar ao professor Km, como elle diz, ao contrario fui o insultado.

Professor, não seja tolo—tome um espelho e mire-se, sinão, (eu sou positivo) si continuar a dirigir-me acintes quando passa pela porta do meu estabelecimento fique certo que lhe irei aos queixos.

Chamar-me devasso! Este biltre!

Devasso é vossê, que em uma festa em Itaparica aproveitando a occasião em que um grupo de senhoras conversavam da parte de fóra de suas cazas, sem homem que representasse foram vilmente ourinadas por vossê com a maior falta de brio!

Devasso é vossê que tem por especial distracção devassar o lar domestico das familias.

Devasso é vossê que sendo encarregado de uma commissão para a factura de um brinde a um caracter sabio e honrado, fez uma porcaria empolgando o cobre com a maior safação.

Devasso é vossê que tomando em uma loja um tostão emprestado para comprar jambos para dar a sua namorada até hoje nunca pagou.

Devasso é vossê que sabendo apenas contar por *grãas de milho*, fez-se á força mestre de contabilidade.

Devasso é vossê que fallando com um distincto lente, de charuto na bôca, como elle o reprehendesse, anda dizendo ser o lente um *impostor* e tudo mais que lhe vem á tresloucada cabeça.

Devasso emfim, professor Km, é o alumno de uma escola onde só existem moços bem educados.

A authoridade ja sabe tudo—entretanto tome sentido Sr. Lalau, sinão olho o pello que pode ser escovado si continuar a insultar-me.

Au revoir.

Ao Doutor Leirão.

SONETO.

Uma gallinha choca poz um ovo
E deste procedeu pellado pinto,
Na altura regular, cabello tinto,
A cor de sarará, pernas de polvo.

Do pobre gallinaceo um caso novo
A corrupção proclama em seu requinte,
Q'o pae fóra escrivão, sempre pedinte
E o filho juiz de certo povo.

Q' em Americo solo auri-fecundo
Se fizera *pinguello* o tal juiz,
Por força de um casorio bem jucundo.

Depois que tudo fez, tambem se diz,
Que, mettera o doutor todo iracundo
No az dos *manicobas* o nariz.

Feliz musica de policia
Que andas á duas amarras!
Não temes o vento sul
Nem das procellas as garras.

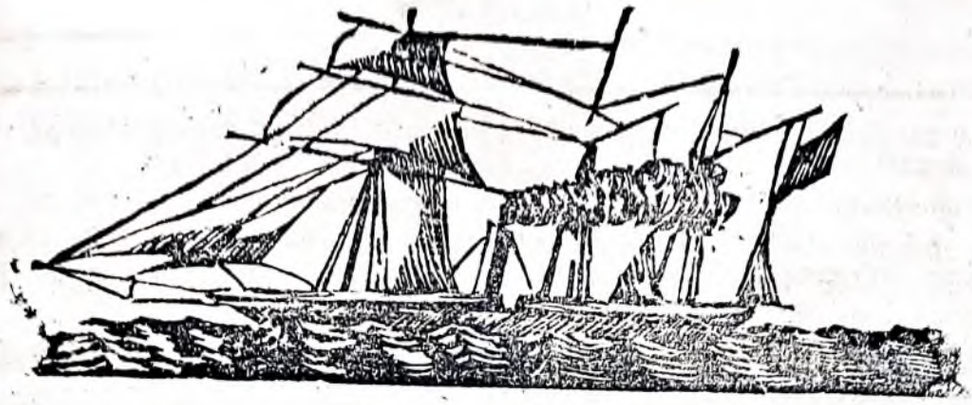
Foste bemaventurada
Da actual situação
Por que poz em ti os olhos
O presidente Leão.

ANNUNCIOS.

Despedida.

O Dr. Mello Moraes, pela estreiteza do tempo não se podendo despedir pessoalmente de todos seus numerosos amigos e affeiçoados, o faz por meio deste *Jornal*, e lhes pede por semelhante falta indulgencia, certos de que no Rio de Janeiro estará, sem excepção de pessoa, com o animo sempre disposto para servir a todos; porque leva no coração a viva lembrança do que deve á esta terra abençoada e hospitaleira, que desde a infancia o afagou com carinhoso amor materno. No Rio de Janeiro vai dar começo á historia da Bahia, e ha de escrevel-a com o coração sobre o papel, para dessa arte pagar com gratidão todo o amor que deve á Bahia.

É o filho que vai retratar a vida gloriosa de sua nobre e heroica Mãi.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 12 DE MAIO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 47

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de maio de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande intimar o proprietario de uma rocinha sita ao beco do João Simões, para mandar arrear o muro que dá para a rua, o qual se acha com um grande saco, ameaçando proxima queda e alguma desgraça.

Com quanto destes pedidos se tenha feito milhares á Illma., sem uma providencia ser dada, comtudo se insiste e se pede providencias sobre o presente, esperando-se ser attendido.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que ordene a seus agentes que fiquem de olho vivo com a gente do olho vivo, a qual continúa a fazer proesas.

Na rua da Conceição do Boqueirão, entraram, á noute, em uma caza e levaram um relogio e uma caixinha de folha, em que suppuzeram haver dinheiro, mas que só continha papeis; na rua Direita de Santo Antonio, foram á caza de molhados do Sr. Manuel Alves Espinola e bifaram-lhe avultada quantia. Estes e outros factos devem provocar vigilancia e actividade; espera-se que S. S. dê mostras de sua energia.

—Além do que narrei-lhe, capitão, houve na quarta feira festança. Os caixeiros nacionaes formaram em luzido batalhão e percorreram a cidade, ao som de vivas enthusiasticos e da musica marcial que os precedia.

—Vi; eram acompanhados por milhares de pessoas.

—Houve tambem spectaculo em grande gala; o theatro esteve litteralmente cheio.

No fim o Sr. Rosendo Muniz recitou uma brilhante poesia.

—Deus corôe nossos desejos!

—Eis porque vê-se o que vê-se. Alli vae um cavalleiro, meia duzia de rapazes atropellam-no, dão-lhe bordoadas. Mas o cavalleiro é um inspector de quarteirão, toca apito, prende o que mais maltratou-o, chega a policia. E' o capitão mandante, que indaga do facto e conclúe por desfazer a prisão, e mandar embora o preso e o cavalleiro, visto ser o *dia* um dia de regosijo geral.

Então é ponta ou cabeça?

—E' preciso que por nossa vez tambem declaremos; os especuladores, os mascates, entram pelas casas illudem

as senhoras, bifam-lhes 500 reis a barbas enxutas; muita gente por ahi tem perdido dinheiro, tem rebatido.

Entretanto é publico que houve prorogação do praso; chegou tarde, muito tarde, sim; mas emfim chegou: as folhas diarias disso deram noticia. Damol-a tambem; é provavel que agora corra mais; as gazetinhas são muito lidas pelo povo—povo o temos certeza de que a nossa anda pela mão de muita gente.

Eis a noticia:

O praso para a substituição das cedulas de 5$ 4.ª estampa, com duas figuras e no lado opposto ao do talão com uma coroa por cima das iniciaes P. II, foi prorogado até o ultimo de dezembro.

E' circular do ministerio da fazenda, datada de 25 de abril de 1866.

—A policia na Cachoeira vae em progresso; não ha semana em que o *Progresso* não registre em suas columnas mais de um crime atroz. O resultado é ou evadir-se o criminoso, ou a *policia está procedendo*.

O Sr. delegado alli parece que se importa tanto com a segurança dos cidadãos como eu com o mundo da lua.

Exemplo de inercia:

Furtaram uns burros, um dos quaes foi visto, vendido por um tal Dellado e seu papá; o dono faz diligencias e consegue da authoridade fazer prender um dos ladrões; em caminho porém, apparecem mais de vinte pessoas, capitaneadas pelo segundo ladrão, e soltam o preso. O subdelegado tem disso sciencia, promette dar providencias e nada faz. O delegado a quem o preso fora remettido para ser processado conserva-se tambem, ha um anno, em inacção. E' por isso que digo que a policia alli descansa muito.

—O mesmo se dá por ca, rapaz.

—O olho-vivo está alerta, chega a levar as chaves das portas.

—Mas isto não é crime atroz.

—Tenho-lhe referido alguns em outras occasiões, se posso presentemente apresentar lhe mais este:

Um Tobias do tal, natural de Maragogipe, edade 30 annos, agarrou uma menina e estuprou-a!

A victima tem 7 annos!

O *criminoso evadiu-se*; mas a policia conseguiu prendel-o em S. Felix, e *está procedendo*

—Oh! esta agora é de fazer arrepiar!

—Eis um facto que nos contam.

Junto ao Sr. capitão mandante de policia, moram alguns guardas do mesmo corpo; dessa casa no dia 8 ouvia-se sahirem lastimosos gritos e uma voz sentida que implorava soccorro. A porta foi ficando cheia de gente e começou um clamor. Então um prestante cidadão que naquella rua mora e é supplente d'authoridade policial, com quanto não estivesse em exercicio, alli apresentou-se, indagando o que era.

O que era? O que poderia ser? Ninguem imagina que seria alguma cousa boa.

Era uma infeliz senhora, horrivelmente espancada, com os cabellos arrancados, e com uma criancinha de 3 mezes nos braços!

A infeliz prostrada aos pés de todos, pedia que lhe valessem: cortava o coração presencear tão afflictiva scena!

—E quem era o author dessas offensas?

—O marido da infeliz.

—Qual o motivo, sabe?

—Disseram-me, ciumes. Ha em casa uma infeliz viuva a quem a fera que praticou tal barbaridade tem a ousadia de fazer seus requebros.

Mas não se trata disso agora; trata-se de avaliar a disciplina do corpo de policia, cujos guardas assim desrespeitam seu segundo chefe; trata-se tambem de louvar a pachorra, de analysar a inacção em que este ficou, apezar dos gritos da mulher e da agglomeração de pessoas na rua. Para que S. S. désse de si, foi preciso que o cidadão acima alludido se dirigisse a elle e lhe partecipasse que o tal valentão estava preso á ordem do chefe de policia a quem ia partecipar o occorrido.

E veremos em que fica.

N'um tempo de decadencia,
Em que os bichos eram *cousa,*
Os monturos foram muros,
Sahiram mortos da lousa.

Um bicho de feroz indole,
Mixtura de gato e d'anta,
Vem a gente governar
E discordias logo planta.

Mas depois, para livrar-se,
Dos trahidos que criou,
Quantas manhas teve em mente
Tantas elle praticou.

E por fim cava um *monturo,*
Certa mumia desinterra
E de presente uma espada
Lhe da, como homem de guerra

Corre em Brotas a noticia
Que mais *um muro* cahiu
Um *rio* que por la tem
Mais *vermelho* inda se viu.

Os *pitus* stão em abalo,
A gente n'uma babel,
Só porque fez-se um phantasma
Ser tenente coronel.

Mas os *bichos* stão a rir-se
Ria-se a gente tambem,
Que defunto neste tempo
Não mette medo a ninguem.

A PEDIDO

Será verdade que o Illm. Sr. tenente coronel José Carlos Ferreira esta a toda pressa creando bigodes para se apresentar na frente do seu batalhão no dia da chegada da Princeza?

Resposta do compadre Pestana ao compadre Moriçoca.

Caboto 9 de maio de 1866.

Compadre e amigo —Pelo compadre Cazuza recebi a sua, que, conforme seu pedido, introduzi nas mãos de sua comadre, que lendo-a ficou muito desconsolada por saber dos males que o

affligem, apezar de convencel-a do que estas tratantices que V. e outros fazem não podem abalar a sua *honradez* commercial e proverbialmente conhecida de todos.

Sempre lhe disse compadre, que não se mettesse em sociedade, principalmente quando ella se compoem de expertos e ladrões como V. não ignora são estes a quem se foi associar. Mas V. que não ouve conselhos de ninguem é bom que lhe succeda estas cousas.

Sirva-lhe isto de norma, e continue a fazer seus negocios com a *lizura* que costuma,

Tratei de indagar do meu visinho Guimarães Dias sobre a capacidade de seus socios, e soube boas cousas delles. Que meninorios!

Soube que o Vacca de Cancella sendo caixeiro do Cavallo tinha sido por elle lançado fora da taberna por ladrão. Ora quem deita caixeiro para fora por ladrão e depois se associa com elle, que quer dizer, compadre? Que tão ladrão é um como outro.

Que o Vacca de Cancella depois de expulso fizera uma sociedade com certo doutor em uma vendola, resultando no balanço final ter o bom do doutor 500 rs. de principal e lucro, e o meu Vacca ficar senhor e possuidor de todos os fundos da casa Que marradas não deu o tal Sr. Vacca no doutor negociante!

Que o tal Sr. Vacca tendo tambem por caixeiro um irmão, tomando para si os costumes do ex-amo e socio, fizera o mesmo com o irmão caixeiro, e outras muitas cousas que causaram-me na verdade vergonha. Por isso o diabo ia ficando secco e quasi que vae tomar ares na quinta do padre Barrella, si não fosse a applicação de sanguesugas receitadas pelo medico Dr. Bethbesé que o salvou para hoje andar querendo impor de grande cousa o tratante mais conhecido de Latronopolis.

Aqui chegou ha dois dias o meu *leal* visinho *Braga* dessa cidade, e delle indagando a marchaque tomavam seus negocios a respeito da demanda, disse-que Vv. a tinham vencido, apezar de Vv. não terem escripturação regular, nem livros sellados, por que o julgador pouco se importou com a causa, tanto que na apreciação do exame de livros elle não esteve presente, porque estava assistindo a uma briga de gallos, de que é muito apaixonado (perfeito inglez) e que além disso teve um pedido muito forte de um tal Relessa a quem não poude dsixar de servir Soube que o tal Relessa assim que soube da decisão mandou pedir alviçaras ao Cavallo, o qual foi prompto em satisfazer-lhe mandando-lhe um cesto de batatas geladas e um queijo tocado. Que regalo, que petisqueira teve o tal sujeito!

Hei de lhe mandar de ca uma perua choca para tirar pintos.

Soube mais que Vv. se embebedaram horrivelmente na tasca do Vacca, e que aquelle sujeito devoto de S. Custodio embriagando-se como é de costume, lhe quiz cortar de chicote por me haver V. escripto aquella carta. Ora bem vê, meu compadre, que eu não podia ficar impassivel com essa nova: tratei logo de matar meu boi malhado, e da pelle fiz bons vergalhos para escovar-lhe bem o palitot novo alvadio com que elle vae ao theatro namorar as pretas de doce. Ja que fallei em theatro, elle deve-se bem recordar de uma dentada de cannivete que ja levou de certo cujo para não ser tolo.

O Bitu recommenda-se a seu procurador que agora é que sabe que mudou de officio: pois tinha um figão da irman para elle encastoar, e que como ja não trabalha vae a outro freguez para apromptar a encommenda.

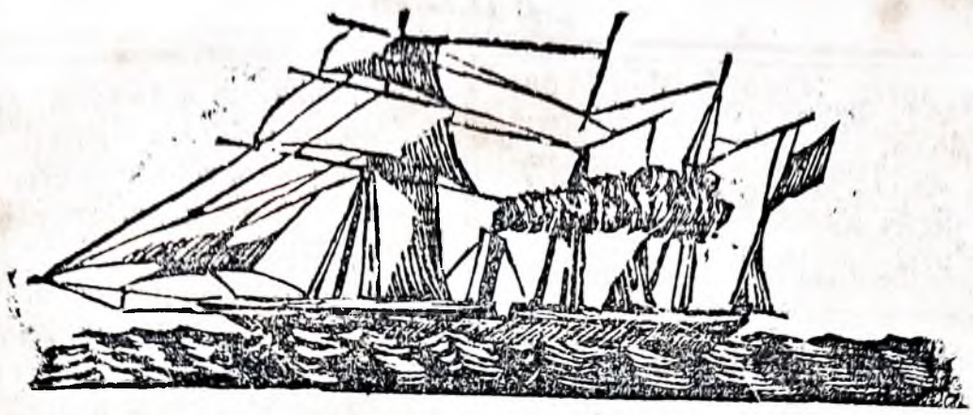
Recommende-me á comadre, e diga-lhe que minha plantação de milho vae muito boa, e que na colheita a maior espiga será para ella e os côcos para V.

Seu compadre
Pestana.

ANNUNCIOS.

Na casa de Pasto n.º 3, A. á praça do Palacio preciza-se de um bom cosinheiro.

TYP. DR MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 15 DE MAIO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 48

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de maio de 1866.

Officio á camara municipal.—Pedir o concerto de calçadas, a tapagem de buracos é cousa sem resultado; todavia os factos que se dão, causando prejuiso ao publico fazem com que a imprensa continúe a cumprir seu dever, pedindo providencias a quem compete dal-as. E' por isso que pede-se presentemente á Illma. que mande tapar um grande buraco que existe ao pé da cocheira do Sr. Para-assu, no qual tem cahido varias pessoas; a principio puzeram-lhe por cima uma porta velha, mas depois tiraram-na, de sorte que continúa, o perigo tendo o sujeito que cae o prazer de ver-se aromatisado

Espera-se pois que a Illma. não dê a tão justo pedido ouvidos de mercador.

—Ao Illm Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe de novo para fazer dispersar o bando de moleques que se reunem atraz da Sé, ao descer para o Aljube; ha entre elles captivos e livres, estes bem podiam ser aproveitados para o serviço do exercito. Espera-se da conhecida actividade de S. S. que os não deixe continuar, até por que muitos delles são membros do olho vivo, e andam a offerecer aos transeuntes chapeus, ditos de sol, frascos de cheiro, boiões de pomadas etc.

—Acaba de dar-se um sinistro que nos contrista. Informam-nos que, preparando o Sr. Manuel Calixto do Spirito Santo um pouco de fogo de cores, houve uma explosão, e saltando o soquete foi bater-lhe ao rosto e o cegou.

—E' lastimavel o caso, tanto mais quanto o Sr. Spirito Santo é um bom cidadão e um bom artista.

—Falleceu Antonio Ferreira S. Thiago; era um honrado negociante, caracter sincero e pessoa sympathica a todos que uma vez o viam.

—A terra lhe seja leve!

—V. que sabe me diga: E' verdade que na enfermaria militar so se muda roupa aos doentes nos sabbados?

—Eu sei de nada, homem de Deus! Ouvi dizer isso, mas não creio.

Nem pode ser; como é que um sarnento, um bexiguento e outros *ejusdem furfuris* podem tolerar em cima do corpo um *coscorão* por oito dias?

E depois os medicos não haviam consentir.

—Que os medicos não devem consentir sei eu; que os doentes não podem tolerar sei eu; mas o que tambem sei é que dizem o que lhe perguntei, e a voz do povo não mente.

—Galantarias do corpo policial. No domingo á noite andaram alguns soldados meninos a correr, a dar empurrões uns nos outros e grandes gargalhadas, e a bater pelas portas das cazas da rua Direita do Collegio e atraz da Sé.

—Exercicios.

—Todo dia está a imprensa a clamar contra os buracos que formigam pelas ruas, e a camara impassivel. Ha tempos existe um na ladeira de S. Francisco, do qual se lhe tem dado noticia, e nem um de seus agentes achou ao menos quatro caibros para fazer em redor uma cerca. Pois bem, eis o que succede: «No domingo ultimo, em um buraco á ladeira de S. Francisco tombou um carrinho que levava para a cathedral uma familia da qual o chefe e a senhora sahiram com os braços direitos fracturados, escapando felizmente incolumes duas crianças que tambem cahiram.» (*Jornal da Bahia*)

—Agora é provavel que se faça alguma cousa; ja houve um sinistro.

—Não sei! E' preciso um meio de prohibir praticamente que certos cavalleiros atropellem o povo, andando a galope, de proposito, por entre a multidão.

Sinistros para exemplo não faltam; entretanto os engraçados, embriagados ou não, fazem do galope uma grande habilidade e tocam a pisar o povo. Ainda na quarta feira, á noute, por occasião do festejo dos caixeiros, um tal João Sancho, d'alfandega, corria desenfreiadamente pelo Terreiro e gritava: O patife que quizer encoste!

A esse tempo vinha a procissão de S. Francisco de Paula, e foi grande a confusão e innumeras as carreiras que houve por parte das mulheres que acompanhavam a Imagem; não houve felizmente desgraça alguma.

Pode porém continuar esse desaforo, essa graça de *espalhar povo*, como elles dizem?

—E que quer que lhe faça?

Ha postura: mas ninguem alcança um cavallo a galope, e quem tem juiso não expõe-se a pegar na redea de um cavalleiro embrutecido ou d'um cavallo fogoso esporeado.

—Os soldados de cavallaria poderiam fazer o serviço, ao menos sempre que houvesse funcção.

—Estes são os peiores; no dia da chegada da Princeza, um dos ordenanças do presidente, no Guadalupe, esmagou uma criança e seguiu seu caminho. Peguem agora no homem da capa preta.

—Mas é intoleravel!

Que não se compenetram todos de cumprir o seu dever!

—Dizem que o Sr. Francisco Adães Villasboas espancou um pequeno portuguez, seu caixeiro, de sorte que foi preciso mettel-o em lençóes de vinho.

—Ouvi dizer.

—E é certo que o consul portuguez, tendo noticia, mandou intimal-o para apresentar o menino, e elle recusou?

—Dizem que sim. E que até intimou-o segunda e terceira vez, sem que elle désse de si, officiando então o consul ao presidente, requisitando a intervenção da policia.

—Foi o que me disseram.

—O presidente officiou ao chefe, e na quarta-feira o delegado apresentou-se em caza do Sr. Adães que occultou-se. O delegado esperou até quatro horas da tarde, e vendo que ficava sem resultado sua diligencia disse que ia proceder a uma rigorosa busca. Adães apresentou-se.....

—E o menino?

—Não sei.

—O resultado da diligencia?

—Não sei.

—Pois hei de eu sabel-o.

Este Sr. Adães!

—Nesta terra não ha policia. Pois até esse negro ha de assim zombar do publico!

A gritar *ás armas* por todas as ruas e ainda não houve um guarda que o prendesse!

—Que negro é esse?

—E' um desses livres escravos da nação, um chamado Peregrino que incommoda a Deus e ao mundo. E como vê que fica impune, vem agora para a frente do palacio do governo fazer suas gracinhas!

E' agora o ponto principal do seu divertimento: no dia da chegada da Princeza, quando estavam os batalhões formados e a Praça apinhoada de povo, o patife do negro estrondava tudo com seus gritos de rebate.

E tudo aqui é graça, e historias.

—Tambem que quer?

O exemplo deu o Sr. Dantas pondo á sua meza, e admittindo em suas reuniões um tal atrevidão que quer ser imperador.

Mariz Barros

AO EXM. SR. CONSELHEIRO DE GUERRA JOAQUIM JOSE IGNACIO.

De pequeno creado na guerra
viu na guerra extinguir-se-lhe a luz.
(*Palmerim.*)

Era ja findo o combate
das balas contra a couraça
e o vomitar da fumaça
cessara em nossos canhões;
mas, quando galhardas voltam
brasilias quilhas a proa,
um tiro horrisono atroa
como o bramir dos trovões!

Que é?!.. Que foi?!.. Que desdita
entra num casco de ferro?!...
Foi um acaso ou foi erro?—
Todos perguntam:—Que é?!..—
Ouve-se um grito medonho,
despedaçar de correntes
e os gemidos de valentes
que ja não gemem de pé!

Oh! que sinistro agoireiro
peitos marmoreos abala,
quando ao zunir de uma bala,
cahem tantos de uma vez!
Que scena, que dor, que spasmo
prende os marinhos soldados,
vendo os seus chefes lavados
de sangue sobre o convez!

Entre os feridos avulta
pelo sangrar da ferida,
uma farda, não vencida,
que assombrara em Paysandu;
como os *vivas* desse povo (*)
que o suspendera nos braços,
buscaram-no os estilhaços
das boccas de Itapiru.

Hontem fidalgo do povo,
da primeira fidalguia,
Que os brazões de mor valia
vem da laurea popular;
hoje, inerte, sobre um leito,
quando a vida se lhe some,
imprime a luz do seu nome
no livro immenso do mar.

No entanto o moço desprende
sorriso que espanta a morte;
e quando o avisam do corte
que seu corpo vae soffrer,
elle placido responde:
—«Cortem, mas quero um charuto;
co'a dor inda posso e luto,
sou forte, não sou mulher.—»

Oh! que estoicismo de bravo
legou a patria estupendo
esse gigante morrendo,
esse moderno Bayard!
Oh! como serena expira
aquella existencia homerica
capaz d'imitar n'America,
Jervis, Tourville e Jean Bart!

Mas, quiz a força do accaso,
origem d'infindas magoas,
que sobre o dorso das aguas
succumbisse esse titan;
não chorem por Mariz Barros
da saudade nos escolhos,
que da noite dos seus olhos
surgiu da gloria a manhan.

Rozendo Moniz.
(Diario da Bahia.)

A PEDIDO

—Aqui ha tempos, quando um homem era chamado para tudo, chamavam-no xarope do bosque; hoje chamam-no salsa-parrilha, e rasão teve quem assim chamou o Sr. Nicolau Car-

(*) O povo fluminense que levou-o em triumpho até a habitação de seu honrado pae.

neiro Filho, que presentemente mette o nariz em tudo.

O governo geral deu ordem para que se nomeasse nas provincias commissões encarregadas da exposição nacional que deve ter aqui logar em 12 de agosto. O Sr Nicolau é thesoureiro do Bomfim, é tenente coronel, é eleitor, é membro das machambombas, é membro d'uma commissão de calçamento de ruas & &; pois ainda assim não o pouparam, não viram que muito trabalho cança e que o homem podia não chegar ao fim de tanta cousa: o Sr. presidente arrumou lhe com a nomeação de membro da commissão da exposição!

Tal nomeação fez-nos crer que o homem era necessario, que suas habilitações o obrigavam a fazer mais um sacrificio em prol de seu paiz, onerando se de mais encargos. Grande porém foi nossa surpreza quando vimos no *Diario* um annuncio da commissão em que figura S. S. de secretario! E' uma cousa incrivel: S. S. faz uma classificação dos objectos dos tres reinos da natureza, e mette entre os mineraes ate as plantas! até as fructas! ....

—Estou vendo quando elle introduz entre os racionaes algum *carneiro*.

—Tambem não era novidade: ninguem ainda fez clasificações, mas existe muito burro no meio da gente.

—E quanto ao annuncio—que S. Ex. officie quanto antes á commissão para que não mais seja publicado.

(Continúa)

Miscellanea

(Conclusão.)

Si vejo mulher casada,
Ja de provecta edade,
Sempre mui paramentada,
Ostentando com vaidade
Luxo que não pode ter,
Não m'importo de saber
D'onde lhe sahe ou lhe vem;
Pensa cada um como quer,
Qu'eu penso como a mulher:
Nada vale quem não tem!

Si vejo moça solteira
Mais do que é querendo ser,
E por artes de faceira
Descortezias fazer;
Digo-lhe mui cortezmente
—Menina seja prudente,
Não queira murchar o louro
Das c'rôas que tem cingido,
E que lhe digam no ouvido:
Nem tudo que luz é ouro!

Si velha toda dengosa
Vejo andar de calcinhas,
Para occultar ardilosa,
A grossura das perninhas;
E d'espartilho mui teza
Esforçar a natureza,
Que p'ra os pés a faz olhar
Solto homerica risada
E digo á pobre coitada:
Quem não tem naõ pode dar!

Si contemplo a educação
Desta nossa mocidade,
Que tão pequena attenção
Tem dos paes e da sociedade,
Vejo muita criançola,
Dizendo muita asneirola,
Dando por pau e por pedra,
E então digo para mim:
Por força ha de ser assim,
Quem sahe aos seus naõ desnera!

Si vejo... mas o que vejo
Muita gente tambem vê,
E cala-se ou por ter pejo,
Ou então não sei porque;
Pois tambem me vou calar
Ja não quero só fallar,
Tambem aos mais isto cabe,
Dê cada um o que tem,
Pois si a critica sabe bem,
Caro custa o que bem sabe!

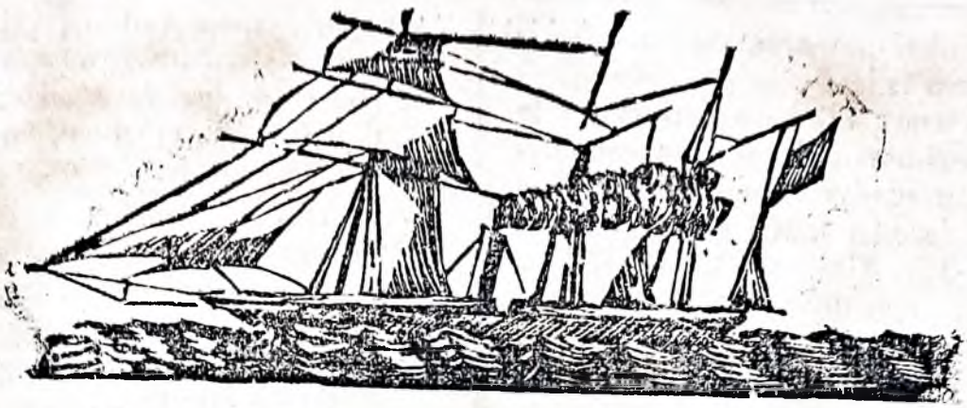
Abandono d'hoje avante
A prosa e o verso tambem,
Não quero ir p'ra diante
Espicaçando ninguem;
Mais agua não pedirei,
O pó mesmo acatarei,
Pois inda nutro a esperança
De ser grande figurão,
E si não mente o rifão:
Quem espera sempre alcança!

(Do *Jornal do Commercio.*)

ANNUNCIO.

Vende-se a posse d'um terreno baldio, com duas frentes contendo nove braças, na rua do Castro Neves. Contrata-se na ladeira da Palma caza n.° 5, das 2 ás 4 horas da tarde.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 17 DE MAIO DE 1866. SERIE 5.ª—N.º 49

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de maio de 1866.

Officio ao Illm. Sr. inspector da thesouraria geral, pedindo lhe que por commiseração ás familias dos voluntarios, se digne mudar o dia do pagamento das pensões por elles deixadas.

O dia 8, actualmente o dia do pagamento, fica bastante longe do *principio do mez*, e o dono da casa, o homem da venda, o preto do pão etc., que ouvem fallar em principio do mez, já no dia 2 querem seu dinheiro, o que é um martyrio para as familias.

Entre muitos factos que sabemos, citamos o de uma familia, cujo aluguel da casa vence-se a 28; o proprietario espera tres dias e no quarto vae buscar seu dinheiro; mas o dinheiro so pode ser recebido dahi a oito dias, e eis quasi sempre o homem zangado por suppor que metteu-se os cobres no peito; e a familia a vexar-se.

Por isso e por que em dias anteriores recebem pessoas que podem mais esperar, espera-se da bondade de S. S. essa alteração que dará allivio a muita gente que lhe saberá ser grata.

— Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que mande policiar com mais assiduidade o principio da ladeira das Veronicas, no qual ha todas as noites ajuntamentos e palavradas e ás vezes pancadaria. A causa de taes ajuntamentos e desordens é morarem por alli mulheres da vida alegre. S. S. pode remediar o mal.

—Capitão, vou expor um facto, sem commental-o.

No dia 15 ás 10 horas da noute, um tal Sr. Vasconcellos espancou barbaramente a mulher e armado de um florete ameaçava matal-a. A mulher pedia soccorro, mas ninguem se atrevia a entrar; apparece porem um moço que conseguiu tomar-lhe o florete e deu-lhe voz de prisão.

Depois os Srs. Hygino Temistocles e o academico Arsenio dirigiram-se ao chefe de policia a pedir providencias; este mandou dizer que só se incommodava para incendios, pois havia authoridades inferiores para certos casos. Os moços, ao descerem, disseram que o chefe sempre era homem que montava em egua; o chefe mandou-os prender; mas havendo elles entrado na botica do Sr. Andrade, ficou esta cercada toda a noute.

Pela manhan suspendeu-se o cerco e foram os moços á presença do chefe, que os mandou embora, dizendo que

usava de benevolencia *para quem estava inferior a elle!*

—Está galante o caso; e ainda mais porque se apregoando S. S. de liberal exaltado enxerga tanta superioridade em si.

E o Vasconcellos, que fizeram delle?

—Andou pelos telhados e fugiu. E a pobre da esposa bem maltractada que está!

—Oh! policia, oh! policia da minha terra!

—Sabem da ideia generosa que tiveram os benedictinos, libertando todas as crias que tiverem deste mez em diante.

Tal ideia me parece que foi por todos recebida com prazer.

Appareceu entretanto um libello terrivel no *Jornal* contra os monges, porque querem promover a insurreição, querem desmoronar o paiz. E' um acervo de questões, injurias e doestos, de *mixtura*, proprias de um furioso que entretanto se assigna de *senso commum*!

Louco, tu podes fazer parar o rio que corre?!....

—O estado da Estrada Nova é terrivel, é pessimo, não ha por onde passar-se A camara deveria mandar entulhar aquelles lamaçaes.

—Olhe! Quer V. que o Costa Guimarães ainda deite mais cisco por alli do que ja tem posto?

—O entulho está claro que deve ser de caliça, areia ou saibro; as porcarias da limpeza servem apenas para dar descanso e gordura a uns, aos porcos por exemplo, e morte aos mais.

A estrada está intransitavel e entretanto é ella hoje uma das mais uteis e necessarias á nossa população; tem apenas pequenos trilhos por onde mal passa uma pessoa; os carroceiros e os conductores de burros que com seus carros e animaes *fizeram* a lama, e que andam descalços, servem-se entretanto dos trilhos e com seus desaforos obrigam a quem vae calçado a metter os pés na lama; é a gente obrigada a andar aos saltos, si não quer levar encontrões dos taes senhores.

Em certos logares o trilho é bem na margem do rio, de sorte que quem passa tem diante dos olhos uma queda e um banho, principalmente si na occasião passa um rei de carroça; um destes dias foi ao rio uma pobre mulher porque um delles quiz passar ao mesmo tempo e com um tombo foi-a refrescar-se.

Bem vê-se que isto não pode continuar. S Ex. ja viu, pretende sem duvida melhorar a estrada radicalmente; mas emquanto se o não faz, ao menos alguma cousa por conta; va se atamancando o que for sendo necessario.

—Não se pode morar no Castanhedo!

Cada beco alli é um volcão de immoralidades e conflictos que não deixam a gente em descanso. Ha agora um tal Eudoxia Folhuda, devassa e desordeira como o diabo; não deixa ninguem parar; sahiu corrida do Tiraclapeu onde não se a poude mais aturar com seus desaforos e aboletou-se n'um dos taes becos que só não faz o que não quer; é ella a gritar por um lado e os jogadores por outro, que se o diabo pode viver em tal visinhança.

—E ha jogadores tambem?

—Que pergunta! Alli em cada canto; na caza da sujeita ha tambem jogatina de um tal João Candido; é um inferno.

Não haverá acaso um meio de cohibir esses abusos, de acabar com tanto escandalo?

—Ha; *ao menos* um termo de bem viver, além da prisão correccional, multas por offensas á moralidade publica & &.

—E nada se faz!

Oh! policia da minha terra!

—Este anno, a festa do Divino Spirito Santo é feita com pompa.

—O thesoureiro sempre se esforça.

—Na vespera, ha os folguedos do costume.

No dia, ha a festa, com introito, excellente musica, e pregando ao Evangelho o mui conhecido Sr. padre mes-

tre Fr. José Joaquim do Amparo. Comparece o imperador debaixo de todas as formalidades.

No dia seguinte, ha á noite a tirada de presos, fogo de artificio e musica militar.

Bem vê que a presença dos *devotos* é necessaria para augmentar o brilhantismo das funcções, e eu conto com a rapazeada.

—Não se vexe por isso; concurrencia ha de haver muita.

—E' o que eu quero; uma cousa boa deve ser apreciada.

Rapazeada aprompte-se!

A PEDIDO

—Capitão, uma historia antiga, que parece entretanto ter sido parto desta epocha em que chovem as injustiças e calamidades.

—Ora conte-a.

—Havia, não sei onde, uma fortaleza.....

—Não creio na historia; não refere o logar, é peta.

—Memoria fraca; mas ja que quer um logar, ponhamos a fortaleza na Gamboa, bem que se não désse aqui o facto.

Commandava essa fortaleza um militar brioso, honesto, sem nota, onerado de familia com seis filhos.

Havia entretanto um outro official, *amigo* d'um tenente coronel que o *Constantino* conhece e com quem me disse que entreteve relações o *José Teixeira*.

—Diabo! pois o negocio não foi aqui e ha quem conheça os actores!

—Bem bello! O que é certo é que foi no Brazil e ninguem é obrigado a circumscrever suas relações dentro da provincia em que mora. Ouça, capitão.

Esse tal official era um relaxado de nota, o *Piratinim* contou-me que foi castigado physicamente, com chibata. Entretanto era muito feliz, todos os superiores gostavam delle; tinha em caza um *chamariz*, que a fazia encher de amigos e protecções.

.....

Um desses amigos foi um conselheir que muita affeição tomou á sua chara metade; o terrivel *Lopez* da honra alheia não fez mais do que receber amiudadas visitas, de ceroula e chambre.

Tambem era este o seu traje usual com que se apresentava aos que com elle iam ter.

Ora quem visita conversa, e pela conversa o general avaliou o *peso* da senhora e prometteu com seus botões proteger o possuidor de tão bello dote.

Assim o fez. Mas como? Praticando uma barbaridade, cousa trivial para um coração paraguayo; era mesmo um *Lopez* Fez demittir o official que commandava a fortaleza e nomear o seu querido afilhado (tambem não sei que parentesco resulta dessas relações.)

Sendo o afilhado reformado e o demittido effectivo, cousa contraria á disciplina militar! Cousa que só se pode dar quando o effectivo tem nota má! E a nota ma ja vimos que era do celebre feliz....

—Como se chamava o nomeado?

—Não lembro-me; hoje, dizem os politicos, não se tracta dos nomes proprios.

E essa injustiça clamorosa, esse desrespeito á lei, essa iniquidade que tirou o pão a uma familia, passou indifferente, como passam as que hoje se pratica em nome do *progresso*. E em quanto choravam paes e filhos, o nosso reformado banqueteava-se, passava bem, ria-se, em companhia da chara metade por cujo intermedio lhe cahira o maná do ceu.

O castigo veiu; ainda que se não concorra para um acto mau, não se deve aproveitar-se de seus fructos. Tanto pagode fez o militar, tanta chanfornada tomou, que desorganisou-se-lhe a machina e viu-se obrigado a tomar repetidas doses de *guaranà* misturado com agua e assucar.

Quasi que leva-o o diabo.

—E leve o diabo a sua historia.

Complemento da proposta pitú.

Nesta terra diz que houve,
Um perneta marechal,
Em Lisboa tambem viu-se,
Um maneta general.

Um carcunda commandante,
Tem a terra de Cabral,
Um major tambem carcunda,
Deve ser o seu fiscal.

Quartel mestre e secretario
Cada qual bem corcovado,
E tambem o ajudante
Forme seu maior estado.

Complete-se pois agora
Essas vagas existentes;
Entrem nellas só caturras,
Q' hão de ser mui diligentes.

Seja pois major fiscal
Abre o Marques fallador,
Tagarella sem segundo,
So p'ra si procurador.

Quartel mestre deve ser
Um surdo aposentado,
De cedulas conhecedor,
Ao Contreiros egualado.

Para secretario entre
Certo *Brogio* escrevente,
Cuja letra lhe da foros
Para ter essa patente.

Ajudante quem será,
Que a cavallo monte bem?
Jan-Siquera despachante,
A tal corpo so convem.

Assim feita esta proposta,
A publique o *Alabama*,
E ao gato marisco envie,
Para sua maior fama.

Xaréu Vermelho.

—V. sabe bem que ninharia é o soldo de um soldado; sabe que quando ha desconto é sempre diminuto, porque não é possivel reduzir o soldado a *nicles*. Ora supponha que um guarda nacional está no quartel, impedido de ganhar o que ganhava, porem gastando mais do que gastava; contrahe dividas para supprir ás necessidade e confia no ridiculo obulo que no fim de 15 dias lhe dará a nação em paga de seus sacrificios; chegam os 15 dias, o homem desaquartella felizmente, e o dinheiro recebe pela metade; a outra metade é substituida por um bonet que lhe dão na occasião em que tem ello de andar de chapeu. Que faz um homem nesse caso?

Exaspera-se, falla, reclama, protesta.

Tem ou não tem razão?

Quero que sim; mas um que eu conheço, em identicas circumstancias, foi para o chilindró com casca e tudo!

—Pois não é uma hypothese? E' real o facto?

Tyrannetes!

—Dizem que é verdadeiro, que succedeu no mez corrente, ao desaquartellar o 7.° batalhão da guarda nacional.

—Tudo se ha de ver aqui!

Dizem que o Sr. José *monturo* morador á rua de S. *Carlos* pouco antes da casa da mulher do *ferreiro*, commandante dos pitus, está muito incommodado por lhe terem aberto as *cartas* que vinham na *mala* que elle traz ás costas.

Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

ANNUNCIOS.

Uma jovem senhora, competentemente habilitada, offerece-se para ensinar qualquer ramo de prendas domesticas em algum collegio ou casa de educação. Para informações nesta typographia.

CASA DE ENGOMADEIRA.

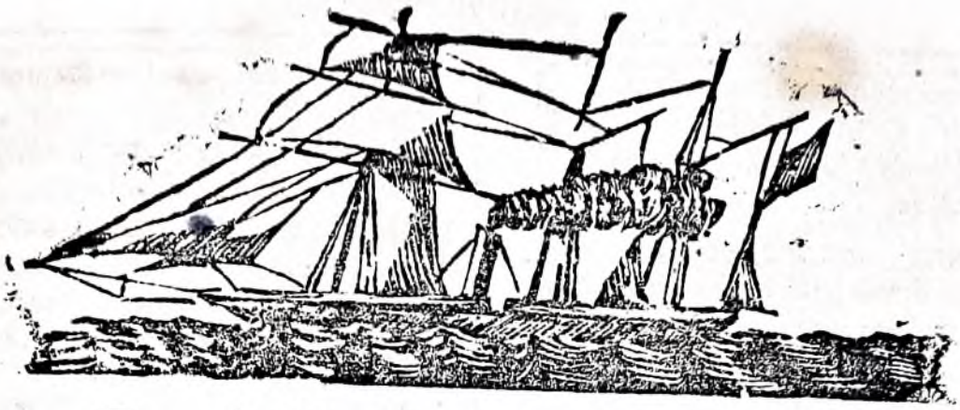
No Cruzeiro de S. Francisco n. 5 A, recebe-se roupa para engommar com acceio e a preço commodo.

Attenção!

Vende-se a posse d'um terreno baldio, com duas frentes contendo nove braças, na rua do Castro Neves. Contrata-se na ladeira da Palma caza n.° 5, das 2 ás 4 horas da tarde.

Na casa de Pasto n.° 3, A. á praça do Palacio preciza-se de um bom cosinheiro.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 19 DE MAIO DE 1866. SERIE 5.ª—N.º 50

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de maio de 1866.

Officio ao Sr. engenheiro fiscal da estrada de ferro.—Como tem sido os acontecimentos nessa companhia uma serie de mysterios, aponto de até mortes deixarem de ser publicadas por occasião das obras da mesma—dirigimo-nos hoje a S. S., porque delegado de um governo constitucional deve amar o systema de publicidade.

Assim digne-se S. S. informar si é exacto que a ponte que atravessa para a estação da Pitanga se acha bastante arruinada ameaçando a vida do publico; si sim, *de quem* o deleixo e a culpa, visto que dizem que pouco cuidado a ella presta o seu encarregado Roberto Carlos Turner.

Por tal favor muito agradecido lhe ficará alguem.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, pedindo-lhe providencias ou para que cessem os banhos á noite n'uma fonte publica, como é a do Coqueiro, ou para que cesse a algazarra que fazem os que se vão banhar.

—O Sr. Leão Velloso tantas tem feito que ja não sabe a quantas anda!

Nomeia n'um dia um *collega* para official da secretaria do governo e no outro dia declara sem effeito a nomeação.

Das duas uma: ou o *collega* rejeitou por insignificante o presente, ou o Exm. anda tonto; veja em que fica. Ambas as cousas dão a intender, nas suas noticias, o *Jornal* e o *Diario*.

—Deixe o homem rapaz.

—E' preciso rectificar uma noticia que demos.

Não foram os Srs. Hygino e Arsenio os que pronunciaram *certas palavras*, quando se dirigiram a pedir providencias ao chefe de policia por occasião de *querer* o Sr. Vasconcellos *matar* a mulher.

Com os gritos da offendida tinha apparecido muita gente, e algumas pessoas acompanharam até a secretaria de policia os dous moços; quando estes declararam a resposta do chefe, alguem da multidão pronunciou então as taes palavras. O ordenança, *prestimoso*, *serviçal*, deu parte ao chefe que mandou prender o *atrevido*. O guarda porém so conhecia os dous moços com quem fallara e a elles se dirigiu, ja nas Portas do Carmo, logar do conflicto que serenara.

Pelo facto de ter-se dito as palavras e serem presos os dous senhores, é que

nos informaram terem sido elles os que as proferiram. Sabemos hoje do contrario, e vimos declaral-o.

O seu a seu dono.

VARIEDADE.

Será?

I.

São onze horas da noite. O Sr. Silvestre, empregado n'uma repartição publica, passeia meditabundo no recinto de seu gabinete.

De subito para, e grita:

Luiza!

Uma negrinha apparece.

—Diz a tua Sra. que eu quero lhe fallar.

A negrinha retira-se.

O empregado publico continúa de braços cruzados e fronte pendida sobre o peito, a percorrer o curto espaço de seu gabinete. Ouve-se um ruge ruge de sedas; a senhora do Sr. Silvestre, entra suspendendo a longa cauda de seu vestido.

—Sente-te sinhá.

A senhora D. Candida (é o nome da senhora do Sr. Silvestre,) senta-se.

—Mandei chamar-te, proseguiu o marido sem interromper o seu exercicio peripatetico, para tratarmos d'um negocio de summo interesse.

—O que é?

—Como sabes, para alimentar o luxo que nos cerca, contrahi avultados debitos, e firmei algumas duzias de letras que em breve se vencerão; tu és douda por bailes e adornos; eu, confesso, tambem sou um pouco vaidoso; falta-nos, porem, actualmente dinheiro,—o que fazer?

—Arranja-te como poderes, com tanto que o *soirée* projectado se realise; convidei as minhas amigas e não quero ser escarnecida por ellas.

O Sr. Silvestre, fazendo com a cabeça um signal d'assentimento, diz:

—Tens razão; mas o dinheiro... o dinheiro...

—Já disse, procura meios de obtel-o; sinão o que dirá o mundo?

O Sr. Silvestre (fallando comsigo) e o vestido de seda que eu prometti à Carolina? (Em voz alta.) Pois minha querida, só poderás satisfazer os teus desejos si annuires ao que eu te vou propor; escuta... (O empregado publico senta-se ao lado da sua chara metade fallando animado, mas baixinho.)

D. Candida medita. O Sr. Silvestre persuade:

—Sim, ou não?

—Sim, diz ella.

—Então, escreve o que te vou dictar.

D. Candida escreve n'uma folha de papel assetinado as seguintes palavras, ditadas por seu marido:

«Sr. Alvaro.—Quizera não faltar aos meus deveres de esposa; mas debalde tento abafar em meu peito o amor que V. soube inspirar-me. A sua constancia é digna de recompensa.

Amanhan, ás duas horas da noite, pode vir: meu marido vae para fora. Des jara possuir uma prenda offertada por V.:—um adereço exposto á venda na loja do N. convem-me. Espero-o conjuctamente com o adereço.

Sua C.»

—Eu encarrego-me de mandar esta carta ao teu rico pretendente—diz o Sr. Silvestre.

D. Candida mira-se n'um espelho, e sahe do quarto.

—Até amanhan.

—Adeus, sinhá.

Mal a sua digna consorte transpõe os umbraes da saleta, o Sr. Silvestre dá um pulo de contente, e exclama: Consegui o meu intento! Venderei o adereço; haverá baile; a Carolina terá o vestido; eu pagarei a letra ao F.; e o meu credito ficará intacto. Muito bem!

.....

Nada de commentarios! Quem analysar as pustulas do cadaver social expõe-se, como Bichate, a uma morte certa.

(Continúa.)

A PEDIDO

—Esta *Constituição* é celebre! é mesmo um despotismo! Anda a bradar para que os Srs Meuron paguem tudo o que ganham, porque estão bem, porque sua fabrica não precisa de favores da provincia; como si quem não precisa nem pede favores fosse obrigado a dar o que é seu.

Tal desconchavo porem não admirou; ja alguem o tinha precedido. O que admira é que o homem da *constituição* queira que todos pensem com elle e censure os deputados porque não são de sua opinião. E assim fazendo, refere-se ao ter o Sr. Dantas pedido o augmento do imposto, e os deputados que o apoiam não o satisfazerem.

De sorte que para o homem da *cons-*

tituição o deputado não tem vontade nem pensamento proprio, ha de pensar sempre e sempre com o presidente que apoiar.

E' com effeito uma *constituição* dos diabos; destas só em navio de guerra, n'alguma *fragata* por exemplo.

—Na noite de 15 do corrente ouviu-se tocar musica; o povo começou a affluir e o ajuntamento tornou-se immenso; seguiu a rapazeada precedida da musica por certas ruas alem; andou por Nazareth, Santo Antonio da Mouraria, freguezia de S.Pedro, rua Direita de Palacio etc.

Mas que ha?

Alguma nova victoria no Paraguay?

O nascimento d'algum principe? A chegada d'algum membro da familia imperial? Cahiu o ministerio?

Mas não entrou vapor nenhum; a ser alguma dessas cousas, por onde veiu a noticia?

Não é nada disso; o povo que acompanha a musica diz que ignora o que ha, vae seguindo ao tom da viola, aos cantos do guiador.

Ou chegaria o vapor agora? Mas quem trouxe para a terra a noticia, ás dez horas da noute?

Ninguem sabe de nada.

Entretanto sou eu que pergunto; a policia dorme provavelmente e não indaga o que significa um ajuntamento de algumas centenas de pessoas, a percorrer as ruas, fora de horas, precedido de uma banda militar!

Não pode ser algum movimento politico?

Seja o que for, viva a patria e chovam rosas.

Pagode.

Certo juiz de *chapada*
Fidalgote de Guiné,
Anda quasi sempre a quatro
E parece andar a pé.

Um dia la n'um banquete
Que lhe deu A... Lopes,
Como juiz da funcção
Lhe offereceram dous topes.

Um delles tinha na fita
Este letreiro singello:
«Viva o tolo do pagode,
«Juiz do povo pinguello.»

No outro tambem se lia
Esta famosa inscripção:
«Viva o bobo de comedia,
«O nosso juiz—Leirão »

Depois de feita esta offerta,
Teve começo a folia:
Após a sôpa seguiu-se
O brinde de cortesia.

A mesa estava completa
De assados e frigideira,
Galinhas, perús, capados
Um *bode* na cabeceira.

Como crescesse a canina
Deram de mão aos talheres,
O juiz offerecen-se
P'ra servidor das mulheres.

E como si fossem frades,
Comiam de vento á pôpa!
Comiam, que do suor
Cahiam bagas na roupa.

Alto la!... grita o juiz:
Vou fazer uma saude;
E desejo que se beba
Em vez de copo, 'em almudo.

Senhores! La vae o brinde:
«Ao amigo A... Lopes,
«Que de juiz a seu lado
«Arma chapeus e põe topes.

Todos: «bravo! e é poeta,
«Poet'astro o tal juiz!
«Em honra havemos de por-lho
«Bem na testa um —T— com giz.»

Em resposta A... Lopes
Tambem levanta seu copo,
E diz, com ar de impostura:
Ao maior basbaque topo.

Urrah!... grita o juiz;
E todos respondem— urrah!
Os maniçobas protestam
No juiz dar uma surra.

Safa! grita o collector,
Negrinho de S. Thomé;
Meus senhores, acabemos,
Vamos dançar candomblé.

O'eu, yaya!
O'eu, yoyô!
Pinguelliça tudo
Som mia siô.

Bragadá, bragadá,
O tabaque batia,
E o preto melado
Dançava a folia.

O'eu, yaya,
O'eu, jalè!
Pinto muratinho
Virou saroê.

Bragadá, bragadá,
Batia o tabaque,
E o bom do juiz
Estava basbaque.

Agora eu vai curça:
«Saude de senhoria,
«Que se acha n'esse mesa
«Tudo com munta alegria.»

E depois desta saude
Como outra não se fez
Deu-se por finda a funcção
Do juiz e de Lopez.

Felix-boi.

—Eu, si fosse membro d'uma corporação, era o primeiro a esforçar-me por dar-lhe nome, por ver o seu augmento, a sua prosperidade, por procurar-lhe honras e glorias; não comprehendo portanto como certa gente pode querer desconceituar a classe a que pertence, seus companheiros e collegas. Ora eis um facto. Um certo professor mestre de musica deu a uma banda militar que servia em dous corpos um dobrado de sua propriedade para ser ensaiado e executado; não deram-lhe porém a mestrança da musica e o homem zangou-se. E que ha de fazer? Dá o dobrado para os barbeiros da Chapada tocarem antes que a musica *commum de dous* tivesse ensaiado!

Isto para tirar o merecimento da novidade e até da boa execução por parte de seus collegas, que apprenderam com elle e não tocam de orelha!

Não posso comprehender certas cousas.

—O despeito pode muito; e depois o dobrado é composição, é propriedade delle, deu-lhe o destino que quiz.

—E' o que eu digo; não comprehendo, não louvo, não applaudo, censuro, não acho bom.

E faça-se aqui uma rectificação; a peça de musica de que se tracta não é composição delle, é sim propriedade delle; mandaram-lh'a da Hespanha, antigo reino do *Aragão*.

5.° BATALHÃO DA GUARDA NACIONAL.

Alguns officiaes deste batalhão, constando-lhe que o tenente-coronel, que dignamente o commanda, tem propalado que a elle é devido o achar-se hoje aquelle batalhão no estado de acceio em que sahiu hontem (15) do quartel, respondem a quem ainda o ignore que a unica despeza feita por aquelle individuo desde que assumiu o commando até a sahida daquelle batalhão do quartel foi de 4$ rs. dados á musica de artilharia pelas duas vezes que marchou com o batalhão do quartel da Palma para o arsenal para fazer as honras as SS. AA. Sendo certo que aquelle fardamento so foi devido ao incansavel major, officiaes e praças daquelle batalhão.

Bahia 16 de maio de 1866.

O Camello de Pasta.

(Do *Diario da Bahia.*)

ANNUNCIOS.

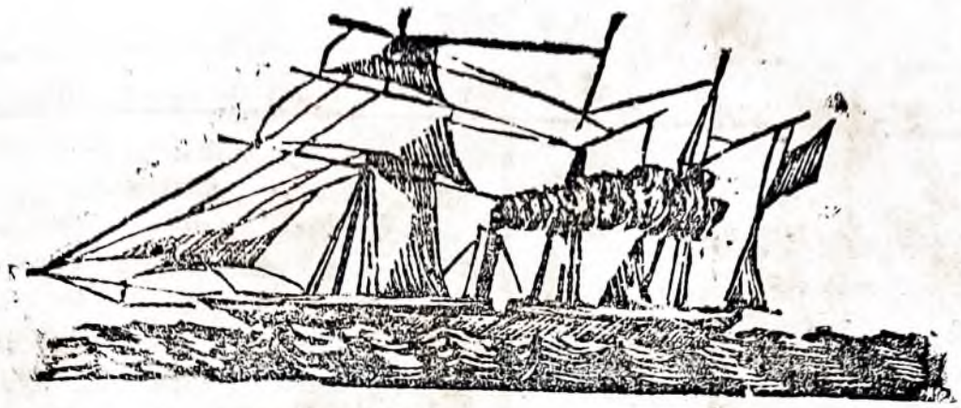
Attenção!

Vende-se a posse d'um terreno baldio, com duas frentes contendo nove braças, na rua do Castro Neves. Contrata-se na ladeira da Palma caza n.° 5, das 2 ás 4 horas da tarde.

Uma jovem senhora, competentemente habilitada, offerece-se para ensinar qualquer ramo de prendas domesticas em algum collegio ou casa de educação. Para informações nesta typographia.

No Cruzeiro de S. Francisco n. 5 A, recebe-se roupa para engommar com acceio e a preço commodo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 22 DE MAIO DE 1866. SERIE 6.ª—N.º 51

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

6 a serie.

Com o presente numero principia a 6.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de maio de 1866.

Officio á camara municipal participando-lhe que no Caminho Novo do Gravatá ha um grande buraco, augmentado pelo descalçamento da rua em redor delle; quem por alli passa é obrigado a tomar as extremidades lateraes da rua, porque no centro está o abysmo. Faz-se pois preciso que a Illma. mande *atamancar* aquillo quanto antes, até porque pode succeder que algum inexperiente que passe de madrugada lhe venha medir a profundez, visto que apagada a illuminação ás 4 horas, fica a rua inteiramente em trevas.

—Sahiu á luz o periodico o *Oculo Magico*, critico, satyrico e chistoso segundo se diz.

—Deus o ajude e faça ter bem limpos seus vidros para ver tanta cousa feia que por ahi anda.

—V. ja foi ao forte do Mar?

—Ja e vi la uma cousa celebre; bebe-se alli agua de *chupeta*.

—De chupeta como?

—A agua está dentro d'uma pipa fechada que tem um fino canudo pelo qual vae difficultosamente chupando quem tem sêde.

—Safa! Pois ainda não penetra alli o progresso!

—Dizem que as patrulhas da Sé, as de meia noite em diante, aboletam-se no destacamento da secretaria de policia, e passam alli vida folgada e milagrosa.

—Si ellas tem certeza de não serem rondadas!

—Ha gente para tudo. Que graça tem andar pelas ruas a pronunciar palavradas, como andaram hontem certos capadocios pela rua Direita de Palacio!

—Falta de policia, meu Sr., falta de policia.

—Olá. amigo *Jorge* tome geito! Pois V. a estas horas ja está *feito* assim! Quando estiver bebado, o melhor é não entrar na egreja. Machucou V. o chapeu do moço; si elle lhe desse uma bofetada? Era um duplo escandalo: além do desrespeito ao templo, o desrespeito ao velho; o V. um velho

com ares de dous de fpau atreve-se a provocar um moço que o podia fazer comer a trampa que V. anda sempre a procurar no salto de seus sapatos.

Ora tome juize; do contrario fallo ao *Rocha* e elle manda o *Joaquim* pegal-o pelo focinho e a cloaca do navio não ficará sem concurrente.

—Eis ahi porque fallam da freguezia de Santo Antonio; si o diabo gosta daquellas bandas!

Não lembram-se d'um diabo que appareceu em certo tempo na estrada das Boiadas? Pois agora anda mais perto; o que eu não garanto é si é o mesmo.

O capeta meteu se pela ribanceira do Pilar e tem feito diabruras mil; atira pedras (o outro tambem atirava e bem grandes!) joga garrafas com gaz (é do progresso) escreve cartas ameaçando matar um honesto cidadão, deixa rastos de sangue, emfim cousas mesmo do diabo.

—Qual diabo nada, rapaz!

—Assim dizem muitos; o que é certo é que o subdelegado quiz com seus guardas metter medo ao *inimigo*, e uma garrafa com gaz que ninguem sabe donde veiu, a não ser do inferno, quasi o põe *sisudosinho* por terra.

Vê Vm que graças!

Eu não passo por alli nem serrado; mandei fazer uma cruz e o marcineiro não a apromptou.

Entretanto lembra-me uma cousa: o diabo da Lapinha tinha medo de musica; quando a rapazeada começou a ir cantar modinhas e tocar violão, o diabo desappareceu. Si a rapazeada faz agora o mesmo!

Eram realmente dous proveitos n'um sacco: a freguezia divertia-se e o diabo enxotava-se.

—Neste caso annuncie que podem pegar as bichas.

—E' o que vou já fazer.

—Eu não lhe fallei no commandante de um corpo que estava rifando uma casa e impingindo bilhetes aos guardas?

—Fallou.

—A casa não é delle, mas é d'uma senhora por quem elle se interessa; tem feira o bom do homem; deve ser muito amigo dos guardas porque quer ver um delles proprietario, mandou bilhetes até para os destacamentos; deu a cada sargento que passou 50 bilhetes um de graça.

Isto sim, isto é que eu gosto; applaudo um superior que deseja ver o bem estar de seus subditos.

—Rapaz, cale a boca; nesta epocha ninguem mette prego sem estopa; o empenho delle vender os bilhetes aos guardas é a certeza do pagamento no desconto do soldo.

—Tambem ahi está o que eu não duvido.

Empregado publico que consulta seu relogio, e vendo que é meio dia, acha que é cedo, e vae dar algumas voltas.

VARIEDADE.

Será?

(*Conclusão.*)

II.

O Sr. Silvestre está no *boudoir* da sua consorte. D. Candida, reclinada n'um sopha, revê-se n'um rico tremó que lhe fica em frente. Conversam.

—Tu não te zangas commigo, não é assim, sinhá?

—Ja que não havia outro recurso...

—Nada de receios.

O Sr. Alvaro é casado e por conseguinte discreto; é superfluo dizer-te que elle deverá sempre julgar-me insciente do que vae succeder.

—Mas....

—Nada de objecções; que elle satisfaça os teus pedidos; e o mais pouca importancia merece.

Não poderam continuar. O Sr. Silvestre e sua esposa bradaram simultaneamente, mas muito baixinho.

—Ahi vem elle!

O marido descerra uma porta situada no fundo da alcova, e retira-se mansamente para o interior da habitação, um homem de meia edade a soma no limiar do camarim. Um riso triumphante paira-lhe nos labios.

Aproxima-se de D. Candida, e apresenta-lhe um riquissimo adereço, de brilhantes. A vista do adereço, a esposa do empregado publico sorri...

O recem chegado aproxima-se mais della, abraça-a... O vento apaga a luz, e os diamantes scintillam nas trevas.

III.

....

O Sr. Silvestre, de gorra e rob de chambre, repimpado n'uma cadeira de balanço fuma um charuto, e diverte-se a ver a fumaça ondear em espiraes no tecto da salla. Um criado entra, e entrega-lhe um bilhetinho e um jornal.

O bilhete encerrava uma madeixa de cabellos lisos e dizia:

«Meu anjo. Recebi o vestido que me enviaste.

Em retribuição offereço-te o que junto encontrarás: aguardo-te á noite.

Tua fiel

Carolina.»

O empregado publico deitou um osculo na perfumada cartinha; e desdobrando o jornal lê:

«O baile do Sr. Silvestre da Fonseca esteve magnifico. Todos os convivas retiraram-se penhorados pelas maneiras affaveis de tão distincto cavalheiro.

O Sr. Fonseca recommenda-se á estima publica pelo caracter sisudo e franco que o distingue; e S. Exm. consorte reune, a par da mais extremada delicadeza, outros predicados que a tornam uma das senhoras mais respeitaveis da nossa sociedade.....

.. ..»

Um sorriso d'orgulho desliza pelos labios do Sr. Silvestre; e, affagando os bigodes, elle diz de si para si: Triumphe a vaidade! A honra é uma velha casquilha que só attrahe as gargalhadas do publico.

Será?—Perguntamos nós.

28 de março de 1866.

F. da S.

A PEDIDO

Casal padre Alexandre.

VII.

Como o nosso proposito é historiar ao publico toda e qualquer occurrencia, que se der em relação á questão que temos com o Sr. Francisco de Amorim Falcão, submettemos a sua illustrada apreciação um facto subversivo, escandaloso e criminoso até praticado por elle no dia 10 do passante.

O facto é o seguinte:

Tendo nós noticia de que na fazenda Matança se continuava a cortar em grande escalla, madeiras de lei, como pés de sicupira e de jaqueira e que tambem se vendia grande porção de pedras extrahidas das pedreiras alli existentes, requeremos em qualidade de herdeiros do casal ao subdelegado do districto corpo de delicto nos estragos causados.

No dia 10 do corrente pelas 11 horas da manhã dirigimo-nos para o lugar em companhia do subdelegado, escrivão, peritos e testemunhas; a authoridade fazendo sciente ao Sr. Amorim, que ia proceder a corpo de delicto nos estragos causados na fazenda, o Sr. Amorim empalideceu vendo a publicidade de seu crime, e desrespeitando ao juizo constituido, fingiu-se *corajoso* e vociferou contra nós doestos os mais injuriosos; via-se sahir de sua boca um chuveiro de impreperios e calumnias, que só a força muscular poderia fazel-o retirar, o que não nos cumpria fazer.

Disse mais de uma vez que elle era o unico possuidor e dono da fazenda e mais bens do casal, que ninguem tinha direito de ir fazer corpo de delicto, que vendera e ha de vender muita madeira e muita pedra; por ser herdeiro de seus avós, que o padre tem muito pouco no casal.

Quem ignorar certos factos poderá acreditar n'alguma asserção aventurada pelo Sr. Amorim; porem aquelles que como nós, sabem que o Sr. Amorim não tem parentesco nenhum *coram lege* com a familia Alexandre, e que herda o mesmo por suppor o padre ser elle filho de irmão João da Silva Menezes, tendo este em pleno juizo feito uma declaração solemne de que o Sr. Amorim não era seu filho,—admiram-se de que o Sr. Amorim tenha animo de dizer-se parente da familia Alexandre.

O Sr. Amorim não tem parentesco nenhum com a familia Alexandre, porque nos autos a f. 173 existe uma petição do mesmo chamando ao João da Silva Menezes, irmão do padre, pae natural, e nos mesmos autos a f. 217 existe tambem uma certidão de casamento *in articulo mortis* do Sr. Amorim, que diz assim: Francisco de Amorim Falcão, filho natural de Maria Juliana Germana Duarte etc.

A sua pretenção pois é de causar riso.

Quanto ás ameaças dirigidas por elle contra nós perante o juizo constituido não nos causam receio, porque nunca apanhamos e o Sr. Amorim que ameaça já apanhou.

Ficamos por hoje aqui.

Os habilitados.

THEATRO DE S. CARLOS

ESPECTACULO EXTRAORDINARIO

Sob a direcção

Do actor José Monturo.

HOJE 22 DE MAIO

Depois que a orchestra executar a ouvertura o *Libertino*, representar-se-ha o drama original em 3 actos e 6 quadros

A FONTE DOS AMORES

OU A FILHA

VICTIMA DA PERVERSIDADE DE UM PAE.

Denominação dos quadros.

1.°—O carcundá gosmoso, de 72 invernos.

2.°— As ladroeiras e limpeza dos charcos.

3.°— O pai incestuoso.

4.°— A escrava e o fructo de suas entranhas assassinados.

5.°— O processo.

6.° O crime galardoado, ou a nomeação de chefe dos pitús.

Personagens e actores.

Espanta-corujas — O Sr. *Manuel de Sousa.*

Abutre—O Sr. *José.*

Corcova, o sodomista—O Sr. *Carlos.*

Tigre, salteador de estrada—O Sr. *Ferreira.*

Lupanar, administrador de obras publicas—O Sr. *José Monturo.*

Gato-marisco—O Sr. *Dantas.*

Gestor, seu criado—O Sr. *Gustavo.*

Escova-botas—O Sr. *Carlos Domingos.*

Os bilhetes estão á venda no escriptorio do theatro, ou em mão da mulher do *ferreiro* em Brotas.

ANNUNCIOS.

JARDIM LITTERARIO.

A redacção deste periodico pede encarecidamente aos Srs. assignantes que se acham compromettidos com suas assignaturas, o favor de satisfasel-as, porque é sem duvida com este dinheiro que se occorre ás despesas da typographia.

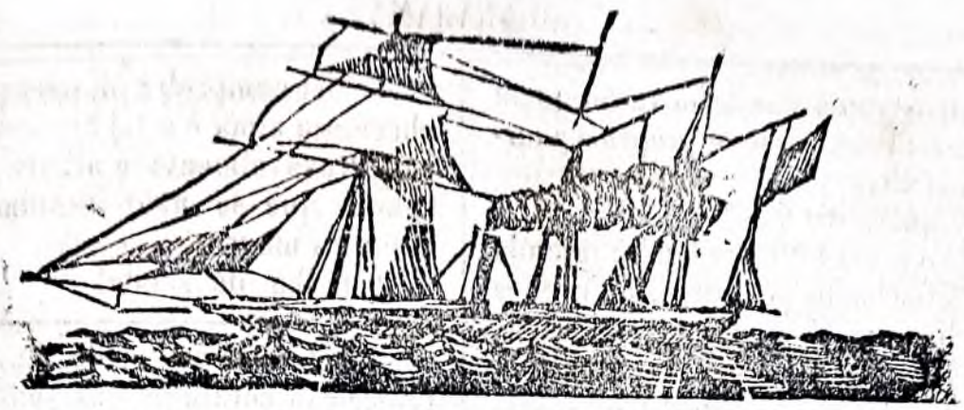
Assim tambem declara que comprou o primeiro numero do seu periodico, porque foi tanta a concurrencia dos assignantes que excedeu ao numero impresso.

A Redacção.

Na caza de Pasto defronte do Theatro Publico por baixo da Sociedade Recreativa n.° 93, existe uma carta para ser entregue em mão propria ao Sr. Thomé Moreira Pinho.

Na mesma preciza-se alugar um servente para todo serviço interno, e externo, preferindo-se um africano de meia edade.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 24 DE MAIO DE 1866. SERIE 6.ª—N.º 52

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de maio de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo o concerto de mais um cano que se acha em deploravel estado, defronte da caza do Sr. Manuel d'Aquino Gaspar, na rua do Castanheda.

Espera-se que o pedido não fique no rol dos esquecidos.

—Mais uma victoria para o exercito alliado.

Lopes aproveitava a occasião em que o nosso exercito estava em carneada e mandou a surprehender-nos 6 a 7 mil homens. O general Flores com 3000 homens travou comtudo o combate, mandando ao mesmo tempo partecipação ao general em chefe; este seguiu immediatamente e chegou a tempo que o general Flores batia em retirada; lançaram-se então as forças sobre o inimigo, e tomaram-lhe duas peças. uma bandeira e quatro peças nossas de que elles se tinham apoderado. Tivemos entre mortos e feridos como 650; os paraguayos entre mortos, feridos e prisioneiros tiveram 3000!

—Que maganões!

Sabe o que estavam fazendo os presos do Engenho da Conceição? Um grande arrombamento para dar-lhes communicação com a prisão das mulheres.

—Ah! tratantes!

O que é certo porém é que ninguem pode resistir aos impulsos da natureza.....

—Na noute de 17 a patrulha de meia noute para o dia, (na freguezia de S. Antonio, encontrou uma crioula que ia para o Bomfim, com alguma roupa n'um balaio; prendeu-a sem motivos; a mulher pediu, rogou, nada, os guardas queriam dinheiro; impuzeram-lhe 5$ pela soltura. A rapariga disse-lhes que não tinha dinheiro; correram o balaio e furtaram então algumas peças de roupa que um delles, José Luiz de Souza, foi guardar em caza, em quanto o outro ficava aos detens com a rapariga.

Consummado o roubo, deixaram a mulher que não foi mais ao Bomfim e tratou de ver si lhe restituiam o que era seu; amanheceu em prantos no quartel de policia; contou o facto, e felizmente foi attendida. Houve providencias, ella recebeu sua roupa e os taes meliantes foram para o chilindró, donde nos consta foram ou irão para bordo.

—Si sempre houvesse destes exem-

plos, aposto que não teria rasão quem diz que os ladrões são os proprios guardas de policia.

—E quem diz isto?

—Já o li em lettra redonda: quando foram creados os pedestres, os roubos multiplicaram e as gazetas fallaram.

E depois este facto não dá a medida do que podemos soffrer e temos soffrido daquelles que *velam* pela nossa segurança e propriedade?!

—Nem sempre quem tem dinheiro é o mais afortunado.

—Que duvida! Mas a que vem esta sua sentença?

—E' que morreu uma mulher com algum dinheiro e quasi apodrece em casa ou vae para o cemiterio embrulhada na esteira.

—Ora historias, depois de morto nada incommoda.

—Mas ouça.

Falleceu uma mulher que vendia gallinhas, chamada Romana, moradora á rua Direita do Collegio; tinha seus cobritos, trastes, escravos etc; fez testamento que desappareceu, indo parar ás mãos de um preto que o entregou ao juiz ás 9 horas da noite.

—E' celebre! temos na cousa dente de coelho.

—O testamenteiro ordenou que se fizesse o interro á mão, deixando sua gerencia a algumas conhecidas da finada; nenhum convidado appareceu na occasião de sahir o corpo e ficou por tanto em casa, onde apodreceria si o Sr. subdelegado o não mandasse depositar no hospital.

A noticia, correu, o facto divulgou-se, começou-se a fallar certas cousas, extranhou-se que uma mulher possuindo bens não se interrasse por *falta* de meios etc. etc.

Fosse por isso, ou fosse por intimação da authoridade, o tal Sr. testamenteiro *resolveu-se*, no domingo 20, a mandar para a porta do hospital tres carros que alli ficaram bom pedaço de tempo, por que não havia quem carregasse o corpo para depositai-no no carro!

—Fiel cumpridor dos seus deveres, charidosa alma é o tal Sr. testamenteiro! Provavelmente é algum gordo bacharel que se não incommoda com defuntos magros!

Deus lhe dê saude!

—O destacamento do Engenho da Conceição continúa nas suas proesas.

Aquillo alli é um viva quem vence. Além dos abusos consentidos pelas seus chefes, os guardas escallam a muralha á noute, servindo-se do caibros e de uma escada com que se accende alli o gaz.

Apreciem.....

Si houver de repente um incendio no interior ou ainda fora, algum levantamento de presos, qualquer outra cousa, onde estão os guardas, que é da garantia dos cidadãos?

Felizmente foram ja apanhados á mão.

Dous presos de confiança que alli ha viram, em uma noute, os guardas a saltar o muro, e estes, vendo-se descobertos, tiveram a safada ousadia de convidar os presos para irem ao giro; os presos recusaram e parteciparam o occorrido ao commandante, este mandou collocar sentinellas para os não deixar entrarem sinão pela manhan, e então os remetteu presos para o quartel.

—Ainda este commandante fez disto; e outros que são os primeiros a andar em chanfornada e a dormir fora do destacamento? Vem o exemplo de cima.

—Mas agora é provavel que arripiem com o exemplo; o *giro* não foi muito gostoso a uns, pode succeder o mesmo a outros.

A PEDIDO

Attenção!

Gratifica-se com o primeiro numero do *Oculo Magico*, a quem der noticia de um certo musico que indo a uma festa no Soccorro, na volta roubou oitenta mil reis de um companheiro seu, encarregado da funcção.

O Polycarpo.

—Não tem duvida —é este o meu estado normal.... Bajulador.... infame..... bebado... emfim, a honra da progenie dos Quin...ta...

Viva o Baccho!....

—Olé! Que diabo é isto?

—E' minha sorte, estou aqui ás voltas com este *magico oculo*!

—E' na verdade *magica* sua sorte! V. descendente dos fidalgos Quintas, dando este espectaculo!

Então não convidou hoje o seu compadre e amigo *Polú*?

—Despresou-me, deixou-me só neste estado de miseria!

—Ah! refinadissimo bebado, estás pagando os calotes que tens pregado, meu tratante!.....

Muita attenção.

Chama-se a consideração do Exm. Sr. commandante superior desta provincia para o infeliz batalhão 111 da guarda nacional, digo infeliz em quanto estiver sob o commando do Sr. capitão Requião, ainda que interinamente. Os guardas desse batalhão são alli no quartel retidos desde as 6, ou 7 horas do dia até as 4 da tarde sem comerem, sem ao menos poderem sahir durante este tempo, e aquelles que ahi ficam de promptidão são chamados a exercicio das 10 as 11 horas da noite.

Com effeito: nem no exercito de Lopez haverá tanta disciplina.

Alem destes e outros absurdos foi ultimamente preso no xadrez pelo Sr. capitão addido Spiridião, um 1.º sargento por mandar este tocar silencio ás 9 horas, como lhe havia ordenado o referido capitão: por esta forma soffre-se hoje quer por omisso quer por assiduo. Não é de admirar que se deem

taes casos no Paraguay, mas aqui onde o povo conhece-se como livre.....

O inimigo de injustiças.

Sr. Redactor do conceituado *Alabama*.—Li hoje o *Interesse Publico* de 18 do corrente, e encontrei nelle um escripto com a epigraphe—O Commandante do 5.º batalhão da guarda nacional;—prestei attenção para ver o que dalli sahia; julguei que esses moços da epocha desrespeitadores, e faceis em prestarem seus nomes, quizessem ainda macular a probidade conhecida de um homem de bem; porém enganei-me, vi uma justa defeza ao Sr. tenente coronel José Carlos Ferreira; e eu acompanhando ao illustre defensor, não posso deixar de lembrar aos taes—Camellos de Pasta—que recuem perante a verdade, já que não recuaram perante o respeito e a civilidade que deviam guardar para com seu chefe, digno, como outro qualquer, de tomar sobre si o commando de um batalhão. Por ora este conselho.

5º batalhão da guarda nacional.

Os amigos do muito digno tenente coronel commandante deste batalhão vendo ha dias uma censura no *Diario* com a assignatura de —Camello de pasta— apressam-se a vir á imprensa em quanto o Sr. José Carlos o não faz, esclarecer o publico. Todos sabem as difficuldades que ha no commercio para trocos de dinheiro miudo, e foi por este motivo que o Sr. José Carlos deu 4$ rs. á musica que desde as 6 horas da manhan até as tantas da tarde esteve ás suas ordens; mas outro tanto não acconteceu com a musica que marchou quando desaquartellou o batalhão que foi generosamente gratificada com 10$ rs. ficando deste modo compensado o primeiro offerecimento.

Chama-se mais a attenção do publico para a ordem do dia do Exm. commandante das armas; por quanto daquella ordem do dia se vê que as evoluções feitas pelo Sr José Carlos foram eguaes ás do Sr. coronel. N. Carneiro.

Em quanto ao fardamento nada dizemos por que é bem sabido que o Sr. José Carlos não concorreu com real, sendo o lusimento com que o batalhão se apresentou devido a seu ex-commandante o major Lopes, officiaes e mais praças. Amigo como somos do Sr. tenente coronel não podemos deixar de fazer justiça áquella digna officialidade. Sentimos que a desunião vá apparecendo naquelle batalhão, por um motivo tão pequeno. Muito louvamos, (si é verdade) a deliberação que consta querem tomar os Srs. officiaes de usarem de mochilla ás costas para concordarem com o seu digno commandante.

O Empenado.

Consta-nos que o Sr. *José monturo*, que a tempos se acha entre nós, vindo da cidade de *Sicariopolis*, é um famoso acrobata e celebre prestidigitador discipulo do notavel salteador Catrina.

O Sr. *José monturo* á pedido de algumas pessoas pretende por alguns tempo nesta capital mostrar sua dextresa no jogo da escamotagem e ligeresa na equitação sobre sua mulinha creoula em que fará os exercicios os mais difficeis e arriscados. Accompanham-no os dous interessantes e engraçados palhaços *Cavalhada*, *e mel do matto*. Actualmente resido 'o *joven* acrobata *José- munturo* no hotel de *S. Carlos* nº 5 pouco antes da loja da mulher do *ferreiro*.

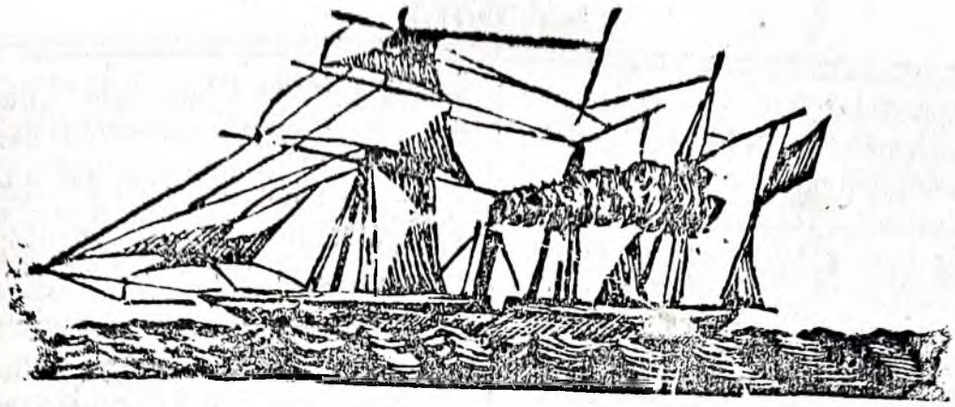
Breve daremos o programma das representações.

O joven prestidigitador recommenda-se ao publico por suas habilidades, e e espera delle protecção, mesmo por que vae lhe dar alguns desfructes.

ANNUNCIO.

Na caza de Pasto defronte do Theatro Publico por baixo da Sociedade Recreativa n.º 93, existe uma carta para ser entregue em mão propria ao Sr. Thomé Moreira Pinho.

TYP. DE MARQUES, ARISTI[illegible] ARAPIMNA,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 26 DE MAIO DE 1866. SERIE 6.ª—N.º 53

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de maio de 1866.

Officio a camara municipal, participando-lhe que na rua do Saboeiro ha um terrivel sorvedouro, isto é um buraco com grandes proporções, o qual convém brevemente ser tapado.

—Celebre empreza do Queimado!

Ao passo que quer para si o privilegio de encanar agua, dizem que mandou fechar os chafarizes de Itapagipe, a pretexto de que não dão lucro!

—Pois a companhia ainda quer mais vantagens? não está satisfeita com os seus gordos dividendos? Pois o lucro dos chafarizes do Terreiro, Commercio e Piedade não compensam a *grande* despeza com os empregados de Itapagipe? Olhe para isso o Exm. Sr. Leão Velloso e veja si se não arrepende de tanto bem publico que emprestou à companhia.

—Ella só cuida do interesse geral quando lhe traz interesse particular.

—A prova é que a gente de Itapagipe não goza mais dos *beneficios* do privilegio, porque não faz conta.

—A celebre limpeza não passa pelo largo Dous de Julho; e entretanto o cobrador apparece! Reclama-se-lhe, promette que os carros virão, passam estes um dia por descuido e o que é certo é que ja houve cinco mezes sem que os carroceiros se dignassem tomar o cisco daquella rua.

—Mas a culpa não é da empreza; como pode ella saber das faltas dos carroceiros?

—Bravo! E para que tem ella feitores?

Seja porem de quem for, o que é certo é que a companhia vae n'um tal progresso... de desmoralisação que ha de morrer por suas proprias mãos.

A PEDIDO

—Ca ca ca ca. Temos cousa muito boa, capitão.

—O que queres, homem?

—Aqui trago um tratante para ser levado ao porão e chicoteado.

—Quem é elle, homem de Deus?

—E' o José das *mentiras*, que não contente com as bandalheiras feitas na quebra, dispõe-se agora a occupar-se da vida privada de quem em tudo lhe é superior.

—Apresenta-o para lhe fazer algumas perguntas.

—Aqui o tem, capitão.

—Como te chamas, bruto?

—Zé *passo* das mentiras.

—Conheço-te muito, até pela pinta. O lá da prôa! Mette a cabeça deste tratante na latrina, cuidado com as boias; depois de bem perfumado manda o *Gonsalves* arrancar-lhe a lingua.....

—Ai! Sinhori pelo amori da neugrinha da *Didita* de quem ha pouco tibe um filhito!...

—O' animal, pois tu, que andas com a maior descaração limpando as praias, queres esmerilhar negocios que sempre estão superiores ao teu infame caracter?!

—Balham-me as almas dos *Reis*, já que não me balbem as minhas mentiras!

—Mette o chicote, e *cuidado com as boias*, neste safado para elle tomar vergonha.....

—Ui ui ui, balha-me.....

—Ouve agora, tratante: lembras-te do que te disseram na botica quando fallaste do livro azul?

Lembras-te que escapaste de apanhar, e que só por compaixão te deixaram, miseravel?

Pois lembra-te do que hoje te digo—si por acaso souber das tuas bandalheiras e mentiras, si continuares a ser mau visinho, mandar-te-hei a certo sujeitinho para te metter o chicote nestas barbas que só tem de brancas o nome, e depois saberás aquella historia..... Olha que isto te manda dizer *o que prometteu a cadeira*.

Pede-se á camara municipal se digne criar uma postura, obrigando os vendelhões a terem uma medida aferida pela qual vendam bebidas alcoolicas, e não em copos afunilados, medida que os mesmos inventaram e na qual arranjam em logar de dous tres copos com o que muito tem prejudicado os amantes de Bacho.

Espera-se providencias.

—Que diabrada é aquella na rua da Misericordia?

—E' um guarda da Sé que de baioneta fora esta a brigar com aquelles dous cujos.

—Agora reparo; a culpa tem quem dá uma farda de guarda nacional a um fedelho daquelles, sem edade, sem rendimentos.

—E eu louvo a pachorra com que vae passando o tenente Camillo, fresquinho, sem dar o menor cavaco.

Eis-aqui o Zé-monturo
Que outros dizem Zé-corcova;
Achou, dizem, uma mina
Aqui pela estrada Nova.

Depois no Camorogipe
Uma outra descobriu
D'onde dinheiro a fartar
O sabidorio extrabiu.

Andou tambem nos monturos
E riquezas encontrou;
Não tem muito este ladrão,
Mas bem qu'elle se arranjou!

Andando um dia na *estrada*
Ao *Dous de Julho* deu *viva*
Uma fonte rebentou-lhe,
Outra mina mais activa!....

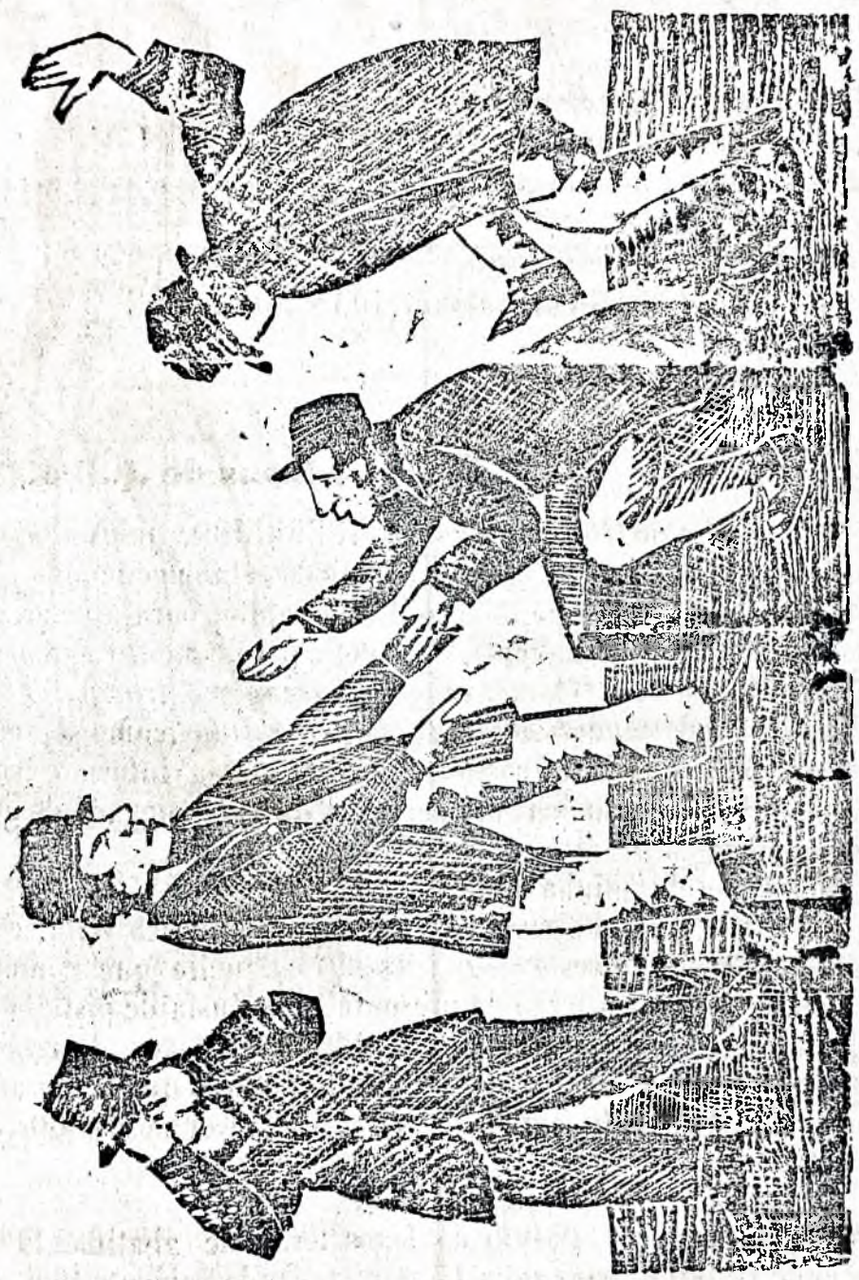
E ja que fallei em fonte,
Dos seus crimes vou fallar:
De tal natureza são
Que fazem-me arrepiar.

A couces matou a escrava,
A porretadas, a espora,
Matou-lhe o filho no ventre
(Dous crimes na mesma hora!)

A filha violentou,
E negro crime pratica....
E para maior escandalo
Em casa com ella fica.

E de desgostos assim mata
A triste esposa que tem,
Passando nesta cidade
Por ser um homem de bem.

E tanto que por *serviços*
Relevantes que prestou,
Quando ninguem esperava,
Uma bem boa pegou.



Milagre que fez S *Polycarpo* no bahú do *Alves*, a rogos do seu companheiro *Silva*, quando voltava de uma festa no Soccorro.

ANNUNCIOS.

Gratifica-se a quem descobrir quatro facetistas que na noite de 21 do corrente pelas 6 1/2 horas espancaram uma africana que estava pacificamente accendendo uma fogueira á rua dos Perdões, eram de côr escura parecendo crioulos, tres vestiam paletot branco, e um de jaqueta de riscado azul, sendo este de estatura alta, e todos de chapeu de palha.

Nesta typ. se diz quem gratifica.

Uma joven senhora, competentemente habilitada, offerece-se para ensinar qualquer ramo de prendas domesticas em algum collegio ou casa de educação. Para informações nesta typographia.

Fogo!
fogo!
fogo!

MISERICORDIA!!.... FOGO! FOGO! FOGO!

AONDE?

AONDE?

AONDE?

NA LOJA DO GUERREIRO

NA LOJA DO GUERREIRO!

NA LOJA DO GUERREIRO!

Ah! ah! ah! não corra amigo, não se estafe tanto, pois não é fogo—são FOGOS PARA AS DIVERTIDAS NOITES DE

Santo Antonio,

S. João,

S. Pedro

e Dous de Julho,

E esta! Li no *Jorual* e no *Diario*, fogo no GUERREIRO, julguei cá para mim somente,-que o incendio era tamanho que o dono do estabelecimento via-se obrigado a annunciar para juntar a população d'esta capital para apagar o incendio.

Que duvida! A' população desta capital pede elle para comprar as boas *pistollas, craveiros, chuveiros, traques, sortes, espada, buscapéss, traques de massa, foguetes do ar, e outras muitas qualidades de fogos escohlidos*,como sejam os *surprehendentes ovos de Pharaó*, famosa inversão de certa massa informo, pouco maior que um grão de milho, em uma perfeita serpente de 1/2 polegada de grossura e 3 a 4 palmos de comprimento!

Ora dá-se amiguinho da minha alma, será isto verdade?

Ouça, estes ovos que deitam serpentes, é coisa rara e nunca vista, e o Guerreiro vende a tres por dois, sim tres ovos por 2$000 e aquelle que comprar 4$000 de ovos que deitam serpentes terão de presente uma dusia de pistollas de 5 ballas ou uma dusia de craveiros, ou finalmente 2$000 em fogos, da escolha do freguez As mesmas vantagens offerece elle a todas as pessoas que comprarem 6$000 de fogospois lhe será offericedo 3 ovos serpentais no valor de 2$000. E esta! será possivel?

OUTRO SIM:

Toda pessoa que comprar 50$000 de fogos terão de abatimento 10% e as que comprarem de 100$000 para cima 15% afiançando somente que ali encontra-se o melhor sortimento de fogos os quaes se pode tocar sem receio; pois garante-se que são fabricados por peritos foguetteiros.

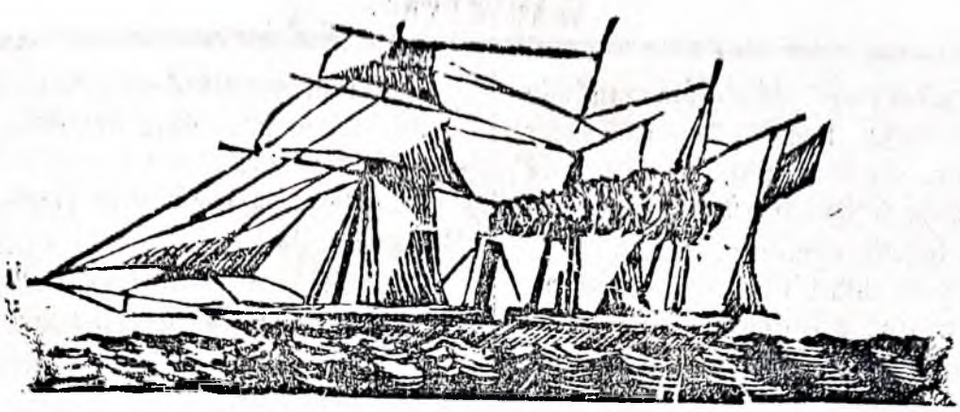
Ali somente encontrareis

pistollas, com ballas de lindas cores como sejam: verde, asul, solferino, magenta, escarlate, cor de prata, especialmente feitas para a Loja do Guerreira.

E esta! meu amiguinho do coração estou tão admirado do que me contou que sem demora vou comprar fogos no tal Guerreiro para ver como de um ovo se vira serpente,

Va e não se engane, o *Guerreiro é na rua dos Algibebes.*

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 29 DE MAIO DE 1866. SERIE 6.ª—N.º 54

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de maio de 1866.

Officio ao Illm. Sr. chefe de policia, partecipando-lhe que abra o olho com o *olho vivo*; os roubos são diarios, continuos, incessantes; na Calçada não são poucos: entraram um destes dias pela venda do Sr. João Gualberto na Mangueira e bifaram-lhe 150$ e alguns penhores que encontraram, levando de generos pouca cousa.

Um sujeito subiu á caza da viuva Godinho, passou a mão n'uns castiçaes de casquinha que achou e veiu sahindo a fresco; uma pessoa de caza, infelizmente para elle, subia, agarrou-a, fel-o largar a carga e foi tão generoso que o deixou ir embora.

Espera-se que S. S. tracte de ver si acaba com essa raça de tratantes que tanto incommodam o publico.

—Exm. Sr. presidente, tenha compaixão da gente! Attenda o que o Sr. Costa Guimarães fez proposito de matar o povo com sua limpeza dos diabos!

—Mas que é isto, homem?

—Pois o homem não mandou um dia destes interrar dous burros na estrada Nova, no seu decantado monturo do Sr. Pedroso! Onde se tolera desaforo de similhante natureza sinão na Bahia?!

—E' com effeito uma dos diabos; assim tambem não, urge providencias, Sr. Leão Velloso.

—A freguezia de S. Pedro está actualmente bem policiada.

—Tenho ouvido dizer.

Ja não ha aquelles grupos de vadios á noute porque o actual subdelegado sae a policiar em pessoa.

—E aquella eterna badernada do Coqueiro extinguiu-se; o homem deu fim ao escandalo.

—E faz mais disso: sabendo que os fiscaes são *amigos* dos vendilhões, apresenta-se inesperadamente nas tavernas com o escrivão e quatro testemunhas e passa revista aos generos.

—Deus lhe dê saude!

Quanta melgueira deve ter encontrado!

—Por este facto que tem pantenteado grande numero de ladroeiras, as tavernas deram o grito de alarma e estão a guerreal-o.

—Pode ser que vençam; mas resta á authoridade cumpridora de seus deveres a satisfação de ter procedido com equidade.

—A ladeira da Piedade foi mandada limpar ha pouco tempo e ficou de fazer gostos; era encarregado das obras da freguezia de S. Pedro o Dr. Albuquerque que foi até elogiado.

Pois agora está n'um estado miseravel; dizem que a limpeza é que a tem sujado, que *quando se pode*, despeja-se alli os carros.

—Está com effeito immunda; as beiradas do convento é uma miseria: já não se passa por alli com o fedor.

Oh! relaxação desta terra!

—Dizem que o emprezario do theatro só paga uma *folha*, quando ja tem outra vencida.

—E' cravo.

—Alguns empregados tem mais de um pagamento a receber. E sem clareza nenhuma, é o diabo. Ao menos devia elle dar um valle porque, a morrer e viver, ficaria a familia garantida.

—Lembrando-se-lhe, é provavel que o homem acceite a ideia, até porque, me parece, nenhuma tenção tem elle de calotear os que o ajudam a ganhar.

A PEDIDO

—Ola, chegue a fallá.

—Prompto.

—Como se chama?

—Sal Gueiro.

—Sua profissão?

—Sou chefe da companhia do Olho-vivo no Caes do Ouro.

—Que volumes são estes que estão debaixo de sua guarda?

—Olé! temos obra.

Que livro é aquelle?

—E' o registro e matricula das praças de minha companhia.

—Deixe vel-o.

—Aqui o tem.

— E' preciso que o muxingueiro tome conhecimento com tal gente.

Apreciemos quem são os membros da tal companhia:

1° mestre—A-vinte.

2° dito—Gaia.

Guarda avançada—Eduardo e Leopoldo.

Remadores—Cardeal e Saloyo.

Thesoureiro e enfardador—Domingos do *Bezerro*.

Agente encarregado da vendagem—Mané Cavallo.

Quem é esse Mané Cavallo?

—E' o Sebastião que muda o nome.

—Bem!

Continuemos:

2 quitandeiros saveiristas.

Logar do desambarque—praia dos *Pés de cócos*.

Tome la o seu livro.

—Precisa V. Ex. de mais alguma cousa? Si não precisa dê-me as suas ordens.

—Espere um pouco que temos conversa. Tenho uma incumbencia para V. e seus socios.

Estou certo de que foi a sua companhia a author a daquella bravura na noite de 17 na ponte da companhia dos *bahianos*.

—A minha gente não; nessa noite andava ella por outros bordos.

—Quer tambem dizer que não foi a sua quadrilha que roubou as duas saccas de algodão e os sete fardos de fumo do *Andrade segundo* dizem, e tambem os dez fardos do trapiche do Julio grande?

—Torno a affirmar a V. Ex. que não foi a minha gente.

—Que bocca dura de infame! Pois não foi a tua escolta que não podendo desembarcar todos dez fardos atirou tres ao mar?

—Continúo a dizer não.

—Miseravel! safado! ralé! Tambem não foste tu que tiraste aquella sorte de 900$ rs. no bolso daquelle pobre homem, do que resultou ires para armada; mas como todo ladrão tem protecção voltaste com baixa do Rio de Janeiro, a empenhos de certo medico homoeopatha.

—Tudo isso foi intriga que me fizeram, capitão.

—Intriga vae agora fazer a taca do muxingueiro em teu pello.

Muxingueiro!

—Prompto!

—Va ajustar contas com este ladrão

e procure os seus amaveis socios, e a cada um delles dê de festas com calabroladas na cara e depois mella-os a ferros no porão, para livrar estes logares de tão infame praga.

—Sem demora, capitão.

Batalhão dos corcovados.

Por acto não sei de quantos
Consta foram approvados
Os officiaes proprostos
P'ra o corpo dos corcovados.

Principia a proposta
Pelo estado maior—
Ze Monturo commandante
Abre o Marques p'ra major.

P'ra tenente quartel mestre
O *Barros* de *Itaparica;*
Zezé Xavier da Costa
Em porta bandeira fica.

O *Antunes de Carvalho*
Que é do *Isidoro* irmão,
E' nomeado tenente
Ajudante do batalhão.

Albuquerque Baiacú
E' promotor capitão;
Genipapeiro Fernandes
Tenente cirurgião.

O Antonio J. Moreira
Major, para boticario;
O *Olympio José Gomes*
Servirá de secretario.

P'ra sargento vago mestre
Passa Candinho carcunda.
Brigada, Assis Carapeba
Que deixa a *limpeza* immundã.

Passa o *Chafariz de cuspo*
Nosso *Vicente Ribeiro*
A baliza. Chuchu Frederico
Será o sargento armeiro.

1.ª companhia.—Capitão
O *Mello* que anda nos *mattos*
Junto com o *Zé Gustavo*
Dizem que caçando gatos.

Para tenente da mesma,
O José Feliciando:
Um tal que anda co' o *Santos*
Pelo forum procurando.

Para alferes da dita
Não se sabe por que tretas
Passou a ser nomeado
O José João de Freitas.

2.ª companhia—O *Affonso*
E' quem vai a commandar:
Homem que apesar de *mouro*
Quer no *paraiso* entrar.

O Bernardo Jose Lopes
Larangeiras p'ra tenente,
Quinquim Borges Manuel
Passa a alferes de escrevente.

P'ra capitão da 3.
Sem saber por que principio
E' o Magalhães Carvalho
Porteiro do municipio.

Tenente *Manuel da Silva*
De *Azevedo* e *Teixeira*,
Alferes Gandavo *martyr*
Pedro Rocha macacheira.

Para capitão da 4.,
Si a memoria me não erra
Creio que foi nomeado
Ze *Ricardo* Silva Terra.

Tenente Manuel Joaquim
Homem firme como *rocha*
Que desde seu *nascimento*
Quando não aperta afrocha.

Para alferes da cuja
Joaquim de Seixas Maria,
Ficando addido a' mesma
Macelino Xico Doria.

Alves Borges Manuel
Que ja estava aposentado,
Para a 5. companhia
E' capitão nomeado.

Para tenente—Antonio
Quincas da Silva Godinho,
Zé de Araujo Faustino
Passa a alferes de meirinho.

Para capitão da 6.
Silva Cezario de Lessa,
Mendonça Manuel da Silva
Tenente da mesma embessa.

Para alferes desta
Oh! capricho do destino
João de Araujo Carvalho
Larga o badalo do sino.

—Vae de novo fardar-se o batalhão da Sé.

—Que iniquidade! Pois ha seis mezes que o batalhão fez o fardamento e faz-se ja outro quando aquelle está novissimo! E' um peso extraordinario com que se sobre-carrega um pobre guarda nacional, justamente na occasião em que elle mais precisa de di-

nheiro e menos ganha! E' nada menos que 24$ rs. a 28$ rs., de que sem necessidade elle priva sua familia, por luxo, por vaidade, por fausto de certos commandantes que *tem gosto* de se apresentar á frente dos batalhões, cheios de vistas, á similhança de mascarados; ou de outros que se offerecem para toda procissão, todo desembarque de figurão etc. etc.

—Para ver si remedia-se o mal é preciso clamar ao Sr. presidente. S. Ex. deve attender a que é hoje difficillimo passar um pobre; que os alimentos estão carissimos; que com 400 rs. diarios, no espaço de 60 a 90 dias, ninguem pode manter-se só, quanto mais a familia; que desses 400 rs. diarios tirar fardamentos desnecessarios é uma iniquidade; que iniquidade ainda maior é obrigar o cidadão a submetter-se *de quando em quando* a tão arduo sacrificio, quando não o exige o serviço.

O guarda nacional mal aquartella fica crivado de dividas; sahe, trabalha para pagal-as; mal porém principia, recebe ordem para de novo aquartellar.

O serviço pode ser mais alliviado; e quando o não possa, que se lembrem ao menos de que o homem que deixa em casa o filho a chorar com fome, não deve ser carregado de despezas superfluas, obrigado a esperdiçar o seu mesquinho soldo com pavonadas de quem diz que é rico....

—Tem rasão, tem rasão sim, Sr.

O oculo magico de certo quo não limpou bem seus vidros, dando na sua experiencia magica um resultado todo a seu favor, isto é, tirou a lama de si para atiral-a a outros que estão acima delle, como as estrellas da terra.

Continúe, minha besta, a rabiscar esse immundo papel, que só serve para guardanapo; porque nós não nos abaixamos a dar palha a quem está riscado da communhão dos homens como um animal damninho—como um cão podre que se atira ao monturo.

Aos ebrios se perdoa toda a casta de injurias, porque ellas revertem para a cabeça do quem as lança.

Por uma vez temos concluido.

Madame Durmon.

—Foi despedido o porteiro do hospital da santa caza; os motivos que actuaram para sua demissão deviam ser patentes, eu ao menos tinha vontade de sabel-os. Si deshonrosos para o demittido, defeza ao provedor; si outra qualquer conveniencia, continuação do bom conceito de que gosa o demittido.

—Ora, está V. cansando seu cavallo; houve um motivo e motivo *poderoso, grande e forte*: o admittir se uma irman de charidade.

—Ah!.....

Não me lembrava que o systema era demittir os machos e conservar as femeas.

Curicsidade.

Será verdade que o Pimentel que foi despido das honras de tenente de uma companhia de voluntarios, por castigar uma praça com chibata se acha feito sargento brigada no batalhão 111?

Será verdade que o mesmo *ex-tenente* maltrata os guardas com esbarrões e descomposturas?

Será verdade que elle não tracta os inferiores do mesmo sinão por sargentinhos de .....?

A ser verdade, é de suppor seja verdade tambem o que dizem, isto é que breve será nomeado alferes...

O Hotel Pharoux.

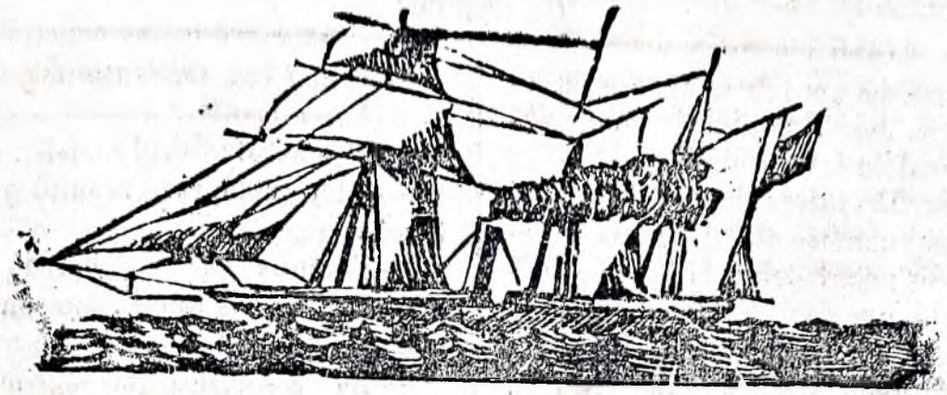
ANNUNCIOS.

Na caza de Pasto defronte do Theatro Publico por baixo da Sociedade Recreativa n.° 93, existe uma carta para ser entregue em mão propria ao Sr. Thomé Moreira Pinho.

Na mesma precisa-se alugar um servente para todo serviço interno, e externo, preferindo-se um africano de meia edade.

CASA DE ENGOMADEIRA.

No Cruzeiro de S. Francisco n. 5[illegible], recebe-se roupa para engommar com accio e apreço commodo.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 31 DE MAIO DE 1866. SERIE 6.ª—N.º 55

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de maio de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, dizendo-lhe que a companhia do olho vivo não descansa, não devendo descansar tambem a policia. Um dos trapiches ao Pilar foi invadido e os ladrões conseguiram levar algumas saccas de algodão.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na rua d'Ajuda, sobrado n.º 8 B, ha todas as noutes ajuntamentos de capadocios em uns *isocavões* que nelle existem; essas reuniões perturbam o socego publico e offendem a moralidade.

Espera-se providencias.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande, convenientemente *armados*, quatro ou seis soldados de policia, para a porta da egreja de S. Francisco, onde si faz muito necessaria sua presença: os moleques ja se não contentam em pregar a capona das mulheres, armam-se de thesouras e canivetes e golpeam sem compaixão as capas das pobres beatas, que sabe Deus quanto lhes custou a arranjar.

Espera-se de S. S. providencias.

—Ora mire-se neste espelho o doudo *senso commum*!

Lê-se no *Diario* de 30 de maio do cadente:

« S. M. o Imperador acaba de distinguir a ordem Benedictina na pessoa do seu D Abbade geral o Sr. padre mestre Fr. Manuel de S. Caetano Pinto, mimoseando-o com uma caixa de ouro com brilhantes, formando a cifra do seu imperial nome, em signal do alto apreço que deu á charidosa resolução tomada em capitulo pela mesma congregação de libertar os seus escravos que tiverem nascido e nascerem depois do dia 3 do corrente mez, anniversario da elevação da Santa Cruz. »

—Viva S. M. o Imperador do Brazil!

E' o chefe da nação, o monarcha liberal, que dá um testemunho publico e solemne de que almeja a abolição da escravatura, ideia que só não affagam, não abraçam, não adoptam os que, se inculcando ordeiros, querem ver, pelo seu emperramento, o paiz submergido nas voragens d'um cataclysma horrendo.

Honra, gloria ao Imperador do Brazil!

—E os Innocencio Marques que fiquem sabendo que o amor á ordem, á felicidade do Brazil não é privilegio de ninguem.

—E osta! Além dos muitos deser-

deiros que ha em terra, appareceu agora o Sr. José Joaquim de *breu*, soldado naval, a fazer o diabo.

No dia 24, talvez depois de ter tomado um chanfornada de grosso calibre, sahiu pela ladeira da Praça e encontrando um guarda de policia convalescente, foi a elle, tomou-lhe o refle e continuou seu caminho; isto é, foi até a ladeira da Palma, onde foi preso, feito um damnado, a desafiar a todos que encontrava, a espancar a uns, a ferir a outros.

—Naturalmente estará soffrendo as consequencias do seu procedimento; a policia deve ter feito seu dever e a bordo a cousa não é das melhores.

—E' preciso dar-se destino aos antigos *escravos da nação*; andam ociosos pelas ruas, a embebedar-se, a fazer gracinhas e a commetter roubos.

Taes excursões não trazem bem a ninguem; é pois preciso impedil-as por maneira conveniente.

—Ha de ser attendido o seu pedido; o actual Sr. chefe de policia esforça-se pelo bem publico.

—Os taes negros foram uma destas noutes, á roça do Sr. Guimarães, ao Sangradouro, e fizeram uma limpa dos seiscentos. Alli lavam roupa mais de 30 lavadeiras que guardam a roupa n'uma casinha para isso apropriada; pois os patifes, que andam beirando por alli durante o dia, entraram á noite na casinha e vasculharam-na!

—Que prejuizo! Faça ideia quanto não devem ter soffrido as lavadeiras e as familias a quem pertence a roupa!

—Nem é so isso: no domingo foram á casa do Sr. Antonio Gomes Martins, morador em Sant'Anna, homem que se acha ás portas da morte, sacramentado; arrombaram a porta do quintal, e si não são presentidos, mais fariam do que fizeram.

—Vae mal isso; a companhia do olho-vivo com este reforço em menos de dous dias põe Latronopolis por terra, devasta a pobre da Bahia.

Providencias, Sr. Dr. chefe de policia!

—Venha ca, sor tratante!

—Não é commigo.

—O' mascate dos diabos!

—Quer comprar alguma fazenda fina?

—Fazenda boa lhe hei de dar de presente, depois que V. me contar certas aventuras, tratante!

—Eu ca sou dos que sacodem a casaca, ando de fronte erguida.

—Sacudida lhe ha de ficar a casaca d'agora em diante, não tenha duvida nem pressa.

Então não é verdade que V. logrou ha pouco uma pobre senhora que tinha de casar uma sobrinha? Não foi offerecer fazendas a ella para o enxoval? A senhora não recusou-se, não allegou sua pobreza?

V. sabendo que ella possuia uma cazinha, não fez grandes interesses, propostas vantajosas para illudil-a?

Com suas labias não disse que vendia tudo muito barato, que na loja custava o dobro, que esperava pelo dinheiro o tempo que a senhora quizesse e pudesse pagar?

Não metteu assim na rabiosca a pobre mulher que levou uma espiga dos seiscentos? Não impingiu V. todo o trapo podre que tinha, todas as fazendas velhas e ordinarias por 300$?

Não fez V. com que ella lhe passasse uma lettra a seu geito?

—Fiz tudo isso sim, Sr.; nem ha crime em cada um querer e exforçar-se por vender os generos que tem.

—Cale-se!

—Quando venceu-se a lettra não agarrou-se V. ao cachaço da mulher, sem querer amortisações ou outra qualquer transação? Não propoz então ficar com a caza por 800$?

—E' verdade; mas a mulher tanto estava resolvida a vender a caza que a deu por 850$ rs. a um espertalhão, meu companheiro que passou-me a piassava.

—Com o que ficou V. furioso e bastante, ainda que embolsado dos 300$ que roubou. E' que o bocado não é para quem o faz, é para quem o come.

E sem resultado fez V. a mulher per-

der seu buraquinho onde mettia a cabeça!

Não ha criminalidade no negociante que assim pratica, que illude torpemente, que abusa da boa fé do consumidor?

Dir-lh'o-ha o muxingueiro.

O' rapaz, *sacode a casaca* desse Sr., até que elle se lembre do mal que fez a seu companheiro *Bernardo*.

—Ora vejam o mal que faz ser-se caloteiro.

—Que novidade ha, que barulho é este?

—E' Mariquinhas que está com a *chocolateira* em peticão de miseria; devia tres vintens áquella preta, negou-se ao pagamento, houve questão e o resultado foi a negra desandar-lhe na cara com uma porcelana que a poz naquelle estado.

—Mas que diabo! fecharam a porta da rua e a negra ficou la dentro; não vão matal-a!

—Não, não; ahi chega a policia; inspector no Caes Dourado é genero que não falha.

—Ora vão felizmente para o chilindró; Deus as leve!

—Vê V. como vae a negra com os braços em charqueada? com um caco da porcellana Mariquinhas fez-lhe a festa!

—Malditos tres vintens!

Leve o diabo os caloteiros e os cobradores insolentes!

—Vae mal o negocio no Engenho da Conceição; alli soldado e preso anda tudo fora de seus eixos.

—Que houve?

—Nada; apenas uma facadinha que um preso deu n'um soldado que se poz a *argumentar* com elle: a conclusão do raciocionio foi o soldado vir para o hospital de padiola.

—Cousinhas.

VARIEDADE.

O Sr. S... morava na mansarda de uma casa da rua de S. Bento em Pariz.

Um dia, quando descia a escada, achou uma chave, que metteu logo no bolso, afim de, em occasião opportuna, ver si ella servia em alguma das portas dos seus visinhos.

A' medida que algum dos visindos sahia, elle ia logo experimentar si a chave servia nas portas delles.

Até que afinal serviu em uma.

Abriu-a e tratou logo de examinar todos os moveis.

Uma secretaria era um movel que devia conter alguns valores: oh fortuna! Continha muitas notas do banco.

A vista de tanta riqueza produziu-lhe uma grande commoção nervosa, e não se julgando com animo para emprehender só o roubo, foi convidar dous amigos, os irmãos L... para o ajudarem.

Esses accederam de bom grado ao convite e emquanto S.. estava de atalaia n'uma das sahidas da casa, aproveitaram-se da sua simplicidade e fugiram pela outra, sem partirem o roubo como elle, como tinha sido convencionado.

Chegados á rua, os irmãos L... temeram os olhos do Argus da policia, e não se atreveram a trocar as notas.

Foram ter com seu amigo B.., boa *peça* como elles, mas homem para sahir de embaraços com grande facilidade.

B... aconselhou-lhes que lhe confiassem as notas para as trocar, jurando pelas barbas de Jupiter entregar-lhes o troco.

B... lembrou-se do rifão:—Quem rouba ao ladrão tem cem annos de perdão—e depois de ter trocado as notas, metteu a somma equivalente no bolso, não a deu aos irmãos L... e começou d'ahi por diante a viver como um principe.

O diabo, porem, tem o máu gosto de desmanchar os calculos melhor formados.

Encontraram-se ha poucos dias os irmãos L.. com o seo *amigo* B... e travaram questão por causa das notas.

A policia tem bons ouvidos; prendeu-os todos,bem como o causador de tudo isto, o pobre S... aquelle que encontrou a chave, origem de toda esta trapalhada.

(*Extr.*)

A PEDIDO

—Ah! sôr *Nogueira*! Gallego, não ouves?

—Prompto, capitão.

—Pois tu não tens medo que o *Marques* te bote no *Alabama?*

—Muito, capitão, muito...

—E como o *Bernardo* me disse, que tu, um dia destes, armado de punhal, foste attacar a tia da infeliz que defloraste?!

—Bebedeiras, capitão; e V. Ex. sabe que quem está bebado não está em seu juizo, não tem imputação.

—Não tem sim, porque tu achaste uma patrulha que te soltou quando podias passar a noite entre os perseverejos.

Passarás porém o dia n'um vasto porão, tronco ao pescoço, machos aos pés, até que o muxingueiro te lance algumas flores.

—Despotismo inqualificavel, capitão! O codigo é menos cruel; tanto castigo para tão pequeno delicto!

—Patife! Achas pouca cousa o ires assassinar em sua casa, sosinha, e indefesa, uma pobre mulher!

Attenção!

A verdade é sempre resplandecente!

Sr. Redactor.—Provoco solemnemente a um infame detractor da honra alheia, para provar-me o seguinte:

1.°—Quaes as ladroeiras que fiz em *certa caixa*, da qual era eu procurador?

2.°—Qual foi o testamento falso que fabriquei?

3.°—Quaes os meus bons feitos; pelos quaes estou escoriado na sociedade?

4.°—Qual foi a prevaricação que fiz em certos autos n'um mandado de embargo?

5.°—Qual foi o meu procedimento quando era cadete do exercito?

Si o tal *per e passo*, o tal *qui pro có*, não me provar tudo isso, será tido por um calumniador!....

Ande, arranque esta mascara negra e immunda que lhe embaça o *oculo*, e venha com sua *magica* para o campo do debate, meu grandississimo bobado.

Durmon.

—Quem quizer beber leite *puro* veja o que compra. Andam ahi *certos pastores* com vacca de leite a espremerem espuma na medida e a completarem esta com o leite que trazem n'umas vasilhas de folha. Este que vem nos canecos é de qualidade que elles, ao encontrarem-se o outro dia com o fiscal Raphael, deram uma furiosa carreira, mas sempre pagaram a multa e jogara-no fora.

Tomem pois sentido; antes pouco bom do que o barato que sae caro.

—Ao Sr. Dr. juiz de orphãos pede-se um favor: ha em S. Pedro uma infeliz orphan que possúe pelo menos cinco contos de reis; essa desventurada é entretanto maltratada pelo tutor: S. S. se digne providenciar a respeito; é tirar as indagações e proceder nos termos.

Que ainda quem não tem soffra, *transeat;* mas passar necessidades, soffrer privações, servindo seu dinheiro para os sabidos, é duro.

Compaixão para os orphãos.

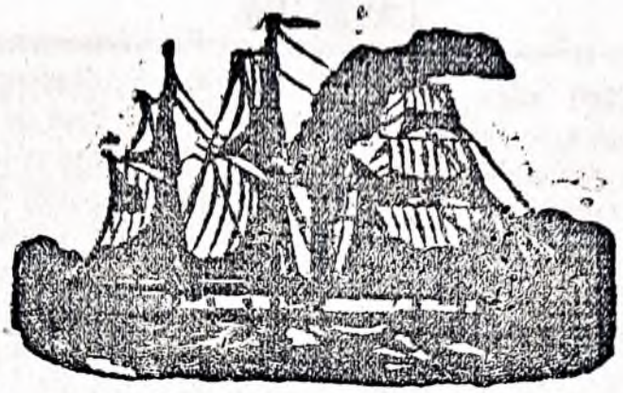
ANNUNCIOS.

No domingo, 3 de junho vindouro, celebrar-se-ha com toda pompa e brilhantismo a festa do SS. Sacramento que se venera na egreja da Soledade; pregando ao Evangelho o Rvm. Sr. padre mestre pregador imperial Fr. A. da Virgem Maria Itaparica. A' tarde haverá *Te-Deum*, pregando o Rvm. Sr. padre mestre Fr. Miguel de S. Carlos. Terminará a festa com um lindissimo fogo de planta, balões, musica, etc. Pede-se toda concurrencia de fieis, e aos moradores do logar o obsequio de illuminarem suas casas. Bahia 27 de maio de 1866.—O escrivão, *J. A. G.*

Na caza de Pasto defronte do Theatro Publico por baixo da Sociedade Recreativa n.° 93, existe uma carta para ser entregue em mão propria ao Sr. Thomé Moreira Pinho.

Na mesma precisa-se alugar um servente para todo serviço interno, e externo, preferindo-se um africano de meia edade.

O
ALABAMA
1865
A
1867
H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 1 DE MARÇO DE 1866. SERIE 2.ª—N.º 16

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de fevereiro de 1866.

Officio á camara municipal, perguntando-lhe si são verdadeiros os boatos que se propalam acerca de dous fiscaes, os quaes boatos consistem em ter um delles perdido o dinheiro das multas que devia recolher ao cofre municipal, *quando foi comprar peixe*; e em ter o outro deixado tambem de fazer effectiva a entrega das multas, *por ter emprestado o dinheiro* a um da caza que o comprometteu.

Dizem tambem que um vereador pede com urgencia a demissão dos taes funccionarios, o que é de esperar da probidade da Illma., a serem reaes os factos cuja versão por ahi corre.

—A' companhia de cisco, perguntando-lhe si a rua Nova do Queimado não está comprehendida na limpeza; e si está, a rasão porque a dita rua se acha inteiramente cheia de lixo.

(Officiou-se ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que a referida rua se acha n'um deploravel estado de nunca vista immundicia.)

—Chegaram noticias do Sul.

A esquadra que esteve tres mezes em Corrientes, resolveu-se a *subir* o rio; o Sr. de Tamandaré tambem julgou que *ja era tempo* de sahir dos folguedos de Montevideu; o general Mitre, dizem, está á 10 legoas do logar da acção que ha tanto se espera....

Houve uma investida de paraguayos contra os argentinos, que foram batidos e ficaram victoriosos: dizem uns e outros; morreram *muitos* de parte a parte, mas a parte official dos *nossos* diz que o fogo feito pelos paraguayos, em numero muito superior, era com tal *velocidade*, *impossivel* de ser egualada.

E' mais ou menos o que ha.

Falla-se, á boca pequena, em muita cousa mais, que não publicamos com receio de que nos appellidem de *paraguayo*.

—Na terça-feira a assembléa provincial esteve divertida.

—O Sr. Dr. Gustavo não gostou, sem duvida, de certas recordações que lhe fizeram.

Foram palavras de fazer corar a quem tem vergonha.

—Sahiu á luz a *Estrella d'Alva*, periodico scientifico, litterario e recreativo. E' redigido por dous moços intelligentes e illustrados, os Srs. Silva Lisboa e Paulo Marques.

Oxalá seja longa sua vida, o que sinceramente desejamos, agradecendo á digna redacção o favor da remessa do seu primeiro numero.

—Chegou e acha-se entre nós o nosso estimavel comprovinciano o Sr. tenente-coronel Domingos Mondin Pestana; voltou por ser atacado de cegueira, que o impediu de commandar o brioso e disciplinado corpo que daqui levou; foi atacado de dysenteria que fez largar temporariamente o commando, mas o seu estado actual tirou-lhe o prazer de voltar coberto de louros, e acompanhado dos valentes heroes que dirigia.

—Que lhe sirva ao menos de linitivo ao pesar a consciencia de haver cumprido seus deveres de cidadão dedicado e militar brioso

—E que nos braços de sua familia e na communhão dos amigos possa ao menos soffrer as dores que lhe acabrunham o spirito e o corpo!

—E que a patria nunca se esqueça do filho extremoso, do militar intelligente, honrado e brioso, do ancião respeitavel, que trocou os commodos da familia e da banca de advogado pelos incommodos da barraca e do campo, ao ouvir os brados da patria, que, injuriada, pedia soccorro!

A PEDIDO

—Capitão, não sei si se lembra da celebre commenda da Bahia agradecida?

—Pois não!

—Peço pois licença para fazer uma pergunta.

—Diga o que sente.

—O publico deseja saber em quanto importou a tal commenda; quer tambem saber mais quem foram os assignantes e quanto subscreveu cada um. Essa curiosidade tem apenas um motivo: o saber-se que a commenda importou em 1:800$ quando se diz que a subscripção *subiu* a 900$ rs.; e o desejar-se saber quem foi o generoso que completou a quantia.

—Pois bem, pela minha parte consinto no seu pedido; a duvida está em ser V. attendido pela commissão, que por certo terá seus motivos para guardar segredo.

—Mas emfim pergunto sempre.

—Consta que fretou-se um vapor para ir buscar um *desputado*, cujo voto é indispensavel...

—Ouvi dizer; agora de quem foi o dinheiro é que me não disseram.

—Ora o dinheiro! Sahiu da burra da vacca gorda ...

—Que os viu nascer e engorda esses espertalhões de borra, agaloados e de bigodes, amos e lacaios, ladrões do povo, que não tem a precisa energia para metter os pés á cara desses zangões politicos!

—Safa! Destas so ouve calado ou o Coruja ou o Bebé.

—Um homem possuia por toda sua fortuna uma casa, que diziam estar a desabar. Alguem offereceu por ella 8 contos de rs. O homem não quiz porém desligar-se de seu patrimonio a que tinha grande estima e não effectuou a venda.

Os receios do publico cresceram; as gazetas pediram providencias para que se demolisse a casa, e o homem no aperto em que se viu, recorreu a um sujeito que se dizia seu amigo, contando-lhe o caso e pedindo remedio.

O amigo hypocrita estava mal no commercio, tinha inimisade com o homem que a principio quiz comprar a casa; receiava delle guerra que o podia pôr por terra; sabia que o homem, apezar de fingir-se, não renunciava á pretenção de comprar a casa; intendeu por tanto que o meio de reconciliar-se com o tal negociante era arranjar-lhe a compra da casa por preço ridiculo.

Nesse sentido fallava sempre ao infeliz proprietario que sacudia a cabeça.

Quando pois recebeu a carta do homem, moribundo, carregado de familia, que neste confiava, a resposta que deu foi esta: Minha opinião ha muito tempo manifestada foi que Vm. vendesse a casa; isto não se fez etc.

Para remediar a situação *que não admitte demora*, aconselho a Vm. que *já e já* mande passar uma procuração ao Sr. N. para vender em leilão a sua casa; eu me entenderei com elle etc.

—Destes amigos põe o diabo ás duzias.

—O homem, a morrer, allucinado quasi, vendo a intimação para sahir de sua casa, a porta policiada, sem poder a nada remediar—confiou no amigo Judas, passou a procuração e foi a casa a leilão.

—Eu só estou no consolo que deu ao pobre o tal inculcado amigo!

—Não foi só este; mandou tambem dizer que o homem tivesse resignação e paciencia, que confiasse em Deus, que o mundo não seria mundo si *assim* nao fosse.

Recebendo a procuração, foi ter com o corretor, mandou dizer ao pretendente que mandasse lançar na casa por terceira pessoa, e la se foi arrematada em praça por dous contos e setecentos e tantos mil rs. uma casa que valia 8 contos de rs.!

Quando o proprietario soube do resultado da venda é que poude avaliar a ladroeira e a infamia do amigo! Doente, como estava, peiorou e poucos dias depois falleceu victima da ganancia e dos calculos d'um refinado hypocrita, beatão dos seiscentos, que anda a enganar os tollos.

E agora a familia do infeliz vive na miseria, chora a perda de seu chefe, definha agonisante e sem esperanças, sem que o *amigo da vida* ouça os gritos da viuvez e da orphandade famintas e maltrapilhas!

E' um horror!

E ha de um homem destes passar por grande cousa entre a gente que o conhece!

—Mas quem é o sujeito? diga.

—Fica para logo, capitão.

(Continúa.)

Pede-se

Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, que dê destino a uma celebre crioulinha filiada no *olho-vivo*, a qual ja furtou da loja do Manuel dos Passos Silva a quantia de 46$ rs. e 150$ rs. n'uma lettra; dizem que ja cumpriu sentença de 6 mezes imposta pela jury, não sei por que crime; tem sido presa por vezes e *aboletou-se* agora no Matatu, onde não deixa uinguem parar. S. Ex. pois que se condoa dos moradores daquelle logar e faça engaiolar essa ave de rapina.

(Continuação)

—Sr. capitão, deixe ver si a policia toma conta do malvado; si eu tivesse dinheiro, havia de fazer o que pudesse.

Este demonio não sae da frente de minha caza, a insultar-me, a fazer paschins, a dizer dichotes; encontrou dous comparças em cujas lojas se mette, um tal *Negro Crande* e um Sr. das Viegas, e dahi faz o que quer comigo.

—Pode bem ser que o chefe se encarregue da sua causa, socegue o spirito.

—Ja o devia ter feito; assim não teria elle tempo de fazer traços de architectura para suas janellas, roubando do publico, das authoridades e das leis.

—Merecia ir para a ilha de Fernando, capitão.

—Nem tudo se pode fazer como a gente quer.

—Mas este demonio, capitão, continúa a abusar da innocencia das crianças; ha justamente dous annos que o malvado defiorou minha infeliz filha; tomou a seu cargo a deshonra de minha casa; venceu! Agora trabalha para reduzir-me a indigencia.

—Deixe estar que o não consegue; nesta terra ha muito coração generoso, muita alma grande, muito pé resoluto capaz de esmagar a cabeça dos infames.

—Capitão, este demonio já me quiz dar uma punhalada; felizmente, como estava no escuro, esquivei-me, atirei-me ao chão, e elle, julgando-me ferida, correu; como porém houve gritos, ainda ha disto testemunhas.

Este diabo é amaldiçoado, elle mesmo ja disse que a maldição vem-lhe de Portugal, porque ajusta as pinturas por

bom dinheiro e nunca tem nada de seu, nada compra que possa apparecer; e por fim capitão, vendeu meu ouro, vendeu meu ouro!.....

—Ora resigne-se! O tratante não ha de ficar mal; a policia ahi está, e si dormitar aqui temos o porão.

—Capitão, reclame, brade, grite, inste, peça, exija, implore ao Sr. Dr. chefe de policia compaixão para uma pobre mãe afflicta, que não acha arrimo, que não tem quem a proteja, sinão a moralidade e a lei em que confia!

—Deixe estar, Sra., descance!

(Continúa.)

—Além das muitas infamias de que está pejado o reinado d'el-rei Galomarisco, projecta-se uma: fazerem desapparecer, do ponto que mais fogo *lhe* pode fazer, uma intelligencia superior, caracter nobre, moço distincto que se não empoeira nos tapetes do polluido palacio.

—Ja ouvi fallar nisso! Tudo se ha de ver em Latronopolis, meu Deus!

—Que quer? Si a epocha é de quem tem duas caras!....

Os Protheus envergam o fardão, vestem a sotaina, a beca, a casaca, e dominam o mundo inteiro!

Respondendo ao Sr. **, *convenientemente instruido*, digo-lhe que foi inexacto quando affirmou que no dia 6 de fevereiro o Sr. Joaquim Pedro recebeu o dinheiro da musica; no dia 9 foi esse Sr. á caza do thesoureiro que lhe pagou, demorando até o dia 16, dizendo as vezes que ia ao embarque do Sr. Dr. Souto, a um jantar em caza de sua enteada etc. etc., e outras vezes não estando em caza quando era procurado.

No dia 16, pois, foi que o Sr. thesoureiro pagou ao Sr. Joaquim Pedro, fazendo o desconto e passando este o recibo na presença dos Srs. Justo e filho, e tenente Sant'Anna.

E' tambem inexacto, para não dizer mentira, que o Sr. thesoureiro só entregasse 6$ rs. quando entregou 350$ de saldo ao Sr. Joaquim Pedro.

Assim é que se deu o facto.

O pagamento fez-se no dia 16; a pergunta sahiu no dia 17; os Srs. musicos receberam seu dinheiro até 19.

Avalie portanto o publico quem foi mais prompto em satisfazer seus compromissos; si houve alguma falta o publico diga a quem se deve attribuir.

—Até nos actos mais simples da religião ha de haver distincções e privilegios!

—Ahi vem V. com alguma das suas.

—Sabe-me dizer a razão porque na Sexta-feira de Passos apagaram todos os Passos, ficando unicamente acceso até mais tarde o da Praça?

—Olhe que V. não pode estar com a lingua parada! Quando não tem o que fallar procura.

—E' por que não sei comprehender certas cousas que vejo.

—Meu charo, este mundo é de ver, ouvir e calar.

—Tambem achei mau deixarem a effigie do Senhor ás escuras sem ao menos deitarem uma cortina sobre os retabulos.

—No anno em que V. for provedor dará essas providencias. Por agora deixe correr o barco.

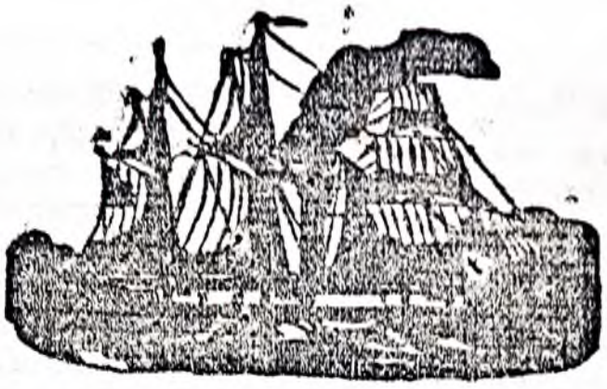
ANNUNCIO.

A Casa de Pasto da Flor

Roga aos freguezes, que tiverem contas la, que cuidem em liquidal-as, pois tambem tem contas a dar; e aquelle que assim não o fizer, terá o desgosto de ver seu nome publicado por extenso, e isto até o meiado do mez.

Vende-se uma boa propriedade abarracada, reedificada de novo, sita á freguezia de S. Pedro; tem a salla e o quarto da frente assoalhados, o corredor, a salla de jantar e um quarto com sua pequena dispensa cimentados; tem cosinha fora, um quarto para escravos e sotão com duas boas sallas; é toda envidraçada e de gosto moderno, e tem um pequeno quintal todo calçado. Quem a pretender dirija-se a esta typographia que se lhe dira com quem deve tractar-se.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 3 DE MARÇO DE 1866. SERIE 2.ª—N.º 17

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiuna, á rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade do Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de março de 1866.

Officio á camara municipal, perguntando lhe si não ha uma postura que prohibe obstruir o transito publico; no caso de havel-a, qual a rasão por que até hoje se acha impedido um beco, á rua Direita de Santo Antonio, com os utensilios de uma padaria que um tal Sr. Miranda mandou alli atirar; assim como a mesma rua Direita, ha mais de um anno, com uma grande porção de madeiras, pertencentes ao rico proprietario o Sr. coronel Baptista Vianna.

—A' mesma, desejando saber si está ou não em vigor a postura que prohibe ter cães soltos e que até os manda matar; no caso de não ter sido derogada, o motivo por que o Sr. barão do Rio Vermelho, *presidente da Illma.*, tem em sua casa á Mangueira, cães furiosos que mordem a quem la vae ter, ou passa pela rua,como ultimamente succedeu com um moço, encarregado de negocios de typographia, o qual ficou bastante maltratado e com a roupa em estilhaços.

A Illma. sabe bem que a lei é egual para todos e que a justiça deve principiar por casa; espera-se pois alguma providencia, apezar dos cães não terem offendido a algum capitão inglez, e não ter portanto a presidencia expedido officios neste sentido.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe que na rua Direita da Mizericordia, o sobrado n.º 27 pertencente á Santa Casa, conserva-se aberto e sem moradores, o que faz com que os capadocios á noite, aproveitem-se dalli para praticarem immoralidades, e que sirva de dormida a réus de policia, negros fugidos, etc. etc.

Espera-se que S. S. intenda-se com o provedor daquelle estabelecimento, para que mande fechar o referido sobrado.

Portaria ao fiscal de Sant'Anna, ordenando-lhe que multe o proprietario da casa n.º 89 á ladeira da Poeira por conservar o quintal da mesma como deposito de immundicia e podridão. Cumpra.

—Capitão, fui á abertura d'assembléa e gostei de ver; estava bonito!

—Mas que viu?

—Ouvi a missa no Collegio, em primeiro logar; ao sahir vendo que o Leão Velloso se dirigia para um carro, esperei que o homem me convidasse, mas elle ja tinha companheiro; tive entre-

tanto occasião de apreciar o seu lindo chapeu armado que *S. Ex.* encaixotou naquella grande cabeça, em quanto pisava o adro da cathedral.

Não houve remedio, segui a pé, mettendo-me por entre os deputados, afim de por tal me comerem os moradores daquellas ruas.

Ao chegar na Praça, Leão Velloso arvorou outra vez o *canôa*, em quanto saltou do carro e entrou no paço da camara.

Havia muita gente, encontrei alguns conhecidos, todos esperavam pela hora; um grupo porém ria-se e tinha para isso rasão: os homens apreciavam uma pintura representando os amores de Marte e Venus, e ao lado dormindo um *gato-marisco* figurando de Vulcano, um *leão velando* a seus pés, os quaes lambia pacificamente uma caricatura de onça, enfronhada n'uma *capona*.

Felizmente tocou o bumba; S. Ex. chegou com seu fardão bonito, muito bonito, e massou o publico e a assembléa até 3 1/2 horas da tarde. Findo o que, retiraram-se sem novidade, havendo somente a notar o seguinte: O Sr. Leão Velloso sahiu d'assembléa, mas desta vez não enfeitou a cabeça, entrou no carro e disse ao boleeiro que seguisse para palacio. Muita gente achou ridiculo que elle entrasse d'uma para outra porta em carro; houve até quem tivesse o desaforo de chamal-o bobo; eu porem acho que S Ex. teve rasão, pois queria aproveitar o seu dinheiro.

—E eu quero aproveitar o meu tempo, não estou mais para ouvil-o; viva!

—Inaugurou-se a companhia dos vehiculos *economicos*.

—La estive; e estiveram tambem os Srs. presidente, commandante das armas, commandante superior e seu filho, & & &.

S. Ex. Revm. tambem assistiu ao acto, recitou as orações do costume e bateu o primeiro prego, pregando depois os homens grandes desta terra.

—Ora Deus queira que a tal machambomba não seja alguma *bomba macha*!

—O Sr. Leão Velloso a duas amarras! Presidente da provincia e da assemblea! A Constituição nada vale ante as considerações politicas do partido *regenerador*!

Tudo se vê nesta terra!

—Embarcou o chefe de policia, Dr. Junqueira; além do acompanhamento infallivel, compareceram os veteranos, que lhe foram metter na mão não sei o que.

—E' muito querido dos veteranos; é um moço bonito amado pelos velhos.

—Si o homem os tem protegido n'assembléa!... A seus esforços deve-se a diaria de 1$ rs. para os officiaes do exercito pacificador.

—Ah! por isso elles o coroaram!

—Não admira; eu já vi um deputado recebendo um cacho de bananas d'uma irman de charidade, cuja corporação o caróla defendera cegamente.

—Voltemos ao Junqueira. Muito estimo que o antigo promotor da capital chegue no Rio sem novidade para dar brados.

—S. Vicente de Paula o leve em santa paz!

—O Sr. Leão Velloso negou ao Sr. Dr. Pedro Brandão a palavra, querendo este advertil-o de que não podia ser dada outra ordem do dia, em quanto se não concluisse a eleição das commissões permanentes, que o regimento manda fazer *immediatamente* depois da leitura do relatorio.

—Vi; não achei boa a maneira porque procedeu o Sr. presidente d'assembléa; além de gritar que o *que tinha feito não estava por fazer*, atirou com uns papeis á meza e levantou-se iracundo, a metter medo, elle o homem que não tira o riso dos labios.

—Deus dê juiso aos paes da patria!

—Dizem que é portuguez, não naturalisado cidadão brasileiro, o Sr. José

da Cruz Junqueira, nomeado ultimamente 3º supplente da subdelegacia do Rio Vermelho.

—Ora com effeito!

Esse homem é feitor das obras do José Carlos, que é o subdelegado.....

—Melhor, fica tudo em casa, amo e creado, creado e amo, *ambo florentes ætate, arcades ambo.*

A PEDIDO

(*Continuação.*)

—Mas, capitão, que o malvado não fique impune!

Note que elle, antes de *ser dono da minha casa*, ia buscar a menina para apprender a dançar,e quando voltava, em vez de se dirigir á Preguiça, onde moravamos, ia para o *Julio Grande* e fazia o diabo com a innocente!

—Deixe estar, Sra.!

—Além de não dar com que a gente vestir-se, vendeu meu collar, nem a casa pagou; ficou devendo cento e tantos mil reis.

—O homem ha de ter castigo, descance.

—E' um malvado, capitão.

—Quando a Sra. não tivesse dito mil vezes,bastavam os feitos do homem.

—E' casado, capitão; deixou a mulher *la na terra;* é uma padeira, senhora honrada, cujos irmãos quizeram metter o cassete no patife, pelos maus tratos que soffria a innocente.

E não obstante, quiz arranjar um casamento la para a Calçada!

A esse tempo tinha elle sociedade com um portuguez, o qual preveniu á familia que o marmanjo era casado, e ficou o chefe da familia livre daquella bucha em casa e de grandes desgostos que lhe haviam sobrevir.

Repare agora uma cousa:

Desfez elle a sociedade com o outro e dahi a pouco morreu o antigo socio. Dizem os meninos da Candinha que alguem o matou e o assassino sabe bem que não fui eu.

E' um malvado, capitão, e a policia o deixa até hoje impune, passeiando pelas ruas da cidade e affrontando o publico!

—Deixe estar, Sra., ou ca ou lá, o cujo tem obra.

—Joga tambem, capitão. Como doente que estava, recebia dinheiro de uma sociedade lusa beneficente e ia jogar no Passaro Azul. Quando se lhe notava o defeito, dizia que ia divertir-se no bilhar, como si a sociedade désse dinheiro para divertimentos. E depois o bilhar é um jogo em que se faz grandes movimentos e não me consta que haja doente que tome por convalescença a gymnastica.

—Está bom, Sra., ja sei, serão dadas as providencias.

(*Continúa*)

Preveniu-se ás authoridades policiaes, quer do districto, quer da freguezia, que se pretende abrir na ladeira de Santa Thereza uma nova casa jogatinal filial á do Terreiro, entre os socios o celebre portuga (damas ao centro) que ha tempos foi á policia por magnetisar seis centos bodes; e um brasileiro que veiu de S Carlos por ter disposto dos bens que possuia nesse logar: na verdade o giro do negocio não é mau, visto ser pela certa, pois o socio portuga é mestre d'armas, por tanto, rapazeada inexperiente, alerta, que os aviso para não cahirem, assim como a policia para com tempo saber.

O inimigo dos ladrões.

—O Chico fita muito a luneta para as galerias. Quem é o namorado não se sabe; o que é certo é que o Chiquinho é um bonito moço.

—E é bom que não continúe a apontar para os espectadores porque pode algum sahir um pouco zangado e fazer-lhe entrar pelo olho a decantada luneta com que se apelintra.

—Sr. Dr., alli está uma pobre mulher que acaba de ser atacada de apoplexia, e pelo amor de Deus, venha vel-a; veja si a salva.

—Não é deste mato que sae *coelho;* ainda si o Sr. viesse ha *dias* em tempos de eleições....

—Dr , a mulher morre!
—Deus lhe dê o ceu, pobre senhora!

Pergunta-se aos inventariantes do casal de uma casa titular a rasão por que até hoje não se tem pago as despesas feitas com o funeral da principal pessoa da familia, quando isto já vae para quatro mezes.

Um soffredor.

—Quer me comprar uma casaca?
—Para que meu amigo?
Veja si o muxingueiro quer.
Porém V. não precisa della?
—Não; comprei para *tomar assento*, mas o Brandão não me deixou, quero vendel-a.
—Meu amigo, vá ao *Eduardo*, e não me gaste a paciencia.
—Adeus, Sr. *Silva*.

MOTTE.

Eu tenho um gato marisco
Com cabeça de carneiro.

GLOSA.

Precisou-se de um petisco
Que causasse nojo e raiva:
P'ra isso, diz D. Saraiva,
Eu tenho um gato marisco
Que a todos porá em risco;
E' feio como um sendeiro;
Tem a testa de sineiro
Que foi por sino amassado;
E' boneco enfatuado
Com cabeça de carneiro.

—Estamos para ter no arsenal de guerra uma companhia de trabalhadores com caracter militar, sem soldo.
—Bem; cousinhas boas desta nova terra de macacos.
—Progresso, capitão, exemplo das europicas.
—Ora va elle com seus pensamentos progressistas!

(Continuação.)

—V. ficou de dizer-me o nome do cujo, e é tempo.
—Será, mas não pode ser.

O mais que poderei fazer é confiar-lhe a carta e alguns outros bilhetinhos anteriores.
—Vamos com isso.
«—Amigo e Sr....—Sinto o incommodo porque acaba de passar: este mundo deixaria de ser mundo si assim não fosse: paciencia e resignação, confiança em Deus.
Minha opinião ha muito tempo manifestada foi de que Vm. vendesse a casa; isto se não fez; porque a esperança nunca deixa de ser animadora. Para remediar a situação que não admitte demora aconselho a Vm. que ja e ja mande passar uma procuração a Sr. A. L. P. para vender em leilão a sua casa: —eu me intenderei com o Sr. L. para diligenciarmos o que for mais proveitoso a seus interesses.
Desejo-lhe saude.

Seu amigo &.
F.....»

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado, administrador da sociedade de bailes pastoris, denominada *União*, tendo pedido verbalmente e pela imprensa que o director convocasse uma sessão d'assembléa geral, afim d'elle abaixo assignado prestar contas; e não se tendo até hoje satisfeito este pedido, vem de novo á imprensa e pede aos Srs. socios em geral, que por sua bondade queiram comparecer no dia 6 de março, na casa de sua residencia nos Barris, n.° 32 para o dito fim da prestação das contas.
O mesmo roga a alguns socios que ainda não tem recibo de quites o favor de irem tomal-os até o dia 6 deste mez.
Bahia 22 de fevereiro de 1866.

Eduardo de Abreu Contreiras.

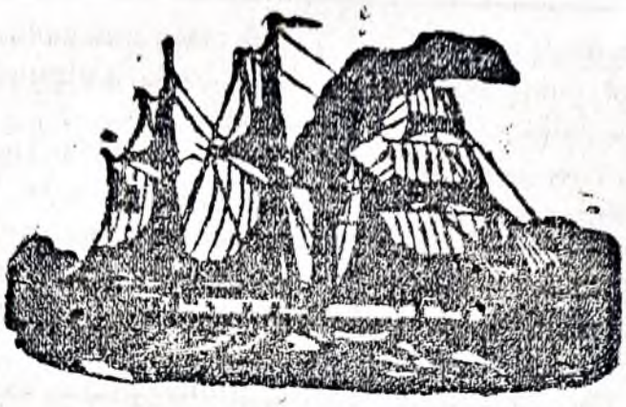
PECHINCHA

DE QUE?

QUEIJOS FLAMENGOS

Bons, á preço de 1$600 só na venda á ladeira de S. Francisco.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 6 DE MARÇO DE 1866. SERIE 2.ª—N.º 18

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de março de 1866.

Officio á Illma. camara municipal, perguntando-lhe si deu licença para que o homem dos cavallos, na ladeira da Misericordia, possa converter aquelle logar em estrebaria, conservando os mesmos na rua, e estabelecendo mangedouras para elles comerem.

—Ao Exm. Sr. vice-presidente da provincia, pedindo-lhe que sirva-se de dar suas ordens para que seja concertada uma buraqueira, que ha dias, se está formando no Passeio da Se, afim de poupar despeza maior quando, com a chuva, ella adquirir maiores dimensões.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—Na ladeira da Misericordia ha cavallos em que se sóbe a dita ladeira a preço de 240 rs.; os meninos que vão ou vem da eschola, os moleques que vão ás compras ou ás tendas, os vadios emfim reunem-se na Praça e esperam que o cavalleiro se apeie.

Feito isto, ha uma questão porque todos querem conduzir o cavallo a seu deposito e aproveitam a montaria. Os cavalleiros chegam ás vezes em numero de tres, e então seguem os vadios a correr pela ladeira abaixo, para verem qual delles se avantaja na corrida, sem se importarem com os enormes buracos que ha na ladeira, os quaes pode lhes dar um leito de dores.

Pede-se pois a V. S. providencias no sentido de cessar essa cavalhada, que pode trazer maus resultados, obrigando o dono dos cavallos a pagarem conductores serios e certos.

Os cavalleiros gostam tambem de experimentar as habilidades do cavallo e as suas e desembestam pela ladeira acima; o mesmo sinistro se pode dar, além de outros, com as pessoas que passam ou que estão sentadas pelas portas; ha dias uma negra foi victima.

Providencias pois e urgentes; de V. S. espera-se que preste attenção a justos reclamos.

—Ao Sr. emprezario da limpeza, pedindo-lhe que mande varrer a rua da Conceição do Boqueirão, que se acha ha muitos dias cheia de cisco pelas portas, entornado pelas gallinhas e pelos cães; porcaria proveniente de não ser a dita rua varrida ha mais de um mez, por que ha mais de seis talvez, S. S. anda a annunciar que a limpeza deve principiar ás 6 horas da manhan, e póz os cabras na rua de madrugada em horas em garras de ver o gaz, o sol

ainda não clareia, e ninguem enxerga: não se varre por tanto a rua.

O facto que se dá nessa rua dá-se em todas as mais e vae a cidade n'um brilhante estado de limpeza.

Si S. S. intende que o povo lhe merece alguma cousa, dê providencias.

—E' o *Diario* que diz: no sabbado não havia numero n'assemblea provincial e oraram, sem abrir-se a sessão, dous deputados.

—Tão grande escandalo estava reservado á Bahia!

—E' facto; vide *Diario* de domingo, 4 de março corrente.

—Ja não posso!

Pedem me que deixe essa classe de animaes, mas como? Pois hão de praticar quanta bandalheira ninguem imagina e ficar salvos! Bem vêem que não. Quem não tiver genio para assistir á festança que se retire; quem não gosta come menos.

O' gallego!

Lembras-te do insulto que acabaste de praticar com tres cidadãos?

—Capitão, eu estava vevado.

—Bebado! E como te lembras do que fizeste?

—Tenho apenas algumas recordações fugitibas, passageiras.

—E como ainda ainda insistes no teu mau designio?

—Capitão, é falso que me lebantam

—Ora com effeito! Que ha de vir um gallego do inferno ou da trampa e ficar gente em Latronopolis! Pois além do moço dar-te aquelles vintens áquellas horas, tiveste o desaforo de insultar-lhe os companheiros! Pois tu não vês que aquelle tenente é incapaz de furtar um copo? E quando o fosse, um copo era motivo para insultares um outro companheiro?

Que elles todos eram um não ha duvida; assim como que estão muito superiores a ti, por que delles nunca pessoa alguma se queixou de furto, nem nunca elles roubaram um porrão que conduzia um negro car[illegible]o.

Que razão tiv[illegible] ir esp rar o homem que insultaste? Porque, em companhia de outro assassino, o quizeste esbordoar, chegando a dar-lhe algumas pancadas?

Dize, gallego!

—Capitão, eu tinha jantado vem e a ceia não foi ma.

—Mas o bebado esquece-se do que faz, e tu tanto te lembras, que como ja disse, continúas a ameaçar o homem.

Mas ainda quando bebado estivesses, maior crime tem o beberrote que se embriaga para insultar os outros. A' vista do que e o mais dos autos....

Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Leva este biltre envinagrado....

—Oh! charo *Francisco!* vem chuchar da cousa! has de ver que o petisco não é mau.

—Leva este gallego emborrachado para o porão, põe-lhe corrente ao pé, algumas aos pulsos, e conduze-o assim até a esquina do largo de Santo Antonio além do Carmo; ha alli uma venda, e na parede da casa uma pedra em que havia uma cruz; amarra-o á pedra, açoita-o a teu gosto e deixa-o la em exposição, até que se arrependa do que tem feito, ou os moleques renovem o martyrio do primeiro martyr do christianismo no primeiro ladrão do gallizismo.

A PEDIDO

—Capitão, está em scena o *barão dos caranguejos.*

—Oh! ja tardava!

—Era elle *amigo* de um homem, geralmente tido por bom; esse homem possuia *alguma cousinha*; com a vista cubiçosa nos bens do homem, o *barão* deu-lhe de graça uma caza para o homem estabelecer seu negocio; mais de vinte annos assim passaram; o homem morre morte desastrosa porque está um pouco mal nos seus negocios; o Sr. dos caranguejos a naca attende, com um vintem não concorre para o interramento do *ex-amigo*, e apresenta aos infelizes filhos do infeliz defu[illegible]to uma

conta: dous contos e *tantos* mil reis do aluguel da caza, por espaço de vinte e *tantos* annos!

—Que ladrão cynico!

—Não houve quem não se arrepiasse; a praça de Latronopolis protestou contra o roubo, maldisse o avaro, e não ha hoje um pobre que deixe de tremer ao saber que vive entre nós uma fera, um vampyro sequioso de ouro, para alcançar o qual naó se importa de beber tambem o sangue.

—Execravel!

—Em Latronopolis os ladrões é que são os homens honrados....

MOTTE.

Eu tenho um gato marisco
Com cabeça de carneiro.

GLOSA.

Sem eu correr algum risco
Heide mostrar algum dia,
Que aqui dentro da Bahia
Eu tenho um gato marisco;
Heide arranjar um petisco
Feito *d'anta e boi leiteiro*,
Que ha de comer o ligueiro
De farda e *chapeu armado*,
Tudo isto cosinhado
Com cabeça de carneiro.

—Ora que os soldados de policia so hão de servir para andar atraz dos figurões!

—E que mais quer?

—Pode até matar-se em claro dia nas ruas mais publicas, sem que appareça um soldado!

—Isto agora é seu.

—Meu! Ainda hontem vi na rua da Laranjeira, um Sr Marcolino remador de saveiro, espancar brutalmente uma mulher, e quebrar-lhe os beiços, e esta em desaffronta ir á casa trazer uma garrafa e arrebentar-lhe nas bitaculas, haver sangue de parte a parte, muito povo e nem um soldado.

—Pois ainda hontem so atraz de Ss. Exs. iam oito.

—Capitão, responda-me uma cousa.

—Si souber.

—Um homem veiu do sertão, da Chapada, por exemplo, a esta capital e trouxe uma escrava para vender. Incumbiu a um agente de procurar-lhe comprador. Este foi a uma velha africana e induziu-a a comprar a preta. O dono apresentou testimunhas provando o senhorio, e que não tinha impedimentos para vendel-a, e a propria escrava declarou que era captiva do homem. Ajustou-se o negocio, passou-se a escriptura de venda no cartorio de um escrivão de paz, e o homem recebeu 1:100$, metteu-os no bolso, e empinou-se para seus lares.

Quinze ou vinte dias depois declara a escrava que era forra, por que tinha dado dinheiro por conta de sua liberdade a seu primeiro senhor, e apresenta um recibo que diz passado por este.

Não acha que em tudo isto anda, á surdina, alguma dose de requintada ma fé, recheada de machiavelismo?

—Ao menos parece.

—Agora o que eu queria saber é, com quem se deve haver a africana para haver seu dinheiro.

—Com o vendedor, está claro.

—Mas como, si logo que elle se apanhou com os cobres empinon-se para a terra dos diamantes? E a pobre africana além de não intender destas cousas é velha?

—Neste caso o que quer que lhe faça?

—Que V. Ex. mandasse o seu aspirante fazer uma viagem até lá, e o trouxesse para em sua presença desfiar o novello que elle embaraçou.

—E quem é esse sujeito?

—Não lhe sei o nome; vòu perguntar ao *Bastos* que sabe.

—E sabe o logar da morada?

—E' n'um logar em que se lavra, perto de umas *rochas*.

—Pois va saber-lhe o nome e volte, para ver o que se ha de fazer.

(Continúa)

Anda agora em *jiga-joga*
Da governança o bastão:
Sahiu das unhas d'um *pinto*
Para as garras de um *leão*.

(*Continuação.*)

—Aspirante, vá saber da policia si ja deu algumas providencias para prender e punir um gallego, pintor, José do Diabo, o qual ja foi á presença do chefe por ter deflorado uma menor; faça ver que é um patife que, além desse e de outro crime identico na mesma caza, joga, é provavel que beba, anda armado, consta que fez algumas mortes aqui e em Portugal; tentou cazar-se segunda vez, e fez da caza de uma senhora officina de pintura e della sahiu devendo 112$ rs. de aluguel, mettendo de mais no peito o ouro da tal senhora que quasi á força vendeu; é um diabo que de Portugal foi degradado para Africa, donde fugiu para aqui.

—Agora sim, capitão, estou mais consolada.

—Parto ja, capitão.

.....

—Capitão, eu não sei si estou doudo, parece-me.

—Ora querem ver!

—Capitão, não me disse que fosse ter com a policia?

—Sim.

—Em que terra estamos?

—O homem, si não está doudo, quer cassuar comigo. Mas não, é um ancião e homem serio.

Aspirante, nós estamos ancorados em Latronopolis.

—Eu bem o suspeitava, bem o dizia.

Pois, capitão, em Latronopolis não ha policia; ou si ha, está attacada de catalepsia.... parece *esta terra* um cemiterio, tudo dorme ou morreu!

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Eis ahi um rapaz que nunca está doente nem tem somno.

Conheces este gallego?

—E' a primeira vez que vejo a firma.

—Este pintor do diabo borrou a pintura da caza aqui da senhora, seduziu-lhe a filha.

Não o vê assim pallido, anemico, magro, ascoroso?

E' o resultado dos crimes que tem commettido; parece ainda que tem remorsos a fera!

—Não creia, capitão; são pragas que lhe rogam.

—Antes era um gaiatão, um lord de bufas; hoje.... é isto, nem umas calças brancas veste mais! Acabou-se a pepineira, mas ficaram-lhe o atrevimento, a insolencia e o orgulho.

—Gosto de abater proas de Pedro Sem.

—Mãos á obra portanto.

Antes porem um reparo; esta conversa de hoje é *sem exemplo*, com sem exemplo será a manobra.

Dá-lhe tacadas até cahir!

O medico prestar-lhe-ha os soccorros d'arte; quando estiver em convalescença, idem, e assim por diante.

Pergunta-se a S. Ex. o Sr. presidente, si um juiz municipal pode estar fora de sua comarca sem licença?

O Seraphim.

ANNUNCIOS.

Quem precisar de uma pessoa habilitada para caixeiro de cobranças ou para qualquer loja, dirija-se a esta typographia, ou á rua Direita de Santo Antonio nº 20, que achará com quem tratar.

PECHINCHA

DE QUE?

QUEIJOS FLAMENGOS

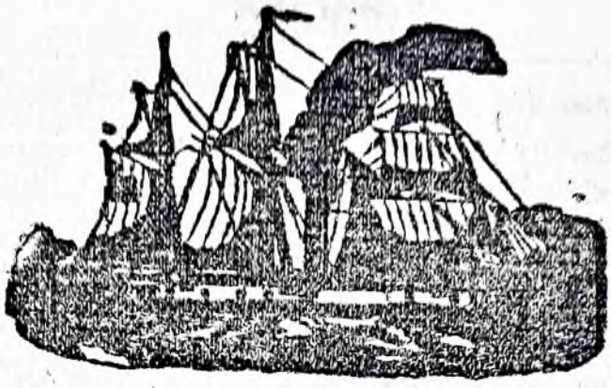
Bons, á preço de 1$600 só na venda á ladeira de S. Francisco.

Roga-se encarecidamente a todas as pessoas, que tem contas desde o principio do anno p. p., na loja de charutos atraz da Sé, o obsequio de virem satisfazel-as, do contrario passarão pelo dissabor de verem seus nomes publicados em um grande catalogo, em frente da mesma loja.

A Casa de Pasto da Flor

Roga aos freguezes, quo tiverem contas la, que cuidem em liquidal-as, pois tambem tem contas a dar; e aquelle que assim não o fizer, terá o desgosto de ver seu nome publicado por extenso, e isto até o meiado do mez.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 8 DE MARÇO DE 1866. SERIE 2.ª—N.º 10

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de março de 1866.

Falla

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Miau, miau, miau!

Srs. representantes da gente!—Não pode deixar de haver reboliço na sociedade, quando entre a gente se mette um bicho; a *contrario sensu* é com grande, enthusiastico, jubiloso e phosphorescente prazer que eu me acho entre vós.

O que sinto é somente não poder transformar-me em cão (cousa para que tenho geito) por que lambendo-vos os pés eu quizera *fazer-vos festas*, por isso que o nosso augusto imperante e toda sua mais companha gosam perfeita e inalteravel saude.

Cabe-me informar-vos dos negocios da terra; é tarefa difficil para um bicho que tem *cabeça dura e pesada*.

Todavia vou *desta vez* cumprir a lei.

Tranquillidade publica.

Não foi perturbada a ordem publica; houve somente algumas algazarras, feitas pelos moleques: 1º quando passava pela Praça o chefe de policia e a mulata Santinha lhe apresentava as armas..... bem entendido, as de S. Francisco, por que parece que a mulher é irman do cordão; 2.º quando ella *tirava* seus versos e rimava

o meu piano que tocava
com ella que se borrava.

Houve tambem uma forte gargalhada no Jequitinhonha, quando o meu lacaio Bebé correu de um homem que suppoz ser onça; facto que fez muita gente dizer que o poeta que em menino conheceu muitas daquellas onças, não queria ser comido na vista dos companheiros.

Afora isto, e as palavradas com que o *Pae d'eguas* brinda as familias, quando acossado pelos moleques, nada mais; esta terra *não é de briga*.

Cumpre aproveitarmos o tempo; vamos fazer *liberdade pratica*: quem de tal presentemente se encarrega, è um *apostolo*, é o salvador da naçao.

Notem que não estou inculcando-me, nem me constituo censor; mas o tempo das theorias abstractas passou, o *liberalismo historico* abiit, excessit, evasit, erupit, foi-se!

Reformas, reformas e mais reformas; novos empregos para accommodar a nossa gente, colonisação, estradas, economias, e eu quero dinheiro, todos nós queremos.

Si não satisfizermos ás necessidades do povo, si os *progressistas* não forem *ousados*, perderemos os foros de —advogados liberaes e sinceros;— si nos conservaremos em inercia, estamos criminosos sem absolvição.

E' preciso pois *cumprirmos* as petas que impingimos; eu ca sou fiel; não quiz a es-

trada de ferro, depois de tanto ter miado por ella, porque lembrei-me que era negocio de passar por esses sertões, e eu bicho de casa, bicho que vive com gente, não me quiz encontrar com alguma manada de lobos, d'onças, de porcos e mesmo *d'antas*.

Estou pela minha parte justificado, justifiquem-se tambem. O tempo é de paz, aproveitem-no, tratando cada um de seu bem-estar. (*Continúa.*)

EXPEDIENTE.

Officio á camara municipal, dizendo-lhe que no Caes Dourado ha em frente da caza n.º 105 um grande buraco que, além de poder quebrar a perna de quem passa, se acha cheio de aguas esverdinhadas e putridas.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado, participando-lhe que no dia 5 um portuguez de nome Sebastião estabelecido com venda á rua dos Carvoeiros, espancou cruelmente uma mulher de nome Santinha, atirando-a sobre as pedras, o que produziu uma grande contusão na face, ficando ella maltratadissima pelas bofetadas e pauladas que levou. A pobre mulher foi conduzida ao hospital de charidade e não consta que até hoje se désse a menor providencia sobre tão barbaro procedimento da parte daquelle portuguez, que é accusado pela voz publica de muitos outros factos que põe em duvida sua reputação, como por exemplo, seduzir meninas desvalidas e sem protecção, carregal-as para a casa, e depois de dous ou tres mezes abandonal-as entregues á miseria e á perdição; diz-se mais que *não sei por que* esse homem ja esteve ausente desta cidade e occulto ahi por fora, vindo depois estabelecer-se com venda.

A offendida além de padecer da *bola*, dá-se ao uso de bebidas, o que faz que ande pelas ruas cantando e dizendo graças; por vezes tem se chamado a attenção das authoridades para ella; si se tivesse attendido, talvez se evitasse semelhante caso.

A' vista do exposto espera-se que S. S. proceda como for de justiça

—Ao mesmo, communicando-lhe que nos informam que o Sr. Sancho Joaquim da Conceição, morador ao Caes Dourado, tem em seu poder um menor de nome Silvano José dos Passos a quem castiga excessivamente, dando-lhe ainda no dia 3 do corrente seis duzias de bollos e chibatando-o desmarcadamente, o que se pode averiguar pelas sevicias que apresenta.

Espera-se por tanto que S. S. condoendo-se daquella infeliz o faça passar ás mãos de um mestre menos cruel.

—Ao emprezario da limpeza, pedindo-lhe benevolas vistas para a ladeira do Pilar; está outra vez cheia de matto e trampa.

Espera-se ser attendido, tanto mais quando a nação paga para ser servida e bem.

—Não tem havido sessão n'assembléa estes dias.

—Ou dente ou queixo, ou lingua ou beiço.

—O *Pharol* que tinha cantado triumpho, zanga-se porque ainda não chegaram os vinte contos que o Sr. Dantas mandou vir. E que viessem!

Pois vinte contos podem supprir a Bahia, n'uma crise dessas em que a ganancia generalisou-se e não passa por *cousa* o negociante que não compra dinheiro!

—Mas si tivessem vindo, a cousa estaria melhor; si não mandou buscar, não dissesse no *Diario* que tinha dado as providencias!

—O que é certo é que se não pode com a falta de trocos; o pobre que tiver dez mil reis não come, si não tiver credito, para tomar fiado. O que equivale a dizer que o pobre que tem dez mil reis morre de fome porque pobre não tem credito.

—E' facto, é facto; ou então ha de pagar um cruzado de cambio, quatro por cento!

—E' intoleravel, insupportavel!

Isto só no *Alabama!*

—Perde o tempo; as authoridades os homens *grandes* não leem gazetas *pequenas*. Remedio sei eu que ha, mas não indico por essa rasão.

—Mais um sinistro da companhia Bahiana!

E por deleixo de quem a dirige.

Por economia, ou la por que dinho é, não ha nos vapores da Jequitaia e Bomfim numero sufficiente de marinheiros; o serviço é por tanto mal feito. Um destes dias, *ala o cabo*, *solta o cabo*, mas os cabos eram dous e o marinheiro um; corre, vae, e vem e na corrida, na ida e na volta, la ficou o homem com o pe partido e tomou um banho salgado; a hemorrhagia foi terrivel!

E tudo isto pelo *economia* do gasto que se pode ter com um outro marinheiro!

—Estas cousas a gente ouve ou vê e cala porque os sentimentos diversos que lhe reluctam n'alma impedem o fallar.

—Ouça isto:

Um sujeito pretende um logar; o logar depende de concurso; o governador da gente protege o pretendente; sabe o que faz? Nomeia para examinadores a tres parentes do feliz concurrente! Um tio e dous primos! Dous empregados publicos e um engenheiro, que tambem o é.....

—Proh pudor!

—O patronato e até a infan[illegible]ma fé, estão ahi em tal grau, que [illegible]ão publica traduz a indignação pelo silencio.

—E' realmente uma acção que não tem commento!

—Está na Plata-forma a morrer uma pobre mulher; a freguezia de Pirajá tem vigario, e na visinhança ha padres; a mulher precisa dos soccorros spirituaes, e si não tivesse durado mais de oito dias n'um estado moribundo, ja a Deus teria dado contas, sem estar preparada.

Porque não apparece, apezar de chamado, o vigario ou outro qualquer padre? porque não satisfazem os sacerdotes sua obrigação? porque não administram aos infermos os ultimos sacramentos?

Dizem que exigem dinheiro.

—Não é possivel, não creio.

—Mas ou creia ou não creia, possivel ou impossivel, quero só ver si a mulher morre desamparada e virei dar parte ao publico.

—Melhor é ver si o Exm. Sr. arcebispo remedia o mal.

—Tomem nota:

« Por não haver numero sufficiente de deputados *para abrir-se* a sessão, *fecha-se* a sessão.»

(Palavras do Sr. Dr. Sodré, vice-presidente d'assembléa provincial, no dia 7 do corrente.)

—Não quiz usar da linguagem da tarifa, espichou-se!

A PEDIDO

—Um pedaço do *Interesse Publico*. Vide nº 795, de 7 de março:

«O governo do Sr. Dr. Dantas não carece que o apregoem palavras banaes de lisonja: com sobejidao o *remendam* os seus actos administrativos; de sobra o attesta por toda a parte a acção *labriosa* e continua dos melhoramentos moraes e materiaes &.»

—E' governo de remendos, attestado por acção de beiços!

E fallam em palavrorio, pobres diabos a quem a Providencia não quer consentir mais um atropello de consciencia!

Mercado de Latronopolis 3 de março de 1866.

A transacção mais importante realisada durante a semana foi a de uma partida de *elogio fofo* vendida por nove contos de reis.

O homem dos testamentos responde ao Bessa Muriçoca que, si ainda lhe resta um pouco de vergonha nessa cara de lata, que sustente em sua presença o que disse no trapiche das Moreiras, para levar em resposta cinco mandamentos nos beiços—ladrão é aquelle que comprando manteiga a T. T. G.

descaradamente roubou 600 e tantas libras—ladrão é aquelle que..... Continuarei.

—Sabe me dizer por que só se abre um portão no Passeio da Sé?

—Para não dar muito trabalho aos empregados.

—De veras? Pois paga-se a dous homens para não fazerem nada!

—Um quasi nunca está alli; quem quizer vel-o vá ao botequim do Candinho.

—E o deleixo continúa; ja arrancaram a pedra do chafariz.

—E viva a patria!

—Estou admirado com o que vejo! Eu não me importo com a vida alheia; mas não se pode deixar de fallar.

Como se ha de consentir que um homem tenha em sua caza um moço cazado que pediu em cazamento sua filha? E isso quando a familia em que se cazou o moço mora no mesmo sobrado em que mora a familia que o moço hoje frequenta? E isso quando o moço desamparou a mulher e por acinte visita a outra familia?

Acaso o chefe da familia visitada será tão falto de juiso como o moço que tem até ciúmes de seu sogro?

Espera-se que appareça um correctivo; é preciso que os empregados publicos dêem tambem exemplos de moralidade particular, de familia. Do contrario, conta-se a historia por inteiro, declara-se os nomes dos personagens, e adeus minhas encommendas.....

Quem—mira—quando—anda.

Previne-se ás authoridades policiaes, quer do districto, quer da freguezia, que se pretende abrir na ladeira de Santa Thereza uma nova casa jogatinal filial á do Terreiro, entre os socios o celebre portuga (damas ao centro) que ha tempos foi á policia por magnetisar seis centos bodes; e um brasileiro que veiu de S. Carlos por ter disposto dos bens que possuia nesse logar: na verdade o giro do negocio não é mau, visto ser pela certa, pois o socio portuga é mestre d'armas, por tanto, rapazeada inexperiente, alerta, que os aviso para não cahirem, assim como a policia para com tempo saber.

O inimigo dos ladrões.

—Como estamos! Notava-se antigamente que um guarda nacional fosse pataqueiro; hoje servem de pataqueiro officiaes, capitães!...

Appareceu aqui um tabareu com cara de sonso, mettido a beato, devoto de S *Spiridião*, fugido das fazendas do *Aniceto*, que é proprietario em Maragogipe: veiu vestido de capitão da guarda nacional; si o é ignora-se.

Chegando a Latronopolis aquartellou com o primeiro batalhão que foi para o quartel; passou para o segundo, do segundo para o terceiro e assim por diante; tem levado um geral de batalhões aquartellados!

E apesar das algazarras, das pateadas, das trouxadas que tem levado, o homem continúa a mudar de batalhão, sem que a face se lhe faça rubra.

E impostura!

ANNUNCIOS.

No deposito de massas e casa de molhados [illegible]rua do Tinguí, vende-se vinho da Fi[illegible] muito bom—a 4800 rs. a cana[illegible] garrafa á 500 rs.; dito do Porto [illegible]800 rs. a canada, garrafa a 700 rs. dito velho, qualidade superior, em meias garrafas, a 480 rs., manteiga franceza a 900 rs. a libra; dita ingleza superfina a 1$000 rs. a libra; cerveja marca triangulo—a 640 rs a garrafa; Genebra—vida eterna frasco a 640 rs. azeite doce 720 a garrafa; e tudo mais que se procura nestas casas—vende-se mais barato que em outra qualquer parte.

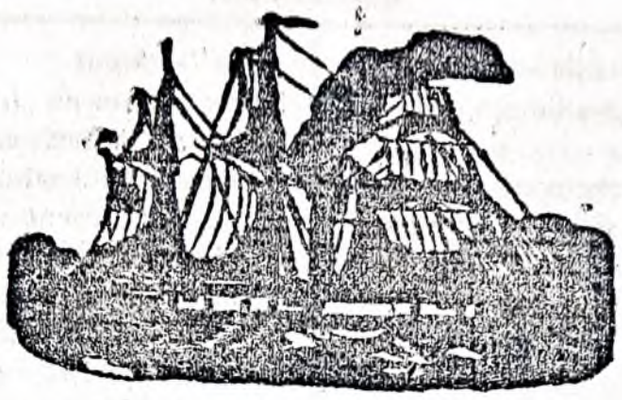
cousa beiro!

—Mas

Declara-se, que as massas preparadas no mesmo deposito tem merecido muita aceitação dos freguezes que sabem apreciar

Vende-se no deposito de cal ao Caes Dourado barricas com cal fina por preço muito em conta.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 10 DE MARÇO DE 1866. SERIE 2.ª—N.º 20

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de março de 1866.

Falla.

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Segurança individual.

A segurança individual e de propriedade, si não é tão completa quanto desejamos, muito tem melhorado; ja se não registra grandes attentados, nem a authoridade é impedida em sua marcha; a estatistica criminal o mostra.

Todavia eu bem espantado que andei; volto uma noite d'um pagode e, ao entrar na casinha da Praça, ameaça-me uma coruja com o seu piar tetrico, cavernoso, rouquenho, metuendo, horripilante!....

Oh! que não sei de nojo como o conte!

Obstupui, steteruntque comœ et vox faucibus hœsit.

Passado o primeiro periodo dei as providencias necessarias, sobresaltei a cidade, e nunca mais fui até hoje incommodado.

Mostre-se pois a authoridade forte; seja a lei egual para o rico e para o pobre, para o fraco e para o forte; seja-se tão severo para um *gato* ou um *leão*, como si é ás vezes cruel contra um *rato*, por que todos tão *ratos*, e a cousa muda de figura.

Notem que fiz o que pude; sem força publica, nesta crise, o mal não augmentou; tudo devo a milagres do *irman de charidade* que fez comigo a policia, facto que muito o honra e eleva na consideração geral.

Cadeias.

São impuras, mal arejadas, pouco seguras.

Como é provavel que o *progresso* mande para ellas muito tratante que figura, e mesmo como eu não sou dos mais pecos, e minha raça é carnivora,—acho bom que se arranje o negocio de maneira que quem estiver no chiliudró supponha que passeia pelos sertões.

A casa de prisão com trabalho tem ja algum trabalho; agradeçam-*me a mim*.

Justiça.

Vae bem. O *olho-vivo* faz escamotagens; João bate em Antonio; Paulo injuria a Pedro; os ebrios offendem diariamente a moral, deflora-se tal ou tal moça, e o malvado decreto paranaguano os põe todos no andar da rua ao cabo de 24 horas, si o offendido é pobre e não tem dinheiro para processar o delinquente.

Depois o jury é bastante indulgente.....

Olhem, rapazes, eu quero duas comarcas; uma la para os dominios de meu senhor, homem que tem muito medo de *saraiva*, e outro la para onde habitou e fez proesas o famigerado Lucas, de saudosa memoria para quem tem garras.

(*Continúa.*)

EXPEDIENTE.

Officio á camara municipal, perguntando-lhe si não ha uma postura que manda limpar as frentes das casas, as praças e os largos; si ha, ponderando-lhe que está no caso de ser comprehendido na postura o largo em frente á matriz do Pilar e que torna-se portanto preciso que os fiscaes que até hoje não tem nisso reparado façam alguma cousa por conta, e ao menos se dirijam á celebre empreza do cisco para derrubar aquella matta no centro da cidade.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe que continúa aberta a caza da rua Direita da Mizericordia. Admira como S S que passeia toda noite a freguezia em pezo, com seu ordenança atraz, ainda o não viu.

—Ao Sr. empresario da limpeza, perguntando-lhe si ainda está resolvido a não cumprir o contracto quanto ao deposito do lixo; si pretende ainda por muito tempo prohibir o transito pela estrada Nova com o monturo do Pedroso; no caso de não ter mudado de parecer, si *pensa* que pode ainda por muito tempo abusar da paciencia deste povo, sem receber um correctivo aos escandalosos abusos praticados por S. S.

—Depois da abertura d'assembléa provincial, não trabalhou ella sinão um dia, isto é somente para dar posse ao Sr. Leão Velloso.

—Caprichos da minoria.

—Quando fossem, eram caprichos contra desaforos; mas, quando quizer fallar, repare, pense; V. tem lido o *Diario?* tem visto quem tem comparecido?

Si lesse, havia de ver entre os membros presentes alguns deputados da minoria, da qual um só membro comparecendo faz numero, estando presente a maioria.

Não queira pois desculpar a indolencia e a preguiça com imputações infundadas aos outros.

—Não seja tão susceptivel, Sr.! A gente, fallando, se intende e bem vê que eu lucrei com a conversa.

—Os filhos de Francisco José de Souza vieram ao *Jornal* declarar que não tiveram parte em certa publicação. E continuam disendo que o Sr. Pedroso não lhes apresentou conta da caza em que teve negocio seu finado pae.

Mas onde acharam os mesmos Srs. que o artigo do *Alabama* se referia ao muito conhecido e honrado Sr. commendador Pedroso?

Eis realmente o que é apanhar a garça no ar, ou receber o recado na porta da rua.

Refira-se porém o artigo a quem quer que seja, *o mundo é assim mesmo;* o commercio da Bahia, muita gente honrada, de consideração e posição, viu, ha poucos dias, dous homens que amargamente se queixavam d'um facto identico ao que foi publicado no *Alabama*. Quem são elles, si é verdadeiro o facto, sabem os caracteres que os ouviram e indignaram-se.

Quanto a nós repetimos, o mundo é assim mesmo; manda quem pode e obedece quem serve.

—Capitão, aprecie.

—Diga.

—Certa crioulela de gosto era requestada a um tempo por um padre e por um taverneiro que morava perto della. A ambos prestava ella ouvidos, no que não ia mal. Um dia teve o padre as delicias de uma ceiata e o *mais que se segue*; a ceia constou de uma excellente moquecada, cujos temperos a crioula foi buscar em mão do Adonis da taverna; o padre *divertiu-se* bem e comeu mal; notava-se que a cada bocado o padre arrebitava as ventas e tomava uma *golada*; ao quarto ou quinto bocado talvez, o padre ja não podia, teve vomitos!

—Bem feito! quem tem a cabeça molle não se aporta.

—«E' cholera, gritou a crioula correndo da sala para a cosinha.

«—E' febre amarella, disse uma parda que com ella morava e que com os movimentos da companheira sahira do quarto e accudira ao padre.

«—E' typho, dizia a visinhança, en-

trando pela porta, é... é... é... imprudencia de quem come e se *diverte!*»

E fosse o que fosse, o padre tinha dado o seu beneficio, tinha borrado a meza toda, estava alli representando um papel triste!

Passados poucos minutos, estava bom, levantou-se corrido e envergonhado, e ficaram as mulheres a advinhar a causa da molestia do padre; nada podia ser do que ellas suppuzeram, nem ainda bebedeira como suppoz quem me está ouvindo. Bem averiguado o negocio todo barulho foi uma pilheria de mau gosto do taverneiro: em vez de azeite doce vendeu o ciúmento á Venus de azeviche azeite de mamona purificado!

Eis porque de quando em vez as ventas do padre se arreganhavam, em quanto seu estomago se empastellava.

—Ora que graça!

—E si pensa V. Ex. que isto é alguma historia de carochinha, saiba que o caso succedeu na rua do Tijollo, esta mesma semana.....

—Basta; só desejava conhecer o padre para obrigal-o, a bordo, a respeitar a Quaresma.

A PEDIDO

—Breve temos carros a 500 reis por hora, e machambombas a quatro vintens.

—Veremos. Só pelo facto da inauguração, não creia na *brevidade*; a estrada de ferro foi inaugurada e dous annos depois teve principio o assentamento dos trilhos.

—Bem eu ouvi dizer que a cousa era patacoada para fazer influencia e attrahir concurrencia! Por isso houve pagode lauto.

—O que convém é saber á custa de quem foi o copo d'agua; ha por ahi quem diga tanta cousa!

—Mau raio os parta, filhos da Candinha!

—Discipulos do diabo chamo-os eu, os quaes V. não deve imitar, duvidando de tudo. Até ver não é tarde, esperemos.

—Sempre ouvi dizer que quem furta pouco é ladrão; só tollos nesta epocha furtam pouco; mas ha nomes!....

Quem é que pode aturar um Manuel de Souza?!

Ora leia o *Jornal* e o *Diario* de hoje e veja.

—«*Manuel de Souza*, ausente, accusado por crime de ter tentado subtrahir telhas do cobrimento do cemiterio da Quinta dos Lazaros, foi absolvido.»

—E logo no cemiterio?! Querem ver que eu conheço o homem? Ha por ahi um Manuel de Souza que tem medo de corujas, e não duvido nada que o receio do homem venha lembrança da coruja que o agarrou no cemiterio.

—Mas ladrão que furta pouco deve pender da cruz, e deste que V. conhece a cruz é que pende....

—O muxingueiro poderia ser encarregado de dar a resposta a certo tollo; passa porém por esta vez.

O paquete que levou S. Ex. o Sr. Dez. Luiz Antonio ao Rio foi felizmente conduzido por bons ventos; os passageiros, companheiros de S. Ex., é que tiveram a lembrança de guardar o resultado das suas digestões para carregarem uma *fragata* que ha muito anda sem frete por não merecer confiança.

—O *buraco periodico* da rua dos Coqueiros está de novo disposto a engolir quem passa.

—A camara municipal me parece que é quem tapa os buracos... da rua; a ella compete providenciar.

—Por fallar em buracos: V. deve lembrar-se de que ha mais de dous mezes, á requisição do commandante das armas, recebeu o Sr. tenente coronel Paranhos ordem para mandar calçar a rua em frente ao tanque d'Agua de Meninos; pois bem, até hoje, o Sr. Paranhos, talvez atrapalhado com suas pretenções de director do arsenaes, não mandou ahi collocar uma pedra, apesar da reclamação ter sido feita porque os buracos estropiam os cavallos!

—São cousas; o homem é engenheiro, quer fazer um concerto em termos, é preciso estudar a materia.

—Figuremos, imaginemos, supponhamos....

—O que, rapaz?

—Que eu sou um grande, e minha mulher tambem é grande; que eu tenho muitos amigos e minha mulher tambem; que eu sou politico, e não tenho amor a ninguem, sem exceptuar os partidos, e que minha mulher ao contrario ama a todos e mette-se em frota sem bandeira; que como politico eu tenho como candidatos a deputados alguns lacaios, e ella dous amigos; que alguns candidatos meus triumpham, mas que infelizmente os amigos de minha mulher tomam taboca.

Mais: que eu me alegro, que minha mulher exaspera-se, por querer metter no recinto augusto um jumento cabelludo; que eu receio, e ella insiste, grita, provoca, ordena; que para não cumprir-lhe a ordem eu proponho cousa identica e ella acceita; que por tanto não podendo ser encartado o amigo da cidade, ella terá dentro o amigo de fora.

Para isso afasta-se montes, derruba-se castellos; não se attende á consideração alguma; a moralidade é calcada, a infamia divinisada; faz-se ostentação do escandalo!

E assim como a mulher insistiu, insiste tambem o marido por sua vez.

—Bem, suppuz; agora que ha?

—O que ha é que ninguem está para soffrer desaforos pueris nem caprichos mulheris e mesmo *machis*, e com a força repelle-se a força; fica em vigor o systema das represalias; com villão villão e meio; desaforo por desaforo; a escandalo outro escandalo; é cousa sabida e até de justiça que amor com amor se paga.

O que ha é que quem alimenta a politica vem a soffrer com a politica, n'um tempo em que dirigem a sociedade rabos de saia.

O que ha é que si os homens ficaram logrados, a mulher toma tambem mais uma taboca por conta.

Será verdade que os pequenos empregados do Matadouro ainda não foram pagos de seus trabalhos, ha nove semanas?

Será verdade que os grandes estão ha muito pagos, apezar do dinheiro dos magarefes ser ganho com grande risco?

Si é, faz-se preciso que a Illma. camara mande satisfazer aos pobres que, si se sujeitam a tão arriscado serviço, é porque precisam de dinheiro e não podem esperar, mais de dous mezes, pelos seus curtos rendimentos.

Um dos infelizes.

ANNUNCIOS.

Luiz da Costa Franco partecipa a seus freguezes que está com casa de latoeiro na rua da Fonte dos Padres n.º 55 A B, recebe encommendas de obras de sua profissão, tambem funde, torneia ouro, prata, e latão, doura e pratêa tudo com brevidade e perfeição.

Na mesma casa se achará Paulin José dos Passos para o mesmo trabalho.

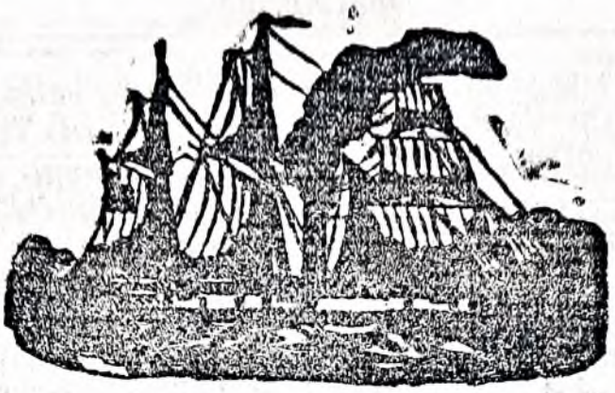
Vende-se uma boa propriedade abarracada, reedificada de novo, sita á freguezia de S. Pedro; tem a salla e o quarto da frente assoalhados, o corredor, a salla de jantar e um quarto com sua pequena dispensa cimentados; tem cosinha fora, um quarto para escravos e solão com duas boas sallas; é toda envidraçada e de gosto moderno, e tem um pequeno quintal todo calçado. Quem a pretender dirija-se a esta typographia que se lhe dirá com quem deve tractar-se.

A Casa de Pasto da Flor

Roga aos freguezes, que tiverem contas la, que cuidem em liquidal-as, pois tambem tem contas a dar; e aquelle que assim não o fizer, terá o desgosto de ver seu nome publicado por extenso, e isto até o meiado do mez.

Vende-se no deposito de cal ao Caes Dourado barricas com cal fina por preço muito em conta.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 15 DE MARÇO DE 1866. SERIE 3.ª —N.º 21

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de março de 1866.

Falla

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Força publica.

A guarda nacional è que está em movimento.

Arranho aqui, querendo beijar, o rabo do meu companheiro das armas, que se foi.

O homem fez o que poude, ajudou-me.

Auxilio contra o Paraguay.

Desde que o tyranno de Humaytá nos insultou, mostramos para quanto prestamos; não houve quem se não offerecesse.

O governo porém mandou estancar a fonte do patriotismo que se esgotava superfluamente e o enthusiasmo acalmou.

Veiu depois o *governo da guerra*; guerra não se faz assi é vente; fui pois incumbido de arranjar voluntarios.

Isto é que foi força de vontade! minha, bem intendido.

Cegos, coxos, doentes de qualquer classe, casados, viuvos, filhos de viuva, tudo foi para o Paraguay! Verdade é que uns traziam algemas, e outros, encarcerados, eram constantemente vigiados [illegible]as foram por vontade; a prova está nos vivas que deram, no enthusiasmo de que iam possuidos.

(*Continúa.*)

EXPEDIENTE.

Officio ao Sr. empresario da limpeza, pedindo-lhe que mande limpar a ladeira da Misericordia, a Cruz do Paschoal, a ladeira do Pilar, o Caminho Novo do Taboão, a ladeira em frente à ladeira do Desterro, e quasi todas as outras, que não parecem pertencer a uma cidade que gasta 80 contos annuaes para ser varrida.

Espera-se que o Sr. ex-tenente coronel se lembre de que nesta cidade se analysa os actos publicos e que por tanto tracte de cumprir suas obrigações.

—Noticias do Sul.

—Vamos a isso.

—O Sr. Dias de Carvalho pediu e obteve exoneração da pasta da fazenda; interinamente ficou exercendo-a o Sr. ministro da marinha Silveira Lobo, que a entregou definitivamente ao Sr. Dr. João da Silva Carrão, deputado pelo 1.º districto de S. Paulo.

«As datas de Corrientes chegam a 23 de fevereiro.

«A 21 chegou o almirante Tamandaré e foi recebido pela esquadra brazileira com todas as honras devidas.

«O exercito argentino está acampado na vanguarda e o brazileiro na retaguarda. O general Osorio, porem, pediu ao general em chefe que o deixasse marchar com as suas forças para a vanguarda.

« Os generaes Hornos e Caceres conservam-se nas avançadas.

«O estado do exercito é o melhor possivel.

«Os paraguayos tornaram a passar para o territorio argentino e incendiaram algumas casas de Itati, povoação que ha tempos está abandonada, perto do acampamento oriental, a sete leguas do Passo da Patria.

«O encouraçado *Bahia* foi encontrado pelo *Espigador* acima da cidade do Paraná.

«Os paraguayos vêm frequentemente ao Passo da Patria nos vapores *Vinte e Cinco de Maio*, *Gualeguay* e *Iguury*, tocam a musica e retiram-se.

«No dia 19 avistou-se fumo de vapores pelas Tres Bocas; immediatamente largou uma expedição composta do vapor *Liberal*, canhoneira *Belmonte* e outras duas. Ao meio dia regressou ella a Corrientes, tendo chegado sem occurrencia alguma até ás Tres Bocas.

«No dia 22 desembarcaram os brazileiros 63 peças de artilharia raiada.

«Continuam a chegar a Corrientes muitos contingentes para o exercito imperial »

Segundo uma correspondencia de Corrientes, os paraguayos vieram a Itati com seis vapores e algumas chatas, levaram varias pessoas e saquearam aquella povoação, onde pouco antes tinha o exercito oriental o seu acampamento.

No dia 17 os mesmos paraguayos tinham vindo em vinte e tantas chatas e dous vapores e chegaram a Guahó onde, favorecidos pelos montes em que emboscaram, resistiram aos ataques das tropas de Caceres e Hornos, retirando-se depois.

No dia 19 correu o boato de que os paraguayos vinham em grande força atacar de surpreza a mesma cidade de Corrientes.

Tomavam-se as precauções convenientes e foi então que largou no dia seguinte para as Tres Bocas a expedição de que acima se falla, composta das canhoneiras *Belmonte*, *Ipiranga*, *Mearim* e do vapor argentino *Libertad*.

Accrescenta porém uma correspondencia:

«Depois que o nosso exercito subiu até as proximidades do Passo da Patria, deixaram os paraguayos de fazer as suas frequentes visitas ao territorio argentino.»

O nosso vice-almirante partiria a 24 para o acampamento onde teria a 26 uma conferencia com os generaes Mitre, Flores e Ozorio.

De 28 em diante devia subir para as Tres Bocas metade da esquadra brasileira e alli estacionaria por alguns dias em quanto se fazem os preparativos para principiar as operações.

Os preparativos são desarvorar todos os navios para entrarem em combate. Os mastaréos serão aproveitados para formar sobre elles grandes balsas, que servirão tambem para o transporte de tropas no Passo da Patria.

—Embarca-se amanhan, 13 do corrente, o Sr. M. P. de Souza Dantas, presidente desta provincia; vae ao Rio tomar assento na camara dos deputados, de que é membro.

—Deus o leve!

—O embarque deve ser concorrido; é bom apreciar-o para não engolir as caraminholas que algum gaiato queira impingir á gente.

—E a companhia Bahiana com seus deleixos economicos! Por economia sua, prejuiso para o publico e tambem para seus empregados. São 12 de março, o mar está irado, o vapor joga, balanceia furiosamente, e attrazer, t Jequitaia! Para que não haja abo publiente é mister empregar-se forças hercúleas; entretanto só dous homens fazem o serviço; as varas de que usam quebram-se! Si não ha passageiros ousados, intendidos, que os ajudam, que se esforçam em demasia, soffria o vapor

avaria e sabe Deus o que soffreriam os passageiros.

E depois a cabeça de um marinheiro escapou de ser victima n'uma das balisas que por alli existem.

—Com effeito é o diabo.

Si querem lucrar, gastem.

E' preciso mais respeito pela vida de quem com seu dinheiro sustenta a companhia. Ao menos, em dias tormentosos, mais empregados a bordo.

—O' Sr. aspirante!

—Prompto, capitão.

—Va ao *trem do mar*, e indague-me o seguinte: 1.° si é verdade que ha por alli um empregado de nome Claudio, afilhado de um escrivão, *pessoa constante*, o qual vive incessantemente em mandados; isto é, assigna o ponto e sae para compras de carne, farinha, peixe etc. e para transacções de lettras e outros quaesquer negocios.

—Sim, Sr.

—2° Si é verdade que o vice-inspector mora n'uma casa dentro do trem, a qual casa quiz augmentar; si para isso subtrahiu dous quartos da casa visinha, deitando abaixo uma grossa parede, feito o serviço pelos operarios publicos; si depois disto feito, e ja se fazendo os repartimentos, veiu o inspector a saber daquelle abuso, mandou-o chamar e perguntou-lhe quem para tal o authorisou; si elle respondeu com a necessidade que tinha de commodos para a familia; si o inspector ordenou que puzesse tudo no seu antigo estado; si esse trabalho foi tambem á custa do estado, assim como os materiaes.

E' preciso saber que diabo de historia é uma.

—Sim, Sr. capitão; volto breve e não será baldada minha viagem.

—3.° si é verdade que o decantado *Riachuelo* (com que se tem gasto tantos contos de reis a aperfeiçoar e indireitar machinas, a metter e a tirar parafusos) ao sahir, ha dias, em viagem de experiencia, arrebentou os parafusos e desarranjou a machina, ao passar pela corveta *D. Izabel;* si, a não ser um empregado de nome José Maria haveria explosão, e morreriam provavelmente os que iam no vapor e a gente que na proa da corveta estava a ver passar o vapor.

De tudo tire minuciosas informações e relate-me depois.

—Sem mais demora.

—Arre! Que se ha de ver tudo nesta terra e fazer a vista gorda!

—E esta! em vez de rondarem, a namorarem!

Estes dous guardas de policia quasi sempre estão nas Portas do Carmo! Não sei que diabo fazem, que arranjo inventaram; o que é certo é que estão quasi sempre firmes no posto.

Mettem-se n'um botequim perto da botica do Sr. Andrade e põem-se a namorar as visinhas! E isto com escandalo, sem respeito aos visinhos e a quem passa!

—Ora bagatella! Então por serem soldados não tem gosto?! Amor....

Faz o moço ficar velho,
Faz o velho se babar.

—E a policia da cidade que soffra, em quanto dous *bons vivants* namoram e se emborrascam!

Bem bello!

—E' uma bella madrugada de primavera; os passaros começam o seu trinado e encantador gorgeio....

Diabo! falta-me o geito para poeta!

....Mas emfim, a *estrella d'alva* deixa-se ver ao lado do oriente; estamos n'um *campo*....

Diabo! ja vejo que não posso escrever uma gazeta romantica, poetica, recrativa como a queiram chamar os intendidos...

....O campo está deserto, mas no meio delle, está armada uma forca; della pende um homem!

A *estrella d'alva* está quasi no seu zenith; brilha com mais intensidade, como quem se alegra com um espectaculo que tanto contrista a quem sente bater-lhe o peito.

Brilhou, porém já não brilha; o cla-

rão que surge faz desapparecer o clarão emprestado do astro de Chypre.

As trevas estão inteiramente desfeitas; o *pharol* do dia desponta e derrota instantaneamente o cadafalso.

E' uma historia mal arranjada que pode ter alguma moralidade para certos presumpçosos que se querem fazer especificos por suas opiniões.

A PEDIDO

—Capitão, dá licença?

—Suba. O que ordena? E' novidade?

—Não tem duvida. Lendo uma noticia que deram a V Ex sobre um concurso em que o homem que presidiu á gente nomeou examinadores a dedo por causa de seu pretendente, venho dizer-lhe que o tal pretendente é parente da *prima* e não convinha desgostal-a; por conseguinte era preciso nomear os parentes para julgarem da habilitação do parente; o caso é que com as cartas da prima o primo foi nomeado.

—Si é só isso não me masse.

—Temos mais cousa, capitão, por isso é que trago á luz da rasão esta circumstancia, para que V. Ex. saiba qual a relaxação dos *lupanares graduados*, e fazer-lhe ver que não foi só nesse concurso que deu-se tal facto.

Muitos outros se tem dado, e tendo breve um, ja se diz que hão de apparecer gentilezas; esses homens tem sempre um parente a arranjar e empregam todos os meios para conseguirem seu fim. Dizem por exemplo que um primo acceitara as redeas do governador so para nomear um primo que vae a concurso. O que é impossivel de crer-se, porque pelo que diz o *Diario*, S. Ex. o Sr. Leão Velloso, a respeito de honestidade e justiça é sem segundo nos annaes modernos.

—Creio muito de coração.

—Si tal não fora, o primo candidato é quem havia nomear os examinadores fazendo delles uma lista.

—E é assim que se passa a vida neste mundo.

—*João*, dize-me: Quando é que has de deixar de ser bajulador?

—Já sei que isto são intrigas do *Nunes*.

—Não é intriga, é o que é real.

—Eu nunca bajulei a pessoa alguma.

—Pois tu nunca bajulaste, e como estás bajulando descaradamente ao *Ostrenou*, para te dar o logar de *bombeiro* dos musicos e de *ordenança* delle, para que tens bastante geito?

E's na verdade um infame, um safado, um tratante, és emfim um homem mal reconhecido! Tufé, descarado!

—Até que emfim triumphou a justiça da ignorancia e do despeito. O Exm. Sr. Leão Velloso acaba de dirigir-se ao Exm Sr. Cor. commandante das armas declarando-lhe que mande cancellar a celebre ordem do dia em que o Sr. engenheiro Lopes recommendou ao Exm. Sr Cor. commandante superior Carvalhal a leitura do § 1.º art. 2 do regulamento approvado pelo decreto de 8 de maio de 1843.

—Onde viu?

—Leia, eis-aqui:

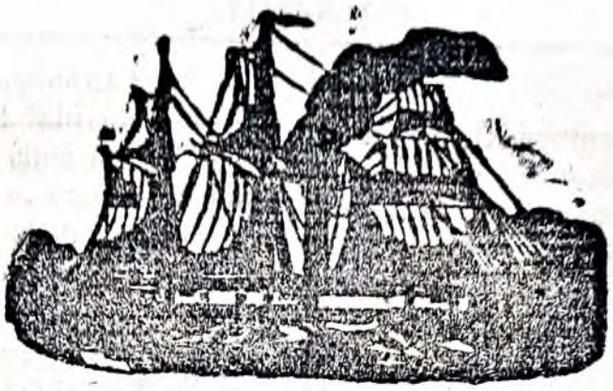
«COMMANDO DAS ARMAS. — *Quartel do commando das armas da Bahia em 7 de março de* 1866.—Ordem do dia n. 22.—Faço publico para conhecimento da guarnição e para que produza os devidos effeitos, que o vice presidente da provincia, attendendo ao que representara o Sr. coronel commandante superior da guarda nacional reformado, o major honorario do exercito Joaquim Antonio da Silva Carvalhal, mandou por officio de hontem que seja cancellada a ordem do dia de meu antecessor sob numero 63, de 23 de outubro ultimo na parte relativa ao mesmo Sr. coronel commandante superior, que achava-se encarregado da organisação da companhia de couraças, como simples cidadão e sem caracter militar, pelo que dirigia-se á presidencia constantemente sem ser por intermedio do commando das armas—*Innocencio Eustaquio F. d'Araujo* coronel commendante das armas interino.

Conforme —*Antonio de Mattos T. de Menezes*, alferes ajudante d'ordens encarregado do detalhe.»

—Graças a Deus, ja se vae fazendo justiça nesta terra.

Ficam assim os galões nunca marcados isentos da nodoa que lhe quizera atirar um indiscreto!

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 15 DE MARÇO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 22

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Este é o segundo numero da 3.ª serie do *Alabama*.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de março de 1866.

Falla

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Guarda nacional.

Deu seu contingente, cumpriu seu dever, e faz actualmente o serviço da tropa e policia, *sem armas, mas em regra.*

A' excepção da gente da capital, os guardas nacionaes usam de talos de coqueiros, lembrança que eu adoptei do velho Santinho no tempo da Independencia. Os que não trazem talos, usam de pau furado, sem feixes, sem cousa alguma. E' este o estado a que a *minha gente* reduziu as provincias!

Na propria capital, os guardas chegaram a usar, por mais de 15 dias, de armas a Minié, sem que lhes fossem fornecidas as espoletas!

No mais, nomeações, demissões e suspensões.

Eu por mim fiz uma limpa dos seiscentos; era ver sujeito que não tinha cara de gato, zás, rua com elle porque não mau-grado gente para Lopez matar.

Corpo policial.

Embarcou para o Sul, como sabeis; ficou porém gente commandada por um cego que entretanto briga como o diabo.

A respeito de armamento essa gente acha-se nas mesmas ou em peiores circumstancias que a guarda nacional.

Mandou-se concertar o seu armamento, e o director do arsenal mandou dizer que era melhor comprar outro por que fôra perder tempo, trabalho e dinheiro, concertar o que ja não comportava concerto; tal é o seu estado de deterioramento!

Salubridade publica.

O estado sanitario vae melhor do que esperava.

Entretanto continuam a phthysica, a syphilis e o diabo a matar a torto e a direito; tem morrido gente como sardinha em tigella; so de meninos de 1 a 10 annos morreram 1049, a terça parte do total dos mortos.

E' por isso que nossa população não augmenta; os medicos devem estudar a causa desse grande mal.

Fallou-se em cholera-morbus, meu cabrion.

Suores frios que tive!

Lembrei-me daquella carreira de Santo Amaro, e, *como gato escaldado d'agua fria tem medo*, puz tudo em movimento de maneira que o monstro do Ganges não metteu aqui o focinho por que arreceiou medir-se com as garras d'um gato marisco das brenhas que prevenido o esperava.

(*Continúa.*)

EXPEDIENTE.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que lance suas vistas para a ladeira da Fonte dos Padres que se acha com um abysmo de excavações no centro, sem que pessoa alguma possa latinar para que fim.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que lance suas vistas para uma loja na rua dos Sete Candieiros, em que ha constantemente palavradas, desordens, gritos d'aqui d'el-rei etc.

E' bom prevenir para não ter-se ao depois que punir.

—Embarcou-se o Sr. Manuel Dantas.

—Diz o *Diario* que foi muita gente.

—Convidados officiaes, ou amigos pessoaes dos quaes S. Ex. se despediu tres e mais vezes.

Quanto a curiosos, bem poucos.

Houve senhoras e muitas, sem duvida por parte da senhora de S. Ex. que chorou muito com saudade da gente desta boa terra.

—Appareceram allocuções e invocações, tudo anonymo, bem intendido.

A allocução é obra de alguma *authoridade* civil ou *militar*.

A invocação.... principia pelos deuses da mythologia e acaba por latidos!

Investidas de leão, retira[illegible] facto. deiro! e tend[illegible]

Honra, Justiça, Temperanç[illegible] tas virgens, auras de valles, [illegible]m lavradores de paragens inhosp[illegible] em- mul esse et non esse) feitos immogui-, arterias, e até caens, tudo veio á scena!

—Tudo não, faltou invocar tambem a onça do Jequitinhonha, o Bebé da assembléa, e a capona da these.

—Mas emfim foi-se o homem embora. Deus o leve, rapagão!

—A agiotagem invadiu até a classe sacerdotal; um capellão dá dinheiro com juro exorbitante aos operarios da casa em que são empregados.

—Quem é o capellão?

—Não lhe posso dizer.

—Onde se dá o facto?

—Em Latronopolis.

—Boa duvida! Em que casa?

—Na casa onde se fabrica navios, onde se prepara as cousas do mar.

—Bem; vamos ja ter uma longa conversa com o reverendo.

(Continúa.)

—O Sr. Dantas faz alarde no seu relatorio do grande numero de voluntarios; entretanto os recrutas dos batalhões da guarda nacional (cousa nunca vista!) ahi estão, os que voltam, de porta em porta, a esmolarem o pão da charidade publica, sem poderem fallar ao Sr. presidente!

—Agora pode ser que possam; o presidente é novo, é mais accessivel talvez.

—Pois o caso é ja do tempo do actual; ahi andam, entre outros muitos, dous homens, José Antonio de Souza e Antonio Ferreira que desejam fallar ha muito tempo ao presidente.

—Engana-se; outros não terão fallado, mas estes dous fallaram.

—Fallaram, mas nenhuma decisão tiveram. O Sr. sabe que quem volta inspeccionado, é porque está doente, e os pobres homens andam a dormir pelas portas, pelos alpendres, debaixo dos arcos da camara, com estes rigorosos dias de chuva, porque o governo tem pena de gastar dinheiro com a passagem de homens que elle foi buscar no recinto de suas familias!

—E chama-se a isso liberalismo pratico!....

—Sabe que a policia anda desfarçada á noite?

—Sei e acho bom.

—E eu tambem, mas era si os disfarçados ao menos fossem pessoas em quem se podesse confiar.

—Mas que ha?

—Ouça o que fez um delles, um tal Santos. No dia 8 do corrente, mandou elle fechar uma venda ao Gravatá, antes da hora; um visinho interveiu pacificamente, elle o quiz prender, mandou-o calar, sob pena delle ir tirar a farda e voltar para metter o chicote no homem!

Foi depois á casa de uma mulher, e quiz obrigal-a a despedir duas mulheres que com ella estavam em casa, usando de nomes offensivos á moral publica, e ameaçando entrar na casa e levar tudo a panno de relle. Um Sr. Joaquim que tem armazem junto aos Srs. Garcia & Conde foi quem o fez tomar geito, fazendo-lhe ver que a mulher estava em sua casa e não perturbava o socego publico.

Hontem, 13, enfronhado n'um velho palitot, e de espadagão á cinta, entrou, cambaleando, na loja do Sr. Ludovico e fez barulho; para sahir foi preciso darem-lhe dous vintens para caxaça; encontrou a Benedicta Rebouças, e como esta não lhe quiz dar attenção, despejou todo vocabulario de injurias sobre ella, e como teve o troco na mesma moeda, foi á casa da mulher, prendeu-a sem rasão, quiz entrar na casa, fez o diabo até que afinal foi preso e mandado levar para o quartel pelo commandante da guarda de palacio!

E' com effeito um homem de confiança!

—Si a policia da Bahia so dispõe dessa gente, pode entregar ao diabo o resultado de suas diligencias.

A PEDIDO

Despedida.

Sinhô Mané vae-se embora.
E deixa a gente sò ca;
Elle que aqui tantas fez
Quantas não fará por la?

Sinhô Mané é um homem
Qu'eu não o sei intender,
Assado diz que não come,
Cosido não quer comer.

— —

Deus vos leve, catavento,
Camaleão fementido!
Queremos á tua volta
Saber qual o teu partido.

E's vermelho, ás amarello,
E's voluvel, furta-cor;
A tua raça felina
Bem diz que serás trahidor.

Tua partida um triumpho
E' para nossa Bahia;
Repara como as *grisettes*
Estão em grande folia!

Como a teu amo de outr'ora
Ellas saudar-te hoje vem;
Por salva carga de bufas,
Bananas por parabem.

— —

E' assim que tua gente
Não t'é capaz de esquecer;
O brilho dos actos teus
Faz o sol escurecer.

Vae pois nas aguas do Rio
Reflectir, luz do sertão!
Que em vez da pasta que almejas
Um pau te mettam na mão!

Deseja-se saber qual a rasão porque morrendo na rua do Curral um portuguez de nome Amorim, quasi fica este a apodrecer em casa, apezar de ter dous patricios que lhe deviam 300$.

Quando afinal teve de ser interrado foi conduzido na *machambomba* da Misericordia!

Gratifica-se bem a quem descobrir esses dous tratantes para serem remettidos ao porão do *Alabama*.

—E' admiravel a policia desta terra!

Um negro invade uma caza de familia, espanca os donos ou moradores, um unico visinho acode aos gritos dos aggredidos; e a policia a dormir!

—Historias!

—E' facto succedido na noite de 12 do corrente, estando presente, dizem, o Dr. Eloy José Jorge, morador ao Caquende, visinho dos offendidos.

—Com effeito!

Si não é o Dr., o negro matava sem duvida a familia, sem que a policia acordasse!

Attenção!

Pede-se ás authoridades competentes que, por intercessão do milagroso S. *Antero* e mesmo de todos os *Santos*, se não esqueçam de activar o processo que acaba de ser instaurado contra um marido desbumano.

O mesmo acaba de espancar brutalmente sua mulher, fazendo-lhe na cabeça medonha brecha de quasi cinco pollegadas e quebrando-lhe um braço, como consta do corpo de delicto.

Tal crime, sem causa que o justifique ou atenúe, a não serem as extravagancias do esposo, merece severa punição.

Espera-se pois que as authoridades incumbidas desse processo olhem somente para a lei e façam punir o criminoso.

O Marques.

Graças a Deus! que ja nos deixa
Esta peste, peior que a escarlatina;
Si dura por mais tempo na Bahia
Esta terra acabava de mofina.

Somente para castigo deste povo
Sobre elle grassou tão cruel tinha.
Ave agoureira, vae para bem longe
Onde não cante gallo nem gallinha.

Pede-se ao Sr. Costa Guimarães que não continúe a deitar cisco no meio da Estrada, junto a sua montureira na roça do Sr. Pedroso.

P. L. P. S.

Ao publico.

No fim do mez que corre finalisa-se o praso para o recebimento (sem desconto) das cedulas de 5$ rs. (duas figuras).

Ao cabo negro.

Pede-se o favor de não continuar a levantar falsos a quem nem delle se lembra para o entregar ao diabo; cuide antes em mandar limpar certas ruas e becos que até hoje ainda não viram enxada nem vassoura; deixe de visitar as capellinhas, porque faz vontade de fallar e então sua mercê occupa-se da vida alhena.

Por ora só; para outra vez provaremos que seu trabalho não vale mil reis diarios e que si Sm. continúa na companhia, é porque quem tem padrinho não morre pagão.

Quem não sabe acaso que seu unico merito é intrigar os companheiros?

Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

Compadre ha muito tempo,
Que estou para lhe escrever,
Mas são tantos os trabalhos,
Que m'o fazem esqueeer.

Anda tudo por aqui
Em completa confusão,
Aos homens hoje governa
O rei dos bichos *Leão*.

Vae ao Rio de Janeiro,
P'ra seu assento tomar,
O *el-rei Mané de Souza*,
Depois de *bem* governar.

Tem andado em atropello
Da terra a governação;
Sahiu das mãos d'um maluco,
Para as garras d'um *leão*.

O governo do *Mané*
Foi governo de espantar,
Fez cousas o tal maluco
De vossê admirar.

O *Fortuna Fragatinha*,
Examinador queria ser,
Como não lhe dera' a cousa,
Toca o *Mané* escrever.

Como já disse, compadre,
Muito tenho que dizer,
Mas são tantos os trabalhos,
Que não lhe posso escrever.

E por isso apenas faço,
Esta... carta resumida,
A outra que lhe mandar
Será no todo comprida.

Para que maior massada,
Com vossê eu hei de ter?
Dê lembranças ó comadre,
Não tenho tempo a perder.

Que esta ás mãos lhe vá chegar,
Hei de ter satisfação:
Vou resar, adeus compadre,
Que é tempo de contrição.

ANNUNCIO.

Quem precisar de uma pessoa habilitada para caixeiro de cobranças ou para qualquer loja, dirija-se a esta typographia, ou á rua Direita de Santo Antonio nº 20, que achará com quem tratar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 17 DE MARÇO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 23

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de março de 1866.

Falla

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Aceio da cidade.

Nunca vi maior porcaria nem maior ganancia!

Mamar 500 rs. mensaes de cada familia, chuchar 80 contos de rs. annuaes dos cofres publicos, e deixar a cidade em tal estado—é só proprio ou de quem está em apertos, ou de quem perdeu a boa, ou de quem não tem vergonha.

As reclamações são diarias por parte da imprensa e das authoridades; foi nomeada uma commissão para saber que diabrura è uma, e o que dizem as gazetas reconheceu ella ser verdade.

Eu intendo que o dinheiro é muito; a commissão pensa que a população não está satisfeita, que o sacrificio é grande por parte da provincia; logo, acabe-se com a *droga*!

Quando porém assim não fosse; quando o contracto fosse litteralmente cumprido; quando o emprezario fosse homem capaz de não querer comprometter o administrador que nelle confiou; quando tudo corresse regularmente, eu era de opinião que isso não continuava, por ter sido feito por um homem inimigo dos gatos, á cuja raça me ufano da pertencer. Assim vingava-me; cada um arranha com as unhas que tem.

Carnes verdes.

A reclamação é geral tanto por parte dos consumidores como dos productores.

A causa do clamor contra o modo por que é actualmente abastecido o mercado, é de intuição.

E' preciso mudar de rumo.

E depois eu tenho nisso um interesse todo pessoal e de familia; assim como vae a cousa, so os cães é que frequentam o curral e aproveitam as moxibas, e para os pobres dos gatos, meus companheiros, nada e só nada!....

Posturas.

O que os vereadores põem eu aproveito; è verem si faço bem.

Calçamento de ruas.

Estão nomeadas commissões para calçar da Fonte dos Padres ao Bomfim e a rua Nova do Commercio.

Ja era tempo; as ruas que pelo estio podiam servir para acoutar em suas tocas algum bicho grande, pinto, gato, coruja, ou anta — no inverno similham um completo pasto de caranguejos.

Culto publico.

Nas freguezias que não estão para cahir, ou moram cobras no telhado e por detrás dos altares, ou chove dentro como na rua.

Por essa rasão, estando um vigario a dizer missa e cahindo-lhe a chuva na corôa, suspendeu elle o officio, mandou amontoar as imagens n'um cesto e conduzir para sua casa, onde ficariam melhor guardadas, por que la não chovia, dizia elle.

Isso porém não admira, que foi *la fóra*; o que espanta é que a Sé sirva de asylo a atrevidos morcegos e a medonhas corujas, bicho da minha quigila! O que espanta é que no Collegio passeiem grandes cobras, as quaes já me disseram que moram atrás de duas estragadissimas commodas que servem para guardar as cousas dos conegos!

Os Srs. não quizeram augmentar o dinheiro dos guisados ecclesiasticos; pois vejam o que fazem.

Aquelle meu amigo do sertão que dá *ventura*, aquella rotunda cabeça de queijo intentou, ha de conseguir.

Os Srs. não sabem quem é aquelle mulato!

Eu tenho-lhe um respeito!...

(Continúa.)

EXPEDIENTE.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que obrigue o proprietario da casa nº 14 a concertar a bacia de suas janellas que está a cahir, como ja cahiu a de outra visinha, que felizmente não fez damno á pessoa alguma.

Espera-se que a Illma. dê-se pressa em provtdenciar por que o caso é serio, e por vezes, sem proveito, ja se tem dirigido a imprensa á veneravel ordem terceira do Carmo que é a proprietaria.

—Desaquartellou o batalhão de artilharia.

—Finalmente! Dir-se-hia que esperava pela partida do Dantas; foi fazer-lhe as honras, e sahir do quartel.

—Fallou-se que assim se convencionara, tanto que ha muitos dias o batalhão não fazia serviço.

—Oh! vanitas vanitatum!

Oh! mundo inconcebivel!

—Ainda a companhia Bahiana! O vapor *Colinguiba* ia levando o diabo porque o capitão esqueceu-se de que para navegar era preciso carvão!

Nunca se viu tanto desmazelos?

—Mas o perigo foi por causa temporal; si este não houvesse, a viagem seria á vela.

—Mas nem por isso deixa de haver deleixo!

Faltou agua, de quem a culpa? Mais de dous dias sem comer nem beber-se, com a morte diante dos olhos, com a vida pendente de uma fragil corrente!

E não ha um protesto energico, uma reclamação vehemente contra o proceder da companhia e seus empregados que assim, tão levianamente, expoem a vida do publico!

Chegaram, foram dar graças a Deus no Bomfim; deviam tambem responsabilisar a companhia que por sua vez deve responsabilisar o commandante!

—Com effeito, o caso não foi de graças; si não apparecem tres marinheiros que por 35$(!) arrojaram-se a um bote n'um mar encapellado e furioso; si esses tres homens não expoem denodadamente a vida ja em perigo; si elles não sabem nadar, á falta do bote que virou; si não conseguem chegar á praia e depois á cidade em 4 horas, a vida de centenas de pessoas era presa das ondas iradas!

Tudo porque? Por deleixo.

E' realmente preciso punir o crime.

—Os *progressos* desta terra são sempre assim! Além de estarem todas as ruas esburacadas, vem as machambombas pol-as em peior estado!

—E não cantam os trilhos em seguida!

Parece proposito de arruinarem a calçada, pois pelas esquinas e largos é que elles esburacam.

—Proposito é; mas sei-o eu de que; no mais, isso é mundo, vamos vivendo.....

—E a população que soffra com os caprichos de meia duzia de *grandes*!

—Hoje n'assembléa provincial, ao darem as galerias um signal de reprovação ao discurso do Sr. Freire que esteve *celebre*, o Sr. Romualdo pronunciou as seguintes palavras:

«O Sr. presidente deve mandar policiar as galerias, porque nós não devemos estar expostos a meia duzia de... rapazolas.»

—E o presidente d'assembléa que fez?

—Tocava a campa e segurava a luneta, sem fazer retirar as palavras pouco delicadas que contra o povo atirava a leviandade do Sr. Romualdo.

—E o povo que fez?

—Repelliu o insulto, protestando, apezar dos toques de campa do Sr. Sodré, compadecido dos suores frios do aggressor imprudente.

—Fique registrado o proceder d'um membro da maioria que não tem assento.

—Sabe o que se deu n'assembléa? O Domingos Carlos deu um aparte ao Zama e este que não atura desaforos respondeu-lhe que não era deputado *official*. Si o Domingos está em si, não replica; cahiu porem na asneira de retorquir, foi uma dos diabos! Era o Zama a atirar-lhe pedradas e as galerias a applaudirem: O Sodré, com receio de que lhe cahisse a luneta, ou por ja ter o braço cansado, nem tocou a campa! abaixou a cabeça e poz-se a escrever como quem se alegrava do martyrio do companheiro

O homem ficou realmente massado! Nada tendo que dizer, arreganhou os dentes, balançou a perna, e alimpou as grossas bagas de suor que lhe cahiam da fronte.....

—*Est dolor sicut dolor ille*?!...

A PEDIDO

—Perguntou-se ha dias si era verdade que ha nove semanas não eram pagos os empregados do curral; nenhuma resposta. Dizem entretanto que mais uma semana se passou e o pagamento se não fez. Dizem que o pagador diz que não paga que não quer. Dizem que os empregados ja pediram providencias ao Sr. barão do Rio Vermelho, que este prometteu dal-as e que tudo ficou na mesma. E esta?

—Não vê que o dinheiro é muito, os cofres não podem supportar a despeza; dous mil reis para uns e mil reis para outros, por semana—faça ideia que despezão!

—Pobres homens! arriscam alli sua vida para ganharem uma ninharia e pagam-lhes assim o trabalho!

Portaria ao espião Cobra, ordenando-lhe que vá á ladeira de Santa Thereza, e indague quem foram as victimas do dia 14 do corrente na casa de certo portuguez vindo ha pouco de porto *Cardoso*, quaes seus nomes, assim como se houve *jeu de dés* ou cartas de olho de pombo, devendo trazer os nomes de todos, quer brasileiros, quer francezes, hesponhoes etc., majores, capitães e *commandantes*.... indague mais a que tempo se acha nesta terra o tal portuguezola, quantos baralhos preparados trouxe, e quantos dados; assim como se ja não foi chamado á policia pela escamotagem de seiscentos de certo rapazinho, que ficou sem seu negocio, e quaes as cartas de empenho para a chefança, sabendo tambem quanto contos ja tem nos bancos. O que cumpra.

Apontamentos.

A's duas horas mais ou menos sahiu de sua espelunca el-rei Gato-marisco, acompanhado de toda a casta de animaes, distinguindo-se alguns racionaes.

O pallio foi dispensado por que o bicho de fardão encapellou o *chapeu armado*, cousa que muita gente diz que lhe assenta bem.

Ao chegar ao logar do embarque, estava postado um batalhão que o recebeu com as honras do estylo.

O *Observador* fez uma allocução e Bebé invocou as florestas virgens, sem se lembrar que no matto é que estão as onças.

A mulata Santinha, depois de comprimentar, abraçando, a S. M. a rainha, voltou-se para o Gato-marisco e recitou uma *rica* poesia, da qual extrahiu os os seguintes versos:

Eu bem te conheço, ronha,
Sei quem és, Manê da Souza;
Tu não és gato-marisco,
Que tens manhas de rapoza.

Depois disto todos os animaes machos e femeas beijaram a mão á rainha, que, em lagrimas, fez chorar os presentes, especialmente um jumento pelludo que zurrava desabridamente, tão partido de saudades lhe ficava o coração!

Festas de burro!

Seguiu-se o *abraçamento* por parte dos machos; por mais de dez vezes Gato-marisco foi obrigado a affastar um importuno abraçador, para segurar os antolhos que lhe cahiam.

S. M. saltou no escaler com *acintes* de galeota, e seguiram-no alguns frequentadores dos seus jantares. Entrou n'um vapor para entrar no vaper, Ahi Gato-marisco bem vontade que teve de dar quatro arranhadellas em cada patife daquelles que o compromettera e que magro lhe puzeram o caldo da panella, e que lhe davam segundo mentido abraço. S. M. viu-se por fim livre daquelles importunos parasitas.

Soou a salva do estylo. Dizem que em terra, tambem a houve expontanea; a certos personagens costumam as moças do Grelo e immediações saudar da maneira que podem: apontam a parte trazeira para a rua e *desafogam-se*.

Não garanto porém esta ultima noticia porque não vi; impossivel com tudo não é, pois que nem tem o merito da novidade.

Largou emfim o vapor ás tantas e levou por estes mares fora aquella pesada cabeça, aquelle genio bruto, que aqui metteu o nariz em tudo, sem exceptuar os canos da rua da Valla.

Graças!

Aviso á policia.

Abriu-se no dia 14 do corrente uma nova casa de jogos prohibidos em Santa Thereza, filial á das immediações da Policia, da qual a folha official do 1.º do corrente tratou, pedindo providencias; entre os socios um portuguez (damas ao centro) e dous francezes; foi muito concorrida por gente das nações, sendo então os brasileiros os indicados para victimas, como a pouco tempo o Felippe, que esse *finorio* o esfolou um certo Notel: oito mezes se acha nesta capital esse escamoteiro sem que a policia indague seu modo de vida, para ja ter dinheiro nos bancos; por tanto so diga que essa gente mata o que não vê, atirando no que vê, e fica logo rica. Assim si a Sra. policia quizer intender, intenda, depois não diga que lhe não avisaram.

O pae pelo filho roubado.

—Ja começa o Sr. Martins a massar o publico! Onde pensa elle que está? Suppõe a Bahia alguma tapera em que possa impunemente vender pomadas?

—Si o publico tolera, elle não deixa de ter rasão.

—Quer acaso renovar as scenas enjoativas e massantes da noite de seu sempre lembrado beneficio?

—Beneficio dá elle sempre que representa.

—Pensa o Sr. Martins que as suas scenas comicas são tão salpresas, que, por mais batidas que sejam, nunca perdem o gosto?

Suppõe que o seu *Defensor caixeiral* é alguma obra primorosa que, n'um theatro como o da Bahia, possa ir á scena vinte vezes em seis mezes, e que no anno seguinte seja representada, logo ao abrir-se o theatro?

Ora, Sr. Martins, não masse a gente, faz favor?

Pois é assim que quer dar impulso á sua empreza de capote?

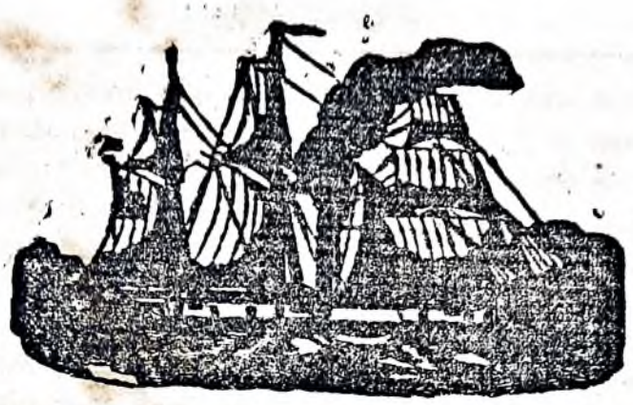
Depois queixe-se do publico, e diga que Santo Antonio o enganou.

—O publico é que ha de ficar logrado e elle armado com os *milagres de Santo Antonio*.

—O *Pharol* de 5.ª feira 15 do corrente traz um artigo—*Clama, ne cesses*, em que se resume os actos da administração dantina.

Quem puder lel-o, leia-o; affiança que não perde o tempo.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 20 DE MARÇO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 24

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de março de 1866.

Falla

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Ensino religioso.

Vae como é de esperar. O papá das ancias, governador da gente de saia preta, meu querido e estimavel *xará*, dondon Mané (quando acabou de tomar em ambas as ventas, ao voltar d'um *rio* em que banhara quatro noivos) entrou pelas taes casas de ensino e, qual Jupiter tonante, despediu raios, o primeiro dos quaes foi contra o chefe.

Acho isso uma arbitrariedade, que muito se assemelha aos processos summarios da Inquisição.

Ora la, pelo que os rapazes *faziam e comiam*, bagatella! O pretexto foi ridiculo tanto mais quanto foi um *queijo*, comida que si não faz mal aos ratos, tambem não desagrada aos *gatos*. Foi so uma demonstração da indole que muitos diriam de tigre, mas que eu chamarei de rapoza, que tambem gosta da *fructa*, a cujo cheiro ficou enfurecida, com agua apenas no focinho.

E embirram que eu ande de fardão, quando o diabo anda de saiote rubro!

Instrucção publica.

Anda coxeando, mas come que é o diabo; a quarta parte das rendas é absorvida por ella, sem proveito real, pode-se dizer. Ha tabareu bruto ahi como mosquito nos mangues!

Por tanto ou se acaba com as escholas, ou se gasta com ellas o dinheiro todo; para evitar porém as pontas deste dilemma que não são como as minhas, basta crear-se mais um imposto; interrem a unha no povo que os gatos assim é que fazem!

(*Continúa.*)

EXPEDIENTE.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um buraco que ha em Santa Barbara, no passeio em frente á loja do Sr. Valverde, ao subir a ladeira da Mizericordia.

Pede-se-lhe tambem que mande fazer o mesmo com um outro que existe, á Estrada Nova, em frente á cocheira do Sr. Pará-assú.

Espera-se ser attendido; a Illma. deve mostrar maior zelo e interesse pelos negocios municipaes.

—A' mesma, dizendo-lhe que consta que ha mais de mez não ha sessão da Illma.; que correm por ahi boatos indecorosos a respeito dessa falta injustificavel; que é preciso por tanto que a Illma. se reúna com brevidade para ainda uma vez triumphar dos maledicentes que a querem desconceituar pe-

rante o publico; cousa que felizmente não alcançarão.

Portaria ao guarda do chafariz do Terreiro, ordenando-lhe que não consinta um ajuntamento de negras e negros que ha toda noite em redor daquelle chafariz, onde se profere toda casta de obscenidades sem nenhuma attenção ás familias que por alli passam. Cumpra.

—O gaz virou lamparina!

Estas noites de chuva, a illuminação tem estado pessima; a escuridão é maior e menor a claridade.

Além de nunca ter estado a luz no grau do contracto, diminuida agora quando é preciso ser augmentada!

Ha ruas inteiras que permanecem actualmente em trevas!

Isto se vê aqui, nesta terra, em que tudo se tolera!

—Deixe estar que o fiscal do governo ahi está, e S. Ex. o Sr. vice-presidente; hão de apparecer providencias.

—Paga-se um administrador, zelador ou cousa que o valha para o passeio da Sé—D. Isabel—; paga-se um guarda policial para *vigiar;* dous espias. Pensam que é so? Enganam-se; paga-se tambem a limpeza da praça!

—E que queria V.? Queria que a limpeza fosse feita pelo zelador ou pelo guarda?

—Não, Sr.; mas quero que as patotas não continuem; S. Ex. o Sr. Leão Velloso ja fez o que poude, declarou que tal despeza não continuaria e que o serviço seria feito por dous forçados. Eu porém intendo que aquillo é rua, e praça, e que por tanto quem deve fazer a limpeza é o Sr. Costa Guimarães.

—Tem rasão, tem rasão, não tem duvida; mas o Sr. Costa Guimarães, si metter alli os pés emporcalha tudo com sua limpeza, e o melhor é deixar os forçados que nada custam.

—Vejam que maioria!

Dizem-se progressistas, sectarios cegos do Sr. Saraiva, e toleram que o Sr. Madureira accuse a todos os progressistas desde o Sr Sá e Albuquerque té o Sr. Silva Gomes, sem um protesto!

—Que quer? V. não sabe o poder que tem um voto!

Depois o capricho tira o siso.....

—Na ladeira da Mizericordia, ha um buraco ha mais de anno; pediu-se mil providencias, mas nada se fez. Veiu o cano *real,* suppoz-se que era tempo do cano particular ser attendido, qual!

O cano concluiu-se e o buraco la ficou á espera de um outro cego que caia dentro!

Isto só se vê nesta terra, em que a camara cuida menos dos interesses do povo do que o Sr. Thomaz de Aquino.

—O remedio é ver e calar, que si gritar é cansar.

—Mais roubos.

No Castanheda, da venda do Sr. capitão Lessa, levaram os *meninos* quatro centos e tantos bicos, e safaram-se.

—Sr. Dr. Galeão, sentido com os melros!

A PEDIDO

—Bebé tem animo!

Quando não encontra onças, o cadello toma arrojo e ostenta um cynismo inqualificavel! Quem o visse, damnado, a latir contra o Sr. Des. Luiz Antonio, espumando de raiva e impotencia, não o julgaria o *pellado gozo* que á custa do homem engordou, servindo-lhe a meza, e, por malcreado, alli mesmo aproveitando as migalhas.

Dava investidas furiosas contra a toga e o fardão do homem; quatro honrados caracteres porem tangiam-lhe a taca, e Bebé mettia o rabo entre as pernas e recuava até a parede.

O publico applaudia as corridas do cadello, mas o diabo voltava de novo a espumar e a ladrar.

Tanto latia o diabo, quantas tacadas levava; si cães fossem susceptiveis de ter vergonha, Bebé que ja estava *ver-*

melho, ter-se hia retirado antes que sujeitar-se a ficar todo marcado com as lambadas que levou.

Por enfadonho o espectaculo, o povo o concluiu summariamente... atirou uma porção de pedras no caxorro e por entre as vaias dos moleques, foi Bebé a trote até o largo do Theatro, logar onde antigamente brincava á noite com as onças e onde presentemente embrulhou-se n'uma *capona* que o preservou de metterem-lhe o focinho na trampa.

—Mas o diabo do cão é impudente; assim mesmo pateado, corrido, chicoteado, marcado, Bebé continúa a affrontar o publico com um cynismo incrivel.

—Condescendencias de partido: n'outra terra ja a policia lhe tinha dado a bola, para livrar a sociedade das dentadas d'um cão damnado.

—Capitão, aprecie; é caso de capitão de navios, toca-lhe de perto.

—Vejamos.

—Vinha de Camamú, no vapor *Cruz Santa*, o *moço* Vianna Samuel Ribeiro; o capitão que *vinha* comprou um passaro e o depositou no lavatorio.

Um dia o capitão encontrou o passarinho sem comida e reprehendeu o moço que lhe observou que estivera até então inteiramente occupado com os passageiros; foi depois ao gallinheiro e notou a mesma falta; o moço fez ver que a *comida* era *comida* por uma porca que invadia o asylo das aves. O capitão esmurrou o moço e fez mais, sem respeitar os passageiros que estavam presentes.

O *moço*, envergonhado, amnou; ás horas do jantar, o capitão reprehendeu-o de novo, insultou-o, agarrou-o pelos cabellos e fel-o chegar para junto da meza. O moço disse ao capitão que o considerasse desde então seu passageiro.

O capitão deu-lhe novos tombos e o mandou metter em ferros!

Os passageiros indignaram-se; dous delles deixaram de jantar; calaram, porque não quizeram protestar.

Vendo porém que aquella barbaridade não devia continuar, ás 8 horas da noite, reuniram-se e pediram ao capitão a soltura do rapaz, que foi concedida.

Mas o capitão protestou metter a bordo o rapaz!

Si o não conseguiu, agradeça o *moço* aos soffrimentos que tem!

—Isto é alguma caraminhola; andam vossês a massar a gente com asneiras!

—Capitão, eu sei respeitar o tempo de quem o não esperdiça; o facto que refiro foi presenciado pelos Srs. Leão Bernardo, deputado Silva e Costa, Joaquim José Junior Pinto, Dr. *Melgrosso*, e tenente coronel Bahiano.

—Não é impossivel, e si é verdadeiro, acho-me em talas para decidir o negocio.

Emfim, Sor aspirante, mande chamar o capitão e o moço.

(Continúa.)

—Que diabo de obra é essa que a camara está fazendo na ladeira da Gamboa ou Unhão? De quem serão escravos os trabalhadores della?

—Indague dos pastores.

—Talvez sejam de certo bacharel cabeçudo que gosta das peras dos barris, e que anda por Latronopolis todo gamenho e requebrado, sempre alisando o almofadão em que, ha meio seculo, anda montado.

—O Dr. Monturo que lhe responda.

—O Dr. Aberém tem a cara tão deslavada!

—Pois olhe, não devia ser assim; o aberém que a mamã fazia era bem cheio de folhas, e admira que o Dr. não seja refolhudo.

—Oh!.. um dote que o moço tem é ser refolhado e muito; aquillo sempre é menino que descobre *panaceas!*

A' policia.

Por mais de uma vez tenho feito ver a policia sobre casas de jogos, quer de uma nas immediações da policia, quer de outra na ladeira de Santa Thereza, o que tambem já tratou a folha official,

parece-me que na qualidade de pae, devo recorrer á authoridade, para essa como pae geral dar as necessarias providencias; portanto até hoje continuam os escamoteiros na mesma, visto que esses donos de casas so procuram filhos familias e empregados no commercio para os roubarem como se tem dado, dando em resultado o desarranjo de alguns; continuarei a narrar o que souber, até que seja attendido, e qualquer resultado sinistro que houver será a policia a responsavel.

O pae pelo filho roubado.

—Não vê aquelle acompanhamento de bichos? Não vê aquelle *gato-marisco* rodeado *d'antas?* Não vê uma *onça* depois? a par della não vê uma *coruja?* não vê tambem o *leão* com o seu sequito? não repara naquelle *jumento cabelludo?* Não vê aquelles *pintos?* Tome bem nota daquelle *gallo estrangeiro* que vae no centro delles e diga-me si o conhece.

—E' um intruso, um pobre diabo mettido a martello n'um circulo pelo sul, cantando de gallinha e acocorando-se miseravelmente, por que já pelas suas miserias o conservaram no puleiro.

—Pobre coitado!

Felizmente já és morto, honrado pae! Com que dôr não presenciarias um teu filho servindo de capacho áquelles que acabam de desfeitear um seu irmão, teu filho tambem, honrado, querido, geralmente estimado!

.....

ANNUNCIOS.

Precisa-se de uma ama para cosinha de pequena familia; quem pretender dirija-se á loja n.º 72 B ao Caes Dourado, prefere-se captiva.

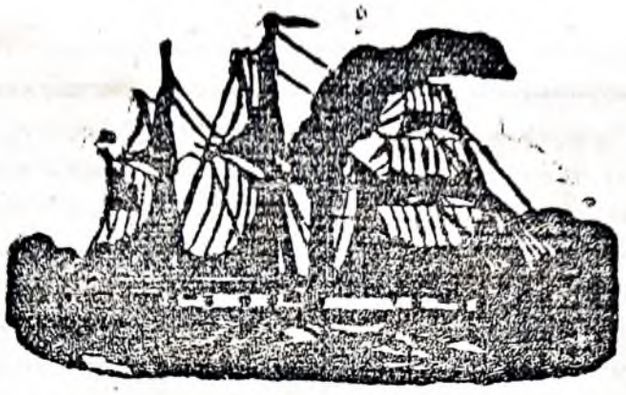
O proprietario da loja de fumo e charutos sita ao Caes Dourado n. 33 pede ás pessoas que tem contas desde o anno passado o favor de vir saldal-as no praso de 8 dias, do contrario terão o dissabor de ver seu nome publicado por extenso neste jornal.

Luiz da Costa Franco partecipa a seus freguezes que está com casa de latoeiro na rua da Fonte dos Padres n.º 55 A B, recebe encommendas de obras de sua profissão, tambem funde, torneia ouro, prata, e latão, doura e pratêa tudo com brevidade e perfeição.

Na mesma casa se achará Paulino José dos Passos para o mesmo trabalho.

Quem precisar de uma pessoa habilitada para caixeiro de cobranças ou para qualquer loja, dirija-se a esta typographia, ou á rua Direita de S. Antonio nº 20, que achará com quem tratar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 22 DE MARÇO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 23

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de março de 1866.

Falla

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Theatro publico.

Ha tanta *cachorragem* por traz dos bastidores que um *gato* não se anima a metter la o focinho. A minha raça faz das suas, mas é nos telhados.

Todavia alguma cousa tem transpirado; depois dos desaforos da *leôa (linda* que era!) depois do espicha do anjo *custodio*, appareceu o *bobo das comedias*. E' uma trapalhada dos diabos, que eu não posso intender; fez sahir corrido o *Cotovia*, tomou-lhe a criada, mandou a *Jesuina* para as *montanhas* de *Jerubué*, e *defendendo a classe dos caixeiros*, o bobo quer ver si pegam as bichas.

Filado ha de ficar elle, que ha de apprender á sua custa que não se affronta impunemente um publico illustrado!

Passeio publico.

Vae galantemente. O *francez* que la está tem um gosto pelas cousas da natureza, que uma cousa é ver e outra é contar.

Vão ver aquillo como se acha! Patos, ganços, sapos, gias, camarões, morcegos, onças e corujas!

Não ha tambem gato, por que o rei é um so e eu não quiz um egual nos dominios a meu cargo.

Quanto ás plantas, devem estar mal servidas por que *pinto* é bicho do diabo e o franguinho que la está e um pouco beliscador.

Dêem mais dinheiro para aquillo; quem anda á *franceza*, gasta dobrado, e é preciso haver com que comprar melões.

(Continúa.)

EXPEDIENTE.

Officio ao Illm.Sr.Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para uma casa de jogo estabelecida a ladeira de SantaThereza, onde consta empregam-se meios fraudulentos, afim de serem *depennadas* pessoas inexpertas que são para alli convidadas. S. S. deve attender a que si o jogo licita e simplesmente produz consequencias funestas e males irremediaveis, quantas desgraças não acarretará, usado com dolo e experteza!

Espera-se portanto que S. S. não consinta que mais tempo meia duzia de *sabidões* vivam á custa dos inexperientes que vão áquella e outras casas buscar a deshonra para si, e o desasocego para suas familias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, pedindo-lhe que mande acabar com um grupo que se reune na venda n.º 36, esquina do becco dos Barris. E sa desenfreada gente pinta alli o diabo, e quasi sempre ha desordem com alguma pessoa que passa, o que é provocada por ella. No dia 19 foi de mais; houve muita cacetada e garrafada.

Espera-se que S. S. dê providencias.

—Ao Sr. emprezario da limpeza, dizendo-lhe que a ladeira de Saldanha tambem está comprehendida no contracto, e que por tanto cumpre que S. S. mande seus carroceiros até alli, para carregarem algumas esteiras velhas, e cisco que alli ha.

—Aqui o anno passado quando deram as chuvas, procedeu se á vistoria n'um sobrado ao Fortinho e reconheceu-se que estava a desabar. Ordens foram dadas para que se demolisse; entretanto o sobrado la está sem que tivesse até hoje visto alavanca ou martello, pedreiro ou servente

—E' contra producentem. Si elle, depois d'um anno não desabou, é porque não estava para desabar.

—Ora viva! Fica-se então á espera que elle caia para dar-se as providencias? Si não desabou, é provavel que desabe agora com as grandes chuvas que tem havido.

Tudo aqui é assim mesmo; o brazileiro so fecha a porta depois de roubado; quando houver alguma desgraça hão de haver providencias.

—A camara municipal já reuniu-se; o seu a seu dono.

Estão portanto desfeitos os boatos maliciosos que certa gente propalou.

—Gosto disto, gosto disto! Que caia por terra a calumnia!

—O *Jornal* de 3.ª feira dá noticias de factos horriveis, succedidos em Alagoinhas e no Rio Vermelho.

—Que o Sr. Dr. chefe de policia se faça energico!

Ha queixas contra a inercia das authoridades locaes.

—Não deixa de ser judicioso o reclamo do *Jornal* contra os assobios. E' um tormento inqualificavel, um martyrio insupportavel, um flagello terrivel contra os ouvidos dos pobres filhos de Adão.

—Que appareçam providencias.

—No dia 19 vendeu-se na Baixa dos Sapateiros carne inteiramente podre.

—Não sei do que serve um medico no matadouro si consente que dalli saia semelhante carniça!

—E que me diz os Srs. fiscaes?

—Ora os fiscaes! Os fiscaes dizem que todos tem olhos como elles; si veem que a carne é má não a comprem.

—Porem si não se consentisse a venda, ninguem compraria; julgando economisar, quando compra a ruina de sua saude.

Ora isto so pelo diabo! Como se pode andar n'uma terra destas!

E' deleixo por toda parte. A camara deixa as ruas esburacadas; a companhia do Gaz, essa, faz timbre de mangar com o publico!

E este paciente povo que ature como cordeiro cousas eguaes a esta que acabo de soffrer!

—O que tem meu amigo, que está tão zangado?

—O que tenho? Pois ainda me pergunta o que tenho! Não vê como estou com a cara cheia de tijuco? Não vê como estou todo emporcalhado e com a roupa exhalando um fedor capaz de fazer lançar? E demais tudo isso seria supportavel si não estivesse com este pé deslocado.

—Mas que desgraça lhe aconteceu?

—Si não fosse a incuria e desmazelo de quem tem obrigação de zelar pelo bem publico, não me aconteceria isso.

—Porém diga d'uma vez o que lhe succedeu.

—E' que fui de ventas dentro de um cano que está arrebentado na ladeira de S. Francisco!

—E Vm. estava cego?

—Mas que quer? a rua estava escura como um prego. A maldita companhia do Gaz parece que de proposito neste tempo de chuva em que as noites são mais escuras, além de diminuir a força da luz, consente que fiquem ruas inteiras em trevas!

E desta forma foi desapercebido dar com os focinhos naquelle lodaçal.

—Ah! bem. Neste caso acho bom que soffra com paciencia.

—O Sr. Gustavo da secretaria tem ogerisa ás gazetinhas!

—E' pena! Si lesse-as, tinha muito que apreciar, talvez não se expuzesse a levar as apupadas que levou dos seus e do publico.

—E os Srs. Bulcão e Filgueiras Sobrinho nem pegam nellas.

—Em quanta cousa peior não terão elles pegado?!

—Sempre accusações ao correio, sempre!

Diziam entretanto que era má vontade da imprensa.

Eis um facto que prova que ha alguma rasão nas accusações: a voz do povo é a voz de Deus.

O Sr. José Roberto Aranha acaba de ser suspenso e vae ser processado por ter subtrahido uma carta segura!

—E uma aqui, outra alli, esta lá, aquella acolá, fazem no fim da historia um grande numero de faltas que produzem o grande numero de reclamações.

A PEDIDO

—Triumphou a infamia!

A baixeza, a mais despresivel, a indignidade, a ponto de não poder ser comprehendida nem denominada, ergueu o collo polluido e polluiu as alcatifas d'um salão popular-nobre.

Triumphou o escandalo, a immoralidade, a devassidão, o adulterio.....

Mas choram, inconsolaveis, o pudor e a boa-fe....

Bahia, cobre tua face envergonhada! chora sobre os destroços de tua altivez abatida!

—Não encostem, não encostem que podem ferir-se!

O commendador Pedroso anda armado!

—Como sabe disto?

—O diabo descobre tudo, basta metter o rabo no meio das cousas.

O homem tem seus inimigos e pediu licença para armar-se. O chefe de policia cae na asneira de assignar a licença sem estar sellada, o administrador da recebedoria faz seu dever, o eis o caso na gazeta. Eis como vim eu a saber da cousa.

—Acho rasão no commendador; quem tem inimigos não dorme; cautella e caldo de gallinha nunca fizeram mal a doente.

MOTTE.

A' força de curar bois,
Ficou com cara de vacca.

GLOSA.

Fel-o o diabo; ao depois
Disse, dando-lhe um murro:
Seja o medico mais burro
A' força de curar bois.
Mas, passados lustros dois,
Lusbel as furias applaca;
A politica velhaca
Dá-lhe entrada ao parlamento;
E o asno tomando assento
Ficou com cara de vacca.

—

OUTRA.

Homens, injustos vós sois
Contr'o assassino da ideia,
Que quasi vae á cadeia
A' força de curar bois.
Como elle não ha dois
Quando ante o bom senso estaca;
Ha pouco, á força de taca,
Bahianos, não vos lembraes
Que o Galeno dos curraes
Ficou com cara de vacca?
Pelo *Dr. Relogio e Pucha-botas.*

—Muxingueiro, vá ahi pela estrada Nova, immediações do Matatú, e veja si fila um sujeito que traja fardão de damasco azul, collete de dito encarnado e pantalonas de dito verde e amarello; são os trajes segundo elle, de S. *Caetano*, santo de quem se finge muito devoto.

Si o encontrar e pegar leve-o ao tenente *Alberto* que o reterá preso até o sabbado d'alleluia, em que o mandará

ao *Soares* para ser queimado em Judas, vestido a *Lopes*.

Tem intendido?

—Perfeitamente; ás ordens.

—Quem é o chefe da maiorada?

—O coronel das antas.

—Que diz? Pois eu tenho comido o Bebé estes dias todos por chefe.

—O Bebé das onças é apenas o porta-voz, a buzina por onde desafogam e desabafam os homens de Itapicurú.

—O *Diario* de domingo, 18, traz um artigo do Sr. Dr. Almeida Couto sobre negocios do 4.° batalhão.

—Li-o; é mais um triumpho que alcança a verdade, mais um hymno entoado pelos homens de bem ao caracter severo do homem que está, felizmente, superior a inimigos invejosos, pequenos, rancorosos e abjectos.

—A *bomba* estourou; é *macha*, não pare.

A camara municipal &.

Fica creado o privilegio com todos os seus absurdos.

A companhia de vehiculos economicos tem privilegio, *até ver*, para assentar trilhos na cidade baixa e na alta.

A tão imponentes resoluções se não poderá oppor nem o bom senso.

Bahia &.

—Como é para *até ver*, *veremos*, que não será tarde.

—Havemos ver muita cousa boa, camo ja temos visto. Onde não ha concurrencia, ha abuso; não estejamos por tanto a querer diminuir um mal com outro talvez maior.

—O Dr. Aberem virou manivella!

—Diabo! tem geito para tudo; ha pouco era capacho de palacio.

—Faz muitos papeis a um tempo; agora quem o tange é o coronel das antas, chefe mudo da maioria.

—Que cara!

—Parece que os carros da limpeza nunca passaram na ladeira de S. Francisco.

—E' o que não duvido.

—A quatro dias que passo por aquella rua, e vejo dous grandes patos mortos, cobertos de bichos, a perfumar as ventas dos transeuntes.

—Cousas de pouca monta. Não vale a pena.

—Excesso de pontualidade no cumprimento de obrigações.

—O homem diz á isso que ande elle quente e deixe fallar a gente. Receba elle os 80:000$, e deixe o mundo andar.

—O Sr. Dr. Freire de Carvalho está muito ufano, depois do seu discurso que pronunciou. Si não foi um completo *espixaretur*, a pateada com que as galerias o applaudiram, na conclusão, provam ao illustre Dr. que fez *fiasco*. Nada portanto de orgulho. Foi approvado o seu parecer, mas duvido que para isso influissem as palavras com que o sustentou.

—O homem pensa que a assembléa é a Penha onde faz de tutú mettendo medo ás crianças. Que se lhe ha de fazer?

Presumpção e agua benta....

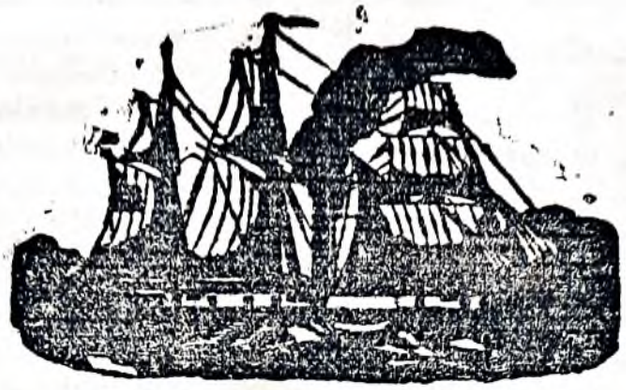
ANNUNCIOS.

No deposito de massas e casa de molhados á rua do Tingui, vende-se vinho da Figueira muito bom—a 4800 rs. a canada,—garrafa á 500 rs.; dito do Porto a 6800 rs. a canada, garrafa a 700 rs. dito velho, qualidade superior, em meias garrafas, a 480 rs., manteiga franceza a 900 rs. a libra; dita ingleza superfina a 1$000 rs. a libra; cerveja marca triangulo—a 640 rs a garrafa; Genebra—vida eterna frasco a 640 rs. azeite doce 720 a garrafa; e tudo mais que se procura nestas casas—vende-se mais barato que em outra qualquer parte.

Declara-se, que as massas preparadas no mesmo deposito tem merecido muita aceitação dos freguezes que sabem apreciar.

Vende-se no deposito de cal ao Caes Dourado barricas com cal fina por preço muito em conta.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 24 DE MARÇO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 26

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de março de 1866.

Falla

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Estabelecimentos pios.

Vão *piando* sem serem *pintos*. Os ratos tem feito la por dentro o diabo; ja estão tão descarados que botam a cabeça de fora; na Misericordia é um gosto vel-os a qualquer hora passeiando pelas janellas, de cujos commodos foram despejadas as recolhidas para elles ficarem a seu gosto.

Mas é porque não fazem como n'alfandega. Si empregassem *piamente* alli meia duzia desses innocentaços bichinhos que se chamam *gatos*, oh! era um verdadeiro progresso!

E' assim que se *obra* o *liberalismo pratico*; bem que seja verdade que tal despeza viria a crear um deficit no orçamento da caza, cuja receita ja se approxima muito da despeza. Só de café com *leite*!....

O hospital vae bem; metteram dentro uns anjinhos que cahiram do ceu por descuido e isto é que é charidade!

Gosto destas moças porque *realisam* o *liberalismo*.

Os doentes queixam-se de falta de comida, mas é o rigor da dieta; outros queixam-se de maus tractos, mas é apenas impertinencia de doentes.

No mais, si quizerem estar melhor vão para sua caza; pobre não tem luxo.

A *Providencia*, e até o *Coração de Jesus* acham-se monopolisados nas mãos dos taes anjos.

Os *filhos sem paes* tem de tudo; são tractados por anjos!

Bem intendido, os anjos não dão de mamar as crianças; este serviço é feito por profanas.

No mais, comem, bebem, vestem, sem que nisso cuidem.

Os boatos que correm são falsos.

A quem tem amor do *Coração de Jesus* que é que venha alguma vez visitar quem não é ingrato?

Não é a primeira vez que eu leio e ouço que Christo tem visitado suas esposas....

Maledicencia, e só maledicencia; a calumnia não descansa, os boatos são infundados.

La pelo seminario, a cousa vae bem tambem. O velho *Joaquim* protege muito aquelles infelizes meninos.

Por isso é que não morrem!

Estão opilados, anemicos, hydropi-

cos e sempre resistindo ao frio e á chuva!

A direcção que tanto espanto fez com o gaz do carvão (que cura defluxo) não se importa entretanto com os gazes que exhalam certas aguas podres que ha nos seus fundos!

A caza de asylo é mesmo caza de pobre; mas pobre porco, miseravel. O administrador é quem pode responder por tal.

Aquella biboca é pequena; deve chegar ao menos para o Pae d'Eguas, a Santinha e o *Magestade* que me poem tonto.

(Continúa.)

EXPEDIENTE.

Officio ao Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que a visinhança informa que, na ladeira de S. Miguel, sobrado n.º 1 A, houve espancamento em um preto de uma até tres horas da madrugada. O facto deu-se na segunda feira 21 do corrente, e o negro gritava desesperadamente; ao chegar a patrulha ás 3 horas, responderam de dentro que o negro era doudo e os gritos cessaram por uma vez.

Todos sabem que os senhores tem o direito de castigarem seus escravos; mas ás vezes, por excessivo, o castigo torna-se um crime que fica em mysterio. Convém portanto que S. S. indague o que houve, para satisfazer-se ao menos a curiosidade publica que reclama contra a barbaridade de quem quer que a pratique.

—Não sei que vantagem pode trazer ao publico a vendagem da carne verde até duas horas.

Si presentemente ella é podre, ao meio dia, ás dez horas, façam ideia quando *puder* ficar exposta ao consummo até duas horas da tarde!.....

—Nada de novo; a cidade converte-se n'um enxame de urubús, e toca a comer carniça!

—Tambem de tudo fallam!

Isto é antigo, e o costume faz lei, e até ha lei.

—Mas o que é mau destroe-se, percebe?

—Soccorro, soccorro, soccorro!

—Que é isto, homem?

—Pois não me vê interrado na lama!

—Ora que novidade! Desinterre-se! Na porta do Barnabé é a mesma cousa; passe por la e experimente.

—Está direito! E' impossivel andar presentemente no Bomfim. O tal Sr. Petronilho, arrematante da obra, tem feito o diabo; tem descalçado tudo com este mau tempo, por genio.

—E o thesoureiro?

—Atarefado com as machambombas, não tem tempo de ir ao Bomfim.

—Senhores da camara municipal, por misericordia lançae vossas vistas para aquelle logar!

—Ha que tempo não cuidam os Srs. proprietarios da ladeira de S. Bento em aprompiarem as frentes de suas casas! Porque? Porque provavelmente entre aquelles *nove* felizes ha um mais feliz de todos.

E continúa aquella manqueira a denotar.... nem sei o que!

Não ha lei sobre o calçamento das ruas? Porque não foram os proprietarios obrigados a fazer o que deviam?

E o governo não tem o direito de mandar fazer á sua custa on por arrematante e depois cobrar o custo judicialmente?

—Qual, amigo! Alli ha dente de coelho; e depois bem pode ser que a lei de 50 esteja revogada. O remedio é ficar tudo assim, até que Deus seja servido....

A PEDIDO

—O *Pharol* censurou ao Sr. Dantas o mandar dar 500$ rs. ao Sr. Dr. Liberato de Mattos, dando-lhe demissão dous dias depois.

Ainda para com este ha esperança e certeza de serem pagos, pela quinta parte.

Dizem porém que houve um outro

feliz a quem S. Ex. mandou dar 500$ rs. de ajuda de custo, afóra 200$ que por lei lhe competiam.

—Olá! o sujeito é de caroço, diga quem é.

—Dizem por ahi que foi o ex-commandante das armas Lopes.

—Ah!... Quem sabe si tal dinheiro não serviu para encher o vacuo que ficou entre o resultado da subscripção e o preço da commenda?

Porque, o que é certo é que alguem pagou-a.

—Não sei; eu só noto na facilidade com que certa gente dá *sob sua responsabilidade*, o dinheiro que não é seu.

MOTTE.

A' força de curar bois
Ficou com cara de vacca.

GLOSA.

So por serdes vós quem sois
Formou-se um tripa intesada;
Poz a sciencia estafada
A' força de curar bois:
Unido com elles, pois,
Tanto ao seu amor se afraca,
Tanto com elle se afraca,
Que, por notaveis aberros,
Si não é pae de bezerros
Ficou com cara de vacca.

Pelo *Dr. Cabeça de carneiro.*

—Faz favor, Sr. *Antonio*?

—Quem lhe ensinou meu nome?.

—Indague dos pastores.

—O que ordena de mim?

—O senhor vive ocioso?

—Porque pergunta?

—Porque lhe vejo constantemente na janella a fazer gatimanhas.

—Está enganado; sou empregado na sociedade *Negocio*.

—Pois não parece. O Sr. não deixa ninguem chegar á janella com o seu escandaloso namoro! E' o Firmino sahir para o trem, trepa-se Vm. naquelle *saboeiro* a fazer acenos, a offerecer beijocas e abraços á Mariquinhas que não deixa ninguem parar! Isto não tem geito; seja mais reservado.

—E que se importa o Sr. com a vida alheia?

—E' pela moralidade que eu fallo: as familias veem-se tolhidas de chegar á janella por causa do seu extravagante namoro.

—Eu ca não dou satisfação dos meus actos. Quem estiver incommodado não chegue á janella.

—Pois eu lhe prometto que si o Sr. continuar vou contar a certo calafate que é amigo do Firmino para dizer a elle, e acaba-se a folia.

—Em que rua estamos?

—Na rua *Torta da Doença*.

—Que gritos são estes?

—E' alli na casa n.°.....

—Quem mora lá?

—Um homem de negocio.

—Onde é estabelecido?

—Na rua dos *Pratos*.

—Va perguntar a rasão de semelhante barulho.

. . . . . .

—E' o dono da casa que impassivel consente que um seu escravo de nome Isidoro insulte e ameace com pancadas uma mulher livre, que vive na companhia do senhor, ha 18 annos, e de quem tem este dous filhos.

—E' atrevimento do escravo.

—Si o senhor não consentisse elle não teria tanta ousadia.

—Estou por isso.

—A mulher que não quer apanhar, brada com toda força para despertar a curiosidade da visinhança e ver si ha quem intervenha a seu favor.

—Sr. aspirante!

—Prompto.

—Va ao dono daquella casa, e faça-lhe ver quanto são inconvenientes taes scenas; diga-lhe que si consentir a reproducção de semelhante espectaculo será chamado publicamente a bordo deste navio, e então se averiguará pelo miúdo certas cousinhas. Observe-lhe que não deve apadrinhar a insolencia de seu escravo até o ponto de consentir que elle queira chicotear uma mulher forra; e uma mulher a quem tal escravo deve guardar todo decoro e attenção, visto viver na companhia do senhor; faça-lhe sentir que authorisando tal abuso desmoralisa-se a si proprio e cria um mau precedente.

—Capitão, a gente do trem do mar anda em reboliço.

—Vão se augmentando.

—Anda tudo em pesquiza. Juraram que haviam conhecer o profano que ousa sa-

criloganente patentear os segredos daquella arca mysteriosa.

—Por lá se arranjem!

—Alguns são de opinião que o sujeito é mesmo de dentro.

—O *vice:* exclama enfurecido: «Isto está numa miseria', já não ha aqui dentro em quem a gente se fie' Andamos todos vendidos! Mas eu hei de descobrir quem é!»

—Pois elle não sabe que a policia secreta anda em toda parte!

—Agora incumbiram a certo cujo de descobrir o author da graça, e combinaram que para não ser conhecido se disfarçasse em porco, bicho que anda com o focinho em toda parte e pode pelo faro encontrar muita cousa.

—Pois elle que vá farejando atè achar cousa que lhe agrade. E no mais não me masse. Viva!

—Então que dão de novo a respeito do finado Amorim que era feitor alli para a banda do curral?

—De nada se sabe.

—Quem tomou conta das lettras?

—Não sei; o que é certo é que o burro que elle possuia ainda está na roça de que era elle feitor.

—Nada deram a filha?

—Dizem que o consul chamou tudo á ordem.

—Não está direito isso, Sr. Antonio de Santo Antonio.

—Não tive culpa.

—V, mais aquelle outro cujo é que foram os culpados; não se botem de fora. Ande la, morre o cavallo para bem do urubú.

Si pensam que represento
Entre os grandes da nação,
Engano, a prova ahi vêdes,
Sou levado pela mão.

Mas sou um *grande* na historia
Dos *pequenos*, um rei sou;
Rei dos moleques, ha muito,
Por elles eleito estou.

Muito furtei, muitas fiz,
Puzeram-me a vida á rua;
Nada faço, estou perdido,
Fui de ventas á tabúa.

Só esta pobre mulher
Por mim sente algum abalo.
Mas nada posso fazer,
Estou reduzido a cavallo.

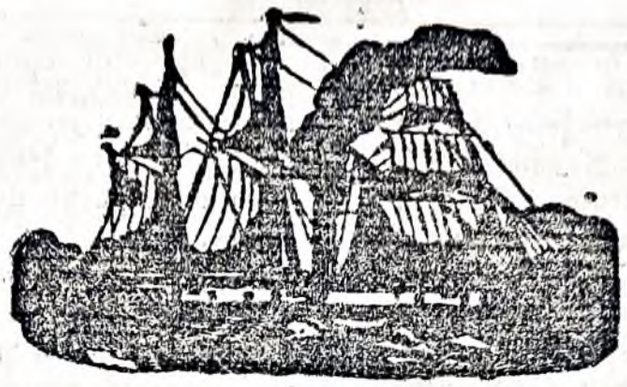
ANNUNCIOS.

Quem precisar de uma pessoa habilita-la para caixeiro de cobranças ou para qualquer loja, dirija-se a esta typographia, ou á rua Direita de S. Antonio nº 20, que achará com quem tratar.

Attenção!

Vende-se no deposito de cal ao Caes Dourado barricas com cal fina por preço muito em conta.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 27 DE MARÇO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 27

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 3$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de março de 1866.

Falla

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Estabelecimentos pios.

O recolhimento de S. Raymundo está a vir abaixo; si os taes anjos la estivessem, haviam ver como aquillo ia em mar de rosas. Querem reparo nas cazas, querem augmento de mesada, querem loterias; asneiras!

Só quem pode salvar aquella caza é a *charidade* angelica.

O hospital dos Lazaros está escorado; julguem por ahi do interior....

Companhia Bahiana.

Vae em progresso desde o seu celebre vapor *Progresso*.

Tem tão bons empregados que os seus vasos andam diariamente a dar-se boquinhas; do que resulta prejuiso ao publico e ás vezes ir ao fundo um dos vapores ou ficar *brocado*.

Anda para o norte, anda para o sul; recebe dinheiro e ainda quer mais.

Navegação do Rio de S. Francisco.

Que projecto! que concepção sublime! que inspiração!

Tambem não é todo gato que tem destas lembranças...

O coronel Sento Sé foi encommendar um vapor para cortar as aguas daquella ingente *arteria* da prosperidade de nossa terra. Fallaram, fallaram, mas como quem falla é gente, eu não dei cavaco. Si fosse algum cão que ladrasse, sempre tinha meus receios.

Foi pois o negocio avante.

Eu estou todo rendido! Desvaneço-me de poder tomar-vos o tempo, dando-vos noticias dos meus triumphos.

Quando o vapor chegar, é que hão de saber quanto perderam em não cuidarem nisso ha mais tempo.

Tambem, si me estava reservada a gloria de tal descoberta!

Vehiculos economicos.

Acha-se organisada uma empreza que tem por fim:

Dar conducção *commoda*, *barata e segura* ás pessoas e objectos entre os diversos pontos da cidade e seus suburbios;

Encarregar-se dos interramentos;

Fazer e reparar pontes e calçadas, mediante contracto com o governo.

Dizem que é muita cousa a um tempo; ha muita gente que abarca o mundo com as pernas.

Embora; ella tem por fim *somente* o bem publico e para favorecel-o, tem de

assentar trilhos dentro dos quas serão transportados os carros movidos a vapor ou por animaes. E' uma sociedade que tem por fim destruir o monopolio, bem que ja lhe déssem privilegio. São cousas; o povo que gosta de novidade quer todas as vantagens para ella, sem lembrar-se que mais tarde caro lhe ha de custar, quando de tudo dispuzer e tudo impuzer.

(Continúa.)

EXPEDIENTE.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que ha no principio da ladeira da Misericordia um sobrado que de casa so tem a forma exterior: o telhado ha muito que foi-se, as paredes de dentro estão rachadas, quanto a soalho, passa-se á vontade de um para outro andar: nas noites de chuva ou vento desabam daquella babylonia pedaços que assustam a visinhança, suppondo que vem abaixo aquella enorme arapuca.

Espera-se que S. S. mandando examinar semelhante ratoeira armada em um logar onde passa tanta gente dê as providencias necessarias.

—Ao Sr. emprezario da limpeza, pedindo-lhe pelo que mais estima, que lance suas vistas para o becco dos Tanoeiros, que a respeito de limpeza um chiqueiro de porcos não o ganha.

Portaria ao fiscal geral ordenando-lhe que intime ao Dr. Pedroso para que mande tirar os cacos com plantas que conserva sobre as sacadas de sua casa ao Terreiro, por ser isso contrario ás posturas da camara, que não foram feitas para serem executadas somente pelos pequenos. Cumpra.

—Ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá multar ao morador do sotão da casa n.° 7 á rua de D. José, pela graça que pratica todas as noites depois de 10 horas, de despejar pelo telhado gamellas d'aguas servidas, o que tem dado causa a que mais de uma pessoa sem querer, tome desapercebidamente um banho, cujo aroma não é la muito agradavel. Cumpra.

—O Sr. inspector da thesouraria geral mandou dizer ao Sr. inspector d'alfandega que os dous felizes que revisvistam despacho devem responder ao ponto.

—Até que emfim!

—Não é porém a mim que elles enganam. Porque o Sr. Canto Baum não os dispensa da commissão em que estão ha mais de um anno? Porque não faz recahir esse serviço em todos? Si é bom, todos querem allivio; si é mau, todos soffram.

—E' que os homens tem boa *vista* e servem por tanto para a *revista*.

—Fr. Bugre! felizes tempos em que Fr. Bugre era prior do Carmello!

Tambem os tempos são outros, a terra é outra, os costumes são diversos.

—Mas que ha?

—E' que na portaria do convento do Carmo assenta-se á noite um frade e passeia pela rua um emissario delle.

Passa uma mulher, uma crioula gaiata, o emissario dirige-se a ella e diz: Sr. padre prior está chamando!

—E ellas vão?

—Isto la não sei; mas vão ou deixem de ir, o caso fica ahi publicado para se avaliar da moralidade do actual prior do convento do Carmo da Bahia,

---

—Os subdelegados ja intervem nas mudanças dos inquilinos das casas que habitam.

Ouça um caso:

F. não pagou o aluguel da casa que devia e entregou a chave ao proprietario; o proprietario não a quiz receber sem seu dinheiro.

O inquilino vae ao subdelegado, conta-lhe a historia e o resultado é este:

O subdelegado toma o caaracter official, e em ares de portaria, manda um papel ao proprietario, remettendo-lhe a chave e impondo-lhe que acceite!

—Bello! Em que freguezia?

—Não me disseram.

—E quem cantou *victoria?*

—Isso é que havemos ver. E admira que désse tão desastrado passo um homem intelligente como é a authoridade de que se tracta!

LA VAE VERSO.

Aspirante João de Deus,
Desde ja (tome sentido!)
Pegue os judas que encontrar
De todo e qualquer partido.

Deputado ou senador
Que nunca vae á sessão,
Que se mette nos engenhos
E que passa por barão;

Ministro que foi pobrete
E depois rico ficou,
E cazando em certa caza
Do povo a boca tapou;

Magistrado sem dinheiro
Que faz *grande diligencia*,
E deixa *um livro* sumir-se,
Ficando elle em opulencia;

Representante do povo
(Olhe lá, tome bem nota)
Que óra a favor da estrada
E depois contra ella vota;

Essa gente toda serve,
Traga-os portanto p'ra ca;
Pegue Bebés, Aberens,
Os judas que achar por la.

Pegue tambem o sujeito
Que de outro amigo se diz,
E que a caza lhe deshonra
Gabando-se de qu'é *feliz*.

Pegue o outro confidente
E que os segredos relata;
Pegue toda essa canalha
Que pudor não tem na lata.

Pegue o homem do commercio
Que fraudulento quebrou
E que a *muitos como elle*
Felizmente illaqueou.

Pegue o ourives que as obras
Do seu freguez não entrega;
Pegue o tratante olho-vivo
Que leva tudo em que pega.

Pegue o ruim usurario
Que augmenta a divida em dez,
E que não condoe-se ao pranto
D'uma viúva a seus pés.

Pegue o padre que, devasso,
Por ahi come *moquecas*,
E vindo o dono da casa
O vem encontrar em cuecas.

Não me passe o taverneiro
Que seus generos falsifica
E vendas comprando, rico
D'um dia p'ra outro fica.

Pegue tambem o meirinho
Que dá falsas certidões
E não dá tempo a que as partes
Desatem os seus cordões.

O procurador que vende
A causa que se lhe deu,
Pegue-o tambem que o menino
E' judas e bem judeu.

O escrivão que some os autos,
O escrevente que tal faz,
São judas, pelas orelhas
Traga-os a bordo, rapaz.

E depois de ter a bordo
Dos judas a reunião,
Faremos logo o programma
Dessa magna funcção.

A PEDIDO

—V. Outro dia fallou no Dr. Domingos Aberém ser manivella e capacho. E o Dr. Bebé que é manivella, capacho e guardanapo?

—Ora que novidade! Guardanapos de homem de palacio são elles dous ha muito tempo.

—Dizem que na obra do retelhamento da camara tem se gasto mais de dous contos de reis; será verdade?

—Não sei.

—Pois olhe; o retelhamento do arsenal, que é uma babylonia, foi orçado em 600$ rs.

—E quando se conclue essa encantada obra?

—Não sei; dizem que achou-se no telhado um ninho de corujas e que em quanto estas comem, a obra se não pode ultimar.

—Olhe que ha cousas!

—«Sr. inspector, vá ao destacamento da secretaria de policia e traga-me 15 homens.

«Sim Sr.

.....

«Não ha gente, Sr. subdelegado, o ainda que houvesse não davam sem ordem por escripta.

«Pois va ao quartel e traga os homens.»

O homem foi e deram-lhe a mesma resposta; mandaram-no comtudo ter com o commandante, o qual mandou cinco praças.

A diligencia para que se pedia força consistia em cercar uma casa de jogo á estrada *Velha*.

O subdelegado estava impaciente,por suppor que la encontraria um seu desaffeiçoado; não esperou pelo inspector e so apresentou-se no logar do crime.

Tomou uma vaia dos diabos; os jogadores evadiram-se todos, rindo e apupando, alguns até com cartas na mão!

A este tempo chegava o inspector; a authoridade desmoralisada, envergonhada, corrida da precipitação do seu passo, dispensou a força e disse que não prendeu os homens do jogo, por que gostava muito de *esiri* achou tambem na meza um desses bichinhos.

Assim se expoem os imprudentes. ...

—E onde foi isso?

—Não sei; um sujeito que veiu de *Valença* contou-me o caso, sem me dizer o logar em que se deu.

—Oh! quanta species!

Tome obra, Sr. Muriçoca.

Ladrão é aquelle que, por occasião do tio ir a Portugal tratar da saude, e deixar o sobrinho na gerencia da casa, este fez roubos tão escandalosos, que deu em resultado um lucro tão espantoso em 2 annos, como em 20 annos não dera ao tio, que era honrado; o qual envergonhado, quasi que endoudece, tornando de volta redonda para a mãi patria por conselhos de amigos dedicados, dando afinal um pontapé no sobrinho que talvez esteja bem proximo por suas gentilezas a ter por morada o palacio da Correição. Continuarei.

O homem dos testamentos.

Attenção!

E' bom que tudo se saiba.

Vê o publico um subdelegado que se esforça, que capricha, que jura fazer mudar de domicilio uma mulher?

Si pensa que a mulher offende a visinhança *por qualquer maneira*, engana-se; quem reside junto á sua casa attesta e jurará como incommodo de especie alguma tem soffrido, occasionado por ella, durante o tempo em que alli esta.

O que ha pois?

Capricho, despeito.

A mulher foi requestada pelo subdelegado e não deu-lhe importancia; o subdelegado, depois de outros meios, quer vingar-se da infeliz, fazendo-a sahir corrida da casa em que mora.

Só com os fracos exerce o seu despotismo caricata.

Ora pecegos!

—Uma novidade.

—Refira.

—Um dia aberta a assembléa provincial de Latronopolis, cheias as galerias e havendo numero, notou-se que um cão estava na sala.

A principio o publico e os continuos tangeram o cão a taca; mas elle impassivel conservou-se, lambendo os pés do coronel das antas; o publico esperou.

Mas quando menos o esperava, o cão começou a ladrar e a morder e nas venenosas dentadas que intentou dar, deu uma n'um agente de fardamentos.

Seu intento cumprido, cedeu logo ás tacadas da rapazeada e fechou o focinho.

O offendido, armado por sua vez de taca, esperou o cadello que quando o viu metteu o rabo entre as pernas e escondeu-se entre as gambias do Freio de Cavallo que aproveitou a montaria cadellina até o largo do Theatro.

—E' assim: caxorro mofino so ladra na porta de seu senhor.

—O que lhe falta é a bola; si o diabo do Bebé fez liga com gato!

ANNUNCIOS.

PARA SABBADO D'ALLELUIA.

Passaportes a 40 rs. vende-se nesta typographia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGRAPIUNA

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 29 DE MARÇO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 28

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de março de 1866.

Falla

COM QUE UM GATO-MARISCO, ARVORADO EM GOVERNADOR DE HOMENS, ABRIU UM CONGRESSO.

Colonisação.

Estava desamparada entre nós por suppor-se mau o clima para os europeus, quando entre nós vivem milhares de aventureiros que nos vem das europicas.

Intendendo ao contrario dos que me precederam, metti mãos á obra, apenas me vi livre dos cuidados que tive no principio do meu reinado.

Assentei assim outra pedra para minha apotheose no ceu felino. Dizem que sobre areia, porque apezar do que diz certa gazeta celebre, o meu liberalismo pratico ficou, desta vez como sempre, em palavrorio.

O que é certo é que aqui vieram ter agentes da emigração americana, que foram ao Pardo e Jequitinhonha, onde se deu o nunca esquecido caso da onça de Bebé.

Os homens gostaram da cousa e muitas vantagens lhes offereci; a combuca está bem armada; o que me parece é que elles são macacos velhos e não caem de galho secco, com o que esvae-se em fumo a sonhada gloria d'el-rei Gato-marisco.

Obras publicas.

A ladeira sem misericordia não é da nossa competencia; todavia vos direi que nenhuma misericordia tem dos cofres publicos o encarregado della.

As obras de Santa Engracia em Portugal e as da Sé na Bahia acharam quem se encarregasse de erigil-as em trindade do *nunca se acaba*.

Agora deram em fazer um cano real, que infelizmente servirá para engordar os ratos que naquella barricada zombarão de meus companheiros.

Muito pode porém o spirito de classe; o rato qee tanto alli comeu prepara um reducto para os ratos que hão de vir a comer.

A estrada *Velha* ou do *Rio* como a chamam ia adiante até a rua *velha dos benedictinos*.

Não fazia mal nenhum; a obra era de interesse, era o remate de um trabalho, o aperfeiçoamento de uma rua que ja é a melhor da cidade: assim opinara certo engenheiro, judas republicano, liberal refolhado, hoje capacho dos vermelhos, que se inculca e quer passar por serio e bonanchão e que entretanto não é mais que um miseravel, inteiramente similhante ao cão Bebé.

Sabendo eu que o miseravel se prestaria a tudo por um assento neste congresso, e pelo seu caracter matreiro e villão; e tendo em mira desfazer com as patas o que fez meu antecessor com as mãos, nomeei uma commissão para *matar* a obra fiz o sobredito cujo membro della.

Si bem lh'o disse, melhor o fez; o ex-republicano que tinha como util e urgente a obra, achou-a desnecessaria, inopportuna e prejudicial á provincia.

Os arrematantes ficaram com agua no bico; por ahi podeis conhecer a força de meu poder; chegou até os canos da estrada *Velha*!

A estrada do Pé-leve acha-se esburacada.

Que pena! Sabem que gato é bicho de pé leve e alli me dava eu bem; não importa porém; em quanto a gente passa e se atola até o pescoço, os gatos saltam os lamaçaes com tal ligeireza que apenas sujam o rabo com que por sua vez sujam a gente limpa que passa; assim fiz eu com um desembargador, mas foi mau o resultado, porque a lama cahiu-me na cara e deixou-me estes signaes que muita gente suppoem serem bexigas. Sou pois um gato, alèm de marisco, marcado, além de marcado, armado!

A de Capoeirussú é mesmo negocio de capoeiras, ou antes de ratoeiras.

As de meus dominios vão bem; todos aquelles meus afilhados estão servidos sem exceptuar o vigario papa-alfaias que engole tudo. Aquella ema choca é dos diabos, metteu o cobre da thesouraria no peito e nada de contas; o remedio porém è guardar segredo. Os mais vão pelo mesmo conseguinte, mas não hão de soffrer nada, graças a Deus! Tambem vossês hão de ver que unanimidade nas eleições!

Isto é que è trabalhar; vossês sabem que a raposa apezar de todas as suas manhas não tem a manha de saber *trepar* depressa como trepa um gato esperto.....

Para tudo é preciso geito.

Além de outras, creei uma estrada e o engenheiro, si ha de chamal-a das corujas, como um certo chamou uma certa d'antas, deu-lhe o pomposo titulo de estrada do Gato-marisco, nome que se não deve baratear em bagatellas.

Disseram-me que em todo caso, era um padrão immorredouro da minha decantada gloria. Concordei e calei-me.

(*Continúa.*)

EXPEDIENTE.

Officio ao empresario da limpeza, pedindo-lhe (sente-se não poder obrigal-o) que mande acabar com um lamaçal que ha nos Curraes Velhos do Barbalho, em frente ás casas do Sr. Domingos Caetano. E' uma miseria que estejam todas as ruas porquissimas, e S. S. cada vez mais gordo sem dar cavaco com os repetidos e incessantes reclamos que se lhe faz.

Quem se encarrega de qual quer trabalho deve delle dar conta e não se expor, como menino malcreado, a levar diariamente *carões*.

Espera-se pois ser attendido.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá até o Porto do Bomfim e procure por la um homem que enfiado n'um chambre sem camisa e ceroula passeia neste gosto por alli sem a menor ceremonia, e diga-lhe que não continúe a trajar dessa maneira por ser isso contrario á decencia; e mesmo é bom evitar o caso do dia 26, porque as familias não estão dispostas a admirar certas obras da natureza. Semelhante individuo costuma sentar-se todas as tardes na porta de um Sr. Santos para conversar; podê por tanto ser facilmente encontrado. Cumpra.

—Temos datas do Rio da Prata até 9 do corrente.

—Diga o que sabe.

—A divisão da esquadra com que o visconde de Tamandaré devia subir a 4 para as Tres Bocas não tinha desaferrado ainda do porto de Corrientes. Não eram bem conhecidas as causas desta demora: attribuiam-na uns a não estarem concluidos todos os apresto, outros a ter baixado muito o rio. Uma carta escripta daquelle porto para a *Nacion Argentina* diz a este respeito:

« Promptos e lestes para seguir para o nosso destino no dia 6, recebeu o vice-almirante uma correspondencia do brigadeiro Mitre com a designação de *muito urgente*; concluida a leitura, depois de algumas demonstrações de raiva, e proferidas algumas palavras que denotavam o seu mau humor, o vice-almirante deu contra ordem para a sahida, e aqui ficamos sem sabermos ainda porque motivo. »

Os exercitos de terra mantinham-se nas mesmas posições.

As hordas de Lopez festejaram o combate de 31 de janeiro, formando alas e fazendo passar por entre ellas os prisioneiros argentinos que tinham podido colher na jornada

Uma correspondencia do quartel ge-

neral argentino na Ensenadita datada de 8 diz que nos ultimos tres dias se tinha visto fozer frequentes viagens do Humaitá para o Passo da Patria um vapor paraguayo com muita força a bordo, tendo-se deixado ficar fundeado em Itapirú mais de 24 horas sem se saber o motivo destas idas e vindas.

Continuam a publicar-se declarações de desertores paraguayos. Agora temos uma de um tal José Venancio Decoud, que se diz pertencer a uma das principaes familias do Paraguay e que informou a seguinte:

«Calcula o exercito de Lopez no Passo da Patria em 26.000, dos quaes apenas 7.000 de peleja, sendo os outros velhos ou crianças. No Humaitá estão somente os artilheiros; e no Passo da Encarnação ou Itapúa, acima da Tranqeira do Loreto, dizem haver uns 5000, o que bem pode ser falso.

«No acampamento do Passo da Patria fizeram grandes terraplenos como para assestar artilharia pois julgava-se que alli se faria a resistencia

«Na jornada de 31, em que se achou elle Decoud, tiveram os paraguayos 200 mortos e 250 feridos, dos quaes quasi todos morreram.

«Dos prisioneiros do general Flores tinham tornado a passar uns 68.

«A mortalidade entre a tropa continuava, tanto pelo mau alimento como pelo nenhum cuidado que se punha na cura dos doentes »

Falleceu o general Antonio Manuel de Mello commandante de nossa artilharia.

—A camara municipal da Bahia anda zangada! Pois até ja não renegou a constituição?

—Deixe-se de asneiras!

—Ao menos é o que parece; a supposição vem do facto virgem de não ter ella illuminado sua testada, fosse com o que fosse, em a noite de 25 do corrente, anniversario do juramento da nossa constituição politica!

Ainda a assemblea apresentou seus caixões de vidro com suas vellas de carnauba.

—Ora historias! Quer V. enxergar grandes cousas n'um simples descuido do porteiro!

—Será; mas em todo o caso é bom saber-se que a camara municipal da capital da Bahia anda em tal estado de confusão e descuido que até seus empregados se esquecem dos dias de festas nacionaes e das obrigações que lhes competem.

—*Sua magestade* foi expulso de palacio.

—Fomente-se!

—Diz me isso porque não esteve na Praça, domingo á noite, por occasião do recolher.

—V. está doudo!

—Pois não sabe que ha aqui um maluco importuno, que diz ser imperador e que é conhecido por Sua magestade?

—Não lembrava-me.

—No tempo do Sr. Dantas não sahia elle de palacio, porque os filhos de S. Ex gostavam de chasquear no pobre do *Manuel de Souza* que ja se suppunha acclamado.

Não lhe ia mal o negocio porque o maniaco voltava provido, bem que se tornasse importuno aos commensaes de palacio. Gostou pois da graça e quiz continual-a com o Sr. Dr Leão Velloso.

S. Ex. porem que não tem pancada na bola e que não acha bom divertir-se á custa de quem não tem senso expulsou de palacio o rei do Sr. Dantas, sem mais nem menos.

Tinha eu portanto rasão de dizer que *sua magestade* foi expulso de palacio.

—Ora esta! E que disse o bolas?

—Declarou que ia fazer opposição ao Sr. Dr Velloso, apoiando energicamente o Sr. Manuel de Souza; que formaria um terceiro partido cujo programma seria a defeza dos maniacophilos.

—Parece maldicção!

E' bem provavel que o Sr. Dantas brigue com o Sr. Leão Velloso; ja esto começa a desfazer o que o outro fez.

E a provincia é quem perde.

Que mal fazia que o maluco de *sua*

magestade continuasse a hombrear com o presidente?

—Mas cada um procura sua gente, e o Sr. Leão Velloso fez muito bem.

A PEDIDO

—Capitão, contaram-me um facto que não garanto, mas que é bom sasaber-se.

—O que foi?

—A camara municipal mandou concertar os talhos de S. Bento, depois do que foi alterada a numeração delles. Dous individuos, sem o saberem, requereram o mesmo talho: o primeiro pedindo a posse pela numeração moderna, o segundo pela antiga. Ambos tiveram despacho favoravel no mesmo dia. O segundo que apresentara maiores vantagens, entrou logo com o aluguel de 6 mezes (32$400) tomou conhecimento do pagamento que fez, recebeu as chaves e foi installar-se. O primeiro oppoz-se, dizendo e provando que tinha obtido o aluguel do dito talho, por despacho da camara. Foram ambos á camara. O secretario e o presidente opinaram a favor do segundo que ja se achava de posse das chaves e tinha dado dinheiro; ficou todavia o negocio para em sessão ser decidido.

Foi a commissão de justiça (Dr. Albuquerque) cujo parecer foi a favor do segundo; mas não se tendo reunido a camara, o secretario propoz levar a questão ao presidente para decidir.

No commando superior o barão quiz sujeitar os litigantes a uma sorte, com o que se não quiz conformar o que tinha dado o dinheiro.

O presidente disse então que ia mandar pôr o talho em leilão e que o homem entregasse as chaves; elle entregou-as, pedindo a restituição de seu dinheiro, expedindo o barão ordem para que fosse o homem logo e logo satisfeito.

Até hoje porém, apezar de ter requerido, está o homem a ver navios, porque a camara não tem dinheiro!

A resposta que lhe dão quando o procura é que *espere para quando houver!*

Isto desde o mez de abril do anno proximo passado!

Então que acha?

—Acho tanta leviandade, tanta indiscripção nessas cessões a dous individuos do mesmo objecto que não posso crer.

—Eu tambem não creio; mas a ser verdade, é, é, é, nem eu sei o que é; são cousas!

—Dizem que o Dr. Domingos Aberém quer ser branco.

—E por isso mesmo e que lhe querem mostrar a corta d'alforria da vovó.

—Estes *desertores*!....

Quem pergunta quer saber.

Será certo que o *Bigode de ferro* quando deixou de governar o *quarto* não entregou ao seu successor nenhum dos objectos pertencentes ao mesmo?

Por acaso não teria o corpo vestimenta para a gente que toca, e mesmo algum instrumento?

Si havia quem contribuisse, é claro que devia haver uma *caixa* onde se guardasse o resultado.

E quem era o thesoureiro? seria o proprio *Bigode de ferro?*

Si se faz estas perguntas é para ver si alguem responde e esclarece isto, e se fica sciente de que taes objectos não foram como dizem, sequestrados para pagamento de certa *quebra*, alias bem *quebrada*, o que prova ter o *pobre fidalgo* unicamente tres cazas: uma em que mora sua virtuosa e excellente esposa e duas bem perto della onde o ex-commandante faz seus exercicios *piro thechnicos*....

Respondam as pessoas da freguezia em que sou juiz de paz.

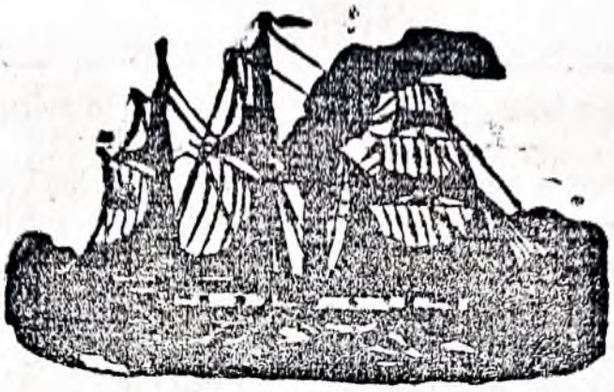
A estrella papa-almoço.

ANNUNCIOS.

PARA SABBADO D'ALLELUIA.

Passaportes a 40 rs. vende-se nesta typographia.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E IGARAPIUNA



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 31 DE MARÇO DE 1866. SERIE 3.ª—N.º 29

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de março de 1866.

Officio ao empresario da limpeza, dizendo-lhe que mande varrer o *jardim das creoulas* á rua Nova do Queimado, que tem se tornado um esterquilinio formidavel.

—Em certos dias a policia deve dobrar de actividade. Na quarta feira de Trevas, na quinta de Endoenças, quem não sabe as gentilezas que fazem os capadocios e os moleques? Porque não ha de pois haver, nos logares em que ha o officio, e no acompanhamento da procissão, grande numero de praças para evitarem o que ha? Quantas pedradas que vão offender indistinctamente a quem passa! quantas pateadas até ao rondante, como succedeu na quarta feira!

Quem não viu o escandalo na porta do convento de S. Francisco e no adro do Collegio?

Que caza da visinhança deixou de ser visitada á porta; que familia deixou de ser desrespeitada?

E o escandalo iria por, diante, si não é o previdente Sr. Jovino Cesar da Silva, que poude afinal dispersar a sucia que tanto incommodava o publico.

E' preciso pois providencia; em certos dias, ja se sabe dos maus costumes de certa gente, deve-se *querer* destruil-os, cerceal-os. Para isso é preciso que a authoridade geral dê forças, meios, á authoridade local para desinvolver-se.

—Grande é a intelligencia humana!

—E maior o poder de Deus!

—Que tem que admirar uma dentadura postiça, um olho de crystal? O genio do homem não cansa! De descoberta em descoberta dir-se-hia que vae ao infinito.

—Mas que novidade viu V. que está a massar a gente, sem dizer a que veiu?

—Oça ouça. Um dos voluntarios da patria, vindo ha pouco do Sul, foi la attacado de uma horrivel molestia, a qual fez-lhe perder o queixo e até a lingua. Um medico de Buenos-Ayres, homem illustrado e humano que o curou, encaixou-lhe um queixo e uma lingua artificial com a qual falla o homem perfeitamente!

Então, é ou não para admirar?!

—E onde está este homem?

—Pediu esmolas ao governo que lho não attendeu; está vivendo de mostrar-se a quem o quer ver por quatro vintens, meu amigo!.

Chama-se Romão José das Dores e mora no beco do Oratorio, n.º 13.

—E' admiravel!

O' vós todos que passaes,
Detende-vos e vinde ver
As vans grandezas do mundo
Da terra o fragil poder.

Eis alli Gato-marisco....
Era a trahição o seu norte;
De trahidor vida viveu
Dos trahidores teve a morte.

Como outr'ora a Christo Judas
Por vil dinheiro vendeu,
A estrada da provincia
Trahiu o novo judeu.

Mas como quem a Deus dev
Ao diabo ha de pagar,
Encontraram-no os moleq
E o vieram enforcar.

Tal acto, quedo, contempla
Com receio, hesitação,
De sua vez se lembrando
O rei d'agora, *leão*.

—Eu sou de opinião que se devia acabar com a procissão de fogareos.

—Porque?

—Ja que a policia não tem a precisa energia ou não pode conter os escandalos praticados, seria melhor acabar com uma cousa que vem attestar a nossa desmoralisação de costumes. Parece que ha gente que deixa para em um dia que todos devem guardar e respeitar, e que até é officialmente respeitado, commetter os actos mais torpes, as mais desenfreadas scenas de devassidão.

A gente do olho-vivo vae para alli fazer barulho de proposito para, aproveitando-se do tumulto, arrancar joias do pescoço das senhoras. A confusão é geral; os soldados correm de refle desembainhado atraz dos desordeiros em risco de varar uma pessoa.

E que me diz dos taes encapelladores de chapeu?

—Ouvi dizer que por causa disso ia havendo uma morte?

—E' verdade; encapellaram o chapeu de um pobre homem, elle atracou-se com um irmão do Sr. Martins Alves e atirou-o sisudo no chão.

Que fosse esse moço que deu a encapellação, não afianço; mas que foi algum do grupo em que elle estava, juro.

E' costume antigo; em S. Domingos vi desacatarem um respeitavel ancião, homem de posição e formado.

Diz o adagio: quem com muitas pedras bole uma lhe cahe na cabeça.

—Disseram-me que os Srs. Drs. classificaram a offensa em ferimento grave e avaliaram o damno causado em 500$ rs., quando hontem ja o moço passeiava e esteve no sermão?

—Isto não sei; o que sei é que vi um dos taes na porta da Misericordia pegar nos peitos de uma senhora e dizer *como está isso molle*; o que se fosse presenciado por quem a acompanhava daria uma scena mais deploravel do que a do pobre homem que foi passar a sexta feira santa na Corrêcção, deixando desamparadas duas filhas donzellas, orphãs por causa da indolencia da policia.

—E que graças! Fizeram tambem uma cobra de engonso e assustaram a todas as senhoras!

—E amanhan hão de se dizer morigerados, hão de querer impor!

—*Et ingens sopor policiam habuit.*

LA VAE VERSO.

—Trago aqui, meu capitão,
Esta caterva que achei,
Propria p'ra servir de judas,
Pelas ruas onde andei.

Tem gente de toda specie
E diversas cataduras;
Uns catei na baixa classe,
Outros peguei nas alturas.

Vem ahi judas politicos,
Renegados e traidores;
Gente de farda e batina,
Barões e commendadores.

Trago-lhe este deputado
Que sem pudor e decencia
Por uns cobres que lhe deram
Vendeu sua consciencia.

Tambem este, que è mau
Até para seus parentes,
E que beija genuflexo
As plantas dos presidentes.

De *costas*, por entre *silvas*
Encontrei este magano....
Veja-lhe os traços do rosto,
E dirá si eu me engano.

Vê aquelle? é magistrado:
Põe a justiça em leilão.....
Torce o direito do pobre
Para o rico ter rasão.

Eis um rico miseravel!
Vem, guiado e aos detens . ..
Prefere não ver a luz
A gastar quatro vintens.

Este, de edade avançada,
Seus cofres atopetou
Em negocios com viuvas
E chanchan que fabricou.

Repare aquelle melcorio
Que aqui ja negocion:
Disse que estava quebrado
A todos caloteou.

Veja que ar circumspecto
Daquelle fino tratante!
No *giro* da carne humana
Foi um grande traficante.

Este fez que um parente
Um sujeito absolvesse
D'assassinato, com tanto
Q'o engenho lhe vendesse.

Olhe p'ra este fidalgo
Que nada tinha de seu;
Quiz a sorte.... foi ministro....
De repente enriqueceu:

Trouxe bahus e bahus
Engasgados de dinheiro....
Que, dizem, mandou fazer
Pelo Candido Ribeiro.

Eis um que fingiu-se amigo
De um homem d'agricultura.
P'ra ficar-lhe co'a mulher,
Fel-o ir á sepultura.

Este se diz *Monte Christo*,
Tem cabedal fabuloso,
Fructo da moeda falsa
Q'o tornou tão orgulhoso.

Veja aquelle que alli stá;
Que affecta seriedade;
Teve, quando foi juiz
Com Lucas sociedade.

P'ra este emproado olhe
Na côr *acabocolado*,
A milhares de donzellas
Tem o bruto deshonrado.

Este sujeito agarrei
(Diz que é advogado)
Cercado de immensa gente
A quem tem caloteado.

Este outro é bacharel,
Foi em Olinda formado:
Depois de ser liberal
Tornou-se vil renegado.

Não pense ser nenhum *santo*
Este, pois n'uma *serrinha*
Serrou uns autos, em que
Uma pobre rasão tinha.

Este esculapio que trago
Naquelle cofre amarrado,
Dando milho a umas vaccas
Foi n'uma *horta* agarrado;

Aquelle, si é chamado
Para ver doente pobre,
Não vae sem saber primeiro
Quem è que lhe dá o cobre.

Veja um que enriqueceu
Com cruel epidemia
As drogas falsificando
Q'ao governo fornecia.

Vê este padre de oculos,
Que anda grave e moderado?
Empresta dinheiro a premio
Com juro exagerado.

Este outro que vem junto,
Com *ares* de a Deus chegado,
E' hypocrita de chapa
Jesuita consummado.

Trago tambem este frade
Que finge *timo celeste*:
E' phariseu disfarçado
No borel com que se veste.

Este de sotaina aberta
Que tem a cara de abutre
De soberba e luxuria
Somente seu peito nutre.

Trago este que muniu-se
D'uma *cruz* para illudir,
Que faz artes do diabo
Para moças seduzir.

Passando por *certo rio*
Este de cara beata
Ia a casa da Balbina
Comer la uma ceata.

Stá um que é vigario
E das alfaias papão;
Mas tem tão *boa ventura*
Q' ninguem lhe vae à mão.

Vê aquelle taverneiro
Com cara de *bolaxão*?
E' judas, que rouba o povo
Co'a maior descaração.

—O aspirante, deu gostos
Oh! que sucia de tratantes!
Agora um luzido rancho
Forme desses militantes.

E mande os botes á terra
Para os moleques trazerem;
Correacção por conta delles
Q' farão o que intenderem.

Esfolados, enforcados,
Vivos jogados ao mar—
Pouco importa; mas presente
A nossa gente ha de estar.

Q' quer? Si em terra os moleques
De policia fazem vezes,
Podem, a bordo, expurgar
Os ares de immundas fezes.

A PEDIDO

Questão publica.

Poderá o Exm. Sr. Dez. Martins tomar parte na questão de *habeas-corpus* de Antonio d'Oliveira Barros tendo sido juiz da pronuncia seu digno irmão o honradissimo Sr. Dr. Ernesto Gonsalves Martins?

—O regulamento de 29 de setembro de 1851 prohibe o exercicio da medicina ou qualquer de seus ramos a quem se não achar competentemente habilitado. Entretanto appareceu ahi pela rua do Paço um tal Lopes que cura a todo o mundo e todas as molestias com pilulas de sua composição!

Pilulas taes que produzem um incendio na garganta e depois terrivel diarrhea, como succedeu com a pobre Rosa das tamancas que ahi está a soffrer de um cancro, dizem!

—Sabe Deus si a diarrhea da nossa tropa no Sul não é effeito das taes pilulas do Lopez? Sabe Deus si não é elle que vem pôr toda proviucia em diarrhea?

Dizem que o Lopez anda por aqui, e o que é certo é que tem havido innumeros casos fataes de camaras brancas e de sangue.

—Ora não brinque!

Tracta-se da vida do povo e deve-se fallar serio, afim de ver-se si ha providencias. Eu ao menos espero do Sr. Dr. inspector de saude que faça desapparecer ou punir o tal curandeiro das enxundias, que não deve querer viver especulando com a vida dos credulos e ignorantes.

—Pois bem; Sr. Dr. inspector de saude, tome nota.

Tendo algumas pessoas desaffectas da abaixo assignada, com o fim de desconceitual-a, propalado que havia ella soffrido uma execução por divida de aluguel de caza, vem pela imprensa declarar que similhante execução não se intendeu com ella, e sim com os moradores do 1.º andar da caza em que mora a annunciante.—*Francisca Bernardina d'Andrade.*

O

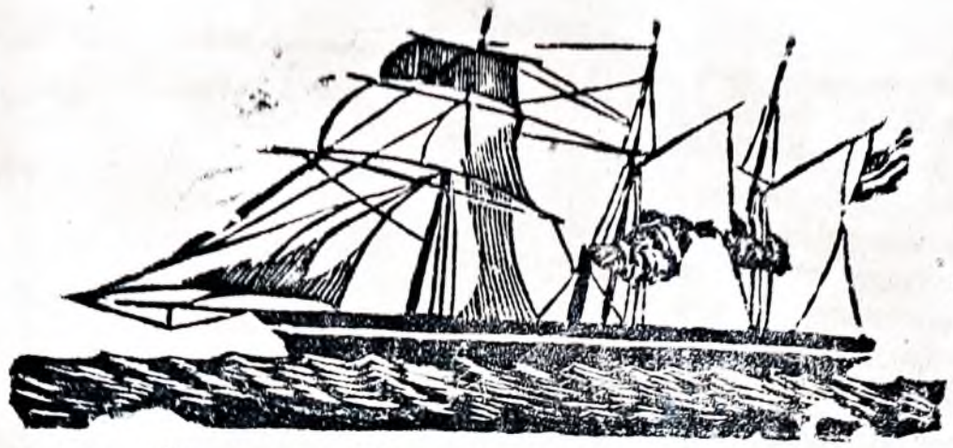
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 3 DE NOVEMBRO DE 1866. SERIE 12.ª—Ns. 120 e 121

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 13ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de novembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr chefe de policia, reclamando sua attenção para o hotel Foleville, onde ajuntam-se ás tardes alguns sujeitos para divertirem-se em atirar em quem passa pedaços de pão, cascas, restos de meza etc; fazer assuadas e dar *escabriações*, mais de um conflicto tem se dado por causa do gracejo dos taes moços, que parecem mais *judeus* do que christãos: e parece que a policia ja teve conhecimento de algum destes conflictos.

Portanto, para evitar alguma consequencia desastrosa, espera-se que S. S. faça com que o proprietario de tal hotel estabeleça o regimem e moralidade, que devem presidir á casa de semilhante ordem.

—Ahi temos novidade no porto capitão.

—O que ha de novo?

—Nogocio politico; recomposição ministerial....

—Oh! bom

—O Paranagua saltou da justiça para guerra; o Martim Francisco dos estrangeiros para justiça, e o Sa e Albuquerque da presidencia do Rio Grande para a pasta dos estrangeiros.

—Muito bem—foi uma contradança ministerial e nada mais; elles la se entendem

—Mais alguma novidade?

—A correspondencia da corte, que chegou, creio não pode publicar se.

—E' verdade, fica para o numero seguinte. E' esse o resultado do *trabalho* atrasado.

—Anda por ahi um estrangeiro a fazer peloticas na rua.

—Gratuitamente?

—Diz elle que o seu lucro é vender uma *pomada*, que tira nodoas de tudo.

—Pomada não, sabão

—Eu estou tão acostumado a vel-os vender pomada, que tudo que vejo em mão delles tomo por isso.

—Quem tira maior proveito são as familias pela demora dos servos na rua atrahidos pelas peloticas do Mr. magique.

—E ja tem havido seus conflictos por causa dos trocos: ainda hontem houve uma rascada entre o *Precisão* e outro meliante. O sujeito vae ven-

dendo sua droga, recebo o dinheiro, e depois é que dá o troco; como ha muito povo os espertos se aproveitam da confusão para receberem o que não é seu

Dahi origina-se o barulho.

—Si fosse algum brasileiro a policia consentiria assim tão livremente, que elle occasionasse ajuntamentos de povo assim?

—Va perguntar

—Que valente armadilha para quebrar pernas, vi agora!

—Onde?

—Defronte da venda Estrella d' Ouro, no Paço de S Bento. E' um buraco com alguma profundidade, e tendo dimensões para caber justamente um pé.

Não ha nada mais facil do que enfiar-se uma perna por alli á dentro á noite

—A companhia calceteiros está ahi para tapar buracos.

—Buraco creio que vae ella abrir, porem é no cofre da provincia.

—A estrada de ferro vae em decadencia!

Anda aquillo por la tudo desmantellado!

As viagens são retardadas e o publico soffre, alem do risco que corre.

Disseram-me que no mez de outubro houve um dia, em que o trem chegou á cidade depois de meia noite.

Ouvi dizer que o estado da ponte não é satisfactorio, e que em muitos logares as silipas estão em mau estado, e em outras rebaixadas.

—E' preciso cautella e prudencia

—Com tres batalhões aquartellados, mudam-se as guardas ás tres horas, sem haver serviço extraordinario!

—Não sabe que esteve no porto S. Ex. o Sr Silveira Lobo, e que era preciso fazer-lhe as honras devidas?

—E' justo; a ordem do mundo é esta; por causa de um incommodam-se tantos ...

Aquillo é etiqueta que não se pode dispensar.

Correspondencia enciclopedica do «Alabama.»

CÔRTE, 26 DE OUTUBRO.

Si o mar é manso e sereno,
Si a briza sopra fagueira
Alar braços soltar velas,
O barco, segue a carreira

E' tal e qual, meu capitão, é o que se vae observando neste tempo e nesta terra.

Principiemos pelo principio, e vamos entrar no começo. Já deve saber que o ministerio está incompleto, pela sahida do Ferraz, á quem os *collegas* mimosearam, com o *modesto* titulo de Barão da Uruguayana — bem entendido — com grandeza, para ajuda da qual o fizeram Conselheiro d'Estado effectivo, ou antes lhe deram mais 4:000$ annuaes. Mas, foi merecido, e depois:

E' neste mundo camello
Faz figura de sendeiro
Aquelle que diz, que Deus,
Está antes do dinheiro.

Qual capitão, asneiras da vida, dinheiro, antes de tudo; por tudo e para tudo.

O que não se contesta, é que o Barão *afrontou*, arreou a carga e está de casa, *vendo toros de palunque* Faz elle muito bem; os *tollos* eram dezoito.....

Em relação á elle, dou-lhe o presente versinho parodia de um que corre aqui:

Angelo Moniz,
Comprehende o que diz.
Da Silva Ferraz
Bem sabe o que faz.

Passo agora ao facto de mais estrondo que, nestes ultimos dias se tem dado

Não vá crer que lhe vou noticiar cousa d'outro mundo Não, Sr., é deste mesmo.

La vae para o Paraguay o .. Caxias. E então? Agora não sou eu quem digo, acaba-se a guerra!

Desta vez os paraguayos
Hão de ter a redempção,
Que o Brazil, ou pega Lopez,
Ou deixa de ser Nação.

E não ha duas rasões á oppor-se.
Ou vencer ou morrer.

Mas, quer que eu lhe diga. . . . a cousa vae mal augurada O grande homem partiu, e ja voltou do caminho. Quero dizer, o vapor *Carmel*, que o condusia, depois de luctar com o Deus Neptuno, deu-lhe as costas, e ca está fundeado no porto Dizem que elle vae amanhan no *Arinis*, mas, é tal o tempo que faz, ha dous dias, que eu duvido que elle siga.

Ainda não ha ministro da guerra.

Dizia-se que entrava o Paranhos; outros que servia o Muritiba; o que corre agora, como certo, é que espera-se pelo Polydoro, que regressa; deixando o commando do seu exercito ao marechal Argollo Ferrão.

Fez muito bem o governo,
Tomar esta.... providencia;
Que as glorias de nossa patria
Iaõ indo em decadencia.

Pela minha parte faço votos para que seja nosso general em chefe muito feliz, e que volte coroado de virentes louros, porque d'elles, nós, tambem teremos, ainda que seja, um—talinho—secco para cada um.

O que é entretanto preciso, é que comprehendamos que, a guerra não é hoje uma *droga* de partido, não; e que portanto os brasileiros, os *grandes*, vejam a necessidade de ajudarem ao governo Não quero dizer, que a *plebe* contribúe *sosinha* á concorrer; mas, que esses *grandes* conheçam que o povo é sempre o que menos gosa, e por isso elles, como filhos *dilectos* da patria, não devem esquecer a pobre mae que os pariu.

Marchem tambem, porque é triste estarem só a recrutar os filhos dos pobres,e elles, os que sobem pela escada que o pobre carrega; gosando do bom, dos lucros e das recompensas. Porque a final em quanto a elles toca, uma medalha de *ouro*, o pobre soldado, que vae na frente, e supporta as intemperies do tempo, ganha uma de *zinco* ou *chumbo*.

Marchem pois grandes, pequenos,
Rico, ou pobre o titular:
A patria pertence á todos
E' dever á sustentar.

Si assim for, capitão, até ou não fico.

Dizem tambem que *D. Catonhé*, vae ser dispensado da presidencia do Rio Grande; bem como a *Rosa Octaviano*, deixará de impregnar o ar com seus fragantes aromas. São cousas.....

No vapor que segue hoje, vae de passagem o estudante Ribeiro de Novaes.

Está idiota, pela choque que lhe causou o naufragio do *Oyapock*

Veremos a recompensa, que tem de seu amor e dedicação.

Da patria o grito,
Assim que ouvio,
Não hesitou,
Prompto seguio.

Vae tambem o Dr Domingos Carlos, da Silva. Era do numero dos que vieram para o exercito. Converse com elle e ficará pasmado pelo que, no pouco tempo que la estevo, fez e viu Oh! grande cousa é ter talento, conhecimentos em abundancia, e força de vontade

Verá que canivetadas, que talhos, furos e golpes deu elle nos nossos doentes! Os casos novos que viu, os triumphos para a sciencia que alcançou & & &.

Dizem que leva apontamentos para escrever um tratado *encyclopedico*, como esta chronica, na qual tratara dos paraguayos, argentinos, orientaes e brasileiros, seus chefes, artilheria, fortificações, munições, armamento, hospitaes e *tuti quanti* por la viu

Oh! *quanta species habet cerebrum!*

A proposito: aproveito a occasião para prevenir lhe que elle é um dos *candidatos* do governo á representação geral.

Approvo tudo quanto tende á encorajar o merecimento

Homens sabios, independentes,
Que nos queiram bem fazer,
Como esse—são uni dignos,
Muitos votos devem ter.

Lá vão tambem —tres presidentes— garantias do verdadeiro voto livre. Vão fazer que a eleiçao nas respectiva provincias, sejam a verdadeira expressão e vontade do povo.

Portanto, se d'outras vezes,
Era burla, a eleição,
Nesta, ella, ha de exprimir

A vontade da nação.

Tambem vão..... o que?.....

Não vae mais nada, que digno seja de menção, a não ser dous parentes do senador Paranaguá, que apezar de gordos vão, com tudo, licenciados por — seis mezes — vencendo todas as vantagens; por estarem *mais gordos*.

Aqui me cabe o rifão:
«Matheus primeiro aos teus»
Eu tambem, sendo ministro
Havia arranjar os meus.

Lá se foi couraçado *Cabral*—resta agora no porto o *Silvado*.

Os corpos da guarda nacional—seis, que estavam aquartellados; foram dispensado, depois de darem 400 homens para o Sul.

Os escravos estão por um preço caro.

E' motivo o estarem sendo forros para serem soldados.

Para elles é boa a guerra,
Lhes traz a felicidade,
Porque se escapam as ballas
Vão gosar a liberdade.

Por ora por cá não temos nada que atemorise a saude publica, a excepção de um cachorro, ou gato morto em certa esquina; um projecto de monturo alli; um lamaçal acolá Como po em são cousas que entendem com a Sra. Illma. ninguem se atreve a fallar; contentando-se em dar uma volta ou em tapar o nariz. quando a necessidade ou descuido os leva á esses logares.

Oh! esquecia-me: A trampa aqui não se esperdiça mais.

A companhia *Imprevidencia*—a reduz toda á tijollos e a exporta, nos navios.

O *José Eugenio*, aquelle que tanto barulho fez por ser francez, está por cá. Dizem que como vagabundo; porem creio que dispondo-se á ir para o exercito.

O Chaves continúa no seu logar de coyó da crioula Antonia.

Oh! é o cão cerbero na porta do infermo guardando sua Proserpina.

Ai do que pretende transpor os umbraes da Deidade, sem mostrar-lhe a senha—*in hoc signo vinces*.

Não o crimino por isso, cada um cuida do que é seu, principalmente quando disso tira o sustento.

Está grassando por cá uma epedemia não menos fatal que as outras. E' o *suicidio* E' espantoso o numero que se tem dado nestes dous mezes.

Entre estes porem é digno de mensão o que des obriu aqui um africano escravo E' um novo invento, digno de ser posto em pratica pela economia. Pode-se chamar—novo meio de morrer.

O tal preto é *progressista*, porque não se singiu á rotina.

Imagine ou antes admire a simplicidade do novo processo.

Encher a bocca de polvora e prender fogo.

Resulta, feita a explosão os miolos e o craneo, evapora-se, como succedeu ao autor.

Morreu sim, o pobre preto
Victima de seu invento
Quem sabe as causas que teve
P'ra mostrar esse talento?

Noticio-lhe que a praia de Santa Luiza esta toda preparada para receber algumas nimphas, que, consta de lá vem

Falla-se que vem Calú
Coroacy, Romualda
Que vem tambem a Alzira
E a mulata—Chiada.

Sem ser estas, dizem—vem,
Tambem outras vagabundas
Porque os homens de lá
Estão quebrados—sem fundas.

Emfim dizem que cá chegam
Cousa ruim e mimosa
Vindo no numero destas
A Mariquinhas-gostosa.

Capitão, desta vez a cousa é grande, bom proveito lhe faça, mas concluindo, ajunto-lhe estes versinhos, que tiro do *Jornal do Commercio*.

Adeus.

O patusco.

— —

« O VOLUNTARIO DO NORTE.

Adeus, gentes desta terra,
Campinas do meu sertão,
Que a corneta está chamando
Os cabocolos da nação.

Vou me embora para a guerra;
Commigo quem é que vai?
Que sou um cabra de fama
Vou mostrar no Paraguay!

Sou gallo neste terreiro,
Quando me ponho a cantar:
Tambem na guerra sou gallo,
Quando estou a pelejar.

E o gallo batendo as azas
Lá vai cantando, lá vai...
Com seu biquinho afiado
Vae picar o Paraguay.

Quando bolem nesta terra,
Commigo bolem tambem,
O cacete relampeia,
Quando cahe, derruba cem!

Troveja pancadaria....
Massarandoba lá vai....
Qu'atrevido está ralhando
O Lopez do Paraguay!

Elle diz:—Eu faço pouco....
O Brazil não vence, não!
Ai... cabra! porque não sabes
Qu'eu sou corisco e trovão!

Espera espera,que a fama
Vai ensinar-te, lá vai...
Cabra, não morras, m'espera
Dentro do teu Paraguay!

Quem fôr valente me siga,
Quem não fôr, não venha, não!
Qu' arranco pau com raiz
Sem deixar marca no chão;

Que sou bala, que sou onça,
Que sou cabra ramanaz:
Quando estou no meu destino
Venço até mil Paraguays!

Se no mundo houver um homem
Que duvide o meu valor,
Almoça pau janta peia,
Merenda chiqueradôr!

Que sou filho de tapuya,
E curiboca meu pai...
Que sou mau, sou topatudo,
Vou mostrar no Paraguay!

Adeus prados, e rochedos,
Florestas de piquiá.
Adeus mulatas faceiras,
Adeus ó meu Ceará,

Marequinha da lagôa..
O teu cantor já se vai,
Vae pisar brabo e corado
Nos troços do Paraguay.

E tu, caninha Balaio,
Não admittas a ninguem,...
Espera, tem paciencia
Qu' ao mesmo serei teu bem!
Adeus, adeus quem se fica
Vamos nós, vamos quem vai.
Castigar o atrevimento
Do perverso Paraguay!

A viola está dizendo
Que o Lopez está derrotado,
E a rabeca confirmando
A derrota do malvado.

Se fôr assim, mato dez
Ao menos arranco um ai...
Se não fôr, eu mato o Lopes,
Esmago seu Paraguay!

Vamos, vamos tenho pressa...
Mulatas não chorem mais,
Sou cabra destabocado,
Sou fama destes geraes!

Hei de vencer o tyranno...
Minha viola, esperai
Até qu'eu volte cantando
Dos campos do Paraguay!

Hei de voltar triumphante,
Me diz o meu coração,
Deixando o vil inimigo
Ciscando,... morto no chão!

E gritarei—Viva a patria
De quem cantando lá vai!
Que ja não pia, está morto
O maldito Paraguay!

JUVENAL GAPELENO.

A PEDIDO

—Que gente amiga de dar pancada! Demanhan, ao meio dia, denoite, fora de horas, está o chicote e palmatoria trabalhando naquella casa á *Ladeira dos Cachorros!*

—Qual dellas?

—A *oitava* depois de *vinte.*

—Não sei qual é.

—A que fica na *dobra* que dá para o becco do *Pexelim.*

—Pexelim ou *bacalhau?*

—Pexelim.

—Não sei que rua é esta. Com tudo vou mandar o aspirante procurar o dono da casa, e advertir-lhe que não seja tão cruel com seus servos,e perca a mania de dar pancada á toda hora para não passar por phariseu.

—O' muxinguoiro conheces o *Motta?*

—Não. Sr.

—E' um sujeito que inculca-se por *candido*, o que é um contra-senso pela *má cara* que tem.

—Onde mora?

—Na Conceição do Boquerinho.

—Quem tem bocca vai á Roma.

—Pois vae dizer-lhe que governe melhor a sua casa e ponha cobro a sua *capivara* para não insultar os visinhos. Diz-lhe que se não quer que se olhe para sua cafurna, que traga as portas fechadas, pois os olhos são para ver; e que por tanto não dê aza a essa malcreadona para andar insultando os mais sem razão; sob pena de se verem ambos embaraçados comtigo no porão, o que não deve ser la dos melhores petiscos.

—Eu para executar ordens estou sempre prompto; vou em busca do sujeito.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 2 DE NOVEMBRO, A'S 3 HORAS DA TARDE

Cotações officiaes da junta dos correctores.

Cambios.

Sobre *Relapsorum-forum*—ouro em moeda.
Sobre *Tratantopolis*—dinheiro á vista.
Sobre *Honoropolis*—metaes-preços.

Descontos

O banco da Transacções Igualheis transige acções do *Merito* por notas da *Corrupção*.

As acções da *Probidade* estão refugadas na praça.

Leilões.

Sobre a mesa do Corretor Judicial effectuou-se um sapateado na casa dos Srs. *Sampaio & C.* na importancia de 20:000$ por serem os generos com bicheira de *casamento*. A transacção foi nesta, fóra feita pelo corretor *Irmão de Pilatos*.

Joaquim Malcreado, presidente.
Gaturno, secretario.

Revista do mercado.

Ha a registrar importantes movimentos de nossa praça na presente semana.

O mercado está supridissimo de todos os generos de entrada e sahida.

Os *roubos* estiveram animados. A companhia do Olho-Vivo primou nos seus productos.

O commercio de *afilhadagens* desde a semana passada tem estado morto.

Effectuou-se a transacção de uma partida de *nomeação illegal*, procedente de S. *Vicente*, para ser exportada para Relapsorum-forum.

De *espancamentos* as vendas foram regulares.

A carga do patacho *Carlos* procedente do estreito do Collegio depositada no trapiche *Ferreira* está em ser.

E'm *patotas* nada se faz

Depois do sahido do *Leão* portador do ultimo carregamento, pode se dizer que desappareceram; alguma transacção que se tenha realisado é tão insignificante, que não merece menção.

O mercado de *esbanjamentos* tem estado paralisado.

Vendeu-se uma partida de *rapto*, que não transpirou o preço, por que foi cotada, pela reserva que nisso guardou-se.

Retalhou-se para consummo dos credores de gado uma sorte de *desigualdades* chegados na g. *Matança* da ilha do Patrocinio.

O commercio de *orgias* esteve animado. A companhia do *mocotó á meia noite*, tem fornecido o mercado deste genero.

E'm estellionato o mercado esteve vivo.

Negociou-se a venda de uma partida de *falcatruas* para o trem do mar de Latronopolis.

Vendeu-se uma partida de *previlegios* depositada no trapiche do *Curral* por conta da companhia dos *Affeiçoados*.

Movimento do mercado.

Iniquidades.—Abundantes.

Desavenças.—As do *Ze Monturo* consignadas a casa *Lopes*, tendem a decrescer de preço por não achar procura.

Fidelidade—Da pura não ha, da *conjugal* ha alguma ao eleito encontra-se, porém de excellente qualidade havendo boa escolha.

Pandemonio—Desprezado.

Prevaricação.—A guerrilha dos funccionarios publicos monopolisa exclusivamente este genero, tem-no atravessado de maneira, que é difficil encontra-lo em outra mão.

Vigilancia.—Pouca. As que eram fornecidas pela policia para uso da população, desapparecem.

Vagabundos.—Apezar da excessiva exportação para o Paraguay o mercado está supridissimo.

Mentiras—As officiaes são as mais procuradas.

EXPORTAÇÃO

DESPACHOS MARITIMOS A 2

Para fora de Latronopolis

Porto dos Corcodos — [illegible] relapso *Amor* [illegible], velludos, [illegible], saccos ecclesiasticos, [illegible]logens, [illegible] encarnados, [illegible].

GENEROS DESPACHADOS EM 2 DE NOVEMBRO.

Para dentro de Latronopolis.

Ilha de *Insolencia* —brigue *Barca* — *Carece:* Xcs 225 cindres naturaes, 2 peças *mimosas* [illegible] proprio, 35 canadas desfeito.

DESCARGAS POR BALDEAÇÃO.

Escuna—Carolina Lecouce —orgias
Barca—Maria Bonfoca—lupanar.
Galera—Damiana Logremo—candomblés.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA.

Ilha do Medo —em 15 dias clyper louvaminheiro *Aberém*, capitão Domingos passageiro Carlos da Silva e um toleima candidato a deputado carga uma viagem phosphorica para dar jús a preferencia de uma cadeira: 9 volumes experiencias scientificas, descripção de viageos, 8999 operações medicas, 1 lata zoilismo.

SAHIDA.

Porto do Ouro—hiate *Guerra*, mestre João, passageiro José; carga 2 pacotes polvora roubada á entregar a certo foguetcirot tratante, generos podres e falsificados para uma vendola, 18 caixas insultos a visinhança; foguetes do ar, bombas e uma figura zoniga para servir em fogo de planta.

ANNUNCIO MARITIMO

A muito veleira sumaca *Felismina*, forrada de novo, por ter parte da carga prompta sahira em poucos dias para Descaratopolis; ainda recebe frete. A tratar com o consignatorio na rua dos Pés de Laranja.

VARIEDADE.

O PROGRESSO EM 2066.

Uma folha americana annuncia cousas maravilhosas para o anno de 2066. O seguinte dialogo entre [illegible] criado e seu amo dá uma amostra destas [illegible];

E' expedido um telegramma para o criado John, que se apresenta, em um balão em uma janella do segundo andar.

O amo John, vai á America do Sul e diz-lhe Sr. Johnson que me dará muito prazer se vier hoje cear comigo. Não é preciso que mudes de fato. Vamos.

Ao cabo de 5 minutos volta John.

John—O Sr. Johnson diz que virá á ceia: tem de ir ao pólo do norte, mas parará aqui por um pouco.

O amo—Muito bem, John. Agora vae pôr a mesa, e trata de telegraphar á minha mulher dizendo-lhe que não tarda ahi o Sr. Johnson. Depois John, hiparas o balão. Eu hei de estar com certa pessoa em Pariz ás 10 horas.

John vae executar as ordens de seu amo emquanto este vai ás Indias Occidentaes comprar laranjas frescas!

—Le-se no *Diario do Rio Grande*:

Tres dias venturosos ha para o homem, e são:

O dia em que se casa.

O dia em que lhe dão bom emprego.

O dia em que lhe morre a sogra.

—Ha outros tres dias que são de pezar:

O dia em que é demittido.

O dia do 4.º anniversario do seu consorcio.

O dia em que se convence de que não póde descasar-se.

Requerimento interessante

Remettem-nos o seguinte:

«Illm.º e Exm.º Sr.—Diz Manuel dos Anjos, que, possuindo umas quatro cabeças de gado, ha pouco chegadas de sua fazenda, e vendo-se sem ter onde as conserve, vem requerer a V. Exc. para que se digne de ordenar que as recebam no sitio Cruz do Peixe, em cujo cercado já foram admittidas e engordam á custa da provincia não poucas vaccas e bezerros do Sr. vice-presidente. Sendo aquelle sitio propriedade provincial, e devendo todos os que contribuem para as rendas publicas terem iguaes direitos e garantias com relação aos commodos que offerece a instituição do estado, é justa a pretenção do supplicante, e deve ser deferida; tanto mais que de seu deferimento nenhum inconveniente resulta, quer á provincia, quer á bolsa

existente no mesmo sitio. O supplicante é pobre, e quando a *protecção* do gove,no se estende à pessoas abastadas, como aquella à que elle se referio, é de justiça que seja attendido.

«Pelo que

P. á V. Exc. deferimento

« E. R. M. »

COMER.

Consiste em metter na bocca, mastigar e engolir: é das mais urgentes precisões que a naturesa nos impoz sem a satisfazer, nem um vivente póde conservar nem vigor, nem existencia.

O animal,que se sustenta de hervas chama-se herviboro; de grãos granivoro; de carne carnivoro; e de peixe istyófago.

Alem de todos esses predicados tem o homem o de ser antrópóphago: porque tambem come carne humana. Nada escapa à sua voracidade!

Das apáras e do molho come o cosinheiro; do que pilha o criado de servir; de enganos o escrivão; de passadas o procurador; de rixas o advogado; de despachos o juiz; de receites repetidas o boticario; do dedo o açougueiro; de fazenda o modista;de pavios grossos o correeiro;da ração das bestas o arrieiro;da liga o ourive; do rancho o furriel; do rigor e aspereza o carcereiro; da cifra à direita quem vende fiado; à custa dos hospedes o estalajadeiro; das compras o moço de recados; com retalhos e fazendas o alfaiate; sabão a lavadeira; pregos o carpinteiro; [illegible] o autor; os clientes o moço de feitos; papel o impressor; cal ao caiador; santos o hypocrita beato; por um pé os pretendentes, e dependentes o empregado *corrupto* e a authoridade *venal*, cujo estomago é um perfeito barattro, que traga solidos e liquidos por todos os tempos, numeros, modos e pessoas.

O bicho homem até de vento se sustenta, como o *camaleão*!

De que se ceva o vaidoso, senão do vento da vangloria; e o cubicioso senão da fumaça da lisonja, e das honras immerecidas? Uma excellencia é gulosina tão saboroso para o seu paladar, que fica mais macio do que uma camorsa, e mais inchado do que um pirú, quando se lhe assobia!

Diz o dictado: todo o mundo come palha o ponto é saber lh'a dar,

---

CASAMENTO POR EMBRIAGUEZ

Por diversas vezes apresentaram-se ao cura de uma certa aldeia, uma mulher e um homem para que os cazasse; succedia, porem, achar-se sempre o homem em tal estado de embriaguez, que o cura negava-se a satisfazel-os

Uma vez disse o cura á mulher:

—Não te envergonhas de comparecer perante um altar, tú,uma mulher honrada e decente, com este homem no estado em que vem?

A moça começou a chorar, dizendo que não podia remediar aquella fraqueza.

—Mas porque? perguntou o parocho.

—Porque quando elle não está bebado —respondeu ella—não quer consentir em cazar-se.

Os olhos.

Os olhos riem, choram, gemem, supplicam e meditam.

Os olhos são a linguagem dos namorados, como o susurro é a linguagem do zephyros.

As donzellas namoradas fitam os olhares no chão ou no leque; as namoradeiras costumam olhar para a rua; as pobresinhas de quem ninguem faz caso, olham para os céu.

O namoro opera-se tão somente com os olhos e os labios, isto é, consta de olhares e de sorrisos.

Os namorados, que se miram, nunca estão calados.

A alma estremece com um olhar timido: chora com um olhar triste: ama com um olhar occulto e vacillante: despresa com um olhar altivo. Por isso se diz com frequencia «que os olhos são um espelho d'alma.»

Os olhos azues de uma innocente donzella são como os lagos que espelham o céu.

Os olhos negros de uma moça namorada são um poema de mysterios, de amores e de delirios.

Os olhos das meninas puras parecem muito mais formosos, quando derramam lagrimas.

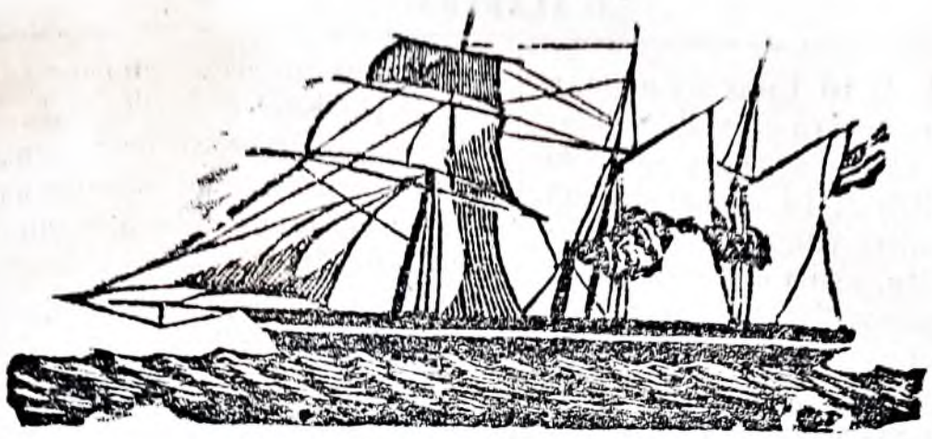
(Extr.)

ANNUNCIOS.

Attenção.

A 8$000 o saco de fobá de milho com 9/4 vende-se á Baixa de Sapateiros tulha nº. 9.

Typ. de Marques, Aristides Igrapiúna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 6 DE NOVEMBRO DE 1866. SERIE 13.ª—N.º 122

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de novembro de 1866.

Officio ao Exm. Sr. inspector d'alfandega, levando ao seu conhecimento o facto, que nos communicam, de haver, no dia 2 do corrente, desembarcado da barca franceza *Guido*, sem se haver pago os competentes direitos, 15 canarios d'Allemanha, que se estão vendendo em uma venda nas immediações do theatro.

Semelhante facto, pode não ser exacto, e nos enclinamos á crer que o não seja, porem isso não priva que S. Ex., zeloso como é pelos interesses da fazenda publica, dê providencias afim de chegar ao conhecimento da verdade.

—Ao Illm. Sr. Dr. director geral da instrucção publica, pedindo-lhe que sirva-se de informar os motivos por que, no dia 16 de outubro, deixou de haver aula na eschola publica para meninas da freguezia da Sé.

Outro sim, sirva-se V. S. fazer sentir a professora da mencionada aula, que o tempo proprio para pintura da caza em que funcicona é pelas ferias, afim de não haver interrupção no ensino, como aconteceu no mez de agosto que esteve fechada por 15 dias, a pretexto de se estar pintando a casa.

—Hontem na cathedral celebraram-se por ordem de S. Ex. Revm. sufragios pelas almas de nossos irmãos bahianos fallecidos na guerra actual.

Houve missa pontifical e officio cantado.

Foi um acto solemne, que despertou muitas lagrimas de piedade e muitas saudades pungentes.

O templo estava significativamente decorado.

Houve pouca concurrencia, notando-se a falta de algumas authoridades.

—Tem se fallado muitas vezes na relaxação de consentirem que sentenciados á galés andem passeiando á noite!

Elles são vistos nas novenas, nos fogos, nos botequins, nas orgias em casas de mulheres etc. Na noite de Reis, o anno passado, andou um á tocar flauta toda noite, n'um rancho capitaneado por um official de linha. Nas novenas da Conceição, foi preso outro por uma desordem, e, apezar de tudo isso, não ha quem se importe, e dizem que são historias de gazetinhas.

Pois bem!

Hontem 4, ás 10 horas da noite, o soldado sentenciado á galès Marcolino, com licença não sei de quem, sahiu do quartel da Palma, foi á casa de sua amasia moradora Atraz dos Quarteis; e arrumou-lhe, assim em ar de graça com umas seis facadas, por encontral-a em acto de infidelidade

—Ao menos, agora, hão de dar alguma providencia.

—Houve hontem incendio em uma casinha á ladeira das Hortas.

—Fui ver, e entendo que o serviço empregado na extineção dos incendios é pessimo e traz muita confusão.

—Principia pelo toque das egrejas, que, quando dão signal é tarde e a más horas, depois, as bombas quando chegam, ja a casa tem ardido metade, e isso mesmo vem todas se vasando; as do arsenal vem n'um estado que provam a imprevidencia, que por lá anda a respeito.

Parece me que, sendo ellas objecto para servir em casos inesperados, devem estar promptas sempre para qualquer momento.

—Tambem não sei o que vae fazer uma chusma de officiaes para estarem de longe olhando.

—No incendio de hontem apresentaram-se os Srs. Dr. chefe e commandante de policia, os quaes á cavallo assistiam o espectaculo.

—Até chegar o presidente em que se apearam todos.

—Gostei de ver a energia do commandante de policia; deu quatro gritos e meio n'um homem, que o poz tonto.

—Na sexta-feira o academico Novaes, que voltou idiota do Sul, entrou em casa de umas mulheres de *bôa vida* á ladeira da Misericordia, e foi por estas espancado e roto; houve toques do apito, ajuntamento de gente e ufico nisso

---

Correspondencia enciclopedica do «Alabama.»

CÔRTE, 29 DE OUTUBRO.

Nem tudo que nós queremos
E' como nos desejamos,
Porque, quando—aqui nos crêem
Já por longe nós andamos.

E' o que talvez, se dará commosco, V. Ex., capitão, suppondo-me na Corte e eu me preparando á seguir o caminho de Minas.

Não vá porém, crer que fico,
Ou lá, me vou demorar,
Apenas—um mez, não mais,
Tenho p'ra ir, e voltar.

Isto quer dizer, que faço uma synalepha nas minhas missivas; deixando, por estes dias de massal-o e aborrecer os seus leitores.

Não vão porém acreditar
Que vou tratar d'eleição,
Não, vou ver um negocinho
De toucinho e mais feijão.

Sirva-lhe pois esse meu exordio de aviso, e o dê como satisfação aos seus dignos amaroleticos leitores, que me parecem ser boas cousas, sem prejuizo das *más*, que o leem.

Ficam pois, minhas missivas
Por um mez—interrompidas,
Se até lá, as garantias
Não ficarem suspendidas.

Para que não seja porem isso somente o motivo desta, vou dar-lhe algumas noticias, que tem vindo á luz da publicidade, depois da partida do *Cruzeiro*, pelo qual lhe escrevi.

Até antes de hontem foi medonho o temporal que havia na barra, motivo pelo qual, só hontem, poude seguir o nobre marquez de Caxias.

Eu, descrente como estou, ja começava ver nisso um mau augouro; suppuz até que fosse motivado por alguma descortezia com Neptuno, ou que este fosse inimigo pessoal do marquez, tanto que a vista do estado da barra disse:

Quia tanta animis celestibus ira?

Confesso que em tudo isto, não vejo nada que me anime; está, pelo contrario, me parecendo, que vamos ficar muito mal; que enlameados sahiremos dessa guerra, que tanto nos flagela; principalmente quando vejo o indiferentismo, com que se a encara e a facilidade com que os marechaes de casaca, froguezes do Carcoler traçam os plannos e a desmoralisam; chegan-

do alguns até á ver realisado o triumpho que *riscam*. Não obstante, eu continuo a ver realisar-se a minha professia.

Quem mira bem o caminho
Qu' este—Brazil—vae levando,
Pensara qu' elle progride;
Mentira—está liquidando.

Deus porem permitta, querido capitão, que eu erre; que nada se realise.

Mesmo, que não me faz conta,
Ser Cassandra, ou feiticeiro;
Que lucro em me chamarem
Zé Patusco, o agoureiro?

Por isso pois faço votos para que, o destincto marquez de Caxias, aqui appellidado—anjo da victoria—tenha a sorte de Alexandre e como elle possa dizer: *veni, vidi, vixi*.

Fagueiras brisas soprem pois o *Arinos*; dome suas furias o iroso Neptuno, as auras da felicidade adejem em redor d'elle para que possa, com seu prestigio vingar a patria, e haver a dignidade perdida, sem a qual, longe de sermos nação, não seremos mais do que um povo, sem honra e nos tornaremos o escarneo das outras nações.

Proteja-o pois Deus, para que de volta:

Coberto de louros, festões e grinaldas,
Se mostre, o Brasil, á face do mundo,
E cheios de gloria, possamos gritar
Viva nossa Patria e Pedro Segundo.

Com a partida do Caxias, fica na commissão presidida pelo conde Eu, o destincto general Cabral, hoje barão de Itapagipe, onde creio que nada tem de seu.

Este general é, aqui, conhecido pelo *Espada virgem*, mas eu não me atrevo á dal-o a conhecer assim, pelo seguinte periodo do discurso do deputado Godoy, no qual sensurou até ao governo, por ter dado-lhe *apenas*, o dito cujo referido baronato. Eis o que a respeito do novo barão de sua terra disse elle:

« Assim, Sr. presidente, V Ex. ha de ter lido no *Jornal* de 19 de agosto, uma infinidade de graças e condecorações por serviços prestados na guerra contra o Paraguay, recahindo as mais notaveis em pessoas, que nunca foram a tal guerra, o que tem dado logar á apparecerem reclamações nos jornaes posteriores áquella data. Não faria questão disso, Sr. presidente, se acaso o paiz pensasse como eu, a respeito dos chrismas e caraxás.

« Não obstante, o de que eu não posso deixar de acusar ao governo é pelo facto da grave injustiça, que praticou, na exigua remuneração que deu ao illustre tenente-general Cabral! Senhores, quem neste paiz não tem admirado a bravura, a pericia militar daquelle denodado general brazileiro?

« Quem não sabe que elle, á frente das cohortes brazileiras, desenvolveu garboso as infantarias em linha de combate; fez carregar intrepido a cavallaria; rodar impavido a pesada artilharia; sempre temivel e esmagador á testa dessas phalanges, infundindo inaudita coragem no peito dos guerreiros, atacar violento, fazer brecha nas muralhas da Uruguayana, carregar a baioneta, levar de vencida os paraguayos, a não deixar pedra sobre pedra, pisar o seu ginete vencedor sobre os destroços do que foi Uruguayana, e nesse momento, em que os hymnos marciaes entoavam a victoria, agarrar o frade Duarte, suspendel-o pelos cordões seraficos, e mostral-o tiritante ao Brazil estupefacto?! (*Hilaridade*).

« E, pois, Sr. presidente, como se dá apenas um baronato á esse denodado general?»

Ora, aqui cabe bem, o annexim italiano:

Si es vero é bene trovato.

Esquecia-me dizer-lhe que com o marquez vae o valente ex-presidente do Matto-Grosso e commandante da expedição, que para alli seguiu, e a qual, até hoje, ainda la não chegou. Fallo do coronel Droga.

Oh! que Dragão tão distincto,
Tão valente e destimido!
Fez taes artes, com a tropa,
Que por fim foi demittido!

Este, é irmão de um outro, de quem conta-se:

Que, no acampamento, tomava diariamente um purgante, para estar em continua diarhea, e assim poude con-

seguir ser julgado incapaz do serviço o dispensado da commissão do major; porem que chegando á Montevideu, onde se acha, mettera-se no deposito e hoje está bom, so para ahi; apparecendo-lhe a diarhea, logo que se lhe falla em marchar.

E' qu' este outro valente
P'ra ballas não foi nascido,
Quer antes morrer..... *sujando*
Do que no Campo ferido.

Chegou e ficou de quarentena, por trazer carta suja de Genova, a escuna prussiana *Alma*.

Entre os objectos da carga, faz parte o cadaver do finado senador barão de Quarahim.

Chega-nos a noticia de mais uma victima de sua dedicação em Corrientes. E' o quarto-annista Quintino Alves Marinho dessa provincia, que falleceu de febre typhica.

Tambem são esperados aqui e de certo seguirão para lá, alguns dos *desinteressados* patriotas medicos, que d'ahi vieram; sendo a mor parte—lentes d'academia.

Doeu-lhes as consciencias de estarem mamando, alem de outras cousas boas, seiscentos mil reis mensaes, fora os beneficios da aposentadoria, ajudas de custo, honras e commendas, que hão de certamente ter.

Dignos filhos de Hypocrates
Bem os mostra a hypocrisia,
Para empalmarem—seiscentos
Todos foram em romaria.
Mas, chegando lá sentiram
Que não era brincadeira,
Mandam a patria ao diabo
E eil-os já de carteira.

Ao contrario desses *desinteressados amigos da patria*, que *esqueceram* tudo para correr ao grito della, pela *bagatela* de seiscentos mil reis mensaes, veja-se a abnegação do brazileiro Francisco Camerino, que não sendo soldado, nem nada ganhando do estado; munese de uma espingarda, ataca o inimigo e cahe victima de seu amor a patria; repetindo ao espirar, o verso do Thomaz Ribeiro.

Ou morre o homem na lida
feliz, coberto de gloria;
ou surge o homem com vida
mostrando em cada ferida
o hymno de uma victoria.

Compare o procedimento desse verdadeiro heroe, sua abnegação pela vida e amor por sua patria, e veja o que se poderá dizer dos taes medicos, e outros.

Aproposito; por aqui corre que o *brigadeiro*, *commendador* Dr. Evaristo, não volta mais d'ahi, para onde seguiu com licença, sem perda do vencimentos. Será verdade?

Ninguem o crê!

Ah! Francisco de Camerino!

A ladroeira, ou antes a canalha do olho-vivo—continua em suas excursões. Ha poucos dias, que foram demittidos aqui n'alfandega uns poucos, por honrados—são dos taes que para porco só lhes falta o rabo; veja agora o que a respeito de outros tratantes da Uruguayana diz um correspondente do *Jornal do Commercio*.

« Uma sina fatal persegue a alfandega da Uruguayana!

« Acaba o governo da provincia de ter conhecimento de grandes escandalos praticados por certos empregados daquella alfandega, que chegaram até a organisar uma sociedade com a denominação de — Terriveis.

« Citam-se como vultos salientes desse escandalo o ajudante do inspector e um celebre despachante, já despedido da alfandega do Rio Grande, Carlos Norton Murat. »

E se esbofea a policia
Em procurar os ladrões;
Quando'elles estão á vista
Dentro das repartições.

Ja vi por aqui uns artigos acerca do novo porteiro do Forum. Porem é certo isso?.....

Si é certo que este imperio
Produz muito homem serio,
Si é certo que de Lisboa
Nos vem muita couza atoa,
Si é certo que, no sertão
Si planta muito mamão,
Não se pode prescindir
Da verdade proferir,
No nosso imperio—ladrão
Estende como mellão.

Ja ouvi tambem dizer que, isso era

obra do candidato *logrado*, que espera assim abrir espaço para agachar-se.. será? Por mim lho digo: ambos valem o mesmo.

Capitão, o mundo hoje está de modo que:

O tratante, o sem vergonha,
O patife, o calloteiro,
Ou tenha á cara de Fabio
Ou de pau de limoeiro.

Todos elles são velhacos,
Cada qual mais rapaceiro,
Só querem de qualquer modo
Empalmar grosso dinheiro.

No vapor *Arinos* seguiram mais 465 bravos. Os 65 são todos jovens, do corpo de bombeiros, que voluntariamente se offereceram.

Com seus peitos e seu sangue
Vão á Patria defender
Voluntarios, vão dispostos,
A' triumphar ou morrer.

Seguiu tambem a curveta *Bahiana*, dizem uns, á estacionar em Montevidéu, outros porém, á destinam á Buenos-Ayres, para mudar a Nitheroy.

Passo agora, as noticias importantes.

Brigaram, em um destes dias,
A Salomé com da Hora,
A policia as encontrou
Com certa cousa de fora.

P'ra rua da Carioca
Mudou-se *Totonha* agora,
Na rua da Conceição
Está mata-fome—a Gloria.

O Chaves, está maniaco,
Tem uma vida enfadonha,
Vive só de sentinella
A sua negra Totonha.

Penetrar lá, ninguem ousa
Sem a quantia marcada,
Si não elle apparece
E, ja sabe, faz rascada.

A Amelia—a Traviata
Está como—de fumeiro,
Arrendou os seus amores
A um velho corriqueiro.

Já regressou a Geralda
A irman ca se ficou
Das *fructas* de ca da terra
Creio aquella não gostou.

Zé Eugenio, ind'está cá
Com officio de vagabundo
E' corretor estensivo
Das raparigas do mundo.

Quando aqui chega vapor
Elle abordo as vae buscar,
E com toda diligencia
Trata de as *arrumar*.

Vem Alzira? vem Damazia?
Coroacy e a Lulú?
Os rapazes já preparam
Um tremendo carurú.

Estou fazendo um trabalho,
Que já se vae concluindo;
Mappa das femeas e machos
Que de lá p'ra cá tem vindo.

Adeus meu bom capitão,
Adeus te o mez que vem,
Vou ver si p'ra festa alcanço,
Ajuntar mais um vintem.

O Patusco.

A PEDIDO

—Venha cá, meu patusco, que diabo lhe incommoda o espirito, parece que passou mal a noite ..?

—Deixe-me capitão, estou com o diabo no corpo.....

—Cruzes, em má hora o chamei! Mas, o que tanto o incommoda; como crê que esse espirito do mal o persegue?

—Sei lá capitão, é um visinho que tenho, que, depois de pôr fora de casa a sua querida yaya, quer agora casar com *outra*.....

—Mas, isso não é motivo de incommodo; é até muito natural.

—E' verdade, é muito natural que elle case, porèm sem incommodar os outros.

—Diga-me, porém, de que modo elle o incommoda e quem é elle!

—Eu lhe digo, um caxeiro do commercio, que não querendo viver só com a mãe que o pariu, poz fora, não obstante, a sua *antiga* cara metade, e agora, tendo tido a desgraça de ver a perna (é o que elle diz) de uma joven, que foi a sua caza; quer, a todo transe, cazar-se com ella.....

—Até aqui so vejo a resolução de um homem.

—E' certo, porém attenda: A' tarde, quando se retira de seus afazeres, vao direito para a casa da *bella futura*, ali

massa até 9 ou 10 horas o de volta á casa, ninguem pode dormir de.....

—Porem, atira pedras, ou anda como gato pelos telhados?

—Nao Sr, nada disso, mme se de um violão e eil-o á cantar:

Alma piedosa, attende....

E'um propheta Jerimias chorando, e desse modo,ninguem dorme em quanto o somno o não vem prender, e consente então elle que os visinhos durmam; e assim este seu criado...Maldicto trovador.

—Mas.....

—Mas, isso de que me queixo capitão, está ao alcance de qualquer ver; basta passar no declive da *Avô de Christo* das 10 horas em diante, e ouvirá uma voz que, com quanto venha de um sobrado, todavia parece ser sahida de um sepulchro....

—E' que o homem *canta*, *mas não entôa*.

—Seja o que for, capitão, vou pegar-me com S. *Ivo* para que abrande ou esquente de uma vez o coração do tal amante trovador, e nos deixe dormir.

—Faz bem, meu amigo, o que os Santos não fazem, não alcançam os peccadores.

VARIEDADE.

Sob a epigraphe «Prazeres de quem dirige um periodico,» publica uma folha de New-York as seguintes observações:

Si o periodico tem muita leitura, queixam-se os assignantes de que lhes acham poucos annuncios.

Si o typo é grande, queixam-se os assignantes de que tem pouca leitura.

Si o typo é mui pequeno, queixam-se os assignantes dizendo que o não podem ler.

Si se dão noticias telegraphicas, dizem os assignantes que taes noticias são contos.

Si não se dão noticias telegraphicas, dizem que o periodico carece de interesse.

Si se publicam «gazetilhas», queixam-se os assignantes de que a folha está cheia de insignificancias.

Si não se publicam «gazetilhas»; queixam-se de que os redactores são uns fosseis.

Si se publicam artigos originaes, queixam-se os assignantes de que não são demasiado energicos, ou de que os não consultaram a respeito delles,ou de que não fica espaço para as traducções.

Si se publicam traducções, dizem os assignantes que já as leram n'outros periodicos, e que os redactores são uns sarrafaçaes.

Si se louva alguem, queixam-se os assignantes de que o periodico não é imparcial.

Si não se louva ninguem, dizem os assignantes que os redactores são uns ursos indomaveis.

Si se publicam artigos de modas, queixam-se os assignantes de que o periodico se occupa de futilidades.

Si os não publica, dizem as esposas dos assignantes de que o periodico não serve de nada.

Si se falla de religião, dizem os assignantes que os redactores são uns hypocritas consummados.

Si não se falla de religião, dizem os assignantes que os redactores são atheus, malvados e peccadores que já tem a alma negra como torresmos.

Si os redactores estão sempre no escriptorio, tratando do que tem a seu cargo, accusam-nos os assignantes de orgulhosos, que não se dignam visitar o proximo.

Si os redactores precisam por acaso sahir, dizem logo os assignantes qne são uns estouvados que não param nunca no escriptorio.

Si se publica poesias, dizem os assignantes são muitos sentimentaes os redactores.

Si não publica senão prosa, dizem que são ignorantes em litteratura,e que carecem de bom gosto.

Si os distriboidores entregam a folha um quasi nada mais tarde, queixam-se os assignantes de que recebem sempre a folha demasiado tarde.

Si se manda os recibos aos assignantes dizem que o jornal não tem recursos.

Si se lh'os não mandam, diz que a administração é negligente.

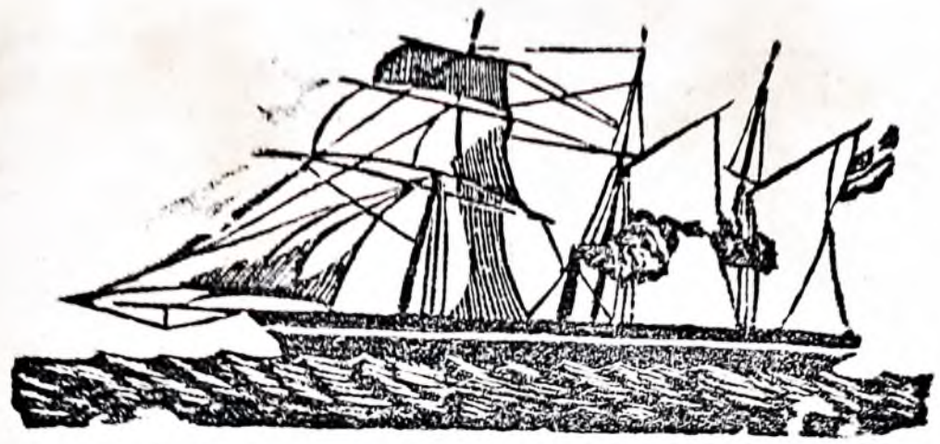
Quem os entender?.....

ANNUNCIOS.

Attenção.

A 8$000 o saco de fobá de milho com 9/4 vende-se á Baixa do Sapateiros tulha nº. 9.

Typ. de Marques, Aristides Igrapiúna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 8 DE NOVEMBRO DE 1866. SERIE 13.ª—N.º 123

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de novembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. delegado de policia, communicando-lhe que nos informam, que os talhos n.º 5 e 6 em S. Bento, estão reduzidos a spelunca de jogo; nelles se reunem diversos capadocios, sob a chefança do moleque do Cornelio, para tão licito divertimento. Espera-se que S.S. mande acabar com semelhante *pandega*.

—Ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, chamando sua attenção para a microscopica luz, que dão alguns lampeões, principalmente os do Campo da Polvora, onde não era peior a illuminação quando se fazia com azeite: aquillo é um roubo calvo, que se faz á provincia; e portanto espera-se que S. S. empregue meios, para que não continue tão lesivia embaçadella.

—Que estupidez! Que barbaridade inqualificavel!

—Qu e foi?

—E' que nunca vi casa para se dar mais bolos, do que a do *numero alcoviteiro*, na rua *Torta* onde mora o *Saldanha*.

No dia 6, principiaram a dar bolos em uma pobre preta, desde 7 horas da manhan, até as 11 do dia.

—Eu acho que a policia deve tomar contas do proceder destes senhores crueis, que castigam seus escravos brutalmente!

—Vou ao Dr. chefe de policia, ou ao delegado, afim de pedir-lhe que mande vir á sua presença a paciente, pois segundo o castigo, deve estar bem maltratada.

—E' louvavel o seu proceder! Estou que o Dr. chefe de policia, ou o delegado, tão energicos como são, darão as providencias, conforme o caso urge.

—Certo disto é que me dirijo á elles.

A PEDIDO

—Capitão, a sua decidida pronunciação contra todas as acções vis e infames authorisa-me a dar uma noticia.

—Pode dizer.

—Falleceu o infeliz e honrado M. L. C., victima de uma paixão violenta, que em poucos dias deu cabo de sua existencia.

Succumbiu á torpe calumnia de falsario que infamemente lhe irrogára o mais impudico dos calumniadores e fal-

sarios, que, ainda desgraçadamente, occupa um logar na justiça desta inditosa Latronopolis.

—Como chama-se este monstro?

—Declinar o nome desse ente abjecto, vil e desprezivel; desse ex-juiz prevaricador e ladrão; desse empregado venal e corrupto; desse bacharel estupido e malcreado, escoria de sua classe; repellido com asco e nojo, até de seus proprios parentes, os mais proximos, á custa dos quaes, poude obter um pergaminho, não se faz myster, porque já por de mais o conhece a opinião publica.

—E esse canalha é acostumado a praticar actos desta natureza?

—Sim. Não é a primeira vez que esse cabeça de canôa, ou de *chapeu armado*, como vulgarmente é conhecido, é o assassino de caracteres probos e honrados!

Uma de suas victimas foi tambem o escrivão que não é *bode*, que, mas feliz que o fallecido, poude resistir, mas com difficuldade, ás picardias desse safado, que ainda hoje ingratamente procura meios de perseguil-o.

—Parece-me historia isto?

—Tanto é verdade o que dizemos, que o miseravel pungido pelos remorsos, não teve animo de ir no dia em que falleceu sua infeliz victima á repartição, para não passar na porta do finado.

A dôr que soffro, como amigo do fallecido, priva-me de contar os feitos vergonhosos deste ladrão; fica para outra voz.

—Fez V. mysterio do nome, e eu já o conheço. Essa pessoa de quem V. falla, é o *Salú*, celebre casamenteiro de drogas. A historia deste safado, já me tinha contado debaixo de um pé de *carvalho* o *Pereira*.

Vou mandar o muxingueiro trazer á minha presença esse assassino, este cynico de luneta.

(*Continúa.*)

Pergunta-se

Ao Sr. *Quimquim Baptista Giragrande*, director dos festejos patrioticos, si ainda não recebeu dinheiro da direcção para pagar as despezas feitas com o palanque. Roga-se tambem ao mesmo Sr., queira ir pagar o que tomou emprestado para pregos e ganhadores, bem como o importe de vinho e cerveja.

MOTTE.

Quando aberém não tem gasto,
E' justo vender pomada.

GLOSA.

Rapaz, vá lá para o pasto,
Va comer o seu capim,
E' melhor obrar assim,
Quando aberém não tem gasto;
Você que ja foi por fasto,
Vem cançado da jornada,
Morrendo de fazer—nada—,
Suado como um sendeiro,
Si quer ter algum dinheiro,
E' justo vender pomada.

D. C. S.

—Conhece um sujeito que mora ao pé de umas *larangeiras?*

—Não.

—Não conhece um taful, que diz ser do *paraizo*, sendo elle do inferno?

—Não.

—Não conhece um mercorio que bate com a cabeça como largatixa, e cujo fraco é andar offerecendo aos rapazes mil reis para comer doce?

—Ah! ja sei; é um maganão que gosta de se intrometter pelos *publicos estabelicimentos* e gosta de ser *director* do alheio.

—Este mesmo.

—Que tem elle?

—Mandou fazer uma obra, por empreitada por um artista, e, depois, quiz sahir fora do trato e pagar menos do ajustado. O artista não se quiz sujeitar á essa esperteza leonina, e o nosso homem, de feições de leopardo, viu-se na collisão de pagal-a pelo contado.

—Chama-se a isso querer encher-gar com os olhos dos outros.

—Encaixou-se na gerencia dos dinheiros de outros depositados em commum n'uma *caixa* afim de fazer-se *economia* para o futuro.

Esses dinheiros, para não estarem parados, costumam emprestar com algum lucro, sob garantias seguras.

O artista referido precisou de algum dinheiro e recorreu ao tal *deposito*, apresentando por fiadores dous socios, homens desempedidos nos seus tratos e que teem uma boa somma na caixa. O ganancioso gerente, que quer tudo para si, aproveitou a occasião para tirar vingança e disse que não conhecia os socios! O artista apresentou outros dous, o mesmo; mais dous, o mesmo, e por fim cascou com um — não.

Ora, isto não é uma bandalheira daquelle machacaz?

Onde está a prosperidade do estabelecimento, sinão em fazer transacções seguras realisaveis? Por ventura é elle dono d'aquillo para dispor do dinheiro à sua vontade, ou mero caxeiro, que recebe uma commissão?

Não é uma injuria que fez aquelle patife, cara de mono, aos socios, recusando-lhes suas firmas?

— Si fosse para emprestar á algum bandalho da estopa delle, tudo se arranjava.

— Ou para elle mesmo tirar com um nome supposto.

Si o homem desse *gorgeta*, era servido.

— Por isso bem faço eu que o pouco que tenho guardo no meu bolso; para não me expor a soffrer desaforos de um desavergonhado destes.

— Aquillo é bixo de coco. E' um excellente *rato* para *roer* ás caladas.

— Capitão, um caso que acabo de ouvir.

— Antes de tudo, é preciso saber si foi de pessoa que merece fé.

— Toda. Com tudo o vae por conta delle.

Ildefonso Tertuliano, sargento da guarda nacional, morador no Pilar, á vista de seu estado de saude, requereu com documentos a junta de revisão da freguezia passar para a reserva; a junta deferiu a sua pretenção; e o conselho de revisão, presidido pelo Exm. Sr. commandante superior, approvou a decisão da junta. E o homem passou effectivamente para a reserva.

Porém 13 ou 20 dias depois de receber seus papeis, é preso arbitrariamente, rebaixado do posto de sargento, sem a menor formalidade e remettido para o contingente!!!..... e no proprio quartel do commando superior, aonde, dias antes, fôra julgado incapaz para o serviço aqui, é julgado apto para o Sul.

— E agora?

— Agora? Queria, que, a ser exacto tão acintoso quanto estupendo desacato á lei da guarda nacional, V. Ex. se dirigisse ao Exm. administrador da provincia, que é uma guarida contra os desmandos dos Regulos e um esteio firme que a justiça encontra, e lhe pedisse uma providencia.

O infeliz é desamparado, não tem quem por elle dê passos, e está votado a embarcar no primeiro vapor.

— Estes caprichos, em nossa terra, são sempre em prejuizo do fraco.

— Quando se quer fazer certas cousas, os homens tornam-se incoherentes d'uma hora para outra, como bolha de sabão.

Mas como ia dizendo.

Eu tenho convicção de que, logo que S. Ex. tenha conhecimento do facto, procurará inteirar-se delle e dará as providencias; por que o elevado caracter de S. Ex. não pactua com abusos e escandalos, nem tolera que, para se tirar uma pequenina vingança, se calque aos pés o direito do fraco.

— Neste caso, seria bom pedir a S. Ex que mandasse vir á sua presença o infeliz, e o interrogasse; por que, dahi quem sabe, havia de colher alguma cousa.

— Esperemos.

— Eis o respeito que ha para a religião!

Está aquella Imagem da Conceição, atirada irreverentemente na porta do Forum desde manhan!

— Quem a deitou alli?

— Dizem que o Thomaz Berlinck mandou fazer uma penhora, não sei a

quem, e os moirinhos trouxeram a imagem, como se traz um objecto de cosinha e largaram-na alli.

—E o nosso arcebispo não sabe disto! O vigario da Sé não passa alli, nem algum outro sacerdote, que represente ao juiz contra aquella profanação!

—E querem que a guerra do Paraguay se acabe!

VARIEDADE.

Segunda-feira.

O dia consagrado ás almas do purgatorio é a segunda feira; por este e outros motivos é ella uma especie de dia santo; e uma cauda de domingo.

A' segunda feira, todos os corpos estão moidos de canceira, todas as pernas bambas, todas as cabeças ôcas.

A' segunda-feira a actividade desapparece, substituida pela preguiça.

Desde o fabricante de botas até o ministro d'estado—todos tem lazeira.

N'esse dia os olhos avermelham se, diminuem e afundam-se. Quasi toda a gente fica miope.

E' o dia das novidades: não ha quem não tenha um caso, uma historia, uma aventura para contar.

O borracho conta que esteve n'uma borracheira, de onde sahio ás costas de um collega, tão emborrachado com elle; e acaba o caso, arrotando a pinga e dizendo:—diverti-me muito!

O caçador descreve com enthusiasmo uma caçada feita aos veados, certificando que fez vinte pontarias errando todas, e accrescenta:

—Diverti-me muito!

Os namorados relatam, com semblante aparvalhado, as parvoices que trocaram com as suas *ellas*, e acabam dizendo com a maior satisfação:

—Tive horas deliciosas!

Até o proprio cocheiro, que passou o domingo trepado na almofada do carro, assevera que teve um dia magnifico, porque as gorgetas renderam.

Segunda-feira! quem não está ahi persuadido que és o dia destinado ao começo do trabalho?

Toda a gente: mas todos se enganam; tu és a iuimiga do homem trabalhador.

Quem é que se levanta, á segunda-feira, com a actividade quotidiana? Quem não sente verdadeiro desejo de não trabalhar esse dia?

Si chove ou faz frio, o tempo não convida a largar a quentura dos lençóes; si faz um bonito sol, são tudo desejos de gosal-o.

O trabalho, de qualquer genero, á segunda-feira, é uma cousa tediosa—tem um aspecto horrendo.

A' segunda-feira nem ha apetite: a resaca domina em todos os estomagos: o paladar tem o sabor de ferros velhos.

Neste dia aspira-se para a vespera: faz-se votos para que o domingo immediato chegue logo.

A segunda-feira é tambem um dia de balanço. Não ha pagodista que não consulte as algibeiras, á procura das sobras do domingo. Ha tal que só encontra cotão; outros mais felizes acham uma cedula de dez testões ou simplesmente uns cobres para cigarros; o mais foi absorvido em differentes generos de divertimento.

A's vezes os esperdicios do domingo causam mágoas ás segunda-feiras; mas ainda assim, si alguma cousa restou, lá vai ainda em louvor do dia.

Mas, embora tudo, a segunda-feira é um dia *magnanimo* e como tal não ha quem lhe queira e não tenha para dizer, referindo-se ao domingo anterior:

—Diverti-me muito!

Não serei eu que diga:—Diverti-me muito; tambem não direi que não me diverti; e sinão, ouçam o meu caso:

No domingo, era meia noite, eu lia Bocage, quando ouvi á distancia uma cantoria. Eram provectos os instrumentistas, e a toada da musica coava-se pelas fendas da janella e vinha trazer-me aos ouvidos uns tons que calavam n' alma. O poeta, que fazia os meus enlevos, tornou-se insipido a par de tão agradaveis melodias; fechei o livro e corri á janella. A cantoria aproxima-se: reconheci então que os cantores eram amigos e amigos de fino quilate. Abri a porta, entraram e até ao amanhecer de hoje, segunda-feira, o meu quarto esteve povoado das mais melodiosas musinhas; passou-se uma noite de anjos.

Quando os amigos se retiraram, fui dormir. Eram cinco horas.

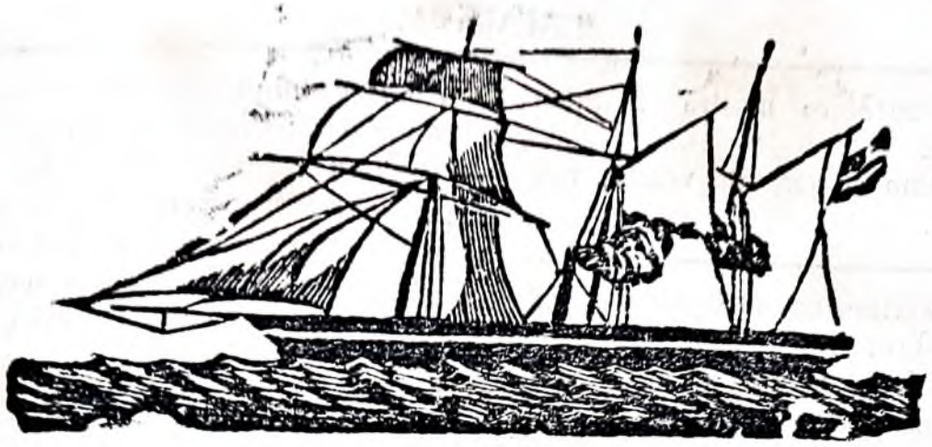
Acordei as onze, com os olhos quasi grudados e o corpo preso á cama, que só mesmo um grande amor ao trabalho me trouxe a contar o que é a

SEGUNDA FEIRA.

Alexandre Paes.

ANNUNCIOS.

Nesta typographia se dirá quem é a possoa, que se presta á dar passagem a uma mulher de côr e de bons costumes, que queira acompanhar uma familia ao Rio de Janeiro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 10 DE NOVEMBRO DE 1866. SERIE 13.ª—N.º 124

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de novembro do 1866.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Rio Vermelho, chamando sua attenção para alguns pertubadores que ha no seu districto, os quaes embebedam-se para fazer desordens, sobresahindo entre elles um tal Bernardino Pancada, um Patricio e um Christovam.

—Reina actualmente um epidemia de gazetas.

—Quanto mais melhor.

—Temos ultimamente, além das mais, a *Democracia Pacifica*, a *Esperança*, o *Novo Maribondo* e o *Cachorro*.

—São brilhantes fachos que, com seus clarões, pretendem illuminar o povo.

—Deus os ajude.

—Não ha dous annos que gastou-se quantias avultadas para calçar a rua Direita da Misericordia, e ella está como si a obra fosse feita ha mais de vinte!

—E' porque não houve zelo e cuidado; porque a rua Direita do Palacio, calçada ha vinte e tantos annos está perfeita, tendo soffrido apenas ligeiros reparos.

—O tempo em que ella se calçou já passou, meu rico, as cousas hoje fazem-se por outra maneira.

—E não se acredite em almas do outro mundo!

—Ahi está Vm. com suas excentricidades! Sem duvida encontrou á meia noite alguma alma fazendo penitencia?

—Eu lhe digo. Conheceu o finado Sant'Anna, corneta?

—Um que servia em bailes?

—Esse mesmo.

Possuia um apparelho completo de louça que lhe custou, *não sei quanto*. Por sua morte, doou-o ao Marcos barbeiro, com loja á rua Direita do Collegio; o qual tomou logo posse da deixa e a conduziu para sua casa, depositando-a n'uma prateleira. No dia immediato porém, viu com indisivel espanto que a louça amanheceu toda em cacos, ficando em ser apenas um calix, e a prateleira intacta como si ninguem a tivesse tocado!

—Isso é exageração, seu espirito anda sempre disposto para extravagancias!

—Exageração! Quem tem olhos pode ir ver a louça toda esmigalhada.

O Marcos barboiro mostra á quem queira ver.

—Eu como só acredito vendo, vou la tambem.

—Não so fallou na creação de um corpo de voluntarios?

—E' verdade, porém o organisador não pilhou do que os outros acharam; ter quem lhes desse homens para elles terem a gloria. O presidente disse, que os recrutas e contingentes não eram voluntarios, e que quem queria formar batalhão fosse arranjar gente, e agora me parece que so si os elle pintar.

—Como é que o *Diario* annuncia carne naquelle talho á 140 e está se vendendo a 160?

—Pode ser que fosse erro da imprensa.

—Não é possivel porque o *Jornal* tambem annuncia o mesmo, e as duas gazetas não estão apostadas para errarem no mesmo logar

—A' que attribue então?

—Não sei. O Sr. dirá.

—Vamos a *Solidão* ver si encontramos o fiscal.

—E' melhor tomar o numero e levar ao superintendente.

—Tirados os *nove* fora ficam *quatro*.

—Pois então vamos.

A PEDIDO

—Desejava merecer um pouco de attenção do Sr. *Molecão*.

—Si me chama por *Quinqas* estou prompto, por *Molecão*, procure quem lhe assista.

—Va la Quinqas.

Que razão teve S. mercê para recambiar a *gerencia* o diploma daquello socio?

—Porque nunca o encontrava para pagar a entrada.

—E' falso; porque o homem todo dia anda pela cidade inferior, o é pessoa muito conhecida, si o Sr. o procurasse havia de encontral-o.

Isso om Vm., de duas cousas é uma: ou muita abundancia de preguiça, ou grande desejo de desabonar e desconceitnar o homem. Pois olhe, si foi preguiça, não tem razão, por que recebe uma boa commissão por um serviço, que ha quem faça por metade; e si foi para desabonar a pessoa, denota que tem mau coração, por que quer desacreditar a quem nunca lhe offendeu.

—E' injustiça que me faz.

—Não é injustiça; tanto que na *gerencia* houve quem se admirasse o duvidasse que o Sr. tivesse procurado o homem.

Tome um conselho, perca esse costume, que é mau; do contrario, de outra vez terá de arrepender-se.

—Que disaguisado é um que anda em *relação* com o venerando tribunal?

—E' um membro de superior instancia que queria tomar parte em causa propria, e como os outros não quizeram, exasperou-se.

—Queria se fazer *innocente* sem duvida?

—E depois como elles *accordaram* em uma decisão contraria ao cujo, elle desabafou-se lançando-lhes alguns baldões bem feios.

—Nessa parte acho-lhe razão; quem conhece a pedra é o lapidario; elle que o diz, é porque o sabe.

A' QUEM SOUBER RESPONDER.

Pode servir, ainda interinamente, como tabellião, um individuo que, no mesmo cartorio tem *autos* contra si?

D. Vicente.

A' quem tocar.

Pede-se a resposta das seguintes perguntas:

Podem os secretarios de um tribunal superior serem ou não, no forum procuradores de partes, e agenciadores de causas, que pendem do tribunal em que são empregados?

Terão elles a influencia que apregoam de, pelo facto do se incumbirem das causas, serem ellas vencidas incontinenti o unanimemente?

Que jurisdicção occupam na hierarchia judiciaria para maltratarem malcriada e insolentemente, aos companheiros da justiça e mais pessoas que os procuram?

Eis as perguntas que faz o cynico de luneta e pede resposta ao

Cabeça de Canôa.

—Então foi ao beneficio dos caixeiros nacionaes?

—Não houve.

—E como não vi desaviso?

—O desaviso foi na hora, quando já já estavam os spectadores.

—E a rasão disso, sabe?

—A rasão foi porque a Falco abortou?

—Pobre senhora! Si aborta em scena, a cousa havia de ser peior!

—V. tem lembranças.

—Continuam os veixames do recrutamento feito pela guarda nacional!

O mal que parecia ter minorado reapparece de novo, com todo seu cortejo de violencias!

Nesta terra os executores da lei, os agentes das authoridades e da força publica são os primeiros a commetter tudo quanto é absurdo e a calcar acintosamente a lei debaixo dos pés.

Qualquer trocatintas, revestido de um pequeno cargo, assenta que sua vontade é omnipotente e que a lei é seu capricho.

—Tudo isso é materia vencida, e Vm. não é palmatoria do mundo para indireital-o. Quem tem obrigação que olhe para essas cousas.

Si tem o que dizer sobre o recrutamento, falle.

—O que tenho para dizer é que continúa a se opprimir o povo com prisões illegaes.

—Dá um exemplo?

—Cem si quizer:

La vae um:

Vicente Rangel da Silva guarda do 3.º batalhão, estava em uma venda Atraz da Sé, de que é caxeiro seu irmão, quando chegou um individuo e poz-lhe uma palavra; sahiu para ouvir o que queria tal individuo, e este disse-lhe que o commandante o mandara chamar; perguntou lhe quem era o commandante e o sujeito respondeu-lhe que o Sr. Magalhães, ao que o homem retorqui-lhe, que nada tinha com o Sr. Magalhães por que era guarda do 3.º. Apresentou-se então o Sr. Santos Pereira, tenente d'artilharia com uma escolta que quiz a poder de força levar o homem, apezar de chegar o Sr. Dr. Brandão medico do batalhão de Sant'Anna, e asseverar que o homem pertencia ao seu batalhão!.....

Em quanto o Sr. Dr. Brandão esteve presente, os *caçadores* moderaram-se um pouco, porém depois assanharam-se e perseguiram o homem até dentro de sua casa, levando-lhe a roupa aos pedaços!.....

Isto não é uma desmarcada insolencia, maltractar tão estupidamente um cidadão inofensivo, como si fora um malfeitor? Si o Sr. tiver algum desafecto, amanhan veste elle a farda da guarda nacional, e o faz ir a trambolhões dormir no quartel, por ordem do commandante tal, que nunca viu sua cara.

—O que me admira é o Sr. dizer que o Sr. Santos Pereira assistiu a isso, o qual como official e homem de alguma posição devia proceder com mais discernimento e não consentir taes desmandos dos guardas de seu batalhão.

—Em outro paiz os perpetradores de semelhante violencia não seriam coagidos á pagar ao pobre moço os damnos que lhe causaram?

O Sr. sabe quanto custa a um pobre artista ganhar 30$ ou 40$ rs, dar por um sobre casaco para vel-o estrangulado ás mãos de galopins, merecedores mais do que ninguem de irem para o Paraguay. Por que justamente são os que mais se prestam a esses actos, selvagens, procurando nelles a immerecida isempção.

—Realmente não sei quem tem a culpa desses e outros abusos.

—Eu não sou.

Agora ouça este que é melhor:

Sabino Regis da Matta é guarda do

111, casado, com dous filhos, o está com sua mulher ás portas da morte; o infeliz é pobrissimo. Foi preso e lá está no quartel da Palma ao desamparo, morrendo á fome, por não ter quem lhe leve um bocado por que sua mulher, além de não ter costume de sahir a rua, está sobre o leito da enfermidade.

Ajuize agora, si o desgraçado não tem quem lhe leve um pouco de comida quanto mais quem trate de sua soltura; e nem ao menos o mandam inspeccionar para que o misero saiba a sorte que o aguarda!

Onde ja se viu isso? Até agora diziam que no Paraguay é que se fazia assim.

—E' preciso tambem dizer que muitos desses factos passam desapercebidos das authoridades superiores, que por certo não pactuam com abusos de tal ordem.

—Por isso é que eu desejava que elles chegassem ao conhecimento dos Exms. Srs. presidente, e commandante superior e que de la partisse o remedio contra tanto arbitrio e que os infractores da lei achassem um freio a seus desmandos.

—Capitão, o Sabino Regis da Matta acaba de ser solto neste instante.

—Já agora sua queixa está no prelo e o publico ha de ter conhecimento della.

—Não faz mal deixe ir.

—Está para que servem os ordenanças! Para andarem como escravos! Veja como vae aquelle atraz do filho do subdelegado, que vae para escbola!

—Isso é muito feio aqui dentro da cidade, ainda si fosse lá fora pelos *campos*, bem.

—O ordenança é para comprar, para carregar, até não sei se deita penicos fora.

—Ainda um dia destes encontrei um carregado com um cesto de *limas*.

VARIEDADE.

CARTA DE PEZAMES.

Meu compadre do meu coração o capitão mór,

Recebi o seu favor, que me trouxe o Chico boleeiro de Vm. e eu e minha dona ficamos todos muito consternados e passados com a nova da morte de sua metade aquella alma de anjo do Paraizo, minha estimadi-sima comadre.

A senhora dona poz-se logo a chorar, e os meninos cá em casa fizeram tal berreiro que por fim tambem eu chorava como uma criança. O afilhado, isso então não se falla!

Apezar de ter tido muita vontade de ir ao enterro não me foi possivel por que a casaca emprestei, ha dous ou tres dias, para um casamento do Joaquim Alegre matta-burro, e até hoje ainda não me deu signal della, sem duvida por que metteu-se no joquipanga das vodas, e passe por lá muito bem e a casa é longe como os seiscentos diabos!

Console-se, porém, o meu compadre que tudo no mundo é assim mesmo; logo o diabo havia de levar o que Vm. mais estimava, e eu tambem, por que a Sra. D. Rosa era mesmo uma santa mulher como poucas de seu sexo, e fique certo que logo que o Mata-burro me trouxer a casaca estou prompto para qualquer enterro não só de pessoa de sua familia como com muito gosto até de Vm. que espero nunca faltarei.

Fazenda do Pão d'Alho, sexta-f ira 20 do corrente mez do presente anno de 1840

Brasiliaco.

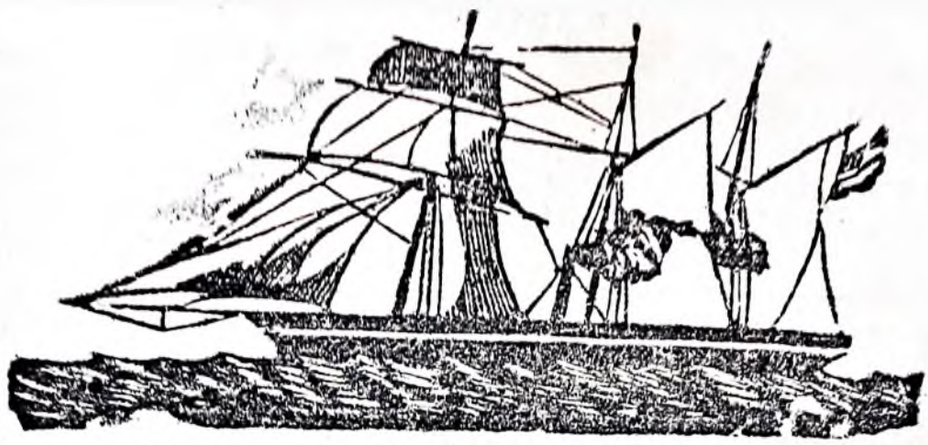
« Vós nunca abristes a bocca na camara—dizia um deputado a outro seu collega.»—Enganai-vos, lhe respondeu este, os vossos discursos me produzem sempre esse effeito.

ANNUNCIOS.

Agapito Ramos d'Oliveira, typographo, actualmente empregado no *Diario da Bahia*, nascido e sempre morador no curato da Sé, declara para evitar em todo tempo qualquer duvida que possa apparecer, que não seguiu para Maceió e escalas, como consta da lista dos passageiros do vapor *Dantas*, publicada em 4 do corrente no *Diario* e *Jornal da Bahia*, e sim algum outro individuo de egual nome, que elle não conhece e de quem nunca teve noticia. Bahia 8 de novembro de 1866.

Attenção.

A 8$000 o saco de fobá de milho com 9/4 vende-se á Baixa do Sapateiros tulha n°. 9.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 13 DE NOVEMBRO DE 1866. SERIE 13.ª—N.º 125

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 12 de novembro de 1866.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que intime o proprietario do sobrado n.º 129 ao Fortinho, para que quanto antes mande concertar a sacada do mencionado sobrado. Cumpra.

—Acha-se no seio de sua familia e de seus amigos o Exm. Sr. conselheiro Manuel Ladislau Aranha Dantas.

—O Sr. Dr. chefe de policia seguiu para o Orobó com uma força de 40 praças.

—Foi aquietar os animos, que estão muito exaltados por causa do rapto de uma moça.

—Dizem que ja houve até divertimento de polvora e bala por lá.

—A presença d'authoridade hade serenar os animos.

—O recrutamento no mar está sendo feito tão irregularmente, como em terra.

Pratica-se lá as mesmas violencias, ou ainda maiores do que cá.

—Não ha motivo, porque a capitania dispõe de meios mais efficazes, para proceder ao recrutamento irregularmente.

—E' para ver; em breve não ha um pescador que se anime a vir á cidade trazer peixe, a não serem velhos ou meninos. As canôas são abalroadas e os homens atiram-se n'agoa; outros desamparam o negocio que trazem e fogem para livrarem-se da perseguição que desenvolvem na Preguiça os encarregados do recrutamento.

Não são matriculados todos os homens dedicados á vida do mar?

Porque não se procede a uma designação dos que devem servir? Por que não se faz uma distribuição proporcional pelas capatazias, marcando a cada uma o numero que tem de dar?

—Os buracos nesta terra reproduzem-se como por encanto!

—E' verdade; faz pasmar; é buraco por toda parte: os ladrões fazem buracos nos cofres, o olho-vivo nas bolsas dos incautos, os negociantes de má fé nas algibeiras do povo, os pedintes, os ricassos devassos andam por ahi a abrir buracos e depois pagam a quem os vá tapar e até os padres abrem buracos irremediaveis, etc.

—Não é disso que fallo; é dos buracos da rua.

—Ah! esses não tem conta, e como

de proposito nas ruas mais transitadas é que elles apparecem.

—La está um na ladeira da Misericordia, rua que, não ha um anno, foi calçada pelo Thomaz de Aquino.

A PEDIDO

—Sr. F., venho pedir-lhe um favor.

—Si estiver em minhas mãos, está servido.

—Vm. na quarta feira comprou-me quatro libras de carne a 160 a libra.

—E' verdade.

—Pois aqui está a sobra, a carne era a 140, eu enganei-me.

—O Sr é homem de consciencia! Mas como enganou-se?

—Em vez de deitar na porta o bilhete de 4ª feira, que era de 140, deitei o de terça que era de 160.

Agora o meu favor.

—Diga.

—Queria que dissesse que comprou a carne a 140 para eu não perder o talho.

—Comprehendo; o Sr. por estar n'um logar de *solidão* julgou que usando dessa estrategia passaria desapercebido e é quando o diabo descobriu-lhe a brincadeira e o Sr. está em papos de aranha!

Emfim vou lhe fazer o favor.

—Deus é quem lhe ha de pagar.

(Continuação.)

—Na voraz sede de accumular dinheiro, vivia embebido, Sr. *Madeira da Suecia*, o desfaçado e sedento heroe da nossa historia, entregando-se de corpo e alma a esses jogos especulativos da sorte, que, si por um lado a honestidade reprova, por outro dá a certeza de adquirir rapidamente aquillo que, por meio da probidade e boa-fé, tarde e ás vezes nunca se consegue. Por que, de ordinario, a adversidade persegue o homem justo e honrado; o não é possivel, a não ser, por um lance extremo de felicidade, de um fazer mil, trabalhando a morrer, sinão entrarem no *risco* meios torpes, illicitos.

Entregue a essa especie de pil..agem tendo somente em mira *armar-se*, o nosso *manipanço* commercial traficava em tudo, vendia gatos por lebre, falsificava os generos, lograva os freguezes nos trocos, aos que compravam á credito augmentava a divida no borrador, qualquer furto que lhe apparecia estava comprando, e desta maneira via sua gavela engordar progressivamente.

A's vezes, passava-lhe pela mente ennegrecida pelo fumo da sordidez, a lembrança de vir a Latronopolis ver a familia, porém a idéa de pagar a seus credores o dissuadia logo disso; e elle punha-se a regorgitar nessa mente fertil de machinações tenebrosas, como havia de logral-os *honradamente*, isto é, ficar, ainda em cima, passando pelo typo da boa-fé, por um homem trabalhador, a quem a infelicidade perseguia.

Breve se lhe deparou propicia occasião.

Deu-se nas *lavras* de diamantes um incendio horrivel, que tornou em cinzas quarteirões inteiros, e reduziu á mais extrema miseria muita gente; porém como o diabo sempre ajuda aos seus, o nosso espertalhão nada soffreu, por que habitava distante do bairro em que se dera o sinistro.

Aproveitou-se porém desta circumstancia para dar-se tambem por prejudicado; e então veiu a Latronopolis, tendo o cuidado de mandar os cobres bem acondicionados e seguros adiante de si.

Chegou a Latronopolis inculcando-se mais pobre do que Job.

Foi ter com os credores, e com a mais requintada e hypocrita safadez contou-lhes tantas caramiholas, fez tantas supplicas, tantas choramingas, arranjou por tal maneira a historia do incendio, contou tantas privações por que tinha passado, tantos prejuizos soffridos, tantas decepções, tantos infortunios, que os homens enguliram a pilula, e, condoidos, lhe perdoaram a divida, e seriam capazes de lhe dar novo abono, si o machiavelico bandalho se lembrasse na occasião de o exigir.

Todos, á vista da refalsada choradeira, tinham commiseração do tratante, e penalisavam-se quando elle em desmesurada lamuria lastimava-se do seu triste fado.

(*Continúa.*)

—Esta Bahia...

—Então que tem a Bahia?

—Eu sei... Nada, nada; somen'e casos interessantes, que ella apresenta!

Unicamente isto.

—Mas o que houve? O que aconteceu?

—Eu lhe conto:

Quinta feira á noite, ás 10 horas, na rua do Tira-bonets, appareceram duas michelas a provocarem, e a insultarem demasiadamente a uma senhora, que estava em sua casa, na sua tranquilidade. Tudo isto, por causa de andarem procurando o Sr. Carmelino; por não terem-n'o encontrado, entenderam de dizerem: Este grandissisimo ma..... está em casa d'uma tal princeza Fer....

Ora, para que costumam estas grandissisimas e pessimas marafonas, cantoneiras, insultarem á quem não devem?

Olhem, pois o *ferrolho* não merece que s'o maltrate, por que só falla quando bole com alguma porta.

Ora, Sr. Carmelino, deixe-se disto, não saia mais de casa para não andarem insultando por sua causa.....

Evite este mal, pois pode muito bem, e é cousa bem facil.

Pergunta-se

Ao Sr. *Quimquim Baptista Giragrande*, director dos festejos patrioticos, si ainda não recebeu dinheiro da direcção para pagar as despezas feitas com o palanque. Roga-se tambem ao mesmo Sr., queira ir pagar o que tomou emprestado para pregos e ganhadores, bem como o importe de vinho e cerveja.

Requerimento importante.

Illm. Sr. Juiz de Paz.—Diz Jozé Soares da Cunha morador no Merim Freguesia de Sant'Anna da Villa-nova que sendo canonicamente casado com Anna do Rozario na facea da Igreja no anno do Imperio da Constituição em 1832, á vista de Deos e de todo o mundo, por signal, que forão testemunhas e Padrinhos Anna Roza e Joaquim d'Avilla; succedeu que no dia 2 de Fevereiro do corrente anno constitucional de 1834 pelas 8 ou 9 horas do dia, ou as que na verdade fossem, pois que ahi, ninguem tem relogio certo senão Manoel Teixeira da Silveira e o Capitão André Borges tem outro que trocou por uma Egoa que não regula, e o supplicante e mais Lavradores se regulão pelo sol, que quando está claro regula certo, indo a dita mulher do supplicante muito quieta para fiar, em casa de sua visinha Gertrudes, viuva de Manoel Corrêa, cuja Viuva he muito capaz, e não ha o que se lhe diga, excepto o seu defunto, só si forem alguns desavergonhados linguarudos e Ciganos, do que temos muitos nesta Freguesia, de que se for preciso o supplicante o denunciará, para lhe cahirem em cima todos os Codigos, e Policias do Imperio, e não lhe valerá empenhos, Padrinhos, nem os rabalios das Ordenações, por que graças a Deos já estão abolidas as replicas e treplicas, lhe sahio repentinamente ao encontro na estrada junto do córgo, o vadio e desaforado Jozé Bento, que si o Senr. Juiz de Paz soubesse cuidar nas suas obrigações, veria que era das suas atribuições, prendel-o, auctual-o e pol-o em Angolla, e de repente arrumou-lhe uma forte e tremenda embigada na ditta mulher do supplicante que logo a derrubou e ficou sem sentido, com as partes infames e abjectas á mostra e lhe cuspio em cima, cujas Partes só ao supplicante compete ver e examinar como cousa de sua propriedade, que recebeu até a morte, e como gritou e choron acudiu a Viuva Marianna e lhe deu esfregações de arrúda, e a benzeu, para com muito trabalho ficar boa, o supplicante não requereu logo corpo de delicto, por que, por ser a pancada no baixo ventre entre o umbigo e aquella parte mimosa da gera-

ção, que só o supplicante e a Parteira pode ver, e logo, que o tal Reo, fez a maldade fugio, e agora anda se gabando que foi brincadeira, por que a embigada foi de má tenção, caso pensado e rixa muito velha para experimentar si a mulher do supplicante se deixava ficar como uma patta, para elle a gallar, porém vá gallar no Inferno seu chifre de trampa, pois a mulher do supplicante não é dessas vadias, e sim honrada virgem que só tem matrimonio com o supplicante podendo isso mesmo attestar o nosso Reverendo Vigario pelos depoimentos de suas confissões, apesar d'ella ter sido muitas vezes namorada e sedusida por pessoas capazes e de caracter, e de fardas *bordadas* e agaloadas, prometendo-lhes patacões e cordões de ouro, porém ella sempre muito firme e constante sem fazer caso disso, pois bem sabia que o supplicante logo lhe havia ir ao lombo com uma grande Cutia, que o supplicante tem atraz da porta, por isso o supplicante por cabeça de sua mulher quer fazer citar ao tal Reo indigno Jozé Bento, para ver jurar testemunhas que o supplicante apresentar do desacato, desaforo da brutal embigada, que arrumou na mulher do supplicante que foi felicidade, ella não está pejada, senão era duas mortes, por que ella arbotava, e logo o supplicante a formar esta porfundidade, ser logo pelos Srs. Doutores, Deputados, jurados que se achão agora, apregados na laguna, e pello Illm. Sr Dr. Juiz de Direito, afim de ser degradado para Lagos com galés, e que seja acompanhado com escolta de Permanentes Policiaes, que pelo caminho lhes vão dando embigadas de sipó pontudo.e bem curtido,e porque pode ser não haver no Codigo o crime de embigada classificado, requer o Supplicante se faça huma postura para isso, visto que n'esta Freguesia depois que aqui ficarão os desertores bahianos e pernambucanos, que em logar de fandangos tem ensinado as danças de lundús que todos ellas são de embigadas tanto em homens como em mulheres e crianças, e no caso do Reo esconder-se para não ser citado, que o procarem em casa do Xico Fernandes, no Palerno, onde está de violla furtando gallinhas para os sustentar sem ter trabalho de as criar, protesta o Supplicante de accusal o até a forca e levar o seu recurso athe o maior Tribunal do Rio de Janeiro, onde se acha a nossa Assembléa e todos os Conselheiros e no caso, de lho não fazerem justicia, o supplicante o fará por suas mãos, pois convidará seo cunhado, Jozé Rodrigues que já foi soldado e levou muitas palanchadas, e andou de carvelhos por varias facadas que deo no Regimento, pois hei de ir as ventas, e então lhe darei tantas embigadas de cutia que ficará por morto.

P. a V. S.

Illm Sr. Juiz de Paz de como V. S. não hai outro que tão guapo e recto, seja servido, mandar quo o Escrivão va sem demora fazer a dita citação, com pena de sequestro e suspensão, por que á fallar a verdade elle he muito preguiçoso o medroso para estas deligencias de caso primoroso de urgente necessidade a humanidade opprimida para exemplo da Christandade.

E. R. M.

José Soares da Cunha.

VARIEDADE.

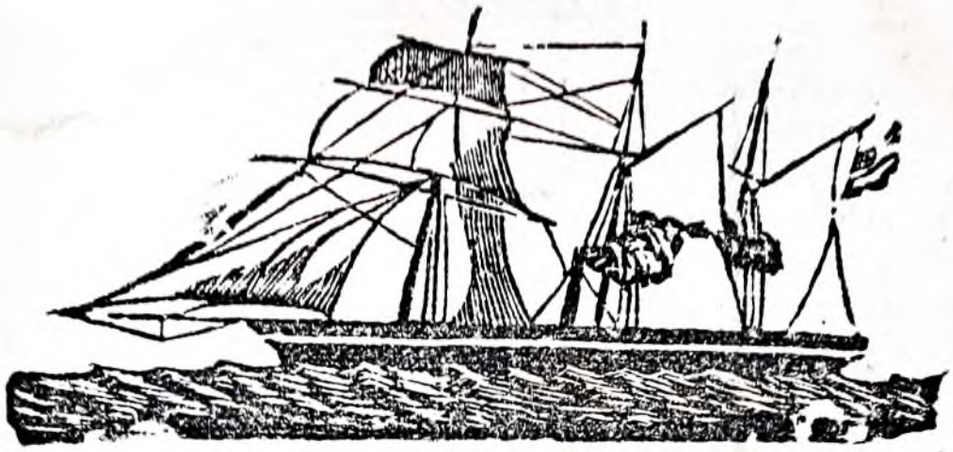
Em certa capital, estando a forca, que era toda de madeira, muito arruinada, o ch nceller da relação ordenou que se fizesse uma nova de ferro; e no dia em que lhe deram parte que estava concluida a obra, disse muito contente para os desembargadores: « Ora bem, agora temos forca para filhos e netos. »

ANNUNCIOS.

Attenção.

A 8$000 o saco de fobá de milho com 9/4 vende-se á Baixa de Sapateiros tulha nº. 9.

Nesta typographia se dirá quem é a pessoa, que se presta á dar passagem a uma mulher de côr e de bons costumes, que queira acompanhar uma familia ao Rio de Janeiro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 15 DE NOVEMBRO DE 1866. SERIE 13.ª—Ns. 126 e 127

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de novembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando a seu conhecimento o seguinte:

Na ladeira dos Barris mora uma crioula casada com Januario de tal, official de armador: essa mulher tem uma filha de nome Clara, a qual foi convidada por outras para ir assistir a um candomblé para o lado das Campinas, em occasião em que estava gravida, e la chegando a força de beberagens fizeram-na perder os sentidos, o que chamam cahir no *pegi*.

E' do cerimoneal da seita, que quando alguma dessas novas filhas é conduzida á *casinha* as mamães (*avudunças*) passem dançando, por sobre o corpo da neophyta, do que resultou que a infeliz de quem se trata ficasse com a creança morta no ventre, sem poder deital-a; quatro ou cinco dias depois entrou a deitar podridões, cujo fetido é difficil de se supportar. Neste estado foi conduzida n'uma rede para a Soledade, onde está ha dous dias á expirar.

Muitos crimes eguaes a esse, e outros revestidos de cores mais horrorosas, praticam-se nesses antros do fanatismo e da immoralidade, e que entretanto passam impunes e desapercebidos das vistas policiaes.

Espera-se que S. S. mande sem demora syndicar o que aqui se lhe communica; visto ser plano assentado que, logo que a infeliz expire, ser o seu cadaver conduzido para a roça, la sepultado occultamente, e depois illudir-se a credulidade da mãe dizendo-se que sua filha por ser do agrado da *mãe d'agua*, desapparecera carregada por esta da *casinha*.

—Ao Illm. Sr. delegado de policia, partecipando-lhe que em uma das noites da semana passada, tres individuos de nome Pilheria, Gabino e Monteiro, empregados no matadouro publico, atacaram e tentaram violentar para fins libidinosos, em frente ao mesmo matadouro, á um menino trabalhador na fabrica de tecidos, e como este se negasse e resistisse ao depravado desejo dos tres lascivos campeões, foi brutalmente atirado ao chão e maltratado torpe e cruelmente, depois do que retiraram-se frescamente para dentro do curral, sendo para admirar que um destacamento que alli ha nada fizesse!

O aggredido desde essa noite está de cama, consequencia das offensas que recebeu. Não devendo os authores do tão attrevido o criminoso attentado

ficar impunes, espera-se que S. S. procederá com a costumada energia, a fim de que os delinquentes não fiquem sem o merecido castigo.

—Como é que se recruta tres individuos que voltaram do Sul com escusa do serviço, e os remettem para o contingente?

Isso vae n'um despenhadeiro de absurdos e desvarios!

—Mas quem os recrutou?

—O batalhão de Sant'Anna.

—E não foram soltos?

—Foram.

—O que quer mais?

—Foram soltos depois de estarem presos e constrangidos em suas liberdades muitos dias, depois de requererem infructiferamente muitas vezes, apezar de mostrarem a illegalidade com que eram violentados sem que fossem attendidos. Quem os compensa do prejuizo que soffreram em seus interesses?

—Parece que ha proposito em exhaurir a paciencia deste povo sofredor!

—E tanto desatino, tanto veixame para os ladrões estarem enchendo a barriga, e serem largamente condecorados e agraciados com pomposos titulos; em quanto o pobre, o artista, deixa sua familia entregue á miseria, e vae morrer a mingua nos campos do Paraguay, sacrificado pela imprevidencia de um governo fraco e enervado, que so serve para fazer eleições e arranjar a si e seus parentes.

—Na verdade, quem reflectir nos diversos episodios desta malfadada guerra, nas controversias, nas mentiras officiaes com que se tem illudido o povo, nos vivas phantasmagoricos que a policia tem mandado dar pelas ruas quando o motivo so é para choro, na enormidade de dinheiro que as harpyas da nação tem devorado, deve cobrir o rosto de pejo, e envergonhar-se de ser brasileiro, e governado por semilhante gente.

—Em nome da honra nacional ultrajada recrutam os paes e defloram-lhes as filhas!

Enviam os maridos ao Paraguay e prostituem-lhe as esposas!

Arrancam á viuva o unico arrimo e mandam-na pedir esmolla e quando a desgraçada bate á porta de um desses potentados que teem enrequecido com a desgraça da patria, é repellida como um animal repugnante!

—Isso é horroroso.

—Horroroso? Pois é o que tem se dado em nosso paiz, principalmente pelos sertões

Nossa provincia é um exemplo vivo. Va por esses conventiculos e verá quanta virgem atirada no lodo da prostituição, quanta esposa pervertida, arrastada pela miseria e fome, consequencia desta nefanda guerra!

Ja houve quem organisando um batalhão se vallesse dessa posição para deflorar duas moças irmans com a refalsada promessa de que assim alcançariam a soltura de seu irmão.

—O povo deve acordar de tão profundo lethargo! Não é possivel que depois de dous annos de dolorosos sacrificios, nos venham os mandões dizer que tantos esforços são impotentes para abater a soberba do pequeno Paraguay.

—O Sr. superitendente do matadouro declara pelo *Diario* que tem tomado providencias para que o povo não continue a ser roubado no peso da carne pelos cortadores.

—E' louvavel.

—O que achei extraordinario foi S. S. dizer aos cortadores que aquelle que roubar sera—despido;—quererá S. S. que os homens fiquem nús no talho? Estou que elles nao darão muito cavaco.

—Si assim for, teremos de ver boas cousas!

—Não sei o Sr. inspector da illuminação por que não da um passeio até Itapagipe.

—O homem é infatigavel; anda por toda parte.

—E' impossivel; ou então elle não encherga; por que eu não concordo que elle seja connivente com o dolo

empregado pela companhia naquelle logar.

Achava melhor ter os lampeões apagados do que aquelle simulacro de illuminação!

—O Sr tenente Santos Pereira pagou ao rapaz o sobrecasaco que lhe rasgára a escolta que com S. S. andava prendendo.

—Tanto convicto estava elle de que procedeu irregularmente, que pagou.

—Ao menos o Sr. Santos Pereira merece que em abono da verdade se diga que não é daquelles emperrados que empecem no erro; quando reconhece o mal dá as mãos á bolos.

—Tudo vae de mal a peior nesta terra!

No tempo em que no matadouro havia somente o medico para fiscalisar a qualidade da carne, não sahia de la peior do que a que hoje se dá ao povo para comer, havendo medico, superintendente, ajudante do dito, conselho de magarefes, etc. para examinar os bois!

—Isso é verdade; a carne que na terça-feira vendeu-se a 120 e 100, na Baixa dos Sapateiros, era propria para se dar aos cães!

Como é que os Srs. Drs. Cunha Valle superintendente consentem que se mande para os açougues semilhante carniça? Não veem Ss Ss. que si uns tem repugnancia em compral-a; outros menos escrupulosos, illudidos pela barateza, mettem no estomago aquelle germem pestilencial?

—Quando os proprios cortadores chegam a dizer aos freguezes que a carne não presta, faça ideia!

Correspondencia enciclopedica do «Alabama.»

CÔRTE, 7 DE NOVEMBRO.

«O homem põe, Deus dispõe»
Ha muito qu' ouço dizer,
E é certo, como quem vive
Ter um dia de morrer.

Tal e qual, Exm., se acaba de dar com a pessoa deste seu, de todos, o mais reverente criado e apologista. Quando me suppunha caminhando para Minas, eis que os apuros de minha caseira, que estava *embaraçada*, viu desmanchar-me a figura.

Estava com a trouxa prompta
De matolotagem feita,
Eis quando vem os apertos
De parteiras e receita.

Não tendo cá a Jeronyma
Nem a Xiquinha entendida,
Faça ideia do aperto
Em que esteve a parida.

Felizmente á meia noite
Ouvi um fraco vagido,
Era d'um menino macho,
Que a mãe havia parido.

Desnecessario é, portanto, dizer-lhe, que estou pae, graças a fidelidade e honradez da minha caseira, que me diz nunca ter querido outro, que não fosse eu.

E para fazel-o christão
Se dê já por convidado,
Remetta a procuração
Para haver o baptisado.

Convide o nosso Ciry
Para o acto celebrar,
Si a sua Margarida
O consentir embarcar.

Podendo acontecer porém, que o conego não possa vir, por causa de seus trabalhos na secretaria;

Me diga ao outro, Sabino,
Que cá o fico esperando,
Que traga Maria Joanna
P'ra que não fique chorando.

Comprehende, pois que sendo meu filho o primeiro que sua mãe o pariu, eu em prova de gratidão á sua fidelidade quero alguma cousa fazer.

Ha de haver muita folia
Perú assado ao jantar,
Ah! s'eu, apanho o Fausto
Para os foguetes tocar!

Na forma pois do louvavel costume vou fallar-lhe das novidades novas e velhas, antigas e modernas, que se continuam a exhibir nesta boa terra de S. Sebastião.

Ha novidades d'estrondo,
Cousas de admirar!

Vá prestando-me attenção,
Que eu começo a fallar.

Entrando na materia, como fazem os nossos deputados, tratarei em primeiro logar do que ha acerca da *obra do Saraiva*, a guerra.

Se diz que Urquiza iria substituir Mitre no commando, somente, das legiões Entrerianas; assim como que esto havia tido secretas conferencias com Lopez, indo de noite ao campo deste; do que resultara—ficar a paz assentada.

Recorde-se que já lhe disse:

Mitre não é bobo novo,
E' já muito adiantado,
Deus queira, elle não mostre,
Que não é Mitre, é *mitrado*.

La Tribuna—nega—isso, *però el Standart*, afirma ser pura verdade. Elles lá se entendem.

Haviam regressado do acampamento *del Supremo*—os agentes francezes, que lá foram exigir a isempção de que devem gosar os subditos d'aquella nanação, que teem até agora sido compellidos pelo tyranno a pegarem em armas. Até á isso se afirma que Mitre assistira.

O general Paunero e outros chefes argentinos haviam se retirado do exercito, ignorando-se o motivo.

Eu por mim fallo bem claro
E sinto que não agrade,
Quem sabe por quanto tempo
Durará tal amisade?

E' meu modo de entender. A discordia vae apparecendo e qual serpente, cada vez mais enroscada, de modo que, é o que se diz, o Tamandaré teve do Emilio Mitre um *bilhete* de cinco para *trocar* e fez-se rola, quero dizer—calou-se..... Mas será certo?

Duvido qu'um homem d'espada,
Levando uma bofetada,
Faça-se d'arroz de casca
E volte com ella embainhada.

Portanto, amantetico capitão, custa-me a crer que o *nobre* visconde soffresse uma affronta tal, sem que o atrevido pagasse caro sua ousadia. Não obstante a *Tribuna* diz—e, segundo os frades da Piedade—Letra redonda não mento. De modo que se pode dizer como o poeta, que na barraca do general em chefe, houve uma scena em que:

Roncabant socos, bofetatesque sonabant.

No dia 4, repetiu-se a scena já muitas vezes vista. Quero dizer S. M. o I., acompanhado de seus semanarios etc. etc. assistiu o embarque de mais 400 guardas nacionaes, que vão dar pela patria o que tanto lhes custa conservar—a vida.

São mais quatrocentos bravos,
Que a patria vão defender,
Que, brasileiros, prometteu
Ou triumphar, ou morrer.

Lá por Pernambuco, reina agora uma molestia que se vae tornando endemica, é a mania das reuniões populares, das quaes o resultado foi o tribuno Borges da Fonseca, filhos e alguns mais, irem morar na detenção. Da gazetilha do *Commercio* de Pelotas vejo porem que por lá grassa a mesma enfermidade; segundo o seguinte annuncio que alli se lê:

«Hoje na praça Pedro 2º terá logar uma reunião popular.

«Ao que nos dizem é para fins justos e patrioticos; todavia do que occorrer faremos especial mensão aos nossos leitores.»

Isto quer dizer progresso
Ou via de civilisação,
Os tartufos que assim fazem
Querem comer da nação.

Ca pela parte que toca a esto seu criado, affirmo-lhe, que bem podem os tribunos esganarem-se fazendo um berreiro, que se ouça até no Japão; ainda assim, não me pilham e em resposta lhes irei repetindo o seguinte versinho:

«Procurador não m'enganas,
Tu procuras para ti.»

Passo agora a fallar-lhe dos cofres das graças.

Esta moeda hoje, está tão depreciada, que, quasi se pode dizer que a distincção existe onde as condecorações não apparecem. Mas o governo não entende assim e vae por diante, despejando aos *alqueires*, saccas e carradas da tal moeda; embora dellas se

diga como o que se segue, em relação ao Barão do Jacuhy. E' a imprensa do Rio Grande quem diz o seguinte:

«Elles porém devem ter um consolo, lembrando-se que nem sempre essas distincções premeiam o *merecimento*; e ainda mais quando vêm o nome do Sr. Barão de Jacuhy, incluido na lista dos agraciados, o Sr. Barão de Jacuhy, que se *destinguiu* nesta campanha *matando a fome os seos soldados, fornecendo a sua tropa, arrebanhando gados*, como bem alto proclamou pela imprensa um de seos subordinados, o coronel Tristão José Pinto, e como attestão os editaes afixados na Uruguayana, por ordem *do ministro da guerra*, chamando os queixosos á justificarem os furtos que soffrerão »

Vou agora fallar-lhe de um bravo, que o *Rio-grandense* denomina *Guerreiro as direitas*. E' elle o cabo do 1.º do infantaria, Manuel Alves Lima, e á quem o governo, por tanta dedicação gratificou com uma pensão de 500 rs. e nisso ficaria, se não fora o senador Penna advogar-lhe a causa no Senado.

Eis como, acerca do Luna elle se expressou referindo-se a seu commandante o distinto tenente coronel Peixoto:

«Um outro nome, um nome humilde de um soldado, tem direito impreterivelmente ao reconhecimento do paiz... E' Manuel Alves Luna. No ataque de Paysandú foi gravemente ferido no braço direito, o que o obrigou a soffrer amputação no mesmo. Não obstante os conselhos dos operadores recusou a ser recolhido ao Rio de Janeiro, como foram os demais feridos. Preferio acompanhar a seus companheiros nos infortunios e azares dos combates novos, disposto a fazer toda a campanha contra o Paraguay. Foi assim que achou-se esse valente soldado no ataque de 25 de Maio em Corrientes, aos combates de Riachuelo: tendo na sua mão esquerda uma espada, animava com o seu exemplo, achando-se sempre em todos os logares onde se receiava a abordagem. Factos como este, imperial senhor, são raros. Só mais tarde, quando as fadigas penosas e os continuos excessos nas batalhas aggravaram seus soffrimentos, foi recolhido á corte do Imperio, em virtude de ordem superior.

«Lendo este trecho, fez a Sr. senador sentir a insignificancia da pensão *de* 500 rs. diarios, marcada no decreto de 28 de Julho ultimo á este valente soldado; e abstendo-se de offerecer emenda elevando-a, para não prejudicar com a demora o agraciado e muitos outros comprehendidos na proposição, manifestou a esperança de que o governo, por novo acto seu, elevasse a pensão ao menos ao dobro.»

E' assim a nossa terra
Onde tudo, quasi, berra;
O mais audaz petulante
O que é maior tratante;
Si roubou muito a nação,
Tem logo condecoração;
Mas, si, pela patria offendida
Elle corre a dar a vida,
Já sabe, vae esmolar,
Si batatas não plantar.

O governo acaba de mandar fabricar mais algumas canhoneiras — couraçadas. Se isto não grita muito alto— que a guerra não acaba tão cedo, não sei o que possa haver de mais eloquente.

Carissimo capitão, desta vez, visto a natureza desta correspondencia, vou addicionar lhe alguns factos curiosos, que devem ser sabidos de seus leitores.

Principio pela — Embarcação museu.

Diz o *Jornal*:

«Acaba de chegar a Cherburgo uma barca sueca *Knovv ten-Dyn*, de 350 toneladas, vinda de Reikikiavilk.

«A tripolação deste navio, composta de 20 marinheiros, apresenta particularidades dignas de attenção:

«O capitão é mudo, o immediato é cego de um olho, quatro homens tem um perna de pau, e tres são manelas.

«O resto é um composto de diversas nacionalidades, no qual se vê um gigante, que tem dous metros e 30 centimetros de allura.

«Este navio partiu ha dous annos para a pesca da baleia, e acaba de voltar com um carregamento completo.

«Traz tambem tres bacalhaus vivos domesticados, que o capitão Sokndock não se faz rogar em exhibir aos curiosos, fornecendo lhes minuciosos detalhes sobre a maneira de os tornar doceis.

«A população de Cherburgo não ar-

ga de dia o bordo dessa—embarcação museu.»

Assim se demonstra que:

Cegos, mudos, surdos, tortos,
Manetas ou aleijados,
Todos podem-se empregar
E serem aproveitados.

E' uma receita ou medicamento, que cumpre á policia submetter a experiencia; talvez a sociedade lucrasse.

Acho tambem digno de mensão o seguinte annuncio recommendado com o titulo de curioso:

«*Annuncio curioso.*—Lê-se na«Renaissance Louisianaise,» folha publicada en New-Orleans, o seguinte espirituoso annuncio:»

«Perdeu-se, extraviou-se ou roubáram um individuo, que a abaixo assignada,em um momento de loucura, teve a fraqueza de tomar para marido. E' um individuo de boa apparencia, um tanto tolo, sabendo, todavia, entrar em casa quando lhe apraz, a menos que encontre perto alguma rapariga, que lhe offereça metade do seu guarda chuva. Acode ao nome de Jin. A ultima vez que foi visto estava em companhia de Julia Harris, a quem rendia finezas, parecendo então mais tolo do que de ordinario, se é possivel. Quem agarrar o pobre diabo e m'o conduzir á casa com muito cuidado, para que eu o possa punir da sua fuga, tomará chá com—*Maria A. Smith.*»

E' isso o que o vulgo chama
Uma mulher de esp'rito,
Se o marido come fresco
Não se zanga—come frito.

Segue-se agora esse facto de cá, quero dizer de nossa gente.

A's 7 horas da noite do dia 6, na rua da Imperatriz, n.º 70, o coronel Miguel de Cerqueira Lima, Juiz d'orphãos de Nova Friburgo, que aqui se acha, disparou em sua cara metade um rewolver de 5 tiros, dos quaes quatro acertaram; sendo um mortal.

Si não é doudo é um monstro.
E' bruto quem assim faz,
Quem fere sua mulher,
De tudo mau é capaz.

No dia 5 foi julgada pelo tribunal do Jury a preta Fortunata, escrava. O que alli a conduziu foi haver ella misturado tartaro no assucar que serviu ao almoço da familia do Dr. Bernardo José de Figueireido. Confessou que o havia feito para vingar-se da senhora, que no dia anterior a havia castigado com um pau.

Trez filhos do Dr. e um criado chuparam a dose, mais uma unica victima fez, sendo este o menino Luiz, de 2 1/2 annos de edade.

A ré foi condemnada a galés perpetuas; mas,nos termos do art go 45. § 1.º e 6.º, foi commutada a pena em 300 açoutes; trazendo ferro ao pescoço por 2 annos.

São scenas de todo dia
Na nossa pobre nação;
São resultados que dá
O uso da escravidão.

Ia esquecendo-me de prevenir que o *Paraná* leva, como passageiro, o conselheiro Dr. Manuel Ladislau Aranha Dantas.

Sim, bem velho, não esqueceu a patria; mas teve de abandonar o posto de honra para não ser victima da imposturação, da estupidez e do servilismo, unicas qualidades que podem tornar o homem bom ante os nossos scientificos generaes.

Ainda esta vez pergunto pelo Dr. brigadeiro Evaristo Ladislau e Silva?

Ha por aqui quem aposte que elle não torna; eu, não obstante o muito que tenho visto, custa-me a crer: a rasão é: O *commendador* foi licenciado, com todos os vencimentos, *oitocentos mil reis mensaes*, e por isso, creio que lhe ficaria feio,depois de recebidos dizer agora—não posso—é isso uma acção tão feia e tão triste, que só o pensar importa uma injuria.

Como S. Thomé, porém, quero ver para crer.

Vamos agora á parte relativa á marinhagem do barco e a rapaseada de terra:

D'outras vezes tenho dado
Noticias das q'estão cá,
Hoje peço-lhes me mandem
Novas das que estão lá.

E que Fortunata—grande,
Moradora atraz da Sé,
Ind'anda na cua a noite
Atraz d'aquelle Manê?

Diga, Damiana Pipa,
Mariquinhas—Maceió,
Inda sahem á passeiar
Por S. Bento e o Berquô?

E Maria-meia noite
Inda anda vagabunda?
Tomando *pileque* à noite
Co'Halina barafunda?

A Maria do Chichi
Com a Jeronima Alvim
Inda estão em Sant'Barb'ra
Ou andam pelo Bomfim?

As outras Maria Malthides,
E assim Maria Ignez
Inda estão de *gente* certa
Ou mudam em todo mez?

Diga se está por lá
Palmira, a pernambucana?
E' uma mulate atôa
Que quer parecer sultana.

Me falle da Bagomolle
Da Lulú— mata-cachorro;
Me diga Martinha boi
Inda mora pelo morro?

A Paulina barriguda,
Leopoldina-Cirijó,
Ainda badrenam a' noite
Nas ceias de mocotô?

Como vae Maria Eufemia
E Balbina do Rogerio?
Clementina ainda prega
No cambondo algum gauderio?

Como vae Olympia gaga
E a Luiza de Franca?
Ainda se faz de *serva*
Das borrachas a Constança?

Henriqueta—olho de vidro
E a outra—Carmesim,
Me dizem que se mudar m
P'ra quitanda do Capim?

Bem assim que Brasilina
E a Mata fome da Sé,
Pretendem passar a festa
No porto de S. Thomé.

A Macaria não quer mais
Tomar—prata—adiantada?
Por que ainda mesmo assim
Tem sido caloteada.

Que meiguices, que trejeitos,
Que carinhos, que amores;
Qual quer homem não lhe agrada,
So quer receber doutores.

Entretanto é cousa ruim,
Não val nem uma pitada;
Quer parecer que é cousa
Servindo p'ra cassoada.

E' como Indio errante,
Tem comido todo mundo;
De syphilis é armazem
Ou antes—poço sem fundo.

Se vir Alzira lhe diga:
Que ca passou o Lalau
Fez bom uso na serveja
E pomada de cacau.

Emfim, meu bom capitão,
Vou concluir a funcção;
Perdoe-me, eu lhe fallei,
Mas respeito não faltei.
Preciso ainda uma graça
Sobre a Ladeira da Praça:
Me diga, Josepha-boi
Ainda está o que foi?
E Mariquinhas dos burros
Diz que vive dando urros?

Diga-me mais, é verdade?
Precisa sinceridade;
Responda-me a Olegaria
Continua inda falsaria?
Ella tinha dous amantes,
Afora outros—d'instantes;
Pergunto qual delles é
Que a sustenta agora am pé?!
Anninha soldado hespanhol
A espingarda ja empunha
Sem ver o cobre na unha?

Adeus, meu bom capitão,
M'está chamando a parida
Vou ver si como uma perna
De galinha—bem cosida.

O Patusco.

A PEDIDO

—Que berreiro dos diabos estão a fazer aquellas *raparigas honestas* moradoras Atraz da Sé ao pé do padre do Cura!

—Estão rasgando uma outra que passou e a quem ellas insultaram.

—Si a policia passa e dá com tudo na Correcção, não havia nada melhor.

—São da pá virada as taes *honradas senhoras;* merecem bem a attenção do Sr. subdelegado.

Adverte-se a dous cafagestos *borradores* de figuras á rua torta sem misericordia, que deixem de bolir com quem passa, do contrario se mandará o muxinguoiro metter-lhes a taca na deslavada cara e depois se lhes publicará os nomes para ficarem conhecidos.

—Sr. inferior de *pedra*, toda sua queixa é por que eu não quero frequentar mais sua casa, onde deixava meus cobrinhos, que tanta conta lhe faziam.

Não era nada mau achar V. quem o coadjuvasse na despeza diaria, e como se viu sem essa teta, toca a dar para moleque, (si já não o era,) e furtar panellas de mocotó.

Pensa que eu hei de dar outra cama, como aquella? Enganou-se.

Si V. não achasse quem desse cama para V. dormir, não se zangava agora.

O que V. quer, murchou.

E si quer quem dê dinheiro para V. comer sem saber quanto custou a ganhar, vá procurar outro. Comigo não cola mais.

AVISO AOS CHICANISTAS.

Quem quizer vencer demandas absolutamente perdidas, recorra á influencia e estupidez do casamenteiro de *drogas*

Salú.

VARIEDADE.

N'um dos ultimos numeros do *Daily Telegroph*, de Londres, lê-se o curioso annuncio seguinte:

« Cinco libras de recompensa.—Aos donos de hoteis, de casas que alugão aposentos mobiliados e *outros* —Desappareceu, desde o dia 9 do corrente, uma *mocinha*, de 20 para 21 annos: cabellos mui pretos, olhos negros; signaes particulares: formosa e de ar distincto (*ady-like)*; trajo: capa preta, vestido branco listrado de preto, chapéo preto. Quem der noticias desta moça receberá a recompensa acima, etc.»

N. B.— A tal mocinha tem 6 pés de altura. Seis pés inglezes, bem entendido! Já se vê, pois, que, se houve rapto, não foi lá muito contra a vontade da pudica donzella.

CARTA D'UM MUSICO.

Senhora—Ha muito que estudo em um *methodo* para vos *preludiar* uma cantiga *ré-menor*, mais agora é que faço sem muita *afinação*.

Nas *cinco linhas* de meu coração não tenho um só *espaço*, no qual não esteja firmado o vosso *sonante* nome em *figuras* tão vivas, como *minimas* de *muzica*. Vivo em uma completa *melodia* por extasis, e sinto o peito pular-me de tal modo como si batesse um *compasso de doze por oito*: amo-vos de veras. As minhas saudades obrigam-me a soffrer tanto, que muitas vezes, em uma só *parte* do pensamento, dou *sessenta e quatro suspiros*, como um compasso de *sessenta e quatro semi-fuzas*, e são taes esses suspiros, como muzicas escriptas em *sete sustinidos e sete bemões*.

Quando penso em vós, uma confusão me suspende como uma *firmata*; a esperança porem de vos ver põe em seu estado minhas idéas, como se fosse um *be-quadro*.

Não sei quando esta ausencia fará *pausa*; asseguro vos, porém, que neste tempo voarei para vós tão rapido como um *apajo*. Ha dias tenho vos encontrado em *tom grave*; julgo que quereis corresponder ás minhas *pausas* por vossas a maveis *notas*.

Não me faleis de inglaterra: se continuardes assim, firmarei-me em *clave de sol*. Bem sabeis que o meu coração para vós sempre anda em *tempo alegro* e si algum dia elle se tornar *andante* a culpa é vossa, e por causa de alguma *composição* não mudareis. Já estou *retardado*, findo aqui pedindo que me escrevais, e mandai-me um adeus *abemolado*.

ERRATA.

A pressa fez que na paginação, se desse uma troca que altera os versos da 7.ª pagina. Devem ler-se assim:

Diga se está lá Palmira etc.

Segue-se o ultimo dessa columna e mais os dous da columna seguinte.

No ultimo, onde se lê Indio, diga-se Judeu, e onde se lê comido, diga-se corrido.

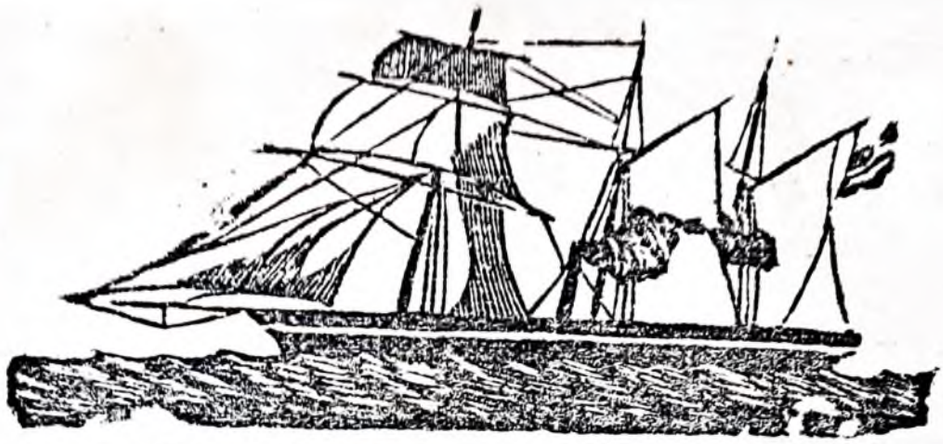
Na 6.ª pag. onde se lê—Coronel diga-se bacharel.

Na 3.ª pag. onde se lê os Srs. Drs. Cunha Valle superintendente, leia-se Drs. Cunha Valle e superintendente.

Além desses, ha outros pequenos erros, que o leitor facilmente suprirá.

ANNUNCIOS

A 8$000 o saco de fobá de milho com 9/4 vende-se á Baixa de Sapateiros tulha nº. 9.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 20 DE NOVEMBRO DE 1866. SERIE 13.ª—N.º 128

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de novembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. delegado, pedindo-lhe que mande prohibir que andem pelas torres das egrejas meninos a dobrar e repicar sinos, afim de evitar algum sinistro, como ia acontecendo, ha poucos dias, na Cathedral, em que um quasi voa pela janella da torre e outro fracturou uma perna.

—Ao Illm. Sr. provedor da Santa Casa, communicando-lhe que, apezar da inculcada severidade e boa ordem que se apregoa haver no regimem do hospital da Santa Casa, pratica-se alli actos que não estão muito de acordo com a moral, sendo um delles a introducção de mulheres a noite, como ainda na noite de 17 aconteceu, em que entraram uma escrava do Sr. capitão Hermenegildo, uma crioula de nome Sophia, moradora defronte dos Srs. Cachoeira e uma outra, para fins indecentes.

S. S. vê que, n'uma casa em que é prohibido á mãe entrar na enfermaria em que está o filho doente por serem de sexos differentes, um facto destes merece minuciosa indagação e energica repressão, o que espera-se do alto criterio de S. S.

—Andava por esta cidade um crioulinho, que dizem ser escravo do procurador de causas José Duarte Ferreira, que desafiava dó ao coração mais impedernido.

As costas do infeliz estavam cobertas de enormes cicatrizes, tinha o corpo mutilado em diversos logares, os pés cobertos de bixos de moscas e a bocca toda arrebentada!

Era uma deshumanidade inaudita conservar-se um ser humano em tão lastimavel estado.

Felizmente o digno Sr. delegado, tendo conhecimento do facto, mandou vir essa infeliz creatura á sua presença, e depois do competente corpo de delicto, remetteu-a para o hospital, para ser curada.

Foi um acto humanitario, digno de louvor, que praticou o delegado.

—Tem então o Sr. do rapazinho de *esbrugar* com esses cobres da despeza?

—E deve se dar por muito satisfeito.

—Disseram-me que desappareceu uma banqueta de prata da irmandade do Sacramento da Sé?

—O que ouvi dizer foi que empres-taram-na e agora não se lembram a quem.

—Isso não é nada bom, é um es-quecimento bem fatal.

—Esta terra está entregue ás bara-tas; os desordeiros estão de cabeça al-çada pela falta de policia!

—Não adiantou nada; é cousa sabi-da.

—Embora; não posso calar-me á vista de factos que denunciam indiffe-rença nas authoridades.

Foi hontem á noite ao Rosario?

—Não.

—Si fosse havia de ver boas cou-sas; barulhos e provocações á cada can-to; os capadocios a apalparem as mu-lheres, sem indagar si eram familias ou quem eram; a gritarem— renitente larga o osso— si viam qualquer ho-mem ao pe d'uma mulher.

Umas mulheres, que tem um *nome feio* e que moram ao pé do theatro, a-presentaram-se com um velho, destes *gaiteiros*, o qual por engraçado ia com o braço sobre o hombro d'uma das Dul-cineas; os rapazes tomaram conta do pobre lorpa; a mulher vendo-se a-tropellada despejou algumas palavras porcas, contra os sujeitos e eis o ba-rulho no becco; chicotadas e cacete-das a torto e a direito, soldados do 4.º e do 5.º batalhão de bayoneta fora mettidos na rascada, assuadas, vae preso não vae, e nada de uma authori-dade!

Os sujeitos vieram depois capitanea-dos pelo conhecido Marcos Rabeca espe-rar as mulheres no Largo do Theatro e ahi rasgaram-nas!

Certo cujo amante da egreja, com uma grossa e comprida beriba, desa-fiava aos *patifes* que tinham a in-solencia de gritar—*Va metter medo ao padre* .....—e abria um kalendario de improperios e imprecações im-proprias de sahir da bocca de um sacer-dote.

—Exsescivo espirito de classe.

—Certo sujeito um pouco na *teorga* para divertir-se, ordenou ao boleeiro do carro em que ia, que tocasse os caval-los na occasião de passar por entre o povo, o que foi um Deus nos acuda; quedas para alli, empurrões para acolá, gritos, choros, vestidos rasgados, etc.

Sujeitos a cavallo compraziam-se em andar pelo meio do povo.

—Não eu que leve minha familia a fogos, leilões e outras traquinadas.

—Tudo isso é resultado da falta de policia, si a authoridade estivesse pre-sente, si ao primeiro conflicto fizesse conter os alarmistas, si mandasse uns dous para a Correcção, a cousa não ia adiante; e quando nada disso podesse fazer ordenasse á irmandade que man-dasse tocar o fogo, e estava o *sarceiro* acabado; porém nem policia nem au-thoridade.

—Ja lhe disse que não falle em po-licia, que é contrabando em nossa ter-ra.

—No Duarte, defronte do Porfirio um valentão espancou uma mulher, ati-rou-a na rua sem falla, e foi muito senhor de si blasonando de sua valen-tia, sem que ninguem lhe fosse ás mãos.

Tambem na rua do Pandeló, em casa de uma Helena, conhecida pelo boi do Piauhy, houve no sabbado á noite pan-cadaria velha, gritos, garrafadas, e todo esse alarma passou desapercebi-do de quem deve velar pela ordem publica.

—No sabbado á noite os capadocios andaram desde a rua Direita do Col-legio até a Cruz do Paschoal a bater nas portas e pregar papeis; poucas casas nesse espaço escaparam de a-manhecer com um cartapacio pregado.

—O Sr. Dr. chefe de policia deve sempre que hajam funcções de tal or-dem, mandar para o logar uma força, e ordenar a authoridade respectiva que esteja presente. Estou certo que S. S. não precisa de conselhos, e sabe bem o que faz, porém em nome da or-dem e da moralidade, que são sempre menos-presados, em taes occasiões, per-mitta que se lho faça semilhante pe-dido.

—Porém o homem hade mandar para lá defuntos?

—Então não se diga que temos um corpo de policia, completo de capitaes, tenentes, e alferes, e sim que aquillo é uma sinecura para se empregar os afilhados.

A PEDIDO

—Viu um desfructavel no *Diario* de 15 a bradar, porque tres mulheres de cor preta tiveram o *desaforo* de tomar assento n'uma gondola em que vinha elle com sua senhora?

—Pois não. Vão ver que é algum inculcado liberalão que nas vesperas de eleição anda pelas portas dos homens de cor a esmollar votos.

—Não ha sandice egual!

Si o cujo se queixasse das mulheres por procederem mal na gondola; bem. Porém dizer que eram negras, e por isso não se podiam sentar ao pé de um branco, isso é uma desmesurada tolice.

Onde está o direito de egualdade?

—E o fidalgote chama a isso insulto do caixeiro! Vão ver que quer que os Srs. Arianis despeçam o moço por tão *atroz* delicto!

—Repete a palavra negra uma dusia de vezes, e chama degradante e porco o contacto da cor preta com a branca em um logar publico, como si dignidade, honra e pundonor fossem previlegios desses brancos inculcados.

—Homem, mande o asneirão bugiar que é melhor.

Elle que aponte um acto de desrespeito, de immoralidade pelos quaes tivesse direito de se queixar; por que quanto a não querer andar misturado com negros, sinão em dias de votação, que compre um carro para seu uso particular.

—E depois, eu vejo tanta cousa na alta aristocracia..... a inculcada civilisação admitte tantas praticas... tantas etiquetas que o vulgo traduz por depravação, corrupção immoralidade, etc.

— A Marocas do Sudré está de apaixonado novo.

—Quem é elle, será algum caixeiro?

—Não.

—Empregado publico?

—Não sei, me deixe.

—Marocas é da vênta do boi preto!

—E o sujeito gosta de candomblés.

—Então está ella de forma para seu pé!

—Não posso crer no que me informam á respeito da maneira por que se está procedendo ao recrutamento nas freguezias de Matuim e Cotegipe; mas, emfim, como na epocha que atravessamos, não ha facto, por mais revoltante, que não seja possivel praticar-se, pode bem ser que seja verdade.

—Va dizendo o que ouviu, e deixe-se de preambulos.

—Dizem-me, por exemplo, que um Sr. alferes conhecido pelo Christovinho, acompanhado do sargento Manuel Maria Texeira Campos. . . . . .

—A proposito, esse sargento Manuel Maria será um que, sendo do 8.º, foi tirado para o contingente e appareceu uma velha reclamando o como seu escravo?

—Parece; porém julgo que agora já está livre.

—Sempre era bom averiguar-se.

—Mas como ia dizendo: o alferes em companhia do sargento, cercaram á noite no sitio do Carandá a casa de um homem casado, de nome Jelú, para tirar-lhe um filho, e não o encontrando, deram busca, e na corra foram ao quarto onde dormiam as filhas de Jelú e ahi tiveram a ousadia de apalpar os seios das moças para verificarem si o rapaz estava disfarçado em trages de mulher!

—Isso é de mais, eu na qualidade de pae havia de os tanger á cacete.

—Quem pode com a força bruta, meu amigo?

Dizem-me tambem que cercaram a engenhoca de um pobre homem e como não achassem quem procuravam, desabafaram-se em estragar-lhe as canas.

No logar denominado S. João, cercaram á noite a casa de Miguel de tal, homem casado, o qual espavorido fugiu

pelo quintal; os recrutadores vão até o leito nupcial e descobrem a esposa atemorisada, para certificarem-se de quem estava alli!

Perseguem a um menino e ameaçam-no que se correr atiram; o menino amedrontado atira-se a um rio e está prestes a afogar-se quando foi socorrido.

—Si é exacto tanto desenfreamento que lhe contaram, não tem qualificação na ordem dos escandalos.

—Eu fico perplexo, porem á vista do que tenho visto praticar-se aqui na capital na presença do governo, como que me induz a crer.

—Não sei onde irá parar tanto descomedimento, tanta selvageria da parte dos agentes d'authoridade. Isso é o resultado de confiar-se cargos a pessoas ignorantes de suas obrigações.

Emfim, pode ser que tudo isso seja inexacto.

(Continuação.)

—Capitão, aqui está o *Satú*, cabeça de canôa, ou de *chapeu armado*.

—Chega-te para mim, infame!

Então assassino, os remorsos de consciencia pela morte de tua infeliz victima, M L. C., de quem foste o carrasco, não te tem flagellado e atormentado nas horas mortas da noite, quando repassas na mente os teus feitos torpes e vergonhosos?

—Eu nada commetti que me cause remorsos, capitão.

—Para que, além do mais, queres mentir, safado, quando o facto foi publico, notorio e presenciado por todos quantos ahi estavam?

Podes negar que a tua estupidez e insolencia, são crassas e supinas a ponto de maltratares seja a quem for?

Podes negar que por deshonra do emprego que occupas, és de mais procurador de causas, alardeando por toda parte que tens em tuas mãos os votos de um *tribunal* que não tem *relação* com os outros?

Podes negar, sem vergonha, que teu honrado e probo irmão quando sabe das tuas infamias e torpezas chora, e tu em paga o injurias de um modo desabrido?

Podes negar que a tua brutalidade fez baixar a sepultura uma infeliz senhora que teve a desgraça de unir-se a ti?

Podes negar, velhaco, que morrendo um rico negociante desta praça, logo depois do sua morte trataste de querer casar as filhas e filhos do fallecido, mediante uma grossa porcentagem, e que a viuva do mesmo indignada de tanto cynismo, arremessara-te um frasco de *droga* na cara?

Podes negar que o infeliz Victor...

.....

—Basta, meu capitão!

São intrigas do *Pereira* que tem contado estas cousas a diversas pessoas debaixo de um pé de *carvalho*.

—Qual intriga, ladrão!

Muxingueiro depois de cumprires a tua obrigação com esse tratante, colloca-o na praça mais publica desta cidade, afim de que todos que por alli passarem cuspam-lhe na cara.

Pergunta-se

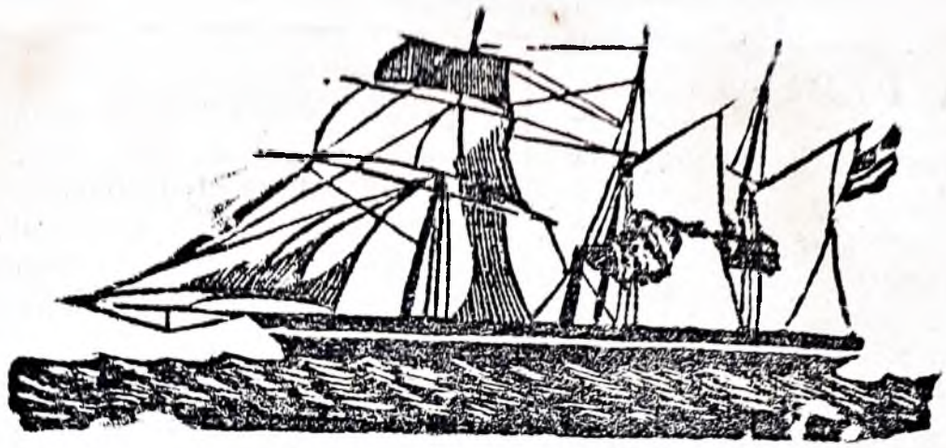
Ao Sr. *Quimquim Baptista Giragrande*, director dos festejos patrioticos, si ainda não recebeu dinheiro da direcção para pagar as despezas feitas com o palanque. Roga-se tambem ao mesmo Sr , queira ir pagar o que tomou emprestado para pregos e ganhadores, bem como o importe de vinho e cerveja.

ANNUNCIOS

Desappareceu desd'o 14 do corrente o crioulo Manuel, estatura baixa, meio corcunda, desdentado, levou vestido calça e camisa de algodão, paletó de brim pardo, ja usado, chapeu de baeta; quem o levar a seu senhor Manuel Amancio, á rua Nova da Independencia, será gratificado.

No principio da ladeira da Mizericordia acha-se exposto a venda uns trastes ainda novos, bem como, camas, sophas, bancas, e etc, etc. Casa n.º 7.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 22 DE NOVEMBRO DE 1866. SERIE 13.ª—N.º 129

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de novembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. provedor da Santa Casa, pedindo-lhe que mande encarnar a Imagem da Virgem que se acha em frente do edificio da egreja da Misericordia, a qual imagem, acha-se com a encarnação muito suja e estragada, o que não convém pelo respeito ao culto divino.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um mulato escravo, de nome Guilherme, morador com um tal Marianno, alfaiate, á rua dos Carvoeiros, o qual, quando embebeda-se, sahe a descompor e desafiar pessoas, que passam, para brigar, e podendo resultar de similhante imprudencia algum conflicto desagradavel, pede-se a S. S. o mande ir a sua presença e o faça chegar á ordem.

—E' incomparavel o estado desta terra á respeito de garantia individual!

—Não concordo com a ironia. Si alguem se julga em perigo que trate de segurar-se.

—Justamente. Eu acho bom que cada um traga seu cacete ou faca de ponta para defender-se, quando for aggredido, porque, si for a esperar pela policia, está bem servido.

Veja o que aconteceu ao Vasconcellos.

—O que foi?

—Vinha no sabbado á noite, pela ladeira da Preguiça acompanhado de uma senhora de edade e dous meninos, quando foi atacado por um individuo, que deu-lhe tamanha bordoada com um remo, que o estendeu no chão, e de cuja offensa se acha em perigo de vida.

O mysterioso, depois de realisar seu intento, poz-se ao fresco, muito commodamente.

—Que malvado! que sicario! Nem por trazer o homem em sua companhia uma respeitavel senhora!

—Estamos por tanto na epocha de quem poder mais, ou souber melhor manejar uma faca, dominar o mais fraco; cada um que cuide em si.

—Eu ca pela minha parte, não saio mais á noite.

—Engana-se, que não é só á noite que se dá pancada. No domingo, com sol bem alto, um individuo deu muita bordoada em uma mulher na rua dos Capitães.

E a Felismina, na rua da Larangeira, dentro de sua propria casa, foi espancada.

A PEDIDO

—Que desavergonhada graça do *José* Menino!

—Si elle é menino, é *pequeno*, e portanto quer brincar.

—Que va para o diabo, que o carregue com tão atrevido brinquedo; aquillo não é brinquedo de menino *pequeno*; pelo contrario é couce de jumento taludo. Só com um grosso calabrote se responde a tão insolita estravagancia.

—Diga-me la qual é a travessura, que pratica o Sr. José Menino.

—Pois não tinha a depravada insolencia de por-se dentro da sua espelunca em *trages menores* e, quando passavam da eschola duas meninas, chamava-as, acariciava-as, e mostrava-lhes uma cousa que não se pode ver, dizendo que aquillo se chamava *papa vento*?

As meninas ingenuamente um dia disseram a sua mãe—mamãe, Sr. José nos mostrou o *papa-vento* delle—foi quando se descobriu o torpe divertimento do Sr. *José* Menino.

—Que devasso! Si elle *pequeno* é assim, faça ideia quando crescer.

Mas, o muxingueiro está ahi para acalmar o *furor* desse garrote.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Conheces o *José* menino?

—Um que tem *biboca* de guardar *arvores cortadas*?

—Parece.

—Sei quem é. Mora n'um logar onde faz *preguiça* se ir, por causa da enorme ladeira; com tudo estou prompto á executar as ordens que receber.

—Vae buscar esse rafeiro, e pela rua vae o refrescando com o teu incomparavel calabrote, atè a bordo; ahi manda-lhe applicar um clister de bucha e agua forte, e depois da-lhe um bezerro com fome de tres dias para o sendeiro *acalentar*.

—Si bem me manda, melhor o farei.

—Sabe que a companhia de Vehiculos resume-se nos Srs. Paulo, Azevedo & Carneiro?

—Deixe-se de cassuadas.

—E' serio.

—Esses tres são os representantes da companhia.

—Enganou-se redondamente. O proprietario de qual quer estabelecimento deita seu nome no frontespicio do mesmo para ser conhecido; é o que se vê alli.

—V. tambem não deixa passar nada!

Srs. Redactores. — Lendo em seu jornal n.os 126 e 127 um artigo, que trata de tres individuos de nome Pilheria, Gabino e Monteiro, os quaes tentaram violentar para fins libidinosos, em frente ao matadouro, a um menino trabalhador na fabrica de tecidos; desejamos que Vv. se dignem responder, si esse tal Monteiro, de que tratam, se entende com algum dos abaixos assignados, pelo que lhes ficaremos assás agradecidos.

Venancio Monteiro da Silva.
Alexandre Monteiro da Silva.
Geminiano Monteiro da Silva.
Manuel Monteiro da Silva.
Hermilo Monteiro da Silva.

A publicação se entende com um Monteiro empregado no matadouro publico.

A Redacção.

Projecto...

—Compadre!...
—Oh! tenho pressa;
Trago fervendo a cabeça
N'um projecto sem egual!
—Que projecto?
—Inda é segredo
—Mas...
—não digo.....
—é.....
—um torpedo,
Nos effeitos sem rival!

—Então, queres ir a guerra?
—Não a cousa é cá na terra;
Mal mui peor ha por cá!
—Diga; pois que não atino:
Este projecto divino...
—E'....
—Qual é... anda, diz lá!

—Pois lá vae, sem reticencia,
Esse fructo da sciencia,
Que ja não posso callar:
As bollas do Zacharias
Hão de, certo, nestes dias,
Por bom preço se comprar.

—O motivo?

—Ja t'o digo;
E' porque, meu charo amigo,
Ha *cães*, como nunca vi!
Até nas *typographias*
Anda um todos os dias,
Tão tolo e cheio de si....

Ahi vae, pois, meu projecto:
Vou fazer um grande espeto,
Para ao patife espetar;
N'aquella *barriga immensa*
Ha de certo má doença,
Que nos pode pestiar....

—Escuta!...

—Sou todo ouvidos.

Deixa este cão seus latidos
Nos munturos desprender:
Succumbirá lá de fome,
Pois que o mazella não come,
Nem tem mais o que comer.

O cachorro da Quinta.

A semelhança dos Thenardiers ou salteadores da escolta, que capitaneava o celebre e famoso Luige Vampa, conheço eu um *Medonho*, que não pertence á quadrilha do Vampa, porem a uma mais perigosa ainda, que é a do Lucas; e para que aos olhos das victimas incautas não passe elle desapercebido, fêl-o Deus coxo.—A barba fugiu d'aquella maldita cara de casco de urço e corpo de camello, sendo substituida por malhas brancas, á semelhança de burro. Honra, sentimento e dignidade, são qualidades que nunca conheceu *Medonho*: não ha negocio que faça, tracto que estabeleça, que, com as habilitações adqueridas na quadrilha de Lucas, não logre aos incautos, como pode dizer o pobre Claudiano, um Thomaz, que aqui houve, irmão do José e filho do Aquino e tambem um honrado major de nome Souza Videira, e outros muitos.

A proposito, perguntamos á esse desprezivel *Medonho* sem pudor, si não é exacto que, além de não cumprir o que tractou com o mesmo Sr. major Videira, robou-lhe da obra, de que estava encarregado, muitas madeiras, cal, e o mais que se segue; não contente com isso, roubou esse safado da dita casa, que estava concertando, cama, cadeiras invernisadas, e tambem musicas. Quando o dito major deu por falta, dirigiu-se a uma furna ou caverna, onde se acoita essa asquerosa serpente, na rua *sem independencia*, e achou felizmente o que lhe tinha levado esse salteador, faltando apenas algumas cadeiras.

Nessa occasião, tendo ido o ordenança do subdelegado assistir a deligencia, e sendo mandado ficar de sentinella á entrada do antro desse reptil immundo e abjecto, teve elle o cynismo e descaração de pedir que mandassem retirar o soldado da porta para não o envergonhar, como si semelhante ladravaz tivesse vergonha.

E' costume desse cafre mal-avezado roubar, fiado n'essa cara sem verniz, para andar depois de joelhos, fingindo choro, para nada lhe acontecer, sendo chamado constantemente á presença das authoridades por não pagar

a quem deve, e nem cumprir os tractos, e nem pagar á quem lhe trabalha.

Admira que sempre acho apoio de gente de sua eguala; porém o poto tanto vae á fonte que um dia lá se fica.— Assim como, o que vae fazer atraz de *quarteis* em casa do M..... desacreditando d'essa maneira com a sua presença nojenta e repugnante as cazas de familia a onde piza, não por que façam caso d'elle as mucambas, mas porque, sahindo dellas, tracta de difama-las, dizendo que é parente da casa, e que vae cazar-se com uma moça, de quem elle parece escravo. Oh! que miseria, forte cão deslambido.... Não bastam as pobres negras velhas, á quem esse abutre do inferno tem despojado até o ultimo real, como fez com a infeliz Getrudes, e com Joaquina do Pinto André, e outras; ainda quer se metter em sallas e casas taes, que só d'elle precisariam para de libré estar na porta da rua ou limpando a cloaca, e anda conspurcando a porta de um fidalgo, morador na rua do Chaveiro do Ceu.

O amigo d'um dos logrados, que por S. Lazaro não descubro quem é.

(*Continúa.*)

Modinha da Maricota da tulha, quando ficou restabelecida

Meu pescôço nunca mais,
Eu protesto, hei de cortar,
E' muito bom p'ra quem vive
Sinhà Lilì desfructar.

ESTRIBILHO.

Sinhô padre dos peccados,
Eu quero morar nos mares,
Ahi, virando a garrafa,
Tomarei melhores *ares*.

Embora o paquito sujo
Mande o filho baptisar,
Sem fazer caso hei de sempre
Sinhà Lilì desfructar.

Quando feito *pregoeiro*
Levar de noute á ladrar,
Eu heide dentro de casa
Sinhá lili desfructar.

Os seus oculos de secreta
Não me hão de intimidar,
Eu juro pela Bittinha
Sinhá Lili desfructar.

ANNUNCIOS.

Nestes dias uteis, até domingo proximo, no Internato de mulheres, continúa a exposição dos trabalhos das alumnas dentro do anno.

Por parte da directoria geral dos estudos são convidados os senhores redactores, deputados, authoridades e pessoas que, por qualquer titulo, se interessem pela instrucção popular, a comparecerem das 9 1/2 da manhan ás 5 horas da tarde, na casa especial, á rua Nova de S. Bento, onde serão recebidos, declarando a sua posição respectiva.

Directoria geral dos estudos da Bahia, 20 de novembro de 1866.

Pergunta-se

Ao Sr. *Quimquim Baptista Giragrande*, director dos festejos patrioticos, si ainda não recebeu dinheiro da direcção para pagar as despezas feitas com o palanque. Roga-se tambem ao mesmo Sr., queira ir pagar o que tomou emprestado para pregos e ganhadores, bem como o importe de vinho e cerveja.

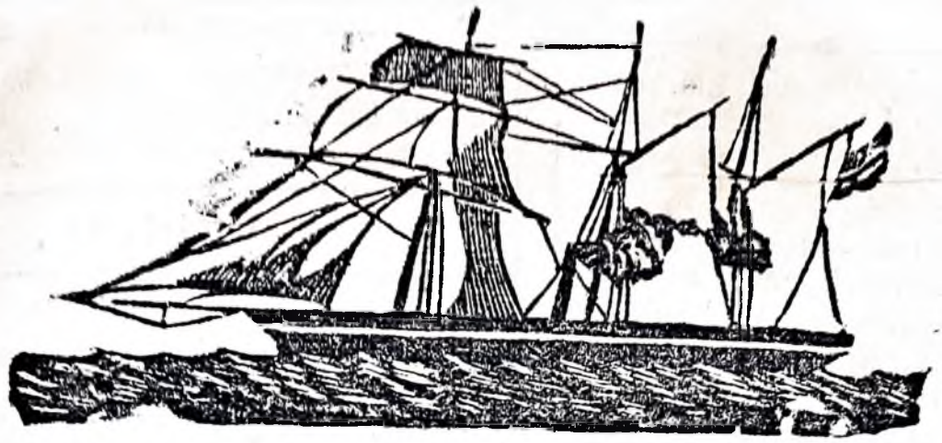
Nesta typ. ha uma carta, vinda do Sul, para ser entregue a Sra. Maria Eufemia de Menezes, pagando a importancia do annuncio.

Carahy, no caes dourado, recebe semanariamente fumos finos de Nazareth e promette vender barato a dinheiro a vista, pois quer n'este genero ser o primeiro barateiro.

Desappareceu desd'o 14 do corrente o crioulo Manuel, estatura baixa, meio corcunda, desdentado; levou vestido calça e camisa de algodão, paletò de brim pardo, ja usado, chapeu de baeta; quem o levar a seu senhor Manuel Amancio, á rua Nova da Independencia, será gratificado.

Attenção.

A 8$000 o saco de fobá de milho com 9/4 vende-se á Baixa de Sapateiros tulha n°. 9.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 24 DE NOVEMBRO DE 1866. SERIE 13.ª—N.º 130

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de novembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, partecipando-lhe que a Mata-cobra mudou sua residencia para os arcos da cadeia, o que dá logar a que á noite na Praça haja continuada algazarra, porque os soldados são os primeiros a provocarem a frenetica mulher. Pede-se portanto a S. S. alguma providencia á respeito.

—Ao Illm. Sr. superintendente do matadouro, communicando-lhe que nos informam que o portuguez Ezequiel, estabelecido com talho na povoação da Barra, vende constantemente a carne por mais do preço marcado, e que no dia 20, levou 40 rs. de mais em cada libra, para o que demorou a vendagem até depois de uma hora, afim de obrigar os compradores a darem o preço exigido.

Não se affiança si semilhante informação é verdadeira, uma vez que não se está habilitado a provar, porém S. S., dispondo de meios por onde possa chegar ao conhecimento da verdade, pode muito bem, em beneficio da população do logar, mandar averiguar si tal boato é falso ou verdadeiro; o que espera-se.

—Ja viu o homem do cavallinho?

—Pois não. E' mais um que vem cassuar com este povo bonanchão e levar-lhe os cobres.

—Acho uma graça de mau gosto e até atrevida, do tal estrangeiro, perguntar ao cavallo qual a moça mais namoradeira, qual a que quer casar, etc; e depois apontar para uma; isso pode ferir a susceptilidade de uma senhora. Eu não quero similhante graça com minha familia.

—Dizem-me que tem até a insolencia de perguntar ao cavallo qual é a moça de quem mais se agradou!

—E ha quem ache nisto extraordinaria graça!

—E o sujeito amanhan ha de ir para sua terra com as algibeiras recheadas, nos chamando tolos.

—O mundo marcha; não tem duvida! Viva o progresso! Quem viver, ha de ver muito breve meirinhos dando sentença!

—Sempre anda V. com exquisitices!

—Não é nada de admirar, porque já vi um corneta carregando a bandeira de um batalhão.

—Para que ha de andar com in-

venções, homem de Deus? Em que batalhão viu isto?

—No dos *Corta Dendês*.

—Ora, batalhão da roça!

—E que tem isso? Por ventura a bandeira do batalhão da roça, não merece o mesmo respeito que a dos outros? Não é,como as outras,sagrada?

—Mas ainda assim, eu duvido.

—Pois não duvide; por que eu vi. O corneta, de porta-estandarte, foi buscar a bandeira no porto de embarcar *lenha* e trouxe-a até o *vacuo dos papagaios!*

Eu tenho visto quando se vae buscar a bandeira em casa do commandante, ir uma força, para guarnecel-a, e quando ella chega ao logar da formatura ter continencia e marcha batida; e alli mandam-na buscar por um corneta, bem vê que são effeitos do progresso.

—Isso é na cidade: batalhão da roça dispensa essas formalidades.

—Sabe? O *carriça* queria embarcar uma bisca; porem o homem dos *mattos* que não combina com patotas foi lhe ás mãos e mandou-o inspeccionar.

—E' uma miseria; naquella posição sujeitar-se a passar por essas e outras decepções somente com a mira voraz no mamaverunt.

—Um homem que affectava tanta bravura militar aqui,nos dias de parada!

—E que remetteu tanta gente para tropa de linha pela mais leve falta no serviço

—E que mandou dar muita chibatada aqui em guardas nacionaes.

—Ah isso era *provisoriamente* para obrigar os rapazes a lhe fazer sequilhos.

—Vejam os soldados de policia como são.

Iam dous delles por Guadalupe, e encontraram um homem a quem deram voz de prisão; e como o homem perguntasse o motivo, desembainharam as suas espadas e a um tempo deram dous estouros no homem que o deitaram por terra.

Depois soube que, uma desintelligencia havida entre elles fôra o motivo para tão despropositado proceder.

A PEDIDO

—Bem dizia minha avó,
Que este mundo é p'ra quem é;
O *feliz* anda á cavallo,
Quem é pateta anda a pé.

Quer ver a prova?

O 3.º batalhão da guarda nacional teve de aquartellar; estava desprovido de officiaes; entretanto o governo mandou que alguns officiaes que estavam addidos a elle fossem dispensados para não augmentar despeza.

—Até ahi só vejo zelo e economia nos dinheiros publicos.

—Ecconomia mal intendida; quando se gasta com o que é necessario, não ha desperdicio.

Porém ainda assim,aprecie a equidade com que se procede em nossa terra:

Tocou ao 6.º batalhão abarracar; entrou este para o quartel com 73 soldados e 6 officiaes, sendo o mais graduado um capitão; dahi a 10 dias tinha promptas 179 praças;porém achou-se que era numero insufficiente para aquartellar como batalhão e mandaram-no que ficasse as ordens do commandante do outro batalhão.

Agora o 5.º batalhão em peiores circunstancias, com 57 soldados aquartella com um tenente-coronel, ganhando 333$000 por mez com um cortejo numeroso de officiaes!

Não ha nisto coherencia?

O 6.º, tendo maior numero de praças não podia aquartellar commandado por um capitão, que ganha muito menos que um tenente-coronel.O 5.º, do amavel Sr José Carlos,com um punhado de soldados, entra para o quartel sobrecarregando os cofres de uma extraordinaria e inutil despeza, com commandantes, quartel mestre, porta bandeira, etc. etc.

Ha officiaes commandando tres soldados!

Por esse motivo acho razão no que dizia a velhinha:

Mas antes cahir em graça
Do que ser cheio de graça;
Aquelle tem doces d'ovos,
Este pedrada na praça.

—Cahiu um raio na matriz de Santo Amaro, que causou extraordinario estrago, escapando a egreja de ser incendiada. O edificio ficou abalado em alguns logares.

Dizem os capotes que a razão foi de estar a terra amaldiçoada, e com a ida do Sr. Arcebispo que andava só abençoando deu-se o terremoto.

—Fanatismo do vulgo.

—Aspirante!

—Prompto.

—Vá a rua do Surdo-é e intime a Marocas para que não continue na sua vida depravada, commettendo indecencias até nos logares publicos, como praticou no Rosario de João Pereira, na noite de 18. Deixe-se de fazer do pobre logista da rua d'Alfandega guarda portão, mandando-o esperar na porta, até que volte de suas orgias.

—Serei breve, capitão.

—Diga lambem áquelle sujeito de certa *repartição* lá pela *marinha* que lhe anda rondando a porta, que elle está servindo de pau de cabelleira, e que, por tanto, deixe-se de dar desfructes.

—A' noite, Antonia das vellas
Passa-me aqui tão faceira!...
—Vae á certo candomblé,
Na rua da Larangeira.

—Irá mecher *caboré*
P'ra deitar algum feitiço?...
—A *Ogun* santo que adora
Vae lá fazer um *serviço*.

—Pois olhe, do tal *Ogun*,
Mui devota deve ser,
Por que passa para lá
Todo dia ao anoitecer.

—Vou contar pelo miudo,
Ja que o Sr. quer saber,
O que é que a rapariga
No candomblé vae fazer.

Ella e Maria Romana,
Andam n'uma contradança,
Ambas trabalham á ver,
Si uma a outra desmancha.

Certo filho d'um ricasso,
Por ambas é *conquistado*,
Cada uma faz esforços
Para tel-o *amarrado*.

Porem Antonia das vellas,
Parece mais usuraria,
Quer o cujo p'ra si só,
Logrando sua contraria.

E então pede a *papae*
Que lhe faça este milagre,
Passando-lhe o *aspersorio*
Com o seu immenso bagre.

Papae disse que é preciso,
P'ra que a *anga* aproveite,
Quatro bodes, dous carneiros,
Duas canadas de azeite:

Onze varas de madrasto,
Da Costa tres papagaios,
Duas cabras e um sapo,
De feijões quatro balaios.

Sete pombos, todos pretos,
Outros sete todos brancos,
Um urubú, quatro *êluns*,
Devendo dous serem mancos.

Colla, *obi*, dous alguidares,
Que nunca forem servidos,
Trinta mil reis, tudo em prata,
Dous penachos bem compridos.

Correu logo apressurada,
Foi para cidade baixa,
Comprar os preparativos
Que trouxe em uma caixa.

Entregou tudo a *papae*,
Que a *milonga* está fazendo,
P'ra que o homem do commercio
Fique a ella so querendo.

Da venda do Joaquim Gomes,
Poucas portas adiante,
Mora o *papae* que trabalha
P'ra reduzir o amante.

Agora ja está sabendo
Qual a razão verdadeira,
Que leva Antonia das vellas
A rua da Larangeira.

—Muito bem! ja estou vendo
Que a esperta rapariga,
E' da seita progressista;
Procura encher a barriga.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 22 DE NOVEMBRO, A'S 3 HORAS DA TARDE.

Revista do mercado.

O mercado tem estado agitado.

Tem se feito importantes transacções em *arrombamentos*. Raro é o dia em que não realisa-se uma operação neste genero.

Os *roubos* tem estado animadissimos.

Chegou uma partida de *nomeações* para consummo da guarda nacional.

As *desordens* são abundant s.

Vendeu-se uma partida vinda do Rosario no brigue *João Pereira*.

Vendeu-se uma partida de *subtracções*, vindas no *Babão*, por intermedio do corretor *Moreira*.

Entrou uma partida de *massadas*, que retalhou-se para o theatro.

O carregamento de *Jiga-joga*, vindo no *Cento e Dez*, foi recambiado para a cidade da *Palma* no falucho *Quartel*.

Entrou uma partida de *assuadas* e *immoralidades*, no bergantin *Baldoino*, que foi comprado para uma taverna da Rua Torta de Palacio.

EXPORTAÇÃO.

GENEROS DESPACHADOS EM 22.

Cidade da Judéa: sumaca *Christa de Gallo*; Caldas, 10 caixas de cantharidas, 10 duzias de phosphoro, 25 canadas de e her sulfurico, 5000 carocos de abacate, 2000 rolos de bernardices, 25 caixões de insinuações perfidas, da marca—M. P. M. V. patent—London.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA.

Genezareth—em 15 dias, palhabote *Viriato*, eq. 12. capitão Bittencourt; passageiro V. de J sus, um tenente coronel e outros; carga 10 caixões de mentiras, 10 caixões de atrevimentos, 500 duzias de patacoadas, 200 fardos de imposturas ordinarias, 500 peças de nobreza mesclada e já avariada, e uma parelha de bodes, sendo um mellado e outro castanho, vindos da cidade de *Mané-Maria*.

DECLARAÇÕES

INSPECTORIA D'ALFANDEGA DE LATRONOPOLIS.

Pela inspectoria d'alfandega de Latronopolis se faz publico que no dia 25 do corrente á porta da repartição se fará leilão para arrematação do seguinte vindo de Genezareth na barca *Chandú* e apprehendido pelo conferente *José de Barros*. 2 caixas consultas extemporaneas que, por estarem muito avariadas, foram refugadas. 2000 @ de desgostos, 20 quintaes de raiva, 400 rotos de pedidos immoraes que não foram sotisfeitos.

CAPITANIA DO PORTO DE LATRONOPOLIS.

Pela capitania do porto se faz publico aos navegantes que, do dia 26 em diante, será collocado no rochedo de *Santo Ivo*, um pharol ambulante, que será visto até a ponta *d'Avo' de Christo*; o pharol apresentará as seguintes cores bem distinctas: *namorado*, *desfructavel* e *pagodista*. Capitania do porto de Latronopolis 22 de novembro de 1866.—*Alvares*. — capitão do porto.

PRAÇA DE GENEZARETH, 13 DE NOVEMBRO.

A feira tem continuado desanimada; do centro, poucos generos tem vindo ao mercado; tem havido maior abundancia dos generos industria; a estupidez, porem não foi vendida por não haver preço; os 80 gigos, que chegarão para a casa Ribeiro e Leite, ficarão em ser. Falsidades foram vendidas 120 barricas á mesma casa com a marca —Mamignar—por 6:000$000 (a rs. 50$ a barrica) á pagar com o praso de 4 annos de prisão com trabalho e multa de 20%, segundo o art. 167 do regulamento da Praça.

Arbitraridades. Foram tambem vendidas á mesma casa, a 9500 a barrica, á pagar com prazo de um anno de prisão, alem do juro co respondente.

ANNUNCIOS.

Nesta typ. ha uma carta vinda do Rio de Janeiro para ser entregue a Sra. D. Maria de S. João Gomes.

No principio da ladeira da Mizericordia acha-se exposto a venda uns trastes ainda novos, bem como, camas, sophas, bancas, e etc, etc. Casa n.° 7.

Typ. de Marques, Aristides e Igraniana.

O

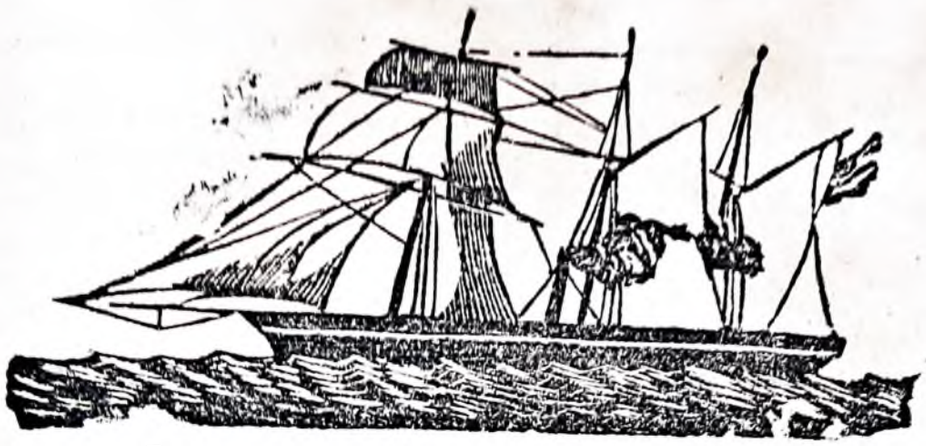
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 2 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 11.ª—N.º 107

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de outubro de 1866.

Officio ao Illm Sr. delegado de policia, partecipando-lhe que mora na rua dos Carvoeiros, sobrado n.º 11, 2.º andar, quina para a rua d'Ajuda, uma mulher de edade, a qual tem em seu poder uma menina á quem castiga 6 e 8 vezes no dia com palmatoadas. Por qualquer da cá aquella palha é a criança refrescada com 12 a 18 bolos. Pede-se á S. S. providencias que façam cessar tal proceder.

—Ao mesmo, no mesmo sentido, a respeito de uma infeliz menina existente em poder de uma mulher de má vida de nome Umbellina, moradora ao Maciel, por baixo da casa da familia Moura e Mattos. Essa mulher, da-se ao vicio de embriaguez diariamente, e nesse estado, dá-lhe a mania para trucidar a pobre menina. Espera-se que S. S. dê providencias que livrem a infeliz da sanha de tão pessima mulher, incapaz por seu procedimento e vida desregrada de ter uma pupilla.

—Estamos para ter revolução na Bahia?

—V. está sonhando, homem?

—Quem diz é o presidente.

—Ora ha de V. andar a metter o nome do presidente em suas pilherias!

—O Sr. agora é quem quer metter o caso a bulha.

Ora veja:

Expediente do governo do dia 25 de setembro.

«Officio ao Dr. chefe de policia.—Em resposta ao officio de V. S. datado de hontem, tenho a dizer-lhe que deverá V. S. cumprir a lei, fazendo punir a aquelles que tentarem perturbar a ordem publica.»

Já vê que não é graça minha; porque a cousa vem de fonte limpa.

—Ha cousas que por mais authorisadas que sejam, me parecem carapetões, ou graças de algum divertido.

—E' verdade que uma noite, no tempo do Sr. Dantas, andou a cidade toda debaixo de armas, e no fim de contas, disseram que foi uma coruja que piou.

VARIEDADE.

A mulher teimosa.

«Mistress Phillips pretendia ir a um beneficio, que se dava na egreja Nova. Seu marido negou-lhe a licença pedida, dizendo-lhe que tinha muito que fazer em casa, e que por aquella vez não havia remedio se não ficar.

—E por que não hei de ir? perguntou Mistress Phillips assanhada como uma cobra.

—Porque tens que fazer em casa, tornou o marido, com muita tranquilidade.

—Hei de ir, hei de ir.

—Não has de ir, não has de ir.

—Não vou? Pois então vou cortar um dedo, com esta faca.

O marido riu-se.

Então a heroica dona, para mostrar que não era mulher para graça, põe a mão em cima da meza, levanta a faca, e..... truz! lá vae o dedo com a breca.

—Então vou, ou não vou? repergunta ella cheia de ufania, depois deste acto de heroismo.

—Não; responde o marido segunda vez.

—Não! torna a dizer a mulher, Zumba! lá vae outro dedo pelo caminho do primeiro

Mr. Phillips julgou que devia por termo a esta carniceria.

Mandou chamar o cirurgião: mas em quanto elle fazia o curativo dos dous dedos mutilados, repetia a heroica ao marido que, se lhe não dava licença para ir ao beneficio, ia cortar uma mão!»

A PEDIDO

—Sr. commandante, mande formar sua gente, que quero passar revista.

.....

—Sr., eu sou doente; tenho o osso do quadril uma polegada fora do logar.

—Isso não é commigo.

.....

—Quem é aqui F.?

—E' esse soldado que acabou de fallar a V. Ex.

—Ah, é esse! é realmente doente; mande-o sahir da forma: já tinha dado ordem para ser dispensado.

—Aqui está, Sr.

—Está dispensado, pode se ir embora.

—Ha homens que de tudo se aproveitam!

Valem-se da desgraça e miseria dos infelizes para tirar proveito, impondo aos desgraçados condições pouco honestas.

—O que quer dizer com isso?

—Um facto abominavel praticado por um sujeito.

—Ouçamos.

—Uma infeliz disputa liberdade com um homem poderoso por seu dinheiro. Obteve sentença contra si, com visivel offensa da lei, e tendo de recorrer a um tribunal superior, viu-se privada por falta de meios, para realisar esse desejo.

Recorreu sa almas benificentes e para isso veiu a capital recommendada a duas ou tres pessoas.

Um destes, enviou-a a um tal *Chicotada* que ha em Latronopolis, para que lhe desse uma esmola.

Chicotada viu a rapariga e lubrico como é, teve logo para ella sentimentos impudicos. Tomou um papel que ella levava, assignou 5$ rs., deitou *p. g*, e depois com uma cedula de 5$ rs. na mão propoz a infeliz condições pouco decentes, que ella repelliu; guardou Chicotada o dinheiro, e disse que fosse receber no dia seguinte, dia em que ella retirava se para sua terra. Com effeito ella apresentou-se no escriptorio de Chicotada, e então quiz com violencia alcançar o que não tinha podido por maneiras doceis; houve lucta pertinaz, e a rapariga sahiu toda esfarrapada e perdeu a viagem, porque o vapor sahia ás 11 horas, e Chicotada trancou-a até depois de meio dia. Vendo que nem a força saciava o seu reprovado intento, despediu-a sem dar o dinheiro que tinha assignado, e que tinha já deitado o competente *p. g*; e assim passou como um dos que concorreu para a obra meritoria da liberdade da rapariga.

—Ora essa! Si o Sr. me contasse isso de outra pessoa eu me admirava, mas do Chicotada! De que não é elle capaz!....

—Capitão, si realisa-se um facto, tenho optimas cousas a contar-lhe.

—De quem?

—Do *José* primo do *Duarte*, irmão do *Ferreira* e do capitão Antonio *Pedra-osso*.

—Diga logo porque tenho sede nestes dous tratantes.

— Não. Tenha paciencia que até ver si se realisa o saque horroroso que elles querem dar nas algibeiras de um pobre artista, onerado de familia, con-

lar lhe hei tudo meudamente, e ai, ai!.....

—Por acto de 26 do corrente foi nomeado o cidadão Justino Augusto de *Sento-Sé*, para *ajudante* do coronel J. Nunes do *Sento-Sé*, na commissão de transportar para o rio de Sr. Francisco o vapor *Presidente Dantas*.

—Que musica foi uma que tocou a 29 do passado no *abarracamento* do chefe militar?

—A de tostão e dez reis.

—Não presta?

—E porque não ha de ser assim? Si não se exercitam, não ensaiam.

—A rasão?

—Porque o mestre gostou sempre de andar a duas amarras. Ensina a dous ternos, e cuida mais do outro, do que deste.

—E' mau isso.

—Encarregou a mestrança a um moço que é leigo na materia, além disso surdo e encherga pouco. Faça idéa o que pode fazer.

—Mas isso é culpa do inspector da musica.

—Condescendencias.... amisades.

—Com prejuizo de quem dá seu dinheiro, é mau.

—O commandante é quem pode resolver isso.

—Cá cá cá cá.

Isto só pelo diabo!

Não sabe, capitão, *Mr. de Regô* diz que não deu o cavaco, mas coitado está da salla para a cosinha. Diz que quem o botou no *Alabama* é um sujeito que anda pelos lados do Theatro á noite. Gato ruivo do que uza nisso cuida. Si por lá elle não andasse em seu modo de vida, de certo não atinaria com o cujo.

Promette escalar ceus e terra, esbandalhar nas gazetas seu pobre criado.

Puf! puf! puf!

Temos de ver este Bertholdo com a espada de Carlos Magno afrontar tudo para despicar-se, e eu de largo cantarei minha quadrinha:

Meu Reguinho, não se perca
Deixe o mundo como vae,
Aproveite seus estudos
Para gosto de seu pae.

Deixe esse bello officio
De corrector de *donzellas*,
Tenho pena de lhe ver
Nodoado de mazellas.

Vá plantar os seus pepinos
Na horta de S. Francisco,
Si o negocio não render-lhe
Vá p'ra limpeza do cisco.

—O theatro vae ás mil maravilhas! Parece que tudo conspira para um deleixo completo!

Vendem dous bilhetes com um só numero, do que resulta conflictos, que é preciso a intervenção da authoridade para acalmal os.

—Lá isso é descuido da empreza.

—De vez em quando apparece um eclipse, como na noite de 18 do p. p., em que os espectadores andaram a jogar a cabra-cega.

—Homem, deixe lá; o Custodio anda zangado com a sahida do Martins.

—Por isso não; que ficou para substituil-o o Monteiro, que tambem *faz* boas graças a gente.

—E quem substituirá o Bento?

—O Lucas, que é um perfeito actor.

—Não cassúe, tratemos de outra cousa.

—Naquella casa decididamente mora *judeu*.

—E não lhe pareça. O que praticam alli é mesmo judiação.

—A moralidade publica, o pudor, a honestidade são atrozmente judiadas.

—Si passa um homem com uma mulher, elles sem saberem si são casados, si é uma senhora honesta que vae com seu irmão, dirigem mil graçolas pesadas, proprias de moleques de terreiro, e que somente são supportadas nesta terra que atura tudo quanto é aventureiro e ladrão, que vem deste mundo.

—Ficam nus dentro da casa e fazem mil patifarias.

—E vão para o hotel visinho, embebedam-se, e de lá pintam *peruta* para a rua.

—N'uma rua tão publica como é a rua de *Cima*!

—Deixe estar, o dia em que passar algum estabanado com sua mulher ou moça, e que elles forem se metter a gato, não hão de gostar.

—Agora eu acho que era melhor a policia os mandar, chamar e lhes fazer sentir tão feio modo de vida, impondo-lhes a condição de viverem nesta terra como homens de bem e não como perarvilhos e devassos. Evitava assim algum desaguisado; muito mais quando me consta que a ella chegou a fama dos cujos.

—Estes meliantes são os taes que andam a impingir ahi por fora metaes falsos por ouro de lei.

—No dia 25 do p. passado, deu-se um facto por sua natureza tão subversivo e revoltante que não podemos deixar de dar publicidade.

Indo um homem de côr preta comprar carne em um dos talhos da Baixa dos Sapateiros, e não se agradando do logar que lhe dera o cortador, que era branco, pediu-lhe como era muito natural carne d'outro logar, ao que teve em resposta—*não, só ha daqui* (apontando-lhe para as suas pernas,) insulto esse que teve em retribuição outro insulto. Porém o tal carniceiro, julgando talvez que o comprador por ser crioulo devia atural-o, lança-se sobre elle, empunhando a faca de cortar carne, e teria satisfeito os seus damnados intentos, a não ser um grande concurso de pessoas que apresentou-se defendendo o pobre homem, que estaria hoje ceiando com os anjos! Isto passou-se na vista de um fiscal, que mostrou-se impassivel a tão innocente brincadeira.

—Desses é que deviam ir mostrar valentia aos paraguayos, em vez de estarem aqui para maltratarem quem vae comprar com seu dinheiro.

—Quanta gente entra e sahe todo dia naquella casa a *descida dos Palmitos*!

—Acho que alli ha cousa.

—Ouve-se um sussurro continuo como de quem sobe algum *monte* ou ladeira.

—O chefe da cassuada é aquelle empregado capoeira que jurou no processo *gravata*.

—O chefe de policia é quem pode decifrar aquelle enigma, visitando os de sorpreza antes que elles tenham tempo de se esconderem n'algum *boião*.

Sr. Redactor.—Em rectificação a uma noticia sobre um carneiro pegado pelo Julio Feijoada, cumpre dizer que é verdade ter sido o carneiro preso no logar alludido, porém foi entregue ao empregado da policia Adão de tal.

ANNUNCIOS.

Quem quizer comprar uma escrava, crioula, de 20 annos incompletos, sabendo coser, cosinhar, dirija-se a casa de Pasto, defronte do Theatro Publico n. 93, para ajustar com sua senhora.

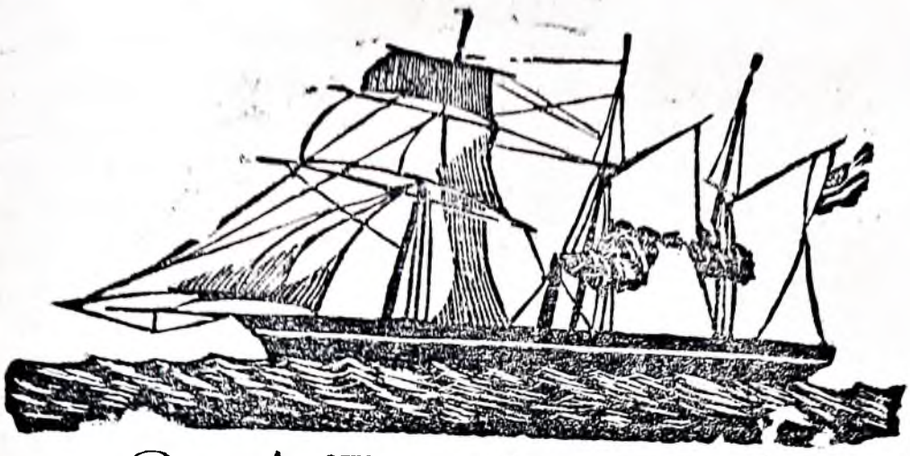
Na mesma casa, preciza-se alugar uma ama, para o serviço interno, e externo; prefere-se pessoa de edade.

Pede-se ao esculptor que trabalha a ladeira da Fonte dos Padres, o favor de vir a rua Direita da Misericordia, loja n.° 4, para tratar negocio que não ignora.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.° 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de ulho de 1866.

Vende-se uma pequena roça, com casa, sita ao Sangradouro com 15 braças de frente e 30 de fundo em terreno foreiro aos herdeiros do finado Castro Neves; a casa é terrea na frente e assobradada no fundo, tem duas sallas, quatro quartos, cosinha, dispensa, armazem etc. Trata-se na rua da Misericordia n. 31.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 4 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 11.ª—N.º 108

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de outubro de 1866.

Não houve expediente.

—A empreza do theatro deu em vaza-barris.

—E o emprezario?

—Vae tomar fresco na Ilha das Fontes.

—E os empregados?

—Estão a vêr navios.

—O que fez elle da subvenção que recebeu hontem, na thesouraria?

—Eu sei ca! O que me dizem é que em recompensa dos esforços com que trabalhou para regenerar o theatro, foi absolvido das multas.

—Meu amigo, este mundo é para quem é.

—Quem tem fortuna ganha, quem não tem perde e apanha.

—Esta cidade vae bem!

Hontem uma negrinha de 9 annos, que consta, ser escrava do Sr. Xavier de Castro, morador ao Candial, sahiu á noite para comprar gaz, dous sujeitos agarram-na e estruparam-na mesmo na rua.

—Bom, bom, em quanto a cousa vae por lá vae bem.

—Não sei si dê credito a isso.

—A que?

—Que o presidente mandou embarcar como *voluntario* no batalhão Pedro 2.º a um individuo que está sendo processado por crime de morte pela subdelegacia da Victoria!

—Pois o Sr. Leão Velloso vae la dar guarida a criminosos, esquivando-os ao castigo da lei,homem? Não sei mais o que hão de dizer.

—Pois disseram-me; e que até o subdelegado ia requisitar da policia da corte o homem.

VARIEDADE.

Copia fiel de um requerimento de certo empregado do mato, feito ao Juiz de Paz do seu districto para chamar a conciliação a thesouraria por estar a dever o seu ordenado.

Ill, Sr. Juiz de Paz.—Diz F... que a lei da Patria é igual para todo o Christão,como diz o nosso pacto fe-deral dos Poderes politicos da Constituição; e si mesmo S. M I. pode ser chamado a presença pacificativa de V. S., como não pode o suplicante cobrar juridicamente o seu ordenado, que lhe deve o Exm suplicado Thesouro do erario! ! ! Não ha injustiça tão *impatriotica*, e *aristocratica* o tão injusta, do que gas-

tar-se tanta effuzão de prata, e moedas papeis;só para todos os dias empurrar-se os nossos *conterranos*, e patricios pela barra fóra para irem se expixarem lá pos essas *religiões* montanhosas dos matos dessas terras, que estão reboliças de Republicas, e outros suplementos; segundo tenho lido no vocabulario da folha grande que constitue o Jornal da Cidade do Maranhão

Ill Snr. Juiz de Paz, e Meretissimo preopinante, como pode um saco vazio se por em pé, como diz a Sagrada Escriptura? Assim como pode um cidadão honrado comer, dar de comer, ir beber, e cobrir a mulheres,e a filhos do vestuario e andar com a sua cara limpa, e sem sujidade?O meu compadre Pitomba me aconselhou, que decesse a Maranhão e me queixasse ao Sr. Presidente, que afigura pelo Congresso dos Representantes: mas para que passar por este *encomodo*, e voltar ainda mais *imprevisto?*... Todavia uso da *dificuldade*, que me confere as *lezes* Geraes, que he mais forte que essas feitas lá mesmo; por tanto requeiro a *voça* pacificativa Senhoria, que me mande citar o dito Thesouro na pessoa do Thesoureiro ou do Contador, ou do Almoxarife, por que cada diabo governa sua semana, ou dos *Inspectores*, correndo logo as revelias todas a demanda. E no caso contraditorio, quando lhe seja disponivel, nem sufrivel, então mande-me huma intruza Deprecativa ao Juiz de Santo Antonio que *concubinado* com o meu procurador a quem tambem lhe faço, possão cobrar juridicamente sem desatenção alguma o importe das prepinas do meu ordenado, e custas *na forma* do Codigo tanto do Proceço, como Crim. para que não padeção as partes de qualquer empregado do serviço, nem se veja a miseria do proximo padecendo fome por causa da crueldade d'hum Thesouro desumano, e *aristocrata*,que despreza a legitimidade de cada hum na posse de que lhe compete.

Deos Guarde a V S , e por isso
P a V. Ill. Snr. Juiz de Paz conciliativo assim queira lho fazer pelo muito que R. J.

(*Marm. Mar.*)

A PEDIDO

—Os bajuladores e rabo-levas do poder andam a apadrinhar o acto de feroz despotismo praticado contra David Candido Monteiro, com o facto de ter elle, na occasião de ser preso, resistido, e depois faltado com o respeito ao capitão Seixas.

—Desculpa banal, defeza podre, nascida do instincto vil de adulação, com que querem a todo transe acobertar o mais requintado vandalismo, a mais violenta arbitrariedade.

Si David commetteu um crime, si faltou com o devido respeito a seu superior, ahi estavam as leis do paiz, para punil-o; instaurasem-lhe um processo, sugeitassem-no a um conselho, mas não lhe roubassem o direito. Não é esmagando a lei que se mantém o imperio da lei.

—E sabe-se muito bem, como são imprudentes os agentes da guarda nacional; prendem um homem, que tem consciencia de que não está sujeito a guarda nacional, este por mais moderadamente que lhes observe que não está subordinado a authoridade do commandante de guarda nacional, não é attendido, de mais é provocado, por excessos dos taes agentes, de maneira a exhaurir a paciencia de um santo, e é a razão por que se dão muitos conflictos.

—E que authoridade tem um commandante da guarda nacional, para á sua ordem,se prender qualquer cidadão na rua, que não esta verificado si é guarda ou não?

Eu entendo que é uma resistencia bem feita.

—Mas entenderam que o homem,por que provocado, commetteu uma imprudencia, devia no Paraguay espiar a sua falta,tendo para lá mandando ja outro em seu logar.

—Desaquartelou o 3.º batalhão de guarda nacional.

—E aquartelou o 6.º

—Enganou-se; foi apenas uma ala.

—Isso é novo para mim. Sem du-

vida alguma capricho do presidente.

—Porque diz isso?

—Porque até agora não aquartellavam alas, e sim batalhões.

—Porém dizem que o 6.º não tem gente.

—Engana-se, entrou com 70 e tantas praças para o quartel, quando outros tem entrado com muito menos. E a rasão de estar elle desmontado prova de mais, que para regularisal-o é preciso aquartellar com seus officiaes e estado maior, a exemplo dos outros que entram com 40 e 50 praças e sahem com 250 a 300, o que não acontecerá estando o batalhão adido a outro.

—Talvez seja por economia.

—Ora deixe-me! Não se lembraram de fazer economia á respeito de outros, e agora com o 6.º batalhão é que apparece! O que me parece é que ha ahi algum proposito occulto.

—Capitão, o *trem dos nauticos* em Latronopolis é um covil de grileiros. E' fechar os olhos alli e esbarrar com um dos taes.

—Com excepções.

—Rarissimas.

Quer ouvir a *estrategia* de que usa um *sabido* alli para *surripiar* o trabalho alheio?

—O *arraes-maior*, que é uma cabeça capaz dos maiores commettimentos cavillosos e que tem um espirito proprio para toda sorte de alacridades, descobriu uma ganancia para ficar com os cobres de seus subordinados.

—Como?

—No pagamento; á quem trabalha 15 dias elle paga 12, e assim proporcionalmente etc.

—E os prejudicados por que não reclamam?

—Eu lhe digo. O homem tem inteira jurisdicção sobre os pobres *fendedores* ou *sulcadores d'agoa*; pela mais pequena falta commettida, ordena ao *assentador* que deite *abaixo* o dia do trabalhador; succede ás vezes, que um *marcante* trabalha até 5 horas, e no fim do dia por capricho de seu *arraes*, deita-se-lhe o dia abaixo. Assim, quando chega a quinzena, elle toma a folha em mão do sujeito que faz os *apontamentos*, recebe o dinheiro e retira-se para um logar reservado que tem, e alli vae pagando a sua vontade. Depois V. Ex., sabe que o *trem dos nauticos* em Latronopolis, não fica longe da presiganga, e ninguem quer ir passeiar a bordo, e por tanto não querem intrigas com o homem.

—Isso esta me parecendo fabula.

—E' verdade purissima. Deixe lhe contar um caso recente:

Na *terceira oitava* de mez passado houve pagamento e um trabalhador vendeu a sua quinzena a um sujeito parente do *Agostinho* a gente de um *deposito d'agua*; quando o homem foi receber os cobres o nosso arraes quiz pagar-lhe apenas 22 dias, dizendo que é quanto tinha o *fendedor do mez*; mas o parente do *Agostinho* que ja tinha visto a *folha* em mão do *assentador*, e sabia os dias de trabalho do homem, reclamou, fez alarido, bradou, e o meliante não teve remedio se não cahir com a chelpa por inteiro, para a cousa não ficar muito devulgada.

Então ainda duvida V. Ex.?

—Eu sei, homem, certas cousas parecem incriveis.

—Pois então ouça este caso que ainda é melhor, acontecido com o Oliveira da venda. (*Continúa*)

—Não sabe d'uma cousa?

—O que é?

—Um certo *pelludo* que é alferes da *guarda civica*, e negociante á custa dos outros, diz que só gosta de ir para a guarda do *paço do governador*, por que de lá entretem namoro para a *casa* de um personagem *muito alto*, e gaba-se de receber olhares ternos, e até de ter sido mimoseado com um cravo!

Da-se maior besta?!

—E elle o que quer, casar?

—Qual, si elle é casado. E que o não fosse, a moça ia lá dar fé de semelhante burrigo.

—E é bastante ousado o tal *pelludo*!....

—E além de pelludo, é burrigoro.

—Como é o nome desse insolente bisborria?

—Vou dar-lhe as iniciaes na palavra *pel l ud o*. Estão numeradas.
3 1 2

—Em que freguezia mora?

—Digo o milagre, mas não o santo.

—Diga sempre por *Sant'Anna* por que quero mandar o cujo para o *Passo da Patria*.

A CANÇÃO DO VOLUNTARIO.

Sou da patria Voluntario
Contra o feroz adversario,
Que á minha Patria insultou:
Puz a farda e a muchilla;
Que em taes casos não vacilla
Quem o Brazil sempre amou.

Deixei amigos,—parentes,
Trouxe saudades pungentes
Das prendas do coração:
Mas... um soldado não chora,
Combater só devo agora
Nas filas do batalhão.

Não me assustou o marchar,
Muito menos o embarcar
P'ra tão remota paragem;
Guiou-me a fé, a esperança
D'alcançar crúa vingança
D'esse barbaro selvagem.

Aprendi a disciplina,
Já manejo a carabina,
E á bayoneta carrego;
O quadrado eu sei formar,
Muito bem sei avançar,
Tiros certos descarrego.

Como não ser transformado
Tão depressa n'um soldado
Com tão grande general?
E' homem que não descança,
Que p'ra o inimigo avança
Com denodo sem egual!

A' cavallo a todo o instante
Eil-o sempre vigilante
Pela brazileira gloria:
Não vacilla uma só vez
Na heroica intrepidez
Com que obtém a victoria.

Era bello vêl-o quando,
Para este lado saltando,
Terra inimiga pisou!
Comitiva escaça tendo,
Para a frente foi rompendo.
E o caminho nos mostrou.

. . . . . .
. . . . . .

Avante, soldados, avante!
Que um só brado se levante
Dos bravos entre a fileira:
Ou morrer á mão armada,
Ou termos por nós plantada
N'Assumpção nossa bandeira.

(*Extr.*)

—Capitão, em Latronopolis não ha mais casa vasia para se morar?

—Porque?

—Porque na rua de Santa Teté, mora um homem dentro de uma panella.

—Pois entregue-o ao cozinheiro, para fazer delle um assado; e si elle gritar pelo *Papa rato*, atire-o na cloaca.

—Para o batalhão 103 de Monte-Alto foram nomeados:

2 ª Companhia — Tenente Ernesto *Pereira da Silva Castro*; alferes Joaquim *Pereira da Silva Castro*.

3 ª Companhia — Capitão Manuel *Joaquim de Magalhães*; tenente Antonio *Joaquim de Magalhães*.

ANNUNCIOS.

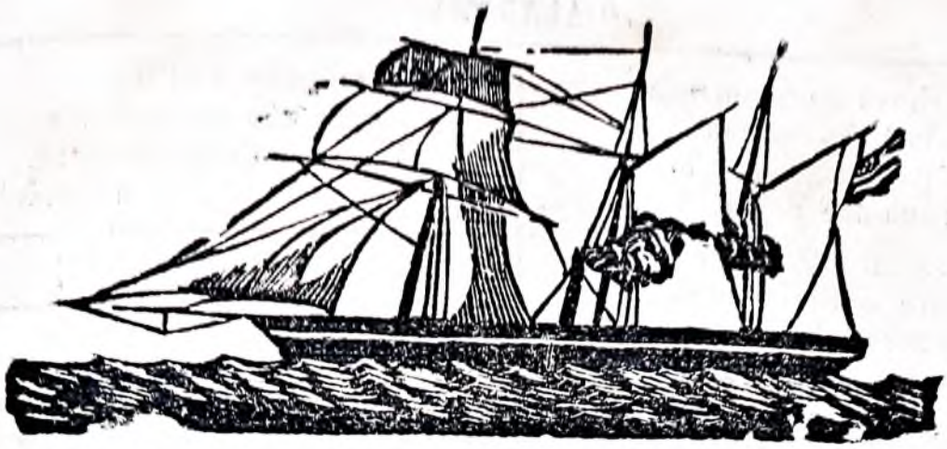
Quem quizer comprar uma escrava, crioula, de 20 annos incompletos, sabendo coser, cosinhar, dirija-se a casa de Pasto, defronte do Theatro Publico n. 93, para ajustar com sua senhora.

Na mesma casa, preciza-se alugar uma ama, para o serviço interno, e externo; prefere-se pessoa de edade.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.° 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de ulho de 1866.

Breve sahirá á luz a nova modinha brazileira intitulada—**Nada possuo neste mundo.**



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 6 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 11.ª—N.º 109

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de outubro de 1866.

Officio á Illma. camara, pedindo-lhe que mande concertar dous immundos canos que ha na rua da Forca, que não só incommodam aos moradores, como a quem passa, com a singularidade de ficar um bom nas ventas do fiscal Raphael.

—Só assim se tapará o terrivel sorvedouro que ha em frente do arsenal de guerra.

—Porque?

—Porque ahi está a companhia de calceteiros.

—A proposito, explique-me, que quer dizer isso?

—E' uma companhia para concertar as ruas. O mestre tem obrigação de andar *passeiando* para ver onde ha buracos, tapal-os e tem por isso o insignificante jornal de 3$ rs. diarios. Só em sapatos o homem gasta um dinheirão.

—Seria bom que S. Ex. mandasse dar um cavallo para o homem montar nelle.

—Ha tambem deposito de materiaos pelas freguezias.

—Bom, bom; e que elles sejam *bem depositados*.

—Negue agora, si é capaz, que a cabeça de S. Ex. não é uma cabeça grande!

Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

Compadre—Que uma perfeita
V. desfructando vá,
E que Deus o persevere
Dos paraguayos de cá.

E da risonha ventura
Tenha sempre o cofre aberto,
E' tudo quanto lhe almeja
Seu compadre e amigo certo.

—Julguei que V. viesse
Assistir a exposição
Que na verdade, meu rico,
Esteve de encher a mão.

Muitos objectos raros
Vi eu a figurar nella;...
Espetos de camarão
Testo de barro e panella.

Bella semente de cravo
Mettida n'um papellão,
Um tipiti por 1$ rs
Comprado em primeira mão.

—Abriu-se o cofre das graças,
E quasi faz explosão,
Despejou tantas mercês
Que espalharam-se no chão.

Grossa chuva do commondas
Toda esta terra alagou;
Não houve gato nem rato
Que na sua não *pegou*.

Agora se encontro alguem
Que quero comprimentar,
Vou perguntando primeiro—
Com lhe hei de tratar?

O rol dos agraciados
Foi tal nesta enxurrada,
Que se houver nova fornada
Será de gente agarrada.

Ministerio que faz graça,
Na opinião do paiz
Está bem desengraçado;
E' o Saraiva quem diz.

—Cumpre agora lhe dizer
Que o homem a quem me refiro,
Foi no vapor que passou
A' Europa dar seu giro.

E' um costume, compadre,
Que inda não pude entender,
Usado por nossos homens
Quando deixam o puder.

E' raro o nosso estadista,
(Não sei se nisso ha misterio)
Que não se larga p'ra Europa
Quando sahe do ministerio.

—Ja deve saber por lá,
Que um decreto d'estouro
Adiou as eleições
P'ra fevereiro vindouro.

Eu que para deputado,
Queria por sua via
Me encaixar, desanimei
Com isso, que não previa.

Porque sei que para o anno
A cousa se ha de arranjar
De maneira que os *felizes*
Somente tenham logar.

—Eu não sei porque motivo
O Sr. Silveira e Souza,
Regeitou a presidencia
Antes de provar da cousa.

Agora vem outro homem
La das bandas do Pará,
Que quando pegar nas redeas
Tudo *montado* achará.

—O Sr. Leão Velloso
Governador do Pará,
Parece que muito breve
Vae-se, e nos deixa só cá.

(*Continúa.*)

VARIEDADE.

Boa filha!!

Uma mulher coberta de farrapos, com cara de doente, apresentou-se ha tempos no tribunal de policia de Westminster e disse que queria fallar ao magistrado. Um porteiro levou-a á sala da audiencia, onde ella foi encostar-se ao banco das testemunhas.

—Que tem você minha santa? disse-lhe o magistrado.

—O que tenho Sr. juiz? Não tenho nada, mesmo nada, nem um ceitil, e por isso que não como ha dous dias.

—Não tem amigos nem parentes?

—Tenho uma filha casada.

—E o que faz o marido de sua filha?

—E' padeiro.

—Pois o marido de sua filha é padeiro, e você morre a fome? Official, vá buscar a padeira.

Passado um quarto de hora, o official voltou acompanhado por uma mulher nova, bonita e bem vestida.

E' filha desta pobre mulher? perguntou-lhe o juiz.

Sou sim, senhor.

—E porque a deixa andar neste estado de miseria?

—Isto não é commigo.

—Ingrata! gritou a mãe; não te lembras que fui eu que te criei?

—Lembra, mas o seu leite não lhe custava dinheiro, e nós se queremos pão compramos a farinha.

O Juiz, espantado com tal descaramento, disse ao escrivão que desse duas libras a pobre velha.

A PEDIDO

Sr. capitão do *Alabama*.—Talvez por mal informado publicou V. Ex. no expediente do 1.º do corrente um officio ao Illm. Sr. delegado de policia, em que me accusa de castigar uma menina que tenho em meu poder.

Tal informação é menos exacta, o que provarei, si preciso fôr, com as

familias da visinhança, e estou prompta apresental-a a qualquer authoridade que o exija.

Não sei mesmo a quem attribua tão cavillosa informação, a não ser algum despeitado gazeo, pelo facto de haver eu castigado a menina còm 4 bolos, em virtude de querer o tal tolo fazer della seu mercurio. Si com isto pequei muita gente tem feito o mesmo.

Umbellina Apolonia da Silva.

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Conheces um homem que se inculca de casado, mettido a valente, morador no campo do *Barbas-de-alhos?*

—Conheço um cujo que diz que é casado, mas eu que não como araras, julgo que elle é casado como os passaros, ou quadrupedes. Não sei se será este.

—E' elle mesmo.

—E si não fôr, pergunto ao *Theophilo*.

—Pois vae e dize-lhe que amanhan domingo, bebam menos, para não se *enfeitarem* tanto como nos anteriores, e depois na *chanfornada*, darem espectaculo, principiando por desentoadas modinhas, e acabando com barulhos e por offender e insultar a visinhança; do contrario serão encarregados da limpeza da cloaca do navio por tempo de um mez.

—Que foi isso, Sr. *Flora?*

Levou Vm. a sova de bocca calada!

Isto succede a quem gosta de andar por toda parte!

—Quem lhe contou? Foi um caso passado fora de horas!

—Ora, o que é que se faz neste mundo que não se vem a saber?

Vm. foi entrar naquella casa da rua *Torta*, e o sujeito do 1.º andar, julgando que era ladrão foi de cacete e deu-lhe uma boa coça, que o Sr. chupou calado, por que nada podia dizer.

—Por favor não diga mais nada que me envergonha, o eu não quero que minha conhecida da rua *Misericordiosa* saiba.

—Então bem, calemo-nos.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 5 DE OUTUBRO, A'S 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes da junta dos correctores.

Cambios—Subiram com a mudança do mez mariano. As beatas estão assanhadas.

Honra.—Sem valor.

Descontos.—*Merito*—Baixou a 50 por c. de abatimento.

Metaes.—Globulos de *liberdade*—50 quinta s despotismo.

Grammas de *intelligencia*—50 ga'ões de estu; idez.

Joaquim Malcreado, presidente.
Gatuno, secretario.

ESTABELECIMENTOS DE CREDITO.

Directores da presente semana.

Companhia do olho vivo.

Manuel Florence
Dionisio D. Ratão
Cadete Moreno.

Companhia dos chorões.

Joaquim Parteiro
Duarte.

Sociedade Mercurio.

Mané Bahia.
Rego.

Revista do mercado.

O mercado de Latronopolis durante as ultimas semanas tem andado em redemoinho.

Importantes transacções tem se feito em *contemporisações* e *afilhadagens*.

Tem havido avultadas compras e vendas de *delapidações*.

O governo comprou por conta propria numa *machina* vinda na barca *Eleição* da ilha de *Reacção* para montar na provincia.

Vendeu-se sobre agoa uma partida de *inercia* chegada na barca *Desmazelo* por conta da edilidade.

Fez-se uma transacção que não transpirou, nos espolios da galera naufragada *Calcolo*.

Em *especulações* realisaram-se algumas transacções, mais ou menos importantes.

Vendeu-se uma pequena partida de *illegalidades* vinda da ilha da Presidencia, na barca *Desmandos*.

Movimento do mercado.

Avareza.—Os depositos estão amontoados; sem embargo de que, os possuidores estão firmes á espera de melhores offertas.

Alegria.—A importada pelo vapor *Cruzeiro* que nos trouxe a noticia da tomada de Curuzú abarrotou o mercado, si bem que fosse de qualidade mediana.

Boa-fé—Enjoada.

Charidade.—Não ha.

Cynismo—Grande suprimento. O mercado está abarrotado.

Desordens.—Apezar de abastecido o mercado, tendem á subir o preço por que são cotadas.

Devassidão.—Abundancia.

Desmantellamentos.—Os que haviam foram arrematados para o theatro.

Escandalos.—A granel.

Enredos.—Firme.

Jesuitas.—A importação cresce. A noticia da boa sabida que esta mercadoria vae tendo entre nós, já chegou até a Polonia, donde consta breve chegará uma remessa.

Noivos.—Falta absoluta: o mercado acha-se inteiramente desprovido desta util mercadoria. Todos os correctores e zangões estão encarregados pelos papaes e mamães para comprarem della, mas não a encontram. Em outro tempo vinham do Porto regularmente alguns carregamentos, porém de certa epocha para cá a importação tem escaciado muito do estrangeiro, e alguns que apparecem são vindos de cabotagem.

Patriotismo.—Frouxo.

Probidade.—Escassez absoluta.

Sisudez.—A pouca que ha é cotada por alto preço.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTO.

Palhabote *Diabo Côxo* da cidade de S. *Carlos* em 2 de outubro:

2 caixotes massa fulminante, 10 frascos *linguarites*, 2 encerados pouca vergonha, 12 cabos detracção, 2 mangotes mordacidade, 12 embrulhos drogas falsificadas.

EXPORTAÇÃO.

DESPACHOS MARITIMOS EM 4 DE OUTUBRO.

Para fora de Latronopolis.

Passo da Patria: brigue *Oliveira*, capitão *David*; 25 mangotes *bestialidades*, 10 barris *namcro-salpreso*, 10 volumes preparativos para jogo, 5 caixas *ajuntamentos*, 1 embrulho, infracções de posturas, 2 encerados objectos para seduzir meninos e estudantes a faltarem suas obrigações.

GENEROS DESPACHADOS EM 4 DO OUTUBRO.

Para dentro de Latronopolis.

Ribeira do Trem, falucho *João*; Candido da Costa, 10 saccos *usura*, 4 barricas *usurpação*, 8 gigos *latrocinios*.

DESCARGAS POR BALDEAÇÃO.

Chalupa empenada,—*Zé Monturo*—corcovas e bigodes postiços.

Sumaca—*D. Bebé*—servilismo e baixeza.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADAS.

Concupiscentopolis—em 15, dias bergantin sensual S. *Caetano*; capitão Alberto de Souza; passageiros o repartidor Seixas; algumas moças seduzidas, 25 meninos filhos de diversas mães, orphãos abandonados por seu pae; carga 3 ancoreta *defloramentos*, 5 pipas *lascivia*, 12 arrobas *manhas*, 2122 arrateis *malvadez*.

SAHIDAS.

Ilha dos *Rochedos*—barca cynica Santo *Antonio*, capitão *Vianna*; passageiros um padre, um vaqueiro, e duas mocinhas; carga 2 pacotes *luxuria*; 4 volume, *bigamia*, 25 garrafões *atrocidades*, 8 cestos *malcreações*.

ANNUNCIOS.

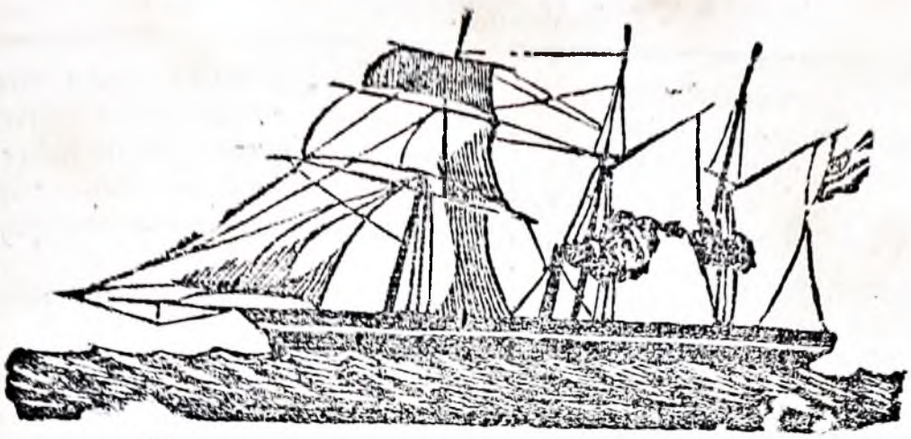
DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de ulho de 1866.

Quem quizer comprar uma escrava, crioula, de 20 annos incompletos, sabendo coser, cosinhar, dirija-se a casa de Pasto, defronte do Theatro Publico n. 93, para ajustar com sua senhora.

Na mesma casa, preciza-se alugar uma ama, para o serviço interno, e externo; prefere-se pessoa de edade.

Typ. de Marques, Aristides, Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 9 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 11.ª—N.º 110

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de outubro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que no armazem, intitulado Passo da Patria, ha um divertimento ou jogo denominado *bagatella*, á primeira vista innocente, porém que em suas consequencias pode trazer resultados funestos, em relação as pessoas que o frequentam, por serem em sua maioria estudantes e moços que não tem rendimento com que possam dar-se a tal *divertimento*, em que, consta, alguns tem dispendido quantias avultadas. A' vista de tão justas ponderações, uma vez que é licito esse systema de jogos, espera-se que S. S. mande chamar os proprietarios do dito estabelecimento, e os admoeste para que não admitta alli filhos familias, estudantes, e sim pessoas que estejam no caso de gastar o que é seu, sem prejuizo de seus paes ou terceiras pessoas.

«—Sr. fiscal, veja este pezo de 5 libras de carne, que tem uma de menos.

«—Não tenho nada com isso, minha obrigação é verificar o numero que está na porta do talho.

—Onde foi isso?

—No *Cimo* dos Sapateiros, no dia 3.

—Em que açougue foi comprada a carne?

—No do Borgia.

—Tem se dado boas cousinhas depois do tal Regulamento.

No Cabeça deram na especulação de substituir demadrugada a carne.

—Com que fim?

—Supponha que o talho n.º tanto tem carne a 160, e outro a 200 rs.; o de preço de 160 passa metade da carne para o de 200, para apurar o preço.

—Ah! já me disseram isso, mas foi desta forma:

Em S. Bento, ha cortadores que escolhem os melhores pezos e separam; quando alguem pede dalli, elles respondem que está vendido; depois que o talho de preço mais caro acaba a carne, elles passam o peso para alli e vendem-no pelo preço que este estava vendendo.

—E' uma especulação fraudulenta.

—E o povo é quem sofre; e por ahi já vê que de nada lhe aproveitou o Regulamento monstro.

—O que vale é que o superintendente ja demittiu um fiscal, e estou certo que elle não tolerará abusos que cheguem ao seu conhecimento.

—Explica-me uma cousa?

—Si souber, com muito gosto.

—Assim como ha no matadouro publico um medico para examinar que a carne do gado vaccum, que dalli sahe, seja san, afim de que a população não se veja exposta a comer carne doente, por que razão, pergunto eu, não se ha de proceder da mesma forma a respeito das carnes de porco e carneiro, as quaes se vendem sem o menor escrupulo ou exame?

—Homem, a sua lembrança não é má, mas quem lhe pode dar explicação é a camara municipal e o presidente da provincia.

A PEDIDO

—E' de um procedimento irregular a familia do escrivão leirão!

—Porque diz isto?

—Por que gostam de cuspir em quem está em seu quintal, ou a quem passa na rua.

—As moças querem casamento, e como não acham, adoptaram o proceder das *donzellas* do becco do Grelo.

—Parece-me que é isto!

—Boa especulação!.... Além de lucrativa pouco trabalhosa!

—Com quem falla?

—Com aquelle *empregado particular* capoeira, que jurou no processo Gravata.

—Que faz o moço?

—Como é empregado na eschola *d'arte de mitigar as doenças*, deu na industria de limpar os bolços dos *meninos aprendizes*.

—Então elle é do olho-vivo?

—Aproxima-se.

—Não entendo. Ou é ou não é.

—E' intermedio; meio olho-vivo, meio *capasorio*.

—Explique-se.

—Quer dizer que elle safa os cobres dos rapazes, sem dar *golpe* nos bolços.

—E' magico?

—Parece.

—Faz favor de acabar com isso?

—O sujeito faz todos os mezes na *eschola* uma rifa que nunca corre, e fica com os cobres, com a maior sem ceremonia; alguma vez quando corre, o objecto tirado é de valor insignificante e dez vezes menor ao que annunciou.

—E os rapazes para que compram bilhetes, si sabem que é esperteza?

—Pela dependencia em que estão para com o cujo, por causa das sahidas e entradas d'aula, cahem com os 2 bicos, para agradal-o. Embora depois andem pregando papeis pelas paredes, queixando-se ao director da especulação do tal magano.

—E o director que faz?

—Nada. O sujeito leva o abuso a rifar até *boiões* vazios e *pintos*.

—Mas o director deve saber que é escandalo o empregado de um estabecimento de ensino, usar de semelhante meio, para extorquir o dinheiro dos *aprendizes*.

—Mas como não ha de ser assim, si o homem além de andar de chapeu á *turina* para indicar valentia, é protegido do *Rodolpho?*

DEVANEIOS D'UM SOLDADO.

Ja no Passo da Patria se ostenta
Do Brasil o pendão vencedor;
Só o nosso marchar affugenta
Esse vil inimigo e traidor.

Não assusta a valentes soldados
D'um tyranno o poder illusorio:
Muito em breve seremos vingados,
Que por chefe nós temos Osorio.

Mas.... *aguarda, D. Lopes um raio*:
Que tambem não vae isto a matar:
Tu fugiste e te foste p'ra o matto
Nós t' iremos lá mesmo apanhar.

Tu atiras metralha sem conta,
E a pé firme resistem os nossos:
Uma peça das nossas aponta,
Vôa um carro e bastantes dos vossos!

Que lições que tu tens apanhado,
E inda assim tu nos queres gritar!
Deixa estar,—porqu' então mais salgado
O negocio te ha de custar.

Do Brasil o soldado não teme
Esperar, quando espera ganhar:
O almirante lá tem mão no leme,
E é Ozorio quem te ha de acabar.

Cava bem essa terra maldicta,
Forma fossos, trincheiras, e vallos,
Nossos toques aprende, e imita,
Acabrunha os teus pobres vassallos;

Quando fôr da vingança chegado
O extremo e solemne momento,
Ficará teu trabalho burlado,
Sem esp'rança de ter salvamento.

Abundante ração, vestuario,
Tratamento bom tudo nós temos,
Com os teus, se observa o contrario;
Causa dó quando ás vezes os vemos.

Uns bonets que parecem tigellas,
Calças rotas,—camisa encarnada.
Pés descalços —com finas canellas,
Sem barriga,—a feição esmirrada.

Eis o typo dos grandes soldados
A' quem mandas, cruel, p'ra o combate:
Resistir como podem, coitados,
Ao dos nossos terrivel embate?

Quando Deus em seu alto destino
Um tyranno, qual és, quer perder,
Da razão o despoja, e do tino;
Presumido e vaidoso o faz ser.

Presumpção e vaidade te matam,
Que só ellas teus actos dictaram;
Tuas forças não mais desacatam
A visinhos que não te insultaram.

Ai! D. Lopes, que em breve termina
Teu reinado o poder transitorio:
Protecção por nós temos Divina;
Viva a patria, o monarcha, e Ozorio.

Tuyuty, 28 de junho de 1866.

(Extr.)

—Justiça do ceu!... que a da terra não me valle.

—O que é isso senhora, o que tem Vm?

—Quem é pobre nesta terra valle menos que um cachorro; a lei para o fraco é chimera, e o direito nullidade.

—Que motivos tem Vm. para exprimir-se tão amargamente a respeito de seu paiz?

—Que motivos? Pois não repara como estou arranhada, com as faces maltratadas?

Eu uma pobre e inofensiva mulher, sou ignominiosamente offendida, chicoteada; e porque sou pobre, fraca e desamparada, não encontro justiça onde devia esperal-a, e meu aggressor ufana-se de tão aviltante afronta.

—Quem é esse desalmado espadanchin?

—O filho de um *bemaventurado* da epocha.

—Já que por *condescendencias* mal entendidas, a Sra. não encontra reparação a tão grave offensa, recorra ao chefe de policia, que estou certo, lhe attenderá, pois não estamos nos sertões do *Sento-Sé*.

—Eu sei, meu Sr.! O melhor é entregar a *Nossa Senhora da Penha*, unico juiz para quem não tem valor as contemplações e conveniencias mundanas.

—O Sr. Manuel Norberto d'Oliveira Luttgardes, é do numero dos *felizes*.

—No mesmo dia em que pediu demissão de professor do Arraial dos Affligidos, foi nomeado escripturario do matadouro publico.

Officio ao commandante do *Alabama* afim de que mande que o seu muxingueiro venha á terra, prenda e conduza para seu bordo, um velho cuja monomania deu-lhe para tomar perigosos excitantes com risco de vida e servir de testa de ferro de Villamansinha, afim de que, no primeiro vapor que seguir para o Rio de Janeiro, seja o referido velho conduzido, por conta d'este governo, para o hospicio de Pedro 2.º para tratar-se, evitando assim que o infeliz continúe a delapidar sua fortuna por insinuações perfidas que vem da referida Villamansinha em satisfação unicamente de invejosos e calumniadores, que, abusando do estado lamentavel do alienação mental do mesmo velho, tanto o tem compromettido. Outro sim esto governo tem por conveniente recommendar lhe que, uma vez verificada a prizão do mencionado velho, não passem pela casa da Christa de Gallo afim de não tornar-se furioso, como tem acontecido; levando-o com todo o cuidado e zelo até o porão do navio, sendo, porém, com elle *clemente* até que administram-lhe os banhos de *caldas* para o que já este governo expediu as convenientes ordens.

Cumpre igualmente que V. Ex. mande que o gajeiro do prôa, acompanhado do grumete, prendam tambem e conduzam á seu bordo a um bobo que anda montado n'uma egoa, conservando-o nos ferros até que, em occasião opportuna, seja deportado para a Ilha dos traidores, para o Cabo Verde, visto como, por um phenomeno inexplicavel, refuga a todas as cruzes, especialmente a que existe na estrada d'Aldeia dos Indios.

Asseguro a V. S. a minha estima e consideração.

Palacio do governo de Latronopolis 14 de setembro de 1866.

Vice-leão.

Sr. capitão commandante da corveta á vapor *Alabama*.

MOTTE.

O dinheiro mal ganhado
Por força ha de ter mau fim.

GLOSA.

E' licor envenenado,
E' peior que lama e cisco,
Vale menos que um marisco
O dinheiro mal ganhado.
Quem o tem vive damnado,
Faz figura de Caim;
Fuja bem longe de mim
Tal dinheiro de conquista,
Que o ladrão contrabandista
Por força ha de ter mau fim.

VARIEDADE.

Revista social.

Crioulas.—Andam em torvelinho para a festa da Piedade que é no dia 21. A rapariga prepara-se para a festa do Rosario de João Pereira, e os amadores da fructa andam bem *apertados*. As costureiras não tem mãos a medir com o preparo das toalhinhas.

O Ignacio ourives, anda n'uma dobadoura com a promptificação de rosarios e pulseiras. Já não faz da tenda á noite casa de palestra da vida alheia.

A Bernarda fez a encommenda de um rosario cujas contas são da grossura de nozes.

A Henriqueta olho de vidro espera um par de pulseiras de conchinhas engrazadas em ouro mas iço que lhe cheguem ás curvas dos braços.

Em toalhinhas consta que de mais aprurado gosto serão apresentadas pela Afra dos Santos e Bernardina do Balbino.

A Henriqueta Crioulo pretende apresentar uma rica camisa aberta pela imperatriz do Haity, e que figurou ha pouco na exposição do Porto.

No dia da festa de S. Francisco, ás 5 horas da manhan já a porta da egreja estava atupetada. E' para tomar logar diziam ellas.

Chuvas.—O mez passado cahiram bastantes, De s louvado, a ponto de amolecerem até a estrada de ferro. Bem diz o adagio—agua molle em pedra dura tanto dá que até fura.

Engeitados.—Os da fortuna são em maior numero que os da roda. Não obstante alli ha muitos. Um doudo que conhecemos não comprehende isto. Diz elle, que as moças solteiras não tem filhos; as casadas criam os seus, as perdidas não precisam occultar os que dão á luz, como é que alli ha tanta criança?

São raciocinios de doudo.

Estado sanitario.—O actual só é lisongeiro para os medicos, boticarios e emprezarios de carros funebres, que estão todos fazendo saffra.

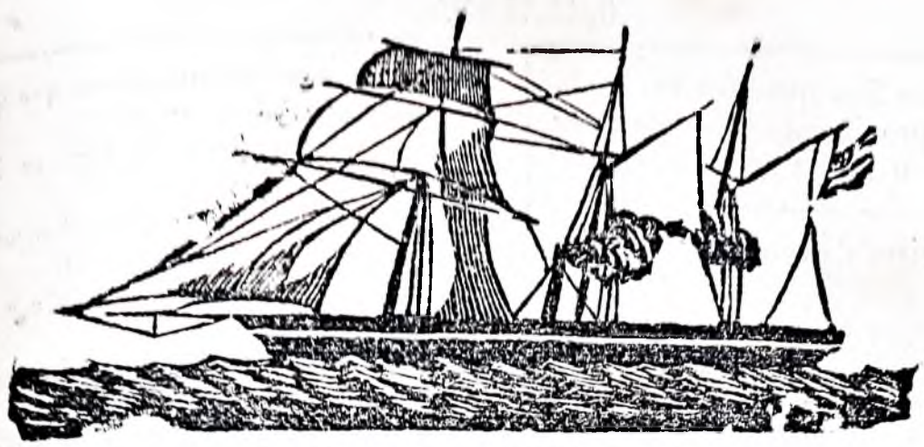
Solteirões.—Continúa abundante esta praga de zangões da vida... Só vêmos um remedio para extinguil-a: é impôr-se-lhe um tributo de captação.

ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Cahia 26 de julho de 1866.

Typ. de Marques, Aristides, Igrapiúna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 11 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 12.ª—N.º 111

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 cries, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de outubro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. delegado de policia, levando ao seu conhecimento o tyrannico procedimeto da crioula Rufina, moradora em Santo Antonio da Mouraria n.º 51, para com um filho menor de nome Victor, a quem castiga severa e desabridamente noite e dia, o que se torna um incommodo para a visinhança; razão porque pede-se a S. S. providencias.

—Julguei que agora podesse comer carne de melhor qualidade, com a reforma que deram aos açougues; enganei-me. Nunca veiu para casa carne mais mal pezada, e peor.

—Pois eu não; depois da nova ordem de cousas tenho tido sempre carne excellente, e muito bem pezada.

—Ensine-me como, que quero me aproveitar da licção.

—Meu amigo, saude é geito; quem é tollo anda magro.

—Isso não vem ao caso; diga-me si é por meio de alguma descoberta que conseguiu ter todos os dias carne bem pezada.

—Não; apenas gratifico o cortador com dous vintens em cada libra; e elle por gratidão, ha dias em que manda-me pezos de carne sem um osso!....

—Está bom, vou ver si me arranjo tambem com algum.

—Os empregados das companhias de vapores tem ordenança?

—Não me consta.

—Pergunto isso porque as vezes encontro um de soldado atraz carregando embrulhos, não sei si isso é á moda *bahiana*.

—Quer que lhe falle *franco?* Esta nossa terra é cheia destas cousas. Pode ser que o homem seja parente de algum militar, commandante, etc., e por isso ande de soldado na trazeira.

—E' celebre o Regulamento do matadouro!

—Ha tão poucos dias que está em execução, e tem ja passado por cincoenta mil transformações!

Cada dia vem no *Diario* uma alteração!

Benza Deus a cabeça que o confeccionou!

—São melhoramentos que a pratica vae demonstrando serem necessarios.

—Eu creio que por mais remendos e baloques que lhe deitem nunca cor-

responderá aos fins que teve em vista a assemblea provincial—pau que torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

—Os boleeiros da companhia de Vehiculos ou andam desatinados, ou são muito inexperientes.

Houve um enterro na Preguiça, e um dos taes sujeitos não sabendo dirigir os animaes deixou-os desembestar e embarafustar pelo becco do Peixe; uma pobre preta que estava sentada mal teve tempo de levantar-se, e assim mesmo ficou com o pé esmagado!

E o facto passou desapercebido!

—Que gritos são aquelles na Estrada Nova? Parece que estão matando alguem!

—E' um *campeão* que de faca em punho corrige a sua Dulcinéa que lhe faltou a fé.

—Pois a estas horas? meia hora depois de meia noite!...

—E apezar dos gritos não apparece um soldado!

—E note que são horas em que se rendem as patrulhas, e alli é o caminho habitual dellas.

—Quem sabe si hoje houve patrulhas? Ha falta de soldados.

—Vou mandar perguntar ao commandante si na noite de 7, a policia não rondou.

VARIEDADE.

A pobreza.

Na epocha actual a pobreza é um delicto.

Nascer pobre quasi que equivale a nascer delinquente.

Nascer rico e ficar pobre é uma desgraça que parece um crime.

A pobreza é tão feia que todos lhe voltam as costas.

O pobre é como o leproso, de quem ninguem se quer aproximar com medo de contagiar-se.

Um mendigo é um ente proscrito.

Só pelo facto de ser, é inferior ao seu semelhante.

Ninguem o trata como creatura que tem cabeça para pensar, olhos para chorar, coração para sentir.

E' pouco mais que um insecto que qualquer pode pisar com os pés

Até os cães antipatisam com os indigentes!

E por isso dizer-se mendigo, é o mesmo que dizer-se ladrão, cousa ruim.

Dar esmola é alimentar o vicio e a preguiça.

Compadecer-se do indigente é fomentar a perversão.

A capa da pobreza encobre ás vezes falsidade e malicia, porém se culpamos o pobre, culpemos tambem a sociedade que deixando a pobreza em abandono, permitte que ella se entregue ao commercio da infamia.

Existem mil associações philantropicas e almas verdadeiramente charitativas: porém tudo isto não remedeia o mal sinão parcialmente, e é somente para contrabalançar as tendencias da epocha.

Presentemente só queremos o que produz alguma cousa.

Busca-se o valor e não homem.

Aprecia-se o producto e não a pessoa.

E um mendigo nada vale.

E como o tempo vale dinheiro, «*time is money,*» o mendigo que detém o mercador no seu caminho, o estorva, e arrebata-lhe um instante que é um pedaço de ouro.

Assim por cada mão que dá uma esmola, ha cem linguas que respondem um insulto.

Por cada coração que se compadece da desgraça, ha cem cabeças que enchergam impostura na supplica do indigente.

Da civilisação se pode dizer o mesmo que escreveram sobre a sepultura de um usurario:

«Fez estylo, e hospitaes para a pobreza, porém tambem fez os pobres.»

O pobre que fôr honrado, ou furta para comer ou morre de fome.

A fome não sabe o que é virtude.

Hontem a miseria.

Hoje o pão furtado.

Amanhan a prisão.

Tal é a historia do mendigo.

A PEDIDO

—O' tu, gallego, passa para aqui.

—Um xudito reberente do xinhori capitão do *Alavama*.

—Dispenso a cortezia. São manhas de besta quando peiada, que não pode dar couces.

Então andas aqui em Latronopolis muito insolente a pimpar de ricasso, e a maltractar os pobres operarios que cahem debaixo de tuas ordens?

—Xinhori capitão, esta terra aqui axim é cumpôsta de inbejosos; não pode ca um homem, adquirir alguma cousa com o suor de seu travalho, que não se beja logo n'uma roda biba de mal-qrenças.

—E tens a arrogancia de dizeres em minha presença, que esta terra onde fostes gente é composta de invejosos?

—Estou a dizeri a berdade; são inbejosos e preguiçosos; não querem travalhari, não querem votar um cesto na caveça e carregari, gostam mais de andarem atrabancados com um biolão a enxeri a rua de pernas, e quando vispam um homem a possuiri alguma cousita, a inbeja lhe começa a morderi os calcanhares, e entram a maldizeri da sorte.

—E por ventura infame mariola, foi carregando barro que em poucos annos adquiriste uma fortuna problematica?

—A minha fortuna ganhei-a eu de sociedade com o *Vurnardo*, feitor do Domingos pequenito.

—Bigarim dos infernos, queres me illudir? E' possivel que um servente de obras enriqueça da meia noite para o dia, sem usar de traficancias?

—Xinhori capitão, o homem tinha onde si *metteri a mão* a bontade, e eu aconselhado pelo *Dias*, não fui molle, tratei de me armari.

—E roubastes a fartar, com uma gana tal, que em meia duzia de annos ficastes repleto!

—Não rouvei; arranjei-me assim por maneiras,sem dar na bista, como fazem os homens amantes de seu int'resse.

—Roubastes, ladravaz, e continúas ainda a roubar.

—Isso não,xinhori; hoje sou um homem tão limpo como o fundo de um tanque.

—E por isso andas a saquear o salario dos pobres operarios que trabalham nas tuas obras.

—Não ha tal, sou pontuali nos meus pagamen'os; nos savados não fico a deberi a nenhum.

—E por que ajustas com elles por um preço e pagas-lhes outro, além de os maltractar com palavras desairosas?

—Xinhori capitão, eu bem disse a bossa exxcilencia que era inbeja que tinham de meu cavedal.

—Traficante, não tens praticado esse latrocinio com os pobres *levantadores de paredes*, e *trabalhadores de madeira* na obra da *Alta dos sapateiros?*

—Isso é o *Mureira* que é encarregado della, não sou eu.

—Eu te direi, si és tu ou não.

(*Continúa.*)

—Capitão, não se pode ter confiança nos homens da epocha.

—Que novidade é esta?

—Ha bem pouco tempo um velho filho de Hypocrates abusou da confiança nelle depositada para levar a deshonra ao seio de uma familia, embora depois houvesse reparação.

—Agora, outro da mesma seita, que parece vindo de terras de *Mouro*, e que mora n'uma casa feita d'uma *taboa grande*, vae soccorrer a uma infeliz, e é nessa occasião que leva o arrojo de satisfazer seus torpes intentos, com a mais requintada hypocrisia, abusando assim da confiança nelle depositada por seu amigo.

—Com effeito é um infame!

—Pois o facto é serio, e não quero mais comental-o.

—Em quanto os capoeiras andam á noite a fazer desordens, o recrutamento prosegue sobre os filhos unicos de viuvas, menores e escravos.

Vá vendo por aqui:

Manuel Francisco d'Assumpção, pedindo a baixa de seu filho menor João de Deus, que fôra recrutado.

Antonia Joaquina da Solidade Torres, pedindo a soltura de seu escravo crioulo de nome Justino, que fôra recrutado *e dado como contingente da guarda nacional.*

D. Abbade geral do S. Bento, pedindo a entrega do pardo Benjamim, escravo do referido mosteiro, que fôra recrutado.

Manuel José de Souza, pedindo a entrega de seu filho menor de nome Liberato José de Souza.

Commendador Pedroso d'Albuquerque, pedindo a soltura de seu escravo crioulo de nome Jeremias, que fôra recrutado.

Henriqueta Maria da Conceição, pedindo a soltura de sua cria de nome João de Lima Rocha.

Manuel da Cruz Jorge Gomes, casado, com 4 filhos, recrutado para a armada, pedindo ser posto em liberdade.

Maria Joanna Dias, reclamando a soltura de seu filho Lino de Cerqueira Dias, menor de *nove annos*.

Maria José Alves; pedindo a entrega de seu escravo, que se acha com praça no batalhão de voluntarios Pedro II, de nome João Baptista, indo para o mesmo corpo como contingente da guarda nacional, e preso nesta cidade.

POESIA

feita por um afilhado a seu padrinho no dia de seu proprio casamento.

A minha patente é de ajudante;
O meu posto é Mané,
Quê assentado quê em pé
Estou vendo meu padrinho Caribé.

Lá estão batendo na porta,
Helena vae ver quem é,
Quê assentado quê em pé
Estou vendo meu padrinho Caribé.

Feira, 1866.

(Continuação.)

—Sr. *Madeira da Suecia*, de novo volvo ao Sr..

—Ainda mais? Não basta a esfrega que já me deu?

—E porque não, si o Sr. continúa incorregivel em seu procedimento?

—Capitão, não dê ouvidos a accusações injustas e infundadas, são os meus desafectos que calumniam-me.

—Injusta! Uma cousa notoria!

Pois ha em Latronopolis quem ignore que o Sr. por causa de uma negra pervertida e debochada, expulsou para fora de casa seus filhos, sem um motivo plausivel?

Que no tempo em que sua virtuosa e excellente mulher era viva, foi victima de despresos e grosseirias por causa dessa infame Afra, a qual authorisada pela ousadia que o Sr. lhe dava, tinha a insolencia de ir insultar a pobre senhora em sua casa, que os desgostos e dissabores, occasionados por esse tratamento pouco airoso que o Sr. lhe dava, concorreram para sua morte?

E o Sr., sem o menor pejo, pouco mais de dous annos depois do passamento da exemplar senhora, colloca no leito conjugal essa mulher dissoluta e perdida! E como remate de iniquidade enxota de sua casa, a seus filhos e filhas, como se tange um cão coberto de lepra! Isso é o cumulo da mais cynica perversidade!

—Capitão, quem tem dor é que geme. Cada um sabe de si e Deus de todos. Eu sei os motivos que me obrigaram a dar este passo.

—Não foi mais do que o seu espirito avido de dinheiro. Como a negrinha tem o uso-fructo das casinhas que lhe deixou o velho padre, o Sr. visou que d'ahi podia ter algum resultado, induziu-a a ir para sua casa; e como ella impoz que para lá não iria, estando suas filhas, o Sr. rebaixou se a humilhante condição que ella lhe ditava; despediu-as de casa sem se lhe importar que destino iam ellas ter.

Muito poder tem o dinheiro sobre a naturesa de certos entes, meu Deus!

—Não, Sr. capitão, eu sou um homem charitativo....

—Prova a que teve com suas filhas, virgens de conducta irreprehensivel.

—....e desinteressado....

—E que o diga os feitos praticados naquella celebre viagem á Chapada e aquella metamorphose instantanea de fortuna.

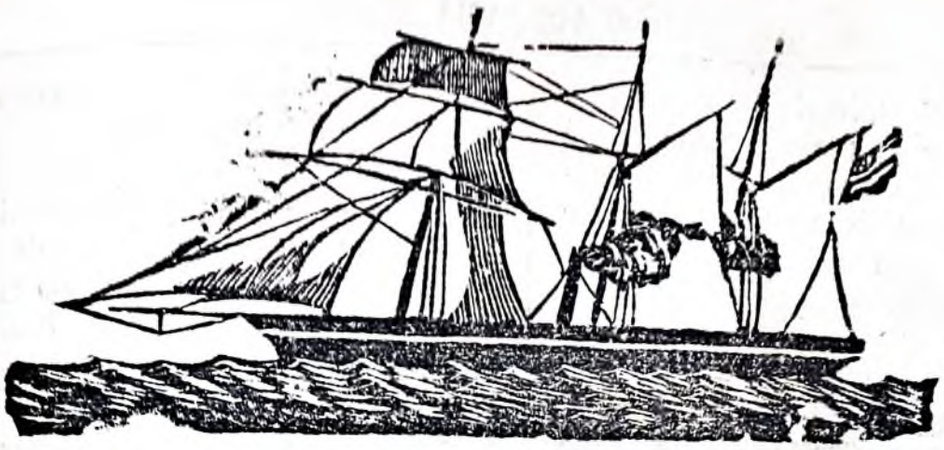
—Jesus! Sabe disso?.... Quem lhe contou?.....

—Si sei disso? Quer ouvir? Ouça:

(*Continua.*)

ANNUNCIOS.

Uma pessoa habilitada propõe-se a ensinar desenho em casas particulares; quem pretender dirija-se a esta typ.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 13 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 12.ª—N.º 112

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 eries, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de outubro de 1866.

Officio a camara municipal, pedindo-lhe que lance um olhar benigno para o becco do Padre Sá que se acha em repugnante e asqueroso estado: um formidavel cano que sahe de um muro, alaga todo becco e vae desaguar na ladeira do Alvo, produzindo uma fedentina impossivel de supportar; a Ilma. comprehende o damno que deve causar a saude tal estado de porcaria, em um verão rigoroso, como se apresenta o actual, e por isso deve dar um puxo e mandar remover aquelle foco de infecção, o que pode ser feito até a custa do proprietario do mencionado muro.

—Oh! caso raro e digno de memoria!

—Venha manso! Nada de espalhafatos.

—O caso não é para menos; estou estupefacto, maravilhado, boqui-aberto!

—De que, meu ramalhudo?

—De ver as modificações que apresenta a natureza.

—Viu algum boi voar?

—Pouco menos; um cordeiro morando na cova de um *leão*.

—Ora essa! Si Vm. passasse na noite de 10 pela Praça e olhasse para Palacio, havia de ver tambem um gordo e soberbo carneiro na sala presidencial.

—Na noite de 10 andaram por esta cidade dous individuos que se diziam bebados, a fazerem barulhos e provocarem desordens. Um delles consta chamar-se Sampaio; anda pela cidade baixa, na industria de escamotagens, e as vezes vende charutos. O outro parecia estrangeiro.

Entraram na pastellaria do Sr. Marcolino, quebraram garrafas, copos, etc. N'uma biboca Atraz da Sé, quebraram chicaras, pratos, copos, além de quererem dar no dono da casa; foram ao botequim do João Gualberto e fizeram lá o diabo a quatro, e em muitas outras partes.

Na rua deram socos e empurrões em muitas pessoas.

—E' preciso o Sr. Dr. chefe de policia tomar contas a esses tropiantes.

A PEDIDO

—Que mamata! que mamata!

Bem diz Vm. que este mundo é para quem é!

Vivam os patoleiros!

—O homem quiz mostrar que não é só á sua familia que elle trata de arranjar. Tambem dispensa suas fatias e bem grossas com a gente do peito.

—E' verdade; ao passo que não ha vasa em que não encaixe um filhote, elle vae se lembrando dos amigos especie de caracteres de cera.

—Agora o que resta é lembrar ao povo que as eleições batem á porta, o que elle deve votar para deputado no futuro candidato pelo 1.º circulo, que assim tão limpamente lhe acaba de sugar uma boa parte de suor.

—Viu um *agradecimento* ao presidente da provincia, no *Diario* de terça feira, assignado por um *guarda nacional*?

—Ha gente que quer por força que os mais comam araras! Ou então julgam que estamos na Costa de Africa.

—O misterioso *guarda nacional* nem declara o nome, nem qual o acto de justiça que lhe faz a alma regurgitar de satisfação.

—Eu acho que o Sr. Leão Velloso, a pensar bem, devia antes dispensar aquelle vivo epigramma á sua administração.

—Eu já ouvi dizer que o guarda nacional é um tal Bebé, que acaba de encaixar um irmão *intelinamente* em certa *rasca*.

—Pela virgem *Santa Clara*! Si eu tivesse filhas não as mandava educar naquelle collegio.

—Então porque?

—Nem por Deus Padre! Queria lá minhas filhas desmoralisadas e pervertidas. Ha alli um rapazola de seus 10 para 12 annos, que é o diabo em pelle; *pinta* com as meninas e anda sempre aos *tombos* com ellas pelos corredores.

—E a professora?

—A professora se importa lá; tomara ella tempo para andar em rusga com o marido, que é outro que tal, quando vem da rua *esquentado*. Si o Sr. ouvir a maneira porque se atassalham de lingoa, fica pasmado; faça idea por ahi da moralidade de uma casa de educação nestas condições.

Deixe lhe contar um caso:

Ha dias foi o *visitador* fiscalisar o collegio, e a professora teve de apresentar-lhe os livros de que usa em sua aula, para elle examinal-os. Disto succedeu que elle ficasse mais conchegado a professora; entretanto nessa occasião entrou o marido um pouco na *pimenta*. Em quanto o *fiscal* alli esteve nada disse; mas quando este sahiu, puchou uma faca para sua mulher, dirigindo-lhe os termos mais injuriosos —«*esta*, tú não dizes que odeias a mulato, e como vim achar aquelle bode recostado sobre teu hombro? hoje mato-te, f.... b.... »

As meninas ficaram alvoraçadas e amedrontadas com o barulho infernal; houve cadeiras quebradas, ourinós entornados, mesas viradas e etc.

—Por isso o *Jacinto* me contou que quando passa de manhan com o *Lopes*, vê elle na janella nú por dentro da vidraça.

—Lá isso tem desculpa, é demanhan, está á vontade em sua casa.

—Com tudo é feio n'uma casa do ensino, principalmente para o sexo feminino.

—Si eu soubesse que o Sr. chefe do ensino dava providencias, dirigia-me a elle.

—E porque não ha de dar?

Ao menos mandando retirar dalli o tal menino estoporado.

—Ora vamos a ver.

—Capitão, os dous ladrões dos quaes lhe fallei no ante-penultimo numero do seu jornal, querem de facto dar principio ao mais horroroso roubo, que se tem feito nesta terra.

—Quem são elles? são tantos que só pelo nome é que posso conhecel-os.

—O capitão Antonio Pedra-osso, e o seu comparsa, o José que mora no Duarte, primo do Ferreira.

—Ah! agora me lembro desses dous safados já tão conhecidos pelas infamias que tem practicado.

—Todas as infamias que elles tem

commettido umas sobre as outras não equivalem a esta.

—Então, conte logo isso, pois desejo mandar o muxingueiro dar duas tacadas de couro crú na cara despejada daquelles dous miseraveis.

—Fica para o outro numero, capitão, porque a historia é grande, e eu tenho alem disso de expor ao publico a vida destes dous salteadores d'algibeira alheia eguaes em tudo á Roberto e Magarão, celebres ladrões hespanhoes.

—Como se invade a casa de um cidadão a noite!

—Onde foi isso?

—Na ladeira do *Carpinteiro do Novo Testamento*.

Ivadem a casa, e arrastam de dentro o dono! Como vae a garantia individual em nossa terra!

—Que motivo tiveram para tamanha violencia?

—O homem era mal visto por alguem, que assentou por meio do actual recrutamento vingar-se. O homem é guarda nacional em serviço, e estava dispensado por alguns dias, em quanto realisava os seus disposorios.

A pesar disso, viu sua casa á noite cercada, vasculhada, remexida e elle arrancado della como malfeitor.

—Vinganças pequeninas! Por isso eu não gosto de morar nessas freguezias de *bofes* e *mamões*.

MOTTE.

Reinos, thronos, não igualam,
A' posse d'um coração.

GLOSA.

Muitos a vida exhallam
Accumulando riqueza,
A uma feliz pobreza
Reinos, thronos, não igualam,
Outros a existencia rallam
Por possuir um brazão;
Querem só o galardão
De possuir prata e ouro,
Eu julgo maior thezouro
A' posse d'um coração.

M. J.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 11 DE OUTUBRO, A'S 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes da junta dos correctores.

Cambios.

Dinheiro—Grande difficuldade. Apenas o banco das *Transacções ignobeis* empresta algum a curtos prazos.

O cambio sobre o milesimo de *honradez* fluctua entre duas e tres onças de *depravação*.

Saques.

Sobre a Praça do Forum fizeram-se alguns saques de *suborno* e *corrupção*.

Fretes.

Fretou-se o falucho *Meloso* para conduzir uma partida de *peita* e 4:000$ rs. em ouro da cidade de S. *Calmon* ao porto de *Lucras*.

Joaquim Malcreado, presidente.
Gatuno, secretario.

ESTABELECIMENTOS DE CREDITO.

Directores da presente semana.

Companhia de usurarios.

Thomaz Perné.
Henriques de Mello.

Traficancias forenses.

Silva *Go-arte*.
Malacachias.

Revista do mercado.

Na semana que finda, o movimento commercial de nossa praça foi animadissimo.

Foi fertilissima de importantes transacções; e no periodo della realisaram-se no mercado compras e vendas de algum valor.

A de maior monta entretanto, foi a venda do carregamento de *nepotismo*, vindo de *Leão* no brigue *Castro*; por conta dos consignatarios *Rebello e Velloso*. Transpiraram os preços porque foi vendida a carga entre 9:000$ a 10:000$ rs.

Retalhou-se para consummo a carga de *caçada humana* vinda na barca *Terror*.

O mercado de *coherencia* esteve bastante frouxo e desanimado. Em *torpezas* fez-se alguma cousa apezar de serem avultadas as existencias em primeira mão.

Foi vendido em leilão por achar-se alguma cousa avariado o carregamento de *abuso de confiança*, vindo no brigue-escuna *Mouro* procedente de *Taboas grandes*.

Foi comprada sobre agua com destino a reexportação para a *Conceição* a carga de *pegodes* vinda na escuna *Destacamento*.

Ainda não transpirou por quanto foi

vendido o carregamento de *calçamento* da rua *Estrada Velha* vindo da cidade da Valla. Ha quem assevere porém que foi no preço de 12:000$ rs.

Espera-se a cada momento a escuna *Guarda Nacional* que deve trazer algumas partidas de *remoções*.

Exporta se para a côrte alguns volumes de *insinuações* no patacho *Demissão*.

Realisou-se a transacção, por intermedio do corrector Abutre, de um lote de *atrevimentos* e *malcreações* da barca *Rocha* vinda de *Vianna* á consignação de uma sociedade de *pretinhos*.

Em *esbanjamentos* fizeram-se largas transacções.

Movimento do mercado.

Adulação.—Acha consumidores a toda hora; a procura é excessiva.

Bebedeiras.—Tem apparecido algumas no mercado. A existencia é sofrivel.

Corrupção.—Os depositos estão supridissimos. Retalhou-se para o consummo o carregamento da Charrua *Presidente*.

Candura.—Os compradores nem si quer apparecem.

Filhotismo.—Ha abundancia, porém é todo comprado pelo governo para suprimento das actuaes circunstancias.

O carregamento da barca *Depredação* está depositado no gabinete *secretario* do governador.

Independencia.—Desconhecido no mercado.

Liberdade.—A pouca que ha no mercado em breve terá desapparecido.

Mentira.—Avultadas existencias, mandou-se expor á venda uma partida por conta official vinda do Paraguay na barca *Noticias*.

Paciencia.—A vinda pelo patacho sofredor *Povo* está a esgotar-se.

Pudor.—Nenhum. Falta absoluta; assim como nenhuma procura.

Simplicidade.—A que ha é falsificada.

Violencia.—Entrou um carregamento na barca *Subdelegado*, vindo do porto do *Bofe* com escala por *S. José* que está em ser.

Venalidade.—Cada dia entram novos carregamentos.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTO.

Brigue *Barretto*, capitão *Pinto*, vindo da ilha de S. *João* em.... de outubro:

400 saccos estupidez, 300 mangotes bestealidades, 500 mangotes pouca vergonha, 1 caixa contendo titulos de fidalguia de certo escrivão leirão, com direcção ao mór da municipalidade para registral-os; 4 gaiolas curios, ou curios, 500 saccos depravação, 2 ratoeiras de pegar jovens para casamentos, 3 volumes pertences de um sargento de policia, 100 caixõesinhos insulto e insolencia, para uso da familia do capitão e 1 caixinha contendo uma carta de alforria.

EXPORTAÇÃO.

DESPACHOS MARITIMOS A 10.

Para dentro de Latronopolis.

Porto dos Tenebrosos.—barcaca *Zé-Monturo*, com 25 rèdes, 50 *tarrafas*, 50 *monzuás*, e 60 *gererés* para pesca de pitús.

Flot de ville—barca *Hotel*, com 12 arrateis *gritaria*, 8 rolos algazarra.

GENEROS DESPACHADOS EM 10 DE OUTUBRO.

Para dentro de Latronopolis.

Villa da Empalmação bergantin *Feliz*; *Berto da Sila*, 10 paneiros *torpezas*, 20 cunhetes *infamias*, 11 quartolas gatunices, 3 mangotes estupro; J da Horta 1 cofre arrombado.

MOVIMENTO DO PORTO.

SAHIDAS.

Oliveira,—paquete frascario *S. Antonio*, capitão Barros; passag. Chicotada; carga 2 peças traficancias, 10 almudes estrategias, 15 rolos quebras fraudulentas, 12 centos lascivia.

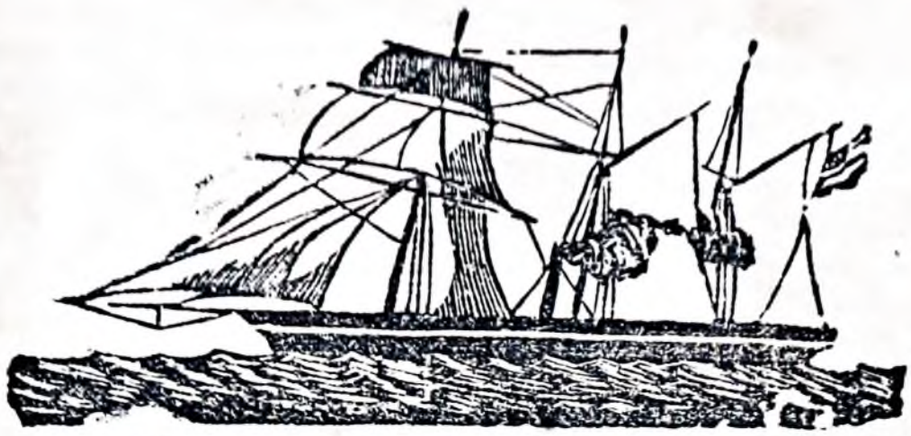
ANNUNCIOS.

Pergunta-se a quem competir, si uma burlesca authoridade policial, pode de sua alta recreação, prender a qualquer pessoa por meras informações e estas ministradas por uma mulher devassa e em perfeito estado de embriaguez; e si tambem pode mandar espancar por seus esbirras ao preso, levando-o em um estado completo de nudez pelas ruas?

O Jure-ema.

A 8$0000 o saco de fobá de milho com 9/4 vende-se á Baixa de Sapateiros rua nº. 9.

Uma pessoa habilitada propõe-se a ensinar desenho em casas particulares; quem pretender dirija-se a esta typ.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 16 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 12.ª—N.º 113

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordi n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por a ries, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de outubro de 1866.

Não houve expediente.

—A nossa camara municipal, por 10$ rs., concede licença aos padeiros para roubar escandalosamente ao povo.

—Deixe-se de historias, isso é impossivel.

—E' o que lhe affirmo, e eu só affirmo quando vejo.

—Gracejos!

—Estou a lhe fallar serio, e o Sr. a tomar por graça!

Os fiscaes pegam um vendedor de pão, acham o pezo notavelmente alterado, o roubo é evidentemente crasso, e por tanto é muletado o sujeito; este paga os 10$ rs. da mulcta, e segue a vender ao povo, um genero que não tem o pezo legal, e que acaba de ser condemnado.

—E que conclue Vm. dahi?

—Que não é o bem estar e commodidade da população, que induz a camara a impor mulctas aos infractores, ladrões, e damnificadores da saude do povo, e sim para arranjar cobres com que encha seu cofre, o qual da manoira que encho, esvasia, sem que o povo saiba em que.

—E eu digo que anima a gana dos especuladores. Porque o sujeito, sabendo que pagando a mulcta pode a sua vontade vender pão com o pezo roubado, quando fabrica este, dá logo o desconte do que tem de pagar de multa, e o que lhe ha de ficar de lucro. E depois nem sempre os fiscaes os encontrarão para mulctar.

Porém eu creio que ha engano de sua parte, não é possivel que a camara consinta em tal extorsão.

—Já lhe disse que só affirmo o que vejo. Ainda no dia 13, vi o fiscal Castilho mulctar um preto da padaria Saboeiro, cujo pezo de pão era uma verdadeira ladroeira, e dahi a 5 minutos, elle vendia o mesmo pão.

—Pois então graças a nossa edilidade que tão zelosa se mostra pelos interesses de seus municipes.

—Faz favor de me dizer quantos matadouros ha em Latronopolis?

—Um, é sabido.

—Pois eu garanto-lhe que não.

—O Sr. dirá quantos são.

—Ha um publico e mais de um particular.

—Está que não sabia.

—Pois fique sabendo. Nas Barrocas pequenas ha um sitio chamado Curralinho; ahi mata-se constantemente gado que é conduzido demadrugada e ex-

posto a venda n'um logar onde não *passam bichos peçohentos*.

—O Sr. descobre cousas!

—Isso contou-me o *Antonio* filho do *José*, que tambem lhe dissera o *Oliveira*, homem entendido nestas cousas.

—Pode ser; mas a difficuldades está onde elles adquirem bois.

—Ora essa! Vão esperar na estrada e compram os bois chamados *mongos* ou cançados, e os conduzem paulatinamente.

Na *Solidão* ha uma sociedade de tres que exerce egual industria naquellas partes.

Na praia onde *agua* é tão mansa, que os *meninos* tomam banho esfolam-se constantemente bois e ninguem sabe o destino que se lhe dá, a não ser que vão para o buxo dos viventes.

—Homem, já que tratamos de gado, o que significa depois das horas marcadas para a vendagem, n'uma casa defronte do *logar da matança* tocar-se busio, e gritar-se *chega para o barato?*

—E' o resto que fica da vendagem que se manda vender alli.

—Assim nas barbas de quem governa?

—E então? Não sabe como são as cousas em nossa terra?

—Está bem bom! Gosto disse.

—Tudo isso é para felicidade deste povo, tão difficil de contentar, e que de joelhos não agradece a incansavel solicitude dos nossos paes barrigudos.

—Não sei mais até onde ha de dar o olho-vivo!

Até na casinhola do guarda do chafariz de S. Bento, vão os maganos procurar o que não guardaram!

—Pois até lá! O que acharam?

—Pulgas! Julgaram que o homem deixava alli dinheiro; deram o primeiro assalto e acharam um gallo. Não desenganados, foram segunda vez, arrombaram a porta, e perderam o trabalho, porque se acharam em brancos.

—Hontem entregou as redeas do governo desta provincia o Sr. Leão Velloso ao Sr. Francisco Liberato de Mattos, emquanto chega o proprietario do logar.

—Em que ficou a *bronsiquilhada* do vigario da Rua do Passo com os *pretinhos* do Rosario.

—O Arcebispo decidiu a questão delegando ao vigario da Victoria, poderes para fazer a festa como entendesse.

—Foi uma de cachupeleta! O Rocha Vianna não esperava por esta; ver um intruso metter o bico nos seus dominios!

—Foi a maneira de acabar com aquella vergonhiera. Capricho de parte a parte, e o desrespeito, o escandalo se reproduzindo no templo do Senhor!

—Graças ao Sr. Arcebispo.

—Diga-me alguma cousa do Sul.

—O mais importante ja deram as gazetas diarias.

Conferencia do Lopez com o Mitre.

Um revez parcial que sofremos.

Nova leva de 1,050 homens na nossa guarda nacional. além de 150 homens do mar.

Agora so si quizer ouvir o extracto de uma carta datada de Curuzú a 23 de setembro, e que vem no *Jornal do Commercio*:

—Serve.

—«O ataque foi vigoroso, forçando o inimigo a abandonar a sua primeira linha de entrincheiramento, que consistia n'um vallado de doze palmos de largo e dez de fundos com o correspondente para-peito guarnecido de artilharia de campanha, que retirou.

«Transposto este primeiro obstaculo debaixo de uma chuva de metralha, que lançara um grande numero de peças de 68 e 32, foi impossivel abordar o centro da segunda linha de defeza, que consistia em altos parapeitos, com um fosso de vinte sete palmos de largura e desoito de profundidade, em cujos extremos haviam levantado o terreno, e sobre elle construido dous fortes baluartes que estavam como toda a linha, eriçados de grossa artilharia, existindo entre os dous entrincheiramentos um banhado, que haviam tornado insuperavel, collocando sobre elle abatizes. Em presença, pois, de tantos e tão poderosos obstaculos foi impossivel levar de assalto tão forte po-

vição, na qual o inimigo havia concentrado a maior parte de suas forças. Mesmo assim, da columna da esquerda, segundo as informacões que tenho, penetraram no forte de Curupaity mais de 40 bravos, que chegaram a apoderar-se de 4 bocas de fogo, e que foram victimas de seu patriotismo.»

—Gloria a elles! Resta ver si o governo deixara ao desamparo as familias desses heroes.

—Seus nomes ainda eram desconhecidos, segundo diz o general visconde de Porto Alegre na parte que dá ao ministro:

«Logo que tenha conhecimento dos nomes dos bravos, que penetraram no forte de Curupaity que trato de indagar, leval-os-hei á presença de V. Ex. para que não fiquem sem recompensa não so estes como outros actos de verdadeira abnegação.»

—Deus permitta que não fiquem esquecidos.

Pelo Norte o que ha?

—La está recolhido a Casa de Detenção o Dr Borges da Fonseca e alguns companheiros, em consequencia de um conflicto entre a policia e os mesmos, na reunião popular de 30 de setembro, no pateo da matriz de S, José.

—Vejamos o que diz o *Interesse Publico* sobre a perseguição que sofrem seus antigos correligionarios da republica.

CORRESPONDENCIA ENCYCLOPEDICA DO *ALABAMA*.

CORTE, 9 DE OUTUBRO.

Amaroletico capitão — Tres cousas precisa o navegante: mar sereno, vento de feição e aguada no porão—; ajunto-lhe mais uma boa saude e tudo vae á mil maravilhas.

Em couza de comprimento
Sempre sirvo com usura,
Para os amigos—do peito
Evito sempre—a grossura.

Começando pelo principio, dou-lhe parte que, o Leão dessa terra foi demittido e mandado seguir para o Pará, onde:

Novos ares, novos climas,
Vae saudoso respirar,
Vae achar *mimosas* cousas
Proprias para refrescar.

E então, não lhe disse, que elle largava a tela? Meu amigo— dous duros não fazem um muro—

Manesinho, gritou, fallou, pediu, chorou, mas, mestre Zacarias,... nada, nada, nada, nada e ao bicho andar mandou.

Nem ao menos tem a dita de ver seguir o batalhão de *libertos*.

E' o mundo, amigo, assim,
—Morre o homem deixa fama
Mas, vá manso p'ra o Pará.
Si não lá.... chupa banana.

Coitado do moço,
Coitadinho d'elle,
Fez tantos serviços
Mangaram com elle.

Vamos á outra cousa.

Quando se dizia que Lopez promettia á seus soldados, que, si morressem nos ataques, ressuscitariam n'Assumpção, acharam impossivel que assim acontecesse; entretanto é o que se está dando por cá. Os bravos que morrem na campanha, ressuscitam aqui, cada qual melhor *encouraçado*.

Quero dizer o Silvado, não morreu, está aqui no Dique—é o mesmo que dizer-lhe, que o encouraçado *Nemesis* foi chrismado *Silvado*, em honra desse bravo commandante do *Rio de Janeiro*, que morreu.

Gratidão da patria, é sempre generoza.

Deixou mulher, deixou filhos,
P'ra defender a Nação,
Morreu.... eil-o *encouraçado*,
A familia tem—feijão.

A' proposito da guerra:

Lopez veiu, em pessoa, á nosso exercito pedir paz.

Fallou com o general Mitre, mas... nada conseguiu. Seria assim? Conversou CINCO horas com o nosso general, arre, fallaram muito, cinco horas!

O que é certo é que ninguem sabe o o que se passou, porque o nosso *amavel e ameno* Quintanilha Jordão, não quiz, apezar de convidado, achar-se presente, para nos contar a funcção:

Ninguem sabe si a tal paz,
Era seria, ou brincadeira,

Porque o general estava;
D'hemmorroides na trazeira.

De sorte que, o general Mitre, fallou, conversou e *tratou*..... não, elle não tratou nada: disse, *que os governos eram os que resolveriam.*

Porem seria isso mesmo?

Quanto á mim .....

Mitre, não é bobo novo,
Já é muito adiantado,
Deus queira q'elle não mostre
Que não é Mitre,—é *mitrado.*

Entretanto ao despota, não agradou a resposta, porque retirando-se;

Qual fera bravia, em bosque sombrio,
Que ruge, que urra, damnada e feroz
De volta em seu campo, pratica em seguida
Mais um crime horrivel tremendo e atroz.

Que foi, mandar fuzilar o commandante, que teve a audacia de consentir, que os soldados *recebessem carne e farinha*, que os nossos lhe haviam dado.

Bonita acção; que magnanimidade!!!

Depois disso, ja houve um combate, ou ataque no forte Curupaity.

Foi um combate renhido,
Entre um e outro travado,
Mas o forte ficou sendo
Pela fera—dominado.

Meu amigo, de tudo isso concluo... qual, mentira, eu não concluo nada. Assim fosse eu bobo; nesse tempo em que se precisa de gente para o exercito e se recruta para voluntario.

Por fallar em voluntario. Saiba que, no batalhão do disdincto ManuelCunha, veiu um rapasinho como tal, que disse ter sido pegado na manhan em que o batalhão embarcava, e immediatamente fôra mandado para bordo.

Esse rapazinho é escravo do Sr. Barros Itaparica, e tinha ido á comprar pão.

O que aconteceu foi que elle chegando aqui, fugiu do quartel, metteu-se em casa de *um grande*; o batalhão embarcou, elle ficou, e hoje segue para essa provincia, remettido a seu Sr.

Nada de espanto.

La vae outro. No mesmo batalhão veiu um crioulo casado, sapateiro, que ja havia sido ahi cadete de Zuavos, o qual diz, pedira ao presidente, e elle lhe dera, uma passagem do governo para aqui. Refere elle mais que, nessa occasião conversava Manuel Cunha com o Leão O que é certo porem foi, que ao soltar o pobre crioulo, viu-se preso por dous sargentos *voluntarios* do Sr. Cunha, e mettido no xadrez do quartel do Campo; dizendo Cunha que o presidente lhe dissera ser mais um voluntario que vinha.

Que bello modo de pescar!!!

Entretanto o homem trasia *côcos, azeite de deudê e panos da Costa*, tudo no valor de 400$ rs. e creio que sem isso ficou.

Ignoro si foi solto, ou si ficou voluntario.

E calle-se pois a Bahia
Que, qual ovelha em sertão,
Vê seus filhos devorados
Por tão sanhudo leão.

Felizmente ahi vae entrar na gerencia dos negocios o Sr. Dr. Liberato de Mattos; caracter honesto, ha de continuar á ser o que tem sido até hoje.

Entenderam que a Bahia
Ha de ser pateo de bicho
Por isso sae um, vem outro
Sem nenhum ter pouso fixo.

Já tivemos lá um pinto
Depois nos deram um leão
Agora este vae se embora
P'ra dar logar ao leitão.

Vou concluir com algumas noticias agradaveis á *marinhagem* do barco.

Brasilina e *da Hora*
Maricas Japi-assú
Romualdas, Salomés
Já não comem carurú.

A *irman* da *mata-fome*
A *Virginia* paneleira
E *Antonica* do Chaves
Só usam de cabelleira.

Cá está a *Traviata*
Mui gamenha e faceira,
Bem como *Flora* canaria
Lá na praia de caxeira.

Está a *Geralda*, a *irman*
E a *Ritinha* namby,
Tem muito povo, só falta
Damasia e *Coroacy.*

O *Chaves* la, era *ecio'*,
Aqui vive d'*azeiteiro*,
Nao quer que Antonia *receba*
Sem elle ver o dinheiro.

La nisso creio que tem razão.

Adeus, bravo capitão,
De gosto lh'envio esta,
Desejando que o encontre
De saude para festa.

O que por lá estão tendo
Já o temos ca passado,
—Trez corpos nacionaes
Vão ser, hoje, aquartelados

Sou com todo cumprimento.

O Patusco.

A PEDIDO

—Só em Latronopolis se consente tamanha ladroeira! Como se rouba tão descaradamente o suor do povo!

—O que é la isso, meu rico?

—Um empregado publico pede uma licença de tres mezes, para tratar de sua saude, que lhe é concedida, e durante este tempo vae arranjar a escripturação de uma padaria, apresentando-se com inaudito escandalo na mesma todos os dias, com honras de guarda-livros.

—Nesse caso elle é menos culpado do que quem tolera a bandalheira.

—E' que todos elles são uns tratantes, e querem encher a barriga com o sangue do povo, e com receio de que se não engasguem, se quizerem comer só, consentem nas *empalmações* de quanto ladroasso por ahi anda.

—Pode me dizer quem é esse esperto, para quem ha tanta tolerancia?

—Sei que é empregado, mais não lhe sei ao certo o nome; porém não só o *Carlos* me disse que elle se chamava *Manuel* como tambem o *Silva*.

—E' dos *felizes*, meu rico, o que se ha de fazer?

—O vigario Abutre não sabe agora do curral dos bois!

—De que se admira? O corvo volteja sempre aonde ha carniça.

—Ah! pensei que o homem ia prestar os ultimos officios de sua profissão aquelles moribundos.

O dinheiro do usurario não pode chegar sinão para as mãos esperdulatrias. Morre um diabo destes, e os zangões rodeiam o cadaver da victima, para lhe sugarem o producto das suas especulações hediondas. Si deixa filhas, cada qual se mostra mais habilitado para possuir uma dellas Os tutores querem ellas para seus filhos, sobrinhos etc Os procuradores tratantes procuram por artes de berliques e berloques, tambem arranjarem uma fatia servindo de mercurio. A mãe messalina tambem não olvida levar sua cartinha á filha por mando de um dos namorados para d'ahi lhe resultar algum proveito, porque ficou desamparada.

Emfim é um labyrinto tal, que afinal de contas ficarão todos logrados, e chupando no dêdo.

A providencia, que sob e todos vela, não deixará todavia que paguem os justos pelos pecadores.

Até os subdelegados querem sua fatia de tal espolio—alguns ha que são verdadeiros espoletas, infames e tratantes, que tiram de si baldões para atirarem sobre aquelles, que lhe estão acima de toda excepção.

Não se lembraram do tempo em que frequentavam o largo do Theatro, e que mercadejavam com a honra das proprias. .... , para hoje se inculcarem protectores, miseraveis que ainda estão no caso de merecerem proteção.

O Caboclo.

—Olhe que este Bebé não toma vergonha!

—Deixe o moço; nasceu para servil, o que quer que lhe faça?

—Tal ente, nasceu somente para rojar-se ás plantas de quem pode atirar lhe uma migalha.

Sabe que no paquete p.p passou aqui o futuro governador de Latronopolis, que ia á sua casa tratar de arranjos domesticos, para depois vir empunhar as redeas da governança.

O homem esteve algumas horas em terra, e desejou ver a um moço com cuja familia entretém relações, e a quem por costume caseiro chamam *pombo*, quando seu nome é outro.

O animal rasteiro, apenas teve conhecimento do desejo de seu futuro amo,

sem que ninguem lhe encommendasse, deu de mão ao chapeu, o qual cavallo desembestado, desceu as escadas do paço, e lá se foi em procura do moço. A todos que encontrava, perguntava suado como uma besta de carga, onde mora F., e antes de acabar de ouvir a resposta largava-se a galope, não descansando em quanto não descobriu a morada do rapaz.

—Quiz se recommendar antes de tempo.

—Si os governadores de Latronopolis gostarem de aventuras nocturnas encontram em Bebé um excellente *Mercurio*.

—Aspirante João de Deus!

—Prompto.

—Vá ao *interior* da *Casa em que se faz oração* a Nossa Senhora das *Barrocas pequenas* e traga-me a cachações um salabadorte que vive lá homisiado.

—Capitão, esse meliante ja lá não está; encafurnou-se agora em casa da sua *fluminica* Maricas Janoca, na rua que sem vento faz *poeira*.

—Pois va lá, agarral-o, tome sentido, que o bicharoco é *sabido* e pode escafeder-se no caminho.

—Deixe a cousa por minha conta; *elle não gosta* si vier com parte de *calungamea*.

—Estou certo do bom desempenho da commissão; siga viagem.

.....

—Capitão, fui encontrar o magano em dulce farniente deitado no collo da Dulcinéa, á fresca, tendo por vestuario apenas um chambre de chitão de ramagens; ao pé delles, sobre uma cadeira, estava uma bojuda garrafa de vinho e um copasio, onde elle tomava suas *goladas* de vez em quando; um violão sobre a marqueza; em uma meza alguns objectos originaes do Pará, entre os quaes uma *mimosa* obra; alguns livros como Thereza Philosopha, Album da rapazeada, Memoria de Fr. Saturnino, Memoria de Fr. Martinho, As filhas de Jerusalém, etc. Agarrei-o pelo toutiço e trouxe a presença de V. Ex.

—O' lá, sôr bregeiroto, anda V. com suas patifarias a desmoralisar a sua classe já tão desacreditada?

—Si ella está desacreditada não é pelos meus maus feitos antes de eu os praticar, já ella o estava.

—E V. concorre poderosamente com elles, para tornar-se mais visivel esse desprestigio em que ella tem cahido.

—Ora diga-me, é proprio de um sacerdote andar por casas de authoridades por causa de mulheres meretrizes?

E por que a concubina repudiou-o por outro amante, V. tem o cynismo de chamar seu contendor aos tribunaes?

E depois da scena vergonhosa passada em casa do juiz, em que a mulher disse de V. o que Mafoma não disse do toucinho, V. tem o descaro de ir metter-se em casa dessa mesma mulher, com sambas e bebedeiras, e para remate de safatez solemnisa com um grande pagode as *pazes*, que fez com sua *barrigan*, onde embebedou-se a ponto de cahir?

Ora padre, isso é uma descaração sem limites.

—Capitão, antes de padre sou homem, e todos nós temos nossas fraquezas.

—V. *padre*, é a lascivia em figura de homem; o *Sabino* é quem sabe lhe definir.

—Capitão, dispense-me por quem é.

—Vou fazer isso mesmo.

Muxingueiro! Leva esse aza preta para o porão e trancafia-o lá; todos os dias de manhan será empregado na baldeação do navio, até segunda ordem.

—Salabardote, marche.

—Valha-me o *Manuel* companheiro de meus pagodes.

—A bom santo se encommenda, chame pelo *Fonseca*.

(Continuação.)

—Capitão, estou ás voltas com o vigario de Matatuim.

—Ainda não cançou?

—Tanto tem elle de incorrigivel, como eu de incansavel em soval-o.

—Era melhor deixal-o—quem não tem vergonha todo mundo é seu.

—Por isso mesmo hei de zuzil o.

—Mas para que perder o tempo e o sabão lavando a cabeça do burro?

—Sei que elle é duro de queixo e não acode à espora assim com duas razões; mas hei de bater-lhe até ver si faço moça naquella lata sem verniz; ao menos para que todos fiquem de sobre-aviso, quem é tal azemola.

A Vitalina poz-se ao fresco, depois da desavença que teve com o reverendo e foi *procurar sua vida*. O padre quando soube, *inchou a caleça*, e foi buscal-a, mas ella para fazel-o *rabiar* escondeu-se, e mandeu dizer-lhe que não voltava mais para sua companhia, pois estava aborrecido delle. O furioso aza-preta ardendo em zelos arrombou a casa em que suppunha que ella estara, e não a encontrando quiz tocar fogo na arca da roupa. Mas Vitalina que é sagaz, por cautella tinha posto a arca a bom recato em mão de um sujeito conhecido no logar pelo *Viveiro*. Elle soube, e foi a *Viveiro*, que lhe desse a arca, allegando que aquillo custava seu dinheiro; este declarou-lhe formalmente que só sahiria para o poder de Vitalina que é quem lh'a tinha entregado. O vigarete possesso, inchou como baiacú, blaterou, tornou-se côr de enxofre, mas vendo que nada alcançava, encarapitou-se no rocinante e fez volta batida gritando—o *Alabama* não ha de fallar de mim só, e si Vitalina não voltar para casa torno-me um assassino, mas ella não leva o bocado a bocca,e não só ella será victima como aquelle que tiver a ousadia de querer ser meu rival; e assim chegou n'uma povoação chamada Cova de defunto, de sorte que os moradores o comeram por doudo; e só depois que o homem entrou no seu natural costume de deboche, se persuadiram do contrario.

Dahi largou-se para o logar *brochado* e para desafogar a paixão que sentia mandou preparar uma ceiata de peixe e cachaça, e formou um samba.

Metteu-se nelle, de viola em punho entoou a chula—*O' Maria Thereza quem te deu esta saia*,—e rolou o pagode até demadrugada, porém a meia noite ja o padre não era gente e rosnava como um porco, suando em bagas, e exhallando um cheiro de restillo que enjoava a qualquer.

—Que padre damnado!

—Quando elle principiou o samba mandou convidar o preto *Dehú*, feitor da fazenda, mas este respondeu a negrinha Catita, que tinha levado o recado:

Eu não vae ni censala de cravo que eu govrena, sinhô Bgaro, qué que meu gente fica dicarado como elle, esse fazenda nunca foi di esse samba e bebedeira, elle não tem vregonha de gazeta ta fallando, eu não qué minha nome fallado como di elle, caba seu bebedeira vae simbora pra seu preguezia; esse sinhô branco bigaro é minha pecado.

—E' o suprasimum da relaxação!

—Não vê como elle anda nesta cidade, á laia de patusco—Calça e colete branco, gravatinha de meia polegada, chapeu de Havana ao lançante, parecendo que vem de algum deboche.

—E não sei quem deve olhar para essas cousas, o que faz.

(Continúa.)

MOTTE.

Quem tem amor tem ciumes,
Quem tem ciumes quer bem;
Quem ciumes ignora
E' certo que amor não tem.

GLOSA.

Não te enfades, minha bella,
Si ás vezes ralho comtigo,
Pois sabes que um peito amigo
Não 'stá livre de esparella;
Tú és sempre a minha estrella,
Eu não adoro outros numes,
Só por ti accendo os lumes
Na pyra de amor contente,
Bem sabes a lei corrente
—*Quem tem amor tem ciumes.*

Pelo contrario; isso prova
Que mais e mais eu te amo,
Que cada vez mais me inflamo
Com fé viva e alma nova;
Roupa, velha que se escova,
Mais que a nova lustro tem;
Que muito pois, que eu tambem
De vez em quando te esceve?
Não precisas que te o prove:
—*Quem tem ciumes quer bem.*

Um amante pachorrento
Callado, triste, soturno,
Não serve, é velho cothurno,
Indigno de um pensamento;
Mas o que é ciumento,
Raivoso, ao menos uma hora,
E' rico; ah! esse adora,
Cede a vida por um beijo;
Porém não vale um desejo,
—*Quem ciumes ignora.*

Concorda com meus desejos,
Nem é muito o que te peço:
Si alguma vez te aborreço,
Destroe tudo com teus beijos:
Quem não tem destes lampejos
Não vale si quer vintem,
Só ciuma quem quer bem
E no amor acha perfumes;
Mas quem não sente ciumes
—*E' certo que amor não tem.*

VARIEDADE.

SORRISO.

O sorriso da *criança* traduz a innocencia e a candidez celeste, de que seus labios e sua alma vem impregnados.

Aquelle abandono, aquella franqueza, aquella imprevidencia, aquelle mimo, tudo aquillo vem do ceu.

Nem o menor vislumbre de maldade, nem a mais pequenina sombra de cousa que não seja a pureza sublime de sua excelsa natureza.

O sorriso da *virgem* tem ainda a unção suave dessa magestade divina; mais já se resente de um quer que é de malicia, que não é sinão deste mundo.

Sem embargo essa malicia é involuntaria inestudada, a modo de fatal.

Nella não ha o proposito assentado de provocar.

O que tem de vagamente nocivo, não é da virgem, è do mundo.

O que nelle existe de máu pode comparar-se a fumaça, deixada por uma vela sobre a transparencia de um vidro limpo; não lh'a assendessem, que elle se conservara limpo e immaculado sempre.

Differente é o *sorriso da donzella.*

Este tem a consciencia do calculo a premeditação da vaidade.

A mulher sorri com a firme intenção deagradar, sorri para prender.

E' a primeira arma de suas conquistas arma poderosa e terrivel, de que se serve para a consecução de um fim desejado.

Pode dizer-se que, assim como o olhar é-lhe a mais franca e completa expressão d'alma, o sorriso reune como em synthese, todas as forças da seducção do seu corpo.

Si no olhar ella vence pela natureza, no sorri ella triumpha, não so pela natureza mais principalmente pelo artificio.

O olhar da donzella raras vezes é pensado, meditado ou polido, em quanto que o sorriso é sempre tudo isso.

Quando a mulher chega a carcular o olhar, calcula todas as suas acções, todos os seus desejos todos os seus pensamentos,

Deixa de ser uma donzella para ser simplismente uma mulher.

O sorriso da mulher *mãe* a respeito do filho, toca a meta de virtudes incomprehensiveis.

A mulher está no mundo, mais aquelle sorriso não é do mundo

Está no meio da miseria mais aquelle sorriso tem opulencia de soberba magestade.

A mulher não é criança, nem virgem, nem donzella, e todavia seu sorriso é superior ao da criança, por que tem pureza e consciencia, superior ao da virgem, por que não tem malicia, superior ao da donzella, por que não tem egoismo.

O sorriso de mãe é uma epopéa de abnegação.

E'um monumento grandioso de generosidades sobrenaturaes.

No sorriso de mãe adivinham-se todos os impossiveis da dedicação, todas as maravilhas de amor, todas as grandezas de que o coração e a alma encerram de augusto e angelico.

Sorriso de mãe! E' a natureza vista pelo seu lado divino, e isto é, o universo dos prodigios.

(*Jornal do Recife:*)

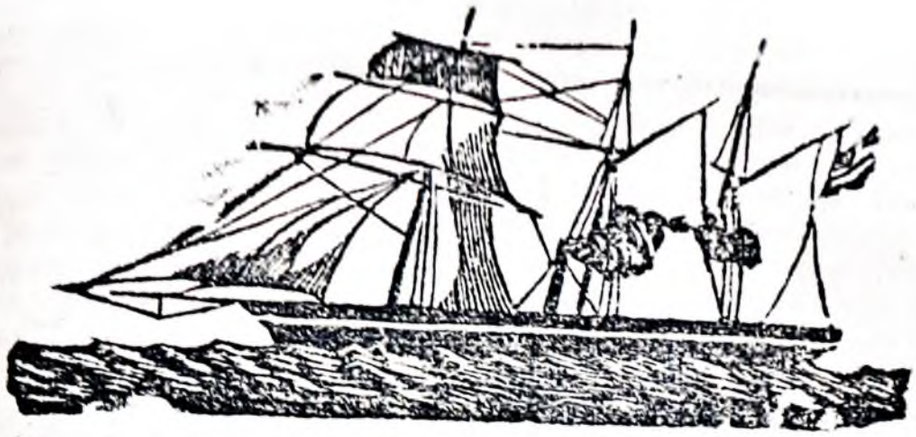
As edades do homem.

Cada edade tem suas molas que a fazem mover, diz um moralista: mas o homem é sempre o mesmo. Aos dez annos é dominado pelos brinquedos; aos vinte, por uma mulher, aos trinta pelos prazeres, aos quarenta pela ambição, aos cincoenta, pela avareza. Haverá n'este espaço de tempo um pequeno logar reservado a sabedoria?

ANNUNCIOS.

Attenção.

A 8$000 o saco de fobá de milho com 9/4 vende-se á Baixa de Sapateiros Folha nº. 9.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 20 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 12.ª—N.º 114

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de outubro de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que agarre certo macaco que vive nas janellas do Forum a fazer gatimanhas, e o traga para bordo, a fim de se lhe mandar torcer os bigodes no cabrestante do navio. Cumpra.

—Sahiu á luz a *Democracia Pacifica*, periodico consagrado a advogar as liberdades publicas; segundo diz no seu programma.

—Deus lhe conceda muitos dias de vida.

—Leu a noticia que dá o *Interesse Publico* sobre a sahida do Sr. Leão Velloso e posse do Sr. Liberato de Mattos na administração da provincia?

—Li, e admirei-me que o homem não dirigisse uma palavra de louvor ao astro que sahiu, ao passo que enche de encomios ao que entrou.

—Aquillo ou quer dizer que o Sr. Leão Velloso dirigiu pessimamente esta provincia, ou que o velho republicano esqueceu se completamente do sol no ocaso para entregar-se ao sol que nasce.

—Sobre tudo são dignas de commemorar-se estas palavras:

« Das honradas mãos de S. Ex. não passará por certo um legado ominoso, ás do Exm. Sr. Leitão da Cunha, brevemente esperado »

—Si isto não é a condemnação de um passado coberto de desvarios e dissipações, eu não sei o que lhe diga.

—La ia levando a breca o vapor *Dous de Julho!*

—Bagatella! o peior era quem vinha dentro, por que aquella velha traquitanda pouco vale.

—Sahiu de Cachoeira segunda-feira as 9 e meia, depois da hora do almoço, e não sei porque descuido foi se encarapitar n'um banco de areia defronte de Capivary.

Foi uma scena de terror, impossivel de descrever; a caldeira esquentou ao ultimo grao, o capitão estava atonito, a explosão era imminente, e la se ia tudo com os peccados; felizmente um foguista conseguiu com uma alavanca arrombal-a, o que produziu um horrivel estampido, que prostrou todos os passageiros, os quaes não esperavam por aquella infernal detonação. Nessa occasião ia tudo morrendo asphyxiado com a exhalação do fumo do carvão de pedra; houve gente que se quiz atirar

n'agoa; o que valeu é que depois de dez minutos, dissiparam-se as nuvens de fumaça.

—E o vapor seguiu?

—Qual! la esteve até que o Dr. Trasibulo mandou um barco e dezoito canôas em soccorro. Então descarregado o vapor conseguiu safar-se d'onde estava escanxado, e seguir viagem para a capital, onde chegou no outro dia ás 8 horas, á unhas de cavallo!

—Em que apertos não se viu aquella gente!

—Talvez devido ao descuido d'alguem!

—Por mais sinistros que se dê na tal Companhia nunca ha cuidado!

Carta do Chico Gato soldado voluntario a sua prima Maria da Conceição.

Lhe escrevo, prima querida,
Estas linhas mal traçadas,
A' muito custo rimadas,
Por musa desemxabida;
E' na lingoagem despida
Das flores da poesia;
Mas, desculpe, hoje é mania;
E' uso escrever-se asneiras,
Quem ganha são as fileiras
Destes vates d'agoa fria.

Estou no campo de Marte,
De carabina na mão,
Faço faxina e plantão,
Tomo café, tomo mate,
As vezes vou ao combate;
E' um dia de prazer!
E olhe, quanto a comer,
Me dão até marmelada,
Creia, não *é cassoada*,
Até leite p'ra beber.

Isto é vida regalada,
Sempre em completa folia;
Durmo de noite e de dia,
Passeio e não faço nada;
Si V. fôr namorada
De algum distincto orador,
Poeta ou mesmo escriptor,
Ou patriota de *ràça*,
Faça o bicho assentar praça
Mande-o p'ra cá por favor!

Aqui nobreza se ganha
Condecorações honrosas,
Cruzeiros, *Christos* e *Rosas*
Basta uma simples façanha;
Nao é mister tanta sanha
Como lá nas eleições,
Onde rolam bofetões
Cascudos e cacetadas,
E muitas vezes facadas
P'ra ter condecorações.

Eu prima, em que fui fallar,
De eleições? Santa Maria!
Deus me livre que algum dia
Tenha dellas me occupar:
Porque lhe vou confessar
Não quero ser deputado,
Me convém mais ser soldado,
P'ra defender minha terra,
E não fallar sobre a guerra
E por lá ficar sentado.....

Olhe, não quero tambem,
Ser escriptor de jornal,
Que se s ppõe general,
Vence aqui, destroça além,
E ganhando seu vintem
Na santa paz elle vae,
De seu commodo não sabe,
Discorre..... enthusiasmado
Porém não quer ser soldado,
E nem vir ao Paraguay.

Desculpe, prima adorada,
Si fui um tanto *massante*,
Mas, espere um só instante,
Lhe dou a carta acabada:
Não seja tão *reservada*,
Quem escreve a um namorado
Pode sem ser reparado
Escrever ao primo ausente;
Adeus, viva alegremente,
Seu primo amigo e creado

Chico Gato.

A PEDIDO

—Ha gente neste mundo que quando morre não leva comsigo o dinheiro porque não pode!

—Ora esta! ha gente que não come a propria trampa porque não pode.

—Destes é um certo cujo que conheço.

—Quem é elle?

—Um sujeito que rejeitou uma co-

bertura de cabeça porque pediram-lhe 12$ rs.

—Por isso não; cada um compra o que lhe faz conta.

—Ouça primeiro o caso, para depois apreciar-o.

Em *Cama-comú* os tabareus fabricam com timbó *coberturas de cabeça* de admiravel perfeição, e extraordinario primor. O nosso sovinão mandou por uma pessoa encommendar uma das taes *coberturas*, que era para mandar figurar na exposição que tem de haver á margem d'um *rio* no mez *de janeiro*, e recommendou toda perfeição e esmero. Feita a encommenda, o tabareu encarregado da obra, empregou todo o cuidado para que ella sahisse digna do assumpto a que era destinada; e com effeito, depois de alguns dias de trabalho, apresentou a quem lhe tinha encarregado da factura uma obra primorosa; este remetteu-a ao tal sovina, que ficou muito agradado della, e mandou logo acondicional-a e embarcar para seguir viagem; porém quando soube que o preço era 12$ rs. mandou incontinenti buscal-a a bordo, e regeitou á pessoa, á quem tinha dado a encommenda, a qual com cara de lacaio foi entregal-a ao tabareu, que perdeu seu trabalho.

—Que miseria! Vão ver que é algum ricasso!

—Não é lá essas cousas, porém tambem não é necessitado; é homem de *negocio*, socio do *João*.

—Ah! já sei, um que foi caixeiro do *Cezimbra*.

—Esse mesmo.

—Ora isso é vergonha! Um homem daquelles praticar tamanha vilania.

Pede-se ao Sr. Quarenta Portinholas que deixe-se de imposturações de sabio para com seus companheiros de musica; cuide em estudar suas lições; pois entra mez e sahe mez e não as dá, e si não dá para o fubá desocupe o logar. Não queira perder o bocal ou ter alguns repiques de sinos na freguezia dos queijos. Quem lhe avisa seu amigo é.

Tres amantes da paz.

—Aspirante!

—Prompto.

—Vá áquelle sujeito que de magro qual *carriça* fica inchado como perú, quando lhe dão o tratamento de general, e pergunte-lhe quando pretende seguir para o logar d'onde veiu, mamando na teta da pobre mulata velha uma bem grossa chupeta.

—E si esse covarde não me der resposta?

—Rasgue-lhe os canhões, que já uma vez este pusilamine virou por occasião de um glorioso combate, que houve em eras passadas; e depois exponha esse poltrão ao desprezo publico para não andar a alardeiar entre nós façanhas e bravatas.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 19 DE OUTUBRO, A'S 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes da junta dos corretores.

Descontos.

Sociedade—Aposentadorias compradas—10 *contos* de lucro.

Banco das Transacções ignobeis—a quem mais der.

Praça do Forum—Continúa a descontar sobre corrupção.

Saques.

Neste genero realisou-se uma importante operação na presente semada. A companhia do olho vivo saccou de alguns artistas dramaticos quantia superior a 400$ rs; a transacção foi feita por meio de *chaves falsas*.

Joaquim Malcreado, presidente.
Caluno, secretario.

—

Revista do mercado.

O horisonte commercial da nossa praça na semana que passamos em revista, foi bastante limpide; quer dizer, que no seu periodo as transacções foram animadissimas.

A importação e exportação foi variada.

Uma das transacções mais notaveis foi a de uma partida de *fuga clandestina* realisada por intermedio do corretor *Sero'* para exportação.

Fallou-se na venda de uma outra partida deste genero pertencente a carga do brigue *Campo-bello* depositada no trapiche *Corre-*

são, para ser reexportada para o *estrangeiro*; porém por ora não transpirou.

No mercado de *calotes* fez-se alguma cousa. O carregamento do brigue *Figueiredo* foi comprado sobre agua por conta da casa *Rebello*, por agencia do corretor *Custodio*.

Acaba de entrar o patacho *Abutre* carregado de *retratações* cuja qualidade, informam-nos, não é satisfactoria, por estar infeccionada de *subterfugios*.

Em *bebedeiras* fizeram-se transacções para consummo.

Entraram e sahiram navios de diversas procedencias.

Entre estes sahiu o brigue *Presidente* carregado de *ganancias*, *furminas*, arranjos de familia, dividas pagas, violencias, cynismo, etc., incapacidade administrativa, ingratidão, etc.

Movimento do mercado.

Arbitrariedades.—Depois da sahida do *Melloso* cessou a procura deste genero.

Conflictos.—Animados. Obtiveram melhores preços o carregamento do patacho *Rocha* procedente de *Vianna*, consignado aos pretinhos da sociedade Rosario.

Civilidade.—Na falta absoluta deste genero os especuladores suprem-no com *grosseria*.

Empregos.—Difficeis; permutam-se por *moeda sonante*.

Falsificações.—As que vieram ao mercado foi por conta da guerrilha dos *taverneiros*.

Frouxidão.—Ha muita, mais é toda absorvida pela municipalidade para bem da população.

Honestidade.—A pouca que ha, é de pessima qualidade por se achar baldeada de *depravação* pelos especuladores.

Veixames.—A população está suprida deste genero, graças a solicitude paternal do governo.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTO.

Brigue poltrão *Erva-isco* da cidade da Covardia:

4 caixas medo, 2 cunhetes terror, 5 ancoretas susto, 4 volumes pavor, 6 pandeiros carreiras, 2 quartolas ganancia, 1 fardão de canhões virados, 1 ceroula borrada.

EXPORTAÇÃO.

DESPACHOS MARITIMOS A 18.

Para fora de Latronopolis.

Porto da *Lascivia*; barca feminil *Justino*, 21 pacotes impudencia, 400 batoques, 250 rolhas.

MOVIMENTO DO PORTO.

SAHIDA.

Terra das borrachas—paquete *Leão 1.º*, commandante Pedro, passageiros diversos; carga—10:000$ em moeda, producto de aposentadorias, 9:000$ ditos lucros d'uma calçada, 4:000$ ditos de uma transacção pouco airosa, a entregar a casa *Velloso* & C.ª; 10 caixões bagagem d'um governador contendo arbitrariedades, violencias e mamadeiras.

ENTRADA.

Cidade da *Insolencia*—em 32 ds. palhabote S. *Bernardo*, eq. 15, cap. *Dias;* passageiro B. Moreira; carga—*altivez*, malcreações, atrevimentos, latrocinios, 625 volumes Arte de enriquecer da noite para o dia—do Dr. Surripio, 6,252 fangas de cal, 625 barcadas de barro, idem idem areia, 1266 quintaes pedras de cantaria roubadas, 462 embrulhos folhas de trabalhadores alterados.

LEILÃO COMMERCIAL.

Hoje ao meio dia na praça da Protervia, por intermedio do corrector *José*, será vendida, sem reserva, os salvados da barca *Paulina*, naufragados nas costas de *Campos* consignadas, a casa *Lima* desta praça; a saber—722 pacotes *alcovitice*, 263 peças pouca vergonha, 18 rolos *abusos d'authoridade*, 12 caixas *bixas*, por conta da casa *finada* A. Machado, 21 quintaes defloramentos.

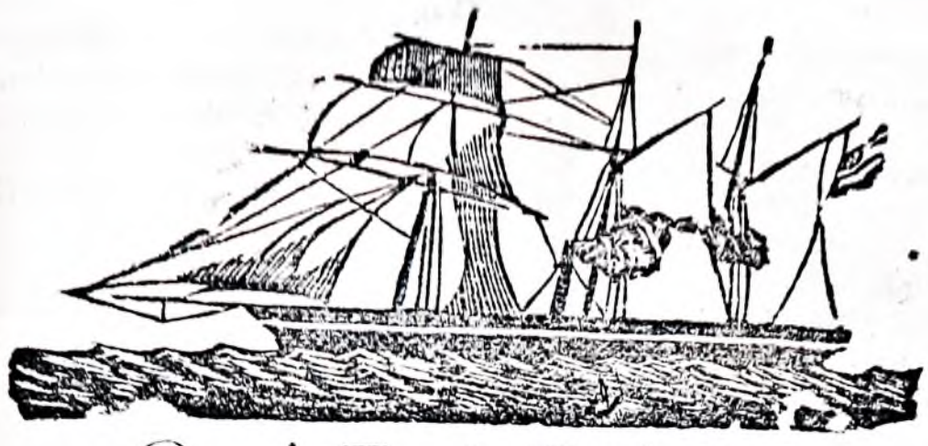
ANNUNCIOS.

—Sao tantos a queixarem-se de precisões que só um Rothchild os pode remediar.

—A que vem isso?

—Ora isto a que vem! Pois um *oculo* que enxergando poucos loeros em sua fabrica de descredito, trabalha assim para ver si arranja assignantes para ter uma boa tela, e nesse caso pode dar-lhe alguns dos seus, por que assim elle se calará, porque diz que os assignantes serão previlegiados.

—Bem sendo assim sim.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 23 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 12.ª—N.º 115

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 eries, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de outubro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando a attenção de S. S. para a loja nº 41 G, á rua Direita do Collegio, onde alguns trabalhadores de sapateiro tem o costume de chamar as mulheres que passam e quando estas não lhe dão attenção, elles desfiam uma meada de palavras, que muito offendem a moral; tendo de mais um delles o ar ojo de esbofetear aquellas que repellem as injurias como ainda no sabbado acconteceu. Espera-se por tanto que S. S. dispensará por um pouco sua attenção sobre aquelles tafues.

—O povo está morrendo a fome, o clamor é geral, a imprensa brada e nada de providencias!

As 7 horas da manhan não se acha mais carne. A especulação aproveita-se do ensejo para elevar o peixe a preço fabuloso e sustentar a carestia!

Não sei onde iremos parar!

—E não sei ao que é devido isso. Porque se dissesse que a carne acaba cedo pela affluencia do povo e que então quem ia mais tarde não achava, bem. Porem é á maioria a queixar-se, signal de que o genero é pouco e não chega para todos; si uma pessoa vae ás 5 ou 6 horas, não pode comprar pelo barulho e aglomeração de gente nos talhos, ás 7 horas não ha mais carne ou si ha, é algum resto de pessima qualidade. Ora isto é exhaurir a paciencia do povo!

Porque o Sr. presidente não ordena que se mate maior numero de rezes, uma vez que as que se talham actualmente não satisfaz as necessidades publicas?

—E o *Pharol* a dizer que tudo isto é para proteger este ou aquelle sujeito; que de proposito matam-se poucos bois para tornar o preço elevado, e nenhum cavaco se dá a um negocio, que tão de perto afecta os interesses deste paciente povo!

—Capitão, um acto meritorio e digno de elogio, que me informam.

—Pode fallar.

—Um portuguez alugou uma rapariga, parda, escrava, para ama de leite. O Sr. vendo-a em outra casa que não era a do amo, perguntou-lhe o que fazia alli e ordenou-lhe que o seguisse, ao que ella se recusou, dizendo que estava alli por mandado do seu amo.

Estomagado o Sr., foi a policia e fez com que a escrava viesse a presença

do chefe, e dalli quiz que olla fosse castigada por desobediente; porem o portuguez apresentou-se, e não querendo que a mulher que criava seu filho fosse castigada, exigiu que abrissem preço pela sua liberdade. O Sr. depois de muita pertinacia em teimar que a infeliz fosse castigada, concordou em dar-lhe a liberdade exigindo para isso 1:900$ rs. que recebeu do portuguez. Não acha que é uma acção nobre?

—Si é exacto isso, honra a esse philantropico portuguez.

—Em quanto se manda dar passagens gratuitas aos escravos dos amigos do governo, e á mulheres incognitas, um voluntario da patria queixa-se amargamente que voltando do Sul doente, e indo ao governo esmolar uma passagem até Cachoeira, teve em resposta que estava muito moço e fosse trabalhar!

—Para lhe poder dar credito deve me dizer o nome desse voluntario.

—Chama-se Galdino Nunes de Amorim, marchou na 4.ª companhia do Princeza Leopoldina.

—Ha cousas que só eu vendo, acredito.

—Quem anda de noite vê muita cousa!

—Isso é exacto. Mas o que ha de novo?

—Uma mulher que foi ao theatro no sabbado vestida de homem em companhia de um caixeiro.

—Passa-tempo de quem não tem em que cuidar. Capricho de mulher, extravagancia caixeiral.

—Quando sahiu, a rapazeada poz-se-lhe na pista até descobrir-lhe o sexo. Foi presa, mas a patrulha não quiz conduzil-a.

—Preguiça de caminhar.

E o *caixeiro?*

—Esse amante *do progresso* feminil logo que viu o caldo entornado escapuliu.

—Ja começam as badernas á noite. No sabbado andou a *Carijó*, mulher estabanada, a bradar aqui-del-rei e a fazer algazarra, no meio d'uma sucia de chupistas.

—E' preciso que as authoridades prestem attenção a isto.

—A policia anda recrutando á paisana.

—Porém que policia, meu amigo! O irmão das Bolachinhas e uma sucia de meninos eguaes á elle, que andam promovendo barulhos, como no sabbado atraz da Sé. Aquillo é querer crear conflictos e não recrutar.

—Começam outra vez os absurdos no recrutamento da guarda nacional!

—Isso é materia velha, não adianta nada. Com tudo, si tem alguma cousa á respeito, pode dizer.

—O Sr. Germano Moreira de Borburema serviu sempre no batalhão da Sé como sargento; dahi embarcou para o Sul feito alferes do batalhão Princeza Leopoldina, e de la voltou inspeccionado. Agora é o Sr. Borburema intimado que foi tirado para fazer parte do contingente que tem de dar o batalhão de Sant'Anna!....

O que quer dizer isto?.. Onde estamos nós?.... Pois não é mais nada do que mandar-se agarrar uma pessoa por dous malsins, e dizer que é para completar o contingente do batalhão tal? Quem vê tão arrojado arbitrio ao que tem de se admirar do despotismo de Lopez?

—E' que nós vemos os defeitos dos outros, mas não enchergamos os nossos.

VARIEDADE.

ESPERTEZA DE CALOTEIRO.

Lê-se no *Jornal do Recife*:

—Compadre, disse um andaluz, a um seu amigo, é necessario que Vm. me pague o que me deve, ou que se disponha a seguir-me á casa do alcaide.

—Viva Vm. mil annos, replicou o devedor, com a mesma vontade que daria a minha alma a Deus, daria a Vm. o restosinho que lhe devo.

—Não duvido, porém Vm. dirá isso diante do alcaide.

—Não ha inconveniente, porém Vm. vê que não é decente que eu vá á casa de S. S. com este trajo. Si Vm. me emprestasse a capa.

Diante do alcaide.

—O senhor diz (exclamou o alcaide) que Vm. lhe deve 200 reales.

—E' certo. Porém V. S. não conhece (replicou o devedor,) que este senhor está doudo? Ha mais de um mez que lhe dá a mania de dizer que todo o mundo lhe deve.

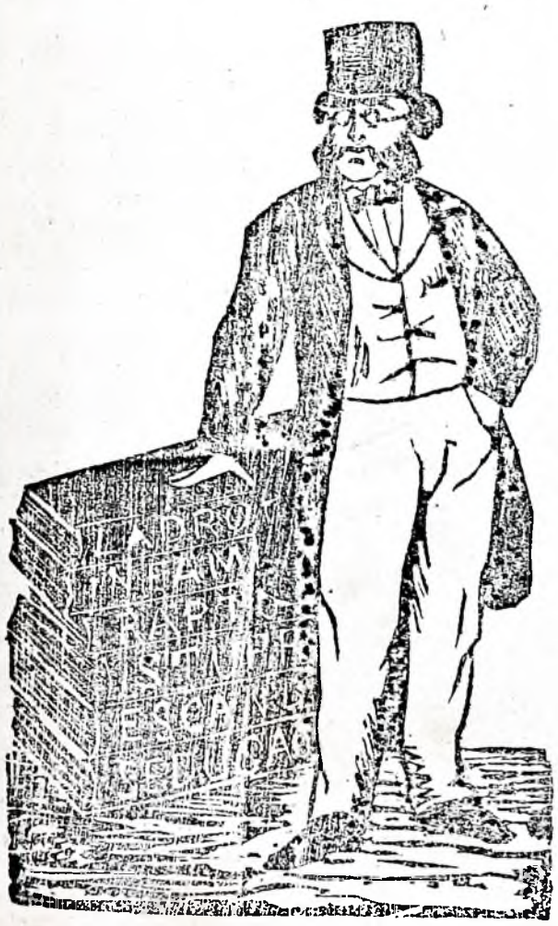
Muito é que lhe não tenho lembrado dizer que a capa é delle.

—Digo que ella é minha, por que lhe empresteí...

—Basta, (replicou o alcaid) vão Vms. com Deus. E si Vm. não quer dormir na cadeia, disse ao credor, não me incommode com suas loucuras.

(*Extr.*)

A PEDIDO



(Continuação do Sr. Gatuno.)

—Capitão, permitta que abra um parenthesis na historia do Sr. Gatuno. Quero contar-lhe uma façanha delle, a qual por ser de data recentissima merece especial menção. Depois reatarei o fio á narração.

—Pode seguir o carro.

—Em Latronopolis houve um militar de nome *Fonte de ouro*. Era casado com uma virtuosa senhora, e tinha alguns filhinhos fructos de seu consorcio.

O Sr. Gatuno inculcava-se de amigo dedicado do valente militar, e este acreditava nos fingidos rapa-pés, que calculadamente lhe fazia a besta.

Como soldado que era, o dever da honra e a obediencia de sua classe, o chamaram para longe do lar domestico, e o militar brioso teve de abandonar os charos penheres de seu coração, para ir onde o cumprimento de deveres o estava acenando.

Antes de partir foi despedir-se do refalsado amigo, e recommendou-lhe sua familia,que ficava só, e elle, o hypocrita, prometteu velar por ella.

Na ausencia do marido intentou, o sagaz animal humano frequentar miudamente a casa, mas a senhora,que tinha feito proposito de não admittir visitas na ausencia de seu marido, recebia-o seccamente e com esquivança; o Sr. Gatuno percebeu a repulsa, o retirou-se afrontado, e não procurou mais saber da familia.

O militar morreu gloriosamente no campo da honra, combatendo por sua patria, legando á sua familia a mais extrema pobresa. O soldo de um militar subalterno é nenhum para sustentar uma familia crescida, mormente sendo elle dividido em duas partes. Assim aquella familia, que vivia parcamente com a parte do soldo que lhe deixara seu chefe, com a morte delle teve seus azares e contratempos, e entre outros teve o do aluguel da casa, cousa que corre tão veloz como os dias da vida do homem; e por isso o vulgo diz muito bem, que o mez da casa come com a gente no prato.

O proprietario de casa, com rarissimas excepções, é homem inflexivel e de coração impedernido; não o commove a miseria da viuva, o desespero do pae, a lagrima da virgem nem a supplica do desvallido; quer receber o aluguel da casa, e pouco se lhe dá que o inquilino esteja a morte estendido sobre um leito, ou desempregado ha seis mezes, sem ganhar vintem, para

prespegar lhe uma penhora,as vezes em objectos, cujos valores não chegam para pagar o trabalho dos meirinhos e dos ganhadores,que levam os trastes para a porta do Forum.

Si o pobre morador lhe pede uma espera até ver si suas criticas circumstancias mudam, e promette esvasiar a casa para não augmentar a divida, elle não está por isso; e inexoravel,disfeitea o infeliz, deitando-o judicialmente na rua e sequestrando-lhe os cacos, embora dahi não resarça a sua divida, salvo quando elle é da bitola do Sr. Gatuno, que quer na deshonra das filhas indemnisar-se da divida do pae.

O proprietario da casa em que morava a viuva *Fonte de ouro*, era do numero desses sem coração, e por isso sem attender aos revezes, por que acabava de passar a malfadada senhora, chamou-a á conciliação para sequestrar-lhe os trastes pela divida do aluguel.

A desamparada viuva, vendo-se sem recursos, lembrou-se de escrever ao Sr. Gatuno, como amigo de seu finado marido,implorando que lhe emprestasse a quantia, em quanto ella alcançava a graça de um subsidio que havia impetrado ao governo.

O Sr. Gatuno aproveitando-se da condicção aterradora em que se acha a desolada viuva, escreveu-lhe dizendo, que elle estava prompto não só a pagar toda despeza do executivo, como a soccorrer a familia com 50$ rs. mensaes, com a unica clausula de que ella mandaria receber todos os mezes essa quantia por sua filha F.....;.....

—Que monstro hediondo!....

—A carta em que o Sr. Gatuno com a mais impudica safadez impoz a honrada senhora, tão humilhantes e ignominiosas condicções, existe em poder della, e pode ser vista e reconhecida a letra desse sinistro e pavoroso ente.

(*Continúa.*)

—Ora Dr. isto é feio! Mettido em um carro com uma mulher meretriz.

—E o que tem lá isso?

—Tem muito para um homem de posição, para um deputado provincial & &.

—A minha posição não priva divertir-me.

—Priva-lhe a posição de casado.

—Está bom, lá por esse lado vá!

Mas sou ainda tão joven, devo divertir-me.

—Porem sua senhora não o merece, segundo julgo?

—E' verdade, sou um doudo!

—Que diabo de sarcciro foi um entre o Zé Carlos e o Domingues Lopes?

—Eu sei, homem; parece que andavam á maneira de cão com gato, e o resultado foi o Zé Carlos mandar o Lopes tomar fresco no chilindró.

—Deixe-os; elles lá se entendem; é cré com cré e lé com lé.

SONETO.

Que fazes tu, rapaz, tão apressado,
Não persigas a moça tão ufano;
Tu não levas amor, levas engano
Com sombras de interesse refolhado.

E quando seja amor, é mui forçado,
Amor que causa a bella tanto damno..
Não sejas com a menina deshumano;
Vê que podes depois ser agarrado!

Não pereas por um vão contentamento
O nome, que te faz viver contente;
Modera em teu favor o pensamento.

Não penses que te quero fazer frente,
Só quere te livrar de um casamento
Q' ha de dar q' fallar a muita gente!...

ANNUNCIOS.

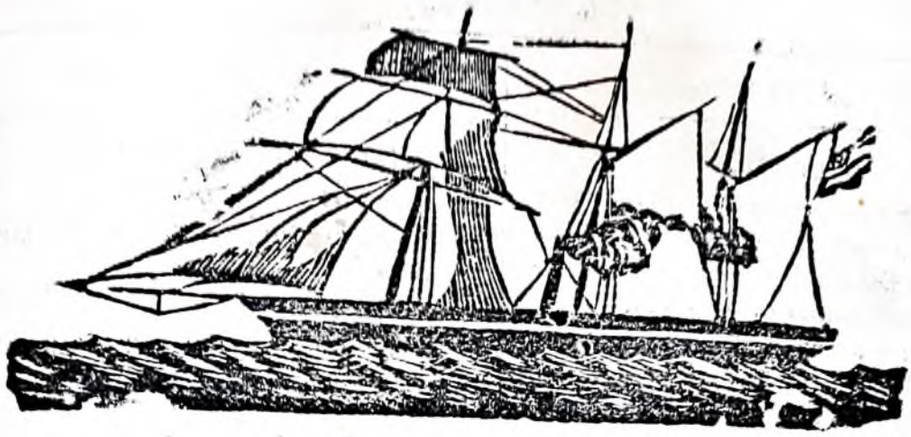
Attenção.

A 8$000 o saco de fobá de milho com 9/4 vende-se á Baixa de Sapateiros tulha n°. 9.

Na venda n.° 32 na rua Direita do Collegio, preciza-se fallar com o ex-fiscal Nicolau Tolentino da Costa, para negocio de seu interesse.

O Sr. Joaquim Moniz de Paula Araujo, furriel da guarda nacional, é rogado a vir a esta typographia.

Typ. de Marques, Aristides Igrapiúna



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 25 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 12.ª—N.º 116

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 ories, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de outubro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. delegado de policia, pedindo-lhe providencias contra o procedimento de umas mulheres de má vida, moradoras á rua das Laranjeiras casa n.º76 A,as quaes com gestos e palavras obscenas prohibem que as familias cheguem á janella. E para que tão desmandada gente não continúe nesse escandaloso procedimento, recorre-se á reconhecida energia de S. S.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para um grupo de moleques que se reune á tarde no adro de S. Domingos.

—Parabens! Parabens! Acabou-se a guerra!

—V. perdeu o juizo, homem?

—Lopez, foi preso no dia 21, com toda certeza,

—Este homem enloqueceu.

—Ja lhe disse; Lopez foi preso no Passo das Pedras pelo coronel Zé Munturo, e este trata de arrumar sua canastra para ir receber os 10:000$ destinados, á quem prendesse o tyranno!

—Que boceta é uma que leva aquelle carroceiro da limpeza?

—E' uma infeliz criancinha de um dia que tiveram a deshumanidade de deitar no monturo de S. Francisco.

—A depravação de costumes está muito enraizada em nossa terra! Que gente desnaturada! Havendo uma casa de expostos, ha mães tão sem coração que mandam deitar seus filhos no monturo!

O que será feito agora da innocente criança?

—Creio que vão leval-a ao subdelegado, o qual sem duvida a mandará para a Santa Casa.

—Infeliz! Ja no berço te persegue o infortunio.

—Ja não é so Thomaz Perné e seus companheiros que vivem á custa dos homens de farda. Na guarda cidadan ha uma harpya destas!

—Que sanguesuga é essa?

—Um official do *balaio*. Usa da innocente especulação de emprestar 4$200 para receber 5$ no dia de soldo qne é de 15 em 15 dias. Não é um giro de negocio muito licito?

—Principalmente praticado por um superior para com subalternos.

—E fallam do *Eloy* que não é tão usurario como este demonio!

VARIEDADE.

A mulher no sentido burlesco.

A mulher é um pequeno animal doce e maligno, metade capricho, metade rasão; é um composto harmonico em que se encontra algumas vezes muita dissonancia.

A sabedoria e a razão são incompativeis com o espirito de uma mulher que só tem na cabeça a ambição.

A mulher é a confusão do homem, um animal inconstante, um cuidado continuo, um combate sem tregua, uma penna diaria, um continuo naufragio da vida, uma batalha perniciosa, um fardo insupportavel, e uma humana e natural escravidão.

A mulher é uma santa na egreja, um anjo nas ruas, um diabo em casa, uma coruja nas janellas, um cão na porta, uma cobra em um jardim, etc.

A mulher é um animal timido, mas que não deixa de se fazer temer, só combate para ser vencida, e pede quartel quando cessa de defender-se.

Quereis bem conhecer uma mulher? Imaginae um lindo monstrosinho, que encanta os olhos e que transforma a razão, que agrada e que repugna; que no exterior é anjo e no interior harpia.... ajuntae-lhe uma cabeça de foinha, a lingua de uma serpente, os olhos de um cascavel, o humor de um gato, destreza de um macaco, as inclinações nocturnas de uma coruja, o brilho do sol e a desigualdade na luta; envolvei tudo em alvissima pelle, ajuntae-lhe braços, pernas, etc., e tereis uma mulher completa.

A mulher é o chefe do peccado, a arma do diabo, o desterro do paraizo, e a corrupção da primeira lei antiga que o ceu deu aos homens.

A mulher é o orgão do demonio. Vive por interesse e na vaidade.

Uma mulher é uma machina parlante que põe todo o universo em movimento.

As mulheres são as perfeitas operarias e artistas de todas as maldades que fôr possivel inventar-se.

A mulher é um animal que se aborrece.

A mulher é o paraizo dos olhos, o inferno das almas, o purgatorio das algibeiras e o motu continuo do pensamento.

Deve-se julgar a mulher desde o calçado até o penteado inclusive.

A mulher é um manjar digno dos deuses quando o diabo não o tempera.

(*Extr.*)

A PEDIDO

—Que projecto monstro!

—Qual?

—O da sociedade 16 *do mez que passou.*

—O que tem?

—Tem cousas em seu regimento dignas de eterna memoria.

—Aponte uma.

—Condição 82—§ 3.º—Não receberão beneficios da sociedade:

Os que receberem suficientes de outra sociedade ou corporação, a que pertençam.

—Isto é bom, é o mesmo que dizer —o meu visinho já lhe deu um vintem vossê não precisa mais.

—A condição 22 tambem não é má!

Na condição 21 – § 2.º tambem não ficou nada a desejar.

—Então escreveram muito?

—Esc everam de mais; mas domingo conversaremos.

Vae-se embora o *Corta-ferro*
Que tanto *ferro* cortou,
Ferro seu, e *ferro* alheio
No *monte* fora *jogou.*

Onde acharia elle espada,
Que a sua estava empenhada?
Bifou de algum companheiro
Por meio de velhacada.

Fica agora Latronopolis
De menos com um tratante!
Parabens, que essa besta
Vae ficar de nós distante.

—Um attentado altamente criminoso acaba de commetter-se nesta cidade, contra o qual está em brados clamando a desafronta da lei para a equidade, criterio e energia do Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

Foi cruel e horrorosamente chicoteada e espancada na noite de 21, a parda Maria Herculana de Jesus pelo portuguez Joaquim Marques Nogueira da Silva.

Qualquer que seja a desculpa que se pretenda dar ao acto barbaro e criminoso desse portuguez, nada o pode

absolver de tão iniquo e cannibal procedimento.

Si o portuguez Marques Nogueira encontrou a miseravel no corredor de sua casa com um seu escravo, si não teve o preciso criterio para ver que alli quem lhe desrespeitava era seu escravo, e não a infeliz, que podia ter ido alli illudida, commettendo somente uma falta para com os preconceitos da sociedade, podia desagravar-se prendendo a desgraçada; concedemos mesmo, que por accesso de cholera lhe désse algumas pancadas, o que ja era uma arbitrariedade, porém castigal-a por uma maneira tão estupida e atroz, é um excesso de perversidade e denota instincto de mau coração.

A infeliz ficou em estado miserabilissimo, toda chagada, e no dia 22 ás 4 horas ainda não tinha sido curada!

No entanto o portuguez Nogueira que é dono ou socio de um trapiche, preso em flagrante não se recolheu á prisão logo, depois de receber a ordem de prisão, disse que no outro dia se apresentaria a authoridade, e a policia, contentou-se com isso.

Essa sorte de condescendencia é bem má!

Para que mentem dizendo que a lei é egual para todos?

Si a mulher morresse, o portuguez Marques Nogueira iria se entregar a policia? E' o que está por ver.

Para a honra e probidade do illustrado Sr. Dr. chefe de policia appella-se, na esperança de que a lei será desafrontada. Não desminta S. S. o justo preconceito de caracteres honestos e incorruptiveis de que gozam muitos membros de sua familia.

Além do mais que por ahi espalham, diz-se que prestada a fiança, o portuguez sahirá para a rua e o processo ficará envolto em mysterio e a justiça menos-presada.

A expectativa publica está lançada para S S. neste facto da mais requintada e hydronda crueldade.

—Effeitos do *Passo da Patria*. Um de cabeça quebrada e o outro na cadeia!

—Isso é nada. Inda havemos de ver cousa mais fina. Ja viu casa onde se bebe e joga em que não hajam *pertuvios*?

—Entretanto os proprietarios dizem na policia que é calumnia de seus desafectos o que dizem por ahi; que aquella casa é o tabernaculo da ordem e dos bons costumes!.... que lá so entram rapazotes que sabem o que fazem...

—E que sem terem rendimentos perdem lá dinheiro todo dia, e alguns quantias avultadas. Si não fosse exarcebar desgostos eu publicava os nomes de muitos que lá vão e das quantias que deixam.

—O meio de vida é excellente. Em quanto houver papalvos no mundo, os *subidos* estão como querem.

—O guarda da *infancia* no trem de paz de Latronopolis viu se embaralhado na manhan de 12 do corrente.

—A razão?

—O magano sahiu para dar seu giro do costume por casa das conhecidas, e depositou as chaves n'um logar que ja era de praxe. Um esturdio lembrou-se de prespegar-lhe com uma boa peça e bifou lhe as chaves Demanhan quando veiu do *pulo* em sua maciota para abrir as portas achou-se em branco, e eil-o apertado sem saber o que fazia; gritou até por el-rei de *França*.

—E o *endireitador* soube disso?

—Creio que não; a cousa arranjou-se lá mesmo entre os cujos.

—Ja uma vez-me disseram que esse maganão de cabresto as vezes que lhe toca pernoitar, empurra-se.

—Dizem que com o susto ficou doente e que por isso vai pedir alguns mezes de licença para tratar-se.

—E conseguirá?

—E' provavel. Tem padrinhos.....

—Aquella *meia* casa vae muito desmoralisada.

Sr. Gatuno.—Diz o rifão—Faças bem não olhes á quem—Pois bem, nós dizemos o contrario, porque a ex-

periencia e factos recentes nos levarão a assim proceder.

Na occasião em que pediamos para não continuares a ser victima do azorrague do muxingueiro, pagaste esta generosidade com a acção mais torpe, mais infame; outra cousa não podiamos nem deviamos esperar de ti, miseravel Gatuno, por que um homem immoral, crapuloso, devasso, infame, ladrão, bajulador, e tudo quanto ha de abjecto e immundo, jamais pode ser reconhecido, sim, por que tua cara ja ha muito se acha estygmatizada com o ferrete da infamia, e por conseguinte não pode haver mais pecha, não podem haver mais palavras que te façam chegar o rubor a essa cara sem verniz, carcomida pelo vicio e pela depravação dos costumes.

Não nos ocuparemos mais de patentear ao publico os teus actos depravados, a tua vida crapulosa e devassa; não iremos revolver as cinzas de tuas victimas seduzidas, deshonradas e lançadas neste mundo de desgraças, por que teus feitos ja tem sido aqui por paes e mães acabrunhados pela deshonra manifestados ao publico; iremos devassar e patentear a teus companheiros as folhas destes livros que te servem de escora a teu corpo femineo, para que todos bem patentes vejam tuas ladroeiras; depois narraremos a tua comedia de suicidio perante certo magistrado, por que a todo transe queres extorquir o pão de teus companheiros, por que o ouro que tu adquires com as ladroeiras mais escandalosas não chegam para saciar tuas devassidões; iremos publicando documentos de teu punho para que todos fiquem conhecendo de quanto tu es capaz; iremos finalmente relatando os actos que fores praticando illegalmente para que todos quantos passarem em frente de teu covil, verdadeira cova de Caco, horrorisados te apontem e digam—Eis ahi a escoria dos homens, eis ahi o prototypo das desmoralisação.

Não te persuadas que é despeito que tomamos por teu acto infame—não, por que nós não queriamos essas interinidades, como talvez saibas, mas por tua ingratidão, miseravel capacho, por que em quanto Deus nos der vista e braços para trabalharmos com honra, não nos abaixaremos a pedir-te, nem a algnem, favores de que nos resulte algum proveito.

(*Continúa.*)

—E' um olho-vivo dos diabos aquelle sargento!

Pois o homem não achando mais o que *gamar*, não foi roubar uma panella de mocotó no Caminho Novo do Taboão, em companhia do *João* e do *Avelino?*

—Faz muita honra ao batalhão do *Chaveiro do céu* o tal sargento; o Sr. capitão dos *Seixos* deve ufanar-se de commandar um inferior daquella bitola!

—Eu creio que uma *pedra* tem mais vergonha do que aquelle biltre!

—Nunca vi sevandija egual. E' mesmo uma *pedra* á respeito de verniz.

—A policia é quem quer assim; por que consente que quanto larapio e reu de policia ha, ande ousado a commetter falcatruas sem lhes tomar contas.

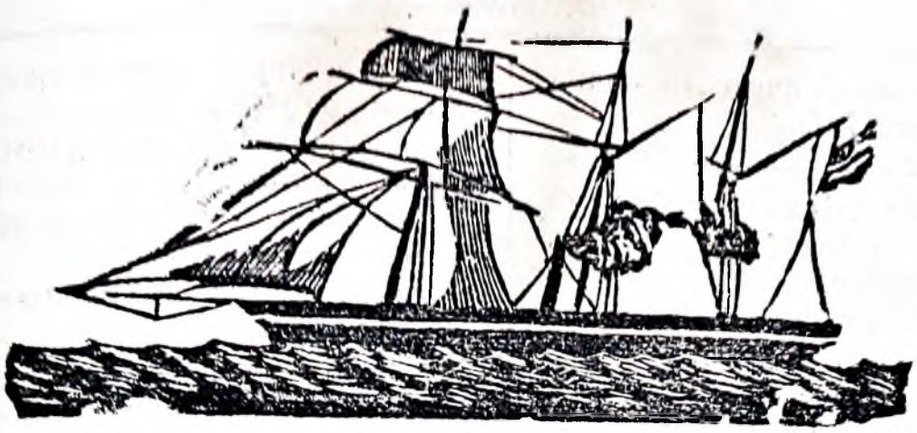
—Diga-me, Sra. Constança como é que Vm. uma senhora que está com os pés na sepultura e que em breve tem de comparecer na presença do Altissimo, tem animo de usurpar o que é de seu irmão, obrigando-o a pedir esmollas? Isso não é de quem tem 68 annos!

Em quanto foi moça os desvarios e fogo da mocidade a desculpavam q e praticasse assim, porém hoje que está no calçado velho, que passou para o batalhão das reformadas, seu procedimento é abominavel.

Querer antes que os estranhos se locupletem, do que seu irmão, daquillo que tambem é delle!...

Emende-se; não esteja entregando sua alma a Satanaz; e nem vá atraz das prozas do Evaristo quo o que quer é se armar.

Sr.ª *Constança,* apezar da sua edade, não esta livre da *satyra* mordaz do *Lins* se continua a usurpar os bens de seu irmão em proveito do *Vasconcellos.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 27 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 12.ª—N.º 117

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 eries, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de outubro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. inspector do arsenal de marinha, pedindo-lhe que dê suas ordens afim de que os trabalhadores e serventes desse arsenal, sejam pagos com mais pontualidade e não 10 e 12 dias depois de vencida a quinzena, devido isso, como nos informam, ao pouco cuidado do apontador em apresentar a competente folha em tempo, por estar talvez occupado em outras cousas.

Espera-se da dedicação e zelo de S. S. pela boa regularidade do serviço, que taes faltas não se continuem a dar, como aconteceu ainda na ultima quinzena que foi paga no dia 24.

—Capitão, bem disse V. Ex. que ha cousas que só vendo acreditava.

—E' verdade; mas o que ha?

—E' que informaram mal a V. Ex. de que o governo negara uma passagem para Cachoeira ao voluntario Galdino, pelo contrario elle teve 10$ rs. para isso.

—Nesse caso onde ha erro se desmancha, fica o dito por não dito.

—E em logar de uma censura, merece um elogio S. Ex. o Sr. presidente.

—Tambem concordo.

—Prodigio estupendo da natureza! Phenomeno ainda não visto!

Uma gata pariu cachorro!

—V. é um visionario! Anda a acreditar em bruxas.

—Foi facto visto por muita gente. A gata da Sra. Maria José, moradora na loja do sobrado de azulejos ao largo d'Ajuda, pariu quatro gatinhos e um cachorro, que só não tinha de cachorro as unhas; sendo para notar que os outros mostravam para seu irmão o antagonismo que separa as duas raças; ficavam todos arrepiados quando o cachorrinho se lhe aproximava, á excepção de um gatinho aleijado que estava em perfeita intimidade com elle.

—E esse aborto da natureza ainda está lá?

—A mulher deu pela cousa dias depois, quando os bichinhos abriram os olhos e começaram a andar; ficou estupefacta e de bocca aberta, com tão assombroso e raro caso.

Encasquetou-se-lhe depois que aquillo era o diabo em figura de cachorro; que era castigo do ceu e mandou deitar os animalzitos fora.

—Isto está me parecendo bulla falsa.

—Não fui eu só quem viu, muita gente de criterio lá foi.

—As cousas mais serias nesta terra tomam-se em ar de graça!

Todos os dias estão se dando sinistros por causa de descuidos nas boticas, e elles a se reproduzirem!

—Temos algum recente?

—Contaram-me o seguinte:

Um doutor receitou n'um mesmo papel diversos remedios para um enfermo e entre elles um para friccionar o corpo; mandaram aviar na botica a receita, e o boticario com a pressa ou descuido, pegou n'um rotulo que dizia —para tomar ás colheres—e cascou no vidro do remedio que era para fricções!

Quando chegou o remedio, a familia que não sabia, foi prespegando com a dóse e o pobre enfermo metteu no buxo um remedio que era para se lhe esfregar as costas!

—Que brincadeira!

—Para o Sr. ver. E estes factos succedem constantemente.

—E si o homem morrer, quem é responsavel?

—Isso é que é preciso indagar dos pastores.

VARIEDADE.

Um individuo foi visitar um hospital de doudos. O primeiro que encontrou tinha ar triste e resignado.

—Porque é que o metteram nesta casa? perguntou-lhe com bondade.

—Por causa de uma questão.

—Que questão?

—O mundo dizia que eu estava doudo, e eu dizia que o mundo é que estava doudo; e, como o mundo é mais forte do que um só homem, encerraram-me nesta casa.

(Extr.)

A PEDIDO

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Vae a rua do *Tira-bonés*, agarra o gallego *Xico* da taberna, e mette-lhe o focinho na cloaca para não ter o desaforo de attribuir aos mais aquillo que so ello é capaz de praticar,

—Tenho informações de que esse seboso é um trampolinas.

—Esse breado sevandija que vive na sua tasca a roubar, teve o atrevimento de imputar á um pobre e honesto homem o roubo de um pinto!

—Gato ruivo do que usa nisto cuida.

—O gallegorum deve conservar por 15 dias o focinho na cloaca, e depois o obrigarás a ir pedir perdão ao homem, do insulto que lhe fez.

—Estou sciente, capitão.

—Olhe que este *Asmodeu* em toda parte ha de fazer das suas!

—Quem é, *Carrinhos?*

—Esse demonio mesmo.

—Fez alguma das delle?

—Pois o Dr. *Gordinho* não teve a doudice de convidal-o para uma reunião...

—Alto lá! o Dr. não o convidou; a besta por intromettida apresentou se la, e o Dr. por cavalheirismo deixou-o entrar, bem contra sua vontade.

—Ah, si o Sr. ja sabe, é superfluo contar-lhe.

—Sei que elle, persuadindo-se que estava no campo, e não n'uma casa respeitavel, embebedou-se como uma cabra e tantos pinotes deu com sua perna *torta* que espedaçou dous ricos vasos estimados em mais de 200$ rs. cada um, encommodando a todos com o baque!

—Que desmancha prazeres do diabo!

—O safado nunca se viu enfronhado n'aquillo, e até alli quiz mostrar que é o genio do mal.

—E viu como elle berrava na janella para da rua se saber que tambem foi a funcção?

—Ora se vi! Isto deve servir de emenda ao Dr. pa a nunca mais consentir cousa tão ruim em sua casa.

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Vae metter a faca sem dó naquelle atrevido bregeiro que tem a pouca vergonha de metter-se na loja de um sobrado á rua do Pão-de-ló, a bolir com as moças de defronte, e quando ellas olham para elle, encosta-se á um can-

to e põe-se a *virar macaco* fazendo trejeitos e momos.

—E' preciso que V. Ex. me dê os signaes do cujo para eu não me enganar.

—Tambem não o conheço. Dizem-me que é um tafol de boa altura, barbado, que costuma andar de paletot e colete *malhado*, isto é, mesclado.

—Ah! ja sei; é um sujeito de colete *malhado*, elle é *branco*.

—Pois agarra esse biltre e mette-lhe o calabrote de rijo, para não ser patife e immoral.

—Hei de executar com prestesa.

Pergunta innocente.

Pergunta-se ao Sr. Domingos José Antonio Rebello, prior da V. O. 3.ª do Carmo, quaes as bemfeitorias que tem feito, para o seu retrato estar á direita do antigo bemfeitor daquella Ordem o capitão mor Innocencio José da Costa?

Será pelos grandes serviços prestados com a venda das casas e reforma do compromisso?...

O curioso.

PARTE COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 26 DE OUTUBRO, A'S 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes da junta dos corretores.

Cambios.

Honradez sem mancha—deturpada.
Simplicidade de 1.º sorte,— em effeito.
Sizudez pura—refugada.
Idem, trincada de *machiavelismo*—procurada.

Descontos.

Tem-se feito alguns sobre propostas de *casamentos*.

Fizeram-se algumas transacções sobre a caixa *Conveniencias Eleitoraes*.

Saques.

Fretou-se o falucho rafeiro *Bebé* para conduzir uma partida de *bajulação* até a cidade do *Acillamento* a uma *migalha* por tonelada.

Joaquim Malcreado, presidente.
Gatuno, secretario.

Revista do mercado.

A praça de Latronopolis na presente semana, esteve, como nas anteriores animada.

Os especuladores deram pasto á larga, as suas tranquibernias commerciaes.

Em *desordens* e *bebedeiras* o mercado esteve quente. A venda de maior vulto foi a da carga do brigue *Odorico* vindo do *Passo da Patria*.

Entrou um carregamento de *gamações* no brigue *Sacca-bolsos* de consignação da companhia do Olho-vivo que está sendo retalhada pelos membros da mesma companhia.

Negocion-se o carregamento de *empalmações* do galeão escamoteador *Pedra* procedente de *Taboa-grande*.

Appareceram offertas para a compra do carregamento do brigue rispido *Nogueira* vindo da ilha de *Caldereiros*, constante de *espancamentos, brutalidades e tyrannias*.

Appareceram alguns *disturbios assuadas e recriminações* que foram vendidas em leilão.

Nestes generos obtiveram maiores preços os vindos da cidade *Terceira Ordem*, pela galera *Veneravel*.

Foram muito procuradas as *algazarras*, vindas da mesma procedencia na barca *Eleição*.

O carregamento de *preferencias* chegado no *Matadouro*, está depositado no trapiche *superior intendencia* por não achar compradores.

No mesmo deposito acha-se uma partida de *favores* para ser vendida a quem mais der, tendo preferencia os *amigos*.

Foi a leilão por intermedio do corretor Silva uma partida de *incoherencias*, dubiedades e *crenças* renegadas, parte do carregamento do brigue *Alameda* vindo de S. Francisco.

Movimento do mercado.

Bebedeiras.—As da fabrica Vasconcellos melhoraram de preço. As da Carijó conservam-se firmes.

Credulidade.—Quem possue algum resto deste genero, procura desfazer-se delle, por que é constantemente illudido pelos monopolistas.

Condecorações. — Depois da enxerrada que veiu ao mercado, ficou tão depreciado, que é tido em nenhuma conta. Quem possue alguma a tem como genero inutil.

Criterio.—Frouxo. As existencias são diminutas.

Equidade.—Actualmente é difficil de encontrar este genero no mercado. O pouco que ha é de qualidade intermedia.

Economias.—A que ha, é baldeada de *esperdicios*.

Libertinagem.—Todo consummo é quasi feito pela mocidade.

Ocações.—Abundancia das *immerecidas*. As *merecidas* ha poucas, e essas mesmas são misturadas de *interesse* pelos especuladores do genero.

Roubos.—Immensos. Os productores estão animados; os de melhor qualidade são importados pela companhia do olho-vivo.

Simplicidade.—Por este genero, que não ha, impingem os monopolistas *esperteza*.

Sandices.—Abarrotado. As existencias são avultadas.

Subtracções.—Comprou-se uma partida para abastecimento do trem de paz de Latronopolis.

Testamentos.—Os *falsos* estão paralisados.

IMPORTAÇÃO.

MANIFESTO.

Brigue *Agosto pequeno*, capitão *Dias* vindo de *Lima*.

50 barris papeis pintados, de amarello, e verde, 2 cunhetes *defloramentos*, 125 quartolas bens de dous orphãos, 15 almudes cinza de autos queimados.

EXPORTAÇÃO.

DESPACHOS MARITIMOS A 23.

Para fora de Latronopolis.

Cidade do *Deleixo*: barcassa *Camarista*; preguiça, desmazêlo, inercia, atrazos, porcaria e pouco cuidado.

Ilha da Carranceria: charrua *Relação* colchas velhas, lanternas de folhas do Flandres, velas de sebo de 10 rs. para illuminação.

GENEROS DESPACHADOS EM 23 DE OUTUBRO.

Para dentro de Latronopolis.

Gravatá: galeota *Hermelinda*, J. B. da *Cura*, 2 caixotes *illusões*, 4 fardos enganos, 12 embrulhos falsidades.

S. Francisco; cuter *Rosa*; *Magalhães* e *C.ª*, 600 gazuas, 46 roubos phantasticos, 2 volumes *papeis pintados*.

Cidade de *Encher a pança*; brigue *Xico*, J. S. Almeida 3 volumes esquecimento de um passado honroso, 2 ditos trocas por um futuro de opprobrio, 1 caixa amor a uma candidatura.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA.

Cidade da Judea—em 8 dias brigue valetudinario *Caldas* cap, *Mané Qelé*, passageiro um velho *gaiteiro*; carga—momos e tregeitos, arreganhos de carranca, bebidas excitantes, ademanes de velho, indisciripções, basofias, 10 latas pós de caroço de abacate, 50 arrateis cantharida.

SAHIDA.

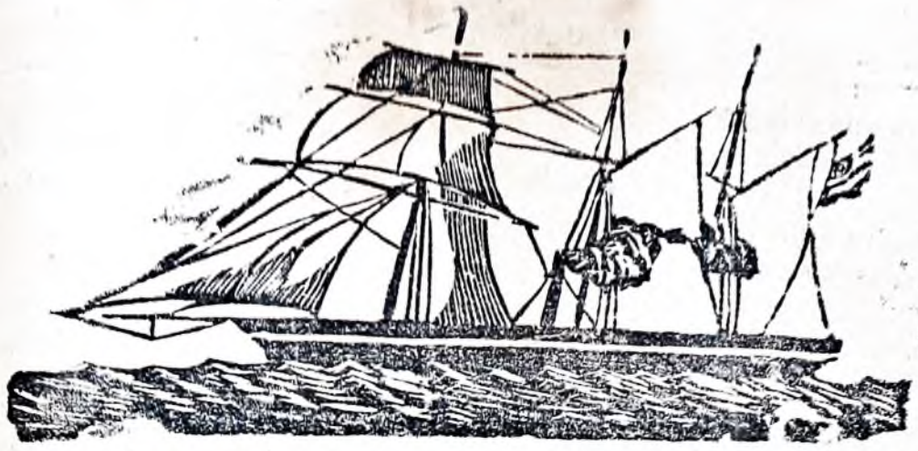
Malcreadopolis—chaveco *Corta-ferro*, eq. 6, capitão Souza, passageiros Augusto, *Felisberto* e outros; carga espadas empenhadas, 25 maços baralhos de cartas para o jogo da direita e esquerda, 3 saccos grosserias de mau humor, 7 balaios tratantices, 2 caixinhas joias ganhadas.

ANNUNCIOS.

Fugiu no dia 24 de junho do anno passado, a escrava acabocolada por nome Anna, com os signaes seguintes: edade, pouco mais de 40 annos, baixa, desdentada, cabellos grandes e um tanto corridos, muito prosista, pés inchados ou um só, é muito apegada ao caximbo; costuma intitular-se forra, e por onde anda pede esmola, quando se lhe appelidam por S. Gregorio, se enfeza; quem pois a levar aos seus senhores, os Castilhos n'alfandega, será recompensado. Outro sim protesta-se proceder criminalmente contra quem a tiver acoutada, e haver-se os dias de serviço, d'esde que ella fugiu.

D. Anna Joaquina Rios de Souza, seus filhos e genro, agradecem cordialmente a todas as pessoas, que se dignaram acompanhar ao ultimo jazigo o cadaver de seu sempre chorado marido, pae, e sogro José Pereira de Souza, e pedem o favor de assistirem a missa do setimo dia no Convento dos Religiosos Franciscanos no dia 29 do corrente mez, ás 8 horas da manhan, pelo que desde já protestam seu eterno reconhecimento.

Eduardo Gomes Mascarenhas, administrador da casa da viuva do finado Vicente Joaquim d'Araujo Ribeiro, offerece-se para armar os funeraes ou missa commemorativas do passamento dos bravos da patria que tem sucumbido nas fileiras do exercito paraguayo: abeneficio das familias dos mesmos, desempenhando satisfatoriamente qualquer pedido, por muito menos do que qualquer outro, podendo para esse fim ser procurado na rua direita da Misericordia n.º 31 ou em sua loja de cêra na mesma rua n.º 10.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 31 DE OUTUBRO DE 1866. SERIE 12.ª—Ns. 118 e 119

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de outubro de 1866.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um cano, que se acha arrombado na rua d'Ajuda, ao pé da venda do Coquejo, bem como um buraco na Preguiça, onde um devoto que acompanhava Nossa Senhora do Terço partiu a perna.

—Capitão, a nossa *Correspondencia Encyclopedica* é um pouco extensa, não pode ir neste numero.

—Pois então deixe-a para o outro.

—Falleceu o Illm. conego Lino Reginaldo Alvim, deão da Sé metropolitana.

Era um sacerdote que fazia honra a sua classe.

—Deus lhe dê a mansão dos justos para seu descanço eterno.

—Sucumbiu tambem hoje ás 2 horas da madrugada, depois de alguns dias de terriveis soffrimentos, o tabellião Manuel Lopes da Costa.

—No dia 27, um escravo do Dr. Rouen, andava a galopar n'um cavallo, e pisou um preto na rua d'Alfandega.

—A facilidade com que se consente que se pratiquem certas cousas, é que dá motivo a tudo isso. Como se permitte que naquella rua que está sempre apinhada de gente, se ande á galope!

—Porém ainda havendo prohibição, não se ha de andar atraz dos infractores.

—Isso é em outros logares, não alli, que ha uma guarda constantemente.

—E si for o cavallo do commendador fulano, o burro do vereador sicrano, a besta do doutor tal, o jumento do capitalista F., ou seu escravo que vá montado nelle, vae se prender?

—Agora isso, sim.

—Vê o olho-vivo como anda de cabeça em pé estes dias? E' roubos por toda parte!

—Aproxima-se a festa, a companhia está accelerada.

—Foram a venda do José Antonio G. da Cruz, á rua da Ordem 3.ª, bifaram os cobres que acharam e alguns penhores, e sahiram a sua vontade. Felizmente o homem é destes prevenidos e nunca deixa os cobres na venda. Ainda acharam 20$ rs. porque era para um pagamento que tinha de fazer o caixeiro de manhan.

—E sabe-se quem é o author?

—E ainda que saiba-se?

—Está ahi a policia.

—Ora a policia! A policia manda que o homem dê uma queixa contra os suspeitos, como si elles fossem tão imbecis, que deixassem as provas do roubo em casa para ella encontrar.

—E' muita ingenuidade!

Eu acho que á policia é que incumbe indagar particularmente onde foram vendidos taes e taes objectos, á quem foram offerecidos, e assim chegar ao conhecimento de quem é o ladrão. Por que quanto a vestigios elles não são tolos para deixal-os em casa.

—A prova está que quando vão a esses logares não se utilisam dos generos, porque podem mais facilmente ser descobertos, é só do dinheiro.

—Outra policia ja os tinha descoberto. A gente do olho-vivo toda joga; entre o roubo foram moedas de prata com argollas e elles haviam de ir jogar n'alguma parte; a policia conhece todas as casas de jogo; eis um bom canal.

—V. sabe? o vendelhão que tenha d'aqui em diante mais cuidado, para não se ver exposto a soffrer outra peça dos sujeitos; pois que diz o adagio—queijo encetado, vae acabado.

—E' uma deshumanidade! Levam aquellas pobres pretas todas as noites a dormir no largo de S. Bento expostas ao tempo. Deve ser bem desalmado o Sr. dellas!

—São pretas que vem de Itapagipe vender roletes á noite. Dizem que ellas tem ordem do Sr. de não voltarem para não serem roubadas no caminho, e como não têm casa onde fiquem, dormem alli, expostas ás chuvas e ao sereno, e ás 5 horas vão para casa.

—Faz dó! Dormem assentadas com as gamellas entre as pernas!

—Eu, si fosse a policia, intervinha no negocio, obrigava o senhor a ter um quarto alugado na cidade, onde as infelizes fossem descansar quando acabassem de vender.

—Vão ver que nem tempo para descançar lhe hão de dar quando chegam em casa.

—Eu era capaz de dizer, se não temesse offender, que essas escravas eram o fructo de dinheiro mal ganho, ou que custou pouco.

—Até agora ainda apparecia de vez em quando uma patrulha por alguma rua mais transitada; agora desappareceram completamente.

—E parece até que os soldados que ha são preguiçosos, porque negam-se a qualquer serviço á bem da ordem.

—E até se fazem surdos!

Na noite de sabbado, ás 11 horas, dous sujeitos espancavam-se em regra no Terreiro, um quebrou uma grossa bengala nas costas do outro. Cançou-se de apitar e o destacamento não ouviu!

Por fim os sujeitos tomaram por seu barato e correram, quando viram que o povo se aproximava delles.

—E dizem que vivemos n'um paiz constitucional!

—E liberrimo!

—Onde um individuo requer com todas as formalidades que se lhe dê um documento, e tem por despacho—requeira em termos!

—E que tem isso de mais? Nada.

—E' que o Sr. não comprehende o *requeira em termos*, o que significa.

—O que é?

—Significa que o individuo deve dizer no requerimento, que uso vae dar a elle; si fôr por ex., para provar uma isempção de servir, nunca terá despacho.

—Petarolas!

—Petarolas, não, os factos ahi estão; os requerimentos neste sentido ao commando das armas, nunca tiveram outro despacho, e para se obter um documento desta ordem alli, era preciso comer candeias de sebo.

—Tambem lhe affianço que, se taes factos se deram, não eram por culpa nem do fallecido commandante das armas, nem do actual. Era força maior.

—Lá isso não sei.

—Os boleeiros em nossa terra com-

mettem quanto abuso ha, e ficam impunes!

—Nos Estados-Unidos, paiz da liberdade e onde por consequencia a lei não é chimera, não acontece assim.

Veja o que aconteceu e que é narrado pelo *Correio de Ultramar:*

«O tenente coronel Grant, vencedor de Richmond, e talvez futuro presidente dos Estados-Unidos, acaba de ser preso em Washington por ter conduzido uma carruagem com uma velocidade exagerada.

«O general propoz pagar a multa, pois não tinha vontade de ir preso. Sem embargo, o policial declarou-lhe que não estava authorisado para receber as multas, e preciso foi que cedesse o general e se apresentasse na estação proxima para render homenagem á lei commum.

«Um facto analogo viu-se no tempo de Lincoln. O cocheiro do presidente levou sua carruagem até um dos lados da avenida, e um policial atravessou e ordenou que o seguisse ao posto de policia.

«O cocheiro negou-se á isto, porém Lincoln mandou sentar o policial a seu lado e foi a estação, onde pagou a multa.»

—Eis aqui dous bellos exemplos de egualdade perante a lei!

A PEDIDO

Recommenda-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia tres rapazotes perfeitos reus de policia, sem officio nem occupação, moradores na Travessa do Cruzeiro, que vivem alli a fazer desordens e insultar a visinhança, principalmente á noite, que munem-se de cacetes, e fazem proezas.

Um delles, a garantia que tem, é ser guarda de artilharia, e os outros nem isso são. Porém constituirá isempção o ser guarda nacional a um individuo que não tem meios para sel-o, e que faz da farda seu salvaterio, envergando-a diariamente para dar á vontade largas a seu pessimo procedimento?

Esse individuo um dia destes, foi preso de pés no chão e em mangas de camisa atirando pedradas, porém o soldado deixou-o tomar a farda, e no outro dia indo a presença de S. S. foi solto.

Parece que n'uma epocha em que se manda recrutados para o Sul, homens que de lá voltaram na qualidade de officiaes, embora de voluntarios, não estão isemptos maltrapilhos da ordem destes que se aponta a S. S.

—Que diabo de assuada é uma, alli na rua Direita de Palacio, em certas noites?

—Dizem que é um baile de mascaras em miniatura, que ha.

—E' preciso a policia ir assistir uma noite.

—Capitão, mande a certo escriptorio, ás *janellas da Ribeira*, intimar a um velhote que lá tem que deixe-se de gatimanhas com a visinhança, do contrario se mandará fazer ver ao Sabino.

—Que trapaceiro miseravel! Sujando-se com ridicularias!

—A' gente do olho vivo tudo serve, meu charo!

—Ora qual! Pois um homem que aspira ao socerdocio, emporcalhando-se com ninharias!

—Ninharia ou não, diga-me o que é,

—Um sujeito assigna um jornal e marralheiro de chapa, nunca paga a assignatura, ajuntando quatro e seis series. A redacção fecha os recibos n'uma carta e lh'os remette. Depois de ter o portador cançado as pernas em idas e voltas, o nosso *duraço* abre a carta tira os dous recibos de data mais moderna, torna a fechar os outros e entrega com 2$ rs., dizendo que vá em outro dia receber o resto. Volta o portador e ninguem faz reparo na esperteza do *meio padre, meio secular;* passados 15 dias, vae-se de novo receber, e o *finorio* diz que não deve, que é impossivel, que ja pagou recibos mais modernos do aquelles que lhe apresentam!

O cobrador pede-lhe que lh'os mostre, elle responde que não guarda, mais que vae procurar a ver si os acha. No outro dia quando vae o cobrador elle diz muito ancho —perdi uma noite em procurar, mas achei, e apresenta os recibos de data posterior! Isso não é um roubo crasso?

—Quem é esse marroco?

—Não lhe digo; elle intitula-se de *padre*, ponha-se agora a *vacillar* á ver si se desbre quem é.

—Não posso.

—Elle anda atrapalhado com a subtracção que lhe imputam de certa peça harmoniosa, da casa de oração de Nossa Senhora da *Doença*.

—Ah! ja sei é um que não chupa nada.

—E que se inculca de maçon pelos botequins e tascas.

—A muito que o muxingueiro ja o devia ter visitado.

—Tem escapado até hoje, mas desta vez não lhe vale a sua devoção com S. *José*.

—Acho muito ridiculo aquelle subdelegado, apezar de ser de districto dos *campos*, constituir-se cobrador de casas em sua freguezia, andar pelas portas dos inquilinos á perguntar quem tem dinheiro.

—Pois si o homem valeu-se da sua posição de subdelegado para empolgar a mamata, como é que Vm. extranha?

—Porque acho que aquillo faz perder a força moral da authoridade, e não se coaduna com a devida posição.

—A cousa não é essa; o bom é ver as graças que elle diz aos moradores: por exemplo—tem dinheiro? sinão tem eu brigo—eu sou homem de briga—tomara já achar um inquilino que queira me dar uma facada, para instaurar-lhe um processo; e outras cousinhas deste jaez. Isto é de uma authoridade que se respeita e tem consciencia do que vale?

—O homem entende que por ser de freguezia de fora, deve empregar o valimento de seu cargo para arranjar pepineiras, o que alcança facilmente, por que as partes acreditam que elle sendo authoridade tem recurso para dar andamento e solução a qualquer negocio.

—Eu achava bom que mandassem o tal subdelegado dos *campos* comer *limas*, que as tem boas em seu quintal.

Testemunha da pontualidade e probidade com que o Sr. alferes Salustiano Souto de Miranda, desempenha o logar de apontador do arsenal de marinha da Bahia, não nos podemos furtar ao desejo de dirigir um elogio ao empregado zeloso e honesto, que sabe cumprir com dedicação seu dever.

Desculpe o Sr. Souto de Miranda se com estas linhas filhas de espontanea justiça vamos ferir sua modestia.

Sirvam ellas de estimulo a tantos que por ahi vivem a comer o dinheiro do paiz mal e indevidamente.

Um operario.

Pergunta curiosa.

A' vista do artigo 84 da lei provincial n.° 730 de 18 de dezembro de 1858, poderá a camara cobrar legalmente 3$ rs. por licença para vender farinha fora do celeiro publico?

O Duvidoso.

(Continuação.)

—Sr. *Madeira da Suecia*, é tempo de contar-lhe uma historia.

Desculpe si for um pouco longa.

Em 18... descobriu-se para longe de Latronopolis uma terra, que em seu seio encerrava metaes preciosos, em excessiva abundancia.

A exageração pintou aquelle manancial de preciosidades com deslumbrantes cores para os espiritos avidos de riqueza.

Um homem alli, tornava-se millionario naquellas *lavras* de diamantes em poucos dias; o tudo estava em saber *girar*, e ter os olhos um pouco abertos, isto é, vivos.

Attrahidos com a descripção de tão incommensuravel riqueza, e pela facilidade de adquiril-a, affluiram para elle centenares de especuladores, guiados pela cobiça de enriquecer a vapor.

Entre a malta de aventureiros que pressurosos correram a engolphar-se nesse oceano de diamantes que estendia-se em *lençóes* por muitas leguas, destaca-se um spirito eminentemente repleto da mais sordida e hedionda ambição, que constitue o heroe da nossa historia.

Conseguindo illaquear a boa fé de alguns commerciantes de Latronopolis, pôde arranjar um abono de fazendas no valor de uns 8:000$ rs. mais ou menos; e partiu para o logar das *taperas*.

Genio moldado no cadinho da avareza, na mente pousava-lhe um unico pensamento — ganhar muito dinheiro, fosse como fosse.

Sabia que para chegar mais depressa ao almejado fim, era preciso muitas vezes abandonar a estrada da boa-fé, e internar-se no atalho da falcatrua, e trilhar o desvio da trapaça, e que ligado á probidade, lhe seria muito longa e duvidosa a jornada, e que para adiantar era preciso dar ás mãos e asseciar-se a ganancia poderosa auxiliar para taes commettimentos.

Tudo isso sabia elle por longa experiencia de uma vida agitada nestes vaivens da especulação.

Com a alma regorgitando em semelhantes ideias partiu de Latronopolis em demanda do logar desejado, logar que a sua desmarcada cobiça lhe pintava em sonhos, como um *paraiso de brilhantes*.

Chegado ao premeditado destino entregou-se ao trafego especulativo com encarniçamento empregando todos os meios por mais torpes que fossem para fazer fortuna á todo transe.

Ninguem em Latronopolis teve mais noticias do aventureiro, por que elle teve a cautella de não escrever a ninguem, partecipando o seu estado.

Os credores depois de muito esperar, sem terem novas nem mandados do trapaceiro, julgaram que o diabo tinha levado aquella alma avarenta, e perderam a esperança de haver o importe de suas fazendas.

No entanto esse espertalhão ia por todos os meios licitos ou não, arrecadando moeda e guardando com insaciavel gana.

Todo trato, toda transacção lhe era boa, com tanto que lhe deixasse lucro sofrivel.

Descia ás mais abjectas especulações afim de adquirir moeda.

O que elle queria era abreviar o caminho, chegar primeiro que os outros.

(*Continúa.*)

—Que maneira de castigar uma criança!

E' uma barbariedade!

—Aquillo é de mais! Nunca vi dar pancada tão desabridamente!

—Pôr o pobre molequinho nú, amarral-o e surral-o desapiedadamente, como se batessem em pau!....

—Safa! que *escholastico* villão é o tal Sr. *Joaquim*.

—Nem por o moço morar no becco onde se faz *Hostias*, o Corpo de Christo!

—Si o *Motta* fosse vivo não consentia que praticasse tamanho rigorismo.

—Estou quasi mandando o *Silva* denunciar a policia.

—Era bom. Estou que, si ella soubesse, havia de fazer alguma cousa.

—Pois vou fazer isso.

—Capitão, si V. Ex. não tomar providencias energicas á respeito do *trem do mar* de Latronopolis, não sei o que será daquella spelunca latronis.

—Formule suas accusações.

—Ainda mais? Não bastam as que tem chegado ao conhecimento de V. Ex.?

—Quanto mais melhor.

—Por agora, referirei a V. Ex. a injustiça que sofre um pobre homem por causa da ladroeira dos patifes.

Ha naquella *toca* um *marcador* grileiro como o diabo. Na *marcação* que faz, altera sempre os dias dos trabalhadores; quem trabalha seis dias, elle marca nove, etc.

—Tanto melhor para os serventes.

—Si o proveito fosse delles. No dia do pagamento, os homens recebem o cobre conforme a folha dada pelo marcador, porém este depois com uma folha particular vae exigindo delles o accrescimo que receberam e guardando no seu bolso, servindo os pobres homens de *moços do cego*. Um destes, estando um dia nos *azeites*, quiz se metter a gato e cassuar com o seu *marcador*. Tinha trabalhado seis dias, porém na folha estava como doze o assim

lhe pagaram. O *marcador* veiu a elle, e disse-lhe:

«—V. tinha 6 dias e recebeu 12.

«—Sim, Sr.

«—Pois então dê cá o que tem de mais.

«—Sr., eu recebi o que me deram.

«—Mas V. não sabe que não pode receber mais do que trabalhou?

«—Sr., eu recebi o que estava na feria.

«—Porém..... V. não sabe.....

«—Eu não sei de nada; sei que recebi o que me pagaram.

«—Bem, leve, que V. ha de perder mais.

Deste dia datou a perseguição para o homem. Nunca mais foi marcado para servir sinão duas vezes em duas *meiadas* de mez.

—Vm. não sabe que os gulosos que querem comer so se engasgam? Si elle fizesse uma concordata com seu patrão dividindo a pexinxa, estava livre disso.

—A doutrina deve ser applicada ao marcador que arranja o grilo, faz do servente instrnmeuto e depois come elle so.

—Emfim tudo aquillo é uma corja de bandalhos que não ha força de taca que os faça tomar geito. (*Continúa.*)

Uma pergunta.

Pode um commandante de batalhão tirar praças de um outro, e remettel-as para o contingente, somente porque esse outro batalhão está debaixo de sua inspecção?

Pode até metter nas fileiras de seu batalhão os guardas do outro corpo?

Por que motivo?

Será por que esse batalhão está *sem cabeça?*

Curioso.

Sr. Redactor do *Alabama*.—No dia 24 do corrente, veiu no seu periodico um artigo contra mim, no qual se diz eu pertencer a companhia do Olho-vivo. Sendo tal artigo de João Coelho Flores, guarda do contingente a que pertenço, e do numero dos mais remissos, fiado em que seu relogio *dá hora sem pestanejar*, isto é, que tem relogio sem cabello, não obstante ser um relogio já velho; e fiado tambem em ser casado, não tendo consciencia de que eu devia fallar a verdade ao meu superior, pelo que zangou-se contra mim. O Sr. Flores nenhum credito deve merecer, porque era meu amigo antigo, e ainda no dia 25, acceitou o meu jantar na guarda do Forte de S. Pedro, e em tal occasião dirigiu-me brindes, dando-me provas de amisade, e tanto que me informou as causas que o induziram a casar-se. Já vê o publico que o tal Flores é um dos *Seixos*, quanto ao serviço nacional; que não merece fé porque a me considerar da companhia do Olho-vivo não devia relacionar-se tanto commigo, e ainda depois de ter escripto em publico uma falsidade contra mim, acceitou o meu jantar, visitou-me, e passou commigo a mor parte do dia; si era tão meu amigo de certo pensava como eu, e certamente era um dos sucios=arranje-se com elles, por que eu não uso do falso que me imputa. Sr. Flores, informe-se melhor do facto da panellinha do mocotó, ou si está bem informado, não falte a verdade, por que tal peça não foi feita por mim, e sim em cassuada por outros com consentimento da dona da casa.

Dê horas, Sr. Flores, melhor que lhe ha de ser outra ora, como a da noite de 25 do corrente, em que foi prezo, enganando ao Sr. Dr. chefe de policia, dizendo ter sido recrutado.

João Avelino de Souza Pedra.

—Adeus Sra Chica do caffé.

—Sr. com quem é isso? olhe para si não me venha offender.

—Não sabia que tanto se offendia de assim chamal-a, quando toda cidade como tal a conhece.

—Peior, não quero historias vá contal-as a Martinha Boi que bem lhe pode assistir, ou lhe dar quem lhe assista.

—Ouvi dizer que a Sra. era fina jogadeira da banca, vinha convidal-a para jogar algumas partidas comigo.

—Não Sr., Tenho já banqueiros certos e que com gosto perdem seu dinheiro e não fazem cara do choro, nem

se zangam, antes ficam satisfeitos.

—Eu tambem faria o mesmo, estarei por tudo quanto quizer, o que quero é me divertir, não me importo de perder o que aqui trago, vamos jogar uma partida.

—Não Sr. já estou compromettida com varios assignantes, que são certos todos os dias.

—Quem são esses assignantes? por ventura eu não posso entre elles fazer tambem minha perna.

—Não Sr., já lhe disse estou compromettida, não me veixe.

—Quem são essas personagens, permitta que lhe pergunte.

—Não são personagens, que delles não dou fé prefiro a outra gente.

—Quem são os taes freguezes?

—Não lhe dou satisfações.

—Diga sempre quem são.

—E' *Mané*, S. *Martinho* lhe dê muita vida e saude para gozar do bem que lhe fiz, e eu da franqueza que elle me dá.

—Então elle lhe deixa parar franco?

—E' verdade; e tenho o direito de jogar com todos que me apparecem, por que elle me consente, e quando acaba de bater sua sola, então vem continuar o jogo quando eu já tenho apontado a muitos, e o Sr. bem sabe que quem graças faz graças merece, e assim como elle me dá todo dia por meu, eu com o que lucro guardo para elle bons petiscos, patos fritos, chouriços, etc.

—Elle não se zanga de achar o resto dos outros, quero dizer, da Sra. já ter jogado com outros?

A Sra faz-me um favor?

—Si estiver ao meu alcance será satisfeito,

—Desejo conhecer esses seus affeiçoados jogadores de banca.

— Olhe são rapazes do bom tom, conhece Nicoláu, Marcos barbeiro, Justino, Felipinho, Viva pureza e Marcos de Nazareth etc. etc.?

Está satisfeito?

—Agradecido.

—Agora faça-me o favor retirar-se que elles não tardam que já passa das horas que elles tem de costume vir.

—Bem, desta forma estou despedido?

—Já disse, faça o favor retirar-se, depois não diga que eu o enganei, elles só gostam de ver aqui gente de sua egnala.

—Desta forma me retiro para sempre, esqueça-se do meu dito.

—Ha mais tempo.

—Barulho por causa de cachorro! E' o resultado de tanto cachorro na rua!

Hontem, 29, as 5 horas estava o cadello do Sr. João Diogo, padeiro á Saude, ás dentadas com o cachorro de um africano seu visinho. O negro zangou-se e matou o cachorro do padeiro.

Este resentiu-se, rascou com o africano, o qual sem preambulos passou a enchada na cabeça do seu contendor que o poz em estado de levar a breca.

—Veremos si agora toma algum calor.

—Nenhuma authoridade appareceu no conflicto; inspector, soldado, nada.

Si não é o povo o neg o empurrava-se.

VARIEDADE.

Um pelotiqueiro na cidade de Praga na Bohemia, tendo promettido mostrar o diabo a seus expectadores, o fez mostrar da maneira seguinte: Subindo ao cadafalso armado no meio da praça, e cercado de uma numeravel turba de curiosos, que queriam ver o promettido diabo, levantando todos uns gasnates enormes, e attentos conservando as boccas abertas, puxou o pelotiqueiro da algibeira uma bolsa vazia, e despejada, levantando em alto, a virou e revirou de dentro para fora, e de fora para dentro, e perguntou ao charo auditorio seu; se via alli naquella bolsa algum dinheiro? Todos a uma voz disseram que não. Pois isso é que é o diabo lhes tornou o pelotiqueiro.

Porque é que as mulheres fallam tanto

Dizem os rabinos que a palavra *Eva* deriva-se d'outra que se intitula *conservar*. A primeira mulher tomou esse nome, por que, quando Deus creou o mundo, cahiram do céu doze cestos cheios de tagarellice, e ella apanhou nove, em quanto seu marido apenas apanhou tres.

Parece-nos que, depois que fundaram os governos representativos, vieram mais alguns outros, que foram todos apanhados pelos parlamentos.

A' ESQUADRA BRASILEIRA.

Acrostico.

Denodada phalange brasileira,
O teu nome no Brasil será sempre lembrado;
Mostrastes aos pequenos paraguayos
Para quanto é capaz nosso soldado.

Em cima de teu mastros fluctuava
Dourado e sempre rico pavilhão;
Rompeste o combate, fortes bravos,
O inimigo arrojaste pelo chão.

Soubeste combater em prol da patria
Entre balas, perigos, entre a morte;
Ganhaste um triumpho em Riachuelo;
Em hymno se cantou de sul a norte.

No Lopes uma hypothese pregaste,
Dando fundo a seos barcos, desabrido
O tyranno ja esperando essa victoria.
Muitos cabos á Humaitá tinha trazido.

A victoria de um combate glorioso
Gravada em a memoria nos está;
Nosso *lambarum* *remblante* e magestoso
Vade de em breve ir pouzar no Humaitá.

Nunca mais o Paraguay pretenderá
Infringir nossas leis, nossos tratados,
Meditando — la na sua consciencia.
O imperio do Brasil tem bons soldados.

(*Aur. Cear.*)

Viajavam juntas 3 pessoas, um pedante, um barbeiro, e um calvo; ajustaram entre si, que cada um velasse 4 horas, em quanto os dous dormiam. Tocou o 1.º quarto ao barbeiro, o qual tanto que viu os companheiros profundamente adormecidos com o cançasso, deitou-se á cabeça do pedante, e muito ao de leve foi-lhe rapando toda: passadas as 4 horas acordou-o. Despertando o pobre homem, bocejou, espreguiçou-se e começou a coçar a cabeça, e achando-a lisa como a palma da mão, exclamou: Olhem que pedaço de bruto é o mestre barbeiro! Em vez de me acordar a mim, acordou o calvo.

— —

Um general, á quem uma bala d'artilharia levou uma perna de pau em certa batalha, poz-se a rir ás gargalhadas, dizendo: Desta vez logrei o inimigo, pois trago alli outra na minha bagagem.

— —

A um sugeito que asseverava que si havia aceitado certo emprego, fôra contra a sua vontade, disse um gracioso: «pois si esso assim é, largue-o por sua vontade.»

(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

Fugiu no principio do corrente mez a escrava crioula Maria Pitó, pertencente ao Sr. Francisco Pereira da Costa, de Itaparica, a qual se achava em poder de seu genro abaixo assignado; e tem os signaes seguintes: baixa, de 30 annos pouco mais ou menos, fula, com as maçans do rosto levantadas, falta de um dente na frente, ou de um lado, olhos grandes, e tem signaes muito visiveis no pescoço de scrophulas: quem a levar ao mesmo abaixo assignado n'alfandega será recompensado. Protesta-se proceder contra quem a tiver acoutado, e haver os dias de serviço, a rasão de 1$000. Bahia 24 de outubro de 1866.

Aguedo Feliciano de Castilho.

O Sr. Joaquim Muniz de Paula Araujo, furriel da guarda nacional, é rogado a vir a esta typographia.

Christovão Fernandes Velloso, carteiro do correio, pede a todos os seus assignantes o favor de pagarem os portes de suas correspondencias vindas da Europa, pois elles ja se acham pagos no correio.

Eduardo Gomes Mascarenhas, administrador da casa da viuva do finado Vicente Joaquim d'Araujo Ribeiro, offerece-se para armar os funeraes ou missas commemorativas do passamento dos bravos da patria, que tem sucumbido nas fileiras do exercito brasileio: abeneficio das familias dos mesmos, desempenhando satisfatoriamente qualquer pedido, por muito menos do que qualquer outro, podendo para esse fim ser procurado na rua direita da Misericordia n.º 31 ou em sua loja de cêra na mesma rua n.º 10.

O

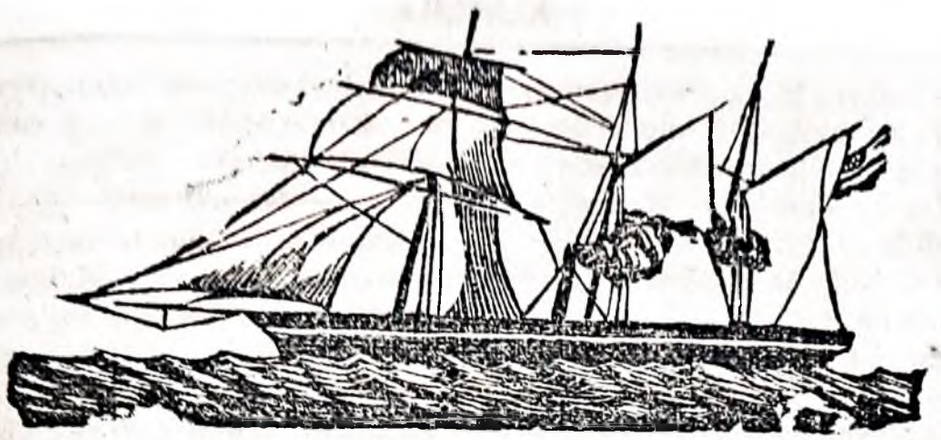
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 1.º DE SETEMBRO DE 1866. SERIE 10.ª—N.º 94

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de agosto de 1866.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, partecipando-lhe que nos informam que no quartel da Palma ha um preso sentenciado de nome João Paulo, o qual é visto á noite pelos beccos do Castanheda a passeiar, tendo até por diversas vezes se embriagado e commettido desordens. Pede-se a S. Ex. que mande averiguar si de facto é o referido forçado que dá seus passeios á noite ou algum sujeito que se pareça com elle.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, chamando sua attenção para um crioulo mudo de nome Sergio, chefe de uma escolta de ratoneiros que anda nessa cidade. Esse individuo com sua escolta tem sido accusado de immensas gatunices, que tem se dado; diversas vezes tem andado ás voltas com a policia. Ante-hontem foi elle acompanhado do seu immediato Angelo, crioulo, cego de um olho, e mais dous companheiros, á barraca da Mariquinhas d'Alcovia, em Santa Barbara, e de la gamou quatro pannos da Costa d'uma barraca visinha. Pede-se a S. S. uma providencia contra esse ousado larapio, cuja morada é na rua do Tijollo.

—Fazer qualquer reclamação a camara por mais justa que seja, é o mesmo que clamar no deserto!

—Nem tanto!

—Ora si é!

Tem se reclamado constantemente sobre dous formidaveis buracos que ha na freguezia do Pilar, um defronte do arsenal de guerra está solapado por baixo por causa do embate do mar; por alli passam as gondolas e immensidades de carros, pode d'uma hora para outra haver um sinistro, e a camara conserva-se impassivel!

—Talvez os homens tenham couza de mais importancia a tratar, e por isso ainda não deram fé dessa bagatella!

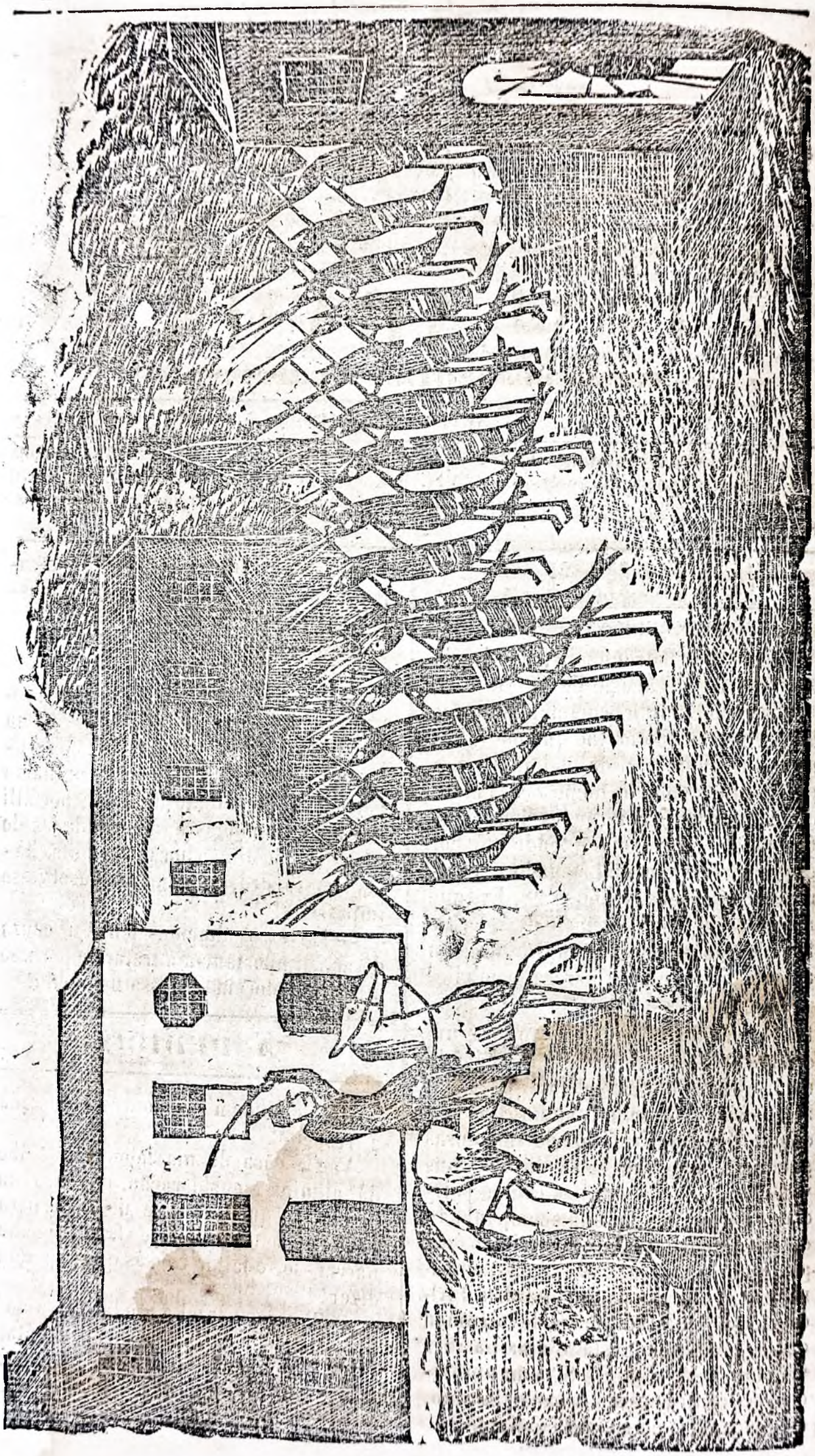
A PEDIDO

—Que homem casado que não se dá a respeito!

Vae a casa de um homem que lhe dá alguma consideração, e abusa da confiança que nelle se deposita, para praticar actos que até faz vergonha narrar-se, e fallar cousas que repugna dizer!

—E' preciso fazel-o mudar de rumo.

—Mande ao *Mau-gosto* perguntar ao *João*, e depois de preso passa-lhe uma *fiscalisação geral* nos focinhos.



—Os grilos são inextinguiveis! Reproduzem-se por todos os cantos!

—Cousa nova?

—Supponha que um batalhão de guarda nacional quando *está no quartel*, vae recebendo guardas novos que por conseguinte não estão fardados, e que o commandante por generosidade manda dar á cada um delles gratuitamente um bonet, comprados á sua custa, mas que alguns officiaes, (não são todos) entendem que no dia do soldo devem descontar o valor do bonet.....

—E' um grilo, não tem duvida; o que resta saber é, em que corpo se dá isto.

—Isso é o que não lhe digo nem pela Avó de Christo.

—De tudo se sabe neste mundo!

Consta-nos que os conductores da polvora para o laboratorio pyrotechnico ao subirem a ladeira do Rio das Tripas para o Barbalho, tem por costume pararem no meio da ladeira debaixo de uma jaqueira, achando-se ahi já promptos dous pretos, cada um com seu caixão, e então, oh vergonha! a polvora é baldeada dos barris para os caixões; depois de cheios, os pretos cobrem com encerados os caixões e descem a rampa do arco, encaminhando-se para a Baixa dos Sapateiros.

—Já ouvi fallar nisso outro dia, tudo si hade ver nesta infeliz terra, meu Deus!

—Eu não sei a quem me deva dirigir, si ao Sr. commandante das armas, ou si ao administrador do deposito da polvora; em todo caso a quem direito tiver, pedimos que syndicando do facto, puna os delinquentes para que não se ostente o crime, e a lei não seja uma chimera.

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Sabe a ladeira do *Surdo-é?*

—Muito.

—Pois vá até la e procure as *Tres bombas* moradoras defronte da Marocas, e diga-lhes que deixem a pobre rapariga a quem insultam constantemente porque ella não lhes quer mais emprestar aos 5$ e aos 10$rs. como fazia até agora, dando-lhes até sua roupa para ellas vestirem; diga-lhes mais que isso não assenta em quem quer passar por cousa, e frequenta bailes na rua de Baixo.

—Quem chama aquilo baile nunca viu candomblé.

—E si ellas não prometterem se corrigir traga-as para bordo para se lhes dár o que fazer.

(Continuação.)

—Por onde tem andado?

—Venho de Matatoim, passei por um lugar *broxado*, onde embarquei em uma canoa para tomar o trem de *pau*, na estação de Matapelle.

—Então ha de trazer alguma noticia daquelles sitios.

—Estive na *freguezia* onde encontrei-me com o vigario, que muito se me queixou do *Alabama* por andar lhe deitando os podres na rua.

O homem quando fallava dava urros como um jumento, escumava como cão damnado e rangia os dentes como barrão.

—Mas o Sr. não me disse que elle estava na capital, por ter brigado com a Vitalina?

—Logo que sahiu o *Alabama* elle largou-se.

—E ja fez as pazes com a sua adorada Vitalina?

—Qual; a Vitalina ainda não tinha esfriado o sangue, e recebeu o padre carrancuda; as nuvens de sua sanha estavam condensadas; o padre cahiu na asneira de dizer que ella era a causadora dos desgostos que elle estava passando, e de ver seu nome em gazetinhas; a crioula que estava procurando um pretexto, desabrochou a tempestade em cima do padreco e foi a elle como um cão de fila quando pega o marroás pelo toitiço; houve supapada a valer: o padre desta vez não quiz ficar por baixo da Vitalina, criou animo, e retribuiu-lhe com uma boa dose de cachações. Vitalina, que não é mulher *assim só*, deu segunda investida as bitaculas

do padre, rasgou-o todo, e obrigou-o a bater em retirada correndo pela rua sem camisa.

—E para onde foi?

—Largou-se de *passagem* e veiu para a *freguezia* lugar onde o encontrei.

—Que padre sem pudor!

—Por fim é homem que ja foi frade, como bem disse certo barão por occasião de uma eleição em que o barão o fez eleitor, e elle queria vender a chapa á outro.

—E' o refugo da classe a que pertence!

—Nos poucos dias que está na *freguezia* já tem feito das suas. Quiz brigar com um homem que por alli passou, para embarcar no trem de *pau*, somente por que este comprou em mão de uma creoula de *pertenção* delle, uma galinha e lhe pediu para assal-a.

—E' muito devasso, o tal marreco!

—Conversei com o negro Dehu que toma conta do lugar *brochado*, e perguntei para experimental-o, que tal era o vigario, ao que elle respondeu-me—«esse sinhô bigario é minha pecado! cousa que elle fazi ni esse fazenda não é boa, eu tem bregonha de falla; meti ni censala de minha parecero, impata esse negrinha di fazi seu brigação, elle fica trivido pede repeito, esse cousa não é boa para uma sinhô branco, bigaro, faze samba, faze bebedeira, faze grito como vacca parida, eu ja falou com elle, toma bregonha, esse gente ja mi dizeu qui nome di elle foi ni gazeta poro causa desse que elle vem faze aqui, eu pediu elle não vem, vae para seu preguisia, este sinhô bigaro e mais sinhô Bavarisso companheiro delle é minha pecado.

(*Continúa.*)

—Capitão, saiba que o *Panorama* não se emendou com a advertencia que V. Ex mandou fazer-lhe.

—Quem não tem vergonha todo mundo é seu; o que fez elle de mais?

—Logo que se apresentou o muxingueiro com o competente calabrote embreado para *tosar* a tal *Ná* blaterou uivou, deu pulos como um volantim, e a sua *Ná* esta ainda tornou-se mais desabrida, porque em vozes altas de sua janella descompunha a todos que lhe vinham na imaginação, feria com aquella lingua ferina aos filhos do *panorama*, pensando que elles tivessem alguma culpa.

—Mas não vê esta *mundeira* que devia merecer o que ordenei por causa de sua má vida?

—Sabe o que aconteceu; o *Bernardozinho* desesperado com tal sucesso, e cheio dos mexericos de sua *Ná*, em um destes dias conduziu sua filha moça para o sotão da casa, e ahi applicou-lhe o castigo de tres duzias e meia de bolos na innocente moça; veja que barbaridade, castigar por semelhante forma uma menina maior de 14 annos, em estado de doença, não é isto um crime que não merece perdão?

—Agora é que o negocio vai se tornar a meu serio cuidado, chame o aspirante juntamente com o muxingueiro, e 8 praças, agarrem no *Panorama* e em sua *Ná* e traga á bordo, que então ahi ajustaremos nossas contas, e pagarão por junto tudo quanto fizeram.

—Vou sem demora executar esta ordem para ver si assim deixa de padecer os maiores tormentos aquella innocente moça, victima da atrocidade de uma *estabanada* sem coração, e da barbaria de um pae deshumano.

Extrahimos do *Diario da Bahia* de 30 do corrente o seguinte:

A administração da provincia.

Retirado desde muito á uma vida obscura, não sou todavia indifferente a sorte de meu paiz, e no meio das calamidades porque tem elle passado, á braços com uma luta de honra, seja licito que eu, acompanhando a opinião quasi universal desta provincia, saia de meu obscurantismo, e sem ostentação de meu humilde nome, para vir á face de meus concidadãos significar ao Exm. Sr. Dr. Pedro Leão Velloso, muito digno e illustrado vice-presidente, a homenagem sincera de minha sympathia e muita dedicação, pela honesta, intelligente e

energica direcção que tem dado aos negocios publicos, confiados á sua guarda e administração, e ao mesmo tempo bem dizer a Providencia por haver inspirado a S. M. o Imperador sua escolha.

No curto periodo de sua administração vê-se que o pensamento dominante de S. Ex tem sido economisar as despezas da provincia, como uma de suas mais palpitantes necessidades; provendo de remedio sobre a organisação e constituição defeituosa e irregular das repartições de obras publicas e do matadouro publico, comprehende-se que S. Ex.—na altura de sua missão tutelar e protectora—se esforça por promover a felicidade e o bem-estar do povo desta provincia; inspeccionando severamente a execução de contractos e emprezas, que pretendiam viver á sombra de um escandaloso nepotismo com prejuizo do thesouro provincial, e em damno da commodidade publica, mostra S. Ex. á seus concidadãos que não deixa a revelia os seus mais pequenos interesses.

Cidadão, amigo do meu paiz, não posso registrando estes factos, que constituem brilhantes e eloquentes capitulos para a historia da actual administração, deixar de felicitar minha provincia por ter na suprema direcção de seus negocios o Exm. Sr. Dr. P. L. Velloso, espirito esclarecido, consciencia pura, intelligencia profunda: e si minha fraca voz podesse chegar até o throno de S. M. Imperial, eu supplicaria ao primeiro magistrado do paiz, em bem do progresso, da moralidade e do bem estar de minha provincia, a continuação de tão benefica, protectora, animadora e honesta administração.

Honra pois ao Exm. Sr. Dr. Pedro Leão Velloso, louvores á Bahia!

UM LIBERAL DA FREGUEZIA DE SANT'ANNA.

Horas vagas.

Neste mundo ha manias para tudo.

Entendem uns que devem aspirar todas as honras, outros todos os empregos em prejuizo dos necessitados, outros emfim que devem todo abranger, porque tudo é pouco para si. Os que não tem esses desejos, por que são pagãos, atiram-se ao jornalismo, para disso tirarem algum proveito.

Neste cazo está o seu creado, que nada podendo aspirar, por lhe faltarem os padrinhos, por não ter geito de ser capacho dos figurões de borra, nascidos geralmente nas encruzilhadas, não tem ambicionado arranjo algum e tem vivido na solidão, deixando este mundo para os taes espertalhões.

Pois bem: não quero ficar na minha toca vegetando; e á exemplo de escriptores de certa laia de que está inçada esta bella cidade, quero tambem dar meu cacho.

Dir-me-hão que não sei escrever, que apenas sei soletrar a cartilha do padre Ignacio. Responderei a' estes que o exemplo vem de cima. Si não lesse a historia da semana do *Liberal Progressista*, e outros escriptos desse jaez, não me animaria a dar esse passo; mas elles que me mostram o caminho por onde se sobe a essa região temivel, onde se assentam os Guedes Cabraes e outros dessa bitola temidos até das primeiras authoridades, não ha remedio senão fazer o mesmo e grimpar-me para ter o meu logar de honra, e poder dar minhas ferroadas ainda que pequenas, porém penetrantes, e então não retrocederei jamais dado o primeiro passo.

Mas, pensando assim veiu-me a ideia, qual seria o jornal para minha estreia, parafuzei o juizo e dei com o *Alabama*. E' jornal do povo; é para o povo que escrevo, e por tanto devo lá ser aceito—dito e feito.—

Eis-me, pois, empolheirado n'aquellas cadeiras impoeiradas, e com licença dos Redactores procurei dar tratos á minha imaginação qual seria o assumpto—disse-me um dos compositores:

Principie pela casa da chicana e vá subindo até onde quizer que hade achar boas cousas.

Na verdade pensei na cousa, temei meu chapeu entro pela tal caza e poca a indagar de certos personagens que ahi ostentam certo ar hypocrita, e então uma mula de medico que lá tem chamou-me a' seu cubiculo e contou-me boas cousas.

Disse-me, meu amigo, que veiu aqui fazer? Isto é uma casa dos diabos.

Aqui tem gente de todo calibre, tem um Sr. Gatuno de quem tanto tem tratado o *Alabama* que é uma harpia insaciavel de ouro para suas devassidões, e então não trepida arrancar tudo quanto deseja a titulo de *buscar*; todos aqui se queixam.

Ha outro sujeito que tendo alguns bens de fortuna, depois de velho tudo tem esbanjado por ainda querer ter presumpções de moço, de maneira que tem se dado a espectaculo cheirando uma *Rosa*. Este é um pobre diabo.

Temos outro que foi empregado publico, vendeu o emprego, andou enchendo a rua de pernas, e á alguns annos que foi provido, ainda não deixou de ter mentor, é uma sciencia impinicada, desconfia até de si proprio, não lhe entra na cabeça o A, B, C, por mais que lhe impurrem a' martello; é o prototipo dos de sua classe em sabedoria.

Temos outro que quer passar por potencia, botou o pai para fora de caza por que era mulato e vendia farinha,—quer que todos o temam, é fino como lan de Kagado.

Ainda temos outro que arranja cazamentos trancando os pretendentes no quarto, ha pouco poz a filha e genro na rua. Já registrou na camara os pergaminhos de sua fidalguia!—Tolo só como elle.

Basta, basta, meu amigo pelo que vejo estou no inferno, vou-me embora, antes que fique contagiado por taes pestes. E com licença do porteiropuz mé no andar da rua; por isso vejo tantos procuradores gordos, ficando proprietarios da noite para o dia, e os pobres constituintes a tomarem xarope do bosque e figado de bacalhau.

Pobre justiça!

Bem dizia o poeta graxeiro—a justiça tanto lhe apertaram a venda, que afinal rebentou e ella vae enxergando já alguma couza.

E' uma verdade incontestavel; mas para que cansar-me com tal sucia de birbantes, é melhor procurar couza que esteja mais em dia. Ah! sim, voluntarios da patria!

Oh! que pepineira!

Todos querem ser officiaes, ninguem soldado, bajulam os presidentes, mostram-se sabixões na tatica militar, e com essas artes lá pegam uma nomeação; fazem batalhão de voluntarios sem vontade, arranjam-se por cá soffrivelmente, vão para o sul, e quando pensamos que o heroé se está batendo contra os paraguayos, está o homem de volta redonda contando pelos jornaes que não voltou de medo, e sim por doença, e eis que dias depois aparecem gordos e nedios, e os pobres soldados lá morrendo a mingua, sem o governo delles se lembrar, e os que voltam mutilados, pedindo esmolas para não morrer a fome!

(*Continúa.*)

—A Felismina Tarasca é das Arabias!

—Que tem ella?

—Agora anda deitando cartas anonymas por baixo das portas para descompor as pessoas de quem tem raiva.

—E' preciso tirar-lhe esse costume.

—No dia 28, ás 7 horas da noite, Anna Maria da Gloria, que se emprega em negocio de vender farinha em Santa Barbara, dirigia-se para sua casa, quando ao passar pelos Cobertos foi assaltada, ignora-se com que fim, por um escravo do portuguez Antonio José da Costa, ostentando o acto de seu negro, e negando-se a apresental-o.

E a couza ficou em nada, porque a mulher é pobre e sem protecção, e o portuguez Pereira da Costa tem dinheiro e pode gastar.

—Acho que era da dignidade do subdelegado, como authoridade, fazer com que o negro comparecesse em juizo.

—A ousadia que estes Srs. dão aos escravos, é causa de muita cousa.

ANNUNCIOS.

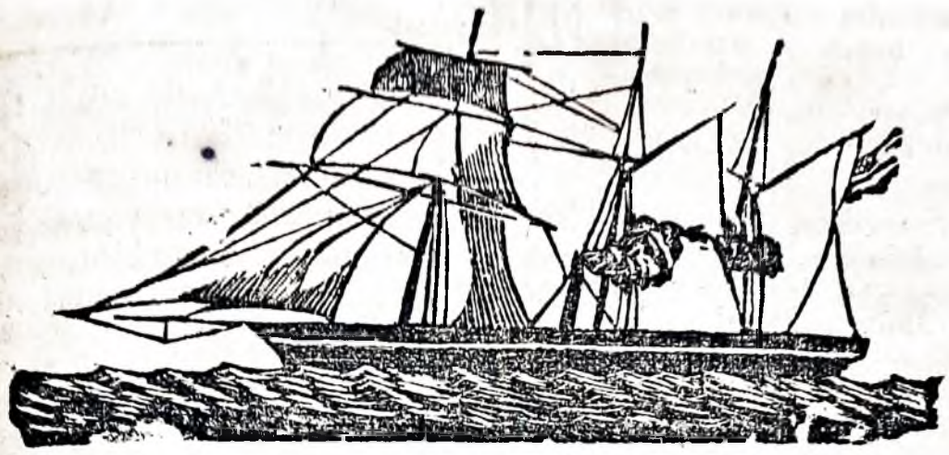
DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

Ao publico.

José Antonio Bispo, deixa de ser admistrador da casa de armador da viuva de Vicente Joaquim de Araujo Ribeiro, em consequencia de complicações com outros trabalhos.

YYP. DE MARQUES ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 4 DE SETEMBRO DE 1866. SERIE 10.ª—Ns. 95 e 96

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de setembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que certo individuo, que tem uma casa de jogo na rua de Baixo, é ao mesmo tempo mestre de uma fabrica: nos sabbados recebe elle do proprietario a feria para fazer pagamento aos officiaes e em vez de fazel-o alli, vem, por esperteza, com o dinheiro para sua casa para obrigar os operarios a irem receber alli, onde encontram já formada a meza e a sucia de confrades em redor, do que resulta que muitos desses operarios, alguns dos quaes onerados de familia, vão para suas casas *limpos*, deixando em mão dos espertos o suor d'uma semana: todo mundo sabe que ninguem os obriga a jogar; mas diz o adagio—não havendo agulha não ha costureira—o jogo tenta; e as vezes no desejo de ganhar mais dez tostões, la se vae o que tanto custou. O procedimento desse mestre torna-se reprovavel pelo dolo que emprega, com o fim de coagir os pobres homens a irem á sua casa.

A' vista, destas rasoaveis considerações, pede-se a S. S. digne-se de fazer com que desappareça tal escandalo,

—O recrutamento está sendo feito por uma maneira violenta e arbitraria!

—Agarra-se a torto e direito. Os *caçadores* acham nelle motivo para tirar vingança de quem não gostam; sabem que uma pessoa não está no caso de ser recrutada; mas prendem-na para dar o incommodo de ir á prisão!

—E d'ahi pode resultar graves conflictos.

—No dia 1.º do corrente recrutaram até o Sr. João Bispo musico, que é muito conhecido nesta cidade.

—E hontem á noite os excessos foram sem termo de comparação. Tiveram o arrojo de invadir casas de familia; entre estas a do Sr. Dr. J. R Dormund.

Um sargento de Sant'Anna que se dizia destacado no Forte do Mar fez proezas!

Voluntarios que voltaram do Sul, vestidos de blusa, eram agarrados.

Um escravo da Sra. viuva Sá Barreto, foi preso por um individue que elle dizia ser seu enteado e educado por elle, para vingar offensas a sua mãe, e apezar do escravo trazer um documento de sua senhora, queria o soldadinho nacional e seus companheiros leval-o.

Na freguezia da Sé deram-se immensos conflictos. Felizmente a presença do seu digno subdelegado conseguiu acalmal-os.

—E não sei como o 8.º batalhão que é do freguezia de fora recruta *guardas nacionaes* na capital.

—Segue o exemplo dos outros. que pegam quem nunca foi qualificado, e para se sabir ha do se dar 30$ rs. para musica; quem não tem dinheiro vá para o Paraguay.

—E toda esta balburdia, todo este barulho é para se ter gente para dar ao Sr. Cunha que se offereceu a crear um batalhão de *voluntarios*!

LA VAE VERSO.

Carta do compadre da roça ao compadre da cidade.

Sr. compadre.—Estamos
N'um rozeiral sem espinhos;
Andamos n'um mar de leite
N'um bosque de passarinhos.

Pode mandar repicar
Já o *sino do prazer!*.....
A *fogueira do folguedo*
Sem demora accender!

Accenda *as veltas do jub'lo*
Na *mexa da expansão*,
Com as *lanternas do gosto*
Deite illuminação.

No *zabumba d'alegria*
Mande do *contentamento*
O *hymno* logo tocar;
Q' ha grande acontecimento.

Foguetes de regosijo,
Ao *ar da satisfação*
Devem subir na *girand'la*
De gostosa *exaltação*.

Não fique todo espantado
Passando amão pela calva
Ao receber a noticia,
Que nossa patria esta salva!

Temos novo gabinete,
Nova genta a governar,
Q' promette em nossas cousas
Um outro andamento dar.

Os que estavam no poleiro,
Ou por já infastiados,
Ou porque dos descontentes
Si vissem atropelados;

Do Estado não quizeram
Mais a carga carregar;
Sacudiram-na dos hombros
E foram fresco tomar.

O senador Zacharias
Foi por S. M.
Do gabinete incumbido,
Que aceitou contra vontade.

Elle como habilitado
E de experiencia vasta
Tomou para dirigir
Da fazenda a larga pasta.

Chamou o Fernandes Torres
Para a pasta do imperio;
Não descreio desse homem
Que sempre passou por serio.

Temos o Paranaguá
Para nos fazer *justiça;*
Homem que á bem dos seus
Não sabe o que é preguiça.

Na pasta dos estrangeiros
Está o Martins Francisco...
A honra nacional
Agora não soffre risco.

Diz o *Jornal do Commercio*
Q'elle é rebentão feliz
Da familia dos Andradas,
Que bem serviu ao paiz

Mas eu quizera saber
Si os dotes naturaes,
Como qualquer ouro bem
Tambem se herdam dos paes.

Mas isso não quer dizer
Que ao homem falte merito,
Creio até que em politica
E' official perito.

Aos antigos companheiros
O Ferraz abandonou;
E como ostra ao rochedo
Na *guerra* se empoleirou.

Desta vez o Manuel Dantas
Alcançou o que almejava;
Ser ministro d'uma pasta,
Qual fosse pouco importava.

O Celso que não conheço
Veiu o quadro completar;
Tanto foz que na *marinha*
Conseguiu se incaixotar.

Muita cousa appareceu
Dos outros na despedida;
Os ministros n'uma briga
Andavam, mui dosabrida.

—Pegando a torto e direito
Recrutamento se faz!
Vae o varredor da rua
E accendedor do gaz.

Estudantes e caixeiros,
Roceiros e pescadores,
Artistas e operarios
Até pretos ganhadores.

Os senhores n'outro dia
Vão reclamar seus escravos!
Alguns até vão tiral-os
Já nas fileiras dos bravos.

—Este mundo é somente
Para quem tem protecção;
Quem não tem de nada vale,
Anda de rastos no chão.

Por isso eu si tivesse
Quem si quizesse prestar
A servir de meu padrinho,
Tambem me havia arranjar.

Para ter o que allegar
Como serviço prestado,
Me offerecia á crear
Um batalhão bem montado.

E já agora, compadre,
Que lhe toquei neste ponto;
Como se faz voluntarios
Espere, que eu lhe conto.

O sujeito não faz mais
(Si elle tem *cabimento*)
Do que fazer ao governo
Um mero offerecimento.

O governo qu'esta offerta
Ja espera d'ante-mão,
Casca logo um elogio
Por tanta dedicação.

Que uma tão patriotica
Lembrança, é de seu gosto;
E para prova de apreço
Dá logo ao sujeito um posto.

Eil-o pois em branda paz,
Um soldo grosso a chupar;
Desce aquillo tão macio
Que não o pode engasgar.

O governo que o protege
Vae gente lhe remettendo;
E o homem descansado,
Vê o batalhão crescendo.

Não pense que offerecer-se
Para arranjar voluntarios
E' preciso empregar meios
Para adquirir sectarios.

Commandante tenho visto
Que não deu um só soldado,
Ao batalhão que alardeia
Ser por elle organisado!

Da parte dos presidentes
Acho que isto é abuso.....
Não diga isto a ninguem
P'ra julgar que os accuso.

Recrutas e contingentes
Deviam p'ra corte ir,
A meu ver, la o ministro
Os podia dividir.

Fazia-se economia
No dinheiro do Estado;
E patriotismo fofo
Não seria alardeado.

—Veja la, Sr. compadre,
Si alguem nunca pensaria
Que na serra da Itiuba
Inda um vapor passaria.

Pois o *Presidente Dantas*
Creio por la vae passar;
Quando os macacos o virem
Como se hão de assustar!

—Passe bem com a comadre
E gozem felicidade;
Isso lhe almeja de veras
O compadre da cidade.

Correspondencia encyeopledica do «Alabama.»

TUYUTY, 2 DE AGOSTO.

. . . . . .

Si obrei mal ou bem na deliberação que tomei de vir para aqui, é já acto consummado e sem poder retroactivo, e criancisse seria mostrar o menor arrependimento do que pratiquei com livre e deliberada vontade. Assim affianço-lhe que, official ou soldado, daqui não voltarei sem que tenha finalisado a guerra.

Quem por dous dias sobre o banco Inglez esperou a morte a cada momento, quem sofreu ingratas marchas no rigor do inverno, passando muitos dias sem outro alimento que uma bolacha, depois de ser um dos primeiros voluntarios que chegou ao exercito, pedir agora demissão, abandonando ingratamente os que commigo vieram, muitos

dos quaes confiados e crentes em mim, seria dar motivo a malevol-as interpretações da parte de meus inimigos.

Que me importa as ingratidões dos homens? Que me importa mesmo a falta de recompensa, no caso de eu merecel-a, da parte do throno muitas vezes esquecido, por que é illudido?

Sou escravo dos principios que se identificam com minha rasão, e torno-me incapaz de reagir contra elles.

Estou na divisão nº.... da vanguarda, ás ordens do general Flores, e ao commando do brigadeiro Victorino José Carneiro o qual ferido no dia 18 retirou-se para o Rio Grande.

Estar na vanguarda com o inimigo em frente, é o mais arriscado possivel e não se tem uma hora de descanso, nem tempo para cousa alguma. Para minha correspondencia apenas tenho algumas horas da noite.

O brigadeiro Evaristo filho querido da fortuna. em cinco mezes, concluiu seus trabalhos, pelos quaes, dizem, foi galardoado com a patente de brigadeiro honorario.

No dia 16 do p. p. fomos atacados e no dia 18 atacamos o inimigo intrincheirado nas mattas.

Não foi para nós um dia feliz; com quanto as perdas do inimigo fossem tres vezes maiores que as nossas. Nenhum dos nossos figurões quer tomar a paternidade dos successos deste dia e desapertam-se declinando a responsabilidade uns nos outros.

A Bahia aqui, á meu ver, tem sido tratada com menos-preço: sete dos seus batalhões tem sido dissolvidos: o 14 de Cachoeira, o 24, o 107 do Carolino Tosta, o 23 do Gustavo, o 41 do Salvador, o do Rodrigues Seixas, (si bem que a este dessem o commando do 3.º que foi do lembrado e infeliz Galvão) e agora ultimamente o 22. O motivo dessas dissolvições parece que é para poder se encaixar certos officiaes de linha (tenentes e capitães) no commando de batalhões.

Os zuavos bahianos, dignos de melhor sorte, estão reduzidos a fachineiros nos hospitaes e outros misteres de egual jaez!

O patronato impera em toda sua extensão. Ha tenentes coroneis commandando brigada e coroneis commandando batalhão; tenentes coroneis dispensados sem motivo justificado e tenentes elevados a commandantes de batalhão.

Abstenho-me de ser noticiario para não passar por inexacto, mas si é verdade que dos depositos bellicos que temos em Corrientes, desappareceram seis mil bombas e umas mil espingardas e que em Buenos-Ayres foi preso o socio do Brabo nosso fornecedor, como espião do Lopez, o que dizem que está provado pela correspondencia encontrada, não só estamos no theatro da guerra como estamos na guerra do theatro da qual muitos actores sahirão satisfeitos e repletos, e outros já ensaiam as marchas do *recolher*.

Pobre patria!

A mobilidade da esquadra continúa a ser a mesma; não julgo porém que a causa seja outra sinão a espera de obrar conjunctamente com o exercito. E contanto maior rasão julgo assim por que reconheço no Sr. Viscoude de Tamandaré um dos caracteres que honram a actualidade.

Muito sentirei si deixar de ser commandado pelo general Flores, pois é um cavalheiro polido, muito desenvolvido em suas idéias; urbano quanto se pode desejar, possuindo além disso o caracter que não se encontra em algans de nossos figurões que tudo querem para si e esquecem-se dos outros. E' valente, não digo bem, arrojado a ponto de loucura.

Será verdadeira calamidade si elle nos faltar nas circumstancias em que nos achamos.

CÔRTE 21 DE AGOSTO.

—Quem mira bem o caminho,
—Qu' este Brasil vae trilhando;
—Supporá que elle proguido;
—Mentira, está liquidando.

E' uma verdade, meu charo capitão.

No carreira que leva o paiz, eu creio que o Imperio chegará mais depressa ao porto do Vasa-barris do que o seu navio, a qualquer porto de Latronopolis.

Pobre paiz!

Cercados de *paraguayos* por dentro e por fora, não sabe para onde se mecha.

Não dá um passo—terra marique—que não encontre uma orda desses vandalos, bem disposta a entorper-lhe o caminho.

E o povo?..... Ah elle é quem geme, é quem sofre.

Lá vae ordem agora a todos os presidentes para fazer recrutamento. Por aqui é em grande escalla. Guardas nacionaes fardados são presos á noite e embarcados de manhan. Tudo anda em problema!

O vapor *Oyapock* que conduzia os nossos patricios medicos, lá se foi; por *innocencia*, não sei de quem.

O *José S. Romão*, conduzindo grande numero de doentes de Montevideu para

aqui lá perdeu-se na Laguna, morrendo alguns desses infelizes.

A perda do *Oyapock* é extraordinaria por que além do valor do navio, ha a lamentar a do material que conduzia para o exercito, inclusive as peças para os encouraçados. E então não vamos bem?

Quem desconhecerá isso?

Pobre paiz!

Si o nosso *bicho Melozo* até agora ia fazendo, imagine o que não fará, munido de ordem para recrutar!

Não se creia que eu incuto o desanimo; não, ao contrario intendo que todos devem prestar seu contingente ao paiz, muito principalmente a um governo que gasta tudo para *gloria e felicidade* do paiz. Os nossos soldados são bem tratados como se vê só por isso que se segue. Nos hospitaes de Corrientes e Montevideu gasta se com os doentes o seguinte por mez:

Galinhas nove contos!!!

Assucar—Tres contos e quinhentos!!!

Chá—cinco contos!!!

Limas (fructas) quatro contos!!!

Marmelada..... Emfim um nunca acabar si fôra á dizer-lhe tudo. Quanto a fardamento, ha tanto que se vende nas *casas* de leilão em Montevideu!

Por tanto..... bom é que todos concorram para mais depressa acabar-se com o resto.... da guerra.

O ministerio não cahirá mais; previnido pela assuada que soffreu na camara, dispersou seus *cabos* de guerra ou *batedores* e a maioria fez-se; o *Burrinhos* foi quem mais distingui-se na commissão; pelo que se diz que ficou-lhe aberto *credito* para o que pretender. Elle porém é modesto, nada quer.

VARIEDADE.

CRATA

De um segund' annista de medicina a uma moça pela primeira vez, achada na rua dos Capitães.

Meu Sulphuroso Bem.—Quando os meus phemures, por felicidade do gaz oxigenio que anima a minha caixa thoracica, me levaram a vossa habitação, eu tive o gosto de ver os vossos olhos virarem-se da apophise orbitaria externa para a interna, e isto quer dizer, que os reagentes que apresenta o meu esquelleto, coberto de musculos, articulações, e diarthroses deram em precipitado a vossa paixão por este todo chimico. Eu vi como signal d'approvação, as vossas costellas e cartilagens costaes dilatarem-se, o vosso diaphragma opprimir as visceras abdominaes, e o vosso corpo ficar involvido em acido sulphydrico.

Não pude resistir a minha paixão, e assentando as retortas da minha caxola e adaptando-lhe o calorico do meu coração com as tenazes dos meus dedos, obtive em resultado esta declaração amatoria que lanço por baixo das phalanges, phalanginas, e phalangetas dos vossos oleaginosos pés.

O vosso angeologico bem.

N.

A PEDIDO

Ao Illm. Sr. delegado de policia.

Proteger a causa dos fracos e desvalidos é a mais elevada attribuição da authoridade, e é por isso, e na convicção de que S. S. zeloso como é, no cumprimento dos deveres á seu cargo, não deixará em olvidio estas linhas, que lhe dirigimos.

Mora na rua da Ordem 3.ª de S. Francisco uma pobre senhora, velha, viuva, sem protecção. Um individuo conhecido por Julio Feijoada, vae todas as tardes, depois que *janta*, para uma venda defronte, de um fulano *Gago* tomar seu *codorio*; alli *aperta-se* soffrivelmente. No dia 1.º do corrente, poz-se a dirigir pilherias para a casa da velha viuva, e como esta mandasse fechar a grade da janella, *Julio Feijoada* abriu a bocca e passou uma tremenda descompostura na inoffensiva senhora, e quiz quebrar a janella com pedras.

As familias fugiram horrorisadas de tanta palavra torpe e obscena, despejadas por aquelle desavergonhado. Uma hora segura levou elle a insultar e ameaçar a velha.

Espera-se que S. S. mande informar-se dos moradores da rua, o procedimento desse insolente, e depois o mande por algumas horas tomar fresco com o Custodio.

Alli, n'aquelle bosque commetteu-se
Um crime, que revolta a natureza
O anjo da candidez espavorido
Fugiu p'ra não manchar sua pureza.

Quem ha de soccorrer a fraca virgem
Das torpes garras do sedento abutre?
N'aquella solidão quem vae salval-a
Do instincto voraz que o monstro nutre.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Para eterna memoria do logar
Em que se commettera taes horrores,
Por inversão da lei da natureza
Appellidaràm Fonte dos Amores?

—Capitão, a minha noticia sahiu borrada.

—Pois repita-a de novo.

—No dia 28, às 7 horas da noite, Anna Maria da Gloria, que se emprega em negocio de vender farinha em Santa Barbara, dirigia-se para sua casa, quando ao passar pelos Cobertos foi assaltada, ignora-se com que fim, por um escravo do portuguez Antonio José Pereira da Costa, que a espancou desabridamente.

A offendida queixou-se ao subdelegado respectivo, e requereu o comparecimento do attrevido preto em juizo para ser interrogado. A authoridade despachou; porém no outro dia apresentou-se o portuguez Pereira da Costa, ostentando o acto de seu negro, e negando-se a apresental-o.

E a couza ficou em nada, porque a mulher é pobre e sem protecção, e o portuguez Pereira da Costa tem dinheiro e pode gastar.

—Acho que era da dignidade do subdelegado, como authoridade, fazer com que o negro comparecesse em juizo.

—A ousadia que estes Srs. dão aos escravos, é causa de muita cousa.

—A' gazetinhas pequenas não se dá importancia, e as authoridades dizem que não as lê e ainda que o façam não se dão por achadas; e por conseguinte vae a humanidade soffrendo, e os grandes a custa della enriquecendo, sustentando tres e quatro casas com luxo e grandeza.

Os pobres meninos de certa casa guerreira tem por almoço e ceia um pequeno pão secco sem manteiga, e sem caffé, ou outro qualquer liquido para melhor poderem engolir o miseravel pão; passam a carne secca toda semana, e nas sextas feiras e sabbados ao triste bacalhau com arroz, sendo este cozido simplesmente no caldo do mesmo bacalhau, que parece mais uma cataplasma para certa *Ninpha* do que comida para gente.

Si duvidam inlaguem ou appareçam sem serem esperados.

—Isso não é com cá; vá dar seu recado a quem lhe pode attender

---

—Não sei entender a policia desta cidade!

—Por que?

—Em certas noites uma desnecessaria ostentação militar, os soldados á prohibirem até que uma pessoa se sente em sua porta, e que não se ande na rua tarde, etc., em outras os capadocios fazem o que querem; dão pancada, quebram vidraças, insultam e apupam quem passa, ha gritos retumbantes, pede-se soccorro e as ruas estão desertas de policia!

Ainda na noite de 30 do p. p. vi um exemplo:

—Qual foi?

—Uma mulher moradora á Calçada do Bomfim veiu á cidade e demorou-se até 10 horas da noite, quando retirava-se, um Sr. Justino, sujeito sem profissão conhecida, que anda constantemente em companhia do Sr. tenente do 5.° batalhão Odorico Vaz de Carvalho, chamou-a quando ella passava pela rua da Mizericordia, a mulher continuou seu caminho sem lhe prestar attenção; offendeu se por isso o Sr. Justino e foi fazel-a voltar, a mulher procurou desviar-se do importuno malandrin, mas elle foi logo dando-lhe, atirando-a ao chão e rasgando-a toda.

Da-se maior imprudencia?

Si não apparecem dous homens, a pobre mulher inda mais convidada sahiria, somente porque não quiz ouvir as graças do *faceiro* Sr. Justino.

—Ha por ahi sujeitos que querem á força que toda mulher que ande só á noite, se preste á suas exigencias.

—Eis porque me queixo. A mulher bradou por soccorro, e nem um soldado appareceu que a livrasse das unhas daquelle valentão que bem podia estar no Paraguay mostrando o que é.

—Estou que até os soldados lá haviam de sentir *algum allivio*.

—A infeliz além de espancada foi se queixando que lhe desappareceu o dinheiro que trazia no balaio.

—Uma latrina que ha no forum não é para o publico que alli vae, á negocio, satisfazer qualquer necessidade corporal que tenha?

—Parece que sim.

—Pois alli um ou dous sujeitos fazem monopolio com ella, trancam-na, e guardam a chave, de sorte que os mesmo empregados de lá tendo precisão de ir alli veem-se impossibilitados disso.

—Querem a cousa para si só. Não lhes invejo o previlegio.

Um curioso da vida alheia deseja saber si o Sr. Durval Alfredo Ferreira Guimarães ultimamente nomeado alferes do batalhão Pedro 2.° é um cadete de egual nome que teve baixa da companhia de invalidos, por incapacidade physica que o impossibilitavam de qual quer serviço militar.

MOTTE.

Saudades te persigam
Mal de amores te maltrate
Mau fogo de amor te queime
Mal de ciumes te mate.

GLOSA.

Deus permitta se fiares.
Si te faça estopa o linho,
Nem te saia um pintainho
De quantos ovos deitares:

D s plantas, que semeares,
Só te nascam as que espigam;
Maus visinhos te maldigam,
E màs pedras te acertem,
Dores de calos te apertem,
Saudades te persigam.

Nada te fique no buxo,
Tudo contes a quem vires
E quantas questões ouvires
Sejam de tolo machuxo;
O sangue te chupe um bruxo,
Mintas mais que um alfaiate,
Toda a vaza se te impate,
O cuco em maio te agoure,
Fome canina te estoure,
Mal de amores te maltrate.

Cada dia d'um sapato
Se te despregue um tacão,
Na meza te mije o cão,
Na cama te suje o gato;
No fim de qualquer contracto
Sempre digas—Enganei-me,—
Só falles com quem ateime,
Só ateimes com quem jure,
Má lingua de ti murmure,
Mau fogo de amor te queime.

No refego do mantéu
Se te criem os persevejos,
E aquelle a quem deres b ijos
Te cheire a José Bordéu: (1)
Oh! nunca permitta o céu,
Que próves bom chocolate;
Dormindo si te desate
A sangria, a fonte, a chaga,
Emfim por ultima praga,
Mal de ciumes te mate.

—Consta-nos que o Sr. Ildefonso Lopes da Cunha está indigitado para subdelegado da freguezia de S. Antonio!

—A ser verdade, é uma boa lembrança.

—Sim, é um moço de *talento*, socio do Conservatorio Dramatico, author de diversas obras, entre as quaes são dignas de menção: —*Os resultados da usura* e *Os mysterios da vida de um cortesão.*

—Tambem é poeta!

—Pois, meu amigo, é um moço *i telligentissimo*! Acho que a escolha não será má.

—E' uma escolha de *rebimbamaia*! A difficuldade está somente em quem ha de substituir o moço quando elle estiver occupado em suas *amostras de assucar*.

—O Sr. tem cousas!

—Onde vae V. de chambre?

—Ao theatro ver o espectaculo.

—De chambre?

—O que tem isso?

—E' feio.

—Sou um *guerreiro* e não faz mal.

—Não diga; isso é proprio para se andar na cidade baixa.

—Cada um anda como quer.

—E' porque não dão execução ao Regulamento do theatro, sinão o Sr. não entrava.

---

(1) Figura asquerosa, e de insupportavel cheiro.

ANNUNCIOS.

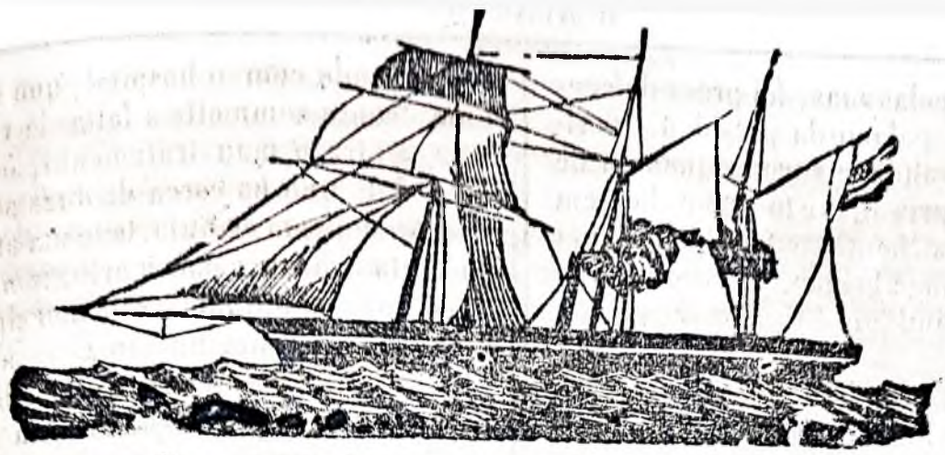
Attenção.

A viuva D. Carlota Maria Roleira Doria Ribeiro declara ao respeitavel publico e aos amigos do seu finado marido Vicente Joquim de Araujo Ribeiro que continúa com sua fabrica de armação; e que é actualmente o administrador della o Sr. Eduardo Gomes Mascarenhas, o qual tem todos os poderes para tratar dos trabalhos da dita casa, nem só em armação festivas como funebres: podendo para esse fim ser procurado em sua loja de cêra á rua Direita da Misericordia n. 10 B.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de autborisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 7 DE SETEMBRO DE 1866. SERIE 10.ª—N.º 97

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de setembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, ponderando-lhe a conveniencia que ha em haver no hospital quatro ou seis homens encarregados de sahir com a padiola, quando esta é reclamada, para carregar qualquer pessoa que succede cahir na rua ou mesmo qualquer caso sinistro que se dê, S. S. sabe a difficuldade que se dá em encontrar pretos á noite, ou quem se queira prestar a carregar; vae-se ao hospital pede-se a padiola e dão-n'a sem haver quem carregue qu eé o mesmo que nada, e muitas vezes n'um caso urgente pode-se dar o inconveniente de perder-se uma vida, que seria salva, si á tempo fosse condusida para onde si lhe podesse prestar os devidos soccorros. A' vista do exposto, espera-se da philantropia e urbanidade que distinguem S. S. que, não só acolherá estas pobres reflexões, como dará as providencias nellas reclamadas.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que por conta do proprietario do sobrado n. 11 ao Paço do Saldanha, que se acha deshabitado, mande desmanchar uma verdadeira arapuca que se acha armada sobre a cabeça dos transeuntes, e assentada sobre a podre bacia da saccada do mesmo sobrado. Cumpra.

—E esta! A policia dando tambem contingente!

—Onde viu isso?

—Aqui está no *Diario*:

«Francisco José de Campos, soldado da 3.ª companhia do corpo de policia provisorio, tirado para fazer parte do contingente; pedindo ser excluido do serviço do exercito—Informe o Sr. major commandante do corpo de policia provisorio.

Joaquim José Florence, pae de Domingos da Silva Florence, dado como contingente do corpo policial; pedindo a baixa do mesmo seu filho—Idem.»

Não acha abuso nisso?

—Eu não: só acho abuso nos actos de Lopez, que é um tyranno, um despota, um selvagem, etc.

—Eis como se cumprem as ordens do Sr. Leão Velloso!

S. Ex. ordenou que o recrutamento fosse até o dia 4; entretanto ainda hontem a guarda nacional pegava desabridamente. Um africano liberto, Hermenegildo, que teve tenda de barbeiro na rua dos Adobes, freguezia do Santo Antonio, e que ao depois malucou e an-

da vagando pelas ruas, foi preso defronte do mesmo palacio da presidencia. Alguem observando a inconsequencia de semelhante prisão, visto que o homem não regulava bem das faculdades, um delles quiz logo brigar, e disseram que o seu commandante é quem lhes tinha ordenado!

—Não está vendo que é abuso? O Dr. Couto ia lá authorisar tal escandalo; recrutar um africano e mentecapto em cima?

—Semeão de tal, guarda da 2.ª companhia do batalhão da Sé, foi preso por soldados do 8.º!

Podem dizer que esse foi designado para fazer parte do contingente. Mas, quem ignora que Semeão é votante da freguezia da Sé, e que podia ser designado e preso no dia 5 para não votar daqui á 60 dias?

Tudo quanto for coacção, que se anteponha a sagrada liberdade do voto, entendemos, que é arbitrio, e a designação de guardas nacionaes nessa epocha é uma arma poderosa.

—Mas espera-se que o vapor traga o adiamento das eleições.

—Porém inda cá não chegou.

—Não sei si leu outro dia que na praça do Mercado haviam duas patrulhas?

—Sim, Sr.

—Pois é o logar onde actualmente a companhia do olho-vivo desenvolve mais sua actividade.

Uma noite destas deram em diversas barracas, e fizeram uma derrota dos peccados.

—São cousas.

—Graves e repetidas queixas tenho recebido contra o hospital de charidade.

—As vezes são indisposições.

—Dizem-me que tudo alli anda pelo systema *francez*, muito luxo no que apparece somente, que os doentes são pessimamente tratados, que as cabeças das galinhas vão para as enfermarias com os bicos seguros, que as castas irmans de charidade teem uma casa alugada nas Portas do Carmo, a qual se correspondo com o hospital; que si algum doente commette a falta de reclamar contra o mau tratamento, é logo despedido; que ha cerca de duas semanas, um homem crioulo, teve um ataque de gotta e ficou como morto, iam deital-o no caixão, quando elle deu signaes de vida; atiraram-no ao chão n'uma esteira, e alli permaneceu o moribundo tres dias, até que expirou sem mais nenhum soccorro.

—Isso é exagerado; não creio.

—Ouvi isso de immensos Srs. academicos, cujos nomes não digo, porque não estou authorisado, mas moços briosos como são elles, estou que não se negarão a sustentar.

—Emfim.... neste mundo não se pode duvidar de nada.

—Dizem-me que entrou para alli um doente estrangeiro, official de pintor e dourador; quando ficou melhor as irmans de charidade o encarregaram da pintura da Capella e encarnação das Imagens da mesma, no que gastou elle 45 dias, recebendo como paga tres calças de um enfermo que morreu. No fim desse tempo o homem pediu algum dinheiro, e por esse grande crime foi despedido.

Mandar um convalescente, trabalhar em tintas e oleo, é querer que a molestia lhe reappareça. O homem ardendo em febre procurou de novo a casa da charidade, mas foi repellido, e enxotaram-no como se enxota um cão; e elle foi cahir no adro da egreja do Collegio.

O Sr. Dr. chefe de policia teve noticia, e mandou por um empregado sem recolher o homem ao hospital; porem as charitativas irmans resistindo a ordem da authoridade, disseram que a molestia do homem se curava no chafariz, porque era bebedeira.

—E é o que eu não duvido.

—Quero concordar que estivesse, mas onde está então a apregoada charidade destas senhoras?

Não mandam as obras de misericordia soffrer com paciencia as fraquezas do nosso proximo? Não mandam dar pousada aos peregrinos? Não tinha aquelle homem trabalhado gratuitamen-

te 45 dias para ellas? Si era embriaguez sua molestia, porque não o receberam até que elle curtisse a mona? Não é a bebedeira um vicio, uma fraqueza da fragil humanidade? E a caridade tem limites? Se resume a este ou aquelle beneficio?

—Mas por fim o homem entrou.

—Quando se apresentou o subdelegado da Sé, foi depositado na aceiada e envernisada enfermaria de S. Francisco, em quanto a authoridade alli permaneceu, mas, logo que esta retirou-se, levaram-no para a de S. Christovão, para um quarto escuro ao pé dos doudos Eu que não sou de primeiras informações, procurei indagar e ouvi de alguns academicos que o homem estava realmente doente.

—Eu só creio certas cousas quando vejo.

—Contaram-me ainda que um doente de nome Seraphim, morador á rua da Ordem 3.ª, foi despedido somente por dizer que no tempo em que o hospital era dirigido por brasileiros a couza era outra, isso porque lhe deram um pedaço de carne assada a comer Um crioulo de nome Gonzaga, morador ás Portas do Carmo. teve egual sorte.

—Homem, quer ouvir; nem tudo que se diz é verdade, e ás vezes sendo, exagera-se, mormente quando é dito por pessoa apaixonada.

—Eu não sei, nem digo que seja verdade; mas certas cousas que tenho visto me deixam indeciso. Tenho visto, por ex., cahir um homem na rua, leva-se ao hospital, e ellas não recebem sem uma portaria da authoridade. Nestas idas e voltas em procura da authoridade pode muito bem morrer; e si for uma authoridade destas que gostam de se divertir,e estiver passando o dia no Bomfim, no Rio Vermelho, Barra, etc. o doente ha de esperar que elle venha no outro dia?

—Tambem não sei o que significa um doente não poder ser visitado dentro da enfermaria por pessoa de sexo differl; uma mãe não pode ver seu filho porque não entra mulher na enfermaria de homem, a mulher não pode ver seu marido, etc.

—As senhoras tem muita experiencia e sabem essas cousas como são.

A PEDIDO

—Ora entenda-se lá esta alhada!

O presidente recommenda ao Sr. commandante superior em officio de 3 do corrente, que empregue sua attenção e zelo para que o recrutamento seja feito sem confusão, atropello e vexame, e para que a guarda nacional não pegue a quem não for qualificado.

No entanto, quando se reclama do Exm. commandante superior contra a arbitrariedade de alguns commandantes da guarda nacional, consta que S. Ex. responde que ha ordem reservada do presidente para assim proceder-se!

—V. está sonhando? Pois o presidente ia lá authorisar essa illegalidade? e vir muito fresco dizer no *Diario* o contrario? Não creia, isso são embustes dos maldizentes.

—Eu ouvi dizer de uma pessoa que me merece muita fé; o Sr. commandante superior Joaquim Antonio da Silva Carvalhal; affiançou-me que ouvira isso da bocca do Sr. commandante superior, e creio que elle não faz segredo disso.

—Elles lá se entendem, são negocios de grandes.

—Dizem até que authorisado por isso o Sr. barão de Passé mandou recrutar dentro da capital, recrutamento no qual commetteram-se os maiores excessos.

—E não foi elle só. Pelo 6.º batalhão foi preso João Francisco Barbosa, menor de 16 annos, estudante do collegio Dous de Dezembro, filho do capitão de zuavos Joaquim Antonio Barbosa, que marchou para o Sul levando em sua companhia um outro filho.

Requerida a soltura do estudante, mandou o Sr. commandante superior informar ao commandante do batalhão, e este deu a seguinte informação:

Illm. Exm. Sr.—Tendo o supplicante sido preso por praças do batalhão do meu interino commando para fazer parte do contingente, acha-se no quartel da Palma á disposição de V. Ex. para julgar conforme achar justo. Bahia e quartel do commando interino do 6.º batalhão 5 de setembro de 1866.—*José Candido Pereira*, capitão.

Ao que deu o commandante superior o seguinte despacho:

Requeira a S. Ex. o Sr. Vice-Presidente da provincia.

Quartel do commando superior em 5 de setembro de 1866.—*Rio Vermelho.*

—Eu não sei si para soltar um homem que nunca foi guarda nacional,quanto mais

praça do 6.º batalhão, que nunca morou no districto do referido batalhão, é preciso requerer ao presidente.

—Mas, si o Sr. acaba de dizer que ha ordens reservadas, como admira-se?

—Não affianço que ha; ouvi do Sr. coronel Carvalhal que lhe dissera o commandante superior que havia essa ordem.

—Talvez elle ouvisse mal.

—E' o que me parece.

—O caso é que o recrutamento até hontem 4, continuou desabrido. Estava na Plataforma e de lá vi dous pobres homens que tinham acabado a sua pescaria e remavam a canoa para o porto, quando no mar mesmo foram recrutados encheu-me de consternação....

—E que me diz do atropello que se oppoem ás pessoas que reclamam pelas victimas? Veja por este despacho de um subdelegado nosso:

Illm. Sr. subdelegado da freguezia de.... —Paula Maria do Sacramento, viuva, á bem de seu direito precisa que V. S mande que o inspector do 2.º quarteirão lhe atteste se ella tem um filho unico de nome Olimpio Faustino dos Santos Pereira o qual lhe serve de arrimo em sua velhice e qual a conducta do mencionado seu filho. Pelo que P. a V. S. etc. Bahia 1 de agosto de 1866.

Despacho.—Requeira em termos—F.... Bahia 3 de agosto de 1866.

Si isso não é uma sandice, não pode deixar de ser um proposito de atropellar a pobre senhora.

—A Bahia passa por um transe doloroso actualmente.

Depois do Rio Grande, não ha outra provincia que lhe excedesse em primazia na remessa de seus filhos mandados ao theatro dessa guerra desastrada e malfadada, provocada, talvez, por algum grande que não sinta á esta hora o menor abalo, ao ver as desgraças que opprimem sua patria.

Quando se esperava que fosse bastante o imposto de sangue que tem pago, que lhe valesse alguma consideração os sacrificios de toda casta que tem feito, os donativos, os rasgos de patriotismo da parte do sexo feminil, e tudo mais que tem elevado esta nobre terra a mais invejavel e admirada altura de suas irmans, tem como paga um recrutamento barbaro e arbitrario.

Invadem-se casas, arrombam-se portas alta noite, o filho da viuva, o casado, o estudante ninguem está isempto.

Censurava-se Lopez por mandar para o exercito menores de 12 annos, e hoje quem ler a folha official, a cada linha deparará com a reclamação da soltura de um filho, de um sobrinho, de um parente, de um aggregado *menor* recrutado!

Si isso é na capital, por fora o que será?

Consta-nos que em uma dessas noites fôra cercada, na fazenda Engenho Velho, uma casa e arrancada a fechadura da porta para tirar-se um rapaz que ainda disputa liberdade!

—Os chronistas do *Liberal Progressista*, gazeta do presidente, fallam constantemente em recrutamento, dizem que são recrutados para escrever.

—Parece ironia ao actual estado de cousas.

—E não lhe pareça! Os homens, apezar de serem defensores do governo, tem consciencia.

—Que tremendo *pifão* tomaram aquelles tres cujos no *Passo da Patria*!

—E que sucia! um armador, um militar, e um portuga!

—De que batalhão é aquelle official?

—Não sei; elle diz que está *provisorio* n'um corpo.

—Eu já vi se demittir um official de *policia* e dizer-se que era pelo seu mau comportamento O que diriam se vissem agora aquelle sujeito como vem do *Passo da Patria*?

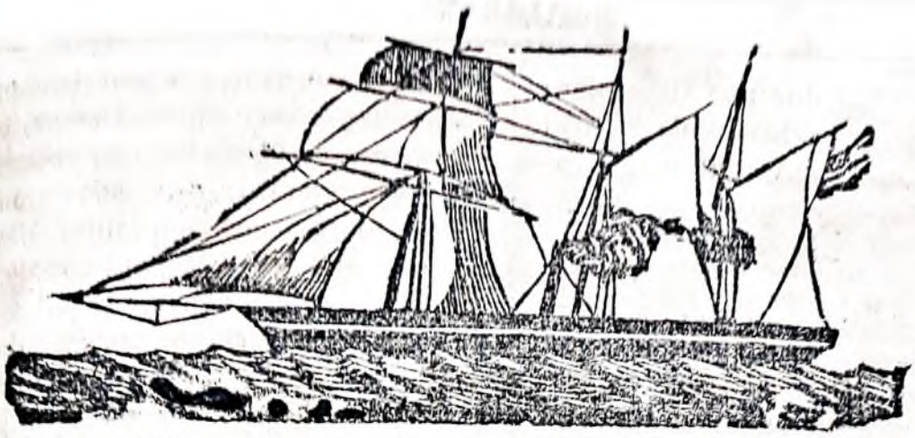
—Qual Passo da Patria? não chegou nenhum vapor.

—O Passo da Patria, meu charo é uma taverna nova franqueada aos amadores da boa pinga.

ANNUNCIOS.

Uma pessoa habilitada propõe-se a ensinar desenho em casas particulares; quem pretender dirija-se a esta typographia que se lho indicará.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 11 DE SETEMBRO DE 1866. SERIE 10.ª—N.º 98

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de setembro de 1866.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que intime aos moradores da casa pintada de cor de lama de Paris, na ladeira da Saude, á direita, que não continue ás 9 horas da noite a fazer despejo d'aguas por um cano que deita para a rua, por que quem sobe a ladeira não está para tomar banhos pelas pernas. Cumpra.

—São muito deleixados os taes carroceiros do Sr. Costa Guimarães!

No dia 7 de setembro passaram pela Praça, e não foram capazes de apanhar uns trapos velhos que estavam defronte das janellas de palacio.

—Hontem abriu-se a exposição bahiana.

—Disseram-me que sobre-sahem alguns trabalhos das orphans SS. do Coração de Jesus, os chapeus de feltro da fabrica dos Coqueiros, e uma bengala feita por um artista brasileiro.

—Consta-nos que o incansavel Sr. commandante superior offereceu-se ao governo para crear um batalhão de libertos.

—E' uma idéa além de patriotica de muita utilidade.

—No tempo do Sr. Dantas vi a mulher de um voluntario da patria que acompanhou seu marido até aqui, pedindo ao governo uma passagem para voltar á sua terra e teve por despacho que provasse se estava no caso de merecel-a.

—Esta só! innumeras dellas! E mesmo os voluntarios que voltavam, andavam dormindo por baixo dos arcos da cadeia, por não poderem retirar-se para sua terra.

—Pois agora veja:

«Maria Francisca da Conceição, pedindo uma passagem para o Rio de janeiro;.....

«Ao agente da companhia de paquetes á vapor, dizendo que no primeiro vapor que seguir para o Rio de Janeiro mande dar uma passagem á Maria Francisca da Conceição.»

—Talvez seja a mulher ou mãe de algum voluntario.

—Porém por que não publicam isso para o povo, que dá dinheiro para se subvencionar os vapores, saber? Para os maledicentes não dizerem que ao passo que se nega ou difficulta uma passagem á mãe de um voluntario, dá-se a qualquer mulher que appareco com uma carta de um amigo?

—Não ha nada que não sirva para alguma cousa; os soldados de policia haviam de ter algum prestimo por força.

—Servem para manter a ordem, garantir a vida, e propriedade dos cidadãos.

—Está bem aviado! Si o Sr. me dissesse que para peitos-largos e provocadores de desordens, eu concordava.

—Não diga isso que offende a disciplina e moralidade dos guardas policiaes.

—Eu quando digo alguma cousa é com fundamento.

Na noite de 6, dous soldados de policia espancaram na Barroquinha um estudante, que me disseram ser do 1.º anno de pharmacia. O sujeito tambem era bom, e retribuiu aos soldados a sova que lhes davam; como eram dous contra um, sahiu bem convidado.

—Isso não quer dizer que os homens sejam peito-largos.

—Espere um poucachito, não tenha tanta pressa.

Contaram-me depois o seguinte, que não garanto, mas que tem todo cabimento: um capitão de policia teve uma rusga com o estudante, chamou dous soldados de sua companhia e mandou-os que fossem espancar o rapaz.

—Assim tem toda razão.

—E mesmo que elles não fossem mandados por um capitão, não deviam fazer desordem na rua.

—Deixe passar, para não fazer mal aos soldados; o commandante anda aceso e pode mandal-os para o *contingente*.

—Por fallar em contingente disseram-me que mandaram um pobre rapaz doente, somente por que assigna o *Alabama*.

—Ja ouvi fallar; heide ventilar isso depois.

—Mais uma victima do recrutamento!

—Quem é?

—Silvana Porcina de S. José, era viuva e tem um filho unico de nome Theophilo Barroso, e duas filhas menores. Casou-se segunda vez com Francisco Cedro Ferreira, o qual assentou praça nos couraças, e marchou para o Sul, ficando seu filho Theophilo nas condições de filho unico de viuva, por que a sustentava e a suas duas irmans, visto que a quantia deixada pelo segundo marido para nada chega.

Recrutaram o rapaz, e a pobre mulher anda ha perto de um mez da sala para cosinha, a fazer requerimentos, tirar certidões, sem nada arranjar, e por fim de contas, quem sabe si elle não fará viagem no Pedro 2º do Sr. Cunha!

—Deixe está que o Sr. L. Velloso ha de fazer justiça.

—No expediente da presidencia vem sempre boas pilherias.

—E Vm. a querer dar lições sem ser competente.

—Ouça isto e depois falle:

Expediente do secretario do governo no dia 1.º de setembro.

2.ª SECÇÃO.—De ordem de S. Ex. o Sr. vice presidente da provincia, communico a V. S., para seu conhecimento e devidos effeitos, que por acto da presente data foi nomeado o Revd. padre Mauricio José da Silva Rocha para director e capellão dos indios da Pedra Branca, percebendo a gratificação annual de 240$, em substituição do Revd. padre Antonio Angelo Gomes de Mendonça, que não acceitou a nomeação que lhe foi conferida por acto de 27 de julho proximo passado.

Faz favor de me dizer a quem é dirigido este officio? Será ao Arcebispo?

—Olhe que Vm. não desculpa nada! Não vê que podia ser um engano.

VARIEDADE.

Ah! sapatos

(*Do Vimaranhense.*)

«Uma senhora, tendo de ir á um baile, calçou uns sapatos de setim, e como lhe apertassem os pés disse diante da criada, na occasião de sahir:

—Ah! *sapatos!*

Quando voltou do baile, a creada apresentou-lhe para a ceia dous patos assados.

Quem te mandou fazer isso? perguntou-lhe a senhora.

—Pois V. Exc. quando sahiu não disse —*assa patos!*

A PEDIDO

—Capitão, já viu o brigadeiro?

—Veja lá como falla—diga o gene-

ral — si não quer que lhe tome *entre dentes*.

— Mas diga-me, capitão, esse general é brigadeiro de fé, de esperança, ou de charidade?

— De fé, não; de esperança tambem não; é de charidade.

— Então que fez elle para ter um posto de charidade? Serviu de enfermeiro nos hospitaes de sangue, deu fios e ataduras para os feridos?

— Nada disso — a cousa é outra, que ora não convem que se propalle; são segredos de gabinete — quem fez ahi a charidade foi o governo

— Ah! entendo, capitão.

— Estimo que entenda, e saiba mais que elle esteve por *um tris* a ser ministro da guerra.

— Ora, meu capitão, isso é uma perfeita cassuada.

— Não senhor; ouvi delle mesmo que o Angelo já estava com successor, e que lonaria elle conta da pasta, si não fosse a necessidade de vir a Latronopolis reduzir a escravidão certas crioulinhas. á quem está demandando!

— Que me conta, capitão?

— Nem mais nem menos.

— Ora não mangue; acredita lá isso; são cousas que andam espalhando o Mané do Carmo e o Maximino.

— Não senhor, elle mesmo conta á quem queira ouvir. O que lhe posso asseverar é, que elle tem *importancia* no paiz, pois veiu licenciado e com boa chupeta.

— Em verdade tudo isso é um escandalo; pois ha de estar-se agarrando tanta gente para ir como voluntario defender a Patria, e ha de um *herôe destes* gosar em santo ocio, são como um pero, das vantagens da guerra, *flauteando* por cá, e contando proesas, quando se sabe que até fôra reprehendido em ordem do dia por *perseguir* os Zuavos mais do que devia.

— Mas que quer — são cousas da nossa terra. Ouvi dizer que elle anda tão *escabriado*, que tenciona voltar breve!

— Qual, capitão, não creio nisso. Nessa não cáe elle, e nem o governo lhe cassará o soldo e mais vantagens.

Capitão....

Esta terra tem palmeira,
Onde canta o sabiá —
Fique certo que o tal sucio
Não volta mais para lá —
Pois não virará galões
Emquanto estiver por cá —
Esta terra tem palmeira
Onde canta o sabiá.

— Gostei da parodia; porem ponha á margem, por hoje, o brigadeiro dos galões virados.

— Até breve, capitão.

— Olá, canzarrão, que fazes ahi á porta da tua pharmacopeia?

— Espero que passe alguem dos meus para desenferrujar um pouco a lingua á custa da vida alheia.

— Pois tu um ente nodoado fazes alarde de atassalhar a vida alheia?

— Si o não fizesse desmenteria minha essencia e meu genio maldizente.

— Chega tua perversidade ao augo de fallares de ti proprio!

— E o que tem isso? A justiça principia por casa. Fallo de meu irmão desabridamente; fallarei de minhas filhas quando for occasião, e a mim proprio faço justiça que sou o maior detractor

da honra. Para mim não ha marido que não commercio com honra de sua mulher; não ha pae que não venda a virgindade de sua filha; não ha irmão que não sirva de *Mercurio* á suas irmans.

—Lingoa de Satanaz, pae desnaturado, não vês que és o primeiro á quem cabe essa infame apreciação!

—Que me importa, si isso é a realidade. E depois não fallam tambem tanto de mim; não me lançam baldões que nunca pratiquei; não dizem que eu concorri para deshonra de minhas filhas; que as impellia a pedir quantias emprestadas; não dizem por ex., que eu mandava uma de minhas filhas passar tempos em uma casa com certos fins, que depois realisaram-se?

Hei de por tanto cortar na pelle de todos.

—Ente mordaz e perverso, por que não fallas dos que te offendem, para que te occupas de quem não se lembra se existes?

—Eu cá não tenho contemplações, fallo á torto e á direito.

—Pois bem, homem de uma *perna direita*, já que assim queres, assim o tenhas. Vou contar tambem ao publico tua vida. Contarei primeiro a historia de umas palmadas, depois o pedido de umas ceroulas, e d'ahi por diante. Ou te has de emendar, ou ouvirás o que não pensas. (*Continúa*)

—Não ha vida melhor do que a dos empregados daquella *directoria*!

—Em vez de occuparem se em seus estudos, vivem constantemente na janella que deita para aquelle *caminho* que se abriu de *novo* á conversar com todos que passam.

—O serviço ha de lucrar muito com isso na verdade!

—Esta policia de nossa terra!....

—E' como as outras.

—Eu sei!

Pois um homem ás duas horas da noite arromba uma porta, invade a casa, dá pancada, quebra tudo, a visinhança acorda sobresaltada com os gritos, chama-se a policia, ella prende o aggressor e no caminho solta-o, porque um official pedio-lho.

—Quando foi isto?

—No sabbado.

—Em que rua?

—Na rua Direita do Collegio em casa de uma tal Theodora.

—O sujeito parece que tinha o diabo na pelle lascou uma porta da grossura de duas polegadas!

—E' preciso o Sr. Dr. chefe de policia dispensar um pouco de cuidado com esses valentões, e agora principalmente, que se precisa tanto de gente destimida no Paraguay.

—Quasi todos esses desordeiros tem isempções, e são patrocinados.

—E' S. S. fechar os olhos e não se importar que o sujeito seja *empregado publico*, isto ou aquillo, que seja *rajado*, vermelho ou amarello, nem afilhado deste ou daquelle.

MOTTE.

Amor no meu peito é polvora
Que arde sem deitar cinza.

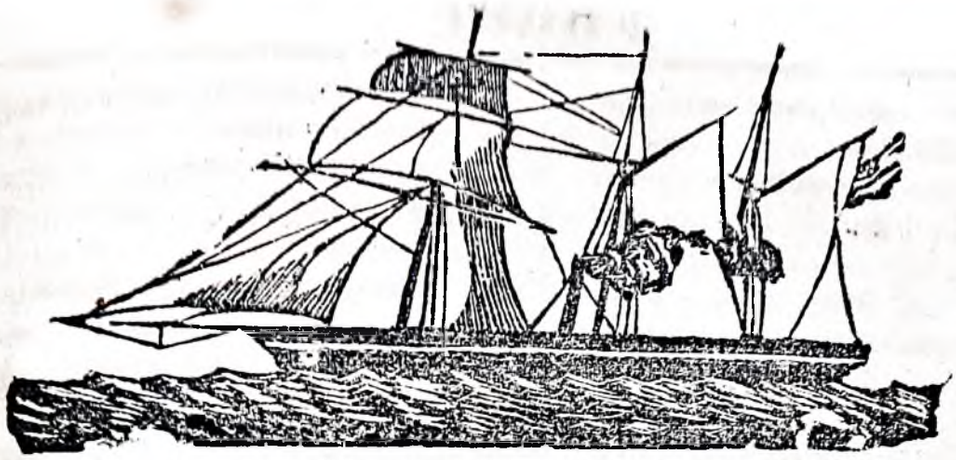
GLOZA.

Consoante para olvora
Não sei onde encontrarei!
Mas, com tudo eu direi
Amor no meu peito é polvora
Ah! sim eu vejo a abobora;
E agora para inza?
Apenas posso ver rinza
Dos pilòtos, phraseado,
Si o vento é demasiado
Que arde sem deitar cinza.

ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 13 DE SETEMBRO DE 1866. SERIE 10.ª—N.º 99

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de setembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para um individuo de nome Pompilio, empalhador, morador ao Portão da Piedade, que assentou de viver a custa do povo, para o que cada dia mune-se da estampa de um santo, e anda a especular pelas ruas da cidade, ou mesmo assentado á sua porta, invoca a esmola dos que passam; e como não conste que elle recolha o producto dessas esmollas a parte nenhuma, a não ser na sua pança; pede-se a S. S. providencias que o obrigue a ir viver de seu officio de empalhador, e deixe esse lucrativo meio de vida.

—Na noticia publicada no numero passado sobre a creação de um batalhão de libertos, escapou o nome do Sr. coronel commandante superior Joaquim Antonio da Silva Carvalhal, que é quem se propõe á realisação de tão aproveitavel idéa.

—Esta epocha é do predominio de familias. Bem-aventuradas as que cahem na graça do governo, por que para ellas é tudo; e fora dellas tudo é impossivel.

—Anda sempre Vm. com excentrecidades!

—Veja a prova.

«Por acto de 6 foram nomeados para 1.º supplente da subdelegacia de Passé o capitão Pedro de *Castro Alves*, que era 2.º, para o logar deste o tenente Antonio de *Castro Alves*.

«Por acto de 1.º foram nomeados alferes do batalhão Pedro II. Sergio da *Silva Deiró* e Francisco da *Silva Deiró*.

A PEDIDO

—Voltou da corte com baixa o sargento Augusto Ferreira da Costa, que tinha sido recrutado.

—E que conclue Vm. dahi?

—Que, ou o homem era victima aqui da prepotencia dos mandões, ou que nenhuma consideração merece ao governo geral, quem o mandou para lá, porque o homem foi bem recommendado.

—E' que nem todos estão para sustentar caprichos tolos.

—Boa especulação!

—Vejamos.

—Um sujeito é recrutado para um batalhão de *voluntarios* ou não, quando entra para o quartel dão-lhe uma

calça etc., o homem prova sua isempção e tem baixa; mas algum *judeu* do proposito rouba-lhe a calça, e o sargento impede-lhe a sahida até dar conta da calça.

—Não vejo nada de mais.

—Sim... sim.... e o homem fica retido por uns poucos de dias.

—Os carroceiros do Sr. Costa Guimarães tambem são letrados, não querem que se deite cascas de ôstras no carro porque não é do contracto!

—Petarolfas!

—Pois va deitar, si é capaz, uma casca no carro das Portas do Carmo.

—Sargento, V. porque não é *fiel* em suas informações?

Pois V. tem animo de indigitar para o contingente um homem, só porque o encontrou empinando papagaio?

Sargento, V. é do *primeiro* furo.

A epocha é das vindictas; qualquer quidam tem intriga de uma pessoa, vae denuncial-o para o contingente, embora o denunciado não esteja no caso.

Ora si ha quem esteja mais no caso de ir para o contingente do que um meninorio que anda empinando papagaios!

—Elle faz bem; segue o ditado, manda antes que te mandem.

Deseja-se saber do thesoureiro de certa irmandade, si quer fazer della seu patrimonio, e si depois de esgotados os quatro annos que lhe competem, quer em ar de phosphoro passar ao quinto.

Veja que é mortal, que ha de dar contas à Deus, e vêr-se ás voltas com o Chaveiro do Céu, que é

S. Pedro.

—Ora viva-se n'uma terra destas!

Um dia o governo diz na folha official:

«A lei da fixação de forças de terra estabelece a substituição, não somente a pessoal, como a pecunaria; razão por que tem sido admittida a substituição de todos que, recrutados para o serviço do exercito, a tem requerido.»

No outro dia Manuel Francisco de Paulo, é remettido pelo commandante do batalhão 110, e requer para dar 600$ rs. afim de ter sua escusa, e é indeferido!

—Isto são negocios intrincados.

—Negocios intrincados é que a voz publica propala que contra Manuel F. de Paulo haviam indisposições e caprichos, e o acto do governo como que authorisa a se acreditar nisso.

Quem der noticia de um lingoa viperina, que uza de sapatos sem meias, gravata ao lançante, bluza voando quando caminha; é branco assa, meio calvo, cabellos torcidos côr de fogo de breu, cara frunxada, tem uma perna *direita;* vive sempre procurando pessoas com quem nutra o genio de maledicente; para elle não ha homem serio, nem mulher honesta; mofino de primeira plana, a ponto de na escada de sua propria casa levar quatro palmadas de um sujeito, por querer que este lhe dissesse o que fazia alli. Está quasi sempre com o *Silva* na entrada do *poste*, além das *Janellas* do Carmo: quem der noticia certa do bicho receberá do *Carrinho*, na espelunca do *Mané*, uns vasos de drogas sujas e massa fulminante, para ter explosão no sabbado d'alleluia.

O esquecimento da ceroula.

—Capitão, tenho tido de alguns figurões nestes ultimos dias comprimentos e até offerecimentos de espantar.

—Porque, rapaz? por ventura tirastes a sorte grande, ou vaes cazar com alguma filha do Caboclo?

—Não, capitão, a couza é outra, é o simples facto de ser qualificado votante, que me dá jús á estas e outras zumbaias; os novos candidatos, que querem salvar a patria, andam á fazer piruetas por todo canto.

—São meios estes de que todos elles lançam mão em epochas eleitoraes. Não te mettas em politica; ella não serve sinão para duas classes de gente, para os vendedores de chapa, e para os espertos; pelo bem da patria, não esperes rapaz.

—O capitão descrê de tudo.

—Eu comparo a patria a estas vaccas tourinas, que pela manhan andam pelas portas dando leite; o bezerro que tem direito ao leite, com a boca amarrada, assemelha-se ao povo; quando o leite não acode logo ás tetas, desata-se a boca do animalzinho e elle que sequioso se acha corre desabrido ás tetas, logo que reaparece o leite, a boca é de novamente atada; o mesmo fazem com o povo os nossos politicos, que representam o vendedor do leite, aquelle engana por muitas vezes ao bezerro, e estes quando querem subir enganam ao povo desatando a boca com promessas de empregos, com melhoramentos materiaes, com a descentralisação e finalmente com cortesias; o povo corre apressurado as urnas; logo que elles consequem os seus fins, dão o ponta-pé, por tanto rapaz não te mettas em politica.

—Bravo, muito bem, disserteu brilhantemente, de hoje em diante capitão despreso a todas estas zumbaias.

—Aspirante!

—Prompto!

—Conhece aquelle *pastor* que desce por aquella rua com *preguiça?*

—Não é o *Neca Facão?*

—Elle mesmo.

—O *compadre* da Anninha olho de Sapoca?

—Justamente.

—E' celebre elle! deixa o rebanho na *praia* em vez de o levar ao campo.

—E ás vezes tambem anda pelos matos da *Conceição.*

—E quasi sempre suas ovelhas andam desgarradas; porque o descuidado *pastor* para fazer vontade á sua Anninha Sapoca, mette-se em casa n'um candomblé de crioulas que ella dirige.

—Isso só? Bonito é quando elle não vae cedo para casa: que ella o vae buscar. Rola supapada velha no meio da rua.

—E quando ella faz a orgia na loja com as criouletas, que elle vem sentar-se na escada para ver... aderna?

—E' impróprio do caracter delle; não tem duvida.

—A visinhança toda censura aquelle irregular procedimento.

—E que rascadas faz ella com o bom do homem, quando está no *pifão!*

E' um escandalo! Quando se ouve gritos e alarma n'aquella rua, a visinhança diz logo—é a *comadre do pastor* que está brigando com elle!

—E si fosse só dentro de casa era bom; a tarasca não respeita as vestes nem o ministerio do homem, e o agarra na rua como se agarra um macbacás e vem com elle aos tombos para casa!

—Elle é quem tem a culpa, que se faz um bocca aberta, concordando com os desavergonhados caprichos da Sapoca.

—Fraquezas do homem.

—E' preciso dar-lhe energia; e por tanto vá procural-o e faça-lhe ver quanto é reprovavel semelhante modo de vida. Diga lhe que fuja de tal mulher, que é uma tentação; que se achar nisso difficuldade reze todos os dias um padre nosso a *Nossa Sra. da Conceição* para que o livre dessa serpente.

Dialogo entre Leoncio de... e Fr. Justino, depois de uma missa na Igreja *que já foi* velha, *sobre o Tio do cujo, o Reverendo Muqueca.*

Leoncio—Irra!

Fr. Justino—Q' é isto Leoncio?

Leon.—Será uma grande desgraca, que teu tio, *Antonio Balbina* esteja hoje mais que nunca atacado da sua costumada hydrophobia!

Fr. Just.—Ora esta! Como este é o seu estado habitual, nada ha que admirar. Mas a que vem isso, meu charo?

Leon.—Ah!.. Portou-se hoje, na hora em que os christãos ouviam missa, como um verdadeiro cão damnado, espumava, esbravejava, e largou-se finalmente por todos os quatro angulos da egreja a morder, dando dentadas aqui, dentadas ali, de modo que não ficou um só assistente inimigo seu que não provasse sua dentadasinha, menos eu, que como outros, puz-me logo no andar da rua.

Fr. Just.—Leoncio, com quanto seja verdade quanto dizes, deves com tudo fallar com mais *respeito*, quando te occupares do tio do Sr. seu sobrinho, por que sabes, que elle é um *cyllado d Muqueca*, e que bem te pode fulminar com um *Raio*, ou dentro da egreja, qeando mesmo se celebra missa, ou fora dahi em o meio

da rua, na occasião mesmo da feira, no dia que é prohibido.

Leon.—Ah! padre mestre, que já me não lembrava; é verdade que elle tem todos esses recursos a empregar, contra qualquer que se oppõe a seus *conselhos* e *doctrinas* tirados do Alcorão de Ferrabraz. Suas *praticas* são vulcões, de cujo seio só vomita excommunhões; suas *doctrinas* são cratéras que se espalham por todos quantos se oppõe a que elle attroe os ares com tantos alaridos, semelhantes a um trovão, que vem acompanhado de furiosos *Raios*, dispostos a acabar com as feiras só permittidas, nessa nossa infeliz egreja, que já foi *velha*.

Fr. Just.—Si sabes disso, para que te occupas do *homem sancto, ou bento* que por qualquer fim te pode excommungar, ou fazer desferir contra ti dos céus seus *Raios*?

Leon.—E' verdade; eu me arrependo de todos os meus peccados; vou-lhe pedir perdão, e dizer-lhe, que estou prompto a seguir o *seu partido*, e quero até *assignar as representações*, que *elle promove*, em que se diz que o povo quer o dia sanctificado vedado por lei para esse trabalho. Em tal cazo antes com elle do que contra elle; por que elle tem excommunhão e *Raio*.

Fr. Just —Acho bom, que assim pratiques já, e sem demora. Bem podes saber, que elle é um *homem virtuoso*, e breve *come manjar* do Ceo.
A nova já lhe veio por um *Noticiador*. Que prova mais cabal queres?
Não vês quantas bravuras de *virtudes* de sua vida relata o novo Moyses ao povo, para dar-lhe *exemplo* de *boas obras*, e pratica *de boa moral e bons costumes*, trabalhando no dia sanctificado?

Leon.—Dize-me isso mais de perto, Fr. Justino; conta-me lá uma das historias *da vida sancta e virtuosa* de teu tio, *Antonio Balbina*.

Fr. Just.—Então para ti isto é novo? Tu não tens assistido aos conselhos delle, não?

Leon.—Ora, Reverendo amigo, V. não vê, que quando elle entra a espragueijar tudo e a todos na occasião em que se diz missa, atterrando o povo com excommunhões, e promettendo-lhe *Raios* se não quizer *prestar seus nomes* para os *Nós baixo assignados*, e para as *representações* a favor da feira no dia sanctificado que todos largam-se na carreira pela porta da egreja a fóra? Eu então não sou tambem pobre, e timido filho de Adão e Eva, para não dar egualmente as gambias a rua? Ora viva!

Fr. Just.—Pois bem, já que assim te tem acontecido, vou relatar-te uma das d'elle quando em um destes dias trabalhava por persuadir aos ouvintes, que deviam dar *moiras ao dia do trabalho*, e vivas ao *dia sanctificado, produzir o alarma*; romper nos gritos e alaridos contra todos quanto se opposerem a sua vontade; que elle com o seu *Xico*, e mais outros iriam a frente de cruz alçada, e caldeirinha de agoa benta, *excomungando a uns*, e *beatificando a outros*, conforme suas opiniões e partido.

Leon.—Ora vamos a ver essa procissão, que ha de ser divertida.

Fr. Just.—Pois bem. Eu principio, e serei breve.

Leon.—Oh! já vejo, que estás nos teus elementos de padreco, como o bom do teu tio!!

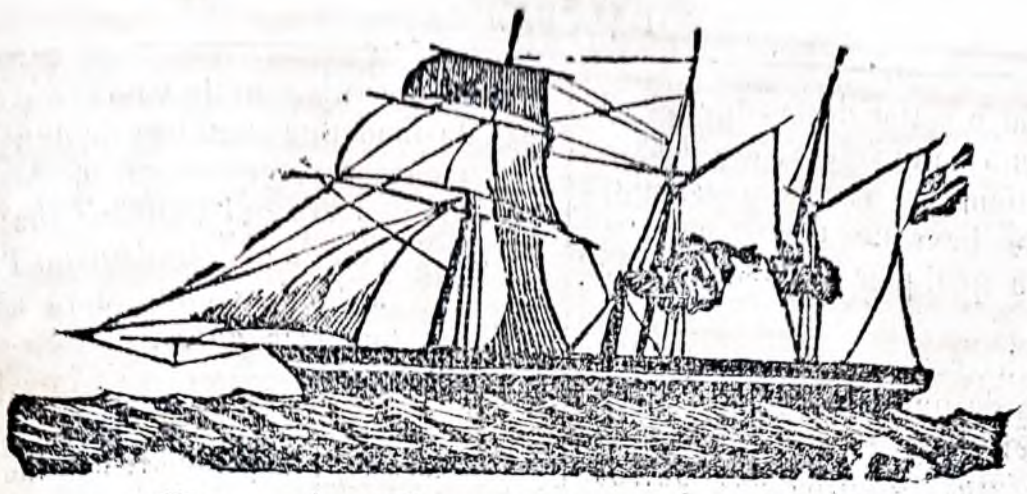
Fr. Just.—São termos technicos sacerdotaes, de que usamos, quando queremos ter os ouvintes a nosso lado. Não vês como meu tio diz:
Amados Irmãos! Caros fieis! Dilectos filhos! Minhas queridas ovelhas! Pios ouvintes! Meu bom pôvo &c. &c!

Leon.—Pois vamos lá, Reverendissimo, Padre Mestre, não massse tanto ao seu amado irmão, caro fiel, dilecto filho, e pio ouvinte. Principie lá, e seja breve, como prometteu. *(Continúa.)*

ANNUNCIOS.

A mesa actual da irmandade de Santa Cecilia declara ao respeitavel publico que o espectaculo levado á scena no theatro de S. João em favor dos artistas musicos foi unicamente em favor da banda de musica militar do 8.º batalhão, na qual existem alguns artistas, como sejão os Srs. José Antonio Pinto, Francisco Fructuoso Valongo, Olympio Bernardino de Seuza e Pedro Advincula Ribeiro.—O escrivão, *Polycarpo Alves da Silva*.

Nesta typ. vende-se os seguintes livros:
Direito Publico Brasileiro de Pimenta Bueno.—7$000 rs.
Historia da revolução franceza.—8$000 rs.
Casamento Civil, por Carlos Kornis de Totvárad.—5$000 rs.
Historia da Edade media por Calogeras.—3$000 rs.
Guia eleitoral, ultima edição 2$000.
Os Lusiadas do Camões. 3$000 rs.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 15 DE SETEMBRO DE 1866. SERIE 10.ª—N.º 100

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Com este numero finalisa-se a 10.ª serie do *Alabama*.

Todos os Srs. que deverem mais de tres series, deixarão de receber o numero seguinte.

Esta declaração tem por fim fazer ver á alguns Srs. assignantes, que são nossos camaradas, e que estão comprehendidos nella, não se cancem a nos vir fazer reclamações — 1.º porque a justiça deve principiar por casa — 2.º por que o amigo não deve contribuir para o prejuizo de seu amigo.

EXPEDIENTE.

Cidade do Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de setembro de 1866.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á ladeira da Ordem 3.ª de S. Francisco, e conduza para a Correcção uma damnada e insultante tagarella, que alli mora, conhecida por *Mariquinhas do setimo*, a qual traz a mencionada ladeira em continúo alarme. Cumpra.

—Encerrou-se hontem a exposição.

—E' verdade. Achei que foi muito fria e pouco concorrida.

—E eu notei que a commissão foi pouco severa na escolha dos objectos; por exemplo, uma fortaleza de papelão que lá appareceu *para o vencimento da Bahia*; na inscripção o sujeito tinha apresentado o seu passaporte de ignorancia. E' dos taes que escreve gato com j; e a commissão, pouco escrupulosa, deixou passar.

—Em obras de artes, agradou-me summamente um quadro do Sr. L. Cardoso, representando o *Mendigo*.

—Viu o grupo do artista Peçanha?

—Vi; a mulher pode passar; porém o homem tem defeitos salientes; entre outros, achei que tinha a região lombal muito crescida.

—As obras de industria do Sr. Marcos Tullio foram perfeitas.

—Houve muita cousa digna de menção.

—Não gostei da collocação dos objectos, foi a peior possivel; v. g.: um caixão de charutos finos, sobre uma *mão* de camarões.

—As irmans de charidade quando lêem o *Alabama* riem-se, e fazem galhofa.

—Estão no seu direito; si não ha quem procure ventilar a veracidade de certos factos, e dar providencias, si ellas tem carta branca para commetter toda sorte de escandalos e abusos, si se julgam alli senhoras absolutas, si

enxotam com o maior desfaçamento os doentes, como so enxotam cães para a rua, e ninguem lhes vae ás mãos, ellas fazem muito bem de mofar e fazer zombaria de qualquer accusação que appareça.

—Ainda ha cerca de duas semanas uma crioula de nome Damiana, foi asporamente enxotada para *não dar mau exemplo de insubordinação aos outros doentes*.

A molestia era grave, a infeliz pobrissima; não poude por tanto ter a dieta necessaria, e o seu mal complicou-se de maneira que um dia destes, depois de muitas rogativas, consentiram as charidosas irmans que ella entrasse agonisante para o hospital, onde está a expirar, sofrendo o martyrio de duas operações nestes poucos dias.

—Deixe-as, nem sempre ellas cassuarão.

—Faz favor de comparar estes dous despachos:

«Anna Rosa do Amor Divino, mãe *de um voluntario* da patria; pedindo uma quantia das que se acham recolhidas em favor das familias dos voluntarios—Informe o Sr. Dr. chefe de policia.»

«Luiza Maria da Conceição, MULHER de Antonio Avelino Barauna, 2.º sargento do batalhão n. 43 de voluntarios, Princeza Imperial; pedindo uma quantia para sua subsistencia—Informe o Sr. Dr. chefe de policia, *si a supplicante está no* caso de merecer o que pede.»

A primeira, que não declara o nome de seu filho, o presidente manda simplesmente informar o chefe de policia; a segunda que é casada, S. Ex. quer saber si está no caso de receber o que pede!

—Prova que S. Ex. é amante da fidelidade conjugal.

A PEDIDO

—No 3.º andar daquelle sobrado mora gente douda?

—Mora uma viuva.

—Admira! A noite passada ás 3 horas da madrugada, atiraram de lá garrafas para a rua que fazia medo.

—E não viu um vulto na rua?

—Vi. Desceu pela *Cadeia dos Padres* e subiu a *ladeira* onde mora aquella mulher que cria *gatos*.

—Pois eram para elle as garrafadas.

—A razão?

—Isso é vida privada, não lhe digo.

—Bem.... bem... já percebo.

—Respeitabelissimo e eminentissimo Sr. negociante!

Como vae, meu bom carqueja?
Meu coração lhe deseja
Que de saude esteja.....
E, na posse de um tal bem,
Va ganhando seu vintem
P'ra comprar de aberém.

—O Sr. cumprimenta me com *phraze grande!*

Permitta que tambem lhe responda em verso.

Eu vivia distrahido
Vendendo meu azarcão,
Quando vi a Anastacia
Que prendeu meu coração.

Tinha as cadeiras chatas,
Era dengosa e faceira,
Uns requebros que só tem
A crioula brasileira.

Mas a demonia
Logo abusou
Da paixão cega
Que em mim achou.

Na ratoeira
Que me armou
Cahindo eu,
Me abandonou.

—Bravo, bravissimo! *phraze grande* foi a sua. Não sabia que o Sr. fazia.... versos. Pois olhe, dizem que os poetas tem queda para malucos.

Tenho pena que o Sr.
Tão habilidoso sendo,
Ande pela *Taboa grande*
Atraz da negra correndo.

—Tudo isso é depois que ella me desprezou. A malvada não quer ir para casa!

O diacho da crioula
Traz-me de cabeça tonta!
Tenho feito mil doudices
E desatinos sem conta.

Ando agora sem chapeu....
Estou quasi maricaca!
Na loja vendo ticum
A quem pede gomma-laca.

—E' por que quer—

Vm. já é usado
Devia ter mais juizo,
E não se dar a petisco
Aos outros causando riso.

Além de fazer asneiras,
Em cima as alardeando!
P'ra os collegas do commercio
Lhe andar chacoteando!

—O Sr. falla por que nunca quiz bem.

Quem quer bem chupa materia
Lambe cascas de ferida;
Come ramella dos olhos
E assim passa sua vida.

—Só si for o Sr., que é um porcalhão; deixe-se disso—

Veja um rosario bem grosso,
Pegue nelle va rezar;
Não ande atraz da crioula
Q'isso lhe causa desar.

—Quer ouvir? guarde o conselho para si; o Sr. diz isto por que não sabe o que é paixão.

A força d'uma paixão
Faz o homem enlouquecer;
Faz até beber cachaça
De não poder se lamber.

—Ah! é por isso que o Sr.

Sahe em mangas de camisa
Pelo Taboão a fora?
E vae se dar a desfructe
Onde a Henriqueta mora!

—O que é que o amor não obriga a fazer? E eu, que em amor sou firme como rocha! Não sou destes que dizem:

Meu bem foi ver outro amor
P'ra me causar afflicção
Que me importa? Eu ja gozei
Que mais quer meu coração.

Não Sr. eu cá sou pão, pão; queijo, queijo.

—Mas veja que não lhe assenta o que anda fazendo, dando palhaçadas por casas de subdelegados, e pondo-se em espectaculo na taverna de seu ex-caixeiro.

—Oh! esse biltre é causa de meu soffrer, foi elle quem desencabeçou a minha Anastacia!

Ainda hei de passeiar-lhe alli assim ás bitaculas com uma sova de soccos.

—E si o homem der uma queixa do Sr. que lhe anda atirando pedras para dentro da venda?

—Qual queixa! eu tenho amigos e dinheiro, para deital-o no inferno. E depois augmento-lhe o aluguel da casa.

—Tudo isso, por causa de uma mulher que não lhe dá assumpto!

—Que quer que lhe faça? Fraquezas do homem.

—O Sr. não tem a sua Lydia? esqueça-se da outra:

—Não posso, por mais que o faça. Ella tinha uns me-deixes, uns quindins, que não me sahem da lembrança. O Sr. sabe o que são os me-deixes da crioula?

Quem estiver sem comer
Em vez de comprar farinha,
Gose, que enche a barriga,
Os quindins da crioulinha.

O homem fica demente,
Como criança patinha,
Quando gosa um momento
Os quindins da crioulinha.

Não julgue que é mentira;
E' melhor do que tainha
Pescada la nas Pedreiras,
Os quindins da crioulinha.

—Com essa vou me embora. Tome um conselho que me retiro.

Tome ajudas de pimenta
Para refrescar a bola,
Porque da sua cacholla
Os desatinos augmenta.

Camarão não tem espinha,
Batata não tem caroço,
Não va metter o pescoço
Dentro d'alguma cordinha.

Coma para disfarçar
Seu bacalhau com ervilhas;
Desfructe com sua Lydia
De agrado algumas pastilhas.

Não traga como costuma
Cannivete n'algibeira
Que pode hallucinado
Commetter alguma asneira.

P'ra refrescar as cazeiras
Chupe agua de cajú;
Vá vendendo suas drogas
Guarde os cobres no bahú.

—Muxingueiro!
—Prompto.

—Vae a casa do Panorama Fazendinha, e traz á minha presença a sua manceba Na.

.....

—Capitão aqui está a sujeita, muito me custou a trazel-a; e este maldicto velho paiorra não quiz deixal-a vir só, accompanhou-a.

—O que veiu cá fazer, Sr. Panorama?

—Sr. capitão, por quem é, não persiga minha *Ná;* recaia todo seu castigo sobre mim, que sou mau pae, desnaturado, immoral e debochado, mas esta excellente mulher, não, que é uma perola.

—Muxingueiro!

—A's ordens.

—Leva daqui este homem, sem pejo, que sacrifica suas innocentes filhas aos caprichos de uma Messalina desfaçada.

—Vamos Sr. Panorama.

—Valha-me Deus.

.....

—Então minha carranca nojenta, mulher coberta de vicios, e recamada de escandalos, para que anda V. a perseguir aos infelizes filhos do Panorama, e a empregar meios torpes para que o homem castigue as moças?

—Capitão, tudo não é como se diz.

—O' lá Sra. marafona, poucas garridices em minha presença.

—Sr. capitão, eu sou uma mulher desvellada e carinhosa para os filhos do Sr. Bernardozinho.

—Eu sei qual é o desvello que empregas, fera bravia! é trazeres a pobre moça morta á fome, suja, lavando pratos e deitando penicos fora.

—Seu pae della mesmo é quem me authorisa para isso.

—Eu sei que elle é egual a ti, e por isso consente em tamanho desaforo, mas as tuas arengas diabolicas, e os teus enredos, são causa primordial de tudo isso.

Para saberes si é bom fazer mal, e perseguir aos desamparados, vou te mandar applicar um clister de agoa forte; e depois ficarás prohibida de habitares n'outra rua que não seja o becco Grelado.

Carrinho, és um safado,
Infame por condicção,
No cofre do chafariz
Com gosto correste a mão!

Para que fallas em honra
Tu um homem deshonrado;
Que com tuas proprias filhas,
Até tens negociado!.....

Não lembras-te d'aquelle homem,
Que a ceroula se esqueceu,
E te encontrando na escada
Quatro palmadas te deu!

Falla, diz-me, meu safado?
Homem cruel sem acção!
Além de todos teus crimes,
Tens mais o de ser ladrão!

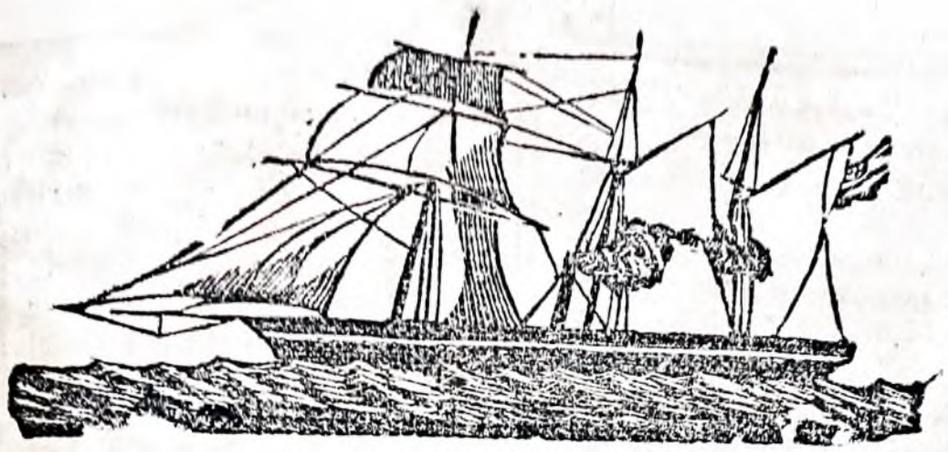
Tufé! Descarado, sevandija,
Nem mais aqui ver-te quero;
Pois em outra occasião
A' chicote te espero!..

ANNUNCIOS.

AS PESSOAS DE GOSTO.

Breve sahirá á luz a nova modinha brazileira intitulada—**Nada possuo neste mundo.**

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 18 DE SETEMBRO DE 1866. SERIE 11.ª—N.º 101

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de setembro de 1866.

Nao ha expediente.

—Não me posso dispensar de dirigir duas palavras aos Illms. Srs. Dr. chefe de policia e delegado.

—Então avie-se com cedo.

—Admira que Ss. Ss. que tão energicos e previdentes se têm mostrado em providencias para certos casos, as vezes até banaes, esqueçam-se de outros de summa gravidade.

Hontem depois do fogo artificial que houve em S. Pedro, um grupo de 15 a 20 capadocios, veiu desde o largo de S. Pedro até a rua Direita de Palacio, em gritos estrondosos, a commetter escandalosos excessos, e proferir torpes e obscenas palavras pelo centro das familias, que transitavam. Não houve quem não levasse uma pateada.

Admira que n'um tempo em que o pobre operario sahindo demanhan para seu trabalho, encontra logo uma cafila de soldados que o levam para o contingente, não houvesse uma patrulha que ouvisse os gritos daquelles imprudentes e os admoestasse ao menos.

—Mas o que queria Vm. que fizessem o chefe e delegado?

—Que mandassem para alli uma força que mantivesse a ordem, que pozesse um freio as immoralidades dos capadocios. Sabe-se que onde ha multidão apparecem sempre imprudencias.

—Isso é da attribuição do subdelegado.

—Ora o subdelegado..... Eu creio que foi o unico que não ouviu o escandalo.

—Homem, V. sabe, tudo hontem mereceu desculpa; foi dia da inauguração do hospital portuguez, a rapazeada veiu cançada e dispensou-se certas formalidades e providencias.

—A postura municipal n. 45 prohibe que andem animaes presos uns aos outros em numero maior de quatro.

—E' verdade.

—O que é uma burla, por que constantemente vejo-os aos 6, aos 8 e aos 12, impatando o caminho.

—As vezes sucede vir, por exemplo, doze burros, presos quatro a quatro, mais os conductores trazem-nos infileirados uns atraz dos outros, de maneira que tomam um largo espaço, e quem quer atravessar uma rua ha do fazer uma comprida volta ou esperar que passem os senhores burros.

—A culpa é dos fiscaes que doviam obrigar os conductores a conservar uma

distancia conveniente entre cada turno do burro.

—Bem bello! os fiscaes guardam deferencias por que os burros são do Sr. commendador F., do Sr coronel Siciano etc.

A PEDIDO

—Por acto de 13 do corrente foi nomeado alferes do batalhao Pedro 2.º o cidadão Aristides Ignacio da Silva!

—Estou que o Sr. Leão Velloso ignora que o Sr. Aristides é um homem inutil pelo seu estado de saude, tanto que propondo-se a seguir para o Sul como enfermeiro, na occasião da inspecção não se quiz sujeitar a isso, por que teve vergonha de despir as calças.

—Pois olhe, isso foi no tempo de S. Ex.

—Dizem que o homem até nos beigos tem uma ferida!

—O que está Vm. a ler tão apurado?

—Os requerimentos despachados no *Diario*.

—Leia alto para eu ouvir.

«—Miguel Rodrigues de Deus Cerqueira, pae do voluntario da patria Miguel Rolando de Deus Cerqueira; pedindo uma quantia das que se acham recolhidas em favor das familias dos voluntarios.—Com a ordem expedida mandando dar 30$ rs. foi o supplicante deferido »

—O Sr. sabe quem é Miguel Rodrigues de Deus Cerqueira?

—Não Sr.

—E' um pobre cego de 70 annos, que tinha um unico filho, Miguel Rolando, o qual era o seu arrimo.

Miguel Rolando não se quiz casar para viver na companhia de seu pae, a quem sustentava; foi *recrutado* para *voluntario*; o velho requereu a soltura de seu filho, juntando documentos, provando que elle estava isempto de marchar para o Sul.

Não teve despacho; quando foi ver seus papeis, na *secretaria nada constava á respeito delles.*

—Então desappareceram?

—Não sei.

—Consumiram nos?

—Não sei. O que sei é que o rapaz embarcou, e o pobre homem ficou ahi ao desamparo, esmolando a charidade publica.

Um coração generoso chamou-o para sua casa, e deu-lhe um abrigo, e agora vejo que o Sr. L. Velloso manda dar 30$ rs.

—Como esse ha de haver muitos, meu amigo.

(Continuação do Sr. Gatuno.)

—No outro dia apresentou-se em casa da viuva do Sr. Gatuno, levando tres cortes de vestidos para as meninas.

E' preciso declarar, que o Sr. Gatuno astuto como um *zorro*, teve a habilidade de occultar que era casado.

Conversou longamente, e quando sahiu ficou assentado, que o Sr. Gatuno por compaixão se encarregava do aluguel da casa, para ser descontado em costuras.

Dalli em diante foi assiduo em frequentar a casa, e quanto mais ardua era sua frequencia, mais dobrava elle de

carinhos e cuidados para com as meninas, particularmente a mais moça a quem com especialidade agradava.

A intimidade foi crescendo, as relações estreitando-se, e o Sr Gatuno passava horas esquecidas no recinto da innocente familia.

A' noite quando se retirava era fora de horas.

Senhor desta posição vantajosa poude a seu salvo ir inoculando o veneno da seducção no seio da virgindade.

Uma noite a familia sahiu para ir fazer oração n'uma capella perto da rua dos Castanheiros, que tem por symbolo uma *palma* de oliveira, a menina mais moça á pretexto de um incommodo ficou; o Sr Gatuno sahiu tambem. Quando a familia voltou para casa, havia entre ella um membro de menos, a menina tinha desapparecido!

O Sr. Gatuno tinha dado o primeiro passo na sua obra de iniquidade e devastação!

Com a cynica mão da protervia cravou o venenoso punhal da protervia no dorido coração da mãe, que apezar de chagada ha muito, não gotejavam as feridas.

O tigre carregou a presa e foi depositál-a n'uma rua distante onde ha um *areal*, em outra freguezia, e nessa mesma noite realisou seu execravel intento.

Grande foi a consternação e sentimento pela falta da moça; o Sr. Gatuno mesmo mostrou-se muito penalisado.

No intuito de procurar informações, sahiu daquella casa com o polluido coração repleto de selvagem alegria, que elle sabia comprimir com uma dissimulada tristeza no semblante, e deante mão extasiado no sanatico prazer que ia fruir algumas horas á custa de uma eternidade de opprobrios e ignominia.

(*Continúa*)

—Esta é do Sr. Leão Velloso:

«José Bernardino da Silva, praça do batalhão Pedro 2.º, pedindo ser inspeccionado—Não tem logar o que requer.»

Suppunha que esse homem chega ao Rio, é julgado incapaz e volta recambiado; não é uma despeza que se poderia poupar?

—Eu não fallo na despeza, por que sommas avultadissimas esbanjam-se ahi a cada hora com futilidades; mas sim porque acho uma violencia, um arbitrio do governo, negando ao fraco o meio de defeza, e usurpando-lhe os direitos que tem em seu favor.

—Sr. *Madeira da Suecia*, faz favor?

—Não é commigo. Sou oriundo da terra de Camões.

—Sei disso. Chameio-o por seu nome.

—Enganou-se; chamo-me *José*.

—Pois si o *Joaquim* me disse que o seu nome era *Madeira da Suecia*?...

—E' falso. Eu sou muito conhecido nesta terra; estabelecido com *casa* de *tecidos* nas *curvas* de *Santa Illustre;* á tarde quando acábo meu giro vou para minha casa aos *Pés de Castanhas*.

—Isso de nome, é questão que não vale a pena, o negocio é outro.

—Quer comprar-me algumas peças de tecido? dou-lhe baratinho e faço abatimento.

—Quero saber porque teve a deshumanidade de deitar para fora de casa seus filhos; já não digo seus filhos; ter a crueza de abandonar suas filhas moças, e deixal-as entregues ao accaso, e que a não ser uma excellente irman, ellas andariam vagando sem destino, porque o Sr. com o maior cynismo enxotou-as de casa? Já os rapazes, passe; e as moças?

—E o Sr. que se importa com isso, para intervir na vida domestica de um cidadão pae de familia?

—Pae de familia que despede de casa seus filhos sem motivo!

—Sem motivo não; houve-os e fortes.

—Quaes?

—E' que a minha Afra impoz-me, que não iria para casa com elles lá; eu vacillei entre o amor carnal e o filial, e por fim venceu o primeiro.

—E' o respeito que o Sr. tem ás cinzas do sua boa mulher morta ha tres annos.

—Não profane as cinzas dos mortos,

—Estou vendo que o Sr. é um refinado hypocrita!

Com que displante affecta sanctidade; quando não passa de um perfeito *rufião!*

—Hoje nesta terra ningem é senhor de suas acções!

—E' a linguagem favorita dos devassos, seductores, defloradores, debochados, dos maus paes de familia, que abandonam suas filhas impellindo-as ao caminho da prostituição.

—Basta, Sr.

—Ainda não acabei temos negocio comprido. Assim como o Sr. não se compungiu de expulsar de sua casa seus filhos, para installar nella uma negra infame e immoral, assim tambem ha de soffrer sem piedade o merecido castigo.

—Soffrerei resignando com tanto que a minha Afra, nada sofra.

(*Continúa.*)

Em premio do que fizestes
Ca no mundo alma de porco,
O diabo ainda vivo
Te carrega para o Orco.

Sobre uma *rocha* de chammas
Ha d'elle te collocar,
E com um relho de fogo
Te ha de a pelle arrancar.

E te lembrará os males
Praticados em *Vianna*,
As donzellas que cahiram
Victimas de tua gana.

Alguns moradores da ladeira da Ordem Terceira, pedem encarecidamente ao Illm Sr. Dr. chefe de policia, que lance suas vistas sobre uma mulher de nome Zeferina Budião, a qual não pode morar junto de gente honesta pelo seu mau comportamento, e palavras injuriosas, com que de dia e de noite pratica, junto com o seu amazio de nome Justininho, que não tem officio nem beneficio, e por isso está bom para S. S. o mandar para o Paraguay por ser muito valente, já que não pode ir o seu mestre C. da lenha por ser velho e meirinho, para assim ver si a Sra. Zeferina muda de condicção; vendo-se livre destes insolentes

A visinhança.

—Tem ido a *roda* do Luiz Galvão?

—Qual meu amigo!. Aquillo é só para fidalgotes e ricassos como elle. O homem não quer lá ciscalhadas nem *faúlas*.

—E faz muito bem; um gravata como elle, não ha de agora se misturar com gente de meia estofa.

—Mas ha de querer paturebas; o *procurador*, por exemplo.

—Isso lá não sei; o que affianço é que vae muito boa gente.

ANNUNCIOS.

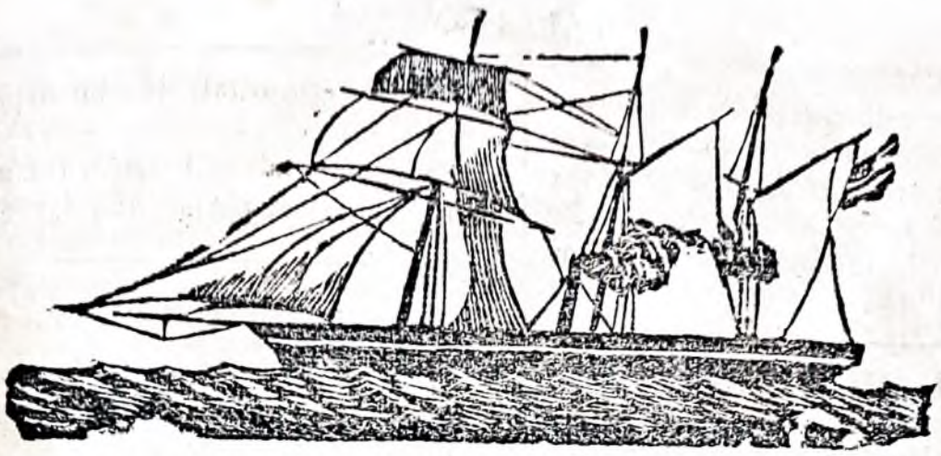
DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de ulho de 1866.

AS PESSOAS DE GOSTO.

Breve sahirá á luz a nova modinha brazileira intitulada—**Nada possuo neste mundo.**

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 20 DE SETEMBRO DE 1866. SERIE II.ª—N.º 102

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de setembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que um industrioso, julgou de si para si que devia passar vida folgada e milagrosa a custa dos credulos e inexperientes, e com esse fim estabeleceu-se com casa de curandeiro, advinhão, tirador de mofina, etc. no Maciel de Baixo n.º 42, G, propriedade do Sr. Paranhos. Esse espertalhão tem em casa um arsenal de ingredientes, folhas, cascas de animaes venenosos, e mais traquinadas de feitiçaria, alem de allegorias e magicas com que illude os papalvos.

Espera-se que S. S. a ter de dar alguma providencia seja repentina, antes que o cujo tenha tempo de pôr a salvo suas bruxarias.

—Ao Illm. Sr. delegado de policia, pedindo-lhe que mande chamar o morador da casa, n.º 84 C. á ladeira da Ordem 3.ª, e o admoeste para que não espanque deshumanamente a uma pobre mulher que vive com elle. No dia 17 essa sofredora creatura apanhou todo dia de porta fechada; á noite a visinhança compungida dos lamentos da infeliz, recorreu a policia, mas essa nada poude fazer, por que era noite. Espera-se de S. S. esse acto de humanidade.

—A postura n. 126, da camara municipal, não prohibe ter-se nos depositos de carros de aluguel carros funerarios?

—Creio que sim.

—Mas eu tenho passado pela rua de Baixo, e vejo que a companhia de Vehiculos conserva-os englobadamente, ou ao menos no mesmo pavimento com um pequeno repartimento.

—Intenda-se com o Dr. inspector da saude publica.

—Não sei quem é.

—Pergunte a policia, que lhe diz.

—Não quero graças com ella.

—Pois vá ao fiscal geral.

—Quem é preso para recruta é criminoso?

—Não.

—Perde o direito de cidadão?

—Ao menos em quanto não o julgam apto para o serviço, creio que não.

—Então como se entende isto?

«Ao inspector da thesouraria de fazenda, remettendo-lhe o pret annexo, na importancia total de 327$000, dos vencimentos de sete recrutas, e da escolta que os acompanhou da villa do

Joaseiro para esta capital, *bem como um recibo na importancia de* 4$000, *dispendida com algemas para os mesmos recrutas....*»

—E a audacia com que mandam publicar isto!

A PEDIDO

O cavalheiro de industria que ha dias foi á uma casa no Taboão, e lá impingiu 20$ rs., féra da circulação, e tomou em troco moeda corrente, inculcando-se parente de um Sr. de engenho de Nazareth, si não fôr nestes tres dias resgatal-os, será chamado a presença do chefe de policia, por que pelos signaes já se sabe quem é, e elle bem viu que na casa haviam pessoas que podem servir de testemunhas.

—Eu bem disse que esses commandantes de guarda nacional não haviam de andar commettendo quanta casta de tropelia ha contra o povo si não fossem authorisados.

—O Sr. coronel Carvalhal disse n'uma correspondencia, que o Sr. commandante superior lhe affirmara, que aquelles abusos eram provenientes de ordens reservadas do governo, ao passo que elle no *Diario* mandava dizer o contrario.

—Veja lá:

«Rodrigo Prudencio, pedindo escusa do batalhão de *voluntarios* Pedro 2.°, para onde fôra dado como contingente do 6.° batalhão *sem estar qualificado*. —A' vista da informação não ha que deferir.»

—Bem-aventurado é o Sr. Cunha que para se lhe dar o commando de um batalhão, não se recúa ante excesso algum.

—Ora aquillo não é maneira de se castigar um menino! Em que estado ficou a pobre creança!

—O medico declara que elle está no caso de entisicar.

—Apanhou com um cinto de fivella de latão na ponta, por espaço de uma hora!

—Olhe que o tal filho de Orpheu é um judeu.

—E' malvado! O Izidoro tambem tem discipulos, porém não faz assim.

Discripção

de um soiréé offerecido ao Mariquinhas Surdo-é por suas amigas no dia anniversario de sua remoção.

Minha gente venha ver
Um samba no Calolé
Toca o prato a Calombô
E o cauzá toca o Surdo-é.

Toca a viola o Mendonca
Rufa o pandeiro o Bitú;
Folô, Coloia e Dodó
Dançam hoje o caxambú.

Vae o Meirinho Sant'Anna
Para tocar violão,
E o Teixeira da estrada
P'ra dirigir a funcção.

Faz a sorte da garrafa
A da Massa e a Tranquilina;
Tiram chulas—Bomba d'agoa,
Vaeca brava e Ursulina.

O Maxi e Guardiano
São socios d'esta funcção;
Vae Anacleto e o Chico
P'ra guardar o garrafão.

Este samba é hoje dado,
Segundo disse o Maxi,
Porque faz anniversario
Que Surdo-é veiu p'ra aqui.

Ha moquecas de xangós,
Camarões e sururús,
Tambem ha peixe do rio,
Vatapás e carurús.

Cada mulher deu um prato
Só quem não deu, foi da Massa;
Vinho não, que Surdo-é deu
Dous garrafões de caxaça.

Seis vellas de carnaúba
De cigarros dous macinhos
Um cruzado de charutos
Foi presente dos meirinhos.

O Maxi fez a saude
Do seu amigo Doutor
Que da Feira p'ra aqui veiu
Para ser seu protector.

Sant'Amargo 12 de setembro de 1866.

Dialogo entre Leoncio de... e Fr. Justino, depois de uma missa na Igreja *que já foi velha, sobre o Tio do cujo, o Reverendo Moqueca.*

(Continuação.)

Leon.—Ora vamos lá, padre mestre Fr. Justino, com a historia, com que tendes de entreter-nos, sobre o carrapetão prego-do esse outro dia pelo Reverendo Antonio Balbina, o Tio do seu sobrinho.

Fr. Just.—Prestae-me, pois, as vossas attenções, minhas amadas ovelhas.

Corria o anno da era christan de 186.., em o mez de Ju.. dia do descanço, quando na hora do sancto sacrificio da missa, em que os fieis se achavam de coração contricto e humilhado assistindo a immolação do Divino Cordeiro, no sagrado tabernaculo da egreja que já foi *velha*, filial a de uma *lagoa pequena* mais que h j existe só no pensamento, e na lembrança dos seus freguezes, o Revm. *collado* á Moqueca, prorompeu subita e inesperadamente em altas vozes pela seguinte forma:

Insolentes authoridades!!

Impudentes camaristas!!

Tendes assim o atrevimento, de fazer-vos respeitar! Vão intento! Ceus valei-me, sinão desespero!

Pois, como qual hydrophoba fera, que com bramidos rompe a mesma esphera; pedras quebro, mares verto, bronzes firo, raios formo, um instante não respiro!

Amados filhos, e irmãos meus, por Santo Antonio que me ouve, e que tendes aqui presente neste altar, não deixae a vossa feira do dia sanctificado, dia proprio das nossas patuscadas, divertimentos, landús, sambas e batuques, refre cados com o prego da pingoleta geropiga; dia em que mais colho para os escassos alforges os avidos cobres dos freguezes, inespertos que pelo principio da feira e da missa mais se ajuntam e concorrem, para este ponto, por outro não haverem toda esta redondeza de minha jurisdicção em que haja um outro tabernaculo, para missas nesse dia, o da minha papansa pecuniaria.

Vinde reunir-vos a mim, que sou o vosso sal da terra, pois sabeis, que não podeis comer temperado, sem que eu vos tempere as vossas panellas.

Eu sou o vosso conselheiro fiel; e como vosso pae e protector beijae-me as mãos, por que Deus vos manda, que ouçaes somente a mim, e que façaes o que vos eu ordenar.

Nada de obediencia a homens do seculo, a authoridades da terra, e somente a do sacerdote, que representa Jesus Christo, observae os meus conselhos, e sereis com Jesus Christo.

Quando vos dictar ordens uma camara que ha n'uma *lagoa pequena*, arcae contra ella; repelli-a; bradae contra suas posturas, que vos obriga mudar a vossa feira deste sancto dia do descanço e contae comigo.

Sede obedientes ás minhas ordens, como inda sou eu hoje a criação da minha velha, que me conserva toda noite dormindo trancado em um quarto com as chaves na cabeceira, neste estado em que me vedes, e na edade em que me acho de meus 36 a 40 annos, fóra os que mamei, e 20 que estive doente deste meu terrivel achaque de hydrophobia, de que sempre me vedes atacado; não sei si por signal de algum castigo, que me decretou o Ente Supremo, como fez com Caim, por ter morto seu irmão Abel....

Leon.—Basta, Fr. Justino já estou horrorisado de ouvir tantas blasfemias, misturadas de indiscripções e desarranjos da bóla do Rev Sr. teu tio, si é verdade quanto referes!

Fr. Just.—Si é verdade?!

De muito pouco se intimida V, amigo; agora eu, que durmo com elle no mesmo quarto, e na mesma cama, é que não heide raspar meus sustos?!

Leon.—Mas por que?

Fr. Just.—Ora por que! Inda perguntas?

Elle mandou pelo *Xico* fabricar umas chaves falsas, com as quaes abre as portas de casa a taes deshoras, e sae a praticar suas cavalhadas nocturnas; eu então, que pelas calladas, fingindo estar dormindo, sou testemunha destas miserias do hypocrita (fallemos verdade aqui para nós, porque ninguem nos ouve) fico enfiado, quando o vejo entrar pela madrugada, com receio, de que vindo elle talvez esfaimado, queira desabafar-se comigo.

Leon.—Em verdade, padre mestre, o caso não é para menos!

Deves por certo desconfiar delle, como todos já o vão conhecendo, e por isto aborrecendo ab.., e procurando desviar-se dos seus máos conselhos, que tem por fim comprometter o pôvo, que afinal é quem paga as favas, que o *asno* come; e afianço-te, que si não fora o respeito devido ao *Telles*, que os *Menezes* já tinham sido profanados por muita gente boa, do seio delle mesmo, que já lhe tem querido palmear a lata, e medir-lhe a altura das bitaculas.

Fr. Just.—Isto è muito Leoncio. Não continues, que já te preveni, que tractasses ao meu tio com muito respeito; pois a um sacerdote tão *manso* e tão *ordeiro*, que se nutre das bolas, semelhantes as que dou aos meus alumnos em meu collegio, principalmente aquelles que são *filhos de paes ingratos*, só se deve tractar com muita condescendencia.

Leon.—Olhe que pulha hyeroglyphica esta! Bem feita!

Vossa reverencia faz como murcego, chupa, e sopra ao mesmo tempo! D-fende o Sr. seu tio, e corta-lhe na sol ina! E que tal!

Fr. Just.—Ora qual, homem! Mas emfim, ja que estamos nesses promenores, e pelo muito que em ti confio, como elle no seu *Xico*, quero sempre confessar te, por que é couza velha e sabida, que quando eu encaro de veras para meu tio, contemplo-o todo de cima a baixo; e então digo a sós comigo. Que refinado hypocrita! Como anda elle só a illudir o povo com o nome de Santo Antonio nos labios, e o demonio no coração.

Leon.—E a graça é achar ainda quem o ouça e o attenda! Mas é por que elle vive no meio de um povo innocente e simples; e que ainda conserva aquelles principios de acatamento e respeito divididos a pessoa de um sacerdote, bem que seja este um diabo, uma furia, uma megera furibunda.

Fr. Just.—Basta com tantos nomes tão feios e aterradores, Sr. Leon, que não estou para atural-o, si assim continuar; por que só nós, padres, é que devemos invocar ao povo, todas as potestades e dominadores do Averno; e não sei onde estou, que já não avoco um milheiro dellas, para te levar em corpo e alma para as profundas dos infernos! Tu bem ves, como meu tio pratica, para fazer o povo concorrer a feira do dia sanctificado, prohibido pelos profanos.

Leon.—Não! Pelo amor de Deus, padre mestre, que ja estou todo arripiado de medo; e vou na volta, antes que ellas cheguem; V. reverencia com ellas se avenha, mais o Sr. seu tio. Adeus.

Fr. Just.— Vem cá Leonc, filho meu muito amado!

Leon.—Viva padre, mestre, até a primeira.

O Pettinga.

—Vê aquelle sujeito que vae todo teso, de banda, e com as insignias de sargento?

—Qual? aquelle que está com fardamento do batalhão *nove duzias e tres?*

—Sim.

—O que tem?

—E' captivo.

—Deixe-se de cousas.

—E' serio.

Era guarda do 8.°; o commandante tirou-o para o contingente; appareceu a senhora mostrando seu dominio; o homem foi expulso do batalhão, agora apparece elle feito sargento de outro.

—O Sr. descobre cousas.

—O *José Maria* foi quem me contou.

—Ora quando o *Teixeira* vier do *Campo* hei de perguntar a elle.

Lê-se no *Jornal da Bahia:*

Sr. Redactor. — Queira dizer ao governo da provincia por meio do seu conceituado Jornal, que—Felicissimo Pires dos Santos, guarda do corpo policial, que se pretende por força fazer seguir para o Sul como voluntario do batalhão Pedro 2.°, é o unico arrimo de uma irman solteira e honesta, e que já tem dous irmãos, voluntarios da patria no campo da honra—Constancio Antonio dos Santos, que foi com o capitão Querino, e Manuel Felicissimo dos Santos, que marchou com o batalhão do coronel Pinto.

ANNUNCIOS.

D. Carlota Maria Roleiro Doria Ribeiro vem do alto da imprensa agradecer a mesa da Veneravel Ordem Terceira de S Francisco, e a todas as mais pessoas que se dignaram assistir a missa do anniversario do seu finado marido Vicente Joaquim d'Araujo Ribeiro.

DINHEIRO A PREMIO.

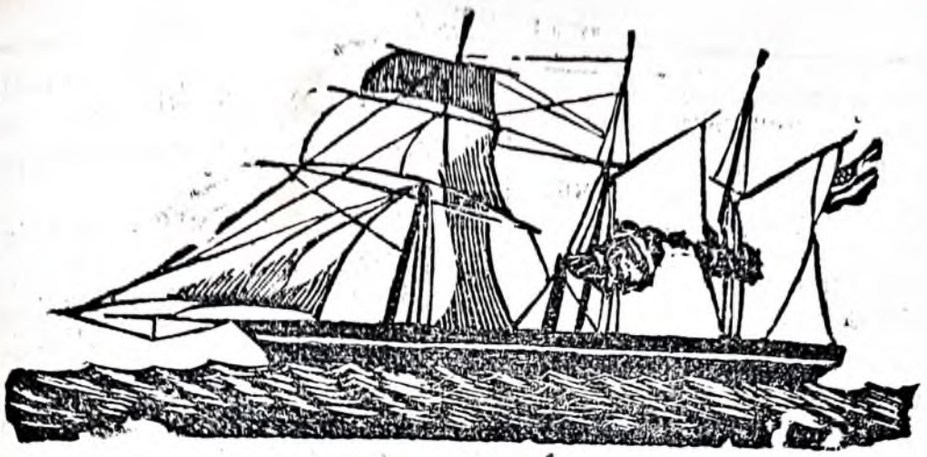
Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.° 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

O abaixo assignado pede a todas as pessoas que lhe devem dinheiro de concertos, ou mesmo de outro qualquer negocio, o favor de lhe pagarem dentro do prazo de dous mezes, findo este prazo verão seus nomes publicados por extenso.

Januario d'A. Vieira.

Bahia 11 de setembro de 1866.

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 22 DE SETEMBRO DE 1866. SERIE 11.ª—N.º 103

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de setembro de 1866.

Portaria ao porteiro do Forum, ordenando-lhe que mande varrer os corredores do mesmo, que se acham atulhados de fragmentos de papel. Cumpra.

—Temos noticias do Sul.

—Estou ancioso por sabel-as.

—Aqui está o *Jornal do Commercio* que diz:

«A bateria de Curuzú abaixo de Curupaity tinha cahido em nosso poder.

No dia 1.º a esquadra, largando do Itapirú com a infantaria do barão de Porto-Alegre a bordo, principiou a subir o rio Paraguay.

Antes de chegar a Curupaity, uma bateria occulta em terra rompeu contra ella um fogo vivissimo. Travou-se o combate, que foi interrompido pela noite.

Renovou-se a canhonada no dia 2, e começando a affrouxar o fogo paraguayo, desembarcou parte da nossa infantaria que á baioneta desalojou o inimigo das suas posições, hasteando alli o pendão auri-verde, e tomando as peças que guarneciam a bateria, o cujo numero se indica diversamente de 4 a 6. Na fuga ainda puderam os Paraguayos *levar comsigo duas ou tres peças de campanha*.

A posição assim ganha é importante porque flanqueia o acampamento inimigo, por isso foi renhidamente disputado. Não se conhecem ainda em toda a sua extensão as perdas que soffremos; mas á Corrientes já tinham chegado 500 feridos.

Perdemos tambem o encouraçado *Rio de Janeiro*, commandado pelo 1.º tenente Silva, e que voou, apparentemente por haver tocado em algum torpedo, salvando-se apenas uns oitenta homens da gente que havia a bordo.

No dia 3 devia ficar desembarcada toda infantaria do barão de Porto-Alegre, e no dia 4 de madrugada dar-se-hia o ataque geral ás linhas inimigas.

O terrivel fogo que se ouvia em Corrientes indicava que effectivamente se pellejava a grande batalha, mas ao largar o vapor que trouxe estas noticias nada mais se sabia.

As armas alliadas triumpharão seguramente.

—Das correspondencias chegadas ao Rio da Patria extrahimos o seguinte;

«Corrientes 4 de setembro as 11 horas da manhan.

« .....

Não posso dizer precisamente o que

é que fez voar o encouraçado *Rio de Janeiro*, porém as detonações que se ouviram simultaneamente fazem suppor que voaria por ter tocado em algum torpedo!

« Observarei que o visconde de Tamandaré tinha annunciado que estavam já reconhecidas as immediações do Curupaity.

« Entretanto, duas legoas antes dalli chegar, encontrou-se uma bateria encoberta, e nas *agoas reconhecidas* voou o encouraçado *Rio de Janeiro*.

« Deixo as reflexões para outra occasião.

« No momento em que escrevo, 11 da manhã, ouve-se um canhoneio espantoso, como nunca se ouvio ainda em toda a campanha.

« Quando sahi esta manhã de Itapirú tinha principiado o combate pela nossa linha, e ao mesmo tempo ouvio-se um for canhoneio do lado do rio.

« Facilmente se comprehenderá que emquanto lhes escrevo se está dando a grande batalha, e, si Deus quizer, hoje mesmo espero ter o prazer de levar-lhes a noticia do resultado.

« Não tenho a menor duvida de que será glorioso, muito glorioso, ainda que sangrento, pois os Paraguayos continuam a bater-se com encarniçamento.

« Não me detenho a fallar-lhes de um rebate que houve hontem, estando eu no acampamento, porque estes factos já são insignificantes á vista do que lhes vou communicando.

«Neste instante diz-me o coronel Pinedo que o barão do Amazonas lhe fez saber que com data de 3 á noite, o general Polydoro escreveu, dizendo que na madrugada de hoje devia dar-se o ataqua geral.

«Ja não tenho, pois, duvida de que é este ataque a causa do tremendo fogo que estamos ouvindo.

«Entram dous vapores mais trazendo feridos.

«Os que ha aqui passam ja de 500, o que prova que a tomada da bateria foi sanguinolenta.

«As tropas brasileiras, tanto da esquadra como de terra, tem-se batido bizarramente.

«Volto neste instante para saber do resultado do sanguinolento combate que se trava no momento em que escrevo.»

O *Siglo* n'um boletim em tudo identico ao da *Tribuna*, accrescenta:

«O nosso amigo Saavedra, secretario do general Flores, escreve-nos o seguinte:

«As baterias de Curupaity foram tomadas pela esquadra brasileira e forças do barão de Porto-Alegre, que perdeu no ataque 1,000 homens.»

Correspondencia encyclopedica do ALABAMA.

CORTE 16 DE SETEMBRO.

Amaroletico capitão.—Meus desejos são que fagueiras brisas lhe soprem por ambas as bordas, e que o chaveco, mansa e serenamente se vá deslisando por esse oceano da vida. Esta vai pelo *Cruzeiro do Sul* que devendo ter sahido á 7, ficou adiado para hoje afim de levar os *salvadores da patria*, cujas lingoas acabam de ser traneadas em regra. Imagine V. quanto rende esse adiamento de sahida á companhia!

Por elle vae tudo V. ver os despachos do dia 6. Antes de tudo saiba que o Pedroso que deu 25 contos ficou no tinteiro, porém o G. Dantas sahiu Barão do Rio Real! O Leocadio José de Britto, teve um habito o coronel Carvalhal, teve um officialato; o barão do Rio Vermelho, e o commandante do 110 seus habitos. Ora o 1.º creou os *couraças* e ia com elles aos incendios; e os outros?

E' porém notavel a commenda dada ao nosso *Vellozo*. Entretanto quem se não recordará que elle não fez cousa que tanto merecesse?

Não sou eu quem digo—leia o *Correio Mercantil* de 15, na 2.ª columna da 2.ª pagina, o discurso que o senador D. Manuel fez no senado e verá que o espanto chegou até cá. Creio conveniente porque nem todos tem o *C. Mercantil* que transcreva os trechos.

Vamos porém ao duende, a guerra.

Continua a seguir os voluntarios agarrados, uns chorando, outros praguejando, aquelles vociferando, porem todo embarcando no arsenal. E' uma calamidade.

Nestes ultimos dias tem chegado perto de 200 officiaes mutilados, doentes e desgostosos.

As immediações do quartel general causa tristeza por vêr-se tantos infelizes que transitam, sem pernas e braços, aleijados,

de moletas, de paos, cegos, tortos e de todo genero e tão despreziveis que fazem dó. Furretanto ate hoje nada, de ASILO DA PATRIA!!! Nem no dinheiro se falla, pelo que creio que elle já gastou-se em cousa mais proveitosa.

Admiro, nem o terreno ao menos compron-se!

Em Corrientes descobriu-se agora uma melgueira de 40 contos; isto é o capitão L. C.: como porém—é filho de potentado teve ordem para apresentar os *documentos* e assim esta se arranjando uma escripturação posthuma onde, elle figurará tudo até mesmo o que *engolio*.

Não garanto, porem não se espante si por ahi chegar a noticia da mudança *Tamendaré* (visconde).

O vice-almirante *Parcher* sahiu repentinamente para Montevidéo, e na despedida que fez no jornal diz—vai ver os parentes,

Quem crê? Eu não; mesmo porque as folhas de Montevidéo affirmam que o visconde é mudado. Vai acontecer o mesmo que se deu com o Herval e o Polidorio.

Chegou o *Newton* de Montevidéo; traz noticias de novos ataques, tomada do forte *Curuzù*. Porem com que proveito? O couraçado *Rio de Janeiro* foi pelos ares, e se diz que egual sorte iveram o *Barroso* e *Bahia*. Nos jornaes V. verá.

Os couraçados *Nemesis* e *Cabral*, a corveta *Bahiana*, o brigue *Maranhão*, *Cerqueira Lima* vão seguir, me dizem, para o Pará, de observação ao Perú, será essa esquadrilha commandada pelo Sr. conselheiro Joaquim José Ignacio.

Tudo isso serve para confirmar o meu juizo, sobre este pobre paiz, que faço do modo seguinte:

Quem olha bem o caminho
Qu'este Brasil vai levando,
Pensará que elle—progride
Mentira—está liquidando.

O Silveira de Souza não vai mais presidir essa provincia, já se foi para Santa Catharina, d'onde é natural.

A duvida agora está entre o menino Manuel e o mestre Zacarias. Manesinho quer que fique o seu Leão e o mestre diz—não pegam as bichas.

A PEDIDO

—Capitão, este mundo é para os *felizes*.

—Tira-me de boa duvida!

—Não são os felizes da sorte de quem trato.

—Fora destes não vejo outros.

—*Felizes* são os paes *complacentes*, os maridos *moldaveis*, os irmãos *doceis* de moças bonitas.

—Não sabia desta classificação.

—Fora estes ha outra raça de *felizes:* os tratantes, bregeiros, ladrões, servis, traficantes, bajuladores, trampolinas, etc.

—Mas ninguem quer saber dessa lenga-lenga tão comprida.

—Estou hoje para tagarellar.

—Pois então diga cousa que sirva.

—Quer ouvir um caso?

—Que agrade.

—Vagou em Latronopolis um logar de *abrir e fechar portas*, ou antes estava por preencher.

Appresentaram-se diversos pretendentes; entre elles um que servia provisoriamente ha 17 annos, homem laborioso, casado, com 11 filhos, dos quaes alguns serviam a sua terra com as armas na mão, defendendo-a do furor de inimigos selvagens e bravios.

Os pretendentes ao mencionado logar julgavam-se todos com direito a elle, e allegavam isto ou aquillo a seu favor. Cada um reuniu n'um grosso cartapacio tudo o que tinha em prol de sua pretenção, e remetteu para a *metropole*.

Um rapaz *feliz*, insigne cavalheiro de industria, moço que tem parentas muito bonitas, lembrou-se um dia que devia tambem propor-se ao logar. Reflectiu que ninguem melhor poderia alcançal o do que elle, que para isso tinha todos os quesitos recommendaveis; eminente e sagaz escamoteador, trampolina de primeira classe; tendo em seu favor os rabos de saia, viu que nada lhe faltava para alcançar o que visava; escreveu portanto a um amigo ou parente que estava na metropole com grande valimento porque representava os *seus;* e este pressuroso, para arranjar seu parente, não sei deque subterfugio usou, que os papeis dos mais pretendentes voaram e ficando só em campo seu protegido o denodado trocatintas, foi provido no logar, em que é leigo completo, por que o parente teve a habilidade de fazer crêr ao ministro que ninguem queria tal logar. (*Continúa.*)

—Sr. professor *Quiabo duro*, como é que o Sr. castiga o menino somente por que não levou originaes manuscriptos para lêr?

Pois é de obrigação dos paes n'uma eschola paga darem papeis e escriptos em letra de mão para seus filhos lerem?

E quem não tiver correspondencias?

E depois, como a mulher foi pe guntar porque castigou o menino, o Sr. respondeu que a culpa tinha o Sr. por ensinar a filhos de gentinha?

Ora diga-me, o Sr. pode receber em sua casa meninas para ensinar, contra o disposto no Regulamento, sem ao menos ser casado?

—Sr. *Eustaquio*, isso é falso, eu não ensino meninas.

—Falso não, Sr. Quiabo duro, o Sr. tem-nas até como pensionistas.

—O *Manuel* é quem anda a inventar isso.

—Mas para que tratou mal a mãe do menino?

—E' uma negra atrevida!

—O Sr. não viu que era negra quando tomou lhe o filho para ensinar?

Ao menos não lhe pregou calote.

—Em quanto o *Camaleão* não matar uma pessoa não ha providencias, que o cohibam.

—E Deus queira que quando assim aconteça, seja com aquelles que o vão perseguir.

—Tem se levado immensas vezes ao conhecimento das authoridades, que os moleques vão provocar o Camaleão e este em desabafo vae atirando pedras sem se importar com quem passa, mas isso pouco apreço tem merecido.

Hontem 18, uma chusma de moleques no Terreiro atropelavam o *bicho*, com pedras, e elle respondia da mesma forma ao tiroteio para todos os lados; não eram pedrinhas, eram pedras de derrubar a quem pegasse em cheio, uma pobre preta levou uma que quebrou-lhe a cabeça e atirou-a ao chão.

—Tambem, o Sr. é muito exigente! Pois agora a policia ha de andar se occupando com futilidades!

EXHORTAÇÃO AOS BRASILEIROS.

Ergam-se as cohortes da brazilea gente,
Surjam guerreiros sem temor da morte,
Marchem veloces da batalha ao termo,
Já que ao combate lhes impelle a sorte.

Surjam valentes, que o momento é grave,
Livrem da affronta—do Cruzeiro—a terra;
Da Patria—a honra—que ultrajada existe
Salvem, depressa, nos luzis da guerra.

Vamos, não tardem... um momento apenas,
Nessa demora que já causa espanto;
Trará desgostos—que lembrar assusta
—A' Patria chora, que já soffre tanto!

Si outr'ora—a guerra—nos movia a honra,
Dever sagrado de vingar a affronta,
Hoje—a memoria dos heroes finados
Da honra—aos brios para a guerra aponta

Avante! avante! Brasileiros somos,
Seguir devemos no combate—aos bravos..
Irmãos queridos que por nós pelejam
Não se abandonam como a vis escravos!..

Da Patria filhos, si na paz gozamos
Das doces horas que o prazer off'rece
Porque—na guerra—quando a Patria soffre
Em nossos peitos—o valor fenece?!...

Irmãos, partamos! Só nos cercam males!...
Em toda parte pranteiar, ouvimos!...
O triste crepe que a viuva traja,
—No fundo d'alma—de pezar sentimos.

Briosa pleiade de noveis talentos,
Botões que abriam na manhan da vida,
No posto de honra succumbiram todos
Curtindo as dores de mortal ferida!

O vil tyranno, dictador Lopez
Na louca furia que o impelle ousado
Em cada infame que lhe beija as plantas
Acha um escravo para ser soldado!

E nós herdamos liberdade santa,
Cuja divisa na bandeira basteamos,
Livres na guerra, como sempre livres
Em prol da patria sem parar marchamos.

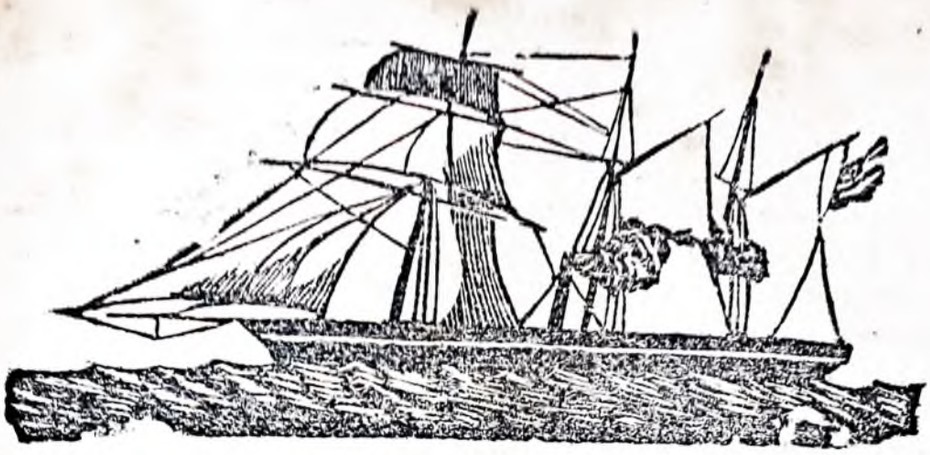
Avante! avante!... Brasileiros somos,
Seguir devemos—no combate—aos bravos
Irmãos queridos que por nós pelejam
Não se abandonam como a vis escravos!

Já perto ouvimos o clarim sonoro
Cantar o hymno que abrilhanta a gloria!
Inda um esforço p'ra final batalha....
Gritemos todos na Assumpção—Victoria!

J. C. LEAL.

(*Jornal do Commercio.*)

TYP. DE MARQUES ARISTIDES E IGRAPIUNA.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 25 DE SETEMBRO DE 1866. SERIE 11.ª—N.º 104

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de setembro de 1866.

Officio ao Illm. Sr. delegado de policia, noticiando-lhe que na rua dos Carvoeiros mora um crioulo conhecido por *José do Ouro* socio do Jovita, o qual tem o desaforo de por-se nú em casa, amarrar um lenço á cabeça, a laia de crioula, deitar argollas nas orelhas, coraes nos braços, embrulhar-se n'um chale ou panno da costa e ir para janella: defronte mora uma familia cujo chefe está ausente de casa, quando alguem dahi dá com a vista para morada do effeminado taful, elle entra para dentro e desembrulha-se expondo-se neste estado á vista da familia referida. Espera-se que S. S. em nome do decoro, dê a esse desavergonhado a correcção merecida.

—Foi hontem benzer a bandeira o batalhão de Sant'Anna.

—Não está no Sul?

—O que ficou ca.

—Ah! não me lembrava que haviam dous batalhões de Sant'Anna.

—O batalhão estava luzido e aceiado; houve um concurso immenso de pessoas de todas as classes. Foram padrinhos S Ex. o Sr. presidente e Dr. Carneiro de Campos.

O Sr Leão Velloso ao entregar a bandeira ao batalhão deu seu recado bem bonito.

—Bom, bom.

—Embarca amanhan o batalhão de voluntarios Pedro 2.º

—E' a primeira vez que o publico vae ter a satisfação de ver um soldado do tal batalhão na rua! Desde que principiou a sua organisação, nunca um soldado si quer viu o olho da rua!

—E' a prova mais evidente da vontade com que elles marcham!

—Vão fazer lhe as *honras do embarque* dous batalhões; o da Sé que é o da confiança para embarques de voluntarios, está avisado para 5 horas da manhan.

—A *Ordem* de Pernambuco censura o Sr. Leão Velloso pelo contracto que celebrou com o José Amat.

—E chama o homem uma cousa que elle não é. Antes o acho muito atilado.

—Estou agora obrigado a accordar todos os dias as 4 horas!

—Por que, meu amigo?

—Para as 5 estar na porta do açougue se quero comer carne fresca. Nes-

ta terra não se faz nada a bem do povo, tudo é para peiorar-lhe a condição.

—E por que não vae de manhan?

—Quem pode com o barulho? São todos a querer a um tempo, e quando é 9 horas não ha mais carne; e os cortadores aproveitam da confusão para enterrarem a unha.

—Então o pobre, que não tiver dinheiro de vespera, não come mais carne fresca?

—Está claro. O presidente diz a isto que o pobre não precisa de regalo, accommode-se com sua carne secca e bacalhau.

—E viva a patria!

—E morram os patifes!

—Sabe que o Sr. Leão Velloso visitou hontem o quartel dos voluntarios?

—Agora.

—Houve bellos episodios; entre outros um pobre homem quasi privado da falla, que querem por força que marche: até S. Ex. não poude conter o riso ao ver o esforço, que fazia o tartamudo para mal responder as perguntas que lhe faziam. S. Ex. por compaixão devia mandar embora aquelle esqueleto: é um defunto em pé.

Depois S. Ex. mandou fazer a seguinte pergunta: —Si ha alguem que não queira marchar *como voluntario* dê um passo á frente.

—Oxa, isso é pergunta de criança leviana! Pois ha alguem que deixe do comer doces para chupar roletes?

—Ninguem se moveu á excepção de um infeliz que foi logo conduzido para *melhor* logar.

Quando se fez a pergunta, consta que S. Ex. dissera —quem *não quer ir como voluntario, irá como recruta.*

—Essa é boa! e queria que dessem um passo á frente!

—Depois disso nova pergunta—«Ha ahi quem tenha alguma cousa a reclamar, quem tenha queixa do seu commandante, ou que não tenha sido bem tratado?»

Silencio profundo!

« Ninguem respondeu então é claro que todos marcham contentes, satisfeitos e por seu gosto....»

Silencio do tumulo outra vez!

—Eu bem disse que o Sr. Leão Velloso era um liberal ás direitas; quiz conhecer si os homens marcham expontaneamente e de ampla vontade, ou si havia alli algum coagido

—Pois olhe; entre os espectadores, houve logo quem dissesse que aquillo parecia mascarada; e que o Lopez tambem mandava as mães escreverem cartas excommungando os filhos, e as mulheres repudiando os maridos.

—Ante hontem houve um conflicto entre um guarda do batalhão 110, que estava de sentinella no portão do Forte de S. Pedro e um sargento do batalhão Pedro 2.°, que ia tendo serias consequencias.

—O motivo?

—Contam-me o seguinte que vae por conta do informante:

O sentinella recebeu ordem para não deixar absolutamente entrar ou sahir alguem; o sargento entendeu que podia sahir, porque era graduado; o sentinella oppoz-se; foi preso e conduzido a presença do commandante do Pedro 2°. Lá, depois de maltractado com palavras, recebeu dous soccos, e foi mandado para o calabouço; em caminho o ordenança do Sr. Cunha, que é um cabo de esquadra, e estava muito bebado, tirou a baioneta e deu no guarda; o commandante da guarda do 110 oppoz-se, os voluntarios desarmaram-no e travou-se o conflicto. Consta que o Sr. L. Velloso apenas teve partecipação, sem mais informação, mandou que o soldado fosse recrutado!

—Mas ahi está o pundonor do Sr. Silva Reis, que a ser exacto o que me dizem não deixará a cousa ir assim; ha de pugnar infallivelmente pelo seu guarda.

Não é possivel que se desfeiteie um homem por cumprir ordens.

VARIEDADE.

EDADES DAS MULHERES E DOS HOMENS SYMBOLISADOS POR AVES.—Traduzimos do hespanhol:

«A mulher de um a dez annos é *beija-*

flor; de dez a quinze *rouxinol*; de quinze a vinte *ave do paraiso*; de vinte a vinte e cinco *rola*; de vinte e cinco a trinta *andorinha*; de trinta a quarenta *gralha*; de quarenta a cincoenta *corujão*; de cincoenta a sessenta *ema*; de sessenta em diante não é, nem ave, nem mulher, nem cousa alguma.

«O homem desde que nasce até aos dez annos é *pica-pau*; de dez a quinze *pinta-silgo*; de quinze a vinte *frango*; de vinte a trinta *faisão*; de trinta a trinta e cinco *gallo*; de trinta e cinco a quarenta *pavão real*; de quarenta a cincoenta *papagaio*; de cincoenta a sessenta *môcho*; de sessenta a setenta *arara*; de setenta a oitenta *grou*; de oitenta por diante... d'elle nos livre Deos»

Um thauromatico escreveu a sua bella nestes termos:

«Minha bella.—E's linda como um *boi mocho*, e clara como o mais *claro novilho*. Os teus olhos são penetrantes como duas *bandarilhas*. Amo-te porque julgo que não serás *matuta* em amor.

Quando terei eu a felicidade de fazer a minha *pega real*, e de te levar ao *curro* do matrimonio? Por quem és, offerece-me uma *sorte de gaiola* quanto antes! etc. etc.

Uma das moças alorrecidas, que pensam que todo o mundo morre por ellas, era requestada por um musico; disse-lhe que não o amaria em quanto o musico não lhe cantasse uma quadra em termos musicaes. O musico improvisou a seguinte:

Vem a mim, brilhante *sol*;
A um amante re-la-mi-do,
Que espera em fa-sostinido
Obter um si-bmol.

Qual dos dous é o mais disfrutavel, a namoradeira ou o musico? Demo a demo o diabo escolha.

Vai o caso de um criado intelligente:

«Uma senhora baroneza ordenou a seu porteiro que dissesse a todos que a fossem procurar, que não estava em casa. A' noite, relatando lhe o porteiro o nome das pessoas que a procuraram, pronunciou o da irman da baroneza.

—Já te disse que para minha irman sempre estou em casa: devias tel-a feito entrar.

No dia seguinte a baronesa sahiu a visitas, e chegou sua irman.

—Está em casa tua senhora?

—Sim, senhora.

Subiu, e procurou em vão a irman por toda casa.

—Tu me enganaste: minha irman sahiu?

—Sim, senhora, sahiu; mas é que me disse que para V. Ex. ella está sempre em casa.»

(*Extr.*)

A PEDIDO

O BEIJO.

(Continuação.)

E' crime furtar um beijo
Qu' existe na face alheia
Contra a vontade da dona
E' crime de ir p'ra cadeia.

Mas si o beijo for furtado
Sendo a dona tollerante,
Além de não ser mais crime
E' serviço relevante.

E muitas vezes um beijo
Dado em certa occasião,
Reveste um soldado raso
Com honras de capitão.

O beijo que é dado a noite
Em uma perna rolhça,
Além de ser saboroso
E' macio faz cubiça.

O beijo de embarcadiço
E' sempre beijo corrupto,
E' bruto e por contrapezo
Tem morrinha de charuto.

Os gaiatos petimetres
Só dão beijos de vapor,
São beijos de enganar tolas,
São beijos de beija-flor.

Ha tambem beijo sincero
Respeitoso e côr de rosa,
Que o filho amante emprega
Na mão da mãe carinhosa.

Beijo dado em mulher velha,
Que tem bocca desdentada,
Faz dôr de peito e cocceiras
Barriga distemperada.

Entre todos estes beijos
São os mais adocicados
Os beijos que a furto giram
Nas faces dos namorados.

Nunca ninguem se zangou
De ter beijos em porção
Por mais que se chupe delles
Nunca faz indigestão.

Ao contrario os beijos dados
Nas faces de pelle fina,
Além de causarem sede
Produzem fome canina.

Já ia esquecendo os beijos
D'esses frades de convento,
São beijos de sola e vira
São agrados de jumento.

Embora a gente d'Europa

Tenha o gosto mui subtil,
Os beijos mais saborosos
São os beijos do Brasil.

Aprenda pois o poeta,
Que beijos não sabe dar,
E si quer saber ao vivo
Eu tenho onde elle beijar.

Aposto que em tres lições
Fica mestre beijador,
Qu' eu em dar e tomar beijos
Tenho carta de doutor.

Porém advirta sempre
Que as lições ha de pagar,
Si não tiver bom dinheiro
Beijar ha de, onde eu mandar.

Commigo mesmo estudei,
Não fui a universidade
A prenda de dar os beijos
E' minha curiosidade.

E não pensem que eu os dou
Sem darem dinheiro algum,
As meninas mais formosas
Vendo a mil reis cada um.

Ha beijos tão divinaes
Em faces tão delicadas,
Que em troco d'um beijo destes
Eu levo dez bofetadas.

Como o poeta até hoje
Beijos não poude encontrar,
Depois que eu gosar meus beijos
Um sobejo lhe hei de dar.

MOTTE.

Amor no meu peito é polvora
Que arde e não deita cinza.

GLOSA.

Si me permittem que *molvora*
Eu invente, gloso o motte;
E direi dentro de um bote:
—*Amor em meu peito é polvora*:
Sim, porque achar em *olvora*
Uma rima, um termo *pinza*,
E' difficil rima em *inza*,
Não anda da bocca ao jogo,
P'ra dizer que amor é fogo,
Que arde e não deita cinza.

S. L.

—Na madrugada de 23 do corrente, ás 4 horas, ia pacificamente pela rua Direita da Misericordia um caixeiro de venda com destino a ouvir missa, quando foi atacado por dous individuos que não só lhe quizeram dar como vasculhar as algibeiras. Um dos individuos é um sujeito, que recebeu do aggredido, quando elle era caixeiro do Manuel Mulatinho, dinheiro para comprar umas fazendas e empinou-se com elle, vae para 6 annos, e fazendo-se desconhecido e *empifonado* queria com seu ajudante maltractar a quem não o offendeu nem provocou.

—Sabe me dizer que musica foi uma que andou no sabbado á noite pela rua?

—Foram os estudantes do collegio S. João que andaram á passeio.

—Esses passeios são mais adequados nos arrebaldes do que no centro da população.

—Foram ao convento de S. Francisco, onde cada estudante ceiou um pão e um copo d'agoa, depois foram á Nazareth.

—Foi mesmo uma ceia franciscana.

—E' a epocha das familias bemaventuradas.

Para o esquadrão de cavallaria n.º 19 foram nomeados:

Alferes porta-estandarte Manuel *Pinto de Abreu*, alferes cirurgião Pedro *Pinto de Abreu*.

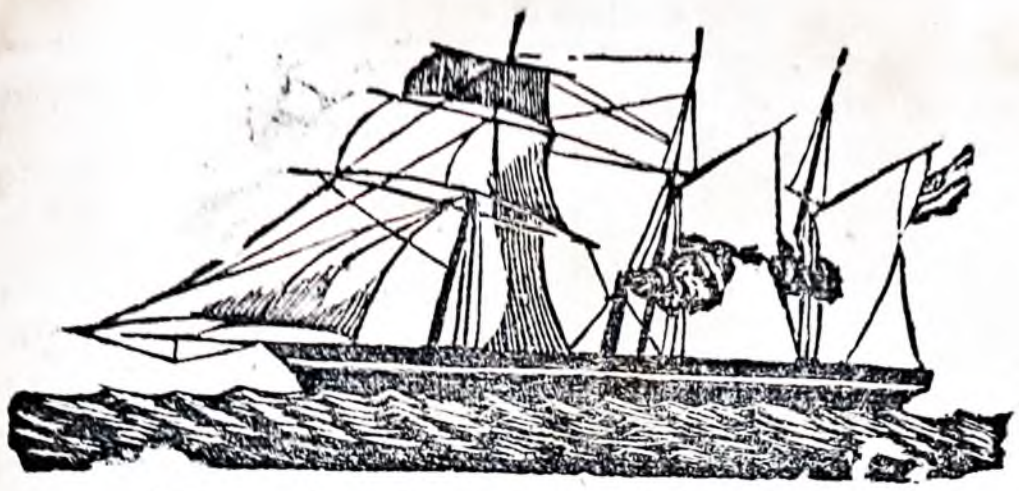
1.ª companhia Tenente José Agostinho de *Moura*, alferes Antonio Ferreira de *Moura*.

Na 2.ª companhia ainda ha dous *Magalhães* que não sei si são parentes.

ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 27 DE SETEMBRO DE 1866. SERIE 11.ª—N.º 105

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de setembro de 1866.

Portaria ao fiscal geral, para que informe a rasão por que não dá cumprimento a postura n. 29 que prohibe saccadas e balcões nas frentes das casas, á respeito do sobrado n. 1 ao Ferraro. Cumpra.

—Ao mesmo, no mesmo sentido, sobre a postura n. 33 que prohibe conservar-se janellas e saccadas podres que fiquem sobranceiras á rua, em relação ao sobrado n. 11 na rua de D. José que se acha nesse estado. Cumpra.

—Tudo se ha de ver nesta terra!

A Santinha em fraldas de camisa passeiando publicamente na Praça, e uns soldados do batalhão 24 arribando-lhe a camisa até o pescoço!

E porque alguem dirigiu-se a elles, e observou-lhes que aquillo era contrario a decencia e feio, praticado principalmente por homens vestidos de farda, foi acremente insultado, e bigodeado com chufas; blasonando um dos taes que se fazia mais valente, que se chamava Cyrillo Carneiro da Rocha Menezes, e que daquella acção nada lhe podia resultar.

—E não ha um destino que se dê a tal Santinha para não andar escandalisando a moralidade! Nem por ella tomar para ponto de seus escandalos a frente do palacio do governo!

—Sabe de uma especulação das irmans de charidade do collegio Nossa Senhora dos Anjos?

—Não.

—Prohibem que as meninas levem para o collegio papel, penna, tinta, livros etc., que não sejam comprados em mão dellas.

—Isso é graça.

—Serio. Ainda o Sr. tendo onde compre mais barato, ou mesmo tendo os livros em casa, é obrigado a fazer a despeza.

—Si é assim, é mal entendido; ellas deviam esperar que quem quizesse, por deferencia, comprasse em mão dellas, e quem não quizesse comprasse onde lhe fosse mais conveniente.

—Veja como se procede nesta terra com os fracos:

David Candido Moreira, guarda do batalhão de S. Pedro, não foi dos que na praça da Piedade deram vivas e pediram que o batalhão marchasse para o Sul, sem embargo de que, foi preso e obrigado contra vontade a seguir. Dispondo de recursos, deu 600$ rs. a Izidro

do tal para marchar em seu logar o que foi acceito pelo governo; lá está elle no Sul, si ainda não morreu.

Agora teve a guarda nacional de dar contingente, e o Sr. capitão Seixas organisador do batalhão de S. Pedro, designa David, para fazer parte do referido contingente, e o infeliz é preso e conduzido para as abobadas do Forte de S. Pedro.

A mãe do recrutado recorreu a authoridade com os papeis de seu filho, em que se mostrava que elle já estava no Sul substituido por outro. Africana inexperiente, confiou os papeis não sei a quem, que os consumiu, e o rapaz lá marchou em duplicata para o Sul.

—Como se garante o direito do pobre!

—No vulgo corre uma versão á respeito, que eu me não encarrego de fazer echo della, mas que acho bom registral-a. Diz-se que os papeis do homem foram de proposito consummidos por alguem para tirar dahi uma vingança mesquinha, um ciume de crioula.... por desairosa repugna-me a acreditar essa asserção, mas o caso é que, ou da mão do capitão, ou da secretaria do commando superior, ou de onde quer que fosse, os papeis sumiram-se e o homem lá foi *em sua sublime missão saudado por este heroico povo entre os hymnos de seu enthusiasmo e gratidão.*

—Vm. falla em papeis sumidos nas estações officiaes, isso não tem conta; é o effeito ou muita malvadeza, ou indesculpavel deleixo. E se quer convencer-se disso ouça:

Joanna Joaquina de Jesus, moradora na freguezia da rua do Passo, mãe do menor Torquato Vieira de Jesus, é uma senhora casada com Floriano Vieira de Jesus que marchou para o Sul no esquadrão de cavallaria, e que corre até que é morto; seu filho nunca foi guarda nacional, entretanto foi recrutado pelo 4 ° batalhão o dado como seu contingente. A pobre mãe requereu ao governo em data de 5 a soltura de seu filho, este mandou informar o commando das armas o qual respondeu a 17 como consta do livro de assentos.

Entretanto não sei por que arte magica os papeis sumiram-se e não ha noticia delles!

A pobre senhora do novo fez o requerimento que se segue, e não teve despacho do governo.

Hontem com o coração a se lhe espedaçar de dôr, assistiu ao embarque de seu filho!... Quando a mulher voltava lacrimosa para sua casa, alguem ironicamente repetia-lhe ao ouvidos estas palavras:

«Mais uma vez o pavilhão nacional se ostenta ufano de seus fóros de livre, sustentado por voluntarios da patria!»

«Illm. Exm. Sr. presidente da provincia. —Joanna Joaquina de Jesus, casada com Floriano Vieira de Jesus, que se acha no sul, é mãe de Torquato Vieira de Jesus, que fôra recrutado para contingente da guarda nacional por batalhão de freguezia, que não é até o de sua residencia, e quando é de menor edade, por isso representou a V. Ex. reclamando a soltura desse seu filho por meio de um requerimento, que aprezentou no dia 5 do corrente mez, acompanhado de documentos, nos quaes está a certidão de edade de seu filho provando ter elle apenas 16 annos incompletos. Entretanto procurando o despacho dessa petição, veiu ao conhecimento da Supplicante de que seus papeis não apparecem; pelo que então, e como seria uma calamidade para a supplicante, e violação das leis que regulam o objecto, a persistencia de conservar com praça de recruta ou contingente, um menor filho unico de uma pobre mãe, á todo o momento bem considerada viuva, e sem arrimo mesmo actualmente; a supplicante recorre á benigna protecção de V. Ex. para que attendendo aos motivos expostos e as provas dadas da isenção do individuo, que se reclama, se digne de despachal-a favoravelmente.

Bahia 17 de setembro de 1866.

E. R. M.

—A' vista disso, que garantia pode contar o fraco, o pobre, quando recorrer ao governo, si de uma hora para outra podem desapparecer com o vento as provas do seu direito?

VARIEDADE.

A mulher parindo.

Eis aqui meus senhores, porque eu tenho medo de me casar; a noite passada não dormi nem cinco minutos, isto é, não porque eu parisse, mas porque houve um parto na minha visinhança. Recolhi-me para

casa ás dez horas, conforme o meu costume, e logo depois de me despir, tomar o meu banho inferior, e me deitar entre os linhos velhos, mal fui encostando a cabeça sobre o macio e acamado travesseiro, ouço gritos de crioulas e mucamas de uma caza, que diziam—Yaya está com dores; pensei eu então que seriam dores de dente, e quiz acudir com o meu frasquinho de creozote, ris si não quando diz uma velha:

—Henriqueta corre, vai depressa, chama sinhá Quiteria que venha já, porque sinhá moça está muito vexada.

Neste interim ouviam-se suspiros gemidos, berros, assovios, choradeiras &c. &c.

Chegou finalmente a Sra. Quiteria, carregada de capona, mulambos e farrapos e uma santinha velha de marfim; pediu em primeiro logar uma quarta de medir farinha, e depois uma garrafa vazia; saca garrafa, busca garrafa, falta a chave da dispensa, pergunta-se si uma bacia podia supprir, diz a parteira que não, e manda se bater na venda do Albino para vender uma garrafa.

Vem a garrafa e diz sinha Quiteria—yaya fome puxo, e pegando na garrafa dizia assopre aqui. Yaya grite—Santa Margarida não estou prenha nem parida: a uma hora da noite percebi que sahiu a criança, porque a velha dizia—Senhor Lourenço, é feminha e está bem gorda.

Pensei eu que podia dormir, por estar acabada a campanha da paridura, mas ahi vae novo barulho; pucha não pucha, e fallava-se em mel de pau e aguardente.

As quatro horas da madrugada ouviam-se gritos de gia tão tristes, e dissonantes que causavam melancolia, e por fim de contas finalisou o tal entremez ás seis horas da manhan, quando sahiu a sinhá Quiteria se cossando e sacudindo-se com toda sua bagagem de balaios, e cumbucas. Ora ainda quando o menino é obra nossa, pode-se aturar, mas neste cazo eu me zanguei, porque nem indirectamente concorri para que elle nascesse.

Parece que a mulher é mais infeliz do que a galinha, pois que esta põe seus ovos, mette-se no choco sobre elles, e depois que tira os pintos sae para a rua sem o menor resguardo; o certo é que, si a propagação da especie humana fosse por meio de ovos não só se tirava o proveito que acabamos de referir, como tambem era um motivo importante para os poetas discorrerem quando vissem os differentes ovos que as moças bonitas puzessem, e no caso de não querer aproveitar em tirar os pintainhos, que bellas fritadas se podiam fazer!!

Porém basta de parto e ovos, e vamos a cazos novos.

(*Extr.*)

A PEDIDO

—Foi hontem ao embarque?

—Fui e notei um viva que appareceu ao Sr. vice-presidente, depois dos que elle deu a religião catholica romana etc. etc. etc.

—Aquelle viva foi de algum sujeito que chupa os ossos da mesa do homem.

—Pareceu-me que foi *brado do povo!*

—Capitão, acabou-se a mamata.

—Que mamata, brejeiro?

—Não sabe que o *Cathegoria* já não é mais thesoureiro, que já chegou o dono do logar que este tão indignamente occupava.

Perdeu pois o seu emprego,
Emprego de posição;
Agora joga castanhas
No largo da Conceição.

—Já vem V. com poezias! Conte o caso sem preambulos.

—Pois bem:

Já chegou aqui o dono
P'ra seu logar occupar,
Porque o tal trocatintas
Nelle se quiz arranjar.

De cavallo passeava
Pelas ruas da cidade,
Dando-se sempre a desfructe
No largo da Piedade.

Certa moça que alli mora
Vendo-o sempre tão lampreiro,
Perguntou a certo moço—
Quem é aquelle sendeiro?

Respondeu-lhe logo e logo,
E' *doutor Cathegoria*,
Formado em sciencia infusa
De obscura fidalguia.

Agora quer da Fazenda
Ser thesoureiro empregado,
Mas não gurne o tal bisborria
Por ser um grande safado.

E' pedante, é burro. é tollo,
Tem andar de meretriz,
Muito breve ha de metter
Na cloaca o seu nariz.

—Varro a pulha, si quer que o ouça falle em termos.

—Pois bem, capitão, lá vae:

Em conclusão da historia
Tenho um logar p'ra lhe dar,
Aposentando o Bahia
Para a elle nomear.

No emprego do mercurio
Ninguem lhe pode egualar.
Por ter para isso geito
E saber bem procurar.

—Basta; estou satisfeito, não nos occupemos mais com este animal bipede.

—Capitão, o logar do José Roberto está preenchido; a rapazeada está satisfeita agora.

—Por quem?

—Por um moço que aprende a *arte de curandeiro*, e que agora deu para encarregar-se dessas diligencias; mora na rua do *Anjo da balança*, ao pé de um *rego*.

—Isso é historia.

—Não ha tal, eu lhe digo; vi ha dias um sujeito se queixando que não pode ter ingresso em certa casa porque o cujo já tinha pescado dous bachareis para ser braceiro das donas della, moradoras na rua onde não ha *misericordia*, de sorte que virei de volta redonda, assobiando uma walsa e fui chupar meus roletes no banco do Pau da Bandeira, e lá encontrei muito queixoso o Mané Bahia, por estar o tal cujo lhe tirando as commissões.

—Isso não pode ser, vou tratar de indagar, e a ser verdade, jogo-o para fora da *eschola* com estas quadrinhas nas costas, e depois cantarei o lundù que se segue:

Pigmeu pernambucano,
Sou das damas corrector,
E pretendo neste officio
Ter a carta de doutor.

Com chapeu de piniquinho,
Palitot de portinhola,
Cantarei minhas façanhas
Ferindo minha viola.

Chamarei as damas todas
P'ra com ellas contractar,
E depois do ajuste feito
Um samba havemos formar.

Aqui vem a *gente*,
Paparú, papará,
Teca palma meu bem
—*Stou no rego sinhá.*

Vuvuvú, vuvuvú,
Lalalá, lalalá
Ratantan, ratantan
—*Stou no rego sinhá.*

A' branca formosa
E' candeia;
A mulata bonita
Não bambeia.

Vuvuvú, vuvuvú,
Papapá, papapá
Rapampan, rapan pan
—*Stou no rego sinhá.*

Levanta-se pois o samba,
Já se acabou a funcção,
O logar de onze letras
Vae tomando posição!

—Julio Feijoada é incorrigivel!

A semana passada estava elle na venda do Gago quando passou um carneiro. Feijoada foi de gadanhos sobre o animalzito e conduziu-o para dentro da venda, e não sei que destino deu-lhe dahi ha dous dias.

—Tambem o tal Gago parece que é tão bom como elle, que consente tanta patifaria em sua venda.

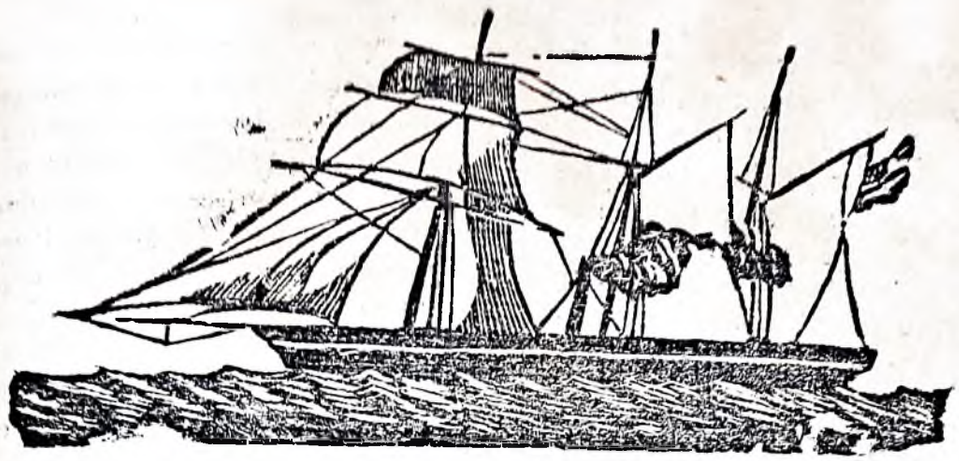
ANNUNCIOS.

DINHEIRO A PREMIO.

Raymundo Nonnato da Silva, tendo obtido do governo da provincia, carta de authorisação na forma do decreto n.° 2692 de 14 de novembro de 1860, para dar dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata com as formalidades exigidas pelo mesmo decreto; faz publico que do dia 30 em diante recebe penhores diariamente, das 7 horas da manhan até as 5 da tarde, na 3.ª casa passando o azylo da Mizericordia ao Campo da Polvora. Bahia 26 de julho de 1866.

AS PESSOAS DE GOSTO.

Breve sahirá à luz a nova modinha brazileira intitulada—**Nada possuo neste mundo.**



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 29 DE SETEMBRO DE 1866. SERIE 11.ª—N.º 106

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de setembro de 1866.

Não ha expediente.

—O que é de Deus a Deus e de Cezar a Cezar.

O facto referido sobre a coacção das irmans de charidade ás meninas educandas externas para comprarem livros e o mais necessario á instrucção, somente em mão dellas, não se entende com as do collegio de Nossa Senhora dos Anjos, e sim as da Providencia.

—E' boa charidade das irmans de charidade com as meninas que ensinam por charidade!!!

—Não se pode negar; a prodigalidade do Sr. Leão Velloso para com os amigos excede as raias da comprehensão.

—O homem faz justiça a todos.

—Eu lhe creio; a prova é esta:

«Ao agente da Companhia Brazileira de paquetes a vapor, dizendo que no primeiro vapor que seguir para o norte, mande Vm. dar uma passagem de prôa até o Pará, a Manuel, escravo do Dr. Daniel Luiz Rosa.»

—Esta tambem é boa:

«Officio ao capitão de mar e guerra capitão do porto.—Declaro a V. S., para seu conhecimento e devidos effeitos, que attendendo ao que me solicitaram os commerciantes Ribeiro, Costa e C.ª, em favor dos individuos constantes da relação inclusa, os quaes são empregados no serviço das alvarengas, pertencentes aos mesmos commerciantes, e em vista das informações, que me foram ministradas por V. S., pelo Dr. chefe de policia e pelo marechal de campo commandante das armas, em officios datados de 14, 17 e 20 do corrente, *tenho resolvido que sejam os referidos individuos isentos do recrutamento, em virtude dos bons serviços que hão prestado esses commerciantes* com o seu vapor de reboque e alvarengas, não só para o embarque de voluntarios, como tambem ao arsenal de marinha.»

—De maneira que S. Ex já se acha com prerogativa para promulgar leis! E nem ao menos declara em que se funda para isso, ou que lei o authorisa a tanto.

—Só si a empreza de alvarengas é privilegiada.

—Ainda assim eu concordo que elle mandasse *dispensar* os individuos do recrutamento, mas isemptal-os!

—Capitão, o coração transborda-se-me de jubilo, quando vejo um feito heroico de meus patricios bahianos.

—Nada de bairrismo.

—E' um orgulho patriotico que me inunda o peito. Quando li este pedaço na correspondencia de Buenos Ayres para o *Jornal do Commercio*, exultei de prazer:

«Os batalhões de voluntarios da patria 29 da Bahia e 34 do Pará foram os primeiros que chegaram à trincheira. Pular no fosso e escalar os parapeitos, servindo as costas de uns soldados de escada para os outros, foi negocio de alguns minutos.

Quando os soldados paraguayos deram por si eram cravados á b ioneta junto das suas peças, precipitando-se elles então fora da trincheira em completa debandada.»

«O capitão Marcolino, preto que commanda uma companhia de zuavos da Bahia, diz-se que foi o primeiro a escalar a trincheira sobre os hombros de um soldado.»

—Viva o capitão Marcolino!

Não ha mais noticias?

—Diz a mesma correspondencia que é destituida de fundamento a versão que corre nos jornaes de Buenos Ayres de que 10,000 paraguayos tinham atacado o exercito do Porto Alegre e retomado as posições.

Assevera que depois do dia 3 não houve mais combate, isto por cartas recebidas no dia 7.

Diz tambem que é falsa a noticia espalhada pelos inimigos da alliança de que uma mina em Curuzú tenha levado pelos ares tres ou quatro batalhões brasileiros; accrescentando que no momento de abandonarem os paraguayos aquella fortificação pozeram fogo a mencionada mina com tão pouco tino, que foram elles as proprias victimas. De soldados brasileiros quasi não pereceu nenhum, ficando dez ou doze contusos.

—Deus queira que assim seja.

—Nas correspondencias dos jornaes argentinos, ha os seguintes factos dignos de menção:

«Entre os soldados paraguayos mortos acharam-se tres mulheres vestidas de homem, duas das quaes eram muito moças. Seria o enthusiasmo patrio, ou seria antes alguma barbara determinação de Lopez, que levou essas infelizes ao combate em que pereceram?

«Um soldado brazileiro muito joven, quasi uma criança, ao pular dentro da bateria achou-se frente a frente com um corpulento soldado paraguayo, que o accommetteu de baioneta em punho: o joven brazileiro fez o mesmo, e nesse duello, á baioneta, succumbiram ambos. Parece que o nome de nosso bravo e joven patricio será publicado em ordem do dia.

«Nossos soldados foram implacaveis contra o inimigo, não tratando de fazer prisioneiros, mas só de matar. Deu causa a isto a atrocidade de que acabavam de ser testemunhas, praticada pelos paraguayos: no momento em que, submergindo-se o encouraçado *Rio de Janeiro*, uma parte de sua tripolação tratava de salvar-se a nado, os paraguayos começaram a despejar sobre elles uma chuva de metralha. Um tiro de metralha acertando mesmo em cheio em um grupo numeroso de naufragos matou-os quasi todos!»

—Acho justo, amor com amor se paga.

Da esquadra o que ha?

Os encouraçados subiram até defronte de Curupaity com o qual trocaram tiros.

Levaram tanta bala de 68 que o costado do *Bahia*, parece que teve bexigas, taes são os signaes que lhe ficaram! afóra do escovem de prôa que uma bala carregou-lhe. A torre apezar de ter 22 polegadas de espessura em alguns pontos ficou como se fosse folha de Flandres.

A guarnição fez prodigios de valor içando á mão e a peito descoberto debaixo de vivissimo fogo a ancora, cujo cabrestante tinha se feito em pedaços. Foi tal o enthusiasmo que até a gente da machina veio a tolda ajudar este serviço.

—Compare estes dous factos que me informam, e qualifique-os, no caso de serem exactos:

Em Cachoeira existia um homem de nome Manuel Claudio do Sacramento Bugarim, alfaiate, pae de duas meninas orphans de mãe: estava trabalhando em sua porta, quando foi recrutado, e apenas lhe deram tempo de fechar a porta e depositar suas filhas em uma casa visinha. Chegou a capital na segunda feira, e na terça embarcou com praça no batalhão Pedro 2º, negando-se-lhe o tempo para provar sua isenção!

Agora o outro:

Marcolino Vieira do Paiva tem um servente na sua industria de torrar café, que foi recrutado. O Sr. Marcolino empregou todos os meios a seu alcance para soltar seu famulo, porém não conseguiu, porque realmente, elle não tem isenção a seu favor. Lembrou-se de recorrer a protecçao de um alto personagem, e assim o fez

No mesmo dia em que S Ex. visitou o quartel do Forte de S Pedro, o creado do Sr. Marcolino foi mandado pôr em liberdade...

—Mas como? Por alguma ordem ou *mandado sahir da fileira?*

—Isso é o que não me disseram.

A PEDIDO

(Continuação do Sr. Gatuno.)

—No dia immediato, á essa noite de angustias acerbas para a infeliz mãe, o Sr. Gatuno, apresentou-se na casa como era de costume, trazia o semblante livido, as feições contrafeitas, as orbitas esbugalhadas como as do sapo, e os olhos fumegantes como a hyena.

Quem n'aquella hora prestasse a menor attenção a physionomia do Sr. Gatuno, de certo descobriria que algum contraste occulto se revolvia dentro d'aquella alma malfazeja.

Era a consciencia do mal com a dissimulação do sentimento que se debatiam.

Perguntou a inconsolavel mãe se teve noticias de sua filha, e asseverou que elle por sua parte tinha empregado todos os esforços, porém que tambem nada tinha descoberto.

Com o mais refalsado cynismo, procurou consolar a infeliz senhora em sua justa dôr; disse lhe que o que estava feito era irremediavel, e que ella não devia pôr-se a morrer, por que ainda tinha duas filhas, e não era justo que por causa de uma, ficassem duas desamparadas.

Com essas e outras refalsadas labias, e com o correr dos dias, a mulher foi moderando a dôr, e por fim resignou-se com seu infortunio.

O Sr. Gatuno continuou em sua obra nefanda.

Com carinhos enganosos conseguiu seduzir outra irman e mesmo dentro do lar materno realisou seus desejos.

Só tres ou quatro mezes depois teve a infeliz mãe sciencia de sua segunda desgraça, quando a moça depois de continuada enfermidade não poude mais occultar que trazia no ventre o fructo de seu amor illicito.

O Sr. Gatuno desta vez teve a franqueza de confessar a sua obra; disse que aquillo foi um momento de halucinação que o fez commetter aquella falta, e que o muito amor que tinha a moça concorrera para tal loucura, mas que elle promettia não desamparal-a.

A afflicta mãe de joelhos aos pés do seductor, pediu-lhe que salvasse a honra de sua filha, casando-se com ella.

Foi então que o Sr. Gatuno declarou que era casado, mas assegurou que em caso nenhum abandonaria a pobre moça.

Cabeça cortada não tem remedio, o remedio que a infeliz mulher teve foi sujeitar-se as condições de seu triste fado.

O Sr. Gatuno que já era de facto dono da casa, tornou-se de direito; e tinha inteira ingerencia e dominio nella.

Uma noite foram tomar chá; quando

acabaram, todos, menos o Sr. Gatuno, sentiram um entorpecimento nos membros, uma moleza no corpo, uma somnolencia incrivel de descrever: todos adormeceram; somente o Sr. Gatuno ficou acordado.....

.....

Parece que não é preciso dizer mais a V. Ex. A obra de destruição do monstro estava consummada!...

O corvo tinha saciado as malditas entranhas... estava repleto....

Só faltava voar e farejar nova carniça para cevar a sua gana diabolica.

O Sr. Gatuno pouco durou na casa, procurou um motivo, arrufou-se e ausentou-se. Ao mesmo tempo abandonou tambem a infeliz que tinha raptado, que até essa occasião ignorava a sorte de suas irmans Envergonhada de apparecer na presença materna lançou-se na prostituição e vendeu o corpo a todo preço.

Alguns mezes depois, acabrunhada de molestias, repudiada do mundo, correu para sua mãe, que a recebeu arrazada em lagrimas.

A misera contou como tinha sido seduzida e ludibriada pelo Sr. Gatuno.

Desta narração resultou a luz de que as tres infelizes tinham sido victimas da satanica cilada do Sr Gatuno, e das irmans, a que estava pejada, em vespera de ter o seu bom successo, teve tamanha dor que abortou e morreu:

Tres mezes depois morreu a infeliz mãe e pouco depois a carroça da Santa Casa conduzia ao cemiterio do Campo Santo o cadaver da irman mais moça, a quem a syphilis em todo seu desenvolvimento fizera baixar a sepultura.

Resta apenas uma irman que me contou a horrivel tragedia de sua infeliz familia.

—Horror! e a terra supporta um monstro destes!

—E assim em menos de um anno o Sr. Gatuno foi capaz de cavar a desgraça a uma familia inteira, e leval-a á deshonra e á sepultura!

—Monstro!

- Agora já que V. Ex. teve a bondade de ouvir-me, consinta que ainda lhe conte dous casos que se passam actualmente n'uma só rua, na rua *Destejolada*. Uma das victimas já está perdida e a outra está a perder-se.

—Conte; talvez assim se possa salval-a d'esse abutre. (*Continúa*)

—Vae hoje ao theatro?

—Rosnam por ahi que não ha.

—Porque?

—A quebradura cahiu em casa; aquillo anda em apuros financeiros. Dizem até que o Bento quer fazer ablativo de viagem por causa de uns trezentos bagos.

—Então fecha-se o theatro?

—Veremos.

ANNUNCIOS.

D. Thereza Perpetua Ferreira d'Araujo agradece do intimo d'alma a todas as pessoas, que se dignaram acompanhar o enterramento do seu nunca assaz chorado irmão o brigadeiro Innocencio Eustaquio Ferreira d'Araujo, e assistir a missa do septimo dia de seu passamento. Os seus amigos por sua vez confessam-se egualmente agradecidos.

FESTIVIDADE RELIGIOSA.

No dia 30 do corrente celebra-se a festa de Jesus Maria José no convento de Nossa Senhora do Carmo, espera-se a concurrencia do todos os irmãos e fieis. Bahia 28 de setembro de 1866.

De novo torno a recommendar que nenhuma pessoa faça transacção com uma letra de Manuel Joaquim Baptista de um conto duzentos e tantos mil-reis, que perde seu dinheiro, por não ser esta a quantia—*Ignez Umbellina de Oliveira Braga*.

Vende-se uma pequena roça, com casa, sita ao Sangradeuro com 15 braças de frente e 30 de fundo em terreno foreiro aos herdeiros do finado Castro Neves; a casa é terrea na frente e assobradada no fundo, tem duas sallas, quatro quartos, cosinha, dispensa, armazem etc. Trata-se na rua da Misericordia n. 31.

O

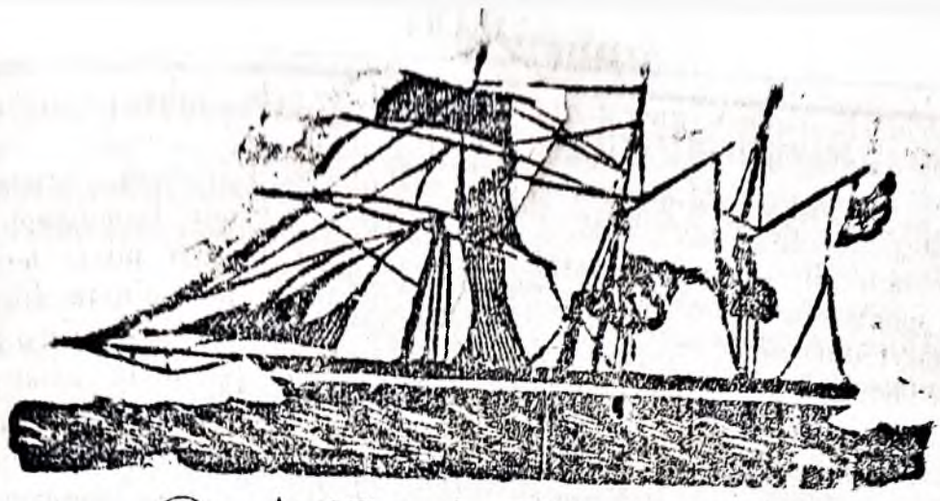
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 3 DE ABRIL DE 1867. SERIE 19.ª—Ns. 184

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de abril de 1867.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que faça dispersar um grupo de moleques, que se reunem, todas as noites, no beco do Viva Jesus, quina do Maciel, e cujo divertimento é dar vaias em quem passa e atirar pedras nos pretos. Cumpra.

—Porque não se tapa aquella bocca de lobo alli na Estrada Nova, em frente a cocheira S. Miguel?

—E' a mim que V. vem perguntar?

—Aquelle precipicio, de um momento para outro, pode engolir um filho de Deus.

—Isso é verdade, a estrada nesse logar está reduzida a um tremedal, restando apenas para o transito um estreitissimo espaço, que passa por cima do profundo sorvedouro; em uma noite de escuro, é bem possivel, que, por um descuido, algum caminhante submerja-se com casca e tudo.

—E si alguem cahir naquelle abysmo, é impossivel que saia são e salvo.

—O que valle é que temos uma camara previdente e zelosa, que não se esquece de tudo que é em beneficio do povo.

—Capitão, acha-se preso para recruta Hermenegildo Dias d'Avila, morador na Itapoan, maior de 50 annos, com uma filha menor e duas netas orphans, nas mesmas circumstancias. Esse homem tem uma grande fistula na parte superior do queixo, além de padecer de retenção de urinas, ha mais de dez annos. Diz elle que o motivo de ser recrutado, foram vinganças eleitoraes.

—E o que quer que lhe faça?

Por ca ha reclamações de mais peso, a que não sei que geito dê.

Por exemplo, Antonio Carvalho dos Santos, filho unico de viuvo, e que já tem dous irmãos no sul, sustenta a seu pae decrepito e cego Eugenio Carvalho dos Santos e a tres irmans honestas, uma das quaes paralytica, e no entretanto foi tirado para embarcar!.....

—Oh! meu Deus!.... Que epocha calamitosa!... Quando cessarão tantos flagellos?.....

—Si não chega o fim do mez, não havia sessão n'assembléa provincial!

—O que quer V. dizer com isso?

—Nada. E o mais é que o ultimo dia util do mez, cahiu em sabbado, dia em que os operarios recebem a feria..

—Comprehendo o que V. quer dizer é, que, si os dignissimos não fizeram *parede* nesse dia foi para receberem o *pecunia populi*?

—Eu? Deus me livre!...Seria uma injustiça suppor que corações tão patrioticos, almas tão desinteressadas, caracteres tão honestos, se animariam a receber paga por um trabalho que não fizeram, principalmente nesta epocha excepcional em que o paiz lucta com difficuldades insuperaveis, e em que as telas dos cofres estão exhaustissimas.

Não creio que os dignissimos sejam tão desalmados, mormente quando elles veem os brasileiros em geral, na razão de seus recursos, correrem com seus obulos em soccorro daprovincia.

—Depois eu lhe direi.

—Veja como se gasta o dinheiro da provincia!

Esta calçada da rua da Valla está no principio, e já com um buraco destes, capaz de pôr em migalhas a perna de um vivente desapercebido!

—E o que quer V.? Uma obra que parece feita ao *lá se avenha*, com estes dias de chuva, havia de por força soffrer abalo. Não vê os altos e baixos de que ella é composta?

—Eu o que quero é tomar sentido, para quando passar aqui ter cuidado, e não metter o pé na ratoeira.

—E' defronte do muro do quintal do Dr. Magalhães, lembre se bem.

—Além de tantos veixames que ja se soffre, ainda mais isso!

Em 22 libras de carne soffrer-se, todos os dias, um roubo de 5 libras!

—Safa! Que pepineira!

No decurso de um mez a cousa orçava assim por uns 30$ rs. mais ou menos.

—E note que o sujeito era conhecido.

—Está direito; a justiça deve começar por casa.

Quem é esse maganão?

—O cortador Justino do talho n.° 13 G—H, á baixa dos Sapateiros.

—Que harpya insaciavel das algibeiras alheias!

—Isto só pelo diabo! pagar dinheiro e vir a pé!

—O que lhe aconteceu, charissimo?

—Não está vendo? Como hoje é sexta feira, quiz ir ouvir missa no Bomfim; embarquei-me n'uma diligencia da companhia de Vehiculos, e o Sr. boleeiro entendeu que devia passar a gondola, e diabo de aposta foi essa, que a maxambomba foi se espedaçar de encontro ao trapiche e os passageiros tiveram de gramar a pé.

—Estas porfias hão de dar ainda um resultado triste.

—Quem quizer se compenetrar da incuria daquelles, que tem obrigação de zelar os melhoramentos publicos, basta passar na ladeira da Saúde, buracos profundissimos aqui e alli, pedaços do muro cahido na rua e uma cova profunda, para enterrar não sei a quem, junto ao becco do Pombal!

—E que fim levou a companhia de calceteiros, creada pelo Sr. Leão Velloso?

—Eu sei la, que diabo levou!

Pois lhe affianço que desde a administração delle ha para ella mestre nomeado e mais passaralhada.

—Ganhando, sem duvida, ordenado?

—Creio que não.

—Seja o que for, basta passar alli para ver o abandono em que vive esta terra.

—Leio cousas ás vezes, que por mais tratos que dê ao juizo não posso comprehender. Não sei si é pelo meu acanhamento de idéas, ou porque é.

Ora, por exemplo, li no *Diario* isto:

« Officio ao capitão de mar e guerra, inspector do arsenal de marinha.—Em observancia do aviso expedido pelo ministerio dos negocios da marinha de 6 deste mez, recommendo a V. S a maior economia para que a despeza mensal dispendida com a obra do caes desse arsenal não exceda á duodecima parte da consignação, como foi determinado por avizo de 15 de maio de 1866.»

Fiquei atonito por não entender tal economia.

—A economia está em se gastar por mez a quantia marcada, porque o estado não pode dispender mais do que isso, com semelhante obra.

—Boa economia! O dinheiro tem sempre de se gastar, seja a obra feita n'um mez ou n'um anno; em vez de se mandar fiscalisar que elle seja bem applicado, manda-se limitar o que se deve gastar mensalmente, embora seja bem ou mal gasto!

—São partos das cabeças dos nossos homens de estado.

A PEDIDO.

Vamos subir aqui pela ladeira do Alvo.

—Pois vamos.

—Homem, repara, alli vem dous vultos correndo um atraz do outro.

—E' verdade, o que vem adiante é homem, e o de detraz mulher.

—Queres ouvir? mudemos de caminho, eu não gosto de servir de testemunha.

—Pois voltemos e subamos a ladeira da Saúde.

—Está dito; vamos.

—*Duarte*, esta noite de hoje, é de aventuras para nós; repara alli para o chafariz...

—Está um homem ajoelhado aos pés de uma mulher.

—O que quererá dizer aquillo?

—Si queres saber, *Figueredo*, eu vou passar ao pé delles e reconhecel-os.

—Vistes?

—Ora!

Conheço a ambos: é uma *centopeia*, que mora para alli, a qual tem a seus pés aquelle negociante casado da rua .....Não sei que culpa commetteu o pobre homem, que supplica humildemente a inexoravel *dama* e ella exarcebadamente faz-lhe mil recriminações.

—Ja agora havemos de saber pelo miudo, vamos por aqui, dobremos o becco das Hostias, e subtilmente vamos-nos collocar por detraz do chafariz sem que nos percebam, e então havemos de ouvir tudo. (*Continúa.*)

—Aquelles *gaxhadores*, si foram hoje ao trabalho, foi somente para terem direito ao salario, nos dias que faltaram.

—Chô, harpyas insaciaveis do suor do povo.

—Capitão, uma explicação afim de destruir uma falsidade.

—Está no seu direito.

—Ha por ahi quem ande dizendo, para malquistar a certo mestre de musica, que elle influe no animo de seus companheiros para que os mesmos não façam parte da banda militar do 1° de infantaria, quando tal não ha. Si os mencionados musicos se recusam, é por terem receio de alguma cilada e não por conselhos e influencia de alguem, como propala pessoa interessado no negocio.

—E' só o que tem a dizer?

—Isto só em homenagem á verdade.

—Bem, pode ir em paz.

—*Eustaquio*, V. sabe o que é bode?

—Sei.

—Deve saber tambem o que é negro?

—Negro, é quem tem a cor preta.

—Não é só quem tem a cor preta.

O *José* define negro assim:

Negro, é o marido desnaturado que espanca a mulher, a ponto della, um dia, desesperada, sahir pela porta a fóra, com a filhinha nos braços, e ir pedir agazalho em uma casa por favor!

Negro, è o amigo que acaba de receber um favor de seu amigo, e paga com a ingratidão!

Negro, è o *Monteiro* que, a troco de de qualquer dez tostões, *assassina os filhos da patria!*

Haja vista o bode sapateiro, morador na freguezia de S. Pedro.

Lê-se no *Jornal da Bahia:*

AOS ARCHITECTOS DA PROVINCIA.

UMA PAREDE NA ASSEMBLÉA PROVINCIAL.

(Obra de empreitada por 60 dias.)

Importancia das diarias (de 16 dias de sessão) dos 29 deputados, que tomaram assento na assembléa provin-

cial e *conscienciosamente* não tem comparecido..... 2:048$000

Custo da tachygraphia durante o mesmo praso de *trabalho*, segundo o contracto... 4:500$000

Ajuda de custo dos Srs. deputados que residem fóra da capital e já tomaram assento 2:172$000

Despezas com a missa do Spirito Santo, papel, pennas, tinta, lapis, etc..... 380$000

Somma..... 9:100$000

Ainda está em começo a parede.

Depois de concluida quanto custará aos cofres da provincia?

Com a obra dispendem-se por dia rs. 568$.

Esta pergunta é dirigida ao illustrado administrador da provincia.

Um pedreiro.

—Isto é o mais intoleravel desaforo que dar se pode!

—O que ha, homem de Deus?

—Pois uma senhora ha de, sem o querer, prestar ouvidos as impertinencias de um atrevido rafeiro, e ser insolentemente ameaçada por não se querer a isso prestar?

—Explique-me essa barafunda, que não entendo.

—E' um desavergonhado resto de archote, que entendeu que devia fingir-se *apaixonado* cegamente por uma moça orphan, herdeira de uma fortuna menos má, e que ella deve a força corresponder aos affectos de sua alma de porco.

—Essa não é má.

—Finge-se com uma paixão em delirio, passa dez e doze vezes pela rua, ora a pé, ora a cavallo, pára na esquina, manda dizer á moça que se ella não for delle, a outro não pertencerá e como ella nenhuma importancia dá a todas essas macaquices, tem a audacia de mostrar-lhe um rewolver e de dizer-lhe que com aquelle instrumento lhe ha de tirar a vida, quando seus despresos forem tantos, que elle os não possa supportar.

—E V. crê nestas palhaçadas?

—Porem é um insulto, que se faz a uma senhora, fingir-se um carcavista que a ama desordenadamente, e querer com ameaças ser correspondido.

—Ahi está o chefe de policia para dar providencias

—V. não sabe negocios de casa que não tem homem, como é? As senhoras ficam intimidadas, julgando que a desfructavel besta seja capaz de realizar as suas basofias e patacoadas.

—Eu desejava conhecer esse tropiante.

—Nada mais facil. A qualquer hora o hade encontrar na esquina do beco *do Pexelim* entre a descida dos *Cachorros* e a *Prisão dos Padres*.

Esse *chisbia* tem feições de mameluco, barbas cerradas e amacacadas, usa de chapeu de pello, ás vezes, traja paletot côr de burro quando foge da malhada, colette côr de pello de gato do matto, com botões de estanca mijo; inculca-se de preparador de tisanas e beberagens para a gente de farda, no que diz elle, que é insigne.

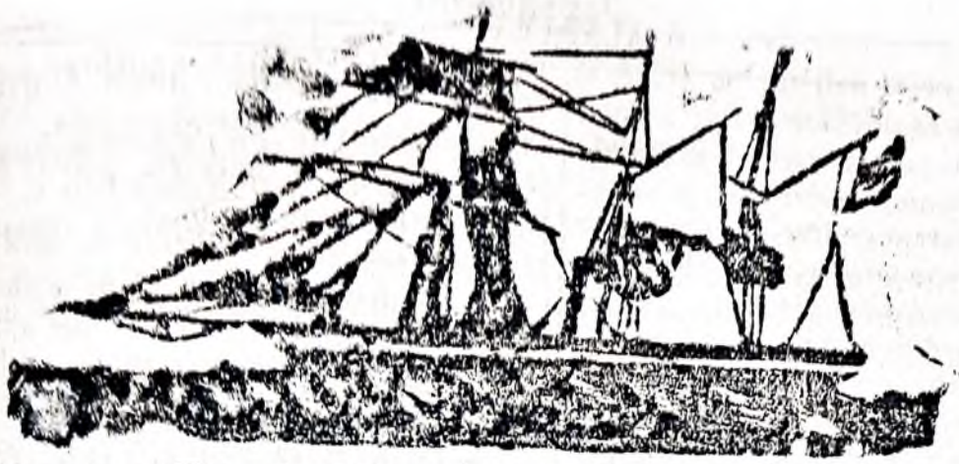
Firme no logar indicado, leva horas esquecidas, essa azemola, no mais apreciavel desfructe, o que seria um debique para a visinhança, si não fosse o seu inqualificavel desaforo de andar a ameaçar a pobre senhora.

—Bem. Eu vou mandar o muxingueiro agarrar esse bregeirote e remettel-o ao Sr. Dr. chefe de policia.

Existe em uma loja, á ladeira de S. Miguel, uma farinheira, bem conhecida por seus actos de depravação; penna tenho eu, de que ella faça cahir por terra a cor bella que possue, e de não se tornar honesta no seu crapuloso procedimento, deixando que seja vista por pessoas, que, talvez ignorando, queiram a imitar; (o que Deus tal não permitta) por tanto, espera a visinhança, e aquelles que fazem uso de passar por aquella rua, que o decoro publico seja acatado; por que do contrario, será encerrada no mosteiro de Santa *Olegaria*, á fazer penitencia, até arrepender-se e mover o coração do subdelegado a verificar a verdade.

A Luciana.

Typ de Marques, Aristides e Igrapiuna,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 4 DE ABRIL DE 1867. SERIE 19.ª—Ns. 185

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ÁLABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de abril de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que, em homenagem á lei, mande syndicar si os seguintes factos são verdadeiros:

Si é verdade, que na noite de 23 do proximo passado, ás 11 horas, fôra cercada e varejada violentamente a casa da S.ra. Felippa Joaquina Dantas, moradora á rua Direita de Santo Antonio além do Carmo, sendo por essa occasião menos-presados todos os preceitos constituicionaes, que garantem a inviolabilidade do asylo do cidadão, estendendo-se as pesquisas a arrombarem arcas e bahús, soffrendo a paciente grave prejuizo com os estragos que lhe causaram;

Si é verdade que tão arbitrario acto, tivera por motivo uma simples queixa verbal dada por um individuo;

Si é verdade, que na noite de 29, duas outras casas, na rua de S. José, depois das 10 horas, foram egualmente cercadas e varejadas, a pretexto de prenderem-se guardas nacionaes.

E como isso seja uma flagrante quebra dos direitos constitucionaes e um tropello da segurança individual, pede-se a S. S. que mande syndicar o exposto, e dê as providencias, que factos tão escandalosos, quão revoltantes exigem, afim de que, no caso de ser exacto, não fique impune quem for culpado de tão inqualificavel abuso.

—Não sei quem é o senhor ou mestre de tres meninos de 6 para 7 annos, que os manda todos os dias ás 5 horas da manhan, e as 7 da noite, ao chafariz do Terreiro, com um enorme barril carregar agoa!

Os meninos enfiam o barril n'um pau á especie de *Maria Madeira* e dous pegam adiante e um atraz

—E' uma economia ridicula; a troco de poupar tres vintens, sugeitar as creanças a esmagarem os pés.

—Muita gente tem censurado isso, por verem os esforços que fazem os pobres meninos para carregarem aquelle pezo.

—Pois eu vou mandar indagar da pessoa a quem pertencem, e admoestal-a que deixe-se de tão mesquinha economia.

—Veja como andam as cousas lá pelas Alagoas.

O *Diario das Alagoas* queixa-se de que o presidente lhe quer mandar quebrar a typographia nestes termos:

«AO POVO! AO POVO!!!

«*Maceió*, 13 *de Março de* 1867.—

Ameaçados pela policia do Sr. José Martins Pereira de Alencastre, a qual nos cerca as portas noite e dia para quebrar a nossa typographia e prender os nossos typographos, como effectivamente prendeu na manhan de hontem ao nosso impressor Anastacio Sezino da Boa-Morte, appellamos para o POVO, como recurso extremo, porque estamos dispostos a deffender nosso direito de propriedade, e a inviolabilidade de nosso aposento, sendo o unico responsavel pelas consequencias de semelhantes attentados o mesmo presidente José Martins Pereira de Alencastre.

«Si nos virmos violentados, si soffrermos algum acto despotico de força bruta, soltaremos uma girandola de foguetes, como aviso de pedirmos soccorro aos nossos amigos, ao povo em geral.

«E' este *Diario* a unica voz que denuncia os actos criminosos da presidencia, e quer-se abafal-a com uma violencia.

«Appellamos para o povo, ja que não encontramos garantia nas authoridades.

«Ja não querem liberdade de pensamento!»

—A esse respeito, tambem li na *Voz do Povo* o seguinte:

. . . . . .

«Pois bem, sabei mais que Zé de Alencastre, querendo fazer mais victimas, querendo inutilisar cidadãos honestos e respeitaveis, tem concertado o seguinte plano:

«Mandar pela policia disfarçada quebrar as typographias dos dous jornaes desta capital, que teem censurado seus actos immoraes e injustos, com o fim de prender, processar, embarcar e compromметter seus proprietarios, e o povo, que mui justamente se reunir para oppor-se a semelhante attentado de selvageria.»

«Alagoanos, alerta!

«Não è permittido mais soffrer-se, ao menos que não seja com quebra de nossos brios!»

«—Socega, ó Izaveli, deixa-te disso.

«—Não socego, porque V. é um maroto safado, hoi do lhe quebrar a cara hoje.

«—Olha que si o sôr meu mano souver, deita-me para fora da benda.

«—Que lhe leve o diabo!... Estou de cabeça inchada.

«—Então quereis me ber aqui assim desarrumado?

«—Ja lhe disse que leve-lhe o diabo, maroto, pé de chumbo.

«—Olha o rosario que te prometti, Izaveli.

«—E quando V. dá?

«—Dou-te para a semana bindoura.

«—Si V. não der, aperte-se commigo.

. . . . . .

—Ora que ha de viver este homem com a sua marafona a incommodar o socego publico foras de hora!

—Isto já é costume, desde que elle esteve de *caixeiro* na venda da esquina que desce para a ladeira da *Doença*.

LA VAE VERSO.

MOTTE.

O furto é cousa mui boa,
Para bem poder viver,
O que não sabe furtar,
Nunca pode enriquecer.

GLOSA.

Os pedantes escriptores,
Que nos fallam em virtudes,
Ou são spiritos rudes,
Ou solemnes impostores;
De espertos desfructadores
Toda terra se povoa;
Quem, pois, de pilhar se escóa,
Não tem um pensar profundo,
Que para gozar do mundo
O furto é cousa mui boa.

Do que nos serve a existencia.
Cercada de privações,
Ao passo que mil ladrões
Vão gozando a competencia?
Quem nos prega a paciencia,
Não sabe o que é discorrer,
Nem ouvido deve ser;
Porque a arte da ladroeira,
E' de todas a primeira
Para bem poder viver.

Da fortuna maltractado,

Sempre mettido em apuros,
Passando momentos duros,
Degostos amargurados;
De mil prazeres privado;
Todo o dia a calcular,
A poupar o mourejar,
Sempre a braço co'a desgraça,
Assim triste vida passa,
O que não sabe furtar.

Pelo contrario, o ladrão
Que furtou muito e depressa,
De ter gosto nunca cessa;
Tem respeito e attenção.
A riqueza é o mór brazão
Que no mundo pode haver,
Cada um cuida em se encher,
Que assim a experiencia ensina,
Que o tollo que não rapina
Nunca pode enriquecer.

Definição da mulher.

A mulher é fruta doce,
Mulheres são bons bocados;
A mulher concede ao homem
Momentos afortunados!

A mulher é flor mimosa,
A mulher é de valia;
A mulher com seu bom modo
A todos causa alegria.

A mulher é uma roza
Não tendo agudos espinhos;
A mulher é semelhante
Aos suaves passa inhos.

A mulher em tudo mais
E' a deusa dos amores;
A mulher, como eu a entendo,
E' a rainha das flôres!

Mulher aos homens dá gosto,
Tambem lhe causa mil ancias;
A mulher é sempre amavel
Em todas as circumstancias.

A mulher é que consola
O homem em suas desgraças;
A mulher só tem em si
Gostos, encantos e graças.

A mulher!... Oh que alegria!
E' o que amo mais no mundo:
Só ellas fazem que eu tenha
Na vida prazer jucundo.

E o mais caros leitores,
Não continúo, nem sigo;
Porque dizer a verdade
As vezes corre perigo.

(*Extr.*)

Poesias de Joã › de Deus.

AMORES! AMORES!

Não sou eu tão tola
Que queira casar,
Mulher não é rola
Que tenha um só par.

Eu tenho um moreno,
Tenho um d'outra côr,
Tenho um mais pequeno,
Tenho outro maior.

Que mal faz um beijo,
Se, apenas o dou,
Sumio-se-me o peijo
E o gosto ficou?

O mais b›ixo, um dia
Deu-me um e depois
Acheio-o fatia,
Paguei-lh'o com dous.

Abraços, abraços,
Que mal nos farão?
Se Deos nos deu braços
Foi essa a razão.

Um dia, que o alto
Me vinha abraçar,
Fiquei-lhe de um salto
Suspens ano ar.

Meus lindos cabellos
Que lhe heide eu fazer?
Beijal-os e vel-os
Quem eu bem quizer.

Um dia por prenda
Pediram-me alguns:
Que bella encommenda;
Fiquei sem nenhuns!

Gosando, gosando,
Que a morte é fatal,
E a rosa em murchando
Não val um real.

Eu sou muito amada
E ha muito que o sê
Que Deos não fez nada
Sem ser para quê...

Se Deos nos deu flôres
Foi para as colher;
Amores, amores,
Deixal-os dizer.

Eu tenho um moreno,
Tenho um d'outra côr,
Tenho um mais pequeno
Tenho outro maior.

A PEDIDO.

«—Safado! Asmodeu de um dardo! Ter o desaforo de metter a Joanna na botica!

«—*Assucena*, deixa-te disso, assim quebras-me os queixos.....

«Isso é feio, aqui na ladeira do *Escuro* no portão do clerigo *Pereira*.

«—Qual feio!..Tome lá..para não ser safado. Em quanto não te tirar sangue dos beiços, não me desabafo!...

«—*Assucena*, metto-te o pé na barriga!...

«—Mette, que matas teu filho, e te tornas um assasino, apesar que assassino já és da honra alheia.

«—Pois accommoda-te....

«—Agora, como já te fiz sahir sangue das ventas, estou satisfeita.

—Olhe, *Carlos*, que quem anda de noite, vê muita cousa. Ora, si eu pensava que veria encontrar á estas horas, aquelle pobre diabo coixo nas unhas daquella panthera?

—Não faz mal, *Manuel*, é para elle pagar um pouco a mordacidade daquella ferina lingua.

—Estou com a cabeça a me estalar de dores!

—Isso é proprio da estação; anda por ahi uma defluxada que todos se queixam.

—Qual defluxo!.....Eu de quem me queixo é da policia.

—Era o que faltava! Vm. culpar a policia por seus incommodos particulares!

Ora essa é sua!....

—Si ella não desse licença para se dançar candomblés dentro da cidade, em suas barbas, eu estaria livre de me queixar.

—A cousa vae se tornando curiosa,

—E' o que lhe digo, a policia que faculta que se faça dentro da cidade uma algazarra infernal, é causa das minhas dores de cabeça.

Morreu um dos mais afamados *papaes* desta terra, que dava *ventura* a todos quantos lh'a iam tomar Era morador na minha visinhança, isto é, na rua dos Ossos, freguezia da Sé, e por tanto, teve de ser ahi o *baque-festa* da missa. A policia deu licença para todo o pagode, de *tabaque*, *conduns* etc.;e os maldictos levaram todo dia a *grasinar* os ouvidos da gente com tão incommodativa *festa funebre*.

E V. havia de ver que gente la entrava. Não era só pechisbeque e gente atoa, muita gente fina era *filho* do tal papae.

—Logo que foi uma permissão da authoridade, não ha que replicar, e resignar-se.

—Umas creoulas foram, que mais me incommodaram, por que não cessavam na sua fanatica carpideira.

Da janella do quintal pude conhecer as seguintes:

Afra, Alexandrina, Anastacia, Brigida, Brasilia, Bemvinda do Manuel, Eugenia, Felicidade Gaga, Joanna Viuva, Lucrecia das Verduras, Martinha, Maria dos Santos, Maria Benedicta, Martiniana Canaria, Mathildes, Paulina Pançuda, e uma endiabrada mulata moradora na Ribeira.

—Quer ouvir uma cousa? Deite um pouco de agoa sedativa sobre a testa e vá dormir, que hade acordar melhor e deixe-se de increpações á nossa respeitavel policia.

—Muxinguoiro, sahe por ahi á cata de um sujeito, que já não é criança, o qual se inculca de *santo* quando é um *forte* e refinado hypocrita e diz-lhe que deixe de andar pela rua feito lagartixa, batendo com a cabeça e olhando para as janellas das casas de um e dous andares como a de n.º 36 D.

Assim como deixe-se de andar com *piegas* para as duas raparigas da rua dos Pelouros e cuide antes de ir acariciar sua mulher, que talvez ande bem desconsolada.

Diz-lhe que, si depois desta admoestação elle continuar em tão despropositado e libertino procedimento, te verás na necessidade de dar-lhe uma sapeca de taca.

Typ de Marques, Aristides e Igrapiuna,

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 6 DE ABRIL DE 1867. SERIE 1.ª—Ns. 186

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de abril de 1867.

Officio á Illma. camara municipal, chamando sua attenção para o estado intransitavel a que se acham reduzidas as ruas do Carro, do Genipapeiro, dos Carvões, becco das Hostias, travessa do Galeão, ladeira da Saude, baixa dos Sapateiros, Caes Dourado, ladeira do Bercó, rua da Preguiça, etc., etc., para as quaes, pede-se, lance a Illma. vistas complacentes e benignas.

—Sr. 7 *composto*, não sabia que o Sr. era tão *cara de pau*!

Safa!

—Não sei que motivo tem para me lançar semelhante baldão.

—Pois o Sr. fiar a um sujeito *marralheiro* de chapa, e como elle não lhe pagou, depois do seu caixeiro de cobranças cançar as pernas *cincoenta e uma vezes* no encalço do *durão*, o Sr. ter a *cara dura* de fechar a conta n'uma carta e remettel-a ao governo que cobrasse para as urgencias do Estado?...

Isso é generosidade de camello.

Ter o Sr. peito de querer reduzir o governo a condição de meirinho!...

—Offereci, na convicção de que o devedor, não se negaria a pagar, sendo para o fim que era.

—Ora vá la para as profundas! Pois o governo e cobrador de dividas perdidas?

Por isso bem fez elle que com o maior desprezo recambiou-lhe a sua bamboxata, sem lhe dar resposta.

—Isto não tem geito!

Como é que nas repartições publicas se extraviam' assim papeis das partes?

Si se indereça á presidencia um requerimento, quando se procura a solução, se diz ao interessado, na secretaria não consta tal papel! A repartição do sello segue o mesmo trilho, e assim por diante.

—Ainda hontem mandei sellar um papel de alguma importancia; os empregados estavam atarefados a despachar aquelles, que julgavam ter mais *pressa* e mandaram o portador deitar o papel sobre uma mesa, como é praxe la. Hoje quando o mesmo portador vae buscal-o, tinha desapparecido!..

—Tambem alli ha tanta confusão!

—E por que não procuram systematisar melhor aquelle ramo de serviço?

—Como?

—Ao menos podiam crear no Forum uma repartição propriamente para sellos judiciarios; assim alliviava um

pouco a confusão que se dá naquella repartição.

—E' uma lembrança boa mais quem a porá em pratica?

—V. por cá? Foi assistir á revista do presidente?

—Vou aqui com o coração amargurado.

—Porque?

—Porque acabo de presenciar uma scena que o coração mais embrutecido não poderia assistil-o impassivel.

—O que foi?

—Estava no forte de S. Pedro, quando entrou uma joven menina de 15 annos, mais ou menos, e como louca foi se ajoelhar e abraçar-se aos pés de um official, dizendo que não o largava sem ter a certeza de que seu irmão seria solto.

O official commovido, fez mil esforços para persuadir a joven senhora que delle não dependia a soltura de seu irmão, apezar de ser seu commandante de companhia; porem ella sem convencer-se não o largou, até que chegou o presidente.

—E o que fez elle?

—Não sei. O official dirigiu-lhe algumas palavras que ignoro, bem como o resultado.

—Sangue! e mais sangue!

Não me dirá o que é feito de tantos bravos, que, ao primeiro brado da patria afflicta, correram a deffendel-a?

—Que lhe respondam as lagrimas dolorosas das viuvas, dos orphãos, dos paes, e dos amigos.

—Veja aquillo.....

—E' uma mulher montada no pescoço de um matuto.

—Sabe o que é?

—Não.

—E' uma pobre aleijada que vem implorar ao governo a soltura do ente que que lhe ampara no leito de dor em que vive, e que entretanto veio desapiedadamente recrutado pelos dominadores.

—Deus queira que o presidente se condoa do seu penar.

—E' uma crueldade inaudita, o reprehensivel procedimento de certos senhores, que barbaramente castigam seus escravos.

Pois o infeliz, que teve a desgraça de nascer escravo, não é dotado da mesma organisação, que os outros viventes, para ser atrozmente flagellado com torturas deshumanas?

Isso é um attentado contra a lei da natureza, é uma afronta que se faz á civilisação, é uma falta de charidade para com o proximo.

—Por V. fallar nisso, ainda hontem eu vi um preto africano, que causava dó; tinha as costas toda chagada, pelo latego do chicote. Dizia elle ser escravo de um Sr. Joaquim de Campos morador em Itapagipe.

Não sei esses Srs que tem escravos, que não lhes servem bem, porque não os vendem, em vez de martyrisal-os.

—Eu entendo que devia haver na lei seria punição, para tão impedernida gente.

—No dia 3 do corrente, o povo nas galerias da assemblea provincial deu uma significativa demonstração de censura, soltando, unisono, uma estrepitosa gargalhada, na occasião em que se declarou que não havia sessão, por terem comparecido apenas desesete deputados!

—Capitão, Firmino Alves, é um guarda do 3 batalhão, que apezar de doente, trabalha para sustentar sua mãe, viuva, de 70 annos, moradora na Itapoan. Basta olhar para a configuração debil e flexivel deste individuo e reparar-lhe a physionomia macilenta, para dizer que elle padece e muito. Já foi inspeccionado e julgado incapaz, porem á despeito de todas essas isempções legaes, querem que embarque para o Sul! O proprio medico do corpo, ao chegar elle no quartel, o manda para o hospital; e sem embargo, Firmino é julgado apto!

—Então é que ha ahi alguma prevenção contra elle.

—Si *ha*, não são sinão as malditas eleições.

—Está se procedando ao recrutamento nesta cidade de uma maneira arbitraria e desordenadamente.

Parece que se tem mais proposito em aterrar a população, do que em adquirir gente para mandar ao Paraguay.

A irreflexão e desatino com que procedem os soldados, encarregados da *caçada*, dão origem a serios conflictos e a que mais de uma vez a lei seja desrespeitada.

Na noite de 3, uma escolta despersa no Terreiro portou se inconvenientemente: a voz de *pega*, largavam-se todos a correr, como si brincassem *picula*, atraz do povo pacifico.

Depois, uma outra escolta commandada por um official à cavallo, commetteu graves excessos; os soldados de espada núa, não se contentavam em prender, espancavam.

Um preto escravo, cujo senhor mora por cima da botica do Sr. Bacellar, foi chamado á falla. O negro correu para a porta de seu senhor e um imprudente soldado atirou-lhe com o refle sobre as costas, o que podia ser de tristes consequencias, si o tiro fosse mais certeiro.

Não guardavam consideração a ninguem.

Na rua Direita de Palacio, invadiram uma casa correndo atraz de um homem.

—E o que fazia esse Sr. official á cavallo, que não refreiava o ardor de seus soldados? Estava alli para fazer figura de S. Jorge?

—Na noite de 4 tambem uma força que estava recrutando na Baixa dos Sapateiros, portou-se desregradamente, commettendo escandalos e attentados inqualificaveis; entre outros o de agarrarem uma mulher, *não sei para que*, e, como ella não se quizesse prestar, espancaram-na.

E' verdade, que o autor desta obra estava, bem como outros, no *pileque*, talvéz por causa do frio.

Hontem, ás 9 horas da manhan, no Terreiro, recrutaram um academico, do que resultou um *sarceiro* entre a corporação e a policia; ficando um desta sem o fandango, que os estudantes foram levar ao chefe de policia.

—O que vale é que ahi está o Exm. administrador da provincia, a quem compete pôr cobro a semelhantes desmandos, a fim de evitar sinistras consequencias.

—E eu espero que S Ex. empregará salutares medidas, para evitar tantos escandalos, com que pretendem exacerbar o povo.

A PEDIDO.

—Parabens, Sr. Pimentel.

—De que me da parabens?

—Disseram-me que o Sr. estava com um excellente emprego.

—Qual é elle?

—O de *tapa buracos*.

—E' falso.

—Quem me disse foi aquella moça, sua conhecida, màe daquelles quatro meninos.

—Qual? aquella que vae casar com o chapelleiro?

—Oh, e elle vae casar?

—Nao sei que diabo se lhe metteu na cabeça, para fazer tal asneira.

—Não sei que casar seja la nenhuma asneira, principalmente trazendo a noiva dinheiro.

—Esta traz, mas pulgas. A escolha é pessima, tanto que os companheiros delle, andam veixados com isso e por verem as decepções porque elle tem de passar.

—O que e de gosto regalla o caroço; se elle tem vontade de casar com a Jesuina Velleira, deixal-o; sua alma, sua palma.

Aviso.

Acha-se reconstruida a barca Marcolina, de oitenta toneladas, breve seguirá viagem para Alago.... Adverte-se aos carregadores que vae de capitão o identico dono; para carga ou passageiros, trata-se com o Amancio. Os quatorze saccos de bolachas, quem for seu dono pode procural-os na ladeira das Gamelas, levando conhecimento assig-

nado pelo filho do Salú.—O consignatario, *Caetano*.

—Sr. Fructa Pão, quem tem rabo de palha, não accende fogueira.

—Não lhe intendo.

—Digo-lhe que o Sr. sendo dono daquella *cumbuca* frequentada pela gente do olho vivo, a qual fica bem defronte da egreja da *Esposa de S. Joaquim*, não deve fallar dos outros.

Quem tem telhado de vidro não atira pedras.

—Isso não é comigo. Entenda-se com o Mané Monteiro, que é o dono da casa, ou então com o Leite que banca.

—Porem V. é quem vive a ladrar contra a casa alheia, ou pelo menos é quem incommenda aquellas burricaes arengas que sahem no *Magico*.

—O *Magico* o que quer é *gurgéta*. Dê-lhe o Sr. qualquer cousa que elle se calla.

—Dê-lhe V., que é quem lhe incommenda o sermão.

—Tambem não sou eu.

Aquilo é obra do *Chico Morteiro*.

—Qual o fiscal?

—Elle mesmo.

—Elle se mette nisso?

Então quer que lhe descubra os *grilos*?

—Quem lhe descobriu que elle faz grilos?

—Foi o Argimiro

—O Argimiro! Pois elle sendo socio da casa, descobre os particulares que ha nella?

—Para V. ver.

Uma vez que o Sr. tambem tem parte nos lucros do barato, aconselhe ao tal fiscal Morteiro e sua caterva, que deixe-se de se metter com quem delles não se lembra, para depois não se arrepender.

Pode retirar-se

—Pois o Dr. Gustavo ja falla do Leitão da Cunha! Um moço que, quando o homem era presidente, deu chá em sua honra e o trazia nas palmas das mãos, tecendo-lhe mil louvores!

—Não sei de que se admira V.; uma cousa que tem visto elle praticar tantas vezes.

Os homens quando presidentes precisam do *apoio* e prestigio dos partidarios, da laia do Dr. Gustavo, e quando sahem merecem que se lhes censurem os erros, que commetteram.

—Está direito; só si é isso.

Chama-se a attenção da policia para um fulano conhecido por Chico Hespanhol, por seus continuados alarmas em casa de umas moças de boa vida, na rua Direita de Palacio. Este valentão, por ser fiador das ditas cujas, julga-se com o direito de fazer alli tudo quanto quer.

No sabbado, esse desalmado, um pouco na *figura*, fez proezas na dita casa, que é defronte da D. Anna das Quartinhas. Espera-se que a policia ponha cobro a tal desordeiro.

VARIEDADE.

Certo professor publico, ao chegar na freguezia para onde fora nomeado, perguntara a um moço.

—Que tal é esta freguezia?

—Excellente, disse o interrogado, quando existe abundancia, tornando-se pessima em tempo de secca, por faltar os meios de conducção.

—Mas eu que tenho cavallos passarei necessidades?

—Os cavallos não resistem a sêcca, os burros sim, resistem, por serem mais fortes.

—O que diz? isto é verdade? Neste caso não tardo á reduzir-me de cavallo a burro!

COUSAS FACEIS E DIFFICEIS.

A cousa mais facil que ha, è desejar ser rico.

A cousa mais difficil, è conseguil-o, sem furtar, nem ter causado males aos que menos podem.

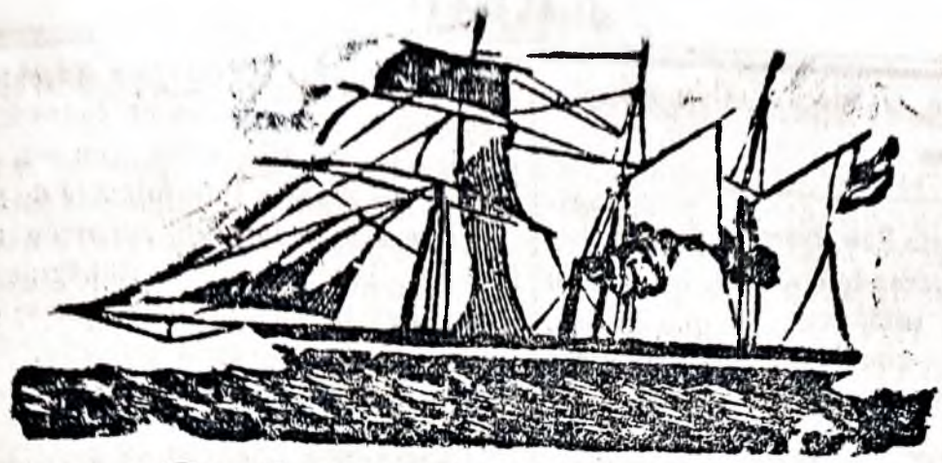
A cousa mais facil que ha, é fallar muito.

A cousa mais difficil, è fazel-o sem dizer asneiras.

A cousa mais facil que ha, é gostar de moça bonita.

A cousa mais difficil, è conquistal-a e conseguir depois que ella seja fiel.

Typ, de Mrques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 9 DE ABRIL DE 1867. SERIE 1º.—Ns. 187

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de abril de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando a seu conhecimento que, no dia 5 do corrente, o subdelegado da freguezia da Rua do Paço, em publica audiencia, depois de ordenar a uma das partes que se calasse, assomado em ira por não ser obedecido, deu uma tremenda bofetada n'uma pobre mulher, a qual, não podendo repellir tão descommedido abuso; tentou como desforço, precipitar-se da janella abaixo, no que foi impedida pelos circumstantes, que assistiram ao facto.

Qualquer que fosse o procedimento da referida mulher, vê S. S. que os limites da prudencia, em que se deve manter uma authoridade não aconselhavam a portar-se de uma maneira tão excepcional e despropositada.

Portanto, expondo-se o facto, entrega-se ao criterio de S. S. para proceder como for de justiça.

—Um episodio, por causa do recrutamento.

—Diga la isso.

—Na sexta feira, um rapaz creoulo, guarda de Brotas, morador ao becco dos Sete Peccados, sahiu pela manhan para ir á venda comprar almoço e foi filado por dous *aguazis* de policia, que andavam por alli á caça.

Disse-lhes o recrutado que era guarda nacional, o que não foi bastante para que os beleguins o soltassem.

Nesta contenda de vae não vae, os policias *facilitaram* e o guarda nacional, adestrado na capoeira, *calçou o pé e plantou* a testa n'um, estendendo-o no chão em regra.

A Dulcinea do rapaz, vendo o seu tonante em apuros, saltou tambem para a rua trazendo-lhe a farda de guarda nacional e com a bayoneta em punho na outra mão foi sobre o outro aggressor.

O creoulo fardou-se, e com a sua *fórma* pozeram-se em atitude hostil contra os dous, que viram-se obrigados a capitular e fazer paz.

O *bellicoso* par retirou-se para sua casa, e foram saborear o café e o pão.

—Ahi por estas ruas tem se dado muita cousinha boa, por causa do recrutamento.

—Si forem só destes factos, passe; o peior é quando si der alguma desgraça.

—E'a quem pode tratar de evital-as.

—Na noite de 7 do corrente andara m a soltar foguetes do ar por diversas es-

quinas desta cidade individuos desconhecidos.

O que seria?

—Desconhecidos não; ao pé da botica do Barata conheci perfeitamente a um crioulo soldado de policia, que soltou um foguete. Para que fim é que ignoro.

—Não pode ser outro sinão aterrar ainda mais a população.

Hontem 18, os lyceistas foram em corporação, á palacio reclamar a soltura de um collega, que tinha sido recrutado

S. Ex. mandou immediatamente pôl-o em liberdade.

—Veja o que excogitou a gente do olho vivo para roubar:

Um dos membros da companhia, foi ao collegio Piedade procurar a directora e disse-lhe que viera do Sul, onde estevecom um irmão da mesma senhora, e apontando para um retrato que estava na salla disse, que muito se parecia com a pessoa alludida; depois de muitas recommendações, lembranças etc. que trouxera de seu irmão, disse a senhora que elle lhe tinha mandado um caixote com alguns objectos, e que ella pagara de frete 8$800 rs., que ella mandasse recebel-o por cima do escriptorio Meuron e lhe mandasse o importe.

A senhora cahiu na cilada e mandou uma escrava com o dinheiro; o tratante já estava na porta á espera, recebeu o dinheiro, fingiu que subia, e pediu á rapariga que por favor lhe fosse ao caes comprar um objecto, e nesta ida, safou-se elle.

Até hoje espera-se pelo caixão.

—Isto é sujeito que ja foi ao Sul.

—De certo.

Pelas informações suppõe-se ser um tal Viriato, insigne larapio, que ahi anda.

—O chefe de policia deve abrir os olhos com essa gente, do contrario um dia elle proprio é roubado.

—Ante-hontem 6, uma força da guarda nacional dirigiu-se ao engenho Cabrito e suas immediações para prender guardas, que estavam ausentes do serviço e a outros empregados na fabrica. O resultado foi que um destes infelizes, tendo a imprudencia de esconder-se n'uma fornalha, morreu asphixiado. Dizem que em Itapagipe tivera egual sorte outro infeliz, que se escondera n'uma profunda cisterna.

—Quantos trouxeram?

—27.

Informam-nos que foi gente pegada até a laço.

—Dia virá, em que o responsavel por tantas desgraças hade comparecer na presença do Altissimo para dar-lhe conta do mal, que fez seus patricios.

—Das galerias da assembléa provincial continuam as vaias, nos dias em que não ha sessão.

—Acho mau isso; querem reduzir o recinto augusto da assembléa a palco de theatro, e as galerias a platea. Os espectadores alli devem ser mudos e impassiveis.

—Aquelles, que não cumprem seu dever, são que a reduzem a esse triste papel.

O povo, que vê desperdiçar-se improficuamente o seu suor, o qual podia ser melhor applicado, que vê o descredito e aviltamento em que pretendem abysmar essa liberima instituição, vinga-se escarnecendo desses bastardos paes da patria.

E' o riso da mofa atirado á depravação de certos caracteres, é o ludibrio e o desprezo em troco do cynismo, com que se affronta a dignidade nacional.

—Não eu que approve taes descomedimentos.

—A propria meza da assembléa reconhece, que os deputados *puladores* são a causa de tal escandalo quando, pede ao governo uma força de 8 praças a-fim de evitar, que, das galerias, continuem a partir manifestações contra a falta SYSTEMATICA *de alguns membros da assembléa.*

—Tambem se recruta africanos para a guarda nacional!....

—Olhe que V. é um completo almanak de novidades fabulosas!

—V é que é um incredulo dos peccados.

—Pois onde viu africanos na guarda nacional? Está sonhando?. ..

—Duvida? Pois va ao forte de S. Pedro, que ha de ver la o africano Belmiro, recrutado pela policia de Santo Antonio, com praça no corpo de contigentes da guarda nacional.

—Está bom, meu amiguinho, não é preciso brigar; nesta epocha havemos de ver tudo.

Apontamentos a lapis.

SEXTA PAGINA.

.....

Mais uma desgraça á lamentar-se! mais uma miseria á deplorar-se!

Mais um cruel desconforto para o futuro deste imperio!

Mais uma triste e vergonhosa scena deslustrando o brilho, a honra, o valor e a dignidade do nome brasileiro!...

Com effeito: causa-nos estranhez, sorpreza, e até espanto vêr-se a ousadia que ainda teve o Sr. José Antonio Saraiva, propondo-se para senador, e, o que mais é, por essa provincia.

Quem diria que esse homem, cujo nome encerra em si o que de mais triste e revoltante ha, ante os olhos de toda a qualquer sociedade, chegasse e tão requintado atrevimento?

Quem diria que esse homem, cujo nome só faz reviver em nossa memoria, (si é que apagados já podem estar) os quadros mais tristes e negros, que darse podem na vida de um povo, tivesse tanta coragem, tanta audacia?

Quem finalmente diria que esse homem, que traz impresso e gravado na sua fronte, como uma nodoa indelevel, o stygma da maldição de quasi todos os brasileiros, tivesse em si tanto animo, tanta insensatez?

Por certo que ninguem: mas ahi está o proprio facto em toda sua latitude, com todas as suas provas, confirmando o que jamais poderiamos suppôr.

Ahi está o proprio facto, clamando, e bem alto, á nosso favor.

Ahi está finalmente o proprio facto demonstrando á toda evidencia o caracter desse homem, que, offuscado pelo brilho do oiro e pela ambição do PODER, sacrificou a vida dos seus concidadãos aos interesses de sua pessoa.

Assim só pratica o homem sordido e vil, o homem mesquinho, aquelle que não tem nem probidade, nem honra, nem orgulho de sua propria pessoa.

Porém não nos sorprehendamos e nem tão pouco nos admiremos do passo irreflectido e quasi que inqualificavel do nosso ESTADISTA: não, mil vezes não, porque nessa epocha assustadora e terrivel para nós todos tudo se ha de ver.

A corrupção, que deprava a certos caracteres na sociedade, a miseria que os corróe, a infamia que os avilta, a degradação que os repudia, os maus sentimentos, que d'elles se expandem, assim o permittem.

Por demais triste e deploravel que é essa situação, que nos desdobra ante a vista o mais alto gráu da depravação da moral e dos costumes....

Não extranhamos de todo, é verdade, o procedimento do Sr. Saraiva, porque enthronizado, como elle se acha, nas purpuras das grandezas, e o vicio ahi não sendo punido, conforme o cathecismo da epocha, de nada podia se receiar.

Sem consultar ou antes sem medir as forças e os recursos do imperio, declara esse homem uma guerra desastrosa.

Os brasileiros, á vista de uma tão grande loucura, soltam um desses gritos arquejantes, convulsos, arrancados do mais intimo das suas entranhas, porque, repetimos, estavam vendo o miseravel estado, em que se achava o paiz.

Com tudo não esmoreceram, não se entibiaram, e não recuaram ante o aspecto sombrio e tenebroso de uma tão grande desgraça.

O gelido sôpro da descrença e mesmo do sceptismo, que então tudo destruia, e que, qual outra lepra do abbade Prévost, em tudo se propagava, a esse respeito ficou de todo sopeado pela força da vontade e do dever.

A patria reclamava o auxilio dos seus

filhos, afim de que ella e tambem elles, não ficassem maltractados nos seus mais puros e nobres sentimentos.

A depreciação delles seria um martyrio. O opprobrio, a ignominia e a negação a mais completa do instincto e da razão ante a verdade das cousas podia ser bem interpretada, e com facilidade applicada á nos—os brasileiros.

Era occasião de partir: partiram.

Empenham-se com todas as forças.

Quaes aguias atrevidas, arrojando-se para o espaço, assim elles intrepida e denodadamente se lançam ao certamen, inflammados, como sempre, no fogo do enthusiasmo, no amor da patria, e tambem esperando pelas recompensas, que legalmente haviam de ser feitas pelo governo.

Mas a vista de um quadro tão promettedor, tão esperançoso, eis que de subito tudo se muda, se transforma e se degenera.

Os generaes, como meretrizes impudicas e devassas, vendem-se, e como estupidos e ignorantes querem á todo transe maltractar aos seus compatriotas no campo da guerra.

A prepotencia domina então: e o arbitrio sustenta-se á toda a força.

O espectaculo nas provincias é triste, desolador e pungente.

Aqui é uma filha, que não achando mais o arrimo do seu pobre pae, e nem de outra pessoa, que a possa soccorrer, atira-se ao torpe e immundo lodoçal da prostituição.

Alli é uma esposa, que perdendo o esposo, que heroicamente morrera no campo da guerra, em prol da sua patria, vende-se e portanto lança-se no caminho da perdição e da deshonra.

Mais adiante é uma scena ainda mais pungente e dolorosa. E' uma dessas scenas, um desses quadros que compungem e entristecem ao coração mais impedernido e mais corrupto.

E' um desses espectaculos lugubres e enternecedores, que nos arrancam instinctivamente lagrimas de dôr, de compaixão e de vergonha.

Sim, porque nada mais pungente e digno de lastima ha, que se compare com uma porção de homens, inteiramente inuteis á sociedade.

Pelas ruas quotidianamente estão se vendo esses homens: uns com os braços cortados, outros sem pernas, esmollando a charidade publica, porque o governo nada faz a esse respeito.

Esses proprios homens, a vez, passam com as lagrimas nos olhos, e a todo custo querendo suffocal-as.

E ainda a guerra continúa, e já tantas desgraças!

Mas ao passo que tudo isso se dá, o causador de tão grande, quão pernicioso desastre anda pela Europa, fruindo dos prazeres e gosos, que sóem desfructar os que não têm mais na fronte um seitil de v.....

E ha quem ainda vote nesse homem fatal e egoista!

E ha quem ainda queira collocar no fastigio do poder semelhante homem!

Não o accreditamos.

Agrippa.

A PEDIDO.

—Ha cerca de tres semanas, que uma pobre mulher banhada em lagrimas, se foi lançar aos pés do Sr. Dr. chefe de policia, queixando-se de que o portuguez Antonio Ribeiro Moreira, abusando infamemente da inexperiencia de sua filha, de edade de 12 annos, a seduzira e deflorara, e que ella, havia alguns dias, inutilmente pedia justiça, sem que fosse attendida.

S. S. respondeu-lhe que so n'aquelle dia tivera noticia do caso, por lel-o no *Alabama*, porque o Sr. delegado não lh'o tinha participado, e prometteu-lhe que ia providenciar.

No outro dia voltou ella, e S. S. disse-lhe que estava atarefado com o recrutamento, que voltasse depois.

Entretanto, vinte e tantos dias são passados, e a mais leve providencia ainda não se tomou!

Não parece que se procura cegamente proteger a esse portuguez?

Será elle tambem da seita spiritica?

Não terá essa pobre mulher a seu favor o art. 73 do codigo criminal?

Porque ao menos não, mandou o Sr.

Dr. chefe de policia vir a sua presença esse estrangeiro?

Porque não mandou proceder incontinente a um exame na offendida?

A principio não poude a queixoza mãe passar da salla do Sr. delegado, ante quem ficava esbarrada a sua queixa; depois, quando consegue penetrar até a secretaria do Sr. chefe, é acalentada com promessas, que parecem illusorias.

Entretanto o tempo vae passando e o facto cahindo em esquecimento!

—Ainda está em tempo, si elle quizer, de remediar o mal.

—E é o que eu desejo ardentemente do illustrado Sr. Dr. chefe depolicia.

Revista-se elle de um pouco de energia e faça com que a lei seja desagravada, fazendo justiça a quem a tiver, para que depois não se diga que sua inacção concorreu para perdição de uma infeliz.

—O Sr. Dr. chefe de policia dotado, como é, de um coração benevolo, ha de attender a isso, ficai certo.

—Mesmo para não sanccionar o que disse certa authoridade policial subalterna á mãe da offendida, que o que ella tinha mais contra si era consentir que o *Alabama* tivesse publicado o facto.

—Como é que o *Corta-ferro* tem 6:000$ rs. para comprar uma casa, si ainda ha pouco vendeu uma imagem do Santo Christo? Onde os acharia elle?

—Não sabe? Na inexgotavel mina dos Voluntarios.

—Sabe quem quer ser professor?

—Quem é?

—Marcos Rabeca.

—Quem! aquelle biltre que mal assigna o nome?

—Isso não é nada; os precedentes que elle tem, é que são a cousa.

E' desordeiro, já deu uma facada, tem sido accusado de pertencer ao olho vivo, já até lhe tiraram a aba do casaco n'um dia em que elle fazia uma esperteza, è capadocio de chapa, e no entanto quer ser professor.

—Não creia.

—O caso é que anda com um masso de attestados, falsos ou verdadeiros, a mostrar por ahi. Tem attestado até de geographia.

—Só si elle aprendeu com a pata que o ha de pôr.

—Bem se diz que macaco quando se coça quer chumbo. Aquelle bobo tanto procurou que achou.

—Quem, o Dr.?

—Elle mesmo.

—O que foi?

—V. não sabe o que aconteceu-lhe em Itapagipe!

—Não.

—Pois lhe conto.

O tal filho de Hypocratis quiz se fazer de Adonis para com uma honesta senhora casada; a principio, ella pouca importancia deu as *foscas* do desfructavel lorpa e olhava-o com desprezo; porem tornando-se elle pertinaz, viu-se ella na necessidade de communicar ao marido; o qual disse-lhe que o mandasse entrar.

O doutorete comeu a *ingá* e cahiu na redonda asnei a de transpor o lar nupcial, e foi logo sem a menor ceremonia pondo-se a fresco.

O esposo, com mais dous amigos, munidos de vergalho, apresentaram-se então e refrescaram o bom do Galeno com uma boa fomentação de casca do boi e depois obrigaram-no a montar, em fralda de camisa n'um burro magro, e la se foi o pobre palhaço.

—V. descobre cousas!

—Eu não vi; porem o *Andrade*, affiança-me que viu.

—Sr. *João Baptista*, tenho visto muito homem sem brio, mais como aquelle *Giru-grande*, não!

Aquelle trampolina encher o buxo todo dia com minha cerveja, que eu em boa fé lhe fiava, e agora não me querer pagar!

Receber o dinheiro da mão do Sr. Amaral para entregar, e descaradamente comel-o!

E não dá o menor cavaco o safado mulatinho!

—E V. hade ver a impafia com quo

anda na rua esse industrioso tratante.

—Elle não me paga, mais o muxinguciro do *Alabama* da cara lhe tirará o meu dinheiro.

—Tambem, é a maneira porque V. pode cobrar.

—Vejam o cynismo e descaro, com que aquelle depravado prebendado mette-se alli na pharmacia a *recrutar* as creoulas que passam!

—Não se admire disto; peior é quando elle a noite enfronha-se no p litot de riscadinho e vae para o adro do collegio *pescar*.

—Nesse caso mais escandaloso é que elle pratique essas libertinagens e devassidões dentro do templo.

—Tambem não é elle só que faz *peccado contra a natureza* dentro do templo; ha outros que fazem o mesmo. Um *feliz* conheço eu que mette uma creoula conhecida por *quartos moles*, nos quartos do corredor.

—Porém nenhum como o *Ciri*. Esse coroado é o supra-sumum da impudencia.

—Não sei si elle ainda costuma incafurnar-se n'um callogi por baixo de uma escada na ladeira d *Terceira Ordem* com uma tal Ignacia Desgraça da Terra.

—Não; o Manuel Virota, tirou-o do lance.

Agora é a negra das pinhas e a creoulinha que vae buscar agoa no chafariz.

—E a Margarida?

—Essa não o deixa.

A poucas noites deu-lhe bofetadas a valer na porta de mestre Firmino.

—E' uma vergonha para a classe a que pertence, semelhante cousa ruim.

—Em nome da ordem, pede-se aos Illms. Srs. chefe de policia e commandante do corpo policial, que retirem da incumbencia de recrutar a um cabo do mesmo corpo, conhecido por Garibaldi, o qual, entre os seus companheiros, prima pelos excessos que commette, fazendo garbo disso, e tendo o arrojo de dizer publicamente, que, em quanto o Sr. capitão Constantino si der em casa da sua tia, elle fará o que quizer, sem que nada lhe aconteça.

Além disso, parece' que ha precedentes contra esse homem.

E, para evitar conflictos, espera merecer esta graça

Um amigo da ordem

VARIEDADE.

—Da *Saudade*, jornal que se publica no nosso acampamento em Tuyuty, copiamos o seguiate:

A TERRA.

A terra è uma credora impiedosa....
—Si à triste humanidade dá sustento,
Com a morte associada, em certo prazo
Do triste abono quer o pagamento.

So impresta com usura—si nos nutre.
E' para a nossa custa se nutrir;
Nos somos o seu gado, o seu viveiro,
Dá-nos vida, p'ra melhor de nós fruir.

Mas, isso é lei do fado; eu não me queixo
Nem da morte tambem posso fallar.....
O meu odio é co' as *Febres*, Typhos, Choleras
Caixeiros que nos vem incommodar!

Ha dias, veiu em casa a *Erysipella*,
De *Terra e Morte* apresentar-me a conta;
Eu pagar-lhe não quiz e enfurecida
Com a fouce fatal quasi me *aponta*!

E quando algum caixeiro bate a porta,
De um rico paco—ou da choçasinha,
Diz logo; — *deita* senhor sinão *aponto*,
Tratado queiro ser so a galinha

Guerra, pois a tal forma social,
Caixeiros, cobradores—sempre guerra!
Vivamos no prazer, sem nos lembrarmos
Que *uma divida fatal temos com a terra*.

Gomes dos Santos.

COUSAS FACEIS E DIFFICEIS.

A cousa mais facil que ha, é ir uma moça á missa.

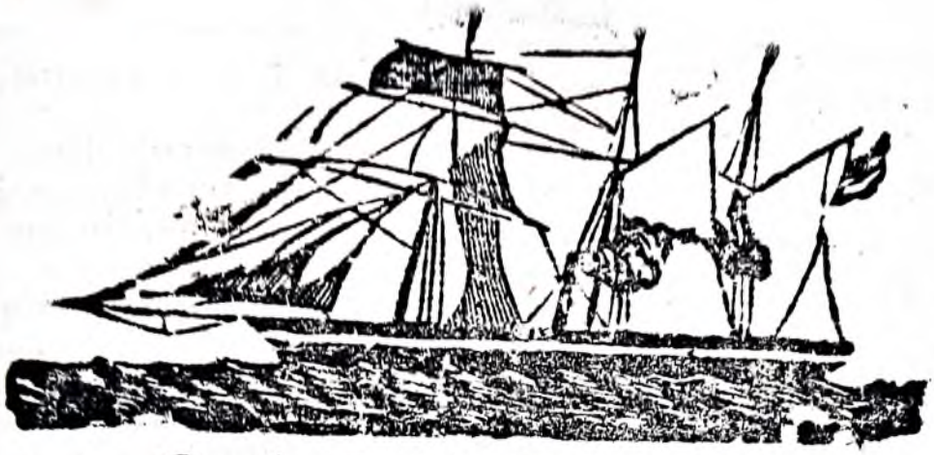
A cousa mais difficil é que ella a ouça com a verdadeira attenção.

A cousa mais facil que ha, è ver-se uma moça com a cintura delgada.

A cousa mais difficil, é achar algumas que isso não devam á—virtude—de seu espirito.

A cousa mais facil que ha, é levantar uma calumnia.

A cousa mais difficil, é sustentar uma mentira.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 11 DE ABRIL DE 1867. SERIE 1.ª—N. 188

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de abril de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que mande dar um destino qualquer a um preto velho maniaco, que aposenta-se nos arcos da cadeia, o qual, phantasiando que está commandando batalhões, dando ordens, brigando, etc., atira pedras ao accaso; o que pode ser de algum prejuizo a quem anda pela Praça, e por isso espera-se ser attendido.

—Ao Illm. Sr. tenente coronel commandante do batalhão 110, participando-lhe que ha um clamor entre os guardas do seu batalhão, queixando-se de que estão a completar dous soldos sem que vejam vintem, o que é para elles uma calamidade, por terem necessidade de se apresentarem limpos no serviço, e as lavadeiras e engomadeiras não fiarem; além de outras privações que passam.

Nestas circumstancias recorre-se a S. S. para que envide seus esforços, como digno commandante que é, afim de que os referidos guardas sejam pagos.

—Como é que uma pobre mulher, sem recursos, ha de pagar 2$ rs. a um saverista, todas as vezes que quizer ver seu marido preso no Forte do Mar?

Como uma afflicta mãe poderá ter o consolo de, ao menos, ver o objecto de suas santas affeições, em quanto não o mandam pela barra fora, si não tem meios com que possa transpor o espaço que delle a separa?

Para que martyrisam assim os ja lacerados corações de tantas mães, esposas e irmans!

Que dor pungente não é olhar para a masmorra, onde, sem culpa, está encerrado o ente querido, não poder chegar a abraçal-o, porque a sorte precaria não lhe facilita os meios?

Parece que se tem gosto em excitar as lagrimas da desgraça e plantar a consternação na população

E' uma crueldade, na verdade.

—Homens, que tem isempções, casados com filhos, são alli desterrados, e só depois de mil esforços, de mil sacrificios da familia, mandam-nos soltar.

—Si não está provada a aptidão de um individuo para o serviço, como o segregam tão barbaramente naquelle ingrato desterro, longe da presença de sua familia?

—Quantos lá não ficarão, neste caso!...

—Por que o fim é esto mesmo impossibilitar os meios de cada um mostrar sua isempção.

Que apparato militar é este? Uma turba de soldados, em roda do theatro!...

Será para prender os chefes de alguma conspiração, quando acabar a representação!

—Não; é para recrutar.

— Recrutar! pois recruta-se no theatro a quem vai assistir o espectaculo?

— Querem prender aos empregados d'ahi; porem ja estão dadas as providencias para elles dormirem no edificio e sahirem de madrugada.

— Tenho que contar; o theatro de S João cercado na noite de 6 de abril, para se recrutar a quem for sahindo!

—Não se admire, porque o theatrinho de S. José, pertencente a uma sociedade de moços todos com isempção, e onde só vae familias, foi tambem cercada uma noite destas.

—As cousas, no caminho que vão, vão muito bem.

— Além de queda, couce!

— Si tem alguma cousa, va dizendo.

— Os pobres guardas nacionaes tirados para marchar, alem de desterrados na corveta, ha dous soldos que estão olhando ao signal. Isto é cruel.... De uma hora para outra, dá-se uma ordem de marchar; e ficam mais estes cobres nos cofres para as *urgentes* necessidades do Estado.

—A nação não tem necessidade de pregar calotes a seus servidores Ha de pagar; é mais um pouco de demora.

—Eu tenho visto voltar gente da campanha com 11 mezes de soldo atrazado, quanto mais quem vae d'aqui embirado.

—Como se constrange por uma maneira tão descumunal a liberdade individual!

Como se tyrannisa tão insolitamente o cidadão no seu mais inviolavel e sagrado direito garantido pela Constituição!

—Que está V. ahi a blaterrar, homem?

—Si eu não tiver razão diga.

Eloy Pedro de Santa Barbara, guarda do 16º de caçadores, marchou com o seu corpo desta provincia para o sul, e de la voltou, trazendo sua excusa do serviço militar, tendo servido 6 annos. E' recrutado pela policia, vae a presença do chefe, apresenta os documentos que tem a seu favor, e S. S. não está pelos autos.

Si uma baixa dada pelo quartel general, com todas as formalidades, não merece fé, é melhor ra-gal-a.

—E marcha para o sul, outra vez?

—Depois de vinte e tantos dias de prizão sem ter commettido o menor crime, soffrendo mil privações, o Sr. presidente o mandou soltar.

E não é so esse individuo que assim tem sido violentado, innumeros: o *Phanol* ha pouco citou um.

A lei authorisa semelhantes attentados?

—E o Sr. o que tem com os trabalhos dos outros? Cuide nos seus, que não são poucos.

—Entre as *especialidades* que vêm constantemente publicadas nos actos officiaes, ha o seguinte officio:

«Ao juiz municipal e de orphãos do termo do Conde—Remetto a Vm., por copia, o incluso aviso do ministerio da justiça, de 8 de outubro de findo, afim de que Francisco Xavier da Costa, tabellião do judicial e notas d'essa villa, solicite do governo imperial *a graça* de ser declarado vago o seu officio, com obrigação de lhe dar o seu successor a terça parte dos rendimentos, segundo a respectiva lotação; informando Vm., outro-sim, relativamente aos seus bons serviços e falta de outro meio de subsistencia, nos termos do decreto nº. 1,274 de 16 de dezembro de 1853.

—Esta é boa!

Que um individuo por imcapacidade physica, ou outra qualquer circumstancia, seja destituido de seu emprego, ou se veja na collisão de resignal-o, bem; porém que seja coagido a pedir sua

exoneração ao governo *como uma graça*, é cousa que não comprehendo!

—Será verdade que João Marques Fiusa, remettido pelo batalhão de Santa Anna, foi julgado apto para o serviço, sem ter soffrido a conveniente inspecção?

—E' impossivel.

—Porém dizem

—Si dizem é porque sabem.

—E não é lá cousa de admirar, á vista disto que se lê nos *requerimentos despachados*, pelo governo.

«Domingas Maria da Conceição; pedindo que seja inspeccionado de saude seu filho Trasybulo Diego Teixeira, que fôra designado como contingente do 4 ° batalhão da guarda nacional.—NÃO TEM LUGAR o que requer »

Assim como se rouba a este os meios, que tem a seu favor, para isemptar-se; tambem é provavel que arbitrariamente obriguem aquelle a marchar sem os tramites legaes

---

—Pobre Brazil! Misera nação! Infeliz imperio! Em que abysmo te querem precipitar?.....

Que males restam ahi, que não tenhas tragado na amarga taça da desgraça?

A pobreza em teu thesouro; teu povo na miseria; o sangue de teus filhos derramado; victimas sem conta immoldas aos caprichos, á inepcia, ao egoismo, á ambição e ao orgulho de meia duzia de homens!

No excesso de tantos soffrimentos, na intensa dor, que actualmente confrange todos os corações brazileiros, no profundo arrebatamento do sentimento natural, que a todos alucina pela perda do pae, pela morte do filho, pelo captiveiro do irmão, pela ausencia do amigo, pelas lagrimas das viuvas, pelo carpir das donzellas, pelo chôro da orphandade, pelo crepe, que hoje enluta o paiz, nos transportes de tão profunda dor e intimo sentimento, que fazer?!

Bradar, bradar, e bradar em altas vozes contra o fatal causador de tantos males.

Um brado, um brado de indignação, um voz suprema de execração contra quem por sua ambição, por seu orgulho, por seu egoismo, nos precipitou no pelago de tantas desgraças, como as em que hoje se acha submergido o infeliz Brazil; maldição contra quem, devendo cuidar na defesa do paiz, no exercito, nas fortificações e na marinha, que são os garantes do respeito em todo o mundo, de tudo se esqueceu para lembrar-se sómente de si, de sua elevação exclusiva, á camara baixa, ao ministerio, ao conselho de estado, á diplomacia e ao senado!

Maldição sobre quem a todo transe quer ter o supremo direito sobre todas as classes inferiores, vivendo ao mesmo tempo do trabalho, do suor, do sangue e de todos os sacrificios d'essas mesmas classes, que até hoje tem vivido entregues ao desespero e completo abandono, sómente d'ellas se lembrando para fazer eleições, pagar tributos, accossal-a, perseguil-a, recrutal-a, prendel-a e mandal-a para o matadouro do sul, para o açougue do Paraguay, em que tudo é soffrer, tudo é penar!

Qual será o genero de morte, de que, no terrivel flagello da guerra actual, nos inhospitos, nos malditos campos do Paraguay, não tenha fallecido o pobre, o brioso, o valente soldado brazileiro? Afogado, de peste, de fome, de guerra, fulminado de raios, abrasado por torpédos, tudo, tudo alli tem aniquilado por honra e gloria, de quem é causa do todas essas desgraças, sendo apenas mais feliz de tantas victimas quem fica sem braços, quem fica sem pernas, quem fica sem olhos, em summa; quem fica mutilado, cego, torto ou alejado, pois ainda lhes resta vida para conhecer de experiencia propria, em quanto existir, a quantos males, a quantas desgraças, a quantos horrores um máu governo, recalcitrante e corrompido, pode impellir o paiz, cujo povo tem a indolente condescendencia de supportar por tantos annos quanto tem soffrido o infeliz povo brasileiro.

—O sangue de tantas victimas, que tem sido sacrificadas, brada e pede justiça aos ceus contra a stultice de quem

trouxe a desgraça a uma nação inteira.

E invocam o patriotismo do povo brasileiro, como si esse pobre povo tivesse patria!

—Mataram o exercito, disprestigiaram a classe militar, enfraqueceram a marinha e debilitaram o povo, desarmaram as fortalezas, deixaram cahir as fortificações, desmoralisaram o paiz, abandonaram as fronteiras, deixaram o inimigo entrar, e agora o povo que vá expor o peito as ballas, e ás granadas, ás bombas, aos torpedos, para defender o paiz.

—E pela nobresa e generosidade, com que elle responde ao appello de sangue, que lhe fazem, mandam-no amarrado ao matadouro do Paraguay.

. . . . . .

(*Extr.*)

—No domingo ha no Passeio publico concerto. Duas bandas de musica vão tocar escolhidas e brilhantes peças, das tres horas da tarde em diante.

—E' beneficio, não?.

—E' verdade; mas um beneficio justo e louvavel. Em soccorro de um veterano invalido, mutilado de feridas, que adquiriu no campo da honra em defeza de sua patria, e de mais a mais paralytico, com uma pesada familia.

—Bem; sendo assim, é digno da generosidade do compassivo publico bahiano.

Eu pela minha parte lá irei.

O preço?

—500 rs.

A PEDIDO.

—Ouça: um certo official,
Que uma guarda commandava,
Metteu-se n'um botequim,
E a vontade mamava.

Entripan lo o mocotó,
Embuxando o figueira,
Deixou'a guarda a matroca,
Por causa da mamadeira.

—Me diga, esse official
A que batalhão pertence?
—Que descubra esse segredo
Nem por sonhos V. pense.
Deus me livre que lhe diga.....
Por *Santa Anna* não o faço;
—Pois diga onde era a guarda;
—Foi la na guarda do *paço*.

—E qual foi o botequim,
Onde fez tal desatino?
—Não sei, não; si quer saber,
Saia e pergunte ao Lino.

—Diga ao menos um signal,
Eu lhe peço por favor;
—*Mel la no* fundo da casa
Se dá a quem tem calor.

—Muxingueiro, sahe por abi á cata do *Guilherme*.

—Qual *Guilherme*? Um que se jacta de ser neste *mundo forte* cousa?

—Este mesmo. Diz-lhe que deixe de andar pela rua feito lagartixa, batendo com a cabeça e olhando para as janellas do 1.º andar da casa 36—D e 2.º 5.

Assim tambem, que não faça *rapapés* ás meninas da rua dos Pelouros, que isso não assenta n'um homem casado; no que dá desgostos á sua mulher, que vive bem desconsolada.

E si elle recalcitrar mette-lhe a taca.

—Vou ja, meu capitão.

—O' muleque, dá cá pasteis!

—Aqui está, Sr.

—A como são?

—40 rs.

—Toma.... toma.... não os quero nem de graça.

—Porque Sr?

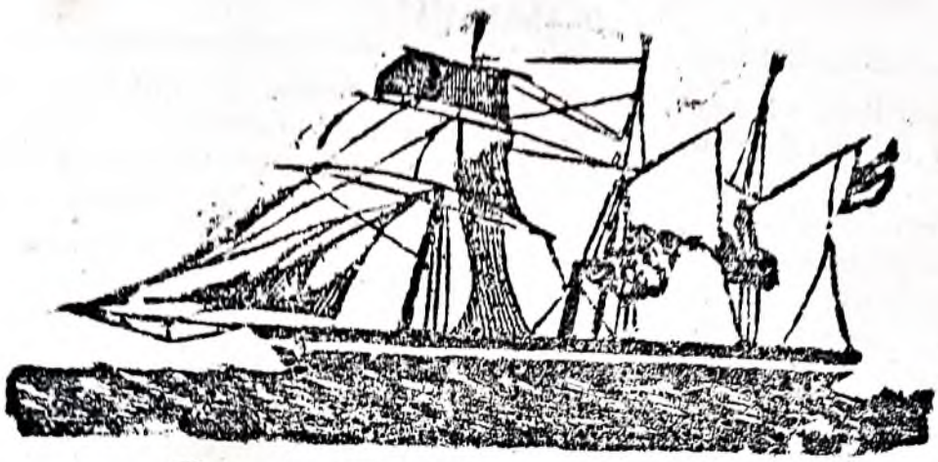
—Pois ha quem mande um moleque com cada chaga destas, com a roupa emmaterada, vender pasteis? Isto faz lançar.

—Vm. é o primeico, que recusa pasteis que Philippe faz.

ANNUNCIOS

Nesta typographia se dirá quem precisa de um creado para o serviço de vender na rua, pagando 20$ rs. mensaes.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 13 DE ABRIL DE 1867. SERIE 19.ª—N. 189

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Al bama* 12 de abril de 1867.

Não houve expediente.

—Que vergonha!

No dia 10, desembarcaram na ponte da companhia Bahiana quatro homens acorrentados, além de muitos outros algemados, remettidos como contingentes da guarda nacional, que tem de marchar para o sul.

—Que miseria! E vivemos n'um paiz que se diz regido por instituições livres!

—Tiraram-lhes as correntes na porta do escriptorio da companhia, envergonhados, talvez, pelo clamor geral, e pela vehemente reprovação, que de todos os lados partia, principalmente da gente estrangeira.

—Veja si entende isto:

«Anna Maria da Conceição, pedindo o prazo de 10 dias para provar a isempção que tem do recrutamento seu marido Manuel Ignacio Ferreira.—PROVE O QUE ALLEGA.»

Pode me dizer o que è que mandam a pobre mulher provar?

Que é casada, não pode ser, porque isso ella hade mostrar, quando exibir a isempção de seu marido, sem o que não pode fazel-o. Que diabo será então que tem ella de provar, para poder merecer despacho n'um simples requerimento?

—Quer saber? Com estes impecilios e outros, a cousa vae se dilatando, e n'um dia chega o vapor que tem de levar o homem e la se vae elle com Deus.

—Si é isto bem. Porém achava melhor que fallassem logo claro a' pobre mulher para ella não estar a perder sous passos.

—Está nomeado presidente do Rio Grande do Norte o Sr. Dr. Gustavo!

—E' verdade; por signal que *S. Ex.* ja mandou fazer seu fardão.

—E a respeito ouvi dizer, que *S. Ex.* recommendara ao alfaiate, que no peito não queria ver panno, sinão em quanto passasse a agulha, o mais queria galão.

—Assim como, que dando-lhe os parabens um dos directores das machambombas, lhe offerecera um coche novo, para o dia do seu embarque; porem que *S. Ex.* agradecera, dizendo que queria ter o prazer de ir a pé até o arsenal, para ver seus inimigos morderem-se.

—O que será deste consternado e

afflicto povo, si Deus em sua bondade não estender sobre elle a sua misericordia!

— Soffremos o flagello da guerra com suas terriveis consequencias: o luto, a miseria, a prostituição, e a orfandade são seus legados.

A fome, como consequencia da guerra, ahi está, esqualida e atterradora, infundindo o desanimo e o desespero em todos os semblantes; o nefando recrutamnto é o agente de que se serve para a realidade de tão devastadora praga.

Agora é a peste que com todo o seu cortejo de horrores nos bate a porta, e ameaça exterminar este attribulado povo.

— A este respeito honra seja feita ao governo, que tem tomado serias medidas

— Ja ha quem diga que tem se dado casos, e ha poucos dias um medico diagnosticou como causa da morte de uma menina a cholera morbus.

Si a Divina Providencia não se condoer deste miserando povo, não sei o que será.

— Nao se afflija tanto. Si Deus n'uma mão, tem a espada da justiça para punir os desvios dos peccadores, na outra, traz a balança da clemencia para attender aos clamores de seus filhos afflictos, como pae benigno que é.

— Diga-me si isto não é um attentado contra o direito de propriedade.

«*Requerimentos despachados pela presidencia no dia* 6.— Fortunato José de Andrade; pedindo que seja posto em liberdade seu escravo, pardo, de nome Malaquias, que foi preso por praças do 1.° batalhão de infantaria, e se acha retido como recruta do exercito.— Prove concludentemente o que allega, para o que concedo o prazo de *quinze dias*.»

De maneira que si no praso de 15 dias não se poder provar o dominio, si for preciso, por exemplo, um documento que esteja n'uma distancia á 15 dias de viagem, perde-se o direito á posse do escravo.

— Quem lhe disse?

— Ao menos, é o que se concebe da limitação do praso.

Por ventura não è licito ao cidadão, em qualquer tempo, mostrar o direito que tem sobre sua propriedade? Como se lhe arbitra um praso?

— Enganou-se. Isso são descuidos na maneira de redigir os despachos.

— O corpo provisorio de policia deu 60 homens, para fazerem parte do contingente de *guardas nacionaes* destacados, chamados ao serviço da guerra pelo decreto n.° 3,809, os quaes, escoltados pela mesma policia, embarcaram hontem 10.

— Me parece que isto é um arbitrio, um abuso do poder, não só porque a lei, que creou a policia, diz que ella é exclusivamente para o serviço da provincia, como porque a policia não é guarda nacional.

— Isso lá não sei; manda quem pode. Tive pena da surpreza que fizeram aos pobres guardas, que desapercebidos, não esperavam por essa *fatiota*.

Alguns embarcaram sem despedirem-se dos seus.

— Aposto que o Garibaldi ficou?

— Porque não? Si elle diz publicamente que tem por si o Sr. capitão Constantino por ser da amisade de sua tia?

— Na tarde do dia 10 o crioulo Modesto, levado talvez por ciumes, deu em sua amazia Maria das Mércez 15 facadas, que a mandaram para a outra vida, e poz-se ao fresco.

— Ja foi preso em Itapagipe.

— Cahiu na asneira de se deixar prender?

A policia, que não ouviu os gritos da victima, quando era esfaqueada, logrando o assassino consummar seu intento, sem obstaculo, é bem provavel que andasse como *cabra-cega* em descobril-o si elle tivesse mais um pouco de pericia em occultar-se.

— A Calçada do Bomfim é um dos logares nesta cidade onde a gente do olho-vivo com mais frequencia desenvolve a sua industria.

Em uma noite só roubaram um burro do Sr. José Alves Rodrigues da Cruz, foram á cocheira das maxambombas safaram um selim e ao quintal do Sr. José Machado Guimarães, onde desbastaram tudo quanto foi artigo—gallinhas.

Porque o Sr. presidente da provincia não põe termo a tantas arbitrariedades e excessos que estão ahi a praticar com a capa do recrutamento?

Homens que ja acabaram o seu tempo de serviço militar, garantidos por uma baixa, são presos escandalosamente e coagidos a assentar praça de novo, voluntarios, que acabam de voltar do sul, são violentamente agarrados e remettidos por este ou aquelle batalhão da guarda nacional!

Para se tirar uma vingança, prende-se o escravo do eleitor, que não quiz se curvar a votar na chapa que lhe impozeram, e quando elle reclama, manda-se-lhe que prove o dominio, oppondo-se-lhe mil tropeços e embaraços!

Pelo mesmo motivo recruta-se o casado e o viuvo, onerado de familia e os infelizes jazem encarcerados n'uma masmorra por muitos dias, em quanto sua familia, ao desamparo, lucta com a feme e o desespero!

O *Diario da Bahia* vem todos os dias recheiado de requerimentos nesto gosto:

José Ferreira do Amaral; pedindo que seja dispensado do serviço da armada, onde se acha recrutado, por ser casado com filhos e arraes de embarcação.

João Pires da Silva; pedindo para ser desembarcado de bordo da corveta *D. Januaria*, por ser casado e ter filhos.

André Aleixo da Costa; pedindo para ser posto em liberdade por ser casado e ter filhos.

Caetano Thomaz de Mello; pedindo dispensa do serviço do exercito por ser viuvo e ter filhos.

Anna Maria da Conceição; pedindo que seja dispensado do serviço do exercito seu marido Manuel Ignacio Ferreira.

Theodora Maria de Santa Izabel; pedindo para ser encaminhado ao governo imperial seu requerimento, em que pede que seja dispensado do serviço da armada seu marido João Pires da Silva.

Manuel Demetrio de Souza Guimarães, pedindo que seja posto em liberdade, por ja ter sido excuso do serviço do exercito em virtude de molestias que padece, e não ter sido qualificado no 4º batalhão da guarda nacional, donde fôra dado como contigente.

Victor Teixeira do Maciel, recrutado para o serviço do exercito; pedindo dispensa do mesmo serviço, por ja ter sido praça do batalhão n.º 22 de voluntarios da patria.

Ruth Maria Leodora; pedindo que seja dispensado de marchar para o sul seu marido Geraldo Juvencio Zeferino, que fôra dado como contigente do 1.º batalhão de infantaria.

Eugenio Dias da Costa; pedindo um praso para provar sua isenção, por ser casado com filhos.

—Mas todos estes individuos não tem sido attendidos?

—Depois de soffrerem uma prisão nunca menor de vinte dias.

A PEDIDO.

Lê-se no *Diario da Bahia*.

«MAIS UMA VICTIMA.

«Previno a certo boticario, que não se importe com a minha vida privada, em prejuizo seu e da *moralidade* de sua familia, pois tranquillo e humilde no meu emprego o desprezo; ao contrario terei de publicar seu nome, para sciencia do publico.

O zelador da egreja da Saúde

—Amanhan ha sempre o concerto no Passeio?

—Ha. V. vae?

—Porque não? Eu gosto sempre de contribuir com o meu tenue concurso para valer á afflicção.

—Como V., estou certo que ha muita gente; e o beneficiado deve esperar do charideso povo bahiano uma extraordinaria concurrencia

—Assim seja.

—Capitão, a Jesuina Velleira está em achas, porque melteram o nome della no *Alabama*.

—Que va se aguentando.

—E furiosa, disse que não dava cavaco com pasquins, porque elles não a desmoralisavam.

—E não mentiu; porque ha muito que ella é immoral.

—E que isso do gazetinhas, eram papeis sujos que servem para a gente se limpar.

—Melhor seria que ella usasse de cascas de ostras.

E no mais não me roube o tempo com banalidades. Ella e o Pimentel, que se avenham, na sua negociada.

Elle que róa seu osso molle.

—Molle! duro como um chifre.

—Pois o creoulo da fabrica, amazio dá Andreza, não o disse assim.

—Isso é porque elle achou carne, porem agora.....

—Sabe? acabe com isso, que è inconveniente; ou osso duro ou chifre, deixe o Pimentel chupar quantos quizer.

—Bebé não podia deixar de ser um dos primeiros a uivar contra o administrador!

Forte cão tinhoso!

—Aquelle rafeiro, foi um dos que mais servilmente lamberam as plantas do homem,e agora que elle volta as costas, ladra açuladamente contra elle.

—Deixal-o rinchar; quem o viu, para servir ao homem, a primeira vez que aqui esteve, esbaforido como um cavallo a procura de um moço do conhecimento do mesmo, que lhe faça justiça agora.

Definição dá mulher.

A mulher é fructa amarga,
Mulheres são maus bocados,
A mulher só dá ao homem
Momentos desventurados.

Mulher é flor asqueroza
Onde rescende a vileza...
A mulher com seus arrufos
Aos homens causa tristeza.

A mulher so tem espinhos
Que causam agros tormentos;
A mulher só eu comparo
Com reptis peçonhentos.

A mulher em muitos casos
E' objecto de horror;
A mulher como eu entendo
Está bem longe da flor.

A mulher desgosta ao homem
Causando pezar e ancia;
Tem os espinhos da rosa,
Mas não tem sua fragancia.

A mulher não dá consolo
Ao homem, em suas desgraças;
A mulher não tem em si
Gestos, encantos, e graças.

E o mais charos leitores
Eu não vos posso dizer,
Pois não quero que mais odio
Ellas de mim venham ter.

MOTTE

O amor da moça pobre
Pega mais que o alcatrão.

GLOSA.

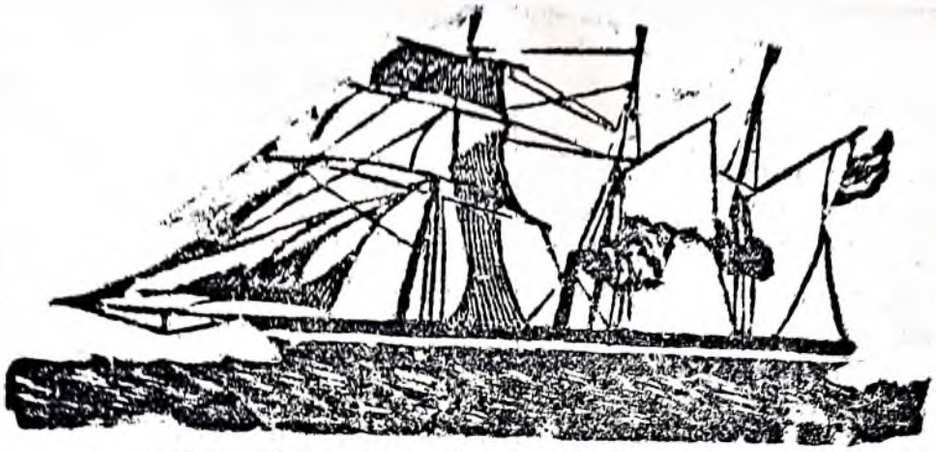
Si um rosto gentil encobre
Da pobreza o rigor,
Excita tormento e dor
O amor da moça pobre.
Seja bella e seja nobre
Sem dinheiro, perfeição
Existir não pode não;
Ninguem se deixe illudir,
Que o amor sabe attrahir,
Pega mais que o alcatrão

M. N. dos Santos.

Somos informados de que uma pessôa assaz habilitada,está promovendo meios para abrir uma aula de musica na qual facilmente se possa aprender qualquer instrumento,inclusive o piano,mediante a quantia de 5$ rs. mensaes. Sabemos que os Srs. professores Joaquim Torres e Celestino Amancio de Carvalho Matta estão contractados para leccionarem n'essa aula,que será inaugurada no dia 3 de maio proximo vindouro sob a denominação de Club Musical Bahiano.

Consta-nos ainda mais que a aula a que alludimos, terá um ou mais pianos a disposição dos aprendizes. Oxalá que tão boa ideia não seja menos-prezada, o ao contrario vigore como nós sinceramente desejamos.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 16 DE ABRIL DE 1867. SERIE 20.ª—Ns. 190 e 191

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de abril de 1867.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Domingos Rufino da Cruz; offerecendo-se para abastecer a cidade de ratos inglezes ao preço de 2$500 rs. o cazal. —Informe o Chetas da venda do Xixi, por ja possuir um cazal desses roedores.

—Uma terrivel desgraça a lamentar.

—Alem de tantas!

—No sabbado, na ladeira do Taboão, cahiu do 4.º andar de um sobrado uma creança, esmigalhando o craneo sobre as pedras!

—Coitadinha! Tambem as vezes certas condescendencias mal entendidas da parte dos pais são causa de deploraveis catastrophes.

Correspondencia encyclopedica do «Alabama.»

CORTE 7 DE ABRIL.

Capitão, apite à *manobra*,
A' *postos* a guarnição,
Mande feixar *escotilhas*;
Que o tempo *muda*—a feição.

Sem mais tirte nem guarte, é o que resulta das observações—astro-politicas—que do meu *observatorio* tenho feito. Fallo-lhe claro: receio que as *agoas turvas* do Norte, em lucta com as *mangas* ameaçadoras, que de cá correm, não deem em resultado alguma *tempestade*, que, quando nada, obrigue o *chaveco* a *capear* de largo.

E' tanto maior, meu receio ainda, porque vejo que a *Constituição*, navio possante e salvador em outras eras, hoje, roido pelo *busano*, está inservivel; e bem que caso della ja não façam, com tudo corre, que o governo a quer *destruir* de uma vez.

Quanto a mim caro capitão, si bem, longe da *campanha*, não cesso de pegar-me com a Santa Virgem dos Navegantes e o Bom Jesus dos Afflictos, para que, acalmando o *sud'oeste*, que tão rijo sopra, e amainando as ondas encapelladas, ponha ao leme da náo um *timoneiro*, capaz de salval-a; conduzindo o navio, conforme as *conveniencias*, porque, do contrario, me parece vai dar em *vaza-barris*.

Não vai bem, capitão, o negocio; a athmosphera está carregado, pela aglomeração dos elementos, qualquer calor mais e.....

Capitão, não vai bem o....

Eu por mim, assim o julgo, e por isso digo sempre:

Valei-nos, oh Mãe Santissima,
Em tão cruel afflicção;
Sede vós, a nossa Guia
Ao porto da salvação.

Por baixo, entretanto, desse *aguaceiro* de desgraças, que nos vem do sul, e dessa *cerração,* que turva as aguas e põem tudo tonto, procuremos ver si lobrigaremos o que vai por terra. Pelo que, sei digo:

Riam-se lá, si quizerem;
Quem o faz, faz da desgraça:
Mas, lembrem-se—Deus não pára
Faz rodas, não è chalaça

E é certo, capitão, assim como 3 com 2 fazem 5.

E o mais, é que..... o que?

Não, não é nada (assim fosse eu tollo)... quero dizer-lhe... que..... que

Vive o tempo do progresso,
Primo-irmão da liberdade;
Vindos, d'onde?—Nem sei eu,
P'ra nossa felicidade.

Porem..... qual, capitão, mudo o *rumo*, ahi, creio, ha *perau* e.....

Capitão com mil bombas, quer um conselho?

Solte as vellas, *amure* bem o traquete, *largue* sabros e joanetes, *enteze* bem as escotas, *cace* os cutellos, *afroxe* as bujarronas, bitacula aceza, vinte libras de vapor, fogo abafado, e deixe ir a ferro por mão; conta no leme e deixe andar as rodas, e o barco que corra por esses vastos mares de immoralidades embora, que se levantam; mesmo porque..... quanto peior, melhor, está decidido.

Isto é conselho e mais nada. Entretanto, capitão, em quanto se não dispõe á executar a manobra ouça noticias:

O povo anda em torvelinho
Pela policia; acos-ado
D'esta vez, ninguem escapa,
Tudo marcha recrutado.

Oh! meu capitão, que lastima!
Porem, como ha de ser?

OITO MIL HOMENS!!!

O governo, chegou-lhe a mustarda ao nariz, disparou; não quer saber de nada:

Debelar a guerra éseu unico desejo, e por isso:

Padres, musicos, professores,
Boticarios e formados,
Tem dormido na policia
Para guerra—recrutados.

Ja vê pois, que tudo anda em polvorosa, com o olho atraz e adiante, evitando o encontro da poderosa Sra. Policia, pois embora no outro dia tudo seja solto, nem por isso querem se sugeitar ao encommodo.

Ja vê que os *vadios*, *capamgas* e *baledores* de eleição e amigos do governo, esses transitam livres, sem encontrar *espinhos.*

O certo é que pelo espalhafato. que faz o governo, todos o reconhecem um governo *comme il faut*, isto é; *energico*, *activo*, *forte* e *decidido*. Faz muito bem.

Um homem, è um homem.
Um gato é sempre um bicho.
Muito bem, bravo, assim é que se faz,

OITO MIL HOMENS!!!

Hão de ir. Não faltam artistas e operarios, roceiros, pescadores etc

Que importa ao governo a mulher que fica em abandono, os filhos que gritam pelos paes; a virgem á quem roubam o amparo do irmão?

Que tem o governo que a mulher, as filhas e irmans se prostituam?

Nem por isso deixam de viver!

Rezem a Deus e roguem aos Santos de sua devoção, para que elles la não morram, porque um dia voltarão e.... si morrerem..... rosas

OITO MIL HOMENS!.....

E' preciso debelar a guerra, vingar a honra da Patria, que importa ao governo?.....

Mas, o governo não se importa de nada. A eleição está feita, os amigos eleitos—dão maioria—e si não derem o governo é *forte, energico, activo* e *decidido*—manda tudo para caza e continuará em seu proposito—debellar a guerra.

Muito bem, meu capitão, muito bem.
Viva o governo progressista.
Vivô, vivô, vivô, vivô.

Eis o que è um governo
Forte, energico, de acção;
E' governo do *progresso*,
Que vai *salvar* a Nação.

E nem ha que duvidar, capitão.

Burro não chega á ministro, governo é quem sabe e sabe muito.

Portanto, deixe fallar o povo, que não é governo e nem sabe o que diz e nem pensa. E' por isso que o governo toma o encargo de pensar por elle e até de dizer quem deve ser deputado. Povo é canalha e a canalha é machina, não apura.

O povo è *burro de carga*,
Que pode ser de valor,
Mas, que, não sendo burro
Elle, é só carregador.

E nem ha que dizer do governo.

Um governo *sabio*, *activo*, *energico*, *forte* e *decidido*, não olha pequenas cousas. Feixa os olhos e escreve:

MAIS OITO MIL GUARDAS.

Está dito. E hão de vir, embora sejam só os guardas pobres e os officiaes sem protecção.

E o povo que se calle, que é para seu bem e salvação da patria.

Eia marchae brasileiros,
Ao campo, como guerreiros;
E si na ausencia a desgraça
Em vosso lar fizer praça,
Si a fome o invadir,
Sem q' alguem vá accudir,
Nem por isso recueis,
O pago certo tereis;
Pela patria tudo, a vida;
Ella é reconhecida.

Não recueis pois, marchae;
Para a guerra caminhae,
Ficam cá os vossos chefes,
Que não querem ver os *crefes*;
As comendas cá terão
Por serviços á Nação:
Não va nenhum la zangado
Para honra do reinado,
Em que, si houve excesso,
E' conta a parte, è progresso.

Oh! meu capitão, creia-me, fico tão entusiasmado com o governo que nem mesmo sei o que diga, mas... por não deixar de dizer alguma cousa, repetirei o seguinte latim, que agora me veio á memoria, traduzindo-o livremente para conhecimento dos leitores que não pescam:

Beatus venter qui te portavite pectora quæ suxisti.

Abençoada a mãe que te pariu, benditas mamas, que te alimentaram.

Capitão, deixe que os invejossos fallem.

O governo si não vai mal, está bem; e si não cahir, aguenta-se.

Governo *forte*, *decidido*, *activo*, *energico* e *generoso*, sim generoso.

Veja em relação a eleição como procedeu! Podendo mandar *seus servos*, pedia-lhes, galardoou os, e pagou até a dinheiro.

Veja la quanto posto da guarda nacional rendeu esta eleição!

Dirão: deram-se patentes a *velhacos*, *assassinos*, *ladrões* &.

Mas o que tem isso? Eram amigos do governo.

Quantos juizes, embora maus, foram promovidos!

Mas, foram *fieis* á causa.

Cousas bem ruins, dizem, tambem tiveram boas fatias. E' por que mereceram.

Até o *Dr. Capona* foi nomeado presidente!

Capitão, quanto a mim, isto prova que o governo não escolhe, poderão dizer; mas o que é certo é que *paga* á quem lhe serve e mais nada.

Dignus est operarius mercede sua. Si assim não fosse, ninguem, capitão, desempenharia *certos* papeis. De tudo tem o mundo e para ser mundo é preciso ter de tudo.

Ninguem, ainda *talhado* pela natureza — capacho — quer ser-o de graça, e neste caso o Bebé faz bem em aproveitar a quadra. Meu amigo, as *messalinas*, passada a epocha da *influencia*, não fazem furor e baixam de preço.

O rapaz que aproveite o tempo, que para mim,

O governo, que assim faz,
Mostra ser reconhecido;
E em cima o espoleta
Lhe fica mui agradecido.

Capitão — debellar a guerra — é o *disideratum* do governo, e, si para elle conseguir é preciso *intupir* a bocca á todos os *famintos*; empregando todos os *aduladores*, *capachos*, *mercenarios*, *suissos*, *sem vergonha* e *miseraveis* faça-o.

Mande mais *Lencantros*, *Caponas*, *Lobos*, e toda companhia, com tanto que o resultado seja bom.

Tenho visto censurar-se o governo porque mandou para Pernambuco — 200:000$, para fazer se a eleição.

Ninguem provará que o governo mandou para comprar votos, isto é: para que forçasse a *liberdade* do voto, pois o governo não precisa dessas patifarias; mas governo *indepedente*, *forte*, *activo*, *energico*, *decidido* e *generoso*, não quiz ficar devendo favores a' *canalha*, e então mandou esses *cobres* para se comprar *roscas* para os amigos, que *livremente*, *sem constrangimento* e com a maior *espontaneidade*, se prestaram a votar nos amigos delle.

Isto é natural, e nem ha quem, recebendo um favor, não desej emostrar-se agradecido.

Ora, o governo — liberal-progressista - seria censurado, si podendo o não fizesse.

> Faz muito bem o governo,
> Governa a sua vontade,
> E assim dá elle provas
> De sua liberalidade.

Mas,... quero concordar com os falladores; suponha-se que gastou *os cobres* em eleição; que comprou, e subornou tudo, que corrompeu, o que ha?

Diabo leve, patrão, o paiz que tendo 200:000$, não os dá para ter em um seu museo ao menos *treze pessas* boas de *qualquer* raça, quanto mais, treze deputados de Pernambuco, *progressistas e futuras glorias* do paiz?

> Dinheiro, dinheiro o que vel,
> Si não na occasião?
> E que melhor, quando gasto
> Em *proveito* da Nação?

Deixemos porem este assumpto e passemos a outros *ejusdem furfuris*.

Previno-lhe que o tal Monsieur *Perna de pau* — que contratou com o governo fazer um *balão* para explorar o campo de Lopez, após — o sobe e não sobe — deu em droga.

Oh! que logro famo o pregou o tal sugeito!

E, creia, não foi maior porque o Imperador o mandou a.... fava.

E que engenhoso pocesso arranjou elle para empalmar os cobres!

Tres ou quatro duzias de pipas, encadeados por grossos canudos de chumbo, divididos em duas porções, cordas, caixas, arames, e caixões, sem que, apezar de tudo o *balão* subisse.

Affirmo-lhe que, si não fosse a presença, respeitavel do Imperador, no quartel do Campo diariamente, elle tinha sahido a pedra

Bom foi que o Imperador se aborrecesse e o mandasse..... bujiar.

Entretanto, o que é certo è, que entre os *canudos* um foi real: foi o que elle metteu no thesouro, e, agora dizem, que vai propor uma acção por indemnisação de prejuizos e perdas.

Faz bem.

> E ainda em cima o tratante
> Se julga prejudicado,
> Depois de ter — com canudos
> Do governo cassuado,
>
> De modo que o ministerio
> Alem de ser enganado,
> Fica fazendo a figura
> De..... tolo — aperriado!

Emfim, la leem e la entendem.

O que é certo é que — o perna de pau — sabe aonde amarra seu cavallo.

Ja hade saber que está aposentado o honrado Sr. Joaquim Torquato á quem mimoscaram com titulo do conselho. Agora o que talvez, não saiba è — que elle não pediu. Não ha de que se admirar: a rasão é clara.

Embora o ex-inspector podesse continuar no exercicio, bem servindo; comtudo, o governo tem necessidade de pagar serviços de seu melhor cabo de guerra, e por isso aposentou aquelle e nomeará outro, que paga o sacrificio do augmento de despeza, porque são dous ordenados em vez de um; e assim serve ao amigo *ex-corde*, que muito destincto se tem tornado.

Ora, advinhe la quem será o futuro inspector d'alfandega, por amor de quem aposentou-se o honrado Sr. Joaquim Torquato Carneiro de Campos, nome que só por si importa uma epopéa?

Não atina?

Pedro Leão Velloso, dizem, é o substituto.

E outros que Manoel Pinto de Souza Dantas.

Ah! meu capitão,

Neste tempo se dão couzas,
Que fazem arder as cacholas,
Mas, cura-se com banana
Da terra, com duas bolas.

Hoje quem se deliberar á analyse dos absurdos e metamorphoses, ou ha de dar uma gargalhada ou arrancar os cabellos.

Ahi está o barão, moderno fidalgo, que a um tempo *mamou* duas grossas bisnagas (é termo progressista) sem incluir a carreira que levou na Sovara. Ora, diga-me: Não faz tão pouco tempo que esse *sangue azul* andava misturado com a canalha da *Avó de Christo?*

Não o vimos vestido de paletot branco e chapeu de palha, de braço com o Assis capado, Argemiro, Aurelio, Caxoeira e outros bebendo na venda, na venda onde se faziam as orgias, e onde promettia fazer e acontecer aos que lhe dessem votos?

Não o vimos, na egreja, clamando contra o *progresso* e *progressistas*, que não o consentiram entrar na egreja da Sovara?

Não dizia, que era a epocha da *infamia*, o reinado da *immoralidade*, em que se cercava a egreja com baionetas para o povo não poder votar livremente?

Não o vimos, fazendo inveja ao mais insigne capadocio, de archote na mão acompanhando a musica e dando vivas aos *votantes livres* e amigos da *liberdade* do voto?

Não o vimos de braço com o Caxoeira da terra do *sangrador*, que ha quem afirme ser ainda escravo, dizendo: .... não sou barão, sou em tudo egual ao Sr. ou outro qualquer?

Mas, hoje, que foi derrotado,
Que—duas—bisnagas mamou,
Não veem que em tigre iracundo
O homem se transformou?

Quem não se admira pois, ao vel-o trocar a banda de barão, pela facha de aguazil policial? Quem não o aborrece vendo-o soberbo e arrogante com os *pequenos*, ao passo que se fez *capacho* dos grandes?

Quem não se enoja tendo-o visto tão humilde, pedindo votos, e hoje tão violento e despeitado na vingança?

Quem lhe acreditara no liberalismo, vendo-o constituir-se o perseguidor de homens indefesos, que commetteram o *grande crime* de lhe não darem o voto?

Quem não o lamenta, vendo-o ingrato, constituir-se açoute de uma freguezia onde veiu ter importancia?

E' assim que quer sustentar a orgulhosa vaidade da *improvisada* nobreza, nutrindo tão baixos sentimentos?

Ah meu caro capitão, a dignidade diz: que não valia a pena descer tanto para tão vilmente praticar!

De fidalgo á espoleta da policia!

Dom Quixote de la Mancha
Com seus torcidos bigodes,
Diz a historia, que um dia
Levou marradas de bodes.

Quem sabe s'este *Sancho Pansa*
Não terá uma egual sorte?
Si não achará thezoura
Que as azas, d'hoje, lhe corte?

Vem ao caso dizer-lhe meu capitão:

O arco, sempre está tezo,
Um dia quebra-se a corda;
Deus trabalha, sem cessar,
Seu trabalho—è fazer roda.

Da guerra, a não ser a entrevista do ministro americano, nada ha.

Lá se foram mais quatrocentas praças e de lá—historias e mutilados.—

Fica pois decidido que o marquez de Caxias, nem estará em maio no senado, nem assistirá o encerramento

Que o—até maio—gorou,
Fique ja desenganado:
O exercito ja está prompto,
So não está municiado.

Que sorte coube a este pobre e desgraçado Brazil?

Deixemos porem isso e vamos dar noticias a rapazeada.

Maricas Japiassú
Agarrou-se ao colchoeiro;
E a Maria da Hora
E' aqui mãe de terreiro.

A Paulina-galeota
Não está mais *arranjada*,
Abriu agora escriptorio
P'ra toda rapazeada.

A Maria Semiana
Do filho do Maribondo
Ja tem morado em dez casas
Em todas fazendo estrondo.

Na rua do Sacramento
Mora agora com Paulina,
Na mesma casa, em que
Morou do Cruz a Ursullina

Luiza, Chica-Café,
Martinha, Amancia do Ramos
Romualda e Virginia,
Ja não usam mais de panos.

Trajam somente vestidos
De gosto com seu balão;
Ja não s'-lugam a ninguem,
São senhoras de salão.

A tal Maria da Gloria
Mudou-se da Conceição;
Na rua do Carioca
Tem agora seu brasão.

A negra Antonia do Chaves
Está cousa de admirar;
Sedas, brincos e mobilia,
Tem tudo, que faz pasmar.

Dizem que é freguezia
Que o Chaves tem arranjado;
Creio ser certo, porque
Sempre o vejo acompanhado.

A Mariquinha dos Anjos
Abriu agora—cortiço,
Aonde se toma ventura
E se fabrica—feitiço

A creoula Salomé
Prepara-se p'ra voltar:
Avise a rapasceada
Para a ir cumprimentar.

Ha por cá mais vagabundas,
Que vieram de arribada,
Mas, são cousas mui atoas,
Que servem p'ra cassuada.

Agara me dê noticias
Da tal Palmira Pomada,
Bem como de *Sinhá Chorona*,
E Mariquinhas Chiada.

Dê novas da Coroacy,
E de Calú—carne assada,
Felicidade Gaguinha,
E Germana d'arribada.

Da Livinia do Betamio,
Da creoula Brasilina;
Da Mariquinhas Gostosa,
E tambem da Marcelina.

Delfina, vacca malhada,
Não va ficar esquecida,
Bem como Ignacia desgraça,
E Maria aborrecida.

Odilia bocca de sapo,
Martiniana Canaria,
Com Maria quartos moles,
Jesuina e Macaria?

A Maria bôa obra,
E Maria matadeira,
Maria—quebra-marqueza,
Ind' andam na brincadeira?

Me falle de Josepha Boi,
Da Maria—corcundinha,
Da Izabel do Cruzeiro,
De Leopoldina cabrinha.

Me dê novas das Bolaxas,
E da Salú Cachacinha,
Da Mariquinhas—cerveja,
E Maria da Prainha.

Henriqueta—Carnesim,
A Maria—velludinha,
Henriqueta—olho de vidro
E tambem a Bigarrinha.

A Olegaria da tulha,
Luciana—empavesada;
A Lucrecia dos pateis
Inda está encarcerada?

Agora dos vagabundos
Tambem me quero occupar;
Me diga, Folô madrasso
Inda vive a vadiar?

E o *doutor* Vasconcellos
Que tem o beiço roido,
Nas reuniões do jury
Tem muitos reus deffendido?

Mais um pouco de bondade,
Ja vejo que é massada;
Mas permitta lhe pergunte
Pelo Julio feijoada?

Inda tinha o que dizer,
Mas faço ponto e me calo;
Apresente meus respeitos
Ao Miguel peixe-gallo.

Permita, pois, concluindo,
Que eu com sinceridade,
Lhe diga são verdadeiros
Os protestos d'amisade.

O Palusco.

A PEDIDO.

Sr. fiscal da Sé, dê um passeio ao Terreiro em roda do chafariz, e veja como fazem d'aquelle logar fonte de la-

var roupa, sem nenhum respeito postura municipal, que isso prohibe.

Pede-se-lhe este favor, especialmente por causa das arvores alli plantadas que não podem medrar, por fazerem do cercado corador.

Principalmente uma endiabrada mulata, amazia do guarda do chafariz, tem roupa todos os dias para lavar e enxugar.

Um dia destes insultou o encarregado de zelar as ditas arvores, porque este não lhe consentiu que estendesse roupa nas cercas

Por tanto é bom que S m. cumpra com suas obrigações.

Frei Chagas.

SONETO

Imitador do Serafim Chagado,
De porta em porta mendigando andava,
Um grosseiro burel o amortalhava,
Cobrindo o corpo todo lacerado.

A pobre infancia tinha sempre ao lado,
Com desvellado amor p'ra ella olhava;
Nobre mendigo, o que pedia dava
De todo o coração ao desgraçado,

Ja não o vejo mais! ao pequenino
Na portaria agora não afagas! —
O que é feito de ti? Qual teu destino?

Da morte te engoliram crespas vagas,
Chamou te para si o Ser Divino.
Oh! pobresa chorae, morreu Frei Chagas!

J. A. da Cunha.

— Como se realisam as cousas!

Em certa epocha era governador d'uma terra um homem, que não é mais.

Um dia, de volta de um passeio, sentiu os pés lhe doerem, e chamou pelo creado para lhe puchar os botins.

Um ente rasteiro, que ahi se achava, conhecido de todos por *Bebé*, não deu tempo a que o creado viesse puchar os botins de seu amo e fez elle o papel do creado; depois do que disse — Vou calçar estes botins do *governador* para tambem ser governador um dia.

Correm os tempos, e *Bebé* é nomeado *governador* de uma terra inhospita nas margens de um *rio extenso* la para os polos do *norte*.

— Que algazarra infernal é uma?

— Onde?

— Na casa daquella moça, que tem na janella um pé de *assucena* plantado.

— Ah! aquillo são tambores do 110 a quem ella aluga a casa.

— E vão ensaiar alli?

— Não; estão sambando ao som do rufo de caixas, e a moça está tambem no meio da folia.

— Percebo; por isso estou ouvindo cantar —

Bravo, bravissimo,
Assim *ya sucena*,
Requebra na roda
Mais leve que a penna.

— Aquillo é improprio de uma senhora!

Si o *Carlos* soubesse, não havia de gostar.

— Ora o Carlos, é outro ralé sem vergonha, não se importa que aquillo vá por agoa abaixo.

— O *Manuel* ainda é inspector aqui?

— E'!

— Pois eu vou pedir-lhe que venha acabar com aquella canzoada que não tem geito.

— Este *Silva* sempre anda a se metter com o que não è de sua conta!...

MOTTE.

Em vez de trazer capona
Gustavinho traz fardão.

GLOZA.

Tudo muda nesta zona;
Ja passa por sabio um zote;
Usa a velha redingote
Em vez de trazer capona.
E' virgem a mariolona,
Virtude a descarnação,
O Brazil chamam nação,
O leão torna-se vacca,
Macaco traja casaca,
Gustavinho traz fardão.

Srs. Redactores do *Alabama*. — Como desafectos meus, que não tem a coragem de me ferirem de frente —

porque cobardes, como sôem ser os calumniadores e detractores de reputações alheias, propolem por ahi, e queiram fazer crer que eu seja author d'um escripto publicado no nº. 184 do seu conceituado jornal, que dizem referir-se ao Sr. Firmino Cypriano do Espirito Santo, pharmaceutico da enfermaria militar; venho pedir a V. pela sua honra de homem e fé de escriptor, se sirva declarar si eu por alguma forma, quer directa ou indirectamente, concorri para tal publicação, e mesmo si por alguma vez tenho escripto para o *Alabama*, cujo favor muito lhe agradecerá o seu constante leitor.—13 de abril de 1867.

Eduardo Daniel Galvão.

—

O Sr. Eduardo Daniel Galvão nunca trouxe papel nenhum á redacção para ser publicado, e ignoramos que sahisse publicação allusiva ao Sr. pharmaceutico Firmino.

A Redacção.

—Sr. administrador da casa de penitencia, V S.,que se faz tão restricto na observancia do regulamento, porque não verifica si é exacto que o mestre da officina de *cigarros* ganha em cada arroba de *tabaco* que compra 1$000 e 1$500 rs.?

Não sabia? pois saiba que dizem isso.

VARIEDADE.

DOCUMENTO CELEBRE.

Para que os leitores apreciem a maneira porque os ministros da religião são os primeiros que procuram degradal-a, transcrevemos abaixo um documento celebre e assaz curioso,

Foi devido á essa tarifa de nova especie que na Allemanha um frade saxonico da Universidade de Wittemberg, Martinho Luthero, atacou o dogma das indulgencias da curia romana, operando a grande revolução hoje conhecida com o nome de—Reforma.

Tarifa para a absolvição de peccados, publicada por ordem do Papa Leão X, no anno de 1814, em Roma.

Por 27 libras póde-se comer lacticinio em tempo prohibido.

Por 131 libras absolve-se a um herege.

Por 29 libras perdoa-se o perjurio.

Por 168 libras absolve-se de toda a infamia.

Por 168 libras absolve-se a tentativa de homicidio.

Por 27 libras perdoam-se as offensas physicas feitas a clerigos.

Por 87 libras perdoam-se as mesmas offensas feitas ao bispo.

Por 45 libras absolve-se o homicidio.

Por 17 libras absolve-se o parricidio e o fraticidio.

Por 29 libras é absolvido o assassino e falsario.

Por 27 libras absolve-se aos salteadores, incendiarios e ladrões, que não sejam clericos.

Por 87 libras perdoa-se o adulterio.

Por 5 libras póde um marido castigar levemente sua mulher.

Por 121 libras dispensa-se o adulterio a ambos os conjuges.

Por 219 libras absolve-se dos peccados contra a natureza.

ANNUNCIOS

Os herdeiros do finado José Ricardo de Santa Anna vendem tres frentes de casas em terreno proprio, sitas á rua nova do Queimado. Quem pretender dirija-se a esta typographia, que se lhe indicará a pessoa encarregada de fazer esta venda.

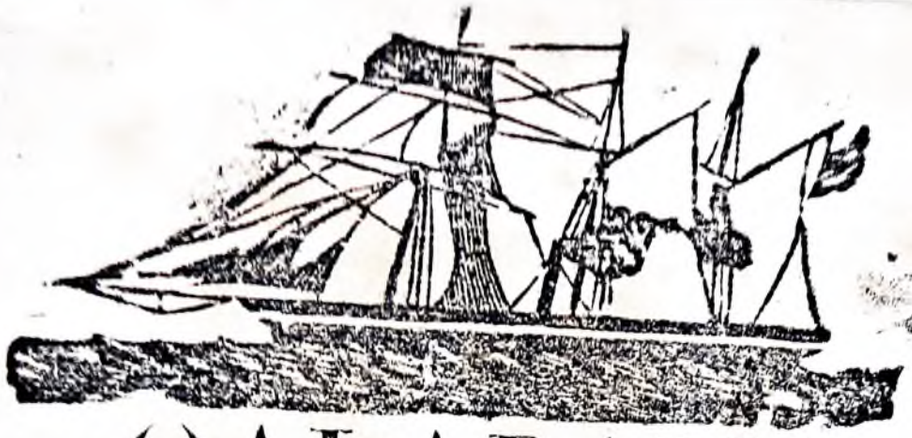
As pessoas, que devem na loja de massas ás Portas do Carmo, são convidadas a virem pagar no prazo de 8 dias, se não quizerem ver seus nomes n'uma extensa lista publicada nos jornaes.

Disse.

Bacellar concerta com toda perfeição orgãos e pianos. Tem tambem para vender um excellente piano por preço commodo. Pode ser procurado ao becco do Açouguinho n.º 41.

Nesta typographia se dirá quem precisa de um creado para o serviço de vender na rua, pagando 20$ rs. mensaes.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 18 DE ABRIL DE 1867. SERIE 20.ª—N. 192

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

A Cêa do Senhor.

Ia se aproximando o momento da separação. Christo reuniu pela ultima vez os seus escolhidos em redor de si. Assim como até então tinha amado os seus sobre a terra assim os amou até ao fim. Ceou com elles pela ultima vez. Gravidade mais severa, tristeza mais profunda lhe carregàvam o semblante; porém elle lhes occultava o que o commovia no intimo de seu coração. Sabia que no meio delles se achava o traidor, que o tinha vendido, e o manifestou altamente. Disse que era aquelle a quem dava aquelle bocado. E Jesus nada mais accrescentou a respeito do depravado, que, coberto de vergonha, estava sentado entre os outros. Estes ouviram as palavras do Divino Mestre sem comtudo suspeitarem a acção mais horrorosa, Tamanha maldade como a que Judas ja tinha perpetrado em parte, e em parte queria ainda perpetrar, em nenhum delles entrava a suspeita de que houvesse mortal capaz de praticar. Julgavam que Jesus tivesse qualquer outro motivo de descontentamento contra o proceder de Ju-

das. Guardavam pois o silencio, e queriam poupar maior vergonha a seu companheiro. Mas Jesus disse para o malvado hypocrita:

—O que intentas fazer, faze-o com cedo.

E Judas se retirou. Os outros suppozeram que, como Judas TINHA A BOLSA COMMUM, teria ainda que cumprir algumas ordens do Mestre, talvez distribuir esmolas aos pobres ou fazer compras para a festa da Pascoa. Mas Jesus desejava ver-se livre da presença desse miseravel, afim de poder entregar-se sem constrangimento as inspirações de seu coração e dedicar seus ultimos momentos aquelles que amara atè o fim.

—Não vos esqueçais de mim! Foi a supplica que lhes dirigiu durante a ceia,

Depois Christo lavou os pés aos discipulos

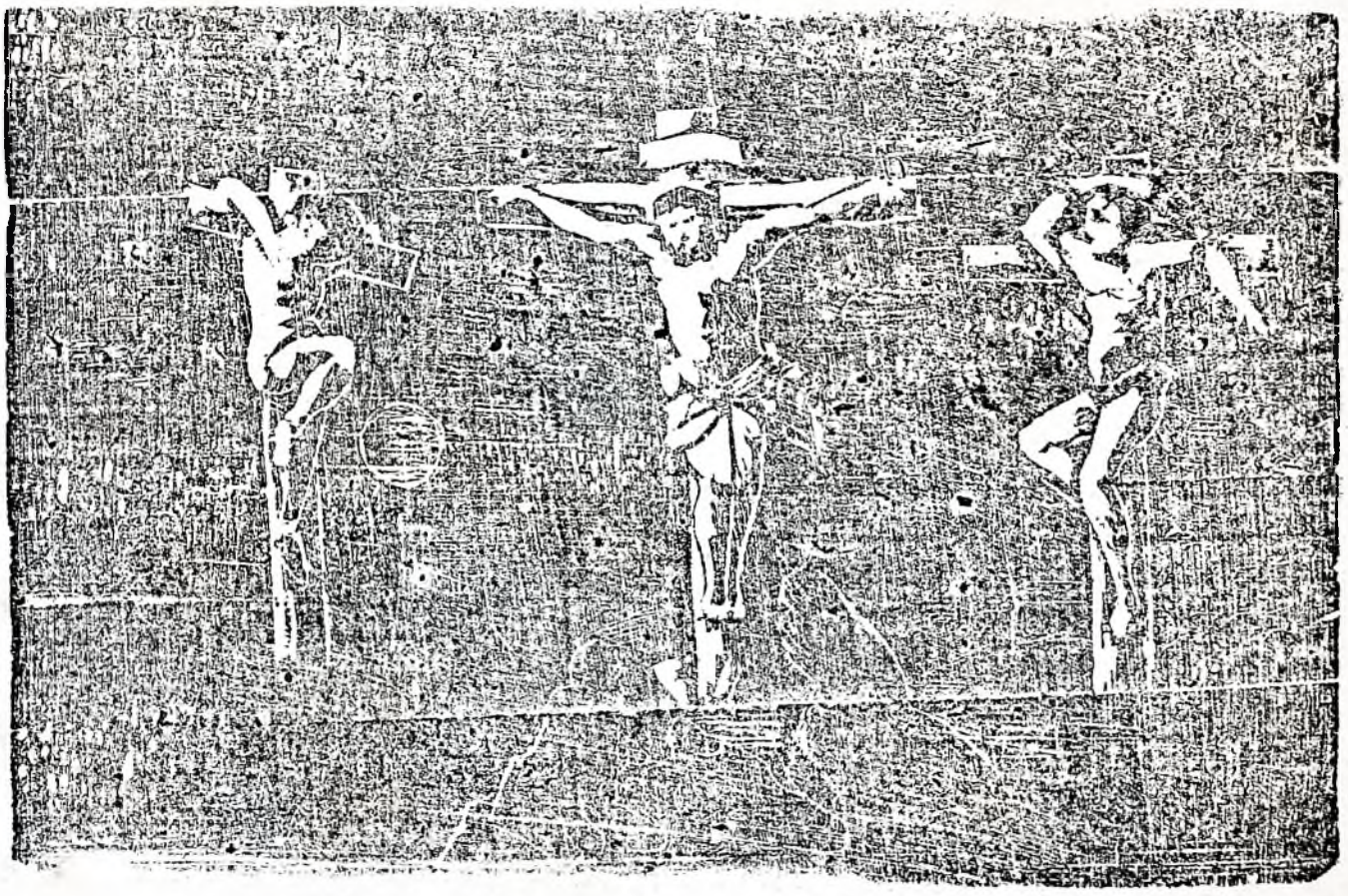
—Nunca, Senhor! Compete-me antes a mim lavar-vos os pés, disse S. Pedro.

—Mais tarde saberás porque assim obro.

E logo depois de ter consumado este acto explicou-o.

—Visto disse, dei-vos exemplo de praticardes entre vós o que me vistes fazer. Eu que sou vosso senhor e mestre, fiz-me vosso servo. Da mesma sorte vos deveis servir uns aos outros, nenhum deve querer ser mais do que outro:deveis ser todos irmãos. Dou-vos um novo mandamento, e vem a ser—que vos ameis reciprocamente como eu vos amei a todos. (S. João 13, 34.) E quem me amar guardará os meus preceitos.

Terminados estes dous actos solemnes, instituidos para a conservação de seu amor para com elle como entre si, deu-lhes Jesus os seus ultimos e paternaes conselhos, tranquillisou-os sobre a sua proxima ascensão a seu pai, e exhortando-os à constancia e à paciencia nas tribulações, rogou com fervor a Deus por elles e os abençoou. Depois sahiu para o silencio do horto de Cedron, para a solidão onde muitas vezes reunira seus discipulos. Tinha dado começo a noite mais medonha de sua vida, da qual não volveria mais á alegria.



A morte no Golgotha

Toda a carreira de Jesus abunda em rasgos de qualidades e perfeições divinas. Posto tivesse o exterior de um ente mortal, e com esse exterior a susceptibilidade para os prazeres da vida, bem como para as suas miserias, era com tudo inteiramente differente dos outros homens, e á turba inculta daquella época parecia ser um espirito de outra esphera, um ente de especie divina, pois mostrou a natureza humana sobranceira a tudo quanto é mundano.

Para elle, longe estavam os gozos da vida de ser o fim principal da existencia humana; antes, pelo contrario, reconheceu um deleite mais elevado e mais venturoso nas occupações e nos actos de uma alma cheia de amor para com seus semelhantes. Para elle, eram sem attrativos os prazeres sensuaes, as commodidades da vida. Soccorrer o desvallido, acudir ao necessitado, curar o doente, dar de comer ao que tinha fome, consolar o mísero, taes foram os mais nobres prazeres de sua vida. Tinha em pouca conta

os dissabores exteriores o as privações pessoaes. Preferia agazalhar-se na choupana do pobre a habitar em sumptuoso palacio Não considerava como riqueza o *possuir muito*, o sim o contentar-se com pouco. Gloria e honras entre os homens eram para elle brinco vãos de crianças adultas que se deleitam com bagatelas a que dão importancia. Desta fórma tinha-se Christo desapegado daquillo que mais préza o homem ordinario; e por isso devia o seu juizo acerca do valor das cousas ser differente daquelle que é filho de mero habito das preoccupações e de molleza physica.

Segue-se pois que a vida de Christo não foi como a vida de qualquer outro homem, porém sim como a de um ente de natureza mais excelsa; e por essa mesma causa devia sua morte ser diversa da morte dos homens communs; morreu por assim dizer, divinamente, da mesma sorte que vivêra vida divina.

Foi proferida sua sentença de morte, e o foi pelo mesmo juiz que por trez vezes declarára solemnemente que não lhe achava culpa. Jesus ouvio a declaração solemne de sua innocencia, ouviu-a o povo todo, o mundo inteiro. Foi esta a maior satisfação a que Jesus podia aspirar da parte de juizes deste mundo. E no entanto foi sentenciado á morte, não por ter commettido algum crime, senão porque a ambição, o egoismo e o odio de partido exigiam seu sangue. A cobardia de Pilatos o sacrificou. Jesus não proferiu palavra contra esta injustiça horrorosa que a si mesma se accusava sufficientemente. Não fez exprobrações a ninguem: reconheceu que era destinado a servir de victima a um bando sanguinario. Elle não tinha commettido crime; eram os seus accusadores e juizes que mereciam castigo! Na convicção de sua innocencia, sentiu-se muito superior a elles. Humilhar-se hia perante seus inimigos? Pedir-lhes-ia como graça a vida que elles, em sua insania, lhe negaram contra a manifesta justiça?... Não proferiu palavra. Caminhou á morte, que devia produzir beneficio maior para o mundo do que talvez podesse ter dado uma vida mais prolongada, pois tinha executado a grande tarefa de sua vida. Já não podia ser tirado á humanidade aquillo que elle lhe havia dado.

Caminhou, ainda que exhausto de forças physicas. Uma noite passada horrivelmente, arrastado de rua em rua, de uma para outra authoridade, tratos os mais ignominiosos, perda de sangue e o corpo todo coberto de chagas, tudo contribuia para lhe debilitar as forças. Semi-desmaiado cahiu sob o peso da cruz que lhe lançáram aos hombros para elle mesmo carregal a ao lugar do supplicio. De olhos lacrimosos o acompanharam muitas mulheres tocadas de compaixão e de dôr.

Jesus, apezar de exhaurido de forças conservou a presença de spirito e a impertubabilidade que sempre mostrara outr'ora. No sentimento da innocencia ha alguma cousa de divino que é mais poderoso do que tudo o mais. A objecção e a barbaridade de seus contemporaneos o fizeram olvidar suas proprias dôres. Achava-os mais digno de lastima do que a si mesmo.

«Filhas de Jerusalém, disse elle, não choreis por mim; chorai por vós e por vossos filhos!»

Cruel escarneo e nojento ludibrio da turba desapiedada, o perseguiram até acima do Golgotha; perseguiram-o até que, pregado na Cruz, ficou pendente entre dous malfeitores; perseguiram-o até ao seu ultimo suspiro.

Jesus lastimava a cegueira desses desvairados, e por elles fez subir ao céu a mais sublime de todas as orações que jamais se elevou da terra: «Perdoae-lhes, meu pae, que elles não sabem o que fazem:»

A este tempo, viu por baixo da Cruz aquellas pessoas a quem sempre consagrára a maior affeição sobre a terra. Viu sua mãe, sua terna, sua fiel mãe; viu Maria Magdalena e seu querido discipulo João. Oppressos de dor, banhados em lagrimas, desfaziam-se em amargurado pranto. Quem melhor do que estas pessoas que o amavam co-

nhecia seu coração, digno de melhor sorte? Estavam agora inconsolaveis.

De certo, a furia de inimigos sanguinarios e altanados, o ludibrio de uma plebe desalmada não podiam senão inspirar desprezo, e eram incapazes de offender o sublime coração de Jesus. Porém a vista repentina daquelles que mais prezava, e no momento em que tudo se ia perder com seu ultimo suspiro; o aspecto do que ha de mais bello sobre a terra quando se vae desapparecer, isto sim, podia abalar o animo mais forte. E nem as chagas dos açoutes, nem a corôa de espinhos, nem a espoonja ensopada em fel e vinagre, eram provas tão duras como esta para a constancia de uma alma sensivel. O que a esta vista se passou no coração de Jesus, nós ignoramos. Pode ser que se sentisse commovido, mas sómente como o podia ser um espirito conscio de sua immortalidade, na persuasão de que se não perde com a morte do corpo o que o homem tem de nobre e de divino. Que tem que fazer a terra e o pó com a parte immortal?... Jesus conservou a sua serenidade, não obstante ficar compenetrado de compaixão por sua mãe, ja adiantada em annos. «Eil-o alli, disse, lançando um olhar moribundo sobre João, « eis agora teu filho. » E á João: « Eis tua mãe. » E daquella hora em diante, João tomou-a para sua casa, em cumprimento deste sagrado legado. Assim tinha Jesus dado de mão ao ultimo cuidado de sua vida, e mostrado sua gratidão para com sua velha mãe, ministrando-lhe um arrimo em sua avançada edade.

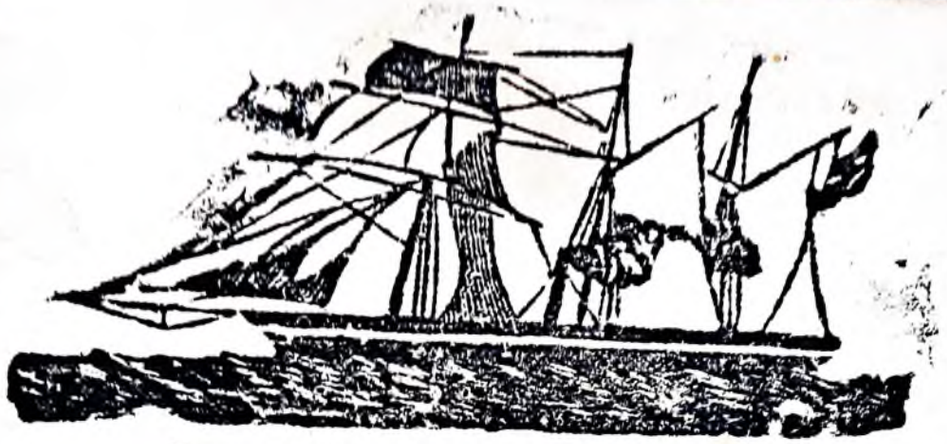
Contente de sua vida, ainda que curta, porém abundante em boas obras e em bençãos, suspirou: «Está consummado!» Inclinou a cabeça e expirou. De tarde vieram soldados para apressarem a morte dos crucificados, quebrando-lhes pernas. Ainda viviam os dous malfeitores. Jesus, exhausto pela perda de sangue, ja tinha rendido a alma. Afim de se certificar si com effeito estava morto, um dos guerreiros lhe atravessou o lado com uma lança. Correu sangue e agua. João presenciou este acto e o descreve no seu Evangelho.

José de Arimathea, membro do conselho e em segredo partidario de Jesus, sendo talvez o unico que na reunião furiosa dos principes judaicos fallara a favor da innocencia de Jesus, pediu ao governador romano o corpo de seu amigo fallecido. Queria ao menos honrar os restos daquelle cuja vida não conseguira salvar. Depositou o corpo, envolto em lençóes e em especiarias, n'um sepulchro talhado na rocha, que destinara para lhe servir um dia a elle mesmo.

Assim findou Jesus sua vida, sacrificado pelos peccados da humanidade. Considerando o heroismo com que morreu, ainda que desconhecessemos todo o resto de sua vida, seriamos obrigados a exclamar com o centurião que o viu morrer:

«Em verdade, este homem foi justo!

A morte sobre o Golgatha foi o desfecho brilhante de uma brilhante vida. Que ha de mais resplandecente que uma virtude nunca profanada? Muitos homens tem havido que tem morrido de animo sereno debaixo de grandes tormentos. A força da alma exerce muita influencia sobre os padecimentos physicos, a que só se deixam succumbir naturezas effeminadas. Mas nenhum morreu com tanta equanimidade, com tão alta dignidade como Jesus Christo. Outros iam ao encontro da morte com resolução, até com alegria, arrebatados pela verdade, pela justiça ou pela salvação da patria e prosperidade de seu povo: morriam morte digna de inveja. Porem nenhum filho de homem ha derramado seu sangue nem sacrificado sua vida por uma causa tão santa como Jesus. Morreu por amor de nossos erros e peccados, dos quaes nos queria livrar e conduzir nos a Deus. Morreu por causa das divinas e eternas revelações sobre os interesses mais elevados do genero humano que nos dispensou. Deu a vida ao mundo, e o mundo, em recompensa, lhe deu a morte. Morreu por amor de suas virtudes. Quem não appeteceria uma morte como foi a deste justo sobre o Golgotha? (*Museu Pitt.*)



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 23 DE ABRIL DE 1867. SERIE 20.ª—N. 193

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de abril de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que no sabbado d'Alleluia, á noite, o Sr. Calixto José de Oliveira, acompanhado de um troço de soldados encapotados, commetteu as maiores tropelias contra o povo, recrutando a torto e a direito nas immediações da egreja de S Francisco, chegando a entrar dentro do templo para prender!... como si provará, si S. S. quizer.

E não constando, nem tendo sido publicado, que semelhante personagem seja *cousa* authorisada para recrutar tão violentamente, a menos que não seja pelo facto de ser irmão d'um empregado na repartição, de que S. S. é chefe, ou por estar na forja para official de Brotas, espera-se que S. S. mande reprehender esse moço pela maneira porque aterrou com suas bravatas ao povo pacifico, que se dirigia ao templo do Senhor, em occasião em que se dizia estar suspenso o recrutamento.

—O estrangeiro, que na noite de quinta feira de Endoenças, atravessar das 7 para 8 horas, algumas ruas da freguezia da Sé, fará um juizo bem triste dos costumes deste povo!

Descrever a immensidade de scenas escandalosas e tumultuosas que se dão, durante o transito da procissão dos Fogaréus, é por demais impossivel; seria preciso que se podesse estar ao mesmo tempo em muitos lugares.

Grupos de mulheres dissolutas portam-se, como si estivessem na mais desordenada orgia!

Rapazes desenfreiados reduzem aquelle acto ás condições do mais devasso ajuntamento!

Homens pervertidos a apalparem as mulheres e a commetterem tudo que ha de mais revoltante.

A gente do olho vivo a fazer barulho para roubar.

As vaias e alaridos dos moleques, são o remate de todo esse espectaculo repugnante.

—Este anno, um guarda do 6.º batalhão, de nome Mascarenhas, com uma sucia de capadocios em S. Francisco, pintou a *manta*.

Este biltre, com a sua cafila, teve o arrojo de se apresentar fumando no templo e quando a policia o admoestou, quiz *inchar*.

—Porque, uma vez que não ha meios de corrigir tantos desatinados,

não acabem com uma cousa que depõe tanto contra a religião?

—Faça-me arcebispo, que eu lhe mostro.

—Capitão, dá licença que eu mui respeitosamente me dirija a S. Ex. o Sr. arcebispo?

—Pois não.

—Quero participar-lhe que na capella do SS. Sacramento, na cathedral, foi, na quarta feira de Trevas, esbofeteado, estando revestido de vestes ecclesiasticas, um menino do côro, por um creoulo, que dizem ter alli grande protecção de um Sr. conego, e por isso nenhuma correcção houve.

—Vá sem demora, não é possivel que semelhante desacato, á ser verdadeiro, passe desapercebido.

«—*Pega este ladrão... pega este ladrão, que fez um roubo.*»

—O' amigo, V. que vem da Estrada Nova, diz-me que gritos são estes?

—Foi um homem que recrutaram, o qual mostrou a excusa que trazia, isemplando-o, por ter servido no exercito; os soldados, porem, não attenderam e o homem poz-se a bradar em defeza de seu direito. Nesta contenda, pôde escapulir das unhas dos prendedores e amollou as canellas. Os soldados em desfilada atraz delle vão gritando que é um ladrão, para quem vier na frente prendel-o

—Bom systema de recrutar-se! E não disseram que durante a semana santa estava suspenso esse flagello?

—Suspenso! Ainda hoje eu vi na Baixa dos Sapateiros um tabareu, que puxava quatro cavallos carregados de carvão, ser filado por dous guardas de Brotas, ficando os cavallos e carvão do pobre homem a tôa.

—Como inda hoje é terça feira, talvez a suspensão seja lá para o fim da semana.

—Ah, mulheres damninhas! Fazem do templo casa de murmuração!

—Em vez de elevarem o pensamento a Deus, estão a escarnecer do proximo!

A infeliz que não pode apresentar-se com o luxo depravado dellas, é victima da mofa e da galhofa dessas hypocritas refinadas.

—O Sr. persuade-se que estas *viboras* venham aqui a Ordem 3.ª de S. Francisco por devoção? Enganou-se, vem mostrar-se.

Veja como procedem ellas para com aquella pobre mulher, porque traja simplesmente! Nem por hoje ser sexta feira das Dores!

Nenhuma lhe quiz ceder um canto para sentar-se e por galhofa a mandaram para cima e agora apupam-na e criticam do seu lenço.

—Ao passo que aquellas duas creoulas ataviadas de ouro, que entraram depois, tiveram logo logar!

—V. conhece o Manuel Carango?

—E' um creoulo, barbeiro, guarda do batalhão de S. Pedro.

—Pois esse infeliz, por não achar uma pessoa que o conheça, está em risco de marchar para o Sul pela terceira vez.

—Como? Si elle é tão conhecido, e tem sua excusa?

—Foi preso; apresentou seus documentos de como ja tinha ido ao sul duas vezes, ao presidente, e S. Ex. disse que não sabia si elle era o proprio, e lá está gemendo, ha mais de mez, n'uma prisão sem ser accusado de crime algum.

—Que tiramnia! que despotismo!

Paschoa

Esta palavra deriva do hebraico, e significa *passagem*, como lemos na Santa Biblia (1): o banquete do cordeiro paschoal era uma das tres grandes festividades annuaes dos israelistas, que se celebrava em memoria da miraculosa pasagem do Mar-Vermelho, e do que fizera o anjo exterminador, matando todos os primogenitos dos egypcios, e poupando as casas israelistas assignaladas com o sangue do cordeiro. Durava a solemnidade sete dias, sendo especialmente guardados o primeiro e o ultimo com a cessação de todo o trabalho e a

(1) *Pascha, idest transi tus.* Exod. 12.

assistencia ao culto. Cada familia, ou duas conjunctamente, si eram pequenas, no decimo dia do mez Nisan (1° mez do anno sagrado) escolhia um cordeiro sem malhas, e o matava no dia 14.°, comendo-o assado e com pão asmo, em memoria da peregrinação de seus antepassados atravez do deserto. Não se havia de partir um só osso do cordeiro paschoal; devia ser comido todo na mesma casa, e ficando sobejos eram queimados, porque era defezo reserval-os para o seguinte dia. Com o sangue do cordeiro, salpicavam as portas das casas, servindo para isso um molinho da herva hyssopo, donde veio o nome ao que entre nós serve para a aspersão da agua benta.

Os christãos adoptando a palavra Paschoa, tambem a tomam na accepção de *passagem*, mas em sentido mystico, allusivo da vida eterna, commemorando a passagem do Salvador, do transitorio repouso do sepulchro para a Ressurreição gloriosa. E' este um dia de triumpho para a egreja e de regozijo para seus filhos.—Em os dois primeiros seculos da era da Graça suscitaram-se, tanto entre os christãos da Asia, como entre os do Occidente, questões e difficuldades sobre o dia determinado da celebração da Paschoa; ao que procurou remediar o concilio de Nicea, em 325, fixando-o no domingo primeiro seguinte á lua cheia que cahisse de 21 de março inclusive em diante, isto é, depois do equinocio da primavera.

A PEDIDO.

—Na noite de 10, o Sr Luiz Gonzaga de Barros, proprietario á Estrada Nova, foi victima de uma violencia inqualificavel.

Seriam 7 para 8 horas da noite, quando viu o Sr. subdelegado da Rua do Paço, acompanhado de uma escolta, invadir arbitrariamente sua propriedade em procura de um homem morador ali.

Os soldados portaram-se com descommunal selvageria, como si estivessem em uma praça entregue ao saque!

Estragaram tudo, até o telhado da casa, do que resultou que horas depois, sobrevindo um aguaceiro ficou ella alagada!

Um filho doente do Sr. Barros, com o choque, peiorou gravemente e está em perigo.

Um chales com que se embrulhava uma das filhas do Sr. Barros ficou em tiras, em mão dos assaltantes.

Como é que o Sr. subdelegado fere, tão desapiedadamente a Constituição?

Será crivel que S. S. não sinta remorsos por tão aprofundados golpes, com que apunhalou a lei?

—O homem é executor de ordens, e por tanto dou-lhe desculpa.

—Mas assim, machucando o direito alheio?

—Estou certo que isso não é do genio d'elle, e que constrangido pratica semelhantes abusos somente para cumprir ordens.

Com que repugnancia não havia elle de ir cercar a padaria do Boaventura, para prender um rapaz, que alli, para agradal-o, se encarregava de assar os doces com que S. S. negocia?

—Ora sebo! Sua defeza redunda em accusação; porque para mim nada peior do que a falta de gratidão.

Assembléa dos doudos.

PRESIDENCIA DO DR. MAZA.

Discurso proferido pelo Dr. Bebé Capona na sessão de 31 do terceiro mez do anno do progresso.

Dr. Capona:—Sr. presidente, peço a palavra pela ordem.

Dr. Maza (actual presidente):—Tem a palavra.

Dr. Capona:—Sr. presidente, compareci hoje a assemblea, como V. Ex. e os meus illustres collegas veem, não por ser o ultimo do mez, mas por certos motivos, que deixarei passar em silencio.

Dr. Zebinho:—O meu illustre collega não tem motivo algum, a não ser mui frivolo, que o obrigasse a comparecer hoje á esta sessão. A razão que n'esse caso poderá só e somente prevalecer é, a de ser hoje o dia de fazer-se a folha,

Dr. Capona: — Não me insulte! Saiba o meu collega que eu não recebo insultos formaes, que tenho bastante força moral para repellil-os.

Um Sr. Doudo:—V. Ex. ja não compareceu ha mais tempo, por estar com medo do focinho de certo *leitão*.

Dr. Capona:—Ora, Sr. presidente, que medo poderei eu ter de um *palhaço de fardão*,de um traidor,de um focinhador politico? Vv. Exs. bem sabem, que,muita vez em pequeno, *brinquei*,ou antes,*diverti-me* com *onças* na praça da Luxuria, portanto que receio poderia eu ter de um *leitão*?

Um Sr. Doudo da opposição:—V. Ex. está faltando com a verdade. Quem de nós,que aqui estamos presentes, não sabe que V. Ex. em certo passeio que dêu, se escondeu quando soube que por aquelles logares haviam onças?

Dr. Capona:—Por força que me havia eu de esconder, porque não era bonito, ser eu á vista dos meus collegas, devorado por um animal tão bravio. Nem tambem Vv. Exs., si lá estivessem, haviam de querer que eu fosse *comido*.

Mas, Sr. presidente, que mêdo pode infundir um *leitão*, no espirito de homem, illustrado como eu? Nenhum absolutamente.

Um Sr. Doudo:—Isso é um perfeito engano, si não erro, da parte do meu collega; quanta vez um *leitão* com o seu focinho abre enormes e tremebundos buracos!

O Sr. presidente:—Attenção! Os nobres Srs. doudos não estão tratando da materia em discussão.

Dr. Zebinho:—Mas, Sr. presidente, si é o proprio orador, quem está affastando-se do ponto em discussão, si elle só e exclusivamente quer censurar do porco *leitão*, esquecendo-se de que muita vez limpou com a lingua a lama que elle tinha nas plantas,como se deixar passar similhante accusação? O nobre orador entende que deve fazer do salão do uma casa de orates uma praça de quitanda.

O Sr. Sobrinho:—O meu collega enganou-se perfeitamente. Não é praça de quitanda, mas sim de doudos.

Dr. Zebinho:—Doudo é V. Ex., que é um grande adulador de todos os governos: doudo é o seu amavel collega o Dr. *Capona* que tambem bajula á todos elles, e depois que se retiram, os apedreja, seguindo o systema dos abyssinios, que adoram o sol quando nasce, e o apedrejam quando está no occaso.

Dr. Capona:—Mas, Sr. presidente, deixando de responder ao aparte do nobre doudo, tenho somente a dizer, que quando dei uma *ceia*, como bem sabem os meus collegas, ao E. *Francez*, não foi para bajular *senhor* algum.

Dr. Zebinho:—Porem não está em discussão a *ceia* que V. Ex. deu. ao E. Francez, e nem tão pouco era disso que V. Ex. tractava.

O Sr. presidente:—E' que o nobre doudo entende que deve trazer a sua *ceia* para a assembléa.

Dr. Zebinho:—E' porque eu, como o celebre escriptor francez, digo que ha muitas boccas que fallam e poucas cabeças que pensam (*gargalhadas*).

Sr. presidente, o nobre doudo no seu discurso só está tractando da *ceia* que deu ao Sr. E. Francez e de sua *valentia* para com as onças! Que importa á assembléa que V. Ex. seja *comido* por onças. (Hilaridade nas galerias).

O Sr. presidente:—Attenção! attenção, attenção.

(Cruzam-se diversos e repetidos apartes, sahem os doudos dos seus logares.)

O Sr. Presidente:—Está levantada a sessão, porque assim não pode continuar a discussão Ordem do dia—continuação da materia.

Vozes das galerias.—Viva o *progresso* dos doudos

(O orador é comprimentado com uma vaia dos moleques, que o acompanharam até sua morada á praça da Luxuria.)

A' QUEM COUBER A CARAPUÇA

Meninas, para que tanta incivilidade, tanta impolitica, tanta tolice emfim?!!

Si não querem ser debicadas, não

leiam as cartas dos namorados na janella, ouviram?

Si continuarem voltara a estas columnas o vosso *sympathico*

Morador da Larangeira.

—Ora, o diabo sempre ajuda os seus!

Quem diria que este maldicto *Medonho* havia de escapar do sabbado de Alleluia, dia em que infallivelmente devia ser queimado, como reprobo que é das algibeiras alheias!

Mas o demorio do *lazaro* de spirito, não sei porque artes diabolicas, escapou das garras de Belzebut, e passado o dia do susto, apresenta-se mui lampreiro a continuar na sua vida de latrocinios e escamotages.

Vamos, pois, continuar a mostrar ao publico de quanto é capaz essa alma damnada, uma vez que esse flagello da humanidade poude illudir com suas artes a aquelles, que eram encarregados de nesse dia dar justo castigo aos traidores.

—Escapou elle porque ha cousas tão ruins que nem Satanaz as quer.

(*Continúa.*)

Será verdade, que ha mais de trinta dias, existe em poder do Sr. commandante de policia um insignificante papel para informar, e que S. S. durante este longo periodo, ainda não *teve tempo* para deital-o para fora de suas mãos, com o que soffre a parte interessada grave prejuizo?

MOTTE.

Em vez de trazer capona,
Gustavinho traz fardão.

GLOZA.

Alegres, tocae sanfona,
Cegos! de chapéo de arminho
Vae andar o Gustavinho,
Em vez de trazer capona.
Gentes, tomem uma mona
Pelo novo figurão!
Vingado do bofetão (*),
Que lhe deu Malacachias;
Por artes do Zacharias
Gustavinho traz fardão.

OUTRA.

Oh! que guapa oh! que pimpona
Improvisada excellencia!
Com farda de presidencia
Em vez de trazer capona!
Como de si se apavona
O Narciso, hoje sultão!
Mas,— terrivel decepção! —
(Diz o povo em surda vaia)
Em vez de capona e saia
Gustavinho traz fardão!

Quem for capaz de dizer qual foi o commandante, que acceitou um presente de arroba e meia de peixe do pae de um guarda do seu batalhão, promettendo-lhe nessa occasião, que seu filho não embarcaria, e depois de saborear a gorda sioba, remetteu a infeliz victima para o contingente, será gratificado com um *quinto* de pipa de vinho pelo

Corcova.

(*) Bofetada, promettida e não repellida, está dada.

—Sr. Ovidio, tenha pona daquella infeliz menina, de cuja perdição foi o Sr. author.

Não lhe compunge vel-a no patamar de uma escada, á espera dos farellos dos outros?

Olhe que esto mundo dá muitas voltas e ninguem faça mal que espere bem.

A pobresinha ainda hoje podia estar em companhia das irmans de charidade, si o Sr. não fosse huscal-a para seduzil-a e perdel-a.

Veja que Deus é justo, e hade punir severamente a quem faz derramar lagrimas aos infelizes.

—Vêquem vae alli?

—E' Marcos Rabeca.

—Vae dizendo que se trouxesse agora um pau lhe quebrava os ossos.

—Pois como não traz, que metta a lingoa no az de copas.

RARIDADES CALSADENSES.

A arvore de penitencia.

O todo de um caloteiro que *faria* inveja ao mais perfeito amançador de animaos.

A incerteza de um cujo *tezo* quando vê *lima*.

O demorado casamento do Leleu.

A protervia de dous irmãos Totonho e Zezé para arrancarem um pe de *oliveira*.

A valentia presumpçosa do capitão dos *gomos*.

O contraste que apresentam dous *filhos* de *Itaparica* um amado, outro odiado.

A voseria do Pedro, quando bebe.

As orgias do Uruguay.

A vida sobresaltada do rato-mor.

O passa-tempo da *rainha dos mares*.

O disfarce do Olympio Boi.

A carambola do Chamusca.

A sumptuosidade de certa casa para um baile mallogrado.

VARIEDADE.

« Em França circulam bilhetes de entrada para o céo, como no nosso paiz circulam bilhetes de beneficio. Não ha lugares reservados, e o numero dos admittidos é illimitado. A salvação custa dez centimos. O individuo possuidor de um desses miraculosos billetes deve andar sempre com elle por não estar previamente determinada a occasião em que elle o deve apresentar a S. Pedro, e de um momento para outro é necessario fazer uso delle. São vendidos na cidade de Rennes, e dizem textualmente: — *Bilhete de entrada para o céo, merecido na escola da paciencia*. Vamos mandar buscar alguns bilhetes para nós e nossos amigos, mas na esperança de nos servir delles o mais tarde possivel. »

CONSELHO.

. . . . . não lastimes teu fado,
Nem a sorte maldigas em vão,
Que a mulher, este ente terrivel,
So merece de ti maldição.

A mulher é um ente valuvel,
Tem veneno no seu coração,
Si nos labios nos mostra um sorriso
Premedita horrivel trahição.

Oh! mulher embusteira, insensivel,
Teus encantos e tua illusão,
Si teus labios nos dizem firmeza,
Dezengano mais tarde nos dão!

Todas ellas illudem os homens
Com de amor estudada paixão,
E depois ellas fogem sorrindo
Nos deixando em cruel prostração!

O amor da mulher é loucura,
Que nos faz offuscar a razão,
Nos arranca o prazer, a ventura,
Nos deixando em cruel afflicção!

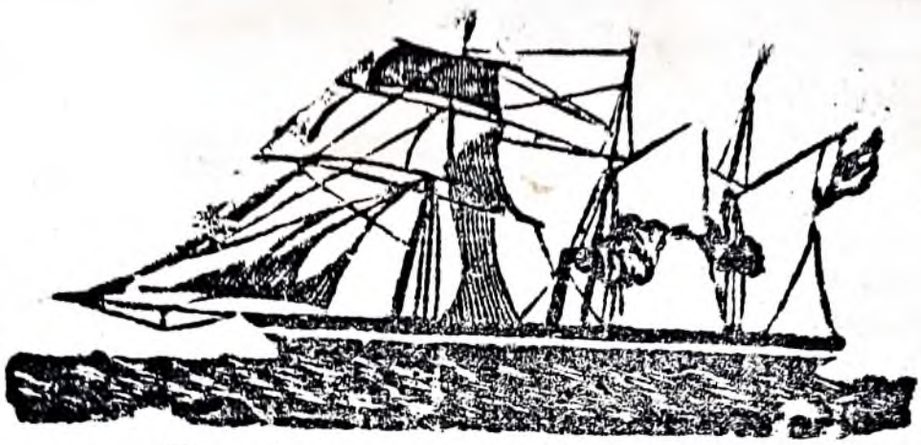
. . . . . sorri, mais não ames,
Vota á essa mulher aversão,
Não te illudas com risos fingidos
Nem com vozes de vil seducção!

ANNUNCIOS

Os herdeiros do finado José Ricardo de Santa Anna vendem tres frentes de casas em terreno proprio, sitas á rua nova do Queimado. Quem pretender dirija-se a esta typographia, que se lhe indicará a pessoa encarregada de fazer esta venda.

Nesta typographia se dirá quem precisa de um creado para o serviço de vender na rua, pagando 20$ rs. mensaes.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 26 DE ABRIL DE 1867. SERIE 2.ª—N. 194 e 195

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 9 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de abril de 1867.

Officio ao Exm. Sr conselheiro director dos Estudos, participando-lhe que nos informam de que, ha pouco mais de 15 dias, apresentou-se á professora publica da Sé uma mulher crcoula, pedindo-lhe para que fosse alli admittida sua filha de 7 annos, afim de receber a instrucção primaria, ao que recusou-se a mencionada professora, sob pretexto de que tinha um *excessivo numero* de discipulas e que *não havia mais commodos* n'aula para novas alumnas, por isso que a *casa era pequena*!..... Acontece porem que, depois disso, ultimamente, foi por ella recebida para ensinar uma menina levada por pessoa que *figura*.

E sendo de crer, que a instrução publica não deve ser monopolisada, e nem haja previlegios, uma vez que o povo em geral paga para sua sustentação, pede-se a S. Ex. se sirva de mandar ouvir da referida professora que razões teve para assim proceder.

—O' aspirante!

—Prompto.

—Mande deitar escaler ao *mar* e remar para o lado do *forte*, onde desembarcará, afim de perguntar ao commandante do mesmo com que authorisação injuria com epithetos tão aviltantes aos infelizes, que para alli são mandados.

Diga-lhe que, si continuar a usar com aquelles desgraçados de uma linguagem propria de quem foi educado em estrebaria, escarnecendo assim do infortunio e augmentando a dor do afflicto, lá mandarei o muxingueiro haver-se com elle,

—Capitão, esse desalmado é um pouco insolente, principalmente depois que janta; seria bom levar logo o muxingueiro, para algum caso urgente.

—Pois faça lá o que entender.

—Si as tavernas ja vendem carne verde, breve veremos as boticas se transformarem em loja de sapatos!...

—V. não abre a bocca que não seja para soltar um disparate.

Pois tanto nariz municipal que anda ahi a farejar as infracções de posturas, vae la consentir que n'uma taverna se venda carne verde?

—Ora ahi está! Si eu lhe disser que no domingo de paschoa comprei carne de vitella muito gorda, a 240 rs., na venda do Bento á esquina do Becco do

Jogo, freguezia do S. Pedro, o que até para o hospital militar se comprou della?

—E ondo elle acharia?

—Disse-me que foi uma vitella que os homens que vendem leite na porteira do *Sessenta e Cinco* mataram e expozeram lá á venda dando-lhe a competente commissão.

Eu quiz ir chamar o Raphael fiscal, porem depois arrependi-me.

—Antes fosse; por que ha dias foi mordida por um cão damnado uma vaca dos taes vendedores de leite, do que até o *Jornal* deu noticia, e ninguem sabe o destino que ella teve.

—E' verdade... quem sabe si aquillo não foi uma maleflca especulação daquelles sujeitos?

—Veja as bambochatas da policia: agarra os cidadãos inermes, e diz que é para dar-lhes *conveniente destino*, como si elles andassem *errados* e lhes pedissem semelhante favor, ou si os campos do sul fossem melhor meio de vida, que uma profissão honesta.

Vá vendo por aqui·

«A disposição da policia foi preso Raphael José Vianna, branco, de 18 annos de edade, CAIXEIRO, para ter *conveniente destino*.

«A' disposição da policia foi preso Januario Pires de Aragão, pardo escuro, de 36 annos de idade, SAPATEIRO, para ter *conveniente destino*.

«A' disposição da policia foi preso Emygdio Benevenuto das Mercez, pardo, de 27 annos de idade, ALFAIATE, para ter *conveniente destino*.

Correspondencia encyclopedica do «Alabama.»

CORTE 15 DE ABRIL.

A minha outra *missiva*
Foi pelo paquete inglez;
Asneira, que faço votos
P'ra que não caia, outra vez.

Mil e duzentos e oitenta
Paguei de port dobrado!
Rasão dizem: ter o preço,
Da *via* ingleza augmentado.

Ora eu fallo bem franco,
Não sou nada apaixonado
Das taes *vias* da estranja,
Que, dizem, cheirar salgado.

Portanto, fique assentado,
Qu'a minha lh'irá a mão
Pela *via* brasileira;
Gente da minha feição.

Creio que não será pouco
Eu dar-lhe—duas por mez;
Sem tratar de mais alguma
Que possa ir um'outra vez.

Esta minha declaração, é filha do *desapontamento* em que fiquei, quando esperando pagar 400 rs., me cobraram —quatro patacas— de imperadores. São resultados do—progresso—exclamei. Nos outros paizes augmentam-se os beneficios ao povo, na nossa augmenta-se tambem, mas são os—sacrificios.

Capitão, olhe que temos cada cabeça de macho neste nosso paiz que faz a gente admirar!

Oh que homens tão bregeiros!
Que cavallos tão sendeiros!!

Principio por noticiar-lhe que o ministro da justiça, está ardendo, com o resultado do conselho, que por *unanimidade* absolveu o tenente-coronel Guerra, commandante do batalhão que foi dissolvido! (4.º)

Oh que famoso carão!
Deu no ministro o conselho!
P'ra mim já não é ministro
Está reduzido à—fedêlho.

Foi advogado do tenente-coronel o conselheiro Tito Franco de Almeida, que, despertado pela *bisnaga*, que levou na eleição do Pará, aproveitou o ensejo e

Agarrou o ministerio
E deixou-o penteado,
Até o Pedro Leão
Ficou tambem esfregado.

Entretanto tudo isto é cousa para *inglez ver*; entende? E' um negocio arranjado *inter collegas*.

O que houve de real é que o Guerra, foi o *bode* da festa e mais nada. Desde o commandante superior até o ultimo alferes tem tanta vontade de ir ao Pa-

raguay, como eu de ir ao Japão. E desengane-se, que emquanto o ministro não *reconsiderar* o decreto de 13 de março e dispensar os officiaes, não completa o contingente, que designou.

Porque todos elles são interessados em que os guardas não se apresentem, visto que assim elles não marcharão. Agora, elles vão arranjando as cousas bem a geito. O *Barão de Bambuhy*, titular pelos serviços prestados em relação a guerra, *offerece*—200$ rs. á cada um guarda de seu batalhão, que se apresentar!

Ora, capitão, quem não vê que isto não é gordura, é sebo?

Quando na estranja se ler estes rasgos patrioticos dirão:

Oh! que barões dedicados,
Que gente de coração,
Sempre promptos á morrer
Na..... cama, pela Nação!

Meu amigo, o que é certo, é que quem agora não for pelo menos *commendador*, nunca mais hade ser.

O meio é facil: si não tiver, compre um negro usado, cansado, de juntas inchadas; offereça ao governo (já de farda é melhor) para defender a *honra nacional*.

As gazetas, annunciam; o governo agradece o patriotismo, mas... a inspecção de saude, julga o *defensor* incapaz, pelas molestias—chronicas.

Ninguem, alem dos medicos, sabe, e no outro dia, é o *benemerito*—agraciado pelo seu *acrisolado patriotismo*. E a nação ainda ficou prejudicada com o sustento e soldo, que pagou ao negro velho e doente, até passar-lhe a *baixa do serviço do exercito*!

E o governo agradecido
Dá commendas, faz barão;
E è aclamado o tratante
Benemerito da Nação!

Quanto ás authoridades policiaes o meio é outro:

Recrutam tudo que encontram: velhos, tortos, aleijados, solteiros, casados, viuvos, com ou sem isempção &. Remettem á policia, e a noticia logo para o jornal, que no outro dia diz: O subdelegado, delegado, juiz deste ou aquelle lugar, com a *influencia*, que tem, conseguiu reunir tantos *voluntarios*, que foram hontem apresentados á authoridade; e accrescenta: Constanos, que o governo mandou louval-o.

Isto fica escripto.

Agora remettidos ao quartel general, os bons apresentam as isempções, vão para rua; os doentes, isemptos são, e portanto lá não ficam; e o resultado?

E' a nação dispender, com a conducção, com as rações, com o soldo ou diarias que paga, e a authoridade, mais tarde, é agraciada, pelo seu patriotismo o serviço relevante.

E assim o tal canalha
Fica logo arranjado,
E o povo admirando
Exclama—condecorado!

Não se admire.

Ha pouco tempo, deu-se o seguinte que garanto:

O imperador, foi á ilha das Cobras ver os encouraçados, que se estão fabricando; ahi, apesar de ser imperador, as tripas, que são, ou tem a mesma *massa* que as nossas, deram signal do *rebate* e elle viu-se obrigado á ir atraz de uma caixa d'agua. A comitiva, disputou quem mais prompto seria em apresentar o guardanapo. Do grupo, porem, destacou-se um Sr. Baptista e offereceu, um pedaço de flanella.

.....
.....

Hoje, o nosso homem, traz no peito da farda a commenda da rosa. Pode ser que a merecesse por seus serviços; o que porem é certo é, que o facto deu-se e que o denominam—commendador da flanella.

E então, nosso paiz
Não vae tão adiantado?
Quem não dirá que nós somos
Um povo civilisado?

O cholera vae mostrando-se cada vez mais impavido. Agora passeia pelas fortalezas e vazos de guerra.

D'ali quando seguem para o hospital, são, uns já mortos e outros para morrer.

Consta que o governo prepara um

lazareto em um lugar chamado Jurujuba, para onde teem de ir; emquanto porem não vão, estão no hospital da marinha.

Nossa Senhora nos valha
E seja a nossa guia,
Nos livre do tyranno Lopez
E d'est'outra epidemia.

No quartel do batalhão naval, ilha das Cobras, estão os guardas nacionaes, que o governo mandou aquartelar e os que tem sido prezos.

Ouço dizer agora que ha tres noites, amarraram uma corda á muralha e uma boa duzia deixou-se ir por ella abaixo.

De modo que o governo,
Quando cré que vão crescendo,
Tem noticias que os sugeitos
Pelas cordas vão descendo.

Chegou aqui antes de hontem o deputado Dr. Tiberio.

Ha quem affirme que na tal verificação de poderes, este anno ha-de haver bofetão á valer. Deus o permitta, uma vez que seja para bem nosso e ensino delles.

Haja soco e pontapé,
Cacheção e bofetada;
Ronque o pau e si quizerem
Deem tambem sua facada.

Foi nomeado juiz de orphãos o deputado, sobrinho do Zacharias; não o conheço.

Atiraram a *muxiba* ao Dorea; elle pegou, arranjaram logo o menino por conta dos serviços que tem de fazer.

Assim é que é.

Corre que o Surdo-é-sinho, o tal *filho da fortuna*, está escolhido para substituir no districto encouraçado — o Saraiva, quando for eleito senador. Bem me parecia que havia cousa que o tem feito gritar tanto no jornal.

E' uma *creança* feliz! Quando chegar a homem está martyr de suas ideas.

Viva a liberdade!

O governo acaba de ordenar que certos presidentes não se retirem, sem completar a obra encommendada.

Neste numero vae o dessa provincia.

Meu amigo, quando o governo é activo, forte, energico e decidido, faz assim.

Ca está a Benedicta Rebouças. Desde que chegou ainda não pararam os sambas, em obsequio a sua pessoa.

Passando na rua do Hospicio, á noite, ouvi esta chula acompanhada do infallivel prato e palmas:

Chegou a Maria Rebouças
Creoula — sinhá babiana,
E' pessoa sem fiducia
Que aprecia a *caiana*.

Logo que chegou foi visitada por muitas pessoas gradas, inclusive o reverendo conego Manê Guingó.

Em relação a guerra, ha muita cousa, porém o que por cá transpira reduz-se ao seguinte: 0$ 0$ 0$ 0$ 0$ 0$ 0$ 0$ 0$.

Não faz mal, não desanime,
Que quando não esperar
Abi lhe chega a noticia:
Lopez foi-se a passear.

Vamos agora fallar das bellas. Por ca pouca é a alteração que tem havido sem importancia. O Chaves, no seu officio de azeiteiro, vae continuando, sem novidade. A Geralda que foi delle está subindo, não chega para todos. Amelia traviata, ja tem carro proprio puchado por cavallos do cabo. O que é o mundo!

Das de la porem vou eu,
Lhe fallar tambem agora;
Diga, Lulu mata-fome
Ja voltou ou está la fora?

Augusta galinha frita,
Bem como Antonia das Vellas,
Na rua das Larangeiras,
Inda vão mecher panellas?

Me falle da Anacleta,
E tambem di Ricardinha,
Bem como de Helena boi,
E Leopoldina cabrinha

Como vae Cecilia pedra,
E o Cosma Pomba suja?
A Maxima ja entregou
As saias daquella cuja?

Me diga si Anastacia
Vae melhor do pé doente;
E si Umbellina Pau d'agoa
Ainda bebe agoardente.

Joaninha rasga sedas,
A Maria Trapicheira,
Com innocencia graveto

Vão melhor da quebradeira?

E por hoje me despeço,
Não quero ser enfadonho,
Lhe peço me recommende
Ao seu *Lazaro* Medonho.

O Patusco.

A PEDIDO.

PERGUNTA INNOCENTE.

Pergunta se ao Sr. subdelegado de Sant'Anna si os inspectores suspensos por S. S e não demittidos, podem ser chamados para o serviço da guarda nacional?

Um morador de Sant'Anna.

AVIZO IMPORTANTE.

O filho de certo commendador tendo comprado uma escrava para a creoula Antonia V. da Rocha por 900$ rs. acontece que procurador d'elle o Sr. *Amo rico*, que guardava todo segredo para não saber o dito commendador, quasi fica com a dita escrava; depois de muito barulho, recebeu a dita Antonia a escrava na quinta feira Santa.

Dr. Carne Secca.

(*Continúa.*)

ARTILHERIA RAIADA DE GROSSO CALIBRE—1.ª PEÇA—FOGO EM.... PARQUE.

Pois Vm. Sr. mestre sapateiro José, eterno frequentador do terreiro de pai Caetano, atreve-se a fallar em moralidade, nesta parte?

Vm. constante frequentador de certa botica, onde se entretem em apanhar baratinhas, até fazer horas para se divertir em casa da Maria II, na ladeira em que nunca houve *misericordia*, e ahi, depois dos piparotes do costume, minhas candongas para lá, minhas candongas para cá, volta para casa depois das tantas, sendo casado!.....

Pois Vm, devoto incensador das deidades de turbante, quer deveras criticar, sem ter de que, e desmoralisar a quem em tudo lhe é superior? Ora, empine-se... deixe-se disto meu manicas; Vm. já não engana ninguem com seu ar de impostura.

Olhe, si continuar, terá de ver posta em musica e cantada pelo muxingueiro, esta quadrinha que Vm. ouviu cantar em certo logar:

Bravo marreco,
Bravo tartufo!
Mestre Gomes lá vem
Montado no bufo!

SONETO.

Que prodigios não faz o D. Progresso?!...
Pois até presidente è o Gust.....avo
O mesmo que dos vicios tão escravo,
Jamais nelle a vergonha teve ingresso!...

O mundo está mudado! està diverso!
A *graça de capona* é já um bravo!...
E quem fez a moral um feio aggravo
Em vez de punição, dá-se o inverso!

Vae meu Bebesinho! vae ao norte
Mostrar o *fundo* teu immenso e lato
Q' por mais de uma vez mostrou ser forte!

Ao chegares, porem, pratica um acto
Que atteste do progresso a lei, a sorte...
Quem cachorro não tem, caça com gato!

—O João das Mulatas, tem privilegio sobre os outros presos da casa de prisão com trabalho?

—Porque?

—Anda constantemente na rua.

—E' que tem licença

—Disso sei eu: Que direito tem elle para obtel-a tão a miudo, é o que eu desejo saber.

—Talvez seja protegido.

—Ja o tenho encontrado até de noite, e muitas vezes sem ser acompanhado, envolvido com a gente do olho-vivo a fazer gamados. Pelo Bom Gosto principalmente anda sempre a fazer advinhações de cartas e dedaes.

—Ja me disseram que houve não sei quem, que recebia la bem bons presentes delle.

—Minha senhora, desejo-lhe um bom dia.

—*Nossa Senhora do Amparo* lhe retribúa.

—Como vae de seu negocio?

—Qual, do collegio?

—Não, daquella bisca na qual Vm. quer encartar seu irmão?

—Muito mal; a maldicta *mulatinha* está dura como pedra; não ha nada que a demova. Não vê ella, que é uma honra que lhe dá meu irmão, *branco do reino,* casando-se com uma mulata?

—Por isso mesmo é que ella deve se recusar, por ver que seu irmão sendo filho da terrinha, não procura fórma de seu pé, e quer unir-se a uma descendente de *caivras* como elle chama. Isto faz crer que não é com ella, e sim com os *contos* de reis, que elle quer casar-se.

—O Sr. sabe que o interesse é a mola real da sociedade.

Ninguem mette prego sem estopa.

—Pois então nada de constragimento, nada de insulto e rigor, uma vez que por boas maneiras a Sra. não consegue arranjar o *sôr seu mano,* deixe a moça. Isto lhe peço tambem por *Nossa Senhora do Amparo.*

—Hei de empregar todos os meios até que por fim conseguirei

—Parece que Vm. o que procura é sarna para seu irmão se coçar.

—Um guarda do chafariz pode negar-se a vender agoa para esta ou aquella casa?

—Isto não se pergunta; nem a empreza pode fazel-o.

—Pois o do chafariz da Saude, não sei que diabo de embirrancia tem com a gente de certa casa, que não ha nada que a faça consentir que os escravos della, tirem agoa lá.

—Ou será pelo mau comportamento delles?

—Não é possivel que todos se portem mal.

—Então é intriga.

—Eu creio que sim. Porem, isto é o empregado de uma empreza publica prejudical a e causar embaraços ao povo, por causa de uma intriga particular.

—Mais uma!... Mais uma!...

—Que diabo está V. a fallar?... Mais uma o que?...

—*Casa de divertimento licito*..... Installou-se no domingo.

—Onde é?

—E' n'uma casa especie de *hospicio*; tem por distinctivo uma *aranha* pintada no solar.

—Em que consiste o divertimento?

—Em ver uma *lebre* correr no *monte* apoz uma *rola* pequena.

—Diabo leve tal divertimento.

—E onde vê, só é admittido lá, quem tem dinheiro bastante.

—Só nesta terra se vê isto!

Uma authoridade policial, no exercicio de suas funcções, accommettida por accessos de raiva, esbofeteia, em audiencia, a uma pobre mulher, que alli era parte n'uma questão; leva-se o facto ao conhecimento do Sr. Dr. chefe de policia, e elle fica impassivel como uma pedra miliar sem dar cavaco, ao ao menos que conste publico!

E como não se ha de ver nesta terra authoridades despoticas, atrabiliarias e facciosas, authorisadas com estes e outros exemplos?

—Em outro tempo era uso, pela quaresma celebrar-se nas torres das egrejas o officio das almas; hoje, ao contrario, depois da quaresma, ha divertimentos, folguedos, cantorias etc. nesses logares.

—Isso è innovação sua; não me consta.

—Oh! homem de Deus! Passe pela frente da Sé, que ha de ver.

Desde domingo que está la um *pagode*, modinhas, violões, ips, hurrah, *papagaios*, *trepa*, *trepa marinheiros*, vivas, etc.

—Ora isso é, sineiro que está se divertindo com seus amigos.

—Ah! então perdôe, que eu não sabia.

MOFINA.

NAVEGAÇÃO FRANCA.

—Sr. capitão, Sr. capitão?

—Que é lá, rapaz?

—Trago-lhe uma noticia muito agradavel.

—Qual é?

—O *rio das contas* é completamente navegavel.....

—Como sabes tu isso?

—Porque disse-*me* o Sr. *Piloto* que o sondou.

—E esse *Piloto* é pratico?

—Ora si... e até de outras *coisinhas* mais *gloriosas*!!

—Adeus—já vens com coisinhas gloriosas!

—E porque não, si o Sr. *Piloto* por ellas principiou!

—Não quero saber agora o que foi—quero saber o que é hoje.

—O que é hoje!...E' um patife, tratante, velhaco, intrigante, mentiroso e agora *piloto*.

—Estou satisfeito—tratemos do rio. Mas então não haverá algum baixio que possa embaraçar a navegação?

—Não senhor, não ha baixio algum ha apenas muito bicho e podridão no fundo, mas por onde o navio pode escorregar á vontade.

—Podridão!! pois homem a superficie é tao disfarçada, que ninguem diria que houvessem taes cousas.

—Admira que o Sr. Dr. chefe de policia, que em certas cousas se mostra tão escrupuloso e timorato de ferir a lei, em outras, proceda tão despotica e arbitrariamente.

Por exemplo: para se tirar vingança, vão dizer a S. S. que um homem honesto, artista laborioso e morigerado, é um perverso, um deflorador, um desertor e tudo quanto ha de ruim S. S., sem mais provas, ordena a prisão do cidadão, que,sem esperar, vê sua casa cercada pelo subdelegado e recebe a voz de prisão; apesar de estar doente, arrasta-se até a presença de S. S.,onde, com documentos, confunde a calumnia de seus inimigos; a despeito de tudo isto, é remettido ao commandante das armas para ter praça!..... não porque S. S. duvidasse da veracidade dos documentos, mas porque não sabe si o *individuo de quem elles tratam é o proprio*!...

O Sr. commandante das armas, apezar de militar, quer se mostrar mais razoavel que o Sr. Dr. chefe de policia, e á vista dos documentos, recambia o homem,que apezar disso é constrangido n'uma prisão por mais de trinta dias!...

Ao passo que se mostra tão rigoroso para com este; um cidadão perde a chave de sua casa, e encommenda a um ferreiro uma outra chave differente; depois dessa nova chave sua casa é aberta trez vezes e roubada, sem apresentar arrombamento. O cidadão vao ao Sr. Dr. chefe de policia, expõe-lhe o caso, e S. S. exige, para dar providencias, uma denuncia assignada em que o homem assevere ser o ferreiro o author dos roubos, dizendo que seus inimigos podiam tirar d'alli motivo para feril-o!

—E eu acho justo.

—Pois quem authorisa tantos excessos, não podia mandar por um inspector de quarteirão dar uma simples busca, sob qualquer pretexto, na tenda do ferreiro, á ver se encontrava uma chave irman da que elle fabricou para o homem?

—Sabe que mais, vamos tratar de outra cousa, deixemos o que não nos interessa.

—Que gritos partem daquella casa! Bradam aqui-d'elrei.... podem soccorro...Haverá incendio alli?

Porém, si fosse incendio, o collegio está perto, tinha dado signal.

—O negocio é serio; la entrou o subdelegado com seu escrivão e ordenança O que será?

—Ja que está tão impaciente, vou saber o que é

—Pois vá homem de Deus.....

.....

—Sabe o que é?

—Sim?

—E' um *pardal* da casa do conego *Ciri* que tinha por costume ir estragar a *seara* de um pobre homem todas as noites. Este, desconfiando, poz-se á espreita até que o pegou ceifando o trigo; o pardal bateu as azas e fugiu pelo quintal. O homem poz se a bradar.

—Como é isto? Pardal á noite...voando pela porta do quintal!... Então a seara é dentro de casa?

—Homem deixe-me *ja sinto* fastio em fallar nisto.

VARIEDADE.

APUROS.

Nasci no O', logar insuportavel por causa das ventanias.

O meu nome é Thomé. No tempo de rapaz, me chamavam o Thomé dos moços.

Dizem que fui muito engraçado. Eu vivia menos mal: caçava, comia e dormia. Si Adão me conhecesse, invejaria uma tal vidinha.

De repente, o patife do Lopes arreganha os dentes, e bumba! Levou a breca.

Por toda a parte, só se ouvia: —pega! pega! Era gente que queriam para a guerra.

Quasi todos afundaram para o matto.

« Deus é grande, mas o matto ainda é maior. »

Doentes, papudos, aleijados, com queixo ou sem queixo, tudo serviu. Pegou-se-trancafiou-se e apresentou-se ao antropophago do Paraguay.

Que diabo farei eu? dizia cá com os meus botões. Fugir? Mas, para onde?

No matto faz frio, na cidade sou preso...

Tomei um expediente.

Casei-me com a primeira coroja que encontrei. De mulher so tinha o sexo, mas que fazer? Não havia tempo para escolha, Precisava safar-me da entaladella e casava me até com a filha do Diabo.

Nosso casamento foi muito festejado.

Houve tiro de requeira e o mulherio todo assistiu.

O povo ria de gosto.

Eu ia muito bem vestido; pé no chão' calça de algodãosinho, surtum de baieta e carapuça vermelha.

Até me pediram o retrato, de tanto que gostaram.

A Dorothéa (minha noiva), estava que nem um anjo. Vestia um roupão novo de chita azul com pingos amarellos, mantilha de puçá, sem balão (que não se uza), trazendo sobre a cabeça uma grinalda de flores de pepino.

Mas agora é que são ellas. Corria a minha lua de mel, quando aperta a maldita guerra e o governo começa á gritar como um endemoninhado— « venha gente! Fugam gente! »

Com mil bombas! Lembrei-me de casar segunda vez, mas o diabo da Dorothéa, tem um ciume, que é capaz de me comer vivo!

Si a cousa continuar, afundo para o matto e summo-me para sempre.

A Dorothéa que se divirta; está robusta, pode ainda aguentar as sovas deste mundo.

Vejam o que são desgraças, quiz fugir da guerra e cahi no matrimonio!

Acei-me.

A TODAS AS MULHERES.

Tão chistosa noticia é extrahida do *Jornal do Porto*:

«Um poeta, não tão poeta que não seja um pouco jornalista, nem tão jornalista que não seja um tanto poeta, escreveu isto:

«Dizem-me que as mulheres amam muito, que são candidas, meigas e formosas. De que me vale amal-as e querel-as, si não me querem todas?

«A mulher é a luz, é a harmonia, é grato amor, é sol que vivifica; mas acho, depois de uma que me encanta, outra que mais me prende.

«Contemplo-as a mover-se e agitar-se, serenas, innocentes, com mil graças, mas quando a moreninha me fascina, a loura me enamora.

«A moreninha, é rôla que suspira; a loura angelical, é mansa pomba; ha nos olhos azues, dous cèos abertos, nos pretos duas glorias.

«Com aquella, que adoro o amor bem-digo, falando-lhe a linguagem dos suspiros; mas vendo passar outra, exclamo, logo: Ai, si tu fôras minha!...

«Todas são innocentes, todas boas, todas candidas, meigas e formosas, todas sabem amar e todas amam, mas não me amam todas.»

ANNUNCIOS

Vende-se um bonito cavallo muito bom de sella, e um cavallinho para menino muito bom de passo legitimo, ambos muito novos; quem os pretender procure no corpo Santo casa n 49, 2º andar.

GRANDE CONCERTO
NO PASSEIO PUBLICO.
Domingo 28 de abril

Beneficio concedido pelo Exm. governo da provincia a Jeronymo Luciano da Costa.

HOMEM SEM BRAÇOS.

Uma banda militar tocará, das 4 ás 8 horas da noite, differentes e lindas peças de musica.

O beneficiado agradece do fundo d'alma a Ss. Exs. os Srs. presidente commandante das armas e a administrador do passeio publico; e antecipadamente ao publico. Entrada 500 rs.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 30 DE ABRIL DE 1867. SERIE 20.ª—N. 196

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º ndar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 9 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de abril de 1867.

Officio a Illma. camara municipal, para que informe o destino que deu a uma porção de milheiros de tijollos que no pateo da mesma existiam, os quaes ahi não estão, ha muito; dignando-se de informar si foram dados, vendidos, emprestados, ou se existem em ser em poder de algum cuidadoso para guardar.

—Que pessima carne tem havido n'estes dias no mercado!

Antes comer um pedaço de bofe, do que tal carne!

—Bofe se torna ella quando chega na panella.

—Querem matar o povo á peste. Não sei si os Srs. encarregados de fiscalisar semelhante genero são cegos!

No dia 26 encontrei dous cestos de carne, da que é mandada para as casas pias depois do meio dia, que pozme tonto; tal era o fedor.

—Tambem isso é uma bambochata, que só da cabeça do Sr. Leão Velloso, podia sahir.

Si a carne virada não presta para o publico comer, como mandam para os conventos e casas pias, nivellando os habitantes dellas ás condicções de gato e cachorro, a quem se dá a comida quo não presta? E si está no caso de ser aproveitada, é um roubo que se faz aos donos, um attentado contra a propriedade alheia.

—Porem o dono, que se apresenta, tem direito a ella.

—Como é possivel que um homem, que tem carne em diversos pontos da cidade, se apresente ao mesmo tempo em todos elles para receber o que é seu?

Si a carne não presta, não se dê aos pobres, porque por se ser pobre não se é animal, e si presta deve ser entregue a seu dono. O tempo que se gasta em leval-a a um convento e, depois de lá chegar, em preparal-a, é o tempo que se vendia no talho até o dono apparecer.

—Si ao menos com essa medida o povo estivesse livre de comer carniça, bem; porem, ás vezes, de manhan, já ella está pôdre.

—Quem está por cima são as vendedeiras de peixe, porque o povo repugna comer a tal carne, procura o peixe e ellas aproveitam para eleval-o a um preço exorbitante.

—As cousas desta terra são assim mesmo!

Fez-se tanta barulhada a respeito da

empreza do accio da cidade, nomeou-se commissões, procedeu se a inventario, rescendiu-se o contracto, e toda essa *bacafusada* deu em agoa de varrella, ficando tudo no que d'antes era.

—Com a differença do que o empresario ficou alliviado de certas obrigações, que tinha pelo contracto.

O POVO.

A noite desdobra o seu manto sobre a cabana do pobre e não se ouvem preces ao Senhor!

O sol illumina o tecto do fendido colmo, e não sôa o cantico do trabalho!

Onde o pobre lavrador?

As heras crescem em torno do casal, e outr'ora o não consentia robusto braço, que semeava os campos.

Bala sosinha a cabra, que amamentara um infante; e o cão fiel, em balde uiva, applica o ouvido e estremece ao ciciar das folhas!

Onde o pobre lavrador?

Vereda funda pelo pizar do homem, eil-a obstruida, que cresceram cardos!

O pomar desfolha e murcha ao crestar do sol, e mingoada fonte se embebe na terra, que a enchada amanhara!

Onde o pobre lavrador?

Quantas vezes, poento caminheiro aqui refez as exhaustas forças!

Quantas vezes, ao abrigo deste tecto, reclinou a cabeça tranquilla dos perigos da noite, ou mão caridosa se estendeu para lhe matar a fome! Ave bem fazeja lhe annunciava a volta do dia, o pequeno rustico, de tez queimada, vivo como a cabra do monte o conduzia, até beira do caminho!

Onde o pobre lavrador?

Fizeram-no soldado e mandaram combater.....

Pela posse do seu campo?

Não, que lh'o tomou o rico cobiçoso.

Pela felicidade de seu filho?

Não, que somente elle vellava por seus dias.

Pela honra de sua esposa?

Não, que a virtude se abriga nos campos.

Pela liberdade de seus irmãos?

Não, que estes eram somente os pobres e a mesma corda lhe roxeou os pulsos; a cobiça os exilou, a vingança, o orgulho do poderoso.

Pela fé de seus pais?

Não, que a fé amorteceu; os felizes descrêem.

Pela gloria do seu paiz?

Não, que a traição a tem mareado; a escravidão deslustra a coragem.

E onde a bemfeitora, que matava a fome ao perigrino?

Esmolava... enloqueceu de saudades e de pejo!

E onde o tenro infante, o genio destes bosques?

Vive entre escravos, *foi dado a soldada*!

A PEDIDO.

—Quem é aquelle empavezado?

—Qual?

—Aquelle que desce a ladeira d'*Avó de Christo*.

—Aquelle emproadinho é o Dr. *Castanha*.

—Não conheço. Na Bahia, ouvi fallar, em outra epocha, n'um celebre conego Castanha; aqui em Latronopolis nunca soube que houvesse gente com appelido do fructo do *cajueiro*.

—Pois elle é filho deste sobredicto conego.

—Pelo gesto não me engana que é filho de padre

—Aquelle filaucioso tem uma impafia, um orgulho, uma *flamancia* para aristocrata, que o Sr. não faz ideia. E da-lhe a sua fatuidade para entender que a fidalguia está em maltratar aquelles, que a sorte colloca em posição abaixo delle, ou na sua dependencia.

—E' tollo.

—E de mais.

Para prova basta isto:

Foi um homem para elle examinar no paço do governador, si era bom ou doente a fim de entrar para a militança. O homem acostumado a trajar decentemente, apresentou-se com um fato acoiado e de algum custo. Para ser examinado era preciso despir-se; o que elle principiou a fazer deitando a rou-

pa sobre um sophá que havia; porem o nosso dotourete isto vendo, com uma intoleravel arroganeia, como se fallasse com um escravo bradou-lhe — *Psio!.. ja.. tire isto daqui para fora.* E o homem que estava com o pescosso no cutello, sem fugir nem mugir foi arrumando seu fato no chão, ate que, acabado o exame, enfiou-o outra vez!...

—Que pedantismo!....Si elle tivesse a verdadeira nobreza, que é a de sentimentos, não praticaria tao vilan acção. Vão ver que ha de ser um *louvaminheiro* para com os grandes.

—Isso não tem duvida.

—Esses bisbortias querem a força se tornar conhecidos por seus actos virulentos e por suas maneiras desabridas.

—O Sr. não sabe o ditado que diz — quem é bom ja nasce feito?

—E quem quer se fazer não pode.

—Si aquillo não é vontade de imfundir terror no povo, de embaraçar a lavoura, de entorpecer o mercado, não pode deixar de ser mero brinco de rapazes, que vão se enfileirar alli debaixo do arco da Estrada Nova.

—Quem são aquelles sujeitos?

—Inspectores de quarteirão da freguezia de Santo Antonio, que estão ali desde 5 horas da manhã a agarrar todos que passam, sem excepção.

Veja si aquillo não é de proposito: por este logar vem os roceiros trazer pela manhan ao mercado o producto de sua lavoura, e é ali que os taes *aguazis* acham para fazerem sua fanfarrunosa *caçada*!

—E' porque nesta terra tudo anda ás avessas; do contrario, d'entre os taes inspectores que ali estão, muitos deviam ser os primeiros recrutados.

—Maldicta noticia foi a sua!..... Antes não m'a désse...

—Qual?

—A tal da casa em forma de *hospicio*.

—Onde a mocidade acha distracção á noite, em *divertimento licito*?

—Esta mesmo. Vim de lá a *paz de pilo*.

—Quem lhe mandou... V. é dos taes de *abafos*, que gosta de ver o *fundo*.

—Que quer? ha uma *dama* ao *centro* do edificio, encarregada de arrecadar os despojos, que faz artes deslumbrantes. Por duas vezes, vi a *banca* em que ella se sentava *voar* como quem quer *ir* para a *gloria;* eu fiquei perplexo; porem com o *abono* que fizeram acreditei que eram *fixas* e *garantidas* taes proezas e fiquei *magnetisado;* quando tudo era phantastico E ainda a gente querendo safar-se e pôr-se *fora de portas*, a *dama* vem na *segunda* escada buscar a gente.

—E V como foi direitinho acertar com a casa!

—Pois si eu vi logo a maldicta *aranha* pintada na porta.

—Pois sirva lhe esta de correctivo; porque, si lá tornar, vem *depennado;* aquillo é um meio de vida d'onde meia duzia tem de tirar proveito, e portanto é necessario que a cousa dê para chegar.

Assembléa dos doudos.

PRESIDENCIA DO DR. MAZA.

Discurso proferido pelo Dr. Zebinho na sessão de 16 do quarto mez do anno do progresso.

Dr. Zebinho:—Tenho estranhado, Sr. presidente, o não comparecimento do Dr. *Capona* á esta casa. Entenderá elle que por ter sido nomeado governador de certo *rio extenso*, que fica ao *norte*, não deve vir mais a esta casa, afim de não manchar o seu bordado fardão?

O Sr. Sobrinho:—O Dr. *Capona* não é homem dessas vaidades.

O orador:—Dizem por ahi, que é essa a rasão, porque elle não tem comparecido á esta assembléa, porque entende que não é logar digno de nelle figurar o governador de um *rio* tão *extenso*, como o que fica ao *norte*; mas si nos lembrarmos de que a assembléa dos doudos exerce funcções muito mais elevadas talvez do que as de governador, e de governador que em algum tempo já escovou botas; si nos lembrarmos ainda de que neste recinto já tomaram assento homens que onde

deitavam o pé o Dr. *Capona*, com a sua engarrafada intelligencia o o seu bordado fardão, não deita a lingoa, longe de honrar-se a si com esta ausencia, honra-nos a nós; porque nada adiantam aqui homens que venham mostrar somente o bordado de sua camisa, o penteado de seus cabellos, a maciez de suas mãos e a benfeitoria de suas pernas, que é realmente o que tem feito este bajulador agaloado (*Risadas*).

(Crusam se diversos apartes.)

Sr. presidente: —Attenção! Peço aos nobres doudos que não interrompam o orador.

O orador: —Finalisarei o meu discurso, Sr. presidente, com a seguinte quadrinha que ouvi os moleques cantarem no largo da *Luxuria*:

Vem cá, Zeguedé, vem cá,
Vem ver o que acconteceu;
O *Bebé* largou a capona,
E em fardão se metteu!...

(Risadas prolongadas das galerias)

Sr. presidente: —Attenção!

Levanta-se a sessão por falta de numero.

(O orador é comprimentado por diversos Srs. doudos da opposição.)

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Vae ao Maciel de cima, procura a Maria Gumbi e dize a essa centopeia que deixe de *atanazar* com sua ferina lingua aos pobres moços que por infelicidade foram morar defronte della; do contrario lhe ha de custar caro.

Totonio, vela por tua venda, do contrario, com o caixeiro que tens, te verás mais depennado do que um *pinto*.

Um teu amigo.

Previne-se ao *Filho do Filho*, que tome cautellas com certo intitulado socio e amigo seu, administrador d'uma casa de commercio nesta praça, que com geral admiração lhe foi confiada; e não durma sobre a cratera do vulcão; porque esse passaro bisnau, bem conhecido por seus *gloriosos* precedentes nesta mesma praça, está-se preparando á surdina para dar-lhe *quinau de mestre*. Não durma..... e lembre-se do antigo dictado—quem me avisa meu amigo é.....

O pançudo.

VARIEDADE.

O JOGO.

OLHAE MEU EXEMPLO!...

Em negro estendal de humidas paredes
Um dia eu entrei:
Nojenta candeia de baco clarão,
Mandava reflexos do ouro em montão
Na dama ou no rei.

E a horda de cynicos sentados a mesa,
No jogo ferino;
Brincavam, sorriam, diziam chalaças,
E as facas brilhavam no cinto das calças,
Brasão do assasino!

Joguei e perdi, meus bens, minha vida
Suor de meu pae!
Qual virgem innocente, que ama, acredita
No infame, que infamias somente medita,
E a virgem la vae!

Ja viste cascata que tomba, se enrosca
No antro sem fim?
Assim eu tombei, de abysmo em abysmo,
Perdido manch do de negro cynismo;
Coitado de mim!

(*Extr.*)

ANNUNCIOS

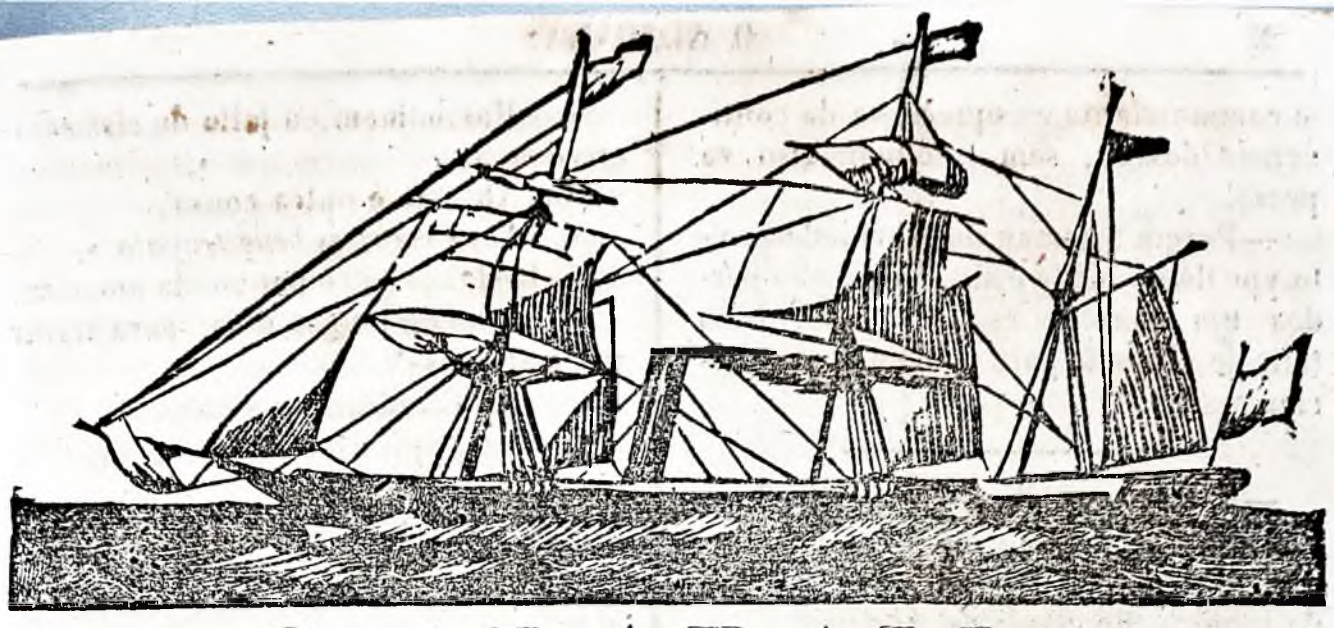
Afora-se bons terrenos para edificação, na rua denominada do Laranjal, por detraz da capella do Senhor Bom Jesus dos Milagres, na estrada do Matatú; quem pretender entenda-se com o Sr. Casimiro Coelho Sampaio, no principio da ladeira da Poeira, por cima da loja de barbeiro.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n. 9 B; ou na Saude, rua do Jogo do Lourenço n. 199, vende-se bom café moido puro, á 400 rs. a libra

Os herdeiros do finado José Ricardo de Santa Anna vendem tres frentes de casas em terreno proprio, sitas á rua nova do Queimado. Quem pretender dirija-se a esta typographia, que se lhe indicará a pessoa encarregada de fazer esta venda.

O
ALABAMA
1867
A
1868
I 8
6 20
I. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 1.º DE AGOSTO DE 1867. SERIE 24.ª—N. 237.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de julho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. superintendente do matadouro, chamando sua attenção para o decadente e asqueroso estado da maior parte dos carros, em que é conduzida a carne para os talhos.

—Ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá acabar com uma *cumbuca* á subida da ladeira da Palma, n. 49 A, visto que o dono desse tremedal de perdição nenhum escrupulo tem em admittir nelle meninos para se divertirem no dominó e no montinho. Cumpra.

—Um edificante exemplo de charidade.

—De quem?

—Das filhas de S. Vicente de Paula.

—Eu ando muito *ressabiado* com a charidade dessas mulheres por me parecer de systema phosphorico.

—Escute sempre.

—Pois diga.

—Christovam Antonio Paranhos, enfermeiro da Santa Casa, pediu licença áirman superiora para ir ver um irmão doente, que nesse dia recebia o Santissimo Sacramento, o que lhe foi concedido; porém Christovam commetteu a *gravissima falta* de não ir dar parte da licença á irman regente de sua enfermaria.

Voltando para o hospital, perguntou-lhe esta por ordem de quem sahira:

«Por ordem da irman superiroa, respondeu o enfermeiro.

«E por que não me deu parte? replicou a *angelica* senhora.

«Me esqueci, irman.

«Sta bom, espera ahi.

Foi *cochichar* com a tal superiora e esta, que tinha dado a licença, veiu muito delambida dizer a Christovam que elle estava despedido por não dar parte á irman enfermeira.

—Que orgulho desmesurado!

—Veja que soberba requintada, que vaidade mundana!

Por uma simples falta, occasionada pela attribulação de um irmão afflicto, que vê seu irmão ás portas da morte, tira-se o pão da bocca de um pae de familia!

—Quantas vezes o soldado passa pe-

o commandante e esquece-se da continencia devida, sem que por isso va preso!

—Porem a irman de charidade prototypo de bondade e singeleza não perdoa um simples esquecimento, uma falta de etiqueta para com sua cathegorica pessoa.

—Capitão, recebeu o *Fallador*?

—Não sei o que é.

—E' uma folha publicada no Rio de Janeiro, no estylo do *Alabama*.

—Agora entendo.

—Falla pelos cotovellos e diz verdades que muita gente não ha de gostar de ouvir.

—Tenham paciencia.

—O sujeito é bem informado do que se passa na Bahia; bolle com muita gente de cá; até o chefe de policia leva sua rabecada.

—Tem algum numero ahi?

—Aqui estão os publicados.

—Leia alguma cousa que sirva.

—Va ouvindo:

«Por decreto do mez de abril foi removido o Dr Jeronymo Sodré Pereira, lente da Faculdade de Medicina da Bahia para a do Rio de Janeiro, em quanto for ministro o conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas.»

« —Aonde está isso?

« —Oh! leia aqui o *Mercantil*.

« —Meu amigo, eu estou completamente descrente, de modo que hoje nada creio; principalmente depois que li no *Pharol*, gazeta da Bahia, a historia de *mil e uma noites*!

« —Mas....

« —Nada, não posso crer, salvo si me afirmar que a materia das cartas era verdadeira.»

« Conversavam, os Srs. Martim Francisco e Manuel Dantas, na assembléa e dizia aquelle á este. «A idéa do acabamento do *elemento servil* pega, porque a *nossa* maioria a aceita,» ao que respondeu o homem das industrias —Deus nos livre, que tal aconteça; no dia em que se acabar o *elemento servil* nesta camara, estamos derrotados.

« —Mas, homem, eu fallo do *elemento escravo*....

« —Ah! isto é outra cousa,

« —*Si és vero, és bene trovato.*»

—Basta; ja vi o panno da amostra.

Deus lhe dê longos dias, para terror dos tratantes.

EXEMPLO DE PATRIOTISMO

Eu tinha um máu escravo, adoentado,
Verdadeiro tormento, endiabrado:
Libertei-o, ao governo offereci-o
A fim d'eu ser tambem condecorado.

O que era meu desgosto, é minha gloria;
De quem era capoeira fiz soldado!
O querido decreto publicou-se,
Emfim, tambem eu fui condecorado!

La vae á guerra o grande capadocio;
Da rosa o peito meu eis adornado;
E' bello assim servir a patria nossa,
E' bello ser assim condecorado!

Ingenuo patriota! não, não ide
Soffrer d'uma campanha o escuro fado!
Ficai, livrai-vos de maldicto escravo
E aqui mesmo sereis condecorado!

O PIPOCA.

(*J. do Brazil.*)

A PEDIDO.

—Quem é aquelle capitalista?

—Qual?

—O do cavallo russo.

—Elle é capitalista?

—Suppuz.

—O habito não faz o monge.

—As apparencias enganam.

—Pois saiba que é um empregado publico.

—Deve ter um ordenado vantajoso.

—O motivo?

—Quem tem gosto para possuir um ginete tão formoso como aquelle, indubitavelmente tem rendimento para tractal-o.

—São mais as vozes que as nozes.

O homem ganha 800 rs. diarios no *trem de paz*; com as gratificações faz uns 28$ rs. mensaes.

—Eh!.....

Isso é incrivel.

—Incrivel? Pois saiba mais:

Além daquelle, tem outro cavallo, servente para tractal-os, mora em casa de vinte cinco bagos, tem rico piano, mobilia de luxo, paga tres amas, traja no *rigor* com a sua cara metade, etc.

—Qual!... Digam o que quizerem; o homem *tem outros achegos*.

—Não duvido; mas...

—Mas o que?

—Quem tem rendimento para tanta cousa, não se sugeita a um emprego tão minguado e que, por força, ha de ser de baixa esphera.

—Tambem estou por isso.

Eu até agora me admirava de ver um velho n'alfandega g nhando 40$ rs. pagar tres casas, sendo a menor de 10$ rs., e ás vezes, com o *Marcellino* no adro *do Bomfim*, fazia meus commentos á respeito; porem á vista disso metto uma rolha na bocca; o dinheiro deste é mais *milagroso* ainda.

—Ha muita gente por ahi de rendimento *elastico*.

Está que o *Joaquim* outro dia contou-me que no *trem do mar* ha um apontado com 1$ rs. diarios, que é grande apreciador da cor de ebano, faz gastos exorbitantes quando se acha entre deidades de Guiné, tem uma *nympha* festeira, enthusiasta da Boa-Morte e Rosario, sempre occupando cargos em ambas estas irmandades.

Faz ideia com quanto se aprompta uma creoula para a Boa-Morte?

Que o digam os apaixonados da fructa.

—Com tudo, como o homem dos cavallos, não.

—Deixe estar, que com vagar eu hei de lhe apontar outros que taes *enygmaticos*.

—Si houvesse um governador em Latronopolis, que esmerilhasse o modo de vida de certa genta, quanta cousa boa appareceria!...

Finuras do seculo.

Da Loteria de Hespanha,
Consta que certo caixeiro,
Com suas economias
Comprara um bilhete inteiro...

Houve quem n'uma carteira,
Logo o numero tomasse,
E d'ahi ha pouco tempo,
A seu patrão o mostrasse!

O muchacho, em certo dia,
Precisando de dinheiro,
Fez o bilhete passar-se
Para as mãos d'um terceiro...

D'isto não foi sabedor
O amo do tal rapaz...
Anda a roda e o paquete
A lista dos premios traz:

A mão do negociante
Ella foi parar...n'um triz,
E lá deu com a sorte grande
No tal numero feliz!...

O caxeiro (que até alli,
Não tinha posto o seu bico
Na lauta mesa do amo,
Grande *espertalhão*...e rico.)

Foi por este convidado,
(Naquelle dia!) a jantar
La no seio da familia!...
E á direita o fez sentar!..

Depois, diz:—«Senhor Fulano
«(Ja no fim da refeição),
«O seu bom comportamento
«Tem-me chamado a attenção.

«Ha muito que eu desejo
«Dar lh'aqui sociedade,
«Para assim recompensal-o
«De seu zelo e probidade...

«D'ora avante, o seu nome
«Passa á firma social,
«E todos os *nossos* lucros
«Serão prorata, a final....

«Que hade ser muito feliz
«O passado bem o prova...
.....
«A posto q'inda não sabe,
«Do paquete a grande nova!!.»

—Não senhor!...Porem que lucro
«Terei em nova !amanha?...
—«Que lucro?... a sorte-grande.
—«Na loteria d'Hespanha!...»

—«Qual sorte? si ja vendi o bilhete.
—«Sahe!... sahe, diabo!
Põe-te ja no andar da rua!...
«Senão...olha que t'acabo!...

«Patife!...até no momento
«Em que tinha de ser rico,

«Dás um ponta-pé na *sorte*!...
«Ventas de mono!... burrico!...»

E nisto, dous empurrões
E um couce bem puxado,
Ajudarão a descel-o
As escadas do sobrado!...

Eis a *sorte*, a *sociedade*,
Que o desditoso ganhou!
Mas, elle não teve culpa...
Foi o amo quem peccou...

Tramava na sorte grande
Saciar sua ambição,
Ingenuos, acautelai-vos...
Decorai esta lição...

A riqueza é da importancia
O thermometro austero:
Si vós não tiverdes *nada*,
Estais abaixo, de zero.

(*Continuação do n.º* 231.)

.....

Ora fez V. tanto mysterio para me dizer o nome de fidalgote que mandou fazer roupa pelo alfaiate francez, e eu ja sei de tudo.

—Duvido.

—Pois posso lhe garantir que sei quem é o tal nobre fanfarrão. E' um sujeito, que foi candidato nas eleições de *representantes* geraes; um que andava muito ufano julgando ser dos escolhidos e tomou um reverendissima taboca: um que nas vesperas das eleições recebeu do *Malacachias* uma citação chamando-o a conciliação para pagar 200$000 rs. de uma letra que devia ha mais de cinco annos.

E' um basbaque este tal *nobrecissimo*..... senhor.

—Mas, diga-me, como soube de tudo isso?

—Eu devia tambem fazer mysterio, mas, emfim vá lá.

V. sabe que eu me dou com o *M.* e contando-lhe este facto, elle disse-me que ja sabia, pois lhe tinha dito a mesma cousa o *A* Depois encontrando-me com o *B.* elle me contou todo o facto e mais este do *Malacachias*, que disse-me ter ouvido de um caboclo lá para os lados de S. *Gonçalo*.

Ja vê pois que estou senhor de todo o *milagre*, segundo disse V., e sei perfeitamente o nome do *santo* que o fez.

—Eu não fiz mysterio, quem me contou não me disse o nome do fidalgo CALOTEIRO.

—Pois eu ja sei e de mais algumas cousinhas bôas deste politico furta-cor!

—*Bico, não espante o homem!*

VARIEDADE.

Requerimento curioso.

Diz um coração *amante*, nascido no logar do *Tormento*, termo da villa da *Afflicção*, freguezia dos *Martyrios*, bispado do districto do *Desgosto*, e residente na cidade de *Penas*; que, passando o supplicado pela rua dos *Mysterios*, encontrou-se com a ronda de seus *olhos*, sendo preso á ordem de seus *affectos*; achando-se recolhido ás cadeias de sua *ausencia*, carregado com os duros e pesados grilhões de seu *amor*, o supplicado vem perante a sua alta *belleza* requerer que o faça soltar do *tyrano* degredo de sua *ingratidão* pelo que

P. a V. Ex. se digne chamal-o a sala livre de seu *peito*, afim de ser interrogado e confessar o *crime* de *amal-a* eternamente.

E. R. M.

DESPACHO.— Lastimando seriamente tal acontecimento, seja o supplicado posto em liberdade; devendo consolar-se com o presente despacho e tenha mais cautela em não se encontrar com a ronda de meus *olhos*, para não ter a desventura de que ia sendo victima.

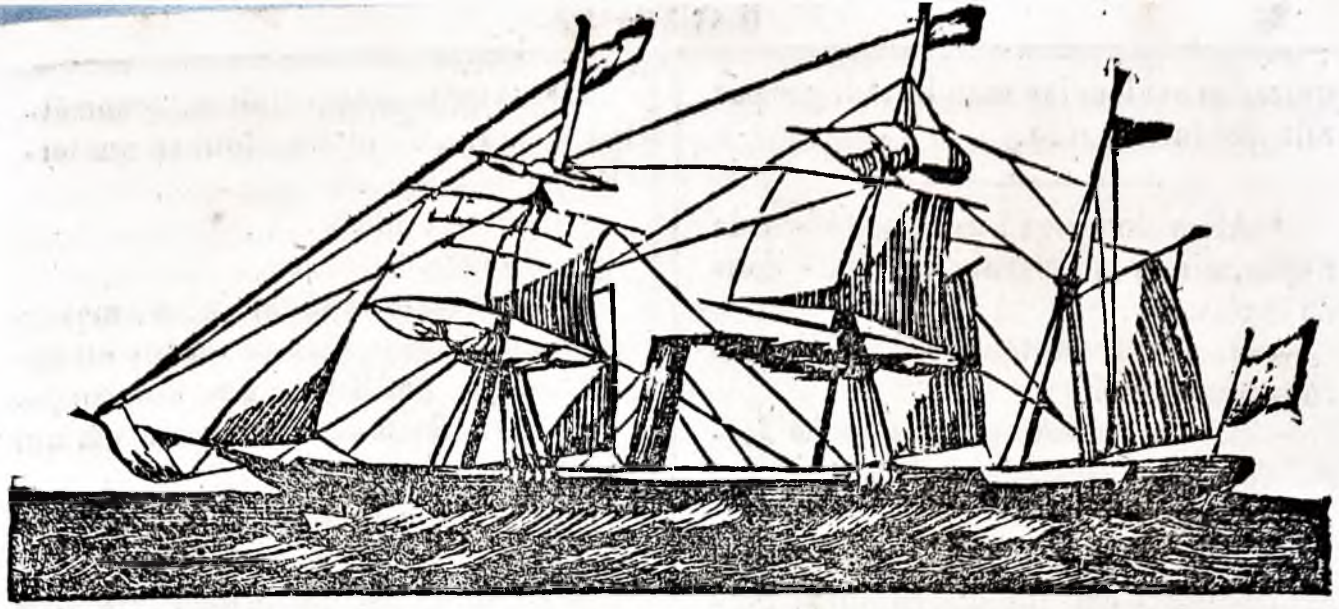
ANNUNCIOS

Pede-se ao Sr. N. J. Costa, o favor de ir ao Caes Dourado nº. 69 a negocio que o mesmo Sr. não ignora.

Pede-se ao Sr. G. J. F , o favor de apparecer ao Caes Dourado n.º 69.

O Sr. Manoel David Fane, tenha a bondade de apparecer ao Caes Dourado nº. 69, para se lhes explicar um negocio de seu interesse.

Pede-se ao Sr. J. Calafate, o favor de ir ao Caes Dourado nº. 69, para tratar de negocio que não ignora.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 3 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 24.ª—N. 238.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de agosto de 1867.

Portaria ao inspector das obras da camara, advertindo-o de que os encarregados de reparar o calçamento da rua Direita do Collegio deixaram aberto um cano á esquina que vae para o becco do Arcebispo, o que é de necessidade que seja quanto antes tapado. Cumpra.

—O Sessenta e Cinco abjurou o spiritismo.

—Tambem?

—Não leu o *Jornal* de hoje?

—Não.

—Pois leia que ha de gostar.

—Sem duvida elle não quer aguentar mais nos bolsos o peso do spiritismo.

—Pelo que diz elle, o spiritismo não passa de uma sinecura recheiada de embustes, contradicções e extravagancias; specie de desencargo a certas *consciencias carregadas*, um chamariz á libertinagem, uma exhortação ás naturezas fracas a se engolpharem no vicio.

—Aqui está um excellente pedaço da nossa incomparavel policia.

—Não pode deixar de ser cousa aproveitavel.

—E' brilhatura de uma patrulha que um dia da semana passada rondava no Gravatá.

—Diga lá.

—Um capadocio travou razões em casa de uma meretriz e espancou-a. A mulher gritou aqui-del-rei, a patrulha acudiu aos gritos; mas vendo que era um seu amigo que espancava a mulher, disse para o companheiro:

«*Vamos-nos embora, que o homem dá no que é seu!*»

—De maneira que o sujeito podia matar a mulher, porque matava o que era seu?

—Segundo a theoria da patrulha, podia!

—E V. não sabe em que dia se deu este facto.

—Para que quer V. saber?

—Para dar parte ao commandante que não deixa passar estas faltas.

—Não estou lembrado; mas si elle

quizer providenciar mande indagar por alli que informarão.

—Além dos sugadores dos cofres da nação, ainda mandaram vir mais dous da Inglaterra.

—Quem lhe contou isso? Ja V. vem com invenções.

—Leia aqui este pedacinho no *Jornal do Brasil* de 15 de junho.

—Faça o favor ler.

—«Em abril do corrente anno foram contractados em Inglaterra dous officiaes machinistas para o arsenal de marinha, e se lhes abonou 600$00 a cada um; tiveram passagem á custa do estado e garantindo-se-lhes ordenado desde lá. Chegaram em maio, e como vinham sem dinheiro abonou-se mais 100$000 a cada um.

«Estes dous bemaventurados ganham 6$000 por dia de ordenado e 7$000 de gratificação, e quando ha *serão* chegam a fazer 20 e 30 mil reis por dia!

Tudo isto é por causa da *guerra* segundo a opinião do Sr. presidente do conselho.»

—Que terra, meu Deus! Que governo!

Continuem senhores do progresso, que a hora não tardará muito a soar.

—Capitão, é o *Mercantil* quem falla.

— E eu sou todo attenção·

—O *vigario* de Candeas, em companhia de um seu *afilhado*, e escoltado por dous capangas, foi á casa de uma viuva e tirou-lhe duas filhas, uma para elle e outra para o afilhado.

—O que diz, senhor!

—Silencio e attenção:

«A viuva tinha dous filhos, que não se achavam em casa de sua mãi na occasião do rapto.

«Passados dias, os dous moços do combinação com as irmans, as furtaram do *vigario* e seu *afilhado*.

«Este *attentado* por tal forma exasperou o *vigario*, que resolveu retomal-as.

«Os moços, prevenidos dos designios do raptor, armaram-se e esperaram, dispostos á defenderem sua mãe e suas irmans.

«O—vigario—não faltou, accommetteu a casa, e d'ahi originou-se um terrivel combate.

—Estou perplexo....

—Silencio attenção.

«—O vigario—afinal fugiu, mas, o seu *afilhado* teve uma das mãos escangalhada por um tiro e um dos moços um grave ferimento de fouce em um hombro»

—Agora falle, quero ouvil-o.

—O que lhe hei de dizer?

—E ainda ha quem diga este paiz mais adiantado do que o Paraguay? Ainda ha quem chame monstro ao padre Duarte? Não será isso o que se chama um leão *pastor*? Ainda.....

—Não é isto o que o senhor deve dizer.

O falseamento de todas as cousas, a immoralidade, a corrupção, a impunidade e a perversão dos costumes; o apoio, que os malvados encontram, tudo isto dá em resultado, essas infamias, esses escandalos.

E saiba mais, que o vigario das Candeias, ha de em breve ser julgado um *sancto* varão; um *typo* á imitar-se; um *innçente*, porque é influencia do *progresso*; tem a protecção do governo.

—Meu Deus compadecei-vos deste Imperio. Senhor nós caminhamos para um abysmo.

—Domingo ha concerto no Passeio Publico, em beneficio dos invalidos da patria.

—O fim é meritorio.

—Quatro musicas militares vão tocar das 4 ás 10 horas da noite.

—Que a charidade nunca morta nos corações bahianos, desta vez se mostre em todo seu esplendor e que os esforços dos que se empenharam para essa obra de humanidade sejam coroados de felizes resultados.

—Ja que o governo pouco se lhe dá com a sorte daquelles que o servem com seu sangue.

A PEDIDO.

—Com que cynismo abusa aquelle meiro da charidade publica!

—Elle não tem a culpa.

—Estou por isso.

—Ruim é o cachorro que lhe dão o osso e não roe.

—E' a mal entendida beneficencia da nossa terra. Si um pobre pae de familia, falto de recurso, for pedir uma esmola, hão de chamal-o vadio, especulador e tudo mais que se segue.

—Entretanto que aquelle ocioso explora a charidade publica, para dar partidas, ter excellente piano, rica mobilia formar filhos, etc.

—Não sei os filhos como não se envergonham.

—De que? Ha nada melhor do que comer trutas á barbas enchutas?

E mais é que um dos taes, anda a fazer momos a laia de macaco para a casa do Par-de-aranhas.

—Quem leva em conta um esmoller.

—Eu sei que as partidas delle são bem concorridas. Quando passo pela *Estrada Velha* vejo bem gente do grande tom.

—Porem é uma miseria.

—O *Sa* sahe com *raiva* sempre que vae la, daquelle luxo porco, daquella ostentação aviltante, daquella grandeza humilhante.

—São modos de pensar.

—Esta gente da pá virada....

Estes filhos da Candinha....

—São das Arabias.

—Pois não andam dizendo que certo commandante presenteia o governador com caixões de mangas e gordos capados?

—Elle recebe?

—Eu é que sei?

—Com que fim?

—Indague.

—Será para captar graça e alcançar alguma dilatação do prazo no destacamento?

—Quem sabe...

—Homem, os tolos eram desenove, moreram *vinte um*.....

—Só si é isso.

—Ha cousas, que se me contando, não acredito.

—E quem lhe obriga?

—Fico perplexo. Desejava que a pessoa á quem se referem me desse explicação.

—Si lhe interessa, porque não pede?

—E' que me custa crer certas cousas assim de costas á riba.

Por isso ando secco de me encontrar com o Sr. afferidor de pezos e medidas.

—Para que?

—Para perguntar-lhe si é exacto, que ha uma semana, ou pouco mais, indo uma mulher afferir medidas para vender farinha n'uns quatro saccos, S. S. recusou-se a afferil-as por não estar completo o terno.

—E o que tem isso?

—Muito.

Vendo-se ella obrigada, si quiz ter medidas afferidas, a comprar um meio alqueire em mão de S S., que ja os tem de prevenção.

—Ha abuso nisso?

—Pois não!

E' contra a postura 53.

—Em que termos é ella concebida?

—Assim:

«Ninguem é obrigado a afferir *maior numero de pesos e medidas*, do que lhe for NECESSARIO: pena de 20$000 ao afferidor que á tal respeito commetta extorsão: o dobro nas reincidencias.»

—Então não creia que o homem fosse capaz disso.

—Pois por isso é que eu desejava explicar-me com elle.

—Aquella borboleta *mór* que esvoaça pela *eira* dos jardins, tem sugado o perfume de muitas flores!

—Aquillo não é borboleta, é zangão,

—Absorveu o aroma da *lima*, aspirou o odor de uma *bella* flor, sorveu a ambrozia da *açucena*, murchou a seiva de uns *pes* de *los*na no jardim da *Conceição* e finalmente está fruindo a fragancia da *rosa*.

—Toma figão!

Que insecto damnado!

—Nem por isso é tão bonito.

—Tem as azas douradas como a capa do *Archanjo* S. *Miguel*.

—Quem não se respeita não é respeitado.

—Morreu o Neves!

—Si o Sr. soubesse manter a sua posição não era desfeiteado por um galè.

—Não dou importancia aos desvarios de um reprobro.

—Que entretanto o desmoralisou a vista de seus subordinados, levando-o de encontro a parede.

—Mas soffreu.

—O que?

—Um conselho.

—Do qual sahiu bem e o Sr. enxovalhado.

E sabe resultado de tudo isso o que é?

—Diga.

—A sua gana sem limites.

Si houvesse agua no *abarracamento* o homem não ia bulir no barril do forçado.

A *vinte um* cahiu a terra, Deus nos livre de gente serra.

A sua cubiça lucra na farinha, no feijão, na carne, no toucinho e ainda queria n'agua? Bem feito!

Si aqui, as barbas de quem lhe pode tomar contas, o Sr. faz uma *comedia* destas, quanto mais se estivesse em *Priju*; *hia* com todos seus subalternos para o mangue catar caranguejos.

O que vale que esta mamata ha de durar pouco.

—Aquella mulher pode se chamar—*come escravo*.

—Quem é ella?

—A viuva do Lopes.

—ja é costume.

—Desde 6 horas da manhan que está castigando um moleque de 7 para 8 annos. Ja contei 122 bolos!

—Arre!

—Além das relhadas com que vae entermediando o seu matutino divertimento.

—Ha gente muito barbara!

VARIEDADE.

LADRÃO INDUSTRIOSO.

Lê-se em uma folha portugueza:

Em um dos primeiros dias bonitos da presente primavera achava-se tranquillamente sentado em um jardim de Paris um homem gordo encostado a uma bengala de unicornio com castão de ouro cravejado de diamantes, e um grosso grilhão, tambem de ouro, a segurar-lhe o relogio.

O individuo gozava serenamente este bom prazer de viver em um dia de sol á sombra de uma arvore, quando repentinamente se sentou junto delle um homem de feições pouco sympathicas.

O homem gordo desviou-se um pouco, e, como o outro o fitasse impertinentemente, disse-lhe:

—Que bonito dia! faz gosto um tempo deste!

—E' verdade. Eu infelizmente não o posso gozar. Tenho a noite no coração.

—A noite!

—E' exacto. Espero por um ataque de hydrophobia. Acabo de ser mordido por um cão damnado.

O gordo ia fugir, quando o seu companheiro o reteve dizendo-lhe:

—Não se ausente. Eu por emquanto não me enraiveço contra os individuos, mas sim unicamente contra os objectos brilhantes.

E dizendo isto, o homem arregalou muito os olhos, fez uma careta horrivel, e atirou-se à bengala do seu visinho, na qual principiou a morder com rancor.

O dono da bengala ia fugir, quando o outro lhe arrancou tambem a corrente do relogio, que, como a bengala, levou-a a bocca. E em seguida ergueu nos ares a bengala e bramiu;

—Fuja! que o vou morder. Está me chegando agora a vontade de me atirar tambem ao senhor.

O gordo não esperou mais nada, e desatou a fugir com quanta rapidez lhe permittia a sua obesidade.

Dous agentes de policia, que haviam presenceado o caso, capturaram o hydrophobo, levando-o á presença da respectiva authoridade, onde rapidamente se reconheceu que o supposto enfermo não passava de um falcatrueiro atrevido.

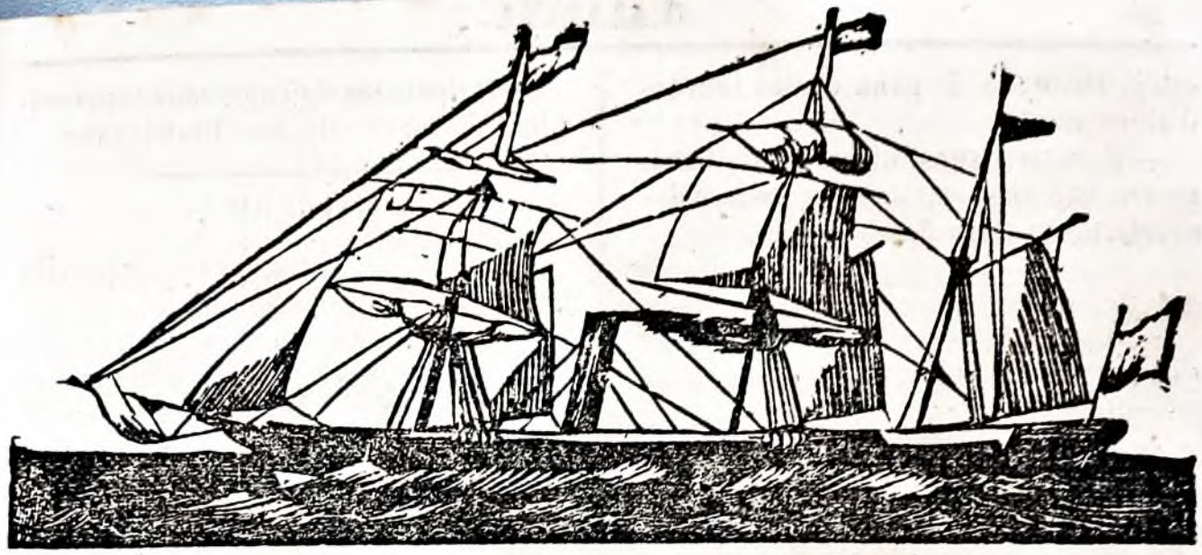
ANNUNCIOS

Pede-se ao Sr. João Padilha, official de sapateiro, o favor de ir ao Caes Dourado n. 69, para se liquidar um negocio de cinco annos,

---

O Sr. Manuel José de Amorim, é rogado á ir até ao Caes Dourado n. 69, visto que ha sete annos se deseja fallar á S. m. e não se o tem encontrado.

Pede-se ao Sr. G. J. F., o favor do apparecer ao Caes Dourado n.° 69.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 6 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 239.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Edlia avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de agosto de 1867.

Não houve expediente.

—O 6.º batalhão foi hontem *arejar* no Bomfim.

—V. quer,dizer, que alguns guardas do 6.º andaram tomando seu *regabofe* pelas areias de Itapagipe, não é?

—Ahi temos outra!

Veja si eu sou grego.

O 6.º batalhão com a musica e o seu commandante na frente foram hontem ao Bomfim.

—Então foi romaria.

—E V. a dar-lhe!

Houve jantar bem servido á custa do commandante e officialidade, muita vinhaça, muita cerveja, muito brinde, etc., etc.

—O logar convida.

—O batalhão veio debandar á noite na porta do commandante debaixo de vivas.

—E' o que eu disse, foi uma romaria *apagodada*.

—O Sr. Soares Martins, que se inculca de tão dedicado ao povo, que se gaba de tantos melhoramentos ter introduzido no matadouro, porque não faz um beneficio a seus patricios?

—Ora vamos a ver com que vae V. sahir-se.

—Porque não acaba com o abuso de serem os africanos preferidos para talhadores, andando por ahi os nacionaes a trocarem as pernas sem ganhar o que comer?

Isto é que era um passo philantropico.

—Porem o homem pode vedar que o Sr.,por exemplo, tome um talho e admitta um africano para talhar a carne?

—Estou que sim.

—Como!

—Si elle quizesse bem podia.

Ha africanos,que se sujeitam a cortar carne de graça, porque o que roubam do povo lhes deixa bastante e eis o motivo de serem preferidos.

Um individuo, que nunca entrou em açougue, empenha-se, toma um ou dous talhos, acha o africano,que vae de graça lhe servir, e que faz-lhe ganhar os cobres sem trabalho, embora o povo

esteja entregue á gana desses ladrões d'além mar?

—Homem, suas ideias são boas, porem não passam de utopias irrealisaveis nesta terra das bananas.

—Aquelles dous *quebradores de pedra* logo estão millionarios.

—O officio não dá para isso.

—Si elles usassem somente delle.

—Com tudo.....

—V. anda no mundo da lua!

Os melcorios *tem agencia* lucrativa.

—Sendo assim, sim.

—Vão comprar madeira no mar.

—Ja tardava uma das suas! Então comprar madeira faz enriquecer?

—V. não comprehende a força dos pasteis.

Para eu *passar* por homem de dinheiro, basta andar sempre com *moeda* n'algibeira, embora não seja minha; nunca me verei em *falsa* e precaria posição.

—So de sua cachola sahe isso!

—Dinheiro chama dinheiro e no meio de grandes quantias *empurra-se a bisca*.

—Quando o homem não tem sorte, faça o que fizer nunca tira a *correia* da cintura e por fim desesperado passa uma corda ao pescoço e acaba com a droga.

—Isso é lá com o *Pereira*.

—Diabo!....

Acordei sobresaltado com essa gritaria infernal, á uma hora da noite!

Será alevante de malê?...

Ja agora vou para a janella á ver si passa alguem que me informe que balburdia é essa

.....

O' amigo o que significa essa *baracafusada* ahi pela rua?

—São os admiradores do talento artistico da Sra. De-Giovani, que sahiram do theatro e foram á casa della levar-lhe uma capella.

—Com esse estrondo todo?

—Ora! De perto é que o Sr. havia de apreciar: houve poesias, foguetes, flores, vivas, etc.

—Influencias da rapazeada apreciadora do merito da Sra. De-Giovani.

O HYPOCRITA.

Victor Hugo descreveu o hypocrita pela seguinte forma:

«O hypocrita é um paciente na dupla accepção da palavra; calcula um triumpho e soffre um supplicio. A premeditação indefinida de uma acção ruim acompanhada por dóses de austeridade, a infamia interior temperada de excellente reputação, enganar continuamente, não ser jámais quem é, fazer illusão, é uma fadiga. Compôr a candura com todos os elementos negros, que trabalham no cerebro, querer devorar os que lhe veneram, acariciar, reter-se, reprimir-se, estar sempre alerta, espiar constantemente, compôr o rosto do crime latente, fazer da disformidade uma belleza, fabricar uma perfeição com a perversidade, fazer cocegas com o punhal, pôr assucar no veneno, velar na franqueza do gosto e na musica da voz, não ter o proprio olhar, nada mais difficil, nada mais doloroso. O odioso da hypocrisia começa obscuramente no hypocrita. Causa naseas beber perpetuamente a impostura. A meiguice com que a astucia disfarça a malvadeza ao malvado, continuamente obrigarão a trazer essa mistura na bocca e ha momentos de enjôo em que o hypocrita vomita quasi o seu pensamento. Engulir essa saliva é cousa horrivel. Ajuntae a isto o profundo orgulho. Existem horas estranhas em que o hypocrita se estima. Ha um *eu* desmedido no impostor. O verme resvala como o dragão e como elle retira-se e levanta-se. O traidor não é mais que um despota tolhido que não póde fazer a sua vontade, senão resignando-se ao segundo papel. E' a mesquinhez capaz da enormidade. O hypocryta é um titão-anão.»

(*Extrahido.*)

A PEDIDO.

—Sr. pharmaceutico, Vm. um homem casado (o que para o Sr. é o menos) e alem de casado, amasiado, ainda

quer mais perverter a quem vive socegada?

Olhe, que eu conto ao *Barbosa*.

Por ventura, não tem filhas da edade dessa, a quem o Sr. faz timbre em dirigir graças de garoto? E gostaria que lhe fizessem outro tanto?

E' verdade que pelo seu procedimento, parece que pouco cavaco o Sr. daria com isso.

Para que passa todos os dias pelo Cruzeiro e quando vê a innocente menina diz—*que olhos de mulata! toma figão!*

Outras vezes—*mulata* tu és meus feitiços; *esta mulata me mata* e outras parvoices?

Eu lhe aconselho que emende-se, porque a cousa pode lhe sahir salgada e depois não ande dizendo que nós *mulatos somos que maltratamos nossos semelhantes*.

Entenda.

—Vejam como o Sr. Campos Lima subdelegado da freguezia de S. Pedro providencia com *energia*.

No domingo, 4 do corrente, pelas 10 horas da manhan, falleceu uma mendiga, que os meninos appellidavam de *Quati*, na porta do sobrado nº 1 á rua de S. Pedro, quando ahi se achava aquentando sol.

O dono da casa foi em procura do subdelegado; não o encontrou. Dirigiu-se ao inspector de quarteirão e este disse que nada podia fazer sem o subdelegado chegar.

A final ás 4 horas da tarde appareceu o subdelegado acompanhado do respectivo inspector, pegaram no cadaver que estava na porta e metteram para dentro da loja. Vendo depois o subdelegado que junto a cabeça da preta tinha um balaio, remechou e tirou de dentro um dinheiro, cuja quantia ignoramos, metteu no bolso á titulo de esmola para os pobres e retirou-se, juntamente o inspector, sem dar providencia alguma para que fosse d'alli retirado o cadaver.

Massado o dono da casa, vendo dentro de sua loja um defunto ja exhalando fetido, foi procurar o chefe de policia que tambem não encontrou, porque tinha ido jantar fora!

A's 8 horas da noite dirigiu-se ao hospital da Santa Casa da Mizericordia e poude obter da irman superiora a padiola para conduzir o cadaver para alli, gastando de sua algibeira a quantia de 3$000 rs. que deu aos pretos, afim de se ver livre de similhante trouxa que lhe appareceu.

—Ouvi contar que na occasião em que chegou o Sr. Campos Lima, como *alguem* lhe disse que elle não sabia dar providencias, respondeu dizendo:

«*O subdelegado faz aquillo que quer pois que serve de graça, não tem obrigação de estar dentro de casa advinhando o que ha de acontecer!*

—Elle sabia disso, para que andou se empenhando para ser nomeado effectivo?

—E' pouca cousa por e dispor d'uma freguesia onde constantemente ha casos de raptos, defloramentos, e andar de ordenança atraz de si?

—Sr. Azambuja, *attendite et videte si est terra sicut terra lat onopolitanorum*.

—Mestre Militão?

—Quer caiar alguma casa?

—Não; quero chamal-o á contas.

—Não devo nada.

—Eu lhe digo.

V. casou com a pobre rapariga, para se tornar algoz della?

—E' de sua conta que eu exemplo minha casa?

—Assim tão excessivamente, encommodando noite a dia a visinhança?

—O subdelegado é meu visinho e ainda não me disse nada.

—Si o *subdelegado* tem fechado os olhos, é porque *Santo Antonio* tem estado de sua banda, porem não vá se fiando nisso para espancar tão deshumanamente a pobre mulher.

V já veio corrido da Itapoan por matar a cabocolinha.

—Ella escapou, Sr.

—Ah! escapou? Pois bem; retire-se.

—Dizem que a casa de *segurança* vae pelos ares.

—Na *moenda da Conceição*?

— Sim.

—Talvez; por que aquillo la anda muito desmoralisado. Os *reclusos* bribrigam e ferem-se, como ha dias succedeu. O *Villas-má*, em suas adorações a *Bacho*, pouco se lhe da que a *casa* vire de pernas para o ar.

—Mesmo que elle em systemas de *penitencia*; é zero, porque nunca o estudou.

— Eu o conheci *soldado de policia* da companhia do *Manuel*, sendo sargento o *Diniz*, na *villa Boa*, depois vim encontral-o aqui.

—Isso é quando elle veio corrido depois de um processo n'um tribunal superior por *testemunho falso*.

—Justamente; esse sugeito ja mandou vender um filho, afim de pagar a um gallego; é bichinho que encherga por quatro.

—Mas dizem que depois de jantar nem por oito encherga.

—São falsas allusões: o homem soffre da vista, e quando passa o sol merediano, influe de forma tal sobre as cangalhas que elle pisa em falso.

—Será por isso que elle pede misericordia a Deus, todas as sextas feiras e sabbados.

—Não sei. A mulher tambem faz penitencia de cabellos presos n'uma arca, que elle tranca e leva a chave.

—Pois comprehenda que si o melro assim faz é para andar namorando as moças e passar por solteiro.

—Deixe o pobre serpentão e conteme como foram uns vomitos que lhe provocaram.

—Isso é cousa velha; não ha quem ignore.

—Aqui estou eu que não sei.

—Em certo dia foi um credor apresentar-lhe um fica, que elle assignara por quantia recebida; ao mostrar o titulo, o homem foi atacado de hydrophobia e si o credor não é tão ligeiro que *in contenenti* apresentou-lhe embargos na garganta, ficaria sem dinheiro e sem o titulo.

—Basta por hoje, recommendo que mandem untal-o de caxaça por *fora somente* o expol-o na praça da Luxuria; mas com o respeito devido á cazaca...

ANNUNCIOS

O abaixo assignado tendo retirado todos os poderes concedidos a seu cunhado o Dr. Thomaz d'Aquino Gaspar, para tratar dos negocios concernentes ao casal, vem pela imprensa declarar que qualquer negocio, que o mesmo senhor tente fazer, será considerado nullo, toda vez que não seja feito na presença e com approvação do abaixo assignado, genro do fallecido Thomaz d'Aquino Gaspar. Bahia 31 de julho de 1867.

José Augusto Cardoso de Castro.

O abaixo assignado vale-se da imprensa para protestar contra o mesquinho e infame, baldão que seus miseraveis detractores lhe querem irrogar com o fim apenas de ridicularisal-o.

Assoalham essas pequenas creaturas que, estando eu de guarda no dia 26 na Ribeira, recebi em duplicata as vellas que se costumam dar para o serviço daquella guarda.

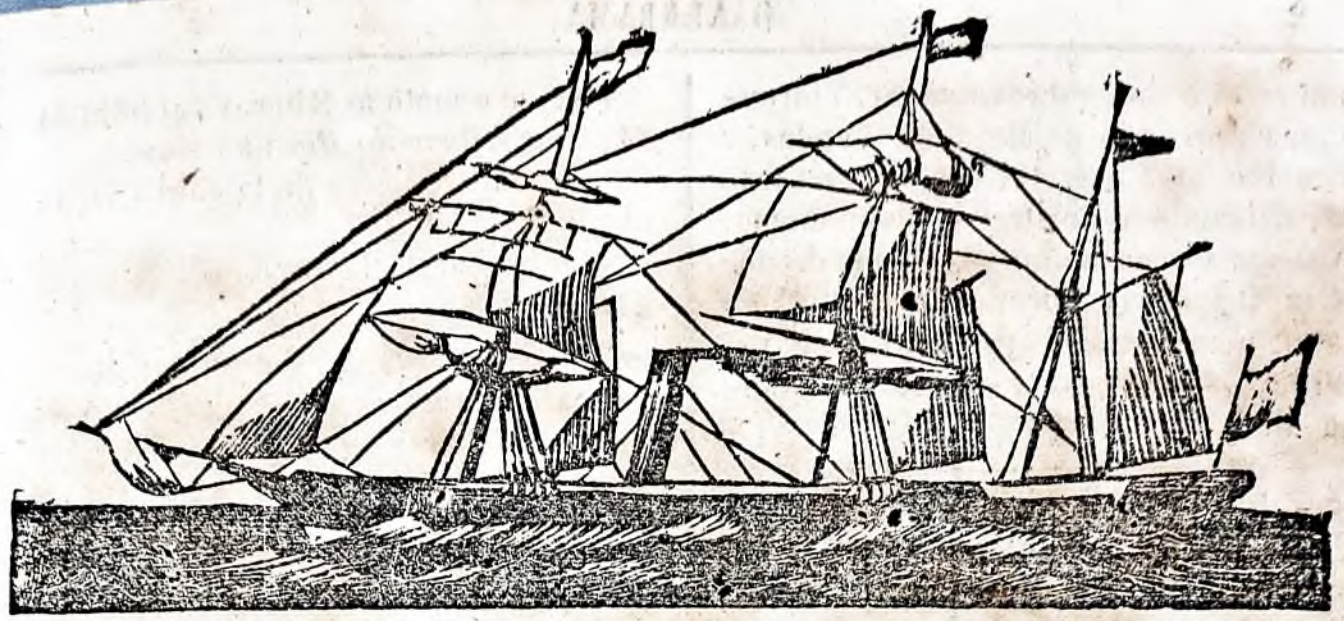
A natureza da pecha que me lançam é daquellas que não merecem fé; pois para que queria eu duas velas? porem, como ha gente que de tudo se serve para enxovalhar a seus desafectos, venho declarar que nenhuma sciencia tive quando o porteiro recebeu as velas e que portanto tudo isso não passa de manejos infames de creaturas vis e abjectas. Bahia 31 de julho de 1867.

Manuel dos Passos e Silva.

Foi achada e existe depositada na subdelegacia da freguezia da Sé uma carta para a Sra. D. Ignez Maria da Guia remettido pelo tenente do 32 de voluntario Antonio Joaquim de Magalhães, para ser procurada por quem tiver direito à ella.

O Sr. Manoel David Fane, tenha a bondade de apparecer ao Caes Dourado nº. 69, para se lhes explicar um negocio de seu interesse.

Pede-se ao Sr. J. Calafate, o favor de ir ao Caes Dourado nº. 69, para tratar de negocio que não ignora.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 8 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 25.ª—Ns. 240 e 241.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a 25ª serie do *Alabama*.

Tem sido baldadas as advertencias feitas á alguns Srs. que entenderam ler gazeta á custa dos bons pagadores.

Pois bem: no fim desta serie terão irremessivelmente um presente de que muito hão de gostar.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subddlegado da Penha, partecipando-lhe o seguinte, que nos informam:

Ha nessa freguezia um individuo, perfeito *pé leve*, de nome Florencio, porém mais conhecido pelo *Redemoinho*, o qual prodigalisa a pobre mulher, que teve a infelicidade de unir-se á elle, tratos atrocissimos.

A pobre senhora, desesperada de levar tanta pancada, unico afago que recebe de seu desalmado marido, lançou-se na noite de 31 de julho, com uma innocente filinha, no Poço de Itapagipe, e alli morreria afogada, si alguns visinhos, condoidos, não a fossem tirar.

Consta que toda ogeriza deste mal-casado para com sua desditosa esposa, provém de tramas urdidos por uma celebre *Pombinha*, verdadeira coruja, em cujo ninho vive elle acoutado.

Espera-se que S. S., como authoridade energica que é, syndicará de tudo quanto fica exposto, e no caso de ser real, envidará o seu prestigio e força em favor da desventura, afim de que uma inoffensiva senhora não continue a ser victima de tão brutal e descommedido rigorismo.

—Ao Illm. Sr. administrador do cemiterio da Quinta, dizendo-lhe que os portões que dão entrada para o cemiterio, devem ser abertos mais cedo, ao menos nos domingos, afim de que familias que vão alli visitar os tumulos de seus finados, não esperem até depois de 9 horas, que S. S. acorde, como aconteceu um domingo destes.

—Na segunda-feira, pelas 8 horas da noite, um boleeiro da companhia de Vehiculos sahiu de uma venda ao principio da Rua de Baixo e foi pegar

um creoulinho, escravo do Sr. Florencio, empregado da Meza de Rendas, o deu-lhe uma horrivel cacêtada na testa, deixando-o por terrra como morto. Não appareceu nenhum soldado de policia. Depois recobrando o creolinho a falla, uma rapariga que ahi se achava, foi leval-o em casa do senhor á ladeira de S. Bento.

—O Sr. Apolinario, com venda á Cruz do Cosme, foi mordido por um cachorro damnado, ás 9 horas da noite do dia 5, dentro de sua casa de negocio.

Consta-nos que se acha em perigo de vida

—A policia *previdente*, que vá tomando apanhamento.

—Os ladrões ja não têm meios termos: querem enriquecer a todo transe:

—E não ha expediente, de que não lancem mão para apoderarem-se do suor alheio.

—No Rio de Janeiro acaba de dar-se um facto da mais atrevida audacia, que prova a insolente gana dessa recua de gaviões, que andam por ahi a esvoaçar em torno da fortuna dos outros.

—Algum assassinato?

—Qual!

—Então o que foi?

—Uma viuva bastante rica que foi raptada por um ambicioso, que queria, desposando-a, empalmar-lhe os cobres.

—Como foi isso?

—A viuva do negociante Joaquim Coelho de Oliveira, sahiu com duas senhoras de sua familia para visitar um parente; quando voltava, foi cercada por um bando de sicarios, que á viva força a metteram n'um carro e a conduziram á uma casa, onde ja havia um altar preparado para celebrar-se o casamento forçado, tendo o sujeito a prevenção de munir-se de licenças falsas.

—E no Rio de Janeiro se da disso?

—Porque não?

—Com uma policia tão activa, que não consente tres individuos parados depois de certas horas?

—Ora si!

Deu-se o facto ás 8 horas da noite do 31, si o *Diario do Rio* não mente.

—Quem é o heroe de tamanha façanha?

—O bacharel Raymundo Martiniano Alves de Souza.

—E conseguiu seu voraz intento?

—Felizmente, a policia chegou na occasião em que elle com um rewolver queria persuadil-a a dar-lhe a mão de esposa.

—Que classificação tem um ente que pratica tão ignobil acção?

—Si fosse o infeliz Carmelino José Monteiro, marinheiro do *Colombo*, o *Diario* teria para elle a classificação de fera e natureza pervertida, por que preferiu morrer a sugeitar-se a um castigo vil e infamante, contra o qual revolta-se a dignidade humana.

—Entendem que, com a chibata nas costas do homem livre, devem corrigir os desvios do soldado.

—Porem este, meu charo, ficará se chamando o bacharel Raymundo Martiniano Alves de Souza, e quando muito, dirão que praticou um acto reprovado.

—Nesta terra faz-se garbo de tudo quanto é abuso!

—E quem clama contra elles perde seu tempo.

—Tem se fallado tanto contra o deleixo de andarem sentenciados á noite passeando e semelhante escandalo continúa!

Ha especialmente um galé que parece previlegiado.

—Talvez esteja para acabar o tempo da sentença. Quando estão nestas condições, deixam-os á vontade.

—Mais isso é uma infracção inqualificavel.

O forçado a que alludo é baixo, acabocolado. Ainda na sexta feira, depois de 7 horas da noite, passava só pelas Portas do Carmo.

—E como sabe que era preso?

—Pelo tinir das correntes.

Não é a primeira vez que tem sido encontrado semelhante individuo; é isso a prova que elle passeia constantemente.

—Quantos passarão até a noite em casa de suas nymphas.

—Isso é mais certo que bagaço.

—Assim mesmo ha quem falle dos nossos *dignissimos*.

—Quando elles merecem.

—Homens incansaveis em promover os melhoramentos de seu paiz:.....

—Estou lhe crendo.

—E que para equiparal-o aos paizes cultos da Europa trabalham com unhas e dentes.

—Va cantando.

—No intento de eleval-o á altura da Inglaterra, foi lida na camara a seguinte indicação:

«Indicamos que as sessões desta ca-«mara comecem ás 6 horas da tarde.

«Paço da camara dos deputados 11 «de julho de 1867—*Tavares Bastos.* «—*Souza Carvalho.*—*Villaboim*—*An-«drade Machado.* —*Gama e Abreu.*—*Dias da Cruz* —*José Avelino.*»

—Ora va engomar de buzio!

Si elles em pleno dia, com o sol bem alto, não fazem nada que sirva, quanto mais à noite, depois de terem jantado e que por força hão de ter somno!

—Pode ser que a essa hora estejam com a memoria mais fresca.

—Pois ha quem deixe de trabalhar de dia, para fazel-o á noite?

Elles o que querem é chupar os 20$ rs. diarios e irem cuidar nos seus negocios, e a patria que viva e chova arroz.

Si de dia nunca ha sessão por falta de numero, que fará a noite!

—Eu penso contrario.

—Deixe-se de cousas; os homens o que querem é *flautear* o povo.

—Que está lendo V.?

—A *Ordem* de Pernanbuco.

—Traz sempre bocadinhos apreciaveis

—E' uma gazeta que não tem papas na lingoa, como costumam dizer. E ás vezes até me parece exagerada.

—Agora mesmo fiquei banzando com um trecho que li,

—Repita.

—E a carta escripta pelo *Censor* do Rio de Janeiro:

«O chefe de policia mora na rua de S. Amaro e come pão da padaria da Roza.

«No dia 20, indo o caixeiro com o preto dar-lhe pão em casa, como é costume, teve o mesmo caixeiro, quando se retirava, uma altercação com o preto, dando-lhe uma bofetada que o atirou de cambalhotas no chão, o que vendo o chefe que n'essa occasião chegava á janella, mandou agarrar e conduzir preso o caixeiro para a policia. Voltando, porem, o conductor, e dizendo-lhe que o preso era o seu freguez de pão, exasperou-se o chefe, levando as mãos à cabeça, e mando promptamente solta-lo!

«Ja vê que desappareceu o crime pelo facto de ser o criminoso *freguez de pão* do chefe e poder d'ahi resultar o crime maior de ficar o chefe no dia seguinte sem pão para o almoço....mas tambem ja vê que estas bellezas só se observão em uma capital tão *civilisada* como esta que até quer transbordar a civilisação no Paraguay.»

—Isto é muito duro; mais emfim... está em letra redonda; quem se julgar prejudicado que reclame.

—O que lhe affianço, é que foi lido por mais de quinze pessoas.

—Mais um pedacinho da *Ordem*.

—Vamos la com isso.

—«Encerrou-se o jury da côrte tendo nos ultimos dias praticado as seguintes *boas* obras. Absolveu o carcamano Nicolau Luiz de Maria que deu com o vapor *Oyapok* á costa, em Montivideu; são uns 300 contos de réis que perdeu a nação sem mais nem menos! Absolveu o africano José Zampa, acontador de escravos alheios, pela optima defeza que lhe fez o eximio advogado Queiroz capadocio.

«Condemnou á 6 annos de prisão com trabalho e vinte por cento de multa o alagoano João Baptista de Souza Aguiar por ter pretendido haver de outro a quantia de oitocentos mil reis; o jury que condemnou á 8 mezes de prisão simples o Gomes Ferreira que fur-

tou 150:000$000 do Banco Rural!! Não se pode melhor desacreditar a instituição! que povo ordinario é o fluminense!! Nem sei como tiverem animo de condemnar a 50 açoutes e 6 mezes de ferro ao pescoço o mimoso mulatinho da condessa do Rio Pardo que furtou a caixa da matriz da Gloria com oito mil reis de esmolas!»

—Si isso não é um pantomima, é o acto do mais feroz cambalismo...

—Ha novidade no beceo?

—.....o mais atroz attentado contra a liberdade e segurança individual.

—Mas o que é?

—Um facto inaudito, que parta donde partir, revela a immoralidade que lavra nesta epocha corrupta.

—Quer se tornar interminavel na sua digressão? Conte logo ao que veio.

—Então, não sabe que hontem apresentou-se na secretaria de policia o exporteiro do Banco da Bahia João Soares de Oliveira, com os pulsos algemados, com o corpo seviciado, queixando-se de ter sido victima de torturas e crueldades que horrorisam?

—Estou alheio a tudo isso.

—Uma cousa que foi a *ordem do dia* hontem na Bahia!

—E' para ver.

—V. sabe que eu não disponho das boas graças da policia e por tanto não posso estar ao facto *officialmente* dos episodios dessa trama tenebrosa; conto-lhe por tanto segundo as versões que ouvi pela bocca do povo.

—Serve.

—João Soares, foi atacado ás 8 horas da noite na praça Dous de julho por quatro mascarados e mettido n'um carro, que para isso andava alli ha tres dias.

—E elle se deixou prender imbecilmente? Não fez resistencia?

—Não me interrompa, si quer ouvir.

—Prosiga.

—No Campo Grande vendaram-lhe os olhos e deitaram lhe mordaça; dahi foi conduzido a uma casa, que depois conheceu ser o Moinho á margem do Dique.

La o fustigaram com tormentos horriveis; com o fim de arrancarem delle, não sei si uma declaração ou o que que seja.

Diz elle, que conheceu distinctamente o ex-director do Banco da Bahia, Francisco Justiniano de Castro Rebello, que interrogou-o, ameaçou-o e impoz-lhe certas condições e depois retirou se deixando-o de sentinellas á vista.

Essas sentinellas ou adormeceram ou sahiram, e João Soares poude pôr-se ao fresco.

—Manietado, algemado, como estava? Isto está muito crespo.

—Escute, homem.

—Vamos.

—Os algozes, depois de atormentarem a victima, deixaram-na sem sentidos e afrouxaram as cordas, com algum trabalho poude ella desligar se dos pés e sahir.

—E' muita inepcia! depois de ter a presa segura, facilitar-lhe os meios de fuga e comprometter se!

—Eu lhe disse logo que narrava o que ouvi circular pela voz publica.

—Continúe.

—Neste estado deploravel João Soares foi encontrado por um corneta que o conduziu ao Sr. José Carlos.

—O Sr, José Carlos tambem está mettido nisso!

—Como subdelegado. Dahi foi elle levado á policia.

—Agora ouçamos a policia como se houve.

—Fez-se interrogatorio e procedeu-se á corpo de delicto no offendido.

—Só?

—Cercou-se a casa do Sr. Castro Rabello, e foram chamados á policia alguns dos ex-directores do Banco.

Por essa occasião houve uma manifestação do povo contra os mesmos não consentindo que elles viessem em cadeiras.

—E foram para gaiola?

—Que duvida!

—O que eu lhe affianço é que nunca se deparou melhor quadra para o spiritismo se ostentar em toda sua plenitude, desenrolando tão intrincada meada.

—Quer ouvir, ou não?

—Falle.

—Na policia, foram interrogados os Srs. Castro Rebello, Sampaio Vianna e Castro Guimarães.

O povo tomou vivo interesse pelo offendido e deu significativa prova de sympathia, acompanhando-o debaixo de vivas estrepitosos.

—E' do instincto popular; decidir-se sempre pelo lado sofredor.

—Outro tanto não aconteceu aos ex-directores que foram apupados desde a porta da secretaria de policia, até os quarteis em que se recolheram.

—Eu não approvo estas demonstrações violentas.

—Mas o que quer? O povo acostumado a ver pezar somente a espada da lei sobre os pequenos, torna-se nestas occasiões, exigente com aquelles que são encarregados de distribuir justiça com egualdade.

Na ida do Sr. Sampaio Vianna para a prisão, depois das 8 horas da noite, do meio da multidão, dispararam um tiro de polvore secca, na ladeira da Palma.

O povo revoltou-se contra o acto do chefe de policia mandar o Sr. Castro Guimarães á cavallo quando teve de recolher-se, tendo mandado os outros á pé.

—E que quiz dizer tal distincção?

—Pergunte ao major e um official de policia que os ocompanharam, além de quatro soldados de cavallaria.

Quando desapeiou na porta do quartel ouvia-se lhe distinctamente dizer para um guarda—*diga ao Sr. Dr. chefe que fico-lhe muito obrigado!*

O povo por essa occasião prorompeu em *foras* e a cavallaria de espada nua veio dispersal-o, bradando os soldados—Quem for homem de bem, retire-se!—

Um homem foi espadeirado.

Um individuo que me disseram chamar-se Salustiano Braga e ser policial, puchou um punhal e accommetteu o povo.

Em remate, disseram-me que desde a vespera, o chefe tivera noticia do facto no theatro, porém que impassivel continuara a assistir o spectaculo.

—Agora è emendar a mão, porque o povo anciozo com os olhos voltado para elle, está sequioso de justiça.

A vaidade

A senhora D. Vaidade é filha legitima do Sr. Luxo Patarata, e da Sra D. Impostura Sotberba da Fanfarronice; nasceu no anno 50, sendo governador desta cidade o conde da Tollice. Cresceu a Sra. D. Vaidade e tornou-se uma mulher alta, gorda, de olhos grandes, nariz arrebitado, beiços estufados e com um ar de corpo todo requebrado e cheio de trejeitos, de sorte que cada passo que dava parecia que se desengonçava toda; depois de mulher ja feita, casou-se a Sra. D. Vaidade com o Dr. Basofio, francez de nação e deste estufado casamento nasceram immensos filhos que foram se reproduzindo, e até o presente vivem entre nós na alta sociedade da moda.

Ah! e quantos damnos tem causado a maldita Vaidade no seculo presente!!

Vemos por ahi mulheres com tanta vaidade, que quando entram em uma sala olham para as outras com desprezo, parecendo que tudo lhes fède; outras por loucas de vaidade só querem apparecer nas reuniões carregadas de brilhantes e sedas de alto preço, embora sirva isto de critica aos circumstantes, como acontece á algumas que apparecendo em publico, lá diz um de um canto—olhe aquella carôxa para que foi botar tantos brilhantes com aquella cara tão feia e aquelle nariz tão grando—Outro diz ao visinho em voz baixa:—ella vai alli fazendo toda aquella fantasmagoria, porém os brilhantes foram roubados no inventario que fez o marido a parenta fulana; outro diz que o marido ainda não pagou ao Fontes ou outro ourives, etc. etc., e aqui temos a tolerona dando pasto á critica dos falladores.

A outras dá a vaidade para andarem fomentando se de quantos cheiros e essencia ha nos cabellereiros, de sorte que entrando em uma sala, é o mesmo que um perfumador ou thuribulo que afoga tudo; ora isto não é mau para algumas gordas encobrirem a morrinha de suor azedo quando estão á suar.

Ha mulheres que tem vaidade por se-

remformozas; quanto á estas tranzeal: Outras tem vaidade de terem pé pequeno, e assim que se sentam traçam logo a perna para se ver a delicadeza do seu mocotó. Outras tem vaidade de fazerem cortezias muito airozas, e mesurae muito torneadas.

Outras tem vaidade de andaremmuito faceiras, e de darem saltinhos muito elegantes, e em fim ja conheci uma velha tão vaidora de ter tratamento, e de ter pé pequeno, que estando tomando banhos salgados na Calçada do Bomfim, á hora de sahir do mar mandava a sua criada esperarna beira da praia de pé diante da visinhança com um par de sapatos de setim ja velhos dentro de uma salva de prata para ella calçar e ir para .casa com elles.

Ora, si isto fosse praticado por uma moça bonita, ainda se podia aturar, mais infelizmente a dona dos sapatos era um casco de inventario.

Em summa, por vaidade ha mulheres desmioladas que exigem que os maridos roubem para lhes fazer a vontade, comprando todos os enfeites que ellas fantaziam. e outras quando elles não lhes dão, ficam desesperadas, maldizem a sua sorte, e vão até adquirindo por meio de certo cambio que nós sabemos! D'esta livre-nos Deos, que taes enfeites pezão muito sobre os maridos, quando elles não são de um humor, como alguns que por ahi andam bem fresquinhos e arrotando probidade.

Ora bem, ninguem tome este ultimo ponto para si, porque fallo em geral, e se servir-lhe a carapuça —disfarce, e faça que não entende quando ler.

(*Continua.*)

NO ESTYLO DA EPOCHA.

Depois que Lopez revoltou-se contra os brasileiros, fiquei quasi idiota, de sorte que fallo muito e nada digo.

E' esta a razão, porque lhe peço, Sr. redactor, para inserir em seu jornal esta historia por mim contada no Paraguay.

Um dia, era no tempo da era, havia um homem que não era e um compadre que tambem era, sem ser da era. Um delles, precisando de uns jacazes para guardar melado, foi pedir a outro umas perneiras para carregar agua.

O tal compadre deu-lhe umas *combucas*, e elle immediatamente poz os bois dentro das *combucas* e o carro adiante dos bois: desceupor uma ladeira acima, e subindo por outra abaixo, com o bacamarte nos alforges, passou em uma roçada; e como os espinhos eram muitos, tirou as botas fora para poder passar: chegando sem ellas calçou-as para poder entrar no riacho e depois de estar dentro, começou a arrancar capim e a encher com elle o carro de madeiras.

Como nesse tempo as batatas eram de outro dono, veio-lhe este tomar uma satisfação, e ficando elle com isso muito pouco enfesado, tirou de um pé de pinhões um talo de couve e deu com elle na testa do tal compadre rebentando-lhe a perna pela cintura.

Por esta causa veio-lhe logo uma dor de cabeça no calcanhar do pé esquerdo e uma dor de dentes no dedo minimo do pé canhoto, e como elle ficasse com isto muito pouco desesperado, atirou-se dentro da agua e morreu queimado.

Depois foi no matto buscar lenha, perdeu ao machado, procurou-o; mas o não achou, poz fogo no matto, queimou o machado, ficando apenas o cabo.

O *apreciador dos disparates.*

CANTO DE UM VOLUNTARIO.

Patria! Patria! a todo instante,
Tenho o seio palpitante
Da esperança de voltar.
De ver teus bosques frondosos,
Murmurando perfumosos
Em noites d'almo luar.

Oh! ter ainda a ventura
De rever a formosura
De teus valles sem eguaes!
Contemplar teus altos cumes,
E respeitar teus perfumes
Nos floridos laranjaes.

Ver teus regatos formosos,
Se deslizando queixosos,
Pelo extenso coqueiral;
Ver os teus rios gigantes

Magestosos, susurrantes
Pelas rochas de cristal
Ver o teu manto de estrellas,
Mimosas, fulgentes, bellas,
Quaes outro céu não retrata;
Ver a lua radiante
Se reflectindo brilhante,
Nas tuas aguas de prata.
E ver ainda a campina
Onde essa bella menina
Que eu chamava minha irman,
Me coroava de flores.
E me fallava de amores
Com tão innocente afan.
Ver em fim esse arvoredo
Onde me fallava a medo
Uma voz estremecida....
Eis o sonho idolatrado,
O pensamento adorado,
Que embelleza minha vida!

B F.

A PEDIDO.

(*Continuação.*)

—Padre *Janico* é dotado de uma avidez latronica insáciavel.

Zangão agiota no mercado das tranquibernias, não ha nada que o farte.

Torna-se cabisbaixo e descontente quando não pratica alguma extorssão.

Por isso, domiciliado na fazenda que comprara, la para a costa do *Mar Pequeno*, sentia tedio insupportavel, por que alli não podia em grande escala dar largas á seu genio surripiante.

Olhou em roda de si e excogitou onde mais perto acharia uma presa em que lançasse as garras de abutre.

Parafusou....parafusou e afinal a endemoninhada imaginação lhe deparou *Santo Antonio*, ou antes a capella deste santo com suas terras que lhe tinha dado um tal *Valle Asques*.

Encartar-se na irmandade, que para elle era o novo El Dorado, foi seu plano de momento.

Depois de se apanhar de dentro, quiz logo dar cartas e constituir-se dictador; com a sagacidade de que é dotado, poude illudir os mezarios, e conseguir que fosse encarregado dos reparos da capella.

Atamancou da peior maneira a obra e apresentou uma conta de arrancar cabellos.

Si a irmandade fosse a pagar, ficava de pernas para o ar.

Então elle impoz que a irmandade lhe desse ad perpetuam rei memoriam o uso-fructo das terras do Santo Antonio, que consistiam em uma productiva fazenda, em paga de sua divida e os imbecéis mezarios concordaram com essa ladroeira, ficando elle obrigado a dar todos os annos 40$rs. que deu-os, assim como eu que nenhum negocio fiz.

—Que harpya voraz!

—Encaixado na fazenda, tratou logo aquillo como seu.

Sem a menor ceremonia mandou assentar alicerces para edificar.

A irmandade, escaldada do arranjo empalmatorio do padre, mandou sobrestar a obra.

Elle porém *finorio* observou muito mansinho que aquillo não tinha fim maligno e era para assentar esteios de madeira.

Vendo porém os mezarios que o resultado era pelo menos Santo Antonio pagar carissimas bem-feitorias, pois ja conheciam a besta com quem lidavam, não consentiram que elle continuasse a obra.

Com o genio de crocodilho dissimu-

lou aquelle revez guardando suas *magicas* para melhor occasião

Trabalhou, trabalhou, até que empolgou o logar de mezario na irmandade e com elle entraram dous affeiçoados seus.

Agora é que começam as ladroeiras.

(*Continúa.*)

SONETO

Offerecido e dedicado á uma senhora que mora em certa rua, pelo prestimo que tem de chamar escravas e crianças para saber o que passa-se na casa alheia.

Eu vi uma certa mulher muito embusteira,
Arrotando grandeza e fidalguia.
Com cara de tatú, pernas de gia,
Querendo se fazer bella e faceira.

Inda bal la maior, maior asneira:
Defronte de um espelho ella se via,
Mirava a cara, em gosto se nutria.
Com flôres enfeitando uma caveira!

Não pensem qu'isto é peta, ella inda existe,
Embora vá minando, qual minhóca;
A tudo o que é funcção nunca resiste.

Da madre e do seu flato sempre chóra.
Faz tanta cousa, que nunca anda triste;
Mas, namôro com ella...ninguem tróca.

VARIEDADE.

Uma pessoa, passava pelo boulevard Beaumarchais (Paris). Um mendigo lhe estende uma mão e com a outra lhe aponta para um letreiro collocado sobre seu peito, e no qual estava escripto; «mudo».

—Faz muito tempo, bom homem, que sois mudo? pergunta-lhe o caminhante.

—Desde minha infancia, senhor, respondeu-lhe aquelle.

—

Chegando-se certa pessoa a outra sua conhecida, lhe disse: «Vm. não me conhece? Não se lembra de mim?» Respondeu-lhe, que se não lembrava. «Pois eu (lhe tornou a dizer) estive com o senhor em casa de Marcos Gomes, em tal tempo, por signal se rio o Senhor tres vezes,e deu huma pancada com a mão na cadeira com a força do riso do que eu dizia.» Lembrou-se então o outro pelos signaes,e lhe disse:«Ja me lembro, sim; então era Vm. uma pessoa que lá estava, alto, bem disposto, com uma cabeça pequena, e pintada de branco alguma cousa: ora graças a Deus, que o estava eu reconhecendo, parece-me que está agora mais altinho. Ora dê cá esses braços.

—

VELHA GAITEIRA.

Um mancebo encontra-se, em um baile, com uma senhora já idosa sua conhecida, a qual estava toda enfeitada, de alto a baixo, com lindas e vistosas flores, e tão juntas que pareciam uma florida trepadeira. Depois de dirigir-lhe os seus cumprimentos, diz-lhe:

—Que linda trepadeira, minha senhora!

—Acha bonit ? Meu marido cultiva esta planta, e não sabe o nome della.

—E' a *sempervirens*, minha senhora, cresce muito nos *muros velhos*.

—

Malherbe, tendo jantado em casa do arcebispo de Ruão, adormeceu apenas sahiu da mesa. O prelado que ia pregar (e que pregava muito mal) acordou-o e convidou-o a assistir ao sermão:

—Ah! senhor, disse Malherbe, fazei favor de dispensar-me: eu dormirei bem sem isso.

ANNUNCIOS

Rapazeada, attenção!
Temos uma novidade:
Na venda da Primavera
Ha vinho da Liberdade.

Que é pinga excellente
Dizem os entendedores:
No moço desperta forças
No velho certos ardores,

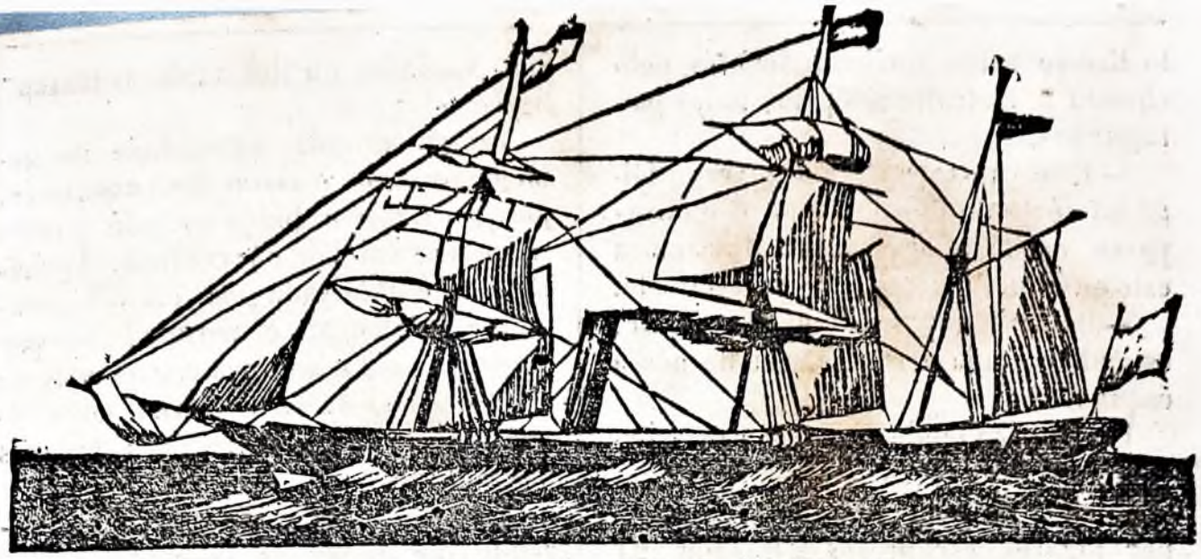
E quem toma uma garrafa
Assim depois de jantar,
Fica alegre e folgazão
Sem o juizo alterar.

Que o vinho da Liberdade
Tem mais este predicado
Faz a memoria atilada
Sem pôr o homem chirrado.

Quem quizer tomar seu trago
Deste vinho excellente,
Va, que á todos se vende;
Não ha escolha de gente.

Muitos hão de perguntar—
A Primavera onde é?
Não sabem? Pois eu ensino
E' a venda Atraz da Sé.

Procurem lá o Albino
Entrando a primeira vez:
E' um sujeito barbado
Que agrada bem ao freguez.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 10 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 242.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros,ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Sr. provedor da Misericordia, pedindo-lhe que ponha um paradeiro aos escandalos constantemente praticados no hospital da Santa Casa.

Entre outros, ha poucos dias, foi brutalmente espancada a servente Ursulina pelo estrangeiro encarregado da cosinha e seu ajudante, sem que as *charidosas* irmans, que vivem *embebidas* em *celestes* meditações, fizessem a menor opposição a tão ominoso procedimento o antes deram mostras de approvação.

—Brilhaturas da policia desta terra.

—Desembuche.

—Hontem á noite um soldado de policia, á mandado de uma celebre *Mariquinhas Matadeira*, quiz dividir a cabeça de um individuo em duas partes, apenas porém conseguiu fazer-lhe uma grande brecha.

—Que mez para acontecer desgraças!

Tambem hontem no largo do Theatro, pouco depois de 9 horas, um grupo de tres sujeitos encurralou a um individuo e metteu-lhe o cacête em cheio; não appareceu um so policia, sendo de notar que hontem foi noite de espetaculo.

—Si a policia tambem anda occupada em dar pancada!

—Além desses, os jornaes vem recheados de factos desastrosos todos os dias; violencias, roubos, assassinatos, suicidios ,etc.

—Entre outros, sobre sahe o do Sr. José Revault accommettido em sua fabrica.

—E a immensidade de arrombamentos, tanto na cidade baixa como na alta?

—E a policia de braços crusado diz que não tem meios para reprimir a audacia dos ladrões.

—Appellemos para o Altissimo,que é quem pode remediar a tantos males.

—Parece que Lopez tem pacto com o Diabo.

—Ou então Deus esqueceu-se do Brasil.

—Nossos desditosos irmãos no Mat-

to-Grosso estão sendo dizimados pelo cholera e metralhados pelas balas paraguayas.

—E o nosso *paternal* governo folga na côrte do Rio de Janeiro, e occupa-se em mandar enxotar da camara este ou aquelle deputado seu desafecto.

—Os paraguayos retomaram Nioac, estando cortada a retaguarda da nossa esquadrilha.

Um pratico tendo de guiar a expedicção em retirada, por um caminho que, dizia elle, gastaria seis dias, levou-a por logares escabrosos gastando 21 dias de baixo de chuvas de balas paraguayas!

—De proposito, talvez.

—Para ajuizar a desolação que reinava entre nossos infelizes compatriotas, basta isto:

«No dia 29 de maio falleceram, victimas da epidimia, o commandante das forças coronel Carlos de Moraes Camisão e o immediato tenente-coronel Juvencio Manuel Cabral de Menezes, assumindo o commando o major Thomaz Jose Gonsalves.

«Não se imagina o que soffreu a expedição e o que deve estar soffrendo, fome, frio, marchas forçadas, constantes ataques e sorprezas do inimigo, e sobre tudo isto o terrivel flagello da cholera, com as circumstancias de não haver remedios para os emfermos, ficando os faculatativos de braços cruzados.

«Por mais de uma vez viu-se a expedição constrangida a deixar no caminho os doentes e moribundos, por não ter meios de transporte!

«Consta que entre os muitos mortos lamenta-se a perda do tenente Fernando Antonio de Araujo Muniz (paulista), e a do unico sacerdote que ainda existia na expedição, o qual, acompanhando um comboy de viveres, pereceu desastradamente as mãos dos paraguayos.

—Infeliz paiz!

A vaidade

(Continuação.)

Vamos agora tratar dos filhos da Sra. Vaidade, ou dos vaidosos masculinos.

Temos grande quantidade de homens vaidosos e assim deve acontecer, porque desde o berço os pais e mães infundem vaidade na creança. Apenas nascida é enfaixada em coeiros ricamente bordados; e porque? Só por vaidade: pois a creança não os aprecia e elles por si de nada servem mais, do que de conterem urina das mijadas do menino.

Vai crescendo e vão os paes fazendo-lhe todas as vontades vaidosas: por exemplo: si pede relogio, dá-se-lhe relogio; si pede cavallo de estribaria, dá-se-lhe tambem cavallo para fazer a vontade; e assim acostumado o rapaz a gastar sem ter o trabalho de ganhar e sem saber quanto é custoso adquerir, torna-se um vaidoso mandrião, habilitado a gastar tudo quanto herdou.

Desta forma tem a vaidade estabelecido usos de se gastar immenso dinheiro inutil, por exemplo: dinheiro com galões de lacaios, com enteros, com os taes brilhantes e pedras chamadas preciosas, que para nada serve mais do que para se gastar dinheiro; e o certo é que taes usos de objectos de luxo ou vaidade dão até prejuizo ao commercio, como vimos com a Chapada, onde muitos, movidos pela ambição, perderam seu dinheiro e o mesmo succedeu com na California, porque nem ouro nem brilhantes são objectos de utilidade; e por conseguinte são prejudicaes á sociedade, e por essa razão até nem taes negocios são protegidos pela fortuna.

O uso das casacas de panno de lan, que tão quentes são e hoje em dia custam cincoenta mil réis nesta nossa pobre terra, é uma completa vaidade, pois nos bastava um chambre ou mesmo casaca de brim de linho ou de chita, como uzáram nossos antepassados; porém este uso condiz com trez trastes superfluos que as mulheres uzam além de outros, como são: o pente, quando podiam amarrar o cabello com um simples cordão; os leques, que tem subido á um preço excessivo, e bastaria

um abano até de papel duro, que ao menos não se quebrava todos os dias como acontece com os tacs doceis; e os brincos na orelhas, uso este bem extravagante, e que parece foi imitado das africanas de certos logares que furam o beiço para infeitarem com coraes.

Mas por outro lado neste ponto de ornatos desculpo a vaidade, porque eu mesmo, que sou philosopho por natureza, quando visto a minha sobre-casaca nova dos dias de missa e passo por casas que tem moças ou mesmo creoulas bonitas na janella, entro a sentir um desempeno no corpo, e me parece que ellas estão gostando de mim. Poderá ser engano meu, porém não é de admirar, porque outros mais feios tem namorado, e casado com boas moças.

Aire, que o artigo estendeu-se, e são horas do chá.

A PEDIDO.

—Quanto *gravata lavada*
Metido neste sarrilho!....
—Os moleques andam cantando
Pela rua este este estribilho:

Tico, tico, tico,
Ora pêllo.....
Quem prendeu o homem
Foi Xixi Rebello.

Foi la no moinho
Que não moe canna,
Entrando na ganga
Sampaio Vianna.

Ora qual,
Pêtarolas!...
Castro Guimarães
Stará na enrola?

Sr. Oliveira, chegue-se para ca,
Pos cobres do banco conta venha dar,
Si não, fique certo, não pode escapar,
No fundo do dique, ha de ir passeiar.

Peixinhos do rio, camarão do mar,
Pegará na cabra p'ra outro *mamar*,
De pernas atadas, não pode andar
No fundo do dique irá passear.

—Eu não saio mais á noite
Por ser isso arriscado;
Poso ir sem mais nem menos
Para o dique ajoujado!

—Capitão?
—O que quer?
—Venho pedir justiça contra a calumnia e a difamação, contra a mentira e safadez.
—Isso é com o juiz municipal.
—Mas, capitão, não se leva uma mascara á juizo; porque não se quer caras de asnos, carnavaes de impudicicia no centro da civilisação. Eu conto-lhe tudo.

A redacção do papel *Trovão*, gratuitamente inimiga do Sr. Nicolau Carneiro Filh, entendeu assoalhar infamias o descreditos na estrada de sua vida publica e até particular.

Não tratarei dessa ultima parte, que a ella ja ha cabalmente respondido a indignação publica. Mas quanto á segunda, direi alto e em bom som que é calumnia, calumnia estudada, pagada á ouro, e traçada com o veneno da vibora mais nojenta e torpe.

Estou habilitado, a responder ao *Trovão*, dizendo que si houve tempo em que a devoção do Senhor do Bomfim nunca fosse lezada, esse tempo é o da administração do Sr. Nicolau Carneiro Filho, pois vi uma carta do Sr. escrivão Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em que este declara que as contas apresentadas successivamente aos Srs. juizes correctores em 65, 66, 67, foram julgaads illibadas e incensuraveis.

Sei mais que o Sr. Nicolau Carneiro Filho tem contribuido com todas as forças para a prosperidade da devoção, ja encommendando objectos para a Europa, ja alargando o adro, ja levantando muralhas, ja concertando as casas dos romeiros, dourando o templo interiormente, comprando objectos para o serviço do culto, adornando o frontespicio das casas dos romeiros com grades de ferro e largos passeios de asphalto, etc.

Bem vê portanto, capitão, que o *Trovão* mente, que calumnia, que só vê no fundo de tudo isso um meio de ganhar dinheiro.

Dizem mais que é um roubo; um roubo! ouviu capitão, o debito do Senhor do Bomfim! Como si ignorasse que quasi todos os thesoureiros tem sahido credores ou deixando dividas á serem pagas como os Srs. Francisco da Costa e Abreu, Thomaz Pereira Geremoabo, Dr. José Eduardo Freiré de Carvalho, e José Maria Henrique Ferreira!

E' isso, capitão, e não se lembram que, além d'isso, ha desfalque nas rendas, em virtude da guerra, que á tudo prejudica, e mui principalmente por não ter pago o Sr. tenente coronel Pedroso a sua joia de 1:00$000 por ter fallido.

Quanto as esmolas—so houveram duas maiores—da Exma. Sra baronesa de Passé e da senhora do Sr. Arnaldo da Silva Lima.

Conclúa d'ahi, capitão, a má vontade da redacção do *Trovão*, para com o Sr. Nicolau Carnei o Filho, má vontade essa, inspirada principalmente por um velho que parece mirar d'ahi algum interesses.....

—Basta.

—A policia continúa a não fazer caso dos desvios, que vão pela *Casa de reclusão* sem trabalho; aquillo vae a anniquilar-se.

—Ha alguma cousa nova?

—O estado normal daquella casa é a desordem e desmoralisação, depois que foi entregue a homens cujo estado habitual é a embriaguez.

—Isso é cousa repetida; ha factos novos?

—E' publico e ninguem pode contestar que o *Villas-má* reduz aquillo a expressão mais simples; porque, conhecedor de mathematicas, quer egualar a zero o cargo que lhe encaixaram. O estado daquella ignobil creatura é miseravel e digno de compaixão; mas é isso compativel com o cargo que elle occupa?

—Ora, deixe-se de preambulos e conte a historia.

—O indomito animal esta *assanhado*, vive a dar couces, como si ainda estivesse em seu *curral*.

—Tudo isso são divagações, si não tem factos, cale-se.

—Pois ouça:

Villas-ma faz dos *reclusos* seus escravos.

De manhan, sahe uma com um cesta de quiabos, pimentas, couves e mais traquinadas de panella e vae levar a porta de casa para vender essa muxinifada.

Outro, vae engraxar as botinas não so delle como dos *Villas-masinhas*, quero dizer da filharada do *cujo*.

Um terceiro, depois de fazer a faxina, vae comprar os arranjos de casa; anda pelo açougue, vae á quitanda e os pobres guardas que acompanham taes *reclusos* aguentam toda maçada.

—Tem mais carga?

—Na noite do Precusor, passava eu pelo *Moenda* da *Conceição* e encontrei-me com uma chusma de *reclusos* carregados de espigas e côcos; admirei-me e perguntei o que ora aquillo e soube que as espigas eram para o cujo regalar-se e os côcos para cangica.

—Faça pausa ahi, depois ouvirei o resto.

(*Continua.*)

VARIEDADE.

EGUALDADE SEGUNDO A ENTENDEM OS INGLESES.

Si um lord embriaga-se, dizem:
« S. Ex. está de muito mau humor.»
Embriaga-se um *gentlman* e dizem:
«V. S. está muito alegre »
Emborracha-se um tendeiro:
«Este homem está bebado.»
Fal-o um pobre trabalhador:
«Que borracho!»

ANNUNCIOS

O abaixo assignado, tendo retirado todos os poderes concedidos a seu cunhado o Dr. Thomaz d'Aquino Gaspar, para tratar dos negocios concernentes ao casal, vem pela imprensa declarar que qualquer negocio, que o mesmo esnhor tente fazer, será considerado nullo, toda vez que não seja feito na presença e com approvação do abaixo assignado, genro do fallecido Thomaz d'Aquino Gaspar. Bahia 31 de julho de 1867.

José Augusto Cardoso de Castro.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 13 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 243.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de agosto de 1867.

Circular—O capitão do *Alabama*, attendendo ás justas reclamações de seus cobradores, em vista dos pares de botinas, que gastam nas cobranças, Ha por bem agraciar aos seus pontuaes assignantes, e para esse fim prepara um quadro, que será destribuido com a folha, onde se lêrá em lettras de ouro os nomes dos assignantes merecedores; assim como acompanhará a este um outro com tarja funebre com os nomes dos assignantes remissos.

Previne que aquelle que não estiver em dia tracte de se pôr, pois será melhor ver seu nome no quadro de honra, do que no funebre. Não admitte mais pedidos, pois no principio do anno deixou de ser publicado um magnifico quadro, com as caricaturas de todos os assignantes atrazados por considerações, e pelo que ficou todo o trabalho perdido depois de prompto.

E para que chegue ao conhecimento de todos, houve por bem mandar publicar esta. Dada á bordo do vapor *Alabama*, ancorado no porto de *Latronopolis*, aos 12 de agosto do anno dos calotes.

Eu Lima Barbosa o escrevi e assignei.

Lima Barbosa—immediato.

—

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, levando ao seu conhecimento um facto que cumpre averiguar afim de desarredar suspeitas sobre o credito do empregado a quem elle se refere.

Corre pela voz publica que em dias da semmana passada o Sr. administrador da casa de prisão com trabalho procedendo á busca nas caixas dos presos, encontrara na de Francisco Pereira da Silva 306$ réis, sendo 160$ réis em ouro e o resto em papel, e que apoderando-se de semelhante quantia não a recolheu até hoje ao deposito publico, como era de dever.

Longe de dar-mos credito a semelhante imputação, acreditamos que ella seja infundada, porém como é daquellas que podem abalar a reputação do serventuario publico, pede-se encarecidamente a S. Exa. que mande

sindicar e ouvir o referido sentenciado para esclarecimento da verdade.

—Capitão, um brado a favor do merito esquecido.

—E eu com muito gosto para ouvil o.

—O veterano capitão José Fernandes do O' é um dos veteranos da Independencia do Brazil.

Em Piraja fez toda a campanha da Bahia e foi um dos heroes do dia 8 de novembro de 1822 no Cabrito.

A 2 de julho de 23 entrou triumphante na capital, como capitão de 92 ou Henriques Dias.

—Isto são glorias, que ninguem lhe pode tirar.

—Porem ouça V. Ex. o resto.

O decreto nº 1254 de 8 de julho de 1865 concedeu uma etape de 1$ rs. diarios a essas venerandas reliquias da nossa emancipação e parece que o capitão do O' tem direito a ella.

—Incontestavelmente.

—Pois desde 1865, que requereu ao governo e até hoje não teve solução.

—E não sabe a que attribua isso?

—A má vontade de um genio malevolo e invejoso, que, para cevar algum odio tão pequeno como antigo, crea empecilhos e talvez até ja consumiu os papeis do bravo velho.

—Isso é reprovavel, so um genio de *corta-ferro o* pratica.

—O caso é, que elle até hoje tem deixado de receber essa pensão a que tem legitimo direito.

—E porque não recorre ao actual commandante das armas? Homem justiceiro e verdadeiramente amigo de sua classe, ha de indubitavelmente attendel-o e dar andamento à sua pretenção.

—V. Ex. lembrou bem; vou aconselhar isso a elle.

O SOMNO.

Filho *d' Erebo* e da *Noite*, irmão por consequencia da *Esperança*, com a qual o Céu não nos falte, e da *Morte*, da qual livre-nos Deus, ao menos por em quanto, desce do Olimpo, e mette-se entre os mortaes, todas as vezes que pilha-nos dormindo.

Então..... apresenta-se elle fazendo taes visagens, que toma as vezes cor tão verdadeira, que faz com que duvide-se da mentira.

Divergem os entendidos relativamente ao logar, em que toma elle assento; uns dizem que fica na cabeça, por ser esta entre as demais, a parte mais nobre: outros, que na barriga ou buxo em razão do ponto de contacto existente entre os bons ou maus sonhos, e a barriga mais ou menos cheia: outros finalmente que nos olhos, os quaes, si para nós estão feixados, não o estão porem para Morpheu, que embriagando-se em as noites que aqui descem, conta *chufas ao pae* que ora visita-nos.

Seja como for, o certo é que o Somno pinta-se de cores: assim é, por exemplo: vermelho, quando visita aos miseraveis, cuja fortuna immensa tem por base honra de virgens e lagrimas de viuvas: é azul, quando visita aos invejosos; tolo ou ciumento da *bisca* dos que namoram: é preto, quando vem ter com vinvas, que maltrataram o defunto, ou com papalvos, que temem se dos mortos: é finalmente cor de oiro, quando vem tocar aos namorados, que julgam que a pequena não se casa com outro, á não ser com elle.

D'aqui... vemos que o Somno, a final de contas, é uma mera scena de fantasia em a qual é actor o pensamento, o palco a escuridão immensa que rodeia-nos; e como tal.., representando as vezes tragedias e commedias, onde esta mata-nos, e aquella torna-se para o pobre um gozo, posto que ephemero, um pouco *aproveitavel*: receitamos para não dar-se os primeiros: uma rolha de cortiça enfiada ao pescoço num arame de viola, ou o annel do diabo, isto no dormir.

LA VAE VERSO.

Que diabo de embeleco,
Vae aqui por este becco!
Que disparates sem conta!
A policia estupefacta,

Ora ata, ora desata,
Anda qual barata tonta!

Mettida nessa rascada,
Pobre lesma, aparvalhada,
Anda co'a cabeça atôa;
E depois de patinhar,
Perde o modo até de andar,
Fica com cara de brôa.

Toma medidas d'arromba,
Vae qual uma maxamlomba
Andando nossa policia;
E em cada providencia,
Si não attesta demencia
Prova a sua impericia.

As duas espadas.

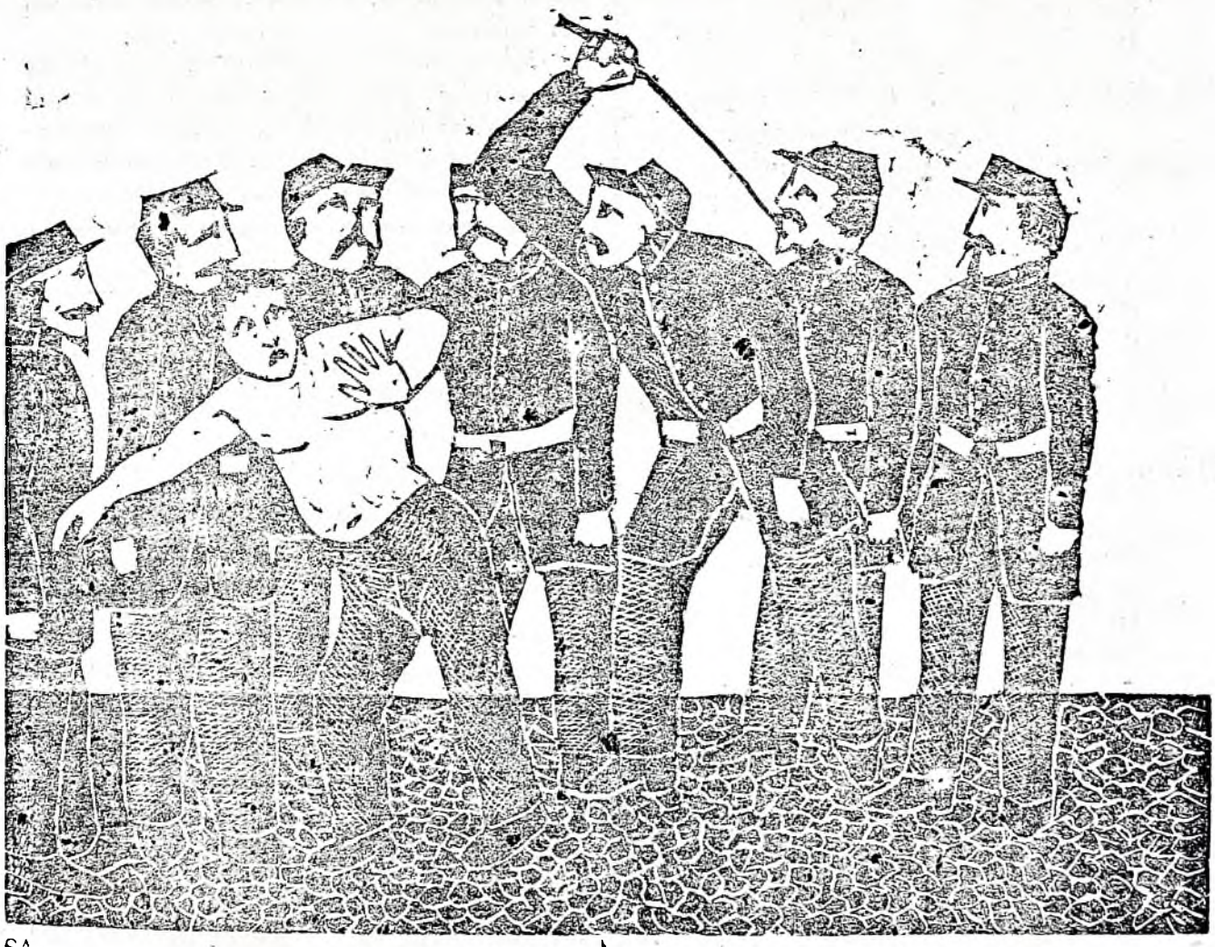
N'uma carroça de cisco
Vae espada carcomida;
Em quanto em berlinda passa
Outra ainda mui brunida.

Neste encontro aquella exclama:
«Ah! tambem fui bem tratada!
«E transitando mil flores
«Me atiraram da sacada.

«Mais, depois que na batalha
«Venci o ferro inimigo;
«Por ter quebrado o meu corpo.
«O monturo é meu abrigo.

Uma verdade se colhe
Desta justa exclamação;
Do soldado brasileiro
E' bem triste a condicção

A PRANCHA



Sôa a corneta...da—avançada—os toques
No quartel echoaram,
Eis que os soldados das companhias correm,
O—quadrado—formaram.

Que vae sem pena açoutar-se,
A' frente do batalhão,
Um soldado brasileiro...
Defensor d'esta nação!

E feito o quadrado...dentro d'elle...triste..
O bravo... o condemnado
Ouve a sentença...e logo a farda despe,
Que a farda è do Estado!

Vergonha eterna! Açoutar-se
A' frente do batalhão...
Um soldado brasileiro...
Defensor d'esta nação!

E começa o castigo... fero... atroce!
O corneta soldado...
A prancha vibra...e se lhe falta, força...
E' logo castigado

Que não deve elle ter pena,
A' frente do batalhão,
Açoutando o camarada...
Defensor d'esta nação!

Oh, qu'espetaculo...sobe e desce a prancha,
O soldado aviltando...
Seus bravos feitos em defeza da patria...
Assim recompensando!

Como um escravo...açoutado,
A' frente do betalhão,
Um soldado brasileiro...
Defensor d'esta nação!

Oh! vêde como o paciente geme,
E que execranda scena!...
Como desmaia...como ao algoz o chefe,
Oh' que prosiga...ordena!

Como se açouta, ora o livre
A' frente do batalhão,
Como se avilta o soldado,
Defensor d'esta nação!

Oh! vêde todos... do condemnado o sangue
Pelos labios desce...
E pelas faces da ignominia o pranto,
Que logo apoz fenece!

Vergonha eterna! Açoutar-se
A'frente do batalhão
Um soldado brasileiro. .
Denfensor d'esta nação

E cáhe a prancha...cada golpe um grito...
Uma porção de vida!
Mais uma infamia...nessa infamia um crime
D'essa lei homicida

Maldito quem n'este imperio,
A' frente do batalhão,
Manda açoutar o soldado. .
Defensor desta nação

Findo o castigo...no hospital o bravo
Morreu...sorte ferina!
Morreu bradando: maldição à patria...
Mãi...mãi assassina

Que por lei a mais cruenta,
A' frente do batalhão,
Desbroara...mata seu filho...
Soldado d'esta nação

Oh! vêde-o morto, que de ferro a prancha,
O corpo seu quebrara;
Que perde a patria? Para o logar do bravo
Ja outro recrutara....

Vergonha eterna! Açoutar-se
A' frente do batalhão,
O soldado brasileiro...?
Defensor d'esta nação

(Extr.)

—Desabou hontem para a rua a parede de um sobrado que se está edificando nas Portas do Carmo.

—Offendeu alguem?

—Felizmente não. Apenas a casa do Sr. Bonifacio, que fica vizinha, soffreu alguma cousa.

—Devia haver uma fiscalisação severa nessas edificações, porque os proprietarios ás vezes, a par de mesquinharias e para fazerem uma economia porca, compromettem as vidas de seus semelhantes.

VARIEDADE.

Uma *lorette* escrevendo a um seu protector para lhe emprestar 300 francos, julgou dever ajuntar o seguinte *post scriptum* em sua missiva:

«Eu estou totalmente envergonhada de vos mandar pedir dinheiro, tanto é que corri atráz da portadora para que me tornasse a dar a carta, porèm já não pude mais alcança-la.—Vossa criada, *Amanda* »

ANNUNCIOS

No sabbado 17 do corrente será publicado um romoncete intitulado—*Drama em tres capitulos*, que se denominarão:

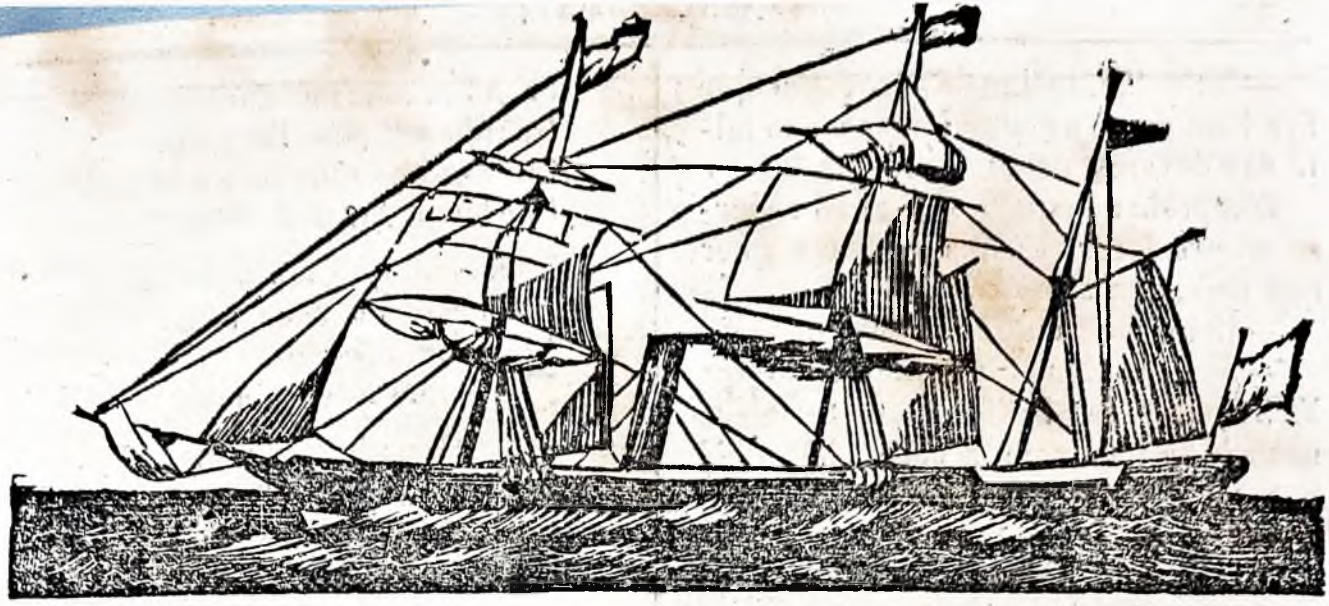
1.°—O banco.
2.°—Os directores.
3.°—O rapto de um homem.

Preço de cada exemplar—500 rs.

O abaixo assignado previne, que perdeu na noite de 8 do corrente no beco denominado do Funil, na freguezia da Penha, um relogio de ouro patente n°. 6822 e que quem o tiver achado pode entregal-o ao anunciante, morador á rua da Madragoa ou no escriptorio do Sr. Manuel Francisco de Souza Charias, que será bem recompensado.—Itapagipe 9 de agosto de 1867.

Erico Possidonio da Silva Vieira.

Pede-se ao Sr. J. Calafate, o favor de ir ao Caes Dourado n°. 69, para tratar de negocio que não ignora.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 15 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 244.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160. rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que expeça terminantes ordens ás authoridades competentes para que não consintam que pela povoação e estrada do Rio Vermelho continúem a transitar individuos armados, como actualmente acontece, em que cada um ali se julga com direito salvo de trazer uma faca na cintura, ou um punhal no seio:

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua onde morou o *Saldanha*, n.º 32, 1.º andar, e intime a um engraçado *marmanjorum*, que ahi mora, que não continue a mijar pelas grades da sacada para a rua, pois além da immoralidade e desrespeito ás familias, que ficam defronte, prejudica a quem tem a infelicidade de por alli passar nessa occasião, como aconteceu no sabbado 10 ficar um moço todo *aromatisado;* sob pena de ir ter com elle o muxingueiro, munido da competente taca. Cumpra.

—Capitão, consta-nos que andam desde hontem na Victoria tres cães damnados, sendo um pertencente ao francez Stefens, que foi immediatamente morto e os outros dous ainda por là passeiam.

—Dirija-se ao Sr. Dr. chefe de policia, e peça-lhe que mande o Evaristo munido das competentes bollas.

— Vou ter com elle.

—Charo Dr , sabe o que andam dizendo?

—O que é?

—Que V. S está de proposito entorpecendo a marcha do processo.

—Eu? A consciencia do dever para mim é sagrada.

—Eu entendo que deve ser assim. Mais infelizmente dizem que tal não acontece; que V. S. depois de conferenciar com o *maior* vae combinar com os patronos dos cujos.

—Apezar de amigo dos indigitados na cassuada, entendo que o cumprimento da lei está á cima de tudo.

—Ou então, resigne o logar; por que fica bem com sua consciencia e não falta aos deveres de amizade.

Comprehenda que o seu papel reduz-se a *promover* justiça a quem quer que seja, que a tenha.

—Conselhos é que dispenso.

—Si lh'os dou, é porque desejo ver V. S. sahir-se brilhantemente neste negocio e não com a cara cheirando *a breu*.

—Estou sciente.

—Capitão, trago-lhe este specimen de orthographia.

—De quem é obra?

—De um fiscal da camara.

—Ora adeus! eu pensei que era de vulto maior. Não admira que um fiscal não saiba escrever, quando muita gente de cathegoria mais elevada não o sabe.

—Porém, capitão, em tão poucas palavras tanta asneira?

Note que as palavras griphadas são impressas e que elle so escreveu as outras.

«*N.* 198.—*Freguezia da Rua do* «*Passo*—*Recebi do Sr.* Antonio Gon- «carves Reiz *a quantia de* 16$ *réis* «*proveniente da infracção da postura* «*n.*° 19, sendo 2 mortas por falta de fisi- «caens —O fiscal—L. J. S.

LA VAE VERSO.

Minhas gentes venham ver
Uma grande novidade,
Se amarrando gente livre
Aqui dentro da cidade.

Do tempo da inquisição
Tormentos, que se exercia,
Soffreu o pobre Soares
Na fazenda do Garcia.

Seguindo pelo Cabeça
Vae de casa em caminho,
Quando é de chofre agarrado
E levado ao moinho.

Campando de honrados,
Virtude ostentando,
Que gente rabuda
Entre nós andando!

Sr. A....., me conte,
Guardo segredo, lhe juro,
Que *bimbalhadas* foi umas
Que levou Atraz do Muro?

Cachorro, que muito anda,
Acha osso ou acha pau,
Vm. por *bolicoso*
Lhe deram este quinau.

Desta visagens fazendo,
A noite não ande mais,
Para que outra sapeca
Não leve pelos quintaes.

Em S. Miguel um melcorio
Fingeçir em romaria,
Em trages de *peregrino*,
Adorar Santa *Maria*.

Com essas trêtas pretende
O refinado lapuz
Ver, si com promessas vans,
A uma moça ceduz.

Do engenho de Cobaça
Ja veio elle corrido,
Por ter naquelle logar
Um facto egual commettido.

Para que de taes ciladas
Não ande a se soccorrer,
Va dalli o muxingueiro
Ao *peregrino* correr.

A PEDIDO.

—Muxingueiro, sobe a ladeira da *Doença*, entra n'uma taverna á direita e agarra pelo caxaço o seboso caxeiro dessa posilga.

—Aqui está o machacaz, capitão.

Aconselho a V. Ex. que mande vir um pouco de Labarraque; o diabo exhala um chulé, que tonteia.

—Hei de mandar desinfectar-lhe o corpo com o teu calabrote.

O' besuntão como é teu nome?

—Juquim.

—*Joquim*, e como aquella baderna de moleques, que se ajunta em tua tasca, te chama *Machado*?

—Não sei explicar-i.

—Para que reunes na tua venda tantos moleques e capadocios a bolirem com quem passa?

—A benda não é minha.

—De quem é então, besta?

—E' do sôr meu mano *Manueli Zelis Muchado*.

—Seja la do diabo.

O que quero, é saber, si ignoras que na visinhança ha familias, que não estão para ouvir tantas immoralidades proferidas pela tua pandega.

—Para benderi, é preciso não desagradari aos friguezis.

—Fuum! que fedor de bolor exhala este animal! Porque não te lavas, bruto?

—Eu custumo passari um panno mulhado assim pelo corpo, á noite depois que fecho a benda.

—Ah! porcalhão!

Dize-me, para que te importas que os mais em sua casa tenham isto ou aquillo, que as outras vendas não comprem os generos por atacado, que vendam pouco, e em cima disto desacreditas dizendo que os generos são maus?

—E' para chamari friguezia para mim.

—Bom; espera um pouco.

Muxingueiro, dá um banho de casco de côco e areia no immundo corpo desta besta e depois passa-lhe o calabrote até cançares.

—Ah! sôr capitão misericordia!

—Cumpre as ordens, muxingueiro.

—Capião, este cara de areia mijada embebeda-se para descompor o imperador do Brasil e os brasileiros em geral, pedindo a Deus que o Lopes leve os brasileiros a chicote.

A visinhança vive atordoada com as berreiras deste bruto.

Ha dias, na porta da botica do Bacellar, dizia do Brasil o que Mafoma não disse do toucinho e como um brioso rapaz lhe exprobasse tão vil procedimento, atracou-se com elle e puchou por um punhal que cravaria, si quem estava na botica não lhe obstasse tão nefando designio.

Trago-o para que V. Ex. lhe mande ajustar contas com o muxingueiro.

—Onde moras, creatura vil?

—Rua das *Estampas*.

—Teu nome?

—*Antonio*.

—D'onde és natural?

—Da *Figueira*.

—Para que bebes tanto?

—E' quando me aperta a *Lua*.

—E porque não vaes dormir até cosinhares a borracheira, para não te intrometteres no que não é de tua conta?

O que te importa que o Brasil seja bem ou mal governado?

Não vives aqui melhor que em tua terra, onde não passarias de aguadeiro ou adubador e cultivador de cebolas, si é que não désses para salteador das mattas de Traz-os-Montes?

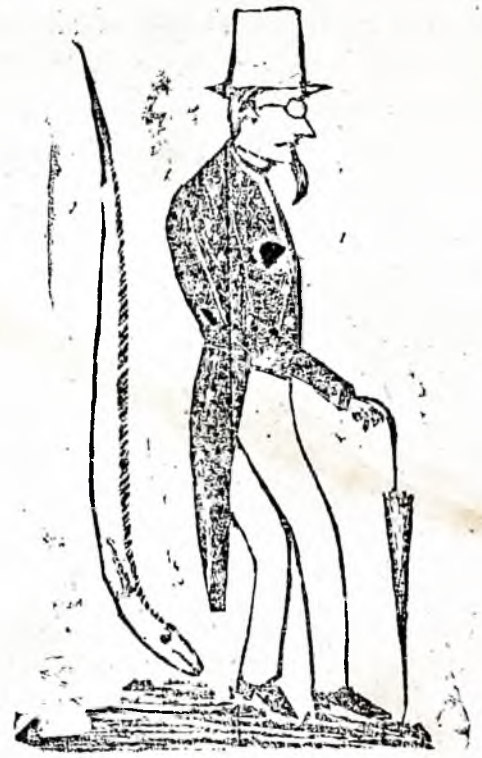
Falla sendeiro...

—Sr. capitão, tenha paciencia, eu emendo-me d'aqui por diante

—Capitão, o inspector de quarteirão ja deu parte ao subdelegado da vida desregrada deste mono, o major Ernesto ja queixou-se e elle continúa. E' preciso um castigo.

—Leve-o ao muxingueiro, que lhe applique na lingoa um sinapismo de pimenta bem madura e, si continuar, mande metter-lhe a viperina lingoa em azeite fervendo.

—Obrigado, capitão.



—Misericordia! Misericordia!

—Faça alto: quem vem lá?

—Ui... Ui... Ui...

—O que acconteceu?

—Não... posso...explicar-me... vi...vi...vi...

—Viu o que, homem de Deos? Tome folego e falle.

—Encontrei me com um phantasma comprido como carango, de chapeu branco, casaca cumprida e de pontas de thezoura de cartorio, com a devida venia a S.S.e o semblante de carrasco, nariz ao longo e cangalhas amarellas apoiadas sobre o dorso, pernas finas e patas compridas.

—Em que logar viu isto? conte-me.

—Seguindo caminho da *moenda da Conceição.*

—Ha de ser o carrasco, que vae fazer alguma execução.

—Não; não, senhor, disseram-me que o cujo foi soldado de policia, e depois de julgado por *falsa testimunha* foi chamado Serpentão.

—Ah! já sei; é chefe dos reclusos da moenda.

—Sim; o mesmo.

—Então foi isso que o assustou?

—Não; mas foi por que me disseram que elle avança depois de meio dia.

—Então elle é onça?

—Já disse que é homem, e como pergunta-me si é onça?

—Comprehendo perfeitamente; é sem duvida o *Villas mas.*

—Como então avança elle depois do meio dia?

—Parece-me que é publico o motivo: o cujo é amante dos liquidos alcoolicos brancos.

—Como? Elle gosta da pinga?

—Isso, só ignora a boa policia d'esta terra, que encaixou semelhante devasso depois de ser julgado n'um tribunal supremo por falsario e apaixonado.

A proposito, vou contar uma que o cujo quiz enfiar no inspector do trem de paz

Suppoz que por ter cangalhas devia enchergar por quatro e os mais por dous; e então propoz-se a fazer botinas para os meninos do Trem de p z...

—Então elle é sapateiro?

—Ouça, e calle-se; quiz fazer das suas gentilezas, tomou a seu cargo mandar fazer na officina de que é elle chefe, uma porção de botinas a preço de rs. 4$238, e quando apresentou a obra, o chefe, do trem, que não poupa os tratantes, a devolveu, por se achar fora do contracto; isto é, por ter encommendado botinas de bezerro francez e o *cujo* querer impingir couro de vacca, por bezerro francez.

—E elle o que fez a vista d'isto?

—Disse que ia representar contra o chefe cujo caracter é a melhor recommendação de seus actos.

O bruto é muito insolente, parece que quer que lhe leiam a chronica horrenda de Serpige: suppoz fazer com elle o que fez com o Lopes, a quem infamou mandando comprar carne pelo João das mulatas para deitar-lhe no quarto, para afinal imputar-lhe a prevaricação de que elle foi unico agente.

Certamente do mesmo modo por que procede ucom o *cabrito sapateiro*, que andou promovendo assignaturas *a forciori* dos empregados da casa de reclusão, sem que um só quizesse prestar-se as suas infamias, dando em resultado tudo a briga que elle teve com o Carrinho que lhe empresto u a cama.

O cabrito sapateiro tem mais vergonha nos calcanhares do que o infame *Villas mas* na cara, e não prega calões nas vendas.

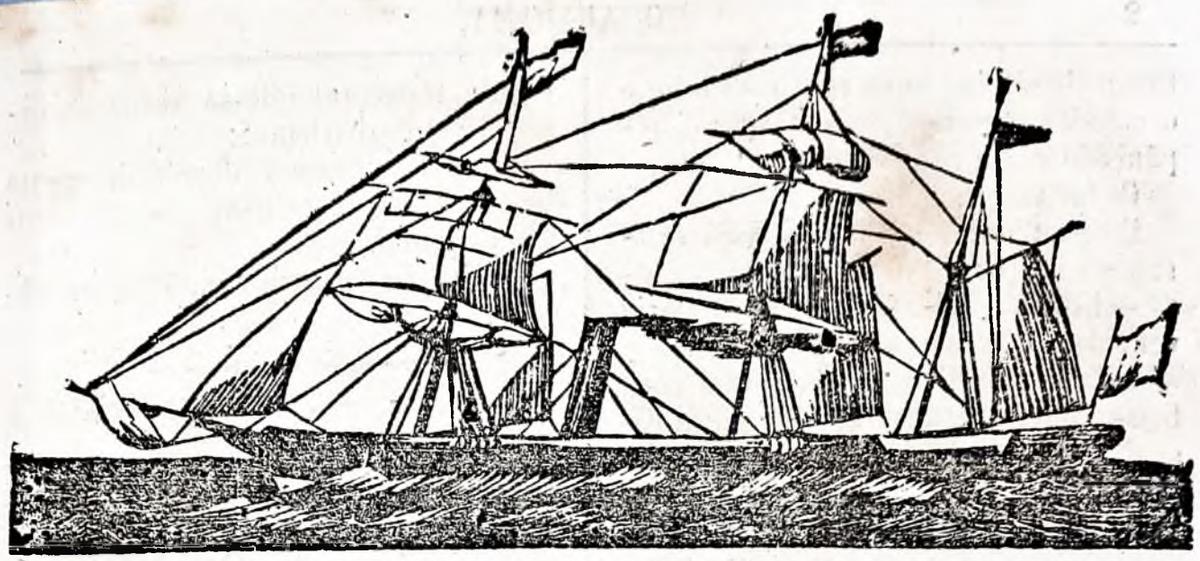
ANNUNCIOS

No sabbado 17 do corrente será publicado um romanceto intitulado—*Drama em tres capitulos*, que se denominarão:

1.°—O banco.
2.°—Os directores.
3.°—O rapto de um homem.

O abaixo assignado previne, que perdeu na noite de 8 do corrente no beco denominado do Funil, na freguezia da Penha, um relogio de ouro patente n°. 6822 e que quem o tiver achado pode entregal-o ao annunciante, morador á rua da Madragoa ou no escriptorio do Sr. Manuel-Francisco de Souza Charias, que será bem recompensado.—Itapagipe 9 do agosto de 1867.

Erico Possidonio da Silva Vieira.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 17 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 245.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que um africano, morador á ladeira do Alvo, nº 29, na noite de 15, maltractou cruelmente com um cacete a um creoulinho de 10 annos seu escravo, espancando-o desde o largo da Saude até sua casa e ahi por mais de um quarto de hora.

Espera-se que S. S. por humanidade mande ir a sua presença esse infeliz, cujo estado não pode deixar de ser melindroso, e depois do competente corpo de delicto, faça proceder na forma da lei contra tão desalmado senhor.

— A' respeitavel Mesa da Ordem 3.ª do S. Domingos, perguntando-lhe si tem necessidade de *tijollos* e se encarregou ao Sr. *Adão no plural* de fabrical-os no pateo do hospital dessa ordem, visto que esse cara de bolo mal amaçado leva todos os dias horas esquecidas ahi, a fazer foscas e momices para as casas cujos fundos deitam para o dito pateo, devendo no caso contrario, expedir terminantes ordens ao administrador do referido hospital que tanja semelhante jamanta e o aconselhe a ir tratar de sua complicada vida e saldar os innumeros calotes que prega, afim de ter a caraça mais limpa e não procurar illudir pessoas inexperientes que vivem em socego.

EDITAL.

A camara desta leal e valorosa cidade convida a aquelles de seus municipes que tiverem perna torta e a queiram endireitar, a irem mettel-a n'um profundissimo buraco com dous palmos de circumferencia que se acha aberto em frente da egreja do *Archanjo*.

Paço da municipalidade de Latronopolis 15 do mez do deleixo do anno da negligencia.—O presidente, *barão do Pouco cuidado*.—O secretario, *Descuido*.

—Ja não resta duvida de que nesta terra desappareceu a ultima scentelha de segurança individual.

Ninguem se pode julgar tranquillo em sua propriedade.

De uma hora para outra o lar domes.

tico pode ser impunemente invadido o o cidadão algemado, amordaçado, espancado e até assassinado.

Os factos repetem-se.

E as authoridades impassiveis cruzam os braços.

—Está V. fallando sobre materia vencida; tudo isto ja é muito sabido.

—Mas cada dia um facto vem confirmar que cada um tracte de garantir-se da melhor forma, si quizer estar seguro.

—Qual é o mais recente?

—Na noite de 14 na casa nº 17 á rua da Misericordia divertiam-se algumas pessoas, licita e honestamente, guardando todas as regras da decencia e com todo acatamento ao decoro publico.

Um grupo de muito mais de 300 pessoas, entre homens e mulheres, em frente a essa casa, praticou os mais reprovados excessos: não contentes com apredrejarem a casa, invadiram-na.

Essa scena turbulenta durou das 9 horas á meia noite, pondo em sobresalto toda circumvisinhança.

—E o motivo dessa algazarra qual era?

—Porque a reunião era composta de pessoas de cor preta, por que algumas das mulheres que faziam parte della, costumam andar de saia e nessa noite trajavam vestido.

—Isso denota a mais crassa ignorancia Pois cada um não pode andar como quizer, com tanto que não offenda a moral?

—Eu não quero entrar nessas considerações, desejava somente que me dissessem si é licito um ajuntamento daquelles, a fazer tão descommunal assuada, perturbando o socego publico fora de horas, proferindo palavras obscenas, rasgando e apupando pessoas indefezas.

—E onde estavam o chefe e delegado de policia, que não viram tal alarido?

—Divertiam-se no theatro, sem duvida.

O subdelegado compareceu, porém baldo de força, para conter os turbulentos e fazer respeitar a lei, foi elle propio testimunha dessa scena de inexcedivel barbarismo.

A final, o homem depois de muito trabalho, com seus bons modos, conseguiu alguma cousa.

—E viva a patria e morram os patifes.

—Srs. M., A., é preciso prestarem mais attenção na correcção das provas.

—Não precisa recommendações de V. Ex.

—E' preciso, porque os Srs. deixam passar muitas cousas Vejam a 1.ª pagina do nº 244, na 2.ª columna, que em logar de—*damnarum-se desde de hontem na Victoria etc.*, sahiu—*andam damnados etc.*

—Foi culpa do typographo que emendou.

—Sempre a culpa recahe sobre o typographo.

—V. Ex. pode mandar a errata,

—Pois ahi a tem.

—Pobre escrava! Por uma ninharia, tão maltratada!

Ha gente muito deshumana!

—Esquecem-se de que o escravo é nosso semelhante e nosso irmão em Jesus Christo; que compra com o suor de seu corpo, com o sangue de suas veias o nosso bem estar, e os nossos caprichos.

—Quem ha de dizer que por um crusado, foi esta miseravel escorreiada tão deshumanamente?

—Por um crusado?! E' mesquinhez de mais.

—O senhor deu-lhe um cruzado, afim de comprar mel para o cavallo; e a desgraçada teve a infelicidade de tropeçar e quebrar a vasilha em que trazia tal mel.

Depois de castigada dasabridamente, anda de porta em porta a pedir aos visinhos um crusado porque o fero senhor assim o exige.

—Duas penas a um tempo! Castigo corporal, e pagar o dinheiro! E' barbaridade!

—Não reflexionando esse homem, que si aquella desventurada por um accesso

de desespero, cançada de sorver trago a trago o amargo da taça do captiveiro, commetter um suicidio, elle perderá mais do que a ridicula quantia de quatro tostões!

—Mais ninguem dirá que elle foi o author da morte da desgraçada!

Conhece o algoz daquella pobre?

—E' o *maior* do corpo—um—*tres vezes*.

—Ah!...Elle pode fazer, está em sua epocha.

—Capitão, tive denuncia de que alli occulta-se um contrabando.

—Que biboca é aquella?

—E' uma *fabrica de massas*.

—E esta rua?

—Aqui morou o *D. José* alli é a *volta* para o *declive dos tijollos*.

—O que espera?

—Suas ordens.

—Proceda ja e ja a rigorosa busca.

.....

—Não perdi meu trabalho, capitão, encontrei um inexperiente menina de 14 annos, que foi raptada á 8 dias da casa do *titular* de *Japirá* e que está alli servindo de pasto à gana lasciva dos sevandijas que habitam aquella espelunca.

A infeliz foi primero levada a venda fronteira do Antonio, onde passou duas noites e depois, mandaram-na para alli onde esta feito guardanapo sem dono que todos limpam á mão.

—Vá dizer isto mesmo ao chefe de policia á ver si elle como pae de familha condoe-se da tal infeliz; e depois mande o muxingueiro metter o relho na cafila que vive alli aboletada.

A PEDIDO.

—Como anda tudo á matroca nesta terra!

Ha dias entrava uma embarcação e a fartaleza do Mar cascou tres tiros, dizendo-se que era navio fugido.

—Estavam dormindo ou atordoados?

—Digo isso apenas para V. Ex. ver o cuidado que ha por ali.

—E a nação fez mais essa despesa inutil de polvora.

—Isso não; o commandante das armas não é desses que deixam ir tudo por agoa abaixo; logo que soube da espichadella que tinham dado, ordenou que o commandante do forte pagasse a despeza feita.

—Bem, bem! E o cujo que se dê por muito contente por ser só isso.

SONETO.

Eis de um cute infeliz a condicção!...
D'um cute, neste mundo, malfadado
Que p'ra cumprir seu duro e triste fado,
Caixeiro veio a ser d'um velhacão.

Não acaba ainda aqui esta oração...
Do seu paiz natal foi transportado:
Cumprindo este dever, resignado
Foi-lhe dado por amo um vendelhão!...

Embora ..mais si tanto me hei queixado
Não será pela muita sujeição,
Mas sim por sem razão ser maltratado.

Agora só me queixo d'arguição;
Que o velhaco para si tem assentado
Não pagar-me, e chamar-me de ladrão.

O Cascudo

—Capitão, V. Exa. bem disse.

—O que foi que eu disse. meu rapaz?

—Que naquelle negocis da Meza de rendas, não fosse pagar o justo pelo peccador.

—E succedeu assim?

—Parece-me; por que pagou multa um que foi victima de sua boa-fé; entretanto que o author da rabiosca nada soffreu e ficou fresco, prompto para nova gamada.

—Não creia, que elle para outra seja tão *franco* como desta: Assim como estou certo de que o Sr. administrador lhe quizesse passar a mão pela cabeça.

—E' desaroiso não tem duvida.

—O que resmunga V.?

—Acho triste que officiaes encarregados de guardar um prezo sobre quem pesa a imputação de um grave crime. vão todos os dias cerrar-lhe os pirões e saborear-lhe os bolinholhos.

—Quem são esses glutões.

—Por que pergunta?

— Desejo saber.
— Pois meu charo.

Quem tudo quer saber
Nada se lhe diz
Ou fique *vinte, um*
Ou indague como eu fiz

VARIEDADE.

NO ESTYLO DA EPOCHA.

Morri para o mundo!

Fui atraiçoado pela mulher que mais amei!...

Meu peito parece suffocar-me: meus labios esfriam-se: pareço um cadaver de pé!...

Oh! mulher ingrata, por que fatalidade te havia encontrado em meu caminho?...

Porque em vez de te sorrires ás minhas tristes olhadelas, não me deste logo uma tapona?

Calcaste aos pés a minha ultima esperança, cruel! escarneceste da paixão ardente que devorava este meu peito que era uma fogueira onde podias assar batatas!

Fiquei quasi louco!

A cabeça andava me á roda!...

Vi tudo em duplicata e ainda não havia jantado!

Não!...não foi do vinho.

Foi o amor que deu-me um couce no coração fazendo-me perder a tramontana.

Mil vezes tem-me passado pela mente abrazada o desejo de asphyxar-me em uma pipa de vinho.

E no entanto foi ella insensivel a quem por seu respeito beberia um copo de cerveja, a quem por seu sorriso fumaria um bom havana!

Mulher, a quem amei mais do que á ponta do meu cigarro; por quem derramei lagrimas sufficientes para um novo diluvio; por quem daria tuda que tenho de mais caro... as minhas chinellas de tapete e o meu chinó castanho!... treme da minha vingança que será terrivel!

No mundo só tenho encontrado trabalhos, pezares e pobreza; vou por isso enclausurar-me: no claustro me não faltarão cartas de jogar, vinho e charutos!

Gozarei mil prazeres differentes: terei amantes, carro, escravos, fazendas e dinheiro.

Viverei em continuas orgias: serei um devasso, serei finalmente um verdadeiro frade dos tempos mordernos.

O apreciador de disparates.

O grande Condé enjoado de ouvir um presumido fallar incessantemente do senhor seu pae e da senhora sua mãe, chamou um de seus creados e disse-lhe;

—Senhor meu lacaio, dizei ao senhor meu cocheiro, que ponha os senhores meus cavallos, no senhor meu cabriolet, que está na senhora minha cavalhariça.

—

Um pintor retratando uma moça muito bonita e vendo que ella se esforçava para tornar a bocca cada vez mais pequena, a qual a obrigava a violentas contracções, disse-lhe: — «Si tendes muito interesse em fazer desapparecer vossa bocca, posso retratar-vos até sem ella.

—

Um homem vendo passar seu medico, voltou-se pera o lado. Perguntando-se-lhe a razão, respondeu:

—Estou envergonhado de apparecer diante delle, pois ha muito tempo que não adoeço.

ANNUNCIOS

Não tendo sido possivel concluir-se a impressão de—*Um romance em tres capitulos*,—será exposto á venda por todo meado da semana vindoura.

VINHO DA LIBERDADE

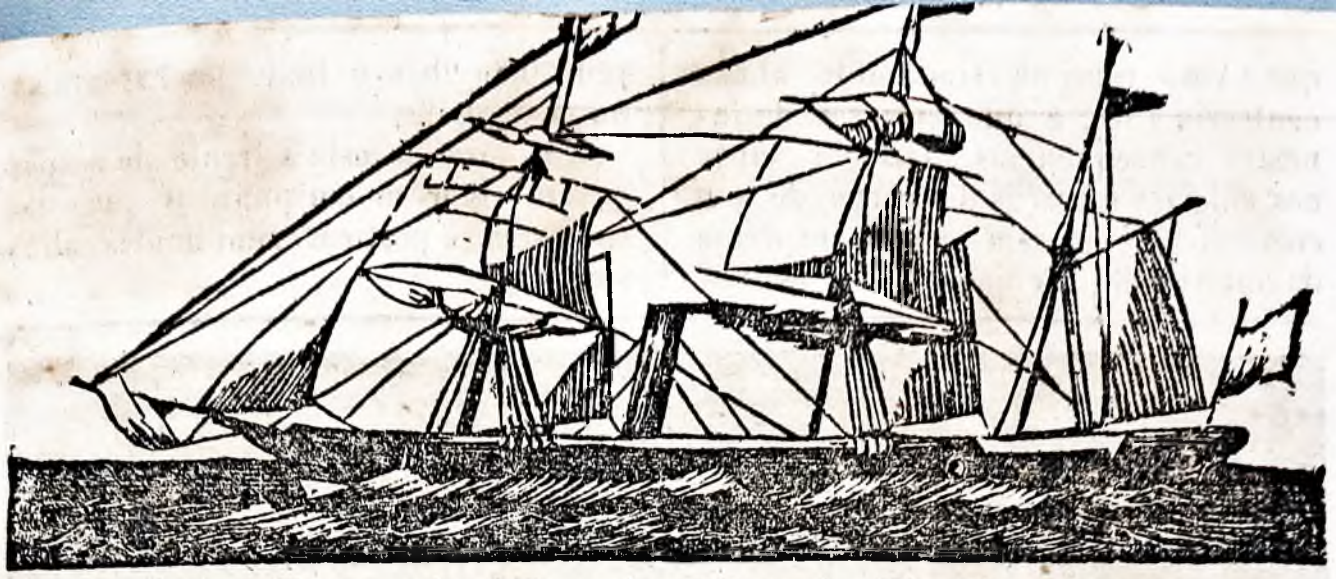
NA PRIMAVERA

54—*Atraz da Sé*—54

Freguezes venham
Aqui chupar,
Desta excellente
Pinga sem par.

Quem deste vinho
Que a tudo excedo
Um copo chupa
Logo outro pede.

Venham letrados,
Venham artistas,
Homens do Forum,
Tambem logistas.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 20 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 246.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de agosto de 1867.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe providencias contra o procedimento de um cabo de esquadra, que consta chamar-se Eduardo, vindo do Sul.

Esse individuo, vive quasi sempre *fora de seu juizo perfeito* e neste estado torna-se um insolente insuportavel, aggredindo a todos e tendo até o arrojo de invadir casas de familias, como ha poucos dias praticou.

Em nome da moralidade e disciplina militar, pelas quaes tanto se desvela S. Ex., espera-se que se digne fazer com que o referido cabo seja admoestado e chamado ao trilho de seus deveres.

—Ao Illm. Sr subdelegado da Penha, ainda uma vez, chamando sua attenção para o deploravel estado de uma pobre mentecapta que anda pela Calçada, dormindo ao relento pelas soleiras das casas ou pela estrada da Vargem.

Semelhante quadro de miseria, em um paiz como este, depõe assaz contra o espirito de beneficencia, que caracterisa o povo bahiano e por isso espera-se que S. S. dê as providencias a seu alcance afim de minorar os rigores da sorte daquella infeliz

---

—S. Ex. o Sr. presidente da provincia acaba de dar um passo de calculada prudencia.

—Qual é elle?

—Acaba de prohibir que os soldados de policia usem de suas armas sem que para isso recebam ordem.

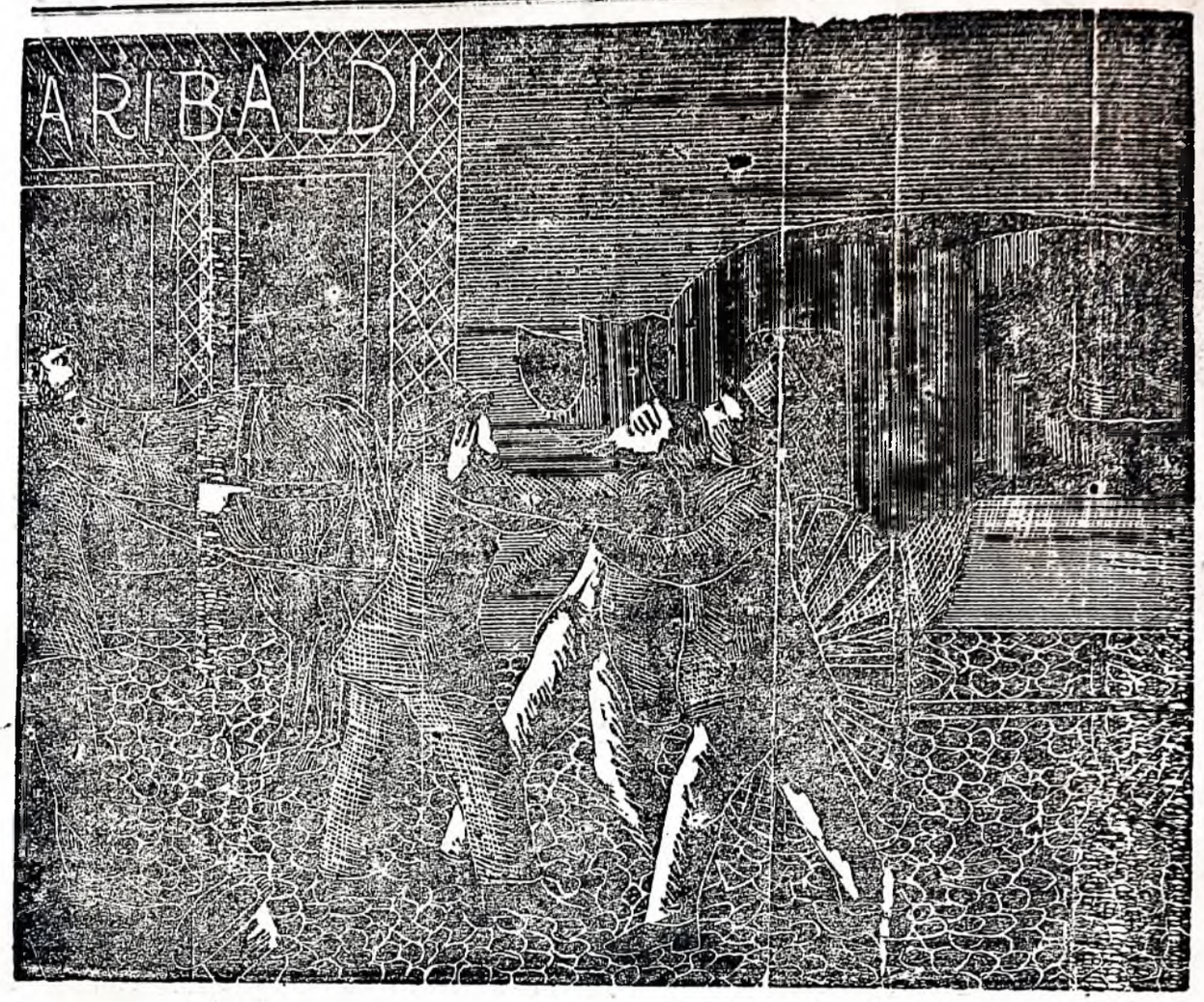
—Semelhante acto é digno de justo louvor; porque ainda na quinta feira á noite, na Saude, presenciei e todo o povo, que assistia ao fogo, um soldado espancar um homem.

—Veja o officio:

«Sendo abusivo o procedimento dos soldados de policia, de pucharem armas e algumas vezes fazerem uso dellas, sem ordem da competente autoridade policial, como succedeu no theatro de S. João na noite de 14 do corrente, quando entraram na platéa para acommodar o tumulto que houvo entre alguns espectadores, cumpro

que Vm. reprima similhante abuso contrario á lei, e que pode ser de funestas consequencias, fazendo saber aos officiaes e praças do corpo de seu commando que sem ordem expressa da autoridade, á cujas ordens estiverem, não lhes é licito puchar armas ou usar dellas.

Vm. fará ler este á frente do corpo, e será rigoroso em punir os que continuarem a praticar similhantes abusos.»



O plano execrando
No antro forjado,
Por homens harpyas,
Está consummado!

Levaram ao cabo
A audaz empresa;
Nas garras das feras
Cahiu já a presa.

Creatura abjecta, alma de lodo
Instrumento vil, prepara o laço.
Ligeiro na maldade como um *coelho*
Vende a victima dando-lhe um abraço.

E tendo consumado a torpe acção,
Que de negro lhe faz o peito tinto,
Fingindo arrepender-se da traição
Para os algozes brada:—*Não consinto.*

—Que terra, meu Deus!

Vive-se aqui á mercê dos turbulentos, ladrões e assassinos.

Na quinta feira houve festa na Saúde; além dos muitos relogios, cadeias e carteiras roubadas ali; um audacioso larapio, fingindo-se ebrio, arrebatou das mãos de um homem a carteira com 125$ réis, na occasião em que elle pagava uma despeza que fizera em certo botequim!

E no outro dia os authores, já muito conhecidos, de semelhantes *cavalharias*, passeavam frescos por esta cidade procurando nova occasião de exercerem sua industria.

No entanto, quando alguem se queixa, a policia responde ingenuamente que não tem força para reprimir o attrevimento dos galunos!

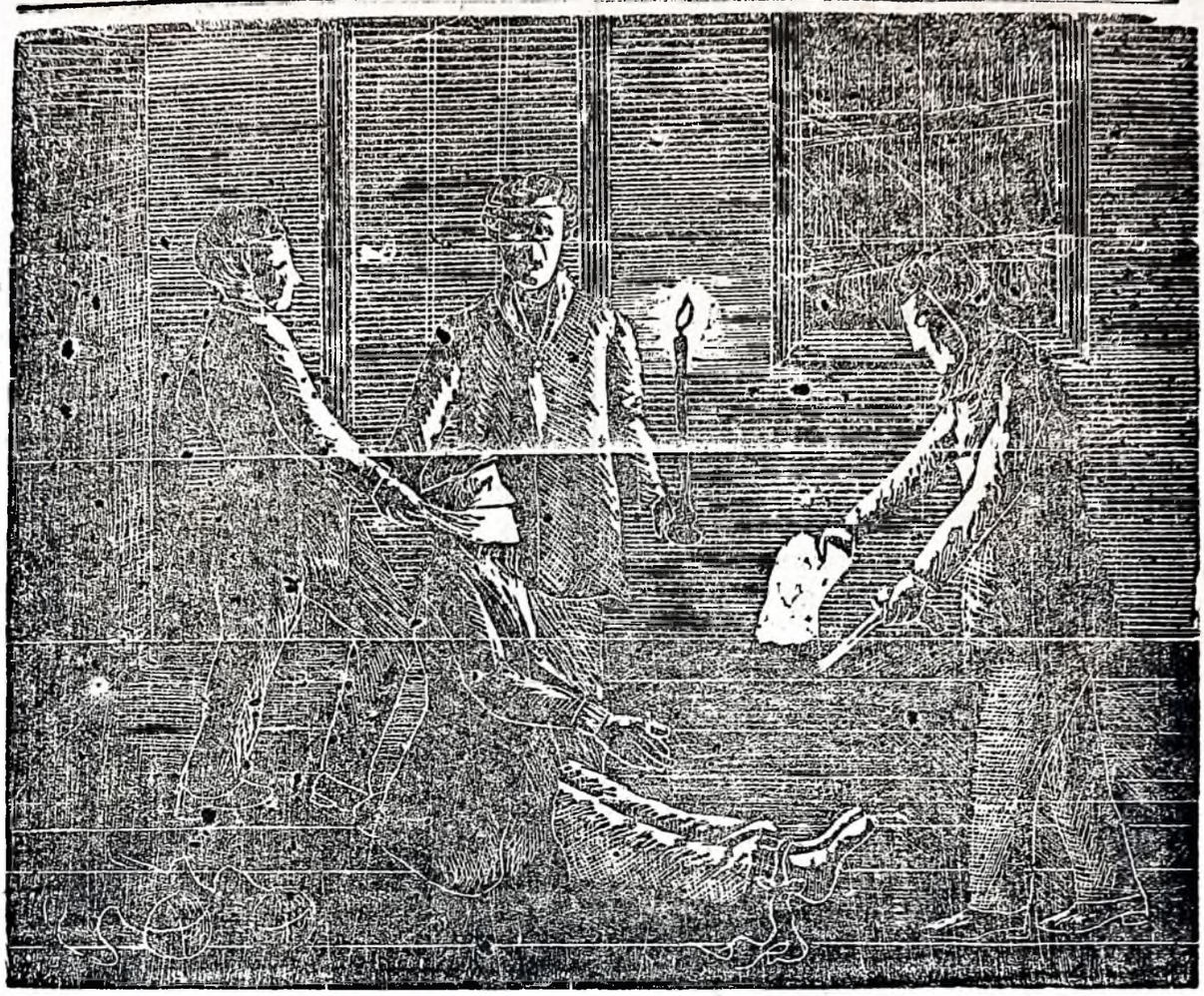
—E de facto não tem, o corpo de policia está muito resumido.

—E eu creio que ha policia de sobra; tanto, que a vejo dando guarnição na cidade, havendo tres batalhões de guarda nacional aquartellados.

—Mas não sabe que todos tres espremidos não deitam o succo de um?

—No emtanto, vão tres tenentes coroneis mamando um gordo soldo para commandar cada um uma centena de soldados!

Notavel profeciencia! Admiravel tino economico!



Assigna ou morre.

Sedentos de sangue,
Quaes tigres ferozes,
Exercem na victima
Tormentos atrozes.

—Nesta terra cada um faz o que quer.

Veja aquelle sujeito como está alli no Caes Novo da Alfandega, muito á seu bel-prazer, atravancando a rua e empatando o transito com um montão de cebolas podres, ha mais de oito dias!

—Si a camara não lhe désse licença, elle não se animaria a fazer da rua armazem ambulante.

—E o sujeito parece ser dos taes de arribação, que não tem domicilio. Arruma quatro pipas, deita um encerado e faz dahi sua morada, Ahi dorme, ahi come, ahi vive.

—Espere para vel-o, da'qui a dous dias, senhor de propriedades com fortuna nos estabelicimentos, etc.

—E' verdade, essa gente do pé levo arriba a cabeça n'um instante.

Façanha de um andulez.

Um soldado andulez contava a seus amigos a seguinte façanha, de que ha-

via sido heroe:

—Junto a São Sebastião
Estava de sentinella,
Sem temor e nem cautella
Na noite de São João,
Quando vi vulto suspeito;
Um touro quasi gigante
Maior do que um elephante
Que vinha p'ra mim direito.

O perigo vendo assim
Escondi-me na guarita,
E mesmo ali por vindicta
Entra o touro atraz de mim.
Sahi da guarita e zás,
N'uma casa junto aquella
Me metti pela janella;
E o touro sempre atraz.

Desta casa sem desdouro,
Bem que o caso peça fé,
Sahi pela chaminé,
E sempre detraz o touro.
Encolhi-me então por fim
E metti-me pelo cano
Do meu fuzil. —

Um— —O' magano! —

Sold. —E o touro atraz de mim.
Mas nem por isso aturdido
Quiz entregar-me, eu o juro;
E me vendo em tal apuro
Escapei-me pelo ouvido.

Um — Valha-me Christo! que enredo!

Outro—Pois como? voto a Caifaz
Não sahiu o touro atraz?

Sold. —Porque tapei-o com o dedo!

VARIEDADE.

LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

(Parodia.)

Qual um touro a berrar
Dentro do curral do Fraga;
Assim do defluxo a praga
No peito meu vêm chiar;
E' minha vida rufar
Ingrata, neste tambor;
Vê que contraste de horror!...
Tu comendo marmelada,
E eu cantando na escada
Lembranças do nosso amor.

Si o sol desponta eu me assento:
Si o sol se esconde eu me deito:
Si a brisa passa eu me ageito
Porque não gosto de vento.
E quando chega o momento,
De te pedir um favor
Alta noite com fervor
Canto nas cordas de embyra
Da minha saudosa lyra
Lembranças do nosso amor.

Mulher! a lei do meu fado,
E' o desejo em que vivo
De comer um peixe vivo
Inda que seja ensopado
Sinto meu corpo esfregado
E coberto de bolor;
Meo Deus! como faz calor;
Ai! que me matam, querida,
Saudades da Margarida,
Lembranças da Leonor.

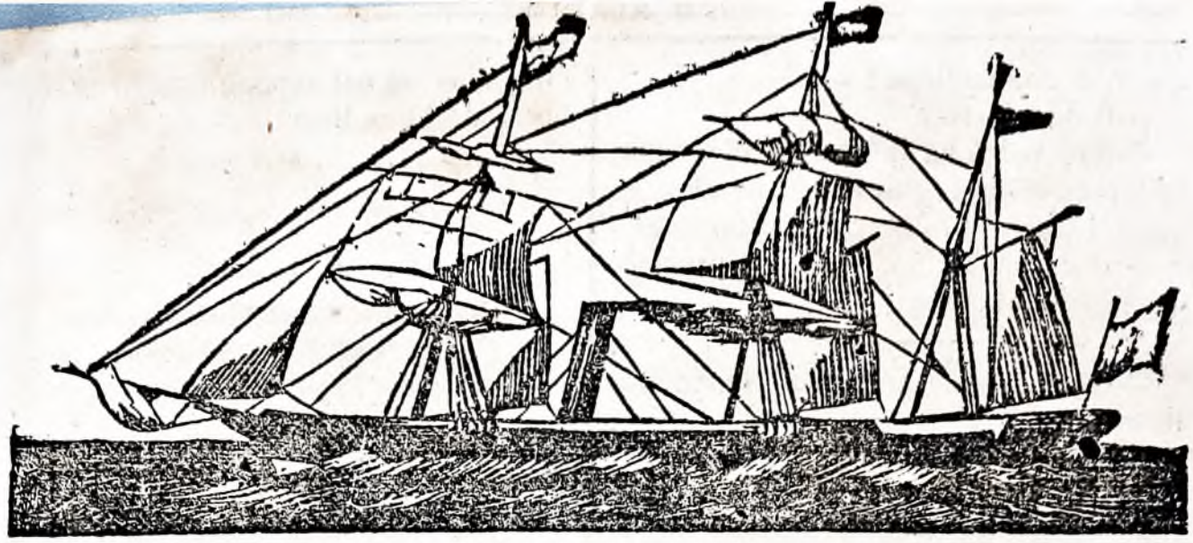
O anjo da morte pousa
Do dique quase na beira,
E lá passa a noite inteira
Sobre o leito em que repousa;
Com um pedaço de lousa,
Elle abafa toda a dor;
E por um grande favor
Manda ao diabo a saudade
E affoga por amisade
Lembranças do nosso amor.

ANNUNCIOS

José Coelho Sampaio e Martiniano L. de Britto e Santos, despachantes geraes da alfandega, partecipam aos seus freguezes e mais pessoas que queiram incumbil-os de qualquer despacho, tanto de importação como exportação ou navios que estabeleceram para esse fim um escriptorio na Praça do Mercado n.° 23 A, fronteiro a entrada do Hotel Fertin, onde podem ser procurados das 7 horas da manhan ás 4 da tarde.

O Sr. José Jacinto, o capitão d'um dos vapores da Companhia, Bahiana venha pagar o feitio de duas calças que deve á 18 mezes, á rua do Pilar n.° 108.

O armador, á rua do Pilar n.° 108, junto á 1 ª Prensa contrata qualquer armação funebre ou de galla por menos que outro qualquer, e tambem recebe encomendas de palma e capellas para anjos, e para imagens; quem precisar do seus prestimos pode procural-o a qualquer hora do dia ou da oite em sua residencia n.° 108.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 24 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 247.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de agosto de 1867.

Officio ao Illm Sr. Dr. chefe de policia, perguntando-lhe si é de S. S. a ordem dada aos guardas da porta de sua repartição para não deixarem entrar os academicos afim de assistirem, como todo o cidadão tem direito, ao andamento do processo — *Rebello e C* ; — e a ser verdadeira esta ordem, que informe tambem a causa que a motivou, a qual offende tão grosseiramente o amor proprio de uma classe importantissima, como tambem os direitos de homem livre.

No caso, porem, que seja falso, que queira castigar os insolentes auctores, reparando assim um erro que não é difficil de produzir más consequencias.

— Ao mesmo, levando ao seu conhecimento que o taverneiro da rua de D. José nº 7 seduziu e raptou uma inexperiente orphan, de 14 annos, levou-a para sua polsiga e ahi reunido alguns comparsas, com os quaes vive em completa orgia, praticou scenas que o pudor se recusa a mencionar.

Depois de por alguns dias servir ella de ludibrio aos sensuaes desejos dessa pandega de lubricos, foi levada até S. Bento e alli abandonada!

A infeliz, guiada por alguem, voltou para casa de seus seductores, mais elles negaram-lhe a entrada e ella permaneceu nas escadas dos mesmos por dous dias, até que por compaixão foi recolhida a padaria nº 21 na mesma rua, onde se acha.

O excesso de audacia e cynismo desse taverneiro é assaz inqualificavel e clama por uma justa reprimenda; por tanto, espera-se que S. S. tomando o facto em consideração, dê providencias que o obriguem a reparar o mal que causou a infeliz.

— Infeliz creancinha!

Qual o ser degenerado, que depois de por nove mezes te carregar no ventre, te mostrou a luz da vida, para impiedosa te lançar á voracidade dos cães?

Que culpa tivestes, innocente creatura, dos desvarios de uma paixão incensata, talvez, para expiares erros

que não commetteste?

—O que é isso?

—Não vê? Uma infeliz creança que deitaram em um quintal á Gambôa e que foi morta e dilacerada pelos cães.

—Que barbaridade!... Opprobrio da especie humana...

—Quebraram a perna do Pitanga no theatro.!

Um desses moços engraçados, especie de *dom dom*, que por ahi andam, esbarrou o homem pelas escadas abaixo.

—Que desastrado! que genio maligno! Divertir-se com a desgraça do proximo!

—Chegou vapor do Sul.

—Que novidades?

—Nada, pela palavra.

—Então ainda esta vez ficamos com agoa no bico?

—E sabe Deus até quando.....

—E as providencias tomadas para o regosijo?

—Goraram.

—Por isso eu não conto com o ovo si não quando vejo a galinha espremel-o.

—Eu não tive jornaes. Apenas recebi o *Diario Fluminense* que publica um telegramma de S. Paulo, noticiando a retomada de Curumbá no Matto-Grosso e que foram libertados quinhentos brasileiros que estavam prisioneiros dos paraguayos.

—Semelhante noticia não pode deixar de ser-nos agradavel.

—Operou está excellente acção o bravo tenente coronel de commissão Antonio Maria Coelho Cuyabano por deliberação do distincto brasileiro administrador da provincia o Sr. Couto de Magalhães ja tão vantajosamente conhecido no paiz e com titulos immensos à estima publica,

—Bom.

—E' preciso notar agora uma observação que faz o *Diario*.

—Qual é?

—Esta:

«Mas.... attenda-se que a noticia foi conhecida por communicação do Sr, barão de Villa-Maria.»

LA VAE VERSO.

MOTTE.

Das costellas de Sansão
Fez Ferrabraz um ponteiro,
So para coser um cueiro
Do filho de Salomão.

GLOZA.

Gema embora a humanidade,
Caiam courisços e raios,
Chovam chorisços e e paios
Nas azas da tempestade,
Triumpha sempre a verdade
Com quatro foxas na mão;
E o mesmo Napoleão,
Sustentando um raio aceso,
Supportar não poude o peso
Das costellas de Sansão.

Nos tempos da Moira-torta
Viu-se um sapo de espadin,
Que perguntava em latim
A casa da mosca morta.
Andava de porta em porta,
Dizendo mui galhofeiro
Que p'ra matar um carneiro
Em vez de pegar n'um mastro,
Do nariz de Zoroastro
Fez Ferrabraz um ponteiro.

Diz a folha do Marselha
Que ao levantar-se da cama,
A Imperatriz de Moirama
Tinha quebrado uma orelha
Ficando manca a parelha;
E' isto mui corriqueiro
N'uma terra em que o guerreiro,
Sem ter medo de patrulhas,
Gasta trinta mil agulhas
Só para coser um cueiro.

Quando Horacio foi a Chine
Vender sardinhas de Nantes,
Viu trezentos estudantes
Metidos em uma tina.
Mas sua peior molina
E sua maior afflicção
Foi ver de rojo no chão
Noé virando cambotas
E Moyzés calçando as botas
Do filho de Salomão

A PEDIDO.

—Capitão, V. Ex. vae ao beneficio do José Maria?

—Quando é?

—Hoje.

—E o que leva á scena?

—Um excellente drama em seis quadros, intitulado *Dalila*.

—Só?

—Não. Termina o espectaculo com o interessante vaudeville ornado de musica intitulado—*Paulo e Virgini*.

—Que mais?

—A companhia *Buffa Parisiense* presta-se tambem para o maior brilhantismo desta noite.

—Então recommende esse benificio, pois o José Maria merece á protecção do respeitavel publico bahiano, nunca negada a quem a elle recorre.

—Vou mandar imprimir.

Samba

De capadocis na noite do fogo na Saúde.

Arre, la minhas candongas
Eu não sei de nada não,
Nesta Bahia tem gente
De muito mau coração.

Vamos suciar
Mulata bahiana,
Mais não traga ca
São Paio Vianna

Zucupaco, zucupaco, minha tia,
La vae Soares p'ra fazenda do Garcia.

A laranja quando nasce
Logo nasce redondinha,
Não eu que hei de me enganar
Com certa gente damninha

Sô Xixi Ribeiro
Não me prenda não,
Q'eu não fui nem sou
Seus captivos não

Zucupaco, zucupaco, meu sobrinho
La vae Soares amarrado p'ra o moinho.

O limão tira o fastio
A laranja o bem querer,
Não sei que tem certa gente
Que a força honesta quer ser...

Bambá de caroço,
Abobora de umbigo,
Senhor Guimarães
Não samba comigo.

Zucupaco, zucupaco, minha prima
Veja este *coelho* como é bom na esgrima

—Inconparavol é a policia de Santo Antonio!

Tendo mais em que cuidar, vae provocar a hilaridade dos meninos, tomando-lhes as *arraias* no largo da matriz!

—E' que embirra com o brinquedo dos meninos.

—Ora! Quanta gente boa *brincou* no tempo de menino!

—La por isso não; mesmo em tempo de rapaz ha muito quem *brincasse*.

—Todas as noites, depois das 7 horas, observa-se um vulto no largo do *Santo Portuguez* a praticar, sem nenhum respeito as familias, devassidões com uma rapariga que sahe ás compras de seus senhores.

Esse lorpa immoral dá apertuchos e beijocas na rapariga e a chama seu *ben e dicta* sua.

O tal bestalhão inculca-se protegido do *Antonio* e amigo do *José* e crê que por ser *empregado* tem *faculdade* para afrontar o decoro publico inpunemente, como si estivesse em algum *Valle*.

Convém que apolicia tome conhecimento e faça retirar aquelles *pombinhos*, afim de que a moral não continúe a ser desacatada e a praça publica convertida em lupanar.

O tafúl é tambem *ogan* de terreiro e chefe do *quilombo* n.º 13; quem seja a *mamãe*, é o que não se sabe, porque são muitas.

O cujo de mais a mais é *bocorio*, mentiroso e gabola e anda dizendo que certo inquliino não paga a casa onde mora, o que é refinada *taleivosia*, por que, deixou de pagar quando morreu o proprietario, e não saber quem era o verdadeiro cobrador e temer as ciladas da marca M.

Cuidado porém com o tal detractor

(*Continúa.*)

—Sr. *porteiro*, seja um pouco mais tratavel e se mostre mais moderado para com as pessoas que vão procurar a solução de seus negocios.

Lembre-se que não está na sua *secretaria* e que o *governo* lhe paga para servir e não para praticar grosserias com quem vae tratar de seus interesses.

Entende?...

—Capitão, deixe lhe contar uma esperteza.

—Ora Vamos lá!

—O *Piroca*...

—Que diabo é o Piroca?

—Ouça para saber. O Piroca comprou 100 pratos para o rancho de sua *gente* e descontou 320 rèis de cada pr ça; acabado o tempo de serviço, a gente dispersou-se e elle bateu *nove* nos pratos e levou-os para sua casa.

—Mas eu estou em jejum sobre quem é o cujo.

—Um sujeito que de *tenente* foi a *coronel* e que n'uma *pira ja ia* sendo queimado?

—Realmente não comprehendo! Estou *vinte um* em toda essa embrulhada.

—Pois si V. Exa. não precebe, deixe que o diabo leve ao homem e os pratos que elle usurpou dos soldados.

—Charo Sr. Thomaz. —*Jure manifestar aqui no* publico sua opinião á respeito:

Vm. que advoga, por que entende de *lezes*, me fará o favor de declarar *si certo sugeito* que fallio *casualmente* segundo uns, e com fraude como querem outros, não se tendo rehabilitado, pode exercer cargos policiaes.

Não se enfade com o *gripho*, por que não faz alluzão a Vm. que, posto fallisse, está empregado como caixeiro de—sua senhora—ama,

Esta explicação é para que nos poupe outras nos tribunaes.

O alfaiate de Simão Dias,

VARIEDADE.

MORTE PREFERIVEL.

—Um soldado rancez, sendo condemnado á morte, implorou a Napoleão I. que lhe perdoasse.

—Não posso consentir no que me pedes, respondeu o imperador.

—Senhor; confesso ter perpetrado o crime de que me acusaes, e reconheço que devo ser castigado; *mas* o genero de morte que me destinaes é horroroso.

—Sendo só isso o que te enquieta, poderei conceder-te um favor.

—Qual, senhor?

—Escolheres o genero de morte com que preferes acabar a vida.

—Mil vezes obrigado, senhor; acceito.

—Escolhe: como queres morrer?

—De velhice.

O imperador, conhecendo o logro, poz-se a rir, e perdoou-lhe.

BILHA DE LEITE POR BILHA DE AZEITE.

Offereceu certo dia um sapateiro ao czar Basilowitz um nabo de tamanho descommunal, como o melhor presente que lhe poderia fazer. O czar recebeu esta prenda singular e recompensou generosamente o sapateiro, obrigando os senhores da côrte a serem calçados por elle, pagando o dobro que pagariam a qualquer.

Um cortezão avaro vendo como czar recompensara a offerta de tão pouca valia, imaginou que offerecendo ao soberano o seu melhor cavallo, receberia do imperador maiores provas de liberdade.

O czar deu-lhe em troca o nabo que lhe offerecera o sapateiro.

ANNUNCIOS

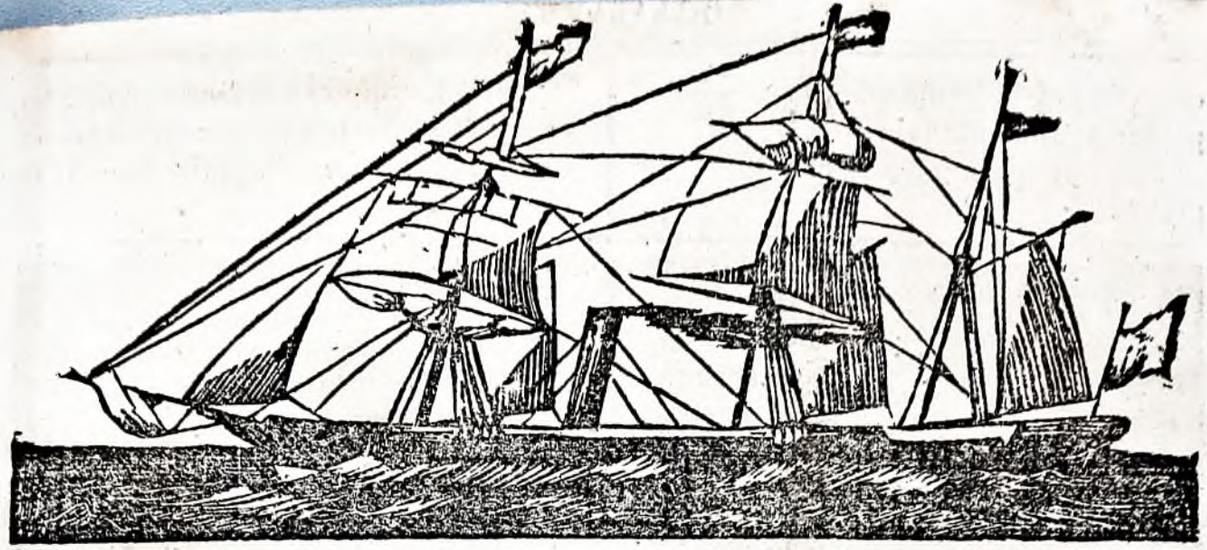
UM ROMANCE
EM TRES CAPITULOS.

POR...

1.°—O BANCO.
2.°—OS DIRECTORES.
3.°—O RAPTO DE UM HOMEM.

Vende-se nas lojas do Sr. Ludovico Atraz da Sé, Falcão, Baixa dos Sapateiros e nesta typographia.

Na loja de charutos ao largo da Piedade, tem alguns livros de latim, inglez, geometria, arithmetica e algebra, geographia e historia que se vendem por menos preço, por serem *uza*dos.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 28 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 248.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Revm. Sr. arcebispo, partecipando-lhe que, ha mezes, acha-se a freguezia de Monte-Gordo sem vigario, para celebrar o santo sacrificio da Missa e mais Sacramentos, acontecendo morrerem os habitantes desse logar sem receberem as preparações spirituaes. Em vista do que acima fica exposto, espera-se que S. Ex. Revm. remediará tão grande falta, mandando para essa freguezia um sacerdote para administrar os Sacramentos.

—Ao Illmo Sr. commandante do corpo policial, pedindo-lhe informações ácerca de um desaguisado, que, consta, tivera logar na secretaria desse corpo, entre dous officiaes, chegando a ponto de um desembainhar a espada para o outro, e; no caso de ser verdade, si foram punidos os mencionados officiaes, como manda a disciplina militar.

Portaria aos Srs. Marques, Aristides e C., impressores do *Alabama*. —Tendo Vms. me communicado que extinguira-se o numero da gazeta, que continha as inclusas caricaturas, queiram reimprimil-as. Cumpra.

—Que livro é esse rapaz?

—E' uma carta que o Sr. Luiz Olympio dirigiu ao Ex. Sr. arcebispo em resposta á pastoral do mesmo, premunindo os seus diocesanos contra os erros perniciosos do spiritismo.

—Deite ahi para apreciarmos com vagar e mande agradecer ao Sr. Luiz Olympio a lembaança e delicadeza.

—Diabo leve estas gazetinhas!

So servem para massar e incommodar a gente.

—Pois eu, si fosse *subdelegado*, estimava, ter por intermedio dellas, conhemento dos factos revoltosos, crimes e abusos, que se dessem, para providenciar.

—Isso foi no tempo *primitivo*; mas hoje em que a gente tem mais que cuidar em seus negocios, ir tractar de subdelegacia, é cravo.

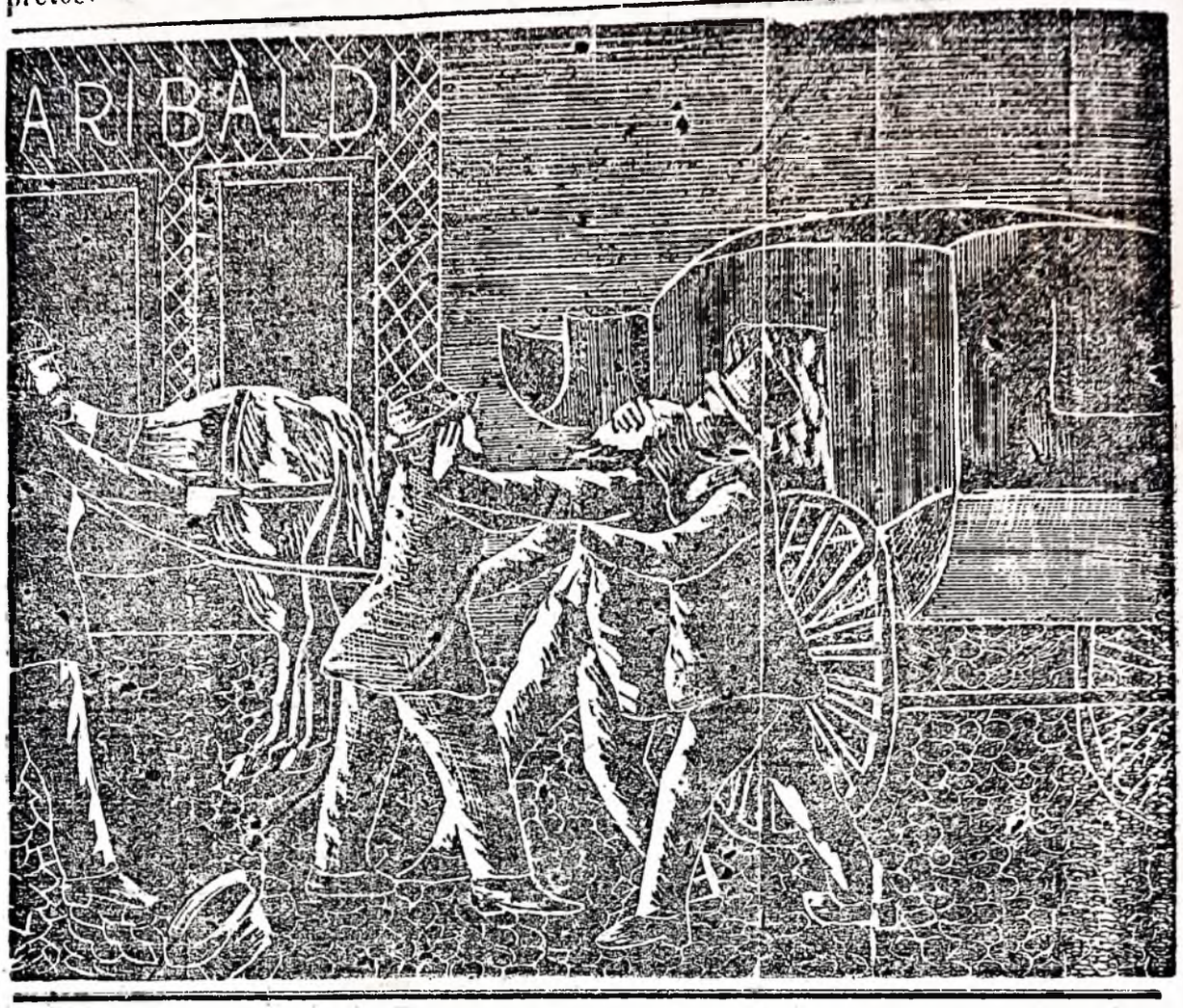
—Para que aceitou?

—Por causa do maldicto *Alabama*

casca-me o chefe um officio que me faz perder a tramontana!

Estou la para andar por casas de pretos!

—Tenha paciencia meu moço, não se *arrefestele*; pegue-se com *Avó de Christo* e trate de cumprir com suas obrigações.



—Que divertimento selvagem!

Pode se egualar a uma patada de burro ou a um couce de sendeiro!

—Esta encafifado, rapaz?

—Pois não! Tem termos isto!

—Mas o que aconteceu?

—Daquelle escriptorio do 1° andar, a atirarem pregos calbraes para a gente no caes.

O sugeito atira e esconde-se.

—Conhece o dono da casa?

—Não; mais é facil de saber; è por cima desto cabellereiro, homem *legal* para com seus freguezes.

—Va perguntar a elle si sabe e volte para tomar-se providencias.

—Capitão ha dias que me contaram que pela Saude andavam, alta noite, vultos em trajes de mulher; não levei ao conhecimento de V. Ex., julgando ser algum embuste, porque como diz o adagio—*tempo de guerra, mentira e mo terra*—e a questão Soares tem sido incentivo para muito carrapetão e innovação. O *Diario* de hoje, porém, confirma o facto desta maneira:

« Digno das mais sérias providencias é o facto, que sujeitamos á apreciação dos nossos leitores, acontecido na freguezia de Santa Anna, no logar denominado—Cova da Onça.

—Eil-o:

Na madrugada, de sabbado 24 do corrente, pelas 3 horas, observou a patrulha rondante d'aquelle logar quatro vultos, vestidos á mulher, com lenços em forma de veus sobre a cabeça, e desconfiando delles, por extranhar a reunião de quatro mulheres na rua, a tal hora, dirigiu-se para as reconhecer quando são-lhes apontados aos peitos

os rewolvers, que traziam quatro homens disfarçados sob a apparencia feminina, ameaçando á patrulha de que fariam fogo, si ousasse ella dar um passo á frente.

Sentindo-se a patrulha impotente para resestir, porque só estava armada á rifles, em quanto que aquelles malfeitores, sem duvida, poderiam trazer rewolvers á seis tiros cada um, em desegualdade pois de numero e de armas, retirou-se.

Não podendo apitar á vista de ameaça, tratou então de ir ao encalço dos rebuçados á ver que direcção tomavam: effectivamente assim o fez; mas quando estavam na altura da Saude, teve de abohdonar a diligencia, por lhe ter sido feita a ameaça de morte, si continuassem á acompanhal-os.

Ninguem sabe o que pretendiam aquelles homens em tal logar e hora; indubitavelmente a prepetração de um crime de qualquer ordem que fosse. Que a patrulha estaria morta, si avançasse, apitasse, etc., deve de inferir-se logicamente das ameaças do lado de forças superiores: logo seria sem fructo qualquer sacrificio de vida, que ella fizesse.»

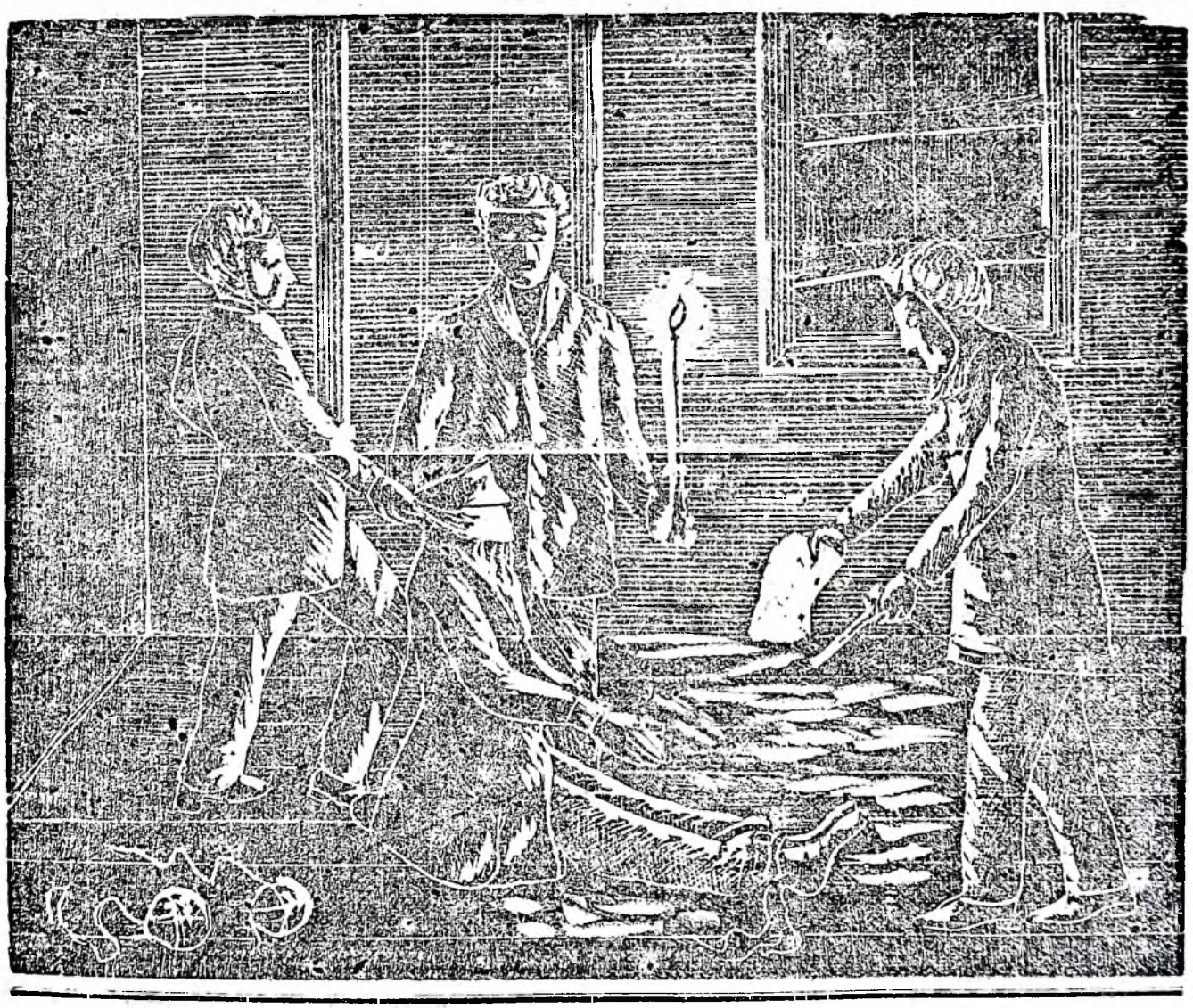
O reinado do terror ergueu seu throno nesta terra. Domina o punhal e o bocamarte.

Quem pode se contar seguro aqui, quando a audacia dos malfeitores chega ao auge de coagir a força publica sobre a pressão de suas ameaças?

—Decididamente ninguem.

—Estamos entregues aos nossos proprios recursos, e os assassinos passeiam de punhal erguido entre o povo.

—Não se consumma; a Providencia Divina vela.



—Diga-me uma cousa.

—Si souber.

—Por que é que quasi todas as gazetas que tratam da questão Soares, quando fallam dos accusados, dizem —Os *Illustrissimos Senhores*. etc., e, quando fallam no paciente, o designam simplesmente pelo nome, negando-lhes

o *senhorio*?

—V. não sabe que os accusados são pessoas de posição, cidadãos qualificados, homens de dinheiro?

—Ah! é por isso?...

Pois entendia que ao menos ahi deviam disfarçar o *brilho* das cores de que estão fascinados.

—Va tratar de sua vida, que é melhor, do que enfronhar-se em negocios, que não são de sua conta.

—Mesmo que não quero que o *Interesse* venha com alguma ameaça mysteriosa de *prudencia*!..... *tome sentido*!.....

LA VAE VERSO.

PADRE NOSSO.

Senhor, escutae attento
A vóz da sua verdade;
Pois sois na realidade
Pae nosso.

E' só do poder vosso,
Que esperamos salvação;
Gritará toda a nação,
Que estaes no céu.

Rasgae, senhor, o veu,
Desse ministerio vil,
Para ser todo o Brasil
Santificado.

Vós estaes atraiçoado,
Por esses, que vos rodeam;
Parece que até odeiam
O vosso nome.

Ganhareis grande renome,
Si a verdade escutares:
A paz de vossos lares
Venha a nós.

Esperamos bem em vós,
Todos firmes brasileiros,
Que tirareis do captiveiro,
O vosso reino.

Isento do ente—Regulo,
Nós pedimos por piedade,
Justiça com egualdade
Seja feita.

O ministerio se deleita
No sangue, que temos visto;

Não sendo por tudo isto
Vossa vontade.

Desprezaram a liberdade
E a vossa constituição
E fizeram a revolução,
Assim na terra.

Por causa desta guerra
Temos muito que chorar;
Podendo tão bem estar
Como no céu!

O ministerio—o labéu
Só deve ter de—malvado,
Pois até nos tem roubado
O pão nosso.

São verdades, que eu posso
Com os seus actos provar,
Pois é este o praticar
De cada dia.

Conhecemos com agonia
O mal, que nós tem causado;
—Um ministerio honrado
Nos dae hoje.

Vossa justiça se arroje
Contra quem nos causa o mal;
Mas, senhor, ao liberal
Perdôae.

Attento, senhor, olhae
O paiz tão empenhado;
O governo tem augmentado,
As nossas DIVIDAS.

A não serem já solvidas,
Por pagamento pontual,
Tendes de chorar o mal—
Assim como nós.

Pedimos, senhor, a vós,
Demittais—o ministerio—
O mal, que elle fez ao imperio,
Perdoamos.

De vós isto esperamos,
Promettendo de coração;
Esquecermos que elles são
Nossos devedores.

Livrae-nos dos horrores;
Livrai-nos por piedade,
E em tal calamidade
Não nos deixeis.

Senhor, só vós podeis,
Pôr têrmos a—tantos erros;
Não nos deixeis—em desespero
Cahir.

Temos direito a pedir,
Um ministerio—capaz,
Para que não—caia mais
Em TENTAÇÃO!

Minorae nossa afflição,
Mitigae a nossa dôr,
E, do ministerio—traidor
Livrae-nos.

Oh! monarcha, salvae-nos
De JUGO tão—nefando;
Mostrae que sois—do mando
Senhor.

Mostrae que sois imperador
Da patria, que vos viu nascer,
E que devia isenta ser
De todo mal.

Um golpe assaz fatal
No—ministerio—esperamos;
Desde—já todos bradamos
AMEN JEZUS.

F. G.. H.

MUZEU PHANTASTICO

Um curioso da Estranja, imaginando consistir a sua felicidade em possuir um muzeu, que contenha as mais raras preciosidades do mundo, tem corrido séca e méca, afim de obter a mais variada collecção das mais admiraveis curiosidades—no que se não tem poupado a fadigas nem a despezas;—e convida a todas as pessoas, que lhe queiram ministrar algum objecto raro, a que o façam publico, que elle o procurará e acceitará gostoso mediante o preço porque se ajustar.

Annunciou este forasteiro em todas as cinco partes do mundo, que os seus esforços não tem sido totalmente baldados pois que já fazem parte do seu muzeu os seguintes objectos:

Um marido, que jamais teve um desvio da fé conjugal;

Um jornalista conscienciose e independente, que nunca cedera ou immudecera perante um empenho ou algum interesse;

Um cão de caça, que so acompanhou seu dono ao monte;

Um mestre-escola, que embirrava com os dias feriados;

Um esclesiastico, que traduzia com perfeição as palavras do Christo.

Um ministro da fazenda, que achara prospero o estado das finanças:

Um lavrador, que em nenhuma estação do anno se queixara do máu tempo;

Um homem, que se barbeava a si e que n'essa operação nunca fez caretas;

Um negociante, que ignorava o adagio:—quem diabos compra, diabos vende,—e que duvidava que houvesse no mundo quem vendesse gato por lebre:

Um deputado, que só mirava ao bem publico:

Um valentão rixoso, que não possuia no corpo uma cicatriz:

Uma beata, que foi uma santa de coração e de genio;

Um funccionario, que, tendo ordenado certo, adquiriu molestia de peito com a assiduidade do trabalho:

Um mau caçador, que não attribuiu nunca a sua inhabilidade ou impericia á irregularidade do chumbo, á imperfeição da arma, nem tão pouco á inferioridade da polvora:

Um sacerdote, que dera alguns passes na sua vida sem exigir remuneração:

Um membro governamental, que deixara a pasta por sua livre e espontanea vontade:

Um ferreiro de pernas muito direitas;

Um mandrião e bebado, que não tinha a reputação de habilidoso no seu officio:

Um sapateiro, que não apresenta rotundidade de nadegas:

Um sachristão, que não considerava o templo como casa propria, não andando n'elle como em sua casa:

As cinzas d'um imperante excellente, cuja morte não foi attribuida a veneno:

Uma comica, que nunca sentiu incommodo repentino:

Um romeiro, que sahiu de casa mais empoado do que quando se recolhia da romaria:

Um militar superior, a quem esquecêra o tempo que tinha de serviço:

Um avarento, que não previra nunca um futuro cheio de privações:

Um juiz, que satisfazia a ambas as partes litigantes com as suas decisões.

Um caçador, que, ao ver escapar-se-lhe a caça, não procurava persuadir que ella ia ferida:

Um barqueiro de atravessar rio, que não tinha inveja do collega pelos passageiros, que este mettia no barco:

Um empresario theatral, que não perdera nas suas especulações.

A PEDIDO.

—Aspirante!

—Prompto.

—Prepare-se para uma commissão importante.

—V. Ex. ordena e eu obedeço.

Por mais difficil e trabalhosa que seja a tarefa, que me imcumba, empregarei esforços para desempenhal-a satisfactoriamente.

—Va avisar o muxingueiro e gente necessaria para a deligencia.

—Todos aguardam suas ordens.

—Saia por ahi, acompanhado delles a encabrestar os heroes da ultima campanha eleitoral dada nos campos de *Japirá*.

—Oh! Importantes typos Latronopolitanos!

—A *tropilha* deve vir encangada pela ordem que vae aqui.

1°—O Dr. Gonçalão, caracterisado em monstro *marinho*.

2°—O commandante dos cacetista *Xico Zebinho Soreas Meu cavallo come milho*.

3°—O bastardo capitão, *salvador* do grupo, que trará em cada mão dous *pires*, louça de *Aragão* e uma tora de *carvalho* a cabeça.

4°—O Mané Zé Correia com um garrafão de *girobita* pendurado ao pescoço, servindo-lhe de faixa d'authoridade *que é* da quadrilha.

5°—O capitão *Lalau Gajono*, larapio de boceta de ouro.

6°—O Dr. Gliço do *Mau fim*, Progressista, tropiante mor, condecorado com a medalha dos calotes.

7°—O *Farias Aracajo cão Goso*.

O resto da caterva, batedores, capan-

gas, perto-largos e phosphoros não é preciso vir a minha presença, leve-os para o porão e entregue-os ao cuidado do muxingueiro.

—Capitão, em pouco tempo suas ordens estarão compridas.

(*Continúa.*)

—Capitão, não desejava voltar mais a V Ex. para tractar sobre o assumpto, pelo qual vim outro dia a sua presença, porque so não supponha que o amigo, que a indignação contra a calumnia levou-me a deffender, incommoda-se com accusações tão infames ja em si e ainda mais por partirem d'onde partem, do redactor do *Trovão*.

Mas tendo-me escapado alguns pontos principaes, recorro á sua benevolencia mais uma vez.

—Quaes são estes pontos?

—E' que tambem não pagou a joia do 400$ reis o Sr. coronel Silva Reis, além de outros muitos, cujos nomes não me recorda agora e por isso não os mencionou.

—V. está perdendo seu tempo com tão immundo e nojento papel.

—Mas, capitão, o calumniador do Sr. Nicolau Carneiro Filho diz que elle é socio no roubo dos thesoureiros que o antecederam.

—Fazendo-o socio no roubo dos thesoureiros, que o antecederam na administração da confraria do Senhor. do Bomfim, não faz mais que apresentar o *Trovão* uma nova prova em favor do coronel Nicolau Carneiro Filho—pois accusações dessa ordem só produzem cabeças loucas ou almas sem pudor, e todos conhecem tanto estas como aquelles.

Em materia de calumnia basta.

Quanto ao mais quem ignorará o verdadeiro incentivo dessas accusações em uma terra, como a nossa, de ambições ridiculas e rivalidades pequeninas?

Ninguem.

Collocado, como se acha, o Sr. Nicolau, em alta posição social, não podia ser mais feliz que os outros, não podia escapar ao dente viperino da inveja o do despeito.

Não podia o demonio da maledicencia callar o seu nome, deixar de cravar-lhe fundos na honra os seus dentes viperinos para vasar-lhe no intimo do lar domestico o seu veneno destruidor!

—E quem é que pensa V. Exa. que lança estas calumnias e injurias ao Sr. Coronel Nicolau?

—Ja eu sei quem é. São certos sujeitos, que faziam seu commercio no commando superior, e como o Sr. coronel Nicolau os demittisse, lançaram mão deste infame meio de vingança, sobre-sahindo certo capitão de parceria com um velho imbecil, que, pela independencia pegou em armas contra sua patria, alistando-se no batalhão dos caveiras!

—Quem é este miseravel

—Não lhe digo o nome, quero ser mais condecendente com elle, do que elle tem sido com o Sr. Nicolau.

—Pois bem; continuem que o homem, que escuda-se em uma consciencia pura, na reputação de cidadão prestante e caracter sisudo, cospe o despreso em quem cospe-lhe a injuria.

Tenho dito.

—Ha la para a *rua*, onde morou o *Xixi*, um velho portuga vendelhão, que deu para desfructavel.

Si ha de cuidar na manteiga de porco e bacalhaú e experimentar o melhor meio de *purificar* o vinho, deu para requestar a filha de um *inglez maquinista* e escreve-lhe cartas, que são um aborto de eloquencia *cebolar*.

Ja não despacha os freguezes o tal *Francisco*, entretido na porta, *so ares* tomando com um galho de *oliveira* a fazer momices.

La vae uns versos com que elle terminou uma de suas bombasticas messivas:

As faces cada vez mais se fulguram
As palavras ao meio se retalham
Os meus pensamentos todos se baralham
Suspiros meus e teus se decoram.

Sou vosso pai marido e escravo.

Francisco.

MAIS OUTRA!!!

—Um inspector de quarteirão, assaz desmoralisado, que tem dous fócos de bebedeiras la na rua que não é *torta*, onde se goza *saúde*, na noite do 16 do corrente fez um dos seus costumados disturbios, porque entendeu que devia ser recolhido na casa, onde mora-se gratuitamente, um crioulo que, sem cometter crime, fôra preso por esse turbulento, que conta sete processos como elle mesmo se gaba, e que òccupa aquelle *elevadissimo* cargo: e como o pobre crioulo lhe perguntasse—o Sr. por que me prende? respondeu a tal *authoridade* de borra de azeite o—Sr. nada fez, mas eu quero que vá preso!

—Quanto dispotismo! que estupido!

—E' verdade que o tal inspector estava na forma do seu *louvavel* costume, com a grammatica na caxolla, por isso muito imperante dizia:—ha de ir para a cadeia, pois agora tenho força e a primeira authoridade da freguesia é minha.

Pede-se ao Sr , que está na subdelegacia da freguezia da *Avó de Christo*. providencias, afim de que o tal mamarrote não continúe, pois que não attende aos milagres de *Santo Antonio*, nem os prodigios de *S. Roberto*, e as miserias dos *Simões das Vallas que* é o primeiro a desmoralisal-o. Si S.S. não acceder, então reclamar se-ha ao digno delegado.

Um que não é do copo.

VARIEDADE.

Um erudito conhecedor fundamentalmente as maximas das beatas, ou falsas devotas pela continua convivencia com algumas assevera, que encontrara em todas, a mesma doutrina, e seguio-se disto classificar o seguintes

Votos mais essenciaes da profissão do beatismo.

1.º—Preguiça inteira.
2.º—Mentira opportuna.
3.º—Murmuração perpetua.
4.º—Hypocrisia absoluta.
5.º—Vangloria sem limite.
6.º—Golosina disfarçada.
7.º—Odio mascarado.
8.º—Vingança com excesso.
9.º—Intriga delicada.
10.—Total abjuração do soffrimento.
11.—Apologia dos crimes proprios.
12.—Calumnia da virtude alheia.

O MARINHEIRO INGLEZ E O SEU COMPANHEIRO SEM CABEÇA.

Em certo combate naval, veiu uma bala de artilharia e levou a perna a um marujo inglez.—Cahindo este desgraçado sobre o convez, dando gemidos que confrangiam o coração, pediu a um companheiro seu que o levasse para a enfermaria, visto o estado lastimoso em que se achava. Commovido o outro das supplicas de seu infeliz amigo, pegou nelle às costas, e apenas tinha dado alguns passos, quando outra bala lhe separou a cabeça do corpo; mas não percebendo o que o levava, continuou o seu caminho. Passando porem, ao pé delle outro marujo, exclamou:—«Forte asno! para onde levas tu es e cadaver sem cobeça?—Sem cabeça! replicou o outro muito admirado; e conhecendo depois a verdade, accrescentou:—«E que tal é o sujeitinho? Disse-me que havia perdido uma perna, mas não me soube dizer que tinha ficado sem cabeça!»

AOS SRS. ASSIGNANTES

Este numero apezar de sahir com duas folhas é contado por um.

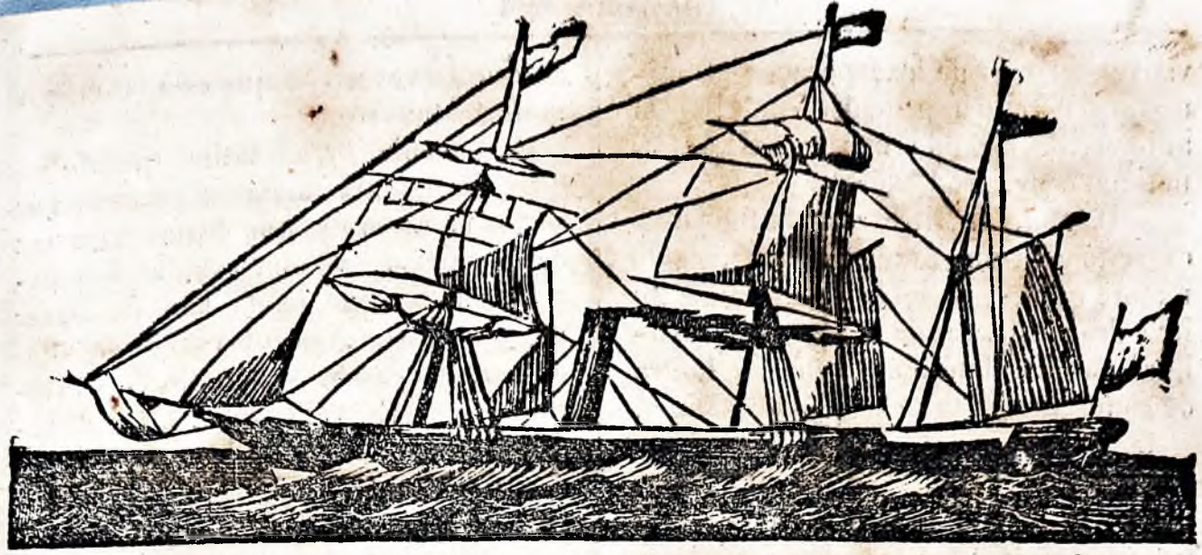
ANNUNCIOS

FURTO DE CAVALLOS.

Furtaram entre a noite e madrugada de 23 do corrente, do pasto da roça do commendador José de Barros Reis, ao Cabulla, pela estrada do Engenho Retiro dous sendeiros, a saber, um russo-pedrez, tamanho ordinario, espinhaço curvo, com signaes de pisaduras. pescoço fino, e crina cahida curta, tendo ainda nos cascos signaes de disferrado a pouco; não está gordo, tem a anca muito ossuda, e é castrado. Foi arrematado, ha tempo, no corpo policial. O outro castanho-escuro, igual tamanho do primeiro, crina cahida curta, tambem castrado, e tem em um quarto signal de ferro em forma de um coração.

Gratifica-se com 50$ réis a quem os apprehender e com 100$ réis si forem presos os ladrões, suppoem-se que siguiram do Engenho do Ritiro pela estrada de S. Caetano e Pirajá.

Bahia 24 da Agosto de 1866.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 29 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 249.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de agosto de 1867.

Officio ao Illm. Exm. Sr. commandante das armas, pedindo lhe que dê suas ordens a fim de que seja collocada no Passeio Publico uma guarita, onde o sentinella, que alli ha, se abrigue dos rigores da chuva e do sol e não seja obrigado a metter-se em uma arapuca de esteiras velhas, que arranjou para amparar-se das intemperies do tempo.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que tenha todo o cuidado com os pães da padaria do Custodio, á rua do Tinguí, os quaes nunca tem o peso legal. Cumpra.

—Tres vapores procedentes do Sul tem entrado neste porto depois das apregoadas noticias, que se esperavam, e cada um delles nos trouxe uma nova decepção!

—Eu, por mim, sempre acreditei que essas *fanfarronadas* não passavam de uma *engabelação* aos papalvos.

—No emtanto, fez-se quanta patacoada ha: commissões nomeadas, preparativos com estrondo, para dar na vista, publicações pelos jornaes, tudo deu em agoa de varrela.

—O exercito move-se e logo apparecem difficuldades para entorpecer-lhe a marcha; ha falta de meios de transporte; não ha gado para carregar a artilheria, trens e munições, e o pouco que ha foge morto á fome para o campo inimigo; e já se diz que o marquez de Caxias deve *estar contrariadissimo com tal emergencia, que pode comprometter, si não mallograr, o plano que havia combinado.*

—Ao passo que desculpavam tanta demora com a necessidade de tomar elle providencias acertadas, afim de que nada faltasse na hora extrema, e, apenas dá o primeiro passo, surgem os obstaculos!

—Os inimigos tomam-nos 16 carrotas e 4 carros de provisões, segundo dizem os jornaes.

—O povo do Rio de Janeiro manifesta geral descontentamento e dá

visiveis provas de exasperação. O ministro da justiça procura conciliar os animos, declarando na camara que as noticias são agradaveis.

—O general Mitre apresentou-se no exercito com um numerosissimo estado maior; quanto a soldados *nicles*; e foi logo desconsiderando o general brasileiro não lhe dando ao menos a honra de communicar sua chegada ao campo.

Consta que a esquadra apprehendeu uma lancha tripolada por italianos, que levava communicações de Corrientes para Humayta; quando se viram perseguidos, lançaram os papeis, que conduziam, ao mar; estes porem, foram apanhados antes de se submergirem.

—E' verdade que o Dantas andou as cassuletadas na camara dos deputados?

—Fallam. O *Correio Mercantil* diz que a sessão do dia 9 foi «interrompida por haver o Sr. ministro da «agricultura procurado *repellir* uma «expressão que julgou offensiva da «parte do Sr. Tavares Bastos, dirigida «a elle ministro.»

—Pois o *Pharol* traz uma carta onde diz!

«No dia 9 houve na camara dos deputados uma scena horrivel e o Dantas foi *escovado* moral e physicamente.

.....

«O Suto teve tambem os oculos quebrados por um *murro* do Belfort, o Sodré ficou um tanto machucado.

—Que exemplos edificantes!

Estes nossos estadistas dão para tudo... até para espadanchis.

A ESPECULAÇÃO.

.....

Saúde é geito;
Quem é tolo
Anda magro.

São estas, amaveis assignantes, as *magicas* e *galantes* palavras que tomamos hoje por epigraphe, para provar por factos incontestaveis, que a especulação é o que presentemente está em seu maior auge e geralmente adoptada. Deixemo-nos de preambulos e vamos ao que serve; pois o que está, está, e o mais gastou-se.

A especulação, do latim *speculatio*, quer dizer—um meio empregado por certos meninorios, que de noite, em vez de dormirem, velam, estudando e inventando de que modo hão de lograr os papalvos. Não obstante ser ella, em alguns casos, synonimo de strategia, esperteza, velhacaria, e até de ladroeira, &c é, em outros, necessaria, principalmente quando se quer encobrir algum meio, empregado por alguem, para livrar-se d'algumas saugrias nas rapartição da algibeira.

Vamos aos factos.

E' especulação a de certos sujeitos, que diariamente tiram esmolas para os Santos de sua barriga. Bom seria que a camara municipal estabelecesse uma postura, pela qual fossem multados em 30$000 reis e 15 dias de prizão todos esses malandros, que, sem officio, nem beneficio, buscam n'isso um vergonhoso meio de vida.

Especulação é a de certos *magicos*, que andam sempre muito apressados na rua, fingindo ter muito que fazer, e, entretanto, quando encontram algum conhecido, dizem—*O' F. trazes dinheiro ahi, para me trocares cem mil rs?*... Si o pobre conhecido diz-lhes, que não traz mais que vinte, respondem logo os taes espertos, sem mostrar os improvisados cem mil rs:—*pois bem! dá-me os teus vinte, tenho de dar aqui a um sujeito um troco e amanhan eu t'os mandarei.*

Coitado do pobre conhecido, o calote foi certo!...

E' especulação a do logista, em cuja casa não para caixeiro, porque aquelle, depois de breve tempo, busca todos os dias um pretexto para este, por não poder mais aturar suas malcreações, despedir-se o no ajuste de contas ficar (diz o amo) devendo-lhe.

Especulação é a do empregado publico, que rebate o ordenado, e no fim do mez recebe-o, antes que a pessoa, que com elle fez o negocio o va receber.

Especulação é a do caixeiro, que, sahindo a cobranças, vae jogar seu

bilhar, conversar pelas boticas, fallar em politica, da qual elle nada pesca, visitar as primas do Taboão, Ladeira da Mizericordia, rua do Collegio, etc., e depois volta sem dinheiro, e vai mentir ao amo, que não encontrou os freguezes.

Especulação é a de certos sujeitinhos, que, nao sabendo dizer quatro palavras, copiam o que veem nos livros, arvoram-se em redactores, formam um papelucho muito desenxabido, a que dão o nome de periodico, mandam a algumas pessoas, que cahem no logro de assignar e pagar logo o primeiro quartel, e, ao depois, ficam *mamados*, pois que o tal chamado periodico, antes de findar-se a primeira assignatura, foi-se...para onde?... morreu...coitado! um ja houve aqui cujo redactor recebeu *revistalmente* de alguns o importe de um anno e de todos o de 6 mezes e cremos que não sahiu nem 4 mezes.

Especulação é a de alguns padres, que nos dias de sexta feira vão ao Bom Fim, pescar 4, 6 e mais missas, que dizem elles, (si é que as dizem) quando lhes apraz.

(*Continúa.*)

A PEDIDO.

(*Continuação.*)

—Olé! Traz V. uma extravagante collecção de typos de todo calibre, meu aspirante.

—E' um cardume de vultos proeminentes na perversão e maldade.

—Passo revista á pandilha.

—Aqui esta:

Um reprobo,
Um cynico espadanchin,
Um devasso,
Um larapio,
Um perdalario,
E um escova-botas.

—Leve essa canzoada para o porão, ficando o chefe da quadrilha.

—Chegue para a frente, Sr. Gonçalão.

—Então, meu rapagão, que diabruras andou V. fazendo lá pelos *Campos Heroicos*?

—Era preciso vencer, e para vencer era necessario empregar todos os meios.

—Embora torpes, immoraes, corruptores.

—Que duvida!

—E que gloria resulta, meu carcavio, de um triumpho salpicado de infamias, nodoado de arbitrariedades e tropelias?

—Capitão, crime é não vencer. Conseguido o fim, não importam os meios.

—Para as almas vis e abjectas como a sua, para os caracteres ruins e degenerados como o seu.

—Capitão, o logar de honra hoje pertence ao que mais se avantaja no tremedal da corrupção.

—Com que desfaçatez diz V. isso, meu alvanel de depravação.

—Ja disse a V. Ex. que em politica não ha meio reprovado, com tanto que se alcance o que deseja se.

—Massacrando o povo, commettendo arbitrariedades inauditas, praticando infamias inacreditaveis.

—O povo não tem nada com isso; o povo é uma massa, que se move a vonde quem pode mais.

O povo curvará eternamente o pescoço como, camello diante de seu senhor para receber a carga, ou se deitará a seus pés, como o cão para ser castigado.

—Enganas-te, maldicto! O povo é soberano e livre, e, si hoje se curva ao arrocho da nefanda prepotencia dos dominadores deste periodo desgraçado da violação de todos os dogmas constitucionaes, amanhan erguerá bem alto a cabeça para castigar os desalmados que calcaram seus direitos.

—Ca.....ca.....ca.....

Como está V. Ex. enganado!

—Infame! Atreves-te a usar do ridiculo em minha presença! Queres que mande abreviar a sorte, que te aguarda?

Si não houvessem entes execrandos como tu, creatura immunda, o mundo não seria o theatro de tantas immoralidades e bandalheiras.

Tu, sobre cuja cabeça goteja a taça da maldicção paterna!

Tu, sobre cuja fronte está gravado

em letras negras e indeleveis o ferrete do impudor e do descaro!

Tu, que sacrilega e impiamente ousastes levantar as mãos para aquelle que te deu o ser!

Tu, opprobrio de uma illustre e respeitavel descendencia!

Tu,.....tenho nojo de continuar.

Aspirante!

—Aqui estou, capitão.

—Tira esta alma de lama de minha presença.

—Siga, meu lorpa. (*Continúa.*)

—O *Villas-más* principia a dar por paus e por pedras. E' que ja principia a enchergar que ha de acabar sendo gato da Misericordia.

—Temos novidades?

—Pois não leu o autogenio de certificados com que elle se apadrinhou para attenuar a fama de que goza?

Ora, da-se tratante mais corajoso! pois não sabe elle que o publico da Bahia não se sugeita a documentos officiosos, adrede por elle fabricados, muitos sem sciencia dos suppostos autores, para que suspenda o máu conceito que forma d'aquella serpente?

O bruto sabe fingir-se e quando quer qualquer cousa não poupa os meios degradantes.

Ora, ainda que fosse tudo real, como elle quer impingir, ignora por ventura o asno que ha documentos mais valiozos, que destroem cabalmente aquella papelada?

—Remetta este animal ao muxingueiro para cortar-lhe a cara até tomar vergonha e officie ao governo para chamal-o quanto antes á contas para conhecer que os cobres dos reclusos passaram já a sua folha, e que o deficit que se verifica agora é muito maior do que o outro. Isto quanto antes,

Intime-se e cumpra-se.

—Acho triste em certos homens, a quem o governo distingue com logares de influencia e nomeações de importancia, que são condecorados, promovidos, lembrados para tudo, que gozam o nome de cidadãos prestimosos e dedicados, etc., andarem apurando tetéas.

—E' o governo procurar para esses logares pessoas, que estejam nas condicções, que possam e tenham animo para gastar.

—O governo não está no caso de especular

—Então não me venha martelar a paciencia.

—Eu apenas o que quero é censurar a *patriotada* daquelles, que, para figurar e por interesses eleitoraes, acceitam certos cargos e depois, quando gastam quatro vinteus, vão de cara dura cobrar do governo.

—Ainda não pude atinar onde vae bater a sua cantilena.

—A parte nenhuma

—E a quem vem esse aranzel?

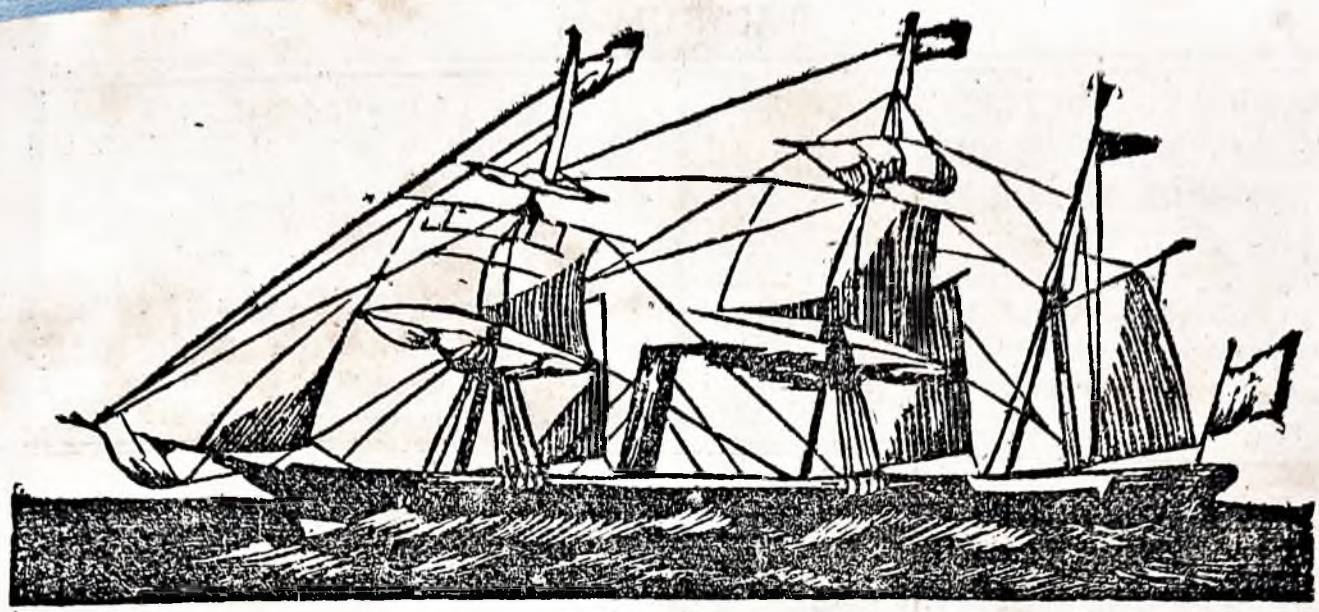
—Lembrei-me disso, lendo no *Diario* de quinta feira, nos requerimentos despachados o seguinte:

«Dr. Manuel José da Costa e Silva, coronel commandante superior da guarda nacional do municipio de Porto Seguro; pedindo pagamento de 7$600, que despendera com recrutas.—Pague-se, estando nos termos »

—Ah! Eu logo vi que V. não estava a taramelar sem fundamento.

F. UNIÃO MOCIDADE.

Sessão quinta feira ás 7 horas—Rua de D. José n. 8.—*Olavo Baptista*, S. I.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 30 DE AGOSTO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 250.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de agosto de 1867.

Portaria ao immediato, ordenando-lhe que, em nome da classe typographica e da imprensa em geral, dirija uma mensagem de agradecimento aos Srs. deputados Luiz Antonio da Silva, Bittencourt Sampaio e Gomes de Castro, por se lembrarem de appresentar na camara o incluso projecto. Cumpra.

—

«A assembléa geral resolve:

«Art. 1.º Ficam isentos do serviço activo da guarda nacional os typographos, que tiverem titulo legitimo e estiverem em effectivo exercicio da sua profissão.

«E' titulo legitimo para se reconhecer a qualidade de typographo a matricula na camara municipal do logar em que estiver estabelecida a typographia, a qual terá para este fim livro especial, e prova-se com certidão passada pelo secretario.

«Art 2.º Aos donos de typographias incumbe:

«§ 1.º Declarar na camara municipal quando tiver de cumprir a disposição do art. 303 do codigo criminal os nomes dos typographos que se acham no seu estabelecimento.

«§ 2. Remetter annualmente a mesma, um mappa dos typographos que durante o anno tiverem trabalhado no seu estabelecimento, com declaração do tempo em que entraram e sahiram.

«Estes mappas serão assignados, e sujeitam o dono da typographia ás penas da lei em caso de fraude.

«Art. 3.º O dono da typographia, que ja tiver cumprido o disposto no art. 303 do codigo criminal, remetterá á camara municipal, depois da publicação da presente lei, um mappa dos typographos e aprendizes, que trabalharem no seu estabelecimento, o qual será assignado por elle, com as declarações exigidas no § 2.º do artigo antecedente, sob as mesmas penas cominadas no citado art. 303 do codigo criminal.

«Art. 4.º O typographo, que, por espaço de dous annos consecutivos, não figurar nos mappas de que trata a presente lei será eliminado, fazendo-se

publica esta eliminação pelos jornaes, e não será readmittido sem que pelo menos tenha continuado a exercer a profissão por espaço de tres mezes, comprovando o exercicio com as declarações convenientes na camara municipal.

« Art. 5.º São competentes para decidir qualquer reclamação a respeito das disposições desta lei, a camara municipal e o presidente da provincia, interposto o recurso segundo o disposto na lei de 2 de outubro de 1828.

« Art. 6.º Ficam revogadas, etc.

« Paço da camara dos deputados, 12 de agosto de 1867.»

—Correm estes dias pela cidade boatos sinistros e tenebrosos, não sabemos si com fundamento ou não.

—Nesta terra, quando se dá um facto, espalham mil.

—Não sei; neste caso a policia que mande pela imprensa tranquilisar os animos, declarando que taes boatos são falsos e procure incutir confiança na população.

—Porém o que tem ouvido V. dizer?

—Mil versões, cada qual mais aterradora, citam-se innumeros casos de ataques á segurança e á propriedade individual.

Dizem que o Sr Bruno, que negocia em porcos, fôra attacado no Xixi e tomaram-lhe o dinheiro, depois de o espancarem; que Geraldo Bispo de Almeida fôra agarrado na Estrada Nova, corrido e como nada levasse o soltaram; que um homem nos Barris fôra accomettido e roubado, que outro em Sant'Anna ficou sem o relogio, que mais um foi levado á S. Miguel e ahi tomaram-lhe o dinheiro, que tinha recebido na pastelaria do Marcolino, que diversas casas tem se tentado arrombar e outras tem sido roubadas, que passeiam vultos incognitos por diversos pontos, etc. etc.

—Sabe qual é o remedio para tudo isso?

—Agora.

—E' cada um acautelar-se.

—Ou então o chefe de policia que permitta a cada individuo trazer sua pistola no bolso.

—Deus nos livre, isso é peior,

—A camara dos deputados authorisou a mobilisação da guarda nacional.

—Em que consiste essa mobilisação?

—Em dividil-a por classes.

—Como? Não comprehendo.

—Os solteiros, os casados sem filhos, os casados com filhos, etc., formarão cada um, separadamente, companhias ou batalhões, conforme as circumstancias.

—Quer isto dizer que o governo quer ter gente prompta, de que lance mão á qualquer hora e que esteja prompta a voz de marche!

—Ja se viu despostismo maior?

Reflectiu o governo o mal, que acarretou sobre o cidadão guarda nacional?

O guarda nacional do batalhão dos solteiros não tem mais direito sobre si, pertence de corpo e alma ao governo.

Consegnintemente ninguem mais quererá se arriscar a tratar negocio com um homem, que hoje está aqui e amanhan não.

Ninguem se fiará em um homem, que não pode cumprir sua palavra, por que o governo, quando menos o espere, o atirará para onde quizer, sem necessidade talvez.

Ninguem encarregará de seus interesses um individuo, que, de uma hora para outra, ou ha de embarcar ou diesrtar.

—E' o mesmo que tratar com um soldado de primeira linha.

—Calo me porém para deixar fallar a *Opinião Liberal*:

«Para fugir ao imminente e constante perigo, resta ao guarda, ou official solteiro, mudar de estado, porque mudando de estado *muda de batalhão*!

«E ao enxoval do casamento ajuntará elle a *nova farda*, a do batalhão dos *casados sem filhos*.

«Então, para effectuar a passagem o guarda exhibirá a competente *certidão de casamento*.

«Feliz, si a prova chegar a tempo, alliás seguira a sorte que *aprouver ao governo*

«Concluido o processo da prova do casamento, passa afinal o guarda para o *batalhão dos casados sem filhos*!

«E' o primeiro substituto do *batalhão dos solteiros*: o perigo ainda está perto!

«E' preciso que tenha filhos, para gozar de alguma tranquillidade.

«Conseguintemente, logo que lhe nasce o primeiro filho corre o cidadão d'esta terra de liberdade a dar d'isso conta ao seu capitão de companhia, ao commandante, ao commandante superior, etc ; e, *provado* devidamente o allegado, passará o guarda para o *batalhão dos casados com filhos*.

«Si porem tiver a desgraça de lhe morrer o filho, aqui volta o misero recambiado para o *batalhão dos casados sem filhos*!

«D'aqui seguir-se-ha *naturalmente* para remover abusos, e fazer cumprir a lei, estabelecer-se no seio das familias a mais immoral e degradante espionagem.

«Oh! como tudo isto é digno d'esta portentosa e liberalissima situação!

Acrescentaremos ainda;

Si morre lhe a mulher, o pobre guarda que estava no batalhao dos casados la vai carpir a viuvez no batalhão dos solteiros, si a esposa cuja perda lamenta não lhe dera filhos!

O governo da liberdade e do progresso com esta medida tem tres fins em vista:

Levar ao ultimo grau de perfeição a machina politica de fazer eleições com segurança de victoria.

A completa coacção eleitoral ... o aniquilamento do systema representativo ..

Reduzir inteiramente o povo brazileiro a uma sujeição militar e a uma ameaça permanente...

Despotismo... e aniquilamento da liberdade...

Obrigar o cidadão brazileiro a casar-se e a ter filhos afim de se achar esto garantido contra os actos de despotismo!...

Sineta dos padres regulando as funcções da reproducção em beneficio do paiz!...

E o governo é liberal progressista!

E a maioria da camara quatrienal é liberal progressista!...

A PEDIDO.

—Ja é do dominio de todos o estremecimento geral da mais justa indignação, com que accordou esta cidade, em uma das manhans do corrente mez, pela perpretação de um crime, cuja atrocidade, na era presente, revela o mais apurado requinte do feroz canibalismo de certos corações.

O povo em massa, sem distincção de classes, unanime, representando uma só idéa, figurando um só pensamento, de sol a sol, deu mostras de seu poder e soberania, pedindo, de voz em grita, nas ruas e na praça publica, a punição dos delinquentes, ao mesmo tempo que sobre estes lançava as mais justas e inequivocas provas de sua animadversão.

Era que o estado deploravel da victima, innocentemente immolada ao furor leonino dos malvados, feria, uma por uma, todas as fibras do coração, mesmo o mais insensivel.

A dôr, quando immensa, tem excessos que justificam tambem o seu excesso.

Felizmente sobre os criminosos, verdadeiros *thugs* transportados do velho ao novo mundo, peza uma accusação tremenda, authourisada por provas irrecusaveis.

Passam-se dias; a victima, entregue aos seus propios e minguados recursos, jaz na enxerga da dor, soffrendo o quanto humanamente é possivel de soffrer-se, e quando esperava, com resignação e animo o restabelecimento de seus dias, para amparo de sua indictosa e mal-aventurada familia, vê-se de sorpreza accommettido por nova cafila de malfeitores, que a dor physica aggravam com a moral.

Essa cafila, (horror! mil vezes horror!!.....) é a imprensa; mas a imprensa infame, corrupta, comprada a

pezo de ouro contado, que tem-se vendido sempre e sempre, e que desgraçadamente com tanto ouro ainda não poude libertar-se.

Não se contentam com os padecimentos da victima; querem mais—dezejam vel-a em um ergastulo, privada de todos os recursos! pois bem: ella irá, mas ha de ser quando um canalha, chefe da antiga e faccinorosa quadrilha —P. Segundo— sobre quem pesam imputações do crime capital, e que tornou-se inimigo figadal de um honrado e rico commerciante por não querer dar-lhe parte de sua fortuna *por certos meios*, for esbofeteado ao meio dia na praça publica pelo mais infame dos calcêtas da g lé:

Ella irá; mas ha de ser quando um miseravel, que vivia á mercê da charidade publica, roto e maltrapilho pelas ruas da cidade baixa, hoje senhor de grande fortuna roubada aos que delle se condoiam, que estão hoje pobres, for ferrado na polluta face com a palavra—ladrão.—

Ella irá; mas ha de ser quando um infame, que,a troco de uma moeda,renegava o seu ser para a lascivia dos pederastas, e entregava sua propria.... á quem mais agio lhe offerecia, for banido perpetuamente da sociedade, de que é o sisco:

Ella irá finalmente; quando tres ladrões do suor do artista e do jornaleiro, das lagrimas da orphan e da viuva, do suor do povo,enfim, forem condemnados a carcere perpetuo para expiação do crime e exemplo para os futuros.

Em quanto, porém, isso não acontecer, desenganem-se que a victima andará sempre desassombrada, ovante e respeitada pelo povo como martyr da honra e da verdade.

Ninguem ha que a proteja sinão Deus e a voz do povo, que sempre se confundem.

Si a seu favor, como algures aprogoam, estivesse um caracter honrado e insuspeito, um negociante, cuja probidade está até hoje pura e illibada, apesar dos botes da maledicencia, as scenas mudar-se-hiam, por que então essa pessôa dar-lhes-hia maior quantia pela compra da consciencia, e os ganhadores jamais enjeitam lucro.

Em leilão o ramo se entrega a quem mais offerece e de prompto paga.

E' do dever render profalças á imprensa moralisada, que não se curvou ao poder do ouro.

Verdadeira interprete do sentimento universal tem sabido conservar-se na altura de sua missão, profligando o crime, onde quer que se acoite, e louvando a virtude por egual forma.

A opinião publica, expressamente manifestada no dia da catastrophe,não se desvaira por essas defezas de encommenda, quiçá pagas adiantado.

Aproxima-se o momento da punição. O povo, sedento de justiça, ancioso, com os olhos fitos e immoveis na verdadeira execução da lei, espera o desfecho desse drama sanguinolento.

Esperar não é dormir.

—☞ Esperemos.....

PEDE-SE

Ao fiscal geral que tenha todo cuidado com a padaria do Augusto, ao Tingui, porque os visinhos queixam-se amargamente do mau cheiro que sahe do cano da mesma, assim como que preste seria attenção ã qualidade e peso do pão fabricado na dita padaria,

---

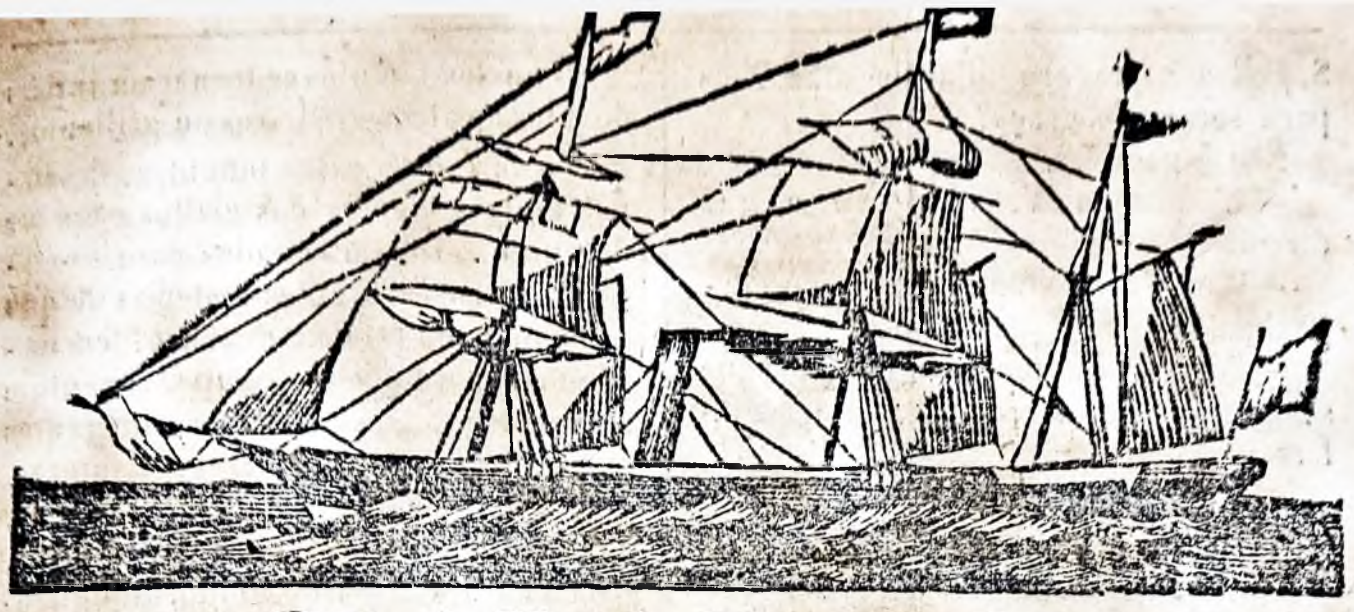
Pede-se ao Dr. delegado do 1.° districto que lance suas vistas para duas espeluncas de jôgo, que ha — uma no Guadalupe, e outra de baixo da antiga casa aonde morou o Sr Carvalhal. ao Gravatá, as quaes diariamente encommodam a visinhança, quem passa na rua está vendo a azuada, porque é o mesmo que si estivesse jogando na rua; não embarga em uma d'ellas ter um crioulo mudo de vigia.

ANNUNCIOS

Quem lhe faltar uma mula, pode vir buscal-a na loja n° 5 ao taboão, pagando as dispezas.

Pede-se ao Sr. J. Calafate, o favor de ir ao Caes Dourado n°. 69, para tratar de negocio que não ignora.

O
ALABAMA
1867
A
1868
I 8
6 20
I. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 4 DE DEZEMBRO DE 1867. SERIE 30.ª—N. 293

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de dezembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. capitão do porto, pedindo-lhe que faça uma visita á Ribeira de Itapagipe afim de verificar o estado de obstruição a que está reduzido aquelle porto, em consequencia dos innumeros cascos de navios alli mergulhados, alem da immensidade de caldeiras velhas com que tem concorrido para isso a Companhia de Navegação a Vapor Bahiana.

Os navios estão impossibilitados de fazer alli qualquer reparo e por isso vão executal-o no lado opposto no porto dos Tainheiros.

Aproveitando-se a opportunidade, pede-se a S. S. providencias para que seja desmanchado o picadeiro que alli serviu quando se concertou o vapor *Araçagú*.

—Hontem foi o anniversario do natalicio do Sr. D. Pedro 2.º, imperador do Brazil.

—Houve toda folia do estylo, parada, salvas, colxas de duas vistas em palacio.

—Não lhe escapa nada! Aquellas differentes eram emprestadas?

—V. é que se vale de minhas palavras para metter sua pedrinha no sapato do governo.

Como ia dizendo, houve illuminação, espectaculo, etc.

—Tudo quanto foi regosijo em applauso do mais magnanimo, liberal, justo, proficiente, bondoso, clemente, paternal, benigno, indulgente e charidoso dos monarchas desta redondeza a que chamamos mundo.

—Desaquartellou o batalhão de S. Pedro?

—Hontem.

—O motivo?

—Indague dos pastores.

—Dizem que o governo queria que servisse de graça.

—Não tem cabimento.

—Pode ter.

—Então o governo manda todos os batalhões aquartellar com soldo, e o de

S. Pedro é que era filho do mão Xica para servir de graça?

Não é possivel.

—E' porque V. não sabe o que dizem.

—Que o commandante é que empenhou-se para aquartellar.

—Por ahi sim, tem caminho; porque sempre é o que succede a quem se faz offerecido.

O GRILLO.

O grillo é insecto damninho, quando estraga a roupa e impertinente quando canta, por que o seu cri, cri, é insuportavel de se ouvir. Algumas pessoas para apanhal-o à noite, collocam uma luz no chão, e com um chinellos se põe a bater até que elle appareça e assim o encerram em gaiolla propria.

Hoje ninguem faz mais caso do cri, cri, do grillo; o grillo tornou-se universal, e ninguem ha por ahi que não alimente esse bichinho, e não o idolatre como uma divindade da epocha.

Não ha ninguem por pequeno que seja, que não queira ser idolatrado pelo grillo.

Em algum tempo havia uma companhia do *tiro*, que todos a respeitavam tanto, quanto ella era perigosa—hoje os seus membros se separaram, e cada um vestido a moda do seculo, ahi anda de mistura com a populaça. Quem é capaz de distinguir um desses agentes secretos da tal companhia?

Ninguem... todos andam desassombrados porque o tempo que tudo destroe, tratou de apagar nelles qualquer vestigio que os pode denunciar; envolvendo-os em uma nova—capa semelhante a do grillo;—e como não os transformasse de todo neste insecto, deu-lhes o nome de—grillentos—ou grilleiros—nome que a sociedade não pode repellir, porque não significa outra cousa sinão guardador de grillos, ou criador de grillos.

E' com esta metamorphose que elles teem invadido a sociedade, tem entrada nos maiores e melhores aposentos, e tem corrompido a nossa mocidade, tornando-a cumplice em um crime.

Os nossos famulos se tornaram infieis devidos aos tres grilleiros ou grillentos.

Assim é que esses tenantes, desenvolveram a theoria dos grillos e apesar de que não hajam escolas para se ensinarem as differentes materias de que se compõe o systema grilleiro, encontram-se para o seu desenvolvimento e sustentação, sectarios de differentes ordens, fidalgos, titulares, doutores, bachareis, militares de toda a ordem, negociantes matriculados, taberneiros, padeiros, açougueiros, emfim tudo quanto pode compor a nossa sociedade com todo o explendor; e assim tambem nas camadas mais baixas della.

Ahi vereis um sujeito bem vestido tratando de negocios do estado, procurando contractadores, para esta ou aquella obra, para este ou aquelle fornecimento—indagae e vereis as propostas com uns tantos por cento em beneficio do nosso homem; é um grillo.

Alem encontrareis um procurador cargregado dos pés a cabeça de papeis, agarrado a aba da casaca de um janota de luneta, bengallinha e bem penteadinho; procurae saber o segredo, encontrareis um grillo, que está fazendo o nosso homem com o tal procurador, trata-se de pouca cousa, ás vezes de um inventario que tem gordura e é preciso se pôr uma pêa, e o sugeito come a dous carrinhos.

De um canto lhe sae ao encontro outro todo ataviado com relogios e brilhantes, e lhe quer impingir a fazenda avariada arrematada em leilões, e dizlhe—o Sr. quer comprar fazendas muitissimo baratas, eu as tenho por me virem em direitura da Europa, é um grillo.

O estudante recebe dinheiro do pae, para se munir de livros, estuda nos do outro, põe fora o dinheiro, é um grillo.

O redactor de typographia, recebe um artiguinho que ELOGIA certos meninos bonitos, elles o sabem, vão a sua mercê, mediante um manejo de cartuxo de confeitos amarellos, ou um bilhetinho, faz retirar do componidor aquillo, que lhes punha a calva a mostra... é um grillo.

O boticario recebe a receita do medico, a qual pede que se manipule o remedio com certas drogas muito caras, quer ter freguezia por fazer remedios baratissimos, substitue a droga de alto preço... é um grillo.

O famulo vae ao açougue com o diabeiro, compra a carne a 180 rs. e a dá ao senhor ou tutor por 200 rs. é um grillo.

O padeiro mistura a boa com a má farinha, é um grillo.

O contratador de costuras recebe-as do arsenal por um preço e paga a costureira por outro menor, é um grillo.

O comprador de materia prima vae ao negociante tendo na bocca a — preferencia — compra essa materia por menor preço, presta contas por maior, apresentando documentos deste maior, é um grillo.

O apontador ou administrador tem falhas durante a semana, tira na folha jornal por inteiro para os operarios e serventes, é um grillo.

O sachristão faz hostias e diz que as compra, vende vellas e diz que as gasta, manda lavar e engommar sem o ter feito, é um grillo.

O servente ou operario tira da obra pedaços de taboas e de madeira, e vae vender a outro sugeito que está edificando, é um grillo.

O empresario de grandes obras subsidiadas pelo governo, arranja orçamentos nellas a medida de seu desejo, é um grillo.

O negociante abastado quebra fraudulentamente, é um grillo.

O quartel-mestre de batalhão troca a moeda nacional com um agio e presta contas com elle inferior, é um grillo.

O agente de batalhão distribue os generos com falta no pezo, é um grillo.

(Continua.)

A PEDIDO.

CIRCULAR (*)

do partido conservador ao corpo eleitoral do 1.º districto.

E' sob a estrondosa descarga do maior jacto de precisão em crise tão apertada e dolorosa, que o partido conservador desta capital expelle de seu seio ou ventre o veneravel nome do Illm. Sr. Dr. das Americas Gomes de Souza para candidato a assembléa legislativa provincial.

Com esta expulsão que já regorgitava nodosamente, o partido conservador sente grande e profundo allivio, por que só no Dr. das Americas é que encontra a salvação suprema para maior trabalho da aceiada e limpa empreza.

Sobre todos os candidatos, mais ou menos da gloriosa e feliz lembrança dos trez pauzinhos, nenhum pode aniquilar o inimigo — o partido progressista — pela força do raciocinio cerrado e escuro e pelo magnetismo da palavra sublime e inentelligivel que o referido Dr. das Americas, varão prestante e pae da patria.

A variados projectos ardem volcanisados naquella etnica e ethica intelligencia em ordem a uma mutação completa no orbe terraqueo.

Ninguem ha que não se arreceie do um adversario tão poderoso, e por isso é que tentam derribal o do pedestal de areia em que seu genio o tem submergido.

E por essa razão mesma é que o partido conservador toma a peito e a bofes a sua candidatura, e vaza todas as suas fezes para que elle não saia limpo — isto é — sujo em todas as listas.

O corpo eleitoral, illustrado como é, comprehende certamente este nosso modo de fallar.

Differentes projectos tem visto o publico, raros e surprehendentes, que se aninham naquella intelligencia egual a do Dèndebus na massa; esses, porem, nada são relativamente aos que está elaborando sobre o gelo e sobre a folha de Flandres.

Quem diria que essas cousas haviam de trazer um beneficio a humanidade?

Só o Sr. Dr. das Americas pelo accurado e perseverante estudo que tem feito sobre estas materias, estudo que tem tornado o seu talento gelado e empedernido.

Basta: qualquer cousa que tentas-

(*) Por falta de espaço deixou de ser publicado este artigo anteriormente.—*A Redacção.*

semos dizer ficaria a quem da realidade; por isso todos os Srs. eleitores que quizerem honrar-se votando no Sr. Dr. das Americas, afim de que se possa calcular com certeza a sua votação, tenham a bondade de dirigir-se á tulha por baixo da camara, á loja do quarenta portinholas, ao collegio do professor Kaeme e á officina de armador do Zacharias, afim de tomarem o seu retracto lithographado, tendo o nome por baixo para maior lembrança da proeminencia do vulto.

O partido conservador tudo espera do corpo eleitoral.

O ariber de Sant'Anna.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XL.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Rompa-se o veu ás miserias da farça burlesca e extravagante, immoral e escandalosa de 26 de novembro—epigrama nojento de jury entre os povos civilisados.

Jamais o direito, a justiça e a lei foram arrastradas pela lama da corrupção como nessa saturnal, impropria e indigna de figurar nos factos judiciarios.

Si a ordem publica ficou gravemente estremecida pelo attentado de caracter atroz e horroroso de 6 de agosto, não menos ficou pela monstruosa absolvição de seus authores.

A imputação rasoavel e fundada de um crime infamante deu logar ao primeiro—como condição de rehabilitação: a infamia e a miseria produziram o segundo—como direito a impunidade.

Justo, portanto, é o immenso alarma que se derrama pela população ao meditar sobre a torpe causal de um e outro facto—qual de mais enorme e hedionda gravidade.

A mutua garantia da propriedade, da vida, da honra, de todos os direitos enfim, creada pela lei entre os cidadãos, acabou-se e esvaiu-se pelo contagio pestifero e mortal, que ha de resultar do acto reprovado e iniquo, que absolveu e innocentou verdadeiros criminosos—criminosos de perversidade requintada.

Horrorisa dizer que, em mais de meio seculo XIX, em um paiz illustrado e honesto, sob o influxo da religião christan, fossem absolvidos os homens que no centro da cidade, de sorpreza e emboscada, arrebataram um infeliz mancebo, e levando o para as mattas de uma fazenda, amarraram-o de pés e mãos, amordaçaram-o, vendaram-o, algemaram-o, crivaram-o de golpes, fracturaram-lhe os dedos por meio de anginhos, arrocharam-lhe a cabeça, e quasi o asphixiavam e estrangulavam si não tivessem signal de que a policia lhes seguia o encalço.

Em que se estribaram aquelles individuos, ou antes aquellas doze massas—qual mais pezada e inerte, para affirmarem que Castro Rebello, Coelho de Oliveira, Sampaio Vianna e Castro Guimarães não foram os agentes do crime de que foram victima o infeliz João Soares?

Nem tanto!... E' preciso renegar os dictames da consciencia; é preciso esquecer os mais comesinhos principios de dignidade e moralidade; é preciso descer e rojar até o nivel do aviltamento, para desconhecer o que todos conhecem, para negar o que todos affirmam!

Não tendes, Srs., responsabilidade legal, porque a previdencia da lei não presumiu em vós o estado de degradação: mas tendes responsabilidade moral ante Deus, a cuja face mentistes, e ante os homens cuja opinião affrontastes.

Não ha de ser sem remorsos a tritar-vos a consciencia, que deveis relembrar-vos do papel que representastes, posto de vilipendio á integridade de vosso caracter e a illustração de vossa intelligencia.

A justiça do Ceu, é a vez tardia, porém sempre certa O que hontem tam desabrida e ardidamente, na qualidade de juizes, practicastes contra a victima em prol dos algozes, amanhan, por uma inversão de scenas, haverá alguem que practique tambem convosco.

Mais do que nós haveis de chorar as funestas consequencias do acto que tam sem consciencia subscrevestes.

E' o systema da mutua compensação que rege a infeliz humanidade.

E' sob juramento que dizemos que não foram os discursos dos illustres advogados, que vos fallaram a intelligencia e a coração para absolverdes os acusados, não.

Que se reunissem todos elles, e outros tanto ainda, e mais se precisos fossem, e em vez de defendel-os accusassem os nem assim o resultado seri outro.

Essa verdade está no senso intimo universal, que explical-a importaria uma bernardice sem desconhecimento e opposição á força da palavra.

Desgraçadamente, quando a politica invade os dominios da justiça outra cousa não se deve esperar.

O que alcançou o Exm. Sr. Dr. Fernandes da Cunha, quando em pleno parlamento accusou os assassinos das margens do rio de S Francisco, contra os interesses da politica?

Effeito diverso do que esperava.

Em vez de punição, commendas e posições officiaes,

O que alcançou quando defendeu o esbofou se para salvar o fallecido João Rodrigues da Silveira, contra os interesses da justiça?

Galés – perpetuas em vez de liberdade.

Logo, os dous casos acima apresentados, vem comprovar que si o Exm. Sr. Dr. Cunha não venceu a politica advogando a causa da justiça, nem tam pouco venceu esta advogando contra os seus interesses, agora a sua palavra seria nenhuma como o foi no primeiro caso e no segundo, e por maioria de razão a dos outros seus collegas.

Assim nem contra a politica e nem contra a justiça pode S. Ex. arcar.

E a primeira que não interviesse neste processo, cerrada e arregimentada, personificada no seu maior vulto nesta provincia, que predispoz pela soberania o imposição de sua vontade os elçmentos para a victoria do crime, que a maxima penalidade do art. 205 do Cod. Criminal não seria uma burla para os accusados.

E' preciso, porem, que os distribuidores da justiça sejam flexiveis e maleaveis ou estupidos e analphabetos para que a politica a leve de vencida.

Neste mesmo processo ha provas irrefragaveis desta verdade.

Ahi estão o ex-chefe de policia, o honrado Sr. Dr. Caetano Vicente de Almeida Galeão, e o conspicuo e venerando tribunal da Relação para comproval-a acima de toda a contestação.

So o jury, mas o jury constituido nas condições por que o foi o desta sessão, seria capaz de semelhante acto, que tem causado geral indignação.

Os proprios advogados dos reus nunca se abalaçaram a negar que foram elles os authores do crime, negavam apenas a classificação: entretanto que os *Srs. do conselho* negaram o crime, negaram a authoria, negaram finalmente tudo.

E como não haviam elles de negar tudo, e mais que fosse, si viam contra lei expressa e terminante presidir o julgamente o Sr. Dr. Francisco Mendes da Costa Correia, amigo intimo dos reus Sampaio Vianna e Castro Rebello, e ainda contra parente deste?

Eis o que diz o art. 61 do Codigo do Processo que copiamos para que todos o saibam:

«Quando os juizes forem inimigos capitaes, *ou intimos amigos*, parentes consanguineos ou *affins* ate segundo grau de algumas das partes, seus amos, senhores, tutores ou curadores; ou *forem particularmente interessados na decisão da cauza*, poderão ser recusados. *E elles são obrigados a darem-se de suspeitos, ainda quando não sejam recusados* »

Em vista de disposição tão clara e evidente haverá ahi ninguem que se

atreva a dizer que o Sr. Dr. Mendes podia presidir esse julgamento?

Por certo que não.

A lei, e ainda a sua dignidade e moralidade vedavam-o de intervir em qualquer acto que podesse ter relação com esse processo e muito mais com o julgamento.

Assim porem não succedeu.

Preparou a sessão a seu modo e geito, ou a mandado de *alguem*, presidiu o julgamento, e ainda contra o preceituado no § 1.º do art. 449 do referido Codigo, não appellou da decisão

Si pode haver decisão mais contraria a evidencia resultante dos debates, depoimentos, e provas dos autos—é está; entretanto o Sr. Dr. Mendes a ella acquiesceu transgredindo por essa forma o preceito da lei.

Por ordem sua, receiando a publicidade dos debates, onde a verdade apparecería com toda a sua força e esplendor, foi que os reus, apezar de terem contractado por intermedio do illustrado Sr. Dr. Affonso de Carvalho o apanhamento da sessão com os tachigraphos, ao depois descontrataram-os.

Eis a principal e unica rasão dessa falta para cohonestar a não interposição da appellação.

Si, pois, o magistrado, que é responsavel perante a lei por seus actos, procede por esse modo, como não deveriam proceder doze sujeitos que não tem quem lhes tome e a quem dê contas?

Ainda quando o Sr. Dr. Mendes não fosse amigo especial de dous dos reus e contra-parente de um, desde que S. S. por mais de uma vez em conversa publica mostrou interesse por elles, não prevendo que o processo chegasse a esses termos, estava ipso facto inhibido de presidir a sessão.

Isso era o que todos esperavam de S. S., mas que infelizmente não succedeu, por que esta terra é do mais affouto, do mais audaz.

Esse interesse não manifestou-se somente nas conversas, foi até a sessão do julgamento, onde as formalidades legaes, essenciaes e substanciaes, foram horrorosamente preteridas.

O conselho e as testemunhas communicaram-se escandalosamente com pessoas de fora, e o proprio juiz de direito pela madrugada do dia 27 abandonou completamente o tribunal, passeando escandalosamente pela praça do palacio com um advogado, seu amigo.

Desses pontos e muitos outros tractaremos no artigo subsequente afim de que fique o publico sabendo o modo e a forma porque foram absolvidos os homens do carro, da mordaça e dos anginhos.

Agora duas palavras somente ao nobre Dr promotor.

A attenção publica está anciosa e soffrega, cravada em S. S., de quem espera o cumprimento da lei para não passar em julgado essa immoralidade inaudita que tanto desafiou a indignação geral

S. S. bem sabe o seu dever para lh'o dictarnos.

Correm versões, e cumpre desmentil-as ou comfirmal-as.

—Entra em scena o *Corta Ferro*.

—O *Corta Ferro*? Oh!... Proeminentissimo vulto nos annaes da prevaricação.

—Caricatura do cynismo, emblema da impudencia, typo da depravação, quadro vivo da torpeza, vera effigie do latrocinio, almanach da bandalheira.

—Jogador de chapa, ladrão de borla e capello, sacrilego e excommungado, porque até as Santas Imagens empenha para jogar.

—Mau esposo, ruim pae, pessimo filho.

—Pode-se dizer que os sete peccados mortaes estão encarnados naquelle corpo impuro e hediondo.

—Menos a preguiça para roubar; nisso é elle mais ligeiro e sagaz do que uma cutia.

—Todos os mais tem elle.

E' soberbo, como um reprobo.

Avarento, como Satanaz pelas almas.

Luxurioso, como um bode.

Irascivel, como um hydrophobo.

Guloso, como um rato de commua.

Invejoso, como uma prostituta.

—E ladrão, como todos os ladrões do universo.

—Lá isso que o diga a gente *rasa* do farda, que até sem o que calçar ficava, porque o rapina punha os sapatos nos cobres para ir entregar em casa do Borges no jogo da *direita* e *esquerda*.

—Quando elle não se pejou de arrancar bruscamente do pescoço da mulher o colar e crucifixo para ir empenhal-os ao finado Quintela, quanto mais dos semestres dos soldados.

—E a Imagem da Virgem da Conceição que deixou em casa do Varella, antigo *Belchior* defronte da Misericordia por $$ rs. e nunca mais foi buscal?

—Um dia, era vespera de *parada*, o ladrão tinha de assistir a ella; foi para o acerrimo vicio do jogo e perdeu o ultimo vintem; sahiu desvairado, a infeliz senhora já não tinha mais joias de que elle lançasse mão, valeu-se da espada e da banda e foi empenhal-as; no dia immediato, foi lançar-se aos pés de um companheiro de classe para que lh'as emprestasse; este condoido da miseria do sevandija deu lhe espada e banda; o tratante da praça mesmo, logo que a tropa debandou, foi vender o que não era seu para jogar.

—Que natureza de corvo!

—Que Lucas da cidade!

—A proposito, nas leis da militança, não é prohibido o subalterno fallar de seu superior?

—Rigorosamente.

—E como esse camafeu anda pelas tavernas e tascas a depor do seu *maioral*?

—E' fiado no benigno coração do homem, que não tem genio de fazer mal.

—Apezar de que estou convicto que as lamurias desse desalmado, não desabonam no mais diminuto ponto o credito e probidade do seu chefe.

—Porem é um desaforo inqualificavel, uma falta de disciplina.

—Quando é que *Corta Ferro* ha de pôr as ventas, onde pozerem as solas dos pés, homens integros e de caracter rigido como aquelle?

—Agora dizem-me que vae elle ao Rio intrigar não sei a quem.

—Isso era si alguem désse credito a semelhante animal; porem todo mundo já sabe que a vida daquella peste é roubar para jogar.

Estancaram-lhe a têta da *secretaria da casa da tropa* e eil-o possesso por que não pode mais roubar, a depôr do Deus e dos homens.

—Agora si quizer roubar vá para a estrada, de faca.

—E julga que elle não é capaz?

—Não creio, porque a cobardia está retratada naquella cousa ruim; na intriga, sim, é valente.

—Mas homem, o que irá esse demonio fazer ao Rio?

—Vae ver se embeça de novo o logar effectivo na secretaria, onde já esteve interino.

—Como está elle enganado! Ha de voltar com os beiços de quem mamou. Quem não tem criterio não merece confiança.

—Justamente.

—V. sabe, vamos entregar a besta aos cuidados do muxingueiro que dará conta do recado.

—Está dito.

(*Continúa.*)

—E' preciso que a policia chame a ajustar contas com ella um sujeito *valente* que encasebra-se n'um *retiro* la para a *moenda* da Conceição em terra do fiscal *universal*.

São tão notaveis os episodios de sua vida de alicantinas, que sem receio de errar no calculo, pode-se dizer que elle tem a seu favor um saldo de alguns mezes de passa-tempo em companhia do Custodio, quando não seja a passagem *voluntaria* para uma viagem de recreio as plagas do Passo-Pocú ou a villa do Pilar no Paraguay.

—Na verdade, não è mau petisco.

—O dote menos recommendavel, que tem esse carcavista, é mudar o nome.

—Por menos vae um homem a casa de cachorro.

—Sendo preso e mez atrazado, disse

—Esta é das irmans da charidade.

—Deve ser uma bem boa.

Veio do reconcavo uma mulher conforma tratar-se no hospital de charidade.

Por uma troca de palavras com outra doente de nome Claudiana, foi despedida; era no domingo em que o presidente foi visitar o hospital.

A mulher, coitada, sem saber caminho nem carreira, deixou-se ficar na porta do estabelecimento. Aproximando-se a hora da chegada de S. Ex., as charidosas senhoras para que elle não presenciasse o estado da infeliz, mandaram-na entrar e que fosse para seu leito.

—Condoeram-se talvez della.

—Qual! Fizeram negocio mesmo de franceza; logo que o presidente retirou-s , a desgraçada foi violentamente arrastada do seu leito e tangida do hospital!

—Que barbaridade! E se appellidam de irmans, filhas, netas, bisnetas e tataranetas da charidade!

—Ellas fazem charidade, mas eu sei em que assumpto.

—Isto mesmo é de um paiz de liberdade onde se respeitam os direitos constituidos.

—Mas o que é rapaz?

—Prende-se um homem cercado de isempções legalissimas, requerem os seus um praso para mostral-as; o requerimento é de proposito demorado e depois diz-se—*o individuo de que trata já embarcou.*

—Foi no dia 2 de dezembro ao theatro?

—Fui.

—Disseram-me que S. Ex. não deu os vivas do costume?

—Deu os, mas não foram correspondidos pelo povo.

—O povo, meu amigo, está sentido das ingratidões do governo! Faz muito bem quando assim se mostra. Uma guerra de mais de tres annos tem desgraçado a muitas familias.

—Assim mesmo ainda ha quem saia pelas ruas a dar vivas.

—Pois si o governo teve a astucia de occultar a perda de um batalhão, afim de engambelar os pax-vobis.

—Eu outro dia sahi a passeiar alta noite e encontrei uma moça que me estendeu a mão, dizendo: *Meu Sr., dá-me uma esmola pelo amor de Deus.*

Assustei-me por ter lido que andavam homens vestidos de mulher e perguntei-lhe, quando me recobrei de animo: *Quem é a senhora?*

Respondeu-me: «Sou uma desgraçada, que tive a infelicidade de agarrarem meu marido a força e mandarem-o para o Paraguay, a titulo de voluntario da patria. Ha tres annos, meu Sr., que não sei noticia delle.

Mulheres dissolutas aconselharam-me que atirasse me a prostituição; mas como eu tenho horror á semelhante vida, prefiro appellar para a charidade publica e saio alta noite para mendigar.

Alguns, condoendo-se da historia de minha vida, soccorre-me e outros respondem-me: Não tenho dinheiro para sustentar vicios. V. esta moça, pode achar rapazes que lhe sustentem.

Cortou-me o coração a historia desta infeliz mulher!

Então que diz a este quadro triste e vergonhoso?

—Estou *amordaçado!*

—Pois eu digo que esta guerra veio augmentar o numero das prostitutas; digo que o governo algum dia ha de se arrepender das tropelias porque tem feito passar o povo!

O GRILLO.

(Conclusão.)

O thesoureiro de irmandade que compra os generos por um preço e manda os fornecedores passar recibo por outro—é um grilo.

O capitão de companhia que tem soldados imaginarios em suas relações de mostra para quem tira vencimentos, é um grillo.

O official montado que tem cavalgadura, e anda á pé, e quando o corpo fórma-se precisa de ir a cocheira alugar cavallo, é um grillo.

O commandante de companhia que

tira soldo para suas praças, paga e tem sobras avultadas, é um grillo.

O caxeiro que vende a fazenda por maior preço do determinado pelo amo, e subtrahe da gaveta a differença, é um grillo.

O empregado que é nomeado para uma commissão de residencia, tem transporte do governo, ajuda de custa pelo maximo ou medio, e mais uma gratificação para despezas do seu primeiro estabelecimento, é um grillo.

O administrador ou magistrado, que é nomeado para qualquer commissão, e alem do seu ordenado e todas as commodidades tem mais uma gratificação, transporte dado pelo governo, e uma ajuda de custo, e um grillo.

.....

Finalmente é o grillo o bichinho da maior importancia; é adorado e venerado, e ha até sacrificios em honra d'esse Deus da epocha.

Iria-mos longe si por ventura fossemos apontando todas as partes de que se compõe o tal systema grilleiro, não deixando de mencionar mais estas que se tornam notaveis. Por exemplo, um sugeito apparece na cidade, anda bem trajado, come nos hoteis, frequenta sociedades, pode-se traduzir por todos os seus actos exteriores como um verdadeiro seductor...não tem amigos, nem familia, não é procurado pela policia para dizer do que vive, embarca e desembarca quando lhe parece, ate que cançado de calotear, põem-se ao fresco, deixando todos a fazer versos e a procurarem a rhima de brinco, é um grillo.

Grillo leitores...cuidado, ate no lar domestico aparece!

Será ou não grillo a subtileza do marido em augmentar despezas para sustentar uma Camelia, ou alugar casas lá pela rua do Rozario?

Até as senhoras tão bem fazem o seu grillosinho!

Não é raro encontrar-se uma senhora comprando seus alfinetes, com a reunião de muitos grillos que tenha feito, com as compras diarias, que ellas lhe chamam—suas pequenas economias.—Que mitradas.. e assim embussalam o paspalhão, que julga ter-se gasto uma certa quantia muito avultada no alimento, e a despeza foi feita por muito menos!

Ah! grillo...grillo...santo de todos os dias, de todas as seitas, e que tens tantos sacerdotes!

Levante-se um templo em memoria do grillo...Compre-se todo o ouro e brilhantes da terra, e consagremo-nos todos a esta divindade!

Curvem-se todos á passagem d'ella, por ser uma feitura do seculo e do progresso da civilisação.

A PEDIDO.

—Não ha cilha nem cabresto que faça aquelle animal do Julio Feijoada tomar geito!

—O bruto já descarou.

—Veja aquella peste que aranzel está fazendo no Maciel, que põe toda rua em alvoroço.

—Bebe demasiadamente para encommodar e insultar os mais.

—E' porque ainda não achou quem lhe applicasse o remedio proprio a bebados atrevidos.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XLI.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Nunca é por demais trazer a lume as tristes e deploraveis occurrencias que se deram na ultima sessão do jury e principalmente no dia do julgamento dos reus pronunciados pelo barbaro crime de agosto.

São passados alguns dias, e não ha ahi quem não sinta estremecer-lhe a consciencia ao meditar sobre os resultados fataes e funestos que devem pro-

vir desse acto absolutorio de crassa e supina ignorancia, de extrema e illimitada prevaricação.

O clamor é geral, e as suas proporções são de assustadoras consequencias porque actualmente cada um só deve esperar justiça de si e não daquelles a quem a lei incumbiu de distribuil-a.

De que serviu que o ex-chefe de policia, o Sr. Dr Caetano Galeão e o superior tribunal da Relação cumprissem o seu dever, quando dozo homens, os menos competentes por todos os motivos, de parceria com outro, prostituiram a fé jurada com todo o cynismo do escandalo e do horror?

Que hoje toda a população desta capital, furiosa, indignada, invadisse as prisões, e pozesse em liberdade os miseros encarcerados que lá estão somente por que não são ricos, nem tem amigos, nada era porque o exemplo de 26 de novembro é bem vivo e palpita demasiado forte em todos os corações.

Quando o direito, a justiça, a lei e a moralidade são violadas com tanto ardimento, o unico governo da sociedade é o do mais forte,

Na ausencia de garantias, garanta-se cada um a si mesmo.

Si os ricos e influentes commettam o crime que commetteram, por mais horroroso e atroz que seja, são postos em liberdade, porque rasão não sel-o-hão tambem os pobres e desvalidos, a quem muita vez as vicissitudes da vida — a miseria, a fome, a penuria e a nudez — foram a unica causal que os arrojou a senda tortuosa do crime?

A fatalidade da coherencia e da logica levam irresistivelmente a esse extremo — negação completa e formal de todos os direitos sociaes.

Não apregoamos a desordem, o tumulto e a anarchia, não; apresentamos unicamente as consequencias que rigorosamente dimanam da absolvição dos algozes do mal-aventurado João Soares de Oliveira.

Si ella, porém, passar em julgado, ou esta cidade for testemunha impassivel de que os authores de crime mais barbaro e perverso, mais horroroso e atroz que tem tem sido commettido em suas ruas, ficaram livres de culpa e pena, então damos um conselho a todos por mais timorata e escrupulosa que seja a consciencia, e nós seremos o primeiro a dar o exemplo:

Sempre que fordes juizes de facto não condemneis a criminoso algum, seja qual for o crime, por que nada dóe mais no intimo do coração que ver em egualdade de circunstancias uns serem condemnados e outros absolvidos.

A realisar-se o julgado da absolvição, será esse de ora em diante o nosso modo de proceder. Não limitar-nos-hemos unicamente a dar o voto, advogaremos com todo o exforço e bem ás escancaras a causa do crime, por que si está estabelecido o direito á impunidade, deve ser ella para todos, e não exclusivamente para os grandes — potentados da terra.

E' preciso que cada vez mais e a passos largos e agigantados precipitemo-nos no cahos, para que pela segunda vez da escuridão trevosa brote a luz que deva regenerar a humanidade.

Ja que querem assim — seja assim feito.

Si ha processo em que a prova leve a justiça a infallibilidade é este, e entretanto dozo homens de *pés juntos* a desconheceram.

E como não desconhecel-a, si para isso concorreram circumstancias de um pezo enorme?

Alem das qualidades que ja apontamos, constitutivas de cada um desses individuos, não podemos ainda deixar de fazer algumas considerações relativamente a um.

O Sr. Felipe Justintano da Costa Ferreira é amanuense ou escripturario no arsenal de marinha,

Soffre tanto em sua saude, que é dispensado de assignar o livro do ponto, levando a escripturação a seu cargo para casa.

Continuos e frequentes ataques de erysipela, uns após outros, deram logar a essa licença ou privilegio.

Essa verdade, alem de ser comprovada por quantos são empregados n'a-

quella repartição, inclusive o proprio chefe, o é ainda por quem conhecer o Sr. Costa Ferreira, cujos pés pela inchação da molestia ja não ha sapatos que possam conter, salvo de encommenda, inchação que toma lhe ate as pernas.

Complicações do outras molestias oriundas desta—a principal—soffre ainda este Sr.

Pois bem, esse individuo, que não ha exemplo de que tivesse servido como jurado, que não pode estar seis horas na repartição onde é empregado, levou por mais de dous dias sentado como juiz de facto na sessão de 26 de novembro, e mais ficaria si assim fosse preciso!

Como explicar-se esse phenomeno?

Tal foi a aggravação de seu mal que ainda não foi a repartição.

Foi por essa forma, e por outras que temos demarcado em artigos anteriores, que se predispozeram os elementos para a absolvição dos authores do crime de agosto.

Escolheu-se gente a dêdo; e quando *por um discuido* sahia da urna o nome de alguem com quem não se contava, não era citado.

Este caso deu se com um jurado de Sant'Anna, que lendo no *Diario* seu nome no numero dos sorteados, sem que comtudo fosse citado, compareceu no outro dia, porem vendo que não foi chamado pelo escrivão retirou-se em santa paz.

Como este muitos outros, e a *cousa* marchou a gosto e a geito.

Esgotou-se a urna especial, tambem a supplementar, alguns jurados não foram citados, não houve nem uma nulcta, maior jubileo não podia haver!

Desçamos agora ás nullidades radicaes e essenciaes que viciam a decisão do jury.

E' expresso nos arts. 370 do Codigo do Processo e 373 do Regulamento n.° 120, formulario §§ 46 e 48 que desde que os jurados prestam juramento e é compo-lo por essa forma o conselho, ficam interdictos, sem que possam communicar-se com pessoa estranha.

Na especie essa formalidade substancial não foi guardada e por mais de uma vez.

Ja demos noticia, e invocamos o testemunho do proprio presidente do tribunal, que ao se reunir novamente o conselho as 9 horas da manhan do dia 27 de novembro, que foi suspenso ás 6 para descanço, compareceram apenas, 11 jurados e o duodecimo somente apresentou se dez minutos depois de ser chamado em altas vozes e per muitas vezes, quando ja tinha recebido instrucções secretas que lhes foram ministradas por um dos irmãos dos reus.

Foi um acto que muita gente presenciou—a conversa e o papel que entregou o irmão de um dos reus a esse jurado—e ainda que não o fosse, a demora, que ninguem haverá que possa negal-a, vem confirmal-o de um modo incontro-verso.

Ora, si deste curto espaço de tempo, houve lego quem se aproveitasse para quebrar a incommunicabilidade do conselho, como não seria ella quebrantada na noite do mesmo dia 27 que a sessão foi suspensa das dez horas da noite às cinco da manhan, tendo o seu presidente abandonado a casa para passear na praça onde esteve conversando com o digno advogado o Sr. João Alves Portella?

Animar se-ha o Sr. Dr. Mendes a negar esta verdade?

Quando o conselho retirou-se para a salla secreta, das janellas dessa salla que dão para a rua, nós da botica do Sr. Borges, e mais alguem cuja attenção chamamos, vimos as perguntas que da janella fazia o presidente do conselho ao Dr. N. que estava postado defronte na porta da padaria do Sr. Terra, e por isso foi que o conselho, retirando-se as nove haras e meia para a salla secreta, della voltou a uma hora da tarde, levando quasi quatro horas para *responder unanimemente que os reus não foram os authores das offensas phisicas constantes do corpo de delicto.*

Tudo isso foi preciso—não porque os jurados, desde que alli sentaram-se fossem infensos aos reus; mas porque

—Fazer com que o dono da arvore, provina a approximação do cujo alli, para evitar as consequecias.

—Homem va-se com Deus.

—Sr tenente, isso é malandrice.

—Eim?

—V. S. ganha o soldo sem fazer serviço.

—Não sabe que vim expressamente da *côrte imperial* para *vigiar* a cidade?

—Entretanto leva no quartel *flauteando* das 8 da manhan as 3 da tarde; á noite vae ao espectaculo, *e venga la plata que somos mortales.*

—Que admiração! A fatia não é das mais saborosas.

—E' verdade que outros andam por ahi a mamar em têtas mais grossas e ninguem falla.

AO ILLM. SR. INSPECTOR DA FAZENDA.

Pergunta-se, si apresentado um processo a repartição para revalidar certidões juntas sem sello, fazendo o empregado uma só verba das revalidações, sem mencionar as folhas das revalidadas, havendo muitos outros no caso da mesma pena, estará satisfeito o dever do empregado? De certo que não; porque deveria nesse acto revalidar todas e ommittindo-as, sugeito está o empregado as penas da lei por negligencia e falta de cumprimento de deveres; e não deixar para sobre-carregar afinal a quem apresentou o processo e o recebeu depois da repartição com taes faltas.

Por ora basta.

A seu tempo se verá que a uns dá-se Deus e a outros o diabo que os carregue para as profundas dos infernos.

VARIEDADES.

ROUBO DE ELECTRICIDADE

Uma folha estrangeira publica as seguintes linhas, que revelam preciosas faculdades inventivas em quem as escreveu:

« Foi preso em Londres um medico que curava os seus doentes pelo systema electrico, sem necessidade de aparelhos proprios. Para fazer as suas operações tinha adoptado um arame ao fio electrico, roubando a electricidade ao governo e dando logar a frequentes interrupções na transmissão dos despachos Este abuso descobriu-se pela morte de um dos doentes em consequencia de uma grande descarga electrica.

« Pelas indagações do tribunal veiu a descobrir-se que a corrente electrica que produziu aquella desgraça era aquella em que se transmittia a noticia de ter fallido a casa onde o enfermo tinha toda a sua fortuna. O desgraçado não pode resistir á noticia que lhe entrava pelo corpo.

« O medico foi condemnado a casar com a viuva, porem falleceu quando lhe apresentaram o retracto della. A viuva reclamou o cadaver, á falta de outra cousa »

TODO E MAIS DOUS.

Um americano estabelecido em Londres acaba de inventar um omnibus de borracha, que brevemente será experimentado. O que haverá de particular nesse vehiculo e que quando ja estiver cheio de passageiros, ainda poderá levar mais dous.

Apparecem cousas no mundo!...

SONETO.

Dr °

Alerta! inda dormes natureza?!
Erguei-vos! neste globo tudo é vida!
A opulencia caminha desabrida
Calcando o desvalido com fereza.

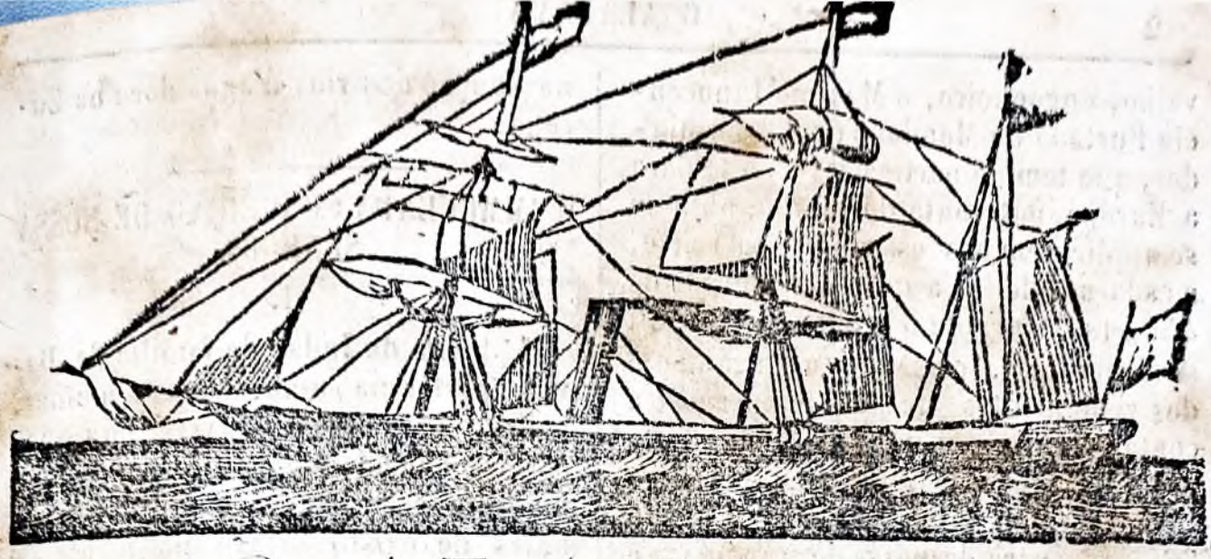
Geme o pobre na miseria, que tristeza!
O poder chega até o homicida!...
Diante da moeda espavorida
A criminalidade está defeza!

Geme sob o ouro a humanidade!
Todos querem petiscar do *pao de ló*,
Arqueije embora, o mundo, que maldade!

Dinheiro sonha o pobre como Job,
Dr.° querem as moças da cidade,
E os brejeiros rapazes d, r, o.

L.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 7 DE DEZEMBRO DE 1867. SERIE 30.ª—N. 295

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de dezembro de 1867.

Officio a Illma. camara municipal, dizendo-lhe que, no caso de se achar o cofre dessa municipalidade tão esgotado, que não possa mandar fazer os urgentissimos reparos de que precisa a ladeira do Caminho Novo do Taboão, sirva-se a Illma. de nomear dous de seus membros, que saiam pelas ruas a pedir por portas para os referidos reparos, a exemplo da camara do Maranhão que pede para as urgencias do Estado.

—Novo systema de castigar.

—Diga lá, Sr. inventor de novidades.

—A descoberta não é minha.

—De quem é?

—Do *Zé Luiz*.

—Ou isso é alguma geringonça que V. quer me *armar* com historias de *defuncto*?

—E' serio.

—Em que consiste?

—Em mandar pisar cortiça.

—Com que fim?

—Para não dar na vista.

—Historias!

—Exactissimo.

—Não creio.

—O *Sobrinho do Soares* viu.

—Viu o que meu almocreve de petas?

—O cujo, quando quer castigar uma filha, manda-a á noite pisar cortiça no pilão por duas, tres, quatro horas conforme o castigo que quer dar.

—Está bem, aprendi mais esta.

—Ora bollas!

—Venha manso.

—Pois o governo ha de tirar o pão aos pobres operarios do arsenal de marinha para encher a barriga de sua gente?

—O governo não é tão desnaturado assim.

—Aqui está o *Diario Official* de 30 de outubro que justifica o que eu digo.

—Leia.

« —A' directoria de contabilidade, mandando abonar aos empregados da casa da moeda, Antonio Pereira de Car-

valho, engenheiro, e Maximo Innocencio Furtado de Mendonça, 1.º ensaiador, que tem de partir brevemente para a Europa, por conta do estado, afim de se applicarem aos estudos de sua arte, a cada um delles a quantia mensal de 450$ rs., durante o tempo em que ali se demorarem, cessando o pagamento dos vencimentos de seus empregos, a contar do dia em que partirem deste porto: e mais a de 900$ rs., por uma só vez, como ajuda de custo, sendo 580$ rs. para despezas de transporte e 320$ rs. para as de preparativos de viagem.»

—Eis ahi como se economisam os dinheiros publicos!

—Ouça o que diz a *Opinião Liberal* á respeito:

«O governo do imperador ao passo que regatêa uma mingoada pensão á viuva do militar, morto nobremente defendendo a honra nacional, ao passo que reduz os vencimentos do medico patriota, prostrado no leito da dor pelas fadigas e vigilias da campanha, o governo do imperador, que assim procede para com os bons servidores do paiz, tira dos cofres publicos um gordo punhado de moedas, e mette-as nas algibeiras de dous *moços bonitos* para que vão á Europa divertir-se á custa da nação!

«O que ha esperar de commissões daquella especie? Não as condemnou a experiencia já por tantas vezes, e ainda recentemente por occasião do *passeio* do Sr Lopes Netto a varias cidades do velho mundo?

«Ah! o Sr Zacharias tem grandes contas a ajustar com a sua consciencia.»

—Arrancam o suor do laborioso artista, exigem do pobre empregado publico mal retribuido parte de seus ordenados para defeza da honra nacional e mandam passeiar á Europa em commissões futeis alguns bemaventurados!

—Segundo a *Opinião Liberal* tinha tambem partido o Sr. Mariano de Azevedo, director da colonia Itapura, com uma gorda mamata afim de estudar a navegação dos rios d'agua doce na Europa!

A IMMCULADA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA.

I.

A' tribu de Judá, da familia de David, pertencia uma virtuosa mulher; pobre, como era, o seu viver fôra quasi desconhecido para os de seu tempo; mas ella era rica da graça divina, e antes de existir estava na mente de Deus Padre, predestinada á ser como foi—A Mãe do Verbo Encarnado, a Rainha dos Anjos, dos homens, a Regeneradora do Universo! E essa mulher chamava-se Maria.

David era um pobre e obscuro pastor, de Belem, filho de Isai: ungido pelo summo pontifice Samuel, reinou sobre os judeus, succedendo a Saul, e veio á ser um dos mais sabios e virtuosos principes do mundo. Eram seus filhos *Nathan* e *Salomão*, cujos ramos genealogicos se reuniram em *Zorobabel*, que foi um dos avós do pae de Maria: do primeiro d aquelles decendia *Heli* ou *Joachin* esposo. de *Anna* mãe de Maria; e do segundo era decendente *Jacob* pae de *José*, seu esposo. *Anna* decendia tambem de David.—Cumprindo se assim as escripturas que annunciaram o *Messias*—filho, isto é, descendente d'aquelle poderoso Rei.

II.

A pobreza de Maria não foi obstaculo para que n'ella se operasse a redempção do genero humano, a rehabilitação perante o throno divino do homem abatido pelo primeiro peccado; ella foi a Mãe do filho de Deus; e é hoje adorada sob diversas e importantes invocações, segundo por sua intercessão se revelam as graças do Altissimo, e os altos misterios de sua religião.

Um dos mais sublimes é por certo o que se representa sob a invocação de sua Immaculada Conceição, que quer dizer que Maria, sempre pura, foi isempta de culpa original desde o seio materno; o que fôra permettido por uma graça especial do Creador, e por

que a Mãe do seu Divino filho não devia estar sujeita aquella condemnação do peccado do primeiro homem; não devera ter parte na queda da primeira mulher, ella que viera ao mundo para a redempção do homem, e elevação da mesma mulher!...

E Maria ficaria isempta d'aquella sentença de condemnação, assim como o fôra Noé com toda sua familia do deluvio universal; assim como fôra Lot e seu sobrinho do castigo de Sodoma; e assim como ao fatal decreto do rei Assuero foi poupada a judia Esther.

III.

Mais não estava ainda resolvido nos sagrados canonnes este immenso principio; e ainda que S Boaventura ha mais de seiscentos annos ja tivesse exclamado: «...*oh Redemptora do mundo decahido! Nunca, em tempo algum vós fostes manchada pelo peccado!*» com tudo a Immaculada Conceição da Virgem Maria não era ainda um dogma de Fé. Annunciava se com grande pompa e alegria dos povos Christãos a sua definição.

Coube esta tão grande gloria ao actual Summo pontifice o papa Pio IX. E foi effectivamente definido e declarado dogma de Fè o mysterio da Immaculada Conceição de Maria Santissima, por unanime decisão do concilio celebrado em Roma no anno de 1854, ao qual assistiram cento e noventa e cinco altos dignitraios da Igreja; servindo-se Sua Santidade declarar solemnemente que—*era dogma de Fé: que a Bemaventurada Virgem Maria, desde o primeiro instaute de sua Conceição por um privilegio singular e graça de Deus, em vista dos merecimentos de Jesus Christo Salvador de genero humano, foi preservada e isenta de toda a mancha de peccado original.* Immediatamente padres e pontifices, pastores e fieis n'um enthusiasmo commum responderam unanimes—*Amen*;—*assim o é*; ea ladainha, que em sua honra se canta nos dias de suas festividades depois de ser a Santissima Virgem saudada com os brilhantes epithetos de Rainha dos Anjos, dos Patriarchas, dos Profetas, dos Apostolos, dos Martyres, dos Confessores, das Virgens e de todos os santos, se augmentou este verso:—*Rainha do Ceu concebida sem macula original—orai por nos,*

IV.

A festa da Immaculada Conceição é celebrada no dia 8 de dezembro. A sua origem, porem, não é conhecida de uma maneira bem positiva: comtudo, é certo que ella data dos primeiros seculos da Igreja, por quanto a tradicção nos assevera que já no V seculo era no Oriente consagrado um dia todos os annos para n'elle se celebrarem os lovores á pureza da sempre Virgem Rainha dos Anjos e dos homens, e que ja se achava a sua festa bem espalhada no Occidente, quando o papa Xisto IV, por bula do 1 ° de março de 1476, convidou a todos os fieis a celebrarem em todos os logares a festa da Conceição de Maria.

Mas, a fraca natureza humana, não contente com o triumpho que em Maria alcançou sobre o peccado da desobediencia do primeiro homem, novamente incorre nas iras do Author do Universo, e somente por intercessão de Maria Santissima obtem o novo perdão de suas repetidas culpas.

Sob a invocação da Immaculada Conceição, foi a Soberana Virgem tomada para a padroeira d'este Imperio.

Salve, Excelsa Maria, Virvem, Pura,
Esposa, Filha, e Mãi immaculada.
Soberana Princeza do Empyreo,
Dos mortaes Protectora e Advogada!

Reverentes, humilhados
Em profunda devoção.
Em nosso hymnos cantemos
A Virgem da Conceição.

Daphnis.

A PEDIDO.

—Aquelle cabriola começa de novo a lembrar-se de meu nome; e anda a atassalhar-me com sua immunda e viperina lingua.

—Que faz? *Macaco quando se coça quer chumbo.*

—Deixe estar que elle não gosta. Hei de levar ao conhecimento do juiz municipal da 3.ª vara, e do juiz da provedoria factos que elle pensa que eu não sei.

—Faça isso e diga que eu lhe engano.

—Hei do publicar aquella ganancia que elle fez na Relação ao juiz de direito quando estiver em correcção, serão apresentados certos documentos, e as provas de que elle não pode exercer o officio por diversos motivos.

— E os casos de Maragogipe?

—Não me ha de esquecer nada.

V. sabe que eu hoje estou inteirado de tudo e que sei de cadeira das manhas do tal *fusco*.

—Sei.

—Pois elle que continue e verá o panno da amostra, e pode desde já amollar a tal faca de manteiga que diz ter, que eu me importo tanto della como da primeira camiza que vesti.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XLII.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Felizmente não passou em julgado a monstruosidade juridica, a absolvição escandalosa e immoral dos algozes do infeliz João Soares!

Felizmente mais esta torpeza infame e miseravel não succedeu, como era apregoada, para figurar tambem no funesto catalogo dos factos consumados!

Houve quem resistisse heroica e dignamente a tudo—á insinuações, á suggestões, á promessas, á empenhos e á corrupção, e o epilogo da burlesca e tragica farça, representada por mais de 58 horas nos tapetes da assemblea provincial, erigida em poste de vergonha ao direito e a justiça, a lei e a moralidade, não teve sancção por parte do honrado e illustrado orgão do ministerio publico.

E' de dever que a imprensa honesta e moralisada dê uma palavra de respeito e acatamento ao Sr. Dr. Manuel Caetano de Oliveira Passos, que ao bello juvenil talento que tão cedo releva e pronuncia, como disse o *Interesse Publico*, reune mais a honra e a probidade tão escassas na actualidade.

Era muito, era de mais, que esta cidadade inteira, que viu cheia de indignação e tristeza, de furor e compaixão, o estado lastimoso e deploravel da victima de 6 agosto, visse tambem sem punição, affrontando todas as regras sociaes, zombando da lei e da justiça os seus algozes a soltar pernas pelas suas ruas!

Era muito provocar a paciencia publica ja tão desafiada por tantos e tão repetidos escandalos.

As consequencias desse acto seriam enormes, e de lecção tremenda para futuros.

Felizmente, mil vezes felizmente, ainda o repetimos, ássim não succedeu porque houve quem não fizesse cauza commum com os accusados, cumprindo um dever sagrado a que estava adstricto.

E' irrisorio, para não dizer outra cousa, dar conhecimento ao publico da rasão, que nos consta, dá abertamente o Sr. Dr. Francisco Mendes da Costa Correia a quantos queiram ouvil-o, de não ter appellado da decisão *dos doze individuos* que absolveram os accusados.

Nós mesmos temos asco e vergonha de ennuncial a, e não ennuncial-a-hiamos si a pressão de circumstancias nos não obrigasse a tanto.

Eil-a, e cada um que aprecie com reflexão e criterio essa.....(deem o nome que quizerem.)

«Não appellei da decisão, como me ordena a lei, diz elle, porque tinha certeza de que o promotor appellava»

So a protevia e o cynismo podem tolerar tanto ardimento.

Zombar por essa forma do senso

commum, alardear a violação da lei com tanta ufania, reconhecer o crime e tão a devoilè defendel-o — foi cousa que nunca se viu em magistrado algum, e será custoso tornar a ver.

Tudo isto estava reservado para a infeliz Bahia, ja classica na prevaricação e no escandalo!

De ter parte mais neste processo está o Sr. Dr. Mendes livre, e so isto nos consola.

E' um dos *elementos* que desappareceu, para que a lei e a justiça possam caminhar mais desassombradas.

Não são as ameaças que nestes ultimos dias nos tem mandado por seus emmissarios o accusado Castro Rebello, que tenciona voltar segunda vez á cadeia por crime ainda mais barbaro e horroroso, como diz publicamente, que nos demovem a interromper essa longa serie de artigos que temos escripto sobre o processo,

Essas bravatas ou caretas devem intimidar a outros que não a nós, de cujo sangue frio e temeridade ja demos provas em crises mais apertadas, e o accusado Castro Rebello bem que as sabe.

Si, porem, por qualquer fatalidade formos victima de seu fofo e stulto furor, e a justiça for impotente para punir mais este assassinato, deixamos pessoa competente, que correrá pressurosa do retiro em que se acha, para vingar a morte d'aquelle que concorreu para sua existencia.

Até hoje ainda não alteramos o nosso modo ordinario de vida, tal é a conta em que levamos esses arreganhos.

Si não cedemos á rogativas, muito menos á ameaças.

Quando não fosse preciso refoscillar das fadigas, bastava que hoje o processo estivesse affecto ao conspicuo tribunal da Relação para não dizer-mos mais palavra.

Os magistrados superiores, provectos e encanecidos na sublime e ardua missão de dar a cada um o que lhe pertence, saberão como da primeira vez, cumprir restrictamente os seus deveres, sejam quaes forem as circumstancias.

Essa é a principal causa de interromper-nos por algum tempo a nossa missão, salvo si qualquer incidente importante occorrer, que seja preciso dar conhecimento ao publico.

Assim — até occasião opportuna, agradecendo sobre modo ao publico a niania benevolencia que tem mostrado para com estes mal alinhavados escriptos.

— Está alli a sensualidade em carne e osso.

— Onde?

— Encarnada na pessoa daquelle dissoluto e almorreimento velho.

— Eu leve a breca, si sei quem é.

— Pois não vê a impudicicia retratada na cara daquelle vermelhaço que la vae entrando em *casa* do *Maciel*?

— O Monteiro?

— Esse gomorrhista mesmo.

— E' um pobre *aviador* da repartição *aduaneira*.

— E o que tem isso?

— Que gosta de levar esta vida commodamente.

Depravadamente, diga eu.

— Deixe o velho.

— Qual velho! Um frascario que tem propensão para gato.

— Elle vira gato?

— Todas as noites.

— Sim?

— Em horas adiantadas, vae pé ante-pé do quarto das amas *remexer-lhes* os balaios.

— De veras?

— E quando as raparigas são prevenidas que se trancam por dentro o negocio vae a fortiori.

— Por isso é que as amas não param em casa do tal Bisnau.

— A excepção da Constantina que se prestava a rosquillha.

— Que macrobio!

— Ha poucos dias toda visinhança accordou sobresaltada com os gritos de uma mulher que veio de fora e foi alugar-se ao antropophago, ignorando-lhe as baldas.

O sujeito nessa noite quiz *mudar de systema*, o que deu origem a balbudia.

— Como foi isso então?

—Em vez de ir, como do costumo, ao balaio quiz *variar* e foi ao fundo da arca da rapariga que accordando assustada gritou por elrei de França,

—Julgou que eram ladrões.

—Sem duvida.

—Que immoral!

Como me enganava eu com o tal luxurioso!

—Pois agora fique sabendo que tal é o rufião.

DE DEUS A' DEUS, DE CEZAR A' CEZAR.

O Sr. Dr. Luiz Joaquim de Magalhães Castro como se tem publicado pelo *Diario da Bahia* e mais jornaes, vê-se ter tido para deputado provincial apezar de...por Maragogipe 46 votos, por Santo Amaro 33, por S. Francisco 36. Ora, sendo a somma 115 não devera o mesmo *Diario da Bahia* por qualquer motivo excluir seu nome, collocando o de quem teve 87 anteriormente!

O Dr. Magalhães Castro está muito longe, não prejudica a quem quer que tenha tomado este interesse! Si ha indisposições com seu pae, este ahi está e tem bom costado.

VARIEDADES.

OFFICIO

do juiz municipal primeiro supplente do termo de Milagres, provincia do Ceará.

Illm. Sr.—Achando ser demeu dever dando atenção a reposta aomeu officio o como V. S. deli deliberou nada achou prodenti pela renpção com que alusa achando nesta municipalidadi os sobstesfujos que a pena lhenão poço dar uma reposta com formi o quanto mereçe por me achar bastanti emcomodado enão assêr papel na gaveta que chegui para despor a derota desti infeliz termo proposto a V. S. i outros tem a mesmá desposição para oporem montado em que senta um do não o peroiro derota malhor pois que he o sumiço desti Termo e o fragelo pelos distrito aminha comciencia conheço nihuã poço ter por que si hun é como eu não! estimei dentro dotermo tal vez não dei credito a huma policia desordéra quiz hogi pelos destrictos crecnloris de ordens para não desor desordéros quem neli concienciouso V. S. que pela premoira vêz que havois com que nomi apareçeu nesta vila quem seria hum Lisboa quem seu suor quem por eli crerem enem eli ásina. Eu não ocupo emprego para olugar do papa isca pois que não sou piaba que uma atraz deiz omeu imprego e dentro da vila os feitos porem não tenho fuga para reduzir pedro Paulo para os limar e decho sempre omeu lugar para os tramizla que desejão postos para demudo misaravel enão dou olugar por nâc estar apar dequem neli quera usar demeios não justos. Eu para cajazeras nihuã relação ainda tivi lugar porem sendo partiçipado dela de seus feitos imuitos desejosos em lhe darem cabo serão feitos meus ou feitos do Sr. tenente simis de seus feitos achou grande apoio para hum bom cabo de clenes que os seus princípios e comto como V. S. não a diiguinorar e nem os seus emformantis para a capital mebaste isto para eu delis fugir Deus os tenha longi demim Deus nos acuda os tenha ao cargo etc. etc.—Illm. Sr. subdelegado suplente, Antonio Francisco Lisboa Estevão.—*Manuel Furtado Leite*, 1.° suplente do juiz municipal deste termo.

O Amor Maritimo.

Quando se fitam teus olhos
Nos meus cheios de ternura,
Não tenho mêdo aos escolhos,
Côrro de velas na amura,
Ponho mastarêos á cunha,
Todo panno nem uma unha
De vento deixo perder!
Si mago amor nelles dises,
Como metter gavias nos rises?
Hei de deixar de crer?.....

E corri, sulquei os mares
A buscar seguro abrigo,
Quizera esquecer pezares
E mais sonhara com tigo.
Que o teu amor éra mysterio
Abarrotado de imperio,
Esquivança e altivez;
Então tem leme e firmeza

Desarvorei na incerteza,
Naufraguei mais uma vez.

Ai! que soffrer, minha estrella,
Que sentir de acerbas magoas,
Quando via outra vela
A singrar nas mesma aguas!
Desnorteava de certo,
Dava-lhe caça e de perto
«Lhe dizia:—«Olá! Olé
«Prolongue e passe à falla.
«Quero ver se leva mala.
«Desejo saber quem è.

«Eu penso que andas errado
«A navegar nesse rumo;
«Sois guapo, e adamado,
«E por isso, bem presumo
«Quereis pescar a sereia,
«Que me entra em maré cheia
«No porão do coração!
«Orça tudo...outro bordo!
«Quando não eu vos acordo
«Pela voz do meu canhão!

—Pois sim, de lá gritava,
Quero ver ó meu tonante—
E de bordo apoz virava
E passava por davante.
—A postos! elle disia,
Desatraque a artilharia,
Que eu tambem posso e sei;
Ala braço!... caça tudo!
O canhão não seja mudo,
Fogo sempre e viva a lei—

«Ferra a giba, eu mandava,
«Ala mais!... contra o leme,
«A minha náu não é escrava,
«De maiores não se teme;
«Logo tocando a rebate,
«Rompia fèro combate,
«Conquistando o teu amor
«Era Cupido o artilheiro,
«Que, a tiro firme e certeiro,
«Mettia a pique o gladiador!

Mas porque preço eu comprava
Os louros destas victorias?
O meu sangue assignalava
Sempre feitos, e não glorias
Imagina as vélas rôtas,
Enroscadas as escotas,
Mastros lascados, alfim;
Depois inda o ciume,
A devorar-me em seu lume,
E, dando cabo de mim!

Então na maca sosinho
Desabafava em lamentos,
Fasia-te monstro marinho
A mortificar-me em tormentos
Minha rasão, antes boa,
Levou sempre varia a proa;
A matroca andou e só,
Assim, a todo o momento,
Eu esperava que o vento
Fisesse a quilha em portaló!

Pedindo ao céo procellas,
Horridos trovões e raios.
Bem ouvi rasgar-se as velas,
Do noroeste aos ensaios!
Quando a vaga era montanha
E rugia de raiva e sanha.
Sentia-me alegre então;
Pois, a vida, em paroxismo
Subia e descia abysmos
Nas azas do furação!

Crusados ao peito os braços,
Ia cahir na voragem
Quando d'aereos espaços
Baixou em mim tua imagem
Trajava candida veste,
Sorria riso celeste,
Riso de piedade e paixão,
Então temeroso e afflicto,
Ao ceo suppliquei contricto,
Pedi a Déus salvação!

Foi minha supplica baldada
Mais rijo soprou o vento:
Nas enxarcias a rajada
Assobiava um lamento
Ai! Helena, eu tive medo,
Pois ia morrer tão cedo
Sem ver da patria o meu ceu!
Na alvorada a minha vida,
Ja de *Flora* despida:
Tinha o mar por mausoléu!

—Não quero, disse, não quero!
Vou fazer esforço insano!
Morrer ja?...eu não tolero,
Que assim não morre um humano—
E volvendo olhos ao largo,
Despertei desse lethargo,
Depressa ao leme corri!
Luctei muito, era urgente
Vencer a furia imponente
Ou ser vencido por ti!

E venci. Puz-me de capa,
Mas trabalhei qual um mouro;
Fui depois abrir o mappa -
E procurei surgidouro,
Ainda que estreito ou bem rude;
Porem não sabia a latitude,
Nem ha dias via o sol!
—Onde estava?...Perdido!

Oh que então enraivecido
Quiz deitar fogo ao paiol!

Porem, veiu logo a calma,
Mensageira de bonança.
Então da tristeza d'alma
Renasceu bem vinda esp'rança!
De ti estava mui perto,
Erradio andei incerto,
Que de certo o porto errei;
Porem, á primeira aragem,
Findei a infeliz viagem,
E no vosso seio entrei!

. . . . . .
. . . . . .

Ja que no porto dei fundo
Pelo hymeneo amarrado,
Senhora, aos olhos do mundo,
Absolvei um culpado!
Amei-vos muito, se é crime
Que bocca humana não exprime,
Espero em vós. . perdoai...
Si meu amor não tem lote
E mereco calabrote...
Podeis dar, senhora, dae!

Examinai o livro *carga*
Podeis ver o *manifesto*;
Saudade bem amarga
E ciumes traz um resto:
Tudo isso vem na barca,
E o que traz a vossa marca,
E' amor puro e fiel;
Zelos e o mais, vem a ordem
Mas zelos não se recordem,
Que azedam luas de mel!

E fitae em mim os olhos—
Luz de suavissima aurora—
Si me mostraram escolhos,
Sejam-me pharoes agora!
Bem unidos e amarrados,
Iremos sempre guiados
Pela bussola do amor,
Que a nossa ancora de esp'ranças,
Dar-nos-ha sempre bonança,
Que de bonança sois penhor!

Penhor de ventura e crenças
Para aguentar aguaceiros,
Que da vida as dores immensas
Elles são os pregoeiros!
Depois si a negra morte,
Seja ao sul ou seja ao norte,
Queira a vida soçobrar...
Ambos, nomesmo sudario
Teremos o mar por sacrario.
Que p'ra ambos è digno o mar!

A. THEXEIRA DE SA.

RECITATIVO.

Adeu parente, eu já vai m'imbora!
Angóra... angóra... quando mai tiu vê?
Leva s udare no coração pretado
Cumo cuitado que sua-mãe predê.

Eu vae m'imbora, vae sonhá digosso?
Cum esse rosso que tá qui nu seio;
Vuçuncê poré vae xorá bassitante
Pro tá distante de sua negro véio.

Ah mão Maria, cumo dóe meu pêto!
Num axa geto nesse vida! non!
Iô qué falá, fala non qué saho
Iô qué drumi, non axa sono bon.

Vá fazê compra, vá fazê srenviço,
Tua fetiço vai atrai ri mi...
Vae nesse banda... coração tá quento
Zóio riluzente vae xorando assi.

Indangorioha iô já cahi no xão,
Ribenta a mão c'uma dô bem frote;
Iô dize quando ven mim de vritige,
Ai meu parente, livra eu di mote!

Tanbon; non xora, voçuncê Maria
Min da regria de ti vê cuntente;
Ta satifêto que vucê nô esquece,
Que nô adoece pru me vê auzente.

Adeu parente, que já vae m'imbora!
Anda... non xora!... zururú non qué!..
Iô tá sua negro... ven min dá abraço...
Are! c'um diaxo! tá xorando... Adeu!

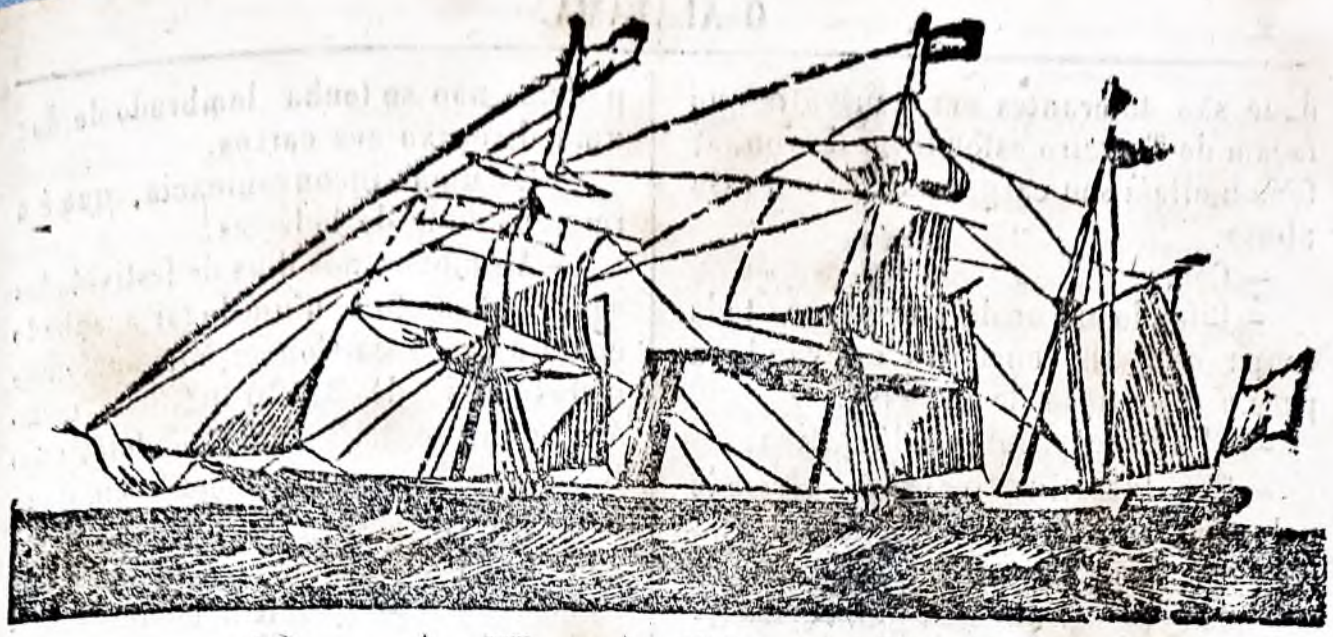
Non póre mai! meu parente, iô more!
Agua qui córe non qué mai pará!
Iô vae m imbora, voçuncê non fica,
Esse futrica non que mai guentá.

Adeu parente, eu zá vae m'imbora
Angora... angora quando mai t'invê?
Fica saudáre no coração pretaro,
Como cuitado que sua mãe predê.

AVISO AS ESPOSAS.

«Vou passar a noite a casa do meu amigo F... disse um marido á sua esposa; e si a meia noite não estiver em casa; não me esperes; podes-te deitar. —Oh! isso não farei eu por certo, respondeu ella ingenuamente; não só te esperarei levantada; mas, se te demorares muito, irei lá procurar-te, para me livrar de cuidados »

A's dez horas o marido estava em casa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 10 DE DEZEMBRO DE 1867. SERIE 30.ª—N. 296

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 3 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações6 Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de dezembro de 1867.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que obrigue ao dono de uma porção de cascalho e pedregulho que se acha na ladeira do Pau da Bandeira a removel-os dalli. Cumpra.

—Que malvadez!

—Algum caso de mordaça?

—Não; porem quem pratica aquillo, está na mesma esteira dos homens do carro e dos anginhos.

—O que é que o horripila assim então?

—Não vê aquella creança ensopada em sangue?

—Coitadinho! O que foi aquillo?

—Foi victima do feroz divertimento de um desalmado, que se compraz em atirar pedras para a ladeira da Conceição.

—Que genio malfazejo!

—O Sr. Borges, pharmaceutico, diz que a ferida é perigosissima.

—Ha muito que se brada contra o escandalo de consentir-se os moleques atirarem pedras da rampa do theatro para quem passa por baixo; a policia nunca despertou; veremos si com este deploravel incidente ella se move.

—E' preciso reparar um leve engano.

—Diga qual é.

—Não foi do finado Pinto Sanches e sim do conselheiro Gaspar José Lisboa o preto decrepito que foi á leilão outro dia.

—Só?

—Nada mais.

—Então imprima-se.

—Que desaforo!

—Que assarampatamento é esse?

—Aquella negrinha usurpando a attribuição dos fiscaes!

—Anda impondo multas illegaes?

—Não.

—Recebe por portas travessas as *agencias* dos mesmos em mão dos vendelhões?

—Qual!

—Então que diabo de usurpação é essa?

—Como os homens da municipali-

dade são tolerantes em consentir que façam do Terreiro ostendedor de roupa, tomou ella á seu cargo acabar com osse abuso.

—Como?

—Bifando em ar de phosphoro toda roupa que ahi encontra e levando-a para a repartição de sua casa.

—E' uma especulação lucrativa.

—Tão lucrativa que é authorisada pelos senhores da mesma; embora passassem pela decepção um dia destes do subdelegado aprehender dous cortinados que já estavam agasalhados.

—Quem são os senhores dessa espertalhona?

—Os nomes não sei; porem a morada posso lhe dizer.

—Onde é?

—Na loja n. 1 esquina do Saldanha a dobrar para a secretaria da policia.

—Perguntei-lhe, porque quero mandar o muxingueiro dirigir uma mensagem de louvor a essa raça de filantes.

—Mensagem do muxingueiro traduz-se por sarabanda de relho.

—O dia da Immaculada Conceição, Padroeira do imperio, foi geralmente festejado nesta cidade.

—Na matriz da Conceição, foi um dos annos em que mais sobresahiram o esplendor e brilhantismo religioso.

—Infelizmente houveram alguns disturbios, avultando entre estes um conflicto entre os barbeiros *chapadistas* e a musica de artilharia, do que resultou sahir ferido n'uma coixa um barbeiro.

—Os taes *chapadistas*, pela presumpção que tem de tocarem bem, em qualquer logar que vão, cream rivalidades e provocam desordens.

—Alguns individuos apadrinhados com a farda da guarda nacional, andaram a fazer das suas entre o povo.

—E' um abuso intoleravel o consentir-se que guardas que não estão aquartellados andem fardados e armados.

—Seria conveniente invocar para este ponto a attenção do Sr. commandante superior.

—Outra cousa censuravel é que a policia não se tenha lembrado de dar uma direcção aos carros.

—Ha uma inconveniencia, que é a immensidade de ladeiras.

—Ao menos nos dias de festividades e procissões. Ora, n'um logar acanhado como o largo da Conceição, agglomeradas mais de 3,000 pessoas, como é que apresenta-se uma gondola, cujo boleeiro teima pertinazmente em querer passar, e o que mais é, o subdelegado que está a 20 passos distante, dá as costas e vae paulatinamente caminhando sem se importar com o sarceiro.

—E passou a gondola?

—Porque não? O agente argumentava bem; dizia que para haver prohibição devia ter precedido annuncio e depois disso esta terra é a das condescendencias.

—Ahi vae Maria Madeira assentada em sua cadeira.

—De mais a mais deu V. para zombar da infelicidade do proximo!

Vê uma pobre enferma carregada por duas mulheres e põe-se a fazer galhofa!

—Deus me livre de me regosijar com a miseria de ninguem.

—Então para que cassua?

—Eu rio-me é desse vergonhoso quadro, exposto ás vistas do publico por essas mulheres, que se jactam de charidosas.

—Não sei que rixa tem V. com as irmans de charidade. Tomou as santas mulheres entre dentes.

—Santas! Guardando as honrosas excepções, assevero que são umas refinadas mentirosas.

E si não ouça-me e diga-me si isso é missão de charidade.

—Desabafe-se, que V. si não fallar estoura.

—Aquella desventuranda, é uma infeliz desherdada, a quem a sorte deu o nome de escrava.

Doente das pernas, seu senhor mandou-a para o hospital tratar-se; ficando inutilisada, abandonou-a este, como se abandona a um cão, quando ja não serve; para desvencilhar-se desse far-

do desnecessario deu-lhe carta de liberdade.

—As pias e charidosas irmans, despertadas porque o desnaturado senhor se negava a pagar o tratamento da escrava, e que por isso a libertara, chamam duas serventes e mandam-a deital-a bem longe da porta do hospital para que ella não possa mais voltar!

—Que crueldade!

—Por ventura no paiz não ha leis que coagissem o senhor a pagar os dias que sua escrava esteve no hospital?

—E que culpa tem a escrava da feia acção de seu senhor?

—Pois Jesus Christo manda que se atire ao pasto, como um animal immundo, um vivente por que tendo sido escravo, seu senhor ficou em debito com a casa que se diz de charidade publica?

—Ah! Si João de Mattos nunca pensou que o resultado de suas fadigas veria a ser o patrimonio de umas estrangeiras, que, acobertadas com a hypocrita capa de charidosas, practicam quanta crueldade ha.

MEIOS DE VIDA.

Da-se este titulo na sociedade ao emprego que adopta qualquer individuo para tirar lucro com que possa manter a existencia; o meio de vida decide muito do caracter e conducta do sujeito que o practica. As leis antigas estabelecidas pelos mais abalisados publicistas, e mantidas pelos governos mais justos, tinham muito em vista que os meios de vida dos cidadãos não prejudicassem a moral publica.

Querendo então os governos n'esse feliz tempo marchar em ordem, procuravam-se homens para os empregos; mas hoje, ao contrario, procuram-se e criam-se logares, ou empregos para os homens; e n'esse mesmo tempo os empregados publicos ageitavam-se ou acommodavam-se aos empregos, hoje em dia querem que os empregos se ageitem a elles.

Antigamente só se estabeleciam meios de vida no commercio, nas artes, na lavoura, nos armas, e nas letras: n'esta épocha (graças ao progresso das luzes,) tudo é meio de vida, tudo é officio ou emprego, seja como fôr.

E' meio de vida casar com viuva rica, embora seja uma velha decrepita, com tanto que traga o cobre, e se possa passar-lhe a unha, porque, com o mesmo dinheiro d'ella, dizem elles, se estabelece uma moça fóra! Que bella moral!!

E' meio de vida ser thesoureiro de quanta irmandade ha, e sempre recleito, inculcando devoção; mais fazendo especulação, e no fim de contas a irmandade lhe fica devendo.

E' meio de vida fazer testamentos falsos para se apossar de dinheiros alheios.

E' meio de vida comprar os bilhetes todos do theatro, quando ha certesa de haver enchente, escondel-os, para ao depois revendel os com lucro, privando ao povo a liberdade e direito que tem sobre o theatro.

E' meio de vida, e muito usado e applaudido, nutrir uma gana infernal em rebater soldos e comprar dividas por metade de seu valor, para fartar usuras.

E' meio de vida, e presentemente muito geral n'esta cidade, armar uma ambulancia de tabuas com figuras pintadas, canquilharias, assovios etc, e dar-lhe o nome de *feira* e por esta forma tentar o menino e o escravo a furtarem dos paes e senhores.

Tal meio de vida é um tributo indirecto ao povo, é uma ladroeira passiva que se consente, contra a moral e economia publica.

E' meio de vida muito facil e engraçado rabiscar um folheto em prosa ou verso, e dedical-o a algum ricasso papalvo, que com as fumaças da dedicatoria, tome bastantes assignaturas ou caia com uma porção boa de cobres; a dedicatoria n'estes casos é sempre intitulando o sugeito amador das lettras e protector da sciencia, embora seja uma besta quadrada.

E' meio de vida escrever gazetas descompondo os representantes do governo estabelecido, para darem dinheiro ao

escripto, e depois elle, sem vergonha, immediatamente passar a defendel-os, e por ultimo, porque isto não dura, occupa-se a gazeta só a insultar o dizer injurias a um só individuo, porque assim inimisa-se com um só, e vem tirando os quatro vitens da folha para ter que comer, quando as agencias ja não dão: este meio de vida é só de canalha e gente muito infame, que merece o desprezo com que se trata a um cão morto que jaz no esterquilino; para estes, desprezo e mais desprezo, que o publico imparcial fará a justiça competente.

E' tambem meio de vida inventar sociedade, offerecer-se a cabalar para ser director, e ainda melhor thesoureiro, que é para no fim da festa os remanescentes da terça cahirem dentro da algibeira do magico inventor.

E' tambem meio de vida pôr muitas demandas, e por quaesquer motivos, porque, no caso de perder algumas, sempre se vencem outras e adquirem-se novos bens.

E' tambem meio de vida, de alguns rapazes, apresentar-se nas casas de familias muito lepidos fingindo que estão apaixonados por alguma das moças d'aquella familia, irem desfrutando a sociedade e o chá, e depois, quando não se espera, safam-se por uma vez, ficando a moça lograda e espalhado o boato de que esteve para casar com Luão de tal.

E' tambem meio de vida, muito rendoso e especulativo, vender frasquinhos de agua da fonte enfeitados com leitreiros bordados para infundirem credulidade nos compradores, e vão as dóses embutidas com a capa da — caridade sem limites — e a região do pingo d'agua na hostia consagrada: esta parolla serve de canella para cobrir a pilula e o povo a engolir mais suavemente.

Finalmente, além destes meios que aqui apontamos, ha outros muitos, e entre elles alguns tão indecentes, que não podemos declarar, mas que são sabidos; e o certo é que, á vista de infinidades de meios de vida que os homens corruptos tem inventado sem trabalhar, ninguem mais precisa cavar para adquirir o sustento, porque mais facilmente o tem sem suar e cansar o corpo; porém é de grande necessidade que o governo e a policia abra os olhos e ponham cobro a taes abusos ou meios illicitos de vida, agarrando os sugeitos que os praticam, e mandando-os para a Ilha de Fernando aprenderem a fazer pentes de tartaruga.

VARIEDADES.

Qual é o modo de amar das mulheres dos diferentes paizes

A questão que diz a esse respeito um observador consciencioso:

«As hespanholas amam com fidelidade, o seu coração apaixona-se sinceramente; mas trezem quasi sempre um punhal sobre o coração. As italianas são lascivas. As inglezas são exaltadas e melancolicas, mas insipidas e estereis de mais. As allemãs são meigas e ternas, porem monótonas e insipidas. As francezas são espirituosas, elegantes e voluptuosas, mas mentem como um demonio.»

E as brasileiras? Respondam a consciencia das leitoras e o coração dos leitores.

CURIOSIDADE FATAL.

Um sugeito casa em um dia e enforca-se na manhan do dia seguinte. Ninguem atina com a causa de tão singular suicidio. Apparece, porem outro sugeito que diz:

—Isso não tem que perceber; esse homem quiz experimentar todos os nós.

ANNUNCIOS.

FESTA RELIGIOSA.

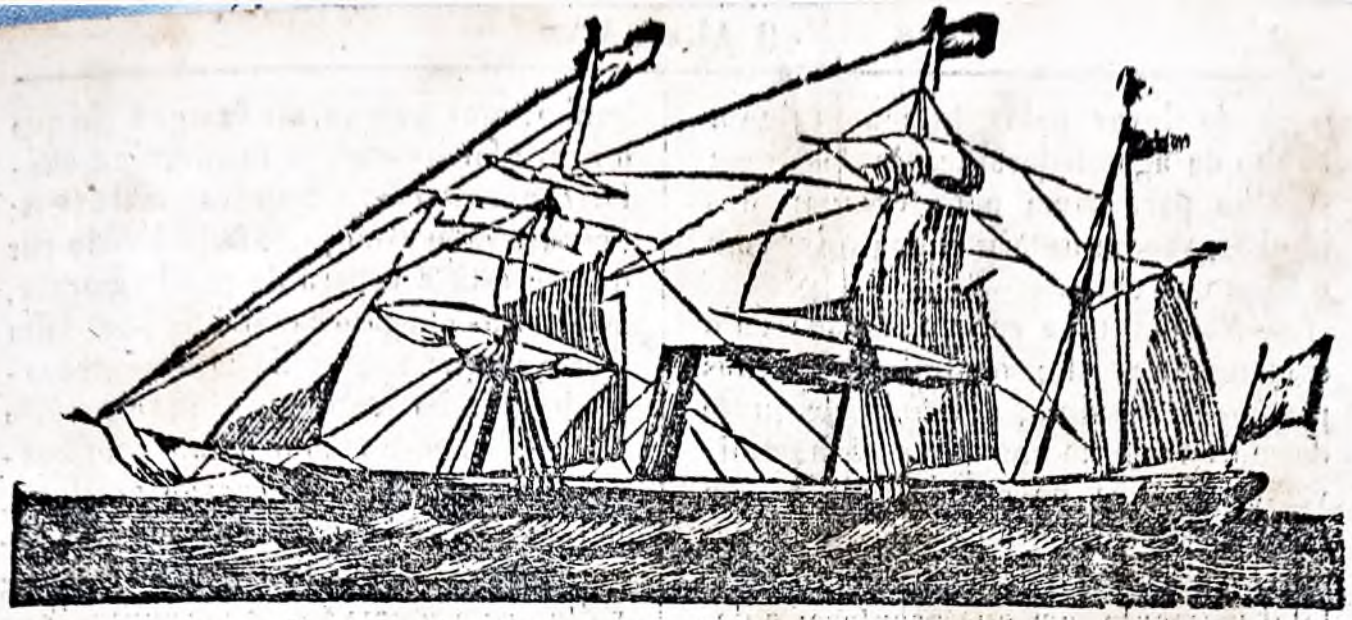
No domingo 15 do corrente terá logar no convento de S. Francisco a religiosa solemnidade á SS. VIRGEM PROTECTORA DOS ARTISTAS.

Os Srs. Artistas são convidados a coadjuvarem para um tão elevado fim, e a illuminarem suas cazas na vespera e dia.

A' noite haverá fogo de planta.

Na caza de pasto á Praça de Palacio, n. 3, se deseja fallar com o Sr. tenente Ignacio Bernardino de Sena Moreira sobre negocio de muita urgencia.

Typ de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 12 DE DEZEMBRO DE 1867. SERIE 30.ª—N. 297

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de dezembro de 1867.

Portaria ao Sr. Pojo, dizendo-lhe que, a bem da moralidade, tome severas providencias em sua casa afim de que seus caixeiros sejam mais respeitadores das regras da decencia, e não continuem aos domingos a pôr-se em frascaria classeria de seroula e em fraldas de camisa, de creoula ao lado, a deitarem binoculo para as familias, como aconteceu no domingo ultimo, em que havendo immensas familias pelas immediações para ver passar a procissão, elles, sem o menor recato, de janellas escancaradas, estiveram naquella liberdade fradesca, afrontando o pudor publico com duas creoulas ás beijocas

S. m. poderá verificar o que fica dito, informando-se das pessoas fronteiras, que nesse dia ahi estiveram com suas familias, como os Srs. Ferreira relojoeiro, Abrahão Benatar e outros. Por tanto, cumpre quanto antes, extirpar tão reprovavel abuso, afim de que um dia não dê a mania a taes moços de se porem nús como suas mães os pariram.

—Que juizo fará o estrangeiro que depois de ter ouvido fallar lisongeiramente deste paiz, vier habitar entre nós?

—Basta pisar em terra para fazer bem fraca ideia do nosso estado de civilisação, pela maneira indecente por que encontrará as principaes ruas de nosso commercio.

—A ideia pouco decorosa, que de nòs fazem lá fora, é em parte bem cabida.

—E isso é devido ao espirito frouxo que nos é peculiar e sobre tudo á indolencia e apathia daquelles que governam.

—O continuo atravancamento em que permanecem as ruas da cidade baixa impossibilita de por ellas transitar-se, principalmente, á noite.

—Quem anda a noite na cidade baixa, vê-se entre dous perigos: si olha para o chão afim de evitar os objectos que embaraçam o caminho, está no

risco de levar pelas bitaculas algum banho de agoa fedorenta, la dos altos; si olha para cima para escapar dos banhos, vae impreterivelmente dar com o beque no chão.

—Não ha uma rua na cidade cujo calçamento preste; o alinhamento dos predios é pessimo; o estado de quase desmoronamento em que se acham diversos predios na cidade, pondo em risco a vida dos transeuntes, que por alli tenham a infelicidade de passar no fatal momento em que acontecer o desastre; o immundo fetido que alguns quintaes exhalam, principalmente os da freguezia da Sé, não só pelo estado de porcaria, como por servirem de creação de porcos e outros animaes, as aguas estagnadas que se formam pela chuva, principalmente na Estrada Nova, Calçada e outros logares, sem que sejam logo atterradas, exhalando pela attracção dos raios solares um nauseabundo e pestifero cheiro; tudo isso concorre para attestar o nosso estado de atrazo e a incuria daquelles que nos governam, os quaes são indifferentes a tudo o que vêm, ouvem e leem.

—Fazem bem, em parte, porque o povo, que é o soffredor, não lhes toma contas dos desmandos e desregramentos.

A PERDA DE TEMPO.

E' sem duvida o maior prejuizo que se pode ter, a perda de tempo, visto que com o tempo é que se ganha o dinheiro, e o tempo é necessario para todos os actos da vida; e por conseguinte sendo elle mal repartido ou muito desperdiçado com um só objecto, claro está que soffreremos transtornos na economia do trabalho. Alem de outros muitos pontos em que se perde o tempo nesta nossa terra, um dos principaes, e mais encommodos, é a economia domestica, ou arranjo familiar, o qual, pela miseria e estado de atrazo em que nos achamos, torna-se encommodo e difficultoso como passamos a mostrar.

Principia-se a perder o tempo por se acordar tarde, uso este até prejudicial á saude: acorda o pae de familia, são 7 horas da manhan, quer tomar um banho, mas não ha ainda agua porque o negro foi buscar, e ficou-se no chafariz a conversar com os malungos; procura pelo almoço, ainda é cedo porque se está a espera do pão hygienico, ás 8 horas chega o cavallo do pão, falta o carvão que a dona da casa esqueceu-se de mandar comprar de vespera, e ahi vae a negra com o balaio roto buscar um vintem de carvão no beco, porem achando uma conversa na taverna visinha ahi fica boa meia hora; volta com o carvão, e pergunta-lhe a senhora;—que estivestes fazendo que tardastes tanto?

Responde a negra—estive esperando troco que a freguesa não tinha.

—Pois bem, accende já o fogo para se fazer o almoço, que teu senhor quer sahir já.

—Falta o café.

—Pois vae á venda do Sr. João, e traze o café; vae depressa, é um pé cá outro lá.

Chega o café, porem falta o leite que foi se buscar na rocinha do Sr. Nazareth, que é só onde se vende leite com pouca agua, porque os mais vendem agua com leite.

Falta a manteiga para o pão, porque o resto da do dia antecedente as baratas comeram á noite.

Diz a dona da casa—vae depressa á venda e traze uma amostrinha de manteiga.

Volta a negra e diz—sinha, o homem diz que não dá amostra, não; porque sinha todo dia manda buscar amostra e nunca manda comprar.

Depois de mil gritos e descomposturas á cosinheira, chega o almoço e vence-se a primeira batalha; porem já são 10 horas do dia.

Principia a vestir-se o dono da casa, que precisa cuidar nos seus affazeres, mas tirando a camisa do gavetão acha sem um botão do colarinho, e por isso não pode amarrar a gravata; aqui temos mais demora emquanto se procura o balaio da costura, a linha e a agulha.

Já por aqui se vê que a principal parte do dia que é a manhan vae per-

dida com estes empates, e daqui por diante continua o vexame, como mostraremos na segunda parte deste artigo.

A PEDIDO.

(*Continuação do n.* 249.)

—Sr. immediato.

—Prompto.

—E' preciso aviar aquella tropilha que está a tanto tempo empatada.

—O recrutamento de bordo tem sido tão crescido, ha ahi uma recua tamanha de tratantes com o pescoço na canga, que assim de momento não posso atinar, salvo si V. Ex. quizer nomear quem são.

—Fallo dos heroes nunca assaz decantados da saturnal de 11 de agosto nos *Campos Heroicos*.

—Por S. *Bartholomeu* de *Pira já* cahi em mim.

—Qual é o segundo da turma?

—O commandante dos cacetistas.

—O *Xico Zébinho Soares*?

—Esse lorpa mesmo.

—Mande o muxingueiro buscar o tal animalejo.

—Eis o birbante, capitão.

—O' lá tatibitates; alinha-te.

—Estou em forma, capitão.

—A maldicta barriga desta besta não o deixa perfilar-se, capitão.

—Toma sentido, bruto! Considera que não estás commandando os teus capangas cacetistas, nem atarefado no *corte de dendês*.

—Sei que estou na presença do muito alto e muito poderoso Sr. capitão do *Alabama*.

—Despreso as tuas vis bajulações; guarda-as para quem te pode atirar alguma migalha, ou te ornar a fronte de sendeiro com alguma distincção do *encommenda*, quando mais propriamente te devia pôr sobre o possante lombo uma bem apparelhada sella.

—Por V. Ex. fallar em cavallo, lembrou-me do meu animal.

Meu cavallo come mio; o que será feito delle!.....

—Cala te, refugo!

Sabes porque estás aqui?

—Não, Sr.

—Não sabes!

—Ignoro.

—Deixa de manhas, besta; não queiras apressar a execução do muxingueiro.

—Confesso que estou alheio ao motivo que me conduziu a presença de V. Ex.

—Como está este animal avesado a mentira e ao fingimento!

Tanto tem o relapso de tamanho no corpo, como tem de patranhas e artificios!

Já te esquecestes, arteiro de um dardo, das façanhas que praticaste com teus capangas na immoral saturnal a que tu e tua pandega destes o nome de *suffragio popular* na matriz dos *Campos Heroicos*?

—Fui defender meus amigos.

—Assanhando teus peitos largos contra cidadãos inermes e indefesos, mandando os teus faccinoras arremetter de punhal e cacete em punho contra pessoas que iam pacificamente exercer os preceitos da lei!...

E que perigo corriam os teus inculcados amigos, estando senhores das posições, dispondo da força publica e do apoio da situação?

Para defender teus amigos era preciso pôr a matriz em sitio, crear um acampamento em frente da mesma e armar um deposito de petrechos bellicos, infundindo terror no povo, e fazer mil outros desatinos que commetteste?

—Tudo isso pratiquei na intenção de prestar um serviço áquelles que me elevaram.

—Tinhas tanta premeditação do mal que querias causar, que dous dias antes, mandaste dous guardas cortar feixes de cacetes, descascal-os e preparal-os para a occasião.

—Isso é uma verdade, não nego.

—O culpado é quem te elevou do pó, onde rastejavas, reptil immundo, e te deu azas para servires de instrumento cego aos mais revoltantes descomedimentos.

—O caso é que triumphamos.

—E porque não, so arremessavas uma frota de sicarios contra pessoas morigeradas e pacificas, e a todo transe provocavas o pugilato para dahi tirares partido?

Porem não ficarão impunes tuas negras acções. Breve saberás por intermedio do intrepido muxingueiro a sorte que te espera.

Vae, é preciso aviar o resto de tua sucia.

—Muxingueiro, leva esta poste.

—Siga sôr barriga d'areia.

—Capitão, o empregado publico que se achar incurso nos arts. 170, 171, 172 e §§ 1.° e 2.° do art. 129 do Codigo Criminal poderá continuar no exercicio de seu emprego?

—Não ha muito que na repartição da policia apresentou-se uma mulher de côr parda com o corpo coberto de sevicias, com as nadegas dilaceradas, queixando-se de atrocissimos castigos que lhe inflingira sua senhora, conhecida nesta cidade pela *Chapadista*.

A desgraçada estava n'um estado que causava verdadeira lastima e dó.

—Ouvi fallar nisto, e até disseram-me que o Sr. Dr. chefe de policia mandara fazer corpo de delicto.

—E' verdade; porem parece que ficou nisso; a mulher é rica, tem *amigos*, e é quanto basta.

—Porem como é que se martyrisa uma creatura tão deshumanamente?

—E por uma falta involuntaria. Por voltar para casa com um resto de café da demasiada porção que lhe dava sua senhora para vender.

—Que fereza de coração!

—Semelhante procedimento leva a palma a quanta fera ha por esses antros.

—No entanto a Sra. Chapadista ficará impune e continuará a trucidar as infelizes que estão debaixo de suas garras!

—Não creia; eu confio muito na administração policial do Sr. Dr. Francklin Doria.

—Desta maneira antes ser prisioneiro dos paraguayos do que escrava de tal fera.

—Mas eu tenho ouvido dizer que é só com as femeas, com os machos é ella *benevola* e affavel.

—A sociedade dos thugs bahianos propaga-se, é preciso ter mão nella.

—Descance que o chefe ha de se informar do caso e providenciar.

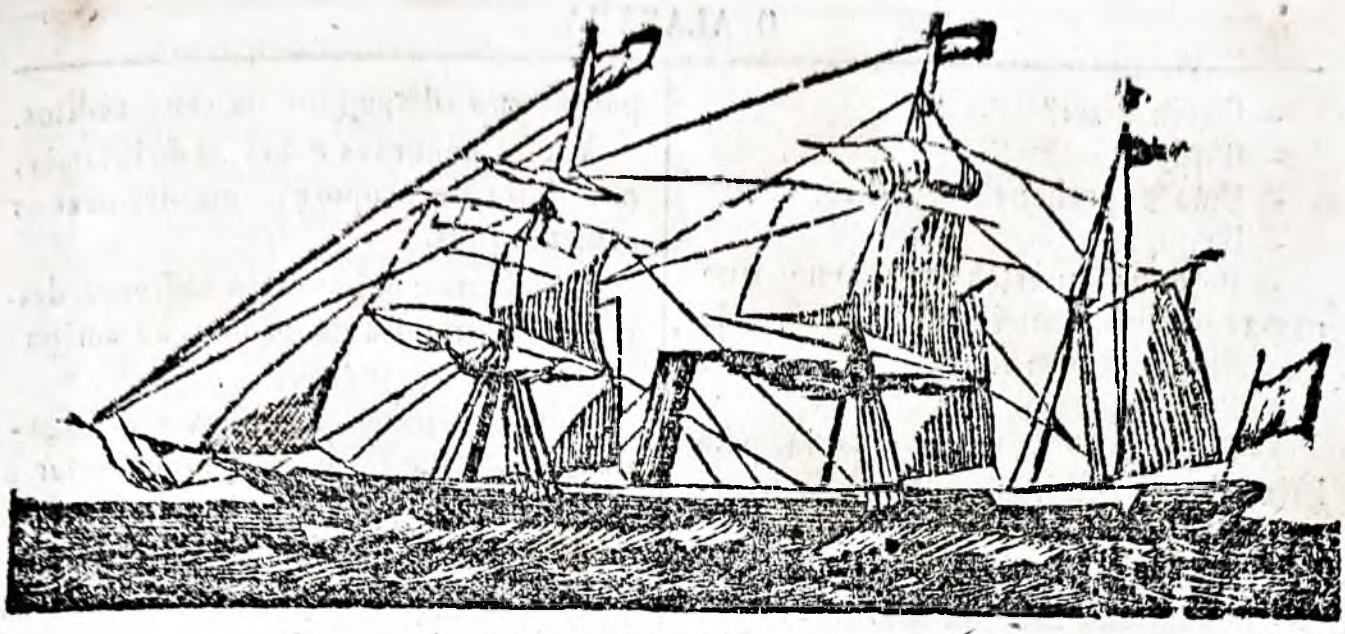
Pergunta-se ao subdelegado da *rua* que não tem *passo*, para que explique qual a pessoa que elle anda propalando vingar-se, mettendo-a na cadêa e que só sahirá de lá depois de gastar um conto e tanto, que estando breve a entregar a vara, promettia desafrontar-se. Essa pequena authoridade entendo para si, que todos tem de obrigação estar a seu dispor, mas se uns seguem essa regra, outros não o levam em conta, seja qual for a authoridade so pode intervir no que diz respeito ao crime e não em negocios commerciaes.

Será um do socios do conto e tanto....? *O Bittencourt.*

ANNUNCIO.

MULLA A VENDA.

Vende-se uma nova, muito boa em abilidade, quem quizer pode ve-la no Pau Miudo na roça do Joaquim Gomes Pereira.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 14 DE DEZEMBRO DE 1867. SERIE 30.ª—N. 208.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de dezembro de 1867.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que, acompanhado de quatro guardas, vá ao hospital de charidade, no pavimento por baixo da enfermaria de S Fernando, e apprehenda uma immensidade de porcos, que as irmans de charidade, com a maior facilidade, crean ahi, para seu regalo, ou negocio, por que para os doentes não são, que estes não comem carne de porco; e nem isso é petisco que chegue para o bico dos empregados; devendo impor ás referidas *charidosas* a competente multa da postura, que prohibe o crear-se porcos dentro da cidade. Cumpra.

—Domingo, 15, ha no Passeio Publico um agradavel passa-tempo.

—O beneficio a favor das Orphans da Casa da Providencia?

—Sim, Sr.

—Deve ser muito concorrido. Quem lá for diverte se e pratica uma boa acção.

—E fique certo que ha de haver muito em que a gente se entreter.

—Isto não tem que ver; basta saber que está a cargo do nosso camarada Fausto, que para essas cousas tem dedos.

—Agora é que o arcebispo havia de passar aqui pelo Terreiro.

—Para fazer o que?

—Para rever-se naquelle edificante quadro.

—Homem, agora é que eu fiz reparo.

—E' uma Imagem da Virgem, e mais duas imagens não sei de que santos, que deitaram naquella carroça como se fossem alguma barrica de trigo ou uma carga de lenha, e que lá vae pelo Maciel abaixo.

—Nem sequer cobriram com um panno!

—Veja que respeito pode infundir uma religião, que é assim ridicularisada por aquelles mesmos, que devem ser os primeiros a acatal-a e veneral-a.

—O peior é não saber-se de que egreja sahiu o escandalo, para dar-se uma tunda em quem consentiu em tal.

—Ouviu dizer?

—O que?

—Uma apprehensão que fizeram.

—De que?

—De dous quartos de carne que passavam, uma madrugada destas, de um talho para outro.

—Não sei disso.

—E' por que V. não passeia pela Baixa dos Sapateiros, onde se conversam estas cousas

—E o resultado?

—As cousas accommodaram-se por maneira.

—Sempre são casos de madrugada.

REGRA DE PROPORÇÃO.

Neste seculo de luzes, epocha da claridade, tempo de illuminação, quadra esta em que vemos por todas as ruas, e por todos os cantos doutores as duzias, bachareis aos centos, medicos as carradas, estudantes aos punhados, e padres as pencas; nesta quadra pois, em que se aprendem tantas sciencias, tantas linguas, tantas habilidades; donde sahem tantos escriptores, tantos sabixões, tantos folhetos, tantas impressões, tantas charadas, tantas advinhações, tantos artigos, tantas traducções cheias de tanta impostura e de tantos palavrões: é uma quadra, oh! desgraça! que ninguem aprende a *regra de proporção*, esta base fundamental da economia e de bom viver, ninguem a estuda, ninguem a procura, ninguem a observa!

A verdadeira regra de proporção é fundada na impossibilidade, e na capacidade, quer physica, quer moral do individuo.

E quantos prejuizos vemos nós! Quantas miserias, por falta da regra de proporção!

Vemos negociantes quebrados, pobres e perdidos, por falta de proporção, ou calculo em arriscar o seu capital.

Vemos jogadores reduzidos ao desprezo, por falta de proporção nas paradas de seus jogos.

Vemos familias inteiras acabrunhadas de fome e nudez, por falta de proporção no dispendio de seus réditos.

Vemos generaes cobertos de infamia, por falta de proporção em delinear os seus ataques.

Vemos moças honestas soffrerem descredito por falta de proporção em publicar seus segredos.

Vemos rapazes perdidos e estragados, por falta de proporção em gozar a mocidade.

Vemos a cadêa cheia de criminosos, por falta de proporção em regular seus desejos.

Vemos padres degradarem sua vida, e mal procederem, por falta de proporção em bem penetrarem suas obrigações religiosas.

Vemos empregados publicos, com pequenos ordenados, fazerem grandes cousas, e andarem luxuriosos, para depois se verem em apuros da vida, por falta de proporção em bem medirem seus pequenos réditos com suas despezas necessarias.

Vemos velhos tolos procurarem meios de se tornarem moços prejudicando sua saude com certos especificos para parecerem bellos e quererem tornar-se *Adonis*, para assim agradarem ás moças, por falta de proporção, quando deviam cuidar no rosario e nos peccados, para serem melhores tratados lá no reino do ceu. Estes papalvos, quando isto fazem, devem pôr seus olhos no espelho para verem como ficam extravagantes!

Vemos nas camaras homens eleitos á força de empenhos e de baixezas, fazendo ridicula figura, mettendo-se por baixo dos pés das capacidades que dominam sempre os corpos collectivos, por falta de proporção; pois deviam medir suas forças, compenetrarem-se de sua estupidez e incapacidade, e não pretenderem logares eminentes, onde vão ficar abaixo do que eram antes de satisfazerem sua vontade a custa dos dinheiros publicos.

Vemos magistrados praticarem injustiças, e venderem a justiça, por não se contentarem com os ordenados que lhes dá a nação, por falta de proporção;

pois que tiram á uns os bens, á outros a vida, e a muitos o dinheiro!

Vemos familias guerrearem-se por espirito de partido, e mesmo de capricho, matarem-se; reduzirem a terra em que vivem a pasto de feras, por falta de proporção; pois se bem olhassem para suas vidas, para seus interesses e de seus adjuntos, de certo assim não praticariam.

Vemos cabalistas trazerem ao paiz terriveis exemplos, e grandes commoções infructiferas, por quererem fazer este ou aquelle homem muitas vezes sem merito deputado, ou senador, ainda que com isto tragam dezar a terra que os viu nascer; por falta de proporção ou calculo pessoal.

Vemos finalmente irmandades sacrificarem os nomes dos Santos de sua instituição com esmolas e outras especulações, e assim desacreditarem esses estabelecimentos inventados pela antiguidade religiosa; e tudo porque? por falta de *regra de proporção*.

A PEDIDO.

MOTTE.

Quando o juiz é honrado,
Merece um throno no ceu.

COLCHEIA.

E' de todos respeitado,
E' do povo a garantia,
Calca aos pés a tyrania.
Quando o juiz è honrado.
Faz feliz ao desgraçado
Perseguido sem ser reu;
Ao rico e ao plebeu
A todos elles abraça,
Por tal virtude, tal graça,
Merece um throno no ceu.

Por —MENEZES.

— Vingança mesquinha! Desforço turpe!

— O que falla V., rapaz?

— Como é, que para cevar caprichos vergonhesos e nutrir paixões baixas e depravadas, lança-se uma pecha sobre um moço brioso e estorva-se lhe a carreira escholastica, cortando-se-lhe um meio de aproveitamento?

— Isso é enigma?

— Nesta terra, onde se nega prestigio ao genio e gloria ao heroismo, antepondo-se-lhe a mediocridade laureada e o egoismo glorificado, não admira que o Dr. *Surdo-é* fosse escolhido *mestre* da *universidade* de Latronopolis, indo aliás em ultimo logar n'uma lista de concurrentes.

— Nem sempre a collocação do logar justifica a capacidade intellectual.

— Não no caso vertente, em que todos os mais eram verdadeiros talentos.

— Mas, que diabo de barafunda está V. a fazer, misturando alhos e bogalhos?

— E' que os *rabos* de saia influem hoje por toda maneira nos destinos do homem.

— Peior! Não me esteja a escalavrar a paciencia com divagações!

— Vou entrar na materia.

— E seja breve.

— O Dr. *Surdo é* bebe azeite por uma dama desta Latronopolis; por amor della, é capaz de andar de quatro pés e consentir que lhe deitem um sellim ás costas, como um *jumentinho pellado.*

Si ella é *charidosa* para com o Dr. *Surdo-é*, não sei; mas affirmo que prefere um bem apessoado discipulo seu.

Isso accendeu zelos no adamado *professor,* que jurou vingar-se da ousadia do aprendiz, que arrojava-se a navegar nas mesmas aguas por onde elle andava.

Chegam as ferias; o aprendiz prevendo a sorte que lhe esperava, abalou meia cidade; *Surdo-é* foi inflexivel. Até o ministro *luzitano* foi invocado; a nada cedeu o ciumento mestre e no dia do exame o rapaz foi reprovado, apezar de distinguir-se.

— E' preciso ter perdido o ultimo ceitil de pundonor para não se ter pejo de praticar uma acção tão vilan.

— A enormidade e infamia do procedimento ainda não está ahi.

Ouça e pasme:

Uma respeitavel pessoa, que se interessava pelo moço, passou pela amarga decepção, de ver seu filho repro-

vado, pelo unico crime de proteger o discipulo que incorrera na ira do mestre rancoroso.

— Um negro de açougue que encontrasse a sua concubina em falcatrua, não teria a picardia de vingar-se por maneira tão baixa.

— E assim deturpa-se a missão do magisterio, onde só se deve olhar para o merecimento!

— Mas quem tem a culpa?

— Quem obedecendo a imposições feminis, não tem escrupulo em escolher pechisbeques para cargos que só competiam á austeridade e ao criterio.

Rogamos ao Sr. subdelegado da freguezia da Sé, que lance suas vistas para um sobrado á rua das Veronicas, onde barbaramente se castiga a uma pobre criança com bolos e chibatadas.

Em commiseração a humanidade opprimida espera se que, S. S. com aquelle zelo que lhe é peculiar, faça desapparecer tão deponente scena de canibalismo.

VARIEDADES.

TROCOS MIUDOS.

A proposito dos trocos miudos narra o *Diario do Povo* de 18 de setembro a seguinte anecdota, que se não é verdadeira é bem achada:

«De ordinario os cartões, que ora abundam no mercado, e que infelizmente não encontram paradeiro á sua abusiva emissão nas authoridades, são de prejudicial resultado para os portadores. Entretanto, vezes ha em que os emissores são por sua vez *tosquiados*.

«Exemplo:

«Ante hontem apresentou-se em um dos cafés da primeira ordem um individuo, portador de um cartão da casa; approximou-se ao empregado do balcão e perguntou si realmente era emittido pelo estabelecimento aquelle valle. Sendo-lhe respondido affirmativamente, sentou-se o homem á mesa e passou a engolir o mais succulento e pantagruelico dos almoços, em que figuravam ovos estalados, fritada de presunto, bife de grelha, café com leite, torradas, um calice de marsala, e não sabemos, que mais miudezas proprias da occasião e do fanatico apetite do heróe.

«Chamou elle então o caixeiro e entregou-lhe o cartão.

« — Falta dinheiro, disse-lhe o empregado.

« — Como meu amigo? perguntou o individuo com a maior calma. O cartão diz, que *vale um almoço*.

« — Sim, mas de café e pão simplesmente.

« — Ah! é o que não declara.

«E o homem foi-se, dando assim uma lição, que de certo aproveitará aos emissarios de vales ambiguos.»

O Sol apparecendo de mais.

«Como! preguiçoso! dizia um trabalhador acordando o filho, tu dormes ainda e o sol já está fora!» O filho respondeu-lhe ingenuamente, esfregando ainda os olhos: «E' culpa minha que o sol tenha sahido antes de amanhecer?»

Uma senhora de quarenta annos querendo passar por mocinha, dizia a um sujeito: «Eu só tenho vinte e cinco annos.» Ao que elle respondeu: Isso não é nova para mim, pois ha quinze annos que me repetis a mesma cousa.»

ANNUNCIOS.

FESTA RELIGIOSA.

No domingo 15 do corrente terá logar no convento de S. Francisco a religiosa solemnidade á SS. VIRGEM PROTECTORA DOS ARTISTAS.

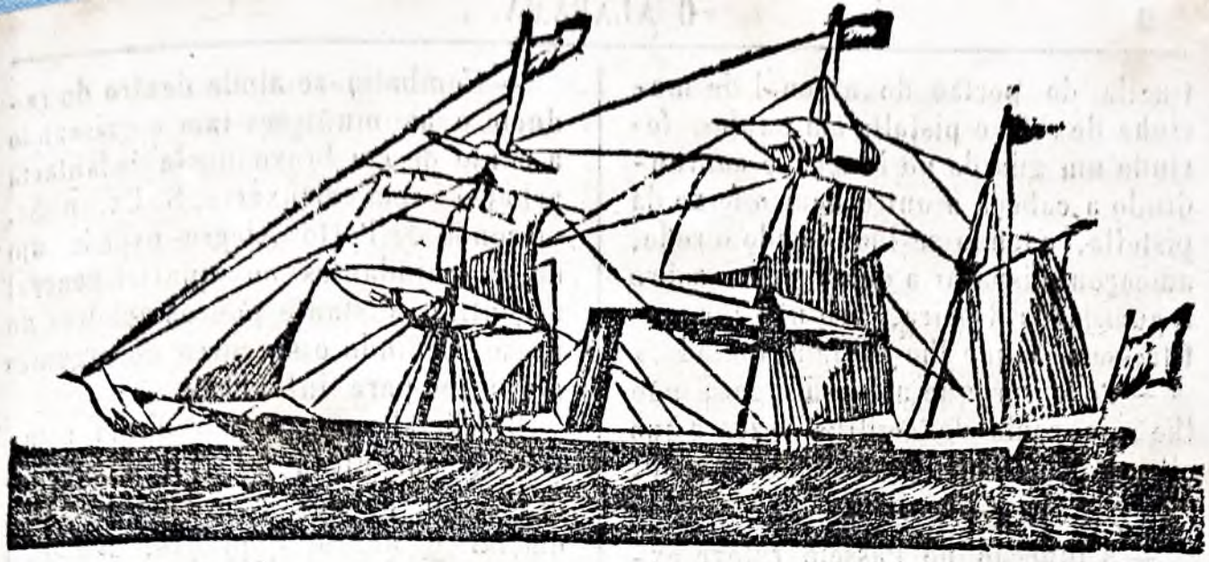
Os Srs. Artistas são convidados a coadjuvarem para um tão elevado fim, e a illuminarem suas cazas na vespera e dia.

A' noite haverá fogo de planta.

Vende-se uma casa terrea á rua do Areial, freguezia da Penha, em terreno foreiro; tem dous quartos, sala, cosinha e quintal.

Para tratar na rua do Pilar n.° 886.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 17 DE DEZEMBRO DE 1867. SERIE 30.ª—N. 299.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de dezembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, recorrendo á sua intervenção afim de que cesse o abusivo systema das irmans de charidade de crearem porcos dentro do hospital, por ser isso prohibido pela hygiene em casa de gente san, quanto mais n'uma casa de doentes.

Espera-se, portanto, que S. S. na intenção de minorar os males que affligem os infelizes que se recolhem áquella casa, fará cessar essa especulação daquellas purissimas e desinteressadissimas mulheres.

—A impunidade authorisa a reproducção do crime.

—Purissima verdade.

—Ha seis mezes incompletos, na noite de S. João, o policial Francisco de Sá Ribeiro, como um possesso commettia toda casta de desatinos na ladeira de S. Francisco, querendo invadir uma casa, insultando os moradores, puchando o refle, querendo espancar a todos, prendendo um inofensivo cidadão e depois exigindo 20$ rs. para soltal-o e praticando quanta insolencia lhe vinha á desvairada cabeça.

Os offendidos queixaram-se de Ribeiro a quem era competente para punil-o, porem elle ficou de costas quentes, porque nada soffreu; teve apenas uma simples retenção no quartel por um ou dous dias.

Dotado de indole pessima, como attestam seus precedentes no corpo em que tem praça, sua ousadia cresceu pela impunidade á que estava habituado e ultimamente foi á guarda da Ribeira onde pintou o *peruta*.

Aqui está como o *Jornal da Bahia* conta as façanhas desse denodado campeão da discordia e insolencia.

«*Ferimento.* —Francisco de Sá Ribeiro é guarda de policia, e conseguintemente deve ser um dos propugnadores da ordem publica. Mas não succede assim, porque parece ter mais tendencias para *capoeira*, do que idoneidade para o logar que serve.

«Ante hontem accommetteu a sen-

tinella do portão do arsenal de marinha de refle e pistolla em punho, ferindo um guarda no braço, e contundindo a cabeça á outro com o feixo da pistolla, e tendo-se-lhe tomado o refle, ameaçou disparar a outra arma sobre a guarda da Ribeira, caso não lhe restituissem a que lhe haviam tomado.»

—Pode ser que a cousa agora não lhe saia como das outras vezes e que elle amargue o pão que o diabo amaçou.

—A funcção no Passeio esteve excellente.

—Nem era de esperar outra cousa.

—Quatro musicas tocaram melodiosas peças, de espaço a espaço subia aos ares um balão, boa illuminação, feiras, botequins, onde a rapaziada podia molhar a guella e ás dez horas terminou o divertimento queimando-se o Lopez, depois de tocar-se o fogo.

—Foi grande a concurrencia?

—Podia ser maior.

Algumas senhoras da alta jerarchia, tendo a seus lados as innocentes orphans, recebiam as esportulas dos convites por carta.

—O Fausto foi talhado para estas cousas: funcção que elle se mette não é mal determinada.

—Assim é que se anima a industria em nossa terra.

Lê-se no *Diario da Bahia*:

«Ante honte á tarde o subdelegado da freguezia da Penha cercou a fabrica de fundicção estabelecida em Mont-Serrate e recrutou para o serviço do exercito a cinco individuos alli empregados.»

—Esta guerra do Paraguay ha de barbarisar o paiz em todos os sentidos.

—Si esta noticia é verdadeira, estamos bem servidos com a alliança dos nossos visinhos das margens do Prata.

—Qual é a noticia?

—A que dá o *Onze de Junho* sobre os pormenores do recente combate do 2.° corpo do exercito.

—Refira.

—Combatia-se ainda dentro do reducto e as munições iam escasseando a ponto de em breve nossa infantaria achar-se sem cartuxame. S. Ex. o Sr. visconde de Porto Alegre expede um de seus ajudantes ao quartel general argentino distante poucas quadras do nosso, pedindo o soccorro de algumas munições para infantaria.

O official encarregado d'esta commissão encontrou o quartel general argentino apenas guardado por um official e algumas praças, tendo a maior parte fugido vergonhosamente, como era notorio n'quelle exercito; esse official pode soccorrel o com dous cunhetes de cartuxos para a infantaria, com os quaes nosso official apresentou-se d'ahi ha poucos minutos ao Exm. Sr. visconde de Porto Alegre, que os mandou abrir para fazer a competente distribuição. Abertos, porem, e examinando o cartuxame, reconheceu-se não conterem balas!!

Será acaso para fogo de alegria que a lealdade argentina reserva essas munições? Ou será para supprir-nos em casos semelhantes?

—Que alliados!

—S. Ex. o Sr. visconde de Porto Alegre remeteu um d'esses cunhetes ao Exm Sr. marquez de Caxias, e deixou em seu poder o outro, que foi visto no quartel general de S. Ex. por quem nos informou o que ahi fica escripto.

Dizia-se que hia haver rigorosa syndicancia sobre o facto d'este ataque e entrada em nosso acampamento, apesar de já não restar duvida que temos por alliados um enxames de judas e covardes.

—Desses hespanhoes que quando nos mostram os dentes é com vontade de morder-nos, eu nada duvido.

—Como dizem que vae sydicar-se do negocio, passaremos.

—E V. crê? Isso é só para dar na vista.

—Capitão, aqui está uma noticia no *Diario* que não se commenta, segundo disse a mesma folha:

«Escrevem-nos:

«E' admirrvel o espirito de caridade e religião que anima a certas autoridades! O seguinte caso revela-o de sobejo.

«Maria Joanna, cabra, casada e livre, moradora na freguezia do Cotegipe, foi atacada de bexigas á rua do Bom-gosto, freguezia do Pilar. Intensa e de mau caracter foi a molestia. Succumbiu no dia 11 pelas dez horas e meia da noite. No dia 13 as dez horas do dia ainda estava em casa o seu cadaver!

«N'um bairro aonde a bexiga tem feito estragos conservar-se um foco de emanações d'aquella natureza é realmente muito para estranhar!

«E porque não se enterrou ella no dia seguinte? O que consta é que o subdelegado da freguezia recusou guia, não sabemos por que; o que consta tambem é que o vigario só concedeu guia depois que a esforços de algumas almas caridosas arranjaram sete mil reis, que lhe foram entregues. Estes factos não se commenttam, entregam-se á opinião.»

A PEDIDO.

Pede-se ao *Tocoió* que quando tiver de proceder a alguma prisão seja mais prudente e moralisado.

O delgado.

—Capitão, conhece o conego *Santo das Pêras*, capellão por compaixão de Jesus de Nazareth?

—Não.

—Pois V. Ex. não conhece o apologista das irmans *sem charidade*?

—De vista somente.

—E sabe o que elle praticou no dia da Santa da *Vista*.

—Ignoro.

—O cynico jesuita teve a audacia de não permittir que se abrisse o templo, ás 4 horas da madrugada, para os celebrantes officiarem; ao passo que grande numero de pessoas que alli foram reverentemente ouvir missa, voltaram para suas casas sem poderem dirigir suas supplicas ao Senhor.

—Que phariseu!

—E quer ser credor de respeito, um *santarrão* que esquece-se dos deveres sacerdotaes, para profanar a casa de Deus, onde vive em concubinato, com a maior impudencia que dar se pode e que faz della theatro de suas devassidões!

—Deveras?

—Ainda não é tudo O tal *Santos das Pêras*, indo a presença do digno prelado, suppoz que tratava com a sua barregan e descahiu-se n'uma phrase a ponto de S. Ex. o repellir energicamente.

—Oh! é insoffrivel!

—E' de certo, e para que elle não continue a affrontar impunemente a moralidade publica, pedimos a S. Ex. Revma. providencias para tantos escandalos, que affectam o sustentaculo da religião,

Pede-se ao Sr. subdelegado da freguezia do *Segura Parede* providencias sobre um inspector de quarteirão que já foi captivo, segundo tem fallado o *Alabama*, que agora está na companhia do olho vivo; como nesta terra ha de tudo, não é para admirar. Precisa especular si elle tambem foi surrado, por que todo o escravo que é poeta, ou foi surrado, ou teve bixos. Tem o tal marreco costume de chamar os negros para elles lhe trazerem roubos para a venda, a ponto de irem em casa da familia chamal-o!

Isso assim é muito escandaloso; por tanto pede-se providencias a S. S. E o tal meliante si continuar, boto-lhe a chronica ao sol.

VARIEDADES.

AS BEATAS PLEBEAS.

As beatas plebéas pertencem á escoria, ao pó da sociedade feminina. A admittir-se o sensato raciocinio do Dr. Tholosam, essas mulheres participam da natureza de dous irracionaes—a gralha e o bezouro: zumbem quando rezam e clamam quando fallam.

Conhecem todos os padres, frades, sachristães, meninos de coro, muzicos,

cantores, todos os generos que estão em contacto com as evoluções da igreja.

Uma beata d'essas vale por duas mulheres ordinarias.

Quereis conhecel-as? Ide as igrejas; desde a sachristia até o altar mór encontrareis uma calçada movediça de taes creaturas.

As beatas plebéas são de indole irritante, apimentada, raivosa, barulhenta, intrigante e revolucionaria.

Possuem quasi todas por fardamento de batalhão a assombrosa e phantastica mantilha.

Quando estão em casa sem terem que fazer, movem os dedos sobre o rosario e a bocca n'uma oração, quasi sempre assim concebida:

—*Padre nosso que estás no ceu*... sabes uma cousa, Andrezinha? O Felippe casou-se. Ah! Ah! Ah! Ainda hei de ver aquelle engole cobras bater-me na porta pedindo-me uma esmola.... *Santificado seja o vosso nome; venha á nós o vosso reino*... Hein? Que disseste, menina?

—Si eu não posso acertar com esta gola de paletot!

—Essas golas de paletot são dos diabos.... *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no ceu* .... Homem, sabes que mais? Eu não empresto o chale a Maria do O'! Nada! aquelle demonio não tem boa venta, não! *Não nos deixeis cahir em tentação*.... Bom la se foi o padre nosso por agua abaixo!

E assim por diante.

Das igrejas para casa, de casa para os clubs e divertimentos publicos,—n'um giro eterno e vertiginoso,—vivem essas mulheres tartufos, cuja castidade consiste em calcarem sob os pés raivosos o escravo, o pobre, o innocente, abafando o coração e abrindo em face da dor alheia os olhos seccos e frios, d'onde muitos antes, em face do altar, deixaram cahir cabisbaixas uma torrente de lagrimas hypocritas!

Ah! se vós fosseis religiosas! se vós fasseis sensiveis! se vós fosseis mulheres!

(Ext. da *Galeria dos Ridiculos* do *Diario de Pernambuco.*)

ANNUNCIOS.

Constantina da Representação Pitta, por alcunha a Santinha, alumna mestra de eloquencia obscena, professora jubilada de licenciosidade, mestra adjuncta da sociedade propagadora da bebedeira, habilitada pelo conselho de instrucção da depravação; faz saber á classe molecal que acha-se na sua residencia dos Arcos da Cadeia, onde veio passar a festa e que ahi abrirá um curso de ferias todos os dias, onde leccionará termos obscenos, gestos immoraes e preceitos contra a castidade.

A mesma pretende reabrir nas *horas vagas* uma exposição de vistas indecentes e accionados indecorosos.

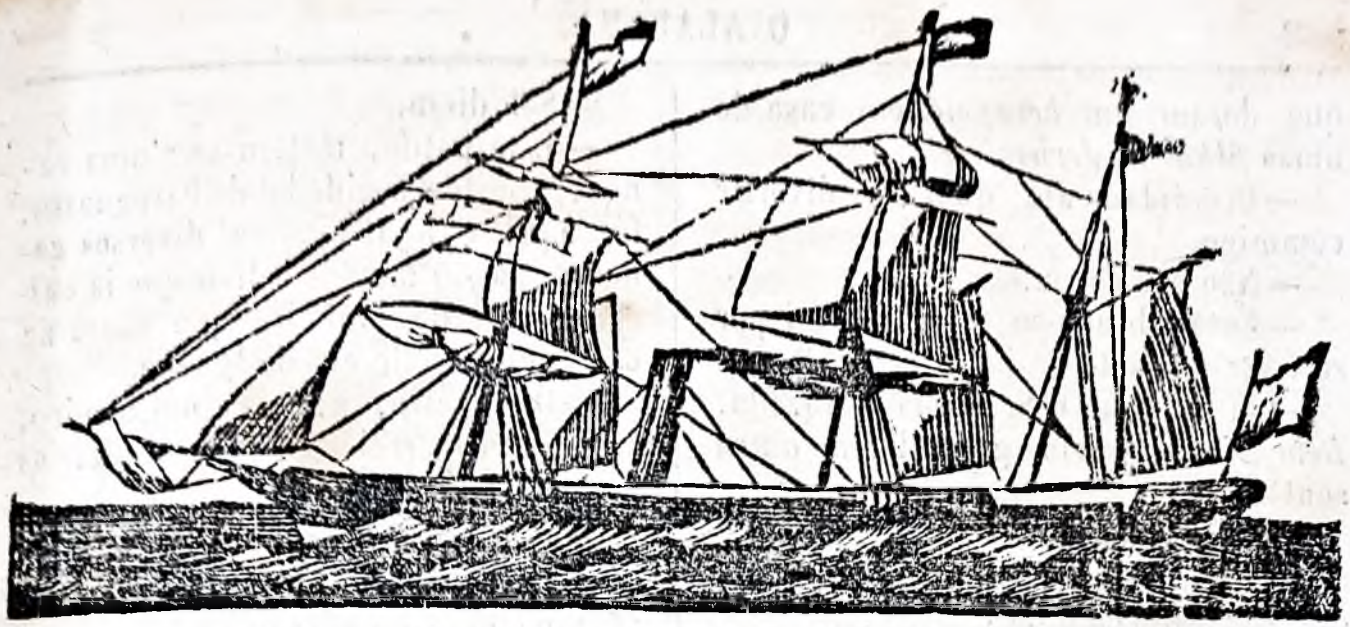
Tanto os curiosos, como quem se quizer illustrar em tão edificantes especialidades, podem comparecer das 6 horas da manhan ás 10 da noite que não perderá seu tempo.

D. Anna Isabel Pereira dos Santos, Joaquim José Fernandes Pereira Braga, viuva e cunhado do tenente Manuel Borges dos Santos, summamente gratos á todas as pessoas que os acompanharam em sua dor, conduzindo ao ultimo jasigo o cadaver de seu fallecido e muito querido e sempre chorado marido e cunhado, ao cemiterio da Quinta dos Lazaros, no dia 19 do proximo passado, com especialidade aos Illms. Snrs. tenente-coronel commandante do 4.º batalhão, seus officiaes e mais praças; vem de novo rogar lhes o caridoso obsequio de assistirem á missa do trigessimo dia, que em suffragio a sua alma mandam celebrar no convento dos Religiosos Franciscanos, no dia quarta feira 18 do corrente as 8 horas da manhan, por cujo acto de caridade e religião ainda mais se tornarão agradecidos.

Vende-se uma casa terrea á rua do Arcial, freguezia da Penha, em terreno foreiro; tem dous quartos, sala, cosinha e quintal.

Para tratar na rua do Pilar n.º 886.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 19 DE DEZEMBRO DE 1867. SERIE 30.ª—N. 300.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de dezembro de 1867.

Officio ao Illm. Exm Sr. presidente da provincia, levando ao seu conhecimento que nos informam que, no sabbado, o capitão Francisco Maria d'Almeida Seixas, encontrando o guarda Marciano Nunes Barboza deitado no portão, e como este por distracção não lhe fizesse a devida cortezia, agarrou o pelo braço dando-lhe uns quatro pontapés.

O offendido representou ao commandante do corpo, o qual mandou informar o capitão da companhia a que pertence elle; porem este a informação que deu foi mandar trancafiar o pobre infeliz no chilindró.

Espera-se que S. Ex. mande syndicar da veracidade deste facto, pois os guardas de policia não são escravos do Sr. capitão Seixas, nem o regulamento desse corpo authorisa aos superiores metterem os pés nos subordinados.

—Ao Illm Sr. Dr. chefe de policia, reclamando sua proficua attenção para o seguinte:

Um farinheiro, que de *santo* não tem nada, com tulha n'uma *rua* que não é das mais *altas,* depois de deflorar uma sua cria de 13 annos de edade, consente que ella seja victima dos mais tormentosos tratos, não só de sua ciumenta cara metade, como delle proprio, por haver a infeliz, coagida por castigos corporaes, declarado ter sido ello quem lhe causou o damno.

Espera-se que S. S no intuito de proteger o desvalido contra a oppressão, procurará orientar-se da verdade do facto, que se torna mais reprovavel por ser practicado por um homem de *maior*, e providenciará como a justiça requer.

A PEDIDO.

—Temos balburdia alli pelo Duarte. Gritos d'aqui d'el-rei, rua atopetada de povo.

V. que vem de lá, que aguaceiro é aquelle?

—Foi o *engenheiro da claridade*, com dous companheiros de debocue,

que deram um *beneficio* em casa de umas *filhas de Jerusalem*.

—Decididamente quer se divertir commigo.

—Não sou capaz.

—Então brada-se aqui d'el-rei por se fazer um acto de beneficencia!

—Já sei que o Sr. anda atrazado. *Beneficio* na giria garotal tem outro sentido.

—Mas eu não tenho o *engenheiro da claridade* na esteira de capadocio e nem que se ajunte com taes.

—O que elles fizeram foi de completos capadocios.

—O que foi então?

—Comeram ás pobres raparigas uma frigideira de moquecas, bifaram uma terrina de peixe, que esconderam na porteira de grades de ferro, quebraram os potes, *emporcalharam* a casa, e quizeram obrigal-as a lhes *ceder de graça*, aquillo de que ellas fazem seu meio de vida.

E os sujeitos hão de se pôr ao fresco sem que appareça um policia.

—Isso é extremamente censuravel!

—Qual! é innocente passa-tempo da gente que se inculca de moralisada em nossa terra, e que em qualquer canto apregoa que a *honra tem um preço inestimavel*.

—Em que mar fisgou V. esse cação?

—Isso é uma lampreia de raça degenerada, capitão; filei-a nas margens da *Pirajuhya*.

—Por S. *João Precursor*, era capaz de jurar que já vi esta especie de animalejo.

—Não é a primeira vez que vem pelos bedelhos á presença de V. Ex.

—E o que o traz aqui de novo?

—Reincidencia nas falcatruas.

—Não era preciso, podia entender-se lá com o muxingueiro.

—Pareceu-me que era preciso trazel-o á presença de V. Ex. para ouvir o summario de suas novas bregeiradas.

—Então diga.

—Os moradores das localidades visinhas, costumam ir a Cachoeira comprar generos.

—Sei disso.

—Este patife, metteu-se n'uma canoa, aportou á cidade de Paraguassú, foi á uma loja, ajustou diversos generos, pagou metade e disse que ia buscar o resto do dinheiro que ficara na canoa e que elle era do Iguape.

—O caixeiro, que era um menino, cahiu na esparrela e deixou-o levar os generos.

Elle logo que conseguiu lograr o inexperto caixeiro, largou a canoa rio abaixo e la se foi com casca e tudo.

Quando o menino viu-o tardar, foi ao caes procurar o homem de Iguapo, e foi quando soube que tinha sido victima de um larapio industrioso.

—Que tratante!

—Mas desta vez não se aproveitou do furto, porque o logista foi-lhe no encalce e elle pagou com lingua de palmo, para a cousa não ser peior.

—Ha ladrões de toda especie nesta terra!

—Agora deu-lhe a gatunice para outra especie.

—Qual é ella?

—Para ladrão de honras.

—O' lá! Tambem è destes.

—Depois de enganar a uma pobre menina innocente, como uma *florzinha*, anda a ver se apanha na sua ratoeira a neta do velho *Xico* dos *Carros*, la do Iguape, a qual incauta, cahirá na cilada do seductor, si não houver uma prevenção.

—Deixe estar que elle não logra seu damnado intento.

Leve-o ao muxingueiro, que lhe dê tantas relhadas quantos forem os dias que tiverem cinco annos, e depois de curado leve-o ao commandante das armas para o mandar para o Paraguay.

—Porem elle é sargento.

—Não quer dizer nada isso.

Pergunta-se ao Illm. Sr. inspector da thesouraria geral a razão, por que não se dá cumprimento a lei na parte em que diz, que quem vender perfumarias pagará de imposto 80$ rs.?

Presentemente não ha banca nos

Cobertos o Santa Barbara que deixe de vender perfumarias

Estarão por ventura todas essas bancas lançadas?

Não.

E o motivo?

Por que tiveram *aviso* para esconderem o genero na occasião do lançamento e logo que este finalisou, apresentaram suas amostras; prejudicando assim a quem pagou o imposto, por que não pode vender tão barato quanto elles.

Pede-se a S. S. providencias para que cesse semelhante fraude, que é uma extorsão ao erario, e um damno aos particulares que cahiram com o imposto, e mesmo para não se ter a necessidade de recorrer ao Exm. presidente da provincia.

—Tenho dito!....Está mulctado. Ou 6$400 ca para o bolso, ou daqui para a cadeia.

—Mas que fiz eu, Sr. fiscal?

—Não sabe que é prohibido tomar banho nú nas praias?

—Isso é si eu estivesse nu.

—Ora adeus! Uma simples tanga não é vestimenta.

—Acabo de descarregar a cal da lancha, entro n'agoa para tirar o sujo do corpo e o Sr. quer mulctar-me!

—Hoje estou *torvando* por qualquer cousa.

—Já *li no* seu semblante, Sr. fiscal, que é uma ganancia que o Sr. quer fazer.

Leve o dinheiro, coma, que ha de acabar.

Jaão-sinho, será verdade que V. abandonou sua virtuosa esposa por *uma miseravel* filha de Jerusalem, e nem ao menos teve dó da pobre senhora, deixando-a ir com a innocente filinha fructo de seu desaventurado consorcio?

G.

—Um pedido ao Illm. Sr. provedor da Santa Casa.

—E' dirigir-se a elle.

—Mas eu queria que fosse por seu intermedio.

—Va lá.

—Era para S, S. providenciar que quando algum moribundo no hospital mandasse chamar alguem para legar suas ultimas vontades, ou declarar algum segredo, não houvesse impecilios da parte das irmans de charidade.

—Acho justissimo.

—Muitas vezes um homem, na hora extrema, quer fazer uma declaração para desencargo de sua consciencia, quer reparar uma falta, manda chamar um conhecido de sua confiança, para o encarregar de alguma restituição, ou para lhe depositar alguma confidencia, entretanto as piedosas irmans prohibem a entrada, porque ha dias certos para se visitar os doentes, como si a morte admittisse esperas.

—Está bem, vou levar ao conhecimento do homem seu pedido, elle que resorva como achar justo.

—Muitas operações tem feito o Dr. Gordilho, depois que veio da França!

—E' verdade; sempre vem communicados no *Diario* e no *Jornal* de operações feitas por elle e com bons resultados.

—Mas o que me admira é elle sempre operar no mesmo individuo.

—Como?

—Note que sempre nas noticias vem a inicial *F.* e ajudam os mesmos academicos, Mello Reis, Ladislau e Rodrigues Guimarães.

—V. tambem se faz esquerdo, não comprehende as cousas.

O homem veio da Europa.

—E' isso...é isso!

—Senhor *doutor*, V. S. perjurou.

—Como?

—Quebrou o juramento *augusto* que proferiu na collação de seu grau.

—Petarollas! Isso são formalidades.

—Não diga tal!

V. so contrahiu a obrigação solemne de exercer a charidade.

—Si ella enchesse a barriga, bem.

—E por isso tem a animosidade de

mandar penhorar uma pobre mulher, que lucta com as ancias da morte, por que lhe deve dez visitas, das quaes si não está pago, é pela exorbitancia de sua conta.

Nem por V. S. estar n'uma *casa* onde a *charidade* anda a granel, toma o exemplo!

—Tudo isso dito assim, é muito bonito, mais a barriga não se contenta com palanfrorios.

—E' muito egoismo, Sr. Dr.

—Pergunte ao *Augusto* si elle espera pelo mez da casa, ao *Alves* si me dá alguma cousa por charidade e ao *Guimarães* si me dispensa metade da conta.

—Porem nenhum destes prestaram um juramento de abnegação e desinteresse.

—Ora historia! Isso regula com o voto de castidade dos padres.

—Continue, continue,

Isso mesmo é de sua missão sublime; em vez de procurar alliviar as dores da humanidade, aggrava-lhe o soffrimento, mandando fazer penhora, em quem está nos ultimos paroximos.

—Está me parecendo isto uma historia de mil e uma noites.

—O que é?

—O facto da policia de S. Pedro encontrar em uma casa no Rosario um sujeito, especie de animal bravio, que vivia como na primitiva era, nu tal qual a mãe o pariu.

—E o que fazia?

—Ora deleitava-se em prazeres sensuaes nos braços de sua amante, ora dormia como um porco.

—Neste negocio anda dente de coelho; não ha homem, por mais mandrião, que se sugeite a tal vida.

A que tempo durava isso?

—Devia ser ha alguns annos, pela penuria em que se parou o homem de não ter o que vestir; duas calças pelo menos que tivesse elle, não sahindo, eram bastantes para lhe durar prolongado tempo, quanto mais que um caxeiro não tem duas calças.

—Nisso ha mysterio.

—E' cousa incomprehensivel que uma mulher que se sujeitava a sustentar um homem sem trabalhar, não tivesso commiseração delle para dar-lhe um panno com que cobrisso a pelle; ao menos no interesse della para dar-lhe alguma *folga*.

—Digam o que me disserem, nisso ha algum intrincamento.

—São negocios *reservados* da policia que não se pode descortinar.

—O que for soará.

VARIEDADES.

UMA ENGENHOSA ESPERTESA AMERICANA.

Um original se apresenta perante o juiz, accusa-se de ter brigado e commettido vias de facto, e pede finalmente que o multem.

Sabe-se que na Inglaterra e na America estas especies de crimes são decididos muito summariamente.

«Quem vos força a accusar-vos? diz o juiz.

« Minha consciencia.

«Está bem! Mereceis minha indulgencia. Ficareis quite com uma multa de 5 dollars.»

O peccador arrependido inclina-se humildemente, passa para o cartorio, paga e retira-se. De noite, fazendo a conta o escrivão percebe que recebeu do delinquente escrupuloso um bilhete *falso* de 10 dollars, pelo qual deu de troco 5 dollars de boa e legal moeda.

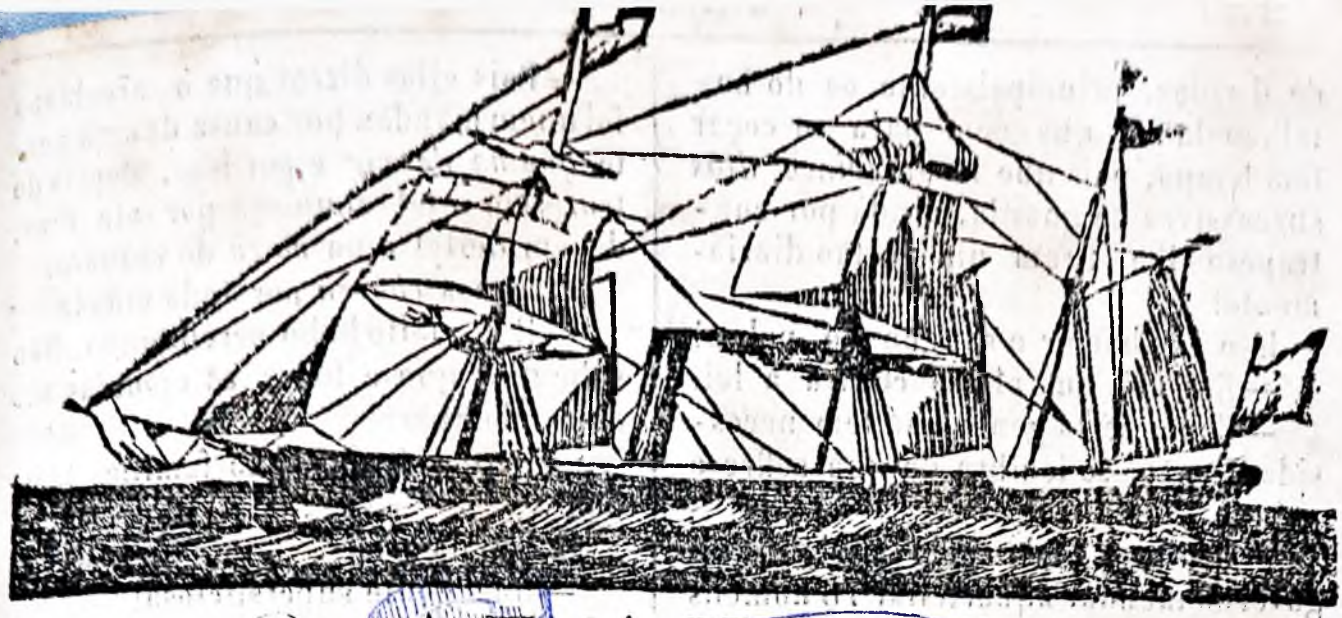
ANNUNCIOS.

Ludovico José da Silva, adverte aos seus *freguezes esquecidos*, que muito tem esperado que lhes dêm um ar de sua graça; *saudoso* de tanta ausencia, vê-se na dura contingencia de chamal-os pela imprensa a chegarem até sua loja. Si for necessario declarará o nome daquelles cuja ausencia mais o penalisa.

Deseja-se saber onde existe nesta cidade a creoula Rita da Maia.

Recompensa-se á quem der noticia certa; qualquer informação nesta typographia.

O Sr. que alugou uns cortinados para um baile que se deu no Porto dos Tainheiros, queira pagar ao armador o dito aluguel, para não irmos adiante, espera-se que assim faça.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 24 DE DEZEMBRO DE 1867. SERIE 31.ª—N. 301.

Publica-se na typographia de Marques, Ariscihs e Igraphina, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

Principia hoje a serie 31.ª do *Alabama*.

Os Srs. assignantes das freguezias da Sé e Sant'Anna, que não tenham recebido regularmente nestas duas semanas e que não continuarem a receber, queiram ter a bondade de mandar reclamar nesta typographia.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de dezembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que em consequencia de não haver S. S. providenciado sobre o *batucajé* que ha nos fundos do Sr. capitão M. P. Silva Reis, ao Maciel de Baixo, continua elle com mais açodamento e pertinacia, chegando a audacia das filiadas desse *zungú* a dirigirem pilherias e insultos quando encontram algama possoa do bordo deste navio.

Espera-se pois que S. S. tome em consideração o caso.

—Está quando um homem se perde!

Vè que lambada pelo rosto levou aquelle moço?

—E a frescura com que o carroceiro com um simples—*perdoe, que não foi por querer*,—vae descendo a ladeira do Taboão!

—A policia não toma uma providencia!

—Amanhan, quando se fallar, diz se logo que é invenção, que tal não succedeu.

—Um facto passado hoje quarta feira aqui no Taboão, á vista de tanta gente?

—E' uma injustiça o que se está praticando no batalhão da Sé.

—O que é?

—Guardas que ja fizeram uma despeza exorbitante para fardar-se. estão soffrendo novo desconte para o fardamento dos novatos.

—E' duro isso.

—Alem de tantos vexames com que luta o guarda nacional, sem poder ganhar para sustentar sua familia, por que leva a maior parte do anno aquartellado, ganhando uma tetéa, onerado

de dividas, principalmente os do batalhão da Sé, que nem para se coçar têm tempo, pois que levam *cinco dias* successivos de guarda, ainda por contrapeso lhe tiram um tustão diariamente!

Isso é exhaurir o sangue do pobre!

—E é até um abuso contra a lei.

—Como certa gente não tem necessidade não se lembra do que soffre o pobre.

—Tambem só da cachola do nosso governo mandar aquartellar 75 homens com o nome de batalhão!

—Engenhoso systema do plantar a disciplina n'um corpo!

—Diga lá essa descoberta de mel de pau.

—E' o mais simples possivel. Protegendo a impunidade.

—V. está cassuando.

—Ahi está o exemplo:

Francisco de Salles Ribeiro, o policial turbulento, que atacou uma guarda, passeia audaciosamente pelas ruas da cidade.

—Isso é pilheria sua, o *Diario* asseverou que estava preso.

—No dia immediato ao que elle fez a rascada nas Portas da Ribeira, estava como por escarneo de guarda á porta da repartição da policia e por alli passeava com ar imponente e na noite do espectaculo de quarta feira, andava pelas immediações do theatro, onde encontrou um empregado desta officina a quem aggrediu com insultos.

—Bom exemplo. Por esse geito estão o ensinando por boas maneiras que quando fizer outro perluvio, em vez de ameaçar, dispare a sua pistola.

—Sabe a novidade do dia?

—Não.

—E' a torcida no pescoço.

—Não percebo.

—Repare para qualquer mulher que encontrar ahi pela rua, que ha de vel-a encabrestada pelo pescoço com uma torcida.

—Quem usa isso são africanos quando celebram a festa do *azeite do dendê*.

—Pois ellas dizem que o arcebispo foi quem mandou por causa de uma peste *que ha de vir* e por isso, depois de trazerem o tal chumaço por sete dias, devem deital-o na *maré* de *vasante*.

E' cousa *charra* por toda cidade.

—E V., feito bobo acreditando. Não sabe que quase todas as creoulas são de candomblé.

—Porém tenho visto familias tambem.

—São da grei.

—Que gente supersticiosa!

—Torcida precisam ellas, mais é de outra cousa.

—Fomos obsequiados com um opusculo que tem por titulo—*Ligeiro esboço da viagem de inauguração ao Rio S. Francisco*.

E' um trabalho de merito, que muito recommenda a seu digno e illustrado author, o nosso patricio Sr. Domingos de Azevedo.

Agradecemos cordialmente a offerta.

—Aqui está um dos padrões de gloria da nossa municipalidade.

—A rua de Baixo?

—E' verdade.

O povo devia cobrir o rosto de vergonha, por ter escolhido semelhante gente para tratar de seus interesses.

—Sim, si o povo fosse quem fizesse os vereadores; porem si elles empolgaram aquellas cadeiras pelos effeitos *miraculosos* de certas freguezias?

—E' uma miseria. Quem entra pela rua de Baixo sente as ventas atacadas por um enxame de mosquitos, que se geram no putrido charco que ha naquella rua, a fedentina é insuportavel e so se pode andar pelo passeio, porque o mais é buraco ou tijuco!

—E ha fiscaes que prendem uma pobre preta por ajudar a gamella no passeio, ou por despejar na rua um caneco d'agoa.

—Porem aquillo, como é do cano d'um grande, elles não vêem.

A PEDIDO.

Ao publico.

Cumpre registrar pela imprensa um facto revoltante, arbitrario e criminoso, aggravante até mais não ser, pelas circunstancias que o accompanharam, que se dera na tarde do dia 18 do corrente mez.

Por queixa do seu cunhado o Sr. Ignacio Coelho Fragoso, foi pronunciada pelo juizo municipal da 2ª vara a Exma. Sra. D. Joanna Quirino da Silva Deiró na 2ª parte do art. 265 do codigo criminal.

Deixando por ora de parte a improcedencia da queixa, visto como a pronunciada não fôra inventariante do casal do seu fallecido pae Quirino Antonio, mas sim seu marido o Sr. Dr. Antonio da Silva Deiró, nunca assignara responsabilidade ou depozito de cousa alguma, e nem desviara ou dissipara em prejuizo de ninguem, qualquer valor que lhe houvesse sido confiado por qualquer motivo com a obrigação de restituil-o ou apresental-o, vamos unicamente tractar de um ponto que é a prisão.

Indo a pronunciada em uma cadeira pela rua da Valla, fôra-lhe intimado o mandado de prisão por dous officiaes de justiça, comparecendo ao depois para a coadjuvação da diligencia o digno Sr. subdelegado do Curato da Sé.

Effectuada por essa forma a prisão, em vez de os officiaes cumprirem o seu dever recolhendo a pronunciada a prisão, levaram-a para a casa do Sr. Ignacio Coelho Fragoso ás Portas do Carmo, onde fôra detida por 24 horas, mais ou menos, quando dahi sahira para assignar o termo de fiança, e dahi não sahiria si os officiaes não se tornassem energicos, porque a isso se oppunha o referido Sr.

Poderia o Sr. Ignacio fazer de sua casa carcere privado para recolher presa a pronunciada?

E' a pergunta que por emquanto fazemos, aguardando-nos para ventilar esta questão mais minuciosamente pela imprensa e pelos tribunaes.

Justus.

—Toma sentido com esse *martello* e *companhia*, que é o cabo.

—O que ha?

—O que ha? Pois não vistes aquelle gallego do *martello* que estava no armazem do Villarão comprando, com aquelle outro que recambiou a venda pela *preguiça* que tinha e outras infamias que tem praticado nesta terra?

—Ah! vi.

—Pois o safado não acaba de fazer o papel de Judas?

—Como?

—Indo mostrar aos meirinhos um homem pacifico para ser preso.

—O papel mais baixo que o homem pode fazer no mundo é o de denunciante e espião.

—O homem, é verdade deve, porem não a gente da laia do infame gallego que anda de *martello*, deve a homens honrados e não a chupa-caldos.

O *Com queijo* que não se fie no tratante; dos nossos acontece vir as vezes as pedradas, e mesmo que o dinheiro cega a gente.

(*Continúa.*)

—Mestre Herculano é um *barbeador* que trata seus freguezes a vela de libra!

—Agradavel é elle muito; eu que o diga.

—Proficiente em economia domestica como não ha segundo.

—V. quer metter o rapaz em funduras?

—Tem a rara habilidade de dar a um sò objecto usos muito differentes.

Por exemplo: a bacia que os freguezes barbeados lavam o rosto, é a mesma que lhe serve de mijador.

—Não diga isso nem brincando.

—Ora esta!

—Homem, é verdade que eu não deixo de sentir, quando faço a barba, uma certa essencia de sal amoniaco.

—Ponha-se em disfarce alli pela egreja do Rozario e repare no que lhe digo.

—Que imprudencia! Podia matar o moço.

—Aquillo é carraspana.

—E o boleeiro está mais *toldado* do que os taes.

—Sem duvida. Quem vae dentro, apezar de chilrado não foi que metteu o carro sobre os caminhantes.

—Não é nada, podia haver uma morte, hoje domingo, aqui na estrada do Rio Vermelho, si o rapaz não cahe para o lado do matto!

—Quem são aquelles desasados?

—E' o Lalau Academico e o Manuel Pereira Tamandaré.

—São as bebedeiras que eu tenho medo; as que dão para causar damnos e prejuizos.

VARIEDADES.

CARTA DE AMORES DE UM COSINHEIRO

O seguinte annexim encontramol-o archivado entre uns velhos tombos:

«Senhora.—Não espereis encontrar nesta minha carta um *apuradissimo guisado* de sabedoria, *temperado* pela mão da eloquencia, e *refugado* no *taxo* da lisonja; porem achareis mil cousas agras, a *panella* sem *sal*, e a *salada* sem *tempero*; mas com tudo apromptae a *terrina* da vossa attenção, pois quero nella derramar os meus magoados suspiros, em quanto se acaba de coser a *hortaliça* que Cupido plantou no canteiro do vosso coração. O vosso rosto foi a *carqueija* que amor fez acender no *fogareiro* de meu peito, e o negro ciume ateou nelle o fogo que ja me abrasa: mas ah!...de que serve o pó dos meus affectos se cruelmente é disperso pela vassora da vossa ingratidão? De que servem o *cravo* e a *pimenta* dos meus ais, se são calcados no *almofariz* do vosso despreso e com a *mão* dos vossos rigores?

Eu não quero que fecheis o *fogão* do vosso coração aos meus rivaes, nem que cerreis os ouvidos ao crepitar das suas fornalhas; desejo unicamente ajuntar uma folha de *louro* á vossa coroa. Ficae emfim na certesa de que para vos poder fallar venderei algodão e mechas, sapatos de ourelo e papeis para castiçaes, palitos e rocas, atacadores e fitas de linho: disfarçar-me-hei em poxeiro, aguadeiro, carvoeiro, trapeiro, ou mesmo limpa chaminé, e si tudo isso não for bastante guizarei novos artificios para saborear a vossa amisade, o que tanto ambiciona o meu coração afflicto com mais compridas penas do que as que de um espanador.

Taes são os sentimentos do vosso—F...»

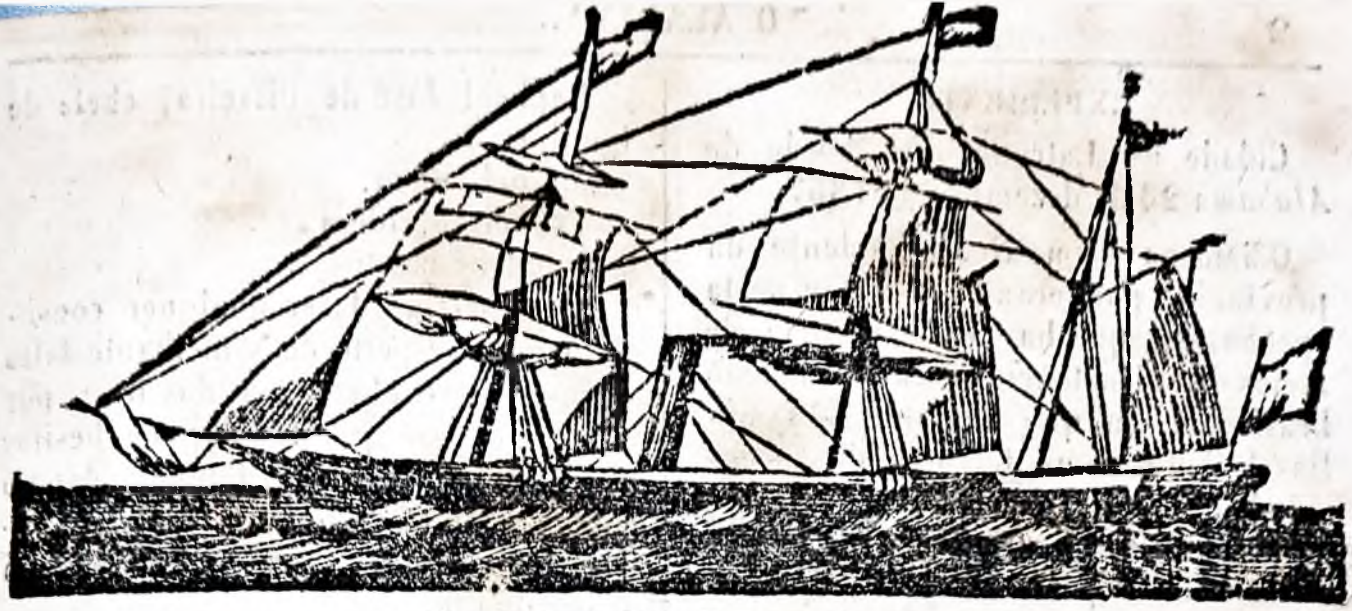
(*Extr.*)

Bella,
Perfeita,
Engraçada,
Celeste,
Rosto
Tem
De anjo.
Ser redondo á mulher lhe fica bem;
Diz-se bel-le-za,
Com tal redondeza;
Muito formosa,
Zelosa á rosa
Causará
Inve-
ja.
Alegre estará
O es-pe-lho mi-ran-do
—E após seu collete—
—Vae ella apertando—
A saia mais fina de puro setim
E cintos e cintas, mais cintos e cintas,
E em cima de tudo monstruoso balão,
Enverga-o com custo, pois foge d'um lado
Com geito o castiga, e o põe a seu geito,
As fitas lhe aperta, e veste o vestido,
Q'encobre os ârames do triste vencido,
Começa a mirar-se, sorrri-se ao espelho,
E prega alfinete, sem conta, nem fim;
Uns oculos toma, para ver si está bella,
E diz mui contente: estou linda, oh! sim;
Eu firo com os olhos o amante extremoso,
Que ataca vaidoso, e esquece que a arte
Me—dá por defeza —feroz— BALUARTE,
Que—amor—lhe—despe,—e—forte—será,
Em quanto o não dispo—se chego a despil-o..
Ah! Ah!

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFE PURO

Na rua dos Ourives loja n.° 9 B ou na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.° 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 24 DE DEZEMBRO DE 1867. SERIE 31.ª—N. 302.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

—Não deve passar desapercebido o seguinte acto:

Está designado o dia 27, sexta feira, segunda oitava do Natal para a collocação de uma Reliquia do Lenho da Santissima Cruz, extrahida de outra maior que foi enviada ao nosso virtuoso Metropolita pelo Santissimo Padre Pio IX, na Cruz do Senhor Bom Jesus do Bomfim em sua Igreja.

As 8 1/2 horas da manhan, S. Ex. Revma. celebrará uma missa na referida Igreja pelo povo, pedindo a Deus que por effeito de sua misericordia nos livre do flagello da guerra, e nos dê com a victoria a desejada paz, dando communhão aos fieis que o quizerem receber.

Depois haverá festa solemne.

A Santissima Imagem do Senhor descerá para o corpo da Igreja e ahi estará exposta a contemplação dos fieis.

Neste dia, segundo permissão do Breve decennal, haverá indulgencia plenaria a todos os que, tendo-se confessado e commungado, visitarem a mesma Igreja, pedindo a Deus que nos livre do flagello da guerra; e aos que por qualquer motivo não poderem ir, para gozar a Indulgencia, poderão fazel-o nas Igrejas matrizes e nas de S. Francisco e Piedade.

A sollicitude e desvellos de S. Ex. Revma. em favor do povo desta vasta Metropole, que tão dignamente lhe fôra confiada, são taes que dispensam commentarios.

S. Ex. não se poupa a fadigas e exforços para o bem espiritual de seu rebanho, e os actos da religião succedem-se uns apòs outros em escala progressiva,

Assim, para um fim tão santo deve haver extraordinaria concurrencia de fieis afim de que o Senhor Deus dos exercitos nos dê a victoria e paz de que tanto carecemos.

EXPEDIENTE.

Cidade do Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de dezembro de 1867.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, ponderando-lhe que nesta epocha, em que ha tanta carencia de meios de subsistencia para o cidadão brasileiro, em que milhares de familias lutam com os terrores da necessidade e miseria pela falta de recursos de seus chefes, é grave injustiça que no matadouro publico sejam empregados africanos, escravos e libertos, com preterição dos nacionaes, que são dalli despedidos para darem entrada a essa gente *bem quista*

Para melhor orientar a S. Ex., aqui se lhe offerece os nomes desses africanos.

Ludovico,
Manuel Ventura,
Julião,
Theotonio,
Francisco,
Porcino,
Primo,
José,
Claudino,

Escravos do Sr. Ildefonso Moreira Sergio.

Francisco, escravo do Sr. Antonio Lopes, porteiro da repartição.

Anselmo e Quintino escravos, do Sr. Quintino Pedreira de Cerqueira.

Luiz, escravo do Sr. Azevedo.

Manuel, escravo de Sr. Sereriano Vieira do Couto.

José, escravo da familia do finado Gualter.

Leoncio, escravo do Sr. Manuel Francisco Lins.

Os africanos libertos são os seguintes:

Macario,
José,
Sebastião,
Manuel Joaquim,
Adão,
Pedro,
José Ignacio,
Leopoldo, e outros cujos nomes ignora-se.

Para dar entrada a taes africanos foram despedidos os nacionaes — Raphael José de Oliveira, chefe de familia.

Miguel, idem.
Francisco, idem
E outros muitos.

E' superfluo fazer qualquer consideração á respeito de semelhante falta a equidade e aberração das leis; por isso espera-se que S. Ex , sem hesitar um momento, reparará tamanho damno aos filhos deste infeliz torrão, tão propicio para todos que nelle não viram a luz do dia.

—Ao Illm. Sr. inspector d'alfandega, pedindo lhe que desperte a actividade das rondas maritimas, afim de que sejam apprehendidos dous saveiros que navegam quasi todas as noites para os lados do Cabrito, carregados, ignora-se de que.

Espera-se ser attendido.

—Ao Illm. Sr. commandante do corpo provisorio de policia, submettendo a sua consideração o seguinte:

No domingo, 16, dous policiaes na freguezia da Sé, entraram ás 10 horas da noite em uma taverna, cujo dono conservava metade d'uma porta aberta e impozeram-lhe ordem de prisão; o vendelhão perguntou-lhes com *geito* si queriam *tomar alguma cousa*, ao que accedeu o que se dizia commandante da patrulha, com condicção de que fosse vinho, porque seu camarada não bebia caxaça. Depois de empinarem um forte codorio, retiraram-se mais brandos que cera e já esquecidos da voz de prisão.

No dia 20, andando o sobredito cujo no mesmo districto, foi á referida venda antes da hora, e queria que o vendelhão lhe molhasse a guella, ao que este recusou-se por não estar com o pé na ratoeira como da outra vez. O policial furioso dirigiu-lhe mil imprecações e jurou-o para outra occasião em que o podesse pilhar com as calças nas mãos.

Este facto, apezar de insignificante, não deixa de ser um abuso de cumprimento de deveres, e por isso espera-se, que S. S., sciente dos infractores, lhes imponha a devida correcção.

O NATAL

I.

«*Gloria á Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade:*» foi o cantico que se ouviu em Belem de Judá, entoado pelos pastores, ha mais de dezoito seculos e meio, em uma noite a mais feliz que é possivel imaginar-se, e de que ha menção entre a creatura, e logo aquelle cantico de celeste harmonia se fez ouvir com assombroso estrondo por todo o universo; hoje repercute elle com indizivel alegria nos corações de todos os christãos, e um dia virá em que será repetido com eterna satisfação e amor, com um hymno immenso em dia de triumpho, por todos os povos da terra.

Mas, o que vinham a ser aquellas vozes de tamanho contentamento?

Quatro mil e quatro annos eram passados desde que o mundo gemia debaixo da escravidão do peccado; 2344 depois do diluvio universal; 1992 depois do nascimento de Abrahão; 1487 depois da sahida dos filhos de Israel do Egypto; 1051 depois que David foi ungido Rei dos hebreos; na Hebdomada 65.ª, segundo Daniel; no 42.° anno do imperio de Octaviano Augusto; quando o mundo todo se reclinava docemente em plena paz; em uma mysteriosa noite a natureza se assombra, os phenomenos se succedem desordenadamente, novos astros surgem no espaço, os anjos descem de sua excelsa habitação e vem conversar com os pastores, o céu e a terra se abraçam em annuncio de eterna amisade entre Deus e o homem! e no meio de toda essa maravilha nasce de uma Virgem o Redemptor do mundo, o Messias prophetisado.

II.

Depois da queda do primeiro homem, a creatura ficou privada dos bens que o Creador lhe havia prodigalisado: foi o castigo imposto por Deus ao pai de genero humano pela desobediencia ao preceito que lhe havia sido dado. Desde então privado o homem das delicias do *Paraizo terreal* e sujeito ao trabalho, ao peccado e á morte, somente á seu espirito foi permittida a gloria da vida eterna, depois que expiasse a sua grande falta, e de haver expurgado os peccados da carne; o contudo não gozava ainda da celeste bemaventurança.

Condoendo-se Deus da sorte da infeliz humanidade, fez annunciar por bocca dos escolhidos de sua graça a regeneração universal; e todas as vistas se voltaram para a cidade de Belem de Judéa, onde esperavam se manifestassem os prodigios que deviam ser o annuncio do complemento da immortal promessa.

Os tempos se passavam e as prophecias fallavam ao povo da aproximação da desejada edade.

Sobre os judeos imperava Cesar Augusto; e uma noite, á meia noite do dia 24 para 25 de dezembro do anno do mundo 4004, prodigios nunca presenciados commeçaram a operar-se; uma voz intima entrou a assim bradar nos corações dos povos: —«Eis o presepe de Belem; é nascido o Messias!» e logo foram ouvidas entre os pastores aquellas vozes harmoniosas,, que ainda hoje a Igreja canta com jubilo immenso—*Gloria in ex celssis Deo, et in terra pax hominibus bona voluntate!*

III.

Não se enganaram os povos; fôra verdadeiro o seu presentimento; illustração celeste o havia inspirado:—O promettido Redemptor acabava de nascer em Belem de Judá, não em sumptuosos e magnificos palacios, nem em ricos edificios; não entre principaes, nem entre os primeiros da terra; mas, sim nos campos, na mais rustica pousada, entre os pobres, sobre a mangedoura de humilde presepe, em uma gruta nos arrebaldes da cidade, onde os primeiros que lhe fizeram a côrte foram os animaes e os simples e laboriosos pastores, symbolos da humildade e do trabalho. Depois vieram tambem a seus pés prostrar-se as pompas, a riqueza, a sciencia e todo o universo, porque elle era o Senhor de tudo!

E', pois, a essa brilhante epocha da historia que se referem todas as festas e tradições, canticos e adorações do Natal. Todos os annos celebra a Egre-

ja, no dia 26 do dezembro, depois da vigilia da meia noite do dia 24, tres missas, que, segundo uns, teem por objecto obsequiar e glorificar as Tres Pessoas da Santissima Trindade, que em si encerram este adoravel mysterio; e conforme outros, a primeira, que se diz ao começar a primeira hora depois da meia noite, honra o temporal nascimento do Salvador; a segunda, ao alvorecer, honra a chegada e adoração dos primeiros pastores; e a terceira, que é celebrada na hora de terça (9 da manhan, porque as horas começam a ser contadas do nascer do sol), rende culto ao seu primeiro nascimento do sacrosanto Seio de seu Eterno Pae.

— Falleceu o Sr. Mallaquias Portella de Alcantara Bogarim, antigo distribuidor deste periodico, n'uma avançada edade.

Foi uma dessas creaturas infelizes a quem a fortuna olhou sempre atravessada.

O *Alabama* de vergas crusadas rende uma homenagem a memoria do seu empregado.

LA VAE VERSO.

O RECRUTA.

Em noite trevosa no rancho da tropa,
Eu vi o recruta saudoso a chorar,
Fitando á fogueira do meio da estrada,
Co' os pés já feridos por longo marchar.

Nas rugas da face contei-lhe os invernos,
Inda era elle moço,—bem moço, talvez;
Na fronte espaçosa brilhava o talento,
No bello semblante do genio a altivez.

E a corda de embira com força apertada
Os braços doridos lhe estava a cortar,
E a algema execranda seu punho cingia,
E do malfadado, que era seu par.

D'esta arte elle estava, sem crime sem culpa!
De mais segurança da tropa é dever...
Dalei quem s'ocupa, qu'importa a clemencia,
Não soffrem tyranos causando o soffrer?

E os outros recrutas calados scismavam,
Talvez do futuro lembrando o passar,
E o triste e choroso, limpando o seu pranto
Sua lon la penosa começa a cantar.

Que ternas endechas—que trovas sentidas!
Jamais esqueceu-as o meu coração;
Encerram verdades, verdades singelas,
Attento escutae-m'as—são ellas irmão.

I.

Ai de mim, desventurado,
Ai de mim que soffro tanto,
Que já me falta este pranto,
Qu'ardente febre seccou!
Por vingança criminosa,
D'uma facção caprichosa,
Perseguido fui sem culpas,
E d'este modo aqui estou!

E comtudo—sendo esteio
De velha mãe—era isento
Do feroz recrutamento,
Segundo as letras da lei:
Nada valeu... a intriga
D'iniqua gente inimiga,
Ai de mim! teve o triumpho,
Eis-me a engrossar esta grei.

Em minha choça fui preso
Por um poder violento,
E minha mãe sem alento
La ficou—fora de si!
La deixei ao desamparo,
Tudo que p'ra mim é caro...
La ficou pobreza e fome,
Eu a morte trouxe em mi!

E ora vou como um escravo,
Em breve jurar bandeira,
Longe da varzea fagueira
De meu formoso sertão;
Ai, dessa terra querida,
Onde deixei alma e vida,
Só trazendo o desespero
No fundo do coração!...

Ora preso e torturado,
Qual se fôra um delinquente,
Qual rôla fraca e tremente
Nas unhas do gavião;
Ora prêsa da policia,
Que me leva pr'a milicia;
Ora infeliz, ora afflicto
Em mortal consternação.

Em breve do sul nas praias,
D'escura farda coberto,
Ja pisando muito certo
A chibata a roceiar;
Ja meu Deus! não divisando

A verde relva brotando
No sertão, por essa varzeas,
Que hei de sempre suspirar.

II.

E depois sem esperança
De, nesse tempo invernoso,
Ver o campo, em que ditoso
Eu colhia a bella flor!
De ver jamais a campina,
Onde corre crystallina
A pura lympha entre seixos,
Dizendo phrases de amor.

A campina onde infante
Eu brinquei sempre contente,
E depois adolecente
Em transporte um anjo vi!
A virgem que muito adoro,
A virgem, por quem eu choro,
Que tem as cores d'aurora,
Ternuras da juruty.

Ai, que o sós alli com ella
Quantas vezes divagando,
Senti alma transbordando
De prazeres, que gozei;
Vendo perto o nedio gado,
Ou mirando o terno alado.
N'aquella linda oiticica
Onde o meu amor jurei!...

N'este dia—que saudade!
A paixão jurando extrema,
Dos meus braços—como a ema
Pelo prado—ella fugiu!
Depois veio apaixonada,
Com sua face corada,
Ouvir o hymno inspirado,
Que de meus labios sahiu.

Santo Deus? Que duras magoas,
E que dôr, pensando n'ella!
Ai, que tão terna donzella
Ia esposa minha ser!
Do consorcio desejado
Estava o dia marcado,
Quando veiu a fera tropa
Com algemas me prender!...

E depois d'esse martyrio
Inda piso estas areias?
Inda sinto neslas veias
O meu sangue pollular?!
Ai, que desprezo esta vida.
Que tornou-se dolorida
Desde quando me roubaram
O amor, a mãe, o lar.

III.

Minha mãe' que soluça
Quando preso vin-me assim;
Supplicando p'ra velhice
Protecção que tinha em mim;
Minha mãe! viuva enferma,
Que deixei da vida ao fim!

Minha mãe! tronco mirrado,
Que depressa acabará.
Ausente o filho querido,
Que lhe rouba a sorte má!
Pobre velha, abandonada
La chorando morrerá!...

Minha mãe!..que mais não tinha
Que um filhinho, que era eu!
Aquella a quem dei sustento
Té que a tropa me prendeu!
Pobre mãe, andando a custo.
Ai, só tinha o braço meu!...

Pobre mãe!...N'este momento,
Quem sabe se vida tem?...
Talvez de fome ou de sêde
Morra só, sem mais ninguem...
Minha mãe, perto da campa
Sem o soccorro de alguem!...

IV.

Agora n'estes caminhos,
Amarrado, escarnecido,
Sem minha mãe, sem meu anjo,
Sem o meu campo querido,
Vou-me longe—enlanguecido
Sem o ar do meu sertão!
Vou-me longe...Em quanto vivo
Da chibata sou captivo,
Sou soldado da nação!...

Vou-me longe! Que vos diga
D este punho a algema dura...
Sou recruta, oh, ceus, recruta,
Sou um triste sem ventura!...
Vou viagem da amargura,
E do mar as ondas ver!...
N'um desterro acabrunhado,
Ai, sem dita, desvairado,
Sem amor, sem mãe, morrer!

.....

E um choro abundante lh'estorva o seu canto,
A voz lhe fenece, faltando o vigor;
E os outros recrutas chorando scismavam
Immersos n'angustia, nos transes da dor;
Em quanto os soldados soltavam risadas,
Zombando dos prantos, que scena d'horror!

A PEDIDO.

Sr. Redactor. — Ha na freguezia *d'Aré de Christo* um ex-vendelhão, que dando-se fraudulentamente por quebrado, pratica escandalos e ladroeiras, contra os quaes é preciso chamar a attenção do quem interessa para que esse espertalhão não continue a commetter um estellionato, contando com a indecorosa protecção da authoridade gallista da freguezia. (O chamo gallista por que deita gallos a brigar)

O tal ex-vendelhão quando é la para as 9 ou 10 horas de uma noite por outra abre as duas tavernas da rua *Torta da Doença* e tira generos que conduz para sua casa que é aonde o *Lourenço joga* e ahi vende aos camaradas como o Precepicio e outros.

—Então *João-sinho*, V. ficou massado com a pergunta do numero passado?

E não era para menos, tanto que mandei dous sujeitos buscal-a.

—Descarado si pretendias que ella continuasse em tua companhia para que pela madrugada de hoje injuriaste a pobre senhora, a ponto d'ella ver-se na necessidade de retirar-se, para não ser por ti mais maltratada do que já estava.

Infame não sabes que nem tudo é para todos; para que te cazaste?

Não basta viveres sempre embriagado e em completa orgia?

Basta por hoje, ouviu Sr. *A. G.*?

PERGUNTA CURIOSA.

O secretario de um *tribunal* que é *superior* a outros em *relação*, pode servir de agente de cobranças não so de negociantes daquella praça, como da do Rio de Janeiro e outros?

O Cabeça de Canôa

—Só pelos seiscentos!

Não se pode pregar olhos um quarto de hora!

— Este maldito caxorro incommoda toda a ladeira do Alvo com seu endemoninhado latir!

—Parece que tem propensão para *guerreiro* o dono do tal bicho. Anda so procurando animaes daquella catadura que so servem para investir de dia sobre quem passa e á noite não deixar viva alma socegar.

—Si houvesse um fiscal que fiasse quando elle transpozesse a porteira de ferro, a coisa seria melhor.

Não é possivel que continue impunemente semelhante roubo por esse tratante, que em premio de suas alicantinas é remunerado com o cargo de inspector de tres quarteirões.

E esse tratante continuará com suas trapaçarias em quanto o *lelé* gallista estiver na vara.

Por conseguinte o *Totonio*, primo do *Roberto* e cunhado o *Simões* das *Vallas, que* va roubando, provocando e insultando.

O *Sentinella*.

—Quero contar-lhe por desenfado uma historia.

—Estou prompto a ouvil-o.

—C . .representa hoje ter seus 23 annos seguros; não o affirmamos nem podemos.

Quem poderá saber ao certo a edade de uma mulher?

Perguntando lhe? — é impolitica.

Mas, faltando mesmo as regras da civilidade dil-o-ha ella com certeza?

Assim, na duvida, fallemos por hypothese.

—Tambem que importa a edade?

—C. . .ainda está solteira; não é porque lhe tenham faltado casamentos e bons, nem mesmo que ella dê preferencia ao celibato.

Alguem diria, vendo-a tão formoza e prendada, que ella preferia o estado de solteira por acerto na escolha; tal não ha; C. . .deseja casar com quem quer que seja, sempre o desejou; mas em seu coração, si é que o tem, ha uma força inerivel de repulsão que domina.

Talvez se possa chamar a isso — capricho.

Seja o que fôr, C...não acha um se homem digno d'ella.

Si lhe apontam este ou aquelle mancebo, que por sua fortuna, ou boas qualidades se pode considerar digno de sua mão, C...descobre-lhe um defeito, uma causa qualquer, para repelli-lo.

De um espirito mesquinho e attribulario, sua maior predilecção é passar os dias a indagar da vida alheia, ja analysando, ja diffamando, ja criticando de tudo quanto vê e ouve.

Sua alma é um mortifero veneno que si revela pelas suas acções e pelas suas palavras.

Ninguem dirá que, envolvida nesta veste de anjo, existe tão medonha serpente.

Ha mezes foi morar junto d'ella um moço que acabava de se formar em medicina, filho de uma boa familia, de provincia extranha, e geralmente estimado pelas suas excellentes qualidades, era dotado de fortuna e de não vulgar talento.

Antes que tivesse visto C...ja ella sabia seu nome, d'onde era filho, e todo seu passado.

C...procurou desde logo fazer-se visivel do moço; fingiu mesmo uma dor, uma enfermidade que obrigasse seus paes a chamar um medico, foi ella mesmo quem o lembrou, declarando que muito desejava ser por elle tratada.

E...,assim se chamava o medico, tinha contra si uns vinte annos ainda não gastos em passatempos frivolos, um coração ainda accessivel a qualquer impressão amorosa, uma alma ainda não embotada pela experiencia das paixões.

E...amou a C...;chegou mesmo a declaral-a.

Ella fingiu acceder á sua paixão. Mas, ah! o pobre mancebo, bem depressa reconheceu seu erro; já era tarde.

C... arrastou-o ao dilirio.

Quando E...mais devotado ao seu amor, esperava attingir ao cumulo da felicidade, C...com o maior cynismo soube dizer-lhe que o não amava e o que mais é, que elle não era digno d'ella.

Oh! quem poderá descrever a dôr que causou esse golpe no coração do moço!

Novas supplicas, novos protestos, dobrada dedicação eram correspondidas com um riso de escarneo, com um despreso de morte.

Entregue a sua dor, E... esqueceu-se de tudo e de todos.

Seus deveres, sua familia, seu futuro, tudo desappareceu-lhe para sempre.

Sua saude enfraqueceu-se; seu espirito fraco não poude resistir á um golpe tão profundo; em poucos dias elle desappareceu da patria dos vivos, e o cemiterio recebeu mais um cadaver.

E o seu algoz, a sua assassina moral?

Ella ahi vive na lua de....

Basta não levantemos mais o véu que ainda encobre esse monstro em forma de mulher.

— E..., o céu te vingará!

— C...., eu te conheço!

VARIEDADES.

— Qual é a ilha que tem duas adiante?

A Terceira.

— Qual é a cidade que se pode trazer na mão?

Bengala.

— Qual é o reino mais proprio para lenços?

A Irlanda.

— Qual é o melhor paiz para se assar?

O Perú.

— Qual é o rio mais solido?

O Madeira.

— Qual é a cidade melhor para coser se?

Damasco.

— Qual é o paiz que os homens tem no rosto?

A Suissa.

— Quaes são as aguas que devem ser sepultadas?

O Mar-morto.

— Qual é a cidade que as senhoras vestem?

Cambraia.

—Qual é o vento que fura cachorro?
Furacão.
—Qual é o mar mais socegado?
O Pacifico.
—Qual é o nome que diz ter visto uma mulher?
Vianna.

NOVAS MAXIMAS HYGIENICAS DO PADRE SARUÊ.

Quem come pepino
Soffre desatino.

Quem come quiabo
Tem dores no rabo.

Quem come qualhada
Tem barriga inchada.

Quem come alho
Vai buscar trabalho.

Quem come carne de lombo
Cria na testa um calombo.

Mulher que come milho
Nunca pare filho.

Quem quizer ser valente
Coma sebo quente.

Quem quizer ser bonito
Coma óvo de cabrito.

Quem quizer ter boa cor
Tome banhos de vapor.

Quem quizer se curar de ourinas
Coma velas stearinas.

(*Extr.*)

A LEI INGLEZA.

Ha tempos um sugeito, que fez epocha em Londres pelas suas extravagancias, encommendou a um alfaiate um magnifico facto completo: calças, collete, sobrecasaca e sobretudo.

Pouco tempo depois, diz o *Jornal do Porto*, o alfaiate mandou a sua conta mas o freguez não deu signal de vida. Repetidamente instado, e não dando resposta alguma, o dono do facto foi chamado a um tribunal pelo alfaiate cansado do seu silencio.

Compareceram os dous, e o juiz perguntou ao reu:

—Nega esta divida?
—Nego.
—Declara não ter recebido um facto completo?
—Affirmo tel-o recebido e acrescento que é o mesmo que trago vestido nesta occasião.
—Então pagou-o?
—Não paguei.
—Logo está a devel-o.
—Queira ver isto, retorquio o reu despindo o palitot e abrindo para os hombros as lapelas da sobrecasaca, queira examinar estes botões.
—Mas que querem dizer os botões?
—Querem dizer que estou dispensado de pagar a conta deste senhor. Ha uma lei de Jorge III, em que se declara (mencionou a data e o paragrapho) que todo o alfaiate inglez é obrigado a por na roupa que fizer botões sahidos das fabricas de Birmingham, perdendo todo o direito a receberem qualquer quantia os que não cumprirem com o disposto na lei. Temos agora:

1.ª Que os botões do meu sobretudo, da minha sobrecasaca, do meu collete e das minhas calças não são da fabrica de Birmingham;

2.º Que não foi revogada por em quanto a lei de Jorge III, logo não devo nada a este sugeito.

E' indizivel o embaraço dos juizes. Depois de muitas horas de deliberação, foi-lhes preciso reconhecer que o reu estava no seu direito recusando pagar a conta, sendo o autor obrigado a sati fazer as custas.

Esta historia, á qual ainda ha pouco se referia uma folha ingleza, é inteiramente veridica.

ANNUNCIOS.

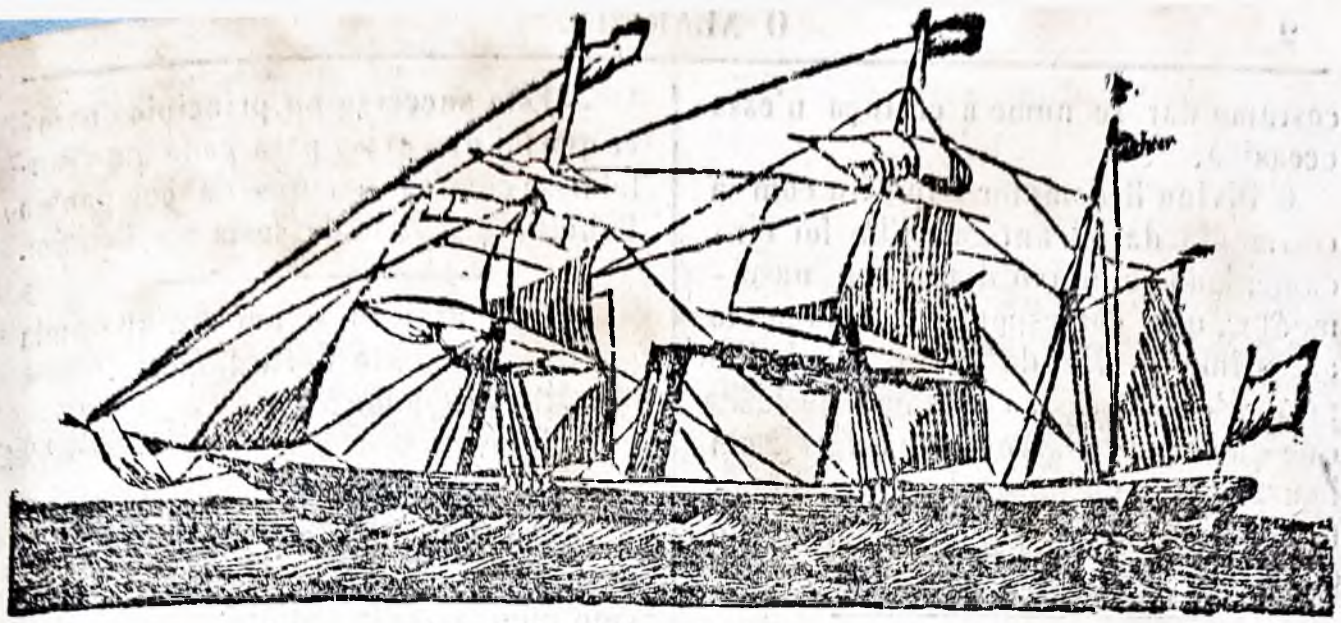
PRESEPE DE FALLA.

A Socciedade Protectora da Mocidade participa ao respeitavel publico que na noite de 24 do corrente ha um maravilhoso e surprehendente presepe de falla, quadrilhas e walsas para os concurrentes, com excellente orchestra, na esquina de S. Francisco, sobrado; os bilhetes acham-se a venda nos logares seguintes: esquina de S. Francisco, rua direita do Collegio, tenda de barbeiros do Marcos, na cidade baixa loja de Louça do Paiz n.º 30, Guindastes dos Padres; sendo o preço 500 réis cada bilhete.

VERDADEIRO CAFE' PURO

Na rua dos Ourives loja n.º 9 B ou na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.º 199, vende-se bom café muido puro.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 31 DE DEZEMBRO DE 1867. SERIE 31.ª—Ns. 303 e 304.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de dezembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Er. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que o perigoso uso de consentir-se bandos de cães pelas ruas, vae dando funestos resultados. Domingo 29 no Maciel de baixo, um preto ahi morador, ficou com uma orelha esfrangalhada e suspensa por um pequeno fragmento, em consequencia da mordedura de um formidavel cão, pertencente a uma casa pelas immediações dessa rua.

Espera-se da mais que provada energia de S. S., providencias contra tão imminente risco a que está sujeita a população.

A CIRCUMCISÃO.

Era um preceito da lei antiga estabelecido por Deus entres os hebreos,—que toda a creança recem-nascida, pertencente ao sexo masculino, devia ser circumcidada ao oitavo dia do seu nascimento.

A circumcisão fôra instituida como o sêllo do pacto celebrado entre Deus e Abrahão no anno do mundo 2107, pelo qual o Supremo Creador lhe prometteu e á sua posteridade uma numerosa prole, á par de immensa prosperidade e toda a sorte de bens; e que do seus descendentes sahiriam os reis dos povos, devendo acontecer que um delles nasceria para a salvação de todos, em virtude do qual se redimiriam os peccados do mundo; para firmeza do que mandou que todas as pessoas da casa de Abrahão, do sexo masculino, fossem circumcidadas,—e bem assim todos os meninos varões de sua familia que nascessem d'alli em diante, para que ficasse bem conhecido aquelle povo, que depois se chamou—o povo de Deus, sobre quem recahiriam as bençãos do Senhor, não se confundindo com os povos gentios.

Os judeus guardaram fielmente o preceito, o qual consistia na incisão de uma pequena parte do prepucio; sendo

costume dar-se nome á criança n'essa occasião.

O Divino Redemptor cumpriu com a cerimonia da lei antiga. Elle foi circumcidado ao oitavo dia do seu nascimento, que corresponde exactamente ao primeiro dia do anno, sendo-lhe posto n'essa occasião o nome de JEZUS que quer dizer *Salvador*; e a Igreja em honra a esse memoravel acontecimento celebra a festa de Circumcisão no dia 1.º de janeiro de cada anno.

—.....

—Falta dinheiro.

—Como?

—E 500 rs. a passagem.

—Mas alli está escripto

«VEHICULOS ECONOMICOS

«*Horario etc.*

«PREÇO 320 RS.

E' verdade que diz nos domingos e dias santos 500 rs.

Porém hoje não é domingo nem dia santo.

—Porem é dia de concurrencia.

—Então para que mentem despejadamente ao povo?

—Mas a culpada não é a companhia, é a policia que, por considerações, fecha os olhos a taes bandalheiras

—Isso é para quem quer

—Está a barateza que vieram trazer. Nos dias em que o povo affluc mais aproveitam-se logo para levantar os preços.

—Isso não é nada, prepare-se para a noite pagar 2$ rs. si quizer ir na gondola.

—Que diabo de caiporismo tem a companhia Bahianna com as festas do Bomfim!

Parece que jurou a seus deuses assustar a população todos os annos!

—Como que ha gosto de ver desgraças e para isso mandam nesses dias os vapores em peiores circumstancias.

—A policia do porto é quem deve prever isso.

—Si o vapor *Santo Antonio* não vem fazer seu rombo no caes, talvez hoje estivessemos lamentando alguma desgraça.

—Este successo no principio parece que foi um aviso para cada um acautelar-se com os vapores da companhia Bahiana nos dias de festa no Bomfim.

—Que aranzel é um em que anda mettido o tenente Corte Imperial?

—O policiador?

—Sim.

—Estou alheio.

—Sobre o defloramento de uma menina que dizem elle praticara, cujo pae veio queixar-se a policia.

—Ignorava isso.

—Uns dizem que elle se valeu do intermedio d'uma preta para por portas travessas requestar a moça; outros dizem que não foi elle, que a propria offendida declarou ao delegado que tudo não passava de uma *riosca* armada pelo pae.

—Insinuações talvez?

—Eu sei.

—Eu não creio.

—Porque?

—Pois o homem que vigia os malfeitos dos outros, ja lá commetter uma acção triste destas?

—Hi mem, eu so juraria si elle tivesse feito voto de castidade.

—Mas quem vê aquelle ar carrancudo com que elle anda na rua não tem que duvidar.

—Forte sumiticaria!

Findo o acto, dous toquinhos de vellas allumiando o Sacrario e outros dous ao Senhor!

—O Senhor do Bomfim não está neste caso.

—N'um dia em que a egreja está aberta á concurrencia dos fieis, os quaes cada um, com pequena differença, concorreu com sua vella, é uma falta indescupavel.

—Uma casa que se fosse a negociar, podia matricular-se em grosso trato no commercio de cera!

—Estou certo que o digno thesoureiro não viu isso, do contrario não consentiria tão porca economia.

—No dia 25 foi encontrada morta

em estado de putrefação uma infeliz criancinha.

—Em que logar?

—Sobre um dos pilares da egreja da Ordem Terceira de S. Francisco.

O subdelegado remetteu-a para o hospital para dalli ser enterrada.

—Em outra terra a policia descobreria quem eram os paes da malfadada e saberia o motivo por que alli a deitaram.

—A associação dos thugs propaga-se na Bahia.

—Algum caso de mordaça?

—Não: são trucidadores da humanidade de outra especie.

—Nesta terra ha muita tendencia para imitar os maus exemplos.

—Isso mesmo é que eu ia dizer.

Não ha muito tempo que uma fera, vinda la das brenhas, com figura de mulher, flagellou uma sua escrava arrancando-lhe as carnes á chicote, e, dizem que, por cumulo de barbaridade, lhe applicara uma fricção de pimentas nas partes retalhadas. O negocio foi affecto a policia, porém ficou em mortorio.

—Que hyena.

—Agora acha-se em poder da policia uma escrava do portuguez Francisco Felix Bahia, que dizem ahi se apresentara horrivelmente maltratada, queixando-se contra seu senhor, que lhe applicava os mais penosos tratos quando ella voltava com parte da venda com que sahia.

—Este é da schola da africana Joaquina do André Pinto, que surra as escravas quando não vendem os quiabos e bananas todas.

—Esta Joaquina tambem é celebre nos annaes da tyrania para com escravos.

—Por que lhe passam a mão pela cabeça.

Uma vez a policia teve denuncia de que ella tinha uma escrava encerrada no forro da casa, presa a um tronco de pescosso e com um peito disformissimo proveniente de pancadas.

A policia da freguezia la foi e encontrou tudo; porem como era sua *conhecida* fechou os olhos. Dias depois a preta se apresentou na repartição da policia em mais lastimavel estado.

Joaquina foi chamada, admoestada e ficou nisso; motivo por que se julga authorisada a continuar a supplicar as escravas deshumanamente.

—Que mau systema! Si o escravo não presta, não sirvam se com ello.

—E' que muitos querem cevar seus genios malfazejos.

—Felizmente é de esperar dos Srs. Dorea e Amaral que os dous ultimos casos acontecidos não fiquem impunes tanto o do portuguez Felix Bahia, como o da *chapadista*.

—Então, amiguinho, tambem não deu seus 2$ réis, na quarta feira, 13 do corrente, por um bilhete de platéa para o beneficio dos mendigos?

—Achei muito boa a ideia do Sr. Dr. chefe de policia; mas a respeito de dar o meu dinheiro, tirei por fora.

—Não diga isso! V. não parece ser um homem christão!

Pois ha quem se negue a soccorrer ao desvalido?

—Meu charo, V. falla sem conhecimento de causa. Tem razão, está moço, não tem por conseguinte pratica do mundo.

—E é preciso pratica do mundo para ser charidoso, para soccorrer ao desvalido? V. é um homem sem coração, é um homem sem alma, é..... um monstro.

—Engana-se! Tenho coração, tenho alma, e faço tambem charidade! Mas quem viu o que eu vi na presidencia do Sr. Sinimbú, descrê em todas essas *beneficencias* governamentaes.

Houve aqui nesta cidade um estrangeiro, que tinha uma grande fabrica de rapé. Esse estrangeiro, não sei si V. já ouviu fallar no Meuron, quando teve de retirar-se para sua terra, deixou cincoenta contos de reis entregues ao governo para uma casa de asylo.

Pergunto-lhe eu, sabe que fim deram a este dinheiro?

—Ignoro.

—O Sr. Gansansão quando veio para presidente, bem que elle cosson, mandou distribuil-o pelas *charidosissimas* irmans sem charilado!.....

Diga-me se diante de um espelho destes, deve haver quem creia em espectaculos dados em beneficios de mendigos?

Pensa V. que os grandes se importam com a pobresa? Espicha-se, meu amigo, neste ponto! Lembre-se do rifão:

Ande eu quente,

E chore a gente...

—Mas o Sr. Dr. chefe de policia não vae distribuir o resultado do beneficio com as *charidosas*.

—E longe de mim fazer similhante pensamento do honrado Dr. chefe de policia; mas o que é certo é, que quando cahiu a parede do gazometro, na presidencia do Sr. Silva Gomes, fez-se uma subscripção para sepultar-se os infelizes que ficaram esmagados de baixo da dita parede, e o dinheiro que sobrou desta subscripção foi entregue a estas *santarronas* mulheres.

O que é certo é que quando houve uma grande secca na Chapada, ignoro quem estava nessa época na presidencia, fizeram aqui diversas subscripçoes e as sobras dessas subscripções tambem reverteram em favor dessas *charidosissima* irmans!

Agora veja V. si eu não tenho rasão de fazer minhas duvidas, em favor de quem reverterá o producto deste beneficio dado para os mendigos?

—Ja sei; na duvida não quer que ninguem faça cortezia com o seu chapeu.

—Justamente!

—Aprecio esta.

—Vamos la.

—Um homem, creoulo, estabelecido a ladeira de S. Bento foi com sua familia a missa do Natal na Lapa.

A senhora deste commetteu a *indesculpavel indiscripção* de ajoelhar-se adiante de uma inculcada aristocrata de nossa terra, a qual ordenou-lhe imperiosamente que sahisse d'alli.

Não sendo obedecida, julgou-se gravemente offendida em seus *foros* e queixou-se a meia duzia de amigos que acompanhavam seu marido, os quaes, para prestar serviço, assentaram que *tam grande* desacato não devia passar impune.

Acabada a missa, vieram para a porta da egreja e um de chicote empunhado perguntava, sempre que sahia uma mulher de cor preta:

E' esta?

Não, respondia a *fidalga*.

E' esta?

Não, é uma *negra* toda *lorde* de bournun listrado.

O marido da sentenciada, que alli tambem esperava por sua familia, ao ouvir o signal de bournun listrado, tremeu e julgou-se perdido.

Resignado esperou pelas consequencias. Por fim appareceu sua mulher que foi logo indicada; tomou elle então a resolução de indagar qual a falta que commettera sua mulher e soube que a *negra tivera a insolencia de pisar no vestido da senhora e ajoelhar-se na frente*

O marido repellindo com energia o insulto, disse que estava elle prompto a dar qualquer satisfação, caso sua mulher tivesse faltado com os deveres da civilisação, porem que de forma alguma toleraria que ella fosse desfeiteada.

Vendo esta deliberação, o marido da *pretença fidalga* tratou de deitar agua na fervura e acalmar os agitados animos dos seus *prestativos* amigos, porem estes a nada attendiam e queriam mostrar que eram valentes.

—Para que estes prejuizos! Vem a morte e acaba com tudo.

—E para que em certas cousas tanto orgulho, quando em outras não ha nenhum?

—Uma dessas fidalgas envergonha-se de sentar-se ao pé da mulher de sapateiro, do marcineiro, etc entretanto, seus maridos não se pejam de tomar um par de sapatos e nunca mais lhe passar na porta.

—E sem se pensar era uma indiscripção que traria funestos resultados.

—Pelo estouvamento de quatro ou

cinco imprudentes que queriam fazer-se de *serviçaes*.

Não houve ninguem que não reprovasse a excepção do *Egidio*.

—Ah! esse por força; elle e o *Nabuco* são mettidos a valentes, gostam do bravatas.

PHENOMENO

Lê-se no *Mercantil* de Petropolis de 26 do passado:

«Uma escrava do Sr. Antonio Joaquim Tinoco, negra como um azeviche, teve de um parto duas filhas: uma negrinha e outra quasi branca!

Estas irmans, e gemeas, se parecem tanto uma com a outra como um ovo com um espeto.

«Digam os sabios da escriptura.

«Que segredos são estes da natura.»

LA VAE VERSO.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

Meu Patusco.—Heide estimar
Que essa magna pessoa
A' respeito de saude
Va gozando uma bem boa

Sei que V. ha de estar
Commigo um tanto arrufado
Por não lhe dar á miudo
O regalo costumado.

E' verdade; que ha bem tempo
V. não vê entre os dedos
Uma minha, que lhe conte
Desta terra os enredos.

Os ladrões de Latronopolis
Tem me dado o que fazer!
Roubam-me o tempo p'ra tudo
Até para lhe escrever.

Com as ferias do Natal,
Cedi por alguns instantes,
P'ra irem resfolegar
Tregoas a certos tratantes.

Os do fôro, por exemplo,
Foram dos agraciados
E só la p'ra fevereiro
De novo serão chamados.

Por isso desafogado,
Aproveito a occasião
E sem V. esperar
Esta lhe irá a mão.

E é quando ellas são boas,
E tornam-se apreciaveis;
Não sei si pela sorpreza
Parecem mais agradaveis.

Agora vou d'um só jacto
Pôr aqui neste papel
P'ra V. se recreiar
De noticias um tropel.

Nossa sina está regendo
Ca o Sr. Azambuja,
Que pequeno no tamanho
No talento sobrepuja.

Supponha ser um menino
Sua arraia empinando
Conforme o vento varia
Colhendo o fio ou soltando.

—D. *Eleição* este anno
Deu seu baile do costume
Em casa do *Municipio*:
Havendo algum azedume.

Foi o caso que chamaram
P'ra dirigir a funcção
O Sr. *Conservador*
Barão da *Situação*.

Porem não sei como elle,
Sendo ja experimentado
Com um calix de *ambição*
Ficou logo embriagado.

Andou tudo á tramontana
Qual barquinha em temporal
Lucrando o Progresso Pança
E o Dr. Liberal.

Dos filhos do tal ancião
Só foram á mesa dois:
O Dr. da *Vella accesa*
E *o medico dos bois*.

—Meu Patusco, nesta terra
O progresso é um barathro:
Faz d'um theatro cocheira
D'uma cocheira theatro.

O theatro de S. Pedro
Em cocheira transformaram
A cocheira do Bomfim
Em theatro arvoraram.

Que tal fa metamorphose?
V. nunca pensaria

Do ver burros no proscenio
Thalia n'uma estrebaria?

(*Continúa*)

A PEDIDO.

Ao publico.

Todos que tem tido conhecimento do acto do Sr. Ignacio Coelho Fragoso, dando queixa contra a sua cunhada a Exm. Sra. D. Anna Quirino da Silva Deiró, o tem reprovado por um modo bem pronunciado.

Si o Sr. Ignacio tinha motivos de despeito e resentimento contra *alguem*, jamais deveria cevar-o contra uma senhora, digna por todas as razões de consideração e respeito.

Examinando o processo, onde nelse encontra a prova, de que em seu poder fossem confiados objectos de ouro e prata pertencentes ao casal de seu pae o fallecido Quirino Antonio?

Cinco testemunhas depozeram, e nenhuma dellas jura de sciencia propria, mas sim por ouvir dizer ao Sr. Ignacio e outros, pessoa por demais suspeitas na especie, que não podem merecer credibilidade.

Na propia petição de queixa, que devia ser circumstanciada, declarando quaes esses objectos e o seu numero, como expressamente manda a lei, assim não é, contentando-se apenas em dizer que foram differentes objectos sem todavia mencional-os.

A tudo isso, que resumidamente temos expendido, accresce que no inventario a que se procedeu pelo juizo de orphãos desta capital dos bens do fallecido Querino Antonio, não foi inventariado um só objecto de ouro.

Sendo assim, o conjuramos o Sr. Ignacio a que nol-o desminta, como quer elle agora que sua cunhada dê conta de bens que nunca existiram?

Ja vê, portanto, o publico a sem razão do Sr. Ignacio, de quem nunca era de esperar a perseguição que vota a uma senhora, que delle mais que ninguem deveria merecer todo o respeito e acatamento pelos laços que os unem.

Tudo isso, porem, foi despresado, e a perseguição continua até nas menores cousas.

Poderiamos agora dar um conselho ao Sr. Ignacio, porem ficará para outra vez.

Justus.

—Capitão, é preciso que lhe dê novas d'alem mar, que muito devem interessar ao publico, afim de que fique conhecendo *um individuo*, cuja degradação moral chegou ao infimo grau.

—Vamos com ellas.

—O individuo a quem me refiro habita n'um *morro* lá para S. *Paulo*, e por infelicidade dessa terra ja foi seu governador Tudo quanto pode haver de maldade e de vicio resume-se naquella catadura. Sem vergonha, safado, desmoralisado, devasso, dissoluto, intrigante, ninguem mais pode ser que elle; foi uma felicidade para a classe militar quando viu fora de suas fileiras um ente tam ignobil. Com a chegada, haverá trez para quatro annos, desse genio do mal ao cume do tal *morro*, a sua pessima conducta poz aquelle logar em discordia e perturbação e hoje não ha alli ninguem que não deseje de coração a sua ausencia, como de uma peste que a todos accomette.

O safado nada tendo que dizer contra o actual governador *do morro* o T. da Silva, em desforço por este reprimir a ladroeira escandalosa que elle commettia abonando aos soldados em uma tasca ou venda que tem, forjou uma correspondencia contra o honrado governador, fazendo-a assignar por um testa de ferro, considerado idiota por uma junta medica.

O resultado desta calunia torpe e infame é estar soffrendo injustamente processo militar o referido governador. Injustamente, porque a causa principal da correspondencia, foi como ja disse, a prohibição delle vender generos podres e deteriorados a infelizes soldados por preço extraordinario e excessivo. Com essa prohibição o safado perdeu a cabeça por que não podia mais roubar e protestou vingança.

Deu por pau e por pedras, e começou logo na obra de perseguição vorez contra o referido governador que *ousou* embaraçar-lhe os passos.

Foi tal o seu furor que exigiu que os demais officiaes fizessem côro com elle naquella hedionda crusada, porem a sua stulta e parva exigencia foi dignamente repellida.

Depois de postos em pratica estes e outros que taes meios, foi que elle lançou mão da vil capa do anonymo.

Por meio de representações occultas, em nome dos habitantes do alto *morro* que tudo ignoravam, denunciou do *governador* ja ao governo central, ja ao provincial, cevando por essa forma os desatinos d'aquella tresloucada cabeça.

— Diga-me o nome deste tractante para ficar conhecendo-o ao todo.

—Exactamente, capitão, não sei o seu nome, porem o *Angelo*, que mora com o *Semeão*, habitante *das Silvas*, pode dizer-lhe quem é. Não ficam somente ahi os actos deste bi:bante, no seguinte numero, irei apontando outros.

—Estou a espera para mandar applicar-lhe o competente castigo.

(*Continúa.*)

Pede-se ao Sr. subdelegado do *Segura paredes* para que dê energicas providencias sobre os escandalos que se dão em sua freguezia, e muito principalmente sobre os que continuadamente pratica certo inspector, o qual não pode exercer o cargo que occupa por ter sido captivo do *Firmino*, irmão do *José*, parente do *Santiago*, agora passou ao serviço activo da companhia do olho vivo, e si S. S. ficar surdo a taes reclamos, continuaremos afim de que o commercio não continue a soffrer mais prejuizos causados pelo tal inspector; por ora só, o mais ficará para quando S. S. os quizer analizar, o que faremos aqui n'estas columnas, si por ventura não formos attendidos no pedido.

—Que fiscaes temos nós.

—O melhor não presta.

—Um delles, que quem quizer saber qual foi, indague; foi á venda do Xico no largo do *Forum* e multou-o em 30$ rs. por ter o caxeiro vendido quatro vintens de assucar por meia libra.

Depois de muito regatear ficou assentado que o Xico daria 8$ réis ao marreco todas as vezes que elle estivesse na freguezia, e com isso dispensado da multa e com liberdade ampla para vender aos freguezes da maneira que lhe conviesse.

E que tal?

— Aposto que sei quem é.

—Não sabe.

—Si sei! Não-digo porque *fara elle* tantas que se venha a saber.

NOTTE

Sonhei a noite passada
Com quatro moças bonitas

GLOSA.

Uma velha desdentada
Com pernas de mariposa,
Que seria minha esposa,
Sonhei a noite possada.
Que castigo! forte empada!
Deus me livre de taes chitas,
Eu quero moças de fitas
E que tenham bom dinheiro,
Ou sinão ficar solteiro
Com quatro moças bonitas.

VARIEDADES.

DICCIONARIO DA EPOCHA.

Liberaes.—Homens que existiram em outros tempos, cujas idéas, quando elles subiam ao poder, nada tinham de liberaes.

Conservadores.—Homens presentemente desnecessarios, porque depois da destruição total é absurda a conservação.

Ligueiros.—Homens ventriloquos, isto è, que só *fallam* pelo ventre: perniciosos presentemente, porque ha carestia de generos alimenticios.

Recruta.—Homem que na ultima eleição votou contra o governo.

Voluntario.—Homem que se deixa prender para o serviço da guerra.

Praça do mercado.—Logar onde è prohibido aos *mercadores* fazerem negocio.

Corpo de provisorios.—Hospital onde são

recolhidos os doentes que mais tarde devem partir para a guerra.

Policia.—Mulher que leva a dormir, e só se acorda para fazer asneiras

Collegios.—Logares onde os eleitores e os meninos são quasi sempre dirigidos por maus *directores*.

Camara.—Aposento em que alguns homens escondem-se do povo para fazerem as suas *necessidades*.

Agricultor.—Homem que trabalha para todo mundo, julgando trabalhar para si.

Academia.—Logar em que se reunem homens que são ou querem passar por sabios; theatro com muitos *pontos*, onde cada actor que representa tem o direito de reprovar o publico que o escuta.

Politicos moderados.—Associação de egoistas que supportam com doçura heroica os males dos outros.

Advogado.—Homem que estuda direito para viver à custa do proximo.

Justiça.—Mulher que tapa os olhos para jogar a *cabra cega*.

Juiz.—Negociante que vive á medir com a sua vara a fazenda do proximo.

Gabinete.—Logar onde sete vadios se reunem para jogar a fortuna do paiz.

Bastos.—Dous azes de paus, que reunidos fazem *um de paus*.

Palacio—Grande casa em que geralmente residem homens *pequeninos*.

Vinagre—Extracto de juros de que se servem os banqueiros para tornar tonto o mais forte devedor.

Luz.—Cousa que se encontra de graça por toda a parte, mas que muita gente vae procurar nas *lojas*.

Banco.—Logar em que os capitalistas e os carpinteiros fazem obra.

UM REQTERIMENTO MODELO

Illm Sr. administrador da recebedoria.—Antonio Francisco Corrêa de Mendonça, morador na rua do Rosario, casa n.º 11, freguezia da Boa-Vista, baldo de meios bastos e circulantes com que ponha um dique á torrente de necessidades que em catadupas ameaça submergir ao suplicante; estabeleceu uma humilde e innocente quitanda que nenhum caracter tem de taverna, para servir de amparo, embora pequeno e fraco, a essa torrente devastadora.

Aconteceu porem que essa casa foi illegalmente collectada na qualidade de tavernas ob o imposto de 12$300, por isso pede a V. S. que, consultando os dictames de sua consciencia, sempre prompta a ouvir as vozes da pobreza, e disposta a abrir a cornucopia de suas graça, se digne por commiseração da inopia do supplicante fazer desapparecer este onus que verga o dorso do suppl cante e de sua pobre familia, por tanto pede a V. S. benigno deferimento—E. R. M.—*Manuel Francisco Dutra*, como procurador.

LADRÃO HABIL.

E' genero de que não ha falta em Londres. Conta o *International* que ultimamente se introduzio um em casa de um boticario de Princess-stret; entra no quarto de dormir, ajunta tudo o que acha sobre a enchergão, enrola este com cuidado, põe-no ao hombro e põe-se a descer as escadas.

Infelizmente, a carga é muito pezada e muito incommoda; a meio caminho, o enxergão bate na parede, cahe com barulho na escada.

O boticario acode a este barulho.

—O que é isso ahi? O que faz você—gritou elle.

—Que pergunta!—responde o homem resmungando. O que seria bom era que o senhor mandasse por uma luz na escada! Trago aqui os objectos que o senhor comprou em casa de meu mestre.

—Com effeito os objectos...mas eu não comprei nada!

—Pois o senhor não foi esta manhan a casa do meu mestre?

—Eu não; não arredei pés daqui.

O ladrão roga uma praga formidavel.

—Ora esta!—disse elle, ainda outro engano! Acham que é agradavel andar a gente a correr a noite com uma carga à cabeça! Eu me queixarei...Ja é a segunda vez que me acontece isto esta semana.

Depois dirigindo-se ao boticario:

—O senhor desculpe o incommodo que lhe dou, mas já agora não faz favor de ajudar-me a por isto às costas?

—Pois não, meu amigo, responde o boticario.

Passados poucos minutos o ladrão ja ia longe com a preciosa carga.

Não ha necessidade de pintar a cara com que ficou o pobre boticario reconhecendo que não só o quarto estava vazio, mas que elle mesmo tinha ajudado o ladrão a roubal-o.

ANNUNCIO.

AS FESTAS PARA QUEM GOSTA

Está exposta a venda na loja do Sr. Martin, ao largo da praça a nova modinha para canto e piano—intitulada A vida de um triste—por José Bruno Correia.

O

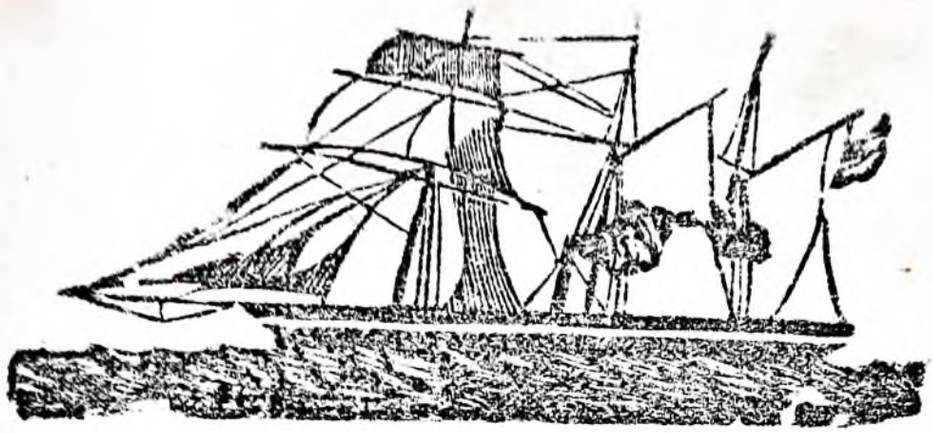
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 2 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 16.ª—N.º 139

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latrongopolis, bordo do *Alabama* 30 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. superintendente do matadouro, dizendo que nos informam que nessa repartição existem sete pesos de duas arrobas inexactos, faltando em cada um cerca de duas libras, o que a ser verdade, cumpre que S. S. quanto antes faça desapparecer semelhante incoveniente, cujo prejuizo vem a recahir sobre o povo.

—Ao Illm. Sr. inspector da illuminação, pedindo a sua interferencia para que seja collocado no seu respectivo logar o lampeão n.º 1015, o qual ha muito que se acha arrancado.

—Que tumulto na frente do portão do quartel da Palma!

—E' o forçado Seraphim que faz toda aquella bramura.

—Ameaça de metter o chicote em dous sujeitos.

—Pois ás 8 horas um preso na rua!

—Creio que é por que falta pouco para elle cumprir a setença e por isso dão-lhe liberdade.

—Por estas facilidades, é, que não ha muito, um forçado esfaqueou uma mulher.

—Estou lembrado.

—Aquillo não parece quartel: uma caterva de negras a gritarem tambem, outras aos *detens* com os soldados, que estão sentados em bancos do lado de fora e o Seraphim nos *aguaceiros* a fazer das suas.

—Si agora passa por ahi o commandante das armas, tinha que apreciar boas cousas.

—Publicou-se em Cachoeira o 1º numero do *Americano*, jornal politico noticioso, litterario e commercial.

Desejamos-lhe longa vida.

—Sabe a razão porque na noite do incendio, houve tanta demora nos soccorros que deviam sahir do arsenal de marinha?

—Não.

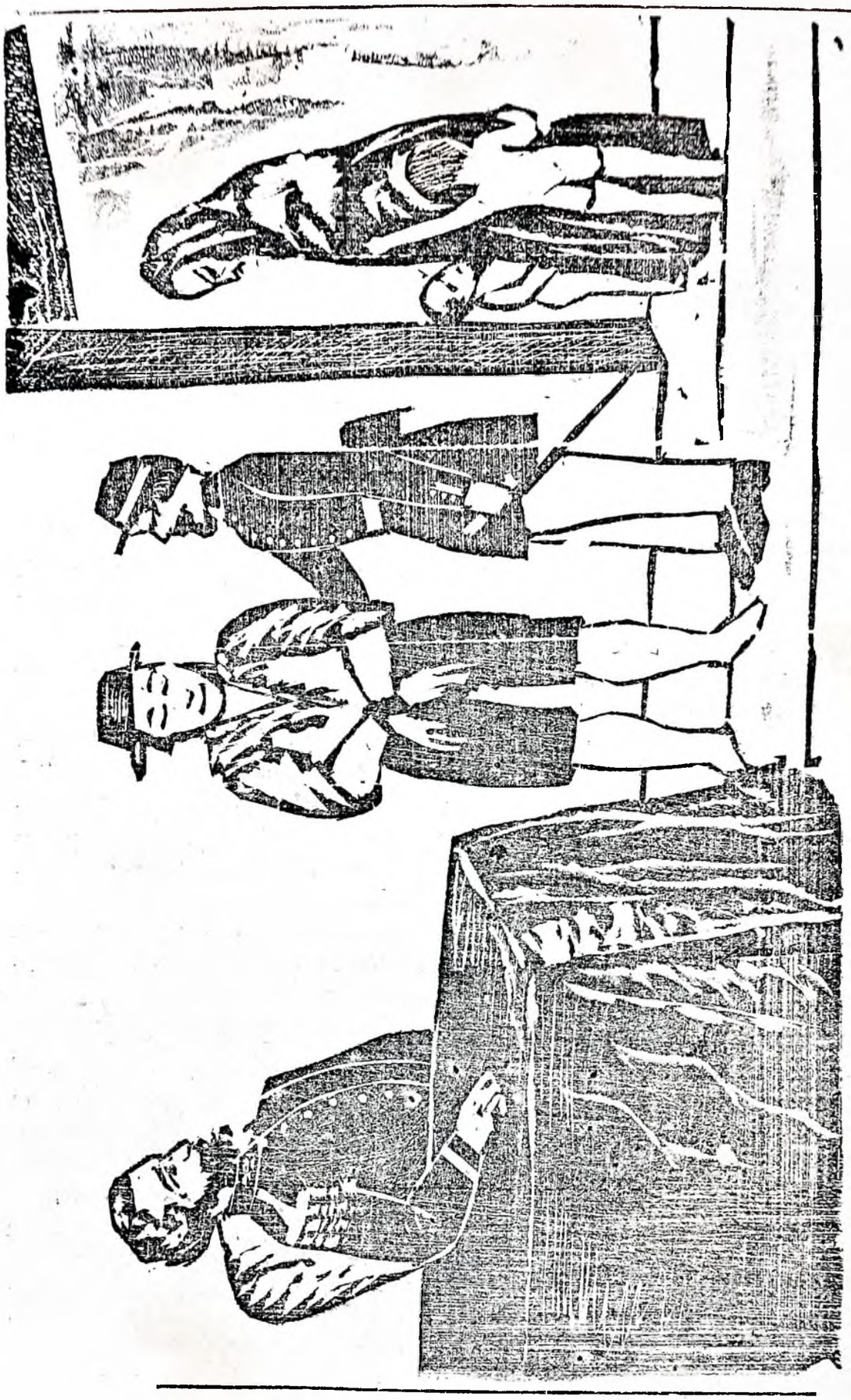
—Pois disseram-me que foi pelo seguinte:

O inspector estava no Bomfim, o seu ajudante não sei onde, o patrão-mór com licença, o vice-patrão doente, um que faz as vezes fóra.

—Então estava aquillo a matroca, sem rei nem Roque?

—Não sei; isso foi o que me disseram.

—Si é verdade, vae bem aquella case.



Malulo — Venho me valer de V. Ex., Sr. capitão do *Alabama*, pedindo-lhe para que me restitua a liberdade.
Capitão — Quem o prendeu?
Malulo — Foi o subdelegado do logar, que me recrutou para *voluntario*, por que eu disse que não votava na chapa *liberal-progressista*.

(*Imitado*)

LA VAE VERSO.

BALADA.

Este brado, que d'além
Nos veiu aqui despertar,
E' um gemido na guerra,
Que um filho de nossa terra
Pôde, expirando, soltar.

Os covardes se esconderam,
Os infames galhofaram;
Mas os briosos—unidos—
De suas armas cingidos
Do echo o rumo tomaram.

Lá se foram diligentes
A' seus irmãos ajudar,
Tão desvelados guerreiros,
Outros tantos brasileiros,
Que a morte vão affrontar.

Prantos por elles vertidos,
Não os fez mais recuar,
E surdos ao interesse,

Que tanto ao homem envilece,
Nobres souberam marchar.

Por veredas escabrosas
Vão sua vida arriscando,
Perseguidos da metralha,
Que como o orvalho se escalha,
Uns ferindo, outros matando.

Té que por fim sôa a hora
Do belicioso festim,
E travando-se a pelja
Do ferro, o fogo troveja
Ao sonoroso clarim.

Tudo despreza o soldado,
Quando sorri-lhe a victoria,
Tudo p'ra elle é ventura
Zomba até da sepultura
N'esse momento de gloria!

E assim lá perdem a vida
Mil denodados guerreiros,
Quando por cá *fracalhões*,
Só animando os galões
Cantam de altivos poleiros.

O Zagal.
(*Extr.*)

A PEDIDO.

CHAPA LIBERAL-PROGRESSISTA DO CURATO DA SÉ.

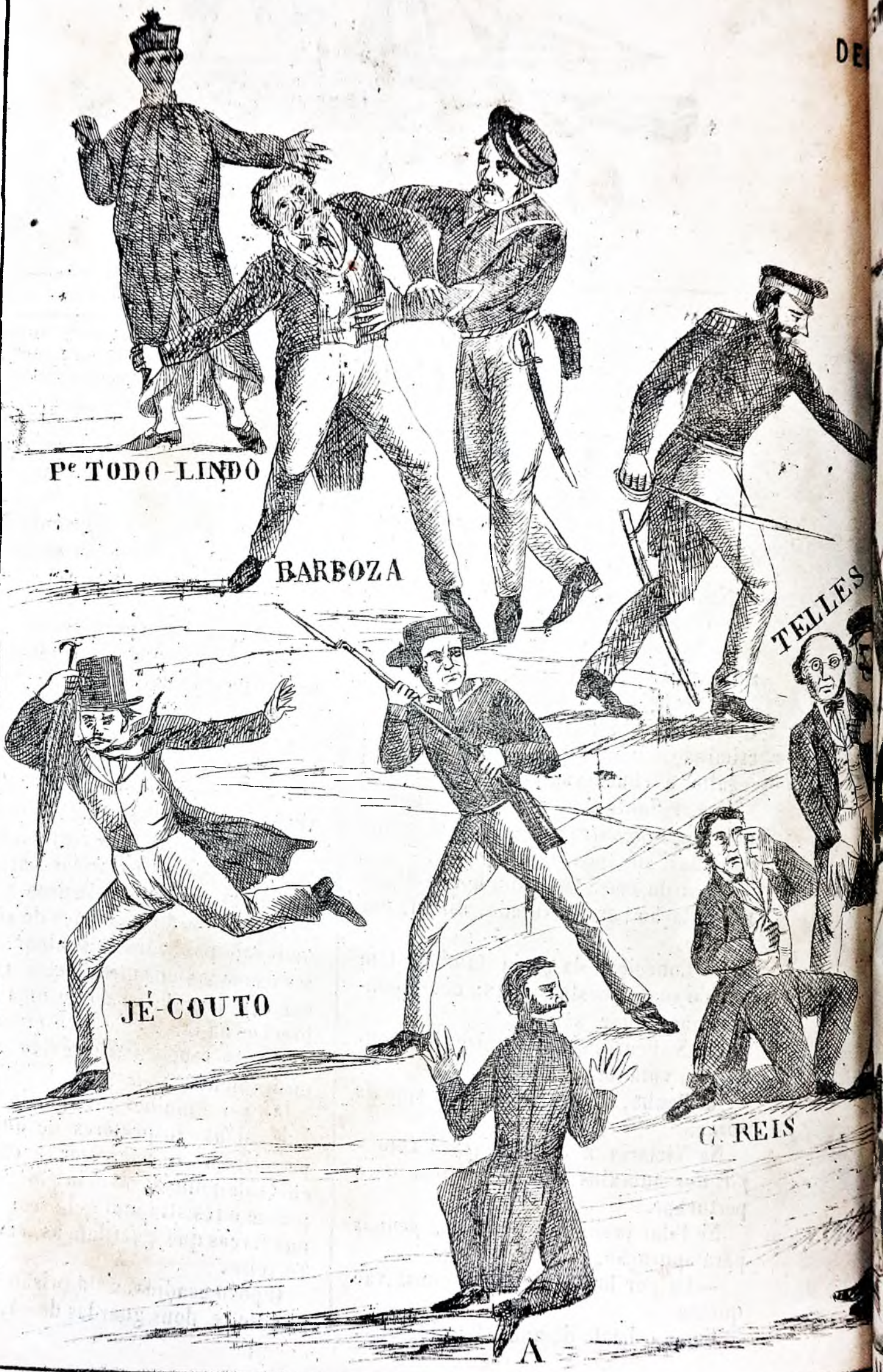
Arnaldo Gentil Ibirapitanga, emp. pub.
Angelo José Ferreira Coelho, neg.
Baldoino dos Santos e Oliveira, artista.
Caetano Alberto de Souza Seixas, distribuidor.
Dr. Deocleciano Soares de Albergaria, advogado.
Ernesto Hermelino Ribeiro, emp. pub.
Francisco Rodrigues Mendes, tabellião.
Tenente-coronel Fortunato José da Cunha Junior, neg.
Francisco José de Souza Pereira, procurador.
Francisco Leonardo da Conceição, artista.
Francisco Fructuoso Valongo, artista.
Dr. Gustavo Adolfo de Sá, emp. pub.
Des. Henrique Jorge Rebello, magistrado.
Capitão Ignacio Alberto de Andrade e Oliveira, emp. aposentado.
Innocencio da Conceição Miranda, artista.
Ignacio Calmon de Siqueira, proprietario.
Capitão Ignacio Manuel de Sant'Anna, artista.
Dr. José Joaquim dos Santos, advogado.
Capitão Jovino Cesar da Silva, emp. ap.
José Antonio Franco Lima, 1° tenente da armada.
Joaquim Antonio Dias, caixeiro.
Major Joaquim Domingues Lopes, emp. municipal.
Leopoldo Baptista de Souza, 1.° caixeiro.
Leolino Mendes, escrivão.
Manuel do Carmo e Silva, artista.
Manuel Luiz Barreto Falcão, neg.
Manuel José Esteves, artista.
Dr. Manuel José dos Reis, advogado.
Manuel da Natividade Moutinho, artista.
Coronel Nicolau Carneiro filho, proprietario.
Dr. Vicente Ribeiro de Oliveira, tabellião.

ELEIÇÃO DO CURATO DA SÉ

Em uma situação em que pela discrença geral deficilmente se distingue quem pertença a este ou aquelle partido politico, prestar exclusivo apoio somente a uma das duas chapas, que unicas disputam o eleitorado neste Curato da Sé, e aniquilar a outra, parece, pouco razoavel, e por isso alguns cidadãos imparciaes formam uma 3ª composta de pessoas escolhidas dentre aquellas duas em partes eguaes feixando-a com o nome de um ancião respejtavel, e abaixo vae publicada e offerecida á livre consideração daquelles que tiverem egual pensamento.

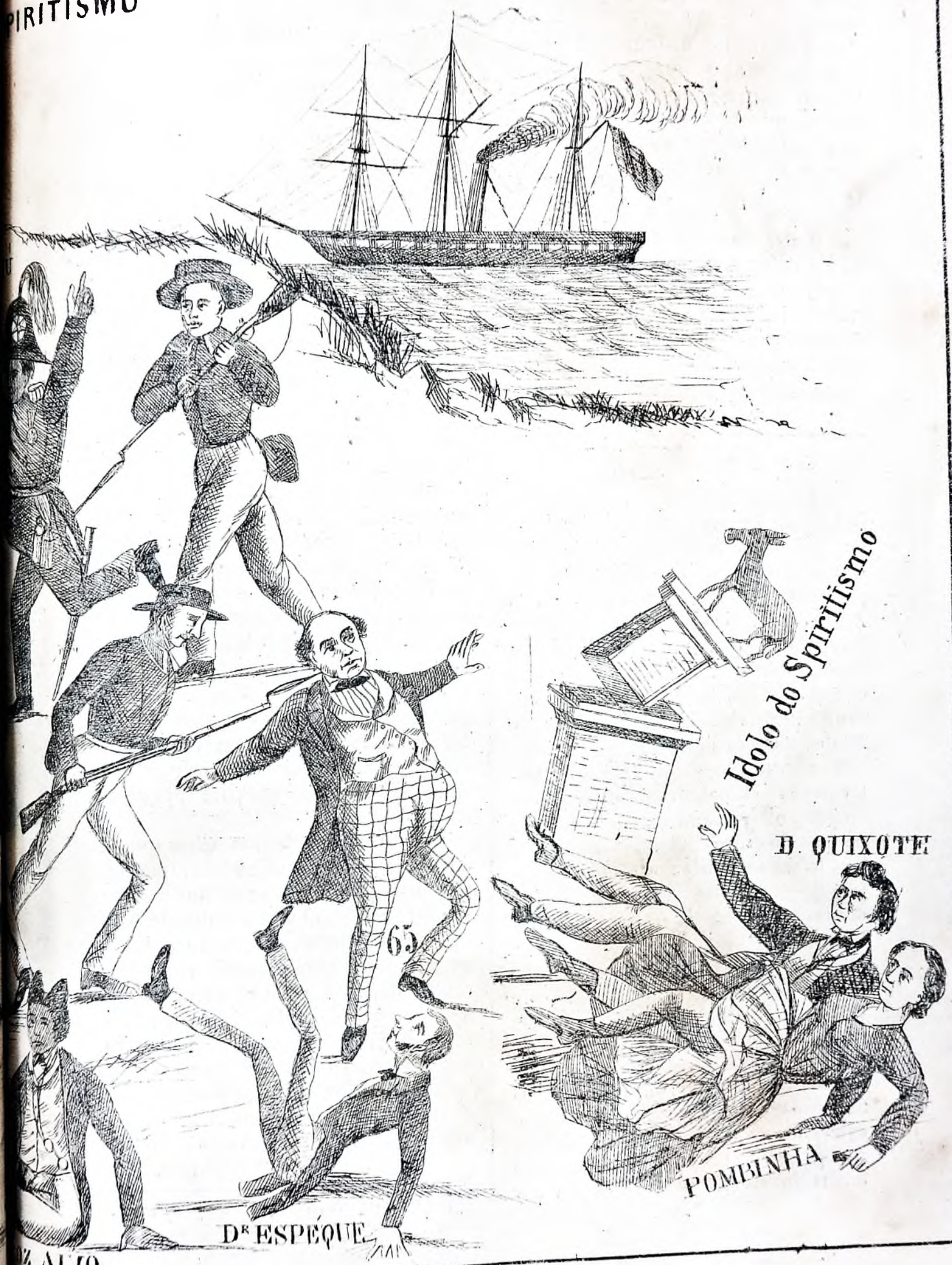
Chapa imparcial e popular para os eleitores do curato da Sé.

Arnaldo Gentil Ibirapitanga
Dr. Antonio Dias Coelho
Antonio de Barros Paim
Augusto Luiz Vianna
Major Antonio José de Souza Goveia.
Arsenio Rodrigues Seixas.
Baldoino dos Santos Oliveira.
Ernesto Hermiliano Ribeiro.
Tenente Florencio Beijamim A. Pires.
Tenente Coronel Fortunato José da Cunha.
Tabelião Francisco R. Mendes.
Capitão Felippe Sant'Iago da Silva Baldaia.
Des. Henrique Jorge Rebello.
Conego cura João José de Miranda.
Capitão Ignacio Alberto A. Oliveira.



A

PIRITISMO



Z ALTO

lhão; mas alguns guardas do 6º de bayoneta fora sobre o povo protegeram a fuga do cujo, e mais um senhor que appareceu á cavallo, com a theoria do que em dia de eleição não se prende.

—E os sujeitos não são conhecidos?

—Dous sabe-se que são caixeiros: o tal depois de preso puchou por uma facha enfronhou se nella, e disse que era inepector da freguezia de S, Pedro.

—Ha quem vendo o sujeito, conheça-o?

—Muito.

—Pois eu no caso do chefe mandava vir todos os inspectores da freguezia para ver se conhecia o cujo.

—Tudo isso são effeitos de não se mandar para esses logares quem faça respeitar a ordem.

A PEDIDO.

O Spiritismo.

Já tardava a desmoronar-se a egrejinha, que erguera o astuto e desalmado Telles, para á custa dos spiritos fracos tornar-se millionario de um dia para outro, como o *livreiro do Palacio Real*, cujo insignificante negocio vae prosperando espantosamente pelo methodo—Kardeck, segundo o confessam os proprios spiritas na sua correspondencia inserta no *Diario da Bahia* de 26 de Setembro de 1865.

E' notorio que o infeliz 65, dias antes da horrivel catastrophe de que fôra victima, despendera no *Club-Telles* a quantia de cinco contos de reis, que lhes foram usurpados pelo anjo, á titulo de—exaltação da propaganda; acrescendo ainda, ter ja de outra vez recebido o mesmo anjo (conforme o ajuste) a quantia de dez contos de reis, quando effectuado certo casamento para o qual empenhara toda a sua omnipotencia.

Estes e outros factos que constantemente se reproduzem nas barbas da authoridade, longe de despertarem o cumprimento das leis, são pelo contrario apoiados por aquelles mesmos que á bem do socego publico devem por um remate a semelhante ladroeira.

Prasa o ceu que, não se occulte nas dobras do veu do esquecimento o hediondo spectaculo que ha pouco testimunhamos, que não sejam infructiferos os clamores da desventurada familia do martyr, o qual embaido por artificiosos parasytas geme alienado em escuro carcere; que seja finalmente punida com severidade essa horda de vandalos que acobertando os seus interesses e crimes com o manto sagrado da nossa religião, vai impavida caminhando avante, deixando após si a—miseria e a desolação!!....

Dada a hypothese de que fosse veridica a doutrina spiritica, que não fosse diametralmente opposta á philosophia adoptada pela Egreja Catholica, a rasão, e aos ditames da sabedoria antiga e moderna, lembrar-se-hia por ventura Deus, de confiar á sua propagação a homens impuros e até criminosos?!.....

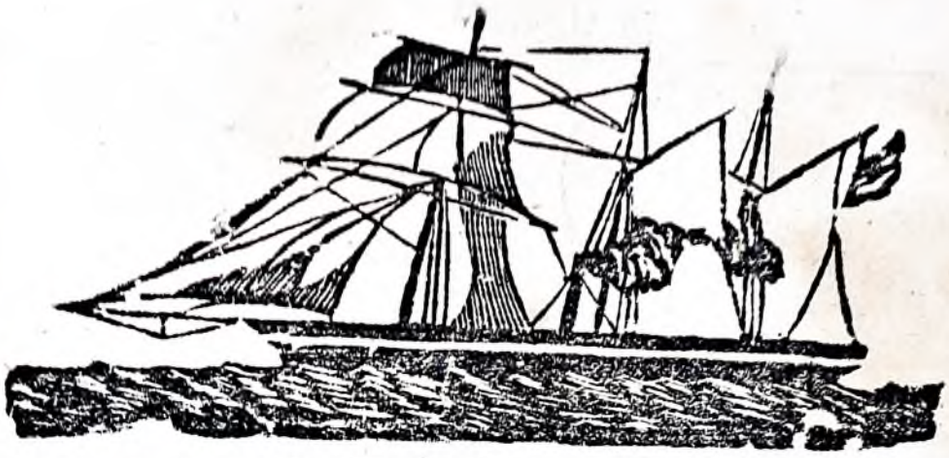
Esquecer-se-hia que o sangue de uns homens de *Piedades*, injusta e cruelmente derramado sobre as areias da *barra* onde o *Gil* morou na epocha da Sabinada, clama vingança contra o barbaro assasino? esquecer-se-hia da desgraçada esposa que da mesma sorte implora o castigo do monstro que a envenenara? esquecer se hia ainda, dos rogos da innocente victima dos libidinosos caprichos do malvado que a enganara? como pois escolher esses homens iniquos e dolósos para apostolos da sua religião?

Não está saltando aos olhos que a doutrina spiritica é infundada, que Mozart não possue palacios no planeta Jupiter, que o sol não é habitado pela dynastia de Herodes, que tudo isso é um escarneo uma comedia ridicula e revoltante, uma mentira escandalosa.

Avista pois de tantos absurdos e disparates, que a cada passo se encontram nos escriptos spiritas, rejeitamos semelhante doutrina por inverosimil e a consideramos uma segunda edição da *arte de furtar* do Padre Antonio Vieira.

(*Continúa*)

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 7 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.ª—N.º 161

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação, pedindo uma providencia para que a companhia do G z mande accender o lampeão n°. 39, que ha muito está inutilisado.

—E' lastimavel o estado de porcaria em que se acha a fonte do Gravatá!

—Que quer? A nossa camara não dá cavaco com essas cousas.

—As bicas estão quebradas e as aguas empoçadas e putridas.

—O publico que vá soffrendo; a edilidade occupa-se de questões mais altas.

—O Dr. Souto compra escravos moços e robustos, a um conto e duzentos cada um.

—Pois o Dr. Souto, um philantropo daquella catadura, serve-se com gente escrava!

E para que quer elle tanta escravatura, que faz um annuncio tão amplo?

Si é para montar algum estabelecimento rural, por que não manda vir colonos?

—Homem, V. é que não sabe; são escravos para a nação libertar e mandar para a guerra, que o Dr. Souto está encarregado de comprar.

—Ah! percebo agora; é uma commissão, que dá *panos para mangas*.

—Não lhe entendo,

—Quero dizer: é uma *commissão ardua* e *trabalhosa*, que so se faz por amor da patria.

— A companhia do Gaz ou é o symbolo do deleixo e laxidão, ou faz timbre de zombar do publico

—Si não lhe consentissem, ella não escarneceria com tanta sem ceremonia do publico.

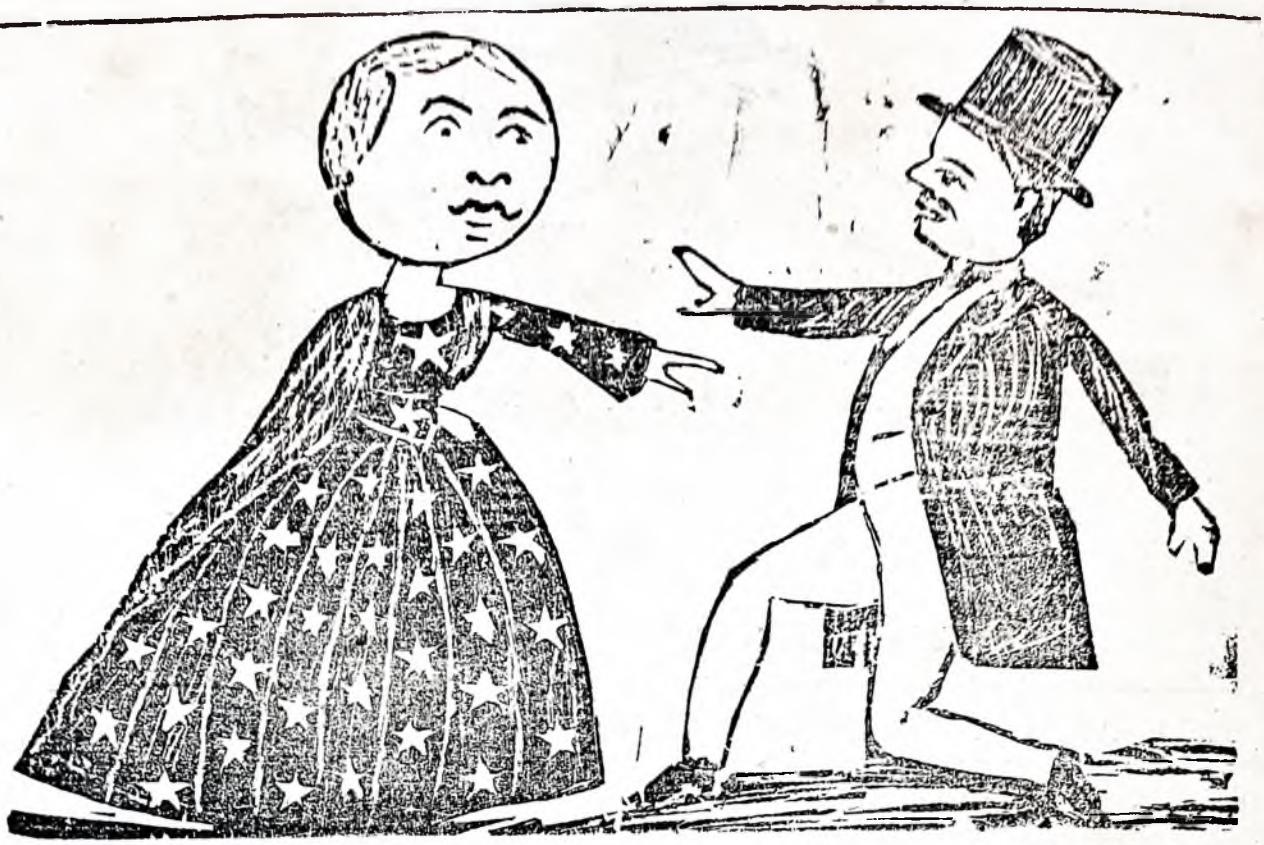
—Não ha noite, em que não hajam centenares de lampeões apagados e até ruas inteiras!

Ainda hontem toda a Travessa do Cruzeiro e parte da rua da Larangeira estava em trevas. Nas Mercez, eram 8 horas e haviam lampeões apagados, e assim outras muitas, que não podem chegar ao nosso conhecimento.

Veja como se faz justiça la por fora:

«Officio ao Exm. commandante das armas:

—Attendendo ao que me requereu Antonia Maria da Silva, provando ser casada com Maximiano Bispo da Cruz, que fôra recrutado para o serviço do exercito, do qual, por esse motivo, se acha isempto, tenho resolvido que tenha elle baixa do serviço militar e seja posto em liberdade.»



—Sr Cyrillo, faça o favor de annunciar ao publico que eu não tenho contracto com o governo para allumiar nas noites de escuro, e que quem se achar prejudicado recorra á Companhia do Gaz

LA VAE VERSO.

— Venha ca, meu aspirante,
Chegue p'ra perto de mim;
Conte-me la como foi
De lavagem do Bomfim.

— Sim Sr., meu capitão,
Vou descrever fielmente
Esse chistoso pagode,
Que abalou a tanta gente.

Na quarta-feira de tarde,
Acabado o expediente,
Fechei a secretaria,
I' e uroso e deligente.

Corri para o Caes Dourado,
Embarquei na machambomba;
Que, de passagem direi,
E' uma empresa de arromba.

A minha amavel Simôa,
Minha antiga companheira,
Divertida como eu,
Foi desde segunda-feira.

Desembarcando no *ponto*,
Fui á casa da Constança,
Onde achei bom carurú,
Moqueca e boa *pitança*.

A noite passei n'um samba
Com Virginia e Magdalena,
Raymunda da Rua Nova,
Quiabo duro e Helena.

Assim que veiu raiando
A aurora matutina,
Entripámos mocotó,
Feito p'la Constantina.

Empurrei-me para o adro,
Depois de finda a papança;
A tomar apanhamento
De quem vinha p'ra festança.

O campo estava apinhado
De gente de toda laia,
Muito rapaz, muita moça
Porém, mais gente de saia.

La da rua do Tijollo
De creoulas uma sucia
Vinha pelos Dendezeiros
E atraz dellas a Lucia.

E trajavam uniforme
Todas de um gosto so:
Saia de *yaya do ouro*,
Lenço branco de filó'

A fascinante creoula,
Com a saia arregaçada,
Fazia garbo em mostrar
A perna bem torneada.

Porém as de pernas finas,

Gravetos ou sambambaias,
Preferiam enlamear-se
A levantarem as saias.

Eu estava derretido,
Como manteiga no sol!
Meu peito estava rendido,
Qual outra Sebastopol.

Pouco mais das sete horas
Principiou a patusca,
Indo a sucia toda em pezo
De lenha ao porto na busca.

Marcos barbeiro na frente,
No *baixo* pintando a manta.
Raymundo na sua trompa
Um soberbo lundú canta.

João Quinto toca bumba,
Marciano e Salvador
Vão tocando clarineta,
Olavo rufa tambor.

Como chefe da folia,
Muito dengosa e gamenha,
Vinha Maria das Vellas
Trazendo um feixe de lenha.

Como ajudante d'ordens
Toda cheia de me-deixes,
Vem Candinha carregando
De lenha dous grandes feixes.

Com saia de musselina,
Brincos a Tamandaré,
Vem servindo de balisa
A Maria caboré.

Depois segue-se o piquete
Onde vem Chrispiniana,
Andrelina Academica
Anastacia e Damiana.

Vem Lydia, Maria Engracia,
E Maria Carolina,
A Benedicta Rebouças
E tambem a Brasilina.

A creoula Jacobina,
Vem ufana e altaneira,
Formada a dous de fundo
Com Rita da Cachoeira

Atraz dellas vem Andreza
Da imparcialidade rainha
Formando guapa parelha
Com a creoula Marinha.

A Clara, que ja esteve
N'um *gallinheiro* trepada,
Vinha com a V.....
Sua fiel camarada.

Novo sujeitos gaiatos
Racharam uma *tripeça*,
Fizeram della cavaco
E carregaram por peça

Vinha um *lazaro medonho*
Com as vigas de um sobrado,
Que fez em lenha, depois
De ter ao dono logrado.

Vinha o José *Menino*
Com seu grosso *papa vento*,
Carregando sobre os hombros
De achas de lenha um cento.

Vinha o Dr. *Bebé*
Com a classica *capona*,
Encrespando os bigodinhos
Atraz de *Sinha Chorona*.

Mas que gosto de rapaz
Para o que é feminino!
Foi costume que herdou
Do tempo em que era menino.

Tambem carregava lenha
O douto moço Brandão,
Para alcançar do Senhor
Triumpho da eleição.

Cahe aqui, cahe acolá
La vi o Ignacio *aberto*,
Pedindo a Deus que lhe desse
De suplente um logar certo.

Tendo se acabado a lenha
Foram o adro lavar;
Acabado esse pagode,
Foi-se a *baderna* sambar.

A creoula Herculana
Uma chula entoou;
Rosa do peixe, Lourença
A toada acompanhou.

Tocava *vú* certo padre
Que é parente do *Neca*,
Rufava pratos Lalau,
Birimbau Xico Careca.

Cahiu na roda Olegaria,
Puchou mui bem a *ficira*
E foi dar uma *umbigada*
No *rapaz* Bastos Pereira,

Sahiu elle mui lampreiro,
Fez o seu *sapateado*,
E deu uma horrenda *coixa*

N'um tal *Joaquim Malcreado.*

Este depois d'um *corrido*
Deu na creoula Clothildes,
A qual fez o seu *peão*
E foi bater na Mathildes.

Depois de um *miudinho,*
Que fez Antonia Dengosa,
Dançou Maria Libania
E depois Maria Rosa.

Paulina Coixa, Izabel,
A Brigida e Anastacia,
Feleciana e Bemvinda
Severiana e Nicacia;

Theodora e Clementina,
Claudiana e Simplicia,
Severiana e Justina,
Afra, Amelia e Felicia;

Sophia, Maria Augusta,
Galinha frita chamada,
Fizeram taes requebrados
Que poz a gente pasmada

O samba e a borracheira
Durou até a tardinha;
E então para a cidade
Quem lá não ficou caminha.

A PEDIDO.

—Como se pode aturar semelhante visinhança! E' meia noite e está rolando barulho!

Isto são horas de espancar escravos, ecnommodando os moradores de baixo?

Pobres moradores, que aturam até que se crie um porco dentro de casa, e que este ande por toda ella!

—Mais onde é isso?

—Na *quinta* casa, a travessa dos *pés de Cruzes.*

—Vou mandar chamar á ordem essa gente.

—Quem quizer encoste!

—O que é isso Julio?

—Pare-se! sinão, *não gosta.*

—V. esta doudo?

—Quer brigar; quem quizer encoste.

—Pois V. toma *pifão* para provocar? E assim fardado! Si seu commandante souber?

—Elle mesmo que appareça, que eu o metto num *sexto.*

—Estou calado. Seus quatro companheiros em vez de lhe accommodarem estão incendiando, faz V. muito bem.

—Sr. Honorato, o chafariz é propriedade sua para V. maltractar a quem vem beber um pouco d'agoa?

—Em quanto estiver aqui, quem manda sou eu.

—Porém em toda parte a quem vae beber um pouco d'agoa não se nega.

—Eu não estou negando.

—Mas não quer dar o caneco e diz—quem quizer traga vasilha. E a menor observação maltracta.

—Estou no meu direito.

—Pois olhe, chafariz não dá para se *levantar* propriedade.

Lista conscienciosa para senadores.

Dez. Luiz Antonio Barbosa.

Marechal Alexandre Gomes de Argollo Ferrão.

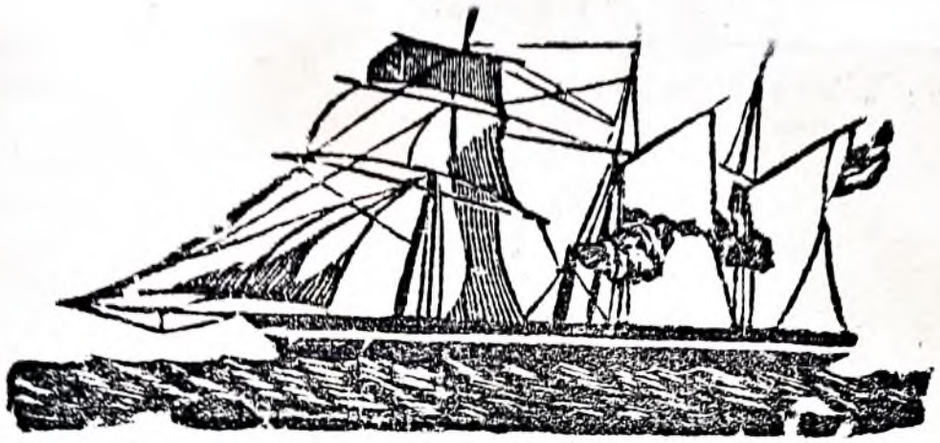
Dr. Alvaro Tiberio de Moncorvo Lima.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO.

O abaixo assignado tenente reformabo do exercito tendo de seguir para o o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da Provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no campo da Polvera, convida, portanto, aquellas pessoas que tem alli objectos empenhados a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos não retirados até este dia serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto nº. 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 9 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.ª—N.º 162

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de fevereiro de 1867.

Não houve expediente.

—O que tinha aquelle homem, que lhe fallava tão amargamente?

—Queixava-se das injustiças de nossa terra.

—Ora isso é cousa velha.

—Dizia que, em quanto no Maracás passeiavam livremente homens sem a menor isempção, elle, casado, com 3 filhos, fôra alli recrutado e achava-se com praça na companhia de sapadores, que se está creando.

—E disse-lhe o nome?

—Disse-me que se chama Antonio Joaquim de Oliveira, casado com Theresa Maria da Conceição, a qual se acha em uma casa em Santo Antonio, com os tres filhinhos, na maior indigencia.

Accrescentou que não lhe permittiram que elle trouxesse documentos para provar sua isempção, e que agora sua extrema pobreza fazia com que elle não podesse mandar uma pessoa ao Maracás buscal-os.

—A mulher que recorra ao presidente, o qual não pactua com esses intoleraveis abusos.

A PEDIDO.

—O Dr. Bebé tanta força tem na viperina lingoa para deprimir, como é covarde de animo.

Um cão goso não o ganha.

—Ja tardava, V. se lembrar do rapasola.

—Ia elle pela rua direita da Misericordia com o Almeidinha. Nisso vem um sujeito montado n'um burro: ao passar por elle, não sei si o animal o conheceu e fez uma gatimanha. Bebé correu como uma creança e foi se esconder na loja do Porto Marques, deixando o Almeidinha embasbacado de tanto medo.

O Almeidinha teve de esperar mais de dez minutos, por que não houve forças que fizessem Bebé sahir da loja em quanto não viu o animal ir pela Praça.

—Que miseria!

—O Almeidinha ria-se a escangalhar, ao ver seu companheiro livido, atterrado com o simples *refugamento* de um burro manhoso.

—Pois olhe, Bebé não devia atemorisar-se de uma *carantonha*, que lhe é tão familiar.

—Si eu fosse da confiança do Sr. Dr. chefe de policia, havia de pedir-lhe que lançasse suas vistas para a povoação do Rio Vermelho

—Quando se falla em nome da ordem, não é preciso ser de confiança para merecer attenção.

—Informam-nos que naquelle logar dão-se constantemente attentados contra a segurança individual, sem que haja a menor repressão a taes abusos, e pelo contrario os criminosos andam impavidos a fazer ostentação de seus actos.

—E que provas tem disso?

—Digo pelo que me informam. Na quarta feira 30 de janeiro, Manuel Ramos Pereira espancou barbaramente a Eusebio Lopes Fiusa, deixando-o em perigo de vida e até hoje 4 de fevereiro corre risco a sua existencia. O aggressor consta que está homisiado em casa de um potentado, d'onde sahe de vez em quando á dar seu passeio, e tomar banho no Lucaia.

—E as authoridades o que fizeram?

—Consta que reduziram-se a um simples corpo de delicto.

Informaram-me mais, que no dia 26 de dezembro, um tal Francisco de Mello Lazaro entrou pela casa de Juvencia Osoria dos Santos, deu-lhe muita bordoada, fazendo lhe diversas contusões mais ou menos graves, e ficou impune blasonando da sua valentia.

No dia 6 de janeiro Maria Geltrudes retalhou á navalha Luciana de tal, esteve tres dias presa, porem *arranjou-se* a cousa, sahiu para a rua e a offendida ainda cura as feridas.

A' vista deste factos é que eu desejava dirigir-me ao Sr. Dr. chefe de policia; porem receio que não dê elle fé de mim.

—Com tudo é bom aventurar.

—E então eu lhe contaria outros muitos factos, principalmente do tal Manoel Ramos; entre outros, o caso do rapto do uma menor para ser vendida a certo taberneiro, etc.

—Meu charo, não perca tempo: dirija-se ao homem, que lhe ha de attender.

—E si elle exigir uma *denuncia assignada*, quando eu so sei de tudo isto por informações?

—La isso arranja-se.

—Permitte licença, meu charo?

—Pois *não*, pode entrar.

—O Sr. tem um tratamento de *Rei!*

—E não sou mais que um simples artista.

—Pelo contrario, hoje é um abastado capitalista.

—Porém o que determina nesta casa?

—Um negocio

—Sem duvida quer alguma photographia?

—Não, Sr.

—Então terá a bondade de explicar o que ordena.

—Fal-o-hei em termos breves.

—Venho aqui exprobar-lhe o seu torpe procedimento para com um miseravel.

—Não o comprehendo.

—Eu me farei comprehender.

O Sr., ebrio de ambição, emprehendeu casar com uma rica herdeira, não por amor a ella, e sim ao seu dinheiro.

Para isso travou estreita relação com um preto escravo da casa, a quem chamou seu *ben' dito* mensageiro.

A commum intimidade, a franqueza, que reinava entre o Sr. e esse preto, era a que se dispensam dous reciprocos e cordiaes amigos

Propoz-lhe o influir no animo da rica herdeira a seu favor; que o admittisse secretamente no aposento della; e que, quando conseguisse realisar o casamento lhe daria 2:$000 rs. e a carta de liberdade e passou-lhe um recibo de divida de 2:$000 rs.

Engambelado o preto com a sua affectada promessa, e com a calculada franqueza que o Sr lhe dava, a tudo accedeu.

O Sr. mandou cartas, teve entrada á surdina na casa, esteve só com a moça e por fim casou-se.

O preto foi logo tratado por outra maneira ou quasi esquecido.

Passados mezes ainda teve elle a loucura de apresentar-se ao Sr. com o recibo, exigindo o comprimento do que elle resava.

O Sr mandou-o para a salla esperar; depois veiu com um masso de dinheiro

contando como quem ia pagar o pedio o recibo. Neste momento apparece um soldado de policia, que prende e conduz o negro para a cadeia?

—E não acha que foi grande atrivemento delle exigir tal dinheiro.

—O que acho? é que o Sr. rebaixou-se vilmente conloiando-se com um preto, que degradou-se impudentemente passando-lhe um recibo, e que avilton-se infame e torpemente com a indigna acção, que commetteu.

—Tudo isso nada valle, o que eu queria era montar-me nos cobres.

—Não vale nada para quem a honra e honestidade é chimera, para quem o pundonor é um pouco de pó, que o vento leva.

—Insulta-me em minha casa!

—E' verdade, esquecia-me que os caracteres moldados no cadinho da desfaçatez, almas crivadas de sordida e torpe ambição, preferem ser castigadas na praça publica. Ca virá o muxingueiro buscal-o. Adeus.

(Continúa)

—Ah que dôr de coração!... Hoje não posso tomar lecção ás meninas.

—Quer um sorvete de *pitanga*?

—Nada... nada... Que dôr de coração!.....

—Pois deite-se para allí.

—Quando for horas do chá me chame.

—Pois o Sr. queixando-se de uma dôr, lembra-se em comer?

—Até la estou melhor.

—Bem me disse o *Olimpio*! O Sr. com o que se parece, é com uma besta manhosa.

—Está gemendo e come como um alarve.

—Não lhe dê isso cuidado, Sr *Deodato*, porque eu não como do seu, quem gasta o dinheiro é o *Pitanga*, e esse não se importa.

—Tenho visto que V. é manhoso em tudo. Finge-se tão serio e, quando está leccionando as meninas, deita-lhe as mãos em cima, passa o braço sobre ellas, descança a mão paulatina e disfarçadamente sobre seus collos, etc.

—Quer me calumniar?

—Calumniar! E porque V. foi expulso da casa do.....? Não foi por uma bandalheira destas?

E porque é que V anda intrigando aquelle empregado da casa? não foi por elle reprovar seu procedimento?

—Como si calumnia assim a um homem moralisado?.....

—Na verdade o Sr. é muito moralisado! Tão moralisado que consente que seus filhos se perviertam pela boa educação, que recebem; a ponto do reprehendendo a um, elle responder-lhe asperamente, e querendo o Sr corrigil-o, elle agarrou-o pelo pescoço e luctou com o Sr., deixando-o maltractado.

—Diga-me, são horas do chá?

—São, meu glutão.

—Pois então deixo os seus sermões para outra hora.

—Pois bem, hei de lhe contar certos factos pora provar a que ponto chega a sua galvanisada moralidade.

—Vae encher a pança meu lorpa.

O OLHO DE ABEL MIRANDO CAIM.

Lê-se no *Diario da Bahia* de 3 do janeiro:

Eu abaixo assignado, deixei a companhia e loja do Sr. pharmaceutico Carlos Manuel da Silva, em 11 de dezembro de 1866, de contas justas, como consta do titulo por mim assignado em poder do mesmo Sr. Silva.

Uma letra de 150$000 rs. á caixa economica, em que eu figurava de passador e aquelle Sr. de garante, dinheiro para comprar um cavallo para o seu filho Demetrio Manuel da Silva, está reduzida a 50$000 rs. com outra firma em logar da minha, e as reformadas que estão em poder do Sr. Carlos, com a minha firma não constituem obrigação minha como sabem todos, e confio que o Sr. Carlos não o porá em duvida em tempo algum.

O unico inimigo que tenho é o Sr. Carlos Manuel da Silva; espero que respeite minha individualidade e reputação como eu o respeito, sem precisar recorrer ás autoridades policiaes.

Bahia 2 de Janeiro de 1867—*José Gergorio da Costa.*

VARIEDADE.

DESPEZAS TEMIVEIS.

Dentes postiços.
Concertos de relogio.
Trabalhos de segeiro.
Deligencias de procuradores.
Razões de advogados.
Operações cirurgicas.
Alugueis de sobrados.
Enterros com luxo.

COUSAS DIFFICE S DE SE ACHAR.

Amigo verdadeiro.
Mulher que falle pouco.
Moça que não queira casar.
Dinheiro no meio da rua.
Italiano que não saiba cantar.
Cigano sincero no negocio.
Musico sem ser glotão.
Marinheiro delicado.
Creoula sem catinga.
Generos baratos em lojas de modas.

COUSAS QUE NUTREM, MAS NÃO ENCHEM BARRIGA.

Titulos e commendas.
Beijos de moça bonita.
Elogios de poeta.
Saudades de quem ama ausente.
Correspondencia de namorada.
Cortezias de figurões.
Postos da guarda nacional.

ACTOS DE GRANDE PRAZER, E SOBRESALTO.

Avistar terra depois de longa viagem.
Fallar com a namorada estando ella só.
Noticia da sorte grande.
Deitar-se em cama fresca depois de um dia de calor.
Cobrar divida velha em mão de caloteiro.
Tomar banhos de mar em companhia de moça bonita.
Chegada de um filho, da campanha.

MARIDO DO MODELO

Em muitos paizes do Languedoc, quando morre alguem, è ainda costume empregar *carpidores e carpideiras* para acompanharem o feretro.

Jacques la Bebe, passava por ser um carpidor famoso.

Um dia vão procural-o.

—Jacques, dizem-lhe, E. morreu e enterra-se amanhã, ás 4 horas da tarde. Convèm que não faltes.

—Eu não posso chorar, disse Jacques la Bebe.

—Como assim, não podes chorar!..... O morto deixa fortuna, e tu serás bem pago.

—Mais é me impossivel chorar.

—Então o que ha?

—Minha mulher morreur

(*Extr.*)

ANNUNCIOS

Perdeu um pobre pae de familia, hontem 7 de fevereiro, na praça do mercado de S. João, a quantia de dous contos setecentos e tantos mil reis, que recebeu para diversos pagamentos. A' pessoa que achou essa quantia, pede-se queira dirigir-se ás portas do Carmo que será generosamente recompensado.

Pede-se a certo official pertencente a um corpo que apezar de *permanente* é *provisorio*, que vá a venda do Gravatá pagar a quantia de 9$240 que deve ha tempo, si não quer ver seu nome por extenso.

O Porta de tella.

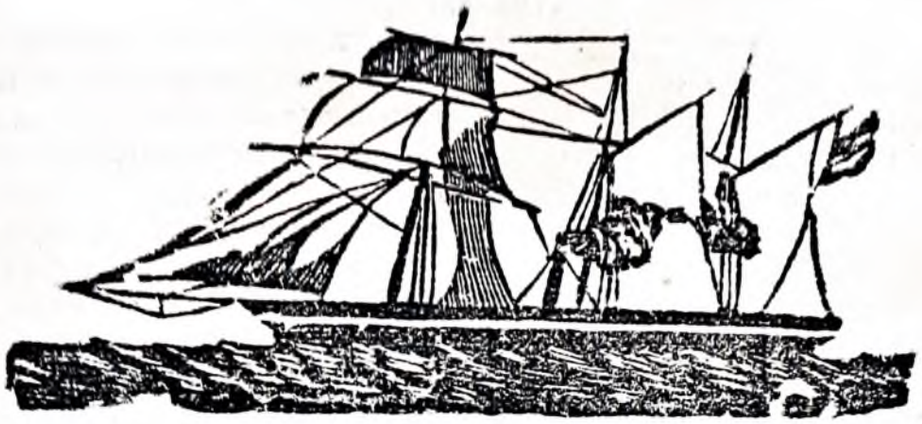
Um excellente prelo de madeira se diz nesta typographia quem o vende barato.

ATTENÇÃO.

O abaixo assignado tenente reformabo do oxercito tendo de seguir para o o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da Provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no campo da Polvora, convida, portanto, aquellas pessoas que tem alli objectos empenhados a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos não retirados até este dia serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto nº. 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

O Sr. Eduardo José Calvacanti é rogado com instancia a ir á venda ao becco dos Sette Pecados, quina para a Piedade.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 13 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.ª—N.º 163

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que a voz publica propala que a creoula Benvinda, fallecida em Itapagipe, ha cerca de dez dias, fôra envenenada; o que se communica a S. S. para que dê a semelhante boato a consideração, que lhe merecer.

—Foi a festa das Candeias?

—Fui, e antes não fosse.

—Porque?

—Porque vim com a roupa do corpo. A companhia do Olho Vivo embarcou daqui, e fez as todas. Roubaram escandalosamente, arrombaram paredes, etc.

—Por isso um delles um dia destes queria vender umas pulseiras! Eu bem desconfiei.

—Dizem que dous escravos do Sr. Teive, os quaes anda tambem a fazer advinhações de dedaes, tomaram parte activa no saque. Um delles na quarta feira demadrugada trocou uma cedula de 50$ rs. na Baixa dos Sapateiros, dando 1$ rs. de lucro a quem foi fazer o troco.

—E a respeito da funcção?

—Foi o costumado, uma simples missa. Houve povo a abarrotar; de toda parte affluia gente; reinando com tudo muita ordem; a não ser certo capitão da guarda nacional que deu completo desfructe com uma creoula.

A egreja permanece no mesmo estado de ruina.

—Bem, vamos a outra cousa.

—Hontem á noite foi preso na rua do Tijollo um forçado, que placidamente passeiava munido de uma faca de ponta.

—O que andava fazendo elle? Estaria incumbido de alguma *commissão*?

—Não sei: disseram-me que elle tinha se evadido do forte de S. Pedro.

—E' pela facilidade que lhe costumam dar.

—O que reprovei foi um sujeito espancar de chapeu de sol o preso, quando este nenhuma resistencia fazia.

—E' que todos não tem paciencia de *santo*.

—Estou por isso, Sr. *Pereira*.

—A policia devia ter uma inspecção mui activa sobre as gondolas da carreira do Bomfim.

—Sou de sua opinião.

—Nellas embarcam gente de tod

qualidade e condição, e muitos sem nenhum respeito e consideração ás familias, que ahi vão em commum, pronunciam phrases obscenas, commettem acções torpes e praticam gestos immoraes. As vezes é um *mamado* que, depois do numero de passageiros completo entende que deve ter logar, e embarca-se atropellando os mais; outras, é um borracho que vem a fazer *accionados* immoraes e a dizer *lerias* para as casas, outros fazem uma algazarra estrepitosa e de bengalas para fora da gondola vão espancando os transeuntes.

Por sua parte os empregados abusam admittindo maior numero de passageiros, faltando á regulidade das horas, etc.

— E que me diz das machambombas?

— Ora isto não vale a pena fallar. Aquillo tem de empreza o nome.

Está preenchendo os dias.

A justiça.

Fallam todos na justiça, e ninguem ainda soube d'onde procede esta Senhora tão afamada; pois attendam os leitores, que vamos fazer uma descripção da tal sugeitinha: attendam bem, que a historia é verdadeira Esta senhora, filha legitima do Sr. Direito Nacional e da Sra. D. Equidade, nasceu no seculo passado, foi baptisada na freguesia da Honra, sendo madrinha a Sra. D. Consciencia Escrupulosa da Boa Fé, chamou-se D. Justiça Humana da Execução; porém depois que foi crescendo, seu tio, o Sr. Velhaco Mór do Reino, chrismou-a em D. Tortura Bandalha das Patifarias e desde então, tendo ella antes sido uma senhora mui honesta e fiel, tornou-se uma ladra, e grande fadista, entrou a ter uma ambição desmarcada, perdeu de todo a vergonha, tornou-se soberba e ao mesmo tempo tão vil, que constituiu-se uma aduladôra dos ricos, desprezando inteiramente os pobres, porque vê que d'elles não pode arranjar bastante dinheiro; e a final tornou-se uma preguiçosa, e tão deleixada, que não attende às suas obrigações: por mais que se grite por ella, não sahe de casa para acudir a ninguem; porém, assim que vê dinheiro, ou cousa que o valha, abre os olhos e salta para o meio da rua, ligeira como um rato! Que ladra!!...

No tempo em que D. Justiça era honesta, andava armada de espada e balança, isto é, para pesar e cortar; porem n'um duello que teve com a Sra. D. Fortuna, levou uma bofetada que a pôz cega de todo. Vendo-se ella n'este estado, largou a espada, tomou um páu e entrou a communicar-se pelo tacto, de sorte que quando lhe dão dinheiro de esmola, ella agradece e entrega o páu para a conduzirem para onde se quizer: e quando não lhe dão esmola levanta o páu e dá bordoada de fogo. Deixou tambem a balança porque os pagamentos agora são em papel e não em ouro e prata, como d'antes, e para se acautelar de não receber algum papel falso, que ella por cega não conhece, traz comsigo uma menina chamada Ganancia da Especulação. Eis aqui a Sra Justiça descripta, cuspida, e escarrada.

E á vista d'isto, que se deve esperar de tal mulher no tempo presente!! O que estamos vendo todos os dias.

Aquelles, que, por obrigação, deviam ser os mais rigorosos observadores da verdadeira justiça, são os que mais a corrompem: advogados corruptos e ambiciosos, que illudem as partes, dizendo-lhes que as causas mais absurdas, que dar se pode, tem toda justiça, só para chuparem o dinheiro do importe das razões e mais atrapalhações que elles inventam; tabelliães velhacos, fazendo testamentos falsos, e com elles concorrendo para se extorquir os bens de seus legitimos herdeiros: escripturas viciadas, firmas raspadas, autos sumidos, testemunhas compradas, datas trocadas, e quanta casta ha de perversidades para roubarem e causarem damno aos seus semelhantes!!

E que diremos do certos senhores juizes empoados e cheios de altivez, que estão sempre dormindo, ou no banho, para não fallarem ás partes, fazendo-as esperar manhans inteiras na escada! Estes são impostores por natureza, e

ordinariamente estupidos, porque o homem instruido não se ensoberbece por estar em cargo algum, por mais elevado que seja; outros ainda peiores e muito insuportaveis, são alguns, que escandalosamente vendem a justiça, tirando o direito a quem rigorosamente o tem concedido pela lei; e quantos males resultam d'este infame abuso'! O juiz que vende a sentença, injuriando a sua classe e commettendo a barbaridade de criminar o innocente, devia ser immediatamente desterrado do paiz que habita; mas tal é a descaração moderna, que alguns, alem de roubarem, com o mesmo dinheiro ganho na ladroeira dão funcções e alardeiam de muito ricos, sem se lembrarem de que o publico está calculando seus lucros e seus gastos e por conseguinte vendo que malversam.

(Continúa)

LA VAE VERSO.

(PARODIA)

Meu charo Sr. *geral*,
Dae-me a vossa mão direita,
Porque uma duzia de bollos
Apanhareis d'esta feita.

Vou agora incommodar-vos
Com cousas que vos faz mal;
Mas não é por culpa minha,
E' por culpa do fiscal.

Pois se tanto lixo vemos
Nesta bella capital,
E' só por culpa da camara,
E por culpa do fiscal.

Si a praça do mercado
E' um monturo infernal,
Não é por culpa da camara,
E' por culpa do fiscal.

Si na rua os boleeiros
Correm mais que um bagual,
Não é por culpa dos burros.
E' por culpa do fiscal.

Si cavallos, cães e burros,
E até certo animal,
Andam soltos pela rua
E' por culpa do fiscal.

Si mais cães aqui s'encontram
Que no Estado Oriental,
Atropellando a quem passa,
E' por culpa do fiscal.

Si acceio não se encontra
Nem na praça principal,
Não é por culpa da praça,
E' por culpa do fiscal.

Si os quintaes andam tão cheios,
De materia que faz mal,
P'ra não dizer *certa cousa*,
E' por culpa do fiscal.

Si o despejo não é feito
Sempre em hora principal
E em logar competente,
E' por culpa do fiscal.

Si ha tavernas immundas,
Qual nojento lodaçal,
Não é por culpa do dono,
E' por culpa do fiscal.

Si a libra tem tres quartas,
Si o pezo não é legal,
Não é por culpa do pezo,
E' por culpa do fiscal,

Si a manteiga o taverneiro
Nos vende cheia de sal,
E nos rouba na medida,
E' por culpa do fiscal.

Si as posturas não se cumprem
Da camara municipal,
A camara é que tem culpa,
Ajud da do fiscal.

Adeus, pois, eu me retiro;
O que disse é tal qual...
Saio d'aqui p'ra não ver
As tractadas do fiscal.

Trovão.

A PEDIDO.

Será verdade que se acha nesta capital, preso n'um tronco, ha seis dias um infeliz, que foi escravo de certa casa, porque teve a *rebeldia* de não votar na chapa, que lhe impuseram seus passados senhores?

Será verdade, que esse desgraçado depois que cumprir a pena que lhe é imposta, assentará violentamente praça e embarcará para o Sul?

Será verdade que este facto horroro-

so se pratica actualmente na freguezia de Santa Anna?

O Az de Paus.

—Agora está V. por cima, meu *candido* senhor!

—A razão?

—Porque passou de pato a ganço. Sahiu de caixeiro das *bombas machas* para ser administrador.

—Foi um pequeno accesso.

—E a respeito de *sequilhos*, como vamos? Ainda dá encommendas por aquelle estudante.que penteia o cabello com oleo de *babosa*?

—Ora si! Andaram fallando e eu por isso mesmo é que heide continuar.

—V. é um cynico libidinoso, que se appelida de *candido*, quando a sua candidez está na protervia e descaração.

O' muxingueiro!

—Aqui estou.

—Agarra esse *bigarim*, dá-lhe de rijo e leva-o depois aos Srs. Monteiro, Carneiro & Azevedo para que o empreguem nas lojas das machambombas por 3 mezes.

—Vamos ver que gritos são aquelles no becco dos Dendezeiros?

—Eu não; hoje foi a festa de S. Gonçalo é dia de muita bebedeira e de muita imprudencia, vou lá me expor n'um becco escuro, arriscado a levar alguma porretada *por descuido*?

—Pois vou eu que sou destemido.

—E eu espero,

—Ja vi. Era o preto Luiz escravo do Sr. Ariani, que espancava a preta Maria na porta d'uma casa.

—E que faziam?

—Estavam na janella impassivel.

—Muito bem!

—E o negro podia matal-a, porque as pancadas não eram de brinquedo, soavam com viração.

—Aqui não ha subdelegado?

—Pois não ha!

—E qorque não traz isto mais bem policiado?

—Ora V. quer que o homem faça milagres!!

SONETO.

A carista invade à largos passos
Aquadra horrenda que atravessamos,
Veixados dos feijões, já tanto escassos,
Tambem co' sachristão hoje lutamos.

Com guerra e fome, estando nós á braços,
Eis na egreja tambem o que encontramos:
O sachristão no sino armando laços,
Si o funebre signal là procuramos.

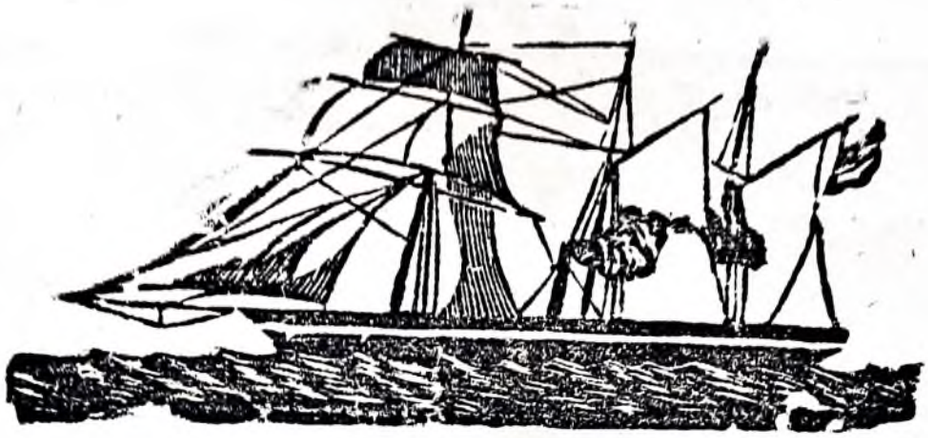
Que usura meu Deos... que coração!
Hade o pobre tocar no almofariz,
Si quer ao morto seu dar orações?

Pois si o fero *destino* assim o quiz....
Que o pobre não tendo dez tostões,
Não tem dóbre ou repique na matriz!

ANNUNCIOS

Na noite de 28 de janeiro, arrombaram pelo quintal a casa de D. Maria Joaquina Rodrigues, moradora à Rua Direita de Santo Antonio, em occasião, em que ella não estava, e roubaram 30$ rs. em dinheiro, 5 colheres de prata, 2 rozetas de pedra, 1 anel com pedras de diamante, 1 dito de cabello, umas pulseiras esmaltadas de azul, 1 coração de esmalte azul, 1 maço de fitas cor de rosa, lenços de esguião, 1 toalha de esguião enfeitada, 2 camisas bordadas, de senhora, 1 peça de estopinha, 1 camisa de esguião de grade chinesa, 1 anagua com barra de picado, 2 horas com capa verde e outros objectos. Quem der noticia certa, será recompensado.

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da Provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no campo da Polvora, convida aquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo do que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto nº. 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 15 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.ª—N.º 164

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção e reclamando providencias contra os continuos escandalos dados, dia e noite, por certo *cascabulho-chronico*, amador do prego e da borracheira, deshonra da classe scholastica, repellido e repudiado por todos os seus collegas.

Pois são tão continuadas as suas *borracheiras*, que, ainda no sabbado, praticou os factos horrorosos de, com trez companheiros *forçar uma creança*; tentar fazel-o a uma africana, depois de comer-lhe os doces, e embebedar dous carcamanos, que, depois de tocarem o dia inteiro, foram deitados pela porta fóra, resultando disso perderem o dia, o juizo, e o realojo que arrebentou-se todo.

O cujo de que fallamos gosta de porcos-*monteiros*, foi ultimamente, pela quarta vez, reprovado em francez, e *faz tijolos*, no numero 13, 1º andar.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, chamando sua attenção para as continuadas desordens que ha no Caminho Novo do Taboão. Todas as noites ha ali descomposturas, gritaria, etc., e ainda no dia 11 houve ás 11 horas um berreiro dos seiscentos.

—Quer ver o nosso governo como è equitativo na remuneração de serviços?

—Diga.

—Pois ouça la:

«Foram nomeados dignatarios da ordem da Rosa, o senador Francisco Antonio de Souza Queiroz e Luiz Antonio de Souza Barros, pelos relevantes serviços que prestaram, o primeiro libertando e offerecendo para o exercito *quatro* escravos e apresentando dous voluntarios, e o segundo libertando e offerecendo *cinco* escravos, e apresentando um voluntario para o mesmo fim.

«Foi nomeado *commendador* da referida ordem Francisco Teixeira Vilella, pelo relevante serviço que prestou offerecendo *seis* escravos, que libertou para assentarem praça no exercito em operações contra o Paraguay.»

O que offereceu quatro foi dignatario e o que offereceu seis foi commendador.

Não acha justo?

—Sem duvida.

—Consta-nos que no quartel da Palma desconta-se diariamente de cada soldado um vintem para concerto

do quartel. Em 700 praças veja que pepineira!

—Bem bello! Então os soldados são quem tem obrigação de concertar os quarteis, e pagarem obras publicas!

Não sabia que a nação estava em semelhante estado de penuria!

Porque não fazem o concerto com o dinheiro que se deu para armamento do paiz?

—Esse foi-se, evaporou-se, sumiu-se!

Assim é a clamorosa injustiça de querer se descontar 100 rs. de cada soldado á titulo de fardamento.

Si de dous em dous mezes os homens hão de ser mudados, para que essa inutil despeza?

—Neste caso, o governo que faça o fardamento a sua custa para não ficar um batalhão de caretas.

—Anda por esta cidade uma preta velha em completo estado de nudez.

Traz apenas sobre si um roto pedaço de cassa, que mal lhe cobre o corpo do umbigo ás coixas!

—E de tanta authoridade que ha nesta terra, não ha uma que faça acabar com tal vergonha!

—Qual! Nestes casos todos declinam de si as attribuições; ninguem se julga competente para dar uma providencia!

LA VAE VERSO.

RECEITA.

Sympathia.

Toda besta, que se mette
Em escriptor querer ser,
Deve tomar *sympathia*,
Afim de se conhecer.

Ao homem, que na imprensa,
Se acoberta p'ra roubar,
Receita de *sympathia*
Deve-se logo applicar.

A'quelle, que calumnia
A qualquer homem honrado,
Applicada seja logo
Sympathia no safado.

O doutor que sempre esquece
D'o doente ir visitar,
Sympathia na memoria
Para melhor se lembrar.

Ao amigo, que provoca
Por causa de sua amante,
Podem dar-lhe *sympathia*,
Pois que o sujeito é pedante.

A' velha que quer ainda,
Aos rapazes namorar,
Dê-lhe tambem *sympathia*,
Para ella se assumptar.

O moço, que acaso virdes
Com arzinho de impostor,
Sympathia logo nelle,
Que é das moças sedutor.

Anda por aqui um padre,
De cujos olhos sahe luz,
Façam-lhe logo na testa
De *sympathia* uma *Cruz*.

O gaiato que promette,
A meças mil casamento,
Não fique sem a receita;
—*Sympathia* no jumento.

Todo padre que tem gosto,
Por dansar o seu lundú,
Sympathia, *sympathia*,
Deite-se logo no c....

Aos safados detractores,
D'algum caracter prestante,
Com *sympathia* na lingua
Curar-se-ha n'um instante.

O cujo, que tem por garbo
Se allumiar com *brandão*,
Sympathia tambem nelle,
Qu' é das *mulatas* capão.

O boticario, que vende
As suas drogas trocadas,
Sympathia na moleira,
E não venda mais pomadas.

O vendilhão que *gadanha*
No pezo os certos freguezes,
Deve tomar *sympathia*
Por espaço de seis mezes.

O Dr. Ayer.

A PEDIDO.

ATTENÇÃO.

A creoula Bemvinda falleceu em Itapagipe de tetano spontaneo, segundo a

opinião dos Srs. Drs. Freire, e Bittencourt, que a viram e receitaram; está enterrada no cemiterio do Bom Jesus; quem tiver provas do contrario assigne a denuncia na policia para ella proceder conforme for necessario, e espere o bom resultado.

—Capitão, peço-lhe que chame a attenção dos Exms. Srs. presidente da provincia e commandante superior da capital para o seguinte revoltante facto:

Hontem 13, o batalhão de artilharia deu uma guarda para fazer as honras funebres em uma missa de defunto, finda a qual foi debandar na Baixa dos Sapateiros. Nesse acto, um dos guardas ou interpretou mal, ou, *recruta*, não soube executar a manobra que o commandante ordenou, e um tenente com inaudito arrojo desfechou-lhe a espada nas costas por duas vezes!

Este facto indignou a todos que o presenciaram; foi um clamor geral, porém o commandante da força nenhum caso fez de semelhante ultrage feito á farda da guarda nacional, ao povo e a elle proprio, como superior que ali estava; e a muitos officiaes do batalhão que testemunharam.

Portanto, peço-lhe que chame a attenção das authoridades competentes.

—Sabe o nome do tenente?

—Disse-me o *Santos* que era *Pereira*.

—Bem.

O DOUS DE PAUS A CAVALLO, VISITANDO UNS ESCRIPTORIOS.

Que apparato é aquelle?
Ora, Sr. *Galeirão*!
Não é agora que o povo
Quer conhecer o ladrão

Sua senhoria devia
Ter ha mais tempo o prendido,
Para que fosse, afinal
Por todos bem conhecido.

Não o fez, e como agora
Quer conhecer o ladrão?...
Espere Sr., não tarda
Chegar sua demissão.

O Banco.

—Será fado?

—O que?

—Dos empregados das *bombas machas* serem *comelões*! Todos gostam de *gulodices*.

—Que me diz?

—Até o *alfaiate* dos *animaes*.

—Ora qual!

—Pergunte ao *Candinho*, que lhe dirá. O Gonzaga teve até um cavallo, por que sabe *arranjar* cousa ao gosto do homem.

—Pois hei de lhe mandar um pastel de pé de muro para elle ver que tal acha.

—Capitão, conceda-me uma palavra.

—Estou ás suas ordens.

—Quero pedir-lhe o favor de mandar seu muxingueiro á guarda de palacio fazer uma deligencia; pegar o Pedro *Bambolino*, que.....

—Mas quem é esse animal?

—Eu lhe digo: um moço branco, que, tendo casa para morar, julga-se isempto de trabalhar para comer.

—Será então porque não come?...

—Pelo contrario; porque come de mais.....

—Então explique-se.

—..... Tanto que é conhecido por —secenta jantares!

—Com mil bombas! porém, como elle consegue tantos?

—Vej : todo o official commandante da guarda è por elle visitado; um por ser *conhecido*, outro por ser *amigo*, este por ser de sua *sympathia*; aquelle por ser um.....

—Mas isso acontece somente com os que tem esses attributos e não com os desconhecidos.

—Engano, nem estes estão livres. Quando elle o não conhece, entra egualmente: uma vez por *pensar* que era fulano; outra para esperar sicrano; sendo certo que, uma vez dentro, não se vae sem jantar.

—Homem, isto è uma boa industria.

Muxingueiro, vae depressa ao commandante da guarda de palacio e dizlhe que omande ja, si estiver la, e si não, quando chegar, que apresente ao Dr. chefe de Policia o Pedro sessenta jantares,

afim de lhe dar destino, visto ser solteiro e *malandro*, sem isempções.

—Obedeço.

VARIEDADE.

CURIOSIDADE.

Copia fiel de um passaporte de policia com a propria orthographia.

O Tenente Coronel F.... de B.... M.... Subdelegado de Policia criminal do Destricto de...por Graça de Deos, e de S. M.I. etc.

Concedo passaporte a Manoel Antonio das Chagas, natural da...deste districto, *proficão* pescador para a praça de Macaió para la usar da sua *existencia*, levando em sua companhia umas mulheres do fado, Maria e Anna Joaquina, e sua *irman* Vinva e dois filhos de menor idade.

Secretaria da *Subdelegacia* no Engenho, 13 de Novembro de 1843, ete. etc.

Sinaes.

Idade—33 annos.—Altura—do tamanho do meu Escrivão.

—Rosto—Comprido e sobre o feio com bexigas.

Cabellos—crespos e duros.

Olhos—disjuntivos e arregalados.

Nariz—como de qualquer proximo.

Barba—de bode.

Cor—Não è certa, porque é furta cores.

Boca—muito perto das ventas, e *beiços* roxos.

N. B, As mulheres não vão por *mim rubricados*, nem pelo meu Escrivão; porque não compareceram.

Fiei-me na palavra do suplicante, que Deos leve a salvamento, pagando primeiro por si, e pelas referidas suplicantes a quantia de mil e quinhetos reis na conformidade das *Lezes*.

CHORO DE VIUVA.

Chorava triste viuva
A morte do companheiro;
Tinha deixado dinheiro.
Era forçoso casar:

Veiu outro, que era pobre;
Estava desamparada:
Mulher só, não vale nada,
Foi-lhe preciso casar.

Gastou-lhe tudo e morreu;
Chorou a pobre inda mais;
A que soffre perdas taes
Nunca passa sem chorar.

Um terceiro se apresenta;
Casou por necessidade;
Quem vae entrando na edade
Deve, p'ra amparo, casar.

Ora, si este inda morresse,
De certo havia chorar,
Que a mulher vive chorando
E chorando po reasar.

INHATO-MIRIM.

COUZAS COM QUE A GENTE NUNCA DESEJA ANDAR.

Com a onça.
Com a pedra no çapato.
Com a pulga na orelha.
Com as orelhas em pé.

ANNUNCIOS

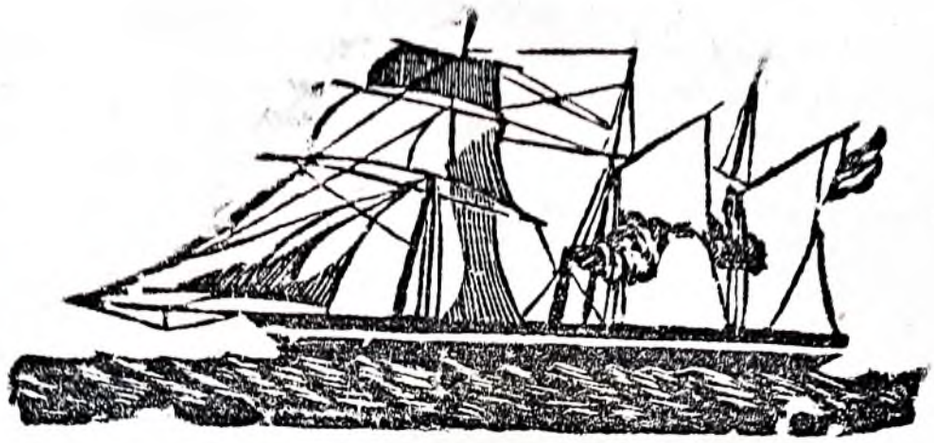
Foi encontrada no dia 12 do corrente, uma menina, creoula, de 8 para 9 annos, que não sabe declarar onde mora, diz-se chamar Maria e ter um irmão de nome Rodrigo, ser forra, e filha da finada Maphalda que morou na Rua Nova: quem sobre ella tiver dominio, procure entender-se na subdelegacia do Curato da Sé.

Pede-se aos amigos que devem na venda sita á ladeira do Aljube que faz quina para a ladeira dos Gattos n. 1, que venham saldar suas contas dentro em dez dias, do contrario passarão a ver seus nomes em uma lista publicados n'este periodico.

Bahia 13 de fevereiro de 1867.

O abaixo assignado.tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvora, convida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos,não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto nº. 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

Typ de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 16 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.ª—N.º 165

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicaçõ·s. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Al bama* 15 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, chamando sua attenção para um infeliz rapaz de nome Philippe, irmão do Sr. padre Pimentel coadjuctor do Rosario, o qual anda vagando por esta cidade miseravelmente, esmolando para comer e dormindo nos adros das egrejas e assentos de S. Bento; e como consta que esse rapaz tem algum dinheiro depositado n'um estabelecimento, pede se a S. S. que mande averiguar isso, e remetta para o hospicio de Pedro 2º o infeliz, que ainda pode vir a ser um cidadão util a seu paiz.

O partido progressista ja aprosentou seus candidatos à senatoria.

—Quem são?

—Os Srs.—

Conselheiro Saraiva,

Coronel Spinola,

Dez. Silva Gomes.

—Estão bem aviados os dous ultimos!

—Por que motivo?

—Porque não servem mais do que de *moços do cego*, como costumam dizer os capadocios.

O bocado está feito para o Sr. Saraiva, e todo aquelle que entrar com elle não servirà mais do que de pau de cabelleira.

—Eu lhe creio porque, o Sr. Saraiva é dos *felizes da epocha*.

— Que diabo de *mixtiforio* è um entre os eleitorce de Sant' Anna?

—Não me consta.

—Dizem que os *chefes da chapa* prometteram a votação ao Almeidinha, com tanto que este lhes garantisse as posições officiaes e lhes angariasse o apoio do governo, sem previo consentimento dos collegas, e sem que ao menos elles tivessem conhecimento de tal *negociada*.

A rapazeada agora, que não é nenhum rebanho de carneiros, rebella-se, e não quer obedecer ao chefe que a quiz reduzir a condição de automato.

—E faz muito bem, porque o povo quando votou n'ella não foi na intenção de que iriam votar na gente barriguda.

—Veremos agora como se hade haver o moço da *sympathia* no collegio eleitoral com sua gente.

—Felizmente está quasi a concluir-se o processo eleitoral nas diversas freguezias.

Quem aproveitou aproveitou; quem não aproveitou aproveitasse.

As transacções expiram; o leilão de votos termina; quem foi tratanto vendeu-se, quem teve dinheiro comprou.... agora seguem-se os triumphos, foguetes, musicas e repiques de sinos.

Vem tambem os dissabores e zangas, as accusações e recriminações.

Os vencidos inventam mil pretextos para disfarçarem sua derrota.

—E quem lucra no fim do negocio são os nossos paes da patria.

A PEDIDO.

—Vem cá, *Francisco*!

—Capitão, eu me chamo *Magalhães*.

—Então julgas ladrão, que eu não sei teu nome?

—Tudo V. Ex. pode dizer de mim, menos me chamar ladrão.

—Então, diz-me o que é um homem que amasiou-se com uma rapariga escrava, a quem Deus haja, e depois inventou um roubo phantastico, com vistas em umas propriedades que tinha o senhor da dita rapariga?

O que é um homem que de simples borra-portas, é hoje um grande taberneiro, tudo isto producto dos roubos feitos a diversos paes de familia, que com elle tiveram negocios?

O que é ainda um homem que se diz roubado, e serra os caibros do telhado de sua taberna, para dizer que este roubo tinha sido feito pelos escravos de certo sujeito rico, mas a authoridade mandando peritos para examinarem o corpo de delicto, estes disseram que o serramento tinha sido feito de baixo para cima?

Ignoras quem é esse homem?

E's tu, meu refinadissimo tractante!

—Capitão, isto é de mais!

—Ainda não disse tudo.

—Agora vae a algum tractante, que negocie com a propria consciencia, para te defender, meu gallego! Vou mandar publicar o processo da infeliz Porciuncula, afim de que o publico tenha sciencia de tuas ladroeiras!

—Capitão, não faça lembrar-me d'aquillo de que tenho remorsos nas horas mortas da noite, quando repasso na mente.

—Cala-te miseravel, que se tu tivesses remorsos, não andavas contando ao *Rosa*, da maneira que bem te convém; mas felizmente ainda ha ahi quem saiba desta tua infamia, pelo que, tens de ajustares severas contas com o muxingueiro; porém, primeiro quero que os autos deste processo, sejam lidos na tua presença e de alguns tractantes que ignorando tudo isso, lançam mão da penna, manchando-a para rabiscarem uma catilinaria de infamias e picardias.

(O brigue *Agosto Pequeno*. —Capitão *Dias*—Procedente de *Lima*.)

(Continuação.)

—O velho era rabujento e pertinaz. Deu-lhe a hemorroides para vir a Latronopolis pleitear o negocio de seu sobrinho, e não houve obstaculo que o demovesse desse proposito.

Preparou-se, arrumou sua trouxa, e largou-se para a cidade dos Ladrões.

Quando aqui chegou foi procurar-me e saber dos bens de seus sobrinho.

Recebi-o com ar carranchudo e negativo; porém o homem insistiu, tornou-se exigente, e eu assentei de convencel-o com maneiras fallaces e com subterfugios.

Contei-lhe o mesmo que já tinha dito ao intendente de policia, disse-lhe que seus sobrinhos eram uns perversos propensos somente á maldade, que suas conductas desenfreadas obrigaram-me a dar o passo de mandal-os para bordo.

O homem, sem dar grande importancia ao que eu lhe dizia sobre o comportamento de seus sobrinhos, persistiu em querer saber o que era feito da fortuna delles.

Então em tom decisivo desenganei-o de que nada lhes restava, porque, além da fortuna deixada ser transitoria, ficára sujeita a immensas dividas, sendo eu um dos principaes credores, e que toda ella não chegava para satisfazer um terço do onus a que era sujeita.

O homem não esteve pelas minhas comportas, e bateu o pé que tudo a-

quillo era uma embaçadella. Não querendo mais atural-o despedi-o bruscamente.

O homem propoz-me uma demanda: eu tinha amigos e dinheiro, e atrapalhei-o o mais possivel.

Porém o diabo era renitente! As sentenças que obtive em meu favor não o desanimaram, e elle continuou a luctar, posto que desvantajosamente

Usei de todos os meios da chicana:demoras, difficuldades, embaraços, e com tudo elle perseverava em seu proposito! Gastei dinheiro às mãos cheias, empreguei a peita, o suborno, e quando pensava que o maldito de cansado abandonava o negocio, mais emperrado proseguiu.

Para encurtar razões, depois de sahir victorioso em todas as instancias judiciarias, o endiabrado recorreu para um tribunal superior que tinha *relação* com outros.

Já sabe, que continuei no meu systema de atropello e embaraços.

Os homens porém desse tribunal, não sei si por serem gordos ou mais velhos, gostam de *come*, *mais* e não é la com qualquer cousa que se lhes tapa a bocca. Os que eram da *cuca*, (porque todos não são comelões) queriam uma somma exagerada para aranjarem o negocio a meu favor.

Alguem então, lembrou-me que eu podia acabar o negocio com muito menos, fazendo uma composição com o velho, e dando-lhe alguma fração da herança.

Encarreguei á esse alguem de tal commissão.

Foi elle ao tio dos meninos e propoz-lhe dar 30:$000 a seu sobrinho, com tanto que elle desistisse da acção intentada contra mim.

O homem achou pouco; porem o habilidoso intermediario com uma habilidade inexcedivel provou-lhe que a herança não era mais do que aquillo, e que isso mesmo era duvidoso, porque podia ainda ter sentença contraria, e que assim achava melhor acabar a questão amigavelmente O velho acapacitou-se de tudo e concordou com o negocio.

Recebeu os *cumquibus* e foi-se com seu sobrinho, deixando me em santa paz.

Assim vi-me eu senhor de uma fortuna maior de 300:$000 por uma ridicularia.

Com tudo restava ainda os vestigios desse latrocinio, que eram os autos e mais papeis que diziam respeito á questão. Era preciso, portanto, acabar com os indicios de todo esse acervo de torpezas, para um dia, quando eu me proclamasse o typo da honradez não viesse algum desalmado, com as provas de meu desabrido e nefando passado lançar-me em rosto o ferrete do aviltamento e da rapinagem.

Foi em casa de um desembargador onde costumava juntar-se a melhor gente de certa ordem de Latronopolis que consumou-se a minha obra de perversidade.

O secretario do tribunal superior que tinha *relação* com os outros, encarregou-se, a instancias do Nabuco, de consummir todos os papeis que me diziam respeito, mediante a paga de 8:$000 rs, dinheiro que recebeu de contado, e que perdeu-o quasi todo nessa mesma casa, no jogo da lebre.

Eis a primeira phase de minha opulenta fortuna.

Dinheiro chama dinheiro, e vae ver V. Ex, como soube emgrossal-a cada vez a mais.

(*Continúa.*)

VARIEDADE.

OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

I

O LAVRADOR.

A patria offendida reclama dos filhos
Contra esse tyranno da pobre Assumpção,
O braço valente na lucta renhida,
No golpe certeiro, temivel a mão!

Eu parto, deixando de *canna* um *roçado*,
De mais de mil pés que pertence-me todo
Prefiro arriscar-me a perder minhas *posses*
A ver meu pendão arrastado no lodo

Quando era mais moço afrontei *derrubadas*,
Em lascas fazendo gigantes *ipés*!
Do sol aos ardores a fronte abrasava

E as cobras terriveis pulavam-me aos pès!

Os braços que sabem fazer *derrubadas*,
Abatem brincando servis paraguayos!
Os olhos, que o sol não cegou tão ardente
Fulminam o inimigo, dispendem-lhe raios,

As cobras não temo; q'importa-me a serpe,
Que ouzá la offendeu minha jovem nação?
O mundo hade ver como nós voluntarios
Havemos matal-a pisando-a no chão.

Direi, avistando as contrarias phalanges
Comigo sorrindo—« que immensa *coivara*!
A pós ellas todas serão reduzidas,
Ao fogo dos bravos que a patria enviara!

E o tigre, que os nossos irmãos assassina,
Confia somente na fèra Humaytá
O que ha de mais rijo abatamos folgando;
Em pé ante nós ella não ficará.

O peito brasilio è na guerra a que vamos
Qual tronco de forte, robusta *paineira*,
Enterra os espinhos no braço, na luta,
No peito da gente cruel, traçoeira.

Stà proximo o tempo da bella *moagem*
E agora p'ra terras longiquas eu vou!
Qu' importa! mais bella é de gloria a c'rôa
Que a patria orgulhosa a sorrir me apontou.

Nas matas as aves mil cantos elevam,
Os prados, as aves se cobrem de flores,
Bem cedo ouviremos as aves saudando-nos
Eas flores virão nos ornar vencedores

HORRIVEL CASTIGO.

No dia 43 de janeiro foi soffrer o rigor da lei um camponez, accusado de ter matado uma pulga que lhe roia a sola do pè.

O castigo foi o seguinte:

O algoz, pegando em uma faca, cortou-lhe primeiramente a menina do olho direito da ponta do dedo grande; depois mettendo-lhe a mão pela cabeça, arrancou-lhe uma perna; finalmente, com uma palha mettida pela orelha, lhe tirou as tripas pelas costas.

Que horror!

Para que o leitor se tranquillize, diremos que isto aconteceu no Paraguay, no anuo 16 antes de Mafona.

Um remedio contra as pulgas
Ensinaram-me outro dia;
E' vestir-se a gente d'aço
Como d'antes se fazia;
Ou então fazer-lhes fogo
Com peças d'artilheria.

TRES MULHERES.

Então, Patrick, você tem casado tres vezes?

—E' verdade, Billy, tres vezes!

—E de qual das trez mulheres tem gostado mais?

—Eu te digo, Billy. A primeira com quem casei, que foi Becky O Brien, era uma boa mulher, mesmo uma santa, morreu, e Deus levou-a para si. Casei então com Bridget. Era uma mulher diabolica, adoeceu, morreu, e levou-a para si o diabo.

—E a terceira?

—Ai, a terceira! Eu estava bem doudo quando metti em minha casa Margarida. Era muito peior do que Bridget. Era uma furia. Era uma mulher tão má, que nem Deus, nem o diabo a quizereram para si e eu... e eu tive de atural-a sempre na minha companhia ..

O ANJO DA GUARDA.

Você è um desgraçado, dizia um confessor a um pobre diabo que se embriagava com frequencia; lembre-se de que quando você entra em uma taberna, o seu anjo da guarda pàra á porta a chorar.

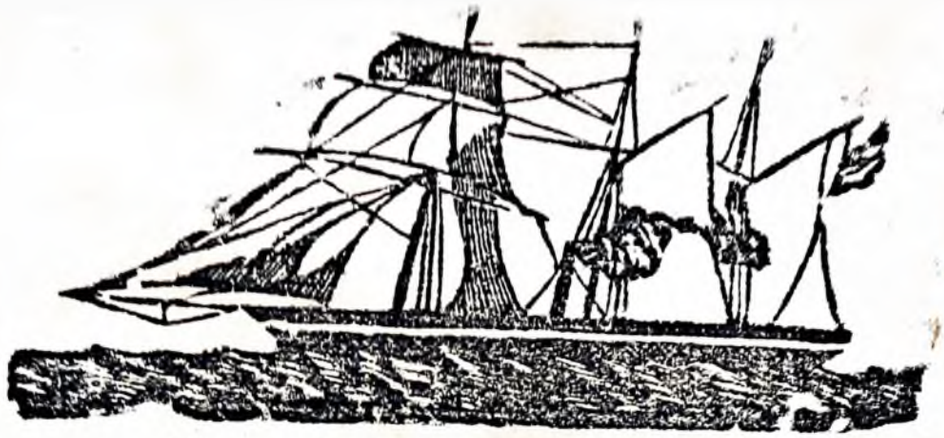
—Ora adeus! respondeu o beberrão, si elle não entra tambem, è porque não tem seis vintens na algibeira.

ANNUNCIOS

Pede-se aos amigos que devem na venda sita á ladeira do Aljube que faz quina para a ladeira dos Gattos n. 1, que venham saldar suas contas dentro em dez dias, do contrario passarão a ver seus nomes em uma lista publicados n'este periodico.

Bahia 13 de fevereiro de 1867.

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvora, convida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto nº. 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 19 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.ª—N. 166

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, pedindo-lhe que faça com que a companhia do Gaz seja obrigada a dar mais um pouquito de luz nos lampeões dos Campos Grande e Barbalho.

Portaria ao fiscal da Sè, ordenando-lhe que in continenti metta na Correcção o Salvador, taverneiro ás Portas do Carmo, n.º 6, que traz os visinhos incommodados com as immundicias e excrescencias que despeja na rua. Semelhante ordem deve ser restrictamente observada, visto que ha quem diga que sendo o mencionado fiscal prevenido, contentou-se em avisar ao vendelhão para que, em vez das nove horas, fizesse o despejo mais tarde. Cumpra.

—O Chico Carteira, deixou bons discipulos!

—Principalmente aquelles que *viviam* em commum com elle.

—Ouça lá uma obra *limpa* da gente do! olho-vivo:

Os impressores do *Alabama* foram chamados á juizos pelo Sr. Quintanilha para apresentarem o authographo de uma carta.

No acto de ser ella apresentada, ao Sr. Arsenio advogado do Sr. Quintanilha, agrupou-se em torno delle uma *chuva* de mironis de envolta com os Srs. João Americo e Evaristo Gomes, procuradores da parte, Chuvas e outros, para lerem o documento, e não sei quem, com uma ligeireiza que faz inveja ao mais insigne escamoteador, passou um traço sobre a assignatura da pessoa a quem foi dirigida a carta, julgando talvez que essa pessoa era o responsavel pela publicação de semelhante papel.

Isto deu motivo a que o Sr. Arsenio, muito cheio de si, impugnasse a responsabilidade por se achar, dizia elle, viciada; ignorando que a verdadeira estava nas costas do papel, e ficou um pouco *vexado* quando se lhe advertiu disso.

—E a tranquibernia não aproveitou aos meliantes, por conseguinte?

—Nem aproveitaria, inda mesmo que outro não fosse o responsavel, por que o facto de ter reconhecimento publico destruiria qualquer fraude empregada pelos tratantes.

Eu so estou a animosidade dessa gente do olho vivo!... n'um auditorio daquelles, em presença de um magistrado, que reconheceu por seus proprios olhos

a frescura da tinta commetterom uma acção tão iniqua!

—Ora V. admirando-se de tao pouco!

Quem tem visto nesta terra *testamentos Teixeiras* e outras *chuvas* de bandalheiras tem la que se admirar?

Quem vê individuos metterem-se em irmandades para morarem de graça em suas casas; quem vê sujeitos fazendo subscripções para solemnisarem o anniversario das mulheres; pode admirar-se de tão pouco, nesta terra classica das ladroeiras?

—Todo fim dos *pandorgas* era dar com os impressores na *riosca*, porem, o plano foi mal-parido e alguem tomou uma lecção para outra vez.

—E prosegue o processo?

—Parece,

—Quem é o procurador?

—O João Americo.

—Este João Americo!....

Eu tenho certas cousinhas para contar-lhe com vagar.

—Que negrinha endiabrada!

Com sua graça encommodou meia duzia de familias, levando toda roupa em uma trouxa.

—O que foi?

—Uma escrava do Sr. João Pinto Barreto, que arranjou uma porção de torcidas bem ensopadas em azeite, lançou fogo em diversos cantos da casa, quando os Srs. dormiam, e empurrou-se.

Si a cousa não é ao romper do dia, vae-se tudo com a breca, por que as escadas ja ardiam.

—Quando foi isso?

—Ao amanhecer do dia 17.

—Agora é punir a criminosa e agradecer a Providencia o haver se podido evitar mais um caso triste a lamentar.

Um eleitor entre os amigos de dois candidatos.

1º—Sr. Eleitor,—V. S. deve votar no Almeidinha, por que do Governo o Sr. pode esperar alguma cousa.

2º—Meu amigo, não creia nessas promessas; vote em nosso Cunha, por que é um moço liberal e o outro é hespanhol.

Eleitor—Valha-me Deus! antes estar no inferno; quem me mandou meter em camiza de onze varas?

LA VAE VERSO.

O votante.

Me affirmam que sou votante,
Cidadão qualificado;
Olé!
Por isso ja não descanço,
Dia e noite atormentado
Com pedidos
Que respondo:—Só eu voto,
Só vou lá,
Si me derem boa roupa;
Tra-la-rá....
Sem o que, palavra de honra,
Não vou la

D'estas terras, onde planto,
Vem o dono e diz-me altivo:
«Olé!
« Si você não der-me a chapa,
«Fora, fora! » Si eu me esquivo,
Ralha muito;
Que ameaças!... Todavia
Só vou lá.
Si me der roupa e dinheiro,
Tra-la-rá....
Sem o que, palavra de honra,
Não vou lá.

Ap parecem meus credores,
O logista, o taberneiro;
Olé!
E me dizem:— « Tome a lista.
«Ou pague o nosso dinheiro
Sem demora! »
Eu respondo:—So envoto,
So vou lá,
Si deixar dinheiro em casa;
Tra-la-rá...
Sem o que palavra de honra,
Não vou là.

Da guarda nacional
Me vizita o meu *sargento*.
Olé!
E me diz:—« Do commandante.
«Hoje vi-o n'um acento
«Sem dispensa,»
Eu respondo:—Só eu voto,
So vou lá,
Si me der o que preciso;
Tra-la-rá.
Sem o que, palavra de honra,
Não vou lá.

Do quarteirão onde moro
O *Inspector* dà-me aviso;
Olé!
Que o meu voto ao delegado
Muito e muito ora é preciso...
Que vexame!
Eu respondo:—So eu voto,
So vou lá.
Si me der uma jaquêta;
Tra-la-rà...
Sem o que, palavra de honra,
Não vou lá

Si não voto, o *potentado*
Da terra me lança fóra,
Olé!
Onde irei plantar legumes,
Para o meu filho que chora
Na miseria?...
Oh, que sorte!... Todavia
Só vou là,
Si me der camisa e calça;
Tra-la-rà...
Sem o que, palavra de honra,
Não vou lá.

Si não voto, meus credores
Penhoram meu possuido;
Olé!
Fico á tôa, sem a choça,
Sem meu legume e despido:
Santo Deus!
Oh, que sorte!.... Todavia
Só vou là,
Si me derem bom chapéo;
Tra-la-rá...
Sem o que, palavra de honra
Não vou là.

Si não voto, o *Commandante*.
Não me esquece na revista;
Olé!
Me destaca e me persegue,
Me atropella, me contrista
Com serviços....
Oh, que sorte... Todavia
Só vou lá,
Si me derem bom calçado,
Tra-la-rá...
Sem o que, palavra de honra,
Não vou là.

Si não voto o *Delegado*
Me processa sem delicto,
Olé!
Soffro algemas e cadeia...
Si não tenho um—rapazito,
Sou recruta....
Oh que sorte....Todavia
Só vou lá,
Si me derem muita cousa;
Tra-la-rà....
Sem o que, palavra de honra.
Não vou lá.

Si votar no *Delegado*
Soffrerei do *Commandante*.
Olé!
Si votar nos meus *Credores*
Soffrerei, « pobre votante! »
De outro as iras...
Oh, que sorte!... Meus amigos,
Só vou lá,
Si ganhar algum dinheiro;
Tra-la-rà.....
Sem o que, palavra, honra
Não vou lá.

Mas si vou dar o meu voto,
Lá da mesa o presidente,
Olè!
Sime chamam, me rejeita,

Diz ser outro... Logo a gente
Si alvoroça...
Ha pancadas!... Que perigo!
Sou vou lá
Si me derem muita cousa;
Tra-la-rà...
Sem o que, palavra de honra,
Não vou lá

(*Eul.*)

A PEDIDO.

—Capitão, prometti de voltar em fevereiro, e aqui estou; sou pontual como um corso.

—Que vem ainda fazer ca?

—Narrar-lhe as ladroeiras desse infame *Medonho*.

Em primeiro logar porém, va sabendo que o birbante mudou de *casquete* com o anno novo. Trocou o lodoso chapeu de palha, por um encapellado bispote de pello russo como côr de rato velho de cloaca, e enfumaçado como a cara dessa alimaria.

Depois, saiba que essa besta foi abalroar um menino empregado do V. Ex. e offerecer-lhe uma cedula de dinheiro com tanto que elle lhe dissesse quem é que sabia tanto dos seus pessimos feitos para os andar publicando.

—E o menino o que fez?

—Repelliu com dignidade a offerta desse animal immundo.

Agora anda apregoando que dá rs. 1:000$ a quem lhe descobrir com certeza o atrevido que lhe anda deitando os podres de fora.

—Elle que dá é por que tem.

—Era pena que não tivesse, commettendo tantos roubos e arrancando tão descaradamente o suor alheio.

Porém eu achava mais prudente que elle pagasse a quem deve para não passar pelo que ja soffreu de um sujeito que o deitou do cavallo abaixo por causa de dividas, no tempo em que elle ostentava grande luxo e andava de lacaio, e outro que, n'um dia em que o *fusco* ia mui lampreiro n'um carro passou-lhe uma tremenda desandadeira.

Esse bugre tem 1:000$ rs para quem lhe descobrir quem o está desmascarando, e não paga aos pobres carroceiros com quem ajustou o carretto de pedras, barro e areia; o que deu origem a que um delles, portuguez, na rua Torta do palacio o agarrasse pela sebosa aba de *gibão*, na porta do juiz das *tres varas*, e lhe quizesse tirar dos queixos o valor de seu trabalho, dando um espectaculo que desafiou a attenção de todos que passavam.

—Eu não sei; o caso é que elle anda bom fresco.

—Si elle sempre acha incautos para roubar, porque não hade andar de cara enchuta?

Não ha muito que uma illustre senhora, parenta dos Gomes e filha do Castro, moradora na rua das *Contas Enfiadas* pelo *João Pereira*, foi victima de uma crassa ladroeira desse vampiro da fortuna alheia. Contratou com elle o concerto de uma propriedade, e deu-lhe parte dos cobres adiantados. A sanguesuga apanhando-se com a *chelpa*, empurrou-se; depois vendo que seria obrigado a cumprir judicialmente o contracto, contentou-se em mudar as portas de um logar para outro, fez ligeiros

concertos, empregando as mesmas madeiras arruinadas, e pessimo material, e deu a obra por prompta, soffrendo a senhora esta infame extorsão.

—Que vida! So assim pode-se viver nesta terra!

—E anda este bandalho-mor de cabeça altaneira, quando ha muito já devia estar com a pega no pé!

Só do *Tomas* quer elle agora *saquear* para mais de 3:000$ rs, quando o homem, por uma obra que lhe mandou fazer, ainda o gratificou além do ajuste.

—Sabe, o seu exordio está muito cumprido, vamos agora ao sermão.

—Então, preste-me sua benevola attenção que vou principiar.

(*Continúa.*)

Chama-se certo official de voluntarios chegado ha pouco do sul, a vir entregar as 120 libras que lhe foram confiadas para entregar a uma viuva nesta provincia, bem como uma carta com mais 5 libras, o que de tudo até hoje não deu solução. Isto quanto antes, porque vae-se mandar buscar documentos para proceder-se judicialmente e publicar claramente o facto.

O Domingos filho da Neves

VARIEDADE.

OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

II

O PESCADOR.

Minha choça abandono, meus filhos
Ficarão soluçando por mim!
E a mulher, que me faz tão ditoso
Ai, meu Deus, ja soffreu tanto assim?

Não importa; o dever me arrebata
Para longe da terra gentil!
Vou luctar com inimigo insolente
Vou vingar o meu patrio Brasil

Eu lamento deixar estas praias,
Onde as vagas desmaiam—de amor!
Mas, alegres vereis conquistadas
Hostis plagas—da lucta ao furor!

Como fogem da minha canôa
A tremerem os peixes a mil,
Fugirão os crueis inimigos
Vendo as hostes do patrio Brazil!

Este mar è sereno, è tranquillo,
Mas as vezes o irrita o tufão....
São aqui todos bons, quando amigos.
Ante o insulto medonhos serão.

Eu as ondas não temo raivosas
Caiam raios e ao sulco febril
Sorrirei entre as ballas na lucta
A vingar o meu patrio Brazil.

Contemplando este cèu, estas ondas,
Em ser livre não se hade pensar?
Para nós será bello bem cèdo
Paraguayos servis libertar.

Como as vezes entrego-me ao vento
A perder-me das plagas no anil.....
Entrarei bem no fundo das terras
Do tyranno, vingando o Brasil!

Tubarões que espedaçam canôas.
Onde estão sei—e passo por lá....
Não, não podem assim brasileiros
Patriotas temer Humaytá!

Innocentes os peixes combato....
Porèm ante esse despota vil?
Deixo as redes, só quero espingarda,
P'ra vingar o meu patrio Brazil?

Minha pobre canôa tão leve,
Minha irman sobre as ondas, adeus!....
Ai mulher, filhos todos queridos,
Vós ficais sob a guarda de Deus!

Ese céu, que recamam estrellas,
Este mar que na calma é anil,
Heide vel-os de novo, mas quando
For vingado o meu patrio Brasil.

(*Canções patrioticas.*)

ARMAS.... SEM SER D'AGULHA.

As armas são os instrumentos com que aggredimos, e tambem com que defendemos.

Nisto não damos novidade nenhuma ao leitôr.

Porém o que hade ser novidade para elle com toda a certeza, é que ha uma tal variedade de armas que d'ellas fazemos o seguinte catalogo:

As armas do homem illustrado, são a razão.

As do ignorante, as materias que encontra mais promptas.

As do maldizentes, a lingua.
As da mulher, as lagrimas.
As do cobarde, as pernas.
As do papa, as excommunhões.
As do medico, um receipe.
As do avarento, a miseria.
As dos bebados, o copo.
As do negociante, o interesse.

As do professor, a paciencia.
As da justiça, uma balança.
As dos padres, o hyssope.
As do intrigantes, os mexiricos.
As do bajulador, as zumbaias.
As do pretendente, a teima.
As dos namorados, os arrufos.
As do tolo, as pedras.
As dos caloteiros, as promessas.
As dos confessores, as grandes penitencias.
As do hypocrita, a beatice.
As do ambicioso, o amor da patria.

Finalmente, as armas dos fidalgos são o dezenho de umas garatujas a que elles chamam brazão, e as pessoas sensatas chamam toleima.

Tudo isto são armas, e o que è certo è que algumas d'ellas matam como qualquer arma, como as d'agulha, por exemplo, sem irmos mais longe.

(*Extr.*)

A UMA INTERESSANTE MENINA.

«*Não quero debique.*»

Eu vi n'uma rua,
Em certa janella,
Menina mui bella
Menina mui chique;
E disse-lhe—«Adeus;»
Mas ella arrufada.
Me disse, zangada,
« Não quero debique »

Então repliquei-lhe:
Não fuja Sinhá;
Matuta, p'ra cá,
Lhe peço que fique;
Mais ella bisonha
Me disse:—« Receio;
« Tudo isto è flauteio;
« Não quero debique.»

Flauteio não é;
Eu fallo verdade,
Oh! por piedade,
Sinhá não implique;
Mas ella fugindo,
Respondeu me olhando:
—« Ai pode ir cantando;
« Não quero debique. »

—Sinhasinha é bonita,
E' linda e engraçada,
Tem face rosada,
De vivo rebique;
Mas ella corando,
Fugiu apressada
Gritando zangada:
—«Não quero debique »

ANNUNCIOS

Um excellente prelo de madeira se diz nesta typographia quem o vende barato.

Pede-se aos amigos que devem na venda sita á ladeira do Aljube que faz quina para a ladeira dos Gattos n. 1, que venham saldar suas contas dentro em dez dias, do contrario passarão a ver seus nomes em uma lista publicados n'este periodico.

Bahia 13 de fevereiro de 1867.

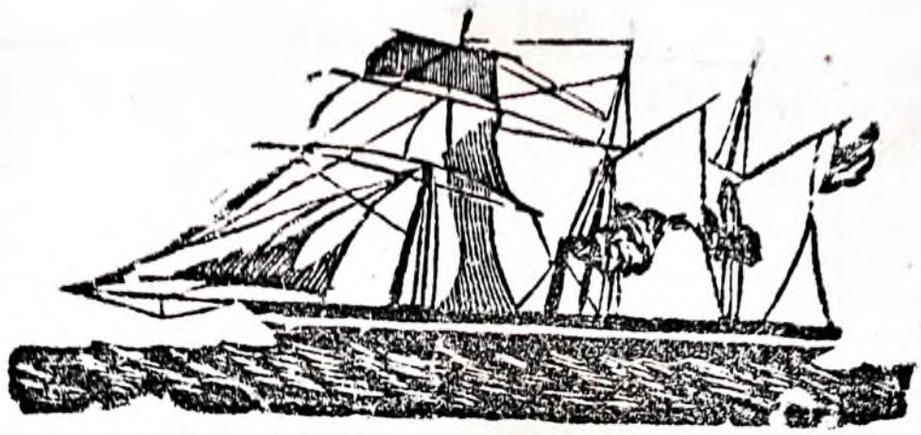
O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvora, convida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto nº. 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

O Sr. Eduardo José Calvacanti é rogado com instancia a ir á venda ao becco dos Sette Pecados, quina para a Piedade.

Pede-se a certo official pertencente a um corpo que apezar de *permanente* é *provisorio*, que vá a venda do Gravatá pagar a quantia de 9$240 que deve ha tempo, si não quer ver seu nome por extenso.

O Portilla.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 21 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.ª—N. 167

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Sant'Anna, dizendo que, por innumeras vezes se tem levado ao conhecimento dessa subdelegacia os alarmas, que se dão constantemente nos beccos do Castanheda, principalmente no do Araçá, no qual ha uma casa de jogo;e, como nenhuma providencia tenha apparecido,ainda uma vez se chama a attenção de S. S. para semelhante logar, onde raro é o dia em que não ha um conflicto, sendo que ainda, no dia 18, João Candido da Familia espancou sua amasia *Anninha Perigo*, pondo-lhe a cara em tacos.

A' vista do exposto, espera-se que S. S. não olvidará tão razoavel pedido.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que agarre tres *meninas felizes*,que andam, alta noite,á fazer algazarra e *pintar Simão* por esta cidade,proferindo os nomes mais torpes e obcenos, que ha no kalendario da depravação. Estas *perdidas* são moradoras na rua da Faisca e chamam-se Emilia Cobra, Irias e Luiza, porém andam constantemente pela freguezia da Sé, ás duas e tres horas da noite em companhia de certos meliantes. Cumpra.

—Hoje é 19 de fevereiro, e ainda os Srs. apontadores do arsenal de marinha não se dignaram de apromptar a folha da quinzena dos pobres operarios!

—Ora está! V. se admirando de tão pouco! A quinzena passada foi paga 12 dias depois de vencida.

—E sabe quem lucra com isto? São os usurarios, que emprestam dinheiro naquella casa, com um agio extraordinario.

—Si não fosse duvidar do caracter dos apontadores, eu diria que elles tem interesse em proteger a essas sanguesugas do suor alheio, e por isso são tão morosos em suas obrigações.

—Si houvesse quem levasse isso ao conhecimento de S. Ex. o Sr. presidente da provincia, estou que elle faria acabar com semelhante abuso.

—Pois eu aproveito sua lembrança; e vou ver si o homem se condóe dos pobres operarios.

—A empreza da limpeza, que ia tomando algum geito, e se compenetrando de suas obrigações, vae outra vez cahindo em deleixo: ha ruas, que, ha muito não vecm, vassouras, e n'outras os varredores são pouco cuidadosos.

—Mas que quer? Sacco vasio não se põe em pé. Os pobres homens estão ás escuras: ha dous mezes, que não recebem com que comprar os melões.

—E a rasão disso?

—E' porque a provincia não paga ao emprezario e o emprezario não paga aos empregados.

—Entendo; quem não dá para o prato, não pode pedir demasia, e por tanto o serviço vae feito á vontade.

—Quando se pede ás nossas authoridades providencias para certos factos, ellas nenhum caso fazem dos pedidos.

Depois são obrigadas a punir o que podiam prevenir.

—A que vem isso?

—Ao facto de haver Mathias da Encarnação quebrado a cara de um caixeiro do Sebastião.

—Quem é esse Mathias?

—Um beberrão, para quem se tem constantemente chamado a attenção das authoridades pelas insolencias, que commette quando bebado, tendo até o desaforo de em qualquer logar arrear as calças e satisfazer certa necessidade, além do com a ferina lingua insultar qualquer pessoa, homem ou senhora com vozes injuriosas. As authoridades nunca se importaram. Mathias foi um dia destes tomar seus *dez reis* á venda do Sebastião, e chamou o caixeiro de *maroto*, este atirou-o ao chão, e Mathias, levantando-se, pespegou-lhe com uma *garrafa*, que lhe poz a cara em *pantanas*.

Foi preso e vae ser processado.

Não se podia ter evitado isso?

—Podia-se; mas si elle estava embriagado, estou que a cousa fica ainda para outra que elle fizer.

—Está decidido! Em *Latronopolis* o direito é do que tem mais força

Parece que nesta terra não ha quem nos governe!...

—Não diga isso. Temos chefe, delegado, subdelegados de policia, uma chusma de inspectores, agentes, espiões secretos, soldados etc.

—Entretanto, si possivel for, mata-se na rua, em alto dia, á vontade.

Ainda no dia 16, vi na Baixa dos Sapateiros, um tal Frederico, matador de porcos, espancar descommedidamente de cacete a uma mulher, sem que ninguem a acudisse, e si ella não corre para a tulha do João Fagundes, creio que morria debaixo do pau do homem.

Ora si na Baixa dos Sapateiros, um dos logares mais transitados e concorridos, por ser um ponto de mercado, espanca-se atroz e impunemente, retirando-se o aggressor ufano de sua acção, o que não será em outro logar?

—Mas para que fallar, si conhece que está clamando no deserto?

O Frederico espancou a mulher, ficou com a mão assentada para espancar outra; lá virá um dia em que achará quem lhe faça peior.

E' a ordem do mundo.

A PEDIDO.

(*Continuação.*)

—Principiarei por um facto abominavel, facto que bororisa, que avilta a natureza humana á condição do bruto,

praticado por esse execravel *Medonho*.

Tinha essa serpe venenosa uma escrava africana, com quem amasiou-se, e de quem teve uma filha.

A todos dizia o abjecto ser humano que a menina era sua filha, razão porque a libertou na pia baptismal e como sua filha foi ella creada.

Entretanto cresceu a menina e pôz-se moça.

Então no nefando coração do detestavel *Medonho*, coração azado á toda sorte de malversações, entrou a germinar uma depravada e lasciva paixão para com a pudibunda virgem.

Esse reprovado amor desenvolveu-se e tomou gigantescas proporções n'aquelle peito, ninho de torpezas e ruindades.

Não a tratou mais como sua filha.

Prodigalisava-lhe amiudadas caricias, mas caricias d'aquellas que dispensa a panthera, antes de sangrar a preza.

—Para encurtar razões, tanto soprou Satanaz na orelha de *Medonho*, que esse tigre concluiu seu indemoninhado intento.

—Que perverso!..... E a terra não se abre para engolir semelhante monstro!

—A casta virgem, que tinha sido educada na qualidade de filha, foi arrastada á condição de amante do verdugo!.

. . . . . .

Encetada a carreira libidinosa, não houve torpeza que essa alma de porco, ebria de sensações luxuriosas, não pozesse em pratica.

Não houve repugnancia ante a lei da natureza, escrupulo ante a lei social, que demovesse o dragão a arripiar a carreira infame, que encetára.

A mãi da rapariga, supportou por muito tempo aquelle duplo quadro de escarneo e immoralidade, que seu indigno senhor lhe arremessava á face: e ver sua filha atirada ao charco da prostituição em sua presença, por aquelle que em algum tempo se disse seu pai!..

A final, não poude ser impassivel á escandalosa e torpe scena, que se passava a seus olhos, e revoltou-se, lançando-lhe em rosto seu criminoso e indigno procedimento.

Rebellou-se, porque seu infame senhor não guardava o menor decoro e consideração, quando intentava satisfazer seus brutaes instinctos.

Por sua rebeldia foi asperamente castigada.

A africana, então pediu que a vendesse, pois não queria ser testemunha da perversão de sua filha.

Medonho, esse homem com feições de dromedario, que muitas vezes dissera á preta que ella era forra e que até lhe mostrára a sua carta de liberdade, sem o menor pejo, vendeu-a; o que para ella, coitada, foi um allivio.

Estou um pouco fatigado, peço licença a V. Ex. para descançar; depois continuarei.

—Vá-se com Deus.

(*Continúa.*)

VARIEDADE.

OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

III.

O tropeiro

Amanhan partirei; não levo *tropa*,
Vou para a côrte só;
O *paulista* não póde ver *patricios*
Massacrados sem dó!

Viagei nesta estrada muitas vezes
Com toda a soberbia,
E' porque, homem de honra, trabalhava,
Mesmo a ninguem devia.

Amanhan a cabeça irá-me-ha mais alta
Montado no *baguá*;
E' que vou ser da patria voluntario,
Assaltar Humaytá.

Rosa, o café prepara-me bem cêdo,
Quando cantar o *gallo*.
Benedicto, has de então ver os arreios
Sellar o meu cavallo.

Tyrano paraguayo é a *madrinha*
D' uma *tropa* servil;
A's tontas s'escapou do bom caminho,
Offendeu ao Brasil.

Coitado! vai cahir n'um *atoleiro*,
Vai se perder, bem feito!..,
P'ra se livrar s'esforçará debalde,
Não achará mais *geito*!

Quando da serra avisto o mar ao longe
Sinto grande emoção!

Pois quero agora atravessal-o mesmo
Ao bramir do tufão!

Eu *ardo* por chegar bem cêdo ás plagas,
Que o inimigo habita!
Só desejo bater na lucta em ira
E-sa gente maldicta!

Minha viola, doce companheira,
Não posso te deixar!
Quero a teu som, tangendo-te contente,
A victoria cantar!

Nas noites claras, triste, a minha terra
Alembrarei comtigo!
No *pouso* dormirás junto a meu peito,
O sômno, brando amigo.

Sei manejar a faca e a pontaria
Não erro o trabuco.....
Não tolero insolencias, trema aquelle
Insolente e maluco.

Hei de ser bom soldado, combatendo,
Da patria voluntario!
Saberei com destreza, n'um momento
Derrubar o contrario!

Amanhan, quando n'alva prasenteira
Inda o orvalho cahir,
As faces molhar-sé-hão na despedida,
Ao pae que vae partir!

Si eu morrer, minha gente, na peleja
Orem todos por mim,
Si o tropeiro é bem pobre, quando morre,
Morre com honra assim.

(*Canções patrioticas.*)

BANHOS.

Abaixo publicamos a copia fiel de uns banhos que, na villa de Goianinha, da provincia do Rio-Grande do Norte, foram apresentados ao Rvm. vigario para serem publicados.

« Illm. Rvm. Sr. R. P. Vigario.

Querem cazarem na facia da Igreja os dois supilicantes oradores macho, e femea que ja andava desencaminhados, Cosme Periguella e Thereza da Motta que os quae são fios de Joanna Sem Marido e do Sargento Guierme *Coto'* com sua muié defunta que morreu de parto Maria do Rosario. Quem sober de algum indromineo que chama impedimento de fazê má a ôtra muié que está prefeita como sua mai que a pario venha renunciar o Padre da Freguesia sobre pena de excumunhão dannada como manda o Conceio Tripintinno.

Goianinha 22 de Março de 1865. »

(*Extr.*)

EMPREGOS QUE NÃO CANÇAM A QUEM OS SERVE.

Thesoureiro de irmandade.
Fiscal de freguezia.
Delegado e subdelegado.
Tutores de menores ricos.
Curador de heranças jacentes.
Procurador de freiras.
Comprador de frades.
Fornecedor da nação.
Vereador da camara municipal.

ANNUNCIOS

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvora, convida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto nº. 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

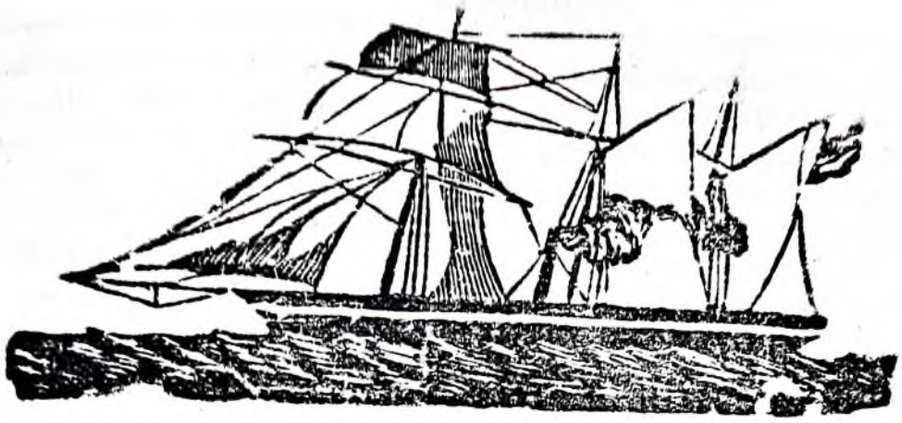
Na loja nº 4 á rua Direita da Misericordia, vende-se papel para requerimentos, penas de aço, rapé, cera bilhetes de loteria, cartas do enterro, charutos, graxa superfina, etc.

Uma pessoa habilitada, se propõe á caxeiro para dentro ou fora da cidade, ou mesmo para mandados para qualquer logar.

Quem precisar procure na confeitaria do Sr. Antonio Manuel Pereira Junior no becco do Catilina á cidade Baixa.

O Sr. Eduardo José Calvacanti é rogado com instancia a ir á venda ao becco dos Sette Pecados, quina para a Piedade.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 23 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.ª—N. 168

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, pedindo-lhe que condoa-se não só dos moradores da rua do Carro, como tambem de quem tem a infelicidade de ser obrigado a passar por semelhante rua á noite.

Esse precipicio, cheio de *altos e baixos* e, que bem se pode chamar um sorvedouro, até hoje não possue um lampeão, o que tem dado origem a que innumeras pessoas vão com o focinho cheirar o chão, além de um braço deslocado, uma contusão, etc., e ultimamente, ha poucos dias, um infeliz fracturou ahi uma perna, e foi carregado para casa. Espera-se á vista disso, de S.S. uma providencia.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que mande deitar um batoque no buraco que ha no principio da subida da ladeira da Misericordia, a fim de evitar alguma perna quebrada. Cumpra.

—Ao mesmo, perguntando-lhe si não tem olhos para ver o estado em que se acha a saccada do 1º andar do sobrado n. 5 á Rua Direita do Collegio, e ordenando-lhe que in continenti dê providencias para que se desmanche aquella *grampiola*. Cumpra.

—Capitão, acabo de presenciar um facto, que, ao mesmo tempo que contristava-me, desafiava-me o riso.

—Que miscellanea foi essa?

—Ver os doudos carregar carvão da pedra.

—Que doudos? Não lhe intendo... Ou V. é que está doudo?

—Os doudos da Santa Casa, que as irmans de charidade pozeram a carregar carvão do Terreiro para dentro do hospital.

—E elles se prestavam a isso?

—Porque não? Ja sabe que não eram os doudos furiosos.

—Pois a Santa Casa ja não pode pagar a quatro ou seis ganhadores, que lança mão daquelles infelizes para carregar carvão?

—Economias das irmans de charidade.

—Quer o Sr. dizer com isso que é para haver mais dinheiro, para ellas terem bom vinho do Porto, gallinha gorda, excellente fiambre, etc.

—V. Ex. é quem está dizendo.

Porém causava riso ver com que gatimanhas trabalhavam elles

E que pedacinhos aproveitaveis sahiam irreflectidamente daquellas bocas!

Gostei de uma douda que perguntou

a outra, ao ver o povo que as observava, o que fazia alli tanta gente, ao que respondeu a outra—*é para ver doudo*; e ella retorquiu—*tem muita graça ver gente sem juizo*!

Não sei como as irmans de charidade consentiam que estivesse tambem nesse serviço, uma mulher branca cuja camisola estava bastante indecente pelos vestigios que apresentava!

—Eu não sou apologista da distincção de côres, porém admira-me que essas *senhoras charidosas*, que são tão susceptiveis, ponham uma mulher de sua côr a carregar carvão n'um cesto á cabeça!

—Todo povo que apinhado observava reprovou isso, por não ser costume nesta terra.

—Porém como era praticado por estrangeiras, não faz mal

—Sabe me dizer como é um negocio de defloramento que anda ahi?

—Homem, o que eu ouvi dizer foi, que uma preta á Barroquinha offerecêra a dous rapazes uma menina de 13 annos por certa quantia, e que estes condoidos, a levaram ao Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que a mandasse para um pio estabelecimento: que elles, e mais outros, se cotisavam para sustental-a, porém que S.S. nada deliberou, porque teve escrupulo em usurpar as attribuições do juiz de orphãos! e entregou-a a uma velha decrepita que se apresentou reclamando-a.

—Só?

—E' o que sei.

—A carne verde estes dias tem sido horrivel!

Na segunda feira, por exemplo, fazia nojo olhar para ella na maioria dos talhos.

—Ora está V. a repisar tantas vezes uma cousa aque ninguem dá assumpto!

—Então é desnecessario que se pague a um medico e mais empregados, incumbidos de similhante commissão.

—O vaporzinho *Riachuelo* está mudando a machina, preparando-se, aceiando-se, etc., mandou-se-lhe deitar mais um pé de cobre, além do que já tinha emfim está se pondo *chique*,

—Para que todo esse apparato?

—Dizem que vae no domingo conduzir os menores aprendizes ao Bomfim, que vão em romaria levar uma mão e a cabeça de cêra do Sr. vice-inspector.

—Bom! bom! Está direito!.....

- Lê-se nos jornaes desta capital:

« O DEZ. LUIZ ANTONIO BARBOSA DE ALMEIDA.

«Entregue a meus unicos recursos, á estima do publico, e á dedicação de meus amigos, assim como á opinião dos homens de bem, que invoco depois dos ultimos acontecimentos, declaro que continúo a ser candidato a um logar na camara dos deputados pelo circulo desta capital.

Bahia 20 de fevereiro de 1867.

L. A. Barbosa de Almeida.»

—Ora que a companhia do Gaz ha de viver a beber o suor do povo indevidamente, sem haver quem lhe tome conta dos desmandos!

Clama-se, e é o mesmo que nada, todos são surdos!

O Sr. inspector da illuminação que quer passar por tão zeloso de suas obrigações, como consente que se apaguem os lampeões, a maior parte das ruas, das tres e meias ás quatro horas?

—Tambem o homem não pode prevêr a tudo.

—Para dar um colorido, deixam em certos logares os lampeões accesos até ás 5 horas, porém no geral, é o que se vê, além de luz morta, ás tres e meia trevas.

—Tambem o que se faz na rua á certas horas?

—Estão no seu direito; em quanto venta, molhar as vellas.

A PEDIDO.

—Rapazes do bom tom, alerta!

Preparem-se para ir ao baile mascarado no theatro de S. João, que está cousa do gosto.

Ha este anno maravilhas ainda não vistas; além de excellente musica, opipara meza, vinhos confortaveis, os infalliveis sorvetes, doces e mais traquinadas.

Por tanto é preciso não faltar, mocidade folgazan.

—Assim, meu Tiberinho, assim! ...

Isso é o que justamente se chama jogar com pião de dous bicos!

Renunciar, em quanto o boccado estava duvidoso, logo que apanhou-o feito, agarral-o com unhas e dentes!

—E creia na abnegação desses pescadores d'agua turva! Na honradez desses egoistss, cujos titulos são somente o terem encontrado uma quadra de se *armarem* e deixarem de o fazer!

—Eu bem comprehendo a esses manipanços politicos! Quando não podem tirar proveito proprio, retiram-se e abandonam os correligionarios, quando apparece occasião de empolgarem a mamata, surgem logo na arena!

—São homens que vivem so para si. A humanidade resume-se no seu *eu*.

Sr. Redactor.—Na noticia que dá o *Alabama* sobre o occorrido na venda do Sebastião com o Mathias, ha uma inexatidão que cumpre rectificar. O caixeiro não atirou-o ao chão; houve apenas trocas de palavras por não querer Mathias pagar a cachaça que bebera, e nisso atirou elle a garrafa sobre o caixeiro, sendo que todo conflicto se deu em occasião em que o amo se achava em casa jantando.

Quem viu.

—Diz-me uma cousa, Sr. *Antonio José*?

—Si souber.

—Porque é que o *Fernandes* do trapiche do *Barna*, com seu—*B*—infringe constantemente o regulamento d'alfandega, e não é multetado?

—Eu sei lá....

—O regulamento manda proceder immediatamente a pezada e numeração e esse *teso* demora-n'a por 15 e mais dias, sem por isso nada soffrer, ao passo que outros por menos são multetados.

—E' o dedo do *Lima* que anda no meio.

—E ainda isso não é tudo: quando as partes reclamam, são acremente maltractadas, e vêem cahir sobre si um chuveiro de insultos.

—E' soffrer com paciencia, estas e outras.

—Não é possivel soffrer mais; a paciencia esgotou-se e ja que não ha quem dê providencias, vou ao capitão do *Alabama*, para que mande o seu infallivel muxingueiro tomar contas a esse *têso* malcreado, e passar-lhe nas ventas uma boa dose de *lambadas* com o seu azorrague.

—Pois então, vá logo; não demore-se.

VARIEDADE.

OS VOLUNTARIOS DA PATRIA.

IV.

O vaqueiro.

Meus paes e irmãos da *secca* foram victimas
Na terra estou sósinho....
Eu posso ir para a guerra sem receio
De encher de dores na partida o seio.....
A caminho, a caminho!

O patrão me contou façanhas horridas
Dos crueis paraguayos!
A raiva me transporta, e o brasileiro
Desaffrontando injurias é—guerreiro
E tem na mão mil raios!

Vamos, vamos! *D'couro* os hombros cobre-me
O *gibão* rijo e fórte!
Agora quero a farda,—o nobre traje
De quem nos prelios, repellindo o ultrage,
Vê sem tremer a morte!

Heide pisar as terras desse despota
Co'a maior alegria!
Cobertas d'espinheiros...muito embora!
Mandacarús me ferem desde a aurora
Até findar o dia!

Nas mattas, á cavallo, ardente embrenho-me
Na mais febril corrida!
Persigo o *touro*, onde elle passa, eu passo,
Ferrão em punho, despresando o laço,
Até tirar-lhe a vida!

Pode, pode fugir Solano estolido,
De meus irmãos sicario!
Mas verá como o segue, audaz, ligeiro,
Sem parar, sem cançar, pobre *vaqueiro*
Do Norte voluntario.

(*Canções patrioticas.*)

INSPIRAÇÃO NO ADRO DO BOMFIM.

No tempo de Adão, o mundo
Se chamava paraizo,
Tudo então era ventura
Prazeres, flores, o riso,

Crescei e multiplicai-vos,
Era a lei então seguida,
Não haviam ciumadas
Passava-se bella vida.

Dez, vinte, trinta mulheres,
Cincoenta, cem até mil,
Podia ter quem quizesse
Sem despender um ceitil.

Não havia essa impostura
Chamada moralidade,
Esses tantos prejuizos
Da louca sociedade.

Ser freira, naquelle tempo
Fôra horroroso peccado,
Nem em semelhente cousa
Alguem havia pensado.

Deus fez a mulher p'ra o homem,
E para o homem a mulher,
Do mundo a felicidade,
E' somente o que Elle quer.

E juntando-os, disse: Avante
O mundo é vosso gosai,
E p'ra gloria de meu Nome
Crescei e multiplicae.

Mas, a barbara e horrivel,
Treda civilisação,
Fez gemer o mundo inteiro
Co'a sua fera oppressão.

A charidade hoje em dia
E' a virtude exemplar,
Honra! honra! eis a palavra
Que mais se ouve echoar.

Edeou-se casamentos,
De interesse, e de amor,
Mais com tantas etiquetas
Que perdem todo o valor.

Vamos ver se conseguimos
Ao mundo reformar,
Ja que temos a certeza
Que ninguem mal se hade dar.

ANNUNCIOS

Quem tiver algum documento que diga respeito as trampolinas e façanhas do famigerado *Medonho* estando sellado e legalisado, de conformidade com as leis do paiz e quizer vendel-o, nesta typographia se indicará a pessoa que os compra. Gratifica-se tambem a quem indicar onde existem documentos dos quaes se possam tirar publica forma.

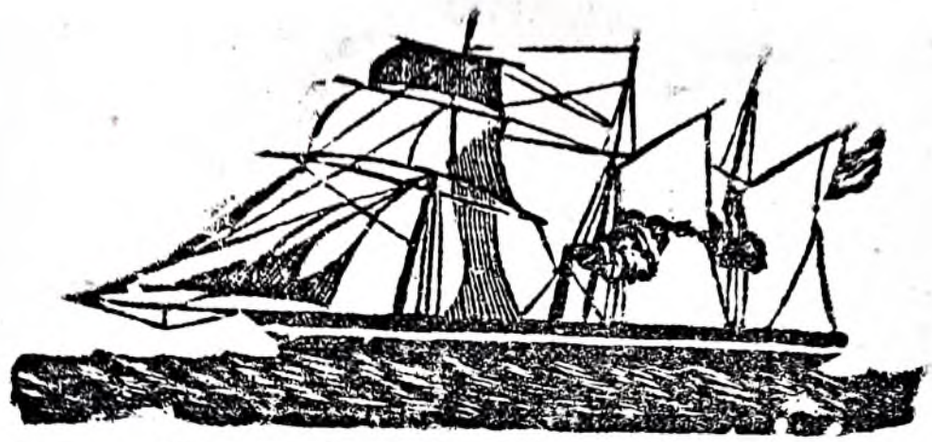
Qualquer publicação á respeito desse *indomito industrioso* será publicada gratuitamente por conta da pessoa alludida.

A pessoa que perdeu na noite de 21 do corrente na estrada do Gantuá uma camiza, um par de meias e um lenço de rapé, pode procurar na rua que fica em *Baixo*, loja n.° 5; pagando a despeza do annuncio.

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvora, convida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto n°. 2602 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

Anda fugido o cabra Valentim, escravo, inculcando-se a uns de ter vindo da guerra, e a outros, que é caixeiro de cobrança. Quem o prender e levar ás Portas do Carmo n. 36, será generosamente gratificado.

O abaixo assignado responde ao *Porta de tellas* que nunca teve contractos com vendas do Gravatá, e que por consequencia nada lhes pode dever, mas que se legalmente o contrario se provar, promptissimo se acha a satisfazer-lhes qualquer quantia que seja. Bahia 20 de fevereiro de 1867.—*Durval Alfredo Portella*, alferes honorario do exercito.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 27 DE FEVEREIRO DE 1867. SERIE 17.ª—N. 169

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações Folha avulsa 160 rs.

ATTENÇÃO

Esta typographia acha-se mudada para a rua Direita do Collegio nº 14, 1º andar.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de fevereiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que nos informam, que na estrada Dous de Julho, no logar, que divide o Engenho Velho e Garcia, andam dous desertores de cavallaria, que roubam as pretas ganhadeiras e depois forçam-nas. Pede-se por tanto á S. S. que dê as providencias necessarias.

Portaria ao fiscal geral, dizendo que mais de uma vez se lhe tem advertido de que o rigor da lei não deve ter somente applicação aos pobres, e que por tanto cumpre que S. m. não consinta por mais tempo os cacos de plantas que existem nas janellas do sobrado n. 8 á rua do Bispo. Cumpra.

—Ao fiscal do Sant'Anna, para que responda a razão porque consente certas vendas em Santo Antonio da Mouraria abertas até depois das 10 horas. umpra.

—E' permittido que os presos negociem dentro da Casa penitenciaria?

— Não.

—Pois eu vi na repartição do sello sellando-se um *fica* passado a um sentenciado, que emprestou certa quantia a um cujo empregado la.

—Como é negocio entre gente de casa, deixe que vá.

—Capitão, continua a acephalia na povoação da Rio Vermelho. S. S. o Sr. chefe de policia não quer lançar seus olhos benignos para aquelle logar.

—Que quer que lhe faça? Vá queixar-seao Gingas.

—Continua-se alli a espancar impunemente.

Não ha muitos dias que o Machado, vendelhão, a quem os rapazes appellidam de *Atôa*, cousa com quelle muito cavaco dá, deu com um facão n'um menino, deixando-o com um braço bastante offendido, e empurrou-se para Alagoa.

Ainda si o menino fosse dos taes que atrapalham o homem com o nome de *Atôa*, bem; porém é de cá da cidade, foi passar o dia lá e de nada sabia.

—Isso não creio.

—E' o que me consta: Machado sahio atraz dos que o atormentavam e foi dando no que encontrou; pagando o tolo pelo pecador.

Tambem consta que um pescador

quebrou a cabeça do outro e ficou a cousa em nada, porque, queixando se, disseram-lhe que desse sua queixa, porque pescador não era pobre que precisasse que a policia fosse parte n'um crime particular.

Além disso, contaram-me que o Sr. Costa, castigara um pouco rigorosamente a um escravo, o qual fugiu e veio queixar-se á policia. O Sr. Costa foi chamado, e conseguiu provar e persuadir a mesma que o preto era pessimo e de má indole, e como satisfação exigiu que fosse elle castigado com cem açoutes. O Sr. Galeão deu apenas permissão para cincoenta: *Cincoenta chicotadas* foram estas, que o miseravel la anda pelo Rio Vermelho com as nadegas em putrefação a exalar pessimo cheiro, causando lastima a todos que presenceiam tão deshumano espectaculo.

—Si é assim, não deixa de ser crueldade.

—Quem me contou asseverou-me, e disse que qualquer pessoa podia vel-o no Rio Vermelho.

—Quanta cousa se assevera por ahi e inexacto, homem!

—Lê-se nos jornaes desta capital:

« O DEZ. LUIZ ANTONIO BARBOSA DE ALMEIDA.

«Entregue a meus unicos recursos, á estima do publico, e á dedicação de meus amigos, assim como á opinião dos homens de bem, que invoco depois dos ultimos acontecimentos, declaro que continúo a ser candidato a um logar na camara dos deputados pelo circulo desta capital.

Bahia 20 de fevereiro de 1867.

L. A. Barbosa de Almeida.»

—A companhia do olho-vivo, na semana passada, deu *golpe* em 150$ rs. de um pobre preto la para o Engenho da Conceição. O prejudicado recorreu ás authoridades; e os sujeitos pozeram-se no *pulo*; porém por intermepio de um *valido*, a quem, valha a verdade, deram 50$ rs., conseguiram serenar a tempestade.

—Essa gente do olho vivo é do diabo; são capazes um dia de roubar o relogio do chefe de policia.

LA VAE VERSO.

O EX-ELEITO R.

(IMITAÇÃO)

Fui um valente soldado
Na campanha eleitoral;
Fabricar um deputado
Como eu, não via egual!....
Tinha um verbo eloquente
Para *enganar* os votantes...
Fáziam pasmar a *gente*
Minhas *arengas* brilhantes!

Com o riso sempre alerta,
Sahia á recrutar votos;
Quando via porta aberta,
Com *meneiados* devotos
Eu dizia:—«claro amigo,
Venho pedir-lhe um favor... .»
—«Falle.»—« ...quer votar comigo-?»
—Mas...» —«Aqui tem, «manda o doutor.

E, sem resposta esperar,
Untava-lhe as unhas bem,
—«Isso è ó para mostrar.....
Lá p'ra diante, mais tem.»
E mui contente o *capanga*,
Risonho e comprimenteiro,
Enrolando a suja manga
Dava o *sim*, muito lampeiro!

E depois, de casa em casa,
Esse *sermão* repetia,
E, sem perder uma vasa,
—Oitenta votos por dia!—
Não é exageração;
Tanto assim que no partido,
O digo com presumpção,
—Fui sempre *cheirado e ouvido*....

Apenas a prima alva
Erguia alegre a carinha,
Um figurão, núa a calva,
Batêr-me ao ferrolho vinha:
—«Como passou chãro amigo?
Julguei achal-o de pé....
Trazia-lhe aqui comigo
Ninharia.....pouco é.....»

E sacando d'algibeira
Um genuino *canario*:
—«Isso é para ir a feira,
Não lh' o dou como salario...!»—
E eu alegre corria
A mettel-o na *gaiola*...
Ao figurão me sorria

Mas o chamava patola,
Nota bene: si voltado
Eu via o nobre patrão
De frente—«Senhor deputado,
Sustentac'lo da nação,
Hei de ver vos a excellencia,
Ja o coração m' o diz,
—Dar lições de *clemencia*
Nos negocios do paiz.....»

E cortezias fazendo
D'essas de lamber o chão,
Grande importancia foi tendo,
E galgando.. .. posição!
Quatro annos foi potencia,
Era graúdo eleitor.....
Tive o trato de excellencia,
E em familia—meu senhor!..

Quando sahia a passeio,
Vinha outro figurão:
—«Pois a senhora não veio?
Os pequenos como estão....?
....Mas, quando passa a *panqueca*
Do processo eleitoral,
—O eleitor é um peteca,
O diploma nada val....!

Porém com tudo é potencia
No *aperto* da eleição;
Tem co'os grandes convivencia
E muita coisa lhe dão;
Então—o voto—é a vida
Muito *vale* o eleitor!
Nobres de cara garrida
Lh' o suplicam sem *rubor*...

E assim, si desprezado,
Dado o voto, é o eleitor,
Antes disso é adulado,
E' chamado—meu senhor....
Si servimos, mais nos servem
Com os *canarios* que dão,
Depois disso não nos devem
—Nem si quer a gratidão!—

O voto arrangem rapazes;
Nosso dia vae chegar!
Veremos nobres *audaces*
Até nossos pés beijar...,!
Somos, Povo, MAGESTADE!
Ei!...sus!... por nossa vez
Teremos, não sem vaidade,
Figurões aos nossos pés!

C. Jacarandá.

A PEDIDO.

—E digam lá que não ha um *candido* impuro!

—Quem é elle?

—Aquelle administrador de *bombas machas*, que anda de *machado* em punho e para quem a *fortuna roda*: teve a malvadeza de mulctar o creoulo do *Camillo* em 4$ rs, á pretexto de ter ido á venda e depois despediu-o; somente porque o rapaz não se quiz sujeitar a seus caprichos.

—E o que queria elle?

—Queria que o rapaz deixasse o seu que fazer e fosse lhe *descascar pevides* para elle *comer* em santo ocio!

—Tem um gosto extravagante o tal sujeito.

Antes elle desse para comer certa cousa, ao menos os monturos andavam limpos e a empreza da limpeza tinha menos trabalho.

—Capitão, aqui está um papel, que achei, quando abri a porta.

—Leia.

—Diz assim:

«Vendo um annuncio no *Alabama*, em que se promette a publicação gratis de qualquer façanha e tranpolina pra-

ticadas pelo bugre e infame Medonho, e tendo muitas queixas d'este tratante o safado homem, remetto á V. Ex. este pedacinho do que sei:

Quando estava a Joaquina do André Gallinaceo em casa d'este animal de infima raça, e quando elle ja não tinha mais o que roubar da pobre preta, tratou de deital-a para fora de casa; porém ella, coitada, tornou-se renitente não querendo sahir da casa do sicario, porque estava na esperança de receber alguma cousa por conta do que o corvo Medonho lhe tinha roubado.

Sabe o que fez esse rato?

Propoz ao official de justiça de nome *Xavita* o dar-lhe uma grossa quantia para elle vir com um papel phantastico, fingindo um mandado de despejo, por ordem do subdelegado, para a preta intimidada sahir da casa.

O pobre official de justiça, com o interesse de ganhar do safado o dinheiro que lhe tinha promettido, executou a pantomima, commettendo um crime, que lhe podia custar caro.

A pobre preta inexperiente, vendo-se ameaçada com prisão, julgando que era verdade, tratou de por-se fóra.

Sabe o que fez o safado Medonho, com o official de justiça?

Nem dez reis deu-lhe pela commissão. Pelo contrario, ficou mal com o homem; nem mais lhe tirou o chapéu.

Veja que ladrão! Porém bem feito seja ao tal official de justiça, por não tomar a gratificação adiantada.

Valha-me S. *Lazaro*.

(*Continúa.*)

—Desejava saber do Sr. afferidor de pesos e medidas uma cousa.

—E' dirigir-se a elle.

—Queria perguntar-lhe se pelas medidas de metade de meia quarta sem virola de metal tambem se recebe 600 rs.

—Isto posso eu mesmo responder-lhe: E' de meia quarta para cima. Porque? *elle recebeu?*

—Era apenas uma pergunta que queria fazer, sem affirmar que elle recebeu.

VARIEDADE.

MODO DE CONHECER SE UMA MENINA AMA.

Ha meninas que tem, sem se sentir, o habito de olhar fixamente para um rapaz; isto; quando é em uma moça galante e dos olhos travessos, faz uma impressão diabolica.

Para conhecermos si o fito d'aquelle olhar é declaração de amor, prazer de nos avistar, ou habito sem segundas tenções, devemos reparar na maneira porque ella retira os olhos.

Si è com a mesma negligencia, ou sangue frio com que os lançou—não é nada.—

Si é atrapalhadamente, pode ser—alguma cousa.—

Si é abaixando-se assim, assim..,.—está na conta.—

Tire-se a prova real, que é: reparar no corado das faces.

ESPECULAÇÃO DE CERTOS PAIS DE FAMILIA INDUSTRIOSOS.

Tomar medico por compadre para ter visitas de graça.

Convidar logistas para tomar chá, afim de não levarem dinheiro pelo que se compra.

Exagerar as habilidades das filhas para ver si ássim as embutem em casamento aos papalvos.

Chamar a mulher para a salla, para o credor se envergonhar de pedir a divida.

ANNUNCIOS

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, tendo de seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no Campo da Polvora, convida áquellas pessoas, que tem alli objectos empenhados, a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos, não retirados até este dia, serão em 8 de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto nº. 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

O

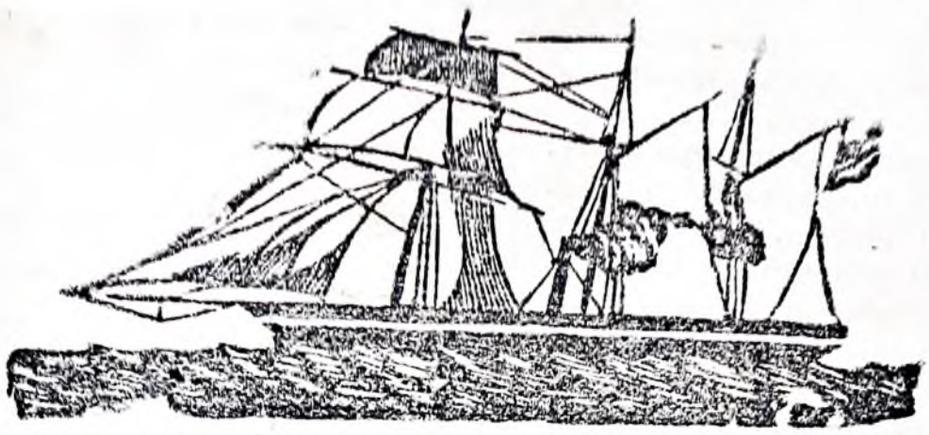
ALABAMA

1865

A

1867

H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 3 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 15.ª—N.º 146

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de janeiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto —Com quanto se reconheça que S. S. vive atarefado com altos negocios de interesse publico; releve S. S. que, de vez em quando, se lhe vá perturbar o tempo com frivolas banalidades.

Informam-nos que no Mundo Novo, ao Castro Neves, mora um crioulo pedreiro, que tem em seu poder um pobre menino de 8 para 9 annos, a quem castiga barbaramente. Em um destes ultimos dias commetteu a judiaria de mandal-o abrir os braços e amarral-os a uma vara, conservando o infeliz neste estado, por mais de uma hora. S. S. dará o apreço, que quizer, a semelhante informação e fará o que melhor entender.

—Vivemos n'um paiz de reprobos!

—O Sr. é quem diz.

—Parece incrivel que haja vivente com similhante coração.

Um innocente menino semi vivo, involto n'um pedaço de trapo, atirado á portaria de S. Francisco e coberto com um pouco de lixo.

—Que horror!....

—O desventurado morre alli e os cães vêm remexer o cisco e revirar com o focinho o corpo inanido do infeliz!

—E dizem que vivemos n'uma sociedade civilisada!

—O cadaver foi carregado n'um *cesto* e levado por um ganhador, creio que, para o hospital á mandado dos frades.

—Tambem a excessiva miseria é causa de muita cousa!

—Si ha muita pobreza, tambem a charidade não está extincta. Ha muito quem dê quatro vintens de esmola para se enterrar um anjo, e não ser preciso atiral-o ao pasto; é que ha mesmo almas prostituidas no lodaçal do crime, para quem o doce nome de mãe é um irrisão.

—E vão ver que as mãos que sacrilegamente praticaram isso, estão a bater palmas n'algum *samba*, fazendo as vesperas de anno bom.

—Vejo cousas nesta terra que não as sei perceber! Desejaria achar quem me as explicasse, para não dizerem depois que eu ando á fallar sem conhecimento de causa.

—Ja sei, V. o que quer é desenferrujar a lingoa.

Puche la por essa taramella.

—Por mais que procure dar expli-

cação a certos factos, a minha rude imaginação não o consegue.

Por exemplo: foge um preso da cadeia, o carcereiro é suspenso, responsabilisado o processado; dias depois fogem cinco presos e o carcereiro substituto é conservado em santa paz fruindo as propinas do lucrativo logar. O que quer dizer isso?

Será porque o Trigueiros é mais feliz que o Custodio?

—Homem, na verdade, isso é um dilemma tão intrincado, que so o proprio chefe de policia o pode explicar.

—Um dos larapios que bifaram a Imagem do Deus Menino na Conceição, foi grudado.

—O grumete José Gabriel passou as *lossas* no melcorio dentro do botequim do finado Barata, na Praça do Palacio.

—Bem; mande elogial-o por sua actividade.

—Marcos Rabeca por fim mostrou á policia de quanto era capaz!

Depois de haver esse campeão commettido immensas proezas, as quaes chegavam aos ouvidos da policia, sem que essa se movesse de seu lethargo, o *intrepido*, animado pela impunidade de suas façanhas, sahiu com uma faca de ponta e foi espetal-a n'um seu visinho.

—Deixe estar que agora a policia ha de fazer alguma cousa.

—O que podia ter feito antes, para prevenir o mal.

—Sr. A. K., si o seu artigo não tem sido publicado, é apenas por falta de espaço.

—A policia deve estender os olhos até a Fonte Nova.

Alli ha constantemente desordens, promovidas pelos pretos, que vão buscar agoa.

Ainda no domingo um crioulo ia matando outro.

—Porém não matou.

—Desfechou no outro duas horriveis cacetadas que fizeram duas enormes brechas e o estenderam no chão sem sentidos, e depois deu de gambias pela Fonte das Pedras a fóra.

—Cousas de pouca monta. A policia anda occupada com negocios serios.

—Que excellente anno bom ia tendo o José Antonio Gomes da Cruz!

—Quem é esse individuo?

—Um sujeito, que tem venda na Ordem 3 ª.

—Sei quem é. Que acontecen?

—Um preto africano, de nome Mamede, escravo de um Sr. Machado, morador ao Rosario, muniu-se de uma formidavel *lambedeira*, e foi esconder-se por detraz de uma barrica na mencionada venda, com o intuito de roubar.

A' noite, sendo descoberto na occasião de fechar-se a venda, lançou-se com unhas e dentes sobre o homem, que seria victima, si não tivesse bastante coragem e sangue frio, para luctar com o atrevido preto.

—Não é a primeira vez, que naquella venda se dão casos tristes. Já alli mataram um caixeiro, e ha cerca de dous mezes, foi ella roubada.

—No dia de Anno Bom, fez-se por mar a procissão do Senhor dos Navegantes. Houve grande acompanhamento.

—E muita camueca, como é de costume.

—Sem embargo do que, não houve facto notavel a lamentar-se.

—Apenas uma crioula tomou um banho salgado, occasionado por uma corda do vapor; o que não foi la muito agradavel para ella.

—Felizmente, apenas teve o prejuiso de molhar os *balões*, por que foi salva.

—Bom, bom

LA VAE VERSO.

Artilheria raiada a Whit-worth.

Rodizios de prôa.

3.ª CARGA.

O Barbosa, *sponte sua*,

Em apostolo se arvorou,
E para a ponte d'alfandega
Direitinho caminhou;
E com o maior cynismo
Foi pregar o spiritismo.

E vieram muitos peixes,
Ao mando de um tubarão,
Escutarem submissos
O—Spirita pregão—;
Que, por artes do demonio,
Quiz imitar Santo Antonio.

Mas, apenas puchou elle,
Pela psychologia,
Sentiu nas costas bater-lhe
Uma taca que zurzia:
Era o nosso muxingueiro
Que esfregava o bregeiro.

Allan Kardeck.

A PEDIDO

—Não tenho pena do Sr. Olympio Boi!....

—Porque?... meu estado não é dos melhores.

—Ande lá, maganão!

Está V. saboreando um *bom bocado*.

—Eu?! Enganou-se.

—Então, julga que, por ser a *fructa prohibida*, não se sabe de tudo?

Outras cousas mais ocultas e feitas com mais recato, descobrem-se, quanto mais isso, que é feito com algum escandalo.

—Estou alheio ao que diz.

—Si persiste com mysterios, entorno-lhe o caldo e V. não vae mais á calçada do jardim alheio, *colher* o *pomo prohibido*.

—Por quem é....

—Ah! já supplica?!

Com tudo, vou avisar o dono do pomar para estar alerta, afim do que V. não esteja a comer *fructa* á barba enchuta.

—Sr. *Constante*, Vm. tem um *tino* admiravel para enganar os outros!

—Eu? O Sr. esta enganado.

—Enganada ficou a pobre crioula, a quem V. logrou.

—Ou é do *Celeste*, que se parece muito commigo o cujo *tino* diabolico, para falcatruas, é sem exemplo?

—Deixe-se de partes, meu esperto, é V. mesmo, que, quando morador com o *Souza* na rua do *Santo da Balança* chamou a pobre crioula Marcolina para lhe amamentar seu filho, o que ella fez por espaço de 15 mezes, sem que V. lhe desse real, e por fim, quando ella pediu seu suor, V. a insultou, descompoz, e quiz até dar-lhe.

—Não é commigo; eu não moro em ruas de *Santo de Balança*; moro na freguezia do *Segura-Parede*, rua do *Xico Xico*.

—Mudou-se depois, meu tratante; isso é subterfugio de velhacos. Nem pela pobre mulher crear seu filho, V. não se compunge, e quer assim descaradamente sugar-lhe o sangue? Ora tenha vergonha.

—Quem não tem, não pode pagar.

—Nem tambem faz luxo. E depois quem não pode, tem tres amas? Não vê V. que isso é demasiado para as posses de um simples caixeiro?

Não quero mais historias. Ordeno-lhe que pague á pobre rapariga dentro de 8 dias, sinão quer levar muita tacada nessa cara, e ser demittido do trapiche.

—O' lá, meu rico?

—Que manda, meu capitão?

—Porque não se contenta com a carne de sua carne, a costella de sua costella e o osso de seu osso, e anda a requestar a *serva do Senhor*, sem se importar com as injurias acerbas, que lhe atira a visinhança, indignada por tão reprovavel procedimento?

Porque não deixou a santa mulher na *solidão*, aonde estava, e foi busca-la para sua casa, para ahi querer cevar seu lascivo desejo?

—Capitão, eu lhe explico o que ha:

A humilde *serva do Senhor* vivia na *solidão* sempre adoentada pela humidade; encontrei-a nesse estado, e por charidade trouxe-a para minha casa, por ser uma rua *calçada*, aonde ella necessariamente passaria melhor. As

más linguas, agora andam a dizer cousas que não são verdade.

O que tem ellas com a vida alheia? Para que se intromettem com os negocios privados das familias?

—Vida privada!.....

O esposo adultero que ,não respeita sua mulher; que no proprio lar conjugal requesta a *esposa do Senhor*, vem fallar em vida privada! Deixe-se disso, meu rico.

—Capitão, para evitar duvidas, vou mandar a mulher para sua *solidão* em que estava.

—Faça isso, e diga que eu lhe engano.

NEGOCIOS DA PROVINCIA DO ARROZ.

SANTO LULU, 3 DE DEZEMBRO DE 1866.

Isto por cá, vae de mal a peior!

O grupo *estrellado* domina o governador *Souza* e o *Carvalho*, de quem os conservadores honrados estão ja separados.

Deram no fraco do joven *trefego*, que já *governou* uma *alagoa*, e metem-no em *carraspana*, para o que inventam quotidianos pagodes, e nesse estado o José *Sigano* dos *Boisinhos* arranca daquella desmiolada cachola quanto disparate ha.

E' uma reacção espantosa!

Até o musico estrangeiro *Jamjão Zegler*,que era mestre de piano das filhas do Mariani e das do incestuoso José Sigano com a irman, ja esta commandante da policia!!! Meu amigo, si o governo não lançar os olhos para este torrão , ai da ordem e tranquilidade!

Em *Vi Anna* ja houveram facadas, tiros, espancamentos, etc., por causa das nomeações *Estrellas-Carvalhinhas*, como la as denominaram.

As eleições estão perdidas, porque o *trefego* quer enganar a todos e todos estão de acordo a darem-lhe de tabóa.

Sem proceder na forma da lei, foi ao quartel da *guarda civica* destacada ha mais de anno, e ahi commetteu quanta doudice se pode imaginar;separou metade das praças, mandou prendel-as, e dar-lhes fardamento.

Porém tudo aquillo foi palhaçada e redundou em desfructe; porque as *meretrizes* iam a palacio á noite em companhia do *incestuoso* e do *Zé Capixaba* e a *troco* de... ... empenhos iam soltando um por um.

Um periodico *apreciavel*, redigido por um militar crespo como *jacarandá*,era o unico, que elogiava ao *trefego ex-governante* d'uma *alagoa*, mas foi pelo *Souza* e o *Carvalho* atraiçoado, e em desforço tem dito verdades bem duras,que ficam sem resposta, porque na verdade são irrespondiveis.

Não sou amigo desse militar, mais não posso deixar de fazer honra a seu caracter sincero e á sua firmeza de principios; é um conservador,que honra as fileiras de seu partido.

A *Estrella* não pode ver com bons olhos a esse distincto caracter, uma vez que elle não se quer prestar aos seus manejos.

Chegou o Dr. *Bello-forte*,que estava em *Tavares* e appareceu logo uma *coalição* em opposição ao *trefego* ex-governante de uma *alagoa* e actual desta infeliz terra do arroz

Ha muita falta de moralidade aqui e, si o *chupista Souza* e o *Carvalho* não forem substituidos,a cousa ira de mal a peior; esse mamarrote já está com as boxexas inchadas por effeito do alcool.

O vapor *Para-nada* quebrou as rodas e la foi para o concerto; por isso, esta não sei quando irá afim de ter passagem no seu *Alabama*. Si merecer as honras da publicidade prometto-lhe continuar no mesmo gosto.

ANNUNCIOS.

BAILE PASTORIL

NO SALÃO

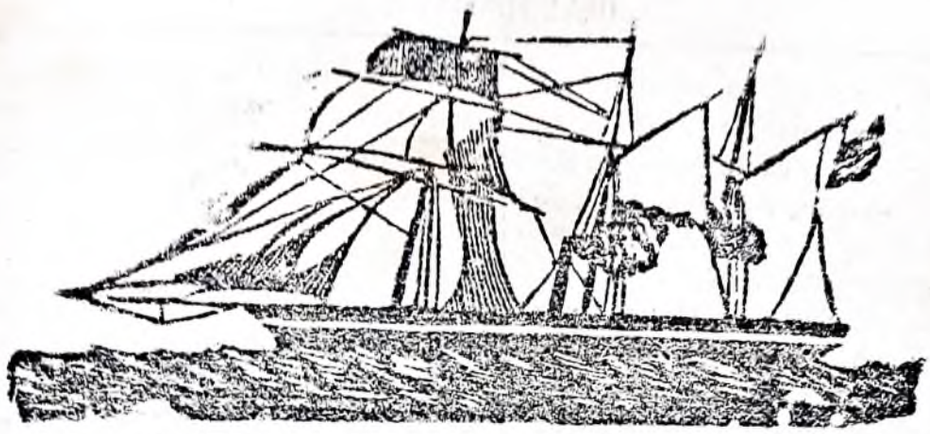
DO HOTEL FOLLEVILLE.

HOJE 3 DE JANEIRO.

Entrada 1$000 rs.

Os bilhetes podem ser procurados em mão do administrador Eduardo de Abreu Contreiras aos Barris casa n. 32.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 5 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 13.ª—Ns. 147 e 148

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de janeiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para o triste spectaculo que reproduz-se todos os dias nos arcos da casa da camara á Praça de Palacio, entre duas mulheres á quem os moleques chamam *Mata-cobra—e sua filha*, e os mesmos; não sendo possivel á uma guarda, que ha ahi evitar a assuada: e como ha uma casa de asylo, destinada á gente nas condições dessas duas mulheres, pede-se a S. S. que sem demora as faça recolher á referida casa: o que espera-se do zelo de S. S. pelo serviço publico.

—Morre um enfermo sem os soccorros da religião, porque não ha um padre, que se queira prestar!

—Onde viu V. isso?

—Eu não vi; me contaram.

—So se deve affiançar o que se vê.

—Merece me muito credito quem me disse que, estando uma senhora de parto e em perigo de vida, ha tres dias, na baixa do *Mauſim*, pedira confissão; chamou-se o coadjutor e este disse que estava occupado; pediu-se a outros sacerdotes, que por charidade fossem soccorrer a enferma e todos se negaram. Decorreram tres dias nesta alternativa e na occasião, em que o sacerdote, por muitas instancias, se *dignou* ir a mulher expirou!

—Como cumprem elles os preceitos do Divino Mestre!

—Si fosse para confessar a mulher de algum barão, elles iriam até com as calças na mão.

—A companhia do Gaz tem produzido nestas noites ecclipses em diversos pontos da cidade!

—Ainda hontem o Maciel de Cima, beccos do Açouguinho e Viva Jesus, estavam em completa treva.

—Na quarta feira foi a rua do Tijollo e diversas nas freguezias de Santa Anna e S. Pedro.

—Faz ella muito bem; andar assim, que é bom andar.

—Até dentro do sanctuario e anto o nada do tumulo, porcas preferencias, mesquinhas bajulações!

—Não comprehendo o que Vm. está dizendo.

—Pois eu lhe explico. Fui convidado por um amigo, para assistir a uma missa com memoria, por alma de um seu parente, no convento dos religiosos

franciscanos, ás 8 horas. Lá me apresentei, e, depois de acabada a missa, fiquei eu e os mais convidados de tocha na mão, a espera, fazendo figura de bobo.

—E porque esperavam?

—Que se celebrasse missa, por alma de um outro defunto de mais *cathegoria*, e que, depois de acabado o santo sacrificio, se resasse primeiro o memento por esse, cujos parentes são de mais elevada posição, que o meu amigo.

Para que essas ridiculas contemplações, praticadas pelos ministros de uma religião, que ensina a egualdade e charidade?

—Meu amigo, neste mundo vale quem tem; si os frades fizeram isso, não foi em attenção ao morto e sim a seus parentes; pelos santos beijam-se os altares.

Não ha quem não carregue o filhinho do Sr. commendador fuão do Sr. conselheiro sicrano, mas ninguem pega no filho do pobre, com medo de que lhe mije.

A PEDIDO

(O brigue *Agosto Pequeno*.—Capitão *Dias*.—Procedente de *Lima*.)

—Aspirante!

—A's ordens.

—Mande deitar o escaler n'agoa, e preparar a gente para abordagem.

—Já está tudo previnido.

—Então deita a proa ao brigue.

. . . . . .

—Onde está o capitão deste velho casco?

—Eis-me aqui.

—O' lá!.... temos em frente uma rochunchuda figura, á tacão de bota.. a perfeita caricatura do cynismo....

Então, meu velho pirata, anda V. por esses mares a rapinar, tudo que encontra?

—Capitão, para lhe fallar verdade, eu sou mais pirata em terra do que no mar.

—Isso creio eu; tanto que ja lh'o ia dizer.

Porém diga: o que leva mais no seu navio?

—Toda a carga foi a que manifestei a V.Ex.

—E nada mais?

—Nada.

—Rapazeada, uma busca la por baixo, á ver o que encontram de mais.

—Capitão, dê licença que eu acompanhe essa gente para que não me desarrange a carga.

—Não se incommode, meu velho lorpa, a tripolação é discreta, e sabe o que faz. Deixe se ficar no convez.

. . . . . .

—Capitão, além da carga manifestada, apenas encontramos estas latas muito bem acondicionadas no beliche do capitão *Dias*.

—O que contém estes caixões, meu velhaça?

—Cousa de pouca valia, não vale a pena mencionar.

—Diga lá o que é.

—*Etiquetas* para caixões de sabão e *rotulos* para frascos de drogas.

—Onde foram fabricadas?

—No *porto* de uma *cidade*.

—A quem são endereçadas?

—São para uso de minhas fabricas.

—Rapazeada, abram ahi uma lata dessas.

—Aqui está o conteúdo.

—Olélé!... são importantes as taes etiquetas.

Sr. immediato, leia aqui.

—«Imperio de Latronopolis. No thesouro nacional se pagará ao portador deste...»

—Basta; não é preciso mais.

Aspirante!

—Prompto.

Mande metter este bregeiroto em ferros.

(*Continúa.*)

—O Evaristo Gomes, acudiu á espora com uma resposta de cabo de esquadra.

Quer que o informante da noticia, de que elle maltracta a menina, appareça.

Não tem nada uma cousa com outra.

O Sr. Evaristo é que em abono de

seu credito tem obrigação do apresentar a menina á authoridade competente para provar a falsidade da informação.

Porém disto não foi capaz.

Ahi estão os moradores do logar para dizerem a verdade, si ella era constantemente espancada ou não.

Depois da noticia é que o Sr. Evaristo moderou-se um pouco.

E o mais é que a tal noticia fez algum benificio á menina, porque além de aliviar-lhe a pelle do lategO, no dia de Natal ella appareceu vestidinha, o que não era de costume, tanto que os visinhos diziam—o *Alabama* é quem fez aquillo.

O informante morador ao Neves do Castro.

—Capitão, eis aqui o bebado da *Quinta;* encontrei-o na praça, lançando a sua envenenada e nojenta baba sobre um moço, que não se lembra deste safado!

Diz que quer *guerra e guerra de exterminio*!

—E quem vae guerrear com um filho, que foi lançado para fora da casa paterna, porque o pae o julgou a injuria da familia!

—Que quer guerra e que—*as suas unicas palavras serão guerra*!

—Olé! Chega-te para mim, ladrão caloteiro, mau amigo, etc. etc.

—Capitão, V. Ex. não prova tudo isto, que diz de mim.

—Pois bem: eu te chamei ladrão, vou proval-o:

Dize-me cá; um homem, que escreve uma porção de calumnias contra uma pobre senhora casada, cujo marido se acha ausente, e manda este escripto para ella dar-lhe dinheiro, o que será? —LADRÃO!

Um homem, que faz artigos contra

um proprietario, porque não lhe quer dar as chaves de sua propriedade, o que manda pedir por estes artigos—duzentos mil reis—que nome mereco?—Ainda o de LADRÃO!

E ainda não será LADRÃO um homem, que escrevo contra um negociante, que *vende barato para vender muito*, e manda-lhe os escriptos, dentro de uma carta, para elle pagar o que valerem as calumnias?

—Capitão, isto é de mais!

—Cala-te, bebado, que ainda não provei tudo!

A carta, dirigida por ti a este negociante, existe em meu poder.

Chamei-te caloteiro, vou proval-o:

Lembras-te de quando imprimias na typographia de M., A. & C.ª o pasquim dos *criticos*?

—Lembra-me; sim, senhor.

—Pagaste o dinheiro da impressão?

—Não, senhor.

—Então, está provado que és CALOTEIRO!

Chamei-te màu amigo, porque certo conselheiro, te encontrando todo esfarrapado, pelas ruas desta cidade, e te mettendo dentro de sua casa, dando-te as suas roupas velhas e as migalhas de sua meza para te matar a fome, teve depois em recompensa uma chuva de descomposturas!

Isto é mais que infamia!

Mau amigo, ainda, por que és um infame, que, tendo mandado diversas vezes pedir ao Aristides dinheiro para matares a fome, publicaste contra elle uma bamboxata, onde tu dizes no primeiro periodo que—«o salteador da honra alheia, é o precioso thesouro do homem educado e illustrado!» Ora, por ahi se vê a força da cachaça, que te pesava na cabeça na occasião, em que escreveste semelhante asneirada!

Com quem aprendeste a ler?

—Eu cá não precisei de mestre, porque, graças a Deus, tenho alguma intelligencia.

—Forte egua—és um camello e camello quadrado: camello no moral, porque não tens moralidade alguma; camello no physico, porque essa immensa pança dá uma perfeita ideia da juba do animal arabe, e só te faz mossa a dor do açoute no costado, ou o bofetão nas ventas; camello na vontade, porque acompanhas, como um cão, a quem te dá com que matar a fome e satisfazer aos teus deboxes; camello, finalmente, na intelligencia, porque nem portuguez tu sabes, e te mettes a lettrado.

—Isso é que o Sr. não prova.

—Serio? Pois escuta—lê este artigo teu.

—«Quer guerra?

«Por S. Aristides terás.....»

—Basta. Qual é o agente *de quer* e qual o de *terás?*

Continúa.

—«..... salteador da honra alheia, precioso thesouro do homem educado e illustrado.»

—Muito bem. Quem é o *precioso thesouro?* E' o *salteador da honra alheia?*

—Vamos adiante.

—«Quer guerra?

Por S. Aristides terás azemola....»

—Assim, assim: ainda que já tenha aonde metter-lhe o nariz, e o teu bello costado para andar montado, acceita o presente para fazer uma parelha.

Lê mais ainda.

—«Si pensas miseravel .....»

—Como é que se *pensa miseravel?*

«... mancomnnar-te.....

.....

pequinhez de tua educação.»

—O que é *pequinhez*, heim?

—«Os homens &. &. nogento.»

—E' assim que se escreve *nojento?*

—«Ide miseravel levantador....»

—O que quer dizer isto? Que é da virgula?

—«Continua estupido capacho...»

—Como é que se *continúa* (ou *continua*) estupido?

Volta, um pouco.

—«Seus actos quer publicos....»

—Ora, este *quer* é conjuncção ou verbo? Si é conjuncção, que é da virgula antes d'elle? Si é verbo, o seu agente será *seus actos?*

—«.... é incapaz de praticar as infamias, *que* com prazer te interes-

saste para que o escripto sahisse...»

—Aquelle *que* é conjuncção, ou relativo? si conjucção, a que vem elle aqui? si é ralativo, de quem é atributo ou sujeito?

—Lê mais atraz um pouco.....»

—«..... cuja educação e principios estão a perder de vista de semelhante bipede... »

—Agora acertaste: a tua educacção está muito longe da d'elle, que esta é de bipede e a tua é de quadrupede...

Dizes mais que o Aristides recebeu 20$ de um maroto, para gastar com a Felismina. E' verdade; depois que elle perdeu a pata, que te poz, e deixou-se de gastar comtigo, recorreu á Felismina, meretriz, que tem mais pudor no c.. do que tu nesta INFAME cara!

E que mais tenho eu que dizer a um leilado?

E' mandar o muxingueiro metter-lhe o chicote nesta INFAME cara!

Muxingueiro, leva este safado para a rua, em que houver mais *poeira*, e lá da-lhe mil chicotadas na deslavada cara; depois colloca-o na praça mais publica desta cidade, afim de que os moleques cuspam-lhe na INFAME careca!

—Que borracheira estão a tomar aquelles quatro mamarrotes!

—Um padre e tres meliantes mais.

—Comem um temperado de feijões verdes, e entornam no bucho a branca *giropiga* e o amavel Figueira.

—E que diabolica assuada fazem os taes *xilrados*!...

—Bebem em estrepitosa algazarra, zombando do pobre, que cahiu na asneira de trabalhar para elles acharem, e a quem chamam de bobo.

—Que patifes!

—O *padre* está que não se lambe.

—E o *Luiz* não está menos.

—Que larapio coroado!

Além de enganar o pobre homem, que em boa fé trabalhou para elle, ainda reune tres beberretes para embriagados, escarnecerem de quem foi illudido por um velhaco, por julgar que tratava com homem de bem.

—O *Luiz* ja não pode aguentar a cachaça, que tem no bucho e despeja fora.

O *França* dá urros como um burro.

E o *Guimarães*, por ser mais forte ainda esvasia a ultima garrafa de cachaça.

—O padre quer montar a cavallo para ir ao *Cabulla* e cahe redondamente no chão.

—Só o muxingueiro do *Alabama*, com a sua laca seria capaz de acabar com a bachanal daquelles quatro safados.

VARIEDADE.

LADAINHA DE TRES DIABOS.

Do carrancudo letrado,
Que a todos acha justiça,
E que para pleitearem
As proprias partes atiça:
Libera nos, Domine.

De repimpado escivão,
Que sempre demora os pleitos
E quer seja pró, quer contra,
Acha em tudo certos geitos:
Libera nos, Domine.

Do procurador que affecta
Andar daqui para alli
Em serviço do clíente,
E só procura p'ra si:
Libera nos, Domine.

De magistrado *in totum*,
Que não cumpre seus deveres,
Mofando sempre das leis
Fiado em seus poderes:
Libera nos, Domine.

Ah! tambem por piedade,
De trombudos deputados,
Que sevem na assembléa
Só p'ra darem—apoiados:
Libera nos, Domine.

De boticario que nunca
Receituario engeita,
Dando umas drogas por outras
Para aviar a receita:
Libera nos, Domine.

Do sacerdote, a quem chamam
Para alguem ir confessar,
E pergunta ao penitente
" Você quanto me ha de dar?
Libera nos, Domine.

Do musico que somente
Vae ás funcções por dinheiro,
E quer com ar carrancudo

Que o roguem muito, primeiro:
Libera nos, Domine.

Do homem de caos, e casado,
Que a moral deve respeitar,
E que com todo o escandalo
Faz acções d'envergonhar:
Libera nos, Domine.

Do empregado subalterno,
Que parece um santarão,
E na ausencia dos superiores
Os tasquinha sem compaixão:
Libera nos, Domine.

Daquelle que em sua terra
De *magarefe* não passaria,
E que já mais se conhecendo
Quer fallar em *Maçoneria:*
Libera nos, Domine.

(*Extr.*)

HA-AS ASSIM.

Foi uma mulhersinha um dia ter com o sachristão da freguezia para saber quanto custaria o enterro do seu defunto marido, e dirigiu-lhe a palavra nos seguintes termos:

—Diga-me, Sr. Francisco (que assim se chamava o sachristão) em quanto importará um enterro para meu marido, não sendo lá muito pomposo?

O homem reflictiu dous minutos e respondeu á celebre viuvinha:

Não sendo de luxo poderá custar-lhe uns 30 patacões.

—Ora adeus, respondeu a viuva. Tanto não valia elle em vida!

GRANDE DITA.

Si me amaras, menina:
Si eu tivera essa dita,
Esta palavra:—eu te amo,
Tambem por mim fôra dita.

Porém, si a dita dita
Não tenho, vê e medita
Si queres que a sobredita
Por meus labios seja dita.

ESTA É FORTE.

Um ministro d'estado, estando uma noute deitado, ouviu rumor perto de si, e levantando-se sobresaltado chamou todos os seus creados, que acudiram com luzes aos gritos de S. Ex.

—Procurem tudo, gritou elle. Procurem porque dentro deste quarto está um ladrão.

Os creados assim fizeram; porém por mais que procurassem ninguem descobriram.

Mas o amo continuava a gritar:

—Dentro deste quarto está um ladrão.

Por ultimo adiantou-se o jardineiro, e respondeu-lhe com a maior fleugma:

—Affirmo-lhe que dentro deste quarto só esta V. Ex.

Que diria o nosso amigo?

E' o que não conta a chronica.

MULHERES INSUPPORTAVEIS PARA CASAMENTO E PARA A SOCIEDADE.

Mulher, que presume formosura.
Mulher, que blasona de atilada.
Mulher, que conversa em politica.
Mulher, que morre por dançar.
Mulher, que tem intimidade com beatas.
Mulher, que gosta de linguas.
Mulher, que passa lettras, e repete poesias.
Mulher, que traça a perna para mostrar o pé bonito.
Mulher, que assiste a enforcados, e vae a leilões.
Mulher, que falla muito em honra, e em honestidade.
Mulher, que chama sempre pelo diabo.
Mulher, que conversa muito com a visinhança.
Mulher, que abre a janella de noite para ver quem passa.

E tes dez predicados se encerram em dous: juizo mesquinho, e falta de ensino.

ANNUNCIOS.

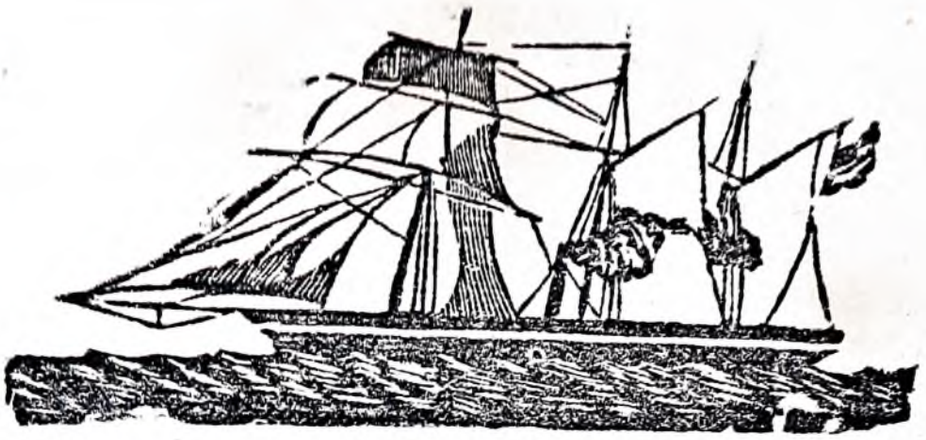
AOS SRS. ASSIGNANTES.

Apezar dos esforços empregados, não foi possivel concluir a impressão do quadro dos caloteiros, tratantes, mal-casados, marialheiros, etc.,e, por isso, sahirá até o dia 15 do corrente dos prelos lithographicos do Sr. Odilon, esse importante quadro contendo para mais de 800 caricaturas.

Muitos dos taes andam desesperados a correr com a ideia de verem a sua magna p osaipa estampada, nesse quadro. Tenham paciencia.

Luiz Ferreira de Souza, armador, mudou sua residencia da caza á rua dos Marchantes, para o sobrado n. 32 á rua da Cruz do Pascoal.

Está exposto á venda na loja de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, a nova modinha brasileira intitulada —**Nada possuo neste mundo**,— por José Bruno Correia. Preço 1$.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 9 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 15.ª—N.º 149

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de janeiro de 1867.

Officio ao Exm.Sr. inspector d'alfandega, participando-lhe que nos informam que, nessa repartição sofre a fazenda grave lesão nos direitos,que devem pagar certas drogas e substancias mineraes, pela *minestra* de que usam, alguns especuladores, de despachal-as com nome supposto, aproveitando-se da impericia dos agentes fiscaes na materia. Por exemplo: a morphina e seus saes, a atrophina e seus saes, o valerianato de quinina, o iodureto de potassio, dito de sodio, dito de chumbo, dito caducio, dito amoniaco, acido citrico,etc.

E outras muitas substancias,que seria fastidioso enumerar,as quaes devendo pagar altos direitos, vem com o nome de substancias similhantes em seus caracteres physicos, porém cujo valor é nenhum no commercio, a fim de reduzir a cifra dos mesmos direitos.

O opio vem envolvido nos caixões de catto.

E, como conste,que breve está a chegar um carregamento de taes substancias, onde *talvez*, não é certo, se queira empregar similhante dólo, previne-se a S. Ex., afim de que na occasião de serem despachadas, as mande S. Ex. examinar por um perito na materia, para evitar que não seja a fazenda tão fraudulentamente lesada.

—Isto é que écassuar redondamente com o publico!

E só nesta terra se tolera tamanho desaforo!

—Que novidade ha?

—Ha muitos dias,que os jornaes convidavam ao publico para uma viagem a Itaparica no dia 7 de janeiro, no vapor *União II*, que devia largar deste porto as 8 1/2 horas da manhan.

No dia indicado mais de 30 pessoas apresentaram-se no caes para embarcar. Soou a hora marcada e nada de vapor.

Depois de muita demora, appareceu um individuo, com ares de sultão das *alvarengas* e disse, não ha mais viagem —porque os passageiros são poucos; o vapor vae rebocar alvarengas.

—Isto é ludibriar ao povo.

—Em outra parte a policia não obrigaria áquelle enfatuado, á mandar sahir o vapor?

—Sem duvida. Com o publico não se manga.

—De maneira que muita gente que tinha ido na vespera, e la se deixou ficar contando com o vapor, levou o

mais solemne logro que se pode dar.

—E vão ver que daqui a alguns dias, elle annuncia outra viagem.

—Que diabo de *brosiguilhada* é uma entre o Fausto e o Jurema?

—Eu sei, heim!

—Ambos annunciam que estão em exercicio do juizado de paz da Conceição da Praia; é como se costuma dizer —dous cães á um osso.

—O que me disseram foi, que o Jurema ja serviu um anno no impedimento de outro, e agora quer servir por si.

—Bello! então, quer fazer por dous! Si assim é, o moço tem o dom de reproduzir-se.

—São questões de *influencias eleitoraes*, nas quaes não me metto. Só o que não achei bom foi o annuncio do Sr. Jurema.

—Então porque?

—Achei um annuncio assim á laia capadoçal, o que não condiz com a gravidade de uma authoridade.

—Não ha quem acabe com aquelle escandalo dos escandalos!

Nem por ser defronte do palacio da presidencia!

Aquellas duas pobres mulheres a quem chamam *Mata-cobra*, vêm-se atropelladas noite e dia, por uma caterva de moleques e pretos, e uma malta de capadocios e vadios, e furiosas, fazem um alarido insuportavel.

—Mas o que quer Vm. que façam as authoridades?

—Não temos uma Casa de Asylo?

—In nomine. Um pavimento immundo, sem regimem, sem um administrador permanente, onde vão á noite dormir alguns desgraçados, que demanhan sahem para esmolar a charidade publica.

Mande a authoridade para lá as *Mata-Cobra*, e no outro dia ellas estarão na Praça fazendo algazarra.

—E o hospital de charidade?

—Peior um pouco. Os doentes são de lá despedidos em convalescencia pelas irmans da charidade, quanto mais para receber quem está são.

—Mas ellas podiam entrar para alli como mentecaptas, não ha lá um logar para doudos?

—Não ha mais commodos para doudos; e depois seria uma tyrannia a authoridade que as mandasse para lá, por que era o mesmo que tirar-lhes a ultima scentelha de juizo que ainda lhes reste; tal é o bom tratamento que alli se dá.

—Neste caso, não ha meio de se prevenir um spectaculo tão tristes e repugnante?.....

—Pergunte aos nossos paes da patria.

—No entanto, houve quem desse 80:000$ rs. para um azylo de pobreza!.....

—Afinal, hoje 8, retiraram as *Mata-cobra* dos arcos da cadeia.

Foram conduzidas para o hospital da Santa Casa.

Ao menos vão descansar da roda-viva em que as traziam os capadocios.

Não sei quem alcançou isso.....

—Dizem que por condescendencia, e so por condescendencia a S. Ex. o Sr. presidente da provincia, foram ellas recebidas na Santa Casa.

—Tambem me disseram que S. Ex. estava disposto á fazer qualquer despeza, com tanto que livrasse as pobres mulheres das importunações dos vadios.

—A policia deve tomar uma providencia qualquer, afim de impedir a immoralidade de andarem deitando cadaveres de crianças, pelas ruas.

—Qual policia! a nossa policia não é para estas cousas.

—A frequencia com que se dão similhantes factos, denotam o estado de depravação, que lavra nesta sociedade corrupta.

—Deu-se algum facto destes, recentemente?

—Ainda no dia 7, amanheceu nos Coqueiros, da freguezia de S. Pedro, um destes infelizes, envolto em uma porção de pannos.

—E é preciso notar, que nem sempre taes crimes, são praticados por uma desgraçada, a quem a necessidade obriga á tanto. Muitas vezes, é obra de uma mulher bella e altiva, o que, horas depois de perpetral-o, passeia airosamente em nossa aristocratica sociedade de mascara descoberta, inculcando-se *donzella* e *virtuosa*, quando não passa de uma miseravel mulher, que para encobrir um *erro*, praticou tão enorme atrocidade!

Impenitentes! são grandes no erro, e pequenas na abnegação; sentem-se fracas para arrostar a humilhação a que a sociedade as deve condemnar e lembram-se do crime, crime imperdoavel! porque si o egoismo banal da sociedade é uma pena severa, ha muito quem se saiba condoer dos infelizes, e se lembre que a fragilidade humana é quasi uma lei, sinão um destino, que pesa sobre a creatura.

A expiação é a sanctificação do erro; e si com o arrependimento, se pode remir a culpa, vale mais a mulher arrependida, do que.... a que não teve valor para supportar a cruz do infortunio, deixando de ser Magdalena, para ser fera, trocando a vergonha, pela eterna condemnação do remorso eterno.

—Meu charo, deixe-se de moralisar e vamos ao caso Então foi encontrado um menino envolto em pannos?

—E' verdade; pelo carroceiro da limpeza.

—E que destino teve?

—Não lhe sei dizer, porque não assisti ao resultado; porém é natural que a mandassem enterrar.

—E fica nisso... a policia não tem necessidade de saber quem é o autor de tão nefando crime, e por isso não pesquiza nem indaga.

A PEDIDO

SONETO

D. O. E C.

ao bebado da Quinta.

Em charco immundo se creado *tem*,
BEBADO vil d ignorancia *tanta*,
Que, toda gente, de o ver *s'espanta*,
Vendo a carreira em qu' a besta *vem*.

Devasso, infame, por qualquer *vintem*,
Soffr' o chicote, que se lhe *levanta*,
Mil bofetadas oh! é couza *santa*,
Nada o bebado, no impeto *detem*.

Com nome d'*escriptor*, oh! *atrevido*!
Um burro tão ladrão, vil, ramel*oso*
Que das cocheiras, tacas tem *tangido*!

Pára a besta vergalho vigor*oso*,
E apoz o muxingueiro ter zurz*ido*
O montem p'ra ver s'ind' é teim*oso*.

(O brigue *Agosto Pequeno*.—Capitão *Dias*.—Procedente de *Lima*)

—Capitão, o famigerado chefe dos piratas, está á ferros.

Deu-me o que fazer! Finalmente arrumei-lhe dous pares de machos em cada pé, e um *gancho* ao pescoço.

—Traga esse *corcoroca* para o convez.

—Aqui está o bicharoco.

—Aproxime-se minha velha raposa.

—Si a minha sorte, assim o quer, aqui me tem, Sr. capitão.

—Antes de tudo, quero ouvir a sua historia, e que destino o levou á passar moeda falsa, porque está claro que o conteúdo daquellas latas, não é, como mentirosamente disse, *etiquetas* e *rotulos* para caixões de sabão e frascos de drogas, e sim, estampas de moeda papel de Latronopolis.

—A minha historia é uma serie de escandalos e crimes, muito comprida, que enfastiará a V. Ex. o ouvir; quanto ao objecto contido nestas latas, não é mais do que a ambição de duplicar minha fortuna, quem me leva á isso.

—Por ser a sua historia um complexo de crimes e escandalos, é mesmo que quero ouvil-a minuciosamente. E advirto-lhe que seja fiel em sua narração, porque tem alli um individuo, chamado muxingueiro, que sabe arrancar segredos.

—Por tanto, veja o que faz.

—Já que V. Ex. quer, vá feito.

(Continúa.)

VARIEDADE.

EMAVENTURANÇAS SÃO OITO.

1.º Bemaventurados são os que roubam, porque elles serão fartos.

2.º Bemaventurados são os que gritam, porque elles serão respeitados.

3.º Bemaventurados são os que repartem, porque elles serão protegidos.

4.º Bemaventurados são os caixeiros, por que gastam dinheiro por conta dos amos.

5.º Bemaventurados são os caloteiros, porque estão livres de fazer orçamento.

6.º Bemaventurados são os empregados das alfandegas, porque tem à mão tudo o que desejam.

7.º Bemaventurados são os actores, por que, sem revolução, chegam a ser ministros e reis!

8.º Bemaventurados são as moças bonitas, por que são sempre estimadas, sem terem outro valimento.

PRAZER DAS SENHORAS CASADAS

Pagar visitas de ceremonia sem levar o esposo.

Trazer comsigo muitos brilhantes e ouro, ainda que tudo não esteja pago.

Contar ás conhecidas as advertencias que tem feito ao marido.

Queixar-se de estar magra pela grande lida que têm de governar a casa.

Felicidade pelo vinho.

Um sujeito, carregado de vinho como um odre cheio, depois de cambalear por algum tempo, ao sahir da taberna, cahiu n'um charco, e ficou-se a rir estatelado na lama.

Um cão, que o seguia a pouca distancia, entrou a lamber-lhe carinhosamente o rosto.

O ebrio julgando-se em casa do barbeiro da sua rua, fechou placidamente os olhos e disse bocejando:

—Mestre, deixe-me ficar o bigode.

Dez Reis.

PRAZERES DA NOITE.

Beber chá com torradas.
Coçar as pernas, quando se tira as meias.
Lavar-se em agoa morna.
Tomar pitadas.
Dormir em colchão.
Sonhar com amores.

AO PUBLICO.

APROVEITEM.

Quem tiver desenho contendo a caricatura de algum caloteiro, mal-casado, etc., remetta a esta typographia em carta fechada, para ser incluido no grande quadro dos tratantes.

ANNUNCIOS.

Gratifica-se com uma colleção burrical do *Oculo Magico*, propria para *guardanapo* de uso *inferior*, a quem descobrir um individuo, que foi expulso do Rio de Janeiro, pelo seu incorrigivel e pessimo comportamento no *Campo de Sant'Anna*, onde passeiava todas as noites de *lenço na mão*; depois sentou praça no exercito, *refugio* de todo debochado e vadio. Consta-nos que este *cujo* está agora na Bahia, e para facilitar sua descoberta, observem-se os seguintes signaes: — E' barrigudo, careca, e os poucos cabellos, que lhe restam, são grossos como os de porco; quer ser branco, inculcando-se descendente de uma nobre familia; gosta de embebedar-se e de andar sempre de palitot e calça rôta de um conselheiro, que por esmola lh'os dá.

Este individuo é filho de uma cabra, que foi escrava da fazenda dos Jordans e foi *educado com esmero* na rua d'Alfandega da corte, onde em algum tempo levou muita chicotada.

Quem o apprehender e levar á rua que ha *poeira*, em casa do *Salvador*, ou a loja de *correias* do *Alves*, receberá do *Quinta* a gratificação supradita.

AO PUBLICO.

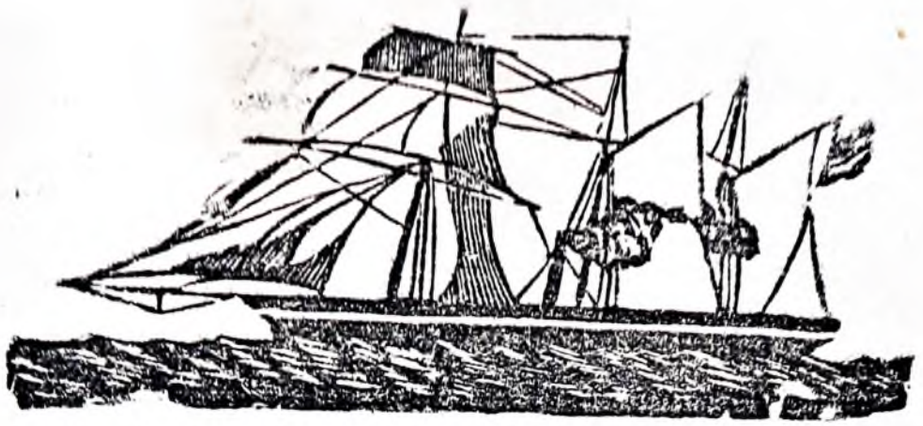
A Sociedade PRIMEIRO DE NOVEMBRO faz sciente ao publico, que os seus Bailes Pastoris, são somente representados em casa de sua residencia, a Ladeira do Carmo n.º 40, nas noites de quartas e sabbados, e não em casas particulares, como se tem propalado.

Os bilhetes podem ser procurados na supradita casa.

Santos Lima.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, faz sciente aos paes de seus alumnos, que se acha leccionando, desde o dia 7 de janeiro, na mesma casa, á freguezia de S. Pedro.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 11 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 15.ª—N.º 150

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de janeiro de 1867.

Officio ao inspector do trem do mar de Latronopolis, pedindo-lhe esclarecimentos sobre o seguinte:

1.º—Si é certo, que nessa repartição ha um individuo, que, apezar de não ter officio, é comtudo considerado *mandante* do officio de S. *José*, auferindo, além de 3$ rs. diarios e outras melgueiras, os juros de dinheiros, que empresta com uma agiotagem escandalosa, reduzindo assim, a officina a *casa de cambio*.

2.º—Si tambem é certo, que um empregado de sua secretaria tem a propina de fornecer o material que á mesma precisa, como livros, impressões, e o mais de que a secretaria necessita, vindo a resultar disso andar esse *empregado fornecedor* fora da repartição todo o dia, accumulando não só os lucros do emprego, como os do *fornecimento*. Do zelo, rectidão e dignidade de S. Ex. espera-se uma solução a similhante pedido, afim de providenciar-se, no caso de ser exacto, e serem expulsos similhantes expertos e madraços.

—E' imperdoavel o desmazelo da nossa camara e dos seus agentes!

A qualquer canto encontra-se a prova irrefragavel do deleixo com que procede a edilidade no interesse de seus municipes!

Os focos de infecção pululam dentro da cidade, a cada passo.

As buraqueiras, as immundices, os generos podres e falsificados, attestam a indifferença dos vereadores, para com aquelles, que os collocaram naquelle logar.

E o que é mais notavel é, que a propria camara é guarnecida de esterquilinios em seus cantos, parecendo, que se apraz em estar circumdada de cousas fedorentas.

Do lado da Ladeira da Praça, duas immundas boccas de lobo exhalam aromas, que não devem ser mui agradaveis aos narizes da Illma.; do lado de cima, na porta da venda do Coqueijo, ha um cano aberto na flor da rua, que está a transbordar, e cuja vista desafia nauseas ao estomago mais confortado, além do *agradavel* cheiro que rescende.

Os arcos por baixo da assemblea provincial tornaram-se despejo publico dos moradores de perto, e não é raro ver-se alli, em pleno dia, individuos, por detraz das pilastras, de

calças na mão, satisfazendo necessidades corporaes.

—Vamos a Pirajá domingo?

—Fazer o que?

—Assistir a festa do orago S. Bartholomeu, que é feita com estrondo: ha vesperas, e prega o Fr. Miguel; no exterior haverá leilões, machinas, botequins, fogo artificial e mais patacoadas do costume.

—Si houver tempo, la irei.

A PEDIDO.

—Vem ca, ó besta de dous pés!...

—E' commigo?

—E com quem ha de ser, sendeiro? E' comtigo mesmo. Quero te mandar cortar estas safadas bitaculas á faca.

—Sr. *Constantino*, isso é muito arrojo.

—Arrojo é o teu, insolente sevandija, em andares perseguindo a honesta senhora, que por generosidade ainda não participou a quem te pode cortar de *relho*.

—Ah! ja sei, são embustes do *José*.

—Animal immundo, quando o diabo te fez com essa figura rata, não foi porque fosseis boa rolha.

—Sr. *Constantino*, não acredite nas palavras do *José*, que é um perfeito intrigante.

—No tempo, em que has de empregar no teu repugnante modo de vida, como é o de *vender gente*, andas a importunar a moça, que não dá fé de ti.

Quem te authorisou a dizer que o *José* é quem conta as tuas bandalheiras?

—O *Ferreira*.

—O *Ferreira* que é da tua eguala, outro seductor como tu, *pinto* com fumaças de gallo, infame ratazana.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Leva este lorpa para bordo, e da-lhe 500 vergalhadas.

—Ah, Sr. capitão, e meu escriptorio?

—Que escriptorio! Uma 75.ª cafurna ás *Drogarias* tambem é escriptorio!

MOTTE.

Sobre a pyra fumegante
Ardem ternos corações.

GLOSA.

Disse um dia o deus tonante:
«O' minha chara mãisinha,
«Asse la, esta sardinha
«*Sobre a pyra fumegante.*
—Va-se dahi, sô tratante,
Disse a deusa das paixões,
—Leve dahi dous tições,
Asse a sardinha lá fora,
Que sobre essa pyra agora
Ardem ternos corações.

OUTRA.

Uma cosinheira amante,
Tão denguinha como bella,
Poz-se a cozer a panella
Sobre a pyra fumegante:
Amor chega nesse instante,
E dá-lhe dous cachações;
«Não tens lá fora tições?...
«Põe-te a andar, grande velhaca,
«Aqui não se cose vacca,
«*Ardem ternos corações.*»

—Aspirante!

—Prompto.

—Sabe uma roça, cujo sitio é tão fresco, quanto é *ca quente*?

—Ignoro.

—Sabe a *fonte* feita de *pedras*?

—Perfeitamente.

—Pois passe por ahi, entre pelo fundo de uma *floresta*, que fica fronteira, e de *machado* va derrubando as bastas arvores, que empatam o transito; como o caminho ahi é um pouco agreste, leve sua boceta para ir tomando *pitadas*, afim de suavisar o trajecto.

Quando chegar ao alto, procure o Antonio e faça-lhe ver o reprehensivel procedimento de seus aggregados, que costumam atirar pedradas em quem passa.

Diga-lhe que ainda no domingo pp. deu-se uma scena vergonhosa entre umas moças de sua casa e um maniaco de nome Belmiro, o qual, vendo-se atrapalhada de pedradas, que lhe atiravam ellas, desabafava em dirigir-lhes

quanto nome porco ha com grave offensa da moral, além do risco que corria de sahir com a cabeça quebrada quem por alli passava.

—Que quer dizer isso, Dr.? V. sem camisa?!....

—Deixe-me.... com a pressa com que sahi esqueci-me da camisa.

—Não creio que haja motivo, por mais urgente, que obrigue o Dr. á sahir *ás carreiras*, sem camisa!.....

Aqui ha dente de coelho.

—Homem é que ha *dias*, bem o diz o *Andrade*, aziagos para uma pessoa.

—Isso está me parecendo que foi alguma surpresa.

Sabe, Deus si V. não cahiu n'alguma ratoeira d'onde, a unhas de cavallo, poude escapolir deixando lá a camisa.

Ande lá... V vem tão esbaforido deitando alma pela bocca, como quem acaba de soffrer um grande susto; isso não pode deixar de ser consequencia de suas costumadas aventuras.

—Ja não sou quem dantes era. Desde o caso daquelle sujeito a quem causei *maximo* desgosto deixei me dessas *conquistas*.

—Não venha com essas; porque logo que o homem vae para as *alagoas pequenas*, V. anda lhe farejando as portas até cahir dentro, onde permanece noites inteiras.

—Eu! um homem casado pernoitar fora de minha casa!.....

E' uma calumnia.....

—Calumnia, o que todos sabem? Inda uma noite destas dois capadocios deitados na *calçada* da rua fallavam nisso.

—E' uma fatalidade que me persegue!.....

—Fatalidade são as suas estravagancias... E agora a me vender pomadas, que com a pressa esqueceu-se da camisa; quando V. nem de casa vem, porque sua casa não é deste lado.

—Seja o que o Sr. quizer; o que lhe peço é que me deixe ir adiante, por que não posso permanecer neste estado, publicamente.

—Va, meu *conquistador*, vá para casa vestir outra camisa, e estude lá uma desculpa para dar a sua excellente senhora.

—Não se pode crear gallinhas na Calçada!

—Porque?

—Porque o moleque Justino jurou acabar com todas.

—Então rouba-as?

—Por um meio engenhoso: tem uma gallinha, a qual deita a brigar com as outras, e quando estão bem cansadas, elle carrega a que não é sua, que, pelo cansaço, vae sem gritar e dá com ella em casa, e dahi na panella.

—E a delle?

—Ja está acostumada e vae com seus pés para casa.

—Na verdade, não é má a industria.

—Esse moleque tem uma facilidade espantosa para ratonices. Inda ha pouco na ponte dos vapores praticou uma escamotagem admiravel.

—Ouvi fallar, n'um dinheiro roubado em que o subdelegado fez corpo de delicto.

D'onde é esse demonio?

—Da casa de um inspector de quarteirão, onde a *Fortuna* anda e desanda.

—Vou mandar me informar do *Nelson* que tambem mora lá e depois darei as providencias.

Illm. Sr. Manuel Pereira Guimarães.

—Em abono da verdade e de sua consciencia, declare-me, si não foi á casa de V. S. alguem pedir-lhe duzentos mil reis, que mandava o Sr. S. Correia Alves Quintanilha, para retirar certos artigos, que tinha contra V. S; e como V. S. não os quizesse dar, si elle mandou ou não pelo Sr. Chuvas, pedir-lhe depois oitenta mil reis, ameaçando-lhe com a publicação dos ditos escriptos, no caso que os não quizesse dar. Permitta-me V. S. fazer de sua resposta o uso que me approuver.

Bahia 10 de janeiro de 1867.

De V. S. &.

F.

Illm.Sr. F. – Como V. invoca a verdade em minha consciencia, para declarar si o Sr. Quintanilha mandou me pedir duzentos mil reis, para sustar publicações, que tinha contra mim, vou declarar o que se passou entre mim e mais pessoas, que na occasião se achavam presentes. Indo eu á casa do Sr. Dr. A., esse me pediu, á mando do Sr. Quintanilha, a quantia de cem mil reis, e não a de duzentos, como diz V. em sua carta, e eu respondi-lhe, que não dava um vintem para esse fim, e que podia publicar contra mim qualquer que fosse o escripto, porque sempre tive minha consciencia tranquilla. Depois mandou-me pelo Sr. Chuvas segundo recado, estando presente o Sr. cadete Carvalhal, dizendo, que fazia esse negocio por oitenta mil reis, por que as publicações lhe rendiam mais de 200$ rs., ao que o dito Carvalhal respondeu que, visto a imposição, eu nada desse.

A minha intriga com o Sr. Quintanilha não é mais do que, eu não lhe querer entregar as chaves de uma minha propriedade, porque o fiador que o dito me dava, mandou pelo Sr. Carvalhal dizer que não se responsabilisava por qualquer negocio, que com o dito Quintanilha fizesse.

Foi tudo quanto se passou em abono da verdade e minha consciencia, que sempre a tive, principalmente em casos taes; e no mais, pode usar desta minha resposta, como muito bem lhe aprouver.

Sou etc.

Bahia 10 de janeiro de 1867.

Manuel Pereira da Silva Guimarães.

(Está o reconhecimento publico.)

VARIEDADE.

PRAZER DOS ESTUDANTES.

Dar quináu nos collegas.
Vestir roupa nova.
Arremedar os lentes.
Andar com facto esquisito.

ACTOS DE VEXAME DIABOLICO.

Receber hospede de ceremonia em casa de campo, estando a dispensa vasia.

Tirar a casaca, á vista de muita gente, e apparecer a camisa rota.

Passar por uma rua e ver na janella a moça que o regeitou em casamento, ou o desprezou no namoro.

Cahir um dente postiço, quando se está jantando em reunião.

Escorregar na rua, e cahir na lama, havendo moç s pelas janellas.

Passar por instruido, perguntar-se-lhe a significação d'uma palavra e não saber responder.

Dizer que não deve nada, e d'ali a poucos instantes bater o caixeiro á porta para cobrar alguma quantia.

Passar o dia em casa de ceremonia, e ter necessidade corporal.

Chegar um visinho á janella em occasião, em que se está fazendo acionáo de namoro.

Pedir dinheiro emprestado, e não ser servido.

(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

APROVEITEM.

Nesta typographia recebem-se retratos de todo e qual quer tratante, etc, para ser representado no grande quadro. Quem quizer aproveitar remetta o desenho em carta fechada até o dia 15 deste mez.

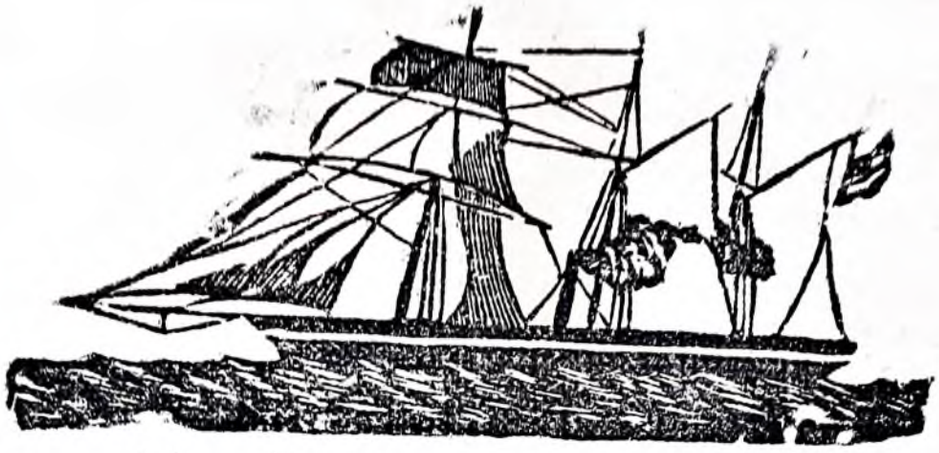
Attenção.

Na rua dos Droguistas n.° 38. 3.° andar, precisa-se de officiaes de charutos, e abridores de fumo.

Fugiu da abaixo assignada, no dia 4 do corrente, a sua escrava, africana, de nome Celina, de edade de 30 annos, estatura regular, falta de dentes, com os dedos grandes dos pés tortos, acha-se prenhe, e occupa-se no ganho; quem a encontrar e levar ao Pilar, casa n.° 92, será bem recompensado.—*Ignez Lucia Dias Monteiro.*

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna faz sciente aos paes de familias, que se acha leccionando, desde o dia 7 de janeiro, na mesma casa á freguezia de S. Pedro.

Typ de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 12 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 16.ª—N.º 151

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Fólha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de janeiro de 1867.

Officio ao Revm. Sr. vigario da freguezia de S. Pedro, pedindo-lhe providencias para que não continúem os commodos da capella do Rosario a servir de casa de officina a particulares, pelo pouco respeito e falta de decoro, que nisso vae á nossa religião em consequencia dos factos, que se podem alli praticar.

Os trabalhadores da improvisada tenda chamam as *conhecidas*, que passam, e com ellas entretêm colloquios, que não são muito coherentes com a decencia devida ao logar; ha ditos galhofeiros, etc.; e S. Revm. sabe que do palavras a obras vae pouca distancia; por tanto pede-se-lhe que empregando sua valiosa authoridade, faça cessar similhante abuso.

—Consta que a policia cercou a casa de um dos directores do banco. Encontraria alguma cousa?

—Estou certo que não.

—Assim mesmo foi á tempo.

—Quer acabar por onde devia principiar.

—Os soldados de policia em nossa terra servem para fazer desordem em vez de accommodar!

Uma patrulha foi *sambar* uma noite destas no becco do Oratorio, onde estavam tambem alguns guardas de Brotas.

Metteram se nos *aguaceiros*, e a cousa acabou como de costume, em barulho.

A policia desarmou um do 5.º, e prendeu-o; ao passar pelo quartel da Palma, o soldado sentindo o faro de casa, embarafustou pelo portão a dentro, a policia seguiu-o, mas ficou trancada no calabouço.

Dahi originou-se a rixa: hontem 11, por cerca de duas horas, dous soldados de policia *matavam o bicho* na venda 22, ao Caminho Novo, e travaram rasões com um de Brotas; houve logo espadas fora, ferimentos, etc.

Um official do 5.º prende um policia; vão ao quartel deste participar que elle estava sendo maltratado; sahe um piquete que veiu tomar a embocadura da ladeira da Palma, e ahi espancou a torto e a direito a guardas nacionaes paisanos. O conflito tornou-se serio e teria graves consequencias a não ser a presença do Sr. Carvalhal e do commandante do 5.º, unica authoridade que appareceu em tempo.

Houveram bastantes ferimentos, des-

tinguindo-se na *bravata* um soldado de cavallaria.

—A authoridade competente deve pôr cobro a tão descommedido procedimento.

—E envidar exforços para que não se reproduzam tão vergonhosas scenas, praticadas, por quem deve manter a ordem.

Ipsi vero non cognoverunt vias meas, quibus juravi in ira mea, si introïbunt in requiem meam.
David,—Psalmo—94.

Si o anjo de Deus veiu á terra, segundo as escripturas, para annunciar a S. Zacharias o nascimento de S. João Baptista, a SS. Virgem Maria a concepção de Jesus Christo, e a S. José em sonho, para que recebesse o filho de sua esposa, porque Ella o tivera concebido do Spirito Santo, como pois acreditar que baixe para fazer manifestações aos homens (os spiritas), por um simples chamado, dos mysterios, que Deus d'elles occultou?

Si o Credo, composto pelos apostolos de Jesus Christo, diz que « ressuscitarão os mortos e que Deus os julgará, » como pois acreditar em reencarnação? Para ser admittida essa ideia van, tornar-se-ha preciso, que cada corpo por sua vez ressuscite, porque sendo o spirito a parte vital do corpo e estando elle em o primitivo, o outro a que tambem pertencia não elevar-se-ha da campa para o julgamento, e si for o primitivo condemnado pelos crimes commettidos e que tenha immediatamente de seguir para o logar que lhe for destinado, como ressuscitará o corpo segundo, terceiro etc., a que tambem pertenceu aquelle spirito? Ainda é van essa ideia por dizerem os spiritas, que o spirito reencarna para purificação dos peccados, e que não tem lembrança alguma da existencia passada. Ora: o spirito reencarnado não lembrando-se que outr'ora, existisse em outro corpo e que está n'aquelle, para purificar-se dos crimes, certamente commetterá novos crimes e jamais se salvará.

Os adeptos do spiritismo dizem que são escolhidos de Deus para vulgarizarem essa doutrina. Ora: si Deus para dar nascimento a seu filho Jesus Christo, foi por um mysterio sublime desde David, purificando a geração até Maria, em cujo Ventre o encarnou, como lançará mão de homens do seculo XIX, seculo da corrupção, para lhes fazer patente mysterios reservados para elle só—a outra vida? Só Jesus Christo enviado por seu pae, para pregar a sua Santa religião, a pregava nos templos e praças publicas, sendo o spiritismo parte d'ella, (o é, porém não querem os homens) qual a razão, pelo qual se fazem clandestinamente suas sessões? Por ventura, negará o Exm. arcebispo os templos para que n'elles se façam essas sessões, que tanto cooperam para salvação da humanidade e fixação da religião catholica? Por ventura, a Italia séde da religião catholica ainda ignora o spiritismo, para que o pontifice lhe não tenha prestado ouvidos? Essa doutrina, quanto a nós, é erronea, por sermos catholicos e estar ella ao catholicismo inteiramente opposta; porém cada um responderá a Deus pelos seus crimes, que nós por não acreditarmos em spiritismo Deus nos não castigará.

A. K.

EA VAE VERSO.

QUANDO EU ERA INDA MENINO.

Lembra-me; e tenho saudade
Da bella infantil edade,
Do sorrir do meu destino;
Foi n'este tempo, que ledo
Eu gostava de brinquedo,
Quando eu era inda menino.

Quando eu voltava da eschola,
Sahia então com a gaiolla
Do bello curupiã;
E com ella ao arvoredo,
Eu trepava sem ter medo,
E alli armava o alçapão.

Quando jogava o pião
Sobre a mesa ou pelo chão,
Gostava de o ver dormir;
Se m'o botavam na mão
Sentia doce emoção,
De prazer punha-me a rir.

Com as cartas de jogar
Erguia castellos ao ar;
Chamava alguem para os ver;
Mas si o vento os desmanchava
Eu ria, e depois chorava;
De novo os tornava erguer.

Si o papagaio empinava,
Logo o fio lhe soltava,
té vel-o pequenino;

Porém si alguem m'o pescava,
Todo em pranto me banhava,
Quando eu era inda menino.

Aos domingos e feriados
Os collegas e convidados
Vinham ver minha egrejinha:
Eu nella fazia festa,
Elles eram a orchestra,
Eu era o padre e o c'roinha.

—Quando a luz do sol desmaia—,
Lá pelo com'ro da praia
As conchas ia apanhar;
Fazia casas de areia;
Via alegre a *Papa-ceia*
Do ceu co' as ondas brincar!..

Quando a barquinha eu levava,
E sobre as aguas soltava
Para ver ella *correr*,
Qualquer leve movimento
Parecia—rijo vento;
E eu temia de a perder.

Oh! que tempo de delicias!
Que doçuras, que caricias!
Outro tempo egual não vem...
Quantas moças me beijavam,
Ao seu cólo me estreitavam,
Chamando-me *seu charo bem!*

Foi n'esse tempo de encantos,
Que gozei prazeres tantos,
Quando eu era pequenino;
E a lembrança hoje me inspira,
E eu canto na minha lyra
«O meu tempo de menino.»

(*Extr.*)

A PEDIDO.

JOVEM SENHORA (*)

Sei que é demasiada osadia declarar-vos que vos amo quisera occultar o meo amor, porém não posso sinto-me dellacerado por uma paixão inaudita amoa-a! adoro-a! tão verdadeiramente como existir Deos! Sé fosse possivel a linguagem humana poder descrever estes sentimentos que de chofre nos assaltão o esprito então eu vos havia de retratar a magnitude do meo coração e fazia convenser-vos da veo-cidade do meu amor!

No meu coração de moço existe gravado o vosso nome sou jovem apenas conto 16 annos de idade, nunca achei quem me abrilhantasse o estro, o meo coração que ainda não tinha crenças no porvir arvorou-se para amal-a, amo-a como christo a cruz, como a mãe ao filho, como a noite ao silencio como o cego ao seu guia, como a rosa ao orvalho, como o poeta a solidão, como o passarinho ao seo ninho. e como os anjos a Deos no Céo!!!....

O mundo sem o puro amor de V. Ex. é para mim um feio deserto descreria da vida, se me faltasse a esperança do vosso amor! uma resposta! um sim!

Deos! o supremo ser da Divindade algum dia fará eu conseguir o meos intento! possuir-te ante a igreja!....

Amante até a eternidade.

Amo-te Juro ante os Numes
Mulher cheia de perfumes
Meo anjo meo seraphim
Sempre sereite constante
Meu bem, minha chara amante
Morrerei pensando assim.

Amor! e Paixão!

A....

(*) Por deferencia ao autor conservamos o original.

(O brigue *Agosto Pequeno*.—Capitão *Dias*.—Procedente do *Lima*.

(*Continuação*.)

—Pouco importa, saber d'onde sou filho.

Meus paes, logo que fui me pondo rapazito, venderam-me por 20 patacões a um capitão de navio da carreira de Latronopolis, o qual, como si eu fosse uma mercadoria, empacotou-me no porão, com outros companheiros, cujos destinos eram em tudo eguaes ao meu, e fez-se de vela para estas plagas das bananas.

Tonxe apenas de meu, uns tamanquitos, um chapeu de Braga, calça e jaqueta de picote, camisa de aninhagem, cujas côres eram duvidosas, não só pela muita edade que tinham, como pelo tempo á que não viam agoa.

Aqui aportando o navio que me conduzia, foi a bordo um velho celibatario, o qual depois de minuciosa escolha no bando de que nos compunhamos, agradou-se de mim, pagou ao capitão minha passagem e despezas e

conduziu commigo para seu serviço.

Este velho celibatario, de quem depois adoptei o nome, era uma especie de misanthropo: morava só, e não recebia ninguem em sua morada; a comida vinha de uma casa de pasto; todas as suas relações e conviniencias resumiam-se no seu giro commercial, cujo estabelecimento era na propria casa, em que hoje tenho minha *drogaria* na rua *Velha* do *Negocio*.

Não fumava, não bebia, não jogava, o unico vicio que lhe conheci, foi gostar da *parrusqueta*, innocente divertimento, já naquelle tempo usado. Então a noite, o velho chamava-me para a *parrusqueta* e nos entretinhamos largas horas.

Tambem gostava de *comer pevides* e por isso me occupava ás tardes em *descacal-as* á porta da loja de vender substancias curandeiras.

Passaram-se annos e eu adquiri inteira affeição do solitario velho; depois fui seu socio.

Adoeceu, e morreu como viveu; isolado.

Como o velho não tinha herdeiro, o seu herdeiro fui eu.

Apossei-me de tudo quanto era seu, continuei a girar com a sua firma, razão porque hoje me assigno com o seu nome.

—E seu irmão não usava do mesmo sobre-nome?

—E' verdade; adoptou-o para melhor arranjar-se o negocio.

—Continúe.

—Fui trabalhando para duplicar minha fortuna e, procedendo hypocritamente, consegui adquirir no commercio o nome de caracter sisudo, porque naquelle tempo ainda havia muito essa cousa chamada boa fé e os tranquibernistas, como eu, facilmente illudiam aos credulos.

Eu tinha sêde ardentissima de amontoar riqueza, meu spirito avido não se contentava com as *estreitas* espertezas, que se podem praticar em uma *casa de droga*. Era preciso campo mais vasto.

Tinha necessidade de lançar-me em especulações de mais vulto e cujos resultados fossem mais salientes, e rendosos.

Entre alguns amigos que frequentavam a minha casa de negocio, á rua *Velha* do *Negocio*, ia um proletario millionario, que se inculcava meu amigo, o qual tinha dous filhos de côr parda, rapazinhos; o mais velho teria 14 annos.

(Continúa.)

—São tantas as versões que circulam, que não se pode fazer um juizo seguro!

Commentam o facto tão variadamente, correm tantas versões, e tão differentes, que é um labyrintho de Creta.

Uns dizem por exemplo, que um dos taes *tomára* em certa mão uma quantia sob hypotheca de uma porção de tabaco, porém que, verificando-se que tal tabaco não era da qualidade inculcada, e que nem apparecia o resto, que dizia esperava da nova safra, o dono do dinheiro deu por desfeito o negocio e exigiu o embolso do que era seu.

O tafúl já tinha gasto os cobres. O capitalista não estava por isso, e persistiu em querer seu dinheiro. O homem *mira*, *anda*, dá voltas, e dias depois apparece com o dinheiro, que era nada menos de uns cem conticulos.

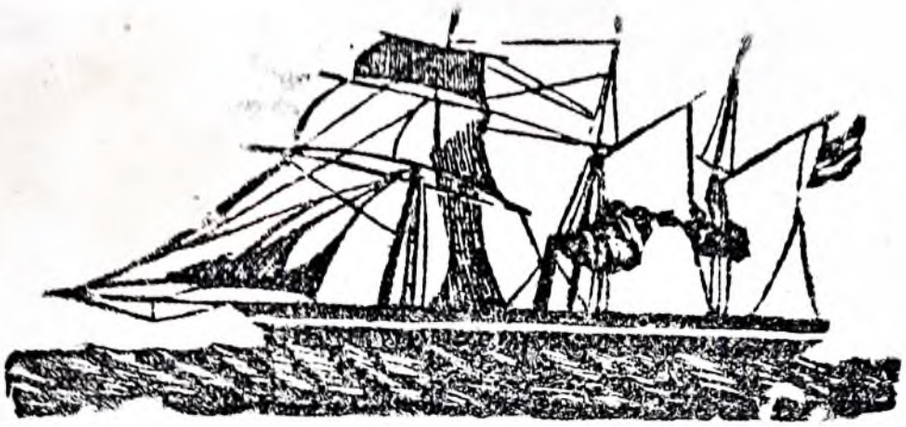
Outros contam que um certo meliante, dias antes de estourar a bomba, fizera um pagamento, onde iam doze notas de *quinhentos paus* de numeração seguida e novissimas, como se tivessem sahido da forja.

—E outros muitos episodios deste drama mysterioso propala a voz publica, apontando sempre como protogonistas os mesmos personagens.

A policia de Latronopolis, porém finge-se surda com medo que o grito unisono da opinião publica não lhe fira os ouvidos.

ANNUNCIOS.

Na rua dos Droguistas n.º 38. 3.º andar, precisa-se de officiaes de charutos, e abridores de fumo.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 16 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 16.ª—N.º 152

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de janeiro de 1867.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que mande tapar um cano, que ha na ladeira da Praça a dobrar para a rua das Veronicas, bem como um outro na Estrada Nova, esquina para o Caminho Novo. Cumpra.

—Estamos comendo carne de pessima qualidade, e por alto preço!

A carne de 160 rs. pode se dizer que é podre; vae para a panella e converte-se em bofe.

—Que quer? Consta que o gado está todo pesteado na Campina e que morrem de 30 a 60 bois por dia: apezar da immensidade de alcatrão que queimam para desinfectar o logar.

—Dizem-me que o gado, que vem para o Matadouro, vem cahindo pelo caminho, e que no proprio Matadouro morrem aos 8 e 10 por dia.

—Faça ideia o que não tem este pobre povo mettido no bucho!

—A policia deu busca na casa de um outro director do banco.

—Vae muito a tempo! Si não fosse pôr em duvida o caracter do digno chefe, eu diria que isso parece negocio de compadre!

—Sem duvida!

Chama-se isso *negocio para inglez ver*.

—A policia deu tempo a quem roubou para arranjar a cousa por maneiras, que agora só por um accaso se descobrirá.

—O denodado sargento quartel mestre do 31 de voluntarios da patria, João Manuel da Silva, escreve a sua familia em data de 12 de outubro uma carta, onde a par da mais pungente saudade sobresahe o acrysolado amor da patria; e termina sua missiva assim:

«Si eu tiver de morrer longe da patria,
«Da chara patria, que me deu o ser,
«Eu quizera, meu Deus, que a minha morte,
«Fosse no campo, por ella a combater.»

—Olhe que estes falladores!.....

—Em cujo numero entra V.

—São da pá virada! querem em tudo metter o bedelho!

—Porém a que vem isso?

—Andam agora a dizer que o Sr. Dr. chefe de policia, indo a casa do director do banco Miranda, não levara com sigo o escrivão e apenas um official de policia.

Commentam o facto dizendo, que si fosso preciso lavrar algum acto, não havia pessoa competente para isso o dizem que aquillo parece mais visita de cortezia, do que uma investigação de authoridade.

—Si assim foi, acho rasoavel; mas eu creio que isso é pomada, por que o chefe não ia lá cahir em tamanha esbarradella.

—Continuam os conflictos entre os soldados de policia e a guarda nacional aquartellada.

Andam como cão cem gato.

Pelo motivo mais frivolo vão ás do cabo.

Ainda hontem foi com o 6 ° batalhão.

A policia parece que está desenfreada.

A authoridade deve procurar acabar com semelhante estado de indisciplina.

LA VAE VERSO.

Mosquetaria de abordagem.

Armas á Minié.

4.ª CARGA.

Eu não sei si é cousa nova,
Ou si cousa velha é,
Apenas repito um caso
Que contou-me o sinhô Zé (*).

Achando-se o A. doente,
Das hemorrhoides talvez,
Recorreu ao spiritismo
Tambem pela sua vez;

E promptamente um purgante
O anjo lhe receitou,
E por mais delicadeza
Elle mesmo o preparou.

E logo d'oleo de recino
A dose administrada,
Operou nos intestinos
Do A. uma trovoada.

Mas ficando em poucos dias
De tudo o cujo curado,
Dançou em honra do anjo
Um lundú bem requebrado.

E terminou-se a comedia,
Da forma mais prasenteira,
Tomando a bella Pombinha
Uma grande bebedeira.

Allan Kardeck.

Andou por essa cidade
Na noite de Reis um rancho,
Tinha *nove directores*,
Trez dos quaes levavam gancho.

Na frente ia a Henriqueta
Que lhe chamam *Carmesim*,
Com seu pandeiro de rufos
Que lhe dera *yô Quimquim*

Em vez de burrinha, ia
Neste rancho afamado,
Formidavel ratazana
De *notas* mui recamado.

Mais atraz iam *dous cujos*
Com unhas de gavião,
Das taes notas *carregavam*
Uma grande alluvião.

Os outros seis, cada um
Seu instrumento tocava;
Um era gaita de folles,
Outro pandeiro rufava.

Dous tocavam berimbau,
E mais outro a castanhola,
Quem *preside*, em distinção
Ia tangendo a viola.

Atraz dessa guapa gente
Seguia todo o farrancho,
Rapaseada da *euca*,
Até um *lesma* mui ancho.

No meio de um *terreiro*
Stando a turba reunida
Accenderam os archotes,
Fez-se o signal da partida

Me esquecia de dizer
Que um T—cheira de tal
Foi corretor dos archetes
Por ser do rancho *leal*.

Passaram pela policia,
Não sei com que fim ou graça,
Dahi seguiram direitos
E foram dar n'uma praça.

Descem por uma ladeira,
Sem que nada os impeça,
E vão parar no *commercio*
Em frente a uma *tripeça*.

(*) Zé-Couto.

Depois que o instrumental
Toda caterva afinou,
O sujeito, a ratazana,
Abriu a bocca e cantou!

«Salve! salve! *casa forte*
«Logar de tanta *moeda!*
«Nós viemos aqui ver
«Si podemos dar lhe a queda.

«Queremos alliviar-te
«Do pezo, que tens no seio...
«Dá-nos, pois, do teu *miolo*
«Não tenhas de nós receio.

«Somos rapazes pacificos,
«Que gostamos de empalmar,
«Gastamos mui limpamente
«O que nos dão a guardar.

«Venha de lá
«O que tem de vir...
«Arranjem que chegue
«P'ra nós dividir.

« Ora venha,
« Si tem de dar,
« Que da casa forte
« Havemos tirar.

« Aqui estamos
« Na *aldeia* baixa,
« Queremos comer
« O que ha na *caixa.*

A PEDIDO.

—Até hoje nada do dinheiro da *Tripeça de Latronopolis*!

—E creio que nem apparecerá. O ladrão, si não foi cauteloso, teve tempo de sobra para resguardar-se.

—Circula por ahi tanta cousa, contem tanta historia, que ninguem sabe comprehender.

—Entre o povo a cousa ja passou á pilheria. Corre pela voz publica uma chusma de episodios, cada qual de mais chiste e espirito.

Entre elles achei muito sal n'um.

—Qual foi?

—Dizem que, semanas antes de se dar com a *broca*, quando um dos directores entregava o *côco* a outro, o presidente disse com ar chocarreiro para o que recebia—*sentido nesse menino, que é do olho vivo.*

Estaria prognosticando?

—Ora, isso não vem nada ao caso; são graças entre companheiros.

(O brigue *Agosto Pequeno*.—Capitão *Dias*.—Procedente do *Lima*.

(*Continuação.*)

Esse velho millionario dedicava-me inteira affeição.

Parte de sua fortuna adquirira elle na carreira da Costa d'Africa, e com ella os germens dessas molestias, que são proprias daquelles climas.

Ha alguns annos que entretinhamos relações d'amizade, quando elle adoeceu gravemente.

Mandou-me chamar e recommendou-me seus dous filhos.

Prometti-lhe ser para com elles um segundo pae.

Dias depois falleceu o millionario; aberto o seu testamento, era eu instituido testamenteiro e tutor dos menores.

Metti-me logo de posse do *bollo* e carreguei com os rapazes para minha casa.

Bem depressa esqueci-me do que havia promettido ao velho ricasso.

A luz deslumbrante de seu oiro offuscou-me os sentimentos de amizade e lealdade.

A cobiça apoderou-se de minha alma, e um desejo voraz de ser senhor da avultada fortuna de meu amigo não me deixava um só instante.

Era preciso, por tanto, que, á todo transe, aquelle thesouro, que de facto ja me pertencia, fosse de direito meu.

E para isso era necessario antes de tudo descartar-me dos dous importunos fardos, que me atravancavam o caminho da hedionda ambição, pondo tropeços á minha carreira de sordidas delapidações.

Desaparecendo elles, cessavam todos os obstaculos.

Aquelles dous meninos eram o meu pesadello continuo.

Escogitei os meios de livrar-me delles.

A primeira ideia que tive foi a do assassinato.

Mas de que forma? Mandando-os apunhalar?

A cousa ficava muito calva. Dous orphãos ricos apunhalados ao mesmo tempo, seria muita coincidencia e era para dar o que fallar a este povo miudo.

Envenenal-os?

Tambem havia suas difficuldades, e entendo que o homem só deve dar passos seguros.

Para envenenar cada um por sua vez fazia escandalo e despertava a attenção publica.

Lembrei-me de envenenal-os juntos, e dar o caso como um successo lamentavel; porém reflecti que essa pilula seria dura de engolir. No meio de uma familia, apenas dous orphãos serem envenenados, era cousa que ninguem julgaria casual. Lembrei-me até, para enfeitar melhor o ramalhete, de com elles envenenar um preto ou uma criança para dar melhor colorido á nefanda obra porém á essas sinistras ideias, succediam um turbilhão de outras mais tenebrosas; e eu ficava perplexo.

De repente lembrei-me que, sem pau nem pedra, eu me podia descartar dos rapazes; e é o que V. Ex. vae ver.

(*Continúa*)

Lê-se no *Diario* de 12 do corrente:

AO PUBLICO.

Sr. Redactor.

Tendo sido publicada uma enxurrada de catilinarias e picardias no *Magico Oculo* contra o Sr. Aristides, na qual vem até o nome de sua respeitavel familia, que não é por modo algum responsavel pelos actos delle, venho do alto da imprensa protestar contra tamanha calumnia, restabelecendo a verdade dos factos tão torpemente adulterada.

Estando na typographia em que se imprime o periodico *Alabama*, da qual é um dos proprietarios o Sr. Aristides, levaram uns artigos contra um tal Quinta, por que mandou pedir a um negociante a quantia de 200$ ou as chaves de sua propriedade para morar de graça por espaço de um anno, e mais algumas *espertezas* que esse Robert Macaire havia praticado. Vendo o Sr. Aristides que os artigos eram compostos de factos verdadeiros, e comprovados por documentos, que em tempo seriam publicados, e ainda mais por que foi victima de um calote que lhe pregou este cavalheiro de industria, os acceitou. D'ahi parte o odio canino desse infame contra o Sr. Aristides.

Felizmente estamos na Bahia, onde é conhecido o Sr. Aristides e sua respeitavel familia, e sobre este ponto appellamos para as pessoas insuspeitas e de criterio, que com elle entretém relações de amizade.

Não precisamos de declinar nomes, porque elles são tantos que enfadonho seria enumeral-os. Assim si o calumniador Quinta, ave de arribação á esta provincia (não sabemos por que fatalidade!) não conhece essa familia, melhor razão tinha para respeital-a, e não lançar-lhe maculas que nunca teve.

Em que tempo foi que houve desavença entre o Sr. Aristides e seu fallecido socio? Miseravel, si ignoras a amizade intima, que sempre entretiveram, e ainda hoje mercê de Deus, continúa com a honrada familia d'este, cala-te; não injuries e nem calumnies.

Em materia de honra de familia, nada de declamações, apresenta os factos e prova-os. Si isso não fizeres, nada terás feito.

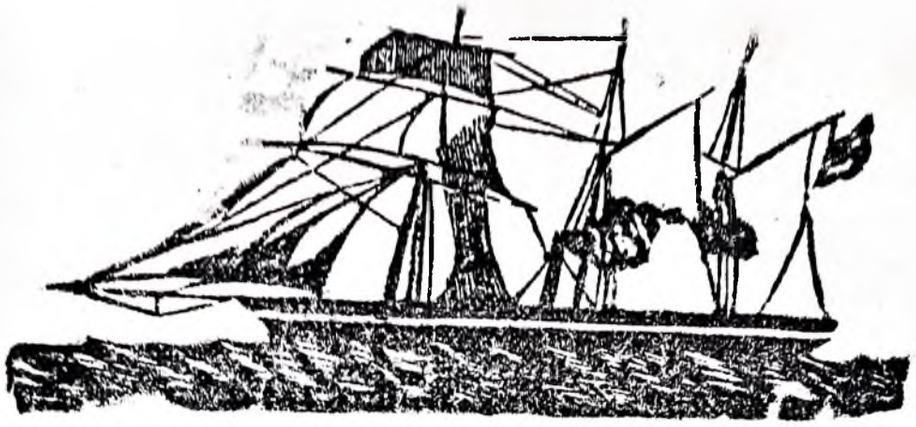
Sr. Redactor, como conhecedor da familia do Sr. Aristides, e das virtudes que a ornam, peço-lhe a publicação destas linhas.

Um antigo morador do Pilar.

VARIEDADE.

PHENOMENO.

Apresentou-se ultimamente em Indianopolis um animal extraordinario, nascido no norte deste estado. E' um monstro metade bufalo e metade cavallo. A parte anterior do corpo, cabeça, pescoço e pernas dianteiras pertencem a' raça bovina, e apresentam clinas rijas e lanuginosas, que descem da fronte até aos joelhos; ao passo que o tronco e a parte trazeira do corpo, se acham cobertos de pello fino e têm as formas elegantes dos de um garanhão mui novo. Os donos deste singular animal pretendem leval-o de cidade em cidade para o mostrarem ao publico.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 18 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 16.ª—N.º 153

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de janeiro de 1867.

Officio ao Exm. Sr. inspector do arsenal de marinha, chamando sua attenção para o que nos informam á respeito do estado de indisciplina, que reina na companhia de aprendizes; dizem-nos: que alli ha não só brigas entre os mesmos, como continuadas provocações aos operarios do arsenal, e que ainda no domingo, foi excessivamente espancado um escravo do Sr. capitão do porto Lisboa, pelos mesmos aprendizes.

Espera-se, por tanto, que S. Ex. empregará sua attenção á verificar, si com effeito reina tal indiciplina na quella companhia e nesse caso dará as necessarias providencias.

—Ao Illm. Sr. delegado de policia, chamando sua attenção para a immensidade de jogatinas que ha este anno no Bomfim, e entre outras, para a de um sujeito chegado ha pouco dos *mattos*, onde ainda no domingo, houve grande barulho por causa de um *gamado*, do que resultou pancadaria, succedendo que um sujeito gordo trepasse n'um pé de *pereira* e com o peso cahisse do galho abaixo e quebrasse os oculos.

—Ao Sr. subdelegado da Penha, pedindo-lhe que avive mais um pouco a sua policia, afim de que os capadocios não andem á noite, a pintar nas portas allegorias immoraes, e escrever palavras indecentes, como succedeu no sabbado p.p no largo do Papagaio, em que amanheceram as portas de diversas casas matizadas de tão bellas flores, Espera-se que semelhante pedido seja attendido por S. S.

—Quantos são os directores do banco da Bahia?

—Ora va elle! Pois não sabe que são nove?

—Porém vi hoje no *Diario* uma correspondencia da direcção assignada por oito.

—E' que faltou o nome de algum.

—Isso é que não tem duvida; e por isso é que eu pergunto, pois desejava saber porque razão o Sr. Joaquim de Castro Guimarães não a assignou.

—Hontem fez-se a lavagem da egreja do Senhor do Bomfim.

Foi muito concorrida da criolada e da rapazeada amante da *patusca*.

Logo que o nosso insigne aspirante João de Deus nos der a relação do folguedo será publicada a descripção do mesmo.

LA VAE VERSO.

A REUNIÃO DA *TRIPEÇA* DE LATRONOPOLIS.

Ja recebi o convite
P'ra famosa reunião;
Os senhores directores
Vão dar sua demissão.

Creio que o dia é hoje;
E que darão um jantar;
Cabendo aos accionistas
A tarefa de o pagar.

No tempo das tetas cheias;
Queriam, sós, dirigir;
Agora que estão vasias
Vão todos se dimittir.

Dr. *Cofre* adoeceu,
De mal, que o enthysicou,
Dr Rato-mór foi vel-o,
E *bichas* lhe receitou.

As *bichas* sugaram tanto,
Que *Cofre* perdeu a acção!
Fizeram uma cataplasma
De *honra de direcção*;

E prespegaram no estomago
Do rapaz. para salval-o;
Porém esvaiu-se em *notas*
Sem que podessem cural-o.

Mas, isso não vem ao caso.
Tratemos da retirada;
Consta que até gente femea
Foi p'ra ella convidada.

Dizem que D. *Tratante*,
Toda cheia de arrebiques
Lá será com seu marido
Dr. *Artes de Berliques*.

D. *Cynismo*, accionista
Leva a D *Corrupção*,
Com *Dr. Estellionato*
Vae *D. Prevaricação*.

Dizem que vae *D. Fraude*,
Matrona muito casquilha
N'uma mão leva as chaves
Na outra uma *forquilha*.

E que a velha *Bandalheira*
Co'a irman *D. Torpeza*,
Se apresentam na função
Com ostentação e grandeza.

E *D. Subtracção*,
Com ares de reservada,
Pela mão de *D. Mysterio*
Lá será apresentada.

E que tambem convidada
Fôra *D. Falsidade*,
Em menos-preso somente
Feito á *D. Verdade*.

D. Audacia Inaudita,
Com *D. Rapacidade*,
Tambem vão com sua mão
A Sra. *Impunidade*.

D. *Arranjo*, mui airoso
Consta leva sua tia
A velha D. *Estrategia*
Mulher de grande valia.

D. *Honra*, por caduca.
Si lá for, será banida
Tambem D. *Probidade*,
Dizem, será despedida.

Creio não fica ninguem
Do grande tom actual,
Porque os taes directores
Convidara' a cada qual.

Assim que estiver completa
Essa magna assembleia,
A Sra. *Direcção*
Fará a sua epopeia.

Pedirá com mil desculpas
Que a deixem se retirar;
Dará por paus e por pedras
Mas sem fallar em pagar.

E, si os accionistas
Por fraca credulidade
Lhes der a somma furtada,
Viva a liberalidade!

Talvez que o seu discurso
Valha uns *tresentos contos*,
E que os bons accionistas
Em pagal-os sejam promptos.

Nelle dirá que os *rapazes*,
Queriam festas pedir,
Porém por terem vergonha
Foram o cofre abrir.

Agora bem podem elles
Ir ver a exposição....
Fra um *desejo almejado*....
E' chegada a occasião.

E quando chegar em França
Certo esperto director,
No Palacio da Industria

Pode ir prestо se expor.

E no seu soberbo carro,
Mui vaidoso, sobranceiro,
Verá pender de seu peito
Uma cruz de cavalheiro.

Cantará p'ra distrahir-se
Estes versinhos dos seus:
«*Adeus, eu parto a sumir-me*
«*Bobos auditores meus!*»

De tantas notas *perdidas*
Não voltará uma só?
Não descobrirão o Judas
Para o reduzir a pó?

Ficará este negocio
Envolto em negro mysterio,
Quando um pouco de coragem
Seria um salvaterio?

Si suspeitam, fallem alto;
Perguntem, como e porque,
Exijam certas clarezas,
Não tenham medo e de que?

Nada de condescendencia
Com quem ja tanto abusou,
Seja rota a masc'ra á quem
A tantos encalacrou.

Eu cá, pela minha parte,
Como ja fui convidado,
Irei tudo apreciar,
N'um cantinho empoleirado.

Hei de cantar uma lenda,
Sentado n'um almofariz,
Sobre uns *contos*, que fizeram.
Viagem para Pariz.

Quanto aos *homens d'acções*
Vão ouvir novo sermão:
Os roubados são os reus
Innocente é o —ladrão.

A PEDIDO.

—Diziam que a Companhia de Vehiculos Economicos vinha regenerar o systema de transportes, e por os preços de condução por dez reis de mel coado; e eu vejo a couza no mesmo, si não peior.

A companhia pela maneira porque está montada não pode satisfazer a necessidade publica.

Ainda hontem á tarde no Bomfim, era um clamor geral pela falta de conducção; o ponto das gondolas estava apinhado e não apparecia uma maxambomba, e os Srs. Arianis impunham o preço de 500 rs. e o seu caixeiro Cornelio vendia os bilhetes da gondala, que havia de chegar, com antecedencia ás pessoas de seu gosto.

Uma das cousas que censuravam nos Arianis era a mudança ou alteração do preço nos domingos e dias santos e a companhia cahe no mesmo defeito.

No domingo as gondolas da Victoria alteraram os preços, porque havia festa daquelle lado.

—E assim, como é isso, é tudo mais.

—O subdelegado dos Sanhaços está damnado! Quer vencer a todo transe.

Destituido da menor influencia, baldo de sympathias, quer alcançar pela força, o que ja mais poderá pelos meios legaes.

Manda chamar e emprega os meios persuasorios, quando lhe abanam a cabeça, torna-se possesso e furioso e ameaça com o seu cargo de subdelegado.

—Todos esses desmandos, são a consequencia inevitavel da intervenção da authoridade policial em eleições.

—E o pobre que não quizer ficar em vista, com o seu subdelegado, ha de quer queira, quer não, tomar-lhe uma chapa e ir votar!

Pede-se ao Sr. fiscal da Sé que dê a noite um passeio pelo Maciel de baixo, afim de agarrar a Constança Perúa Choca e a Clara na occasião em que fazem despejo na rua, por muito incommodar isso aos visinhos, pela hora em que é feito.

Chama-se attenção do Illm° Sr. subdelegado da Sé, para uma mulher moradora ao Maciel, de nome *Umbellina Pau d'Agoa*. Essa *menina feliz* quando embebeda-se torna-se escandalosissima em seus actos, a ponto de vir núa para a janella. A'noite especialmente, occasião mais frequente de suas *monas*, é quando ella desenvolve a immoralida-

do em toda sua hediondez. Espera-se da conhecida energia de S. s. um corrective á essa pervertida.

Não bastam os desarranjos por que tem passado esta pobre praça nestes ultimos tempos?

Ainda foram os socios de um trapiche *desunido* buscar para dirigil-o a um homem o mais incompetente possivel, o qual, além da crassa estupidez que lhe pesa no costado, e de ser completamente leigo na materia, é do mais a mais malcreado e grosseiro, dotes inseparaveis da estupidez.

Todos os negociantes, de armazem, para elle são ladrões! Raro é o dia em que não ha altercações com as pessoas, que alli vão tirar generos.

Os Srs. socios obram com juizo, e muito lucrarão, si tomarem em consideração estas reflexões, e livrarem as pessoas do commercio do flagello de um insolente que só serve para provocar conflictos; por seus creditos devem admittir uma pessoa habilitada e de educação mais apurada.

Um do commercio

VARIEDADE.

Que importa!..

Que te importa a sociedade
Com sua realidade,
Com os homens que ella tem?
=Que te importam seus defeitos
Quererás tu reformal-a,
Dos prejuizos livral-a,
A' que os homens stão sugeitos?

Que te importa ver, coitado!
Um povo tão illustrado
Escarnecer do talento?
=Que te importa o egoismo?
Que importa vel-o perdido,
Ver tanto zoilo atrevido,
Tanta audacia e pedantismo?

Que te importa, charo amigo,
Ver o talento mendigo,
Ver o genio a pedir pão?
Das miserias deste mundo
Não é que vive o talento,
Nem se abysma o pensamento
Neste pêgo tão immundo.

Onde existe aqui a gloria!
Na passageira memoria
Desses brasões conservados
A' custa de ouro só?
=Será no louro comprado
No thesouro amontoado,
Que a terra reduz a pó.

Será naquella gravura,
Que elle poz na sepultura,
Mostrando até lá soberba,
Calcando o genio até lá?
Onde existe pois a gloria
Onde reside a memoria,
Que não a vejo?.. onde está?..

Morra embora na indigencia,
Sempre um dia a intelligencia
Ha de surgir triumphante,
Ha de alcançar a victoria,
Que te importa a sociedade
Com sua realidade
Se ao genio pertence a gloria?

(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

BAILE PASTORIL

VARIADO E RECREATIVO DIVERTIMENTO

Hoje 19 de Janeiro de 1851

Sobre a direcção dos pastores

C. B. e José Fontes.

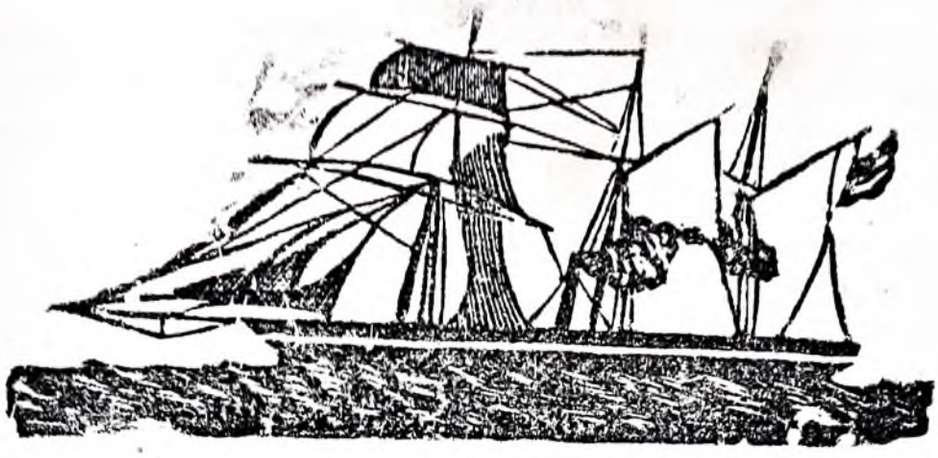
No Becco do Motta casa n. 9

Os bilhetes podem ser procurados no mesmo becco, casa n. 7.

Manoel dos Passos e Silva agradece cordialmente a todos os seus amigos, que se dignaram acompanhar o cadaver de sua prezada mãi Francisca Romana do Espirito Santo de sua caza á Rua Direita da Lapinha ao Cemiterio da Quinta dos Lazaros, e de novo lhes roga o charidoso obsequio de assistirem a missa do 7.º dia, na segunda feira 21 do corrente, ás 8 horas da manhã no convento do Carmo e desde ja se confessa eternamente agradecido.

Eduardo Ferreira de Souza vai á Europa.

Typ de Marques, Aristides Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 24 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 16.ª—N.º 154

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 janeiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. inspector do arsenal de marinha— Espalhando-se o boato de que o professor primario desse arsenal, á titulo de festejos de ferias, exigira e recebera de cada discipulo uma quantia não menor de 1$000 rs., e que até hoje nenhuma solução dera ao fim, que teve semelhante dinheiro, não dando o menor cavaco, quando se lhe pergunta; sollicita-se de S. Ex. providencias, que esclareçam esse facto, e no caso de ser real, pede-se que seja o mencionado professor obrigado a restituir a cada um o que individamente recebeu; sendo além disso reprehendido por esse procedimento tão inconveniente ao caracter de um professor.

—O commando superior é como gallinha choca; vive só a se remecher;

—Isso ja é motivo de V. fallar?

—Pois si não pára n'um logar! Sahe d'uma casa por pessima, volta para ella por boa!

Não se sabe á quantas anda!

—Ora trate do outra cousa.

—Na sexta feira um guarda do contingente do batalhão de S. Pedro, entrou á noite n'uma tenda de sapateiro e sahiu mui limpamente com tres pares de botinas.

Felizmente para o dono n'outro dia foi filado.

—Tambem hontem foram abriram a perta da crioula Philippa, que anda se divertindo pelo Bomfim, e levaram o que acharam.

—Não vale a pena fallar nestas escamotagens banaes, quando os ladrões andam impunes de cabeça alçada na alta sociedade.

—O spiritismo hade virar a bolla á todos os seus adeptos!

—Porque?

—Não sei. O Barboza ja anda com a cachola das dez para as onze; deu-lhe a mania para confessar-se toda semana.

Agora é o 65. Hontem acabou com tudo o que tinha em casa: pianos, cadeiras, sophás, louça, tudo foi para a rua.

—E que faz a policia, que não põe um paradeiro a essa perigosa seita?

—Eu sei la, isso é da attribuição da policia.

E depois quem sabe si a policia não é spiritista?

— Desaquartellou o 5.º batalhão.

—Dizem que o commandante superior fizera uma falla, dizendo que o batalhão desaquartellava pelo seu estado de indisciplina e relachação e por não inspirar confiança ao governo' . . .

—Não creia em tal.

—Vendo o peixe pelo preço por que comprei.

—Mas V. acredita que o governo ia lá mandar semelhante recado pelo Sr. Rio Vermelho?

—Homem eu sei. . . .

—E' verdade que ha gente, que costuma se encarregar de sermões sem ninguem lhe encommendar.

—Si não houver uma medida preventiva, teremos de lamentar muitos sinistros occasionados pelas gondolas das duas emprezas.

—Tambem creio.

—As ruas são estreitas, os boleeiros andam quasi sempre á porfia, e o resultado será o publico sahir prejudicado.

Ainda hontem ás 5 horas da tarde, no Pilar, uma maxambomba atirou uma preta ao chão, e por uma felicidade não esmagou-a.

—Não tem duvida, devem haver serias prevenções á respeito. .

LA VAE VERSO.

Artilheria raiada a Whit-worth.

Fogo do castello de proa.

5.ª CARGA.

Passando *atraz d'um muro*,
Ouvi a certo papalvo,
Qu'a alma do major Sa
Encarnava no Rosalvo.

E que escolhera a cabeça
P'ra ponto de residencia,
Pondo o pobre rapazola
Em estado de demencia.

Mas não entrou pelos olhos,
Pela bocca, ou nariz,
Foi por um lugar aberto,
Que elle dizer não quiz

E que o Dundas, depois
De no espaço habitar,
Na ilharga de Ze-Couto
Fôra se encarapitar.

Resultando que o ventre
Do pobre moço cresceu
De tal maneira que o Telles
De espantado esmoreceu.

Allan Kardeck.

A PEDIDO.

José—para que has de ser descarado? Porque não te limitas a comprar os teus roubos do trapiche defronte, onde ja por algumas vezes te prometteram chicote? Para que não tomas sentido em tua caza onde? dizem (vala a verdade) que teu parceiro tem feito grandes façanhas?

—Isto não é commigo, e sim com o *Zephirino*.

—Pois nem por tu estares servindo de alvo, não reprimes o teu devasso genio?

—Já lhe disse que não se entende commigo.

—Deixa de ir á caza do Vicente, teu vizinho, vê, que elle é cazado e vive decentemente.

—Fazer o que me fazem não é pecado.

—Pois, si não deixares o depravado genio, mandarei o Motta, pegar-te e remetter-te para Fernando de Noronha.

—Vejam aquelle patife mesmo como insulta o homem em sua porta! Põe-o de maroto, gallego e o mais que se segue.

—Aquelle é o filho do *Papa-pinto*, não?

—E' elle mesmo.

—Pois até aqui no Papagaio este tirador de *filhos á patria*, vem insultar á um homem, que está divirtindo-se pacificamente?

—Digam si o moço a quem elle constantemente insulta tem ou não rasão?

—E depois vem p'ra cá um seu parente dizer, que o maroto é quem o insulta.

—E' bom que V. Ex. mesmo apreciasse o insulto, que elle acaba de receber.

—Ora, Sr. *Macedo*, si fosse algum rapaz que se portasse tão indecente e escandalosamente, o Sr. era o primeiro que o chamava devasso, impudico, immoral e libertino, e traria logo uma catilinaria sobre os bons costumes do seu tempo; no entanto sem dar a menor importancia as cans, que lhe cobrem o rosto, porta-se por uma maneira tão reprovavel!

Si um proceder tão torpe é reprehensivel nos moços, o que não será n'um homem de 80 annos, como o Sr.

—Por ventura, ja abdiquei meu ser de homem?

—Porém não tem pejo, lubrico velho, de se pôr sentado n'uma janella de sacada com uma crioula ao collo a lhe catar piolhos?

—Prazeres da vida.

—Devassidão requintada.

Um homem para quem a *natureza* ja morreu, não tem vergonha de se pôr á janella com uma crioula no cóllo!

—Tudo tem seu logar, isto aqui é um logar retirado, onde se pode com liberdade praticar certos actos.

—Logar retirado, o *porto* do *Mau-fim* n' um dia de festa! Onde ha tantas familias, onde toda gente, que vem da cidade nas barcas, desembarca!

Sr. *Macedo*, tome tento, depois não se queixe; ja no mez passado o Sr. commetteu quanta casta de deboche ha com a Mariquinhas Coroa-ciry. Agora vae buscar para companheira de sua crapula uma crioula, com quem vem para a janella afrontar a moral, dando-lhe beijocas etc.

Veja que a edade não o isempta da face do muxingueiro, e na primeira occasião que repetir a graça toma obra.

—Sr. sargento V., *é do quinto* furo!

—Ja fui do *sexto*.

—E' verdade. Mas diga-me....

—Por santo *Agostinho* não me estorve os passos, vou com pressa.

—Não se *arrefestele*, espere um pouco. Desejo saber que razão tem para espancar sua mulher a não ser por causa daquella mulatinha defronte de sua casa?

—Mais que quer? Todos não tem genio para casado; as vezes commette-se uma imprudencia e quando chega o arrependimento é tarde.

—Si não tinha genio para casado, para que seduziu e illudiu a pobre moça, a ponto de seus paes verem-se na necessidade de obrigal-o a casar-se, para não verem sua filha perdida?

—Imprupencias de rapaz.

—Pois agora porte-se como homem de bem, si não quer se expor a ouvir cousinhas, de que não ha de gostar muito.

—Eu já previa que aquella sociedade de homens e mulheres lá para junto da terra das *aranhas*, não havia de acabar sem cinmadas e talvez lenha!

—Então o que houve, muxingueiro?

—O diabo.

—Conte lá isso.

—No sabado passado foi noite de ensaio, e essa das damas, porque cada socio tem a sua noite, e as socias uma de mez em mez.

—Nada de massada, disso já sei o quando se der o grande baile lá irás; vamos ao mais.

—Pois bem; aproveitaram a noite e o domingo para baptisarem tres bonecas sendo padrinhos os mesmos socios, (segundo me disse o *Candinho*, em cacaza do *Costa*), e o padre um *carneiro* pequeno, cantor de modinhas.

—Pois um carneiro?!

—Ouça, é um carneiro aborto da especie, por ter dous pés; houve meza opipara, nao faltando o muito bom vinho de pataca a garrafa: baptisaram os meninos fingidos, e no domingo foi o explendido jantar, bastantemente concorrido (pergunte ao director do baile); porém quando os vinhos principiaram a dominar as cabeças dos amantes, foram sahindo saúdes pezadas com indirectas, ciumes... effeitos do zurrapa; cá...cá...cá... não posso conterme! O *alferes*, que não é de caçuadas, deu-lhe as canellas, saltou qual um bago molle e quiz talvez leval-os a chicote, como é seu costume, e por ahi travou-se uma revolução, uma orgia em fim! Um sujeito, então, por medroso

chorou de raiva e dando uma carreira, iria parar nos confins da Italia, si não fôra uma compadecida mocinha, que por *Sant'Anna* lhe pediu que se contivesse.

—Que me diz?

—Ora, pergunte ao moço da clarineta amigo do *Lucio*.

—E o dono da caza?

—Este, além de velho, é um, como la dizem, *pae de creanças* e além disto estava em um logar chrismando um *dique* de pessoas; isto era bom para o major, que tal não consentia em sua casa.

—Basta! muxingueiro, já sei tudo. Vae até lá e mette a taca nessa *pandega*, advertindo as moças que sejam mais recatadas. Quanto a esses malandros metta-os em ferros, e leve-os a prezença do engenheiro dizendo-lhe, que para outra vez, levarão surra de pé de mastro: e quanto ao velho traga-o amarrado ao porão a fim de mandal-o degradado para Lisboa, no brigue *Vicente*, não se esquecendo porém de louvar o alferes pela acção; assim é o que é fazer.

Volta de pressa que terás outra viagem à terra das *Canas* dos *Vieiras*, para uma conferencia particular com meu tio, afim de abrir-lhe os olhos com as fumaças de charutos ao proceder de seus subrinhos, já que o encarregado não os sabe conter, por ser um bobela.

—Não se pode aturar um celebre Frederico da casa do Sr. Machado, morador em uma roça, que deita os fundos para a ladeira da Fonte das Pedras.

As pessoas, que por ahi transitam, são victimas de pedradas do tal desastrado.

—O remedio é facil: é ir ao dono da casa e si este não der providencias, é mandar o muxingueiro de taca dar geito áquelle desavergonhado.

VARIEDADE.

O Dr. *Lá-ella*, rico moço e *bemquisto* das damas, de quem era o mais extrenuo campeão, occupava um logar na magistratura de certa pequena cidade.

Verdadeiro dandy, gostava de passeiar a cavallo, pelo que resolveu ter no quintal de sua casa estrebaria, e commodos precisos, para os seus animaes.

Mandou, portanto, chamar pedreiros e carpinas e metteu mãos á obra; porém, previdente em extremo, ordenou que as madeiras que se houvessem de empregar e as obras de pedreiro á fazerem-se, fossem as mais grossas e solidas possiveis.

Reflexionando um dos mestres incumbidos da mesma obra, que não era precisa tamanha solidez em uma estribaria, e que do modo porque a queria o Dr. *Lá-ella*, tornar-se-hia muito dispendiosa, respondeu elle: Pois não! Estou muito moço e não pretendo morrer tão cedo; quero estribaria para mim e minha descendencia!

E, mais é que tinha rasão de sobra... Conhecia-se, perfeitamente...

(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

DESAPARECEU.

Desde o dia 13 do corrente de casa do abaixo assignado, á rua dos Mares, casa n. 26, o seu escravo, de nome Luiz, cabra; levou vestido calça de algodão branco e jaqueta de ganga azul, ja desbotada. Quem o pegar e levar á referida, casa será recompensado; assim como protesta proceder judicialmente contra quem o tiver acoitado.

Bahia 16 de Janeiro de 1867

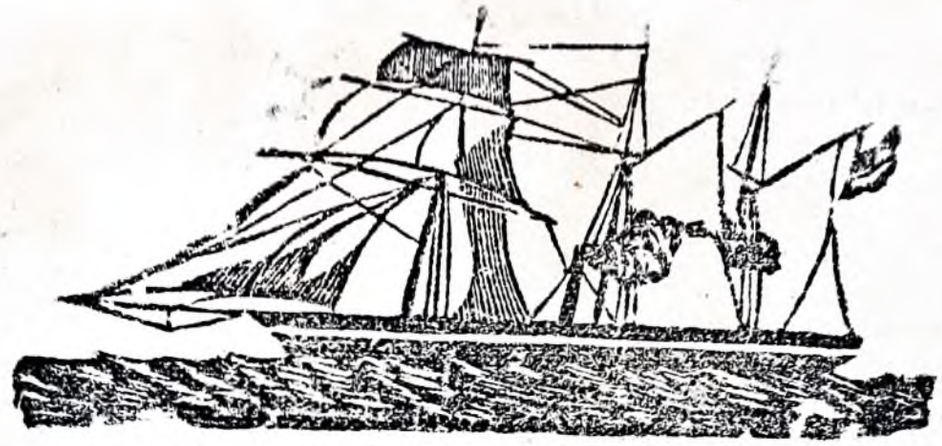
Antonio José de Miranda Junior.

O Sr. José Estevão Cardoso tenha a bondade de vir a casa de João Francisco Coelho para um negocio, que não ignora.

Nesta typographia se dirá quem vende quatro vaccas tourinas, prestes á parirem.

O proprietario de uma loja, ao Taboão, roga ao Sr. H. o favor de vir pagar os 8$280 rs., importancia de fazendas pretas, que ahi comprou, para pagar dahi a 15 dias, para deitar luto, por um seu parente, que morreu no Sul.

Foi isto em 23 de agosto, do anno p. p., e previne-se ao mesmo Sr. que, não o fazendo por estes tres dias, terá o prazer de ver seu nome, por extenso, neste periodico. Bahia 10 de janeiro de 1867.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 26 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 16.ª—N.º 133

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia, 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 mezes, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 janeiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. inspector d'alfandega, levando ao seu conhecimento, que nessa repartição andam a agenciar despachos alguns individuos, sem que tenham pago titulo de ajudantes dos despachantes, como determina o Regulamento n.º 2647 de 39 de setembro de 1860, e isso consta que por graça de alguem; e como dahi resulte prejuiso á fazenda publica, pede-se a S. Ex. a repressão de semelhante abuso.

Portaria aos Srs. Arianis, dizendo-lhes que nesta data ordenou-se ao maxingueiro, que va ao porto do Mau-Fim e agarre um Sr. Leandro, homem incorrigivel, que teima em andar por alli, como sua mãe o pariu, envolvido apenas n'um roto chambre, e o leve a Ss. mm. para que lhes dê uma vestimenta completa de couro, das muitas que tem, e o empregue por 3 mezes no serviço das gondolas.

—Vê aquelle quadro?

—Sao dous recrutas, que passam escoltados, pela ladeira da Misericordia: um leva nos braços uma criancinha; acompanha-os uma infeliz mulher, com dous meninos pela mão e uma innocente que aperta contra o seio!

—E' um espetaculo consternador!

—Que quer, meu amigo? A nação precisa de gente. Quem ha de servir? os bichos?

—E' verdade; o pobre que seja arrancado brutalmente do lar domestico; a consternada esposa, que veja com os olhos arrasados de lagrimas seu marido seguir amarrado para a guerra, á pagar a fava que o asno comeu!

Em quanto o Sr. Saraiva, depois de sahir do ministerio, anda a divertir-se pela Europa!

—E' a ordem do mundo, meu rico.

—Nem a força de 600 cavallos a camara municipal se move!

—E' imperdenida!

—Não ha supplica, rogativa, pedido choradeira, clamor, gritalhada, berreira, que resolva a Illma. a mandar tapar uma buraqueira no Caes do Pedroso! Tem ali cahido cavallos e cavalheiros, pretos á noite, etc. e o precipicio continúa.

—A camara está na quebradeira, não tem dinheiro para gastar com futilidades.

—Si é assim, bem.

—As taes machambombas podem limpar a mão na parede!

—E' negocio de brasileiro, não pode agradar.

—Isso diz muita gente acreamente, porém quem reflictir um pouco no caminho e direcção, que levam as taes bombas machas, desenganar-se-ha.

—E' uma empreza nascente.

—E que no nascedouro ja mostra não ter regularidade.

—A empreza foi creada, dizem, para pôr termo ao monopolio e imposição, para baratear a conducção por meio da concurrencia; no entanto, a companhia tambem monopolisa, como um dia destes, em que se tomava passageiros até a Roda da Fortuna: outras vezes as gondolas ja estão fretadas e vão tomar passageiros alli ou acolá; tambem impõe e eleva preços como na noite do fogo. Depois disso, ninguem pode contar com uma empreza, cujos transportes, além de não terem horas certas, apparecem indeterminadamente e quando ha vontade.

—Porque hade a companhia distrahir os carros, que são destinados á carreira do Caes Dourado ao Bomfim, do seu trajecto para irem aqui e alli tomar gente, deixando o publico com agua no bico?

—O que lhe afianço é que os accionistas entregaram sua causa em boas mãos. A firma Carneiro, Azevedo & Monteiro è muito conhecida e pertence a homens experimentados em muitas cousas.

—Eu como não acredito em gente, que serve para tudo!

—Aqui está um pedacinho, que não é de esperdiçar.

—Diga là.

—E' do *Jornal da Bahia*:

O que por lá vae!—Escrevem de Pelotas em data de 31 de dezembro ao *Diario do Rio Grande:*

« Já seguiram para Orqueta, a reunir-se ao terceiro corpo de exercito, o fornecedor geral, Sr. José Rafael *Vieira da Cunha*, 1° cirurgião Dr. José *Vieira da Cunha*, auditor de guerra bacharel João *Vieira da Cunha*, boticario Joaquim Rafael *Vieira da Cunha*, e empregado no forneccimento Domingos *Vieira da Cunha*.

« O Sr. alfores Antonio *Vieira da Cunha*, anda tambem empregado na compra de cavallos para aquelle exercito. »

—E' isso que se chama, uma familia—de Patriotas.

—De *barriga*, creio.

LA VAE VERSO.

Artilheria raiada a Whit-worth.

Bateria de Bombordo.

6.ª CARGA.

Do Senhor dos Navegantes
Junto ao andor, reverente,
Submisso e penitente
Ia o fructo do Imbuseiro;
Vergado ao peso dos crimes,
Que blasphemo praticara,
Quando reprobo abraçara
A seita de um embusteiro.

Sim, elle era spirita,
Elle descreu de seu Deus!
E por conselhos de atheus
Renegou a Santa Cruz!
Mas agora conhecendo
O abysmo em que cahira,
Temeu do Senhor a ira,
Pediu perdão a Jesus.

Por isso todo contricto,
Vae elle junto ao andor,
Miserando peccador,
Misericordia pedindo,
Pungido de acres remorsos,
Como o fogo do inferno,
Que o queimaria eterno
S'elle não fosse fugindo.

Allan Kardeck.

A PEDIDO.

—Esteve preso o Sr. José Carlos, quasi tres dias!

—Por que? commetteu algum delicto?

—A' ordem do commando superior, por falta de cumprimento do dever no commando do batalhão, de que é chefe.

—Eu, no caso do commandante superior, nunca prenderia o Jose Carlos.

—Então porque?

—Porque entendo que o dote mais apreciavel no homem é a generosidade e o cavalheirismo, e basta haver desintelligencia entre ambos para se dizer que é pretexto de tirar vingança.

Depois eu não praticarei com outros o que não quero que se pratique commigo.

Entendo que o castigo para certas posições e certos delictos é a correcção moral, que produz mais effeito do que a pena physica, sem com tudo desmerecer o punido da força moral de que deve dispor entre seus subordinados, e nem deixa suppor que é uma punição caprichosa.

Eu tenho muito medo da espada de dous gumes, e por isso nunca darei certos exemplos.

CALDEIRADA.

Va de exurrada
A lyra uphana,
Que n'um sendeiro
Eu pretendo metter minha catana.

Feliz desejo
Ser na pintura,
Pois corre risco
O retrato tirar de tal figura.

E' baixo e grosso
O tal peteca,
Não tem cabello,
Q'a syphilis de mais o fez careca.

Dos olhos delle
A vista ataca,
Os olhos não são,
Mas parecem com casas de casaca.

O seu nariz,
Ja teve fim,
Serio fallando,
Parece foi comido do cupim.

Grosso pescoço,
Os labios vis
Do tal marmanjo,
As pernas são dous finos taquaris.

O queixo informe
Eu não lhe gabo,
Que de tão chato
Parece andar a murros co' odiabo.

A testa delle
Parece o chão,
Suas orelhas
Parecem dous abanos de fogão.

Os verdes dentes
São muito immundos,
Segundo dizem,
O cisco mastigaram de dous mundos.

O velho lenço,
Que faz gravata,
Quasi que a pique
Levára pelo peso uma fragata.

Com dous lanchões
Calçado o vi;
Vão ser tomados
P'ra irem arrazar Curupaity.

Já que pintei-lhe
O corpo inteiro,
Vamos agora
As manhas retratar do tal sendeiro.

Compadecido,
Do mal sedento,
Aos infelizes
Dinheiro cu presta elle ao dez por cento.

Sr Redactor.—Chegamos finalmente á crecha, emque deve resurgir o

quasi mythologico rei D. Sebastião.

A Bahia, victima de um cataclysma terrivel, acaba de ver emigrar para o mundo da lua uma boa parte dos seus habitantes,que,a despeito do celeberrimo barão de Munkausem, fundem alli aos raios solares irrisorios idolos para as bachanaes spiriticas.

O Telles, intelligente descubridor do mel de páu, assestando no olho o volumoso oculo do Fr. Monte, ha descoberto com grande assombro dos astronomos, já em varios planetas—desde o seus mais opulentos proprietarios até os mais diminutos vermes.

A propagação dos seres animados nos planetas pelos systema erroneo e inverosimil da reencarnação é certamente, admettido o Platonismo, um dos mais rediculos estribilhos da metempsicose.

O facto nojento de achar-se reencarnado no Rosalvo o spirito do sapateiro da relação, além de extraordinariamente estupido,é,ainda, considerado logicamente, o annuncio da infalivel queda da religião—Kardec.

Outros casos ainda tão insignificantes quanto as imaginações, que os tem concebido,e que deixamos de consignar, reproduzem-se a cada dia n'esta desventurada terra, tão vilmente calumniada pelos vandalos, que a denominam—Sede do spiritismo!!!

Não podemos deixar de extranhar o silencio do Exm. Sr. arcebispo, quando se tracta de materia tão grave.

Agora mais que nunca cumpre ao digno pastor evangelico, para exaltação da religião da Cruz fazer da sua parte quanto for possivel para extincção da cratera,onde,a cada momento,renegando a fé promettida a Jesus Christo, se precepitam innumeros fieis.

VARIEDADE.

Um procurador nunca passava diante da porta de um sapateiro, sem que este não se pozesse a rir.O procurador, picado, perguntou-lhe um dia asperamente porque razão ria todas as vezes que passava diante d'ell; o sapateiro respondeu-lhe no mesmo tom:» porque razão passa Vmc. diante de mim, todas as vezes que eu rio? »

Um sujeito dizia que desejava conhecer um paiz, onde não se morresse, porque iria ahi acabar seus dias.

(*Extr.*)

ANNUNCIOS

A gratidão, não é esclusiva de ninguem; pertence a todos, ou antes, é um sentimento que deve ter um culto geral.

Partindo deste principio altamente nobre, vem, o abaixo assignado, na falta de outros meios, por este modo, manifestar seu agradecimento, ás provas de bondade, com que obsequiou os na noite de 19 do corrente os Srs. José da Silva Senna e sua nobre familia e João Chrisostomo de Queiroz, concorrendo ambos para o brilhantismo do Baile Pastoril, que nessa noite teve logar.

Do mesmo modo agradece aos socios da nobre SOCIEDADE REGENERA.

Taes provas, naturaes dos espiritos bemfazejos, promette o abaixo assignado conserval-as no coração como um penhor, que o obrigará sempre á mais completa gratidão.

Agradeco igualmente ao corpo do Baile o esmero com que se houve, e as pessoas, que concorreram, a generosidade prodigalisada.

Bahia 25 de Janeiro de 1867.

Constantino Benicio da Silva

AMA.

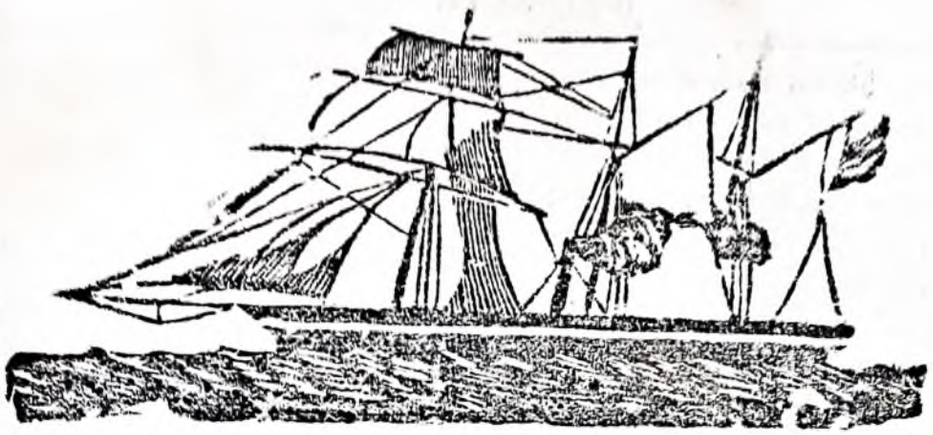
A rua do Bispo, sobrado n. 20, segundo andar, precisa-se de uma ama, com bom leite, para tomar conta da creação de uma menina, não se duvidando pagar bem, agradando.

AO PUBLICO.

A Sociedade PRIMEIRO DE NOVEMBRO faz sciente ao publico, que os seus Bailes Pastoris são somente representados em casa de sua residencia, a Ladeira do Carmo n.° 40, nas noites de quartas e sabbados, e não em casas particulares, como se tem propalado.

Os bilhetes podem ser procurados na supradita casa.

Santos Lima.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 29 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 16.ª—Ns. 156 e 157

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordi . 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por . eries, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações6 Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 janeiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe, que se propala por ahi, que o creoulo Benedicto, escravo pertencente á herança do finado capitão Caboclo, se acha *por certos motivos*, desde quarta feira, na Correção preso e incommunicavel á sua ordem, sem que S. S. seja disto sabedor, e na duvida de que seja ou não exacto, leva-se ao seu conhecimento.

—Ao Illm. Sr. provedor da Santa Casa, pedindo-lhe que se digne enviar um resumo circumstanciado do numero de recolhidas existentes até 1863, das que entraram dessa epocha para cá, de quantas existem actualmente, de quantas sahiram casadas e que destino tiveram as outras.

—Ao Sr. administrador da capatazia d'alfandega, dizendo-lhe que nos informam, que na estação á seu cargo ha um abridor, que não consente, que dahi saia fardo ou caixa, com arcos, papel, cordas, capa ou outro qualquer involtorio, dizendo que aquillo são os seus emolumentos, além de outras *pexinxas*, com que se *arma* o sobredito cujo, que até ja se arvorou em proprietario, com os arranjos dessa e outras ninharias. Em vista do que, pede-se a S. m. que averigue isso e faça o que for justo.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que leve ao Sr. Dr. chefe de policia um creoulete, que sahe todas as manhans do botequim do Jovita, á baixa do Bomfim a frescata, vestido com um simples chambrão, aberto na frente, e passeia neste gosto tudo aquillo, sem respeito ás familias, que por alli existem. Cumpra.

—Não ha uma lei sobre calçadas, que obriga os proprietarios a concertarem o passeio em frente a suas casas?

—Creio que sim.

—E porque não se hade concertar o passeio da rua das Portas do Carmo, que em toda sua extensão é uma miseria, a respeito de frunchos e buracos?

—A camara é quem sabe.

—A tal camara só tem serventia para uma cousa, que eu sei cá.

—No sabbado á noite, deram as egrejas signal de incendio, o qual se havia manifestado em um predio, que faz quina da Praça do Commercio para o becco do Julião.

—Foi um quadro consternador; as chamas reduziram a cinsas toda a propriedade, causando avultados prejuisos.

—Tudo isso é nada, em comparação com as lastimaveis vidas que se perderam victimas desse desastrado successo.

—Dizem-me que poderiam ser salvas, si não fosse a demora que houve em chegar a escada de salvação do arsenal de marinha, em virtude de não haver quem autthorisasse a sua sahida com promptidão.

—*E* que tambem concorreu o estado de enxaquhamento, em que estava a escada de salvação do Commercio, e a pouca gente que havia, que ou bem devia de cuidar em desembaraçar as bombas ou em safar a escada; de sorte que veiu a sahir tarde e a más horas.

—E que me diz do estado das taes bombas em geral?

—Estas attestam o deleixo de nossa terra para tudo que não é de encher a barriga. Para um objecto de tanta magnitude, ainda não houve quem se lembrasse de dar providencias para que n'um momento de aperto não se andasse ás cabeçadas.

—Disseram-me que houveram authoridades que estavam apoderadas do mais apathico torpor, e que até houve uma, que, pedindo-se uma providencia urgente tendente a evitar deploraveis sinistros, respondera:— o que querem que eu faça?

—Tambem inventam muita cousa nessas occasiões.

—E que, em compensação dessa censuravel morosidade, houve muito acto de heroismo, praticado tanto por nacionaes como estrangeiros.

Houve muito quem arriscasse a vida, com o humanitario fim de livrar a tantos infelizes, que eram prezas das chammas.

—A elles louvores sejam dados.

—Pobre velha! até depois de morta sofre os azares do fado inxoravel!

—A respeito de quem falla?

—De uma pobre mulher, que martirisada em vida, depois de morta, está ha dous dias em casa sem ter quem a leve ao cemiterio.

O armador, ja desarmou a casa, as vellas foram entregues ao cerieiro, e o corpo permanece em casa!

—Lhe affianço que ahi não fica.

—Provavelmente. Mas, quer ouvir os reveses por que passou em vida a pobre velha?

—Sabe que sou curioso.

—Possuia ella algum dinheiro e duas escravas.

Uma tal D Hortencia, mulher que apezar de casada, vive sobre si, induzia a velha a ir para sua companhia.

Com boas *treitas* fez que ella vendesse uma escrava, e a outra, por ser doente não achou comprador. Apossou se a nossa amavel matrona dos cobres e deu a mulher por demente, trancando-a n'um quarto, que so era aberto para lhe dar de comer. Isto por espaço de um anno. Na sexta feira a mulher queixou-se de agudas dores de barriga: o remedio que lhe deram foi aquentarem uns pannos e arrumarem-lh'os no ventre.

No sabbado, quando abriram a porta do quarto, encontraram um cadaver!

—Si a policia tivesse conhecimento disso; pode ser que fizesse alguma cousa.

—O facto foi notorio no Moriel e pessoas da propria casa, bem como a escrava, podem dar informações.

—Então acha bom que participemos a policia?

—Si quizer ninguem lhe priva

—Creio que agora é uso.

—O que?

—A mania de deitar crianças fóra.

—Ha algum caso novo?

—Na quarta feira p. p. amanheceu na porta do Sr. J. J. dos Reis Lessa uma linda criancinha, de cerca de 6 mezes de edade, muito bem vestidinha e ataviada de enfeites, tendo a seu lado uma boceta com roupa.

A innocente tiritava de frio quando foi encontrada.

Algumas mulheres da visinhança tomaram-na a seu cargo, até que chegue o Sr. Reis Lessa, a quem tencionam apresental-a.

—Ainda essa foram deitar na porta do Sr. Reis Lessa, que é provavel se interesse pela sorte da infeliz, e uma que foi lançada ao mar pela propria mãe?

—Onde foi isso?

—Em Itapagipe.

—Semelhante acto não pode ser

praticado por uma mãe, é obra de alguma fera.

—Foi uma creoula, que costuma embebedar-se e que n'uma occasião destas praticou tão horroroso feito. Felizmente uma mulher, que presenciou, salvou a desgraçada e trouxe-a para a cidade para um becco á Rua das Veronicas.

Consta que o Sr. chefe de policia, tendo conhecimento do caso, mandou-a recolher á Casa dos Expostos.

—E applicou a conveniente punição a quem commetteu tão grave delicto?

—Isso parece que ficou no tinteiro.

—Entre as pessoas que se destinguiram por occasião do incendio, na noite de 26, é digno de menção o Sr. cadête F. Antonio Carvalhal Menezes e Vascencellos, que, á testa da companhia de sapadores, foi incausavel, arriscando sua propria vida.

—Neste caso é digno de louvor o Sr. cadete Carvalhal.

Apontamentos á lapis.

QUARTA PAGINA.

A verdade reage contra todos os obstaculos.

A questão urge: é preciso resolvermol-a, como haviamos promettido aos leitores em nosso ultimo escripto.

Fundamentado na discussão mais ou menos logica e convincente, que já temos feito sobre algumas das doctrinas tendentes á nova sciencia *espiritica*—, e em outras reflexões justas e imparciaes, que ainda por hoje apresentaremos, havemos de mostrar clara e evidentemente, que ella não passa de uma parvoice, de uma chimera, e que não tem valor algum na sustentação de suas ideias e na exposição de seus factos.

Quem attentar franca e lealmente para essa nossa asserção, ha de convencer-se, e, o que mais é, persuadir-se de que dizemos uma verdade tão clara e transparente, *como a luz meridiana*.

Com effeito, não ha doctrina, por mais absurda e perigosa, que a imaginação humana tenha inventado, que o spiritismo não abrace e não procure a todo custo sustentar.

Na systhematisação de seus principios acham-se ideias, que, si, por um d'esses phenomenos inexplicaveis ante a rasão humana, viessem algum dia a se propagar, qual outro flagello, derribariam por terra os factos mais solidos e fundamentaes da nossa religião.

Para, a toda força, tornar-se uma sciencia positiva, chega o spiritismo a querer explicar os dogmas e mysterios da nossa religião pela simples inspecção da rasão, como que não sabendo que *o racionalismo*, esse systhema estupido e ridiculo, por isso que dá á rasão humana maiores fóros, do que ella na realidade tem, já ha muito tempo se acha banido do soberbo e imponente quadro da philosophia moderna por toda a pessôa de bom senso e criterio.

E essa é a sciencia, que pretende seguir a sua marcha *triumphante* no correr infinito dos seculos!

E essa é a sciencia, que ainda n'esse seculo, admittindo tal doctrina, tenta devassar os arcanos mais intimos e arraigados do Creador!

Oh! quanta estupidez! quanta loucura! quanta miseria!

E ainda os seus desvarios não param ahi: vão muito mais além.

Pretendendo demonstrar a união d'alma com o corpo, essa união incontestavel, porém mysteriosa, que de balde tentaram explicar o Mediador plastico de Cudwoth, a Harmonia prestabelecida de Leibnitz, os Spiritos animaes de Descartes, as causas occasionaes de Mallebranche, o influxo physico dos peripateticos, admitte uma substancia intermediaria, semi-material e semi-spiritual, denominada «perspirito», que não é mais nem menos que o reflexo baço e amortecido d'esses outros systemas, e chegam os seus adeptos a dizer que por meio d'elle explicam cabal e satisfactoriamente semelhante facto.

Desgraçados, que não veem, que a-

poiando-se em tal doutrina, já lhes é um impossivel e absoluto demonstrar o que têm em mira!

Miseraveis, que não sabem que aqui são os fins os mesmos, diversificando apenas os meios!

Racionalistas e rebeldes que não comprehendem, si quer, um só momento, que, si aquelles com taes doctrinas não poderam comprovar similhante verdade, elles, seguindo as mesmas pegadas jamais, o poderaõ tambem!

E ainda entre nós levanta se um homem, que por ser um dos extrenuos e esforçados sectarios d'essa sciencia, quer explicar que as sympathias e antipathias, phenomenos pura e exclusivamente instinctivos, que se dão entre nós, não sejam mais nem menos que os effeitos de uma vida anterior de que nós não temos a consciencia, imitando d'esta arte a Platão, que, para demonstrar certas ideias, dizia serem ellas a reminiscencia de uma existencia anterior!

Mas tudo isso acontece e ha de acontecer em quanto esses homens não compenetrarem se dos limites da sua intelligencia.

Deixemos agora de analysar as doctrinas, porque então seria um nunca terminar, vamos finalisar o nosso escripto, fallando tambem d'essa sciencia na sua parte practica, isto é como arte.

Ahi a desgraça é maior, maiores os estragos.

Fazem rir o homem mais serio as gatimanhas, que os taes *spiritas* fazem, quando invocam qualquer spirito.

Uns, como que se acham debatendo nos stertores da agonia, nos gemidos entre cortados da dor, ou nos abysmos insondaveis da desesperação e vingança!

Outros, como que mergulhados em um profundo somno, de quando em vez soltam um ai, um soluço, um gemido triste e lugubre como os do desterrado nas soidões do exilio, ou como os do nauta no meio de grande procella, ou emfim como os do padecente aos pès do algoz.

Outros ainda, parecem luctar com um grande pesadêlo, que, confrangendo-lhes pouco a pouco os peitos, os deixa prostrados em um terpor assustador!

Alli dão-se scenas, que horrorisam até ao proprio enfermo!

Emfim a impostura e a maledicencia estão gravadas nas frontes impuras d'esses homens, como um stygma indelevel, que ja mais se apagará, macula, que, semelhante á da tunica de Macbeth, toda a agua do Oceano será pouca para laval-a.

As miserias, que tal sciencia entre nós tem produzido, são mais que notorias a todos.

N'esses ultimos dias foi victima indefesa d'esse brinquedo, pois que outro nome não lhe podemos dar, um negociante d'esta praça.

Fazem-lhe crer que o spirito do *celebre* João Caboclo estava no seu ventre, e elle persuadido de ser isso uma verdade, começa a scismar, a meditar profundamente e afinal enlouquece!

E não se lembram estes homens, não se commovem, não se desesperam de ter por essa forma lançado o dó, a desolação e talvez a miseria sobre toda uma familia!

Não: que os seus corações já se acham corroidos pelo vicio, as suas almas prostituidas pelo fugaz brilho do ouro!

E a policia, que taes factos observa, nenhuma providencia dá, porque o Sr. Amaral, dizem, tambem é da sucia, tambem é spirita.

Dizem até que chamado para providenciar sobre o facto do tal negociante, que tivera-se portado de uma maneira pouco digna do cargo que occupa, pois que entrou e ajoelhou-se batendo em os peitos!

Oh! descredito inqualificavel, vergonha das vergonhas!

E essa authoridade ainda está continuando a exercer o cargo e continuará!

Isto nos indigna: o nosso artigo já vae mui longo, ainda não terminaremos

desta vez. Os leitores queiram ainda desculpar por essa vez

Ao Agrippa

LA VAE VERSO.

Entre um pae e uma filha
discussão se levantou,
só por causa de um balão
que sinhazinha comprou.

—Menina, disse-lhe o velho,
p'ra que queres mais gaiolla?
tu não vês que assim vestida
és menos mulher, qu bolla?

Pode vir um pé de vento
e atirar-te p'ra o ar;
voando, qual borboleta,
onde irás então parar?

—Ora papae, diz a moça,
não sabe que um balão,
dá-nos graça, fere os moços
nas fibras do coração?

Não sabe que o casamento
é fructa cara, hoje em dia?
moça que não tem *patacas*
não casa, fica p'ra tia?

E' preciso usar de *visco*
p'ra pegar os *maganões*,
que rede melhor ja viu
do que sejam os *ballões*?

Sou magra, por natureza,
mais não sou rebelde á amor;
mettida nesta gaiolla
aos moços trago em furor.

Calou-se o pae, pois não poude
resistir a taes razões,
por causa do casamento
triumpha sempre os ballões.

Moças, pois
si quereis casar.
de saias ballões
devereis us r.

(*Extr.*)

A PEDIDO.

—Capitão, quer fazer uma aposta?

—De que?

—Em como no primeiro vapor de março está aqui o Conselheiro Saraiva?

—E' que ja estara de saude restabelecida.

—Não Sr.; é porque morreu o barão do Uruguayana e elle ahi vem em busca do logar.

—Pode ser; mas.....qual.... eu creio que vem em má occasião. Acho melhor que deixe acabar a guerra; por que do contrario.....

—Qual; os amigos estão ahi.

Então quer ou não quer apostar?

—Homem, não. Elle que se aranje com o povo.

Retrato de um papa hostias, velho, decrepito, devoto de S *João Areponucemo*, morador n'uma *rocha*, na costa do *mar*, que é *grande*.

Seus predicados:

Sacrilego e delapidador do casal, de que foi inventariante.

—Padre, V. para que ha de ser safado?

Pois além de não pagar ao homem ainda quer mandar por seu parente do *Caribé* espancal-o?

—Eu não o chamei; elle offereceu se mesmo ao *Luiz* para ir morar na roça e depois queria que eu lhe pagasse, além de ter casa de graça, agoa, lenha, etc.

—Estou informado que V. foi quem mandou chamar o pobre homem na sua

casa, illudiu-o de tal maneira que fez o pobre cahir na esparrella de ir para sua roça, e depois que apanhou-a plantada de mandioca, aipy e legumes fez com que o homem sahisse, perdendo o dinheiro que tinha empregado, dinheiro, que tanto lhe custou a ganhar, e não quer pagar ao menos o que elle gastou com trabalhadores!

Isto é a charidade ensinada por seu Divino Mestre, meu salabardote? querer usurpar o suor de um pobre homem carregado de familia e arrancar o pão da boca de seus filhos?

Isto é uma ladroeira!

Padre, si fosse em *França*, V. ja estava no chilindró!

—Pois em *Guimarães* não é assim, rouba-se a vontade.

—Porém V. não está lá meu rapina Muxingueiro, toca este bandalho até cahir.

—Vou executar.

—*Quem morre por seu gosto, acaba por seu regallo.....*

—Mas, á que vem essa recordação funebre?

—E' uma refleixão, que venho fazendo sobre o nosso commandante *maior*...

—Seu pode ser, Sr. sargento, porém meu não, porque não tenho a honra de pertencer á essa nobre classe.

—Pois bem, meu ou seu, não faço questão.

—Porém á que vem a repetição do adagio?

—Por ver o *carão*, que o Leitão passou no barão; o homem disse ao batalhão que por castigo, e por ter cahido da confiança do governo, por sua insubordinação, desaquartelava.

—E o que se segue?

—Leia V. mesmo aqui:

« *Estamos authorisados á declarar que o batalhão, teve ordem para desaquartelar* tão somente, por ter *findo o seu tempo de serviço e porque devia concorrer com praças para a nova organisação* &.

—Homem isso é o mesmo que dizer...

Foi mentira, o que o commandante *maior* disse lá, em meu nome.—

—O que é certo, capitão, é que não se pode deixar de estimar um homem como o Leitão!

Em nome da guarda, especialmente de meu batalhão, me conceda permissão para eu dar um viva ao justiceiro presidente.

—Pode dal-o, meu amigo,—é justa a alegria. que resulta da vingança de uma injuria.

MOTTE

GLOSADO ENTRE A VITALINA E O VIGARIO DE MATATUIM.

Vital.—*Meu padre, por seu respeito*
Toda gente me debella;
Padre—*Dos que te offendem assim*
Querella, meu bem, querella.

GOSA.

Vital.—Até quando vou á missa,
No domingo ou dia santo,
Na egreja, a cada canto,
Um murmura, outro atiça
Com voz mais viva ou submissa
Diz um a outro com geito;
—Olhe a *cuja* do sujeito.
Como está empavezada!
Ao pé do altar sentada.....
Meu padre, por seu respeito.

Pois si accaso vossancê
Alheios bens entra a ter
Logo pegam a fazer
Um aranzel, um lelê:
Dizem que isso é porque
Eu o trago na chinella,
E me chamam de cadella;
Que sou escoria dos mai,
E com insultos dos taes
Toda a gente me de bella.

Padre—E que te importa essa gente
Que de teu obrar murmura?
Ter bens, ter prazer procura,
Passa os dias docemente:
Deixa la que um maldizente
De ti declame ou de mim;
Vamos nos gosar por fim
O que agrada a cada um,
Não faças caso nenhum
Dos que te offendem assim.

Faze tu, como eu pratico:
Sem ter de ninguem vergonha,
Falla mal, minha *congonha*,
Quer do pobre, quer do rico:
Flatera com ardor inico
Da casada, da donzella;
A toda gente atropella
Com mentiras, com enredos.
E dos que tu tiveres medo
Querella, meu bem, querella.

—Capião diga-me: é certo que *certa pessoa* não é nem barão, nem commendador, de Christo, nem fidalgo e anda com uma farda, que lhe não pertence?

—Quem disse isto?

—O *Interesse Particular*.

—Não sei disso, e nem creio, por que seria um crime um personagem apresentar-se com esses titulos sem lho pertencerem.

—Não, dizem que é por não ter pago os direitos.

—Então hade passar.

—Porém dizem que o tempo ja passou, e que não pode mais fazel-o.

—Então deixará de usar de tudo isso

—Mas.....

—Va-se para o diabo. O *Alabama* não é promotoria publica.

—E então; o Promotor pode.....

—Accusal-o, por isso, si não é...

—...Mas, se não accusa?

—E' porque não quer.

—Porém...

—... com mil diabos, deixe-me homem; não me aborreça.

(O brigue *Agosto Pequeno*.—Capitão *Dias*.—Procedente de *Lima*)

(*Continuação*.)

—Dirigi-me ao intendente da policia e queixei-me amargamente dos rapazes Pintei-os perfeitos espadanchins, com um caracter indomavel, com uma indole dissoluta, com propenção para tigres; disse-lhe que a cada passo eu era não só desobedecido, como até desrespeitado por elles; e pedi-lhe que, afim de pôr cobro a instinctos, que se revelavam tão ferozes os mandasse sentar praça a bordo de um navio de guerra, até modificarem o genio.

O que é que nesta terra da venalidade não alcança quem tem uma certa posição amparada com o nome de homem de dinheiro?

Tudo o que quizer.

Foi o que aconteceu commigo.

O intendente de policia que passava nesta terra por um dos typos mais rigidos, dobrou-se entretanto á todas as minhas exigencias; e eu vi com prazer meus dous tutelados sahirem da secretaria escoltados para o trem do mar, de onde foram conduzidos para bordo, recommendados como turbulentos e pervertidos.

Mezes depois sahia de Latronopolis o navio em que elles tinham praça.

Respirei então por que aquella grossa fortuna era minha.

Decorreram alguns annos, em que impunemente usufruir aquella immensa fortuna, em quanto seus verdadeiros donos gemiam ao peso do avillante calabrote.

Decorreram, como dizia, alguns annos, sem que eu ouvisse fallar dos rapazes, até que, por informações, por que eu era cauteloso em indagar, soube que um tinha morrido.

Porém vá V. Ex. vendo o diabo como as tece.

O navio em que tinha praça o rapaz

foi estacionar na provincia que tem uma *alagôa* em seu centro.

Meu tutelado, convertido em marinheiro, teve licença para passeiar em terra, praxe usada nos navios de guerra.

N'um desses passeios, com quem havia de esbarrar o rapazito? com um tio. O homem ficou estupefacto quando ir o sobrinho enfronhado naquelles trajo de marujo.

Indagou, perguntou, esmerilhou que destino levara o rapaz áquella condição, quando elle o julgava sentado nos bancos de alguma academia.

O rapaz narrou meu procedimento para com elle, orientou-lhe de todo occorrido, disse-lhe menuciosamente todas as peripecias e provações que tinha passado na sua vida do mar.

O velho, por capricho ou caduquice, assentou de por o negocio em pratos limpos e revindicar os defraudados bens de seu sobrinho.

Esqueceu-se porém de que ia luctar com um homem dinheiro só; e que o dinheiro é a base essencial para se obter justiça.

(*Continúa.*)

VARIEDADE.

VIVENTES INFELIZES.

Marinheiros.
Escravos de engenho.
Bestas de omnibus.
Mulher de soldado.
Caixeiro de avarento.
Padre vergonhoso.
Freira arrependida.
Medico sem clinica.

REGRAS INFALLIVEIS.

Não ha roceiro, que não tenha presumpção de montar bem a cavallo.

Não ha moleque de padre que não saiba ajudar missa.

Não ha suciante que não goste de feijoada.

Não ha loja de louça que não tenha cha.

Não ha casamento de tabaréo que não acabe em fado.

Não ha gato da frade, que não seja gordo.

Não ha cigano que não seja jogador.

REGRAS DE ECONOMIA.

Remendar sapatos em quanto dura a couro e a sola.

Andar sempre de preto para não sujar muita roupa.

Comprar carne tarde, para achal-a barata.

Usar de sobre-casaca, para andar de calças sem fundilhos.

Pentear cabello molhado, para não gastar pomada.

Sahir a passeio, e hir a casa de amigos deitar cheiro nos lenços.

Dar jantar em dias de serviço, para ter pouca gente.

Ir a missa de madrugada, para poupar a roupa nova.

Guardar casaca velha, para enterros e actos nocturnos.

Jantar tarde, para não fazer despeza com a ceia.

Dormir vestido, para não gastar lençóes.

Dormir as escuras, para poupar gaz.

Deitar-se nú, para não machucar o peito da camisa.

REGALLOS DO RAPAZ SOLTEIRO.

Cruzar as ruas à tarde, só para cortejar as moças conhecidas.

Offerecer o braço a moça bonita, para fazer constar a ventura que teve.

Andar com roupa feita por alfaiate estrangeiro.

COUZAS EM QUE A GENTE NÃO DESEJA SE VER METTIDO.

Em boas.
Em alhadas.
Em calças pardas.
Em camisa de onze varas.

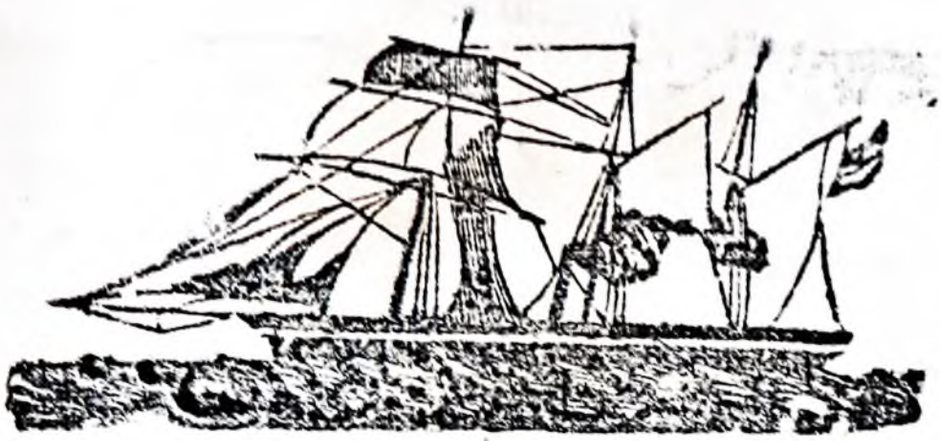
(*Extr.*)

ANNUNCIOS

Deseja-se saber do Sr. Caetano, si não está resolvido a pagar o principal e juros da letra, ou si tenciona fazer mais esta escamotagem?

AMA.

A rua do Bispo, sobrado n. 20, segundo andar, precisa-se de uma ama, com bom leite, para tomar conta da creação de uma menina, não se duvidando pagar bem, agradando.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 31 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 16.ª—N.º 138

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igranitina, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagas adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

O Sr. Romão Pereira da Silva àcha-se temporariamente encarregado da cobrança deste periodico.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de janeiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, chamando sua attenção para a pessima illuminação da Calçada: naquella rua ha sempre lampeões por accender, e na noite de 27 os dos Mares e Roda da Fortuna achavam-se quasi todos apagados, e os que o não estavam desprendiam uma luz tão microscopica, que era o mesmo que estar às escuras.

Espera-se que este pedido mereça a consideração de S. S.

—Quem ha de acreditar que, na capital da Bahia, a viuva de um bravo, que morreu defendendo a patria, está se finando, n'um leito de dores, á mingoa de soccorro, sem ao menos achar um medico que lhe queira dar gratuitamente uma receita?

—E' impossivel, não creio.

—Pois lá está no becco do Padre Bento, Josepha Ferreira de Jesus, viuva do tenente Alexandrino de Salles, morto no ataque de 2 de maio.

—Si ella recorresse ao governo, estou que seria attendida.

—Ja implorou uma pensão, e seus papeis lá se ficaram pelo Rio sem ter solução.

A infeliz, o unico legado que teve do seu marido, foram 4 filhos menores de quem elle era o arrimo e que hoje, como ella, vivem na penuria.

—Porque não vae ao presidente?

—Ja foi; S. Ex. mandou dar-lhe CINCO MIL REIS!....

—Isso depõe muito contra os nossos brios nacionaes.

—E não haverá quem se condòa do tão deploravel estado?

Não haverá um medico, que generosamente se preste a ir gratuitamente soccorrer no leito de angustias aquella, cujo esposo morreu defendendo a patria?

Não haverá quem se condòa da pobre viuva, enferma e abandonada?

Não haverá uma não, caritativa que se estenda para lhe dar uma esmolla, ja que o nosso *paternal* governo se nega a lhe fazer justiça?

A charidade não está extincta, temos fé que a infeliz não perecerá á mingoa,

—O Sr. esquece-se de que o egoismo lavra nesta epocha com gigantesca intensidade?

—Embora; as almas generosas não desapareceram de todo.

LA VAE VERSO.

Artilheria raiada a Whit-worth

Bateria de Bombordo.

7.ª CARGA.

Deliberara alta noite
O conselho spiritista,
Que do culto exterior
Fosse Rosalvo o sachrista.

Para bispo e *te* o A,
Ze-Couto para espoleta,
E o nosso amigo Espeque
Para tocar a sineta.

O Telles p'ra cabungueiro
De toda communi a'e;
Não se esquecendo a Pombinha
Para irman de charidade.

O Barbosa tambem foi
Para pregar escolhido;
E do imbuseiro o fructo
Para acolyto remido.

Tambem o 65
Agora por doudo estar,
Foi por elles escolhido
Para a doutrina pregar.

O Mom-bom para enfermeiro;
E para sacerdotisa
Fôra com enthusiasmo
Escolhida a D. Elisa.

E o resto dos adeptos
(A excepção dos Adães)
Foram todos elevados
Aos cargos de enxota-cães.

E quanto ao meu parecer,
Si a razão não bambeia,
Já d muito esta canalha
Devia estar na cadeia.

MOTTE

Ha tanto tempo droguista,
De fortuna sempre á cata,
Mando as drogas ao diabo
Vou tornar-me homœopatha

GLOSA.

Doze annos de caixeiro,
Sem poder juntar vintem!
Sendo o nosso melhor bem
O precioso dinheiro!

Hoje p'ra ser cavalheiro
Vou aprender a dentista;
Ou mesmo por estadista
Stou que poderei impor:
Tambem posso ser doutor,
Ha tanto tempo droguista.

Manà, senne e coxonilha,
Embrulho todos os dias,
Sementes de melancias,
E mais a salsa-parrilha;
Vendo tambem cascarrilha
E resina de batata;
E p'ra curar catarata,
Sei que é bom certo colyrio;
E vivo neste martirio
Da fortuna sempre á cata.

E' ja tolice aturar
A senhora drogaria!
Quando, da noite p'ra o dia,
Posso mui bem me arranjar!
Si eu aqui continuar,
Da minha vida dou cabo:
Vou-me, pois, ferrar ao rabo
Da dona homœopathia,
E com sua senhoria,
Mando as drogas ao diabo

Hei de mil vidas salvar,
No instante em que for chamado,
E p'ra ser mais procurado
Hei de escriptos publicar;
Bons cobres hei de chuchar
Da gente extranha e da nata;
De bons freguezes á cata
Correndo o mel pela bica;
Que pechincha! . . . . Adeus botica
Vou tornar-me homœopatha.

A PEDIDO.

—Olá meu rico? V. gosta de andar pelas moitas!

Ora diga-me, que *segredos* tinha com aquelle menino?

—Estava á encommendar-lhe uns *sequilhos*.

—Porém o moço não é pasteleiro.

—Queria que elle *me fizesse* o favor de encommendal-os.

—O rapaz é estudante, vae lá se occupar em mandar preparar doces!

—E eu sou caxeiro das *bombas-machas*, não tenho tempo; por isso é que o chamei para *me fazer* isso.

—Pois meu tropiante, emende-se,

quando precisar de alguma cousa, *sirva-se a si mesmo* que não é defeito.

—Mas si eu não tenho tempo?

—Si o pae do menino souber não ha de gostar; e si não declaramos desta vez o nome para elle saber, da outra não será assim.

E alem do pae, ha o muxingueiro do *Alabama*, entendeu?

—Sim, Sr.

—Bem.

—Capitão, temos novidade.

—Então vamos á ella.

—A rua das *bengalas* converteu-se em lupanar de immoralidades

—Porque razão?

—Originadas pelos filhos e officiaes de um sujeito chamado, *Peixe vindo de Nantes*.

—O peixe vindo de Nantes é *sardinha*.

—Não trato disso; digo que o sujeito chama-se *Peixe vindo de Nantes*.

—Em latas, sem duvida?

—Não sei disto.

—Mas, vamos lá, o que fazem os taes meliantes?

—Praticam toda qualidade de bandalheira e devassidão. Esses sevandijas entram, pelos fundos, para um predio deshabitado, pertencente ao P... e ahi commettem tudo o que é immoralidade e libertinagem com o maior escandalo, de sorte que, as familias, vivem constantemente incomodadas.

—Sendo assim, é desaforo inqualificavel.

—Ha uma casa principalmente, que é victima da pelintragem dos taes peralvilhos.

—Ah! si o dono da casa fosse inspirado por algum *anjo*, ainda que fosse dos *bonecos*, talvez podesse poupar a perdição de uma incauta, que dá ouvidos aos taes bregeiros.

—Isso muda de figura, explique me

—Por S. *Ismael*, que não direi mais de que isso: é um namoro, com seu requinte de depravação, tocando a seducção.

—E' preciso acabar com essa patifaria.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Va prevenir o dono dessa casa, que acautele-se, para não ser victima de alguns bandalhos que procuram levar a deshonra e o desacocego ao seio de seu lar.

Quanto ao sujeito, *Peixe vindo de Nantes*, diga-lhe que ponha cobro aos seus desavergonhados agregados e dissolutos filhos, empregando-os a abrir e molhar o producto dos campos de S. Felix de Nazareth, para não terem tempo de andarem a seduzir quem vive socegada; do contrario vossê lhe saldará todas as faltas commettidas, desde a morte do papae Turibio.

—Quanto custa esta jaca?

—240.

—E' caro.

—E' o preço que deu o Sr. padre.

—Seu amo é careiro!

—Meu amo, não!

—Então o que é seu?

—Nada. Eu sou um preso.

—E como está vendendo jaca?

—Não sabe que aqui dentro do *trem do mar* as authoridades tem cada uma um preso á seu serviço?

—Não sabia.

—Pois saiba. E' costume que o *Luiz* trouxe de *França* para aqui, e que o *Guimarães* achou excellente.

—Bem; quem mais vive mais vê!

Para eleitor do curato da Se

O cidadão Jovino Cezar da Silva.

Para eleitor da freguezia de Santa Anna—o padre Feliciano Candido Rodrigues.

—Que diabo de tagarella! Parece que não tem o que fazer dentro de casa! Vive so na janella á tomar nota da vida alheia!

—Onde é isso?

—Na travessa que da ladeira do *seraphico Padre* vai ter ao *passo* que foi do *Saldanha*.

—E quem é essa mundeira?

—E' a *cambonda* de um antigo *cabo de esquadra*, que hoje *escreve* no *commercio*

—Mas estou certo, que elle ignora as proezas da sua *virgem muar*.

—E' bem provavel que elle ignore, porque não vae lá á toda hora. Quando entra, a visinhança sabe pelo *bater da bengala*.

—E porque não lhe participam o ruim comportamento da tal marafona?

—Eu creio que o homem tem medo della, que é bem capaz de lhe entortar a *perna direita*.

—Pois então os visinhos que representem contra ella á authoridade.

—E' o mesmo que nada; porque o antigo *cabo de esquadra* empenhar-se-ha pela sua dulcinéa e ella muita lampreira continuará a zombar e chacotear da visinhança.

—Então o que se hade fazer?

—Ahi só o muxingueiro do *Alabama* é quem pode dar algum geito.

—Pois está dito. Vá o muxingueiro visital-a.

VARIEDADE.

SALVE RAINHA

Da cartilha moderna do padre Especula.

Salve moeda, mãe de misericordia, vida, doçura, e importancia nossa; por ti bradamos os esgalgados filhos de Eva; por ti suspiramos, sacando e guardando neste valle de logros: eia pois, camarada nossa, a nós volvei esses vossos lucros milagrosos, e depois desta trapassa, nos augmentai o luxo, bem dito fruto do vosso ganho, oh saboroso, oh nobre, oh sempre honrado dinheiro, chegae vos para nós, grande pae de empenhos, para que sejamos dignos da admiração do povo, da nobreza e do clero.—*Amen*.

FIM DO MUNDO.

Nos Estados-Unidos da America, segundo o *Echo da Italia* n.º 37, vive um capitão de nome W. A. Bolker, antigo official da armada ingleza, o qual determina ponto por ponto o anno, mez, dia, hora, minuto, em que se cumprirá o grande cataclisma do fim do mundo.

O anno, segundo elle affirma, será o de 1878—o dia 20 de setembro, a hora 5 e 50 minutos, o instante a entrada do sol.

Bolker fez prender a este acontecimento final outras prophecias.

A Italia será invadida, segundo diz, em 1867, no mesmo anno a rainha Victoria abdicará a corôa, em 1869 o rei Jorge desapparecerá da Grecia, e a Grecia passará no poder da Austria em quanto a Russia occupará a Turquia.

Além disto; Bolker prediz que a 3 de julho de 1873 em Roma apparecerá a peste, seguida da fome, e outras muitas cousas, que não é necessario referir.

A 10 de março de 1875 os judeus tomarão posse de Jerusalem, neste mesmo dia apparecerá o Anti-christo, que virá bater-se com Napoleão III: neste dia em que cahirá o dominio de Napoleão, os inglezes alliados do Anti-christo occuparão Paris.

Finalmente depois de ecclipses solares, epidemias, tempestades, furacões, etc., no 1.º de setembro do anno de 1878 manifestar-se-ha o primeiro signal da apparição do filho de Deus; a 20 do mesmo mez e anno, Jesus Christo apparecerá em toda a sua Gloria, descendo perto do occaso do sol sobre o Monte das Oliveiras, e no meio da sua côrte celeste proclamará o fim do mundo, e julgará os vivos e os mortos.

CIRCUNSTANCIA EM QUE E' MAO QUANDO A GENTE ESTA'.

Em apertos.
Em máos leuções.
Em grandes apuros.
Entre a espada e a parede.
Entre o martello e a bigornia.
Entre a cruz e a caldeirinha. (*Extr.*)

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO.

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, devendo seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da Provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no campo da Polvora, convida, portanto, aquellas pessoas que tem alli objectos empenhados a resgatal-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos não retirados até este dia serão no 8º de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto nº. 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

Na Praça dos Veteranos da Independencia precisasse fallar com o Sr. Estevão Domingues.

O
ALABAMA
1867
A
1868
I 8
6 20
I. G. H. B.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO [illegible]—2 DE JULHO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 224.

Publica-se na typographia do Marques Aristides Igrapiuna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas á 1$ rs. por series de 10 numeros ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

BIBLIOTECA PUBLICA
Instituto Geographico e Historico
DA BAHIA

O ALABAMA.

Dous de Julho.

Independencia ou morte...

I.

Era em 1821: já lá vão quarenta e seis annos.

Na historia de um povo, de antes livre, duas epochas de martyrio haviam sido escriptas com caracteres de sangue —1789 e 1817: dous heroes haviam galgado as columnas da immortalidade pelos degraus do cadafalso—Tiradentes e Padre Roma.

Era em 1821: no solo regado pelo cruor dos martyres germinava o embryão da liberdade; o filho das selvas gigantes anciava sob o joelho de Portugal.

As aguas do Amazonas arrastavam pezadas as ondas lagrimosas do luto da patria, e os echos do Prata suspiravam as lamentações dos captivos.

O povo era sem voz, os echos sem vida, os prados sem flores, os troncos sem folhas, os passaros sem harmonias, os homens sem liberdade.

Um povo era escravo de outro.

O escravo fôra livre, o livre fôra nobre, o nobre fôra senhor, o senhor fôra um bravo, o bravo jazia jungido ao pelourinho da infamia.

O senhor era um tyranno, o tyranno era um algoz, o algoz era um sicario, o sicario era um estrangeiro, o estrangeiro era um hospede, o hospede era um traidor.

O traidor inventava supplicios, os supplicios rasgavam as arterias do povo, o sangue orvalhava o solo da Cruz, fecundava a semente da emancipação, despertava os brios adormecidos, esclarecia os espiritos, espancava as trevas e fallava de Deus.

O enviado do Senhor fallára a Pharaó, e este fora mudo.

E as nuvens agglomeraram-se nos altos dos montes e uma voz troou nas margens do Ypyranga—INDEPENDENCIA OU MORTE!

II.

Rios, prados, serras, bosques, florestas, montanhas, aldeias, villas e cidades—tudo quanto tinha um echo, em

toda parte onde havia um coração—repetiu-se—*Independencia ou morte!*...

Em toda parte, aonde havia um homem, ergueu-se um soldado, surgiu um heroe, travou-se um combate, alcançou-se uma victoria.

Pirajá, Cabrito, Cachoeira, Itaparica, fallai por mim a esses corações mirrados, que já te esqueceram os heroismos!

Esqueletos, sombras dos bravos, levantai-vos de vossas campas, despertai de vosso somno glorioso e vinde bradar a essas turbas ingratas—Filhos malditos, porque nos esquecestes?

Vinde e contemplai o quadro..... mas não. Para que fallar-lhes na degeneração das gerações, que elles salvaram do poder do estrangeiro? Seja outra a minha missão: hoje è o dia DOUS DE JULHO.

Hoje lembra-se uma gloria de hontem, rende-se um culto ao passado e feixa-se os olhos ao futuro, que é negro, negro de morte.

Dous de Julho—digam os velhos cheios de orgulho.

Dous de Julho—digam os moços cheios de emulação.

Dous de Julho—digam as mães, as irmans, as esposas, as filhas cheias de enthusiasmo pelas glorias da patria.

Dous de Julho—digam todos—povo, soldados, antigos e modernos.

Digam que esse nome é um monumento indestructivel, é uma pagina indelevel, é a recordação de um feito, que todos nós ouvimos e aprendemos dos heroes d essa luta de gigantes.....

Nós, que não sabemos imitar os vencedores, saibamos ao menos respeitar-lhes a memoria, conservar-lhes o culto e invejar-lhes a immortalidade.

III.

A's armas! foi o grito repercutido desde Pirajá até Rio Vermelho.

A's armas! foi a voz de dous exercitos, grito unisono, que, remontando ás regiões do vacuo, foi, repercutido de planeta em planeta, de astro em astro, reclamar aos pés de Deus a victoria para a boa causa, para a justiça da liberdade.

E a luta travou-se.

Foi bello de ver-se: os vencedores de Aljubarrota, os senhores da India, Guiné e Costa, ergueram-se até a altura de seu valor.

Um dos vencedores de Napoleão os commandava.

Mas, a voz do canhão lusitano emmudece ante o brado dos filhos das selvas. Embalde Madeira anima-os ao combate; embalde o tambor e o clarin procuram despertar-lhes o enthusiasmo. Não ha resistir.

A victoria foi dos brasileiros, e eis que os oppressores, corridos de vergonha, embarcam-se rapidos e vão pedir ao mar protecção contra o alcance de nossas armas.... Foi uma soberba que desabou do alto de seu throno. Foi uma humildade, que soergueu-se até o fastigio da gloria.

E o edificio da liberdade ergueu-se foi mergulhar os capiteis nas nuvens.

IV.

Ja podeis, filhos das selvas,
Vossa fronte senhoril
Mergulhar no ceu de prata
D'esse imperio do Brasil!

Ja é livre a nossa patria,
Ja é livre o nosso lar,
Ja não temos mais senhores,
Que possam ordens nos dar.

Gloria aos authores d'essa obra!

Gloria aos veteranos intrepidos, que deram o sangue por esse nome de livres, que sôa tão bem nos labios dos povos, que é a voz da consciencia desprezando a força, que é a imagem do espirito, que se contempla no espelho do infinito!

Livre? Quem não deseja ser livre, porque riqueza trocar-se-hia esta simples palavra?

Nenhuma.

E nós, portanto, que somos livres; nós, que somos pobres de dinheiro, não devemos deixar morrer essa unica riqueza que possuimos; não devemos deixar que a mercadejem os manequins da politica do Rio de Janeiro!

Devemos nos lembrar, de que fomos nós que lutamos, e não o Rio; que fomos nós que morremos, e não o Rio; que fo-

mos nós que dormimos ao sol e á chuva, e não o Rio; que foi nosso o sangue que correu, e não o do Rio; que somos brasileiros, emfim, mas não somos cariocas!

Povo, lembra-te d'isso. Filhos do Norte, nunca o esqueçasi.

E basta.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1 de julho de 1867.

Não houve expediente.

—No dia 29 do passado celebrou-se na capella do Asylo dos Expostos, ao Campo da Polvora, a missa anniversaria da installação do mesmo.

—Tambem assisti; foi um acto simples e tocante.

—Depois da missa seguiu-se a visita do estabelecimento por uma multidão de pessoas de todas as gerarchias.

—A musica dos menores tocava na festa de seus irmãos.

—Gostei de ver a ordem e aceio que reinava nos dormitorios, no refeitorio, sala da exposição, casa de lavar roupa e mais commodos do estabelecimento.

—E eu fiquei arrebatado ao entrar na Casa dos Expostos; não pude conter uma lagrima de ternura, ao ver aquelles innocentes dominados por infantil prazer sentados fraternalmente a brincar.

—Bemdicta seja a charidade!

—Honra áquelles que a comprehendem verdadeiramente.

—Viu o Bando?

—Vi.

—Que tal?

—Pessimo Pouco ou nada de spirito.

—Eu ja esperava.

—O que achei mais interessante foi um mascara caracterisado em Voluntario da Patria, pedindo esmola, com um filhinho pela mão, e destribuindo estes versos:

«ESMOLA.

«Uma esmola ao voluntario,
«Que p'la patria combateu;
«Que esse governo sicario
«Não cumpriu o que prometteu!!
«—Malvado, como Protheu,
«Eil-o sempre contra nós...
«Sangue de nossos avós
«Renega tal tyrannia.....
«O' povo, quanta agonia
«Nessas infamias de algoz!

«Maldito seja o governo!.....
«Maldição a prepotencia,
«Que tyranna e sem clemencia
«A progenie despresou
«Do soldado, que na guerra
«Comprou triumphos co' a vida,
«Que na lucta decidida,
«A patria nunca manchou!»

—Só?

—A excepção disso e de uma allegoria ao *Banco da Bahia*, tudo mais era insulso e banal.

—Muitos mascaras?

—A cavallo poucos e estes dispersos.

—E' costume. Espalham-se para irem passar pelas portas das namoradas.

Desordens?

—De pouca monta. A mais notavel, que vi, foram umas cajadadas n'um preto do Sr. Argollo, por querer quebrar o *banco*.

—Assim mesmo não sei como este acabrunhado povo tem gosto para divertir-se.

—Que peça vae hoje á scena no theatro publico?

—Supponho que a *Diana de Rione*.

—Eim?!... E onde fica a segunda clausula do contracto, que diz que o emprezario é obrigado a levar á scena no dia Dous de Julho um drama nacional historico ao dia, ainda não representado?

—Não se veixe. Veja a condição 11.ª

—O que tem ella?

—Diz que o emprezario será mulctado em 200$ rs., *salvo si o presidente entender que deve dispensal-o*. Ahi está a escapadella.

—Ora pepinos!... Ha cousas, que por decencia não se deve escrever, por que é só em descredito de quem as authorisa.

O contracto é até dezembro; não ha no anno mais que um mez de julho; era sabido que a empreza em tão curto es-

paço não satisfaria semelhante compromisso.

—Justo.

—Então, para que estamparam no contracto tal patacoada?

—Fica para o outro anno.

—V. sabe o meio do mundo? Si o contracto finalisa a 2 de dezembro, como pode ter valor para o anno?

—E' verdade, foi um *estampatorio*.

—Mais uma embaçadella com que se costuma ludibriar este povo de basbaques.

—Isto é um mau presagio; em dous dias successivos as egrejas a darem signal de incendio!

—Andará algum *cabeça de fogo* por aqui?

—Eu sei lá!

—No theatro houve um alvoroço dos peccados, por occasião do toque de incendio na noite de 29.

—Não sei como propalou-se que o fogo era na caixa do theatro e o povo, querendo sahir de chofre, aterrorisado com a ideia de morrer assado, deu motivo a que houvessem empurrões, pisadellas, senhoras precipitadas pelas escadas, desmaios, meninos machucados, etc.

—Que aperto! O que vale é que estava lá o chefe de policia para apasiguar a barafunda.

—Eu o vi, tranquillo e sereno no seu camarote e só, depois que acalmou-se a agitação, sahir.

—Para accomodal-a?

—Não, para ver o incendio onde era.

—A boas horas!

DELENDA CATHARGO.

Erguei-vos, Cidadãos! Unidos todos,
Deveis mostrar que a força não se mede
Pelo erro aggressor;
Que ha uma lei maior que a tyrannia;
A onda popular que se assoberba
Ao dedo do Senhor.

Erguei-vos, Cidadãos! Visteis,—ha pouco,
Um misero repetil ousou manchar-nos,
Erguer-se contra nós:
Mostrae, filhos do povo, ao orgulho insano
Que a mão, que um dia nos bater nas faces,
Encontra a todos vós!

Vede: rebenta a multidão na praça,
Lava sublime que depura o crime:
Sôa a hora de Deus.
Abre-se a tumba da passada historia
Quem foi que a despertou? Deus tão somente
Erguei-vos, Prometheus!

—A luz! queremos luz! rasgue-se o crepe,
Que vela a face augusta á liberdade,
Ao berço do condor;
No dominio da lei—cumpra-se o mando;
Mas, si a lei postergarem vis tyranos,
Sustente-a o vosso ardor!

Deveis-l'a sustentar: empenho é vosso!
Quando o passado erguer-se palpitante,
E vos fizer tremer,
E perguntar-vos: que é da urna sancta
Das cinzas dos heróes; dizei, Senhores,
Que haveis de responder?

Tudo varreu a mão do despotismo!
Sacerdotes sem fé, dormisteis rindo
Ao pé da baechanal;
Quando a infamia passou—era ja tarde:
Restava-vos somente um sonho doido,
Um sicario e um punhal!

Vede: passa agora um vulto estranho,
Fronte erguida entre vós, olhar brilhante
E a dor no coração!
Pedro Ivo! que fizestes de seu nome?
Hontem o olvido, hoje uma vergonha
Por unico brasão!

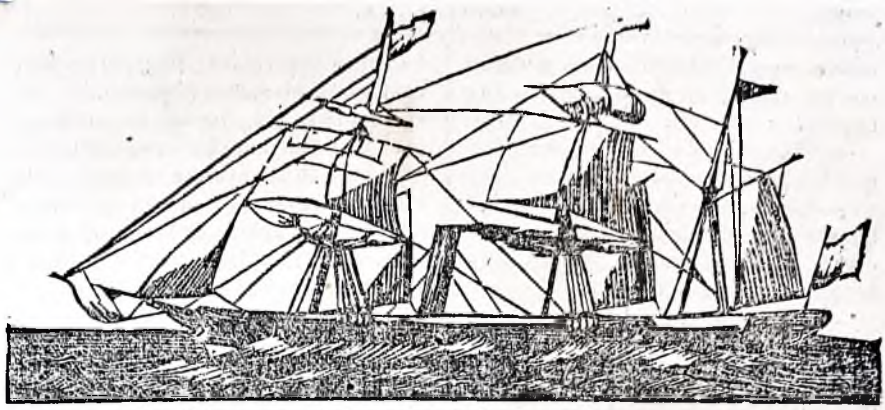
Antes morrer! Oh! antes como um verme
Jazer na treva, si quereis, mentindo,
Vossa origem trahir!
O futuro è de Deus, mas tende brios,
Si n'arca d'alliança ser quereis
Os druidas do porvir.

A França os teve, Quando a mão do tempo
Os destinos parou do povo escravo,
Noventa e tres surgiu!
Liberdade e rasão—que thema augusto!
Deveis-l'o discutir co'a espada e a lyra;
Assim se descutiu!

Servi de coração á patria afflicta,
Seja a força um poder; cada uma idéa
A scentelha dos céus;
Erga-se o povo nas passadas glorias;
Irrompa a marselheza a voz dos bardos,
Que soa a voz de Deus!

Erguei-vos, Cidadãos! Ruge do norte
A tuba marcial; a onda avança;—
—Segui-a todos vós!
Eu não vos fallo, não; Nunes Machado,
Padre Roma, Caneca, erguem-se todos;
Saudae vossos avós!

(*A Faculdade e o Povo.*)



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 6 DE JULHO DE 1867. SERIE 25.ª—Ns. 225 e 226.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiuna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de julho de 1867.

Officio a Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande demolir o telheiro que ha á entrada da ladeira de S. Francisco do Paula, visto não ter elle outra utilidade sinão de servir de valhacouto á immoralidades á noite, e mijadouro de dia, difficultando com isso as familias que moram defronte que possam chegar a janella. Confia-se que a Illma. attenderá a pedido tão rasoavel.

—Ao Illm. Sr. commandante do corpo provisorio de policia, pedindo-lhe que informe si é exacto o que corre, de que, as praças que estiveram ha pouco destacadas no Itapicurú, estão até hoje sem receberem os soldos que lá venceram, entretanto que a thesouraria ha muito que pagou esse dinheiro.

Semelhante pedido, tem por fim elucidar a veracidade de um boato que pode comprometter o credito de terceiro, pelo que espera-se merecer a attenção de S. S.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande syndicar si é verdade que o alferes Pacca, destacado no Engenho da Conceição, esboleteou um dia destes ao guarda Bahiano, e, no caso de ser assim, sirva-se S. S. de impor ao mesmo o castigo em que incorreu, por tão desvairado procedimento, para que fique advertido de que o Regulamento desse corpo não manda punir faltas com sopapos.

Espera-se ser attendido.

—Como foi de Dous de Julho?

—Assim, assim.

—Pelo que apreciei, convenci-me de que por entre as expansões de regosijo e enthusiasmo a que parecia entregar-se a população, desenhava-se uma especie de tristeza; como que dominava certo marasmo ou torpor sobre o espirito publico; havia um queixume surdo, uma melancholica apparencia nos semblantes, como si uma triste lembrança viesse annuviar as frontes daquelles, que em outras epochas, neste dia, só tinham risos e prazeres.

—Com razão, meu charo, quem é que havia por ahi que não sentisse no peito ralar-lhe a mais pungente saudade, pela esmagadora ausencia de um

ente charo, pela morte de um parente, de um amigo, lá nos campos do Paraguay?

—A respeito de festejos officiaes, o que houve?

—Parada, Te-deum, sermão eloquente pregado pelo Sr. conego Rodrigo, com assistencia da gente agaloada. Vereadores foram poucos.

—Esses homens, que pertencem a uma corporação de origem popular, fazem timbre de não apparecerem nos dias nacionaes, nem em actos religiosos; lá posses de presidentes, beija-mãos, etc., isso é outra cousa; vale a pena que elles honrem com suas dignas presenças.

—Que mais?

—Um photographo, ffrando da torre do Collegio a vista da parada, commandada pelo Sr. commandante superior, coronel Nicolau, foguetes, vivas não correspondidos, etc...

—Quanto a vivas, petarolas! O povo já *não come disso*.

—A concurrencia foi diminuta; á noite, antes das dez horas, o Terreiro estava deserto.

Houve espectaculo no theatro publico, nas noites de 2 e 4, onde alguns poetas tiraram seus ventres da miseria; o palacio do governo, desta vez, tirou o pé da lama e illuminou se a gaz; o palanque está accezo até a noite de hoje.

—E' prego de ouro com cabeça de latão; não mandaram para alli uma musica, a divertir o povo, havendo tantas aquarteladas, e fazem illuminação por mais de trez dias! Este excesso de despeza, seria melhor dispendida com uma musica.

—A pretexto de banaes conveniencias vão acabando com as tradições populares em que o povo se embebia, e arrefecendo os animos, extinguindo as causas de animação e regosijo publico.

Acabaram com a noite do 1.°, que era a alma do Dous de Julho.

—Por causa das desordens.

—Quaes desordens!

Diabo leve a policia, si ella não tem meios persuasivos e brandos para accommodar qualquer conflicto, principalmente n'um dia em que todos os bahianos são irmãos. Distribuisse ella agentes moderados e prudentes por entre o povo a apaziguar os turbulentos e eu lhe diria si havia conflictos.

E para que tiraram os carros da Piedade? O anno passado foi para Guadalupe, este para o Terreiro, outro anno irá para a Baixa dos Sapateiros, e lá virá um em que fique na Lapinha.

—Não creia; emquanto existir bahianos, o Dous de Julho não morre.

—Amanhan ás 4 horas, tem elles de serem conduzidos ao logar do seu destino, depois de percorrerem algumas ruas.

—E eu hei de acompanhar o farrancho.

—A policia desta terra longe de prevenir o crime, acoroçoa-o; em vez de coarctar a impunidade, protege-a; em logar de cortar as azas ao vicio, alenta-as.

—Tambem não é assim.

—Si ha exageração é para menos e não para mais.

—Ou V. está prevenido contra a policia?

—Enganou-se; nem tambem sou dos exigentes, que querem impossiveis.

Mas vel-a de braços crusados negar-se a repressão do crime, é intoleravel.

—E' muita exageração.

—Eu só fallo com factos.

Na noite do dia 2 apresentou-se no destacamento da repartição da policia um creoulo, lavado em sangue, com dous ferimentos, dizendo que seu aggressor estava perto d'alli, que mandassem dous guardas com elle para prendel-o. O commandante respondeu-lhe que tal não fazia sem ter ordem superior, que esperasse que o chefe chegasse do theatro para providenciar!!!

—Si o criminoso fosse asno de esperar que o viessem prender.

—Concluiu o commandante do destacamento ordenando ao offendido que se retirasse da frente da guarda, ferido como estava.

—E elle obedeceu?

—Qual! deitou-se, dizendo que havia de expirar alli mesmo.

Que tal?

—Deixo lá; não vamos tambem a ser tão rigoristas, porque um ou outro agente subalterno cumpre menos suas obrigações.

—O caso é que eu tenho sido testimunha de se pedir n'um destacamento um soldado para accommodar uma questão, prender um delinquente e se negar.

Mas, quando é guarda de policia que pede força para fazer prisões arbitrarias, o commandante do destacamento auxilia de prompto.

—São cousas de minha terra.

—Boa industria! Assim é que esses tratantes todos enriquecem!

—O que é?

—E' o vendelhão de uma biboca que tem o letreiro—Nova Padaria—atraz da Sé, que impinge ao povo uma parte de areia em quatro partes de assucar.

—Que me diz?

—Si quer experimentar, compre assucar lá, dissolva, côe e se convencerá.

—E os fiscaes não vêm isso!

—Que se importam os fiscaes, que qualquer tratante metta no estomago do povo quanta substancia perniciosa ha, si elles, classe privilegiada, por effeitos dessa mesma ganancia, estão isemptos das garras dos falsificadores?

—No dia 28 de junho, foi encontrada na escada de um sobrado, á travessa do Cruzeiro, uma pardinha de nome Antonia, toda chicoteada, com as mãos arrebentadas e se queixando de dores agudas em um pé e nas cadeiras. O subdelegado fez corpo de delicto e interrogou-a.

—O que declarou ella?

—Declarou ser escrava de uma mulher da vida chamada Carlota Maria do Spirito Santo, moradora á rua da Preguiça.

—E que mais?

—Que sua senhora a maltractava horrivelmente, pondo-a em um ferro a engomar até á noite, e que como ella não tivesse acabado a tarefa de roupa, a senhora dera-lhe tantas pancadas, que ella não podendo mais aguentar lançou-se de um segundo andar, onde mora a tal *senhorita*, e precipitara-se na rua.....

—Não sei como não morreu a pobre rapariguinha!

—..... e era essa a razão das dores que tinha no pé e nas cadeiras. Os medicos disseram que são necessarios quinze dias para o seu tratamento.

—Que mulher deshumana!

—O subdelegado quiz remettel-a para o subdelegado da Conceição da Praia, afim de que elle desse as providencias, porem a paciente de joelhos pediu que a não mandassse, por ser o subdelegado *conhecido* da sua fera senhora!

—E que destino deu o subdelegado da Sé á ella?

—Mandou-a para o hospital.

Lá está para quem quizer ir ver o estado de lastima em que se acha.

—Na verdade é uma senhora cruel! Vão ver que não ha de haver justiça para esta *honestissima* senhora.

—Basta já este precedente do subdelegado da Conceição ser *conhecido* da tal dulcinéa!

—Ora esperemos!

UM CONSORCIO.

Engracia Tecla era uma raparigota de uns desoito janeiros; tinha formas arredondadas e pejadas de carne, altura mean, nariz arqueado, e os olhos vesgos.

Como se vê, não podia ser nem bonita nem sympathica; mas os paes que só tinham este fructo de um amor ja carcomido, olhavam a menina como quem mira as ruinas de Palmyra. Não havia sobre a terra mulher que se lhe approximasse em perfeição. São cousas muito de ver-se em juizo de paes, que em geral tem a bola um pouco enfraquecida, quando se trata das suas obras.

A joven Engracia, não havia, até a edade ja referida, feito pestanejar de amores nem um dos rapasolas que frequentavam a casa, e menos ainda os que perpassavam junto d'ella, no *cruzeiro* da freguezia ou no *travessio* darua.

A pobre moça estava condemnada a não ser querida dos homens, cousa com que ella solemnemente encavacava, pois desde quinze annos formigavam-lhe no peito umas tendencias muito pronunciadas para viver de uma vida partilhada com ente que não fosse de seu sexo.

Mas a terrivel natureza dera-lhe uma architectura que não encontrava admiradores, e portanto sem sahida.

O desespero n'aquella alma feminina excedia os limites da prudencia, e imaginou fazer a côrte a alguem, ja que ninguem lh'a fazia.

O caso estava em encontrar desgarrado, algum ser macho a quem certeiramente investisse.

Para muita bella, seria isto cousa facil; porque está reconhecido que não ha hoje cousa que seja *alcaide*, mas para Engracia havia seus obstaculos.

Na sua visinhança não existia homem desemparelhado; todos tinham companheira e os que não a tinham, eram verdolengos de mais.

Esta magoa, que ia a pôr nas espinhas, encontrou prompto consolo com a mudança inesperada de um mestre sapateiro, rapaz bem apessoado, que veiu estabelecer-se no predio fronteiro ao seu.

(*Continúa.*)

LA VAE VERSO.

O NOIVADO DA TABERNA.

Era um patife, com carão de morte,
Que na matraca seu grasnar soou,
Andando á pista dos vintens da sorte,
Viu uma tasca, para alli baixou.

Bebado vinha, e de longe ao longe.
Os dentes podres com furor rangeu;
Rodaque russo, arremedando um monge,
Parou na porta e a cabeça ergueu.

Pensou que entrava na mansão celeste...
Um candieiro lhe ministra luz;
Esguio e magro, tal qual cypreste
Plantada em fronte de marmorea cruz.

Uma coruja deu um pio d'espanto,
Elle voltou-se não *pescou* ninguem;
Então na lama, chafurdando o manto,
Quasi cahindo se arrastou alem.

Na tasca immunda viu a luz alçada,
Que do balcão lhe mostrava o fim;
Entrou, sentou se, e com voz magoada
Ao locandeiro elle fallou assim:

«Senhor da venda, toda minha vida
«Caxaça forte, gastei em amar!
«Deram-me agua, infernal bebida!
«E o odio eterno venho aqui jurar.

«Quem vendo um frasco, cuja tampa finda
«Pela cortiça de vizão fallaz,
«Vasio embora, não sorverá ainda
«— Ultima gota que no fundo jaz?

«Minha cabeça no balcão repousa!
«E pinga forte tu não tens aqui?!
«Cruel, infame, tens erguido a lousa
«Deste coitado, que viveu por ti!

«Cruel, infame, tens erguido...» E em meio
Uma garrafa suspendeu na mão,
Vasia garrafa que tirou do seio,
Pintava ao vivo tão cruel paixão.

«Morro de sêde! e os protestos nossos
«Não se afogaram no immortal prazer!
«Sim! na calçada quebrarei meus ossos
«Serei defunto sem folgança ter!»

«Oh! nunca, nunca! Que maldade infinda»
—Voz feminina resmungou além,
«Oh! nunca, nunca! viverás ainda»
E um vulto estranho ja nos braços tem.

Que vulto era? Oh! das mais airosas
Uma *dulcinéa* de tostada côr!
Traz na cabeça quatro murchas rosas
Todas cobertas de lethal pallor.

«Não executes o que tens jurado,
«Para salvar-te eu estou aqui!
«Quero ser tua, e tambem gelado
«Trago este peito por amor de ti.

«Eis este frasco que ainda tem no fundo
«Caxaça forte que te mate a dor,
«Sem ti, sem pinga, que farei no mundo?
«O mundo é um ermo sem o vosso amor!

«Eu te buscava quando á luz da lua
«Vi-te sentado no balcão fatal!
«Trago-te pinga... que jurei ser tua
«Aqui na terra e na mansão final.

«Tu não comprehendes meu sensivel peito!
«Mas hoje o fado nos reune emfim!
«Si tu morresses, no teu frio leito,
«Chorando sempre que seria de mim?»

Então o homem de coração funereo,
Bebeu o nectar de tão bello alvor;

Era um feitiço de fatal mysterio,
Que no seu peito fez brotar amor.

E a feiticeira despresou um dia
E mais que a pinga jura amal-a então;
Elle era um odre que jamais se enchia
Funil a esposa a quem deu a mão,

Passados annos, quando foi volvido
Este segredo, que criara pó,
Viu-se que um peito fôra ali unido
Por sympathia da caxaça só.

M. A. Pereira.

—A effigie do Sr. D. Pedro ficou houtem ás escuras.

—Porque?

—Pegou fogo á giringonça do Terreiro e ia ardendo tudo. Illuminaram-se apenas os carros triumphaes.

—Que frequencia de fogos, V. vê?

—Mero accaso!

—Eu sei homem!

—Viu houtem a corporação academica?

—Não.

—Sahiu para depositar sua bandeira e percorreu algumas ruas debaixo de enthusiasticos vivas e precedida de immenso povo.

A PEDIDO.

Pergunta-se ao Revm. Sr. Rocha Vianna em que academia sustentou these para usar no frontispicio de sua obra —«Indice alfabetico das disposições de lei civis, que regulam materias canonicas» —do titulo de doutor.

O bacharel curioso.

—Uma empreza publica, pode ter preconceitos de servir a este ou aquelle?

—Quem lhe disse isto?

—Eu sei lá, eim?

—Então como falla?

—Porque me disseram que morrendo a mulher do Gallinheiro e indo este á Companhia de Vehiculos alugar carros, disseram-lhe que não havia e elle viu-se na contingencia de fazer o enterro á mão.

—Sem duvida é porque os carros estavam todos occupados.

—Pois no tempo do Ariani faziam-se n'um dia trez e quatro enterros regulares e não havia falta de carros e hoje que a companhia alem do seu, absorvou o trem daquella empreza, não tem carros para dous enterros!

—Ao menos o pretendido consul da Costa d'Africa poupou essa despeza.

—Capitão, uma carta que me trouxe neste instante o Christovão, vinda do theatro da guerra.

—Deve ter alguma noticia importante.

—Não sei.

Lêa V. Ex.

—Com sua licença.

«Acampamento em Tuyuty, 12 de junho de 1867.

«Amigo Ricardo.

«.....

«Parece-me que breve tenho de lhe abraçar, porque trata-se agora do ataque final. O Caxias não deu o ataque no mez de maio como prometteu, por causa de ter a espada enferrujada dentro da bainha, o que já se conseguiu tiral-a, com muito custo. Agora trata-se de limpal-a, que deve ficar brevemente prompta, e atè o fim de julho teremos a decisão.

«.....

«Teu affectuoso amigo,
«*Marques.*»

—Que religião professa este presidente?

—Parece-me que a catholica.

Porque pergunta?

—V. não foi ao theatro no dia 2 de Julho e no dia 4?

—Fui.

—Não viu o presidente dar vivas ao dia 2, ao povo bahiano, ao imperador e em ultimo logar a religião catholica?

—Não reparei isto. Mas que quer? O homem era empregado publico, metteram-n'o nestas cousas, está atrapalhado.

—V. tem razão. Elle vê-se hoje mettido n'um fardão bordado, por isso estranha.

—Nem tudo é para todos.

—E nem todos para tudo!

—O Candinho vae dar um beneficio.

—E sabe me dizer que drama leva elle á scena?

—Parece-me que é *Ghigi*.

—Achava que devia levar *O Cego e o Corcunda*.

—Era melhor, porque estou certo que elle desempenharia bem o papel de corcunda.

—E havia de desempenhar.

—Que duvida! Melhor que outro qualquer, por não ser mais preciso elle se caracterisar.

—Em todo caso recommendamos ao publico este beneficio, que terá logar na quarta feira 10 do corrente.

—O beneficiado é digno de uma grande enchente.

MOTTE.

Amor é alma da vida,
Amor ao vivente apraz,
Amor prazeres concede,
Amor dissabores traz.

GLOZA.

Amor é segundo Deus,
Amor da vista se gera,
Amor a tudo supera,
Amor na terra tem céus;
Amor felicita aos seus,
Amor dá gloria subida,
Amor é prenda querida,
Amor em si contém tudo,
Amor falla, sendo mudo,
Amor é alma da vida.

Amor é forte paixão,
Amor encerra doçura,
Amor dá grande ventura
Amor não quer *meiação*;
Amor nutre o coração,
Amor activos nos faz,
Amor é mui perspicaz,
Amor ausente entristece,
Amor é sem interesse,
Amor ao vivente apraz.

Amor não é livre escolha,
Amor vem da sympathia,
Amor produz alegria,
Amor deffeitos não olha;
Amor é verde, qual folha,
Amor só d'amor tem sede,
Amor as graças excede,
Amor tem altar e culto,
Amor não existe occulto,
Amor prazeres concede.

Amor é menino cego,
Amor é tolo é pateta,
Amor nos fere com setta,
Amor dá venturas, nego;
Amor faz como o morcego,
Amor é tigre voraz,
Amor leão muito audaz,
Amor é cruel serpente;
Amor enloquece a gente,
Amor dissabores traz.

Pede-se ao Illm. Sr. subdelegado da freguesia do Pilar, providencias contra o desacato praticado, na tarde de 4 do corrente, por um beliguim ou agente da policia de S. S., que se achando, como é de costume, embriagado, dirigiu-se a uma infeliz, que pacificamente vendia laranjas, e sem mais preambulos, esse miseravel biltre, deu-lhe quatro bofetadas e quiz prendel a, facto este muitissimo revoltante, em consequencia de ser praticado por um homem a quem S. S. deu uma facha, para elle manter a boa ordem e moralisar os factos, porem tal não o faz, porque é sempre elle o provocador, e commettendo outras muitas infamias acobertado com o nome de authoridade, onde uma dellas foi esse miseravel vampiro acompahado de salteadores de sua eguala, vestirem-se de soldados e irem alta noite correrem as alvarengas, resultando deste asalto *agadanharem* objectos que foram vendidos por 20$rs. á vista pois do esposto, espera-se do caracter honrado de S. S., que quanto antes enxotará essa ave de rapina, que muito desconceita a policia de S. S.

A coruja que fica entre o 6° e 8° quarteirão.

VARIEDADES.

CONSEQUENCIAS DE UM CASAMENTO POR CALCULO.

I

No adro de uma egreja na capital da Bahia, junto a um *cruzeiro*, repouzava uma mendiga. O seu somno, como go-

ralmente o dos loucos, era acompanhado de um resfolegar, similhante ao cansaço; e sem duvida successivos e disparatados sonhos povoavam essa mente fragil e quebrada, porque a infeliz era Adelia, era a *douda cantora,* como lhe chamavam todos.

De feito, trovas aprendidas ou inspiradas pelo coração, allumiado por esse resto de luz que só desampara a mente na dissolução final, eram por ella repetidas com voz melodiosa, terna e impregnada (passemos o termo) de tanta melancholia, que a todos que as ouviam, excitavam as feveras compassivas do coração.

E era sua trova favorita:

Fui ao altar com veu branco,
Mas bem negro o coração.
Toda luto era a minha alma,
Foi-me o altar perdição!

E proseguia, quando lhe parecia bem:

Mal haja o homem malvado,
Qu' a esse altar me levou...
Mal haja o pai...Não, perdô-o,
Que fazer meu bem pensou!

E quando a turba dos que passavam se aggregavam em torno della, e enternecida ouvia-lhe o descante, a louca, attentando n'ella soltava uma gargalhada sem nexo, e se ia andando, repetindo sua trova de esmolar:

Tende dó da pobresinha,
Coitadinha....
Dae-lhe um pão por piedade!
Foi feliz...hoje chorando,
Supplicando,
Pede o pão da charidade

E alguns dos que ainda se não envergonhavam de estender a mão ao desvalido, depositavam na sua—descarnada e amarellenta—um penhor de sua salvação futura, porque a charidade é a escada mystica da visão de Jacob, é a virtude mais sublime, recommendada no livro do Nazareno.

II.

E o malvado, o algoz d'esta victima innocente e indefeza, ainda não tinha remorsos!

Mas velava a Providencia!

Viajando para Portugal, sem lhe importar a mulher que, tendo jurado, perante Deus, defendel-a, deixava ao desamparo—tendo por tecto o firmamento, por leito a soleira de uma porta, por banquete o obolo da charidade, teve o navio de arribar á Bahia.

Fatalidade!

O desalmado reconheceu a revelação do Alto, mas quiz impiamente suffocal-a; e uma inspiração diabolica fez nascer n'elle o desejo tres vezes mais impio de contemplar sua obra infernal.

....

Até então, esse homem era dominado por uma idéa de vingança que elle julgava *justa*. Concedemos que, pelo facto projectado, embora frustrado, houvesse crime da parte de Adelia, mas não era por ventura maior o crime de Arthur da Silveira Portugal? (Parece-nos ter sido este o nome do magistrado)

E podia um coração americano, como o d essa virgem, suffocar-se e apagar as chamas amorosas que o abrazavam?

E não foi mil vezes infame esse homem, unindo-se a uma mulher, cujo coração sabia ser de outro?

E não foi mil vezes sacrilego, quando a obrigou a perjurar ante as aras do Senhor?

E não foi mil vezes malvado, querendo punir n'ella um crime, que era só seu?

E não foi mil vezes perjuro—assassinando—a mulher, que jurou ante as sacras aras proteger?

E o pae de Adelia?...Mas, perdoemos-lhe, que ella foi a primeira a perdoar-lhe.

E por que, verificado o facto, não deveria ser esse homem repudiado pela sociedade, ou mesmo punido, e não deveriam ser desatados esses laços, cuja duração podia ser a perdição de tantos?...

III.

Arthur foi em demanda do espectaculo de seu crime, em ordem á muda e covardemente insultar sua victima.

Ao approximar-se, Adelia repetiu sua trova de esmoler, e sem esperar a esmola, sentou-se na base do cruzeiro, repousou a face sobre a mão, e desatou a chorar!

Ao ouvir essa trova, ao ver estas lagrimas, Arthur sentiu um choque desordenado em todo o seu ser; mas, querendo levar a effeito o seu abominavel intento, bateu levemente com a mão no hombro de Adelia, dizendo:

—Toma a esmola, mulher:

A esse toque da mão do algoz no corpo da victima, revelou-se Deus ao malvado.

Adelia levanta-se, como se fôra tocada do raio, recuando espavorida; e, levantando sobre Arthur seus olhos chamejantes de ira, voltou a razão!... unicamente para dizer ao seu algoz:

Maldito sejas tu!...

.....

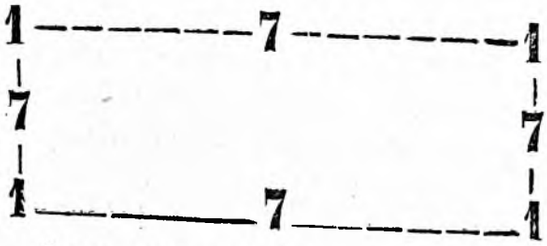
No dia seguinte selpultavam-se n'um humilde cemiterio os despojos da *douda cantora*, ao mesmo tempo, que um soberbo mausuléo recebia os restos mortaes do magistrado Arthur da Silveira Portugal.

Ssm duvida bem diversos foram os destinos d'essas almas, transpostos os umbraes da Eternidade!

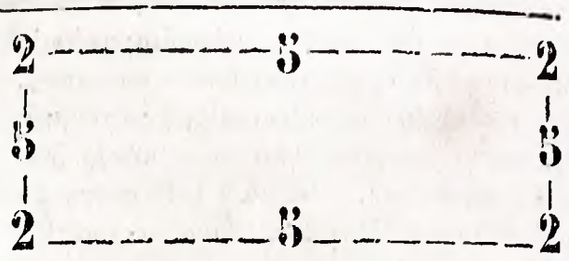
Estas as terriveis consequencias de um casamento por calculo.

(*Ext.*)

Um homem cego recebeu um presente de 32 garrafas de vinho e desconfiando que seu creado quizesse se associar à elle na pinga, arrumou-as da seguinte maneira, de sorte que contando de cada lado dava nove:

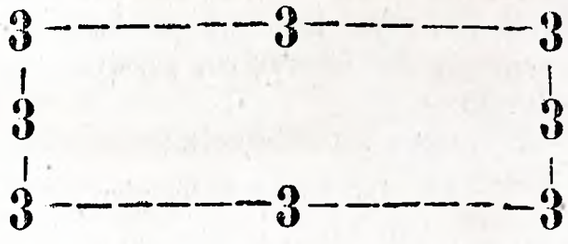


O esperto creado bifou quatro garrafas do licor de Bacchо e depois de dar tratos ao juizo do que havia de fazer, para que seu amo não desse pela faltrúa, organisou-as por esta forma:

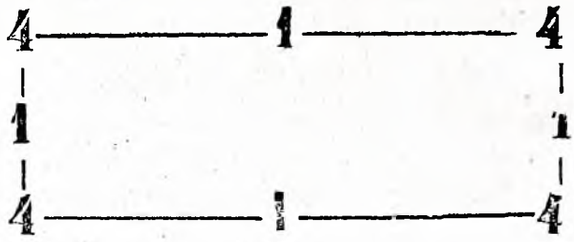


Quando o amo foi a adega contou de cada lado, achou nove e não deu por falta das quatro garrafas.

No outro dia, o creado armou-se com mais quatro garrafas e collocou-as assim:



Não contente, de ter já empalmado oito garrafas, roubou mais quatro e poz-as neste geito:



Assim chupou elle doze garrafas do eneroso licor, sem que passasse pela mente do amo, que era victima de um logro.

BONS DITOS.

—Quantas linguas tenciona mandar ensinar a sua menina?

—Nenhuma, porque não ha mulher que não tenha de sobejo na sua.

—

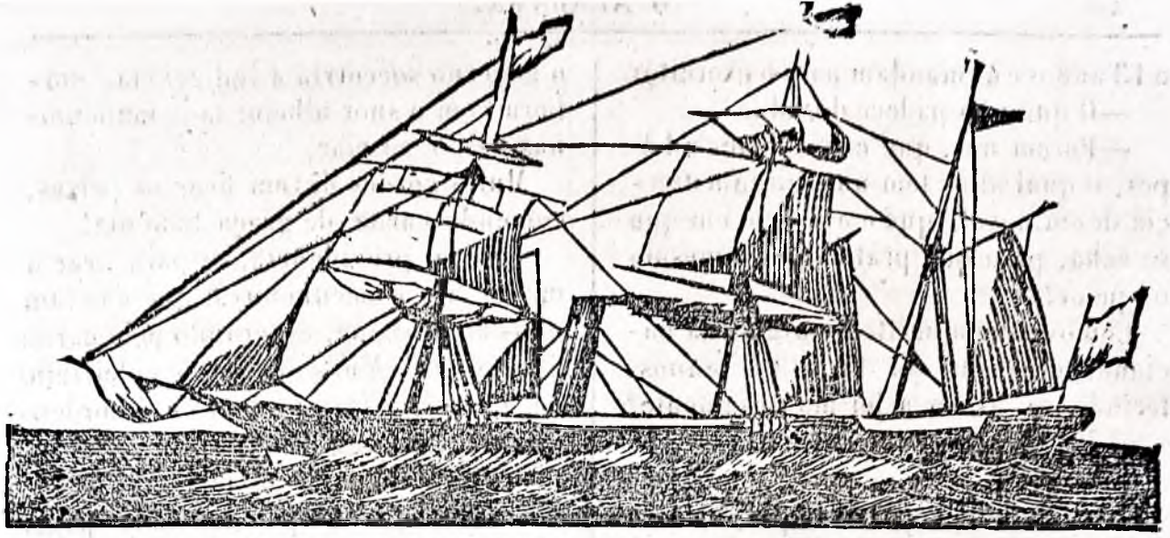
—Então como vae isso hoje? melhor?

—Ai, doutor, estou tão mal, tão mal, que se viessem dizer-me que ja morri, não ficava muito admirada.

ANNUNCIO.

REGIMENTO—UNIÃO BRASILEIRO.

As praças deste regimento são convidadas á apresentarem-se no largo do Terreiro, no domingo 7 ás 2 horas da tarde, afim de emcorporadas, acompanharem os carros triumphaes á Lapinha, debaixo do commando do cidadão Antonio Olavo da França Guerra.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 10 DE JULHO DE 1867. SERIE 23.ª—N. 227.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de julho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe o seguinte:

No dia 1º de julho, Leopoldina de tal, moradora ao becco das Hostias, n. 193, praticou a barbaridade de metter as mãos de uma creança de 5 annos de edade, dentro de um caldeirão de agua fervendo, pelo facto de haver essa innocente tirado um pouco de comida, sem sua ordem.

Espera-se que S. S. mande vir á sua presença a infeliz, e á vista do estado de deformidade, que apresenta, dê as providencias que a lei exige.

—Terminaram os festejos do Dous de Julho.

—Por este anno, bem entendido.

—Hontem ás 5 horas da tarde, como complemento do festim, sahiram os carros do Terreiro, foram á Praça dos Veteranos, rua da Independencia, Lapa, Piedade, passaram duas vezes pela Praça de Palacio e seguiram para a Lapinha, accompanhados pelos corpos — Academico, Lyceista, Minerva, União Brasileira, e Caixeiros Nacionaes.

O carro do caboclo ia puchado por marinheiros, depois os meninos tomaram conta.

Poesias, flores, foguetes, não faltaram.

—Apezar de tudo isso, não se pode negar que este anno houve uma certa indifferença, motivada, talvez, por algum objecto occulto.

—Em todo o trajecto reinou a melhor boa ordem possivel.

—Só não gostei foi do desembestamento, com que andaram pelas ruas alguns cavalleiros, depois que voltaram da Lapinha.

—Desculpe, vinham com as cachollas impregnadas de enthusiasmo e patriotismo.

—Macaco não olha p'ra seu rabo.

—Xô!.....

—E' um adagio que a experiencia tem provado ser muito certo.

Entre as muitas pechas lançadas sobre o Lopez, fazem-lhe grave carga, o rigor com quo agarra meninos de 12

e 13 annos e os mandam para o exercito.

—O que não padece duvida.

—Porem nós, que censuramos á Lopez, o qual aliás tem uma circumstancia desculpavel, que é o aperto em que se acha, para que praticamos o mesmo ou peior?

Como é que admittem na guarda nacional creanças de 12 a 14 annos, ferindo-se assim a lei acintosamente?

—De 14 annos?

—Sim, Sr.

No 6º batalhão, por exemplo, ha uma catervagem delles, que, quando largam as fardas, vão para o largo do Theatro empinar papagaios.

—Só si o commandante gosta de divertir-se com creanças.

—Que respeito pode infundir um pirralho, que, nem ao menos pelo tamanho, faz figura de homem?

—A culpa é dos conselhos de qualificação.

—Depois, quando foge, *verbi gratia*, um preso do poder de uma lesma dessas, é que querem provar que ella é de menor edade.

—Fallae no mau, apparelhae o pau. Lá vae um dos taes.

—Aquelle é um dos mais *taludos:* é Chrispiniano Tranquillino do Sacramento, da 4ª companhia. Ha outros menores, olhe—Cassiano Luiz d'Almeida, da 4ª companhia; Manuel Macario Pereira, tambem da 4ª e João Julio Pereira de Castro, da 6ª, são perfeitos meninos; nenhum tem a edade da lei, nem della se aproximam.

—No emtanto, os que mettem nas mãos d'um innocente d'aquelles um pau furado, censuram a quem, obrigado por força maior, vê-se na contingencia de lançar mão de recursos extraordinarios!

—O diabo quanto mais endireitava o nariz da mãe, mais torto o punha!

Assim é esse negocio do matadouro publico; quanto mais innovações lhe fazem, peior fica elle.

—Fazem e desfazem, até acertar.

—Até agora as carnes, que sobravam, repartiam se com a pobreza: ao menos o governo soccorria a indigencia, embora com o suor alheio: hoje mandam-nas deitar ao mar.

Muito gordos devem ficar os peixes, comendo carne de graça todo dia!

—Esta providencia foi para tirar á mama aos especuladores, que não iam mais ao açougue, esperando pela carne dos pobres. Muita gente de coleirinho em pé assim fazia; alem de desordens que se davam na distribuição.

—Por deleixo da policia.

—Tambem a policia hade pagar todas as favas que o asno come!

—Si ella quizesse, evitava toda essa balbordia.

—Como?

—Quem estivesse no caso de tomar esmola, recebia um cartão, uma senha, do respectivo subdelegado, para apresental-a; a policia mandava um agente seu assistir a distribuição e assim acabava-se a chupeta dos espertos.

—Isso era um nunca acabar de trabalho!...

Não, Sr., a cousa como está, está bem.

—Dando azo á que os maldizentes digam tanta cousa.

—O que dizem?

—Que é verdade que a carne vae para o mar, porem depois de passar pelo buxo de muita gente.

—De Deus se falla.

—Um dia destes, dizia um falastrão, para a casa da Ritinha foram tres cestos, para a casa da D. Anna vão constantemente dous, para a de D. Candida dous, para a do Pedro de C. dous; o barbeiro da Baixa dos Sapateiros comprou hontem uma arroba a 60 rs.

—Intrigas.

—Eu tambem creio. Mas, o criador, que sabe o que lhe custa, não ha de ouvir de bom humor semelhantes rumores.

—Quantos dias durou a illuminação?

—Quatro.

—Quem foram os que deram os vivas no palanque?

—O presidente no 1.º, o commandante das armas no 2.º, o commandante

superior no 3.° e o commandante de policia no 4.°

—E o presidente da camara, ficou no tinteiro?

—Quem viu a cara delle?

—As cousas desta terra são assim!

A camara municipal, corporação que dimana directamente do povo, nos dias de festa do povo, esconde-se e cede o logar que lhe compete aos fardões bordados, de pura nomeação do governo.

Não seria mais bonito que, em logar de algum desses militares, se apresentasse um dia o presidente da camara a dar os vivas?

—As cousas hoje mudaram. V. não vê que o presidente deixa a religião para ultimo logar?

UM CONSORCIO.

(Continuação.)

Mestre Amaro era solteiro, vivia só, não sahia á rua, e ruminava ha tempos a intenção de trazer paracasa uma Eva, que lhe desse pasto ao coração e pespontasse ao mesmo tempo os canos das botas dos freguezes.

Como se vê, existiam em frente uma da outra, duas pessoas a soffrer do mesmo mal.

Um dia, Amaro e Engracia viram-se. Engracia achou o sapateiro um anjo; a Amaro pareceu-lhe Engracia uma mulher acceitavel.

Olharam-se admirados e assim como quem tira a sorte grande.

O sapateiro, porém, achou cousa difficil; vencer um coração, que se dizia andar acompanhado de uns vinte contos de reis; preço tachado á fortuna dos progenitores de Engracia!

Esta fazia calculos de arco da velha: e si olhava pouco satisfeita o mistér de trabalhos em sola, pouco depois dizia:

—Sapateiro è uma arte nobre; e depois, pode pôr uma grande loja de calçado!...

Receio de um, entusiasmo de outra, e nada mais, é o que se dava a dous mezes sem adiantar-se um passo; Olhavam-se muito e ficavam n'isto.

Bobos que eram; si fosse commigo decidia logo a cousa em 24 horas, quando muito.

O rapaz porém passava os dias agarrado ao trabalho e de vez em quando espichava umas olhadellas ternas sobre a visinha, que amarrotavam completamente o peito da infeliz menina.

Por entre as cousas que se revolviam na alma do fazedor de botas, escruciava-o a idéa da solidão em que vivia e cantarolava a espaços a seguinte canção que parece obra propria e malicio-samente ideada, a qual dizia assim:

A trabalhar passo o dia
N'esta triste solidão,
Sem ter uma alma amiga
Que me entenda o coração.

Ai, pobre de mim coitado,
Ai, pobre do Amarinho,
Sem ter uma alma amiga
Que faça-lhe um agradinho,

e suspirava uns ais, que compungiriam sola, tornos, martellos, buxos e torquezes, si fossem susceptiveis de compungir se as ferramentas do mestre Amaro Dias.

Estas amarguras iam todas pespegar-se no coração da sua Ella, que por detraz da cortina espiava os desconsolos do rapaz e partilhava d'elles, disposta a tiral-o quanto antes de taes apérturas.

(Continúa.)

A PEDIDO.

—Sr. Dr. Intendente da *vigilancia publica*, trago á presença de V. S. este individuo.

—O motivo?

—Empenou-me o costado com uma horrenda pedrada que arremessou, alem de moer-me a carne e me por a pelle denegrida, como V. S. vê.

—O que quer que lhe faça?.... Fez ferimento?

—Não, Sr.

—E então?

—Perdão, Sr. *chefe*, eu pela minha ignorancia, cheguei a persuadir-me que authoridade de V. S. tinha meios correctivos para os malandrins, apedrejadores, etc.

—Atirou-lhe de proposito?

—Não, Sr.

—Pois então! Eu tambem estou nas circumstancias de levar uma pedrada por um accaso.

—Então V. S. não pune, porque a pedrada não me quebrou a cabeça?

—E' curial.

—Bom!..... si della eu cahisse frio no chão, meu matador não teria crime, porque não me fez verter sangue!...

—Isso muda de figura.

—E' um bom exemplo de impunidade para os vadios e atiradores de pedras, quando souberem que a condescendente authoridade de V. S. não tem força bastante para fazel-os refrear, e que podem commetter quanto desvario ha, comtanto, que não firam ninguem.

A's suas ordens.

—Passe bem.

—O guarda policial Francisco Ribeiro Salles, que fez no dia 23 de junho prisões arbitrarias, segundo uma representação feita ao chefe de policia, e um artigo publicado no *Alabama*, já esteve carregado de armas por espaço de duas horas.

—Gosto de ver quando o superior pune os desmandos de seus subalternos.

—Torna-se credor dos maiores elogios, o que assim pratica.

—Então é credor delles o Sr. major Jorge Franco, ex commandante do corpo policial.

Sr. Redactor.—Entendo que a missão da imprensa é castigar os vicios e desmandos e tecer encomios á virtude, apreciando os factos taes como elles se dão.

Peço a V. que dê publicação ao seguinte: provoco a *Coruja que fica entre o 6° e 8° quarteirão* —para tirar a mascara em que se encobre e vir á tribuna universal assignar as infamias que atirou á quem se julga muito superior em procedimento.

Quanto a roubos e ladroeiras que attribue a alguem, só a elle cabe; por tanto, apresente-se, sob pena de passar por um infame calumniador e ser votado ao desprezo.

O Macaco enganador.

VARIEDADE.

Fabula.

A PRESSA E A PROVIDENCIA.

Ha muito tempo a doce Paz reinava
Em um paiz bem novo,
Adormecido o povo
Pensou que a vida sempre assim passava

Lembrou-se a *Providencia*
De preparar p'ra guerra
O povo d'essa terra:
Mas certa sapiencia
Que se chamava a *Pressa*
Oppoz-se a tal afan
E diz-lhe:
« Si amanhã
Houver uma campanha,
Prometto em um só dia
Nesta terra tamanha,
Armar de infantaria
Uns trinta batalhões;
E de cavallaria
Duzentos esquadrões.»

A Paz continuou
A proteger a terra,
E o povo dormitou,
Sem um pensar na guerra.
Depois... muito depois,
Um dia... houve um alarma,
Um tiro, dez, mais dois...

A *Pressa* busca uma arma
E chama o pobre povo
D'esse paiz tão novo...
Cahiram mil soldados!
A *Providencia* viu
Da *Pressa* os resultados,
Chorou; mas... tambem riu.

MORALIDADE.

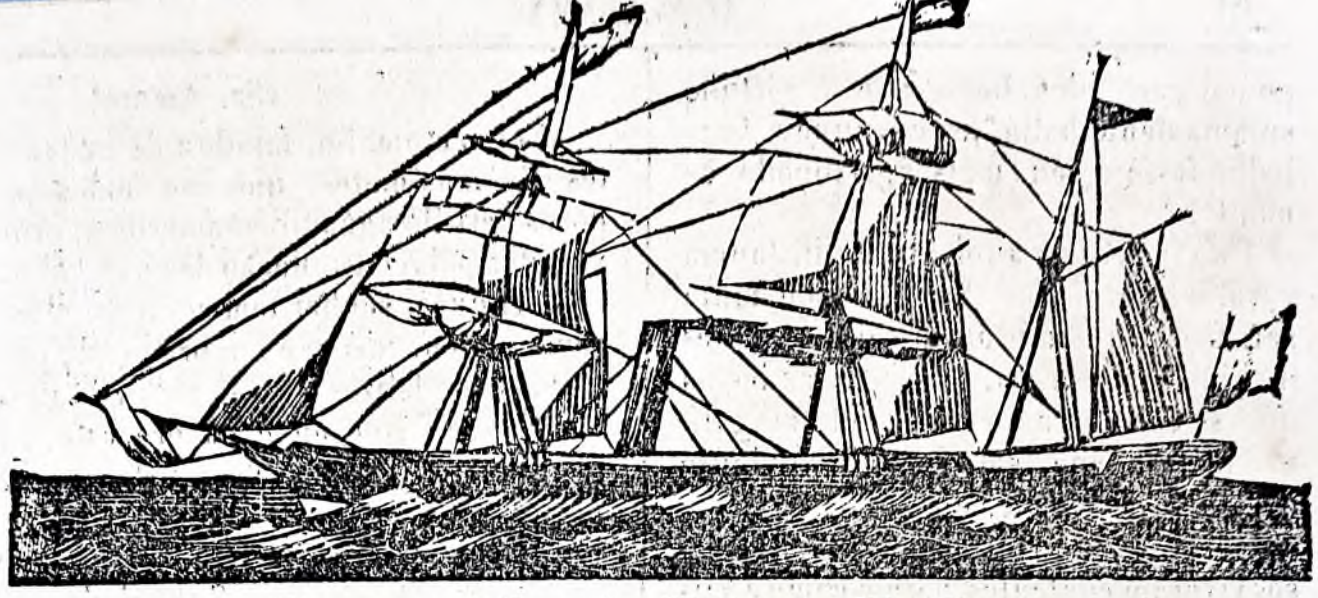
Oh, pressa! maldição! a improvidencia.
Não governe nações:
Do povo as ovações
Dos thronos se dirijam á Providencia!

Licurgo

ANNUNCIO.

Para quem gosta.

Breve sahirá á luz, a nova modinha intitulada—*O beijo de amor.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 11 DE JULHO DE 1867. SERIE 23.ª—N. 228.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14. 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de julho de 1867.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe providencias, que façam cessar o inveterado escandalo de andarem sentenciados passeiando á noite, do que ja resultou ha tempos, que um fosse á casa de sua amazia esfaqueal-a.

Na noite de 29 do p. p., foi por dous guardas nacionaes preso na rua do Tijollo um desses individuos, que andava por alli a divertir-se, e, na noite de 8, andou um outro pela rua do Collegio, ladeira do Aljube, rua do Bacalhau etc., o qual foi visto e conhecido por muita gente.

Do zelo e actividade com que se tem distinguido S. Ex. na commissão, que lhe esta confiada, espera-se que, attendendo ao exposto, dará providencias, que façam sanar semelhante desrespeito á lei.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que constantemente apparecem vultos pela Gamboa, Campo Grande e Victoria, para roubarem as pessoas, que de 11 horas da noite em diante, por esses logares transitam.

Na noite de 7, o israelita Alcaim foi accommettido inesperadamente por um desses vultos, que, pondo-lhe uma faca aos peitos, tomou-lhe o relogio, o transelim e 25$ rs. que levava.

Espera-se que S. S. dê as providencias necessarias, afim de pôr um paradeiro á audacia de semelhantes ratoneiros, os quaes trazem os moradores dos logares indicados atemorisados pela falta de segurança individual.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, invocando suas vistas para a pessima qualidade de pão, que se expõe actualmente ao consumo publico, devido isso á mistura que fazem os padeiros na pouca ou nenhuma farinha, que ha no mercado.

Conscios da sollicitude, com que S. S. olha para a saude do povo, espera-se, que, tomando em consideração o que fica dito, procure de alguma forma attenuar semelhante mal.

A HONRA.

O Trabalho e a Virtude gozaram em outro tempo de nobre e distincto empre-

go na corte dos Deoses: e a virtude summamente bella fez com que o Trabalho fosse o seu mais apaixonado amante.

Este, a pediu a Jupiter com instancia para consorte, que lha deu com tanta satisfação, que o proprio rei dos Deoses dirijiu os espensaes, e assistiu ás bodas que se celebraram com grande magnificencia e plena satisfação e applauso de toda a corte celeste.

Durante alguns annos os novos esposos viveram contentes, porem como a Virtude era esteril, começou o Trabalho a testemunhar-lhe alguns desgostos.

Na tristeza e consternação, porque a Virtude muito amava o Trabalho, supplicou fervorosamente ao rei dos deoses que por intercessão de Juno lhe desse descendencia.

Foi bem attendida; e nove mezes depois, teve o doce prazer de dar a luz uma lindissima e apreciavel menina que se chamou—Honra.—

Sua alegria porem, foi muito breve.

A formosa criança, que ia desenvolvendo um sem numero de graças, merecendo continuos applausos, e que era o enleio de todos os corações, foi desgraçadamente atacada de bexigas, a que sobreveiu mortal sarampo, e espirou nos braços de sua carinhosa mãi, que depois permaneceu inteiramente esteril.

O Trabalho, que tanto desejava vêr fructos seus, mais desgostoso que nunca, inteiramente a abandonou.

A Virtude, sentindo a falta do consorte que tanto amava, extenuada de chorar, se consumiu tanto, que ficou reduzida a puro fantasma, apparecendo como tal entre muitos impostores que ousavam lisonjear-se de serem descendentes d'ella e do Trabalho.

(*Lanterna Magica.*)

UM CONSORCIO.

(*Conclusão.*)

N'um bello dia, pois, Engracia tirou-se de seus cuidados, fechou-se no seu quarto e escreveu a mestre Amaro a epistola seguinte, com algumas modificações orthographicas:

«Sr. Amaro!

«Vel-o e amal-o, foi obra de instantes! Ha dous mezes, que por todos os poros destillo aguadilhas amorosas, provocadas pela continuação de enxergal-o.

«Sei que o senhor tem coração solto, como o meu, tem-me lembrado que podiamos ser felizes si nos casassemos!

«Não se envergonhe da proposta, eu não posso viver mais no estado em que me vejo.

«Responda breve a

«Sua criada

«*Engracia*».

Amaro leu a carta e teve um desmaio de que só accordou para ir escrever a resposta que segue:

Engracinha!

«A tua carta derreteu-me o senso e derrubou-me o beiço; de hoje em diante não farei botas que sirvam; estou transtornado de uma vez.

Nas tuas letras encontrei o pinaculo da felicidade.

«Quero casar comtigo e se não casar deixo de ser Amaro, para ser pó. Emquanto, porem, não se decide esta questão, afianço-te que sou teu e só teu

«Do coração

«*Amaro Dias.*»

P. S.

«Teu pae consentirá na nossa união?»

Engracia leu a resposta, deu tres suspiros, fez-se vermelha e disse:

—Cahiu a sopa no mel!

Em seguida, tomou da penna e lançou ao papel a resposta seguinte:

« Amarinho!

«Somos noivos, que pechincha, eim! papae sempre tem fallado a teu respeito; chamou-te grande artista e compendio de virtudes.

«Vem pedir-me antes da semana santa; o papae cede aos meus e teus rogos.

«Vem de casaca e traz luvas; é bonito e faz effeito: espero-te hoje.

«Tua e tua só

«*Engracia*»

Amaro acabou de ler a carta, fechou a loja e foi comprar luvas.

Ao escurecer, apresentou-se em casa da Engracia, fallou com o papae da menina, que destruin a repugnancia da sola com os peditorios da filha e marcou-se o dia do noivado.

Como os conjuges estavam um pouco apressados, arranjou-se toda a festa em oito dias.

No dia das nupcias, depois que o Revm. cura Miranda uniu os dous esposos, houve lauto jantar e excellente baile, que terminou muito cedo, á pedido dos noivos.

Assim socegou pois a alma de Engracia do formigueiro que lha minava!

Desde que se casou não a tornei a ver, mas dizem-me que anda para cada hora.

Deus lhe dê um bom successo!

A PEDIDO.

—Toda violencia contra a garantia individual, é um attentado á constituição e as leis.

—Quem não sabe disso?

—Como é que um subdelegado tem o arrojo de, fora de horas, arrombar uma casa, escangalhar as portas do interior, penetrar até o leito de dormida do cidadão e ir arrancal-o dahi?

—Eu não creio que haja autoridade que pratique tão inaudito excesso. E' preciso estar louca ou possessa.

—Por Nossa *Senhora da Conceição*, não duvide de minhas palavras.

O facto deu-se na noite de 6 do corrente, depois das 11 horas.

—Em que logar?

—Na rua da *Indolencia*.

—Quem é o subdelegado?

—Sr. Thomaz *aqui no* mundo, em que vivemos ninguem quer se comprometter; *jure-me* guardar segredo que lhe digo quem é.

—Duvida de mim?

—Não;

—Pois diga.

—E' aquelle negociante fallido, que, contra a expressa determinção da lei, exerce cargos policiaes.

—Ja sei; elle não tem culpa, a culpa é de quem consente semelhante azemola occupar um logar, que por forma nenhuma é para elle.

—Sr. superintendente, estava mesmo a procura de S. S. para lhe fazer uma pergunta.

—Estou ao seu dispor.

—A razão porque as folhas diarias annunciam que a carne vende-se no talho da Victoria por um preço e quando vae-se comprar, encontra-se na porta do talho um cartão com outro preço?

Talvez que S. S. ignore semelhante cousa, porem um dia destes, indo eu de proposito comprar carne e levando o *Jornal* e *Diario*, mostrando ao cortador, este me respondeu dizendo que tinha sido engano das typographias.

—E' muito provavel que fosse.

—Mas então combinaram-se.

—Ora, o Sr. sabe que as folhas estão sahindo ahi todos os dias erradas.

—Porem, Sr. superintendente, é possivel que commettam erros nos preços de todos os talhos quasi?

—E' um impossivel tambem que os preços dos cartões, de todos os talhos, não combinem com os preços annunciados nas folhas diarias.

—Pois eu lhe posso affiançar que em quasi todos elles, pois já dei-me ao trabalho de examinar alguns, na Victoria, então, é sempre.

—O Sr. parece-me um homem maldizente.

—Si S. S. não acredita no que lhe digo, pode mandar pessoa desconhecida em todos os pontos, e se averiguará da verdade.

—E sendo verdade, o que hei de fazer?

—Dar as providencias precisas, para que estes espertalhões, não estejam assim a arrancar o suor do povo. Estou pois certo que S. S., energico como tem sido, a ponto de não querer que entrem no matadouro as gazetas que lhe censuram os actos *bellos*, dará a providencia que o caso urge.

—Ora *pêcegos*!

—Sr. *Julio*?

—Prompto.

—Pois o Sr. veiu de *Itaparica* para andar por aqui malandreando e enchendo a *calçada* da rua de pernas?

—Olhe que eu sou de briga.

—Porque não vae para o Paraguay? La se precisa de gente valente.

—Va o Sr.

—E' cousa que pode bem ser pela corrupção que lavra nesta terra.

Ficam os galopins e vão os que tem isempção.

—Si sabe disso... .

—Porem não era melhor que o Sr. mudasse de comportamento?

—Um vivente não pode saborear um bom bocado, que a maldita inveja não lhe ponha os olhos!

Como vêm eu ter dinheiro, roupa lavada e engomada, de gauderio por *amor* e amizade, vivem so a espesinhar-me a pelle.

—Isso é uma infamia. Abusar da confiança e credulidade de um homem honesto e de boa fé!

—Que quer? O maldicto de Cupido é quem tem culpa.

—Diga que é a sua criminosa sensualidade.

—Emquanto as agoas não correrem turvas, heide navegar no mar de *amor*.

—Até que encontre um pampeiro de pau.

—Eu sou bom piloto, hei de amainar as velas da precaução, logo que se tolde a athmosphera da impunidade e desappareça a bonança do sigillo, de sorte que a tempestade do correctivo ha de me apanhar longe.

—Pode ser que na occasião V. não tenha tempo para se mecher.

—Veremos.

Sr. *Firme* chegue a falla.

Pois V. quer negar que não foi o autôr das escamotagens feitas nas alvarengas?

Miseravel, a tua consciencia não te acusa de teres vendido os objectos roubados por ti e tua quadrilha ao Zé Quitandeiro? E como te apresentas com o maior descaro, acobertado com o nome de—*Macaco enganador*, provocando a *Coruja, que fica entre o 6º e o 8º quarteirão*—para tirar a mascara em que se encobre e vir á tribuna universal assignar os infamias que atirou?

E' até onde pode chegar a tua ignorancia e protervia!!... mas, eu te desculpo, porque isso de fallares em tribuna universal, é o mesmo que o burro olhando para palacio: tu, creado na porta de alguma quitanda, sabes la o que é tribunal universal!

Quanto ao nome supposto que tomastes, está muito adequado, minha reverendissima besta, com o teu proceder, porque todo macaco usa de artimanhas, e sendo enganador, mais demonstra ser um trampolineiro; por, isso recorreste á tribuna da imprensa para justificar que és um salteador medonho.

Por hoje basta, meu biltre.

O encouraçado.

VARIEDADES

ESPERTEZA DE UM MENINO.

Um rapaz chega muito tarde á escola. O mestre dá-lhe uma severa reprehensão.

—A culpa não é minha, replica aquelle, o caminho estava tão escorregadio, que por um passo que eu dava para diante, recuava dous.

—Se assim fosse, meu tratante, nunca terias podido ca chegar.

—E' verdade, senhor; mas eu não sou tolo: fiz uma boa pirraça ao caminho. Volteí as costas para a escola, e andei como se fosse para casa! E aqui me tem!

Um dia, Diogenes entrou em um banho muito sujo:

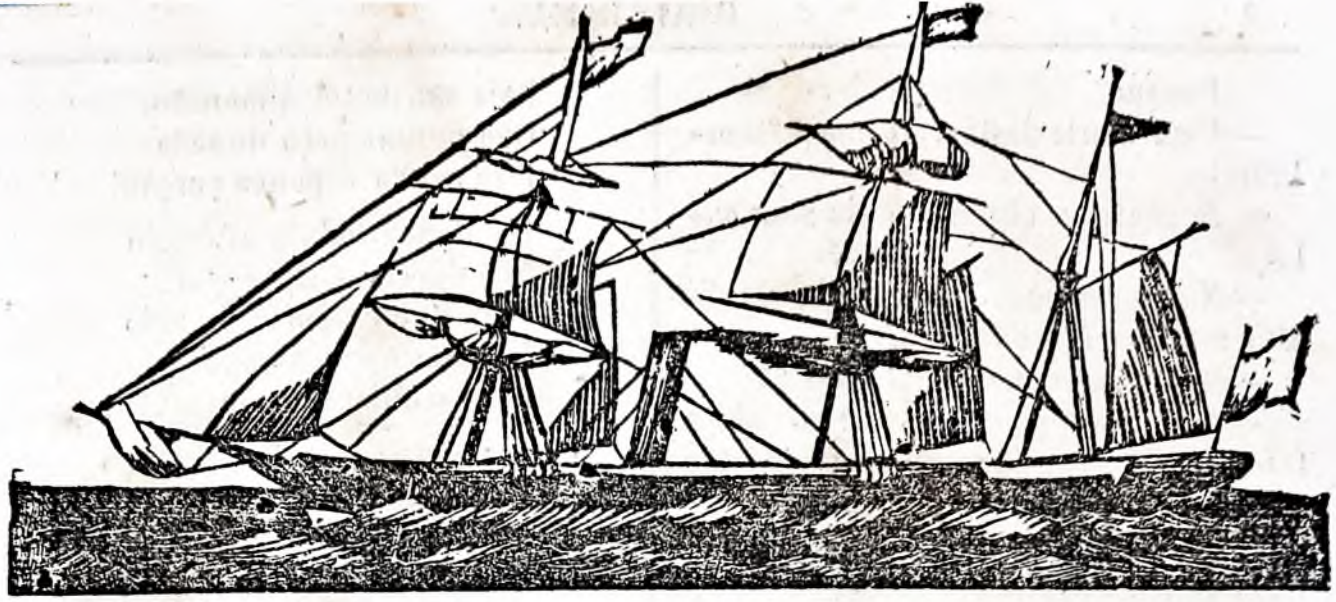
—Fazei favor de dizer-me, perguntou o cynico, onde se lavam aquelles que se banharam aqui?

—Você faz mal em beber tanto, porque depois anda a cambalear, não se pode ter em pé, e um dia quebra a cabeça em alguma queda,

—O mal, não está em beber, mas sim em andar depois de beber. Hei-de deixar-me de andar.

ANNUNCIO.

Fugiu no dia 4 de julho da casa do capitão Vignes, o cabocolinho de nome Ostilio, levando vestido camisa de riscado azul e calça de brim liso. Quem o agarrar e levar em casa do dito capitão, será generosamente gratificado.



O ALABAMA

ERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 13 DE JULHO DE 1867. SERIE 23.ª—N. 229.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de julho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe do policia, communicando-lhe que a gente do Olho-vivo anda agora pela estrada do Matatú e Quinta das Beatas a atacar as lavadeiras. Entre outras, foi ultimamente accommettida por esses *bravos* uma preta da casa do tabellião Mendes, a qual ficaria sem toda roupa, si não fosse o receio dos larapios de que acudisse alguem, com os repetidos gritos da atacada.

Espera-se que S. S. se dignará tomar em sua respeitavel consideração assumpto de tanta gravidade e dará providencias no sentido de extirpar o mal.

—S. Ex. o Sr. presidente da provincia, apezar de dosdenhar as gazetinhas, toma em consideração os abusos denunciados pela imprensa miuda.

—Bom, bom.

—Acaba de nomear uma commissão para syndicar á respeito do boato espalhado de que o soldo do destacamento do Itapicurú andava *a tôa;* bem como sobre o facto de haver o soldado Bahiano levado uma bofetada de um seu superior.

—Mas, si elle não lê, como sabe?

—E' que lhe dizem seus amigos.

—Valha-nos isso.

—Quantas praças tem a companhia de caçadores á cavallo?

—45

—Quantos cavallos?

—83.

—Muito bem!... E os bajuladores gritam á toda hora que nunca houve governo mais economico do que este!

—Os cavallos são de necessidade.

—Para presentear os amigos, quando quizerem passeiar.

—E é pouco?

—E a nação que supporte uma despeza desnecessaria! E o povo que veja mudo e quedo escoar-se seu suor pela fonte dos desperdicios, sustentando-se cavallos, que gastam o duplo de um soldado para os filhos da fortuna regalarem-se.

—Anjo bento! Não passo mais tarde pelo becco do Arcebispo!...

—Porquê?

—Uma noite destas, ia me assombrando.

—Encontrou alguma mula sem cabeça?

—Não graceje... O Passeio da Sé está mal assombrado.

—O que me diz, Sr. visionario?

—As almas penadas andam ahi a fazer penitencia. Fora de horas o portão estala... entram espectros, que sahem mais tarde, outras vezes sahem e entram de madrugada.

—A sua escaldada imaginação dá para tudo!

—Mas, si eu vi! Juro, que vi; não é sonho.

—Bôbo! V. não sabe que o quintal do arcebispo corresponde-se com o passeio?

—E o que tem isso?

—Não pode, por ali, sahir alguem de lá, que goste de dar seu gyro em horas mortas?

—Ainda assim, onde acham chaves?

—Indague dos pastores.

—Qual! Da casa do arcebispo, resguardo da castidade, simulacro de virtudes, não é possivel.

—Pois vá acreditando nas almas do outro mundo, meu supersticioso, que eu encaro o negocio por outra maneira.

LA VAE VERSO.

CARAPUÇAS.

N'um baile de nomeada
Vamos hoje ter ingresso;
Verás muita *mascarada*,
E admirarás o progresso
Da fidalguia bastarda.

Não t'espante s'indecente
Vires mais d'um *toilette*.....
A moda tudo consente,
E ainda mais promette
A quem n'ella for ingente.

Não fallemos do cabello,
Que parece desgrenhado;
O que era com desvelo
Antigamente tratado,
Poz a moda em desmazelo

E os vestidos! isso então
O mexer-se a gente vêda,
Pois são de tal dimensão,
Que ja uma peça de seda
P'ra cauda é pouca porção!

Na dansa toda a attenção
Nós devemos empregar,
Para que o aperto de mão
Não nos possa escapar,
Nem o olhar de compaixão.

Por entre o seu borborinho
Poderemos bem ouvir
Indiscreto segredinho,
Que faz a dama sorrir,
Com certo ar de gostinho.

No passeio ha mais ardor;
Vae-se no jardim gozar
Da lua o meigo pallor,
E á livre brisa soltar
Loucos protestos de amor.

E as velhas, que no salão
D'estarem se e assentadas,
Estão dando o cavacão,
Ficam tão *desconcertadas*
Que até mettem compaixão,

Veremos, mui descansados,
Tudo isto observando
Alguns pais que, *endiabrados*
Andam em casa espiando
Das filhas os namorados

E procura distante
Morar, para as guardar,
São os proprios que *chibantes*
As vão alli entregar
Nos braços de seus amantes!

Vamos agora passar
A sala da jogatina,
Onde a arte de enganar
Tem feito na gente *fina*
Progressos de admirar?

Verás o *commendador*,
Que era ha pouco *taverneiro*,
Sem o menor pundonor;
Um simples *pelotiqueiro*,
Um *gatuno* disfarçado.

E sendo tudo isto real,
Havemos de concordar,
Que a um passa-tempo tal
Só se pode o nome dar
D'escola pouco moral.

Amigo, estou fatigado,
O repouso vou buscar,

Fique o baile adiado,
Ou antes, se te agradar,
Dêmo-lo por acabado.
(*Continúa*)

DEFINIÇÃO DA PALAVRA—HONRADO.

(SEGUNDO FORTUNATO DE LIMA.)

«Honrado, é uma palavra com que se costuma distinguir —

«Os grandes banqueiros fraudulentos.

«Os *valentes* generaes, sugadores das quantias applicadas ás despezas da guerra.

«Os ministros sorvedores das verbas eventuaes.

«Os deputados e senadores, enxertantes da lei do orçamento, em proveito da *abençoada* barriga.

«Os magistrados, negociantes de sentenças.

«Os commerciantes, usurpadores da fazenda alheia.

«Os enviados e negociadores diplomatas, sacrificadores da honra e dignidade nacional.

«Os *grandes* estadistas, cerceadores das liberdades individuaes.

«Os *abalisados* financeiros, naufragadores da riqueza publica.

«Os assassinos da honra e da paz das familias.

«O chefe e empregados de uma repartição relaxada.

«Os padres devassos e corruptores dos dogmas e costumes religiosos.

«As authoridades invasoras da lei e da justiça.

«Os *extrenuos* politicos, arranjadores de eleições á ponta de bayoneta e actas á bico de penna.

«O militar, que na campanha paga *conscienciosamente* o pret dos seus soldados.

«O *economico* presidente, que com mais franqueza esbanja os dinheiros da provincia.

«E finalmente:

«O povo que não sae d'uma estupida inercia para reagir contra a desmarcada preponderancia e arbitrariedade em todos os sentidos dos intitulados dominadores da terra.»

(Do *Mercantil* das Alagoas.)

A PEDIDO.

Soneto.

Si quereis, bom monarcha, ter soldados
Para desaggravar da patria os brios,
Mandae arrebanhar estes vadios,
Que vivem por aqui desempregados.

Que marchem escrivães dos delegados
Em paga de seus tantos desvarios;
Vão escutar da bala os assobios
Da *guarda* tantos moços *reservados.*

Mas, si quereis legiões a cento e cento,
Tocae das nacionaes repartições
A todos os roedores do orçamento:

Comerão ao almoço mil canhões,
Farão as onze com o acampamento;
Limparão ao jantar vinte Assumpções.

(*Lanterna Magica.*)

AO ILLM. SR CONSUL DE PORTUGAL.

Anda por ahi, ha tempos, á invocar a charidade publica, um portuguez, morador á freguezia de Santo Antonio, o qual não apresenta defeito algum, que o torne digno de compaixão.

Este especulador é moço, forte, e bem pode dar-se ao trabalho, em vez de andar mendigando o pão da charidade para sustentar uma mulher com luxo, e ter casa bem mobiliada.

Um patricio desse mandrião, vendo que elle podia trabalhar, quiz empregal-o em uma obra, que estava fazendo, pagando-lhe a quantia de 1$ rs. diarios; porem elle respondeu, que em suas esmolas tirava muito mais.

Bem vê S. S. que não se deve tolerar que ande pelas ruas desta cidade um especulador, á invocar a charidade publica, que só é para aquelles que, por molestia ou outro qualquer incommodo, estão inteiramente impossibilitados de trabalhar, não para quem quer sustentar mulher com grandeza e ter vicios.

Além desse ha um outro idiota, que soca-se na egreja do Collegio, põe-se a gritar e praticar outros actos, na occasião em que se celebra o santo sacrificio da missa, ou quando não, vae para a Praça de Palacio tratar da politic

actual e da guerra do Brazil com o Paraguay.

Nestes termos, pois, espera-se que S. S. dará as providencias necessarias.

—Mais um testamento falso!

—E' *chalaça*.....

—Serio.....

—Onde?

—Não sei.

—E como falla?

—O Manuel do *Filho de S. José* é quem sabe.

—Va chamal-o.

—Foi para *Nagé*.

—Mas o que dizia elle?

—Que, tendo uma molestia grave, suppozeram que batesse a cassuleta. Um meninorio, encarregado de fazer-lhe o testamento, teve a habilidade de encaixar uma declaração de divida de 5:000$ rs. a um seu parente, que anda la pela guerra; de sorte que, si o homem não escapa, V. sabe que os mortos não fallam.

—Isto é que é gana de empalmar o que é dos outros!

Fortes Cains da humanidade!

Xô, aves surripiantes!

—Nada de *chalaças*; depois não quero que me propinem alguma dose de *arsenico*.

—La vae o tenente Metralha, Cangambá Furacão Cutilada.

—Pelo nome, vejo que a pezeta não é boa.

—Tambem não é peior que o diabo. Os poucos defeitos que tem são ser insolente, intromettido, bajulador, intrigante e refalsado.

—Na verdade são bellos predicados!

Para onde vae aquella caboça de surucuá em dia de chuva?

—Para o quartel dos permanentes.

—Ah! elle é dos permanentes?

—Anda lá vendo se *embeça* o logar de fiscal por meio de tricas.

—E elle tem coragem de querer ser fiscal com aquelle bonet de abacate, sem correas, sem botões, com a corôa azinhavrada, com a farda russa da côr de ferrugem?.....

—Não sabe porque a farda está d'aquella côr?

—Não.

—E' por causa dos pós que elle deita nas barbas para tingil-a, que cahem sobre ella.

—Que cousinha desfructavel! Parece um S *Braz* com aquellas barbas!

—Metteu-se-lhe na cacholla reformar o corpo e que è maltractando aos que lhe estão *inferiores* que o conseguirá.

—E elle o que tem com a reforma do corpo?

—Julga que por ser companheiro do *maior* está authorisado para tanto.

—Bom! Antes elle fizesse como o *Hemigildo*: fosse para a campanha.

—De la veio elle, onde fez proezas de valor, tanto que era sempre mandado para a guarda avançada.

—Va V limpar a mão á parede mais elle. Para a guarda avançada vae-se por castigo.

—Pois elle conta muitas façanhas obradas por elle e dá por testemunha o *Amaral*.

—Elle pelo geito não passa de um poltrão.

—Menos de lingoa que é valente para com os pobres subalternos, a quem baptisa de relaxados a toda hora e quer que os pobres homens se conservem n'uma rigorosa desciplina e n'um exagerado uniforme fora da regra militar.

(*Continúa.*)

VARIEDADE.

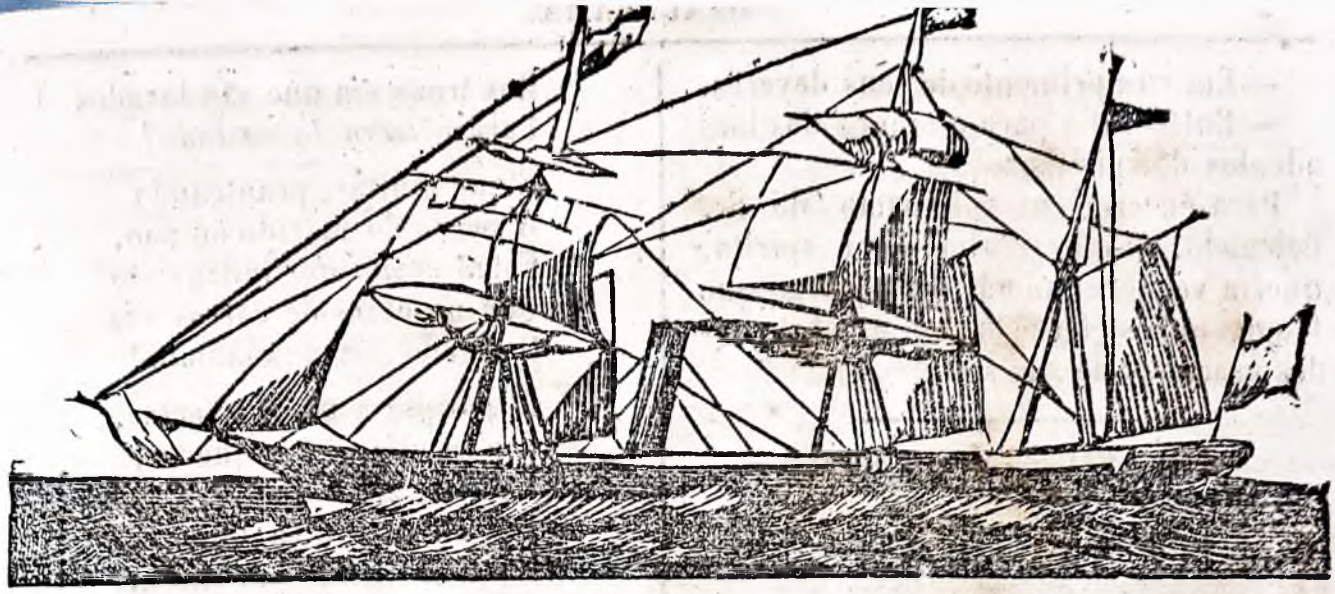
—A vida è para mim uma carga insupportavel, porque me vejo só sobre a terra: perdi todos os parentes, todos os amigos.....

—Como! pois tambem morreram todos os seus amigos?

—Não, mas enriqueceram; é a mesma cousa.

ANNUNCIO.

Fugiu no dia 4 de julho da casa do capitão Vignes, o cabocolinho de nome Ostilio, levando vestido camisa de riscado azul e calça de brim liso. Quem o agarrar e levar em casa do dito capitão, será generosamente gratificado.



O ALABAMA

ERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 16 DE JULHO DE 1867. SERIE 23.ª—N. 230.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de julho de 1867.

Officio ao Exm. e Revm. Sr. arcebispo, appellando para a sua piedade e fervor religioso, afim de que não continúe a ficar exposta á irreverencia dos impios e motejo dos capadocios uma Imagem do Santo Christo, esculpida na parede da Sé, do lado do palacio de S. Ex. Revma. Espéra-se merecer a attenção de S. Ex. Revma.

—Ah! maganão! armou-se, heim?

—Tetéas, capitão, tetéas A gente não ha de viver somente agarrado a uma *mesa*, á espera *de rendas* duvidosas.

—A gorgeta foi boa?

—Bagatella.

Isto mesmo para dividir.

—V. não comeu só?

—Quem come só se engasga.

—De que valor era o papel que foi para *carimbar*?

—O *fica*?

—Eu sei lá si é fica ou vae?

—Não entendo.

—O objecto sobre que versou a negociada, de quanto era?

—De 13:000$ rs.

—E quanto devia pagar o tal negociante de massas, licitamente?

—10 por cento para revalidar.

—Porem V. arranjou o negocio...

—Por maneiras..... fez-se uma emenda, etc., etc.

—Foi isso mesmo que elle me disse.

—Pois elle anda contando uma cousa, que pode me compromettter!

—Encontrei-o na *padaria do Eduardo* e contou-me o caso tintim por tintim.

—Exponho-me assim a sobre-saltos!

—Ora, esteja V. quente e ria-se a gente; quem vae lá pesquisar essas ganancias?

—Um dos dogmas da doutrina spiritica, se me não engano, é não praticar mal contra o proximo.

—Justo.

—Nem constranger a liberdade de ninguem.

—Sim Sr.

—Mas, eu vejo o Sr. delegado, que consta ser um dos afferrados na seita, fazer todos os dias prisões, recrutar e enviar individuos para bordo.

—Em cumprimento de seus deveres.
—Então sebo para a crença dos taes adeptos do spiritismo.

Para eu crer no spiritismo do Sr. delegado, si elle realmente é spirita, queria vel-o renunciar a um cargo que lão em opposição está com os aprogoados preceitos de sua seita!

LA VAE VERSO.

CARAPUÇAS.

(Conclusão)

Querer o mundo reformar,
Seria grande locura;
Deixal-o assim caminhar,
Pois a molestia é sem cura,
Escusado é medicar.

Neste tempo pretender
A' honra o genio ligar,
E á honestidade fazer
Todo o brilho realçar,
E' qu'rer de noite o sol ver.

Não vês que o seculo empenhado
Nas *luzes* e no *progresso*,
Para não ser metralhado
Pelo maldito regresso,
Tornou-se encouraçado?

Não sabes, que só pobreza
Ha de ter, quem com as letras
Quizer arranjar empreza;
Porque hoje só as *tretas*
E' que conseguem grandeza?

Não vês que valor real
Só tem o *filho* da terra;
Esse falvoso metal,
A quem todos fazem guerra,
Para serem seu egual?

Que é, com toda a pureza,
Aquillo que mais se ama,
Porque do brilho a nobreza
Dá titulos, saber e fama,
E encobre toda a torpeza?

Accusas de ser impura
E immodesta a caridade!
Devéras, tens a loucura,
De quereres achar verdade
Onde ha só impostura?

Dizes que até a vaidade,
Especula com os finados.
Na pomposa fatuidade,
Dos trens em que são levados
Para a *terra da verdade*?

E que muitas, pranteando
A perda do marido ou pae,
Estão *com a dor* indagando
Que numeros de carros vae
O finado acompanhando?

E' porque é moda affectar,
E p'ra ella não esquecer,
Vão, *no meio da dor*, tratar
Dos enfeites p'ra apparecer,
Na missa, onde vão chorar.

Na missa d'ostentação,
A' qual se segue o cortejo
E o aperto de mão;
Si o *discurso* do ensejo,
Não vae servir de sermão.

E terás inda a candura,
De querer enxergar a verdade
No meio de tanta impostura?
Não vês qu' è só a vaidade,
Que domina a creatura?

Pretendes que o especulador,
Que dolósa quebra abriu,
Não ostente esplendor?
Não sabes que quem fallin,
Foi somente o seu credor?

Não vês ahi mais d'um *banco*
Virado já em tripeça,
E sem dizer qu' está manco,
A todos pregando peça,
No seu ultimo arranco?

Queres tambem qu'a toda dama
Eu censure com aspereza,
Quando *por causa da fama*,
As faltas da natureza
Supprem com algodão em rama?

E que deprima o chapeu,
Em fórma de covilhete,
Com duas varas de veu,
Chamando-lhe *inutil barrete*.
Ou esturdio solidéu?

Stas fazendo em mim nascer
Maldosas inspirações,
Para que toque, sem querer,
Chuleiras variações,
Tendo por thema a mulher?

Não vês que muitas, coitadas,
Não fazem mal a ninguem?
Si ás modas são devotadas,

E' por quererem parecer bem
E bem serem reparadas?

Si namoram a quem passa
É o vizinho tambem,
Não vejo que isso faça.
Damno a ti nem a ninguem,
Salvo si alguma te embaça.

Mas bem vês que s'eu tocar
Nos tons qu' estás a escolher,
Posso bem desafinar,
E os ouvidos offender
De quem me for escutar,

Deixemo-nos disso amigo,
Porque a musa qu' é mulher,
Põe o poeta em perigo,
E eu não quero agora ter
Um tão poderoso inimigo.

(*Ext.*)

A PEDIDO.

—Faz favor de ouvir-me?

—Com summo gosto.

—Depois emitta seu juizo á respeito.

—Um homem briga com sua amazia e da-lhe algumas cassuletadas, cousa de pouca monta, que dahi á meia hora estava esquecida e reinava entre ambos perfeita harmonia: na hora mesmo em que consolidavam a paz e ractificavam as bases da conciliação, vê a authoridade cercar-lhe a casa, arrombar-lhe a coices o quarto de dormir e prendel-o.

—Abuso, abuso.

—Dias depois, tres desordeiros, peitolargos de eleição, espancam mortalmente um homem e refugiam-se em casa de um *batedor* de chapas; a gente de farda cerca a porta, mais a authoridade manda retirar a força e facilita a fuga dos criminosos, mandando-os que fossem para o *mar*, que, por ser *grande*, dá guarida á impunidade.

Não é um exemplo de rectidão e igualdade?

—Que quer? *Jure* que em quanto tivermos authoridades partidistas e além disso estupidas como *ema*, ha de acontecer disto.

—Vamos resfolegar ahi pelos suburbios da cidade?

—A minha é sempre a sua vontade.

—Então levante o acampamento.

—Estou prompto.

—Vamos por aqui.

—Pela *Fonte Velha*.?

—Sim. Subamos á ladeira dos *Forçados*.

—E agora, que estrada tomaremos?

—A do *Mata-eu*.

.....

—Entremos pelo portão desta *quinta*.

—De quem é ella?

—Foi de uma *beata* em outro tempo.

—Que lindo roçado de *mucugês*! vamos colher alguns?

—Deus nos livre!

—Porque?

—O dono daquella roça é um homem que tem morte nas costas; ja matou um escravo.

—Por tirar algum *mucugê*?

—Não, tinha um preto, que gostava de tomar seus *pileques* quotidianamente. Um dia lembrou-se de prespegar no infeliz uma mordaça sem respiração e mandal-o por castigo subir e descer uma ladeira com um barril d'agua á cabeça; quando o escravo chegou a primeira vez ao cimo da ladeira cahiu asphyxiado.

—E o crime ficou impune?

— Porque não?

A unica testemunha do caso foi o Vallasques, seu visinho, que guardou segredo até hoje.

—Em que tempo foi isso?

—Dous para tres annos.

—Quantos factos como este não andam por ahi involvidos em mysterios.

Si eu ja embirrava com logares de matto, com o que me acaba de dizer, ainda mais.

—Então voltemos.

(*Continúa.*)

Pede-se a certo meliante, o qual, *so, ares* toma na *matta d'ouro* pertencente ao *Martins*, que por sua honra explique d'onde houve os cinco conticulos para caucionar como deposito, porque não podendo sua acreditada prosapia achar em Latronopolis quem delle se fiasse, parece impossivel que podesse obter essa quantia por empres-

timo: pois estamos certos de que o digno e *superior intendente* dos viventes de pelle grossa, depois que deixou de andar de *camisão*, vivia sempre na quebradeira.

—Viu o *sarceiro* no theatro no sabbado 13 do corrente?

—Vi. Os espectadores quebraram os bancos na platéa e deram solemne pateada no emprezario.

—E a razão disso, sabe?

—Foi porque a empreza annunciou levar á scena a *Panella do feitiço* e na hora da representação logrou aos espectadores.

—Que razão deu o empresario?

—Nenhuma.

Constou na platéa que *alguem* sahira vestido de mulata atraz da Eugenia Camara.

—E a policia?

—Conservou se no seu antigo *statu quo*.

—Os espectadores tiveram rasão de assim proceder.

—Fizeram muito bem.

—Consta que vae pedir demissão um agente fiscal, intimo e fiel amigo do Sr. Dr. Soares Martins desde o tempo que S. S. foi juiz no Camisão.

—Com que fim?

—De escrever um jornalzito de accordo com mais *alguem*, para descompor aos que não forem affectos ao tal Dr.

—Está no seu direito, cada um serve como pode.

—E dizem que nem o Sr. Azambuja escapará da dança, para não se metter em negocios de bois, que não entende.

—Então querem que o homem se resuma a um papel de leigo cumpridor de ordens?

—Parece.

—Elles se entendem; sua alma, sua palma.

Constando ao abaixo assignado, que o Sr. Bento Martins de Lima e Mello procura saber o seu nome e de que quarteirão é inspector, recorre ao alto da imprensa para declaral-o formalmente.

E' inspector do 6° quarteirão da freguezia do Pilar, ha 7 annos, morador na mesma ha 21 e reside no sobrado n. 27 á rua dos Coqueiros d'Água de Meninos, e bem assim protesta contra qualquer attentado que traiçoeiramente se queira praticar contra sua existencia, porquanto, percorre as ruas da capital sem receio, por não ter inimigos. Bahia 15 de julho de 1867.

Candido Polycarpo Mont-Nero.

VARIEDADES

Doia a um sujeito muito patéta um dente, e mandou chamar um dentista que muito lhe gabaram, para lho tirar, e como não ousava tocar no dente, porque lhe doia muito, disse ao dentista, que lhe tirasse primeiro um dos sãos, para experimentar si os tirava sem dôr; o que o dentista praticou.

—

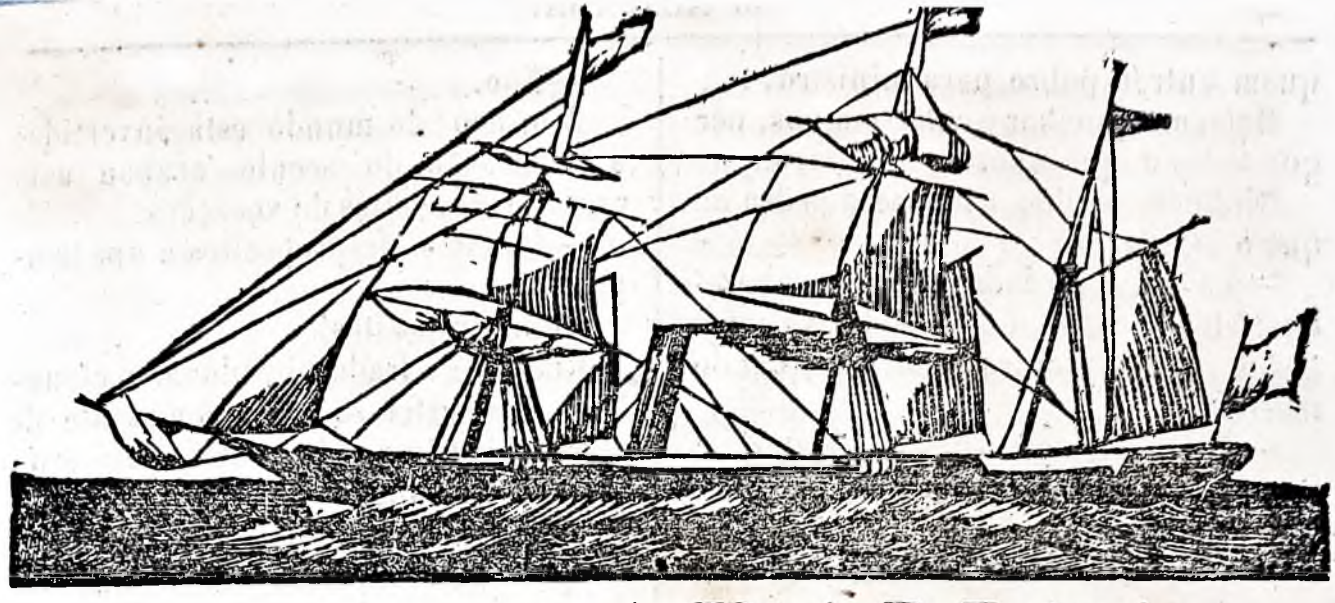
Indo um homem tirar um dente, disse-lhe o barbeiro que lho tirava por seis vintens; tirado o dente, e dando-lhe doze vintens para receber a demasia, como o barbeiro a não tivesse, nem houvesse quem trocasse o dinheiro, então disse o paciente: «Vm., Senhor mestre, não ha de ficar com seis vintens á gagosa; neste caso tire-me outro qualquer dente, e ficaremos pagos.» O que o Barbeiro fez com a maior promptidão.

—

«Compade Xico.—Hontem o Doutô calorindo desta villa passou uma arreceita sobre sua comade mia mulhé que tem estado nos abismos. Antes delle arreceitalla aparpôa, e em primeiro logar dixe que a doença de estambo que ella sufria, vinha de uma afilcimação da virginia, que pelo que me dixe elle era mais promode arteficios do que pro estambo da Falfolia. Antance si você tem o arremede para as falfolias mande a arreceita pronta e que muito obrigado lhe ficarei, estimarei que a obrigação esteje boa e Deus lhe paga seus bons desejos»

ANNUNCIO.

Os herdeiros do finado José Ricardo de Santa Anna vendem tres frentes de casas em terreno proprio, sitas á rua nova do Queimado. Quem pretender dirija-se a esta typographia, que se lhe indicará a pessoa encarregada de fazer esta venda.



O ALABAMA

ERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 18 DE JULHO DE 1867. SERIE 24.ª—N. 231.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Hoje começa a serie 24 do *Alabama*.

Pede-se aos senhores assignantes atrazados que lembrem-se dos amigos.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de julho de 1867.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia. —Propalando a voz publica que entre os officiaes de policia ha um dispensado por doente, ha mezes, e que entretanto exerce o emprego de caxeiro em uma casa commercial; é de urgente necessidade que V. Ex. se digne mandar, que o commandante do dito corpo informe, si na verdade ha nelle esse *feliz*, para quem está *aberto* o cofre da condescendencia, ganhando soldo sem trabalhar. E no caso de assim *ser queira* V. Ex. dar as providencias que julgar acertadas.

—Os discursos dos Srs. S. Lourenço e Cotegipe tem sido uma brilhatura no Areopago brasileiro.

—Elles cantam bem, porem é que a mim não entoam.

—Então não tem gostado de ver a maneira grave por que elles tem profligado os abusos e desmandos do poder, a energia com que accusam a compressão, com que o governo agrilhoa o paiz, a censura vehemente aos gosos, que estão fruindo os ministros por effeito do proveito, que tiram das pastas, que occupam, as sinecuras dispensadas aos afilhados, os esbanjamentos para adquirir proselytos?

—Tudo isso é muito bonito para quem come caraminholas.

Condemnam aquillo, que ja praticaram em larga escalla, e que praticarão amanhan, quando galgarem o poder.

—Que homem inconcebivel é V.!

—Ora qual! Pois eu creio la nas lamurias desses marrecos!...

Pode nunca fallar em compressão, quem mandou espingardear o povo na porta do theatro, para sustentar um capricho em antagonismo com a vontade nacional? quem mandou espalhhar o povo á patas de cavallo, na noite de 4 de julho, no Maciel de baixo? Pode fallar em corrupção e immoralidade quem no seu tempo viu as portas da policia arrombadas e subtrahidos os papeis da moeda falsa; pode accusar de gos os

quem entrou pobre para ministro....

Homem, o melhor é calar-mo-nos, por quo todos o que querem é se arranjar.

Ninguem melhor conhoce a pedra do que o lapidario.

—La isso é verdade; quem ja saboreou certos bocados, é que pode avaliar o gosto, que os outros sentem quando mastigam.

—Então deixemo-nos de historias; por que em tudo isso o povo é o manequim da força.

—O presidente da provincia classificou o commandante superior do Conde de miope.

—Serio?

—E' a conclusão que eu tiro do seguinte:

«*Expediente do dia* 6—Officio ao coronel commandante das armas.—Dos quatro guardas nacionaes vindos do municipio do Conde, de nomes Manuel Maria Grillo, José Pereira de Araujo Filho, André Corsino de Almeida e Vicente Ferreira Lima, que a V. S. foram remettidos, mande pôr em liberdade os dous primeiros, visto que *pela simples inspecção occular* se reconhece serem de MENOR EDADE, ENFERMOS e de constituição debil, e assentar praça nos dous ultimos, depois de escrupulosamente inspeccionados de saude.»

—Si houvesse responsabilidade para os fautores de taes abusos, elles não os repetiriam tão frequentemente.

A PEDIDO.

—Si eu visse hoje um padre acabar da missa, ir sentar-se á porta de uma quitanda á vender, pipocas não me causava isso o menor espanto.

—E si visse o militar, em vez de ir para o quartel, aboletar-se na torre de alguma egreja a mecher nos badalos dos sinos?

—Tambem não me causava abalo.

—Visto isso, não se admirava tambem, si o magistrado grave, depois de pronunciar no Forum alguma sentença condemnatoria, fosse para o circo servir de capinha.

—Não.

A ordem do mundo está invertida; a civilisação do seculo acabou com esses preconceitos de vocações.

—Quantos despropositos a um tempo!...

—Despropositos!

Quem vê o frade abandonar o claustro e converter-se em arrematante de obra, substituir o breviario pelo prumo e a enxó, deixar a cadeira evangelica para trepar no andaime, esquecer-se das regras e ceremonias de sua ordem para entender de vigas, ripas, pés direitos e cornijas, fugir da solidão monastica para metter-se entre burros carregados de cal e areia e, em vez de dizer missas, fazer d'um giro mundano meio de vida, o que mais para admirar?

—Não me consta que frade algum seja mestre de obras, a excepção dos que dirigem as obras de seus conventos.

—Por *S. Bento*! Então, V. ignora que ha em Latronopolis um frade, cuja vida é ser arrematante de obras particulares?

—Em verdade, ignoro.

—*Domingo* V. tem o que fazer?

—Não.

—Pois havemos de ir á obra do *Verissimo* para vel-o de *machado* em punho a desbastar madeira.

—Quero ver para crer.

—Ouça esta, que é de um fidalgo progressista.

—*In primo loco* seu nome.

—Não sei, porque quem me contou o *milagre* não me disse o *santo*, que o fez.

—Neste caso contento-me só o milagre.

—Pois lá vae, tal qual me contaram.

Um fidalgo progressista, taboqueado, mandou fazer umas roupas por um alfaiate francez; depois das obras promptas, mandou buscal-as e não tratou de pagar o trabalho do mencionado francez. O homem cansou de esperar e vendo que a divida creava cabellos brancos, disse ao seu advogado que fizesse uma petição, chamando o tal fidalgo á conciliação.

Quando o *descendente da illustre estirpe* recebeu a intimação, ficou furioso e immediatamente escreveu uma carta ao francez, dizendo que estranhava a audacia de um alfaiate manda-lo citar, manchando assim a reputação de uma familia *genealogica*....

—A isto eu chamo nobreza borrada.

—E eu, casa de *Gonçalo*, onde a gallinha pode mais que o gallo.

Concluiu dizendo que no dia immediato mandasse cobrar o seu dinheiro, pois estava prompto á pagar, mesmo porque lhe era deshonroso achar-se em um tribunal com um artista!

—E pagou?

—Depois que massou bastante ao cobrador.

—Ahi está o que eu chamo fidalgo da epocha! Um caloteiro ter o atrevimento de tachar de audacioso ao artista, que manda cobrar o seu trabalho!

—E vem logo apresentando os seus foros de nobre.

—O que é que significa nobre em meu paiz?

—Eu cá decifro nobre assim:

Nobre é o caloteiro, que arranca o suor do pobre artista, e é tido na sociedade por homem de bem.

Nobre é aquelle, que rouba da pobre viuva, deixando-a na miseria e lançando suas filhas na prostituição.

Nobre é o progressista, que trabalha para subir ao ministerio com o fim de roubar os cofres do estado.

Nobre é o general, que rouba o soldo aos soldados, que expõe a sua vida em defeza da patria, e quando elles reclamam são logo recompensados com pranchadas no lombo.

Nobre é o que fabrica moeda falsa, porque é tido por homem honrado, além do titulo de barão ou visconde, que se lhe dá!

—Quando a somma da moeda é extraordinaria, dá-se-lhe logo o titulo de marquez, pelos *relevantes* serviços prestados ao paiz!

E são estes que chamam ao artista de audacioso, porque reclama seu trabalho, que não se lhe quer pagar!

(*Continúa.*)

—Conhece aquelle casmurro?

—Depois que o deitei ao pasto, é a primeira vez que o vejo.

—O sobredito cujo sobre quem conversamos outro dia?

—O da roça dos *mucugês*?

—Aqui-qui!

—Ah! é aquella firma? O *typo* não engana.

—E' um ente tenebroso. O Sr., que o vê passar, não ajuiza o peso de atrocidades e torpezas, que calcam sobre aquella consciencia.

Constante na maldade, com *tino* bastante para encobrir seus vicios, por longo tempo illudiu muita gente.

Si aqui estivesse o *Nunes*, lhe contaria factos de horrorisar.

Eu apenas lhe darei um esboço de quem é semelhante crocodilo.

Foi praça dos permanentes. Não sei como, enamorou-se de uma moça, que não era para elle, e foi correspondido; os parentes desta, para não vel-a perdida, compraram lhe a baixa por 400$ rs. e casaram-no.

Houve depois uma revolta, em que elle foi rebelde; suffocada ella, deram-se perseguições inauditas. Para não partilhar da sorte de seus desgraçados companheiros, commetteu a infamia de denunciar seis, que estavam occultos n'uma *rua*, na casa de uns *capitães*, ao pé de uma *fontinha d'agua de gasto*, tendo a perversidade de indicar com tanta clareza o logar, que os soldados foram certinhos; o que seria impossivel, si elle, que somente sabia, não descobrisse.

Assim livrou-se elle torpemente da cumplicidade, que tinha na rebellião chamada *sabe nada*.

Correram os tempos: governava esta Latronopolis o cidadão *Ignacio Antonio de Azevedo*; tratou-se de melhorar o armamento da *guarda cidadan*.

Inculcou-se do armeiro, officio *que* não *sabia* para que lado ia, e tomou para *burnir* às cronhas e canos de todos os guardas da capital.

Por mil e quinhentas espingardas burnidas recebeu elle 12:000$ rs!

—Boa pechincha!

—Boa ladroeira.

Mettido nos cobres comprou logo trez escravos e uma *roça* n'um sitio chamado do *Villas-boas*.

—Os tigres procuram as brenhas.

—Justo.

Appareceu nesta cidade um portuguez, cujo fraco era andar constantemente cheirando uma *rosa*, tanto que lhe deitaram o *appellido* de *Rosa*, quando seu nome era outro.

Era muito entendido em fumo e tabaco e tinha os arranjos para montar uma fabrica.

O homem dos *mucujês* foi procural-o e propoz-lhe deitarem uma fabrica de sociedade para reduzir fumo a *pó*.

O portuguez, na melhor boa fé, acceden; assentou a fabrica, montou-a e po-la em movimento. Cresceu a usura no diabo do homem e procurou um meio para descartar-se do socio.

—Que traidor!

—E sabe de que pretexto valeu-se elle para desfazer a sociedade?

—Não.

—Do mais abjecto, ignominioso: pretexto, que repugnaria ao mais vil e immundo cangueiro praticar.

—Deve ser terrivel.

—Poz em duvida a fidelidade conjugal de sua esposa, senhora cheia de virtudes e de procedimento exemplarissimo.

—Que monstro!.....

—Sem motivo plausivel, fingiu-se dominado por excessivo zelo, fez um espalhafato, e com um facão cutilou a incorruptivel senhora, dando-lhe trez profundos golpes na cabeça. A senhora para escapar á sanha de tão possesso e feroz verdugo, refugiou-se na casa de uma familia visinha, senhora da fazenda *D'antas* e ahi, virtuosa como era, procurava occultar o furibundo procedimento de seu deshumano marido ás pessoas, que a iam visitar.

Eis a maneira indecorosa e hedionda porque descartou-se do socio.

Deus, porem, que não quer cousas mal-feitas, permittiu que dessa data elle não aproveitasse uma só fornada de fumo; todas queimavam, até que desesperado, acabou com a droga.

—Foi pouco; merecia mais.

—Arrendou a roça, e foi morar na rua da *Indolencia*. A esposa, perdoando-lhe as offensas e injustiças recebidas, acompanhou-o; porem elle, alma de Satanaz, genio endiabrado, teve a perversidade de encerrar a infeliz senhora n'um quarto onde morreu.

Acabrunhada, opprimida de desgostos, ralada de afflicções, acabou a desditosa n'um quarto immundo sem ver á luz do dia.

—Para esboço, a cousa vae muito longa; guarde o resto para logo.

(*Continúa.*)

Chama-se attenção do Exm. Sr. capitão do porto para o escandalo de ter o menor Tiburcio Tavares de Souza obtido licença no dia 12 a pretexto de tratar do rapto de sua irman, e se achar até esta data socado em casa, *fruindo prazeres* com a sua Dulcinéa.

A Espia de prôa.

VARIEDADES

Um rei, querendo matar um astrologo, perguntou-lhe si sabia qual o dia de sua morte. O astrologo, que desconfiava da desgraça, que o ameaçava, respondeu-lhe:

—Senhor, minhas observações fizeram-me conhecer que eu devia morrer um dia antes de Vossa Magestade.

O monarcha, atemorisado com esta predicção, teve todo o cuidado na conservação do astrologo.

—

O philosopho Bias, sendo preso por alguns ladrões, foi por elles posto á venda como um escravo.

Um *dandy* approxima-se e o examina:

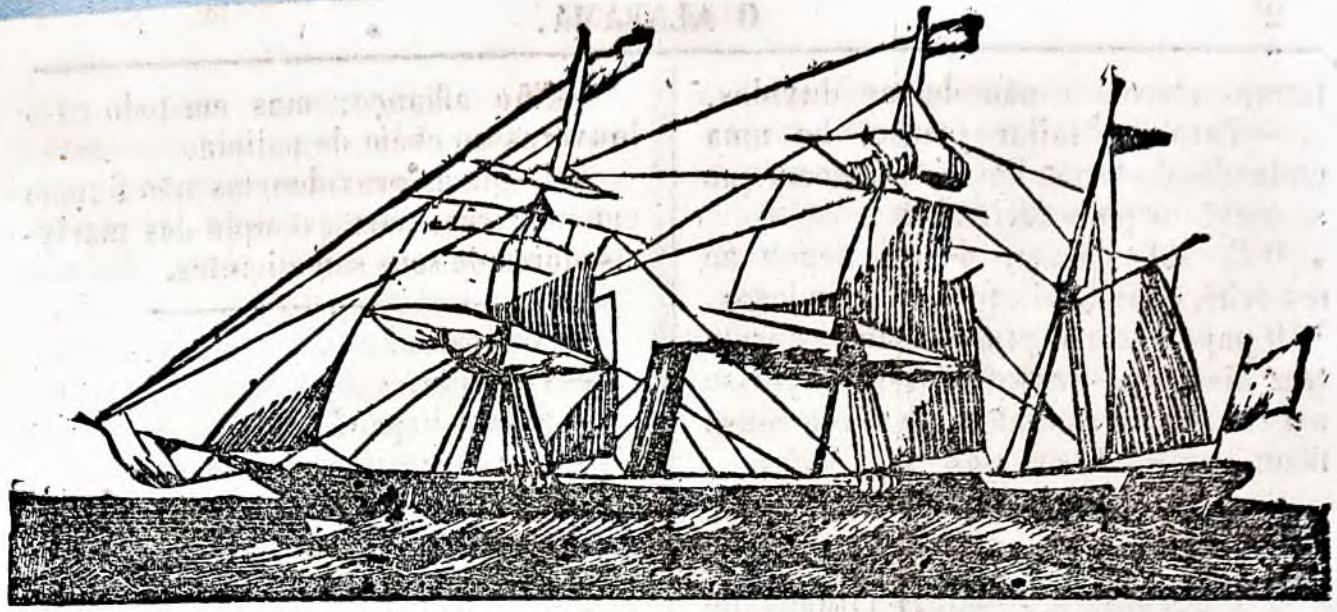
—Compra-me, lhe disse o sabio, tu tens precisão de um homem em tua casa.

Um dia, elle se achou no mesmo navio com uma multidão de malvados. Uma tempestade sobreveio; todos estes miseraveis começaram a implorar Deus com grandes lamentos.

—Calae-vos, desgraçados, lhes disse o philosopho, si Deus percebe que vos achais aqui, estamos irremediavelmente perdidos.

ANNUNCIO.

Nesta typographia compra-se o nº 312 do *Alabama* do anno de 1866.



O ALABAMA

ERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 20 DE JULHO DE 1867. SERIE 24.ª—N. 252.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de julho de 1867.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, partecipando-lhe que nos informam de que, na ladeira do Alvo, passeia todas as noites um individuo de nome Ricardo, desertor da companhia de invalidos, o qual, não imaginando que tem culpa no cartorio, quer alli campar de valentão e rixoso. Pede-se a S. Ex. que, depois de verificada a identidade do mencionado desertor, o mande recolher ao seu respectivo quartel.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Passo, despertando sua attenção ácerca dos *sambas*, que ha constantemente no *Paraguay* do Sr. Para-assú, á Estrada Nova. Os sobreditos *sambas*, além de não consentirem que os moradores da Saude e ladeira do Alvo preguem olhos á noite, acabam sempre em pancadaria, resultado não só da *chanfornada* de que são acompanhados, como da condicção de gente de que elles se compõe, pelo qual motivo é de necessidade que S. S. dirija suas vistas para ali.

—Ao Illm. Sr. tenente coronel commandante do batalhão 21 da guarda nacional.—Constando que no batalhão do commando de V. S. se dispensam guardas, á pretexto de visitarem suas familias, com condicção de perderem as etapes, faz-se preciso que V. S. informe, no caso de ser isso exacto, a favor de quem recahe semelhante dinheiro.

—Capitão, V. Ex. é justiceiro.

—O que não entra em duvida.

—Não quererá, portanto, que pelas falcatruas de um ou dous tropiantes, soffra o credito de muitos, entre os quaes se contam caracteres incorruptiveis.

—Nem Deus tal permitta.

A que vem, porem, essa exhortação?

—Acerca de uma conversa que V. Ex. teve outro dia com um meliante que teve *lambança* para o *carimbo* de um papel atrasado.

—E o que ha agora?

—Suspeitas sobre, muitos que não são culpados.

—E o que quer que lhe faça?.....

Quem tiver a consciencia limpa, não dê cavaco.

—Mas, V. Ex. podia pôr a cousa em

termos claros á não deixar duvidas.

—Para lhe fallar *franco*, ha uma embrulhada tamanha neste negocio que só o *author* pode decifral-a.

O C. sabe disso, porem negou ao *maioral*, quando elle foi á *torre* indagar.

O papel esteve preso n'uma gaveta trez dias; fez-se espalhafato; exigiu-se *um conto* para o arranjo. Depois a cousa ficou *combinada* em *seiscentos bodes*.

Contente-se com isto, por ora.

—Emquanto a policia, reclinada no divan da inercia, espreguiça-se indolentemente, os ladrões andam alerta e fazem a madrugada da rapinagem nas propriedades alheias.

Raro é o dia em que os jornaes não noticiam uma façanha da gente do olho vivo.

—Ha tempos, em que elles redobram de actividade.

—Ainda hontem foi victima o Sr. José da Cunha Carvalho Bastos: levaram-lhe do escriptorio objectos no valor de 1:000$ rs.

—Apre!

—Tambem um dia destes amanheceu roubada uma venda no Campo Grande.

—Cada um que vá se prevenindo para não passar pelo mesmo, porque a policia pouco se lhe dá destas cousas.

—Ha gente que de humana só tem a forma.

—E a especie.

—Até nisso pode haver duvida.

Verdadeiras naturezas de serpente, parecem que são o fructo dessas transacções estupendas, a que muitas vezes o vicio carnal leva a fraqueza humana.

—Eu lhe creio.

—Digo isso, porque só uma natureza de hyena teria coração para seviciar um seu semelhante, pela maneira por que eu vi um pobre creoulo ante-hontem.

—Seria o escravo de um tal Carybé?

—Não sei o nome do verdugo. Sei que a victima estava no mais lamentavel estado.

—Si foi o do Carybé, a policia já deu providencias.

—Não affiança; mas em todo caso louvores ao chefe de policia.

—E que as providencias não fiquem em palavras, para exemplo dos martyrisadores de seus semelhantes.

—Aspirante!

—Prompto.

—Sabe Curuzú?

—Capitão, nunca fui ao sul.

—Como anda V. atrasado! Curuzú é uma bodega no Terreiro.

—Sei, sei; é uma biboca com seis meias garrafas de cerveja, quatro botelhas de caxaça, uma de anizete e uma banca de dominó.

—Sim, Sr.

E' preciso acabar com aquella *trapisonga*.

—Sem motivo plausivel?

—Si não houvesse motivo, eu não lhe mandaria.

Commette-se ali actos indecorosos, offensivos á moral e repugnantes á decencia.

Ainda ha quatro dias *espiritualisaram* lá uma rapariga e pozeram em scena *um passo*, pouco coherente com a castidade.

—Vou cumprir suas ordens, capitão.

Não acha porem, bom que me entenda primeiro com o Sr. subdelegado da Sé?

—Como quizer.

A PEDIDO.

Sr. Redactor.—Lendo o n. 6 do periodico *Trovão*, encontrei nelle uma publicação, que tem por titulo—*Bom caloteiro*—convidando o irmão de *Santo Estevão*, que se dedica á *musica*, para pagar os generos, que tomou fiado na venda debaixo de certa *directoria dos estudiosos*, na importancia de cinco mil rs., e como possam attribuir esta allusão á mim, por ser musico e ter egual nome, venho á tribuna da imprensa declarar que nunca comprei cousa alguma na mencionada venda. Bahia 19 de julho de 1867.

Manuel Estevão da Porciuncula.

Pergunta-se a certo promotor, si sua residencia é nas *mattas* de sua comarca

ou aqui nesta cidade; si é aqui acho melhor que vá para as *pedreiras* ou então que seja empregado nas *mattas* e more na *França*. Responda ou cohiba-se.

O visinho do forum.

—Isto é uma cousa insupportavel! Pois aquella *madre Maria* entende que eu me devo mudar desta casa para vir morar nella o seu namorado e anda-se empenhando com o proprietario para me deitar para fora!

—V. tem cousas! Onde já viu reclusa ter namorados? E' porque ella dá-se com a familia do homem.

—Engana-se! Sou capaz de lhe jurar em como é namorado della.

—E eu juro-lhe pelo *esposo da Virgem*, como apenas elle é seu procurador.

—Valha-me *Nossa Senhora da Lapa*.

Pois V. está vendo o interesse que ella toma pelo homem, que até, quando elle foi demittido, ella mandou ao *governador* uma carta se empenhando e ainda duvida?

—Deixe a pobre moradora do claustro.

—Está V. defendendo muito esta freira, estou desconfiado.

—Ora vá elle!

Credo politico progressista.

Crêmos em o *deus padre progressista todo poderoso*, o qual é o Sr. marquez de Olinda, com todo o seu *filhotismo* os Srs. Zacarias, Saraiva, Silveira Lobo, Sá Albuquerque, Saldanha, Souza Carvalho, Dantas, Espiridião e companhia; e no *espirito-santo, que é a posse das posições officiaes orçamentadas, ordinarias e extraordinarias*.

Crêmos nelle, o nosso *deus*, porque foi o creador da *liga-progressista*, que nos deu esta edificante *situação governamental, que tem o ceu no ventre e a terra na ganancia*!

Creamos nelle, como o *Jesus Christo* da mesma *liga-progressista* por ser o *salvador e redemptor do merito e prestimo* de nós outros *renegados*, apostatas e bagagem do partido *conservador e liberal*; e mais por ser elle o ungido com a unção do espirito—impecavel e divino desta terra; e ainda porque, nós, os seus filhotes predilectos, somos da mesma essencia do *pae*, sendo delle os filhos *por geração politica—empregocracia*!

Cremos nelle e no seu *espirito santo*, por serem os *nossos senhores e possuidores*, e tambem deste povo patéta a quem os senhores estão reunindos com seus e nossos exemplos, *virtudes e sangue*, e hão de julgar e fazer julgar no *dia do juizo*!

Cremos nelle, porque não só *nasceu*, como nos fez nascer do *purissimo ventre da liga* com o *baptismo* e protecção da corrupção official e eleitoral, que se fizeram para bem de todos nós, por conta dos dinheiros publicos, que são o suor do pobre povo laborioso, dos agricultores e operarios de toda ordem, o toleirão do *bode* expiatorio dos nossos peccados gananciosos; e porque *deixou* os liberaes e conservadores livres do *parto* e depois do *parto da conciliação e da liga*, dupla virgem fecundissima que nos tem gerado para honra e gloria desta sociedade brasileira!... e da monarchia!

Cremos nelle, porque padecerá *com nosco sob o poder* dos homens publicos de pundonor e dos politicos de consciencia e de opinião, quando esses, por nosso mal, vierem a alcançar o governo do paiz, mas que, por cautella, em quanto o não conseguem irão sendo crucificados pelos *nossos ventres*, verdadeiros *poncios pilatos* da politica e dos orçamentos do Brasil, porque havemos de fazer todos os esforços por *matar e sepultar* quanto tôlo de homem honesto e de merito real e serio houver!

Cremos nelle, porque hade descer, com toda a nossa *illustre* companhia e firma aos infernos da execração publica, que é o premio das nossas virtudes, para então resgatarem-se as almas nobres, as consciencias sans da politica e os martyres, que temos feito com a guerra de honra, a qual transformam-os em *industria mercantil* e de arranjos, pois são essas almas nobres, essas consciencias sans e esses martyres, as verdadeiras almas dos *santos padres*

que pregam as doutrinas salutares, e por ellas foram penhoradas por nós outros da liga-progressista e então hão de resurgir ellas, que não se damnaram nesta degradação dos sentimentos da dignidade humana, postos em contribuição rigorosa para as vantagens e pelo interesse do nosso *ventre*!

Cremos nelle, que hade subir com toda a gente *progressista* ao ceu do desprezo da nação, e da vindicta da opinião publica e justiça da historia, e *lá sentar-se á direita do outro Deus todo poderoso*, que é a causa essencial e *suprema* dos grandes infortunios e desastres deste paciente e resignado povo, porque nos tolera, sustenta e protege com sacrificio real da honra e da integridade futura e soberana do Brasil; por cuja opinião publica e justiça da historia, havemos de vir a ser julgados!

Cremos finalmente, e sobre tudo, na tendencia e espirito de corrupção; nas igrejas das posições officiaes e dos productos do orçamento; na harmonia e communicação das mediocridades industriosas, que não têem que perder e a quem todo o mundo pertence, na pratica dos abusos e violencias escandalosas; na ressurreição sempre prompta do estomago, na vida da immoralidade e apostasia.

Amem!

Obra heretica de frei de Goes.

(*Ext*)

—Iaya, tenho-lhe muita amisade, morro de amores por V.

—O Sr. falla serio ou graceja comigo?

—E' serio, meu anjo. Quero-lhe dar um vestido cosido por minhas proprias mãos, para V. deitar no dia do Senhor do Bomfim.

—Agradeço-lhe a boa vontade.

—Então recusa a minha offerta?

—Deixe-me, Sr!

—Receba ao menos esta caixinha, que contem diversos frasquinhos de deliciosos cheiros.

—Ora não me masse, faz favor!

—Pois, iaya, nem uma carta minha V. pode receber? V. não viu que por sua causa estive escondido detraz de uma porta, d'onde sahi cheio de têas de aranhas; não viu que por estar feito um asno a olhar para V., tomei um couce de cavallo pelas pernas?

—Bem feito.

—Iaya, deixe ao menos beijar-lhe as suas delicadas mãos.

—Não me aborreça. Olhe que o Sr. é um renitente! Já lhe disse que aqui não entra ninguem; logo, é escusado o Sr. andar feito uma *barata* tonta, para baixo e para cima, quebrando suas pernas e me consumindo!

—Eu já prometti á uma rapariga d'ahi, que, si ella me der ingresso, eu dar-lhe-hei uma saia nova.

—Toda prompta, provalvemente.

—Não, porque este alfaiate só pega na agulha para coser o vestido, que lhe quer offerecer.

—O Sr. tem-me cara de quem vira macaco em tempo de lua?

—Então V. me despreza? Eis-me aqui em seus pés! Me sove a seu gosto, ande!

—Retire-se, Sr.

—Não me escorne assim!

—O Sr. é um miseravel! Olhe para o papel ridiculo que está fazendo!

—Mas, iaya.....

—Ora vá plantar pepinos, que não estou mais para o aturar, meu paspalhão!

—Pois V. não me quer amar, ha de saber do meu fim!

—Que vae fazer então o senhor?

—Vou me deitar no rio a afogar.

—Ora não vêm que tolo este!

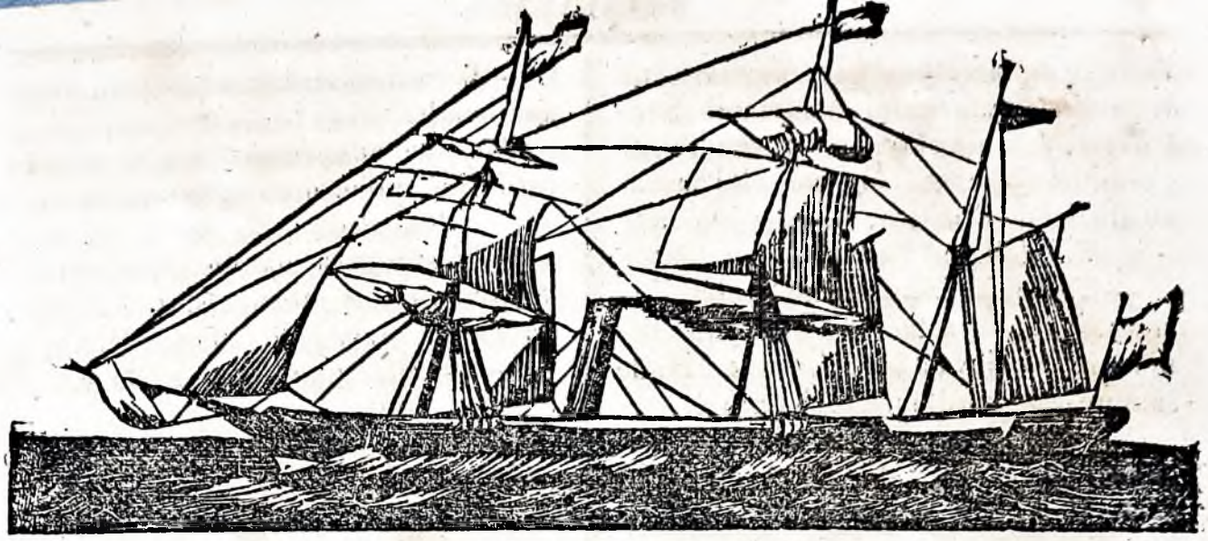
Si o Sr. ha de estar aqui a perder seu tempo, vá se contractar no theatro para fazer o papel de *Califurchon*, pois o Sr. é um verdadeiro comico.

—Meu bem, V, não acredita no amor que lhe tenho?

—Ora vá para o diabo que o ature!

VARIEDADE.

Uma Sra. descrevendo a enfermidade de seu defunto marido, disse: «estava ja em tal estado, (fazendo a acção) que bebia os caldinhos por aqui e sahiam logo por alli.»



O ALABAMA

ERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 23 DE JULHO DE 1867. SERIE 24.ª—Ns. 233 e 234.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de julho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. juiz de direito em correição, levando ao seu conhecimento que no fôro ha officiaes de justiça, que exercem o officio sem estarem para isso habilitados, por não terem provisão, e, não convindo que continue semelhante falta, torna-se de indeclinavel necessidade que S. S. se digne mandar que os mesmos sejam coagidos a tiral-as *in continenti*, sob pena de perderem os logares.

Portaria ao muxingueiro, ordenando-lhe que agarre dous vultos, macho e femea, que se sentam todas as noites na porta da egreja de S. Pedro dos Clerigos e os conduza ao Custodio, o qual lhes deverá fornecer um commodo, afim de os livrar da necessidade de irem para a porta do templo celebrar finezas cupidaneas, á luz das estrellas em horas adiantadas. Cumpra.

—Ao Sr. fiscal geral, perguntando-lhe, si, passando duas vezes ao dia pela rua do Imperador, ainda seus olhos não viram, nem seu nariz sentiu o fetido, que exhala uma immundicissima bocca de lobo, que ali ha; para levar ao conhecimento da camara e esta providenciar, fazendo assim crer que S. m. anda de olhos vendados e nariz arrolhado. Cumpra.

—Quem é o agente fiscal do matadouro?

—De onde?

—De S. Bento.

—Ignoro.

—Esse senhor, quem quer que seja, si não é cego, faz-se.

—Pilheria sua.

—Si elle andasse com os olhos abertos, não pactuava com o desaforo de certos cortadores, que exigem preço maior do que o cartão marca na porta do talho, como um dia destes fui eu proprio ver para me desenganar.

—Bem abertos que elle os tem.

—Então é destes, a quem a *brilhante claridade* da luz obscurece a vista.

—Hontem (21) á 1 hora da tarde, quando pregava o Revm. Sr. conego

Rodrigo Ignacio de Souza Menezes, na festa do Sacramento da matriz de Sant'Anna, manifestava-se incendio na chaminé da casa em que elle mora, ao Maciel de Cima, n. 4.

—E' infeliz esta casa.

—E' propriedade do Sr Santos Moreira, e esta é a terceira vez, que por um triz não leva a breca, principiando sempre a mixordia pela chaminé!

—Comparecereram ao incendio os engenheiros Machado, Cirne, o major commandante do corpo policial, o chefe de policia e o subdelegado da freguezia.

—Depois do fogo extincto pelo povo.

—E dizem tambem que por um nada a Bahia não ficou sem a *Probidade*.

—Ella já é tão vasqueira aqui, que ninguem lhe daria pela falta.

—E' a *Probidade* loja, que ia sendo devorada pelas chammas.

—Ah!... os incendios agora são sempre aos dous!! Eu bem digo que o Sr. Azambuja tem cabeça de fogo.

—Quem sabe si elle é *inabaça*.

—Que damnados!...

Assim moleques!...

—V. acha graça nisso?

—Ora si!

Veja aquelle do 6° que formidavel cabeçada deu no de artilharia; e aquelle como vae cego, de bayoneta sobre o outro... Lá foi um de ventas ao chão de uma cronhada de espingarda.

—Por Deus, não ria-se disso!

Uma guarda de honra que sahe para acompanhar a procissão da Senhora do Carmo, sem nenhum acatamento ao acto, debanda-se no Terreiro para jogar as cristas com guardas de outro corpo, não é cousa de galhofa.

—Pelo que vejo V. quer lançar a culpa toda sobre a guarda de honra.

—Enganou-se; acho que todos merecem severa punição; muito mais quando estou ouvindo dizer que os guardas d'artilharia foram os provocadores.

—O *esqueleto* do palanque fica para o anno?

—O' xentes, gente, quem lhe contou?

—E para que deixam aquella maxambomba em pé?

Para se admirar o talento estapafurdio de quem deu o plano, não é.

—Estou certo.

—Só si é para darem mais um divertimento aos moleques, que conservam ali a *ossada* do defunto palanque.

—Isso não, que ha um soldado noite e dia vigiando.

—E os cofres da provincia pagando mais essa despeza sem necessidade!

—Olhe que V. é um bocorio!...

—V. entra todos os dias, á certa hora, naquella caza, Sr. F.....

—E' pura verdade.

—Que vae fazer?

—Vou *arrumar*.....

—Fardos?

—.....*fazenda grossa*.

—V. é dos diabos!...

—Nem por isso...

—Intromette-se com casca e *tudo*, onde não é chamado!...

—Quem não gostar, morra triste.

—Capitão, chego agora de Nazareth.

—Traz novidades?

—Venho horrorisado.

—De que?

—Do mais revoltante acto de despotismo, que tenho visto em minha vida.

—O que foi?

—Hontem, 21, entrava pela cidade um homem ajoujado de pés e mãos com grossas cordas, enfiado em um pau como porco e carregado por quatro matutos.

—Não soube o nome?

—Com a pressa de me embarcar não achei quem me dissesse.

—Estamos na mesma.

—Porem quando elle gritava—*como se amarra um homem, que já serviu ao imperador tantos annos e tem sua baixa*—lhe diziam: Caboclo, cala a bocca.

—Isso não adianta, si soubesse o nome eu ia já ao Sr. Azambuja.

—Mas, si elle quizer providenciar, pode mandar informar-se.

A politica.

No anno em que Herodes matou os

innocentes, deu um catharro tão grande no diabo, que o fez vomitar peçonha: e desta se gerou um monstro, assim como nascem ratos *ex-materia putrida*, ao qual chamaram os criticos Rasão do Estado, e esta senhora sahiu tão presumida, que tratou de casar o seu pae a desposou com um mancebo robusto, e de pessimas manhas, que havia, por nome Amor proprio, filho bastardo da primeira Desobediencia: de ambos nasceu uma filha a que chamaram D. Politica, dotaram-na de sagacidade hereditaria e modestia postiça.

Creou-se nas cortes de grandes principes, embrulhou-os a todos: teve por aios—Machiavello, Pelagio, Calvino, Luthero e outros doutores desta qualidade; seita, cuja doutrina se fez tão viciosa, que della nasceram todas as seitas e heresias, que hoje abrasam o mundo.

E eis aqui quem é a senhora D. Politica.

O JOGO.

As cartas de jogar foram introduzidas, no anno de 1390, em França, para entreter o Rei Carlos VI, quando cahiu em loucura.

O jogo é o dissipador dos bens, o sorvedouro das riquezas, o desperdicio do tempo, o escolho da innocencia, a ruina das sciencias, o inimigo das muzas, o pai das querellas.

Por mais pequenas que sejam as perdas diarias, que se fazem ao jogo, ellas não deixam de avultar. São como as pequenas chuvas que, cahindo por muito tempo, vem a molhar muito.

O jogo é um pégo, que não tem fundo nem praia. Desde que n'elle se embarca e se perde a terra de vista, é raro que ella se torne a ver.

O jogo, assim como o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos annos.

No jogo se perdem amizades, se contrahem odios; e se passa rapidamente da paz á guerra, da innocencia ao crime.

Si se empregasse no estudo o tempo e a sagacidade, que se emprega no jogo, o mundo estaria cheio de sabios.

(*C. Bastos.*)

LA VAE VERSO.

O GUARDA NACIONAL AQUARTELLADO.

Que vida a qu'eu passo cá nessa guarita,
Do soldo mesquinho sem ter um vintem,
Soffrendo torturas comigo calado,
Sem nunca queixar-me da sorte a ninguem

Aqui não se vive—vegeita-se apenas,
Aqui não se dorme—só faz-se velar!
Aqui não se come que se encha a barriga;
Aqui não se bebe que possa alegrar.

Si quero ir á casa fumar o cachimbo,
Nem tempo eu tenho de bem cachimbar!
Si quero um agrado mostrar á familia,
Nem horas me sobram que a possa agradar!

Que duras saudades não tenho en de tudo!..
Dos meus affazeres, do campo e curraes!...
E horas inteiras eu levo pensando
No gado, nas cabras, nos meus animaes....

Que tempos horriveis! que quadra medonha!
Que mundo de trevas...é tudo afflicção!!
Os grandes só querem galgar os empregos
A custa do pobre ..da pobre nação.

Quando eu fui tirado para vir destacar-me,
Julguei que marchasse tambem para o sul:
Com esse receio passei algum tempo,
Pois via o negocio por cabem azul.

O meu commandante, porem, qu'é—mitrado
Largar o chupête não póde mais não:
E assim vai mamando calado, no fresco,
Na têta que dá-lhe pateta a nação.

Exposto á matraca ja fiz exercicio,
Tão bom que ja hoje não sei nada mais;
Si o meu commandante dizia—marchemos!
Eu ia, mas elle, deixava-se atraz.

E nessas—piegas—de marcha não marcha,
Se foram dous contos, dous contos de reis,
E a pança crescendo na linda creança,
E a patria soffrendo mais este revez.

Que gloria! que gosto! que alegre folia!...
Derrice-se os cobres da pobre nação!
P'ra côrte mandemos um par de galhêtas,
E haja festejo, festança e função.....

(*Extr.*)

O COMPADRE DO MINISTRO.

O meu compadre é ministro...
Que ministro...que talento!...
Alem do mais, deputado...
Conselheiro...que portento!
E' tão sagaz...tão corrido...
E' tão grande...que ao ouvido

Dá conselhos ao monarcha!...
E é padrinho do meu João,
A quem sua protecção
Fará um homem de marca!

O meu compadre é ministro...
Figurão!
E que ministro! E' padrinho
Do meu João.

O' mulher, chama la fora
O nosso feliz Joãosinho,
Para ouvir tantas grandezas
Do compadre...o seu padrinho;
Olá, rapaz! pois que um dia,
E l o vem;—mais bizarria,
Hás de ser grande...potente!
Que não passes d'um camêllo
Não importa,—tens o sêllo
Do patronato vigente!

Ora escuta, ja soubeste,
Que teu padrinho é ministro,
E que por isso não pode
Ser teu destino sinistro;
Mas, não sabes ..todavia,
Que è novidade do dia
Do compadre o talentão!
Por isso, rapaz, aprende
Com o astro que resplende,
Como sobe um cortezão!

Como soffre o meu compadre,
Dia e noite do nervoso...
Fez calar o jornalismo
Que o accusava raivoso....
Tudo mudou...que mestria!
Ora em prosa ou poesia,
O louvam por toda parte!
Para alguns...bom empreguinho,
Para outros...do bolsinho
Da policia...oh genio, oh arte!

O mesmo fez o compadre
Quando veiu o tres de maio:
O rumor da tempestade
O ameaçava d'um raio;
Porém, qual! Elle sabia
Como faz-se a maioria,
Como tudo aqui se alcança;
Custou caro, paciencia...
Oh, que sonante eloquencia
Foi necessaria á bonança!

Inda as vezes eu me rio
Do que teu padrinho fez;
Aprende, Joãosinho, aprende,
Pois chegará tua vez:
Aos clubs ia e fallava...
La no senado mudava
Um rusguento em consultor ..
A muitos satisfazia...
Aos outros...só promettia...
Que finorio de valor!

Finalmente o meu compadre,
E teu padrinho, rapaz,
Para um brilhante renome
Não precisa fazer mais;
Assim pois o teu futuro
Causa inveja...estás seguro
Nas azas do patronato;
Em quanto a mim...me contento.
Em dizer—o tal portento
E' meu compadre...de facto,

O meu compadre é ministro...
Figurão!
E que ministro! E' padrinho
Do meu João.

(*Ext.*)

O BRASILEIRO PRESIONEIRO NO PARAGUAY.

«Sou das phalanges que vos trazem guerra,
«Por fado infando entre vos cahi.
«Servis cadeias não me algemem pulsos
«Votae-me a morte—vossa lei compri—

«Viver não sabe co' as imigas hostes,
«Quem livre a fronte nunca ao chão rojou:
«Rasgae-me o peito que doei a patria,
«Não saiba o mundo que jamais pulsou.

«Curvar-se ao torpe, que lhe cospe a face,
«E' ser escravo, não ser cidadão:
«Morrer co'migo só diz—liberdade—
«Viver com vosco só diz—servidão!

«Quando insepulto sobre a lama impura
«Jazer meu corpo nesta solidão,
«Passando o indio, chorará tal morte,
«Oppobrio eterno da mais vil nação!

«Assim fallava, quando o rei das hostes
«Deu-lhe sentença entre mil festins,
«Leão dos bosques, que perdeu seu bando,
«Cedeu exangue entre os vis matins!

J. Lopes R. do Bilhar

Capitão, ja leu o *Correio Mercantil* de 15 de julho?

—Ainda não; porque?

—Ora, então não sabe da grande novidade do dia; ignora que está salva a patria.

—Já que não li, diga-me o que ha.

—Ahi vao tudo:

O capitão deve saber que, segundo os calculos do ministro da fazenda, temos ante nós o *lisongeiro futuro de um deficit* de setenta e dous mil contos no fim de 1867.

Pois bem; trata-se de remediar esse mal—no senado—e o Sr. visconde de Jequitinhonha, depois de fallar em *reformas da Constituição*, ufano como Archimedes ao bradar—*Eureka*—propõe no senado mais dous impostos, dous sós—capitão, e está tudo remediado.

—Então, viva o visconde de Jequitinhonha!

—Capitão!...

—O que ha?

—V. Ex. é patriota?

—Julgo que sim.

—Pois olhe; não parece.

—Como?

—Pois, capitão, não bastam os impostos que pesam sobre esse infeliz povo? Não bastam essas caudaes do seu suor, que todos os dias vertem no insaciavel sorvedouro do Rio de Janeiro—o trabalho do artista, do industrial e do lavrador; as economias do logista, do negociante e jornaleiro; as reservas do pobre e os lucros do rico?

Não bastam os impostos, que pagamos diariamente—pelo pão, pela carne, pelo vinho que consumimos; pela cama em que nos deitamos, pelo tecto sob que dormimos, pelas vestes que nos abrigam das intemperies do tempo e até pelo ar que respiramos? Não basta, alem de tudo isso, o que gastamos com os serviços da guarda nacional, do accio, das commissões, dos recrutamentos,&?

—Pois, si é preciso mais dinheiro, aonde hade o ministro da fazenda tiral-o?

—Aonde? Eu lhe digo, capitão.

Deve tiral-o nas algibeiras dos delapidadores dos cofres publicos, dos ladrões do suor do povo—personagens, que lhe devem ser muito bem conhecidos.

Diga-me cá:

Quanto ganha o imperador por anno?

A imperatriz?

As princezas?

Os principes?

Os marechaes do exercito?

Os senadores?

Os deputados geraes?

Os provinciaes?

Os presidentes?

Os generaes em disponibilidade?

E mais de 12 mil empregados publicos de primeira ordem?

Que somma dariam essas quantias, si os que as fruem, appellando para os nobres stimulos do patriotismo, que sabem tão bem *minerar* no coração do povo, do *tolo* do povo, renunciassem ao todo, ou, ao menos, a parte desses gordos vencimentos, que desfructam em santa paz de espirito, accumulando muitos, tres e quatro ordenados, emquanto os pobres, os que trabalham hoje para comerem amanhan, pagam o duplo imposto de seu suor e de seu sangue?...

Mais dous impostos!... Um de 10$ rs. sobre cada pessoa annualmente, e que dará—calculando com 4,000,000 de almas—80 mil contos em dous annos. Outro imposto de dous e meio por cento sobre lucros superiores a 2:000,000 de rs!

Com effeito, é corajoso o Sr. viscondo de Jequitinhonha! Tão corajoso, que encara sem abalo as extorsões doridas desse *pobre gigante* da America do Sul!

Tão corajoso, que crava-lhe ainda mais fundo o punhal das agonias intimas!

Tão corajoso, que, impavido, vendo-lhe mirrada e vasia a bolsa da tão gabada riqueza—volta-se para os seus amaveis collegas, e lhes diz, com toda a calma, pouco mais ou menos, isso:

«Vós sois uns tolos! Choraes a falta de dinheiro?

Pois nas veias do imperio não ha mais sangue?

Invoquemos o soccorro dos *alchimistas politicos*, mandemos cristalisar-lhe esse sangue, e teremos ouro a fartar! Si as veias esgotarem-se, vamos ás arterias, é quando estas tambem nada

mais tiverem, resta-nos ainda o coração!»

—Oh!

—Admirai-vos, capitão? Pois é assim que traduzo a proposta do Sr. visconde; é assim que eu comprehendo o projecto que elle—apresentou, *mas não propoz ao senado, porque não permitte a Constituição a este a iniciativa nos impostos:* artigo que o Sr. visconde reprova e quer reformar.

E ha de se fazer o que elle diz e ha de se esgotar ainda esse meio.

Tem razão, Sr. visconde de Jequitinhonha.

Tem razão.

Viva V. Ex. e a politica dos nossos estadistas. Impostos, impostos e terão cumprido o *desideratum da providencia*, que encherga mais longe que V. Ex., eu e o povo.

—Basta.

O LUXO.

> Aquelle que ama o dinheiro e o luxo, lançando vistas avidas sobre uma peça de ouro, é indigno de dar leis ao seu paiz.
>
> (*Prop.* 38 *da Propaganda.*

I.

O luxo, como implacavel inimigo da honestidade, é um manancial fecundo dos vicios mais asquerosos, dos mais abominaveis crimes.

Quando fosse verdadeira essa tão perneciosa como sophistica distincção entre honra publica e honra particular, quando outra prova não houvesse da impossibilidade da virtude civica com exclusão da individualidade; as consequencias do luxo seriam bastantes para demonstral-a.

II.

Vistes ha pouco, o operario honesto que vivia do suor do seu rosto, que guardava zelosamente no fundo do coração os principios da religião e da moral, que reflectiam em todos os seus actos? A sua casa era asylo de paz e tranquilidade; a economia dirigia as suas despezas quotidianas; senão gosava da abundancia, tambem não conhecia a miseria. Mas a serpente da vaidade mordeu-lhe um dia o coração: o operario deixou se illudir pelo demonio do luxo, que, envolto em brocados, metteu-lhe pela porta a dentro a indignidade e a penuria. O vestido de galla da esposa, a casaca dos filhos, a mobilia da sala representam a somma dos salarios rebatidos, depois as dividas, e muitas vezes a infamia, até que desapparecem varridos por uma penhora.

III.

Era Pedro um negociante honrado. A probidade escrevia os seus livros e media a sua fazenda. Sobravam-lhe os lucros, e ja um bom capital emancipava o seu credito. Recolhido com os seus, encontrava no cumprimento dos deveres domesticos a consolação, o refrigerio e recreio indispensaveis á insipidez e actividade de suas lidas commerciaes. Nas horas de descanço e distração familiar, gosava d'esse prazer puro e tranquillo que illumina o espirito sem o deslumbrar, e todos os dias mais augmentava o amor dos filhos e da esposa no coração do verdadeiro pae de familia. Pedro era feliz: mas em um dia maldicto, acorda fulminado pelo desejo do luxo, leva o cofre do seu capital áprimeira casa de modas, barateia o credito para renovar as pompas, de credor passa a devedor, e do devedor a caloteiro; finalmente de negociante passa a trapeiro, porque tudo quanto tinha está reduzido a trapos. E quando isto deixa de acontecer, é para dar-se cousa ainda muito peior. O homem honesto torna-se máo homem da época, isto é um desses individuos de tacto fino, que sabem *arranjar a vida*, e em pouco tempo, por mysterioso influxo de sua venturosa estrella, ajuntam fabulosos cabedaes. Mas desgraçadamente ninguem ignora a influencia fatal d'esses meteoros do crime, que deixam sempre após si copiosas chuvas de lagrimas. O roubo, a velhacada, a moeda falsa, as quebras fraudulentas marcam sempre o seu nascente e o seu accaso.

(*Continúa.*)

A PEDIDO.

O Valete de Copas—natural das **Caldas.**

(Continuação.)

«Poz-se o sol: a luz do dia pouco a pouca se desmaia, succedendo-lhe uma feia sombra e o pardó véu da noite estendo-se pelo ar toldando-o de plumbeas nuvens.

Em uma casa terrea na rua de *Cima* vão entrando indistinctamente individuos de diversas cataduras.

«A noite tornou-se negra: a chuva cahe a cantaros: a rua de *Cima* esta deserta e apenas em uma casa, que chamaremos o *Recinto de Lucifer*, ouve-se de vez em quanto vozes alternad .s.

Quem atravessasse por ao pé do *Recinto de Lucifer*, ouviria de envolta com os rumurejar das goteiras, o tinir de um som metallico, e uma ou outra imprecação atroz acompanhada de alguma gargalhada stridente: eram dous extremos o desespero dos que perdiam, o prazer dos que ganhavam.

Pela madrugada findou o jogo.

A *banca* tinha *limpado* todos os *pontos*.

E tu, Valete de Copas, espreguiçando te no teu sophá, olhavas com satanico sorriso para o montão de ouro que sobre a mesa te haviam deixado os incautos.

Aquelles rostos esqualidos e desfeitos, por uma noite perdida, commeçaram a sahir aos cardumes e tu impaciente esperavas, que se retirasse o ultimo para a tua vontade saborcares o fructo de tua voracidade.

Entre o grupo que por ultimo sahiu destacou-se um vulto que tomou o caminho da rua da *Ternura*.

Quando achou-se so, entrou a exclamar:

«Meu Deus! Meu Deus! a que abysmo me levou o jogo!

«Não tenho mais o que perder!

«O medalhão que encerrava o retrato de minha mãe, arranquei-o do pescosso de meu filho e vendi para jogar.

«Minha vida, tem sido de longos erros e até de crimes.

«Deixei minha mãe moribunda, na hora em que ia receber o Sagrado Viatico, para ir afferrar-me no jogo.

«Para cumulo de minha desgraça amei uma mulher perdida.

«A mola real da mulher corrupta—é o ouro.

«A sensualidade acompanha-o de perto; a vaidade é por elle suplantada por que presuppõe ainda algum sentimento, e o seculo è das mulheres de lôdo vasado em cadinho de ouro.

«Bebi e joguei muito; para o meu estado era indispensavel a embriaguez.

«Embriaguez dos sentidos, embriaguez da razão, entorpecimento de toda a consciencia.

«Houve trevas completas da honra, da virtude, da dignidade.

«Era hodiondo o meu aspecto, cheguei até a furtar para jogar!

«Um dia, quando não tinha dinheiro, fui sacrilegamente roubar o collar da Santa Virgem, para jogar.....»

Assim lamentou-se o infeliz até chegar a porta de casa.

E somente tu, Valete de Copas, eras o causador de tantas desgraças.

Agora a tua historia.

(*Continua.*)

MOTTE.

A moça que tem dinheiro
Não falta com quem casar.

GLOZA.

E' formosa, e tem bom cheiro
Inda sendo uma cadella,
Aos olhos do povo é bella
A moça que tem dinheiro:
Tem sempre o logar primeiro
Si nos bailes vae dançar,
A ella não falta par
Pelintras, caixeiros, bobos,
E' qual ovelha entre lobos,
Não falta com quem casar.

VARIEDADES

LADAINHA.

DOS RAPASES QUE DESEJAM TOMAR ESTADO.

(Com dote.)

S. Higyno;
Muda-me o destino;

S. Bento,
Com rico casamento.
Santa Emilia,
Que quero ter familia.
Santa Florinda,
Dá-me uma moça linda;
S. Barnabé.
Que não direi quem è:
S. Isidoro,
A quem não amo, adoro.
S. Vicente Ferrer,
Porem o pae não quer;
Santa Benedicta,
Que moça tão bonita!
Santa Rosa de Lima,
E ella assaz me estima,
Santa Ignez,
Si bem que mais a trez:
S. Braz,
A quem dá sota e az:
S. Thomé,
Porem eu sei quem è;
S. Fidelis,
O mais querido delles;
S. Bartolhomeu,
Pois creio que sou eu:
Santa Felicidade,
Do pae muda a vontade,
Santa Jacintha,
Dá que elle consinta:
S. Pantaleão,
Em a nossa união:
S. Basileu,
Ou da então que eu:
Santa Catharina,
Encontre outra menina:
Santa Gabriella
Tão rica como aquella:
S. Benjamim,
E que seu pai enfim,
Santa Petronilha,
Me queira dar a filha:
S. Bernadote,
E tambem o seu dote.
S. Estanislau.
Que seja menos mau;
S. Ludgero,
E tudo quanto espero,
Santa Constança
Com fé, com esperança,
Santa Irem,
Agora e sempre. Amem!

BONS DITOS.

—Gosto dos homens, dizia uma moreninha de muito spirito e talento, não por serem homens, mas por não serem mulheres.

—Ha de tudo, disse uma senhora de edade, que escutava a conversação.

—

—Quantos annos tem?

—Não sei bem, mas devo estar entre os trinta e oito e os quarenta e oito.

—Ora essa! Pois não sabe com mais exactidão a sua idade?

—Não: e acho que não ha nada mais natural: eu conto os meus rendimentos, as minhas cabeças de gado, o meu dinheiro; mas os meus annos, é cousas que não conto muito, por que sei que não hei-de perder nenhum, nem ninguem me roubará nenhum.

Uma senhora de quarenta annos querendo passar por mocinha, dizia a um sujeito: «Eu só tenho vinte e cinco annos.» Ao que elle respondeu: «Isso não è novo para mim, pois ha quinze annos que me repetis a mesma cousa.»

—

Gabavam em presença de Luiz XI um magnifico hospital, que um ministro, conhecido por suas violencias e rapinas, tinha mandado edificar:

—Elle não fez mais que o seu dever, respondeu este principe, è bem justo que tendo feito tantos pobres durante sua vida, lhes désse uma habitação depois de sua morte.

—

Um individuo, vendo um homem que atirava á pistola com pouca destreza, foi sentar-se perto do alvo.

Perguntando-se-lhe a razão porque fizera isso, respondeu:

—E' porque tenho medo que a bala me alcance.

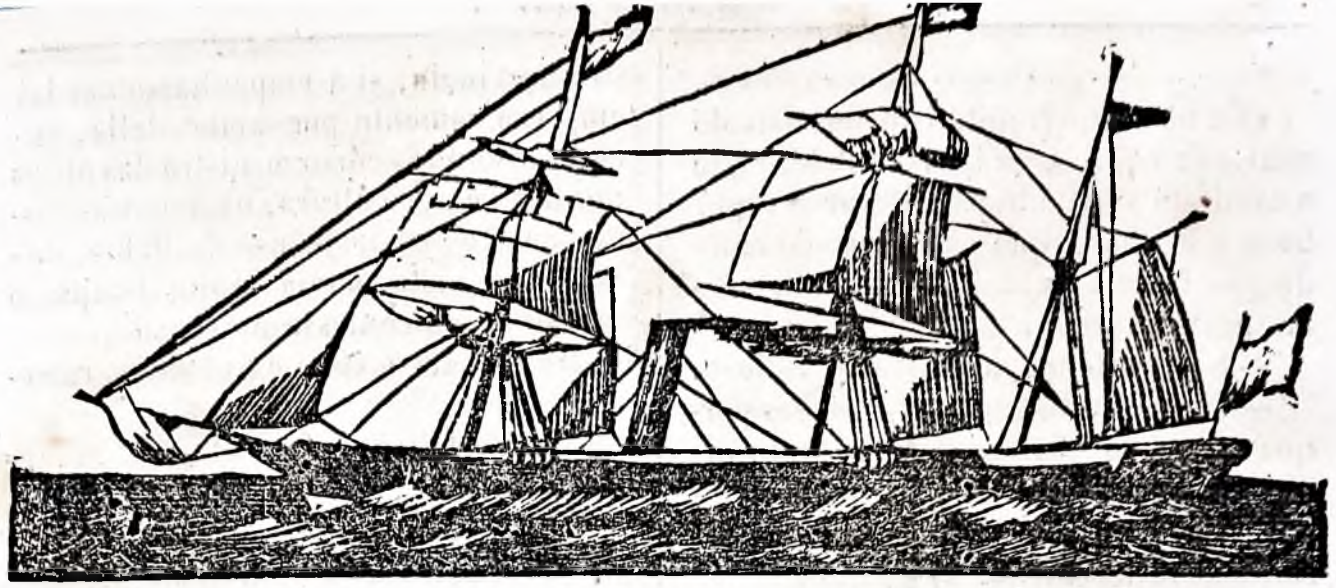
ANNUNCIO.

Nesta typographia se dirá quem compra um sellim ja usado.

Grande Pexinxa.

Quem tiver vontade e dinheiro aproveite a occasião: vende-se por um conto de reis, quatro moradas de cazas, sitas em um terreno proprio, com vinte braças de frente, e mais de oitenta de fundo, ao Mata-tu grande: quem quizer comprar dirija-se a loja nº 59 na ladeira da Fonte dos Padres para tratar.

Foi achada e existe depositada na subdelegacia da freguezia da Sé uma carta para a Sra. D. Ignez Maria da Guia remettido pelo tenente do 32 de voluntario Antonio Joaquim de Magalhães, para ser procurada por quem tiver direito à ella.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 25 DE JULHO DE 1867. SERIE 24.ª—N. 235.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de julho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia do Pilar, pedindo-lhe que lance suas vistas para o pessimo comportamento de umas mulheres *da vida*, moradoras á rua do Julião nº 11 e dê providencias para que essas *cafuzas* não continuem tão desregradamente a insultar a moralidade publica.

— O presidente lê ou não lê o *Alabama*?

— Lê

— Tem certeza?

— Affirmo.

— E como o ajudante de ordens se recusou a receber a folha?

— Eu sei lá!

— Mostrando até uma lista das gazetas, que S. Ex. se dignava aceitar?

— São cousas.

A prova de que elle lê está aqui no *Diario*:

«PRESIDENCIA DA PROVINCIA.

Expediente do dia 18 de Julho.

«Ao commandante do corpo provisorio de policia.—Remetto a Vm. o incluso exemplar do periodico *Alabama*, desta data, para que me informe com urgencia acerca do que o mesmo, na sua primeira columna, trata, em relação a um official desse corpo.»

— Capitão, eis aqui porque estamos sempre desmanchando hoje o que fizemos hontem, fazendo hoje para desfazer amanhan.

— O que temos?

— E' a questão do vapor para o alto S Francisco, é o ministro da agricultura, que declara mui positivamente no senado que não aprova o meio de transporte adoptado pelo Sr. Leão Velloso.

— Onde está isso?

— Aqui no *Correio Mercantil*.

Faça o favor de escutar-me:

«Sinto, Sr. presidente, e sinto muito, que, ausentando-me da Bahia, o transporte do vapor não tenha sido feito, como me parecia mais acertado. Parece-me (sem que nisto vá a menor sombra de desvanecimento) que, si ali me achasse, o vapor ja estaria no rio de S. Francisco, ainda quando fosse necessario eu mesmo acompanhal-o até lá.»

«.....

«Eu não digo (repito isto em vista do aparte do nobre senador pela Bahia) que o caminho adoptado para levar o vapor fosse o melhor, que os meios de conducção fossem os melhores, d'ahi não me provem responsabilidade:.....»

—E' a sentença do Sr. Leão Velloso.

—Certamente, capitão. E sabes porque tudo isso? Sabeis porque tanto dinheiro gasto no transporte de maquinas, que chegarão a seu destino inutilisadas pela ferrugem?

Porque no Brasil não se ouve a voz da imprensa, não se attende á opinião publica, não se consulta interesses geraes, porem individuaes.

—E' porque aqui não se faz como na Inglaterra.

—Como é que se faz na Inglaterra?

—Quando o governo quer metter mãos a alguma empreza importante para os interesses do paiz, manda imprimir e pregar pelas esquinas o seu projecto, e vae ler no outro dia, nos orgãos da publicidade de todos os partidos, a opinião do povo inglez, dos professionaes, dos capitalistas, dos escriptores e dos praticos; para regular seu procedimento pelo sentimento da maioria.

—.....mas isto é la.

—E porque não faremos o mesmo aqui?

—Isso agora é com os Srs. Dantas e Velloso.

—O Sr. Dantas e o Sr. Velloso....

O Sr. Dantas, o mesmo, que destroe o bom effeito das suas palavras que citamos, dizendo no mesmo discurso:... «não me peza ter envolvido a minha provincia n'esta despeza, nenhum remorso me fica!....»

Não lhe peza ter gasto, sem authorisação da assembléa provincial, uma porção de contos de reis na compra de um vapor; outro tanto ou mais ainda no seu transporte! E para que tudo isso? Para ficarmos como d'antes ou peior ainda—sem vapor, nem dinheiro, sem boi nem vacca; como diz o povo! «...d'ahi não me fica responsabilidade....!»

Entretanto, si o Sr. Dantas amasso a sua provincia, si a empenhasse em tal empreza somente por amor della, acompanhando, como ministro das obras publicas o agricultura, os debates d'essa questão na imprensa da Bahia, deveria ter visto, havia muito tempo, o que só agora confessa no senado.

Deveria tel-o visto e tratado de remediar.

Mas desfeitear o Sr. Velloso!...Zangar o Sr. Sento-Sé! *Vade retro*!!!

O Sr. Velloso! Que prefere o contracto do Sr. Sento-Sé a outros muitos mais vantajosos, entre os quaes havia um, que se obrigava a fazer o transporte por VINTE e tantos contos de reis!

—Mas os *resultados*.....

—Os resultados hão de ser os que eu ja disse: alguns ferros velhos espalhados desde Alagoinhas até o Joazeiro, e muitas centenas de contos de reis de menos nos nossos cofres.

—Vossê hoje está embirrando.

—Confesso, capitão, que o estou um pouco. Mas que quer? Não posso ver impassivel essas e outras—o suor do povo esbanjado inutilmente, as suas aspirações verdadeiras escarnecidas e votadas ao olvido, a sua opinião tomada em conta de cifra, e os homens do poder comprando chacaras, passeiando na Europa, tomando banhos thermaes e divertindo-se. E' porque não posso ver sem indignar-me a marcha, que levam os nossos negocios, o descredito progressivo do Imperio, o abatimento de nossa dignidade; o desmazel-o do poder, e a inepcia dos homens que o compõem.

Oh! Capitão, si eu fosse o Imperador!

—O que faria?

—Agarrava toda essa corja e enviava a tomar ares em S. Fernando com a calceta ao pé.

—Isso é com o Sr. Bibiano Gonzaga.

—Isto é que se chama amolar a faca no curral do cavallo para matar o boi!

—Ditados capadoçaes!

—Que servem.

Eu nunca havia de pensar que fallando sobre uma *pechincha*, que houve outro dia em Latronopolis, iria des-

pertar suspeitas no Sr. administrador da mesa de rendas!

—Suspeitas de que?

—Não sei que *analogia* achou o homem no facto, que esticou os cordeis á gente de seu mando e o resultado, dizem-me, foi realmente apparecer um papel emendado.

—De veras?

—Estou sabendo agora mesmo.

—Eu faço ideia como não estarão apertados com o homem, que não é de graças.

—Consta-me que tem andado tudo da salla para a cosinha; até já ha gente mulctada.

—Si for exacto, é de esperar da circumspecção do Sr. Bruno, que não *vá pagar algum justo pelo peccador*.

—Quanto a isso descance.

—E até mesmo algum, que por accaso fosse victima de sua boa fé.

—Que coração de mulher!

Que vibora!

—Qual?

—Esta, que mora aqui na rua d'Ajuda, visinha do major Domingues Lopes.

—Qual o acto de crueldade que ella pratica?

—V. não está ouvindo estes pungentes gritos?

—Estou.

—Pois, meu amigo; é uma pobre creancinha de tres annos, orphan, que teve a infelicidade de cahir nas unhas dessa fera, que a castiga de bolos todos os dias, tanto que ella traz as mãos que fazem lastima se olhar.

—Coitadinha! Dirija-se ao juiz de orphan para ver si elle dá providencia a respeito.

—Vou ao subdelegado da Sé. Estou certo que, elle energico como é, não deixara ficar impune esta deshumana.

—Chegaram os officiaes da Sé.

—Isso è cousa tão antiga!

—Diga-me uma cousa.

—Si souber.

—Si o governo não precisava desses homens lá, para que lhes deu o encommodo de fazer uma viagem; havendo grande alarido contra os que não queriam ir?

—Para gastar com o transporte de cada um 600$ rs., além d'ajuda de custo para compra de rewolver, capote, etc.

—Bom!

E os tres mezes de soldo que o governo adiantou a cada official, quem perdeu?

—Boa pergunta! Quem ha de perder sinão a nação?

—Admiravel governo!

—Basta a ingratidão que obraram com elles, depois que os mandaram embora, deixando-os fora de sua provincia á morrer á fome: houve official que vendeu a farda para comer no Rio.

—De um lado desperdicio, do outro má fé, ingratidão!

E é para haver dinheiro para taes esbanjamentos que o Sr. Jequitinhonha quer que cada brasileiro pague 10$ rs.

—E o Sr. Zacharias quer emittir 45,000:000$ rs. de papel moeda.

—Como não estarão os moedeiros falsos a se regosijarem!.....

—Ora!

—Quantas encommendas não se estarão já fazendo!

—As encommendas chegam constantemente, independente disso

A prova está aqui na *Ordem*:

«.....

«Tambem o grande Manuel dos Santos Romano, dignissimo companheiro de Braga, dizem-me, que ha trez annos acham-se na alfandega da côrte 3 cestas vindas do Porto no navio *Africa*, que, por desconfianças foram examinadas, e achando-se-lhe moeda falsa, teve um socio dentro da alfandega que o avisou e elle consumiu a carta e conhecimento que acompanhava a *boa remessa* e lá ficaram as cestas na alfandega!..... Que corja de ladrões!...E como não serão assim si elles tem por si a policia e todas as authoridades d'esta terra de ladrões?»

—Eu não digo que na crise actual o governo não lance mão de qualquer recurso extraordinario, lamento apenas que a incuria, a incapacidade e sobro

tudo a sordida ambição de nossos estadistas levasse o paiz á tão horrivel despenhadeiro.

A PEDIDO.

Ao Exm. Sr. presidente da provincia.

Exm. Sr.—Convencido como estamos, de que V. Ex. não desdenhará qualquer esclarecimento, que possa, de alguma forma, concorrer a tornar a administração de V. Ex. fertil de beneficos resultados, tomamos a liberdade de submetter á sua intelligente apreciação, a presente exposição, para a qual pedimos se digne prestar por um pouco a sua illustrada attenção.

Nem nos desanima a ideia propalada de que V. Ex. não quer ler gazetas pequenas, uma vez que temos visto V Ex. providenciar sobre abusos que a imprensa, chamada miuda, tem denunciado.

E' por isso que muito de proposito escolhemos o *Alabama* para orgão destas mal traçadas linhas.

E somente stygmatisando os abusos, é que V. Ex justificará o nome de administrador justiceiro e recto, cidadão honesto e circumspecto, e terá direito aos louvores e applausos do povo, louvores e applausos de que se deve ufanar de merecel-os, o funccionario publico, porque em sua linguagem rude exprimem um sentimento real, e são escoimados das lisonjas palacianas.

Si V. Ex. quizer escutar e providenciar, accrescentará mais um serviço aos que tem prestado á esta terra em sua curta administração.

Ouça pois V. Ex.

Na praça, chamada hoje dos Veteranos, existiu uma capella sob a invocação de Nossa Senhora de Guadalupe, de propriedade nacional.

Tendo-se de encanar a rua da Valla, foi de necessidade fazer excavações nos terrenos adjacentes á referida capella, do que resultou ficarem os alicerces abalados e ameaçar ella desabar; em consequencia do que, foi na presidencia do Sr. conselheiro Sinimbú ordenado que fosse demolida, e de facto foi.

Os materias e utensis foram mandados depositar nos armazens da repartição de obras publicas.

A capella possuia tres sinos, que indubitavelmente deviam para ali entrar.

Mas, o caso é, que ninguem hoje sabe dizer o destino que tiveram, a excepção de um, que foi mandado para o cemiterio do Bom Jesus.

Já na presidencia do Sr. conselheiro Sá e Albuquerque os sinos não existiam no deposito, tanto que mandando elle que fossem para a capella do Senhor dos Milagres, ao largo do Paranhos, não appareceram.

No tempo em que a capella foi desmanchada, accumulava Lazaro da Silva Medões os logares de mestre geral e almoxarife da repartição das obras publicas, por ter o cidadão, que exercia este ultimo emprego, passado a occupar outro; e foi necessariamente elle, quem na qualidade de mestre da obra em desmancho, retirou os sinos da capella, e, como almoxarife os recolheu ao deposito.

A' vista do exposto, pede-se á V. Ex. que mande syndicar minuciosamente onde existem os mencionados sinos, e ouvir a supradita repartição; bem como ao referido Medões, si é exacto que em seu tempo foram elles transferidos para os ditos armazens, devendo elle provar com documentos que alli os recolheu, e a quem os entregou quando se retirou, afim de que a fazenda não venha a soffrer alguma lesão, mesmo podendo até acontecer que elles de bem guardados não appareçam, ou que tenham tido algum destino legal que se ignore.

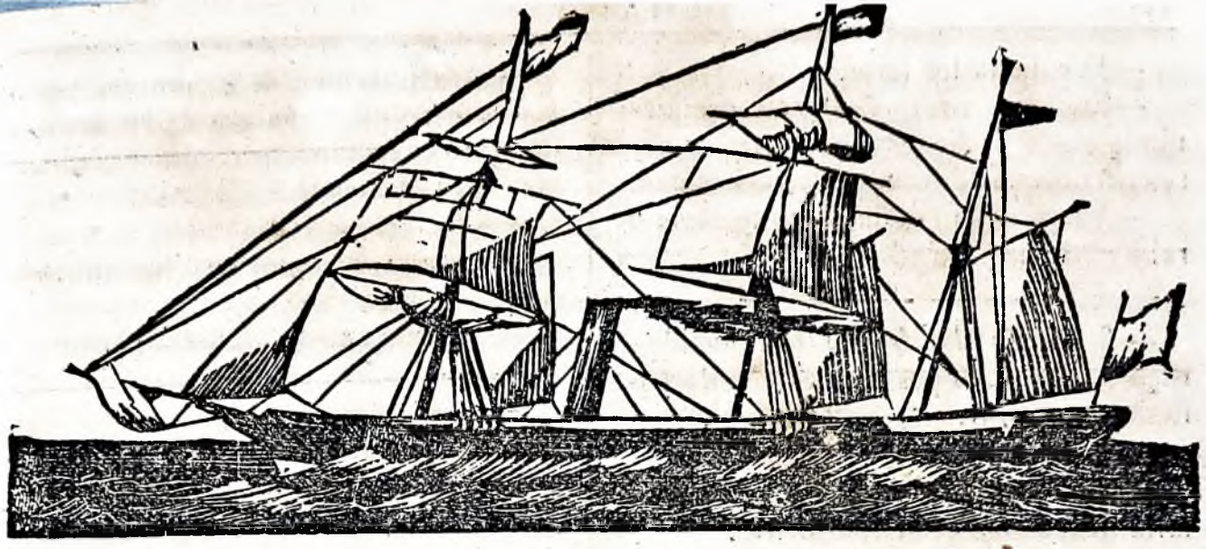
L. S. M.

ANNUNCIOS

Nesta typographia se dirá quem compra o Dicionario de Synonimos em segunda mão.

Nesta typographia se dirá quem compra um sellim ja usado.

Breve sahirá á luz, a nova modinha intitulada—*O beijo de amor.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 27 DE JULHO DE 1867. SERIE 24.ª—N. 236.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de julho de 1867.

Officio á Illma. gerencia da Companhia de Vehiculos Economicos, dizendo-lhe que, no interesse da moralidade e bom regimen dessa empreza, convém que sejam dadas providencias, afim de que os boleeiros da mesma não continuem, á noite, á dirigir da porta da cocheira á rua de Baixo ditos indecentes ás mulheres que passam.

Os falsificadores de café estão com diploma de matadores do povo.

—Quem lhes deu?

—A camara.

—Deixe-se de invenções!

—Ha uma decisão della dizendo—que não é crime falsificar o café, com tanto que na lata onde se venda, tenha o letreiro *café misturado*:

—Nada mais justo

—V. comprehende o alcance desta authorisação?

O falsificador lançará mão da farinha, do feijão podre e de quanto caroço nocivo ha e que pela barateza possa ser misturado, e muito á seu salvo o empurrará ao povo.

—Os fiscaes estão ahi.

—A authorisação é lata. Exige a declaração de que o genero é misturado, mas não quer saber a qualidade da mistura.

—Pois olhe: entre os vereadores ha medico, e si a cousa fosse perigosa estou que não consentiria nella.

—Isso seria, si a saude do povo não fosse olhada como cousa secundaria a outras que eu sei.

E depois semelhante authorisação é illegal por ser contra a postura nº 20 que diz assim:

«Toda a pessoa, que tiver em sua caza de mercado generos avariados ou VICIADOS, assim como quem os vender pelas ruas, será condemnado, no 1º caso em 10$000 ou 5 dias de prisão, e no 2º em 4$000 ou 8 dias de prisão; o dobro nas reincidencias.»

—Agora la isso, o Srs. Drs Pereira de Albuquerque e Silva e Almeida, como jurisconsultos que lhe responda.

—S. Ex. o Sr. arcebispo acaba de fulminar o spiritismo.

—Já o devia ter feito.

—Expediu uma Pastoral premunindo aos seus diocesanos contra os erros perniciosos dessas perigosas ideias.

—Agora os spiritistas, que mettam o rabo entre as pernas.

—O *Diario da Bahia* faz considerações ácerca do pessimo estado da policia na capital.

—Serve.

—E attribue esse inconveniente, á falta de pessoal principalmente.

—E' pura verdade.

—Conclue, aconselhando a necessidade de augmental-o.

—Concordo.

—Devia tambem dizer que, alem dos soldados serem poucos, andam espalhados, servindo a muita gente.

Para que um soldado, por exemplo, na porta do theatro ás ordens do emprezario?

—Para prevenir que algum desalmado vá fazer travessuras lá dentro.

—Ah!...

—Bê...

—Pois, como esse, ha muitos por ahi, servindo até de mercurios de authoridades, que mandam buscar por *ordem* gente, com que se possam *entreter*.

—Cataclysma! cataclysma!

—Que espantalho é esse, rapaz?

—Sarceiro pelo alto.

—Antes fosse *la em baixo*.

—Nada de galhofas.

—Mas o que é?

—Um ecclipse.

—Ora essa!

Do sol ou da *lua*?

—Da *lua*.

—Total?

—Não, parcial.

—Onde é visivel?

—Na ilha de *Carvalho*.

—As folhinhas não marcam.

—Foi cousa inesperada

Um choque repentino da *lua* com o satelite *Felisberta* em sua *ascendencia*.

—Ora tome....para seus eclipses inesperados.

—A tribusana é tamanha em porto *Guindaste* que os *padres* estão na *rua* em *numero* de *vinte oito* a fazer penitencia, de cruz alçada.

—Por la se acabe.

—Houve um *aguaceiro* horribilissimo.

—Submergiu-se algum logar?

—Não.

—E então?

—Mas a chuva em vez de ser de pedra foi de *pau*.

—E V. eá ja sabe de tudo isso.

—Presenciei do observatorio.

—Pois vá observar o fim e venha me dizer.

—Thalia emprestou seu leito a Marte.

O tablado converteu-se em tenda?

—Não me encalife.

O piquete é reforçado, os bastidores passam a deposito de artigos bellicos, os soldados vão municiados e esperam a voz de fogo do commandante.

—Explique essa Quixotada.

—Não me esteja a enguiçar as ideias.

As authoridades estao de prevenção para abafarem, á primeira demonstração, o tumulto phantasiado.

—Ah! isso é negocio de *partidos*; eu julgava que era *no theatro*!

—Não quer me deixar fallar?

Pois eu não estou como certa gente para sustentar caprichos tollos e satisfazer paixões de bastidores.

O LUXO.

Aquelle que ama o dinheiro e o luxo, lançando vistas avidas sobre uma peça de ouro, è indigno de dar leis ao seu paiz.

(*Prop.* 38 *da Propaganda.*)

IV.

Era Paulo excellente magistrado. A razão, a justiça e verdade tinham n'elle um lidador incansavel em defeza de seus direitos; com o pouco que tinha passava decentemente, porque se contentava com o necessario e despresava o superfluo. Uma paixão insensata acordou-lhe o desejo de figurar. Bem

deprossa os principios da san moral fraqueiam no seu espirito, porque para sustental o é nescessario matar a hydra esfaimada do luxo; eil-o que vai á banca do potentado fazer leilão da justiça, eil-o que vae a mesa do jogo arriscar o fructo de suas lucubrações.

Sacrilego da intelligencia, despe d'alma a tega da dignidade, e torna-se instrumento de todas as vinganças, serpente de todos os odios; rouba o direito á fazenda e á justiça, fére as cegas, sem encarar a victima, guardando a profundidade de seus golpes, pelo peso da bolça que lhe pagam. Insensivel a todas as infamias, passa, entretanto, muito satisfeito, porque tem o seu guarda-roupa bem fornecido, excellente mesa, e uma casa explendida. O desgraçado nem conhece que ainda sendo um palacio a sua morada, não passa de uma caverna asquerosa, porque elle tambem não passa de um verme venenoso e nauseabundo.

V.

Não innumeraremos mais exemplos. Ninguem ignora quantas vezes trafica o juiz com a lei escripta, prevarica o empregado publico, torna-se o ministro concussionario, vende o cidadão o seu voto, vende o sacerdote os sacramentos, a mulher a honra... Não façamos corar a modestia com a exposição completa das transações tenebrosas, que tantas vezes se effectuam, com a mira em sordidos interesses, afim de que se possa apresentar o espectaculo impostor de uma riqueza aparente. Si nem todos conhecem semelhantes miserias, ellas estão na memoria da maior parte da população, protestando um brado contra a influencia do luxo.

VI.

Os leitores acostumados a simples polemicas nas folhas, que se dizem politicas, estranharão por certo o caracter e collocação d'este artigo. Com effeito está fóra um pouco do estylo usual. Para justifical-o, porém, repetiremos o que está no nosso programma— nosso partido é o bem de nossa terra.

Afim de alcançal-o combateremos da tribuna da imprensa tudo que for infenso á terra que nos viu nascer, quer individual, quer collectivamente considerada. Não nos contentaremos simplesmente com atirar sobre aquelles que, da cupula da sociedade nos apredejam; muitas vezes desceremos ás ultimas pedras de sua base, para entulhar a mina que tende a desmoronal-a. E' da maior utilidade para a liberdade de um povo a correcção de seus vicios. Um povo vicioso é sempre escravo, porque a escravidão é muitas vezes o primeiro castigo de Deus.

LA VAE VERSO.

Pelo signal.

O nosso imperio vae mal
Em poder dos *progressistas*,
Que se guiam da moeda
Pelo signal.

E' preciso termos luz
Para poder enchergar
Os tratantes ratoneiros
De Santa Cruz.

Que continuem sandeus
A governar nossa terra,
Com leis filhas do capricho,
Livre-nos Deus.

Rufa a caixa, oh! tambor,
Ahi vem os *progressistas*,
Proclamando o monarcha
Nosso senhor.

Té na medulla dos ossos
Levem mil sovas de ortiga
Por não cumprirem os votos
Dos nossos.

De tão enormes perigos
Pretendo eu me salvar,
Acabando com os meus
Inimigos.

O povo desmaia e cae,
Pois que mais sangue não tem,
Busca a salvação e ora
Em nome do pae.

O fidalgo maltrapilho,
Que o suor do pobre rouba,
E' para encher a barriga
Do filho.

Quando vejo em algum canto,
Se fallar em presidencia,

Sei que é para algum *menino*
Do Espirito Santo.

Voluntarios andam nús,
Mendigando a charidade
E..... promessas do governo.....
Amen Jesus.

A PEDIDO.

—Meu guapo official, V. é o *rei dos alferes*.

—Quem dera!

—Asseguro-lhe.

—Mas eu não creio. Quem vive ás *ordens* de outro, pode lá ser *rei*?...

—E então? Já não é alguma cousa estar *ajudando* o governador na sua ardua tarefa?

—O que se aproveita? *lambujes*....

—E é pouco? aproveitar os restos da meza.....

—Quando eu estava na fileira era melhor.

—E porque se empenhou para ter o logar?

—Para desarranjar o que estava.

—Tem mau genio!

—Quando estava na fileira apparecia de vez em quando um destacamento onde a gente podia metter os gadanhos.

—Bem como aquelle, que para V. foi uma *mina*.

—O do *Rio*?

—Sim. Que V. fez *contas* de gran capitão com os soldados.

—Pequenos arranjos!

Tambem, soldado naquella terra, para que quer dinheiro?

—Bello! Come vento sem duvida.

—Com uma pataca tem-se um bahú de feijão, com seis vintens uma libra de toucinho de palmo de altura; bem vê que n'uma terra destas, com qualquer cousa se passa.

—E como arranjava V. essa gymnastica?

—Engambelava os rapazes com dous ou tres mil rs.

—V. sempre mostra que foi menino capoeira!

Ainda me lembro daquella falcatrua que V. fez, no tempo de sargento.

—Qual?

—Aquelle caixão que V. arrombou com tanta destreza, para bifar os seis capotes.

—Isso foi *in illo tempore*.

—V. ainda tem daquellas cedulas de 20$ rs?

—Aquellas *verdadeiras*?

—Sim.

—Qual; acabei com isso.

—Porque?

—O negocio ia me sahindo caro; ainda existe no quartel uma ordem do dia á respeito.

—Tambem V. sem escrupulo mandava trocar pelos guardas.

—Mandava, porque tambem me mandavam.

—Quem lhe mandava?

—Lá isso é segredo.

—Ah! *policia* de minha terra.

—A *policia* é de casa.

(*Continúa.*)

Pergunta-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, si um subdelegado depois de dar ordem de prisão a um individuo, poderá insultal-o asperamente na rua por patife e outros termos semelhantes?

Si não é de lei, o que isto pratica desconhece o logar e é um insolente e estupido.

Si não houver resposta, prometto por S. *Jorge* que continuarei.

O offendido.

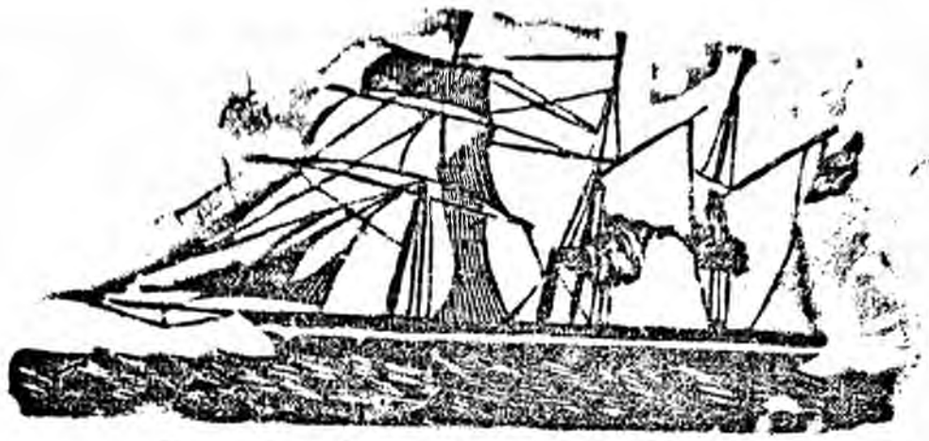
ANNUNCIOS

Domingo 28 do corrente celebra se na matriz de Sant'Anna a festa da mesma Senhora com grande pompa. A' noite haverá um esplendido fogo de planta.

Grande pexinxa.

Quem tiver vontade e dinheiro aproveite a occasião: vende-se por um conto de reis, quatro moradas de cazas, sitas em um terreno proprio, com vinte braças de frente, e mais de oitenta de fundo, ao Mata-tu grande: quem quizer comprar dirija-se á loja nº 59 na ladeira da Fonte dos Padres, para tratar.

O
ALABAMA
1865
A
1867
H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 5 DE JUNHO DE 1867. SERIE 22.ª—N. 212

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando que o muro do sobrado á rua dos Capitães, quina d'Ajuda, pertencente á Ordem benedictina, acha-se desaprumado e em estado de desmoronar-se em virtude da quantidade de terra que sobre elle descança; e sendo de temer-se que com estes dias de chuva venha elle a desabar, pede-se a S. S. que mande vistórial-o e dar providencias, afim de ao depois não ter-se do lamentar desgraças irremediaveis.

—As mulheres vão tomando parte activa nos negocios publicos.

Diz a *Correspondencia de Portugal*, que as duas camaras da legislatura de Kanzas e da de Wiscoussin decidiram dar o direito de suffragio ás mulheres.

—Por cá tambem temos senhoras não só involvidas na politica do paiz, como exercendo a profissão de artistas.

Nas Alagoas, foi recrutado um typographo do *Diario* e isso influiu para que os artistas da typographia da *Voz do Povo* se retirassem della, de sorte que os trabalhos de impressão d'aquella officina são feitos hoje por duas alagoanas.

A esse respeito diz a *Voz do Povo:*

«Estas duas senhoras, possuidas de nobre enthusiasmo, exclamaram nos seguintes termos — «Pois bem, já que esse infame cobardemente persegue aos homens, cumpre ás mulheres patentear ao publico a baixeza de caracter desse bandalho.»

—Estas são das taes de tirar cabello da venta.

—Não é só isto: a typographia é administrada pela esposa do proprietario.

Veja este annuncio.

«A abaixo assignada, convida a todos os assignantes deste jornal, que ainda não pagaram suas assignaturas, a virem ou mandarem quanto antes fazel-o, visto achar-se seu marido, Antonio Grisiano da Rocha Algarrão, proprietario da typographia—*Popular*—e principal redactor da *Voz do Povo*, ausente para escapar de ser assassinado pelo monstro e doudo presidente desta provincia ☞ José Martins Pereira de Alencastre. ☜ Maceió 23 de maio de 1867.—*Maria Algarrão.*

—Na v rdade esta de *cachupeleta.*

—Nesta terra, quando se determina o cum pr.mento de uma medida de

utilidade não passa isso de palavras.

Ha uma postura da camara municipal ordenando que a cal seja transportada em vasilha coberta, de maneira que não possa ser espalhada pelo vento.

Qual o condutor de cal que leva em conta essa postura?

—A culpa è daquelles, que tem obrigação de fazel-a observar.

—Deitam irrisoriamente um estreito pedacinho de taboa sobre a larga boca da vasilha, onde vae a cal, e com isso tem elles satisfeito a obrigação municipal.

—A culpa não é delles.

—Tambem não sei si é do fiscal, por que si elle agarrar o burro do Sr. Dr. Fulano de tal, carregador de cal, é quem hade ficar mal.

OS HOMENS DO TIRAPE' E CEROL.

A sociedade humana compõe-se de muitas e differentes classes; e, pelas necessidades do homem, foram se inventando os officios e maneiras de viver

Quando nasceu ou creou-se o primeiro pai do genero humano, por certo que não andava de sapatos ou botas

Veio com os pés núa, e com todas as proporções necessarias para andar com elles sobre o chão. Encontrou-se porem a creatura com pedras agudas, com espinhos, com terrenos humidos, e uma immensidade de coisas para lhe causar mal e ferir; e como seja essencialmente commodista, lembrou-se de forrar os pés de alguma coisa que o preservasse dos mencionados inconvenientes.

E para logo, da lembrança passou a execução, e eil-o de sapatos. Mas, como não seriam esses sapatos?! Talvez de folhas de bananeira os usasse Adão; talvez algum sacco sem forma tivesse este nome entre os primeiros habitantes d'este torrão chamado mundo que é tão bom de se gozar quando se tem dinheiro. Parece que se pode affirmar que os antigos patriarchas nunca usaram de gaspeados, nem os seus generaes, Josué, Holofernes e outros, jamais estiraram as pernas nos combates com grandes botas, bem lustrosas e acabadas. As madamas d'aquelle tempo, por sem duvida, não apertavam os pés em estreitas botinas para se mostrarem delicadas: quem tinha seus pés de adobes, assim os conservava á vista, o que hoje se não quer, levando-se muitas vezes duas horas para calsar um sapato, o que faz, como tenho visto, que em muitas sociedades muita moça nem se levante do logar, por não poder andar, em razão do sapato apertado e justo.

Querem a Sé dentro da Misericordia.

Seja porem la como for, o certo é que de degrau em degrau, o costume foi-se introduzindo, a moda d'elle se apoderou, a loucura dos homens acceitou as leis da moda, e eis um officio sahido como todos os outros da necessidade, e eis uma classe de gente de tira-pé e sovella, cerol e fôrmas.

Quem chegar junto de qualquer sapateiro, não é preciso, si o não conhecer, perguntar-lhe em que se emprega; não: basta tomar-lhe o cheiro, e immediatamente saberá, de modo que se não poderá mais livrar do almiscar da gracha e cerol, que todos os dias trazem nas mãos. Alem de que, olhando-lhes para as calsas, saberá tambem do seu officio.

Não se encontra jamais um sapateiro que não traga a calsa, na parte que cobre a frente das cochas, rôta, remendada ou puida. E' n'aquelle lugar onde se assenta a pedra, na qual batem a sola.

O sapateiro se assemelha muito com o menino de peito. Este, as mais das vezes, está em quanto dorme a bolir com os beiços, como si estivesse mamando: aquelle inda mesmo dormindo está a puxar o cordel, como si estivesse ponteando algum solado de sapato ou bota.

Este officio torna os seus executores gibosos, e não sei porque é raro encontrar-se um sapateiro que não tenha beiços grossos e bôca rasgada: si me não engano, é isto procedido de estarem elles uma vez por outra lambendo a sola em que trabalham. Tambem encontra-

se a maior parte dos sapateiros, com uma mataria de cabellos, onde sem vexame se podem crear cinco ou seis mil cabeças de gado — muquiranna; necessitam de cabello para passar n'ello a ponta da sovella, por isso, o vão creando... creando....até ficar como por ahi se vê.

Seja porem confessado: o officio de sapateiro é um dos bons no tempo presente. Fazer umas botinas por cinco mil réis, e umas botas por dez e doze ja é alguma coisa e optima pechinxa. Muitas vezes tenho dito que bem sinto não me terem mandado ensinar a sapateiro.

A vida do sapateiro se acha identificada com um caixão de traquinadas e n'esse caixão, quando estiver elle trabalhando n'uma porta de escada ou de tenda, encontrar-se-ha sempre algum pedaço de bolo, de cocada ou raspadura, que elle em quanto trabalha está mascando, mesmo porque necessita de força para poder e tar assobiando suas arias, contradanças e polkas, no que são insignes os taes sapateiros.

Ninguem inda assim, tracto de ir á funcção, a casamento ou a baile esperando que no dia promettido o sapateiro lhe dê promtos os gaspeados.

Está enganado. No dia pela manhan não virão: manda-se á tenda primeiro e segundo portador, e sempre virá recado de que se está pregando o debrum: caminha-se em pessoa e desesperado a ver, e acham-se os sapatos apenas junctos.

Quem ha ahi que ja não tenha soffrido destas?

Safa com a gente do tirapé e cerol!

A PEDIDO.

—Foi um dia, um caixeiro, depois de estar algum tempo empregado, foi pelo patrão expulso, porque...

—Não serve historia de caixeiros: outra cousa,

—Foi um dia, um rapaz, namorou, seduziu e raptou uma moça, depois...

—Tambem não agrada o assumpto; procure outro.

—Foi um dia, um sujeito, depois de fazer uma trampolina, fingiu que queria envenenar-se para obter a indulgencia do...

—Veja cousa melhor.

—Foi um dia, um mau, depois de ameaçar a seu tio e bemfeitor com um chicote...

—Negocios de chicote, safa!

—Foi um dia, um ingrato...

—Ora ingratidão... mau principio para uma historia.

—Foi um dia, um fraudulento, depois...

—Com fraudes, não venha cá.

—Foi um dia, um assassino, depois de pagar a um terceiro para dar cabo de...

—Outra cousa.

—Foi um dia, um cão; mas... sempre é historia de cão e não eu que vá metter-me com cães, que agora andam damnados.

—Mas então que é da historia?

—Fiça para outra vez, por agora é contentar-se com o esboço.

(*Continúa.*)

Lê-se no *Tribuno:*

.....

Emquanto lá no Sul, exhaustos morrem
Nossos pobres irmãos, em dura guerra,
O que fazeis, senhores do governo
Potentados da terra?

Vós, que tendes *poder*, vós que sois *grandes*,
Não lhes ouvis o choro, os tristes ais?
Ah! crueis, ah tyrannos, nem ao menos
O soldo lhes pagais....

Mas... não penseis que o povo está dormindo;
Elle vella... elle pensa... e um dia.. e breve,
Haveis de ver no solo brasileiro
Uma *praça* de Gréve.

Então... tremei covardes, deshumanos,
Erguei á vista, e á Deus pedi perdão,
Que para vós terá soado a hora
Fatal, da expiação.

.....

—Dez horas e meia, e não ha um empregado no sello!

—E agora o que quer o Sr. com isto?

—E' que estou empatado perdendo meus interesses.

—Si não quer esperar, vá e venha logo.

—E diz-se isto n'uma repartição publica!

—Vá deitar no *Alabama.*

—E' o que vou fazer.

—E com isso está despachado!....

—Ao menos, o publico sabe como certa gente cumpre com suas obrigações.

—Sr. *Souzinha,* faz favor?

—Sr. *tenente,* é mais bonito.

—Vá lá; e até dou-lhe mais. Sr. *ajudante,* faz favor.

—Não dá nada de mais.

—O motivo porque o Sr. regeitou a proposta daquelle homem que diz *faria* mais barato, apresentando um fiador idoneo, para acceitar a de outro em condicções duvidosas?

—Ora essa! acceitei, porque entendi que devia acceitar.

—Ou foi porque elle não escorregou com os *cahidos,* como naquella de 31 do passado?

—Não preciso.

—Si não precisa, para que outro dia regeitou uma proposta, acceitando outra mais onerosa? seria só com o fim de proteger a algum feliz filho de *Adão?*

—Eu tenho o direito de livre escolha e portanto posso preferir a quem quizer.

—Isso é com o que for seu. O trem de *paz* não é dominio seu, para o Sr. presentear a affeiçoados ou transigir quando substituo o chefe.

Entenda.

Pede-se a um certo *educador*, que, por Nossa Senhora da Conceição, deixe de estar se namorando o dia inteiro, visto ser muito feio para um homem casado.

RARIDADES CALÇADENSES.

(*Continuação.*)

Um santo *Antonio* feito de *carvalho.*
A fallaritis do Pereira.
As pernas curtas do Folô.
A malandrice do Julio.
A valentia do Olympio boi.
A tagarelice *a/austinada.*
As tratantadas do ex-administrador dos infelizes.
A hypocrisia do Mendonça.
A montaria do Miranda.
A parvoice do Gomes.
Os grilos na casa de prisão sem trabalho.
Os timbales do Zé Funileiro.
A innocencia do *Totonho Botejo.*
A brutalidade do F. Roza.

VARIEDADE.

DEUS!

Quando acorda a natureza,
Como é bello ver os ceus!
As aves trinam contentes,
E no trinar dizem: —Deus!

Quando, junto á fontinha,
Ouvimos os murmurios seus,
Esse doce murmurar
Na mente traz-nos só — Deus.

Quando o mar enfurecido,
Geme formando escarceus,
O furor desse elemento
Faz que adoremos a— Deus.

Na fragrancia das florinhas,
No primor dos camafeus,
Vê-se a mão do Omnipotente,
Esse Omnipotente é—Deus.

Quando a noite cobre a terra
Com negros e escuros veus,
Seu magestoso silencio
Faz que pensemos em — Deus.

Tudo que ha sobre a terra,
Os astros que adornam os ceus,
Em toda natura vemos
Deus, Deus e sempre—Deus.

Silvio.

AO PE' DA LETRA.

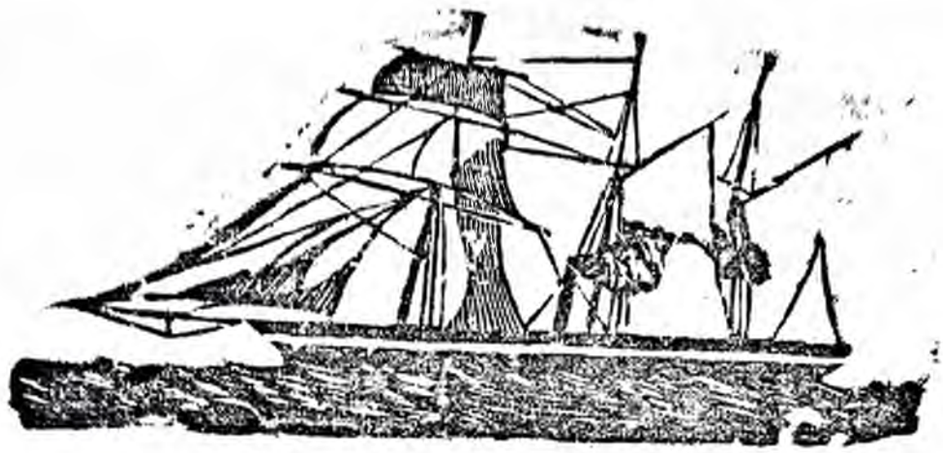
Deu-se ordem n'uma noite de baile ao creado de uma casa, para que não deixasse entrar ninguem sem lhe entregar a bengala.

Apresentou-se um sujeito que não levava bengala, e o criado chegou-se a elle, dizendo:

—Meu charo senhor, peço perdão, mas não posso consentir que suba para as sallas sem deixar aqui a sua bengala.

—Mas si eu não a trago, como quer que lh'a entregue?

—Pois então fará o favor de a hir buscar, respondeu o creado.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 8 DE JUNHO DE 1867. SERIE 22.ª—N. 213

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1° andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, pedindo-lhe que, por commiseração aos infelizes doudos do hospital, mande syndicar si é verdade que esses desditosos são brutalmente espancados por um enfermeiro, que sem piedade os quer sugeitar aos seus caprichos peccaminosos.

—O homem busca os trabalhos por suas mãos.

—As vezes.

—Si aquelle pobre homem não fosse buscar uma *mundeira* para sua companhia não estava agora na cadeia.

—Quem é elle?

—Um sujeito que vendia passarinhos na cocheira do Parassú á Estrada Nova.

—Sei. O que teve?

—Encontrou a *predilecta* hontem á noite fazendo *infidelidade* e vingou-se prespegando-lhe um apimentado molho no logar que dispertou cobiça no seu concurrente, acompanhando á isso algumas cannivetadas.

—Pois por tão pouco? Não valia a pena.

A moda hoje tem admittido que nestes casos faz-se *a vista gorda*.

—Mas o homem que não frequentava *salões* não entendia dessas *etiquetas* e assentou que assim se vingava. Confessou a authoridade que estava satisfeito, porque nestes dous mezes o seu rival não se *divertiria* á sua custa.

—Coitado! Estava hallucinado pela raiva.

—Novo systema de enlameiar as ruas!

—Diga.

—Quem está concertando sua propriedade, manda deitar a ciscalhada e barro nas buraqueiras sem conta, que ha pelas ruas da cidade; as chuvas reduzem o negocio a lama, os carros encarregam-se de enlamear o facto e salpicar a cara de quem passa, daquella essencia de tijuco.

—Ora historias!

—Historia é que hontem, passando pela rua da Misericordia, fiquei com a mascara toda burrifada.

—Tenha paciencia, que todos soffrem neste mundo.

Correspondencia encyclopedica do «Alabama.»

CORTE 1 DE JUNHO.

Si em todo o mez passado,
Eu lhe não [illegible] escrever;

Foi a doença o motivo,
o por faltar que dizer

Agora porem, melhor,
O que ha lhe vou narrar;
Lhe rogando, é a seus leitores
Me hajam de desculpar.

Dito isto, entro *na materia*.

Começando do principio, tem logar dizer-lhe, que, o cholera, aqui na corte, está *agonisante*, pelo que vae ja passando o temor desse incommodo viajante. Não va, porem, suppor que isso é divido ás providencias do governo. Não Sr., o cholera sahiu como entrou, isto é; quando lhe conveio, e agora na infeliz cidade de Campos e na villa de Magé e outros logares esta elle fazendo sua *carneação*, e o governo deixando a natureza obrar, visto como não pode distrahir-se da verificação de poderes na camara. Attribua antes, pois, á Providencia o haver se compadecido de nós e afugentado—o terrivel flagello para longe.

Alcemos, pois, para o ceu
As preces da gratidão;
Pedindo que nos proteja
A Virgem da Conceição.

Em relação ao governo, capitão, deu-se aqui o mesmo que se está dando nesses logares que o terrivel flagello açoita, e que não teem por si nem *um medico*!

Isto não quer dizer que, o governo não seja *forte, activo, energico e decidido*; mas, nas condicções de *progressista*, não pode occupar-se com essas *bugigangas*, que nada valem.

De nimiis non curat pretor. Tinha que ver—um ministerio como o actual, composto das summidades do paiz, occupar-se de trivialidades. Havia de ser bonito ver, por exemplo, o nosso ministro das industrias pôr de parte os grandes planos que rumina, para se occupar em ver si ha ou não cholera, si morre muita ou pouca gente!

Ora, outro officio.

Capitão, creia, é verdade,
E digo com todo serio
Eu..., nunca vi governo,
Como este ministerio!

Forte, activo, energico e decidido, é um governo *comme il faut*!

Oh! capitão;—grande cousa é uma cousa grande! Oh! sorte do meu paiz! Oh' fortuna do Brazil! Oh! epocha das *raridades*!

Sempre que vejo os ministros reunidos, digo: *beatus venter qui te portavit et pectora qui te suxisti*.

Abençoadas mães que os pariram, e as mamas, que os alimentaram!

Sabe já que as cortes estão abertas, e que si na camara temporaria ha uma boa patrulha de conservadores e uma guarda liberal disposta á dar batalha ás cohortes governistas, no senado, e governo não vera *boia*.

No dia da abertura, a casa estava lugubre, quero dizer, apezar de comparecerem todos os sete ministros, que aqui são chamados —os 7 peccados, notava-se certa tristeza, pois, não fallando em muitos deputados progressistas que não foram, o senado apresentou apenas —30— de seus membros; e até deu-se a coincidencia de, na occasião em que o prestito imperial chegava, tocar a musica uma peça, que, por sua monotonia, parecia funebre.

Si Deus sempre escrevia parabolas, elle mesmo permitta que isso nada queira dizer.

Cá por mim, repito sempre:

Quem mira bem o caminho
Qu'este Brazil vae levando;
Pensará—qu'elle *progride*,
Mentira, *está liquidando*.

Felizmente um episodio que se deu no final da abertura veiu tirar os expectadores da porta, em cujo numero me achava, das conjecturas, que cada um estava fazendo sobre o *funebre* da musica, e foi o seguinte:

Percorre aqui as ruas, entre outras, uma louca, cuja mania é fazer versos e dançar. Concorreu ella á augmentar o numero dos expectadores, e silenciosa, viu entrar os *magnatas*, e até o imperador com todo seu sequito. No fim, porem, quando já muitos dos assistentes, como o imperador, haviam se retirado, sahia o nosso Manê do Souza, ministro das *industrias*. A louca ao vel-o, não sei o que elle pareceu-lhe e o certo foi que começou a dançar, cantando o seguinte estribilho:

« Ahi vem João Paulinho,
« Vem tão bonitinho, »

E cantando e dançando o recebeu na porta e o acompanhou até o carro.

Imagine pois a *despedida* que teve o nosso Manésinho, acompanhado pela folgasona louca, e pelo riso da *canalha*, que esqueceu se do poder e importancia de S. Ex., e com gargalhadas approvou a lembrança da infeliz. Manésinho embarcou ligeiro, qual um gamo, no carro e no rodar deste lançou um olhar de indignado á *plebe*, que nisso mesmo achou mais um motivo para rir-se.

Em um dia tão solemne,
Ser um ministro apupado,
Não pode ser um *aviso*
Que do ceu venha mandado?

Emfim, nessas cousas de—arco da velha—não gosto de entrar; sem querer occultar que fui um dos que riram-se talvez mais.

Mas voltando ás noticias.

No dia seguinte, o governo era derrotado no senado, pois oppondo-se á conservação do visconde de Abaeté, passou pelo desgosto de vel-o sahir presidente por 25 votos; perdendo apenas o seu e os dos ministros: da fazenda, do imperio, de estrangeiros e da guerra!

E tudo isso foi nada; á vista da eleição da commissão de resposta á falla do throno, que ficou composta dos senadores:

Conselheiro Barão de S. Lourenço,
« Barão de Muritiba,
« José M. da Silva Paranhos.

Na camara temporaria, porem, foi eleito o Verres de Pernambuco, o primeiro vulto do progresso, o conselheiro Silveira Lobo, distincto liberal de palavra.

Não devo calar tambem o 1.º vice-presidente, que é o capitular de Pernambuco.

O povo aqui ri muito quando elle diz —*camera*!

E' *candidato* ao bispado desta corte!

Como é—progressista—nada admira-se.

Ha quem porem affirme ser graça, mesmo porque o piedoso reverendo tem muito amor aos *filhos* de sua commadre para separar-se delles e d'*ella*

Seria uma crueldade,
Até mesmo ingratidão,
Privál-os de seus..... sobrinhos
As cordas do coração.

Bem lhe disse eu, que o offerecimento do barão de Bambuby era para *inglez ver*.

Tal qual; até hoje, ainda não constou que um só guarda recebesse os 200$ rs. tão generosamente offerecidos á cada um dos que embarcassem.

Corre por aqui que é removido no caracter de commandante superior para a capital o muito alto e nobre Sr. barão do Rio Real, parente do nobre ministro das industrias, ficando encarregado da administração do *feudo* o activo João dos Reis.

Isto serve só para provar que o ministro Manè de Souza não se esquece dos parentes!

Faz muito bem, Manè de Souza
Arranje-se bem no poleiro;
No mais, elles que fallem,
Você não è conselheiro?

Elles já andam fallando
Em—saques—de cinco contos,
Não s'importe, e no progresso
Vá andando, deixe-os tontos.

Eia, avante, Manésinho, hoje em dia todo meio serve, uma vez que do emprego resulte—dinheiro.

Quem não furta e não mente
Não provem de boa gente.

A regra hoje é arranjar a si e aos seus. E para que não creia que é gracejo—veja o que se segue: é do *Constitucional:*

«A dedicação da familia do Sr. conselheiro Affonso Celso pela mãe patria chega até á abnegação.

«Com o civismo viril dos Gracchos da republica romana, ella arremessa seus anciões, seus filhos, puberes e impúberes á vaga dos empregos *ainda os mais mal retribuidos*.

«Eis os nomes dos heroes da sacra familia, que devem ser gravados no marmore da historia:

«Conselheiro *Affonso Celso d'Assis Figueiredo*, minis-

tro da marinha.....	12:000$
«Commendador *Carlos Pinto de Figueiredo*, official do gabinete.....	6:000$
«Coronel *Carlos d'Assis Figueiredo*, director das obras publicas..... ..	2:500$
«Dr. *Jorge João Doderrast*, official da secretaria da Assembléa	2:400$
«*Francisco Barboza*, empregado na secretaria de um dos ministerios.....	2:600$
«*João Affonso de Figueiredo*, official maior da thesouraria provincial.....	2:000$
«*João Antonio Affonso*, thesoureiro da caixa filial..	2:000$
«*João*, filho do coronel José Baptista, amanuense da secretaria da policia....	400$
Somma.....	29:900$

«Junte-se a ajuda de custo á dous destes que são deputados 4:800$—e o total 34:700$.»

Eis pois, capitão, o que se chama uma ninhada de filhotes progressistas. E creia que nestas circumstancias estão todos os ministros.

E o povo marcha p'ra guerra.
E o povo é recrutado,
E o povo pague tributos
Para as harpyas do Estado!

Todos são assim. O Zacharias demittiu um fiel de armazem d'alfandega, para metter o irmão José dos Santos Colonia que estava todo... estourado. Portanto, não admira que Manésinho vá fazendo como os *collegas*. Elle não é tolo, é geitoso, e tem muito bom nariz; *fareja* longe; ninguem conhece melhor que um ministerio está para cahir do que elle, e è assim e por isso que elle se tem aguentado; muito embora para isso, tenha corrido os *partidos serios* e todas as *especulações* que a politica do ventre tem inventado.

Avante, Manè—posição e *plata* e quando vir que o ministerio está em balanço, com a farda do ministro mesmo passe.

Manè dizem que chorou,
No ventre que o pariu,
Pode ser que seja fabula
Mas elle experto sahiu!

Corre por aqui que o Silva e Almeida vae presidir á provincia do Pará; que para a Parahyba vae o F. Sobrinho e para Alagoas Gonçalão. Não admiro, desde que o Bebè Capona poude ser presidente, ninguem mais tem incapacidade para tal logar.

Que tempos e que homens!

O que é certo è que o governo do progresso paga á bocca do cofre, e os *progressistas* vão se arranjando.

Lá vae um novo commandante superior para Itaparica. Veja se não è certo? O Almeidinha andava *pingando*, e agora está se arranjando e aos parentes.

Isto de honra e brio é tudo pêta.

O mundo está de tal forma
Que quanto mais descarado,
Para a gente do—progresso,
Se fica mais recommendado.

Foi inspeccionado e julgado incapaz do serviço Antonio Carvalho dos Santos, filho daquelle pobre cego, que se senta na ladeira da Misericordia.

Esse homem, que á face da lei está isempto do serviço militar, por ser filho unico de viuvo decrepito e cego, que tem mais a seu favor a vantagem de ser excellente filho, tanto que, alem de seu pae, carregava as duas irmans honestas, foi caprichosamente preso e forçado a embarcar como *voluntario*; porem Deus em sua Alta justiça quiz que elle, aqui chegando, fosse julgado incapaz para a guerra e lá vae neste vapor abraçar seu infeliz pae e desconsoladas irmans.

Ca anda *frescando* o Sudrèsinho. Aboletado em casa do *industrioso*, tem tudo, até cama, onde commemora a historia de *Mil e uma noites* do *Pharol*!

Meu amigo, quem foi rei é sempre magestade.

Ruim è o cão á quem dão o osso e não roe.

Do duas uma; ou o cão é tolo, ou o osso não è bom.

Entretanto, o *menino*, como lhechama o *industrioso*, vao passando vida *regalada*, e ompalmando os cobres ao os-

lado, que o contractou para.....

Forte desgraça!

Bocage só conheceu 7—mas o *progresso* nem isto lh'escapa.

Bem dizia o conde de Bazan:

O que faz a minha gloria
E a mulher do visinho,
E quando bebo seu vinho,
Completo minha victoria;
Até com risco de vida,
Viva a cousa *prohibida*.

Mas, o que quer? São condicções do progresso. —Não se comem trutas a barbas enchutas. —

E a proposito do progresso, eu vou dar-lhe uma prova do adiantamento, ou antes carreira que elle leva.

Leia o seguinte, que vem no *Correio Mercantil*, autenticado com a firma de seo autor.

«Aviso—Francisco Gomes de Freitas, commerciante desta praça.—Por este faz sciente aos Illustres Srs., emmittindo aqui sua posição, e, a quem prometteu a receita para com *certeza*, *infallivelmente* formar a *virgindade artificial* e talvez *superior* à natural, que ha dous dias, está prompta.

«Uza assim, para que não o tachem de falto de palavra, e, a qual nunca faltou, como o podem attestar as principaes casas desta Praça.

Disse.

Março de 1867. Rua da Carioca nº. 118.—*Francisco Gomes de Freitas.*

Este individuo, é auctor tambem d'aquella *seringa*, por meio da qual se pode fazer conceber 10, 20, 30 ou 50 vacas, bem como foi o descobridor das *bisnagas*!

E' portuguez: a declaração tende á garantir a patria, a gloria de ter um tal filho!

Ninguem se va descuidar,
Ande com muita attenção,
Que o—progresso como vae
Dá cabo desta Nação.

Recomendo-lhe a Falla do throno Diz ella que breve ha de cahir maná do ceu, e para isso crer-se basta ver-se o *socego* com que se fez a eleição em todo imperio.

Cest trop fort.

Oh! grande coisa é um governo *forte, activo, decidido, energico e vigoroso*,

Grande cousa é a *coragem* ou o cynismo!

E' aqui que cabe o adagio:

«Quem não tem vergonha, todo mundo mundo é seu »

E assim se passa a vida
De miseria e illusão,
E diz-se que somos livres
Vivendo na escravidão?

O mestre Zacarias, no seu relatorio, pretende tachar todas as profissões, inclusive as *costureiras*.

Capitão attenda-me

Si do Prata ao Amazonas
Si fizesse uma fogueira,
So assim se acabaria
No Brasil a ladroeira.

Incluo aqui a soguinte noticia curiosa, que tem por titulo:

«JORNALISTAS DE SAIA

Vai publicar-se em Nova York um periodico, cujos redactores, typographos e mais empregados, pertencem todos ao bello sexo.

Para irem a aquellas cerimonias em que seja necessaria a sua arte, pediram-se para Londres—duas tachigragraphas. A redação compõe-se das Srs. *Ann. S. Stephens, Cathoum, Croly, Parton e Terhune.*

A conhecida actriz Miss *Olive Logon* terá a seu cargo a critica theatral e Miss *Ann Dickinson* será a correspondente do jornal no estrangeiro.

Vou concluir com um facto que tem toda analogia com muitos que ahi tem se dado, isto é, que prova o estado de atraso do nosso jury ou antes até onde pode chegar o espirito de protecção.

Hade estar lembrado dos processos do Seixas pelo que empalmou de Raidei & C., do celebre Victor Freitas, sobre os 18:000$ que com um bilhete falso enganou o Calombreiro. Pois bem aqui acaba de ser julgado um individuo, quo em dous annos que esteve no Banco Rural como escripturario, falsificou 48 echeqs. principiando por um de 50$ e indo ate a 12:000$, e fazendo um total de 150:000$000.

Este individuo falsificou a firma do proprio secretario do banco.

Pois bem; descoberta a ladroeira, confessou o crime e perante o chefe de policia e os empregados do banco passou em revista todos os *echeques* e separou os falsificados — 48 — incluindo 2 ou 3 contra o mesmo secretario, que lhe poz o visto.

Mostrou mais a escripturação que tinha falsa nos livros para o jogo do arranjo; para cujo fim havia arrancado as folhas dos livros.

Feito o processo veio a saber-se que esse roubo não serviu para matar a fome a mulher, apezar de suportal-a *diariamente*, mas para distribuir com a *Risette*, a *Louvatour* e a *Xiquinha Polka*; tres camelias, em companhia das quaes Ferreira Gomes (é o tal) tomava banhos de champagne nos hoteis e por cima das quaes atirava brilhantes. Deve notar que a quantia roubada reuniu o dote da mulher e a herança materna.

Pois bem, Ferreira Gomes, que ao crime da falsidade ajuntou o de estelionato, por meio de artificio fraudulento; que foi levado por um motivo reprovado; que abusou da confiança, que em fim confessou-se reu, entrou no ultimo julgamento e foi condemnado *a 8 mezes de prisão e mulcta de 5 por cento*!!!

Entretanto no dia anterior, Julio de tal, que furtou, no Alcazar, DEZ mil reis, o mesmo jury o condemnou a *dous annos de prisão com trabalho e mulcta de doze e meio por cento*.

Não me dirá si isto é progresso ou é desgraça?

No proximo paquete inglez ahi passa a *Louvatour*, que o anno passado, era, em Paris, *grisete*, e que agora volta senhora de uma fortuna superior a *cem contos de reis*!

Oh que felizes mulheres!

Que desgraçados brasileiros?

Voltando, porem ao julgamento do jury resulta que:

> Quem furta pouco é ladrão,
> Mas, furtar muito—é barão.

Ca está o afamado Xico Carteira!

Capitão vou concluir, dizendo-lhe que são pequenas as alterações que ha a notar no acampamento das Nimphas todavia maiores do que os feitos do nosso exercito do Paraguy.

E la se vai o mez de maio e o Caxias não veio para o Senado,

> Quem mira bem o caminho
> Q' a este Brasil vai levando;
> Suppõe que elle progride
> Mentira *esta liquidando*!

Seu como sempre.

O Patusco.

—Sabe quem é nesta cidade o correspondente do *Mercantil* da côrte?

—Não. Porque?

—O moço, sem a menor ceremonia encaixou uma correspondencia do *Alabama* como sua e mandou publical-a.

—E' preciso advertil-o, que seja mais escrupuloso. O seu á seu dono.

O QUE É O PREMIO.

Premio! palavra encapotada, cuja significação umas vezes se apresenta risonha como um palhaço, outras carrancuda como um algoz.

O premio tem quatro faces; tres suavemente assucaradas e uma terrivelmente amargosa.

O premio é assucarado:

Quando significa a recompensa de um acto meritorio;

Quando resulta do jogo das loterias; ou quando provém do juro de capitaes.

Em qualquer destas condições, quando o premio transpõe os umbraes da morada do feliz mortal que o alcançou —ha luminarias no seu rosto.

Ao amante das honras, das glorias, dos titulos, das commendas, o premio que desce do throno e se lhe colloca no peito é o melhor do todos os premios e o que mais lhe agrada, porque ornalhe a casaca e infileira-o na lista dos nobilitados.

Ao jogador das loterias—os premios que se extrahem em S Domingos são os que derramam verdadeira felicidade na sua existencia, o aquelles porque aspira quotidianamente.

Ao individuo—vinagre, uzurario ou

simplesmente agiota, o premio sobre todos os premios é o que lhe provém dos dinheiros, que dá a remediados, pobres e miseraveis sobre firmas, penhores e hypothecas.

Para esses o premio é uma cousa calculada, certa, infallivel. E' uma cousa que é, sem contestação. Esto premio não soffre duvidas.

Uma vez dito—hei de receber o premio disto ou d'aquillo, tanto ou quanto —está tudo dito e realisado.

Para o agiota o premio é sempre uma realidade.

São estes mais ou menos os predicados do adocicado do premio.

Vejamos agora rapidamente o amargoso da palavra.

Premio, em casa de negociante compromettido, tem a perspectiva do declive por onde hade precipitar-se no abysmo da quebra.

Premio, em casa de empregado publico, é um adeus antecipado ao viver modesto e a entrada proxima em uma vida atormentada.

Premio, republica de estudante, é a despedida formal ás mesadas futuras.

Quando o premio entra pela porta de alguma habitação, sahe a felicidade pela janella.

O opio produz o somno, o premio tira-o.

Assim como o cupim derroca os edificios, o premio arruina as fortunas.

O premio é o ladrão das sociedades modernas.

E' um algoz aristocratico.

O que o premio ergue, o premio derriba.

O que levanta edificio, tirando dinheiro a premio, vê no premio ir-se-lhe o mesmo.

O premio, é o mais atroz flagello da actualidade. A guerra, esse medonho bicho de que toda a gente foge, é um anjo a par de premio.

A guerra atêa o patriotismo, faz bravos, torna a nação conhecida e traz-lhe respeito, o premio empenha o paiz e produz miseraveis.

Premio! premio!

Monstro devastador da sociedade, por entre a qual passas querido e estimado como si fôras um anjo tutelar; permittam os céus que um dia o povo acorde de olhos abertos e saiba perder-te para sempre como tu o has perdido, e que um brado se levante, gritando:

Morte ao premio, patife sobre todos os patifes!!

A PEDIDO.

—Capitão.

—Que novidades ha?

—O cortador do talho á Baixa dos Sapateiros acudiu ao ferrão, e quer que declare quem foi a senhora a quem elle offendeu.

— E estava no seu direito.

— Elle que vá plantar batatas; pois quer negar um facto passado na presença de tanta gente? E a razão de se ignorar o nome da senhora será bastante para desmentir o que se passou?

Si elle quer a prova da acção negra que praticou, use dos meios que a lei indica, que eu o convencerei de que foi não só incivil como insolente e grosseiro para com uma fraca mulher.

Tenho dito.

—Pode aviar-se. Estou siciente.

Pede-se á um coronel de honras, o capitão de patente, que pelo milagroso Santo *Antonio*, cujo dia está proximo, ou por S. *Caetano* da Divina Providencia, vá pagar, antes que embarque para o Paraguay, a um dos seus muitos credores, morador á rua de *Santo Antonio dos Mouros*, o dinheiro que tomou emprestado para remediar suas necessidades antes de seu primeiro embarque em janeiro de 1865, sinão quer ver seu nome neste periodico acompanhado de algumas gentilezas.

Espera-se que o Sr. condecorado não quererá ver seu nome exposto ás commentações, por uma quantia que comeu e pode suavemente pagar.

VARIEDADES.

MARTYRES DO MUNDO.

O soberano é martyr de importunações,
O pretendente, de esperanças

O rico, de cuidados,
O pobre, de necessidades.
O poderoso, de ambição,
O sabio, de invejas,
O nescio, de presumpção,
O virtuoso de escrupulos,
O peccador, de culpas,
O cobarde de temores,
O intromettido, de despresos
O valido, de receios.
O casado, de obrigações,
O solteiro, de descommodos,
O bemfeitor, de ingratidões,
O amante, de ciumes,
O parocho, da impertinencia dos freguezes, e da falta de prestações.

LADAINHA

DAS VIUVAS QUE MORREM POR CASAR.

S. Boaventura;
Outorga-me a ventura;
S. Balthazar.
De ainda me casar,
S. Henrique,
Viuva não, não fique;
Santa Margarida,
Toda minha vida;
Santa F'licidade,
Morro de Saudade,
S. Mathias.
Todos os meus dias.
Santo Antonio,
Pelo matrimonio
Santo Antero.
Ai, que desespero
S. Gaspar,
Si mais não me casar;
S. Bento,
Da-me algum alento;
Santa Ignez,
Em tanta Viuvez;
Sant Theodora,
Pois não tenho agora;
Santo Irineu
Quem cuide do que è meu;
S. Guido,
Da-me um bom marido;
S. Romeiro,
Tal qual foi o primeiro;
S. Vicente,
Duro e dilligente:
S. Frederico,
Porém que seja rico;
S. Braz,
E em tudo bom rapaz;
Santo Amando,
Viuva me deitando:
Santa Amada,
Acorde eu casada;
S. Crispim,
Amem, ou seja assim!

CHARADA.

La na França me acharás
No mais distincto lugar.—1
Se não limpares a casa,
No chão me verás rolar.—2

Todo o sapato me tem
Seja grossa, ou seja fina.—2
Sou cégo sem olhos ter;
«Comigo logo se atina.»—1

Sou tecido muito fino
De muito grando valor —1
Sou resina do pinheiro,
Grudo tudo o quer que for.—1

CONCEITO.

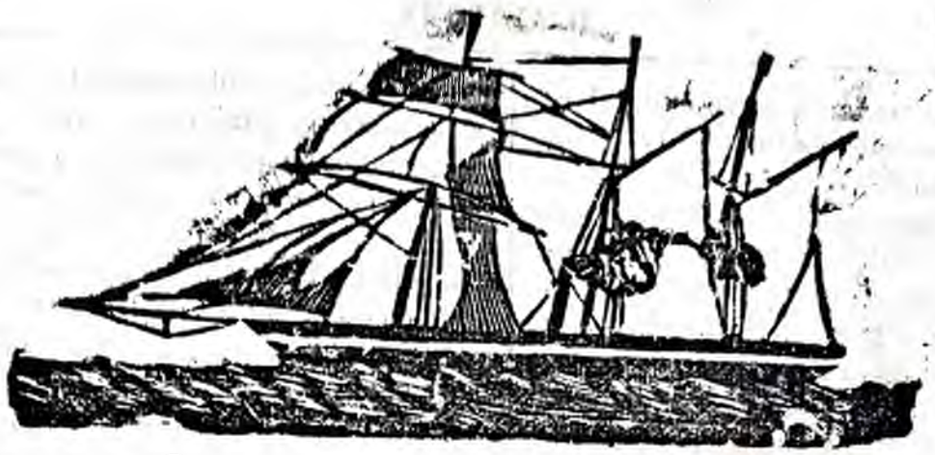
Eu governo uma republica
Muito fraca e pequenina,
Com leis ferrenhas, despoticas,
Sem ordem, sem desciplina;
Na falsidade sou—Judas,
Na tyrania—um Sultão—,
Sou um infame corsario;
Sou sem igual na traição.

ANNUNCIOS

FUGIU desde o dia 16 de maio p. passado um preto afric, de nome Luiz, estatura regular, robusto, bem preto, sem signal algum de sua nação; representa ter 25 a 30 annos de edade; levou vestido camisa de riscado roxo e calça de algodão grosso: foi escravo do Sr. João Gonsalves Baeta, morador a Solidade, tendo o comprado em 1839 ao coronel Ignacio Borges de Barros, na cidade de Santo Amaro: quem o agarrar e leval-o ao armazem Aspirante ás Portas da Ribeira, será gratificado com 20$000: elle tem sido visto em diversos logares desta cidade.

Vende-se uma casa a rua das Veronicas n. 14: quem a pretender dirija-se defronte da mesma, das 10 horas da manhan ás 3 da tarde.

Na venda nº. 1, ao Xixi, ha um completo sortimento de tabocas, que se vendom mais barato que em outra qualquer pa te.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 11 DE JUNHO DE 1867. SERIE 22.ª—Ns. 214 e 215

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando lhe que um individuo, morador á ladeira de S. Francisco, contra quem essa subdelegacia tem já recebido diversas queixas, continúa no perigoso divertimento de *caçar gatos*, atirando com uma espingarda grossas cargas de chumbo do seu quintal para os da visinhança.

Pede-se a S. S. uma providencia, que faça com que semelhante individuo restrinja o seu estravagante appetite de comer gatos e deixe-se por uma vez de tal systema de caçar dentro da cidade.

—Ao Illm.º Sr. commandante do corpo de policia, para que informe si é exacto que nesse corpo ha um guarda de nome Cyrilo Tolentino da Costa, morador ao becco do Chinello, freguezia de Santo Antonio, o qual so vae ao quartel nos dias de receber soldo, como dizem por ahi. Espera-se que S. S. responda com urgencia.

—Os quatro batalhões aquartellados, fundidos, não dão um.

—O 6º, por exemplo, tem 52 praças.

—E accumula um estado maior desnecessario, que absorve uma exorbitante quantia.

—Parece até burlesco uma patente superior commandando um ninhada de soldados.

—Si eu fosse commandante, me esquivava.

—E a disciplina?

—Ah! a disciplina é o suor do povo, que em jorros corre para o mar das dissipações.

—Ora que todos os dias havemos de ser victimas de quanto estrangeiro esperto ha!

—E depois, elles sahem rindo de nós e nos chamando macacos.

—Ja aqui, ha tempos, um espertalhão campou de bispo grego, teve reverencias, arranjou bastantes cobres e mandou-se empurrar, fazendo-nos caretas e nos chamando bobos.

Agora um outro *bichinho de coco*, sabido como *rato*, mette-se no convento de S. Francisco a dizer missas, quando esse espertalhão entende tanto de missas, como eu.

—Ja está suspenso.

—Depois que ludibriou e mofou bastante da nossa boa fé.

—Quem não está sujeito a enganos?

—Si houvesse mais escrupulo, talvez se provenisse esse escandalo á religião; porem, como elle é estrangeiro, basta.

Lembra-me ainda de um dia em que mandei celebrar uma missa e reclamando que não queria tal padre, o guardião retorquiu-me zangado—*elle é tão padre como eu*.

Agora queria que S. P. me dissesse si é tão padre como o charlatão Pedro Alegre.

—Em fim, como está remediado o mal, deixe passar.

—E' verdade o brasileiro segura a casa depois de roubado.

—A Calçada do Bomfim está entregue aos ladrões.

Alem dos roubos de gallinhas, cavallos, portas arrombadas, que apparecem todos os dias pela redondeza dos Mares, Jequitaia e Uruguay, na noite de 26 do passado foi atacado um moço na Mangueira, tomaram-lhe o relogio, safaram-lhe os cobres, que trazia, e chamaram-se *veados*.

—Isso ha de acontecer por força: um logar daquelles, sem uma patrulha.

—Si não ha soldados! O subdelegado apenas dispõe de um ordenança.

—Façam rondas de vapor.

—Para quando se avisar ao Sr. e outros, se recusarem, e recabir o serviço somente sobre os pobres artistas cançados do trabalho diurno.

—Neste caso favas' os ladrões que continuem a roubar.

—Vejam como se rouba do povo:

No sabbado 1° de junho tomou conta da fiscalisação da freguesia da Sé o Sr. Antonio Luiz de Mello, fiscal da camara municipal, e passou uma revista geral em todos os talhos de S. Bento: chegando no talho n° 4, encontrou uma grossa chapa de chumbo pesando meia libra, a qual o cortador deitava do lado da concha em que fazia as pezadas!

—E que fez elle?

—Multou, porem o infractor ainda não pagou a multa; a chapa foi levada ao subdelegado.

—Que disse o subdelegado?

—O subdelegado mandou chamar o espertalhão, o qual, com o maior cynismo, confessou que fazia isso, a que chamou *brinquedo*, de *combinação* com o fiscal que estava e que, si o apanharam em delicto, foi por que elle não lhe participou que mudava de freguezia.

—Bom brinquedo! Uma ladroeira feita ao povo!

—O que pretende fazer o subdelegado a este larapio, si não pagar a multa?

—Dizem que elle o quer processar.

—Acho que obra com justiça, si assim o fizer, que é para exemplo dos outros.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

Nesta minha, que lhe envio,
Vou ver si posso com geito
Lhe dar a paga completa
De tantas que me tem feito.

E por isso não se espante
Por ella estirada ser;
Quando cançar, tome folego
E continue logo a ler.

Sei que a missiva comprida
Sem o sal, perde o valor,
E que uma curta que agrade
Lhe dará melhor sabor.

Mas, de tantas novidades
Tenho a cacholla empachada;
Que esta deixar não pode
De ser assim espichada.

E, si V. já mudou,
(Peço que dizer mande)
Seu costume de menino
De gostar de tudo grande.

Porem vamos ao que serve
Sem mais preambulos vãos;
Pois V. está inquieto
Com esta minha entre as mãos.

O sacco de novidades
Esta cheio a entornar
Portanto, abro lhe a bocca
E principio a vasar.

João Pancada continua
A commetter desatinos,
Confundo *passa* com burro
E bringellas com pepinos.

Saiba que dous presidentes
Temos por nosso fadario,
Sendo o Moura o effectivo,
E o Leitão honorario.

O Moura tem dado provas
De ser justiceiro e recto,
Nas obras de sua casa
E' o melhor architecto.

Já sabe que está fechado
Da provincia o parlamento;
Foi culpada a opposição,
Essa cabeça de vento.

Bem que o homem aturasse a
Mostrando-se em nada crespo,
Um dia, emfim, enfesou-se,
E mandou-a tomar fresco.

Que fosse ás galerias
Este povo impertinente
Apupar a seus amigos,
Tolerou o presidente.

Queriam que os deputados,
Por uma embirrante ideia,
Deixassem seus affazeres
E fossem para assembleia.

Era mui justa a razão
Que os *illustres* allegavam;
Diziam que por doentes
As sessões sempre faltavam.

Muitos iam em pessoa
Levar, olhe que não minto,
Suas partes de doentes
Da assembleia no recinto.

Soffriam de *progressites;*
Mas do povo a *brutal* maça
Vendo-os passar pela Praça
Diziam: isto é chalaça.

A Mesa da assembleia
Sahiu-se com uma asneira;
Não quiz pagar aos remissos,
Dizendo que era melgueira.

Mas o nobre presidente
Que reza n'outra cartilha,
Mandou que por sua conta
Fosse paga a camarilha.

Nisso mostrou que não paga
Fineza co'ingratidão;
Foram *doceis* em servil-o,
Deu-lhes a remuneração.

Houve então um ruge-ruge,
Trocadilho de bravatas,
Té que o homem *encasinou-se*
Mandou-a plantar batatas.

—No matto, cá se recruta
Homens casados com filhos,
Cegos, tortos, aleijados,
Ficam só os maltrapilhos.

Porem esses que se safam
E' porque bateram *chapa;*
E por isso são cobertos
Do *progresso* com a capa.

Em Maragogipe o *pega*
Em tão grande escala é,
Que prend'um negociante
De assucar, fumo e café.

Verdade é que foi solto
Logo que aqui chegou;
Dando-se por bem satisfeito
Do susto que lá raspou.

Lá na Feira de Sant'Anna,
Diz o *Progresso*, gazeta,
Prende o subdelegado
P'ra fazer sua gorgeta.

—Uma especie de *arapuca*,
Acanhada como um ôvo,
Stão armando no Terreiro
Para engambelar o povo.

Esta gente do progresso
Não vê logo a differença,
Que o cavallo não tem chifre,
E que no povo ha descrença?

—Pelo geito que estou vendo,
O enthusiasmo bahiano
Dá mostras de arrefecido
P'ra o Dous de Julho este anno.

Apezar de que a policia
Trabalha com unha e dente
P'ra fazer acreditar
Que o povo vive contente.

Baixou uma portaria
Com carimbo official,
Onde manda que se dê
Dinheiro p'ra o *essencial*.

Quem pensara! Para o dia
Do povo se festejar
Ser preciso a authoridade
Em seu nome pedinchar!

—Publicou-se uma gazeta
Que se intitula *Debate*,

Seus redactores commungam
A doutrina do *Toma*-te.

Na meza da redacção
Trincha o Cyrillo seu prato;
O mesmo que ao L. Antonio
Se confessava tão grato.

Grande poder a barriga
Tem no homem, meu Patusco,
Fal-o esquecer beneficios...
Põe-lhe o entendimento fusco.

—V. sabe que o governo,
Para a guerra concluir,
Pelas provincias mandou
Oito mil guardas pedir.

E de cada capital,
O tal pedido dizia,
O commandante em chefe
A força acompanharia.

Ha muito que a Bahia
Seu contingente mandou,
Mas, o commandante em chefe,
Frescando por cá ficou.

—Si até agora entre nós
Havia um *Salsa-parrilha*
Agora um *Xarope d'Ayer*
Ha, que a todos maravilha.

Mas eu não lhe digo o nome
Da pessoa a quem alludo;
Saiba só que actualmente
Lembram-se delle p'ra tudo.

Ha pouco o Leão Velloso
Tal têta lhe mandou dar,
Que si elle mamal-a toda
Ha de por força arrotar.

Agora mais dous presentes
Está quasi elle embeçando;
A empreza do theatro,
D'um batalhão o commando.

Uns fazem mil sacrificios
Para um emprego alcançar;
Outros, na cama, ás duzias
Tem quem lhes vá encaixar.

—Não sei si o Evaristo
Veria da polv'ra o cheiro;
Mas sei que aos campos do sul
Foi, e voltou brigadeiro.

Creio eu que para as balas
Tamanha aversão tomou,
Que vindo para tratar-se
P'ra guerra não mais voltou.

Apenas de uma licença
O prazo vae se extinguindo,
Elle manda para a côrte,
Uma outra mais exigindo.

De quem tanto *já serviu*
Ao justo pedido accede
O governo, e para logo
Mais quatro mezes concede.

Em outra que lhe escrever
Procure que encontrará,
Uma historia que passou-se
Lá no Baixo Paraná.

(*Continúa.*)

A PEDIDO.

—Esganiçado, vem ca.

—Tenha paciencia, deixe-me dar um recado ao *Manuel*, que o *Elezeario* mandou.

—Passa para aqui, bugre!

—Que fiz eu para ser tão rigorosamente tratado?

—Para que andas a enxovalhar a vida alheia e a deprimir de familias honestissimas?

—Eu?

—Tu messmo, safado

— Pois eu, com um rabo de palha tamanho, ia accender fogueira, nem tratar de familias honestas, quando a minha tem tanto que se diga? Não sou capaz. Nem que eu não tivesse irmans.

—E's capaz de mais

O Nonô ha de ajustar contas comtigo, sobre aquelle facto que se deu em Itaparica, e que tanto deu alli o que fallar, a ponto de quem te deu o ser aconselhar aquella pessoa que se atirasse no tanque ou bebesse vidro ralado, afim de suffocar o fructo do crime e apagar uma infamia.

—Estou aniquillado....

—Não fiques cabisbaixo, fingindo compunção, que eu sei que isso não passa de refinada hypocrisia.

Vae e si continuares com tua viperina lingoa a macular a honestidade, t'a mandarei arrancar pelo pé.

Discurso

Do novo inspector parochial da cidade — Mar-e-gagipe —

Senhora professora, na qualidade de inspector parochial, ultimamente *honrado* pelo governo, venho visitar a sua eschola; e desejando conhecer o approveitamento de suas discipulas, requeiro que ellas aqui venham para examinar.

Tenho tambem de fazer algumas considerações moraes sobre o regulamento organico, como por exemplo, sobre o artigo que prohibe o uso da palmatoria; porque, entendendo que sem ella ninguem pode apprender, e por isso convencido desta verdade, digo que a intelligencia do Dr. director fraqueou aqui. Tenho dito.

O Pharmaceutico do Bury.

VARIEDADES.

AO SOLDADO.

Alerta, soldado! Alerta!
Corre a patria a defender;
Do sangue faze-lhe offerta,
Que ella è tua amiga certa,
Dá-te feijões a comer.

Põe a mochila de lona,
O teu bornal, e cantil,
As correàs, e a patrona;
Como a geute valentona
Empunha o duro fuzil.

E esta nação defendendo,
Augmenta os louros, que tens,
Duras filas vae rompendo,
Mostra-te heroe combatendo,
Morre por quatro vintens!

Salta á brecha, sem receio,
Faze acções d'alto valor,
E, de mil balas no meio,
Nunca tremas—porque é feio,
Nem mudes do rosto a côr.

Folga ao zunir da metralha,
Folga ao troar do canhão,
Pois talvez que esta batalha
Te renda alguma medalha
Com fitinhas d'algodão.

Não temas perder um braço
Pela patria, tua mãe;
Sempre firme avança o passo,
Nada te cause embaraço
Porque a patria paga bem.

Dirás que tens a barriga
Muito leve p'ra tal fim;
Não te dê isso fadiga,
Que p'ra ser leve na briga
E' preciso andar assim.

E não perguntes, soldado,
O que defender tu vaes
Com teu valor extremado;
Diz-se o paiz ultrajado,
E não queiras saber mais.

Leva e dá, e matta e morre
A' voz do teu coronel;
O soldado não discorre,
E' boneco, que anda e corre,
Manobrando por cordel.

Avante! que si a victoria,
Por acaso se alcançar,
Serás coberto de gloria,
E viverás na memoria
De quem de ti se lembrar.

Si na lucta pereceres,
Por nunca ás balas fugir,
E's heroe!... e que mais queres
Si tens filhos, si os tiveres,
Tua morte hão de sentir?

Avante, pois, ó guerreiro,
Carreira a mais nobre tens:
Matas, morres prasenteiro,
Carregas, andas ligeiro ..
Tudo por quatro vintens!

(Do *Lince.*)

—Conhece o rèu e o autor? perguntou em certa cidade o juiz a um marinheiro, que devia prestar o seu depoimento em um processo importante.

—O autor! eu sei lá quem demonio vem a ser o autor! respondeu o marinheiro.

—Pois deve envergonhar-se da sua ignorancia. Uma testemunha, que vem depor, e que não sabe quem é o autor! Vamos a saber; em que logar se achava Pedro na occasião em que foi ferido pelo Martins?

—Estava atraz da bitacula do navio.

—Atraz da bitacula! queira explicar-se melhor.

—Então o senhor não sabe o que é a bitacula?! Com um milhão de demonios! (e accrescentou em meia voz:) que diabo de burro é este que vem julgar a gente, e que nem ao menos sabe o que é a bitacula!

Um padre encontra um sugeito seu conhecido que nunca ia a missa, e diz-lhe:

—Aposto que você nem ao menos sabe quem o creou.

O homem abaixa a cabeça e não responde. Passa então um rapasito.

—O' lá, amigo quem foi que te creou» pergunta o padre ao rapaz.

—Foi Deus, meu senhor.

—Vê, só alma perdida? esta criança sabe mais do que você: não se envergonha?

—Ora essa! é grande admiração que elle, saiba mais do que eu? Elle nasceu hontem, por assim dizer, e eu já tenho mais de 50 annos.

—

Passava por certa rua um homem que era uma catarata de inepcias. Uns pequenos que estavam a uma janella começaram a gritar:

—Alli vae aquelle que não abre a bocca que não diga tolices.

—Bregeiros! berra elle muito zangado; se vos agarrasse aqui agora, havia de arrebentar-vos com um pontapé da janella abaixo.

—

—Por que é, pergunta um sugeito, que uma mulher casada não é uma mulher?

O interrogado abaixa um pouco a cabeça, coça o nariz com o indicador da mão direita, e responde de repente:

—Está claro que é por ser a metade de seu marido.

PALAVRAS HONRADAS DE UM PRESO.

Estando preso no Limoeiro de Lisboa certo homem, por uma morte que fizera, e deixando-o o carcereiro ir algumas noites a sua casa sob sua palavra, voltando uma madrugada para a prisão o esperava um amigo no caminho para o avisar que estava dada a sentença para que naquelle dia o enforcassem, e que logo lhe haviam de intimar, d'onde podia por se em salvo, pois estava em termos d'isso. Mas elle reparando um pouco, se foi todavia metter na prisão por não quebrar sua palavra, e ser causa dá desgraça do carcereiro. Indo ja para a forca, foi contado o caso a El-Rei D. João III, o qual lhe perdoou a morte, dizendo que não era razão padecesse um homem tão honrado.

TABELLA DAS CONFISSÕES.

Certo vigario de uma freguezia do imperio vendo-se sem tempo para aviar a seus freguezes que concorriam aos bandos a confissão, declarou n'um domingo, antes da missa, que daquelle dia em diante confessaria nas:

Segundas-feiras, aos mentirosos,
Terças-feiras, aos bebados,
Quartas-feiras, aos maldizententes,
Quintas-feiras, aos ladrões,
Sextas-feiras, aos adulteros,
Domingos, as mulheres de má vida.

E' escusado dizer que d'alli em diadte o padre teve tempo para coçar-se muito a seu gosto.

—

Pouca saude, mais vale nenhuma.—Ao fazer-se uma senhora retractar, poz-se a mandar fazer a bocca pequena, pequenina, pequenissima, até que o pintor, aborrecido, exclamou: «*Olhe, minha senhora, não se incommode, se quer, faço-a sem bocca.*»

—

Lealdade do innimigo.—Querendo Alexandre Magno dar uma batalha, Parmenião lhe aconselhou que accommettesse o inimigo de noute, respondeu Alexandre;—Não furte as victorias.

—

Vendedeiras d'ovos—Indo certa espertalhona offerecer ovos a uma doceira, e offerecendo-lhe esta pagar-lh'os a seis ao vintem, em logar de cinco, respondeu-lhe a outra:

«Pois nãosenhora, não hade ser nem a cinco nem a seis; dou-lhe por um vintem as porções eguaes em que os repartir.»

Contaram-os a 6, faltava 1; contaram-nos a 5, sobejava 1; contaram-nos a 4, faltava 1; contaram nos a 3, faltavam 2, contaram-nos á 2, sobejava 1; não calindo pois certos senão a um e um, teve a doceira de os pagar todos a vintem.

—Agarrei um soldado! gritava um soldado no fim de um combate.

—Não o largues, dizia-lhe outro; leva-o comtigo.

—Mas elle não quer ir.

—Pois então deixa-o ficar.

—Não sei como ha de ser, porque elle não me larga.

ANNUNCIOS

Bacellar concerta com toda perfeição orgãos e pianos. Pode ser procurado ao becco do Açouguinho n.° 41.

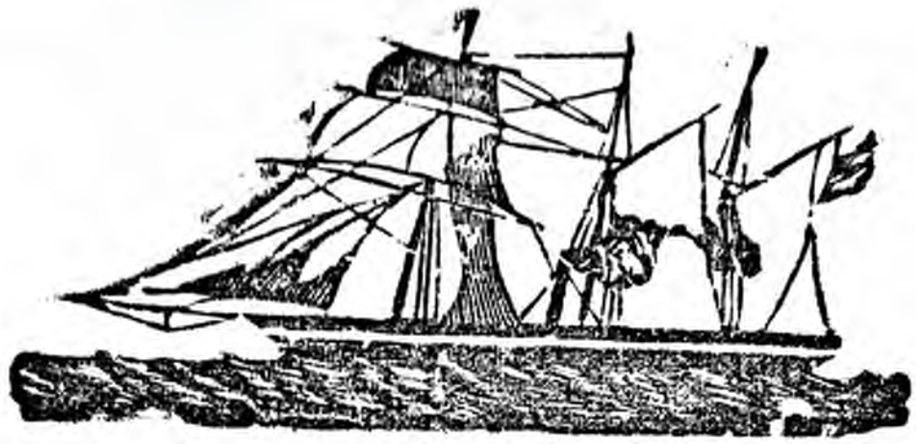
TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48 á rua do Caquende tem um grande sortimento, que vende barato.

NOVO CURSO DE FRANCEZ.

Lente o Sr. Professor E. Masy.

No sallão do Club Musical Bahiano, nas terças, quintas e sabbados das 6 ás 9 horas da noite.—Preço 4$ rs. mensaes, e menos 1$ rs. para os que frequentarem a musica. Trata-se com o Director.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 15 DE JUNHO DE 1867. SERIE 22.ª—N. 216.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1° andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. administrador do cemiterio da Quinta dos Lazaros, pedindo-lhe que empregue meios para que se não continue a dar o intolerante abuso de andarem caçadores a passarinhar pela visinhança do cemiterio, do que pode resultar algum sinistro; assim como torna-se preciso que S. m. exerça toda a vigilancia a seu alcance, afim de que não sejam roubadas as capellas, que são depositadas sobre as lousas dos mortos e depois dar-se a banal desculpa de que são meninos vadios, que as vão arrancar. Outro sim, espera-se que S. m. dispenda todo zelo e e cuidado sobre a tapagem dos carneiros, que é feita atualmente de uma maneira pessima e irregular.

— Que lê V?

— A *Ordem* de Pernambuco.

— Não sou apologista della.

— E' porque o Sr. não ouviu um pedacinho como este:

«.....

«Ainda no dia 20 lá foi o *Guará* levar as 510 praças voluntarias de corda chegadas da Bahia, que o *adorado* foi receber a bordo do paquete francez *Aunis* e tambem foi embarcar entre festas, como egualmente ás 600 chegadas d'ahi e outros portos do norte, que hontem seguiram nos transportes *Leopoldina* e *Jaguaribe*... mas quando voltarem, as que não ficarem no matadouro, umas sem pernas, outras sem braços, estas sem olhos, aquellas sem orelhas, em summa, todas mutiladas e inutilisadas para si e para as suas familias, não ha de elle querer vêl-as, contentando-se em mandar-lhes dar no portão da quinta alguns magros vintens para comprarem cordas para se enforcarem, como tem feito!...»

.....

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

(*Continuação.*)

—Deu-se ha pouco aqui um facto
De inteira brutalidade;
Foi affrontada a moral,
Offendida a virgindade.

Um depravado bandalho
Moça incauta seduziu,
Levou a para o Passeio
E la a prostituiu.

Depois de ter satisfeito
Seu desejo sensual,

Entregou-a a voragem
De uma caterva brutal.

Como taes foras achassem
Tanta atrocidade pouca,
Deixam a moça na rua
Sem destino, errante... louca!...

Si ha um Deus, que rege o mundo,
Como nós devemos crer,
A punição, esses monstros
Não podem deixar de ter.

Dizem que um dos authores
Dessa obra do Capêta
E' um sujeito casado,
Cujo traje é de *baeta*.

Nesta terra o seductor
Não encontra correctivo,
O ladrão, o corruptor
Campeia soberbo e altivo.

E deve ser assim mesmo,
Porque todos são votantes...
Não convem á authoridade
Ficar mal com taes tratantes.

—Certo subdelegado
Uma mulher espancou,
Estando dando audiencia;
O que a todos revoltou.

Mas o chefe de policia,
Tendo noticia do facto,
Conservou-se mudo e quedo;
Dando força ao desacato.

—Ha por cá um portuguez,
Que uma moça desflorou,
E em cima disso os trastes
Da pobre mãe penhorou.

Por ordem delle, os meirinhos
Mil abusos praticaram,
E até a roupa do corpo
Da infeliz mãe arrancaram.

Mas o que quer? Si alguem,
Em vez de cumprir a lei,
Protege a esse estrangeiro;
Lá o porque eu não sei?

—Sabe p'ra que deu a birra
Do Jão Soares Martins?
Na caza dos bois, gazetas
Prohibiu, por seus malsins.

Dizem que da authoridade
E' isso um flagrante excesso,
Que só commette um louco,
Em desvario, possesso.

Outros dizem que è mesmo
Do homem das *celebreiras*
No Camisão; que refresca
Com pepinos as caseiras.

Porem eu não penso assim,
E muita razão lhe acho;
P'ra que em casa de bois
Da imprensa acceso o facho?

Si elle fosse authoridade
Em alguma freguezia;
Tenho fé: no seu districto
Ninguem gazetas leria.

—Quizera fallar da guerra,
Mas cousa sediça é:
Entra vapor, sahe vapor,
E ella não muda o pè.

Portanto, não vale a pena;
Mesmo que, se bem me lembro,
Li, que adiou-se o ataque
Lá para os fins de setembro.

Isso mesmo é si até lá
Embaraço não se der,
Que venha do general
Os *passos* entorpecer.

—A molestia nesta guerra
Estraga mais que o fuzil,
Pois que temos de doentes
Nos hospitaes doze mil.

Embora por cà se diga
Que a cholera foi benigna,
A nós, e que ao inimigo
Vae dizimando ferina;

E' como o carapetão
Que nos querem impingir,
Que nossas balas acertam
Sem as delles nos ferir.

Com tantos revezes, elles
Constantemente a soffrer;
E nós com tudo á feição
Não os podemos vencer!

(Continúa.)

O VOTO LIVRE.

—«Viva a patria! A liberdade!
Viva o livre cidadão!
—Ai, Rosa, não me supliques.
Que eu não va para a eleição...

Pois não vês ovanto o crime?
Pois nao sentes a oppressão?..
E Rosa
Chorava,
Em quanto o marido
D'esta arte fallava.

«Não vês o povo curvado,
Sob o tributo a gemer?
Sem direitos...perseguido
No seu humilde viver?
Dizem que o voto hoje é livre...
Que pode o povo vencer!
E Rosa
Chorava.
Em quanto o marido
D'esta arte fallava.

«Dizem que o povo governa
Das urnas toda nação...
Pois abaixo os oppressores...
Castigo á corrupção!
Que triumphe o illustre honrado
Por nossa livre eleição!»
E Rosa
Chorava,
Em quanto o marido
A's urnas marchava

E foi o filho do povo
A's urnas...para votar;
Mas, ai, não poude...que a força
Fêl-o o pleito abandonar;
Lembrou então seus direitos...
Não pode o pobre fallar!
E Rosa
Chorava,
Em quanto o marido
Nas urnas clamava!

Velava a porta do templo
O soldado do poder...
E dentro o bando corrupto
A sua farça a escrever!
Em nome de todo o povo
Torpe eleição a fazer!
E Rosa
Chorava,
Em quanto o marido
Das urnas voltava.

Voltava mas...algemado,
Pois la ousara clamar,
Defendendo seus direitos,
E pretendendo votar!
Voltava... para a cadeia..
Para ver-se processar!
E Rosa.
Chorava,
Em quanto o marido.
N'algema ..passava.

—«Ai, Rosa, bem me dizias...
Não é do povo a eleição!
Triumphou a força bruta...
Gemo agora na prisão!
Eis, como é livre este imperio..
Como é livre o cidadão!»
E Rosa
Chorava,
Em quanto o marido
No carcer'...penava.

A PEDIDO.

—Tanto fizeste, avarento sem par, que emfim cahiste debaixo do meu jugo!...

Passaste todo este tempo por um homem de bem, porque estavas acobertado com a capa da hypocrisia, meu refinadissimo cadello de um dardo!

—Capitão, tenha compaixão para um pobre velho.

—Não tremas velho imbecil!

Não tremestes tu, quando te associastes a moedeiros falsos; quando seduzistes aquella donzella; quando reduzistes á miseria aquella pobre viuva carregada de filhos, etc., etc

—Capitão, não me ponha a calva á mostra.

—Porque persegues, grandissimo biltre, aquelle pobre pae de familia, ha quasi desoito annos? Pelo que te não pertence, está claro, não resta duvida.

Não é verdade o roubo que fizeste daquelle terreno do qual hoje te chamas senhor, e já tens edificado rica propriedade.....

—São calumnias, capitão, que os invejosos me levantam.

—..... não é verdade que, alem desses factos citados, e que já são bastante para a tua irfallivel e eterna condemnação, tens illudido aos magistrados, prevalecendo-te do logar que occupas, não recuando ante o criminoso recurso de testemunhas falsas?

—Capitão, tudo isso é tramado, afim de me intrigarem com V. Ex.

—Cala te, maroto, sevandija, safado, ladrão, cadello, hypocrita, deshonra dos bacharois!

—Oh! Isto è soffrer muito!

—Então achas que soffreste muito? Pois bem; vaes soffrer agora o *macio e assetinado* calabrote do muxingueiro.

—Capitão, veja que eu sou um bacharel, e jà de avançada edade, mettido ao janotismo, não me faça passar por esse terrivel castigo!

Por quem é V. Ex!...

—Não me é possivel deixar sem castigo áquelle que o merece.

Muxingueiro!

—Aqui estou!

—Capitão, eu lhe supplico,
Tenha pena de um ladrão,
Que, apezar de roubar
Nunca chegou a barão!

—Leva este grandissimo hypocrita para o porão e lá applica-lhe cem calabrotadas, e depois deixa o amarrado até minha segunda ordem.

—Serão cumpridas as ordens de V. Ex.

—Ai, que tormento vou eu passar depois de velho.

—Silencio, tratante! Muxingueiro, conduz este safado de minha presença!

—Segue, hypocrita gomorrista.

Previne-se a um tal Sr. *Souza*, que tem a cara *malhada*, que quando tomar seu *champorrião*, não và para a casa das infelizes mulheres espancal-as, como praticou um dia deste, que deixou uma pobre infeliz bastante maltratada, a ponto de ir para cima de uma cama. Veja que a sua *valentia preguista* pode lhe custar caro.

O vigilante.

Portaria

de um subdelegado desta capital á um inspector de quarteirão.

Sr. Inspetor Supriano F. Mendes—assim que este areçeber cuidara em tirar o rolamento do seo quarteirão; para trazerme no dia terça feira sem falta, e havendo falta o Senhor pagará com o seo corpo, a saber um rolamento Geral a saber de homens mulheres meninos escravos;—*A. C. B.* Subdelegado Suplente.

VARIEDADES.

Uma senhora disse a um dos seus criados que fosse buscar um rico vestido, que mandara fazer em casa da sua modista, mas que fosse na carruagem porque chovia a cantaros. Pouco depois, apparece o criado litteralmente allagado e com o vestido ensopado em chuva.

—Que é isso! pois você não foi na carruagem?

—Fui, sim, minha senhora.

—Mas então chove dentro da carruagem?

—Não, minha senhora, mas chove fóra. Sei muito bem o respeito que devo a V Ex. e por isso fui na taboa.

—

Um individuo que tem um criado muito bruto diz-lhe:

—João, esta moeda é de 120 rs. de prata, mas está tão gasta que ninguem a quer aceitar. Faze por passal-a em alguma parte.

Passam-se alguns dias, e apparece João muito alegre.

—Ja passei aquillo.

—Si o? e não deram pelo logro?

—Qual! eu não sou nenhum tollo. Ninguem queria recebl-a. Hoje, ao passar na ponte, como tinha de dar 10 rs., metti-a entre duas moedas de 5 rs.. e la ficou com ella o portageiro.

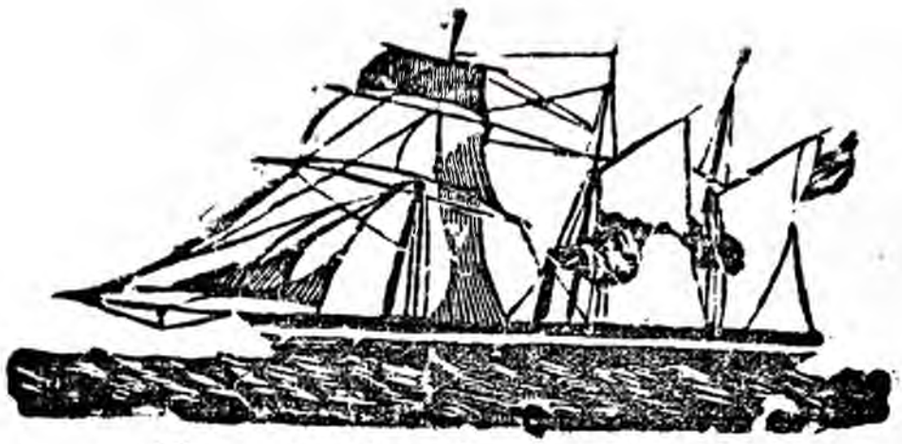
ANNUNCIOS

FUGIU desde o dia 16 de maio p. passado um preto afric, de nome Luiz, estatura regular, robusto, bem preto, sem signal algum de sua nação; representa ter 25 a 30 annos de edade; levou vestido camisa de riscado roxo e calça de algodão grosso: foi escravo do Sr. João Gonsalves Baeta, morador a Solidade, tendo-o comprado em 1859 ao coronel Ignacio Borges de Barros, na cidade de Santo Amaro: quem o agarrar e leval-o ao armazem Aspirante ás Portas da Ribeira, será gratificado com 20$000: elle tem sido visto em diversos logares desta cidade.

TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48 á rua do Caquendo em um grande sortimento, que vende barato.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 15 DE JUNHO DE 1867. SERIE 22.ª—N. 217.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 2$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia na pessoa encarregada de receber publicações Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latropopolis, bordo do *Alabama* 14 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, levando á consideração de S. S. o pessimo e censuravel proceder das moradoras do sobrado n. 9, á ladeira da Praça.

Essas *damas* passam as noites em continua orgia e, sem respeito ás familias da visinhança, commettem as mais desregradas acções e proferem os mais offensivos termos á moralidade.

A noite de 11, foi uma das em que mais sobresahiram as scenas de devassidão e torpeza, praticadas pelas habitantes de tal prostibulo.

Pede-se portanto a S. S., que, empregando a sua valiosa protecção de authoridade, faça conter taes *perdidas* na desenfreiada e dissoluta carreira, que levam, livrando por esta forma as familias de serem testemunhas de tantas desenvolturas.

—O projecto de resposta á falla do throno é uma peça de verdadeira natureza *progressista*.

—Principia por agradecer o *jubilo* e a *esperança* imperial.

—Na resignação, com que este povo de cordeiros tolerou os horrores da ultima conquista eleitoral, descobrem os dignissimos representantes do povo *consolidação* da ordem publica e *amor* ás instituições.

—Na Russia e na Inglaterra tambem se falla assim á respeito da Polonia e da Irlanda.

—Parece que até, pelo influxo do governo, o cholera foi menos intenso e prolongado.

Si a guerra do Paraguay ainda não chegou a seu *glorioso fim*, não é por *falta de esforços* e *habilidade* do governo e sim, talvez, por falta de patriotismo do povo.

Affirma que as rendas publicas augmentam, porem não chegam para cobrir as despezas, que reduplicam; os dignissimos promettem os esforços da camara para extinguir o *deficit*.

—Fazem muito bem; porque uma boa parte foi gasta na conquista do voto, que os collocou naquellas cadeiras.

—E o que me diz da falla da corôa? Ouça o *Jornal da Bahia*, transcrevendo do *Jornal do Brazil:*

«Enganamo-nos dizendo que os negocios do paiz corriam mal.

«A falla do throno nos orientou melhor.

«Tudo vae ás mil maravilhas.

«Não tem havido desordens, apesar dos factos, que se deram na Bahia, em Pernambuco e S. Paulo.

«A cholera desappareceu, não obstante o obituario quasi sempre designar muitos mortos dessa epidemia; Campos e S. João da Barra pediram soccorros.

«As eleições correram tranquillamente, não valendo a pena considerar o sangue, que correu em Pernambuco, Minas, S. Paulo, Bahia e Maranhão.

«A guerra em breve chegará ao seu termo, convindo entretanto demoral-a para que possa o general Mitre sustentar o seu partido no poder, apoiado em um grande exercito que está á sua disposição.

«E chegará ao seu termo precisando-se ainda de gente, munições e dinheiro; devendo ainda subir ao ar os balões, que aqui estão, e os que se encommendaram para os Estados-Unidos.

«Deve breve chegar ao termo, estando ainda no estaleiro os encouraçados, que devem dar o ultimo tiro.

«Diz ainda a falla do throno que os voluntarios da patria são credores do mais profundo reconhecimento da nação, ao passo que não se dá o soldo aos invalidos, que não podem procurar outro meio de vida.

«O Brazil está em boa harmonia com todas as potencias, apezar das reclamações pendentes dos governos de Portugal, França e Inglaterra e das republicas visinhas.

«A renda cresce, mas não chega, porque as despezas são muitas.

«As vossas luzes habilitarão ao governo na marcha do progresso, etc.

«Aberto o parlamento, o governo tem uma maioria estrondosa; quer isto dizer que os procuradores do povo, os representantes da nação, julgam, como o chefe do Estado, que tudo vae bem.

«E tanto vae bem, que uns tratam do progresso de suas pretenções, outros do progresso de sua sustentação e o ultimo mata o tempo, vendo moverem-se as rodinhas nas officinas de machinas.

«Com o progresso de taes progressistas o Brazil em pouco tempo tocará ao setimo ceu.

«Nunca porem terá uma falla tão bem fallada.

«Quem viver verá.»

— Deus dá o frio conforme a roupa.

— Não resta duvida.

— Hontem pariu uma mulher na rua sem o menor incommodo.

— Em que logar?

— Na Estrada Nova.

Ia ás 9 horas da noite por defronte do hospital dos terceiros franciscanos, quando sentiu dores: agarrou-se a uma columna de gaz, abaixou-se, espremeu-se e deitou uma linda creança. D'alli foi para sua casa.

— Vejam só! As vezes uma mulher, cercada de commodidades, n'um resguardado quarto, rodeada de medicos, vê se em colicas para dar á luz um menino; no emtanto que aquella pobre mulher, sem o menor risco, no meio da rua, tem o seu bom successo!

— Prodigios da natureza.

— Milagres da Providencia!

— Continuam as violencias do recrutamento para a guarda nacional.

O 6.° batalhão agarra indistinctamente e, uma vez preso, ha de se ir á força ao calabouço, sem appellação nem aggravo.

Ainda hontem, prenderam na Praça um moço, que nunca em sua vida vestiu farda de guarda nacional e o levaram quasi á rastos: dizendo um dos *encadores* que elle só não é que havia de servir.

— Prende-se assim indistinctamente, para ao depois extremar-se os que forem guardas da Sé e não marcharam para o Sul, que são obrigados a servir no 6.°

— Esta é de eternas luminarias!...

Porque os guardas da Sé são chamados a servirem n'um batalhão, esteja todo povo sujeito ao furor e desregramento dos homens de farda!...

Depois, quem tem authorisação de mandar que guardas de um corpo vão servir em outro?

— O governo.

— Mas ainda não vi acto do governo mandando addir ao 6.° batalhão os guardas da Sé, que não foram para o

Sul, os quaes; si deixaram de ir, foi por terem indubitavelmente, isenções legaes.

—E alguns por *graça*.

—Neste caso é uma traição, que lhes fazem, porque quem os dispensou por *alguma cousa foi*, e no primeiro é uma falta de justiça; soffrendo o publico, em ambos elles, grave detrimento e violencia.

—Justiça! o que significa perante governos cuja acção só tende a um fim; cuja força só se manifesta no manietar constante da opinião que lhes escapa, do voto que lhes foge?!

LA VAE VERSO.

O POBRE VELHO.

Uma esmola, irmão, ao velho,
Que para comer não tem;
Pobre Velho n'este mundo
Sem arrimo, nem vintem:
  Uma esmola..Deus vos pague,
  Como paga a quem faz bem.

Eu sou pobre, não da graça
De Jesus, o Redemptor;
Não tenho mais o meu filho,
Que roubou-me um malfeitor!
  Que roubou-me..vou contar-vos,
  Contar-vos com muita dor

Depois de muitos revezes
D'austera sorte cruel,
Na terra fiquei sozinho
Com meu filho, o Manuel;
  Bom rapaz, probo; excellente,
  Trabalhador, e fiel!

Nós então eramos juntos
Na choupana qu'elle fez,
Gozando doce remanso
Todo o dia, todo o mez.
  Não sentindo d'alimentos,
  E nem de roupa escassez.

Eu rezava em minhas contas
Na velhice a descansar,
Em quanto gozava famma
Manuel em trabalhar;
  Toda a gente lhe queria,
  Toda a gente do logar.

Mas, um dia..oh! que não posso
Sem muito pranto dizer!
Mas, um dia...o delegado
Meu filho mandou prender!
  Ai, prendeu-o para recruta,
  Sem pena do meu soffrer!

Lancei-me a seus pés gemendo,
Clamando com dissabor;
—Oh! soltai o..é arrimo
Do pobre velho, Senhor! .—
  Maltratou-me o delegado
  Com semblante aterrador,

E fiquei ao desamparo,
Doente, quasi a morrer,
Sem forças para seguil-o,
Sem ninguem p'ra me valer!
  E fiquei morrendo a fome,
  Chorando, sempre a gemer.

Mas, Deus é pai dos afflictos,
Deus é bom, tem compaixão,
Apesar de tantos males,
Meus labios dizem perdão! .
  Inda espero ver meu filho
  Junto de meu coração.

E' por isso que vos peço
Uma esmola, meu irmão:
Reparai no pobre velho,
Que vos estende a mão:
  Vossa esmola recompense
  A Virgem da Conceição.

A PEDIDO.

—Não posso aturar bebedeiras de ninguem.

—E' porque só pode aturar as suas.

—Engana-se.

—O que eu não estou é para massadas.

—Pois então la vae.....

Ha um taberneiro insolente, em uma das ruas lá para a *Doença*, que se conserva constantemente bebado, e cuja bebedeira dá para praticar quantos desatinos se pode fazer. Xinga á todos os visinhos, espanca a mulher e aos caixeiros, inclusive os sobrinhos: emfim o homem é o diabo.

—Basta. Onde mora?

—E' visinho do *Antonio*, mora na propriedade do *Simões*, de quem o *Vallasques* é procurador.

—Já sei. Será algum eleitor de *taboca?*

—E' esse mesmo.

—Muxingueiro, prepara a taca e vae procurar o tal bebado, na cidade baixa, de onde sempre sobe carregado, pelo seu estado de embriaguez, e passa-lhe umas *vergalhadas* para ver se toma vergonha.

—Que barulho é aquelle alli na ladeira onde ha *misericordia*, em casa da Brasilina?

—E' o Juvencio, que anda aos couces com ella.

—La sahiu elle. Onde irá?

—Vae ao subdelegado, se queixar que levou uma chavascada pela cara e uma dentada no peito?

—Veja que safado! Hoje faz este barulho todo, e amanhan está outra vez a rondar a porta da mulher.

—Capitão, V. Ex. conhece os substitutos do Granada e do finado Chico Papae?

—Não. Quem são elles?

—E' o Dr. Mon-bon Gracia, o Dr. Piroca do Breu, o Sá de Freio e o 65.

—Então esses quatro *rapandorios* andam com *bugiarias*?

—E' verdade; são estes sobreditos cujos senhores, que andam a expulsar do corpo dos viventes o spirito mau, a que chamam Infertine.

—De quem já tiraram elles o tal espirito de Infertine?

—V. Ex. não ouviu dizer que ha um religioso no convento do *Santo Serafico*, doudo?

—Já.

—Pois os tafues disseram que o religioso tem o espirito de Infertine no corpo, segundo disse a medium, e um dia dirigiram-se ao convento e pediram ao *maior* da ordem, para consentir que elles fossem visitar o dito religioso.

Ora, como isto é muito natural, o *maior* consentiu. De momento ouviu um grito:—Não me assassinem, ladrões!

Sendo de costume, quando elle está furioso, mandarem uma bocêta para elle tomar rapé, o *maior* mandou por um moleque a bocêta, afim de moderal-o.

O moleque volta dizendo:—Sr. padre, lá tem uns homens que estão a incommodarem o padre, com umas asneiras.

O *maior* sahiu, acompanhado de um outro religioso devoto de S. *Raymundo Nonato*, foi á cella do frade doudo, e la encontrou o Dr. Mon-bon e seus adjuntos, de joelhos, a gritarem:—Sae espirito mau, larga o corpo deste religioso, que pertence ao *Spirito Santo*, segundo a prophecia de frei *Antonio*.

Vendo o *maior* este ridiculo acto, os tangeu para fora, pois estavam desta forma a martyrisarem o pobre religioso no seu leito de dores.

—Que tratantes!

Só me admira o Dr Mon-bon, o primeiro *litterato* d'aqui, mettido nestas cousas.

—V. Ex. ainda não viu nada. Elle diz que o espirito delle já pertenceu a um lord-inglez.

—Está o que não duvido; porque a Inglaterra tem muitas possessões em Africa.

Ora, para que haviam de dar estes obsecados phanaticos!

—E o mais celebre é andarem involvidas nestas bandalheiras as authoridades policiaes.

—Deixe lá os taes tiradores do espirito de Infertine, que na la adianta.

—Já ha muito que os deitei ao pasto.

ANNUNCIOS

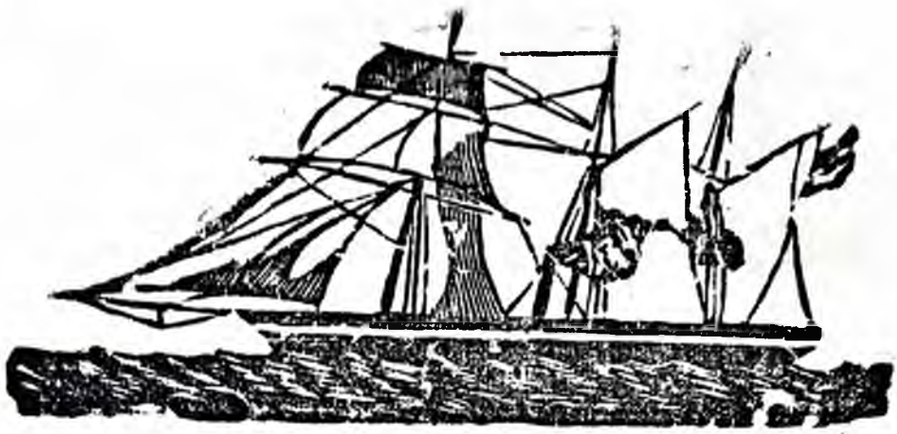
CAXORRA DO REINO.

Fugiu no dia 6 do corrente uma, do escriptorio do theatro: quem a achou queira levar ao mesmo theatro e entregar ao abaixo assignado, que será bem recompensado.—*Eduardo d'Abreu Contreiras*.

TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48 á rua do Caquendo tem um grande sortimento, que vende barato.

Os herdeiros do finado José Ricardo de Santa Anna vendem tres frentes de casas em terreno proprio, sitas á rua nova do Queimado. Quem pretender dirija-se a esta typographia, que se lhe indicará a pessoa encarregada de fazer esta venda.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 18 DE JUNHO DE 1867. SERIE 22.ª—N. 218.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1° andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Se, communicando-lhe, que na noite de sabahdo, tres moços *divertidos* conhecidos por *Gira-grande*, Olavo e *Quinquin Parteiro*, depois de se metterem debaixo dos *aguaceiros*, fizeram quanta estrepolia houve, entre as quaes sobresahiu a de arrancarem a porta da entrada da casa n° 4 á rua direita da Misericordia, onde mora uma tal Irias, concluindo a *graça* com uma estrepitosa assuada na mesma casa.

Espera-se que S. S. se dignará chamar á ordem esses *folgazãos* da noite.

—Por toda a parte a impunidade!

Antes viver nos desertos africanos, por que cada um trata de garantir-se.

Mas aqui! com esta mentira a que chamam lei, está a gente exposta a soffrer, pelo menos, o que soffreu aquella pobre mulher.

—Que teve ella? Vae carregada.

— Um bolceiro da companhia de Vehiculos vinha á cavallo, pelo becco de Maria Paz, em galope desfechado, e deu-lhe tamanha *tungada* que abriu-lho a cabeça. A mulher ficou sem sentidos, e agora vae carregada comer galinhas um mez pelo menos, si não morrer; por que pela brecha vê-se-lhe os miolos.

—E o deliquente?

—Está na porta de sua casa, quero dizer, na cocheira, impavido e altaneiro.

— Bem, bem, assim é que é bom.

—Nesta terra se vê tudo!

Ainda hei de ver, si viver, mosquito calçar sapato e carangueijo tocar viola.

—E V. virar macaco.

—O que Deus tal não permitta.

—Quem sabe? Nesta terra, onde não se distingue o crime da virtude, onde, por uma pataca, confunde-se a moralidade com o vicio, onde aquelles, que, segregados pela lei, da communhão social, têm direito a confundir-se com o cidadão morigerado e honesto, não ha nada a admirar.

—Basta de exordio, vamos ao texto.

—No sabbado, vindo do Bomfim na diligencia das 4 horas, fiquei de queixo cahido, vendo-a parar na Calçada, para receber... advinhe a quem?

—Como eu posso lá saber?

—Para receber um galé, que andava por lá passeiando.

—Está V. a contradizer-se, si nesta terra tudo se vê, como se admira que a companhia de Vehiculos, empreza commercial, franqueie seus carros a

quem lhe paguo, seja embora um forçado, assassino, ladrão convicto etc?

—Arrastando a corrente, foi elle sentar-se indistinctamente entre os cidadãos, que enchiam a gondola.

—E que foi fazer à Calçada esse forçado?

—Passeiar.

—Sózinho?

—Acompanhado de dous soldados, um dos quaes veiu com elle na gondola e o outro á pé.

—Sabe o nome do galé?

—Pizarro.

—Ah! é um implicado n'um envenenamento, que se deu, ha annos, na Preguiça.

—Justo.

—Ahi só o que vejo de admirar, é a condescendencia dos guardas, que, ás vezes, n'uma simples prisão, não querem que o preso entre n'uma cadeira; no mais não.

—Sómente?

—Sómente.

—Pois a sociedade não tem admittido distincções, afim de que o malfeitor não hombreie com o justo?

—Homem, V. quer ouvir, os mandamentos, que regem este mundo são dous—*amar o dinheiro sobre todas as cousas, e a barriga como a nós mesmos.*

A companhia precisa do dinheiro para aguentar-se.

—Que sarcciro foi um na cocheira dos Vehiculos?

—Eu sei, eim! Ouvi contar pelo alto.

—Serve.

—Dizem que o director João Ignacio quiz castigar um boleeiro por insubordinação...

—Escravo delle?

—Não; livre.

—Então nas machambombas dá-se pancada em gente livre?

—Ignoro.

Como o homem não se quiz sujeitar a esse aviltamento, foi amarrado, espancado á valer e depois enviado ao Sr. Dr. chefe de policia, que incontinenti o remetteu para bordo.

—Essa ainda é melhor!

Então o chefe de policia, sem conhecimento do facto, ignorando os motivos, que deram causa a tal conflicto, enviou para bordo um homem, que acabava de ser violentado em sua condição de livre, espancado e amarrado? sabia elle de que lado estava a razão?

—Para que?

O homem é pobre, fraco, desvalido; não podia ter a razão de seu lado.

—Não é assim; tambem alguem pode dizer que S. S. commetteu um grave arbitrio para satisfazer á caprichos de alguem.

—E' verdade que um dia destes bateram se á espada um capitão e um alferes?

—Dizem.

—De que batalhão?

—Ignoro.

—Estas scenas de pugilato são tão feias! Principalmente em certa gente.

—Não de deixar isso lá para fora; a *Pirajuhyba*, por exemplo.

—Lá fora, a cousa é de outra maneira, espera-se o jacu atraz do pau.

LA VAE VERSO.

O VELHO JANGADEIRO.

Velho...fraco... quasi cego...
Meus dias passo no mar,
Sobre a minha jangadinha
A' noite volto ao meu lar,
A's vezes rindo contente,
Muitas vezes a chorar!

Sorrindo si fui ditoso...
Chorando si não pesquei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Eia, vamos...que na choça,
Perdida no areial,
Ai, pelo vento rasgada,
Desfeita pelo terral...
Me esperam pobres filhinhos
Do quem sou triste fanal!

Quasi nús..curtindo fome,
La na palhoça os deixei...
Eia, vamos jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Quasi nus, ao abandono,
Das praias na solidão,

Sem um consolo na vida,
Sem um pedaço de pão...
Fitando as ondas traidoras,
Que rugem...sem compaixão!

Meus filhos...e Marianna,
Que sempre fiel amei!
Eia, vamos jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Ai, sorte! não a esperava,
Quando ao meu paiz natal
Servi como marinheiro...
Marinheiro imperial!
Qual servi em Toneleros,
Que aos olhos foi-me fatal!

Aos olhos...pois quasi cego
De Tonelèros volteí...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Quasi cego..me expulsaram
Lá da corveta *União*!
Que valiam meus serviços?
Nem d'elles fez-se menção!
E eu vim erguer minha choça
Nas praias...chorando então!

Que a miseria foi a paga
Dos serviços que prestei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

A miseria! Não sei como
Nesse tempo não morri...
Quando a esposa, quando os filhos
Gemendo de fome ouvi!
Então fiz esta jangada,
E uma esmola ao mar pedi!

Mas cruel...impiedoso
N'ese dia o mar achei..
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Nada...nada...Allucinado...
Lembrei-me... bom Deus, perdão!
De trazer toda a familia
Na jangada, e logo...então...
Morrermos todos nas ondas,
Morrermos sem confissão!

Mas valeu-me a Virgem Santa,
A quem depois implorei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Desde esse dia...assim vivo...
Si pesco tenho o comer...
Si nada levo das ondas,
Ouço da fome o gemer!
Eis o presente...o futuro
So Deus o pode saber!

Mas, confio em Deus.. E' summa
Sua clemencia...bem sei!
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

A PEDIDO.

—Veja como são as cousas, Sr. *Carlos*...

—A respeito?

—Emquanto uns são de opinião que, na *Bahia, illustrada* como é, o Sr. merece um logar de honra, outros dizem que de Vm deve se fugir, como do mais detestavel e perigoso mortal.

—Não sei o motivo.

—O motivo, é porque, dizem, Vm. acaba de commetter o acto do mais revoltante cynismo, a acção da mais torpe sensualidade, o mais inqualificavel abuso de confiança, a mais negra das traições.

—Ignoro.

—Dizem que com isso Vm. mostrou aos que ainda não o conheciam, que é um refinado falsario, um ingrato de chapa; um ataque vivo á pudicicia das familias, um constante desinquietador do lar domestico ..

—Tudo isso não merece conceito. Apontem o que fiz, para mo assacarem tantas injurias,

—Que o Sr., além do mais, attentou sacrilegamente contra os preceitos da nossa santa religião.

—Mas qual é esse crime tamanho, que commetti? De que me accusam?

—Nada menos do que de seduzir o perder uma senhora.

—Ora essa!... Quando assim fosse, era isto algum jumento a voar, algum touro a cantar, algum tubarão a nadar em secco, para causar tanto espanto? E' cousa nunca vista?

—Seria assim como o Sr. diz, si não houvesse a circumstancia de ser ella sua comadre.

—Eim?!...

—Não se espante. E' o que dizem—

que o Sr , aproveitando-se traiçoeiramente da ausencia do seu compadre e abusando infamemente da confiança por elle depositada em Vm., perdera a infeliz senhora, por maneira tão irreparavel que, nem a sua *meio-pathia* foi capaz de apagar a prova irrefragavel da ignominia e vergonha, que o Sr. lhe fez sorver.

—E o Sr. crê?

—Apenas aqui comparo os dous extremos: emquanto uns são capazes de fazer um *juramento sagrado* de que na *Bahia, illustrada* como é, o Sr. tem jus a um logar de merito, outros acreditam que Vm. é um perverso detestavel.

—*Aurelinho*, cousinha ordinaria, para que te foste metter em camisas de onze varas? Não vistes logo que a alhada te havia de sahir caro?

E' verdade que bestas como tu não raciocinam.

—O *Augusto* e o *Pereira* foram quem me metteram nesta bruziguilhada, e agora deixaram-me na rascada.

—De mais a mais, és um sendeiro sem habilidade, que vás pelo cabresto onde os outros te levam!

Tu estás no caso de insultar alguem, armazem de maculas?

Podes fallar em honestidade de familia?

Tu, que, para eterna vergonha, si a vergonha podesse penetrar nesse rosto azinhavrado, bastava aquelle facto passado em Itapárica com o irmão do padeiro.....

—Isto ja passou; fui ao Sul como tenente e voltei com a cara limpa.

—Ella veiu limpa, porém foi de pejo e pudor.

Vae te metter entre *silvas* agrestes, cousa abjecta e asquerosa.

Porque não fazes com que a Lydia pague a mobilia, que tomou fiada e nem aos cinco tostões quer pagar?

Porque não reparas a vida dissipada e regateira, que leva aquella *heroina* tão chegada a ti?

As contas a ajustar com o Nonô é elle pagar os 20$\frac{1}{2}$rs., que tomou empres-tados a aquella pessoa e que até hoje deitou da parte do esquecimento.

—Deixe está que elle paga.

—Pois deixa para fallares depois e não andes a escoucear, besta de um dardo.

Lembra-te do João Tanoeiro.

—Ah! ah! a cousa ja esteve melhor; retiro me.

—Vae safado, certo de que, si continuares, has de ouvir a tua nojenta chronica e de todos de tua pandilha, e si isso não fizer mossa nessas faces deslavadas, saborearás a gostosa taca do muxingueiro nesse lombo de camello.

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA.

Chamamos attenção de S S para um insolente e incorrigivel moleque de nome Horacio, escravo, morador á Fonte das Pedras, o qual seduz os meninos para fins libidinosos de parceria com um outro, tambem escravo, de nome Cosme, alem de muitas outras immoralidades que poem em pratica; e si alguma pessoa tracta de desviar os pobres innocentes incautos, expões-se aos maiores insultos destes dous desenfreiados. Em vista pois do exposto, espera se de S. S. providencias a respeito.

VARIEDADES.

O SOL APRESSADO DE MAIS.

«Como, preguiçoso! dizia um trabalhador, acordando o filho, tu dormes ainda e o sol ja está fora!» O filho respondeu lhe ingenumente, esfregando ainda os olhos: «E' culpa minha que o sol tenha sahido antes de amanhecer?«

—

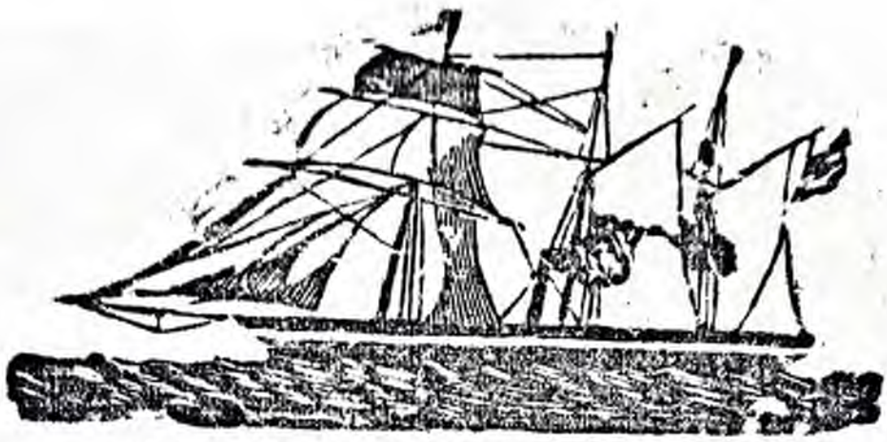
Um medico foi chamado para curar uma senhora doente imaginariamente: interrogou-a e ella confessou-lhe que comia, bebia, e dormia como sempre. «Pois bem, disse-lhe o medico, vou dar-lhe um remedio que lhe ha de tirar tudo isto.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO.

Solda-se vidro, louça, e marmore que estiver quebrado, garante-se a solidez dos objectos soldados na loja nº 38: á rua d'Alfandega se dirá quem.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 20 DE JUNHO DE 1867. SERIE 22.ª—N. 219.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1° andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

A redacção do *Alabama* declara que a ninguem tem mandado levar folha em seu nome, nem mesmo a de sua propriedade.

A coadjuvação com que nos honram è toda espontanea. As pessoas que querem assiguar, vão, ou mandam á typographia.

Semelhante declaração tem por fim esclarecer a alguns Srs. assignantes, que nos reclamam que, além de nos obsequiarem, subscrevendo para a manutenção do humilde periodico, ainda lhes enviamos um outro para assignar, tornando-se assim oneroso o favor que nos fazem.

Fiquem pois de sobre aviso de que nenhum consenso demos, nem concorremos para que se mande folha em nosso nome.

A Redacção.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para o sobrado n° 32 á Ladeira da Praça, onde nos informam que são castigadas com desmedida severidade meninas que ahi aprendem a coser; sendo que ainda na semana passada levára uma dellas sessenta palmatoadas bem puchadas.

—Esta semana tem sido toda aziaga! E ainda está no meio.

—Tem se dado nella diversos acontecimentos lamentaveis.

No dia 16. à noite, nos Coqueiros, freguezia de S. Pedro, Raymundo de tal, que ha pouco sahiu das galés, deu no ex-voluntario João de tal profundos e gravissimos golpes de navalha em casa de umas mulheres do mundo.

— Morreu?

—Não; mas está no hospital militar em perigo.

Na mesma noite, um individuo de nome Clemente, estando á *sambar* com outros, em casa de umas *conhecidas* á rua do Genipapeiro, *arreliou-se* e com um pau fez proezas, deixando um dos sucios em estado de ir carregado para o hospital de caridade tratar-se.

Hontem, 18, na Praça, um moleque deu tamanha pedrada em outro que o deitou sisudo ao chão, com uma enorme contusão.

Ao mesmo tempo, na ladeira do Taboão repetia-se uma scena de descommedida imprudencia.

O 6.° batalhão, que anda desenfreiado á prender á torto e á direito para augmentar gente, quiz á força prender um homem; houveram contestações, o

dellas passou-se ao uso dos paus e das bayonetas, cacetadas, pedradas, ferimentos, etc. O povo foi para porta do quartel do 6°, deu foras e queria invadil-o; o official de estado reforçou a guarda, calou bayonetas e investiu sobre o povo, que, graças a prudencia de alguem, dispersou-se.

—Essas leviandades ainda hão de dar algum resultado serio.

—O infeliz Jose Antonio Lage, morador á rua do Sabociro, dirigiu-se hontem ao cemiterio da Quinta dos Lazaros e com uma pistola poz termo a existencia.

—Coitado!

—Deixou uma carta narrando seus soffrimentos, onde declarava que a falta de meios o levava a esse acto de desespero.

A' noite um homem casado, morador em S. Miguel, pae de nove filhos e chefe de uma numerosa familia, tomou uma *nova* e quiz acabar com a *traficancia*; espancou mulher, cunhada, filhos, irmans, etc. A visinhança acudiu e o subdelegado mandou-o cosinhar a borracheira na casa de Correcção.

—Que semana! Tomara já vel-a pelas costas.

—A isso ajunte a desordem que resulta no serviço, pela pouca pratica dos guardas do batalhão 21, que teem comparecido em alguns desses factos. Os homens, entendem que quem vae prender tem direito à espancar e fazem o diabo: dão *estoiros*, bayonetadas, etc.

—Por fallar nisso, lembrei-me: como é que o commandante consente que esses guardas andem pela rua de pès no chão?

—Que tem isso? Os homens estão acostumados á andarem la fora á vontade; extranham agora vendo-se mettidos em fundura.

—Aqui está um pedacinho do *Jornal do Brazil*, digno de ser apreciado.

—Leia.

—«*O patriotismo dos ministros.*— Quando de todas as partes do imperio, immensos particulares fazem donativos patrioticos para as urgencias da guerra, os senhores ministros fecham as suas bolças e nem ao menos cedem por um mez, em favor das urgencias da guerra, ou do Asylo de invalidos, as gratificações, que percebem como ministros d'Estado!...

. . . . . .

O Sr. Zacharias, que è dos ministros actuaes o mais rico, que deveria, como um dos grandes do imperio, ser o primeiro a dar exemplos de patriotismo e abnegação, tem o seu cofre fechado para a nação, não tem dado um real para a guerra, nem ao menos offereceu um liberto para servir no exercito e para cumulo de sua generosidade, ainda percebe a gratificação de ministro d'Estado em uma occasião em que o paiz necessita tanto de dinheiro.

E assim querem excitar o patriotismo do povo? Querem exigir do povo aquillo de que, vós, grandes do imperio, não tendes dado a minima prova?...

O Brasil breve naufragará com taes pilotos!...»

—Os beleguins do governo progressista, verdadeiros *Phariseus* da situação, já não respeitam o templo do Senhor, e nem veneram os symbolos mais sagrados do catholicismo.

—Muito má vontade tem V. ao governo.

—Fallo á vista do que acabo de ler no *Diario de S. Paulo*.

—Diga o que é.

—Celebrava-se na matriz da villa da Cutia (provincia de S. Paulo) a solemne festividade de sabbado de *Alleluia*. No momento em que o sacerdote celebrante levantava a Hostia sagrada, uma força armada invadiu a igreja para recrutar por ordem do subdelegado Antonio Manuel Vieira! O povo, assustado com aquelle apparato de força, tentou fugir. As mulheres pediam soccorro, e, no meio da confusão e tumulto, eram pisadas por aquelles que procuravam esconder-se na capella mór, atravessando a multidão. Preso um moço, que fazia parte da musica da capella, os seus companheiros precipitaram-se para o lado do altar mor, e, abraçados com os padres, que cantavam a missa, pediam

soccorro em altas vozes. O digno o virtuoso vigario, vendo que o tumulto crescia e que o templo estava profanado, sem que ninguem podesse prever quaes seriam as ultimas consequencias de tão inaudito sacrilegio, porque muitos ja se preparavam para a lucta; o virtuoso vigario, adornado com as suas vestes sacerdotaes, desceu do altar, e veiu conter a desordem com a sua voz imponente. O muito digno vigario de Itapecerica, que celebrava a missa, rodeado de povo e ouvindo gritos de dôr e consternação, teve bastante sangue-frio para não abandonar o sanctuario no momento solemne da consagração da Hostia. Longo tempo foi necessario ao prudente, respeitado e energico padre Rocha para apaziguar o povo, fazendo sahir do templo os infames beleguins, que levavam em triumpho uma victima do sacrilego subdelegado.

—Não é preciso uma unica palavra a narração deste facto: si o seu author ficou impune, é porque vivemos em uma epocha em que sao permittidos todos os crimes

A PEDIDO.

—As guardas e destacamentos em certos e determinados logares são para manter a ordem e garantir a segurança individual ou para provocarem desordens e assuadas?

—Ora bimbas! Isso é pergunta que se faça?

—E porque não?

—Pois para que se destaca uma força, sinão para fazer respeitar a ordem publica e velar pela propriedade e segurança dos cidadãos?

—Eu tenho visto tanto o contrario disso!

—E' falso.

—Ainda na noite de 17 fui testimunha: a guarda de palacio esteve em completa *pandega*, os homens, que passavam acompanhados de mulheres, eram apupados de—*carrapto larya a vacca, renitente deixa o osso;* sem se saber si era um homem casado, ou um *azeiteiro* que alli ia.

Os soldados, estavam fora de uniforme e ás carreiras pela praça a gritarem *Caga-fogo*! O sargento tirou o cinto, a banda e mais *paraminguás* e metteu-se na baderna.

—E o official o que fazia?

—Não sei.

—Está bom, com tudo não é o desvio de um ou outro, da senda de seus deveres, que o authorisa a dizer que a força publica è a primeira a fazer assuadas.

E si o facto chegar : o conhecimento do digno commandante das armas, elle bade ventilar isso e dar geito á cousa.

(*Continuação.*)

—Padre *Janico*, com a morte da mãe, fez o diabo á quatro. De posse de todos os bens do casal, dava largas a seu genio perdulario e desregrado.

Entretanto, como *Deus consente, mas não para sempre*, succedeu que uma das orphans, pondo-se moça, casasse com um rapaz de sangue no olho, casamento esse, que se realisou contra a vontade do famigerado aza preta de coróa, pois que lhe fazia conta que ellas permanecessem solteiras, afim de nunca prestar contas.

O marido da menina, tratou de chamar padre *Janico* á contas e o poz de *curral apertado* e com as calças nas mãos (porque elle não usava de batina),

Quando se viu muito acossado, imaginou um expediente com que se livrasse da rascada, e, fertil em ladroeiras, formulou aladroadas contas, de suppostas quantias que sua mãe lhe ficara a dever; porem o diabo, que é judeu, e ás vezes diverte-se em descobrir as traficancias e malignidades dos seus adeptos, fez com que toda a ladroeira do perverso ministro fosse desmascarada, por se ter verificado, que as datas das contas eram posteriores á morte da velha.

Nesta entaladella, padre *Janico* viu-se obrigado a recorrer á clemencia de suas victimas.

Com artimanhas poude conseguir que se paralisasse o pleito contra elle e para adocicar a bocca dos herdeiros deu a casa da rua das *Bengalas*, sob condicção de lhe darem 50$ rs., annuaes.

—Sempre o espirito eivado de ratonice!

—Ora!

Vendo que a cada dia lhes eram descobertas novas trampolinas vendeu a loja, comprou uma fazenda n'uma *costa* onde o *mar* não é *pequeno* e la foi se encafuar, tendo a notavel sagacidade de mandar pedir ao marido da sobrinha, que não continuasse com questões com elle, que se compadecesse de ser um homem ja velho e que sua consciencia o accusava de que tudo aquillo era dos seus sobrinhos e que sem questão, elle entregaria mais tarde ou mais cedo.

O homem, marido da sobrinha, que era bom e credulo, concordou com o pedido do tacanho papa-hostias, o qual vendo não continuar mais a questão, poz uma pedra em cima e nada deu, alem dacasa das *Bengalas*.

(*Continúa.*)

—Quem é o thesoureiro do Divino Paraclito?

—Ob' ja não sabe?

—Não.

—E' o *mesmo*.

—Grande Deos!! Que mania de gentes para uma thesouraria! Nove annos! Forte molestia!

—Renitente lhe chamo eu. Santo Antonio nos acuda pelo seu dia de hojo.

—*Procurador*, para que V. poz o dinheiro do pobre official de justiça no peito?

—*Não masse*!

—Não masse! A massada são os cobres alheios que V. chupou.

—Si o *Marcolino* não m'os deu, como é que eu gastei?

—V. mais o *Bernabé*, que é outro refinado tratante, comeram o suor do homem.

—Espere *até ver*.

—Deixe-se desses insulsos phraseados e va pagar o trabalho do homem, que precisa para manter sua familia.

—O culpado sou eu de me misturar com meirinhos

—E' que todos os merinhos não se querem hombrear com V. Quem lhe entende é o Satyro que depois de lhe descompor, aperta-lhe a mão e vão á venda do Xico matar o *bicho*.

VARIEDADES.

Certo commandante de uma companhia, querendo chasquear um seu alferes, disse: «soldados! sentido! olhem que tenho aqui dous olhos, e um atraz, que è o meu alferes.»

—

Estando uma Sra. a jogar o voltarete, disse para um dos parceiros: « Faz favor de dar quatro por baixo áquelle Sr.»

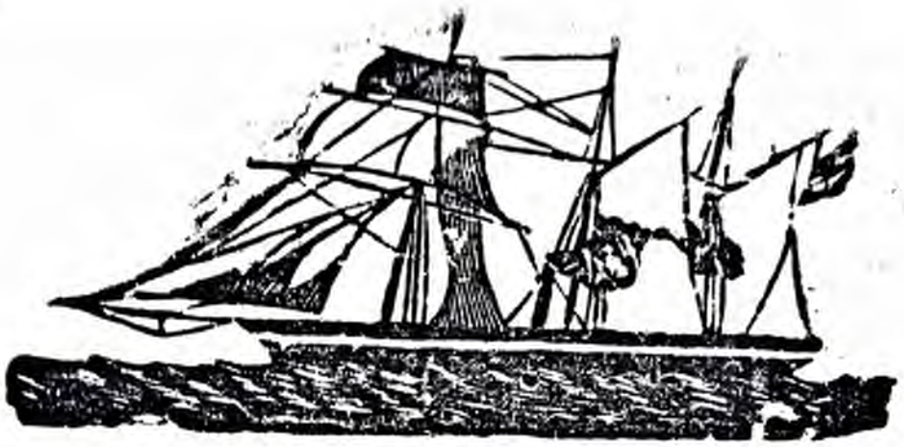
ANNUNCIOS

TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48, á rua do Caquende, tem um grande sortimento, que vende barato, e um completo sortimento de fogos do melhor fogueteiro, como sejam: espadas, craveiros, pistollas, rodinhas, traques da india, ditos de sete estouros, ditos de massa, candeias, chovinhas, bombas, sortes, chuveiros, foguetes do ar: que se vende muito barato; tanto em porção, como a retalho.

ATTENÇÃO.

Solda-se vidro, louça, e marmore que estiver quebrado, garantindo-se a solidez dos objectos soldados, na loja nº 38: á rua d'Alfandega se dira quem.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 22 DE JUNHO DE 1867. SERIE 22.ª—N. 220.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1° andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de junho de 1867.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao Terreiro de Jesus na loja por baixo da casa do Sr. José Antonio Bispo, e intime a umas depravadas meretrizes, que ahi moram, que não continuem a proferir palavras obscenas, offendendo com isso á moralidade publica, sob pena de serem comduzidas para o porão deste navio, afim de provarem da enorme *taca* do muxingueiro. Cumpra.

—Chegou hontem da côrte o Ex. Sr. Dr. José Bonifacio Nascentes de Azambuja, presidente nomeado para esta provincia, e tomou posse hoje à uma hora da tarde no paço da camara.

—Deus o traga em boa hora.

—Parece que não é amigo de apparatos: hontem quando o vapor ancorou, não quiz esperar pela galeota e veiu para terra n'um saveiro usual; agradeceu um esplendido carro que lhe mandaram offerecer e subiu a ladeira a pé acompanhado apenas de tres amigos.

—Si eu acreditasse em bruxarias não julgava de bons auspicios a entrada de S. Ex em palacio.

—Porque?

—A guarda de palacio quando S. Ex. se aproximou, fez um *zig-zag* e foi se collocar em frente á Relação, provocando isso a hilaridade da turba molecal.

—Historias.

Tem dado motivo a commentarios o facto que, dizem, praticara o antecessor de S. Ex., deixando-o á *secca* sem almoçar, vendo-se o Exm na necessidade de mandar buscar refeição no hotel.

—So si o homem está arrufado.

—Tambem não mandaram, como é costume, a guarda de honra recebel-o.

—Tudo isso nada vale; faça elle bom governo, é o que se quer.

—Está na terra o capitão de Zuavos Marcolino José Dias.

—Veiu com quatro mezes de licença.

Tem tido demonstrações mui lisongeiras.

—E' verdade: o homem onde vae é acompanhado de uma multidão de povo

—Deve ficar penhorado do acolhimento, que lhe prodigalisam seus patricios bahianos.

—Assim é que eu quero ver; apreciar-se o merito onde elle existir.

—Como é que uma authoridade ouve isto de cara limpa!

—Isto o que?

—Isto que diz o *Progresso:*

«*Villa da Feira de Sant'Anna.*—Escrevem-nos o seguinte:

«Ouvi de um amigo a relação da excellente informação, que andou de *deo in deo,* e que foi das authoridades da Feira para o Exm. presidente, ou Dr. chefe de policia, sobre as optimas qualidades do actual subdelegado desta villa, José Luiz da Silva Lima, que, sem meio de vida, se occupa de *furtar cavallos* e praticar outras miserias, que constam dos seis ultimos documentos publicados em o seu *Progresso.*

. . . . . .

«Que importa que o subdelegado *furte cavallos, e roube o genero humano*; furta elle cavallos do governo?... E que furte! »

. . . . . »

A PEDIDO.

—Lê-se no *Diario das Alagoas*:

Mais uma victima do Sr. Alencastre.

«Ja não existe Manuel Severiano Rodrigues da Silva, irmão e socio do Sr. Francisco de Paula Miquelino Teté, prensario e morador na Cambona.

«Recruta do Sr. Alencastre, por intriga do subdelegado de policia desta capital seguiu para o Rio de Janeiro com pasmo desta cidade, que viu assim pizar-se aos pés consideração, posição social e isempção legal.

«Dispondo de fortuna, pôde logo que chegou na côrte dar um substituto por 1:800$000 rs. e voltou para a sua casa no vapor passado.

«Mas o infeliz Manuel Severiano trouxe o germen de uma terrivel enfermidade—a variola.

«Affectado de bexigas, succumbiu ante-hontem no meio de sua numerosa familia, que prantea perda tão digna de lamentar-se.

«E então, Sr. Alencastre, não lhe dóe o coração, não tem remorsos desta morte!

«Quem o author indirecto della?

«O infeliz Manuel Severiano não era vacinado, foi arrastado a côrte aonde existia aquella epidemia, e eil-o na eternidade,

«Sr. Paranaguá, Sr. ministro da guerra, veja as consequencias de uma administração violenta e arbitraria.

«E V. Ex. não sentirá a menor alteração a esta noticia?

«Assassinos, assassinos!!»

Ao Poeta Trez-beiços.

O sec'lo è das maravilhas
O sec'lo perdeu a bola,
Trabalha a náu sem ter quilhas,
O sapateiro sem sola;
O mundo doutor em lettras
Virou menino d'escola,
Anda de pernas no ar,
A jogar a carambola.

Hoje, se vê pelos cantos
Duzia e duzia de patetas,
Que querem passar a vida
Com fumaças de poetas,
E, sem verem d'onde tiram,
Nem onde mettem o nariz,
Escrevinham d'encommenda,
Quelque chose que se venda,
Que poesia se diz.

Li n'um jornal d'este mez,
Um *befsteack* d'asneira,
Logo vi que o sugeitinho
Estava na quebradeira,
E precisando de cobres
Dirigiu-se a um tal *doutor*
E d'entre um mundo d'asneiras,
Vendeu-lhe sempre o melhor.

O poeta é das arabias,
Amigo de *João Punhal,*
Da companhia do *prego,*
Tem trez beiços por signal;
Calculista como elle!...
Têm sonhos, que sonhos ricos!
Não contente com trez beiços,
Quer virar pau de dous bicos.

Consta até que vae deitar
Uma loja onde se venda
Pasteis como os do *Martins,*
Elogios de encommenda;
Creio, porem, que tal droga
Acaba em roda de pau;
E' melhor metter as ventas...
Nos beiços tocar brimbau.

O *heroe-doutor* cantado
Diz elle que é sabichão,
Não nego — *le monde marche,*
Ja burros formados são;
Não admira que o mundo,
Construido como tal,
Deixe entre tantos tratantes,
Ver o nobre *João Punhal.*

Hoje virtudes se empresta,
Honra não é cousa rara,
Qualquer *lata* tem vergonha,
Hoje ha barba em toda cara,
Qualquer burro tem basofias,
Qualquer asno sabe urrar,
Qualquer ladrão tem commenda,
Trez-beiços sabe cantar.

Não te zangues, pois, *doutor,*
O Trez-beiços tem *denôdo,*
Vae elevar-te uma estatua
De roupa suja ou de lôdo;
Esta então ultrapassando
Dos sec'los a immensidade,
Ha de provar teu caracter,
Tua grande probidade.

Tu ès um grande na cousa...
Prosegue mais alguns mezes,
Has de então ficar bem rico,
A custa de *gordas* rezes;
Ja não tens nada que perca,
Hoje ès todo só peçonha,
Já não tens verniz na *lata,*
Na *cara* não tens vergonha.

Até creio que a vergonha,
Grão-doutor, nunca te viu,
Que já nasceste tão sujo,
Já sem vergonha e sem brio;
Hoje és *nobre,* és *sabio,* és tudo,
Por signal andas de pata,
Só falta comprar vergonha,
Deitar verniz n'essa *lata.*

João-o-Sachristão.

—.....

Então, meu pharmaceutico, está zangado comigo, e quer desmentir-me, dizendo por ahi que seus filhos não são uns refinadissimos larapios?

—E não o são; sustento.

—Agora diga-me:

Quem foi que roubou a casa daquelles pretos na rua dos Capitães e em casa de quem foi achado o roubo?

—Mas este facto passou secretamente e eu o posso negar hoje.

—Não pode, porque foi á minha vista que tu entregaste metade dos objectos a authoridade, e isto mesmo era necessario que ella as fosse pedindo para irem apparecendo, pelo que eu avanço a dizer, que tu es connivente nas rapinagens que fazem teus filhos; pois até dizem que este teu sobre novo é resultado de um grillo que elles, ha pouco, fizeram.

—Sr. não avance á tanto!

—E porque não? Ainda não te disse tudo, meu grandissimo caloteiro!

—Caloteiro não!

—Que o diga aquella pobre pretinha, que vendia agoa em tua casa e na de tua amasia; que o diga a pobre lavadeira, com quem tu, meu *official de marinha,* (estou usando das tuas palavras, quando foram apprehendidos os objectos roubados por teus filhos, que tu, meu velhacão, querias insinuar ao subdelegado para dizer ao preto) fizeste um contracto de pagar todos os mezes e por fim pregaste-lhes o calote; que o diga o Seraphim da venda, a quem pregastes um reverendissimo calote de 300$ rs., tendo o cynismo de offerecer ao homem 10$ rs. por cada 100$, quando elle te foi pedir seu dinheiro!

—Tudo iste é inveja porque eu dou dinheiro aos meus filhos para divertirem-se.

—Quem é que dá dinheiro, tu?

Cá... cá... ca... cá!
Qui... qui... qui... qui!
Có... có... có... có!

—De que está o Sr. rindo-se? Por ventura não tenho meu ordenado?

—Que duvida! Mas a differença é que elle ja esta rebatido este anno inteiro.

—O Sr. parece-me, que só se dá ao trabalho de indagar a vida alheia?

—Gosto de indagar a vida dos tratantes, velhacos e safados como tu, para quando os ver formalisados por pouca cousa, tanger-lhes uma mais grossa, porque diz o adagio: Preso por mil, preso por mil e quinhentos.

—Então é porque eu estou forma-

lisado, que V. me arruma esta, não?

—Não, porque não dou o cavaco com a tua formalisação.

—Porque?

—Ora que cavaco posso eu dar com um pae, que manda os filhos darem na mãe; que cavaco eu posso dar com um marido, que manda buscar sua cunhada para dentro de casa e amasia-se com ella, pelo que a mulher desgostosa embriaga-se todo dia? Nenhum.

—Basta, senhor. Peço-lhe por favor que não falle naquillo, de que nas horas amortecidas da noite tenho remorsos, quando repasso na mente....

—Que remorsos pode ter quem continua a commetter crimes; que remorsos, pode ter quem maltracta sua esposa, deixando-a em casa morta a fome, indo para casa da amasia?

.....

—Sr., eu lhe peço, não continúe.

—Para que agora esta tua hypocrisia?

Quem não sabe....

— Perdoê-me!

—Tenho pena de ti, safado!

—Já veiu o José *Sabujo*
Latronopolis governar.
—E o tal João *Pancada*
Foi macacos pentear.

Poesia

á uma penna esclarecida.

E' *penna* sem outra egual,
Causa nojo, causa horror;
De mulheres capador,
Dá-lhes destino fatal;
Jamais encontrou rival
Na arte do castramento.....
Seus escriptos são *portento*.....
Faz artigos sem cabeça:
E' na sciencia um tripeça,
Um *balão* cheio de vento.

No mundo nunca existiu
Penna de tanta sandice,
E nem tanta parvoice
Em *penna* jamais se viu;
Soltou as patas, fugiu
Para o gremio dos sandeus;
Contente pois, entre os seus
Muito proprios, muito eguaes,
Alliou se em casos taes
Aos felizes pygmeus.

E' *penna* mal aparada,
Penna ruim, e de côrvo,
Só serve aos outros de estorvo,
E' *penna* escarrapachada,
Não presta a *penna* p'ra nada,
E' *penna* que tem torpor,
Penna que não tem valor,
Penna que não se conhece;
E o que ella me parece
E' *penna* de espanador.

E' de tal *penna* um regalo
As discussões de samouco;
Creio ter o craneo ouco
E o saber de um badallo;
E si accaso em *penna* fallo
E' porque julgam-na assim:
Praza a Deus que a *penna* emfim
Na policia tome tino,
E' garatujador supino
Passe a ser bom beleguim.

Eu vi as trez Graças nuas,
Embrulhadas n'um lençol.

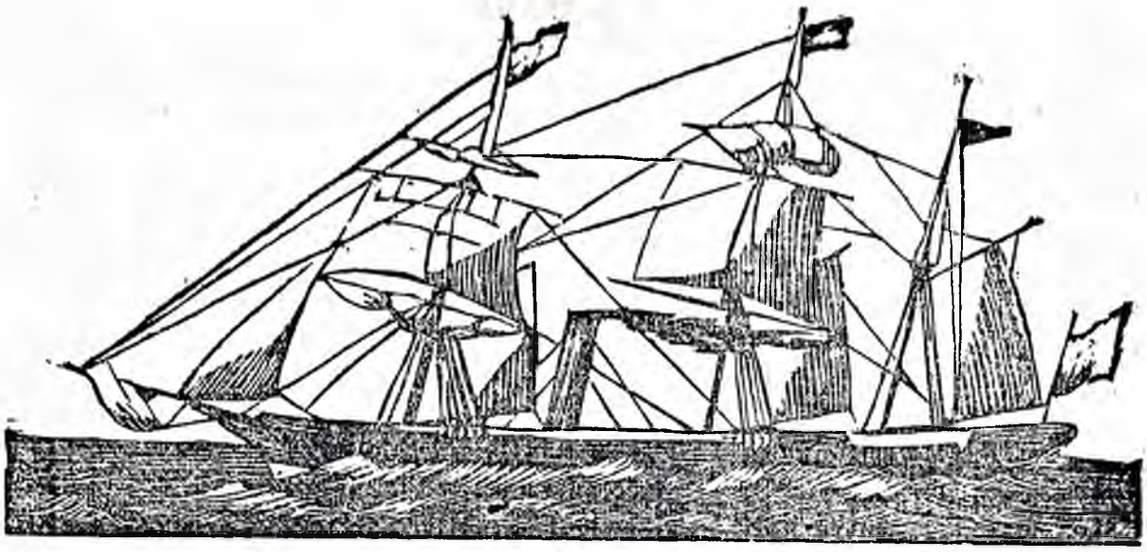
Em esteiras de tabuas,
Sem travesseiro ou colxão,
Todas deitadas no chão,
Eu vi as trez Graças nuas;
Vendo-as assim tão *cruas,*
Mesmo ás vistas do sol
Eu disse: só um anzol
Para *fisgar* estas loucas,
Que s'apresentam de toucas
Embrulhadas n'um lençol.

ANNUNCIOS

TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48, á rua do Caquende, tem um grande sortimento, que vende barato, e um completo sortimento de fogos do melhor fogueteiro, como sejam: espadas, craveiros, pistollas, rodinhas, traques da india, ditos de sete estouros, ditos de massa, candeias, chovinhas, bombas, sortes, chuveiros, foguetes do ar: que se vendo muito barato; tanto em porção, como á retalho.

Bacellar concerta com toda perfeição orgãos e pianos. Pode ser procurado ao beco do Açouguinho n.° 41.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 26 DE JUNHO DE 1867. SERIE 23.ª—N. 221.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Principia hoje a serie 23 do *Alabama*.

Não estamos dispostos a entreter polemicas.

Si dissemos que alguem abusava, especulando com o nosso nome, foi por queixas recebidas de alguns assignantes, sem com tudo procurarmos ferir a susceptibilidade de alguem.

Não duvidamos de que *quem tem interesse em agenciar assignaturas para esta ou aquella gazeta, mediante porcentagem, use, para adquiril-as, de artifícios*—o que não deixa de ser abuso e abuso reprovavel, que deve ser reprimido por aquelle, em nome de quem é commettido; o mais é sanccionar a especulação.

As pessoas, que nos tem feito as queixas alludidas, tem bastante criterio para confirmarem o que nos referiram si algum dia for preciso declinar seus nomes

No mais, cada um guarde intacto o que é seu.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de junho de 1867.

Não houve expediente.

—O Sr. Azambuja tambem embirra com cousas pequenas.

Não lê gazetinhas.

—E' cré com cré e lê com lé do Sr. Moura.

—Deu ao seu ajudante d'ordens uma lista com o nome dos jornaes, que devem ter entrada no regio paço.

—Faz muito bem, meu Sr!

—E' o *Debate*, o *Jornal*, o *Diario*, o *Pharol*, a *Constituição* e o *Interesse Publico*.

—E a *Bahia Illustrada*?

—Entra no numero das pecurruchas.

—Quanto á nossa, não negamos que é pequena em demasia, mas a *Bahia*, já faz algum volume. Si S. Ex. pegasse nella havia de sentir crescer-lhe na mão quando a desenrolasse.

—E' porque elle não sabe que as gazetinhas ás vezes descobrem muita melgueira.

—Como pode ser por economia, vamos mandar-lhe a nossa de graça.

—Eis o nada da vida!.....

Mauricia Joaquina Bandeira, sahio no sabbado de sua casa, á ladeira da Misericordia, ataviada com seus melhores adornos, para ir divertir-se nas Pitangueiras e voltou de lá, frio cadaver, enrolado n'um lençol, com os pés e mãos atados com cordas, para o hospital de charidade!.....

Nem uns chinellos lhe calçaram!

—O que lhe aconteceu?

—Um violento ataque, que a roubou do numero dos vivos.

—E o que ella levou, que fim teve?

—Provavelmente a policia tomou conta.

—Pois até as botinas!

—E' verdade, veiu com os pès descalços e embirados.

—Não tem duvida! a policia do Sr. José Carlos é zelosa de mais.

—Felizmente está passada a noite do *fogoso* S. João, sem incidente notavel, a excepção de um desaguisado, que houve no Caes Dourado, em que a policia ficou sem os *chanfalhos*.

Tudo mais foram pequenas desordens, que nao valem a penade notar-se, muitas das quaes originadas pelas proprias patrulhas, na *expansão* com que applaudiam a noite e o Precursor.

—Foguetes houveram em abundancia.

—Como não houve caso triste a registrar, passaremos.

—Eu, ao menos fui, testimunha de um.

Na ladeira da Saude uma mulher alem de ficar com a roupa queimada, chamuscou a cara e fracturou um braço pelo estouro de um foguete.

—No emtanto que as patrulhas deixaram de prender a estes destabanados, que andavam jogando foguetes, para prenderem a quem estava tranquillo.

—E depois exigiam dinheiro para darem soltura.

—Como exigiu o policial Salles a quantia de 20$ rs. á uma pessoa a quem elle prendeu injustamente.

—Na porta da matriz da Parahyba do Sul, provincia do Rio de Janeiro, achava-se ha dias, affixado o seguinte edital, que se recommenda pela orthographia:

«Hilario Joaquim de Andrade Tenente Coronel Commandante do 21º batalhão de Infantaria da Goarda Nacional Presidente do Concelho de Calefícação da Freguezia de Santo Antonio da Encruzilhada.

«Fasso Saber quem em convier que o Concelho de Calefícação si riunirá no Domingo 19 do Corrente as 9 horas da manhã, no consestorio da Freguezia para proceder a Calefícação e rever atual na conformidade do decreto 1139 de 12 de Marco de 1853 ordem de S Exm.ª o Sr Commandnte suprior de 27 de Abril ultimo que fucionará das 9. horas damanhã as 2. da tarde athe finalizar os seus trabalhos da Primeira riunião convido por tanto os entereçados da ditta qualificação, a comparecer perante o mesmo concelho.

« Parahyba do Sul. 2 de Maio de 1867.— e Eu Francisco José Alvos Borges Alferes Secretario que o Su b s crevi »

—Que gente! não deixam escapar nada!

—Tomou-se Curupayti?

—Quem lhe disse?

—Ouço musica e vivas na Praça.

—Aquillo são *augustaes* para louvar e admirar um *divino senhor*.

—Foram cumprimentar o presidente?

—Não, são os talhadores e empregados do matadouro, que andam a apregoar estrepitosamente os dotes e virtudes do seu chefe.

—Comprehendo: quem tem o que dar, embora não seja do seu, tem sempre admiradores que lhe queimem incenso.

—Querem que o presidente conserve o homem á despeito de tudo quanto tem se dito delle.

—Parece que não é preciso a recommendação.

—Está aqui um soneto, que me deram: diz que o povo esta todo babado de gratidão pelos beneficios, que tem recebido do director da casa dos bois.

—Não fazem nada sem mettorem o nome do pobre povo!

Sahem meia duzia de apologistas e incensadores de um homem pelas ruas a dar vivas ao seu idolo e dizem que é o povo!

—A culpa é de quem não tem a precisa modestia para dispensar apparatos e demonstrações partidas de quem lhes é subordinado.

—Isso não é nada. Outras cousas tenho eu visto nesta terra.

Já houve quem avançasse a dizer, que nesta terra a prevaricação recebia applausos na praça publica.

—Desgraçado paiz, em que as honras e applausos são comprados, porque o patronato e o dinheiro são os unicos meritos, que ousam apparecer.

A PEDIDO.

TRIBUNAL DO COMMERCIO DE LATRONOPOLIS.

SESSÃO ADMINISTRATIVA.

Presidencia do Exm. Sr. Desembargador Luxuria.—Escrivão o Sr. Trapisonga.

Requerimento de *Filgueiras, Silva, Sobrinho e A.*, para se registrar o trato social feito entre ambos, para abrirem na praça *Hotel Universo* uma casa de impureza, crapulites, marmotagem e concubinato, ficando a gerencia por conta do primeiro.—Deferidos.

Idem de *André, Antonio* e o africano Valentim para que se *marque* dia para ser apresentado o registro da barcassa *Maria* propriedade *commum* de ambos, que tem de seguir *barra* fora. —Designou-se o 1º dia util.

O Secretario—*Trapisonga*

AO SUPERIOR TRIBUNAL DA RELAÇÃO

1ª CONSULTA.

Um liberto, cuja alforria está sujeita a contestações, por ser a sua carta de liberdade passada *graciosamente* por um herdeiro, sem previo accordo dos mais, sendo que, feitas as partilhas, não toca o valor desse escravo ao mencionado herdeiro, pode exercer no Forum qualquer emprego judicial?

Illebumon.

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA E AO COMMANDANTE DO CORPO POLICIAL.

O abaixo assignado, vinha na noite de 23 do corrente, pelas nove e meia horas, subindo a ladeira de S. Francisco, quando viu dous soldados de policia querendo arbitrariamente prender a um rapazinho, que se estava divertindo junto de uma fogueira, dizendo que tinha sido elle quem jogara um foguete. O abaixo assignado, que tinha presenciado todo o facto, disse-lhe que era uma injustiça prender aquelle rapazinho.

Um dos soldados, de nome Salles, cabra, lançou sobre o abaixo assignado as mais injuriosas palavras, as quaes elle supportou com muita prudencia, porque tem educação bastante para tolerar os insultos de um homem que se acha bebado, e mesmo daquelles que receberam de seus paes uma educação de senzala.

Não querendo o insolente e malcreado soldado senão levar o rapazinho preso, disse-lhe o mesmo abaixo assignado, que o levasse e deixasse estar que no dia immediato havia sahir. Depois, vendo que o ebrio soldado e seu companheiro vinham com o rapazinho á presença do chefe de policia, foi tambem conversando com um amigo, porque ia expor ao digno chefe o facto como se tinha dado.

Mas, como o Sr. Dr. chefe não podesse fallar, os soldados desceram com o rapazinho para irem recolhel-o no quartel de policia, e como encontrasse na porta o abaixo assignado, deram-lhe voz de prisão, dizendo que elle tinha resistido áquella prisão.

O povo foi se agglomerando, e principiava a murmurar contra o arbitrio daquelle soldado.

O abaixo assignado não resistiu á prisão, seguiu, declarando que no dia immediato relataria verbalmente tudo ao Sr. Dr. chefe de policia, para que o

seu executor de ordens tivesse a pena precisa, afim de que outra vez, levado pela força da cachaça ou vinho, não provocasse desordens semelhantes. Chegando, porem, o abaixo assignado na ladeira da Palma, o guarda propoz, que lhe désse a quantia de 20$ rs., que elle e o rapazinho seriam soltos, a cuja proposta respondeu com despreso, dizendo—cumpra com o seu dever.

Em presença do proprio official de estado, foi o abaixo assignado injuriado por esse guarda bebado, mas,tudo isso, porque o official não teve força moral bastante para contel-o.

Esteve pois o abaixo assignado, conjunctamente com o rapazinho, preso n'uma nojenta e immunda masmorra, até o outro dia, quando se mudou o estado, quando o digno tenente, que entrou, o mandou que sahisse d'alli e viesse para a salla do estado; assim como o rapazinho.

O abaixo assignado, pede aos dignos Dr. chefe de policia e commandante do corpo policial correctivo para este soldado, pois alem da representação que fez verbalmente, no dia 24 ao meio dia, tem um nós abaixo assignado de diversas pessoas, que assistiram o facto, e vae representar por escripto, promettendo que quando não ache em Ss. Ss. a providencia precisa, ira a S. Ex. o Sr. presidente da provincia. Bahia 23 de junho de 1867.

A. R. de Sant'Anna.

—Viu a procissão do Sagrado Viatico?

—Pois não, e nunca vi tanta frieza assim;o funccionalismo publico constou do chefe de policia e alguma officialidade; a camara municipal, essa ha muito que não apparece em actos publicos.

—Bagatella; não è disso que quero tratar.

—De que é então?

—Aposto que não reparou uma cousa?

—O que?

—O cynismo com que se apresentou o conego *Cyri*, com a cara toda pisada, roxeada e cheia de arranhadellas.

—Reparei e attribui a alguma queda que levasse.

—Pois não! Foi a Margarida que no domingo passado, fez-lhe uma visita a freguezia do rosto e poz lhe as bitaculas em petição de miseria.

—Que descarado!

Ter a audacia de se apresentar n'um acto solemne de cara quebrada pela sua barregan!

Carta

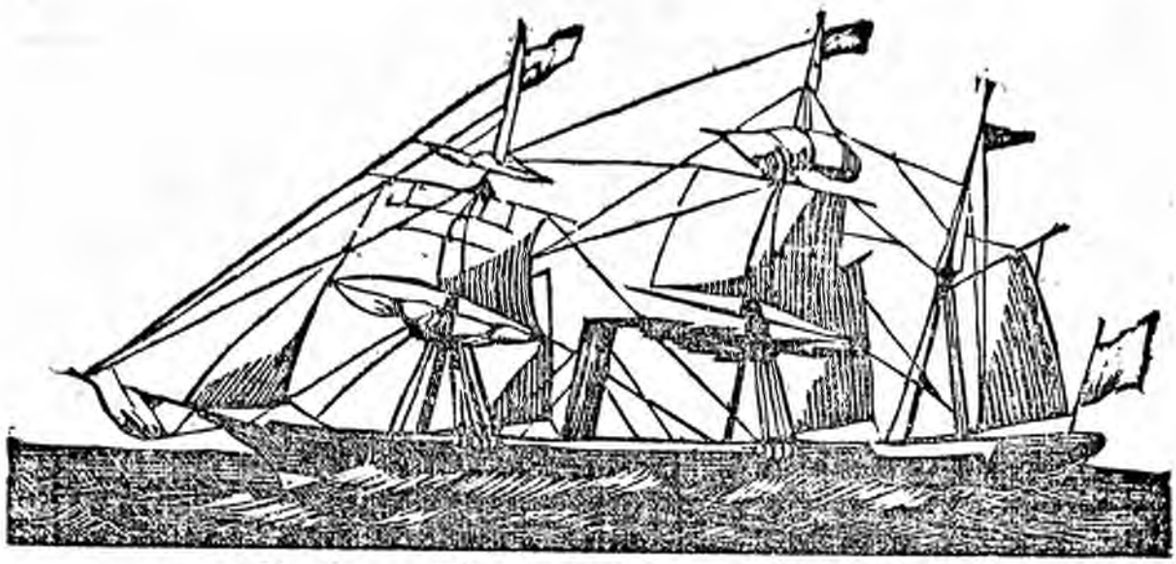
achada na freguezia de Brotas.

Meo bem.—A dor que padece o meo coração devorado de uma paixão arrebatadoura, obriga-me a pegar na penna —para declarar-vos quanto vos estimo pois n'unca acheime com animo—para lhe dirigir uma cartinha, mais eu vendo que vós não hade ser ingrata para com migo, por isso foi que me atrevi a tanto, mas Sra., eu vos juro que te amo, e vós está d'entro do meo coração, então espero alcansar de meo querido bem, a digna resposta, que será um dia de muita alegria para mim, no mais acceite o coração d'este, seo fiel amante —*Já sabe quem.*

ANNUNCIOS

Na Roda da Fortuna, casa nº 160 vende-ss uma Vacca tourina, e um garrote manço de carga e de carro.

Fugiu no dia 21 de junho de 1867 uma escrava, cabra, fula, por nome Simoa; é de boa altura; levou vestida saia cor de rosa esbranquiçada e camizú rocho, panno da costa usado: é provavel que mude de traje por fugir com toda roupa, tem os pés um pouco feios e um meio inchado,por o ter desmentido; quem a levar em casa de seu Sr. Manuel Amancio da Silva Ferreira, na rua Nova da Independencia, será recompensado com 20$000 rs. Levou um taboleiro no qual vendia laranjas e um balaio da Costa pequeno sem tampa: si por acaso estiver acoutada em casa de alguem o annunciante desde já protesta por todos os dias de serviço. —Bahia 22 de junho de 1867.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 28 DE JUNHO DE 1867. SERIE 23.ª—Ns. 222 e 223.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia. — Constando-nos que, ultimamente, tem se dado na Calçada do Bomfim quatro casos de hydrophobia, provenientes de mordeduras de cães damnados, pede-se a S. S. que expeça terminantes providencias no sentido de prevenir tão funestos acontecimentos.

—Disseram-me que o Sr. Azambuja não recebe certas folhas por inspiração do Sr. Dantas.

—Não creia; si fosse assim não receberia o *Pharol*.

—Estou que sim.

—A historia das *Mil e uma noites* deve estar bem gravada na memoria do homem.

—Foi agraciado o Sr. Cyrillo Eloy Pessoa de Barros, inspector da illuminação publica, com a empreza do theatro de S. João, pelo Sr. Dr. José Bonifacio Nascentes de Azambuja, presidente desta provincia.

—Profalças!.....

.....

.....

—Hontem affixou-se o bando da camara municipal, convidando os seus municipes a tomarem parte nos festejos do dia Dous de Julho.

Uma guarda de honra percorreu diversas ruas.

—Onde está Deus?

—No ceu, na terra, em todo logar em que chamamos por Elle.

—E' o que V. pensa! Deus não entra em lojas.

—Isso é uma blasphemia, uma heresia.

—Ao menos, é a opinião de um notavel canonista, de um abalisado Dr. da egreja.

—Quem è elle?

—O vigario Abutre.

—Ora, o vigario Abutre regula!

—Ao menos é a opinião de um sacerdote authorisado.

—De um pharisêu, de um scriba,

do um classico seductor, de um desfaçado usurario.

—Eu como quero errar com os sabios e não quero acertar com os estupidos, continúo a crer que o Senhor não outra em lojas.

—Mas, onde foi que elle disse semelhante asneira? sem duvida n'algum sermão.

—Não; sendo chamado para dar o Sagrado Viatico á uma creoula de nome Ignez, moradora á *Alta* dos Sapateiros, disse que não ia, porque o Sacramento não entrava em lojas!!!

—Homem, isso é serio?

—Exactissimo.

A enferma morreu sem os soccorros espirituaes.

—Ah! alma damnada, coração de porco, consciencia de *rocha*, entranhas de tubarão! As faltas d'aquella infeliz pesarão sobre tua endemoninhada cabeça!

—Estou certo que elle, negando-se, não *via na* sua recusa nada de mais.

—Para Deus, que é de misericordia, basta o arrependimento na hora extrema, e é dispensavel estas formalidades, ministradas ás vezes por um ente polluido, que acaba de commetter as mais crassas torpezas de sua vasculhejada depravação.

—Veja o nosso sollicito e paternal governo como cuida da vida do povo, confiada a seu cuidado.

A camara municipal da cidade de Campos, no Rio de Janeiro, logo que viu manifestar-se o cholera naquella cidade, depois de ter devastado S. João da Barra, receiosa dos funestos e dolorosos transes porque passara em 1855, requisitou ao governo providencias e soccorros.

O *desvellado* governo acudiu promptamente e remetteu

2 Duzias de garrafas de vinho do Porto.
6 Garrafas de Agua de Labarraque.
3 Garrafas de agua de flôr de laranjeira.
1 DITA DE VINAGRE DE LISBOA.
Meia de essencia de terebentina.
Meia de linimento hungaro.
3 Meia ditas de alcool camphorado.
Balsamo tranquillo, uma libra.
Acetato de chumbo liquido, 4 onças.
6 Meias garrafas de oleo de ricino.
2 Meias ditas de oleo de amendoas doces
Meia garrafa de oleo camphorado.
1 Vidro pequeno de nitrato de potassa.
1 Dito de sulfato de quinino.
1 Dito pequeno de acido citrico.
1 Dito de bicarbonato de soda.
3 Onças de subacetato de amoniaco.
4 Onças de ether sulfurico.
6 Onças de chloroformio.
3 Onças de tintura de camphora.
4 Onças de tintura de cantharidas.
2 Onças de subnitrato de bismutho.
3 Onças de laudano de Sydenhan.
3 Onças de tintura de camomilla.
3 Onças de solução de sulfato de strichnina.
3 Onças de tintura de belladona.
1 Onça de alcool de veratrina.
2 Onças de tintura de nox-vomica.
1 Onça de tintura de hasetichi.
Onça e meia de elixir paregorico.
Onça e meia de tintura de aconito.
Onça e meia de licor de Hoffman.
3 vidrinhos de gottas anti-cholericas de Strognopf.
Meia lata de visicatorios de Albspeyre.
4 Onças de raiz de poaia contusa.
12 Onças de Sulfato de soda.
7 Onças de camomilla.
1 1/2 libra de basilicão.
6 libras de linhaça.
6 escovas.

Mandando a camara avalial-os por dous pharmaceuticos, conheceu-se que alguns vidros, cujos rotulos indicam certa quantidade, contém quantidade inferior; sommando a importancia de tudo em 62$000, excepto as 24 garrafas de vinho do Porto, que, por ordinario, só póde valer a razão de 800 reis cada garrafa.

A camara deliberou reenviar a dita factura a fim de que o governo possa por si mesmo verificar a que ponto foi illudido.

—Pois o governo pode la ocupar-se com semelhantes ninharias? *de minimis non curat prætor*?

Que importa que o povo peroça á mingoa? Hade haver sempre no seio da credulidade popular quem leve as urnas

a *chapa de ferro* da fortuna politica dos zangões do Estado.

—Si por ventura se tratasse da conquista das urnas, de vencer a opinião e salvar os amigos do governo da derrota eleitoral, então comprehenderiamos bem que S. Ex. não mentiria a sua missão, e que não só por um vapor especial, mas por dous outros, si tantos fossem necessarios, não faltaria a Campos—dinheiro e bayonetas, para garantir o voto livre.

Honra seja feita a administração do paiz, desde o 1° ministro do Estado até o ultimo esbirro da policia, o primeiro e o mais importante serviço do Imperio, o serviço eleitoral, nunca soffreu por falta dos cuidados promptos do poder.

Mas,em uma quadra destas, fallar em soccorrer aos pobres á administração publica, é com rasão perturba-la no meio dos seus trabalhos serios.

—Meu charo, nestas horas de aperto, cada um salve-se como puder e não vão interromper o governo no placido gozo das posições e das honras,que lhes outorgaram o voto da canalha.

—Por esta, faça ideia das ambulancias que foram remettidas para os hospitaes do exercito brasileiro em campanha.

O ORPHÃO DO SOLDADO.

Dae esmola ao desgraçado,
Que anda a mingoa a perecer;
Dae-lhe esmola, que o coitado
Não tem de quem se valer:
E' pequeno, e tão sósinho
Na terra está, que o mesquinho
Não tem a quem se abrigar;
Já não tem mãe carinhosa,
Que triste afague amorosa,
Nem pae a quem abraçar.

Nasceu filho de um soldado,
Que pela patria morreu;—
O marido ao ver finado,
De dôr a mãe pereceu.
Quando cahiu, o guerreiro
No suspiro derradeiro
O filho á patria legou;
Tu o deves, sociedade,
Vem consolar a orphandade
Do filho, que te deixou.

Pobre orphão, desgraçado!
A quem ha de recorrer?
Eil-o, vae desamparado,
As ruas a percorrer;
Dos ricos por entre o bando
Vae o triste divagando—
«Dae-me pão—diz a chorar—
Pereço de fome e frio,
Sou pequeno, não vadio—
Nem sei 'inda trabalhar.»

Mas, que importam seus lamentos?
Não lhe dão mais que desdem;
D'esse infeliz os tormentos,
Essa turba não os tem.
Do orphão que importa a fome?
O cancro que o roe, consome
So a elle, a ninguem mais?—
Aos que vivem na abastança...
Que importa, si elle é criança,
Si è pobre, si não tem paes?

E o pae, cheio de receio,
Sobre a campa se ergue em pé...
Olha o mundo com anceio,
E em tal sorte o filho vê!...
O fantasma do soldado
A' patria sacrificado,
Solta horrendo brado então;
Brame em raiva, e cheio d'ira,
Dentro da valla se atira,
Revolve a ossada no chão.

E essa sombra desditosa,
Porque era a sombra de um pae,
Entre os mortos raucorosa,
Contra a patria a ira esvae
«Patria, patria, sê maldita!
Terra vil—d'esta arte grita—
Para que por ti morri?.....
Fui tem valente soldado,
E meu filho abandonado
Agora vejo por ti!...»

. . . . . .

Sociedade, vale ao triste,
Para que la no porvir
O que ora innocente existe,
Ao crime não vá servir:
Em ão por ti castigado
Será, porque é um malvado,
Um homem de receiar;
Sem te recordar que deste
Causa ao crime, pois podeste
Outr'ora o orphão salvar.

Então a lei que o fulmine,
Então medonha prisão;
Sentença então que o destine
Em pábulo á multidão;
Então a forca, o supplicio—
Essa vida finde o indicio
De um crime atroz...Mas de quem?
Teu, Sodoma corrompida...
Teu,—que a infancia desvalida
Trastaste com vil desdem.

Sociedade, sê maldicta,
Tu não cumpres o teu fim;
Deves valer á desdita,
E d'ella zombas assim!...
Só dás affrontas ao pobre—
Tens carinhos só p'ra o nobre—
E's infame, e ès servil;
Insultas o desditoso,
Beijas os pés ao poderoso
Que te opprime—quanto és vil!...

Pobre orphão, desgraçado!
Pede auxilio só ao ceu,
De lá serás escutado
Por quem a vida te deu;—
Pede-lhe que d'este mundo,
Do crime abysmo profundo,
Te queira breve levar;—
Vae viver lá entre os anjos,
Vae do meio dos archanjos
O nosso perdão rogar.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

(*Continuação.*)

—João Pancada continúa
A commetter desatinos,
Troca—*até passa* por burro
E bringellas com pepinos

Passo agora a lhe contar
Um *passo* que aconteceu,
Appezar de que esse *passo*
Não *foi aqui* que se deu.

Um pobre homem do matto,
Habitante la da serra,
Quando ia para o roçado
Foi recrutado p'ra guerra.

E logo, qual criminoso,
Foi com cordas amarrado,
E com outros companheiros,
Para a cidade enviado.

Sua esposa acompanhou-o
Ferida de armaga dor,
Julgando que na *cidade*
Encontrasse um *salvador*.

A mulher do recrutado,
Era rouxinha de gosto,
Si tinha o nome de *rosa*,
Côr de rosa tinha o rosto.

Logo que a linda serrana
Poz o pé na tal *cidade*,
Foi a palacio implorar
Ao mandão piedade.

Succedeu que do mandão,
Com um gracioso ardil,
Tocou na corda sensivel
A caboçola gentil.

Em remate, a tapuia,
Cedendo a *certo* pedido,
Poude por fim alcançar
A soltura do marido.

Vindo ao conhecimento
Do marido tal favor,
Que tão caro lhe custára,
Cobriu o rosto de horror

Para as brenhas empurrou-se,
A mulher abandonando,
A qual está n'uma *rua*,
Que foi do *Xixi*, morando.

—Como nos mais, este anno,
Estou na firme intenção
De dar uma pagodeira
Na noite de S. João.

Deve ser uma folia
Do mais apurado gosto;
Para isso o João de Deus
Tem tudo mui bem disposto.

Ha de haver boa cangica,
Peixes frites e moqueca,
Baba de moça, sequilhos,
Bolinholos e panqueca.

Cá, para a gente do troço,
Haverá gran mongusá,
Milho cosido á fogueira;
Carurú e vatapá.

Pistollas de duas ballas
Para a gente de balão
Darei —bufas e bichinhas.
Para tocarem na mão.

Os ovos de Pharaó
São para a gente de saia,
Bombas e traques de massa
E cousinhas dessa laia.

Por ter morrido n'Areia
O velho preto Dadá,
A patuscada do *samba*
Ha de ser no *Pajavuh*.

Agora aprecie la
O detalhe da festança;
E' obra do João de Deus,
Que uma hora não descança;

O André Prewdowischi
Emprestará seu cavallo,
Para milho carregar
Com o Miguel Peixe Gallo

Para lenha ir buscar
Designadas estão
Odilia bocca de sapo,
Porcina do Taboão.

Para fazer a fogueira
Debaixo de patacoada,
O cara de escumadeira
Nosso Julio Feijoada.

Si o *Linneo* ca estivesse
Não faltava á brincadeira,
E do Passeio viria
O pendão para a fogueira,

Ze Carros foi incumbido
Das canastras emprestar,
Para nellas d'Armação
Os côcos se carregar.

O Santos das Amoreiras
Ja deve estar avisado
Para o vinho fornecer,
Que não seja *baptisado*

Sabe a quem cabe a tarefa
Das espigas *esburgar*?
Ao famoso Celestino,
Que p'ra isso não tem par

Medonho, apezar de coxo,
Como na sucia é antigo,
De certa roça das Brotas
Trará laranjas de umbigo.

O nosso Bebé Capona,
Que era uma perna certa,
Marisca n'um *grande rio*
Ao *norte*, de bocca aberta.

Para almoço da baderna
Tem a Lourença fateira
De fazer um mocotó,
Cosinhado na fogueira.

Sentada ao pé da fogueira,
Alexandrina Franceza
Assará boas espigas,
Da sucia p'ra sobremeza.

Por devoto do *Baptista*,
Um sujeito de *Leão*,
Para cosinhar o milho
Dará o seu cangirão.

Por ja ser lida e corrida,
E nestas cousas usada,
Vae temperar a cangica
Umbellina mal casada,

A panella p'ra cangica
Trará Claudiana Isca,
O ralo bem amolado
Dará Maria Francisca.

Para mecher a panolla,
A colher ja prometteu
Um sujeito bacharel,
Cuja falla cheira *a breu*.

(*Continúa*)

A PEDIDO.

—E' insupportavel o procedimento irregular de duas raparigas, na Praça do Mercado.

—Quem são ellas?

—Duas irmans, Adelaide e Xica, conhecidas por *Patacão de sola*.

—O que f zem?

—Sem nenhuma consideração, proferem alli as palavras mais obscenas, os termos mais crapulosos e torpes, em altercação com as companheiras.

—Ja ouvi fallar do procedimento depravado dessas duas capengas.

—Não tem termo de comparação. Quem vae á Praça do Mercado, sahe com os ouvidos atordoados de tanta patifaria e devassidão.

—Pois o muxingueiro ha de ir com a taca fazel-as mudar de systema.

—La vae uma do commendador *Poderoso*.

— Inda se lembra desse frascario?

—Nunca me esquecerei dessa caricatura da tratantice.

— Neste caso, avie-se.

— Ha pouco, foi um caixeiro á espelunca desse Caruso, que e situada na rua, onde as *princezas* desembarcaram, receber certa quantia, que elle pagou em cedulas de 5$ rs., tendo o rapina a habilidade de introduzir no meio dellas duas cedulas ja recolhidas.

O caixeiro contentou-se em contar o dinheiro sem se dar ao trabalho de examinar a qualidade, mesmo por que não era de esperar que tão ricasso fidalgo commettesse de má fé uma acção tão indigna.

Verificado o engano na occasião de entregar o dinheiro, voltou o caixeiro a restituir as cedulas a quem lh'as tinha dado.

—Que elle recebeu sem a menor objecção, não foi isso?

—Quem lhe contou?

Com o mais disfaçado cynismo, disse que não recebia, porque assim como lhe deram elle tambem passava.

—E o rapaz o que fez?

—Deixou o dinheiro sobre a carteira, dizendo-lhe que dava-lhe de esmolla.

—Fez muito bem!

—Isto seria uma bofetada sem mão para quem tem vergonha, mais para elle!...

—Tambem quem tem vergonha não pratica uma acção,que um ganhador de cesto nem seria capaz de praticar.

—Exm. Sra. D. Maria Joaquina...

—Creada do Sr.

—Creada do Deus, minha senhora.

—Determinava alguma cousa?

—Sem duvida.

—Pode dizer.

—V. Ex. está com os pés na sepultura e tem breve de comparecer ante o Altissimo

—Todos nós estamos para isso.

—Porém pela edade de V. Ex. ha probabilidade de ir mais cedo.

Ora diga-me: não receia que o Ente Supremo lhe peça contas da intoleravel ousadia, que dá á sua cria Silvina, consentindo que ella sem, nenhuma attenção, cubra sua respeitavel irman dos epithetos mais injuriosos, ameace-a e até chegue a lhe tocar!...

—O que hei de fazer? a negrinha não tem juizo.

—Não diga isso, minha senhora! Pois V. Ex. da mais consideração a uma escrava do que a sua irman, permittindo que a pobre senhora viva opprimida de desgostos e atacada de repetidas convulsões, occasionadas pelos vituperios daquella insolente e atrevida?

—Ja procurei evitar mudando-me para a rua, que, em ventando, faz *poeira*.

— Mais a atrevida e audaciosa negra vem de lá mesmo insultar a velha.

—Não sei o que hei de fazer!

—E' mandal-a ao Custodio, que lhe dará geito!

—Deus me livre! castigar minha negrinha, que eu criei!

—Pois vejo me na obrigação de declarar-lhe que, si ella continuar, será agarrada e castigada, quer a Sra. queira quer não.

As suas ordens.

—Que largo é este?

—Da *Luxuria*.

—E aquelle edificio?

—O hotel—*L'Univers*.

—Porque não vamos até lá?

—Si lhe apraz.....

—Encaminhemo-nos.

Caramba! V. enganou-se, o hotel não é do *Universo*, veja o distico.

—Nada influe, subamos.

.....

—Que *arrebicada* voluptuosa é aquella que atravessou o corredor?

—O caixeiro é quem nos pode informar.

O' lá, amigo!

—Ao seu dispor, Sr!

—Poderá dizer-me quem é uma camelia, que acaba de entrar no quarto n. 3?

—Está aqui, por conta do Dr. *Filageiras, executor da justiça em terceiro grau* e membro do partido progressista.

—Vamos tomar o n. 4?

—Não é possivel.

—A razão?

—Porque está occupado por um deputado progressista.

—Indubitavelmente elle hade desoccupal-o, visto que tem de retirar-se, em consequencia de estar fechada a assembléa.

—Quem lhe disse! O homem está agarrado como ostra ao rochedo.

E' dos taes que não gosta de perder vasa.

—Diabo me leve, si eu entendo o que V. está dizendo.

—E' uma *troca* simultanea, que ha entre o Dr. *executor* e o deputado progressista.

—Cada vez entendo menos.

—Faça por entender: quando um está dentro, outro fora; quando um está fora, outro dentro.

—Ora vá-se com o demo com tanta embrulhada!

Empurremo nos d'aqui.

—Sr. alferes *bello*, quer negar o facto do soldado pedir os vinte mil réis, dizendo que elle é incapaz disso?

Ora, Sr. alferes, Vm. não deve ignorar que ahi pelo centro ha officiaes, que tem tomado dinheiro para soltar presos, quanto mais um soldado!

Diga-me uma cousa:

Como é que no Caes de S. João, tendo um destacamento de policia, com sentinella na porta, apparece arrombada a barraca de uma preta?

Talvez que Vm. ignore, porem os jornaes tem registrado estes factos constantemente.

—Mas, quem sabe si isto não foi tramado pela preta?

—Não Sr., porque no outro dia só quem não quiz não viu a barraca arrombada, e até se divulgava perfeitamente que aquelle arrombamento tinha sido feito a ponta de refles.

—Tudo se acarreta para os pobres soldados de policia!

—Meu alferes, soldado de policia na Bahia, com raras excepções, é synonimo de reu de policia. Fique certo que o homem dado ao trabalho não se sujeita a deitar a farda da policia nas costas.

Eu pelo menos conheço dous soldados, verdadeiros lar pios, dous socios daquelle moleque, que matou o preto Jorge, na praça de Palacio, ás 8 horas da noite.

Vm. diz que o soldado não me dirigiu insultos na sua presença. Não falte assim com a verdade á luz do dia, sustente o facto, embora contra si.

Eu sei que Vm. não faz caso de gazetas, porque não lhe pode acontecer nada.

Ah! meu alferes, si não embarcasse d'aqui para o sul o corpo de policia, commandado pelo Sr. J. Mauricio, Vm. ainda estaria vivendo de sua musica, sujeitando-se a andar pedindo aos seus companheiros para lhe convidar, que espontaneamente nenhum lhe convidava, porque Vm. entende tanto de musica, como eu de dizer missa.

—Olhe que o Sr. tem-me dito cousas!...

Sofa.....
—.....Do!.....

Ao que estão sujeitas as partes nas repartições de Latronopolis.

1.—A esperar uma o mais horas pelos Exms. Srs. empregados, que, ou passeiam, ou conversam, ou fumam nas horas do expediente.

2.—A supportar hemorrhoidas, malcriações e insolencias de muitos, que seria melhor serem conductores de burros, do que servidores da nação.

3.—A tolerar, impassiveis, que sejam prejudicadas em seus interesses por falta de promptidão no expediente.

4.—A soffrer calafrios e colicas por verem-se preteridos pelos afilhados e amigos do peito, que, muitas vezes, chegando muito depois, são aviados em primeiro logar e com toda presteza.

5.—Ver com inquietação e *sangue quente* o ponteiro do relogio quasi marcando a hora da sahida e o seu papel atirado para um lado, porque o que ganha o dinheiro da nação acha-se, fora da hora, a saborear o seu charutinho.

6.—A ouvirem de bocca calada a uma palavrada ou desaforo, só por que reclamam o seu direito e fazem-lhe ver o prejuizo, que lhes causa aquelle, que é pago pela nação para bem servil-a.

7.—A perderem seu tempo e seu trabalho para verem inutilisado em um momento um papel, um documento importante, que muito lhe custou, porque foi errado por aquelle, que para ser burro só lhe falta andar de quatro e ter cangalhas.

8.—A chupar os calotes de alguns, que a titulo de emprestimo lhes pregam, para sustentarem vicios.

9.—A andarem de uma para outra meza, como Christo, de Pilatos para Herodes, só porque não basta a assignatura de um ou dous empregados, *tanta é a confiança que o governo deposita nos seus servidores.*

10.—A aguentar com mil outras massadas, que seria fastidioso e gastariam muito tempo e muito trabalho em ennumerar.

VARIEDADES.

«Exm Sr. Desembargador e Corregedor.—Arremetto para terra do Thexeira, o meu querido filho mais velho Jedeão, esse rapaz impluma de sciença quer cazar e o que fazer se não uni-lo ao santo ocio da Hermeneutica?»

—

Quando foi edificada a cidade de Roma? (perguntava um professor de historia a um de seus discipulos menos apaixonado pela coherencia de suas respostas.)

—De noute, (responde-lhe o discipulo, com firme convicção de que ao menos por esta vez não havia de retorquirem-lhe.)

—Como! que queres dizer? (torna o mestre empunhando a palmatoria.)

—E' claro, senhor: digo que Roma so podia ter sido feita de noite, porque geralmente ouço a todos affirmarem que ella não foi feita *em um dia*.

O professor deixou de ser severo para com o discipulo, que de então em diante tornou-se um bom homem e o melhor estudante da eschola.

—

O seguinte dialogo foi apanhado de passagem, mas elle se repete ahi em qualquer parte.

—Porque é que uma mulher casada não è uma mulher?

O interogado abaixou um pouco a cabeça, coçou o nariz com o indicador da mão direita e respondeu de repente:

—Esta claro que è por ser a metade de seu marido.

—

Estava um sujeito para ir para a sua quinta, um seu amigo que ia para o mesmo sitio o instava para que fosse ja com elle, ao que lhe respondeu: «So para a semana posso ir, porque hade estar então já feita a estribaria e o palheiro para o meu commodo, e seu estar tudo acabado não posso la arranjar-me.»

—

Um sujeito indo a sua estribaria, viu que um dos seus cavallos comia com muita vontade a cevada, pegou, então em huma pouca, e mastigando-a disse: « Não sei o gôsto que o cavallo acha nesta cevada porque eu ja vi outra melhor»

ANNUNCIOS

Nesta typographia compra-se o nº 312 do *Alabama* do anno de 1866.

Na Roda da Fortuna, casa nº 160, vende-se uma Vacca tourina, e um garrote manço de carga e do carro.

O
ALABAMA
1865
A
1867
H. B.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 2 DE MAIO DE 1867. SERIE 20.ª—N. 197

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º udar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 9 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de maio de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para dous meninos *milagrosos*, os quaes em rigor terão de edade 13 annos, e cujos paes nenhuma possibilidade têm para os gastos, que elles fazem.

Esses dous marrecos frequentam o theatro todas as noites em que ha espectaculo, e vão, ás vezes, para camarotes de 1.ª ordem, descem todos os dias á cidade baixa e sobem em cadeira, dão passeios á carro até a Barra e outros logares, frequentam casas de moças, onde dispendem quantias avultadas; ha poucos dias foi visto um dos taes puchar uma cedula de cem mil rs. para trocar, etc.

Não se pode attribuir que semelhante dinheiro seja o producto de alguma sorte tirada em loteria, porque, dado que assim fosse, seus paes não consentiriam que elles estivessem a esbanjal-o tão prodigamente.

Em vista do que pede-se a S, S. providencias, por onde se venha á saber d onde provem tão enigmatico dinheiro, que tão facilmente affluc ás mãos daquellas verdes creaturas, quando com suma difficuldade se custa encontral-o. Não é fora do proposito declarar a S. S. que os dous meiros são filhos, um de um pharmaceutico e outro de certa mulher *feliz*, moradora atraz da Sé.

—O actual vice-presidente mandou declarar que não quer saber de gazetas, á excepção das duas folhas diarias.

—Pois admira, quando corre por ahi á bocca cheia que sob os auspicios de S. Ex. será publicada, um dia destes, uma folha para esfregar desabridamente aos insolentes, que não commungam na seita progressista.

—Certas ruas, depois da introducção do gaz nesta cidade, ficaram peiores á respeito de illuminação.

—A razão?

—Porque arrancaram os antigos lampeões de azeite, e até hoje, depois de tantos annos, não se lembraram de collocar os de gaz, ficando os moradores sem boi nem vacca.

—Quaes são essas ruas?

—A que do celleiro vae á Preguiça por exemplo, e todas aquelles beccos, permanecem ás escuras, depois que o gaz inaugurou o seu reinado.

—Aquillo não pode deixar de ser esquecimento; porem os moradores tem o mesmo direito que o das outras

para gosarem de illuminação, além de que é uma necessidade por serem as ruas alli ermas e solitarias, onde se pode facilmente commetter um attentado.

—Não eu que me arrisque a passar por la fora de horas.

—V. que gosta de se intrometter em tudo, porque não lembra ao governo a utilidade de collocar alli lampeões?

—O lembrar não é nada, ser attendido é que é a cousa.

—Sabe quem é o futuro emprezario do theatro?

—Agora, si V. disser.

—E' o inspector da illuminação á gaz.

—O Cyrillo?

—Sim.

—Si elle tiver geito para accommodar os dous proveitos n'um sacco, não vejo pessoa mais habilitada para se collocar á testa de uma empreza d'aquella ordem.

—Como elle hade roer os dous ossos a um tempo, é que não sei.

—Si não o achassem com capacidade para isso não lhe davam.

—Dizem que é a paga do *debate* renhido que elle tem tido em favor das idéas *salvadoras* do paiz.

—A festa do Spirito Santo mudou-se?

—Quem lhe disse?

—Então o que quer dizer aquelle menino vestido á militar? Julguei ser imperador do Spirito Santo, que usavam agora vestir de farda.

—Fomente-se! Pois V. não vê que é um alferes de *permanentes*!

—Quem! aquella creança? A espada é do tamanho delle!

—Sim Sr., e o sobrinho do antigo commandante, que o governo em remuneração nomeou alferes.

—Ora sebo! Isso é uma protecção muito escandalosa.

—Venha manso, Sr. *Salles*.

—A quem me hei de dirigir a respeito do accio da cidade?

—Ao Sr. Costa Guimarães.

—Já não largou a empreza?

—Rescindiu o contracto, que tinha com o governo, porem continúa a frente da empreza.

—Desta maneira estou embaraçado; não sei a quem me dirija para pedir que mande carregar com um montão de calliça, que obstrue o transito no becco, que vai dar no Areial de baixo.

—Não lhe disse que vá ao homem?

—Porém elle pode dizer que não tem mais obrigação disso.

—Então deixe o becco como está.

—Anda por estas ruas um velho jamanta, a proferir em brados quanta palavra porca e indecente ha.

—E' o cadete *Calunga*.

—Quem chama semelhante machacaz *Calunga*, nunca viu *ratazana*.

—E' alienado.

—E que faz a policia, que não dá geito para que as familias não estejam sujeitas a ouvir as deshonestidades, que elle desfia do seu obsceno kalendario?

—A policia não ouve; ensurdeceu com a estrepitosa zoada dos candomblés.

—Não sei que rixa tem a professora do collegio do Brocó com os balões.

—Porque?

—A menina que vae de balão, não entra n'aula; ha de despil-o primeiro na escada.

—São excentricidades.

—Exquisitices lhe chamo eu.

—Ainda não vi policia mais candomblezeira do que esta!

—Antes V. dissesse spiritista.

—D'antes, essas praticas supersticiosas e ao mesmo tempo tenebrosas, tinham logar em roças, fora da cidade, hoje são celebradas com o mais descarado apparato nas ventas da policia.

Ainda hontem 29, na mesma rua, no mesmo correr da repartição da policia, houve uma dessas festanças, e o que é mais, a propria policia estava envolvida nella. O ordenança do Sr. delegado assistiu ao ceremonial, os soldados João de Deus Britto e Agostinho

Francisco, comeram, dançaram e tocaram no *segun*!

Pedem licença para tocar e cantar, e a policia concede; mas a policia que tem obrigação de velar, não manda observar o que se passa nesses antros, os horrores que se dão contra a natureza, os sacrilegios, que se praticam em offensa á religião.

—E depois, consentir-se dentro da capital, alta noute, semelhante bachanal, ao passo que a policia toma o violão de qualquer capadocio, que ande a *delirar* na rua, a pretexto de perturbar o silencio, e qualquer divertimento em uma casa, que não seja sobrado, é logo mandado acabar.

—Não ha muitos dias que os moradores do final da rua da Larangeira foram victimas da censuravel condescendencia da policia.

Durante nove noites, a começar do dia 18 do proximo passado, tocou-se ali candomblé á valer, por alma de um Machado, *dignidade* do *Bogum*, que falleceu. A orgia principiava ás 9 horas e acabava ás 4 da manhan!

—Admira que aquella rua ficando fronteira á em que mora o Illm. Sr. delegado, elle não désse fé de tão incommodativa vozeria.

—Em uma dessas noites, um empregado da typographia, onde se imprime nossa folha, passou por accaso por ali, ouvindo tão confuso alarido, aproximou-se por simples curiosidade para ver o que significava aquillo, e ao chegar, uma tal Juliana, que estava da parte de fora, foi dar o signal de rebate, avisando ás collegas que —*ahi estava o homem d'Alabamba, que veiu tomar nota*. Depois de alguma agitação e alvoroço, foi o pobre filho de Adão e Eva atarracado com um chuveiro de insultos e improperios, que lhe atirou aquella desenfreada caterva, sobre-sahindo uma tal Felismina Tarasca, cuja lingoa felina corta mais do que a mais afiada navalha.

—E dê-se elle por feliz de não lhe irem ao pello, porque a policia resonando no leito da indolencia pouco se lhe dá que o cidadão pacifico seja ultrajado por uma cafila insolente.

O CALÇADO.

Não se sabe bem quando teve principio o uso do calçado. No tempo em que os deoses do Olympo começaram a acotovellar-se com os simples mortaes, não se gastavam sapatos, ou pelo menos o calçado era tão singelo que não embaraçava o jogo das articulações. Saturno, Plutão, Neptuno e até o pai dos deoses e a zelosa Juno, que tanto vagueavam pela terra, andavam de pés nús. A propria deosa dos amores andava descalça. Imaginem que taes teria ella as plantas.

Só Marte, a sua irman Pallas e o alado Mercurio usavam umas sapatilhas de couro, si não mentem os pintores, os esculptores e os poetas. Quando foi a guerra de Troya, estava a sapateria na sua infancia Mas na edade média chegou a aperfeiçoar-se em extremo, desde o sapato de couro forrado de ferro do cavalleiro até á sandalia da dona e ao borzeguim do pagem, bordado a seda e ouro.

A PEDIDO.

—Ah! maganão!

Quer trepar nas costas dos outros, eim?

Como é V. *finorio*!

—Falla commigo?

—Com V. mesmo. Foi offerecer o batalhão para marchar, com condicção de lhe fazerem tenente coronel.

—E que tem isso?

—Então acha justo que pelo seu bem estar, por causa da sua egoistica vaidade de querer figurar, sejam sacrificados centenares de homens, que não lhe deram authorisação para V. dispor de suas vontades?

—Meu amigo, o mundo hoje é isso —dinheiro e posição— é preciso empregar meios para adquiril-os.

—Maldicto bezerro de ouro! Apezar de *Moysés* te haver reduzido a pó e dado a beber aos israelistas, te reproduzes a cada momento, nas consciencias avidas e ambiciosas!

—Si, Isac, e que é isso? Aqui não

é logar proprio para V. estar tão indocente?

—Estou no que é meu, posso estar á minha vontade.

—No que é seu não, isto é uma rua publica.

—Uma rua, cujas propriedades são minhas.

—Porem é preciso guardar consideração ao decoro publico. V. não está na roça comendo cajús, para de chambre aberto e ceroula desabotoada passeiar á vontade, como si estivesse sentado n'um *areal*, *debaixo* de algum pé de copuda mangueira a gosar da fresca brisa.

—Já disse que estou no que é meu.

—Porem quem vae morar n'uma casa sua, não está obrigado a vel-o quasi como sua mãe o pariu.

—Quem estiver incommodado mude-se, porque se fallar augmento-lhe o preço.

—Com que cynismo falla V.!

Pois meu depravado, vá ja mudar este traje e apresente se como homem serio, porque, si quando eu voltar o encontrar assim, o seu lombo é quem hade pagar as custas, que lhe cobrará o muxingueiro com a taca em punho.

VARIEDADE.

COPIA FIEL DE UM OFFICIO, DIRIGIDO PELO MAJOR JOSÊ PEREIRA DE ANDRADE AO SUBDELEGADO DE PIOCA.

Delegacia de Poliça de P.óca 15 de Março de 1867.—Illm. Snr.—Alem disto V. S. não me arremetteu o outro treslado das prepostas de inspectô que eu arrifuguei; E neste comenos veio um inspectô sabê de mim se devia isercê o calgo; eu lhe dice que isercece si quisece nange que eu o mandasse porque nas prepostas me não envorvia, ellas vinham de lá para cá; e que se eu não as arrifugasse ficava o negoço em pé. Mande-me dizer se negocia o quartão por que apanhei agora um cavallo de birrada muito propio para seu labuto.

Segunda-feira de manhã quando V. S. cà esteve não veio a atrevida da parteira q' mandei prendê, mais foi V. S. saindo e com pouco a negra deu a luz nas suas costas um moleque macho e bem luzido.

Assim que vierem as prepostas farei a allumiação, e antonces V. S. os metto logo no isercico dos empregos de inspectô, por que não quero estrovengas no Municipo.

Deos guarde a V. S.

Seu Vcm.e e C.r

Jose Pereira de Andrade.

N. B.—E' verdade diga á comadre Josefa que mande buscar o bacurinho.

O mesmo.

O officio supra foi achado nas algibeiras de uma casaca do major Josè Pereira de Andrade, a qual veio á tenda do alferes Tempero para se pregar botões.

(*A Voz do Povo*)

ANNUNCIOS

São innumeras as alicantinas, trapaças e ladroeiras do indomavel salteador das algibeiras alheias *Medonho*.

Essa harpia é tão *lazaro* de consciencia como *Medonho* de latrocinios e usurpações.

Com tudo, não sendo possivel ter-se conhecimento de todas as falcatruas, roubos e usurpações praticados por tal sicario, pelo presente são convidados todos que tenham sido victimas das unhas de semelhante *gavião* a virem as columnas deste periodico, esclarecer ao publico quem é tão façanhudo empalmador, para o que se lhes franqueiará gratuitamente.

Tambem é certo que muita gente sabe factos e ladroeiras e ratonices deste malvado, e que bem vontade tem de pol-as á luz do dia, porem com receio de acarretar odiosidades, dissuadem-se disto. A estes garante-se sobre palavra de honra todo sigilo, gratificando-se com qualquer quantia, si assim o exigirem.

Qualquer apontamento que seja verdadeiro, documento ou outra qualquer peça, sobre a vida deste hediondo monstro, compra-se, pagando-se conforme a importancia e assumpto do objecto.

Ha nesta typographia uma pessoa encarregada para tal transacção.

Tambem recebe cartas anonymas, cujos factos sejam exactos.

Bacellar concerta com toda perfeição orgãos e pianos. Pode ser procurado ao becco do Açouguinho n.º 41.

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 4 DE MAIO DE 1867. SERIE 20.ª—N. 198

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de maio de 1867.

Officio á Illma. camara municipal, chamando sua attenção para um grande buraco, que ha no becco do Açouguinho, o qual, afem do mal que pode causar a quem por ali passar desapercebido, torna-se prejudicial á saude, pela exhalação putrida que desprende, proveniente da immensa quantidade de immundicie ali depositada.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, pedindo-lhe providencias contra as perniciosas *rifas* de vender fogos, de que está coalhada a cidade em consequencia de aproximar-se a epocha de S. João.

Além dos prejuizos causados aos paes de familia, cujos filhos e escravos, attrahidos pela vadiação esquecem seus deveres e vão nellas entreter-se horas esquecidas, carregando o que acham desgarrado em casa afim de terem dinheiro; dão-se constantemente casos de serem queimadas pessoas, que transitam pelas ruas, como ainda um dia destes aconteceu ao Sr. Joaquim Marques da Costa, na ladeira da Ordem Terceira.

Espera-se portanto, que S. S., zeloso como é pelo serviço publico, attenderá a tão justa e rasoavel reclamação.

—Corre que vão ser designados mais dous batalhões da guarda nacional da capital para marcharem para o sul.

—De maneira que a capital é o burro de carga!

Nunca vi maior desegualdade. A provincia tem cento e vinte e tantos batalhões da guarda nacional, e só os da capital é que hão de carregar com o fardo!

—Isso de batalhões de fóra, é historia. São compostos de potencias eleitoraes—commandantes superiores, chefes de estado maior, tenentes coroneis, majores, capitães e sua *commitante caterva*.

—E nesse caso a capital, que só tem 12 batalhões, um dos quaes não está organisado, e dous já estão no sul, que soffra todo o peso da contribuição!

—No emtanto, note que abi por fora ha freguezias que dão 50 e 60 eleitores, signal de que são muito populosas.

—Quem é para os beijos deve ser para o.....mais. Assim como o centro, gosa de privilegios, que a capital não tem, tanto que os districtos de fora, por serem mais *moldaveis*, o se *conformarem* melhor com a *ordem das cousas*, dão 3 deputados, ao passo que

a capital dá 2, tambem deve ao menos dar um batalhão; e eu sou de opinião que o povo da capital, unido, deve representar contra semelhante repartição do Caim.

—Vá fallando, que depois dizem que V. está pregando idéas subversivas.

—Para onde vão aquelles dez africanos?

—Para o forte do mar.

—Sem duvida vão servir a gente que lá está presa.

—Quem lhe disse; são recrutas apurados.

Aquillo é um presente que o subdelegado do Rio Vermelho fez.

Deu n'uma toca onde catou aquelles dez melcorios, e os remetteu ao governo, o qual lhes dá o *conveniente destino*.

—Ah!... Então breve ha de ter o seu pendurucalho, em remuneração do relevante serviço prestado em relação á guerra, com que luctamos contra o Paraguay.

—Hontem apertou a lua ao *Calunga*, que andou por essas ruas a fazer das suas.

Deu-lhe a mania para despir as calças e mostrar uma *vista de bosque* tão transparente, que, apezar de contraria ás leis do pudor, não deixava de ser curiosa; as cores eram tão *vivas*, que ecclypsavam as regras da decencia e feriam os olhos da honestidade ao encaral-as.

—E a policia permettia?

—E' claro que, *si a policia não lhe consentisse, elle não apresentaria semelhante spectaculo ás vistas publicas.*

—Quando chegarão cá os batalhões de Alagoinhas e Inhambupe?

Tiveram ordem para até o dia 20 do proximo passado estarem na capital, e até esta data nada.

—V. ainda encasqueta-se que esses batalhões venham cá?

—Isso é que é um vir! Pois si o governo ja lhes mandou até fornecer o preciso armamento.

—Nessa porta é que eu vou bater. Foi um pretexto apenas para se armar a gente do districto dos Srs. Moura, Saraiva e Dantas.

—Lê-se no *Diario:*

Expediente da secretaria do governo do dia 25 de Abril.

Officio ao commandante superior de Alagoinhas.—De ordem de S. Ex. o Sr. vice-presidente da provincia, communico a V. S. para seu conhecimento que pelo tenente-coronel commandante do batalhão n. 74 da guarda nacional sob seu commando foram remettidos á presidencia, com officios de 17 e 21 do corrente, 4 praças por conta do contingente, sendo 3 julgadas aptas para o serviço da guerra e enviadas ao commandante das armas para terem o conveniente destino, e o de nome Bernardo Correia da Fé, *posto em liberdade por* TER MAIS DE 60 ANNOS.

—Que está V. tão apurado ahi a ler, rapaz?

—Estou me distrahindo com este *Echo Gabrielense.*

—Si é cousa boa, leia alto para todos ouvirem.

—Então prestem attenção:

«O Brasil passa por uma crise dolorosa.....

«Emquanto nas inhospitas campinas paraguayas nossas gloriosas legiões sustentam em titanica lucta a honra e a dignidade nacional, mandando ás plagas mais remotas nas agoas enrubecidas do Paraná e Paraguay o sello de seo heroismo;

«Emquanto, ao grito sentido da patria, o lavrador e o artista, o commerciante e o industrial trocam seus habitos pacificos pelo rumor bellico do acampamento, e seus instrumentos de vida e progresso pelos simbolos de anniquilação e barbaria;

«Emquanto matronas brasileiras, fieis á sublime missão que receberam da Providencia, ou abandonam seus lares para irem á cabeceira dos feridos e enfermos prestar-lhes maternaes disvellos, ou solicitas concorrem com tudo quanto pode adoçar a sorte desses infelizes;

«Emquanto a massa da população acompanha com gratidão e interesse os passos dos paladinos da honra nacional;

«Emquanto finalmente tão bellos feitos se executam e tão grandes virtudes se revelam, o que se observa nas altas regiões do Estado, como procedem os grandes monopolistas do dinheiro do povo?

«Desde que contra a fundada e *perspicaz* spectativa dos nossos estadistas, o Paraguay, sahindo da crysalida, tornou uma realidade a guerra, com que nos tinha ameaçado e que o paiz tão nobremente respondeu ao appello do governo, poucos foram aquelles que não sentiram nascer a esperança de uma reforma radical no modo da governação interna; tal foi a confiança, que se apoderou do spirito publico, que os homens esqueceram as linhas de demarcação dos partidos, e a causa de cada um tornou-se a causa de todos.

«Assim fortalecido, o governo tinha diante de si uma missão duplamente gloriosa, lavar as nodoas que Lopez salpicara em nosso estandarte, e restabelecer a união da familia brasileira.

«O paiz assim o esperava, e julgou-se satisfeito quando viu um ministerio de escolha apresentar-se-lhe dizendo:—o meu programma é a guerra.—Julgou-se satisfeito porque, sendo o programma do ministerio a guerra, e esta acceita por todos os brasileiros, o governo não teria outro movel para distinguir-se senão o interesse publico e o merito dos individuos.

«Mas... a illusão durou pouco: a miragem passou. O ministerio por si ou docil á influencia estranha, usou da guerra no interesse de um partido, e segundo o fatal declive sacrificou o paiz ao interesse de um homem!

«Infelizmente elle não se limitou a seguir tal vereda nos negocios da guerra, quiz ter o merito da coherencia, e as presidencias de provincias tornaram-se obejectos para presentes de amizade.

«Não se fez mysterio de que o imperio, dividido pelos ministros, tinha cada um delles duas ou trez provincias para estabelecer ou fortalecer sua influencia. D'ahi essa serie de actos desconexos, contradictorios, inconcebiveis, que tem trazido o paiz de surpreza em surpreza desde 1865.

«E, cousa singular! Nesses dous annos já houve uma substituição de ministerio, e o systema prevalece!

«Presidentes escolhidos por tal bitola o que fazem nas provincias? Exploradores ousados, satisfazem os compromissos tomados com o ministro quanto á politica, porque assim seguram algum bom emprego em repartição fiscal, ou garantem uma promoção na magistratura; no mais, porem, nas suas relações, tanto officiaes, como pessoaes, poem-se completamente ao serviço dos homens de mais dinheiro, e quem melhor paga melhor obtem.

«A justiça, entravada pelo ouro, não dá mais direitos nem justiça aos pobres e quando as sentenças não podem ser iniquas, dormem os autos no pó dos cartorios; o sacerdote que deveria ter em Jesus a norma do seu procedimento transforma-se em mercador e assenta no templo um escriptorio de compras e vendas; os exactores da fazenda publica assaltam os contribuintes para arrancar-lhe o ultimo ceitil; os depositarios da riqueza dos particulares, á sombra do credito, roubam desfaçadamente e atiram á miseria milhares de familias; finalmente de todos os lados o vicio atrevido assoberba os bons costumes e atira á virtude o sorriso de ignobil compaixão!

«Tudo isto corrompe o paiz, infiltrando-lhe um azedume, de que ninguem poderá calcular os resultados, e nas sombras de um desespero que, por mudo, julgam indifferentismo, a revolta se manifesta e os animos se preparam á resistencia.

«Cégos os que não vêem, mais ainda os que não quizerem ver.»

Noticias Diversas.

—Na Russia ha um moço de nome Frederico Roltz, que tem 4 mãos, cada uma com 5 dedos, e perfeitas, toca orgão e piano. Um bofetão desse homem sente-se por *duplicata* e lhe é vedado ameaçar *com os cinco mandamentos*, e sim *com os dez* que

se encerram em duas mãos. Temos nesta capital o homem sem braços, si este podesse comprar o par de braços que sobra ao tal russo, ficavam ambos arranjados. Deus dá muito a uns e nada a outros.

Altos juizos da providencia.

—Em Madrid, segundo diz a gazeta, uma hespanholita, senhorita Juanita Terez, munio-se de umas azas, e as 4 horas da tarde com um calor de 38 gráus, e á vista de grande concurso de povo voou aos ares, e regressou para terra. Esta pombinha, dizem que viu as estrellas. Si todas as mulheres tivessem azas o que não seria dos homens! Si assim mesmo, peladas como são ellas, fogem da companhia dos maridos, paes etc., quanto mais de azas! Será bom que lhes vamos *cortando as azas*, ainda mesmo moralmente fallando. Ellas já figuram umas maquinas aerostaticas, com azas! triste de nós... girariam sempre por cima.

A PEDIDO.

—Já ha dous dias que passo pela rua Direita e sou victima de uma graça de mau gosto.

—O que é?

—Do 3.º andar de um sobrado accendem traques e atiram em quem passa; e por infelicidade minha já duas vezes me vieram sobre a cara.

—Não é de um sobrado defronte do Dr. Romualdo?

—Justamente.

—Console-se, que eu tambem já passei pelo mesmo.

—A sociedade dos artistas *Dous de Fevereiro* vae á matroca.

—E o director é o principal motor de sua degeneração!

—Ora! si elle é completamente leigo em suas obrigações.

—Principia por tolerar aquelle reprovavel *enleio* da Joaninha e o Jeronymo.

—Eu, si fosse director, não consentia, porque a sociedade não é logar de fazer *tijollos*, quem quizesse fosse para sua casa.

—Tambem reprovo muito o procedimento delle, consentindo que os socios levem tres e quatro convidados, em contradicção com os estatutos.

Qualquer quidam, que tem amisade com um socio, vae á ella toda vez que lhe parece.

—Eu no caso delle, conhecendo minha inhabilidade e pouca sufficiencia, pedia demissão do cargo.

—Porém elle não pensa assim, está ali a dar patadas a cada passo.

—Homem, passando de um ponto a outro, porque foi despedido o Mello e Castro?

—Por motivos.

—Diga logo—porque não pagou.

—Talvez.

—Só o muxinguciro entrando de socio na sociedade punha geito a tal direcção.

—Não lhe pareça.

—Pois eu vou propor elle.

(*Continúa*)

Srs. Redactores.—Como desaffectos meus, na intenção de malquistar me, propalam que eu tenho parte em publicações, que parecem referir-se á localidade da Calçada,- peço a Vs., que sob sua palavra declarem si eu ja concorri para alguma publicação e muito especialmente para a que tem o titulo —*Raridades Calçadenses*.

Por este favor muito lhes agradecerão

Seu assignante,

Manuel José da Costa Guimarães.

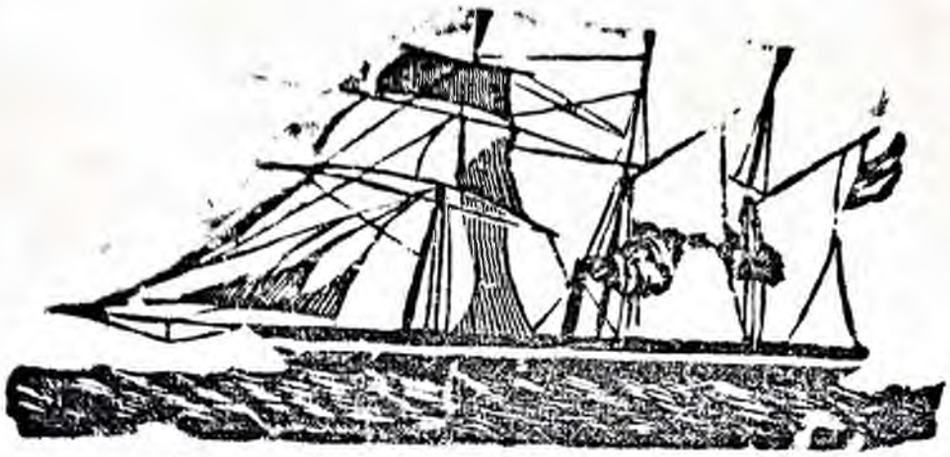
3 de maio de 1867.

O Sr. Manuel José da Costa Guimarães nunca mandou publicação, que nos constasse, para esta folha, e podemos affiançar que nenhuma parte tem nas—*Raridades Calçadenses*, por conhecermos intimamente a pessoa que nos remetteu.

A Redacção.

ANNUNCIOS

Afora-se bons terrenos para edificação, na rua denominada do Laranjal, por detraz da capella do Senhor Bom Jesus dos Milagres, na estrada do Matatú; quem pretender entenda-se com o Sr. Casimiro Coelho Sampaio, no principio da ladeira da Pocira, por cima da loja do barbeiro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 7 DE MAIO DE 1867. SERIE 20.ª—N. 199

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de maio de 1867.

Hoje não houve expediente.

—O vice presidente da provincia acaba de adiar a assemblea provincial para o mez de setembro.

—Isso deveria ter elle feito ha mais tempo, afim de evitar os escandalos a que deu origem o procedimento de alguns amigos.

—Porem antes de adial-a desprestigiou-a completamente, collocando-se acima della, revogando a deliberação da meza de não pagar-se aos faltadores.

—No dia 3 do corrente foi plantado no Terreiro o pau inciador dos festejos do dia Dous de Julho.

Os vivas foram correspondidos silenciosamente pelo povo.

—Aqui está o resultado de se mandar para a guerra tortos, aleijados, disformes e decrepitos. No vapor que acaba de chegar vieram recambiados da côrte uma immensidade de gente dessa laia, que ultimamente tinha sido mandada para fazer numero.

—Si quem os mandou fosse obrigado a pagar as despezas que com elles se fizeram, a cousa havia de andar melhor, e o povo não seria tão atropellado.

—E tambem quem os deu por bons.

—Os medicos de cá não devem olhar com bons olhos os collegas da corte, que reprovaram o que elles fizeram.

—E os de lá não sei que juizo farão dos collegas de cá.

—Isto é de eterna memoria.

Ao passo que o governo priva dos postos ou suspende pelo tempo que tem vontade a alguns officiaes da guarda nacional, com a desculpa de que *não se querem prestar* ao serviço da guerra, promove outros, nas mesma condições, a postos de acessos.

—Isso está parecendo exageração de sua parte; V. está prevenido.

—Eu fallo á vista dos actos officiaes publicados no *Diario* So nos municipios de Maragogipe e Tapera houve um golpe de sete officiaes.

—Nisso concordo, porem que se promova os que não se querem prestar, não.

—E' a pura verdade.

—Não creio.

—Si eu lhe provar?

—Duvido.

—Faz favor de me dizer si no batalhão da Sé fez-se ou não proposta ultimamente.

—Fez.

—Foi approvada pelo governo?

—Foi

—Agora responda-me: quantos capitães marcharam?

—Por ora nehum, a não ser um addido.

—Porem promoveram-se capitães, para ficarem aqui em santa paz.

—Quantos officiaes dos antigos foram?

—Nenhum.

—Então?

—Basta, basta! V. é um pirrhonico, que,quando embirra, ninguem lhe pode ter mão.

—E' para lhe mostrar que marcharam como officiaes, os sargentos ultimamente nomeados, e que muito menino bonito accrescentou os galões para ficar no quartel da saude.

—Ora veja que mal faz o presidente em não ler gazetinhas.

Si lêsse havia de ver isto no *Progresso* á respeito do recrutamento na Feira de Sant'Anna:

«O recrutamento na Feira é um tormento horrivel para o povo, e uma mina de ouro para o subdelegado,que solta os, presos que vão a aquella villa remettidos como *contingentes* pelos respectivos capitães, percebendo um valor correspondente ás posses de cada um.

«Assim praticou com Manuel Luiz Damasceno, contingente dado pelo capitão José Pereira Lima, que, remetido para a Feira, sem calcular-se com a venalidade do dito subdelegado, viu-se em liberdade mediante cento e cincoenta mil reis, que lhe entregara.

«Mannel José de S Anna; conhecido pela alcunha de *Alferes*, foi preso e solto por quarenta mil reis dados ao subdelegado José Luiz da Silva Lima, d'essa villa.

«Um filho de José Pereira Vallo, dito *Batatinha*, menino de 12 annos, foi recrutado tambem e solto por com mil reis extorquidos por esse messo subdelegado.

«De Sabino José Marques recebeu esse subdelegado sessenta mil reis para soltar um recruta.

«Emfim esse subdelegado, que não possue real de seu, vive folgadamente a troco do *recrutamento* e mais arranjos eguaes.

«.....

«Hontem, 15 de abril, prenderam-se naquella villa (da Feira) *cento e trinta e cinco* pessoas livres, além de *vinte e tantas* escravas, sob pretexto de *leva* para o Paraguay.

«Repetiram-se nessse dia factos mais tristes, que os da prisão de um moço de nome Brandão, branco, casado e fazendeiro abastado, e de Manuel do Nascimento da Silva Barretto em identicas condições, pois, apezar de não ser casado sustenta sua mãe viuva e duas irmans, sem fallar tambem no official de justiça da freguezia dos Humildes, recrutado em dias anteriores.

«Foi preso Antonio José Marques, cidadão bastante conhecido por honesto, lavrador, casado, com trez ou quatro filhos.

.....

«A Antonio Gonçalves de Oliveira, pessoa de bem, deram voz de prisão, porque negou-se a pagar a carceragem de um escravo recrutado.

—Como mudam as cousas!

Primeiro, quando embarcava qualquer batalhão desta provincia, era de baixo de vivas, flores, foguetes e poesias; davam-se scenas tocantes, que no outro dia eram descriptas pelos jornaes; o povo tinha o direito de acompanhar seus irmãos: ao menos havia a consolação de dizer-se o adeus de despedida na hora solemne da partida a aquelles que nos eram charos.

Depois veiu o systema dos batalhões escoltados pelas ruas da cidade, mas ainda assim, quem tinha seu irmão, seu filho, seu marido, podia acompanhal-o e apertal-o nos braços na derradeira hora.

Hoje não; as cousas mudaram. Os *voluntarios* embarcam em um recanto da cidade, as escondidas, de surpreza, sem que o povo saiba o dia nem a hora.

Não ha um jornal, que noticie o embarque de um batalhão actualmente, porque elle é feito nas trevas.

—Consta que até um dos ultimos que embarcou, foi guarnecido de bayonetas em punho.

—E hoje não ha quem se queixe de arrocho e prepotencia como então.

—Pelo contrario, ha quem diga que este é o melhor dos estados possiveis; e que nós vivemos sobre um mar de rosas.

—A assembléa geral do Monte-Pio dos Artifices indiferiu hontem, 5, um requerimento do socio da mesma Manuel do Carmo e Silva, em o qual pedia a eliminação do socio Francisco Candido Rodrigues.

As razões allegadas, no mencionado requerimento, era ter o socio Candido escripto contra a sociedade, as quaes foram julgadas infundadas por vinte e cinco votos contra tres.

—Bem; gosto quando vejo se proceder assim sem despeito ou capricho, dando-se justiça a quem tem.

—Encantado vapor *Dantas*! Quando chegara a seu destino?

—Não se consuma; antes das kalendas gregas.

A PEDIDO.

—Qual o meio que deve empregar o medico, examinando um cóxo, afim de não ser enganado?

—Não lhe posso responder, porque não pesco nada na medicina.

—Pois saiba: é dando soccos fortissimos sobre as coixas do individuo.

—V. quer pilheriar.

—O Dr. *Bovilar*, que *poz em pratica* esse systema, assevera que é elle infallivel.

Um morador da rua do Tijollo pede ao Sr. Tiburcio Pereira Pinto de Souza, que haja de pôr côbro em sua familia, principiando por seus moleques, para que deixe de insultar quem está mansa e pacificamente em sua casa—por ora essa advertencia.

—Capitão, em sua presença está um dos muitos, que tem sido logrado pelo indomito salteador *Medonho*.

Como innumeros outros credulos, cahi nas garras desse abutre horrivel e *medonho*.

Por isso, aproveito-me de um convite, que vi na folha official de V. Ex., chamando todos, que soubessem de factos dessa hyena, a vir depol-os ante V. Ex. para serem patentes ao publico, a fim de que cada vez fique mais conhecido semelhante larapio, e possam os incautos evitar as ciladas, que á cada passo arma esse infame ladrão, mais terrivel que o salteador de estradas, porque só rouba com artimanhas e de emboscada.

Esse Faringhea não sabe o que é Deus nem Santa Maria, nem se lembra que um dia ha de comparecer na presença do Altissimo, a quem ha de dar restricta conta dos males que tem causado no mundo, porque, si se lembrasse, não seria tão pertinaz na vereda da ladroeira, que tem trilhado.

Não se lembra de que no tremendo

dia lhe fará peso na balança da Justiça Divina os horrendos crimes, as lagrimas causadas a viuva, as delapidações ao orphão, a usurpação ao infeliz captivo e toda immensidade de latrocinios, com que se tem locupletado essa vibora, que de humano só tem a forma.

Ai do infeliz, que tiver a desgraça de tractar com semelhante rapina, porque inevitavelmente será roubado; pois onde elle está anda o roubo, a alicantina e a falcatrúa e toda sorte de meios torpes e infames, de que se serve esse ladrão para ficar com o alheio.

Que o diga o Thomaz, o major Vieira, o Marinho, o S. Moreira e outros muitos, que tem sido victimas de suas extorsões.

E não creia V. Ex., que são somente os particulares que tem sido hediondamente roubados por esse malvado; não.

O estado tem tambem sofrido seus golpes soffriveis, e si mais não tem elle enterrado a unha, é por não ter achado pannos para a manga.

Aqui em Latronopolis houve em certo *campo* uma casa de guardar *polvora*, que o governo mandou demolir.

Aquillo foi uma mina para *Medonho* por que mandava todas as noites seus escravos carregar tijollos, pedras, madeiras e mais materiaes para sua casa, e depois com o maior cynismo disse que elle tinha feito um serviço ao governo concorrendo para que se demolisse a casa com mais brevidade.

Em outros muitos depositos de obras publicas mandava elle fazer o mesmo.

Depois, por artes do demonio foi elle nomeado mestre de obras *não* particulares, e ahi então tirou seu ventre da miseria, fazendo pedidos exageradissimos para ficar com as sobras e empregal as nas obras que tomava particularmente

(*Continúa.*)

VARIEDADE.

OS DOUS MARIDOS.

Na cidade de Leorne, terra onde succedem destas cousas, casou uma mulher segunda vez, tendo tido noticia de que o seu primeiro marido naufragara. Sendo falsa essa má noticia e apparecendo um dia o dito seu primeiro marido, ficaram os tres consternados e sem saberem o que deviam fazer.

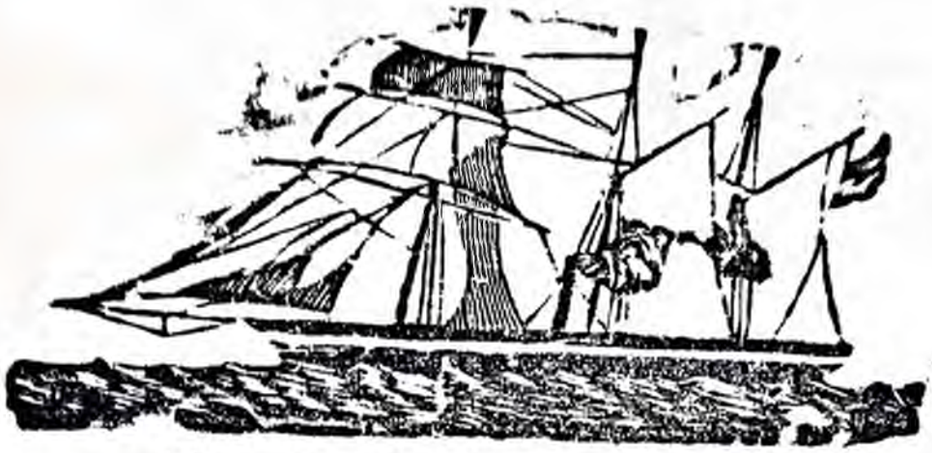
O primeiro marido, porém, que era homem prudente e que não pertencia aos extremosos, mas era amigo da ordem, resolveu aceitar a revolução matrimonial no estado em que estava; e sem comtudo a approvar, aceitou as legitimas consequencias da mesma, e deixou-se ficar em casa com o segundo marido, como bom ordeiro que era. Assim vivendo, concordaram ambos os maridos que a mulher escolheria dos dous aquelle com que mais se accommodasse. Como a proposta era difficultosa, a mulher pediu tempo para se decidir e lhe foi concedido.

Feito este convenio da triple aliança, cada um dos maridos se esmerava em agradar a sua mulher para ser o preferido, mas passados já tres annos, a mulher não decidia nem queria desprender-se de nenhum, dizendo que tão bom era um como outro. Um dia, sem mais nem menos, ou porque os homens não tiveram igual constancia, ou por ja estarem fartos das legitimas consequencias, desappareceram, abandonando-a, deixando a senhora reduzida á pobreza e á desesperação. Um visinho seu, que a viu a chorar, lhe disse: —Minha amiga, tenho muito dó de Vm., porem foi bem feito para lhe ensinar para o futuro que quem se não atreve a decidir em tempo opportuno por esta ou aquella cousa, quasi sempre fica sem nenhuma.

Pomareiro arithmetico.—Pediu um viajante licença a um pomareiro para comer uma laranja. «Concedo, lhe respondeu, mas com esta condicção: darás ao guarda da primeira porta metade das laranjas que levares e mais meia laranja, sem partires nenhuma; ao guarda da segunda porta metade das que ficarem e mais meia laranja, sem tambem partires nenhuma; ao da terceira, metade das restantes e mais meia laranja, sempre com a mesma condicção. O homem assim o fez e subeijou-lhe uma unica laranja. Quantas havia apanhado?

ANNUNCIOS

Bacellar concerta com toda perfeição orgãos e pianos. Pode ser procurado ao becco do Açouguinho n.º 41.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA — ANNO V. 10 DE MAIO DE 1867. SERIE 2.ª — Ns. 200 e 201

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de maio de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande ao Engenho Velho, no candomblé denominado *Bogun*, de que são chefes o barbeiro José Moraes, morador ao Cabeça, Izidorio *Melandras* e a preta Rachel, buscar uma mulher, cuja superstição e phanatismo, ligados á mais crassa ignorancia, levaram-na a entregar-se áquelles desalmados, os quaes servem-se della para praticas hediondas e repugnantes.

A infeliz, de que se trata, é uma creoula de nome Andrelina, a quem chamam *Academica*: conduzida para a mencionada roça, vive alli, ha dez semanas, trancada em um quarto, nua em pelle, ate receber o *sapocan*, ceremonia que, dizem elles, ha de ser demorada, porque o *santo* a *tirou* pelo entrudo, tempo em que elle retira-se para a guerra, e só volta pela paschoa, e todo esse periodo não é contado no noviciado da neophyta.

E' intoleravel que esses imbusteiros, abusando da credulidade da classe mais ignorante de nossa sociedade, andem a especular em seu proveito, especulação, que se torna mais criminosa pelas scenas immoraes e escandalosas, de que é revestida.

Assim, espera-se que essa mulher não continue a permanecer alli, victima de taes industriosos, com as faculdades alteradas, em um estado de torpor proveniente das beberagens e outros ingredientes que lhe dão.

—A policia tem tocado á meta do deleixo!

Si não estivesse patente aos olhos de todos, ninguem acreditaria quando se dissesse que a policia consente que um desavergonhado immoral ande constantemente com as calças nas mãos á mostrar aquillo, que a decencia manda cobrir, acompanhando tão feia acção de palavras torpissimas.

A policia não se contenta em tolerar que o Mathias, bebado attrevido, ande a proferir palavras obscenas e descarregue as tripas em qualquer logar, que a necessidade corporal o obrigue, permitte que o *Calunga* vá mais adiante, e se apresente ás familias em um estado que só era permittido quando este mundo era todo simplicidades e habitado por innocentes.

—E ainda não houve um agente de policia, que levasse ao conhecimento do Sr. chefe semelhante escandalo?

—Lê-se no *Americano:*

Nova especie de serviço á patria. — Consta-nos que um dos *recrutadores de contingentes*, indo varejar uma casa, na freguezia da Conceição da Feira, para prender um dos *designados*, não o achando e não querendo perder o tempo, deflorára uma filha do mesmo *designado*!

Avaliem todos a que qualidade de gente confia-se o actual recrutamento!

Exige a patria esses *qui proquós?*

E digam que não temos aqui muito *paraguayo*...

Correspondencia encyclopedica do «Alabama.»

CORTE 29 DE ABRIL.

Si prometter—é dever,
Quem deve, cumpre pagar,
Pois bem, prompto me tem,
A do costume vou dar.

Si digo—a do costume,
Quero dizer—massada,
Desculpe a explicação,
Não gosto de cassuada.

Meu charo capitão. Desta vez vou buscar o *thema* no *Pharol* de 12 do corrente, visto como vou principiar pelo atriotico batalhão de voluntarios, que d'ahi ultimamente veio:

«*Ou pensa S. Ex., disse o* Pharol, *que o ministerio está tão safado e tão falto de moralidade, que mande para o sul homens com baixa; aquelles que vieram do sul, o anno passado, por incapazes do serviço?*»

Sem mais nem menos, meu capitão, foi o que aconteceu.

Mas, antes de começar devo dizer: que nunca esta côrte presenciou o que aqui se viu por essa occasião.

Principiarei pelo principio.

O vapor que conduzia esses infelizes, deu fundo depois de nove da noite, mas, o ministerio que já sabia a *qualidade* do que vinha, fez nessa mesma hora desembarcar, afim de que a população não presenciasse tanta miseria. Assim pois, as onze e meia entrava o batalhão no quartel do campo.

O imperador tambem concorreu, acompanhado de alguns ministros, entre os quaes o Sr. Manuel de Souza, ao—bota dentro—do quartel.

Ha um adagio que diz:—A noite todos os gatos são pardos—e por isso só no dia seguinte se viu a qualidade da *fazenda* enviada pelo Sr. Moura.

Abi, capitão, começou o desapontamento, até do proprio imperador.

Aqui, 5, 10, 20, apresentavam as certidões de seus casamentos, allegando ter 3, 4, 5, e até um 11 filhos!

Ali, era um que dizia soffrer de gota; muitos mostravam as quebraduras; este faltava-lhe um olho; aquelle era aleijado; este grupo apresentava as inspecções *assignadas* pelos Drs. Dias Coelho, Matta, Affonso de Carvalho, Ribeiro Gomes, Serva, Bolivar, declarando-os incapazes de todo serviço. Este outro grupo, apresentava as guias do general Ozorio e Polydoro—dispensando os por incapazes. Finalmente, para haver de tudo, appareceram tambem idiotas—*Candinho* lavrante e o *Meu sinhosinho*.

Este, mandado por alguem, chegou-se ao imperador e disse-lhe: *Sinhosinho*, eu já vim de lá por maluco, agora volto por bom?

O imperador, com o coração partido, fez que não ouvia.

Chamou de parte ao ministro, este ao general Caldwell e o Joaquim Mauricio; Fallaram, fallaram e o imperador sempre andando, e foi-se. Nesse dia, capitão—95—foram julgados incapazes, indo entre estes 42, que por crianças, foram mandados para aprendizes marinheiros.

O imperador não voltou mais ao quartel.

No dia do embarque, oh! foi uma lastima. O governo, o que quer é dize: mandei tantos mil homens, embora, mais de metade, inserviveis.

Ahi deu-se o seguinte: logo ao embarcar dous a quem não quizeram attender—quando disseram que soffriam de gota, cahiram no convez. O *distincto* boticario, genro do Devoto, deu-lhes a cheirar—amoniaco—e declarou que aquillo não durava. *Morreu o Neves*, disse um sugeito, quem não sabe que

gota, passado o accesso, o homem fica bom.

Escravos, foram reclamados 3. Por um destes o Paranaguá ouviu... não, não ouviu nada. O publico é que sabe o que lhe disse o *Zé das berças*—procurador do dono.

Um voluntario, pretendendo fallar ao imperador no vapor, disse-lhe o Mané de Souza—é impossivel.

Mas, o *cujo* disse-lhe: neste paiz nada ha impossivel; porque eu que servi 12 annos; que fiz as campanhas de 1848 em Pernambuco e 1852 em Buenos-Ayres, e tive *baixa por incapaz*, vou agora recrutado; é porque nada é impossivel e deixo mulher e 5 filhos.

Porem, capitão, tudo isso de nada valeu. Os pobres lá se foram.

614, incluindo os escravos libertos que vieram de Santa Cruz (fortaleza).

Esquecia-me dizer-lhe que no dia da chegada, quando desembarcaram no arsenal 3 foram remettidos ao hospital de marinha.

Ahi vão os nomes desses—com as molestias que constam das papeletas.

Francisco Gomes da Silva—*ulceras e repressão da transpiração, proveniente de asthma.*

Manuel Romualdo da Silva—*rheumatismo, tem as articulações todas inchadas.*

Manuel Gomes da Paixão—*falta de vista, ou gotta se ena!* Este, *trazia abertos* um *sedenho* na *nuca*, e dous *fonticulos nos braços.*

Quando o imperador viu estes homens, no dito hospital, perguntou a este ultimo:—quem o mandou cá? O pobre nada respondeu, elle então voltando-se para seu sequito disse: Não sei como isto se faz! Accudiu o Tamandaré:—*é desejo de prestar serviços á vossa magestade.*

O imperador, abanou a cabeça e sahiu.

Entretanto, de taes infelizes, os vapores *Guará, Leopoldina e Jaguaribe*, conduziram este mez mil dusentos e vinte!

E o governo é progressista,
Forte, activo e de acção,
Faz isso p'ra nosso bem,
Para gloria da nação.

Aqui é sabido que vem o batalhão da Sé e o de Brotas.

Entretanto, é somente a Bahia que tem cumprido o decreto de 13 de março; na parte relativa á soldados, porque officiaes e commandante superior, estes não são brasileiros, nem nada teem com o Brasil, que seja governado por D. Pedro 2° ou por Lopez.

P'ra guerra marche a *canalha*,
Que este è o seu dever,
Os grandes, oh estes ficam
Para as honras, ca, receber.

La vae reformado o denodado e valente barão do Rio Vermelho, e pode afirmar que ja deu seu *cacho*.

Agora, acabada a *vereança*, dispeça-se, porque não ha de ter outro presidente, que o metta na camara.

Coitado foi o—progresso
Quem o barão—levantou,
Agora è o progresso
Quem no canto o atirou!

Tenha paciencia, meu barão, eu lhe disse—*Deus faz rodas!*

Os *augustos*, creio, não principiaram as correrias no dia 3. Até hoje, as commissões teem apresentado alguns pareceres, sobre eleições liquidas, porem esses mesmos, impressos, teem o *intersticio* de cinco dias.

O senado ja lhes mandou dizer que estava prompto.

Quanto á mim; digo verdade,
Não creio em taes deputados,
Achava melhor mandal-os
Para o sul—recambiados.

Quanto ao ministerio, julga-se elle seguro; diz que tem maioria... Deus queira.

Lá foi demittido o Silveira Lobo da presidencia de Pernambuco.

Quasi que por isso o gabinete se dissolve. Todos queriam acceitar a demissão, porem o ministro do imperio, sogro delle, dizia: não. Elle ha de vir de lá quando tiver ensinado aquella canalha!...

E para isso, fez logo seguir a *Nictheroy*, apezar de se ter desenvolvido nella o *cholera*.

Foi uma boa lembrança; mandar um navio cheio de cholera para Pernambuco. E' o melhor meio que ha hoje para *engança*.

Faz muito bem o governo
Continue, que é progresso,
Com o cholera e Lopez
Não tema nenhum excesso.

A respeito da guerra, estaria tudo no mesmo, si não fosse o cholera andar passeiando por Curuzú e Tuyuti.

Não vá crer, que dizendo que ella anda por lá, que eu quero dizer que cá não o temos mais.

Não Sr., agora appareceu ella no quartel do Campo; e lá tem feito uma safra soffrivel.

Foi absolvido o Dr José Mariano, que no dia 6 de novembro do anno passado assassinou sua mulher.

Elle, praticando esse acto, diz, que foi levado pelo zelo de sua honra e dignidade; o jury fundou seu procedimento na loucura que lhe reconheceu.

De modo que o reu diz:

Matei—*para vingar minha honra.*

O jury diz—qual! V. *estava louco*!

Ora vão.... elles.

O que é certo capitão é que a pobre senhora lá se foi; quanto ao marido, esse estava tão louco como qualquer de nós.

E' que o rifão diz:

«Aos mortos sepultura
«Aos vivos escapulla.»

Uma joven d'aqui, amante da poesia, pede-me para pôr na frente dos nossos poetas o seguinte, que eu, acho melhor metter-lhes na mão. A joven promette um abraço, por seu intermedio, para o que lhe enviará *procuração,* ao poeta que melhor desempenhar, e eu folgo de, por sua via, fornecer á elles um bello ensejo para mais merecer da patria, que ultrajada, tem a cara coberta e confia muito nas ideias progressistas.

Gostou, capitão? Ou, ja ouviu dizer tanto.... em tão pouco tempo?

Ahi ponho pois, p'ra elles, o motte que não é dos peiores:

Os olhos da minha bella,
São gentios de Guiné;
De Guiné, porque são pretos,
Gentios, por não ter fé.

A companhia do—Olho vivo—continúa seus assaltos, e o ponto de suas reuniões, parece incrivel, é mesmo na salla do jury, de modo que parece haver um proposito de cassuar com a..... justiça.

Organisou se uma filial, cujo fim é —furtar chapeus.

E' raro quem já não tenha
Sido por esta logrado;
Sahindo com chapeu novo
Vindo c'om velho trocado.

Prepara se o estaleiro para receber a quilha de uma fragata ou curveta couraçada. Logo que se verificar, lhe previnirei.

Capitão, vou fazer ponto, mesmo porque essa já vai tornando-se massada.

Meus respeitos apresente
A' Mané das castanholas
E bem assim o mesmo faça
Ao quarenta portinholas.

Mande dizer: em Sant'Anna,
Como vai nosso Lelè?
Bem como: p'r'o Rio Grande
Já seguio o tal Bebè?.

Quanto as meninas do tom,
Cá, è pouca a alteração,
O que ha lhe contarei
Em outra occasião.

Peço lhe que vá visitar
A' Don'Anna das quartinhas
Bem como dè um abraço
Na gostosa Mariquinhas.

O Patusco.

LA VAE VERSO.

O ESPOSO DA MODA

QUE TROCA A MULHER POR OUTRA QUALQUER.

Com mutuo consentimento
Da minha chara metade,
Vou fazer negocio novo,
E dissolvo a sociedade.

Quero trocar minha esposa
Pelas razões que aqui digo;
Pois eu vivo mal com ella,
E peior ella comigo.

Ninguem me diga depois,
Dando na bola de *taco*,

Que em jogando por tabella
Quiz vender nabos em sacco.

Minha mulher não é feia:
E tem certos predicados
Melhores que muitos d'estes,
Que abaixo vão apontados:

Ella ja fez cincoenta annos,
Eu ja os meus dezenove:
Ella se quer desquitar;
E' justo que eu isto approve.

Não nos fez todos eguaes
A suprema natureza;
Por isso tem minha esposa
No horrivel sua belleza.

A cabeça é uma caveira
Com dous olhos encovados,
Sóbe o queixo, o nariz desce
Tanto que estão namorados!.

Nos olhos tem tantas pregas
Que ninguem pode contar;
Os beiços são tão voltados
Como bordas de alguidar!

A bocca parece um vaso
De ter flores no quintal;
Duas orelhas de abano
Não lhe dizem muito mal.

Tem tres palmos de pescoço.
Os hombros muito encolhidos,
Por braços tem duas canas;
Mãos e dedos retorcidos.

E' gorda como um balão;
E sua pequena pança
Toma, no espaço que occupa,
Logar d uma contradança!...

Os pes são delicadinhos,
Tem cada um vara e meia,
Esporões nos tornozelos;
E giga quando passeia.

A voz como a do trovão
Tem a tal minha senhora,
Costuma, quando se ri,
Deitar a lingua de fóra

Toca *quatorze instrumentos*,
(Entrando a gaita de folle,)
E quando pega nas pretas,
Em *tocal-as* não é molle.

Sabe linguas estrangeiras;
Rebollo, Congo, Benguella,
Cabinda, Mina, Cançange,
A Moçambique e a Gangella.

O meu bem n'este jornal
Hade causar muito espanto!
Gozal a bem niguem pode,
Q'. os vidros nao dão p'ra tanto.

Quero pintar como posso
As graças da minha flor,
Não podendo ir mindinhas,
Vão mesmo pelo maior.

Todo o leitor que quizer
Entrar em negociação,
Fica ja sabendo agora
Onde é minha habitação.

Moro na rua das casas,
Em predio que não comprei,
Que foi feito ás minhas ordens,
Mas n'elle nada gastei.

Tem cinco andares e sotam,
Sobre-lojas, agua-furtadas;
Por collegio de *Meninas*
As lojas estão occupadas.

As ditas agua-furtadas
Mil carros e seges tem,
E uma loja de armador,
Por baixo dellas tambem.

Para as cocheiras do sotam,
Tomam-se animaes a trato;
Na sobre-loja ha modista,
Que vende essencia de gato.

Vê-se no primeiro andar
Uma grande asphaltaria:
No segundo ha de vapor
Uma immensa serraria!...

No terceiro se trabalha
Em obras de caldereiro;
E no quinto, em grande escala,
Ha fundição de ferreiro.

A troca é dellas por ella,
Sem haver constrangimento;
Ficando só a meu cargo
O sello do documento.

Sendo assim olho por olho,
O negocio não se esquenta:
Vale mais que muitas moças
Minha velha de cincoenta.

Faço lavrar a escriptura
Por uma moça de doze,
Recebendo ao registal-a
Mas tres de treze a quatorze.

Por quatro de treze e doze,
Levando a tal de cincoenta,

Já não faço mau negocio;
Fico livre da tormenta!

Tambem por tres do doze,
E de quatorze uma só,
Concordarei no convenio;
Tendo em volta um pandeló.

Ainda mesmo trez do doze,
E uma de dezesete
Troco; e ponho luminarias
Com vellas de espermacette!..

Por tres de treze ou quatorze,
E uma de onze gordinha.
Juro que n'um quarto d'ora
A mulher ja não é minha

Quem não acertar c'a conta
Pode lazer conta nova;
Mas sendo o negooio meu,
Eu hei de tirar-lhe a *prova*.

M G.

A PEDIDO.

Accedendo á delicada observação que si nos fez, declaramos que o artigo á pedido dirigido ao Totonio para vellar por sua venda, para não ficar mais depenado que um *pinto*; respondemos que elle se dirige para uma venda na cidade alta, e não para nenhum armazem de molhados, que não tem *pintos* caixeiros. Não é preciso muita intelligencia, para tirar se facil illação d'aquelle artigo que nada offende ao delicado reclamante.

—Um caso para o Sr. director da instrucção apreciar.

Em uma das noites passadas, uma senhora moradora na freguezia do *Apostolo das Indias*, chegando á janella da cosinha, descobriu no quintal dous vultos, por entre as bananeiras; suspeitando serem ladrões, mandou chamar a authoridade policial, a qual compareceu incontinenti e dirigindo-se ao logar em que estavam os vultos e reconheceu que eram a creoula Luiza Maria de França, moradora em *Peripe* e um sujeito, que ensina meninos particularmente conhecido pelo professor *Mundo Novo*. Interrogados o que faziam ali, respondeu elle, que não era suspeito, que estava ali por não saber o caminho á noite; coagidos pela authoridade a sahirem da *moita*, foram aos troncos e barrancos até uma estação onde havia uma *olaria* e ahi dormiram até que de manhan seguiram destino.

Si S. Ex. entende que um individuo, alem das habilitações que lhe faltam, nestas condicções, deve educar a mocidade, consinta que elle continue; porem si é ao contrario, deve mandal-o quanto antes plantar favas.

(*Continuação.*)

—Capitão, é muito certo o ditado— Não entra a vergonha d'onde sahiu; assim, como não sahe a perversidade d'onde entrou.

Medonho, uma vez perdida a vergonha, si é que algum dia elle teve o menor vislumbre della, não a pode adquirir mais. Será mais facil macaco aborrecer banana, deputado regeitar uma pasta ministerial, ministro agradecer uma cadeira no senado, frade regeitar capellas de missa, conego não

aspirar a uma mitra ou pelo menos o logar de deão, do que *Medonho* ter vergonha.

Ainda mais:

Mais depressa os peixes abandonarão o mar e hirão habitar em terra, do que *Medonho* ser susceptivel de um resquicio de vergonha.

Naquella alma so ha malvadez, e a configuração daquelle corpo bem attesta os instinctos ferozes que nella se aninham

Com effeito, quem olhar para aquella cara estanhada, quem reparar naquelles olhos pardacentos, naquelle nariz meio acachapado, naquellas orelhas de abano, naquelles labios semiponte-agudos, quem miral-lhe as mãos de rapina e attentar para as unhas voltadas a especie de gavião e depois observar-lhe seriamente as pernas arqueadas, e os pés de cabra; quem ao vel-o abrir os labios reparar-lhe a serrilha de dentes agudissimos, quem o vir caminhando apressado como o lobo faminto em busca da presa, ou parado cambaleando, como o corvo quando esvoaça em logar onde ha carniça, conhecerá que *Medonho* é um ente hediondo e repulsivo, é um parto do Averno, uma obra de Satanaz; de quem todos devem fugir por que seu contacto envenena, sua presença é contagiosa, suas palavras atordoam, seu gesto assombra e seu olhar horrorisa.

A semelhança da vibora, ai do incauto em quem elle lançar os olhos e intentar enganar, por que como o passaro, irá ao influxo malefico desta serpente precipitar-se em suas garras.

Este demonio tem trêtas e astucias para enganar: uma hora é humilde e supplicante, outra é urdindo enganos e subtilezas, outra é enredando e guerreando os collegas do mesmo officio.

O que elle quer, é sahir-se bem e deitar o laço para enganar e roubar, embora para isso aville-se até o ponto de metter o nariz na trampa.

Este ladrão tem uma admiravel facilidade para fingir-se, e não ha papel por mais asqueroso, degradante e infame, que elle não represente perfeitamente.

Quem vir esse crocodilho com as lagrimas a escorrer-lhe pelos olhos, lastimando sua sorte e inculcando sua ingenuidade, bonhomia e desinteresse, ha de por força se deixar illudir e ainda mesmo aquelles que estiverem prevenidos a seu respeito, ficarão indecisos, vendo as lamurias de semelhante vibora

Parece que Satanaz quiz ter nelle um instrumento para tentar as almas e por isso prodigalisou-lhe tantas artimanhas.

E' astucioso como a raposa.
Feroz como o tigre.
Trahiçoeiro como a panthera.
Sinistro como a coruja.
Venenoso como a cobra.
Manhoso como o burro.
Ardiloso como o macaco.
Ligeiro como o veado.
Ladrão como o rato.
Tem faro como cachorro.
Indolente como a preguiça.
Covarde como um cão goso.
Altivo como leão.

Com esses predicados, vive elle a pôr em pratica toda casta de ladroeira, inventando differentes modos de roubar.

E tão feliz, que aquelle em quem elle poem a mira e faz proposito de roubar, cahe infallivelmente na cilada.

E' que o diabo sempre ajuda aos seus.

Si V. Ex. conhecesse o Texeira pintor elle lhe diria o que soffreu dessa furia.

Que atteslem os artistas que com elle tem trabalhado: ajusta com os pobres homens por um preço, depois quer pagar-lhes por outro e nem isto mesmo faz ficando elles no desemolço, sem terem o que darem as suas familias, por que o ladrão fica-lhes com seu suor, e tanto é assim que não ha exemplo de que um homem trabalhasse em obra de semelhante salteador semanas completas.

— Sua conversa está muito comprida, vá tomar um pouco de folego e volte.

— E ainda não toquei no fundo.

(Continúa.)

—Grande é a ousadia dos larapios nesta terra!

Revestem-se até do caracter d'authoridade para roubarem!

—E a policia dorme o somno da indolencia.

—E o Sr. delegado diz muito cheio de si, conversando com seus amigos: « como si faz a policia nesta terra sei « eu, mais é que me faltam forças. »

—Entretanto, ha soldados de sobra para se collocar aos tres e aos quatro pelas esquinas da cidade.

—Palavras não adubam sopa, e por tanto vamos adiante.

Dous espertos muito conhecidos na freguezia de Santo Antonio, inculcando-se um de fiscal e outro de escrivão, foram a uma preta de nome Felicidade, moradora no becco de João Simões e que negocia em fazer azeite de dendê, e impozeram-lhe uma multa de 8$ rs., á pretexto de despejar ella agua n'um cano que deita para a rua Amedrontaram-na dizendo que aquillo era multa de 40$ rs. e que so por *combinação* recebiam 8$ rs., e a credula cahiu com o *côco*, alem de 5$ rs. que exigiu o escrivão *por seu trabalho*; depois do que retiraram-se os dous industriosos muito lampreiros.

—Si V. me conta isso *mais cêdo* eu lhe prometto que daria providencias.

—Agora, como é tarde, quem quizer saber pelo miudo va indagar da preta.

VARIEDADE

OBSERVAÇÕES DE UM VAGO.

O Paraguay è como o figo, que fica mais gostoso quando *passado*.

Um official assemelha-se ao caranguejo por andar sempre de *banda*, e mais ainda pelo seu costumeiro adiantamento.

O soldado é um caixeiro de cobranças, que muitas vezes perde a cabeça antes de encontrar o devedor, e tão infeliz é, que, se chega a casa do amo, estropeia lo da viagem, embora pague a divida, é logo despedido.

A espingarda è como um cahpeu de sol que não tendo varetas, para pouco serve.

Um canhão de campanha se parece com a mulher que está sempre de boca aberta. Ha só a differença em que elle falla a proposito, e ella a todo o proposito.

Um só *troço* fora de seu lugar competente pode transformar em *dez troços* uma vintura inteira. (Esta è dedicada aos officiaes.)

O fogo das batalhas é como o das fogueiras que se extingue quando não ha mais *lenha*.

A vida militar é uma *cachaça* sem espirito, mas que no entanto embriaga. O que é real è, que é a profissão onde se vê mais gente cambalear e cahir.

O militar cobarde é como o sebo, ao qual basta a approximação do fogo para desfazer-se, manchando logo com seu contacto tudo que lhe esta proximo.

(Da *Saudade*, de Tuyuty.)

Um individuo encontra-se com um seu conhecido, e diz-lhe:

—Ah! pois é o senhor!. .Quando o vi alem no principio da rua, pareceu-me que era seu primo; quando se foi chegando mais julguei que era o senhor mesmo, e agora vejo que é seu irmão.

A MATRICIDA.

Extractamos o seguinte: « —Lê-se em uma folha portugueza: » Ha tempos acabava um juiz dos nossos tribunaes de proferir a sentença de morte sobre uma condemnada de matricidio, quando ao ver a afflicção da ré, que perguntava se não havia recurso da sentença, lhe disse:

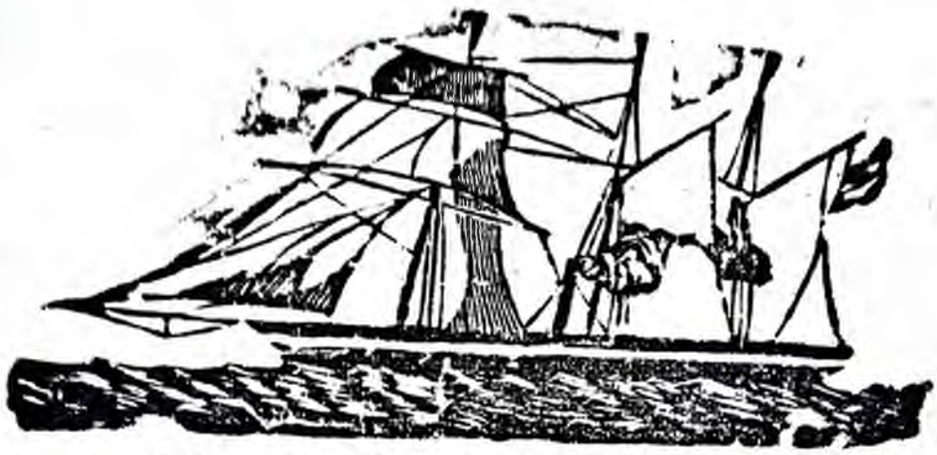
« Agora appelle para a relação.

« A *pelle* para a relação, Sr. juiz?! » —exclamou a re, banhada em lagrimas.—Isto agora é que é barbaro! Morrer não custa; mas mandarem-me a pelle para a relação, isso é que eu não queria! »

ANNUNCIOS

Innocencio da Conceição Miranda, tenente do 1.º batalhão da guarda nacional, partindo para a guerra, nao poude, pelos seus muitos affazeres, despedir-se de todos os seus amigos, o que faz pelo presente e pede desculpa de tão involuntaria falta; approveita a occasião para offerecer seus diminutos prestimos naquelle logar emquanto lá permanecer.

O annunciante nada deve nesta cidade ou fora della; comtudo, si alguem se julgar seu credor, apresente-se a seu pae o Sr. Felisberto da Conceição Miranda, á rua de D. José, 7, ou a seu irmão o Sr. Jacob Benatat com loja á Fonte dos Padres que será pago. Bahia 6 de maio de 1867.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 11 DE MAIO DE 1867. SERIE 21.ª—N. 202

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de maio de 1867.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, communicando-lhe que os voluntarios, addidos á companhia de inval dos, estacciona la no Morro de S. Paulo, queixam-se amargamente de privações, que passam alli; em vista do que pede-se a S. Ex. mando averiguar si taes queixas são justas.

Allegam elles, que, por morosidade do commandante, não recebem o solde em tempo, o que parece de proposito, porque são obrigados a rebatel-o a um sargento Lopes de sociedade com alguem.

Dizem mais: que são tractados rigorosamente pelo supradicto commandante, o qual emprega para com elles termos injuriosos como—bebados, relaxados e ladrões; que, si algum pede licença para vir á cidade ver sua familia ou comprar alguma cousa, de que necessita, não só lhe é negada a licença, como reprehendido asperamente.

No caso de serem taes queixas exactas, espera-se que S. Ex se dignará dar providencias, que melhorem a sorte daquelles infelizes martyres, que se inutilisaram servindo á sua patria.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspecter da saude publica, chamando sua attenção para as condicções anti-hygienicas em que se acha a casa de educação denominada Collegio Sant'Anna, situada em S. Miguel, em virtude do foco de miasmas que ha no pateo da referida casa.

A immensidade de podridões e aguas estagnadas que ha ali accumuladas, a insuportavel fedentina que reina quando o sol esquenta ou quando fazem qualquer despejo, são em grau tão subido, que só com a vista poderá S. S. fazer uma ideia.

Espera-se pois, que S. S., attendendo a tão justas razões, dê qualquer providencia, afim de que as educandas dessa casa não estejam expostas a tão perigosas causas de infecção.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, pedindo-lhe informações sobre um negocio, que corre por essa subdelegacia á respeito de compras de fumo para a casa de prisão com trabalho, afim de tomar-se providencias, que elucidem semelhante embrulhada, visto que ha quem assevere que semelhante fumo foi comprado, porem nunca para tal casa entrou.

—Finalmente fizeram o favor de mandar trancafiar o *Calunga*.

—Ao menos por esses dias as familias

podem desassombradas chegar á janella.

—Não so voixo porque ello ja está solto.

—E' preciso tomar cuidado com o muro do Santa Thereza; além de todo rachado, esta desaprumado.

—Ha de haver providencias, sim Sr., porem ha de ser depois de algum sinistro.

LA VAE VERSO.

Desculpe quem se resintir.

A mulher que aos figurinos
Consulta; vestidos finos
Faz. E que gasta ao espelho
Tres horas. Bem entendido
Busca marido.

A que á janella sentada.
Olha a rua, e desesp'rada
Quer logo que os transeuntes
A mirem. mas com sentido
Busca marido.

Aquella que ouvindo ruido
De passos, applica o ouvido
P'ra ver quem é. e a janella
Apparece. Está conhecido;
Busca marido.

A que por chuva e vento
Sahe á rua, a seu contento
P'ra mostrar um lindo pé,
(Melindre não offendido)
Busca marido.

A que supportando o ardor
De um calor abrasador,
Se vae sentar nos passeios
Por ser este o tom seguido;
Busca marido.

A que no theatro procura
Ser vista, e disso segura,
Na platéa a vista fixa
Co' o binoculo sempre erguido;
Busca marido.

A que entre os bastidores
Desenvolve seus amores
Ocultando-o o mais que póde
Com o seu amante qu'rido;
Busca marido.

A que em todas as funcções
De egreja é vista, e orações
Não lê no livro, mirando
Todos que entram com sentido;
Busca marido.

A que no mundo disponta,
E que dos annos poucos conta,
Por largar o fato curto,
Olhando a sombra. E' sabido;
Busca marido.

Cisco sim; mas lama, não.

Dizem que já tem havido
Por ahi muita questão,
A respeito da pilhera
Cisco sim; mas lama, não.

Consta baixou da policia,
Um officio com *sabão*
De presente a quem apanha
Cisco sim; mas lama, não.

Eis-aqui tambem glosado,
Pelo *Zé da Conceição.*
O tal assumpto da moda.
Cisco sim; mas lama não.

GLOZA.

Tão bellas cousas disseram
Sobre o aceio das ruas,
Fizeram taes falcatruas,
E o povo opprimir quizeram;
Os que n'isso se metteram
Ja cabisbaixos estão,
Pois tal papel com *sabão*
Veiu aos guardas e fiscaes,
Que ja nenhum grita mais
Cisco sim; mas lama, não.

A PEDIDO.

—Esta terra está perdida.

Andam a metter na mão de qualquer fedelho o cargo de authoridade policial e o resultado è o estonteado dar por paus e por pedras.

O domicilio do cidadão è violado a qualquer hora da noite, como ainda no sabbado praticou o subdelegado dos Sanhaços, na casa de dous empregados da *illuminação particular*, moradores n'um largo que já foi *quitanda* e que hoje está cheio de *capim*, em occasião em que elles não estavam e depois praticou o mesmo em casa de um estrangeiro, de *graciosa* falla.

—Deixo-os, a culpa não é delles, é do quem os mette nisto.

(*Continuação.*)

—Capitão, tenho me alargado muito e massado em extremo a V. Ex.

—Não lhe pareça.

—Não abusarei por mais tempo da bondade com que V. Ex. tem me ouvido. Passarei a coordenar uma serie de ladroeiras e espertezas das muitas de que é composta a vida tenebrosa de semelhante sicario e deixarei a minha historia para ultimo.

Sabe V. Ex. que nesta terra, o tratante, o ladrão, e o peito largo, é cercado de protecção, porque é praxe galardoar-se o vicio e o crime e por-se á parte a virtude.

Medonho, creatura abjecta, bajulador, capacho, insigne tarapio, tinha incontestavel direito a ser galardoado e por isso não causa admiração que elle fosse nomeado, como já disse, mestre de obras *não particulares*, cargo que somente n'uma terra como é Latronopolis, poderia elle occupar.

As bandalheiras praticados por essa ave de rapina, como mestre de obras, encheriam um volume; irei paulatinamente me occupando de algumas.

Tendo ordem de certo engenheiro, que não era filho do paiz, para admittir dous officiaes de carapina, elle os chamou no meio da quinzena, e disse-lhes que principiariam a ganhar da seguinte em diante. Quando teve de fazer a folha incluiu os nomes dos homens; recebeu os cobres e chupou-os; porem o diabo que assim como ata, desata, fez com que se suspeitasse da tragedia de *Medonho*.

Chegando ao conhecimento do engenheiro, semelhante tratada e tendo elle certeza de ter visto na folha os nomes dos homens, mandou chamar *Medonho* e indagou delle que trampolina era essa. O safado sustentou que os artistas estavam pagos, porem o engenheiro, disse-lhe que era mentira e *Medonho*, gaguejando, sahiu d'alli correndo e foi se agarrar com os homens para que dissessem que estavam pagos.

—Que ladrão!

—Aquillo é capaz de roubar o sol antes de nascer, assim podesse elle alcançal-o.

E com o maior descaro, diz aquelle *porco sujo* que roubar não é deshonra, porque os grandes roubam; que o diabo é elle não poder roubar muito, porque nesta terra

Quem rouba um tustão
E' ladrão;
Quem rouba um milhão
E' barão.

Vamos adiante.

Houve aqui, ha tempos, uma questão entre dous commerciantes, o *Moreira* dos *Santos* e outro. O satanico *Medonho*, que em tudo mette o rabo, foi nomeado arbitro por parte de Moreira. No dia da decisão estavam todos promptos e só esperavam por essa endiabrada creatura e a parte contraria, que tambem não apparecia. Esperou-se; esperou-se e nada dos dous.

Alguem lembrou-se de ver se encontrava *Medonho* por ahi e foi dar com elle sahindo do escriptorio da parte contraria conversando com a mesma,

Um respeitavel ancião, filho do *Souza* e parente do *Vieira*, deu uma obra a esse rato de commua, e elle não só roubou o honrado homem, como aos trabalhadores, sendo a principal victima o pobre pintor, de quem elle comeu mais de dous terços do trabalho e, si ainda este recebeu alguma cousa, deve agradecer ao honrado velho, que teve mão no impeto latronico do bandido, dizendo-lhe que aquillo clamava ao ceu, e não lhe entregando o resto da importancia do trabalho do homem.

E' geralmente sabido que as obras desse damnado salteador são ligadas com tres cestos de barro e dous de cal.

Para não pagar aos trabalhadores, desculpa-se dizendo que não recebeu dinheiro dos donos das obras, como si estes fossem capazes de emprehender obras sem dinheiro?

—E haverá dono de obra que se attreva a ficar devendo a semelhante sanguesuga; elle que a toda hora vive pregado no caxaço a pedir dinheiro.

—E que para pôr uma demanda, balda de todo ladrão, não coxilla?

—Veja o que elle fez com aquelle parente do Thomaz. O homem pagou-lhe; deu-lhe uma gratificação em cima e elle propõe lhe uma acção por divida, fiado em terem certos papeis desapparecido do cartorio.

—E agora anda se agarrando aos pés dos juizes para darem sentença a seu favor.

(*Continúa.*)

—Oh! Sr. *Julio*!.....

—Queria alguma cousa?

—O Sr. por aqui!... é signal que voltou de *Itaparica*.

—Sem duvida, o que mais ha?

—Nada.

—Fez um espanto tamanho ao ver-me!

—Estou admirado de ver que não sendo o Sr. guarda nacional, nem tendo meio de vida, tem escapado do recrutamento, ao passo que tantos homens casados tem sido fisgados.

—Então quer medir-me na mesma bitola dos que tem sido recrutados? Acha que estou nessa esteira?

—Não, eu não sou capaz — porem... como nós estamos n'uma terra, onde se diz que a lei è egual para todos, por isso é que me admiro.

—Eu tenho amigos e minha familia tambem.

—Ah! eu sei que o Sr. è *muito amigo* do *Blone* e outros.

De Santa Illustre as cabanas
Dizem que toda a madeira,
Sobe paulatinamente
Por uma certa ladeira.

Na casa de um *varredor*
E' n'um *barril* bem *guardada*,
Sem apanhar sol ou chuva
Fica la bem *conservada*.

VARIEDADE.

Estando uma jovem aldeana em certa attitude a borda de uma estrada, aconteceu passar o corregedor da terra, e querendo esta levantar-se, elle disse: Deixa-te estar rapariga, pois eu antes quero ver a galinha do que o ovo.

—

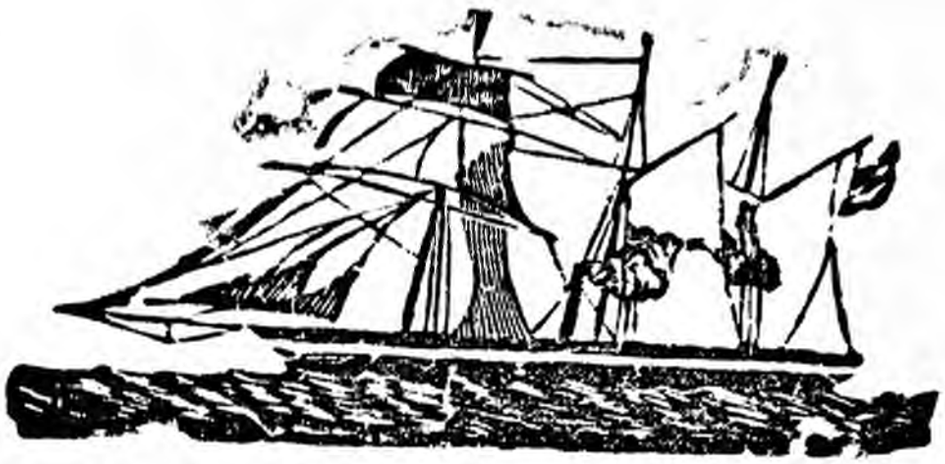
Certo official de justiça encontrando de noute um homem embuçado na sua capa, perguntou-lhe. Que armas leva? Um estoque, respondeu o embuçado. Deitou-lhe a mão o alcaide, desembuçou-o, e vendo que o estoque era um frasco de excellente vinho, bebeu-o, e entregando-lhe o frasco lhe disse: Tome lá, e pode chamar-se ditoso, pois encontrando-o com um estoque, lhe faço graça da bainha.

—

Uma senhora cazada, havia pouco tempo parecia aborrecer-se quando estava na companhia de seu marido, o que tendo este notado, lhe perguntou, si não tinha prazer de estar com elle: Muito grande, respondeu ella, mas tu e eu não somos senão um, e eu aborreço-me quando estou só

ANNUNCIOS

Roga-se ao Sr. Cazuza o favor de pagar 6$220 rs., proveniente de generos alimenticios; tanto porque a divida é legal, como porque tomou ordem de mão do cobrador e a tem em seu poder, o que não é permittido: depois não se queixe, que nem a melodia do seu piston lhe valerá.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 13 DE MAIO DE 1867. SERIE 21.ª—N. 203

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de maio de 1867.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe que dê providencias afim de que seja resgatada a corôa de Nossa Senhora da Conceição, venerada na Cathedral, a qual se acha empenhada por 15$ rs. na venda—Progresso da Sé.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe desculpa de se lhe estar todos os dias á massar com negocios de candomblé; porem são tantos os abusos praticados, que não se pode prescindir de constantemente chamar a sua attenção para elles; portanto queira S. S. attender para o seguinte, uma vez que ainda está disposto a ler gazetinhas:

Nas Portas do Carmo, morava uma parda escura, de nome Casimira, a qual vendia peixe para uma creoula, tambem ahi moradora, conhecida por Delphina do Papo; foi com outras a um *terreiro* para o lado das Barreiras, chamado em lingua africana *Querebetan*—fonte onde todos vão beber—e lá *cahiu no santo;* cahida no santo foi esta, que la morreu e até hoje está em segredo, até para seus parentes, semelhante morte. Esto facto teve logar, ha menos de um mez, e quem pode affirmar que não esteja elle revestido de circumstancias criminosas? e quando não esteja, não concorda S. S. que tal escandalo deve cessar?

Agora mesmo, acha-se encerrada naquelle antro, uma innocente creancinha de tres annos, de nome Maria, filha de uma mulher moradora á Quitandinha d'Capim, chamada Anna e de João Honorio, que está no sul.

S. S. em seu alto criterio faça o que entender.

—Ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, pedindo-lhe informação sobre o facto de haver, em dias da semana passada, um estrangeiro, empregado no hospital, esmurrado a uma serventa, livre, do mesmo hospital, facto que, consta, fôra muito applaudido pelas *charidosas* irmans.

—Quando S. Ex. o Sr. presidente mandou declarar que não queria gazetas, a excepção das folhas diarias, entendemos que assim o fazia por economia pecuniaria e continuamos a lhe mandar a folha de graça; agora porem estamos convencidos de que S. Ex. por maneira nenhuma quer ver a humilde gazetinha, visto que acaba de nos recambiar pelo postilhão todos os numeros da folha.

E o mais é, que mais alguem, para agradar-lhe, deixou de assignar tambem.

Não importa: o postilhão continua a ter ordem para deitar na caixinha dos requerimentos um numero de cada *Alabama*, que se publicar.

—Fallar da carne podre, que mandam para os açougues, è o mesmo que clamar no deserto.

Não ha quem leve em conta a saude publica e por isso mandam para o consumo carne fedendo, como no domingo, em alguns talhos na Baixa dos Sapateiros!

—Si o povo se compenetrasse de seus direitos e um dia désse uma lecção aos que tão acintosamente mangam com elle, as couzas haviam de tomar geito.

—Vejam como andam as couzas nesta terra:

Emquanto muitas mães, esposas e filhas, por estorvos da casa da fazenda, deixam de receber as pensões, que mui legalmente lhe deixaram os seus, outros recebem indevidamente dinheiro da nação, sem a isso terem direito.

Por exemplo:

Maximiano de tal contractou-se nesta provincia para ir servir de enfermeiro no Sul e deixou aqui uma pensão de 25$ rs. a uma creoula; no segundo mez rescindiu o contracto; entretanto até hoje o Sr. pagador da thesouraria entrega pontualmente os 25$ rs.

—Quem perde com isto?

—A mulata velha, não tem duvida.

—Então deixe que vá.

« —*Requerimentos despachados no dia 8 de maio de* 1867.

« Eugenio Carvalho dos Santos e suas filhas; pedindo dispensa de seguir com o 1.º batalhão de guarda nacional seu filho e irmão Antonio Carvalho dos Santos. —A' vista da informação não tem logar o que requer »

—Sabe quem é Eugenio Carvalho dos Santos?

—Não.

—E' um velho decrepito, maior de 70 annos e cego.

—Sabe quem são suas filhas?

—Não.

—São tres moças d'ellas, uma das quaes, paralytica, vegeta sobre um leito de dores.

Sabe quem è Antonio Carvalho dos Santos?

—Não.

—E' o unico sustentaculo desta desvallida familia, porque dous irmãos que o ajudavam a sustental-a, ha muito; que marcharam para o Paraguay.

—Um dia a esmagadora mão do destino, pesando sobre a cabeça dos causadores do infortunio desta consternada familia, virá lembrar-lhes que a—Justiça de Deus não dorme.

Lê se no *Jornal do Brazil:*

« Estão promptos tres balões, para serem transportados ao theatro da guerra e por meio delles os *entendidos* observarão as operações do inimigo, suas fortificações, etc.

« O que se tem dispendido com quatro balões, a seda que se despachou livre de *direitos* para elles, mas que foi vendida no *carnaval*, o tempo e o serviço perdido deve provocar estrondosas gargalhadas ao Lopez, quando elle tiver disso noticia. »

Lê-se no *Noticiador Alagoinhense:*

« *Parece incrivel.* —Consta-nos que seguiu como contingente, entre os que passaram, ha poucos dias, vindos do Inhambupe, um pae de familia, em virtude de não querer denunciar o asylo do proprio filho. A que ponto chegamos! *O' tempora; ó mores.* »

—Os marinheiros estrangeiros andam pelas tascas da cidade baixa a fazer alarmas, causando ao governo *serios cuidados* pela ordem publica.

—Não admira, quando a policia, na cidade alta, anda a dar *beneficios* nas casas das meretrizes.

Ainda no sabado um official, dous sargentos e um cabo de policia, fizeram proezas: foram a casa de umas mulheres á rua do Collegio, emporcalharam a escada, depois gritaram, a-

ticaram pedras e correram; d'ahi foram a uma outra defronte do palacio do Arcebispo, e commetteram uma enfiada de desvarios: quizeram arrombar a porta, acompanhando este acto de palavras, que são proferidas pela gente ralé nos conventiculos, porem, que n'uma rua publica são intoleraveis. As mulheres amedrontadas, abriram a porta e elles completaram o *beneficio* com uma algazarra estrepitosa e crivada de obscenidades.

—Entendo que o Sr commandante de policia deve pôr cobro a isto lucrando as familias do desenfreamento de seus commandados.

—Mas como, si V. não diz os nomes dos alarmistas?

—Basta dizer que um dos sargentos, de nome Manuel, apregoava-se filho delle commandante.

—Si elle na verdade for filho do commandante vá esperando por punição.

«—.....

«Elles estão cassuando por que acham o Galeão; ahi vem o Javi-assú e eu quero ver si, quando elle chegar, essas gazetinhas continuam tão desenvoltas »

—Saberá o Illm. Sr. delegado quem proferiu estas palavras?

A PEDIDO.

—Consta-me que tiram 500 rs por mez de cada um soldado de policia, á pretexto de serem para as urgencias do Estado.

—Essa é boa! Pois um homem que ganha 1$ rs. por dia, que mal chega para remediar suas necessidades, e muitos até com familia, hade dar, quero porque quero, 500 rs todos os mezes?

—Não sei, disseram-me isso. O que me parece é que esse dinheiro tem outro fim diverso.

—E-tou que não.

—E depois o Estado não está no caso de que os soldados de policia tirem o pão da bocca de suas familia para lhe darem obrigatoriamente.

—E' justo; alem dos pobres homens fazerem o sacrificio do corpo, ainda fazerem da bolsa, quando ganham uma miseria; é tyrania.

La o Sr. Saraiva e outros, que tem tido grandes empregos e grossas mamatas, que dêm do seu, bem; porem quem ganha 500 rs. de soldo por dia!.....

—O governo não tem obrigação de soccorrer os invalidos e as familias dos voluntarios mortos no campo do combate? Não se obrigou a isso por um decreto, promettendo mundos e fundos?

—E' verdade; prometteu vinte e duas mil braças de terra quadradas, e até parece-me que plantadas de *nabos* para elles.

—Quadrado me parece o tal decreto.

—Mas houveram alguns que offereceram a terra e, se me não engano, tambem os *nabos*, para uso do governo.

—Estou lembrando-me do que li no decreto pescatorio, e V. já vem com gracejos.

—Pescatorio não, porque tem de ser cumprido depois da guerra, e tanto assim que já se está medindo a terra.

—Eu digo que ha de ser cumprido depois da vinda d'el-rei D. Sebastião.

—Era..... *rosas* para.....

—.....o governo apreciar o *aroma*!

—O chefe da seita spiritica está assombrado.

—Tambem?

—E' o spirito de um cão que o atrapalha.

—Cão me parece elle.

—Tinha elle um cão muito manso e fiel; um dia, porem, o animal não estava para graças e mordeu-o; admirado de o haver o cão desconhecido, o chefe da seita foi consultar ao anjo tutelar e este revelou-lhe que era o spirito de Inferline, que se tinha apoderado do bicho e que por tanto era preciso matal-o. O Sr. Lulú assim fez; porem desse dia em diante viu-se perseguido pelo maldicto cachorro que a qualquer hora lhe apparecia em visagens horrorosas. Evocou de novo o anjo tutelar e consultou o que havia de fazer; teve em resposta que, em honra ao cão, trouxesse sobre

a cabeça do anjo que tinha em casa um barrete preto constantemente e apezar disso o homem não pode entrar em casa que não se veja abarbelado com quadrupede.

—Será a consciencia, que principia a morder-lhe?

—Quem sabe.

—Eu sempre que vejo fallar de evocações de spiritos, lembra-me deste caso que li ha tempos:

«Um medico celebre evocava os spiritos perante uma reunião numerosa, em Nova-York.

«Depois de ter feito dansar as mezas, voar os chapeus e outras bagatellas, perguntou si algum dos espectadores desejava communicar com os habitantes das regiões ethereas.

«—Quero fallar com Moyses, disse uma voz.

«—Espere um instante, a sua sombra vae manifestar-se da maneira ordinaria.

«O ranger de uma porta fez voltar todas as attenções para ella.

«Abriu-se a porta e em logar da sombra do autor do *Pentateucho* appareceu elle mesmo, em carne e osso, com o seu vestido biblico, a barba tocando-lhe no peito, os cabellos levantados e separados de modo que se lhe distinguiam as duas pontas com que Jehovah ornou a fronte do seu servidor no monte Sinai.

«— Eis-nos aqui, gritou com voz de stentor, o recem-chegado. Que me querem?

«Ninguem respondeu.

«O que lhe queria fallar já tinha desapparecido, deixando sobre um movel o seu chapeu de quaker e as suas luvas azeitonadas.

O autor Sucini, o creador do papel de legislador hebreu na academia de musica de Nova-York, causa bem innocente do medo do quaker, tirou a sua cabelleira e misturou as suas gargalhadas com as dos circumstantes.»

—Vem ca, o' *Teso*.

Porque não tomas vergonha, beba dp?

Não vês que este teu continuo estado de embriaguez te pode ser fatal, porque nem sempre se estará com a paciencia n'algibeira para soffrer as insolencias, a que a tua bebedeira dá logar? por que, quando estás neste estado, é que mostras a toda evidencia a educação de regateira, que tivestes, offendendo e insultando a todos.

Queres que te descubram as podriqueiras, malcreado de um dardo?

Não sabes que és um armazem de malversações e impurezas?

Queres ver sondado esse abysmo de trapaças em que se encerra a tua negra vida, satyro dos seiscentos?

Toma tento: ao depois não venhas humildemente implorar compaixão.

Vae te metter na roça do *Fernandes* a comer *lima* e deixa de andar a insultar pessoas que não se egualam comtigo nem em educação, nem em procedimento.

—Capitão, tome esta que è do *Calunga*!

—Dispenso a boa vontade.

—Estou fallando serio.

—Diga lá.

—O *Calunga* estava na portaria de S. Francisco, quando veio sahindo um gordo frade. Assim que elle avistou o frade, bradou:

Como está este maganão gordo!

Que vida de malandro!

E eu magro coberto de trapos!

Agora vae elle ver a sua Exma.

—E que disse o frade?

—Perdeu a tramontana e voltou para dentro do convento.

—Massar-me V. com asneiras do *Calunga*.

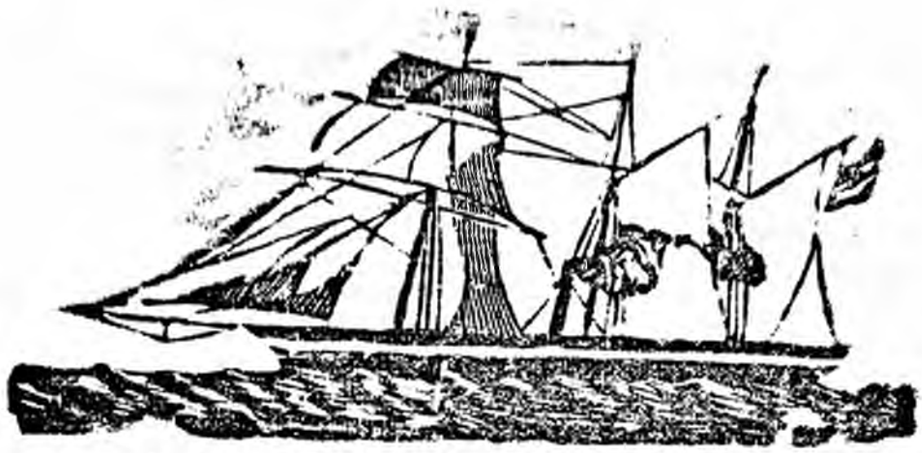
Ora *nonoroques*!

ANNUNCIO

Quem quizer vender pistons mediante um calote, procure ao musico Sr. do *Porfirio*, que se encarrega destas negociações.

O victima.

Typ de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 17 DE MAIO DE 1867. SERIE 21.ª—N. 204

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 ori es, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. F lha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de maio de 1867.

Officio ao Exm. Sr. Arcebispo, pedindo lhe que lance olhos providenciaes para o regimem da sua egreja archiepiscopal, que não é bom.

Dão-se nella constantemente subtracções de objectos, devido isso, talvez, á alluvião de *intimos*, que tem alli entrada; e, o que mais é, que muitos desses factos ficam sepultados no segredo, sem que cheguem ao conhecimento de S. Ex.

Entre outros, aponta-se a S Ex. os seguintes: no dia de S. Marcos, foi subtilmente *escamoteada* uma stolla de cima do bofete na sachristia; no dia da procissão de S. Francisco Xavier foram roubadas dez tochas; além de muitos outros factos, eguaes a esses, que se tem dado; por tanto espera-se que S. Ex., como zeloso chefe da egreja, procure empregar meios, que coarctem taes escandalos.

—Mirem-se os conductores de presos neste espelho, para ao depois não se verem em apertos:

Ao *Diario* de S. Paulo communicam: «Um criminoso de morte, conduzido por uma escolta da cidade de Mogy-mirim para a de Jundiahy, para evadir se, lembrou-se do seguinte expediente: puchou da algibeira um masso de cigarros, offereceu-os aos guardas que o conduziam; estes não desconfiando da offerta generosa do criminoso, **fumaram** os bons cigarros, e momentos depois cahiam victimas de um narcotico; o criminoso, aproveitando-se desta circumstancia e ajudado por alguem, que o acompanhava, quebrou os ferros que o prendiam e evadiu-se.»

—Em todos os paizes as senhoras entram nos mercados para comprar e são respeitadas e acatadas porque nelles ha moralidade e civilisaçao.

Na nossa terra, qual a senhora que se animaria a entrar n'um mercado, principalmente n'um açougue?

—Os açougues de nossa terra tem o que se lhe digam.

—Nos açougues não se respeita ninguem, usa-se da linguagem mais desenfreada, dos termos mais asperos e insolentes, das chufas mais grosseiras, para com quem vae comprar, principalmente, si o comprador é mulher.

—Parece-me que é uma das obrigações dos fiscaes manter a ordem e fazer respeitar o decoro publico.

—Si se reclama porque um peso

é cheio de ossos, ou a carne é de pessimo logar, a resposta é um chuveiro de ditos insultuosos e offensivos.

Ainda um dia destes um cortador da Baixa dos Sapateiros divertia se em publicamente lançar as allusões mais degradantes sobre um nome respeitavel, emquanto uma escrava da casa comprava carne.

No dia 15 uma senhora, que por ser pobre não perde o direito a que lhe tributem o respeito devido, entrou n'um talho a Baixa dos Sapateiros para comprar e reclamando ao cortador por causa de um pessimo contra-peso, foi sem nenhuma consideração á sua qualidade e edade, maltractada com os gestos e palavras mais incivis e injuriosas, que se podem dirigir a uma senhora.

—E depois que acabam a vendagem o que não praticam nas portas dos talhos!

—Os Srs fiscaes já que não podem obstar ao roubo nos pesos, ao menos podiam prevenir semelhantes desacatos, inda que fosse com bons termos.

—Todos os dias dão-se sinistros originados pelo descuido dos boleeiros.

Na noite de 14 foi um menino morto na Preguiça pelas rodas d'um carro do Sr Abreu.

—As vezes não é culpa dos boleeiros: ha meninos da pelle do capeta, cujo gosto é atravessarem pela frente dos carros e n'um descuido qualquer, topeçam e o pobre do boleeiro não tem culpa.

—Hontem, um carro da companhia de Vehiculos encarapitou se no passeio da Baixa dos Sapateiros e levou diante de si tudo quanto foi caixinha de doce, gamellas de rolette, etc., maltratando algumas pessoas.

—Emquanto em nossa terra andar tudo á revelia, hão de se dar destas e outras.

—Que horror não infundiria em outras epochas, si se dissesse que um impio penetrando ousadamente no tabernaculo da Immaculada Virgem sacrilegamente subira ante seu throno e com mãos impuras arrancara-lhe da Sacrosanta Cabeça a resplandecente Corôa para ir empenhar em uma immunda taverna!

Todos cobririam o rosto horrorisados!

Hoje porem não; este facto passa como uma phase sediça da vida desta sociedade corrupta.

E nem ao menos o Sr. arcebispo dá a menor consideração á tão escandaloso caso!

Apenas algum Sr. conego, mais por livrar-se de compromettimentos do que por moralidade da religião de que é ministro, se lembrará de dar os 15$rs e de mandar buscar a corôa em segredo, para amanhan gritar que é mentira da folha, como ja disse quando foi esbofeteado um menino do coro na capella do Sacramento.

E depois dirão—deve-se acabar com o *Alabama*, por que falla da vida privada das familias.

Remorsos de um jogador.

Santo Deus! que acerba dôr
Voraz meu peito inflamma,
Tenho medo, tenho horror...
Succumbo á infernal chamma,
Attendei meu Pae querido,
A este pranto sentido,
De um filho compungido
Que, na agonia, vos chama.

Será possivel meu Deus! que um só erro seja sufficiente para fazer recahir sobre minha cabeça a vossa colera divina!

Um anjo guiou minha infancia, seus carinhos suavisavam minhas dores, seus sorrisos espargiam-me alegria, suas crenças eram as minhas e sua alma, embebida junto á minha, formava um só corpo; a fatalidade, porem, antepoz se á minha ventura; a parca, esse horror dos vivos, veiu ceifar-lhe a existencia. Então louco de dor á custo resisti ao funesto golpe que quasi me levou á sepultura; oh! feliz me considerava si assim acontecesse, porque mil presagios me sepultaram n'um abysmo de dôr e de saudades.

Chorei, chorei, porem debalde. O

anjo do exterminio tinha riscado do numero dos viventes, tinha-se apagado a lampada da existencia, e sua alma subiu á mansão dos justos.

Orphão de pae e mão, mendiguei sorrisos e carinhos, que me fizessem esquecer esse anjo de bondade, que tinha para sempre perdido. Lutei, lutei muito antes de conseguir o que tanto anhelava; a sua imagem acompanhava-me por toda parte, e, quando entregava-me aos meus delirios, eu a via entre nuvens de ouro, dizer-me esse ultimo adeus... humedeciam-se-me os cilios, fechavam se-me as palpebras e o pranto corria.

Um pouco alliviado da dor intensa que me atormentava, busquei na sociedade um refugio ao meu padecimento; não tive porem uma mão protectora, que guiasse meus passos; adolescente ainda, atirei-me a esse mar procelloso das paixões, impassivel recebi os embates das ondas furiosas, que me impelliam aos gosos mundanos, estraguei a mocidade, cortei minha carreira e perdi meu futuro; entreguei-me com furor ao vicio e á ociosidade, desprezei as crenças que me alimentavam e me continham da contagiosa seita dos libertinos; com o sorriso do cynico, caminhei com passos agigantados para o precipicio, que, com aspecto hediondo, abria os braços para me submergir; incauto que fui! precipitei-me nelle sem ver a minha ruina; embebido nos deboches, entreguei-me de uma vez ao vicio, tornando-me logo um assassino, tornando-me um jogador!... Nem uma voz amiga eu tive que me bradasse — suspende!

Só, e absolutamente só, via em torno de mim o cynismo profanar minhas idéas e censurar meus pensamentos.

A sociedade jaz immersa na embriaguez do esquecimento de seus mais humanos deveres; a mocidade tem impetos inaccessiveis para o vicio e a descrença, a honra, é uma chimera, a virtude uma banalidade e o vicio um dever; eis as doces illusões a que se entregam os adeptos do progresso e da civilisação.

Fui assim induzido a seguir esse caminho tecido de venenosos e occultos espinhos, e, com o semblante abatido e olhar de um sicario, mendigava o pão aqui e acolá, e quando se aproximava a noute escura e tenebrosa, buscava com anxiedade as estradas, e, algumas vezes, as casas isoladas, e ahi com o bacamarte em punho procurava arrancar a vida do meu semelhante; não porque tivesse sede de vingança ou quizesse tragar seu sangue, porem sim porque precisava dar expansão ao meu vicio, precisava de dinheiro, oh! dinheiro para correr á mesa do jogador; como de facto, depois de ter, qual leão faminto arrastado a minha victima para os lugares desconhecidos, corria como louco, corria a unir me aos malvados jogadores; eram então para mim estes momentos os mais felizes de minha vida, esqueciame de tudo e até de minha pobre mãe; essa, que outr'ora, com o sorriso nos labios, apontava-me o caminho da honra e da virtude.

A noute já se tinha prolongado bastante, soava no sino meia noute, um silencio profundo reinava junto de mim e por mais que fizesse para conciliar o somno, sentia a imaginação presa a um ponto d'onde a não podia tirar; um nevoeiro espesso que me cerrava as palpebras, evaporou-se como por encanto, e vendo que não me era possivel conciliar o somno, levantei-me, tomado de remorsos, dei largos passos pelo quarto, sem que podesse obter um resultado favoravel; sentei-me a uma cadeira e recostei-me a uma pequena mesa, que me serve de secretaria.

Dizer o tempo que permaneci immovel nesse logar, me é inteiramente impossivel, porque mesmo ignoro; o que sei é que um turbilhão de idéas me fluctuavam na mente, sem que podesse dar expansão ao meu espirito, submergido nesta prostração moral, nem sequer tinha faculdade de pensar.

Ha momentos na vida do homem que a morte seria o melhor lenitivo para o nosso mal.

Depois, como que surprendido, apertei as mãos sobre a fronte escandecida

e recitei as seguintes poesias, escriptas em noutes de remorsos:

. . . . . .

Fui outr'ora filho amado,
Ja tive crença, e amor;
Tão isolado hoje vivo,
Sou um malvado jogador.

Quando busco nas esquinas
Mitigar immensa dor;
Vejo o rico, vejo o pobre
Apontar o jogador.

Quando á noute, o somno quero
De fraqueza conciliar,
Uma voz medonha e rouca
Me vem logo despertar.

Nesse leito amaldiçoado,
Não deves nunca encostar,
Tua cama é feita de chammas
Quer Satanaz te tragar.

Quando á noute, pela estrada
Vou nas areias pisando,
Vejo sempre negra sombra
Com sorriso me apontando.

Ha momentos que levanta
Sobre mim grosso bastão,
Me sacode a negra fronte
Me apontando o duro chão.

Até mesmo a mariposa
Hoje quer de mim zombar,
Me persegue noute e dia,
Me persegue sem parar.

A coruja, que medonha
Na campa vae se assentar,
Se sacode, se espaneja,
Quando ali me vê passar.

Uma voz sumida e rouca
Vem sempre comigo estar,
Corre, corre amaldiçoado,
Corre, corre, vae jogar.

E a brisa quando passa
Pelos montes a soprar,
Deixa ouvir um echo surdo,
Vae, miseravel, jogar.

Quando cheio de remorsos,
N'um templo vou-me ajoelhar,
Todo de negro, um fantasma
Vem com horror me tocar.

* * *

A PEDIDO.

Sr. Redactor.—Lendo em sua folha uma publicação chamando a attenção de S. Ex. Revma. para uma coróa de Nossa Senhora da Conceição, venerada na cathedral, empenhada por 15$rs na venda Progresso da Sé, não se entende ist com o proprietario deste estabelecimento, nem com o actual caixeiro. Bahia 15 de maio de 1867.

De V. &

Joaquim Marques Moreira.

Si não foi o *actual* caixeiro da venda Progresso da Sè, o qual está nella ha poucos dias, quem empenhou a coróa de Nossa Senhora, foi o caixeiro que sahiu, irmão do *actual*.

A R.

Vestido á *Santa Ritta*,
Todas ás noites um vulto,
Ou vae fazer penitencia
Ou vae render algum *culto*,

Não sei si é espalhafato,
Ou *culto* de *coração*,
Pois que se apraz em fazer
Na *rua* sua *oração*.

VARIEDADE.

Pregava-se um sermão que desfazia em lagrimas todo o auditorio. Só um sugeito mostrava a maior insensibilidade. Perguntaram-lhe a causa.

—E' muito simples: eu não pertenço a esta freguesia.

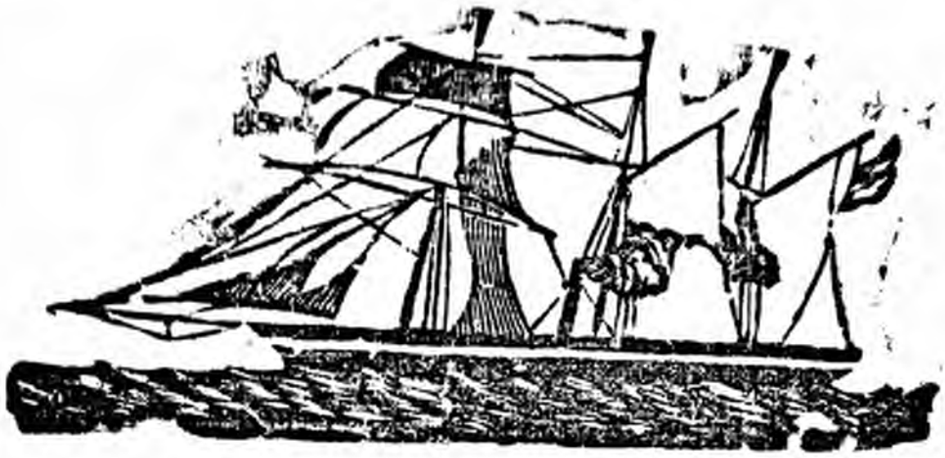
ANNUNCIOS

A pessoa que achou um masso de recibos do *Alabama*, queira entregal-o na typographia onde se imprime o mesmo, que será gratificado, si assim o exigir.

Previne-se aos Srs. assignantes que estão acostumados a pagar a Maximino Dultra d'Andrade, que não o continuem a fazer senão a elle. Bahia 16 de maio de 1867.

TABOCAS PARA FOGUETES.

Na tulha n. 48 á rua do Caquendo tem um grande sortimento, que se vende barato.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 18 DE MAIO DE 1867. SERIE 21.ª—N. 205

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de maio de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—Tendo o Sr. presidente da provincia cortado as relações officiaes com o commando deste navio. fique V. S. prevenido de que toda correspondencia tendente ao serviço publico será d'ora em diante a V. S. dirigida. Deus guarde a V. S. etc.

—Ao mesmo, levando ao seu conhecimento a inclusa representação dos forçados á galés, presos no arsenal de marinha, na qual se queixam de que o cabo encarregado da mesma os maltracta cruelmente com 50 e 60 chibatadas, prende-os 15 e 20 dias no tronco de pescoço, com tres e quatro pares de maxos aos pés e constitue-se herdeiro dos que morrem; os mencionados presos allegam que estão desprovidos de roupa e quasi nús, porque ha dez mezes receberam uma muda; quando sabe-se que já se lhes mandou dar novo semestre de roupa e que o tal cabo demora, porque assim lhe convém.

No intuito de minorar o infortunio daquelles desherdados, pede-se a S. S. que mande averiguar qual o criterio que merecem semelhantes queixas e dê as providencias.

—No dia 14 sobraram 2 arrobas e 17 libras de carne, dos talhos do Cabeça, S. Bento e Mares; desta carne distribuiu-se com as casas pias, 1 arroba e 31 libras e lançou-se ao mar 18 libras; por estar deteriorada.

Ou no dia 13 matou-se algum boi pesando 18 libras, que foi a que se deitou fora, ou muita gente comeu carne podre; isto é innegavel.

—Mas a carne podia corromper-se depois da hora da vendagem.

—Nego, porque não è em meia hora que decorre depois da vendagem, que ella apodrece.

LA VAE VERSO.

Mocinha muito devota,
E que sempre a missa vae,
E toda vez que a moda é nova
Um vestido pede ao pae;
Esta moça casar quer,
Digam lá o que quizer.

Negociante quebrado
Que diz ter muita riqueza,
Mas p'ras moças ricas olha
Com uma certa esperteza:
O tal meco quer casar
P'ra quebradeira soldar.

Moço pobre, que pelintra
Como a rica mocidade,
Sem emprego ou rendas ter,
Mora dentro da cidade:
Este moço é traficante
E não passa d'um pedante.

Homem casado de novo,
Que deixa a mulher em casa
E vae p'ra banca do jogo,
Que algibeira lhe atraza:
Este homem desgostou
Desde o dia em que casou.

Moça pobre, que do luxo
Faz a sua devoção,
Comprando tudo que vê
E tendo grande ostentação:
Esta moça *mina* tem
Que vae cavar com *alguem*.

Rapaz, que sendo caixeiro,
Luxa mais do que o patrão,
Que tem cavallo de sella,
Tem relogio e correntão,
A' burra ponham segura,
Ou mudem-lhe a fechadura.

O Professor.

A PEDIDO.

—Veja a equidade com que se destribue justiça nesta terra:

Um official, dous sargentos, um dos quaes filho do commandante e um cabo de policia, andaram em uma noite a desmantellar as casas das meretrizes.

O commandante teve conhecimento do caso, indagou e soube os nomes dos culpados; sabe o que fez?

—Si V. disser agora.

—Trancafiou no calabouço um sargento e o cabo, deixando impunes seu filho e o official!

—Então o que queria? Até elle fez muito.

—Apre, Sr. alferes! já estou cançado de esperar!

—O que quer que lhe faça, si não recebo soldo? Assim que receber venho lhe pagar.

—E com esta promessa vae o Sr. me entretendo! E' possivel que, ha tres mezes, o Sr. não receba dinheiro, tendo aquartellado *provisoriamente* e agora estando em serviço seu batalhão?

Eu não mereço que o Sr. use de subterfugios, porque lhe fiei de boa vontade e o Sr. sabe que 30$ rs. para um pobre caixeiro é alguma cousa.

—Si duvida que recebi, pergunte ao *Burgos* quando passar aqui.

—Sr. *alferes*, o Sr. é um pomadista do *oitavo* furo! Faça favor de ver meu dinheiro, si não quer que quando o *barão passe* aqui, eu diga a elle para participar a seu commandante a sua *tramoia*.

—Homem, eu venho lhe pagar.

—Pois então veja o que faz.

(*Continuação.*)

—Capitão, quem não dovo, não teme.

—Estou por isso.

—Quem tem razão em uma causa, quem conta com a justiça que lhe assiste em qualquer pleito, repousa tranquillo em seu direito, á espera da sentença dos juizes e quando esta, por qualquer aberração, é iniqua, ha o juizo

da opinião publica, que não falha, e acima de tudo isso o Olho da Providencia, que vella sobre tudo, e que um dia tomará estreitas contas aos relapsos e prevaricadores.

—Tudo isso è pura verdade.

—*Medonho*, animado com a perda ou subtracção de certos papeis de um cartorio, propoz uma acção a um homem, pae de numerosa familia, carregado de filhos, á pretexto de lhe dever este alguns contos de rs. e depois de empregar todos os meios dolosos da chicana para extorquir ao homem o que tanto lhe custou a ganhar, and', qual vil animal a rastejar aos pés dos amigos dos integros juizes para alcançar uma sentença a seu favor.

Entretanto, a victima, a quem esse monstro pretende roubar o fructo de seu trabalho, destinado á educação de seus filhos, com a consciencia calma, confiado na rectidão dos magistrados, espera desassombrado o desfecho da causa; por que, ainda quando a força dos empenhos fosse tanta, que podesse abalar os animos de juizes provectos e honrados, e arrancar lhe uma sentença menos justa, elle resignado appellará para Deus e esperará pelo dia em que a verdade appareça, porque a verdade cedo ou tarde triumpha.

V. Ex. acredita que haja neste mundo vivente, que se avilte a descer ás mais humilhantes condições, para alcançar um fim para o qual tem a razão e o direito a seu lado?

—Nunca!

—Quem está forte em seu direito, não se atira de rojo aos pés daquelles que vão decidir de uma justa causa, nem servilmente lhes vae beijar as plantas.

Porem *Medonho*, esse dragão, tudo isso pratica para ver se rouba mais esses tres ou quatro contos.

Capitão

Si esse bruto podesse,
Roubaria o mundo inteiro;
P'ra roubar, ate no inferno
Desceria elle ligeiro.

Ser tratante, ser velhaco,
Ser caloteiro e ladrão.
Para esse bruto vil
E' famosa condicção,

Ha pouco mais de um anno, falleceu em Portugal, o abastadissimo negociante Joaquim Ferreira dos Santos, conde de Ferreira e legou no seu gordo testamento, 200$ rs., em moeda fraca, a cada afilhado que tivesse no Brasil.

O endiabrado *Medonho*, que não perde vasa, formulou logo o plano de tirar proveito, fingindo-se afilhado do homem, que nunca soube si no mundo existia tal besta. Para isso andou abarbellado a forjar certidões, requerimentos, attestados etc., procurando, como é seu costume, illudir aos parochos, tabelliães, escrivães, e mais authoridades, porem desta vez sahiu com cara de cavallo, por que descobriram-lhe a traficancia e o tangeram a rufo de caixa.

—Que miseravel! a troco de 200rs.!

—Por dez mil reis é elle capaz de vender até a alma ao demonio. Não sabe o ditado que diz:

Ha homens que por dez réis
Commettem qualquer trapaça?
Pois o safado *Medonho*
Pertence a esta raça.

—Continuam os tres meninos *milagrosos*, dous filhos de certo pharmaceutico, e um seu adjuncto, a trazerem recheiadissimas as algibeiras, sustentarem relogio, andarem á cavallo, fazerem gastos de luxo, sem que se saiba de onde lhes vem o dinheiro.

E nem a policia, nem seus paes se dão ao trabalho de interrogar onde é a mina que elles estão á explorar!

Que paes modelo!

O ultimo dos taes crianços comprou, ha pouco, uma mobilia em mão do Seraphim.

—O que me parece é que os paes são conniventes e como que authorisam até certo ponto os *grilos* dos filhos.

—A vida destes meninos tem causado admiração a todos, tanto que ja são conhecidos na cidade baixa, onde andam sempre e só á policia ainda não despertaram curiosidade!

Sr. Fiscal Geral.

V. S. não gosta de molhar a palavra com uma pinga boa? Gosta, gosta; não se faça vermelho Quem é que não entorna o seu copasio, quando pode? Eu por mim, affianço-lhe que o unico consolo que tenho na terra, é ver as cousas azues, e só as vejo d'esta côr quando tenho enchugado uma meia duzia de copitos de Lisboa.

Mas, Sr. fiscal, o Lisboa está completamente adulterado, olhe que não ha mais Lisboa na terra; os Srs. tavarneiros vendem por ahi uma agua preta e suja que dizem ser vinho, porem é pêta. Os tavarneiros são muito petistas!

Ora, *nós*, que gostamos da cousa, não devemos consentir que enganem o *nosso* paladar, o nosso estomago, e, o que é mais, os nossos cobres com essas aguadas nocivas.

Eu não posso fallar contra essa desmoralisação, senão com algum parceiro; mas V. S. póde arrumar com um lembrete na policia ou a leve ahi por todas as vendas a provar vinhos e a despejar na rua o que não for vinho.

Olhe que ha de esta cidade ficar toda pintadinha e alagada; vinho não ha por ahi, affianço-lhe. Ha muita agua suja, nada mais.

N'uma ou n'outra parte existe alguma garrafita celebre; mas isso não é para o nosso bico: vinho-vinho, chucham-n'o elles; nós é vinho-agua.

Eu bebo bem d'essa zurrapa; mas, por mais que beba, ando amarello que nem gemma de ovo. V. S. tambem o enchergo meio verdinho. Olhe dantes, si era assim?! Qual! dantes um so copito punha a cara da gente vermelhinha como crista de gallo; agora tudo está mudado.

Entretanto isto pode ter remedio, a cousa está em dizer aos homens: «Isto não é vinho; bota tudo na rua e mandem vir vinho.»

Oh! si chega esse tempo; então uma nova era vae raiar para os amadores do summo da parra, que eu creio serem mais abundantes que a praga dos gafanhotos.

V. S., pois, que é devoto e interessado no negocio, ande para diante, e faça alguma cousa a respeito.

Ficar-lhe-ha grato o seu

Antonio Antunes

«—Segue diabo!

«Anda, burro dos diabos!

«Ou burro! Diabo!»

—Olhe que carroceiro damnado tem a companhia da limpeza!

Todos os dias ás 4 horas da manhan ninguem mais dorme aqui nas Portas do Carmo, com este bruto!

Quer por força que o burro entenda o que elle diz.

Safa!

Noticia Maritima.

Chegou de Devassitopolis a barcaça *Maria Raymunda*, carregada de *quifefes*, *flores brancas*, e *bostellas*; está ancorada no baixio dos Sapateiros.

Logica de um subdelegado da roça.

Attesto que o supplicante vive da lavoura em seu sitio denominado—Imbaibas, o que é tão sabido por todos, que causa admiração o duvidar-se, visto que o sitio é perto da cidade, o supplicante muito conhecido—e consequentemente, é a compra do dito escravo para a lavoura.—*Zé Fonfon.*

VARIEDADE.

Um camponio faz um dia uma jornada de 30 kilometros. No dia seguinte volta para sua casa, e diz:

—Venho pasmado! Reparei hontem na estrada que os postes da demarcação ficavam todos a minha mão esquerda, e hoje ficam-me todos á direita; não entendo.

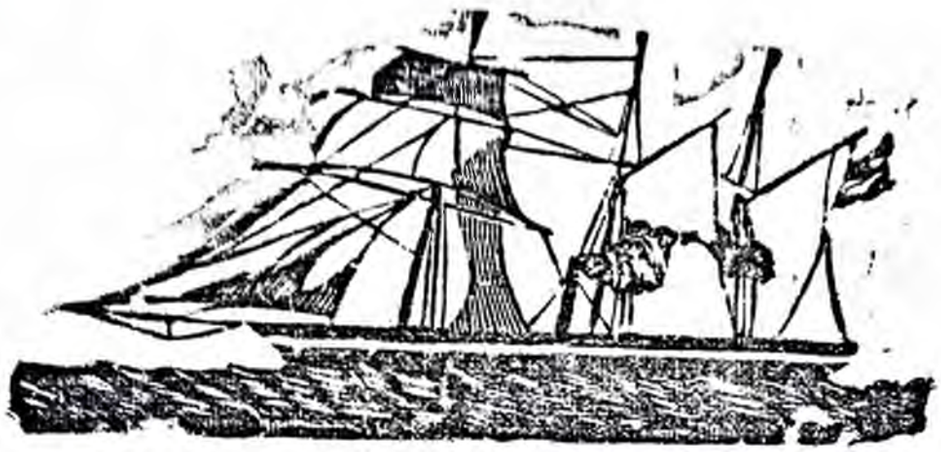
—

Certo letrado, que vivia em uma cidade da provincia, perguntou a um homem, que vinha da côrte: Que mentira se diz por lá de novo? Dizem que V. mercê è grande letrado, respondeu elle.

—

Um individuo acha na rua um cruzado novo que não tinha o peso legal. Dão-lhe por elle 430 reis. Passados tempos, encontra outra:

—Não te quero: não penses que me enganas. Ainda me lembra o outro que me fez perder meio tostão.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 21 DE MAIO DE 1867. SERIE 21.ª—N. 206

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de maio de 1867.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, pedindo lhe que mande proceder a um minucioso inventario nas alfaias, ornamentos, prata e joias, pertencentes a Cathedral; o que espera-se, afim de tapar-se a bocca a certos maledicentes.

— —

Circular.—Extranhando este commando o procedimento rigoroso e assáz vexativo, com que certos chefes de repartição tem acabrunhado e privado a respiração de muitos dos *fieis e pontuaes* empregados das repartições publicas, a ponto de não poderem gozar a sustancia de seus empregos, como desejam; ordeno que, a fim de viveremtaes cidadãos mais folgados, e terem meios proporcionados a fazerem face aos enormes gastos, que muitos teem com recreios e divertimentos, seja posta em execução a seguinte tabella, que será cumprida sem a menor alteração ou emenda, nas referidas repartições.

Deus Guarde a V. S. Bordo do *Alabama*, surto no porto de Latronopolis, 20 de maio de 1867.—*O Capitão do Alabama.*—Sr. inspector da thecouraria geral de Latronopolis.

(Do mesmo theor aos demais chefes do repartição.)

— —

Tabella

PELA QUAL OS CHEFES DAS REPARTIÇÕES DEVERÃO REGULAR AS FALTAS, QUE APPARECEREM ENTRE OS EMPREGADOS E SEUS SUBALTERNOS.

CAPITULO I.

Dos extravios de dinheiros.

Art. 1. A falta de 50$ a 100$ rs. será considerada—*pechincha.*

Art. 2. De 100$ a 500$ rs.—*especulação.*

Art. 3. De 500$ a 1:000$ rs.—*arranjo.*

Art. unico. Só poderão ser considerados furtos ou velhacadas, as faltas que forem de 2:000$ rs. para cima.

CAPITULO II.

Dos aproveitamentos.

Art. 1. Os empregados da alfandega, que forem casados com senhoras da moda, que frequentam bailes e funcções, poderão gozar dos setins e velludos, que se despacharem, do ultimo gosto, tomando cada um de cinco a dez cortes, pelo menos.

Art. 2. Os que tiverem filhos pequenos, poderão gozar dos *bonets*, sapatos pequenos e mais utensilios de creanças.

Art. 3 Os solteiros poderão tambem gozar das mesmas regalias, e no caso

do que assim lhes não convenha, receberão o equivalente da fazenda em dinheiro tirado do cofre.

CAPITULO III.

Da disposição do serviço.

Art. 1. Os empregados deverão achar-se na repartição no verão ás 10 horas da manhan, no inverno ao meio dia; á essa hora principiará o trabalho do aparo das pennas, o que durará tres quartos de hora, seguindo-se depois a leitura dos jornaes do dia: finalmente, o resto do tempo com um pa seio de refrigerio, onde comerão alguns bolinhos do moleque José para disfarçarem a fome, e fadigas do trabalho.

Art. 2 O chefe da repartição emprestará serventes ou trabalhadores para conduzirem em balaios ou caixões os generos aproveitaveis ás casas dos officiaes e mais empregados.

Art. 3. Cada empregado terá tres quartos de hora para fumar.

CAPITULO IV.

Das penas e correcções.

Art. 1. O official ou empregado que for apanhado em alguma malversação, ou abuso: pela primeira vez será castigado com a sentença de passar 2 mezes nos banhos, chacaras, ilhas, ou em alguma villa perto da cidade.

Art. 2. Faltando o empregado mais de 6 mezes á repartição, sem motivo allegado de molestia, attestado por medico, será condemnado a beber quatro sorvetes de maracujá no Vieira; e na reincidencia desta falta, as penas serão dobradas.

Ficam revogadas todas as disposições em contrario.—Está conforme.—O immediato *Lima Barboza*.

—Vejam os religiosos franciscanos como praticam a humildade e como observam o preceito de amor ao proximo, ensinado por seu seraphico mestre:

Uma pobre velha, surda, fez do solar da casa do Sr. Pedroso seu domicilio; alli vive, alli dorme, sem causar offensa a ninguem. Como a noite de 17 ameaçasse ser terribilissima, a pobre velha mudou de aposento e foi installar-se em uma das portas do convento, logar mais abrigado das intemperies. Um famulo dessa casa de Deus, veiu por ordem dos *humilissimos* religiosos prevenil-a de que sahisse: ou por a mulher ser surda, ou fosse por que fosse, continuou ella a permanecer na porta do convento; até que por cerca de 9 horas mandaram os Srs frades despejal-a dalli por um sujeito homisiado no convento por causa do recrutamento, o qual teve a deshumanidade de atiral-a com todo pezo do corpo sobre as pedras!

A pobre mulher ficou estendida sobre a calçada sem se poder levantar, e o povo, que se agglomerou, foi quem a ergueu do chão!

Não é edificante o exemplo de charidade dado por aquelles gordos pobretões

—Na vida de reclusão a que elles se votaram, não querem o contacto de mulheres; nem da parte de fora do convento está justificado o procedimento dos homens.

—Concordo; si fosse alguma mulher moça, seria tambem dalli enxotada, não para fora, mas para dentro.

—Veja a gente do partido do *ventre*, como anda de boeca aberta.

Aprecie este pedacinho e me diga que tal acha:

«.....antes da apuração da camara municipal já o Sr. Barros Pimentel havia descontado com o sogro do Sr. Antero, chefe de policia, a *ajuda de custas*, e, apesar de não haver verba, o presidente da provincia mandou pagar sob sua responsabilidade!

«Censura-se o facto em quatro pontos: 1.° haver transacção antes da apuração; 2.°, ter sido feita pelo sogro do chefe de policia; 3.°, ter o presidente mandado logo pagar sob sua responsabilidade; 4.°, afinal, e o mais serio de todos, requerer ajuda de custas um deputado que mora na côrte, como é notorio.»

—Onde encontrou V. isto?

—Na correspondencia de Sergipe para o *Parahybano*.

—Meu amigo é preciso que o paiz pague bem a quem tão bem lhe serve.

—Aqui está outro pedacinho bom:

«Em dias deste anno, deu-se um caso notavel na margem do S. Francisco, no logar denominado Itans, do termo do Porto da Folha. Algumas *heroinas*, mettidas em canôas, tomaram um ou dous recrutas que desciam do Buraco, acompanhados por uma escolta. O procedimento destas, serviu de punição geral a todas as mulheres daquelle povoado. O delegado de policia, com força prestada pelo tenente-coronel da guarda nacional, cercou todas as casas, e entregou moças, casadas, viuvas, etc., a uma nova ESPECIE DE PENAS, infligida pela gente da policia. Si fosse em outra qualquer parte, era um facto de estrondo; mas como é no infeliz Sergipe.....»

—Que cousa! e que tempo, em que a honra das familias é assim barateada!

—Capitão, um aborto da natureza

—O que é, homem de Deus?

—Um caso estupendissimo, que acabo de ler no *Constitucional*, de Ouro Preto, provincia de Minas.

—Diga lá.

—Pois ouça:

«*Porco-gente.*—Uma porca da fazenda do Sr. capitão Altino Silvino de Lima e Mello, na comarca de Juiz de Fora, acaba de parir cinco porquinhos dos quaes um com o rosto humano. O nariz, os olhos, a orelha esquerda, a maxilla inferior, a fronte são perfeitamente humanas. Ao nascer esse monstro vagia como creança: viveu perto de 24 horas e talvez vivesse até hoje, si por horror não o tivessem segregado dos outros porquinhos, não consentindo-se que mamasse.

«Presentemente acha-se elle conservado em alcool na pharmacia do capitão Bernardo Marianno Halfeld, na rua Direita da mesma cidade, onde tem sido examinado por muitas pessoas.

«Garantimos a veracidade desta noticia»

—Os porcos já nascem com cara de gente!..... Que progresso! que progresso! E não se diga que a situação é dos *cevados*!

Extracto de uma carta datada do rio Paraguay.

«Suppõe-se que o ataque será breve, o que duvido.

«Aqui estamos luctando com dois flagellos: a guerra e a peste, que está grassando, principalmente no segundo corpo do exercito, com bastante força; na marinha os casos têem sido raros.

«Creio que este flagello veiu para pôr termo a esta guerra, por quanto elle tambem grassa com força no acampamento paraguayo, segundo têem dito alguns transfugas.

«Não se tem tomado medida alguma para debellal-o apezar de já se ter apresentado muitas ao chefe do estado-maior, que não as põe em pratica, segundo diz, por *não ter autorisação para despezas extraordinarias!*»

Os taverneiros.

Os taverneiros!...Oh que gentinha! Esta passaralhada, pertence a familia dos rapinorios.

Fallando em geral, e tiradas as devidas excepções, uma porção d'elles é uma sucia de ratos, que furtam por varias formas: na qualidade do genero, no preço, e no peso ou medida; as tavernas, essas são as ratoeiras de apanhar furtos! Alli vão parar as colheres furtadas pelos escravos, os relogios surripiados, os livros, as garrafas vazias, e quanta casta ha de ladroeira, que para isso elles abrem as portas de madrugada á espera dos negros freguezes. A policia devia prohibir que as tavernas se abrissem antes das seis horas da manhan, e a noite as oito deviam estar fechadas, porque assim tambem se tirava o proveito de vender-se menos aguardente para os bebados, e por conseguinte menos desordens haveria.

E queixam-se injustamente do tempo, dizendo que não fazem negocio, porque o tempo está mau; é falso, maus estão elles, que estão corrompidos por uma sordida e desmarcada ambição; maus estão elles, e faltos de probidade, que, armando um prejuizo fantastico, apresentam-se *quebrados* da noite para o dia, só com o fim de metterem dinhei-

ro em si e não pagarem aos credores, e depois, d'ahi ha pouco tempo, descaradamente tornando a abrir venda, em nome de *um qualquer*, e a negociar com os cobres, que esconderam!

Ainda ha pouco certo especulandrifico conhecido pelo *Arranca Orelhas*, sendo simples caixeiro, teve uma questão judicial, onde gastou para mais de 5:000$ rs.

Deu uma viagem o *bento* homem e de volta veiu abrir um ostentoso e surtido armazem em Latronopolis.

Ha taverneiros, que amaziam-se com escravas de casas ricas para dahi tirarem proveito.

E que bons bocados não desfructam elles!.....

Que tenros franguinhos não chupam!

Quem for amante das bellezas azevichadas deve andar de olho aberto e ter muito cuidado com o taverneiro, por que elle é finissimo para pregar um *mono*.

O SONHO.

Os sonhos, geralmente ditos, são umas representações imaginarias, que apparecem durante o tempo em que dormimos; porém são representações tão bem formadas, que nos persuadimos de que estamos em realidade e não se sabe com certeza onde se forma o sonho. Dizem uns que é na cabeça, outros dizem que tem parte com o estomago ou barriga em geral, porque observa-se que quando se usa de certas comidas, apparecem sonhos differentes dos usuaes: outros dizem que o sonho consta de visagens que forma o Deus Morpheu, e asneiras que a Noite começa a dizer quando elle está bebado; pois, segundo consta dos livros velhos, elle éra um formidavel chupista.

O certo é que ha sonhos bons e máus e de varias côres; entre elles os mais conhecidos são os vermelhos, os pretos, os azues, e dourados, côr de gemma de ôvo, a saber: sonhos vermelhos tem os malvados com os remorsos do que praticam, por causa dos damnos que crescem, a consciencia os accusa e o juizo lhes apresenta vistas vermelhas côr do fogo; sonhos pretos tem as viuvas, que judiaram com os maridos em quanto elles viveram, e tem tambem os medrosos de defuntos; sonhos azues tem as pessoas ciumentas quando fazem pouca confidencia do objecto de seu amor; sonhos côr de ouro, ou os tacs de gemma de ôvo, tem os namorados, que dormindo se lhes figura na imaginação estar correndo pelos beiços uma fonte daquelle doce chamado baba de moça. O sonho é uma scena fantasmagorica quando se representa no grande theatro da imaginação, onde o pensamento é o artista no palco e a escuridão dos olhos fechados faz o scenario; quando o tal theatro aprezenta tragedias, horrorisa; porque vemos tudo perfeitamente, mas tambem quando elle apresenta comedias ou scenas alegres, é o regalo dos pobres, é o consolo dos infelizes. E quantas vezes temos nós sonhos de riqueza, bom casamento etc., etc ; porem no melhor da festa acorda a gente e de repente foge Morpheu, abrem-se os olhos da verdade, conhece-se o engano, e fica a bocca sabendo a ferros velhos; o unico meio para evitar que appareçam máus sonhos emquanto se dorme, é pendurar a noite uma rolha de cortiça no pescosso enfiada em um arame fino de latão.

A PEDIDO.

—O proprietario da cocheira Bahiana?

—Aqui estou.

—E' o Sr?

—Sim, Sr.

—Como é que o Sr. tolera que em sua casa um insolente gallego esbofeteie a um pobre menino, e deixa ficar impune semelhante desafro?

—Não soube disto.

—Pois o Sr. não soube que no dia 15 o gallego Galha esbofeteiou a um seu caixeiro?

—Não Sr.

—Não se faça de rola; pois si até o Sr. louvou a brutal acção do ilheu?

O Sr. não vê que aquelle machacaz procedendo tão descortez e insolitamente lhe faltou com o respeito devido

maltractando dentro de sua casa a um empregado seu?

— Peço desculpa a V. Ex.

—O Sr. não merecia desculpa; porem emfim vá. No emtanto, mande para bordo esse gallego para lhe mandar dar o que merece.

—Vou já cumprir as ordens de V. Ex.

Sr. Redactor.—Lendo no *Alabama* a noticia de que uma senhora fora desacatada em um talho; para que semelhante noticia não fique incompleta, queira declarar que o insolente aggressor foi o cortador do talho n. 13 C á Baixa dos Sapateiros. *Quem viu.*

A montureira da rua da Valla continua, o empresario da limpeza está recebendo o pagamento do governo e diz que está fazendo favor ao governo, as aguas estão estagnadas na montureira e a empresa não dá providencia.

P. L.

—Muxingueiro, vae á rua das Castanhas metter a taca na cara daquelle adamado rufião, antigo amigo do Fr. C., que tem o desaforo de passar por uma rua, onde ha uma senhora casada, digna do respeito em todos os assumptos e por-se a olhar para ella e torcer as pucumans, a que ello dá o nome de barbas, e depois põe-se na esquina em pe a fazer artes de macaco.

—Quantas vezes em sua vida não terá elle virado macaco!

—Da-lhe de rijo e si elle por algum accaso *celeste* tiver o *tino* de se esconder n'alguma *matta*, procura-o e dá-lhe para diante para esse bigorrilha emendar-se.

—Ahi vou, meu capitão; eu ha muito que andava secco por dar uma experimenta nesse bisborria.

VARIEDADE.

A perdida.

Quem tiver filhas honestas
Não zombe das desgraçadas,
Porque as filhas do infortunio
Tambem nasceram honradas.

* * *

Da desgraça, zombando da perdida,
Si vós fosteis as serpes peçonhentas
Que em vicio e lôdo lh'envolveste a vida?

Reparae, suas faces macilentas
Foram qual roza em virginal botão;
E hoje pendida, envergonhada e morcha,
E' ré d'um crime que não tem perdão.

Eil-a de andrajos mal cobrindo o corpo,
O corpo putrido em carnal peccado!
E arrependida, adoentada, implóra
Perdão do vicio, que quer ver lavado.

Perdão implora a tresmalhada ovelha,
Que crente ouvira—qual da mãe querida,
Um silvo falso por balar cuidoso,
Canto fingido de sereia infida!

Casta e sem mancha, sua pura c'roa
Sentiu mover-se;—trepidou, tremeu...
E uma aura falsa, co'o soprar do crime,
Traidora, infidenne, golpes mil lhe deu!

Trocou a casta, virginal pureza,
Por gozo stoico de um surrir de amores;
Voou ao gozo da carnal vertigem,
Achou na crapula perennaes fulgores.

Fruiu gostoza da paixão insana,
Crente nas juras de um amante infido:
Trocou, incauta, os paternaes carinhos
Por falsas crenças de um amor fingido!

Trocou os santos, innocentes brincos
De casta virgem, por devassos beijos;
Té que esse infame, que arrastou-a ao crime
Entediou-se de infernaes desejos!

E eil-a, coitada!... na paixão immensa
Ao ver dos braços lhe voar o amante!...
E o seu consolo foi chorar, soffrer...
E um pranto amargo derramar constante!

Depois, postrada, da miseria as garras
Calcou-lhe a vida, lhe roubou o alento;
E a infeliz pelo soffrer curvada,
Vendeu seu corpo p'ra buscar sustento.

Então, seu corpo foi um vil mercado...
Vendeu seus beijos a quem mais lhe deu!
E a flor de outr'ora, tão viçosa e bella,
Perdeu as cores, para o chão pendeu!

. . . . . .
. . . . . .

E o mundo ingrato, a sociedade emfim
Zombando ri da barregan vendida!
Sem reparar que d'entre si sahira,
Tão pura virgem, que se vê perdida.

M. A. Jardim.

---

fallecidos mancebos, porque rides,

NOVO THESOURO DOMESTICO DE RECEITAS INFALLIVEIS.

Para tirar nodoas de azeite e outras substancias.

Esfregue-se bem esfregada a nodoa com boa agua de Colonia, e depois com uma thesoura corte-se a figura que forma a nodoa, a qual desapparecerá infallivelmente ao mesmo tempo que a figura.

Para não acalcanhar os botins.

Use-se unicamente de sapatos.

Para enriquecer em poucos dias.

Nas ante-vesperas de andar a roda á loteria, vai-se á casa do um vendedor de bilhetes e escolhe-se aquelle em que tem de sahir a sorte grande.

Para se aprender o francez em 24 horas.

Aprenda-se em cada hora a vigesima quarta parte da lingua franceza.

N. B. Esta regra é applicavel á toda e qualquer outra lingua.

Para conservar fresca a carne durante a estação calmosa.

Deixam-se vivos os bois, carneiros, porcos, etc.

Para se não perderem livros que se emprestam.

Exige-se como penhor o triplo do que vale cada livro: desta maneira nunca se perderá um só.

Unico meio de escapar a calumnia

Tenha o individuo todos os vicios e defeitos possiveis, torne-s o mais perverso e o mais desprezivel dos homens, e pode ficar certo de que não será *calumniado:*

COUSAS FACEIS E DIFFICEIS.

A cousa mais facil que ha, é pedir votos para ser deputado geral.

A cousa mais dificil é ser escolhido na immensidade dos pretendentes.

A cousa mais facil que ha, é pedir um emprego.

A cousa difficil è alcançal-o.

A cousa mais facil que ha, é ser captivo por uma mulher.

A cousa mais difficil é captival-a sem dispendio.

A cousa mais facil que ha, é achar-se bons amigos.

A cousa mais difficil é, encontrar-se um verdadeiro.

A cousa mais facil, é achar-se convite para ir em qualquer reunião.

A cousa mais difficil é encontrar-se par para a 1.ª e 2.ª contradanças.

A cousa mais facil é ser mãe.

A cousa mais difficil é o filho reconhecer e pagar quanto deve a ella.

A cousa mais facil è pronunciar o nome de amigo.

A cousa mais difficil é encontral-o.

A cousa mais facil que ha é ter amigos e consideração, havendo dinheiro.

A mais difficil è possuir amigos, consideração, e respeito, e faltar o sobredito.

A cousa mais facil, é fazer contrabandos.

A mais difficil, è passal-os pela alfandega.

A cousa mais facil è seduzir uma moça.

A mais difficil é cumprir com o seu dever

ANNUNCIOS

Afora-se bons terrenos para edificação, na rua denominada do Laranjal, por detraz da capella do Senhor Bom Jesus dos Milagres, na estrada do Matatú; quem pretender entenda-se com o Sr. Casimiro Coelho Sampaio, no principio da ladeira da Peeira, por cima da loja de barbeiro.

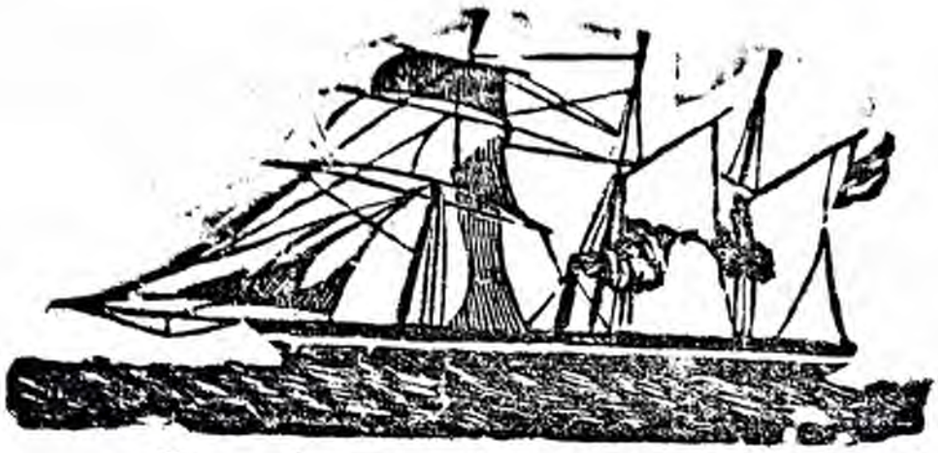
Bacellar concerta com toda perfeição orgãos e pianos. Pode ser procurado ao becco do Açouguinho n.º 41.

Vende-se um bonito cavallo muito bom de sella, e um cavallinho para menino muito bom de passo legitimo, ambos muito novos; quem os pretender procure no corpo Santo casa nº 49, 2º andar.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n. 9 B; ou na Saude, rua do Jogo do Lourenço n. 199, vende-se bom café moido puro, á 400 rs. a libra.

Os herdeiros do finado José Ricardo de Santa Anna vendem tres frentes de casas em terreno proprio, sitas á rua nova do Queimado. Quem pretender dirija-se a esta typographia, que se lhe indicará a possoa encarregada de fazer esta venda.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 23 DE MAIO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 207

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de maio de 1867.

Officio ao Exm. Sr. conselheiro director dos estudos, pedindo lhe que informe si o director do collegio S. Salvador tem as habilitações exigidas pelo regulamento organico para leccionar primeiras lettras.

—Ao Sr. Abreu, emprezario de carros, prevenindo-lhe que as suas gondolas não podem continuar a ficar á noite depositadas na rua, porque servem-se dellas para fins libidinosos individuos de diversos sexos.

—Voluntarios da patria a 40 rs. Chega! Chega!

—Olé! um voluntario por 40 rs.! Nada mais barato. Agora o governo pode mandar uns vinte batalhões acabar com o Lopez.

—V. perdeu a cachola, homem?

—Ahi está um sujeito a bradar—Voluntarios da patria a 40 rs.

—E' um portuguezito, que quer chacotear-nos; vendo o desprezo com que são tratados os voluntarios da patria, quer equiparal-os a uma condição ridicula, chrismou aos pães de dous vintens que vende com o nome de voluntarios da patria e anda a berrar pelas ruas para acudirem os compradores, a quem em galhofa explica o negocio.

—Ora essa! não sabia.

—Então saiba.

—Era bem bom que elle achasse quem lhe desse o troco, para não se metter a gaiato, cassuando com um nome que em todo caso deve infundir consideração.

—Vejam que tal é a qualidade de carne, que dão ao povo para comer, que hontem logo pela manham encontrou o fiscal em diversos talhos da Baixa dos Sapateiros quasi toda ella podre.

Meu amigo depois do favor que nos fez o Sr. Leão Velloso, nunca mais comeu-se carne boa, nem barata.

—Favor fez elle, mas eu sei a quem.

—E agora o Sr. Dr. Moura, deu-lhe na *pancada* de crear mais um emprego de 600 bicos em Alagoinhas

—Aquillo é para algum afilhado do circulo.

—Desabou um pedaço do muro das freiras.

—Foi bom ser para o lado de dentro. Si aquella Babylonia tomba para rua, la se iam as casas em frente e qualquer vivente que por ahi passasse na occasião.

—Publicou-se a *America*.

—Defende com vehemencia a administração do Sr. Ferreira de Moura.

—E acho lhe razão, a vista da seguinte confissão que ella propria faz:

«S. Ex. *o que quer* é a *nossa* prosperidade.

«*Havemos prosperar* e não tardará.

«Somos adeptos a sua escola.»

—Si é assim.....Mas, eu creio que ha gente mais bonita, para quem S. Ex. olha.

O INVERNO E O VERÃO.

Ora lá vae a historia do inverno e verão:

Logo depois de creado o mundo, considerando Deus que a multiplicação dos viventes e das obras ia crescendo muito, mandou cá para a terra um homem calvo, chamado Tempo, armado de um grande cutéllo, e quando lhe deu as ordens disse:—Vae tomar conta do mundo, cumprindo o que eu determinar; a obrigação é de ires cortando tudo quanto for crescendo no mundo. A proporção que forem apparecendo cousas novas, vae cortando e destruindo as outras para não ficar o mundo entupido; levarás como teu meirinho esta mulher magra chamada Morte.

Ora o Sr Tempo por ser intromettido namorou-se com uma moça gorda chamada Athmosphera, com ella casou-se na matriz do Anno, sendo padrinhos o Sr. Seculo, e madrinha a Sr. D. Estação: daquelle casamento nasceram dous filhos, um muito galante de olhos vivos, genio activo, cabellos louros, corpo gentil e muito engraçado, e este foi baptisado com o nome de Verão; o outro muito feio, corcovado, potroso, olhos tristes, muito medroso, escondendo-se pelos cantos, e doente das ourinas a tal ponto que leva a mijar chuva semanas inteiras; ainda assim Deus por ser muito amigo dos homens, concedeu que este mesmo mijão fosse util a sociedade, e permittio que as mijadas lançadas sobre a terra fizessem crescer as plantas, reverdecer os prados, etc. etc..porém os homens tem tornado o Sr. Inverno muito peior e mais incommodo, como passo a mostrar e é o motivo porque escrevi este artigo que bem pode servir de advertir aos Srs. vereadores da camara as providencias que devem dar para não chegar o povo desta amavel cidade a ponto de não poder sahir no tempo de inverno, e de morrer afogado em lama. Em primeiro logar deveriam fazer uma postura prohibindo estas bicas dos telhados que despejam as aguas do alto, obrigando os proprietarios a terem canudos dos lados que conduzissem até abaixo; que assim passariam os caminhantes sem os jorros de agua que vem dos sobrados. Em segundo lugar deviam em cada rua ter um encarregado de dar esgoto ás aguas, em quanto se não fazem canos geraes. Muito melhor seria que certas gazetinhas gritadeiras antes tratassem disto que é sem duvida mais util a todos, do que quererem sustentar partidos, homens que são meras nullidades pela sua diminuta importancia, porque nada são, nem pelo caracter, nem pela sciencia, e nem pela bolça, por conseguinte o que são? Gritadores que se regozijam em crear inimigos, atrapalhadores que desejam ver barulho para irmos de mal a peior, porque claro é que sem prudencia, muito soccgo e toda attenção, nada se pode conseguir de melhoramento, principalmente nesta infeliz provincia, que a guerra actual a tem feito retrogadar, causando-lhe tantos prejuizos phisicos e moraes.

Podendo-se dizer em conclusão que, si houvessem providencias, não seria o inverno tão penoso, principalmente aos pobres, e a tristeza que soffremos da escuridão dos dias chuvosos, em que a companhia do gaz se apraz em lograr a população, ficava compensada com o fresco e produção que traz o inverno, assim não soffressemos as lamas e bicas dos telhados como a pouco descrevi.

Para remate deste artigo, vão estes versinhos sobre o inverno:

O inverno é cousa boa,
Que faz crescer os pepinos;
Quem casa em tempo de frio
Tem de certo mais meninos.

Si não houvesse o inverno,

Tudo morria em secura,
Agua por dentro, e por fora
Pa refresco a creatura.

Quando eu sinto em tempo frio
O beiço me resfriar,
Nos pés das moças bonitas
Dou beijos p'ra me aquentar,

Que o beijo cá do Brasil
Tem effeitos de aguardente;
Em tempo frio elle esquenta,
E refresca em tempo quente.

A PEDIDO.

—Capitão, eis uma velha raposa a quem o peso dos annos não fez diminuir a vereda do crime, trilhada desde a mais tenra edade; ouça V. Ex. a historia tenebrosa deste verdugo e depois mande-lhe applicar o castigo merecido.

Seu pae, o destinou a vida do claustro, para a qual tinha perfeita negação aquella natureza lasciva e malfazeja.

Quando se pôz rapaz, entrou para o convento do Carmello em Latronopolis e professou nessa ordem.

Ahi permaneceu alguns annos, dando logo mostras da sua indole rapineira e de seu genio pervertido, até que resolveu se a jogar espada com Santo Elias, conseguindo na lucta apoderar-se da arma e do capacete do santo. E como fosse grave sacrilegio luctar com um santo, despojando-o de suas armas, por essa razão incorreu no desagrado dos companheiros e animadversão do povo, e do chefe da egreja; resolveu-se por tanto a fugir pelo cano do convento, o que de facto fez, tendo porem a precaução de levar o que era do santo, que era tudo de metal luzente.

Fugido do convento, foi se occultar em casa do pae, que se chamava *Vidalá* e morava na rua das Bengalas. Ahi esteve por muito tempo escondido, até que poude escapulir e ir a Portugal, onde, com subterfugios, obteve breve apostolico e desfradou se; voltando depois de alguns annos, que deixou correr, para esquecer sua tratantada, introduziu-se de novo em casa do pae, que continuou a sustentar tal azemola; alem de ter gasto com suas diabruras muitos contos de réis.

E em caza do pae, começou a destruir os bens do velho, até que este desesperado arranjou-lhe a capellania de um engenho do *campo*, para onde empurrou-se logo o tal papa-hostias. O dono desse engenho estava preso em França. Tendo elle feito uma viagem de Latronopolis a Portugal, na occasião em que Napoleão 1.º invadiu aquelle reino, foi o barco onde ia, apresado e elle feito prisioneiro. Governava o engenho a mulher do proprietario, a qual tinha uma filha.

Achou o tal coruja lindissimas tanto a mulher como a filha do pobre portuguez captivo e emprehendeu chamar tudo aquillo a si, o que com suas patranhas conseguiu, e em pouco tempo a mulher do velho portuguez era mãe de uma filha do salabardote. Pouco depois (dous mezes pouco mais ou menos) elle mudou de posição e arranjou em sua enteada um filho, e assim proclamou-se senhor absoluto daquello castello.

Começou a reinar ciume da mãe com a filha por cauza do papa-hostia e ello para sanar a discordia veiu á cidade e conduziu com um irmão unico que tinha, que n'aquella semana ia entrar para um convento benedictino e casou-o

com a menina a quem tinha deshonrado e que já era mãe de um filho seu.

(*Continua.*)

— Sr. *Valete de copas* estou na sua.

— Varro.

— Varrer te hade o muxingueiro a safada cara com a taca.

—Sem eu merecer, capitão?

—Quem mais merece do que tu, cousa nojenta e asquerosa, creatura sem pudor, ente degenerado, jogador de profissão, gamador eterno, ladrão até de teus proprios parentes, escamoteador da fortuna alheia, desencaminhador da mocidade inexperiente, harpya que arrancas o pão da boca das familias, arrastando seus chefes a irem incautamente te entregar o fructo de seu trabalho, devasso sem egual, desmesurado insolente!

—Nada disso tenho eu, capitão, sou brando como cera, liso como velludo, macio como lan, honesto como freira, compadecido como uma irman de charidade.

—E's um rapina, que a milhares de jovens tem despojado e perdido. Quantos infelizes tem abandonado seus estudos e se abysmado no lodaçal do vicio, arrastados por ti, hyena damnada? quantas infamias e torpezas não tem sido commettidas por tua causa, creatura sinistra, afim de se adquirir dinheiro para tu comeres? quantos, arrastados por ti, serpente infernal, não tem, illudidos, na tua banca deixado o que herdaram? quantas esperanças não tem murchado ao halito de teu sopro empestado, bandido sem coração?

Muitos, que hoje vergam ao peso da miseria e da ignominia, nunca saberiam o que era jogo, si tu não os encaminhasses ao trilho desse horendo vicio e não os depenasses com as tuas cartas viciadas e dados preparados, no que és o mais insigne ladrão de quantos abundam em Latronopolis.

—Capitão, convida-se um homem para uma partida, porem não se lhe põe faca aos peitos para jogar.

—Tu e teus infames comparsas estão adextrados na maneira de illudir, e de atirar os incautos no despenhadeiro do mal.

A tua quadrilha anda a indagar onde ha quem tenha dinheiro, que possa perder e uma vez conhecido algum nas condições de encher as vorazes entranhas de taes salteadores, empregam elles meios que o infeliz não se pode desviar e cahe por força nas garras desses dragões, dos quaes és chefe.

(*Continúa.*)

VARIEDADE.

Premio de fidelidade.—Andando um negro da Jamaica a varrer, encontrou uma moeda de prata, que foi entregar ao seu senhor. Disse-lhe este:—*Guarda-a para ti, em premio de tua fidelidade.*

Pouco tempo depois, tendo o senhor perdido uma carteira com bastante ouro, e procurando-a inutilmente por toda a casa lembrou-se de perguntar ao negro se tinha visto.

—*Sim meu senhor*, respondeu elle, *guardei a para mim em premio da minha fidelidade de outro dia.*

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA.

Lima—em 15 dias, brigue *Teso*, cap. *Antonio*, passageiros os Srs. Antonio Devasso, José Crapuloso e Fernandes Tratantão; carga—probidade avariada, honradez polluida, honestidade decomposta, bebedeiras de primeira sorte, malcreações desmesuradas, sentimentos pervertidos, sisudez rançosa e vergonha embaciada.

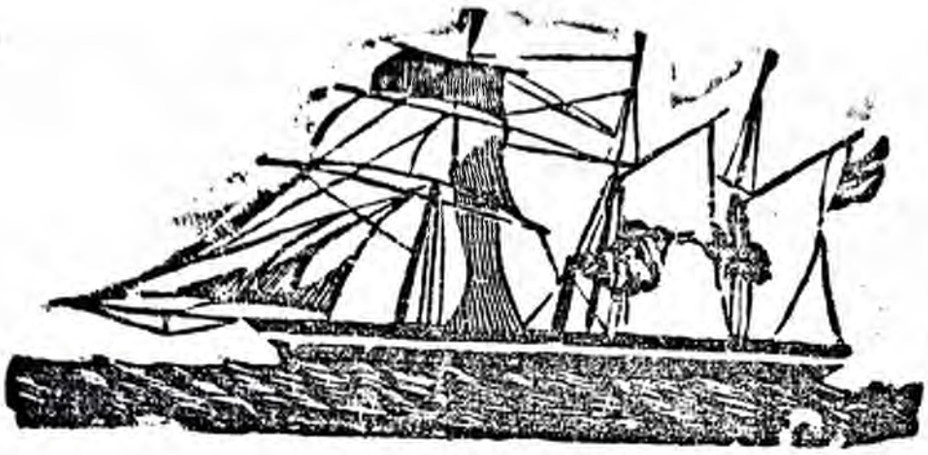
ANNUNCIOS

A pessoa que achou um masso de recibos do *Alabama*, queira entregal-o na typographia, onde se imprime o mesmo, que sera gratificado, si assim o exigir.

Previne-se aos Srs. assignantes que estão acostumados a pagar a Maximino Dultra d'Andrade, que não o continuem a fazer senão a elle. Bahia 16 de maio de 1867.

TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48 á rua do Caquende tem um grande sortimento, que se vende barato.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 25 DE MAIO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 208

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de maio de 1867.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que, em companhia do muxingueiro, vá dispersar um grupo de vadios e sevandijas, que se ajunta todos os dias na venda do Bento José Alves, ao becco do Jogo, nas Mercês, para d'alli offender a moralidade publica, com indecencias e palavras feias; devendo conduzir ao Sr. Dr. chefe de policia aquelles que sejam aptos para o exercito ou marinha. Cumpra.

— Ora entenda-se là semelhante diabo de embrulhada!

—Vejamos com que vae V. sahir-se.

—E' que um voluntario da patria volta do sul baleado e chegando a côrte procura fallar ao imperador para pedir-lhe, que lhe mande pagar *quinze mezes* de soldo, que lhe estão à dever.

Depois de muitos obstaculos, consegue um dia fallar a S. M. e faz a sua supplica: a resposta imperial é que— *« de soldo não se deve nada ao exercito; « o dinheiro está lá no campo mesmo « para pagar-se a tropa.»*

Ora, si o dinheiro está no campo, porque diabo veiu o homem sem seu soldo?

— No *campo* não creio, ha de estar no *bolso* de alguem.

—Vendo baldado seus passos, o voluntario vae retirar-se da *augusta presença*, quando o imperador lhe diz— *« nas vesperas de ir para sua provincia « appareça cá.»*

O homem com o coração cheio de esperança, assim o faz; e então a munificencia imperial manda lhe dar *dez mil reis* e carimba-lhe no verso da sua baixa o seguinte—LEVA DE ESMOLA dez mil réis—*F....*

—Pungente ironia!

A um bravo da patria, que inutilisou-se para sempre no serviço della, atira-se a migalha de dez mil reis, e imprime-se lhe na fronte o ferrete humilhante de mendigo, quando elle é credor vinte vezes mais dessa quantia.

—Grandes são as irmans de charidade!

—Sublimes, lho chamo eu.

—Na oppressão, não duvido.

A charidade que affectam é mentida; a santidade que inculcam é hypocrita,

— Eu para mim as tenho como symbolo : a humildade e paciencia

—Si a charidade consiste em tyrannisar os infelizes, em maltractar aos

desemparados da sorte, eu concordo; si ao contrario, não são mais do que crueis verdugos daquelles que por infelicidade lhe são subordinados.

—Isto é despeito.

—Quer que lhe tape a boca?

—Si for capaz....

—Ha mais de 8 dias, que no pavimento terreo do hospital, n'um humido, immundo e escuro quarto, habitação dos ratos, estão presas, á jejum de pão e agua, duas moç s, recolhidas da Santa Casa, por ordem das evangelicas filhas de S. Vicente de Paula.

—E o Sr. provedor, que tantas provas tem dado de um coração humanitario, consente tão violenta barbaridade?

—Não sei. Essas infelizes são do numero de sete que foram para alli mandadas, quando acabaram com o recolhimento. Tiradas para o serviço particular das castas Sras., servem como escravas: lavam, engomam, fazem despejo, etc ; por uma simples falta, por darem uma risada, quando fallavam ás virtuosas irmans, foram condemnadas a aquelle atroz castigo.

Estão por ventura, as irmans de charidade authorisadas a attentar tão insolitamente contra a liberdade individual, quando as leis do paiz prohibem-no?

Pois essas estrangeiras, que passam vida regalada e milagrosa, devem proceder assim tão descommunalmente contra duas castas e indefezas virgens, prendendo-as n'uma infecta masmorra, como si fossem duas faccinorosas?

—E' chamar-se a attenção do Sr. Dr. chefe de policia em auxilio das desamparadas moças; elle que vá com a sua authoridade arrancal-as aquelle duro martyrio.

—Ainda que haja quem leve ao conhecimento delle semelhante abuso, o que fará?

—Assim queira elle.

—Abusos sobre abusos; é o que se vê nesta Latronopolis.

Além das loterias já serem um roubo authorisado que se faz ao povo, ainda mais a ladroeira dos vendedores de bilhetes em extorquirem do publico um cambio exagerado na vendagem.

Usurpam os taes sangue-sugas em cada bilhete que vendem 500 rs; em cada terço 200 rs.! E' um roubo crasissimo.

—Porem note, meu rapaz, que bilhete não é genero de primeira necessidade; quem compra, é por que pode.

—Mas V. não sabe que a loteria, como todos os mais jogos, attrahe, e que o desejo de ganhar influe, dando azo a que os taes especuladores se aproveitem para tirar o sangue do pobre artista, que, na esperança de melhorar sua critica condição faz sacrificios, as vezes penosos, para comprar um bilhete?

Eu intendo que logo que a lei fixa o preço de certo genero, vendel-o por mais é uma infracção; e o Sr. delegado que mama uma grossa gorgeta na loteria, devia intervir em semelhante rapinagem.

—Tomara o Sr. delegado tempo para outras cousas.

—Cada real que essas harpyas arrancam do pobre, será uma barra de ferro ardente que o diabo lhes prespegará no ás de copas no outro mundo.

—Ora, V. ainda è deste tempo!....

Que se importam os homens com o outro mundo, com tanto que ganhem ca...

—O que não presta, deita-se fora.

—Estou por isso.

—Si a camara municipal, para sua vergonha, ha de conservar a fonte de Santo Antonio no estado de porcaria em que se acha, seria melhor mandar entulhal-a.

—Isto é o que ella não faz, que não está para fazer despezas.

—Neste tempo, em que a cada momento, se espera a terrivel visita do cholera, é um deleixo sem qualificação, é uma inercia indesculpavel da camara aquelle foco pestilencial no centro da população.

—Isso é cousa de pouca monta; adoece, quem tem de adoecer e morre aquelle cuja hora é chegada.

—Não basta que o matadouro pu-

blico esteja a infeccionar aquella localidade, exhalando permanentemente um nauseabundo e pestifero cheiro; é preciso ainda que a camara concorra para tornal-a mais insalubre, deixando culposamente a fonte reduzida a um immundo charco de podridão.

Parece que com pouca despeza se transformaria aquelle deposito de lodo e immundicia n'um bello chafariz.

—A sua idéa é boa; mas não ha quem a queira aproveitar.

—Ahi está um espelho, onde todos podem mirar a civilisação desta terra. No largo da matriz de Santo Antonio, hoje domingo, na occasião em que o povo entra para a missa, inclusive o subdelegado, uma sucia immensa aferrada no barbaro divertimento da briga de gallos, bem defronte do templo!

Que se ha de fazer? A policia é tão longe d'aqui? não pode saber disto.

A PEDIDO.

—Muxingueiro.

—Prompto.

—Vae dizer a certo indiviuo, que costuma *render culto* a uma santa de carne e osso, na rua onde se faz *orações*, ao pé do preto Arabonan, que deita galos a brigar, que seja mais recatado na sua devoção e não faça aquille tão ás cancaras, por que pode dar na vista dos garotos, e elle levar uma enxurrada de assovios pelo menos.

O cortador do talho n. 13 C na Baixa dos Sapateiros, abaixo assignado, pede ao author da publicação assignada—*Quem viu*—que declare qual foi a mulher que elle insultou e apresente provas; sob pena de não ser acreditado. Bahia 22 de maio de 1867.

Desiderio Velloso Machado.

« —Baralhe!

« —Não baralho.

« —Porque não baralha?

« —Porque tenho nove.

« —Eu não como disso V. cobriu o massête.

« —Como se cobre o massête com as cartas *serradas* assim?

V. perdeu bem perdido.

« —Não perdi.

« —Eu lhe mostro.

« —Pois *devo*. Agora venha me tirar do bolso, si é capaz.

« —Eu lhe mostro, si tomo ou não; patife!

« —Não *entre*. sinão furo.

—Ora vejam só; principiaram aquelles quatro soldados tão pacificamente a jogar, alli atraz da muralha da Casa de prisão e acabam em bayonetadas.

—Um creio que é cabo.

—Quanto é hoje do mez?

—12.

—Ah! elles estão com dinheiro fresco do soldo, por isso brigam; querem ganhar um do outro.

(*Continuação.*)

—Desta maneira arranjou este aza preta as cousas, ficando *tudo em caza*.

Accommodou o irmão com a moça a quem tinha prostituido e reservou para si a matrona.

E' verdade, que de vez em quando *deitava cinza no olho* do irmão, o qual por viver ás suas sôpas *resignava-se*.

Transformada assim a casa do velho portuguez em *rosquilha* de marmota,

na qual o coroado fazia do *cresce monte*.....

—Falle-me em termos claros, porque não entendo de giria.

—Digo que esse coroca, typo da impureza, metarmophoseou a casa do velho em uma especie de harem, da qual era elle o *gran-senhor*.

Primeiro *escravisou* a mãe, passou a filha e depois á Feliciana, não escapando dos brinquedos cupidineos as escravas.

—Quem era a Feliciana?

—Uma irman da dona da casa, que vivia em sua companhia; mulher dos seus trinta e cinco e que até alli tinha se conservado.

—Bem.

—Desfructando em *paz serena*, na mais lata extensão da palavra, de tudo o que era do laborioso portuguez, vivia este cangalho, locupletando-se dos bens que com tanto trabalho tinham sido adquiridos, quando a Sra. D. *Catanea* recebeu de seu marido uma carta participando-lhe a sua breve chegada, pois que os francezes tinham sido expulsos de Portugal e as cousas tornavam ao seu antigo estado.

V. Ex. sabe que os entes dissolutos e pervertidos são covardes por natureza; por isso não se admirará quando souber que o padre *Janico*, quando viu a carta do Sr. do engenho, ficasse atterradissimo.

—Faça pausa ahi. Então este esqueleto ambulante chama-se *Janico*?

—E' verdade; a folhinha marcou-lhe o nome de *Nepomuceno*, porem mudaram.

—Continue.

—Padre *Janico*, receioso de que o proprietario o viesse pegar na gamada, tratou de empurrar-se. Arrumou o que poude e raspou-se do engenho, conduzindo a filhinha.

N'um bello dia, em que o pae deste rufião não esperava, viu entrar-lhe pela casa a dentro, elle, a filha, o irmão, a mulher do irmão e o filho do que este figurava de pae ou *testa-dura*.

O velho Vidalá compungiu-se daquelle amalgama de bandalheiras e contristou-se tanto de ver o hediondo proceder de padre *Janico* e o cynismo do outro filho prestando-se a carregar uma trouxa, cuja fazenda já tinha sido deixada por outro como *avariada*, acção degradante, a que o vulgo chama tapar buraco, que adoeceu gravemente.

(*Continua.*)

VARIEDADE.

COUSAS FACEIS E DIFFICEIS.

A cousa mais facil, è rir.
A mais difficil è estar sizudo.
A mais facil é ser descarado
A mais difficil è ter vergonha
A mais facil, é ter desejos.
A mais difficil, é vel-os cumpridos.
A mais facil, é tra luzir qualquer obra.
A mais dfficil, é entender o sentido do autor.

—

A cousa que ha de maior difficuldade:
E' achar alfaiate que falle a verdade.
E a mais facil que nos consome;
E' alfaiate que a custa do visinho come!
A cousa mais difficil de se achar
E' urubú que não goste de carniça.
E a mais facil de se encontrar,
E' um alfaiate emblema de preguiça.
A cousa mais difficil, p'ra quem vergonha ten:
E' encher a barriga sem gastar vintem.
E o que è muito facil e comesinho;
E' encher a pança à custa de um pobre visinho.

ANNUNCIOS

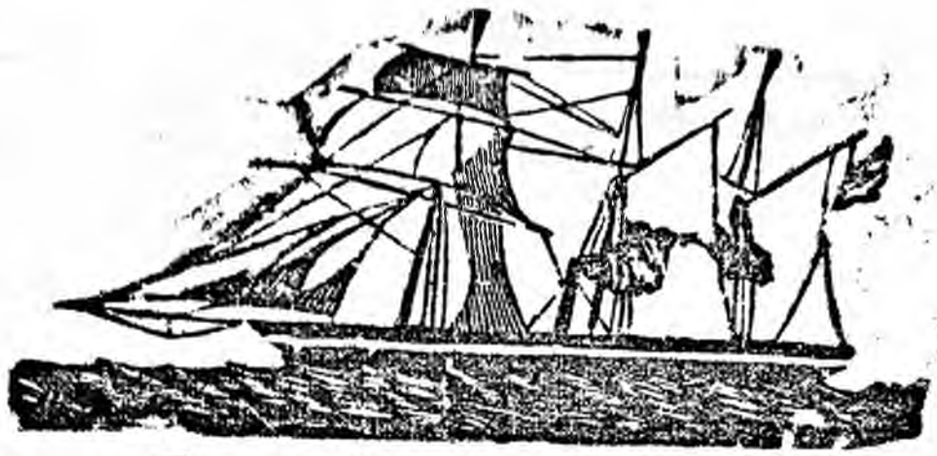
A pessoa que achou um masso de recibos do *Alabama*, queira entregal-o na typographia, onde se imprime o mesmo, que será gratificado, si assim o exigir.

Previne-se aos Srs. assignantes que estão acostumados a pagar a Maximino Daltra d'Andrade, que não o continuem a fazer senão a elle. Bahia 16 de maio de 1867.

Bacellar concerta com toda perfeição orgãos e pianos. Pode ser procurado ao becco do Açouguinho n.° 41.

TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48 á rua do Caquendo tem um grande sortimento, que vende barato.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 28 DE MAIO DE 1867. SERIE 21.ª—N. 2 9

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Al ibama* 27 de maio de 1867.

Officio ao Sr. encarregado do aceio da cidade, pedindo-lhe que mande um dos seus carroceiros até a travessa do becco do Ferrão, remover o lixo, que alli ha, para o deposito competente.

—Ha novidade na Praça?

—Não.

—Tanto povo agglomerado nos arcos da cadeia!

—E' a filhinha de uma dessas infelizes, que acompanham os maridos recrutados, que está alli a expirar nos braços da afflicta mãe.

—Grande Deus! Até quando estará este miserrimo povo sugeito a tão dura oppressão?

—A policia até deu para mentir, alem de tantas baldas que já tem.

—Si vem com recriminações, procure quem lhe assista.

—Estou apenas admirando a stulta leviandade com que ella manda publicar o seguinte:

«*Extracto da parte do dia* 23.—A disposição da policia, foi preso Ignacio Alves da Purificação, pardo, de 40 annos de edade, ferreiro, *para ter* conveniente destino.»

Ha cousa tão feia como mentir?

Ignacio Alves, foi preso em virtude de uma desordem que teve n'um botequim, desordem que abalou toda guarda de palacio e uma força de policia e na qual deram-se ferimentos, estando o referido Ignacio com um processo aberto e affiançado.

No emtanto a policia publica que mandou pegar o homem para soldado!

Quem authorisou a policia a dar destino a um individuo, que está sob a acção da justiça?

—Faz favor de empinar-se? Eu tenho alguma cousa que a policia prenda ou solte a quem quizer?

—Não sei a quem me deva dirigir á respeito.

—Do que?

—Da carne mandada para as casas pias e que, depois, anda-se vendendo em gamellas.

—Petas ollas!

—Affiança-lhe, e quando quizer lhe provarei com as pessoas, a quem se a tem offerecido. Tambem não sei quem seja o author desta *trapisonga*; o que sei é que da carne distribuida vende-se em gamellas particularmente e que isso é um roubo que se faz á propriedade alheia.

—Como isso é cousa que não se pode providenciar, deixe correr.

—A providencia, é cortar o abuso dos especuladores, que vão ou mandam seus famulos ás portarias tomar carne sem serem mendigos.

—Capitão, a rua do Tingui está n'um estado verdadeiramente deploravel. De dia, é preciso andar-se nella com cuidado e à noite é intransitavel.

—Quantas vezes tem V. me massado com as barrancas da rua do Tingui!

—Pois, si não ha quem dê providencias!

Quem geme è por que tem dor; si eu não tivesse diversas vezes dado com as ventas naquelle tremedal, não me queixaria.

—O remedio é facil, mude de caminho.

—Como, si por infelicidade moro nella?

—Pois tome um conselho: quando encontrar algum vereador agarre-o pelo braço e o obrigue a passar pelos taes altos e baixos, que a rua será concertada logo.

—N sta não caio eu, que vou á Correcção e a rua fica no mesmo.

—Então empurre-se.

—Capitão, consta-me que os batalhões, que aquartelaram no domingo 26, só terão direito ao soldo do 1° de junho em diante.

—Já me disseram isso.

—Mas isso é uma crueldade! O que comem esses homens durante o espaço de seis dias?

—Não sei; os cofres estão exhaustos e a guarnição da cidade não ha de ficar acephala.

—Neste caso, o Sr. Moura e a sucia de empregados, que o rodeiam, que deem de seus grossos ordenados, sem grave prejuizo dos pobres guardas e de suas familias.

—Acho bom; é mais um acto sublime para o *Debate* e a *America* registrar em suas *douradas* columnas!

— Capitão, sinto intima alegria sempre que vejo se dizer que um baliano praticou uma acção nobre.

Tal é o sentimento de que possui-me, quando li no supplemento do *Jornal do Commercio* do dia 10 o seguinte:

«*Porto-Alegre*, 1 *de maio de* 1867. —Regressou para a cidade do Rio Grande, depois de haver desempenhado a missão humanitaria, que o trouxe até nós, o distincto medico Dr. Camará.

«Tendo alli sua residencia e numerosa clinica, onde devidamente è apreciado, por sua intelligencia e trato affavel, o Dr. Camará, recebendo noticia do desenvolvimento do cholera na capital, para aqui partiu, e poz-se á disposição da presidencia.

«Ha endo crescido numero de medicos nesta cidade, o Dr. Camará seguiu para a de S. Leopoldo, onde se manifestara o cholera, e alli se conservou emquanto a epidemia não decresceu.

«Tal procedimento já é, por si só, digno dos maiores elogios, porem mais notavel se torna, por haver o distincto medico feito todas essas viagens, prestando soccorros aos enfermos, que, visitou, sem receber um vintem do Estado ou dos particulares.»

. . . . . .

(Carta particular.)

—As obras da praça de D. Izabel proseguem u'uma pasmaceira admiravel.

Pelo geito, creio que ellas são do numero das obras de Santa Engracia.

Estão trabalhando a um par de mezes e a obra parece encantada; não mostra nada do que se tem feito. Parece que tudo está no mesmo sem tirar nem pôr.

—Não ha pressa: o negocio vae de vagar e entoado.

Um dia destes, por accaso entrei lá e encontrei dous feitores, dous serventes, um sujeito, de pá na mão, contemplando os astros e um outro trepado n'um andai-me a escavacar a muralha.

—Neste andar, creio que a guerra do Paraguay se acaba primeiro.

A PEDIDO.

—Falleceu a 25 do corrente ás 7 horas da noite o alferes Mattos, do corpo

de policia: contava 24 annos de serviço, sua vida militar foi exemplar, subordinado e cumpridor de seus deveres, acabou sem recompensa do governo, seus serviços foram sempre preteridos, porque a afilhadagem não dá logar a se remunerar serviços.

Ainda o corpo jazia em casa, já os pretendentes apostavam cerveja de qual seria o nomeado; na praça de Palacio houve murros.

Pobre terra! desgraçada crise!...

O Valete de Copas—natural das **Caldas.**

(Continuação.)

—*Valete de Copas*, a vida de um homem desmoralisado e impudico, como tu, na sociedade, é para ella o mesmo que um cão damnado; este, onde passa e deixa sua espuma virulenta, lança a enfermidade; tu, com o exemplo de tuas desregradas acções, plantas a desordem, a impudicicia e a devassidão.

Si ha inferno, o inferno se encerra em ti, creatura hedionda.

Fostes gerado ao influxo de Satanaz e o Averno cuspiu-te ao mundo para tentares as creaturas.

Dotado de um coração frio como gelo; com teu sorriso de serpente; com essa natureza moldada no cadinho dos embustes; com os olhos animados de uma apparente virtude; tendo n'alma sempre fechada a hypocrisia e com a perfeição de teus artificios, consegues fazer crer que tens um coração humano, quando ao contrario, sentes delicias com as dores dos outros, Caim da humanidade; porque somente quando o imprevidente pae de familia ou o inexperiente moço acabam de perder o ultimo real, é que sentes essa alma polluida ennebriada de satanico prazer, pois que o fructo de seu suor cahiu em tuas garras.

Os teus gosos crapulosos, o teu passar luxurioso, a tua vida debochada, a tua magnificencia depravada, são adquiridas á custa da miseria dos outros; o dinheiro, que ganhas em tua banca, vae nodoado da maldição das mães, das pragas das esposas, das lagrimas dos filhos, que choram com fome.

Quantas vezes, emquanto engolphado nas tuas orgias, cercado dos teus indignos consocios, saborcas o espumante champagne, muitas dessas infelizes creaturas não se estorcem nas vascas da fome, porque tu desapiedadamente saqueastes os bolços daquelles, que lhes deviam levar o necessario.....

A maldição do Altissimo peza sobre ti, creatura nefanda, origem de innumeras desgraças.

Pelas noites de amargura da insomnia, que tens feito passar tantas esposas desventuradas, á espera de seus maridos, emquanto elles, illudidos por ti, engolpham-se descuidados na banca do jogo; pelas lagrimas de sangue, que tens feito derramar, será teu destino um dia não poderes dormir; á noite te negará o repouso, que espalha no firmamento e o dia terá para ti um sol cujo fim desejarás com ancia; invocarás a morte e ella te repudiará; andarás errante e vagabundo, sem encontrar socego e todos fugirão de ti como de um objecto immundo e desprezivel.

Sei que as minhas palavras nenhum abalo te causam, porque a linguagem propria a usar-se comtigo, é um possante relho, nessa cara disforme e repulsiva.

Pois bem: terás relho á valer em quanto os braços do muxingueiro não entorpecerem.

Porem antes, escuta as paginas de tua denegrida vida coberta de latrocinios e malversações.

(*Continúa.*)

—O governador fez de improviso uma visita.

—Onde?

—Ao quartel de permanentes.

—Encontrou tudo em seu logar, provavelmente.

—Menos o Corta-pescoço, que andava no alteio.

—Isso não é novo.

—Perguntou si o commandante ia todos os dias.

—Disseram que não?

—Disseram que sim.

O official do estado quiz capoar seu chefe e disse que elle era assiduo.

—Pois eu, si la estivesse, havia de dizer que elle deixa dous e tres dias de comparecer, e quando vae é sempre ao meio dia; assigna um mappa, uns dous officios, da quatro berros, faz meia duzia de malcreações, as duas horas empina-se e no fim do mez recebe o soldo.

—E' assim?

—Tal qual.

—Está bem bom....gosto disso...

—Irra!

E' um na porta, outro no ferrolho.

A menina quando envelhecer, tem o que contar de sua mocidade.

—Que menina é?

—Uma que mora na rua em que se faz *orações*, ao pé do Arabanan.

Dá a *trela* a um Adonis das 4 ás 6 da tarde e logo das 8 ás 10 vem outro render lhe o posto.

—Não adiantou idéa.

O que ha de fazer uma moça, si não namorar, até achar um peixinho que caia na rede?

—Concordo; porem as cousas podem se fazer com mais cautella; e não é agora o *pavernas*, sem o menor escrupulo, pôr-se a dar piparotes na sua beldade, bater-lhe com o lenço nas faces e outras cousitas; isto em pleno dia e praticado da rua é feio.

—Lá isso, o desfructavel é elle.

Pede-se ao agente Evaristo, que vá a uma tasca por *Cima* do *Maciel* e intime a certo brutaço, para que quando estiver jogando ou embriagado não perturbe o silencio com palavradas e gritos, feito animal, porque do contrario contarei tudo ao *Vieira*, parente do *Alves*, e morador em S. *José*.

VARIEDADE.

LADAINHA

DAS MOÇAS CASAMENTEIRAS.

S. Raymundo,
Casa-se todo mundo;
S. Bartholomeu
Que vos fiz eu?
S. Severo,
Casar-me tambem quero;
S. Benedicto,
Com um moço bem bonito;
S. Odorico,
Que seja muito rico;
S. Roberto,
Que seja bem esperto;
S. Ivo,
Que seja sempre vivo
S. Ezequiel,
Que seja-me fiel;
S. Vicente,
Que seja diligente;
S. Conrado,
Que seja muito honrado
S. Eleuterio,
Que seja muito serio;
S. Hilario,
Que não seja vario;
S. Estanislau,
Que nunca seja mau;
S. Agostinho,
Que me ame com carinho;
Santa Felicidade,
Que faça-me a vontade;
S. Henrique,
Feliz com elle fique;
S. Gonçalo,
Que eu juro sempre amal-o;
S. Clemente,
Casae-me brevemente;
Santa Theodora,
Que seja mesmo agora!

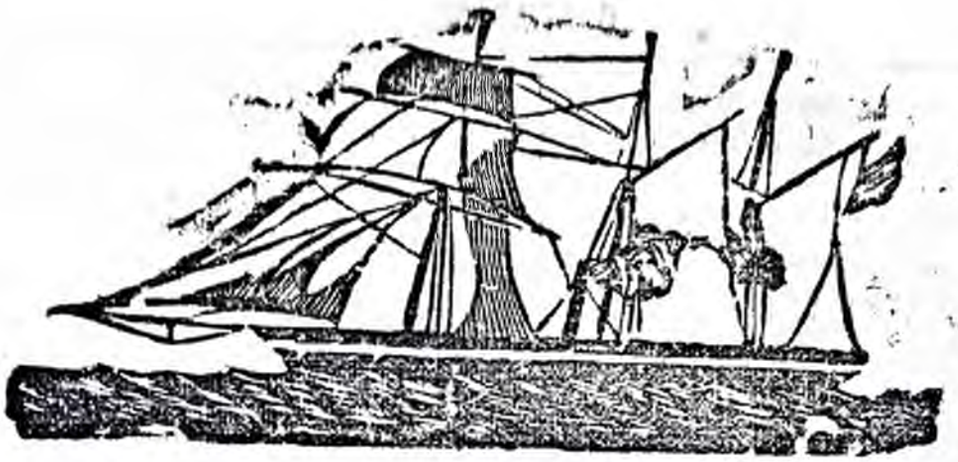
ANNUNCIOS

Nesta typographya compram-se os seguintes numeros do *Alabama*:—81, 82, 137 e 143 do anno de 1866.—161, 162 e 193 de 1867.

Na venda n°. 1, ao Xixi, ha um completo sortimento de tabocas, que se vendem mais barato que em outra qualquer parte.

Vende-se uma casa terrea com bons commodos, sita na rua do Castro Neves, e trata-se com Cassiano Augusto de Lima, no trapiche do Xixi ou na rua do Tijolo.

Bacellar concerta com toda perfeição orgãos e pianos. Pode ser procurado ao becco do Açouguinho n.° 41.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 30 DE MAIO DE 1867. SERIE 2.ª —N. 210

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros ,ou 2$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de maio de 1867.

Officio ao Illm. Sr. superintendente do Matadouro publico.—Prohibindo a guarda dessa repartição que o postilhão do *Interesse Publico* possa ahi entrar e sendo esse individuo entregador tambem do *Alabama*, pede-se a S. S. que sirva-se de dar suas ordens para que tenha elle ingresso, quando for destribuir a referida folha, uma vez que não é rasoavel que pague o justo pelo peccador; e para obviar duvidas, no dia da distribuição do *Alabama*, levará o mencionado postilhão em logar de chapeu, um *navio* de papel, o qual elle encostará sobre a cabeça de S. S., para assim ser conhecido. Espera-se que S. S. attenderá a tão justo pedido.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que va mulctar o vendelhão da quina de D. José para o Saldanha, que todas as noites despeja do sobrado por cima da venda aguas podres, dando por mais de uma vez banhos anti-aromaticos em quem por alli passa. Cumpra.

—Não sei entender como é isto! Vejo a carne por um preço nos jornaes e quando mando comprar sempre me vem mais cara.

—Estrategia dos cortadores.

—Como?

—Ora essa! Pois V. ignora?

No dia em que a carne é mais barata, deitam na porta a papeleta do dia em que ella foi mais cara e vendem por esse preço.

Os compradores, em sua totalidade, são escravos que não sabem ler e gente ignorante que não especula estas cousas.

Outros, contando com a *benemerencia* dos agentes municipaes não deitam a papeleta e depois dizem que se esqueceram; e assim ficam com um vintem ou dous mais em cada libra, alem do que roubam no peso.

—E eu a julgar que era *grilo* do comprador! Decididamente sou um paspalhão.

—Aspirante!

—Prompto.

—E' preciso acabar com uma pandega de corticeiras, que ha defronte da propria repartição da policia.

—Em que logar, capitão?

—No lado da rua da Oração, onde ha uma tal *Meia noite* e outras. De dia essas *baiuqueiras* portam-se soffrivelmente, porem á noite, fora do horas,

soltam as redeas á depravação e nem se lembram de que estão defronte da policia.

—Eu lá vou, capitão.

OS ALFAIATES.

No tempo presente, quando o luxo tem chegado a um ponto tão crescido, quando as modas variam e renovam como as folhas das arvores, e que a tolice dos *petit-maitres* tem elevado o feitio de uma casaca quasi ao preço porque se compra um moleque, o officio de alfaiate é muito bom, e leva o mestre de tenda a figurar, ter creados e andar até de lacaio e cadeira atraz de si, muitas vezes mais acciado do que muito commendador ricasso e barão de grossos cabedaes.

Quando se vê pois um alfaiate assim casquilho, bello é o officio que dá para tanto, verdade seja que alguns ajuntam aos lucros d'agulha os rendimentos de seus fundos secretos, porem o certo é que a tesoura em acção e *os calculos no gabinete* levam aos mestres de tenda a apresentarem e fazerem uma bonita figura por estas ruas.

Todo alfaite, com bem poucas excepções, tem as pernas finas, de as terem passadas uma por cima das outras quando estão cosendo na tenda e mais facil será encontrar um alfaiate sem nariz, do que sem um pedaço de linha no cabello ou pegado pela roupa.

Tambem a maior parte dos alfaiates são prosistas. Não quero fallar d'essa multidão estrangeira, que não sabe o que é prosa—isto é, essa expressão e redundancia capadoçal, que só aos da terra é conhecida. Para elogiarem um panno, para gabarem uma obra, provarem que está assentada, justinha no corpo, e sem a menor ruga, que o freguez hade ser muito bem servido, e que em parte nenhuma se trabalha melhor que em sua tenda, serão capazes de empregar milheiros de palavras, e gastar manhans inteiras.

E que boneços não são os meus senhores alfaiates! Sempre apertados e figurinos. Já conheci um que para fallar com os freguezes, para tomar uma medida, e provar uma cazaca, fazia taes tregeitos, remexidos, vira-voltas, que realmente movia o riso. Era um nunca acabar de quebraduras de corpo, torcicolos e gatimanhas.

E se ha quem possa andar justo e aceiado é um alfaiate do tempo presente, pois que em dez cazacas tiradas de uma peça de panno, sempre uma lhe ha de ficar de graça. E quem não trabalha bem em si mesmo, é então inteiramente desageitado.

Os alfaiates modernos, esses meus heróes, que fazem uma revolução constante na sociedade, sem possuirem espada, catana, espingarda ou chuxo, munidos somente de agulha e thesoira, soffreram uma completa transformação com o progresso e as luzes do seculo. Antigamente entrava um freguez a tomar medida de uma cazaca, e sahia-lhe de lá o mestre da tenda em ceroulas e camizas, porque gostava de trabalhar á fresca e tomava a medida com uma tira de gazeta muito suja e nojenta: hoje, ao entrar-se n'uma tenda, vem logo de lá um figurão, e como o que não é da França não tem valia, quer seja francez, quer não, vai mettendo seu palavrorio em francez:

—Quero tomar medida de uma casaca: diz o freguez.

—Pois não é *un habit* que V. S. quer? Não é assim?

—Sim, senhor.

—*Bien, bien.*

E logo arranca de uma medida de marroquim, toda doirada e numerada e põe-se como um guarda livros de escriptorio a dictar para que outro escreva: notando-se que tudo isto se passa diante de um grande espelho, onde o freguez se está mirando á vontade. A revolução que tem havido em tudo, atacou tambem as casas de alfaiate, e fez até com que não se pendurassem mais as fazendas nas janellas, como era costume: cabides e manequins estão vestidos de cazacas e bellas vidraças guardam as fazendas.

Seja porem aqui dito, inda que alguem talvez se queira zangar—os alfaiates são victimas tristes, de tristes e

pingados *petit-maitres*, que figuram espichados pelas ruas, quando não são capazes de passar pelos logares onde ha tendas abertas, porque em todas ellas têm contas, que em todos os principios de mez promettem pagar no fim delle.

Estas e outras coisas, como sejam um dedo furado pela agulha, uma thesourada errada no panno, e uma calça perdida, que não chegou ou ficou mal feita ao freguez, são os prós e precalsos do officio.

Não fiquem porém lambendo os beiços os taes Srs. alfaiates, porque entre elles tambem ha tratantes e trapaceiros, que mangam com os freguezes, tomando-lhes os cobres adiantados e pondo-os no peito, e outros são marralheiros que nunca dão a obra para o dia que promettem.

E não ha nada que faça dar mais solemne cavaco do que mandar-se fazer uma obra para um dia certo e chegado elle achar-se em branco, depois soffrer a mangação do alfaiate dizer ao portador:

—Diga ao Sr. F. que d'aqui ha meia hora está prompto, falta só casear.

Mentira! Elle apenas alinhavou a obra.

Passada a meia hora, vae de novo o portador e elle simulando pressa responde:

—Vá dar uma volta; vou pregar botões e passar o ferro.

E assim massa o pobre freguez até que elle desenganado resolve-se a sahir com o que tem em casa.

A PEDIDO.

—Sr alferes, apezar do seu rewolver estar descarregado, não devo andar a puchal-o em toda parte.

—Não vê que é brinquedo?

—Com tudo é feio; principalmente sendo Vm. de policia, andar até por botequins mostrando.

—Está bom, Sr., eu me deixo disto.

—E' o que eu estimo, para ao depois não ver fallar em seu nome.

—E' tempo perdido fallar dos desvios e faltas da companhia do Gaz.

—Sempre è bom; para ao menos o povo saber como se exhaure o seu suor.

—Não sei como o Sr. fiscal da illuminação, com a mais pacata condescendencia, permitte que os lampeões em toda extensão do Noviciado até a Calçada e parte da freguezia de Santo Antonio sejam apagados antes das quatro horas da madrugada.

—O Sr. fiscal anda em lucubrações á noite, preparando-se para um grande *debate* e não tem tempo para essas ninharias.

—Pois eu confio no caracter zeloso delle e espero que ha de dar providencias a respeito.

—Veremos.

(*Continuação.*)

—Ia-me esquecendo de dizer a V. Ex. que este *capanga*, quando escamou-se do engenho, trouxe comsigo a Feliciana, com quem amasiou-se escandalosamente sem respeitar a casa paterna em que se achava.

Para seduzir essa pobre mulher, illudiu-a com promessas de casamento.

—Ora vá bugiar! Essa senhora era tão simples, que ignorava que os padres não casam?

—Padre *Janico* tinha treitas para tudo, capitão.

contra paes desnaturados,
que não creem no meu amor.

Na melhor forma em direito
si for *preciso* e *cumprir*,
descerei ao articulado,
pois mui longe tenho d'ir.

1.°—*Prova á* ter pela filha,
um amor que ninguem tem;
muito embora digam sel-a
pobre, feia, sem vintem.

tanto que.....

2.°—*Provará* que ha dias quiz
já com ella me casar,
mas a mài, que é impertinente,
quiz primeiro experimentar.

e p'ra isso.....

3.°—*Provará* que tem me feito
passar vida de cachorro:
me faz figas, dá-me tapas,
chineladas, si não corro

até que.....

4.°—*Provará* que inda outro dia,
p'ra maior judiação,
me mostrou futuro genro
n'um retrato de cartão.

e com isso.....

5.°—*Provará* que quasi louco
quiz no rio me atirar,
mas não fiz... pois que temia
inda em cima constipar.

e além disso.....

6.°—*Provará* que o pai tambem
refinado maganão,
quando sabe... dá risadas,
faz caretas... que ratão!!!

Nestes termos.....

Pedimos que seja a cuja
no grau medio condemnada,
já que nenhuma aggravante
pode aqui ser apontada

e esperamos.....

Que o libello apresentado,
onde amor é definido,
seja pois sit et in quantum
Por nós todos recebido.

Quanto ás custas.....

Sejam condemnados aquelles
assignantes da gazeta
que não pagam o recibo
João dos Alves Grizela,

Das testemunhas
o rol preciso,
leitor conciso
logo darei;
que, por agora,
tão foras d'hora,
inda que eu busque
nunca acharei.

A PEDIDO.

—Si me não engano, para assentar praça na policia, deve-se ter de 17 a 43 annos.

—E' verdade: assim diz o art. 2.° do Regulamento do corpo.

—E como nomearam official a um menino, que parece nem ter 15 annos?

—Eu sei lá!

—E note que elle já ganhava soldo ha muito tempo.

—Disseram-me que, quando assentou praça, era tão pequeno, que, todas as vezes que ia para casa, era levado por um soldado.

—Quanto a isso não; todo sujeito que for parente do commandante pode ter um soldado para creado.

VARIEDADE.

O LETRADO E O ALDEÃO

Ald.—Ora bons dias, Sr. doutor.

Let.—Os mesmos lhe dê Deus: então o que tem por cá?

Ald.—Por consequencia, Sr. Dr. ja que V. S. me facilita, dir-lhe-hei o que pretendo. Pois Sr. Dr., como lhe eu ia dizendo, eu queria que V. S me desse um conselho.

Let.—Eu estou prompto, vamos ao caso.

Ald.—Pois Sr. Dr , com sua licença; como lhe eu ia dizendo, è o meu caso. Eu, com licença de V. S., sou casado, com todas as formalidades que determina a nossa Santa Madre Igreja Catholica Apostolica Romana, em que creio, e em

que protesto morrer se Deus me dor vida. Percebo V, S.?

Let.—Va continuando.

Ald.—Por consequencia, Sr. Dr., como lhe ia dizendo, sou casado, e a minha mulher chama-se a Thereza do Outerinho. Ora com licença de V. S. posso assegurar-lhe que sempre me dei bem com a minha mulher, que era uma adubadoura no serviço da casa! aquillo a trabalhar, com licença de V. S., era um moinho! Porem de uma barriga que Deus lhe deu, ficou algum tanto desconcertada, com licença de V. S , isto fallando naturesamente: e o meu visinho sargião o Antonio do Repoinho, que tambem concerta ossos com licença de V. S., lhe receitou que viesse cá para a cidade para se pôr em termos habeis. Percebe V. S.?

Let.—Até ahi vou percebendo, continuo.

Ald.—Por consequencia, Sr. Dr., como lhe eu ia dizendo, a minha mulher vai se não quando, vem ca para a cidade para casa de um compadre meu, que aqui para nó , desfazendo em V. S , quer servir-se d este? (*offerecendo tabaco*) é simonte.

Let.—Não tomo.

Ald.—Queira perdoar. Como lhe eu ia dizendo, a familia do meu compadre, que mora alli para a rua de traz, e tentadica com as operas das comedias, e levaram lá a minha mulher, percebe o Sr. Dr.? pois bem: como lhe eu ia dizendo, o diabo de minha mulher aprendeu por lá não sei que diabo de doutrinas....Em fim, Sr. Dr. eu cá me entendo: a mulher avinagrou-se! percebe agora?

Let.—Nem por isso.

Ald.—Eu sou uma besta, com licença do Sr. Dr.; não estou avesado a fallar a moda ca da cidade; mas eu me explico com mais claridade. A minha mulher, os diabos a levem! perdeu a caximonia! e aqui para nós, faltou ao promettido, e encheu-me estas barbas de vergonha inclusivamente.

Let.—E então que quer que faça á isso?

Ald.—Ora essa é boa! que hei de eu querer! quero que o Sr Dr., visto ter frequentado a nobre cidade de Coimbra, onde eu ja estive aquartellado no tempo da guerra da Procincula, por signal que vi o jardim Britanico, me diga o que eu devo fazer neste caso?

Let.—Meu lavrador honrado, isso, em jurisprudencia, chama-se crime de adulterio, e as nossas leis applicam-lhe o castigo.

Ald.—Vejamos, com licença do Sr. Dr., que tal è a mecha.

Dr.—Em todos os codigos d'esde o o Penthateuco até o dia de hoje, o quebramento da fé conjugal é severamente castigado.

Ald.—Bem, Sr. Dr., gosto d'isso.

Dr.—Os judeus apedrejavam as adulteras.

Ald.—Isso, com licença do Sr. Dr., não me faz conta. Que diriam lá na minha freguezia si eu andasse ás pedradas com a minha mulher! haviam de dizer que eu estava doudo!

Dr.—Os egypcios condemnavam o adultero a levar mil açoutes, e a mulher criminosa cortavam-lhe o nariz.

Ald.—Que me diz, Sr. Dr., cortavam-lhe o nariz! Ora essa é gorda! si essa lei agora se executasse, e tivesse o effeito do retroativo, como diz o Sr. Abbade, olhe que muito nariz havia de estar em perigo! Em quanto aos açoutes, com licença do Sr. Dr., parece-me castigo de creanças, e o tal mariola que me desinquietou a mulher, ja é taludo! nada, nada; para ahi não vou eu.

Dr.—As leis de Minos mandavam que os dois criminosos fossem coroados de lan e vendidos.

Ald —Esse tal minos, quem quer que seja, não era tolo de todo, com licença de V. S., isso de vender a mulher não me desagrada, Sr. Dr.! ao menos não se perde tudo.

Dr.—Os athenienses impunham a pena de morte aos dous criminosos.

Ald.—Ando-me por ahi, Sr. Dr! ande-me por ahi! isso agora ja me cheira! com que então mandavam-nos de presente ao diabo! approvado, approvado!

Dr.—Os locrios arrancavam os olhos ao adultero.

Ald.—Tambem não deixo de lhes achar razão! Sr. Dr., quem não vê, não cobiça.

Dr.—As leis de Roma eram mais favoraveis. Scylla na lei Cornelia impunha morte civil, confiscação de bens e deportação perpetua.

Ald.—Isso de morte civil, Sr Dr, com perdão de V. S, ca para mim é o mesmo; morra ella, seja lá com a incivilidade que quizerem! Bem incivil foi ella em me pregar similhante desfeita!

Dr.—O imperador Justiniano, para obsequiar a imperatriz sua esposa, minorou a pena, porém ordenou que a mulher adultera fosse açoutada, e preza por dous annos.

Ald.—Ora, com licença d'esse tal Sr. Justiniano, essa pena é de cabo de esquadra! Dous annos de prisão somente por um crime que faz a cara vermelha? pois os açoutes! Ora outro officio! açoutes merecia Sua Real Magestade por determinar tal frioleira!

Let.—Os antigos saxonios queimavam a mulher adultera: e sobre as cinzas d'ella erguiam o cadafalso e nelle estrangulavam o culpado.

Ald.—Para ahi, Sr. Dr, para ahi! Esses Srs. saxonios, com licença do Sr. Dr., são ca dos meus figados! ah! que si a malcriada da minha mulher fosse saxonia, eu lhe cantaria a moliana, a porca havia de ser queimada! e o sevandija feito em quartos!

Let.—Na antiga Inglaterra cortava-se á mulher o nariz e as orelhas.

Ald.—E darem-lhe com o nariz e as orelhas! Sr. Dr., isso de nariz, historia da c rochinha.

Dr.—Em Portugal antigamente a mulher adultera era queimada.

Ald.—Isso entendo eu! ah! que, si eu me pilhasse n'esse tempo, eu lhe prometto que assim Deus me salvasse a minha alma, como a minha mulher havia de ser assada! ou eu não me havia de chamar João! Porem com licença do Sr. Dr., agora segundo as leis modernas que é o que lhe fazem?

Dr.—Graças as luzes do seculo, essas penas estão muito moderadas. Em França, estão reduzidas a alguns dias de prisão! e em Inglaterra a uma mulcta. Porem o marido pilhando a mulher em flagrante, pode matal-a e mais o cumplice.

Ald.—Mas é preciso andar atraz *do sofreyante*! E' o que me faltava! Porem, Sr. Dr., o meu Abbade disse-me que cá inda governava a Ordenação do livro 5°, si me não engano, e que nella vinha a pena de morte! faça-me pois V. S. a petição para a querella, que quero metter mão a obra.

Dr.—E tem Vm. testemunhas de vista?

Ald.—O meu procurador, com licença de V. S., ja me disse que não me desse isso cuidado, que elle as arranjava.

Dr.—Pois bem, aqui está o requerimento, mas sempre o desengano; olhe que, inda que se prove o delicto, a mulher não vae a forca; o mais que lhe succede é algum degredo.

Ald —Não importa, em quanto para lá está, Sr Dr., anda a gente com a cara descoberta. Quanto devo?

Dr.—Attendendo a que é freguez, trez mil e duzentos.

Ald.—Tanto não valle a minha mulher,—Sr. Dr, fique a cousa em meio *gançol*, os tempos vão tão bicudos!

Dr.—Pois fique. Adeusinho, olhe não caia.

ANNUNCIOS

Vende-se uma casa a rua das Veronicas n, 14: quem a pretender dirija-se defronte da mesma, das 10 horas da manhan ás 3 da tarde.

Na venda n°. 1, ao Xixi, ha um completo sortimento de tabocas, que se vendem mais barato que em outra qualquer parte.

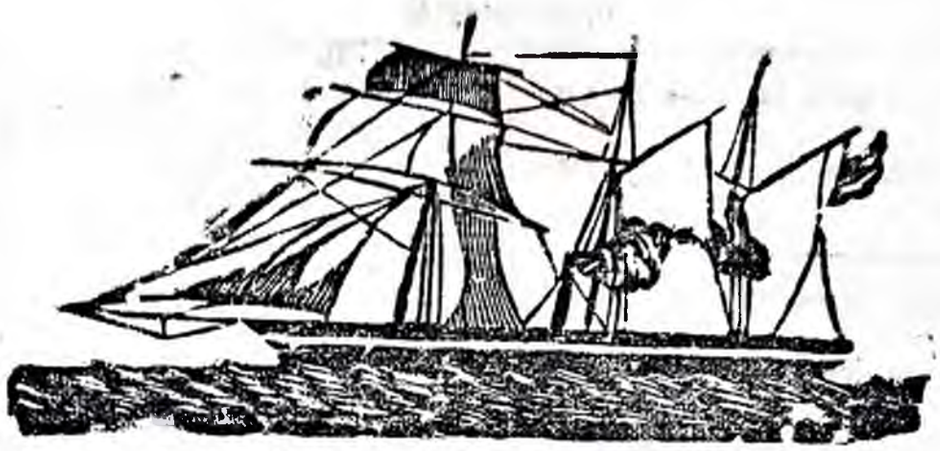
TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48 á rua do Caquende tem um grande sortimento, que vende barato.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n. 9 B; ou na Saude, rua do Jogo do Lourenço n. 199, vende-se bom café moido puro, á 400 rs. a libra.

O
ALABAMA
1865
A
1867
H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 1.º DE MARÇO DE 1867. SERIE 17.ª—N. 170

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14. 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações Folha avulsa 160 rs.

ATTENÇÃO

Esta typographia acha-se mudada para a rua Direita do Collegio nº 14. 1º andar.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de fevereiro de 1867.

Officio ao Exm Sr. presidente da provincia, levando ao seu conhecimento o seguinte, que nos communicam:

O capellão do arsenal de marinha é obrigado a celebrar missa nos domingos e dias santos naquella repartição; porém, no domingo 24, furtando-se a essa obrigação, tirou-se dos seus cuidados e foi celebrar no Bomfim.

Os capotes accrescentam que o Revm. recebera para isso uma esportula de 10$rs., porem não o garantimos e até duvidamos; sem embargo do que, espera-se, que S Ex., inimigo como é de abusos, se dignará mandar averiguar semelhante facto, afim de que o dinheiro publico não seja extraviado escandalosamente.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, chamando sua esclarecida attenção para o estado da Fonte de Santo Antonio, que se acha reduzida, pelo deleixo da nossa municipalidade, a um fóco de miasmas; as aguas estagnadas alli cresceram á altura das bicas e tornaram-se putridas; as emanações que exhalam, provenientes de diversas materias em decomposição, tornam o logar insalubre e germem de febres intermitentes. Neste tempo, em que anda-se com o coração nas mãos com receio da invasão do cholera, comprehende S. S., quanto receio deve infundir, e quão pernicioso a saude publica pode ser aquelle charco de podridão; e uma vez que a camara municipal não dá cavaco, espera-se que S. S., empregando os meios de seu alcance, preste mais um serviço em beneficio do povo.

—Sabe me dizer o que ha para zelar na praça D. Izabel?

—So si forem pés de fumo e montões de terra.

—Pois acaba de ser nomeado o Sr. capitão Florencio Benjamim d'Almeida Pires, eleitor do Curato da Sé, para esse logar, com a diaria de 2$000 rs.

—Ah.... uma mão lava outra e ambas lavam o rosto.

O Sr. capitão tem o seu voto a dar.. é preciso que lhe deem tambem alguma cousa.. .. Creio que me comprehende.

—E o presente deve sahir não do

paes da patria, mais das tètas da vacca gorda.

Va principiando, Sr. Leitao, ja tardava muito.

—Os moços da sallinha principiam bem!

Já la se vão dous dias e ainda não se quizeram *preparar*!

Por ahi vão ajuizando com que assiduidade chuparão elles os *oito bicos* estes annos.

—Fazem tanto barulho, pedem tanto, rogam, choram, e depois não querem servir.

—Alguns empregados das *rendas*, não das finanças *provinciaes*, não trabalham. Agglomeram-se nas janellas a cuspir e atirar *petelecos* para baixo no *Preguiça*, o qual vinga-se em descompol-os e dizer quanta immoralidade ha

—E' um excellente modo de ganhar os cobre, que lhes paga a mulata velha.

—Sabe que o quartel da Palma está convertido em praça de mercado?

—Ora fomente-se!

—Duvida? Pois va la, que ha de ver um sujeito com uma vendola em um dos quartos, dentro do quartel.

—Que me diz? E o commandante das armas consente isso?

—Eu sei la si elle sabe.

—No entanto prohibiram que os presos vendessem alli sua bolacha!

—Não sabe que neste mundo quem não tem padrinho morre pagão?

—Está rescendido o contracto celebrado com o governo e o Sr. Costa Guimarães para o acceio da cidade.

—Quem pagaria as favas?

—Ja não sabe? Nestas *jiga-jogas* o povo è quem paga as custas.

A ju ti,a.

(Continuação.)

E as taes demandas!!!...

Oh! so do nome tremo d'ellas! são a ruina das familias, o purgatorio dos proprietarios, o Potosi das ladroeiras da justiça!! E, por demandas injustas, quantos estão por ahi possuindo propriedades mal havidas!! Uma demanda encurta, pelo menos, dez annos de vida á quem a tem, com os flagellos que acarreta de despezas continuadas, fadigas, e passos debalde, alem da dependencia das decisões ou sentenças. Por demandas injustas, mal paradas e mal decididas, quantas viuvas estão morrendo a fome e vendo seus bens em mãos de ladrões e usurarios!! quantos orphãos desamparados!! quantas familias perdidas!!

Porém em desconto d'isto lá está no inferno o diabo com uma palmatoria de ferro em braza na mão para esfregar de bolos a todo juiz, que pratica estas deshumanidades.

E' a justiça uma vacca de quarenta mil tètas, onde mamam centenares de especuladores, e todos elles arranjam dinheiro para gastar á larga; isto é tanto assim, que a prova está n'este antigo provebio de uma obra hespanhola antiga, que, por acharmos muito conceituoso, traduzimos e aqui o temos:

Um passaro com tantas pennas
Não se pode sustentar;
O escrivão com uma só
Tem dinheiro p'ra jogar!...

E assim o devem fazer, porque tudo quanto perdem desforram nos autos; falso dos velhacos e não dos bons.

O batalhão dos escrivães, tabelliães, procuradores e merinhos, pode-se reunir ao dos medicos, padres, e armadores, porque todos elles ganham com as afflicções alheias; mas em todo o caso valha-nos o dicto do Mazarem: —Dos males o menor: —posto que n'este caso o mal, donde elle e os padres lucram é o maior, porque defunto não tem concerto.

Ora, ora isto, senhores!! Estou com esta cabeça perdida depois que vi certa moça; eu vinha passeiando pela rua da Justiça, e fui me esbarrar na porta do Mazarem! Porém vou ja voltar de bordo, e, torno ao assumpto da questão, ou ponto da conversa; e para não se tornar massada, vou dar a conclusão.

(Continúa)

—Lê-se nos jornaes desta capital:

« O DEZ. LUIZ ANTONIO BARBOSA DE ALMEIDA.

«Entregue a meus unicos recursos, á estima do publico, e á dedicação de meus amigos, assim como á opinião dos homens de bem, que invoco depois dos ultimos acontecimentos, declaro que continúo a ser candidato a um logar na camara dos deputados pelo circulo desta capital.

Bahia 20 de fevereiro de 1867.

L. A. Barbosa de Almeida.»

A PEDIDO.

—Será verdade que o Sr. administrador das machambombas multou um caixeiro das mesmas pelo simples facto de encontrar um menino na escada de uma dellas?

—Não creia.

—Pois dizem.

Sr. Redactor—Si uma vida politica sem manchas, si o encanecimento no serviço do paiz, e si a rigidez de principios, constitue algum direito entre aquelles que disputam o suffragio popular, ninguem está mais no caso de merecer as honras de uma cadeira na representação nacional, do que o Exm. Sr. Dez. Luiz Antonio Barbosa d'Almeida.

Magistrado typo da probidade, politico sincero, cidadão dedicado a seu paiz, o Sr. Dez. Luiz Antonio, é digno de representar sua provincia.

Com profunda fé no illustrado corpo eleitoral do 1.° districto, que breve se vae reunir, esperamos que o nome do distincto bahiano não será esquecido, e sahirá victorioso das urnas.

Um eleitor.

—Onde passas o entrudo?

—Tenciono ir ao Mar Grande.

—Não faças isso!

—Então porque?

—Pois deixas os facinantes bailes mascarados, que ha este anno no theatro S. João?

Sabes que o Luiz é rapaz de gosto e tem preparado aquillo com toda pompa; por tanto não deves faltar.

—E' verdade; lembrastes bem. Irei aos bailes de mascaras.

—Capitão, dá licença que lhe conte um segredo?

—Homem, apezar de não gostar muito de segredos, diga.

—Porém capitão, lhe peço que, por S. *Manuel* não me descubra ao *Rodrigues*, pois mereço alguma consideração em *Valença*, e não quero perder a amisade do *Junior*.

—Não descubro.

—Ouça: me disseram que em Latronopolis ha authoridades, que pactuam com os criminosos.

—Isto é impossivel!

—Tendo um moço apanhado um ladrão furtando roupa, isto é, encontrando o ladrão com a roupa na mão, prendeu-o á ordem do *alcaide*; porém, levando o rapina ao Paço da Rua á presença do *cujo*, lhe disse este que nada podia fazer para correção do larapio, porque o acto não foi em flagrante!!

—Não foi em flagante? que sandice!!!.... e o moço?

—O moço ficou com agua no bico, depois de ter pago 1$000 a um guarda para leval-o; porque nesse dia (2 de fevereiro) ás 5 horas da tarde não havia um policia, nem um inspector de quarteirão, pois mandando-se do largo de Jesus até o Carmello, não se encontrou desta gente.

—E as patrulhas?

—Não sei; creio que estavam evocando o espirito do Valença.

—E afinal que fez o Cujo?

—Disse me que tivesse compaixão do larapio!... e mesmo que o crime em flagrante é quando se encontra o ladrão em casa roubando!

—Deveras? Oh que capacidade temos para tomar conta da *nossa vara*.

Si elle não fosse tão compadecido, mandava o muxingueiro por-lhe um rosario de ferro no pescoço para cumprir com suas obrigações.

—Adeus, capitão, até outra occasião.

—Capitão, ja que as authotidades não se importam, recorro a V. Ex. pedindo-lhe providencias

—Para que, meu amigo?

—Ha no *Neves* do *Castro* um sujeito, que não tem nada de *benigno*, o qual com um companheiro, cujo nome elle escreve *Eu elèterio*, fazem timbre de trazer aquelle logarejo em completo disturbio; arvoraram-se em valentões; em todos querem dar.

Ha poucos dias, foram ao *banho do Henriques* de parceria com um tal Viriato e mais dous e la encontraram ja dous homens que se banhavam, e umas senhoras á espera dos mesmos: sem nenhum respeito e attenção, que se deve guardar perante uma senhora casada, disseram quanta palavrada ha, do que resultou um conflicto, e como uma das senhoras procurasse apasiguar semelhante desaguisado, recebeu uma tremenda bofetada, do que resultou desmaiar e ir em braços para casa.

Não satisfeitos estes *campeões*, foram á porta dos offendidos e la cobriram dos maiores improperios e insultos, tanto os homens como as senhoras.

Testemunhado o caso, e dada queixa ao subdelegado, mandou este prendel-os, porém, em acto continuo, por intercessão de S *Evaristo* e *Sant'Anna*, santos venerados pelo *Gomes*, foram soltos e continuam em suas *altas proezas*.

Em consequencia disso, venho a V. Ex. pedir-lhe que mande até aquelle sitio o seu extrenuo muxingueiro com o seu calabrote abaixar a prôa daquelles espadachins.

—Esta servido; la mandarei o rapaz.

VARIEDADE.

MOMENTOS DE RECREIO.

Occasião de contradança.
Passeio de braço dado.
Jantar em dias de annos.
Sonhos de casamento.
Noite de novenas.
Brinquedo de prendas.
Encontro de patricio em terra estrangeira.

REGRAS DE EXPERIENCIA:

Não ha compadres, que não briguem em pouco tempo.

Não ha sogra, que não coste agravos da nora.

Não ha discipulo, que não arremede ao mestre.

Não ha caixeiro que não goste d'ausencia do amo.

Não ha vendelhão, que não falsifique os pezos e medidas.

Não ha—petit-maitre— que não goste de luvas.

CASOS IMPREVISTOS.

Tirar sorte grande em loteria.
Morrer de repente.
Pancada por engano.
Visita de adulador.
Aborto de mulher pejada.
Indigestões.
Paixão por mulher feia.
Demissão de empregado
Herança de estranho.
Pedrada de moleque.
Pisadella no callo.
Cortejo de figurão a pobre.
Soldado dormindo na sentinella.
Roubo de thesoureiro.
Fuga de mulher casada.

COUZAS QUE CAUSAM DESESPERO AOS PADRES.

Estar n'uma ceiata ao sabado, e dar meia noite, tendo elle de dizer missa no domingo.

Dizer em publico a pessoas de ceremonia que um menino é seu afilhado, e este responder-lhe por graça —você está mentindo, papae!

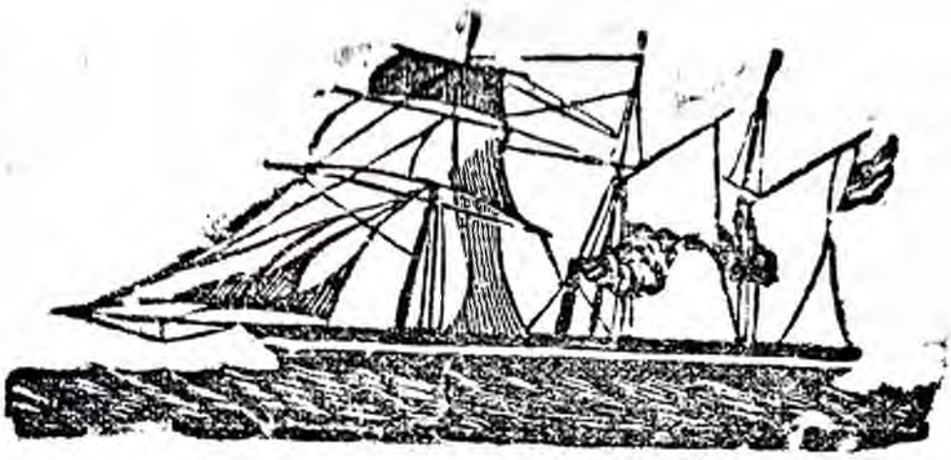
Decorar um sermão e perder-se no pulpito, estando a egreja cheia de ouvintes.

Ouvir no confissionario lamentar-se uma penitente e não poder consolal-a.

ANNUNCIOS

Fugiu da abaixo assignada no dia 6 do corrente, a sua escrava africana de nome Celina, de edade de 30 annos, estatura regular, falta de dentes, com os dedos grandes dos pés tortos; acha-se prenhe, e occupa-se no ganho: quem a encontrar e levar ao Pilar, casa n. 92, será bem gratificado. Protesta contra quem a tiver acoitado.

Ignez Lucia Dias Monteiro,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 2 DE MARÇO DE 1867. SERIE 18.ª—N. 171

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 1 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros ou 5$ rs. por series, pagas adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

ATTENÇÃO

Esta typographia acha-se mudada para a rua Direita do Collegio nº 14, 1º andar.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que expeça providencias a fazer com que os boleeiros das diversas emprezas de carros tragam um distinctivo que os façam conhecidos, afim de que, quando por imprudencia ou deleixo, pisarem alguem, se possa saber a quem se deva accusar. Ainda hontem, quinta feira, por milagre, um carro não matou na rua do Collegio a um pedreiro que trepado n'uma escada caiava um sobrado. A vista disto parece rasoavel o pedido.

—Ao Illm. Sr. provedor da Santa Casa, pedindo-lhe que faça cessar o abusivo procedimento das irmans de caridade, obrigando os doentes a carregar carvão do Terreiro para o hospital, afim de evitar não só o clamor do povo, á vista de tão repugnante espetaculo, como a scena escandalosa que ha pouco se deu, de accoimmetterem os moleques áquelle estabelecimento com pedradas. Espera se ser attendido.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que faça com que os moradores do sobrado n 1, á Ladeira da Praça, tirem os cacos de planta que têm sobre as janellas. Cumpra.

—Exm. Sr. presidente da provincia, é a V. Exa que me derijo.

Permitta que por dous minutos uma entidade obscura distraia a attenção de V. Exa.

Ha nesta provincia um pequeno vapor, de nome *Riachuelo*, de propriedade do Estado, o qual melhor lhe caberia o nome de *Sinecura*.

Nesse objecto sem prestimo, e que nenhuma utilidade ou serviço presta, tem se gasto sommas incalculaveis.

Ha quem affiance que so o machinismo tem absorvido mais de quarenta contos; por ahi fará V. Ex. ideia da fabulosa somma que está enterrada no tal-vapor.

Pelo tempo das festas do Natal, dizem, que esse vapor foi destinado a diversas viagens de recreio e pagodes de particulares, o que não se realisou, ou porque tivessem receio, ou porque a imprensa denunciava com antecedencia taes patuscadas.

No domingo ultimo, porém sulcava

ello impavidamente as agoas, levando a reboque dous lanchões e tomava o rumo do Bomfim, onde foi a uma romaria.

Para essa festança, consta, foi preciso fazer-se diversos gastos, afim de preparal-o em condição a receber os illustres romeiros, e essas despezas foram feitas com os dinheiros publicos!

V. Ex. vê que o suor deste povo soffredor não deve ser extorquido em proveito de quem se quizer divertir ou cumprir promessas; assim como a nação não tem vapores para estar as ordens de particulares.

—Lê-se nos jornaes desta capital:

« O DEZ. LUIZ ANTONIO BARBOSA DE ALMEIDA.

«Entregue a meus unicos recursos, á estima do publico, e á dedicação de meus amigos, assim como á opinião dos homens de bem, que invoco depois dos ultimos acontecimentos, declaro que continúo a ser candidato a um logar na camara dos deputados pelo circulo desta capital.

Bahia 20 de fevereiro de 1867.

L. A. Barbosa de Almeida.»

O sabbado.

Seis dias tem a semana. A segunda, que é das almas, é um bom dia; n'elle promette o devedor que se vê em embaraço que lá para o sabbado dará alguma cousa: a terça, a quarta e todos os outros são soffriveis; mas, não sei porque diabolica invenção, tudo que diz respeito a dinheiro, a cobrança e pagamentos foi deixado para o bom dia de sabbado! O sabbado, dia de Nossa Senhora, dia em que o beato vae logo demadrugada ouvir missa em S. Bento; em que a devota de mantilha se empanturra com seis ou oito rosarios, em que a creoula dengosa logo pelas 6 horas larga-se para a Piedade; o sabbado pois se tem tornado o ponto de horror de muita gente! Esto, se esconde, aquelle inventa de vespera as mentiras que hade pregar; um diz a todos que não está em casa; outro a locco, e outro finalmente, mais animoso, sahe á rua a dar satisfações e a contar historias com que illude a muita gente. Ora, se quizermos fallar a verdade, não é qualquer cousa; é mesmo para perder a cor do rosto, um embirrante credor, encasinado á porta da rua a rosnar cousas que, bem comprehendidas, querem dizer—pagamento. Isto, quando um homem não tem é peior que uma pilula de oleo de copahyba! Fica se tolerante, e por maiores que sejam os despropositos que se ouçam sempre se diz—o homem tem razão.

—Pois meu amigo, então uso do meu direito. Já tenho vindo á sua casa mais de duzentas vezes ....

Bem; então quando quer que appareça?

—Quarta-feira, meu amigo; mas... não; venha sexta; porque tenho aqui um dinheiro que me hade vir pelo vapor, e então o Sr. está servido. Quero acabar com esta continha, fique certo.

São dialogos do dia de sabbado. São promessas que se não cumprem; são palavras do momento: um mau credor é o peior cão de fila que póde haver!

O logista, que vê chegar o dia de sabbado, e nada vendeu na semana, nem tem na gaveta a chelpa, está junto ao balcão como se estivesse no patibulo. Ao menor rumor, parece-lhe já que é a cara avermelhada do tal inglez, que é o visitante mais infallivel do dia de sabbado! Pucha os cabellos, está desesperado, e para vingar-se manda tambem o seu caxeirinho correr aqui e ali e descompor a quantos lhe devem.

Mas..., eil-o que chega. E' um homem de branco, calça sem presilha, e gravata preta.

—Oh! tem dinheiro?

—Porque não se assenta? diz o logiste em brasas.

—Mi não quer sentar: tem dinheiro?

—Inda não recebi; mais tarde...

—Não estar bom esse. Esse não estar bom! —Sabbado eu vem sem falta. Não esqueco.

E vae andando, porque a tal gente de carvão de pedra é de poucos falla-

torios. O pobre logista ficu anniquillado, e fulminado; mas que fazer?
São scenas do dia do sabbado!

(*Continúa.*)

A PEDIDO.

—Morreu mamãe *Aguntessa*
Do terreiro da Campina;
Houve *segun* (1) concorrido
Da caterva feminina.

Em Pirajá foi a missa,
No dia segunda feira,
La vi creoulas, mulatas,
E muita branca altaneira.

Na cidade não ficou
De chita preta uma vara;
E agora quem quizer,
Ha de compral-a bem cara.

Quem, na rua encontrar,
Creoula de saia preta,
Com um chumaço de contas,
Saiba q'ella é da *trêta*.

Eu, que para taes folias,
Não gosto de perder vasa,
Vesti-me em trages *d'ogan*
E empurrei-me de casa.

Mal eu pisei no *terreiro*
O *obacoucú* (2) cantou
Trepado na gameleira:
Gente de fora chegou.

As negras á uma voz
Começaram a gritar,
Será gente d'*Alabanba*
Que veiu aqui espiar?

Pediram a papae *Dothé*
Que fosse *Fa* consultar;
Mas elle deit ndo os *búzios*
Nada poude *enchergar*.

Não poderam conhecer-me
Por me supporem da *cuca*;
E passando por *ogan*
Tive entrada na *cumbuca*.

Uma scena extravagante
Tive então de apreciar:
Do corpo todo o cabello
Vi as mulheres rapar.

Depois que esta ceremonia
Burlesca, executou-se,
Em que de sacerdotiza
Serviu *Izabel Loucouce*;

Principiou a tocata
Invocando a alma da morta,
Cuja sombra, dizem ellas,
Viram passar n'uma porta.

Fiquei de queixo cahido
De boca aberta e basbaque
Ao ver *Maria Doufona*
Como tocava tabaque.

E a Cosma Pomba Suja
Junto com Feliciana
Choramingavam n'um canto
Effeitos da carraspana.

Delfina *bicho malhado*,
Delmira do dente podre,
Eduviges S. José,
Stavam cheias como um ôdre.

Com dous penachos nas mãos
Vigiana da Campina,
Modulava um canto triste
Com *Anastacia Gonina*.

A Aninha Sororoca
De carçola e toalinha,
Ia matar dous *êtuns*
Que *Achará* pedido tinha;

Quando repentinamente
Sem se esperar *Agueça*,
Da Maria do *Brocó*
Foi se trepar na cabeça.

No meio da confusão
Houve tanta mamadeira
Que a Jesuina Grande
Trepou n'uma gameleira.

A Maria do Bomfim
Estando mui exaltada,
Trepou na *Taquinerê*
Uma grande bofetada.

Houve logo aquieta, aquieta,
Uma a outra segurando.
E eu vendo a cousa feia
Tratei de ir me empurrando.

(1) Cerimonia que se usa nos candomblés, por espaço de 7 dias, quando morre algum *filiado*.

(2) Obacouçu passaro que os africanos veneram e cujo canto os adverte, quando se aproxima alguem

VARIEDADE.

Variações em branco.

(TH. CAUTIER.)

Cantam as legendas do Norte
Que lá nas margens do Rheno,
Mulheres-cysnes se banham,
Curvo o collo, o ar sereno.

Que apoz suspendem nas arvores
A encantada plumagem,
Retomando a branca pelle
Mais nivea qu'essa roupagem,

Entre nós eu vejo, ás vezes,
Uma dessas feiticeiras,
Clara como a luz da lua
Reflectida nas geleiras!

Seduzindo olhares ebrios
Pela magica frescura,
Da carne tenra e macia,
Da deslumbrante brancura!

Seus seios, globos de gelo,
Da cassa por entre as malhas,
Junto as camelias nevadas
Travam justas e batalhas!

Flor e setim são vencidos
Por esses pomos tão bellos;
As alvas roupas, os lyrios
Lividos ficam de zelos!

Um phantastico reflexo
Innunda, cobre o seu collo,
Qual alvacenta geada
De noite branca do pollo!

De que neve virgem pura,
De que hostia, de que cera,
E' feito o branco da pelle
Dessa mulher feiticeira?

Acaso da gotta lactea
Que do ceu o azul esmalta?
Da argentea polpa do lyrio?
Da onda do mar de prata?

Do marmor de que são feitos
Primores de estatuaria?
Da opala que reverbera
Uma luz tão clara e varia?

Do marfim, que faz as teclas
Sobre as quaes suas mãos percorrem,
Mariposas onde as notas
Supendem beijos e morrem?

Do arminho immaculado,
Que resguarda e dá abrigo,
Ao talhe da deusa linda,
A Venus do culto antigo?

Das phantasticas ramagens
Que fazem leves neblinas?
Dos arabescos da espuma,
Lagrimas frias de ondinas?

Do alabastro que apresenta
A côr de melancolia?
Da assucena que a geada
Vergou na matta sombria?

Da penagem do alvo pombo
Que no ar voa e fulgura?
C'os flocos que o crystal deixa
Em gruta de pedra escura?

E' idolo da Dinamarca
Ou desses gelos eternos?
E' a Madona das neves,
Branca esphinge dos invernos?

Anjo coberto de brumas,
Guarda dos montes nevados,
Que traz occulto no seio
Brancos segredos gelados?

No coração, que é tão calmo,
Quem fundisse a neve dura. ..
E visse um raio de fogo,
Nessa implacavel brancura!....

Joaquim Serra.

PRAZER DOS CAIXEIROS

Estafar cavallo nos domingos de tarde

Vestir farda em dia de arrumamento.

Cortejar as familias na rua do commercio.

Applaudir os actores em recita dramatica.

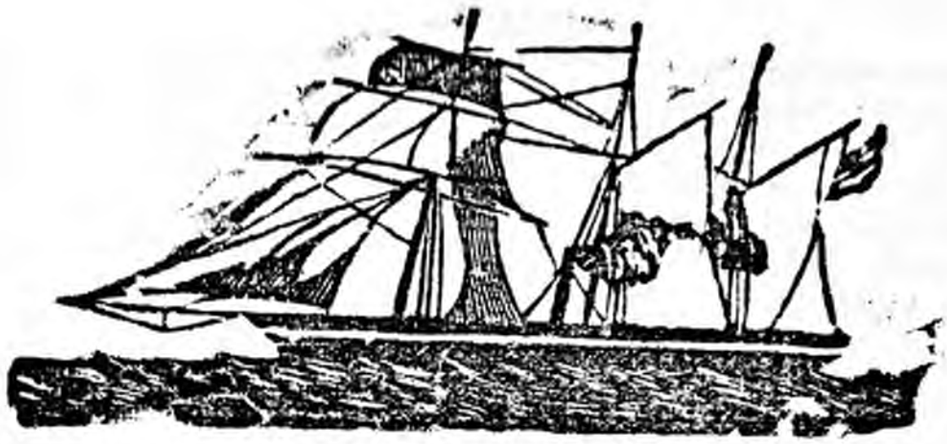
COUZAS QUE CAUSAM SOBRESALTO

Noticia de morte na familia.
Perda de dinheiro.
Queda de cavallo.
Encontro de credor.
Applicação de sangria.
Dentada de cobra.
Passagem de dinheiro falso.
Impetos de valentão.
Meirinho na porta.
Recado do namorado.

ANNUNCIOS

Fugiu da abaixo assignada no dia 6 do corrente, a sua escrava africana do nome Celina, de edade de 30 annos, estatura regular, falta de dentes, com os dedos grandes dos pés tortos; acha-se prenhe, e occupa-se no ganho: quem a encontrar e levar ao Pilar, casa n. 92, será bem gratificado. Protesta contra quem a tiver acoitado.

Ignez Lucia Dias Monteiro,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 6 DE MARÇO DE 1867. SERIE 18.ª—N. 172

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de março de 1867.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia partecipando-lhe que nos informam, que no dia 26 do passado ás 5 horas, o Sr tenente do corpo policial Seixas mettera a espada no guarda da primeira companhia Manuel Estevam de Sant'Anna.

Affiançam-nos que o facto deu-se em presença de immensos guardas e sargentos do batalhão, que o offendido queixou-se ao commandante e que o negocio ficou em queixa. E como não é a primeira vez que o Sr. tenente Seixas é accusado pela voz publica de praticar tão indigna acção, espera-se da equidade e justiça, que em alto grau adornam o caracter de S. Ex. uma providencia, que corrija tão reprovavel abuso, tantas vezes repetido nesse corpo.

—A policia comprehendeu que a epocha era de carnaval e fez sua mascarada.

—Ahi vem V. com pilherias!

—Fez um edital pomposo prohibindo o entrudo, mandou publical-o nos jornaes e deitou-se a dormir.

—Na verdade, ha muito tempo não vejo tantos excessos.

—Houveram ruas em que o abuso tocou ao delirio; por exemplo a do Collegio, habitada em sua maioria por meretrizes e farpellas; ahi molhava-se indistinctamente até 10 horas da noite e insultava-se a quem reclamava para não ser molhado.

—E os menos prudentes desabafavam-se em proferir uma chusma de improperios e increpações, que ás taes *meninas felizes* não fazia móssa, soffrendo com isso somente a moralidade.

—Parece que a policia comprasia-se em sanccionar taes scenas e em ver as meretrizes molhar o povo, por que o Sr. José Amaral, delegado, passou por diversas vezes na rua do Collegio, e, com dous olhos na cara, havia de por força ver aquelle escandalo.

—No tempo, em que não havia prohibição, cada um acautelava-se; mas hoje, a gente fia-se no que diz a policia, e vae cahir na ratoeira que ella arma a gente. E o homem que sahe á seu negocio e vem suado; é obrigado a tomar calado uma gamella d'agoa, por que se diz alguma cousa, respondem-lhe—si não quer se molhar, não saia.

—Os mascaras eram estupidamente apredejados e apupados. Das janellas atiravam-lhes agoa a valer.

—Ora veja que graça! Um homem

que vem enfronhado naquellas roupas, por força ha de estar suado; além do estrago causado na vestimenta; ás vezes custa bom dinheiro.

—Na rua de Baixo, os bolceiros carregavam a gente para metter em gamellas.

Em S. Bento uma sucia de moleques pintavam a cara de todos os que passavam e davam bordoada em quem não queria consentir.

Um padre foi atrozmente insultado E houveram facadas, em S. Miguel. cacetadas na Baixa dos Sapateiros cabeças quebradas na Rua da Poeira, bordoadas na cidade baixa e o mais que não se sabe.

—Em S. Bento um soldado do 110, que patrulhava, levou no domingo uma tremenda bofetada de um negro, que deitava polvilho em quem passava, foi preso, porem os companheiros tomaram no do poder da força.

Nas ruas de Palacio, Poeira, Vassouras, Campellas, Atraz da Sé, Rua do Bangala, dos Capitães etc. a cousa esteve fortissima. Disseram-me que até o delegado levou um banho.

—A Bahia vae no caminho do regresso! Não ha força humana, que faça com que certa gente conheça o quanto é prejudicial o barbaro e estupido brinquedo de entrudo!

—Mas a policia deve empregar os meios, afim de acabar com tão nocivo e grosseiro brinquedo.

—Ha uma mulcta de trinta mil reis ou trinta dias de cadeia, para quem brincar.

—Qual mulcta, meu amigo: isso de mulctas, é historia.

Si o proprio chefe de policia passar por alguma casa, que tenha moças nas janellas, ellas de proposito atiram-lhe agoa, e elle ainda em cima, cheio de si, ha de fazer-lhes uma barretada!

—Mas não ha de acconteccr assim, si for um pobre diabo!

—Ah! Este vae logo espiar seu crime; mas se for em casa de grande *fausto*, pode-se molhar á torto e á direito, que nada ha de ter, porque para esta não ha lei, não ha mulcta, não ha cadeia!

—Então o que se segue d'ahi é que si o entrudo continúa, è porque a autoridade fecha os olhos para os grandes e só esmaga os pequenos!

—Não. E' porque a lei *é egual para todos!*

—Assim dizem.

—Foi ao baile mascarado?

—Não. Mas ouvi dizer que esteve assim, assim; menos mal.

Dizem que houve concurrencia, e boa ordem, a não ser um desaguisado entre a Paquita e seus adoradores.

—Tenho um escravo um pouco idoso e doente, mas cuja molestia é encoberta. Si soubesse que o Dr. Souto comprava-me, ia offerecer-lhe; davalhe mais baratinho, por uns 600 bicos.

—Qual! o homem só compra *escravos moços e robustos a conto e duzentos.*

—*Ai..... ai.....*

—Não empurra sua *buxa.*

—Esta nossa policia é boa!... Consente cousas!.....

—O que foi?

—Nada mais do que isto:

Sabe que parte da gente mais ignorante da nossa população, e principalmente aquella que é oriunda da raça africana, dá-se á pratica de candomblés, onde toma-se ventura, levanta-se a cabeça, e outras cousas extravagantes.

—Sim, Sr.

—Entre essas praticas, ha uma assaz curiosa: é a ceremonia de *fechar o balaio,* o que significa o encerramento das festanças da seita durante as semanas da quaresma; dura 11 dias, principiando no sabbado anterior ao do entrudo e acaba na terça feira posterior á meia noite. Ahi pratica-se tudo quanto ha de mais abusivo, grosseiro, e reprovado pela nossa religião.

Este anno a policia consentiu a *folia* em larga escala, em diversos pontos dos arrebaldes desta cidade, onde ha *terreiros* reuniram-se immensidades de africanos, e gente de toda a qualidade e até de alta posição, a celebrarem o

mysterio de *encerrar o balaio*, o que seria nada, si não fossem os escandalos e até crimes, que nelles se dão: escravos fugidos da casa de seus senhores, pessoas inexperientes que por outras são levadas; e lá ficam por muitos mezes, á titulo do *santo*, tirar o que não é mais nem menos do que o effeito de certas bebidas que faz a pessoa cahir em adormecimento, e ser encerrada n'um quarto, defloramentos etc.

E' preciso notar que só cahem no *santo* mulheres; homens não.

—E até mortes tem havido.

—O que admiro, é a policia dar licença para isso.

A subdelegacia do 2.° districto do Santo Antonio deu mais de uma licença para tal divertimento.

—A policia actual tem queda para o spiritismo.

Ha spiritismo de branco, esse outro é de negro.

—O que resultou? O carroceiro da empreza do accio, que varre na rua do Tijollo, foi ao Engenho Velho, apreciar o tal pagode e veio de la moqueado de pau, que não se meche.

—Bem, era o que faltava.

—Onde é que ja se viu uma policia, que quer ter foros de energica e illustrada, dar permissão para o exercicio de usos grosseiros, que depõe contra a civilisação do povo? Só a dos Srs. Galeão e Amaral.

A PEDIDO.

Pede-se ao Sr. subdelegado do Segura Parede, que lance suas benignas vistas para o sobrado n° 68 ao caes do Ouro, onde consta que ha constantemente o amavel vispora e acaba pelo infalivel pacau, bancado por certo inspector de quarteirão, o que, á ser verdade, muito desconceitua a policia da freguezia de S.S., onde a desmoralisação principia pelo homem de confiança.

SONETO

A certo empregado morador defront da parede das freiras.

Quasi tudo se compra com dinheiro,
Ou seja *ouro* ou *zimbo*, ou prata ou cobre;
Porém educação rico nem pobre
Encontra p'ra comprar no mundo inteiro.

E tu, por não a teres, meu sendeiro,
Insultas a familia de quem sobre
A tua está; pois em principio é nobre...
Empregado, que ès bom nem p'ra porteiro

Assim não continues, meu fulano,
Que então verás direito a patacoada,
D'aquelle a quem pozestes de cigano.

Esta linha, que abaixo vae grifada,
Repara, e mette a lingoa em sujo cano:
Cigano é quem se muda em madrugada.

O cigano filho.

—Sabe me dizer, si ainda existe uma Philarmonica, que havia na Baixa dos Sapateiros?

—Creio que acabou-se.

—E pagaram ao mestre?

—E' de sua conta?

—Queria saber.

—E se não pagaram ?

—Eu publicava-lhes os nomes.

—Ora o diabo ficou velho com o trabalho dos outros.

Veio do porto de Paraguassú a barca *Amelia* carregada de prenhez; descarregou nesta Latronopolis sendo capitão o *As de Paus*, o qual tem se empenhado com um proprietario abastado para despeijar uma de suas casas na freguezia do *Chaveiro* para melhor dar as suas orgias com seus marinheiros; este *As de Paus* é casado em Porto do Gal e a sua mulher existe lá; mas cá tornou a cazar sem que disto tomassem conhecimento.

—Capitão, este é da schola do Dr. Bebé.

—Este quem?

—Este deputado provincial do Rio Grande do Norte.

—Que tem elle?

—Ouça este pedacinho, e ajuize.

« O *Sr. Hemeterio*:— ... Pergunto ao nobre deputado em nome de que prncipio politico falla? Será em nome dopartido conservador ou do partido liberal?

O *Sr. Hermogenes*:— Em nome do bem publico.

« O *Sr. Hemeterio*:—Eu pelo que ouço dizer o nobre deputado em algumas occasiões, entendo que é muito liberal.

O Sr. *Hermogens*:—E sou muito liberal e tambem muito conservador (*riso.*) Ahi estão os meus actos que provam o que sou.....
.....»

—Não tem duvida, é dos taes,

—Anda por esta cidade, e principalmente pelo Forum, um moleque que é o typo da obscenidade e depravação.

Tem requebros e ademanes que uma mulher não o vence.

Consta que é ou foi escravo de um Sr. Tourinho morador ao Baluarte; logar em que elle pratica em maior escalla a suas immoralidades.

Os gesto afeminados, as acções impudicas que pratica esse desavergonhado, obrigam as familias a encerrarem-se dentro de casa, sem que cheguem as janellas.

Além disso, as mulheres de capona, os pobres e os doentes, são victimas dos apupos e apedrejadamentos do endiabrado. Toda a visinhança é ladra de galinhas na bocca desse devasso, por que entende elle que devo crial-as pelos quintaes alheios.

Em nome da moralidado, pede-se aos Illms. Srs. delegado e subdelegado de Santo Antonio lancem as vistas para tão lascivo e pervertido moleque, e ao menos o mandem por algum tempo passeiar na Correcção.

—Esperamos.

VARIEDADE.

COUSAS QUE CAUSAM DESESPERO AOS MILITARES.

Puchar a espada, ficar o ferro na bainha e os copos na mão.

Cahir do cavallo em dia de grande parada

Ouvir ler uma relação de despachos, em dia de galla e ver-se preterido.

IDEM A TODOS EM GERAL

Ter os numeros da loteria immediato ao de sorte grande, e sahirem-lhe braucos.

Ver cahir chuva a pótes na hora marcada para uma—entrevista feliz.

Ver morrer de repente sem testamento, a pessoa de que se esperava um legado vantajoso.

Dar espirro no meio de senhoras, e estalar com estrondo o fundilho dos calças.

Esperar por quem não chega.

Ir á cavallo e empacar o animal na rua havendo moças pela janella.

Regeitar um bilhete e ver depois o numero no jornal com a sorte grande.

Apanhar uma personagem em mentira e não poder contradizel a

COUSAS QUE PREJUDICAM

Soberba em gente pobre.
Miseria em gente rica.
Faltas nos empregos por doença.
Audacia de subdito.
Conversas prolongadas.
Arreganho de familia.
Mulher velha agregada.
Leitura de novellas.
Labia dos cafres jesuitas.
Soffrimento de dôr de colica

COUSAS FACEIS E DIFFICEIS.

A cousa mais facil que ha, é ser homem de bem; para o que basta somente fazer sempre o seu dever, e ter voutade e proposito firme para isso,

A cousa mais difficil que ha, é ser homem de bem; porque é mui difficil o conhecer sempre qual é verdadeiramente o proprio dever, e porque, ainda que este conhecimento se adquira, restam a vencer os grandes obstaculos á que a isso oppõe os malvados por todos os meios ao seu alcance, e principalmente ficam a vencer as grandes paixões humanas, e a natureza das cousas oppõem constantemente á tendencia da vontade.

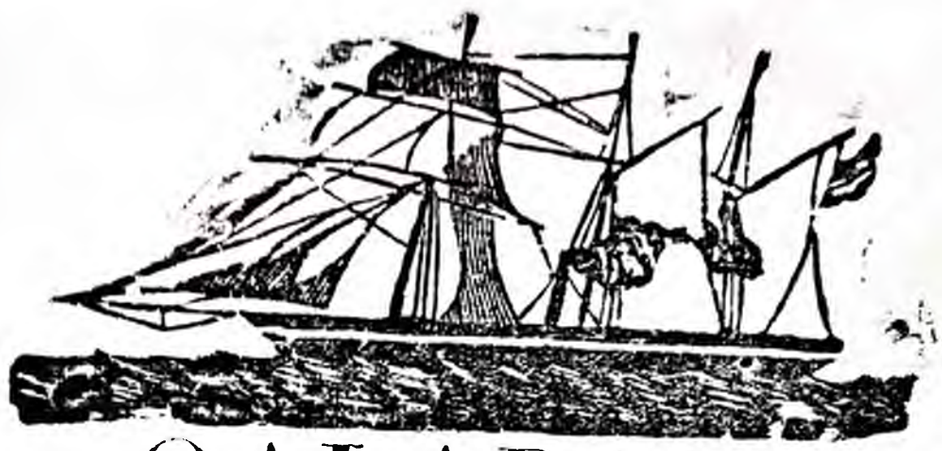
A cousa mais facil, é pagar havendo dinheiro, assim como é a mais difficil e até impossivel em não o havendo. Isto não precisa de explicação.

A cousa mais facil que ha, é fazer versos e ser poeta, porque não ha, ahi ninguem que se não metta a fazer isso.

A cousa mais difficil que ha, é fazer versos e ser poeta, porque o fazel-os bons, e ser poeta como deve ser, não é tarefa para todos, e que qualquer possa desempenhar com successo.

A cousa mais facil que ha é comprar bilhetes de loteria.

(Continúa.)



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 8 DE MARÇO DE 1867. SERIE 18.ª—N. 173

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, partecipando-lhe que no Engenho da Conceição costumam apparecer á noite uns engraçados vestidos de fantasma para metterem medo ás pobres pretas que por alli passam, pelo que muitas tem largado o carrego que trazem para poderem correr, o que elles aproveitam para roubar.

Pede-se pois a S. S que mande agarrar esses rapinas, que talvez sejam optimos *fantasmas* para fazer recuar o despota Lopez.

—Ao Illm Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias contra os capadocios que vão a noite perseguir um pobre preto cego de nome Jacob, na rua Direita de Palacio, ao pé do Passo da Patria, do que resulta que elle enfurecido atira pedras ao acaso, as quaes vão offender a quem desapercebido transita, como ainda no dia 1º do corrente aconteceu, sendo victima um moço caixeiro do Sr Barata.

Espera-se da actividade de S. S. uma providencia a tal respeito.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá á rua onde, com a *ajuda* de *Nossa Senhora*, moram certos individuos em um sobrado côr de rosa, e passe a multal-os, por infracção de postura, visto que matam alli porcos em um pequeno pateo, o que muito incommoda a visinhança com a fedentina, proveniente do sangue e mais materias que alli ficam. Cumpra.

—Quando o Sr. ouvir em nossa terra dizer economia, diga—é burla!

—Nem tanto.

—Ora! Quando se ecconomisa por um lado, esperdiça-se por outro.

A pretexto de aliviar os cofres, creou-se um corpo provisorio para fazer o serviço da guarnição da cidade; entretanto que ha 5 mezes estão aquarteladas umas 60 praças com o nome de 6.º batalhão, pagando-se a um tenente-coronel, um major, um ajudante e o competente estado maior!

—Creio que o commandante não recebe soldo.

—Não sei disto. O que me informam é que S. S. nem ao quartel vae; assigna os papeis em casa.

—Sendo assim, acho mau: o commandante, é quem deve dar ao soldado o exemplo de promptidão.

—Dizem-me que o serviço torna-se pesadissimo, pelas faltas: ha officiaes que dobram tres e quatro dias.

Ora diga-me para que essa nesga de batalhão aquartellada?

Para organisal-o? è impossivel por que elle esta no mesmo.

—O que quer dizer aquillo? O conego Cyrillo de murça de velludo e aquelle outro de murça roxa?

—Eu sei lá! Não entendo de negocios de padres!

—Logo que a missa é do Spirito Santo, á que vae assistir o corpo eleitoral, parece-me que os Srs. conegos deviam usar todos de um uniforme.

A PEDIDO.

—Capitão, vê aquelle tropiante de cara enfumaçada, olhos flamejantes como a onça, que alli vae apressadamente, puchando de uma perna com ares de Lucas da Feira?

—Quem é elle?

—E' o celeberrimo *Medonho*, contra quem tem V. Ex. recebido tantas queixas.

—A proposito, chame ca esse carcavista.

—Ah sôr besta de dous pés, sabe que tem de comparecer á presença do capitão?

—Para que?

—Lá o saberá.

—Logo agora que vou com tanta pressa, tomar lecção ás minhas discipulas!.....

Valha-me S. *Lazaro*.

—Com esta parte, enganou V. ao *Silva*, *Medonho* do inferno, porem comigo não colla.

Siga si não quer ir ja daqui provando a taca.

—Estou a seu dispor.....

—Capitão, aqui está o animal.

—Caspite! Sr. jamanta! Vem-me V. assim com umas feições de lobo esfaimado, quando esta na estrada.....

—Sou o mais baixo creado de V. Ex. Estou prompto a executar qualquer serviço que me ordene V Ex

—Não é com essas que me illude!

Onde ia desembestado como um sendeiro?

—Ia dar lecção a minhas discipulas

—Então V. é professor? Eu o comia por borrador de paredes.

—Sou professor de piano.

—Professor da pata que o pôz, patife de um dardo!

—Entendo alguma cousa da arte de solfejar, capitão; executo meus pedacinhos bellos na minha *rabeca grande*.

—O muxingueiro te fará executar melhores pedaços na cloaca do navio.

Olá muxingueiro?

—Aqui estou, capitão.

—Toma os signaes caracteriscos desta alimaria.

—Chegue-se para cá meu lorpa.

Ora vamos lá:

Cabeça—de bode quando está no cio.

Cabellos—encarapinhados e crespos como pello de tubarão.

Rosto—emfumaçado com malhas pardacentas tirando a preto, cor da athmosphera, quando ronca trovoada.

Testa—de ourang tang.

Unhas— do gavião.
Olhos—de serpente.
Dentes—do crocodilho.
Labios—imitando as garras do tigre.
Nariz—de tromba.
Orelhas—de jumento.
Costas—de dromedario
Physionomia—de camello.
Lingua—de porca parida.
Ancas—de burro.
Pescoço—de baguá.
Beiços—imitando a tromba do elephante.
Pernas—arqueadas.
Pés—de cabra.
—Prompto, capitão,
—Bem.
Leva este demonio para o porão e mette-lhe um par de machos ao pescoço até amanhan.

(*Continúa*)

—Ah! Julio Feijoada dos seiscentos!
Hade este bigorrilha embebedar-se para encommodar a visinhança!
Que sarceiro!
Tomou uma carraspana e metteu o cacete em cheio na mulher!
Esta sahiu para a rua e foi um *perluvio* dos diabos!
—E para onde foi a mulher?
—Correu para a venda d'America.
—Este cara d'areia mijada, é o demonio em pelle!
—Que quer? Si o mandassem de vez em quando fazer uma visita ao Custodio.....
—E teve peito este alarmista, de deitar nas folhas a Petronilia, pobre mulher, que vive pacificamente a crear seus filhos.
—Diz que o macaco não olha p'ra seu rabo.
—Varro! o rabo delle.

Pergunta-se ao Dr. Surdo-é, qual o fim que deu aos cem mil reis recebidos em Corrientes, para entregar á desvalida e infeliz familia de um voluntario da patria.
Teria S. S. lançado mão desse dinheiro para satisfazer as despeazas de viagem que acaba de fazer, com o intuito de inutilisar a certa honrada administração?
Ou teria S. S. arriscado-a em algum vallette?
Resposta lhe pede o

Curioso.

—A *Constituição* hoje traz um artigo de um *Eleitor da Sé* dizendo que não houve compromisso de votarem no Sr. Luiz Antonio
E' verdade, porèm não è capaz de negar que os candidatos quando pediam votos ao povo, diziam que haviam de votar nos Srs Cunha e Luiz Antonio, (avançando alguns que não havia força humana que os arrancasse de semelhante proposito) que, si não usassem desse alvitre, a chapa chamada progressista teria triumphado, dispondo como dispunha do apoio official, porque a não serem aquelles que votam de cabresto por subordinados, os que devem favores e obrig ções, os mais, que votam livremente em quem tem vontade, votaram no sentido de que os eleitores dariam seus votos ao Sr. Luiz Antonio, porque assim era apregoado em toda a partes e a qualquer hora.
Até o auxilio de mulheres foi invocado nesse sentido.
Pode e Eleitor da Se explicar a razão porque retirou-se da chapa o illustre redactor da *Constituição*?
O tal Eleitor da Sé bem sabe que na sua chapa ha homens que na freguezia da Sé á respeito de sympathia popular estão abaixo de zero e outros cujos nomes nem conhecipos são.
- Não faz mal, assim mesmo o povo não ha de se dezenganar com esses tafúes.

Pede-se a certo *director de melaes* do trem do mar que por Santo *Horacio* entregue os 20$ do M. B. que no caixão do mesmo tirou por *brincadeira*, para que não aconteca como a moeda que por brincadeira ficou no bolso.

Um observador do caso.

Attenção.

Tendo eu acceitado o cargo de inspector interino do 9.º quarteirão, á pedido do Sr. Jovino Cezar da Silva e do Sr. delegado Amaral, que nesta época entretinha as mais amigaveis relações commigo, e depois tornou se meu desaffecto, por causa do spiritismo, venho a imprensa para mostrar ao publico os meios do que este Sr. delegado lança mão para vingar-se de quem, como eu, não acredita na tal *sciencia spiritica*

Leiam e apreciem como a authoridade superior (por caprichos speriticos) garante os actos do subalterno.

«Illm. Sr.—Indo, por ordem de V. S., accommodar um conflicto entre tres mulheres e dous homens, em uma casa ao Cruzeiro de S. Francisco, lá encontrei alguns guardas policiaes, que, á mandado do delegado do 1° districto, iam leval-as á sua presença

Recusando-se essas mulheres á irem á presença do delegado e sabendo este que eu alli me achava, por um dos guardas mandou dizer-me, que obrigasse as ditas mulheres á comparecerem ante elle; pois que para ellas já havia ordem do prisão.

Depois de ser insultado, bem como todas as autoridades policiaes, por essas mulheres de má vida, de um modo descommunal e vehemente, reiterando-lhes a ordem de prisão, afinal, com muito trabalho, sempre consegui leval-as á presença do delegado; e expondo-lhe as occurrencias que se deram, e os insultos que soffri, elle, sem attender á minha parte, soltou-as immediatamente com um dos homens, que estavam no conflicto com ellas, mandando somente para a Correcção o outro, que na minha presença nada dissera.

Em vista d'isso, não podendo eu continuar no exercicio de inspector interino do 9.º quarteirão, pelo desprestigio, que sobre mim lançou a authoridade superior, peço á V. S. a minha demissão do dito cargo. Bahia 5 de março de 1867.—Illm Sr. subdelegado do curato da Sé.—*A. R. de Sant'Anna.*

Concedo a demissão pedida —Bahia e subdelegacia da Sé, 5 de março de 1867.—*Ribeiro.*»

VARIEDADE.

Em um exame de introducção á historia natural, em certo lyceu, perguntava o examinador ao alumno:

—Como provará que o calor dilata os corpos?

—Facilmente, respondeu o rapaz. Bem vê que no verão os dias são maiores.

EFFEITOS DA PINGA.

Um adorador de Bacebo dizia:

—Estou cada vez mais admirado. Não bebo de proposito senão vinho branco, e o meu nariz vae enrubecendo como si eu bebesse vinho tinto!

REGRAS INFALLIVEIS.

Não ha revolucionario, que não se inculque de patriota.

Não ha fortuna ganha com escravos, que dure muito tempo.

Nao ha usurario, que não tenha demandas.

Não ha vinho de taberna, que não tenha mistura.

Não ha quarto de petit-maitre, que não tenha pontas de charuto.

COUSAS FACEIS E DIFFICEIS.

A cousa mais difficil que ha é acertar com o numero da sorte grande.

A cousa mais facil que ha, è morrer.

A cousa mais difficil è saber o dia e a hora.

A cousa mais facil que ha è mentir.

A cousa mais difficil que ha é fallar a verdade.

A cousa mais facil que ha, è adquerir molestias.

A cousa mais difficil è acertar-se com um facultativo, que as conheça e as cure.

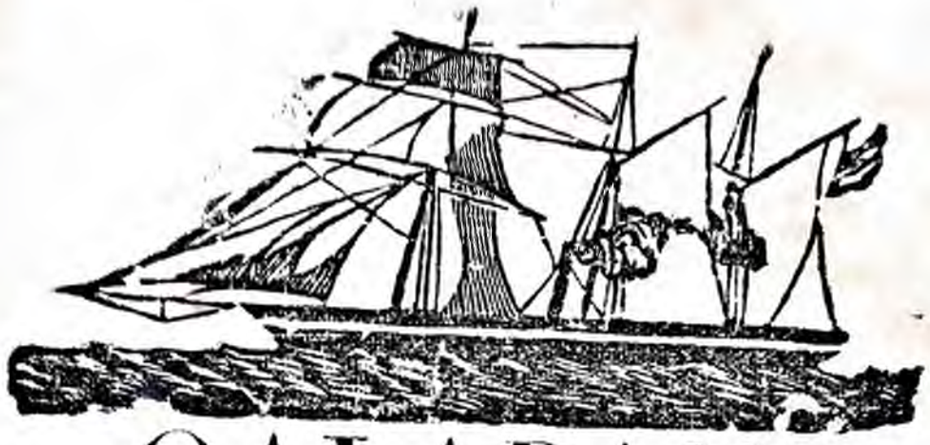
A cousa mais facil que ha, é entregar-se a gente ao vicio e ao ocio.

A cousa mais difficil é encontrar um amigo verdadeiro, e o rato fazer ninho na orelha do gato.

A cousa mais facil que ha, é achar-se muitos amigos.

A cousa mais difficil que ha, è encontrar-se um verdadeiro.

(Continúa)



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 9 DE MARÇO DE 1867. SERIE 18.ª—N. 174

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, pedindo-lhe que, por commiseração á humanidade desvalida, dê providencias afim de que tenha algum destino uma infeliz creoula, idiota, que anda pelo seu districto á vagar, dormindo no campo e pela Estrada da Valla. Essa miseravel, de mais a mais, está em vesperas de dar á luz o fructo da impudencia de algum desalmado, que não se pejou de abusar da desgraça de uma mentecapta. Espera-se por tanto, que S. S. attenderá ao pedido.

—Os ladrões tomaram á peito acabar com os cavallos e burros na Calçada.

—Em quanto elles não vierem á estribaria do chefe, é bom.

—So nestes dias levaram um cavallo russo do Sr. Gomes Ribeiro, um castanho do filho do Sr. Jacyntho Fernandes da Costa, um burro de um africano liberto, dous de um allemão, que tem carroças, e, na noite de 5, ia um dos taes sujeitos com outro burro, quando deram por elle; o maganão largou o animal e deu as *gambias*.

Dizem que são sujeitos, que andam acoitados pelo Bom Gosto e Engenho da Conceição e á noite sahem para fazer das suas.

—E' cada um que tiver seu cavallo, ter cuidado com elle.

—Havera quem se recuse a dar 500 rs. para um pobre pae de numerosa familia, o qual se inutilisou no serviço da patria, defendendo-a com as armas na mão?

—Creio que não.

—Pois neste caso está o Sr. Trajano Gomes de Castro, antigo militar, que hoje se acha sobre um leito, baldo de recursos para manter sua familia. S. Ex. o Sr. presidente concedeu-lhe um beneficio no passeio publico, que ha de ter logar no domingo, e é de crer que o nosso publico, bemfazejo e caritativo como é, concorrerá com seu obulo em soccorro da desventurada familia, além de que terá algumas horas de distracção ouvinde tocar bellissimos pedaços de muzica.

—A que horas principia?

—As quatro da tarde. O preço da entrada é 500 rs.

—Bem, hei de ir até lá.

O sabbado.

(Conclusão)

O empregado publico infeliz ou per-

dulario, que deve no armazem e na loja, no açougue e ao sapateiro, ao alfaiate e á casa de pomadas, no dia de sabbado, nem que o chefe da repartição o mate, não está effectivo no seu logar. Sempre anda pelos cantos; mette-se no archivo, que é sempre mais retirado, e á cada pessoa, que entra na repartição, elle muda de côr. E' um verdadeiro supplicio para elle o dia de sabbado! E quando algum mais impertinente o descobre ...

—Sr. Fulano, meu amo me mandou cá.

—Ja sei amigo; falle baixo ..

—Elle lhe mandou dizer....

—Já sei; no fim do mez.... falle mais baixo.

—Mas elle não pode mais esperar.

—Sim, sim ... já sei, quando receber o ordenado.

E vae logo conduzindo o sugeito para a porta. São couzas do dia de sabbado. Não ha melhor comprehensão do que a do homem que deve!

O figurão, que compra tudo e manda levar tudo á casa; que não falla a ninguem, tambem tem medo do dia de sabbado.

O pobre do credor, que deu seu genero despendendo cortezias e excellencias, e que já veio vinte vezes, e sempre achou o excellentissimo, ou no banho, ou deitado, ou com gente, ou incommodado, perde a paciencia e no sabbado começa a rascar na porta. Então não ha remedio, falla-se o mente-se largamente, porque, quanto mais personagem, mais mentiroso. Um, sabemos nós, homem de representação, que, ouvindo a gritaria que na casa lhe fazia o credôr, chegou ao ralo da porta, e, fingindo uma voz doce e de mulher, disse:

—O Sr. Fulano não está em casa.

—Pois, minha Sra, respondeu o simplorio credor, diga ao Sr. seu marido, que o mando pôr no Jornal.

—Sim, Sr., eu lhe direi. Mas, por quem é, tenha paciencia.

—Qual paciencia, minha Sra.! Olhe que foram couzas que me comprou na loja para o baile de...

—E' verdade. Mas a primeira couza que lhe peço!

—Bem, minha Sra, não me chamará sem condescendencia. A Sra. é quem me fica por fiadora?

—Sim, Sr.

—Então virei outro dia.

E com semelhante estrategia de devedor em afflicções, passou o homem naquelle sabbado sem barulho.

E o que não duremes do pobre trabalhador de officio, que com os olhos compridos considera o dia de sabbado com prazer, porque é o dia em que conta com o bago para si e sua familia, com o bago no sabbado, para a patuscada no domingo, e que chega no dia de sabbado e se vê logrado pelo mestre, ou dono da officina! Oh! uma dentada de cachorro damnado não põe por certo mais enfurecido ao pobre official.

O dia de sabbado é tambem um dia de colicas para os donos das officinas. No sabbado recebe o carregador de cesto o seu cobre da semana. O official de alfaiate, o sapateiro, etc.. da mesma maneira; o typographo ronda a porta do gabinete do dono ou administrador da casa, com uma terrivel gana; a menos que o administrador não fuja para os arrebaldes da cidade a fim de não pagar. Em fim, o dia de sabbado é um dia de todas as afflicções, colicas e trabalhos; a mentira vende-se aos alqueires em tal dia e tudo anda na carreira.

Nós mesmos, que estas linhas escrevemos, temos sido victima de um tal dia; e Deus sabe quantas colicas tambem temos passado!

Safa, com o dia de sabbado!....

A PEDIDO.

—Um pedido ao Sr. subdelegado dos Mares.

—Faça o.

—E' que quando mandar varejar as casas de africanos, seja em occasiões em que os mesmos estejam nellas, afim de evitar que se queixem os ditos africanos de extorsões e subtracções, que soffrem em seus haveres pelos agentes encarregados dessa commissão.

Ha poucos dias foi varejada, entre outras, a casa do africano Abrahão e

queixou-se da falta de 600 bagos, um outro queixou-se de que lhe tiraram 30$ rs. e outro 17$.

Além do que acho inconstitucional abrir-se uma casa sem estar seu dono, e não havendo motivo urgente.

—Acho que está no caso de ser attendido; tem toda a razão.

—O' muxingueiro?

—Prompto.

—Vae buscar o alquilé *Medonho*.

—Capitão, aqui está o *sabujo*.

—Então meu insigne professor do piano, como passou V. á noite, lá pela cloaça do navio?

—Ah, Sr capitão, passei uma noite levada dos diabos! Apezar de meu principio ter sido *cangueiro*, e de muitas vezes ter feito limpeza no ourinol de certo personagem, com tudo, depois que por minhas artimanhas tornei-me rico, e andei de carro, perdi o costume; por isso, esta noite vi-me atrapalhado para fazer a limpeza de bordo. O Sr. muxingueiro deu taca sobre mim, eu sem poder desembaraçar-me com um par de machos ao pescoço; que martyrio! que ancias!

—Nem por isso tomarás brio, e deixarás esse genio de rapina.

—Eu si desta me safar, prometto emendar-me.

—Em quanto não sahires daqui, salteador audaz.

Que diabo de tratada é uma que queres fazer com aquelle homem, que cria *pintos* no *campo* onde havia uma casa de guardar *polvora?*

—E' cousa muito licita; ando atraz delle para edificar em um terreno que tenho nas *Bengalas*.

—Isto é, andas a arranjar uma armadilha, onde o homem metta o pé..

—Não Sr., neste negocio ando com a maior lisura do mundo, tanto que offereci-lhe de graça telhas velhas, tijollos e mais accessorios.

—Ahi mesmo está a tua manha de ladrão; assim que vires o homem com a casa edificada, propões-lhe uma acção para elle te pagar os teus velhos cacos como si fossem novos.

—Eu nas minhas questões sempre sou victima, porque procedo de muito boa fé.

Ainda agora ando ás voltas com aquelle alcijado do Thomaz, que quer comer o meu suor.

—Alma de Satanaz, mentes! tu és quem quer roubar o homem.

Trataste uma cousa, não cumpriste, sem embargo do que, elle te pagou pontualmente e em cima queres, por meios fraudulentos, usurpar-lhe alguns contos de reis.

—Eu sou exactissimo nos meus tratos, ainda não contractei uma obra, que não cumprisse o que ajustei.

—Deitando materiaes podres, madeiras velhas e ordinarias.

—Sr. capitão, a madeira quanto mais velha, melhor para construcção.

—Ora deixe estar, que quando eu encontrar o Lazaro da Silva Medões, que tambem é mestre de obras, e entendido nestas cousas, hei de perguntar-lhe si isto é verdade.

—Pode V. Ex perguntar e elle lhe dirá si a madeira quanto mais secca não é melhor.

—Agora dize-me, quantas discipulas de piano tens?

—Algumas, Sr. capitão.

—Pois ha nesto mundo quem se lembre de tomar semelhante mono para mestre?

Ora vejam que dedos de caranguejo'.

Não é melhor que vás comer capim, creatura bestial?

Muxingueiro, dá 500 calabrotadas nesta cara calejada, e depois leva esse bruto para o porão até segunda ordem

(*Continúa*)

MOTTE

São como a hera viçosa
Os filhos do nosso amor.

T R .

GLOSA.

Na mocidade fogosa
Os nossos sonhos e anhelos
Queridos, puros e bellos,
São como a he a viçosa
Mas ai! si a sorte ciosa
Mostra um dia o seu rigor,
Anhelos, sonhos em flor,
Murcham, cahem sem perfume,
E consome o atroz ciume
Os filhos do nosso amor.

P. M.

Chama-se a attenção do Sr. Dr. chefe de policia para um Sr Silva, conhecido pelo *nariz torto* por ter um defeito no nariz e que anda sempre pela Ladeira da Saude, por ahi ser a morada de uma senhora que o creou. —

Esse individuo, anda á noite em companhia de outros, pela Estrada Nova, a abalroar as pretas, atirar-lhe ao chão as gamellas e espancal-as.

Na terça-feira á noite fez proezas na ladeira do Ferrão, tentando até arrombar uma porta. Ja foi empregado na estrada de ferro.

Espera-se providencias.

VARIEDADE.

REGRAS PARA INCULCAR RIQUEZA, TRATAMENTO, E IMPORTANCIA EM PUBLICO.

Passeiar á cavallo de tarde com loca'o galoado.

Festejar annos de mulher, e filhas com estrondo e sacrificio.

Tratar em ausencia aos parentes e irmãos por Sr. fulano.

Apresentar bulle de prata no chá quotidiano.

COUSAS INSUPORTAVEIS

Homem adulador.
Mulher depravada.
Negra catinguenta.
Chifradas de touros.
Dentadas de cobra
Cama com persevejos
Caminho de areia com sol quente
Ciume de mulher velha.
Fedor de couro.
Bebado atrevido.
Jornalista mentiroso.

PRAZER DOS INGLEZES.

Fazer caminhos e tudo mais de ferro.
Beber bom vinho ao jantar
Beber cerveja e comer queijo londrino.
Arrancar o ouro do Brazil para deixar papel.

IDEM DOS PORTUGUEZES

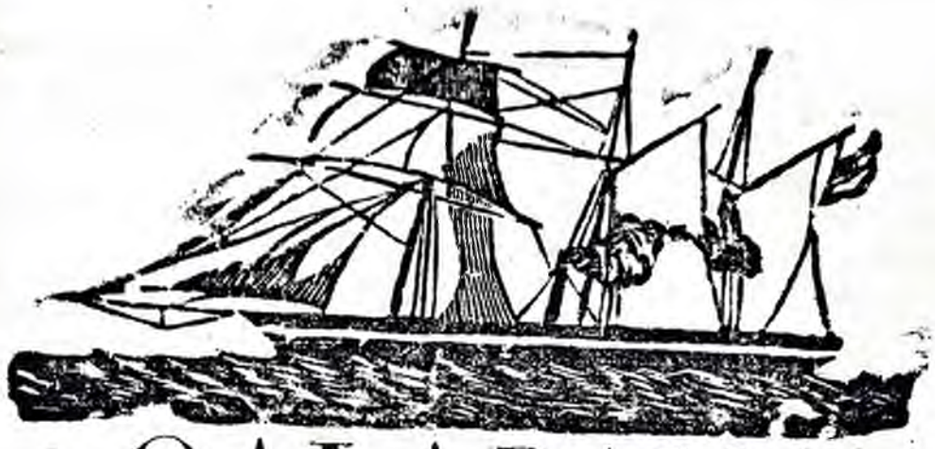
Comer chouriças do reino.
Conhecer o conde de Farrobo.
Calçar meias de linho.
Admirar o Tejo.

IDEM DOS ITALIANOS.

Garganteiar palavras.
Temperar rabiólis.
Inculcar reliquias
Fallar mal do papa.

ANNUNCIOS

Sabbado 2 do corrente.desappareceu do cemiterio do Bom Jesus,o mulatinho Aleixo, de edade 14 annos, escravo do administrador do mesmo cemiterio; no domingo foi ao quartel do Forte de S. Pedro para assentar praça, porém o Sr. coronel Carvalhal conhecendo que era escravo mandou-o embora, e desde esse dia não tornou mais á casa; levou vistido jaqueta e calça de riscado de listr s de cor, chapeu branco pequeno,de palha de alho; tem sido visto em differentes ruas da cidade e ultimamente nas proximidades do Forte de S. Pedro, onde se presume que ello dorme, quem o pegar e levar ao dito cemiterio a seu Sr., será generosamente recompensado.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 12 DE MARÇO DE 1867. SERIE 18.ª—N. 173

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, pedindo-lhe, que, por intermedio de sua authoridade, faça conter um ajuntamento, que ha em uma casa á rua do Areial, em Itapagipe, pois havendo por alli familias, vivem estas incommodadas com as excessivas e continuadas immoralidades a que dá logar a constante embriaguez e deboche, em que vive a *pandega*, que se reune na mencionada casa. Espera-se receber mercê.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um enfiabrado creoulo, cego de um olho, de nome Angelo, o qual anda pelo Terreiro a fazer cousas do *arco da velha*; tentou assassinar o mestre, em cuja companhia vivia, e arribou de casa; agora anda a provocar desordens, fazendo alarde de valentão. Na noite de 3 do corrente, a não ser o inspector de quarteirão, parece que elle matava de pancada a um menino na rua das Laranjeiras; tambem, ha pouco, reunido a um mudo, desastrado como elle, foram insultar ao Sr. Jesuino, ex-praça de voluntarios, empregado na typographia do *Liberal-Progressista*; esse homem viu-se tão provocado, que foi obrigado a lançar mão de um feixe de lenha para se livrar dos doestos e ameaças dos dous aggressores.

Costuma encurralar-se na quitanda de um tal Pedro, junto a egreja de S. Pedro dos Clerigos.

Pede-se a S. S., que, tomando em consideração o que aqui se lhe expõe, dê providencias.

—Os apologistas do Sr. Tiberio diziam, que elle por nada queria ser deputado, por ser isso prejudicial á sua saude. S. Ex. quando está na côrte vive sempre doente da garganta.

—De muito fallar não é.

—E gasta mais do que ganha.

—E assim mesmo quer ser senador, que é negocio vitalicio, e tem de ir todos os annos.

—Para V. ver quanto pode o acrysolado amor da patria em certos peitos!...

—Fui ouvir o sermão na Misericordia, e parece que vim peior do que fui.

—A razão?

—Porque levei todo tempo a murmurar dentro do templo.

—Quem lhe mandou.

—Ora, quem pode ver impassivel uma sucia de sujeitos que se encara-

pitam das grades para dentro do lencinho ao poscosso e com outro na mão, todos admados, a se abanarem, e a fazer tregeitos mulheris? Isso é ridiculo!

—Ora V. não sabe, que ha homens que tem queda para tudo quanto é balda de mulher?

A justiça.

(Conclusão)

Em ultimo apuro é melhor não ter justiça alguma, e entregar os crimes á reforma do tempo, do que ter a justiça mal administrada, sustentando rapinas e perseguindo a innocencia para deixar o crime impune.

Para termos uma justiça b m administrada é de primeira necessidade que haja muito cuidado em nomear para os logares, ou varas de jurisdicção, homens de conhecido merito, habeis na jurisprudencia, e não rapazolas sahidos dos bancos das academias, ainda estranhos e faltos de experiencia, porque governar povo rão é criar gallinhas; é mister que, antes de ser nomeado o juiz, se faça uma indagação *vista et moribus*, e então depois se lhe dê um ordenado sufficiente, e não miseravel, para que elle tenha com que fazer face á cathegoria do cargo, sem precisar de abusar. Exigem as academias que se estude tão somente cinco annos para se tomar o grau de doutor em jurisprudencia ou scienceia da justiça; e para doutor em medicina exigem seis annos, o que não acho de razão, visto que a jurisprudencia é mais exacta e fundada em principios mais certos do que a medicina: pelo menos deviam ambos ser considerados eguaes, visto que um curativo de medico equivalle a uma demanda, só com a peior differença, de algumas vezes, darem no fim a sentença de morte sem o doente a merecer; si uma reforma exigisse d'ora em diante seis annos para o curso de jurisprudencia, seria muito util até para diminuir a facilidade com que se fabricam tantos bacharcis, pois que é impossivel ao Brasil d'aqui á poucos annos dar empregos a todos. Em ultima analyse, direi que o administrador da justiça deve ser um homem de sciencia e reconhecida probidade, e para exercer o encargo em regra, deve ter o juizo agudo e coração neutro ou imparcial

E basta de fallar da justiça; abaixemos o panno deste theatro magico, para levantarmos em outra scena, e findemos portanto o artigo com a traducção que fez um padre estupido, o qual, vendo no fim de um texto da Biblia as palavras—*parabulam hanc*, traduziu—paremos aqui.

Adeus, amigos, até a primeira.
Creiam que eu sou desta feita
Seu amigo sem suspeita,
O bacharel Tobias,
Que só come gias.

A PEDIDO.

—Foi concedida ao Sr. coronel Carvalhal, á seu pedido, exoneração da commissão, que tinha, de organisar uma companhia de sapadores nesta provincia.

—De organisar não; o Sr. Carvalhal organisou, e não uma, porem duas companhias, das quaes embarcaram cento e vinte quatro praças, ficando o resto no hospital.

—Digo o que li no *Diario*.

—Pois foi uma inexactidão, que é bom rectificar, porque as companhias foram organisadas e embarcaram publicamente.

Pede-se a certor *derretedor de metaes* do trem do mar, que por Santo *Horacio* entregue os 2$ rs. do M. B., que no caixão do memo tirou, por *brin adeira*, para que não aconteça como com a moeda, que por brincadeira ficou no bolso.

Um observador do caso.

Attenção.

No domingo, 10 do corrente, comprou-se 6 libras de carne no talho n.° 15—R. S.—e faltou meia libra; o comprador, sendo victima ja innumeras vezes, queixou-se ao subdelegado do districto, e este mandou de novo o com-

prador com seu ordenança (este de parte) ver 6 libras e pesar n'uma venda, participando lhe da falta, faltou meia libra e meia quarta; mandou vir debaixo de vara o individuo e impoz lhe a muleta de 30$ rs., ou-d'alli para a prisão; á muitos rogos conseguiu o supplicante entrar com a muleta no dia 12.

Si tivessemos fiscaes energicos, como é o subdelegado o Sr. Ignacio Marciano de Barros, 'eriamos menos cancros a nos corroer os bolsos; porem como, si ha alguns que recebem presentes de bòa carne, dinheiro para o tempeiro?!...

Alerta, povo, com estes tractantes, façam como eu, que a cousa talvez melhore.

Um padecente.

—Lá vae um....

Dizia o Sr. *João da America* ao *Gomes*, quando passava certo moço.

La vae um!

Que quer dizer lá vae um?

Suppunha o Sr. *João da America*, que o moço que elle apontou é algum marido que deixa a mulher em casa para andar nas orgias pelas casas das meretrizes?

—Não.

—Suppunha que é algum esposo, que querendo solemnisar o anniversario do seu casamento, éxige de cada um de seus amigos dous mil reis?

—Não.

—Suppunha que é algum procurador relaxado, algum bebado?

—Não.

—Então pode apontar e dizer—lá vae um homem honrado, porque não tem nenhum desses defeitos!

—O Sr. não me conhece?

—Não.

—Pois não me queira conhecer; livre-se de mim, que estou excommungado. Meu pae ja morreu e a minha irman cazou-se. E eu tambem sou casado, casei com uma viuva muito rica; ella é a cabeça de casa ... ella quiz assim, e eu para aproveitar-lhe os cobres annui. Não fiz bem? Hoje sou muito rico, tenho roubado muito.... sou um ladrão.. nem a minha irman, que muitos annos *morou* comigo, poupei!... Ora, adeus! Pode quem pode! Mas eu sou muito ingrato. . a esta minha irman eu não devia roubar. . ell a *morou* comigo, ella atarou-me tanto. . fui eu quem... oh não lhe digo.... isto é segredo... o Sr. sabe da outra...

—Malvado... infame. como é que comes a carne da tua carne! Meu Deus! isto é o inferno.. ..

—Não posso mais . estou no meio das chammas... meu corpo arde .. sou fogo.. sou o diabo... Que tormento! Oh! eu sinto remorsos..... mas é tarde e alem de tudo, ah! alem de tanta malvadeza, tenho roubado um pobre velho, que salvou-me de ir a cadeia! Sou um ladrão; meu velho, perdoa ao desgraçado!

—Perdoar! não!

—Eu não mereço perdão , eu mereço castigo. Castiga..castiga-me, que não fazes ainda o que mereço... mette-me na cadèa, arranca-me esta vida que é um pesado fardo! Ah! tempo de minha meninice! eu era pequeno, innocente.. não conhecia a maldade.. e hoje... hoje sou um maldicto! Minha chara esposa, enganei-te! apparentei virtude para pegar teus cobres, mas sou um criminoso... tenho offendido a Deus e as leis do paiz... e ainda não ando de ferros aos pès!.. Ah! que gente benigna para quem tem sido um agoz, Inferno! inferno! abre tuas portas que la vae um maldito! ..

—Quem tem seu mau costume, nunca perde!

—Boa duvida!

Julguei que o *Cabeça de Canôa* tomasse algum geito com as esfregas que tem levado; qual! cada vez se torna mais ladrão!

—Pau que nasce torto, nunca se indireita.

—Eis mais uma delle:

Tinha uma escrava, que estava ajuntando dinheiro para libertar-se do jugo ferrenho dessa harpya.

O tratante teve noticia disso, foi a caixa da preta e emprestou uns 400$ rs.

que achou. E, como ella reclamasse, foi barbaramente castigada e vendida!

O larapio não se contentou com roubar a infeliz escrava, em cima maltractou-a, dando lhe até com os saltos dos botins na cara.

- Que patife! E é o homem a quem o *Salustio* defende!

—Que quer, si ambos são da mesma grei. Todos dois amarrados a um pé de *pereira* e surrados com boas raizes de *carvalho*, não pagam o que devem.

—Infeliz preto! ainda depois de morto, sofre revezes!

Morreu repentina e duvidosamente, e ninguem se importou de saber de que: mettem-o na *patusca* embrulhado n'uma baeta e o cadaver cahe na *calçada* da rua despedaçando o craneo!

—Eu vejo naquillo uma providencia: é para que todos conheçam a deshumanidade do senhor, que nem ao menos foi capaz de mandar deita-lo n'um caixão!

—Ha senhores bem desalmados! Aproveitam-se dos serviços dos escravos, como si fossem burros de carga, e quando elles tornam se invalidos ou morrem, atiram-nos fora como a um animal!

—Ha muitos destes; ha pouco contou-me o *Agostinho*, que leu, ha *dias*, n'um jornal um caso egual acontecido em *Lima*.

VARIEDADE.

GENEROS INSUPORTAVEIS DE SE TER EM CASA

Pombas mariolaas
Mulher falladeira.
Menina teimosa.
Rapaz mal creado.
Gato miador.
Criada damninha.
Escravo ladrão.

ACTOS TERRIVEIS DE QUE A GENTE RARA VEZ SAHE-SE BEM,

Negocio com magistrado.
Teima com militar.
Questão com inglezes.
Ajustes com cigano.

COUSAS QUE CAUSAM HORROR

Trovoada de noite.
Facada nas tripas.
Meças em naufragio.
Velhos em contradanças.
Namoro de frade.

ANNUNCIOS

José Roberto, chegado ultimamente do Sul, avisa á amavel rapazeada, que acha-se de novo no seu antigo officio de *agencias* o *commissões* para o que pode ser procurado á noite no largo da *Luxuria*, assentos 4º e 5º., lado do mar; partecipa egualmente, que no pouco espaço de tempo, em que aqui se acha, tem ja adquerido um grande sortimento de *fazendas finas*, cousinhas nunca vistas para a rapazeada apreciar.

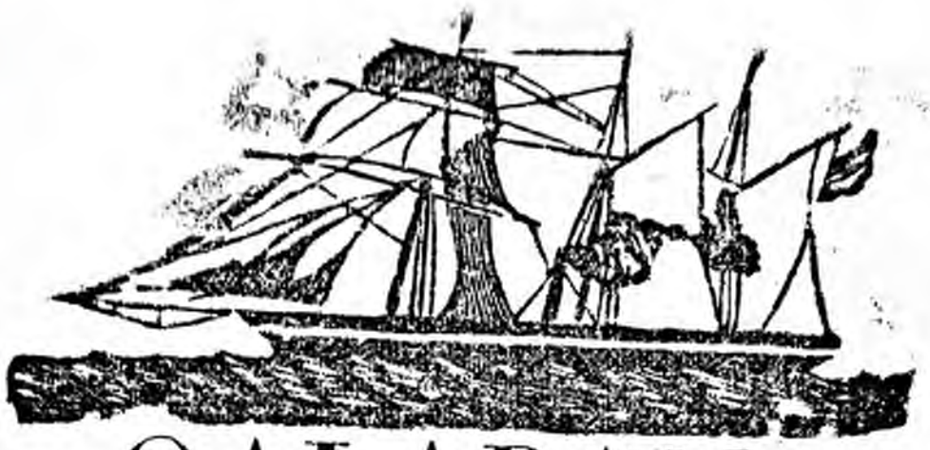
As antigas freguezas, que com elle tinha transações, das quaes elle ainda não poude descobrir as moradas, queiram mandar partecipar-lhe, bem como aquellas, que estiverem desgostosas com seu collega Mané Bahia.

Desappareceu ou furtaram da casa nº. 25 ao Caquende uma cahorrinha branca, felpuda: quem a entregar ou der noticia della sera bem recompensado.

No Maciel de baixo nº. 14 precisa-se serventes, e paga-se bem.

Sabbado 2 do corrente, desappareceu do cemiterio do Bom Jesus, o mulatinho Aleixo, de edade 14 annos, escravo do administrador do mesmo cemiterio; no domingo foi ao quartel do Forte de S. Pedro para assentar praça, porém o Sr. coronel Carvalhal conhecendo que era escravo, mandou-o embora, e desde esse dia não tornou mais a casa; levou vistido jaqueta e calça de riscado de listras de cor, chapeu branco pequeno, de palha de alho: tem sido visto em differentes ruas da cidade e ultimamente nas proximidades do Forte de S. Pedro, onde se presume que ello dorme, quem o pegar e levar ao dito cemiterio a seu Sr., será generosamente recompensado.

Typ. de Marques, Aristides e Iyrapuan.



O ALABAMA.

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 17 DE MARÇO DE 1867. SERIE 18.ª—Ns. 176 e 177

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, chamando sua attenção para os actos reprovados, que praticam alguns cortadores de carne na Baixa dos Sapateiros, depois que acabam o trabalho: estendem-se em linha a dar vaias em todos quantos passam e a commetter abusos inqualificaveis; chamam pretas e prendem-nas dentro dos talhos.

No domingo 10, dizem que um de nome Justinianno chamara uma preta de empadas e a trancara, querendo obrigal-a á actos á que ella se não quiz prestar, e por isso foi espancada, depois de lhe haver o sujeito tapado a boca.

A pessoa que nos informa semelhante facto, garante que elle foi presenciado por todos, que transitavam por alli. Pede-se por tanto a S. S., que dê providencias no sentido de que não continuem taes escandalos

---

—As irmans de charidade nesta terra, querem até reformar a nossa Santa Religião!

—V. tambem é exagerado para com as *santas* mulheres!

—E' o que lhe digo!

Desde que me entendi achei o preceito admittido pela egreja de que todo o fiel pode se confessar quantas vezes quizer, porem que não pode commumgar sem se ter confessado.

—E nem ha padre, que admitta o contrario disso.

—Ora si ha!

As irmans de charidade, empregadas na Santo Casa, confessam-se uma vez na semana e ficam com direito salvo a receberem todos os dias em seus puros e angelicos buxos o Sagrado Corpo de Christo!

—E o Sr. arcebispo consente isso?

—Estou certo de que si elle não consentisse, o facto não seria praticado.

Disseram-me até que, indo um respeitavel sacerdote representar a S. Ex. contra isso, elle respondera—que deixasse—por que com semelhantes mulheres não queria alhadas.

—Agora nisso é que não acredito.

—Nem eu.

—A policia actual é a mais imbecil que tenho conhecido!

—Tem seus conformes.

—Em negligencia, não ha quem lhe leve a palma.

—Pode ser.

—Para provar, basta ver essa malta de vadios, que andam pela rua affron-

tando a moralidade e insultando o decoro das familias.

—Isso são ninharias

—Pergunte as familias que são atrozmente injuriadas com as expressões obscenas, si são ninharias; pergunte aos cidadãos pacificos que são insultados e apupados publicamente, si são ninharias.

Ainda no dia 10, seis moleques e tres negrinhas, fizeram artes do capeta pelas ruas da Mizericordia, ladeira da Praça, rua dos Carvoeiros, Atraz da Cadeia e Palacio; as familias chegavam ás janellas para ver o alarido e retiravam-se cobertas de pejo á vista das palavras deshonestas que proferiam; muita gente parava na rua assombrada de tanta depravação, e somente um soldado de policia, um so, não apareceu para dispersar aquelle grupo.

Si duvida de minhas palavras informe-se dos moradores de qualquer das ruas mencionadas.

—Nao é preciso: eu acredito muito no que o Sr. diz.

—Então tire a consequencias: a policia não é capaz de conter uma sucia de moleques, quanto mais haver-se em casos de alta importancia.

—Capitão, si eu não temesse ser chamado á explicações, ia contar ao Sr. Dr. chefe do policia um caso: porém, além do homem nenhum peso dar ás minhas palavras, as pessoas á quem ellas se referem, terão tempo de prevenir-se, e depois está a gente em mãos do Sr. delegado, que, aqui para nós, não anda lá muito contente com a tripolação.

—Pois desabafe-se commigo; conte-me o que queria dizer ao Sr. Dr chefe de policia.

—Queria contar-lhe que de casa de uma certa familia desappareceu a Imagem de um Deus Menino e foi indigitada como authora dessa falcatrua uma escrava da casa. Fosse ella ou não, o caso é, que foi mettida n'um quarto no solão, onde está a dois mezes, acorrentada, á jejum de pão e agua, e é espancada todos os dias de manhan, para confessar o crime.

—Que familia é essa?

—So si eu fosse doudo diria, quero depois andar apertado!

—Diga ao menos o logar.

—Mande V. Ex ahi por essas *solidões* e onde encontrar uma casa no meio de espessos *mattos* com alguns pés de *pitombo*, é ahi.

—No dia 12 falleceu repentinamente um trabalhador da praça D. Izabel.

—Si a policia não consentisse a immensidade de casas de jogo, que ha nesta cidade, não aconteceria de vez em quando desses fracassos.

—O que foi?

—Um moço do commercio, que acaba de dar um desfalque consideravel aos amos, e desempregar-se por consequencia.

—Então jogava?

—Desabridamente.

—Quem era elle?

—Para não exarcebar-lhe o infortunio, calo seu nome.

—E perde-se assim um moço, que podia ter um futuro honroso!

—Para saciar a gana de meia duzia de tratantes, que vivem a custa deste e outros incautos!

—E' a gente que esses espertos querem nas suas maldictas *cumbucas*

Quando apparece alguem que, ou por ja ter soffrido, ou por entender da minestra, não lhes engole as *patotas*, elles chamam *sabido espiador* etc. por que querem tolos que lhes vão encher os bolsos, embora no outro dia fiquem desempregados, por ladrões.

—Fazem muito bem, em quanto a policia lhes consentir, devem aproveitar.

—Estes boleeiros não tem alma; quando andam desembestados não se importam de matar alguem.

—Ainda hontem vi um quasi matando a um desses sujeitos que tocam realejo: O homem encostou-se ao passeio e la mesmo a *ponta da lança* foi offendel-o!

—Está por que dizem que outro dia

no Campo Santo o Sr. João Ignacio dora n'um á valer.

—Os membros da companhia do olho-vivo acabam de realisar uma empreza gigantesca!

Souberam, que uma preta no Engenho Velho, que tinha de retirar-se para Africa, possuia algum dinheiro, foram á sua casa e roubaram 1:200$rs. A policia teve sciencia e foi procural-os, porém elles zombaram da policia e pozeram-se nos *verdes*. Dizem que a *senha* de alarma partiu mesmo de um dos agentes da deligencia.

—Ora, amanhan elles andarão ahi frescamente a commetterem novos latrocinios; a preta é quem hade perder os cobres.

—E não ha um meio de acabar com isto! Os ladrões roubam afoitamente e no outro dia insultam impunemente ao roubado.

Desgraçado paiz, onde as leis são impotentes para refreiar a audacia dos ladrões!

—No entanto para outras cousas ha tanta severidade.....

—Finalmente.....

—Assim dizia um deputado na introducção de um discurso, em que pretendia embarcar uma bisca.

—....abriu-se no dia 14 a assemblea provincial com o elevado numero de treze Srs deputados!.....

—Pouco menos de um terço, não é pouco.

Compareceram os Srs. Drs. Pedro Brandão, Demetrio, Aygdano, Monteiro, Sodré, Carvalho Menezes, Zama, Melgaço, Freire de Carvalho, Mariani, Pedreira, Almeida Couto, engenheiro de Selpuveda, padre Moraes, e Souza Vieira.

Houve um deputado que esteve nas galerias.

—Fez bem, não estava para massadas.

—Creio que o motivo foi outro; isto é: disseram-me que na opinião do illustre deputado o acto era illegal.

—S. Ex. o Sr. presidente da provincia leu o seu relatorio e retirou-se, depois do que os dignissimos retiraram-se por falta de collegas para trabalharem.

LÁ VAE VERSO.

Rabeca

QUE AS MOÇAS TOCAM, QUANDO CHEGAM DO PASSEIO.

As meninas d'este tempo,
São patuscas, são gaiatas,
Assentaram lá com sigo
Não perderem funçanatas.

Em se fallando em passeio
Fica tudo alvoraçado;
Logo ha sapatos e saias,
Logo ha vestido engommado.

Mas, para a Egreja, mil vezes
Se diz que falta o vestido,
Que as saias estão na gomma,
E o sapato descosido.

Mal que se pilha na rua
Alguma mais tagarella,
Pobresinho do infeliz,
Que cahir na bocca della....

Apenas se apanhan juntas
Começam a examinar
O que as outras moças levam
Com sigo, e no seu trajar.

O bello porém é vel-as
Fazerem depois sessão,
Do que viram no passeio,
No theatro, ou na funcção.

—Fulana? você não viu
—Aquella moça, que tinha
—Uma verruga na orelha,
—E estava de camisinha?

« Vi, diz outra, e por signal,
« Que feia não parecia;
« Mas que mal feito vestido!
« Que sujo chapéu trazia!

« O moço que ella levava,
« Esse, sim!... de bigodinho!...
« Que pena de não ser meu:
« Não era tão bonitinho?

—Gentes!... você sabe lá
—Si o homem era casado?
—Eu o que achei bonito
—Foi o collete encarnado!

« E aquella velha co'a filha,
« Que andava empurrando a gente,

« Só dizendo—arrenegada
« Passa la para *diente*....
—E que formidavel queixo'..
—Sabe com quem parecia?
—Com o castão da bengala
—Que o primo José trazia.

« Ca, ca, ca, ca!... e a menina
« Ia se rindo de ver
« A teima da velha!... Aquillo
« 'Sta mostrando o que ha de ser!..

« Deixe estar o primo Elias,
« Que elle nos ha de pagar;
« Poude ir de braço co'as primas;
« Não nos poude acompanhar!...

—Coitado! isto não decide;
—S'taria compromettido:
« Si elle viesse commosco
« Tinha-se mais divertido,

—Quem sabe!... a este respeito
—Eu penso presentemente,
—Que mesmo quem ama a outrem
—Deve andar ao pé da gente.

« Pois eu não; o que de mim
« Não gostar não venha cá;
« Quem suspira ao pé dos outros,
« Bem pode *ir cheirar p'ra lá*.

—Ora! deixemo-nos d'isso,
—Que nada p'ra o caso vem;
—Essas cousas não transtornam
—As vistas de quem quer bem!..

« Vamos a nossa conversa:
« —E as mulheres de mantilha,
« Que uma fallava da neta
« E a outra chingava a filha?

« Dizendo que a cahorrinha
« Tres filhos tinha parido,
« E perguntando si a outra,
« D'isso ja tinha sabido?

« A outra disse que não,
« E nem saber precisava:
« Porque com gato e cachorro
« Enfadada sempre andava.—»

D'esta sorte, e mais ainda,
Discutem as nossas bellas
Tudo, porque nada escapa
's vistas sagazes d'ellas.

E passando horas o horas
A relatar quanto viram,
Logo por outro passeio
A cada instante suspiram.

E n'esta terra, porém,
Como assim não hade ser?
Em que hão de noss s familias
N'uma salla se entreter?

Em geral, nas reuniões,
Não se cuidando em dansar,
Os moços deixam as moças,
E vão se pôr a jogar.

São poucos os que tem geito
P'ra n'uma sociedade,
Fazerem côrte ás senhoras.
Com milindre e honestidade.

Talhando estas carapuças
A ninguem quero offender;
Só quero dar mais um meio
Para o leitor se entreter.

Recebam, pois, as senhoras
Este mimo, este presente,
De um moço meio engraçado.
Que lhes off'rece contente.

Tem nariz um pouco cheio,
De pernas é meio arcado,
Cabeça sobre o comprido.
Assim meio corcovado.

Vejam bem se lhes agrada
Esta bella figurinha:
Em terra, é um ratazana,
E no mar, uma sardinha.

(*Extr.*)

A PEDIDO.

—A *cabeçada* ja não é privilegio da classe molecal!

Está adoptada pela fidalguia até na *praça* publica!

—Antes usasse do socco, que é mais civilisado, por ser de systema inglez.

—Consta que certo *baronete* querendo mostrar que na *capoeira era direito*, n'uma scena de pugilato, *calçou o pé*, e *mostrou a planta* ao adversario.

—E que fez o outro?

—Retribuiu-lhe com algumas *chapeladas de sol*, e foi *acoutar-se* lá para o Rio Vermelho.

—Oh! meu charo Sr. Francisco, como é você generoso! Espalha sobre os

outros as flores que lhe dava a *Maria das Neves*!

Será possivel que no seu jardim haja essa immensidade de *galhas* com flores, que o Sr. julga demasiadas, e as quer repartir com os outros?

—Tenho tantos, que de longe *ja sinto* o seu aroma.

—Porém eu achava bom que as désse a quem lh'as merecesse; e não a quem nunca se intrometteu com sua vida e nem lhe deu motivo para o Sr. repartir o que era seu.

Depois, o nome que o Sr. chamou na ladeira da Conceição a aquelle sujeito, tanto pode caber a elle como ao Sr; ambos estão na mesma condição, com a differença que elle nunca consentiu em sua casa candomblés.

Si o Sr. soubesse de certos factos, que se passam em sua ausencia, não fallaria dos outros.

O Sr. sabe que certas difficuldades se vencem com dinheiro e não com enredo e com insultos a terceiros.

Portanto guarde suas flores para si e deixe de espargil-as sobre quem não se lembra do Sr., nem mesmo quando exerce certos actos da vida.

—Sr *Julio*, tenho contas com o Sr.

—Deixe-me primeiro voltar de *Itaparica*, que as ajustaremos.

—E' cousa urgente.

—Por quem é....

—Nada de hypocrisia. Por que anda V. propalando uma cousa, que a religião reprova e a sociedade condemna?

—Ignoro

—Quer que lhe diga?

—Não, senhor.

—Pois V. em vez de *commer calado*, anda a espalhar um negocio que lhe pode prejudicar?

Olhe, socco de inglez não é boa cousa....

—Dizem que no tempo antigo appareciam milagres de fazer pasmar; eu hoje, nesta Latronopolis, vejo cousas, que só por milagre!.... Fico de boca aberta

—Viu algum animal fallar?

—Não.

—Alguma baleia nadar em socco?

—Tambem não.

—Ora, então vá pentear macacos!

—Porém vejo um verdadeiro milagre que é um empregado com 16$ rs. mensaes de ordenado sustentar cavallo, pagar casa, ter ama etc.

—Pode ser que casasse rico.

—Não creia, por que o sujeito casou-se com a filha de um homem, que tem alguma cousa pouca, lá para uns *rios*; porém não lhe deu ainda nada.

Então?...

—E' justamente um milagre.

QUE HOMENS!...

Q' homens meu Deus, esses que agora vejo
Campeando de honestos, immoraes que são!
De ti zombando com cynismo ousado,
Deixando a honra a rastejar no chão!...

Todos envoltos na tão vil materia
Almas impuras, corrompidas tanto!
A' luz da orgia d'um immundo alcouce,
Requeimam d'alma da pureza o manto!.

Lá sae um crespo, que berrara além,
Lá surge um roxo d'africano porte,
Ambos ostentam um poder insano,
Porque deixaram do captivo a sorte!

Apparece outro com rosadas faces,
Ardendo todo em bachanal furor,
Eleva o braço, tem galão no punho,
Quer ser honrado, mas não tem pudor!

Presumem ser da sociedade o brilho,
Fazem-se doutos, de saber ingente,
Julgam de tudo quanto não entendem,
Colhendo encomios da ignara gente.

Pobres, mendazes, invejosos todos,
Calar pretendem suspirosa lyra,
E queimando altares á vaidade estulta,
Do egoismo ardem na medonha pyra.

Só impostura e malvadez infinda
N'alma respira desses falsos entes!
Mas eu desprezo a refalsada chusma,
E busco alegre as soledões virentes.

—Sabe quem sou?

—Ignoro.

—Sou um doutor.

Tenho um passaporte por minha conta e risco, mando quem quero para o *barro vermelho*.

Mas eu não tenho culpa..... O Sr. deve saber que a profissão dos burros é carregar carga, e a mim deram a de carregar livros, para matar a quem lhe aprouver. Dizem que sou medico, medico!... medico!... oh sou... quem o pode negar? Tenho o meu diploma.

— Seu pae è que teve a culpa, destinando-lhe a uma vida para a qual o Sr. tem negação.

—Meu pae! meu pai! sinto remorsos! oh foi elle que me creou, que me educou, que me mandou estudar... Meu Deus! sou um malvado! retribui com o mal a quem me fez tanto bem! Ah... como estás tão bella minha irman.... como te amo...e não te gozarei? oh vem aos braços de teu irmão... quero dar-te um beijo quero sentir o doce aroma dessa flor que cinges na fronte! oh como és tão doce... como nos amamos....

.....

Horror... maldição... elle já sabe elle ja viu... estamos perdidos... Meu pae, perdão; sou um malvado... Mas quem te mandou vir aqui! Tu viste, oh sim, tu viste tudo... Meu Deus! mas meu pae adoeceu, não o mates, elle é innocente, sou eu o unico culpado! Não... espera; elle está com odio de mim, elle tem muito oiro... ah! este oiro pode ser meu!

Seja embora um parricida...sim.. um pouco de veneno, sou medico, e posso matar!.....

Que vejo? Um cadaver? Quem és tu? Não respondes! agora vejo... é meu pae... meu pae morreu.... quem o matou? Que horror! que vejo? um phantasma! Foge, foge daqui, não me atormentes... fui eu,... eu só que te matei... perdão... perdoa o parricido! »

—Has de tel-o no inferno.

—Capitão, capitão!....

—O que é isso, camarada? Você vem tão esbaforido! O que foi que lhe aconteceu?

—Eu lhe digo; vinha muito tranquillo da repartição, eis que ao chegar a California...

—Por isso V. vinha tão cançado! trouxe muito dinheiro?

—Não me interrompa, capitão, vinha caminhando socegado, sem me importar com pessoa alguma, quando se apresenta em minha frente uma mulher, que me cobriu de improperios. Ora, eu não a conheço, e por isso, corro a implorar a proteção de V. Ex. para aquella infeliz alienada.

—Ah! ja sei quem é; essa mulher não é alienada, nem para la caminha: e mulher ou amasia de um inspector e por isso sem receio algum, offende a quem bem lhe parece, não respeitando as familias honestas que infelizmente por ahi moram.

—Talvez seja essa a vibora a que me refiro; eu indaguei do *Pedro*, que mora perto do *Gomes*, que me disse ser ella amasia de um amigo do *Silva*.

—E' esse mesmo, muxingueiro?..

—Prompto, capitão

—Vá a California e previna a essa regateira que se eu tiver mais alguma queixa contra ella, eu a mandarei meter na cloaca do *Alabama*.

—Serão cumpridas as ordens, capitão.

MOTTE

Estava agora pensando
Quão veloz o tempo passa,
Quanto é breve uma ventura,
Quanto é longa uma desgraça.

GLOSA.

Annalia meiga e gentil,
Deusa de meu coração,
Deu-me a beijar sua mão
Em um ensejo subtil:—
De um beijo passei a mil—
Pedi-lhe com gesto brando
Que a deixasse ir abraçando, ..
Respondeu-me com decencia:
Meu bem, já nessa imprudencia
Estava agora pensando.

Adverti-lhe que um peito,
Que ama com vivo ardor,
Dos attractivos de amor
Jàmais se vê satisfeito.

—Mas que quereis? Tal defeito,
Que a natureza nos traça,
(Me disse em ar de chalaça)
Nos induz a outros damnos;
Vejo bem desses enganos
Quão veloz o tempo passa.

Então respondeis-me assim,
Quando um favor vos imploro;
Nao sabeis que vos adoro
Como um divo cherubim?
—Pois justifique-me o fim;
Tereis da vossa futura
Beijo, abraços com fartura;
Por emquanto isso não faço,
Que verieis dado o abraço
Quanto é breve uma ventura.

Quererieis depois de um,
Me dardes talvez um cento,
E o nosso prazer sedento
Ficando como em jejum.
Contente-se sem nenhum;
Sei bem que minha negaça
O vosso zelo ameaça,
Quero antes nada arriscar
Que qual outras contemplar
Quanto é longa uma desgraça.

Zeferino V. Rodrigues Filho.

—Capitão, um dia a gente do olho-vivo roubou a um tabareu na *cidade denodada.*

—Não sei qual é.

—A que tem o rio de *Catharina Alves.*

—Entendo.

—Um dos membros da tal companhia, sujeito de *ma cara*, metteu os cobres no bolso, embarcou-se no vapor, deixando os socios com agoa no bico.

Chegando aqui em Latronopolis, procurou sua *eva* e foi com ella desfructa as delicias que lhe proporcionavam os frescos cobres.

Como estavam separados ha tempos, cada um tinha sua casa, porém viviam juntos—Juntos sim, porem a parte.

Ora, a policia de lá, teve denuncia do roubo, filou os meliantes e requisitou a policia de ca de Latronopolis a prisão do sujeito de *ma cara*, o qual foi immediatamente seguro.

Teve porém noticia o *immediato* ao intendente da policia do que parte do dinheiro estava em ser em mão da santa *eva*, em tal e tal logar, nesta e naquella especie.

O nosso immediato, que é apreciador da fructa e apaixonado em extremo pela cor de azeitona, achou nesse motivo pretexto para encetar *relações amigaveis* com a *eva* do homem de *ma cara*, e á noite, la foi caminho da ladeira do *Santo Seraphico*, avisal-a de que sua casa tinha de soffrer uma busca! Em paga do que passou horas *deliciosas*.

Que tal a authoridade?

—E' como as outras: homem de carne e osso, de seguir os impulsos do coração e satisfazer os caprichos da natureza.

VARIEDADE.

A vida.

João de Deos descreveu assim a vida:

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal sôa,
A vida é sopro que foge,
A vida é nuvem que vôa,
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve,
E como o fumo s'esvae;
A vida leva um momento.
Mais leve que o pensamento,
A vida leva o vento,
A vida é folha que cae,
A vida è flor na corrente,
A vida è sopro suave,
A vida é estrella cadente,
Vôa mais leve que a ave.
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares
Uma apoz outra lançou,
A vida penna caida
Da aza d'ave ferida
De valle em valle impellida
A vida o vento a levou.

GENEROS DIFFICEIS DE ACHAR-SE NAS MULHERES.

Belleza perfeita.
Silencio completo.
Juizo acertado.
Amor verdadeiro.

COUSAS DE QUE MAIS GOSTAM OS RAPAZES.

Beijos.
Apalpadellas.
Namoro.
Bellisecões.

TABOADA DA BUENA-DICHA DOS SONHOS.

Quem sonha com pão de-ló, está para ter herança e porção de dinheiro.

Quem sonha com flores, está para ter visitas ou hospedes de cerimonia.

Quem sonha com chifres, está para morrer e ir para o inferno.

Quem sonha com rabo de gato, está para ter dor de barriga.

Quem sonha com abobora vermelha, está para ter hydropisia ou erysipela.

Quem souha com barril está para ter bebedeira.

Quem souha com perú, está para ter despacho de diplomacia.

Quem sonha com estudante, está para sofrer logro.

Quem souha com musico, está para ter indigestão

Quem sonha com freira, está para ficar destemperado.

Quem sonha com piloto, está para fazer viagem a' Costa d'Africa

Quem sonha com alcatrão, está para ter má noticia.

MALES QUE ARRASARÃO A SOCIEDADE.

Inveja
Intriga.
Luxo
Ambição.

PRAZER DOS FRANCEZES.

Contar façanhas de Napoleão
Imaginar romances.
Inventar perfumes.
Dançar o can-can nos bailes mascarados.

Os suspiros de um roceiro.

Já na minha mocidade
Passei horas venturosas
Na fresca relva assentado
Por entre jasmins e rosas.

Mas hoje, oh Deos de piedade,
Trago afflicto o coração!
E neste penoso estado
Não tenho consolação.

Sigo as leis do austero fal
Na desventura em que vivo;
Dos ais sentidos que solto
Minh'alma sabe o motivo!

Largos annos são passados,
A minha flôr já murchou;
O viço que d'antes tinha
A mão do tempo esgotou!

Era a mais bella do prado,
Era de todos querida·
Vérme damninho a mordeu;
Não pode ter nova vida!

Perdendo a flôr que eu adorava,
No mundo sem companheiro,
Vós que amais, ouvi sentidos
Os suspiros de um roceiro!....

(*Extr.*)

REMEDIOS PARA CURAR TODOS OS MALES DO MUNDO.

O tempo.
A experiencia.
O desenganno
A morte.

ANNUNCIOS

Na Barroquinha, casa nº. 4, vende-se um preto maior de 40 annos e dous cavallos russos.

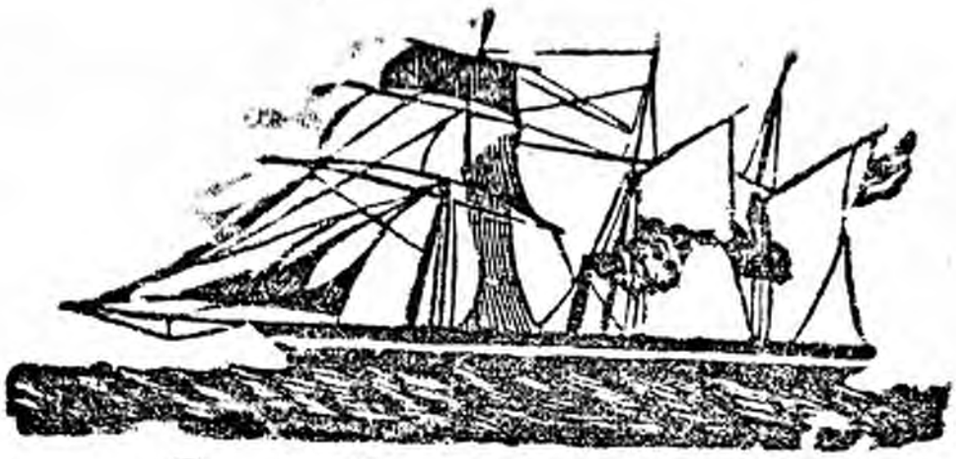
Quem perdeu uma vaca leiteira, sirigada, malhada de preto, dirija-se a roça da Matança, que achará, sendo responsavel seu dono de pagar o estrago que fez, e o alimento desde o dia 24 de fevereiro, bem como a despeza do annuncio.

Na Loja de cera á rua da Mizericordia n.º 4, vende-se cartas para enterros, penas de aço, requerimentos, lettras, rapé, graxa para sapatos, charutos etc etc etc.

PERGUNTA-SE.

Ao Sr. *Quinquim Baptista Giragrande*, director dos festejos patrioticos, si ainda não recebeu dinheiro da direcção para pagar as despezos feitas com o palanque. Roga-se ao mesmo Sr. queira ir pagar o que tomou emprestado para pregos e ganhadares, bem como o importe de vinho e cerveja.

No Maciel do baixo nº. 14 precisa-se serventes, e paga-se bem.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 20 DE MARÇO DE 1867. SERIE 18.ª—N.º 178

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do 2º districto da freguezia de Santo Antonio, pedindo-lhe que acabe com duas casas de jogo, que ha no seu districto, lá para a Cruz do Cosme, por que além de serem prohibidas semelhantes casas, dão-se nas mencionadas continuados motins; e por isso espera-se que S. S. não deitará no tinteiro este diminuto pedido.

—Sou inimigo de erratas; porem os Srs. compositores deram na mania de alterar o que vae escripto, e não ha remedio, sinão dizer que foram 15 e não 13 deputados que assistiram a abertura da assemblea provincial.

Assim como onde diz—pouco menos de um terço—é, pouco mais de um terço.

—So?

—So.

—Então siga o carro.

—Que alarido é um, alli nas Grades I erro?

—E' uma mulher, que brada para Deus e o mundo ouvir, que o portuguez Antonio Ribeiro Moreira com loja nesso mesmo logar, lhe deflorara uma irman menor, que ella os apanhando em flagrante na escada, elle se desvencilhára e correra, deixando as chaves de sua loja, que ella o perseguira, conseguindo agarral-o junto ao escriptorio da Companhia do Gaz, porém, que a policia imperiosamente lhe ordenára que deixasse o homem ir em paz, e depois, si quizesse, desse queixa contra elle!..

—Que tal é a policia desta terra!...

—Pelo menos, parece, devia prender a ambos.

—Sem duvida.

—E agora, diz ella, que elle manda offerecer-lhe 20$ rs, dizendo que com isto pode calar a boca, que sua irman é uma *mulatinha*, e que ha de ficar deshonrada.

—Si assim é, está no seu direito, elle tem dinheiro, a offendida é desamparada. sua mãe é uma pobre mulher que vive de lavar roupa para sustental-a, um unico irmão, que tinha, marchou como sargento no 15 de voluntarios e morreu no Sul, e por tanto fiado no seu dinheiro ficará impune, zombando da infelicidade de uma inexperiente menina, que acreditou em suas palavras enganadoras

—Mas isto não hade ficar assim; si o facto é exacto, ha leis no paiz para pu-

nir os seductores, e eu confio muito, que o Sr. Dr. chefe de policia, como pae de familia que é, se condoerá das lagrimas de uma desconsolada mãe, e não tolerará que um estrangeiro, por que tem dinheiro, dinheiro que adquiriu neste paiz, talvez com pouco sacrificio, alardêe de haver praticado uma torpe acção como a de atirar no lodo da prostituição uma pobre menina digna de melhor sorte.

—V quer que lhe diga, esta sociedade vae tão corrupta que eu ja não creio em nada, para mim ha casos em que a justiça so a gente tomando-a por suas mãos.

—Pois eu não sou desta opinião.

Não se deve perder de todo a fé nas instituições do paiz O Sr. Dr. chefe de policia é um magistrado honrado, e si as queixas que faz aquella mulher tiverem fundamento, eu tenho consciencia de que elle ha de se empenhar no desagravo da lei.

—Até ver não é tarde.

—Ha dous dias anda por esta cidade uma mulher, causando compaixão e hilaridade.

—Quem é?

—E' uma douda, mulher moça e bonita, cuja mania dá lhe para pôr-se núa. No dia 17, amanheceu ella neste estado, abraçada ao Cruzeiro, que ha fronteiro ao convento dos franciscanos. Creio que os frades mandaram vestil-a e remetteram-na para a Santa Casa, porem foi recambiada, e ella anda por ahi a servir de divertimento e galhofa aos garotos.

—E a policia?

—A policia o que vae fazer com ella? So si fôr emplastro. Onde vae deital-a? ahi desculpo eu a policia.

—Não se esbanja tanto dinheiro em banalidades? Pois pague-se á Caza da *Santa Misericordia*, para receber essa mulher, uma vez que não ha uma casa de alienados, a fim de que não ande ella á servir de ludibrio dos capadocios.

Estou certo que com dinheiro não a regeitarão

—E os nosso paes da patria o que fazem? Em vez de cuidarem disso tratam de futilidades. Discutem não em nome da lei, mas em nome do partido progressista, a legalidade da primeira sessão da assemblea provincial.

—Bendito seja o 4º districto eleitoral da provincia da Bahia!

Parece cousa que os homens de lá são como carneiros que aonde vae um, vão todos!

—Ou então que cada collegio do districto estava com o *bico da penna* aparado para escreverem a um tempo os nomes do Srs. Saraiva, Dantas e Moura.

—Que homogeneidade! em cinco ou seis collegios, distantes alguns de outros mais de vinte legoas conservam a mesma uniformidade de pensamento, e dão em todos elles unanimidade aos trez felizes candidatos, perdendo apenas o Sr. Moura um voto!

Isto é que se chama popularidade do sertão!

—E eu digo que aquillo não attesta mais do que o atrazo de similhante logarejo, que em todo elle, os eleitores medindo-se por uma bitola, não encontram tres homens capazes de serem deputados sinão os Srs Saraiva, Dantas e Moura.

Apontamentos a lapis.

QUINTA PAGINA.

A verdade reage contra todos os obstaculos.

Como haviamos promettido, finalisaremos hoje a parte do nosso escripto, que, como bem sabem os leitores, tem versado sobre a nova sciencia—*spiritica*,—tractando de um ponto que ainda demonstra á toda evidencia ser ella sem fundamento algum, e civada dos maiores vicios e absurdos, que *a ignorancia e a superstição*, de mãos dadas, teem podido apresentar ante os olhos da humanidade.

Com effeito: não são so os carrascos que matam, não são só as guerras que dizimam a sociedade; na phrase de um grande vulto francez, tambem a *ignorancia e a superstição* fazem horrendas hecatombes.

Não tomemos a phraso do illustre escriptor, como sendo uma simples ideia de sua intelligencia.

Não julguemos que ella foi enunciada, quando a sua imaginação divagava pelo ambiente do espaço.

Não queiramos polluir o sancto e augusto tabernaculo da sciencia por meros preconceitos ou por pensamentos irreflectidos.

Não vamos, finalmente, de encontro ás regras e preceitos de uma bôa logica para conhecermos a verdade de toda e qualquer proposição.

Razão, e de sobra, teve elle, quando com os seus proprios labios pronunciara tal assersão.

Interroguemos os annaes da antiguidade, e ahi a veremos confirmada, e por demais comprovada: a historia nos attesta similhante verdade.

Roma, a cidade gigante, a rainha do universo, a mais soberba e potentosa da terra; Roma que impavida e desassombradamente dictava leis a todo mundo; finalmente Roma, a pagan, que foi para o mundo antigo, o que vemos ser hoje a christan para o moderno, somente por estar mergulhada em torpes crimes, e abysmada no immundo lamaçal da devassidão e corrupção, descamba precipitadamente de seu throno de purpura e de oiro, para não mais levantar-se, e d'est'arte ficar ennegrecida pelo pó do tempo, e sepultada nas sombrias e tenebrosas regiões do esquecimento.

Thebas, Corynthe e Argos, por muito tempo grandes e poderosas, tombam do fastigio da grandeza e do poder, e ficam dormindo um somno profundo para não mais acordarem.

Jerusalém, finalmente, a cidade santa, a cidade de Deus, por desconhecel-o, é perseguida; e esmagada sob o enorme peso de tão fatal e tremenda perseguição, e, qual outra hydra, estorce-se em horriveis convulsões, e agonisante, nos stertores da morte, cede, talvez, que aos reclamos da sua propria consciencia.

Espectaculo bem triste é o quadro d'essa ignobil degradação na opulencia!

.....

Espectaculo deploravel e funesto é esse!

.....

E' preciso, pois, que o vêu funebre e espesso d'esses dois flagellos—*ignorancia e superstição*—que ameaçam desmoronar os alicerces sociaes, seja sempre desvendado e a todo custo descortinado.

E' preciso, ou antes é de toda urgencia e necessidade, que desappareçam da arena scientifica e litteraria, essas theorias chymericas, essas doutrinas phantasticas e imaginarias, afim de que os seus effeitos não vão, ainda que insensivelmente, ganhando terreno, e desta forma destruindo ou de todo anniquilando os sãos principios de uma boa educação e de uma religião illustrada.

E' preciso, finalmente, que se vão expellindo do certamem scientifico essas ideias vans e ridiculas, afim de que o merito da novidade não seja depreciado.

Mas o spiritismo o que faz? Além de occultar a verdade, de chegar a querer deslustrar-lhe o brilho e o fulgor, além de elevar a mentira, e de exaltar o vicio, fere até de mui perto as proprias ideias e factos da nossa religião.

Apenas apresentaremos o promettido por nós no principio do escripto, e por elle verão os leitores, e até julgarão com toda a imparcialidade e justiça do que seja tal sciencia.

Esse facto é o da metempschose ou da transmigração das almas.

Verdade é que os taes spiritas não admittem que a alma de um animal racional se incarne em o corpo de um irracional e vice-versa; admittem apenas a igualdade.

Mas, ainda assim, subsiste a metempschose.

Si pois tal facto é admittido e sustentado por elles; si tal facto que repugna e faz um contraste perfeito com as sciencias philosophicas, principalmente com a philosophia hodierna, é por elles adoptado, essa sciencia é por sem duvida perigosa e até funesta.

Deixemos, porém, o lado philosophico, e vamos confrontal-o agora com o que diz o Apocalypse, afim de ainda vermos o absurdo palpavel e até ridiculo em que elles cahem.

Diz o Apocalypse:—Haverá um dia final, uma hora extrema, um ultimo momento, em que, Jesus Christo, descendo dos ceus com toda a pompa e magestade, julgará os vivos e os mortos conforme as suas obras; ou por outra, os vivos apparecerão ante a sua Augusta e Suprema Face, afim de receberem submissa e respeitosamente o premio ou o castigo de suas acções n'este mundo, e os mortos tambem revestindo-se dos seus envolucros corporeos.

Agora perguntarei eu:—Como pode conceber-se que uma alma, que tenha vivificado, permitta-se-me a phrase, tres, quatro, emfim immensidade de corpos, possa animal-os agora?

Si a alma é indivisivel, pois que é spirito, como poderá dividir-se em partes?

Si, como a philosophia demonstra, a alma humana não póde passar por dissolução de partes, por isso que as não tem, é um ser simples, unico, um ser, finalmente, racional, como, repito, se poderá conceber similhante doutrina?

Uma de duas: ou a alma humana tem partes, isto é, se compõe de fracções, ou não.

Si sim, a alma em nós não é o que pensa, sente e quer, pois que um ser que tem todos esses predicados ou antes esses caracteres, é essencial e necessariamente simples; ou ainda si não quereis receber essa proposição, como sendo uma verdade, então a intelligencia é propriedade do cerebro, isto é, da materia, é o systema do celebre Cabanis quem predomina, e então tambem já não sois, Srs. spiritas, mais espiritualistas e sim materialistas!...

Si não: isto é, si a alma não è composta de partes, ella de modo algum pode vivificar esses corpos!!

Eis o absurdo palpavel, o erro crasso e rebelde em que cahem os taes spiritas!!

Eis, conforme a opinião delles, uma das principaes partes da philosophia, calcada e destruida!!!

Eis, finalmente um dogma da nossa religião miseramente despresado e vilmente depreciado por esses homens que se dizem illustrados!

E ainda ha quem creia em similhante sciencia!!

Vergonha das vergonhas, miseria das miserias!

Quereriamos analysar os caracteres d'aquelles, que entre nós, propalaram, ou antes introduziram similhante sciencia, porem para que não se nos diga, que si combatemos tal sciencia foi, sim, pelos seus adeptos, e não pela propria sciencia, deixamos de o fazer.

Agryppa.

LA VAE VERSO.

O Eleitor.

Por ser esperto capanga
Do partido vencedor,
Me deram por quatro annos
O diploma de Eleitor:
Foi justiça; foi a paga
Dos serviços de valor.
Pois sou grande na cabala:
Das urnas viciador,
E por causa do partido
Serei tudo... até traidor!..
Que honraria...
Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora—Senhoria!

Dizem contudo as más linguas
Tanta cousa....nem eu sei!
Affiançam «que eu não tenho
O rendimento da lei;»
« Que não professo um *dez-reis*;»
« Que nada sou, nem serei! »
Coitados! São os vencidos,
In'migos de nossa grei;
Não conhecem predicados,
Em quem lutou qual luctei!...
Que honraria...
Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora—Senhoria

Ora! quem, fallando serio,
Dirá que não mereci
Este meu diploma honroso.
Que tão bem assenta em mim!....
Por amor do meu partido

Trabalhei té que venci;
Finalmente de meu chefe
Os mandados eu cumpri,
Assim, pois, não ha quem possa
Dizer que não mereci!
Que honraria!...
Sou eleitor, saibam todos:
Dão-me agora—senhoria.

Sou eleitor, oh! que importa!...
Ninguem pode contestar;
Tenho honras, tenho amigos,
Pois tenho votos a dar.
Quem nunca a mão apertou-me
Me a pede para apertar;
Quem de mim nunca fez caso,
Vem cortez me festejar;
Que carinhos, que protestos!...
Como é bom disto provar!
Que honraria!...
Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora—Senhoria.

Si hoje encontro um dos doutores
Candidatos á eleição,
Sem dar-me tempo á resposta,
Apertando a minha mão,
Diz-me logo:— « Caro amigo,
« Deixou boa a obrigação?
« Dê-me um abraço..mais outro!..
« Precisa de mim?... Então?
« Falle, falle, não se veixe;
« Pois dá-me satisfação! »
Que honraria!
Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora—senhoria.

Si o meu chapeu tirar quero,
Elle diz-me: « —Não senhor;
« Não receia constipar-se?
« Suando está! faz calor!..
« E demais cá entre amigos...
« *Sans façon*....» —Porém, doutor
Seu chapeu na mão eu vejo
Para mim venerador...»
—« Acostumei me»; —assim falla
Como é bom ser eleitor!
Que honraria'..
Sou eleitor saibam todos;
Dão-me agora —senhoria.

Em seguida me offerece
A casa p'ra descançar;
Si eu aceito, tenho doces,
A cerveja, o bom jantar,
Agua fresca, vinho antigo,
Bons charutoss a fumar,
O seu cavallo de sella
Para a tarde passear,—
De «Capitão» o apellido
Com «Senhoria» á fartar!
Que honraria!...
Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora—senhoria.

Depois grave e com mysterio
Conversando na eleição,
Me falla em muitos serviços,
Que prestou em defensão
De nosso partido e patria,
Em tempos que ja lá vão;
Em projectos luminosos,
Que a lavoura salvarão;
E conclue dizendo humilde:
—« Dê-me um voto, capitão! »—
Que honraria!...
Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora—senhoria.

Eu então tendo a barriga
De guizados a estourar,
D go ufano:—«Dou-lhe o voto,
Com elle pode contar! »
Elle dá me um novo abraço,
Este sim, foi de matar!
Antes que venha um terceiro
Me retiro a murmurar:
—«Bem te conheço; és um tolo,
Que mal sabes te assignar! »
Que honraria!...
Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora— Senhoria.

A's duzias encontro outros.
Que vêm-me logo fazer
Cumprimentos do costume,
E a mesma historia a dizer;
Por meus peccados os ditos
São os de menos saber!
P'ra si não olham!... não sabem
O seu logar conhecer!
Corajosos quando pedem,
Quando entram a escrever!
Que honraria!...
Sou eleitor, saibam todos;
Dão-me agora—Senhoria.

A' todos prometto votos,
A' todos!... Podéra não!...
Encorajo-os com palavras
Muita vez por mangação;
E depois... *voto na chapa*

De quem deh-me posição;
Que me importa?... tambem *elles*
São monstros de ingratidão:
Si vencem, não mais conhecem
Ao pobre do—capitão!...
Que honraria!...
Sou eleitor, saibam todos
Dão-me agora—Senhoria.
(*Extr.*)

A PEDIDO.

Quando não bastassem outros factos para attestar a rectidão e justiça com que o Sr. Leitão da Cunha vae governando esta provincia, o seguinte por si so era a mais significativa prova disso:

« 3.ª *sessão.*—Palacio do governo da Bahia 14 de março de 1867.

« Sendo-me apresentados os oito individuos, cujos nomes constam da relação inclusa, remettidos pelo juiz municipal e delegado de policia da cidade dos Lençoes, bacharel Americo Pinto Barreto, com officio do 1.º do corrente, como voluntarios para o exercito; e verificando-se pelo auto de perguntas e respostas que fiz lavrar em minha presença, e que lhe remetto na copia inclusa, que os supposlos voluntarios nunca se apresentaram como taes, e antes foram presos na dita cidade dos Lençoes e na povoação do Andarahy, em os dias 2, 3 e 7 de fevereiro proximo passado. por ordem d'aquelle delegado e por motivos eleitoraes, sendo depois escoltados para essa capital, como com effeito me foram apresentados, resolvi:

« Mandar pôr em liberdade todos aquelles cidadãos, cuja prisão fôra um atentado formal contra a segurança individual com manifesta violação do disposto ao art. 108 da lei n. 387 do 19 de agosto de 1846.

« Demittir o predicto bacharel do cargo de delegado de policia d aquelle termo.

« E, finalmente, suspendel-o das funcções de juiz municipal, afim de ser responsabilisado.

« O que tudo communico á V. S., para sua intelligencia.

« Deus guarde a V. S.—*Ambrosio Leitão da Cunha.*—Sr. Dr. chefe de policia. »

—Prosiga elle assim, fazendo justiça aos fracos e amparando-os contra a prepotencia dos fortes, que irá muito bem; e será bemquisto do povo.

—O fiscal da Victoria, deu no domingo, inesperadamente, no talho do Antonio Ezequiel, na Barra, e em tres posos de carne, achou a falta n'um de uma libra e em dous de tres quartas!

—Que pechincha de magano! .....

Si elle sempre encontrasse fiscaes da bitola do actual, seria mais moderado nas extorsões que faz ao povo.

—De que serve, porem, a actividade do fiscal, si ella vae esbarrar ante escolho superior?

—O homem foi conduzido á presença do subdelegado, e lá desabafou s' em insultos sobre o pobre fiscal, que paciente, aturou até onde a prudencia o permittiu.

—Casque-lhe o subdelegado com a multa e deixe estar que elle sempre ha de ter algum abalo.

—Qual! a multa sahirá da algibeira do povo, que amanhan soffrerá a extorsão em mais larga escalla.

—Desta sorte, não ha meio possivel de acabar com tão inveterado cancro.

—Só si houvessem fiscaes, que todos os dias multassem os cortadores de carne.

ANNUNCIOS

Desappareceu, hontem 17 do corrente o pardinho Luiz, de edade de 10 annos, levou vestido, calça curta de algodão azul, ja usada, camisa de chita escura, chapeu de palha do paiz, pés no chão; sahiu ás 8 para 9 horas da manhan do Caes Dourado para ir ao açougue e desappareceu. Quem delle der noticia ou o levar a venda n.º 91, ao Caes Dourado, será generosamente recompensado.

No Maciel de baixo nº. 14 precisa-se de serventes, e paga-se bem.

Typ de Marques, Aristides e Igrapiuna,

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 22 DE MARÇO DE 1867. SERIE 18.ª—N.º 179

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, reclamando o auxilio de sua anthoridade em apoio da moralidade publica torpemente vilipendiada, por umas mulheres de vida desregrada, moradoras ao Cruzeiro de S. Francisco, sobrado n.º 15, 1.º andar.

Essas *perdidas* dão-se illimitadamente ao uso de bebedeiras, e quando estão no *pifão* commettem toda sorte de desatinos, desacatando o decoro publico; teem a audacia de porem-se á noite em fraldas de camisa; as familias da visinhança são atrozmente injuriadas com phrases grosseiras e insultuosas; e não é só dentro de casa, que êllas praticam taes desmandos e depravações; por occasião dos bailes mascarados, *pintaram a manta* na rua e fizeram mil bandalheiras; em vista do que, pede-se a S. S. que empregue a sua conhecida energia, afim de que tão devassas meretrizes cheguem a um melhor comportamento; o que espera-se.

—Novo tributo de sangue tem de pagar a exhaurida Bahia!

—E com ella suas irmãs!

—Doloroso sacrificio tem ella de fazer para enviar á guerra mais uma porção de seus filhos já tão disimados!

Mil homens é a penosa contribuição que se lhe exige—pague hoje; o amanhan, sem duvida, lhe farão nova exigencia!

[illegible] não, se falla de uma vez a [illegible] vo?

[illegible] essas constantes illusões? [illegible] sorte [illegible] ercio que a prophecia do Sr. [illegible] axias de estar em maio no senado, da em água de barrela!

—Desde o começo desta malfadada e desastrosa guerra que o paiz tem sido illudido, e cada vapor que chega ás provincias traz uma embaçadella para entreter o animo popular.

—E o suor do povo exgotando-se a jorros!

—E os ladrões enchendo a barriga impunemente!

—E o proprio governo gastando muitas vezes, inutilmente, o dinheiro do povo!

—Como agora:

O decreto n. 3,809 que chama 8,000 guardas nacionaes ao serviço de corpos destacados, ordena no art. 4.º que os commandantes superiores das capitaes marchem com elles!...

Faz favor de me dizer que uti[illegible]...

De quem dele-me posição;
Que me importa?... tambom *elles*
São monstros de ingratidão:
Si vencem, não mais conhecem
Ao pobre do—capitão!...
Que honraria!...
Sou eleitor, saibam todos
Dão-me agora—Senboria.

...nte su-
...o, ou mais
...ldados reunidos!
...a cousa correr como vae;
Quada tempestade vem a bonança;
... sêr que todos esses males sejam
... prenuncio de horisontes mais claros.

—O melhor de tudo é que o author de todas estas calamidades amanhan terá uma cadeira no senado e será chamado benemerito da patria!

—V. já foi ver a mulher que está com o diabo no corpo em S. Miguel?

—Ora empine-se d'aqui!

Vem V. massar-me com asneiras! No corpo precisava ella uma boa sova para expellir o diabo.

—E' o que lhe digo; a mulher faz artes proprias mesmo do diabo: pula, berra, urra, trepa-se n... lhe remette descobre os mais recon... suppostos vo... descortina o futuro e con... sentaram ... vada de todos que lá vão. ... na ...

Quem tiver suas mazellas ... vá lá, porque o tal demonio é um tagarella dos seiscentos, põe tudo quanto é podre ná rua.

—Sebo para V. e a tal endemoninhada!

—Vá ver primeiro para fallar.

—Só si eu fosse asno!

Diga-me, por onde entrou o spirito maligno no corpo dessa miseranda creatura?

—N'um carurú de siris que lhe deu uma tal Maria Clementina, sua camarada.

—Bem bello! camarada! e fez-lhe tamanho damno!

—Rivalidades. Maria Domingas, chama-se assim a endemoninhada; queria comer no mesmo prato com Maria Clementina, esta zangou-se e *...tou-lhe a mão.*

• Deus g... falta de policia
Leitão... é tão forte, que os frades
polici... de ja benzeram duas vezes á
... e elle não sahio.
aos ... is mandem ver o Granada que
prep... para isso.

—Bosna por ahi um zum-zum-zum...

—A respeito?

—De um sujeito que daqui partiu para a corte e lá tem se visto em talas com a policia, por causa dos cobritos do Banco.

—Então descobrio-se o ladrão?

—Creio que não. Boatos surdos, rumores vagos, dizem apenas que se acha incommunicavel lá um individuo que fôra daqui encarregado de uma commissão.

—E a cousa não passa de boato.

—Estou que sim. Motivo para os tagarellas baterem com a lingua.

—Acha-se aberto o recrutamento, com todo o seu cortejo de arbitrariedades e violencias!

—Quem tiver sua vingança eleitoral a tirar, é tempo, aproveite.

—Leu o *Pharol* de hoje?

—Não, porque?

—Traz um artigo onde diz que o Sr. Dr. chefe de policia gastava os dinheiros publicos, pagando a um *feliz* para elogial-o na imprensa.

—Qual, homem! Isso são desaffeições, talvez.

—O homem que o diz, é que sabe; eu para mim acho muito arrojo nisso, á não estar elle bem informado.

—Não é a mim que vossês enganam!.....

—Com quem falla, homem de Deus?

—Com aquelles espertalhões vendedores de leite. Vendem a 160 rs. a medida do leite que elles trazem no caneco, mas tirado no peito da vacca, á vista do comprador, exigem 240 rs.!

—E' porque no leito, depois que sahe da têta da vacca, opera-se certa *transformação*, que o faz baratear.

—Oito dias são passados depois que abriu-se a assemblea provincial. Em todo esse tempo só se reuniram os dignissimos uma vez!...

—Não seria melhor mandal-os tomar fresco, em vez de estar-se sobrecarregando os cofres com despezas inuteis, uma vez que parte dos moços assentaram do *gazear*?

—O povo é quem devia mandar essa sucia de *paes da patria* plantar *aboboras*. Estou que se daria melhor.

—Eu acredito.

—Sabe me dizer quaes são os *eleitores do governo*?

—São aquelles com quem elle conta e dos quaes dispõe; são aquelles que se humilham a seu aceno; que se curvam servilmente á seu mandado: que se corrompem com suas promessas; são aquelles que vendem a consciencia por uma centena de mil réis; que barateam a dignidade e a deixam rastejar no chão do aviltamento.

—Ah!... já sei.. Como eu vi outro dia a *folha official* fallar em eleitores do governo, por isso perguntei

A PEDIDO.

—Capitão...

—O que temos?

—Tem lido os artigos do Dr. Surdo-é?

—Tenho lido tantos...

—Mas eu refiro-me aos relativos á administração.

—Pois elle occupa-se da administração?

—Como uma besta que parte o freio na boca.

—Menos isso, porque elle nada tem de besta.

—E' verdade, porem o que lhe falta para besta, sobra-lhe para bobo e pedante.

—Mas em que consiste o seu pedantismo?

—Em que consiste?!

Em ser um troca-tintas, um borra-botas e querer abocanhar um homem por tantos titulos respeitavel Ora diga-me cá, quem tem um rabo maior que do diabo, quem recebe cem mil réis, e os bi[illegible] volos pretextos, não [illegible] para analysar actos p[illegible] homem verdadeiramente

—Oh! Muxingueiro vá em caza do Dr. Surdo-é e habilite-se pagando os ce[illegible] cebidos em Corrientes.

Pergunta-se ao *Curioso*, de 8 de março, si o artigo publicado narrando uma *h[illegible]* não entrega de cem mil reis á certa familia, si se refere ao Dr. Sodré.

Appareça com a responsabilidade legal, que o calumniador, que não passara de algum *faminto*, irá aos tribunaes para provar a verdade do que escreve. Bahia 21 de março de 1867.

O justiceiro.

Caricatura de certa velha idiota moradora na rua dos Mouros de Santo Antonio e devota de S. *Paulina*.

Seus predicados:

Intrigante, falladeira, jimmoral, janelleira e mettida a namorar.

SINHO ANASTACIO.

De quem
Que me **Soneto.**
São mon[illegible]e motivo o Deus vendado
Si venc[illegible]rnecer do meu visinho,
Ao pobr[illegible]a socegar um bocadinho,
[illegible]mirar-se enamorado.
Sou el[illegible]
Dão-m[illegible]or ventura algum recado,
[illegible]hará muito cedinho;
[illegible]os lhe disse um rapazinho
[illegible] *quarteirão* era adorado.

[illegible], talvez, por ser careca,
Quer[illegible]ir, nem mugir come uma pêta,
Bem cedo, me parece, leva a breca.

D'onde se diz que é tolo de *chupeta*,
Quem a Cupido graças mil depreca,
E não sabe fazer-lhe uma careta.

EPIGRAMMA.

Uma tarde, no hospital,
Encontrei-me co'umas cujas,
Que, levantando os vestidos,
Mostraram saias tão sujas
Que quase fazem-me *botar*
P'ra fora todo o jantar
D'aquelle d'.....

Rapazes: das raparigas
Adoradores fieis,
Sabem quem est[illegible]
A Lucrecia dos p[illegible]
Chegou agora *do*
Está gorda e rochuncuda,
Não sabe *lingua de branco*.
Sahiu da *casinha* muda.

Da *mai-cotó* no poder,
Depois que um anno passar
E que cortar os cabellos
Poderá então fallar.

Para vel-a, quem quizer,
Em casa da Umb...
Onde foi depositada
Pela mamãe Ludovina.

VARIEDADE.

MARTYRES DO MUNDO.

O ministro, martyr dos importunos.
O deputado, martyr de pedidos.
O juiz, martyr de memoriaes.
O redactor, martyr de correspondencias.
O noticiarista, martyr da falta de noticias.
O pretendente, martyr de esperanças.
O rico, martyr de cuidados.
O pobre, martyr de necessidades.
O poderoso, martyr de ambições.
O discreto, martyr de entendimento.
O ocioso, martyr de vicios.
O sabio, martyr de invejas.
O despachado, martyr de parabens.
O escuso, martyr de desejos.
O virtuoso, martyr de escrupulos.
O nescio, martyr de presumpções.
O peccador, martyr de culpas.
O temerario, martyr de riscos.
O cobarde, martyr de temores.
O retirado, martyr do esquecimentos.
O intromettido, martyr de despresos.
O valido, martyr de receios.
O desvalido, martyr de sentimentos.
O glutão, martyr de achaques.
O necessitado, martyr de miseria.
O casado, martyr de obrigacões.
O solteiro, martyr de incommodos.
O ambicioso, martyr de sustos.
O bemfeitor, martyr de ingratidões.
O amante, martyr de ciumes.
O avarento, martyr de faltas.

COUSAS QUE CAUSAM GRANDE DESESPERO AO NAMORADORES

Pilhar amante em namoro, ou saber que ella se corresponde com outro.

Ter a namorada n'um baile e não ser por ella convidado.

Dar um presente de gosto, e vel-o depois em poder de um rival.

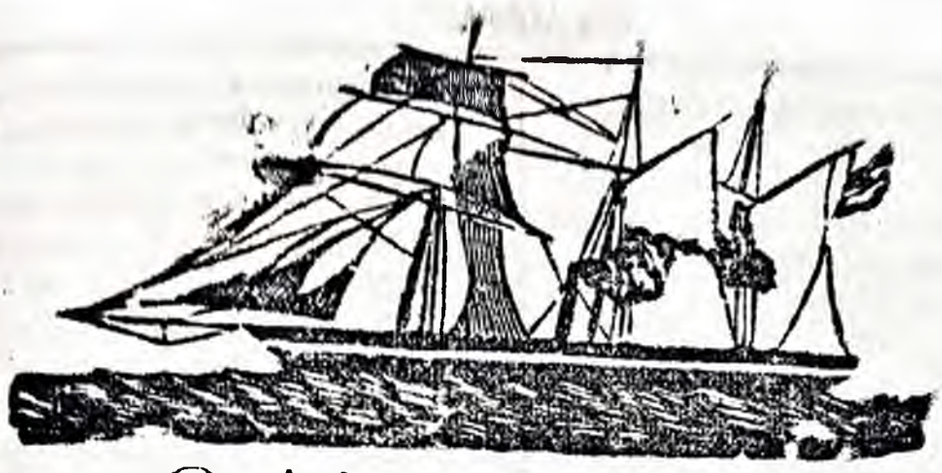
Estar brigado com ella, e vel-a muito a seu gosto rindo-se com as camaradas.

GENEROS MAIS APRECIADOS NO MUNDO.

Siencia.
Belleza.
Dinheiro.
Dependencia.

ANNUNCIOS

Desappareceu no dia 17 do corrente de casa do abaixo assignado o seu escravo Luiz, pardo, edado 9 a 10 annos, levou vestido camisa de chita escura, calça d'algodão azul, chapeu de palha, tudo usado; quem o levar a seu Sr. ao Caes Dourado nº 91, será recompensado; o mesmo protesta contra quem o tiver acoitado. Bahia 21 de março 1867 — *José Cardoso Pereira de Sousa*.



OALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 23 DE MARÇO DE 1867. SERIE 18.ª—N.º 180

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º ndar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de março de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Sant' Anna, pedindo o concurso de sua authoridade, afim de que tenha a precisa correcção um bando de raparigas estabanadas, as quaes, em companhia de tambores da guarda nacional e outros que taes, andam, á noite, pela Ladeira da Saude, Estrada Nova da porteira do do Para-assú, quina de S. Miguel até a casa do Aceio da cidade, a commetterem actos indecentes e fazerem algazarras, incommodando os moradores daquella redondeza.

—Publicou-se a *Revista Brasileira*, periodico litterario e scientifico, redigido pelo Sr. Luiz Carlos da Silva Lisboa.

—Que livre de tropeços e embaraços possa correr pela estrada do mundo litterario, em que ora se lança, é o que lhe desejamos.

LA VAE VERSO.

Martyrio eleitoral.

Já não durmo, não descanço,
Acabou-se o meu romanso...
Já com força, já de manso,
Batem á porta... ai de mim!
—Quem bate? são candidatos;
Santo Deus! que horriveis tratos...
Papagaios insensatos...
Que palram todos... assim:

« Oh, senhores
« Eleitores!

—« Perante vós me apresento
« Com servil acatamento,
« N'este apertado momento,
« Para entrar no parlamento;
« De projectos tenho um cento:
« Cada projecto um portento...
« Com tamanho regimento,
« Quero um mandato... um assento.»

« Oh, senhores
« Eleitores!

—« Eu vos peço protecção,
« Pois intento a salvação
« Desta briosa nação,
« Que adoro de coração!
« Quero directa a eleição,
« Sem a força do mandão,
« Que escravisa a votação
« Em prol do seu *lampeão*! » (*)

« Oh, senhores
« Eleitores!

—« Quero, e quero radical
« Na guarda nacional

(*) *Lampeão*—Candidato.

« Uma reforma immortal,
« Que a torne mais liberal;
« Livrar-vos tambem do mal
« Que vos faz o lamaçal,
« Que mergulha a capital
« Do nosso imperio natal! »

« Oh, senhores
« Eleitores!

—« Do vós depende... attenção!
« O progresso do torrão;
« Quero gratuita a instrucção
« Gratuita... com profusão!
« Todo o povo... n'um salão,
« Com sua carta na mão,
« Soletrando... em cantochão...
« Desde o *ba* até o *bão*! »

« Oh, senhores
« Eleitores!

—« Já não se pode comer!
« Pois a carne a se vender
« *Tão cara*!...quem pode ver
« Sem de fastio morrer!
« Si a votação merecer,
« Farei o preço descer
« Da carne, que haveis de ter
« Quasi *gratis*; podeis crer! »—

« Oh, senhores
« Eleitores!

—« Cinco pontes...dez estradas,
« Vos prometto, bem calçadas,
« Quasi todas sombreadas
« Por muitas arv'res plantadas,
« As ruas illuminadas,
« As fortalezas armadas
« Com muitas peças raiadas,
« Quasi por nada compradas!—

« Oh, senhores
« Eleitores!

—« Baratinho o vosso pão...
« O vinho por um tostão...
« A' lavoura protecção
« Em troco da votação;
« Quatorze impostos por chão...
« Descompostura ao *bretão*,
« Que insultar nosso torrão
« Com tremenda mangação! »—

« Oh, senhores
« Eleitores!

—« Um voto por piedade!
« Um voto por caridade!
« Vos darei a felicidade
« Em paga desta bondade;
« A vossa prosperidade
« Buscarei com lealdade
« E com muita actividade...
« Incrivel na minha edade! »—

« Oh, senhores
« Eleitores! »

.....
.....

—Chô, chô, chô, vãos palradores!
Algozes dos eleitores...
Sala!.. eternos comedores
Do brasilio pão-de-ló!
Voaram! —quasi morri!
Quasi, quasi ensurdeci,
Quando todos junto a mi,
Cantavam no *C—sol—dó*:

« Oh, senhores
« Eleitores! »

(*Extr.*)

A PEDIDO.

Sr. Redactor.—Não podemos deixar de tomar parte em nome da moralidade e da lei, á respeito de um insignificante artigo sahido no periodico *Maribondo* de 19 do corrente.

E' de extranhar e até de admirar, que diante da ordem e da honestidade, appareçam vermes, que queiram morder e despedaçar os mais viçosos ramos de um tronco, que inabalavelmante se mostra rigido e sereno.

E' absolutamente inqualificavel o nome, que se dá de tagarella, nem cabe no possivel, como testemunha occular que sou, desta familia, que se respeita, e que pouco tempo tem para esperdiçar palavras, e atiral-as ao vento.

Confessamos ainda mais pela maneira natural, com que se porta debaixo das vistas do chefe, que honradamente cumpre no seu posto os deveres de homem de bem, prodigalisando todos os cuidados a bem do dever e do merecimento.

Confessamos ainda muito mais que nem tempo tem essa familia para despertar curiosidades, pois segue os dic-

tames que a verdade e a moralidade exigem com todo criterio.

O que é certo é, que de perto admiramos do alto da consciencia, que o individuo do artigo tem faltas pesadas e incorrigiveis: que anda de Herodes para Pilatos sem saber onde parar; que de um a outro pólo deixa rastros vivos e salientes; que se vê emfim publicamente nas folhas, sem ter animo de recolher-se aos bastidores para esconder a chronica, que peza nas costas mais que o sacco dos peccados.

Onde quer que passe, se enlameia e se enchafurda sem poder saccudir as azas e lival-as no *rio:* enfim não ha nada pior do que ser-se *Grego* nesta terra.

Um doudo.

—Gentes, o que é aquillo
Que *Medonho* traz na mão?
Será foles de formiga?
—Não, Sr., è rabecão.

—Que rabecão!.. parecia
De gallinhas um poleiro! ...
—E' porque dependurado
Elle o guarda no fumeiro.

—Parece aquelle cangalho
Mais velho que a Sé de palha;
O rato nelle faz ninho,
A barata se agazalha.

—Assim mesmo esse frascario,
Co'a maior descaração,
Se apresenta ante o publico
Co'esse immundo rabecão.

—Este *Medonho* é peitudo!...
Em tudo quer se metter;
Até na arte de *solfa*
Elle quer se intrometter.

—Ninguem em sua funcção
Do bruto vae se lembrar:
Só si n'algum candomblé
O chamarem p'ra tocar.

Para o seboso instrumento
Causa nojo se olhar,
Só o reparar p'ra elle
Faz vontade de lançar.

O Lazaro.

—Pois V., um homem velho, com filhas, que já vão ficando *tias*, e com filhos homens, namo. ando uma moça, que podia ser sua filh a!

—Estou no meu d. ireito, pois sou viuvo.

—No seu direito não, n. acação; com esses feitos é que V. quer e. emplificar sua familia? Não sabe que quem tem telhado de vidro, não atira p edras?

—Canalha é quem gosta d le se metter com a vida alheia.

—Velho devasso, quem n nais canalha do que V , que anda todas a s noites pela rua *Torta dos Sanhaços*, rondando a porta de certos chefes de fa ília com o fim de perverter-lhe as filh as?

—Capitão, isto não pas sa de aleives do *Manuel*.

—Pois todos não tem ouvidos para ouvir as suas libidinosas conversas, e olhos para ver o seu escandaloso procedimento!

Acha que são poucas as queixas, que tem vindo á lobo contra V.?

—Ultimamente vem aqui um homem morador na freguezia de *S. José*, rua do *Alpoim* e contou-me proezas suas.

—E' meu inimigo gratuito.

—Seja ou não; o que lhe affianço é, que, a continuar no seu desregrado modo de vida, o muxinguento terá a indeclinavel necessidade de chamal-o á ordem. Por hoje o seu castigo é ir lamber as plantas do seu idolo. Vá-se.

Vendo as *meninas felizes*
O seu commercio em aperto,
Requereram ao governo
A baixa do *Zé Roberto*.

Este, como paternal,
Mostrou-se compadecido
Pela sorte das meninas,
E accedeu ao pedido.

E sem demora seguiu
Uma ordem para o Sul,
Para que tivesse baixa
Do serviço esse taful.

Assim que essa noticia,
Transpirou cá na Bahia,
P'ra recebel-o, preparam
As meninas, gran folia.

Andaram alvoroçadas
Os preparos á dispor,

Esperando anciosas
A chegada do vapor.

Um dia, em que o paquete
Neste porto amanheceu,
Que chegara Zé Roberto
Logo o boato correu.

A' bordo uma commissão
A cumprimental-o foi,
Composto da Bigarrinha
E da Margarida Boi.

P'ra recebel-o no caes
Nomearam a Doninha,
A Victoria siri-tinga,
E a Emilia Gaguinha.

P'ra servirem de creadas
A Umbelina Pau d'Agoa,
Mariquinhas do Penedo,
E Victoria furta-anagoa.

Para o acompanhamento
Maricas Corcacy,
Brazilia já se casou n.
E Anninha Bemtevy.

Marcellina e Livina
Betamio, assim chamada,
Brigida e Brazilina,
E a Palmira Pomada.

Para aprompiar o jantar
Incumbem a Theodora,
Que tem cabello de milho,
E mais a canaria Flora.

Cerveja dá Mariquinhas
Cujo nome é assim,
O vinho toca á Candinha
Da venda do Seraphim.

A' Lulú mata-cachorro
Coube a garôpa dar,
A Mariquinhas Gostosa
O carurú apromptar.

Na praça duas girandolas
De foguetes, collocadas
Estavam; pela Paquita
Foram para alli mandadas.

O pagode foi em casa
Da Mariquinha dos burros,
Acabando em carraspana
Com gritos, vivas e urros

—V. é uma creatura *má*, Sr. *Gliola*! Para que anda a fallar de seus companheiros?

—E' meu genio; não fallo somente delles, atassalho a Deus e o mundo.

—E acha que é bom isso? Fallar daquelles que vivem na melhor boa fé com V., e que lhe dão uma consideração que V. não merece?

—Bom ou não, é meu genio.

—Ora diga-me, como é que sendo V. pardavasco, tem nome de italiano?

—Foi o nome de meu senhor.

—Ah!... E o que vae fazer á noite em caza do *Monteiro*?

A Constantina tem amargas queixas de V.

—Ora, o quevou fazer!... Vou visital-o.

—Mas aquella amisade è perigosa, dizem que o homem é atacado de *vampirismo*, e pode uma noite *chupal-o*.

—Não creia, isto de vampirismo é historia da carochinha.

—O *Evaristo* que o diga.

—Isso já se passou, foi no tempo de rapaz, hoje é meu compadre.

—Deixemos isso de parte; o meu proposito é dizer-lhe que refreie a sua mordaz e ferina lingua e não trate do nome de seus collegas, andando a intrigal-os.

—Disso não ha quem me tire.

—Pois a taca do muxingueiro tambem tem que trabalhar no seu costado, Sr. *Julio*.

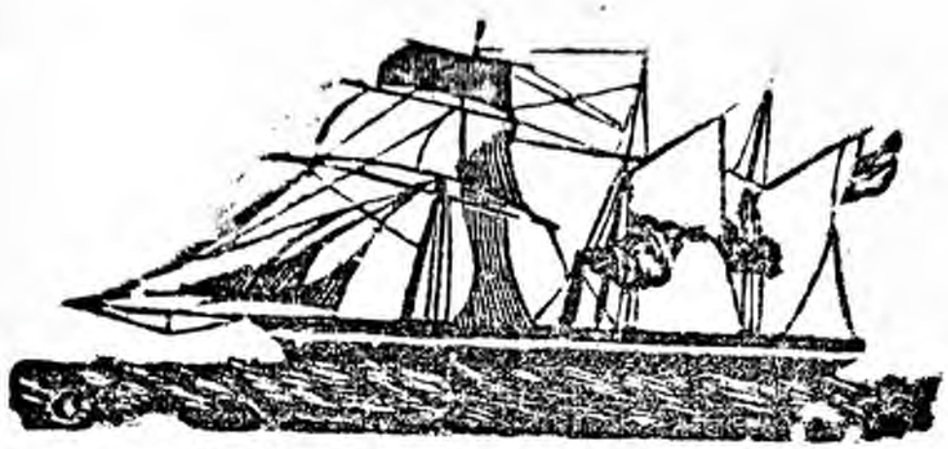
ANNUNCIOS

Nesta typographia precisa-se de um postilhão para as freguezias de S. Pedro e Victoria.

Desapareceu no dia 17 do corrente de casa do abaixo assignado o seu escravo Luiz, pardo, edade 9 a 10 annos, levou vestido camisa de chita escura, calça d'algodão azul, chapeu de palha, tudo usado; quem o levar a seu Sr. ao Caes Dourado nº 91, será recompensado; o mesmo protesta contra quem o tiver acoitado. Bahia 21 de março 1867—*José Cardoso Pereira de Souza*.

No Maciel de baixo nº. 14 precisa-se do serventes, e paga-se bem.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna,



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 28 DE MARÇO DE 1867. SERIE 19.ª—Ns. 181 e 182

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de março de 1867.

Officio a Illma. camara municipal. —Não é a primeira vez que se chama a attenção da Illma. para o decadente e porco estado da fonte de S. Pedro, sem que nenhuma consideração tenha semelhante reclamação merecido da Illma.; e como a mencionada fonte, tão necessaria aos moradores daquelle lado da cidade, continúa em deploravel estado, que cada dia se augmenta, pelo deleixo e abandono em que está, ainda uma vez recorre-se á Illma., pedindo-lhe que lenco suas vistas para a referida fonte, e mande proceder aos melhoramentos de que necessita.

—Ao juiz e mezarios da irmandade de Nossa Senhora do Terço, dizendo-lhes que nesta data se ordena ao *Sessenta e Cinco* para que forneça quantas varas de cambrainha forem precisas para capas da mesma irmandade, afim de que não deitem mais sobre os hombros os trapos com que se apresentaram na procissão de S. José.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá á rua do Bispo, casa n º 12 —A, ao pé do procurador Carnauba, e mande desobstruir o pateo da referida casa do lamaçal e immundice que nelle ha, á custa dos moradores da mesma, intimando-os para que não continuem a fazer despejo alli, por ser isso prejudicial á saude publica. Cumpra.

—No dia 24 do corrente reuniu-se no paço municipal o collegio eleitoral para votar em quem hade substituir o finado barão de Uruguayana no senado

O Sr. José Antonio Saraiva, em homenagem aos serviços prestados a seu paiz, aos beneficios que tem feito aos brasileiros, principalmente na actualidade, obteve do corpo eleitoral do 1º districto, do districto da capital, 90 votos!.....

.....

.....

Noventa bahianos da illustrada capital da Bahia, esqueceram se de que muitos dos que lhe confiaram o honroso mandato da escolha dos representantes da nação, la jazem sepultados nos pantanos do Paraguay, e que suas familias luctam com os horrores da miseria e mergulham-se no lamaçal da prostituição.

—Nada disso vem ao caso de que se t acta. Vamos ao que serve; quem mais foi votado?

—Os Srs.:

Cons. Ernesto Ferreira Frauça	130
Dez. Luiz Antonio	124
Dr. Alvaro Tiberio	90
Dez. Leitão da Cunha	47
B Canto Brum	42
Dez. Silva Gomes	42
Coronel A. Souza Spinola	25
Dr. Fernandes da Cunha	19
Dez Innocencio Marques	11

—Deixe chegar o 4º districto que fará as contas.

—Eu o que lhe digo é, que em outro paiz onde os homens são julgados por seus actos, e não por conveniencias e interesses particulares, o resultado da eleição seria outro; ao menos na capital.

—Na forma do costume, houve no dia 25 de março, anniversario do juramento da Constituição, o usual cortejo no palacio do governo.

A militança de todas as classes assistiu ao acto, diversas corporações religiosas, parte da gente official, quero dizer, gente que ganha dinheiro da nação, etc., etc.

—Menos a assembléa provincial que fez sinalepha, apezar de estar installada.

Seu presidente declarou que não tinha gente para mandar ao cortejo.

—E' porque não ha para elles um regulamento, como ha para o soldado quando falta.

—A respeito de tropa, houve uma guarda de honra.

As janellas de palacio estiveram ornadas com as suas immemoriaes e classicas colchas.

—Houve illuminação de vellas de carnauba de 12 em libra, em elegantes lanternas de leilão em palacio fazendo constraste com a illuminação a gaz dos paços da camara e assembléa provincial.

—E o venerando tribunal?

Esteve trancado e ás escuras, envergonhado, dizem, por uma decepção porque passou,

—O que seria?

—Vou contar-lhe o que me disseram, sem garantir a veracidade.

—Pois diga lá.

—Disseram-me que indo o porteiro ao logar em que depositava as colchas para sacudil-as e pol-as a geito, ficou de bocca aberta não as encontrando ahi, depois de muitas pesquizas e indagações, saube que tinham ido para á Estrada Nova ao deposito do lixo, porque um varredor indo varrer a casa, por engano ou malignidade, as apanhára.

—Ora eu logo vi que o negocio não acabava, sem V metter uma das suas *estrovengas*.

—Foi o que me disse um fallador; mas eu não acreditei em tal pomada.

—E ha alguem que acredite nisso?

—Gastou-se alguns mil reis com as salvas do estylo.

—Pois os franciscanos, que professam a humildade, tambem crêam distincção de classe?

—Quem lhe disse isso?

—Eu que vi. Nos dias em que ha solemnidades no convento, trancam as grades para não entrar todo mundo.

—Eu não deixo de lhes achar razão; é por que os capadocios e moleques se incarapitam la e vão fazer das suas.

—Enganou-se; porque eu vi se abrir a *certas e determinadas* pessoas, ao passo que se negou a outros que não estão no caso de capadocios nem de moleques.

—Pois vá ao Fr. Solidade, que eu lhe affianço que elle lhe explica a razão de ser de tal providencia.

—As vezes dá-me vontade de tagarellar na vida do proximo.

—Quem não tem o que fazer, procura.

—Vejo os Srs. padres preconisarem tanto a confissão, pregaram-na, e ainda não tive o prazer de entrar n'uma egreja e achar um padre nos pés de outro!

—E' o que tem com isso? Confesse-se V., que tem cumprido com sua obrigação.

—E que si a cousa é boa, elles deviam ser os primeiros a praticarem-na.

Correspondencia encyclopedica do «Alabama.»

CORTE 12 DE MARÇO.

Ha muito lhe não escrevo,
Me dirá vossê agora,
Motivo, è porque estive
Não na côrte, mas por fora.

E na verdade, faz tempo.
Que novas lhe não remetto;
E como, s'estive *invernado*
No maldicto—Rio-Preto?—

Mas, agora que pretendo
No Rio—de cá—ficar,
As novidades que saiba,
Promptas lh'as hei de enviar.

Pois é—Carissimo e amantetico capitão: Quando um homem crê que bem está, chega o desengraçado—caiporismo—e... zás, prende-o para... cachorro.

Mas,..... o que lhe queria dizer...? Nem mais sei.... Não faz mal. Felizmente não faltam cousas que se digam.

Ha muitas, atè *cabelludas*,
Capazes de admirar,
Que muita gente *pratica*
Sem disso s'envergonhar.

Tractarei pois do... estado sanitario da côrte do Rio de Janeiro. Oh! é grande, é magnifico, estupendo, importante, admiravel e até... cubiçoso.

Ouça: em quanto os—sede sapientia—digo os—doutores—questionam—ex officio—, porque ninguem os incumbiu, si existe ou não aqui o—cholera—as victimas vão cahindo ás duzias, diariamente, e... o governo, oh! o governo—Beatus venter qui te portavit—traducção livre, *abençoada a mãe que o pariu*; o governo digo: occupado em ver o modo de segurar-se; tratando *unicamente* de sua conservação; cuida só das eleições e espera que a *sciencia* dicida, si ha ou não cholera, no Rio de Janeiro!!!

De modo que, resulta o seguinte:

No Paraguay Lopez matta,
O cholera cá vae mattando;
E o governo—progressista
Em eleicões caballando.

Seja porem, como fôr, o que é fora de duvida, é que elle ainda acha quem o acompanhe e por elle se sacrifique; porém,

Não eu que em tal gente creia;
N'esse grupo de farcistas,
Expertos, que p'ra seus arranjos,
Se chrismaram—progressistas.

Ora... puf e puf.

O que é incontestavel é que: em quanto se dicide si o cholera effectivamente está ou não fazendo estragos; para o que basta ler o obituario nos jornaes, nenhuma providencia dá o famigerado governo.

Pobre Brasil, pobre Patria,
Bem digno de melhor sorte,
Entregue á taes cabecilhas,
Vai em grocura da morte!

Lá baixou á campa o Visconde de Camamú.

O Dr. Pertence e outros, classificaram a origem—cholera—mas, como ha quem entenda, que um *tenente-general*, *conselheiro* e *visconde*, não morre de tal doença, por não ser *decente* e nem *conveniente* á pragmatica—classificaram: inveterados achaques—descoberta, que corre somente por conta, até hoje, do *Jornal do Commercio*.

Inveterados achaques! Cahiu ao apear-se do carro, em completa algidez e não durou trez dias.

A terra lhe seja leve.

Onde porem mais estragos o maldito tem feito é no Hospicio de Pedro 2.°

E' entre os já privados da razão que ella tem feito maior numero de victimas. E' tanto mais notavel o capricho da peste, quando se vê, que nenhum dos empregados da caza ainda foi atacado, quando dos infelizes loucos sepultam-se aos 6 e 8 diariamente, e que nem dos moradores da circumvisinhança e nem da eschola de applicação ninguem ainda foi ferido.

E o governo.....trabalha
Em fabricar deputados;
E os pobres pela peste
Que vão sendo disimados.

Deixemos porem a peste entregue á si mesma e vamos ver o que ha á respeito do Paraguay

O marquez de Caxias, vae me pare-

condo que não será mais feliz do que o *Mitre* em seus vaticinios.

As *Cassandras* vão naufragando, ou em termo *abmolado* — vão fazendo *fiasco*. O *Mitre* vaticinou — em 3 mezes na Assumpção, e deixou o exercito apoz dous annos — a menos de 3 leguas do Passo da Patria, o outro agora diz, que em maio está no senado. *Credite pisones*? Quanto á mim vejo pouco geito. Deus porem permitta que meu vaticinio se não verifique tambem.

Entretanto:

So se vê sahir vapores
Com petrecho e soldados,
De lá só nos vem em troca
Historias, e *mutilados*.

Resignemos-nos porem, e deixemos a natureza obrar. Que fazer? A desgraça quer que o Brazil seja isso mesmo. Cumpra-se o destino,

Cá se fizeram os deputados. Na côrte sahiram trez liberaes-historicos. Quero dizer, o primeiro foi o autor da *Carteira do Tio*; o segundo o Bezerra, medico e camarista, o terceiro o Dr. Dias da Cruz; *is*, *ea*, *id*.

Não tarda vel-os canonisados — martyres — da liberdade. O ultimo por exemplo: simples medico, fez-se vereador e já vai ficando com direito a jubilação; é tambem juiz de paz, cousa que na côrte e na freguezia do Sacramento, deixa mais de 1:000$ por anno. Encartou-se em *cathedratico* da eschola de medicina, e agora é deputado; não lhe parece que pode já entrar no *martyrologio*, como Chichorro, Ottonis, M. de Britto, etc., etc.? O meu fim porem era dizer-lhe que aqui o governo levou *bisnaga* (é termo progressista) na eleição; sendo a derrota mais sensivel a do Dr. Bulhão, *conservador* e director da secretaria da *agricultura*. O diabo que entenda tal politica!!!

Aqui protegem *vermelhos*,
Ali, veuhaes — *liberaes*,
D'ahi querem — *progressistas*:
Quem comprehende homens taes?

E taes lorpas entram pobres,
Saihem cheios de dinheiro;
E p'ra vergonha ou memoria
Si chrismam de — conselheiro

Pobre Brazil, cumpre teu fado. Não esmoreças. Quem sabe o que tu ainda serás? Que papel representarás, um dia, entre as nações?

« Depois do mao tempo,
Sempre se segue a bonança »

Já foi preso e está sendo processado, o temerario, que pretendeu empalmar ou revistar o cofre d'alfandega. Temerario digo, porque pretender, ás 5 horas, arrombar as portas interiores, depois de deixar-se dentro ficar da repartição, com toda ferramenta precisa, outro nome não pode dar-se.

Entretanto, sabe a quem devemos agradecer esse e os demais factos da mesma natureza, que se tem dado; e os assassinatos praticados aqui, de dia nas ruas? E' ao nosso solicito e paternal governo

Ah! que gana tinha en
De em todos elles pegar,
E infernados ao rei
Do Japão presentear?

Pois, carissimo capitão, lembraram-se de mandar buscar, á titulo de colonos, quanto parasita, vagabundo e ratoneiro havia na republica — *modelo*; para augmentar o numero dos que já tinhamos; quando a policia já é impotente!

Lembrar-se o governo de mandar buscar americanos, sem arte, sem officio, sem recursos; verdadeiros aventureiros, solteiros, sem nenhuma garantia, só para ter o gosto do fallar em colonisação?

O resultado é que, armados de rewolvers e punhaes, transitam impunes e livres pelas ruas, usando de taes armas *para terem segurança!* Entretanto, a policia consentindo-os assim, dá motivo ás scenas que tem havido, a ponto de, ha poucos dias, um destes pretendendo roubar 4:000$ que um outro trazia, travaram uma lucta na qual foi victima de um tiro, que lhe roubou a vida, um empregado da assembléa, que passava casualmente, ao passo que até hoje a policia ainda não descobriu o assassino!!!

Fortuna e vida nos rouba

A tal colonisação,
Soffra o povo que è p'ra bem,
Para augmento da Nação.

O vapor *Donati*, cá nos trouxe a noticia da grossa *bisnaga* que o progresso tomou ahi, na eleição.

Almeida *setenta e oito*!
Vinte quatro o Gonsalão!!!
Qual....assim tambem foi muito,
Pobre Almeida e Macacão

Porem, não faz mal, continue a provincia a esfregar assim toda essa sucia de desertores e apologistas de todos os governos.

Lá foi uma gran-cruz para o nobre commandante superior. Deus permitta que elle pague logo os direitos para não acontecer o que cá andam dizondo, pois até estão tirando certidões de o não haver feito. Ao menos com o titulo de barão ha quem assevere que já viu a certidão de que não pagou. Sirva-lhe isso de aviso.

Na verdade è muito bom
Ser coronel, titular,
Ter commendas e brasões;
Sem os direitos pagar.

Talvez que quando esta receber já esteja na outra vida o grande visconde de Sapucahy. O Brazil, que tem gasto tanta cera com tanto defuncto ruim, deve chorar de veras a morte de tão distincto varão.

Do mesmo modo se acha o marquez de Itanhanhem: Morre de... *senectus est morbus*—90 janeiros.

Não direi no mesmo estado o conselheiro Octaviano para não fazer alarma, mas affirmo-lhe que está sincera e gravemente doente; pelo menos não toma assento, porque vai já para Europa.

O barão de Carapebús foi-se com passagem para o outro mundo, bem como o ministro do supremo tribunal—Pantoja.

Aos mortos dê Deus o ceu,
Aos vivos lhes dê saude

Ainda não tiveram baixa os dous eleitores que o Alencastre—sem mais nada, nas Alagoas, recrutou no dia 3 de fevereiro quando iam votar para mesa.

Viva o voto livre!
Viva a liberdade!
Viva tambem o progresso,
Que è nossa felicidade

Está no dique o encouraçado *Brazil* e na porta a *Belmonte* e o *Amazonas*. Vieram concertar os estragos. Ao menos o primeiro attesta com o costado, que as ballas paraguayas não são de sebo.

Vai cahir ao mar a curveta a vapor *Cuanabara*, que agora me dizem se chrismou—*Vital d'Oliveira*—em honra desse denodado patricio.

O *dique* está tambem adoentado, por motivo da explosão que fez a caldeira.

Carissimo capitão. Esta já vai parocendo massada e portanto concluirei,

Pedindo-lhe me recommende
A Manè brutto, ou cavallo,
Bem como ao cabra Miguel
Cabeça de peixe-gallo.

O Chaves ainda continua
D'Antonia feito capão,
Ella vive na janella
E elle meche o feijão.

Maricas-Japiassú
Ja brigou com o bolceiro
E para fazer-lhe figa,
Metteu-se com um colchoeiro

A Maria que era moça,
Do filho do Maribondo,
Ja não se lembra mais delle,
Ja tem ca o seu cabondo.

Com Mariquinha dos Anjos,
Na rua da Conceição
Morava, mas ja mudou-se
Por causa de um tal João.

Foi p'ra rua de S. Pedro
Morar com um seu patricio,
Mas de la sahiu tambem
Por causa de seu feitiço.

O certo è que ja houve
Briga pelo tal João,
E que Maria levou
Da Carlota bofetão

Agora quero fazer-lhe,
Um pedido com razão,
Que é ter todo sentido
Na sua composição

Não se faça de banana,
Ponha-se tezo e bem forte,
Bem como não admitto
Que nesta me vá dar côrte

Quando escrever, dê noticias
Do negocio do barrismo;
Quero dizer não se esqueça
Da gente do *spiritismo*.

O Palusco.

REVISTA SOCIAL.

Grande escassez de novidades e muita fartura de mulheres usadas.

Abundancia de raparigas casadeiras e falta de rapazes dispostos a aceitarem os taes fardos, porque mulher não é mais que um fardo, principalmente se não tem em quantidade sufficiente a

«Sacratissimo gitirana,

«Que faz girar a machina mundana.»

Muita falta de pós de arroz nas lojas, e muita fartura d'este na cara das moças.

Muita velha de quarenta annos, que quer que a gente acredite que só tem vinte. (Precisam de juizo.)

Muito namoro.

(Eu cá, não namoro; porque quem namora perde seu tempo, e —*the time is money* como diz o inglez.)

Alguns sugeitos, que não teem outro emprego mas que o de *encherem as ruas de pernas*, sustentarem grande familia, luxarem et cetæra. (Não sei como elles o fazem: mas parece-me que são *milagrosos*)

Muito *caloteiro* que até o presente não pagou a assignatura do *Alabama*. (O Prates, o Romão e o Maximino hão de se haver com elles e não lhes deixarão as traseiras em quanto não paguem.)

As creoulas substituiram as trunfas de duas varas por macios lenços de tafetá e veludo.

Entre elles merece especial mensão o torço de veludo verde bordado a fios de ouro, com que se apresentou a Henriqueta Olho de vidro na sexta feira de Passos.

A PEDIDO.

Rio de Janeiro.

Ao muito alto e poderoso =Estampa Bonita,= *o cigano D. P. F. da rua* —**S**—*no numero* 72.

Deseja-se saber qual o motivo por que S. S. ainda não poude fechar todos os estabelecimentos navaes (na sua phrase) para por esse meio poder recuperar seus gastos loucos e esbanjamentos que fez la para Portugal.

Esse *espertalhão* é insigne professor da arte de enganar os mais.

Ja é bem conhecido esse tratante na praça de Latronopolis, e não sei si na da *Bahia tambem*

Infelizes donos de navios, que cahirem nas unhas de semelhante harpya!

Acabamos de saber que o seu socio ja em novembro do anno que passou dizia a alguns amigos que em janeiro tomava a direcção da casa e que ficava como chefe della o cigano.

Isto veiu ao nosso conhecimento por intermedio de um honrado negociante da praça.

A Alma do Lima e do Mané Monteiro.

—Então, meu heroe, como é isso? V. quer ganhar dinheiro nas costas dos outros?

Tomou fiado as tintas para pintar o barracão, onde os musicos iam tocar na festa do Senhor, que não dá *mau fim* a quem o venera, recebeu os cobres e deixou a quem lhe fiou com agua no bico.

Isso não é de um homem, que de mais a mais é inspector.

—Ora, a gente é obrigada a fazer tantas despezas, certos gastos *inesperados*, que não ha remedio sinão passar por caloteiro, ou ficar com cára de *lacaio*.

—E quem lhe obriga a gastar mais do que ganha? Isto é ser perdulario, e estragador, principalmente o Sr., homem casado, que só deve gastar o necessario com sua familia.

—Lá isso de familia, é o menos; que se arranjem.....

—Assim diz quem não tem pudor.

—Mas queria então, que eu ficasse mal com a minha *pecora*? Ella disse-me que queria ir ao Bomfim n'um carro, e eu não tive remedio sinão fazer-lhe a vontade. Chegamos lá e ella quiz comer no hotel. O maldicto do homem apresentou uma conta salgadissima,

tanto que fiquei devendo-lhe *desoito paus*.

—Razão, porque elle chamou-o ao subdelegado.

—E' verdade.

—Porém V. não repara que um homem, casado com poucos ganhos não pode fazer extravagancias destas?

—Que remedio? não se ha de fazer figura triste.

—O Sr. é um heroe em taes proezas! *Nelson* não o ganha.

—Peior faz o *Rodrigues*.

—Porém tambem soffre daquellas, que lhe faz o *Monteiro*.

—Deixe lá, o mundo bem comprehendido, é assim, passar vida folgada e milagrosa.

—Para quem é descarado não ha nada melhor.

Esmola-para o spiritismo.

—Meu amigo, deixe esse namoro do meio da rua!

Entre; que ninguem quer ver esta porcaria!

—Mais, que se importa V. com quem tem seu namoro?

—Não me importa; mais não quero ver escandalos. E de mais, eu não vejo difficuldade naquelle... ....entrar.

—Ora esta é boa! Não é difficil; mais eu quero mesmo que se saiba que namoro.

—E' balda de certos tolos quererem por força que todos vejam-lhe a *corija* e o que mais é, que a achem bonita.

—Sr. João Baptista *Giragrande* o Sr. é um homem impedernido!

Então não faz tenção de pagar o dinheiro, que lhe deram os directores dos festejos patrioticos para entregar?

E a cerveja que o Sr. bebeu prodigamente, não paga?

Olhe, temos uma collecção de suas gentilezas, para publicar.

VARIEDADE.

OPINIÃO DE QUATRO VIUVAS SOBRE O CASAMENTO

Primeira.—Fui feliz no estado de casada, e como posso ainda ser, casar-me-hei.

Segunda.—Fui muito desgraçada no primeiro estado, e como tenho probabilidade de ser feliz no segundo, casar-me-hei.

Terceira.—Fui feliz no primeiro estado, e como receio ser desgraçada no segundo, conservar-me-hei viuva.

Quarta.—A desgraça foi minha companheira durante o meu primeiro estado, e como só por artes do diabo, serei infeliz no segundo, casar-me-hei.

Qual das quatro teria razão?

Quero casar-me, papae,
Embora seja creança,
Tenho fé e esperança,
Que serei bom companheiro:
E' verdade que sou pobre,
Mas casarei c'uma moça,
que saiba que traz a bolça
Carregada de dinheiro!!!

Eu lhe digo os pormenores:
Quero uma moça que tenha,
Mil mattas p'ra tirar lenha,
Mil negros p'ra carregar,
Mil fazendas, mil engenhos,
Mil crioulas bonitinhas,
Mil barcos e mil barquinhas
Promptinhas à navegar. . .

Que tenha quarenta bestas,
Seis jumentos, dez cavallos,
Bons campeiros p'ra amançal-os,
Dez eguas de boa raça;
Que tenha uma grande loja;
De seccos um armazem;
De molhados dois tambem,
Que tenha boa cachaça...

Que tenha bonitas chacaras;
Quinze hortas de tempêro,
Onde apure bom dinheiro,
Somente p'ra a sustentar...
Que tenha duzentos bois.
Que tenha vinte cercados,
Mil e duzentos sobrados.
Para do alto espiar.

Hade viver sem a moda:
Hade ter vestidos sete.
Não a quero de topete,
Nem tão pouco de bo ão;
Hade arrastar só tamancos;
Não se hade mostrar bella
Quando chegar na janella,
Hade ser com condicção:

Si vel-a para alguem rir,
Como quem a amor se rende,
Como quem logo pretende,
Gozar outro namorado;
De dar-lhe dois ponta-pés,
De arrumar-lhe um [illegible]
De cortal-a de chicote,
A vista do seu amado.

Hade ter trinta bahús
Dez marquezas, vinte camas,
Setenta e duas mucamas
Que tratem desta riqueza:
Hade ter duas mil cadeiras,
Trezentos aparadores,
Doze pagens limpadores,
Que tenham delicadeza.

Hade ter muitos consolos,
Dez cadeiras de balanço,
Somente para o descanso
De meu corpinho e do della;
Hade ter vinte cosinhas,
Comer-se-ha tanto ao quanto,
E na casa em todo o canto,
Hade haver uma panella.

Papai eu quero casar-me,
A moça hade ser formoza,
Bonita como uma roza..
Hade ter bom coração;
Hade ser moça que ás festas,
Se mostre pouco querida,
Que viva sempre escondida,
Tratando d *obrigação*.

E quero breve casar-me;
Me aranje papae, bem cedo,
Eu quero tudo em segredo,
Me arranje a moça papai!
Eu bem sei que sou criança,
Mas quero me ver casado,
Em quanto não sou chamado,
A' guerra do Paraguay.

COUSAS FACEIS E DIFFICEIS.

A cousa mais facil que ha, è encontrar-se um inimigo.

A cousa mais difficil que ha, è encontrar um verdadeiro amigo.

A cousa mais facil que ha, é dar um beijo em moça bonita.

A cousa mais difficil è conseguil-o.

A cousa mais facil que ha, è nadar.

A cousa mais difficil è aprender.

A cousa mais facil que ha, è fallar em politica.

A cousa mais difficil é entendel-a.

A cousa mais facil que ha, è dormir.

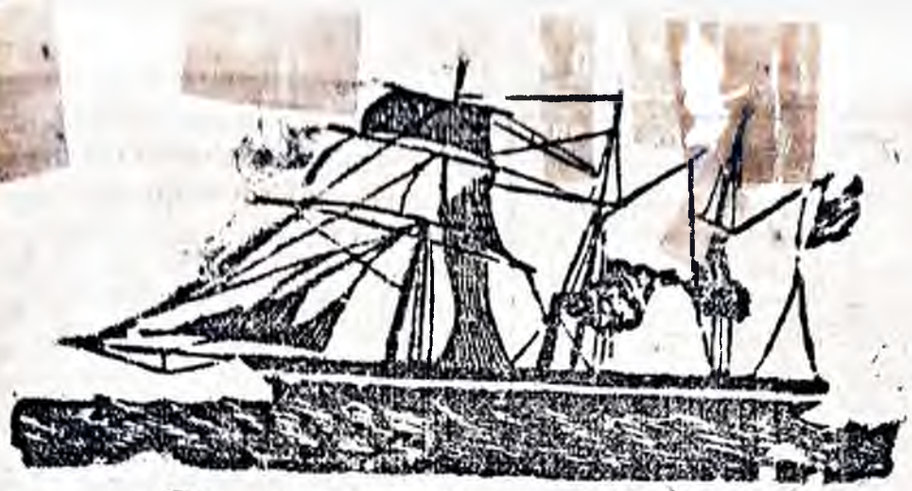
A cousa mais difficil é trabalhar.

(*Ext.*)

ANNUNCIOS

Fugiu da abaixo assignada no dia 6 de fevereiro a sua escrava Celina africana de edade de 30 annos, pouco mais ou menos, ganhadeira, acha-se prenhe, desdentada, com os dedos grandes dos pés tortos, ceio piqueno: quem a levar ao Pilar nº. 92 será recompensado.— *Ignez Lucia Dias Monteiro.*

Desapareceu no dia 17 do corrente de casa do abaixo assignado o seu escravo Luiz, pardo, edade 9 a 10 annos: levou vestido camisa de chita escura, calça d'algodão azul, chapeu de palha, tudo usado; quem o levar a seu Sr. ao C es Dourado nº 91, será recompensado; o mesmo protesta contra quem o tiver acoitado. Bahia 21 de março 1867 — *José Cardoso Pereira de Souza.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 30 DE MARÇO DE 1867. SERIE 19.ª—Ns. 185

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiuna, á rua do Collegio n. 14 1º ndar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de março de 1867.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que, acompanhado do muxingueiro, vá a noite ao Canto de João de Freitas, e ponha-se de espreita a ver quem são os individuos, que reduzem as bocas de lobo, que alli ha, ao estado de porcaria em que se acham; mandando pelo mencionado muxingueiro passar uma esfregação de taca em todos que alli vão fazer despejo. Cumpra.

—Pungente e consternador é o aspecto desta capital!

A magoa destaca-se em todos os semblantes!

Parece que uma imminente desgraça está a cahir sobre a cabeça desta infeliz e oppressa cidade!

—E' que cada qual estremece de receio pela sorte de um ente que lhe é charo.

Aqui é uma mãe que pranteia pelo filho, alli a esposa que chora pelo marido, acolá é a irman que desconsolada banha-se em prantos pelo irmão, seu unico arrimo, mais adiante é uma afflicta mãe cercada de filinhos que lhe pedem pão, que amarguradamente lamenta-se, por que aquelle que, com o fructo de seu suor matava a fome, de seus innocentes penhores, ha muitos dias está encerrado dentro das muralhas de uma fortaleza, esperando a sorte que o destino lhe prepara.

E a mais dilacerante duvida paira em todos os spiritos, por que todos esperam a cada momento uma nova angustiosa!

Que quadro doloroso!.....

Lagrimas por toda parte!

Nas ruas tenho encontrado senhoras banhadas em pranto!

—Mas, si não ha remido, o que se ha de fazer? E' preciso appellar para o patriotismo dos brasileiros; antes de tudo está a dignidade do paiz.

—No tempo em que iam daqui milhares de voluntarios debaixo de vivas e flores, reprovou-se e se disse que elles não eram necessarios; hoje amarra-se a pau e corda e embarcam escoltados.

—Naquelle tempo, si haviam lagrimas, eram de saudades misturadas de patriotismo.

—Chegou a se dizer ao povo que *qualquer que fosse a sorte da guerra e as peripecias por que tivessemós de passar, o exercito brasileiro, que estava no sul, era sufficiente para castigar os desmandos do tyranno do Paraguay.*

E hoje agarra-se brutalmente o povo para ir engrossar as desfalcadas fileiras do exercito.

—E o que fizeram de ...ais de 60 mil homens?

—Estão sepultados nos banhados paraguayos.

—Lá cahiu o muro da ladeira do Coqueiro, e por milagre de Deus não sepultou alguem.

—O deleixo, que ha em nossa terra, é origem de muita cousa. Consentiram que arreassem o muro para edificar ahi, e quando teve-se de levantal-o, não houve quem tivesse o cuidado de fiscalisar si a obra tinha a solidez necessaria e por isso foi elle feito a *Deus e a ventura*. Vieram as chuvas, e o muro foi-se com a breca sobre o muro das freiras da Lapa, sendo uma ... de felicidade na occasião não passar alguma creatura humana.

—E agora ficará alli na rua aquelle entulho até quando Deus quizer.

—Fallar sobre os desvios da companhia do Gaz, é perder tempo!

Clame-se como clamar, ella continúa a zombar do povo.

—E não lhe acho culpa.

—Desde o dia 25 que uma immensidade de ruas, que seria massada ennumerar, ficam ás escuras todas as noites, e as que tem illuminação apresentam uma differença muito sensivel para menos.

—Si ella ja de si é pessima em extremo, tornando-se peior, não sei o que será.

—A propria rua em que mora o chefe de policia tenho visto ás escuras.

—E a travessa, que do Terreiro vae dar á secretaria, vive constantemente em trevas.

—Por commiseração da infelicidade, queria fazer uma supplica ao Illm. Sr. Dr. Chefe de policia.

—E quem lhe impede?

—Eu sei si serei attendido? Nesta terra parece que só se dá importancia a quem tem elevada posição.

—Sempre é bom arriscar.

—Como me anima, irei sempre pedir a S. S. que lance suas benevolentes vistas para o alimento que se fornece nos sentenciados á prisão com trabalho, porque me informam que é o peior, que pode haver; pessimo na extensão da palavra.

—Isso é cousa que, elle querendo, com a maior facilidade verifica, si é exacto ou não.

—Tambem me consta que os presos vivem actualmente em grande constrangimento e que são tractados com algum rigor, não se lhes permittindo até que entre uma preta de fructas para vender, nem que mandem comprar qualquer cousa para comer; porem, como não sei si isto é do regulamento ou não, nada digo.

—Está direito; vá ao homem faça seu pedido, e me diga o resultado.

—Foi de curta duração a presidencia do Sr. Leão Velloso no Pará!

—Somente em quanto não passaram as eleições.

—Os cofres são quem soffrem com essas continuadas mudanças.

—Os cofres só? E' uma causa de atrazo para o paiz: quando um inicia um melhoramento, vem outro de politica opposta e desmancha, e assim andamos sempre como carangueijos.

—Tambem eu acho razão, hà objectos que a gente só usa delles quando tem precisão para certos fins, ao depois atira-os ao canto.

—Porém diga-me: o digno presidente foi demittido á seu pedido, ou por *conveniencia do bem publico*?

—Homem, isso não sei, porque as folhas só dizem que foi exonerado.

—Capitão, ouça:

André Cursino dos Reis, morador da freguezia da Sé, foi em outubro do anno passado agarrado como guarda do 6.º batalhão de infantaria. Este individuo é cego do olho direito, e sendo remettido para o corpo provisorio, creado pelo Sr. Leitão da Cunha, requereu a elle que lhe mandasse inspecionar, pois que, sendo elle um homem cego, está isempto, como é de lei, do serviço militar.

S. Ex. mandou informar ao commandante superior, ha mais de vinte dias desta parte, e até hoje jaz lá o requerimento sem que o digno commandante dê a sua informação, e agora é André Cursino tirado para o contingente que tem de seguir para o sul!

—Que quer que lhe faça?

São os effeitos dos beneficios que o Sr. Saraiva fez ao seu paiz, pelo que ha de ter em recompensa uma cadeira no senado.

O ULTIMO DO MEZ.

O ultimo do mez!

Sabe alguem o que é o ultimo do mez?

E' uma declaração de guerra feita por uma potencia forte a uma nação pobre e desarmada.

E' um inverno rigoroso a dar cabo das sementeiras!

E' uma peste a devastar tudo!

Fim do mez! purgatorio, inferno, cadafalso, e diabo!

—Mas porque você grita contra o fim do mez? pergunta-me o proprietario da *minha* habitação.

—Por sua causa, que não me deixa a porta em quanto lhe não pago o aluguel da casa.

—Ah!...diz o bruto, encolhendo os hombros.

E destas perguntas, e destas respostas é o que se ouve em boca de taverneiros, logistas, sapateiros, alfaiates e todos quantos vivem do que nos impingem, para nos ajudar a viver.

—Ultimo do mez! Palavras que sôam roucas e ameaçadoras como uma trovoada!

E' certo que neste dia è que recebe-se o pallido e esqualido ordenado; mas, Santo Deus, os credores! quem pode aturar os credores no fim do mez?!

Ao annunciar a folhinha esse dia fatal, qual bando de maribondos, sahem os credores anciados, esbaforidos, velozes como cachorros, atraz do pobre devedor, e ai delle!

O ultimo do mez é um martyrio!

Do dia 5 a 25, o devedor vive uma vida entre o pacifico e o sobresaltado; dos dias 1 a 5 e de 25 a 31 não vive, anda moribundo; a sua alma, seu corpo, seus haveres, está tudo sob a vigilancia dos credores.

Credores! raio para que não ha conductor; chuva que tudo alaga; peste que tudo assola, guerra exterminadora!

O cred[illegible] é um cão de fila:—fareja até ao infinito.

No ultimo [illegible]do mez o devedor *sisudo*—adoece, vae p[illegible] o campo tomar ares, a familia, os fam[illegible] ninguem sabe delle, mas o credor! larg[illegible]e como uma lebre, —e lá vae descobril[illegible] esteja elle embora no fundo d'um valle, ou no pincaro de um rochedo!

Ah! credores, cred[illegible]ores! Triste cousa é os paraguayos não[illegible]hes deverem senão tinham já dado[illegible]o delles, *n'um ultimo de mez*!

Para o deve[illegible] nunca os mezes deviam ter fim, o co[illegible]ario é querer acabar com elles, cousa r[illegible]mente difficil, mas inevitavel.

O homem s[illegible]pporta uma dôr de dentes, um aperto de[illegible] botas, um frio terrivel, a repetição de[illegible] um drama ruim, a desafinação de uma [illegible]gaita, mas as lamurias — as *descomponen*[illegible]s de um credor! Quem pode resistir ás pa[illegible]ncadas de um malh[illegible]! E o credor é um [illegible]aalho de 50 arro[illegible]as!

Ah! ultimo [illegible]do mez....

Quantas alm[illegible]ora, curtidas de frio, [illegible] abatidas, não estão diante de algumas [illegible]oucas de dezenas de mil reis, a fazer calculos, que se desfazem como fumaça, porque o sapateiro impertinente, exige a importancia de um remonte, o taverneiro incivil quer o pagamento dos paios, e a engommadeira precisa ser satisfeita de uns fundilhos que deitou nas ceroulas!

Ora não fallemos do vencimento de uma letra, isso é obra monumental, é uma pyramide suspensa sobre a cabeça.

Pobre dos pobres! Emquanto o credor sorri, engorda, enriquece, os devedores choram, finam-se, empobrecem!

Em quanto no—ultimo do mez—o devedor anda á procura dos cantos para não ser visto, o credor percorre todas as praças, todos os lugares publicos á caça das victimas!

O ultimo do mez—é uma medalha: em uma face, lê-se: CREDORES! na outra—DEVEDORES! Ai daquelle que está contemplado na palavra *devedores*, vive n'um AZAR perpetuo. A SORTE está na face CREDORES!

Emfim, leitores, *azares* e *sortes*, o ultimo do mez, será um dia muito alegre, mesmo para o vosso respeitador.

AZAR.

A PEDIDO.

—Aquelles sujeitos que costumam

entrar naquella eschola primaria, irão aprender a ler?

—Tinha que ver! Tantos homenzarrões aprendendo á ler!

Vão rezar a Senhora do *Monte*.

—Porém alli não é egreja nem casa de oração, é uma casa de educação da mocidade.

—Ora V. anda no mundo da lua! Depois que os meninos dão lecção, abre-se a cartilha das *oenta e duas* e o padre Souza Fructa explica o evangelho das *meias bocc*.

—Mil raios o partam si eu entendo semelhante embrulhada!

—Tambem nunca vi homem mais incomprehensivel que V.!

—Pois está o Sr. a me falar por metaphoras!

—Então quer que lhe fale claro? Os homens que vêe entrar alli vão jogar...

—Jogar!... N'uma aula publica!... E o Sr. director do ensino publico sabe disto?

—Isso lá não sei. O que affianço é que o sapiente e *augusto* professor converte todos os dias a aula em casa de jogatina.

—Não sei o que mais não verei em Latronopolis!... Até ja vi um professor na parochia da *Esposa de S. Joaquim*, na casa em que ensina os meninos ter uma banca de jogo!...

NAVIO ARRIBADO.

Barca Marcolina, vinda do porto da Gameleira, carregamento bolachas, e outros generos como sejam relaxação e malcreação em abundancia; as mercadorias são consignadas a diversos, e o casco propriedade do Amancio, será condusido a doca do Caetano para receber os reparos que precisa, traz por capitão o filho do Salú.

—Ah, sôr *Tisana*?

—Que quer, sôr *Fructa Pão*?

—O Lulú Pedrito tem boas unhas, é verdade, porém è para agarrrar os tratantes: e si algum dia serviu de espião de policia, foi para denunciar e concorrer para a captura dos ladrões de escravos, falsificadores de firmas, moedeiros falsos, contrabandistas, etc.

—Isto são *tetéas*.

—*Tetéas*.... o que o Sr. quer, é me obrigar a praticar uma cousa que eu não tinha intenção.

—O que é?

—E' levar ao chefe de policia uma lista com os nomes, condições, edades profissões, e estado de certas pessoas, que entram em sua casa, e o que vão la fazer.

—Isso não me assusta; vá metter medo ao *Paiva*.

—Pois continúe que eu lhe prometto, juro e protesto

VARIEDADE.

COUSAS FACEIS E DIFFICEIS.

A cousa mais facil que ha, è haver quem fale mal da vida alheia.

A cousa mais difficil è casar-se moça pobre sem dinheiro.

A cousa mais facil que ha, è acontecer um engano.

A cousa mais dificil que ha, è enganar um cigano.

A cousa mais facil que ha, è espalhar um boato.

A cousa mais difficil que ha, è viverem em paz o cão e o gato.

A cousa mais facil que ha, é encontrar-se um doutor.

A cousa mais difficil que ha, é pilhar-se um desertor.

A cousa mais facil que ha, è ser deputado.

A cousa mais difficil, è apresentar idéas n'um discurso que valha a pena ser lido... (quando não ha conveniencia propria.)

A cousa mais facil que ha, è achar-se magistrados estupidos.

A cousa mais difficil que ha, è que esses se conheçam.

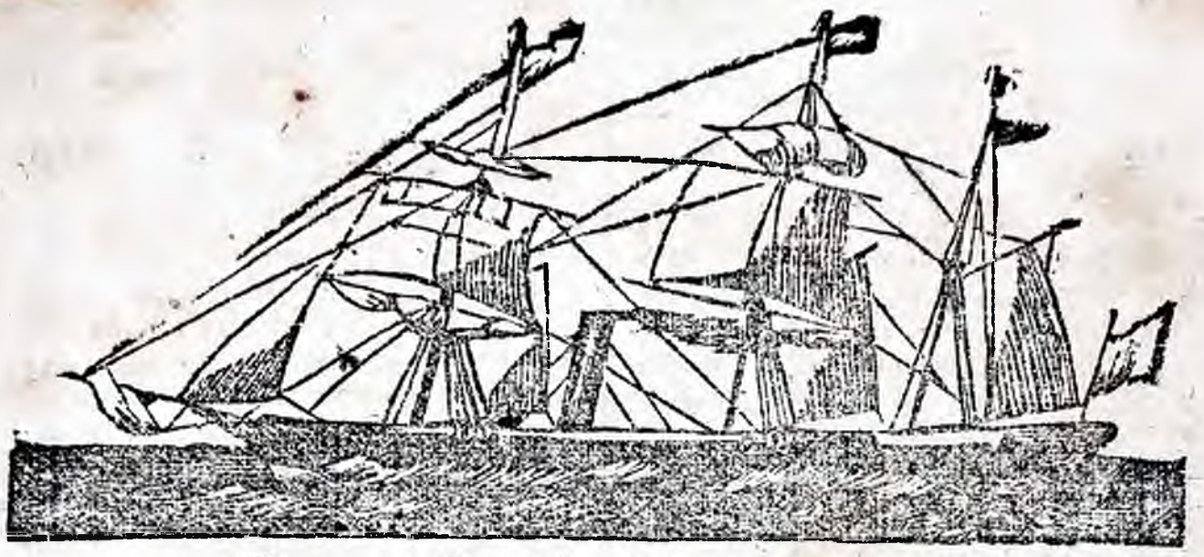
A cousa mais facil que ha, è questionar,

A cousa mais difficil, è ter razão e saber sustentar os argumentos em regra.

ANNUNCIOS

Fugiu da abaixo assignada no dia 6 de fevereiro a sua escrava Celina africana de edade de 30 annos, pouco mais ou menos, ganhadeira, acha-se prenhe, desdentada, com os dedos grandes dos pés tortos, cheio piqueno: quem a levar ao Pilar nº. 92 será recompensado.—*Ignez Lucia Dias Monteiro.*

ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 2 DE NOVEMBRO DE 1867. SERIE 29.ª—N. 281

Public-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de novembro de 1867.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, comunicando-lhe que o cidadão João Nepomuceno Rodrigues queixa-se contra a violencia que soffre em sua liberdade, por parte do Sr. tenente coronel José Carlos Ferreira, o qual á seu capricho conserva-o preso e blasona que o ha de dar como contingente, quando o paciente não é guarda nacional, visto ter sido illiminado de todo serviço a 13 de outubro de 1866; nestes termos, pede-se a S. Ex. providencias afim de que não sejam violadas as leis do paiz *por quem quer e pode.*

—Que desastrado! No galope em que vinha atirou a pobre preta ao chão e la vae desenfreado!

—E o barril cahiu sobre a infeliz que desmaiou.

—Isso de não haver um correctivo para esses galopadores, é causa de muito sinistro.

—Mas como, n'um caso destes? O acontecimento foi aqui na rua Direita do Collegio, supponha que eu vou a policia chamar um guarda, antes de la chegar, ja ninguem sobe novas nem mandado do delinquente, e depois ninguem o conhece.

— Estas, são dasbe bedeiras insuportaveis.

As taes que dão para causar prejuizo.

—E quem lhe disse que aquillo é bebedeira?

—Ainda resta duvida? Porventura quem está em seu juizo, mette-se n'um carro para andar quebrando os lampeões da illuminação?

— Rapaz, são os passageiros de uma gondola que a companhia de Vehiculos manda esperar nas noites de espetaculo para conduzir a quem foi ao theatro, que estão devertindo-se naquelle *innocente* passatempo.

—Bello divertimento! Amanhan quinta feira, é que ha de se ver os estragos que causaram os taes devertidos do largo da Conceição a Calçada.

—Aquellas duas mulheres estão presas?

—Si estivessem, estavam fechadas na prisão das mulheres.

—Que diabo fazem então ahi no quarto do commandante da guarda?

—Vieram visital-o.

—Olé! o commandante de uma guarda em órgia com duas mulheres!

—E isso faz mal?

—Nesta terra onde não ha *correção* para os abusos, não.

Em todo caso, consigne que o passo foi na segunda feira.

—A' despeito das providencias tomadas pela policia, continuam os marinheiros americanos, a praticar reprovaveis excessos pelas ruas da cidade

No estado de embriaguez a que se entregam, não só travam lucta entre si, como atacam a quem pacificamente transita e mais de uma pessoa tem sido victima das murradas desses desalmados.

—Ainda hontem, sexta feira, um, depois de fazer proesas no Terreiro, espojou-se na egreja do Collegio e lá cosinhou a mona até a tarde.

—Entretanto não sei do que serviu o Sr. Dr. chefe de policia reclamar do consul respectivo medidas presentivas contra taes excesssos, si elles continuam.

—E os nossos soldados de policia, não todos, em vez de accomodarem e fazer conter os desmandos desses beberrotes, fazem coro com elles e vão para as vendas ajudal-os a chuparem o codorio, para depois lhes arrebatarem da mão o dinheiro.

—Não faça essa injuria aos nossos policias.

—E' uma verdade e a verdade não se deve occultar, o que posso fazer é, si alguem se offender, provar quaes são, por que mais de uma pessoa presenciou.

—Então, o que lhe disse eu?

—Tanta cousa que nem me lembra.

—Sobre minhas duvidas se seria acceito o offerecimento do Sr. coronel Carvalhal para gratuitamente incumbir-se do alistamento dos individuos destinados a guerra, conforme o aviso e circular de 2 de outubro p. p.?

—Porém só nesta terra se vê disto.

Nesta epocha em que fazem tanto escarceu por dinheiro; em que para obtel-o, descarregam sobre o povo, qual besta de carga, impostos de matar; em que as classes pobres estão na mais desesperada situação, visto que o artista além de não ganhar, porque o serviço da guarda nacional lhe absorve todo tempo, vê recahir sobre si directa e indirectamente todo peso desses vexatorios tributos; neste tempo, digo, em que a penuria no imperio chegou ao extremo de camaras municipaes esmollarem por portas, sobrecarregar os cofres com uma avultada despeza, podendo poupal-a, é um daquelles casos que não sei a classificação que lhe dê.

—Nem sei mesmo em que se fundou o presidente para tão desarrazoada preferencia. Ahi elle só poderia allegar ineptidão.

—Isso não; porque os factos desmentem. O Sr. Carvalhal organisou e disciplinou quatro companhias de zuavos, uma de couraças e duas de sapadores, a geral contento e até foi galardoado pelo governo imperial. Como militar, o Sr Rocha Lima nomeado, não o é mais do que elle. Não sei pois em que se baseou o Sr. Azambuja para fazer tal desperdicio.

—Não sabe? Pergunte aos *amigos do peito*, que lhe dirão que foi com a mesma razão com que elle protege a José Amat e outros.

—Alto lá! quanto ao José Amat tem uma companhia de raparigas geitosas...

—Basta; dê por finda a discussão.

Commemoração dos finados

A' piedade religiosa de S. Odilon, abbade cluniacense, deve-se a instituição, no anno de 998, desta festa funebre, em que a Egreja repete um officio da composição d'aquelle sabio doutor evangelico, e á epistola é cantado o hymno dos finados: —*Dies iræ*,

dies illa, etc (*o triste dia etc.*) o qual, segundo uma tradição antiga, foi composto por um condemnado em sua masmorra, e o livrou do supplicio; por quanto, sendo cantado por seu autor com um accento tão lugubre de voz, no momento em que era conduzido para o cadafalso ao lado do sacerdote que o exhortava, infundiu no povo, que o acompanhava, uma especie de terror, que foi pedido logo, e obtido do governador o perdão para o criminoso.

E por tanto a Santa Egreja, sempre solicita pela salvação de seus fieis, tem designado um dia em que vamos todos de commum accordo rogar a Deus especialmente por meio de orações, sniffragios, e boas obras de zelo, amor e caridade, pelo repouso e eterna felicidade de nossos *paes, filhos* e *parentes, irmãos* e *amigos*, que talvez pelo excessivo amor que nos tiveram, estejam soffrendo as mais crueis dores e afflições; . . . e de nosso *proximo*, que d'alli nos olha, supplicante implorando um pequeno obulo, ás vezes bastante, para a sua completa remissão,

Terminamos o presente escripto com a transcripção da seguinte poesia de uma illustre senhora, cujo consentimento obtivemos:

O SINO DOS FINADOS.

Que diz esse bronze no som alterado,
Que tanto no peito disperta o soffrer!
Que diz! Diz finado baixando ao sepulchro!
Dos sonhos da vida terrivel descrer! . . .

E' som infallivel de dor e saudade
O echo sentido no triste dobrar! . . .
Annuncio de um somno p'ra sempre dormido
Que brado mais forte não pode accordar.

Meu Deus! q' mysterio! quem pó le sondal-o
Do pó do sepulchro quem ja murmurou!...
Quem disse: «P'a todos aqui ha descanço»!
Em cinzas um Nero jamais repousou.

Ouvira o tyrano, do mundo maldito,
A voz do eterno bradar *Maldição*!
De bal le bradaram tangeres de bronze,
Bradaram debalde, pedindo oração! . . .

A's vozes de um anjo apinha se a turba,
A turba, chorando, medita... e resou!
Nas crenças do nada lá foi envolvida,
Quem sabe se em nada depois se tornou.

São altos juizos, decretos divinos.
Que aos homens só cumpre saber respeitar;
Verdades escriptas no livro sagrado
Que o homem não pode jamais soletrar.

Respeitemos as cinzas dos que já lá foram.

E meditemos.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXIX.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

No artigo precedente, posto que em ligeiros traços, viram os leitores quanta inverosimilhança, inexactidão e contradicção ha no interrogatorio do reu Castro Rebello, que passaria desapercebido si não fosse a publicação das peças do processo.

Em vista disso, a discussão calma e séria tomou agora novas proporções, e para ella ja fizemos um repto solemne aos defensores dos reus.

O processo está entregue ao dominio publico, e portanto nada mais ha de encobrimentos e mysterios.

Vamos ainda analysar esse interrogatorio, e dessa analyse pullula manifesta e evidente a criminalidade.

Para não gastarmos tempo, resumiremos com fidelidade as respostas.

«Perguntado si come ex-director do banco da Bahia si sabe havia algum plano na mente de alguns de seus collegas para obrigar por meio de violencia ao exporteiro João Soares a revelar algumacousa sobre o desfalque ultimamente alli havido, declarando elle respondentede maneira clara e positiva, si teve alguma parte nesse acontecimento?

«Respondeu que, em vista da improficuidade das diligencias legaes, entendeu que o unico meio de obter-se a confissão do perpetrador do desfalque, visto que estava convencido de que o fora o ex-porteiro, *seria usar de amcaça*,

ou coisa que o fizesse julgar perdido ou pelo menos na impossibilidade de gozar o fructo de seu crime, o que communicou ás authoridades; e que delles não usou, *apezar de sua proficuidade*, por que não encontrou assentimento nellas; sem que comtudo fossem esses meios os que foram empregados, e que esse pensamento communicou a alguns de seus collegas.»

Eis a confissão do crime, ainda que por uma forma indirecta, porem clara e positiva.

Que maior ameaça, perdição ou impossibilidade para quem quer que fosse o ladrão do banco, de gozar o furto ou roubo, que ser de sorpreza arrebatado, mettido em um carro, vendado, amordaçado, algemado, e nessas condições soffrer os tormentos e martyrios que soffreu João Soares?

Si os meios que tinha em mente o reu Castro Rebello eram outros, porque não teve a franqueza de enuncial os publicamente em juizo, contentando-se apenas em dizer vagamente que eram outros sem mostrar quaes fossem?

Tam interessado, como diz, em saber quem fosse o ladrão, certo do resultado que obteria com o emprego de *seus meios*, ninguem poderá crer que elle deixasse de pol-os em practica, somente pela falta de acquiescencia da authoridade. O *vivo interesse* de salvar a sua honra traz essa consequencia logica, necessaria e irresistivel. Até certo ponto justificariamos o crime de agosto, si por elle viesse a ser reconhecido o ladrão do banco. Ter em suas mãos o meio certo de salvar-se a si e a amigos, e não empregal-os, são duas idéas antinomicas e contradictorias, que se destroem reciprocamente.

Convem mais adduzir que o reu Castro Guimarães perguntado para declarar o plano combinado para a descoberta do ladrão, respondeu que não pode dizer qual elle seja; e Sampaio Vianna sobre o mesmo ponto disse que não houve plano algum, alem das pesquizas para ser descoberto o logar onde estava o dinheiro subtrahido.

Querem prova mais inconcussa e incontrastavel que essa?

Ainda não é tudo.

«Perguntado o reu Castro Rebello si communicara o pensamento de que acabou de fallar, (o da ameaça ou cousa que fizesso suppor perdido o ladrão para não gozar o dinheiro) a todos os ex-directores, ou si a alguns, e quaes foram?

«Respondeu que á todos communicara, *e especialmente á Castro Guimarães, e Sampaio Vianna, reunindo-se* MUITAS VEZES, ou no escriptorio do primeiro, OU EM CASA DO SEGUNDO.»

Entretanto que Sampaio Vianna disse que nenhuma vez elle communicou-lhe esses planos de ameaça ou violencias; e o mesmo disse Castro Guimarães, accrescentando somente que não podia declarar esses planos, como acima já dissemos.

Ainda nas respostas de Sampaio Vianna se encontra ter elle dito que Castro Rebello, *por uma vez*, estivera em sua casa, e em presença da familia; ao passo que este disse que o fora *por muitas vezes*, e Castro Guimarães que o encontrara (a Castro Rebello) *uma ou outra vez*.

Como explicar se tanta inverosimilhança, inexactidão, e divergencia?

Ainda assim acharam poucas os defensores dos reus as provas que contra os mesmos existem?

Nem tanto senhores! Antes calem a bocca.

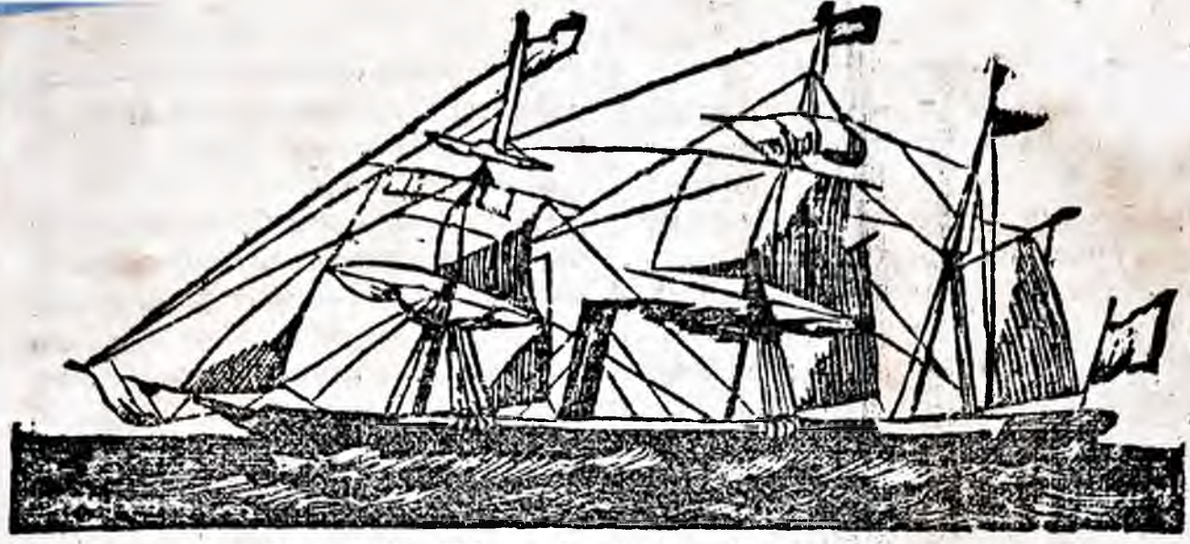
Proseguiremos.

ANNUNCIOS.

Aluga-se duas caza a estrada do Matatú em frente a roça do finado D Braz; sendo uma sala feixada, quarto, cozinha, quintal cimentado, reparada de novo; por 5$000 reis mensaes, e uma outra na mesma visinhança com mais comodo por 8$000 reis mensaes.

Nesta typographia se dirá quem está autorisado para alugal-as.

Vende se uma caza com bons commodos sita a rua do Castro Neves; trata-se com o Sr. Cassianno Augusto de Lima no trapiche União.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 6 DE NOVEMBRO DE 1867. SERIE 29.ª—N. 282

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á roa do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Este numero é o 2.º da serie 29 do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de novembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, chamando sua attenção para um individuo de nome Bazilio, morador á rua da Valla, pelas continuadas desavenças em que vive com sua amasia, a qual, quando batida pela possante athleta, encommoda e sobre-salta a visinhança com seus estrondosos gritos. Espera-se que S S attenderá a tão rasoavel pedido.

—Com que direito manda o Sr. coronel José Pereira da Silva Reis prender a cidadãos inermes e trancafial-os n'uma prisão?

—Com o direito de ser commandante de um batalhão da guarda nacional.

—A' excepção dos que forem seus guardas, não me consta que tenha jurisdicção para á sua ordem se prender mais ninguem.

—V. não sabe que no afan de completar o contingente pega-se a torto e a direito, e que os encarregados de *agarra*, ou por estupidez ou por abuso, não relevam ninguem e que o commandante não pode ser responsavel por isso?

—Nesse caso para que confiam tal commissão a homens ignorantes do que lhes cumpre fazer?

Ora veja istó:

Francino Guimarães nunca foi guarda de artilharia; pertenceu ao batalhão do S. Pedro e desde 1865 foi isempto de todo serviço da guarda nacional e do exercito, não só por doente, como por ser filho unico de viuva e sustentar sua mãe, e cujo pae morreu vertendo seu sangue pela independencia deste paiz.

A' vista do estado anormal das cousas, Francino andava sempre com seus documentos para evitar algum incommodo. Não lhe valeu a prevenção. Na noite de 2 do corrente, quando sahia de seu emprego typographico, foi agarrado e levado a tombos para o forte de S. Pedro, por quatro flibusteiros á

ordem do Sr. Silva Reis o lá se acha constrangido em sua liberdade e privado de ganhar o pão para si e sua mãe!

Ora, isto tem termos?

Pois o pobre, o desvaltido só ha de ter garantias nas vesperas de eleição?

Isto é muito zombar desto povo soffredor.

—Querem accordar o leão do pesado somno em que jaz.

—E não é só este o acto de requintado excesso e tropelia praticado pelos artilheiros do Sr. Silva Reis.

Attenda bem para o seguinte, e inqualificavel facto, para o qual eu invocaria, si podesse ter a honra de ser ouvido, a attenção do S. Ex. o Sr. presidente da provincia.

—Pode dizer.

—Na noite de 2 do corrente, quatro soldados e um official de artilharia, que nos disseram chamar-se Juvencio, prenderam a um creoulo, que nem ao menos mora nos districtos em que o batalhão de artilharia faz a sua qualificação.

Preso o homem, é levado a murros e a tombos; na ladeira dos Gatos poude desvencilhar-se de seus flagelladores e correu.

—Sabe, para que lhes não escapasse a presa, de que alvitre usaram os algozes?

—Estou a espera que V. diga.

—Como possessos entraram a bradar—*pega ladrão*!

—Não se admire disso, quando ha um capitão subdelegado, qui bem perto, que recruta com caxorro.

—A ladeira dos Gatos, rua do Tijollo, Caminho Novo e adjacencias ficaram em alvoroço com os brados de *pega ladrão*!

Todos acreditaram que era um desses frequentes attentados contra a propriedade de que ultimamente tem sido theatro esta cidade. E ninguem querendo esbarrar-se com um sicario, davam todos caminho ao *pretendido ladrão*.

Na Estrada Nova, um padeiro que ahi ha, munido de uma tranca, deu-lhe tamanha bordoada, que o deitou sizudo ao chão.

Accommettida a victima pelos sanhudos perseguidores, foi atrozmente trucidada á pannos de bayoneta, não obstante o estado de atordoamento em que se achava.

—Na verdade; é preciso que o Sr. presidente olhe para este e outros escandalos, e tome medidas promptas e efficazes que faça com que a lei seja respeitada, e o povo não esteja sujeito aos caprichos de meia duzia de mandões caricatas.

—E' uma vergonha que a policia da Bahia tenha como seus agentes a dous individuos, prototypos de todos os vicios e baldões, accrescendo até ser um delles escravo!

Eliseu e Evaristo são dous entes maltrapilhos, ultimas excrescencias da sociedade, e que entretanto alardeiam de serem espiões da policia e gozarem da privança do chefe e seus immediatos, e que apadrinhados com esse nome andam por ahi a especular e a commetter tudo quanto é traficancia e alicantinas, não só abusando da ingenuidade dos imbecis, como tirando proveito daquelles que tem culpa no cartorio.

Os larapios, para desassombradamente exercerem sua profissão, pagam a esses *industriosos* preito.

A immensidade de casas de jogos do que se acha contaminada a freguezia da Sé, dão uma pensão mensal a Evaristo.

Na policia do Sr. Dr. Galeão veio um escravo queixar-se de maus tratos que recebia do seu senhor. S. S. mandou-o recolher á Correcção, por um policia novo, Eliseu illudiu o guarda, acompanhou o escravo, tomou recibo do carcereiro, e foi ao senhor daquelle receber a esportula por havel o prendido.

O Sr. Dr. chefe de policia por moralidade de cargo que dignamente dirige, deveria mandar banir essas repugnantes e asquerosas creaturas da porta de sua repartição.

—Eu concordo com tudo o que o Sr. diz. Eu si fosse chefe de policia tinha vergonha de ter como agentes dous individuos sobre os quaes não ha mancha que se não reflicta.

—E que andam a abusar do seu nome para praticarem gatunices e até violencias, porque quem tem sua desafeição acha nellos um instrumento, por qualquer molhadura.

—Eu creio que á vista do que fica dito, o Sr. Aragão e Mello porá termo as extorsões que andam a commetter esses duas harpyas.

—Capitão o que é de Deus á Deus e de Cezar á Cezar

—Isso é velho.

—Já sei, mas não se observa.

—A's vezes.

—Aqui tem uma prova do contrario.

—Vamos a ver.

—Na publicação que o capitão fez de uma poesia sob o titulo —*A guerra do Paraguay*—em o seu numero de 12 do passado, sob a firma do Sr. *Antonio Carvalho de Goes*, poesia de que não é este Sr. o author.

—Isso não é possivel, V. está enganado.

—Qual enganado, capitão, estou certo como certa é a existencia de Deus.

—Então quem é o author?

—Si o capitão passar revista os *Interesses Publicos* do anno passado, achará essa mesma poesia publicada como feitura do finado tenente do batalhão 24 de voluntarios da patria Bento da França Pinto Garcez.

—Então o Sr. Antonio Carvalho de Goes, commetteu um plagio imperdoavel, publicando aqui e no *Parahybano*, o que não era seu.

—Sim senhor. Vi o proprio original desse infeliz patriota, escripto no verso de uma relação de mostra inutilisada da 2ª companhia, e si o capitão quizer eu lhe apresento esse original, contendo mais outras poesias, que foram conjunctamente publicadas com a que venho de fallar.

A unica differença que ha, foi o Sr. Antonio Carvalho de Goes fazer algumas alterações que desembellezaram a poesia,

—Sua alma, sua palma; é o que succedo a gralha, adornando-se com a penna do pavão,

—E' verdade e foi por isso que Virgilio disse com queixume:

Ilos ego versiculos fecit
Tellit alter honoris.

—E' preciso muita sem-ceremonia para publicar como sua uma cousa alheia!

—Capitão, como o Sr. Antonio Carvalho de Goes foi tão facil em publicar como suas aquellas poesias do finado Bento da França, já publicadas no *Interesse Publico*, digne-se V. Ex publicar tambem mais essas outras, tambem já publicadas do mesmo finado.

N'um dia de grande temporal no Passo de S Lourenço, em que o batalhão dormiu sem barracas, por não ter podido passar o rio exposto a desabrido temporal.

QUADRA.

«O porco tem seu chiqueiro,
Para o curral vae a vaca,
Os mortos tem sepultura,
Voluntarios nem barraca!

MOTTE.

O que padece um soldado
Não se pode imaginar

GLOSA.

Neste exercito acampado
Ao pé *da Lagoa Brava*
Dizer não pode a polvora
O que padece um soldado!
Sempre em forma perfilado,
Vê no seu rosto a suar,
Nuvens de moscas pousar,
E não faz um movimento (1)
Este horrivel soffrimento,
Não se pode imaginar.

A PEDIDO.

—Capitão, ha cousas que me fazem cahir o queixo.

—Quanto mais vir, mais terá para ver.

—Uma dellas é o passo que acaba de dar-se no Gabinete Portuguez de Leitura.

—Qual é elle?

—Tendo em sessão deliberado dar

(1) Disciplina que tinha o Batalhão 24.

um espectaculo no theatro, cujo producto reverteria conjunctamente para os voluntarios da patria e o Asylo de Maria Pia; á capricho de dous ou tres *potentados* daquella sociedade e sem o assenso do conselho em geral, transtornaram-se o que estava assentado, e reverteu o producto somente para os voluntarios.

—E o que tem V. com isso?

—Sou inimigo de tudo quanto é infracção.

Si a sociedade tinha approvado a lembrança, si lavrou-se uma acta neste sentido, o não cumprimento della, sem accordo previo, importa uma falta indesculpavel.

—Que o Sr. não é competente para avaliar, e portanto empine-se.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXX.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Emmudeceram, *como que por encanto*, os defensores dos reus.

Ja lá si foi a vozeria conviciosa contra a authoridade formadôra da culpa, em vista da decisão que veio de proferir o egregio tribunal da Relação, confirmativa do despacho de pronuncia.

Por ahi ja vê o publico sensato a sem rasão da celeuma que tão imprudentemente foi levantada, attribuindo-se o processo a uma *perseguição atroz, cruenta, estrangeira, de odio portuguez* e outros quejandos dislates, que a força de martelo se quiz incutir no espirito do povo para salvar e innocentar os authores de um crime assombroso.

Não via essa cafila de maldizentes a execração e ignominia a que expunha a justiça do paiz ante o estrangeiro!

Nada importava—com tanto que o odio ferino e de morte fosse cevado.

O que dirão agora esses *cyrineus* do crime—parasytas da honra alheia?

Por encanto emmudeceram, como ja dissemos, todos—a excepção *do folheiro ou rajado do interesse publico*, que continua no seu—*proseyue o drama do banco.*—

E' assim que esse folliculario impudente ousa dizer em n n.º 925 que lemos a vista que—*contra toda a expectação dos homens intelligentes e morigerados desta cidade negou o tribunal da Relação provimento ao recurso interposto pelos reus da sentença que os pronunciou, sob pretexto das occurrencias de 6 de agosto p. p.*

E' muito desfaçamento!...

Não contente ainda com essa parva mechinifada, infame e aleivosamente volta a carga outra vez contra *o estrangeiro*, e o dá como a principal causa das decisões, mais que justas e legaes, que tem sido proferidas no processo.

E' muito! Ahi extravasou o miseravel, por meios indirectos, contra o Superior tribunal, todo o veneno da diffamação e da calumnia.

Elle que, poucos dias ha, era o primeiro a pronunciar-se assim—*O tribunal da relação da Bahia, porem, de que são ornamento e lustre muitos caracteres superiores, magistrados conspicuos, brasileiros de boa lei.*

.....—elle é hoje tambem o primeiro que lhe irroga á face esse stygma de opprobrio e vilipendio, que jamais passara pela mente mais perversa e aleivoza.

Quem poderá ahi ver sem suprema indignação essa rapida mutação de ideas?

Daquella centina de todos os vicios e torpezas outra couse não era de esperar.

Isso ainda não é tudo.

Está escrevendo, diz elle, cartas ao Imperador contra o tribunal, que mui brevo tem de ser publicadas nos paschim.

Escreve, canalha, que é de balde o tempo que gastares.

Si tuas palavras são lidas com des-

prezo e vergonha até pela ralé da sociedade em que tanto primas, vê como sel-o-hão pelo Imperante.

Bem disse, o nunca, cessaremos de repetir, o conselheiro M. de L.—que tuas defezas importavam em desgraça para quem quer que seja.

Em tão poucas palavras é impossivel mostrar o ultimo grau da degradação e miseria individual

Na contextura dos 33 artigos, *ou scena dramaticas*, que tem escripto, se encontra a falsidade, a intriga, a diffamação e a calumnia.

Na scena undecima diz elle assim:

«*D'entre os interrogatorios que foram todos NOTAVEIS por sua significação, registraremos aqui o do Sr. Castro Guimarães, que vem á questão: A que motivo attribue o presente procedimento official? —Respondeu com nobre discrição.* «*Sr. juiz, sou victima de cruel injustiça, tanto mais cruel quando nenhuma prova ou se quer ligeira presumpção ha ahi neste tumultuario processo contra mim, e ainda mais quando esse processo não pode ter tido outro motivo que a aspiração de legitimar a INJUSTIÇA de que, por extremozo zelo de consciencia, sou victima; mas da probidade de V. S., em que jamais deixei de confiar, espero ainda que a presente questão acabará provando que mais uma vez neste paiz o magistrado é a viva imagem e expressão fidelissima da Lei.*»

Mentir com tanto descaro só assim!

Todos que hoje possuem o processo que corre impresso, e que se derem ao trabalho de ler as *respostas notaveis* do reu Castro Guimarães ás perguntas que lhe foram feitas, não encontram essa de que se fez echo o *foveiro*.

Até nas cousas mais pequeninas a verdade é encoberta por essa forma.

Quando não é a mentira—é a intriga, a diffamação, a calumnia e o mais.

Que desgraçada defeza!?...

Agora vendo elle que ao simples bafejo da justiça, todas as esperanças anaram-se, recorre *a nobre independencia do tribunal do povo, o jury*—o jury que por elle foi chrismado na celebre questão do—testamento Texeira—*de tribunal de elasticar consciencias*.

E' justamente no jury, no augusto tribunal do povo, uma das mais uteis e efficazes garantias da liberdade publica e da justiça humana, que havemos de ver o crime gemer sob a dura e inexoravel espada da lei.

Os magistrados superiores ja deram o exemplo.

Si elles, abalisados e provectos na sublime missão de applicar a lei aos casos occurentes, sem divergencia ou discrepancia, reconheceram a criminalidade dos reus, evidente e manifesta dos autos, o jury tambem hade reconhecel a, afim de que não fiquem impunes os authores de um crime, cuja atrocidade, na era presente, revela o mais apurado requinte de feroz canibalismo de certos corações.

Ha tres mezes que esta inditosa capital accordou em sobresalto por esse crime, que fez estremecer de pasmo e de horror, todas as consciencias!

Ha tres mezes que os seus habitantes, tristes e pesarosos, carregam o pesado crepe do luto, por esse crime, cuja ferocidade assombra o mundo inteiro!

Ha tres mezes finalmente, que todos sentem e choram por elle, sem que mais tenham lagrimas para chorar nem coração para sentir!

Em quanto a perversidade exagerada dos reus excitava a indignação, os anceios pungentes da victima imploravam piedade—contraste simultaneo entre o desespero e a dor.

Delle nasceu a tristeza e a colera, e os brios se despertaram e o coração se entristeceu.

Assim devia ser pelo estampido horrivel do fatal sucesso.

Foram reproduzidas entre nos, na segunda capital do imperio, em pleno seculo XIX todos os martyrios dos arroxos, thenazes, anginhos, e o mais que a infernal inquisição inventou para torturar os homens!

Uma severa punição exige, não a victima, mas toda a sociedade offen-

dida, e se essa lhe for negada *por considerações pessoaes*, desapparecerá da sociedade o direito, e a segurança individual. Factos eguaes a esse irão apparecendo, e a vida dos pequenos ficará a mercê do odio e capricho dos grandes.

Cumpramos a lei, que só por essa forma se apagará essa nodoa infame de nossa historia.

E' preciso que a Bahia, coherente com o juizo dos professionaes, dê de si uma idea differente da que a querem fazer representar falsos e degenerados bahianos.

Não é sem fundamento que pedimos punição.

Os autos correm mundo, e cada uma de suas paginas é uma prova incontrastavel da criminalidade dos reus.

Pela ligeira analise que fizemos sobre o interrogatorio de um delles (Castro Rebello) comparando-o com os de mais, vio o publico, cheio de pasmo e admiração, em como a verdade não poude ser encoberta *pelo tino estrategico*.

Si a prova é o fanal certo e seguro do julgamento, temos intima e robusta convicção de que os authores do horroroso crime de agosto não sahirão impunes da cadeia, affrontando impavidos a moralidade publica.

O jury da corte acaba de dar um exemplo bem vivo e palpitante, condemnando o cynico bacharel Raymundo Martiniano e todos os seus cumplices no rapto de uma viuva rica no grau maximo das penas do artigo do codigo criminal em que foram pronunciados.

Não sera o jury da capital da Bahia quem ha de renegar os brios de sua consciencia sanccionando e protegendo o crime.

Assim o esperamos, e comnosco todos os homens sensatos e honestos.

DESPACHO DE PRONUNCIA.

Vistos esses autos
Aos reus vou pronunciar
Pelo crime tão atroz,
Que ousaram praticar.

Considerando que os capangas
Ao *Soreas* agarraram;
E que ao mando do XX
Para o moinho o levaram;

Considerando que a busca,
Que se dera no Garcia,
Fez achar-se os instrumentos
Da nefanda barbaria;

Considerando que no Accioli
Um carro já prompto havia
E que o Coelho espreitava
Ao *Soreas* todo o dia;

Considerando que ahi
N'um sobrado alguem estava
Na mesma hora em que Coelho
Ao *Soreas* entregava;

Considerando que o povo,
Apenas soubera o facto.
Apontara sempre aos reus
Como authores desse acto;

Considerando que os reus
Foram os ratos do banco,
E tal *furo* lhe pregaram
Que o deixaram muito manco;

Considerando que para
Tirarem de si a culpa,
Imputaram-a ao *Soreas*,
Para obterem desculpa;

Considerando que o *Annanavi*
A sua casa prestava
Para os planos tenebrosos
Que com os outros machinava;

Considerando que o XX
Homem de grande valor,
Disse que não hesitava
Ser do um tal crime o author;

Considerando que o crime
Foi muito premeditado.
Trazendo os reus ao *Soreas*
Noite e dia vigiado;

Considerando que o XX
Como um cadello mentiu,
Dizendo que em duas partes
Foi aonde elle dormiu;

Considerando que o mesmo
Mui antes do crime — um mez
Mandava buscar cavallos
Pr'a a obra de malvadez;

Considerando a recusa
Que fazia o tal brejeiro,

Não querendo nem calecho
Nem tam pouco Boleeiro;

Considerando as respostas
Que deu sobre quem sabia
No carro, são tam *subtis*
Que não merecem valia;

Considerando que o facto
D'em casa não ter dormido,
Revela que o crime atroz
Foi por elle commettido;

Considerande que *Soreas*
Disse ser o seu algoz
O come-barbas XX
De quem conheceu a voz;

Considerando que os tormentos
E mais actos de sevicia,
Coincidem com os mesmos
Q'elle fizera a policia;

Considerando que o moinho
E' do Garcia pendencia,
Onde mora o gran XX
Homem de toda *influencia;*

Considerando que em casa
Do *Annanavi* Patacão,
Foi onde se ocultaram
Os instrumentos da acção;

Considerando que Coelho
De judas representou,
E que por uma perfidia
Foi que *Soreas* entregou;

Considerando que eu,
Homem de honra, não minto,
E que Coelho na cilada
Gritava não, *não consinto*

Considerando que o *Castrudo*
Cujo nome é Joaquim,
Na noite do crime veiu
Da Calçada do Manfim;

Considerando que elle
Foi quem o banco *quebrou,*
E para essa tractada
Com os comparsas conbinou;

Considerando a pomada
Que queria pespegar,
Mandando joias a *Soreas*
Para elle as empenhar;

Considerando que o plano
Foi por si mesmo illidido,
E pelo ladrão do banco
Foi elle reconhecido;

Considerando os passeios
Que a noite dava á cidade,
Contra todo o seu costume
De grande *moralidade*;

Considerando ainda mais
A sua descaração,
E que de muitas fortunas
Tem sido elle o ladrão.

Por todas essas rasões
E mais que são evidentes,
Que provam serem os quatro
Verdadeiros deliquentes.

Os julgo pronunciados
Por crime de ferimentos
Graves, bem entendido,
Em vista dos soffrimentos.

E' assim que manda o Codigo
Penal deste grande imperio,
O qual applico por força
De meu nobre magisterio.

Fique pois lançado o nome
Dos reus em lista culposa,
E na prisão em que estão
Passem vida milagrosa.

Quanto ao mais—*Rosado* Antonio
Seja posto em liberdade,
Visto como contra elle
Não ha criminalidade.

Alguma demora houve
Do processo no julgado,
Por immensos affazeres
De que sou encarregado.

Dou esta por publicada
No cartorio do escrivão,
E julgo por essa forma
Estar finda minha missão.

—O cidadão brasileiro está entregue a mercê e capricho de qualquer capanga e beleguin.

Ninguem pode confiar em seu direito nesta terra.

Evaristo, o maior reu de policia que pisa neste solo, um dos ratoneiros mais audazes desta terra, encaixotou-se na policia, e ja dispõe a seu tatante da liberdade do cidadão!

O Sr. José Bruno Correia, cidadão moralisado, artista laborioso e intelli-

gente, excellente chefe de familia, foi no sabbado á noite quando se dirigia ao theatro com o professor da orchestra, preso por esse lagalé e mais dous soldados de policia, sem que houvesse commettido crime e nem ao menos se lhes dissesse á ordem de quem ia preso!

Depois de recolhido a prisão foi visto Evaristo e os dous policias em casa de Maria Gumbi onde foram receber a paga de *seu trabalho*.

—Admira como nesta terra pela simples informação de qualquer saltimbanco se mande agarrar um cidadão morigerado e opprimil-o n'uma masmorra.

Eu sei que toda essa trama de que foi victima o Sr. José Bruno, é urdida por um celebre Monteiro, homem de vida equivoca, sem officio nem beneficio que anda por essa cidade a encher as ruas de pernas.

—E que indisposição terá esse mandrião de cartucho contra o Sr. Bruno?

—Eu lhe digo: por ser amasio da tal Gumbi contra quem pende um pleito que o Sr. Bruno sustenta.

—Ah! estou sciente. Entretanto achou os agente da força publica para lhes servirem de instrumento.

—São cousas desta terra.

—Capitão, volto a dar-lhe uma noticia

Qual é?

— O Sr. Dr. chefe de policia conhecendo que o Sr. Bruno fôra victima de uma intriga acaba de pol-o em liberdade.

—E morreu o Neves.

—Estamos n'uma epocha de desmoralisação tal, que o homem por mais illibada que seja sua vida, não está livre de ver seu nome e reputação manchados, por individuos eivados de vicios, que vangloriam em occupar-se da vida de quem por certo está n'uma esphera de sentimentos mais elevados.

—O que quer diser tudo isto?

—Nada; admiro apenas o cynismo de um alferes *reservado*, que quando se acha nas aguas do *mar pequeno* que tem a bocca grande, não guarda a consideração devida aos outros, lançando de sua hedionda bocca diatribes e insolencias dignas delle!...

—Ora por Santo *Antonio* não dê cavaco com isto; mande-o para o c. de um burro egual a elle!... Ja o *Raphael* queixou-se desse animal que por onde anda derrama a nojenta peçonha da intriga.

—Esse pobre diabo, que não tem onde cahir morto ja entregaria um recibo de certo dinheiro que tomou em mão do *Zézinho*?

—Qual; o Baptista disse-me que isto cahira em exercicios findos, pois elle se acha muito quebrado, tanto que ja deixou de lestejar a S. Gonçallo, e o *Alves* asseverou-me o mesmo; não perdendo com tudo o costume de em todos os sabbados com o seu inseparavel *Vindeca Ceceu* chanforna-se por tal maneira que falta completamente com o respeito as pessoas honestas do logar.

—Ora deite ao pasto este jumento, que tapa-se-lhe a bocca para não berrar, com um feixe de capim.

—Tem toda a rasão, não vale a pena perder-se o tempo em fallar-se de um ente tão vil e mesquinho.

Passe bem Sr. capitão.

—Adeus Sr. Ceceu.

MOVIMENTO DO PORTO.

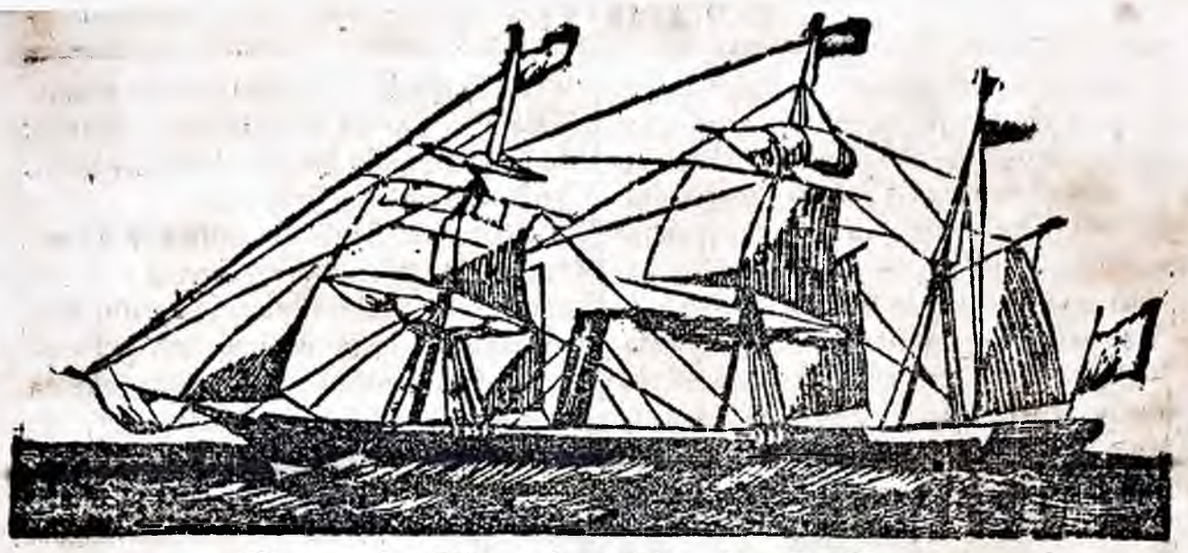
ENTRADA A....

Ilhas Calsadenses, com escala por S. *Francisco*, —galera *Santos*, de 333 toneladas, capitão Moreira, eq. 65, carga — 3 volume *canalhada*, 5 cunhetes *papel amarello* á ordem do Conde de Monte Christo; passageiros — O *Pereira* e seu mano *Manoel* o *Gemi Onze letras*, o Badú, o cuspe cuspo Sete letras, e o *rabo de perù*, filho do Faria.

ANNUNCIO.

Na loja n.º 15 ao Taboão, deseja-se fallar aos Srs.

Raphael José Vieira.
Francisco Antonio de Araujo.
Antonio Matheus da Silva.
Marcellino Libanio de Almoida.
José Joaquim da Silva.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 7 DE NOVEMBRO DE 1867. SERIE 29.ª—N. 283

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Atterrora e assombra a marcha desvairada que vae seguindo este paiz, tão moço e tão mal-aventurado.

A voragem do abysmo escancara as fauces, e não ha mais que duvidar da eminencia do precipicio.

Tres annos fazem que uma guerra fatal e desastrosa, imprudentemente declarada, faz estragos inauditos e indiziveis em milhares de vidas, e fabulosas sommas de dinheiro, sem que até hoje, depois de tanto andar, se tenha obtido algum resultado real e decisivo, que compense tantos vexames, tantos amargores e tantas angustias.

E' com dôr e magôa acerba que se encara para esse estado deploravel e funesto, a que a imbecilidade ominosa dos governos tem levado o paiz.

Arrastram-se pela lama das ruas, porque a prostituição já não as quer, as mães, as esposas, as filhas e irmans dos pobres soldados brasileiros—voluntarios da patria, que lhe deram aquillo que de mais precioso podiam dar-lhe—o SANGUE.

Não ha ahi ninguem que não tenha vertido copiosas lagrimas por causa dessa guerra sempre maldita, sempre execranda.

Quando o patriotismo brasileiro *seccou* pelos exemplos vivos e palpitantes que tinha nesse espelho degradante, foi ordenado o recrutamento—a ida forçada para a morte, ou pelo fuzil inimigo, ou pela epidemia devastadora.

Agora, mais que nunca, está elle em pleno exercicio As tropelias e abusos, que tem commettido os agentes do poder, apezar das mais vehementes reclamações, fazem desesperar de tudo até que chegue o supremo instante de SER A FORÇA REPELLIDA PELA FORÇA.

Na falta de garantias, o direito tem tambem a sua colera, que é o levantamento publico, energico e solemne, forte e irresistivel, para repellir esse estado despotico e absoluto.

As coisas marcham á passos agigantados para esse fim, certo e inevitavel.

Ao capricho de um *homem* tudo isso se faz; e para favoneal-o mais se fará, e se esta fazendo.

Novos impostos pesam grave e descommunalmente sobre todos, em quanto

despezas superfluas e improductivas se accumulam para filhotismo dos mimosos da epocha.

Os prelos tem gemido apresentando os horrores dessa situação, e nada tem podido represar a torrente da impetuosidade.

Quando os donativos pararam pelo erro da applicação, novos tributos appareceram, porque acima da vontade deve estar a força.

Sem entrarmos em detalhes e pormenores sobre esses dois pontos—o recrutamento e os impostos, materia vastissima de ser desenvolvida, diremos apenas que, antes de tudo, está a salvação da patria, e cumpre salval-a primeiro que os homens do poder a precipitem de todo.

Na falta de garantias, ante a conculcação geral do direito e justiça, é preciso uma superexcitação para debellar os inimigos internos da patria.

Choremos o seu actual destino, e salvemol-a.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de novembro de 1867.

Officio ao Illm Sr. Dr. chefe de policia, participando lhe que em meiados da semana passada Primitivo de tal, morador em Itapagipe, sahindo a passeio com sua cunhada, menor, Maria Honoria Coelho, desflorou-a violentamente no logar chamado Travassos.

O negocio foi affecto ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos que nenhuma providencia deu, apezar da declaração da offendida.

O offensor tem contra si pessimos precedentes e é dotado de indole perversissima, como prova os maus tratos que prodigalisa a sua mulher, pelo que tem sido accusado; tornando-se por todos estes motivos um excellente campeão para os campos do sul.

—Explica-me esta barafunda?

—Diga o que é.

—Destas duas noticias do *Diario*, folha official, qual é a mentirosa?

—Leia-as, para eu ouvir.

—Lá vae uma:

«Seguiu hontem para o Rio de Janeiro, á bordo do *Paraná*, o contingente dos diversos corpos da guarda nacional, que têm de servir no exercito em operações ao Paraguay, no total de *duzentos e deseseis* praças.»

—Agora a outra.

—Eil-a:

«O *Paraná* levou ante-hontem desta provincia para o Rio de Janeiro os seguintes passageiros.....
.....*e cento e cincoenta e uma praças* para o exercito.

—Meu *pavernus*, V. não vê que uma dellas é tirada do movimento do porto e a outra da secretaria do governo?

—E isso é motivo para se contradizerem?

—Por força! V. sabe que quanto maior fôr o numero, mais serviço prestou-se.

—Ja entendo, já entendo.

—Pois então, cale a bocca e falle.

—Sabe que o respeitavel Sr. J. Dantas esteve exposto a constipar-se?

—Como?

—O olho vivo deixou-o com a cabeça ao vento..... roubaram-lhe o chapeu.

—Onde?

—Em palacio.

—Eim! essa gente tambem tem ingresso na região governamental?

—V. é um pax-vobis! Então julga que olho vivo são somente os miseraveis que armam laços aos imbeceis com a *vermelhinha* e o *cadarço*? Ha muito gravata lavada filiado a respeitavel confraria!

—Está como são as cousas!

E eu acreditando que essa gente de alto bordo só enterrava a unha nas gorduras do orçamento, ou n'alguma bisca de encher a mão!

—Que diabo e isto? V. esteve *encovado* n'algum socavão de caliça, com medo, sem duvida do recrutamento.

—Qual. Sr., isto são belezas desta terra.

—Então que diabo de trapisonga foi uma?

—Foi um engraçado pedreiro que quiz divertir-se e despejou-me um cesto de caliça pela cabeça.

—Em que logar foi isso?

—Na rua Direita da Mizericordia, por cima do Forum, no antigo recolhimento da Santa Casa.

—Eu tenho passado por alli e tenho visto cahirem pedras e barro de cima com risco de offender a quem passa

—Porém o caso comigo não foi successo foi proposito; fomos tres os prejudicados; eu, o Adão da policia e um moço que não conheço.

—Eu vou mandar o aspirante entender-se com o mestre, não so á respeito disto como do pouco cuidado que ha na deslocação de pedras e tijollos, que largados de cima vem esborraxar-se ao pé de quem transita por ahi.

—Será bom que V. Ex o mande advertir que, si seus trabalhadores continuarem a offender a quem passa, o muxingueiro ira fazer-lhes uma visita.

LA VAE VERSO.

Na nossa actualidade,
Ser honrado nada val:
Soffre o mal quem faz o bem
Goza o bem quem faz o mal.

Quando penso attentamente
Dos homens na corrupção,
Fazendo a combinação,
Do passado e do presente,
Vejo em perigo eminente,
A honra e honestidade,
A vida e propriedade
Do cidadão brazileiro!
Nas mãos do aventureiro,
Na nossa actualidade.

Eleva-se o charlatão,
Succumbe o intelligente,
O perverso o insolente
Gozam d'alta protecção:
Nesta horrivel collisão,
Nesta crise excepcional,
A machina social
Existe desconjuntada,
A virtude é postergada,
Ser honrado nada val.

Impune e condecorado
Alardeia o criminoso;
Por um poder caprichoso
As posições elevado:
A mizeria condemnado
O povo abrigo não tem;
Ser feliz só pode alguem
Por meio de alicantina,
O fofo orgulho domina,
Soffre o mal quem faz o bem.

Promovendo a escravidão
Proclama-se a liberdade,
E' tudo venalidade,
E' tudo malversação;
E' tudo especulação,
Interesse pessoal,
Trafficancia sem egual,
Monopolio desmedido...
O velhaco é protegido,
Goza o bem quem faz o mal.

(*Assuense*)

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXXI.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados; ficaria em má condição, porque não haveriam forcas que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

A irreflexão e imprudencia, com que se houveram os reus pela bocca de seus defensores, desde o dia immediato ao feroz attentado de agosto, collocaram-os actualmente na forçoza contingencia de indefezos.

De tantos que eram, o *Oculo Magico*, *o Sentinella invisivel*, *o Trovão*, a *Constituição*, e até o illustre articulista do *Jornal da Bahia*, qual mais strenuo e denodado, sem fallar n'aquelles cuja existencia perpassou tão veloz e fugaz como o perylampo, todos de chofre foram atacados do mudez.

So não o foi *o foveiro do interesse publico*, e antes o fosse para não dar de si o espetaculo mais vergonhoso e miseravel, que em debandada realmente dera, desrespeitando e injuriando o tribunal da Relação, por elle anteriormente elogiado.

Por mais desesperada e má que seja a causa—tem sempre defeza.

Mas é preciso que todos saibam, que ella não consiste em contumelias e convicios derramados a farta contra o juizo; mas sim na verdade provada, na evidencia intuitiva dos factos, e em outras circumstancias que concorrem em ordem a mostrar o verdadeiro delinquente.

Não obstante, essa maneira de defender não authorisa a prepotencia e o arbitrio do juizo, porque a sabedoria da lei tudo preveniu.

O remedio para esse mal está na interposição dos recursos por ella facultados. Alem disso ha a responsabilidade pela infracção.

Nada disso porem fizeram os defensores; e eil-os que longe de provarem, como era de conveniencia e dever, a innocencia dos reus, desvairados e doudejantes, despejaram contra o juizo um arsenal de diffamações de toda a casta, demonstrando por essa forma o terrivel furor que os abrazava.

Nunca, em tempo algum, o vituperio aleivoso ao juizo foi tido em conta de provo em prol da innocencia,

Todo o trabalho, pois, dessa infernal associação *da imprensa* foi invectivar desacrida e desconmunalmente a authoridade formadôra da culpa, chegando a iniquidade ao ponto de desconsiderarem-a na sua reputação honrosa e sempre honrada de magistrado, nunca acoimada por quantos adversarios ate então tinham apparecido.

A simples leitura dos *famosos libellos*, que foram publicados, revela, a não mais desejar, a verdade do que temos dito, que so pode ser attribuida a uma odienta paixão de requintada vingança.

Lançando, porem, as vistas para mais alto, si o desenfreamento licencioso e culposo desses folliculatios, attrahiu de todas as partes a indignação publica contra semelhante proceder, indignação muito maior, no ultimo grau do crethismo, foi a que prorompeu tambem contra os distinctos advogados que, em menospreso de sua sublime missão, seguiram o mesmo caminho *nas intitaladas razões de recurso*.

Disparates e injurias—eis toda a contextura *desse trabalho*, onde o minucioso e accurado exame do processo foi despresado vergonhosamente, antepondo-se a tudo a invectiva audaciosa contra o juizo.

Em resumo, ainda que escasso; ja emittimos opinião sobre esse *papelucho*, e cada vez ella se robustece de um modo evidente e incontrastavel.

Ate hoje, por mais que prestemos attenção *a essa verrina*, não encontramos o fim que tiveram em mira os seus authores, e ninguem haverá ahi que em bom senso possa alcançal-o.

O resultado de tudo, tanto de uns—os folliculatios, como de outros—os advogados, foi collocarem-se na dura e forçosa pressão do silencio, sob pena desrespeitarem e desconsiderarem, posto que debalde, o egregio tribunal a quem com sobejo de justiça tinham precedentemente respeitado e considerado.

Collocados por vontade propria nessa alternativa, a escolha do silencio foi a melhor, porque, atravez da corrupção quasi geral que tudo mina e deranca, é de necessidade e dever render cultos de homenagem á algumas das excepções desse transviamento, si é que por nossas proprias mãos não queremos destruir os alicerses da communhão.

Agora é que todos elles—*una voce*—reconhecem a inconveniencia, irreflexão e imprudencia do proceder que tiveram; mas o arrependimento é tardio, e os unicos, de facto e de direito, prejudicados são aquelles a quem queriam beneficiar.

A lecção é dura, porem servirá de exemplo para outros.

Na analise que temos feito do processo tambem censuramos em termos habeis algumas irregularidades, sem que estejamos hoje na mesma contingencia.

E' que tudo deve ser feito á proposito, ou no *juste millieu*, a fim de não

cahir-se no vicioso excesso dos extremos.....

Apezar de que pelo Venerando Accordam do tribunal da Relação que encontrou, sem discrepancia ou divergencia, materia e prova no processo mais que sufficiente para a criminalidade dos reus; apezar de que hoje pelo offerecimento das principaes peças do summario ao publico, não hajam duas pessoas de opiniões discordes a respeito, ao contrario mais se fortaleceram; apezar de que por tudo isso, dizemos, estivessemos dispensados de adduzir mais alguma cousa ao que temos dito, somos a isso forçados pelo empenho a que nos obrigamos.

Seria indigno de nós, depois de um tam longo e porfiado batalhar, sempre coroado de successo pela innocencia da causa que defendemos, agora, quando pouco falta para a justiça pronunciar o seu verbo final; remettermo-nos ao silencio.

Alem disso não faltaria quem o interpretrasse de um modo bem diverso, somente pelo espirito de maldizer.

Por tudo isso, pois, è que vamos continuar a analyse do despacho de pronuncia, confrontando-o com as peças do processo que temos a vista.

Estavamos no interrogatorio de João Soares, quando a leitura das respostas ao auto de perguntas feito ao reu Castro Rebello, e aos demais, obrigou-nos a suspender a analyse para mostrar a criminalidade dos mesmos pelas inverosimelhanças, inexactidões e contradicções em que se acham.

Quizeramos agora que o nobre articulista do *Jornal da Bahia*, dissesse alguma cousa sobre esses interrogatorios, elle que tanto se esforçou por querer inutilisar o de João Soares.

Mas convem notar que esse interrogatorio continua firme e inabalavel pelo cunho de verdade que o caracterisa

Ahi havendo plausibilidade de fundamento para que João Soares, em justa represalia e desabafo de vingança, fizesse carga tremenda aos reus, não o fez, narrando fiel e religiosamente o succedido.

Ahi podendo elle aggravar, pintando com cores exageradas, vivas e carregadas, os martyrios que soffreu, afim de elevar a criminalidade dos reus, tambem não o fez; porque os soffrimentos pelos quaes passou foram reconhecidos evidentemente pelo corpo de delicto.

Ahi finalmente nada ha que seja inverosimil, inexacto e contradictorio!

Tudo está explicado e provado mais que sufficientemente.

Tanto verdade que o nobre articulista do *Jornal da Bahia*, *no intuito de derrocal-o*, deslocou e abstrahiu os factos para assim cantar victoria.

Houve, porem, quem lhe embargasse os passos, e nada conseguiu.

Si o interrogatorio de João Soares nas circumstancias que acabamos de mostrar, houve quem o arguisse de falso, de que não será arguido o do reu Castro Rebello combinado com os dos demais comparsas?

Já não queremos que haja combinação entre elles, basta simplesmente analysal-o de per si.

Largas considerações apresentamos sobre elle em ambos os sentidos, que resumidamente são as seguintes:

A *dupla residencia* de um pae de familia até dez horas mais ou menos da noite em uma parte, e dahi em diante em outra—fóra de casa: o motivo futil e frivolo dessa *dupla residencia;* absolutamente desnecessaria; a contradicção manifesta em que está com as pessoas em cuja casa disse que dormira; dizer sua Exma. Sra. que elle dormira em casa de sua sogra, e não da mãe do seu irmão natural; saber que sua casa fôra cercada e varejada, e impassivel ter *appetite* para almoçar, e só as dez horas do dia, muito depois da noticia, ir para a casa; o costume que tinha do dormir fóra de casa, e apezar delle *novo chamado;* não querer communicar a familia esse chamado para não assustal-a, e dormir fóra de casa sem que por isso tivesse escrupulo de assustal-a; a resposta que deu sobre a ida dos cavalles em a noite de 6 do agosto que

fossem a que horas fossem já elle não estava em casa; a balburdia ou *mistura de grêlos* que faz, quando interrogado de novo para precisar a hora; assistir todas as noites a preparar se o carro, e só áquella não; a confissão de que mandara buscar os cavallos; a obcecada pertinacia de não declarar o boleiro e mais pessoas que sabiam no carro, que ora era para *passeios de familia*, ora *talvez* para extravagancia de amigos; a recusa formal de não querer boleiro; dizer que havia communicado especialmente a Sampaio Vianna e Castro Guima áes os meios de violencia que tinha em mente, para descobrir o ladrão do banco, e esses declararem que elle nada lhes communicara; saber que esses meios produziam effeito, e não empregal-os por falta de acquiescencia da authoridade; dizer que fôra por muitas vezes em casa de Sampaio Vianna, e este negar que só por uma vez, e finalmente outros muitos pontos desse interrogatorio que ommittimos para não levar tempo—eis o que nelle se encontra que o inutilisa formal e absolutamente.

Isso, porem, nada é aos olhos de seus defensores, e só no interrogatorio de João Soares è que encontram tudo.

Assim deve ser; porque não ha peior cego que aquelle que não quer ver.

Na continuação da analyse iremos tractando de outros pontos, a medida que fôr chegando a occasião.

Basta por hoje.

AO EX-FISCAL DA MACEDONIA RODRIGO ANTONIO.

O publico que avalie quem é o homem de fina educação, honesto e moralisado que se inculca de chefe do partido De-Geovanista.

E' o ex fiscal da Macedonia Rodrigo Antonio, demettido de diversos empregos com notas indeleveis. E' o prototypo das mais negras infamias e bandalheiras.

E' o individuo que recebeu de uma pobre mulher moradora á *descida do Carmelo*, 200$ rs. para comprar-lhe farinha e até hoje parece que a terra onde tem de ser plantada a mandioca para tal farinha, ainda não foi preparada.

Si o ex fiscal da Macedonia fosse homem susceptivel de pudor, nunca teria a audacia de insultar ninguem, para não ver em relevo seus pessimos feitos.

—E' provavel que essa desprezivel creatura continue a tisnar a reputação dos mais, porem prepare-se tambem para ouvir cousas do arco da velha e saber noticias de sua avo-torta.

Um Eugenista.

—Eu sou o *bom marchante.*

—Na ladroeira, não ha quem marche com mais velocidade.

—Alto lá! Eu sou tão honrado como uma mulher que nunca pariu.

—Tão honrado que ainda ha bem pouco roubou 2$ rs,

—Eu?...Não prova.

Isso que é um provar!...Um homem foi comprar um *panno de rebuço* que custa 1$rs. e deu-lhe 2$rs. pedindo troco: V. disfarçou que ia aviar outra pessoa, remanchou, remanchou e por fim de contas exigindo se-lhe segunda vez o troco, abriu a gaveta e disse que so recebera 1$rs. ao que o comprador revoltado de tão calva ladroeira, atirou com o panno, que sem a menor cerimonia guardou.

—Pois que havia eu de fazer?

—Isso prova a sua boa fé.

Que V questionasse pelo engano do troco transeat; porem que descaradamente ficasse com o dinheiro do homem, é um latrocinio tão crasso que so a taca do muxingueiro pode descobrar.

Por isso é que V. e outros enriquecem da noite para o dia.

—Si elle apresentar testemunhas eu restituo.

—A restituição lhe hade tirar da cara o muxingueiro.

Sr. Redactor.—E' preciso entregar ao dominio publico certos factos, afim de que não passem desapercebidas como tantos outros, que importam em grave detrimento para a causa da justiça.

A imprensa, atalaia vigilante dos direitos sociaes, cumpre um dever sagrado registrando-os, para que em tempo algum seja julgada compartici-pe de suas consequencisas.

Denunciar o mal ja é um bem, o é o que ella vai fazer.

Concentrem-se muito embora sobre o humilde escriptor a ira dos despeitados, nem por isso arripiará elle, carreira; ao contrario, mais firme sempre no seu posto de honra recorre á tribuna universal, e ahi manifestará a verdade franca e leal, como é e deve ser.

Que é que elle soffra, quando com elle injustamente tem soffrido tantos caracteres conspicuos e respeitaveis?

Não ha ahi quem não tenha reconhecido os esforços, ainda que mallogrados, que se tem empregado para innocentar os agentes do barbaro e atroz crime de 6 de agosto.

Todo aquelle que, por qualquer circumstancia, não se filia a essa associação perversa, ou não cumpre a risca a vontade dos socios, é logo e logo victima de diffamações e libellos atrozes, quando sua vida não seja logo ameaçada de risco *imminente*.

A prova dessa verdade é de primeira intuição e evidencia.

Principiando pelo Sr Dr. Galeão, e acabando pelo egregio tribunal da relação que tambem não escapou do pelourinho, sem fallar em medicos e ate em familias, todos tem sido zurzidos a mais não ser. Mas convem notar que quando estão todo a merecer—não faltam zumbaias, elogios e adulações ate nojentas; desenganados porem que sejam, apedrejam logo a quem anteriormonte haviam bemdito.

Agora só o tribunal do jury é tudo. Delle precisam, e essa rasão basta.

Por ordem do Sr. Dr. Juiz de direito da 1.ª vara foi elle convocado para o dia 15 do corrente, não obstante ter lançado mão do expediente dos artigos 7.º e 8.º do Decreto n.º 693 de 31 de agosto de 1850.

E' sobre esse ponto que algumas considerações vão ser humildemente expendidas.

Vendo-se que o motivo dessa convocação para o dia 15 do corrente foi ter se esgotado toda a urna dos jurados supplentes sem haver numero sufficiente para a installação da sessão, e vendo-se tambem que só foram multados por falta de comparecimento de doze jurados, nota-se uma certa desproporção entre as faltas e as muletas, salvo si quasi todos os que não compareceram tinham motivos justificaveis, o que não é muito de presumir.

Si quando as muletas eram recebidas pola camara municipal, que dellas nunca si importou, não nos consta, si não era raro, que se usasse do expediente que vem no referido Decreto, hoje que o são pelo juizo dos Feitos da Fazenda, que não perdôa um real, ninguem ha que com maioria de rasão deixasse de pressuroso acendir a notificação para pagar 300$000 rs. no prazo de cinco dias.

Dahi depreende-se facilmente, *alem de muita cousa*, de que a noticia, que precorreu toda esta cidade de não haver sessão no mez de outubro, si os reus não fossem despronunciados pela Relação, era mais que certa e tam certa que verificou-se.

Esse empenho de não haver sessão é claro. Si a houvesse, não havendo tempo de preparar-se o processo para ella, só teria de entrar na de dezembro, e la se iam mais dous mezes de prisão, que ou condemnados ou absolvidos, só poderiam servir de mal: absolvidos—por que ninguem lhes tiraria os dous mezes de cadêa do costado; condemnados—por que esse tempo não é levado em conta da pena.

Conseguintemente os esforços e empenhos empregados sempre sortiram effeito, havendo somente uns quinze dias de mais e não dous mezes.

Muitas outras noticias correm e que repercutem em todas as partes, as quaes, apezar de declaral-as, nenhuma importancia devem merecer.

E' assim que por ahi se diz que, *por artes de berliques e berloques*, na urna, não obstante dever ter quarenta oito cedulas, somente serão contempla-

dos os nomes dos amigos com quem previamente se contar, sendo os dos mais subtrahidos em occasião opportuna.

A respeito nada diremos; porque isso só aconteceria si não houvesse juiz, e quando não o houvesse, o povo ahi estaria para fazer cumprir a lei e punir os prevaricadores

Corre porem outra, cuja verdade pode ser garantida sem receio, que é a seguinte:

Um certo *baronete* da estupidez, *bobagem e criolagem*, empenhava-se *com quantos santos* havia para que entrassem na sessão de 15 de novembro a sua gente do mato, de quem é elle senhor de braço e cutello; e eis senão quando *os santinhos operaram o milagre*, e a nuvem negra em grandeza e espessura appareceu, e só ella, sem mais ninguem, tem voto decisivo na materia.

Bem se diz que o diabo ajuda os seus!

Comtudo isso não hade succeder o que pensam.

Esperando-se com todo o fundamento que o Sr Dr. Mendes dê-se de suspeito no dia do julgamento, em vista das relações de contraparentesco e affinidade que o ligam com a familia de um dos irmãos dos reus, sua falta, ainda que sensivel, será preenchida por pessoa insuspeita, e por esse modo tudo sanar-se-ha.

Muita odiosidade ha de vir sobre nós por esse mal-alinhavado escripto; não importa—a tudo seremos impassivel.

Peço-lhe, Sr. redactor, a sua publicação que muito agradecido ficar-lhe ha

Um jurado.

—Capitão, o Sr. José Joaquim de Sant'Anna meirinho, abusando da confiança de uma pessoa, recebeu em nome desta, dinheiro de um devedor e chanou a sua folha, sem dar satisfação.

—E agora o que lhe posso fazer?

—Muito. Mande chamar esse marreco á sua presença e o obrigue a entregar o dinheiro que em nome do Manoel recebeu do Joaquim Izidro.

—Mas esse Manuel não authorisou-o?

—A receber, porem a gastar e por-se no alteio, não.

—Bom, vou chamal-o á ordem.

VARIEDADE.

Em Verona deu-se um facto que por sua originalidade merece ser citado. Chegando á estação da estrada de ferro, Garibaldi dirigiu-se ao restaurant onde lhe havia sido preparada uma refeição. Um certo Amadio Somacampegna, alfaiate e pai de cinco filhos, conduziu á estação o ultimo, de nove mezes de idade, para que o general o baptizasse e lhe desse um nome.

Este sabendo do caso, mandou vir á sua prezença o alfaiate e o menino, e depois de beijal-o disse, pondo-lhe a mão sobre a cabeça:—*Eu te baptiso em nome de Deus; Christo; legislador da humanidade te abençoe. Cresce livre, virtuoso, inimigo dos hypocritas: são estes os padres ou jesuitas. Livre de preconceitos, sê prodigo do teu sangue quando o reclame a patria; cresce forte e robusto, sempre prompto a combater os oppressores e a invasão estrangeira.* Na applicação do nome queriam muitos que se desse o de Garibaldi, mas este oppoz-se dizendo que a Italia tinha maiores heroes que recordar, e deu-lhe o nome de Chiassi.

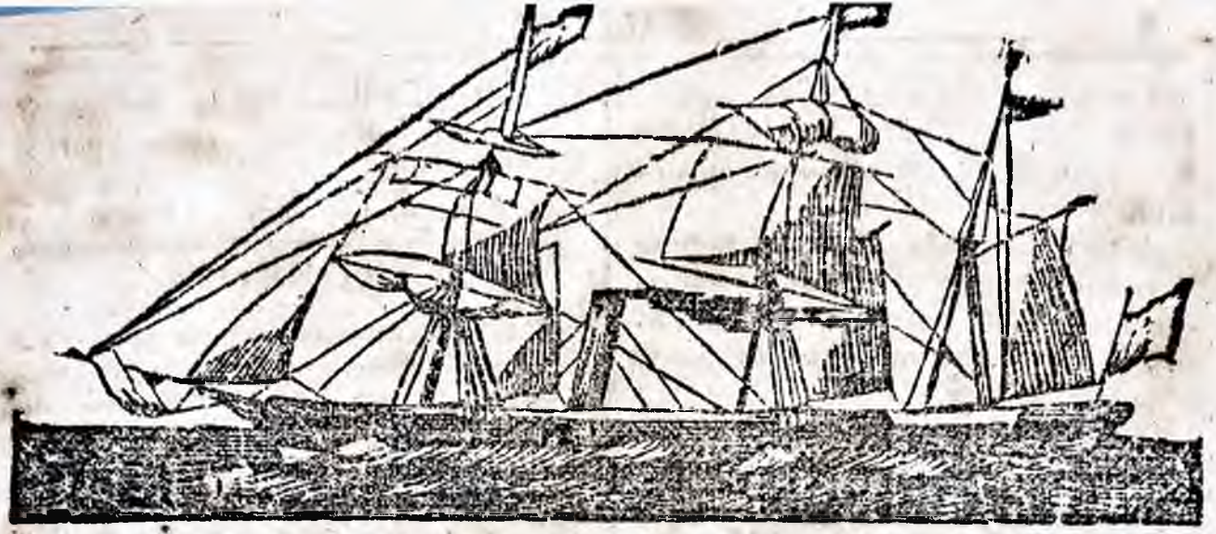
Os padres do logar mandaram dizer ao pai do menino que aquelle baptismo não era valido, que o menino estava ainda pagão e que era preciso leval-o á Igreja para ser baptizado; mas o pai a nada quiz dar ouvidos e entende que o seu filho está muito bem baptisado. Isso poz em moda os baptismos a Garibaldi. Em Alexandria quando estava o general para partir, apresentaram-se em commissão á porta do wagom o presidente e alguns membros da sociedade dos Operarios Unidos, e pediram ao general que baptisasse tres filhos de um dos socios. O general, não podendo demorar-se, escreveu a lapis em um pedaço de papel estas simples palavras:

«Em nome de Deus e do legislador Jesus, dae aos vossos filhos o glorioso nome dos tres martyres da cauza italiana: Bitistres, Lombardi e Capellici.—
Alexandria, 14 de Março.—José Garibaldi

ANNUNCIO.

Na loja n.º 15 ao Taboão, deseja-se fallar aos Srs.

Raphael José Vieira.
Francisco Antonio de Araujo.
Antonio Matheus da Silva.
Marcelino Libanio do Almoida.
José Joaquim da Silva.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 9 DE NOVEMBRO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 284

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de novembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr commandante superior da capital, pedindo-lhe que se digne providenciar, para que não continue a reunir se á noite na porta da casa desse commando uma chusma de vadios e tambores, que ahi commettem toda sorte de desacato e offensa ao decoro publico.

(No mesmo sentido ao Illm. Sr. subdelegado da Sé)

—Ao Illm. Sr. provedor da Santa Casa de Misericordia, ponderando-lhe a necessidade, que ha de ser reformado o carro mortuario do hospital desse pio estabelecimento, em vista dos enormes buracos que nelle ha, e pelo pessimo cheiro que exhala.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá ao becco da Carne Secca e quando lá encontrar a besta do Sr. tenente-coronel José Carlos, passe a multar o referido Sr. como infractor da postura n. 44, que prohibe o ter-se animaes amarrados nas hombreiras das portas. Cumpra.

—Ao mesmo, para que faça effectiva a multa da postura n. 1, ao *Francisco*, seu amigo *constante*, que teve o *tino* de esquivar-se a tirar a devida licença fiando-se em ser vermelho desde o seu *nascimento*.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

—Quinquim Izidro, Biquiba, Damazio, Bernardino e outros; pedindo transferencia do nome da Praça dos Veteranos, para Praça da Jogatina.—Informe o Sr. delegado do 1.º districto.

—Era o que faltava ver.

—O que é?

—As mães serem obrigadas a dar conta dos filhos.

—Nem diga isso.

—Ora! no Rio Vermelho uma pobre mulher foi presa para dar conta do filho, que avisado, tinha se amolado antes que o *garra* la chegasse.

—Como si chama essa mulher?

—Via-a lastimando-se, porem esqueci-me de perguntar-lhe, sem embargo,

si for cousa do necessidade, prometto trazer-lhe o nome e os pormenores.

—Não precisa, porque eu sei que aquillo *foi so* para intimidar á ver si ella declarava para onde fôra o filho; tanto assim que foi logo solta.

—E' verdade; soltaram-na na estrada.

Porem depois não digam que Lopez so é que obriga as mães denunciarem os filhos, e as mulheres repudiarem os maridos.

SYSTEMA BARRIGARIO.

Pode-se dizer que o café, sendo bem preparado, é superior ao chá, de sua natureza é mais saboroso, é mais nutriente e é sobretudo muito mais commodo e barato para todos; porem fallamos do café que merece o nome de café, e não de agua suja; fallamos do café que è torrado, e moido em regra na occasião em que tem de se beber. Muita gente, por esta nossa cidade, de bom gosto bebe agua amarga de carvão, persuadida de que esta bebendo café.

O café feito em machina fechada é muito mais saboroso, porque evita-se que se volatelise o oleo essencial; o uso do assucar mascavado, areado, para o café é muito proprio, porque lhe dá um sabor ainda mais agradavel e adoça com pouca quantidade, o que serve de alguma economia para a gente sumitica.

O café misturado com o leite de vacca é uma das bebidas mais saborosas, e proprias para o almoço: mas infelizmente não se pode conseguir perfeito nesta cidade, onde o leite é aguado, roubado, temperado, e retardado, e por mais cautellas que se tomem, só pode beber leite verdadeiro quem o fôr chupar nas tètas das vaccas. O bom leite e o bom café devem ser misturados no fogo, visto que por meio da decocção combinam-se perfeitamente, e então desenvolvem terceiro gosto melhor que o de ambos separados.

Não nos esqueçamos do pão, essa esmola que nos dão os senhores padeiros, fazendo o seu patrimonio, diminuindo o tamanho quando lhes parece, e misturando farinha velha com pouca nova e fava moida, para render a massa; elles entendem que devem arrancar das barrigas do povo. O optimo pão é sem duvida o alimento mais saudavel, e de primeira necessidade; é a comida unica que nunca enfastia; porem mais agradavel se torna quando é bem torrado em regra, e não chamuscado ou reduzido a cavacos, como vulgarmente vemos em algumas casas, onde as fatias cançam os queixos das senhoras, e na occasião do chá fazem estalar os dentes como os do cavallo quando come milho.

O pão deve ser torrado em fogo lento de brazas sem fumaça, e logo que estiver bem quente, e pouco tostado, deitar-se boa manteiga fora do fogo.

Façamos uma pequena reflexão sobre o pão brasileiro, a nossa entupidora farinha de mandioca, que antigamente podia-se comer, por que sabia a *beijú* torrado, hoje sabe a miolo de travesseiro! Donde procederá esta differença, sendo a mandioca a mesma? Procede do pouco aceio nos fabricantes, e desmazelo dos barqueiros que a conduzem ao mercado sendo a farinha feita e destinada para se comer, a bordo dos barcos servem de cama, e até de cobertor dos marinheiros e mais passageiros da embarcação, alem de alguns caroços e palhas que de vez em quando se encontram por dentro, graças ao apuro da civilisação, a que temos chegado nesta nossa terra, viveiro de douctores e colonia de padres instruidos!

A' vista do que temos expendido, podem as senhoras mães de familia calcular que si attentas a estas faltas, que infelizmente soffremos, não empregarem todo o desvelo em preparar os alimentos para o uso quotidiano; em que estado de miseria havemos parar!!! Será então melhor que fujamos para os mattos, e lá nos sustentemos comendo frutas silvestres; porém é de esperar que assim não aconteça, porque, apezar do atrazo em que estamos, já em algumas casas particulares se preparam excellentes bolinbolos, e acepipes,

Já não nos importava que o illustre advogado, a bem do seu encargo, fizesse a abstracção; mas que ao menos fosse coherente e logico na argumentação, guardando a fertilidade da imaginativa para tempo proprio.

Assim porem não succedeu, e o publico vai ver o.

Não ha hoje ahi quem não saiba, e nós temol-o dito por muitas vezes, que o reu Castro Rebello em a noite do crime dormira fora de casa, e sendo interrogado aonde estivera respondeu — que até seis horas da manhan mais ou menos em casa da familia de um seu irmão bastardo, e dahi ate dez em casa de sua sogra, onde almoçara.

Sobre esse ponto interrogadas tam bem as referidas pessoas, responderam em opposição ou divergencia, e dahi uma das muitas circumstancias comprobativas da criminalidade.

Essa circunstancia grave e seria e de muita força no processo, eis como a *destroe* o illustre Sr Dr. Deiró!

«*A dormida de Castro Rebello*, diz elle, *é um acto legitimo e indifferente ao crime, mais que simularam a gravidade de um indicio, porque podia ter dormido fora de casa e não ser author do crime.*

«*A divergencia é o resultado do animo afflicto dessas pessoas, como meio de salvar o reu, então preso e incommunicavel.*»

E' realmente extraordinario, e si não estivesse escripto não acreditavamos!

Sem recorrer ao *celebre equivoco* inventado pelo illustre articulista do *Jornal da Bahia*, ainda que depois arrependido de ter seguido nesse ponto as informações dos reus, porque veio a reconhecer o aleive, o nobre Sr. Dr. Deiró refata por aquella forma a dormida fora de casa e a contradicção com as pessoas, em cuja casa disse o reu que estivera.

Si ha alguma cousa, alem do mais, grave e seria no processo, e que venha luminosa e infallivelmente demonstrar que Castro Rebello fôra o author do crime, esta é uma della; no entretanto é respondida ou *refutada* por essa forma anticusial e extravagante, que não desperta o riso nem a colera, mas compaixão pela defeza.

Dizer affoitamente que a dormida fôra de casa é *um acto legitimo* e que a contradicção é o resultado da attribulação de animo — equivale o mesmo que dizer —vós, Sr. juiz, deveis condemnar esse homem, porque procurando razões para destruir essa parte da accusação, não as encontrei

Si no processo houvesse somente essa prova, vehemente e indicadora da criminalidade, ainda talvez que fivesse desculpa esse modo especial e singular de defeza: mas outras muitas existindo, qual mais forte e concludente, peremptoria e decisiva, é muito abusar dos julgadores, e do publico com a ostentação dessa necedade, que importa dezar e vilipendio aos foros da jurisprudencia da Bahia.

Depois dessa entrega ou comprometimento de defeza, diz elle ainda — *que tal é o calos, pasmo de perplexidade em que fluctua o espirito do formador da culpa — imagem afflictiva daquella bandeirola, que o immortal genio do poeta Dante sonhou agitada por todos os ventos.....*

Fluctuação de espirito attribulado e agonisante foi, como disse o proprio Sr. Dr Deiró, o das pessoas que negaram a asseveração da dormida do reu Castro Rebello, e ainda o deste que ficou mais attribulado e agonisante que todos por essa defeza e o seu resultado. O do formador da culpa — não, que fundou-se nas provas, que nem sequer foram abaladas quanto mais destruidas. Outro fosse elle, como mui bem disse o Exm. Sr. dezembargador Bernardo Machado da Costa Dorea, que mostraria mais tino no descobrimento dellas, e então seriam plenas e entrariam no intimo da convicção

Essa opinião de pessoa altamente competente e authorisada mostra, fora de contestação, que provas de criminalidade ha sem conta no processo, mas que não foram aproveitadas pelo juiz da instrucção.

Esse mesmo pensamento que foi aceito pelo Exm. Sr. dezembargador Luiz Antonio Barboza de Almeida, já nós o tinhamos emittido ao ler pela primeira vez o despacho de pronuncia nestes termos, que vem no artigo 13.º dessa longa serio.

«O despacho de pronuncia do honrado Sr Dr. chefe policia encarado sobre a questão de facto é bom, porem podia ser melhor.

«Avançando essa proposição, nem depreciamos a illustração do seu digno prolator, nem encarecemos a analise que vamos fazer, quiça inferior.

«A intelligencia, a vez, tem esses caprichos, cujo *porque*, estando na consciencia de todos, nem todos podem explical-o.

«So a aspiração da perfectibilidade justifica esse devaneio tam usual na vida do homem.

«Immenso cabedal existe no sumario em ordem a mostrar evidentemente a criminalidade dos reus».

Portanto nós, o menos competente, ja haviamos notado o pouco esmerilhamento na ennunciação das provas, que sao taes a levar a certeza ao animo dos mais incredulos.

O Sr. Dr. Deiró porem não as *encontrou*, e quando encontrou-as, refutou as pela forma que vimos de fazer publico.

Não foi somente nesse ponto que o illustre advogado teve essas tristes descahidas; muitos outros houveram, em que si fossemos mencional os, decuplariamos o empenho a que estamos obrigados.

Não obstante vão mais dous, e então cantaremos, talvez por hoje, o *requiem eternam á essas pretendidas razões de recurso.*

Tambem não ha ahi quem não saiba que o resultado da busca, que se dera no moinho, dependencia da habitação do reu Castro Rebello, foi encontrarem-se indicios do crime—velas, cordas, phosphoros, &.

Querem ver, só por gosto e curiosidade, como o Sr. Dr. Deiró, *apaga ou reduz á expressão mais simples* esse indicio forte e vehemente?

E' assim:

«*Havendo possibilidade de serem esses objectos para ahi levados por alguem, não se pode dizer que o fossem pelo reu Castro Rebello, e ergo está elle innocente.*»

Que bella defeza!?

Si todas fossem assim, ser advogado seria mais facil que fazer ou fabricar palitos.

Até hoje que o reu Castro Rebello, —depois de confirmar que de julho em diante, até a noite do crime inclusive, mandava vir cavallos da cocheira dos Vehiculos Economicos para um carro que tinha em sua fazenda ao Garcia, dizendo a Cornelio Cezar *que era para passear com sua familia*, e ao Sr. Dr. chefe de policia *que talvez fosse para extravagancias de amigos*, guarda silencio impenetravel sobre o nome desses amigos, e ainda do Lolieiro.

Pois bem; vejam como o illustre Sr. Dr. Deiró ainda explica isso com duas *palhetadas.*

«A justiça e a boa logica nesse si-«lencio não encontram prova de crimi-«nalidade, porque ha uma variada es-«cala de interesses que o justifica, era «um acto legitimo, um direito seu—de «lealdade, confidencia, de guardar o «deposito d'um segredo So o detestavel «tribunal da inquisição consagrava esse «abuso da revelação »

Fallar contra a inquisição o advogado do crime mais atroz e inquisitorial que tem se practicado em nossos dias—é a imprudencia de fallar em forca em casa de ladrão, contra o annexim popular.

Isso porém nada é.

Achar logico, legitimo e justo o silencio de não descobrir *talvez uma extravagancia*, silencio que necessariamente acarreta a imputação de um crime, capaz de produzir a morte, o indicativo de um requinte de perversidade fora do commum,—isso é que é tudo.

Nada mais illogico, mais in-

justo, e ninguem haverá que possa negal-o, salvo o Sr. Dr. Deiró.

Eis, portanto, em breve relevo em que se cifram as taes rasões, que correm o mundo da publicidade.

Interrogatorios dos reus, auto de perguntas a extranhos, depoimentos de testemunhas, tudo, tudo despresou-se, e o tempo consumiu-se nessas parvoices.

Até algumas reflexões subtis e engenhosas do nobre articulista do *Jornal da Bahia*, dignas de serem aproveitadas, ficaram *no tinteiro* para apparecerem semelhantes rasões—coberta de retalhos ou caixinha de obreias.

Tudo isso vem convencer-nos de uma verdade axiomatica e dogmatica para nós, que é a seguinte:

Pode-se ser bacharel em direito, e ter muito e muito talento, acompanhado de illustração sufficiente, e não se ser advogado. Falta um *que* que a natureza negou e esta não se suppre.

Si ja não fosse longo este artigo, e se de alguma forma não importasse um desvio de nossa missão, mostrariamos os erros crassos e supinos de practica e perspicacia que commetteram os illustres advogados neste processo que levaram-o.....

Basta: temos concluido por hoje.

—V. já sabe para que deu o *delgado alarma*?

—Não.

—Manda fechar a porta da caixa do theatro, obrigando os empregados quando querem entrar—a passar pelo *bordel* policial.

—Esta não é má.

—Então saiba a razão de tudo isso.

O homem da *libré* esta apaixonado pela *Popa* e entregou todos os amores do coração *viuvo* a essa *bufa*, que *bufando* vae dando o *caixo*, que em Paris não servia nem para os hortaleiros. A *cousa* tem rendi lo e *alarma* que apaixonado, é mais furioso que Orlando, tem commettido loucuras de desfructe e d'algibeira: —de desfructe porque não perde de vista a *bufa*, quando esta em scena; d'algibeira porque já comprou uma noite para offerecer-lhe.

—Ora para que havia de dar aquelle gafanhoto de faveira!

—Muita gente ha de sentir tudo isso.....

—Pobre *Pimpim*!!...

—Que spiritismo de *bufarias*.

—Por toda parte a violencia e a compressão!

O Sr. Joaquim Ignacio dos Santos Passos, official de justiça provisionado, acha-se ha 12 dias n'um calabouço, como contingente do 4.° batalhão.

—E porque não usa de seus direitos?

—Quaes direitos!

Nesta terra ha direitos que sirvam?

Porventura o Sr. Dr. juiz municipal da 3.ª vara já não requisitou á authoridade competente?

—E que solução deram?

—Nenhuma.

—Visto isso, elle que tenha paciencia; a epocha é para todos soffrerem.

—Todos? Não concordo; os pequenos sim.

—O' insubordinado! Fumas á minha vista!...

—Perdão, Sr. tenente, eu não previa que V. S. passasse agora por aqui e me viesse encontrar de charuto na bocca, unico lenitivo que tenho aos vexames do pesado serviço.

—Apaga já o charuto!

—Submetto me.

—E deita-o fora!

—Para obedecer a V. S. guardal-o hei na canana.

—Quero que o deites fora.

—Oh! Sr. tenente, é uma crueldade! O charuto custou-me um vintem e V. S. sabe um vintem para o soldado o que é.

—Insolente! atira o charuto fora já.

—Sr. tenente, eu sou um paisano armado, não estou sujeito a disciplina do conde de Lippe; guardando meu charuto na canana, dou uma prova de respeito a meu superior.

—Cabo do dia! Mette este desavergonhado no xadrez!

—Que desproposito! Que tenente é esse?

—*E' rico* e digno de memoria seu proceder; mas diz que para n'um *corpo* haver *policia* e disciplina é preciso desses rigores.

—A Sra. T... é uma viuva adoravel e que adorava a um segundo tenente de marinha, joven official, tostado pelo mormaço do sol e com uma cicatriz na face direita, que lhe dá certa graça.

Ha tres annos que o nosso tenente foi mandado para a guerra, onde se cobriu de gloria e passou em breve a capitão-tenente.

Em quanto Ulysses se batia em... Penelope não sessava de ler os jornaes com o coração lhe palpitando de susto:

—Ah! Deus si m'o matassem!

A pobre Sra. T. . n'este interim foi atacada de bexigas, de que esteve á morte, escapando, é verdade, mas ficando com o rosto muito cheio de marcas

A pobre mulher não mandou dizer cousa alguma ao seu amante a respeito da metamorphose, porque havia passado.

Até que afinal escreveu-lhe o official, annunciando a sua proxima volta.

A nossa viuva ficou n'uma lida.

—Meu Deus! o que será de mim, si elle me achar muito feia! porque na verdade estou horrivel!...

Passava dias inteiros diante de seu espelho. Procuravam as suas amigas consolal-a, dizendo lhe que o verdadeiro amor é o do coração, e que o official amava-a apaixonadamente. A infeliz abanava com a cabeça, e depois como quem tinha tomado o seu partido:

—Não faz mal! dizia, A nossa primeira entrevista decidirá de minha vida.

Si elle ao ver-me, mostrar desgosto, deixar escapar a menor palavra de contrariedade, abro a janella mesmo a vista d'elle, e atiro-me na rua.

Debalde lhe demonstravam a loucura de um tal projecto.

Afinal chega o official A criada dá-lhe parte que elle ali estava. A nossa viuva torna-se pallida, tremula, e anhelante não tira os olhos da porta da sala, que se vai abrir.

Abre-se com effeito a porta. O official entra. A viuva solta um grito.

O nosso heroe vinha inteiramente mudado! De moreno que era, tinha ficado roxo com o clima extranho e tinha alem disso envelhecido, perdido um dos olhos; manqueijava, e não sei que mais... Parecia um phantasma!

A entrevista foi curta, e ao sahir o official, disse a viuva para sua criada:

—Maria, quando este senhor aqui voltar, dize-lhe que sahi, e, si ficar muito teimoso, accrescenta que fui para fora. Deixo isso a tua escolha.

Hontem ella se teria lançado pela janella, de boa fé, e hoje é somente o seu amor, que ella atira a sua janella com uma pedra ao pescoço.

Homens credulos, mirai-vos n'este espelho de constancia feminina!

MOTTE.

Quem é que pode ter pena
De Judas se ter perdido?

GLOZA.

Da serpente que envenena
A nossa mão protectora,
D'uma alma vil e traidora
Quem é que pode ter pena?
Ninguem: responde a serena
Voz da razão n'um gemido;
Ninguem, pois que commovido
O mundo não se mostrou,
E só o inferno exultou
De Judas se ter perdido.

—Quer ver uma escapatoria para não se pagar a quem se deve?

—Homem, a gente deve aprender de tudo; lá vem um dia em que se quer livrar de um credor impertinente, e é bom ter-se um meio.

—Porem é um meio, que para usar delle é preciso não ter um ceitil de vergonha.

—Diga sempre.

—Pois lá vae:

«Sr. *Genio* do *Eu Pitta* (empregado no trem de pau)—Faça favor de me mandar a importancia de sua conta que é 2$400.—Seu obrigado—*M.*

Resposta.—Não tenho dinheiro e quando tivesse não pagava, pois eu sou caloteiro.—*E. P.*

—Isso assim é requinte de velhacaria.

CARTA

de um senhor de Engenho, capitão da G. N. e subdelegado, dirigida a um seu amigo nesta cidade.

Amigo.—Incluso arremeto-lhe uma pipa de mé para vender-lhe, e comprar-me as encomendas seguintes—Um par de meias de senhora aberta, 3 orinoes para mijar n'elles por um sello cada um, 3 par de sapatos de meninos amarellos, um par de sócos de homem de couro de boi, e 1 penico de c.... para mim.

Seu Compadre o amigo.

* * *

N. B.—Minha mulher lhe pede que lhe compre um lenço de tabaco de senhora vermelho.

EXPORTAÇÃO.

GENEROS DESPACHADOS.

Para fora.

Cidade de Cantagallo, por S. *Francisco*; chaveco Moreira—Cuspo cuspo, 1 sacco *medo*, 1 embrulho *maldade;*

Gemi, 1 embrulho *alcovitice*, 1 mochila *gabolice*, 3 pés cubicos *xingamento*, 1 boceta *calotes;*

O *Pereira* e seu mano Manuel 1 caixão *entromettimento*, 1 canastra *mentiras*, 1 lata *adulação*, 1 *bahù* chapeus de engolir cabeça, 1 rabo de cobra venenosa;

Badú, 1 barril *imbecilidade*, 1 capote velho de *peliça;*

Filho do Faria, 1 volume *contradicções*, 1 casco de cortiça *namoro salpreso;*

Amasia do Gemi, 1 arca grande objectos de Bloen e fazendas para creado, denominada *dominico cardo—so*; 3 balaios *afouteza*.

VARIEDADE.

ENTERRADO VIVO

—De Ranocrah (Indias-Orientaes) fazem a seguinte narração á folha franceza «Le Pays»:

Esta manhan, um homem que tinha sido enterrado vivo ha um mez, foi exhumado com vida em presença de Esuf-Lah, um dos ministros do michanawe de Joisshuam. Este homem terá quando muito, 30 annos; passa a sua vida a percorrer o paiz, e deixa-se enterrar durante semanas e mesmo mezes inteiros, comtanto que lhe paguem largamente. Alguns dias antes da inhumação, abstem-se completamente de alimentos para não ser incommodado pelo trabalho do estomago. Cozem-n'o n'um sacco de linho, e, para não ser atormentado pelos formigas e outros insectos, teem o cuidado de forrar com panno a cova que ha-de occupar. D'esta ultima vez, tinha sido inhumado n'uma cazinha de pedra de 12 pès de altura e 8 de largura. Tinha praticado uma abertura de tres pès de comprido por duas de largura e tres pés de profundidade, na qual o collocaram. Ficou sentado, com os joelhos juntos do estomago e as mãos sobre o peito. Para evitar que elle fugisse, tinham posto sobre o tumulo duas enormes pedras, tapado a pedra e cal á porta do edificio e collocado sentinellas de redor.

A cabo de um mez, abriu-se a porta e começou o processo da exhumação. Quando se abriu o sacco, achou-se o homem privado de sentimentos, com os olhos fechados e as mãos encrespadas. Tinha os dentes cerrados tão fortemente, que foi preciso empregar um instrumento de ferro para lhe abrir a bocca. Insensivelmente, depois de lhe terem lançado agua na garganta, recuperou os sentidos e o uso dos membros, e pouco depois, levantando-se, começou a conversar. O som da sua voz era claro e agradavel. Disse que consentiria em ser enterrado de novo e mesmo por um anno.

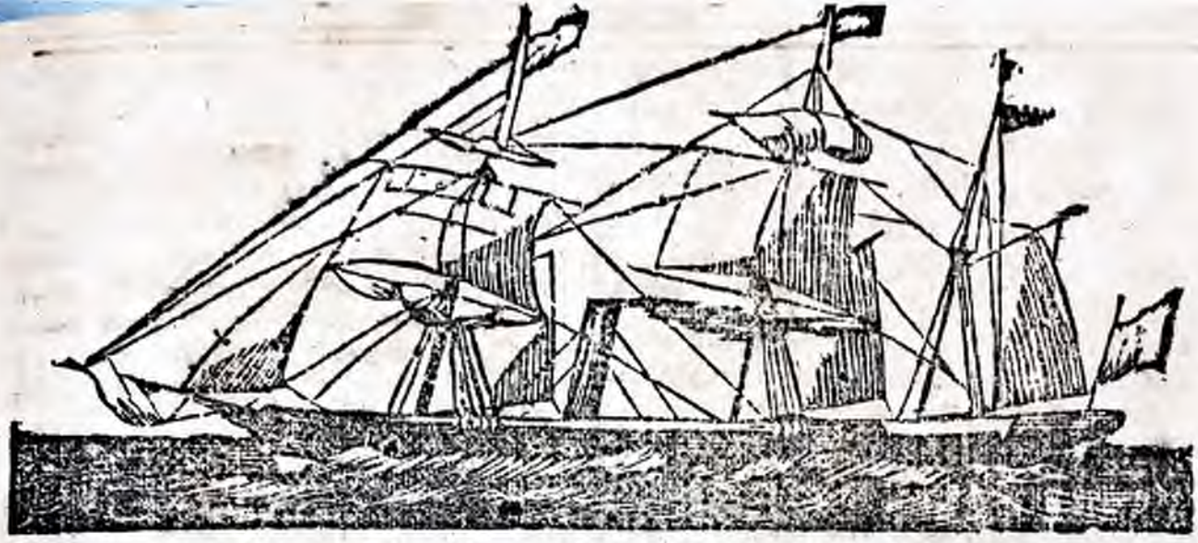
No dia seguinte, o tenente Machaeghieu pol-o a nova prova, encerrando-o por treze dias, n'um cofre de madeira suspenso do tecto de seu quarto.

Uma cousa curiosa é que os seus cabellos não crescem quando está enterrado. Era a sexta ou a setima vez que se fazia enterrar, mas não se sabia como tinha descoberto estas faculdades extraordinarias em si proprio.

ANNUNCIO.

Na loja n.º 15 ao Taboão, deseja-se fallar aos Srs.

Raphael José Vieira.
Francisco Antonio de Araujo.
Antonio Matheus da Silva.
Marcelino Libanio do Almoida.
José Joaquim da Silva.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 12 DE NOVEMBRO DE 1867. SERIE 2º.—N. 285

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de novembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que anda por esta cidade um francez, sobre o qual a policia deve empregar pesquisadoras vistas.

Esse individuo foi á duas casas de mulheres de vida equivoca e em cada uma dellas deixou uma cedula de 10$ rs., padrão novo, que depois se reconheceu serem falsas; na sexta feira á noite, entrou na botica do Sr. Andrade e puchou de um masso uma cedula das taes, a qual lhe sendo regeitada, elle sahiu e dahi a pouco voltou com 10$ rs em miudo, sendo para notar que tendo elle no bolso mais dinheiro, se desse ao trabalho de ir trocal a em outra parte, o que indica que todo elle era falso.

Assim espera-se que S. S. empregue neste negocio toda sua reconhecida energia e descripção.

—Ao mesmo, invocando sua esclarecida attenção para o seguinte:

Certa senhora da aristocracia desta terra, desconfiando de que uma sua cria infringia as regras da decencia dentro de sua casa, mandou-a surrar por um possante negro dous dias consecutivos, ficando a miseranda em estado de lastimavel compaixão, depois do que mandou-a martyrisar com a injecção de um molho de pimentas na vagina, de que veiu a infeliz a succumbir ha cerca de tres ou quatro dias. Confia-se que S. S, magistrado integro e justiceiro como é, não fechará os olhos a considerações politicas e de partido, e empregara todos os meios a sua disposição afim de descobrir o crime e punir o criminoso.

—O Caminho Novo do Taboão é um espelho que reflecte a incuria e deleixo daquelles, que nesta terra tem obrigação de promover e zelar as commodidades publicas.

—Com um dia de chuva, não se pode transitar por aquelle lamaçal.

—Vê aquelle infeliz coberto de andrajos?

—Perfeitamente.

—E' o VOLUNTARIO DA PATRIA Romão de Aquino Gomes, ferido com duas balas no ataque de 24 de maio.

—E que agora, impossibilitado de trabalhar, esmola o pão da charidade, para si e seus filhinhos?

—E' verdade!

—Vergonha a ti, patria ingrata! que matas á fome teus melhores e mais dedicados filhos, em quanto cobres de galas e ouropeis as harpyas insaciaes do thesouro, aos parasitas do suor do povo.

—O desventurado que alli vê, depois de ferido, foi conduzido com seus companheiros de infortunio a côrte, onde receberam uma visita do imperador, que lhes fez mil promessas, e que parece foram todas esquecidas ao transpor S. M. a soleira do hospital.

—Etiquetas cortesans; o mesmo fez S. M. quando aqui esteve, com todos os que se dirigiam a elle, aos quaes ia ordenando que lhes endereçasse um memorial, um requerimento etc, papeis estes que ficaram atulhando os aposentos de palacio, sem que o monarcha lhes tocasse os dedos; o que serviram apenas para patentear as privações, as miserias, as circunstancias criticas de muita gente, porque andaram pelas vendas e logares publicos, servindo de embrulho.

—Eis as palavras que S. M. dirigiu áquelle infeliz:

« —Então, *filho*, ficou sem sua perna?

—E' verdade, Senhor, minha sorte assim o quiz.

« —Tenha resignação.

« —Agora quero pedir uma graça a V. M.

« —Qual é, *filho*?

« —Quero que V. M. I. me mande pagar um anno e dous mezes de soldo que deixei de receber.

« —Ha de ser pago; assim como hei de recompensar a todos, mandando reformal-os. »

—A recompensa é elle andar tirando esmolla?

—Escuto. Dias depois lia-se em ordem do dia a baixa do infeliz e de outros companheiros.

O desgraçado ainda teve a imbecilidade de ir ao Sr. general Caldwel reclamar que queria reforma e não baixa.

—Que resposta deu-lhe o general?

—Soldado não tem vontade; siga para sua provincia, que muito se lhe faz em dar-se-lhe a passagem.

—Miseria! Vergonha!

—Pois ha de o Sr. Azambuja com a mais incomparavel placidez estar a consentir que os Srs. commandantes de batalhões estejam a massacrar o povo?

O cidadão pacifico, que acaba de seus affazeres, e recolhe-se pacificamente á sua morada, é de assalto preso, não para recruta, mas á ordem de um despotasinho á quem o capricho da sorte deu o commando de um corpo, e sem que esse cidadão tenha commettido o menor crime, é encerrado n'uma masmorra, oito dias pelo menos.

Não é um nem dous destes factos que se tem dado; são innumeraveis; e todos elles chegam ao conhecimento de S. Ex., que fica impassivel como uma pedra miliar.

Como é que sem nunca ser qualificado em um batalhão é preso um cidadão á ordem do commandante e recluso por oito e dez dias?

—Por isso eu já não creio em nada desta terra.

O Sr. commandante superior, possuido de bons desejos, publicou uma ordem do dia no sentido de refrear as demasias e abusos dos commandantes que queriam dar contingentes; fosse como fosse porem, a medida foi improficua, porque o escandalo continuou em mais larga escala.

—E que me diz dos excessos commettidos pelos agentes dos mesmos?

No Rio Vermelho é cercada e saqueada a casa de Marcellina do Spirito Santo na NOITE de 5 do corrente. Como não encontraram homens para prender, contentaram-se com duas excellentes armas de caça que acharam.

—Seria melhor suspender as garantias do que trazer o povo em semelhante estado de duvidas e atropello.

—Ao menos ninguem gastaria dinheiro com documentos, julgando garantir-se, quando elles apenas servem para mostrar o menos-preço com que os dominadores olham para a lei em relação a quem está em baixo.

O BEIJO.

O costume de dar beijos, com certeza não se pode affirmar de quando data, mas pelo progresso que tem tido, deve ser muito antigo, visto ja hoje haverem beijinhos da moda, e até beijinhos de vapor.

Os beijinhos são uns doces parecidos com os rebuçados de limão, porem de melhor gosto, e costumam andar acompanhados de uns estalinhos, que gozam da mesma propriedade da faisca electrica: os melhores são os que existem n'umas caixinhas côr de carmim, de feitio de um botão de rosa, tendo por guarnição interior duas carreiras de perolas, e são fabricados com um biquinho como o dos passarinhos quando cantam o seu chi-chi-ri-chi; são elles os que derretem o coração como si fosse de manteiga, e quasi sempre são dados por moças bonitas. Ha outros beijos que gozam tambem de alguma influencia; porque são muito applicados pela medicina, como diureticos, principalmente os beijos de velhas, que tambem são hoje admittidos para substituirem a espirradeira; e quem quizer desconjunctar os ossos, pode tomar um globulo homeopatico espirratino beijotico, cujo effeito é mais terrivel que o do beijo franciscano.

Encarando os beijos em suas differentes applicações, analyzaremos os principaes que são de moça para moça, de moça para moço ou vice-versa, e de velha para moço.

Os beijos de moça para moça, são applicados na testa ou na face das bellas, e quasi sempre são commemorativos, ou melhor, reflexivos... e sabem a mel de abelhas; os beijos de moça para moço e vice-versa, são applicados como arrulhar de pombinhos, e tem o sabor de angú da Bahia, que chamam *comer e chorar por mais*; o seu effeito é derreter o coração, e embeber o agudo farpão do menino travesso, deixando captivo quem teve a dita de os provar. Os beijos de velha para moça não me attrevo a deffinil-os, só quem os experimentar é que pode analysar, bem principalmente si forem dados por uma pombinha de beiços franzidos, onde figura um dente só amarello, e com-

prido, que é pau para toda a obra, dá graça á sympathica risada e apresenta-se para entrar em batalha com o viscoso mingau, e muitas vezes oppõe-se a sahida da lingua fora das muralhas desguarnecidas; estes beijos não são muito bons, mas antes elles que beijo de cão, que é dentada.

(Continua.)

A PEDIDO.

Chama-se attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para a jogatina de um Sr. Silvestre, ao Saboeiro, para a qual são alliciados meninos inexperientes, que vão ahi perder o que não podem. Ainda ha pouco foi victima da esperteza desse cujo um incauto typographo, que sendo conduzido a certo pretexto, quando la o filaram, o induziram a jogar, perdendo não so o seu como tambem o alheio.

MOTTE.

Quem trahe a seu bemfeitor
Merece ser inforcado.

GLOSA.

Não tem de certo pudor,
E' na verdade um canalha,
Quem a virtude atassalha
Quem trahe a seu bemfeitor.
Quem se torna adulador,
Para se ver estimado,
Quem nunca tendo estudado
Quer passar por litterato,
Que merece tal gaiato?
Merece ser inforcado.

O MAGICO.

(Extr.)

—A policia dorme?

—Não, coxilla.

—Não lhe pareça.

—V. pensa que eu gracejo?

—Eu lhe creio, porque si não fosse assim não tolerava a alluvião de casas de jogos que innundam esta cidade, as quaes, alem de ja serem um foco de perdição para a mocidade, sobro-sahem algumas notavelmente pelos escandalos e scenas turbulentas que nellas se dão.

A Praça dos Veteranos tem quatro ou cinco cafurnas destas, afora uma que o Bernadino vae abrir.

—Uma dellas foi cercada e varejada uma destas noites.

—A do mais fraco; porque não cercaram a do inspector? Porem isso é o menos.

Nessas casas ha constantemente barulhos, facas fora, etc.

—Disseram-me que ha poucos dias em uma biboca que ha na Praça quase ha morte, por haver um tafful chicoteado a outro por motivos do sodomia.

—E outros muitos factos que se repetem constantemente nessas moradas do vicio e da ociosidade.

—Pois o Sr que toma essas cousas á peito, va bradando bem alto, a ver se a policia accorda sobresaltada e dá um puxo.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXXIII.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forcas que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Com quanto, em resumo muito escasso, já tivessemos dado conhecimento ao publico da discussão havida na sessão do tribunal da Relação sobre o julgamento do processo Castro Rebello & C.ª, somos forçados a transcrever do *Diario,* o que a respeito disse o Exm. Sr. dezembargador Luiz Antonio Barboza de Almeida, um dos ornamentos e luzeiros da magistratura brasileira:

«Não diria certamente palavra nesta occasião, incommodado como me acho, se depois da exposição do honrado collega não me considerasse obrigado a dizer como penso nesta materia, que razões me apartam da sua, alias respeitavel opinião, e podem por ventura justificar o meu voto.

«Estou de perfeito accordo quanto a responsabilidade do facto. Entendo que o chefe de policia se houve bem pronunciando os reus: o processo offerece sufficientes esclarecimentos para justifical o; ha o que basta para authorisar a pronuncia, raseavel suspeita quando mais não houvesse; mas quanto a qualificação do delicto não penso da mesma maneira.

«O tribunal sabe que tenho opinião particular a respeito da applicação do art. 205 do codigo criminal. Por mais de uma vez, aqui e fora d'aqui, a tenho emittido e sustentado.

«Tem sido sempre meu parecer que o art. 205 depende, para sua applicação, da verificação de qualquer das hypotheses dos arts. 202, 203 e 204. Não é que entenda que esta é a melhor theoria a respeito de classificação de ferimentos; não é mesmo que entenda que a pratica não tenha consagrado doutrina opposta, authorisado a applicação commum dos juizes; mas executor da lei reputo-me obrigado a applical-a de modo que não resulte absurdo; o legislador reputa-se sempre sabio.

«Se a medida da pena é a gravidade do delicto, eu não tenho direito de suppor que o legislador faltou a este sabio preceito. Ora o art 205 eleva a pena nesta especie dedelictos a 8 annos de prizão com trabalho; e ninguem dirá que a inhabilitação de serviço por mais de 30 dias é cousa mais grave, de maior alcance do que a inhabilitação ou destrui ção de um membro, ou orgão. E se é assim, se a perda de um braço, de uma perna, ou da vista não pode deixar de ser mais consideravel do que a simples inhabilitação temporaria de trabalho, é claro que o codigo, da maneira porque o entendem na pratica, vem a punir um delicto menos importante com pena superior a do mais grave, e vice-versa, o que não é possivel admittir sem negar ao legislador attributos que lhe são inseparaveis.

«Esta opinião fortifica-se perante a mesma phraseologia do codigo. Sempre foi regra de bôa hermeneutica entender que o legislador não emprega duas palavras ou phrases diversas para exprimir uma mesma idéa; todas as vezes que na lei ha expressões differentes é que o legislader quiz exprimir idéas differentes.

«Quem abre o codigo na secção dos ferimentos vê que quando o legislador desce do art. 201 para os subsequentes, serve-se da seguinte expressão—se do ferimento ou offensa physica resultar—phrase que conservou sempre a mesma ate o art. 204; mas quando, depois de determinados os resultados immediatos do ferimento, dispõe no art. 205, muda de linguagem, ja não é—si do ferimento resultar—porem—si o mal corporeo resultante.—Esta mudança, pois no modo de dizer não pode deixar de exprimir pensamento differente, por que nada impediria o legislador de continuar na mesma expressão si ainda aqui a idea fosse a mesma, si ainda aqui não quizesse sinão determinar, como havia feito antes, mais um resultado do ferimento. Logo, pois, a expressão—mal corporeo—parece referir se ao defeito de structura supposto nos arts. antecedentes como resultado punivel de ferimento.

«E só neste caso a agravação da pena do art. 205 póde encontrar justificação; é a justa elevação da penalidade ao mal accrescido aos resultados immediatos do ferimento.

«Bem sei que os juizes o tribunaes não tem acceitado esta interpretação, que aliás justifica-se pela consideração de salvar o absurdo da pratica. Foi sempre regra de bôa hermeneutica regeitar interpretação de que resulte absurdo.

«Entretanto, confesso, continua a prevalecer a intelligencia de que todas as vezes que pelo corpo de delicto fica assentado, segundo as respostas dos peritos, que o paciente soffreu grave incommodo de saude ou inhabilitação do serviço por mais de 30 dias, haja ou não outra relação, a qualificação correspondente è a do art. 205.

«A similhança de disposição do codigo francez não pode aproveitar á intelligencia admittida; porque os sys-

temas são diversos, bem que o nosso art. 205 não seja com effeito sinão traducção do art. 309 de francez, com a differença de que, ao passo que neste exigiu se simples molestia e inhabilitação por 20 dias, entre nós qualificou-se o incommodo de saude, e por este motivo, como medida, elevou-se tambem o tempo do inhabilitação a 30 dias. O codigo francez contentou se com esse unico resultado do ferimento, aggravando ou diminuindo a penalidade pelas circumstancias; o nosso codigo estabeleceu a penalidade pelos diversos resultados do ferimento qualificando-os. O art. 205, pois, deve ser entendido e applicado de harmonia com o systema adaptado.

«E posto isto como opinião que tenho seguido na minha pratica de julgar, ha, no caso presente, outra questão a ventilar, a do valor de inhabilitação de serviço.

«Como se deve entender esta expressão do codigo? A incapacidade será de serviço habitual?

«O Sr. Rauter, no seu tratado de justiça criminal, procurando o sentido da expressão da lei, que é, neste ponto, a mesma em França, entendeu que ella exprime o trabalho habitual.

«Neste sentido o tribunal de Cassação baseou decisões, fundou arestos; porem, mais tarde, jurisconsultos, que se firmam em principios mais sãos, opinaram pelo trabalho corporeo. O tribunal de Cassação egualmente variou de opinião firmando esta intelligencia desde 1835.

«E com effeito si a incapacidade devesse ser tomada pela cessação do serviço habitual, chegar-se-hia a consequencias especiaes, e extravagantes. O homem de letras, por exemplo, que tivesse pelo ferimento a perna fracturada, e que com tudo, antes de findo o prazo dos trinta dias, podesse mesmo na cama entregar-se a seus trabalhos habituaes, ficaria fora da applicação da lei.

«Não seria mais a gravidade intrinseca do facto que determinaria sua qualificação; mas uma circumstancia estranha: nem a moralidade e nem a propria materialidade d'acção serviria de medida penal, mas o mero accidente, tomado na posição social da victima, nos seus habitos e genero da vida. Só a incapacidade corporea póde dar á justa applicação da lei, por que é a unica que pode ser apreciada pelo juiz, a unica que pode ser avaliada como consequencia directa e immediata do ferimento. Ou a incapacidade deve ser completa, diz um notavel criminalista, ou não deve ser medida de aggravação.

«Por estes principios está pois claro que não posso acceitar ou confirmar a qualificação da pronuncia.

«Direi agora como penso em relação ao facto, qual a minha opinião acerca da qualificação que lhe cabe.

«Esta saltando aos olhos de todos que o facto não é de ordem commum, não é um facto simples, mas de natureza grave, de caracter atroz e cruel, e que surprehende que tivesse sido praticado no centro de uma cidade populosa, no seculo actual, e em terra de christãos!

«Sua qualificação não pode ser a do art. 201. Grave em sua origem, complexo nos meios de execução, capaz de produzir a morte, e indicativo de um requinte fora do commum, este facto exclue por si aquella qualificação. Sua natureza não é de simples offensas fisicas. Não se trata de um acto praticado por um individuo, por meio de um instrumento, em presença elle só da victima, mas de um facto praticado por diversos instrumentos ao mesmo tempo, acompanhado de grande apparato, exercido simultaneamente por diversos agentes, e cujos effeitos encontraram no corpo de delicto fundamento para dever esperar-se a morte si por mais tempo a acção se tivesse prolongado.

«A minha opinião, portanto, é que não cabe no facto outra qualificação que a de tentativa de morte.

«E' verdade que este facto não é daquelles que a *prima facie* podem reconhecer-se como tentativa de morte;

não tem o valor, por exemplo, de uma punhalada no peito cujo golpe resvalasse, ou de um tiro de arma de fogo cuja bala não houvesse produzido seu effeito; mas nem por isto perde o seu caracter. A tentativa reconhece-se, nos factos cujas offensas por si só não a revelam, pelas circumstancias, accessorias, motivos determinativos, instrumentos empregados, qualidade ou aspecto das offensas. E com effeito si o crime é o mal material combinado com a intenção, não se pode acceitar um é desprezar outro destes elementos na apreciação de um facto criminoso.

«Penetrar na intenção, cousa que é da competencia somente do fôro interno, só a Deus pertence: a justiça humana contenta-se com determinal-a pelos factos: é por estes que julga das disposições do spirito no projecto do crime. No caso presente tudo conspira para authenticar que houve verdadeira tentativa de morte.

«Sem procural-a no apparato com que o facto foi praticado desde a praça Dous de Julho até o Moinho, no Garcia, capaz só por si, por força da emoção moral, que devia ser profunda, de produzir a morte, examinemol-o pelo emprego dos meios.

«Pela exposição da victima, que apresentou-se na policia trazendo ainda os instrumentos do crime applicados ao corpo, de accordo com outras informações do processo e descripção do corpo de delicto, o facto revella a sua gravidade e sua natural qualificação.

«Amordaçada a victima, vendados os olhos, algemados os pulsos, anginhos nos dedos, arroxo na cabeça, amarrados os pés por corda que se prendia as algemas para impedir o movimento; que resultado podia esperal-a entregue a seus algozes, em logar solitario, sem possibilidade de soccorro, soffrendo o effeito simultaneo de todos esses instrumentos ao mesmo tempo empregados, sinão a morte depois de um certo espaço de tempo?

«E porque motivo esse resultado não se verificou, não se consumou o crime pela morte?

«Porque uma circumstancia independente da vontade dos agentes o impediu.

«Esta circumstancia caracterisa-se pela busca que a policia, naquella mesma occasião, por effeito da denuncia de um dos accusados, deu na casa de residencia do Garcia; e tanto que foi mediante um signal que a victima se sentiu abandonada.

«E para que o projecto do crime não podesse ser posto em duvida, e ficasse bem patente a intenção de continuar na perpetração do delicto, em logar de desembaraçarem a victima, naquelle momento, não a deixaram senão depois de lhe applicarem de novo a mordaça que lhe haviam tirado ao chegarem á casa do Moinho, e de fecharem por fora a porta.

«Logo, pois, que não foi abandonado o projecto por acto espontaneo, e que houve principio de execução, sendo o facto de natureza a produzir a morte em mais ou menos tempo de duração, é claro que nenhuma outra qualificação cabe ao delicto que a de tentativa de morte.

«E esta qualificação é tanto mais ajustada, quanto se tivesse havido abandono espontaneo, os agentes, escusados da tentativa, não ficariam isemptos de responsabilidade—*Nemo enim tali pecato penitentia sua nacens esse desiit*; e então, sim, a classificação aqui havia de ser ou de ferimentos simples, ou de ferimentos graves, conforme o valor do mal material.

«Uma outra razão fortalece a opinião que sustento. Nós não somos o juiz natural, o juiz competente dos accusados, é o jury que tem de julgal-os: deixemos, pois, ao jury, á quem pertence o exame do facto, avalial-o em todas as suas relações, em todo o seu alcance; mandemos-lhe o facto todo inteiro, não o mutilemos por uma qualificação que não o abrange em todas as suas partes.

«Limitado o nosso exame; e provas que nem nos chegam completos, nem nos podem vir senão por meio regulado pela parte como é um recurso,

cujas peças são de escolha dos interessados, deixemos ao juizo plenario, ao tribunal que tem de resolver a criminalidade, mediante discussão regular e provas plenas, a liberdade necessaria, e o direito inteiro de descriminar o facto qualificando-o como devidamente merecer.»

Haverá ahi ainda alguem que diga ser a classificação do crime outra que a de tentativa, e que não foram os reus os seus authores?

PRIMOS E POMBOS SUJAM A CASA

—Aspirante, tu que tens ido mais vezes á terra do que eu, sabes onde é a rua que não sendo feita de *tijollos*, tem quina de *ossos*?

—Sim, senhor.

—Pois bem: informam-me que por ahi existem dous noivos, que *não são parentes*, indaga suas moradas, e lhes dirige algumas palavras filhas da amizade, e procura exhortal os, dizendo-lhes que elles são crianças, que não é muito bonito um moço conversar com uma senhora a muito tempo em uma janella á noite, a parecer dous pombinhos, tanto mais quando estão para casar, em fim que toda a visinhança hade reparar.

—Exforçar-me-hei em cumprir á risca as ordens de meu patrão.

—Tens de observar-lhes que si se der a hypothese (do que eu duvido) que este moço pregue a taboca na pobre menina (porque elles não o fazem) o que não dirá a lingua do povo, que até do proprio Deus falla?

—Basta capitão; fique tranquillo que cumprirei fielmente todas as suas ordens, e ate lhe direi que quanto antes effectuem seu consorcio e pois so por esse meio podem-se elles livrar do que muito hoje soffreram.

—Sentido, nos casos de casamento —que se tem dado!

Au revoir.

CHARADA

La vem o monarcha poderoso
Bramindo de furor;
Despindo vem as nyophas, que de Flora
Recebem o primor;
Mas estas, tão de pêjo, á Deosa correm,
Que de Enêas salva a vida e armada ingente:
A qual mandando nyophas, que se adornem
Amor sentindo o rei fica impotente.—I

Si um beijo estalado na face mimoza,
Donzella formoza recebel-o de amor,
Que couza, que abraza, que aquece-lhe a fronte
Tão bella, rizonte, que muda-lhe a cor?—2

CONCEITO

Quanto é doce os de uma lyra
Em noute toda serena!
Quanto amor, oh! não respira,
Fruindo tão bella scena!

VARIEDADE.

CHAROPE DO BOLSO.

CARTA DE AGRADECIMENTO.

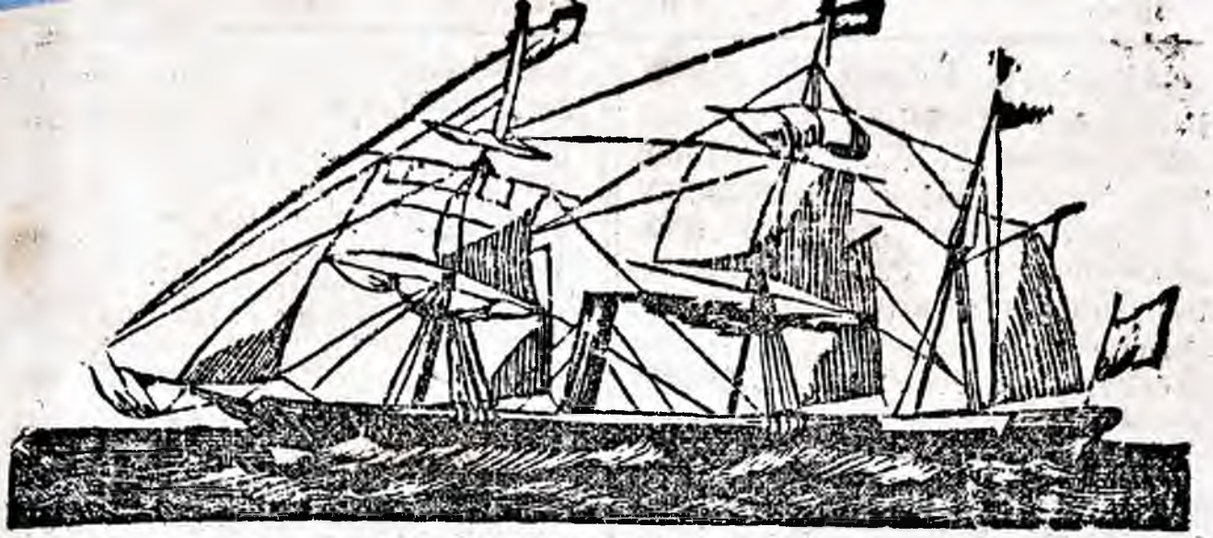
Illm Sr. Manuel de Souza.—Rogo-lhe o favor de me mandar quatro duzias de garrafas do *Xarope do bolso*; por que minha mulher estando ha seis mezes endiabrada, a ponto de querer me morder a cada hora, dei-lhe tres colheres do dito *Xarope*, e ficou inteiramente mansa, e agora tudo quanto vê, em vez de morder, quer beijar! Minha sobrinha Caetana, ha anno e meio vivia tão irritada por se casar, que tendo o noivo se ido embora para fora da cidade, só por isso quiz-se enforcar, e armou um laço de brabante na comieira da dispensa; mas eu botei-lhe logo pela cabeça meia garrafa do *Xarope do bolso*, e ella tornou a si, e me disse: —Titio quero ir para o convento. —O *Zuza* meu afilhado, de quinze annos, desde a edade de oito que andava triste e desesperado, comendo minhocas entre as bananeiras, no fundo do quintal; nada o distrahia; dei-lhe uma garrafa do seu *Xarope*, e elle apenas o bebeu, deu quatro pinotes, e entrou a cantar—*Maria Caxuxa*.

Como tenho conseguido esses curativos, julgo que o devo declarar ao publico para que todos saibam e possam gozar dos prestimos do referido *Xarope do bolso*.

Sou de encommenda.—

Marcos.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 14 DE NOVEMBRO DE 1867. SERIE 29.ª—N. 286

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de novembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que tome certas medidas para que não subam e desçam ao mesmo tempo os carros e burros de carga pela ladeira do Taboão, medida essa que é muito necessaria, afim de evitar alguma perna quebrada, pela confusão de carros e burros, ou maior desgraça.

Espera-se que S. S. providencie a respeito, em vista de tão justo e rasoavel pedido.

—Isto já não tem limites!...

Os actos de vandalismo praticados pelos agentes do poder tem tocado a meta da mais atroz perseguição!

—Tudo isso devemos soffrer com resignação, porque é feito para defender a dignidade do paiz

—A indignidade de meia duzia de ladrões, digo eu.

Ora me diga onde já viu se praticar disto:

Marcellino de tal, calafate, matriculado na capitania do porto, sahiu na segunda feira de madrugada para seu trabalho, levando em sua companhia sua mulher e sua filha Eudoxia de 5 annos, que iam para casa de seu cunhado.

Em Santo Antonio, é preso pelo inspector Seixas, ficando sua familia abandonada ao tempo, sem saber caminho nem carteira

—Foi recrutado?

—Não Sr. Foi dado como contingente do 4.º batalhão.

—Até os inspectores recrutam para a guarda nacional!

—Nesta terra o que não ha de se ver?

—A economia desta terra é de cortiça!

—Que está V. a grasnar?

—Estou analysando a celebreira do se mandar tres officiaes da guarda nacional acompanhar o ultimo contingente que daqui marchou com uma despeza de mais de 800$ rs. mensaes, quando se podia arranjar a cousa com trezentos e tanto, ou menos.

—Mas como é isso?

—Eu lhe explico:

Passagem de 3 officias, a 80$ rs.—ida.....	240$000
Soldo de 1 capitão.....	120$000
Idem de 2 tenentes a 82$ rs.	164$000
Passagem de volta.....	240$000
Um substituto para o Sr. Araponga, na directoria dos estudos.....	50$000
	814$000

Entretanto que com um official reformado fazia se toda festança, gastando-se pouco mais de um terço.

—Não faz mal; ao menos os rapazes foram dar seu passeio ao Rio.

—Ainda os dous, passaremos; porem mandarem o Sr. Araponga, empregado publico, para ficar outro o substituindo, é mesmo vontade de desperdiçar.

—Aquelle moço será astrologo?

—Qual?

—Lá está elle na porta da *universidade*, direito como uma flexa, mirando o *paraizo*.

—Contempla em extasi alguma estrella.

—Como está enlevado! *Na ninhada* de astros que povoam o firmamento, qual será o da sua predilecção?

—Será alguma estrella dos tres *reis?*

—O que me parece è que elle é *caloiro* na sciencia que estuda.

—Aquillo é uma devoção de toda tarde.

—E' teimoso e renitente.

—Pobre rapaz! Si eu me désse com elle, dizia-lhe que fosse praticar no observatorio do *Joaquim*.

—Elle faz bem em engolphar-se, Sabe que aqui ou lá, nas experiencias a que se dedica, *cardos so* ha de encontrar em vez de flores.

—Porem depois do amargo vem o *mel*.

—E nesta tagarellice estamos a meia hora! Deixe o moço nutrir seu genio, vamos nosso caminho.

—Capitão, diga-me uma cousa.

—Si souber,

—O decreto que pede novos contingentes manda que vão tambem os casados?

—E' verdade.

—Mas isso depois de esgotada a lista dos solteiros, aptos para o serviço,

—Está claro.

—Porem não tem se observado essa condição.

—Ora isso! V. quer ser palmatoria do mundo? não sabe que o direito do anzol é ser torto?

—Vejo homens casados carregados de filhos serem agarrados pelos *recrutadores* que blasonam muito inchados que *agora vae casado; vae tudo.*

—Porem o presidente tem feito justiça a muitos.

—*A muitos.*

Eu conheço um pobre homem na Cruz do Cosme, pae de sete filhos, que está indigitado e que os sequazes andam a pista delle como rato por toucinho.

—Elle que trate de amollar as canellas e pôr-se na pisa.

—E a mulher? E os filhinhos? Comem vento?

—*Deus dará.*

—Capitão, em nome da indigencia venho erguer um brado de reconhecimento.

—E eu estou sempre prompto a accompanhal-o quando se trata de realçar acções meritorias.

—V. Ex. sabe que eu só dou aproço as posições elevadas, quando ellas, por seus actos, se tornam credoras do reconhecimento publico.

—Sei disso.

—Bem. Então permitta que sem olhar para a posição do commandante das armas, renda uma homenagem ao cidadão brigadeiro Luiz J. Monteiro por sua philantropia e charidade.

—Si é como V. diz não ha duvida nenhuma.

—O Sr. brigadeiro L. J. Monteiro, dotado de uma alma bemfazeja, sabe conciliar os deveres de seu espinhoso cargo, com os sentimentos de humanidade e benificencia.

Mais de uma lagrima tem elle enchugado.

Innumeras dessas infelizes que vem desses sertões alem, accompanhando seus esposos, filhos e irmãos, que chegam aqui destituidas de recursos, acham em S. Ex. abrigo e protecção. Com todas ellas manda repartir da sua meza diariamente.

O que ennobrece essa acção é ser ella despida de apparato e praticada com toda modestia.

—Sim, Sr., tem toda razão, é uma acção sobremaneira louvavel, que honra em extremo a quem a pratica.

A PEDIDO.

—O *delgado alarma* deu cavaco com a noticia que demos de *suas extravagancias popistas*.

—Está V. muito mal enganado. Quando elle não dá cavaco por outras dignas de cavaquear-se, quanto mais por esta, que está na moda

Quem não é *popista*—ou por outra —não goza *a bella popa*, não sabe o que é mundo.

—Como está V. tão enthusiasta pela *michela*.

—Podera não. Pois V. não sabe que eu tambem sou do *cordão*?

—Não comprehendo esta linguagem, ou algaravia da giria.

—O *cordão* é uma sociedade secreta, mysteriosa e terrivel, creada no theatro, que tem por fim applaudir entre as *buffas* a *popa*, e entre as *serias* a Jezú. O *delgado alarma* é o chefe, e então nos dias de espectaculo é elle quem faz a divisão do trabalho, dando a uns boquets para jogar, dizendo a outros que batam palmas, e a est'outros que gritem bravos, etc , etc.

—Ah! já comprehendo tudo. Ora, não era melhor que aquelle macaco enfezado de libré cuidasse em sua vida, que está tão *atrapalhoada*?

—Desses negocios não sei, e de mais não sou correio: quem tem bocca não manda soprar.

—Está bom; pelo sim pelo não diga que acautele-se. O spiritismo já lhe deve ter dito o que está para succeder-lhe. Quem me aviza—meu amigo é.

—A lei de corta cabeça está em vigor no Brasil?

—Procure qnem lhe assista; hoje não estou disposto a aturar seus despropositos.

—Si não estivesse, não se prendia os paes para darem conta dos filhos.

—Si continuar com esses distemperos, mando-o a tabúa.

—Outro dia no Rio Vermelho uma mulher foi dar com os ossos na casa de cachorro por não dizer para onde o filho tinha ido.

—Não disseram que foi solta na estrada?

—Affirmo-lhe que foi á Correcção.

—Bagatella!

—Domingo, um pobre velho foi seguro no Terreiro, para dar conta de seu filho o guarda nacional Bento Alves, que anda ausente do batalhão.

—E dão-se factos destes dentro da capital!

—E o que mais me admira é que, quem tem obrigação de coarctar todos esses abusos, applaude-os com o mais invejavel sangue frio possivel!

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXXIV.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forcas que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Pessoa de circumspecção, digna por todos os motivos de ser crida, deu-nos a noticia de que, a rogos e instancias dos reus, é tambem seu advogado o Exm. Sr. Dr. Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha.

De alguma sorte sorprehendeu-nos a nova, e o mesmo effeito produzirá em quantos fizerem as seguintes reflexões.

E' para admirar que a voz, que em torbilhões de eloquencia e de justiça, em pleno parlamento invocava até o augusto nomo do imperante pedindo punição severa e rigorosa para os assassinos das margens do rio de S. Francisco, seja aquella que pela mesma forma venha agora pedir a absolvição dos reus, cujo crime, pelo requinte de perversidade, abalou de pasmo, de horror e de indignação todos os animos, inclusive o do proprio imperante!

Não foi lá somente que *os selvagens das mattas* mostraram até que ponto pode chegar a ferocidade humana; aqui tambem os *selvagens da cidade* praticaram o mesmo—o que mais é.

E' portanto, para admirar que a voz do mais que distincto, talentoso, illustrado e nobre advogado, cuja vida tem sido sempre o espelho da honestidade, da honra e da virtude, esteja agora em opposição diametralmente opposta á do parlamentar, em que todos reconhecem suprema firmeza de caracter e grande moralidade.

Si ha caso em que a justiça humana deva ser infallivel é o presente. As provas pullulam em enxames do processo, mesmo para confundir os espiritos mais emperrados.

Não ha ahi hoje duas opiniões discordes sobre a criminalidade dos reus—tal é o numero e a força da prova.

A confessar somos o primeiro que muito pode a voz do nobre advogado; mas, prescindindo das galas da elocução, da abundancia, escolha e propriedade dos termos, das bellas e sublimes theorias da sciencia, prescindindo de tudo para deixar somente fallar os autos—a prova, não se nos ha de affirmar que o coração não offuscará a intelligencia para absolver os homens fataes, que na capital da provincia da Bahia, no seculo XIX, não trepidaram em fazer reviver as scenas tormentosas e excruciantes do assombroso *santo officio*.

Apezar de que não fosse sem muita reluctancia, e só por considerações pessoaes e politicas, que o distincto advogado tomou sobre seus hombros este inglorio encargo—comtudo na pureza de sua vida ha-de apparecer sempre essa sombra para empanar-lhe o brilho.

E' uma descahida, que da emminente altura a que por seus actos attingiu, pode alguma vez embargar-lhe a voz, talvez precisa e necessaria.

Enthusiastas em extremo, freneticos mesmo pelo Exm Sr. Dr. Cunha, como todos o são e elle bem que o sabe, por isso é que expendemos essas humildes reflexões mais que justificativas do nosso vivo interesse.

A sorpreza, portanto, não é só nossa: será para toda provincia, para todo o imperio, quando souber que a voz, que até hoje somente se fez ouvir em prol do direito e da justiça, fosse aonde fosse, é aquella mesma que vae defender a perversos que tiveram o atrimento cynico, feroz e cruel de praticarem contra um infeliz mancebo actos de atrocidade a mais descommunal!

Não ha nestas palavras paixão nem prevenção contra ninguem, nem exageração de colorido na pintura do crime.

Todos que devem prezar-se de ser bons cidadãos, amigos da ordem e cumpridores da lei; todos que viram a victima, como já por uma vez dissemos, desfigurada, rota, coberta de lama, amordaçada, vendada, algemada, crivada de golpes, com os dedos fracturados e tomefeitos pela compressão dos anginhos, disforme pela cinta negra que tinha estampada na testa, proveniente de forte arrouxo de uma corda de sedenho, com as palpebras ennegrecidas, e os olhos exorbitando pela insomnia e tenacidade do soffrimento; todos que a viram por essa forma, para mais de quatro mil, e os que não a viram, mas que leram no corpo de delicto a descripção das offensas recebidas,—todos hão de convir forçosamente, pela gravidade do caso e complexo de circumstancias, qual aggravante a mais não ser, que é impossivel que a Bahia, que sempre teve e manteve os foros de moralisada, illustrada e amante da lei, dê de si o espectaculo mais vergonhoso, escanda-

loso e miseravel que o de m ndar livres e incolumes a soltar pernas pelas suas ruas aos authores desse crime nefando.

A succeder infelizmente assim, contra a intuição e evidencia das provas, não ha mais viver em uma saciedade, que por essa forma acorocôa e excita o crime, dando arrhas a impunidade.

Não haverá mais ordem, nem repouso publico, base primordial da communhão, e os pobres e fracos serão preza dos ricos e fortes.

O que aconteceu a João Soares acontecerá a qualquer um de nós, *(quod Deus avertat)* Si ja cauza lastima o estado excepcional do transviamento quasi geral em que vivemos desde certos tempos até hoje, não concorramos para que essa lastima se augmente; ao contrario devemos oppor barreira forte e irresistivel, para que a torrente dos abusos e dos crimes não invada em escala progressiva o terreno ja pedregoso pelo funesto exemplo dos casos consumados.

Si o indifferentismo nestas circumstancias ja é um crime, o que não será o concurso directo e exforçado!

Por essas rasões, pois, é que sentimos, e com dor e magoa a cerba o dizemos, que o Exm. Sr. Dr. Cunha, o homem que até hoje só tem merecido respeitos de todos, veja-se na contingencia de, pelos calculos da politica e considerações pessoaes, abafar a voz imperiosa de sua consciencia, para proteger e endeozar criminosos tidos e convictos, cuja posse definitiva instantemente reclamam as cadêas desta capital em punição delles, desafronta da sociedade ultrajada e exemplo para futuros.

Esse encargo, ora aceito pelo Exm. Sr. Dr. Cunha, tinha sido offerecido e leva lo a out o caracte não menos distincto e puro, uma das glorias dos jurisconsultos bahianos – cuja voz, embora arredia, ha muito tempo. da tribuna parlamentar onde tanto se fez distinguir, e da judiciaria onde tantos louros justos e merecidos conquistou, não quiz fazer-se echoar do logar onde tanto tinha stygmatisado e conculcado o crime.

Regeitou dignamente o encargo.

Ao declinar da vida, ainda conserva o mesmo fulgor com mais força e intensidade.

Em verdade, quem tiver accompanhado simplesmente a discussão que pela imprensa tem se levantado sobre essa questão pro e contra independente de ler os autos, ou um livro que corre, feito publicar por um *Bahianó*, não pode deixar de nutrir a convicção robusta e inabalavel de que foram os reus os authores do crime de 6 de agosto.

Não é só suspeita rasoavel ou indicios vehementes que contra elles ha; ha mais que tudo isso – que é a prova plena, evidente e intuitiva, impossivel, absolutamente fallando, de ser illidida com plausibilidade de fundamento e exito de vantagem.

Ahi está o nobre articulista do *Jornal da Bahia*, que della tractou subtil e arguciosamente, como melhor não poderia ser, que viu todo o seu trabalho evaporar-se ao mais ligeiro raciocinio como os pomos de Sodoma ao só contacto das mãos.

Tanto assim que nem mais palavra diz elle, sem que tivesse preenchido sua missão e analysado o processo em todas as suas partes.

Quanto sofisma foi – suggeriu com todos os vizos de verdade, porem afinal reconheceu á improficuidade do trabalho pelo desespero da causa.

Foi o unico d'entre tantos defensores que tiveram os reus, que *tentou obter alguma cousa*, e nada obteve

Dissemos – que tentou – porque temos plena certeza de que a sua convicção é outra, e por isso outra cousa não podia ter elle aspirado.

No dia em que teve logar o julgamento do recurso no tribunal da relação, houve muita gente que o visse involuntariamente acquiescer por gestos bem pronunciados e significativos ao que dizia o Exm. Sr. dezembargador Luiz Antonio Barbosa de Almeida.

E' que, (como disse um distincto

litterato, patricio nosso, a quem a morte prematura roubou) a paixão pode alguma vez abafar a consciencia, mas a consciencia acaba sempre por illudir a paixão.

O Exm. Sr. Dr. Cunha, por tanto, pode ir defender os reus, e nada ha que o impida desse proposito senão a sua propria dignidade de homem e cidadão prestante, porem nas horas de soliloquio, ou sejam elles absolvidos ou condemnados, S, Ex. ha de ter maior ou menor remorso a triturar lhe a consciencia por ter querido ou conseguido innocentar verdadeiros criminosos contra a lei de Deus e dos homens.

E' uma lei da natureza, da qual não pode eximir-se o mais avezado e calejado criminoso, quanto mais S Ex. que si faltas tem tido talvez seja esta a primeira.

Alem dessas considerações a entrada do nobre e distincto advogado ainda sorprehendeu nos por outro motivo.

Não ahi quem não saiba que o reu Castro Guimarães, (a cauza principal de tudo isso) pelo facto de ter entregado ao então director do banco José Lopes da Silva Lima, no fim da semana anterior ao reconhecimento e verificação do furto, em que estava de serviço, o dinheiro, sem que este na bôa fe o contasse, assim que appareceu o desfalque, quiz delle eximir-se allegando que tinha entregue justo e contado ao Sr. Silva Lima, e pretendeu fazer passar essa versão, mandando por pregoeiros proclamarem-a.

Dahi nasceram hostilidades entre os dous —de contar e não ter contado, e essa hostilidade chegou a acção ordinaria de responsabilidade que move o banco contra os ex-directores.

Ao passo que todos elles cuidam somente em salvar a sua testada, os dous criminam-se reciprocamente, pelo que estão em opposição formal e completa.

Ora, tendo sido o Exm. Sr. Dr. Cunha quem fez a contestação, si é que não nos enganamos, ao libello por parte do Sr. Silva Lima, e naturalmente devendo não ter poupado o reu Castro Guimarães em vista da divergencia que vimos de mostrar, não parece muito curial que agora va defendel-o, si bem que por facto diverso, mas que tem todo o nexo e filiação entre si, principalmente quando toda a prova que alardea o reu Castro Guimarães em seu favor cifra-se em ser *um dos ex-directores que mais a peito tomou o descobrimento do ladrão do banco!*

Verdade é que esta contestação não está assignada pelo distincto advogado e nem é escripta por letra sua: mas é de notoriedade publica ter elle sido o advogado do ex director o Sr. Silva Lima antes de ter ido tomar assento na camara quatriennal.

Com a sua ida foi outro advogado se imcumbir da questão, e parece-nos que ainda continua.

A defeza do Sr. Silva Lima, alem de sua probidade nunca desmentida, ou posta em duvida por todo o commercio nacional e estrangeiro, é ter recebido o dinheiro na bôa fe sem que tivesse verificado pela contagem a sua exactidão.

Dahi a suspeita fundada de que o reu Castro Guimarães ja fizera a entrega com o desfalque.

Si, pois, essa é a defeza do Sr. Silva Lima, e importando ella uma grave accusação ao reu Castro Guimarães, que não provou ter entregado o dinheiro justo e completo, ja essa circumstancia por elle invocada, como *suprema salus*, de ser *um dos mais interessados e empenhados* no descobrimento do roubo, não pode ser allegada pelo nobre advogado, que desconheceu-a e negou-a na accão commercial.

Parece, portanto, e não deixa de ser, que ha um certo impedimento de dignidade e caracter que priva o distincto advogado de encarregar-se da defeza do reu Castro Guimarães e por conseguinte dos demais que são solidarios no crime e estão na mesma linha de penalidade.

E assim, quer umas quer outras considerações das que temos humildemente expendido devem fazer calar a todos que reconhecem no Exm. Sr. Dr.

Cunha um dos caracteres mais conspicuos e veneraveis desta capital.

Continuando o mesmo assumpto, porem debaixo de outro ponto de vista, vamos ainda dizer duas palavras.

Os rogos e instancias que empregaram os reus para obter do Exm. Sr. Dr. Cunha a promessa de defendel-os na proxima futura sessão do jury, ao mesmo tempo que foi uma acquisição importante a bem do processo, é tambem um rebaixamento e dezar para os tres illustres advogados que desde o principio o tem accompanhado.

Uma de duas: ou os reus, apezar da intelligencia, illustração e practica de seus defensores, nelles não depositam confiança, e por isso veem-se na necessidade de procurar outro, —ou então, apezar da confiança, reconhecem que elles não são capazes de dar conta do empenho a que estão obrigados.

Ora, para nós que conhecemos bem de perto os nobres advogados, e para todos que estão em nosso caso, a maior injustiça que lhes pode ser feita é a applicação de qualquer uma das duas hypotheses que acima figuramos, e que são reaes e incontestaveis em vista da entrada do Exm Sr. Dr. Cunha.

Eis ja em termos bem claros e precisos o juizo que dos nobres advogados fazem os reus, e a paga que, ainda não concluido o beneficio, lhe estão dando.

O illustrado Sr. Dr. Silva e Almeida ja por sua vez foi victima, e agora chegou a occasião de serem outros.

Justo é, por tanto, o resentimento que lavra entre os nobres advogados, cujo merito é por essa forma depreciado por aquelles mesmos que deviam timbrar em encarecel-o.

O que deviam fazer os illustres advogados, reduzidos assim á expressão mais simples como *simulacros ou enchimento de* defensores, sabemos nos; mas é que delles recebemos com satisfação e reconhecimento lecções e não lh'as podemos dar.

O caso, porem, comnosco era *fiado* por modo differente.

Em verdade so muito desespero de salvação pela convicção e consciencia da propria criminalidade obrigaria os reus a dar tal passo.

Cahem espantosamente de precipicio em precipicio, e por isso muito não é que digamos que não haverão pulsos humanos com força de safal os do lamoiro, em que tão imprudente e profundamente estao atolados cada vez a mais.

Ja não prestam, pois, para os reus os Srs. Drs. Gustavo, Deiró e Rocha — aquelles mesmos cujo patrocinio foi por elles procurado e tão profusamente prodigalisado.

Em vista disso não podemos deixar de parodiar, ainda que insulsamente, um dos versos do immortal Camões que vem nos Lusiadas.

«*Que exemplo a futuros defensores!*»

Concluindo, diremos que ao offerecermos ao respeitavel publico, que tão benevolo tem sido para comnosco, estas considerações que nos vieram de chofre á mente pela noticia que nos foi dada de ter entrado para fazer parte da defeza dos reus o Exm. Sr. Dr. Cunha, longe de nós a idea de querermos offender a sua delicada susceptibilidade

Outro foi o nosso fim que não este, e que ja deve ter sido descortinado por todos.

Respeitamos e acatamos sobremodo ao Exm Sr. Cunha, para nutrirmos a audacia de pronunciar uma palavra so que podesse molestal-o.

O nosso alvo é os reus, cuja imprudencia alguma vez deploramos, so para não augmentar a afflicção ao afflicto.

Assim, si no correr da penna escapou involuntaria e intencionalmente alguma palavra ou expressão menos conveniente, somos o primeiro a retiral-a com o maior gosto e satisfacção.

E' quanto basta.

Sr. Redactor.—Lendo no *Alabama* um pedido ao Sr. Dr. chefe de policia para tomar conhecimento de uma jogatina ao saloeiro, pertencente a um Sr Silvestre e como seja eu morador na referida rua, venho declarar que tal pu-

bligação não se entende comigo. Bahia 13 de novembro de 1867.

Silvestre José Pereira.

MOTTE

do tenente-coronel José Monteiro, glosado pelo cara suja.

Tudo sou na freguesia
So me falta ser vigario.

GLOSA.

Elevou-mé em demazia
Um certo gato marisco;
Hoje sendo porco cisco
Tudo sou na freguezia;
Si até agora eu servia
De capacho ou salafrario;
Está mudado meu fadario,
Arvorei-me em papão.....
Tê da honra sou ladrão
Tudo sou na freguezia.

VARIEDADES.

CREAÇÃO DA RAÇA HUMANA

Não ha nenhum povo que não tenha a sua poesia lendaria. Os negros do Senegal explicam pelo modo seguinte a creação da raça humana:

Poz-se Deus a dar a execução ao seu pensamento de crear o homem. Para isso pegou em argila, fez tres estatuas e metteu-as em um forno, com a intenção de depois dar uma alma a cada um daquelles tres corpos.

A estatua que esteve menos tempo submettida a acção do fogo sahiu do forno com cor clara. Havia Deus creado o branco, o europeo, creatura imperfeita, incompleta, e que o divino artifice poz de parte como indigna delle.

Deixou mais algum tempo no forno a segunda prova do ser humano; sahiu com cor mais escura, mas não chegava ainda à perfeição. Deus ahavia creado o homem cor de cobre.

Pela terceira vez tratou Deus da sua obra Tirou do forno a terceira estatua. Estava creado o homem negro, isto é, a perfeição humana.

Creado os tres seres, o branco, o cor de cobre e o negro, Deus adormeceu-os, e poz ao pé delles um cavallo e uma bolsa com ouro O primeiro que acordou foi o branco; viu o cavallo e a bolsa e lançou mão do ouro. O segundo que despertou foi o cobreado, viu o cavallo, saltou sobre elle e lá se foi metter no deserto. Emquanto ao negro, mais formoso do que os seus irmãos, mas mais pregiçoso do que elles, foi o ultimo que acordou e não encontrou nada. Por isso está condemnado a trabalhar eternamente, porque o primeiro par de sua raça cahiu na patetice de dormir uma hora mais do que devia.

UTILE DULCI.

Um Americano acaba de fundar em Bologne sobre o Mar um jornal dos theatros de um genero oriental, e que terá forçosamente feliz exito. O inventor, reflectindo que os espectadores dariam parabens á fortuna se encontrassem um meio de matar o tempo inutilmente empregado entre um acto e o seguinte, lembrou-se de crear um jornal que dará o programma do espectaculo, empregando em vez de papel uma massa deliciosa que, por um processo da arte da pastelaria, transforma-se em pequenas folhas, nas quaes estão impressos artigos espirituosos, não com tinta, mas com uma preparação de chocolate. E' assim que este jornal, depois de ter servido de programa, serve ainda de divertimento para os queixos.

ULTIMAS VONTADES DE UM MORIBUNDO.

Um negociante de vinhos, o Sr. Wingfield, foi enterrado nos subrubios de Londres, no carneiro de sua familia. Seu cavallo que elle muito presava, devia seguil-o no tumulo, ser morto depois de ter comido, como ultima consolação, farta ração de trigo. Devia-se tambem matar todos os animaes da casa e enterral-os com o cavallo. Sacrificou-se, pois, dous gatos; e os restos mortaes de um cão predilecto, fallecido antes de seu senhor, foram exhumados para serem depositados na cova commum. O Sr, Wingfield deixou varios legados aos seus criados, e cousa incrivel, não exigiu tambem a sua morte!

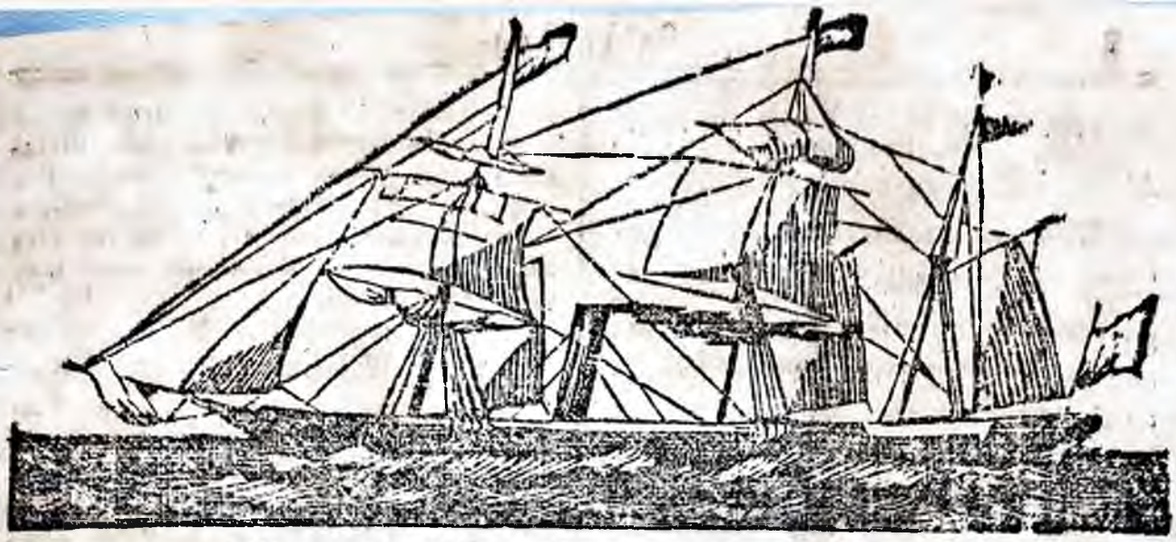
ANNUNCIOS.

SOCIEDADE RECREIO CAMPESTRE.

Fica transferida para o dia 23 a reunião que devia ter logar no dia 16 por causa do mau tempo.—O DIRECTOR, *Evaristo F. d'Araujo.*

Bacellar tem para vender um bom piano de meio armario perfeitamente novo; no becco do Açouguinho no 14, 1°. andar.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 16 DE NOVEMBRO DE 1867. SÉRIE 29.ª—N. 267

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Tudo se ha de ver nesta terra, e quem fôr vivendo mais—mais vera.

O poder executivo vae de escalada invadindo e tomando tudo, e só não toma o Paraguay para pôr fim a esta desastrosa e desastrada guerra.

Dos quatro poderes consagrados na magna carta é o unico que tem vida e vive de mais, porque suga a seiva de outros tres, e delles dispõe a seu talante.

Fazia parte das rendas municipaes por lei clara e bem expressa a multa dos jurados; quando não por outro motivo, ao menos como compensação dos encargos que a camara tem com o jury, pagando um porteiro, zelando e provendo o edificio de tudo quanto é mister, e finalmente pagando as custas dos processos em que a justiça publica decahia.

Apezar dessa renda que era applicada á bem do municipio, vemos o estado financeiro a que esta reduzido o cofre municipal, levando annos para pagar a fornecedores de materiaes para as suas obras e a outras despezas necessarias e de prompto pagamento.

Agora, porem, como essa renda, a da multa dos jurados, deu muito na vista, passou a ser cobrada pelo juizo dos feitos da fazenda, e a camara que fique com a obrigação de pagar ao porteiro, dar tinta, penna, papel, luzes e até jantar para quando o jury prolongar-se, sem fallar nas custas em que for condemnada.

Semelhante desgraça só se vê no Brazil, em que só pelo absurdo pode ser explicada a marcha das cousas.

E como não ser assim, si a propria camara tacitamente acquiesce a essa invasão sem representar contra ella como era de seu dever?

E assim caminha tudo, *e por fim muito viva e muito foguete ao progresso do Brazil.*

Por isso, com sobejo de razão, é que dizia o correspondente do Rio do Janeiro em suas missivas para esta folha:

Quem attentar para a ma cha
Qu'este Brazil vae levando,
Si pensa que elle progride,
Mentira—esta definhando.

Quando terá paradeiro tanta tropelia?
Quando o povo quizer.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de novembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que ha nesta cidade um individuo, o qual pelos seus *bellos* feitos, está em optimas condições de dar um passeio ao Paraguay.

Esse campeão, na carreira em que vae, parece querer tornar-se o seductor de quanta moça honesta pobre ha.

Tres já são as victimas que cahiram no laço desse devorador de honras.

Tendo seduzido uma pobre menina orphan, abandonou-a para deshonrar uma outra, nas mesmas condições, com quem viveu perto de dous annos e que agora por sua vez desamparou com dous filhinhos para deflorar ultimamente uma terceira, commettendo de mais a mais a protervia de assoalhar que o padrinho da offendida foi quem praticou o mal, quando ha provas irrefragaveis contra elle.

Esse individuo, dotado de genio rixoso e irascivel, tem contra si, alem de tudo isso, o já ter sido accusado perante a subdelegacia da Sé por maltratar barbaramente á um menino.

Portanto, parece, que esse individuo, cujo nome é Leonardo de Farias, está no caso de ir visitar o Lopez, quando outros sem tantas recommendações o tem ido.

Portaria ao Sr. carcereiro da Correcção, para que informe si é exacto que nessa prisão existiu uma mulher enferma dez dias, no fim dos quaes foi recolhida ao hospital moribunda, por se lhe ter aggravado a molestia á falta do soccorros medicos. Cumpra.

—Hontem houve patuscada no curral.

—O'lá! Os quadrupedes já pagodeam!

—Faz favor de ir bugiar?

—Ou!... quem é que mora no curral sinão boi, cavallo etc?

—Mas não é dos moradores que eu fallo.

—E então de quem é?

—Trato dos empregados do matadouro publico.

—Ah! diga-me assim.

—Já comprehendeu?

—Assim mesmo ainda estou em jejum, porque o matadouro è uma repartição e não uma casa de chanfornada.

—Foi uma demonstração de regosijo pela effectividade do Soares Martins.

—Eu faço idéa.

—O edificio esteve ornado de cima abaixo de folhas de pitanga, houve foguetaria, musica, muito vinho, muita cerveja, doce....

—Traquinadas de barrigã.

—..... requeijão, etc.

—Isso é o menos; ha de fartura em casa

—Emfim, um divertimento redondo.

O superintendente foi carregado em braços, em quanto outros davam vivas e ips.

—Eu faço idéa.

—Por fim de contas a rapaziada sahiu toda *alegre* pelo faustoso acontecimento.

LA VAE VERSO.

A REACÇÃO.

Chorava um velho, chorava...
Como dizer-vos não sei!
Quando por vel-o gemendo
Seus males lhe perguntei.

—Ai do quem no mundo esquece
Os preceitos do christão!
Ai do rico e potentado,
Que não teve compaixão!

Que sedento da riqueza,
O pobre afflicto calcou,
Fazendo degraus das gottas
Do pranto que lhe arrancou!

Que cego... desconhecia
Da orphandade o penar...
Que surdo... não escutava
Da pobreza o soluçar!

Ai do quem nos seus palacios,
A sua porta fechou
A'quelle que tinha fome,
Qu'uma esmola supplicou...

De quem riu-se da desgraça...
De quem vive a fazer mal...
Que podendo ser um anjo,
E' um açoite infernal!

Sem lembrar-se que na terra,
Só nos dá felicidade
A primeira das virtudes,
A divina charidade!

Dizia o velho... chorando,
Como dizer-vos não sei!
Quando por vel-o gemendo
Seus males lhe perguntei.

—Fui rico... sim, muito rico...
Meus cofres um dia enchi,
Roubando o suor d'aquelle
Que se valia de mi...

Roubando do pobre a joia,
Qu elle me dava em penhor,
Si eu lhe emprestava dinheiro
Que o salvava á fome... á dor!

Comprando... se cruel secca
Devastava o meu paiz...
Quasi por nada os haveres
Do povo...do infeliz!

Exercendo sempre a usura,
Com cynismo e malvadez....
A' patria roubando, como
Eu roubava á viuvez!

Assim fui rico, assim tive
Palacios para morar,
Criados e carruagens,
O mais faustoso solar.

Dizia o velho...chorando,
Como dizer-vos não sei!
Quando por vel-o gemendo
Seus males lhe perguntei.

—Era rico...dei mil bailes,
Mil jantares ao poder...
Ostentando a charidade,
Que jamais eu sube ter.

Tive em paga muitos hymnos
Na bocca da adulação,
Muitos tit'los e medalhas,
Muita honra e distincção!

Todos, todos me invejavam,
No meu carro a salpicar
De lama a face do pobre,
Que passava a mendigar!

E assim todos se orgulhavam
Apertando a minha mão,
Ate mesmo em conhecer-me,
Em fallar commigo então!

Subi...subi...ja não tinha
Quase nada a desejar!
Era grande...era ditoso
Minha riqueza a gozar.

Eis que um dia.. a minha sorte
Mudou-se...quanto pezar!
Perdi, como por encanto,
Meus prazeres...meu solar!

Dizia o velho...chorando,
Como dizer-vos não sei!
Quando por vel-o gemendo
Seus males lhe perguntei.

—Perdi tudo... sem descanso
Para a miseria tornei!
Quiz segurar-me... debalde,
Com a providencia lutei!

Debalde...que fiquei pobre...
Sem uma consolação...
Velho...enfermo...miserando...
Ludibrio da multidão!

Senti fome...senti frio...
Do remorso ouvi a voz...
Todos rindo me apontavam
N'esse meu penar atroz!

Todos rindo...os convidados
Do meu faustoso folgar!
A minha historia contando...
Sua moral a pregar!

Todos rindo...e eu chorando
Sem consolo... e sem morrer!
Vendo aquelles qu'eu calcara,
No mais ditoso viver!

E assim padeço...ate quando
Deus me der o seu perdão!
—Ai do mau ..ai do perverso...
No dia da reacção!

Dizia o velho...chorando,
Como dizer-ves não sei!
Quando por vel-o gemendo
Seus males lhe perguntei.

(*Extr.*)

A PEDIDO.

—Barbaridade inaudita! Crueldade sem limite.!

—Pobre *Eme teria* sido mais feliz, si não nacessos na escravidão!

—Deixe o barco correr; si essa o outros atrocidades escapam a justiça da terra, a de Deus é inflexivel.

—Tambem aquelle caso hade passar desapercebido.

—O molho de pimentas? Ora si a *Cartola* guarda segredo inviolavel.

—E a bandeira *progressista* ampara a sua estirpe.

—Quando o *progrésso* der para martyrisar a humanidade estamos bem servidos.

—Inda mais?

—Muxigueiro!

—Prompto

—Vae cusebar a taça que tens de applical-a a um possante machacaz.

—Meu instrumento está sempre afiado para os tralantes, devassos e velhacos

—E' um birbante que indo levantar uma grande canastra de trampolinas. *quebrou*; e agora anda entre *silvas* agrestes a tomar pifões, do que está bem *gordinho*.

—Vou percebendo o verso.

—Irás pelo ramal da estrada de ferro até encontrares esse mamarrote e sem mais preambulos irás metendo-lhe em cheio o azorrague na chocolateira, para não ter o desaforo, de nos domingos depois de *jantar*, ir na *carraspana* pôr-se em fraldas de camisa na estrada, deitado no collo da sua *melindrosa*.

—A commissão ha de ser executada a contento; esse marreco conheci-o muito, quando andava pelo *commercio*.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXXV.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Ratificamos em todos os pontos a noticia que no artigo precedente demos sobre a entrada do Exm. Sr. Dr. Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha para defender os reus na presente sessão do jury.

S. Ex. foi e ainda é advogado do ex-director o Sr. José Lopes da Silva Lima. Foi quem fez a contestação ao libello, e em sua ausencia por ter de tomar assento na camara temporaria, como representante desta provincia, substituiu-o o Revm. Sr. Dr. Antonio da Rocha Vianna.

Não obstante já estarem feitos por este as razões finaes, antes da chegada da côrte d'aquelle, foram estas, por mera deferencia e consideração, levadas em um dos dias da presente semana para elle corrigil-as, o que de facto o fez.

Essa verdade soubemos no cartorio do escrivão Vicente Ribeiro Moreira, dita por elle sem escrupulo nem reserva a quantos ahi estavam.

Ora nessas condições, como é que o Exm. Sr. Dr. Cunha pode defender a aquelle que é por elle mesmo accusado?

Si Castro Guimarães não entregou o dinheiro por contado e dahi a suspeita razoavel que peza contra elle de ter tido parte no desfalque, segundo disse o nobre advogado na acção commercial, como é que vae agora desdizer-se no processo criminal allegando *que como o mais interessado no descobrimento do ladrão do banco a sua responsabilidade está livre*?

Não haverá nessas duas partes—as mesmas, embora em processos differentes mas intimamente ligados e relativos, uma opposição formal e completa que devia privar o nobre advogado de encarregar-se dessa defeza?

Por certo que sim. Apezar disso, porem, nada houve que valesse, e à missão foi acceita fosse porque forma fosse.

Desejariamos e muito que o nobre advogado nos contestasse nesse ponto —si foi ou não desde o principio da acção commercial advogado do Sr. Silva Lima e si ainda não o é.

Não obstante não haver ninguem ahi

que não o saiba, não por duvidar da honra la palavra do distincto advogado, quizeramos que elle dissesse alguma coisa a respeito explicando como concilia esse Scylla e Carybdes, onde em nosso humilde pensar tem de naufragar a sua dignidade proverbialmente reconhecida.

Não era preciso que o Sr. Silva Lima mandasse pelo escrivão Ribeiro Moreira uma satisfação ao Exm .Sr Dr Cunha dizendo que não teve parte no artigo precedente.

Todos que nos conhecem e os reus mais que ninguem, perfeitamente sabem que nada de commum ha entre nós e o Sr Silva Lima, assim como com pessoa alguma.

Conjuramos a quem quer que seja que nos conteste essa verdade, si é que pode, fazendo valer logo as rasões e provas que tem a respeito.

Pode, portanto, o Sr Silva Lima descançar e deixar-se de *encommendas satisfactorias*, que são incompetentes e extemporaneas.

No-mesmo dia em que sahiam nas columnas deste jornal essas e outras considerações que expendemos sobre a entrada do novo e distincto advogado, nas columnas do *Jornal da Bahia* vinham tambem duas cartas do illustre advogado o Sr. Dr. Gustavo Aniceto de Souza aos reus Castro Guimarães e Sampaio Vianna.

Notavel coincidencia!

O illustre advogado, ainda que por entre sombras e occultamente, faz transparecer a dorida chaga que sangra seu coração pela ingratidão que recebeu d'aquelles a quem tão de bôa vontade se havia prestado e exforçado por defender.

Sem saber ainda de todos os pormenores de sua retirada, sinão os que por ahi correm e estão no dominio publico, motivos mais que valiosos de dignidade de caracter deviam ter obrigado o nobre advogado a dar tal passo.

Quem o conhecer é justiça que não pode recusar-lhe.

Ja o reu Castro Rebello practicou o que todos sabem como o illustrado Sr. Dr Silva e Almeida. Agora um ou dous o mesmo fazem com o Sr. Dr. Gustavo.

Si o processo continuasse por mais uns dous mezes, pelo caminho que vão tomando as cousas, acabariam sem advogado, sendo tantos e notaveis os que existem nesta capital.

Por ahi veja o publico quem são os reus Si aquelles a quem elles deviam reconhecimento e gratidão eterna, tractam por essa forma, quanto mais a outros em cujo favor não militam essas razões?

E' que é mais que certo que o dia do beneficio é a vespera da ingratidão.

Estimulados sobre-modo ja estão tambem os Srs. Drs Deiró e Rocha, porem curvam-se a força maior, e por isso é que ainda querem representar o inglorio papel de *simulacros ou enchimento de defensores*.

A maneira brusca e grosseira que practicaram os reus com elles, não lhes dando parte da entrada do Exm. Sr. Dr. Cunha, sinão depois que este acceitou a defeza e foram os autos para o seu poder, e prevenindo até ao procurador que não se entendesse mais com elles porem sim com o Exm Sr. Dr Cunha, era motivo mais que justo e sufficiente para que elles por sua dignidade fizessem o que devia fazer e cumpria a todo o homem de bem.

O Sr. Dr. Gustavo disse que ha casos que podem mais que a lei e por isso retirava se; elles dizem a mesma cousa e por isso ficam.

Entre si disputem a rasão ou sem rasão, que cabe ao publico apreciar-a.

.....

Agora, que corre publicidade o processo da firma criminal Castro Rebello & C.ª, é que se pode bem avaliar o apreciar a *subtileza e finura* de argumentar do nobre articulista do *Jornal da Bahia*.

Alem de torcer e interpretar os factos a seu gosto e geito, analysa-os separadamente, quando do seu conjuncto é que resalta intuitivamente a criminalidade dos reus.

Desde o principio da discussão que

seguiu elle esse systema vicioso e continuou-o até no ultimo de seus artigos.

Ja na occasião em que tractamos do interrogatorio de João Soares fizemos publico essa verdade.

O nobre contendor deslocou os factos, apanhou-os daqui e dali, e fez desse apanhamento um acervo informe cheio de inverosimilhanças, inexactidões e contradicções, e por essa forma quiz inutilisal-o.

A tempo chegamos, mostrando a falsidade da analyse, e não houve quem não se admirasse de ver a falta de escrupulo e boa fé em uma questão de tanta gravidade.

O interrogatorio de João Soares ficou firme e inabalavel, e, em vista das circumstancias que comprovam-o em todas as suas partes, é uma das muitas provas robustas que tem contra si os reus.

No decimo oitavo artigo, tractando do interrogatorio do reu Castro Guimarães, o illustre articulista analysa-o isoladamente, para dahi innocental-o.

Essa analyse, porem, não pode prevalecer.

Castro Guimarães, nos graus de necedade não teria nome, si nas réspostas que deu ante o juizo formador da culpa, confessasse francamente que tinha sido elle e os seus comparsas os authores do barbaro crime. Quanto mais que todos lhe reconhecem muito tino e instincto para proceder por essa forma.

Essa é a principal razão porque nas respostas salva-se o mais que pode, e dá um colorido aos factos com vislumbre de verdade. Assim mesmo em um ou outro ponto a criminalidade desponta ao juizo attilado.

Sem tocar por hora nessa ultima parte, comparadas as suas respostas com as que as deram os outros reus, só um cego poderá deixar de ver a sua criminalidade e a dos de mais.

As proprias perguntas e respostas que o nobre articulista se incumbiu de trazel-as a prélo para defendel-o, essas mesmas traremos para accusal-o; com a differença de que alli nenhum resultado foi obtido, aqui sel-o ha, porque não é possivel crer-se na corrupção de todos ante provas tam irrefragaveis.

«Perguntado si não sabia, que o ex-director Castro Rebello tinha o projecto, de por meio de ameaças e violencias empregadas contra João Soares ver, si conseguia arrancar-lhe a confissão do crime na convicção, em que esta, de que foi o dito Soares o seu author?

«Respondeu, que o ex-director Castro Rebello nunca lhe *communicou semelhante plano* e tem profunda convicção de que o referido Castro Rebello não foi o author de semelhante facto, porque empregando os esforços, de que acima fallou e sendo dotado de muita intelligencia, não podia conceber semelhante coisa, que não fazia, como não fez, sinão retardar o apparecimento do roubo »

Vejam agora o que diz Castro Rebello sobre este mesmo ponto.

«Perguntado si communicára a todos os ex-directores, ou si a alguns somente o pensamento que tinha de por meio de violencias e ameaças contra João Soarés saber quem tinha sido o ladrão do banco?

«Respondeu, que a todos communicara que o meio de obter-se algum resultado seria esse, *e que todos eram da mesma opinião, porem que mais particularmente quer a respeito deste ponto, quer a respeito de todos que tinham relação com o banco conversara com os ex directores Castro Guimarães e Sampaio Vianna,* reunindo-se muitas vezes com elles para consultar sobre a possibilidade de se chegar por algum meio a descobrir o author do furto do banco da Bahia »

Vejamos ainda o que diz Sampaio Vianna.

«Perguntando si Castro Guimarães ou Castro Rebello alguma vez expoz o pensamento de por meio de violencias practicadas contra o ex-porteiro do banco João Soares de Oliveira, ver si conguiam arrancar-lhe o segredo da descoberta do ladrão do banco?

«Respondeu, *que nenhum dos dous fallou vez alguma em practicar violencia sobre João Soares,* ou qualquer outra

pessoa, visto como somente trabalhavam para descobrir o logar ou casa onde podesse estar depositado o roubo; sendo que, encontrado elle, facil seria saber pelo dono da casa quem ahi o havia depositado.»

Querem mais clara, patente e intuitiva a criminalidade?

Castro Rebello diz que communicara os planos; Castro Guimarães que não; e Sampaio Vianna que nunca, *pois queriam somente saber em que parte estava o dinheiro subtrahido.*

De modo que a audacia criminosa de Castro Rebello chegou a communical os á policia, dizendo que foram propostos por terceiro, como consta de seu interrogatario; mas faltou-lhe o animo para dizer a seus collegas, segundo dizem elles, com quem conversava sempre e particularmente sobre todos os negocios e pesquizas tendentes a descoberta do ladrão, não obstante Sampaio Vianna dizer que so queriam saber o logar onde estava depositado o dinheiro!

Entre tanta divergencia e opposição quem fallaria a verdade?

Todos, respondemos firmemente; porque de suas respostas resultou a verdade, que é o reconhecimento dos verdadeiros authores do atroz crime de agosto.

Eis, portanto, como o nobre articulista do *Jornal da Bahia*, o defensor mais denodado dos reus, trouxe para defendel-os um ponto do processo que sobre modo os accusa fóra de toda contestação!

A divergencia ou opposição não é só neste ponto, mas sim em outros que já temos mostrado e ainda mostraremos no correr da discussão.

Tudo isso foi o resultado da incommunicabilidade em que estiveram os reus; quando não concordariam nos meios de salvar essas divergencias de tanto pezo e força no processo.

Muito mais viria ainda, si não fosse somente cercada a casa de Castro Rebello e sim as dos demais; porque então conhecer-se hia que Castro Guimarães tambem pernoitou fora, recolhendo-se as duas para as tres horas da madrugada, e que Sampaio tambem não estava dormindo, como foi dito *por um gracioso, verdadeiro campeão nesse processo*, que, ha muito, ja deveria estar fora da confiança policial.

Por isso é que se disse com muita rasão que o Sr. Dr Galeão não teve o tino preciso neste processo, pois outro fosse elle que pegaria os reus a laço ou a mão como vulgarmente se costuma dizer.

E' mui patente o resultado que se obteve do cerco da casa de Castro Rebello, e o mesmo obter-se-hia si a diligencia fosse mais longe.

Nesse artigo dezoito traz ainda o nobre articulista a harmonia em que estavam os reus com a policia para a descoberta do ladrão; mas dahi ninguem ha que, em boa fé, diga que foi João Soares o ladrão, e que os reus não foram os authores do crime porque estão pronunciados.

Afim de desviarem as suspeitas rasoaveis e fundadas, graves e vehementes, que pezavam sobre elles, foi que se mostraram, d'entre os nove ex-directores, os mais *interessados* na descoberta do ladrão, illaqueando assim a nimia bôa fé da authoridade geralmente reconhecida

Isso, porém, não quer dizer que ella confirmasse o juizo de que foi João Soares o author do roubo; ou furto; porque a prevalecer esse juizo prevaleceria tambem sobre o reu Castro Guimarães, cuja casa foi cercada e varejada, e inequivocas provas tem até hoje recebido da opinião publica.

O simile da argumentação é innegavel. Não ha rasão para prevalecer o juizo em um caso, e em outro não.

Prosseguiremos.

RESPOSTA AO PÉ DA LETTRA.

Ao *negrinho* author do artigo inserto no *Alabama* de 12 do corrente contra o Sr. Silvestre, responde-se o seguinte:

O Sr. Silvestre nunca despresou aquelles que lhe fez beneficios, nem tam pouco pertenceu a companhia do *olho vivo*.

O Sr. Silvestre nunca foi casado nem desprezou a sua mulher para viver amancebado com uma negrinha, dando espectaculo pelas ruas, e sendo prezo até muitas vezes por bebedeiras

O Sr. Silvestre, Sr. *do á pedido* nunca viveu a custa de pessoa alguma, como o Sr. que até roupa disfructou de um amigo de outr ora hoje seu inimigo, por não mais poder sustentar os seus hediondos vicios.

O Sr. Silvestre nunca tomou dinheiro aos collegas para fazer troco e ficar com elle, i-to é, o Sr. Silvestre nunca foi LADRÃO.....

Fiquemos por hora aqui. Muitas contas temos que ajustar.

MOTTE

Quem trahe a seu bemfeitor
Merece ser enforcado.

GLOSA.

E'mizeravel, trahidor,
Negro infame, mui bandalho,
Merece muito vergalho
Quem trahe a seu bemfeitor.
Quem passa por escriptor
A custa le um *leilão*,
E' relaxado, é ladrão
Vende a honra por vintem,
Verniz na cara não tem,
Merece ser enforcado.

—Não se pode dar maior desfructe!

—Quem è aquelle bobo?

—E' o capitão *Vacca femea*

—Si das bandas da Solidão houvesse alguma dança de corda, eu apostava que aquelle pantatão ia servir de palhaço.

—Na verdade é preciso estar com o juizo toldado para expor ao ridiculo de sahir de banda, espada, chapeu de palha e palitot.

—Eu ja sei o que é aquillo, o patau vae recrutar e desfarçou-se para não o conhecerem.

—Quem não conhece o burro pelas pisadas? basta que os matutos do 2.º districto o vejam de catatau a cinta para o conhecerem.

—As obras da matriz da Feira de Santa Anna estão paradas.

—Por que não se conclue?

—Por falta de auxilio.

—Recorram á piedade dos fieis.

—Ja se appellou para ella e o povo correspondeu largamente.

Agora a commissão encarregada representou ao governo a urgente necessidade, que ha de se lhe mandar a quantia subvencionada para as referidas obras.

—Então está tudo arranjado; o governo, amante como é do culto, não deixara de attender á tão justo pedido.

—Deus queira que assim seja.

ATTENÇÃO.

Prepara-se com todo apparato para subir a scena no theatro *Hotel dos Godemes* o drama de effeitos surprehendentes:

CANALHOCRACIA CALSADENSE

Nas ruinas dos Mares.

A decoração é toda nova e á capricho.

Em tempo se publicará os personagens.

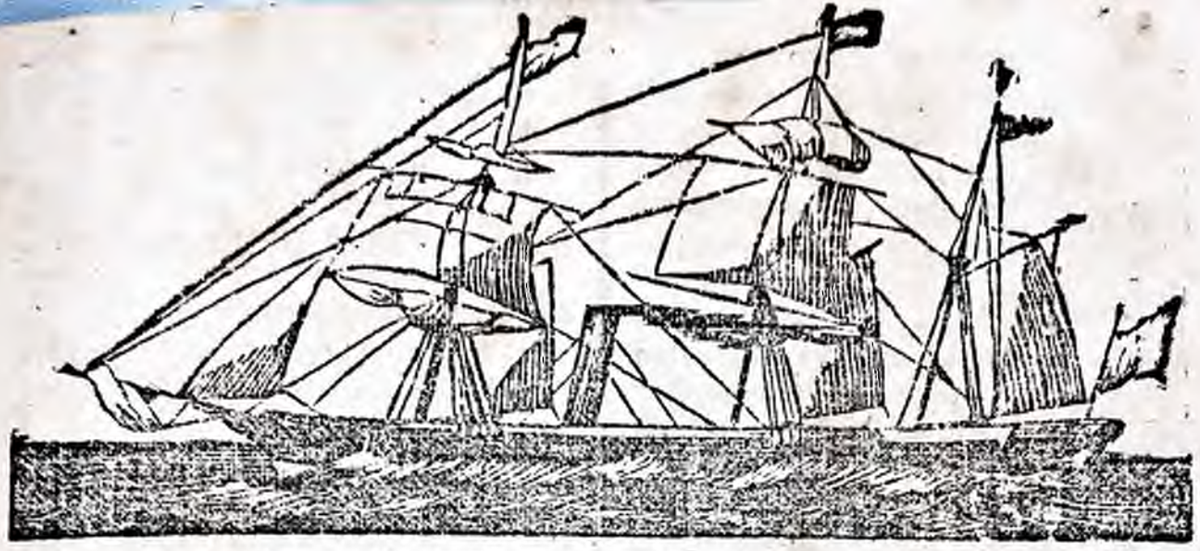
ANNUNCIOS.

Solemniza-se com toda pompa a festa de Nossa Senhora da Saúde e Gloria erecta na freguezia do Pilar, no domingo 17 do corrente, com procissão á tarde e offerecimento á noite; prega ao Evangelho o Rv pregador imperial Fr. José Joquim do Amparo e á noite o Rv. seminarista Antonio Texeira Cezimbra. Na vespera ha leilão.—O escrivão, *Thomaz Patricio dos Santos.*

Severinanno Alves de Souza, com loja de pintura na rua direita da Misericordia, partecipa a todos os seus freguezes, que mudou-se para a rua da Valla nº. 7 onde pode ser procurado a qualquer hora.

SOCIEDADE RECREO CAMPESTRE.

Fica transferida para o dia 23 a reunião que devia ter logar no dia 16 por causa do mau tempo.—O Director, *Eduardo F. d'Araujo.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 19 DE NOVEMBRO DE 1867. SERIE 29.ª—N. 288

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de novembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1º districto, communicando-lhe que o insigne Manuel Desiderio, que ha pouco sahiu da cadeia, continua a praticar escamotages e ratonices.

No dia 14 foi ao Bom Gosto e ahi *gatunhou* de dous africanos vinte cinco mil reis. Pede-se, pois, a S. S. que tenha de baixo de suas vistas tão denodado ratoneiro, uma das figuras mais eminentes da companhia do olho vivo.

—Ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, de novo recommendando-lhe o individuo de nome Cavalcante, morador nas ruinas de uma casa á rua da Valla, abandonada por Josè Antonio da Costa Lima, para não pagar as decimas.

Esse individuo, como ja se expoz a S. S, é de comportamento desregradissimo; sua amazia tem o dom de apropriar-se do que não é seu, por cujo motivo, traz a vesinhança impossibilitada de estender qualquer roupa nos quintaes.

Renovando-se tão rasoavel pedido, espera-se que S. S. não o deixe em esquecimento.

—Incomparavel economia a deste paiz'

—E' phosphorica, não tem duvida.

—O governo, que esbanja o dinheiro da nação com os devoradores das rendas mandando-os em commissão desnecessarias ao estrangeiro, que crea empregos superfluos para accommodar seus afilhados, que dá dinheiro ao irmão deste ou daquelle deputado, sob qualquer pretexto e depois lhes diz que fiquem com esse dinheiro para *roletes*, o governo, cujos delegados, seguindo a rotina de seus amos, esbanjam largamente os dinheiros das provincias adiantando até subvenções a forasteiros para irem buscar comicos na Europa, o governo que ordena previamente ao presidente da Bahia que dê mais 200$000 rs. ao Sr. Sodré para curar no hospital de marinha, havendo quem servisse por muito menos, acaba no sabbado 15, de tirar deshumana-

mente o pão á bocca de CENTO E QUARENTA familias, mandando despedir seus chefes do arsenal de marinha onde eram empregados.

—Deus do ceu!... Isto é uma lastima.

—Este numero com o de sessenta e oito que foram despedidos na semana anterior, prefaz DUZENTOS E OITO.

Agora, a pobre mãe, cujo esposo morreu em Paraguay e que o filho ganhava alli o pão para manter-se a si e a ella, irá mendigar pelas.....

—Isto confrange o coração.

—Poucos farão ideia das incalculaveis consequencias que dahi resultarão: quantas lagrimas, quanto desespero, quanta prostituição, quanta miseria não arrastará comsigo este passo do governo.

—E esses homens no apogeu da grandeza nem pensam nisso!

—Elles tambem têm familia e um dia, quando o dedo do destino tocar sobre elles, então medirão a extensão dos males que causaram a seus similhantes.

—Homem, deixemos assumpto tão triste, porque eu estou deveras encommodado com a lembrança da tanta desgraça e consternação.

—Para que V. não fique triste, ouça esta quadrinha a proposito:

Caranguejo de tamancos
Guayamú de tamancão,
E o pobre do seri
Com seu pesinho no chão.

—O caso é para chorar, e V. ri-se...

—Ha cousas que por pequeninas não valem a pena; e no entretanto me fazem doer a cabeça!

—Seu fraco é fallar.

—O presidente da provincia sempre que se dirige á qualquer municipalidade diz:—A' camara municipal de tal parte etc.

—Sim, senhor, é a praxe.

—Pois com a camara da Villa Nova da Rainha a cousa muda de figura.

—Como?

—O presidente dirije-se a um individuo e falla como si fosse á corporação.

—Não percebo.

—Eu explico Diz por exemplo: Officio a Olavo de Andrade e Silva, vice-presidente da camara da villa Nova da Rainha.—Pelo officio de *Vms.* etc.

—Ora, isso póde ser um engano

—Engano, repetido tantas vezes?

Veja os officios dirigidos a esse sujeito e publicados no *Diario*, que em todos elles hade achar essa mesma redacção.

—Então é que a camara municipal da Villa Nova se resume nesse individuo.

—E' o que me parece; porque até ha um officio neste gosto:

A' Olavo de Andrade e Silva *vice-presidente e secretario da camara.*

—Nao tem duvida, o sujeito é encyclopedico.

LA VAE VERSO.

OPINIÕES.

Ha tempos encontrei um *meu amigo*
Poeta (diz ser elle) mui profundo,
Pedi-lhe que dissesse com franqueza
O que havia de mas triste neste mundo.

O fero olhou p'ra mim meio sorrindo,
Pela testa a mão passou de proa a pôpa;
E com voz dissonante e cavernosa,
Uns versos me *atirou* á queima roupa...

«E' triste á tarde o discambar de Phebus
«Por traz dos verdes de gentil collina:
«E' triste um riso de pezar, de luto,
«Roçando os labios de loução menina.

«Da noite em meio, quando tudo dorme,
«E' triste a frauta a solaçar queixumes;
«No fresco ramo de metal frondoso
«E' triste a rôla a recordar ciumes!

«E' triste á noite, quando nasce a lua,
«Meiga, isolada, sem cortejo, só.
«E as nuvens negras se grupando funebres,
«Que o ceu envolvem em tristeza e dó!

«E' triste a noite, na solidão de um ermo,
«Funerea luz alluminando um morto,
«Bem como o nauta que buscando terra,
«Naufraga, misero! avistando o porto.

«Eis para mim o que ha em todo o mundo
«Mais solemne, real e de mais triste:
«Sinão pensas como eu, oh! charo amigo,
«Coração em teu peito não existe.»

Perdão, lhe respondi, perdão mil vezes;
Penso mui differente do amigo,

Quer saber como julgo? Ora escute-me...
Em bem poucas palavras ja lhe digo:

Para mim o que existe em todo mundo,
De mais triste real e verdadeiro,
E' um homem isolado, sem amigos,
Sem recursos, sem pão, e sem dinheiro.

Vem passar junto a nós um *petit-maitre*
Um *bahiano* fumando, um *Santo Aleixo*
E nós...mortos, tambem, para fumal-o.
Não termos nem si quer um *quebra queixo*!

Si nossa namorada vae á Opera,
Mais linda com o seu lindo toillete;
Nós ficamos na porta a ver navios,
Pois nos falta mil reis para um bilhete!

Ao passarmos p'la porta do Fertim,
Si ha dias nos persegue magra fome!
Que tormentos não è cheirar adubos,
Que mais aguça o mal que nos consome!!

Pensem como quizerem, mas p'ra o Tebas
Que quasi ja furou o mundo inteiro,
Não ha nada mais *feio* em todo o orbe,
Do que um homem com fome e sem dinheiro

P**.

Moça muito falladeira,
Deputado que não falla;
E' ver jarros na cosinha,
E' ver panellas na sala.

Moça gorda, muito gorda,
Que não traja sem balão,
E' navio abarrotado
Querer carga no porão.

O doutor em medicina,
Que politico quer ser,
Os estudos que elle tem
Nada perde, si os perder.

Pae de familia, que tem
Um pelintra por amigo,
Chupita angú por mingau,
Come banana por figo.

Moça, que a torto e a direito
Namora, por entreter,
Vive n'este entretimento
Té mais ninguem a querer.

Mulher casada, que sempre
Traz um cravo no cabello,
E' preciso que o marido
Tenha n'ella muito zelo!

Negociante, que quebra
E põe negocio depois,
Não è ladrão, por que nunca
Furtou cavallos nem bois.

Fiscal, que com ar de rizo
Cumprimenta o taberneiro,
E' por que quer *condenal-o*...
Ah! ladrãosinho... ah! bregeiro...

Homem ja velho, casado
Com uma menina bella,
E' pirão de bacalháu
Com cheirosa cabidella.

O ministro, que da pasta
Não se quer desagradar,
E' charada sem conceito
Que se pode decifrar.

Joiz, que faz injustiças
Por empenho de uma bella,
Os miolos que elle tem
Pode trocar pelos d'ella.

Procurador, que na rua
So se vê de larga marcha,
O que elle mais procura
E' aquillo que nunca acha.

Mulher, de mais de cincoenta
Qu'anda sempre perfumada,
E' pintura em casa velha
Desviada da estrada.

Caxeiro, que da gaveta,
Tira um vintem e assenta,
Deus o sabe as bofetadas
Que a pobre gaveta aguenta!

Iayá, que anda na rua
Desconjuntando a cintura,
E' macaca de vestido,
Que de moça faz figura.

Quando um pobre debochado
Nos conta muita virtude,
Creio mais que um boticario
Deseja nossa saude.

CAZUZA DA LUNETA.
Lynce.)

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXXVI.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Não tendo podido reunir-se a quinta sessão do jury desto anno, no mez pro-

ximo passado, apezar do expediente dos artigos 7.° e 8.° do decreto n. 693 de 31 de agosto de 1850, foi de novo convocada para o dia 15 do corrente, e já são passados dois (domingo quando escrevemos estas linhas) sem que tenha sido installada por falta de numero.

No primeiro dia apenas compareceram 16 Srs. jurados e no segundo 27. Esgotada a urna supplementar, o Dr. juiz de direito designou o dia 18 do corrente para proceder-se ao sorteio dos jurados da urna geral a completar o numero legal, e officiou ao presidente da camara, convidando-o para comparecer nesse dia, afim de assistir, como claviculario, ao sorteio.

Pela força irresistivel dos factos consumados, não podemos deixar de expender certas considerações relativas a esta sessão do jury, e o publico, apreciando-as, veja a significação e alcance que podem ter.

Nesta propria folha, bem ou mal, appareceu um artigo assignado por um jurado, em que fazia patente certas versões que por àhi corriam de não haver sessão em quanto o tribunal da Relação não sustentasse o despacho de pronuncia ou não despronunciasse os reus, e assim aconteceu.

Disse mais que houve quem pedisse a *milagrosos santos* para sahirem somente sorteados pessoas dos suburbios da capital, e *o milagre* operou-se.

Disse ainda que era notavel, que não tendo havido sessão por falta de numero, fossem mulctados tam poucos jurados, salvo si quasi todos tinham impedimento legal, o que não era provavel.

Disse finalmente muitas outras coisas, as quaes não repetiremos para não gastar tempo, e entre ellas os motivos que deviam influir no animo do Sr. Dr. Francisco Mendes da Costa Correia para não presidir o julgamento dos reus pronunciados pelo crime de 6 de agosto.

Desse ponto tractaremos posteriormente.

Alem de tudo isso, que fica por essa forma apontado, vamos narrar um facto bem pronunciado e significativo, que se dera no sabbado, que por modo algum deve passar desapercebido e em silencio.

Ao fazer o escrivão a chamada dos Srs. jurados, um da freguezia de Matoim, reconhecendo pelo sobrenome que seu nome proprio estava mudado, fez a reclamação competente.

Foi chamado por Aurelio de tal Baptista, quando seu nome é Avelino de tal Baptista.

O presidente do tribunal afim de tirar a duvida, recorreu a urna para conferir, e encontrou uma cedula com o nome de Aurelio e não de Avelino.

Indo tambem consultar o livro da qualificação, não achou por mais que procurasse a da freguezia referida, pelo que julgou dispensados todos os seus parochianos por não estarem qualificados.

Esse facto não deixou de produzir alguma sensação de descontentamento em certos semblantes.

Já em meio caminho e a bom andar estavam os Srs. major Jeronymo Sodré Pereira, Justino Pereira Gallo e mais jurados de Matoim, quando sahiram officiaes de justiça á cata dos mesmos á mandado do presidente do tribunal.

Chegados que foram, communicou-lhes este que *o final encontrara a qualificação,* e que portanto estavam elles aptos para servirem na sessão.

Aqui cabia dizer duas palavras somente para explicar a *perda e achada* da qualificação, porem não.

E' bom que cada um, em vista da clareza e precisão com que enunciamos o facto, entenda-o como quizer, e todos entendel-o-hão pela mesma forma, porque presentemente a raça dos *tolos* já está extincta.

Por isso é que muita coisa por ahi se rosna, e nós não teremos *papas* na lingua para descobril-a.

Ainda no sabbado notamos outro facto que só *pela celeridade,* maior que a da electricidade, produziu tambem impressão quasi geral.

Na sexta feira as duas horas mandou o Sr. tenente Lino Justiniano de Almeida Pires de Cotegipe um officio ao

presidente do tribunal, que sendo juiz de paz do referido logar não podia servir no jury.

Em vista do aviso n. 12 de 14 de janeiro de 1848, que determina não haver incompatibilidade entre o primeiro cargo e o exercicio do segundo, não foi a dispensa concedida.

Ora, morando o Sr. Lino em Cotegipe, de tudo teve sciencia *em tam poucas horas*, e no sabbado appareceu na porta do tribunal muito antes do porteiro.

Querem mais claro? Ouçam ao proprio Sr Lino, que explicou em voz bem clara a razão de tudo isso.

Finalmente temos ainda notado que *da urna* nestes dois dias *só tem sahido gente de Pirajá como formiga*.

Até o moribundo Sr Thomaz Leal foi arrancado do leito de dôr em que jaz. Tal era o seu estado de soffrimento, que as lagrimas gottejavam-lhe em grossas bagas pela face, de modo que o proprio juiz viu-se forçado, sem que elle o pedisse, a mandal o retirar.

Como a sua molestia exige refeição de momento a momento, até comida foi levada neste dia em uma cesta pelo escravo de um dos irmãos dos reus.

A razão desse sorteio geral de Pirajá é clarissima.

O reu Castro Guimarães tem amigo poderoso e influente no logar, e é quanto basta.

Annuncia-se á todos os momentos a chegada dos Srs. jurados de Passé capitaneados por seu chefe, e è certo que, quando estas linhas virem a luz da publicidade, já a nuvem negra veio condensar-se as outras que estão a espera, e tudo alcançar-se-ha.

Dóe, dóe muito, no mais intimo do coração, que, na segunda capital do imperio, se affronte por essa forma a moralidade publica!

O que resta mais esperar, quando se vê esse transviamento de todos os principios sociaes, ostentando-se ufano e orgulhoso para tornar impunes os autores de um crime assombroso?

O que resta mais esperar quando se vê o complexo dos elementos predispostos, como dizem os amigos dos reus, para que saiam elles livres e impunes?

A realisação de *tantas prophecias* annunciadas não pode ser attribuida a coincidencia.

Quizeramos que realmente isto succedesse: mas que anteriormente não se publicasse tam imprudente e criminosamente.

Assim, ainda o espirito poderia vacillar, e na duvida deve sempre julgar-se de modo favoravel. Porem ver o *annuncio prophetico* e logó em seguida a sua realisação é o que é de mais—o que mostra até a evidencia como anda tudo entre nós.

Tal estado de coisas não ha lagrimas para chorar nem coração para sentir.

A urna deve estar repleta de nomes de jurados de S. Pedro, Sant'Anna, Sé, Pilar, etc., etc., freguezias as mais populosas e qualificadas desta capital, porem esgotou-se sem que elles apparecessem, e só sim de Piraja, Passé, Matoim, etc., etc, freguezias de pouca importancia e pequena qualificação, tanto que *perde se e acha-se* em um abrir e fechar d'olhos!

Como explicar-se esse caso—verdadeiro mysterio na ordem natural das coisas?

A explicação é facil, e tam facil que não ha ahi ninguem que a não saiba: mas é—que nem todas as verdades se dizem.

Podem, por tanto, fazer o que quizerem, porque tudo nesta infeliz terra se ha de ver: porem, acima de tudo, está a opinião dos homens sensatos e honestos, a cujo conhecimento levaremos a menor particularidade que por ventura virmos ou tivermos noticia.

Alguns dos proprios *campeões* dos reus são que por alarde dão certos esclarecimentos que os compromettem demais.

Muito não é que os lancemos á publicidade.

Agora duas palavras ao digno presidente do tribunal.

Muito embora em conversa com nosco, á qual esteve presente o Sr. Moura Roza, dissesse o Sr. Dr. Mendes que não reconhecia motivo legal que o im-

pedisse de presidir a sessão do julgamento dos reus pronunciados pelo crime de 6 de agosto, todavia me ha de permittir que discorde agora, como discordei naquella occasião, desse pensar de S. S.

Mui graves e importantes são as funcções de um juiz de direito quando preside o jury.

São de tal natureza que só pela sua vontade podem ser absolvidos verdadeiros criminosos, e condemnados innocentes.

Ler os nomes que se extrahem da urna para a formação do conselho, proceder ao interrogatorios dos reus; instruir os jurados, dando-lhes explicações sobre os pontos de direito; sobre o processo, e suas obrigações, sem que manifeste ou deixe entrever sua opinião sobre a prova; regular o debate das partes, dos advogados e testemunhas, ate que o conselho se dê por satisfeito; lembrar-lhe todos os meios que julgar ainda necessarios para o descobrimento da verdade; tomar em consideração e despachar os requerimentos, que a bem da justiça, forem apresentados por algum dos membros do conselho; resumir com a maior claresa possivel toda a materia da accusação e da defeza e as rasões expendidas pro e contra; propor simples e distinctamente os quisitos ou questões de facto a que tem de responder o conselho; applicar a lei ao facto averiguado; appellar ex-officio das decisões do jury nos casos legaes — alem de muitas outras attribuições, são as que competem a um juiz de direito.

Ora, tendo S S. vivo interesse em prol dos reus, e ninguem ha ahi que o desconheça, forçosamente não pode exercer as funcções a que está adstricto em virtude da lei.

A amisade intima que ha entre S. S. e dous dos reus, e sobre isto o contraparentesco que ha com um irmão de um delles, era rasão mais que sufficiente, motivo poderosissimo, para que a consciencia de S. S o inhibisse de presidir a essa sessão, afim de desviar de sua reputação a maledicencia não sacrificando os interesses da justiça do que é apostolo.

Tacita e virtualmente na lei está S. S. comprehendido para não presidir esse julgamento, e si o escrupulo fosse ate onde devia ir — de não ter parte em acto algum que podesse ter relação, ainda a mais longiqua, com este processo!

S. S., por tanto, é por todos os modos suspeito, e ninguem em bôa fé e san consiencia poderá negar esta verdade.

Houve muita gente que duvidasse e garantisse que S. S. não presidiria a sessão.

Nós mesmos, sinão ouvissemos de S. S. o contrario, estariamos nessa persuasão, porque nunca fizemos juizo vaccilante e dubio sobre o seu caracter já como homem e principalmente como magistrado.

Si S. S., em quanto o processo não estava pendente á sua jurisdicção, empenhava-se e esforçava-se para que os reus zombassem da accão da lei, o que não fará hoje que elle e depende em grande parte de sua intevenção?

Desculpe nos S S. essas considerações que somos forçados a fazer em presença dos factos — considerações fundadas nos mais sãos principios do senso commum e da logica.

Os proprios amigos e defensores dos reus reconhecem essa verdade, e alguns a tem manifestado expressamente.

Si pelo facto unicamente de saber as pesquizas que os reus inculcavam fazer para o descobrimento do ladrão do banco, queriam elles que o Sr. Dr. Galeão fosse suspeito no processo por estar de *commum accordo com aquelles*, o que não devem querer de S. S. em vista das rasões que supra-mencionamos?

Não ha quem não deplore essa imprudencia de S. S., que vae expor a sua reputação adquirida á custa de tantos trabalhos e sacrificios.

Basta só esse acto para derrocal-a completa e absolutamente.

A dignidade e honra de S. S., já como cidadão amante da lei e principal-

mente como seu executor, estava em ser suspeito nesse processo, e não intervir nelle fosse por que forma fosse.

Assim vae S. S., ainda mais que o Sr. Dr. Cunha, affrontar audaciosamente a opinião publica; o sejam quaes forem os resultados dessa audaciosa affronta, tanto o magistrado como o advogado ficarão mal-vistos, pois para isso ha rasões de sobejo a não poderem ser contestadas

E tanto verdade, que o Sr Dr. Cunha, em vista das rasões que contra elle militam, ja diz que em sua defeza por forma alguma tractará da questão do banco

Mas o nobre advogado hade permittirnos uma reflexão a respeito.

Si o reu Castro Guimarães, e ainda os seus comparsas, tendo em seu favor a circumstancia de *serem d'entre os nove ex-directores os que mais a peito tomaram o descobrimento do ladrão do banco*, não poderam salvar-se até hoje, e circumstancia que sendo verdadeira, não justificaria mas attenuaria o crime, o que delles será quando nem essa circumstancia fôr por elles allegada?

Por outro lado, é bom que o nobre advogado não falle na questão do banco.

A sua opinião rasoavel, justa e fundada, ja está no processo commercial, e ella é a que geralmente todos tem sobre o desfalque reconhecido e verificado em 22 de dezembro do anno p. p.

Por essa forma concilia a opposição do encargo que a pressão fel-o acceitar, si bem que com algum detrimento para a defeza criminal.

Dissemos que a pressão fel-o acceitar, por até contra o parecer de toda sua respeitabilissima e veneranda familia, que em conselho expoz-lhe a inconveniencia do encargo, foi que o nobre advogado acceitou o.

Podiamos adduzir alguns pormenores a respeito, porem basta só isso, porque sempre ao Sr. Dr. Cunha só tevemos muito respeito e consideração.

Acabando a digressão, e voltando ao assumpto em que estavamos, vamos concluir.

Offerecendo as considerações que expendemos a respeito do Sr. Dr. Mendes, só tivemos um fim, que foi salvar a sua reputação; porque, a despeito de tudo, cremos firmente na JUSTIÇA DE DEUS, SEMPRE CERTA, SEMPRE INFALIVEL.

—Comprehendo! comprehendo!...

O sujeito tinha toda razão!...

Eu é que era um pax vobis.

—E eu não sou capaz de comprehender nada do que V. disse.

—Estou reflectindo agora o que, aqui ha tempos, me disse um *branco* da terra á respeito da guerra do Paraguay.

—O que foi?

—Que ella era boa por um motivo.

—Qual?

—Por limpar o paiz.

—Ora va pentear macacos!

—Eu não acreditaria sinão visse ultimamente um commandante de batalhão dizer que a razão delle mandar certo homem para o sul era o ser preto e casar-se com uma parda clara.

—E isso era da conta do commandante?

—Eu sei!

Quer melhorar as raças, bem vê que o marido no sul a mulher tem liberdade...

—Amanhan quando chegar as eleições, andarão de braço com os homens de cor preta dando vivas e comendo carurús e elles serão tam imbeceis que se enlevarão nos palanfrorios desses brasileiros bohemios.

IMPROVISO DO CARA-SUJA.

EM UMA NOITE DE LUA NO SITIO DAS PITANGUEIRAS.

Depois que fiz-me poeta
Calado não posso estari;
Lá bai berso, Maricota,
Junto á mim bem te assentari.

Sentado na minha benda,
Sem bender nem um bintem,

Fallo da bida de todos,
Sem poupari a ninguem.

Mesmo esse a quem adalo.
E amigo me chamari,
Não escapa a minha lingua
Boa doze ha de chuchari.

Pois não julgues, meu canastra,
Que sou teu de coração,
Quando quero. sei fingiri,
Para achari protecção.

Bali-me do teu apoio
Aqui assim nas Pitangueiras,
A' beri se enrequecia
A custa de ladroeiras.

E' que não bia que eras
Inda que eu mais ladrão,
Não tarda que te não beja
Acabari na correcção.

—As vezes a troca de uma palavra desconjunta uma noticia toda.

—Ahi é que eu vou.

—Xô mosca!

Outro dia sahiu que o *Medonho* tinha bifado o chapeu de sol do Pacheco collector de villa de *Santo Seraphico*, no escriptorio do Domingos, quando não foi lá.

—Pois ractifique agora.

—Foi no escriptorio do doutor *Arascujo*, que aquelle cara de surucuá quando está choco *gamou* o chapeu.

—Ou aqui ou alli elle fez o furto.

—Isso é que não padece duvida, porque o proprio dono mandou annunciar no jornal.

—Então póde empinar-se.

—Padre Cazuza, V. tambem gosta da *sêcca*?

Ah! maganão!....

—Eu? Deus me livre, é peccado contra a natureza.

—*A Maxambomba* é quem disse.

—Quem, aquella negrinha de barril d'agoa?

—Sim.

—Aquelle diabo é da pelle.

—Ande lá.... Não é ella só que assassina os filhos da patria: muita gente pega na bexiga, mas não toma o clyster.

VARIEDADES.

GUERRA.

Descreve-a assim o padre Antonio Vieira, n um dos seus inimitaveis sermões:

«E' aguerra aquelle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e, quanto mais come, e consome, tanto mais se farta. E' a guerra aquella tempestade terrestre que lesa os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento, sorve os reinos e monarchias inteiras. E' aguerra aquella calamidade, composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que se não padeça ou se não tema, nem bem que seja proprio e seguro. O pae não tem seguro o filho, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem seguro a immunidade, o religioso não tem segura a sua cella, e ate Deus, nos templos e nos sacrarios, não está seguro.

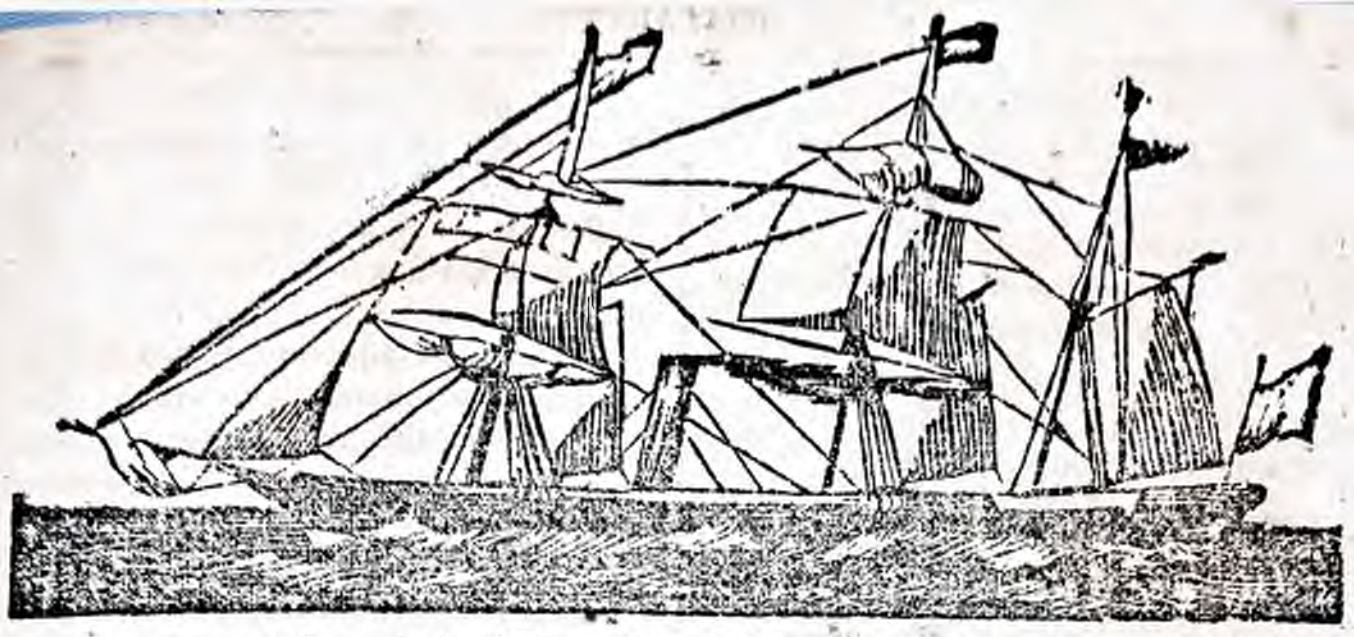
O ADAGIO-IR BUG'AR.

O verbo *bugiar* significa fazer momos, trejeitos, e acções ridiculas á maneira de bugiar, porem não é isto o que quer dizer o nosso tão conhecido e tão usado adagio—Ir bugiar—o qual teve a origem seguinte. No tempo de Felippe 2.° se construiu em Lisboa o forte do Terreiro do Paço, e como o terreno é lodoso e alagado, foi necessario assentar lhe os fundamentos sobre uma estacaria, a qual era fincada com o engenho, a que então chamavam vigio, o qual como era de muito trabalho, agarravam-se para isso todos os vadios e pessoas de baixa classe que se encontravam de noite pelas ruas, e de dia ociosos pelas praças. Então começou o adagio, que ainda tanto usamos, de mandar bugiar as pessoas de pouco porte, ou de muita confiança, que nos enfadam

---

ANNUNCIO.

Bacellar tem para vender um bom piano de meio armario perfeitamente novo; no becco do Açouguinho no 14, 1°. andar.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 21 DE NOVEMBRO DE 1867. SERIE 2º.—N. 280

Publico-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de novembro de 1867.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, expondo-lhe o estado de consternação e terror em que se acha a população de Maré, em consequencia da intensidade com que alli está grassando a variola, a qual em seus estragos já tem ceifado um crescido numero de vidas.

Espera-se que S Ex., por amor a humanidade soffredora, fará para alli seguir, com a celeridade possivel, um facultativo em soccorro daquella abandonada população.

—Ao Illm. Sr. provedor da Santa Casa, pedindo-lhe que por humanidade se compadeça do estado lastimoso a que estão reduzidos os infelizes enfermos do hospital, que se occupam diariamente em carregar pedras, carvão, etc., do becco do mesmo hospital que dá para o Terreiro, serviço que aggrava as suas molestias, e a que são obrigados pelas *charidosas e charitativas* irmans do *charidade*.

Nestes termos, espera-se de S. S. providencias a respeito.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, pedindo-lhe providencias para que cessem as perturbações e immoralidades que, todas as noites praticam certas mulheres dissolutas ao becco do Piquete, rua da Independencia Espera-se ser attendido.

—Capitão, varios triumphos alcançaram os exercitos alliados sobre o tyranno do Paraguay.

Nos dias 29 de outubro, 2 e 3 do corrente foi quando tiveram logar estes feitos de armas, em que por mais de uma vez se viu o valor e denodo do soldado brasileiro.

Por elles estamos de posse de Tayi, da villa do Pilar e do potreiro Ovelha.

A perda do inimigo foi consideravel, e pode dizer-se que hoje a guerra está quasi extincta, por que os pequenos e mingoados recursos de que dispõe estão concentrados unicamente em Humayata, que ha de ceder as armas alliadas.

Tanto a artilharia, como a cavallaria e infantaria entraram nesses com-

bates, e não desmentiram a fama de que merecidamente gozam.

Foram heroes dêsses dias o visconde do Porto Alegre que ficou contuso no rosto, matando com sua propria mão o coronel Paraguay Castilla, que commandava o ataque, o barão do Triumpho, o coronel Antonio Fernandes Lima e o brigadeiro João Manuel Menna Barretto, que sahiu ferido alem de outros.

Esta importante e agradavel noticia foi recebida com geral fervor e enthusiasmo.

Fecharam-se as repartições publicas, e duas bandas de musica percorreram as ruas da capital, accompanhadas por cidadãos de todas as classes.

A noite foi a demonstração ainda maior. Iluminaram se os edificios publicos e algumas casas particulares, e ainda um concurso immenso precedido por duas bandas de musica tornaram a percorrer as principaes ruas.

—Tal foi o regosijo publico pela feliz nova de que foi portador o vapor nacional *Paraná*.

—A Caixa Economica apresenta tres candidatos a deputação provincial.

—Quem são elles?

—Os Srs. Drs. Horta, Americo e F. J. da Rocha.

—Ah! São tres directores da Caixa que se apresentam candidatos.

—E' a mesma cousa.

—Tem seus conformes

—E é bem inconveniente isso.

—Porque?

—Porque eu entendo que o homem, que tem a seu cargo administrar o dinheiro dos mais, não deve tomar parte activa na politica.

—Ora essa é boa!

—Ou, a prova está que os dias mais turvos da Caixa Economica, as suas crises mais assustadoras foram quando ella foi gerida por homens politicos.

—Isso já caducou.

—Eu não digo que o cidadão não tenha sua opinião politica por ser director de uma caixa, mas que tome parte activa, acho cousa incompativel.

—Isso são carrancices do outros tempos. A cartilha nova reza por outra forma.

—Ora diga-me, terá um director coração para, nas vesperas da eleição, regeitar uma proposta, embora com garantia *bamba*, que lhe seja apresentada por um eleitor de influencia?

—Lá quanto a isso, V. sabe que quem graças faz, graças merece.

—Mas eu não quero que se faça cortezia com o chapeu alheio.

O BEIJO.

(Conclusão.)

O beijo propriamente dito, é um contacto expressivo que indica o sentimento da nossa alma. O beijo, como todos sabem, é dado com os labios ou borda dos beiços, logares summamente sensiveis pela reunião de nervos que ali existem, e por isso quando se dá um beijo, o toque dos labios sobre o logar beijado produz um tal effeito, que parece ferir immediatamente o coração com uma faisca de electricidade; e muitas são as qualidades de beijos, conforme as pessoas em que os empregamos, os labios porque são dados, e o motivo porque são applicados. Ha beijo innocente, puro e natural da criança amorosa, quando se atira aos braços de sua mãe; ha beijo voraz o voluptuoso do namorado, que a furto se encontra com a sua querida; ha beijo sincero e obediente do cidadão pacifico, que reconhece na mão do seu monarcha a segurança do estado; ha beijo humilde do catholico virtuoso que, fundado na verdadeira fé da religião, beija a Imagem desejando que este beijo infunda em sua alma a claridade da razão, e resiganação para os males da vida; ha beijo fantastico o secco que dá o amante apaixonado quando, depois de um total desprezo, consegue apenas chegar aos labios a luva velha que possuiu a mão da bella nympha que o domina; ha beijo caprichoso que se dá por um desabafo de paixão, ou desabafo de raiva; tal foi o que deu D. Pedro Cru sobre a fria face de Iguez de Castro,

A misera mesquinha,
Quando depois de morta a fez Rainha

Ah! o o beijo é uma das miserias onde naufraga a fragilidade da imaginação do homem!

Um beijo falla, um beijo é mudo;
Um beijo è nada, um be jo é tudo!

O beijo não enche a barriga, nem alimenta o corpo; mas sustenta o desejo, e nutre a esperança.

Quem gosou um ledo beijo
Ter não pode outro desejo
Nada mais pode gozar.

Em summa, temos fallado das qualidades de beijo e mostrado as boas e màs, para que as moças bonitas adoptem aquellas e despresem estas; sobretudo considerando o logar ondo se empregam os beijos; na mão consintam (sendo o bejador rapaz sizudo e honesto;) na face, não consintam sinão aquelle que primeiro tiver dito na Igreja—recebo a vós—e alem destes, em nenhum logar mais admitam, por que são muito perigosos; exceptuam-se alguns beijos sinceros nos pés delicados de moças bonitas; porem estes competem aos poetas e ca ao filho da velha quem os der, sem este privilegio, incorrerá na pena de excommunão maior.

LA VAE VERSO.

Os padeiros desta terra,
Vão diminuinde o pão;
Receiam que o povo soffra
Ataques de indigestão.

Os pães que agora fabricam
São de um tamanho tal,
Que um pão de quatro vintens
Cabe dentro de um dedal.

E dizem os taes padeiros,
Como ainda hoje ouvi,
Que isso de tirar no pezo
Vae longe, não pára aqui.

Outro diz, que neste mez,
Ha de a farinha subir,
E por isso elle já trata
Do seu pão diminuir.

Tenho visto alguns padeiros
Que por ser pequeno o pão,
De *pense-nez* stão usando
Para enchergal-o na mão.

E como a cousa promette
Ir assim, deste feitio,
Vão todos se acostumando
A ter constante fastio.

A PEDIDO.

Ao corpo eleitoral do 1.º districto.

Apresenta-se candidato á assembléa provincial o Illm. Sr. Dr. Americo de Souza Gomes.

Talento transcedente até á descendencia do genio, muito deve esperar o 1.º districto do Dr. Americo.

Como deputado provincial—que ja foi—sua voz sonora e eloquente era ouvida com mais attenção que a de Cazemir Perrier no parlamento francez.

E' pena que nem um só dos seus projectos passasse!

Como advogado e jurisconsulto—ahi estão os seus trabalhos nos cartorios do forum a fazer desapparecer os dos Nabuco, Teixeira de Freitas, Rebouças e outros.

Si as partes—seus constituintes—não tivessem morrido que por nós fallassem!

Como mathemathico—que o diga a Caixa Economica, onde os seus calculos arithmeticos, geometricos e algebricos fazem espantar aos seus dignos collegas que o consideram superior a Euclides, Besout e Las-casas.

A fatalidade fez que a typographia do *Liberal Progressista* quebrasse, sinão ja um tractado volumoso sobre a especie, nitidamente impresso, correria publicidade!

Como director da companhia Interesse Publico contra fogo e accionista da do Queimado—foi elle que, conciliando os interesses de ambas, propez que se segurasse contra o fogo a caixa d'agoa da Soledade, medida que depois de uma discussão mui calorosa sobre os dous elementos—fogo e agoa—cahiu por unanimidade menos um voto, que o 1º districto ja sabe de quem foi.

Expostas assim as qualidades mystr. cas e especificas do nobre candidato, o 1.º districto que não as despreze, por

que tanta cousa junta com muita facilidade não encontrará.

Aproveitamos a occasião para declarar desde ja que, se passar na proxima futura sessão da referida assembléa o projecto do Exm. Sr Dr Barbosa para a creação do instituto bahiano dos meninos doudos, cegos, surdos e paralyticos, seja nomeado director o Sr. Dr. Americo, por que tem juizo, vista, audição e agilidade como ninguem.

Será uma bella acquisição para essa desventurada gente.

Quod natura datur nemo negare potest.

Estremeçam os zoilos para a gloria da familia.

O ariber de Sant'Anna.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXXVI.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forcas que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Agora toda a nossa attenção está *pregada e cravada* no tribunal do jury, e nem por um momento disperdiçal-a-hemos em diverso assumpto.

Para elle chamamos com especialidade a attenção publica, e havemos de entretel-a com os episodios abusivos e funestos que nesta sessão tem apparecido, em ordem a que fiquem impunes os homens fataes e sceleratos, que assombraram esta provincia e o imperio todo, reproduzindo as barbaras scenas da feroz superstição de longinquas eras.

E' preciso ennunciar a verdade com toda a franqueza, dura e severa para *alguem*, mas util e proveitosa para todos, porque della depende a propriedade, a segurança, a existencia e a honra dos cidadãos, garantias necessarias em todos os governos e principalmente no monarchico-representativo.

Não se tracta aqui dos tormentos, martyrios e torturas de que dosapiedadamente foi victima innocente o malaventurado João Soares do Oliveira.

Trata-se de toda a sociedade brasileira, que ficou abalada pelo tremor e ferocidade do crime, que ate hoje não ha memoria, por mais esquecida, que delle não se relembre, gelida pelo terror, ardente pela indignação e compassiva pela piedade,

O estampido do attentado não podia ter outro resultado.

Ha por tanto causa para meditar-se seriamente,

Gemam muito embora os prelos, e ainda quando nada consigam, fique ao menos lavrado, em caracteres indeleveis e immorredouros, na acta da opinião publica, o protesto solemne, vivo e energico que a imprensa independente e honesta fez contra as tropelias e escandalos que não faltou quem os praticasse para bater palmas e entoar vivas ao crime.

Uma lucta immensa e gigante, provocada pelos proprios reus, travou-se logo apoz do negro e funesto dia 6 de agosto, e ainda continua, apezar da retirada em debandada de seus amigos e defensores, que viram uma por uma fanarem-se murchas as esperanças de levantar o pendão do crime para rebentar viva e viçosa á palma da innocencia.

A retirada, porem, que á primeira vista parecia seria pela ausencia de exito reconhecida por mais de uma vez, foi fingida e simulada. De fronte encoberta pela vizira da corrupção prosegue a cruzada, e por essa forma mina, solapa e derranca uma das instituições mais uteis que floresce no solo da liberdade—no unico imperio americano—o tribunal do jury.

Si ao cidadão, amante da lei e da justiça deve envergonhar essa tarefa improba e criminosa, não ha nome que possa qualificar e classificar essa incumbencia a aquelles que estão collocados na cupula social—ja como legisladores, ja como magistrados—os primeiros encarregados de estabelecer o ap-

plicar a lei aos casos occurrentes.

Ao ver semelhante inversão de scenas, oriundas em parte dos desregramentos da epocha, não ha quem naq vacille, tema e trema de viver em um paiz, cujas garantias são deste modo conculcadas pelo pezado influxo do patronato às considerações pessoaes e calculos de politica mesquinha.

Pois que! poderá alguem, de animo socegado e tranquilla paz de consciencia, ver os excessos funestos, abusivos, illegaes e criminosos que tem se empregado para salvar-se os reus pronunciados pelo crime de agosto?

Desde o principio do processo que a corrupção inva le em escala ascendente, e agora mais que nunca — porque a justiça tem de proferir a ultima demão.

Eis aqui porque o *rugado do interesse publico*, de consoladora ausencia, por mais de uma vez disse — que *quando se avisinhava qualquer julgamento faziamos pressão ás justiças do paiz.*

Quem tiver lido essa longa serie de artigos, que sobre a especie temos escripto, ainda que mal, mas segundo comportam nossas fracas forças, salvo a provenção, deve fazer-nos a merecida justiça.

Fora de nós a pressão, a mentira, o aleive e a diffamação ás authoridades constituidas.

Ate hoje ainda não praticamos o que fizeram os reus e seus defensores contra o honrado Sr. Dr Galeão e contra os illustres Srs. Drs. conselheiro Pedroza e Gesteira, sem fallar em outras victimas — inclusive o superior tribunal da Relação.

Temos somente aberto os olhos do publico para os factos que temos visto e outros cujos alarde é apregoado pelos amigos dos reus em todas as partes e em presença de todos.

Isso é unicamente o que temos feito, e ninguem haverá que possa dar-lhe o nome de pressão.

Como não trazer a lume o catalogo das *predicções annunciadas* pelos reus e seus amigos, si todas ellas — uma por uma — vão se *realisando* dia por dia?

Como explicar *essa singular e fatal coincidencia* sobre tantos pontos, sinão *pelos milagres inauditos da intercessão?*

Tudo isto estava reservado para este processo e mais apparecerá em sua continuação.

Na addiada sessão de outubro, assim como nesta, tal tem sido a balburdia e labirytho no sorteio dos jurados, que não ha espirito por mais precavido e honesto que possa tomar pé nesse *mare magnun.*

Ora esgota-se a urna especial, ora a geral, de modo que ja corria risco de não haver sessão pelo edital que mandou publicar o presidente do tribunal no *Jornal da Bahia* de 19 do corrente. Felizmente, porem, *so essa previsão temerosa* não realisou-se, por que no mesmo dia foi installada a sessão, e marcado o quinto dia util para o julgamento dos reus.

Isso era tanto mais para admirar, quanto tem sahido da urna certos nomes que, por ja terem servido em sessões passadas e transactas, deviam estar dispensados, ao passo que outros que ainda não serviram não são sorteados.

Tem sido geral a admiração sobre esse ponto; e aquelles que affoitamente não publicam logo a cauza de tudo isso, e bisbaixos pela anomalia do caso calam-se deplorando a marcha fatal, o escandalo, e a desmoralisação que tudo invade e accommette.

Assim, o jury, a expressão da propria sociedade, uma das primeiras condicções de sua existencia — lei, que na phrase do orador romano, não é escripta mas innta; que não aprendemos, nem recebemos e nem lemos em outra parte que não na propria naturesa, é por essa forma sacrificada em puro detrimento da sociedade e da justiça.

Alem de tantos — é mais um legado fatal que deixamos aos vindouros para testemunho eterno do aviltamento da epocha.

O mau uso das instituições até certo ponto authorisa a sua extincção.

De que podem servir ellas quando

n
ção preenchem o fim para que foram reaes?

Ao mesmo tempo, porem, que fazemos estas considerações, *um não sei que* involuntariamente prorompe nos do mais intimo da consciencia a convencer-nos — do que o jury da segunda capital do imperio, contra toda a evidencia e intuição da prova, a despeito dos excessos dos concussionarios, não dará de si copia tam miseravel, anniquiladora de todas as garantias sociaes, absolvendo os criminosos de agosto.

Só a cegueira da ignorancia, a compressão do terror, e a baixeza do servilismo poderiam dar tal passo, e nenhuma dessas condições, qual mais excepcional, deve dar-se nas pessoas sorteadas para a presente sessão.

Só nella é que se tem visto *esse esgoto* e *mais esgoto* da urna, custando tanto haver numero para a sua installação.

E' que em parte os pedidos e empenhos tem sido muitos, e os que a elles não accedem benignamente, preferem não ir, embora pagando a multa de trezentos mil réis.

Um dos sorteados, pessoa de todo o criterio e probidade, francamente communicou-nos essa verdade, na disposição em que está de não ir, para servir a sua octogenaria mãe com quem foram empenhar-se, que o mais que poude obter foi a sua ausencia.

Apezar da amisade que nos une a essa pessoa, não partilhamos sua opinião.

O indifferentismo em casos taes, quando se foge de cumprir um preceito legal, do qual depende em grande parte a ordem publica, somente para servir a terceiro — seja quem for, é uma comparticipação ou apoio indirecto ao crime, é uma ommissão culposa aos interesses da justiça.

Alguns, porem, tem sido verdadeiros homens de lei, e lá estão promptos na estacada á cumprir o dever a que estão adstrictos de conformidade com a consciencia, sem que tenham havido forças humanas capazes de abalal-a.

Honra á conspicuidade destes caracteres.

Sempre que temos feito e fazemos essas e outras considerações sobre esta sessão do jury, não se nos sahe da memoria o Exm. Sr. Dr Cunha, um dos homens em quem depositavamos plena e cega confiança.

Estabelecendo um parallello entre S. Ex. e o mais que nobre, illustrado e honrado Sr Dr Francisco Antonio de Araujo, só agora vemos, e com summa tristeza, a distancia que os separa.

Este, apezar de advogado do banco da Bahia, desde sua creação, somente por ter sido advogado em outro tempo e em causa absolutamente diversa e ja decidida do reu Castro Guimarães, nada houve que o fizesse propôr a acção commercial contra elle, pelo que pediu a sua exoneração, que foi com grande difficuldade e pezar acceita.

Aquelle, sem este vinculo, apezar de ter sido e ainda ser advogado do ex-director Silva Lima, que attribue o desfalque do banco ao reu Castro Guimarães, vae agora defendel-o, ja tendo accusado-o, ainda não estando a cousa decidida, e sendo uma — consequencia fatal e necessaria da outra.

E' muito!.....

Perdoe-nos S. Ex. esse parallello a que a força da reflexão insensivelmente arrastou-nos

Não é pelo proveito que possam tirar os reus da acquisição de S. Ex que temos apresentado a inconveniencia desse encargo improbo e inglorio; é pelo dezar irreparavel que soffre a dignidade de S. Ex. até então pura e immaculada.

Si isso não fosse, pouco nos importaria; porque o espirito de Cicero e Mirabeau, que baixasse a terra pela metempsycoze spirita para defender os reus, não provariam que elles deixassem de ter sido os authores do atroz e barbaro crime de agosto.

Estas palavras que dizemos a respeito de S. Ex. estão innoculadas na opinião publica de um modo irrefragavel, a ponto que não ha ahi ninguem que não deplore sensivelmente o papel que vae S. Ex. representar.

Conhecidos, affeiçoados, amigos, pa-

rentes, todos, sem excepção do um só, compartilham com egualdade esse pezar, porque é muito vêr sossobrar sem razão plausivel um caracter, sob todos os pontos, digno de imitação e inveja.

Tornemos ao assumpto.

Quizeramos, a bem da causa que defendemos, expender outras considerações de um alcance transcedente e certo sobre esta sessão do jury: porem não. Para tudo é preciso tempo. Esperemos primeiramente o resultado.

Como ja dissemos, no quinto dia util que é segunda feira 25 do corrente, salvo qualquer determinação em contrario, é que deve ter logar a sessão do julgamento dos reus

A opinião publica em anceios e soffreguidão não perde de vista o tribunal do jury—emanação directa do povo na justiça—e muito confia que elle não seja a causa de se repetir ainda entre nós o crime assombroso de 6 de agosto.

Nada ha mais pernicioso e que lavre com tanta intensidade como o exemplo.

O honrado Sr. Dr. chefe de policia e o conspicuo tribunal da Relação ja cumpriram o seu dever; cumpra-o agora por sua vez a augusto tribunal do povo.

A segurança e ordem publica tam profundamente abaladas assim o exigem.

Temos dito.

—O partido conservador apresentou sua chapa pelo 1.° districto..

—Não é chapa de partido; é combinação de interesses individuaes; cada um trata de se arranjar.

—Não diga.

—Ora!

—Prove.

—Si se attendesse ao interesse do partido, seriam preferidos os demais talentos e que mais serviços tivessem; mas eu que vejo preterir-se um Victor de Carvalho, um Correia Garcia, um Pedro de Abreu e outros para dar-se entrada a mediocridades, não como a ingá.

—Mais é que V. não deixa de ter razão.

—Como se operam estes milagres, é que eu não sei!

—O que falla V?

—Digo que os santos da terra são mais portentosos que os do ceu.

—O que viu agora, que tanto lhe admirou? Algum rato roer fechadura?

—Não. Estou banzando como é que homens que nunca souberam que havia nesta terra tribunal de jurados, sinão por ouvir dizer, são sorteados para esta sessão, por freguezias onde nunca moraram.

Ora vejo, por exemplo, o Sr. Justino Pereira Gallo, que não mora em Matoim, ha mais de doze annos, que votou sempre em Santo Antonio e ultimamente na Sé, que se morresse hontem não sabia que attribuições tinha o juiz de facto, porque nunca foi qualificado para isso; é não sei porque magica, sorteado nesta sessão pela freguezia de Matoim!!!

—A cousa ha de ter uma explicação qual quer principalmente hoje que a prestidigitação esta tão apurada.

—Pois isso é que eu queria que quem soubesse me esclarecesse.

—Capitão, aqui e-tá um acto de evangelica charidade!

—Ora vamos lá com isso.

—Chegou ha pouco do sul um voluntario bastante enfermo, e foi para casa de um amigo á rua de Baixo.

Peiorando o seu incommodo, o amigo metteu-o em uma cadeira e mandou leval-o para casa de sua familia que mora á Quinta dos Lazaros, e ao chegar no Sangradouro morreu. A infeliz mãe, logo que soube que seu filho tinha morrido dentro de uma cadeira, veiu e mandou levar o cadaver em uma rêde para sua casa. Porém pobre mulher, sem arrimo algum, dirigiu-se [illegible] amigos do fallecido que lhe deram com que comprar o caixão, mas faltava dinheiro para a guia, direitos parachiaes e a emcommesdação. Apobre coitada foi ao vigario e pediu-lhe que pelo amor de Deus lhe desse a guia, pois que seu filho tinha acodido ao brado da patria e que a recompensa que teve foi a morte!

—Imbecil que se deixou levar por promessas do governo, para ter a recompensa que elle tem dado a todos!

E feliz do que descança deste mundo de illusões, pois ahi muitos andam implorando o pão da charidade para si e seus filhos cobertos de andrajos, sem a patria disso se envergonhar!

—E' verdade, capitão!

Tenho visto muitos pedindo esmolla, que me corta o coração ver o seu estado.

—E as vezes recebe destes mesmos senhores do progresso que os sacrificou: —*Deus vos favoreça irmão*! . . .

—Infeliz delles se não fossem favorecidos pela Providencia Divina!

Mas, capitão, deixando tudo isso de parte continuo sobre o ponto do charidoso vigario.

—Mas em resumo que disse o vigario a mulher?

—Respondeu-lhe que fosse pedir esmola, pois que elle não tinha obrigação de dar guia e nem encommendar de graça.

—Já sei. Ficou por conseguinte o corpo insepulto.

—Não Sr. Os amigos do finado carregaram o cadaver e o sepultaram.

—Fizeram muito bem.

—Ouça o resultado.

No dia immediato o vigario fez desenterrar-se o cadaver, ameaçando ao administrador do cemiterio com a mulcta, si tal não fizesse, pois que elle não tinha dado guia.

—E o administrador desenterrou o corpo?

—Que duvida! Elle não queria pagar 100$ rs. de mulcta! A pobre mulher andou pedindo esmola para dar ao vigario, pois foi tambem ameaçada com prisão.

—Quando se deu este facto?

—O homem morreu no domingo proximo passado, sepultaram-o na segunda feira e desenterraram-o na terça.

—Mas porque não se dirigiram ao arcebispo?

—A pobre mãe penalisada da perda de seu filho, não atinou com isso, nem houve quem a aconselhasse.

—Ahi está o que são os taes pastores! Pensam que fazem favores, quando recebem dinheiro do governo para isso que elles chamam charidade, porque os ricos della não precisam!

Ahi esta como a patria retribue aos filhos que acodem ao seu brado!

VARIEDADES.

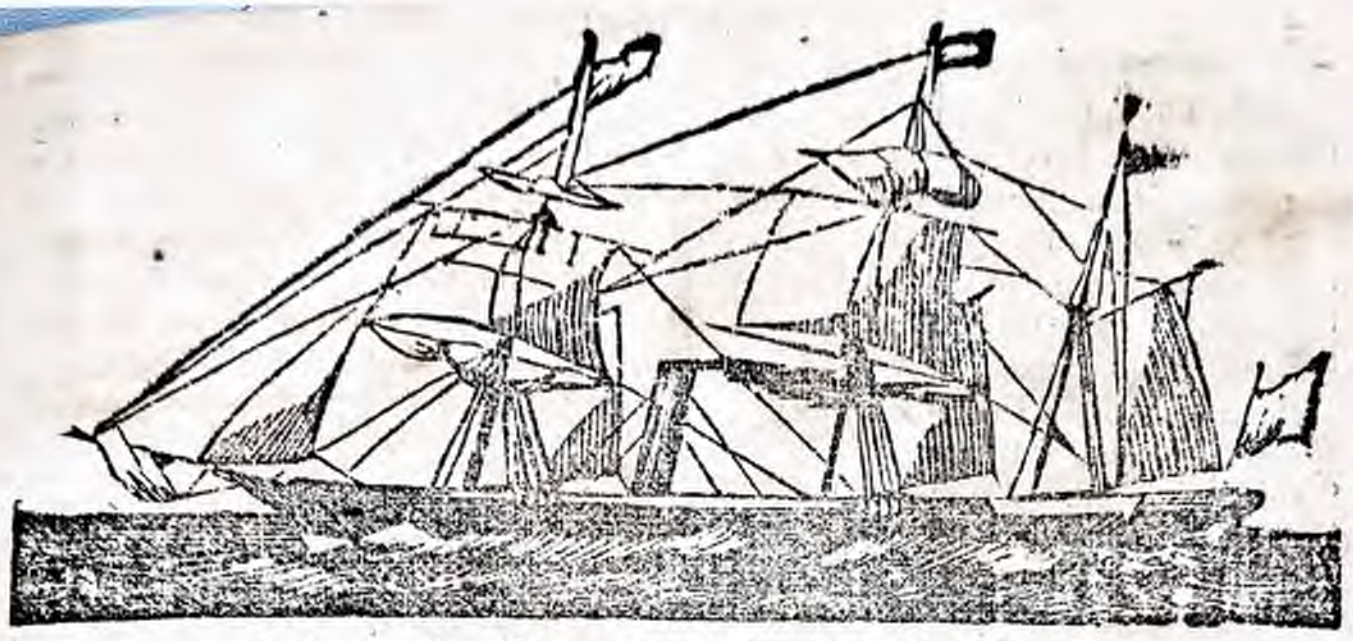
QUEM NÃO O CONHECER QUE O COMPRE;

(Origem do adagio.)

Estando varios estudantes conversando na ponte de Coimbra, já de noite, passava um homem, levando pelo cabresto o seu burrinho carregado. Chegou-se um dos estudantes ao jumento, e tirando-lhe subtilmente o cabresto, o encaixou na cabeça, e foi seguindo o homem, que ia puchando por elle.

Os outros escolasticos esconderam logo o burro; e o estudante encabrestado, vendo que elle já estava escondido, não quiz andar mais. Entendendo o pobre homem que o burrico precisava quatro pãnadas, virou para traz a fim de lh'as calmar; porém vendo que em logar do burro levava um estudante pelo cabresto, ficou assustado. O estudante deu então um ai de alegria, dizendo-lhe: «Meu Senhor não se admire vossa mercê, porque eu sou um homem bem nascido, mas que por força do fado ando ha muitos annos com a forma e figura com que até agora me viu: neste instante foi Deus servido que o meu triste fado se acabasse: rogo-lhe que neste caso guarde segredo, para que não saibam que andei feito burro; que me perdoe o dinheiro que deu por mim, e a falta que lhe faço em seu serviço.» O simples homem lhe respondeu logo muito satisfeito: «Senhor estudante, não permitta Nosso Senhor, nem nosso padre Santo Antonio, que uma alma christan soffra tam grandes tormentos; e ac edite que tenho infinito gosto em o ver livre de tam negro fado.» E com isto, abraçando o estudante, se retirou. Os velhacos dos estudantes não se contentando com a carga, levaram o jumento a feira para o vender, na mesma occassião em que o dono la se achava para comprar outro; e conhecendo o seu antigo, perguntou a quem o levava se era para vender, e responde-se-lhe que sim, pensando o rustico que o estudante se tinha outra vez convertido em burro, pediu a quem o levava licença para lhe dizer uma palavra ao ouvido em segredo, o que sendo-lhe concedido, lhe disse a orelha: «Olhe, senhor burro, quem não o conhecer que o compre.»

(*Ext.*)



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 23 DE NOVEMBRO DE 1867. SERIE 2.ª—N. 290

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de novembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que o sentenciado Emiliano, evadido o anno passado do hospital da Santa Casa, anda a vontade pelo logar chamado Jacuruna, termo de Nazareth, e de quando em vez vem a Periperi e Itacaranhas visitar os parentes.

Espera se que S. S. se dignará providenciar de maneira que esse criminoso não continue a zombar da acção da justiça e a inquietar a sociedade com seu genio turbulento e malfazejo.

Lê-se no *Diario da Bahia*:

«PRESIDENCIA DA PROVINCIA.

«*Expediente do dia* 11 *de novembro.*

«Officio ao coronel commandante das armas—Expeça V. S. suas ordens para que seja posto em liberdade o individuo de nome Sabino Cerino de Britto, dado como contingente do batalhão n. 110 da guarda nacional, visto ser de MENOR EDADE conforme declara V. S. em officio de 9 do corrente, que ora respondo »

«*Requerimentos despachados pela presidencia.*

«Estevão Manuel da Conceição; dado como contingente do 7º batalhão da guarda nacional, pedindo sua soltura por ser maior de CINCOENTA E OITO ANNOS e por conseguinte isempto pela lei.»

—Isto prova que ou os conselhos de qualificação são perfeita burla, funccionados por gente inhabilitada para isso, ou que os commandantes de batalhões são verdadeiros infractores da lei, sobre os quaes, em outro paiz, pesaria a sancção legal.

A PEDIDO.

—A uns morrem-lhe as vaccas, a outros parem-lhe os bois.

—Cada um com sua sorte.

—Ha gente para quem a fortuna faz timbre em sorrir-se.

—Quanto a isso estou de accordo.

—No numero destes, entra o Sr. Zé Carros.

—Ha outros mais felizes.

—Do que elle não vejo. A boa da creatura é lembrada actualmente para tudo! E' o salsa-parrilha da epocha. Veja agora mesmo.

—Tirou alguma sorte na loteria?

—Nao; mas deram-lhe uma boa chelpa; um emprego que deixa seus achegos.

—E elle acceita?

—Que asneira! Arrenego do cachorro que lhe dao o osso e não rôe.

—E eu accrescento que o governo justiceiro e moralisado como diz que é, não lh'o devia dar.

—Porventura elle não está na altura de exercer um emprego publico?

—De mais Porem é que já foi empregado e vendeu o logar por 2:500$ rs., signal evidente de que não queria tal vida.

—De onde foi empregado?

—Do consulado.

—Ignorava.

—Do contrario é um abuso, porque um especulador que tiver patronato pode negociar com os empregos publicos, arranjando-os para si e vendendo-os depois por bom dinheiro.

Não ha meio de vida mais suave do que este.

—O que é que elle não ha de ter; quem é feliz até os gatos lhe põe ovos no ceu da bocca.

—Emfim como o logar é de arrecadar, elle pode aproveitar suas canastras.

—Ser partidista só assim!

Por um camarote 300$ rs.

—Quem deu?

—Não é de sua conta.

—Algum perdulario, sem duvida, que quer dar com o que não lhe custou a ganhar em vasa-barris.

—Por umas argollas e um annel, 1:500$ rs.! Isso é que se chama ter mãos largas.

—Diga quem é o cujo.

—Não digo.

—*Bene, bene*, V. não diz quem é, porem quando elle der com os burros n'agua todos saberão.

—Si o pao não chegar a tempo de lhe pôr termo aos desvarios.

—Veja a que chegou a corrupção e bandalhismo nesta terra!

Veio da cidade de Nazareth uma senhora com dous filhos e foi morar na casa n.° 85 ao Caes do Ouro.

O inspector de quarteirão, assim que a vio, tencionou requestal-a e para isso fez lhe a devida proposta, que foi repellida.

Despeitado, pretendeu vingar-se e para isso, de mãos dadas com o ordenança do subdelegado da freguesia do *Segura Parede*, mandou por este intimal-a para que sem apellação nem agravo se mudasse em vinte quatro horas

—Quem é o tal inspector?

—E' um bigorrilha que ha pouco o *Alabama* disse que era escravo de uma senhora idosa na villa de Francisco, estabelecido com venda ao Caes do Ouro na propriedade do *Firmino*.

—Por *Sant'Iago* de Castella, que é algum membro do olho vivo.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXXVII.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forcas que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Vehementes e injustas invectivas já fazem os reus contra o honrado e illustrado Sr. Dr Francisco Antonio de Araujo por que não poz mão ao seu digno discipulo, o Sr. Dr. Gustavo Anniceto de Souza, para não dar publicação as cartas que dirigiu a dous delles —Castro Guimarães e Sampaio Vianna.

Queriam que o Sr. Gustavo se retirasse, mas não queriam que declarasse ao publico os motivos que forçosamente obrigaram-o a essa retirada.

Era preciso que o Sr. Dr. Araujo descesse do seu proverbial caracter de homem de bem a toda a prova, e que de mais não conhecesse as qualidades que distinguem o Sr. Dr. Gustavo, para que, vendo este ferido em sua dignidade, impedisse-o de resalval a.

De modo que elles — os menos competentes — estavam authorisados a praticar uma acção feia, indigna e ingrata contra o Sr. Dr. Gustavo, e este não estava authorisado para, de um modo publico e solemne, repellir a affronta de que foi victima!

Ainda por ahi se pode ver quem são os reus, e as imprudencias sem limites que commettem umas sobre as outras.

Em vez de contrictos e arrependidos lastimarem o destino a que a fatalidade arrastrou-os, cada vez mais exacerbam a opinião publica, ja contra elles tam pronunciada por provas não equivocas.

Não é que nos aproveitemos dessas imprudencias para fazer-lhes carga, — não; antes lastimamos-as sobre modo, e como signal de lastima é que as trazemos a prelo, afim de ver si ao menos conseguimos a sua não reproducção.

O que ja ha — é de sobra para que ainda aspiremos mais alguma cousa.

Menos que fora bastara.

Não ha ahi quem não tenha lançado as vistas sobre este processo, ainda a favor dos reus, (o que não tem explicação possivel nem plausivel) que não tenha soffrido o seu *quantum* mais ou menos de invectiva ou ingratidão.

Si esse proceder fosse somente para com os adversarios, até certo ponto estava justificado; mas para com aquelles que por elles trabalham, pedem e esforçam se — é o que sorprehende de indignação e colera a quantos vêem essa inversão absurda das cousas humanas

Definitivamente está constituido o tribunal do jury, e marcado o dia 25 para o julgamento dos reus.

Ainda assim não sabemos se sel-o-ha.

A sessão foi aberta com 36 Srs. jurados. Podendo succeder que appareçam mais alguns, e podendo tambem dar-se o caso que faltem outros, o que é mais provavel, e então não havendo numero, não se pode desde ja affirmar que no dia 25 serão julgados, não só por esssa rasão, como ainda porque podem faltar algumas das testemunhas, o é demasiado contra os interesses da justiça, que esse processo de tanta gravidade e importancia, que tanto tem chamado a si e entretido a opinião publica, seja julgado sem a presença mesmo de uma só testemunha.

Isso é de lei, e a lei, em casos taes como sempre, deve ser cumprida religiosamente.

Lembra-nos que no processo do fallecido João Adrião pela falta de uma testemunha, até de poucos dizeres, foi elle addiado á requerimento do Sr. Dr. Pedro Francelino Guimarães, então promotor publico.

Para evitar esse inconveniente de delonga é que expendemos essa consideração, por demais favoravel aos reus.

Tanto quanto elles somos desejosos de ver, si bem que com differentes resultados, a prova que de si dá o jury da capital da Bahia sobre a perversidade descommunal e feroz dos authores do assombroso crime de agosto.

De seu *verdict*, a não querer ver a repetição desse drama sangrento, tudo depende.

A ser elle sancionado, não digam ao depois que no Brasil não ha justiça; porque a primeira injustiça, a mais clamorosa, que brada ao ceu e á terra, é ver absolvidos os homens fataes do carro, mordaça, anginhos etc. etc.

Os professionaes encarregados da administração da justiça, (o honrado Sr. Dr. Galeão e o conspicuo tribunal da Relação) ja cumpriram o preceito, falta-o agora o tribunal do povo, o mais solicito em zelar e defender a propriedade, a vida e honra de seus concidadãos do furor sanhudo de sceleratos.

Hoje a victima foi o mal-aventurado João Soares, amanhan pode fatal e infelizmente succeder que seja qualquer um de nós, e é muito que, em casos

taos, as garantias, que ainda temos nesta epocha de desregramentos, sejam suspensas e annuiquiladas.

Não concorramos para mais perdição; é tempo de por lhe obice.

Onde estiver o crime, ou no ministro da corôa ou no mais humilde homem do povo, seja punido com todo o rigor da lei.

Só assim teremos sociedade, porque sociedade sem justiça são ideas contradictorias, antinomicas e sem significação.

Uma das maiores vergonhas para todo o Imperio e principalmente para a provincia da Bahia é que ate hoje estejam impunes, apezar de conhecidos, os audazes ladrões dos 266 contos do banco. Será ainda maior que os algozes de João Soares, apezar de tidos e convictos pela opinião publica, justificada por duas sentenças, saiam da cadeia a meditar e commetter novos attentados pela certeza da impunidade.

O caso é mais que grave, mais que serio. Delle ainda o repetimos, depende a segurança publica, e ninguem mais encarregado de velar por ella que o proprio povo, representado por seu tribunal.....

Os meios que empregaram os reus para obterem do egregio tribunal da Relação a revogação do despacho de pronuncia, atassalhando e diffamando sem motivo a honra de caracteres respeitaveis, cujos votos diziam contarem com segurança e alardeavam a quantos quizessem ouvil-os, esses mesmos estão agora empregando com o illustre promotor publico o Sr. Dr. Manuel Caetano de Oliveira Passos.

Dizem ainda que a absolvição é mathematica, e que della não appella o nobre juiz de direito o Sr. Dr. Francisco Mendes da Costa Correia, pelo que só resta segurar o Sr. Dr. Manuel Caet no.

Poderiamos apresentar as rasões em que se fundam os reus para assim pronunciarem-se; porem não — por que queremos ver si *essa prophecia* tambem *realisa-se*.

E' sempre com todas as forças da indignação que registramos estes e outros factos, que sobem a mais que imprudencia — a criminosa audacia.

Onde ja si viu tanto ardimento cynico em homens sobre os quaes pende inexoravel a espada da lei?

Onde ja si viu tão escandaloso arrojo em prol do crime e em puro detrimento das authoridades e da justiça?

Eis aqui quem são os reus! aquelles mesmos que em pleno mundo levantam poste de vilipendio a honra e integridade de seus juizes!

De tudo fazem uma ostentação, e ao depois, mui lampreiros, mandam apregoar que fazemos pressão aos tribunaes do paiz.

Apoz a indignação vem o pezar, e como verdadeiro amigo do paiz e das instituições que nos regem, somos o primeiro a contristar-nos ao reflectir sobre o que por ahi se diz, que revela uma predisposição viciosa em certas naturezas, que, si não for removida em quanto é tempo, pode trazer males incalculaveis.

Apezar de tudo, porem, para nós e para todos que conhecem perfeitamente os reus, podem elles dizer o que quizerem, porque o mesmo diziam do superior tribunal da Relação, e os calculos falharam.

Algumas irregularidades, de facto e de direito, realmente tem apparecido; porem ellas não são ainda bastantes para authorisar esse improbo alardequasi impossivel de realisar se.

Cumpre não crer na corrupção de todos antes que factos venham comproval-o.

Por isso foi que, com antecedencia, expozemos os motivos que deviam inhibir o illustre Sr. Dr. Mendes de presidir o julgamento do processo.

Para não tomar equivoca a sua reputação de magistrado, que pode perigar por semelhante acto, foi unicamente que tractamos de sua sempre respeitavel pessoa.

Ainda o processo não foi julgado, e ja correm essas versões de bocca em bocca, sem que nada possa contel-as.

Sempre que declinamos o nome de

pessoas outras que não os reus, tem sido nosso fim defendel-os, fazendo suspender o juizo desfavoravel que a maledicencia possa suggerir.

Attendidos ou não — é o que pouco importa, porque cumprimos um dever de cortezia.

Nio ha ahi quem não saiba os meios de que lançaram mão os reus para alcançarem dos Veneraveis ministros da Relação a sua despronuncia.

So requintada coragem de corrupção ou então estupida e inqualificavel demencia dariam logar a que elles suppuzessem que os magistrados superiores, encanecidos na ardua e espinhosa missão de dar a cada um o que lhe pertence, haviam de acceder humildes á rogativas estranhas.

Entre muitas outras, até cartas dos conselheiros Francisco José Furtado e José Liberato Barroso houve *uma pessoa* altamente collocada, que as obtivesse para pender o animo recto e justiceiro do Exm. Sr. dezembargador Luiz Antonio Barbosa de Almeida

Essa pessoa, pela posição elevadissima que em todos os sentidos goza na sociedade, perdoe-nos a franqueza de escriptor imparcial, desceu de sua dignidade representando um tal papel, principalmente quando entre elle e o Exm. Sr. dezembargador Luiz Antonio, si não ha rixa pessoal, ha politica e muito antiga.

Que mandasse outrem leval-as— *transeat;* porem ir mesmo em pessoa a casa de seu adversario — é o que é tudo, é o que surprehende a expectação geral.

Narrando este facto não podemos esquivar-nos de fazer publico, ainda que escassamente, a resposta que deu o Exm. Sr. dezembargador Luiz Antonio a esse personagem, que ás cartas acima mencionadas interpoz mais o seu valimento e prestigio:

«Exm. Sr.—Até hoje das duas carreiras da vida publica a que me tenho votado — a politica e a magistratura — em resultado só tenho obtido a honra e a pobreza. muito farei para não perdel-as agora ao declinar da vida.

«E' quanto tenho a dizer a V. Ex.»

Estas palavras, sempre memoraveis, repercutiram tanto no animo do amigo dos reus, que nada mais retorquiu alem dos officiosos cortejos de despedida.

Poderiamos citar muitos outros casos de pessoas differentes sobre o mesmo ponto, e que todas mais ou menos reconheceram logo a improficuidade do trabalho: porem não—porque não se faz preciso.

Agora a caravana quer atravessar a barreira — o Sr. Dr. Manuel Caetano — pela mesma forma, e de cartas e pedidos tem havido um diluvio.

Houve até um negociante, *tam influente,* que já, á imitação do Garapa, tem um becco com seu nome, que exigiu do Exm. Sr. Dr João Ferreira de Moura que exigisse do Sr. Dr. Manuel Caetano não appellar da decisão do jury, que com tanta infallibilidade conta.

Até respeitaveis senhoras tem intervindo para esse fim. Ao mesmo tempo que os brios se despertam, o coração se entristece ao contemplar o *fervet opus* que ha para salvar-se os fataes authores do crime de agosto.

Nessa agitação procellosa contra os interesses da justiça somente tem sido parco o personagem de que ha pouco fallamos, porque dizem que protestara não se arriscar a nova derrota.

Verdade ou não, o que é certo é que ainda não nos constou que elle abalroasse ao Sr. Dr. Manuel Caetano.

Não obstante pela edade e amargo traquejo do mundo podermos dar lecções ao illustre orgão da justiça publica, todavia nelle reconhecemos muita circumspecção e criterio para que lhe avivemos o exacto cumprimento de seus deveres.

Já por uma vez, relativamente ao requerimento do segundo exame de sanidade, emmittimos juizo certo e seguro de sua reputação.

Agora é que é tempo de fortalecel-a para corroborar mais a opinião publica.

Basta um só acto, a vez, para decidir da vida inteira de um homem, e o

nobre promotor justamente está comprehendido nesta hypothese.

Mais que perfeito conhecimento deve ter do processo, e outra coisa alem não é preciso.

Cumpra, pois, o seu dever, que é o que unicamente desejamos de todo o coração.

Ainda duas palavras ao tribunal do jury.

Si a compaixão dos reus não se moveu aos gritos, dores e gemidos que desprendia o infeliz João Soares de Oliveira ao lhe serem applicados os anginhos, algemas, mordaça, cordas de sedenho e mais instrumentos do barbaro e atroz crime, tambem a vossa compaixão não se deve mover aos seus rogos e lamurias.

Concluimos com o pensamento apropriado de um celebre jurisconsulto da França.

«Quelque mauvais que soit un tribunal, il est encore trop bon pour des scelerats.»

P. S.—Agora mesmo chegou ao nosso conhecimento por pessoa digna de fé que um official de justiça – Fulano de tal Guabiraba, recebeu de *alguem*—pessoa competente, o mandado para serem citadas as testemunhas com a recommendação expressa em uma lista das que deviam sel o realmente e das que não deviam, apezar de constar das certidões que todas o fossem.

Chamamos a attenção para este facto, do qual tractaremos ao depois miudamente.

—O *delgado alarma* continua ainda na protecção decidida ás *bufas*.

—Outro dia deu elle um *soiree* em casa aos annos da *Pimpim*, ao qual esteve presente a *popa*, o *popo et magna comitante caterva*, inclusivel os addidos ao cordão—Martins punhal e Fr. Glicerio.

—Desta não sabia eu: sabia apenas que para despretigiar o *nourisma*, tem elle commettido quanta picardia ha.

Dizem ate que quando a bufaria for s'embora, elle vae tambem na qualidade de *macaco seco*, vestido a libré do fardão para dansar ao som do realejo.

—Desta lhe livro eu e muita gente que terá de embargar-lhe a viagem para ajustar certas contas. Ate o juizo dos orfaos entrará na dansa, por que *alarma* com elle tem grandes culpas no cartorio.

—No dia do beneficio da Adele foi elle quem recebeu o dinheiro da mão do Joaquim e entregou-lhe.

—Então o macaco seco quer passar-se-a todas?

—Ora, ora; si elle tem mais cio que um bode. Si eu for contar-lhe cousas deste melcorio, V. ha de admirar se de ver quem é aquella *pezeta*.

—Conte-me que sou todo ouvidos.

—Agora não; ficará para outra vez.

NOVIDADE COMMERCIAL!

S. Ex. o Sr. presidente da provincia ha dias enviou ao Sr. dezembargador presidente do tribunal do commercio, segundo consta, um requerimento que em 11 do corrente se pediu para ser pela presidencia encaminhado a S M. o imperador, acompanhado de varios documentos extrahidos de livros de secretarias, e de autos de cartorios, mostrando ter Firmino Soriano Caldas, *sem nomeação de authoridade alguma*, exercido os officios de escrivão de appellações e tabellião de protestos de lettras!

Cumpre ao commercio, aos particulares, fiscaes e directores dos estabelecimentos bancarios, a quem estão confiados grandes capitaes e fortunas um exame nessas lettras protestadas, que se acham nos cofres, e nos processos pendentes, para providenciarem como for de direito e justiça.

Ao corpo eleitoral do 1.º districto.

Jamais cessaremos de recommendar a candidatura do sapientissimo e philantropissimo Sr. Dr. Americo de Souza Gomes.

Os projectos gigantescos e soprehendentes, que o referido Dr. tem de apresentar na proxima sessão, são os seguintes:

1.º—Que nenhum deputado receba mais o subsidio diario de oito mil reis, concorrendo todos para que delle se

faça um monto de soccorro em favor das familias dos voluntarios da patria, sob penhores, com o premio do trez por cento ao mez, accumulando elle as funcções do *manager e acountant*.

2.°—A canalisação e navegação do chronico rio das Tripas para maior facilidade do conducção alimenticia dos racionaes agentes passivos da companhia de vehiculos Economicos.

3.°—Fazer á bem da moralidade publica do bècco do Grelo e Caes Dourado um bordel á *œil de bœuf*, segundo o modelo, que lhe trouxe de proposito de Paris o José Manuel, de um que ha na rua do *Champion*.

4.°—Obrigar todos os proprietarios a ceder duas terças partes dos quintaes de suas casas para desse territorio formar-se o poder temporal do papa, caso seja elle expulso de Roma pelos lazzaronis garibaldinos.

5.°—Comprar a provincia mil armas de agulhas nos arsenaes da Prussia Rhenana para com mais presteza se fazer o recrutamento.

6.°—Erigir no largo do Papagaio uma estatua de granito, plastica e esthetica, para memoria eterna do actual administrador da provincia pelo brilhante papel que representou nos faustosos concertos do passeio publico.

7.°—Fazer apparecer o novo estabelecimento do fallecido João Pimboca nos arcos de Santa Barbara com o retracto lithographado de todos os eleitores do 1.° districto, os quaes considera aves de penna.

Taes são os principaes projectos, alem de outros de egual folego, que tem de apresentar o Dr. Americo.

Poderá o corpo eleitoral dispensar um genio destes do *primo cartello*?

Por certo que não; e por isso é que pedimos que não deixem de comtemplar em suas listas o referido Dr., assim como o Dr Horta que não fica atraz da correnteza caudalosa.

Em outra occasião mostraremos a aptidão desse distincto e bem figurado membro.

O arbor de Sant'Anna.

Sr. Redactor.—Do retiro em que me acho não posso deixar de largar os affazeres do campo, minha profissão habitual, para fazer ao publico, e principalmente aos Exms. Srs. Drs Presidente da provincia e chefe de policia, algumas considerações, ainda que humildes e rudes, relativas a uma nomeação de authoridade policial que appareceu em um dos jornaes proximos passados.

Essas considerações são fundadas em factos incontroversos, alguns dos quaes devem constar dos archivos da secretaria de policia, que achal os-ha com facilidade quem se der ao trabalho de desempoeiral os, e outros são conhecidos por pessoas gradas e circunspectas, desta capital, que ja exerceram elevados cargos na provincia.

Sem mais ambages eil os,

Em um povoado, onde a *encarnação* do mal sobrejugava até uma villa não distantante desta capital, havia uma famigerada quadrilha, cuja principal missão era assassinar, roubar negros, cavallos, bois e tudo o mais que podiam pilhar n'aquelles arredores.

As torpes e malvadas proezas eram em tam grande escala, que rara era a semana em que não desciam senhores de engenho a procura do que se lhes havia roubado, munidos do competente precatorio.

Tudo isso, porem, era improficuo, porque quando recorriam a authoridade policial para effectuar a diligencia, esta, em vez de cumprir o seu dever, mandava in continenti avizar os ladrões que prevenidos pela noticia levavam para as mattas as prezas e roubos onde as occultavam.

Assim, pois, era elle associado aos ladrões, e por essa rasão gozavam elles da impunidade.

Continuando a delapidação com toda a intensidade sem que houvessem forças bastantes para reprimil-a, viram-se os prejudicados na restricta obrigação de recorrerem ao chefe de policia, que era o hoje dezembargador Innocencio Marques de Araujo Goes, que bem informado daquellas ladroceiras e escandalos pelo clamor geral que repercutia

de todos os logares, demittiu á bem do serviço publico a referida authoridade policial, e ao novo nomeado deu ordens terminantes para que fossem presos e processados os taes ladrões, alguns dos quaes fugiram e outros foram condemnados pelo jury e cumpriram sentença.

Ao advogado imcumbido de defendel-os fizeram declarações importantes.

Com a noticia dessa demissão foi immenso o regosijo publico tanto no povoado como em toda villa, e não houve quem não bem dissesse o chefe de policia d'então por semelhante acto de justiça.

Quando, porem, não estava apagada ainda a pagina negra destes feitos, eis que apparece a nomeação do antigo heroe para subdelegado daquelle infeliz logar, digno de melher sorte, causando essa nomeação espanto e horror não só as pessoas honestas daquelle logar, como as desta capital que conhecem o recem nomeado.

Segundo nos consta, essa nomeação fora pedida desde o tempo em que o Exm. Sr. Dr. Aragão e Mello era chefe de policia effectivo, pedido a que elle por informações não levou em caso.

Agora contra toda a expectativa apparece ella agora na policia do proprio Sr. Aragão e Mello.

Acreditamos piamente que S. Ex. foi enganado, sinão tal não faria.

Entenda-se S Ex com o *José Pedro* e com o *Silva Honorato* que melhor esclarecerão o engano de que foi S. Ex victima.

Assim, espera-se que S. Ex. livre aquelle povoado deste flagello, antes que o novo nomeado preste juramento, e tome o exercicio da vara.

Rogo-lhe, Sr. Redactor, a publicação que assaz agradecido ficar-lhe-ha o

Tenente-coronel da roça.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado tendo conhecimento de uma carta, que por ahi se diz, que uma pessoa encarregada pela irmandade de Santa Cicilia de mandar vir da Europa registos da mesma Santa teve o desprazer de ver repudiada a encommenda etc., e como fosse o abaixo assignado quem no anno de 1863 pedio a uma senhora de suas relações que nessa occasião tinha uma irman a partir para Europa, que tomou a sua incumbencia do mandar preparar os referidos registos por sua conta e não por ordem da irmandade, como se quer fazer crer, elle pretendia offerecer por occasião da celebração da festa daquella Santa: vem por meio da imprensa declarar ao respeitavel publico que elle não acceitou e nem podia acceitar os registos por quanto chegaram elles em junho de 1866 com data de 1864, depois da epocha por elle fexada e conseguintemente de nada lhe serviriam.

Ainda assim o abaixo assignado participou essa ocurrencia a meza que então vigorava a ver se ella concordava em receber os registos, depois disto não sabemos o que se resolvera e so agora é que com surpreza teve sciencia dessa carta, a qual responde, un cam nte porque contem ella alguma couza que não é exacto, como ja fez ver, o qual de alguma sorte poderia fazer acreditar a alguem que o abaixo assignado deixou de cumprir os deveres inherentes ao cargo que exerceu naquella irmandade, o que por certo ninguem poderá imputar lhe. — Bahia 22 de novembro de 1867. — O ex-thesoureiro, *João Bispo*.

A um 2.° sargento de policia que esteve destacado na cadeia do Engenho da Conceiçao, pede-se para que dentro de 3 dias vá pagar na venda os seus valles, tanto por si, como por soldados, dos quaes já recebeu; sinão será seu nome publicado por extenço.

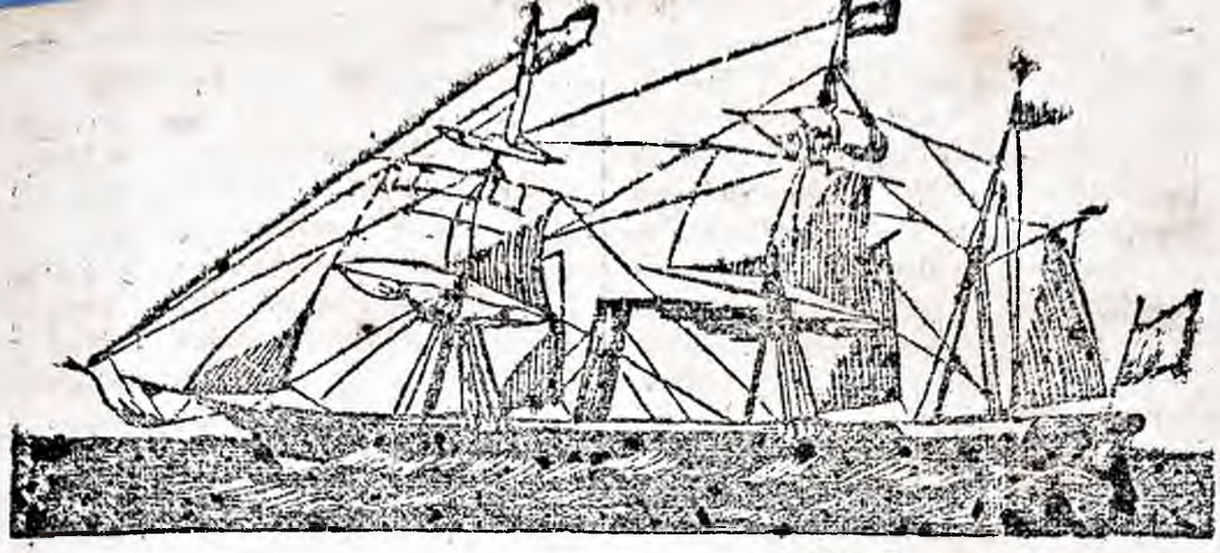
A' rua Direita dos Perdões n.° 71 precisa-se fallar ao Sr. Eloy da Cruz Lacerda.

Bahia 21 de novembro de 1867.

POR 200$000.

Vende-se uma mulla grande, nova, gorda, sem achaque e boa de carroça.

Na padaria ao largo de Santo Antonio da Moraria se dira quem vende.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 26 DE NOVEMBRO DE 1867. SERIE 30.ª—N. 291

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Começa hoje a 30.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de novembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, levando ao seu conhecimento que na rua do Bangala, n.º 37, mora uma africana, cuja casa é um perfeito lupanar de vicios e até de crimes.

O pavimento superior desse casebre é destinado a toda casta de libidinagem e depravação, e o inferior é consagrado a actos supersticiosos e ao culto de bruxarias.

Ahi vae gente de toda classe tomar *ventura* e pratica-se certos actos, que repugnam e offendem a religião.

Não ha muito tempo, que nesse alcouce foram apprehendidas duas negras fugidas, caso que não deve ser extranho a policia, porque á sua ordem foram ellas ahi presas.

Accresce que a *mamãe* do tal *zungù*, cujo nome é Odilia, tem dous endiabrados cachorros, que investem e mordem á todos que por essa rua passam, succedendo serem victimas dos ferinos dentes, na quinta feira, um marcineiro e um armador inspector de quarteirão, o qual teve de quebra uma bofetada da referida *mamãe*, que sendo presa á ordem do chefe, foi logo posta em liberdade, realisando-se o que dizia antes o amazio da mesma, que quem tem dinheiro, quando vae preso, é solto no mesmo instante.

Espera-se que S. S. que tantas provas tem dado de zelo e aptidão no desempenho do cargo que dignamente lhe foi confiado, mais uma vez confirme o juizo que a seu respeito formamos, fazendo acabar com semelhante receptaculo de immoralidades.

LA VAE VERSO.

QUADROS DA VIDA.

Canta, canta, minha musa,
Que eu toco meu alaúde,
Choremos do mundo o gozo,
O gozo que nos illude.

Deixa passar o orgulho
Todo cheio de ufania,

Qu'após d'elle a passos lentos
Virá a melancolia.

Deixa passar o fidalgo
Com seu luxo de riqueza,
Que não tarda a seu alcance
Prosiga a triste pobreza.

Deixa a jovem imprudente
O seu caminho passar,
Do pae gastando a fortuna
Para os dias encurtar.

Canta, canta, minha musa, etc.

Lá vem donzella engraçada
Toda sorrindo de amores,
No rosto prazer exprime,
No peito mil dissabores.

La vem matrona formosa
Em seu lento caminhar,
Vem pensando no esposo;
O ciume a faz scismar.

Canta, canta, minha musa, etc.

Em salão illuminado,
Onde brilha a pedraria,
Não ouves ternos suspiros
Entre os sons da melodia?

Neste baile magestoso
Onde a pompa assaz fulgura,
Dos amantes o ciume
O coração lhes tortura.

La está pae pensativo
Pela sorte da donzella:
E apezar de muito amal-a
Deseja livrar-se d'ella.

A face na mão poisada,
O coração ancioso,
Da mulher as acções mede
Velho ciumento esposo.

Canta, canta, minha musa, etc.

Por sobre lustrosa mesa
Brilha amarello metal;
Para uns tão venturoso,
Para outros tão fatal.

Cento de olhares se empregam
Nas cartas e na riqueza;
La surge agradavel riso;
La pouza ingrata tristeza.

Mas ah! que se chega o pobre
A esmola a mendigar.
Como n'esta sala entrara
De certo torna a voltar.

Canta, canta, minha musa, etc.

Choremos, minha musa, que este mundo
Cheio de glorias, de prazer, de luxo,
De dores, de miserias, de desgostos,
Tem apenas em si um ponto occulto,
Onde olhares humanos não penetram!
E todos penetrar buscam anciosos
Um ponto que nos cobre de esperança
As largas, turvas azas — o futuro.
Canta, canta, minh musa,
Qu'eu toco na minha lyra;
Canta as verdades do cèu,
Canta do mundo a mentira.

Dr. M. E. B.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXXVIII.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto, — pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Está marcado o dia de hoje para ter lugar o julgamento do processo Castro Rebello & C.ª, em virtude de no dia 23 não haver sessão por falta de numero.

Em vista das noticias que correm, e hoje não ha ahi ninguem que as ignore, ja não temos palavras capazes de exprimir a estupidez e subserviencia, o aviltamento e corrupção a que se prestam homens, que jamais deveriam decer a esse estado de infima degradação.

A vergonha obriga-nos a não reproduzir pela imprensa uma por uma dessas noticias, para que essas scenas immoraes e escandalosas, abusivas o criminosas, que se tem dado nesta sessão do jury, não sejam lidas pelo estrangeiro para perpetuo signal de stigma e escarmento do imperio do Brasil!

Do imperio do Brasil — não; é só da

malfada provincia da Bahia, por que o tribunal do jury da côrte agora mesmo acaba de dar um exemplo bem vivo e palpitante de moralidade e justiça, condemnando no grau maximo das penas da lei em que foram pronunciados o cynico bacharel Raymundo Martiniano e todos os seus cumplices no rapto de uma viuva rica.

Infelizmente só na Bahia é que se ha de ver mais a *realisação dessa prophecia,* que importa fraqueza e pusillanimidade, corrupção e escandalo jamais vistos em outra qualquer parte.

Apregoam os reus que a absolvição será unanime, e é essa a ultima predicção a que alludimos.

E' por demais deploravel o estado da sociedade, que, nos violentos embates das paixões mais detestaveis e mais fogosas de calculos pessoaes e politica mesquinha, não conserva no fundo d'alma os sentimentos de moralidade e de justiça.

Os fastos judiciarios, apezar da fragilidade e fallibilidade dos juizos humanos, não registrarão outra nodoa indelevel como esta, que reapparecerá de continuo sem que jamais possa ser apagada.

E' preciso que o augusto tribunal do jury desça da altura e magestade em que devia estar collocado para absolver os homens fataes do horroroso attentado de 6 de agosto.

Que mais provas de criminalidade que as que existem no processo?

A irresponsabilidade legal que tem o jury não se estende até a elasticidade de consciencia para negar o facto delictuoso de que fôra victima o infeliz João Soares de Oliveira, e terem sido os reus os seus authores.

Sob a força irresistivel de immoral patronato, que obriga a fazer do preto branco e do branco preto, poderá dar logar a que sejam absolvidos taes homens, contra toda a evidencia e intuição da verdade e contra todos os interesses da justiça.

Si foge, porem, a acção da lei a responsabilidade, não escapa a de Deus que prescruta a consciencia até nos mais intimos refolhos, e deve ser tremendo o castigo que aguarda á aquelle que mentiu a sua consciencia e ao seu creador.

O juramento sob cujo influxo tem o jury de pronunciar o seu verdict, pelo qual invoca a Deus como testemunha de suas acções, não pode ser trahido por modo tam deshonroso.

Pronunciando-nos por essa forma, hoje como sempre, não queremos do jury nem indulgencia nem rispidez, nem condescendencia nem austeridade, mas unicamente imparcialidade e justiça.

Ao mesmo tempo que oscillamos em crer na absolvição apregoada, essa oscillação desapparece em vista do funestos exemplo dos factos consumados.

Quem viu um senador do imperio descer de sua alta dignidade sendo portador de cartas de empenho para o Exm. Sr. desembargador Luiz Antonio Barbosa de Almeida; quem vae ver o Exm Sr. Dr. Joaquim Jeronimo Fernandes da Cunha ir defender ao reu Castro Guimarães por elle accusado de ser suspeito no desfalque reconhecido no banco: quem viu o presidente de um tribunal interpor todo o seu valiosissimo prestigio para que fossem conservados os reus em commum na mesma prisão; quem vae ver o Sr. Dr. Francisco Mendes da Costa Correa ir expor a sua reputação de magistrado presidindo esse julgamento;—pode tambem ver que o tribunal do jury não encontre criminalidade nos reus, e os mande para as suas casas machinar e perpretar novos attentados!

O que querem mais, quando os primeiros a dar o exemplo são os que protegem por essa forma o crime?

O publico que aprecie tudo isso, e que espere pelo epilogo do drama sangrento de agosto para fazer justiça a quem merecel-a.

E' só o que dizemos por hoje.

—Sr. Olympio Boi V. não se emenda? Ao depois ande se agarrando pelas paredes para saber quem apresenta suas bandalheiras no *Alabama.*

—E' malfeito andar a vida de um

homem serio ahi por essas gazetinhas.

—Tao serio, que se inculca amigo de um homem casado para desacreditál-o.

—Isso são fraquezas humanas.

—Para que V. não refreia essa destemperada lingoa e falla até de si, alardeando aquillo que qualquer homem que se presa deve calar; alem de a ninguem poupar, lançando sobre todos pechas e defeitos?

—E' meu genio.

—Pois não trate de emendar-se recolhendo-se á sua *estancia* e depois queixe-se quando lhe apresentarem certas mazellas que andam encobertas, mas que serão *espamparadas*, si V. continuar. Veja lá.

APANHAMENTO

Do discurso pronunciado pelo patriarcha da sciencia e artes, o Illm. Sr. Dr. das Americas Gomos de Souza ante o corpo eleitoral do 1.º districto em prol de sua candidatura á assemblea legistativa provincial.

Illms. Srs. —Entre os candidatos á deputação ou membrania provincial, apresentado pelo carunchoso e grelado partido conservador, nenhum tem mais direito aovosso negativo suffragio que eu:

Nem o Horta, nem o Monteiro, nem o Freire, nem o Brandão e nem o Rocha, juntos ou separados, entram no vasto bojo da concavidade de minha esphera.

Que latitude immensa é a da minha materia apezar da carteza da forma!?

E' que cavallo gran le-besta de pau, e por isso eu sou assim a imitação dos filhos d'Andaluzia, raça de força para viagens prolongadas.

Achando enxanças, eu vou longe sem nunca perder o fluido fio da loquacidade animaleja.

Dizia eu que nem o Horta—porque formou-se ja com edade avançada, e papagaio velho não aprende a fallar:

Nem o Monteiro—porque, apezar de ter a figura de Hypocrates, é o anti-aphorismo da medicina:

Nem o Freire—porque justamente as epidemias appareceram no tempo em que elle era medico bovino:

Nem o Brandão—porque, não obstante surrador, tantas surras tem levado que seu taleuto ja está surrado:

Nem o Rocha finalmente—porque o Rocha so escrevo, e nas assembleas só escrevem os tachigraphos.

Todos estes porquos involvem uma indigesta desenvoltura, que eu, para não perder tempo, pois sou muito cioso, embrulhei por uma figura da syntaxe de Dantas nas poucas palavras que foram ditas.

Eis, por tanto, quem são os meus companheiros, e si pelos domingos se devem tirar os dias santos, segando dizia o duque Marcello dos Paios, não se me dá de apostar ser eu o primeiro na votação, quer de cima quer de baixo.

Era tempo me apresento a provincia, afim de que ella não se esqueça de mim e não deplore a final a minha falta, como se esqueceu e deplorou a do meu infeliz e cosmopolita correligionario Thomé da Costa Passos.

Alem dos projectos, de que ja tendes noticia—vou apresentar, muito fallarei sobre a farinha de trigo reduzida a mandioca, sobre o miilho, sobre o feno, e sobre o farello, cereaes da minha predilecção pela succulencia da substancia.

Tenho ainda um projecto que é o da colonisação entre nós dos amoladores italianos, que tanto tem de fazer prosperar esta terra de Moema.

De mais calo-me; por que posso não sahir, e outrem se aproveitar de meu assento para gosto seu tirando o que é alheio.

Sobre politica geral sou parco.

A minha diviza sempre foi, é e hade ser—gloria a Deus nas alturas, e paz voluntaria aos homens do governo.

A minha independencia authorisa-me a fallar assim, porque sou rico de dinheiro.

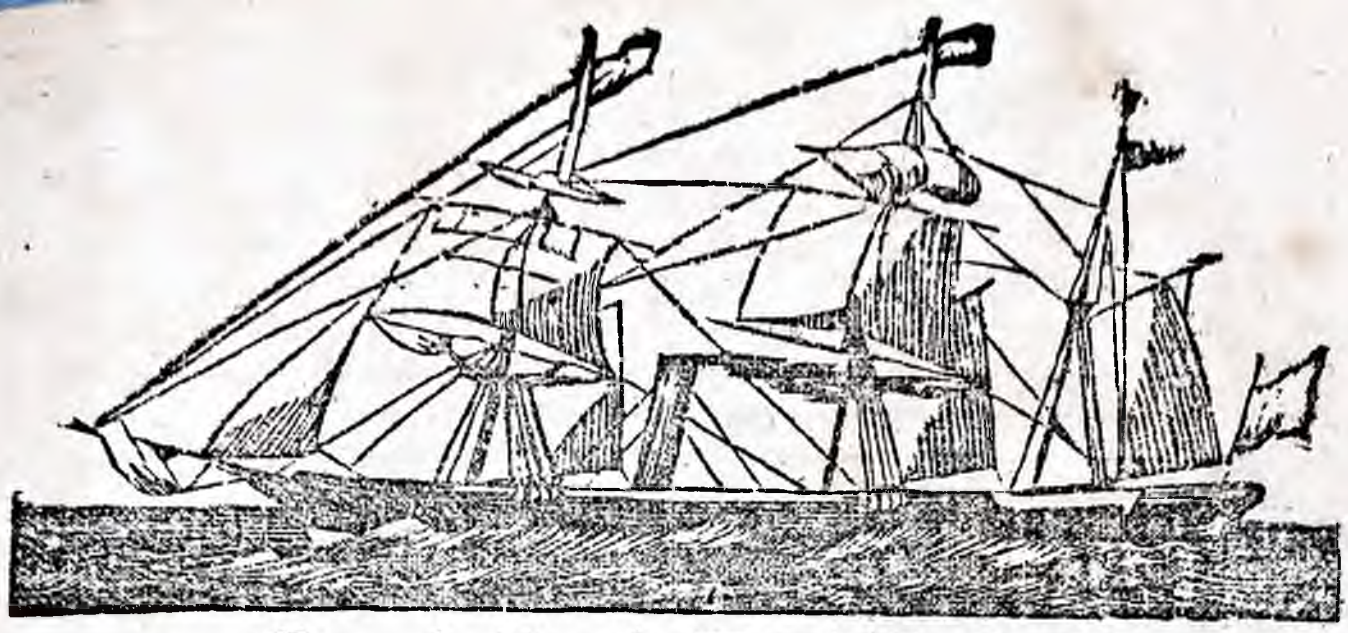
No dia em que tiver de orar, o publico será sciente tres mezes antes por cartazes pregados nas esquinas principaes ao som da enthusiastica musica da chapada

Quem falla assim não teme de si.

Tenho dito.

O ariber de Sant'Anna.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 30 DE NOVEMBRO DE 1867. SERIE 30.ª—N. 292

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, sendar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 ries, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. o lha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de novembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, partecipando-lhe que hoje sabbado ha grande *serviço* e *matança* no *zungú* de mamãe Miquelina, nos fundos do Sr. coronel Silva Reis, ao Maciel de Baixo, fazendo o ceremonial as sacerdotisas Lydia, Maria Augusta, Melania, Cecilia, e Escolastica, pelo que espera se que S.|S mande tambem para alli uns seis agentes policiaes á apreciarem aquella funçonata.

—Capitão, uma infeliz, banhada em lagrimas, pede a publicação deste annuncio.

—O que contem?

—Eu leio para V. Ex. ouvir.

Anna Maria Simplicia de Jesus, impellida pela necessidade, vende a farda de seu marido, José Alves da Costa, guarda nacional do 6° batalhão, desta cidade, recrutado e remettido para o Sul.

A annunciante teve a infelicidade de não serem attendidas suas justas reclamações, apezar de se apresentar ao Exm. presidente com tres filhinhos, em vesperas de quatro e em nome delles implorar a soltura de quem lhes matava a fome.

Reduzida a mais extrema miseria, desalojada do tecto onde se abrigava, por não poder pagar os alugueis, desamparada, sem meios para manter os charos penhores, lança mão desse precario recurso.

A referida farda está á venda na loja n.° 17 á rua do Julião, onde pode ser vista e contractada.

—Coitada! Quando esgotar os tenues meios, irá esmolar o pão da charidade para não ver os filhos perecerem á fome.

—E os causadores de sua desgraça mal se lembram das voltas deste mundo e que todos elles são paes de familia!

—Capitão, peço a V. Ex. que recommende aos Srs. eleitores o nome do illustrado e honrado Sr. Dr. Antonio Euzebio Gonçalves de Almeida para um dos logares á assemblea legislativa provincial.

—Si nesta quadra excepcional, ha nome que deva ser respeitado, em todos os sentidos, é o do Sr. Dr. Euzebio, que innumeras provas tem dado de seu zelo e patriotismo pela causa publica.

Apoiando o intercedendo pela sua candidatura nada mais fazemos que justiça á integridade de seu caracter.

—Uma *observação curiosa*.

—Faça.

—Na sua parte official sobre o combate de 3 de outubro, o nosso general, diz, que os paraguayos eram 2 000.

—Li isso.

—Diz mais que ficaram mortos no campo mais de 500.

Demos de barato que morressem 550, cahiram prisioneiros 200 e *apenas* escaparam cento e tantos.

—Nos *tantos* é que vae a cousa.

—Supponhamos que foram 150, o que faz um total de 900.

Para onde foram os 1,100 paraguayos que faltam para completar os 2000!

—Desappareceram.

—Por encanto?

—Por isso gostei de uma anecdota que li outro dia no *Pindamonhangabense*.

—Repita.

«*Resposta espirituosa*.—Perguntando alguem a um prisioneiro paraguayo se acreditava na promessa que tinha feito o bispo da Assumpção, de que iriam ali resuscitar os que morressem no campo da batalha, respondêu;

«Ao principio pozemos o caso grandemente em duvida, mas agora não podemos deixar de acreditar, vendo pelos vossos jornaes, que desde o principio da campanha tem morrido Paraguayos, que, dos que lá deixamos, não existiria um so, se os mortos não tivessem resuscitado.»

—Meu charo, tempo de guerra...

—Mentira como terra.

A PEDIDO.

—O *delgado alarma* está cada vez mais insuportavel.

Protestou que, si a Eugenia representasse elle deixaria de ser *delgado*.

—Então por isso foi que negou *favor* ao Cazaes e outros, nos quaes tinha parte esta actriz.

—Alem de todo isso, o *macaco secco* é immoral, por que outro dia foi incontrado com a *popa* no camarim, quando ja não havia mais ninguem na casa dos spetaculos.

—Essa é a principal razão de ter mandado fechar a porta de baixo.

—E não ha quem olhe para esses desmandos, arbitrariedades e immoralidades.

—Quando apparecerem as cousas não se queixe.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXXIX.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Traje o pezado crepe da vergonha a segunda cidade do imperio—a capital da provincia da Bahia!

Os homens fataes e perversos, os tyranos do horroroso attentado de 6 de agosto foram *unanimemente* absolvidos pelo tribunal do jury!

Era a ultima *prophecia* a realisar-se e realisou-se!

O que querem ver mais? O que devem esperar os cidadãos honestos, amantes da ordem e cumpridores da lei em vista dessa farça escandalosa, immoral e miseravel, que acaba de representar-se nos tapetes da assembléa provincial, a que impropria e indevidamente se deu o nome de jury?

Hoje só devem receiar de si os innocentes, que não os criminosos!

Ahi estão o despotismo, a prevaricação e a venalidade dos applicadores da lei para protegel-os com publica affronta da justiça e da moral.

Por mais ferozes que sejam, tendo cabedaes e amigos para repartir com os amigos dos cabedaes, que ponham em pratica seus instinctos de ferocidade, porque a justiça da Bahia — vá a quem toca — é a tèa de aranha que só prende as *moscas* e deixa voar as *andorinhas!*

Desgraça, desgraça, mil vezes desgraça!.....

Contra toda a expectação publica deu-se essa infamia que já era apregoada anteriormente e nós noticiamol a no artigo antecedente, quando ainda não estava submettido a julgamento o processo.

Mas é que não esperavamos, como ninguem o devia em boa fé e san consciencia, que mais essa miseria viesse ajuntar-se a quantas — sem numero — nos acabrunha, opprime e avilta.

E' preciso, porem, dizer — alto e bom som — a todos sem excepção de um só, ao mundo inteiro, si possivel for, que não foi o jury da capital da provincia da Bahia, que sempre teve e manteve os foros de honesta e illustrada, que absolveu por *unanimidade* os authores do atroz crime de agosto.

Não; foi meia duzia de homens estupidos, ignorantes e analphabetos, arrancados dos campos e das mattas reunidos a outros que taes da cidade e a nda em circumstancias mais deploraveis, que degradaram a si, a justiça e a lei com esse acto immoral e escandaloso, funesto e reprovado.

Não ha dique que possa reprezar a indignação, que impetuosamente prorompe de todos os corações contra semelhante transviamento.

E como não ser assim, si os elementos foram predispostos para esse fim, que já era apregoado anteriormente sem a menor reserva ou recato?

Era preciso para tudo isso um meio extremo, e elle empregou-se e o resultado é o que todos já sabem.

Desde que, por uma protecção sem nome e sem qualificação, a sessão marcada para os fins de outubro foi adiada para 15 de novembro, caso virgem nesta capital, desde que está instituido o jury, somente porque nella não tinha tempo de entrar o processo dos reus que pendia do superior tribunal da Relação, e mais ainda porque não se contava com os cidadãos sorteados, o espirito publico manifestou-se pór um modo irrecusavel contra essa transgressão palpitante da lei, querido cohonestar pelo decreto n. 693 de 31 de agosto de 1850.

Muito antes de ter logar o addiamento, pelo alarde que faziam os reus e pelo geito que as coisas tomavam, foi elle annunciado nas estreitas columnas desta folha, e pouco tempo faltou para que o dito fosse certo.

Dahi é que partem as irregularidades e tropelias, qual mais excessiva e abusiva, que tiveram remate com a absolvição plena dos homens do carro, da mordaça e dos anginhos.

Houve uma balbordia ou labyrintho no sorteio dos jurados, tanto naquella sessão como nesta, ora esgotando-se a urna especial, ora a supplementar, que não houve quem não interpretasse logo esse esgoto, principalmente quando os sorteados só eram de Pirajá, Passé, Matoim e Cotegipe, e das freguezias da capital raro era o que sahia, e assim mesmo da parcialidade dos reus.

Esgotaram-se as urnas — o que mais é, e ainda os nomes de cidadãos conspicuos e respeitaveis, que nunca haviam servido, desappareceram para que tudo corresse a modo e geito.

A qualificação do Matoim perdeu-se e achou-se por um modo inexplicavel.

O Sr. Justino Pereira Gallo que, ha mais de doze annos, é domiciliario e residente nesta capital, outr'ora na freguezia de Santo Antonio e ora na da Sé, appareceu qualificado na de Matoim, sem que nunca em dias de sua vida tivesse sido jurado sinão agora no ultimo quartel da vida.

Esse facto era geralmente tam sabido que os reus, apezar de contarem com a dedicação do Sr. Gallo, deram-o de suspeito, tal era o requinte do escandalo.

Arrancaram de Pirajá até um moribundo, o octogenario Sr. Thomaz Leal, que só esteve presente a sessão um dia,

sendo logo dispensado pelo presidente do tribunal que, vendo o estado de prostração em que estava, recceiou a sua morte.

Como a sua molestia exigia alimento de ora em ora, uma cesta com comida estava junto a elle mandada pelos reus.

Muito mais ainda succedeu, e a imprensa denunciou sem que nada houvesse com força de impedir a torrente dos escandalos, que terminou pela absolvição plena dos algozes do infeliz João Soares.

Vamos por alto narrar as tristes occurrencias que se deram na sessão do julgamento, e os magistrados e jurisconsultos, o publico em geral, que apreciem até onde pode chegar a força do patronato.

Antes de principiarem os trabalhos do tal tribunal, o seu presidente, sem que nem para que, ameaçou até o insulto as galerias com improperios e picardias improprias de um magistrado, em quem é de presumir delicadeza e illustração.

A manifestação publica contra esse proceder foi bem pronunciada e significativa.

Varios cidadãos distinctos e prestimosos, que estavam nas galerias, retiraram-se incontinenti, e a resposta que deram a essa imprudencia foi um solemne despreso.

Nos debates até o Sr. Dr. Deiró foi victima, porem retorquiu com força e energia, e ahi foi o advogado quem chamou a ordem o juiz, que submisso curvou se ao accento de sua voz.

Depois de recusados doze Srs. jurados pela promotoria e dois pelos accusados, o conselho ficou composto dos seguintes senhores:

José Francisco Mendes Chamusca,
Lino Pereira Soares,
Tenente Coronel Fortunato José da Cunha,
Joaquim José Correa,
Fabricio Cardoso de Vasconcellos,
Severiano da Silva Gomes,
José Ribeiro Coelho,
Baldoino Candido de Barros,
Felippe Justiniano da Costa Ferreira,
Francisco Pinto Gonçalves,
João José de Oliveira,
Francisco José de Azevedo.

E' preciso dar a conhecer esses individuos, todos eguaes pela unanimidade de pensamento e em mais alguma cousa com pequena ou nenhuma differença.

O primeiro é um pasteleiro ou doceiro da freguezia de S. Pedro, amigo intimo dos accusados, e que mal sabe assignar seu nome, e em sua casa se aprumptaram os doces para o banquete.

O segundo é de Paripe, amigo tambem intimo, de cama e meza, como la dizem, do Sr. José de Castro Rebello, irmão de um dos reus, em cuja casa tem passado festas com sua familia.

O seu senso commum passa até por duvidoso.

O terceiro é um tenente coronel do Pilar, que apenas aprendeu primeiras letras, e dahi foi para uma taberna onde ainda está, e actualmente é inquilino e amigo do acusado Castro Guimarães.

O quarto é um aleijado de Pirajá, conhecido alli por *Mãosinha* maior de setenta annos, em quem resaltam todos os visos de apatetado.

Com essa idade nunca serviu no jury como confessou, e si não fosse a ameaça da multa dos 300$ rs. não viria.

O quinto tambem é de Paripe, amigo da familia Castro Rebello.

O sexto é compadre do reu Castro Guimarães; e tudo quanto podessemos dizer de mais—obscurecer se-hia ante essa qualidade, por si só capaz de annullar todo o julgamento em vista da lei.

O septimo é de Passé, empregado em serviço braçal, e foi arrastado por dous barões amigos dos reus.

O oitavo é amigo inseparavel do Sr. Dr. Freire, morador na freguezia da Penha, e thesoureiro do Sacramento dessa Matriz, ignora-se do que vive!

O nono é de S. Pedro, companheiro

de eleições e amigo dedicado do accusado Sampaio Vianna.

O decimo é caixeiro do escriptorio do Sr. Conde o amigo extremoso do accusado Castro Rebello.

O undecimo tambem é de Pirajá, dos mandados pelos amigo do reu Castro Guimarães, a quem elle deixou na miseria pelo seu bom modo.

O duodecimo é um ex fiscal da camara municipal por ella demittido á bem do serviço publico, morador em Santa Anna.

Eis por tanto, de que gente formou-se o conselho.

Na sessão houveram jurados que para poderem comparecer, foi preciso que se lhes desse palitot, chapeu e sapatos, e causava riso geral ver a figura d'aquelles entes antidiluvianos e fosseis, como eram geralmente chamados.

Sem fallar em outros incidentes, não podemos deixar de protestar pelo escandalo com que conversavam as testimunhas das janellas da camara municipal onde estavam com pessoas da rua da feição e parcialidade dos reus.

A noite houve ate uma que recebeu um bilhete que lhe foi atirado da rua, tendo dentro uma pedra para maior facilidade da projecção.

E' um facto publico que foi presenciado por muita gente.

Ainda outro deu-se, e tão as escancaras, que sobre elle invocamos ate o testemunho do presidente do tribunal.

Quando na madrugada do dia 27 foram suspensos os trabalhos ás 6 horas para continuar ás 9 horas, mandados buscar os jurados do conselho, appareceram apenas 11, e o presidente do tribunal em altas vozes por muitas vezes disseque faltava um

Mais de dez minutos levou este para apparecer, porque estava recebendo instrucções em uns papeisinhos da mão de um dos irmãos dos reus, como presenciaram algumas pessoas.

Poderá o presidente do tribunal negar o tempo que levou este jurado para apparecer, e a anciedade que se notava em todos os semblantes por esse escandalo?

Eis o modo e a forma porque sahiram absolvidos unanimente os authores do barbaro crime de agosto!

Foi sob esse acervo informe de escandalos e nullidades, que o *milagre* operou-se contra todas as regras de justiça e moralidade.

Em quanto o superior tribunal da Relação, composto de magistrados encanecidos na sublime missão de julgar, encontraram prova mais que sufficiente da criminalidade dos accusados, doze analphabetos encontraram a innocencia.

O que mais se ha de ver nesta terra?

Não admira que esses entes sem imputação assim procedessem, quando o Sr Dr. Mendes acquiesceu á absolvição contra a prova evidente e intuitiva dos autos.

Já isso era muito sabido, e houve até quem quizesse apostar com grande vantagem em como o Sr. Dr. Mendes não appellaria.

Infelizmente a verdade appareceu, e os homens honestos que apreciem como anda tudo entre nós.

Poderia por dignidade propria o Sr. Dr. Mendes presidir esse julgamento?

Poderia por dignidade propria o Exm. Sr. Dr. Fernandes da Cunha ir defender o accusado Castro Guimarães por elle accusado no desfalque do banco?

Por certo que não. Mas tudo aconteceu, porque os reus são quem são— tem riqueza e influencia, e não assim o infeliz João Soares.

Houvesse uma mutação de circumstancias, e João Soares não seria abandonado.

O Sr. Dr. Mendes protegel-o-hia, o Sr. Dr. Cunha defendel-o-hia, e como estes, outros muitos rojar-se-hiam ás suas plantas, qual mais ancioso para servir-lhe.

A mola real da epocha é a fome de dinheiro.

Antes de concluir é de dever agradecer e louvar o publico sensato que assistiu ao julgamento, não se importando com as provocações directas e insultuosas que lhe eram dirigidas

pelos peitos-largos dos accusados capitaneados pelo celebre Rozendo Antonio.

A qualquer grupo que viam se encaminhavam, provocando e alardeando façanhas, chegando em uma occasião a mostrarem até os bicos das facas de ponta.

Ao retirarem-se os accusados foi elle no mesmo carro com elles, affrontando por essa forma a moralidade publica, e comprovando a comparticipação no crime e a amizade que os une.

Sobre a defeza dos illustrados advogados nada diremos sinão que foi pena que não fosse tachygraphada, para ao pé da letra darmos a devida resposta.

Neste ponto foram os reus matreiros, apezar de terem compromettido o honrado Sr. Dr. Affonso de Carvalho, mandando que elle contractasse os tachygraphos, e ao depois descontractasse-os.

Segundo as noticias que temos recolhido de pessoas de todo o criterio não sabemos, em vista do funesto exemplo dos factos consumados, si o Sr. Dr. Manuel Caetano resistirá aos abalroamentos encouraçados de que tem sido victima.

Cumpre esperar para fallar com conhecimento de causa.....

Deus se compadeça desta infeliz e desgraçada terra.

O nosso estado de molestia, que aggravou-se pelo excesso que fizemos de perder a noite de terça feira, de que nos proveio um fortissimo ataque de erysipela, não permitte que juridicamente mostremos as nullidades que viciam o julgamento, o que faremos em outra occasião.

Sr Redactor—O indifferentismo invade todas as classes de um modo espantoso.

Até as corporações, que deviam timbrar para que o genio do mal não levasse a sizania em seu seio, são as primeiras a depreciarem-se pela pequenina e vil intriga, propria somente de messalinas.

Assisti no domingo a festa de Santa Cecilia, inclita padroeira da corporação musical, e magoou-me o coração de ver o numero reduzido de artistas que compareceram.

A orchestra foi pequena até onde podia ser em relação ao motivo da festa.

E como não ser assim, si alguns artistas preferiram ganhar dous ou tres mil reis em outras partes a concorrer para o festejo e gloria de sua padroeira?

Commettem esses desatinos, e ao depois apparecem com annuncios que poem mais estupido quem os lê pela embrulhada da linguagem.

Escrevendo estas linhas rendo homenagem, respeito e consideração aos artistas que estiveram presentes.

Aos ausentes.....

Basta.

O B..... de guiné.

VARIEDADES.

PELO SIGNAL

Nossas cousas.. marcham mal
Na barriga dos chupistas
Que a nós dão-nos *alpistas*
Pelo signal.

Façam, façam gente luz,
Aticem os candieiros,
Que quero vêr os brejeiros
Da Santa cruz.

Pois si por peccados meus,
Não se fizer guerra aos demos,
Da triste-vida que temos
Livrae-nos Deus.

Bem sei que deve-se amar
Ao *proximo* com egualdade;
Por ser pae da humanidade,
Nosso Senhor.

Mais comer...nos dar só ossos!
Jantar ovos, dar-nos *quina*
Jamais foi essa a doutrina
Dos nossos

E ja que por mil perigos,
Tem nos feito passar Deus,
Juro acabar com os meus
Inimigos.

UMA CARTA AMOROSA MILITAR.

SENHORA!

Antes de fazer-vos minha declaração de guerra amatoria, devo formar a

companhia de minhas idéas, servindo de serrafila o meu pensamento, e collocar-me na fileira supranumeraria em ordem de marcha, com papel, pennas, tinta, canivete e obreias, afim de poder manobrar em vossa encantadôra presença!

Sabeis Sra., que os rapidos movimentos dependem dos flancos piões das expressões? assim nada deveis esperar de um recruta do batalhão de Cupido. O pret de vosso rosto me atormenta, e si não fosse violar os artigos da guerra de vossa casa, desrespeitar a sentinella de vosso corredor e escalar as muralhas do vosso quintal, podendo ser punido com duzentas pranchadas do cacete venerando de vosso pae, eu já teria procurado desapertar-me, indo a secretaria de vossa sala pedir-vos que despachasseis o meu humilde requerimento. Perfilando armas de candura, cruzando-as sobre meu peito abrazado, mettendo a espoleta da verdade, e carregando-as com o cartucho do affecto e balinhas de carinho, esperava dar-vos uma descarga á queima-roupa de declarações de amores; mas o corneta do respeito manda cessar fogo do atrevimento com que queria pedir licença para residir, por algum tempo, no xadrez de vosso peito. Pode ser que o poder moderador de vossos olhos perdôe a primeira deserção de meu acanhamento; e se assim não acontessesse, pediria passagem para o cemiterio, ainda mesmo perdendo o fardamento vencido do vosso agrado. Peço-vos que na promoção de vossas boas graças me contempleis como cabo da guarda de vossa pessoa, preterindo mesmo aos mais antigos de vossos adoradores

Estou prompto, senhora, no aquartelamento da desventura, deitado na tarimba da esperança, a cumprir todas as ordens e marchas forçadas de vosso caprichos, representando, porem, contra o detalhe de vosso desdem em que me nomeardes para camarada de algum de vossos ex namorados, porque alem de tocar pela escala da dignidade, é serviço que augmenta a etapa de sem vergonha.

A ronda de visita que faço todas as noutes na vossa rua, dará logar a que o ordenança do vosso moleque receba o santo de meus recados, e me dê a senha de vossas lembranças; no caso que effectue mudança da guarda de vossa casa para a praça de meu coração, sem o que será curta a correia que apertará a bochila do nosso hymineu.

Levo á frente armas de silencio, e só debandarei com a vossa resposta.

Vosso Amante.

Granadeiro n 33.

HISTORIA DE UM BARRILINHO DE AGOARDENTE.

—O espirituoso folhetinista Julio Cesar Machado, contou hontem aos leitores da *Revolução* a seguinte historia:

«A feira principiou hontem, e cahio lá este mundo e o outro— mais principalmente o outro. Correu tudo a contento, como é costume; apenas ao Torquato e ao Cyriaco succedeu um caso muito singular.

Os amigos Torquato e Cyriaco resolveram este anno associar-se no dia de hontem para uma especulação. Compraram de meias um barrilinho de argoardente, para irem vender á feira.

Quando chegaram á S. Francisco de Paula, Torquato parou e disse:

—Quem tomava agora um copinho de agoardente era eu!

—Nem vel-a! retorquio Cyriaco. A fazenda è sagrada. E' para negocio!

—Pois sim, disse o outro, mas nós vamos vender isto a dez reis, e sae nos por cinco...

—E então que tem?

—O que tem è que podias passar-m'a pelo seu custo. Pega lá cinco reis, dá ca um copinho.

—Ah! Isso lá sim.

Torquato bebeu o copinho, e continuaram a andar.

A's Janellas Verdes, Cyriaco, cheio de sêde pediu a palavra:

—Pois olha, pega là os cinco reis, que eu tambem vou tomar um copinho.

No largo do Conde Barão, parou Torquato.

—Ora adeus! da-me cá outro, pega là os cinco reis.

Chegaram os dois amigos a Patriarchal, aos tombos.

—Homem! E esta! exclamava Torquato contemplando o barril vasio. Nem dinheiro! Nem bebida! E entretanto nós pagamos!

—Pagamos sempre! ponderou Cyriaco. Não se pode saber como isto foi . . .

UMA MULHER SELVAGEM.

Os estrangeiros sabem que o paiz de Gales é uma região bastante barbara; não ficarão, pois, sorprendidos sabendo que uma mulher selvagem percorre ha alguns annos as montanhas dos condados Carnarvon e de Merioneth. Foi presa esta terrivel creatura duas vezes, em uma das quaes para se vingar raptou um menino perdido nos serros. Foi, emfim, definitivamente agarrada, e eis como um jornal conta essa diligencia:

Sendo vista ha pouco tempo a mulher selvagem perto de Llanfairfechan, grande numero de pessoas corajosas combinaram em apoderar-se della, mas na hora prescripta só se apresentou o meirinho, e que assim mesmo só, decidiu-se proceder a diligencia.

Effectuada depois de uma infructuosa busca em diversas localidades, encontrou-a dormindo em uma estrada que vae de Cachard a Rhiwan. O animoso meirinho agarrou-a e ás duas horas da manhan pol-a debaixo de chave. Essa mulher parece irlandeza, acredita-se que foi excommungada e condemnada a passar dez annos de uma vida solitaria nas montanhas.

ANNUNCIOS.

Prepara-se com todo o aceio e esmero a egreja da confraria de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão.

As obras de douramento, ladrilho e outras de que se resentia a capella estão quasi concluidas.

Querendo a actual administração composta dos Srs. Jorge Ferreira, Torres, Valentim e Victorino, despertar do lethargo da indifferença em que cahira a confraria, afim de readquirir os seus antigos foros, consultou para a realisação da obra, a generosidade de seus irmãos, encontrando um grande auxiliar na pessoa do Sr. Angelo Francisco de Andrade, que obrigou-se a dar todo o ouro para o douramento, entrando tambem com grande somma para o calçamento dos corredores.

Em vista do zelo religioso que caracterisa a referida administração, conjunctamente com a boa vontade do Sr. Andrade, lembramos tambem a falta que ha de um sino grande, pois o existente não se toca.

Prosiga, portanto, a administração na honrosa missão que encetou, que terá as bençãos do ceu e profalças dos homens

Ao Sr. Angelo de Andrade, por esse acto de caridade religiosa mil louvores lhe cabem e indispensavelmente seu nome se registrará no quadro dos bemfeitores da referida capella.

POR 200$000.

Vende-se uma mulla grande, nova, gorda, sem achaque e boa de carroça.

Na padaria ao largo de Santo Antonio da Mouraria se dira quem vende.

NOVIDADE... NOVIDADE.

Cheguem antes que acabem-se.

Mordaças,
Anginhos,
Cordas,
Algemas,
Vendas,
Lancêtas,
Pregos,
Ballas,
Martellos,
Vellas,
Phosphoros.

Vende-se estes objectos no largo da Piedade, Calçada do Bomfim, Victoria, e dá-se uma excellente casa bem preparada, na *moenda pequena*, para applicação delles.

Não poderam ser applicados, sem que haja um que faça de *coélho*, isto é Judas, que quer dizer—*não consinto, não consinto*.

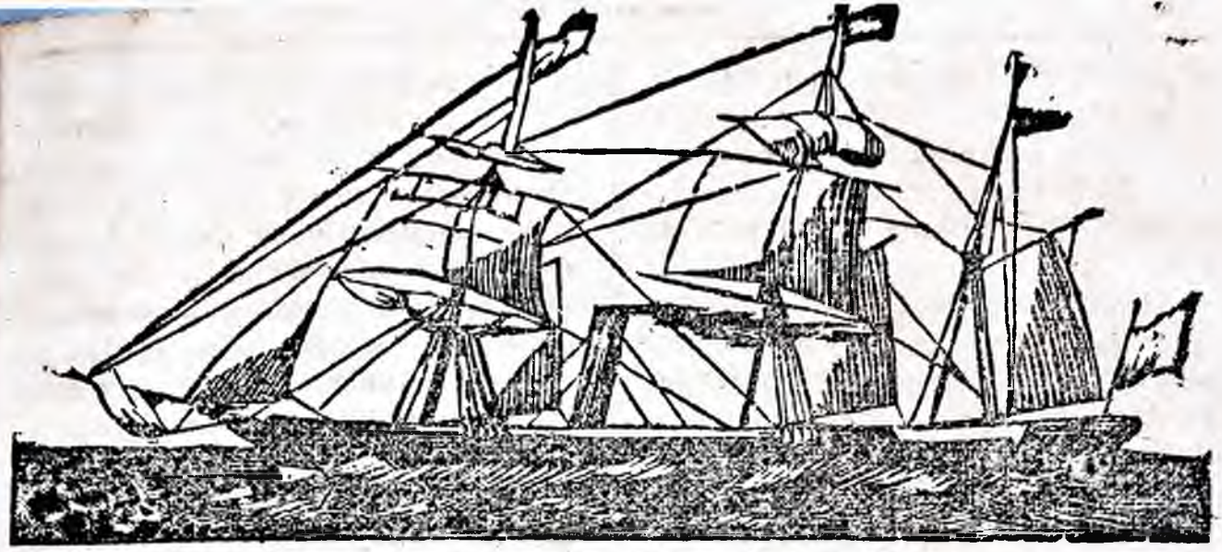
Estes objectos so servem para salvar a *reputação* dos ladrões de casaca.

No tempo em que os ladrões atacavam ao viandante e impunham-lhe a bolsa ou a vida, a justiça punia aos miseraveis salteadores com a forca; mas hoje que o roubo se elevou a uma *industria*, a justiça manda applicar estas torturas nos innocentes, afim de salvar a *honra* dos ladrões de libré!

Venham os ladrões comprarem estes instrumentos, que os podem applicar sem receio da punição.

Acudam ladrões,
Venham sem cessar,
Nos logares a cima
Mordaças comprar.

O
ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 1.º DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 27.ª—N. 266

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. commandante do corpo provisorio de policia.—Constando que o alferes desse corpo Pedro Pinto Pacca, na noite de sabbado, rompera pelo excesso de espancar publica, e desabridamente á pannos de espada, ao guarda Olympio Ferreira Pacheco, e não sendo essa a primeira vez que esse alferes é accusado de se portar tão brusca e estolidamente para com seus sobordinados, torna-se necessario que V. S. depois de o fazer reprehender severamente em ordem do dia, á frente do batalhão, lhe faça applicar as de mais penas comminadas no regulamento do corpo.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar. chamando sua attenção para uma infeliz douda que costuma andar pelas ruas do Julião e Caes Dourado, a qual, quando atanazada pelos moleques, rasga-se, ficando em completo estado de nudez, feriudo assim a moralidade publica, alem do inqualificavel escandalo de, perseguir-se uma desgraçada que não goza das faculdades mentaes: espera-se por tanto, que S. S. condoa-se da miseria daquella infeliz e a faça recolher ao hsspital de caridade.

—Por isso é que dizem que os soldados de policia são os primeiros alarmistas.

—Não lhe pareça.

—Prendem aquelle rapaz, e sem que elle resista, espancam-no, rompem-no, querem dar-lhe busca nos bolsos, interrogam-no si traz dinheiro, e por que alguem lhes diz que isso não tem geito, aqui d'elrei que se está coagindo a patrulha, e querem levar a todos que estão presentes presos.

—D'onde será esta patrulha?

—O caso que se passa aqui no Terreiro, é signal que è da Sé.

—E porque prenderam e maltratam assim o rapaz?

—Por suspeito, diz ella.

—Nem por tanta gente asseverar que o homem é guarda nacional do 6.º batalhão e official de marcineiro do Theodozio ao becco do Ferrão?

— La isso é o menos. podem leval-o preso; mas rasgal-o assim sem motivo!

— Deixe estar que o commandante lhes fará as contas.

— Então diga que o caso foi na quinta feira.

— Está em moda agora. Quem quer vae dizer suas chufas nas barbas d'authoridade!

Ja outro dia o Sr. Cyrillo disse cobras e lagartos ao Sr. delegado, hontem foi o proprio presidente da provincia que resignado ouviu de um sujeito cousas de fazer perder o modo de andar.

Chegou a collocar o delegado do imperador na condição de porteiro da companhia franceza.

— Isso não poude deixar de ser despeito.

— Foi por que S. Ex. installado a entrada do kiosque, onde estava a companhia franceza não consentia que entrasse todo genero humano.

— Não posso approvar semelhantes excessos.

— Sim, mais tambem elle devia ver que era uma leviandade o presidente da provincia, por-se á porta de um logar onde todos foram com seu dinheiro a crear distincções de quem estava habilitado a ouvir ou não a companhia franceza.

— São descuidos passageiros.

— O povo, que anda de cabeça inchada, achou logo motivo para assuada e motejo.

— Desxemos isso; como foi o divertimento?

— Optimo.

— Valha-nos isso.

A PEDIDO.

— Como mente desfaçadamente este cão tinhoso!

Dizer que ha uma gazeta que se publicava uma vez por semana e que agora sahe diaria!

Qual é ella infame?!

A ponta si és capaz!

O teu papefucho é que sahia uma ou duas vezes no mez, que nem assim pagavas aos operarios, e agora sahe amiudadas vezes, porque tens ordem franca para papel, tinta, dinheiro e no fim de tudo apresentarás uma conta de seis ou oito contos de reis.

O publico por ahi avalie a safadez deste demonio lepreso mentindo descaradamente n'uma cousa que está a vista de todos.

Deixa está morphetico, antes que o diabo te leve a te tomar conta do suor alheio que tens comido, hei de te por a calva á mostra.

Adverte-se ao Sr. estudante morador á rua dos Mouros, que namora a viuva da quina da travessa do Cape, que não se engane nos seus namoros. Tome bem sentido que a sua amaroletica sobredita cuja é careca, e para que na occasião opportuna ao descobrir-lhe a calva não se arrependa, com tempo se lhe previne.

EMlia.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XV.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Apezar de não serem estes artigos do digno advogado o Sr. Dr. João Victor de Carvalho, apezar de não serem assignados por seu humilde e obscuro author. o *Interesse Publico*, faltando á sua promessa, ainda se occupa delles, e por um modo assaz estravagante.

Si ha de defender os reus de 6 de agosto, como é de seu dever, para poder ter jús á alguma recompensa, *dignus est operarius mercede sua*, eil-o que abandona o seu posto, reprovando questiunculas por elle mesmo levantadas.

Mostramos evidentemente, contra a sua opinião, que o crime era o de ten-

lativa de morte,— e não nos respondeu.

Justificamos, só por excessivo zelo de consciencia, o despacho de pronuncia do Sr. Dr. chefe de policia no art. 205 do Codigo Penal, sem que comtudo mudassemos de opinião,—e até hojo não fomos contestados.

Temos exhibido provas inconcussas e infalliveis da criminalidade dos reus, provas que resaltam a olhos desarmados do processo,—e cada vez mais ellas se robustecem, porque ainda não foram destruidas.

A questão nestes termos não lhe convem; por isso busca subterfugios, que não podem ter outro resultado que patentear a sua vergonhosa retirada.

E' assim que vem elle offender a terceiro, completamente alheio ao barbaro crime de agosto, e a tudo que com elle pode ter relação.

E' assim que desce a lançar mão da insidiosa arma de nacionalidades, julgando prestar um serviço a causa que *advoga*.

E' assim que *por amor* á dignidade deste paiz protesta contra a tolerancia do poder publico, consentindo a publicação do *Alabama*.

Mas o *rajado* escriptor ha do convir com nosco, que essa pessoa, a quem tanto hoje injuria, ja lhe deu bem que comer e beber em differentes occasiões: que essa pessoa é util ao nosso paiz, está nelle vinculado, e tudo quanto possue é para seus filhos, dous distinctos brasileiros, patricios nossos, um dos quaes está prestando gratuitamente serviços importantes á esta provincia: que essa pessoa tem sido sempre considerada pelo governo imperial pelos relevantes actos de philantropia que tem practicado em todas as crises: que essa pessoa, até hoje, ainda não gemeu sob a sancção legal por qualquer infracção, quanto mais crime: que essa pessoa, so pela suspeita infundada, (que miseria!) de proteger um patricio nosso, perseguido cruamente por seus proprios irmãos, é que soffre com resignação injurias, diatribes, calumnias e o mais com que lhe querem mimoscar.

Hade convir ainda com nosco, que a questão de nacionalidades e appello para o dia 3 de abril de 1831, foi levantada pelos reus de 6 de agosto no *Oculo Magico*, no *Sentinella Invisivel*, no *Trovão* e agora finalmente no *Interesse Publico*: que por dignidade nossa esse desvario não deve mais vir a lume, por que todo o desar é nosso, pois ninguem ha ahi que ignore qual a origem dessa pagina, ja rôta, de nosa historia: que essa arma, outr'ora productiva, hoje pelo estado das cousas é um infructifero, não passando de um sonho escaldado dos anarchistas.

Ha de convir finalmente comnosco que aquelle que foi redactor em chefe da *Sovella*, *Marcos Mandinga* etc.; que escreveu para o proprio *Alabama*, que ainda possue originaes de sua letra o punho; que teve a infrene e criminosa ousadia de desacatar a augusta, inviolavel e sagrada pessoa do imperante quando visitou esta provincia, e ao depois humilhado e arrependido foi genuflexo á policia pedir meios para garantir a sua vida, que o povo queria dar cabo; — é o menos competente para protestar em nome da dignidade publica, que o repelle, contra a tolerancia da publicação do jornal para o qual escrevemos.

Hoje as palavras do *Interesse Publico* tem menos importancia e prestimo que o da quinta roda de um carro.

E' ainda muito favor que lhe fazemos.

Escreva, portanto, o seu drama por outra forma, que ainda assim a maior condemnação dos reus é a sua defeza.

Veja ate que infimidade desce o seu descredito! .....

Fica desse modo respondido o *Interesse Publico* de 27 do corrente, n.º 913.

No *Diario* de 27 do passado vem inserta uma correspondencia do honrado e illustrado Sr Dr. Silva e Almeida, que, por demais, desceu de sua dignidade, respondendo as insinuações vagas, perfidas e aleivosas, que o ingrato reu Castro Rebello engendrara nos negros refolhos de sua perversa consciencia.

Por ella fica esse reu desmascarado de todo quando ja não o estivesse pelos seus actos sempre reprovados.

Transcrevendo, sem a menor reflexão, essa correspondencia, cumprimos um dever sagrado a bem da causa que defendemos.

Eil-a:

«PROCESSO SOARES.

«Algumas allusões negras como a cloaca impura onde fermentaram, tiveram, afinal esgoto d'alma do reu ingrato nas massagadas de um escriptor canalha.

«D'esta vez, os entonos dos malcreados não fie m satisfeitos com a deturpação dos executores da lei. Vão mais longe.

«Elles os insolentes despejam injurias sobre o advogado, que não podia nem devia salvar com a bandeira de um partido ao reu de um crime assombroso, pelo apparato inquisitorial.

«Reajo agora, como ja o fiz por carta, contra o réu — com toda altivez do meu caracter. O reu mente com a hypocrisia de um creado, e abusa do seu escriptor como de um cavallo de aluguel.

«Allusões sem provas! — é muito facil aos depravados arrojal-as em suas machinações.

«Tenho, porem, o direito de apontar a origem. Basta-me por defeza.

«A imprensa ja esta convertida em *Moinho* de flagelladoras torturas moraes.

«Acceito o posto ao lado de nobres companheiros.

«So peço á população desta cidade — que lembre-se eternamente da noute de 6 de agosto, e considere — que o primeiro cliente que ousou atacar o meu caracter de advogado (tendo-lhe eu servido gratuitamente!...), foi o homem da *mordaça*, *dos anjinhos e do carro*.

«26 de setembro.

«*F. J. Silva e Almeida.*»

Accompanhando os passos do illustre articulista do *Jornal da Bahia*, depois de apontarmos algumas faltas nas diligencias procedidas pelo Sr. Dr. chefe de policia, mostramos que era real o facto da opinião publica, que aos reus era a quem competia a decifração das iniciaes do lenço encontrado no Moinho, e que não foram motivos de honra que os induziram a practica do crime de agosto, e nesse ponto nos afastamos da pronuncia

O 5.° fundamento é assim:

«*Considerando, que o accusado Castro Rebello em seu interrogatorio a fs., declarou que não hesitaria empregar os meios violentos, de que falta Soares em seu interrogatorio de folhas, si tanto fosse preciso para descobrir o indicado roubo do banco.*

Ahi é que se patentoa a cobardia criminosa do reu Castro Rebello, cobardia que está em palpavel contradicção com o que disse camararia mente ao Sr. Dr chefe de policia reprovando o emprego desse meio.

No interrogatorio diz que não hesitaria empregar os meios violentos, nas conferencias foi o primeiro a reprovalos.

Eis aqui o *homem que não tergiversa, que não mente, cuja regidez de caracter*, (hoje conservador amanhan progessista) *é respeitada por todos, amigos e adversarios!*

Para que essas bambochatas?

Deus nos livre de *uma rigidez de caracter* que é negada ate por seus proprios parentes, que desmentiram-o solemnemente em juizo, negando a dormida em casa por elle affirmada, e agora querida cohonestar por uma calumnia troz, que o illustre articulista não se animou, por dignidade propria, a declarar!

A boa fé do Sr. Dr. chefe de policia foi illaqueada nessas conferencias, confundindo os homens com as palavras.

Era preciso que o crime, que devia apagar a nodoa infamante, não fosse de afogadilho, empregando-se primeiramente a astucia, o *interesse vivo de descobrir os verdadeiros ladrões*.

Era preciso negar a si proprios o

aos outros o aphorismo medico do *nosce te ipsum*.

Que rasão poderia motivar a suspeição do Sr. Dr. chefe para não prender os reus e processal os, como diz o illustrado articulista?

Nenhuma por certo; pois as conversas anteriores havidas a respeito não faziam-o comparticipe do crime, que sendo *reprovado* pelo reu Castro Rebello, com maioria de rasão sel-o-hia pela authoridade.

O pensamento, ainda que erroneo, de julgar que elles tinham em verdade interesse na descoberta do roubo, foi que os uniu ao Sr Dr. chefe de pelicia para agora quererem-o dar como comparticipe nos *planos, esforços, passos, e diligencias* que simularam á bem da *honra*.

Por conseguinte esse considerando tem muito pezo e valor.

Por elle fica bem patente a *rigidez de caracter* do reu Costro Rebello, encontrada pelo o douto articulista afim de innocental-o do crime de agosto.

«*Considerando que em casa do accusado Sampaio Vianna se reuniam os accusados Castro Rebello e Castro Guimarães para se combinarem sobre os meios de se descobir o dito roubo* »

Felizmente os reus não ousaram negar que se reuniam em casa de Sampaio Vianna, porem para *fins licitos e honestos*, tanto que entravam sem disfarce, estando a casa illaminada, e presentes pessoas da familia.

Acceitando a confissão quanto a reunião rejeital-a hemos quanto ao fim.

Com as proprias e textuaes palavras do illustrado articulista, sem antepor nem pospor uma virgula, vamos justificar-nos.

Ellas são assim:

«*Quem ha na Bahia, de todos os ex-directores do banco, de todos os accionistas, de todos os commerciantes, de todas as pessoas emfim, que presam sua reputação e credito, e sabem quanto custa adquiril os, que não tenha o mesmo louvavel desejo*, (o de descobrir os ladrões do banco) *e que não concorra, ate si for preciso, com alguma despeza e sacrificio para se faze tam importante descoberta?*»

Si, pois, todos tem esse empenho, que não negamos, porque rasão os reus circunscreviam as suas reuniões a elles trez somente, sem que a ellas estivesse presente um dos ex-directores seus collegas, ainda um accionista, e muito menos um estranho?

Será possivel que elles, entre tanta gente, fossem os unicos que tomassem a peito esse negocio, quando na propria ex-direcção existem caracteres ate hoje imaculados?

Era que as cordas, os anginhos, algemas e mais instrumentos do crime, affastavam a concurrencia.

Era que á essas reuniões so não iam aquelles sobre quem não recahiam suspeitas.

Não pode ter outra explicação essa associação limitada dos trez salvo si so ellos eram os empenhados, o que é por elles mesmos negado.

Não podendo negarem as reuniões, pois não havia uma so noite que o reu Castro Guimarães não viesse á cidade a reunir-se aos duplos companheiros do crime, querem justifical-a com a honestidade do fim.

O fim está muito e muito claro para que essa embaçadela possa sortir effeito,

Assim como esta foi a embaçadela anterior do reu Castro Guimarães mandar offerecer pelo capitão Vicente Rodrigues Pinto a João Soares penhores em joias de brilhante *para ver si no dinheiro vinha alguma cedula de dez mil reis* cor de telha das roubadas do banco, sabendo da amisade intima que tinha o referido capitão com Soares.

Não obstante ter elle recusado, ainda foi convidado para uma reunião, na qual sendo esperado, por isso foi que a casa estava illuminada e com senhoras passoando na sala, quando não—estaria como nas outras noites em que as reuniões eram em logar reservado.

Era preciso inpingir essas pomada para que a burlesca farça tivesse todas as apparencias do *cio de honra*.

Não são est s e outras que se eng

lem no seculo XIX!

Eis *os meios estrategicos, arguciosos e de fina astucia* que se empregavam para descobrir o ladrão do banco!

Que displante cynico, meu Deus!

Nenhum dos ex-directores entrava nelles, so os trez reus eram os empenhadissimos nessa descoberta.

Quanta honraria!?

Em que logar deveria ser feito o rapto de João Soares, sinão na rua, para que o illustrado articulista diga que pessoas, tam *altamente collocadas*, não sahiriam de sua casa para ir de noite em uma praça, como a do Accioli, agarrar João Soares e mettel o em um carro para conduzil-o a ser supplicia-du a sua vista e por suas proprias mãos?

A essa pergunta o proprio reu Castro Rebello responde affirmativamente, quando disse no interrogatorio que por *motivos de honra* era capaz.

Por tanto ja vê o illustre articulista que a sua defeza neste ponto é rejeitada pelos reus.

Basta por hoje.

Vamos lembrar ao *Guedes Cabungo* quaes são os inimigos da *tripeça* afim de não se esquecer no drama do banco, que está publicando.

Eil-os:

1.° Os directores sem probidade que, por calculo, interesse, infamia e torpe ambição, procuraram encartar-se na admnistração, fazendo logo estremecer de medo aos accionistas, tanto que o *Cavalheiro de Castro*, conhecendo logo esse effeito pela sua entrada, começou logo a comprar acções com *polvora ingleza.*

2.° Tambem os directores que se combinam com *diabos coxos* e outra canalhada da mesma laia para darem dinheiro a quantos afilhados tem para seus interesses particulares, sem responsabilidade do *sassarugo.*

3.° Ainda os directores que procuram conchavar-se fora com descontos a altos premios, e quando de semana os mettem na *tripeça* sem responsabilidade sua ou de quem os pague em dia, pelo que la está a carteira cheia de papeis sujos.

4.° Ainda os mesmos directores que, para obterem favores na alta e baixa *latronopolis*, o reconcavo, afim de serem eleitos deputado, fazem descontos que so a meia noite deviam ser feitos.

5.° Alem disso, os directores que se ajustam com os banqueiros para atraiçoarem a casa que administra denunciando as transações que fazem dando-lhes o dinheiro disponivel, todo á baixo desconto, para *redescontar* nas vesperas em que deve o referido desconto subir, como sobe, mas de que so os espertos se aproveitam, menos o pobre banco que deu o dinheiro pela mais refinada trapaceria.

Finalmente os inimigos da tripeça são.....Não vae a matar.

—O *olhar magico* foi hontem lamber os restos da meza de seus senhores, os assassinos de agosto, e tantas goladas tomou do summo da parra que sahiu dalli cambaleando e foi dar desfructe no *passeio*.

Fazia lastima ver a besta a tropicar apregoando a innocencia de seus amos, incommodando com a esganiçada voz os circumstantes, que eram abalroados a cada instante pelo incessante tropeçar da azemola.

—Pobre diabo! E em paga de tudo esse desabrido afan dizem os ingratos senhores, que elle e seus confrades comprometteram-lhe a causa com suas bestiaes e bisborraticas defezas!

APONTAMENTOS

para a chronica do cavalheiro de Castro que tem de ser publicada pelo Anjo dos bonecos.

Viu o honrado commercio desta praça que o Cavalleiro de Castro teve de meiação por morte de sua primeira mulher, em 2 de outubro de 1863—13:759$000.

Eis todo o seu activo, esse mesmo em

valores, e não dinheiro, comprehendendo acções com grande depreciação, a arcar com um passivo de 133:400$000, de lettras a bancos e banqueiros, vencendo juros umas por outras ao baixo premio de nove por cento, pois naquelle anno e seguinte estiveram altos, que vem a ser 12:006$000, quasi egual ao capital!

Pois bem: mas o *honradissimo* zanaga que não negociou *para a Costa*, *nem para a China*, *nunca passou moeda falsa*, *jamais commetteu infamias*, foi tão feliz em *suas transacções*, que apesar de ter carro, cavallos, coxeiros, boa casa lauta mesa, jogos de voltarete e o mais que a decencia faz calar, f i tão feliz, dissemos, que em 24 de maio de 1865, 19 mezes depois, pagou a todos os credores, e ainda dotou a sua segunda consorte com 50 contos de réis, hypothecando o seu *armazem* G.,, cuja escriptura dotal foi lançada em a nota do tabellião Ferreira Jorge.

Para maior sciencia do honrado commercio vamos reproduzir essa escriptura relativamente á condição do dote. E' assim:

. . . . . .

«Que a referida quantia de £0 contos de réis em que está estimado o seu dote, e tudo quanto poder ella nubente *levantar do casal*, ou por morte delle e seus herdeiros, sem direito algum com que entra o outro conjoge, dos que se adquirirem durante o matrimonio, ou rendimento do casal, ficando tambem desobrigada de dividas que se contrahirem, ou *prejuiso ou desfalque*, de qualquer especie que se possam dar. A' excepção da referida quantia, considerada fundo total, só perceberá ella outhorgante um conto de réis por anno a titulo de alfinetes, que lhe serão continuados emquanto se conservar viuva, ficando os rendimentos do predio, como garantia, podendo ella *accumular* esse rendimento, caso não tenha precisão de gastar, devendo as accumulações fazerem-se de forma, que não haja confusão, etc., etc.»

Só um aborto de felicidade em tão pouco tempo daria para tanta coisa!

Só as sortes de Hespanha em todas as loterias ou em quasi todas dariam para essa accumulação de fortuna desde o julgamento da partilha até 24 de maio de 1865, epocha em que fôra lavrada a escriptura!

E ainda assim o zanaga gyra com muito e muito dinheiro; pagando integralmente as letras que os credores, depois da escamotagem da *tripeça*, não querem mais reformar; comprando o *Cabungo* e mais paschíneiros para injuriarem a outrem; e tendo grandes quantias em conta corrente nos estabelecimentos bancarios!

Apre! Que velocidade electrica!?...

O mundo contará outro *mimoso* da fortuna, egual ao zanaga?

Em quatro annos incompletos tanto dinheiro!

Temos apresentado innumeros factos que provam a evidencia a vida do Cavalleiro de Castro, e por elles tem ficado patente quem tem roubado a orfans, viuvas, empregados publicos, ao commercio e finalmente a todos pelo roubo da *tripeça*, cujo principal author foi esse safado, de parceria com o *Annavi* patacão e o tigre do Moinho.

Tens de ouvir o que o diabo engeitou.

O *Cabungo* que aproveite estas e outras para o drama do banco.

Sabemos mais de tua vida que tu proprio. Ha muito que a espreitamos.

(*Continúa.*)

—Capitão, peço-lhe permissão para dar uma sarilhada no João *Predecessor*.

—Si delinquiu não tem que pedir permissão; aqui não se capeia a tratantes.

Porem como é o nome do cujo? ja me esqueci.

—João Predecessor.

—Nunca vi tal; *João Precursor* tenho visto muitos.

—Ate eu conheço um na fazenda do *Mutá* freguezia da *Pirajuhia*, por signal que *é violeiro*.

—Em que culpa incorreu o tal?

—E' um nunca acabar de bandalheiras e velhacadas este audaz cavalleiro de industria, porem no que é mais insigne é nas falsificações, nas quaes trabalha com uma limpeza á toda prova.

Ha pouco roubou um inexperto ta-

baren comprando-lhe uma vacca e dando-lhe 20$. reis do governo ja recolhido.

O pobre matuto foi para casa muito contente, e quando teve precisão do dinheiro foi que viu o logro em que cahiu.

Tendo contas com o Antonio Augusto, irmão do Andrade e primo do Farias, furtou-lhe a firma fabricando um recibo falso de 20$ reis e alterando um outro de 10$500.

A uma pessoa do logar a quem era devedor falsificou um recibo dizendo-se saldo de contas.

Agora veja S. Ex.ª si isso não é predicado com direito a uma recompensa de taca

—De sobra.

—Então conceda V. Ex. licença que vou executar o taful.

—E depois traga-m'o para mandal o de mimo ao chefe de policia.

—Mais elle é sargento da guarda nacional.

—Não quer dizer nada; tudo se arranja.

—Capitão, trago-lhe novidades dos assassinos do infeliz *Soreas*.

—Vamos com ellas sem demora.

—Nestes dias um israelita, muito conhecido nesta cidade foi chamado a um *forte que não é o de S. Pedro*.

—Fazer o que?

—Tenha V. Ex. um pouco de paciencia, e va ouvindo.

Os assassinos, com a maior humilhação, agarraram o israelita pelos pés, pelo pescoço, por toda a parte, enfim pedindo-lhe que os tirasso d'aquella atrocira.

O israelita nestes apuros fez lhes ver as acções torpes que elles tinham practicado com essas pessoas cuja protecção hoje imploravam; mas por ultimo, prometteram os assassinos abjurar a religião catholica, apostolica, romana, si por ventura o israelita fizesse o milagre.

—Que safados! E' até onde pode chegar a desgraça de semelhante canalhada. Que os israelitas e musulmanos façam-se christãos não admira, mas que estes transformem se naquelles é caso nunca visto no mundo catholico!

—A rasão dessa mudança, capitão, é porque quando pelas duas horas da manhan do dia 7 de agosto, o *Cavalleiro de Castro* prostrou-se aos pés do Santo Antonio, pedindo a conclusão do milagre do desapparecimento de *Soreas*, o milagre foi em sentido contrario, virando o feitiço contra o feiticeiro. Em vingança, pois, á Santo Antonio, é que elles querem mudar de religião!

—Muxingueiro, leva esses desgraçados para o porão, e cumpre o teu dever.

VARIEDADE.

PHYSIONOMIA DA CAMARA DOS COMMUNS.

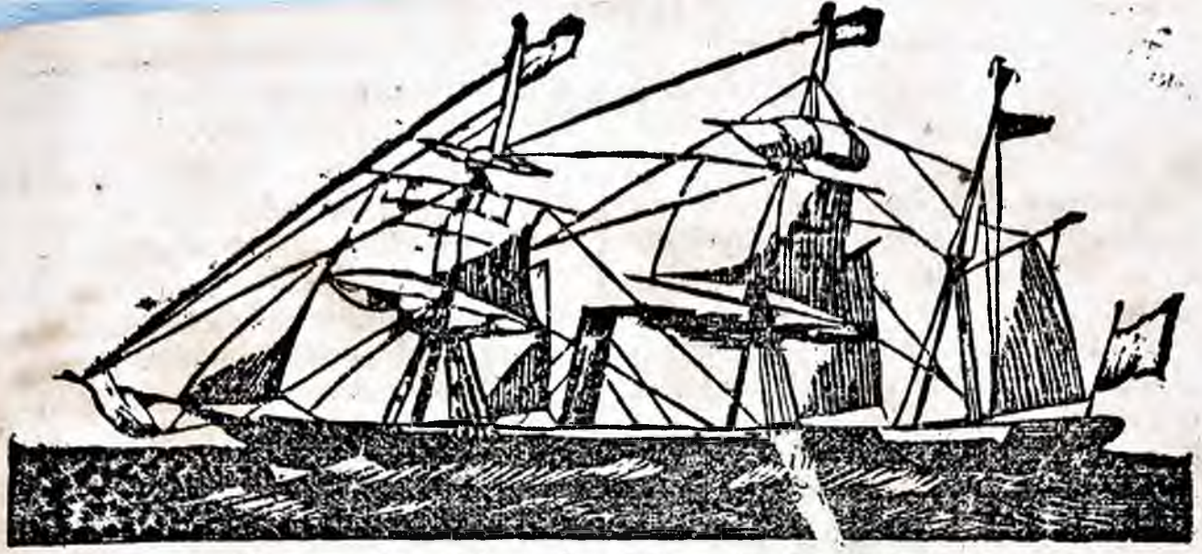
Dormem muito na camara dos communs de Inglaterra. No dia em que ha debates de grande interesse, o representante que não quer perder o logar deve comparecer ás tres horas da tarde.

As sessões duram de ordinario atè 2 horas da madrugada, e é absolutamente impossivel ficar a ouvir aquelles interminaveis discussões sem dormir parte do tempo. Todos dormem, desde o ministro atè o mais novo deputado. Nenhum representante procura occupar-se de todas as questões: cada qual não trata sinão d esperar a discussão da que o interessa, e quando esta chega, mais vale estar dormindo do que ausente, ninguem podendo saber quando se terá de votar; eis a razão por que todos preferem antes dormir no posto do que abandonal-o.

O Sr. Stuart Mill, o celebre *agitador*, dorme horas inteiras, com a cabeça apoiada nas mãos: teve a precaução de escolher um logar que permitte dormir assim. Com a mesma intenção o conde Russell introduziu na camara o uso do chapéu de abas largas. Lord Palmerston imitava este exemplo.

O Sr. Gladstone estende as pernas, e dorme completamente deitado: os representantes que dirigem-se ao presidente da camara para fallar-lhe, tropeçam a cada passo antes de chegar á mesa.

Lord Halifax, antigo ministro das Indias, encostava a cabeça para traz, abria a bocca e roncava com toda força que, como diziam gracejando, no reino de Benguella o ouviam.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 3 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 27.ª—N. 267

Publica-se na Typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de outubro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, enviando-lhe uma representação dos moradores do Fortinho da Lagartixa, na qual se queixam de que o accendedor daquelle logar é pertinaz em accender os lampeões, nunca antes das 7 horas da noite, sendo pontual em apagal-os ás 4 da madrugada.

Espera-se que á vista della, S. S. se digne dar as providencias que o caso pede.

—Ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, ponderando-lhe a grave inconveniencia que ha em ausentar-se S. S. amiudadas vezes de seu districto, como ainda no sabbado aconteceu, por occasião de raptar-se uma menina, que andou-se como barata tonta em procura de S. S. sem ser possivel encontral-o, sinão na segunda feira á noite, quando as providencias já eram tardias.

Espera-se á vista disso, que S. S. levando em conta a razoavel observação que se lhe faz, se digne a ser daqui em diante, mais assiduo no seu cargo, ou então passe a vara ao seu immediato nos dias de sabbado.

—O Sr. não é um dos aferrados apologistas das irmans de charidade aqui?

—E' verdade.

—Responde-me em consciencia a uma pergunta?

—A dez, si for preciso.

—Então explique-me o motivo da repentina retirada para a Europa da irman Izabel que era empregada no hospital de charidade.

—Foi a chamado da sua instituição.

—Porem ella foi como quem vae responder por alguma falta, accompanhada por outra que veio de proposito buscal-a.

—Negocios secretos da ordem.

—Bem. Agora a extemporanea e consecutiva sahida do Mr François, cosinheiro do mesmo hospital?

—Vm. especula muito! E que por certo não lhe conveio mais continuar.

—Ao contrario, elle mostra-se a-

paixonadissimo; e nas tavernas, onde procura mitigar a *penosa ausencia* de sua *chara e adorada* patria desprende *saudosas* e *amargas* queixas.

Lhe digo isso, porque elle não faz reserva, e antes jacta-se dos *felizes momentos* que ja desfructou naquella casa, onde reina o *amor* do proximo e a charidade.

—Mas o Sr., Vm. fez tanta cabalha embrulhada que eu ja não sei parte da conversa.

—Ora deixe la disse quem é bom entendedor, poucas palavras lhe bastam.

Si nossas patricias estivessem la ...

—.....Jesus!.....que escandalo! .....

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XV.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

O espirito, calmo e reflectido, ao correr os artigos impressos no *Interesse Publico*, relativos á defeza dos reus pronunciados pelo crime de agosto, não pode ser impassivel á tanto cynismo.

O *rajado* defensor o que quer—é escrever, e lá se vae elle *por paus e por pedras*, tonto como um *cabra cegas*, sem nunca encontrar o marco milliario de sua peregrinação.

O falsificador de moeda José Maria Candido Ribeiro, o parricidio do infeliz Gregorio da Silva Freire, mais outro á ladeira da Palma—factos succedidos nesta cidade; o carcere privado e supplicios em casa dos irmãos Figueredos, o rapto da viuva Coelho pelo bacharel Raymundo Martiniano—factos succedidos na corte; eis as provas apresentadas pelo *Interesse Publico* de 29 do passado, n.º 914, em prol de *seus innocentes protegidos!*

Isso é que é abusar da bolsa alheia, e mais que tudo da paciencia publica!

Em outro artigo sahir-se ha elle com o testamento—Teixeira, com a falsificação dos vinhos do trapiche Santos Moreira, com o furto ou roubo do armazem Costa Alves, e ate com os ladrões—caponas da epocha, e *ergo*—a innocencia dos reus está provada, *et vente ad me beatissima merces meorum laborum!*

Grande Deus! A que *patrocinio* se entregaram os reus de 6 de agosto!?...

Felizmente a *propaganda* que pede a condenação dos reus, pede-a, fundada em provas irrecusaveis, que borbulham á *flux* do processo; e até hoje não foram contestadas com plausibilidade por quantos defensores ahi existem.

Leia-se com attenção a serie de 22 artigos que tem sido publicados no *Interesse Publico* sob o titulo—*prosegue o drama do banco*,—e ver-se-ha que o *celebre dramaturgo*, ainda não entrou na questão pelo desespero de provas.

Quando não são *defezas* dessa ordem, ahi vem elle blaterando que o ladrão do banco é um estrangeiro.

Si o *rajado* escriptor tivesse na *foveira e iriada face* um sentimento, cuja falta importa a *morte moral* do homem, nós provocal-o-ia-mos, até ao insulto, para que, sem rebuço, nem tergiversações, declarasse o nome por extenso desse estrangeiro.

Mas é perder tempo; porque quem perdeu uma vez o unico brasão de dignidade—perdeu-o para todo sempre.

O *Interesse Publico* ja está tam calejado, que nada mais ha que lhe possa fazer mossa;—despresemol-o.....

O nobre articulista do *Jornal da Bahia* estendeu sua defeza até as columnas de um dos jornaes da côrte, e nellas foi deshumano e iniquo para com o honrado Sr. Dr. chefe de policia, *cannonisando por authoridade sua de innocentes, santos, e martires* os criminosos de agosto.

O Sr. Dr. Silva e Almeida tambem

não é poupado; e o que mais é— com deturpação clamorosa da verdade geralmente reconhecida.

O supplemento do *Jornal do Commercio* ao n.º 265 de 23 do passado é onde vem a missiva particular a que alludimos.

E' justamente na côrte, e em toda a parte, que a voz do nobre articulista não pode ter echo pelo pasmo e horror geral, com que foi recebido o sucesso nefando.

O governo imperial estremeceu ao estampido do caso, e logo, e logo, independente de pronuncia, suspendeu o reu Castro Rabello do exercicio de tenente coronel, e aguarda pressuroso o verbo final desse drama tragico, que veiu reviver as scenas dos arrouxos, anginhos, thenazes, fogueiras, pollé, macacos, e pelourinhos da era dominicana.

Ja se foram os tempos dessas leis *civilisadoras*, e cumpre que uma repressão severa appareça contra seus novos introductores.

Sobre isso, é innutil occuparmo-nos com os argumentos dessa missiva, tanto mais quanto em sua contextura compõe-se ella de diversas partes dos diversos artigos impressos no *Jornal da Bahia*, que o nobre articulista não fez mais que transportal-os.

Ainda, para não consumir o tempo, deixamos de transcrever de alguns jornaes de provincias estranhas a geral indignação que produziu o attentado de agosto, e produzil-o-ha em toda a parte onde for sabido. E no entanto o nobre articulista ainda continua a sustentar que a opinião publica não se manifestara no dia 7.

Prosigamos com a analise do despachos de pronuncia.

«*Considerando, que os supra referidos accusados sempre tiveram como idéa fixa e immutavel, que fôra o paciente João Soares o author ou cumplice do furto ou roubo do banco, como se collige de seus interrogatorios e dos meios que empregavam para ver si elle se denunciava, dando dinheiros sobre penhores, para o que empregara o accusado Castro Guimarães varias pessoas, dando-lhes joias para isso e para o que convidara o negociante Vicente Rodrigues Pinto, como elle declarara em suas perguntas de fs. e depoimento de fs* »

Eis o 7 º fundamento.

Do que temos dito dos outros considerandos que tem co-relação com este, bellamente se deprehende que a *idéa fixa e immutavel*, que tinham os reus, era desviar de si as suspeitas que pezavam graves e vehementes.

Para esse fim era preciso um acto que desse em vista, e esse acto foi praticado com a maior barbaridade, e por motivos reprovados contra o infeliz João Soares.

Não consta que os outros ex-directores, tambem anciosissimos pela descoberta do ladrão do banco, interviessem nesse *trio* dos reus, *peitando* ou procurando *peitar* aos proprios amigos (!!) de João Soares para levar-lhe penhores; e nada alcançando, procurassem-o ainda segunda vez, para uma entrevista, cujo fim era ignorado.

Em boa fé, quem não soubesse dos precedentes que existiam contra os reus, havia de louvar-lhes o empenho; mas considerando um pouco sobre certos factos relativos á subtracção *miraculosa* por elles praticados, necessariamente deveria descobrir nesse empenho *outro cio que não o de honra*.

Portanto, em todos os fundamentos do despacho de pronuncia que se referem ao roubo do banco, e nos quaes os reus querem enxergar *um motivo honroso*, esse motivo desapparece, *prima facie*, pelas considerações exactas e verdadeiras que temos até agora expendido.

Por demais nos demoramos nesse considerando, sobre o qual o nobre articulista do *Jornal* escreveu pouco, assim mesmo englobando-o com os precedentes.

«*Considerando que o accusado Castro Rebello, na noite de 6 de agosto, em que tivera logar o facto, sahira de sua casa e alli não dormira, assim como que nesse dia o accusado Castro Gui-*

marães vicra a cidade, sahindo á noite de sua casa á Calçada do Bomfim, e que estivera em casa do accusado Sampaio Vianna para combinarem nas providencias á tomar contra o paciente João Soares de Oliveira, como declara no interrogatorio á fs.»

Esse considerando tem uma força tam irresistivel, que os proprios reus não ousaram negal-a, procurando apenas palliativos para attenuar a sua gravidade.

Conhecido em flagrante que o reu Castro Rebello não dormira em casa pelo cerco que se dera na noite do crime, a unica evasiva que saltou-lhe aos miolos foi dizer que dormira em casa de seus parentes, mentira vergonhosa que é por elles mesmos desmascarada, e quando não o fosse, bastava a rasão frivola e futil que foi apresentada como causa da dormida para não ser acreditada.

Nesse desespero extremo era preciso que uma victima fosse a todo o transe immolada, e a cruel escolha recahiu sobre o Sr. Dr. Silva e Almeida.

O nobre articulista, apezar de ter promettido no 9.º artigo, tractar deste considerando com toda a minudencia quando tivesse de analysar o 12º, 13º, e 14º, que com elle tem intima ligação, faltou a promessa, fazendo allusões para justificar essa contradicção, attribuindo a *a equivoco*, — *equivoco* que diz elle não podia ser aproveitado pelo Sr. Dr. chefe de policia para fundamentar a pronuncia.

E' que o distincto escriptor conhecendo a aleivosia atroz que se irrogava ao Sr. Dr. Silva e Almeida, não teve animo de apresental-a ao publico, franca e leal, como o permittia o seu caracter de defensor.

Nós, porem, sob palavra de honra, empenhamo-nos a tratar desse facto com toda a minuciosidade quando chegar occasião opportuna, e então mostraremos de quanto é capaz a perversidade do reu Castro Rebello.

E' não menos verdade que o reu Castro Guimarães nessa noite estivera em casa do collega Sampaio Vianna; e si o Sr. Dr. chefe de policia tivesse mandado cercar sua casa, chegaria tambem ao conhecimento de que lá não havia dormido, pois as duas horas da madrugada houve quem o visse no Pilar, á cavallo, em caminho para a Calçada.

Pois os reus, todos elles empregados no commercio, nunca tiveram tempo de conferenciar e combinar as *providencias* que deviam tomar sobre o roubo do banco sinão á noite em casa de Sampaio Vianna?

Por certo que não.

Era que os planos, assim como a execução só podiam ser dados á noite, quando a occasião favorecesse, e por isso é que em todas ellas haviam reuniões, e nellas se esperavam que os vigias fossem dar parte do resultado, si tinham ou não prendido Soares.

Para isso é que o carro postava-se sempre no largo do Accioli, e o baratro do Moinho já estava preparado para a execução do crime.

O nobre articulista tem rasão de sobejo para dizer que por esse considerando o reu Castro Rebello não estava em casa de Sampaio Vianna.

De facto, como o mais corajoso, e inveterado nessas emboscadas, em que tanto se celebrisou outr'ora, dados e combinados os planos, elle foi assistir, como mestre, a execução, mandando dar parte do resultado aos comparsas. Alem disso era mais facil que um delles não attrahisse a vista publica, e não todos trez, que por certo haviam de mover a curiosidade.

Assim é o proprio articulista quem se encarrega de dizer a verdade a respeito, dando sahida ao seu dilema.

Outros affazeres indispensaveis reclamam a nossa presença, e é força parar aqui.

Vão ser impressas as razões de recurso feitas pelo Sr. Dr. Rocha, escolhido pelos seus collegas para fazel-as, bem que contra a vontade dos reus Castro Guimarães e Sampaio Vianna, que queriam defeza separada, porque acham o comparsa Castro Rebello em má posição.

Todavia tal é a força deste sobre

aquelles, que submissos curvaram-se a sua vontade superior.

Havemos de tratar desse ponto mais detalhadamente no seguinte numero.

P. S.—No *Jornal da Bahia* de hontem appareceu um communicado do digno advogado o Sr. Dr. Reginaldo Alves de Mello, declarando não ser o author destes artigos O numero das victimas vae apparecendo, e por essa forma vae se verificando a nossa profecia.

APONTAMENTOS

para a chronica do cavatheiro de Castro que tem de ser publicada pelo Anjo dos bonecos.

O publico ja é sabedor da chronica vergonhosa do *Cavalleiro de Castro*, ladrão mór da *tripeça*.

A todos e ate a seu proprio filho o miseravel tem roubado sem a menor piedade.

Parece incrivel que entre nós houvesse um ladrão tam ousado e safado, sem que ja estivesse de calcêta ao pe por tantas infamias.

Calceta era pouco. Um ferro em braza com a letra maiscula —L—devia ser-lhe impresso na deslavada cara, segundo as Ordenações do livro 5.°, como outrora se usava em Portugal

Ainda assim, apostamos, que o ladrão não emendar-se-hia, porque o roubo ja consubstanciou-se na natureza daquelle malvado.

Na *magicatura* so lhe conhecemos um egual, que é o amigo *del petto Guedes Cabungo*.

Que *duo* para dansar um miniete afandangado em uma corda na praça publica!?

O espetaculo havia de ser concorrido.

E são miseraveis dessa laia, que ousam injuriar pessoas honestas, que ate hoje estão isentas de crimes!

Outros fossem elles, que se tivessem um ceitil de vergonha, ja, ha muito, teriam desapparecido da face da terra.

Mil vezes a morte, do que viver ludibriado, escarnecido e cuspido, como tem sido esses lazaronis, Mas é que todo ladrão é covarde para acções honrosas, e por isso é que elles ainda continuam dando tanto apreço á vida.

Veja o publico uma das do zanaga:

Ha pouco tempo dizia elle ao pobre *Soreas*·

«Tenho protegido muito bancarroteire o ladrão, (que honraria n'um commerciante juiz!...) muito mais faço a V,. a quem protesto e juro proteger não so directamente, como por mais dous commerciantes de primeira força:

«Va para a America, dou lhe a passagem e 30 contos de reis. (podia darlhe dos do governo roubados á tripeça, pois correm la segundo a opinião do *honrado barão do Moinho*) e dentro em pouco, poderá voltar a esta cidade.»

Arre' so o diabo é capaz de não descobrir o interesse do *Cavalleiro de Castro* em arredar ou fazer desapparecer a *Soreas*.

Então, *Cabungo*, esse apontamento serve para o drama da tripeça?

Na semana em que se descobriu a magicatura dos 266, o *Cavalleiro de Castro* foi para as margens do Paraguassú curar a enxaqueca da cabeça que lhe atormentava, e ahi encontrou remedio, porque si em lugar dos dous saveiros um que o *leal—dade* lhe enviou, e outro que a cordialidade vesinhatica recommendou todo o puxar, fosse a policia, o mal recrudescia, e so a cura podia ser obtida na cadeia.

Apezar disso, porem, a enxaqueca reappareceu, quando a opinião publica unanime apontou-o como o ladrão, e não ao *Lima e Silva* como elle queria por ter contado o dinheiro. O mal finalmente veiu a desaparecer, quando o pobre ex-guarda cofres *limão* carregou sobre os seus hombros a paternidade do desconto da letra, sem descontal-a.

Que ladrão astucioso?!.....

Então *Cabungo*, queres a discussão da empalmação dos 266 nesso ponto para o teu drama?

Ja o *celebre Covallheiro de Castro* estava senhor e possuidor do roubo, livre de todo e qualquer perigo, por

obra e graça do ex-guarda cofres *limão*, (a quem retribuiram os ladrões com *tanto reconhecimento*) quando, para desviar as suspeitas reaes e verdadeiras, metteu-se lhe nos cascos simular umas transacções para pagar o emprestimo de 30 contos, que o *caporro guardador* do dinheiro provinciano havia emprestado ao collega da universal para tapar o rombo, e ate mostrava tiras de papel com *aquella e outras firmas*.

Ninguem acreditou na pulha, por que o *caporro provinciano* não é muito de emprestar, e principalmente a um homem perdido; e o *Cavalleiro de Castro* por essa formam encravilhou-se mais, conhecendo-se a tractantada.

(*Continúa.*)

O grande sassarugo *Calitina*, umas vezes humilde como um escravo pede por S. *Francisco Xavier* que não lhe ponham a calva á mostra, pois si elle vendeu os 20 contos das de dez do governo, cor de telha, foi *desinteressadissimamente* a mandado do *buxrão* do Moinho.

Outras, afflicto e desesperado como um demonio, grita, esbraveja, remorde-se e damna-se, dizendo que o fim de tudo isso ha de ser chamar o *Alabama* a responsabilidade.

Nessas occasiões quem paga as favas é a *alvacora* que tem em casa, e ai da pobre mulata, cujo couro é batido tanto quanto o de um bombo em dia de procissão.

Chama, sassarugo, a responsabilidade ao *Alabama*, que em juizo, presentes todos, havemos de cantar-te a chronica em estrofes de *rebimbomalho*.

Um devasso, que teve a cynica coragem de vender *ao chuva de pedra*, vulgamente conhecido por Saraiva, a infeliz Marcelina e Clotide, alem de outra cujo nome ignoramos, sua amasia e filhas, é que quer chamar o *Alabama* responsabilidade!

Um ladrão, que tem roubado orfãos, um dos quaes era ate seu afilhado, é que quer chamar o *Alabama* á responsabilidade!

Chama, ave de arribação e rapina, que então sahirá tambem a tua chronica impressa em forma de *arrenego*!

Faz admirar como esse traste falla em administração, politica, etc. um estupido, que depois do homem, ia para as bandas da Abbadia ou Inhambupe, foi que aprendeu a ler á mandado de um honrado crioulo, que por commiseração o tinha em casa.

Para elle não ha presidente como o João *Pancada*, porque faz tudo quanto se quer.

So com umas libras de uvas consegui, diz elle, uma porção de favores, porem logo que não tive mais nada a pedir, *murchou a parreira*, que não sou bobo.

Quando constou a nomeação do Madureira para esta provincia, o sassarugo de bebado lhe fez a festa, e então passou descompostura raza no governo.

Quando chega oito horas que elle vae para a loja do Laurent—minimo, conta as proezas do dia, e então muito ancho de si, falla por essa forma:

«Hoje com os commanditarios da alfandega .....os que mandaram os saveiros, fizemos o que podemos a bem dos homens do forte. Si fallar entisica, si eu não estou thisico, estou esfalfado. Ja não tinha mais cuspo na bocca. Mas o meu gosto é que os amigos estão na rua, tam certo como 3 e 2 são cinco.»

Adeus, sassarugo; toma geito, e depois não te queixes de um teu companheiro do celebre banco—Maná, á rua direita de Palacio!...

Em um dos *trovões* passados o infame *Guedes Cabungo* atira mais uma calumnia contra o seu antigo bemfeitor, e tanto mais revoltante quanto este miseravel teve parte no facto que allude.

O africano Miguel era um escravo obediente á seu senhor, porém, por insinuações, tornou-se insubordinado, e por isso foi para a oCrrecção. Ao ser preso gritou e blaterou que era forro.

Não faltaram logo protectores ao

preto, denunciou-se o facto ao Sr. Dr. chefe do policia, o este, por certas razões, prevenido contra o senhor do africano, acreditou na denuncia e fez o que humanamente é possivel para incommodal-o, fazendo o que lhe pareceu á sua revelia, e querendo ate intentar um processo com as maiores arbitrariedades e tropelias, censuradas pelos amigos do proprio Sr. Dr. chefe de policia.

Entre os protectores contava-se o assassino *Passos Moraes*, que na ausencia do *Cabungo* que estava nas *canas*, servia-se do nome deste para pedir consultas e pareceres ao fallecido Dr. J. J. dos Santos, e levava-as á policia.

Um amigo de *Cabungo*, sabendo dessa armadilha, conta-lhe tudo, e cis sinão quando este, depois de reprehender bruscamente ao assassino que abusava de seu nome, vae ao Sr Dr. chefe de policia, e é o primeiro a desmascarar toda a trama.

Por seu intermedio fôra o conego R. ao promotor, e dahi á dias estava o escravo solto, e reconhecida a legitimidade de seu captiveiro. Querem-o mais claro?

Em 5 de maio do corrente anno foi o escravo despachado para o Rio Grande e seguiu na barca chamada —Energia.—

Em vista disso, veja o proprio Sr. Dr. chefe de policia quem é o *Cabungo*, aquelle mesmo que recebe mensalmente cem mil reis dos cofres secretos para não accusar a policia.

E' ate onde pode chegar o cynismo!

—Pois o aniceto Chave, filho e genro do mais safado sogro e pai, não se emenda?

—De que?

—Pois, V. não está vendo elle comprar aquella droga ou preparação narcotica na botica?

—Cada vez lhe entendo menos.

—O frascario mostra ser descendente de Loth e segue a primitiva lei da procreação.

O safado, depois que deu para beato, está cada vez mais devasso.

Gostou da fructa a primeira vez, o vae continuando.

—Não falle assim, porque o pae não havia de consentir nisso.

—E' justamente do pae que elle tem aprendido essas lições da mais escandalosa immoralidade. Passe pelo cortiço do mirante, que outr'ora fora na subida do Carmello, e veja se encontro.

—Está bom, tudo fica em casa.

—Leu o ultimo *Trovão?*

—Não li, nem quero.

—Si lesse, veria que tropel de injurias e allusões ferinas vem a pessoa de uma senhora.

—Não dê o cavaco; os esguichos por onde emanam o podre excremento daquella immunda cloaca, não podem salpicar a quem altaneiro não se vae enlameiar no impuro charco donde dimanam.

—Mas si amanhan vier a represalia, si se tirar material no vasto arsenal onde ha tanto pano para mangas, si em justo desforço apparecer em scena certos episodios, virá o infame Guedes Cabungo bradar que se está arrastando a vida intima das familias para o terreno da publicidade.

—V. não vê que tudo isso é obra desse safado ralé para dahi tirar proveito? Não sabe que aquellas atrozes injurias são cahidas de negra e escrava penna do nojento alquilé, para dahi tirar proveito.

—Porem eu entendo que muita gente em interesse proprio devia repellir com asco os ultrages, que o despresivel mercenario lhe vae offerecer á venda.

—E' que nem todos pensam assim.

—Pois deviam reflectir e respeitarem o sanctuario da familia alheia para terem direito á que as suas fossem respeitadas.

—Ah Sr. *geral*?

—A's suas ordens.

—Saberá o Sr. dizer-me si o *Constantino* que em S. *Francisco* teve *nascimento* deixou de affluir em julho os

pos da balança como manda o art. 32 da lei municipal?

—Quem lhe pode responder é o afferidor.

—Mas eu pergunto-lhe, porque dizem que ha certas *contemplações* com elle, por ter a cara *vermelha* como o Sr.

—Nem o conheço.

—Não me venda *coelho* por lebre, porque ainda no dia 13 de setembro o Sr. esteve em casa do homem.

—Si é este, já afferiu a semana passada.

—Está o que é mau, com uns o Sr. é tão restricto, com outros a sua docilidade vae além dos extremos.

—Ah, meu refinado hypocrita! Quem assim te vê todas as manhans ajoelhado e de braços abertos no hospicio de Nossa Senhora da *Ternura* por certo não dirá que és um impostor

Quem não acreditará que és de uma vida exemplarissima ao ver a estudada gravidade, o fingido recatamento e modestia que affectas?

—*Com este signal venceremos.* E' o *symbolo* do rei sabio que estampei bem á vista no meu *lar*.

—Finges uma vida regular, quando es o mais licencioso, impudico e deshonesto ser que a terra aviventa!

—Pois quem faz tanta charidade como eu, merece esses vituperios? Quem vive em continuos exercicios piedosos como eu, pode ser acoimado de tanta malvadez?

—De nada te serve ires para a egreja e la de olhos cravados no chão, beijares a terra muitas vezes e bateres nos peitos com tanta força, que despertas a attenção de todos os que estão no templo. Isto não é mais do que uma ostentação e vaidade mundana,

A tua charidade é mentida; quando fazes bem é com algum sentido mau; como fizestes com aquella mulher que encontrastes na porta da egreja, e a quem agasalhastes.

— Qual dellas?

—São tantas que nem sabes!

Pois ouve:

Uma vez, acabada a missa do dia, encontrastes no adro da egreja da *Ternura* uma mulher ainda frescalhona, queixando-se das inconsequencias porque passava depois que seu filho foi para o Paraguay. Com refalsada compaixão, offereceste-lhes um aposento em tua casa o que ella aceitou, ignorando os teus sensuaes designios.

Uma madrugada, penetrastes no quarto onde dormia a pobre mulher, e em porfiada lucta quizestes forçal-a a satisfazer teus lascivos desejos; vendo-se ella obrigada para se livrar de tuas lubricas garras a saltar a enorme cerca de tua casa.

Eis a tua charidade.

—E como soube disto o Sr.?

—As paredes tem ouvido; o teu visinho *José*, viu tudo

—Elle que se aperte commigo; hei de deital-o para fora da casa, como ja fiz com o *Jacintho* e o *Thomaz*.

—E' mais uma prova do teu depravado coração; fazer mal ao proximo, porque são testemunhas involuntarias de tua libertinagem.

—Aquelles tarameleiros que se importam com a vida dos mais?

—Não são elles que te hão de corrigir da vida clandestina que levas com a mãe de teu affilhado, isso fica a cargo do muxingueiro.

Espera pois um pouco.

(Continua.)

ANNUNCIOS.

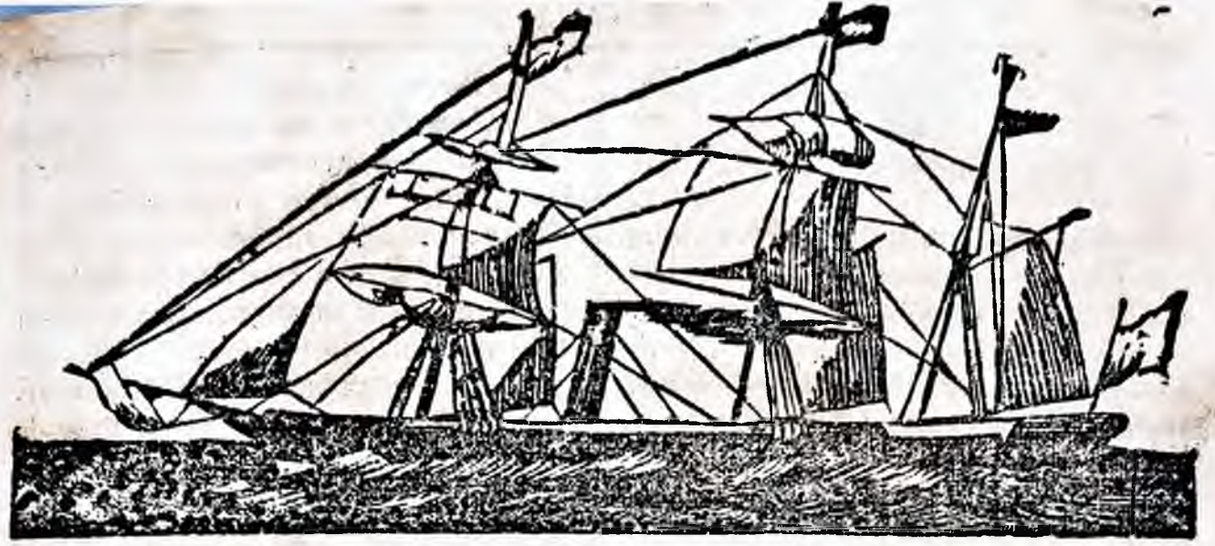
A musica que tocou o baile do *Cassino* na noite de 21 do corrente, ainda não foi paga; no entanto que foi um baile de *caprixo*; por isso chama-se a attenção dos Srs. directores.

Um que tocou.

Pergunta se aos Srs. directores do batalhão patriotico Academico si ja pagaram o resto do dinheiro do contracto que fizeram com a musica do 1.º de artilheria.

Um prejudicado.

Quem precisar de uma ama para cosinhar, para casa de pequena familia dirija-se a esta typographia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 5 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 27.ª—N. 268

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de outubro de 1867.

Portaria ao fiscal geral, para que responda si é verdade, que fizera S.m. uma cerca em frente de sua morada, sem a competente licença, estando ella nos limites da decima urbana; observando-lhe que si assim procedeu, commetteu censuravel infracção, não lhe aproveitando a desculpa de *ser de casa*, visto que por isso mesmo devia ser o primeiro a respeitar as disposições municipaes. Cumpra.

—Ao fiscal da freguezia da Rua do Paço, ordenando-lhe que faça effectiva a respectiva multa aos moradores da rua das Flores, os quaes costumam á noite despejar aguas putridas e excrementos para a rua, dando não poucas vezes tão aromaticos banhos em quem por alli passa. Cumpra.

—Digam la o quizerem; aqui anda subterfugio.

—O que foi, meu rapaz?

—A companhia do Gaz mandou arrancar os numeros dos lampeões.

—Isso é por em quanto; vae se substituir por nova numeração,

—No emtanto que, emquanto o pau vae e vem, folgam as costas. Os lampeões da Calçada, ha perto de um mez que estão sem numeração e a companhia *fanfando*, sem que ao menos se possa apontar os que deixam de ser accesos, os quebrados, etc.

—E V. adianta alguma cousa com isso?

—Porem ao menos o povo sabe como se esbanja as gottas de suor, que tao onerosamente lhe fazem verter.

—A justiça trabalha em dias sanctificados?

—Qual, homem!

—E a noite?

—Ora va bugiar, e não me venha chocalhar a paciencia!

Tinha bem que ver! a justiça que ja anda tropeçando por viver vendada, trabalhando nas trevas ia decididamente de ventas ao abysmo.

—Pois eu ja vi.

—O que meu imbusteiro?

—Um meirinho citando de madrugada.

—Isso so si foi la em Jeribué.

—Enganou-se; aqui na cidade, na porta da egreja da Saude, no domingo, ás 4 horas da madrugada, foi citada uma senhora na hora em que entrava para a missa.

Por signal que me disseram chamar-se Fulana de tal Cafezeiro.

—E o meirinho?

—O *Pedro de Gusmão* disse-me o nomo, mais palavra que ja não me lembro.

—Borrou a noticia; como se ha de providenciar, sem se saber o delinquente?

—Eu vou ver si o professor da *Doença* me diz; ou ao menos *quem mandou* fazer a execução.

—Pois va.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XVII.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

A interposição do recurso para o Superior Tribunal da Relação trouxe uma divergencia entre os reus, que, sendo abafada em tempo, nem por isso deixou de transpirar alem.

Considerando-se Castro Guimarães e Sampaio Vianna menos cumplicados no despacho de pronuncia que Castro Rebello, contra quem, dizem elles, as provas são irrefragaveis desde o primeiro até o ultimo considerando, quizeram dividir o recurso, apresentando cada um a sua defeza em separado.

Sobre esse ponto foram consultados em sessão os illustres advogados, e depois de uma discussão prolongada, sobresahindo Castro Rebello, que, por modo algum queria separar se dos comparsas, (elle lá sabe o motivo!) ficou assentado contra a vontade dos dois que o recurso seria um só para todos, sendo elle confiado ao Sr. Dr. Rocha, advogado de Castro Rebello, ainda como o mais cumplicado na situação.

Quem viu a harmonia dos reus, tendo cada um sua defeza separada no juizo *á quo*, e agora reflectir para a divergencia que pretendiam estabelecer nas razões de recurso, não pode deixar de reconhecer a criminalidade manifesta dos mesmos, que sobe ao ponto de accusarem-se reciprocamente.

Era que não tendo ainda o Sr. Dr. chefe de policia dado o seu despacho, convictos todos do crime e por conseguinte nas mesmas condicções, pouco se lhes dava que a defeza fosse em commum ou em separado. Mas logo que a pronuncia appareceu, julgando-se uns mais bem parados que o outro, quizeram logo a divisão para desmentir a solidariedade, divisão que passaria em julgado, si a vontade soberana do reu Castro Rebello não fosse cegamente obedecida.

Nessa discussão e em outras só não tem voto o Lopes Mexicano.

Façam os reus o que quizerem, por que nada haverá mais que lhes possa minorar a criminalidade. As provas contra todos são eguaes; e não serão esses e outros disparates que mais servem de comprometter que alliviar, que eximil-os-ha da sancção legal de que justamente são merecedores.

Sendo elles tres *os unicos empenhados no descobrimento dos ladrões do banco, e para isso empregando meios arguciosos, estrategicos, e de fina astucia*, que motivo agora actuou para quebrarem esse *empenho de honra* em que estavam tam intimamente entrelaçados?

Repitamos uma verdade, geralmente reconhecida por todos.

Si motivos de honra tivessem impellido os reus á practica do barbaro crime de agosto, a propria honra impellil-os-ia tambem a confessal-o e não a negal-o obstinadamente, quando as provas de sua criminalidade são concludentes e infalliveis.

O desagravo da honra deve ser tam franco e leal quanto a sua offensa. Por isso é que se reproduzem cada dia os factos de criminosos chegarem ante á authoridade, e a si proprios denunciarem-se de crimes capitaes commettidos por este ou por aquelle sentimento de honra.

Só os reus fazem excepção a essa regra, e *tam honrados* por um lado, por outro tornam-se mais deshonrados que uma michela.

Que contraste honorifico!

As censuras vehementes, que soffre o Sr. Dr. chefe de policia do nobre articulista do *Jornal da Bahia*, são destituidas de todo o fundamento.

O nobre articulista que é magistrado, (e felizmente o seu nome deixou saudosas recordações nesta capital, quando exerceu uma das varas municipaes) nos dominios de sua jurisdicção não deixaria de pronunciar, e por tentativa de morte, os reus do crime de 6 de agosto.

Tal é o conceito justissimo que fazemos de sua integridade e illustração.

Só bons officios de amizade levam-o a defender os reus, procurando sofismar as provas, tanto que sobre a questão de direito ainda não emittiu opinião.

Portanto, a prisão e pronuncia, eram um dever restricto do Sr. Dr. chefe de policia, sem que para o seu cumprimento fossem precisas insinuações deste ou d'aquelle, como adrede se faz espalhar. E' uma injuria ao caracter da authoridade, que cumpre não deixar passar desapercebida.

Continuemos a analyse do processo.

«*Considerando que o accusado Castro Rebello costumava de julho em diante até a noite do facto inclusive, mandar vir cavallos da cocheira de Vehiculos Economicos para um carro ou caleça, que tinha em sua fazenda do Garcia, onde reside com sua familia, dizendo, que era para sahir com ella, como refere Cornelio Cezar á fs , o que nunca fez, voltando os cavallos tarde ou no dia seguinte* »

Não ha um só dos fundamentos do despacho de pronuncia que seja negado pelos reus.

Nessa impossibilidade, querem darlhe uma interpretação casuistica e forçada, e assim é— que o nobre articulista diz, que sendo o reu Castro Rebello um dos gerentes da companhia, especialmente incumbido da cocheira do Garcia, onde tem carros e cavallos á sua disposição, não seria tam parvo, que no mesmo dia em que o crime tinha de ser commettido, mandasse buscar cavallos em outra cocheira, sabendo que se fazem assentos explicativos nos livros proprios, etc , etc.

O nobre articulista neste ponto, como sempre, tem sido infeliz.

E' verdade que no Garcia ha uma cocheira; mas convem notar que nella não se encontram cavallos promptos para o serviço ordinario, quanto mais para uma diligencia arriscada como a do rapto de João Soares.

Os cavallos, que adoecem nas outras cocheiras, são os que lá existem, por offerecer o logar maior commodidade e conveniencia para o tractamento, já pelos pastos, e já por muitas outras circumstancias que não se dão nas outras partes.

Portanto, o reu Castro Rebello parvo seria si quizesse emprehender o rapto com animaes cheios de manqueiras, eivas, e outros defeitos que impedissem o desenfreamento fogoso de um galope arriscado, que logo ao primeiro passo ou trote frustrasse a empreza.

Foi, pois, força maior que obrigou-o a mandar buscar cavallos na rua de Baixo, e não se utilisar dos que existiam no Garcia, embora *refeitos e descançados*, como diz o nobre articulista.

Porque não mandava buscar tambem carro e boleiro, si os seus passeios eram tam *licitos e honestos*?

E' porque isso naturalmente vinha cumplicar mais o caso, pois então conhecer-se-hia perfeitamente o carro e a quem pertencia, o que cumpria por todas as formas evitar.

Utilisava-se unicamente dos carros do Garcia, porque estes, comquanto velhos e incapazes por isso de serem aluga-

dos, todavia prestavam-se á emboscada, por isso que as molas estavam boas e fortes para resistir á velocidade da empreza.

Conseguintemente é inexacto que no Garcia existam carros e cavallos tam bons ou melhores que os de todas as outras partes; e admira que se avancem proposições dessa ordem, fora de toda a possibilidade, pois ninguem ha tam nescio que creia que no Garcia, onde ninguem vae alugar carros nem cavallos, fora da cidade, existam tam bons quanto mais melhores que nas outras cocheiras, situadas no centro da cidade.

Só com argumentos dessa ordem é que se podem *destruir* os fundamentos da pronuncia.

Não é só isso; desde julho que o reu Castro Rebello tinha costume de mandar buscar cavallos, segundo depõe a testemunha Cornelio Cesar, e consta do 10.º considerando, e no 11.º, perguntado qual o bolieiro, nada respondeu guardando obstinada reticencia sob pretexto de que eram amigos seus e que TALVEZ *fossem a extravagancias.*

O que tinham as extravagancias de seus amigos para occultar-se o nome do bolieiro?

Pois um homem, sobre quem pesam suspeit s gravissimas de um crime atroz, somente para não declarar as extravagancias, (coisa aliás perdoavel) de seus amigos duplica e centuplica essas suspeitas?

Ninguem por certo acreditará nessa miseravel evasiva,—denuncia positiva e formal da authoria do crime.

De modo que desde julho os amigos do reu Castro Rebello *estavam extravaganciando!* . . . . .

Estamos convictos de que, si os outros gerentes da companhia soubessem do fim para que iam os cavallos, não se prestassem a mandal-os; é justiça que lhes fazemos. Mas d'ahi não pode o nobre articulista concluir a innocencia dos reus. São pontos distinctos, e um não é consequencia necessaria do outro.

Eis aqui a razão dos reus Castro Guimarães e Sampaio Vianna quererem defeza separada, porque para elles, o duplo collega está em maus lençóes, quando o lençol que o embrulha é tam grande que chega para todos.

E' preciso notar que o Sr. Dr. chefe de policia já não queria saber em que logar eram as *extravagancias e quaes os amigos extravagantes,* não; queria saber somente quem era o bolieiro,—e ainda assim o sigillo foi tam formal até para este

Tanto não eram extravagancias, e não ha cabeça tam desmiolada que acredite nesta patranha, que o reu Castro Rebello dizia a testemunha Cornelio Cezar que era para passeiar com sua familia, e ao Sr. Dr. chefe de policia que era para extravagancia de amigos.

Quem foi agora a causa dessa contradicção palpitante? Seria tambem algum advogado?

A extensão deste artigo obriga-nos a ficar aqui, guardando outras considerações relativas á esse ponto para o seguinte.

APONTAMENTOS

para a chronica do Cavalheiro de Castro que tem de ser publicada pelo Anjo dos Bonecos.

Nada ha mais que possa envergonhar o zanaga.

Não ha quem não o reconheça pelo mais refinado e vergonhoso ladrão, e assim mesmo quem olhar para aquella cara lampreira e deslavada admira-se de ver tanto cynismo.

Ha certas firmas que são o stygma perpetuo da humanidade.

E' impossivel apresentar maior numero de factos que mostram ser elle o ladrão da *tripeça*, o ladrão do seu proprio filho, o ladrão emfim do genero humano.

Elles reproduzem-se progressivamente, e não sabemos quando deixaremos de publical-os.

Em quanto não virmos esse desgraçado gemendo perpetuamente em uma masmorra pelos seus escandalosos roubos, não socegaremos.

E' um beneficio que fazemos aos incautos para evitarem essa harpya do suor alheio.

Ja os credores estão tam prevenidos, que não admittem mais reformas de letras,—querem o pagamento integral no dia do vencimento.

Ahi vae mais uma do *celebre zanaga*.

Na *tripeça* tinha elle conversas muito francas, e a vez muito singulares, a que se não dava na occasião grande alcance, mas que agora se conhece que tinha um de uma natureza extraordinaria.

Um dia disse elle aos seus collegas:

—Estou a diligenciar o embarque de uma bisca magnifica, e essa verificada, verão os meus camaradas que so terei o prazer de vir a cidade dar dous dedos de conversa, e logo voltar para a casa. Pretendo dar uma viagem a Europa, e não quero mais saber de negocios.

Julgando os camaradas que o zanaga esperava o privilegio exclusivo de alguma empreza, ou tinha descoberto a *quadratura do circulo*, não deram apreço a conversa.

Qual empreza, nem *quadratura de circulo?*

A bisca era a do roubo da *tripeça*, que por *finura* foi descoberto pelo *burrão do Moinho*, mandando o companheiro Castro Aguirre que exigisse a contagem do dinheiro, para a bomba estourar na mão do Lima e Silva.

Quando, porem, o *burrão* insinuou a exigencia da contagem, é por que ja estava consocio do roubo com o zanaga e o Annanavi, que estavam ja contratados para ver a exposição.

Então, *Cabungo*, assassino do infeliz Bernardo, ladrão das pobres orfans do Pilar, serve ou não esse achado para o drama do banco?

Esperamos resposta, safado, mil vezes safado!!...

Como talvez sejam ignorados os actos administrativos da *thesouraria universal*, datados em 30 de janeiro de 1845. e da portaria com referencia, emanada da inspectoria de fazenda contra as prevaricações commettidas em certo trapiche que é administrado pelo *Botijão lingua de cortiça*, chamamos a attenção da authoridade respectiva para esses actos, para perguntar si o tal Botijão ainda pode continuar a ser administrador de um trapiche, onde tem se praticado proezas com volumes de fazenda de *certa firma*, sahidos pela porta grande d'alfandega, e distribuidos no referido trapiche.

Ao depois não si queixem da

Henriqueta Carmezim!...

No *Jornal* de 2 de corrente, vem um desmentido solemne ao *Guedes Cabungo*, que tambem por sua vez quiz negar a opinião publica do dia 7 de agosto, attribuindo-a a *portuguezes vadios, sediciosos e perturbadores do socego publico*,

Não sabemos qual o fim do *Cabungo* em chamar a questão para o lado de nacionalides, elle—que ainda não houve estrangeiro rico a quem não delapidasse escandalosa e desapiedadamente.

Não admira isso, porque quando elle recebendo cem mil reis mensaes da policia para não censurar seus actos serve-se do *Trovão* para injurial-a, o que não fará mais!?

Eis aqui um escrevinhador que quer passar por grave e serio, quando não é senão um libelista nojento e immundo, como sua propria repulsiva figura.

Os factos continuados da desmoralisação do *jornal* que contra o *interesse publico* escrevo, são tantos, que hoje não ahi ninguem que não tenha vergonha de que na imprensa bahiana figure esse infame paschim,—poste de vilipendio a honra de todos, e *pedestal* de *gloria* á sagacidade dos ladrões e perversidade de assassinos.

E como não ser assim, si ninguem rouba mais que elle?

E como não ser assim, si elle foi o assassino do infeliz creoulo Bernardo?

Parece incrivel tanta miseria; e se não fosse caso de nossos dias, não acreditariamos em semelhante baixeza e malversação.

D'quelles tipos não sahe senão a injuria e a calumnia, a villania e a infamia, e tudo quanto pode haver do mau.

Resta nos, porem, o amargo consolo de que ninguem há, por mais nescio que seja, que creia em suas palavras, ainda coloridas pela linguagem mais comedida.

Mil vezes a morte que semelhante desgraça!.....

O *Alexandre Trovão* ainda continua no seu paschim a atassalhar a honra de familias respeitaveis.

Ja uma vez dissemos a este desgraçado que se quer dinheiro traga nos a outra *peça*, que sendo bôa, damos mais do que o aniceto chave filho deu pela outra.

A primeira venda foi de um conto, e em letra, que chegou para a compra da officina; nos promettemos duplicar ou treplicar a parada si a *fructa* agradar e for bôa,

A vista faz fé, traga-nos e não se arrependerá. E' dinheiro contado.

A tua miseria ja chegou a esse ponto, e por tanto tudo quanto poderamos dizer, fica a quem desta verdade.

O negocio não é dos peiores, principalmente para um pae safado e corrupto como és.

E se admiram os parvos de trahires tua patria, alistando-te no batalhão dos caveiras pela independencia, quando a tua miseria chega ao ponto de pôr em praça publica ao dinheiro dos lubricos a honra de tua progenie.

E admiram-se os necios de teres a animosidade descarada de ir pedir a um commandante superior 400$ para não injurial-o, e 100$ a outro negociante para o mesmo fim, quando a tua desgraça chega ao extremo de offereceres tua propria familia para os gozos sensuaes da lascivia impura.

Continua, que tambem continuarei.

ORCHESTRA MINISTERIAL.

O picante Zacarias,
Da orchestra regedor,
O progressista Messias,
Do paiz reformador,
Distribuindo fatias,
Do Torres sobre a careca
Move o arco animador,
Tocando sua rabeca.

Politicão mui geitoso
N'esta terra de toupeiras,
Parlamentar bellicoso
Que manda *cerrar fileiras*,
João Lustosa, o mimoso,
Que não é nem um chimfrim,
A pular nas bananeiras
Da guerra toca o clarim.

Do famoso venerando
Filho feliz adoptivo,
Sempre tristonho e scismando,
Do Zacarias captivo,
E p'ra este sempre olhando,
Talentoso Catunhé
Toca, toca um só motivo
No seu famoso oboé.

Como um cascudo de farda,
E qual preta da Bahia,
Ou qual de là velha parda,
Que ora canta, ora assobia,
E o compasso não retarda,
Sempre alegre e zombeteiro,
Bom folião da folia,
O Dantas toca pandeiro.

Com afogueado rosto,
Repimpado e somnolento,
Ainda tomando o gosto
Ao seu jantar succulento;
E ao saboroso mosto,
Martim, o grão comedor,
Dando arrotos de jumento,
Na pança toca tambor.

O Torres já sem miolos,
Todo de orelha tocando,
A passear pelos polos,
Todos vae acompanhando,
Não si sabe haver nos solos;
Mas como já está maluco,
Entende que sta brilhando
Assobiando no cuco.

E qual Neptuno sereno
Ondas do mar co'o tridente,
O Celso de face amena,
Sempre tranquillo e *vidente*,
Todo boquet e verbena,
Cuidadoso disfarçando

A dissonancia estridente,
No portavoz vae soprando.

A' par da orchestra o que escutas?
Risadas, descomposturas,
Na *baixa* e *alta* disputas!
Que famosas partituras
Só dignas de prostitutas!
Não foi o povo que as fez,
São escriptas nas *alturas*!
Cuidado co'este entremez!

(Continua.)

CURIOSIDADE.

Poderá o secretario da Illma. reter em seu poder, por mais de 15 dias, um requerimento no qual tem de passar uma certidão, e isso somente para servir ao *geral* que lhe fez semelhante pedido?

E' curial que o serventuario entretenha as partes com um banal — *venha amanhan*, e assim deixe correr 15 longos dias, sem dar solução áquillo que é de sua restricta obrigação?

Esteja elle embora *mais que sciente* do fim em que se pede uma certidão, o que tem com isso para demoral-a?

Si o *coelho* deitou a cerca abaixo não será Sm. que o obrigue a levantal-a.

—Va me buscar aqui o *barão do Moinho*!

.....!!

—Aqui o tem.

—Estou as ordens.

—Olé! Então és tu o *barão* do *Moinho*?

—Um criado.

—Conheço-o muito!

Ja não pertenceste á uma celebre companhia de reus de policia, que se denominava—*P. H.*?

—Justamente.

—Não és o infame que cantava *arrenego* pelas casas das prostitutas?

—*Aquiqui*.

—Pelos precedentes de tua *origem* vejo que foste tu mesmo o algoz do infeliz *Soreas*, feroz hyena.

Depois, um reu de policia como tu foste, no tempo da ja citada companhia *P. H.*, basta para a justificação deste facto.

—Mas, Sr. eu posso ser capaz de tudo, menos de praticar um acto tão atroz! O commendador foi quem fez toda esta trama, para me comprometter.

—Isto é o que dizem os alugados ao ouro, que tu e teus companheiros gastam á mãos cheias, mas não pegam as bixas, porque ninguem acredita em tal.

Não ha remedio sinão confessar-lhe o crime, fui eu o author do attentado contra o *Soreas*.

—Entranhas de feras!

Com que cynismo ostentas o crime!

Assassino!.....

—Menos isto senhor!

—Assassino, sim, porque pretendias tirar a existencia de outrem, e desta forma praticavas um roubo, que embora não realisado, por que a Providencia Divina não a consentiu, tens de pagar ao diabo na vida futura, meu sicario.

—Porem si eu pretendesse matar o *Soreas* elle não escaparia de minhas garras.

—Pretendias assassinal-o; mas a Providencia Divina, appressou-se em salval o, pois quiz mostrar os verdadeiros ladrões. Tu e teus cumplices deviam metter a cabeça na guilhotina ou no gancho, pois nada se perde morrendo uma fera sanguinaria de tua especie e de teus cumplices; mas espera que vas experimentar o mesmo que praticaste no infeliz *Soreas*, para veres si é bom.

Por dizer isso lembra-me das palavras de Jesus Christo:—*Quem com ferro fere, com ferro será ferido*!

—Misericordia, meu Deus!

—Hypocrita!...

Miseravel!...

Assassino!...

Para que pedes misericordia e invocas o nome do SENHOR, tu que não acreditas na eternidade, pois si acreditasses e temesses a sua Cholera Divina, não praticarias tantas torturas no pobre *Soreas*.

—Sr., compadeça-se de mim!

—Hei de ter a mesma compaixão que tu tiveste para com a tua victima.

Muxingueiro!

Leva este malvado para a *moenda pequena*, e lá manda amordaçal-o, algemal-o, lancetal-o, deital-o, applica-lhe uma corda de sedenho na cabeça e os anginhos nos dedos, afim de que elle experimente as mesmas torturas que applicou ao pobre *Soreas*.

—Perdão, Sr.

—Já não pode haver perdão para um reprobo de tua igualha, e contra quem o povo brada—JUSTIÇA!

—Mas, depois de tudo isso, que mandou applicar neste assassino agaloado, posso soltal-o?

—Não; deixa-o preso até a minha segunda ordem.

VARIEDADES.

MEMORIA DO PRIOR DE TRANCOSO

(EXTRACTO DA SUA SENTENÇA)

«O padre Fernando da Costa, prior que foi de Trancoso, de idade de 62 annos, foi sentenciado a ser degradado de sua ordens, e arrastado pelas ruas publicas aos rabos de quatro cavallos: esquartejado seu corpo e postos os quartos, cabeça e mãos em differentes districtos, pelo crime de que foi arguido, que elle mesmo não contrariou; sendo accusado de ter unido-se com 29 affilhadas tendo d'ellas 97 filhas e 37 filhos; de cinco irmans teve 18 filhos e filhas; de sete amas teve 29 filhas e 13 filhos; de seis cunhadas teve 5 filhas e 7 filhos; de duas escravas teve 21 filhas e 7 filhos; uniu-se com uma tia chamada Anna da Cunha de quem teve 3 filhos; e da propria mãi teve 3 filhas. Total 296 filhos sendo, do sexo feminino 214 e do masculino 84, concebidos de 53 mulheres!!!

El-rei D. João II lhe perdoou a morte, e o mandou por em liberdade aos 17 dias do mez de maio de 1481; e guardar nos archivos da torre do Tombo esta sentença, devassas, e mais papeis que formáram o processo ao dito prior de Trancoso, os quaes se acham no armario 5.° maço 7.°

Que bello padre para povoar uma colonia!

(*Ext.*)

ANNUNCIOS.

A Meza da irmandade de S. Benedicto convida a seus irmãos e devotos para accompanharem a Santa Imagem no domingo 13 ate o cemiterio da Quinta dos Lazaros onde terá logar a solemnidade da benção dos carneiros da mesma irmandade.

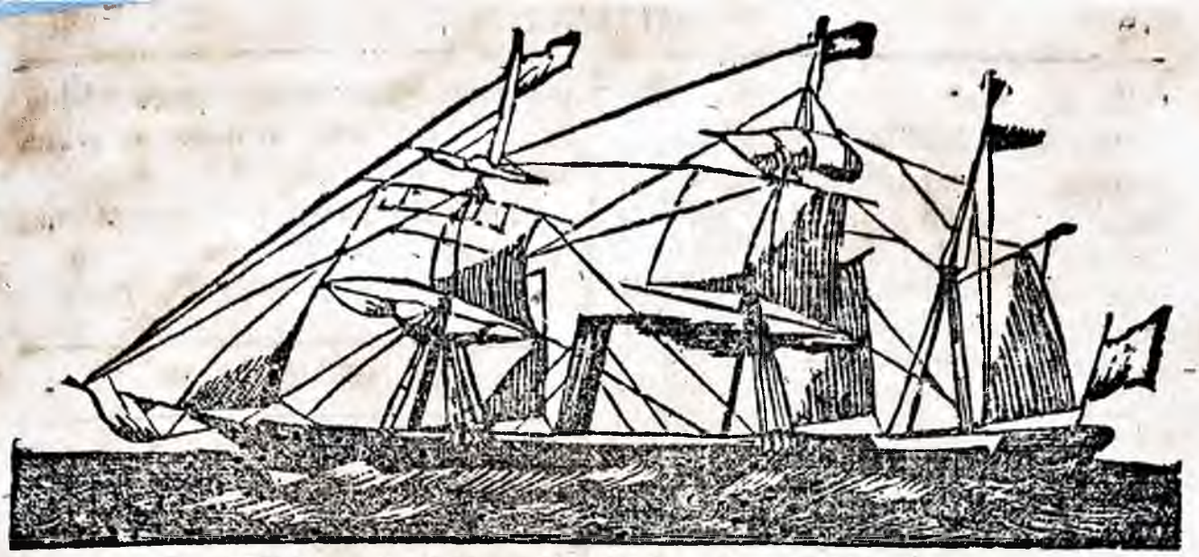
Breve sahirá a chronica de um juiz de *gente pequenina*—e de seu *sabio* mentor, morador na cidade dos *Reis*.

Na rua do Tijollo e freguezia da Sé n.° 16—E. C., se deseja fallar com os abaixo mencionados, fazendo-se por esta maneira por se ignorar suas moradas, á saber:

João da Silva Oliveira
Maria Pereira de Menezes,
Ignacio Miguel da Costa,
José Francisco Dias.
Virgilina Maria Ramos,
João Gomes Pereira,
Ouvidio José de Azevedo,
Manuel Joaquim da Costa Pinheiro,
Fracisco José Rufino Salles,
Custodio Ouvidio da Silva Bandeira.
Agostinho José da Costa,
Antonio Nicolau Pereira da Silva.
D Antonia Maria da Conceição.
Luiz Paim.
Antonio Eduardo Cardoso de Burgos.
Elesbão Francisco Pereira.

Quem quizer alugar uma pequena casa sita á nova estrada, que vai da ladeira da Soledade para a Quinta dos Lasaros, tendo alguns arvoredos fructiferos e um bom brejo, dirija-se a cadeia da Correicção em Santo Antonio alem do Carmo, á tratar com o carcereiro.

Quem precisar de uma ama para cosinhar, para casa de pequena familia dirija-se a esta typographia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 9 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 27.ª—N. 269

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de outubro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, dizendo-lhe que tendo sido encontrada em dias da semana passada, na rua do Imperador, uma mulher desfallecida com um grande ferimento n'uma coixa, a qual, depois de permanecer abandonada por mais de 12 horas, foi conduzida á presença de S. S.; torna-se necessario que S. S. informe quaes as providencias empregadas afim de descobrir-se a origem de um tal acontecimento.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias para os insultos que uma meretriz chamada Dometildes, de parceria com a irman a celebre Margarida, e mais outra que com ella vive, dirige para a familia que mora por cima, á ponto de saltarem para o meio da rua, e se porem a proferir palavras offensivas á moral publica.

Espera-se pois da bondade de S. S. providencias, visto até já lhe ter sido feito diversas representações, sobre o proceder irregular destas zoinas.

—O presidente da provincia mandou que o superintendente do matadouro lhe informasse acerca do facto de ter sido mordido por um cão damnado algum gado em Alagoinhas.

—E o que disse elle?

—Que *informou-se pessoalmente*, e para melhor esclarecimento fez vir á repartição o administrador do registro, que affiançou-lhe ser falsa semelhante noticia.

—Com quanto o *Alabama* não asseverasse o facto, é preciso notar que não é prova bastante a simples *fiança* do administrador do registro, assim como que ha alguma facilidade ou prevenção da parte do Sr. superintendente dizendo que *informou-se pessoalmente*, sem com tudo declarar o que colheu dessa informação pessoal, quando consta que em presença de alguns empregados do matadouro, pessoas de Alagoinhas a quem S. S. indagara do caso lhe asseveram a exactidão delles.

—Eu pela minha parte o que ouvi

dizer foi isto: Que o cão damnado, antes de penetrar em uma malhada em que havia gado do Sr. José Gabriel, mordeu a uma cabra do Sr. Capinam que no outro dia morreu, que o gado com a entrada do cão damnado espantou-se e disparou pela villa, que o cão sahindo da malhada foi a porta de um hotel, onde levou uma cacetada, e dahi a uma hora foi morto por um tiro, que no outro dia procurou se dar certa reserva ao caso para que a noticia não grassasse, e viesse incutir terror no povo, prejudicando assim os interesses não sei de quem.

—Pois agora va dizer tudo isso ao Sr. superintendente para que elle com essas informações procure melhor orientar-se.

—Na noite de sabbado para o domingo o Sr. Caetano Sebastião de Abreu Farias, que ha tempos andava agastado com sua amazia Joanna de tal por ver o desdem com que ella lhe retribuia seus affectos, abrazado em *zelos* foi a uma venda, tomou uma golada e depois dirigindo-se a habitação da mesma, passou-lhe a navalha na garganta.

—Que louco! perder-se por cousa tão futil.

—Tambem no domingo á noite corria nua pela rua da Valla, á Calçada, uma mulher pedindo soccorro, verificada a cousa era uma sujeita a quem o seu dono exemplava um pouco rispidamente.

— Este parece que pensou melhor que o Sr. Caetano.

LA VAE VERSO.

Toda a mocinha *loureira*,
Que deixa de namorar,
E se arruía c'o o cupido
De quem era devotada,
Anda a pesca de marido
Quer cazar.

Moça, que tem namorado,
E que para o exasperar,
Um *namorinho* fiingido
Bem disfarçado entretem...
Quer fisgar o seu marido..
Quer cazar.

Moça, que acceita effectivo
Nos bailes, par p'ra dançar,
E vae dando o *deferido*
Aos ais de seu *cupidinho*;
Está fisgando um marido
Quer cazar..

Moça, que toca piano
E não faz sinão cantar
Modinhas de *bem trahido*,
Tyrano, *Ingrato*...&.
Chama ao anzol seu marido,
Quer cazar.

Viuvinha, que o *defunto*
Está sempre a lamentar,
Si se esquece do querido,
Ri, faz sala aos cupidinhos
Quer pescar novo marido...
Quer cazar.

Moça, que conta dezenas,
Si anda sempre a suspirar,
E com seu ar presumido
Lê romances á janella,
Bota anzol para marido...
Quer cazar.

Assim é que as moças todas
Andam no mundo a *pescar*,
E como não é prohibido
Cada qual tem seu *anzol*
Com que pescam seu marido
N'este *mar*.

Onde o homem é pescado
De sua *prosa* a pezar,
E depois o Deus cupido
Faz d'elle burro de carga
E o chrisma-o de marido
Por brincar.

Mentira e Verdade

—A mulher é um ente celeste
Que dos astros a terra baixou.
—E' mentira; a mulher é demonio
Que no mundo a intriga gerou.

—A mulher é um ente sublime
Que nos dá esperança e prazer.
—E' mentira; a mulher é vizão
Que na terra nos causa o soffrer.

—A mulher é um anjo tam bello
Que seus olhos nos faz seduzir.

—E' mentira; á mulher só agrada
Si fingida apparece a sorrir.

—A mulher é o extasis d'alma
Que na terra o Senhor nos deixou.
—E' mentira; só cauza trabalhos
E só ella desgraças cauzou.

—A mulher nos dá vida mais longa
Quando meiga nos mostra um sorriso.
—E' mentira; o mundo sem ella
Oh!...seria p'ra nós Paraizo.

—A mulher nos enleva, enfeitiça,
Quando bella na rua apparece.
—E' mentira; nos rouba a existencia
E com ella o remorso fenece.

R. L.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XVIII.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Temos, quanto a linguagem, mas não quanto a verdade, ultrapassado as raias da gravidade dessa longa serie de artigos, a ver si o *rajado*, baixo e corrupto escriptor do *interesse publico* declara por extenso, sem rodeios nem rebuço, o nome proprio do estrangeiro a quem attribue o roubo dos 266 contos do banco da Bahia.

Nessa insistencia ha um triplo fim, qual mais honroso:

1.°—ficar conhecido esse ladrão, que com a maior infamia e cynismo ousou comprometter a caracteres elevados e distinctos.

2.°—restabelecer o juizo publico, que unanime aponta como authores desse crime tres individuos, cujos precedentes unidos a certos factos anteriores e posteriores a essa subtracção miraculosa, convencem cada vez mais esse juizo de um modo irrecusavel.

3.°—prestar o denunciante um relevantissimo serviço á causa publica, fazendo, talvez, por momentos esquecer as negras e vergonhosas paginas de sua ominosa vida.

Quem haverá ahi que podesse negar o beneficio resultante dessa descoberta?

Mas qual! nada é capaz de mover o *foveiro* escriptor, que sendo socio nos lucros do roubo, é por isso mesmo o mais interessado e empenhado em occultar o seu author, razão, porque encobre-se em mysterios tenebrosos—de ser este, ou aquelle, sem que comtudo ouse declaral-o, como exigia a franqueza e lealdade de sua missão de jornalista em caso de tam transcendente magnitude.

Quer que o Sr. Francisco Xavier Catilina, amigo intimo e commensal do reu Castro Rebello, seja o denunciante á policia; mas elle não,—porque perde com essa denuncia, não continuando a publicar o seu drama do banco.

Verdade é que o Sr. Catilina como negociante, e envolvido em *algumas transacções* pode ser que preste serios esclarecimentos; mas antes que vá elle, o *dramaturgo* que pelo seu folliculo, independente de ir á policia, declare o nome do ladrão, cujo conhecimento cobardemente sob o anonymo arroga.

Isso é o que queremos, e fé de escriptor, que até hoje jamais se contradisse ou trahiu sua palavra, promettemos por esse proprio jornal, onde temos accusado os reus, pedir-lhes perdão de nossas accusações, si de facto o *Interesse Publico*, fundado em provas reconhecidas pelo juizo competente, descobrir quem foi o ladrão do banco.

E' impossivel mais; e si ainda assim nada conseguir-mos, o publico, alem de muitas, convencer-se-ha mais uma vez, de que o *rajado* escriptor é o mais safado e infame de quantos calumniadores.

Desculpem-nos esta provocação até o insulto, por demais justificada, attendendo-se ao exito que della pode provir.

Ahi o fim justifica o meio.

Que mais poderá querer o *Interesse Publico*?.....

Do que tomos dito até hoje sobre os fundamentos do despacho de pronuncia, é de primeira intuição a sua juridicidade quanto aos factos.

Muito embora o nobre articulista do *Jornal da Bahia* diga que o Sr. Dr. chefe de policia *quiz ter victimas para offerecer em holocausto, para apresentar, como criminosos, ao povo, ao governo, aos amigos, e a todos emfim,* e por isso pronunciou os reus, esse dito não passa de um som surdo, que perde-se na amplidão do espaço, sem repercutir em consciencia alguma.

Haja vista ainda a opinião publica que fulmina justa e inexoravel em todas as partes os reus.

O tempo, que a tudo carcome, ainda não poude dissipar, quanto mais apagar, a impressão forte e vehemente de 7 de agosto, quando o infeliz João Soares apresentou-se á expectação publica.

Mil trombetas de defeza tem apparecido, e, por um milagre da Providencia, cada vez mais a anciedade se nota em todos os semblantes, que avidos e inquietos esperam o exemplo de justiça que tem de partir do alto.

Deus nos livre que contra as provas que abundam no processo, contra direito, contra a segurança individual e publica, contra a moralidade emfim, o patronato suba ao criminoso excesso de deixar impunes sem a minima repressão os reus de um crime barbaro e atroz, qual o de agosto.

E' preciso descrer de tudo, e até das verdades eternas, para crer nesse escandalo inaudito, verdadeiro poste do vilipendio aos fastos judiciarios.

São por demais essas palavras que o amor á justiça fez arrancar. Os factos incumbem-se de inutilisal-as, e em vista delles esperemos.

Stulta basofia de impunidade deu causa ao crime de dezembro, e é muito provocar a opinião publica, si se estender ao de agosto.

No artigo precedente, ao analysarmos o 9.° considerando que se prende ao 10.° e 11.°, deixamos bem claro a inexactidão de que—na cocheira do Garcia existam cavallos tam bons, quanto mais melhores que nas outras da cidade, como por ahi se disse para innocentar os reus.

Cavallos doentes, impossibilitados do serviço, que, pela estreiteza das cocheiras e outras condições hygienicas á veterinaria, não podem ser ahi convenientemente tractados, são os que vão para o Garcia.

Nem esse costume é novo. Os Srs. Arianis mandavam-os para o Bomfim.

De mau agouro seria o fim da nascente empreza de Vehiculos Economicos, si tivesse os melhores cavallos no Garcia, e não na cidade onde podem ser procurados a todo o momento e com mais facilidade.

A passar semelhante extravagancia, a coherencia manda que lá seja o deposito dos melhores carros de passeio e até funebres.

E são ardis dessa ordem, absurdos e repugnantes logo á primeira vista, que se busca para a defeza dos reus!

E tantos cavallos aptos para o serviço ordinario não existiam no Garcia, que o reu Castro Rebello, para o *passeio de sua familia,* segundo diz o depoimento de Cornelio Cezar, ou para *as excursões extravagantes* de seus amigos, segundo disse elle proprio ao ser interrogado, mandava buscal os na rua de Baixo.

Pessimo por certo era o gosto de ter cavallos em casa, e dos melhores, e desprezal-os, para mandar buscar peiores na rua de Baixo, meia legua de distancia, distrahindo do serviço um boleiro.

Si lá os tivesse nas condicções da arriscada empreza, delles se usaria, como se usou do carro que, apezar de velho quanto a capa, forro e o mais, podia pela fortaleza das molas resistir a velocidade da diligencia.

Essa é que, a verdade que o bom senso não repelle, e funda-se no testemunho de todos que tem visto as duas cocheiras da companhia.

Já vê portanto o nobre articulista que os argumentos com que pretende destruir os solidos fundamentos da

pronuncia são tam pueris que cahem ao mais leve aceno da analyse.

Si factos dessa ordem são qualificados *de inopia de provas, argumentos vacillantes e fantasticos*, nenhum criminoso mais poderá ser condemnado.

Ainda mesmo que no processo houvesse a prova visual, o nobre articulista, *por convicção*, negal-a-hia, attribuindo-a a optica.

A practica do crime já estava d'antemão preparada. Desde julho que os cavallos iam para o Garci , e havia recommendação expressa de que fossem russos, como consta do depoimento de Cornelio, não tendo ido dessa côr na noite do crime, porque não haviam em disponibilidade,

Não houve pois invenção de côr, como disse o nobre articulista, e si a houve, foi a testemunha quem fel-a apparecer no processo.

Não queremos justificar ao todo a versão que corre algures relativamente a essa minudencia; mas não podemos tambem deixar de confessar, que havia um fim occulto nessa particularidade de nenhuma importancia para o exito principal da empreza, que era a velocidade, e tanto assim que deu-se o rapto sem serem os cavallos russos.

O que não resta duvida por essa circumstancia e por outras muitas era — que os reus queriam attribuir o crime a terceiro, e por isso foi que na cidade baixa, logo ao amanhecer, houve quem assegurasse que o infeliz Soares tinha fugido no vapor americano, que largara ferros á meia noite, apontando-se até para a casa daquelle que lhe tinha proporcionado os meios da fuga, quando bem pouco tempo depois appareceu a verdade, que não se fez esperar.

Já dissemos por mais de uma vez que os reus não negam nenhum dos fundamentos da pronuncia, procuram apenas sofismal-os, interpretando ao seu bel prazer por meio de extravagancias e absurdos.

Assim é que Castro Rebello não negou que desde julho mandava buscar cavallos, dizendo ao Sr. Dr. chefe de policia em seu interrogatorio que eram para *extravagancia de amigos*, e ao administrador da cocheira, Cornelio Cezar, que eram *para passeiar com sua familia*.

Eis-aqui outra contradicção palpitante do reu Castro Rebello, que já no artigo precedente, *segundo o louvavel costume*, perguntamos a quem devia ser attribuida.

E' muito cynismo para um chefe de familia moralisado dizer que presta sua vivenda para *extravagancia* de amigos, não por um dia, mas por mais de um mez!

E que *extravagancias*! que valendo apenas declaral-as para matar as provas de um crime horrivel, não o foram.

Uma de duas: ou essas *extravagancias* importavam um crime maior que o de agosto, e portanto o reu Castro Rebello, sendo tambem criminoso pelo concurso que prestava, devia occultal-o; ou então essa escapatoria declinatoria da criminalidade é tam redicula que veio mais aggraval-a,

Ora, nestes tempos, crime maior que o de agosto não consta em parte alguma que fosse perpetrado, — extravagancia no sentido geralmente empregado, como deboxe, pagode, etc., não era motivo para um sigillo tam obstinado que devesse ser preferido a uma imputação de tentativa de morte, logo a busca dos cavallos foi um dos actos exteriores do crime de agosto.

Por mais que o nobre articulista quizesse neutralisar a impressão que causou esse dito do reu Castro Rebello, consentindo *extravagancias* em sua vivenda; por mais que quizesse mostrar a distancia da casa á cocheira, — nada poude apagar essa impressão nos animos serios e moralisados.

Essas extravagancias por mais de um mez deviam despertar a curiosidade, o que é muito e muito natural; e portanto por mais escondimento que se fizesse, mais a curiosidade se augmentaria, e isso em uma casa de familia não é leproso. Conseguintemente a apreciação do Sr. Dr. chefe de policia por esse lado foi muito exacta, e a

allegação de *extravagancia* é falsa.

Não é preciso que façamos consideração alguma para mostrar que os cavallos não eram destinados a passeios de familia, como disse Cornelio Cesar de referencia ao reu Castro Rebello, porque com quanto fosse aquelle illud.do em sua boa fe acreditando no motivo, todavia este na impossibilidade de dizer em que logar eram esses passeios por mais de um mez com sua familia, buscou o extremo de recorrer a *extravagancias* que veio compremettel-o.

A negativa criminosa em que persistiu sempre o reu Castro Rebello occultando o nome das pessoas extravagantes e ainda o do boleiro, que nenhum compromettimento teria allegando que não conhecia essas pessoas, vem confirmar de modo irrecusavel todas as rasões que temos apresentado em ordem a provar que o fim de ter mandado buscar os cavallos foi o rapto de João Soares.

E' preciso ainda notar que elle não confirma essas extravagancias, diz apenas—*talvez*;—donde se deprehende facilmente, que era um impossivel absoluto ser elle tam interessado em proteger a seus amigos, mandando buscar cavallos por mais de um mez, e alem disso prestando sua vivenda para ponto de partida, fornecendo o carro, sem que comtudo tivesse certeza plena e mathematica do fim da excursão.

Demais não haviam motivos para que quem quizesse *extravagancias* fosse de preferencia procurar logo a casa do reu Castro Rebello, e fosse elle tam accessivel que logo acquiescesse a tudo, ignorando ou não tendo certeza do fim que era tudo.

Sobre esse considerando basta

Ja correm impressas as rasões de recurso feitos pelo Sr Dr. Rocha.

Sobre ellas temos tambem que dizer algumas palavras.

—Ora! isto tem geito nem proposito!

Veste um homem o seu facto de domingo, sahe muito descansado para ir á missa e ao passar pela rua do Collegio, recebo da casa do Sr. Ignacio ourives, um banho de lama desde a copa do chapeu até o rosto do sapato!

—Desculpe, que isso foi descuido sem duvida.

—Pelo amor de Deus não me venha encafifar mais do que estou!

Pois quem fica com a cara assim mascarrada de lama quer la saber si foi por descuido?

O publico tem obrigação de ser incommodado, porque cada um quer lavar sua casa?

—Tenha paciencia; o fallar não remedeia V sabe que esses serviços são sempre feitos por gente bruta que não reparam o que fazem.

—Bom consolo, para quem fica com o seu traje em petição de miseria.

Juizo critico sobre o drama do banco.

VI

Motivos de molestia fizeram-nos suspender por alguns dias a publicação desse juizo critico, que por demais tem incommodado os ladrões.

Pedidos e mais pedidos tem apparecido, e felizmente a todo temos sido inaccessivel.

O juizo critico so findará quando a acção da justiça, severa e inexoravel, pezar sobre aquelles que, com o maior descaro e infamia, delapidaram o suor do artista, do orfan, da viuva, de todos em fim.

Do que temos dito precedentemente é fora de contestação a impossibilidade phisica, absoluta de ser o roubo commettido por estranho, pelas innumeras diffilcudades invenciveis.

Essa idea enraiza-se mais attendendo-se a que—extranho que fosse, aberto um dos cofres, safaria todo o dinheiro que podesse, sem que tivesse necessidade abrir o segundo, tirando dinheiro de todos dous. Assim é quo no primeiro onde estava a caixa do expediente, e haviam mais ou menos 600 contos, foram subtrahidos 210 em notas de 500$, deixando-se as de menos valor, que mais volume faziam por serem muito inferiores; e no outro onde

estava o lastro do banco representado por 800 a 1000 contos tiraram somente 56 em notas de dez mil rs. do governo cor de telha, que segundo a *opinião de um ex director deviam correr nos Estados Unidos*.

Esse facto por si so, isolado de todos os outros, é mais que sufficiente para demonstrar evidentemente que foi pessoa que estava a par de todos os movimentos do banco, a authora do roubo ou furto escandalosissimo descoberto em dezembro do anno passado.

Tanto tempo para tanta coisa, um pensamento tam calculado, repelle a idea de estranho, e é por demais que insistimos nesse ponto, porque ninguem ha ahi desde o dia do lamentavel successo que acreditasse em semelhante patranha.

Nesse apuro extremo foi que a aleivosia adiede preparada se encarregou de attribuir ao Sr. João Soares a authoria do roubo ou furto contra todas as suspeitas, presumpções e provas; e não foi sem geral indignação que a opinião publica viu ser somente preso o ex-porteiro, o ultimo dos empregados, entretanto que aquelles, sob cuja vigilancia mediata e directa estava o dinheiro, passeiavam incolumes pelas ruas, affrontando impunemente a moralidade publica.

Depois de muitas manifestações foi que a policia deu um pequeno coxillo do profundo somno lethargico em que jazia, cercando (a boa horas!) e varejando a casa de algumas pessoas, — medida irrisoria e deploravel, que não excitou compaixão, mas desespero, attento o lapso de tempo decorrido da perpretação do crime.

E ainda assim, um caso desses de tanta gravidade, que abalou a sociedade desde os seus alicerces, e que devia ser syndiçado pela primeira authoridade policial, foi entregue ao Sr. delegado do 1.º districto, que outros titulos não tem que ser tenente da reserva da guarda nacional, e ter bonita letra na repartição onde é empregado.

Sem pratica nenhuma do negocios policiaes, o papel que representou em tudo isso foi tal, que, na assemblea geral dos accionistas em sua propria presença e face, a policia foi censurada do um modo acre e descommunal, e a defeza que teve foi elle retirar-se immediatamente, tanta era a consciencia da figura que estava fazendo.

Nada haverá que possa apagar essa nodoa negra da policia do Sr Galeão; e é nesses momentos e em outros que a lembrança dos Goes, Figueredo Rocha, e Freitas Henriques se faz sentir por uma forma irreparavel.

Não é que o delegado não seja uma authoridade apta para esse fim; mas é preciso que esse cargo seja exercido por um Affonso de Carvalho, ou Liberato de Mattos filho, para se confiarem diligencias destas.

E' muito differente fazer parte do clarque de bastidores para obdecer os impulsos amorosos do coração, que dirigir um acto de tanta circumspecção, pratica e prudencia.

Um calouro em tudo e por tudo, por certo, que havia de naufragar.

Eis como anda tudo entre nós, cada um fora de sua vocação, e essa foi a principal rasão por que ainda hoje não estão pelos tribunaes competentes reconhecidos os ladrões do banco.

Deu-se tempo para tudo, e quando o tempo já se tem passado é que se diz— que os meios se estão empregando, e a policia faz questão de honra nesse negocio!...

Ridicula miseria!

E assim vivemos em um estado de acephalia, sem garantias de qualidade alguma, e quando a voz de um ou outro se levanta para patentear erros crassos e supinos dessa ordem, a razão de desculpa é — que por despeito está em opposição ao governo.

Felizmente por sermos empregado do governo, não terá elle força bastanto para nos embargar a voz, e haja vista o que delle temos soffrido somente por essa franqueza.

Ainda não se deu crime nesta cidade que a authoridade dispezesse de mais meios para descobrir o author que o roubo do banco.

Tudo, tudo concorria de um modo efficaz para esse fim, e, por uma inversão clamorosa da ordem natural das coisas, esses meios foram lançados a total esquecimento e despresados.

Alem dos que o momento offereceu, o desconto da letra ou letras da thesouraria, facto bem pouco posterior, o de grande alcance e luz para a especie, foi tambem lançado ao abandono, recahindo a culpa de tudo sobre o *bode expiatorio*, o Sr. coronel Lima.

Quem haverá ahi que ignore que o Sr. Lima não descontou a letra ao banco inglez, e que, fiado em promessas, e mundos e fundos, foi que tomou a si essa responsabilidade para livrar-se de outra?

Quem haverá ahi que ignore os passos que se deram relativamente a esse negocio, em que tomaram parte tantas pessoas para innocentar os ladrões do banco?

Quem haverá ahi que ignore o nome das pessoas honradas e insuspeitas, que, sendo procuradas para acobertar essa infamia, reagiram com toda a dignidade contra semelhante protervia?

Pois bem; tudo isso foi ainda despresado somente para livrar-se da sancção da lei os authores do crime de dezembro.

Não pararam as coisas neste pé.

Transacções posteriores houveram feitas por pessoas incompetentes pelos meios de que dispunham, e em epochas anormaes, que vieram denunciar quaes os ladrões, e ainda assim ficaram elles mascarados somente para a justiça, que por ser *cega* não poude vel-os.

Descontos de dinheiro em porção á baixo premio, vendas de dinheiro do governo de dez mil reis, e muitas outras cousas sobrevieram, e nada se aproveitou.

Ainda agora.....basta.

Proseguiremos.

Nesse momento ao chegar a esta cidade deparei no *Jornal da Bahia*, n.° 4237 de 28 do p. a nomeação do Sr. Leopoldino Joaquim de Moraes para o cargo de 4.° suplente da subdelegacia do Curato da Sé.

Suprehendeu-me tal nomeação, tanto mais quanto para poder entrar o Sr. Leopoldino retirara-se o Sr. Olimpio Guimarães.

Da authoridade depende directamente a segurança individual e publica, e por isso muita prudencia e cautela devem presidir em certas nomeações.

Aventando semelhantes considerações, Deus permitta que os nossos receios sejam infundados,

Um inspector de Quarteirão

O socego e a moralidade publica exigem do Sr. Dr. chefe de policia que mande recolher em prisões differentes os criminosos de 6 de agosto. Ja corre outra vez o boato de que passeiam á noite, e as consequencias que dahi podem provir são funestissimas. A medida tomada de si transferir um batalhão de um quartel para o outro, porque chegou-se ao conhecimento exacto de que passeiavam á noite, foi improficua, e a prova está nos passeios que estão continuando

A demasiada indulgencia de S. S. é a causa de tudo isso, (desde o roubo do banco) e por tanto muito não é que S S. soffra pelos jornaes d'aqui e da côrte as censuras acres e vehementes que lhe tem sido feitas pelos ladrões do banco, e assassinos do infeliz João Soares de Oliveira.

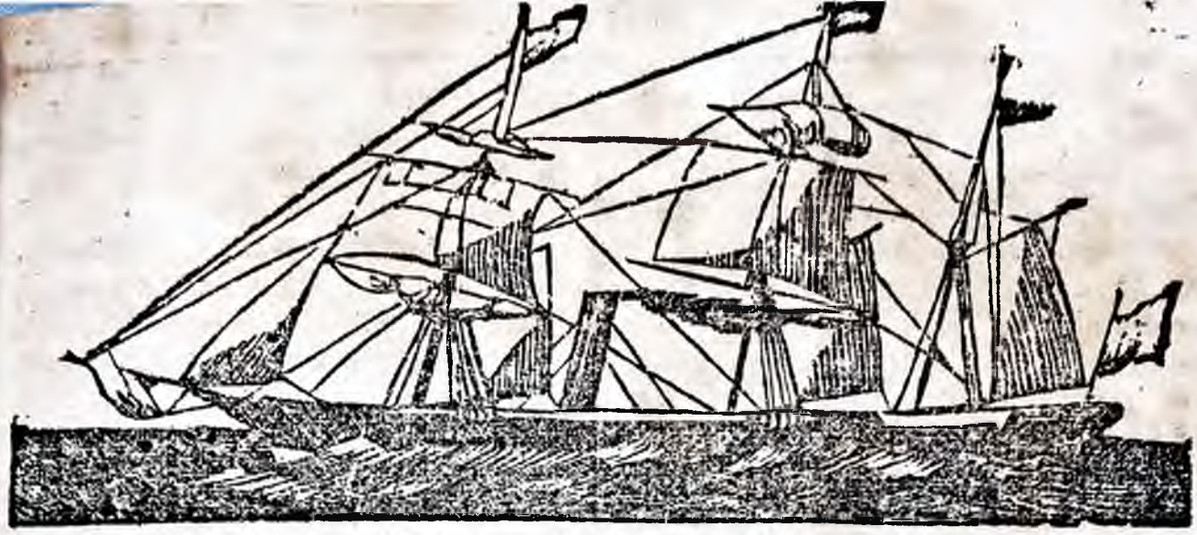
Nesses passeios podem reproduzir-se as barbaras scenas do Moinho, e S S. é o responsavel directo perante Deus e os homens por qualquer attentado que possa succeder.

Por mais de uma vez temos feito sentir a necessidade dessa mudança instantemente reclamada por todos os motivos.

S. S. tem sido surdo a tudo para fazer a vontade dos reus, e por isso é que elles tem lhe *pago* com tanto reconhecimento.

Não ha quem não falle sobre a reunião dos quatro criminosos, e ainda assim o clamor publico não tem sido ouvido.

Antes prevenir do que castigar, e Deus permitta que os nossos receios seja infundados.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 10 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 27.ª—N. 270

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

O *Alabama* conta cinco annos de existencia, e a consideração, que goza para com o respeitavel publico, está na rasão directa dos seus assignantes.

Antes da guerra com o governo do Paraguay, esse numero elevava-se a 800, que decresceu a 650, mas que hoje vae tomando as mesmas proporções.

Eis a base segura de sua renda, salvo as publicações extranhas, que ora escasseiam, ora abundam, como actualmente.

Nesse ultimo caso, as dimensões da gazeta não comportando tanta materia, o *Alabama* sahe em fórma duplicada, o que não deve admirar, porque desde a sua apparição esse systema tem sido adoptado, sem que os assignantes fiquem prejudicados por esse acressimo, que não adianta o vencimento das assignaturas..

Si é crime acceitar publicações de terceiro á bem desta ou daquella causa nas condicções legaes, o *Alabama* orgulha se de ser criminoso, porque, como elle, vê todos os jornaes do mundo.

Do que elle não poderia *orgulhar-se* —era si acceitasse artigos de outrem e fizesse publical-os em redacção somente *pelo amor da causa ou opinião publica*.

Do que elle não poderia *orgulhar-se* —era de ir offerecer suas columnas a quem quer que fosse para defender este ou accusar aquelle, e o que mais é, defender hoje a quem deshumanamente accusou hontem.

Do que elle não poderia *orgulhar se* —era si para obter esse crescido numero de assignantes que o honram, empregasse meios ignobeis, agarrando-os a laço ou a armadilha.

Felizmente em sua vida não conta nenhuma dessas phases *orgulhosas*, e nem jamais fez por merecel-as.

Exposta assim a nossa fé de officio, diga o *Sentinella Invisivel* o que quizer do *Alabama* e sua redacção, porque entre nós ha um meio termo longinquo, que o respeitavel publico por mais de uma vez tem medido e apreciado.

Por ultimo o *Alabama* diz ao *Sentinella Invisivel* que a pessoa, a quem hoje elle chama o maior ladrão do commercio brasileiro, é aquella mesma

que, ha bem pouco tempo, emprestou-lhe 50$ rs. pedidos em uma carta humilhante, cujo recibo está no dorso da mesma.

Em vista disso, qual de nós o sustentado por esse pretendido *ladrão*?

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de outubro de 1867.

Officio a Illma. camara municipal, pedindo-lhe que seja intimada a irmandade de S. Pedro dos Clerigos, para que mande quanto antes acabar com um pardieiro, que ha mais de tres annos, conserva na rua das Vassouras, não só difficultando o transito, como servindo de receptaculo á toda casta de immoralidades á noite.

—Então aquelle melro da rua das Princezas bateu as azas?

—E' verdade; anoiteceu e não amanheceu.

—Para onde iria?

—Empinou-se, dizem, no *Donati*, para as beiras do Prata, onde foi soldar a *quebradura*.

—Quem sabe si o corvo não anda esvoaçando por aqui mesmo?

—Eu o que sei é que nunca me enganei com o tal Noronha.

—Não eu que queira negocios com santos!

—Pois eu entendo que é com quem se pode tratar, por que elles não fallam.

—Aquelle pobre homem, a quem Deus haja, tantos serviços que *fez* a S. Pedro Gonsalves e a Nossa Senhora da Boa Hora, por cujo zelo, e beatice seu *corpo santo* devia voar pelos ares em vida, a recompensa que teve depois de morto foi a casa incendiar-se.

—Mas não dizem que o fogo foi obra dos proprios herdeiros?

—Os santos tambem são vingativos.

A voz publica diz, que naquella casa *está enterrada* grande porção de dinheiro delles, que o homem por acrisolada *segurança* alli guardara, mas que por esquecimento não mencionou no testamento...e então elles zangados operaram aquelle sinistro milagre, como restituição.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XIX.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Nada ha que possa demover o *rajado* do *Interesse Publico*.

Está calejado á prova de fogo.

Instantemente temos reclamado que declare o nome do ladrão do banco, por elle conhecido, e o miseravel conserva-se mudo e quedo, insensivel e impassivel a tudo quanto temos dito.

Hoje a melhor defeza dos reus pelo crime de 6 de agosto era a descoberta certa e provada daquelle que, abusando infamemente de tudo, perpretou o furto ou roubo de dezembro.

Reconhecido este pelos meios legaes, estava resolvida a questão.

Si não ha aqui na Bahia, de todos os ex-directores do banco, de todos os accionistas, de todos os commerciantes, de todas as pessoas emfim, que presam sua reputação e credito, e sabem quanto custa adquiril-os, que não tenha o louvavel desejo de descobrir o ladrão, e que não concorra, até si for preciso, com alguma despeza e sacrificio para se fazer tam importante descoberta, (como mui bem diz o illustre articulista do *Jornal da Bahia*) porque razão o *Interesse Publico*, o defensor mais caro dos reus, e por conseguinte o que mais obrigado está a prestar lhes serviços importantissimos, se obstina systematicamente a não declarar o nome do ladrão?

Si o *Interesse Publico* recebe mensalmente da policia cem mil réis para

não consurar seus actos, que maior prova poderia dar-lhe de sua gratidão e adhesão que declarar o nome do ladrão, do qual faz questão de honra a propria policia?

Para que quer conservar o incognito de estrangeiro, aventureiro, monstro e outras parvoices desse jaez?

Por ahi já vê o publico que—ou é mais uma mentira e calumnia do *foveiro* para poder ganhar a vida, ou é cumplice do ladrão, e por isso faz mysterio.

Dessa disjunctiva não ha que fugir.

De uma ou de outra o miseravel não se envergonha, porque ninguem mais mentiroso, calumniador e ladrão que elle.

Que miseria, grande Deus!?

As allusões torpes e infames que vem no *Interesse Publico* n. 916 de 6 do corrente, que temos a vista, não comprehendemos á que alvo se destinam.

Jamais merecemos um favor, por mais diminuto que fosse, dos reus; e, não pela honra delles, mas de suas familias, conjuramol-os solemnemente a que publiquem sem reserva esse obsequio que recebemos ha seis mezes, do qual se fez echo o *rajado escriptor*.

Si é *favor* descontar uma letra no banco, passada por nossa firma e acceita por outra de credito superior, no anno passado, quando os reus eram directores, é essa a unica *obrigação* que lhes devemos.

Felizmente foi paga integralmente no seu vencimento, e talvez que esse dinheiro entrasse na subtracção *miraculosa* dos 266.

Si os reus, portanto, presam a honra de suas familias, devem declarar o que já lhes pedimos e obtivemos, quando não fica ao publico deduzir a conclusão, que dimana necessariamente desse principio.

Somos chrismados de *pobre e inexperto moço* pelo *foveiro*!

Desde a celebre questão do assassinato do infeliz Dr. Barros que escrevemos para a imprensa, e por conseguinte já não somos dos mais moços e inexpertos.

Nessa occasião foi que debutamos, e temos continuado a escrever sempre.

Escrevemos para o *Correio Mercantil*, para o *Cabalista*, para o *Tamoyo*, para o *Protesto*, para o *Noticiador Catholico*, para o *Correio da Tarde*, para o *Seculo*, para o *Argos Bahiano*, para o *Diario da Bahia*, para o *Pharol*, para o *Direito*, e agora estamos escrevendo para o *Alabama* essa longa serie de artigos, porque francamente offereceu-nos suas columnas.

Quem tem escripto tanto já deve ter alguns annos no costado, e alguma experiencia do mundo; e até hoje, graças a Deus, ainda não vendemos nossa humilde penna ao ouro de quem quer que seja contra a nossa convicção e consciencia.

Eis a nossa fé de officio, limpa do qualquer crime, quanto mais infamia.

Poderá fallar assim o *foveiro* do *Interesse Publico*, que tem tantas vezes se alugado, e outras tantas se vendido?

Por mais que de vergonha não queiramos envergonhar esse miseravel, para quem não ha mais esperança de rehabilitação moral, e mesmo phisica, somos obrigados a prescindir de certas considerações que devemos unicamente ao publico sensato, expondo a luz do dia a torpe vida desse monstrengo de especie humana.

Deixemol-o chafurdado na miseria em que vive, e continuemos a analyse do despacho da pronuncia.

«*Considerando, que ainda o accusado Castro Rebello, interrogado sobre o logar em que dormira, declara que o fizera em casa de seu irmão Augusto Joaquim de Castro Rebello, e que d'ahi fôra pela manhan para a casa de sua soyra a viuva Uzel, o que não é verdade segundo declara a mãi de seu irmão Augusto, (interrogatorio de fs.) e sua sogra, (interrogatorio de fs.) pois que esta disse que dormira em sua casa, vindo já tarde, e depois de meia noite.*»

Por esse considerando, 12.° do despacho do pronuncia, é de primeira intuição que o reu Castro Rebello por duas vezes faltara a verdade de um modo escandaloso:

A primeira—quando disse que dormira em casa de seu irmão Augusto Joaquim de Castro Rebello: a segunda—quando tambem disse que pela manhan é que fôra para a casa de sua sogra.

Que não dormira em casa de Augusto—quem o diz é a propria mãe de Augusto; que não fora para a casa de sua sogra pela manhan, mas sim á meia noite—quem o diz é a propria sogra.

Nesse desespero extremo em que a verdade cada vez mais refulgia, era preciso procurar um salvaterio, fosse qual fosse, a quem attribuir essas duas contradicções sobre o mesmo ponto, qual mais frisante e saliente.

A fatalidade quiz que recahisse sobre um dos seus bemfeitores, e a voz da gratidão foi suffocada aleivosamente.

Sobre esse ponto o nobre articulista tem sido parco de mais; porque, com quanto tomasse a si a defeza dos reus, todavia a força da verdade é tanta que procura apenas encobril-a sem negal-a.

Si de facto fosse exacto o que disse o reu Castro Rebello ao ser interrogado, isto é, que dormira em casa da mãe de seu irmão Augusto, e pela manhan fôra para a casa de sua sogra, estas, convictas da innocencia do mesmo por essa razão, não haveriam forças que as demovessem á faltar a verdade.

Quem é accusado de ter commettido um crime, e pode provar que na hora em que foi elle commettido estava em outra parte, não ha insinuações que possam demovel-o a faltar á verdade, quando dessa falta provém necessariamente a criminalidade.

Si o reu tivesse dormido em casa da mãe de seu irmão, tendo sido o crime practicado nessa noite, ella não iria dizer que elle não dormiu, tendo dormido para compromettel-o por essa forma.

Estranho que fosse não faria isto, quanto mais uma pessoa tam conchegada.

Donde se vê que o reu Castro Rebello fôra para a casa de sua sogra depois de meia noite, quando o crime já tinha sido perpetrado.

Sciente do cerco que se dera em sua casa, e não podendo para lá ir, por isso é que fôra para a casa da viuva Uzel, que não negou a verdade, como tambem não negara a mãe de seu irmão Augusto, dizendo que lá elle não dormira.

Portanto o reu Castro Rebello foi o unico a mentir, mentira que está confirmada pelo que temos dito, e que adrede se quiz cohonestar manchando uma reputação honrosa, experimentada em processos gravissimos.

Demais; qual a razão porque o reu Castro Rebello, chefe de familia, desamparou, elle unico, sua casa para dormir em casa de seu irmão Augusto?

Que novidade ou que perigo extremo corria alguem da familia, para que só elle estivesse presente á noite inteira?

Que motivos ainda haviam para que elle tendo dormido, (caso negado) em casa de seu irmão, logo pela manhan não fosse para sua casa, e sim para a de sua sogra que nenhuma necessidade tinha de sua presença?

E' preciso reflectir um pouco sobre esses pontos, para que fique dissipada por uma vez a aleivosia urdida nas trevas para cohonestar a contradicção.

O repto, que fez o nobre articulista ao Sr. Dr. chefe de policia, cujo testemunho invoca para este ponto como sciente de tudo, é inutil e vão, porque o Sr. Dr. chefe de policia de nada soube. E' um conto fantastico para dar colorido á contradicção.

Pela mesma forma ninguem houve que se encarregasse de solver esse *equivoco*, porque *equivoco* nenhum houve.

Eis um dos effeitos resultantes do cerco que se dera na casa do reu Castro Rebello, effeito que se alcançaria tambem si a mesma diligencia se estendesse aos outros reus.

Não tendo sido encontrado aquelle em casa, e urgindo dizer onde dormira, cahira nas contradicções que temos apontado, das quaes quer salvar-se manchando a reputação alheia.

Si effectivamente o cerco não se desse, essa luz ficaria apagada no processo, e o reu Castro Rebello passaria

como tendo dormido em casa, como o comparsa Castro Guimarães, que foi visto ás duas horas da madrugada do dia 7 de agosto no Pilar indo á cavallo para a Calçada do Bomfim, logar de sua residencia.

Todas as vezes que o reu Castro Rebello é apanhado em flagrante contradicção, ora procura um pretexto para explicações, ora tacitamente as confirma.

E' assim, que mandando buscar cavallos na cocheira de Vehiculos Ecônomicos dizia ao administrador Cornelio Cezar que era para passeiar com sua familia, e ao Sr. Dr. chefe de polici , que era *talvez para extravagancias de amigos*, sem que comtudo declarasse quaes os amigos, o logar das extravagancias, e o boleiro que conduzia o carro.

E' ainda assim, que sendo o primeiro a reprovar camararíamente com o Sr. Dr chefe de policia os meios violentos para obrigar Soares a descobrir o *ladrão* do banco, quando interrogado disse que não hesitava empregar esses meios, negando sempre que fôra um dos authores do crime.

No correr da analyse temos que mostrar muitas outras contradicções.

O nobre articulista, cujo talento e illustração somos o primeiro a reconhecer e em grau superior, para mostrar que alguem foi a causa dessa contradicção, da qual teve sciencia o Sr. Dr. chefe de policia, aproveita-se da condicional — si — empregada no 13 ° considerando, e por essa forma julga ter remediado o mal.

Engano manifesto.

No artigo seguinte demonstraremos esse ponto evidentemente.

Ja correm mundo as razões de recurso feitas pelo Sr. Dr. Rocha, e assignadas pelos seus collegas.

Com a imparcialidade de escriptor franco e leal, nossa humilde opinião é que os artigos do nobre articulista mostram mais practica e argucia de advocacia que as taes razões.

Mais detalhadamente em occasião opportuna diremos alguma coisa sobre ellas.

—Por *S. Francisco Xavier* que não podemos abandonar o *sassarugo Catilina*, com quem chupamos bellos almoços no Bomfim em tempo de festa, e ahi foi que apreciamos o *talento do melro* em todos os sentidos.

—Que bellos acipipes?!

—A *Rozinha de mão e de gosto* não tem egual!

—Que *mão gostosa*?!.... Por isso é que o *sassarugo*, apezar de todos os pezares, não abandona a *alvacora*.

—Faz bem; ahi e que mostra o quanto é *honradissimo*.

—Deixemo-nos disso, porque então ficamos conhecidos.

Venha o que importa.

—*Sassarugo*, saturno devorador do sangue de teus filhos, chega á falla sem demora.

—Prompto, capitão.

—Quantos contos de reis achaste nas mallas daquelle sujeito que deu alma ao Creador em tua casa?

—A minha consciencia *san e pura* não lhe pode responder de momento, porque a quantia é grande.

—Dize mais: qual a rasão por te empenhaste miseravelmente com os testamenteiros de teu infeliz socio M., para que não acceitassem a testamentaria, que só tu podias ficar com ella para *arranjares os molhos*, isto é, balanço e partilha a olho?

—Porque haviam muitos livros, e cada livro muitas folhas, e para isso era preciso *cuspo* e geito.

—Dize ainda: porque motivo has de ser tão ingrato e tão ruim, que intrigas, injurias, e calumnias a teu bemfeitor que te fez levantar a cabeça, e tanto fez que não és capaz de dizer quanto possuias antes da testamentaria e d'ello dar-te a mão?

—Porque o X.X , de quem eu era enviado, perdeu a partida, e eu com ella uma boa porcentagem.

—Dize finalmente que especie do *protecção* era a que davas ao *Poderosinho*, tomando letras em duplicata,

chamando a tua folha algumas, e descontando outras a dous por cento e mais, que mettias na *tripeça* a oito por cento sem a tua firma, de modo que a carteira está cheia destes *cravos*, o alem de tudo isso eras o primeiro a desacreditat-o em todas as partes?

—Esta pergunta está muito complicada; envolve muitas respostas, o por isso V. Ex. que tem sido tão bom para commigo, ha de permittir que não lhe responda senão de outra vez, quando tiver de aprosent r o relatorio de minha vida.

—Vê o que dizes, quando não, si em breve não trouxeres o tal relatorio, ou antes diccionario completo de devassidões e ladroeiras, tens que levar o diabo do muxingueiro.

Vae por ora em paz.

—Obrigado, capitão.

—Capitão.

—As suas ordens.

—Pois os assassinos de *Soreas* não andam a espalhar que o presidente ou chefe de policia foram ou vão ser demittidos?

—Cale se homem Quem é que acredita mais nestes impostores.

—Assim creio eu. So conveniencia politica será a causa disso, principalmente batendo uma eleição á porta, e precisando-se de um manivella, papel que jamais quererá representar o presidente.

—Si V. sabe disso para que vem com historias?

—O *burrão do moinho* diz tambem que todo o *odio* que lhe vota ó Almeidinha é para innutilisar sua influencia eleitoral.

—Va bugiar. Que influencia pode ter esse malvado, que na ultima eleição não teve senão meia duzia de votos, tendo a seu lado uma sucia immensa de parentes?

—E' verdade.

APONTAMENTOS

para a chronica do Cavalheiro de Castro que tem de ser publicada pelo Anjo dos Bonecos.

São tantos os factos que vem provar á evidencia as ladroeiras constantes e successivas do *Cavalleiro de Castro*—Luigi Vampa moderno, que não sabemos quando elles terão fim.

Em tão pouco tempo a cadeia é longa, tem muitos elos; e faz sorprehender como é que se rouba assim da noite para o dia, sem temor dos homens, da justiça, e de Deus.

Si quizessemos, para methodisar os factos fazer uma sinthese dos roubos do *zanaga*, os quaes ja tem visto a luz da publicidade, era quasi um impossivel.

Ainda não esteve em parte alguma, que não deixasse apos si *rastos luminosos* de altas empalmações.

Na pandorica *boceta das economias* o miseravel encheu-se a fartar, e si não fosso o *inimigo do inferno*, que ja dizemos ser o *paraizo*, a *boceta* ia á vela, e si não foi, não deixou de soffrer um rombo, pelo qual está ate hoje desacreditada, e longe não estará a hora em que terá de desaparecer da face da terra.

Na *tripeça* assim que o ladrão entrou, as acções ficaram logo depreciadas, e elle comprando-as com polvora ingleza, e não contente com isso, de parceria com o *Annavi* e o *burrão do Moinho*, empalmou os 266.

De simples caixeiro de uma casa commercial, que delle não confiava nem um recibo de cem mil reis, passou a commerciante de *grosso tracto* e refinadissima ladroeira.

Para salvar-se do roubo da *tripeça* comprometteu miseravelmente o coronel Limão, obrigando-o a dizer que descontara com o dinheiro dos cofres a letra *da universal*, quando o pobre homem tal não fez, e so para livrar-se de uma pequena manqueira cahiu em outra muito maior, da qual resultou a sua perdição perpetua.

A letra da *universal*, depois de correr todas as partes sem nunca achar desconto, por que atravessava por fora offerecendo mais vantagens, foi por elle descontada, levando em duas prestações ao agente do banco dos *go lemes* o seu valor, em notinhas justamente das

subtrahidas á *tripeça*. Essas notinhas foram de 500$rs. da *Caixa filha*; pelos balancetes semestraes da *universal* que se publicam na folha official, não consta que em cofre houvesse nem uma so nota de 500$rs.

Para que o ladrão por essa forma compromettesse o infeliz Limão, quiz primeiramente fazel-o ao *Lima e Silva* que tendo ao receber *contado* o dinheiro, devia entregal-o *certo e exacto*(!!!)

Não houve quem acreditasse na patranha, e o zanaga, vendo que por ahi era perder tempo, abalroou ao pobre coronel,que cahiu na esparrella.

Ate o grão *caporro* da *provincial* elle quiz comprometter,dizendo que elle emprestara dinheiro para tapar o vacuo da *geral*.

Ou fallido fraudulentamente, ou roubando (meu Deus!) ao seu proprio filho, vimos como em um abrir e fechar de olhos o zanaga com trezo contos e tantos mil reis em acções depreciadas pagou todos os seus credores na importancia de cento e tantos contos, poz dinheiro nos estabelecimentos em conta corrente, e dotou á sua segunda costella com 50:000$000 e com que condições.

Sobre essa escriptura temos que fazer opportunamente algumas reflexões.

Tudo isso foi provado com certidão de partilhas, e escriptura dotal.

Em seu nome offereciam-se na baixa latronopolis grandes sommas de dinheiro em epochas anormaes, e muito baratinho, como dizia o *corredor*, velhaquete tão astuto que não se attrevia a dizer a quem pertencia o dinheiro.

Com todos esses apontamentos, e mais de que presentemente não nos lembramos, e outros que tem de ser publicados, pode fazer-se um bom drama, e nós temos queda para dramaturgo, e faremos o nosso com relação a *tripeça*.

O material é seguro, forte, verdadeiramente como se costuma dizer—de lei.

Basta apenas coordenal-o, fazer-lhe as observações e aналises serias, convenientes e apropriadas ao assumpto domonstrando as verdadeiras causas porque os ladrões da *tripeça* não foram para a cadeia, e não estão hoje condemnados a uma pena infamante.

Desenvolveremos o procedimento de *alguem* para salvar o amigo.

Finalmente nosso drama ha de ser verdadeiro, historico, e circunspecto, não sendo preciso para os seus episodios allusões inventadas e sem causas, injurias, calumnias, insultos proprios da penna de um escriptor canalha, e ganhador de cesto.

Espere, por tanto, o publico um pouco, que nem por caminhar devagar deixa-se de chegar ao fim da viagem e nós temos fé robusta, que havemos de fazel-a á salvo, ainda que uma ou outra tormenta nos assalte no caminho.

Pois homens, como os ladrões *da tripeça*, que tem tudo a ganhar com a reserva e abstenção das lides da imprensa, são os que as provocam,—elles faltos de rasão, de motivos reaes e causas justificadas, quanto mais aquelles que nada tem contra si sinão a inveja e a lingua dos maldizentes?

Em logar de se curvarem como criminosos, duplamente criminosos, e pedirem ao diabo que os deixe em paz, são os primeiros a serem atrevidos, insolente ate para com familias honestissimas.

O que esperavam então?

Esperavam que ante o crime si curvasse a innocencia?

São uns loucos e hão de reconhecel-o tardiamente.

O *sentinella visivel* afinal resurgiu da tumba, ,operando um milagre espantoso.

O seu ultimo numero é de 8 do corrente, (outubro) e nesse numero responde ao *Alabama* de 19 do mesmo corrente.

Que tal! pois si ainda hojo é o dia 10, como é o que *visivel* ja sabe o que o *Alabama* tem de publicar no dia 19?

Que faro spiritico, grande Deus!?

Feito este reparo, o *Mais-cedo* tanto esvoaçou, que, qual morcego, atolou o nariz na bosta.....

Cavalleiro de Castro, si o costume invetelado de roubar não te tivesse comido a vergonha nessa polluta cara, por certo que não acceitarias as *graciozas defezas*, que te faz aquelle que pintou-te à moda corvo roubando os 266 contos *da tripeça*?

Entre uma e outra mudança não mediou muito tempo, e todas ellas foram no mesmo plano—o *sentinella visivel*.—

Ninguem ha que não *louve* a tua descaração, e so tu serias capaz do tanto.

O corvo não foi encommenda de ninguem, como diz o *Mais cedo*; elle astucioso, tambem amigo de roubar, de motu-proprio o fizera, e julgando com essa descoberta auferir alguns vintens, foi leval-o á um honrado negociante, que botou-o pelas escadas a baixo a pontapés.

Para prova dessa verdade não temos precisão de declinar o nome illibado dessa pessoa; e si o *Cavalleiro de Castro* ainda duvida procure o *Vigario das pombinhas*, que duro como uma *rocha*, não fará misterio em contal-a.

O *Mais cedo* so não é capaz de enganar o diabo, por que la si entendem.

Com esse fim é que quer comprometter essa pessoa respeitavel, alheia a tudo.

Si a lembrança do *corvo*, ladrão miseravel, não foi tua, porque, hoje que defendes a quem accusavas hontem, não vens declarar quem te mandou fazer isso, e queres que os outros declarem?

Por ahi ja deves ver, *Cavalleiro de Castro*, a mentira desse safado, que por ladroeiras foi despedido da Municipal, e no entanto tambem quer ser rei ou imperante, como foi Joaquim Murrat.

(Elle é quem o diz, mas assim mosmo, nem dos ladrões poderá ser, por que disputam a soberania elle e o archiladrão *Cavalleiro de Castro*.)

Declara, pois, o nome de quem te deu a encommenda, porque si te obrigamos a essa confissão, prestamos um duplo serviço; primeiro á essa pessoa a quem imputas, abrindo aos olhos de todos essa meada; segundo fazendo que de mais perto te conheça tambem o teu collega o *Cavalleiro de Castro*.

Desculpe o publico essa mixta invocação aos dous ladrões.

E' precisa desmascarar esses safados, seja por que forma for.

Injuriem, e calumniem este ou aquelle, dizendo que é o author desses escriptos, nada temos com isso.

So sentimos uma coisa é que o *Sentinella* custe tanto a apparecer para lhe darmos resposta ao pé da letra.

Tudo o mais do tal artigo *de 19 de outubro*(!!!) não comprehendemos.

As empalmações da Municipal, e as *celebres cousinhas* com a Mariquinhas dos burros fica para outra vez, assim como uma scena comica da Julia Gobert.

Os dous ladrões entendem esse pedacinho?

Pergunta-se ao armador—Cara de todos os bichos—a razão porque ensina a tres meninos em sua casa as primeiras lettras, e tem seu filho n'um collegio, pagando 3$ rs. mensalmente?

DOUTOR

Si o marido souber, olhe o costado.

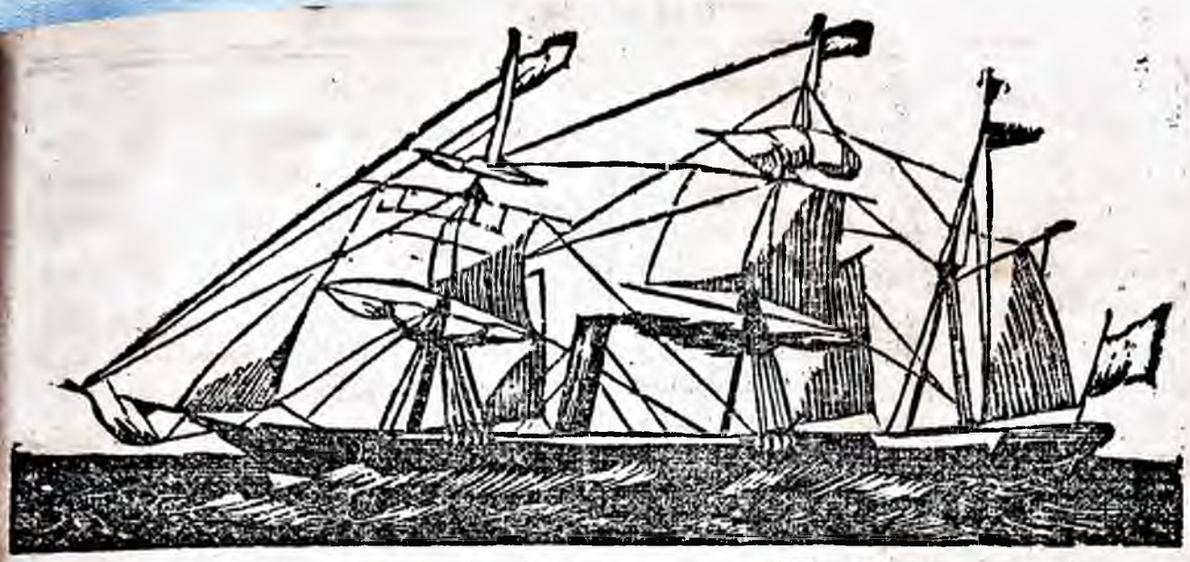
O espião.

ANNUNCIOS.

Quem precisar de uma ama para cosinhar, para casa de pequena familia, dirija-se a esta typographia.

Breve sahirá a chronica de um juiz de *gente pequenina*—e de seu *sabio* mentor, morador na cidade dos *Reis*.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 12 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 28.ª—Ns. 271 e 272

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrápiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Hoje principia a 28.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de outubro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento a informação que nos fazem de que no dia 26 do passado, fôra encontrada na rua da Valla, á Calçada, uma mulher moribunda, com um grande ferimento, a qual sendo remettida para o hospital, fallecera; e como não conste que se desse a menor providencia sobre esse facto, pede-se S. S. que mande ventilal-o afim de que, como outros muitos, não passe desapercebido.

—Hoje ás 7 horas da noite reune se a Sociedade dos Veteranos da Independencia, na casa de suas sessões á praça do mesmo nome.

—Para que fim?

—Para a eleição do Conselho que ha de regel-a no anno de 1867—68,

—Deus a illumine, e ajude afim de que faça uma escolha a melhor possivel.

—Hontem houve reunião em palacio dos commandantes da guarda nacional da capital.

—Para que seria?

—Sem duvida para combinarem nos meios de mandar-se mais gente para ser debicada no Sul.

—O que accordaram, sabe?

—Qual! Isso é segredo, negocio reservado.

Ja rosnam que um Sr. commandante offereceu o seu batalhão para marchar, ja se sabe, indo elle e seus officiaes ate o Rio.

—Esta guerra! Esta guerra!

—Começou imbecilmente, tem sido ineptamente sustentada, não pode deixar de acabar ingloriamente.

—Vê a audacia dos ladrões?

—O que fizeram?

—Quizeram roubar na quinta feirá á noite, a venda do Mendonça, á esquina dos Mares, e para isso foram arrombar o peitoril de uma janella do sobra-

do em que mora o Sr. Valença, para dahi passarem-se; não conseguiram porem pelo obstaculo que encontraram no forro.

—Si elles não contassem com a indolencia da policia, não tinham a animosidade de trepar por uma casa, e o tempo bastante para abrir um buraco, sem que houvesse quem lhes fosse impedir no seu imperturbavel trabalho.

A GUERRA DO PARAGUAY

Fizeram tres annos
Cu'em campos vivemos,
Que por moradias
Barracas só temos,
E tão pequeninas
Que ahi não cabemos.

A's chuvas expostos,
Ao frio, ao calor,
Aos ventos que sopram
Com todo o furor,
A mil trovoadas
De horrivel fragor!

Aos raios que cruzam
No céu orvalhado,
Cahindo um ha dias
Em um desgraçado
Tenente, que morto
Foi logo encontrado.

As moscas sem conta,
Que vis nos perseguem,
E nunca marchamos
Sem que nos pespeguem
Em nós, nas bagagens,
E sempre nos seguem!

Mil moscas achamos
Tomados de asco,
No cha, no café,
No duro churrasco,
E ate na genebra
No fundo do frasco.

Besouros horrendos,
De trombas armados,
Nos cobrem os corpos.
Se estamos deitados,
E ás vezes nos mordem
Por nossos peccados.

As cobras comnosco
Dormido já tem,
Que ellas não mordem
Já disso-me alguem;
Mas eu nem por isso
Lhes quero algum bem.

Os sapos dão saltos
Por cima da gente,
Enormes formigas
Nos ferram seu dente,
E tudo se soffre
De rosto contente.

Apenas o dia
Lá vai apontando,
Cornetas, tambores,
Nos vão acordando,
(Horrivel alarma!)
Na cama lembrando.

Depois de, na fórma
Levar-se massado,
Avançar escolas
No chão orvalhado,
Sentindo-se a agua
Passar o calçado.

As guardas, piquetes,
A carneação,
A dura fachina,
Dos corpos no chão,
Tudo isto contrista
Ja meu coração!...

A tarde exercicio
Que é nosso dever
Com armas e sabres
P'ra bem se saber,
Que ha tempo p'ra gente
Matar e morrer!!

E nisto oh! meu Deus...
Tres annos lá vai...
De tres em tres dias
Um temporal cahe;
Besouros a morder-nos
Da arêa lá sahe,
Aas moscas se augmentam...
E toda se esvae
A doce esperança
Do tal Paraguay!...

ANTONIO CARVALHO DE GOES.

A PEDIDO.

—Olá, capitão, temos obra nova no trem do Latronopolis....

—Sim?...

—E' verdade; dizem que ha uma

pessoa muito dedicada, o que jurou não mais subir os degraus da residencia do director do dito trem.

—E' falso; pois si elle já subiu para propor um seu afilhado ou socio para fornecer certos generos para o almoxarifado!...

—Não creio; apezar do nome ter onze letras, nem por isso elle quererá servir ao successor do amigo das *pimentas*.

—Pode crer no que lhe digo, pois por S Lucas como não sou capaz de faltar á verdade.

—Está bem, deixe esse hypocrita commigo.

O *Bastardo da sessão.*

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XX.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Parece incrivel que, pelo facto de ter o Sr. Dr. chefe de policia pronunciado os reus pelo crime de 6 de agosto, mereça tam acres censuras da imprensa, censuras, que se estendem até as columnas de um dos jornaes da côrte.

E' preciso cerrar os olhos á luz, fechar os ouvidos á razão, negar toda a evidencia, calcar aos pés todas as leis do justo e do honesto, para profligar a authoridade e incensar os criminosos.

Quando pelo furto ou roubo descoberto em 22 de dezembro do anno proximo passado nos cofres do banco desta cidade, a desidia da policia foi ao ponto de deixar até hoje impunes os ladrões, ou como taes suspeitos, pois sobre elles pesavam accusações fundadas em factos irrecusaveis, tinha todo o direito a imprensa e ainda hoje tem, (menos o *Interesse Publico* que recebe cem mil rs. mensaes dos cofres secretos para não hostilisar a policia) do manifestar-se com todas as forças contra semelhante abuso da authoridade, cumplice moral do desfalque reconhecido.

Mas agora que pelo barbaro crime de agosto, mostrou-se ella vigilante, não tanto quanto devia ser, porque deixou de fazer certas diligencias, sendo nimiamente benefica, apezar do que ficaram os criminosos desmascarados,—não é sem repulsão que se pode ler essas censuras vehementes, encobertas pela polidez da phrase e torneio da linguagem, que servem unicamente para demonstrar até que ponto pode chegar a paixão humana.

Si sobre os criminosos não estivesse alçada a mão da justiça,—aqui d'el-rei, que não temos garantia individual, commette-se um crime dessa gravidade na segunda capital do imperio, e a authoridade por consideração e patronato cruza os braços, etc., etc!

Si a authoridade, a despeito de tudo, cumpre de alguma forma o seu dever —outra vez aqui d'el-rei, em que parte vivemos, que se condemnam os *innocentes* e *santos*, somente para saciar o gosto de offerecer victimas em holocausto, etc., etc!

E' impossivel lidar com espiritos dessa natureza.

E trazem por aresto que a policia do Ceará não tem dormido para descobrir os ladrões da thesouraria provincial; que a policia da côrte capturou na mesma noite os reus e cumplices do rapto de D. Candida Paiva de Oliveira, e ainda em um só dia descobre e colligе todas as provas do barbaro assassinato de Ermelinda!

Mas é que no Ceará, quando forem conhecidos os ladrões, e na côrte quando foram prezos os criminosos do rapto e assassinato, a imprensa não se ha de levantar, nem se levantou de lança em riste para defender os ladrões, raptores e assassinos, e accusar injustamente a authoridade.

Ha essa differença bem notavel. Leiam-se os jornaes destas partes, e essa verdade se encontrará sem muito trabalho ou esforço.

Não é que queiramos defender todos

os actos da policia do Sr. Dr. Galeão, não.

A respeito não somos suspeitos; porque da mesma maneira porque o elogiamos quando por seus actos torna-se merecedor, da mesma maneira o censuramos, sem que nos prendam motivos de qualquer ordem.

E essa franqueza, que sempre nos ha de distinguir, foi que nos fez cahir na antipathia do Sr. Dr. Galeão, que queria somente ou defeza ou accusação, e por isso com toda a instancia pediu e obteve que o *Diario* não continuasse a transcrever essa longa serie de artigos, como tinha principiado.

Esse favor devemos ao *rajado* do *Interesse Publico*, que protestou contra semelhante transcripção, e o seu protesto foi *in totum* aceito.

Nem por isso deixamos de escrever; e nem os nossos artigos tem sido desprezados, tanto que depois de principiarem, quasi que cem assignaturas novas tem tido o *Alabama*, fóra a venda de grande quantidade de folhas avulsas.

Alem da verdade de que deve ser um dos mais fervorosos apostolos, esta é uma das glorias do escriptor, que vê as suas idéas abraçadas por todos, mau grado as forcas caudinas dos defensores dos *potentados* criminosos.

Já houve quem visse, depois que o Sr. Dr. Galeão occupa ou exerce o cargo de chefe de policia, o *rajado* escriptor do *Interesse Publico* accusar o governo, elle que era desapiedado para com bons e com maus, até fazerem-o calar a bocca com algum punhado de dinheiro que o engasgasse?

Por certo que não.

Contra esta nova escola de *ganhadores de cesto* é que reagimos, e por pensarmos de modo opposto é que estamos estacionario na infeliz carreira de servir a certos governos.

Não nos queixamos de ninguem, e nem queremos que ouçam as nossas queixas.

Nutrimos no mais intimo do coração uma convicção profunda de que, quando se acabar o *descarte de certas biscas*, que ficam fascinadas e cegas pela ambição do poder, e para isso commettem quanta casta de degradação, tudo ha de melhorar; e então, embora ainda na obscuridade, prestaremos com summo prazer nossos mui diminutos prestimos ao nascente paiz, que tem retrogradado por não poder resistir a *ingente força da locomotiva do progresso hodierno*.

A vista deplorabilissima da patria opprimida e moribunda ordena que acabemos já essa digressão luctuosa e negra.

Choremos o seu e o nosso destino...

.....

Analysemos o 13.º considerando do despacho de pronuncia, que é assim:

«*Considerando, que tal contradicção, si parte do accusado Castro Rebello, revela o crime, que procurara occultar; pois que de outra forma não pode ter ella explicação acceitavel, mormente quando entre a sahida de sua casa e o recolhimento á casa de sua sogra para dormir já tarde, deu-se a circumstancia de ter sido justamente nestas horas que se practicou o facto que tivera logar com João Soares.*»

Nesse fundamento da pronuncia encontrou o nobre articulista do *Jornal da Bahia* a solução do *equivoco* ao qual quer attribuir a contradicção do reu Castro Rebello, que demonstramos no artigo precedente.

E assim diz elle—que a prova mais evidente e incontrastavel dessa verdade é que o Sr Dr. Galeão nesse considerando exprime-se nos seguintes termos: —*si tal contradicção parte do accusado Castro Rebello*.....

Oh! é preciso que não sejamos tam precipitados, e que á força de martello queiramos fazer certas interpretações repellidas *in limine* pelo bom senso, e ainda pelas regras as mais comesinhas da hermeneutica.

Ha sofismas que revelam a profunda argucia do talento, mas outros ha que, apezar do talento, servem unicamente para mostrar que certas verdades jamais poderão ser encobertas, façam o que fizerem.

Estamos justamente nesse ultimo caso.

Sobre a dormida do reu Castro Rebello foram interrogadas tres pessoas: elle, a mãe de seu irmão Augusto, e sua sogra Uzel.

A primeira disse que dormira na casa da segunda, e pela manhan fôra para a casa da terceira:

A segunda disse que a primeira não dormira em sua casa:

A terceira finalmente disse que a primeira fôra para sua casa depois da meia noite.

Ora, em respostas tam encontradas sobre o mesmo ponto, alguem necessariamente devia ter faltado a verdade, ou quando muito, demos de barato, todas tres faltaram.

Nesses apuros de distinguir e extremar a verdade da falsidade, o juiz deve ser muito circumspecto, e segundo maior ou menor probabilidade é que diz — Fulano faltou a verdade, e Beltrano não, etc., etc. Por isso, dando cada qual sua resposta differente, e havendo noventa e nove probabilidades contra uma, de que a falsidade partisse do mais interessado em occultal-a — o reu Castro Rebello, principalmente quando as outras respostas mais ou menos estavam em coherencia com as provas da criminalidade do referido reu, eis a razão porque o Sr. Dr. chefe, ainda escrupuloso, usou da condicional — *si*.

Sem rodeios, nem subterfugios, sem precisar remontarmo-nos as diligencias que precederam ao processo, e a tudo o mais que nelle se dera, fica explicado de um modo satisfactorio e honroso para o Sr. Dr. chefe de policia o uso da condicional — *si*, que tanto alegrou o nobre articulista, julgando nella encontrar a innocencia dos reus.

Entre tres pessoas que respondem contradictoriamente o mesmo facto, alguma havia de esconder a verdade, e todas as suspeitas e presumpções recahiam vehementes sobre o reu Castro Rebello.

Eis, pois, como o despacho de pronuncia, ainda encarado por esse lado, expressa os factos conhecidos, e os motivos que o determinaram.

Todas as tres pessoas responderam livremente, sem que fossem precisas sugestões ou insinuações estranhas, como adredo se faz espalhar.

O resultado do cerco é a causa de tudo isso; e não serão estas e outras futilidades que poderão abalar os solidos fundamentos da pronuncia

E nem poderá haver espirito recto e imparcial que, attendendo aos motivos que deram causa á condicional, diga que a decisão seja vacillante, e perca o cunho da consciencia formada.

E' preciso ainda notar que a pronuncia pelas nossas leis não importa uma condemnação; para que seja decretada bastam presumpções e indicios vehementes, quanto mais provas da natureza e força das que existem contra os reus.

Si essa condicional, por si só isolada, poderia authorisar a impugnação da sentença, reunida ao feixe de provas que existem no summario, é um esforço de desespero, consectario infallivel da criminalidade.

Quereriamos ver o nobre articulista na sua profissão habitual de magistrado e não de advogado, e então que mutação de scenas em um abrir e fechar d'olhos dar-se-hia?

E' justiça que lhe fazemos.

Recahindo pois, todas as suspeitas, presumpções de que a verdade fosse encoberta pelo reu Castro Rebello, não só pelas provas que contra elle e os demais co-reus abundam no processo, como ainda porque a mãe de seu irmão Augusto disse que elle lá não dormira, nem haviam razões para tal, e sua sogra Uzel disse que fôra para a sua casa depois da meia noite, e isso está de accordo com as horas em que o crime fôra perpretado, e a impossibilidade d'elle ir para sua casa que estava cercada, — por tudo isso foi que o Sr. Dr. chefe de policia, podendo dizer sem medo de errar que a contradicção oriunda da falsidade partiu do reu Castro Rebello, quiz suavisar-lhe ainda a carga, empregando a condicional — *si*.

E' bom que o Sr. Dr. chefe de policia por sua benignidade descommunal, seja tam bem *retribuido* pelos reus,

que nas columnas do *Jornal do Commercio* da côrte tem sido deshumanos até a iniquidade para com S S.

Que caso fatal e funesto tinha succedido na casa do irmão do reu Castro Rebello, e na de sua sogra, que o obrigasse, (a elle unicamente, sem nenhuma outra pessoa da familia que é numerosissima) a dormir fóra de sua casa?

Que desgraça seria esta, que o impelliu a dormir em uma parte, e logo pela manhan ir para outra, desamparando sua familia, sem que até hoje se s iba, e nem elle diga que caso imprevisto foi este?

E' sob a força dessas razões, que sustentamos, que a falsidade partiu unicamente do reu Castro Rebello, e não das outras pessoas, e por isso é que dissemos que o Sr. Dr. chefe de policia podia affirmar essa verdade sem receio de errar.

Proseguiremos.

Ante provas tão irrecusaveis parece impossivel tanto cynismo.

Ninguem ha ahi que ignore que o *Mais-cedo* do *Sentinella visivel*, de motu proprio, sem que fosse preciso insinuação de alguem, pois ninguem mais astuto e velhaco que elle, photographou a moda—corvo o *Cavalheiro de Castro*, levando no bicco ou nas garras para as *regiões celestes* das margens do Paraguassu os 266 roubados á *tripeça*.

A lembrança em vista dos factos não podia ser melhor; todos applaudiram semelhante allegoria tão bem encaixada.

Mudando ao depois de opinião, por que a pessoa, a quem julgou prestar um serviço importantissimo com essa descoberta, botou-o pelas escadas abaixo a pontapés, la foi o *Mais-cedo* prostrar-se ás plantas do *Cavalheiro de Castro*, pedir, rogar, supplicar, e tanto fez que por intrigas persuadiu-o de que estava innocente, compromettendo a outrem que foi alheio a tudo isso.

Ora um *escriptor dessa marca* poderá merecer a minima importancia, quer defenda, quer accuse?

Um miseravel que no proprio *sentinella visivel* disse horrores do Cavalleiro do Castro, e agora lece-lhe os mais subidos louvores, representa alguma figura no quadro?

Por certo que não.

Em tudo mais nos admira a estupidez e imbecilidade do *cavalleiro* que as manhas do *escriptor notavel*.

Entre elles ha um fio electrico que os une—a ladroeira.

Ainda isso não é tudo.

Agora, depois de ter recebido favores de certa pessoa, o devendo por elles ser-lhe obrigada, parece que certas allusões, que vem no seu folliculo, a ella referem-se.

Pelo sim, pelo não, vamos estampar um desses favores, e o publico avalie de quanto é capaz o *Mais-cedo*.

Eil-o:

«Illm. Sr.....

«E' por sem duvida, muita aud cia, «ou por outra, muita sem ceremonia «minha, em, querer arrogar um credi- «to que longe esta de V. o conhecimento «delle, porem como tenho conciencia «dò que sou, e creio que nem um ho- «mem, que preza a honra, seja capaz «de chafurdar-se no immundo lodaçal «do descredito e ignominia por qual «motivo, por isso incisto disendo, que «me arrojo a pedir-lhe 50$ reis para «fazer a irremediavel despeza, de pre- «ferencia a todas quanto posso fazer, de «transportar para a cidade minha fa- «milia que ha 3 mezes se acha em ba- «nhos salgados no Itapagipe, cuja «quantia no fim do do mez a pagarei.

«Sou

«S. C. 19 de março de 1867.

«De V....

«Attento obrigado e criado.

«*Mais-cedo.*»

—

«Recibi do Sr.....a quantia de «cincoenta mil reis, constante da pre- «sente cart , sujeitando-me as clausu- «las nella estipuladas.

«Bahia 23 de março de 1867

«*Mais-cedo.*»

Ipsis virgulis, ahi fica estampada a carta do *cujo*.

Haverá no mundo outro individuo tão ingrato, cynico, tão repulsivo, e tão abjecto como esse miseravel?

Como é que acaba de receber um favor, e a paga logo e logo é injuriar seu bemfeitor?

Só o *Mais-cedo* é capaz de tudo isso, e de muito mais.

Outras miserias apresentaremos desse safado, si a isso formos obrigado.

O publico veja quaes os defensores dos ladrões da *tripeça*, assassinos de Soreas!!

—Aspirante, va a venda da Praça.

—Perdão, capitão, na Praça ha duas vendas, é preciso saber a qual dellas é.

—A do sujeito barbado.

—Ja sei, é a do João.

—Diga a esse taful que seja mais recatado nos seus *devaneios* a noite com a sua manceba, e não va para os arcos da camara por-se em immoral espetaculo; visto que certas liberdades so se dão aos cães.

—Si V. Ex, bem me ordena, eu melhor cumprirei.

—Diga-lhe que seu procedimento irregular, tão contrario as regras da decencia, ja vae despertando a curiosidade capadoçal, e a prova tem elle na pedrada que uma noite desta quasi lhe vae carambollar na tabella dos queixos.

O *Guedes Cabungo*, assassino do desventurado creoulo Bernardo, o maior ladrão que pisa nesta terra,— o ladrão que vendeu-se-ultimamente ao ouro do commendador *Poderoso* em uma questão, e nessa mesma questão, vendeu-se tambem ao ouro de outrem contra o mesmo *Poderoso*, roubando desse modo por duas vias pró e contra, quer campar de *grave e serio* no seu paschim em que affecta *interesse publico*, e no *turvão* do Alexandre vendedor da honra das proprias..... despeja á mão farta contra pessoas distinctas e respeitaveis todo o fel e peçonha coagulados n'aquelle coração de hyena; e muito ancho de si pensa, que assim presta um serviço extraordinario aos seus senhores actuaes, os ladrões da *tripeça* e assassino do infeliz *Soreas*.

Coitado! Nada haverá mais que possa envergonhar esse safado. Ate assassino, ja mostramos com provas irrecusaveis que foi do referido creoulo Bernardo, vivendo no mais depravada lasciva com a mulher daquelle infeliz; e ainda assim os remorsos fugiram d'aquella consciencia brutal e feroz.

Ao ler estes artigos fica como um energumeno, tal qual o Mestre Escola dos Misterios de Pariz, no sonho da herdade de Bouquevalle.

O sangue affluе em ondas negras para aquella polluta cara, que toma todas as proporções reaes de um morfetico, molestia, que por castigo de seus torpes vicios, ja soffre aquelle desgraçado.

Uma polia, fubá, ou lepra vôa-lhe em cardumes, de incommodar-os circumstantes, ainda da desforme cara.

Morde, remorde aquelles beiços sifiliticos e chagados, e então não ha quem resista ao fedor mephitico e nauseabundo que evapora denso daquella boca, reservatorio de excremento ou centina publica.

E' o mais que tem obtido estes escriptos.

Ja mostramos como o desgraçado vendeu-se infamemente ao governo na administração do *barão da ventania*.

Ja mostramos como o ladrão vendeu-se duplamente aos trapicheiros, escrevendo um artigo de defeza e outro de accusação.

Ja mostramos como esse devasso roubou e prostituiu desapiedadamente as pobres orphans do Pilar, não deixando-lhes nem uma esteira onde ellas, a custa da honra, comprassem o pão quotidiano.

Ja mostramos o que o desgraçado praticou com o infeliz A. Chaves, que até o dinheiro em cobre da padaria— Ceres—não lhe deixava ficar.

Ja mostramos o roubo de seis contos de reis que elle fez ao commendador Barbosa, que diz hoje abertamente que prefere antes ter negocio com o Lucas

da Feira, si existisse, que com o *Cabungo*.

Ja mostramos o que a Companhia do Queimado soffreu desse ladrão mor: principiou a escrever uns artigos contra as agoas, e ao depois quando os gerentes mataram-lhe a *sede* com muito ouro, o relaxado não se contentou em ficar calado; a sua infamia estendeu-se a defender a pureza e limpidez das mesmas aguas, que a principio eram por elle chrismadas de putridas.

Ja mostramos como o ladrão roubou deshumanamente uma pobre viuva, fazendo-a assignar um papel em branco, e por essa forma ficou com a roça do saboeiro.

Ja mostramos em como por artes de berliques e berloques, o ladrão tomou do referido *Poderoso* a casa em que mora, ladroeira *tão bem feita*, que o mesmo ainda hoje se admira.

Ja mostramos como esse descarado recebe cem mil réis mensaes dos cofres secretos *policiaes* para não hostilisar seus actos.

Ja mostramos como esse *lazaroni* absorveu o casal do seu infeliz compadre o fallecido *alfaiate das aranholas* conhecido pelo *Gira a me*, e o seu afilhado morreu desgraçadamente pedindo esmolas pela rua.

Ja mostramos como esse infeliz rapaz no tempo de creança debil e fragil era empregado pelo monstro noites e noites em um trabalho pezadissimo de *estampar* 600 folhas em uma *machina* de madeira, serviço esse, que homens robustos e de forte compleição sentem, e que o tigre obrigava-o a fazer com outro infeliz orpham de S. Joaquim de nome P. Nobrega, que ainda existe.

Ja mostramos como o miseravel quiz reduzir a escravidão o pobre Aleixo, filho da cabra Innocencia.

Ja mostramos de que modo foi elle o assassino do honrado e infeliz creoulo Bernardo, administrador de uma das fazendas benedictinas.

Ja mostramos tambem os actos concupiscentes e luxuriosos do animal, que depois de a vista das pessoas de casa fechar-se em um quarto com duas negrinhas, depois de passal-as a folha, lançou olhos peccaminosos para sua propria..... (que horror!!)

O que se pode dizer mais de um safado destes?

Que conceito pode merecer os seus escriptos por qualquer lado que sejam encarados.

Continua, lad ão; porque, quer falles, quer deixes de fallar, havemos de ajustar severas e estreitas contas comtigo.

Para tudo é preciso tempo e geito.

Ronba bem os assassinos do infeliz *Soreas*, e ladrões da *tripeça*. So sentimos uma cousa que é—não ter bastante dinheiro para te comprar-mos agora para accusares a esses assassinos e ladrões.

Nem isso é de admirar.

Lembra-te do que fizeste ultimamente com o *Poderoso*.

Que pechincha! por ambas as vias?!

VARIEDADE.

A VIDA CONSIDERADA COMO UM WAGON.

Lê-se em uma folha ingleza:

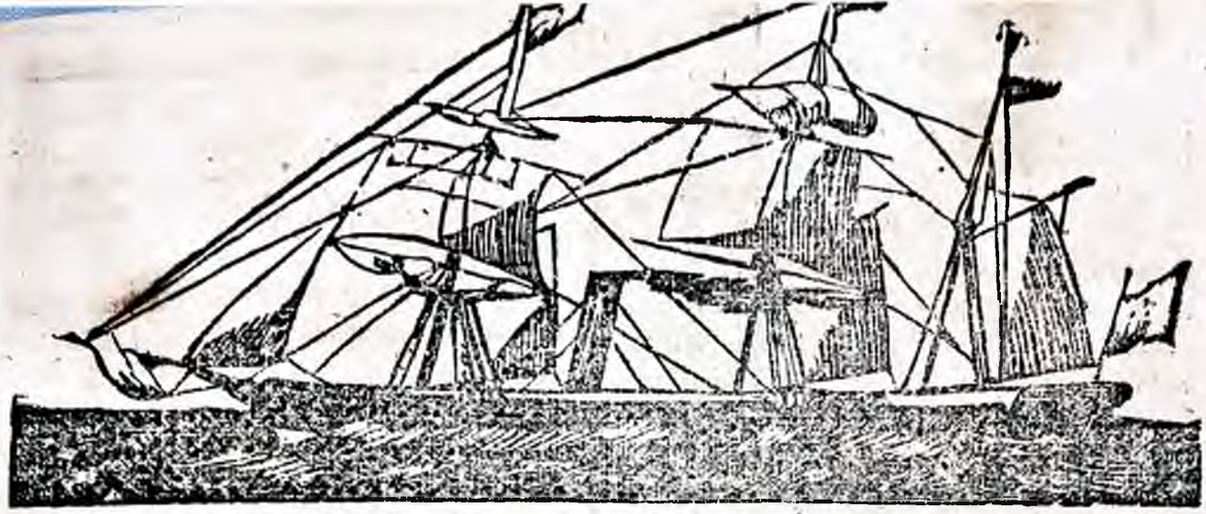
«Um medico que cahe doente é tão ridiculo, quanto a mim, como o empregado do caminho de ferro que não apanha o comboi a tempo; e, para continuar a comparação, no caminho de ferro da vida a morte é um descarrilhamento; o casamento o abalroamento de dous wagons; o somno a passagem de um tunnel, o destino é o machinista, que não vemos, mas que nos conduz ao nosso destino!»

ANNUNCIO.

PROCISSÃO DE S. BENEDICTO

Por um imprevisto acontecimento foi transferida a procissão de S. Benedicto ao cemiterio das Quintas para domingo 20 do corrente, e de novo convida-se a todos os irmãos e devotos a accompanharem a Santa Imagem ate o referido logar.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 15 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 28.ª—N. 273

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de outubro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Se, por mais uma vez reclamando sua attenção, para o perigo a que está exposto quem á noite passa pela rua Direita de Palacio, em consequencia das pedradas que atira, um cego que alli ha de nome Jacob, quando se vê atropellado pelos capadocios.

—Ora aqui está uma salutar medida hygienica!

—Qual é ella?

—Matam os caxorros, e atiram-nos ao dique.

—V. viu isso, ou é alguma invenção que lhe metteram nos cascos?

—Va agora ao dique, e si não encontrar la seis cães boiando a tona d'agua, chame-me o maior *pomadista* do mundo.

—Bem, estou calado.

—D. Maria Rosa Ferreira Alves Ribeiro sahiu no domingo de sua casa, e foi assistir na egreja d'Ajuda, a festa do Senhor dos Milagres, da qual era juiza; na occasião em que prostrada aos pés do Senhor lhe rendia graças foi fulminada por um ataque apoplectico, que lhe cortou o fio da existencia.

—Morreu com o pensamento em Deus.

—Consta que o mais fervoroso desejo dessa senhora, era morrer em um dia do Senhor dos Milagres, para o que lhe fazia incessantes supplicas.

—Si era assim, o Senhor cumpriu-lhe a vontade.

—Publicou-se os *Miseraveis* drama do Sr. A. Pinto Pacca.

—Hei de comprar um exemplar, onde se vende?

—Na typographia do *Pharol* a 2$ rs.

—Que terra, meu Deus, que terra!

Isso não é paiz constitucional; é o abrigo da prepotencia, o receptaculo de tudo quanto è arbitrariedade, o valhacouto dos escandalos.

O fraco não encontra a menor garantia nesse phantasma a que chamam lei,

e vê a cada passo seus mais sagrados direitos, vir responsavelmente calcados aos pés, ás vezes de um *quidam*, que julga-se um bacha, somente porque dispõe de uma tenue distincção, com que essa sociedade corrupta vae galardoando a torto e direito seus adeptos capachos.

—Essa cantilena quer dizer que V. está empapado.

—Estou revoltadissimo contra um facto que presenciei hontem á noite.

—Esfrie o sangue rapaz, e conte suas queixas.

—Hontem á noite, um cidadão casado dirijia-se pacificamente com sua senhora a egreja da Baixa dos Sapateiros, onde havia festa, quando do meio da multidão foi assaltado por tres guardas de artilharia, e o alferes Baptista Lioni.

Brutalmente lhe arrancaram a senhora do braço, e o prenderam.

Apezar da prevenção de trazer seus papeis, mostrando que é isempto, não o attenderam, e foi arrastado a prisão, ficando sua esposa abandonada entre o turbilhão de povo, que affluia áquelle logar.

Disso resultou um conflito entre o povo e os referidos sequazes, conflicto, que não seria de bom resultado, pelas proporções que tomou, si não fosse a presença do Sr. coronel Silva Reis, e de um Sr. tenente de policia.

—Ha abusos, que são desculpaveis pela insciencia de quem os commette. Que culpa tem um doudo por atirar uma pedrada?

—Não me venha com essas!

Então eu saio com minha familia, tranquillo em minha consciencia, e de repente sou agarrado por quatro malsins, quando a lei me diz o contrario?

Como se prende um homem que não commetteu crime, sobre quem não ha a mais leve imputação?

—Pode ser remisso no serviço da guarda nacional.

—Ainda assim, não é motivo para se desrespeitar uma senhora, arrancando-a bruscamente do braço de seu marido.

Podiam prendel-o outra hora; quanto mais que o homem provou sua isempção.

Diga que, se cada um contasse com a responsabilidade de seus actos, não haveriam tantas infracções, que eu lhe creio.

—Antigamente as rivalidades theatraes distinguiam-se pela maior somma de applausos com que cada parcialidade fazia reverter sobre o artista, que lhe era affeiçoado.

Cada qual esforçava-se para fazer realçar o talento daquelle cujo merito apreciava.

—E assim é que deve ser.

—Porem hoje é ao contrario.

O antagonismo dos partidistas desceu ao insulto acre e degradante e vê-se hoje no palco senhoras indefezas serem infrenemente desfeiteiadas, não porque seu merito artistico dê a isso direito, mas para satisfazer caprichos comesinhos e ignobeis.

Cada noite de espectaculo em que representam as Sras. D D. Jesuina ou Eugenia, repete-se uma dessas scenas escandalosas que tanto depõe contra seus authores.

—E nenhuma das duas lucra nada com essas demonstrações turbulentas, e incivis de seus apologistas.

Eu achava melhor que a rapaziada se unisse e tratasse de presentear seus *idolos* com ricas capellas, bouquets, presentes, etc., porque essa gente do scenario gosta muito de cousa que alegre a vista.

—O que è preciso é o Sr. chefe de policia revestir-se de energia, e acabar com tão deponente abuso.

—O vapor do Sul trouxe uma chusma de honrarias e condecorações para esta provincia.

Diversos commandantes da guarda nacional tiveram seu pendurucalho pelos relevantes serviços a bem da integridade do imperio e honra nacional.

—Menos o Dr. Jose Luiz de Almeida Couto que chuchou no dedo.

—Ah! esse não é da grei.

—Nesse caso não se descontente ;

Dr. Couto por não ser lembrado por que

«Melhor é merecel-as e não tel-as.
«Do que tel-as e não merecel-as »

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXI.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Immensos affazeres na vida de que fazemos profissão habitual, e mais que tudo a alteração de saude que ultimamente temos soffrido, obrigam-nos a não entrar hoje na sustentação do despacho de pronuncia, o que faremos no seguinte artigo.

Feita essa advertencia, não podemos deixar passar em silencio a noticia, por demais esperada, que trouxe o ultimo vapor do sul, noticia—que lemos no *Jornal do Commercio* de 6 do corrente:

«Por decreto de 2 de outubro foi declarado de nenhum effeito o de 5 de junho, que nomeou para tenente coronel do 2.º corpo de artilharia da guarda nacional da capital da Bahia, Francisco Justiniano de Castro Rebello.»

Em vista disso, seja-nos licito perguntar: Podera o reu Castro Rebello continuar a gosar de uma prisão privilegiada,—elle que não tem fôro algum?

Por certo que não: e do Exm. Sr. presidente da provincia esperamos providencias urgentes e necessarias, para que nesse ponto sejam cumpridos, á risca os actos emanados do poder competente.

Eis, em termos bem claros e expressos, o modo porque o governo imperial toma a si o desfecho do attentado horrivel de agosto, o qual, diz o *foveiro* do *Interesse Publico*, *succede frequentemente nas capitaes civilisadas.*

Ante provas tam irrecusaveis, e demonstrações tam positivas, nada mais ha que duvidar.

Srs. redactores do *Alabama*.—Peço encarecidamente a Vv. o obsequio de declararem ao pé desta, pelo seu acreditado periodico, si eu já tive ou tenho alguma parte nos artigos, que n'elle tem sahido, sobre a questão Soares: pelo que ficará summamente penhorado este que se assigna

De Vv. etc.
Paulo Marques.

14 de outubro de 1867.

—

Não senhor.

A Redacção.

O ardimento cynico do *rajado* do *Interesse Publico* no seu 26.º—*prosegue o drama do banco*—é descommunal até a demasia!

Parece impossivel que a degradação propria desça a tam infima escala de miseria.

Que outro individuo—que não este—teria o criminoso descaro, pifio e infame, de chamar a outrem—ladrão, e á imprensa alguma—paschim?

Só realmente o *foveiro*, exemplo vivo e funesto de quantas torpezas encobre este mundo sublunar.

Ainda está por vir questão em que esse *Robert Macaire* da imprensa, quando não trahisse e roubasse ambas as partes, accusando-as e defendendo-as ao mesmo tempo, deixasse de roubar uma só.

Até ao governo esse miseravel vendeu penna e consciencia; e depois de nas orgias dissipar o preço da venda, eil-o—o captivo do ouro, a profligar o governo na esperança reproductiva da ominosa transacção.

Agora mesmo *na presidencia do Sr. Dantas*, o desgraçado contractou-se por cem mil réis mensaes para não escrever contra os seus actos; e no fim de todos os mezes lá sahe dos cofres secretos essa quantia, e por essa forma é o dinheiro publico esbanjado!

As clausulas desse nefando contracto

ainda foram alem. Obrigou-se mais o perfido a accusar a administração do Sr. dezembargador Luiz Antonio—aquella que tanto tinha elle endeosado, e o publico vio a instantanea mutação de scenas comprobativas dessa verdade.

A promessa de defeza e de accusação foi cega.

Apresenta-se como candidato do Sr. Dantas á assembléa provincial o Sr. Dr. F.—aquelle mesmo que, pouco tempo havia, em desafronta de sua dignidade tão vilmente atassalhada por esse ente repulsivo, conseguira arrastal-o a uma cadeia para punição de seus crimes. Pois bem, o ladrão consummado, sem brio, sem vergonha, sem nenhum dos estimulos que podem ennobrecer o homem, *toma a si essa candidatura, e recommenda-a ao corpo eleitoral.*

Haverá maior desgraça, maior infamia?

O proprio Sr. Dr. F tinha nojo e compaixão de tanta baixeza.

Depois da *administração do Sr. Dantas* seguiram-se as do *Sr. Leão Velloso,* Liberato de Mattos, Ambrosio Leitão, *Ferreira de Moura* e actualmente a do Sr. Azambuja, e até hoje que todas tem sido *á devoilê* applaudidas pelo *celebre locatario de defezas.*

Esses factos são de nossos dias; e apezar de que o publico já tenha delles conhecimento, é bom trazermol-os sempre á memoria, para que se possa bem avaliar o criterio que devem ter os ditos do *foveiro.*

Com os particulares tem elle se enchido a fartar; e poucos haverão hoje, que disponham de tal ou qual fortuna, que não tenham sido victimas dessa harpya sangrenta.

Na questão dos trapicheiros e das aguas da companhia do Queimado, accusou e defendeu; testemunhas oculares desses factos existem ainda entre nós, promptas a asseveral-os em qualquer parte.

Na questão do casal do fallecido José Antonio dos Passos, em que elle tanto *toma a peito a defeza de seu genro* atraz da porta, o miseravel, depois de ter extorquido bastante ouro do commendador Pedroso, trahiu-o vendendo-se miseravelmente a outrem, e metteu a lingua na trazeira.

Quer outra vez repetição do negocio, e por isso já começa a explorar a mina.

Haverá ainda maior desgraça, maior infamia?

Estão em nosso poder bilhetes do safado ao mal-aventurado A. Chaves nestes termos:

«*Si não me mandar hoje cem mil réis, não terá mais defeza, porque não tenho dinheiro para comprar tinta e papel.*

E o mal-aventurado, encerrado nas sombrias paredes de um ergastulo, recorria á benignidade de alguns amigos, que, compadecidos de seu negro fado, soccorriam-o nestes apuros.

O commendador Teixeira Barboza tem em seu poder uma conta de seis contos de réis por *alguns artigos* que elle escreveu sobre um testamento.

Esse dinheiro recebeu-o elle do fallecido negociante José Tavares de Souza Caria, e deve constar da escripturação d'aquella casa.

Que effeito, pois, pode produzir uma penna destas, infame, corrupta e miseravel?

Outros muitos factos poderiamos apontar da vida nefanda desse monstro, cuja malvadez já chegou ao assassinato.

O infeliz creoulo Bernardo, administrador de uma das fazendas do mosteiro de S. Bento foi a victima.

Em uma conversa tida no porto do Bomfim, relativamente ao barbaro crime de 6 de agosto, eis como a respeito do *foveiro* pronunciou-se um caracter immaculado, um dos ornamentos da alta magistratura bahiana—o Sr. conselheiro Messias de Leão.

«*A maior desgraça para a causa das pessoas suspeitas pelo crime perpretado no Moinho é ser defendida pelo* I. P.»

Em poucas palavras, mas frisantes e incisivas, não se pode formar juizo mais baixo de um individuo.

Haverá finalmente maior desgraça, maior infamia?

A acreditarmos na reincarnação spi-

ritica, diriamos que aquello todo asqueroso e repulsivo encerra o complexo de todos os espiritos maus, que infestaram a terra em outras eras.

Já desafiamos o miseravel, sob promessa até de defender os reus, que declarasse, sem rebuço, nem rodeio, o nome do estrangeiro á quem imputa o infamante crime descoberto a 22 de dezembro do anno passado, e ainda assim nada obtivemos, confirmando-se por essa forma a suspeita de que elle é cumplice no crime, e, para desviar de si as suspeitas, procura esses subterfugios e allusões, somente proprias daquelle caracter nefando.

E' com o proprio pensamento da maior illustração europea — Victor Hugo por elle citado no nojento folliculo que temos á vista, que vamos dizer quem são os ladrões do banco.

Eil-o:

«*Reflecti com criterio, prescrutae attento, buscae o homem a quem mais podia e devia interessar o crime.* (aquelles que de pobres queriam campar de ricos) *dotado de mais astucia para o conceber,* (o crime de agosto e muitas outras coisas revelam esta astucia) *e na posse de maior somma de elementos preparatorios e meios efficazes d'execução* (aquelles que tinham entrada franca em todas as partes do banco, e punham e dispunham de seus cofres á bel prazer) *segui lhe os passos, e acabareis por ter nas mãos infallivelmente o author do crime.* (as transacções posteriores em especies das subtrahidas, o desconto de dinheiros á baixo premio em epochas precarias, tudo isso é o seguimento dos passos, que deu em resultado a verdade geralmente reconhecipa).

Portanto, da analyse do pensamento, exacto e verdadeiro na practica, está provado que nenhum estrangeiro podia practicar o crime de dezembro.

Diga o *foveiro* o que quizer, porque cada vez mais a opinião publica robustece-se sobre os criminosos de dezembro e agosto, é hoje não serão defezas de outrem, quanto mais as do *Interesse Publico* que poderão arrancar essa convicção.

Crapula da imprensa é a tua, infame, que tem passado por todas as phases abjectas, chegando ao criminoso e escandaloso excesso de proferires palavras menos convenientes contra a augusta pessoa do imperante; pelo que o povo, possuido de justa indignação, quiz dar cabo de ti; e si não fosse a misericordia da policia a quem invocaste, era bem provavel que o mundo já estivesse livre de ti!

Fallar em pschim. esse miseravel o maior paschineiro que o ceu cobre; e que, não contente com os libellos atrozes que faz publicar no epigrama ao *interesse publico*, escreve tambem para o *Trovão*, injuriando e calumniando até o lar da familia.

Rara é a pessoa que não tem soffrido desse desgraçado, e agora mesmo veja o publico sensato a injuria pungente, que lança á face d honrada magistratura desta capital na pessoa de um dos seus dignos membros.

E somos nós que queremos influir nas decisões judiciarias, como elle o diz!

Tanto que tem roubado os reus, e a *defeza* que lhes tem prestado, cada vez mais os compromette.

Invocamos o testemunho delles para esse ponto.

Tem escripto 26 artigos, e ainda em nenhum delles apresentou uma prova em favor dos mesmos, e nem analysou o processo.

Injurias, convicios, doestos, apodos, calumnias — eis toda a contextura de taes artigos, a que deu o nome de *drama do banco.*

Useiro e viseiro nesse modo de defender, caminha a passos largos; e que digam os reus os arrependimentos que lhes pezam sobre a escolha do tal *defensor.*

A policia, de cujos cofres recebe mensalmente 100$ rs., ouve tanto os teus echos, que por mais que tenhas to esbofado, chamando-lhe a attenção sobre o embarque de um africano, ella está surda a tudo isso; porque sabe que fosto um dos intermedios para a sua soltura, e mais ainda da veracidade de semelhante facto.

Eis o defensor dos reus pelo crime de agosto!!.....

Preferindo estas palavras, basta.

Temos até horror de continuar a mostrar a vida infame desse malvado.

Tendo em silencio lido todos os escriptos, que tem sido publicados no jornal da Bahia em defeza dos reus Castro Rebello, Castro Guimarães Sampaio Vianna e Coelho, e admirado, a subtileza e finura do sofisma, pois que a criminalidade dos mesmos é evidente e intuitiva á toda prova, demasiado sorprehendeu-me a abstracção feita ultimamente pelo nobre defensor dos demais, occupando-se exclusivamente do reu Castro Guimarães.

Essa sopreza obriga-nos a dizer duas palavras relativamente a essa abstracção, em resposta ao artigo 17 publicado no *Jornal* de 10 do corrente n.º 4247

Entre os reus ha uma solidariedade no crime, que um não pode ser condemnado sem os outros, e vice-versa.

Essa solidariedade, alem de nascer de confissão propria, é confirmada por um modo inconcusso no summario, onde superabundam as provas.

O *interesse* de descobrir o ladrão ou ladrões da infame e escandalosa subtracção nos cofres do banco desta cidade, reconhecida e verificada em 22 de dezembro do anno proximo passado, os unia, e por isso empregavam os *meios estrategicos, astuciosos e de fina astucia*, de que fallou em um dos artigos antecedentes o nobre defensor.

Assim separar um do outro é desconhecer esse *interesse*, e então ainda peior para elles.

Esse *motivo* foi que os induziu a practica do barbaro crime de 6 de agosto.

Mas convém notar que a suspeita de ser João Soares o author ou complice da subtracção, nasceu unicamente dos tres ex-directores, os unicos entre os nove que o tem perseguido desapiedadamete ate hoje, e por insinuações daquelles é que foi elle preso, e afinal reconhecida a sua innocencia, posto em liberdade.

A impossibilidade de vencer tantos obstaculos, qual mais invencivel, desarraigou completamente essa suspeita adredo innoculada, que veio ainda refulgir debaixo das torturas de agosto. Entretanto que sobre outros, por exemplo, o reu Castro Guimarães de parceria com outros, essas suspeitas continuam mais evidentes pela opinião geral de toda esta cidade, tanto que a policia, apezar de sua frouxidão e inepcia, varejou a casa do primeiro.

Ellas ainda recru lesceram pelo desconto da letra da thesouraria geral, na qual por si ou por seu socio Freitas, teve parte o reu Castro Guimarães, e ainda por muitas outras tranasecções, que concorreram para denunciar essa verdade.

Nesse estado do coisas era preciso que os suspeitos dessem uma prova robusta de sua innocencia, e por isso simularam dentre os nove ex-directores *os mais interessados* na descoberta do ladrão, e para esse fim empregavam os meios *estrategicos, astuciosos e de fina argucia*, dando penhores para ver si João Soares recebia-os, e participando á policia de quem queriam desviar as vistas; e como, ainda assim não havia quem, em boa fe, os acreditasse, recorreram ao meio extremo do crime de agosto, cujo unico fim era dar cabo de João Soares, fosse porque meio fosse, para com o seu desapparecimento ser elle tido e reconhecido como o ladrão.

Si interesse real e verdadeiro houvesse, si motivos de honra impellissem a practica do crime, a franqueza da propria honra induziria a confessal-o, e de alguma sorte ficaria justificado.

Essas considerações nascem logo ao mais ligeiro raciocinio, e como essas outras muitas que agora dispensaremos.

A solidariedade parte desse ponto, e a abstracção do nobre defensor é repellida pelos proprios defendidos.

Os ladrões são os que empregam os meios mais efficases e inauditos para arredar de si a infamia da acção.

Isso è muito commum, e por tanto não deve admirar osse esforço.

O reu Castro Guimarães sempre andou em commum accordo com os outros.

Procurou mandar penhores a João Soares; convidava aos amigos deste para reuniões em casa de Sampaio, ahi se reunia constantemente a noite com Castro Rebello, contra o seu inveterado costume de vir a cidade a essas horas, na noite do crime estava elle em casa de Sampaio Vianna, e si a sua casa fosse cercada, tambem la elle não dormiria, por que as duas horas da madrugada foi visto no Pilar em caminho para a Calçada, á cavallo.

Nesse commum accordo e harmonia, os instrumentos do crime que foram vistos em casa de Sampaio Vianna, a contradicção de Castro Rebello sobre o logar em que dormira; os cavallos que por mais de um mez mandava este buscar: a casa do Moinho, dependencia da de Castro Rebello onde parte do crime fora practicado; a traição de Coelho á espera da victima; a postada do carro no largo do Accioli; o alvitre do crime por elles apresentado em nome de terceiro a policia, e logo por elles mesmos repellida, para dissipar as suspeitas, a opinião publica manifestada, e tudo o mais que consta do processo, tem referencia immediata com elle, por que o commum accordo do *interesse* deu a cada um o papel de que devia encarregar-se para a practica do crime.

E' preciso não deslocar essas circumstancias uma da outra para negar-lhes a força.

Não devemos apanhal-as isoladamente para collocal-as entre dous minutos, da mesma forma que se faria de uma quantidade qualquer, pondo-a entre duas raizes algebricas.

Para comprehender-se o alcance de qualquer facto ou acontecimento, é preciso confrontal-o com os antecedentes e consequentes, afim de que a apreciação e analise resultem desse conjuncto, e não de cada uma de suas partes.

Por tanto o nobre defensor, nessa abstracção que vae fazendo da defeza dos reus, compromette por demais todos sem que salve nenhum.

Si juntas a salvação é desesperada, muito menos separados. E o reu Castro Rebello ja protestou contra isso.

Portanto as mesmas rasões, que militaram para a prisão dos outros co-reus, militam tambem para com Castro Guimarães.

Essa é que é a verdadeira analise; tudo mais não passará de um ardil grosseiro.

Z.

—Além da enormidade de males que pesam sobre nós, estamos de mais expostos a sermos d'uma hora á outra mordidos pelos cães damnados que infestam as ruas!

—Ainda hontem foi victima no chafariz do Terreiro uma preta que vende agua.

—E' mataram o cão?

—Não sei; dous guardas de policia perseguiram-no atè a ladeira de S. Francisco, d'ahi em diante não sei.

—Capitão, venho pedir-lhe um favor importantissimo.

—Si for para o bem de todos está servido.

—Olé! então ja sei que alcancei o que queria.

—Sem demora avie-se.

—Desejo que mande buscar a sua presença pelo muxingueiro, á pau e corda, acompanhado da competente taca, um dos valentes commanditarios da nossa alf... ou casa de despacho, commandita que foi denunciada pelo *Guedes Calungo*, mas que o melro immediatamente acautelou-se tapando a bocca do *rojado*.

—Não sei ainda qual o fim, para querer que venha a minha presença esse commanditario.

—Eu lh'o digo:

Este tractante vive em *legitima confraternidade* com os ladrões da *tripeça*, assassinos do infeliz *Soreas*, e delles se apregôa defensor acerrimo, garantindo até que todo esse *negocio* está

para apparecer, o contando minuciosamente como fôra feito o roubo.

Esse ladrão por varias vezes tem so livrado de ser agarrado pelo coz das calças, e por tanto será bom que elle vá a policia prestar *seus bons serviços* aos ladrões e assassinos, visto como esta capital esta envergonhada daquella immoralidade criminosa, que até hoje jaz sem punição. Va, declaro o que sabe afim de poder ella prosseguir nas averiguações de que resulte o apparecimento dos ladrões e da verdade, tão pura como ser o referido commanditario um dos mais descarados da *maçonaria aduaneira*, e que por suas *conversas e historias* parece querer distrahir de si a vigilancia da authoridade, que conhece perfeitamente os bons serviços, que elle tem prestado ao Estado.

—Diga-me ja e ja o nome desse ladrão de marca superior.

—O seu nome não sei por ora dizer todo, faz lembrar o tempo dos *Borgias*, quando largavam se pelos *Campos*.

—Ja sei então que o sujeito é de mais a mais malvado.

—E' verdade.

—Va então saber de mais alguma cousa, e venha, por que vão ser ja e ja as ordens expedidas para o muxingueiro.

Não demore-se para encontral-o aqui, que tenho de remettel-o á authoridade competente.

—Sim senhor.

—Capitão, os amigos do *Annavi patacão*, costella do pederasta Xico Pitombo, dizem que elle é uma *pomba sem fel*, incapaz de fazer mal a uma pulga, e por tanto não interveio nos tormentos excruciantes do infeliz *Soreas*.

— Então ja V. virou a casaca, defendendo a esse ladrão e assassino?

—Não; mas é que eu ouço dizer essas cousas e fico.....

—Pois fique como quizer; porem saiba que esse malvado, que entregou até sua honra á luxuria dos sodomitas foi quem arranjou as algemas, anginhos, e os mais *humanitarios* instrumentos.

—Ah! por isso é que eu ja ouvi dizer tambem em outra parte, que um louro e empelicado doutor em medecina, que quiz atamancar a falta de pecunia nas margens do Prata, donde veio a passo de cão, tambem prestou alguns serviços nesse negocio

— Si V ouviu dizer isso, como é que vem molle molle, fazer-se de tolo comigo?

—E' porque gosto de ouvir a todos.

—Então ouça mais. O tal *Annanavi pombinha sem fel*, tem um filho captivo, vera effigie sua.

—Minha não.

—Delle; não me interrompa.

Eis o seu todo: pequeno de estatura; para os que gostam de *sequilhos* não é desapessoado; mãos finas, pernas lisas e grossas, trazeiro esferico e rotundo, a modo de panella de formiga, alem de outros dotes procurados pelos amantes da *fructa*.

—Então este *Annanavinho patacãosinho* deve ter feito fortuna como o pae?

—Qual fortuna! O desgraçado do pae dava-lhe tanta pancada, maltratava-o tanto, que afastava a concurrencia.

—Coitadinho!

— E si não fosse uma irman do cujo que tomou a si o sobrinho, ja elle, ha muito, que estaria no mundo da verdade; mas ainda assim continua captivo, de pes no chão, mal vestido, e enxovalhado até o ultimo ponto.

—Que desgraçado! e assim mesmo lhe chamam *pomba sem fel*!

— Não se admire, porque tenho muitos outros factos para provar a safadez desse paciente dos gostos alheios.

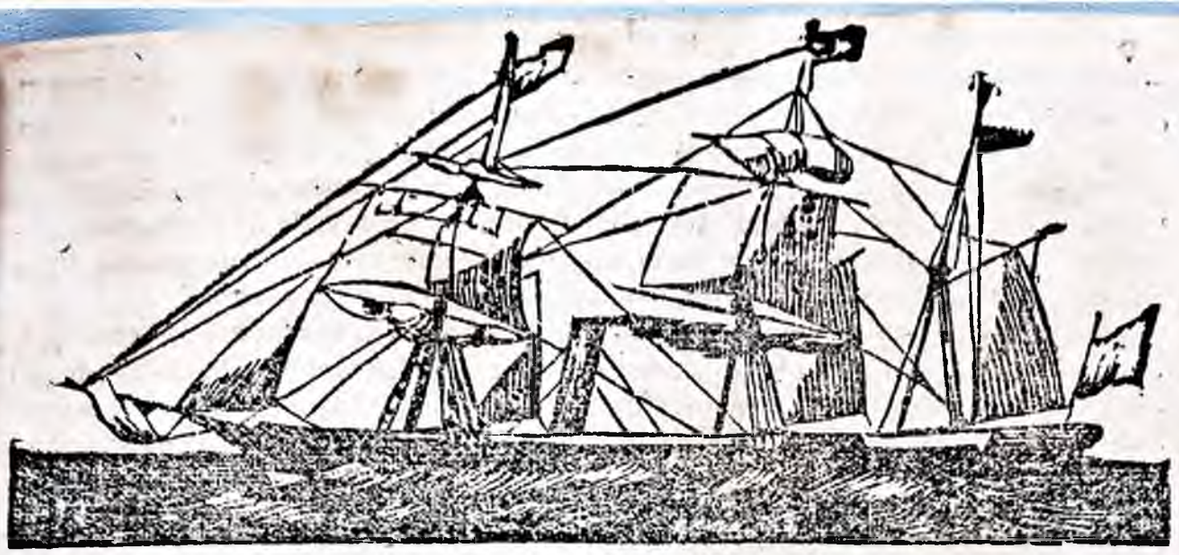
Então voltarei em outra occasião.

— Quando quizer.

ANNUNCIO.

PROCISSÃO DE S. BENEDICTO

Por um imprevisto acontecimento foi transferida a procissão de S. Benedicto ao cemiterio das Quintas para domingo 20 do corrente, e de novo convida-se a todos os irmãos e devotos a accompanharem a Santa Imagem ate o referido logar.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 17 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 28.ª—N. 274

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de outubro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, chamando sua attenção para os despropositos commettidos por um celebre Cavalcante e sua amazia, quando estão embriag dos.

Os referidos cujos vivem abrigados em um telheiro, que ha nesse districto, abandonado pelo respetivo dono para não pagar decimas á provincia.

Espera-se que S. S. attendendo ao referido, faça com que esse inquieto par melhore a maneira de viver.

—Mire-se o povo neste espelho.

Elle, a quem sobre-carregam de novos e pesados tributos, que contemple este quadro:

«MINISTERIO DA MARINHA.

«*Expediente do dia* 16 *de setembro de* 1867.

«A' thesouraria da fazenda da Bahia, declarando que deve suspender-se o desconto da 5.ª parte do soldo, que mensalmente se faz ao 1.º cirurgião Dr. Pedro Manoel Alves Moreira Villaboim, PARA INDEMNISAÇAO DA FAZENDA NACIONAL, pagando-se d'ora em diante por inteiro o mencionado soldo ao procurador do mesmo cirurgião.—Expediram-se os convenientes avisos e communicações.»

—So isto chama se equidade!

Lançam onerosos impostos sobre as classes pobres, em quanto os protegidos são dispensados de restituirem aquillo, que incompetentemente *chularam*.

—O povo que se compenetre da maneira, porque os distribuidores da renda nacional fazem a partilha deste abençoado torrão.

—Não sei o que tem esses dinheiros adquiridos por meios clandestinos e alicantinas, que sempre o diabo come uma boa parte delles!

Veja aquelle velho rapoza, que presumia de andar *encoberto* com *grande* precaução nas suas *tramoias* em quantas tem cahido.

Ja uma vez um menino do olho aberto bifou-lhe uns 18:000$ conti-

culos n'uma esparrela que lhe armou.

—Quem deve a Deus, paga ao diabo.

—Agora acaba elle de metter o rabo na ratoeira d'uma maneira, que não sei como ha de safal-o.

Foi pegado mesmo com o furto na mão.

Dous espertos *caçadores* que andavam seccos de indireitarem a *moleta* para a festa, espreitavam os passos da rapoza, e quando ella menos esperava, deram lhe o *garra,* e la se foram *cautelas*, e tudo.

—Não faz mal, é a restituição dos cobres daquelles parentes, e de Santo Amaro.

—O Imperial collegio Conceição continuará a funcionar?

—E por que não?

—Pois uma casa, onde se acaba de dar tres defloramentos, resultado talvez da facilidade com que seu director franqueava suas salas para bailes e pagodes frequentemente, pode continuar a prestar-se á educação da mocidade?

—Meu charo, dizem que é boa a philosophia expor aos olhos da mocidade, e principalmente do sexo fragil, tudo o que é de mau, para que conhecendo-o saiba fugir.

—Si é assim o director merecia até ser condecorado.

—Que diabo de babuzeira é uma que appareceu la pela *enfermaria de benefencia*?

—A respeito?

—De uma *irman de piedade* que foi apanhada em *flagrante*?

—Eu sei la, homem!

Rosnam ahi que a *santa* mulher occupava-se á noite em *piedosos exercicios,* e que nisso era acompanhada por um tal François. Os maldizentes entraram a murmurar da assiduidade com que a *charidosa* mulher entregava-se a suas *praticas* nocturnas, e por causa das duvidas, foi chamada á ordem!

—Cousa notavel! Em quanto as *boas obras* da santa mulher repercutiam até a França, ca em Latronopolis, quem tinha obrigação, ignorava a *boa vida* que levava a castissima creatura!

—Que veio com suas irmans ensinar virtude á nossas patricias a força de carceres escuros e cilicios, que lhes veio dar lições de humildade, mandando-as carregar agua, fazer despejo e servir como escravas.

—Homem, mudando de conversa, eu ouvi dizer que esse tal François passava ahi vida *folgada e miraculosa*?

—Foi um verdadeiro *gallo de terreiro*, porem depois de suas relações com a pura irman, *restringiu-se* e tornou-se outro.

Ainda ha pouco espancou uma serviente, e foi por isso applaudido.

—Pois meu charo, em quanto elle e ellas gosavam de todas as commodidades e regalos da vida, affectando um phantastico zelo e fingida charidade, nossas patricias eram postas a jejum de pão e agua, presas em masmorras, privadas de luz, enxotadas do lar onde abrigavam a honestidade e forçadas a atirarem-se na prostituição.

—Capitão, aqui está um procedimento digno de imitação.

—Diga qual é.

—Em Vassouras, provincia do Rio de Janeiro, os homens ricos condoendo-se dos vexames do povo com o recrutamento e designações, deliberaram dar escravos ou dinheiro, tantos quantos bastem para completar o numero designado ao termo; e a subscripção não esta longe de seu fim.

—E V. sabe si isso é exacto?

—Ao menos o *Parahybano* diz.

—Semelhante procedimento honra sobre-maneira a quem o pratica, porem estou certo que ha de achar rarissimos imitadores.

—Que alma de Satanaz!

O genro prostrado no leito de dôr, a esvair-se-lhe o ultimo alento de vida, e o malvado coxo a pular de contente, dentro de sua biboca de preparar tisanas!

—Pobre *Beijati,* trabalhou, para aquelle abutre comer.

—E' o que V. pensa!

—Não sabe que elle iludiu as meninas, e queimou o testamento do homem ainda em vida?

—Mas elle foi prevenido; perfilhou as raparigas, e o infame só embeça a tutoria do neto.

—Ah! safado, desta vez o diabo mijou-te no anzol.

LA VAE VERSO.

O ELEITOR DA ROÇA.

E' cousa que causa riso
Ver da roça um eleitor;
Transformado n'um narciso,
Ou cupido—deus do amor,
So porque na chapa entrou
Ou tres votos arranjou.

Mal sabe o pobre eleitor,
Que si assim o contemplaram,
E' por que outro melhor
De cabresto não acharam;
Porem não que merecesse
Que com outros s'envolvesse.

Chega o dia da eleição,
E vê-se o pobre coitado,
Mettido n'um casacão
De contratar taboado;
Tendo de crena na bola
Uma pelluda quartola.

A calça muito *sungada*,
Do brim branco transparente,
Como capa d'espingarda
Mettida em perna de gente;
Deixando ver do camello
O silvestre tornozelo.

C'os sapatos á bolina,
De *caxumbas* affectados,
Camisa de cassa fina,
Collarinhos entezados,
La vae o lorpa giboso
Todo taful e dengoso.

Pelo caminho è que sente
Que a meia lhe vae cahindo;
Para logo descontente,
Na desgraça reflectindo,
Pois o pé, o tal matuto
Trazia-o sempre de luto.

Resolve-se a caminhar,
Mais sempre desconfiado,
Consegue a egreja alcançar,
Onde chega mui suado,
E faz longa cortesia
A' luzida companhia.

E' então cumprimentado
Pelo corpo eleitoral,
Que o recebe com agrado
E com reverencia tal,
Qu'elle diz no interior:
«Como é bom ser eleitor!...

Um *corsario* de coragem
O Braz-mimoso atravessa,
Da-lhe logo uma abordagem
E o saque então começa;
Vendo assim, si obtem,
O voto que lhe convem.

«Como passa amiguinho?
«Collega do coração,
«Eu desejo o seu votinho
«Para ganhar a eleição,
«Espero ser attendido,
«Pois serei reconhecido.

«Com certeza inda não sei.
(Responde o bruto a fungar.)
«Eu não me afasto da grei,
«Pela chapa hei de votar;
«Na *listra* que *arrecebi*
«O seu nome inda não vi!

«Que tem isso? não faz mal,
«Nossa chapa está furada;
«La mesmo na capital
«Lhe arrumaram a'stocada!...
«D'esta vez temos *furões*
«Bichinhos das eleições.

Está o hemem do mato
As voltas c'o pretendente.
Quando outro candidato
Reponta-lhe pela frente.
E com fingida attenção
Lhe diz, apertando a mão:

«Como vae o grande amigo?...
«Quando chegou?...não o vi!
«Hade ir jantar comigo
«Apenas sahir d'aqui,
«Como está gordo...corado...
«Cada vez mais remoçado!

«Para qualquer dependencia
«Aqui me tem, meu amigo;
«Bem sabe, tenho influencia,
«E se deseja...consigo
«Um posto de official
«Na guarda nacional.

O matuto põe-se á rir,
Tira o lenço, a bocca tapa,
E ja sem mais reflectir
Acceita d'este uma chapa,
Olhando desconfiado
Para um e outro lado.

. . . . . .

Depois de tudo acabado,
O homem, jantar querendo,
Conhece que foi logrado
O protector ja não vendo;
E como traste servido
Ficou o pobre, esquecido.

Chega ao sitio, encafifado,
Abre a caixa, despe o fato,
Guarda tudo com cuidado
Não esquecendo o sapato;
Pois tinha ainda tenção
Dé tirar-lhe geração.

Reflectindo na massada,
E tamanha ingratidão,
Pega na foice e enxada
Vae plantar o seu feijão,
Dizendo cheio de pasmo —
Sou grande pedaço d asno!!!

Aristides.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXII.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto, — pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

A' lembrança de um amigo, raro e prestimoso, devemos um dos folhetos das razões de recurso interposto para o egregio tribunal da relação pelos reus pronunciados pelo crime de 6 de agosto.

Apezar de ser esse trabalho confiado exclusivamente ao Sr. Dr. Francisco Antonio Pereira Rocha, advogado especial do reu Castro Rebello, como o mais complicado na situação, (assim o dizem os *nobres comparsas*) todavia, por motivos que nos são estranhos, participou delle tambem o Sr. Dr. Pedro Eunapio da Silva Deiró, deixando de *commungar* apenas o Sr. Dr. Gustavo Anicoto de Souza.

Esta verdade está provada pelas assignaturas; e ainda quando não o fosse, bastava um pouco de reflexão sobre semelhantes razões para affirmal-a de um modo incontrastavel.

Não é somente a mudança de estylo que concorre para esse fim; a falta de unidade no pensamento vem mais ainda, e isso é tudo — para que essas allegações percam o valor juridico, que poderiam ter, si por ventura fossem feitas por uma só intelligencia.

Não é só em uma obra ou composição dramatica que se requer unicamente a uniformidade e identidade na acção; em qualquer defeza juridica a mesma condição se exige, e d'ahi vem que o trabalho dos dois illustres advogados não tem nexo algum, antes um dissolve os elementos do outro.

Concatenado, podendo produzir algum effeito relativamente á *subtileza* e *finura* da argumentação, disperso, como se acha, representa um monstro horaciano.

Figure-se uma coberta de dois retalhos bem differentes, um em opposição diametral ao outro, e eis-ahi o *simile* de taes razões.

Essa é a opinião geral de todos os jurisconsultos a respeito, e difficil não seria demonstral-a com toda a minudencia, si não fosse estorvo ao compromettimento que temos de analysar e sustentar os fundamentos do despacho de pronuncia.

Não ha nesse pensamento hypotheses gratuitas, nem theorias abstractas; assenta-se elle nas proprias razões; tanto assim que logo á primeira vista é facil de dizer qual o trabalho do Sr. Dr. Rocha, qual o do Sr. Dr. Deiró.

Compoem-se essas razões de cinco pontos, bem que em rigôr, não passem de dois, e quando muito tres.

Segundo a ordem nellas estabelecida, só o segundo pertence ao Sr. Dr. Deiró,

e os dè mais ao seu co-illustre collega.

O primeiro, no qual se trata da illegalidade, arbitrariedade e injustiça da prisão, alem de ser uma superfluidade que não tem nome, em extremo compromette os illustres advogados.

Em profusão foi elle ventilado, e bastam somente duas palavras para reduzil o ao seu *verdadeiro valor*.

Si a prisão foi illegal, arbitraria e injusta, porque razão os nobres advogados não requereram *habeas-corpus*?

Uma de duas: ou os reus o seus advogados, apezar de convictos da illegalidade da prisão, não confiavam na illustração e integridade do tribunal *ad quem*, ou entao tinham consciencia de sua legalidade.

Ora a falsidade da primeira é tal que não se concilia comsigo mesma, porque si a prisão fosse illegal, o egregio tribunal necessariamente daria remedio ao mal, logo a segunda é verdadeira.

D'ahi não ha que fugir.

Não finalisaremos a ligeira analyse desse ponto, sem repellir com todas as forças a aleivosia perfida e torpe, que o Sr Dr Rocha lançou sobre a opinião publica manifestada no dia 7 de agosto, dizendo que era de *moleques*, *vadios*, *ebrios e malevolos*

Veja o publico bahiano como um *bahiano*, o Sr. Dr. Rocha, avilta a seus concidadãos, dos quaes tem recebido tantas demonstrações de affeição.

Em justa represalia, tambem poderiamos dizer, que o accompanhamento dos distinctos cidadãos que seguiram os reus, em termos habeis, teve a mesma significação que as visitas sem conta que teve o *heroe das bisnagas* na côrte nos dias de carnaval.

Do expendido já se vê que o primeiro ponto podia muito bem ser dispensado.

O segundo, que foi feito pelo Sr. Dr. Deiró, versa sobre a questão de facto—isto è—de não haverem provas contra os reus

Ahi o naufragio foi completo.

O illustre advogado fez uma dissertação academica, e passou pelos considerandos da pronuncia como gato por brazas.

Admira ver os principios estabelecidos e as consequencias deduzidas; e até hoje que ainda não vimos defeza tam parallogistica e injuridica.

Recriminações vehementes e injustas affluem de todas as partes sobre o Sr. Dr. chefe de policia, de modo que mais propriamente esse ponto pode ser chrismado de uma verrina ao juiz formador da culpa que uma defeza aos reus.

Isoladamente são apanhadas cada uma das muitas circumstancias que provam a criminalidade dos reus, e d'ahi se conclue a *innocencia* dos mesmos.

Nelle ha somente uma verdade que é—que a contradição ou *divergencia* em que está o reu Castro Rebello com a mãe de seu irmão Augusto, e com sua sogra Uzel, provém de ter elle dormido fóra de casa por causa do cerco, e não por *equivoco* de alguem.

Eis como appareceu afinal a verdade, que á principio se quiz encobrir por uma mancha a uma reputação honesta.

Alem da prova circumstancial que foi impugnada como ácima dissemos, os depoimentos das testemunhas ficaram intactos, sem que sobre elles se fizesse a menor analyse.

O terceiro ponto versa sobre a classificação do crime, e diz o Sr. Dr. Rocha que os ferimentos foram simples e não graves.

Ja temos escripto muito sobre a verdadeira classificação do crime que devia ser por tentativa de morte, e não por offensas phisicas graves; e portanto nada mais diremos sobre esse ponto, que, apezar de tam discutido pelo nobre advogado, nada poude conseguir, por que a sua *opinião* cahe por falta de fundamento.

No quarto diz ainda elle que a existencia do delicto não foi provada.

E' preciso muito abusar do senso commum para se ennunciar uma parvoice destas, em vista dos differentes exames medicos que se procederam.

No quinto e ultimo, de conformidade com o quarto, conclue elle finalmente que a prisão fôra illegal por não terem sido os reus presos em flagrante, e por tanto nullo è todo o processo.

Ainda o mesmo abuso vae até esse ponto.

De todos elles, pois, em face da por demais breve analyse que vimos de fazer, bellamente se conhece que só o segundo e terceiro deviam ser ventilados; e ainda assim por outra forma.

Os escriptos do nobre articulista do *Jornal da Bahia* tem outro merecimento, e antes elles como rasões de recurso, do que as que temos a vista;

Sentimos não poder fazer uma analise minuciosa e detalhada para derrocar esse castello de cartas, que ao mais leve sopro desmorona-se.

Outro empenho é a causa disto. Temos dito.

Papeis velhos.

«Não são os empregos que honram os homens que os exercem, mas os homens são que honram os empregos—» disse—o *Mais-cedo* do *Sentinella visivel* em o n.º 33.

Pois bem; veja o publico como esse safado, negro nas acções, *honrou a fiscalisação municipal* de que era encarregado, sendo afinal expulso unanimente por ladrão.

Diario de 2 de novembro 1863.

ATTENÇÃO.

«Roga-se ao Sr. fiscal.....*Mais-cedo* o obsequio de vir restituir aos incautos de quem recebeu no mez de septembro p 7$340 de cada um, dizendo ser essa quantia para tirar licenças na camara municipal no mez de outubro; e estando este findo, ainda não appareceu, dando logar a que se mande outro tiral-as com nova despeza, e por tanto prejuiso.

Um dos prejudicados.»

Diario de 4 de novembro.

«Sr. fiscal.....*Mais-cedo*, tendo lido o seu annuncio, tenho a responder-lhe, que assim como mandou entregar as petições a diversos no dia 31 de outubro passado, as quaes estavam tam somente com o sello de 1$100 cada uma, devia mandal-as acompanhadas com a quantia de 6$240, restante da de 7$340 que recebeu.

Assim, talvez não se fallasse mais nesse sentido. Quando quizer me chame a responsabilidade.

Um dos prejudicados.»

Em vista disso veja o publico de que maneira *foi honrado* o logar de fiscal pelo *Mais-cedo*; e é um tractante dessa marca, que quer *ser rei ou imperante*, porque Joaquim Murrat, o filho de um pasteleiro o foi.

Forte desgraça!.....grande miseria!.....

Eis-ahi um dos defensores dos ladrões da *tripeça*, assassinos do infeliz *Soreas*.

E' aquelle que, fazendo o ladrão *Cavalleiro de Castro*, verter lagrimas de sangue pela caricatura a moda corvo, hoje *eleva-o* até as pontas da lua.

E' aquelle mesmo, que no dia 7 de agosto pedindo possesso nos umbraes da porta da policia vingança contra os assassinos, hoje é o primeiro a apregoar a sua innocencia e santidade.

E' aquelle, que tendo recebido de outrem, 50$ rs., ha bem pouco tempo, *para cumprir um dever de preferencia a todos os outros*, hoje em paga do beneficio atira-lhe allusões injuriosas e calumniosas.

E' aquelle mesmo finalmente, que para poder roubar dos ladrões e assassinos, foi comprometter a terceiro, attribuindo-lhe a lembrança do corvo.

Que defensor!?.....Ou o Guedes Cabungo ou o Mais-cedo!

Grande Deus! que ladrões safados e miseraveis, e mais miseraveis e safados são os que com elles se unem.

No seguinte numero apresentaremos outros papeis velhos.

«—Sr. va se embora; ha doze annos que o Sr. me faz soffrer. Va-se com Deus, que não estou procurando o que o Sr. quer.

«—Pois não lhe dou o lenço.

«—Fique-se com o lenço e deixe-me.»

—Que sujeito é aquelle que está aos detens com aquella mulher?

—Algum chilrado, sem duvida.

—Tamanha algazarra, aqui na rua do Pan-de-ló!... è falta de policia.

—Logo vi; que não podia aquillo deixar de ser babuzeira de algum *capado pequeno*.

—Capitão, o *sassarugo Calitina* cada vez está mais incommodado o desesperado.

—Que o leve o diabo!

—O relatorio, ou diccionario das ladroeiras, de sua vida tem lhe dado que fazer.

—A materia é vasta, e por isso é preciso muito trabalho e esmero para coordenar esse *infolio*, que pode ser dividido em dous volumes.

—Nessa tarefa não pensou o devasso. Julgou que o tempo era para pilheriar, intrigar, mexericar, tocar trombeta, dar o *Soreas* com *embarcado* para a America por *influencias de alguem*, e indicar quaes os ladrões da *tripeça*.

—Si so pensou nisso é um grande bobo.

—Pensou mais que a sua negra e infame chronica não viesse a prelo, taes como as ladroeiras clamorosas e iniquas do pobre ortãosinho que *não é o proggete*, e ainda do seu infeliz afilhado, filho de seu socio, o fallecido *Terrestre*.

Nisso era que elle pensava; passando vida folgada e milagrosa; não se lembrando que estas infamias, e o procedimento ingrato que teve para com a pessoa que lhe deu fortuna, credito, e bom nome sem merecel-o, haviam de vir a luz da publicidade, afim de que os homens sensatos e de brio encarem-o com o despreso necessario.

—E' patife tão chibio esse safado, que está agora *protegendo o Alexandre turvão*, para comer-lhe a *outra fructa*. *O aniceto chaves* filho ja comeu *uma*, elle quer agora a *outra*.

—Isso nãe é nada; ouça mais esta: Esse demonio do *sassarugo*, de parceria com o *diabo coxo*, foi quem mandou buscar todas ou quasi todas as joias de *certo amiguinho*, (o da duplicata das letras) e por circumstancias que esta Latronopolis toda sabe com lastima e pezar ,essas joias mesmas tem sido vendidas, ou antes dadas por qualquer nonada.

—O que ha nisso de mau?

—Escute e depois falle Em *commissão licita* dessas joias ganhou elle duzentos por cento, não só do *amiguinho*, como do certo titular para um casamento, de cujo trabalho tambem foi encarregado.

—A culpa ahi-não é delle, é dos tolos por se confiarem em um ladrão.

—Vou acabar por causa de seus apartes, e então quero ver o que me ha de dizer. Essas joias assim impingidas ao *amiguinho* por dezenas de contos de reis, com o maior abuso da boa fé de quem as pagou, hoje o ladrão do *sassarugo*, por um dos seus emmissarios, as está comprando com o maior descaro por qualquer meia duzia de patacas.

—Oh!... isso é infame. Muxingueiro, ja e ja va intimar ao *sassarugo* que traga o relatorio para applicar-lhe a pena que merecerem seus crimes. E' de mais; roubar assim so no inferno.

APONTAMENTOS

para a chronica do Cavalheiro de Castro que tem de ser publicada pelo Anjo dos Bonecos.

O tractante *zanaga* diz que quando sahir da cadeia, tem que ajustar contas com quem escreve estes artigos para o *Alabama*. Isso é o que queremos, safado; e só sentimos que não saias tão cedo, para melhor patentearmos as tuas ladroeiras, á ver si por esse modo deixarás de roubar.

Quem souber que esse ladrão, para embair os incautos, e *apregoar-se innocente*, mandava ou procurava mandar levar penhores ao pobre *Soreas*, para ver si este dava alguma nota das de dez do governo, cor de telha, roubadas a *tripeça*, quando ellas foram vendidas pelo ladrão por intermedio de um corrector tão amigo e *leal* aos ingleses com o premio de cinco e seis por cento,—desespera-se de ver tanto cynismo e degradação na especie humana.

Ainda mesmo ladrão, que a fatalidade, que persegue o infeliz *Soreas*, fizesse que em suas mãos apparecesse alguma das de dez do governo, cor de

telha, que roubaste á *tripeça*. isso não seria indicio do crime, nem signal de oppulencia; e ninguem acreditaria que aquelle, que tem dado tantas e tamanhas provas de honradez, fosse o ladrão, e tu, e mais deshonrado individuo que piza nesta infeliz terra, fosses innocente.

Porque rasão, miseravel, não tinhas o mesmo *interesse* de descobrir as de 500$ rs. e so as de dez?

Era que aquellas tinham passado da *tripeça* para a tua algibeira, e desta em 6 de dezembro 100 contos, e em 15 mais 50 para as mãos do dono das letras da *thesouraria universal*.

Na primeira data estava de semana na *tripeça o burrão do Moinho*, e na segunda tu e o *Annanavi patacão*.

Por ahi ja se vê, como foram dispostas as cousas, e ainda mais a *embirrancia* do ladrão só pelas notas de 10$, das quaes furtou 56 contos, vendendo-as para fora da provincia, e não pelas de 500$, das quaes furtou 210 contos, e que alem dos 150 dos descontos serem compostos quasi no todo desta especie, ainda mais 40:500$ da mesma metteu-os em conta corrente na *tripeça*.

De modo que *Soreas* só seria o ladrão se apresentasse notas de 10$ e não de quinhentos.

E' até onde pode chegar a safatez.

Esta embaçadela e pomada, calva como a luz meridiana, é egual á *justificação* que elle quiz dar ao dinheiro, que precisou metter no vacuo do cofre geral, *mostrando letras e mais letras para comprovar, que esse dinheiro sahiu da provincial, emprestado pelo caporro*!

Que cabeça de ladrão!?.....

E onde fica agora a escriptura de hypoteca *do dinheiro dado em dezembro para precisão urgente*, em que tu, *zanaga*, mettes de permeio um cyrineu, que teve o descaro de dizer publicamente que a opinião publica accusava *Soreas* de ser o roubador, quando alias a opinião publica corrente, justa, imparcial e sem desvio, sempre deu como taes a um seu parente e ao referido *zanaga*?

Tractaremos disso em outra occasião.

MEZ DE MARIA

Foi festejado pela 1ª vez com a decencia possivel, o mez de Maria na Freguezia de Nossa Senhora dos Prazeres da comarca do Inhambupe, sendo extraordinaria a concurrencia dos fieis devotos da Santissima Virgem; terminando a festividade no domingo 6 do corrente com uma missa de guardião, distribuição de rozario e veronica.

VARIEDADES.

Jogando certa pessoa, e estando o bolo dobrado, perguntou outra, que se queria fazer, si podia ajudar rei de copas? respondeu quem o tinha, que não. Então acodiu outro dizendo: «Si cavallos ajudam, ajudo eu.» E mostrou quatro cavallos que tinha nas mãos.

Indo um clerigo para dizer missa, e não achando quem o reconciliasse, fez um acto de contricção diante de uma imagem de Christo, dizendo: «Perdoae-me, Senhor, pelas Chagas de Christo.

ANNUNCIOS.

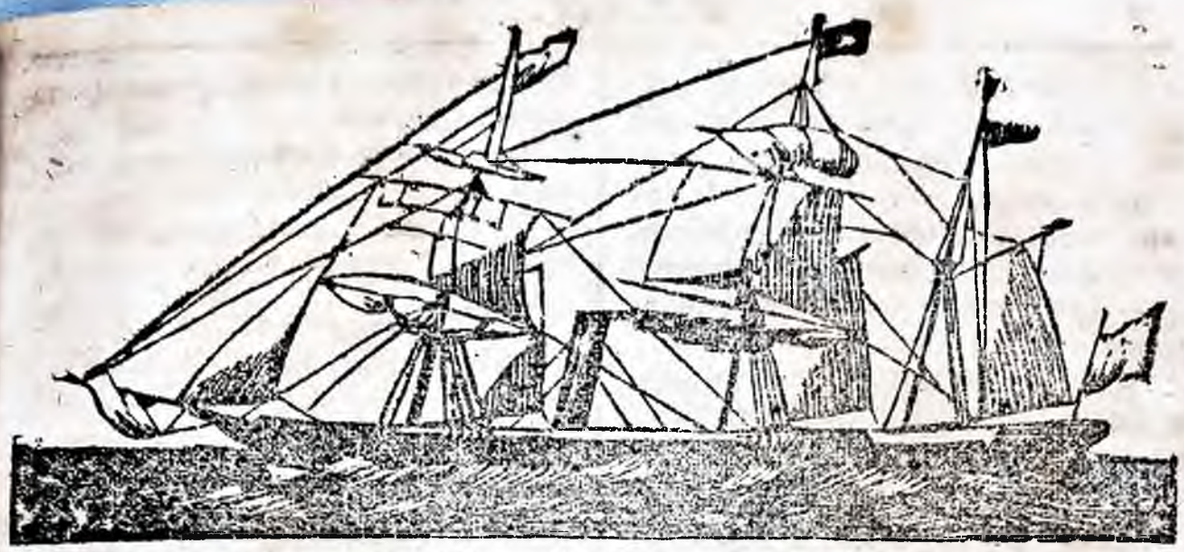
Na loja n.º 15 ao Taboão, deseja-se fallar aos seguintes Srs.

Raphael José Vieira.
Francisco Antonio de Araujo.
Antonio Matheus da Silva.
Marcelino Libanio de Almeida.
José Joaquim da Silva.

PROCISSÃO DE S. BENEDICTO

Por um imprevisto acontecimento foi transferida a procissão de S. Benedicto ao cemiterio das Quintas para domingo 20 do corrente, e de novo convida-se a todos os irmãos e devotos a accompanharem a Santa Imagem ate o referido logar.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 19 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 28.ª—N. 275

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Itapitinga, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de outubro de 1867.

Não houve expediente.

—Não se pode comer carne fresca estes dias; faz nojo!

—Eu ca prefiro o infallivel *chico prompto* e a competente *jabá*, a metter no buxo semelhante lazeira

—A carne, antes do meio dia, fede como carniça.

—Dizem que aquillo é gado de *risco*, que se está matando á toda pressa para não perder.

—Não sei do que serve um batalhão de empregados que tem o matadouro, absorvando uma exorbitante quantia, si o povo continua a comer carne magra e doente!

—Na terça feira, entrei por accaso no matadouro; principiava o processo de esfolar-se o gado; a quarta rez era uma vacca; no acto do magarefe metter a facca para abril-a, não houve quem podesse supportar o fetido de uma aposthema que rebentou do ubre,

—E viria para o consummo?

—Quem lhe poderia responder era o superindente si estivesse presente, mas infelizmente elle lá não estava; apenas vi dous sujeitos; um me disseram ser o dono do gado e o outro empregado do matadouro.

—E o medico?

—Pode ser que estivesse na casa, menos alli.

—Eis como são as cousas! Nessa occasião é que sua presença é indispensavel, bem como a do chefe da repartição ou de pessoa de sua confiança!

—Orá adeus! Que perde certa gente, que todo este povo basbaque leve a breca de diarrhea?

—A que miserrima indigencia chegou este desgraçado Brazil! Ja os poderes do Estado esmollam de porta em porta!

—V. de vez em quando, sahe com uma propria mesmo de sua cacholla.

—Não é invenção minha, está em letra redonda.

E' o *Diario* quem diz:

«MARANHÃO.—A camara municipal «da capital pedia por portas para o «emprestimo nacional.»

—Estou ja de viola no sacco; agora resta saber si pedo pelo amor de Deus.

—Uma novidade, capitão?

—Vamos a ella.

—Certo supplente de subdelegado, que ha pouco largou a vara, raptou uma moça.

—E' essa a novidade? Uma cousa tão charra?

—Mas uma authoridade? O escandalo duplica.

—Isso è o menos. Quem é elle?

—Não sei; mas o caso deu-se na freguezia dos *Sanhaços*.

—E a moça sabe quem é?

—Tambem não.

—Vem V. com umas informações phosphoricas, sem principio nem fim.

—Mas que quer V. Ex., eu estava na rua de S. *Rafael*, no cimo da *rocha* a tomar meus pileques de *biter*, e *eúrto* da vista como fico, quando estou na porrinheira, não pude bem apreciar o negocio.

—Pois tem tres dias para esmerilhar isso pelo miudo.

—Sabe d'uma nova?

—V. dirá.

—O Bota de Prata está com honras de chefe de policia.

—Só si é do cerol e tira-pé.

—Não Sr., os guardas de Brotas recrutam a noite e levam á elle para julgar da aptidão e idoneidade do recrutado.

—Esta é sua! O batalhão da freguezia de Brotas recrutando na Sé.

—Esta se admirando? Livre-se que elles lhe deem o garra, que ha de passar uma noite ao menos no chilindró.

—E' preciso fazer um vehemente appello ao Exm. Sr. presidente da provincia

—Sobre que asumpto?

—Da desregrada e inconveniente maneira por que se *recruta para a guarda nacional*.

—Tambem se recruta para a guarda nacional?

—Está V. se fazendo de innocente! Não sabe que, desde a presidencia do Sr. Dantas, semelhante abuso ficou introduzido na Bahia?

—Então cale-se porque o custume faz lei?

—Porem é preciso pôr termo aos escandalos e excessos praticados pelos encarregados de tão inaudicta caçada.

Onde ja se viu, para recrutar-se, ser preciso andarem os soldados á noite de pés no chão, com as fardas enroladas debaixo do braço, á laia de moleques capoeira?

So nesta desgraçada terra, onde ha gosto em se atterrar a população.

Prende-se, e pela mais leve observação que faça o preso é espancado!

Enboscam-se nos corredore das lojas e apagam os candieiros, para, á especie de *capitães do mato*, melhor investirem sobre a descuidada presa; succedendo por isso quebrarem hontem á noite um candieiro de gaz em uma loja ás Portas do Carmo.

De nada vale andar-se munido de documentos provando isempções, porque não se é attendido!

Os accendedores do gaz, os carroceiros da limpeza, são agarrados quando desempenham suas obrigações!

Os batalhões sahem de suas freguezias e vão commetter tropelias em outras.

—Tudo que V. diz é muito justo, porem mais urgentes são as circumstancias excepcionaes em que acha o paiz.

—Porem não authorisam que se commettam arbitariedades.

—Em fim, faça seu appello.

A PEDIDO.

Sr. Redactor.—Entrego á V. para ser publicada pela primeira vez, a seguinte carta e-recibo, que Antonio Rodrigues de Macedo, fiscal demittido pela camara municipal, *não sei porque motivo*, dirigiu ao Sr. commendador Joaquim Pereira Marinho.

Estranho a essa agitação da imprensa que ultimamente tem apparecido, sem razão justificativa, julgo pres-

tar um serviço ao publico pedindo e obtendo a publicação desse *papel*.

Sem commental-o, eil-o:

«Illm. Sr. Commendador Marinho.

«—E' por sem duvida, muita audacia, «ou por outra, muita sem cerimonia «minha, em querer arrogar um cre- «dito que longe está de V. S. o conhe- «cimento delle, porem como tenho con- «ciencia do que sou, e creio que nem «um homem, que presa sua honra, seja «capaz de chafurdar-se no immundo «lodaçal do descredito e ignominia por «qual motivo, por isso incisto dizendo, «que me arrojo a pedir-lhe 50$ réis «para fazer a irremediavel dispeza, de «preferencia a todas quanto posso fazer «de transportar para a cidade minha «familia que ha 3 mezes se acha em «banhos salgados em Itapagipe, cuja «quantia no fim do mez a pagarei.

«Sou

«De V. S.

«Attento, obrigado e creado

«S. C. 19 de março de 1867.

«*A. R. Macedo.*»

— —

«Recebi do Sr. Commendador Joaquim «Pereira Marinho a quantia de cincoenta «mil réis, constante da presente carta, «sujeitando-me as clausulas nella es- «tipuladas.

«Bahia 23 de março de 1867.

«*A. R. Macedo.*»

Tendo apparecido no seu conceituado jornal a carta de um tratante, para não confundir-se com essa, é ainda o motivo porque peço a sua publicação.

O Sentinella.

—Assim é que as vezes succede tantas desgraças por causa da malicia de um homem.

—Assim tambem é que quasi sempre V. me vem empatar o tempo com banalidades.

—Banalidade! Um facto do qual podia resultar a morte de quasi uma familia, é banalidade?

—O que foi então? Algum envenenamento?

—E' verdade; obra da *malignidade* daquelle velho do *Carmo*.

—Então elle quiz propinar veneno á alguem?

—Eu lhe conto. Na ladeira do *Escuro* mora uma familia, cujo quintal dá para o *pomar* do velho do *Carmo*,

Como os animaes não tem saber, succedeu que uma gallinha voasse para o *pomar* do babaquara, que teve a perversidade de dar-lhe um bolo de pirão envenenado.

Os famulos vendo o bichinho triste, passaram-lhe a faca e iam dar com elle na panella, quando por accaso reconheceram que estava envenenado.

—Quem tem creação deve trazel-a presa para não incommodar os mais.

—Mas si a tempo não se descobre o envenenamento, não era uma desgraça, irremediavel talvez, por causa da indole má de um homem?

—E' d'agora em diante terem mais cuidado, para que as gallinhas não vão beliscar as bringelas do velho.

—Elle sempre foi de más entranhas; veja aquelle caso da cria do Aras-cujo.

—Bem; si deu seu recado empine-se, deixemos de puxar fundamentos.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXIII.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Por todas as partes chovem accusações contra o Sr. Dr. chefe de policia por ter pronunciado os reus do crime de agosto.

So o *foveiro do Interesse Publico*, unico ganhador *de partidas dobradas*, é que sabe conciliar ambas as coisas pela realidade do lucro: e assim é que defende tanto o Sr. Dr. chefe de policia como os reus.

Andar assim é bom andar.

Faz excepção em tudo aos demais defensores: 1.º—por que, tendo escripto

27 *scenas* sobre o *drama do banco*, ainda não fez a menor analise ao processo, que para elle está virgem; 2.º—porque, ao passo que os outros, sem discrepancia, accusam de morte a authoridade e defendem os reus, elle, mui lampreiro, defende a ambos

Sempre esse *individuo* contra a regra geral da humanidade, e contra a ordem natural das coisas!

A questão principal e unica é saber — si os reus são ou não os authores do barbaro crime prepetado na pessoa do infeliz João Soares; e eil-o, que abandona tudo isso, ladeia do ponto controvertido, e diz que *elles não foram os ladrões do banco*.

Que extravagancia de defeza!

Dizendo— que *não foram elles os ladrões do banco*, mas sim um *estrangeiro* por elle conhecido, a extravagancia topeta ao excesso de guardar o incognito, apezar das provocações as mais directas, e mesmo insultuosas, que lhe temos dirigido sem rebuço, nem receio.

A coisa alguma o animal se move; impassivel a tudo, é certo que soffre de completa anesthesia moral.

Por tanto, depois de tudo quanto temos dito a respeito, loucura seria dizer mais alguma coiza em ordem a obrigal-o a declarar o nome desse *estrangeiro*.

Deixemos o paralytico de sentimentos em sua enfermidade chronica....

O illustre articulista do *Jornal da Bahia*, depois de ter em vão procurado, como ja demonstramos, attenuar ou justificar a contradicção em que está o reu Castro Rebello com a mãe de seu iamão Augusto, e com sua sogra Uzel pelo uso da condicional—si no 13.º considerando da pronuncia, principia por occupar-se do interrogatorio de João Soares, e quer *aliunde*, quer pelo processo, faz algumas considerações.

Accompanhando-o sempre *pari passu*, e nem havendo motivos para abandonal-o, vamos refutar essas considerações.

A authoria do crime de agosto não é provada pelo interrogatorio do offendido, e nem elle só e isolado poderia fazer prova contra alguem.

A imparcialidade e verdade, que temos tomado por norma nessa longa serie de artigos, continuarão ate a final; porque, para demonstrar á evidencia a criminalidade dos reus, não é preciso usar de subterfugios e argucias, sofismas e absurdos.

A queixa do offendido em todas as partes, sem excepção de uma só, foi sempre considerada *res probanda* e não *probata*

Por tanto, si o unico fundamento da pronuncia fosse esse interrogatorio, nada mais arbitrario e injusto, illegal e iniquo.

Mas assim não é; e tanto verdade que o nobre articulista, ja tendo escripto, (até esse ponto) onze longos e estirados artigos impugnando a mesma pronuncia, só agora é que se lembrou do interrogatorio.

Era que muita coisa anterior havia que o demorou por tanto tempo, e ainda haverá posterior, porque a sua missão não se acabará pela refutação desse auto do processo. E si não nos falha a memoria, julgamos ate que os ultimos artigos do honrado defensor ja transpozeram essa parte.

Muito embora no processo não haja prova visual, todavia ha a circunstancial de mais difficuldade em ser illidida, por não se poder attribuir-lhe a *illusão da optica*, como se quer attribuir ao interrogatorio.

A prova circumstancial é uma cadeia cerrada e indissoluvel de indicios e presumpções, reaes e positivas, cujo ultimo elo esbarra na descoberta certa e inevitavel do verdadeiro criminoso.

A comparação, que traz á frente o nobre articulista dos dous attentados de dezembro e agosto, em relação ao interrogatorio é má para a causa que tam surprehendentemente advoga.

La não houve prova alguma visual ou circumstancial contra João Soares, a não serem as vozes suspeitas dos reus, que, por motivos de *interesse*, fizeram que se commettesse aquella ar-

bitrariedade inaudita do ser encarcerado um cidadão por mais de 30 dias sem nota de culpa, nem formação do processo. E tanto que, á despeito de todos os empenhos contra esse infeliz, foi elle posto em liberdade; e a policia, ouvindo o echo justo e ruidoso da opinião publica, mas tardiamente, empregou certas diligencias e espionagem contra os reus, deligencias e espionagem, que elles por astutos frustraram *com esse empenho excessivo de honra para descobrir o ladrão do banco.*

E' assim que, dizem elles, marchavam de commum accordo e harmonia com a policia, a quem participavam dos *meios finos, estrategicos e argutiosos, repellindo sempre os violentos.*

Aqui, embora não houvesse a visual, que poderia ser *um prisma optico*, ha a circumstancial com uma força espantosa, ante a qual não foi possivel recuar, apezar de serem os reus, não um ex-porteiro, pobre e desprotegido, *mas um tenente coronel, influencia eleitoral; um commendador rico, e um negociante deputado do tribunal do commercio riquissimo: todos em fim de posição elevada, dispondo de amigos prestantes e poderosos.*

Segundo a fraqueza commum á humanidade, em qual dos casos, *a catarata da justiça devia embargar-lhe mais a vista?*

Que respondam todos os que tem visto, infelizmente muita vez, o que é a lei para o pobre ò fraco, e o que é para o rico e poderoso.

Do expendido é obvio que a comparação, *ex-adverso* apresentada, é má; porque lá foi Soares preso, tendo unicamente contra si as vozes dos reus, pelo que, reconhecida a sua innocencia, foi posto em liberdade, depois de indagações as mais minuciosas e pesquizas as mais accuradas e vigilantes; aqui, não é só a voz de Soares que se faz ouvir, que por certo não seria ouvida, si fosse só; mas a prova circumstancial, forte pelo numero e pela convicção, que demonstra incontrastavelmente a criminalidade dos reus,

Eil-a: o *empenho honradissimo* dos tres reus, d'entre nove ex directores, para vigiar os passos de Soares, dando parte á policia, unicamente para desviar as suspeitas; a lembrança proposta pelos reus á mesma policia em nome do *alguem* para o emprego de meios violentos, e logo por elles repellida, afim de que quando o crime apparecesse terem essa defeza; o logar do crime ser a casa do moinho, dependencia da habitação de Castro Rebello; os cavallos que por mais de um mez mandava buscar á companhia de vehiculos economicos, sem que até hoje declarasse, com plausibilidade ao menos, o fim para que os queria; a recusa formal de carro nem boleiro; a negativa obcecada de occultar ainda o nome do boleiro, que guiava o carro ou para *os passeios de familia*, segundo dizia a Cornelio Cezar, ou *talvez para extravagancias de alguns amigos*, como ultimamente disse ao Sr. Dr. chefe de policia—contradicção manifesta; a postada do carro no largo do Accioli; a prevenção que teve Soares de alguns amigos; as reuniões que haviam a noite em casa de Sampaio Vianna; os instrumentos do crime, como cordas, anginhos, algemas, etc., que foram vistos em sua casa; a frequencia inusada de Castro Guimarães sempre á noite nestes ultimos tempos na cidade alta; a conversa premeditada de Coelho com Soares, até então seu inimigo, evitando até que alguem os visse e observasse; o soccorro que prestou empurrando-o para dentro do carro, e traiçoeiramente gritando—não consinto; o apito que trazia comsigo para livrar-se da responsabilidade do crime; a dependencia em que está para com algum dos reus, seu fiador no emprego que exercia no banco; a denuncia á policia pelas consequencias que lhe podiam provir; a dormida do reu Castro Rebello fóra de casa na noite do crime; a contradicção em que está com a mãe de seu irmão Augusto e sua sogra Uzel, relativamente ao logar em que dormira; o facto de não ir para a casa logo pela manhan, porque sabia que estava cercada; a estada no porto de um vapor

americano que largava ferros na noite do crime, para com fundamento poder acreditar-se na fuga; a vinda nessa mesma noite de Castro Guimarães para a cas de Sampaio Vianna; e finalmente o interrogatorio do offendido que coincide perfeitamente com a proposta quo fizeram os reus á policia, repellindo-a logo, e dizendo ser de *alguem*, e o mais que minuciosamente consta dos autos, —tudo isso foi que serviu de base para a pronuncia, e não o simples interrogatorio do offendido.

E tanto assim, que si a unica proua fosse elle, o processo não seria improcedente para Rozendo, contra quem só havia o reconhecimento de Soares.

Devendo o juiz fundamentar a sua decisão unicamente pelo allegado e provado, sem que possa manifestar outra convicção que a resultante da prova, por isso foi mandado pôr em liberdade Rozendo, si bem que em consciencia tenhamos tanta certeza de que fôra elle um dos authores do crime como da existencia propria.

A pronuncia, pois, não apoiou-se no interrogatorio, como diz o nobre articulista, mas sim nessa grande cadeia da prova circumstancial.

E' preciso desconhecer a insolente arrogancia, a stulta e fôfa altivez, do reu Castro Rebello, e as suas altas façanhas, para que se ponha em duvida as memoraveis palavras que dissera á Soares—*Has de dizer quem é o ladrão do banco, e onde está o dinheiro furtado; quando não, darei cabo de tua vida; aqui não has de representar as scenas comicas do 3.° andar do banco*, (palavras que já tinham sido proferidas pelo reu Castro Guimarães) *etc., etc.*

Não foi uma *illusão acustica* o reconhecimento da voz de Castro Rebello por Soares; não só, porque lidando com elle por muitos annos, devia estar muito certo da inflexão e timbre de sua voz, como ainda, porque sendo o seu fim matar a infeliz victima, pouco se lhe daria que ella reconhecesse ou não a sua voz, visto como ao depois de morta não denuncial-o hia.

Por ahi já se vê tambem que a intenção dos reús era matar, o que não fizeram por motivos imprevistos e independentes de sua vontade—que foram a denuncia do Lopes mexicano—Coelho, e o cerco em casa do Castro Rebello, do qual tiveram logo noticia. E ainda assim só abandonaram a victima, na persuasão firme de que era impossivel a salvação.

Eis ainda uma das provas da tentativa.

Porque razão essa *illusão acústica* não referiu se a nenhum outro ex-director, e sim a Castro Rebello contra quem as provas no processo são a mais não desejar?

A venda impede unicamente o effeito dos orgãos visuaes, e não dos auditivos.

Não é o atadilho que a prende a nuca, capaz de ensurdecer ou de fazer que não se reconheça a voz com a qual constantemente se lida.

Isso è o que a experiencia se encarrega de demonstrar; e não serão essas falsas apreciações, que poderão innocentar os reus.

Conseguintemente, fica fora de duvida que o interrogatorio de Soares fosse a causa da pronuncia, tanto que Rozendo foi mandado pôr em liberdade, e nem que houvesse *illusão acustica* no reconhecimento da voz de Castro Rebello, assim como não houve *optica* na pessoa do referido Rozendo.

Proseguiremos.

—Capitão, um serviço da maior utilidade vou eu prestar a essa provincia.

—Diga-o sem demora. Casos taes não admittem perda de tempo.

—Vou, nada mais, nada menos, livra-la de uma epidemia, que poderá ser o cholera-morbus ou outra qualquer.

—Que trapalhada está V. fazendo. Em que parte sonhou com epidemias para estar empazinando-me?

—Sonhei não; é a realidade preventiva que faz com que peça a applicação de certas medidas.

—Si é negocio de applicação de medidas, va ter com a assemblea provin-

cial que está aberta, o não tarda a encerrar se.

—Que bella lembrança! mas como não tenho merecimentos para fallar com ella á viva voz, peço a V. Ex. que faça chegar até ella esse meu projecto.

—Sendo bom e de utilidade publica empregarei os esforços necessarios.

—Eil-o, ja prompto de redacção para livrar a commissão respectiva desse trabalho:

«A assemblea legislativa provincial resolve.

«Art. 1.° Fica desde ja creado um novo cemiterio na fazenda do Garcia afim de serem sepultados os milhares de cadaveres das victimas que tem de ser sacrificadas ao furor dos assassinos de agosto.

«Art. 2.° A engenharia *bagiana* será incumbida da planta desse cemiterio, assim como da compra do terreno ao *proprietario, o barão do moinho.*

«Art. 3.° A obra será feita por administração de tres membros, sendo preferidos o Ernesto botijão, o sassarugo Calitina e o diabo coxo.

«Art. 4.° Revogam-se as disposições em contrario.

«Salla das sessões da assemblea em 21 de outubro de 1867—*Mais-cedo, Guedes Cabungo e Almeida trovoada.*»

—V. está cassuando commigo.

—Qual cassuando; si V. Ex. vir a lista dos que tem de morrer, reconhecerá que os cemiterios existentes não chegam para tanta gente.

—Vá capar porcos.

—Faça V Ex o que quizer; ja apresentei o projecto, ficando-me unicamente a consolação de ter cumprido o meu dever.

—Homem, deixe-se disso Porque o assassinato em Santo Amaro ficou impune, V. pensa que outros hão de repetir-se?—engana se.

—Destes enganos é que eu não quero.

—Ninguem mais tem medo desses assassinos; e a prova veja que ninguem delles faz caso.

—Então ja acabou se o tempo *de costas quentes.*

—E' verdade, tanto que elles ahi estão na *chaine*, e de la não sahirão senão depois que *purgarem* o assassinato, (ou tentativa) que practicaram no *Soreas.*

—Em vista desses argumentos tão fortes e concludentes, faça V. Ex. o que quizer.

—Está dito.

—Então o projecto cahiu?

—Vai-se embora.

—O *aniceto chave filho* e *genro*, assim como o velho safado pae e sogro, são agora os protectores ostensivos do *turvão*, cuja typografia foi comprada por *favores* a...do Almeida.

—O cynismo desses dous tractantes chega ao ponto de mandarem insultar seus bemfeiteres, e aquelles a quem devem o poderem andar de camisa lavada.

—Isso é verdade

—Quando não, jamais passariam do que são hoje os filhos do tio da chave, H. J. F. e os genros deste, com quem o desmoralisado e devasso velho estava associado, e cuja sorte seria ainda peior sinão fosse o homem que hoje, e desde muito tempo, insultam.

—Como sabe dessas coisas?

—Podera não, pois si a habilidade do devasso so servio para ser digno da *mariquinhas varoneza do Taboão*, o que mais quer.

—Entao é justo, que já que gosta tanto do *trovoada*, não se arrecie dos coriscos.

—Vamos a elles sem perda de tempo.

—O *aniceto chave* filho e genro, recebendo tão *boa* educação do devasso sogro e pae, foi daqui molecote para Lisboa, e logo que entrou no collegio distinguiu-se por *altas façanhas e cavallarias.*

—Ja soube que era muito descarado e relaxado.

—E' verdade. As pessoas, a quem foi entregue o brejeiro, disseram logo, que era impossivel que elle não pertencesse á alguma raça damninha.

—E tão damninha, que não deixava

coisa que valesse a pena nas algibeiras dos collegas.

—E quando não era assim, o dinheiro dos pobres companheiros roubava elle em rifas o loterias, ganhando sempre com prejuizo dos outros.

—Furtava e vendia ate a roupa dos mesmos; finalmente ja d va mostras em tão curta idade do que havia de ser hoje.

—V. ja sabia de tudo isso e estava fazendo-se ignorante, admirando-se de como eu sabia tanta cousa.

—Queria ouvil o primeiro.

—Então va ouvindo.

—O ladrãosinho em pequeno ja dava mostras do que havia de ser hoje, como eu dizia.

E' assim que, ainda na verdura dos annos, vemol-o com amigas: casas de negocio sem sciencia do pae e sogro; comprando generos e embarcando em nome de outros a consignação de casas em Lisboa e Porto, alheias a elle para não se saber

—Então sendo, como é, elle socio do safado pae, este procedimento denota que elle rouba ao proprio pae.

—Tao certo como 3 e 2 serem 5. O roubo é em grande escala, e se me provocarem, direi, sem papas na lingua, os generos, os navios, as casas a quem foram dirigidos, e os nomes dos individuos que serviram de capa.

—Si ha de ser amanhan, seja logo hoje.

—Não tenha tanta pressa; assim como ha *trovoada*, haverão coriscos e raios. Temos que tractar tambem da historia de dous escravos que o velho safado comprou a um *carne secca* como procurador de um homem dos Ilheus, que tendo africanos dos dados ali pelo governo, metteu os á bordo de navios, como captivos.

—Desta não sabia eu.

—Ficará para ao depois.

—Supponha que o Sr. era inspector d'alfandega.

—Eu? Quando é que hei de ser inspector d'alfandega em minha vida?

—E' uma comparação.

—Como é comparação, va.

—Supponha que o Sr. era inspector d'alfandega e que eu sou um particular que lhe venho contar, que em uma *sexta feira* ja *passada* ia um saveiro remando *á vinte* carregado de contrabando e que uma *ronda* aprisionando-o, contentou-se em tomar o roubo e receber uma *esportula* para deixar ir em paz o saverista e mais quem ia dentro, pergunto eu, se a comparação fosse verdadeira o que fazia?

—Eu, em primeiro logar tratava de saber quem era o *rondante*, e depois dava providencias adequadas.

—Isso é que eu queria saber.

VARIEDADE.

A TEMPESTADE.

Do espaço nas trevas enro'am-se as nuvens;
E' noite, a procella rebôa no ar;
No ceu as estrellas escondem-se rapidas;
Ha sombras na terra, pavores no mar.

E o mócho agoureiro, no lugubre pio
Quebrando o silencio que a prece conduz;
Da morte no baratro voa, gemendo,
E pousa, sinistro, no cimo da cruz.

Nem tenue reflexo de luz bruxoléa;
A praia envolveu-se de luto n'um veu;
E as vagas chocando-se em furia, ruidosas,
Espalham nas grutas medonho escarceu.

Alem, pequenino batel, fugitivo,
Devora a distancia correndo veloz;
E o bardo que ha pouco cantando, remava,
Se prostra, vencido, sem forças nem voz!...

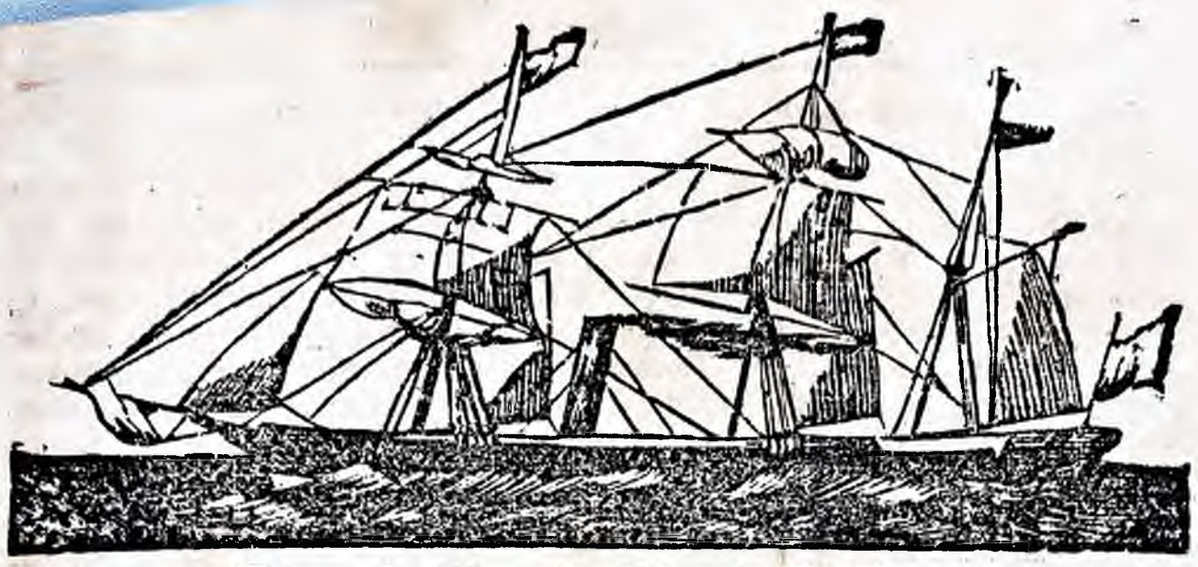
Depois...um estalido surdo resoa!...
O bote vacilla...e na vaga afundou'!...
E o pobre barqueiro que o leme guiava,
Ja mais uma trova de amores cantou!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Assim é a vida—procella terrivel,
Abysmo insondavel, funereo pavor;
Depois... envolvido da campa nos gelos,
Vagueia uma sombra das trevas no horror!

Leoncio.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 22 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 28.ª—N. 276

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, se andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 Fries, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de outubro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, participando-lhe que em um dia da semana passada, na baixa dos Sapateiros, foi mordida a cria de uma vacca de leite da cocheira que foi do finado Dr. Alves, á Estrada Nova, por um gato furioso, o qual só largou a presa depois de morto; e sem o menor escrupulo, se continua á expor a venda o leite da referida vacca, na porta da venda do Thomaz, por baixo do Dr. Araujo, ao Pelourinho, com a desculpa de que o gato não estava damnado. Na duvida, e no interesse de prevenir incalculaveis males, pede-se a S. S que interponha o recurso de sua autoridade, afim de que o povo não continue a comprar um alimento, que lhe pode ser immediavelmente nocivo.

—Aqui tem uma brilhatura, um exemplo de presciencia governamental.

—Venha lá isso, não é cousa que se perca.

—Ouça

«EXPEDIENTE DO GOVERNO.

«*Requerimentos despachados no dia* 15.—Maria Francisca da Conceição, viuva de João Gonçalves Palmeira; solicitando o prazo de 20 dias para documentar a isempção de seu filho Antonio Gonçalves Palmeira, recrutado para o serviço do exercito.—Será solto, si pelo exame medico for julgado incapaz do serviço.»

—Até ahi morreu o Neves. Um despacho destes equivale a dizer—quem não anda, está parado.

—E ainda que elle tenha cincoenta mil isempções, si os medicos não disserem que não serve, ha de ir se rebolindo para o Paraguay.

—E' que todas as mais garantias estão suspensas.

—Si não é isso, conferiram á medicina a atribuição de resolver duvidas, negar e fazer justiça a quem tiver.

—Nesse caso, amanhan podem mandar um bacharel fazer parte de uma junta de inspecção.

—Aqui está um projecto de summa utilidade á provincia.

—Qual é elle?

—O de n. 903 concedendo um emprestimo de 2:400$ rs. ao bacharel Aristides Galvão para estudar na Europa.

—Nas circumstancias actuaes é o resultado do mais acrisolado patriotismo dos nossos dignissimos.

—E mesmo pelo proveito que se tem tirado desses estudos na Europa.

—Meu charo, si não fossem as sinocuras, não haviam afilhados.

—Conhece aquelles dous birbantes?

—Um è o *Luiz Tacão.*

—E o outro?

—E' um melcorio cuja *fortuna* tem adquirido lá pelos Cobertos.

—Vê que procedimento daquelles dous garotes?

—Aquillo só a taca; eu estou revoltadissimo.

—Havia de dar a impiedade ou bebedeira daquelles dous brejeiros, para virem ao templo do Senhor, chasquearem dos actos mais puros e santos da religião e aquillo em resonantes gargalhadas!

—Eu só estou como os terceiros do Carmo toleram aquellas phrases incivis e porcas, aquellas chacotas insolentes e impuras, que os dous mdecotes barbados pronunciam em voz clara e perceptivel mesmo á face delles!

O *Tacão* aponta para os frades e nomeia as amazias de cada um e quantos filhos que elles tem destas.

O da *fortuna* faz observações a respeito com chufas obscenas.

—E concluem que vão ao templo, porem não crecm naquellas patacoadas.

—Está claro, que quando entram na egreja è para praticarem o escandalo, que estão fazendo aqui na Ordem terceira do Carmo.

—Ah! safados, si houvesse quem com um bom relho os enxotasse dahi para fora, não estariam a zombar dos actos da religião, que ninguem os manda acreditar, mas que tambem não estão authorisados a impunemente menoscabarem.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXIV.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

O *foveiro do interesse publico* está litteralmente *desapontado.*

A' diversas pessoas tem dado a paternidade destes escriptos, e, reconhecendo sempre a temeridade do juizo que avançou, procura outra victima, só para saciar o desejo ardente de intrigar e calumniar.

Ja nos chrismou, até, *de pobre e inexperto moço, a quem as precisões da vida, a penuria, a fome, a nudez, a miseria com todo o seu lugubre cortejo, armaram com o ferro do sicario contra aquelles que, ainda ha pouco, davam-lhe o pão!*

Forte massa de ominosa inventiva.

Que os reus, pela ambição famelica de riqueza, nos arrancasse mesmo a ultima camisa do corpo e o pão da boca—é o que não causa novidade a quem os conhece; mas que nós, em tempo algum, recebessemos um ceitil de favores desas creaturas—é o que admira a todos que vêem a distancia que nos separa.

Verificada a aleivosia, eis que o *foveiro ou rajado*—elle o mendigo da vida, sobre quem as vicissitudes acenam com o maior imperio, cançado de tanto errar o alvo, reporta-se aos bastidores, e ahi continua a representar o seu—*prosegue o drama do banco.*—

Não fazemos misterio de nossa pequenina e humilde individualidade. As *bravatas* dos reus não nos incutem receio

Vejam a prova.

Em missão especial de um delles, tivemos a visita de um *potentado*, no-

vo Mercurio, ou fraudulento corrector da compra de consciencias. O seu fim, nada mais, nada menos, foi pedir a cessação desses escriptos, e para obtel-a fallou mais que Demosthenes nas onze Philippicas, promettendo *mundos e fundos*—as minas de Potosi.

Coitado!.....Sem esquivar-nos de dizer a verdade, com a soberania do maior despreso e em attitude da mais soberana dignidade, despachamol-o em regra—como convinha ao caso.

Acostumado a lidar com Demadios, que, pela glotoneria da ambição, pospoem principios, dever, honra e consciencia a tudo, julgou o *alado mensageiro* que estavamos nesse caso.

Enganou-se redondamente.

Toda a regra tem excepção, e foi o que succedeu.

Em vista disso, *segundo* que não venha importunar-nos, que muito ja é não ser declinado o nome do *primeiro*

Estes escriptos hão de cessar, é verdade; mas ha de ser quando a justiça tiver triumphado do crime.

Homero acabou o seu poema quando ja não havia um inimigo digno delle; nós, quando os criminosos de agosto forem justa e severamente punidos.

Eis, portanto, reconhecida a nossa obscura individualidade pelos mais interessados—os reus.

Assim, não restará mais a menor duvida de que o *foveiro* acertará o alvo, e as recriminações e doestos pessoaes não se devem esperar por muito tempo.

O 13.º artigo do nobre articulista do *Jornal da Bahia* traz ainda a analise do interrogatorio do infeliz João Soares; e mesmo dessa analise, apesar da maior subtilesa da argumentação, transpira a força desse auto de perguntas.

Delle tractando ligeiramente em um dos primeiros artigos, assim nos exprimiamos:

«O cunho de verdade, que existe nessa peça do processo, é tam admiravel quanto sobrehumana foi a afflicção da victima nas provanças do moinho.

«Authorisado por justa represalia a dizer tudo que a sêde de vingança lhe sugerisse contra os accusados,—João Soares não aproveita-se da occasião para esse desabafo; pelo contrario, da narração detalhada que faz dos passos e tormentos porque passou, se reconhece o fundo de nobresa e imparcialidade de caracter de que é dotado.

«Elle— que *os ad os* com um dos ex-directores, o reu Castro Guimarães, francamente lhe dissera ter suspeitas de ser elle o ladrão do banco; elle— que por essa causa soffreu desapiedadamente as injurias e diffamações que correm impressas em alguns folliculos; elle—no seu interrogatorio nada diz contra esse director, embora esteja convicto, como o está todo mundo, de que elle concorrera para a practica do crime.

«So falla do accusado Castro Rebello, contra quem nunca se pronunciara.

«Dahi ja se vê que esse interrogatorio, cuja força *probandi* se quer negar sem rasão plausivel, tem todo o cunho de criterio e verdade, por coincidir com o facto e todas as suas circunstancias.

«Principiando pelo rapto e acabando pelo salto que dera de uma janella do fundo da casa onde estivera encerrado, —nesse interrogatorio não se depara com a menor inverosimelhança ou contradicção.

«Innumeras vezes, elle o repetira a diversas pessoas na secretaria de policia na manhan de 7 de agosto, e sempre o facto era narrado pela mesma forma, sem discrepancia, se quer, do menor acontecimento.....»

A exactidão e verdade dessas considerações resaltam logo á primeira leitura do interrogatorio.

Elle não é o resultado de uma vingança premeditada, ou odio rancoroso; assim e que aquelle, sobre quem devia elle recahir vehemente e implacavel, não figura nessa descripção pungente e tormentosa, que excita a compaixão e o desespero de quantos a lerem.

Narra somente o succedido, despido de qualquer imagem ou colorido, mais

ou menos vivo, que possa desfigurar ou alterar a sua veracidade.

Portanto, principiando por essas considerações, esse interrogatorio deve merecer toda a fé, ainda mais robustecida, por coincidir justamente com a proposta que em nome de *alguem* apresentaram os reus ao Sr. Dr. chefe de policia, e finalmente pelas provas constantes do processo.

O rapto foi o começo do crime, e está provado pelo proprio reu Coelho, denunciando-o á policia para eximir se da responsabilidade da perfidia.

Tudo o mais que o paciente allegara relativamente aos soffrimentos e torturas porque passara, está tambem provado de um modo irrecusavel nos exames e investigações necessarias que se procederam para o corpo de delicto,—exames e investigações que não podemos deixar de reproduzir.

«Encontraram uma ecchymose de tres linhas de largura, e estendendo-se de um a outro temporal, accompanhadas de escoriações, tumefacção e vermelhidão, occupando oito linhas acima da arcada orbitraria, mais intensas do lado direito. A região nasal e suas circumvisinhanças um pouco tumefeitas, e bastante vermelhas: uma escoriação a direita da base do nariz ou rego naso labial.

«Ao lado direito do pescoço na altura do angulo da maxilla e em direcção parallela ao musculo sternocleido mastoideu quatro escoriações lineares, como as que produziria a pressão das unhas dos quatro ultimos dedos de uma mão. Ao lado esquerdo e sobre a cartilagem thyroide uma contusão com escoriação mais sensivel á pressão do que os de mais pontos escoriados, conforme diz o paciente, e mais para fora, dirigindo-se quasi horisontalmente mais duas escoriações lineares. Contusão com ecchymoses extensas, com tumefacção em todos os dous pollegares e metacarpos com escoriações nas faces externas dos mesmos pollegares, e contusões á base ou ao dorso das phalanges dos mesmos. Notavel tumefacção nas articulações phalangito-phalangeanas, em que accusa o examinado grandes dores. Signaes de contusões circumscrevendo ambos os pulsos, com tumefacção, parecendo produzidas por compressão aturada. Escoriações recentes de duas pollegadas de extensão, parallelas ao eixo dos tibios e occupando os bordos anteriores do mesmo, no seu terço inferior, e duas escoriações ao lado externo da perna direita na mesma altura e direcção das outras. Contusão intensa na face externa do grosso artillio esquerdo.»

Ora, si o facto material constitutivo da criminalidade está provado por essa forma, e elle foi o resultado das torturas e ferimentos que soffreu o offendido, ao que vem dizer-se que o interrogatorio não pode inspirar fé, quando está em plena conformidade e harmonia com esse exame?

Na descripção ou narração dos tormentos, era que a dor ou desespero extremo de vingança poderiam impellir o offendido a exageral-os para aggravar a criminalidade. Mas si essa exageração não se deu, porque tudo quanto elle disse foi encontrado e reconhecido no exame sem augmento ou diminuição da mais pequena cousa, —é fora de toda a duvida que o interregatorio na parte mais essencial a da criminalidade, é exacto e verdadeiro.

Todas essas lesões, como unhadas, contusões, escoriações e ecchymoses accompanhadas de tumefacção e vermelhidão que se encontraram, são o resultado das algemas, anginhos, mordaça, cordas de sedenho e pressão de mãos, as quaes o offendido accusou.

Portanto o interrogatorio nesse ponto, o unico que podia influir sobre o caso, não pode suscitar a menor duvida.

Nove eram os ex-directores do banco; e d'entre elles so o offendido fallou no reu Castro Rebello, n'aquelle que simuladamente, para enganar a policia, tinha aventado a proposta do crime em nome de terceiro. A policia por certo que não communicaria esse plano, e eis que o offendido somente affirma ter reconhecido a voz do

referido Castro Rebello, embora por justa represalia estivesse authorisado a pronunciar o nome de outros, que tambem era seus perseguidores.

Contra esse reu e os seus comparsas apparece o immenso feixe de provas da criminalidade e não contra nenhum outro dos seis ex-directores; qual o fundamento, pois, para não ser crido esse interrogatorio?

E' preciso que encaremos os factos debaixo de certo ponto de vista, daquelle que explica racionalmente a sua rasão de ser.

Deslocal-os de suas circumstancias anteriores e posteriores, para abstractamente, sem motivo nenhum de ordem e contra o methodo, intrepretal-os a bel-prazer,—é um sofisma grosseiro e extravagante reconhecido logo á *olhos desarmados*

Assim, (partindo do mais para o menos) si o interrogatorio nesse ponto è exacto fiel e verdadeiro, nos outros que refere circunstancias de nenhum alcance para a criminalidade, com maioria de razão deverá sel-o, como é, e havemos tambem de provar evidentemente.

Conseguintemente ja vê o nobre articulista do *jornal da Bahia* que a sua analise do interrogatorio é contra todas as regras, ainda as mais comesinhas, da logica e da hermenentica.

Accompanhal-o-hemos *pari passu*, ainda nos mais insignificantes incidentes, para que a *subtileza* de seu argumentar fique bem patente aos olhos dos homens sensatos.

Ate hoje temos refutado com vantagem uma por uma de suas rasões, e havemos de ter sempre o mesmo successo, pela rasão unica de defendermos a causa da innocencia e da verdade.

Nihil possumvs adversus veritatem, sed pro veritate.

P. S.—Foram distribuidos no sabbado no Superior Tribunal da Relação os autos do processo Castro Rebello & C.ª ao Exm. Sr. dezembargador Manoel Libanio Pereira, que so dera de suspeito.

Em vista disso passaram ao immediato que é o Exm. Sr. dezembargador Martins.

E' só o que sabemos: de tudo havemos de dar inteira conta.

APONTAMENTOS

para a chronica do Cavalheiro de Castro que tem de ser publicada pelo Anjo dos Bonecos.

Irrespondiveis tem sido os factos immensos e extraordinarios, que provam ser esse tratante o ladrão da *tripeça*, de conluio com outros.

Em vista delles, hoje não ha mais duas opiniões discordes, e por isso é que elle tem comprado a pezo de ouro a consciencia dos paschineiros, julgando por essa forma falsear a opinião publica.

O resultado tem sido patente; e cada vez mais a convicção robustece-se de um modo admiravel e inerivel.

Tal è a força da verdade.

Percorrei todas as partes, sem excepção de uma só, e perguntae quem foi o principal author, o ladrão audaz e cynico, que subtrahiu escandalosa e infamemente os 266 dos cofres da *tripeça*, e logo tereis em resposta—foi o corvo *Carmezim*.

Alem de outros, o fio principal dessa descoberta foi o desconto da letra dos 150 da *thesouraria universal*, e com elle é que o *zanaga* tem dado mais cavaco, dando explicações a respeito que mais o condemnam do que o absolvem.

E' assim que os *seus defensores*, ou antes cumplices no crime, dizem que o dinheiro desse desconto não foi do *zanaga*, e por conseguinte não foi elle quem roubou a *tripeça*. Esse dinheiro, continuam elles ainda, sahiu dos cofres geraes, para que essa lacuna ou falta fosse prehenchida, a letra foi redescontada ao *Justinho*. E nem deve admirar isso porque o ex-thesoureiro retirou por muitas vezes dinheiro dos ditos cofres, para com elles negociar.

Eis *as provas da innocencia* do *zanaga* produzidas por elle, *seus amigos* e

defensores, e com ellas julgam ter mettido *uma lança em Africa*.

Coitados! o crime as vezes tem dessas parvoices, que confirmam o annexim popular—*de gato escondido com o rabo de fora*.

E si assim não é, veja o publico, cuja attenção invocamos.

Uma de duas: ou o ex-thesoureiro por si proprio transigia com esse dinheiro, e então auferia grandes resultados; ou então dava-o ao *zanaga* como intermediario ou socio.

Que negociasse por si proprio, e obtivesse grandes vantagens, não se compadece com o seu estado financeiro que está em grandes apuros, sendo ate executado por quantia superior. Accresce a isso que, sendo elle um homem de uma vida regular, sobria, e moderada, tendo de mais um ordenado sufficiente para as suas despezas, não havia motivo para estar hoje reduzido á expressão mais simples de fortuna.

Que désse tambem ao *zanaga* dinheiro dos cofres para negociar, não encontramos nesse acto grandes e relevantes serviços do ex-thesoureiro para com o *zanaga*, para merecer delle—o maior usurario e avarento que o ceu cobre—essas finezas de emprestar-lhe quantia avultada; porque toda vez que o *zanaga* tivesse reentrado com a quantia tirada, estavam saldas as contas. A quantia avultada foi o emprestimo de 60 contos entre dous, que mais abaixo fallaremos.

Logo fica fora de contestação, que o dinheiro do desconto da letra da *universal* sahiu dos cofres da *tripeça*, que ja tinha sido roubada pelo ladrão. E tanto-assim, que o banco dos *godemes* pelo desconto recebeu 100 contos em 6 de dezembro, e 50 em 15 do mesmo mez; e sem fallar nisso, nesse mesmo tempo, mais ou menos, foram postos no mesmo banco pelo *zanaga* mais 40:500$ em notas de 500$ cada uma, justamente as roubadas a *tripeça*!

Mas dando alguns passos para traz, era de notoriedade publica que nos cofres geraes, desde muito tempo, havia um desfalque, que nas occasiões do balanço afim de que elle ficasse desconhecido, ia pedir-se a alguem dinheiro para esse fim, e esse alguem não era o *zanaga*.

E' facto muito sabido, e que, por tanto, não pode ser posto em duvida.

Esse desfalque, porem, por essa forma reconhecido, era muito pequeno em relação aos 60 contos que apparecem dados em *abril para precisão urgente em dezenbro* por hypotheca Ainda no balanço dado em dezembro de 1865 se exigiu um emprestimo para repor, ainda que por momento, esse desfalque.

Ora ajuizado o ex-thesoureiro pelo credor *Poderoso* por somma grande e superior ao valor dos bens, ninguem absolutamente confiaria a este, alias bom e honrado homem, uma somma qualquer, quanto mais 60 contos, dados pela hypotheca de abril, na qual figuram o *zanaga* por 25:000$ e o *Calerda* seu amigo *del petto*, e parente do *Annanavi* por 35:000$.

So uma salvação de vida, e mais ainda de honra, poderia dar logar a esse emprestimo, e foi justamente o que apparentemente succedeu, porque o ex-thesoureiro, *fiado em cantos de sereia*, perdeu-se para salvar o *zanaga*, dizendo que o dinheiro do desconto da letra dos 150 sahiu dos cofres geraes, quando foi uma falsidade clamorosa contra si, e ainda mais clamorosa pela *recompensa* que tem recebido.

Apezar de estar associado nessa hypotheca o *Calerda*, homem, que não mette a mão em combuca, como geralmente se diz, a simples leitura das condições estatuidas na referida hypotheca convencem da completa impossibilidade de seu cumprimento, por parte do devedor hypothecante; donde se vê que todo esse negocio foi para frustrar a cobrança do *Poderozo*, prestando o *zanaga* esse serviço ao ex-thesoureiro em paga de livral-o do ser descuberto pela justiça, como ladrão da *tripeça*.

As condições da hypotheca são as seguintes:

«E pelos 1.os outhorgante, (o exthesoureiro e seus filhos e noras) me foi

dito que *obrigados por precisão urgente*, tomaram em mão do 2.º orthorgante, o *zanaga* em dezembro do anno p. p. (de 1866, note-se bem!) 25:000$, e agora em mão do outro outhorgante, o *Calerda*, 35:000$, e para titulo de ambos, reconhecimento e prova de taes debitos, assignam agora a presente escriptura, pela qual se compromettem ao pagamento das ditas quantias no prazo de *quatro mezes*, a contar da data da mesma escriptura, com a condicção de fiado o dito prazo, ficar vencendo o debito o premio de *dez por cento ao anno*, e se contarem mais seis mezes de espera, vencidos os quaes *poderão os credores ajuizal os, quando não lhes convenha concederem amortizações de baixo das bases que então se convencionarem*, e para garantia não so dos ditos capitaes como dos juros the real e effectivo embolso, hypothecam por essa mesma escriptura as propriedades seguintes de seu dominio e posse, livres de onus, *e do producto das quaes so poderá preferir a fazenda nacional* por qualquer alcance em que possa estar o ex-thesoureiro...»

Então è ponta ou cabeça?

E' verdadeira e real essa hypotheca, ou é simulada em paga da salvação?

Entregamol-a ao livre exame e apreciação do publico.

Nas desgraçadas e lamentaveis scenas porque tem passado esta terra, digna de melhor sorte, apparecem factos, que fazem descrer e desesperar da salvação de um povo moralisado.

A nosso conhecimento chegou a vera e exacta noticia da dedicação e patronato de pessôas honradas e altamente collocadas para defender os ladrões e assassinos.

Não é possivel que os homens do carro, da mordaça, dos anginhos, e das cordas; —os assassinos premeditados com calculos duplamente criminosos; —os corsarios de nova especie, á moda corvo, levando nas garras para as *regiõs celestes*, os 266, e pretextando enxaquecas para não assistirem o desfeixe de sua obra compromettedora do um honrado pae de familias; —os *juizes* C., que ostentam a compra de um magistrado, para delle obterem um pingue deposito; —*juizes*, que ainda protegem toda e qualquer bancarrota, a que elles mesmos tem de dar um voto, e mendigam outros; —*juizes*, que pretendem comprar a consciencia de um homem honrado para salvarem-se a si e a seus comparsas com fuga vergonhosa e infamante; —o pae que rouba cynicamente seu proprio filho; —o homem dos 150 contos das notas grandes, e de 40:500$ dellas mesmas mettidas em conta corrente em um banco, logo depois do desconto dos 150; —o homem da hypoteca de abril por 60 contos, dinheiro dado em *dezembro para uma precisão urgente*; —e finalmente outro dos testamentos falsos, e das emp l-mações de dinheiro alheio; —não é possivel, dizemos nós, apezar de todos os pezares, que haja alguem, que se empenhe por semelhantes perversos, ladrões e assassinos.

Esse empenho faz desesperar da moralidade de um povo, da acção da justiça, da segurança particular e publica da propriedade, vida e honra, faz desesperar de tudo, que era possivel trazer-nos ao caminho de nação culta e civilisada, como soe ser a nossa.

Não é que deixemos de apreciar certas dedicações sinceras, partidas do uma amisade pura, e de um coração beneficente.

Mau seria si não as houvesse em certas quadras calomitosas da vida; mas quando os factos não protestassem tão positiva e energicamente contra a perversidade humana, como contra os malvados, ladrões, e assassinos.

Que! pois, porque um individuo pelos meios de uma torpe cabala, pelos meios ignobeis tem alcançado figurar em uma praça, favorecendo sempre a bancarrota e o crime, conseguiu sentar-se na cadeira que so a probidade austera devia sentar-se, ha de achar nos homens de bem os favores, protecção, e serviços, que so a honestidade deve encontrar? Ha de o chefe de um tribunal appellar para as condições de

collegnismo, quando, alias a moralidade nunca desmentida desse chefe devia protestar contra o ingresso no sanctuario da justiça de um ente tam corrupto? O que devem esperar os verdadeiros homens de bem, quando a fatalidade, a intriga, e rancor de seus inimigos se arvorarem em seus perseguidores?

Oh meu Deus! até onde temos chegado?!....

Somos da communhão brasileira, mas cobre-se-nos o coração de um veu triste, doloroso, e pungente. ao saber do que faz alguem por ahi para innocentar os homens do roubo da *tripeça* e assassinos de *Soreas*!

Peço licença com todo o respeito ao Exm. Sr presidente da provincia, para narrar o seguinte:

Francisco Cezar Monteiro de Moura, empregado da secretaria do governo esta fazendo desatinos no Rio Vermelho, dispensando do recrutamento a quem lhe convem, munindo-os para isso de certas cautellas, segundo consta; está varejando, arrombando as casas a qualquer hora da noite, a pretexto de recrutamento para a guerru, aliás justa, contra o Paraguay.

Senhor, attendei a isto, é uma perseguição, ou antes devastação inaudita.

Já se tem recrutado muita gente em uma povoação pequena, como esta é, de pescadores pobres, onerados de filhos e de familias, que actualmente não betam a cabeça fora para cuidarem de sua industria A povoação emigrou para as mattas.

Pois, senhor, não seria melhor fallar a verdade ao povo, declarar com franqueza de quem é este paiz?

Assim ficariam melhor os proletarios e os homens de certas raças, que tiveram o infortunio de nascer no Brazil, e de nelle viver, na ultima degradação da especie humana.

Em outro numero serei mais explicito, farei mais detidamente a celebre historia desse grande subdelegado.

Solon.

—Está a imparcial equidade com que se faz justiça no Brasil.

Em quanto immensos magnatas passeiam pela Europa *para tratarem de sua saude*, accumulando vantajosos ordenados; em quanto este *afilhado*, recebe dinheiro para comprar madeiras e o põe no *papo*, em quanto aquelle outro, recebe avultada quantia para uma commissão que não desempenha, e por fim de contas são dispensados de restituirem aos cofres o que *embeçaram*, d'alfandega da Bahia despede se um pae de familia, que ganha o mesquinho ordenado de 400$ reis *por que não gosa saude vigorosa*, saude que arruinou no serviço de embarques a que era destinado.

—E o que quer então?

E' disposição da lei, deve cumprir-se.

—Não é por isso que eu clamo; ò que me revolta é não ver se cumprir a lei com egualdade sendo esta e outras disposições applicadas somente aos fracos e desprotegidos.

—A ordem do mundo é esta e cada um que resigne-se.

Por S *Lazaro* pede-se ao *Medonho* que va entregar, no lugar onde tirou, o chapeu de sol novo do Pacheco, collector da villa de Santo Serafico que talvez por *engano* trocou no dia 14 do corrente no escriptorio do Domingos, e sendo procurado para desfazer-se a troca, escondeu-se, tendo agora que seu dono retirou-se, o despejo de andar com elle á vista de

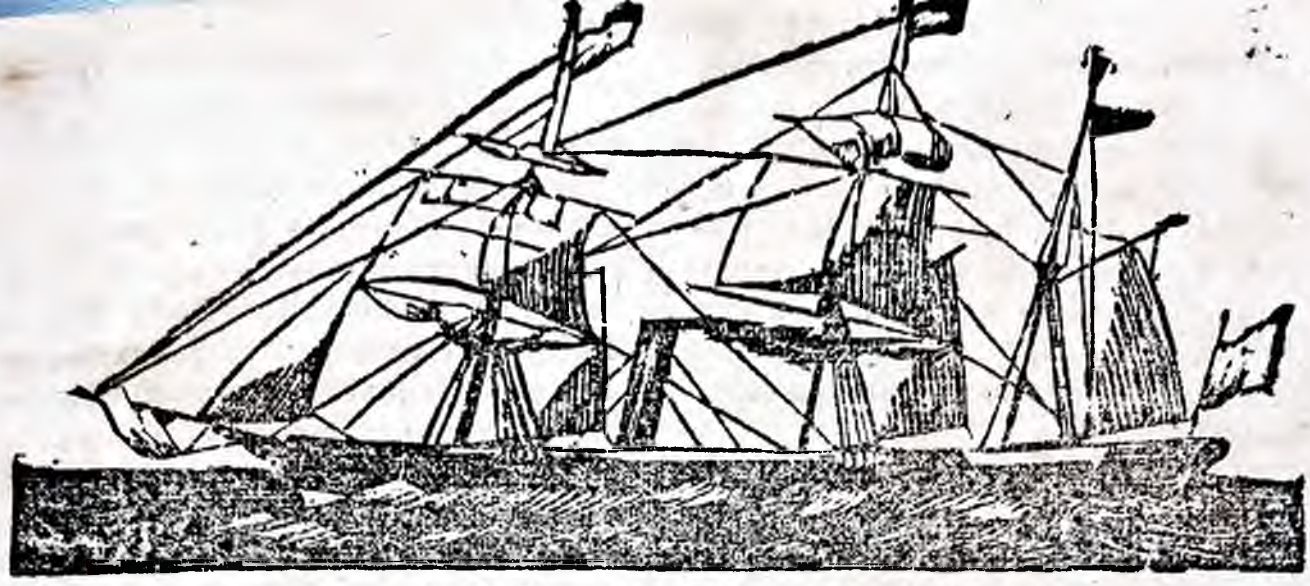
Quem sabe.

ANNUNCIOS.

Vende se uma caza con bons commodos sita a rua do Castro Neves; tracta-se com o Sr. Cassianno Augusto de Lima no trapiche União.

O melhor vinho de caju, vindo Pernambuco vende-se no armazem de Joaquim Gomes de Pinho, a Cruz do Paschoal nº 24 A B C

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 24 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 28.ª—N. 277

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igraptúna, á rua do Collegio n. 146 se andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, e o 2$ rs. por 3 Fries, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de outubro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que á presença do antecessor de S. S. compareceu Angelica Maria dos Santos, queixando-se de que seu marido José Pedro dos Santos Martins, commettera o audaz e repulsivo attentado de deflorar sua filha de 16 annos, Angelica Maphalda dos Santos, e obtendo a promessa de que se ia dar providencias afim de lhe ser feita justiça, descançou; como porem, essas providencias não tiveram logar, em consequencia, talvez, de ter aquelle magistrado se retirado do cargo que S. S. dignamente occupa actualmente, pede-se-lhe em nome da moralidade, que se digne attender ao exposto e mande activar as referidas providencias, para que não fique impune um acto de tão requintada e descommunal sensualidade.

—Aquelle sujeito não é carroceiro do acceio da cidade?

—E' verdade.

—E vae recrutado?

—A graça não é essa; é que elle ja serviu 14 annos na primeira linha, e agora lhe dizem que va allegar isso no Rio.

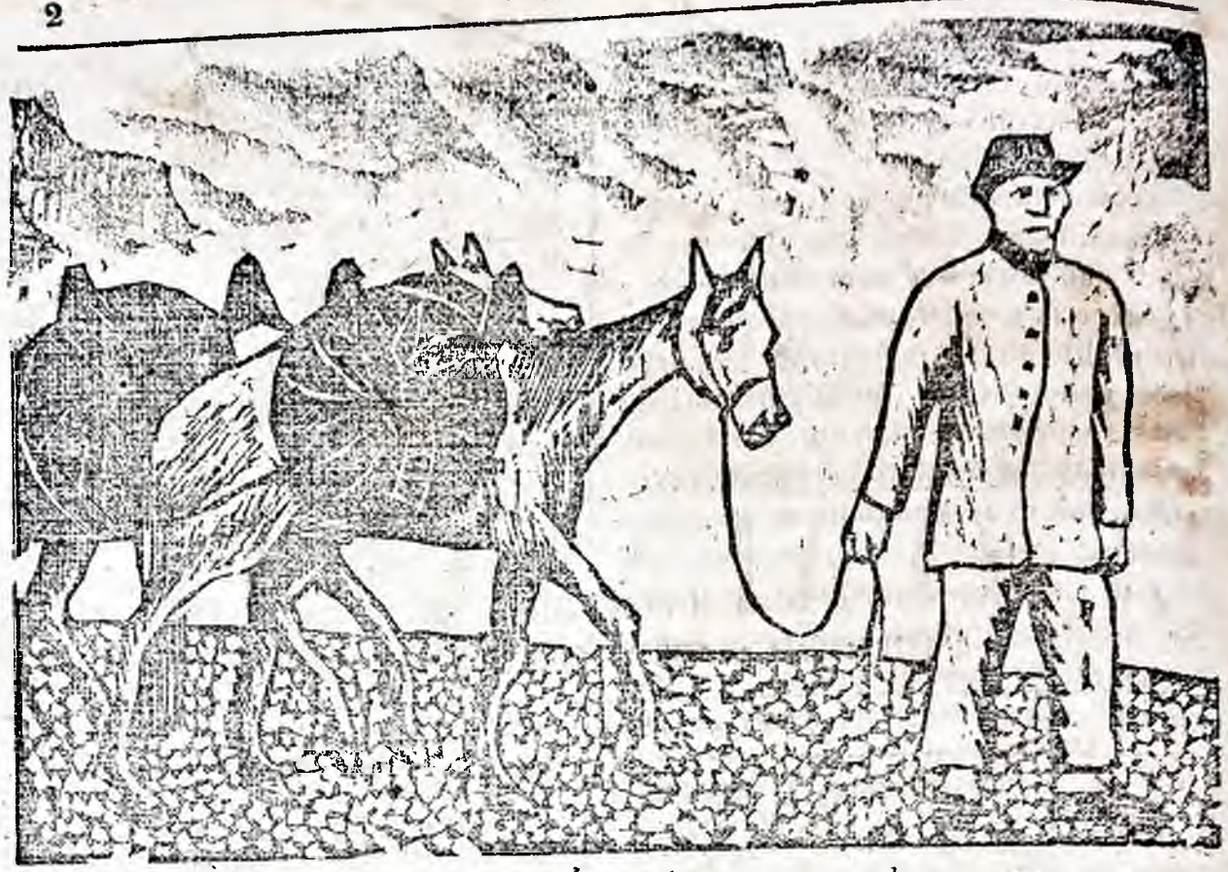
—Bello! E obrigam os homens a tirarem uma matricula na policia!

—Capitão, venho merecer-lhe uma graça.

—Si estiver em minhas mãos.

—Está, está. E' para V. Ex. mandar o muxingueiro a Solidão metter a taca no *licenciado* Arca a mim, depravado de primeira plana, que além do commetter centenas de immoralidades para as *reclusas* de defronte com o fim de insultal-as, tem a sem-cerimonia de na janella comer *sarangonhas*, comida que V. Ex sabe que, por ter seus conformes, so se come com muito recato e cautela.

—Si é isto só, está servido.



—Pelo sim pelo não, vou fardado á cidade vender estas cargas de carvão.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXV.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Não são bonitas palavras e muito menos bellas theorias, que mais fallam ao coração que á intelligencia, as que temos apresentado contra os reus.

Nenhum geito temos para o *romantismo* e ainda para a moção dos affectos; por isso a nossa linguagem é despida sempre desses atavios, secca e rude, como sóe ser a da analyse de um processo criminal.

Não inflamos as turbas, nem pregamos para os espiritos apaixonados; eis a razão porque todos os homens sensatos, que tem lido nossos artigos, tem nelles encontrado o cunho da imparcialidade e verdade, que deve presidir em qualquer assumpto, *maxime* dessa importancia.

Sem fazer côro com os demais, a quem o obsecamento das paixões, em represalia, tem levado ao excesso odioso das personalidades, só temos proferido o nome dos reus em relação ao facto delictuoso de 6 de agosto, e alguma vez á subtracção dos 266 contos, reconhecida em 22 de dezembro, e assim mesmo —pelo nexo indissoluvel que ha entre ambos.

Fóra desse terreno, ainda não caminhamos, e nem caminharemos: por que, para nós, a maior carga, que se pode presentemente fazer aos reus, é examinar accuradamente o processo, e apresentar a sua criminalidade.

Si por isso merecermos o seu odio, antes elle que a amisade por um desvio de consciencia.

Sempre que a occasião permittir, havemos de fazer essas declarações para arredar de nós qualquer parte directa ou indirecta em outras quaesquer publicações que tem apparecido.

O conhecimento perfeito, que de nossa humilde e obscura individualidade tem hoje os reus pela confissão franca e leal

que fizemos a um de seus amigos intimos, que veio pedir-nos a cessação desses escriptos, abona irrecusavelmente essa verdade.

Nessa confissão publica não está comprehendido o *foveiro* do *interesse*, e ainda que estivesse, nem por isso desappareceria a coherencia, porque o que temos dito desse monstro da humanidade não pode ser posto em linha de duvida pela prova evidente dos factos.

Já com enjôo fallamos desse *individuo*, tal é a repugnancia que nos causa.....

Está definitivamente fora da policia o Sr. Dr. Galeão, e os ladrões do banco ainda estão impunes por esse crime, apezar das provas irrecusaveis que contra elles pesam.

E como não ser assim, si essa deligencia da maior importancia e transcedencia foi entregue ao Sr. delegado do 1.º districto, que, como disse alguem, outros titulos não tem que ser *tenente da reserva da guarda nacional*, *e bonita letra na repartição onde está addido*?

Tudo concorreu para que os ladrões ficassem desmascarados, e tudo despresou-se por um modo inaudito.

Temos fé profunda, porem, que esse estado de cousas não ficará assim.

A justiça divina, as vezes é tardia, mas não falta.....

No artigo precedente mostramos a toda evidencia que o despacho de pronuncia não se funda no auto de perguntas ao offendido, como diz o nobre articulista do *Jornal da Bahia*.

Apezar de coincidir elle exactamente com a proposta que em nome de *terceiro* foi levado á policia; apezar de estar em plena harmonia e conformidade no ponto mais essencial—os soffrimentos com o corpo de delicto, todavia a decisão do juiz, formador da culpa, não se fundou nessa parte do processo, mas sim na grande e infallivel prova circumstancial que superabunda no mesmo.

E' preciso que se reconheça que a defeza deste ou d'aquelle, principalmente de uns *innocentes*, como se apregoam os reus, não implica com a verdade para que seja obscurecida; antes della é que pode provir a verdadeira prova, que levará ao animo a convicção segura e robusta do facto delictuoso e seus agentes.

Por mais de uma vez temos mostrado que o nobre articulista tem sido menos escrupuloso nessa apreciação, seguindo, sem duvida, informações inexactas que lhe ministram os reus.

E' assim que, contra todas as probabilidades, e mesmo contra a ordem natural das coisas, disse-nos elle em um dos artigos transactos, que no Garcia è onde existem *os melhores cavallos*, *mais descançados e refeitos*.

Alem de muitas outras coisas, é assim agora que elle, sem analysar em regra o auto de perguntas ao offendido; sem mostrar em como a sua queixa é infundada e simulada, porque está contra o *visum et repertum* no corpo de delicto—foge de tudo isso, unica circumstancia que poderia diminuir-lhe o cunho de verdade, para occupar-se com certas minudencias, que não podem minorar ou attenuar a criminalidade dos reus.

E, ainda assim, desloca-as de seu verdadeiro logar, juntando-as a seu *bel prazer*, e dahi deduzindo conclusões, que, partindo de principios falsos, necessariamente devem ser tambem falsas.

Para que o nobre articulista fizesse uma analyse em regra, rigorosa e juridica, sobre o interrogatorio, não devia omittir uma só palavra ou circumstancia que nelle vem declarada.

Essa é que é a verdadeira analyse. Mas sem mostrar que elle está em opposição com a proposta de meios violentos levada pelos reus á policia, sem mostrar que as lesões, ferimentos e contusões, encontradas pelo corpo de delicto estão tambem em opposição com a queixa do offendido, sem fazer nada disso, querer pela analyse a *seu geito* inutilisal-o, é um modo de argumentar absurdo, grosseiro e extravagante.

O que apresenta, porem, o nobre articulista contra a imparcialidade e verdade desse interrogatorio?

Em primeiro logar, diz elle—que

sendo crime feito debaixo de tantas precauções, não era possivel que o reu Castro Rebello, *homem de tino e intelligencia*, fosse tam parvo ou nescio que quizesse desmanchar essas precauções, dando-se a conhecer pela voz ao offendido.

Ligeiramente já dissemos algumas palavras a respeito, e mais outras agora accrescentaremos.

Está provado exuberantemente no processo, quer pelo corpo de delicto, quer por todas as suas partes, que a intenção dos reus era fazer desapparecer da face da terra João Soares.

Tudo estava disposto para esse fim, que só um facto imprevisto e extraordinario, independente da vontade dos agentes, poderia ter frustrado. A intenção dos mesmos já estava por tantas circumstancias manifesta, que duvidar de sua veracidade seria duvidar da propria existencia.

Os actos de tanta barbaria e malvadez, que praticaram, trariam como consequencia necessaria a morte (a morte que elles queriam, porque importava o desapparecimento de João Soares, e portanto a *sua criminalidade* no roubo ou furto do banco) e não a vida.

Assim, que importaria ao reu Castro Rebello dar-se a conhecer, *si um defuncto não falla*?

Eis a razão porque elle não occultou a voz, pelo contrario vociferou com aquella stulta arrogancia que lhe é tam peculiar e familiar.

Mas os insondaveis e immensos designios da Providencia, fizeram que o plano não lograsse effeito, por intermedio do proprio perfido e traidor Coelho, que, receioso do rapto, no qual estava compromettido pelo testemunho de pessoas, foi denunciar á policia, que cercou a casa do reu Castro Rebello; do que tendo elle logo aviso, por circumstancias de força maior, foi obrigado a suspender a consummação do acto.

A força dos acontecimentos leva irresistivelmente a essa apreciação, que explica a não mais desejar, que o crime premeditado era o de morte, e por isso nenhum motivo havia para guardar o incognito.

Portanto, essa apreciação do nobre articulista compromette muito e muito os reus em logar de defendel-os.

Continua elle *nesse mesmo gosto e geito*, e diz—que estando João Soares amarrado de pés e *mãos*, *amordaçado* e vendado, não era possivel que podesse tirar somente a venda e não a mordaça, e chamar por um de seus perseguidores.

Ha inexactidão nesse ponto. Não é possivel que *ipsis virgulis*, reproduzamos aqui o interrogatorio, afim de que fique elle bem patente. Mas todos que o leram, e que devem tel-o bem em memoria, e quando não tenham, que o lerem de novo, verão—que quando João Soares foi arrastado para uma parede, as cordas dos braços ja estavam desamarradas, e quando chamou por um dos seus algozes, nessa occasião estava sem a mordaça, que ao depois applicaram-a.

Que estivesse porem amordaçado, e em primeiro logar tirasse a venda, e não a mordaça, muito embora a acção dos braços fosse maior e mais difficil, a natureza o explica evidentemente.

Naquellas condições a primeira coisa a desejar era a vista, sem a qual não poderia escapar á sanha dos malvados.

E foi justamente o que elle fez.

A razão porque elles desamarraram-lhe as mãos, é o que todos hão de ignorar, e talvez elles proprios.

Com que razão ou direito praticaram actos de tanta barbari ?

E' o que tambem perguntaremos, e ficara sem resposta.

A bem desse interrogatorio convem mais accrescentar que no moinho foram encontrados alguns indicios do crime, como cordas, velas e phosphoros; notando-se ainda que essa casa, de ha muito, estava desabitada, segundo referem os moradores da visinhança.

O desespero extremo de salvação, innato no coração do homem, foi que fez João Soares desamarrar as cordas dos pés, e saltar pela janella.

Não deve admirar esse exforço por

quantos reconhecem os impossiveis a que obriga a salvação propria.

Deve causar mai r admiração aos reus, e a todos o facto prodigioso da Providencia, não consentindo que a innocencia fosse sacrificada ao furor sangrento dos assassinos.

Conseguintemente desde o rapto, para o qual estava de emboscada Coelho, que depois do crime de dezembro cortara suas relações com Soares, até o salto da janella, esse interrogatorio está na mais perfeita conformidade com o corpo de delicto e mais provas do processo.

Sua leitura repelle toda contradicção, e mesmo inverosimilhança.

Por isso, quando não existissem provas tam irrecusaveis contra os reus, provas que foram mystificadas no segundo ponto das rasões de recurso— *verdadeira caixinha de obreias*, como mui chistosa e judiciosamente appellidou-lhe alguem, o interrogatorio por si ja era um indicio vehemente da criminalidade dos mesmos.

Tudo o que ate agora temos dito comprova essa verdade.

E' preciso não separar, nem perder de vista essas considerações para conhecer-se a imparcialidade da analise.

As abstracções, aqui como sempre, desnaturam o facto, e tiram o seu verdadeiro valor.

Vendo que, apezar dessas abstracções e inexactidões, aos olhos dos homens de coração recto, e de animo sensato, esse interrogatorio deve ter alguma força pelo cunho de verdade que o caracterisa em todas as suas partes, o nobre articulista, cuja intelligencia e illustração em grau superior, somos o primeiro a reconhecer, recorreu a outro meio, e ja concordando que delle resulte indicios de criminalidade contra os reus, allega a sua nullidade por ter sido feito por pessoa incompetente.

Onde a prova disso?

Certas praposições não se podem avançar, sem que sejam prrvadas logo e logo.

Esta é uma dellas, e que, pela sua gravidade, mais que todas as outras, devem ser fundamentadas.

A palavra honrada e authorisada do nobre articulista, sendo, como é, em outros casos a expressão fiel da verdade, (é justiça e só justiça que lhe fazemos) aqui cahe por todos os principios, não tendo valor algum juridico.

Si o nobre articulista é o primeiro a contestar a exactidão do interrogatorio de João Soares, que coincide perfeitamente com todas as peças do processo, como quer agora fazer prevalecer a sua palavra, que está de encontro com o mesmo interrogatorio, acto authentico feito, ou reputado tal, pelo Sr. Dr. chefe de policia, em quanto provas em contrario não forem produzidas?

E' preciso que, quer accusemos, quer defendamos, sejamos coherentes.

Si em um caso, muito embora a verdade transpareça fulgurante, si quer á força emcubril-a sob espessas brumas, o que não se deverá fazer em outro em que a falsidade é manifesta e intuitiva?

Dos autos consta que o interrogatorio foi feito pelo Sr. Dr. chefe de policia; e tanto assim que os nobres advogados, que estiveram presentes á todos os actos, nas rasões de recurso para o superior Tribunal não se lembraram dessa cavillação.

Ja vê, por tanto o nobre articulista que, ainda por esse lado, o caminho que segue é errado.

Não é possivel e nem crivel que elle, que quasi nunca assistio a formação da culpa, désse logo por essa falta, entretanto que os illustres advogados que assistiram tudo, requerendo exames de sanidade, vestoria de mordaça, novos depoimentos, averbando suspeições, e tanta outras cousas, illustrados e attilados como são, deixassem passar em silencio semelhante irregularidade.

Essa allegação, a ser verdadeira, ou suppõe erro crasso e supino, *de palmatoria*, nos defensores, ou então é mais uma das *subtilezas* do nobre articulista. Ora repellindo o vasto talento, illustração e pratica dos nobres defensores a primeira das hypotheses por

Mui pressuroso acudira
Para *o ganho da partida*

—E elle é poeta?

—Poeta, não; —*poetastro*.

Feitas por essa forma as solemnidades do estilo, *o barão e o diabo coxo* entraram no carro' que partiu á bom galope.

Então o *sassarugo*, muito ancho de si, disse, transvazando-se de contentamento: Agora sim, estão todos salvos. Homem so como o Ala *ventania*; deixou tudo, so para salvar *os amigos innocentes*. A sua influencia para com os collegas é immensa, e por tanto nada ha mais que duvidar.

—Homem eu sei!... O *barão* ja deu seu *caixo*, e nada haverá no mundo que possa salvar aquelles assassinos. Si ficaram ate hoje impunes pelo roubo *da tripeça*, não fical-o-hão pela tentativa de assassinato.

—Eu tambem penso assim.

O governo de S. M. o Imperador está de olhos arregalados sobre esse negocio, e qualquer desfeiche, que não for o da lei, trará borrasca feia.

—Admira-me que o *barão* se preste a isso, quando esses malvados na *tripeça* foram a cauza de sua manqueira pecuniaria!

—São cousas. A lembrança de irem buscal-o não foi má.

—Produzirá effeito?

—E' o que havemos de ver: pouco falta.

—Ia esquecendo-me de dar-lhe mais uma noticia.

—O *barão* essas noites tem andado na mulla russa do diabo coxo.

—Deixe andar como quizer, que nada fará.

VARIEDADE.

A PERDIDA

A mão treme convulsa, o peito estala,
A idea se rebella, e me fallece
Si recordo o passado:—è tudo negro
E mais negro o porvir lá me apparece.

LEONCIO.

Ella formosa— seus impuros labios
Beijos fingidos vão roubar-lhe a côr,
E no seu peito de mulher—perdida
Morrem as creanças revivendo a dôr!

Agora é bella—a mocidade a cerca
Falsos protestos, acreditar pretende,
Sorri se alegre, porque d'elles ouve
Fingidas fallas, que não comprehende!

Mais tarde gasta a mocidade bella,
Esses protestos morrerão tambem,
E na miseria não verá um só
D'esses que hoje a cercar-lhe vem!

Terás saudades, d'esses dias bellos
Que entre caricias tu então passaste,
—E a mocidade apontará sorrindo
—A orgia impura aonde te rojaste!

Foge que é tempo de fugir da orgia
Quem póde ainda se tornar feliz,
Sê—Madalena—que abraçada a cruz
Na mocidade converter-se quiz!

E's moça, és bella, ainda é tempo—foge
Regenerada, que eu te possa ver!
Deixa esta vida de miserias cheia,
Foge da orgia que te vae perder!

Eia, caminha—ainda é tempo—foge
D'esse viver que a perdição conduz,
Antes que chegue a derradeira hora
Vai abraçar da redempção a cruz.

Marcilius.

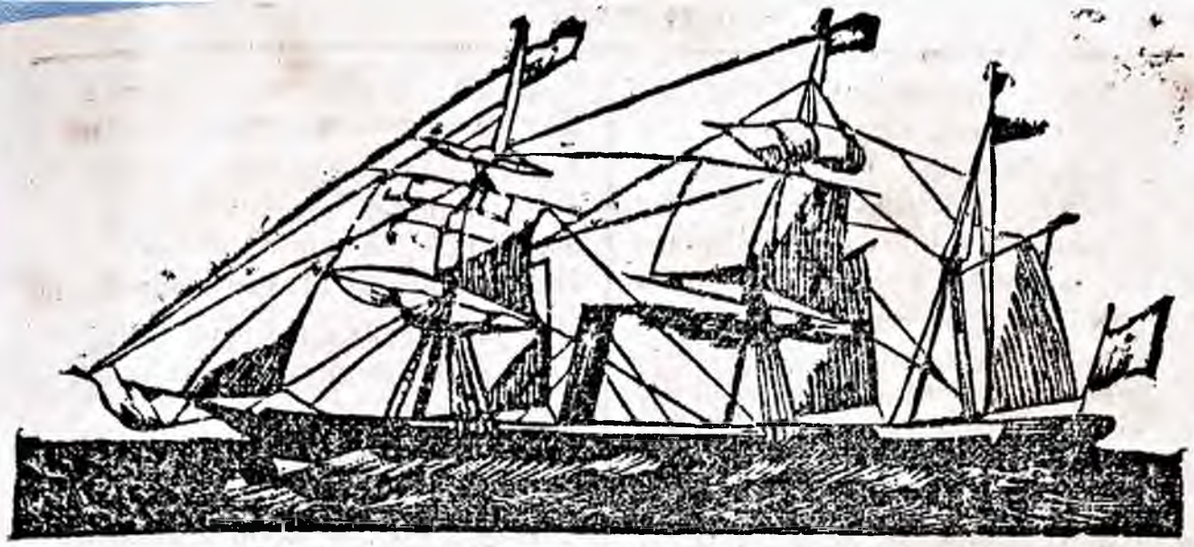
ANNUNCIOS.

Vende-se uma propriedade por acabar, com grandes proporções para familia, ao Guadalupe. Quem apretender dirija-se a esta typographia.

Na loja n.º 15 ao Taboão, deseja-se fallar aos seguintes Srs.
Raphael José Vieira.
Francisco Antonio de Araujo.
Antonio Matheus da Silva.
Marcelino Libanio de Almeida.
José Joaquim da Silva.

Vende se uma caza com bons commodos sita a rua do Castro Neves; tracta-se com o Sr. Cassianno Augusto de Lima no trapiche União.

O melhor vinho de caju, vindo Pernambuco, vende-se no armazem de Joaquim Gomes de Pinho, a Cruz do Paschoal nº 24 A B C



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 26 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 28.ª—N. 278

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14. se andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 Fries, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Hoje talvez que tenha de pronunciar o seu *verdict* sobre o processo Castro Rebello & C.ª o superior e egregio tribunal da relação.

O zelo ardente, que este tribunal, composto de caracteres conspicuos e respeitaveis, tem sempre manifestado em prol da justiça, affiança que a lei ha de ser cumprida em toda a sua plenitude, não ficando impunes os authores do barbaro e atroz crime de agosto, do qual foi victima o infeliz e mal-aventurado João Soares de Oliveira.

E' preciso uma reprimenda severa para que crimes dessa natureza, que abalam a sociedade desde os seus alicerces, não se reproduzam pelo abuso escandaloso da impunidade.

A indisivel anciedade, que se nota em todos os semblantes, denota a duvida sobre a completa exacção da lei, e cumpre mostrar a esta cidade, que pelo funesto exemplo dos factos consumados descrê de tudo, e ao mundo civilisado, que a lei no Brazil não é uma sombra, illusão ou chimera para os ricos e potentados.

O restabelecimento do socego particular e publico, da ordem social, está entregue ao superior tribunal, de quem se espera somente JUSTIÇA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de outubro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, participando lhe que no 1.º andar do sobrado n. 22 á rua do Julião, reune-se a companhia do olho vivo, a qual escolheu aquella casa, pela vantagem de ter ella duas entradas, uma pela sobredita rua e outra pelo Caminho Novo, e assim melhor poder exercer suas altas proezas. Pede-se, por isso, a S. S que dê até lá um passeio, e faça com que aquella sucia passe alguns dias com o Custodio.

—O Dr. Virgilio Climaco Damazio, o legitimo representante do 3.º districto, esbulhado de seu direito por caprichos pequeninos na eleição passada, dirigiu-se ao corpo eleitoral do mesmo districto sollicitando lhe a reeleição.

—Que o corpo eleitoral do 3.º dis-

tricto acolhendo a tão justa aspiração, compense ao Dr. Virgilio, a injustiça que soffreu e reaja por essa forma contra a insolita desconsideração, que lhe lançaram na pessoa do seu verdadeiro eleito.

—Tem muita razão, o Sr. quando diz que nesta terra não ha segurança.

—Ja acreditou?

—Pois si eu vejo a força publica encarregada de velar pela propriedade do cidadão, ser a primeira a desviar-se de seus deveres e commetter tudo quanto ha de reprovavel.

Ora ouça esta:

O africano Bruno, morador ao Caquende, sendo accommettido de apoplexia na noite de 22, chamou um outro africano e mandou por elle levar a seu compadre Pedro, morador ao Jogo do Carneiro, um bahu onde tinha sua fortuna, para que elle a guardasse, e no caso de morrer, lhe fazer o enterro e entregar a seus donos diversas quantias, que não eram suas.

O conductor, *perdeu-se* no caminho e em vez de ir ao Jogo do Carneiro, foi esbarrar em Nazareth, onde encontrou a patrulha, que com elle fez alliança e passaram á folha o que havia no bahú, sendo o negro por ser negro lesado no devidendo.

—Que tal!

Deus é quem sabe esses roubos que apparecem por ahi e esses caponeiros quem são.

—Despertando suspeitas um preto com um bahú a taes horas, foi preso e levado a presença do subdelegado.

—Muitas cousas desta dá-se por ahi. Mas eu não me admiro, por que tudo quanto é vagabundo e ratoneiro é que vae para a policia.

A PEDIDO.

Como anda tudo entre nós!

Ha factos que não podem passar despercebidos, porque revelam o transtorno em que vae a passos largos a sociedade de nossos dias.

Tudo se ha de ver; e nada ha que até hoje tenha podido reprezar essa catadupa de abusos, que continuam em escala ascendente.

O espirito sensato e recto, ao ver semelhante estado de coisas, não pode deixar de estremecer.

Não ha lagrimas para chorar, nem coração para sentir, tantos desatinos, qual maior e mais grave pelas consequencias que delles dimanam.

Em 22 de dezembro do anno proximo passado, reconheceu-se e verificou-se que nos cofres do banco desta cidade havia um desfalque ou subtracção de 266 contos.

As providencias empregadas, ainda illegaes e iniquas, foram contra o innocente, movidas pelos proprios ladrões, que por esse meio pretenderam desviar as suspeitas positivas e reaes de um labeu infamante, que pesavam vehementes sobre elles.

Apezar disso a opinião publica permaneceu inabalavel, e o tempo, unico mestre da vida, veio confirmal-a por um modo irrecusavel pelo crime de agosto.

Intenta-se pelo fôro commercial uma acção de responsabilidade contra a ex-direcção pelo desfalque reconhecido, sendo certo que até hoje os accionistas estão com esse prejuizo, e o estabelecimento desacreditado até mais não ser.

Pois bem; alem de tudo isso, temos presenciado que em todos os fins de mez apresenta-se um empregado do banco a pagar o ordenado que recebia o Sr. Coelho, quando em exercicio de um dos empregos dalli.

Não anda bem a actual direcção por esse facto, que importa, com prejuizo de terceiros, premiar um dos authores de um crime atroz, revestido das circumstancias as mais revoltantes.

Um homem, que despresou as condições de colleguismo de um honrado empregado; um homem, que desde o infausto acontecimento do banco, se prestou logo ao indigno papel de procurar convencer o infeliz Soares *de mudar ou fugir de terra*, porque era solteiro, mediante uma quantia dada por

dois ex directores *afim de ficarem elles purificados das manchas, que tudo tinham a perder, como pais de familias*; um homem, que pela recusa de Soares tornou-se seu figadal inimigo; um homem, que, contra as suas convicções, vendeu corpo e alma a uma traição infame; um homem que, apezar de inimigo procurou reatar a antiga amisade na memoravel e perfida scena — *do não consinto* — empurrando a victima para o logar ondo tinha de ser crucificada; um homem, finalmente, que, á acção torpe da traição, addicionou a concurrencia para um assassinato, que já era por elle sabido, e assassinato acompanhado de todas as circumstancias para recahir em uma pessoa estranha e alheia dobanco, pessoa a quem devia ser grata, porque foi quem empregou-o ali, e foi por muito tempo seu fiador para que não fosse demittido; um homem, dizemos nós, nessas condições não pode merecer favor ou consideração alguma, *maxime* com prejuizo manifesto dos accionistas.

Certos actos de philantropia devem sahir do proprio bolsinho, e não do dos outros, ja tão desfalcado.

A direcção do banco não mede o alcance desta *generosidade*. Ella, por certo, que não vê que por essa forma associa-se á infamia, que prende-se a todo esse acto. Ella ainda não vê, que se torna participe das aggressões ao homem, com quem qualquer casa bancaria deve estar em harmonia, e principalmente o banco, que não está em nenhuma maré de rosas, e que serviços reaes e importantissimos lhe deve.

E' preciso muito tino e imparcialidade em casos taes.

Não é nosso fim molestar a direcção. Apresentando ao publico o facto tal qual se dá, fomos obrigados a expender essas considerações, que nos vieram de chofre ao espirito.

Si por isso a offendermos, retiramos a expressão que não é intencional.

O varredor do banco.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXVI.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forcas que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto, — pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Não é mau que o Sr. Dr. Galeão, pela sua demasiada bonhomia e condescendencia com os reus, soffra delles e de seus defensores, calado e de bocca enxuta, as picardias e doestos, que profusamente sahem publicados em algumas gazetas desta capital.

Si S. S. não tivesse consentido que os reus, contra a terminante disposição dos arts. 238 e 426 do Reg. n.º 120 de 31 de janeiro de 1842, nomeassem peritos para exames medicos; si S. S. não tivesse admittido em um crime de tentativa, tão claramente preciso, e tão precisamente caraterisado, de encontro a lei e a sciencia, exames de sanidade; si S. S não tivesse deixado de cercar tambem as casas dos reus Castro Guimarães e Sampaio Vianna, deleixo imperdoavel; si S. S., logo após a denuncia de Coelho não deixasse-o ir em paz, tomar as medidas que o caso urgia; si S. S., por empenhos, como declarou o Sr. Dr. João Victor no *Jornal da Bahia*, não conservasse na mesma prisão os reus em pleno *break—feast*, contra todas as regras da reclusão; si finalmente S. S., incrivel e inauditamente em vista do processo não os pronunciasse, por ferimentos graves em logar de tentativa de morte; — talvez ou antes é certo que, tendo cumprido o seu dever, elles agora não o escarnecessesem, nem o invectivassem por um modo tão desabrido.

Em paga de tantos favores pedem que S. S. vá quanto antes para *as frigidas serranias do Iguape* chorar a sua frouxidão e condescendencia.

E ainda isso não é nada — é apenas

o escarneo: dizem mais, e ahi é que está a injuria atroz, que S, S. *é prejudicial á reputação da magistratura brasileira.*

Não ha inventiva no que vimos de dizer. Nada mais fizemos que reproduzir dous dos muitos desses topicos, que vem no *Jornal da Bahia* de 20 do corrente no 22.º artigo do—*Processo Soares.*—

Eis, por tanto, como são as cousas!

Desde que a pronuncia foi entregue ao escrivão do feito, ao ser ella aos reus communicada pelo procurador Lentini, nós noteiamol-o, chasquearam elles desapiedadamente de S. S, alardeando logo a revogação do despacho no superior tribunal.

Muito tempo não é passado, e a verdade da noticia transparece para convencer amigos e inimigos.

Ate hoje ainda não escapou de nossa penna uma palavra, que não fosse exacta e verdadeira a respeito dos reus. E como, apezar de cada dia ir se confirmando esse facto, possa haver alguem que as considere em linha de duvida, o tempo se encarregará de dissipal-a.

Só o *foveiro* do *Interesse Publico* é o unico que não tem vituperado o juiz formador da culpa, e os cem mil réis mensaes explicam satisfactoriamente essa abstenção,

Agora que S. S. ja não lhe pode mandar cem mil reis mensaes, espere uma hora por outra pela sua rebombiada.

Em o numero 921 de 19 do corrente, em *defeza* aos reus traz elle *o extracto da ultima sessão do prossesso de Fauntleroy em Londres,* e *ergo os seus defendidos são uns innocentes.*

Que bella vida!

Ja 29 artigos estão *na corda,* e o direito á paga, si não foi adiantanda, está fora de contestação.

Quem haverá ahi que silencioso e impassivel possa ver esse protervo ardimento?

Grande Deus! livrae a terra desse monstro!.....

O nobre articulista do *Jornal da Bahia* no 15º artigo, principia por exprobar a falta de exactidão que teve o illustre prolator da pronuncia no 1.º considerando, onde dera o crime perpretado todo no moinho, quando do interrogatorio do offendido consta que parte foi em um mato, e parte no moinho.

Houve com effeito essa falta de exactidão na pronuncia; e assim como somos o primeiro a pugnar pela verdade, pois é somente o que queremos, assim tambem não podemos deixar de reconhecer e confessar essa inexactidão.

Dahi é de primeira intuição a nossa imparcialidade, offenda a quem offender,

Que o crime fora practicado em dous logares—é o que não resta duvida em vista do auto de perguntas; e so uma dessas ommissões inherentes á natureza humana, e fora de sua intenção daria logar a esse engano.

Elle, porem, não augmenta nem diminue. e nem livra os reus da criminalidade por ser de uma circumstancia tão pequenina, que pouco importava que o theatro do crime fosse em um ou dous logares.

Por isso so pode merecer censura a autoridade, censura mesmo de pouca influencia e importancia, porque pode ser explicada e justificada pela rasão que demos acima.

Si a inexactidão versasse sobre um ponto principal, que decidisse da criminalidade ou innocencia dos reus, então a authoridade devia com rasão de sobejo ser arguida de parcialidade e má fé, e isso era bastante para que o seu juiso fosse *in limine* despresado, alem da grave e real responsabilidade, que deveria provir desse abuso manifesto.

Mas versando unicamente sobre um ponto, que embora alterado, não influiu nem na ordem do processo, nem na criminalidade dos reus, ja vê que ahi não houve intenção de occultar a verdade: é a applicação do *quando que bonus dormitat Homerus.*

E' bom, porem, que mesmo essas alterações não se dèem, e que o juiz seja o mais escrupuloso e fiel na narra-

ção dos factos, afim de que seja sempre escoimado de qualquer engano.

Ter sido o crime commettido nos matos da fazenda do Garcia, habitação do reu Castro Rebello, e no moinho, dependencia desta, é uma circumstancia de muito pezo no processo, e que convem não deixar passar desapercebida.

Muito embora diga o nobre articulista que o moinho estava deshabitado ha muito tempo; que os reus não seriam tão nescios para escolher esse logar de preferencia a outro qualquer; que os gritos do offendido podiam ser ouvidos pelas pessoas que passavam, e ainda pela visinhança; que ahi tem sido o logar de muitos crimes;—todavia essas allegações são destituidas de todo o fundamento plausivel pelas razões que vamos expender.

Quem ja foi á fazenda do Garcia e viu a casa do moinho, deve estar lembrado que as suas portas não tinham chaves; as janellas estavam sempre abertas sem a menor segurança; era finalmente desabitoda.

Ja ha muito esse facto é do dominio publico, e mesmo agora, depois que o reu Castro Rebello para la foi, as cousas continuaram nesse estado, sem a minima mudança.

Não havendo grande distancia dahi á casa do Garcia, estranho que tivesse-a preparado, mandando botar chaves nas portas, ferrolhos ou trancas nas janellas, necessariamente devia ter chamado a attenção das pessoas da casa, que por certo deviam levar em muita consideração esse cuidado e prevenção

Ora não constando apezar dessa mudança, que houvesse presentimentos das pessoas de casa, é fora de contestação que essas cautelas e presunções foram tomadas por pessoa da mesma casa, pelo que não excitaram a curiosidade.

Estr nho poder tomar tantas medidas, que requeriam tanto tempo, sem ser apanhado, è embaçadella que não colla como muitas outras.

E' preciso ainda muita coragem para entrar-se na roça ou fazenda de outrem, e a sangue-frio e em plena liberdade, preparar uma casa deshabitada que ahi fica para a practica de um crime.

Si a paixão de momento poderia levar um individuo a assassinar outrem que encontrasse nesse logar, a premeditação de todas essas medidas para a execução do crime repelle essa idea, admissivel no primeiro caso.

E tanto mais repulsiva é ella, si se attender que a fazenda è presentemente sempre vigiada pelas pessoas encarregadas da pastagem dos animaes, que das outras cocheiras vão para ahi.

A segurança de pôr chave na porta e o mais—consta do interrogatorio, em cujo final se vê que, estando a porta fechada, não teve João Soares outro remedio que saltar pela janella do fundo.

Por tanto ja se vê que, por isso mesmo que a casa do moinho estava deshabitada e toda aberta, apparecendo ao depois fechada, é que a criminalidade recahe sobre o reu Castro Rebello, e não sobre estranho.

E' de admirar a coincidencia de tantas circumstancias sobre esse individuo e os seus comparssas, e não sobre nenhum dos outros seis ex-directores, e elles a teimarem para passar por innocentes!

Tudo, tudo se agglomera contra elles, e leva a convicção robusta a authoria do crime de agosto.

Esse logar, a fazenda do Garcia, foi preferido a outro qualquer, porque delle punha e dispunha em plena liberdade o reu Castro Rebello, sem que ninguem tivesse o direito de vir estorval-o na horrenda practica do crime.

Em que logar mais desassombradamente praticariam o crime que ahi nesses matos solitarios e invios?

Um crime dessa natureza, horrivel e inaudito, não havia de ser executado em logar estranho, onde com mais facilidade poderia apparecer um estorvo para a sua consumação.

Nelle o reu Castro Rebello era tudo, e não haveria vez que se levantasse mais alta que a delle.

Esvaise-se em gritos pungentes e dolorosos a victima, *alem de estar amordaçada*, e quando não o estivesse, ninguem viria para soccorrel-a.

E como vir, si a taes horas rara é a vez em que passa por ahi alguem?

Assim o logar não podia ser mais proprio para a obra infernal que este, e nem outro podia tambem apresentar mais commodidades e vantagens para o exito da tenebrosa empreza.

E' certo que alguns crimes tem sido commettidos na fazenda do Garcia; assim como rara é a roça nessa cidade em que não tem se encontrado africanos enforcados. Mas, crimes commettidos na propria casa do moinho, seja de que natureza for, é o primeiro que apparece depois que temos uso de razão.

Conseguintemente a perpetração do crime nos mattos da fazenda do Garcia, e na casa do moinho, é uma das muitas circumstancias da criminalidade do reu Castro Rebello, e dos de mais que estão á elle ligados por um laço indissoluvel.

—Quem é o redactor do *Sentinella*?

—Não sabe?

—Realmente não.

—Leia aqui.

—*A. R. Macedo.*

Ah é elle?

—Ao menos o cabeçalho da folha diz.

—Então foi elle o author de um annuncio de leilão de venda do *Corsario Alabama*?

—Indubitavelmente.

—E eu não creio.

—A razão?

—Porque elle não podia fazer isso.

—Porque não podia?

—Porque tem consciencia, de que as pessoas a quem allude, são incapazes do que disse.

—O que lhe garanto é, que está em letra redonda.

—E eu teimo em dizer que o rapaz não fez tal cousa.

—La por isso não é preciso brigar.

—Pois o Macedo, ia la dizer aquillo com os proprietarios do *Alabama*.

Elle quo sabe que aquillo se refere a certo individuo, que não se pejou de nivelar sua familia á mais refinada corticeira desta terra, a celebre Mariquinhas dos burros, passando juntos na mais depravada communidade, uma festa do Bomfim em uma propriedade do Sr. commandante superior Carvalhal, e que tolerava que sua filha donzella ou ao menos nesse titulo, passeiasse com essa estabanada quarteleira pelas ruas de Itapagipe, ouvindo as chuvas dos garotos.

—Então havia engano nas allusões?

—Sem duvida. Porque aquillo como ja lhe disse, se refere ao sujeito de quem fallo, que passando *uma* festa no Bomfim, elle, a mulher, a Mariquinhas dos burros e mais passaralhada, empurrava-se para a cidade deixando a casa na mais *marmotatica* orgia entregue a um commandante de artilheiros, o qual passava vida de *rei* naquellas agrestes *silvas*.

Eu mesmo não sei como o Macedo confundiu o tal sujeito, quando se me não engano, sabe que é um espertalhão que andou pela cidade baixa, esmollando para interrar uma filha que lhe tinha morrido, *subtileza* com que empalmou dos incautos oitenta e tantos mil reis, e cuja filha *ressussitou* e está hoje mocetona e rochonchuda.

O Motta da carne foi uma das victimas desse empalmador.

—Que engano dos diabos!

—Sim Sr. confundir os proprietarios do *Alabama* com um tropiante que roubou de uma pobre preta 30$ rs. e depois se foi lançar miseravelmente aos pés do Augusto para não o deitar na casa de cachorro, passando para isso um fica de 25$ rs, que ja creou cabellos brancos e dando 5$ rs. em dinheiro Isso ja la se vão 3 annos que aconteceu, mais si o Macedo quer verificar por seus olhos, va ao Augusto na ladeira da *Doença* e peça que lhe mostre o fica do tratante, que é o mesmo que na ladeira dos Gatos em uma venda pediu 2$ rs. para fazer um troco e deu as gambias até hoje.

—Deixando de parte o equivoco, o

cujo do quem o Sr. falla deve ser uma creatura abjecta e repulsiva.

—Um ente cynico ao ponto de tolerar que, em quanto elle em um baptisado em casa do Sr. Marcolino, recitava poesias de Xavier de Novaes como suas, a mulher divertia-se em uma roça e mais duas meretrizes com o Monteiro que canta de nagô e outros rapazes folgazões e as 11 horas da noite ellas com os vestidos embarreados entraram pela casa do moço, que envergonhado chamou-o de parte e disse-lhe «que por vergonha sua, «mandasse ao menos sua mulher mu«daraquelle vestido com que tinha ido «pagodear na roça» ao que o infame não deu cavaco, vendo-se o moço na contingencia de despedir a comitante caterva de sua casa para fora.

—Safa!

—Si elle dissesse que esse sujeito se vende, por que não ha muito que mandou pedir uma esmolla a um ricasso a quem depois pagou com a mais negra ingratidão e anda a qualquer hora a se offerecer, bem.

Eu poderia aqui fazer um appello aos Exms. barão de S. e C. S. para que por sua honra declarassem si esse miseravel ja não se lhes foi offerecer, e si elles dignamente não rejeitaram a offerta do alquilé.

—Apre!

A carga é muito forte.

—Ainda ha muita cousa.

—Porem eu creio que isto basta para o Macedo cahir em si e desfazer o engano.

E' preciso, em pleno dia e a vista d^e todos, desmascarar os tractantes, aquelles que por um punhado de qualquer metal trahem e vendem a consciencia.

Essa corja infame da sociedade ou ha de mudar de vida, ou então verá em letra redonda, e si for possivel, até mais-cula, o seu nome, accompanhado logo das tractantadas.

E ainda assim, si não arripiarem carreira, a faca do muxingueiro fal-osha mudar de pello, e por tanto de consciencia.

Veja o publico sensato e moralisado que mutação anthithetica de idéas em tão pouco tempo; o necessario somente para que a compra se effectuasse.

Eis o que o *Trovão*, hoje um dos *defensores strenuos* dos ladrões de dezembro e os assassinos de agosto, dizia dos mesmos em 8 de agosto do corrente, dous dias depois do horrendo successo do ultimo.

«BOA TREMPE.

«A panella de feitiços dos 266 *pintos* quebrou-se, e com ella a *trempe*.

«Os trez LADRÕES *Castrudo Guimarães*, *Xixi rabo de camello*, *e o incommendador São dos paios-vianna* estão perdidos.

«Dormem no chelindró, e é de esperar que breve marchem para o presidio das *Noronhas* de calceta aos pés, marcados nas costas com o nome de LADRÃO, como quer o povo, mas que o *Trovão* não pode fazer opinião formada por em quanto.

— —

«QUE TRATANTE?

«Por artes de berliques e berloques, o *miseravel* animal, cobrador da *tripeça Coelho*, que tambem entrou na historia dos 266 *pintos*, está agora engaiolado.

«Digam la o que quizer: este TRACTANTE tem culpa no cartorio, e ha muito misterio neste brinquedo....

— —

«HA FACTOS QUE SE NÃO PODEM DESCREVER NEM CONTAR.

«No Rio de Janeiro hontem quizeram ROUBAR a fortuna de uma viuva, LANÇANDO-A no carcere, tendo-a levado a força em um carro os *capangas* de um BACHAREL CYNICO, para com ella casar-se.

«Não cedeu a INFELIZ, mesmo a vista de MUITO FERRO AGUDO, e de alguns tiros ameaçados:

«Na Bahia, quasi que o mesmo se dá.

«NO DIA SETE—PELA MANHAN APRESENTOU SE A POLICIA UMA VICTIMA ALGEMADA PELA FORÇA DOS CYNICOS LADROES DA TRIPEÇA.

«Uns LADROES de certo *negocio* qui-

zeram MATAR a um pobre moço infeliz, porteiro de certo estabelecimento, onde se assenta em *bancos*.....

«MISERAVEIS ASSASSINOS: O QUE QUEREIS?

«SUCCUMBIR O POBRE PARA SE ERGUER O NOBRE LADRÃO?

«Engano!.....»

- Ahi está o que dizia o *Trovão* dos homens do *carro*, *da mordaça*, *dos angi-nhos*, *etc.*

Volvamos agora os olhos para o *Mais-cedo do Sentinella visivel.*

Ja sahiu estampada nestas columnas a caricatura de um homem a moda—corvo, denominado *Carmesim*, estampa accompanhada de lindas e judiciosas considerações em proza e em verso, reproduzida do proprio *sentinella visivel*, que só por semelhante lembrança esta cidade toda deve ser-lhe grata.

O ladrão ficou conhecido de mais.

Hoje não so elogia e endeoza esse ladrão, como ainda injuria a aquelle que generosamente emprestara-lhe 50$ para soccorrer sua familia!

Que tal! o proprio *Trovão*, *collegas de defeza*, é quem o chama miseravel.

Nos como chamal-o-hemos?

E' muita desgraça, meu Deus!...

Finalisemos hoje com o *incomparavel e formidavel Guedes Cabungo.*

Ah! que ladrão safado!?

Desgraçado e miseravel, so como elle. Até assassino, o que mais querem?

Eis o que esse monstro das torpezas e devassidões dizia daquelle, que tendo tanto lhe matado a fome e a sede, hoje é por elle mesmo injuriado por um modo dezabrido.

Podiamos reproduzir cartas, mais ficarão para outra vez.

Alludia ao facto de ter o Sr. Figueredo Leite dito, (verdade ou não ignoramos) que se sahisse director do banco com os Srs. Marinho e Cezimbra, renunciaria o encargo.

«Somente parece que infelizmente compromettou um pouco sua reputação de *homem de tino*, declarando que se sahirem eleitos os Srs. Marinho e Cezimbra, e elle o for tambem, não servirá. O odio cega tanto como o orgulho; mas em sua rasão calma S. S. ha de convir na inconveniencia daquella declaração porque, com effeito pretender conspirar a praça da Bahia contra DOUS NOMES QUE SÃO EXACTAMENTE DUAS DE SUAS MA'S LEGITIMAS GLORIAS, SERIA CONSPIRAR CONTRA TODAS AS IDEAS DE PROBIDADE E RECTIDÃO »

Ahi está em caracteres indeleveis o que o *Cabungo*, por um *interesse publico* de março de 1861, dizia daquelle que hoje põe pela rua da amargura.

Que valor ou alcance podem ter as palavras desse safado, relaxado, infame, miseravel, devasso e assassino?

Haverá alguem ahi que se importe com o ladrar desse *cão gozo, leproso, e foveiro*?

Por certo que não.

Está, por tanto, aos olhos do publico, *a trempe defensora dos ladrões e assassinos*!

Deus os fez, o diabo os ajuntou.

Continuaremos.

ANNUNCIOS.

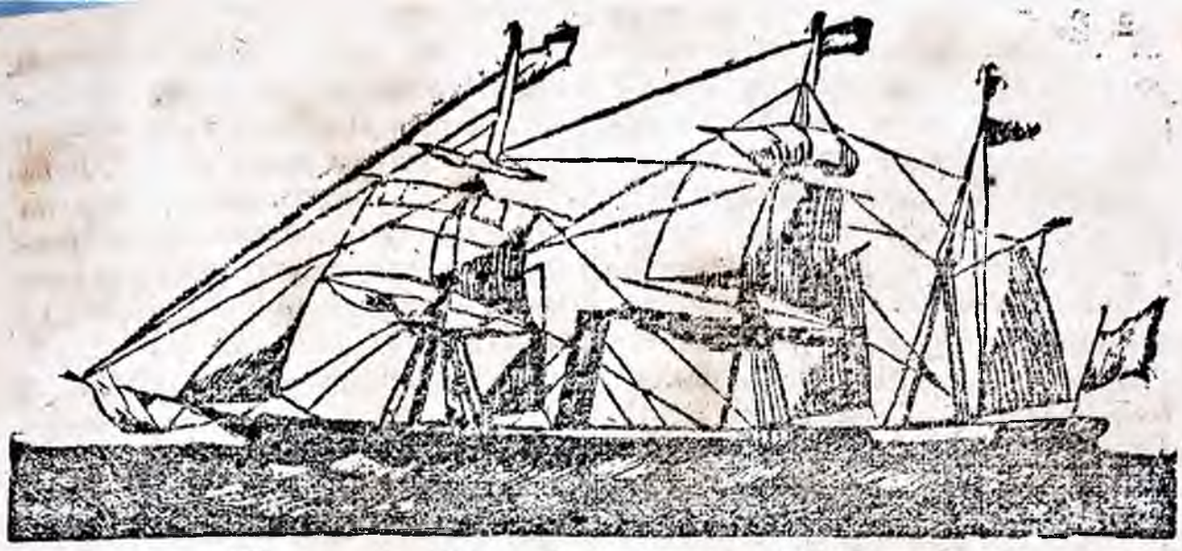
PROCISSÃO DE S. BENEDICTO.

Definitivamente no domingo 27 ás tres horas da tarde, sahirá do convento de S. Francisco a Imagem de S. Benedicto em procissão até a Quinta dos Lazaros, onde terá logar o assentamento da pedra para edificação dos carneiros da referida irmandade.

O abaixo assignado, declara que o Sr. José Joaquim Rangel da Silva deixou de ser seu caixeiro, na venda denominada—Progresso da Sé—cita Atrás da Sé, e as pessoas que com elle tinham contas na mesma venda, tenham a bondade de as vir saldar na mesma onde só o podem fazer.—Bahia 23 de outubro de 1867.

Joaquim Marques Moreira.

Vende se uma caza com bons commodos sita a rua do Castro Neves; tracta-se com o Sr. Cassianno Augusto de Lima no trapiche União.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 29 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 28.ª—N. 279

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ÁLABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de outubro de 1867.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, levando ao seu conhecimento, que o Sr. Chrispiniano da Silva Lopes accumula os logares de juiz de paz em exercicio e official da guarda nacional aquartelado; em vista do que, pede-se a S Ex. providencias, que façam com que esse Sr. resigne um dos logares como incompativeis.

—Ao Illm. Sr Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para os desatinos, que andam por ahi a commetter os marinheiros de um barco americano, surto neste porto.

—A' Illma. direcção do Banco da Bahia.—Constando que o Lopes mexicano na questão Soares, recebe desse estabelecimento ordenado mensalmente como seu empregado, faz-se preciso que Ss. Ss. informem si isso é exacto, e no caso de sel-o, cumpre que immediatamente suspendam semelhante pagamento, visto que ninguem deposita ahi seu dinheiro, para com elle se fazer favores.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, para que informe com urgencia si é exacto que um seu inspector de quarteirão, ha pouco estabelecido, obriga as meretrizes do mesmo a comprarem na sua biboca, e as que se não querem sujeitar a isso são ameaçadas com prizão.

—O Sr. Raphael Bittencourt, disse na sexta feira em um logar, que um seu amigo déra 25$ rs. a um empregado desta folha para lhe declarar quem era o author de certo artigo, e que por esse preço obtivera o segredo.

—Não creia nisso.

—Pois si eu ouvi, como não acredito?

—Pois então, si a honra para o Sr. Bittencourt não é uma chimera, si o pundonor não é um *boneco chorão* com que brincam as creanças, e mesmo aquellas adultas por detraz de alguma pilha de trapiche, fica solemnemente emprazado para declarar quem recebeu o dinheiro, qual o amigo que deu e o motivo da transacção, bem como outra qualquer cousa que saiba á respeito.

—E' uma provocação a que nenhum homem de brio se deve esquivar.

—E Vm. fica encarregado de ver as pessoas em presença de quem o Sr. Raphael disse isso, para, no caso delle não declarar, se lhe dar a resposta em regra.

—Sciente.

—Que mulher desalmada é esta chapadista!

Morreu uma escrava a essa virgem-muar às 9 horas e às 11 ja ella mandava o cadaver enrolado n'uns trapos, sobre uma taboa na cabeça de dous pretos para ás Quintas!

—Pois aquella diaba que tem tanto dinheiro!

—Para V. ver.

—O padre Ignacio annunciou no *Jornal da Bahia* que dá dinheiro a premio.

—Sublime exemplo do amor e charidade ao proximo, soccorrendo-o nas suas privações!

—E' verdade, o Divino Mestre expelliu os traficantes do templo, seus ministros hoje trocam o breviario pela bolsa do agiota.

—Bonita *vista de bosque*!

Só os guardas de Santo Antonio teriam lembrança tão exquisita!

—Não graceje que isto não é motivo de graça. Pois para prender um homem é preciso pol-o nú, com o paletot unicamente sobre a pelle?

—E quem vê um quadro vivo daquelles, uma raridade na especie, não tem razão de admirar-se?

—Sim; está no seu direito, desde que não ha quem se admire de que um homem, sendo preso no largo da Saude, vá nú até a ladeira do Alvo.

—Ora, isto é a lusco-fusco, não dá na vista.

—A carne que mandaram vender na Barra, no domingo, era de um boi doente.

—E V. como sabe disso?

—Porque vi. Quando o cortador metteu a faca em um dos quartos, arrebentou uma aposthema que alagou o açougue.

—E alguem comeria dessa carne?

—Ora!... Si ja tinha se vendido duas arrobas e tanto.

—E' preciso que o superintendente e o medico sejam muito escrupulosos

—Outro dia, si não chega o superintendente tão depressa, ia para o consummo um boi pesteado, bem como uma vacca, cujas visceras estavam denegridas.

—Da vacca eu soube, e até o porteiro por essa occasião blaterou contra quem via o que se passava la dentro para dar informação ao *Alabama*.

—Sim, aquella casa deve ser impenetravel, para que os profanos não vão devassar os segredos della.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXVII.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forcas que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

No meio de tantas tropelias e abusos que, em escala ascendente, invadem todas as camadas sociaes, qual lepra do desgraçado de Aost,—no meio da subversão completa de todos e de tudo, que só o absurdo poderá explicar,—o espirito parece renascer, e remontar-se á Fonte donde partiu, ao contemplar uma das excepções desse transviamento.

E' A JUSTIÇA DE DEUS, sempre certa, sempre infallivel, seja qual for o tempo, que repercute nas consciencias, acenando-lhes o cumprimento do dever.

A ancia extrema, que estrezia-se de um modo indisivel em todos os semblantes pelas decisões, ainda que não finaes, do horroroso e atroz crime de

6 de agosto, vae esvaecendo-se pela exacção da lei.

Não vamos noticiar o venerando accordão do egregio tribunal da relação, que julgou improcedente o recurso interposto pelos reus Castro Rebello & C.ª do despacho de pronuncia proferido pelo honrado Sr. Dr. Galeão, quando chefe de policia,—não.

Entre a sua prolação e o conhecimento publico de um a outro extremo desta grande capital pouco tempo mediou; por isso é que estas toscas e rudes palavras, filhas do mais honesto e justo sentimento, tudo poderão ser, menos noticia. São uma homenagem franca e leal da imprensa, legitima e verdadeira representante da opinião publica, ao superior tribunal, que, despresando a vozeria e grita descompassada *dos pregoeiros ou cyrineus do crime*, só tendo em vista o allegado e provado, sobranceiro na altura de sua magestade, pronunciou o seu *verdict*.

Para aquelles que tem apreciado os fastos judiciarios deste tribunal, era desnecessaria a proclamação authentica dessa verdade: mas nem todos o sabem; e é preciso que grandes e pequenos, todos sem excepção de um só, reconheçam e confessem que alli a innocencia, o a verdade, embora sem os europeis das fofices sociaes, tem guarida certa, e o crime e o erro, mesmo nadando em montões de patronato e de ouro, tem castigo merecido.

Continuos affazeres, e ainda o nosso estado de saude, que nesses ultimos tempos tem se aggravado, não permittiram que fossemos testemunha desse certamen judiciario.

Tudo quanto vamos dizer em resumo mui escasso, provém de informações que nos foram ministradas por um habil jurisconsulto que esteve presente à sessão.

Composto o tribunal, faltando os Exms. Srs. dezembargadores Almeida Couto, e Freitas de Albuquerque, e decididos outros feitos, o seu honrado presidente começou a sortear os ministros que deviam julgar o recurso.

O sorteio recahiu sobre os Exms. Srs. dezembargadores Dorea, Monteiro e Luiz Antonio, por substituição do Exm. Sr. dezembargador Albuquerque, que, como já dissemos, estava ausente.

Depois de lidos fiel e religiosamente os autos pelo ministro relator, principiou a discussão.

Fallou em primeiro logar o Sr. Dorea, e os motivos do seu voto foram os seguintes: Que lendo o exame que fizeram os facultativos do corpo de delicto no offendido, e comparando-o com a resposta que deram negativamente ao quisito relativo ao grave incommodo de saude, encontrava falta de coherencia; porquanto, apresentando o offendido tantas lesões accompanhadas de tumefacção e vermelhidão, produzidas pelas algemas, anginhos, mordaça, pressão de mãos no pescoço que denotavam principio de estrangulamento, si mais duradoura e intensa fosse a pressão, o por uma corda do sedenho que lhe cingia a cabeça, etc., etc., necessariamente devia ter soffrido grave incommodo de saude. Que esse grave incommodo consta do segundo exame de sanidade, que deve ter todo o vigor, por que as respostas ás propostas apresentadas em sentido contrario são vagas, e sem applicação á especie; sendo portanto a classificação do crime a do art. 205 do codigo penal—isto é —ferimentos graves.

Que no processo ha prova sufficiente para a pronuncia dos reus, e por isso o seu voto era negando provimento ao recurso.

Fallou em seguida o Sr. Luiz Antenio. Disse que era opinião sua, já desde muito conhecida e mesmo manifestada no tribunal, que, não se devendo admittir no legislador duas palavras para explicar a mesma idéa, a mudança de phraseologia por elle empregada quando tracta do grave incommodo de saude, e inhabilitação de serviços por mais de 30 dias, diversa da que usou em outros artigos da secção de ferimentos dava a entender que o grave incommodo de saude e a inhabilitação de serviços por mais de 30 dias deviam estar subordinadas á mutilação

ou destruição de algum membro ou orgão, caso unico, em que essas condicções deviam ser levadas em conta para a aggravação da penalidade; por quanto devendo evitar-se sempre na execução da lei o absurdo e a iniquidade, isso appareceria si aquelle que fosse o author de uma offensa phisica, da qual resultasse a mutilação ou destruição de algum membro ou orgão, tivesse uma pena muito inferior a aquelle que, foi author de outra, que somente produziu grave incommodo de saude, ou inhabilitação de serviços por mais de 30 dias, sem mutilação ou destruição de algum membro ou orgão. Que essa despreporção, pois, levava-o a não classificar o crime no art. 205, muito embora a praxe dos tribunaes fosse outra.

Que não podendo tambem ser o crime por sua atrocidade e muitas outras circumstancias, classificado no art 201 —isto é— ferimentos simples, elle classifical-o-hia em tentativa de morte pelas seguintes razões:

Que o facto assás positivo de terem os algozes, antes de deixarem a victima, amordaçado-a, e trancado as portas do moinho, era uma prova inconcussa de que não a haviam abandonado por acto voluntario, mas sim por motivos de força maior, independentes de sua vontade, os quaes foram a noticia do cerco que se dera no Garcia.

Que a victima nesse estado, isto é, algemada, amordaçada, vendada, amarrada com cordas aos pés que vinham-lhé ás mãos, trancada, sem esperança de salvação, depois de ter soffrido as torturas e flagellos constantes do corpo de delicto, pouco tempo devia restar-lhe de vida.

Que a tentativa se reconhecendo em alguns casos pelo facto material, como uma punhalada sobre o coração, em outros, como no presente, se reconhecia pelas circumstancias que rodearam o crime—circumstancias, que estão patentes dos autos, e que bem revelam a intenção dos agentes.

Que as respostas ao decimo e undecimo quisitos do corpo de delicto, que davam a possibilidade da morte, comparadas com os motivos da desistencia ou não consumação, vinham ainda confirmar ser a classificação do crime o de tentativa, e essa era a sua opinião.

Que finalmente no processo ha materia bastante para a pronuncia dos reus.

Sustentou ainda seu voto o Sr. Dorea.

Somente não fallou o Sr. Monteiro, que concordou com éste, e foi por essa forma confirmada a pronuncia, e julgado improcedente o recurso.

Eis os apontamentos que tivemos da sessão. Si por ventura houver alguma inexactidão, somos o primeiro a reparal-a, porque não estivemos presente.

Consta-nos que houveram tachygraphos por parte das folhas diarias desta capital, porém os apanhamentos ainda não foram publicados até hoje, segunda feira, quando escrevemos estas linhas.

Todos ja devem saber o que não terá de soffrer o conspicuo tribunal dos *defensores* dos reus.

O espelho do Sr. Galeão está ainda bem claro e presente a memoria de todos.

Não importa: antes assim.

O *foveiro* do *interesse publico et reliqua*, que venham, que temos resposta ao pe da lettra.

No tribunal, segundo nos consta, houveram insolentes que murmuravam a meia voz, contra caracterec illibados. Appareçam sem rebuço, que o humilde e obscuro author destes artigos os espera sempre prompto na estacada.

Ainda não acabamos nossa missão.

Muito temos que caminhar, confiados unicamente na JUSTIÇA DE DEUS, SEMPRE CERTA, SEMPRE INFALLIVEL.

—O *barão da Ventania* logrou *os homens do carro, da mordaça, anginhos, etc.*

—Em que?

—Dizendo que tudo estava prompto e elles na rua.

—Não acredito nisso.

—Pois acredite que é a pura verdade. Tanto assim que ja havia musica, foguetes e um magnifico jantar de exquisitos accipipes para o recebimento da victoria.

—Coitados! em cima *de pedra couce*.

—E' justamente o que merecem esses malvados. Um crime daquella ordem, barbaro e atroz, deve ter uma punição severa para exemplo dos futuros.

—La isso é verdade. Veja que na Corte o cynico bacharel Raymundo Martiniano, autor do rapto de uma viuva rica, foi condemnado pelo jury a dez annos de chilindró, e a dotar a offendida.

—Não se admire disso, porque o nosso jury tambem ha de cumprir o seu dever, condemnando os algozes de *Soreas*.

—Assim deve ser. Não se tracta somente nesta questão do infeliz *Soreas*, tracta-se de uma ameaça terrivel contra toda a sociedade, e aquillo que não queremos que se faça aos outros, não devemos querer que se nos faça.

—Tem toda rasão, porque assim manda o Evangelho.

—Hoje por mim, amanhan por ti. Si os reus ficarem impunes, ai de nós todos, e do socego e repouzo das familias, que ficarão sendo victimas do mais audaz aventureire e especulador!

—Ainda muita rasão lhe dou.

—E' preciso que os *grandes* da terra reconheçam que a lei não é somente para os pequenos: que não é só Inglaterra que existem tribunaes honrados. Nós os temos e muitos. Si se enganam é porque querem. A prova ahi está.

—V pensa como um philosopho alcalisado.

—Não tenho que dar-lhe satisfações.

—A proposito: o *sassarugo Calitina*, quando soube da noticia, ficou endemoniado. Bufava como um touro, e tirava o chapeu da cabeça e tornava a botar mais de mil vezes.

—Era que o cerebro estava volcanisando-se em materias deleterias, e era preciso refresco para evitar a apoplexia.

—A *alvacora rosinha* foi quem pagou as favas de bordoadas e couces que fazia do!

—Coitada!

—Pois si ella tambem errou o feitiço, porque o serviço não foi bem feito!

—E ella é feiticeira?

—Ainda me pergunta isso?

Em outra occasião, dar-lhe hei noticias exactas e minuciosas desse negocio.

—Está bem.

—Sahiu publicado na typographia do *Pharol* por um Bahiano o Processo Soares.

—Ja fui mimoseado com um exemplar.

—E que tal acha?

—Optimo. Por elle é que se pode bem apreciar as provas sem conta que existem contra os reus. A divergencia ou contradicção em que estão nos interrogatorios é de primeira intuição.

—Assim é. Si quem ainda não o leu, so pelo que tem ouvido dizer, ser conhece a criminalidade manifesta dos mesmos, quanto mais lendo-o?

—Quanta cousa que ninguem sabia veio agora apparecer.

—E' verdade: agora è que eu digo que os *homens* estão na *ganga*.

—No tal livro so encontrei uma falta para ser julgado perfeito e de summa utilidade publica.

—Qual foi?

—Não vir o corpo de delicto.

—Sim, senhor. Concordo com a lembrança. Mas é que muitos ja o tem nas gazetas que o publicaram, e assim a falta não é tão sensivel.

—Va que seja.

—Ja sei que agora temos larga discussão sobre o processo.

—Si os entendidos e profissionaes quizerem.

—Hão de querer.

—Talvez que não.

—Os homens do carro, mordaça, anginhos etc. são *innocentes bem engraçados*.

—Pela inflexão da voz reconheço que V. não diz isso de coração.

—Podera não. Attenda esse bocadinho, e veja quanta *santidade*.

—Conte o caso em regra e deixe-se de elogios e finezas para com aquelles malvados, cujos corações só anhelam o roubo, o assassinato e a infamia.

—Eil-o. A todos que vão no forte, e que lhes exprobam os libellos atrozes, que nos paschins tem elles mandado publicar contra aquelle que cuida apenas de seus deveres, e capricha de não lembrar-se de semelhantes perfidos, escorias da sociedade, retorquem elles que estão *innocentes* a esse respeito; que por ordem delles *nada* tem sido publicado.

Si vão outros, e lhes dizem que tractem de defender-se que é melhor de tudo, a mesma cantilena se faz ouvir.

—Tal não é possivel; porque com meus proprios olhos vi no dia 17 do corrente as quatro horas e meia da tarde sahir do forte o *Alexandre trovoada*, entrando para disfarçar no primeiro portão do passeio, e sahindo logo em seguida.

—Garante-me essa noticia?

—Como não hei de garantil-a si eu vi o homem sahir de lá, como ja lhe disse.

—Então ja sei que temos nova *bataria* contra quem solemnemente os despresa,

—Venham manso, para ao depois não se queixarem dos—brados em favor da verdade,—dos apontamentos para a chronica do *Cavalleiro de Castro*, e mais outros bocadinhos dos quaes o publico ja está inteirado.

Portanto fiquem nessa certeza, afim de que ao depois não se queixem das represalias.

—E agora devem ellas ser mais fortes.

—Sempre deviam ser fortissmas; porque as ciladas, que procuraram armar a quem estava alheio a toda a malvadez de agosto, authorisam tudo que contra os mesmos se practicar.

—Concordo.

—Esperemos.

—Capitão, depois que passei pela rua de S. *Rafael*, estive descançando na casa do *Fortunato*, para subir o cume da *rocha*, tomei antes meu copinho de *biter, e curto* da vista não fiquei Encontrei com um sujeito que contou-me a historia do rapto da moça, tintim por tintim.

—Como foi então essa moxinifada?

—Disse-me elle, que a policia da freguezia dos Sanhaços está entregue a gente inexperiente, começando pelo alcaide que é neto de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

O supplente ia todas as noites para o quintal da moça, que dá os fundos para a ladeira que *segura casa*, com o pretexto de procurar negro fugido; feito o rapto, deitou a moça em casa do *carregadinho*, para de parceria conseguirem seus fins libidinosos.

—Que escandalo, praticado por um agente da authoridade!

Quem é esse *carregadinho?*

—E' o *Pedro de Rato Creco*.

—Deixe-se de calembourgs. Será algum paraguayo?

—Não, capitão, é um sujeito que nunca em sua vida trabalhou; por felicidade casou-se com uma senhora que teve alguma cousa de seu: em quanto esta viveu, o melro não poude vender nada, morrendo, teve direito o *Creco* a meiação; não satisfeito roubou aos filhos na partilha que fez;e tudo tem gasto no jogo e em bilhetes de loteria.

Infeliz moça, em que garras cahistes!

—Rapaz, pelo nome se deixa ver que é uma religiosa e refinada besta.

Vamos ao supplente.

—Capitão,o supplente quando esteve na vara,se punha da casa do escrivão a namorar a moça;á noite,na occasião das patrulhas, de ordenança, entrava em todas as vendas, tomava seu codorio, por causa do sereno; por da ca aquella palha um processo era feito, tambem soltou prezos por *l'argent*, disse o *larvão* por 12$ rs.

—De que vive esse subdelegado, rapaz?

—De fazer processos.

—O presidente e o chefe de policia

não sabem, sinão ha muito tempo já estava demittido.

— Qual o castigo que deve ter esses individuos?

— Indagarás minuciosamente a vida desses tratantes, afim de que chegue ao conhecimento dos Exms. Srs. presidente e chefe de policia.

Gratifica-se com 10$000 rs. a quem der noticia certa do logar em que vive na freguezia do *segura parede* um *pardinho*, escravo de uma Sra. idoza moradora na Villa de S. Francisco, o qual dizem, que é *inspector de quarteirão* e chegou a ser *sargento* da guarda nacional, faz se o presente, por ter-se-o procurado na mesma, em diversas *tabernas* e não se poder até hoje encontral-o.

F. J. S. I.

Pede-se ao Sr. commandante das armas, que, para prevenir alguma desgraça, mande ir a sua presença um tal Sr. Camiré, 1.º cadete e sargento condecorado com o habito da Roza com que o governo o quiz honrar na presente guerra, e faça-lhe ver que para honrar a classe a que pertence, torna-se necessario que não se embebede diariamente, dando espectaculo pelas ruas, e o que é mais a provocar a todos com insultos, o que pode dar em máu rezultado, visto que ninguem está prompto para aturar bebedeiras de ninguem.

—Quem é aquelle empavezado?

—Não conheço?

—Não.

—E' o Brazilio do 110.

—Ah! por isso é que elle anda á paisano com uma escolta prendendo?

—Justamente. E não releva a ninguem ainda sabendo que é escravo. Prendeu um moleque do ex-chefe de policia e um irmão do mesmo affiançando-lhe que era seu escravo; o mocinho todo arrogante não quiz attender.

—Ora elle que deixe-se dessas fumaças e não se faça extranho com a gente.

VARIEDADE.

DECIMAS DAS NOVIDADES.

Diz se ao boi — ei lavrado,
P'ra parar se diz — ou...ó:
Chama se ao ganço socó,
Traz funda quem é quebrado.
O que casa toma estado;
Quem diz muito pouco acerta;
O que bem segura aperta,
O que aperta bem segura:
Leva chave a feixadura,
Grita o sentinella álerta!

As cousas nem sempre são
Como a nós se nos figura;
Dura e *rapa* é rapadura,
E *pão* com *pá* é papão,
Com *mão má* se faz mamão,
Pé com *agua* é agua-pé,
Cá com *fé* produz café
Fora e *passa* é passafora,
De com *mora* faz demora,
Pé com *ponta* é pontapé.

As espingardas tem cão,
Cano, coronhas, fuzis;
A nossa dansa feliz
Chama-se o pega — mão.
Cinco vintens é tostão;
Quatro tostões um cruzado:
Pois um landú bem cantado,
Isso então é cousa boa;
E um rufado mesmo a toa
La tem de bom seu boccado.

Vejamos esta, a loucura
E' prima irman da demencia,
E a senhora deligencia
E' mãi da boa ventura;
Quem bebe gosta da pura;
Mostra os dentes quem se ri,
Não tem cabeça o sorí,
Tem um seculo cem annos,
Os bons padecem mil damnos,
Julgando os outros por si.

Ja la nos ia esquecendo
Qu'ir mansinho é passo a passo,
O malho bate no tacho,
Quem consente está querendo;
O que augmenta vae crescendo.
Quem vê mal compre lunetas,
Mentiras chamam-se pêtas,
Cousas mas são cousas ruins,

Quem nunca calçou botins,
Quando os calça ve-se em betas,

Os homens são animaes
(Minha não é essa idéa)
Os membros d'uma assemblea
São todos elles eguaes.
Mas erra quem f lla màis;
Cada qual la tem seu vicio,
Quem anda faz exercicio,
Quem não vê tem cataratas:
E' melhor plantar batatas
Quem não entende outro officio.

(Continua.)

O MEXICO

. . . . . E serei do ceu, da gloria:
Nem dos bronzes da memorie,
Nem das paginas da historia
Meus feitos se apagarão!

(VOZES D'AMERICA de L. N.F. VARELLA.)

Gigante que tanto pensa-!
Coberto de nuvens densas,
Por essas trevas immensas
Exangue quasi a findar!
Queres dormir de uma vez?
Ou não ouves Juarez,
Contra o soldado francez
A tanto tempo clamar?!

Gigante, gente do Norte!
Que nos horrores da morte,
Contra o destino e a sorte
Tão humilde tu está-?!
Queres o nome de escravo
Em troca de povo bravo?
Ou da honra o desaggravo
Da patria desprezarás?!

Chama teu indio guerreiro
Que venha já altaneiro
Contra o oppressor estrangeiro,
A liberdade estudar!
Um grito dá nas montanhas
Ou rola as pedras tamanhas
E aos mortos n'essas entranhas
Da terra onde vai buscar!

Mas que vejo? Tu te accordas,
E do abysmo nas bordas,
Lanças as malditas bordas
Das europeas nações!
Esperavas inpaciente . . .
O momento tão ardente!

Tu não dormes! De contente
Dás ao mundo mil lições.

Imponente estás olhando
O futuro despontando!
Vês o imperio acabando
Com o sangue do Imperador:
Maximiliano, sim, cahiu
Porque um raio o partiu!
O seu sceptro se sumiu
No auge de tanto ardor.

Agora sim, tudo cresce!
O velho rejavenece,
E ahi não mais fenece
Com a liberdade a nação!
Que Mexicano paiz
Montezuma ja mais quiz
Dos Incas ver infeliz
A patria em negra oppressão!

Salves, Pelaios valentes,
Que tendes os labios quentes,
Pelas palavras ardentes
Da liberdade a chegar
Salve, povo mexicano!
Tu mostraste ao genero humano
Como se faz ao tyranno
Que vos vinha escravisar!

Salve, soldado guerreiro!
Que fizeste ao estrangeiro
No proprio sangue, prisioneiro
Que to a vida escudar,
Salve intrepido montanhez!
Desde Fernando Cortez
E' somente a Juarez
Que o mundo ergue um altar.

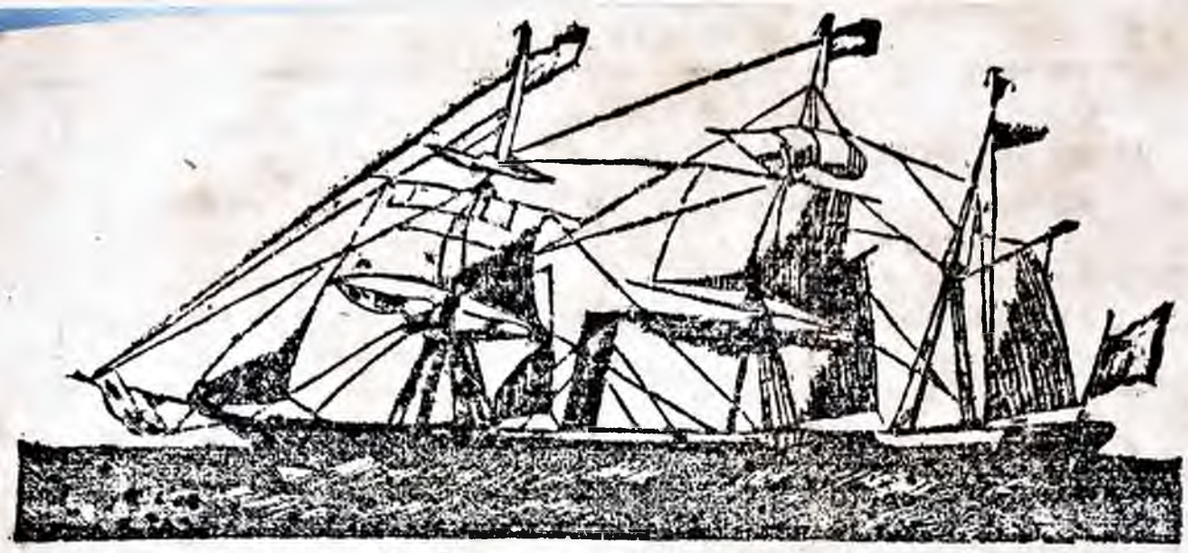
(Ext.)

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado, declara que o Sr. José Joaquim Rangel da Silva deixou de ser seu caixeiro, na venda denominada — Progresso da Sé — cita Atrás da Sé, e as pessoas que com elle tinham contas na mesma venda, tenham a bondade de as vir saldar na mesma onde só o podem fazer. — Bahia 23 de outubro de 1867.

Joaquim Marques Moreira.

Vende se uma caza com bons commodos sita a rua do Castro Neves; trata-se com o Sr. Cassianno Augusto de Lima no trapiche União.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 31 DE OUTUBRO DE 1867. SERIE 28.ª—N. 280

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de outubro de 1867.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que faça effectiva a postura que prohibe ter-se cacos de planta nas janellas aos moradores do 2º andar, n.º 39, aos Coqueiros d'Agua de Meninos, e n.º 42, 2º andar á rua do Julião. Cumpra.

—Veja como anda tudo nesta terra: Dous soldados do 7º batalhão, de mãos dadas com um ratoneiro, foram a bordo de um vapor da companhia Bahiana e enganaram o commandante, commettendo um crime fraudulento; em logar de serem processados foram remettidos para o contingente!

—Por ahi avalie o horror que deve inspirar o contingente, quando até serve para punição de criminosos.

—Olhe que no tal 7º batalhão ha bons espertos!

—E' cousa remota.

—Um outro cujo, vendo se pronunciar os nomes das pessoas que tinham assignado esmollas para a festa do Senhor dos Afflictos, falsificou a letra do thesoureiro e foi receber 10$ rs. de uma pessoa.

—Mas esse não foi para o contingente.

—Qual!

Quem tem padrinho não morre pagão.

—Mais um serviço prestado pelo Sr. commandante superior J. A. S. Carvalhal.

—Qual é elle?

—Acaba de offerecer-se ao governo para gratuitamente incumbir-se do alistamento dos individuos destinados ao serviço do exercito, de que trata o aviso circular do ministerio da guerra de 2 do corrente.

—Nas circumstancias em que se acha o paiz, é um verdadeiro serviço que presta o Sr. Carvalhal.

E será acceito?

—E' de suppor. Um administrador zeloso e economico, não hesitaria um momento.

—Assim mesmo eu tenho minhas duvidas.

—E' verdade que essos logares quasi nunca são creados sinão para *remunerar serviços*, e da corte vem logo designado quem deve saborear a fatia.

— Em todo caso, o serviço do Sr Carvalhal está feito, offerecendo-se desinteressadamente.

—Recebemos um folheto de poesias do Sr Francisco Alves de Freitas.

—E' uma producção que revela grande talento de seu author, e o excessivo gosto pela poesia

—Mais que merecido é o nome do *Nuvens Negras* que dá a ellas, pela fatalidade que privou-o da vista ha mais de 30 annos.

—Recommendamos aos leitores semelhantes poesias.

E' mais um poeta, cuja vida tem sido o soffrimento.

—Quer ver os padres como encaram a confissão?

—Si não é alguma pulha, diga.

—O *Echo Jaguarense* conta que Estevão Magarino, talvez arrependido de seus peccados, foi ao Sr. padre Nicolau e pediu-lhe para confessal o; o que lhe foi concedido, e estando a consumar-se o acto, dizem, que levantaram-se ambos a brigarem aos murros, intervindo o sachristão João Baptista Martins, CUNHADO do padre.

—Que escandalo! E' assim que elles cumprem sua missão de paz e resignação evangelica.

—Capitão, quer ver um specimen de zelo pastoral, um modelo de moralidade sacerdotal?

—Venha lá esse pedaço.

—E' uma carta do vigario da villa do Jardim, em Pernambuco, a uma sua ovelha, moradora distante da freguezia.

—Principie.

—Ouça:

«*Minha chara esposa.*—Dous beijos, dous abraços, dous chupões, duas chupetas.

«De vossa cartinha ultima vi, que aprazastes para a vossa vinda o tempo da chegada do Andrézinho: acho justo e concordo, attenta a intervenção, que elle tem neste nosso casamento.

«Chegado porem, que seja elle, não devemos ter mais demora.

«Deus o traga, quanto antes, que as saudades vossas me estão matando.

«Apromptae-vos pois, para não haver demora, como vos peço e como convem.

«Aqui tudo está prompto e vos espera Dizei-me si vossa chara mãe já sabe da vossa resolução; si eu devo dirigir-me a ella para alguma combinação, ou para tratar de alguma cousa, si devo ir lá ou ella vir cá comtigo, doce esposa, como julgarem melhor e mais opportuno. Não me dissestes ainda si careceis, ou não de alguma cousa, para vos mandar, tendo já vos perguntado por vezes. Fallae sem acanhamento ao vosso pae, ao vosso amante disvellado, e a vosso esposo fiel e sequioso.

«Escrevei-me constantemente, communicando-me todas as occurrencias que souberdes, até que chegue o dia e hora venturosa de entrardes por dona nesta casa; que viseis ornar como o ornamento mais bello della, como a prenda mais preciosa do meu coração.

«Como passam e como se acham as minhas prendas? lembranças, saudades e desejos a ellas.

«Hontem visitei a comadre Alexandra, que está boa e ainda de pé. Mandou-vos lembranças.

«Dae lembranças a vossa chara mãe e essa latinha que lhe mando: para ti, bella esposa, são a latinha de marmelada para confortar o estomago, comei logo; o côco para beberdes agua, e as flores que são visitas a minha chara flor, flor do coração, flor das minhas prendas, flor angelica, flor virginal, flor do ceu que assentou sobre o meu coração, flor doce, refrigerante e salutar.

«Chegae, dia suspirado de unir-me a tão chara flor.

«Espero constantemente pelas vossas letrinhas, e pelas vossas ordens.

«Recebei e guardae lá mesmo, muito amorosamente o coração amoroso, terno e muito saudoso do vosso esposo fiel

e amante obrigadissimo — *Francisco Justino Pereira de Britto.*—S. C. 22 de abril de 1865.

«*N B.* Não chegou ainda o Ildefonso; por isso não vos mando um signal do que trará. Para logo. Que da minha camisinha de cheiro?»

—Isso me parece uma galga; não é possivel que um padre, por mais immoral, escrevesse esta carta.

—E' cousa bem simples de verificar no juizo ecclesiastico, lá está n'uns autos.

—E como souberam isso?

—O patusco do vigario mandou-a por um portador que perdeu-a e foi achada por um irmão da *pretensa esposa*, que deu queixa contra elle e cuja decisão pende do juizo ecclesiastico.

—Que padre damnado!

—Esse vigario elaborou um projecto para que os padres se podessem casar e remetteu a um deputado, que parece, limpou com elle o az de copas; elle então quiz reduzil-o á lei, casando-se logo por prevenção.

A PEDIDO.

—Capitão, diga-me uma cousa.

—Si souber.

—A lei è o direito que é para um não é para todos!?

—Que duvida.

—Pois lhe mostro um exemplo em contrario.

—Diga lá.

—Na cidade alta, quando dão 9 horas, fecham-se as vendas, e porque razão na cidade baixa ha uma venda privilegiada, que fica aberta até 10 horas e ás vezes mais tarde?

—Pois V. não sabe, é algum arranjo?

—Arranjo como?

—Alguma *condescendencia*.

—Esta bom, tem esta garantia e as outras não.

—M s que quer V. com isto; não ha no logar inspector de quarteirão?

—Ha sim.

—Pois compete a este dar parte ao subdelegado da freguezia, já que a policia continua a dormir.

Vamos ao fim, onde é essa venda?

—Valha-nos Santa Barbara! não é a do Alvino?

—Não sei

—Aude que verà.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XXVIII.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forcas que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

O veneraudo Accordam do Superior Tribunal da Relação, que negou por unanimidade provimento ao recurso interposto pelos reus do despacho de pronuncia, vem confirmar em todo o grau da evidencia a sem rasão das picardias e injurias, contumelias e convicios, vehementes e atrozes, de que tem sido victima, somente por amor á justiça, o ex-chefe de policia, o Sr. Dr. Caetano Vicente de Almeida Galeão.

Todos, deshumanos ate a iniquidade, desapiedados ate a barbaria, cravaram o venenoso estylete da alevozia e da deifamação contra a authoridade formadôra da culpa, chegando a demazia audaciosa e criminosa ao ponto de chamarem-a —*deshonra da magistratura brasileira*,—e eis que os primeiros magistrados da provincia, cujo talento, illustração e probidade não ha negal-o, scellaram com a sua acquiescencia e sabedoria a juridica e luminosa decisão, que tanto exacerbou o animo desesperado dos reus e seus defensores.

Com dor e magua acerba é que trazemos a prelo essa machinação perversa de juizos doudejantes, tam perversa quanto a obra hedionda e infernal de 6 de agosto.

Felizmente nós ainda não rasgamos na praça publica a alva toga da magistratura, e nem arrastramol-a pela lama das ruas, como uma immundicie social.

Embora a nossa humilde opinião

sobre a classificação do crime não prevalecesse, ate hoje temos respeitado e respeitaremos sempre o juizo dos applicadores da lei.

Isso não repelle a censura; mais a censura grave e honesta, séria e conveniente.

Não contentes com a covardia anonima dos *pamphletos*, o ardimento subiu ate as rasões de recurso; e ahi, sem obtemperancia á magestade do tribunal, a materia dos *pamphletos* continua nesse *papelucho*, que tudo poderá ser menos uma defeza juridica.

Em vista disso, qual será a sorte que deve esperar o superior Tribunal, si é que ja não esta involvido nessa torpe lavra de diatribes?

Não ha, mais ou menos, quem não tenha participado dessa conjuração, verdadeira rabadilha cromwellica.

Juiz, advogado, escrivão, medicos, alguns caracteres que si interessaram pelo nefando commettimento de agosto, somente por motivos de ordem publica, e ate familias honestas e distinctas, todos tem sido zurzidos, a mais não ser, *por semelhante casta de gente.*

Ainda pelos resultados não reconhecem a inconveniencia de proceder, e ei-los que continuam a arremetter.

Arremettam, que a JUSTIÇA DE DEUS E' SEMPRE CERTA, SEMPRE INFALLIVEL.

Deixando no presente artigo, e talvez em outros, de continuar a analise do despacho de pronuncia, que emprehendemos, vamos fazer algumas considerações sobre o interrogatorio do reu Castro Rebello, e por ellas verá o publico, quanta prova de criminalidade estava reservada, da qual não se quiz utilisar o juiz formador da culpa.

O offerecimento de um exemplar do processo Soares, que nos foi feito por um amigo, foi que nos proporcionou mais esses esclarecimentos, evidentes da criminalidade dos reus.

Devem estar lembrados os que tem accompanhado essa longa serie de artigos, que o reu Castro Rebello cahira em contradicção palpitante, (*ou divergencia* como quer o illustrado Sr. Dr. Deiró) com D. Silvana Joaquina da Silva, mãe de seu irmão natural Augusto Joaquim de Castro Rebello, e ainda com sua sogra D. Francisca Roza Chaves Uzel, sobre o logar em que dormira.

Todos tres discordemente respondem o mesmo ponto e devendo necessariamente algum ter faltado a verdade, presumiu se ser o reu Castro Rebello, e dahi o emprego n.° 13.° considerando da pronuncia da condicional—si, *feliz achado* do nobre articulista do *Jornal da Bahia*

A outra contradicção foi ter dito o referido reu que os cavallos eram para passeios de sua familia a Cornelio Cezar, e ao Sr. Dr. Chefe de policia, que talvez fossem para extravagancias de amigos.

Pois bem: agora verão outras, qual mais concludente e manifesta da criminalidade.

Apreciemol as segunda a ordem das perguntas, e desde ja provocamos a quem quer que seja que nos desmascare, si por ventura commettemos qualquer inexactidão.

«Perguntando onde esteve hontem «das 7 horas da noite em diante, ate «depois das 7 do dia de hoje?

«Respondeu que no *Garcia reside actualmente com sua familia ate as 10 horas e meia mais ou menos da noite, e dessa hora em diante em casa da familia de um seu irmão bastardo*, onde tem uma sua escrava menor muito doente, e a qual fora ver *a chamado* de pessoa dessa casa, a cujo serviço está a mesma escrava; e que ahi em *consequencia do estado grave della, ficara ate as 6 horas da manhan*, mais ou menos, sahindo dahi para a casa de sua sogra, *onde almoçara*, retirando-se para o Garcia.»

Essa resposta, curta como é, sobre factos tão simples, é um acervo disforme de inverosimelhanças e contradicções.

Não fallaremos mais sobre a da dormida, porque ja está bem patente. Vamos a outras.

Não ha possibilidade de crer-se que

o reu Castro Rebello, somente pelo simples facto de ter uma escrava doente em casa da mãe de seu irmão natural, deixasse de dormir, não uma noite, que poderia succeder, porem muitas, como se deprehende da palavra—*actualmente*, fora da casa.

Como chefe de familia, embora muito amor tivesse a escrava, esse amor e a dignidade propria fariam que elle a mandasse buscar para a sua casa, e não dormir fora por tantas noites

Accresce a isso que não sendo medico, que é preciso, em caso de gravidade, estar á cabeceira do enfermo, qualquer pessoa mui bem poderia ministrar os remedios, como a mãe de seu irmão, este proprio, ou outra qualquer pessoa ou famulo da casa, e as mulheres para esse mister provam melhor.

Do expendido ja se vê que não ha rasão plausivel para essa *dupla residencia* em um chefe de familia.

Prosigamos. Si desde a molestia da escrava, o reu Castro Rebello costumava de 10 horas em diante ir para a casa da mãe de seu irmão, era desnecessario que *a pessoa a cujo serviço estava a escrava* lhe mandasse chamar, por que ja havia certeza de sua ida.

Demais, si em consequencia do estado grave da enferma foi que se demorara ate as 6 horas da manhan, necessariamente segue-se que, nos outros dias, não ficava ate essa hora, e por tanto a *dupla residencia* é por elle mesmo negada.

Finalmente—dormir fora de casa um pae de familias, e não contente com isso, sem que nem para que, deixar de ir para a casa, e *sim para a de sua sogra e ahi almoçar* é parvoice que o senso commum repelle logo ao primeiro lance.

Apezar de tudo, julgamos que o reu Castro Rebello é um pae de familia moralisado, para que ainda mais não acreditemos nessas frioleiras, antes aggravantes que justificativas da criminalidade.

Ja nos escapando outras reflexões, das quaes não podemos prescindir.

Em uma das resposta ao auto de perguntas porque passou o Sr. João Ignacio de Azevedo, diz elle «que indo no dia 7 de agosto, como amigo e collega do referido reu, participar lhe do rapto de João Soares, não o encontrara em casa ás 9 horas mais ou menos da manhã; mas que conversando com a familia deste, dissera-lhe sua Exma. senhora que o seu marido havia dormido, (note se bem) *em casa de sua sogra* (não foi em casa da mãe de seu irmão.)

Nesse interin seriam 10 horas, quando entrou Castro Rebello, e perguntou-lhe que motivo o levava alli; ao que elle respondera que não só visital o, como tambem, indagar delle do rapto de João Soares; *ao que o mesmo Castro Rebello retorquiu que nada sabia, e que apenas lhe mandara dizer na Graça sua familia que sua casa havia dormido cercada pela policia, e que muito cedo fôra varejada.*»

São palavras textuaes.

Ora, saber que sua casa fora cercada e varejada, e a fleugma ser tanta de não correr logo e logo em soccorro da desolada familia, que sempre succumbe nesses actos e diligencias, estando presente seu chefe, quanto mais sem elle, e ainda almoçar *au plaisir*, sem duvida algum *beef á estrangeira*,— é um acto de tamanha imbecilidade e idiotismo, ou mesmo não sabemos que nome possa ter, que não se compadece com o *tino estrategico* do reu Castro Rebello.

Mais adiante em resposta a outra pergunta, responde elle por essa forma:

«Que passeiando no terraço seu irmão ahi o chamara á pedido da mãe do mesmo para ver a referida escrava, e como elle não quizesse communicar cousa alguma á sua familia *para não assustal-a*, fora para a casa em que mora o mesmo seu irmão »

Essa só de eternas luminarias! .. A superfluidade de chamado ja está provada. Ora, si ja havia costume delle ir depois das 10 horas *para a casa da mãe de seu irmão ou de sua*

sogra, fosse la para onde fosse, e sabendo a familia o motivo que o levava, nada havia que podesse assustal-a; de modo que susto havia communicando a gravidade da enferma, porem susto não havia, dormindo elle fora da casa e recolhendo-se as 10 horas do dia, sabendo de mais a mais que a sua casa tinha sido cercada e varejada!

Essas, como la dizem, não se aturam!

E a gravidade da enferma não podia mais alterrar a familia, por que, por essa gravidade, é que se deve suppor o seu consenso em elle dormir fora de casa.

Que novidade havia, por tanto, para alterrar?

Nenhuma por certo, pois a existente ja era conhecida.

Não são somente essas inverosimelhanças, inexactidões e contradicções, que se encontam nessa peça do processo, de grande alcance e summa luz. Muitas outras existem, e que se fossemos apresentar, levar-nos-hia a um trabalho extensissimo, e por isso referimos apenas aquellas que dão logo na vista sem muito trabalho.

«Perguntado si sabe a que horas chegaram os cavallos no Garcia e quem os conduziu?

«Respondeu que não, *porque a essa hora qualquer que seja, elle interrogado alli não se achava.*

«Perguntado se chegaram então depois que foi ao chamado para ver a escrava, ou se antes, devendo neste caso frisar a hora em que chegou á casa, depois que dera a ordem para ir os cavallos?

«Respondeu que sem duvida nenhuma o carro voltara depois de ter elle interrogado, ido ver a escrava: isto é, que os cavallos, visto que não se tracta de carro, mas de saber-se quando elles chegaram ao Garcia remettidos pelo administrador da cocheira da rua de Baixo, elle respondente não pode precisar a hora da chegada, porque não os viu chegar, e que por tanto não sabe quem os conduziu, visto que a pessoa não lhe fora dar parte de terem elles chegado.»

Nessas duas respostas evidencia-se o criminoso de um *modo* espantoso.

Combinada uma com a outra, e ainda analisada cada uma de per si, vê-se o disparate de ideas para occultar a verdade, que faltou a reflexão para colorir.

A primeira resposta foi que—*fossem quaes fossem as horas elle não estava mais alli.*

A segunda foi fazendo uma *mistura de grelos* entre carro e cavallos, e afinal nada dizendo que se podesse aproveitar.

O Sr. Cornelio Cezar, administrador da companhia de Vehiculos, diz que mandara os cavallos as 7 horas. Ora, tendo Castro Rebello sahido de casa *a chamado de alguem*, como disse as 10 horas da noite, pouco mais ou menos, necessariamente devia ter visto os cavallos Que os cavallos foram as 6 para 7 horas, ainda diz quem os conduziu, accrescendo mais que os entregara *a um marotinho pastor de nome Joaquim*, que poderá ter 12 annos de idade.

Aqui convem considerar que interrogado o cabra José dos Reis, escravo, empregado na cocheira do Garcia, respondera que lá não existe tal *marotinho*, assim como que a pessoa, que governava o carro *era um homem moreno, alto e suissado, e que a que ia dentro era de altura regular, vestido de capote e cujas feições nunca poude observar.*

Disse mais que o carro em a noite do crime, sahira com os mesmos individuos *pela sete horas* e voltara as *nove.*

Entretanto o reu Castro Rebello, que sahira de casa as 10 horas mais ou menos, *não viu quando os cavallos foram, nem quando o carro sahira e muito menos quando entrara*, sendo isso mais para extranhar quando elle sempre assistiu a se preparar o carro pelos serventes da cocheira, a *excepção desta vez.*

Essa verdade é elle quem a responde á seguinte pergunta:

«Perguntado qual a pessoa que no

Garcia prepara o carro e que tem ordem de entregal-o á pessoa que costuma sahir nelle, ou ao boleeiro?

«Respondeu que o carro é preparado, na occasião em que tem de servir, pelos serventes do estabelecimento, *ao que assiste elle mesmo interrogado*, tomando delle conta então o cocheiro ou a pessoa que o aluga; isto quando elle vae tomar o carro lá mesmo na fazenda do Garcia.»

So desta vez, portanto, como dissemos, foi que elle não assistiu ao preparo.

Não ha uma linha desse interrogatorio, que não seja uma prova contra o reu Castro Rebello.

A extensão desse artigo não permitte que continuemos, o que faremos no seguinte.

—Não posso, impassivel ver certa phraseologia, que causa ou pode causar duvida na interpretação.

—Ao que se refere?

—A uma publicação que vem no *Alabama* n.º 275, que traz a compra de dous escravos que o velho safado Chave pae e sogro comprou a um *carne secca*, como procurador de um homem dos Ilheus, os quaes foram mettidos á bordo de navios etc. etc.

—O que ha de novo ahi?

—O seguinte. O negocio foi assim. São dous africanos comprados ao tal *carne secca* por creoulos, e como taes se passou a escriptura no tabelião.... sendo de uns roubados no Ilheus da tomadia que alli se fez de uma embarcação, vinda de Angola ou immediações, pertencente a um infeliz commerciante que, ha pouco, foi para Fernando de Noronha.

—Ah! agora comprehendo bem.

—Então peço-lhe essa explicação.

—Está servido.

—No *Alabama*, n.º 274, que traz *a commissão licita* de joias que teve o *sassarugo Calitina* de parceria com *o diabo coxo*, relativamente ás joias compradas para o *amiguinho da duplicata das letras*, e para o casamento de certo titular, não sei si ha allusão a um que não me sahe do pensamento.

—Qual é elle?

—E' um barão do districto de Santo Amargo, que fez tres casamentos no mesmo dia.

—Pode ser que seja.

—Ahi o *sassarugo e o coxo* encheram-se No enxoval, joias, etc., *mamaram* mais de seis contos de reis. Chegaram até a *arrotar*, tal foi a *pojadura*.

—Que quer? Quem se fia nessa *peça*, não deve esperar outro resultado.

—E no entanto é *honrado*, *probidoso*, e o mais que se segue.

—Caluda. O tempo vae prevenindo os incautos. Prevenir já é um bem, o por isso é que o fazemos.

—Já é um pouco tarde.

—Não faz mal.

—Admira ver agora a moralidade *a Jacques Ferrand* do *foreiro do interesse publico, ou Cabungo, como hoje é geralmente conhecido*!

Que pretervo cynismo, grande Deus!?

Pois haverá tempo algum em que esse miseravel possa fallar em paschim, —elle o paschineiro mais infame e atroz, que polluiu e nodoou indelevelmente a imprensa desta terra?

—Elle o mercenario, que á troco de meia duzia de patacas, que lhe dava o amante de uma esposa desvairada, vomitava as mais negras affrontas sobre um respeitavel caracter.

Elle o sicario, alugado pela mulher que renegara seus foros de honesta e rompera os titulos que lhe garantiam respeito e consideração, na sociedade para servir de seu instrumento e a seu aceno cravara agudo o punhal da ignominia e ludibrio publico no imo d'alma daquelle cujo crime era ter ligado sua sorte á essa mulher.

Elle o miseravel, que não sentia tremer-lhe a ervada mão, quando em troco da polluta moeda que lhe atirava o adulterio e a prostituição, sacrilegamente extravasava n'um coração magoado, gotta a gotta o amargo e doloroso fel da deshonra e do opprobrio ia impiamente devassar os segredos do lar, descerrando as cortinas do leito

nupcial, para em holocausto aos amantes de sua ama, expor á irrisão publica a vida de um homem ultrajado, porem honrado.

Elle o ganhador, que por uma cedula de 30$ rs. era comprado, todas as vezes que queriam, para pintar como um typo de virtude e soffrimentos, a mulher que fazia os homens honestos cobrirem o rosto de pejo e as mães de familia correrem espavoridas para junto de suas filhas, quando, afrontando a moralidade, por entre as turbas, passava em seu carro reclinada ao lado de seus amantes!

Elle o sevandija, com todos esses predicados é que falla da desmoralisação da imprensa!

—Não dê importancia, não vê que isso é uma miseravel intriga forjada por esse ralé?

Porventura não ha provincia onde a imprensa seja mais desabrida e vehemente?

—Sem ir muito longe basta citar o *Trovão* do Rio Grande, a *Voz do Povo* d'Alagoas, a *Ordem* de Pernambuco, o *Porto Livre* do Maranhão e outros muitos.

— E falla em anarchia! Um desgraçado que em outra epocha á qualquer assovio dado na praça por meia duzia de moleques, via uma demonstração popular!

O energumeno, que concitava o povo ao motim, aconselhando á que se oppozesse a transferencia dos *emblemas da independencia* de um logar para outro, envolvendo em sua negra urdidura o nome do imperador, coberto de atrozes injurias por essa nefaria creatura.

O facinora que, em uma eleição procurava accender o archote das iras populares contra um cidadão, valendo-se para isso de uma insidiosa farça de cores; e dizendo até que esse cidadão fôra a causa do suicidio de um africano nos mattos do Cabulla para assim exacerbar mais o furor das turbas.

—Homem, não esteja a se cançar. Pois haverá tempo algum em que esse relaxado possa fallar em dignidade e consciencia,—elle, a creatura mais indigna e que a tantos *senhores* tem se vendido?

Finalmente haverá tempo algum em que esse desgraçado possa fallar em qualquer vicio,—elle, o complexo de todos os vicios, crimes e infamias?

E' que o paschoeiro já não teme a cadeia; o ladrão a calceta; o indigno e venal a opinião publica; e o culpado as penas eternas.

E impossivel que no mundo inteiro haja parelha para tanta miseria.

Felizmente só uma idéa nos consola, e é—que esse monstro phisico e moral já é muito e muito conhecido para que seja considerado e tido em linha de conta.

Bem disse o Exm. Sr. conselheiro M. de L. que desgraça é para qualquer que se associar ao *foveiro ou rajado do interesse publico.*

Que mais querem?

Até o *Diario*, por ter transcripto alguns artigos sobre o processo Castro Rebello & C.ª, já elle ameaça!

O *Diario* esta *vazando-se* para essa peste, assim como toda a população desta cidade.

No *Jornal do Commercio* da côrte talvez que já estejam tambem transcriptos.

Ameaça tambem a elle, Cabungo!?

Havemos de reduzir-te á expressão mais simples, ladrão!

Somos o encarregado de um ajuste de contas terrivel e medonho.

Nada haverá mais que possa livrar-te de nossa penna.

Só sentimos não ser o *Alabama* diario.

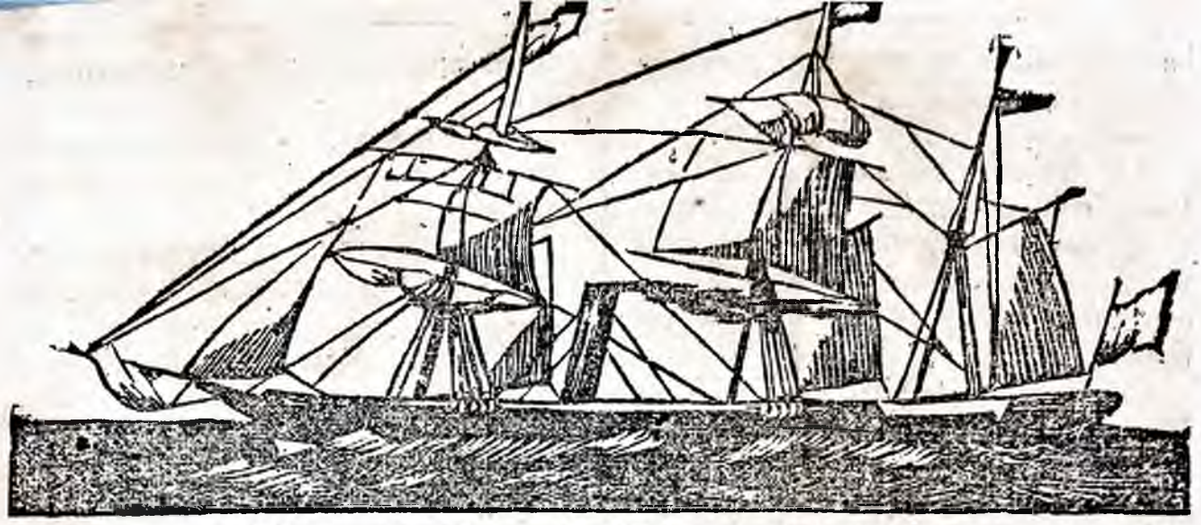
ANNUNCIOS.

Na loja n.º 15 ao Taboão, deseja-se fallar aos Srs.

Raphael José Vieira.
Francisco Antonio de Araujo.
Antonio Matheus da Silva.
Marcelino Libanio de Almoida.
José Joaquim da Silva.

Vende se uma caza com bons commodos sita a rua do Castro Neves; trata-se com o Sr. Cassianno Augusto de Lima no trapiche União.

O
ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 3 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 26.ª—Ns. 251 e 252

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por series de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Começa hoje a 26.ª serie.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que nos informam que na Boa-Viagem andam, à noite, tres vultos desconhecidos; e parecendo evidente que individuos duvidosos não frequentam tal logar, fora de horas, com boas intenções, pede-se a S. S. que mande para lá uma patrulha de cavallaria, que infunda respeito aos taes mysteriosos e os delibere a não continuar a assustar quem mora por alli.

—Ao mesmo, orientando-lhe de uma nova industria da companhia do olho vivo.

Faz pouco mais de uma semana que, em uma noite, no Areal, tocavam dous realejos marchas successivas; e, quando amanheceu, uma venda perto dalli estava arrombada e roubada.

Hontem a noite, na rua da Ordem 3ª, em quanto tocava um realejo, dous individuos forcejavam para arrombar a venda, o que não realisaram, por serem presenciados pelos visinhos, entre os quaes nos consta que o Dr. Vicente Ferreira de Oliveira.

O *tocador da manivella* queixava-se de cançado, pois que ja tinha tocado *triata e cinco marchas*, sem que os empresarios nada fizessem.

Pede-se a S. S. que considere no caso e faça o que entender.

—Ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, perguntando-lhe si é exacto que, tendo um inspector de quarteirão, de ronda, prendido a um africano, por infracção da postura n.º 87, um individuo de nome *Pedro Cachaça* soltara o referido africano em nome de S. S.

Continuam os ataques contra a segurança individual.

—Ja não foi preso um dos taes industriosos de capona?

—Dizem que foi preso um certo *Luiz Mofado*, suspeito de ser um dos da companhia.

—Que mais quer? si for exacto, elle

la de descobrir os cumplices para não ir só para o chilindró.

—Mas os casos reproduzem-se.

O Sr Brandão, morador em Santo Antonio, voltando do theatro, foi atacado no becco do Padre Bento e como nada levasse, os larapios contentar-se-iam com o paletot e o chapeu, si não ouvissem tropel de gente.

Contaram-me tambem que, na sexta feira á noite, indo um sujeito pelo Barbalho, vira uma dengosa crioula e approximando-se della, reconhecera ser um homem; dando parte ao subdelegado, este dirigiu-se com quatro inspectores ao logar e la encontrou o cujo, porem querendo reconhecel-o este apontou-lhe uma pistola e retirou-se ufano.

No caminho do Rio Vermelho foi espancada e roubada uma mulher.

Na Piedade, consta que no sabbado á noite um homem ficara sem a roupa e o dinheiro.

—Não ha força, não ha força, meu rico, cada um que vá se aguentando.

—E' preciso acabar com as desordens no theatro.

—Entenda-se com o chefe de policia.

—Aquillo não tem geito nem maneira!

Os excessos partidarios transformaram aquella casa de educação moral em arena de gladiadores.

—Ja lhe disse que entenda-se com a policia.

—Mas como? si a propria authoridade é desprestegiada?

—Isso é que é mau.

De maneira nenhuma se deve desrespeitar a authoridade, principalmente quando ella se colloca na altura do cumprimento de seus deveres.

—Ainda no sabbado, vi uma scena destas, por occasião de recitar o Sr. P. J. de Castro um soneto.

—Pois é mau. Como ao depois hão de reclamar, quando ella exceder a orbita de suas attribuições legaes e ultrapassar o terreno das arbitrariedades?

—O rancor partidario no theatro vae além dos limites das conveniencias sociaes; podendo-se affirmar que alli applaude-se menos ao merito artistico do que as affeições e sympathias particulares.

—Mesmo que não é preciso depreciar o talento de um artista para elevar o de outro.

—E' preciso que V. Exa. se entenda com as authoridade afim de pôr termos a tamanho escandalo, para que as familias que vão procurar uma distracção no theatro, não encontrem sobre-saltos a todo instante.

—Havemos de ver isso como se arranja.

—Afogaram-se dois homens nas Pedreiras.

—Quando?

—No domingo.

—Coitados!

—Foram tomar banho e afogoram-se ambos, indo um soccorrer o outro.

—Deus lhes dê o descanço eterno.

—Um abominavel attentado contra a imprensa nesta terra de livre publicidade.

—Que espalhafato é esse?

—Um subdelegado, que manda por um esbirro de policia tomar da mão de um menino pestilhão as folhas que elle vae distribuir em sua freguezia.

—E' impossivel. Si houvesse authoridade que praticasse isso, podia ser logo agarrado e remmettido para o hospicio de Pedro Segundo.

—O caso é que elle praticou á pretexto de evitar consequencias más.

—A ser assim, esse despotasinho entrará amanhan pela casa do cidadão e ordenará o que se hade jantar naquelle dia.

Nem em *Valença*, na Hespanha, onde as immunidades da imprensa são tão restringidas!....

—E' a mais arbitraria violencia que se pode dar, n'uma terra onde cada um responde por seus pensamentos.

—Certo factos, so eu vendo; como é que a folha, contra quem se deu tão inaudito ataque, não o trouxe a luz da publicidade e como um *trovão* não profligou tão revoltoso abuso?

—Receio ou condescendencia.

—Pois vá ao chefe de policia, exponha-lhe os desvarios do seu subordinado o espere pelas providencias.

—Mais um capricho da natureza!

Quem quizer, va ver, para não dizer que é historia.

—Diga o que é que eu acredito em sua palavra honrada.

—Um pinto que tem tres pernas

—Onde é isso?

—Na venda Progresso ao becco dos Perdões.

—Serio?

—Está lá para quem quizer ir ver.

A ESPECULAÇÃO.

(*Continuação.*)

.....

Saúde é geito;
Quem é tolo
Anda magro.

Especulação é a de certos finorios, que se inculcam de negociantes, sem terem na loja mais que umas quatro caixas de chapéu vazias, e que, entretanto, passam soffrivelmente o seu *papellinho*.

Especulação é a de alguns sujeitos, que, querendo empolgar alguma eleição, logo se inculcam da opposição, proclamam-se muito patriotas (de barriga) dizem-se muito liberaes, porém, depois de servidos, dão o coice n'aquelles, que fizeram degráu para elles subirem.

E' especulação a de certos sujeitos, que vão ao theatro, sem comprar bilhete, e encaixam-se no camarote de algum conhecido, ou mesmo no da policia.

Especulação é a de certos sujeitos estrangeiros, que arrumam quatro vidros de pomadas, oito quinquilharias, vinte e tantas tuteméas, dão a tudo isso o nome de loja de modas, enganam os tolos e depois de lhes chuparem os cobres, safam-se para sua terra, onde vão detrahir daquelles, que lhes deram hospitalidade e lhe encheram as algibeiras.

Chama-se tambem especulação, o que praticam alguns commandantes da guarda nacional, que, a titulo de musica, fazem contribuir quasi dous ter os do batalhão, pesando d'esta forma o serviço sobre os que não podem, ou não querem contribuir.

Especulação é a de certos sujeitos, que gostam de incommodar os amigos, que lhes emprestem cavallo ou cadeira com negros fardados, para elles irem passar dez, ou doze vezes pela porta da casta donzella, que só se lembra d'elles demanhan, a certa hora.

Especulação é a de alguns juizes, que andam sempre de licença, principalmente no tempo de festa, que passam no Bomfim, Barra, Rio Vermelho. &c.

Tambem é especulação o que praticam alguns negociantes, que, tendo de pagar alguma ordem, que se lhes apresenta, dizem logo que tem somente cobre, a ver si o sujeito não quer e tem elle esses dias de folga para pagar quando o credor se resolver a receber nesta especie.

(*Continúa.*)

LA VAE VERSO.

REFLXÕES POETICAS SOBRE O DESEJO

O desejo é má doença,
E' sêde cruel de morte,
Que, quanto mais se refresca,
Elle se torna mais forte.

Não tem prego nem tarraxa,
Estende como borraxa!

Causa ataques violentos,
Securas no pensamento,
Uma fome que só busca
Comer tudo n'um momento.

O desejo, que é ruim,
Faz até comer capim!

Ha com tudo alguns desejos,
Que só gostam de doçura,
Que só procuram proveito
Com regallos de mistura.

O desejo sublimado
Só quer belleza e agrado.

Ha desejos do demonio,
Que promovem damno alheio;
Que matam, roubam, devastam

Sem ter o menor receio.
Tal desejo só se cura
Com pedra da sepultura.

Ha desejos de marmanjos,
Somente de destruir,
Ha desejos de chorar
Quando outros estão a rir.

O desejo do homem rude
Nunca procura a virtude.

Moças ha, que tem desejos
De se casarem comigo;
Eu sei bem o nome d'ellas,
Mas por modestia não digo;

Pois si eu tudo declarar
Hão de por força brigar.

Algumas são bem bonitas,
Porém faltas de dinheiro,
São moças de encher barriga.
Que não tem gosto nem cheiro.

De moças pobres e feias,
Ha centos de casas cheias!

Quando amor toca na veia,
Nao ha bonita nem feia!

A PEDIDO.

PEDE-SE

Ao fiscal geral, que tenha todo cuidado com a padaria do Agusto, ao Tingui, porque os visinhos queixam-se amargamente do mau cheiro que sahe do cano da mesma, assim como que preste seria attenção á qualidade e pezo do pão fabricado na dita padaria.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

I.

—E' tempo de discutir-mos a magna questão do dia, que nem as fallaces esperanças do termino da guerra poderam abafar.

Assim devia succeder.

A gravidade do caso, aggravante até não mais, a barbaria do crime, inexcedevivel á perversidade humana, o espectaculo da victima—que excitava compaixão e desafiava vingança—rota, coberta de lama, amordaçada, vendada, algemada, crivada de golpes, exsangue, com os dedos fracturados e tumefactos pela compressão do ferros, disforme pela rouxidão, que a desfigurava, com as palpebras ennegrecidas e os olhos exorbitando pela insomnia e tenacidade do soffrimento, tudo, tudo —que assim como ao coração faltam fibras para sentir e aos olhos lagrimas para chorar, tambem ao homem não é dado descrever e pintar por meio de vocabulos—tudo produziu o justo alarma, o sobresalto, a superxcitação geral, o erethismo de vingança, que dominou esta cidade na manhan do dia 6 de agosto, e ainda domina, mau grado a ventade e os meios empregados *pelos alugadores de consciencia*.

O estrangeiro, que aportasse a esta plaga e testimunha losse de quadro tam desolador, um juiso bem vergonhoso e aviltante devia fazer de nós brasileiros.

Sobre cinco individuos peza a imputação desse crime enorme, enormemente nefando, redobre de malvadez pelas circunstancias que o acompanharam.

Francisco Justiniano de Castro Rebello, Rozendo de tal, João Coelho de Oliveira, Joaquim de Castro Guimarães e Francisco Sampaio Vianna; eis os seus nomes.

Felizmente todos estão presos, e a acção do poder publico não se fez esperar, porque de todos os lados saltaram provas de sua criminalidade.

Na especie não houve uma opinião, uma opinião só, que discrepasse. O pensamento do povo foi um e identico, apontando esses homens como perpretadores direct e indirectamente do attentado, que esteve prestes a dar cabo da vida do infeliz João Soares.

A escuresa da noite e do logar, que procuraram para a practica de sua ferocidade, transformou-se em clarão de fogo que, os dennunciou.

E' que não é certa a distancia insuperavel das trevas à luz, mas antes uma está bem proxima da outra.

Seja, porém, qual for o ultimo acto desse drama tragico, que principiou no Banco e teve até agora a ultima sce-

na no Moinho, fiquem certos os seus protogonistas de que, ou acoroçoados pela impunidade, ou jungidos, a sancção legal, em todo o tempo, vivos ou mortos, em sua vida ou em sua memoria, havera uma mancha de opprobrio e vilipendio, como a nodoa de sangue de Machbeth, que reaparecerá de continuo, sem que jamais possa ser apagada.

Eis a força irresistivel da opinião publica, e o resultado dos que servem só os interesses de sua pessôa, despresando a gloria de seu nome.

Em tudo isso confrange-se-nos tambem de dor o coração, attentando para a attitude excepcional e vergonhosa, que tem tomado a imprensa sobre um facto de tanta gravidade e de consequencias tam incalculaveis, quanto funestas para a sociedade.

Faz da victima algoz e vice-versa, augmentando por esse modo a afflicção ao afflicto, e cantando hosanas ao crime.

Bem diz um caracter insuspeito de nossa terra que aqui tudo se ha de ver, porque a razão das cousas é o absurdo.

Era melhor que a palavra—absurdo—fosse trocada por outra de mais pezo—o ouro—, e então tudo ficaria explicado *mutatis mutandis*; isto é, que a attitude da imprensa começou dias depois da catastrophe.

Digam o que quizerem, façam o que lhes convier, apregoem a innocencia dos accusados, dia a dia, noite a noite, nada disto presta, porque, a despeito de todas as desinfecções, a cloaca exhala um cheiro tam suspeito, como Tartufo depois da confissão.

Esse pensamento, extrahido de author competente, não falha, porque a verdade ha de ser sempre verdade.

Por essa forma, a imprensa ja não é o ganso do Capitolio, que brada alerta denunciando o crime, é o proprio crime.

E' por isso que, quando, alguma vez, na altura de seu sacerdocio, o seu echo perde-se no espaço, porque um ladrão é elogiado pela mesma forma que um homem de bem é accusado.

O processo segue seu curso regular, e não serão esses sons arrancados pelo *metalico instrumento*, que impedirão ou atterrarão a authoridade de applicar a lei ao facto, punindo os criminosos.

Esses tocadores, *musicos de nova especie*, ja são bem conhecidos: e um delles, que hoje apregoa a innocencia dos accusados, foi visto por nós e por mais pessôas, no dia do fatal acontecimento, vociferar, esbofar-se, como um possesso contra os accusados pedindo até as suas cabeças.

Um outro, silencio..... ficará para outra vez.

Aqui convinha exclamar-se: *Que homens, meu Deus! perdoai lhes, porque não sabem o que fazem....*

Até no crime e na desgraça farejam a especulação!

Não importa: ha elogios, que se contemplam cam horror, porque involvem uma accusação tremenda, tornando o elogiado peior do que realmente é.

Pessoas de consideração, que podem ter em sua vida faltas, como todos tem, mas não crimes e muito menos infamias, tem sido trazidas ao poste da imprensa, e ahi amarradas são victimadas desapiedadamente.

De tudo isso temos que tractar, porem methodicamente.

Temos accompanhado *pari passu* o processo, e as provas que temos colhido, não só delle, como *aliunde*, são contra os accusados, que justa e merecidamente devem ser pronunciados; os dois primeiros como authores e os de mais cumplices de tentativa de morte na pessoa do infeliz João Soares.

Em outro artigo provaremos á luz da evidencia essa verdade remontando-nos á fatal origem de tam fatal acontecimento.

Grande é a novidade,
Que vai hoje na cidade,
Causando espectação!...
Cousas que me mettem medo;
Todas fingindo segredo,
Por causa da protecção.

Que m'importa que os ladrões,
Depois de tantas traições,
Passem a vida a chorar?
Si tudo, que ouço e vejo,
So me desperta o desejo

De vel-os manietar?

Que m'importa que os garotos,
Que andam c'os bolsos rotos,
Queiram a fome aplacar?
Quando, por nossa desgraça,
Gente direita ha que faça
Tudo que os possa salvar?

Que m'importa que a policia,
Por medo e não por pericia,
Mandasse ricos prender?
Porque, si assim não obrasse,
Talvez o povo a ensinasse
A cumprir o seu dever?

Qu'importa que um Dr.,
Por um criminoso amor,
Abra alheia sepultura?
Mandando a guerra um doente,
Provando assim ser demente.
Pela bella agricultura?

Qu'importa que o presidente,
Sem ser o que está presente,
Nomeasse a comissão?...
Chegando o vapor do Rio,
Da-se-lhe um forte assovio,
Para não ser paspalhão.

Qu'importa que o fidalgote,
De comendas traga um lote,
Si não passa de um ladrão?
Si o sicario renegado
Tambem é condecorado,
Esperando ser barão?

Qu'importa que o parlamento
Contenha mais de um jumento,
Da sciencia com a capa?
Si um ministro da coroa,
Por ser uma cousa atôa,
Na mascra levou um tapa?

Que m'importa que o Thomaz,
Só queira roubar aos mais,
Roubando ate seu parente?
Si ha um drama ja feito,
Que mostra a este sujeito,
Que o furtar o põe demente?

Que importa que um deputado
Aos escravos, que safado!
Mande os cabellos pintar?
Escravos, que aqui da terra
São mandados para a guerra
Para o esperto se *armar*?

Que m'importa que o passeio
Não tivesse tanto aceio
Quando la o Rocha estava?
Si, depois, qu'elle o deixou
Tudo aquillo melhorou?
Mas o Rocha não *mamava*...

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA.

Consta-nos que chegaram á esta cidade no dia 27, no paquete francez, um portuguez e quatro inglezes, que vieram para procurar trabalho na estrada de ferro do Paraguassú e hospedaram-se no hotel *Passaro Azul*. No dia 28, ás 8 horas da noite, retiraram-se o portuguez e dous inglezes, fazendo sciente ao dono do hotel que pernoitavam fora, ficando apenas o inglez Estevão Heck e outro mais. No dia 21, porém, acordou o companheiro de Estevão e não o encontrando, indagou do dono do hotel, e este respondeu que á meia noite teve necessidade de abrir a porta á um freguez e que nesta occasião sahiu o inglez Estevão. Ora, chegando os outros tres companheiros o não o encontrando, trataram de apromptarem suas malas para embarcarem para Cachoeira. Na occasião em que se dirigiam a ponte, encontraram o inglez Estevam no Caes morto.

Seria bom que S. S. mandasse syndicar, si isso era exacto.

AO DR. AGRICULTURA

offerece sua inseparavel companheira a abaixo assignada.

Meu querido e bom Dr.,
Ouça bem o que lhe digo:
Sei que vou atormental-o,
Mas não se zangue comigo.

Para que V. não pense
Tem cahido em meu olvido,
Envio-lhe estes versinhos,
Trabalho por mim tecido.

Esta pequena remessa,
Como vê, não é em prosa,
São quadras de pé quebrado,
Ha cousa mais melindrosa.

Espere pois algum tempo,
Que coiza mais importante
V. terá na mão-zinha,

Para não ser tão chibanto.

Ha de ver como ao amor
Uma *penna d'aço* fura;
Ha de ver como se mata
D. Bella Agricultura.

Pode gritar por Mané,
Ou mesmo por S. José;
Tudo vae ser embrulhado,
Meu cara de caboré.

Não acredite Dr.,
Qu'em tudo isto ha maldade,
Eu procuro acompanhal-o
Em sua triste saudade.

Saudade, mal tormentoso,
Mal ao qual somente cura
Navegar, sem ser em barco,
Nas ondas d'agricultura.

A descaração galardoada.

—Quantos são os accusados na questão Soares?

—5. Os Srs. Castro Rebello, Sampaio Viana, Castro Guimarães, Coelho e o *pardo* Rozendo.

—Ah!...

—Porque pergunta?

—Porque tenho visto as gazetas, quando defendem, so tratarem dos tres primeiros.

—Ah, os outros dous não valem a pena.

Estando a policia em aperto
Para um crime horroroso descobrir,
Como menino dá por paus e pedras
E por fim nada pode conseguir.

E tendo ella
Burlado os passos,
Ficou perplexa,
Cruzou os braços.

De repente, uma ideia luminosa
Na mente lhe passou;
De consultar um *papae* de terreiro
O chefe se lembrou.

E tocando a sineta apressurado
Pelo Adão chamou;
Que fosse ver um preto afamado
O homem ordenou.

O delegade então fallou assim:
Isso de preto cheira a barbarismo...
Si ha de vir um negro bruto,
Vamos consultar o spiritismo.

—Ora qual! Sr. Amaral;
Creio la em spiritismo!
V. com essas ideias
Vae direito ao idiotismo.

Vamos mandar vir o preto
Que é um meio mais seguro;
Eu bem que acredito nelles
Estando em algum apuro.

Em tres pulos e meio os degraus
Da escada ja o Adão galgou....
E dobrando para a rua das *Preces*
O preto *Arabonam* logo encontrou.

Chamou-o de parte,
E deu lhe o recado,
Que o chefe mandava;
Respondeu o preto
Que esperasse em quanto
Elle se apromptava.

.....

Munido de seu *Fá* e mais preparos,
Ei-o transpondo o limiar da salla;
Logo que o chefe o vê, se levantando,
Com respeitoso accento assim lhe falla:

Mandei-o chamar, *papae*,
P'ra V. advinhar,
Quem acção tão deshumana
Foi capaz de praticar.

O preto revistiu-se de ar grave,
A pelle de carneiro estendeu,
Tomou o seu *ojá* e o *mocan*,
E um pouco de *eipou* bebeu.

Passou a mão na testa meditando;
A Changô invocou;
Metteu na mão do chefe dois *obís*,
E o *Fá* semeou.

Depois de bem cumprida meia hora,
De *milongas* disse o preto
Que declarava quem era,
Porém em logar secreto.

E o que lá se passou entre elles dous
Ninguem poude saber;
O caso é que logo a tres homens
Mandou elle prender.

VARIEDADE.

Um almirante inglez que gostava da garrafa, recolhendo-se sofrivelmente

carregado, na sua carruagem, achou um dos seus marinheiros emborrachado, estendido na rua; gritou-lhe: «Porco, porque estás tú aqui deitado, bebado, no meio da rua? Exo., respondeu o marinheiro, eu não tenho carruagem, que me leve á casa » O almirante poz-se, e atirou no chapeu do marinheiro uma moeda.

O HOMEM E' UM GRANDE ARBITRO.

—Excellente modo de resolver questões:

Dous cavalheiros sobem a uma carruagem de praça, em Londres, e mandam guiar para Ealing, onde se faz uma grande corrida de cavallos.

A duas milhas de Londres, começam a questionar. A disputa continúa durante uma milha. Não popendo vir ás boas, gritam ao cocheiro: «Para»!

Descem tranquillamente da carruagem, affastam-se um pouco da estrada, tiram os casacos e batem-se a murro. Quando um d'elles provou a superioridade da sua causa, amolgando os queixos ao seu companheiro, dão-se um aperto de mão, tornam a subir á carruagem e continuam o caminho.

SONETO.

Da chara Patria auzente, em solo estranho,
Quanto é triste soffrer sorte inconstante:
E' aqui, acolá, vagar errante,
Qual cordeiro perdido do rebanho?!..

Da fortuna viver em extremo acanho,
Tendo em frente a mizeria a todo instante,
Somente imaginar não è bastante,
E' preciso provar horror tamanho.

Quem nasceo e persiste na grandeza
Não escuta os gemidos do indigente,
Nem conhece os horrores da dobreza.

Quando neste Theatro surge um ente
Para ser da desgraça triste proza,
Melhor fora morrer incontinente.

Henrique IV fatigado de uma longa viagem, e passando por Amiens foi recebido pelos deputados da cidade, que o foram cumprimentar. O orador começou assim o seu discurso:

—Rei magnanimo, immenso, excellentissimo, clementissimo.....

—Ajuntaí, disse o rei interrompendo-o, e cançadissimo.

Uma outra vez, tendo visto um excellente medico abandonar o calvinismo para abraçar a religião catholica, disse ao duque de Sully, calvinista cabegudo:

—Amigo Sully, tua religião está tão doente que já os medicos a abandonam.

—

Depois da batalha de Ivry um capitão veio fallar com o rei e disse:

—Senhor, tres palavras, *dinheiro ou baixa.*

Henrique IV respondeu então:

—Capitão, quatro palavras, *nem uma, nem outra.*

Alguns dias depois mandou dar-lhe uma e outra cousa.

—

Um individuo, desejando comprar um cavallo, perguntou a um dos seus amigos como se podia conhecer a edade dos cavallos.

—Pelos dentes, respondeu o conhecedor.

No dia seguinte, o nosso homem foi à casa de um negociante de animaes que lhe apresentou uma soberba mula. Elle abriu-lhe a bocca e empurrou-a dizendo:

—Não quero o vosso animal, é muito velho, tem 32 annos.

Tinha contado os dentes!

—

Minha bella, não me fujas,
Mostra um ar de teu sorriso;
Si te vejo e não me foges,
Desespero, e perco o siso.

Muito gosto de teu modo,
Anjo meu, linda mulher;
Si és amante, attende escuta,
Quem nem mesmo ver te quer.

Sem comtigo me engasgar,
Fiz-te entrar neste meu peito,
Crê, meu bem, que a qualquer outra
Não deixo por teu respeito.

Adeus prenda; ja é tempo
De deixar-te e ir-me embora,
Si aturei tanta massada;
Não estou p'ra isso agora.

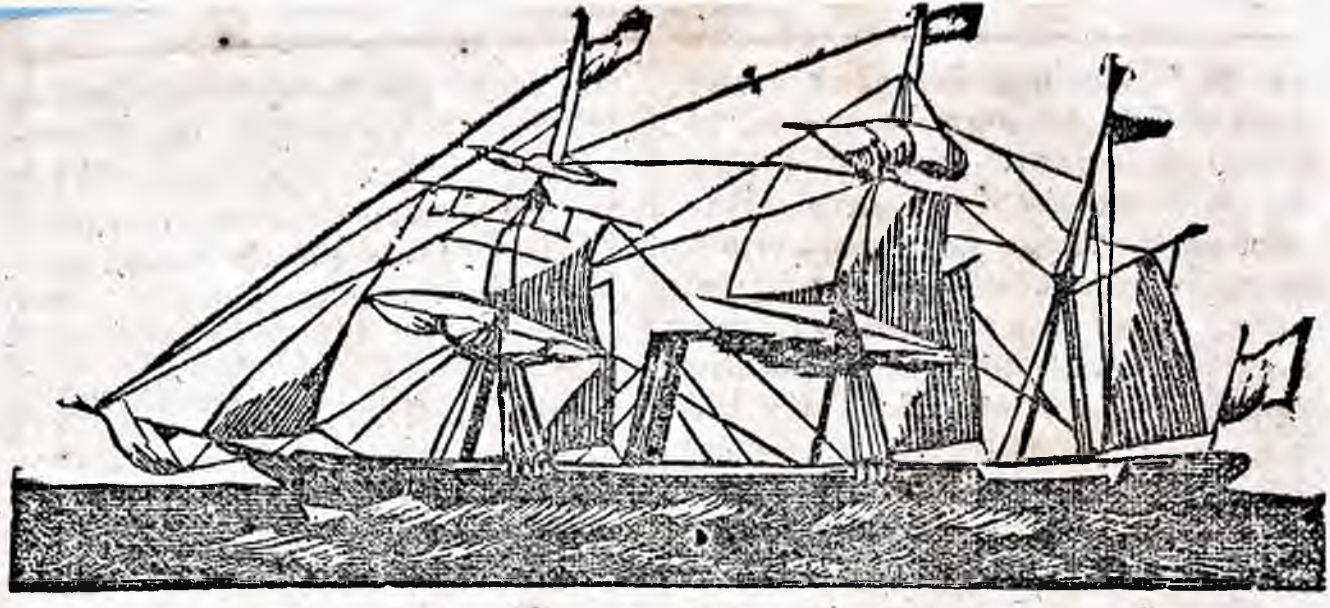
ANNUNCIOS

Uma Senhora, maior de 40, annos se offerece para occuppar-se nos serviços de uma casa de familia: quem precisar dirija-se a esta typographia, que se indicará.

PARA QUEM GOSTA

Está exposta á venda na loja de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, a nova modinha inditulada—O Beijo de Amor—por José Bruno.

Preço 1$000 réis.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNV V., 5 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 26.ª—N. 255

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, dizendo-lhe que é contraria, a postura n.º 59, os *batucagés* dentro da cidade e por tanto S. S. esquive-se o mais possivel de concedel-os em larga escalla.

—Pode-se dizer que esta cidade está entregue ao saque dos larapios!

—Não ha dia, em que não se repita um facto.

—Isso vae muito mau; é preciso uma providencia, qualquer que ella seja.

—Na noite de sabbado arrombaram a tulha do Sr. Joaquim Gomes de Pinho á Cruz do Paschoal.

Felizmente, alem dos cereaes, so acharam 20$ rs. para levar.

Na ladeira do Alvo, ante hontem andaram pelos telhados, e si não fosse o Sr. Baptista, despachante, quem sabe o que fariam?

Diz-se que todas as noites andam vultos pelos Coqueiros e Portão da Piedade.

—E' preciso o Sr. Dr. chefe de policia abrir os olhos e livrar apopulação ds tão pavoróso flagello.

Rasão porque se mete as mamas na bocca das crianças

Mundus a Dommino constitutus est, et autem condito mundo factus est homo; mas.... logo que se foram 9 mezes... Eva que como nós todos sabemos, não estava p'ra ficar por tia, deu a luz sem padre, pregões, banho, ou licença, um lindo rapagote que chamou-se Caim, sem ser na pia. Esta criança, em uma noite de S. João sentindo fome, começou a chorar—digo mal berrava tanto que a pobre mãi chamou a Adão que resonava.

Eva pediu-lhe que fosse ao paraiso e que de lá trouxesse alguma fructinha pequenina e doce, para metter na bocca do menino; porém Adão achando-se só de carapuça e em fraldas de camisa, disse-lhe que receiava ir ao campo com aquella noite, porque podia constipar-se, e além disso que sendo quebrado, podia-lhe muito bem descer a rendidu-

ia,assim...que tapasse com outra cousa a bocca do *filhote*; Eva tapou com a mão, mas os gritos sahiram pelo vãos dos dedos: tapou com o lenço,cobertor, com a colxa de *damasco* e os gritos atravessavam o tecido do linho, da lan e da seda: quiz amarrar a bocca com os cordões da ceroula do marido, foi peior; até que desesperada unindo-o ao peito aconteceu a mama esquerda entrar na bocca do filhinho.

Dito e feito
Tudo foi silencio,

.....

As grandes descobertas, leitor, são quase que todas assim devidas ao acazo; o certo é que as outras mães seguem a receita.

A PEDIDO.

—Aquelle diabo Côxo não sabe agora da relação!

Leva dias e dias lá socado.

—Quem é elle?

—O *Lazaro*.

A besta chega a dormir e dá cada ronco que assusta os juizes.

—Quererá tirar provisão de procurador?

—Quem é que vae entregar seus negocios a um ladrão?

—Quem não o conhecer. Eu ate já ouvi dizer que elle ia ser procurador do *Medões*.

—*Delle mesmo* é que elle ha de ser procurador.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

II.

A subtracção *miraculosa* dos 266 contos do Banco da Bahia é a origem fatal do fatal acontecimento da manhan de 6 de agosto.

Entre a causa e o effeito ha uma filiação tam logica, necessaria o irresistivel, que pol-a em duvida seria a negação da luz meridiana.

A stulta basofia de impunidade de que muita gente se julga revestida, o mais que tudo a indolencia e inercia da policia, (força é confessal-o) em um facto de tanta monta—a subtração *miraculosa*—que affectava tam do perto os interesses da sociedade toda, justificam, acima de contestação, essa filiação dos dous attentados cada qual mais grave.

Em certos casos não é preciso a aguda perspicacia da philosofia, basta o senso commum da humanidade.

Não houve quem, no lamentavel successo de dezembro, não apontasse de prompto á policia os meios de que devia lançar mão; não faltou até quem por conjecturas, alias fundadas, avançasse a mais.....tudo, tudo foi baldado.

De tantos cercos que se deram, de tantos interrogatorios que se procederam, de tantas diligencias mallogradas, emfim, de tantas cousas que se fez, só se conseguiu um fim—prender João Soares, por mais de trinta dias, sem nota de culpa e formação de processo, João Soares, o porteiro do Banco!

Quanta arbitrariedade, quanto desvario!

Dahi principiam os passos de dor e tormento de João Soares, que até agora, apezar do crime inaudito de 6 de agosto, ainda não terminaràm.

Em certos momentos é o pé quem escorrega, em outros é o chão que se abre, disse o engenho mais ardente e profundo da illustração europea, Victor Hugo.

Assim é: com a entrada de João Soares no Banco o solo abriu se, e eis infortunios sobre infortunios; mas infortunios, consectarios da honra e da probidade, que sempre acompanham o homem de bem.

A sua honradez já está depurada em mais de um cadinho.

No incendio do Banco ella apparece inexcedivel; nas provanças de soffrimento sobrehumana.

Para que mais provas? para a apotheoze de sua vida bastam esses dois lances.

Felices *outros* si em taes circunstancias estivessem.

E' que, na phrase de alguem, as regras da honra para *certas pessoas* costumam ser observadas de longe, da mesma forma que os astronomos observam os astros.

Realemos o eito de ideas que foi interrompido por essa digressão precisa ao caso.

Temos que andar muito, e para com mais facilidade e pressa chegar-mos ao fim em mira, convem seguir-mos o proverbio—*lento festina*.

Desde a creação do Banco da Bahia, por decreto nº. 2140 de 3 de abril de 1858, até certa epocha que esse estabelecimento foi gerido com o maior criterio e mechanismo legal, preenchendo satisfatoriamente o fim de suã instituição.

Dahi para ca, começaram a apparecer irregularidades, que alguns jornaes denunciaram, mas com inexactidão e a contento de seus protegidos, irregularidades, que desafiavam a odiosidade de seus agentes contra quem lhes apontava o erro e servia de barreira a seus caprichos.

Uma alliança jurada, offensiva e defensiva, foi constituida por alguns membros da direcção para esse fim, e o resultado de uma tal colligação, verdadeira rabadilha cromwelica, foi a retirada espontanea de um director, daquelle que mais serviços reaes houvera prestado, daquelle que assas concorrera para o seu engradecimento, daquelle, emfim, que nem a exforços, nem á fadigas se poupara para a sua installação.

Esse director, foi o Sr. commendador Joaquim Pereira Marinho.

Com a sua retirada, *continuaram desassombradamente as coisas* e o resultado de tudo foi o apparecimento do facto estrondoso que fez explosão em dezembro do anno passado.

Bem proxima a essa explosão esteve outra de egual natureza, mas que foi em tempo suffocada, na qual exerceu parte activa o Sr. Fulano de tal Freitas, amigo intimo e socio commanditario de um dos accusados—Castro Guimarães.

Alludimos ao desfalque nos cofres da thesoureira de fazenda.

Essã é que é a verdade, o verdade incontestavel, fundada em factos que não podem ser contradictos.

Si a policia da Bahia, (ainda repetimos) tivesse cumprido o seu dever, mandando agarrar pelo coz das calças, em pleno dia, os ladrões do Banco, que passeiavam impavidos, affrontando a moralidade publica—, si os ladrões do Banco não nutrissem a stulta basofia de impunidade, devida, (dizemos com força) á indolencia da policia—o feroz attentado de 6 de agosto não seria perpetado.

O exemplo é a arma mais odificante para a repressão dos crimes.

Deduzam, pois, os homens de razão san, e consciencia pura, as conclusões que, em rigor, dimanam do que temos dito, e difficil não será entrar nesse labyrintho, que mui bem pode dispensar o fio de Ariadne.

Eis a filiação de dezembro com agosto, epochas nefandas dos dois crimes.

Do primeiro resta apenas um monte de papel, talvez para embrulho de manteiga, que se chama libello commercial, que durará em quanto houverem advogados!

Os aggravos, cartas testemunhaveis, embargos, appellação, revista, execução, nullidades etc., tudo quanto for xicana, grande ou pequena, conveniente ou inconveniente, bôa ou má, mas atrapalhatoria do curso final, será empregada, e nada dos 266, que somno perpetuo dorme e dormirá nos cofres dos ladrões.

Do segundo ha um processo por tentativa de morte contra os accusados, processo que ha de terminar, mercê de Deus, pela condemnação dos mesmos, para expiança do crime, vingança da sociedade ultrajada. e exemplo para os vindouros.

Quer n'um, quer n'outro, porém, existe mais que tudo isso—a maldição do povo.

E' que a perversidada exagerada não desperta piedade, mas indignação.

Convem que daqui—da imprensa, da tribuna popular—rendamos sincero preito a certos caracteres, distinctos e sempre distinctos, que infelizmente faziam parte da direcção do Banco nessa quadra calamitosa.

A honra é susceptivel e modesta.

Declinar seus nomes não é preciso, porque estão gravados nos corações do todos.

E' preciso desde ja prevenir que aos insultos e improperios, picardias e miserias, contumelias e convicios da *praga* da imprensa, não respondemos.

Quem quizer resposta que argumente com as regras do decoro e da logica —e tel-a-ha: quando não, perde o seu tempo, e nada mais precioso que o tempo e o trabalho.

Apanhe a carapuça quem for seu dono.

Sorprehende que estando presos cinco individuos, como indigitados authores e cumplices do atroz attentado de 6 de agosto, somente trez delles, Castro Rebello, Castro Guimarães, e Sampaio Vianna, sejam defendidos pela imprensa, e os demais Coelho e Rozendo, fiquem indefezos!

E' que estes ultimos são pobres; não tem cabedaes nem amigos para repartir *com os amigos dos cabedaes*.

Desculpem o safado trocadilho, imitado de um distincto escriptor portuguez.

Ha factos que não se commentam; entregam-se nús e descamados ao criterio da opinião publica.

Ainda assim os *aureos* defensores do crime querem resposta?

Cuidado! proseguiremos.

— Vem cá *Manuel*!

—Aqui estou.

—Dize-me, porque descompozeste tanto ao *Antonio*, além de lhe não querer pagar uma letra de cincoenta mil reis?

—Mas si os juros eram extraordinarios?

Onde V. Exa. ja viu se emprestar dinheiro a quatro por cento?

—Porem tu mesmo offereceste este juro, logo a culpa foi tua, meu tratante!

—Eu ja sei que foi o *Epiphanio*, que me veiu intrigar com V. Ex.

—Cala-te velhaco, que não sei onde estou que não mando ja metter-te no porão.

—Capitão, o homem ja está pago.

—Não se tracta aqui de estar ou não pago, tracta-se das injurias que tu lançaste sobre elle; tracta-se delle dizer que ia vender a letra e tu respondeste que podia vender, pois elle tambem tinha dividas.

Que te importa as dividas delle, pára cumprires com a tua palavra?

—Ora, meu capitão, deixe-se de dar ouvidos a certa gente.

—Eu devia mandar-te trancafiar no porão, mas enfim, passas por esta vez, meu *tratantorum*, vê la que não caias em outra. Ouviste!

—Sim senhor, meu capitão. As suas ordens.

—Viva!

—Ao estalo do chicote que lobrigou a face, á ferroada da espora que assomou a veia, acudiram logo os azemolas, testas de ferro do *Magico olhar e do Sentinella visivel*.

Foram os primeiros a apanhar a carapuça, e eil-os, quaes energumenos, contra quem delles não se lembra nem nas horas da *evacução*.

Forte tolice de certos vultos da especie humana pensarem que representam algum papel *no quad o* quando não passam de verdadeiros batedores, creados de pequena libré!

Façam jús ao ganho, que si desta vez não levantarem a *crista*, outra vasa tam gorda não apparecerá.

Corram a loteria, que o premio grande os espera.

Quem vir a azafama e garbo, com que esses dois imbecis, pelas tres horas da tarde, de braço dado, quaes os salteadores hespanhoes — Roberto e Magarão, marcham tam anchos de si, para um *forte*, afim de devorarem o lauto e opiparo jantar de tres reprobos, cada qual mais infame, envergonha-se de ver o aviltamento a que tem descido a especie humana!

Findo o banquete, cada um recebe o libello atroz que tem de ser publicado no primeiro numero do pasquim, além da paga do dia, e eil-os, os dois birbantes, cada qual mais contente da *honroza missão* de que tanto se *ennobrecem*.

Não vai longe o tempo em que o *Magico olhar*, transformado em *critico*, defendia em artigos de redacção a pessôa a quem tanto hoje stygmatisa.

Endeozava-a por tal forma, que essa mesma pessôa se envergonhava de tanta mizeria.

E' verdade ou não?

Esperamos a resposta para podermos continuar, apontando a dedo esses artigos.

.....

Bem proximo está ainda o tempo em que o outro comparsa, o da *Sentinella visivel*, zurzia desapiedadamente no poste do seu folliculo o *cavalleiro de Castro*, e de ladrão da *tripeça* lhe fazia a festa.

Mandou até, a ordem de *alguem*, tirar-lhe a caricatura enviezada, symbolisando um corvo, tendo no bico a gorda preza do roubo mais escandaloso que tem sido practicado nesta cidade.

Ainda agora, mesmo no dia da catastrophe de agosto, esse mizeravel gritava, no meio da multidão, nos umbraes das portas da policia, horrores contra o mesmo *cavalleiro de Castro* e hoje, (que inversão de scènas!) defende-o como a um anjo tutelar.

Oh infernal fome de dinheiro, a quanto obrigas as indoles desalmadas!

A esse alquilé não pedimos que responda, porque o seu descaro não poderá negar essa verdade.

Sem resposta ficou o apedido incerto no *Alabama* de 30 do passado, sob nº. 25).

E' que ha certos factos irrespondiveis pela robustez das provas que não podem ser refutadas.

Sem argumentos em contrario, trazem esses miseraveis, (testas de ferro de pensamentos ignaes) a pêllo a questão de nacionalidade. Coitados!

Por ventura não é nascida no Brasil a infeliz victima do nefando attentado de agosto, que geme, afflicta e sem recurso no catre da pobreza, todos os sterteres da dor?

Haverá quem possa despertar mais compaixão nas almas mais bem formadas do que ella que, sem apoio e protecção, nada espera porque *certos homens* fizeram-lhe desesperar?

Nós, nós todos verdadeiros filhos do Imperio da Santa Cruz, deviamos envergonhar-nos que um patricio nosso a quem a sanha de malvados tentou esmagar, fosse recorrer á charidade do estrangeiro para abrigar se!

Nem ao menos essa canalhada sabe aproveitar os meios de defeza!

As linhas que temos traçado, ainda que mal. em prol do desventurada victima, nada tem de commum com a pessôa, victima das iras dos ladrões do banco.

Nada de commum ha entre nós, e quando o houvesse ahi nada haveria de degradante.

Si a redação do *Alabama*, a quem tambem somos alheio, logo no dia postorior á castastrofe de agosto, não principiou a defender a victima, foi porque, entendemos nos, não esperava, como ninguem o esperou, que a victima fosse trucidada, e os carrascos elev dos ás nuvens; quando não, não negaria suas columnas.

Dessa verdade ha exemplos irrecusaveis.

Si a redação do *Alabama* queizesse auferir algum lucro dessa questão, não recusaria com toda a força e dignidade a pingue proposta que, no domingo 1.º do corrente, logo em seguida á publicação do—apedido que agora sustentamos, veio fazer-lhe alguem.

Essa proposta, não com tanta vantagem, ja havia sido offerecida a typographia para sustar-se a publicação de um romançe.

Por ahi ja vêem os *testas de ferro*, que sempre o *Alabama* foi á favor da victima.

Não nos forcem a muito, por que então la se vão considerações e contemplações.

Destruam os factos que apresentamos, e deixem de apoquentar a opinião publica, ja tam enjoada dessas banalidades.

Provem que o *celebre barão do Moinho* não foi o chefe dessa quadrilha horrorosa, cujos feitos ainda hoje espantam.

Provem mais que elle não quiz apoderar-se por *uma união forçada* da fortuna de um rico e honrado commerciante, e dahi todo o odio.

Provem tambem que o *cavelleiro de Castro* não roubou desapiedadamente a um filho de seu amo e benfeitor.

Provem ainda que o commendador Rocambole, a troco de uma moeda, não se tornava mais infame que as mesmas prostitutas.

Provem alem de tudo isso que esses tres malvados não foram os planejadores e executores, de parceria com outros, do monstruoso crime, que ainda estremece todas as consciencias.

Provem finalmente que..... Basta: queremos factos; respondam a esses e nós lhes retorquiremos.

VARIEDADE.

O MUNDO.

Si alguem visse de um ponto eminente, todas as mudanças que no mundo succedem em espaço de meia hora, admirado ficaria de ver a furia com que esta roda se revolve! Veria aqui prantos, acolá festas; aqui banquetes, acolá brigas; agora desposorios, e logo enterros, por uma parte exercitos batalhando, por outra navegando armadas; estes edificam, aquell'outros destroem; estes sobem pelos degráos da honra, aquell'outros descem; eis ali pede esmola quem ha pouco tempo foi rei; acolá tiram a outro da mão o cajado, para lhe metterem o sceptro. Veria (eparando no mesmo homem) como nunca permanece no mesmo estado, succedendo-se, como revoluções da roda a saude e a enfermidade, o trabalho e o descanço, a honra e o despreso, o tormento e o deleite, o temor e a esperança. Então admirado diria comsigo: Isto é mundo, ou é mar? São homens, ou são ondas? E' vida humana, ou é roda? Tudo irmão, porque sua perpetua instabilidade tornou o mundo em mar, e os homens em ondas, e em roda a vida humana.

Que quereis vós ver na roda, senão voltas, ou no mundo, isto é, inconstancia e vaidade? O que se deve estranhar é que, sendo mar, sendo roda este mundo e esta vida, fundemos tão grandes torres sobre a nossa vida, façamos tanto fincapé no mundo.

CAFÉ DO RIO.

Havia antigamente na corte um botequim e bilhar estabelecido na rua do Conde, quasi em frente á casa onde esta hoje a secretaria da policia, cuja taboleta tinha pintado o seguinte letreiro—*Café do Rio*,—porem os nomes estavam tão juntos que pareciam formar uma só palavra. Passando por ali um terceiro, e olhando para o letreiro, entendeu que fosse alguma nova bebida importante da Europa; entrou e pediu com emphase:

—Venha um *cafedorio*.

O caixeiro, que era gaiato, preparou um copo grande com café, e poz dentro uma bola de bilhar. O pobre roceiro batalhou para desfazer a bola, e tanto mexeu com a colher ate que quebrou o copo e se entornou o café!

—Que é isso? grita o caixeiro.

—O' nhó moço, mecê tem isto mal cosido!

O caipira sahiu desesperado depois de pagar o copo e o café, protestando nunca mais beber *cafedorio*.

ANNUNCIOS.

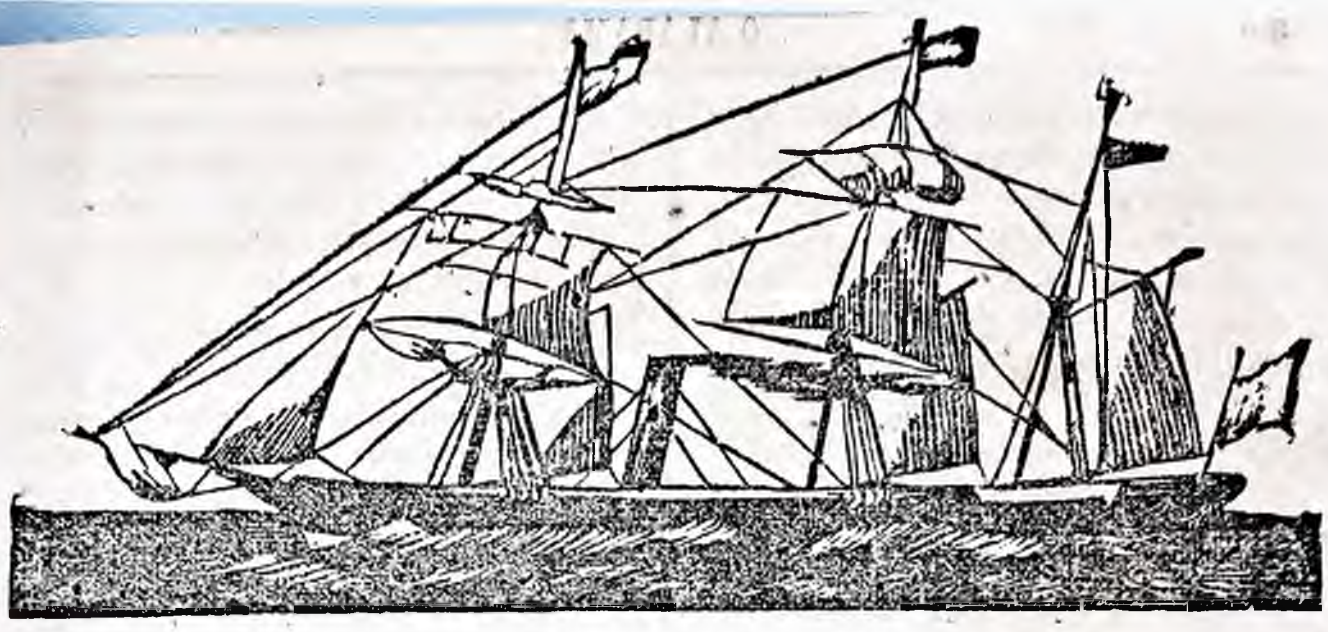
Pede-se a certo alferes que não ignora dever a dois annos e meio, em uma venda ao Caes Dourado o favor de ir saldar sua conta no prazo de tres dias do contrario serão publicado neste jornal seus vergonhosos bilhetes.

O paciente.

Uma senhora maior de 40 annos se offerece para occupar-se nos serviços de uma caza de familia, quem precizar dirija se á esta typographia que se indicará,

No trapiche Querino vende-se uma excellente mulla para carroça.

Na loja de charutos ao largo da Piedade, tem alguns livros de latim, inglez, geometria, arithmetica e algebra, geographia e historia que se vendem por menos preço, por serem uzados.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNV V. 6 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 26.ª—N. 254

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, para que informe si é exacto que S.S por mero capricho detivera oito dias a Pedro da Silva Rebeiro na Correcção sem nota de culpa e, no caso de ser assim, qual o motivo em que se fundou para commetter tão violenta arbitrariedade contra a liberdade individual.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que ponha em execução a postura n.º 44, em relação ao dono do *cavallo russo* que vive constantemente amarrado á argolha da porta de um armazem ao becco dos Barbeiros. Cumpra.

—Na noite de terça feira a crioula Jeronyma, moradora na ladeira da Misericordia, andava *passeiando* pelo largo do Theatro, quando foi accommettida do um ataque de congestão.

Conduzida para o hospital, falleceu no caminho.

FORMAÇÃO DA PRIMEIRA MULHER.

Um jornal americano conta o seguinte:

«Segundo a tradicção de uma religião da India, a creação da mulher fez-se do modo seguinte: Deus tendo tirado uma costella de Adão. em quanto este dormia, pol-a perto de si afim de ter as mãos desempedidas e poder assim concertar o corpo do primeiro homem; no entretanto, chega um macaco e furta a costella. Deus enviou logo o anjo Gabriel no encalço do ladrão com a sua presa. Momentos depois, volta Gabriel tendo na mão uma cauda de macaco. A's perguntas do Creador, o anjo respondeu que, na occasião de pegar o macaco, subiu este para o tronco de um arvore, dando um salto tão forte que deixara-lhe ficar a cauda na mão.

«Deus tomou-a ,mirou-a por todos os lados, e dando um suspiro, disse: Não ha remedio sinão servir-me-disto. E desta cauda formou a primeira mulher.

«Balzac conhecia esta lenda, quando fazia o illustre Marsay dizer: Ha sem-

pre um famoso macaco na mais bella e angelica de todas as mulheres.»

A PEDIDO.

PERGUNTA CURIOSA

Um secretario de relação pode advogar no forum e constituir-se procurador de partes?

O Cabeça de Canôa.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

III.

De quantas defezas correm ahi impressas em folliculos vendidos a quarenta reis, ou em outros *ejusdem furfuris atque farinæ*, nenhuma tem discutido a questão como deve ser, e muito menos provado a innocencia dos accusados.

São defezas de quarenta reis, cujo valor equivale ao do zero da arithmetica á esquerda dos numeros.

Levantando mais alto a vista, porem sobre o mesmo plano que é um pouco inclinado, deparamos com o *rajado interesse publico*, que por *maestria* não quer emprehender discussão seria, e antes procura barulhar a equação ja por si resolvida pela descoberta da incognita.

E' que o *celebre* escriptor não quer cahir no lameiro, de cuja profundidade não haverão pulsos para safal-o.

Taes defezas, verdadeiras moxinifadas ou algaravias da rasão, são o escuro do quadro, necessario na arte para realce do matiz.

E ellas não admiram quando partem de almas, cujas potencias, segundo o *progressismo moderno*, são o ouro, a prata e o cobre.

Ja Pascual fallava dellas, e muito não é que existam tambem entre nos.

A questão, a que hoje está presa a anciedade publica, e soffrega aguarda o resultado, é simples, e bem simples por sua natureza, apezar da atrocidade descommunal do facto, que por si gera horror.

No pé em que está, deslocal-a dos seus verdadeiros eixos para mystifical-a, embaindo a opinião publica, importa menos que uma illuzão -- é miseria.

Não será o pandemonio de semelhantes defensores, que poderá negar a verdade e evidencia dos factos.

No dia 3 do corrente, em nossa presença, abriu-se tambem defeza aos accusados ante o juiz formador da culpa, e os dous distinctos advogados que fallaram, os Srs. Drs. Gustavo Aniceto e Pereira Rocha, ficaram aquem da expectativa publica.

Pouco disseram, e issso mesmo fóra de *villa e termo*, porque não encararam a questão nem pelo lado do direito, nem do facto.

E' que por mais brilhante que seja o talento, por mais variada que seja a illustração, ha de naufragar sempre tomando o patrocinio de causas dessa natureza, em que até a simples presença dos accusados denuncia a sua criminalidade.

Os Srs. Drs. Deiró e Silva e Almeida requereram vinte quatro horas para apresentarem a defeza por escripto, e foi-lhes deferido.

Muita palavra bonita, muita phrase elegante, rigoroso torneio de linguagem, sublimes lances de imaginação, muita belleza de eloquencia, bellas theorias de direito criminal, farão do seu trabalho um verdadeira peça oratoria, porem nunca uma verdadeira defeza juridica.

O publico vel-o-ha.

Sem ambages, apresentemos a questão tal como aconselha a sciencia.

E' certo que estando João Soares em a noite de 6 de agosto, depois das nove horas, conversando com Coelho de Oliveira, no Sodré, fóra de sorpeza arrebatado por dous individuos, que, deitando-lhe as mãos á bocca, lançaram-o em um carro, onde, algemado e vendado, fóra conduzido para o Moinho, e ahi soffrera as contusões, ferimentos e torturas constantes do corpo de delicto?

Em face do mesmo corpo de delicto de conformidade com o nosso codigo penal, essas contuzões, ferimentos e torturas, constituem tentativa de morte?

Quaes os authores desse crime?

Eis em termos bem claros e precisos posta em tapete a questão.

A respeito fazemos um repto solemno de discussão a todos, sem excepção de ninguem, e muito folgaremos que o cartel de desafio seja acceito por quem souber e poder.

Nessa arena, unica conveniente á altura da sciencia, não arrecciamos inimigo.

Quando pelo corpo de delicto, base legal da existencia do facto material punivel, não estivesse provado á luz da evidencia o crime nefando de que foi paciente o infeliz João Soares, bastava o testemunho ocular de mais de cinco mil pesssoas para attestar essa verdade, tam certa, permitta-se-nos a phrase, como a existencia do Ser Omnipotente.

O estrondo do crime moveu os animos, e a agglomeração foi progressiva desde a manhan até a noite.

Os proprios accusados receiaram por suas cabeças, tal era a multidão e o sentimento que a dominava.

Jamais crime algum na pessoa de um infeliz excitou tanta curiosidade, e desafiou tanta vingança.

As embocaduras das diversas ru s e becos que vão ter á secretaria da policia estavam litteralmente interceptadas, e o povo estendia-se até mais não chegar.

Fallamos ainda em tempo para não sermos desmentido.

O facto de estar João Soares conversando com Coelho, o ser de sorpreza e embosçada agarrado e mettido em um carro, com quanto não fosse visto por esse numero de pessoas, todavia não é menos verdadeiro.

O interrogatorio da victima, a confissão de um dos accusados — o proprio Coelho que fôra ao theatro participar á policia do rapto e de *mais alguma* cousa, testemunham tambem irrefragavelmente essa verdade.

Portanto, em vista do expendido, a resposta affirmativa ao primeiro dos quisitos, que involve dous factos, não se faz esperar,—é de primeira intuição.

Eis, pois, provado o rapto, e as contusões, ferimentos e torturas de que fôra victima o infeliz João Soares.

Para respondermos ao segundo quisito não é preciso que nos remontemos aos principios geraes da sciencia ensinados pelos criminalistas, principios quase sempre adoptados com algumas modificações por todas as nações civilisadas.

Não vamos ainda fazer uma prelecção sobre a tentativa, apresentando suas diversas theorias, e a conveniencia ou inconveniencia de ser ella incriminada, fallamos *de jure constituto* e não *de constituendo*, e por tanto cingir-nos-hemos ao que for restrictamente necessario, sem mesmo recorrermos á legislações extranhas, sob promessa de voltar si por ventura formos contestados.

« So se julgará crime a tentativa, diz o codigo penal no § 2º. do art 2º., quando for manifestada por actos exteriores, e principio de execução, que não teve effeito por circunstancias independentes da voutade do delinquente.»

Dessa sabia definição dada pelo legislador brasileiro á tentativa, vê-se que para ser ella punivel requerem-se condições indispensaveis, sem as quaes escapa á sancção legal.

Actos exteriores, principio de execução, mas que não teve effeito por circunstancias independentes da vontade do deliquente—eis essas condições.

Applicando a lei, evidencia-se que no caso occurrente todas ellas se deram.

Houveram actos exteriores, principio de execução, que não foi por certo consumada por motivos independentes da vontade dos accusados.

Os peritos do corpo de delicto attestam essa verdade de um modo irrefragavel quando respondem ao decimo quisito que—o paciente vendado, algemado, e com uma mordaça que lhe obstruisse completamente as vias respiratorias por algum tempo, *podia morrer asphyxiado*, sem apresentar lesão alguma material na região nazal e buccal, mormente sendo a *mordaça de panno* como a que foi apresentada.

Ainda ao undecimo respondem tambem que— as lesões do pescoço, unha-

d

as, contusões, escoriações produzidas pela mão do offensor, podem ser indicios de estrangulamento, *que poderia até ter determinado a morte*, si mais duradoura e intensa fosse a força empregada.

Além dessas respostas bem precisas e precisamente caracterisadas, as ecchymozes accompanhadas de escoriações, tumefação e vermelhidão encontradas em varias partes do corpo do paciente, provam a não mais desejar que os authores desse crime barbaro, depois de terem empregado os meios de que usaram, não pretendiam deixal-o com vida, si um facto extraordinario, (o aviso que tiveram de que a policia ja era sabedora do crime e de seus authores) não viesse arrancal-o das garras dos seus assassinos

Si não tinham em mente matal-o, para que deixaram-o trancado, amordaçado, vendado, com os pés amarrados e algemado no Moinho?

Ainda isso vem augmentar a força que deve ter o interrogatorio minucioso a que respondeu a victima, declarando que o fim de seus algozes era matal-a por meio de torturas e cilicios, apregoando ao depois a sua fugida no vapor americano.

Quem pretende apenas amedrontrar ou atterrar para saber de um segredo, não practica actos de tanta malvadez e perversidade, como os de que fôra victima João Soares.

Ainda mesmo alcançado o segredo, que de nada valeria por ser extorquido sob ameaças, violencias e torturas, a morte era inevitavel, porque os meios empregados constituiam um crime horrivel, severamente punido pelas nossas leis.

Por tanto, só um facto extraordinario, uma causa occulta, extranha e independente da vontade dos accusados, suspendeu a execução do barbaro e feroz assassinato de 6 de agosto.

Provado está, pois, ainda que resumidamente, que, em face do corpo de delicto de conformidade com o nosso codigo penal, sem recurso de criminalistas e codigos estrangeiros, o crime commettido na pessoa do infeliz João Soares foi o de tentativa de morte, e conseguintemente fica respondido o segundo quisito.

De proposito deixamos de fazer algumas considerações sobre o exame de sanidade, não só porque ha toda a probabilidade de que outro seja requerido, como ainda para provar-mos que o acto da policia, mandando prender os accuzados por crime de tentativa de morte só em vista do corpo de delicto, era — justo e regular, fundado em lei expressa e positiva.

Ja vae longo esse artigo para a dimensão do jornal em que tem de ser publicado; por isso, para não partir o assumpto, foi que não nos quizemos expraiar sobre a tentativa.

Em abono do que temos dito muita authoridade podia ser invocada; ficará para ao depois si formos contestados. Nesse terreno acceitamos até como favor, a discussão.

Continuaremos.

VARIEDADE.

Ama a teu inimigo; porque si elle te offende com o seu odio, mais te offendes tu com o teu; o teu te mette no inferno, e o seu não.

Ama a teu inimigo; porque melhor e a paz que a guerra, e nesta guerra a victoria è fraqueza, e o ficar vencido, triumpho. Ama a teu inimigo; porque elle em te querer mal imita o demonio; e tu em lhe querer bem pareces-te com Deus.

Vieira.

ANNUNCIOS.

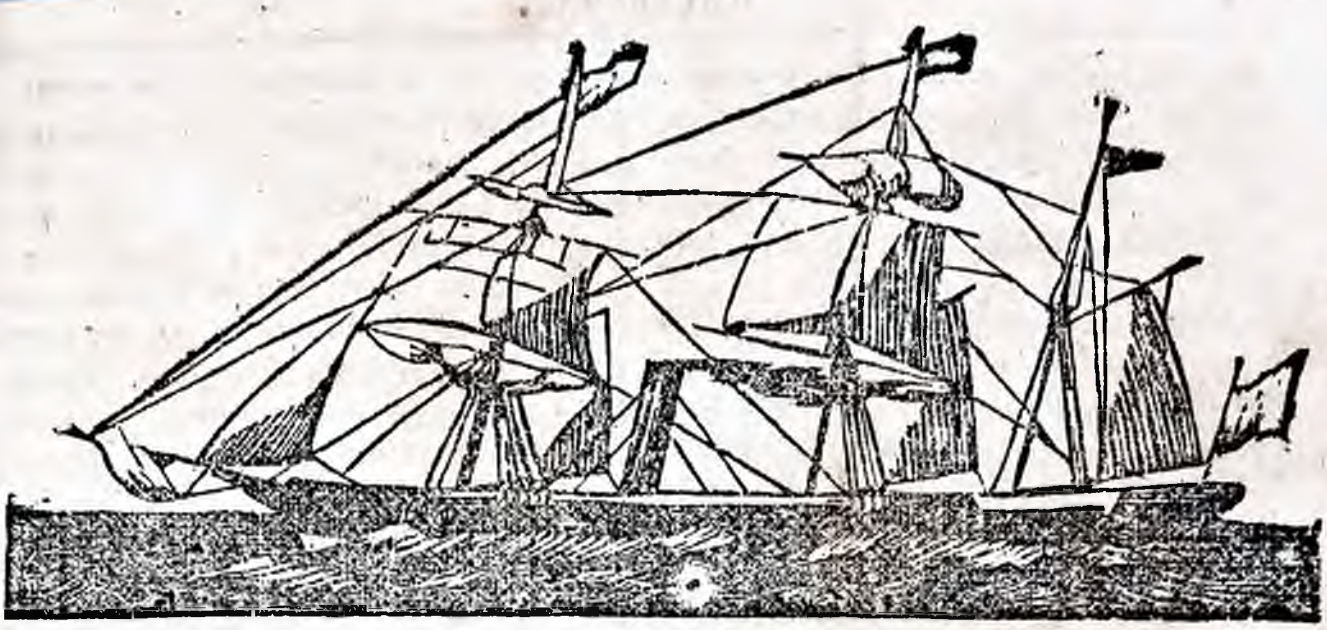
Pede-se a certo alferes que não ignora dever a dous annos e meio, em uma venda ao Caes Dourado, o favor de ir saldar sua conta no prazo de tres dias do contrario serão publicado neste jornal seus vergonhosos bilhetes.

Ignacio.

PARA QUEM GOSTA

Está exposta á venda na loja de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, a nova modinha intitulada—O Beijo de Amor. por José Bruno.

Preço 1$000 reis.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 10 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 26.ª—N. 255

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, participando-lhe que os accendedores dos Barris e Santa Thereza apagam os lampeões muito antes das 4 da madrugada, concorrendo assim para que os larapios e malfeitores, que actualmente infestam esta cidade, possam mais á vontade pôr em execução seus planos surripiantes.

Em consequencia do que, pede-se a S. S., lance com mais alguma attenção seus benignos olhos para este ramo do serviço publico confiado a seus cuidados.

—Festejou-se o 7 de setembro.

Houve a sediça e costumeira parada, a decoração das colxas velhas nas janellas dos edificios officiaes, as salvas da tarifa, cortejo e beija mão á pintura do monarcha, illuminação à noite, espectaculo e mais traquinadas cortesans.

—Gostei do luzimento com que se apresentou a guarda nacional.

—Aposto que não ouviu o que diziam os garotos á respeito de certo batalhão.

—O que era?

—Que o fabricante das barretinas para os officiaes ainda está *cego* e á ver navios.

—Isto é conversa de cumbuca.

—Ie *balaio* lhe chamo eu.

—E ha commandante de batalhão por mais *quindungo* que consinta seus officiaes enfronhados no uniforme que ainda não pagaram?

Antes carregar um *cesto*, com tanto que na forma se apresente de cara limpa.

Soube que certo capitão metteu a espada n'um guarda?

—Não; e até duvido.

—Pois não duvide; eu *o vi do* meio da praça, onde estava, elle arrumar com viração no pobre homem.

—E' um desacato ao publico, uma descortezia ao superior e uma afronta a guarda nacional. Não deve ficar impune.

—Isso é que é um ficar.

—Homem nenhum deve maltractar a seu semelhante.

—E um homem que tambem ja foi soldado de policia.

—Ah! é por isso:—quem quizer ver o vilão metta-lhe o cabo na mão.

—Está porque o outro quiz afogar-se.

—Como foi isso?

—Um guarda do 6.º batalhão que o capitão chamou-o *relaxado* e elle em desabafo atirou-se ao mar; si não são os saveristas o cujo tinha servido de isca aos ciris.

—Que maluco! afogar-se por uma cousa que elle respondia nos mesmos consoantes.

—São cousas desta terra. Qualquer *quidam* que por um vai-vem da sorte collaca-se ácima de seu semelhante entende que deve esmagal-o e pisal-o.

—Isto vae da estupidez em que vivemos.

—Os ladrões estão com gana desesperada!

—E a policia a lhes passar a mão pelas cabeças garantindo-lhes a impunidade!

—Foi roubada a casa commercial dos Srs Costa Alves e C., n'um bom par de contos de reis.

—Fazem muito bem; aproveitem a teima imbecil de quem não é para certas cousas e quer á força se metter nellas.

—Assistiu ao concerto no Passeio?

—Ora, si!

—Que tal?

—Optimo.

—Isso era de esperar, porque o Fausto tem dedo para estas cousas.

—A concurrencia é que podia ser maior; achei-a limitada.

—Provavelmente domingo sel-o-ha maior.

—Agora o que resta é que o producto seja bem applicado.

—Descance no criterio do governo que é quem ha de distribuir.

—Eu tenho visto tanta cousa que ja não creio em palavras.

Quando o tenente coronel Mundim Pestana publicou os *Pensamentos militares de Napoleão* destinou o producto ás familias dos voluntarios.

Conseguiu arrecadar 3000$ réis que remetteu ao governo.

Sabe o que houve?

—Não.

—Houve uma *feliz familia* que desse dinheiro *petiscou* duzentos bagos ficando muitas outras, necessitadissimas, a estorcer-se nas vascas da mizeria.

—Eu para evitar estas cousas lembraria um alvitre.

—Vamos á ver.

—E' que o dinheiro que si recolhesse, fosse dividido com familias que morassem em casas de 10$ reis para baixo.

—E' bem lembrado, sim Senhor.

—Será crivel que a policia ensurdecesse!

—Bem alerta que anda ella.

—Entretanto, conserva-se muda e queda, immovel como uma pedra milliar ante o quadro assustador que apresenta esta cidade devastada pelos ladrões.

Cada dia um novo attentado á vida e propriedade!

Hontem domingo, o Sr. José Maria, trabalhador na fabrica Modelo e morador ao Cabulla, foi passar o dia na rua do Bangala e á noite retirou-se para sua casa.

Na Estrada Nova, pouco antes do arco, dous sujeitos sahiram-lhe á frente, tomaram-lhe o relogio, trancelim e chapeu de sol; isso antes das 9 horas!

Por mais alto que se brade a policia não desperta do lethargo em que está submersa!

—E que ella da altura da sua secretaria não ouve o chamar da população afflicta por tão flagelladora peste.

A PEDIDO.

Si filhos de padre, vindos do *Maro* do *Agogipe* por la terem praticado infamias e adulterios, podem atirar doestos sobre homens de bem, os do—

nós abaixo—de certos autos aceitam o do compadre.

Aniceto.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

IV.

E' preciso não crer na corrupção de todos.

A leproza descrença que lavra, arrancada do intimo d'alma pelo funesto exemplo dos factos consumados, si em parte enfraquece a fé, em parte tambem não robustece o assustador pensamento da transviação geral.

E' bem deploravel o estado da sociedade que chegou a esse meio termo—marco milliario da duvida, verdadeira mystificação da ordem.

As instituições juradas são o *sancta sanctorum* dos povos, que jamais devem ser profanadas.

Cumpramol-as e ellas serão respeitadas; violemol-as e ficarão deshonradas.

Essas verdades sociaes, ditas assim *per summa capita,* tem uma applicação directa á questão de que nos temos occupado.

Accostumada impassivel a ver muita vez a verdade supplantada pelo erro, o direito pela injustiça, a innocencia pelo crime, e a lei pelo patronato,—foi que a população desta cidade toda, no dia da obra feroz de 6 de agosto, fez um protesto vivo o energico á face da authoridade, accompanhando a victima nos seus anceios de dor—que pediam justiça.

Dizemos com dor essa verdade, que importa e justifica entre nós o aviltamento a que tem descido a lei pelo capricho de seus prepostos.

Em outro qualquer paiz, onde não ha fome nem sede de justiça, como infelizmente entre nós,—outras seriam as manifestações do povo em prol da victima que não as de fazer um appello á authoridade, quasi que duvidando de sua integridade, e esperando-a para um saldo de contas.

A certesa da execução da lei inspira essa confiança, e *vice-versa.*

Somos o primeiro a reconhecer na authoridade formadôra da culpa a bôa intenção de ser o braço da lei, firme e inabalavel, e foi por isso que dissemos no principio deste artigo—que não se deve crer na corrupção de todos.

Não deve pagar o justo pelo peccador.

Isso, porem, não exclue a fraqueza inherente á especie humana em algum caso, onde as provas e a verdade não borbulham tam á tona d'agoa como no presente.

O processo está encerrado.

Apezar de tudo, a opinião publica, já tam illudida, não desampara o seu posto de sentinella vigilante da execução da lei,—antes affanoza espera pelo remate desse tremendo drama tragico.

Si as presumpções authorisam a pronnuncia, e as provas a condemnação, a pronnuncia e condemnação dos accusados devem ser infalliveis.

Urge agora o tempo que respondamos ao terceiro quisito apresentado no artigo precedente.

«Quaes os authores do horroroso crime perpretado na pessoa do infeliz João Soares?

Os accusados.

Eis a resposta que rompe irresistivelmente de todos os labios,—tal é a força das circumstancias e das provas.

Nenhuma consciencia, por mais escrupulosa e timorata, sente pungir-lhe o remorso, apregoando essa verdade.

Nos theatros, nos hoteis, nas praças, nas reuniões publicas, no lar domestico, em todas as partes, emfim, ella apparece scintillante, mau grado *as forças caudinas* com que se tem querido aferrolhal-a.

Conversando, ha dias, em um escriptorio, onde o *interesse publico* é posto em almoeda qual mercadoria, com uma *pessoa* que tudo pode ser, como de facto é, menos suspeita nessa questão, disse-nos ella que—si não fossem as obrigações sem conta, e favores até de dinheiro, em quadras calamitosas, que deve a um dos accusados—Castro Rebello, maldicta fosse a sua penna si defendesse taes assassinos!

Nada lhe respondemos.

As manhas desse monstro ja são bem conhecidas, e podemos por sciencia propria dizer que si não fosse o ouro de outro dos accusados a quem ja elle defendia em outra questão—Castro Rebello que ecperasse por essas deferencias e contemplações!

Dessa verdade ha provas em escala ascendente.

Não são mais esses cantos de sereia que nos embalam.

Experiencias bem amargas nos accordaram em tempo.

Veja, pois, o publico que são os proprios defensores dos accusados, que sem rebuço algum fallam por essa forma.

Os accusados tem sciencia e consciencia do crime horroroso que commetteram; e nas horas de meditação, não é sem remorsos que elles attentam para essa grita descompassada de defezas que o seu ouro tem feito apparecer.

O artigo 304 do Codigo do Processo Criminal diz assim:

«*Todo o cidadão que entender, que elle, ou outrem soffre uma prisão ou constrangimento illegal em sua liberdade, tem o direito de pedir uma ordem de habeas corpus em seu favor.*»

Sendo assim,—si os accusados entendem que estão presos illegalmente, —si tem provas de sua innocencia,— si os seus advogados tambem entendem que o facto incriminado não é o de tentativa de morte, e por conseguinte é a prisão illegal, porque razão não interpozeram o recurso que a lei permitte?

Esse não é o proceder da innocencia, e nem os excessos da authoridade se corrigem por essa forma.

E' que o crime deixa sempre um vestigio que necessariamente acaba por denunciar-se.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender ou abafar as consequencias desse acto — pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes da jurisprudencia.

Por tanto, muito não é que a opinião publica prorompa em diques de explosão pedindo a punição dos accusados, quando elles e os seus defensores são os primeiros a reconhecer a legalidade da prisão e a classificação do crime, não usando do recurso que a lei authorisa.

Logo que o accusado Coelho,—o Lopes mexicano, fôra ao theatro as dez para as onzes horas da noite participar a policia do rapto de João Soares e de *mais alguma coisa*, que o Sr. Dr. chefe de policia in continenti, além de outras providencias, mandou pelo delegado do primeiro districto cercar a habitação de Castro Rebello.

Levantado o cerco, não foi encontrado este em casa.

Em que logar dormiu esse accusado, elle—maior de quarenta annos, chefe de familia, que deve ser o primeiro a dar exemplos de moralidade?

Esteve por ventura no theatro, em algum baile ou entrevista até as horas em que fora encontrado no outro dia na cidade baixa?

Por certo que não; e nem isso se atreveu elle a dizer quando foi interrogado.

Era que, como chefe da conspiração perversa contra o infeliz João Soares, estava affligindo-o e torturando-o para obter a declaração que os seus maus instinctos de prejudicar a *terceiro* lhe aconselharam.

Era constante no largo da Piedade, em casa de Sampaio Vianna, a reunião dos accusados, que planejavam e combinavam a execução desse crime medonho e inaudicto, do qual não se tinha visto ainda exemplo, depois da extincção dos Dominicanos.

Esse facto é do notoriedade publica: muitas pessoas inscientes da machinação diabolica, admiravam-se de ver pelas dez e onze horas da noite na freguezia de S. Pedro o accusado Castro Guimarães, morador á Calçada do Bomfim, e que nunca costumava a apparecer na cidade por essas horas da noite.

A tudo isso accresce que o accusado Coelho, inimigo gratuito de João Soares, depois do vergonhoso furto do Banco, inimigo até que não o comprimentava, somente naquella noite da janella da creoula Maria Benedicta á rua do Sodré, sua apaixonada, sem a menor reserva—elle tam *recatado e pudico*, estivesse a espera do infeliz João Soares para entregal-o á sanha ferina de seus algozes.

Felizmente a sua conversa com a victima foi vista, (apezar das precauções que tomava arredando-se de um sobrado em cuja janella estava alguem) pelo Dr. Leopoldo Madureira, e sem duvida alguma por outras pessôas—razão porque, receioso das consequencias que lhe poderiam provir do desaparacimento de João Soares, com quem antes havia conversado, foi immediamente dar parte a policia.

Fez o horto e a prisão.

Ha muito que esse tenebroso projecto é premeditado.

A postada de um carro, como que abandonado, no largo do Accioli a diversas noites,—o novo costume do accusado Castro Rebello alugar cavallos na companhia de Vehiculos, elle que não tem carro,—a constante vigia que dos passos de João Soares faziam os accusados, principalmente Rozendo,—a prevenção que teve elle de alguns dos seus amigos para se acautelar,—a espera de que estivesse no porto o vapor americano para ao depois se apregoar com fundamentos a sua fugida, tudo isso prova de sobejo a premeditação e execução do plano infernal.

São, pois, essas circunstancias todas que, sobre as provas de testimunhas, vem enraizar mais no coração de todos a convicção da criminalidade dos accusados,

Si bem que por ellas, (circunstancias) meio de prova admitido entre nós e por todos os povos cultos, podessemos logo responder ao terceiro quisito, todavia ainda não o queremos, esperando pela analises dos interrogatorios da victima, e dos accusados e depoimentos das testimunhas.

Em outro artigo é o que faremos.

—

P. S.—Tam má e desesperada é a defeza dos accusados, que o Sr. Dr. Silva e Almeida tendo requerido para apresental-a por escripto em vinte quatro horas, exgotou o tempo sem dizer palavra desistindo a final do requerimento. O Sr. Dr. Deiró muito pouco ou quasi nada escreveu.

Que tal!. é caso virgem que tantos advegados deixassem ficar os accusados indefezos!

Si não vissemos não acreditavamos.

O espirito calmo e reflectido, ao correr das lamentaveis e horrorosas scenas de dezembro e agosto, descobre o *empenho encarniçado* dos ladrões da *tripeça* e assassinos de *Soreas* em aggredir virulentamente a um homem, que da altura de sua dignidade soberanamente os despreza.

E' que os ladrões e assassinos não querem que, em pleno dia, em suas faces e á face de todos, se lhes chame pelo nome—e dahi todo o odio de morte que votam á aquelle, que não trepidou ante considerações, proclamando essa verdade, geralmente reconhecida.

Antes que esses preceitos da opinião publica protestassem tirar vindicta das maculas infamantes que justamente lhes são irrogadas, melhor seria que as não tivessem practicado.

O caracter honesto medita, e medita muito, primeiro que commetta acções que possam infamal-o para toda a vida.

—Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

Provemos o que até aqui temos dito.

Quando pelo roubo da *tripeça* foi convocado extraordinariamente a reunião de seus membros para deliberarem sobre um facto de tanta magnitude, e tomarem as medidas e providencias que a urgencia e gravidade do caso de prompto o exigiam—um delles, com a independencia e franqueza do caracter que lhe são proverbiaes, depois de fazer sentir as razões que fizeram-o retirar da *tripeça* para não ser compartecipe dos abusos que nella se da-

vam, cujo resultado foi o roubo, evidentemente demonstrou em geral a culpabilidade deleixosa *dos guardas do suor alheio*, e em particular, em termos habeis, quem eram os authores do crime infamante.

Assim contrariada a gente da *tripeça*, porque pensava que o vergonhoso furto seria lançado *em contas de perdas*, e ella, não só livre da responsabilidade, como até coroada e benemerita por não ter desaparecido dos cofres todo o dinheiro, o que sem duvida alguma não foi por esforços desse distincto membro, cuja palavra authorisada foi ouvida religiosamente e acceita *in totum* pela maioria—armou a cruzada, e eil a que não trepida ante obstaculo algum.

Si esse membro ja era victima do odio dessa gente, com essas palavras que persuadiram e convenceram a opinião geral o odio duplicou-se, e um juramento de vingança foi logo premeditado.

Não se podendo encontrar na vida desse membro, depurada pelo cadinho estreito da paixão e prevenção, o menor acto que a deslustrasse, o meio de vingança adoptado foi assoalhar algures que elle—auzente da *tripeça*, ha mais de dous annos, fora quem induzira o infeliz *Soreas* á practica do furto.

Por isso que ninguem, ainda mesmo os inimigos mais figadaes, criam na mentira e aleivozia adrede forjadas,—*os ratos da tripeça*, afim de dar-lhe um colorido de verdade, executam o crime hediondo de agosto, fazendo revestil-o de circunstancias que se prestassem ao fim desejado.

Que coincidencia! Em ambos os casos sempre esses miseraveis reunidos!

Não ha nessa cidade particular algum, salvo esse membro e um habitante da baixa *do fim que é bom* de nome S M. que tenha parelha de cavallos russos;—por tanto, para que o plano podesse sortir o effeito, era preciso o emprego desse meio, e elle foi empregado na tragedia de agosto, vindo a falhar pela impossibilidade da occasião:

Milagre da Providencia!

Um carro era postado em um largo, e capangas para esse fim alliciados se incumbiam de dizer a quem mesmo não queria ouvir-lhes, que esse carro pertencia a essa pessoa;—a mentira veio ser a final conhecida, e os tractantes o desmacarados:

Tambem milagre da Providencia!

Uma confissão escripta por *Soreas* era preciso para que o inimigo desses miseraveis que delles nem se lembra, fosse considerado cumplice do roubo *da tripeça;* e essa confissão foi exigida por ameaças, violencias, torturas e tormentos, porem, ainda assim, não foi obtida:

Ainda milagre da Providencia.

Estava no porto de *Latronopolis*, uma fragata americana, cujo almirante e consul da respectiva nação estiveram por bastante tempo conversando no escriptorio da victima dos ladrões e assassinos:—portanto, para que o plano podesse sortir effeito era preciso que *Soreas* desapareecsse em a noite daquelle dia, para que no outro, quando a fragata ja estivesse barra a fora as mil trombetas *da imprensa alugada ou vendida* apregoassem que a victima dos malvados tinha dado escapula a *Soreas*, a quem elles falsamente atribuem o roubo da *tripeça*;—esse meio foi empregado: vindo a fallar por um modo inexplicavel:

Finalmente milagre da Providencia!

Eis as circunstancias, que todas, uma por uma fallharam.

O que responde a ellas a *celebre trina malta* dos ladrões e assassinos?

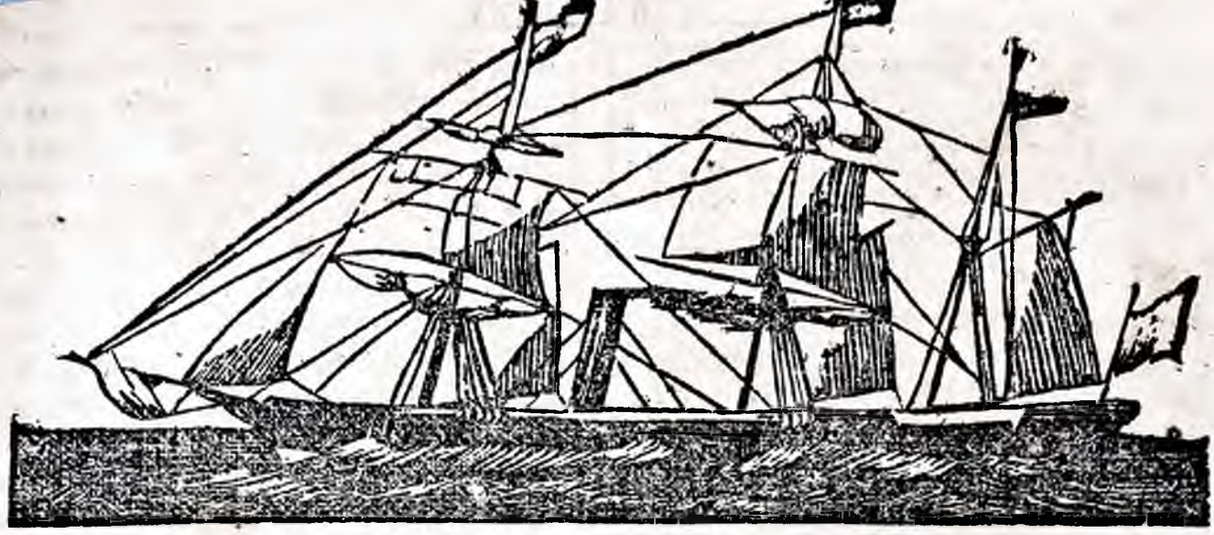
—Aspirante.

—Prompto.

—Va dizer ao director do collegio S. Pedro d'Alcantara que quando for á missa aos domingos com seus collegiaes não consinta que estes no côro conversem tão alto que perturbem a quem vae alli com o pensamento em Deus; mesmo que é improprio do logar tagarelar-se e fazer-se assuadas.

—Vou obedecer-lhe, capitão.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 12 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 26.ª—N. 256

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. inspector da fazenda provincial, chamando sua attenção para a infracção da lei que commettem alguns individuos, que andam pela cidade baixa vendendo bilhetes da loteria da Hespanha, sem pagarem os respectivos direitos, exigidos por lei.

Entre outros, primam nesta especulação um tal Vianna, um Pedro M. Bastos, um Camara e um Costa.

Não sendo conveniente que taes espertalhões continuem a menoscabar a lei, espera se que S. S., de accordo com o Dr. chefe policia, empregue meios que os faça arripiar de semelhante industria.

—Continuam os ataque á propriedade.

No Bom Gosto da Calçada foi roubada uma preta no sabbado á noite.

Na sexta feira, quizeram roubar a casa do Sr. José Luiz Soares estabelecido á rua de Baixo com officina de armador.

—Estes são os que se sabe; faça ideia quantos terão deixado de chegar ao nosso conhecimento.

A PEDIDO.

—Que desfructe! um agente municipal campando de moleque capoeira!

—Onde é isso?

—Está V se fazendo da roça! Vem de S. Miguel e não viu o fiscal tirando a farda para jogar cabeçada!

—Serio que não reparei.

—Olhe para a porta da venda.

—Está apinhada de moleques.

—Pois é o fiscal que se prepara para sentar a mão na lata e o pé no umbigo de um ex-collega. O rapaz mostra bem que em menino ninguem lhe levou a palma na mandinga no largo do Terreiro.

—Quem é elle?

—*Li no* jornal o nome delle outro dia e ja não me lembro.

—Os moleques faziam-lhe uma boa peça se lhe levassem a farda.

—Aquillo é ridiculo para um agente publico; si passa aqui agora o mu-

xingueiro do *Alabama* aposto que ello não ficaria em sosso.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

V.

Os defensores dos accusados por tentativa de morte na pessôa do infeliz João Soares—fechando os olhos á luz, cerrando os ouvidos á razão, negando toda a evidencia—não encontram no processo indicios, quanto mais provas de sua criminalidade.

A affouteza com que se enunciam pensamentos dessa ordem, sem que ao menos se procure cohonestal-os sofismando a analise do processo, é digna de eternas luminarias!

E' que para fallar—todos tem bocca; mas para raciocinar—poucos tem juizo.

Quereriam por ventura esses *cyrineus* de crime, (não podem ter outro nome) que os accusados, quando planejavam e maquinavam a trama infernal no largo da Piedade em casa de um dos comparsas, convidassem o publico para assistir as sessões?

Quereriam tambem que previamente fosse annunciado o dia do rapto para ser visto por numero de pessôas egual ao que presenciou a victima na manhan do crime?

Quereriam ainda que esse mesmo annuncio se estendesse até á hora da practica perversa da ferocidade?

Quereriam finalmente, além de tudo isso, que os accusados de bocca em bocca confessassem a authoria do delicto?

Nem tanto Srs.!

Si de feito é a isso que em direito somente daes o nome de prova,—por certo que no processo ella não existe, e nem existirá em quantos tiverem de ser instaurados de hoje em diante, e ja o foram por outros crimes.

Nem sempre a prova visual ou directa é possivel para que fiquem conhecidos os agentes do crime.

Essa verdade obvia e de primeira intuição na practica, encontra agora mesmo no processo em questão um apoio irrefragavel.

Si o facto do rapto de João Soares, practicado não em altas horas da noite em uma rua deserta, não foi presenciado, como sel-o-hiam as scenas barbaras e sangrentas do Moinho?

Não obstante—ninguem ha hoje entre vós mesmos que negue o rapto.

E' do crime buscar as trevas, e por isso raro aquelle, em que a premeditação foi tam antecipada, que dê logar a que seja visto por pessoas estranhas.

Na carencia, porem, da prova visual, ha a circustancial, geralmente admittida como mais segura e infallivel por provir de certas condições indispensaveis, de certos meios imprevenivеis, ainda mesmo pelo espirito mais sagaz e cauteloso.

E' o rasto do crime, que se se apaga depois de descoberto o seu agente.

Essas circunstancias são:— a prevenção aconselhada por alguns amigos de João Soares— a postada de um carro no largo do Accioli —a conversa de Coelho com Soares, até então seu inimigo—a denuncia d'aquelle á policia —o facto altamente significativo da dormida de Castro Rebello fora de casa na noite do crime—a encommenda de cavallos *russos* que fazia á companhia de Vehiculos, sem que até hoje se saiba em que passeios eram empregados —a recuza formal de não querer carro e bolieiro—as reuniões que haviam em casa de Sampaio Vianna—a frequencia inusada de Castro Guimarães á noite na cidade alta—a estada no porto de um vaso americano que largava ferros na noite do crime, e finalmente a sombra de Rozendo que nunca desamparava a victima.

Outras ainda existem, que iremos mostrando á medida que formos continuando a analizar minuciosamente o processo.

Tractemos agora do interrogatorio do offendido.

O cunho de verdade, que existe nessa peça do processo, é tam admiravel quanto sobrehumana foi a afflicão da victima nas provanças do Moinho.

Authorisado por justa represalia a dizer tudo que a sède de vigança lhe

cujo isso contra os accusados,—João Soares não aproveita-se da occasião para esse desabafo; pelo contrario, da narração detalhada que faz dos passos e tormentos porque passou, se reconhece o fundo de nobreza e imparcialidade de caracter de que é dotado.

Elle que *os ad os* com um dos ex-directores francamente lhe dissera—ter suspeitas de ser elle o ladrão do banco, elle—que por essa causa soffreu desapiedadamente as injurias e diffamações que correm impressas em alguns folliculos,—elle, no seu interrogatorio nada diz contra esse ex-director, embora esteja convicto, como o está todo o mundo, de que elle concorrera indirectamente para a practica do crime. Só falla do accusado Castro Rebello, contra quem nunca se pronunciara.

Dahi ja se vê que esse interrogatorio, cuja força *probandi* se quer negar sem rasão plausivel, tem todo o cunho de criterio e verdade por coincidir com o facto e todas as suas circunstancias.

Não é preciso reproduzil-o, porque ninguem ha ahi que o ignore em todas as suas partes, mesmo as que á primeira vista parecem de menos interesse

Principiando pelo rapto e acabando pelo salto que dera de uma janella do fundo da casa onde estivera encerrado, —nesse interrogatorio não se depara com a menor inverosimelhança ou contra dicção.

Innumeras vezes, elle o repetira á diversas pessoas na secretaria da policia na manhan de 6 de agosto, e sempre o facto era narrado pela mesma forma, sem discrepancia se quer do menor acontecimento.

A respeito admira que os defensores dos accusados tenham opiniões differentes.

E' assim que uns appelidam-o de farça, e outros invocam-o em apoio de suas ideias.

Nesse numero está o *Interesse Publico*, que para destruir um artigo do *Pharol* em que diz ver invertido um topico desse interrogatorio, transcreve as textuaes palavras do mesmo, relativas a esse topico.

Não é só nesse ponto que o *Interesse Publico* o acceita; acceita-o tambem em todos os mais, por isso que agora, mudando de defeza, tem virtualmente reconhecido a criminalidade dos accusados, justificando-a por motivos de honra.

No correr da discussão havemos de chegar ahi.

Eis, pois evidentemente demonstrada a fé que deve merecer o interrogatorio de João Soares.

Faltam as testemunhas.

—Capitão, trago-lhe apontamentos para a chronica do cavalleiro de Castro.

—Vamos á isso.

—E' preciso observar que são collegidos pelo *Anjo dos Bonecos*.

—Nada de delongas.

—Esse *zanaga* (assim o chama o *sentinella visivel*) como caixeiro e *raboleva* de um fidalgote assaz distrahido, fel-o assignar letras em duplicata e triplicata, revertendo-as afinal em seu proprio proveito.

No mesmo caracter, em casa de um honradissimo commerciante desta praça, tanta era a *confiança* nelle depositada, que não podia passar um recibo nem de cem mil reis a qualquer devedor: ia primeiro saber si elle estava prompto a pagar, e então tomava-o do patrão.

Ainda nos *soirès* que dava o patrão e o seu *nobre* parente, divertia os circumstantes tocando realejo, revezando o serviço com um moleque.

Como administrador de trapiche fez taes alicantinas, que ficou suspenso e apeado do cargo por infame.

Director da pandorica *boceta* de *economias*, encheu o *pote*,—comprando letras fora a diversos por qualquer nonnada, descontando-as na casa pelo valor nominal. Uma dessas compras foi ao finado *Gordinho. S. Francisco* que diga quem era o passador da letra. E assim, lá si foi a de economias, que até hoje ficou esfolada.

Pela morte de sua primeira *costela* coube ao *zanaguinha* vinte contos de reis, e ja elle emprehendia negocios de centenas da mesma especie.

—Que rapoza!

—Querendo *pilhar* certa nomeação de um juiz, emprestou-lhe quinze contos de reis, e na mesma hora foi assoalhar na loja do *Paulo do algodão*, em vista de muitas outras pessoas, que aquella quantia fôra de luvas. O juiz, sabendo disso, mandou-o á fava, e cumpriu o seu dever, fazendo justiça.

Assim que pretendeo entrar na tripeça, tam sinistra é a presença do *zânaga*, que houve logo uma venda crescida de acções e elle comprou-as com um ganho excessivo.

A letra de cento e cincoenta contos da *thesouraria universal*, depois de correr todos os estabelecimento e a propria *tripeça* sem achar desconto, porque elle por fora mandava offerecer maior vantagem, foi afinal por elle descontada, dando em um dia cem contos de reis, pelo que ficou depositada em mão do agente do banco dos *godemes*, e só dias depois foi que levou os cincoenta que que faltavam, quasi todo composto das notas de quinhentos da *caixa filha*, justamente aquellas que foram roubadas na *tripeça* Conhecido por essa forma o ladrão, começou logo elle a espalhar que o dinheiro do desconto havia sahido da *thesouraria universal*, e tam espalhado foi que, quanto presentiu que a authoridade podia saber do facto, como soube, abalroou ao pobre coronel que não é *limão*, o qual, temendo um balanço repentino pelas faltas que haviam no cofre sem esperança de repol-as, accedeu a cilada O cavalleiro de Castro deu-lhe a somma da reposição, promettendo-lhe *mundos* e *fundos* por suas amizades e partidos politicos, e o resultado de tudo foi a perdição perpetua do coronel, e o quebramento do fio electrico que levava a evidencia o ladrão da *tripeça*.

Nessa embrulhada quiz elle enrolar o *agente godeme*, que pulou fora como curinguinha, prestando-se a esse excellente papel o *Justinho*.

Na ultima semana de serviço do *zanaga* na *tripeça* foi visto elle sahir por duas ou tres vezes pelas tres horas da tarde com bons pacotes de dinheiro na mão esquerda, embrulhados em lenço de seda amarella á imitação da India, e de cabeça cahida sobre o hombro esquerdo, e la os conduzio para o lado da Praça do Commercio, logar opposto á sua cova.

Quando embarcou para um lugar denominado *Roque* que é *santo*, foi em sua companhia o *Thomaz* da villa de *Geremoabo* que logo, pelas maneiras e sobresaltos do bicho, conheceu que elle havia commettido um crime.

O cuidado no desembarque que teve com uma mala preta foi excessivo—sem limites.

Eis os apontamentos para a historia que breve tem de ser publicada. Afim de não antecipar a apreciação e juiso do historiador, vão elles nus e descarnados.

Attendite et videte!!.....

—Está porque muitos fiscaes preferem a *pechincha* ao cumprimento restricto de suas obrigações.

—O serventuario zeloso cumpre á risca seus deveres, sejam lá quaes forem os processos.

—Era preciso que elles fossem camaleões para se sustentarem com vento.

—O caso é que quando vaga um logar apparecem dois pretendentes.

—Por causa dos *arranjos*.

Porem ha muitos que querendo ser honestos não podem, porque a barriga não tem consideração alguma.

Ora outro dia ia andando pela beira de uns *mares* o fiscal de uma freguezia que não direi qual e fez uma multa em um preto de certo personagem que anda na rua todo *tezo* pela *calçada*.

A muleta era legalissima, porem o Sr. *tezo* recorreu ao subdelegado do logar e o fiscal foi obrigado a restituil-a, de baixo de ameaças e dicterios, como si fosse um escravo que recebia ordens de senhor rigoroso.

—Com abusos não se argumenta. Não é motivo bastante para que elles se descuidem de suas obrigações e *fechem os olhos* á tanta couza.

Apresentamos aos leitores a seguinte estampa e artigo, parto feliz da sempre caudalorissima imaginação do *Sentinella Invisivel*, defensor extremado do *cavalleiro de Castro*.

GAVIÃO CARMESIN

AFFLUENTE Á ILHA DE..... JUNTO Á MARGEM DO RIO PARAGUASSÚ NA AMERICA.

«*A inesperada viagem á Europa, ou o vôo dos 266 contos de reis, do Banco da Bahia.*

«Compromettidos como achamos-nos desde o n. 9 do nosso periodico a publicar—o vôo aereo dos 266 contos de reis do Banco da Bahia, não podiamos prescendir desse irrefragavel dever.

A estampa que encontrará o leitor na pagina 4.ª—mostrará evidentemente a maneira porque a ave Cramesim bifou e voou com os 266 contos de reis. —em um pequeno cofre.

Este passaro é muito frequente na Ilha de.. junto a margem do rio Paraguassú.

Segundo a maioria dos pensadores, cremos que lá elle foi enterrar o thesouro que com a rapidez do raio e a ligereza do pensamento fora tirado do infeliz Banco. Que methamorphose, leitores!

De homem para passaro!

Só o que não poude methamorphoscar foi a cára.

Isso mesmo são decretos da Providencia, afim de que seja exposta na praça publica a caricatura de um personagem. que blasona de honrado a toda prova.

O grupo que vedes são os directores illudidos pela ave de rapina.

Coitados! Como observam o vôo aereo! sem que lhe possam dar remedio.

Limitam em observar, como talentosamente sobe a mais alta região aquelle uzurento e faminto gavião—levando nas unhas 266 contos. Que rapina corajosa! Que peso leva nas garras!— E com que destino! a Europa!

Se não fossem alguns da pandega da rapina, que a fez retroceder do caminho, por certo Portugal teria de mais um visitante da companhia do *olho vivo*. Temer m a empreza.

Mas como por cá mesmo existe logares optimos para guarda de thesouros roubados, foi o gavião aportar bem perto daqui, depois de ter elevado o seu vôo a tres milhas de altura.

Na verdade é muito voar!

Um só esperto illudiu!
A tantos homens de bem!
Ficando com todo o cobre
Sem dividir com ninguem.

Isto é, na conivencia
Parece-nos não estar só
Porem na partilha cremos
Que alguem ficou qual Job.

Do dinheiro que roubara
O esperto gavião
Nem se quer, déra ao amigo
Um signal de gratidão!

Não vês, esperto *Annavi*
Que ha pau que passa páu?
A respeito da *partilha*
Diremos sempre: *babaü*.

Mas se quereis ter o premio
Denuncia o velhacão,
Que terás os vinte contos
Em vez de um *patacão*.

Aceita, pois, o conselho
Que a prudencia te está dando:
Antes o pouco com honra
Do que o muito roubando.

Ainda o voo dos 266 contos

Querem saber os leitores
Este enigma o que exprime?
E' facil de comprehender-se:
E' a hitoria de um *crime*.

Sim Senhor:—é a historia de um *crime* nefando, e bem sabida *urbem et orbem*—hoje.

FACILITO A DECIFRAÇÃO

Como os meus leitores devem estar lembrados, o anno passado pelo mez Dulkagiath do calendario mahomètano, que corresponde ao nosso de Dezembro, um *arranjo* se fez em um dos nossos estabelecimenjos *banca-rios*, de 266 CONTOS DE REIS.

E' *crime*, caros leitores,
Que não teve punição!
Passeia bem repimpado
Pela cidade o LADRÃO.

CONCEITO

A caricatura representa um *abutre destruidor*—com cara humana, levando pelos pés os 266 contos.

Vai pousar na Ilha de.....
quando devia estar habitando o.

PRESIDIO DE NORONHA

Basta por hoje.

(Do *SENTINELLA INVISIVEL* de 3 de junho de 1867.)

Revista folliculuria

A *trovoada* do Almeida, pela falta de combustivel, recorreo á massa do *Guedes do interesse*, e arranjou materia.

Nem podia deixar de ser assim: em quanto houver dinheiro, temos descompostura.

Que safado! Quem mais lusitano que tu, miseravel! que sendo brasileiro de nascimento, pela guerra da independencia foste alistar-te nas fileiras dos inimigos do Brasil, fazendo parte do batalhão dos *caveiras*?

Quem mais deshonrados que tu, que pela vil quantia de um conto de reis porque compraste a immunda officina, que possues, entregaste a honra de tua innocente filha a um negociante desta praça?

Quem mais corrupto que tu, que foste pedir a um commandante superior duzentos mil reis para sustar publicações contra elle, promovidas e escriptas a teu mandado por um inexperto moço a quem querias comprometter?

Quem mais mercenario que tu que mandastes pelo *beiço rachado* uma carta pedindo a certo negociante uma quantia e como elle negou-t'a, hoje o injurias infamemente.

Continua que a tua calva será posta à mostra.

O *sentinella vizivel*, alem de um artigo de redacção em que mal *alinhava* a defeza dos assassinos do infeliz *Soreas*, paródia vergonhosamente dous artigos que foram publicados no *Alabama* n°. 233 de 5 do corrente, e afinal pede-nos que declare por seus nomes — quaes os individuos que offereceram dinheiro para a defeza dos assassinos e para não ser publicado o romance.

Si não fosse a consideração que devemos a pessoa que foi incumbida do semelhante tarefa, estampariamos aqui seu nome para que o publico ficasse sabendo. Quanto ao *sentinella visivel*, esse quer se fazer de innocentaço, visto como na occasião em que um dos impressores do *Alabama* conversava com a pessoa encarregada de fazer-lhes a proposta, entrou o Sr. Macedo e assistiu a parte daconversa.

A melhor resposta á parodia insulsa dos artigos é remetter o seu *celebre* author para a contemplação da estampa *cramezinica* que sahe hoje lithographada.

Venha manso, ao contrario encontrará sempre espeque.

Dente por queixo, olho por cabeça!

O *olhar magico* nada adianta.

Tambem quer parodiar os artigos sobre o processo Castro Rebello e C.ª, e espicha se redondamente

Sempre esta gazetinha acompanhando as pegadas do comparsa *Sentinella visivel*!?

Que identidade de pensamentos!

Deus os fez e o diabo os ajuntou.

Ja que acceitas a discussão, meu *rasteiro*, respondé primeiro. si é que podes, aos artigos que tem sido publicados, e depois volta.

Até sabbado.

—Quer ver um parto monstruoso de litteratura, um aborto de poesia?

—Ja ahi vem V. com suas novidades!

—E' cousinha digna de debicar-se.

—Alguma banalidade?

—E' esto.

SONETO

Offerecido a insigne actriz a Sra. D. Jesuina

«Brilhante ornato do brasilio palco!
Ergue altivo esta fronte sobranceira!
Actriz cuja bella vóz a todos encanta!
Ergue-a ainda uma vez altaneira!

«Caminha, não pares oh nobre bahiana,
Trilha esta senda de immensa gloria,
Oh mostra a quem ti igualar não pode,
Que tú sempre has de alcançar victoria.

«Quem pode ver te sem deixar de aplaudir-te?
Quem? que poderá não entoar-te um canto?
Estando em extazes absorto ao ouvir-te?!

«Oh prosegue porque tu tambem no futuro,
Muitos louros ainda ovante colhereis;
Pois do talento o triumpho, é seguro.

Muniz Barreto, Mendonça e outros que taes, podem ir se esconder na cosinha do Parnaso á vista deste portento.

—Onde achou V. esta algaravia de disparates?

—Foi distribuido no theatro na noite de quarta feira passada.

—Si o p pel fosse maior.... tinha um excellente destino a dar-lhe.

—Este safado do Alexandre está procurando sarna para se coçar.

Horrorosamente atassalha a quem delle não se lembra e no outro dia chama aos mais de pasquim!

O publico que tem lido tem visto quantas esposas, quantas filhas, tem sido torpemente infamadas, para por este modo tornar mais virulenta e pungente a aggressão aquelles que são insultados.

A lousa do sepulchro tem sido sacrilegamente levantada para nella se cuspir afrontas que horrorisam!

Pois bem: não se arrependa esse babaquara sem pudor, quando lhe dissermos que elle vendeu a honra de uma filha por um conto de reis, quando lhe contar-mos a historia ignominiosa passada com o José Bruno em certa typographia que tambem era casa de morar, quando lhe lembrar-mos o encontro de certa pessoa deitada em um leito acompanhada de.....

Não é isto que quer?

Pois tel-o-ha.

—Que diabo de discordia é uma que reina la pela *casa das representações*?

—Politica de theatro.

—E' certo que o *empreteiro* enxotou de um camarim uma dama para installar nelle outra?

—Accintes de bastidores.

—As considerações e favores são para quem está na graça.

—São preferencias mal entendidas.

—Pelo terror é que se rendem as praças fortes.

—Depois que falha a *correspondencia* amigavel e persuasiva, o general emprega as ameaças.

—Tambem quando *se cede* a certas condecendencias, tem-se tudo o que se almeja.

—Mas não era este o assumpto que principiamos a tratar.

—Faça de conta que é uma miscelanea.

Supponha agora que lhe peço uma entrevista por uma carta. o Sr. nega-m'a e eu torno-me seu desafecto.

—Ora impine-se com taes comparações.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para uma espelunca jogatinal na Praça, onde foi o botequim do finado Barata.

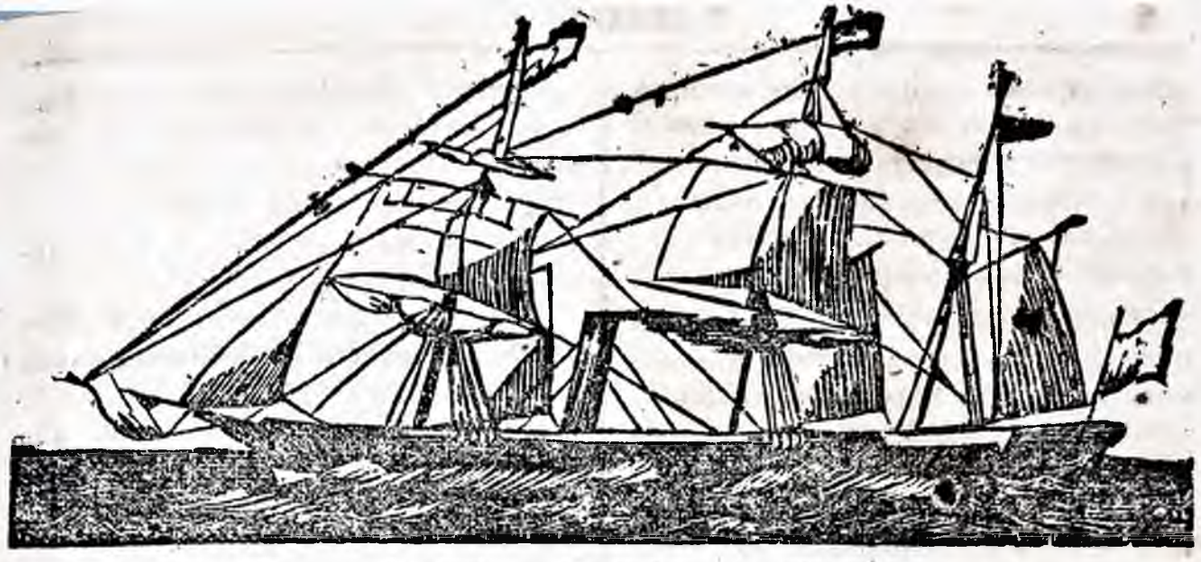
Nesta caverna, reune-se o refugo da sociedade bahiana e é facil de ajuizar o que por la não se passa, e os maus resultados que podem provir da continuação daquella biboca aberta.

ANNUNCIOS.

O aniceto S. T. Ch., mais conhecido por filho, genro, socio, commanditario da empreza *Trovão* declara que no escriptorio de seu pae e sogro, cuja firma social é de *Ch. T. &. Brocha* se vendem series do referido *Trovão* e numeros avulsos a 40 rs. Quando o annunciante não se achar no escriptorio, no corredor delle deixará encarregado um seu amigo do peito para fazer as vendas, podendo tambem se procurar o velho safado denominado.—*Estrangulador dos innocentes netos* que egualmente se occupa nas horas vagas nesta nobre occupação.

O mestre de morar.

Na loja de charutos ao largo da Piedade, tem alguns livros de latim, inglez, geometria, arithmetica e algebra, geographia e historia que se vendem por menos preço, por serem uzados.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 14 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 26.ª—N. 257

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. commandante do corpo policial.—Sirva-se S. S. de esclarecer com urgencia o seguinte:

Si tomando S. S. conta do commando desse batalhão, encontrou no cofre, em logar de dinheiro, uma letra de duzentos mil reis, passada por um capitão;

Si ordenando S. S. terminantemente ao dito capitão, que immediatamente restituisse essa quantia, elle se desculpou dizendo que não a tinha comido só, e que gente mais *á cima delle* tambem devia oitenta mil reis;

Qual é esse capitão, e com authorização de quêm lançou mão do que não era seu.

E finalmente, si foi recolhida ao cofre, e quando a referida quantia!

—O *Diario do Rio* acha pouco perto de oitenta mil homens que tem ido para o matadouro do Paraguay, e pede que se mande mais trinta a quarenta mil, com um *general* sympathico á frente.

—Então o Caxias ja não faz milagre?

—E diz isso, quando o ministerio assevera no parlamento que a cada instante espera noticias favoraveis.

—As noticias favoraveis que elle espera eu sei quaes são.

Aposto que nenhum dos ministros tem um parente na guerra e quando tivesse, o feliz estária no quartel da saude, longe das balas dez leguas?

—O mesmo digo á respeito do pedido de mais trinta mil homens: si o author da lembrança estivesse no caso de pegar n'uma espingarda, e ir para os lamaçaes do Paraguay, não se animaria a fazel-o e antes clamaria que bastava de tanto sangue derramado e de tanta desolação.

—Deus do céu! Até quando ha de ser este pobre povo mystificado.

Annuncia-se uma e proxima decisiva victoria, mandam pelas provincias fazer preparatvios de regosije para imbair o credulo povo, e no outro dia o horisonte apparece mais toldado que na vespera!

—E novas victimas que marchom para serem dizimadas, em quanto os paes da patria enchem as inexhauriveis barrigas.

—So neste anno tem seguido para a guerra 10,536 brasileiros e ainda acham pouco.

—Na camara dos deputados houve jubiloso espalhafato.

—O motivo?

—Porque o imperador escreveu um bilhete ao Sr. Zacharias dizendo-lhe que do 1.º de março em diante descontasse a quarta parte da sua dotação, em favor das despezas publicas.

—Ora essa! E si o homem morrer antes disso, o que Deus não permitta, fica a sua applaudida generosidade no tinteiro.

—Com tudo é um bom exemplo para ser imitado pelos Srs. ministros e mais agaloados.

—O que eu intendo é, que a cousa não é daquellas, que deva ser contempladas nas sete maravilhas do mundo, principalmente depois que o Sr Ottoni disse na camara que nós precisavamos de uma monarchia que custasse mais barato.

—Capitão, á procura do *Alabama* que traz o *Gavião* Cramesim foi tamanha, que exgotou-se a edicção.

—O remedio é facil; mande reproduzil-a n'um dos seguintes numeros.

—Sciente.

—O Sr. José Revaut, no *Interesse* de hoje desmente a noticia de que o Sr. José Maria fôra roubado na Estrada Nova.

E' preciso muito cuidado para não dar-se noticias inexactas.

— V. Ex. pode affirmar ao Sr. Revaut, que o Sr. José Maria, no domingo á noite, queixava-se amargamente e blaterava contra a policia em casa das Sras. D. Maria Francisca da Conceição, D. Anna Caetana do Amor Divino e D. Anna Maria da Conceição, á rua do Bangala, por ter sido accommettido e roubado por ladrões e em casa dessas senhoras, cujo testimunho invocarei, si preciso for, dormiu, com receio de voltar.

Por tanto, si ha invenção, é puramente do Sr. Jose Maria.

—Assim... não resta duvida.

A PEDIDO.

O celebre Guedes *Cabungo* passa agora vida folgada e milagrosa—bocagiana e anti-bocagiana!

Achou *erva*, toca a babujar e roer.

Que vampiro insaciavel!

Na semana passada recebeu elle um masso das de *dez do governo* da *empalmação da tripeça*, com que lhe mimozeara o *Cavalleiro de Castro*, decantavel e decantado em proza e em verso na arte do padre Antonio Vieira.

Ainda assim o abutre tem fome e tanta fome que alguns dias depois andou esmolando em diversas partes da cidade baixa o desconto de uma letra de dous contos de reis que lhe firmara o M. P. ou *Moral Peça*, por conta da futura herança, que o *sobrinho da figueira* (bem caro!) lhe acenara.

As bichas não pegaram, porque não houve ninguem tam nescio e stulto que cahisse na armadilha.

Uma letra de dous contos de reis do *Moral Peça?!*

....Ca....Ca....Ca....Ca....

Procure outro officio, e antes que o encontre—tome esse conselho que lhe pode aproveitar.

Ja, *meu chifre*, que a cifra do *Cavalleiro de Castro* está a esgotar-se, e a letra do assassino de seu parente e bemfeitor não tem valor,—dirija-se ao commendador Rocambole e diga-lhe:

1º.—que, por conta d'aquelle dinheiro que *empalmou* em Lisbôa em 1849 da carteira de uns companheiros fazendo recahir as suspeitas sobre um creado, sendo afinal apanhado com o roubo na mão;

2º.—que, ainda por conta daquelles dous continhos de reis, que roubou a uma casa que não tem *mizericordia*, onde foi empregado, alugando a posse

de um predio a um tal Bruno por quatro contos, dizendo que foi por dous;

3°.—que, por conta do testamento falso que fabricou em seu proprio proveito, attribuindo-o a infeliz viuva que não é da familia do *Carneiro*;

4°.—que finalmente, por conta de outro testamento de sua.....que rompera, assenhoreando-se da herança toda e dividindo-a, como Caim, pelos seus irmãos;

5°.—que por conta de tudo isso, e do mais que tem de ajustar severas *contas*, dê-lhe *alguma cousa*, para matar-lhe a fome e mitigar-lhe a sêde.

Peça por essa forma que será attendido.

Que chronica! Vergonha!! Horror!!.

—Porque é que no dia 4 o quartel de policia esteve fechado até depois das dez? Dormeriam naquella casa até taes horas?

—Qual, homem!

—Ou seria algum castigo? Mas na policia não ha castigo corporal.

—Foi dia de pagamento de soldo.

—Ah! paga-se escondido? Boa maneira de ensinar os soldados a serem velhacos.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

VI.

Realisou-se finalmente o que dissemos no *Alabama* de 6 do corrente n.° 254.

Um segundo exame de sanidade foi feito na pessoa de João Soares, e ainda elle vem provar que outra não podia ser a incriminação do facto que a de tentativa de morte.

E' de dever não calar os sentimentos de justiça que bradam em nosso coração e no de todos por esse acto requerido pelo honrado orgão do ministerio publico, que, sempre sollicito no rigoroso cumprimento de seus deveres, ainda uma vez veio confirmar o juizo seguro que de seu caracter faz a opinião publica.

Em quanto os accuzados convictos do crime que haviam perpretado, e os seus defensores fugiam dessa prova, gigante que devia esmagal-os de todo, —em quanto *alguem* chrismava-a de *protelaloria* do processo, e *emmaranhatoria* da boa fé do Sr. Dr chefe de policia,—eil-a que apparece para dissipar a adelgaçada e dubia sombra que á questão havia interposto a vestoria da mordaça.

Por isso foi que de proposito, nas considerações que temos ate agora emittido, omittimos o primeiro exame de sanidade para confrontal-o com o segundo, e dessa confrontação deduzir a razão de discordancia entre os peritos da mordaça.

Antes de principiar o acto, a que alludimos e fomos testemunha, pediu a palavra o Sr. Dr. Gustavo Aniceto de Souza, e offereceu um requerimento em que, a bem da moralidade publica, arguia de suspeito o Sr. Dr. Gesteira por ter declarado previamente a sua opinião a respeito do offendido, firmando-a até em um attestado.

Esse requerimento, depois de combatido com toda dignidade e força pelo Sr. Dr. Gesteira, e inda pelo Sr. conselheiro Dr. Pedroza, que tambem declarou que anteriormente havia ido á casa do offendido, foi de mais impugnado pela promotoria publica, sendo a final indeferido.

E' justamente á moralidade publica que entregamos o requerimento do Sr. Dr. Gustavo, accompanhado por necessidade das seguintes reflexões.

Qual a razão porque o illustrado author do requerimento, tam *cioso* pela moralidade publica, foi o primeiro a dar como perito na vistoria da mordaça ao Sr. Dr. Freitas, irmão de outro —amigo intimo, socio ou *alter ego* do accusado Castro Guimarães?

Alli é um perito nomeado pelos proprios accusados, que havendo razões para ser averbado de suspeito, não o é: aqui é outro, que de nomeação do jui-

zo formador da culpa, e por tanto alheio ao offendido, pelo simples facto de tel-o vizitado no caracter de sua profissão, ja a moralidade publica exigia a suspeição!

Ali ha divergencia entre os peritos sobresahindo a todos o Sr. Dr. Freitas em prol dos accusados, divergencia — que vai ate ao corpo de delicto e primeiro exame de sanidade: aqui não ha discordancia, e elles unanimes responderam de conformidade com o corpo de delicto e primeiro exame de sanidade!

Em qual dos casos, pois devia ser averbada a suspeição?

Felizmente são os accusados, que como nós, reconhecem a integridade e imparcialidade do Sr. Dr. chefe de policia, e esse reconhecimento justifica por sem duvida a sem razão da pretendida suspeição.

Desculpe-nos o Sr Dr. Freitas com quam alias entretemos as mais amigaveis relações, se ferimos a sua susceptibilidade com essas palavras. A apreciação dos factos arrastou-nos a esse ponto, e agora é força não retrotrahir.

O *Interesse Publico* de 10 do corrente ja appellida de *força judicial* a esse exame, e contra os dois distinctos e honrados facultativos que nelle intervieram principia a brotar o negro veneno de sua penna.

Não importa: nessa questão, como em todas as mais, as accusações do *rajado* escriptor importam verdadeiras defezas, e vice-versa.

Cumpre aqui não deixar passar desapercebido um facto pequenino, infame, e escandaloso, que tivera logar nas escadas da secretaria da policia.

Em nossa presença, depois do exame ao retira-se, foi vilmente injuriado na sua pessoa e na de sua honrada familia o Sr. Dr. Gesteira por um parente dos accusados, o menos authorisado quiça para dizer o que disse.

As leis do sangue não se respeitam por esse modo.

Insultar um ancião, maior de sessenta annos, respeitavel por suas qualidades, posição e serviços, só porque não renegou os dictames de sua consciencia, é um acto de muita baixeza.

Assim, ai d'aquellos que cahirem, só por suspeita, nas iras dos accusados!

Aproveitando o ensejo, fazemos em nome da humanidade um appello ao Sr Dr. chefe de policia, e si preciso for até ao Ex. Sr. presidente da provincia, para que interponham sua authoridade, afim de que a infeliz creoula Effigenia, infeliz por ter nascido na escravidão, e mais infeliz ainda por ter servido de testimunha no processo Castro Rebello e C.ª, não seja victima do furor de malvados, que agora, depois do depoimento, querem á força compral-a até por dous contos de reis para acabar seus inditosos dias na ponta do azorrague do barbaro senhor.

Não é preciso que declaremos o nome da senhora dessa escrava, basta somente que digamos, e com admiração, que o mais esforçado compeador para a compra dessa misera, é uma *authoridade policial!*

Fallamos em tempo, e mil graças a Deos si nossa voz for attendida.

Antes de encerrar-se a audiencia, apresentou o Sr. Dr Gustavo outro requerimento em que pedia fosse interrogado o Sr. José Paulino de Campos Lima, *authoridade policial* de S. Pedro.

O Sr. Dr. chefe de policia mandou esse requerimento com vista ao Dr. promotor publico que inpugnou-o reputando dispensavel a inquirição, sendo afinal indeferido.

Assim divia ser;—alem de ja estar encerrado o processo, tanto que os accusados nada mais requereram á bem de sua defeza, precindindo ate do segundo exame de sanidade, e censurando a demora da formação da culpa, e ser por tanto a sua reabertura contra o direito e a praxe constantemente seguida, alem do Sr *Campos Lima* não ser testemunha no processo, nem referida—ha valiosissimos motivos, para que não fosse acceito o seu depoimento pelo interesse e exforços que tem empregado em prol dos accusados, em cuja prisão constantemente se acha.

Concatenando a ordem de ideias que foi interrompida, sigamos caminho, confrontando o primeiro exame de sa-

nidade com o segundo, para dahi deduzir a razão de discordancia na vistoria da mordaça.

No primeiro exame de sanidade disseram concordemente os peritos que—o offendido não estava restabelecido das offensas physicas e soffria insensibilidade das extremidades de um e outro pollegar até a articulação phalangeto-phalangeana; —que sendo convenientemente tractado ao cabo de *doze dias poderia* estar apto para todo o serviço; (note-se bem que esse exame fora feito no dia 23 de agosto, 17 dias depois do crime) —que não soffria *presentemente* grave incommodo de saude, —que o tractamento adoptado era o conveniente para o prompto restabelecimento, além de outras respostas que omittimos por não terem referencia ao segundo exame.

No segundo exame disseram outros peritos, (os arguidos de suspeição) que o offendido ainda não estava restabelecido das offensas phisicas e soffria dureza com insensibilidade augmentada nas regiões palmares correspondentes ás primeiras phalanges dos pollegares, e insensibilidade completa nas polpas dos mesmos dedos, e tam completa que tolerou sem o menor signal de sensibilidade a ponta de um canivete que se lhe imprimiu em cada uma destas partes; —que as offensas constantes do corpo de delicto *produziram* grave incommodo de saude; —que o paciente não se pode dar ainda ao trabalho ou exercicio que exija força dos dedos pollegares; —que ignoram qual o tractamento que tem tido; —que ignoram tambem si depois do primeiro exame sobrevcio alguma cousa extranha para agravar o mal; —que, emfim, crêem no que allega o offendido pela experiencia que fizeram.

Ora, si da confrontação desses dous exames nas partes de referencia de um ao outro, não ha contradicção alguma, pois as offensas foram encontradas em um e outro, assim como a insensibilidade: o grave incommodo de saude, não actual, porem na hora da practica do crime;--o tempo do restabelecimento completo porque—o *poderá dos doze dias* do primeiro, probabilidade maior ou menor, cede ao *visum et repertum* no segundo;—ignorancia no tractamento, porque não esteve presente o medico assistente;—ainda ignorancia, pela mesma razão, de alguma causa estranha que sobreviesse para aggravar o mal;—e finalmente, a verdade do que allega o offendido pela experiencia que fizeram para que, perguntamos, a averbação da suspeição?

Era que os accusados sabedores de que o offendido ainda estava inhabilitado de serviços, e ja eram passados mais de trinta dias, negando, ainda que sofisticamente, que o crime fosse o de tentativa pela discordancia na vestoria da mordaça qu riam leval-o á classificação de ferimentos simples só pelo—*poderá dos doze dias* do primeiro exame, para por essa forma clamarem contra a illegalidade da prizão.

Eis a principal razão porque elles não requereram o segundo exame de sanidade, e logo antes de principiar o acto averbaram de suspeitos os peritos.

Portanto, ja se vê que suspeita deve ser a vistoria da mordaça por nella ter intervindo pessôa sobre quem haviam motivos fundados, e estar em contradicção palpitante com a resposta ao decimo quisito que é—que o paciente vendado, algemado, e com uma mordaça que lhe obstruisse completamente as vias respiratorias por algum tempo, *podia morrer asphyxiado* sem apresentar lesão alguma material na região nazal e boccal, *mormente sendo a* MORDAÇA DE PANNO *como a que foi apresentada.*

Convem accrescentar mais que nessa vestoria (a da mordaça,) foi tambem perito o Sr. Dr. Costa do Pilar, amigo de infancia, companheiro inseparavel do accusado Castro Guimarães.

Invocamos solemnemente o testimunho do referido Sr. O publico tem sido testimunha dos esforços que elle tem empregado em prol dos accusados.

O segundo exame, pelo contrario está de harmonia com o primeiro e ainda com o corpo de delicto.

A continuação da prova de serem os accusados os authores directos e indirectos do crime por tentativa de morte na pessôa de João Soares foi interrompida por esse incidente de grande luz para o processo; no artigo subsequente proseguil-a-hemos.

Post-scriptum. — Fazemos um appello á opinião publica para os meios ignobeis, torpes e infames que tem empregado os assassinos de 6 de agosto, por meio de seus agentes, contra a respeitavel e honrada familia de um caracter eminente e eminentemente distincto, só pela supposição de ter elle tomado a peito a defeza do infeliz Soares.

Na impossibilidade de destruirem as accusações justas e fundadas, que contra suas pessôas temos publicado em uma serie de artigos sob a epigraphe — Processo Castro Rebello e C.ª — mandam seus rabo-leivas injuriarem as familias. Até agora temos respeitado as familias dos accusados, e respeital-as-hemos sempre e duplamente — pela infelicidade de estarem ligadas á pessôas, malditas pela opinião publica e sobre as quaes peza tremenda acção da justiça publica.

Tudo quanto temos dito ate hoje — diz respeito somente á suas pessoas e nesse firme proposito pretendemos encerrar a discussão.

Poderamos tambem dizer *muita cousa* que por ahi se diz não em voz baixa, si a a questão pendente versasse sobre familias; porem nem na mente queremos aninhar certos pensamentos que só a perversidade descommunal é capaz de gerar.

Não é que nos arreceiemos da questão para esse lado; mas é que entendemos que o que constitue em parte o bem estar da sociedade é o respeito e inviolabilidade das familias.

Contra os accusados ha factos sem conta, e bastam somente esses.

A imprensa não foi descoberta para a vida intima das familias, mas sim para o conselho, para a censura, para o exemplo e para a propagação rapida de conhecimentos Eis o seu fim, que cumpre nunca desvirtuar.

Continue por tanto, o *rajado* escriptor do *Interesse Publico* pela bocca do *trovão* a dizer o que quizer, que mui breve a sua asquerosa pessoa justas contas tem que ajustar com nosco ou pela imprensa ou em outra parte, ou em ambas.

Juizo critico sobre o drama do banco

O drama do banco não mais prosegue, e só poderá proseguir para aquelles cuja bocca tem sido aberta pelo ouro dos ladrões.

A opinião publica, ha muito, que ja tem formado o seu juizo fundado em dados irrecusaveis; e hoje é impossivel que se encontrem dous individuos discordes sobre esse ponto.

A responsabilidade geral e solidaria da direcção, e a ação reversiva que tem esta contra os ladrões, que á dedo por innumeras vezes foram com nojo apontados pelo commercio em pezo, quando passeavam outr'ora pelas ruas da cidade baixa, — é questão ja decidida, e não serão *os arautos* das ladroeiras, que terão forças bastante para desarraigar essa verdade da convicção universal.

Os homens serios e honestos, (presenciamos muitas vez) de vergonha mais por si que por elles, assim que avistavam ao longe um desses miseraveis, fugiam para evitar o encontro, do mesmo modo que se repelle o contacto do leprozo.

Desde a primeira reunião da assemblea geral e extraordinaria dos accionistas que os infames receberam essas provas de animadversão, sem que ao menos as faces lhes tingisse o rubor. — Taes são os sentimentos baixos e perversos que se encobrem n'aquellas consciencias, hypocritamente revestidas de um ar de gravidade, e de um riso prazenteiro.

Embora ja conhecidos só por essa gravidade e pelo rizo, não queremos antecipar-lhes os nomes.

O maquinismo difficil e entricado do banco, repelle que o roubo fosse prati-

cado por estranho, dahi a responsabilidade geral da direcção.

A inputação falsa e aleivosa adrede propalada de que foi seu author o Sr. João Soares, está nas mesmas condições que a dos Srs. Both e Beer, como evidentemente havemos de demonstrar; dizendo desde ja—1.° que nunca Soares entrava na casa forte que não fosse accompanhado de algum dos directores, e era na vista delles que as portas se abriam e se fechavam, recebendo afinal as chaves: 2.°—que nenhuma quantia em dinheiro passava por suas mãos, mas sim valores em letras para coordenar, pondo-as em massos de mez e por datas seguidas, serviço esse que era feito em carteira separada, fora da casa forte.

Felizmente nunca appareceu a menor falta, e por conseguinte a sua responsabilidade está salva.

Para que um extranho podesse ser o author do inqualificavel roubo de dezembro era preciso que vencesse certos obstaculos, insuperaveis pelas circunstancias.

Abrir a porta de entrada ou principal com excellentes chaves e um cadeiado segurissimo de letras,—esbarrar com a casa forte que é fechada por um grossissima porta de ferro, que é aberta por uma delicada chave que poem em movimento grossas lingoetas em circuito,—alem dessa chave ter outra como que de parafusos, que com mais exforço move grossas molas que esturram nas lingoetas,—abrir ainda uma grade grossa com boas chaves,—eis o que é necessario para entrar na casa forte, e ter diante de si dois cofres magnificos.

E' verdade ou não Srs. Castro Guimarães e Sampaio Vianna?

Suas senhorias foram ja directores, e por isso não é de admirar que invoquemos os seus testemunhos.

Não se admire tambem o publico de que estejamos tam a par do maquinismo bancario. Fomos e ainda somos accionista, e no dia em que o trovão roncou, fomos ver porque forma era guardado o nosso dinheiro. (Nosso não, dos ladrões!)

Desde ja ouvimos algumas vozes dizer que falta ainda uma porta, que é a pequenina, justamente aquella cuja chave, *dizem*, foi pedida pelo Sr. Soares a um director por mandado de outrem para limpar, e por essa porta o crime tambem podia ser perpetrado!?

E' verdade! Ha essa porta, mas convem notar, que o Sr. Soares não tinha as chaves dos cofres, e a disposição em que estavam elles arrumados impediam a entrada por ella, salvo sf fossem removidos.

E' preciso dizer mais que esses cofres tem chaves, e dentro delles existem tambem latas com cadeiados de letras.

Está, por tanto, o feliz ladrão! na casa forte com os cofres abertos e bem assim as letras, que não são poucas.

Podia ser pessoa estranha?

Como a vista de tanto dinheiro fascina, e é preciso dar tempo ao ladrão, findamos aqui o presente, promettendo voltar na terça feira, e esperando que os nossos contendores *magicos* e *inviziveis*, segundo o costume, parodiem esse artigo ate o verbo final.

Temos que andar muitos.

—Gato escondido com o rabo de fora!

—O que é isso rapaz?

—O leprento Guedes *Cabungo* rabisca agora para o *Trovão*.

—Quem! O morphetico?

Esse não mette prego sem estopa.

—Entao, julga que por elle não fruir o *interesse* em *publico*, não recebe a recompensa particularmente?

Mette nos insondaveis alforges muitos bons cobres em paga da *questão seria* do *Trovão* que está alinhavando.

—Quem chama aquelle cardume de atrozes injurias questão seria, chama certa cousa assovio,

—Aquelle patife despeja da nojenta cloaca quanta immundicia ha, sobre os mais, sem se lembrar, que em justa represalia, pode-se tambem reproduzir o que por ahi corre de haver elle em uma roça, em lubrica hallucinação, violentado a uma virgem, cujo ser á elle devo.

—Nunca! Si um burro lhe der um couce, V. não o retribue com outro?

— Mas si aquelle cão gafenrento para melhor jus ter a paga de seus amos, tem o descaro de dizer que a senhora de um dos accusados, foi insultada por alguem nas columnas do *Alabama!*

—A besta quer intrigar, á ver si assim a alugada penna lhe rendo mais alguns mil reis.

—Por mais que barateie a sordida consciencia a troco de ouro, aquelle infame nunca ha de medrar, por que tem contra si um dos peccados que bradam ao ceu, que é não pagar o salario a quem trabalha.

—E assim mesmo acha quem trabalhe para elle.

—Os velhacos tem um dom particular de convencer, um phraseado adocicado que illude.

Quem trabalha para aquella harpya, so recebe o fructo do seu suor em *recibos* de subscriptores marralheiros, porque dos bons, elle manda receber adiantado.

—De sorte que com uma tira de papel daquellas, o artista vae ao acougue!

—Nos dias de sabbado de manhan insinúa aos cobradores que digam que nada receberam, á tarde mette os cobres no bolso, empina-se e deixa os pobres trabalhadores com agua no bico.

E toda gana de dinheiro desse desmesurado vampiro é para engolpharse na mais concupiscente e brutal lasciva, enchendo a espelunca por *baixo do Maciel* de marafonas, como a Maria Romana, a Joaquin da ladeira da Misericordia, a Guilhermina, a Patacão de Solla, a Epiphania e outras, e alli passar o tempo na mais depravada orgia, quando não está n'alguma *fazenda* comendo *canas*.

E' tão depravado aquelle bandalho que perverteu duas negrinhas menores suas escravas e com ellas passava dias inteiros fechado sem nenhum respeito as pessoas da casa.

— E tem o atrevimento aquelle sevandija de querer emporcalhar a outros que não estão na sua bitola.

—Um ratazana cuja vida tem sido tirar proveito do trabalho alheio!

Ia buscar pobres *meninos sem pai* e os obrigava noite e dia a um trabalho pezadissimo fora das forças de suas idades.

Tendo em seu poder a cabra livre Innocencia, por morte desta chamou o filho á sua folha e si o pobre Alcixo não morre hoje estaria reduzidos á condição de escravo.

Alem de não pagar aos operarios, faz accentos em duplicatas quando lhes dá os taes recibos, para, no ajuste de contas, lhes ursurpar o suor.

O casal do infeliz *Gir amo* foi absorvido por esse lazzaroni e o infeliz filho dessa victima de sua boa fe, morreu desgraçadamente pedindo esmolla pela rua.

Duas orphans do Pilar foram seduzidas, roubadas e atiradas ao abysmo da prostituição por esse monstro.

(*Continúa.*)

Chama-se a attenção do subdelegado do Pilar para o cortiço 10.º na rua do Julião: cortiço de que é abelha-mestra sinh'*Anna*, tendo por adjunta a negrinha *Luiza*, prima do moleque do *Vieira* que vende *limas*.

Essas *flaminicas* da prostituição põe em scena tudo quanto ha mais de mais depravado, com o mais descarado escandalo, e conservam aberto o templo de sua dev ssidão até depois de uma hora da noite.

Pede-se ao Sr. subdelegado que mande essas baiuqueiras passar alguns dias com o Custodio á ver si com isso se tornam mais recatadas.

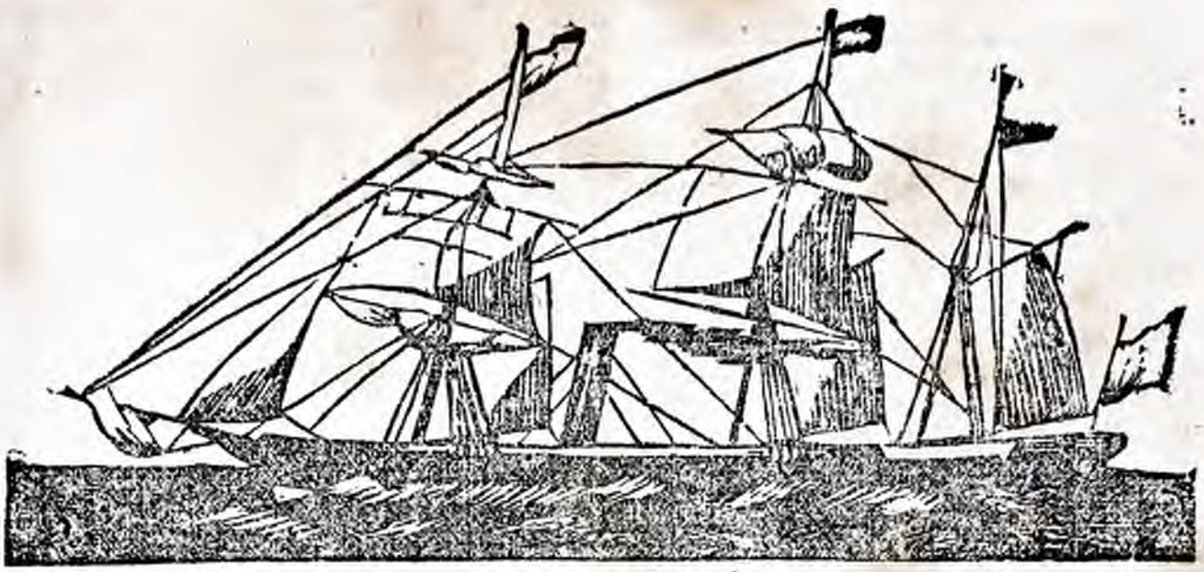
O Sentinella da meia noite.

VARIEDADE.

O artista ou o poeta que vende o seu nome, para acobertar a industria de qualquer especulador, torna-se um miseravel indigno da sua classe.

—

A gloria de haver conquistado a perfeição nas artes e sciencias deixou de ser o moto do progresso, desde que o dinheiro tornou-se escada para subir-se a todas as posições.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 17 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 26.ª—Ns. 258 e 259

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que para evitar algum caso lamentavel, entenda-se com o Sr. consul portuguez, afim de que tenha conveniente destino um subdito dessa nação, que da-se á industria de pedinte.

Esse individuo, bastante moço e forte para trabalhar, embirra que se passe por junto delle, e, na egreja onde sempre anda, não tolera que se lhe fique a par, motivo porque ainda na sexta feira no Collegio, poz uma menina núa e atirou-a em corpo e alma sobre as pedras duas vezes, podendo matal-a, si algumas pessoas não a soccorressem. E para que não se reproduza caso egual a este, espera-se que S. S. de as providencias reclamadas.

—A policia deu um puxo.

—Sim?

—Desmente solemnemente a alguns periodicos desta cidade que, diz ella, tem referido factos exagerados de roubos e de andarem vultos desconhecidos em differentes logares.

—O que diz ella então?

—Que até hoje, ainda ninguem se queixou de ter sido atacado, nem de ter soffrido a minima violencia, verificando-se ao contrario que são falsas as noticias dadas pela imprensa.

— Bem; isto é o que se quer. De hoje em diante durmo de porta aberta.

—Caia nessa! A Illma. estuchou-se completamente, contestando alguns factos e deixando outros muitos no tinteiro.

Porque não fallou no seguinte caso, narrado pelo *Diario*, gazeta de importancia no tamanho e authoridade e que deve andar bem informada nos arcanos das averiguações?

«Na madrugada de sabbado, foi encontrado ao Campo da Polvora um individuo mascarado, o qual, segundo consta, está preso. Convem que se não ignore que o facto de andar alguem com mascara, fora das occasiões em que é permettido, constitue por isso, senão um crime, ao menos grande irre-

gularidade, que é mister reprimir.» (*Diario* do dia 3)

—Esta nossa policia as vezes anda com o juizo ardendo.

—Diz ella que esses falsos boatos, tão inconvenientemente espalhados, tem levado o susto ás familias, que por isso estão atemorisadas; entretanto o *Diario*, folha official, no outro dia publica o seguinte:

«Ante-hontem, pelas 9 e meia horas da noute atravessavam o becco de Ignacio Capio, a freguezia de Sant'Anna, dous sujeitos vestidos de mulher. Trajavam saias brancas, panno da Costa rebuçado á tiracol, lenços á cabeça em forma de torço, levando um delles um balainho da Costa, e o outro uma pequena escada de mão.

«Ao passarem estes disfarçados por uma casa onde estava o cidadão Candido José do Sacramento, e ponderando-lhe a respectiva familia que sob aquella apparencia iam homens, sahiu este munido de um cacete; correndo após aquelles, conjunctamente com algumas pessoas da visinhança, e apitando, não conseguiram capturar um so, porque evadiram-se em carreira aberta—um pelo becco que vae por detraz dos quarteis da Palma, e o outro em direcção ao largo do mesmo nome.

«A POLICIA compareceu logo; mas inutilmente.

Este facto, do modo por que foi succedido, e como muitos o affirmam, dá que pensar, e a illação que o bom senso pode tirar é, que não se emprehende uma emboscada tam cedo, tão perto dos quarteis, e em rua tam publica; qualquer em taes condições busca sempre outras horas e logares para desse modo encobrir-se.

Parece-nos por tanto, que o facto, que referimos, tem um fim especial. Será uma farça?»

—E o que me diz sobre a declaração do Sr. José Maria Goes.

—Si eu quizesse levar a cousa para diante, diria ao Sr. Dr. Galeão que José Maria sahindo da policia, disse em uma casa que, si tal declaração fez, foi insinuado por alguem, afim de não desconceituar alguns companheiros da fabrica que lhe fizeram a *peça*.

—Porém como o Sr. José Maria é o primeiro a declarar que bebe de mais, a ponto de ficar *toldado*, é bom que fique nisto.

O QUARTO DE UMA VELHA GAITEIRA

Penetrai, bom leitor, n'isso que se chama o quarto de uma velha que, sem dentes, com a cara enrugada, e para quem fugiu toda a belleza e encantos, inda conserva pretenções de agradar, e segue os vai-vens da moda. Oh! que é digno de ver se e considerar-se! Para o seu proximo fim, deveria so aquella velha, caricatura ambulante, lembra-se de Deus; mas é impossivel. Nutridade vaidades, nem d'elle se lembra, e se julga inda forte para captivar corações e amarrar á seus pés mil diversos amantes. No seu quarto não vereis portanto uma imagem, um quadro, uma só cousa que lhe lembre a eternidade; por toda parte, em todos os logares são mil frasquinhos, enganos de moda e objectos outros que encontrareis; aqui, um TOILETTE atupetado de cosmeticos e pomada; ali, um lavatorio, onde encontrareis a agua da formosura e as de refrescar a pelle; mais adiante é um leito ostentoso, e onde, deitada a caixa de ossos, dir-se-ha que uma mão habilidosa quiz offerecer o mais interessante constraste.

Entrai pois comigo, bom leitor, e passemos uma revista. E' pela manhan, e a velha gaiteira inda se não levantou. Que montão de roupa é aquella que lá se vê em pilhas sobre o sofa? Oh! esperai, não sabeis o que é? Eu vos digo. São as anquinhas postiças, com que a tola julga supprir convenientemente a redondeza das formas que o tempo destruiu; são as anagoas de grosso panno, que, a se poderem d'alli extrahir, tirar-se-hiam arrobas de gomma que se empregam para endurecel-as. Que é aquillo que lá está em cima da banquinha de seu leito? Reparai, e vereis ser a engraxada cabeleira com que a gaiteira se mostra. Ratazana pellada e calva, gastou dinheiro com

Largueau e Bovio, e à final julga achar-se em circumstancias de mandar a este ou aquelle uma trancinha da madeixa que diz ser sua, e que não é senão o resultado de sua loucura. Aquellas almofadinhas cumpri las que alli vêdes, são as barrigas das suas pernas de graveto; aquelles dous embrulhos de panno, são seu seio... emfim, reparai, e vêde por toda a parte o apparelho com que a velha gaiteira se apresenta em publico.

Quantas, bom leitor, d'esta velhas temos nós n'esta nossa terra! Quantos esqueletos d'estes, para quem tudo se murchou, menos a leviandade, não conheço eu, e' não conheceis vós! Mas, nem tudo que se sabe se diz, e nem todas as verdades se descobrem. E demais, uma dentada de velha, que so tem gengivas, é o diabo, e pode o que escreve estas linhas ser d'iso victima. Portanto, caluda.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

VII.

Ainda duas palavras sobre o segundo exame de sanidade.

A imprensa defensora dos accusados está dando mais *cavaco* com esse exame do que os proprios accusados, legitimamente representados por seus advogados no acto em questão.

Não tendo sido acceita a averbação de suspeição requerida pelo Sr. Dr. Gustavo, o facto assaz positivo de serem formulados por um dos advogados da defeza, o Sr. Dr. Eunapio Deiró, quisitos para serem respondidos pelos peritos, é uma prova inconcussa de que os acusados acquiesceram expressamente ao acto, reconhecendo nos peritos as qualidades necessarias para bem desempenharem as funções de que estavam encarregados.

A esses quisitos do Sr. Dr. Deiró, não consta que os seus collegas e os proprios accusados se oppozessem; e por tanto prejudicado por essa forma o — *como que protesto* — do Sr. Dr. Gustavo, o acto correu por vontade manifesta das partes, sem que agora lhes possa assistir o direito de impugnal-o por essa ou por aquella razão.

Em direito si o consentimento tacito produz effeitos, *quis tacet consentire videtur*, com maioria de razão o consentimento expresso.

Ainda bem que os distinctos e illustrados advogados, escolhidos d'entre os primeiros do foro desta capital, repellem a supposição, sempre gratuita do erro.

Por conseguinte, é sem verificação de fundamento que a imprensa, menos apta neste caso, quer impugnar o segundo exame de sanidade acceito *in totum* pelos accusados.

Affeição ou odio, alem de outros, eis os sentimentos que podem trazer suspeição para qualquer exame ou vestoria, e são esses os que a imprensa, amiga dos accusados, tem trazido a tapete para inquinar o acto de 10 do corrente, feito com todas as solemnidades legaes e á aprasimento dos accusados. E nem outros poderiam ser porque a probidade e independencia dos peritos garantem a exclusão de outro qualquer.

Onde a prova de que os Srs. Drs. Costeira e conselheiro Pedrosa sejam amigos do offendido e inimigos dos accusados?

Quaes os esforços que empregaram para serem nomeados pelo Sr. Dr. chefe de policia?

Em que parte está o segundo exame de sanidade em opposição com o primeiro e com o corpo de delicto?

Eis o que cumpre provar para que possa ser considerado, suspeito e nullo o acto de 10 do corrente: quando não será elle tam valido quanto o foi o corpo de delicto, o primeiro exame de sanidade, e até mesmo, (vá que seja) a vestoria da mordaça.

O facto de terem os dois peritos examinado anteriormente o offendido a pedido deste não prova amisade, e nem nunca provou em caso algum, mas sim o cumprimento de um dever sagrado de todo o medico, quando procurado.

Não foi uma visita officiosa de amisade e bons serviços, foi a exacção de uma obrigação, a que, sem trahir o

juramento, nenhum medico pode esquivar-se.

E' a primeira vez que ouvimos dizer que o chamado e a ida de um medico á casa de um enfermo constituem prova de amizade capaz de gerar suspeição em um acto solemne, prevenido pela santidade do juramento.

Os Srs. Drs. Gesteira e conselheiro Pedroza nunca entretiveram relações de amisade com o offendido, e nem isso allegam os articulistas que querem nullificar o exame: si amisade existe— é com os accusados, a quem elles sempre deram provas de respeito e consideração.

Ao passo que essa celeuma sem fundamento tem se levantado contra o exame do dia 10, tudo foi silencio na vestoria da mordaça, em que foram peritos os Srs. Drs José Antonio de Freitas e Francisco José da Costa: o primeiro, como ja fizemos vêr, irmão de outro, amigo intimo e socio do accusado Castro Guimarães; o segundo tambem amigo intimo e de longos annos do mesmo accusado, e ambos tam amigos, que previamente a vestoria ja o tinham visitado por mais de uma vez na prizão.

Esses medicos, alias distinctos, com todos esses precedentes, foram apresentados pelo accusado Castro Guimarães; apezar de haver discordancia em suas respostas com as de seus collegas, nada se disse sobre a vestoria de suspeita ou nulla: agora, no exame do dia 10, só porque os peritos anteriormente haviam visitado o offendido com quem nunca mantiveram, nem mantém relação de amizade, accrescendo que foram nomeados pelo juiz formador da culpa, ja o exame é suspeito, é nullo. —é mesmo não sei o que.

E' preciso que sejamos coherentes.

Com essas minudencias e argucias não pensem os amigos dos accusados que lhes fazem bons officios; ao contrario aggravam mais sua posição.

Por livre e expontanea vontade do Sr. Dr. chefe foram os peritos do exame do dia 10 nomeados, sem que para essa nomeação concorressem quer directa quer indirectamente os mesmos.

A proverbial inteireza, imparcialidade, e independencia tanto da authoridade como dos peritos alliançam essa verdade, que não ha negal-o.

Certas proposições não se podem avançar sem prova logo o logo immediata; e a respeito, para nós, ella seria tam phenomenal quanto a mudança do curso solar.

No artigo antecedente demonstramos minuciosa e detalhadamente que nenhuma opposição havia entre o segundo exame de sanidade com o primeiro e ainda com o corpo de delicto, opposição que se dá na vestoria da mordaça com sigo mesma pela discordancia dos peritos, e ainda com as outras partes medicas do processo, sobresahindo a resposta ao decimo quisito do corpo de delicto. Sobre esse ponto fallou tanto o Sr. Dr. Freitas, que vendo que suas palavras não convenciam os seus collegas, quiz ser até amordaçado, ao que elles por deferencia recusaram-se.

E ainda assim não se deu por suspeita a vestoria.

Basta quanto a exame. A interrupção de dias que tem a publicação do periodico onde são impressos esses artigos, talvez que dê logar a que as reflexões que temos feito sobre esse incidente sejam considerados extemporaneas. Não importa! força maior assim o determina, não somos por tanto responsaveis.

A 1ª testemunha que depoz contra os accusados foi o capitão Vicente Rodrigue Pinto.

A imparcialidade com que ate agora temos tractado deste processo, analisando-a em todas as suas partes, sem dessa analize tenhamos feito offensa á alguem, obriga-nos, antes de apresentar em resumo o depoimento dessa testemunha, e sobre elle raciocinar, a copiar, sem antepor nem pospor uma virgula, as considerações tendentes ao criterio da testemunha que faz o *Interesse Publico* nº. 896.

Assim elle se exprime:—*Cumpre notar, antes de tudo, que o Sr. Rodrigues Pinto é um moço de intelligencia esclarecida, que fez sua educação nos*

collegios desta cidade; é negociante nesta praça, casado chefe de familia, geralmente conhecido por seu procedimento irreprehensivel — e em prova de sua bôa fé, por nenhum titulo suspeita na presente questão, começou por declarar que é, ha muitos annos intimo amigo do Sr. João Soares de Oliveira.—

Acceitando os custumes da testemunha, apresentados ex adverso, eis em resumo o seu depoimento:

Que da scena do rapto e do mais que se passara no Moinho, só sabe por lhe ter contado João Soares, mas que um dia o accusado Castro Guimarães lhe propozera que levasse ao mesmo umas joias de brilhantes no valor de dous ou tres contos de reis para receber delle 500$000 a 600$000 rs., mediante um premio vantajoso, para ver si no dinheiro que desse, viriam algumas cedulas de 10$ do governo, e por essa forma conhecer-se o ladrão do banco, ao que elle testemunha recusou-se, pedindo-lhe Castro Guimarães segredo afim de que não se frustasse esse meio: não obstante elle o participara a João Soares.

Disse mais que o mesmo accusado Castro Guimarães convidara elle testimunha em outra occasião para ir á casa do accusado Sampaio Vianna á noite, cujo convite elle acceitara, mas por pedido de Soares não fôra.

Que nessa noite passando pela Piedade vira a casa de Sampaio Vianna acceza, e nella entrarem, sahindo de um carro, Castro Guimarães e Castro Rebello, sem que todavia elle soubesse do fim para que fôra convidado.

Esse depoimento que vai fiel e religiosamente resumido foi acceito em todas as suas partes pelos accusados que não o contestaram.

Ja demos as razões porque ao rapto e muito mais ás scenas do Moinho não houveram testimunhas presenceaes, mas nem por isso deixou aquelle de ser verdadeiro assim como estas, e os accusados seus agentes, pela cadeia indissoluvel de circumstancias ja ennumeradas.

Todavia por esse depoimento ja ha uma testemunha de vista que prova o *interesse* do accusado Castro Guimarães (si não fosse a occasião incopetente teriamos que fazer importantissimas reflexões sobre esse *interesse*) em saber da vida de João Soares, e fica ainda provada a constante reunião dos tres accusados na Piedade, lugar onde foi maquinado o crime perverso de 6 de agosto.

Logo os accusados não negaram que se reuniam á noite em casa de Sampaio Vianna.

Pela ligeira analise que fizemos do depoimento dessa testemunha, ja vê o publico que ella traz muita luz para o processo, e assim como ella todas as mais.

Não basta dizer que as testemunhas nada disseram, são contradictorias, não merecem fé, palavras sediças até a um protocolista; convem apresentar os seus depoimentos e analisal-os.

Continuaremos

Juizo critico sobre o drama do banco.

II

No artigo precedente deixamos o feliz ladrão em frente de dous cofres, ambos cobiçaveis

Bem tempo que lhe demos. E o desgraçado porque não roubou tudo? Essa é que é a questão.

Pela complicação difficilima do maquinismo do banco ja viram os leitores que era impossivel que um estranho podesse vencer tantos obstaculos, insuperaveis pela congerie de circumstancias, cada qual mais imprevista.

Portas de ferro, cadeiados de letras, grades, chaves de parafuzo, molas de segredo, cofres, latas, e quanto mais impedimento havia, não podiam ser vencidos por estranho, sem que deixasse vestigios de violencia ou arrombamento.

Era tambem impossivel que esse estranho soubesse das letras de segredo, e tanto tempo tivesse, sem ser descoberto, para mandar tirar moldes de chaves e o mais, afim de perpetar o crime sem signaes de força.

Logo o ladrão dos 266 contos do

banco foi pessoa do proprio banco, que estava bem a par do seu maquinismo, e que, fora de suspeita, tinha o tempo preciso para roubar.

Em um dos cofres existia exclusivamente o dinheiro que representa o lastro, mais ou menos no valor de oitocentos a mil contos, e esse cofre só é aberto pela direcção para conferencia geral nos fins do semestre, ou tirar alguma somma para troco gracioso.

O outro abre-se e fecha-se todos os dias e tantas vezes quantas são necessarias para tirar dinheiro para as transacções do dia, e nelle é que estava a lata do expediente que continha mais ou menos seiscentos contos.

Do primeiro cofre tirou o ladrão apenas cincoenta e seis contos em notas do governo de dez mil reis cor de telha: do segundo tira duzentos e dez em notas de quinhentos.

São os proprios ex-directores quem asseveram essa verdade em seus relatorios.

A admittir ainda que fosse pessoa estranha, seria ella tam nescia, que tendo aberto primeiro, por exemplo, o segundo cofre não levasse logo a lata de seissentos contos e não duzentos e dez, ou si abrisse o primeiro levasse so cincoenta e seis contos?

Por certo que não. Dahi ja se vê que a escolha que fez o ladrão das notas de quinhentos mil reis na caixa do expediente, deixando apenas as notas de valor menor que mais volúme fazem, foi por que temeu que sendo essa lata aberta todos os dias e muitas vezes, não se desse logo pela falta, o que succederia si levasse as notas de pequeno valor.

Ainda a arrumação das notas de quinhentos mil reis em massos de cincoenta á sessenta contos vem confirmar mais esse juizo, por um modo irrefragavel.

A ida no outro cofre indica tambem que so pessoa competente, que entra e sahe na casa forte quando quer, que põe e dispõe como lhe apraz, que manda o empregado volante á rua dias e semanas inteiras, podia ser a author a do roubo.

Não tendo podido tirar da caixa do expediente todo o dinheiro de que precisava, porque a falta era logo visivel pelo vacuo que apresentaria, foi ao cofre onde estava o lastro, e ahi completou a quantia desejada.

Estranho que estivesse fora de responsabilidade não pensaria por essa forma, levaria o mais que podesse, por que consummado o roubo, pegassem-lhe nos calcanhares.

Os duzentos e dez contos em notas de quinhentos podiam muito bem ser conduzidas nos bolsos dos palitots, e os cincoenta e seis em notas de dez podiam ser envolvidos em um lenço com a simulação de troco, sem que gerasse suspeitas.

Somente a qualidade do portador é que poderia atrapalhar o embarque da bisca.

A direcção não prova, nem pode provar que o Sr. João Soares entrasse e sahisse na caza forte sem que fosse accompanhado por alguns de seus membros, e nem que a elle fosse confiado valor algum em dinheiro; sendo provado, ao contrario, que todo o dinheiro passava por suas mãos, e so ella é que entrava na casa forte, muita vez so, por isso que o Sr. João Soares era distrahido para mandados externos.

Eis, por tanto, provado a responsabilidade da direcção.

Em outro artigo tractaremos da acção reversiva contra os ladrões, e provaremos tambem em como não foi o Sr. João Soares.

—O Sr. é o subdelegado da Rua do Passo?

—Em quanto não for demittido.

—Pois é preciso tomar cuidado com um espertalhão que anda pela Baixa dos Sapateiros, Taboão, etc., inculcando-se agente da sua policia.

—E' pessoa de minha confiança.

—Pois saiba que elle anda á commetter extorsões e a fazer apprehensões em seu proveito.

—Ha dias, como o diabo sempre ajuda aos seus, descobriu elle que um preto furtara um caixão de velas do

senhor, tomou-o e foi vender por 7$ rs. em uma venda.

Amedronta as pobres pretas quitandeiras para dahi tirar lucro, prende e solta a pessoas ignorantes por dinheiro, as pobres farpellas do Taboão são victimas das dentadas desse industrioso e tudo isso diz elle praticar com authorisação sua.

—Ignoro tudo.

—Pois admira, por que outro dia chegou a seu conhecimento um gamade, que elle ia fazendo com um preto, que trazia uma porção de carne da cidade baixa.

—Nem por isso deixou de ser uma trampolina aladroada do seu agente.

Convem muito que S S. deite para fora esse bandalho, para que seu nome não ande de *meias* com as proezas de tal tratante,

—Vou averiguar.

Revista follicularia.

A *trovoada* do Almeida traz uma catilinaria do *Guedes Cabungo* contra o ouro, (tam somente o ouro) do inimigo dos ladrões do banco. E' uma reproducção resumida e escassa das verrinas de outras epochas, que nem ao menos tem o merito da invenção.

O *explorador* que descance, pois desta vez não encontrará rolha para obstruir-lhe as famelicas fauces.

Comprehende ou não?

Admira como este desgraçado vive sempre com a cella na barriga!

E' castigo da Providencia.

Quanto mais rouba, mais miseravel fica.

Si o teu *modus vivendi* ja não fosse geralmente conhecido, não se nos dava de apostar que amanhan calarias a bocca.

E esse é o teu desejo, e nós o que não queremos é encher-te a barriga!

Lembras-te ou não d'aquella melgueira, em vista da qual emmudeceste?

Desta vez só terás chicote.

Alem dessa miseria do *Guedes Cabungo*, vem tambem outra miseria do *Almeida* assignada pela *trovoada*.

Meu tratante! si tens outra *peça boa e nova* para vender, conta com nosco que damos o conto de reis à vista: e como a vista faz fé, dobraremos a parada si agradar.

Entendes? O melhor de tudo é calares a bocca para evitares os desmaios da semana passada, que se deram com a publicação de uma verdade.

Somos ou não teu amigo?

O *magico olhar* enfada-se de que o chamemos pasrhim.

Não tem rasão.

Si a sua penna não estivessse vendida aos ladrões da *tripeça* e assassinos do infeliz *Soreas* não avançariamos essa proposição.

A culpa é por tanto sua.

Com o de hoje fazem sete artigos que o *Alabama* tem publicado sobre o processo Castro Rebello e Cª., e o nosso contendor ainda está na analize do terceiro.

E que analise! *Risum teneatis*!!...

Queres ouvir uma verdade?

Ei-a: um dos accusados, lendo outro dia um dos teus artigos, disse em plena sessão que era melhor supprimir a verba para essa despeza que mais compromettia do que defendia.

A commiseração supprimiu a votação, e por isso é que ainda fallas.

Levanta, pois, as mãos para o Ceu e dá graças a Deus.

Muito não é que te enganes sobre o author dos artigos que pretendes responder, quando elle ja foi victima do teu collega *trovoada*.

Não faz mal; está pagando o que deve a outrem.

Quem deve a Deus, paga ao diabo.

Põe-te, portanto, em dia com esses artigos, e então terás a resposta conveniente.

Corre meu *rasteiro* para chegares a tempo.

Adeus.

Por *S. Francisco Xavier* roga-se ao *sassarugo Calitina* que em *boa consciencia* declare si os *vinte contos arabicos* daz de dez cor de telha, que, poucos dias antes de dar-se pelo roubo dos

263, eram por elle offerecidos para vender com premio, pertenciam ao seu intimo *x. x*, ou empalmação que impongia?

Da *sinceridade* o *san consciencia* com que elle sempre *protegeu* aos *poyetticos* orfãos e ao seu afilhado, filho do seu socio marinho espera-se resposta.

O balanço da loja de livros

—Os fiscaes são cegos?

—Para o que não lhes convém.

—Só si é isso.

Do contrario, o Custodio não roubaria tão às cancaras ao povo.

—Que Custodio, o do pão?

—Sim.

—E nãosó rouba no peso, como faz alarde disso, dizendo que prefere pagar a multa a fabricar o pão com pezo legal!

—E' por que o roubo dá para isso.

—Porem não dá para livral-o do relho do muxingueiro.

—E é mesmo com que aquelle bigorrilha toma geito.

—Que pedaço de animalejo é este que trazes pelas orelhas, ó muxingueiro?

—V. Ex. não conhece a besta? E' o Leandro.

—Do *Porto*?

—Sim. Não ha *mau fim* que dê cabo de semelhante cousa ruim.

—Este birbante não si corrigiu!

—Quem disse! Quanto mais augmentamos annos, mais safada se torna a azemola.

Com quanto não ande mais pela rua, com o curto e esfarrapado chambre, a mostrar aquillo que a decencia manda cobrir, tem a descaração de se pôr á janella com a sua concubina em immoral espetaculo, traçando-lhe o braço pelo pescoço, dando-lhe dentadinhas no congote e cafunés.

—Que impudico devasso!

—As familias por alli queixam-se de tanta desfaçatez e desaforo, porem o bruto a nada se move.

—A tua taca o fará tomar modo de gente.

—Antes que eu retalhe a cara deste jumento á chicote, ouça V. Ex. as informações que colhi a seu respeito,

Este tratante tem propensão á toda prova para gatuno: indo outro dia comprar verduras no *distillador* do Maia, e sendo costume esperar-se á porta que o hortalleiro as venha trazer, elle fez-se de rôla, e entrou; desfarçando, encostava-se aos quiabeiros, olhava para um e outro lado e zas, quiabo no bolso,

—Que mizeravel!

—O preto bem que viu, porem tendo mais vergonha do que elle, nao quiz desfeiteal-o.

Foi a fabrica de velas, e julgando que estava so, poz-se a bisbilhotar tudo e deparou com uma penca de incomparaveis bananas, mirou de uma banda e outra e la se foram tres bananas para a sacola do larapio!

Pelo gosto voltou no outro dia, beirou, beirou e bifou duas mangas!

O fabricante exasperou-se, e poz-se de espreita ao espertalhão para o primeiro ensejo.

No terceiro, ia ja elle procurando o que gatunhar, quando o homem das velas apresentou se perguntando-lhe o que queria; ficou elle passado e titubeando — disse que ia comprar; mas o homem sem estar pela desculpa, disse que o logar de comprar era la fora, e que se pozesse no olho da rua.

—Miseria das miserias!

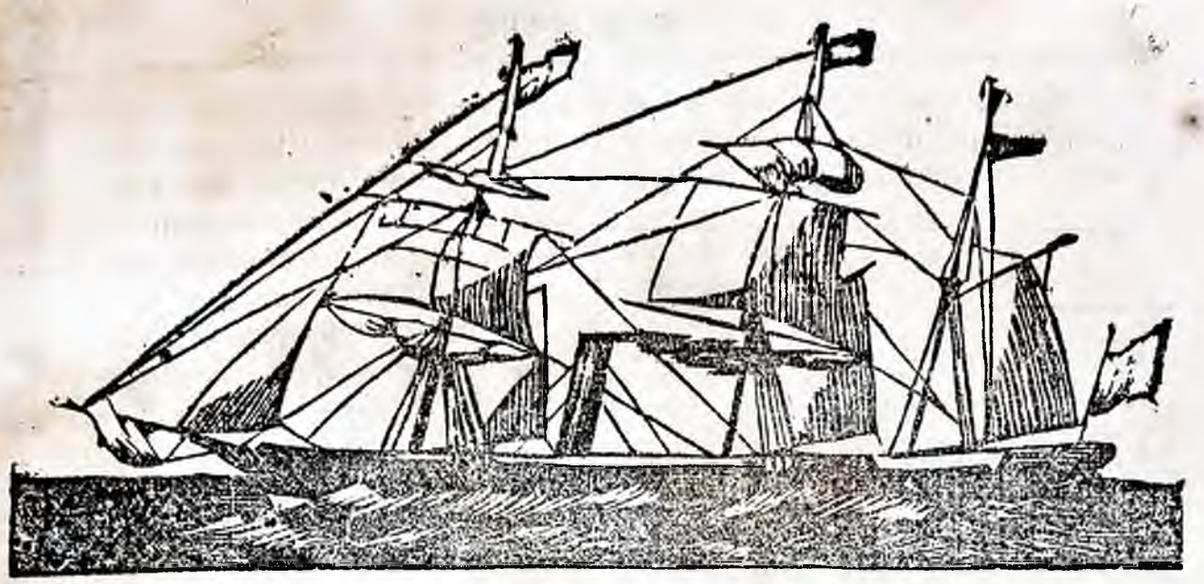
—Elle fingiu-se desapontado e sahiu como quem tinha perdido o modo de andar, com o rabo entre as pernas; porem aquillo foi so alli porque elle continua nestas ridiculas escamotagens.

—Basta. Leva esta zebra para o porão, e entrega-o por por trinta dias na limpeza nacturna do navio, dando-lhe diariamente, antes do almoço 50 calabrotadas.

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO

Na rua dos Ourives loja n.° 9 B; ou na Saude, rua do jogo do Lourenço n.° 199, vende-se bom café moido puro, a 400 reis a libra.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

CHIA—ANNO V. 18 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 26.ª—N. 260

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de setembro de 1867.

Portaria ao aspirante João de Deus, ordenando-lhe que sem demora traga para bordo deste navio o filho do Fr. Jacinto que na noite do fogo, em S. Pedro, n'um tremendo *pifão* com o Senna, andavam a dar chibatadas a torto e á direito; e como o melhor remedio para bebados é fazel-os cosinhar a carraspana, devem vir para o porão afim de curtirem o resto dos *aguaceiros*. Cumpra.

— Si não fosse encafifar ao Sr. Dr. chefe de policia, eu lhe perguntava si a seguinte noticia, tambem era boato falso inconvenientemente espalhado para levar o susto ás familias, que se acham por isso atemorisadas.

. Tentativa.—Hontem ás 4 horas da tarde foi preso e remettido para a Correcção um pardo, que arrombava a casa do Sr. capitão Almeida na rua do Gravatá para roubal-a. Tendo o Sr. commandante superior Carvalhal, por um carroceiro da companhia da limpeza da cidade, denuncia de que em uma casa do Sr. Coquejo Sampaio, á qual é contigua a do Sr. Almeida o está ainda em obras, se introduzira na madrugada de domingo para segunda feira um vulto de capona, que parecia homem, e que não sahira mais, mandou logo pela manhan dar parte ao Sr. Coquejo e pedir-lhe p ra mandar abrir a casa, afim de verificar-se, si com effeito havia alguem alli escondido. Promptamente o Sr. Coquejo prestou-se, mas procurando abrir a porta, o fechadura resistiu.

« Mandou-se ver um carapina, que subindo pelo telhado, viu, que havia uma pessoa, então o Sr. cadete Carvalhal e mais duas praças de policia foram á casa, e a muito custo effectuaram a prisão, nao obstante a resistencia feita, achando-se o ladrão munido de alavanca, e todos os instrumentos necessarios para roubar, e uma trouxa, provavelmente em que tinha a sua capona, e outros arranjos. A casa do Sr. Almeida já estava arrombada em diversos logares.

« E' assim, que o povo vai por si mesmo fazendo a policia para acautellar sua vida o fortuna.» (*J. da Bahia*).

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

VIII.

Estão finalmente inscriptos no rol dos culpados os nomes de Francisco Justiniano de Castro Rebello, Francisco Sampaio Vianna, Joaquim de Castro Guimarães e João Coelho de Oliveira, como incursos no art. 205 do codigo penal, pelo crime horroroso que acordou em sobresalto esta cidade na manhan de 7 de agosto.

Se não somos o unico, tendo sido ao menos um dos que tem minuciosamente analysado o processo, e dessa analise provado á evidencia a criminalidade des reus como authores directos e indirectos de tentativa de morte na pessoa do infeliz João Soares, — causou-nos sorpreza a pronuncia do honrado Sr. Dr. chefe de policia no art. 205, e a despronuncia do co delinquente Rozendo Antonio!

Como, porém, essa sorpreza possa ser oriunda de alguma apreciação menos conveniente, e ainda de algumas informações inexactas, que por ventura tivessemos, aguardamos o despacho de pronuncia, cuja certidão já requeremos, não querendo ser precipitado em avançar, temerariamente qualquer juizo, que venha importar em desaire á honra do illustre magistrado.

Ha escrupulos que convém respeitar. A apreciação e exame das circumstancias e provas podem variar, e d'ahi a convicção affirmativa ou negativa que deve ter tanta força e firmeza que desvie sompre qualquer oscillação.

Para a judicatura a circumspecção dove sor um dos primeiros requisitos. Aguardamos o despacho, e então seremos franco.

Estão em parte restabelecidas a segurança individual e a ordem publica, cujas condições normaes foram suspensas pelo facto delictuoso de agosto.

O crime, onde quer que se acoite, deve ter uma punição severa; ou nos estofos da riqueza, ou nos andrajos da pobreza, a lei deve ser unica, sem differença na applicação.

E' preciso que essa verdade se inocule em todas as camadas sociaes, para que *ninguem* se julgue com direito á impunidade.

O pobre não deve ser castigado só porque é pobre, e o rico absolvido só porque é rico.

A lei não reconhece jerarchias, nem posições officiaes. Uma dynastia de impunes no seculo XIX seria o *non plux ultra* do absurdo.

Os clamores incessantes que pezam sobre a authoridade provém quasi sempre dessas distincções; e por isso a opinião publica, apezar de convicta da criminalidade dos reus, quasi que duvidava pelo funesto exemplo dos factos consumados de sua punição. Ainda bem que essa duvida dissipou-se, e dissipar-se-ha sempre que a authoridade compenetrar-se dos deveres que lhe são adstrictos.

Executem a lei — é só o que queremos.

Chegou a occasião da promessa.

Todos os defensores dos reus prometteram analysar o processo depois que o juiz formador da culpa tivesse proferido o seu verbo final. Não deve, por tanto, fazer-se esperar por muito tempo esse empenho obrigatorio.

Veja, porém o publico, quanta contradicção, que imbecilidade de defezas!

Si ainda não analisastes o processo que significação podem ter as palavras que até hoje tendes escripto?

Para que tanta voseria, tanta grita tanta celeuma, si o summario ainda está virgem de apreciação?

Dizer que elles são innocentes sem exhibir provas importa o mesmo que principiar pela conclusão e acabar pelas premissas, — eschola de phylosophia que ainda não appareceu de quantas mais extravagantes dá conhecimento a historia.

E' assim caminha esta terra sempre

notavel pelo absurdo de certas *notabilidades*!

A questão, a maxima questão da culpabilidade dos reus, ainda por nenhum delles fei tractada, e no em tanto zombeteiros, eil-os que dizem que a innocencia já está provada!

Esse phenomeno aberrativo da intelligencia só pode ter apoio na razão directa do absurdo e na inversa da logica.

A immensidade de provas circumstanciaes que resaltam da simples leitura do processo, e que temos enumerado, e ainda as que resultam do interrogatorio do offendido e das testemunhas sobre nada d'isso se tem fallado.

Ellas ahi estão unanimes, irrespondiveis e evidentes a attestar por um modo irrefragavel a criminalidade dos reus, e os seus defensores sem destruil-as apregoam-os de innocentes.

Estão ahi a *Constituição* e o *Interesse Publico* para dar testemunho dessa verdade, sem fallar na *praga egyppiciaca de gafanhotos*, que enfadonha esvoaça e infesta a atmosphera.

A primeira ainda no n.º 3 de 15 do corrente faz essa promessa solemne; e o segando affiança-a em todos os numeros, occupando-se exclusivamente do roubo do banco, (questões que tem um ponto de nexo mas distinctas) e da tentativa do crime—segundo o Sr. conselheiro Ferrão.

O proprio articulista do *Jornal da Bahia* de quem muito esperavamos, é ainda esperamos, ainda ahi não chegou, tendo se occupado ate agora do segundo exame de sanidade, invectivando ja descommunalmente o Sr. Dr. chefe de policia e os Srs. Drs. Gesteira e conselheiro Pedroza.

Por ahi ja vê o publico que o processo tem um OUE intricado, cuja analyse de proposito se que evitar.

E por essa forma tem sido a authoridade injuriada e diffamada pela maior parte, sem que todavia esteja provada a innocencia dos reus.

Antes do segundo exame de sanidade existe o corpo de delicto, o primeiro exame, a vestoria da mordaça, o auto de perguntas ao offendido, os depoimentos de dez testemunhas, e os interrogatorios dos reus.

Nada disto presta; e eil-os que so querem o segundo exame, so pelo facto de terem sido peritos os Srs. Dr. Gesteira e conselheiro Pedroza, que haviam anteriormente visitado o offendido.

E como não ser assim, si o honrado Sr. conselheiro Pedroza teve dignidade bastante para repellir e resistir a innumeros pedidos de amigos dos reus?

Suspeito o Sr. Dr. Gesteira, o plano dos reus era, contando com o Sr. conselheiro Pedroza, (que ignoravam ter tambem visitado o offendido) empate no acto, para sem duvida ser desempatado por algum dos Srs. Drs. Freitas ou Costa. Felizmente o plano fallou para maior triumpho da verdade.

Força é antes de concluir esse artigo fazer duas observações analogas ao caso em questão.

1.ª—Consta por esta cidade toda que, em a noite de sabbado, tentando os reus sahirem, como de costume, pelo fundo do quartel, lhe foi a sahida obstada pelo sentinella que anteriormente não fora prevenido, obstaculo esse—que levantou alarma no quartel ao qual compareceu o Exm. Sr. commandante das armas, que ainda encontrara os preparativos para o passeio.

A ser exacto, é lamentavel que factos dessa ordem se reproduzam entre nós, e que os seus verdadeiros responsaveis escapem á sancção legal.

Por isso é que muita gente por ahi dizia—que encontrava á noite entre muitas pessoas este, aquelle, e aquelle outro reu, sem que comtudo quizessemos dar credito.

Hoje esses boatos ja passam como certos, e convem, por tanto reprimil-os.

2.º—Os reos, ao ser-lhes communicada pelo procurador Lentini a noticia do despacho de pronuncia, chasquearam covardemente do Sr. Dr. chefe de policia, alardeando logo a despronuncia com que contam no juizo superior.

Alguem que estava presente mostrou a incoveniencia dessa ostentação cri-

minosa, e ainda assim ella continuou.

A respeito nada diremos, sinão que do Egregio e Decano Tribunal de Magistrados desta cidade, a opinião publica, com anciedade o soffreguidão, espera justiça.—justiça que ja uma vez foi demonstrada quando resistiram com dignidade e honra aos esforços empregados para a soltura per *Habeas corpus*, annunciada pelo *Interesse Publico* n.° 893 de 10 de gosto

O exemplo deve partir de cima.

Esperemos.....

P. S.—Retirou-se da defeza dos reus o honrado e illustrado Dr. Francisco José da Silva e Almeida.

No seguinte numero explicaremos miudamente esse facto.

PEDE-SE

Ao Chefe das averiguações que chame a ordem o subdelegado do districto do Vigario de Christo que anda de porta em porta ameaçando e perseguindo as testemunhas que juraram contra os carrascos de agosto: fazendo-lhe observar que, este procedimento é muito irregular; pois que assim dará a conhecer que serve-se da posição de seu cargo a favor de individuos sobre quem pesa a acção da justiça, e que sua nomeação foi de ante-mão preparada por alguem, par servir de manivella nas actuaes conjecturas.

—Chegue a falla Sr. alferes sem farda do batalhão duas duzias menos um do districto do Mar pequeno.

—Prompto, Sr. capitão.

—Porque razão ha de V. ser tão insolente que se poem todas as manhans á sua porteira descompondo com tão feios nomes os guardas de seu batalhão, que por certo estão muito acima de V. em sentimentos, moralidade, e educação?

Ignora que alguns d'elles lhe sabem da chronica, e de suas devassidões, os quaes lhe podem pôr a calva a mostra, que si declarasso o procedimento infame porque seduz a mulher daquelle sugeito nosso conhecido, sendo V. bem casado?

—E' verdade, capitão, porem si isso faço, é porque não pensei que viesse ao conhecimento de V. Ex., porem juro por S. *Rufino* que me emendarei e nao tornarei a cahir em outra.

—O *Ze Salles* fica encarregado de observar-lhe as pizadas, e logo que V. mijar fora do penico o muxinguciro lhe fará as contas.

—Capitão, prometto emendar-me.

VARIEDADE.

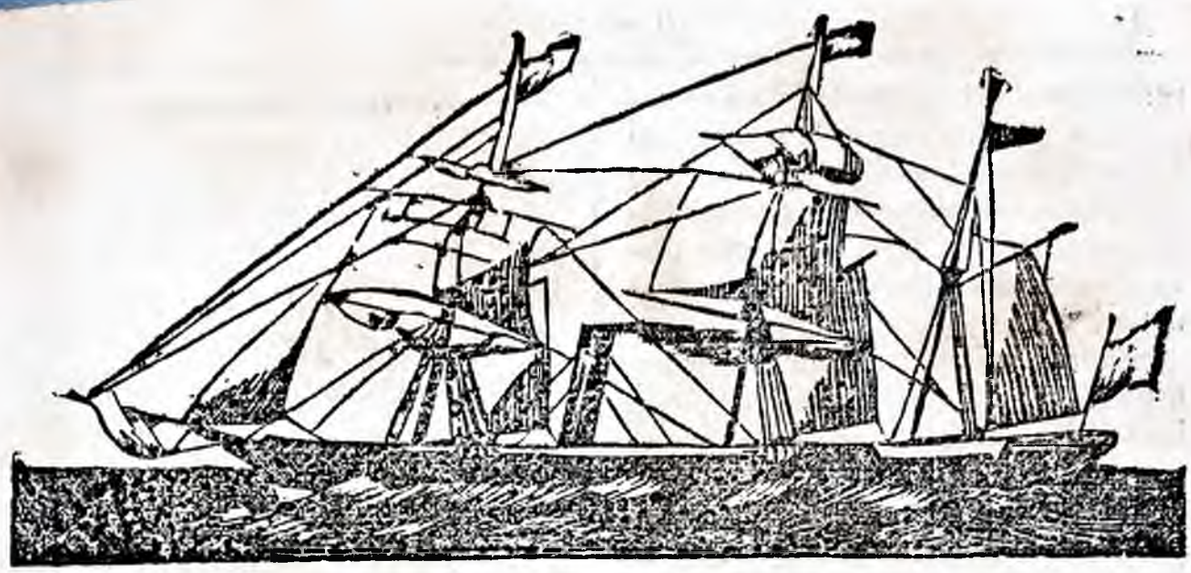
Luiz II. dizia ordinariamente que todo o seu conselho estava na sua cabeça, porque para as suas decizões não consultava pessoa alguma. O almirante de *Breze* vendo-o passar montado em um cavalio mui fraco, disse: *Sem duvida aquelle cavallo deve ser mais forte do que parece, pois que leva sobre si o Rei e todo o seu conselho.*

O abbade de la *Riviére* tendo ido a Roma para diligenciar ser cardeal, voltando sem o ter consegido, alguns amigos que o visitaram na sua chegada, o acharam com grande defluxo; o que sabendo, *Beautru*. disse:» *Isso e porque voltou sem chapeo.*

A beneficencia, quando não è praticada á sombra, desmerece como o sol as cores delicadas.

ANNUNCIOS.

O aniceto Chaves J. F. genro e filho do relaxado velho *estrangulador* vende a quem mais der a officina do *Turvão*, visto que, dedicando-se este *moralisador* pasquim a defender os *innocentes* da *tripeça*, e a offender principalmente o bemfeitor do segundo que deu-lhe meios de andar a quatro, como anda, (e sempre a quatro pés andou) a receita obtida até o presente não chegou mais que para as despezas da officina, não podendo ser ainda amortisada a letra dos 700$. Na caza da aniceto velho á rua nova sob as iniciaes C. F. etc. B. se diz quem vende, ou no Corredor da Victoria cazo da *moralidade*, que tem um *grão mirante* para o lado mar.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 19 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 27.ª—N. 261

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de setembro de 1867.

Portaria ao fiscal de S. Pedro, ordenando-lhe que tenha muito em vista o açougueiro do talho n. 40, ao Caleça, Pedro Conrado, o qual sobresahe aos mais na fraude que faz no pezo da carne, como ainda no dia 18 verificou-se, que vendendo duas libras de carne, extorquiu meia do comprador. Cumpra.

—Capitão, acabou-se a materia do expediente e não ha artigos de redacção.

—Passe as publicações de fóra.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

IX.

Retirou-se da defeza dos reus o distincto advogado o Sr. Dr. Francisco José da Silva e Almeida.

Diversas versões, cada qual mais bonrosa correm a respeito: é, porem, tendo em vista uma carta do illustre advogado, em que participava a seus dignos collegas a sua retirada, que vamos fazer algumas considerações.

Procurado para defender os reus desde o principio da formação da culpa, o Sr. Dr. Silva e Almeida, sempre prompto em prodigalizar dezinteressadamente os altos recursos de sua intelligencia e illustração, accedeu ao convite, e foi um dos que mais se prestou até o encerramento do processo.

Sempre de harmonia com os seus illustres collegas no plano de defeza que emprehenderam, perdendo dias e dias, só por amisade e com prejuizo proprio, nesse processo, para o qual convergia toda a sua attenção, quando esperava ao menos um agradecimento, como era de dever, daquelles em prol dos quaes tanto se esforçara, é insultado, não em sua presença, pelo reu Castro Rebello, que vomita contra elle o negro veneno de sua alma tam perversa quanto o foi o crime de seis de agosto.

Sabedor por pessoa fidedigna desse

procedimento ingrato do seu beneficiado, o Sr. Dr. Silva e Almeida, com a consciencia tranquilla de haver cumprido a risca o seu devor, retirou-se da defeza, e por essa forma deu uma prova dos altos sentimentos de seu caracter.

Ser injuriado por aquelle a quem se beneficia, e cujo beneficio ainda está incompleto—doe ate o amago do coração.

Eis, pois, como o reu Castro Rebello pagou a divida de gratidão eterna á que tinha direito incontestavel um dos seus advogados.

Não é o primeiro processo importante, ja pela gravidade do crime, ja pela posição das partes, em que tem sido advogado o Sr Dr. Almeida, e ate hoje ainda ninguem ousou dizer que elle deixasse de ser um fiel representante de sua nobre profissão.

Não será, por tanto, o reu Castro Rebello, e outros queijandos, que poderão abalar a sua reputação segura e formada por tantos louros ganhos na arena judiciaria.

Embora adverso aos reus, não podemos deixar de dizer que grande foi a perda com a retirada de Sr. Dr. Almeida.

Não é que com isto depreciemos o merito e altura dos outros seus distinctos collegas, que ainda são advogados dos reus,—não; mas é que somos d'aquelles que acreditam na intelligencia do maior numero.

Outra noticia corre,—que o Sr. Dr. Eunapio Deró tambem retirara-se da defeza.

Não garantimos a veracidade da nova. Seja o que for, porem, não admira, por que os reus são capazes de muito mais.

Previnam-se os incautos d'aquella malta de malfeitores.

A hora adiantada em que recebemos a certidão da sentença do honrado Sr. Dr. chefe de policia não permitte que saiam hoje publicadas as considerações que sobre ella temos de fazer; no seguinte numero sel-o-hão.

Revista follicularia.

O *Sentinella visivel n.º 31 principia apresentando os motivos que induzu-o a alterar o preço do periodico.*

O publico ja sabia desses motivos, e por tanto pecegos.....

Em quanto continuar o processo contra os reus do crime de seis de agosto, não admira que o *sentinella* seja até igual ao *Times*.

Assim devia ser; em quanto houver *guerra* o *sentinella* não deve abandonar o seu posto.

Isto é da disciplina militar.

Falta dinheiro? não. Então continue.

Ahi está do que servem certas declarações que mais compromettem do que defendem!

Coma calado, que ninguem lhe perguntou por isso

Todo o periodico occupa-se exclusivamente dos reus Castro Rebello e Cª. e por tanto a paga desse numero ja deve ser soffrivel.

Que tal?!.....

E' verdade que o publico soffreu uma embaçadella com a transformação, por que tendo elle promettido não alterar o preço com a mudança do tamanho, a gora vem molle e molle exigindo 2$ rs. por 15 numeros.

O *segundo artigo trata da illegalidade da prisão dos reus.*

Ora pelo amor de Deus, camarada!

Si a prisão é illegal porque não pediram elles *habeas-corpus*?

Ja vê, pois, o *sentinella* que elle quer mais bem aos reus do que elles proprios a si.

Com que se pagam tantos carinhos? Com as *louras*: então vá recebel-as.

E com que atrevimento esse *individuo* chama o redactor do *Pharol* collega?

O illustrado redactor do *Pharol* nunca foi fiscal.

O *terceiro artigo versa sobre um equivoco do Diario.*

Si quizer resposta vá ao Albino que lh'a dá.

O *quarto occupa-se do segundo exame de sanidade.*

Que bellas theorias medico-legaes! Nem as do Dr. Sangrado do Gil-Braz! Merece um *brevet d'invention* só pela caudalosidade das sandices.

O *quinto é uma resposta ao Alabama que reproduz a estampa do corvo ou gavião CARMEZIM, extrahida do sentinella Invisivel*

Ahi é que o moleque borra-se todo.

Confessa que se vendeu, e por essa razão foi que descobriu o roubo do gavião.

Mentira! que ninguem te encommendou semelhante sermão: tu o fizeste de motu proprio, e indo receberes a paga desse *alguem*, elle enxoutou-te pelas escadas á baixo.

Tanto é ja o costume de vender-se, que esse sendeiro bipede, ainda mentindo, confessa o peccado.

Si assim não é, dize qual foi esse *alguem*.

Basta. E' preciso não ter um pouco de brio para defender-se hoje a quem accusou-se hontem.

Que gana de dinheiro!

Não recuamos; continua....

Ainda o *Guedes Cabungo*, o ladrão mais safado que piza nesta cidade—o ladrão do infeliz J. Adrião Chaves, que ainda entre as paredes de um ergastulo e nas agonias da morte foi victima desse sicario do suor alheio, segundo consta de documentos que existem em poder de alguem,—o ladrão do commendador Barbosa Teixeira que só para alivanhar uns artigos roubou-lhe desapiedadamente seis contos de reis de parceiria com outro,—o ladrão da companhia do Queimado que hoje accusava-a e amanhan a defendia por que tinha sido comprado a pezo de ouro,—o ladrão do commendador Poderoso de Albuquerque a quem impigiu *certas ideas* só para poder roubar-lhe miseravelmente, como robou-lhe a casa em que habita, alem do dinheiro contado,—o ladrão de outro commendador de quem pilhou com a maior infamia grossa somma para metter a lingua na trazeira,—o ladrão emfim dos assassinos de agosto, que ja estão exhaustos das sangrias successivas que tem levado, ainda esse ladrão, dizemos, apparece na *trovoada* do Almeida a injuriar e calumniar, como o mais vil o infame diffamador e calumniador da honra alheia.

Sem Deus, sem consciencia, sem honra, sem patria, sem familia, sem dignidade, sem amigos, sem nenhum dos estimulos que podem ennobrecer o homem, esse archi ladrão a vida que leva é só e somente á luxuria e ao roubo.

Si for preciso injuriar, calumniar, incendiar, matar, commetter as maiores atrocidades que se possa conjecturar,—tudo, tudo este malvado, que só se sacia no crime, fará, comtanto que dahi lhe venha ouro, muito ouro.

E' por isso que todos encaram esse ente cynico e repulsivo, ferrado ja pela Providencia com uma molestia medonha, com asco e horror, como a escoria a mais vil da degradação moral.

Continua, monstro! na senda horrorosa de crimes que trilhas, que temos fé em Deus ver o teu desgraçado fim, depois que na praça publica tivermos te lanhado a cara com a ponta de um bom chicote.

Longe não está esse tempo.

O *olhar magico* sem razão enfadou-se com nosco.

Lastimamos que em sua vida desse elle uma descahida tam *baixa*, como a de defender os assassinos do infeliz Soreas.

Essa lastima mesmo prova a amisade que lhe votamos, da qual não tem que agradecer-nos.

A sua analise aos artigos do *Alabama* vae de mal a peior, e não é sem gargalhadas que se pode ler tanta parvoice.

Que importa que o accusado Castro Rebello fosse preso em casa ou na cidade baixa, si elle em á noite da practica do crime não dormiu em casa?

Essa é que é a questão.

Que dormiu fora de casa elle proprio o confessa, e nessa confissão é que se nota a contradicção em que esta com as pessoas em cuja casa diz que dormiu.

Portanto a descoberta do *olhar magico* não adiantou idea. Nao se admire ainda do que uma pessoa que defende outra diga os motivos porque defende, quando o seu collega *visivel* dá os motivos porque outr'ora accusava o *gavião carmesim*, e hoje o defende. E' costume de certos defensores.

O processo nunca esteve impedido de discutir-se, e, pois, si atè agora não o discutiu, como diz que os reus são innocentes?

Por ora nada mais temos a dizer-lhe.

APONTAMENTOS

para a chronica do cavalheiro de Castro que tem de ser publicada pelo Anjo dos bonecos.

Em um dos numeros precedentes já viu o publico o acervo de factos vergonhosos e infames da vida desse ladrão de casaca, a quem, com sobejo de razão, o seu amigo e defensor — o *Sentinella visivel* — desejava ver no presidio de Fernando de Noronha de calceta ao pe e gollilha ao pescoço. Agora vai ver outros, que vão mostrar á evidencia que esse safado, escoria e vergonha do honrado commercio desta cidade, de parceria com o *commendador Rocambole*, nao menos safado, infame e ladrão que elle, fora o verdadeiro author do roubo da *tripeça*, assim como *cumplice* da tentativa de assassinato na pessoa do infeliz Soreas.

— —

Assim que o zanaga bifou os 266 contos arabicos empinou-se para os dominios do *roque* em *Santo* afim de guardar o thesouro que havia roubado.

Si em logar de terem ido os amigos Ming. e Le. em dous saveiros á margem do Paraguassu, a policia, assim que foi descoberto o roubo, despresando considerações de *quem quer que fosse*, tivesse mandado um vapor, encontraria o dinheiro ainda na mão do *zanaga*, que o levara em uma mala preta, que foi vista pelo *Thomaz* da villa de *Geremoabo*.

Um photographo que tivesse tirado o retrato deste latrotypo, quando pela manhan, logo cedo, appareceu na cidade baixa em completo desalinho, sem lenço no pescosso, todo arripiado, semelhante a um condemnado, — teria feito sua fortuna. Si a figura do ladrão á moda corvo foi tam procurada, quanto mais a vera effigie?

— —

Quando foi preso um *agenciador* por causa do desconto da lettra dos cento e cincoenta da *thesouraria universal*, um companheiro todo atrapalhado dirigiu-se á casa de certa pessoa a manifestar-lhe o seu pezar pela prisão, pedindo tambem o seu valimento para a soltura do preso.

Essa pessoa observou que o primeiro devia estar descançado, visto como ao *agenciador* nem sempre era dado conhecer a origem dos valores cujas transacções realisava, e que alem disso, tanto era o conceito que elle gosava, que podia ficar tranquillo.

Com estas palavras o pedinte, no auge do maior enthusiasmo, arrancou do coração as seguintes, mas bem notorias palavras:

«Fique certo Sr....., dou-lhe palavra de honra, que naquelle desconto, (alludindo ao dos cento e cincoenta) e em outros da mesma origem, não anda so o dinheiro do roubo da *tripeça* dada pelo cavalleiro de Castro, anda tambem algum da *thesouraria universal*.

Quer mais claro o publico? Foi ou não o zanaga o ladrão da tripeça?

O que dizes a isso Rocambole? Não te enfades pelo engano que soffreste na divisão?

— —

No dia 8 de janeiro do corrente na *Caixa Filha* dirigindo-se ao conselheiro *Lima* de *Cerca*, porem presentes outras muitas pessoas, alem dos empregados, o *commendador Rocambole*, para desviar a opiniao publica, que apontava a elle e ao *cavalleiro de Castro* como ladrão da *tripeça*, fallou assim:

Considere V. Ex. que eu director da *tripeça* em minha semana entrei dias e dias na casa forte, abri cofres, contei dinheiro do governo, extremei-o, emmassei-o etc. etc., entretanto na mi-

nha semana mesmo arrebenta a bomba da *tripeça*. Quem deve ser o ladrão Sr. conselheiro?

—As apparencias condemnam-o;— foi a resposta do conselheiro.

—Pois aqui tem V Ex., retorquiu *Rocambole*, quem fez isso foi o meu collega *Lima da Silva!*

Um negociante, que ahi se achava para cobrar dividendos, e a quem *Rocambole* tambem se dirigia, disse por sua vez.

—Então felicito-o por que S S irá ja á policia, si ja não foi, declarar esses factos bem singulares.

—E' verdade! estou resolvido á tudo; ainda que fosse meu irmão ou o proprio *barão* eu denunciaria; so salvava filho ou pae

Sahiu d'ahi o negociante, e a todos declarou o facto, que foi contado sem a menos rezerva.

Quer ver o publico o final? pois la vae.

Indo *Rocambole* no dia 9 á policia negou tudo, e foi até ao *Lima da Silva* dar satisfações!

Que *patacão* infame!?

— —

Algumas semanas antes da verificação do roubo da *tripeça*, *Rocambole* jogou as tinteiradas com o *Mirando Facão*, companheiro de semana. O resultado foi que este deixou de frequentar a casa, do que muito gostaram *Rocambole* e o *cavalleiro de Castro*, não por que *Mirando* tivesse escrupulo em qualquer *arranjo* mas porque assim ficava diminuido o numero divizor.

— —

Na manhan em que se soube do rapto do infeliz Soreas, *Rocambole* e o *cavalleiro de Castro* amanheceram logo, fora do costume, na baixa *latronopolis*. Em reunião na *celebre* spelunca do *seixos*, quando se narravam os factos succedidos na noite antecedente, affirmaram ser falsos, porque o *barão do Moinho* era incapaz disso; que si o rapaz desaparecera foi por cauza do roubo da *tripeça* e não pelo X X, por escapula de *alguem* apontando para um sobrado.

Nesse interim, é a noticia confirmada, e os dous safados boqui-abertos exclamaram involuntariamente— impossivel!... e cada um foi se esquivando para seu lado o foram afim reunir-se com um terceiro no escriptorio do *Cavalleiro de Castro*. Ahi este deitou-se todo desabotoado em um sofá, e rios de suor corriam lhe pela estanhada cara. Rocambole ficou com uma sincope; e o terceiro, socio d'aquelle, apoiou a cabeça nas duas mãoe sobre a carteira, e poz se a coxillar.

Poucos momentos depois a policia levou os dous assassinos, e o terceiro ficou guardando a casa.

— —

O primeiro passo do *barão* da *ventania* logo que aportou a essas plagas foi dirigir-se aos amigos e collegas com quem tem RELAÇAO afim de pretegerem os carrascos de *Soreas*, que si alguma coisa fizeram foi por causa da *honra*.

Os amigos varreram fora a pulha, porque cumpridores de seus deveres não se enganam mais com esses *rapozas*.

O concelheiro Pedra-osea por que não cedeu ao abalroamento de mais de trinta pedintes, trahindo sua consciencia, ja é insultado e injuriado.

O que admira é, que o *barão da ventania*, tam perseguido por esses malvados na *tripeça*, e dahi foi que lhe proveio a sua derrota pecuniaria, peor por semelhantes canalhas!

Juizo critico sobre o drama do banco.

III

No artigo precedente demonstramos, fora de toda a contestação, a responsabilidade geral da direcção pelo roubo estrondoso dos 266 contos nos cofres do banco desta cidade, pela impossibilidade absoluta de ser elle commettido por estranho.

Na assemblea geral dos accionistas, uma voz authorisada fez-se ouvir, proclamando essa verdade inconcussa, o foi acceita por uma maioria extraordinaria,—tal foi a força irresistivel dos argumentos, que arrastou apoz si muitos

daquelles que eram propensos á irresponsabilidade da direcção.

Nessa reunião a verdade obteve mais um triumpho estrondoso.

Seu presidente, pessoa emminente já por sua alta posição, ja por sua influencia politica, ja por seu talento e illustração não vulgares, que tomava a peito a defeza da direção onde contava alguns amigos, viu sua voz, alias ouvida com profundo silencio, perder-se na amplidão do espaço, sem angariar um só proselyto. Entretanto que outra, a de que ja fallamos, si bem que competente, porem não cercada da aureola daquella, foi recebida com fervorosos e estrepitosos applauzos não so dos accionistas em geral, como da multidão immensa, que tambem estava presente.

E' que a verdade, essa emanação da divindade, ainda que proferida pela rudeza de uma intelligencia não cultivada, tem mais força que o erro, embora revestido dos falsos louropeis com que a illustração pode adornal-o.

Foi uma verdadeira victoria, e hoje não ha ahi quem desconheça os seus effeitos.

O deleixo e indolencia da maioria da direcção foram provados evidentemente por factos contra os quaes não houveram argumentos; e nessa occasião era de admirar a defeza que a si mesma fazia a direcção, defeza contra-producente que mais a accusava.

A falsidade e aleivosia dos factos adrede propalados pela imprensa prevenida contra um director, aquelle que melhor merecia do banco pelos serviços que havia prestado nas occasiões as mais criticas, como no incendio do mesmo banco, foram universalmente reconhecidas, e a demissão, que a si proprio dera do mandato que lhe fôra confiado para não ser conparticipe de inercia e de abusos, foi egualmente reconhecida como uma verdadeira prova de honradez.

Nessa occasião foi que a sua falta sentiu-se, e com tanto maior sentimento quanto não era mais possivel remediar-se o mal que a sua presença poderia ter prevenido.

Eis, pois, como são as coisas deste mundo!

Aquelle que, pouco tempo antes, pela sua rigidez de caracter e exacto cumprimento de obrigações, era injuriado e diffamado como um concussionario, é tido e respeitado como um verdadeiro homem de bem: e aquelles que, pela fraqueza de caracter e inobservancia de deveres, eram elogiados e applaudidos, são considerados responsaveis pelo roubo escandaloso de dinheiros que estavam sob sua immediata vigilancia.

Na recente eleição a que se procedeu no principio do corrente anno, ao passo que essa prova de confiança, ainda que tardia, era depositada em um filho d'esse ex-director, que para gloria sua basta trilhar a senda honrosa de seu illustre pai, todos os responsaveis pela subtração infamante eram excluidos vergonhosamente da confiança publica, perante quem tinham desmerecido até mais não descer.

São factos de nossos dias, novissimos, que não podem ser contradictos, salvo pelos useiros e viseiros na calumnia, que até as cousas mais sagradas estão promptos a infamar, comtanto que d'ahi lhe possa provir interesse.

O tempo a final se encarrega de descobrir tudo, e assim mesmo os miseraveis não se envergonham do triste papel que representam!!

A analyse, ou juizo critico a que nos obrigamos a fazer do drama do banco, não podia dispensar essas observações que tendem a mostrar quaes eram os verdadeiros culpados nos negocios do banco no tempo em que a imprensa desapiedada, e alugada ou vendida se occupava de trazer á luz do dia, os factos que ali se passavam, porém alterados e viciados pelo prisma de paixões tão baixas e ignobeis como os motivos que as tinha inspirado.

Foi preciso remontar-nos á epochas anteriores afim de que a verdade apparecesse sempre com todas as pompas de seu fulgor.

Ficou, pois decretada a responsabi-

lidade dos ex-directores pelo fatal roubo de desembro do anno proximo passado, e essa responsabilidade passou a facto, porque contra elles pelo foro commercial foi intentada a acção respectiva, que corre seusturnos regulares, e breve tem de ser julgada pelo juizo competente.

Passando um rapido volver d'olhos sobre as provas apresentadas no processo é de primeira intuição a responsabilidade da ex-direcção, responsabilidade essa que dimana immediatamente da impossibilidade physica de ser o roubo commettido por estranhos, dos proprios estatutos do banco, e ainda da leique é clara e terminante

A ambição ex gerada e fanatica de riqueza é a desgraça de muita gente, talvez feliz, si podesse sorprezar o impetuoso dique das paixões.

Até sabbado.

—Ora, Sr. *geral*, pois os mais tem culpa de seus arrufos com a sua pecora?

-E quem disse isso? O culpado e meu destino.

—E' a mulher lhe fazér qualquer *negaça*, o Sr. sahe furioso a dar por paus e por pedras.

—Faço apenas o que está em minha alçada.

—Ainda ha pouco o Muriçoca pagou as favas injustamente.

—Elle é quem diz que foi injustamente, porém minha consciencia diz o contrario.

—Porém sua consciencia ainda não o instigou a ir ao becco dos *Sangradores* ver aquelle *animal russo* atado a argolla, empatando o transito.

—O bichinho é de casa, tem excepção.

—Pois fomente-se com uma quente e duas fervendo, e deixe-se de andar desabafando os *zelos que o consome* com quem não tem culpa.

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA.

—Sr. Dr. chefe de policia, si entre as authoridades subordinadas a V. S. houvesse uma que coadjuvasse para a perpetração de um grande crime, já tomando parte no plano tenebroso, já empregando outros meios, como distrahir a força publica à sua disposição, de logar d'onde podesse acudir a qualquer brado, e frusrar assim a consummação do acto nefando, continuaria V. S. a prestar-lhe sua confiança conservando-a no logar?

E' dado o caso, que serealisasse o crime, e essa authoridade tomasse notorio interesse pela sorte dos criminosos, empregando não só seus recursos particulares como officiaas em prol d'aquelles que a lei aponta como refractarios, não fazendo, de mais a mais, d'isso mysterio, consentiria a honestidade de V.S. em ter um subalterno nestas condições?

A policia de V. S. tem sido fertil em acontecimentos extraordinarios, e por isso não admira que ainda mais este se venha dar, razão porque abandonando os *campos* onde cultiva suas *limas* vem á cidade somente para dirigir a presente a V. S. o

Tabaréu.

VARIEDADE.

MEUS VIZINHOS.

Meus vizinhos são bondozos, todos elles carinhosos, são do *bonito* amadores; mas as vezes, por *graçola*, ou por pancada na *bola*, são perfeitos falladores. Com o carinho entre-dente, cortam na pelle da gente, com tão *bella* mangação, que parecem um alfaiate, sem que a tezoura lhes falte, tezourando um cazacão. Quem os ver tão carinhozos, dirá:—como são bondozos, se elles fallam tem razão...porem estão enganados, vizinhos iniciados, a fállar ninguem tem mão. Um senhor Xiquinho Antonio, já me chamou de demonio por causa de um filho seu. O senhor Luiz Francisco já me fez na cara um risco, por dar em Bartholomeu; Luiza Ambrozia de Souza, está sempre por qualquer cousa a chamar-me toleirão; eis como são meus vizinhos; mas eu, com iguaes carinhos, levo tudo a cachação! Outro dia, estando á porta, me chamaram perna torta, de giboia e tartaruga, mas eu que estava zangado,

puz o meu queixo afiado... chamei-a cl'hos de pulga! Hoje me chamam de tudo, até pernas de canudo, boneco de contra-dansa, porém isso não faz *má*, são titulos que tenho já, dados pela vizinhança. Meu amigo editor, tudo isso é um favor, que agora lhe dezejo: publi ar-me esta cartinha, que da-lhe-hei uma galinha, dois robalos e um quejo. Não me chame de poeta nem tão pouco de *pateta*, que d'isso não tenho geito... toquem lá sua rabeca, mas olhem minha careca, tenham á ella respeito Por eu ter necessidade de fallar minha verdade, não me chamem toleirão. Desculpai editorzinho, se fallo de algum vizinho... é tudo veneração. N'outro tempo em que a riqueza passeava qual princeza, gozando dos meus carinhos, eu vendo-a sempre á meu lado, era assim respeitado, por meus amigos vizinhos. Mas hoje tudo é diverso, qualquer maluco perverso, da-me *prozas* a vintem; qualquer malaco pedante, que enriquece n'um instante me diz pilherias tambem.. E o que fazer agora!? scismar em tão bella aurora de minha vida passada, e deixar o rico, o nobre, por que o homem que é pobre não quer se ver em massada! Minha idéia é concordata, doce qual serenata de uma flauta e um violão... eu sou pacifico em tudo, e esse genio não mudo, por que dá côr á razão. Por mais que fallar quizera, nunca essa penna podera, pois meu estro não alcança: só direi que não agrada barulho, gritos, massada da porta do vizinhaça. Nada mais, mais, meu editor, eis pois seu veneradore que lhe estima com vontade. *Fortunato Flor da Villa Tiburcio Fonte Querida Elias da Piedade.*

N. B. — Quando o tempo for de sobra, que escreva qualquer obra, lhe mandarei com urgencia, e vós caro editor, publicando é um favor que devo á vossa Excellencia. Si os vossos grandes leitores fallarem dos escriptores, que escrevem em vosso jornal... me exceptuai um instante, pois eu d'elle sou amante, e isso não levo a mal... porem si algum litterato, como quem *bate* n'um prato, quizer comer o que eu digo.. deixae que elle encha a barriga, deixai que elle prosiga, porque com penna mastigo.. Em fallar eu sou perfeito, e cada um tem o direito de dizer o que quizer... assim para ganhar fama fallarei no *Alabama* toda a hora que poder. Não posso ser mais extenso, porque o somno é immenso..... vou dormir, tenho vontade, adeus caro leitor aqui fico a seu dispor, — *Fortunato Piedade.*

PENSAMENTOS DE UM ARTISTA

Os ministros que, abusando da bondade do soberano, enriquecem com o *poder*, são como as parasitas que, enroscando-se aos troncos froudosos das arvores, crescem a sua sombra.

—

Nas academias em que as mediocridades tomam assento, apavonadas com o falso manto da sciencia, os aduladores são queridos e ganham carreira. Insensar as nullidades, a quem o acaso deu posição é o melhor meio de subir e de obter fortuna.

—

O casamento quando não é a juncção de dous sentimentos homogeneos reclamados pelo coração, torna-se um contracto commercial em que o altar serve de *banca* ao sacerdote de *tabellião*.

—

O talento, que abandona a virtude, tomando por guia de seus passos a desmoralição do seculo, devora-se a si mesmo como o Promothêo da mythologia antiga, e nada de sublime pode produzir. A desmoralisação è como o cancro; e quando a amputação não chega a tempo, o remedio è a morte.

—

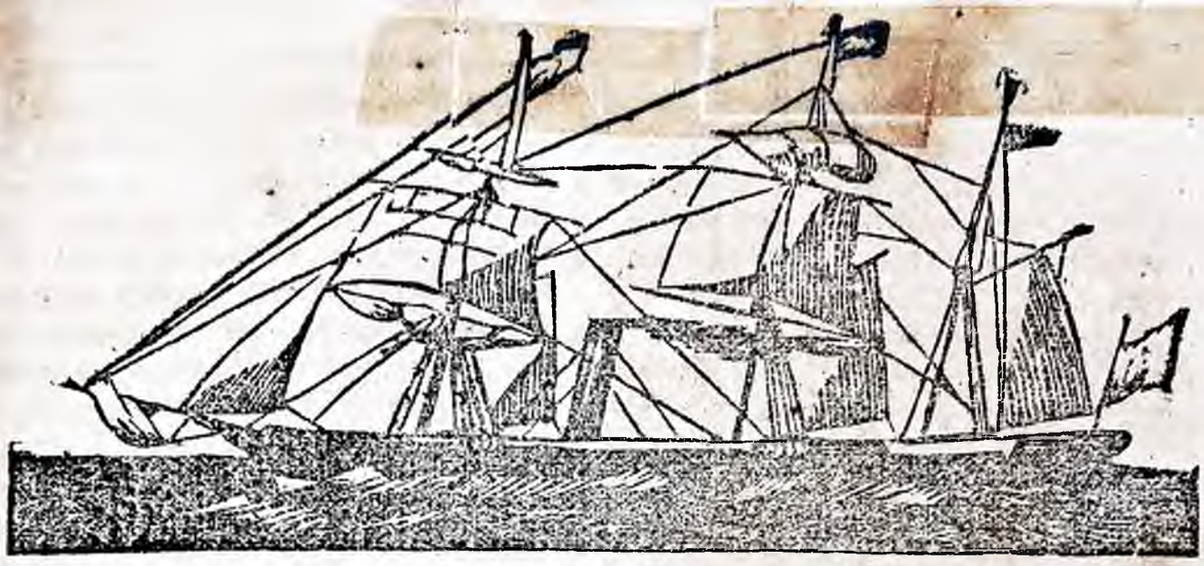
O remorso, è a um tempo voz do crime, e chamamento de Deus; è o bem que suspira e geme abafado pelo mal.

C. C. Branco.

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO

Na rua dos Ourives loja nº 9 B; ou na Saude, rua do jogo do Lourenço n.º 199, vende-se bom café moido puro, a 400 reis a libra.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

aos

BAHIA—ANNO V. 20 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 27.ª—N. 262.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. inspector da fazenda provincial, para que informe com urgencia, si é exacto que na presidencia do barão do Cotegipe, recebera Lazaro da Silva Medões, como mestre de obras publicas, nessa repartição a quantia de 400$ rs. para compra de madeiras para o escoramento da capella de Guadalupe, e não se tendo realisado semelhante escoramento, si foi a referida quantia de novo recolhido aos cofres.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na noite de 19, Ricarda de tal, mulher de vida estabanada, moradôra ao becco do Arcebispo, n. 17, castigou tão cruelmente a uma infeliz creança, que esta desesperada precipitou-se pela biqueira do 2.º andar da casa em que se accola essa fera.

Consta que a delinquente se pozera ao fresco; com tudo, espera-se que S S. empregue os meios ao seu alcance afim de que seja punida.

—Quer V. ver como vão as cousas nesta terra?

—De mal a peior, é sabido.

—João Ferreira da Silva, nascido, creado e morador em Alagoinhas, marchou para o sul, como guarda nacional do batalhão da Sé; no Rio de Janeiro, foi inspeccionado e julgado incapaz de qualquer serviço militar. V. sabe que um homem pobre, sem recommendação, que fora de sua provincia, n'um exame medico, é declarado inapto, não se pode dizer que foi protecção ou outra qualquer cousa.

—Sem duvida.

—Livre João Ferreira, voltou para sua terra e foi tratar de seus negocios, porem João Ferreira tem contra si um peccado imperdoavel.

—Qual é elle?

—E' ter em sua companhia uma mulher que agradou e despertou cobiças *não sei em quem*, e por isso foi de novo recrutado e remettido ao Sr. Dr. chefe de policia, que sem attender a razões o mandou para bordo!

—Eu me admiraria si não succedesse assim.

—Ora dá-se policia mais manicaca do que esta nossa!

Si não tem do menos uma aduella, é o typo da mais puoril simplicidade.

N'um dia declara ao governo que a cidade está na melhor ordem possivel, que o mais, são boatos exagerados inconvenientemente espalhados pela imprensa, que é falso (note-se bem) terem os ladrões tentado roubar a casa do cidadão José Luiz; no outro esporeada pelo *Diario*, diz ao povo, como uma criança apanhada em falta, que não *tentaram roubar* e sim que apenas deram um *esbarrão* na porta da cosinha; o que sendo presenceadopela familia evadiram-se.

—A policia que affiança que *não tentaram roubar*, é por que sabe a intenção com que foram alli.

—De maneira que, por que não se consumou um attentado, segue-se que é falso que não quizeram perpetral-o!.

Ora bolas!.....

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

X.

« Ha escrupulos que convem respeitar.

A apreciação e exame das circumstancias e provas podem variar, e d'ahi a convicção affirmativa ou negativa, que deve ter tanta força e firmeza que desvie sempre qualquer oscillação.

Para a judicatura a circunspecção deve ser um dos primeiros requisitos.

Aguardamos o despacho, e então seremos franco.»

Eis o que dissemos no penultimo artigo ao nos ser communicada a noticia da pronuncia do honrado Sr. Dr. chefe de policia contra os reus Castro Rebello & C.ª no art. 205 do Codigo Penal e a despronuncia do co-accusado Rosendo Antonio.

Agora que temol a em mão, justifiquemos a sorpresa que nos causou essa noticia, e essa justificação ainda é em abono do excessivo escrupulo do integro magistrado formador da culpa.

Todos os criminalistas debatem-se ainda na magna questão da tentativa do crime.

Diversas opiniões e distincções, sugeridas pela variedade de circumstancias que podem apparecer na practica, tem sido levantadas, de modo que até hoje a sciencia caminha vacillante, sem que tenha proferido o seu verbo final.

A desistencia voluntaria ou involuntario da consumação do delicto joga com um estudo muito serio e accurado de tudo quanto possa ter relação com elle, afim de que a intenção, —elemento moral tam essencial para a punição do criminoso qu nto o é o elemento material, fique bem conhecida. E' um acto psychologico de summa e transcendente indagação, cuja veracidade, dadas me[illegible] certas condições, pode falhar.

Isso, porem, não repelle a existencia da tentativa, quando o facto delictuoso e os motivos que suspenderam a sua consumação são claramente precisos, e precisamente caracterisados.

Dahi vem que as proprias legislações, quasi sempre identicas em outros casos, variam sobre a tentativa, e bem poucas serão as que a definam por egual forma.

Nesse labyrintho, pois, a circumspecção do juiz, no exame e apreciação das circumstanciaas donde conclua ou não o animo de consumar, é a unica segurança o escudo da applicação da lei.

Essa circunspecção, embora demasiado benefica por zelo excessivo de consciencia, foi que presidiu ao despacho de pronuncia, que temos à vista.

Pelas respostas ao decimo e undecimo quisito do corpo de delicto.—que affirmaram que o paciente podia morrer asphixiado, mormente sendo a mordaça de panno como a que foi apresentada, e que as lesões do pescoço podem ser signaes de estrangulamento, comparadas com as torturas e ainda com as circumstancias que frustaram a consumação da morte, não pode haver duvida de que o crime fosse tentativa, e por isso foram os reus presos e tiveram a competente nota de culpa. Eis o fun-

damento da prisão, contra a qual tanto bradaram os accusados de illegal, sem que comtudo usassem do recurso que a lei permitte em casos taes.

Muito embora á tentativa de morte sejam estranhos exames de sanidade, porque ahi não se trata de mais ou menos dias, todavia, tendo os reus requerido um exame, o honrado Sr. Dr. chefe de policia, não querendo negar-lhes o direito natural de defeza, pelo contrario abrindo-o o mais amplamente possivel, concedeu-o. São, por tanto, injustas as accusações que por esse acto tambem tem soffrido.

Nesse acto o fim dos distinctos advogados dos reus foi logo conhecido pela formulação dos quisitos que apresentaram somente em relação aos arts. 201 e 205 do codigo penal, ferimentos graves e leves e sobre, a tentativa nem palavraso Essa argucia da advogacia, porem, não teve effeito, porque o illustrado Sr. Dr Pedro da Costa e Abreu, que exercia então dignamente a promotoria publica offereceu tambem seus quisitos, ainda que mui genericos, cujas respostas, por si só não podendo classificar a tentativa, vinham augmentar a força do corpo de delicto.

Vendo por essa forma os illustres advogados de que o plano em parte tinha abortado, requereram uma nova vestoria na mordaça. Não obstante ja ter sido vestoriada no corpo de delicto, foi concedida seguada, sendo nella peritos, alem de outros, os Srs. Drs. Freitas e Costa, amigos intimos do reu Castro Guimarães, como por algumas vezes temos dito, e por elle nomeados. Ahi disseram esses senhores, um dos quaes quiz ser ate amordaçado, ao primeiro quisito que a mordaça applicada á uma pessoa adulta não obstruia hermeticamente as vias respiratorias. e por tanto era impossivel a morte por asphixia.

Houve discordancia entre seus collegas, que responderam que ella por sua forma, materia e mesmo por sua extensão, podia obstruir a entrada das vias respiratorias, não hermeticamente no sentido preciso e mathematico da palavra, porem quanto bastasse para produzir a asphixia, si tal estado perdurasse por algum tempo.

Essa divergencia ainda foi ao segundo quisito.

Havendo por tanto esse meio para ser impugnada a tentativa, e tendo os medicos do primeiro exame de sanidade dito no dia 23 de agosto, (17 dias depois do crime) relativamente as offensas phisicas, que em deze dias poderia o offendido estar apto para todo o serviço, queriam os illustres advogados levar o crime para o art. 201, ferimentos simples, porque o restabelecimento não foi alem de 30 dias, uma das condições, que por si so muda a classificação do crime para o art. 205, ferimentos graves, e nesse sentido esperavam victoria.

Fechada a formação da culpa, indo o processo com vista ao promotor publico, o honr do Sr. Dr. Manuel Caetano, conhecendo elle o fim a que se encaminhavam as coisas, requereu segundo ex me de sanidade, e o seu requerimento foi deferido.

O publico ja sabe das occurrencias que nelle se deram, e por tanto nada mais diremos, senão que por esse exame foram as offensas phisicas consideradas graves.

A questão do dia é a impugnação desse exame, cuja força de proposito se quer negar. Como a averbação de suspeição cahiu, o meio empregado é dizerem que os peritos erraram. Quasi nada ou nada entendemos de medicina, e por isso somos o primeiro a reconhecer qual o pezo que devem ter nossas palavras, não obstante diremos o que pensamos e constantemente vemos.

Em geral a introducção de um instrumento cortante ou perfurante em qualquer parte do corpo, excita a sensibilidade mais ou menos activa, que se manifesta por signaes externos, como gestos, dores, gritos etc. Ora si esta é a regra geral, e por ella é que nos devemos guiar, por que os factos indefinidamente se reproduzem dia por dia, para que recorrermos a excepção de que a impassibilidade não é a prova real da insensibilidade?

Argumentar do particular para o geral é um erro de logica.

Poderão os illustrados medicos que tem sido consultados provar, que a falta de manifestação da sensibilidade que apresentou João Soares com a impressão de um canivete nas polpas dos dedos é ficticia ou real?

Por certo que não: por conseguinte caminhemos com a regra geral, ja reconhecida em João Soares, que bem que pediu, gritou e chorou no moinho.

Alem disso se remontarmo-nos a origem que deu lugar a esse soffrimento, a compressão dos dedos por anginhos etc. etc que amortece os tecidos por falta da acção, ja se vê que a insensibilidade é uma consequencia necessaria, que absolutamente deveria provir: por tanto a allegação do paciente é exacta.

Si vemos um negro de outra constituição, que não João Soares, só por estar um dia com o pé em um tronco que não aperta nem comprime; quando levanta-se, apresentar signaes evidentes de insensibilidade no andar, como não apresental-os-ha João Soares cujos dedos por mais de uma vez, por muito tempo, foram comprimidos forçosamente por anginhos?

Eis o que diz a nossa razão e a practica se encarrega de confirmar.

Em virtude, pois, desse segundo exame de sanidade, de accordo com o primeiro e com o corpo de delicto, foi que o honrado Sr. Dr. chefe de policia pronunciou os reus no artigo 205 e não por tentativa de morte, por que a discordancia na vestoria da mordaça influia por excessivo zelo nos dictames de sua consciencia sempre pura.

Si, por tanto, o seu acto deve ser censurado é por beneficente, e nos lh'o censuramos, por que essa vestoria devia ser suspeita em rasão da intervenção dos Srs Drs. Freitas e Costa, amigos intimos do reu Castro Guimarães.

Outra censura ainda vamos fazer que é a de ter S. S. consentido que os reus nomeassem peritos, contra a disposição clara e terminante do artigo 258 do Reg. n.° 120 de 31 de janeiro de 1842. Esse direito é privativo da authoridade ante cuja presença é o acto feito, tanto que a lei não o concede a outrem, e foi porque S. S. despiu-se delle, entregando-o aos reus, que houve discordancia na vestoria da mordaça.

Nesse processo só essas duas censuras, ambas, por excessivo escrupulo de consciencia, concedendo mais do que devia, podem ser notadas.

Conseguintemente, encarada a pronuncia quanto a direito, ja se vê que se ella peca—é à favor dos reus, que devendo ser pronunciados por tentativa de morte, o foram por ferimentos graves.

Nesse ponto, o direito fica justificada a nossa sorpreza. No seguinte artigo veremos si podemos justifical-a quanto aos factos.

Um brado em favor da verdade.

Dóe muito, Sr. redactor, assistir mudo e quedo ao sacrificio da verdade em prol da mais negra calumnia; punge dentro da alma do homem de bem ver impassivel adulterar-se as intenções dos caracteres elevados sem protestar, sem erguer-se, sem desmentir.

N'estes tempos, em que a corrupção lavra em todos os espiritos e o interesse encadèa todas as ambições, ha de vir a curiosidade dos mercadejadores da hon a alheia perguntar-me que fito traz a imprensa o individuo obscuro, que se levanta á altura da publicidade para dizer ao povo uma historia escandalosamente repulsiva, que lhe custará talvez amanhan a vida entregue ao punhal de um sicario, ou, quando menos, a remessa forçada para a mortifera campanha do Paraguay.

Muito embora: o sentimento intimo da dignidade humana não se revolta menos em briosa indignação.

Percorrei os factos historicos em toda ordem e vereis sempre surgir do aviltamento das nações a temeridade dos libertadores; vereis o povo bater-se com a policia no Rio e encher nesta cidade as ruas bradando contra assassinos.

E' que si em toda occasião as nobres coragens acodem por instincto em soccorro do individuo, a quem assassinam na praça publica, vem tambem ao menos dar pudor as almas leaes em defeza da reputação, que a calumnia atassalha.

Vou occupar-me de dous homens, que existem nesta cidade e como não os quero designar por seus nomes, para clareza da narração serão tratados um pelo Sr. X, o outro pelo Sr. commendador: é a elles que se referem as observações, com que principiei este escripto.

De certo tempo para cá tenho notado entre o pasmo e a indignação que quanta infelicidade ha succedido ao Sr. X, é por elle attribuida ao Sr. commendador, embora entre pelos olhos do mundo inteiro não ter este, não poder ter em semelhantes acontecimentos a minima parte.

E quando se pergunta ao Sr. X. o motivo deste falseamento do senso vulgar, responde elle com uma persistencia surprehendedora, com uma obstinação quasi incrivel que o Sr. commendador é seu figadal inimigo, que o persegue, que quer vingar-se e quanto mais neste gosto lhe apraz dizer.

E' contra estas aberrações que me levanto, são estas inversões que desejo restabelecer, é este equivoco que pretendo destruir, mostrando á luz da verdade que bem longe de ser o Sr. commendador perseguidor implacavel do Sr. X, è este quem tenazmente o tem procurado de toda sorte molestar, tem querido causar-lhe damnos incalculaveis

Si os factos tem valor nos animos desapaixonados, elles virão declarar que o Sr. commendador não tem do que vingar-se, porque sua vingança tem consistido no triumpho obtido contra todas as maquinações tramadas contra seu nome, contra sua reputação e até contra sua vida; que ao inverso seu inimigo, sempre derrotado, sempre abatido, foi dia por dia amontoando na alma dilacerada de decepções mais despeito, mais rancor, mais odio.

E' natural: vencer acalma; ser derrotado irrita; quem triumpha precisa de esquecer; quem succumbe tem necessidade de vingar-se, porque a vingança é o protesto do fraco contra o forte.

Eis a historia: O Sr. commendador é considerado um homem bastantemente rico; não morava longe do Sr. X. e conservavam elles boas relações de polidez, com quanto não fossem intimas nem se visitassem as duas familias.

Tinha X. uma filha, o Sr. commendador um filho, ambos na mais formosa estação da vida, em que tam facilmente rebentam as inclinações amorosas.

Travou se pois entre os dous moços isso, a que vulgarmente se chama namoro. Creio que não houve da parte delle senão acto espontaneo, em que entrou cada qual com a lealdade propria da juventude.

As familias porém encaram sempre estas questões por outra face, pensam mais maduramente nas conveniencias de futuro, e decidem-se com mais reflexões.

Assim pois o Sr. X intendeu que o partido seria vantajoso para sua filha e pelo menos, si não a acoroçoou, fingiu-se ignorante; o Sr. commendador sem desaprovar a ideia, pelo menos não o significando terminantemente, entendeu que um passo, que devia influir em toda vida, era cousa grave, negocio altamente serio e que não podia ser resolvido somente pela inexperiencia da primeira impressão.

Nesse zelo estremecido de um pai pelo futuro de seu filho, não houve porem offensa ao Sr. X, porque o Sr. commendador disse somente a seu filho que acompanhasse sua mãe n'um passeio, que ella dava á Europa.

Os espiritos obstinados encolerisam-se com facilidade contra quaesquer obstaculos, embora innocentes, que surgem contra seus projectos; nesta epocha de positivismo o Sr. X deveria doer-se muito sensivelmente contra uma viagem, que lhe vinha destruir o que elle considerava um optimo partido para sua filha.

E' como se explica a perseveraça com que o Sr. X continuou cada vez mais a nutrir desejos de effectuar o consorcio, quando ao cabo de dous annos voltou da Europa o filho do Sr. commendador.

Voluvel como é a mocidade, o moço, preoccupado, ao que parece, com uma nova affeição creada na Europa, não se lembrava mais de seu primeiro amor e continuou a viver como se nunca tivesse visto a filha do Sr. X.

Si este tivesse ti ló o bom senso do querer que sua filha se casasse com um homem de bem, que a amasse muito expontaneamente e a quem ella correspondesse com não forçada estima, certo deveria esquecer o filho do Sr. commendador, que por sua parte olvidara a moça.

Mas não foi assim desgraçadamente: o Sr. X entendeu que aquelle antigo principio de namoro dava-lhe direito a esperar um casamento, e para o Sr X um casamento rico era o ideial de seus sonhos, o sonho de sua vida.

Um outro teria comprehendido que vinte e quatro mezes de não interrompida ausencia é um abysmo no coração de um rapaz e que era fazer a desgraça de sua filha casa-la com um homem, cujo coração fosse preciso conquistar.

Mas a paixão não reflecte, nem vê o Sr. X com a authoridade de pai e com a pertinacia de quem quer absolutamente, fazia sua filha dar frequentes e desusados passeios á cavallo, em que se encontrava com o seu antigo namorado, fazia com que ella o procurasse até ás grades de seu jardim, obrigava-a a tornar-se lembrada.

Merece-me toda consideração a senhora de quem me vejo obrigado a fallar e conseguintemente penso que ou obedecia constrangida ás ordens paternas, ou as executava na infantil ignorancia da ingenuidade de sua alma innocente

Baldava entretanto o seu trabalho: o filho do Sr. commendador tremeu pelo repouso da joven e partio para o Rio Janeiro a ver si ella o esquecia. -

Voltou tempo depois e a persistencia de novas sollicitações despertou no moço o pensamento de que aquella senhora era sem duvida instrumento inconsciente da ambição paterna, e pois o filho do Sr. commendador de novo embarcou se para o sul, bem resolvido agora a não tornar a esta cidade, pelo menos emquanto não resolvesse definitivamente se lhe convinha ou não o sollicitado consorcio.

Para quem era assim buscado, não obstante a prudente reserva com que se portava, não indo mais uma unica vez á casa do S. X, a resolução era a mais bem inspirada e a mais digna.

(*Continúa.*)

Juizo critico sobre o drama do banco.

IV.

Não foi somente na primeira reunião da assembléa geral dos accionistas, de que demos conhecimento aos leitores no artigo precedente, que um delles se fez ouvir mostrando a responsabilidade geral da direcação pelo roubo escandaloso dos duzentos e sessenta e seis contos. Outras houveram, e em todas ellas ainda esse accionista, firme nos seus principios, justificou o merecido conceito de que gosa não só nesta praça, como em todas as mais onde entretém relações commerciaes.

Queria a direcção, e principalmente tres directores, que para isso fizeram todo o empenho, que em conta de lucros e perdas fossem lançados os duzentos e sessenta e seis contos; e essa pretenção stulta e contra o interesse geral possaria, si não fosse energica e victoriosamente combatida por esse accionista, a cujos exforços unicos cahiu vergonhosamente.

Queria ainda a direcção retirar os dez contos de reis em acções, que havia depositado cada um dos directores, condicção essencial de eligibilidade na forma dos estatutos; e esse accionista tambem protestou contra esse acto immoral e escandaloso, e as referidas acções lá estão.

Queria finalmente, além de outras

cousas, a direcção retirar os juros, commissões e dividendos, e ainda esse accionista mostrou que, quer uma, quer outra cousa eram irretiraveis em vista do alcance da direcção; e deixando a assemblea geral ao cavalheirismo dos directores essa retirada, julgando que elles por dignidade propria não a levariam a effeito, enganou-se redondamente, porque o seu cavalheirismo era o da algibeira.

Quando esse facto, descommunal pelas circumstancias em que se achava a direcção, foi sabido pelo commercio, foi tal a sensação que imprimiu e produziu que ninguem houve que de pejo não abaixasse as faces. O seu recebimento foi por essa forma, com os signaes os mais demonstrativos de vergonha.

Eis, pois, bem patentes as razões pelas quaes a direcção tanto odio, odio de morte, vota a esse accionista, a quem jurou uma vingança tremenda, e ja a principia mandando injurial-o o a sua honrada familia pelos paschins mais nojentos que se publicam nesta cidade.

Outras tambem existem particulares, ainda tendentes ao mesmo banco, desde o tempo em que esse accionista fôra director, e se oppozera fortemente a alguns abusos que alli eram tolerados, que comprovam incontrastavelmente a rasão do odio.

Primeiro que a direcção protestasse vindicta contra aquelle que outro crime não tem sinão o de cumprir religiosamente o seu dever, devia provar a sua irresponsabilidade, e não querer d'ahi não subtrahir-se a ella com as pretenções que demonstrou nas diversas reuniões. A sua dignidade exigia essa prova de interesse e abnegação, que deveriam ir até o ponto de depositar a quantia subtrahida, até que pelos meios competentes ficasse escoimada e limpa de qualquer duvida.

E' irrisorio que não tendo feito ella isso, queira a força de martello encaixar no roubo terceiro, de todo estranho ás transacções do banco, desde que d'alli se retirara.

Si em seu poder exiztem provas do quem seja o author do roubo, porque não vai francamente denunciar á policia para proceder na forma da lei?

Para que não discute pela imprensa franca e lealmente essa questão; e procura o anonymo e o pseudonimo?

Dá-se o roubo; ella — sob cuja guarda e vigilancia estava o dinheiro, e delle punha e dispunha como lhe aprasia, quer eximir-se da responsabilidade para chamal-a a terceiro!

Independente dos factos que até agora temos apresentado, a letra dos estatutos é bem clara e expressa, e até que a direcção não se encarregou de mostrar e provar pelos canaes competentes quem seja o ladrão, a sua responsabilidade é de primeira intuição, considerada mesma debaixo de qualquer ponto de visto.

Nas discussões havidas nas differentes reuniões difficil não lhe fôra reconhecer quaes fossem os ladrões do banco, si ella por vontade não quizesse ser surda e cega.

Noventa e nove probabilidades contra uma resultaram dessas discussões, e não houve quem dahi sahisse, que não tivesse logo o seu juizo formado. Até os proprios ladrões julgaram-se desmascarados.

Sem destruir ao menos uma de todas essas rasões que até aqui temos apresentado, quer a direcção fazer recahir sobre o Sr. João Soares de Oliveira, ex-porteiro do banco, a suspeita do roubo.

Si os precedentes de uma vida sem faltas, sem crimes e sem infamias, podem servir de abono á honra de um individuo, essa suspeita sobre o Sr. João Soares é destituida de fundamento.

Empregado no banco desde a sua creação, nunca a menor falta se encontrou nas funcções que desempenhava. Actividade, zelo, pericia e probidade eram o pharol de seus deveres.

Differentes direcções houveram, e jamais alguma dellas teve razão de queixa contra elle.

No incendio do banco, quando a occasião fornecia-lhe meios infalliveis

e irresponsaveis para commetter qualquer fraude, eil-o que vimos por seu comportamento honroso merecer os maiores elogios.

E', por tanto, a esse homem, geralmente tido e respeitado como honrado, que a direcção quer falsamente emprestar o roubo do banco. Entretanto que aquelles cuja vida tem sido uma cadeia de falcatruas, que em todas as partes onde tem estado, deixam indeleveis vestigios de crimes, —esses são honrados e honradissimos só porque são ricos!

Que contraste!

Dias e dias era o Sr. João Soares, como empregado volante, distrahido em serviços externos a mandado da direcção, sem que soubesse quaes os directores que foram á casa forte e que abriram os cofres.

Entretanto que elle todas as vezes que ia era acompanhado, e o seu fim somente era abrir e fechar a porta!

Nunca pelas suas mãos passou valor algum em dinheiro, mas sim em letras para emmassal-as por datas do dia e mez. Entretanto que todos os valores em ouro, prata e papel passavam pelas mãos da direcção!

A chave que esteve em seu poder foi a da porta pequena, e por essa não se podia entrar na casa forte porque a disposição em que estavam os cofres arrumados impediam a entrada: entretanto que todas as chaves da casa forte, dos cofres estavam em poder da direcção!

O Sr. João Soares não sabia das letras ou nomes de segredo das diversas latas entretanto que a direcção perfeitamente os sabia!

Todas essas circumstancias pois, vem provar a responsabilidade da direcção; e a irresponsabilidade do Sr. João Soares.

Temos ainda muitas outras que serão apresentadas no seguinte artigo.

— Temol-a travada; estão pegados, o Sr. Cyrillo do theatro e o Sr. delegado do 1.º districto.

Hontem, depois de um trocadilho de palavras pouco convenientes a ambos, foi o primeiro preso, instaurando-se-lhe logo o processo.

—Por lá se hajam.

APONTAMENTOS

para a chronica do cavalheiro de Castro que tem de ser publicada pelo Anjo dos bonecos.

Cada vez, mais vá se convencendo o publico quem é esse refinado tratante, ladrão de *primo Cartello*, que até dormindo, si possivel for, é capaz de roubar. E o que querem? metteu-se-lhe nos cascos ser rico, e não ha obstaculos que lhe possa fazer frente!

Descansa, safado, que hei de pôr-te o calva á mostra afim de seres encarado com nojo e horror pelos homens de bem desta terra.

O zanaga, (*o sentinella visivel* foi quem deu-lhe este nome) quando director da pandorica *boceta* de economias, descontou letras quasi no valor de duzentos contos de reis com a imaginaria firme de Teixeira e C.

O inimigo do *inferno*, que naturalmente deve ser o *paraiso*, assim que deu pela ladroeira, chamou o tractante e na propria presença de ladrão lhe fez a festa, ameaçando-o até de arrastal-o para a cadeia, si não entrasse logo o logo com o dinheiro.

Nesse apuro o ladrão foi roubar a outrem para salvar-se, e desta vez, foi que o infeliz Balthazar ficou desgraçado por toda vida.

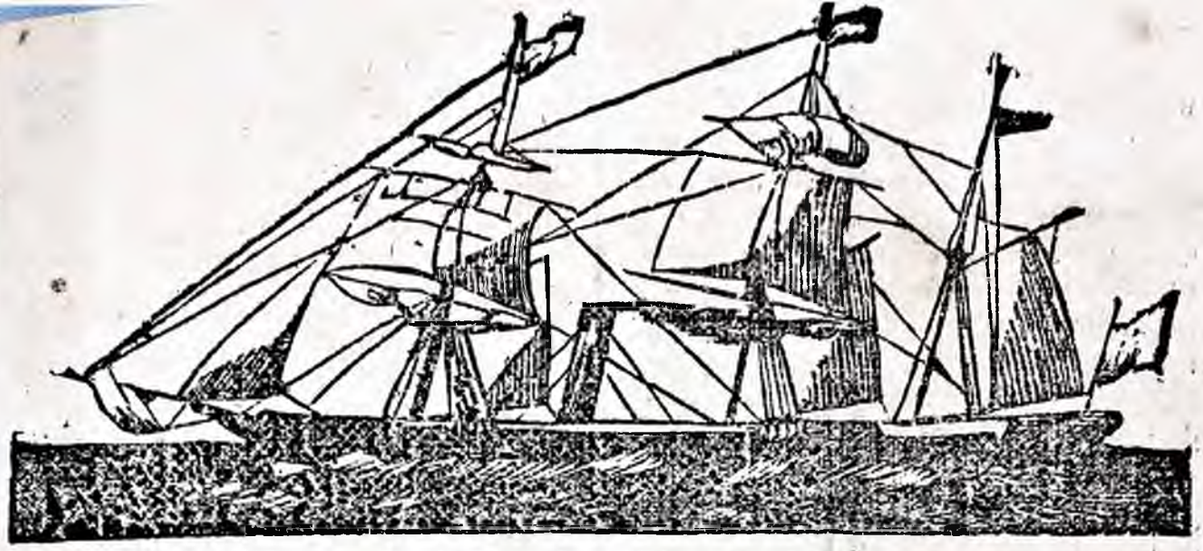
——

Ainda o zanaga na noite do crime de agosto, chegou em casa e contou a sua mulher o succedido. Essa horrorisada por ouvir tanta diabrura de anginhos, pregos, cordas, algemas etc. etc., poz-se a chorar. A sogra do Miranda que tinha ido visital-a, vendo-a chorar porque o facto foi contado fora de sua presença, perguntou-lhe o que era, e ella nada negou.

A pobre velha, tremula com essa noticia foi logo para casa, contou ó genro.

E' verdade ou não assassino?

Deixa-te estar sofado, quem promette dar cabo de ti sou eu.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 25 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 27.ª—N. 263

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr superintendente do matadouro, levando ao seu conhecimento a seguinte communicação que nos fazem de Alagoinhas:

No sabbado á noite, um cão damnado, que andava por aquella villa, penetrou em um curral onde haviam 118 bois, destinados ao consummo desta cidade, e mordeu alguns.

Todo o gado fugiu para o mato e ate agora tem se recolhido 84, que infallivelmente chegarão á esta cidade qualquer dos dias.

Espera-se que S, S. proceda com todo o zelo e cautela na averiguação de tão perigoso facto.

—Pois havia o Sr. *Precisão* de tomar o seu *chalmão* para estar encommodando o socego publico as 11 horas da noite?

—Que quer? hoje é domingo, dia em que se *janta melhor*.

—Porém os mais estão promptos para aturar tão insolente bebedeira? Como se prefere palavras tão obscenas o immoraes em alta vozes?

Porventura nas ruas do Collegio e Mizericordia não moram familias?

—La isso queixe-se da policia, que não lhe dá um logar apropriado para cosinhar a *mona*.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XI.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes, dos casos julgados.

Em um dos artigos passados escrevemos estas sempre memoraveis palavras, que agora adoptaremos como epigrafe do outros que tem de ser publicados.

Ha circunstancias para isso, e cada um que as aprecie a seu bel-prazer.

Accordou agora o *Interesse Publico* do profundo lethargo em que jazia sobre o processo Castro Rebello & C.ª, e eil-o que diz acceitar a luva que lhe atiramos, ha quinze dias, á face, sob a condição de assignarmos o nosso humilde nome.

Si a questão, que temos discutido debaixo de todos os pontos de vista, versasse sobre o nome de Pedro, Paulo, Sancho ou Martinho, assignariamos nosso humilde nome que não é o do digno advogado Dr João Victor de Carvalho. Temos tractado de provar que os reus pronunciados no art. 203 do Codigo Penal são os verdadeiros agentes do crime de 6 de agosto, e tudo que não for isso será palhaçada que não adianta, ao contrario.....

Admira que o *rajado* escriptor, o Jano bifronte da imprensa, cujos feitos são altamente conhecidos em proza e em verso, tenha a ousadia e descaro de appellidar de paschim o periodico para o qual escrevemos, elle—o maior paschineiro que o ceu cobre; elle—o muxingueiro mais desapiedado da honra alheia; elle—o exemplo funesto e maldito da desmoralisação da imprensa; elle—emfim que não houve ainda questão por mais seria e justa que se ventilasse pelos jornaes, contra a qual não vendesse a sua escrava pena!

E é um ente destes que por decencia não quer chamar o nome do *Alabama*!?

Felizmente és muito e muito conhecido, e basta esse conhecimento para a tua mephytica phothografia.

E' o exordio com que te recebemos; na narração, confirmação e epilogo continuarás a ver a mostra da fazenda, e.....

Destruamos a opinião do *Interesse Publico* ennunciada no dia vinte do corrente, um mez e treze dias depois de commettido o crime, quando ja tinha escripto dezoito artigos sobre o drama do banco, *advogando* a causa dos reus.

Pelo corpo de delicto feito na pessoa de João Soares no dia 7 de agosto, o que ficou claramente demonstrado foi que o crime era o de tentativa de morte.

As respostas do decimo e undecimo quisitos, que ainda vamos reproduzir, juntamente com as lesões encontradas em todo o corpo do offendido, comprovam essa verdade.

Ellas são assim;

« O paciente, vendado, algemado e com uma mordaça que lhe obstruisse completamente a entrada das vias respiratorias por algum tempo, PODIA MORRER ASPHIXIADO sem apresentar lezão alguma material na região nasal e boccal, MORMENTE SENDO A MORDAÇA DE PANNO COMO A QUE FOI APRESENTADA.

As lezões do pescoço, unhadas, escoriações, contusões produzidas pela mão do offensor, PODEM SER INDICIOS DE TENTATIVA DE ESTRANGULAMENTO, QUE PODERIA TER ATE TER DETERMINADO A MORTE SE MAIS DURADÓURA E INTENSA FOSSE A FORÇA EMPREGADA.»

Não é preciso que invoquemos o testimunho authorisado dos homens do sciencia, basta simplesmente o senso commum. Essas respostas indicam ferimentos leves ou tentativa de morte?

So e tam somente o *Interesse Publico* será capaz de dizer que constituem ferimentos leves. Logo a prisão dos reus, e a instauração do processo, sem precedencia de denuncia, queixa, miseria do offendido, e flagrante de delicto, (que escapou ao escriptor do drama do banco) são mais que legaes.

Si os ferimentos fossem simples, e sem essas condições, os reus fossem presos, e o summario se instruisse ex-officio,—ninguem ha que creia que elles e os seus assaz illustrados advogados deixassem de pedir á fonte tam bem pura da justiça, o Egregio Tribunal da Relaçao, soltura por—*habeas corpus*—!

Não vivemos em terra de cegos para se commetterem essas arbitrriedades, desvarios e loucuras, sem que sejam logo e logo reprimidas.

Ainda si o corpo do delicto tivesse qualificado, (caso negado e provado)

as offensas de leves, porque requereram os reus exame de sanidade? *Quid juris* resultaria desse acto?

Que fosse requirido pela promotoria publica—bem; mais por elles—não: o que vem de mais confirmar que o corpo de delicto não qualificou as offensas de leves, porem sim do tentativa de morte.

Si a questão estivesse liquida unicamente pelo corpo de delicto, os reus, no grau da necedade não teriam nome, si quizessem barulhal-a com um exame de sanidade.

No acto do dia 23 de agosto, (primeiro exame de sanidado) foi que os illustres advogados quizeram levar o crime para a classificação de offenssas phisicas leves, e nesse sentido, so em relação a esse ponto, formularam os seus quisitos. Ainda assim, ja tivemos occasião de dizer, que essa evasiva não teve effeito pelas resposta aos quisitos, mesmo genericos, que foram offerecidos pela promotoria publica.

Por tanto, ainda pelo primeiro exame de sanidade o facto delictuozo é o de tentativa de morte.

Para aproveitarem-se, porem, do —*poderá em doze dias*— desse exame, relativamente ás lezões, afim de levar o crime para a classificação de offensas phisicas leves, foi que os distinctos advogados *prepararam* a vestoria da mordaça, que deveria dar a morte por ella como impossivel, e então entoarem o hymno da victoria.

O preparo para a vestoria da mordaça foi serem peritos dois amigos intimos do reu Castro Guimarães, e por elle nomeados contra a expressa e terminante disposição dos artigos 258 e 426 do Reg. n.º 120 de 31 de janeiro de 1842. E tanto assim, que logo nessa vestoria houve discordancia somente desses dous peritos com os seus collegas do corpo de delicto.

Essa discordancia gerou escrupulo à boa fé do Sr. Dr. chefe de policia, e foi por isso que pronunciou os reus no art. 205, tendo em vista o segundo exame de sanidade, cuja discussão está agora em ordem do dia.

Sobre elle ja expendemos algumas considerações, e nada mais diremos por não ser preciso.

Eis, por tanto, desmoronada a opinião do *Interesse Publico* no processo Castro Rebello e Cª., de querer que o crime de agosto fosse qualificado do ferimentos simples.

Tanto tempo levou calado representando o seu drama do banco, e a primeira vez que tomou carêta ficou logo conhecido.

Continuaremos a ler e responder convenientemente ao celebre dramaturgo.

Em occasião alguma dissemos que os reus quizessem fugir.

Tam tolos não são elles. O que dissemos foi que passeiavam a noite, passeios que deviam ser reprimidos.

Por isso ou por aquillo, ja um capitão foi mandado desaquartelar á bem do serviço publico, e um batalhão foi removido para a fortaleza de S. Pedro.

A perversidade com que perpetaram o crime de seis de agosto pode ser renovada nesses passeios, e ahi tem elles defeza segura, por que allegam a prisão.

Diversas pessôas ja estão inscriptas no catalogo das victimas e a serem todas victimadas, teremos um degola maior que o de Herodes.

Portanto toda a vigilancia da policia sobre elles é pouca; e é de sorprehender que ainda se conserve todos elles reunidos na mesma prisão, machinando planos tenebrosos!

Não podemos deixar de censurar esse acto reprovado do Sr. Dr. chefe de policia, o primeiro encarregado da repressão dos crimes. A sua responsabilidade é gravissima por qualquer attentado que possa succeder. Aquilate S. S. as consequencias funestas que podem provir da reunião desses facinoras, e cumpra o seu dever.

Si o *Interesse Publico* em todas as suas columnas tem dito affoitamente que o ladrão do banco ja está conhecido, sem nunca, porem, declarar o seu nome, porque não vai elle á policia denunciar, e quer que para isso seja chamado o Sr. Francisco Xavier Catilina?

Esse argumento, em verdade, só pode partir do *sassarugo*.

A lembrança do ser o Sr. Dr. João Victor o author desses artigos não é extemporanea, nem extravagante.

Em um jornal dos dias passados constou que era nomeado promotor interino, na ausencia do effectivo que tem de tomar assento na assemblea provincial, o Sr. Dr. João Victor. Querendo neutralisar a nomeação, por ser de um adversario respeitavel, procurou o *Interesse Publico* a exploração dessa mina, e eil o que já arremette contra o Dr. João Victor de unhas e dentes: conseguio seu intento.

Duas victimas ja foram immoladas a verdade dessos escriptos. Breve teremos terceira, quarta, e quinta etc.

Felizmente no jornal de sabado o Sr. Dr. João Victor justifica-se perfeitamente. Elle interessou se para que os reus fossem conservados na prisão em que se acham; nos instantemente reclamamos para que sejam reclusos em quarteis diversos.

Ja sabemos que por dous motivos não terá resposta esse artigo: primeiro por que é irrespondivel; segundo por que não nos assignamos.

Nao importa. O *Interesse Publico* é pouco para desviar-nos, um momento siquer, do caminho que seguimos.

Em vista deste incidente fica addiada para o seguinte numero a publicação das considerações sobre a pronuncia do Sr. Dr. chefe de policia relativamente á questão do facto. Ahi teremos outro contendor.

Sr. Redactor.—Não posso deixar de levar ao conhecimento do respeitavel publico o proceder criminoso de certos magistrados ja mal vistos do governo imperial pelos seus actos, que se empenham com todas as forças pela soltura dos reus pronunciados pelo horroroso crime de seis de agosto. A continuarem as cousas por esse modo, partindo a corrupção de pessoas que estão em posição superior em RELAÇÃO a outras, vejo-me obrigado a publicar os seus nomes, para que S. M. o Imperador, que tanto se revoltou por tam nefando crime, conheça do mais perto a que mãos estão entregues a propriedade, honra, liberdade e vida de seus subditos.

Ainda sob a impressão do exemplos bem recentes não se emendam, e depois clamam pela independencia do poder judiciario.

Uma victima da corrupção.

E' preciso dar conhecimento ao publico das rasões porque o commendador *Rocambole* é geralmente conhecido por *Annanavi patacão*.

Havia outrora nesta cidade um Xico Pitombo, verdadeiro pederasta de categoria não inferior aos da antiga Sodoma. *Rocambole*, esgrimado paciente nessas luctas *sodomiticas* era um dos freguezes de Xico Pitombo.

Admirava ver a limpeza e pericia com que trabalhava, servindo de uma so vez, a tres pessoas,—partida treplicada.

E' facto para cuja prova ainda hoje existem testemunhas oculares.

Quasi sempre no fim dessas luctas *Rocambole* sahia muito ardido, e para descanço passava a noite com Xico Pitombo, seu *amigo*. Em uma dellas roubou-lhe uns patacões, e dahi é que lhe vem o nome de *Annanavi* patacão.

Que miseravel sem vergonha!?...

O custume, por tanto, de roubar que tem *Rocambole* é antiquissimo; e mal velho não tem cura.

A empalmação da notinha de 500$ rs. na contagem do dinheiro na *Caixa filha*, o *arranjo* da casa de *misericordia*, o fabrico de testamentos falsos, e a ruptura de um verdadeiro, do que ja demos conhecimento aos leitores, e finalmente o roubo da *tripeça*, provam por de mais que *Rocambole* é useiro e viseiro na arte de roubar.

Continua a roubar, ladrão, que breve teremos de ver-te de machos aos pés por tanta ladroeira.

As cousas vão se encaminhando para esse fim.

Mandarão ainda os ladrões da *tripe-*

ça pelo seu orgam *Guedes Cabungo* na *trovoada* do Almeida injuriar as familias, e ao depois soborearem o fructo de sua encommenda?

Podem continuar, porque ainda temos *muitos brados á favor da verdade.* Provocaram,—é de esperar que não recuem.

Cada vez mais os miseraveis se atolam no abismo; foram buscar lan e sahiram tosqueados.

Mais um roubo recente do *Guedes Cabungo*, que nem a chicote é capaz de tomar geito.

Ha nesta cidade um pobre rapaz, que por infelicidade da *penha* foi esbarrar na espelunca daquelle archi-ladrão Depois de ter prestado serviços sem conta, sujeitando se até a ser postilhão, e recebendo em paga recibos de assignantes marralheiros, o safado tanto seduziu-o que levou-o para a celebre fazenda que tem *canas*, como admnistrador.

Ahi o pobre moço encontrou uma rapariga que lhe cuidava dos arranjos domesticos, e ia passando, como pode passar quem se sujeita as ordens de um infame. Assim que o archi-ladrão, devasso e concupiscente deu com os olhos brutaes na rapariga, que a luxuria se apoderou delle, e toca a fazer-lhe festa. O todo repulsivo daquelle ente asqueroso, a lepra sifilitica que lhe caia a disforme cara, o fedor nauzeabundo que exala vaporosamente daquella bocca, centina ou reservatorio de excrementos, tudo influiu para que a rapariga tivesse nojo do bruto.

Despeitado por essa repulsa natural começou o miseravel a implicar com a rapariga, e vendo que nada podia conseguir nem por bem nem por mal, ordenou ao rapaz sob cuja guarda ella estava, que d'ora em diante queria que ella cosinhasse a comida dos trabalhadores da fazenda.

Apezar de todos os pezares foi a ordem cumprida.

Ainda a sim o animalejo não socegou. Nova ordem deu para que a comida fosse cosinhada a noite afim dos trabalhadores, logo as seis horas da manhan, levarem-a prompta, não empatando o serviço em vir almoçar.

A isso o rapaz de accordo com a rapariga não quiz sujeitar-se, e então pediu que queria ajustar suas contas para retirar-se.

O ladrão, logo que ouviu fallar em ajuste de contas, ficou como um endomininhado, e disse que nada devia.

Por essa forma, pois, retirou-se o pobre moço, tendo trabalhado para aquelle ladrão por mais de um anno sem ver a paga de seu suor.

Eis aqui, o miseravel, infame, relaxado, devasso, e ladrão que quer campar de homem de bem.

Tanto que rouba, e ainda assim vive sempre na miseria!

Altos são os designios de Deus!

AO ILLM. SR. DR CHEFE DE POLICIA.

A segurança individual, e a ordem publica reclamam urgentemente de S.S. que faça recolher presos em diversos logares aos reus pronunciados pelo crime de seis de agosto, pois constando que sahem elles á noite para passear, pelo que ja foi desaquartelado á bem do serviço publico um capitão da guarda nacional, pode muito bem succeder que nesses passeios commettam novos attentados e fiquem impunes allegando que estavam presos.

Portanto, para evitar maiores desgraças, S S. não deve consentir por uma hora a reunião desses criminosos abem da moralidade e socego publicos certo de que qualquer crime que dessa reunião possa provir, será S.S. o unico responsavel.

APONTAMENTOS

para a chronica do cavatheiro de Castro que tem de ser publicada pelo Anjo dos bonecos.

Está em scena o *Cavalleiro de Castro.* Repare bem o publico para aquelle olhar todo revezado, para aquella cara livida, macilenta e de condemnado que apresentou na loja do *Seixos*, quando imputava á *alguem* o desapparecimento do *Soreas*, sendo afinal desmascarado,

e logo preso pela policia. Os cabellos arripiados e hirtos denotam a figura de um malvado, capaz de commetter os maiores attentados. A voz pega-lhe nas fauces, porque o crime manifesta-se em todos os seus gestos. O desalinho das vestes espelha a trovoada que ronca naquella consciencia hypocrita da qual fugiram os remorsos. O seu todo, emfim, é de um assassino e ladrão que julga-se para sempre perdido.

Vamos fazer-lhe alguma perguntas, e esperamos que nos responda, afim de que o infame dramaturgo *Guedes Cabungo* as aproveite no drama da *tripeça* que está publicando.

1.º—Será verdade que um *corredor* a quem o diabo chamaria tudo menos *pomba-rola*, no tempo em que o dinheiro do governo era raro, andava em certas casas da baixa *latronopolis* que transigem para o norte, offerecendo-o com o premio que então corria na praça, e isto proximamente ao descobrimento do roubo da *tripeça*, dizendo que esse dinheiro pertencia ao *cavalleiro de Castro*?

2.ª—No caso affirmativo, quantas dezenas de contos vendeu o sobredito cujo?

3.ª—Será verdade que o *Cavalleiro de Castro* commetteu quantia infamia é possivel imaginar se, para que a *tripeça* vendesse os soberanos que tinha em cofre, e o ladrão dahi os retirava por menos preço para serem vendidos pelo mesmo *corredor*?

4.ª No caso afirmativo quantos milheiros transigiram nesta safada e criminosa especulação?

5.ª—Será verdade que duas semanas antes do descobrimento dos 266, mandou o *Cavalleiro de Castro* offerecer a venda as acções da *Caixa filha*?

6.ª—Será verdade que no sabbado, quando se descobriu o roubo, e o *Cavalleiro* de *Castro* foi tomar fresco na cebeça, nas margens do Paraguassú, do pezo que o apoquentava á dias, pelas horas do meio dia não andava o referido *corredor* offerecendo dinheiro a prazos pequenos e muito baratinho até a quantia de cento e dez contos de reis, e indo offerecel-os a uma casa, essa se admirou de tanto dinheiro em um mez—que não é qualquer pelado que o tem, por estar a safra em sua força, e o cambio muito favoravel?

7.ª- Será verdade que perguntando-se ao mesmo *corredor* a quem esse dinheiro pertencia, e este fazendo negaças para responder,— disseram lhe que pertencia ao dono das acções da *caixa filha*, e elle, sem nada dizer, rindo-se correu pela escada?

8.ª—Será verdade que essa parcella de cento e dez contos com o cento e cincoenta do desconto da letra da *thesouraria universal*, descontada pelo *Cavalleiro de Castro*, ja não é uma bella somma para um negociante de pouco tempo?

9.ª—Sera verdade que ainda em dias dessa semana um outro *corredor* não offerecera uma boa soma por titulos eguaes aos que se procuravam então, e se não disse sem difficuldade de quem era, ao contrario do outro velhaquete?

10.ª—Será verdade que tendo a bomba arrebentado na semana do Lima e Silva, so por esse facto tanto o aggrediram os tres ladrões da *tripeça*, assassinos de Soares, que na defeza no processo commercial querem que seja elle o responsavel pelo roubo?

11.ª Sera verdade que sendo a direcção condemnada, e tendo ella acção regressiva contra o que contou o dinheiro e não deu contas, que tem bens sufficientes para esse pagamento, qual a razão porque empenham-se tanto, commettendo ate crimes, como o do infeliz *Soreas* e os mais que ainda projectam, para attribuir o roubo a esse infeliz que so tem por si o dia e a noite?

12.ª—Será verdade que so esses facinorosos atassalharam o Lima e Silva pela imprensa, e nenhum dos ex-collegas os accompanhou para esse fim, nem para a presseguição do *Soreas*?

Eis as perguntas que hoje fazemos ao safado zanaga *cavalleiro de Castro*, ladrão de marca superior, e esperamos que nos responda afim de que o dramaturgo *Cabungo* aproveite essas respostas para o drama da *tripeça*.

Queremos a discussão nesse ponto, para que o ladrão fique sabedor de que ha quem lhe espreite os passos, e não queira passar por um homem de bem.

E um safado desses é que se diz juiz de um tribunal?

Vergonha!... vergonha!!.. e mil vezes vergonha!!!.....

(*Continúa.*)

Novo sistema de defeza

O redactor da *Constituição* segue rumos oppostos qual mais absurdo, na defeza dos pronunciados pelo crime de 6 de agosto.

No periodico, diz que elles são innocentes; nas reuniões de palestra, *desferrando as velas pelas limpidas ondas* da opinião publica, reconhece que são criminosos, mas o crime é justificavel por motivos de honra.

Qual das defezas deve ser acceita?

Nem uma, nem outra. A primeira porque as provas do summario desmentem o defensor; a segunda, porque o crime so é justificavel pelo concurso simultaneo de certas condicções, e essas condições, uma por uma, falharam no crime de 6 de agosto.

Si motivos de honra so por si, independente de quaesquer outros meios, são bastantes para justificar o crime, porque rasão o redactor da *Constituição* tanto blaterou pela imprensa e pelas ruas, quando foi atacado e insultado em sua casa por um individuo que, por suspeita, procurava defender sua honra, que lhe informaram ser desapiedadamente atassalhada nas paginas da *Constituição*?

Ahi não houve perpretação de delicto, aqui houve; aqui como ali a provocação partiu do injusto aggressor.

A differença e a semelhança compromettem-o cada vez mais.

Ja vê, por tanto, que mal avisado anda o redactor da *Constituição* nos dous caminhos que segue.

Si poder descobrir um terceiro que melhor satisfaça os seus anhelos, apresente-o sem rebuço, porque da fertil massa do sua intelligencia tudo é de se esperar.

E' justiça que lhe fazemos.

Au revoir.

—Capitão, trago-lhe este sujeito.

—Que marreco é este?

—V. Ex. não vê? repare aquellas duas letras que elle traz no *cabeção* do *gibão*.

—Vejo um *C* e um *M*; mas não entendo o que querem dizer.

—E' o distinctivo de certos sujeitos que andam a pesquisar as infracções dos outros, quando elles em sua maioria, estão no caso de serem *fiscalizados*.

—Comprehendo; porém a que vem esse troca-tintas a minha presença?

—Tornou-se do olho vivo e é preciso corrigil-o.

—Formule a accusação.

—Costumam elles receber de cada taverneiro 3$ rs. afim de que estes possam á seu salvo vender tudo quanto é genero podre ao povo.

—Então elle é *fiscal*?

—Não, espia os fiscaes.

Mas vamos ao que serve.

Outro dia foi á rua *Torta do Paço* a uma venda que fica defronte da repartição dos *carimbos*, e encontrando o dono da parte de fora a conversar, pediu-lhe os 3$ rs. á vista de algumas pessoas, no que foi satisfeito; no outro dia poz-se de espreita e quando viu o homem descer para a cidade baixa foi ao caixeiro e recebe de novo os 3$ rs.

—A industria não é das peiores!

—Agora veja para que esse espertalhão pratica essas trantantadas: é para andar tomando chamfornadas e fazendo desordens.

— Como se chama?

—Lino

—Leve-o para o porão a jejum de pão e agua tres dias á ver si se emenda; bem entendido, sendo obrigado a restituir os 3$ rs. do vendelhão.

—Tão pouca pena, capitão?

—Por ora; o cavallo por dar um couce não se lhe corta a perna.

VARIEDADE.

O THRONO DO MEXICO.

Da triste lucta sombria
Surge um throno; na batalha
Tingiu-lhe a purp'ra a metralha,
Deu-lhe um sceptro a artilheria:
Nesse pasto de cadaveres
Os ventos passam rugindo;
E dos horrores da lide,
Triste mumia do passado,
Surge o throno condemnado
De Montezuma e Iturbide.

Nas garras d'aguia do norte
Passa a flammula guerreira,
Que vem consummar, primeira,
De um povo sangrenta morte.
Julgaste na eterna Cupua
Marchar ao sceptro entre algozes!
Desgraçado! ás legiões
Mandaste abater um povo,
Levantar um throno novo
Neste solo de volcões.

Nos pelouros, a fumaça,
Eil as, as aguias da França,
Nas garras levando a esp'rança
De avillada e escra a raça.
Porém não: essas insignias
Não são tropheus de Austerlitz;
Mas são corvos moribundos
Em largo vôo adejando,
Na solidao campeando
Dos destroços de dous mundos.

Eil-a Polonia: humilhada,
Sempre ovante renascendo,
E sempre martyr morrendo
Na bandeira amortalhada:
Eil-a ali, ás mãos dos russos
Nesse barbaro supplicio
Do knout imperial.
A luz não morre, de sangue
Surge, Anteo, caminha exangue
P'ra o cadafalso, immortal,

Porém não; neste hemispherio
Vive um mundo liberal,
Não tem seu berço um imperio
Dos povos no funeral.
O ar que o condor respira
Mata as aguias forasteiras,
E no solio americano
Ha p'ra o algoz odio profundo,
Que entre o velho e o novo mundo
Surge um abysmo — O Oceano

Eil a a França á campear
Nesse vasto cemiterio,
A sorrir erguendo o imperio
Na vastidao tumular:
Paz dos tumulos em Varsovia,
Frio silencio dos mortos,
Mas não morre a liberdade;
E as auras das cordilheiras
Rugem tristes nas palmeiras,
Prenuncio da tempestade!

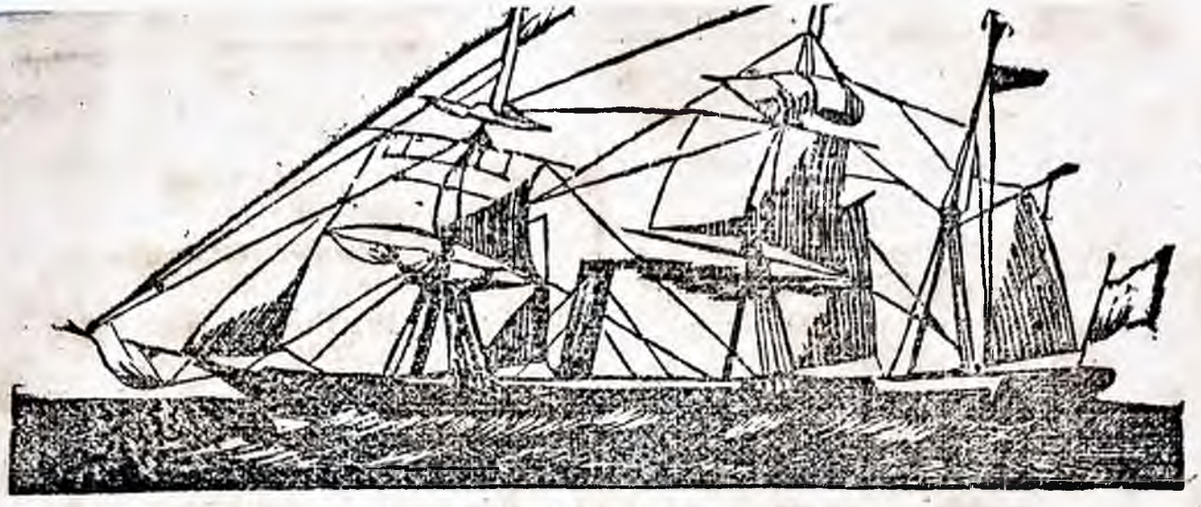
Nas montanhas solitarias
Cresce a grey; refulge a vida;
Guarda a nação suicida
Mil bandeiras funerarias:
Solemne templo da patria,
Grato altar da liberdade;
Na floresta e pela agrura
Passa o exercito dos bravos
E esse throno de escravos
Tem berço na selputura.

Oh! um dia do suplicio
Fez o throno uma barreira;
Ao tinir da gargalheira
O posto do sacrificio;
Era a seiva das florestas
O sangue dos mexicanos,
E, na febre do delirio,
Pobre algoz, não se lembrava
Que a phenix ressuscitava
Das cinzas do seu martyrio.

Tudo esqueceu; mas nesta hora
Rue desfeita a potestade;
Surge ovante a liberdade
Do seu sepulchro de outr'ora;
E nas salas dos palacios
Corre o principe proscripto;
O throno, a purpura dos reis,
O arminho, a c'ora, os sceptros
Rasgam as mãos dos espectros
No throno de Juárez.

ANNUNCIOS.

Quem quizer alugar uma pequena casa sita á nova estrada, que vai da ladeira da Soledade para a Quinta dos Lasaros, tendo alguns arvoredos fructiferos e um bom brejo; dirija-se a cadeia da Correicção em Santo Antonio alem do Carmo, á tratar com o carçereiro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 26 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 27.ª—N. 264

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando lhe que nos informam que entre os bens do finado Estevam Vaz de Carvalho, hypothecados ao negociante Antonio Gomes dos Santos, ha duas africanas livres, das chamadas da nação, de nome Felismina e Romana, as quaes estão em poder do testamenteiro Francisco Ribeiro Moreira, e que serão indubitavelmente vendidas, si S. S. não interpozer a sua authoridade, mandando syndicar a verdadeira condição dessas infelizes; e nestes termos, espera-se que S. S. se sirva de assim proceder.

A PEDIDO.

— Capitão!

— O que temos?

— Quando alguem vae ao forte do *Guarda-chaves* do ceu, á chamado de algum dos inquisidores do infeliz *Soreas*, — trindade assassina, si por accaso esbarra-se com o *Rocambole*, este por quanta yaya, senhora, e santo ha, pede que lhe tirem d'aquella ratoeira, em que metteram-o dois perfidos malvados.

Si o *Cavalleiro de Castro* está com elle, então mudam-se as scenas, e o pedido é somente por elles dois, arrumando carga pesada contra o *barão do Moinho*.

Quando, porem, estão todos tres presentes, *Rocambole* e *Castro*, affectando desinteresse e abnegação, pedem só pelo *barão*, que é o mais compromettido, porque se arriscou a *salvar-lhes o credito* no roubo da *tripeça*.

— Desta trindade maldita
Que a todos quer matar,
A taca do muxingueiro
O pello lhe ha de arrancar.

Então o cynico *barão*, de sobrecenho carregado, desfiando as barbas herodianas, recostado e de charuto ao lançante, mede os dois de alto a baixo, e com essa vista magnetisa-os cada vez mais, jungindo-os ao seu carro de perfidias.

— Os dois lá sabem as causas porque

se abatem e curvam-se servil e miseravelmente ao poder do co-ladrão, duplo malvado *barão do Moinho*.

—E' verdade! si não vissemos não acreditavamos.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XII.

> Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

Por mais que não nos quizessemos occupar com certos incidentes que se prendem a este processo, e que vem desviar-nos do fim que temos em mira, somos forçados a acompanha-los por que importam uma injuria vergonhosa e atroz á honra de certos caracteres, que até hoje não nos consta serem dignos de censura.

Ja noticiamos que os reus, ao ser-lhes communicado pelo procurador Lentini o despacho de pronuncia, chasquearam covardemente do Sr. Dr. chefe de policia, alardeando logo a victoria com que contam no Superior Tribunal da Relação.

Pois bem; essa victoria agora é ainda apregoada por um modo mais singular e aviltante, apontando-se o nome d'aquelles que devem ceder ou á força do ouro, ou á do patronato.

Dois estão no primeiro caso, o dois no segundo.

Com todas as forças da indignação, em nome da moralidade publica, protestamos solemnemente contra essa infamia irrogada á face da magistratura brasileira.

E' até onde pode chegar o insulto á lei pelo desprestigio da authoridade!

Não ha de ser, porém, assim. O tribunal que, ha bem pouco tempo, deu provas exuberantes de sua integridade, reformando uma sentença de despronuncia, só para maior esclarecimento da verdade, não, em um facto de tanta gravidade e magnitude, não ha de consentir, que por sua ordem saiam da cadeia os reus pronunciados pelo crime de seis de agosto, dando arthas por essa forma á impunidade dos maiores facinorosos

Não, mil veses não. Si houver legitimo impedimento pelo qual a consciencia va de encontro ao allegado e provado, o justo meio da honra é a suspeição, e não a deshonra violando um juramento sagrado.

E é factos dessa ordem que balançam a sociedade desde os seus alicerces, que o *Interesse Publico* apellida de rasteira arma da intriga!

Até que miseria pode descer a dignidade individual!

Cumprimos aqui um dever registrando esse descommunal e criminoso proceder dos reus, e logo protestando contra tam inqualificavel picardia.

Dóe, dóe muito saber impassivel de semelhante aleivozia!

. . . . . .

Desde ja prevenimos ao respeitavel publico que o humilde author dessa longa serie de artigos, que tem sido publicados sob o titulo—Processo Castro Rebello e C.ª, nàda tem de commum com outras quaesquer publicações que tem apparecido.

Cada um que acarrete com a responsabilidade de seus actos, e é quanto basta.

Não precisamos de devassar a vida intima dos reus para provar a sua criminalidade.

São cousas distinctas, e só o desenfreamente de paixões poderá toleral-as.

Essa advertencia é necessaria para evitar o equivoco.

O *Interesse Publico* de 22 do corrente mudou de rumo, e eis que, despresando o Sr. Dr. João Victor, imputa a authoria desses artigos a um magistrado.

E' a terceira victima; teremos quarta, quinta etc; segundo ja prophetisamos.

Deixe-se de nomes, responda os argumentos, e temos conversado; quando

não continue o seu drama para o qual não temos geito.

Justificando a pronuncia do Sr. Dr. chefe de policia no art. 205, somente por excessivo escrupulo e zelo de consciencia, não compartilhamos sua opinião sobre o caso em questão.

A tentativa não se mede pelo effeito, mas sim pela causa.

Por outra: pode muito bem succeder que o facto material punivel seja uma levissima escoriação, e no entanto a intenção do agente, pelas circumstancias que precederam, pelos motivos que suspenderam ou desviaram a consumação do acto, e por outras quaesquer razões, venha levar o crime para a classificação da tentativa, em lugar de offensas phisicas leves. E por isso é que o nosso codigo definindo a tentativa diz – principio de execução,

O animo do agente é tudo, a offensa ao paciente é nada.

Portanto, concedesse o Sr. Dr. chefe de policia quantos exames de sanidade fossem requeridos, afim de não coarctar o direito de defeza, nada tinha elles com a tentativa, que é um acto psycologico e não material.

Para desviar a classificação do crime foi que os illustres advogados requereram-no, e sempre obtiveram algum resultado.

A intenção é, em termos habeis, o elemento constitutivo da tentativa. Dahi vem, diz um dittincto criminalista brasileiro, que um tiro de pistola não é sempre a prova decisiva da intenção de matar, porque diversos são os modos porque pode ser disparado, sem vontade de ferir, ou de ferir em lugar mortal; uma punhalada tambem pode ser dada em uma parte do corpo mais susceptivel de cura, e com este designio; a propinação das substancias venenosas pode ser applicada segundo a sua qualidade e quantidade para alterar a saude, e não para por termo a existencia; etc. etc.

Conseguintemente o facto material pode ser gravissimo e não ser tentativa, e vice-versa.

O escrupulo do juiz, pois, deve versar unicamente sobre a intenção, o para isso deve fazer uma investigação profunda, e uma attenção tam viva, que nada deixe a desejar dos meios humanitarios possiveis para não cahir no arbitrario e iniquo.

E' ainda o meio criminalista quem está fallando.

A vestoria da mordaça não devia influir no animo do Sr. Dr. chefe de policia para attenuar a clasificação do crime; por quanto, alem de não dever inspirar fé, por ser feita por pessoas suspeitas, de nomeação dos reus tanto que de proposito não descreveram a sua materia, forma, grandeza etc, como era de mister em vista da lei, pouco vinha ao caso que ella podesse ou não produzir a morte, porque esta poderia vir pelo estrangulamento, como diz o corpo de delicto, ou por qualquer outro meio, como as sangrias, etc., quando a intenção dos reus ja estava manifesta por tantas circunstancias.

A tentativa, segundo o nosso codigo, so é punivel quando accompanhada de actos exteriores e principio de execução, que não teve effeito por circumstancias independentes da vontade do delinquente,

No summario tudo isto está provado por um modo irrecusavel.

A espera de Coelho por Soares, a postada do carro, a reunião dos criminosos para o rapto, o preparo da casa do Moinho com algemas, anginhos, mordaça, cordas, pregos e o mais, o que é tudo isso sinão actos exteriores?

O rapto, a applicação de todos esses instrumentos que affligiam, asphixiavam, (e tanto asphixiavam que o maior tormento de Soares foi a sede pela obstrucção das vias respiratorias) estrangulavam, davam cabo por fim da existencia, o que são senão principio de execução para morte?

Coelho, o Lopes mexicano, foi a circumstancia independente da vontade dos delinquentes, que frustou a consumação do crime.

Si elle que fez o horto, não fisesse tambem a prisão, denunciando logo á policia o rapto de Soares, e esta incontinente não cercasse a casa do reu Castro Ledelle, que teve logo aviso

pelo assobio que se ouviu, por essa rasão suspendeu o acto, deixando ainda o infeliz Soares manietado, vendado, com pés amarrados e trancado no Moinho, o crime de morte seria necessariamente consumado.

Não foi para deixarem-o vivo, que praticaram aquelles actos de tanta malvadez e perversidade. A intenção dos reus, por tanto, estava mais que manifesta pelos actos exteriores e principio de execução, frustrada pelo caso imprevisto de que ja fallamos.

Que elementos faltam, pois, para que o crime fosse o de tentativa de morte?

Por isso foi que dissemos em um dos artigos antecedentes, que a questão era por sua natureza bem simples, apezar da atrocidade descommunal do facto que só por si gera horror.

Temos direito escripto, positivo e muito expresso sobre o caso, razão porque não é preciso amontoar citações e trechos de Chauveau, Heli, Rossi, Beccaria, Bentham, e mais criminalistas de nota que escreveram sobre a tentativa.

O processo está affecto ao Superior Tribunal da Relação, cujos doutos supplementos somos o primeiro a invocar.

Si a tentativa de todos os crimes se manifestasse como na especie, então a lei obteria mais um triumpho, supplantando o sofisma dos argueiosos.

Está manifesta a nossa humilde opinião relativamente a verdadeira classificação do crime, opinião que foi por nós emmittida no terceiro artigo.

Vamos tractar agora da pronuncia quanto ao facto, e então accompanharemos o nobre e illustrado articulista do *Jornal da Bahia*, que sobre modo nos honra e penhora com a sua sempre apreciavel amizade.

A alternativa de dias em que sae a luz este jornal, que francamente nos offereceu suas columnas, é a causa de não estarmos mais adiante.

Paciencia.

Um brado em favor da verdade.

(Continuação.)

Prolifica é a raça dos amigos desleaes O filho do Sr. commendador tinha um, a quem de boa fe suppunha, e que ao mesmo tempo era intimo da familia X.

Esse descendente de Judas, motor e promotor das ciladas que contra o moço se armavam no intuito de effectuar por força um casamento, que não era desejado por um lado, portou-se em sua correspondencia com o filho do Sr. commendador com tal excesso de interesse, com tão desabrida parcialidade, que o mancebo acabou por ver definitivamente o laço, que lhe preparavam, e bem resolvido a matar por uma vez toda esperança, que ainda restasse no espirito do Sr. X, mandou a sua filha um embrulho, contendo suas cartas e retratos, pedindo em troca a remessa dos objectos de egual genero, que lhe havia remettido no tempo de seu namoro.

Embora semelhande troca podesse maguar o coração da moça, é certo que ella a effectuaria, como em seu caso qualquer donzella, si seu pai não tivesse intervindo nesta circunstancia para realisar uma acção tam indigna de um chefe de familia, mas tam propria do homem, que insistia em querer fazer de sua filha a base de uma fortuna vantajosa.

O Sr. X deixa receber-se as cartas de sua filha e manda em troca um masso perfeitamente lacrado e atado com fitas, mas contendo papeis sujos!

Durante todo esse tempo nunca os chefes das duas familias haviam trocado uma palavra sobre esse casamento.

Nessas circunstancias, quando este facto virgem tinha vindo revelar o caracter do Sr. X e fazer presuppor de suas más intenções, a partida deste para o sul, em um vapor extraordinario de Liverpool, de modo insperado, sem que ninguem, nem ainda seu irmão, soubesse ao que ia, fez despertar temores serios no Sr. commendador, que presuppoz com razão alguma tentativa audaz contra a inexperiencia de seu filho.

Assim pois no primeiro vapor seguiu para o Rio, decidido a acompanhar os passos desse corsario de nova especie.

Mas X já não está na corte: não achando alli o moço, segue no primeiro paquete para Montevideu, e como ahi não encontrasse ainda o adolescente, vai em busca sua até Buenos-Ayres, onde se hospeda no Hotel da Paz, por ser o em que costumava nas anteriores viagens, hospedar-se tambem aquelle a quem buscava.

Chegar, procurar onde estaria o mancebo e faze-lo intimar para que comparecesse a sua presença, foram actos de momento.

O filho do Sr. commendador não se fez esperar: então travou-se entre os dous, o mancebo e o homem, uma scena, em que jogavam á altura das paixões a severidade elevada de um, a baixeza humilhada do outro.

O pae trazia uma procuração de sua filha para casar: arrastava naquelle papel o nome de uma donzella á recusa de um moço; solicitava um esposo para a joven, como si ella precisasse de esmollar affeições; negociava o coração e o futuro da desventura, jungida á sede da ambição paterna; mendigava um marido, offerecia um negocio!

E' triste que a paixão cegue assim; que agarre pelos cabellos um homem, um pae e o arraste sem sentidos pelos picadeiros do delirio.

O abysmo é insaciavel: a dignidade desce, desce, e não para nunca.

Um pae offerecer sua filha em casamento a quem sabe que a recusa; implorar um marido... qual será mais deploravel, meu Deus! ser pae ou ser filha?

O pae implorou, desceu ás supplicas curvou-se aos rogos, baixou ás lagrimas:—o moço disse não, mas nesse não ia um pesar de ver humilhada assim a dignidade humana e uma pobre moça, que o não merecia.

Então a insensatez da ameaça, o pungimento do odio, o desespero da decepção ensopavam de fel os labios ainda pouco supplices: o moço redarguia com a firmeza, que não retrocede, com a calma, que desarma.

O dialogo revolvia-se doloroso nas repetições destas duas ideias:

—Então com que cara mo apresento na Bahia?

—Com a do individuo, que se não pejou de vir aqui tão longe mercadejar uma cousa tão sagrada.

—Seu pae respondo-me com a vida por este insulto

—Meu pae não temo ameaças, senhor; mas si ellas se realisassem, ello deixa filhos homens Adeus, senhor.

Considere se bem no que doe affagar durante annos uma esperança lisongeira, fazer della ideia fixa para vela destruida apoz tantos esforços, tanta paciencia, tanto sacrificio, tanta humilhação, tanto opprobrio: tudo estremece, tudo se revolta, o coração que odeia, o espirito que se desvaira, a face que empurpurece, até o pundonor que julga ver em cada semblante um escarneo.

Quem então precisava vingar-se? — era o Sr. commendador que via na corte o Sr. X, abatido, humilhado, cabisbaixo e tinha o triumpho a lhe encher o peito, ou era esse homem precipitado de seu orgulho, ferido na sua ambição, batido por toda parte?

Vejamos mais. Desde que o Sr. commendador foi ao Rio começaram a espalhar os boatos (de que elle nenhum caso fez), de que seria assassinado.

Eis o que havia: em S. Amaro morava um pardo *Beatá*, a quem era attribuido o assassinato de certo proprietario, e que fôra forro por pessoa da familia do morto.

Este individuo estava hospedado, pensado e tratado em casa de certo engenheiro, parente do Sr. X; era elle o instrumento do crime, porque convinha assassinar o Sr. commendador, quando seu filho casasse com a filha do Sr. X, *para que elle não podesse tratar mal o filho por casar contra sua vontade.*

Mas Deus ordenou de outro modo: Beatá teve uma desordem com um vendelhão das Mercês, é preso; os irmãos do Sr. X e o engenheiro empregam todos os esforços para soltal-o, mas sem consegui-lo; o preso comparece perante o subdelegado; fiado na pro-

tecção, de que gosa, que desceia até da presidencia, empenhada por influencias do Sr. X, porta-se mal e atrevidamente: o subdelegado conhece o caracter perigoso do sicario, porque descobre-lhe os precedentes e talvez o fim, que o trazia a esta cidade, faz questão e embarca-o para o sul, embora não como recruta.

Então o Sr. X recorre á imprensa; deslembrado de que a origem de seu odio contra o Sr. commendador foi não ter-se alliado a sua familia e obtido parte de sua fortuna, diz que essa fortuna, que tanto cobiçava é resultado de ganhos illicitos, que o homem que pretendeu tão incansavelmente para sogro e marido de sua filha é um compendio de crimes.

Odiando até a cegueira, farta-se na propria diffamação de seu nome, prostitue seus proprios planos, atira ás ruas a mascara de seu procedimento.

A imprensa alugada a seus furores chafurda em invectivas descommunaes, incriveis, estrondosas até o frenesi.

Dá-se um crime pavoroso: o Sr. X quando a opinião aponta seus actores, designa o Sr. commendador ao povo que sorri de lastima, vendo a ebriedade daquelle furor, que blasfema calumnias irrisorias.

Mas o doesto prosegue sempre ferino, audaz, implacavel.

O Sr. commendador nem uma palavra solta.

Então o Sr. X atira á voragem a ultima fagula de bom senso; machina elle proprio, um crime atrocissimo; mede, calcula, peza todos os incidentes afim de que as suspeitas recaiam sobre o Sr. commendador, o crime dá-se e elle clama pela bocca de seus cumplices e diz: Foi o commendador.

Então apparece na consciencia publica a mão irritada da Providencia, que escreve como outrora tres nomes; que clama: Fostes vós.

Ora bem quem é o perseguidor, quem é que machina dia e noite contra o socego do outro?

E' o Sr. commendador que tem todos os dias novos triumphos ou o Sr. X, que tem de cada vez novas derrotas?

Quem tem de vingar-se: o homem que se exalça, que esmaga seu adversario nas machinações que elle proprio forja ou o que a cada novo acontecimento tem mais uma vergonha que reparar, mais um odio que satisfazer?

Era isto o que eu desejava que o publico soubessee e decidisse.

Não, pobre X! ninguem se vinga d'aquelles, a quem Deus pune; vingam-se os que tem o coração cheio do sangue pizado da desgraça, os que se revoltam contra o destino, os que soffrem.

Vingar se é subir até a offensa: para vingar-se é preciso ter cahido antes.

A Opinião Indignada.

(*Do Pharol.*)

E' preciso abrir os olhos do honrado commercio desta praça e dos incautos afim de que não tomem a nuvem por Juno. E' preciso ainda desmascarar os tractantes e velhacos que a custa de imposturas querem farfar de ricos da noite para o dia, elles que, ha bem pouco, andavam maltrapilhos pela cidade baixa esmolando a charidade publica.

Em um dos artigos passados sobre os apontamentos que demos para a chronica do *Cavalleiro de Castro*, que tem de ser publicada pelo Anjo dos Bonecos, fomos mal informados e é essa inexactidão que vamos agora reparar.

Fomos generosos de mais, e sendo a nossa divisa—o seu a seu dono, não queremos que nos appellidem de injustos.

Pela partilha que se procedeu por morte da mulher do *Cavalleiro de Castro,* partilha que foi julgada em 2 de outubro de 1863, eis o estado do casal deste celebre *cavalheiro de industria*, cuja veracidade não ha negal-o, porque foi extrahida dos proprios autos.

Activo.

Escravos, casas, acções, & &.....	161:038$000

Passivo.

A diversos bancos e banqueiros	133:400$000
	27:638$000
Despeza do inventario.....	120$000
Reis.....	27:518$000

Dividida essa quantia pelo *Cavalleiro de Castro* e seu filho menor, veio tocar a cada um 13:759$000!!!....

Uma de duas: ou isto é o que realmente possue o *Cavalleiro de Castro*, e então desde aquelle tempo estava elle fallido culposamente em vista da lei, (codigo commercial art 800 § 4.º) por estar essa quantia sujeita a premio de estabelecimentos no valor de reis 133:400$000, e por essa forma roubou e continúa a roubar o commercio, illaqueando a sua boa fé; ou então o *Cavalleiro de Castro* perjurou quando inventariante escondendo alguns bens e apresentando dividas simuladas, e nesse caso roubou até o seu proprio filho (Oh! meu Deus! que monstro!..)

Desse dilema não ha que fugir: em qualquer dos casos está o ladrão estrepado, e o publico conhecedor do quanto é capaz este zanaga.

Ou ladrão do commercio, ou ladrão de seu proprio filho.

Qual das hypotheses? qual mais vergonhosa?

As observações que de prompto acodem á mente são taes que as palavras não tem força para exprimil-as.

E um canalha destes é que quer passar por homem de bem, embaindo assim o bom senso!

Eis aqui, pois, a improvisada riqueza do *Cavalleiro de Castro*, encarada sob todos os aspectos.

O *Guedes Cabungo* que experimente si é osso ou carne, e bom será que aproveite o que temos dito para algum episodio do seu drama do banco.

A materia não é má, e necessariamente ha de agradar.

Si hão de cuidar em sua vida, cheia de tantas mazelas, cuidam em insultar e injuriar a quem da altura de sua dignidade soberanamente os despreza.

Que dous ladrões, cada qual mais safado?!.....

—Um momento de attenção, Sr. *Francisco Xavier*.

—Agora não posso; vou a loja do *Catilina*.

—Deve ser ja.

—Não estou disposto.

—O' muxingueiro! Agarra este *sassarugo*.

—Não é preciso; estou ás suas ordens.

—Tornou-se logo macio como lan de kagado!

V. me dá noticia daquella *pretinha* e dos filhos desta, nos quaes V. tam bem tem parte?

—Orá essa! A que tempos ja os puz nes cobres!

—Que protervo! Vende seu sangue!

Pois nem por essa *partilha* leonina que fez com seu *filho espiritual*, mandando o rapaz logo e logo para o Sul afim de dar por justas as contas, como de facto deu, na sociedade que tinha com seu fallecido compadre, pae do cujo, lhe poupou a torpeza de vender a mãe de seus filhos?

Isto é muita abjecção de envolta com a mais hedionda usura!

—Dinheiro! dinheiro! é o Deus da terra!

—E' o Deus das almas corrompidas o vis como a sua.

Va em paz.

—Muxingueiro.

—Prompto.

—Vae a rua do Carmello, defronte da *terceira ordem* e agarra la o *José Velho*, descarado caixeiro de uma biboca que alli ha.

Não é preciso trazel-o cá; mette-lho lá mesmo a taca de rijo na deslavada cara.

—Assim sem mais nem menos?

—Elle la sabe as culpas que tem no cartorio; alem de ser um larapio nos pezos e medidas, dá seita e basto da vi-

da de toda visinhança; na sua possilga enterram-se os vivos e desenterram-se os mortos; falla-se do casado, do solteiro e do viuvo; sabe se de tudo quanto se passa no interior das casas de familia e por tanto é preciso dar-lhe uma coça.

—Basta; eu dou conta do recado.

Lendo hontem alguns jornaes que me vieram as mãos, e entres ello o *Pharol* de 14 do corrente, vi um escripto sob o titulo.—Mais uma bambochada. —Tractava esse escripto do Sr. José Lino Coitinho Sodré Pereira, e do decreto de 24 de agosto deste anno que o nomeou tenente coronel do batalhão n.° 28 de infantaria da guarda nacional.

O Sr. José Lino Coitinho Sodre Pereira tem todas as qualidades necessarias para ser, como é, commandante de um batalhão, porque alem de ter a edade exigida pela lei, possue bens adquiridos com o seu trabalho na lavoura de canas; é um excellente moço, de bom comportamento, alem de pertencer a uma distincta e rica familia, respeitada pelos seus merecimentos; por tanto no cazo o Sr. Sodré Pereira, como outros, de cingir a banda de chefe de um corpo. Infundada, porem, a accuzação que se lhe fez e ao decreto, pedimos permissão para seriamente dizermos que nenhuma razão teve seu author quando quiz chamar para o lado da insuficiencia a nomeação, que pelo contrario foi ella bem acertada, recahindo em uma pessoa de todo merecimento.

Um amigo.

VARIEDADE.

COBIÇA DE HERDEIROS.

Um dos *sportman* mais conhecidos no *turf* parisiense perdeu ultimamente um dos seus bons amigos. O defunto tinha inserido no seu testamento a clausula de que o seu amigo *sportman* seria admittido a escolher, entre os seus moveis e os seus objectos de arte, aquelle que mais lhe agradasse. No dia em que se arranacáram os sellos o nosso *gentleman* dirigiu-se ao domicilio do fallecido amigo, e ali informou o magistrado e os parentes do objeto da sua visita. Chegado o momento de fixar a sua escolha elle apontou para uma pequena pendula, do tempo de Luiz XV, de um gosto aprimorado.

—«Ficarei com este objecto, si assim o quizerdes» ,disse o legatario aos herdeiros. Os parentes conferenciaram entre si, e um d'elles tomou a palavra em nome dos outros para dizer:

—Por Deus! Senhor, longe de nós está a idéa de contestar aqui o vosso direito; porém, seja-nos permittido observar-vos que esta pendula faz parte da mobilia da nossa casa ha mais de seculo e meio; e que a ella se ligam todas as nossas recordações da infancia.

—Não fallemos mais nisso, disse o *gentleman* com toda a cortezia.

—Sois extremamente amavel; escolhei outo qualquer objecto.

Via-se na sala um pequeno quadro a oleo admiravel pelo colorido e pelo desenho.

—Pois bem! escolherei este quadro, si isso vos não contraria, disse elle.

Aqui repetiu-se a scena que já descrevemos; os herdeiros olharam uns para os outros e consultaram-se. Finalmente, o mais idoso de entre elles tomou a seu turno a palavra:

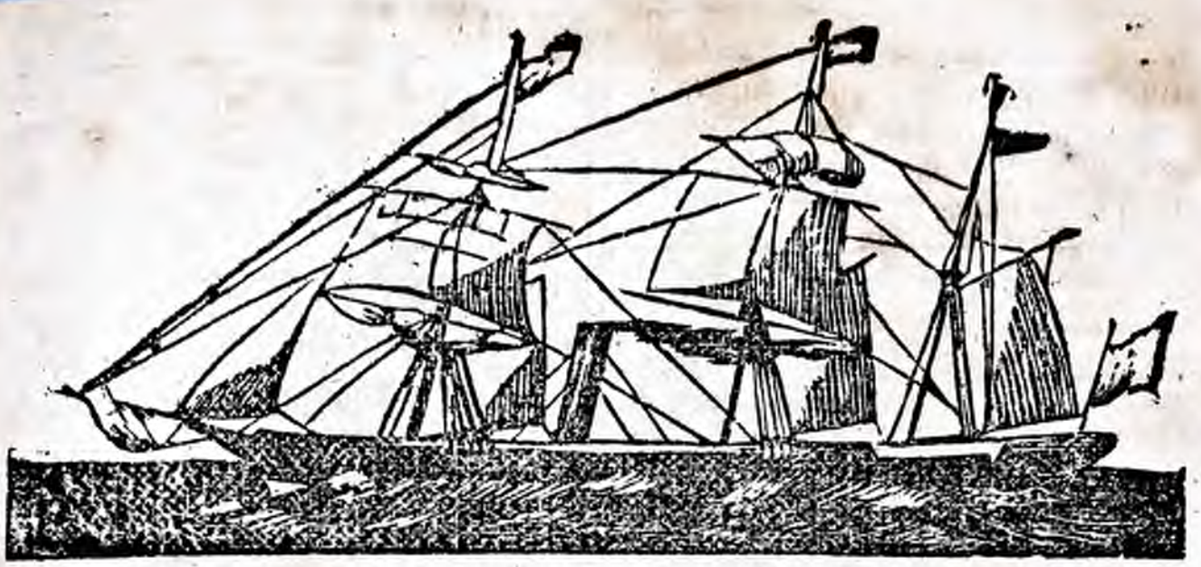
—Sentimos muito dizer-lhe que todos nós conhecemos intimamente o autor deste quadro, que é a unica lembrança que delle possuimos. Si elle vivesse, poderiamos ainda substituir este primor de arte; porém como já morreu, a perda da sua tela causar-nos-hia o mais profundo pezar.

—Renuncio ao quadro, visto que assim o desejais. Esta caixa de rapè poderia convir-me....

—Oh! esta caixa pertenceu a nossa avó.

—Neste caso, não quero insistir. Mas, attendendo a que não quizera privar-vos de um objecto qualquer a que pudesseis ligar algum preço, retiro-me; mandai-me para casa aquillo que mais vos aprouver; mandai-me, em uma palavra, o objecto que menos importancia vos merecer.

No dia seguinte *gentleman* recebia, em uma linda moldura o retrato do seu fallecido amigo.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO V. 27 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 27.ª—N. 265

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 números, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. major de engenheiros, chefe da repartição de obras publicas, pedindo-lhe que informe si dos archivos dessa repartição consta terem entrado, para os depositos de materiaes da mesma, uma porção de pedras de cantaria, tiradas da extincta capella do Guadelupe, sendo nesse tempo mestre das obras publicas Lazaro da Silva Medões, e em poder de quem param hoje as referidrs pedras. Espera-se que S. S. se digne de responder com urgencia a este pedido.

— Ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, chamando sua attenção para o pessimo encanamento dos tubos na rua do Tingui.

Si S. S. passar alli alta noite, verá que a mal collocação dos referidos tuqos faz com que o gaz escape-se pelas fendas que nos mesmos ha,e em chammas va até as paredes das casas, o que pode dar logar a algum incendio.

Outro sim, pede-se a S. S. que lance suas vistas para a maneira inconveniente porque é distribuido o serviço dos accendores.

Si era elle mal feito tendo cada accendedor a seu cargo 40 lampeões, o que não será agora tendo cada um 73, como nos consta.

Espera-se que S. S. no intuito do bem desempenhar o seu cargo, se digne providenciar sobre o exposto.

—E' certo que o Sr. delegado Amaral vae ser nomeado emprezario do theatro?

—V. é a primeira pessoa de quem ouço isso.

—Não tenho culpa de que ande atrazado, para ignorar uma cousa tão fallada.

—Isso é o mesmo que sahir da lama e cahir no atoleiro.

—Então porque?

—V. sabe que o Sr. Amaral é afeiçoado ao Sr. De Giovani,e por força ha de fazer-lhe certas condescendencias; mesmo por que..... ora essa é boa!

—Qual! o homem é dotado de von-

tade energica, e não se deixa levar por caprichos de ninguem.

—Ande lá; quem não se move aos impulsos do coração.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XIII.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

O despacho de pronuncia do honrado Sr. Dr. chefe de policia encarado sob a questão de facto é bom, porem podia ser melhor.

Avançando essa proposição, nem depreciamos a illustração de seu digno prolator, nem encarecemos a analyse que vamos fazer, quiçá muito inferior.

A intelligencia, muita vez, tem esses caprichos, cujo *porque* estando na consciencia de todos, nem todos podem explical-o.

Só a aspiração da perfectibilidade justifica esse devaneio tão usual na vida do homem.

Immenso cabedal de provas existe no sumario em ordem a mostrar evidentemente a criminalidade dos reus.

Que apparecessem testemunhas visuaes das barbaras scenas do Moinho, praticadas pelos reus, ainda assim a força da prova seria egual a da circumstancial, que superabunda no processo; com a differença de que—em alguns casos pode a prova visual ser illidida, e nunca a circumstancial.

Principiando a analysar o despacho de pronuncia, accompanharemos *pari passu* o illustrado articulista do *Jornal da Bahia*.

E' por demais inexacto que o Sr. Dr. chefe de policia, logo que pelo reu Coelho lhe foi communicado confidencialmente o rapto de João Soares no theatro publico, *continuasse a gozar a representação*, e nenhuma *providencia tomasse*, como por ahi se diz.

Incontinenti providenciou em pessoa, como entendeu e julgou conveniente, e o resultado foi reconhecer-se que o reu Castro Rebello não dormira em casa, pelo cerco que nella se dera; e esse reconhecimento foi de tanta maior vantagem, quanta esse reu foi apanhado na mais flagrante e miseravel contradicção com outras pessoas de sua familia, em cuja casa disse que dormira.

No theatro apenas ficara o subdelegado o Sr. Jovino Cezar da Silva, retirando-se logo e logo o Sr. Dr. chefe de policia juntamente com o delegado do 1.º districto.

Ao mesmo tempo que rectificamos essa inexactidão, defendendo o Sr. Dr. chefe de policia, censuramos-lhe o não ter prendido immediatamente e posto incommunicavel o reu Coelho: donde se vê que só queremos a verdade, offenda ella a quem offender.

Mas é que o Sr. Dr. chefe de policia, julgando Coelho alheio ao roubo do banco, por não haverem suspeitas contra elle, e demais ignorando a sua inimizade para com Soares,—todas essas coisas reunidas á sorpreza do caso fizeram com que Coelho fosse dormir em casa.

Dormir não,—porque os remorsos rebramiam em ondas indomaveis naquella consciencia perversa, que a sangue frio, sem nenhum motivo justificativo, se prestara a tão vil e ignobil papel.

Não era preciso ser phisiologista para reconhecer nelle a viva estampa do crime, quando no outro dia fôra presente a policia. Tinha medo e horror até de si proprio

Esses motivos, que não vieram á mente do Sr. Dr. chefe de policia, mas que não escapariam a um Freitas Henrique, muito bem invocado pelo illustrado articulista, foram que deram logar a estada de Coelho ainda uma noite fora da pressão da lei.

Si encontramos, porem, essa attenuante sobre a prisão de Coelho, na-

da ha que justifique o proceder do Sr. Dr. chefe de policia, não mandando tambem cercar as casas dos reus Castro Guimarães e Sampaio Vianna, quando ja precedentemente sabia da trina mancommunação contra o infeliz João Soares, não para a practica de um crime hediondo, e sim para a consecução de um fim que *os reus diziam honroso*, mas que certamente não o era para quem soubesse de alguns precedentes.

A questão do acontecimento de 6 deagosto com quanto filha do de dezembro, todavia esta hoje emancipada por nós para não augmentarmos a afflicção ao afflicto.

Nem todos são faceis de ser illudidos, nem de acreditar nas falsas apparencias de *cio de honra*.

Continuemos: O cerco das casas dos reus Sampaio Vianna e Castro Guimarães era de necessidade indispensavel, tanto mais quanto delle poderia provir outro facho de luz egual ao que resultou desemelhante diligencia, relativamente ao reu Castro Rebello.

Tiveram, portanto, os reus tempo de conferenciar a maneira por que no outro dia cada um devia contar a sua historia á policia, estrepando-se somente o reu Castro Rebello no logar onde passara a noite, isso mesmo porque a sua casa fôra cercada e elle não encontrado, quando não diria—que desde o anoitecer ja estava agazalhado por sentir-se um pouco incommodado.

Veja, pois, o Sr Dr. chefe de policia o mal incalculavel que resultou de sua falta de actividade, si bem que por ella não fiquem os reus absolvidos do crime que perpetraram.

O 1º considerando do despacho, assim como o 2.º não são contestados pelo nobre articulista, porque referem-se ao rapto, as offensas phisicas em João Soares, e aos indicios do crime, como cordas, velas, fosforos, encontrados no Moinho, dependencia da casa do reu Castro Rebello.

Passemos ao 3.º Ahi é que a argumentação tem sido fortissima, e continua a ser, vindo sempre a pello a opinião publica, palavras—que tem excitado tanto calor no animo do distincto articulista.

Dizer que a opinião publica não se apresentou instantanea contra os reus logo que a presença deploravel da victima foi chamando a concurrencia,—é negar a luz meridiana.

Nunca, em nossa vida, que não é das mais curtas, vimos um pronunciamento tam geral, firme e adhesivo como o desta cidade toda na manhan de 7 de agosto. Os nomes dos reus saltaram involuntariamente de todas as boccas, muito antes de saber-se do pormenores do crime.

Por isso mesmo que os jornaes do dia não noticiaram o facto criminoso que se deu ás 10 horas da noite, é que a opinião publica, tam expressamente manifestada, deve ter mais força, quanto mais que si formos reger a questão pela imprensa, então os reus são *uns santinhos*, porque a seu favor tem a quasi totalidade de jornaes velhos, novos, e novissimos, que se publicam nesta cidade.

Infelizmente, a imprensa chegou entre nos a um tal desvario, que importa sempre a negação de verdades as mais incontrastaveis

Que importancia pode ter uma imprensa, que nasceu alugada e morrerá vendida, onde o *interesse publico* troca-se pelo ouro do ladrão da fortuna alheia?

Que criterio pode merecer uma imprensa, que recebe *secretamente* a vil mensalidade de cem mil reis para não denunciar os abusos da authoridade, compromettendo por essa forma o *interesse publico*?

Que influencia pode ter uma imprensa, verdadeiro epigrama do *interesse publico*, que falla, cala-se e desapparece so pelo ouro, mais ouro, e muito ouro?

Em quanto existir uma imprensa tam baixa, vil, corrupta, e miseravel, o *interesse publico* ha de ser sempre ludibriado, e pode-se afoutamente dizer que é impossivel melhorar de sorte.

Desculpem que da pena do um homem da imprensa saiam expressões tam amargas, quanto verdadeiras.

O alvo ficou bem demarcado, e por tanto não ha motivos para ressentimentos.

A manifestação do povo logo pela manhan do di 7 de agosto não foi preparada por ninguem; e ninguem ha entre nos, que tenha tanta força capaz de reunir mais de cinco mil pessoas, tendo um so pensamento e uma so vontade. E ainda quando houvesse, esse pensamento e essa vontade não perdurariam até hoje, quando por assim dizer, a primeira impressão *sentida* pelo atrociidade excepcional do crime ja vibra branda pelo perpassar do tempo.

E verdade que nada mais voluvel do que as paixões populares; nada mais subito, mais rapido do que os seus vaivens do bem para o mal, e do mal para o bem; porem quando essas paixões se conservam inalteraveis nó coração de todos por tanto tempo, ha *un quelque chosello*, que denuncia a sua infallibilidade. *Vox populi, vox Dei.*

A consciencia pode abafar a paixão, mas nunca a paixão poderá abafar a consciencia.

A prova inconcussa de que a opinião publica não foi transviada está no proprio processo, onde cada uma de suas partes è a sombra viva e indelevel da criminalidade dos reus, e mais que tudo no senso intimo dos mesmos, que ha de ter-lhe dado que fazer nas horas silenciosas do noite.

Ainda hoje percorrei todas as partes, sem excepção de uma so, e onde encontrardes um individuo, basta um, perguntai-lhe quaes os authores do crime de 6 de agosto, e antes de terdes concluido a pergunta, ja a resposta de que foram os reus terá prorompido irresistivelmente do coração a assomar aos labios!

Assim como esta, ouvireis tantas outras, quantos forem os individuos a quem vos dirigirdes.

Pon tanto, negar-se que a opinião publica não proclamou altamente os reus como authores do crime—importa a negação da luz meridiana, como ja dissemos.

Si a opinião publica não se manifestou porque rasão os reus Castro Guimarães e Samprio Vianna receiaram tanto por suas cabeças, que pediram ate a policia que lhes garantisse a vida?

Que pronunciamento mais terrivel, (e é com profunda magoa e pezar que o registramos) que o do povo para com a inconsolavel familia do reu Sampaio Vianna?

Conseguintemente procurem os defensores dos reus outros meios de defeza que não o de negar as manifestações ruidosas de 7 de agosto.

A fome e sede de justiça, como ja fizemos ver, foi a origem dellas, fazendo um appello solemne á inteireza da authoridade.

Si a lei entre nos não fosse muita vez a teia de aranh , que prende so *as moscas*, em quanto que *as andorinhas* passam incolumes, na dura mas verdadeira phrase de um antigo legislador, a opinião publica se manifestaria por outra forma que não pelos excessos do dia 7, que so a continua e successiva violação da lei pode justificar.

Diz a historia da Persia que Cambyses mandou matar um juiz prevaricador, e cobrir com sua pelle o assento que devia occupar seu filho, tambem successor no cargo, afim de que sempre tivesse presente este exemplo.

Não queremos tanto. Eleve-se a magistratura á altura de sua missão, e seja ella responsavel, no sentido proprio e real da palavra, pelos abusos que commetter, e não teremos mais esses excessos improprios de um povo civilisado, sem que comtudo desapareça a opinião publica.

Ficamos no 3.º considerando, e sentimos não poder correr parelhas com o nobre articulista porque o jornal para o qual escreve é diario, não assim o em que sahem publicadas essas rudes e toscas linhas.

APONTAMENTOS

para a chronica do cavalheiro de Castro que tem de ser publicada pelo Anjo dos bonecos.

Continuam ainda os apontamentos

para a chronica do *Cavalleiro de Castro*, e elles são tantos, que não sabemos quando terão fim. Até que esse safado desengane-se de que ha quem lhe espreite os passos, não havemos de dar-lhe tregua nem de um dia.

Imposturar de honrado um ladrão como até hoje ainda não se viu nesta terra,—é o que não havemos de consentir por modo nenhum.

Ahi vae materia grossa.

Ja o publico é sabedor do modo infame porque foi compromettido o infeliz thesoureiro *Limão* pelo zanaga, quando a letra dos 150 da *thesouraria universal* não foi descontada com dinheiro de seus cofres. E ainda assim o miseravel apregoa que fez um beneficio ao *Limão*, porque tapou um buraco que mais tarde ou mais cedo havia de ser descoberto. Prometteu-lhe mundos e fundos por sua *riqueza* e partidos politicos, e o resultado foi deixal o amarrado em cordas que jamais podem ser desatadas.

Si o proprio dono das letras, o *banco dos godemes*, se prestasse a ir recebel-as na *universal*, o infeliz *Limão* não sacrificar-se-hia, confessando um crime que não commetteu. Dahi foi que sua fuga-se a um banqueiro, que varse sentou a pulha, e o ladrão com seus comparsas mandou logo publicar nos jornaes, que a letra tinha sido redescontada fim d'o dinheiro ir para os cofres da *universal*.

Outra mentira, que o proprio jornal se encarregou de desmentil-a. Compulse as collecções d'aquelle tempo, e essa verdade estará ahi patente.

Esse desmentido, porém, foi feito depois do *Cavalleiro de Castro* ter ido com *certa personagem* a outro banqueiro, que apenas installado se prestou a esse lindo papel, e por causa das duvidas lá foi-se para as europicas terras apreciar *l'exposition*.

E' um falso testemunho que brada ao ceu dizer-se que o *Limão* descontou a letra dos 150 com dinheiros da *universal*, quando o foi pelo *Cavalleiro de Castro*.

Pelos balanços que nella se dão, nos quaes vem extremada e descriminada a qualidade do dinheiro, vê-se bellamente que não havia uma nota de quinhentos mil reis, podemos affiançal-o, entretanto que o *banco dos godemes* recebeu o desconto quasi todo nesta especie.

Em 15 de dezembro o *Cavalleiro de Castro* deu cem contos de reis, e em outro dia o restante em notas de quinhentos da *Caixa filha* justamente as roubadas *na tripeça*. Aos interessados perguntamos qual era a trempe de semana neste tempo.

Temos por tanto o *Cavalleiro de Castro*, aquelle mesmo que teve de meação por de morte sua fallecida mulher 13:759$000, descontando letras no valor de 150:009$.

Convem acrescentar a tudo isso que um ou dois *corredores* da intimidade do *Cavalleiuo de Castro*, na semana do estoiro da *tripeça*, dirigira-se á aquelle que é hoje tam injustamente atassalhado e a outros, e offereceram-lhe o desconte de 70 ou 80 contos, asseverando que ja haviam descontado 40.

Ora 80 eom 40 são 120 com 150 da letra *universal* prefazem a somma total de 270; o roubo da *tripeça* foi de 266; t rada a prova dos nove, a conclusão e clarissima.

E' preciso declarar mais ao publico que um desses *corredores* é socio em algumas transacções da firma T. e C.ª em fazendas finas que mandaram vir da Europa, as quaca sahiram pela porta grande da alfandega, quando um celebre commanditario, aquelle que mandou avizar ao *Cavalleiro de Castro* da descoberta do roubo da *tripeça* por um saveiro, estava de serviço, e dahi da porta foram ellas para o trapiche G. propriedade do *Cavalleiro de Castro*.

Quer mais claro o publico quem seja o ladrão da *tripeça*? E' impossivel.

O *Guedes Cabungo* que aproveite esses apontamentos para algum dos actos do drama do banco. Mais claro so a luz do dia.

O ladrão da *tripeça* é o *Cavalleiro de Castro* de parceria com o *Annavi patacão*.

E o barão do Moinho, perguntar-me-hão?

Esse pela subdivisão nos lucros, interesse real e proprio, e pelo desejo de vingar-se do pae do seu sempre desejado genro, esta encangado com os dous, e nem o diabo será capaz de separal-os.

Pela extensão desse artigo não vae bem explicada essa união, que sel-o-ha em tempo opportuno.

Vamos *Cabungo* com a discussão do banco.

Juizo critico sobre o drama do banco.

V.

Diversas circunstancias apresentamos no artigo precedente que mostraram a impossibilidade de ser o roubo do banco commettido pelo Sr. João Soares de Oliveira, e a responsabilidade gravissima que peza sobre a direcção.

Temos sido o mais minucioso possivel na enunciação dos factos, que fazemos acompanhar logo da competente prova; e taes tem sido elles, que até hoje não foram contestados mesmo por aquelles, que tendo tantos defensores não podem escoimar-se da infamante pecha de ladrões.

Com essa apreciação do drama do banco, não temos a presumpção de dirigir a opinião publica, que sobre a especie já tem formado juizo firme e inabalavel.

A sequencia numerosa de transacções feitas nas proximidades de ser descoberto o crime, e ainda depois,—transacções que deram na vista do commercio inteiro pela somma dos valores, e epocha em que eram feitas contra todos os costumes da praça, confirma esse juizo que se apoia em dados irrecusaveis.

O nome do protogonista nessas transacções é pronunciado sem rebuço pela boca de todos, e nós pronuncial-o-hemos tambem quando chegar occasião opportuna.

O ladrão audaz que foi capaz de comprometter a caracteres illibados, roubando de parceria com outros 266 contos,—o ladrão, que por toda a parte onde vai assignala-se por feitos vergonhosos,—o ladrão que sem piedade roubou até o ultimo vintem do filho do seu amo o bemfeitor,—o ladrão que só para ser rico, muito, tem commettido quanta torpeza é possivel imaginar-se, até em negocios concernentes a interesses de familia,—um ladrão dessa marca não pode emcobrir-se com o incognito, e nós desmascaral-o-hemos de viva voz, sem que nos arrecceie nem o torvo revezar de seu insidioso olhar, nem o fofo aspecto de seu todo ominoso.

Contamos com o seu odio: miseria seria si grangeassemos sua detestavel amisade.

Continuemos. O facto delictuoso de seis de agosto teve um duplo fim; directo e inverso Directo—porque ahi a probidade ostentou-se galharda e altiva no soffrimento, apesar das perversas machinações dos malvados: inverso—porque a alfombra, que quizeram interpor á opinião publica só para comprometter a terceiro, rasgou-se por um milagre da Providencia, sempre justa, que um minuto não se fez esperar.

Esse pensamento requer maior desenvolvimento.

Os soffrimentos do Sr. João Soares, desde que mão inimiga lhe entregou [illegible] da perfidia, de sorpresa arrebatou-o, foram taes que de sua pintura [illegible] para receiar. Ainda bem que ell[illegible]mbem gram com força no coração de todos, e por tanto não é de mister reproduzil-os.

Pois bem: ahi nessas horas de anceio extremo em que a ultima fagula da vida está prestes a escapar, em que um grito arquejante e convulsivo, arrancado do mais intimo das entranhas denuncia o final desespero, em que a pupilla d'alma se dilatando por todo ao ambiente só depara com a desgraça certa e inevitavel,—foi nessas horas, que só ao pensar assustam, que o Sr. João Soaros não renegou os sãos principios—unica norma de sua vida, solidificou mais a justa reputação que merecidamente goza, e encontrou a vida, a esperança e a luz que para elles eram á—honra, e não deshonrou-se. Sacrificou a vida á honra, e não cahiu.

Que bello exemplo!? Os brios se despertam, e o coração se entristece ao

repassar esse facto singular de nossos dias!

Ha contrastes assim na vida da humanidade.

Eis portanto, o fim directo do horrivel crime de seis de agosto—a victoria explendida da honra do Sr. João Soares.

Para que a opinião publica, apezar de convicta, resfriasse ou amortecesse o seu juizo sobre os ladrões do banco, era preciso uma prova gigante, inconcussa e mathematica, que arrancasse até a mais leve suspeita.

Essa prova só um meio extremo poderia trazer, e porque um crime é consequencia de outro crime, novo crime apparece, revestido das falsas apparencias de zelo de probidade, zelo externo para compromettter *terceiro*, mas que internamente devia remorder esbravejadamente a voz imperiosa da consciencia.

Quer o Sr. João Soares confessasse, quer não confessasse qual tinha sido o ladrão do banco, (ridicula tragedia!) a partida estava ganha, porque o seu desapparecimento da face da terra era inevitavel para ao depois se apregoar a sua fuga no vapor americano, e nesse sentido estavam todas as cautelas tomadas.

Divulgada a fuga, como houve quem a divulgasse na cidade baixa, logo antes das sete horas da manhan do dia 7, passava elle necessariamente pelo ladrão do banco de mancommunação com *outrem*, para cujo escriptorio tambem houve ate quem apontasse.

Essa mancommunação ja estava urdida anteriormente, e não é preciso que declaremos mais quaes os motivos dessa trama.

E nem se diga que si elle confessasse sob ameaças ou torturas ficaria com vida, porque, alem de semelhante confissão não ter força alguma, os ladrões do banco tam tolos não são que quizessem responder por outro crime.

Queriam o desapparecimento da victima, e que esta comprometesse a terceiro por um escripto assignado, e dahi vem a prolongação das torturas, que tiveram fim por um caso extraordinario, independente da vontade dos algozes.

Si não fosse essa declaração, ja ella teria dado alma ao Creador, e seria sepultada no dique.

Desapparecido o Sr. João Soares, confirmava-se então ate certo ponto essa mancommunação, e não faltariam meios para que a confissão escripta apparecesse.

O plano, porem, abortou, e a verdade é a que geralmante é sabida.

Por tanto, aquelles que tiverem a coragem de tomar a si a authoria do barbaro crime de seis de agosto, esses são OS VERDADEIROS LADRÕES DOS 256 CONTOS DO BANCO DA BAHIA.

Quizeramos aqui fazer uma distincção, porem..... ficará para ao depois.

Eis, pois o fim inverso do sempre barbaro crime de 6 de agosto—a descoberta dos ladrões do banco.

Si não fomos claros na demontração, pedimos desculpa ao respeitavel publico.

O juizo critico continua, e não acabal-o hemos sem que nas paginas deste jornal fiquem escriptos em caracteres indeleveis os nomes proprios dosses ladrões de casaca.

O *Guedes Cabungo*, o maior archiladrão desta terra ja anda farejando a compra de bens de raiz. com o dinheiro que tem roubado aos assasssinos do agosto.

Quando em 1848, esse safado vendeu-se miseravelmente ao governo, promettendo não ser mais paschineiro trahindo ao depois a promessa vindo redigir a—razão—, do dinheiro da venda comprou a roça do saboeiro.

Na celebre questão dos trapicheiros, escrevendo *pro* e *contra*, duplo roubo que fazia, ahi o miseravel encheu se redondamente, e do dinheiro que tam desapiedadamente roubou, arrendou uma grande fazenda da ordem benedictina.

Do avaro commendador *Poderoso*, afim de não mais injurial-o e diffamal-

o, o tractante alquilé roubou-lhe a casa em que actualmente mora, roubo este feito com tanta maestria, que o commendador ainda hoje se admira da subtileza da empalmação.

Vendendo-se a uma quadrilha mixta de bancorreiteiros fraudulentos, assassinos, ladrões, etc. etc., para injuriar e diffamar a outro commendador, que por muitas vezes matara-lhe a fome, do dinheiro reformou a *cova do caco*, mandando buscar novos typos, prelo etc.

Chegou o testamento Teixeira, e o astuto ladrão, sem querer ajustar o preço dos paschins que escrevia, no fim apresentou uma conta de seis contos de reis, e com esse dinheiro comprou a fazenda que tem *cannas*.

Como estes, muitos, outros roubos poderiamos mostrar feitos pelo ladrão-mor *Cabungo*, dos quaes o publico é mais que sabedor.

Vamos, porem ao que importa, por que nem todos sabem o que é.

Era outrora administrador de uma fazenda do mosteiro de S. Bento, um creoulo de nome Bernardo, que apesar de rustico e ignorante, tornava-se respeitavel, e era casado com uma creoula de nome Maria, escrava da Ordem.

Cabungo, animal lascivo e torpe ate o ultimo grau da devassidão, assim que viu a creoula que não era das mais desengraçadas, fez se amigo por tal forma do infeliz creoulo, que não almoçava nem jantava sem elle, affagava-o, presenteava-o, e afinal de contas furtou-lhe a mulher, trazendo-a para a *cova do caco*.

O creoulo, homem de vergonha, apaixonou-se por esse acto, e lançando mão de uma corda inforcou-se.

O monstro, nem assim, sentiu pungir-lhe os remorsos.

Houve denuncia onde a creola estava, e o mosteiro, sabedor do facto, contra seu costume, deu ordens severas para a apprehensão da escrava.

Cabungo, então intimo de Fr. *Lanigero*, empenhou-se de modo que foi ella liberta por duzentos mil reis, que roubou dos proprios amigos por meio de uma subscripção, dizendo que era para libertar aquella infeliz, que tinha vindo procurar o seu valimento.

Este facto succedeu, ha dez para doze annos; e o bruto ainda tem a rapariga, que trazendo uma filha foi por elle deflorada, e vivem em commun.

O relaxado devasso nem comida lhes dá, pois vivem esmolando a caridade de uns typografos, que são socios do *Cabungo* na carniça.

Eis, pois, quem é o *Guedes Cabungo*. Pessoa insuspeita, (testemunha o ceu) disse-nos que elle ao ler os artigos do *Alabama* voa-lhe uma cinza ou polia da hedionda cara, que causa nojo.

Morde e remorde os venereos syfiliticos beiços, e fica como um endemoniado.

Deixa estar ladrão: justas e severas contas tens de ajustar com nosco na imprensa.

Breve terás de ouvir a historia das orfans do Pilar, a quem roubaste desapiedadamente.

Charada.

Assim faz o carpinteiro
La no mato com o madeiro —2
E se aquella está buscar
Maneta eu hei-de ficar—1

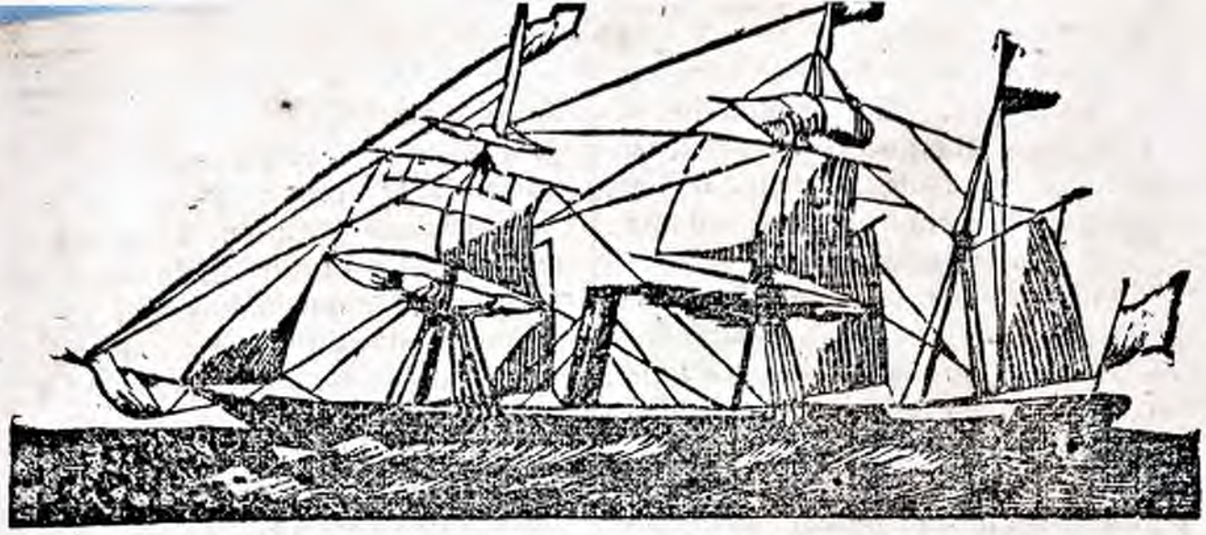
—

Meu todo uue é perigoso
Ao carpina é protestoso

ANNUNCIOS.

Quem quizer alugar uma pequena casa sita á nova estrada, que vai da ladeira da Soledade para a Quinta dos Lasaros, tendo alguns arvoredos fructiferos e um bom brejo, dirija se a cadeia da Correicção em Santo Antonio alem do Carmo, á tratar com o carcereiro.

Quem precisar de uma ama para cosinhar, para casa de pequena familia dirija se a esta typographia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

(SUPPLEMENTO)

BAHIA—ANNO V. 28 DE SETEMBRO DE 1867. SERIE 27.ª—N. 265

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de setembro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. delegado da cidade de Santo Amaro, requisitando-lhe a presença do relojoeiro estabelecido nessa cidade Manoel Pedro de Vasconcellos, afim de dar explicações sobre a queixa que contra elle apresenta o guarda policial Manoel Valentim Pereira, accusando-o de lhe haver elle por meio de fraude surripiado um relogio que o mesmo lhe dera para concertar.

A PEDIDO.

PROCESSO CASTRO REBELLO & C.ª

XIV.

Fosse qual fosse o meio, a authoridade ou tribunal, que decretasse a soltura dos accusados, ficaria em má condição, porque não haveriam forças que podessem suspender, ou abafar as consequencias desse acto,—pedra de toque do escandalo, ultimo verbo da corrupção, inqualificavel e inclassificavel nos annaes dos casos julgados.

O *Interesse Publico* de 25 do corrente, n.º 912, ja arremette de chifres contra o *Diario* por commetter o *novum atque inauditum crimen* de transcrever os artigos que temos escripto, analisando o processo.

Essa invectiva é tam parva e estupida, que só o desespero de defeza e salvação poderá attenuar.

Não contente com esse meio de *advogar* a causa dos criminosos de 6 de agosto, para a qual ja tem escripto *vinte artigos*, cada qual mais singular e incomprehensivel no seu genero, atira sobre nós a rasteira intriga de querermos influir ou intervir nas decisões dos tribunaes de justiça.

Felizmente não nutrimos essa stulta presumpção.

O que não quizemos que passasse em silencio—foi o proceder insidioso e criminoso dos reus apontando o nome dos magistrados que tinham de se curvar ou ao poder do ouro, ou ao do patronato; e havemos de protestar sempre com todas as forças da indignação contra semelhante protervia e picardia.

Houve quem presenciasse o facto, e alem dessa pessoa outras muitas o tem ouvido por boca dos amigos confidenciaes dos reus.

Hontem a noite na rua Direita do

Palacio, em uma loja de palestra, um desses arautos com o maior descaro pronunciou-se assim:

«*A questão agora é só de tempo. Dous ja estão seguros de pedra e cal; faltam somente dous que hão de abrandar-se quando chegar certo personagem* »

Poderá esse miseravel espoleta ou rabo-leva dos reus negar esse facto por elle apregoado sem a menor reserva?

Si defender em consciencia a honra de caracteres, até hoje immaculada — é a rasteira arma da intriga, nós com summo prazer queremos ser intrigantes cedendo o papel opposto *aos denodados amadores da verdade!*

. . . . . .

Continua o *rajado* escriptor dizendo que esses artigos são escriptos sob influencia estranha.

Si o miseravel e perpetuo defensor de todos os ladrões, tam ladrão como elles, não estivesse accostumado a representar em todas as occasiões tam despresivel papel: si não quizesse medir a dignidade alheia pela craveira infame por que mede a sua; — não teria o protervo ardimento de proferir esse pensamento, unico modelo de sua noxia e corrupta vida.

Como, porem, *quem por si se julga a mim não me offende*, nem mais uma palavra sobre elle diremos.

Quem está fermentando a gestação nas entranhas da terra é este folliculario, que foi o primeiro a diffamar familias, a estimular nacionalidades, elle que até hoje nunca teve familia, nem patria conhecida.

Depois que á mãos largas sciou a fome, e mitigou a sede com o ouro de quem tanto hoje offende, quer escavar mais a mina, ja, ha bem pouco tempo tam bella e felizmente explorada.

Não satisfeito com o seu phascim, procura outros, e ahi não tem mãos a medir.

Por aquella centina de excremento, como ja lhe clamaram, despeja toda a peçonha coagulada n'aquelle porverso coração, e isso só a sangue frio para ganhar dinheiro.

O exemplo de todos os vicios baixos e infamantes está incarnado naquelle todo repulsivo e ominoso.

Pode dizer, portanto, o que quizer, porque a opinião publica ja o conhece de mais.

Quem tem servido a tantos senhores não é possivel que seja boa rez.

As variadas e multiplas phases de sua vida são o livro negro, a vergonha da imprensa da Bahia.

Os factos se reproduzem progressivamente até mais não, e ainda assim só lhe toca em partilha a miseria.

A Providencia não dorme — vela.

. . . . . .

O illustrado articulista do *Jornal da Bahia* no seu artigo 7.° (2.° em relação a analise do despacho de pronuncia) ainda recalcitra na opinião publica, antes de passar ao 4.° considerando.

O facto da alta manifestação popular em todo o dia de 7 de agosto, de sol a sol, e ainda hoje, porém calma e reflectida, é novissimo, para que as palavras do digno defensor dos reus possam produzir effeito.

Para dar testemunho de seu estrondo, só falta que os irracionaes raciocinem e fallem, e os inanimados se animem e os acompanhem. A comoção foi geral, e ninguem haverá, em boa fé, que possa nega-la.

Ante tanta evidencia, nada mais adusiremos sinão de passagem, quando a occasião permittir.

Quando no processo existem provas tam palpitantes da criminalidade dos reus, para que descer-se a pequenina critica de censurar-se o Sr. Dr. chefe de policia, porque não advinhou as iniciaes marcadas no lenço que se encontrara no Moinho?

Essa advinhação era mais de dever dos reus, que da policia; porque esta ja tinha as provas do crime e seus agentes, e aquelles nenhuma tinham de sua pretendida innocencia.

Gœteris paribus é assim que aconselha o direito, ensinam os praxistas, e manda a lei.

Si esse meio, a advinhação das iniciaes, podia absolver os reus, e descobrir algum fio que conduzisse ao acha-

do dos *criminosos*, é pena que elles não empregassem quantos esforços fossem possiveis para esse achado, *facsimile* da pedra philosophal.

Não são argumentos dessa ordem, que podem destruir os fundamentos do despacho de pronuncia, dado muito e muito conscienciosamente pelo Sr. Dr. chefe de policia.

Si sugestões estranhas, e conselhos imponentes actuassem em sua mente, como diz o illustre articulista, á pronuncia deveria ter sido por tentativa de morte, e não por ferimentos graves.

Não houve, portanto nada de fora que interviesse no despacho de pronuncia, como não o houve na prisão dos reus; tanto que o Sr. Dr. chefe de policia, sem communicar á alguem o occorrido que lhe fora denunciado pelo reu Coelho, salvo ao Exm Sr. presidente da provincia que estava tambem no theatro e ao delegado do 1.° districto, mandou cercar a casa do reu Castro Rebello

A que vem o argumento de terceiro para a innocencia dos reus?

Destruam as provas, e esse é o unico meio de defeza; tudo o mais será amor de longos arrazoados sem nada dizer.

Passemos ao 4.° fundamento do despacho de pronuncia que está concebido nestes termos:

« *Considerando, que tanto os reus, (os tres ex-directores) de ha muito, traziam espiado, o referido João Soares Oliveira, e cogitavam nos meios de fazer descobrir quem era o author do furto ou roubo, succedido no banco da Bahia em dezembro do anno proximo findo, como declaram em seus interrogatorioz de f. a f.*»

Sendo o primeiro a reconhecer que o hediondo crime de agosto é filho, e até legitimo, do não menos de dezembro, dissemos no artigo precedente que, para não augmentar a afflicção ao afflicto, emancipal-o-hia-mos, discriminando e extremando por essa forma um do outro.

Quando ha presumpções as mais fortes, e suspeitas vehementissimas de que qualquer individuo é o author deste ou d'aquelle crime, por exemplo, o de roubo, nada mais natural, á primeira vista, do que ser elle o primeiro empenhado, sobre todos para descobrir o ladrão afim de desviar as suspeitas de si.

Mas si se attender para certas circumtancias, ver-se-ha que aquillo que parecia a primeira vista *cio de honra*, é cio de fraude, porque o ladrão quer sempre julgar-se mais fino e subtil que os outros.

As transacções avultadissimas feitas proximamente á descoberta do roubo por pessoa, cujos fundos ja conhecidos pelo publico não davam para isso, transacções, em epochas anormaes, representadas pelas mesma especie que foi roubada, e os precedentes continuos de uma vida sempre preocupada pela famelica ambição de riqueza, alem de muitas outras circumstancias,—todas essas coisas são suspeitas e presumpções reaes do crime, que para serem desviadas pela opinião publica, era preciso que fossem cohonestadas e provadas por esse *cio de honra* para descobrir (que farça ridicula!) o ladrão.

Novo crime perpetou-se.

Que tem que fosse 10, 20, 30, ou 40 mezes depois?

A astucia do ladrão dá para muito mais.

Os trez reus ex-directores, não podem pretender o fofo orgulho de serem mais honrados do que os seus ex-collegas. E a esmerilhar bem a questão, si os consequentes devem ser julgados pelos precedentes, nada lhes pode ser favoravel.

A responsabilidade da direcção é geral, e entre ella a honra mais abalada era a do Sr. Silva Lima pelo facto unico de ter sido quem recebeu o dinheiro.

E' que muitas vez ninguem advinha o negro crime que se encobre pelo riso, nem a torpe infamia que se acoberta por uma gravidade apparente.

Ahi é que está a nihilidade humana.

Si motivos pundonorosos tivessem levado os reus a practica nefanda do crime de agosto, a propria honra exigia que elles confessassem-o, e não per-

sistissem na obsecada pertinacia de negal-o.

A honra é franca, não tem necessidade de buscar as trevas.

Quem se homisia, é porque se arreceia.

A entente cordeale, que existia entre o Sr. Dr. chefe de policia e os reus, era o desejo que tinham estes de desviar as suspeitas, e não a comparticipação de um crime.

O Sr. Dr. chefe de policia, em sua excessiva boa fé, confundiu os homens com as palavras, e por isso é que os reus querem encontrar nesse fundamento do despacho de pronuncia um motivo *honroso*.

Sobre esse considerando basta.

Não queremos provanças mais dolorosas.

Em ultima analize,—dous foram os ladrões directos do banco, entrando terceiro mais pelo desejo de vingança, que pela interesse real.

Entre elles ha essa distincção.

O *Guedes Cabungo* tem razão de querer que o sassarugo *Calitina* seja chamado á policia, para denunciar quaes os ladrões da *tripeça*.

Felizmente o *Cabungo* ja disse uma verdade, e nós insistiremos nella até que se traduza por facto.

Tendo o sassarugo, sido quem vendeu os 20:000$ das cedulas de dez do governo, cor de telha, e declarado na occasião da venda a quem pertenciam, ninguem tem melhor razão de sciencia do que elle para accordar a policia do profundo lethargo em que jaz ha nove mezes; tanto mais quanto foi elle quem apregoou pela baixa latronopolis ser o Botto o author do roubo para desviar as suspeitas que pesavam sobre os ladrões.

Confidente intimo do *X. X*, um dos socios da *empalmação*, e sempre presente em todos os *meetings*, o sassarugo *Calitina* pode prestar serios esclarecimentos para *descarregar* a pureza de sua consciencia de borracha.

Essas confidencias ja datam de epocha muito anterior.

Quando o corsario de nova especie foi atraz do genro tam desejado, o sassarugo, alem das pessoas da familia *marmelada*, foi o unico que soube, quem recebeu procurações, deu cartas de credito, estando na melhor harmonia com o commendador, de quem ouvia para levar ao *X. X.*, ou ao corsario.

(Fica a vontade do publico a escolha do nome)

Foi ainda o sassarugo quem se incumbiu da honrosa missão de alcovitar e catequisar o filho do commendador, juntamente com o *celebre* F—tal.

Finalmente tanto o sassarugo estava á par dos tenebrosos planos, que asseverou ao proprio filho do commendador, logo pela manhan antes que o infeliz *Soreas* tivesse apparecido, que o rapto era falso, pois o rapaz tinha fugido; e a outras pessoas disse mais alguma cousa, chamando *farças arranjadas* pelo commendador.

Eis ahi a *reputação honrada* do sassarugo, um devasso, sem religião, sem patria, e sem moralidade, que até aos proprios filhos vendeu.

O miseravel é uma peça tam ruim, que sendo correspondente dos parentes de *Soreas* moradores em Valença, e dahi xuxando grossa moxiba, ainda assim persegue horrivelmente ao pobre rapaz, e tem se empenhado com os D. a favor dos assassinos.

Que traste!

Então, *Cabungo*, os apontamentos servem ou não?

Breve saberás mais alguma cousa do sassarugo *Calitina*.

—Quero perguntar-lhe uma cousa.

—E eu responderei, si souber.

—Os escrivães de paz podem procurar no forum?

—Não.

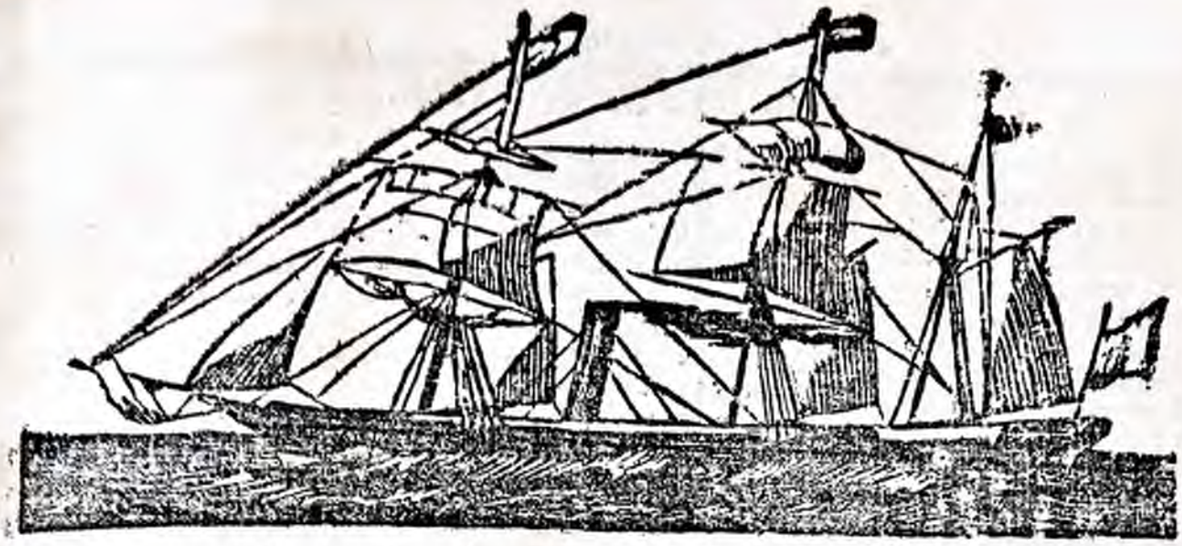
—Mas eu vejo um que arvora-se em procurador na propria freguizia em que exerce o officio.

—Quem é elle?

—Por ora não lhe digo; deixe ver primeiro si o sugeito entende a pedrada onde vae bater e muda de rumo.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.

O
ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. Serie 35.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 2 DE ABRIL DE 1868. N. 343.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alábama* 1 de abril de 1868.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que va ter com um *pombista* da ladeira da Praça, nº 13, e previna-lhe que deve se cohibir de estar a estragar os telhados alheios com seus pombos, bem como de preterir as familias da visinhança de estarem a sua vontade no interior de suas casas, que são devassadas pelo mesmo constantemente, quando anda pelos referidos telhados. Cumpra.

—Os prisioneiros paraguayos abusam constantemente da hospitalidade, que encontram entre nós.

Em Santa Catharina, segundo refere o *Mercantil* daquella provincia, o capitão paraguayo Diogo Alvarenga, á pretexto de procurar uma gallinha, entrou, accompanhado de outros, na fortaleza de Santa Anna e espancaram os invalidos cabo Manuel Roques da Silva e o soldado Santa Anna, que alli estavam destacados, ficando feridos o cabo e sua mulher.

—Que ousadia!

—Na Bahia, um paraguayo, um dia destes, teve a insolencia de invadir uma casa no Baluarte e querer forçar uma mulher casada a satisfazer-lhe os lascivos e brutaes desejos!

—Desaforo!

—Houve uma lucta horrivel e desegual e inda depois de accudir gente o attrevido paraguayo resistiu.

—E que fizeram?

—Sahiu dalli amarrado, porem não sei si tão ousado e reprehensivel procedimento foi castigado.

—Havia de ficar impune; porque para essa gente ha muita comtemplação.

—Fosse algum prisioneiro brasileiro fazer a quinta parte com o Lopez e veria de que pau se fazia a canoa.

—Um despacho modelo.

—Vejamol-o.

—O Sr. Saldanha Marinho, presidente de S. Paulo, deu em uma petição de Augusto Pinto da Silva Saes o seguinte despacho—*Sempre que a devoção prejudique a obrigação, deve o supplicante satisfazer esta de preferencia. Indifiro, por tanto, o que requer.*

—V. o que pensa? Os homens graves tambem dão ás vezes para divertidos e *graciosos*.

—Parecerá brinquedo de creança, diz o *Messias Politico*, mas é acto de um homem serio.

—Sexta-feira, 3 do corrente, é o dia em que a Egreja celebra as dores de Maria Santissima: por isso offerecemos aos nossos leitores para recitarem nesse dia o seguinte:

TRIO DO STABAT MATER.

Posto em mortal agonia
Queixava-se o Bom Jesus,
Quando nos braços da Cruz
Sem amparo algum pendia;
Mas si ali sem Pae se via,
Não estava solitario,
Porque tambem no Calvario
Stabat Mater dolorosa
Juxta Crucem lacrimosa
Dum pendebat Filius.

Ah! que dor não era esta;
Esta Mãe ao pé da Cruz,
Sem a seu Filho Jesus
Poder um allivio dar.
Bem se pode acreditar
Que esta dor foi penetrante,
Por ser de uma Mãe amante,
Cujus animam gementem
Contristatam, et dolentem
Pertransivit gladius.

Si o seu coração dotado
D'uma natural ternura,
Sentia muito a amargura
De qualquer desamparado,
Como por seu Filho amado
Maior dor não sentiria,
Quando em desamparo via
Oh quam tristis, et afflicta
Fuit illa benedicta
Mater unigenit!

Tambem estava presente
João com a Magdalena,
Sentindo um e outro a pena
Do Bom Jesus innocente.
Em ambos era egualmente
Grande a dor que os affligia,
Mas não como a de Maria,
Quæ mærebat, et dolebat,
Pia Mater, dum videbat
Nati pænas inclyti.

Assim afflicta, defronte
De seu Filho agonisante,
Soltava do peito amante
De terno pranto uma fonte:
Corria esta no Monte,
Onde as pedras se quebravam:
Então si ellas estalavam,
Qui est homo, qui non floret,
Matrem Christi si videret
In tanto supplicio?

Talvez ali persistisse,
Algum duro coração,
Que de dura compaixão
De todo não se partisse:
Talvez que sem magoa visse
A dor desta Mãe; porem
Si algum reflectisse bem,
Quis non posset contristari,
Matrem Christi contemplari
Dolentem cum Filio?

Sim, quem contemplasse attento
Na dor, que a martyrisava,
Veria, que elle a causava
Com seu mau procedimento:
Daqui todo sentimento,
Toda dor lhe nasceria,
Vendo, que a Virgem Maria
Pro peccatis suæ gentis
Vidit Jesum in tormentis,
Et flagellis subditum.

Mas não ha quem considere
Na causa, que a mortifica,
Si um seu Filho crucifica,
Outro o coração lhe fere,
Não ha de quem ella espere
A menor consolação,
Porque na extrema afflicção
Vidit suum dulcem Natum
Moriendo desolatum
Dum emisit spiritum.

Ah! neste triste momento
Teve a terra um forte abalo:
Eu ainda não estalo
De dor, e de sentimento?
Ai de mim, si este tormento
Não rompe meu peito fero!
Que mais, Senhora, que espero?
Eia, Mater, fons amoris,
Me sentire vim doloris,
Fac, ut tecum lugeam.

Já que sois fonte de amor,
Em que a graça sempre abunda,
Fazei, que ella se diffunda
Em mim pela vossa dor.
Vosso pranto em meu favor
Correndo não se demore
E para que mais eu chore,
Fac, ut ardeat cor meum
In amando Christum Deum
Ut sibi complaceam.

Vinde para derramares
Uma porção de amor puro
Neste meu coração duro,
Que não tem vossos pezares:
Ponde nos meus olhos mares
Da vossa dor pelo effeito,
E entrando dentro em meu peito
Sancta Mater, istud agas,
Crucifixi fige plagas
Cordi meo valido.

Essa espada penetrante
Que o coração vos traspassa,
Venha, o mesmo estrago faça
Neste meu peito inconstante,
E para que participante
Da vossa dor sempre eu viva,
Vós piedosa e compassiva
Tui Nati vulnerati,
Tão dignitati pro me pati
Pænas mecum divide.

A dor, que vos move o pranto,
Seja em partes dividida,
Porque a pena repartida
Não causa tormento tanto;
Padeça ou tudo, quanto
Ao pé da Cruz vos magoa,
E para que mais me doa,
Fac me tecum pie flere,
Crucifixo condolore
Donec ego vixero.

Por mais que as falsas deidades
Do mundo ingrato me enleem,
Por mais que me lisongeem
Com suas felicidades,
Gostos, honras, dignidades,
Tudo eu deixo, nada espero;
Porque aqui somente quero
Já-ta Crucem tecum stare,
Et me tibi sociare
In planctu desidero.

Si vós, porque tenho dado
Causa a tanta tyrannia,
Não quereis a companhia
D'um peccador tão malvado,
Eu já choro meu peccado,
Sinto o mal que tenho feito,
E vós por esse respeito
Virgo virginum præclara,
Mihi jam non sis amara,
Fac me tecum plangere.

Não desprezeis a humildade
Com que á vossos pés me rendo,
Porque devéras pretendo
Chorar minha iniquidade;
E como para a vaidade
De todo me crucifico,
Fazei como vós supplico,
Fac, ut de portem Christi mortem
Passionis fac consortem
Et plagas recolere.

Da terra e do mar profundo
Já nenhuma cousa espero;
Pois de todo já não quero
Os bens caducos do mundo;
Do meu coração no fundo
Só quero as chagas de Christo;
Si do mais tudo desisto,
Fac me plagis vulnerari,
Fac me cruce inebriari,
Et cruore Filii.

Com Jesus crucificado
Permitti, que eu sempre esteja
Chorando até que me veja
Da triste morte assaltado:
Si eu então por culpado,
Merecer o fogo eterno,
Fazei com amor materno
Flammis ne urar succensus,
Per te, Virgo, sim defensus
In die Judicii.

Sim, meu Jesus, nesse dia,
Em que eu for por vós chamado,
Mereço ser condemnado
Pela minha rebeldia;
Porem si à Virgem Maria
Eu recorro desde agora,
Da morte na infausta hora,
Christe cum sit hinc exire
Da per matrem me venire,
Ad palmam victoriæ.

Por ella no golpe agudo,
Que eu sentir no aperto extremo,
Contra os perigos, que temo,
Espero ter forte escudo:
D'Ella é que espero tudo,
Por ser Mãe dos peccadores,
E vós pelas suas dores
Quando corpus morietur,
Fac, ut anima donetur
Paradisi gloria—Amen.

LA VAE VERSO.

POR QUE SERA'?

Por que será que a politica,
Sendo tão apetecida
Pelos grandes do paiz,
Stá hoje tão corrompida?
E por que os taes,
Grandes senhores,
São dos partidos
Vis corruptores;
Fazendo escada,
Dos bestalhões
Para empolgarem
As posições.

Por que será que um partido
Que se diz mui *grandioso*
Do seu seio não afasta
Um membro vil e odioso?
E por que quer'
Um suplemento,
Das suas tricas
Vil instrumento;
Que ponha em jogo.
Planos nefandos,
Torpes injurias,
Fraudes e enganos.

Por que será que o commercio
Conceitua a um ratoneiro,
Um tratante, um corrompido
Um miseravel sendeiro?
E' por que o ouro,
Furtado ou não,
Offusca os homens
Com seu *clarão*;
Alem de que
Do seculo a luz,
Hoje ao avesso
Tudo reluz.

Por que será que os doutores
Que em direito são formados,
Si não todos, grande parte,
São matreiros e *mitrados*?
E' por que aprendem
N'academia
Em vez de sciencia
A filistria!
Estudam tricas
Desde *calouros*,
De envolta as tramas
Dos taes namoros.

Por que será que o empregado
Que é refinado toupeira,
Se diz sempre habilitado
P'ra posição altaneira?
E' por que vem
Do idiotismo
Os loucos planos
Do pedantismo.
Bruta caixola
Julga conter
Toda sciencia
Que pode haver.

Por que será que os vigarios
Tem as suas companheiras,
Que escolhem dos seus rebanhos,
A titulo de cosinheiras?
E' porque a vida
Do isolamento
E' para o homem
Fatal tormento;
Além de que
Do mundo a gloria
São as mulheres;
O mais é historia.

Porque será que os soldados
São, em geral, caloteiros
Refinados tropiantes
Ardilosos, tarimbeiros?
E' porque o estado
De servidão
Arrasta o homem
A' perversão:
Muito trabalho,
Pouco dinheiro
Faz d'um beato
Um *caloteiro*.

Por que é, que os namorados
Passeiam frequentemente,
Fazendo com seus requebros
Um papel todo indecente?
E' por que os taes
De apaixonados
Dos outros olhos
Julgam vendados;
Mas hoje todos
Já são viseiros
Nas *armaduras*
Dos taes *gacheiros*.

Porque será que as senhoras
Quasi todas são vaidosas,
Inda mesmo sendo feias
Sempre se julgam formosas?
E' porque entendem
Que a formusura
E' para os homens
Forte «armadura»:
E assim se adornam
Com arte e geito,
Mas, muitas vezes,
Sem ter effeito.

Porque será que os poetas,
Quanto mais ignorantes,
Tanto mais são arrojados,
Garotos e petulantes?
E porque julgam

Que a poesia
A' taes manejos
Os auxilia;
E para exemplo
Ja vou citando
Este poeta
Que está rimando.

Á PEDIDO.

Por *Nossa Senhora da Conceição dos Artistas*, pede se a um Sr. que tem *arco* sem ser *caboclo* e em que todos mette a *rabeca*, o favor de ir pagar as sete libras de spermacete, que tomou em certa venda por um modo industrioso.

Industrioso porque não disse que era fiado; entrou na venda pediu as vellas e sahiu apressado como quem ja voltava, e la vão bons sete mezes sem que escorregue com o côco.

E' verdade, que ha dias ouviu uma sarabanda, de tirar couro e cabello, mas como não deu de si, pede-se-lhe por meio deste.

O Baldoino

CONVERSA NAS GALERIAS.

—Que teima do Correia de Araujo com o Eusebio sem cabimento.

—E' verdade. Querer que jurisdicção e attribuição sejam synonimos.

—Está porque eu digo que melhor é não fallar, do que fallar errando.

—Si aqui estivesse o Fr. Carneiro eu o aconselhava que fosse á sua cella aprender synonimos.

—Veja que teimoso.

—E elle não vê logo que o Eusebio tem a cabeça maior que a delle.

—Acho melhor que elle siga o systema do primeiro e segundo secretarios, que não fallam com medo de que lhes entrem alguma..... mosca pela bocca a dentro.

—E como elle ficou zangado do Zama dizer—Ora.

—Mas o Zama respondeu cathegoricamente, dizendo que em discursos serios na assembléa geral se dão apartes de—*ora bollas*, quanto mais aqui na assembléa provincial, onde um deputado diz que jurisdicção e attribuição são synonimos.

—Agora V. ha de ver se sae isto publicado.

—Qual, sae publicado nada! Na legislatura passada, quando certo deputado disse em seu discurso, que não vinha mais *cá gado*, sahiu o discurso, mas não o cacophaton de que elle usou.

—O mesmo ha de ser este.

—Previne-se ao *geral*, que, ligeiro como *coelho*, tome suas medidas, porque o *Piroca dos rios* o está atrahiçoando, e não se fie nos dentes que o mesmo lhe mostra; porque elle diz abertamente, que a eleição de certa freguezia o ha de fazer *geral*.

E' de crer piamente em vista da felicidade que acompanha ao tal menino, conservando o seis mezes na capital nas melhores parochias.

E mesmo que é preciso remunerar certas visitas...

Ora...essa é boa...

Offerecido a certo meninorio que bem entende o verso.

MOTTE

O tal menino improado
Tem fina cor de canella

GLOSA.

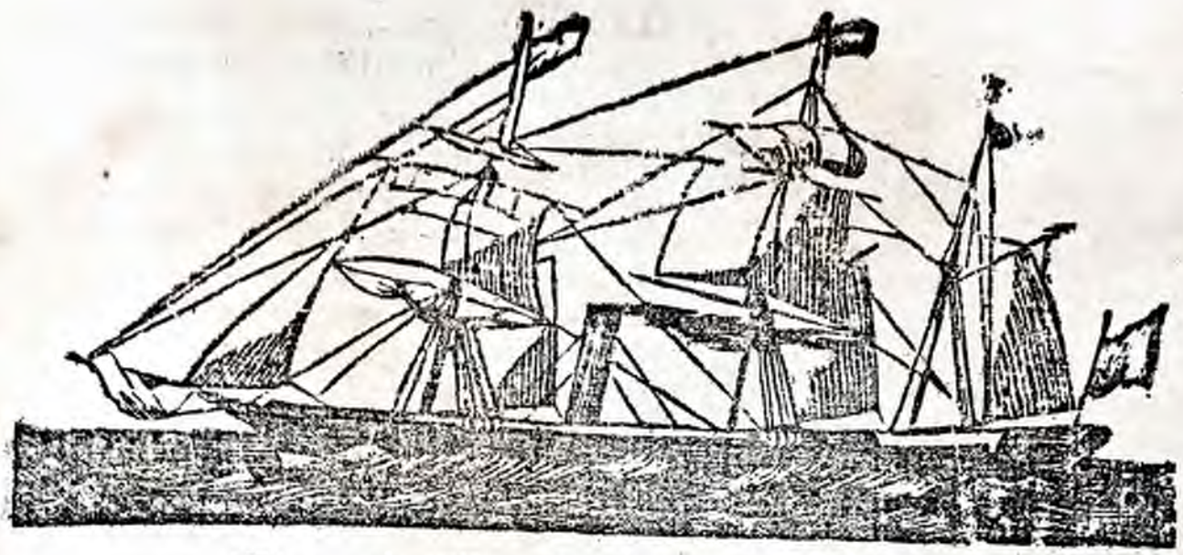
Com cabello engrovinhado
E com beiços de alguidar,
Quer de todos desdenhar
O tal menino emproado,
Venha cá meu estremado,
V. que la da Benguella
Tem tão perto a parentella
Não tenha tamanha prôa;
Veja que sua pessoa
Tem fina cor de canella.

VARIEDADES.

A CRUZ.

Estrellas
Singelas,
Luzeiros
Fagueiros
Esplendidos orbes que o mundo aclaraes,
Desertos e mares, florestas vivazes,
Montanhas audazes, que o sol rastejaes!
Campinas
Divinas!
Cavernas,
Eternas!
Extensos
Immensos
Espaços
Celestes!
Rochedos bravios!
Abysmos sombrios!
Ergastulos frios!
Infernos terrestres!
Sepulcros e berços, mendigos e grandes,
Curvae-vos ao vulto sublime da cruz!
Só ella nos mostra da gloria o caminho,
Só ella nos falla das leis de Jesus!

L. N. F. Varella.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VI. — Serie 35.

BAHIA — 4 DE ABRIL DE 1868. — N. 344.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO *CORREIO DA EUROPA*.

Chamamos a attenção de todos os brasileiros para uma publicação inserta no *Correio da Europa*, jornal que se publica em Lisboa, de 13 de março do corrente anno, que tem por titulo—*a guerra do Brazil contra o Paraguay*.

Ainda que o menos competente em intelligencia para responder de prompto ás considerações ingratas, perfidas e insidiosas, que o lusitano articulista, *bastante conhecido entre nós, e a quem tantas finezas temos prodigalisado*, extravasa contra a nação brazileira, todavia, o brio e amor nacionaes, e mais que tudo a verdade, nos dão forças para repellir com energia e dignidade essa torpe publicação do *caturra*, defensor do Paraguay.

Já sabemos que vamos entreter polemica com *essa miniatura asquerosa* da humanidade: não importa: mil vezes o seu odio que a amisade.

Si a guerra do Brazil com o Paraguay foi a mais desastrosa concepção que podiam ter os homens de estado do Brazil, como affirma o articulista, que o digam os triumphos e victorias que até hoje tem alcançado o exercito e a esquadra, que prestes estão a dar cabo da ardua missão que iniciaram.

O resultado, não possivel, mas real da vantagem, está provado; e era preciso que o povo brazileiro tivesse perdido todos os estimulos de nacionalidade para não vingar a affronta que lhe fôra irrogada pelo tyranno do Paraguay.

Concepção desastrosa dos homens de estado do Brazil é consentir que em seu solo pizem portuguezes degenerados e infames, que pelo sordido interesse tudo sacrificam, até a propria honra.

Concepção desastrosa dos homens de estado do Brazil é não expellir do commercio nacional essa companhia do olho-vivo, filial da estabelecida em Portugal, que, depois de nos extorquir até o ultimo vintem, tracta-nos desapiedadamente por essa forma!

Eis-aki porque um homem eminente, em pleno parlamento, dissera que o unico bem que nos tinha vindo de Portugal era—a religião catholica, apostolica, romana!

Em verdade que só a paixão levada até a cegueira pode fazer que se lance o odioso da guerra com o despota do Paraguay contra nós.

E' mister desconhecer todas as occurrencias havidas para em boa fé haver quem se pronuncie por essa forma.

Seja dito uma vez por todas, afim de que o *caturra articulista* não faça disso cavallo de batalha;—que o Brazil, empenhando a guerra, nunca teve em mira a annexação e sujeição do Paraguay, mas sim defender a sua honra e dignidade que tinham sido manchadas pelo absolutismo do tyranno.

Não ha hoje em parte alguma quem desta verdade não esteja convencido, e é em vão

que o defensor alugado de Lopez, o accusador ingrato do Brazil, explora essa mina.

Comprometida ficaria a honra da bandeira nacional, si o Brazil, fosse porque forma fosse, cruzasse os braços á affronta que recebera nas margens do Prata, com o aprisionamento de um vazo de guerra.

Escrevendo estas linhas, que nenhuma referencia tem a muitos honrados portuguezes que habitam entre nós, e que comnosco estão estreitamente ligados, no seguinte numero continuaremos a apreciar outros trechos do *caturra* articulista.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de abril de 1868.

Officio ao Exm, Sr. commandante das armas, communicando-lhe que a guarda da Ribeira, na noite do 1.º do corrente, parecia mais uma casa de folia do que um posto militar: violões, modinhas, bravos, palmas, tudo se via alli, menos o regimen e a disciplina militar que deve haver em semelhantes logares.

Sirva-se, por tanto, S. Ex. de providenciar para que se não repitam taes abussos.

— Grande é a falta de respeito que se nota nos templos presentemente!

—E' exacto.

—Aos sermões da Mizericordia concorre uma chusma de rapazes, que procuram tornar-se salientes pelo seu garotismo e maneinas irreverentes.

—Alem de um montão de improprias e desconchavadas graças, que dirigem as crioulas que frequentam o acto, alguns procuram tornar-se celebres, commentando em voz alta, as palavras do pregador; outros, todas as vezes que o padre limpa o suor, dão fortes e estrepitosos espirros, para attrahir as vistas do auditorio, e escarram a um tempo para fazerem assuada.

—Com isso não fazem mais do que provar a pouca educação que tiveram.

—No ultimo sermão de S. Domingos, houve tal alarido, que foi preciso intervir a força publica: chinelladas, bofetadas, bengalladas, tudo houve alli, como se estivessem no mais hediondo lupanar, semelhantes almas de porcos.

—São os effeitos da corrupção que lavra em todas as gradações sociaes. Já nem respeitam a casa de Deus.

DOMINGO DE RAMOS.

Commemora amanhan a egreja a entrada triumphante de Jesus em Jerusalem...

O Homem Deus desperta as turbas, confunde os incredulos e preconiza a sua divindade!....

O cego vê!..

O surdo ouve!....

O morto ressussita!....

O paganismo, confundido com tão estupendos prodigios, reconhece o supremo poder do Filho de Deus!

Proclama-o homem sobrenatural e disputa a honra de recebel-o em sua principal cidade!...

Aproxima-se a festa paschoal, épocha em que as turbas solemnisam sua maior festividade!...

Alcatifas, hymnos, hosannas, glorias, flores e psalmos, tudo se prepara para receber o homem dos milagres e dos prodigios!

A verdade ergue seus templos nos propr[illegible] corações impedernidos!...

Jehovah rende preito ao cordeiro immaculado!..

Os Pharyseu se presdispõem para realisarem as antigas prophecias!...

A ingrata Jerusalem vae ser testemunha do maior dos prodigios, a expiação da victima a mais innocente!...

Sirvam estas breves meditações sobre tão vasto assumpto, como mais uma profissão de nossa fé, em opposição as doutrinas, que alguns espiritos malevolos ousam espalhar.

ASSEMBLEA DAS SENHORAS.

PRESIDEUCIA DA SENHORA D. GERVASIA.

As 8 horas da noite achando se presentes as Exmas. Sras. DD. Gervasia, Romana, Epiphania, Andreza, Marcella, Lulú, Zenobia, Margarida, Torquata e Christiana, faltando por faniquitos estericos DD. Gracinda, Eusebia e Marocas e sem causa DD. Felicidade e Ernestina, a Sra. presidente abriu a sessão.

Depois approvada a acta da sessão anterior, teve destino o expediente, findo o qual, passou-se a

ORDEM DO DIA.

A suppressão do balão.

A SRA. D. MARCELLA—Peço a palavra.

A SRA. PRESIDENTE—Tem a palavra.

A SRA. D. MARCELLA—Não é sem bastante acanhamento que vou tratar do assumpto que forma a questão do dia: acanhamento esse tanto mais pronunciado, quanto me reconheço fraca oradôra (*não apoiados*) para esclarecer uma questão *intravincalhavicada*. Assim

convencida, peço desde ja a benevolencia das minhas illustres collegas e invoco ao mesmo tempo os manes de Cicero e de Pericles para que venham em meu auxilio.

Desconheço inteiramente a conveniencia, que nos pode trazer a suppressão do balão; porquanto, alem de ser um traste util e economico, está sempre prompto para qualquer emergencia.

D. Andreza.—Apoiado!

D. Marcella (continuando)—Disto resulta não so a economia de gomma para outras saias, como tambem poupa a massada da esfregação do ferro.

D. Christiana—Muito bem.

D. Torquata—Desculpe a minha illustre collega, si me vejo forçada a divergir completamente da sua opinião.

Encarado pelo lado economico, a suppressão não é de reconhecida vantagem para nós.

E' certo que o balão é um auxiliar, tanto mais aproveitavel, quanto se pode lançar mão d'elle á qualquer momento: porem não é menos verdade que requer mais 4 covados de fazenda a fim de que o vestido fique com mais roda.

Isto posto, claramente se vê que a economia desaparece, porque o preço de 4 covados de chita não está em relação com o de meio prato de gomma.

D. Margarida—Apoiados!

D. Zenobia—Mal de nos si a opinião da nobre collega achasse apoio n'esta casa; teriamos todas de andar tão escorridas como uma franga molhada. (*risadas.*)

D. Christiana—Pode ser uma conveniencia a suppressão do balão, mas tambem não deixa de ser uma necessidade palpitante a sua conservação.

D. Lulu—*Isso é hyperbolico...* explique-se.

D. Christiana—Eu pelo menos, voto contra, porque sem balão preciso de 5 saias.

D. Romana—E eu nada menos de 7.

D. Marcella—Irra! nem tanto panno leva uma fragata!

D. Romana (*despeitada*)—Nem todos tem a felicidade de ser um monte-pio de carne e ósso como a Senhora.

D. Marcella (*com ironia*)—Quer dizer com isso, que a naturesa não foi prodiga com V. Ex. e por isso precisa viver no mundo artificial...

D. Epiphania—Nada de cavaco... balcia ou peixe espada, não deixa de ser peixe.

D. Romana—Sim...porem um dito com ironia offende.

D. Lulu—Peço a palavra pela ordem.

A Sra. Presidente—tem a palavra.

D. Lulu—Eu entendo Sra. Presidente, que devemos tratar do assumpto sem subir a serra porque do contrario o nosso trabalho será improficuo.

A discussão calma e reflectida nos conduzirá a um resultado seguro; esclarecendo a verdade, chegaremos a um desideratum satisfatorio.

D. Zenobia (com enfado)—Eu declaro desde ja que sem balão não saio a rua.

D. Marcella—Pois pode ficar em casa chorando.

D. Zenobia—Antes isso, do que andar por ahi varrendo a rua com a cauda.

D. Torquata—E' preciso que as minhas illustres collegas se convençam que a mulher não seduz nem prende pelo balão: lua cheia ou minguante, nem por isso ella deixa de ser amada.

Cleopatra perdeu a Marco Antonio, não uzava de balão; Hedelmonda, quando enroscou a cobra do ciume no coração de Othelo, não o uzava; Judith, quando captivou Hollofernes e lhe decepou o tronco, tambem não uzava de arcos... por tanto...

Vozes—Abaixo o balão!

A Prezidente—Attenção! Ordem!

D. Epiphania—Sra. Presidente, peço que se encerre a discussão e se ponha a votos o projecto.

Vozes—Apoiado, apoiado.

Posto a votos passou por maioria.

D. Christiana—queixou-se dos nervos, e D. Zenobia teve um desmaio. Foi encerrada a sessão, marcando-se para Ordem do dia da sessão seguinte, a inconveniencia dos coques.

Despediram-se todas satisfeitas, menos D. Romana, que não quiz dar o costumado beijo a D. Marcella.

LA VAE VERSO.

AH!. AH!.. AH!...

Deixemos de palanfrorio...
Quem hoje pensa em casar
Para ao depois aturar
Uma mulher,—sem miolo?
Ja se foram os bellos tempos
Em que amor existia
Mas, hoje!...ninguem se ria
Quem se casa...é muito tolo!...

A mulher, hoje, nem sabe
O casamento o que seja...
O que so ella deseja
São vestidos e passeios,
E fallemos a verdade
A mulher não tem juizo,
Tudo n'ella causa riso,
Deixemos cá de rodeios!

Não vos zangueis—senhoritas.
Que não vos quero offender,
Não faço mal em dizer
Verdades que ja sabeis;
Disso—mal não vos provém
Por quanto—vejo por mim,
Que vos amo mesmo assim
Por isso—nada perdeis!

Além de que—o juizo
Anda hoje muito caro,
E tanto que eu reparo
Mesmo homens—que o não tem;
Por tanto—não vos zangueis,
Cabecinhas sem miolo,
O homem que quer—é tolo
Não tem miolo tambem!...

O que pretende o gaiato
Direis vós—o que elle quer,
Fallando assim da mulher,
Linguarudo...por fallar?...
O que pretende:—não sabem?
Pois eu lhes digo...baixinho
Mas, caluda...segredinho
O que elle quer...é casar!....

Á PEDIDO.

—Onde encontrarei os numeros 4 e 5 do *Correio da Europa* para ler uma descompostura que vem ao Brazil?

—Vamos ao Martin que tem exposto a venda.

—Acharei aqui o *Correia da Europa* de 28 de fevereiro e 13 de março.

—O consul portuguez mandou-os buscar; vá a Cidade Baixa que talvez encontre.

—Vamos ao Evaristo.

—O Sr. me guia por aqui onde se vende o *Correio da Europa?*

—Vá ao Catilina.

—Sr., vende aqui o *Correioda Europa?*

—Não Sr.

—Nem sabe onde vende?

—Vá ao consul portuguez.

—O Sr. ainda tem *Correio da Europa* para vender.

—Não Sr.; vá ao 65 que ainda deve ter.

—O Sr. vende-me o *Correio da Europa?*

—O consul mandou buscar o resto; porem vá ao Olivieri que talvez tenha.

—O Sr. tem *Correio da Europa?*

—O consul os mandou buscar.

—E esta! Si hoje fosse 1.º de abril eu dizia que estavam cassuando commigo!

—O que não resta duvida é que o consul portuguez abafou todas as folhas com medo das consequencias.

—Já uma vez um safado labrego entendeu entreter-se com os brasileiros, agora apparece mais um canalha infame, escoria dos portuguezes, honrados a querer divertir-se.

—Esses portuguezes quasi todos são paraguayos, é o que não resta duvida.

—Assim me parece.

—Mas Deus queira!... Deus queira!... Talvez eu minta.

—Sr. *mabaça*...

—Isso era si eu fosse *Cosme* e Damião, porem meu nome é um só.

—Sr. preparador de madeiras.

—*Marcineiro*, é outra cousa.

—Como quizer. O que fez V. do *guarda vestimenteiro* da viuva do *Flor do anno?*

—Ja entreguei.

—Entregou nada; deu meia duzia de peças e chupou o resto.

O que fez V. dos 5$ réis que tomou para ferramenta, do importe do toucador, da cadeira, da cama e da arca?

—A conta do morto quem faz é o vivo.

—Não Sr., logo que V. vendeu deve entregar a viuva, o mais é ratonice.

—Veremos.

—Veremos não; si V. gastou o dinheiro faça modo de repol-o, para não me encommodar a obrigal-o a isso por outros meios.

—Vou cuidar n'isso.

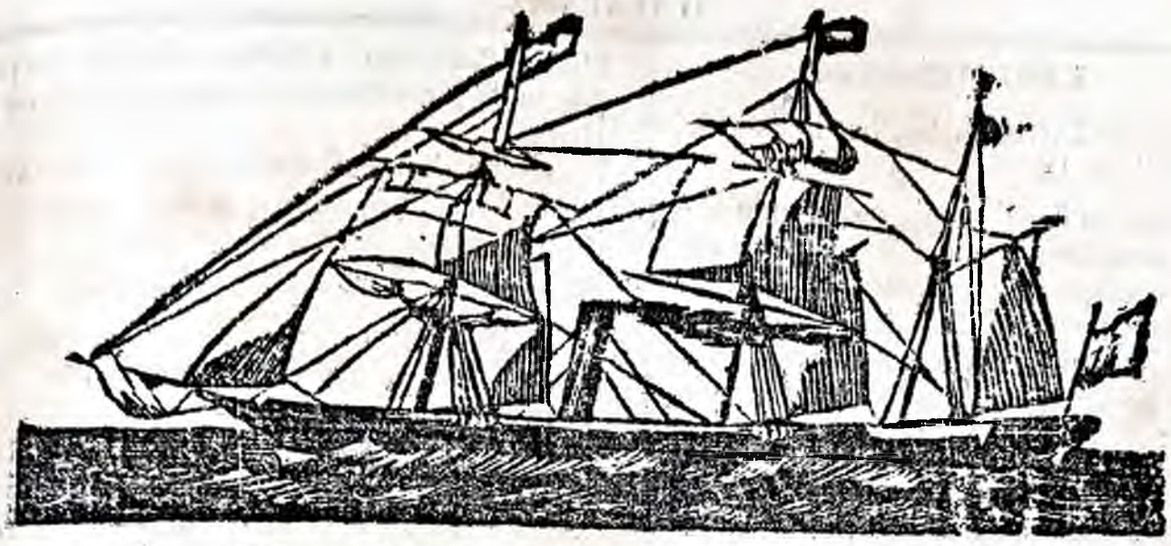
—E quanto antes.

ANNUNCIOS.

AGENCIA.

Na rua Nova do Commercio e cartorio do tabellião Magalhães Castro, escrivão de appellações do tribunal do commercio, por cima do escriptorio de André Gonçalves Ferreira Bastos, e de Thimoteo de Souza Spinola, antes do escriptorio de Oliveira Barros, por cima do armazem de Oliveira Camões & C., defronte da caixa Reserva Mercantil, de 9 horas da manhã ás 5 da tarde, ha pessoa deligente, e habilitada que, com promptidão, zelo e cuidado, se encarrega de agenciar todos os negocios, licitos, que lhe queiram fazer o favor incumbir, como bem patentes de officiaes da guarda nacional, passaportes, folha corrida, matriculas de escravos, baixa n'estas, cobranças de ordenados, licenças para casamento, ou baptizado, certidões, venda de escravos, propriedade, hypothecas ou baixa n'estas, e o mais que for mister mediante uma gratificação, que entenderem rasoavel, em relação ao trabalho, e natureza da couza,

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
Anno VI. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 3ª.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 7 DE ABRIL DE 1868. N. 345.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO *CORREIO DA EUROPA*.

Geral tem sido a indignação motivada pela leitura do *Correio da Europa*, de que nos occupamos em o numero antecedente, relativamente á guerra contra o governo do Paragny.

Os proprios portuguezes honestos, amantes da verdade e imparciaes, que entre nós habitam, tem se pronunciado abertamente contra o scriptor canalha, que infamemente, adulterando a verdade dos factos universalmente reconhecida, nos attaca o odioso dessa guerra a que fomos provocados.

Tarde arrependeu-se elle de sua imprudencia perfida e cobarde, retirando da circulação esse scripto, tam baixo e pequenino como a sua *liliputiana pessôa*.

E um scripto destes, revoltante e infame, passa desapercebido sem que a imprensa bahiana tracte de stygmatisal-o.

Ja que nem todos poderam obter o *Correio da Europa* para ler os insultos e affrontas que nos são irrogadas, vamos reproduzir alguns dos seus topicos.

«*Na guerra entre o Brazil e o Paraguay podiam as cousas ir bem, ou mal para qualquer das partes belligerantes.*

Foram pessimamente para o Brazil, que não estava preparado para commettimentos bellicosos, que não fora educado na guerra, que é povo essencialmente pacifico, e que, como se tem visto, tem uma organisação defeituosissima, e pouca ou nenhuma moralidade na gerencia official dos dinheiros do estado.»

Para o Brazil vingar a honra e dignidade de sua bandeira, ultrajada seja por quem for, não é preciso ter instinctos guerreiros. A prova dessa verdade é brilhantemente confirmada pela guerra da independencia e por quantas até hoje tem emprehendido.

Aqui poderiamos desenvolver largas considerações; mas não o faremos para não immolar tantas victimas á imprudencia de uma.

Tem sobeja razão para dizer o *caturra artinulista*, mercador da propria honra, que o povo brasileiro é essencialmente pacifico.

Outro fosse elle que, ferido em sua dignidade por semelhante alquilé, descendente dos forçados do Limoeiro, iria, do proprio segundo andar onde habita, arrancar em pleno dia esse lusitano infame e desfaçado para esbofeteal-o na praça publica.

Essa promessa, porem, ainda não caducou em vista do caracter serio e grave que vão tomando os acontecimentos.

Eis o modo porque esse ingrato, escoria dos portuguezes, paga as finezas que tam profusos lhe temos liberalisado, taxando até de immoral e prevaricador o governo brasileiro!...

Continuaremos.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de abril de 1868.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que veja se descobre quem é o espertalhão que contra o disposto na postura municipal n. 38, manda por seus famulos arrancar as pedras da ladeira que do Engenho da Conceição vae ao Tanque, para empregar, sem duvida, n'algum terraço. Cumpra.

—Isto é com o Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

—O que é?

—Um brado de commiseração a favor de uma desgraçada.

—Faça.

—Acha-se retida na Correcção, desde 21 de maio de 1865, a infeliz crioula Felisberta, sem que commettesse crime e por conseguinte sem que fosse condemnada a tão oppressora reclusão.

A infeliz supporta as amarguras da vida encerrada em um ergastulo sem saber por que, e parece que de la não sahirá, si uma mão bem-fazeja não for em seu auxilio e é isso o que espero do digno magistrado a quem faço este appello.

—Pois neste páiz se encarcera a quem não é criminoso?

—A prova é essa pobre mulher.

—Ao menos deve haver suspeita ou indicio de crime.

—Nada; está alli por penhora do juizo dos feitos para pagamento de sizas.

—Oh!

—E que culpa tem a infeliz de que o tutor de seu senhor, menor, fosse negligente para com a fazenda, para ser constrangida a soffrer os horrores de uma masmorra a tres annos?

Por ventura não ha outros meios do erario garantir a sua divida sem ser preciso torturar a humanidade desvallida?

—Ha, e conte que o circumspecto chefe de policia providenciará sobre o facto.

—O estrangeiro, que for á Preguiça, nosso mercado do peixe, dirà que isto é uma terra de deleixados e porcalhões.

A limpeza da cidade fez dalli sua montureira e o lixo da cidade baixa vae todo para aquelle deposito de immundicia.

—E' para entulho que se está fazendo nas marinhas, entre a praia e a casa do commendador Motta.

—Entulho de caxorros e gatos mortos e cacos de garrafa! E' bem lembrada esta!

—Si houvesse inconveniente não consentiam. Para isso ha camara, fiscaes, inspecção de saude, commissões sanitarias e mais fardelada.

—Ora, homem, essa theoria é um tanto estragada. V. não sabe que aqui o que cada um cuida menos é em seus deveres?

—Veja o que faz a falta de policia.

Um grupo de doze sujeitos a fazer semelhante berreiro aqui na rua do Collegio e a atirarem pedras para a casa daquellas *mulheres do mundo*, que por sua parte abrem o kalendario das obscenidades e escolhem os termos mais salientes para brindarem os aggressores, os quaes nada ficam a dever no descommedimento de lingua.

—Pois olhe; a guarda da repartição da policia está a cincoenta passos daqui, deve ouvir tão descommunal algazarra e o tinir das garrafas que se espedaçam no chão.

—Qual, isto é meia noite e a guarda deve estar *descansando*.

ASSEMBLEA DAS SENHORAS.

PRESIDENCIA DA SENHORA D. GERVASIA.

As 7 horas da noite, achando-se reunidas as Sras. D. Gracinda, D. Pitefa, D. Rozaura, D. Australia, D. Fabricia, D. Claudia, D. Tiberia, D. Protasia e D. Alleluia, foi aberta a sessão:

A Secretaria deu conta de dous officios enviados por D. Peregrina e D. Juliana participando que não podiam comparecer em consequencia de se acharem imcomodadas de *pataletas nervosos*.

ORDEM DO DIA.

A inconveniencia dos coques.

D. Protasia—Peço a palavra.

A Presidente.—Tem a palavra a illustre oradora para discutir o projecto.

D. Protasia.—Si fôra outra a questão do dia talvez que eu me conservasse em silencio, porque sinto-me hoje bastante indisposta: mas tratando-se do cabello, da parte mais importante do sexo a que pertenço, deposito minha vergonha no sacco do esquecimento e venho, sem ella, pugnar por uma causa justa.

D. Pitefa.—E de alta transcendencia!

D. Protasia.—Não sei, minhas illustres collegas, qual a razão, qual a consciencia que acharam para se abolir os *coques*.

D. Gracinda.—Não sabe? pois é facil a explicação.

Não supponha que eu detesto os *coques*: basta ser moda para achar em mim o mais

decidido apoio. Mas é que infelizmente me vejo forçada a fazer-lhe opposição, mesmo por conveniencia nossa.

O *coque* aformosea a cabeça e torna uma moça elegante, maximé aquella a quem o Tonico Oriental não tem podido fazer milagres; mas é preciso tambem que não se abuze d'elle, transformando-o n'um formidavel ninho de marimbondos. E como os abusos inventados trazem sempre maus resultados, torna-se de necessidade e de urgencia que se corte o mal pela raiz.

D. Rozaura.—Apoiado, quanto ao abuso. Do contrario foge a elegancia, some-se a belleza e apparece o ridiculo.

D. Australia.—Falou com muito juizo a illustre collega opposicionista.

Muitas moças julgam que a moda não deve ter limites, e por isso uzam de *coques*, cujo diametro excede a uma fregideira.

D. Gracinda.—Justamente.

D. Fabricia (*com enthusiasmo*).—E não é só isso; algumas entendem que devem trazel-o na coroa da cabeça como si fôra uma rodilha de carregar potes d'agua.

D. Alleluia (*com emfado*).—E' moda e por conseguinte não se deve notar isso.

D. Fabricia.—E demais, quem sabe do que elle é feito?....

D. Gracinda (*rindo*)—E' de rabo de cavallos?

D. Alleluia (*com força*).—Não, senhora; affanço-lhe que o meu é de estopa.

D. Fabricia (*rindo-se*).—Tanto peior; é genero inflamavel e pode pegar fogo por qualquer descuido.

D. Gracinda.—Concordemos; um *coque* da muita graça ao penteado; mas um *cocão*, isso é inconveniente porque até deixa a cabeça de uma senhora com previlegio de martello.

Partindo d'este principio, offereço uma emenda ao projecto: «Que se continue a uzar o *coque*, porem que elle não exceda do tamanho regular de um pão de dous vintens, destes que agora vendem os padeiros.»

D. Alleluia.—Isso é muito pequeno.

D. Garcinda.—E' o termo medio entre o serio e o ridiculo.

D. Tiberia.—Sra. Presidente eu não sou das mais favorecidas de cabello e por isso vou fallar contra as minhas conveniencias.

Como bem disse a illustre collega D. Gracinda, vae-se abusando muito da moda, e por isso emquanto é tempo deve-se tomar medidas energicas e decisivas. Por falta de coque, não havemos de perder casamento.

D. Rozaura.—E' preciso Sra. Presidente que seja tomado em muita consideração o acto que se vae praticar. Trata-se nada menos de um assumpto que, combinado com outras decizões desta caza, vão reduzir a mulher a completa negligé.

A supressão do balão ja foi um facto que por si só veio contribuir seriamente para a depreciação do nosso negagé; hoje tratando-se de abolir os coques, vem a ser queda sobre queda, e ficamos reduzidas a expressão mais simples.

D. Alleluia (*com energia*).—Apoiado!

A illuzão é a chave do matrimonio.

D. Rozaura.—Assim pois, peço que se ponha a votos.

Posto a votos, passou por maioria absoluta, com a emmenda offerecida por D. Gracinda «Que se continue a uzar de *coques* do tamanho regular de um pão de dous vintens.»

Á PEDIDO.

—O' lá, *Domingos!*

—Prompto.

—Homem, vens enfumaçado que pareces um *ferreiro*.

—Que quer bossa exxilença, estou ahi assim a edificari umas casitas e a caliça empurcalha um homem todo.

—Onde moras?

—Pois não save?

—Tens *preguiça* de dizer?

—Não senhori.

—Onde está aquella menina?

—Qual menina?

—A que raptastes no dia 27 do passado.

—Bossa exxilença equibocou-se.

—Não comeces com tergiversações, porque sei de tudo.

A menina tem 12 annos; morava nas Pitangueiras, foi conduzida por uma preta que vende pão, na noite de 27 do passado, para as Portas do Carmo e ahi defloradà n'uma escada do sobrado para onde ia, depois foi levada para o becco de Maria Pires e como receiavas que ahi se descobrisse, porque a visinhança entrou a rosnar, a mandastes acompanhada por certo tenente vindo do Paraguay, para o Castanheda.

Vê lá como estou inteirado de tudo.

Agora has de me dizer o que pretendes fazer com essa infeliz.

(*Continúa.*)

—Sr. *João*, quem mora em *palacios*, tambem é feito de *barro*.

—Bem sei disso.

—Pois então deixe de arrogancias: veja que o mundo é cheio de voltas.

—Para que esse sermão?

—Va ao *Bergadem* que lhe diga.

—Ora, temos outra...

—Pois o Sr. entende que ja está tão grande, que deve pisar os mais?

Olhe que não é la essas cousas.

—São embirrancias da visinha.

—Embirrancias da visinha é o Sr. com cano dentro de casa accumular penicos fedorentos e mandar passar pelo interior da casa alheia para despejar no quintal, e de proposito esperar a hora de jantar.

Moço, contenha-se, depois, depois.

—Depois o que Sr.? Não sabe que a porta da loja é a do sobrado?

—E' que o melhor é viver em paz com todos, para não dar occasião de se desenrolar certas meadas, entende?

—Sim, Sr.

—Pois então va-se.

—*Norberto*, é melhor que V. dê parte de sua vida, que talvez tenha bem o que se dizer della.

Bem diz o *João* que V. é muito cynico.

Porque não falla no amasiamento de certa viuva com um gallego de padaria?

Ah! isso não lhe convem dizer, não é assim? Bote sentido comigo!...

O echo do afeminado.

VARIEDADES.

QUANDO E'?...

—Ai! não me fites teus olhos
Com tamanha ingratidão!
Pois tu não sabes que moras
Dentro do meu coração?
—Eu não!...

Eu moro la na casinha,
Ao pé dos montes de além,
Fallar não ouço de amores,
Nem quero amar a ninguem.

—Maria, de ti distante
Minh'alma saudosa chora;
Falla, diz, responde ingrata
Que será de mim agora?
—Va-se embora.

—E tu dizes, va-se embora
Com tão frio desamor!...
Pelo que vejo despresas
Os meus estremos de amor?
—Sim, senhor....

—Ai! que vergonha, que susto!
Quero dizer-te e não digo.....
Sim Maria, eu...quizera...
Poder cazar-me comtigo
—Comigo?!...

—Sim, comtigo que receias?
Desejo ser teu somente,
Quero-te ver a meu lado
Sempre risonha e contente.
—Não mente?...

—Eu mentiroso, Maria?!...
Me julgas disso capaz?
Sei respeitar a memoria
Dos meus avós, de meus pais.
—Que rapaz!

—Sou bem disposto, bem moço,
No campo sei trabalhar;
Responde, falla, Maria,
Queres comigo casar?
—Vou pensar...

—Oh! que prazer, que folia
Na nossa bella função!...
Eu metido no cazaco
E tu no branco roupão...
—De balão?!

—E as nossas boas vezinhas
Todas te olhando de pé;
Uma a outra segredando
Como vae lindo o—José
—Quando é?!...

Firmino de Figueredo.

Um rapaz, que passava por muito rico, posto que devesse mais do que tinha, passeava sem dizer palavra na vespera de seu casamento, na sala de sua futura sogra, a qual lhe perguntou muitas vezes: que tem Vm. senhor? Elle respondia, minha senhora, não tenho nada Aos oito dias de casado a sogra, vendo uma multidão de credores á porta de seu genro, lhe disse: Vm. enganou-me. Não ha tal, replicou elle, pois eu bem avisei que não tinha nada, e lhe repeti mais de dez vezes na sua sala na vespera de meu casamento, quando ainda era tempo de arrepender-se.

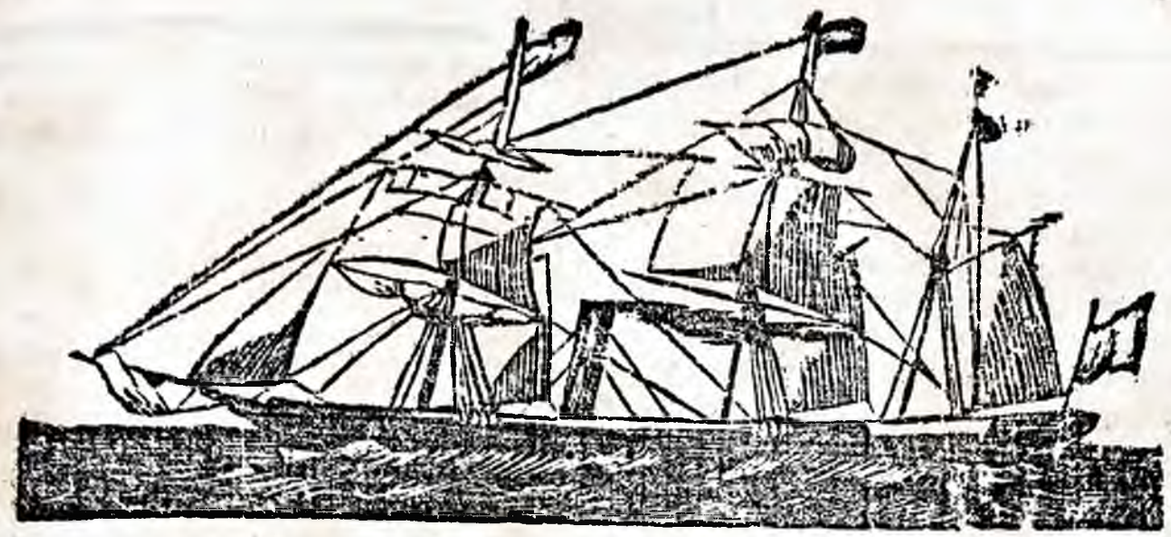
ANNUNCIOS.

A rua dos Carvoeiros n. 13 vende se um piano francez de mui boa vozes.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já conhecido verdadeiro café muito puro, continua-se a vender rua dos Ourives loja n.° 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.° 199, a 400 rs. a libra: previne-se que qualquer porção comprada, levará no envoltorio o seguinte distico—*M. José d'Azevedo*—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
Anno VI. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 35.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 9 DE ABRIL DE 1868. Ns. 346 e 347.

O ALABAMA.

O CHRISTO E A CRUZ.

I.

Jesus itaque sciens omnia, quæ ventura erant usper eum, processit, et dixit eis; Quem quæritis?

A egreja registra amanhan um novo anniversario da mais ensanguentada catastrophe.

O gnomon dos tempos paira amanhan sobre a hora miseranda do crime mais abominavel.

Uma nuvem de tristeza a mais acerba enluta a face do céu.

Por toda a terra defunde-se um morno silencio, que, como um pregão de morte, annuncia o espectaculo infame.

No templo do Deus vivo só resoam os threnos melancolicos da mais profunda dor.

D'harpa de David estala a corda dos pezares ao repetir a ultima nota da dolorosa endecha.

E o livro das profecias—eil-o aberto na pagina sangrenta donde emana um diluvio de magoas.

Ah! por que tanta dor e tanto pranto, tanta consternação e tanto luto?

Está escripto e deve cumprir-se.

Aquelle que no Presepio de Bethlem teve em adoração prostrados os proprios reis; Aquelle que desviou de si a espada de Herodes, e fez-se homem por amor dos homens; Aquelle que em terna edade confundiu os doutores da lei, e pasmou o mundo com a sabedoria de suas respostas. e com a pureza de sua doutrina; Aquelle que abriu os cofres de sua infinita clemencia, e deu vista aos cegos, ouça aos surdos, movimento aos paralyticos; Aquelle que restituiu a saude aos enfermos; e que evocou os mortos a vida; Aquelle finalmente que pouco antes entrava triumphante pelas ruas da cidade ingrata e recebia os applausos e ovações de immoderado enthusiasmo, vae amanhan servir de escarneo a essa mesma vil canalha, e subir ao patibulo infame para soffrer morte ignominiosa, morte de cruz.

Estava escripto e devia cumprir-se.

O desejado das naçoes, o centro vital das crenças de Israel era ainda uma promessa annunciada pelos profetas e inspirados; o Presepio de Bethlem converteu-a em realidade a mais augusta; e do Presepio de Bethlem ao simo do Golgotha so vae a distancia que separa a realidade da comsummação.

Sem o tumulo do Golgotha quem poderá comprehender o berço de Bethlem?

Avisinha-se a hora tremenda.

O exemplo da mais edificante humildade vae ser dado pelo Divino Mestre, lavando elle mesmo os pés a seus discipulos.

O amor o mais acrisolado ja o provou, dando-lhes a comer a substancia do seu corpo, e a beber do seu sangue!

Já do seu corpo macerado transudou o sangue com que foi regada a terra dos martyrios!

A sua misericordia infinita uma vez mais

se revelou no seu testamento que foi a supplica repassada de unção, que elle dirigiu a seu eterno Pae na hora das agonias.

A sua miraculosa sciencia já indicou aquelle que o havia trahir!

E o estalido do beijo falsario do discipulo venal ja soou na face do Divino Mestre!

Mãos sacrilegas de algozes cruentos apoderam-se então d'Aquelle, que podia em um momento cercar-se de legiões de anjos, e confundir os reprobos.

Mas porque o não fez?

Porque estava escripto, e deviam-se cumprir ao profecias.

Manietado, zombeteado e injuriado no meio de uma soldadesca desenfreada, e armada de varapáus e espadas, elle ahi vae caminho das torturas!

Que é feito desses homens que elle chamava seus discipulos, e que elle preparava para as pregações futuras?

Que é feito desses discipulos que o chamavam seu Mestre, de quem receberam a consubstanciação do seu corpo e do seu sangue, e que protestaram sua constancia em o seguir e confirmar?

Todos o abandonaram!....

Dir-se-hia que o ho:ror do quadro lhes embargava o passo, ou que a descrença lhes eufraquecera a alma.

Não; o Mestre lhes o permitte para realisar a lettra da Escriptura *dos que me deste não perdi nenhum*.

D'entre os seus apenas um o seguia; nao para o martyrio, mas para dar testemunho de suas palavras que antes da primeira cantada do gallo o negaria trez vezes.

E assim aconteceu.

II.

> Et adduxerunt Jezum ad summum sacerdotem, et convenerunt omnes Sacerdotes, et Scribœ et Seniores.
>
> (Evang. Sec Marc.)

A torrente dos improprios, o simoum das blasfemias, a tempestade das injurias, arrastaram Jezuz Chrtstó á casa de Annaz que o remette ao genro cumplice, em cuja casa se achavam reunidos os grandes da Tetrarchia.

Começa o interrogatorio ardiloso e malevolo; e as respostas repassadas da dignidade de um caracter beatifico provocam da parte do abominavel covarde a bofetada execranda!

O beijo falsario do discipulo ingrato resume nas faces sacrosantas do Salvador toda a hidiondez da avaresa humana: e na bofetada insultuosa do scellerado lê se o odio e a impiedade de uma geração corrompida.

E' neste momento que elle descerra os labios desmaiados, e confunde o insolente com a resposta que revela um oceano de clemencia e de piedade.

—Si mal fallei, dize-me em que? si bem, porque me feres?—

E ainda não era chegada a hora da ultima provação.

A turba dos canibaes ainda não está farta de insultar o Justo.

A saliva dos reprobos vae cahir em escarneo na face, contundida a pouco pelo punho do covarde audaz.

Empuchões e arrochos, como que a porfia, provocam a ira d'Aquelle que devia ir adiante consummar o seu mysterio de amor: mas elle não se deixa vencer: Humilha-se para elevar-se, e perdoa para mostrar que é o filho dilecto do Omnipotente.

No redopio delirante a que o sugeitam, conduzindo-o de Herodes para Pilatos, e arrastando-o de novo ao ponto d'onde sahira, em busca de um juizo menos escrupuloso e timorato, vê elle approximar-se a hora da ultima agonia.

Eil-o agora atado a columna do Pretorio! Multiplicam-se os ultrajes, reproduzem-se as blasfemias, e uma tempestade de imprecações cahe sobre a sacrosanta cabeça, que o irrisorio diadema de agudos espinhos aperta em doloroso confrangimento.

A mulher de Pilatos acaba de revelar-lhe o sonho maravilhoso que tivera com aquelle Justo: e a plebe tresloucada reclama em alaridos e fremitos horriveis a condemnação do mesmo.

Entre o escrupulo de consciencia, e o receio de attrahir sobre sua cabeça as iras do vulgacho amotinado, Herodes jaz n'uma perplexidade criminosa.

Tarda a sentença final.

Refervem as iras dos lobos sedentos do sangue do Cordeiro immaculado; até que ao «cruxifige» maldicto responde o governador da Judêa com o abandono pusillanime da propria conscieucia do dever.

Poncio Pilatos não é o juiz, é sim o algoz na tragedia abominavel, embora lave as mãos perante a multidão.

Não eram as mãos que garrotavam o Justo, era sua alma que se constituia escrava do erro.

A razão humana recua apavorada ante o processo tenebroso, e a sentença iniqua.

O campo do oleiro ja tornou-se o «Haceldama:» o discipulo traidor, ja horrorisado de si proprio chama Satanaz na hora da desesperação, e suicidou-se; Barrabaz la vae solto e livre; e a victima predestinada marcha agora para o altar de sacrificio.

III.

Et bajulans sibi crucem, exivit in eum, qui dicitur Calvariæ, locum, Hebraice autem Golgotha (Evang. sec. Joan.)

As flagellações sem conta, as vergastadas sem piedade, os açoutes sem numero extenuaram as forças do homem Deus. Entretanto é preciso que se preencha de novas torturas o estadio que o conduz ao Calvario.

O Espirito das trevas suggere então na mente dos seus apaniguados o novo meio de velipendio, e de escarneo, e o instrumento do supplicio pende agora dos hombros de Deus vivo para recebel o em seus braços na hora extrema.

Eil-o em caminho para o theatro da Redempção.

Um alarido infernal, como o bramido das vagas açoutadas pelo vento da borrasca, resôa em todos os angulos da cidade ingrata, e faz prestito com a turba dos canibaes.

Sobre o madeiro da expiação estam gravados todos os erros, todos os crimes, todos os peccados das gerações infieis; e a pezo egual acurvam-se os menbros, e o Martyr cahe desfallecido.

Ajuda-o Cyrineo, e Elle prosegue.

As santas mulheres véem atraz chorando em pranto consternado. Elle as ouve, e lança então a profecia que mais tarde cumpriram Tito e Adriano pela mão armada dos exercitos.

Bemaventurada és tu, ó mulher piedosa, que na toalha alvissima recebes as feições do Divino rosto, cujo suor de sangue fosse enxugar.

Ainda bem que não fizeste parte da chusma dos truões malditos, pelo que teu nome atravessará puro no filete da historia.

Mas, porque se redobram agora as ancias do Filho do Eterno? Porque convulso tremem os seus membros, e hesita o passo? Porque estam escancarados, e fitos os seus olhos nublados por um oceano de lagrimas puras e amorosissimas?

Sobre que contempla Elle ao voltar á rua da amargura?

Deixai, vil canalha, que Elle estancie mais um pouco defronte da Virgem Rainha, em cujas purissimas entranhas recebeu o involucro carnal, e de cujos preciosos peitos recebeu o precioso licor.

Ella ali está traspassada com a espada de dor que o velho Semião lhe annunciara.

Que ais sentidos!.. que soluços plangentes!.. que deliquios mortaes!...

Não ha no vocabulario humano uma palavra, uma frase, que resuma, que traduza, que decifre o silencio d'aquelle instante entre a Mãi conturbada e o Filho agonisante.

E não vos compadecestes, ó raça infame, ao ver a Rainha dos Anjos com a face no pó e o Deus humanado com um mundo de desgraças aos hombros?!!

A hora se adianta, e Elle prosegue, deixando as gerações futuras vivas recordações de sua passagem.

Não o duvideis... As pegadas do Salvador do mundo estam escalpidas na ladeira do Golgotha, sem que o attrito do rodar dos seculos tenha podido apagal-as.

Que falta para completar-se o mysterio da Redempção?

Que falta para se cumprirem as profecias sobre o Crucificado?

O madeiro das ignominias converteu-se no cimo do Golgotha na arvore miraculosa da redempção; e recebe em seus braços Aquelle, de cujos hombros recebeu a seiva benefica da salvação do mundo.

Eil-o ahi pendente, e desjunctado, mas não se lhe fractura um só osso, como havia sido predicto.

Ahi pede ao Eterno Pai pelos seus algozes.

Ahi, collocado entre dous ladrões, disigna aquelle que o devia a companhar ao Paraizo.

Ahi indica a Mãe Santissima o discipulo amado, e a este incumbe das consolações daquella.

E em quanto Elle vai continuando no codicillo de sua misericordia, a geração precita vasa sobre Elle todo o odio dos reprobos, todo o escarneo dos desventurados com que provocam gargalhadas sinistras.

De sua capa inconsutil fazem o estendal dos vicios, e a disputam por sorte.

E a sede que o devora, offertam-lhe a esponja repugnante.

Ao tocal-a exclama: Está tudo consummado.

E o lyrio de Nazareth, segnndo a expressão de Ventura, inclinou languidamente o calix sobre o seu pedunculo.

A maior obra do Creador está completa no cimo do Calvario.

Jezus Christo ahi está com as costas voltadas para a cidade deicida, cujo nome, na expressão de M. Poujoulat, é doce como o perdão, terrivel como a vingança, melancolico como uma ruina ou como um suspiro do coração e consolador como a esperança.

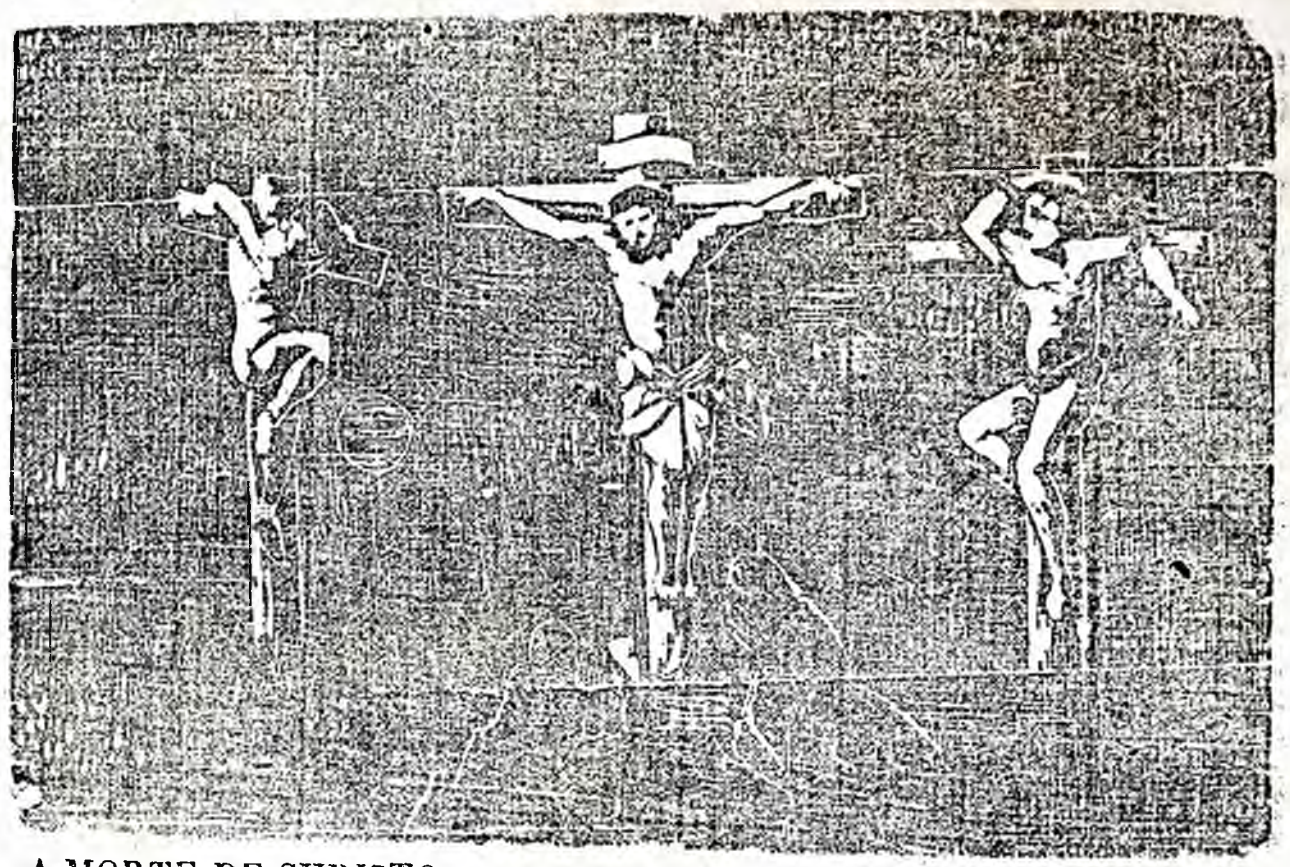
Trevas de horror diffundem-se por todo o globo; vacilla a terra no seu eixo: fendem-se os rochedos em taliscas descommunaes; rasga-se o veu do templo, resuscitam os santos, e tudo isto para fazer córo com o centurião da guarda que brada cheio de assombro.—Na verdade este homem era filho de Deus.—

Um tumulo aberto em um rocha virgem recebe o corpo do Salvador do mundo, que fôra descido da cruz, embalsamado e envolto em um lençol novo por Nicodemos e Jose de Arimathéa.

A lousa do sepulchro está sellada com o padrão da Synagoga, e cercada de guardas: e por uma excepção unica e divina, aquelle sarcophago não encerra pó, nem cinza, nem podridão, nem verme. O que habita ali é a luz, a fé, o amor, a gloria, é finalmente um Deus que desce agora a morada dos Santos Padres, dos Profetas, e Patriarcas, e que resurgirá ao terceiro dia para confirmar as Escripturas, e subir ao Ceo.

Oh! meu Jezus crucificado como a arvore secular do Heliopoles que em signal de reverencia vergou seus ramos para saudar o Deus Menino que passava ali caminho do desterro: eu me curvo respeitoso e compungindo ante o vosso tumulo sagrado, deixando ahi uma lagrima dos que soffrem os vossos martyrios, uma prece dos que creem na immensidade do vosso amor.

DR. L. WANEERLEY.



A MORTE DE CHRISTO.

I.

Vêde-o, co'a cruz aos hombros se encaminha
Do supplicio ao logar:
Em bagas mil seu precioso sangue
Inunda a terra; já sem força, exangue,
Nem pode respirar!

Sobe a custo a montanha do Calvario;
No fastigio chegou:
Arvorado na cruz, a Mãe querida
Disse o extremo adeus;—do peito a vida
N'um suspiro escapou!

Rasgou-se o veu fatidico do templo!
A terra estremeceu!
Traja luto a natura e a humanidade—
E o sol perdendo a luz na immensidade,
Cobre a face no ceu!

II.

Cumpriu-se o que estava escripto
No livro das prophecias;
Eil-o, o divino Messias,
Pregado n'aquella cruz!
As faces tão denegridas,
O peito aberto co'a lança
Pela furia da vingança
Quiz ter o manso Jesus!

Quiz ter: com tanto que as portas
Do ceu aos homens abrisse,
Que do peccado os remisse
A troco daquella dôr;
Quiz esgotar esse calix
Que lhe offerecera o Eterno,
Para livrar-nos do inferno;
Quiz tudo—por nosso amor!

Elle, o cordeiro innocente,
Creador do ceu, da terra,
E em quem a vida se encerra
Que tem infindo poder,
Nas mãos dos seus inimigos
Vae-se entregar humilhado,
E no lenho sublimado
Quiz morte injusta soffrer!

Christãos, curvemos-nos todos
Humildosos, e contrictos,
A mente nos infinitos
Dos ceus, os olhos na Cruz:
Sigamos de Christo os passos,
Que no mundo deixar veio,
Co'o seu derradeiro anceio,
Farol de esplendida luz.

III.

E o mundo percorre n'um giro constante
O astro da fé!
Não pára, mas segue donoso; brilhante;
Não teme a influencia de sombra inconstante
Que passa-lhe ao pé!

De balde rugindo tufão da impiedade,
O tenta extinguir;
Seu fim não consegue, que a eterna verdade
Arroja no abysmo o furor da maldade;
E sempre a fulgir.

Do balde! que o mundo percorre constante
O astro da fé:
Não pára, mas segue donoso, brilhante,
Não teme a influencia de sombra inconstante,
Que passa-lhe ao pé.

OS MARTYRIOS DE JESUS.

Reis, monarchas, potentados,
Offuscae vosso explendor!
Curvae a fronte humilhados,
Vertei lagrimas de dor!
Chorae a humana desgraça
Que já p'ra o Calvario passa
O filho de Deus—Jesus!—
Lá vae caminho do monte!
Lhe corre o suor da fronte,
Levando ao hombro uma cruz.

Ao peso de tal martyrio
Resistir não pode, e cahe,
Olha então para o Empyrio
E diz p'ra o Eterno Pae:
«Senhor, Meu Deus, de improviso
Mandae o esforço preciso
Para ao meu termo chegar;
Pesa muito este madeiro,
Pois nelle do mundo inteiro
Os erros se vem gravar.»

Disse: e logo novo alento
Seus debeis passos conduz:
Cyrineu sem outro intento
Ajuda a levar-lhe a cruz.
Elle vae; mas de repente,
Ouvindo o clamor plangente,
Volta o rosto, pára e diz:
«Não choreis, filhas, meu fado
Que o vosso é mais desgraçado,
Mil vezes mais infeliz!»

Logo depois, em seguida,
Coberta de luto e dó,
Vê a Mãe sempre Querida
Rojada a fronte ao pó.
«—Salve Mater dolorosa!»
Elle diz com voz piedosa;
E logo o corpo tombou,
De mil settas traspassada,
A Mãe não responde nada
Porque a dor a congellou.

Qu'espectaculo assombroso!
Quanta dor! quanta afflicção!
Que calix tão amargoso!
Que cruel flagellação!
Ver a Mãe do Filho exanguo!
Ver tintas do augusto sangue
As ruas d'atra Salém!
Vel-o ferido e chagado
Perseguido e arrastado
P'ra ir morrer mais alem!

Reis, monarchas, potentados,
Offuscae vosso explendor!
Curvae a fronte humilhados,
Vertei lagrimas de dor!
Chorae a humana desgraça,
Que já p'ra o Calvario passa
O Filho de Deus—Jesus!—
Lá vae caminho do monte!
Lhe corre o suor da fronte,
Aos hombros levando a cruz.

Empuxões, punhadas soffre
Com santa resignação!
E' que seu peito é o cofre
Da clemencia e do perdão,
Foi por Deus predestinado
Para lavar o peccado
Das gerações inficis.
E elle tudo cumprindo,
Lá vae submisso seguindo,
Dilacerados os pés!

Em cada pegada sua
Deixa ao mundo a tradicção
Do soffrer, que o extenua
Pela humana salvação!
E precita a plebe austera
Mais cruel do que uma fera
Nada traduz, nada vê:
Applaude pelo contrario
Em avistando o Calvario
Os males que não prevê.

Eil-o já chegado ao termo
De sua morte e paixão!
E qual definhado enfermo
Descança os membros no chão.
Porem logo a cruz se arvora!
E então dessa infeliz hora
Começa novo soffrer!
E a natureza enlutada
Sem de ninguem ser notada
Tambem começa a tremer.

Seu Divino Corpo elevam
As hostes d'arvore christan;
E de novo a ira cevam
Inspirada por Satan.
Cospem-lhe escarneo no rosto,
Entre dous ladrões è exposto
No hasteado pendão!
Tiram-lhe a capa inconsutil,
E parecendo-lhes util
Por sceptro a cana lhe dão.

De espinhos se apresta a c'roa
Que tem de a fronte lhe ornar.
Novo applauso em torno soa,
P'ra o martyr novo penar.
E, emquanto alguns malvados
Sobre a capa lançam dados
P'ra verem de quem será,
Outros dizem por folia:
—Eis o Filho de Maria!
— Eis Jesus, Rei de Judá!

«Eli, lama sabactani,
Exclama o martyr da cruz!
«Pede a Elias que te sane,
Diz o povo:—si ès Jesus—
«Sède brada o Innocente!
Vinagre e fel (oh! que gente)
Foi quanto se lh'offertou!
E tendo aos labios tocado
A esponja,—está consummado!—
E a fronte ao peito inclinou.

Qu'espectaculo assombroso!
Quanta dor! quanta afflição!
Que calix tão amargoso!
Que cruel flagellação!
Reis, monarchas, potentados,
Curvai a fronte humilhado,
Que a fatal hora soou!
Eo Cordeiro immaculado
P'ra nos remir do peccado
Sobre o Golgota expirou.

RESPOSTA AO *CORREIO DA EUROPA*.

III.

Não é contra a patria dos brilhantes ornamentos da litteratura portugueza, os Srs. Mendes Leal, Alexandre Herculano, Latino Coelho e outros; e muito menos contra os portuguezes honestos, serios e circumspectos que habitam entre nós, a mais que justa animadversão que tem inspirado a leitura do artigo inserto no *Correio da Europa:* é unicamente contra o portuguez de *borra,* o estonteado traficante até da propria honra, o escrivinhador ingrato e infame, tacanho ná altura e nas acções, lapuz que nem para marinheiro servia pela isempção da vil figura que, no meio de nós que tam urbanamente o temos tratado, ousa aggredir-nos por tal forma, chegando o excesso criminoso ao ponto de deturpar as instituições do paiz.

Dóe, dóe muito, até o amago do coração, que estejamos em nosso seio alimentando a vibora que, esquecida dos favores que recebe, ja nos morde venenosamente com tanta ingratidão!

Escrevendo estas linhas em prol da honra e dignidade nacionaes, tam aleivosa e atrozmente difamadas, a represalia da provocação insolita e descommunal, que inesperadamente recebemos, obriga-nos a concitar as turbas, a apontar ao povo o *curto e roliço* author desse pamphleto, que tam a queima-roupa nos fôra assacado, para delle tomar estreitas contas.

Nestas e n'outras occasiões não valem as immunidades.

Bem pouco tempo faz que um agente consular de um paiz do mesmo continente, a não estar em bom recato, seria victima merecida do furor publico pela cumplicidade que teve em certo attentado.

E nestes casos quem pode negar o direito soberano do povo, representado pela força—*ultima ratio* das cousas humanas?

Quem terá tanto sangue frio e paciencia, senão desfaçamento, que, conhecendo o lusitano *de unto e broa* que tanto nos diffamou, não dê-lhe pelo menos uma bofetada na lustrosa e polluta cara?

Disso não está elle livre; falta apenas a occasião que não deve estar longinqua.

Esta promessa fazemo-lhe nós com toda a segurança, e sem medo de engano.

E como não ser assim, si temos rasão de sobejo para mais?

Que resposta mais justa e merecida aos seguintes trechos do tal pamphleto que entregamos á ira publica?

«*Não remontaremos á desgraçada alliança com Flores, e á guerra que ella trouxe, posto que prenda ahi a desastrosissima guerra com o Paraguay.*

. . . . . .

«*O Brazil emprehendeu a guerra, e lá comprometteu a honra da bandeira nacional, e poz um paiz vastissimo e riquissimo de elementos naturaes ás beiras de um abysmo!* . . . . . .

«*E' horroroso o estado actual do Brazil, e é indispensarel pôr-lhe termo. Ou isso, ou a desmembração daquelle vastissimo imperio!*

«*Dar-se-ha esta, de certo, si a incrivel imbecillidade do governo do Rio de Janeiro deixar correr por mais algum tempo as cousas como ellas tem ido, e vão.* . . . . . .»

Outros trechos ainda mais picantes e insultuosos temos que reproduzir, e o *Asmodeu paraguayo* que trema no dia do saldo de contos!

—

Publicou-se e corre impresso um *Boletim Politico* sobre o assumpto.

Desde já é preciso dizer que não partilhamos e até reprovamos certas ideias contidas no mesmo, pois não se ha de sacrificar tantos homens por causa de um canalha.

—Certas economias dão em prejuizos irremediaveis.

—E' certo.

—Na segunda feira 6, ia da cidade para a Jequitaia um saveiro carregado com 300 arrobas de carne; ao chegar defronte do arsenal de guerra afundou-se, afogando-se o o remador.

—Com o mar bravissimo como tem estado, carregar um saveiro com 300 arrobas de carne, é imprudencia injustificavel.

—Requinte de temeridade.

—Talvez para economisar meia duzia de vintens na conducção.

—Justo.

Informam-me que quando o homem debatia-se com as ondas prestes a sorvel-o, passou o vapor da Jequitaia e fez que não viu.

—Deshumanidade inaudita!

—O Sr. tenente coronel Paranhos, honra lhe seja feita, dava 100$rs. a quem fosse salvar o infeliz, porém não houve quem se arriscasse.

—Quem era o remador?

—Ignoro. Algum desherdado da fortuna a quem a sorte precaria obrigou a arriscar a existencia para ganhar um pouco de pão para matar, talvez, a fome aos filhinhos.

—O dono da carne?

—Chama-se Antonio José de Souza Ribeiro; já mandou os mergulhadores tiral-a.

—E prejudicada só ficou a familia do homem.

—E elle que perdeu a vida.

—Aqui está o troco.

—O que é isso?

—E' um *valle* do Caboclo, pode receber que corre em qualquer parte.

—E quem authorisou a esse Caboclo a emittir na circulação valles?

—Isso é o que não é de minha conta.

—O Gingas, sem duvida.

—Tambem não é elle só. A cidade está inundada destes papeisinhos, representando dinheiro.

—Boa especulação!

No dia em que algum destes individuos quizer, prega no respeitavel publico um logro de alguns contos de réis, empina-se e a policia fica coçando a cabeça.

Emfim, vou ao tal *indigena* ver se me paga os meus 480 rs.

. . . . . .

—Sr. Caboclo, paga-me esse valle?

—Não tenho cobre.

—Virei outra occasião.

. . . . . .

—Já ha cobre?

—Não.

—Fica para ao depois.

. . . . . .

—Já?

—Ainda não.

. . . . . .

—Então?

—Nada por ora.

. . . . . .

—Para livral-o de incommodo aqui estão dois valles de 480 que prefazem 860 rs., tome mais 40 rs. e dê-me 1$ rs. em papel.

—Tambem não tenho miudos.

—E' extraordinario! pela sexta vez que venho a sua casa receber o que é meu e o Sr. não tem cobre, nem miudo!

—O que quer que lhe faça?

—Bem me disseram que o Sr. só resgatava os seus valles com generos.

Mas, eu não lhe acho culpa, uma vez que a policia consente em taes especulações.

Á PEDIDO.

—Este *vigario* tem cousas!

—O *vigario* deve ter por norma de seu procedimento a *S. Pedro*.

—Não querer que uma familia sua *conhecida*, fosse para as tribunas, porque, disse elle, tendo entregado as chaves a *certa gente*, era facil de encontrar-se lá com algum capadocio.

—E a quem elle qualificava de *certa gente?*

—Aos irmãos!

—Elle que não se faça celebre.

E'.

—O *Senhor da Paciencia* queira dar juizo a certa gente para não se dar a desfructe.

VARIEDADES.

A PENITENCIA.

—Onde vae, Mariasinha?
Venha cá.
—«Deus me livre! E' penitencia,
Não vou lá!

«Confessei-me ao senhor Padre,
Meus peccados lhe contei...
—O que fez Mariasinha?
«Ja não me lembro...não sei!

—Pois você contou ao padre...
Venha cá!
—»Ja não devo mais ouvil-o,
Não vou lá!

«Escutal-o—disse o Padre,
E' arriscar-me a perdição!
—Não foi commigo, menina...
—«Eu bem sei si foi, ou não!

—Commigo não foi...escute.
Venha ca!
—«Não quero perder minh'alma...
Não vou lá!

«Eu contei nossos amores,
Té aquillo... que afflicção!
—Podia guardar segrêdo...
—Não valia a confissão!

—E o que disse o senhor padre...
Venha cá!
«Sabe o que mais? Va se embora,
Não vou lá!

«Medisse;—Fugi de vel-o,
Oh fugi da tentação!
—E qual foi a penitencia?
—«Uma foi...não vêl-o, não!

—E' porque cuidou o padre...
Venha cá!
—«Case commigo...pois antes
Não vou lá!

«Tenho mêdo do inferno,
Já não quero mais peccar!
—Terno amor, Deus não castiga...
—«Mas si Elle me castigar?...

—Me acredite...não castiga,
Venha cá!
—«Suas tenções não conheço,
Não vou lá!

«Por mostrar-me arrependida
Do Padre tive o perdão...
—Oh, diga...pois o tal padre...
—«Não peque...não falle, não!

—E para que confessou-se...
Venha cá!
—«Porque salvar-me desejo...
Não vou lá!

«Mas...Virgem Nossa Senhora,
Não vêl-o mais prometti!
—Maria... Mariasinha!...
—«Assim terno nunca o vi!

—Não me fuja...escute, ingrata,
Venha cá!
—«Deus me livre! E' penitencia...
Não vou lá!

J.

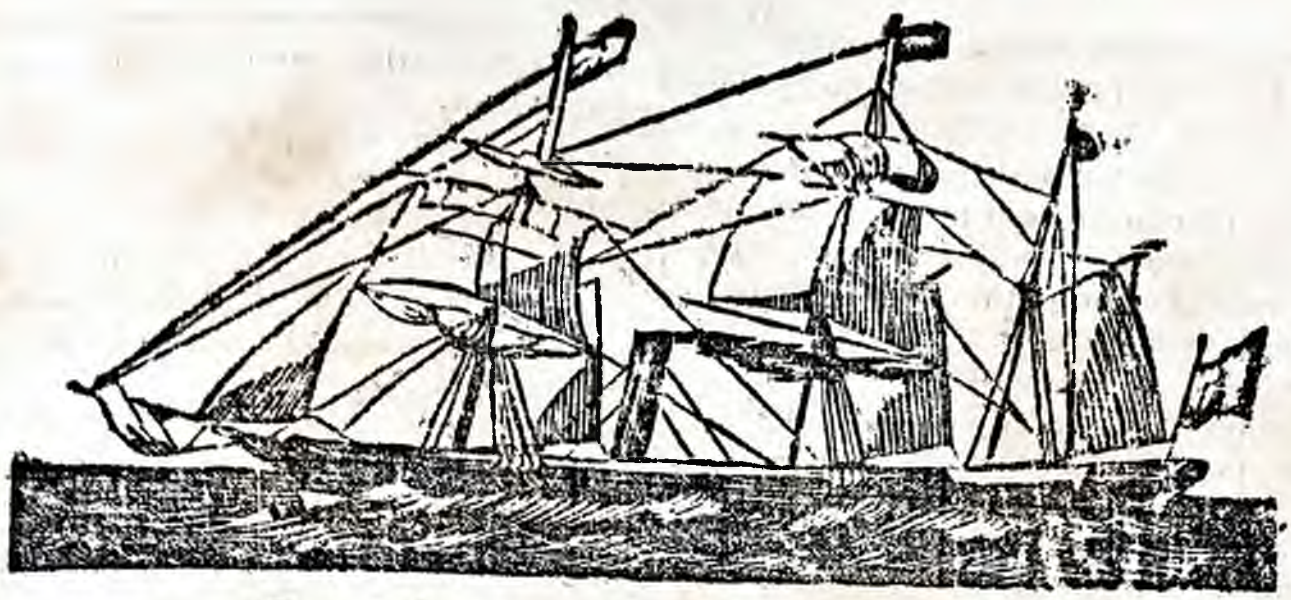
ANNUNCIOS.

A rua dos Carvoeiros n. 13 vende se um piano francez de mui boa vozes.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já conhecido verdadeiro café muito puro, continua-se a vender rua dos Ourives loja n.º 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.º 199, a 400 rs. a libra: previne-se que qualquer porção comprada, levará no envoltorio o seguinte distico—*M. José d'Azevedo*—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Margues, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VI. Serie 35.

BAHIA 14 DE ABRIL DE 1868. N. 348.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO *CORREIO DA EUROPA*.

IV.

O brilhante triumpho, alcançado pelas nossas armas contra o tyranno do Paraguay, de que foi portador o *Seine*, vem evidentemente confirmar que o brazileiro, apezar de não ser aguerrido e nem ter instinctos bellicosos, como disse o infame escrevinhador da *Correspondencia da Europa*, é tam forte e ousado quanto o soldado prussiano, quando tracta de defender a honra e autonomia de seu pavilhão.

Bem depressa veio mais essa prova irrefragavel da aleivosa e viperina penna do *caturra* sandeu, varão *achinellado* da anachronica Lisbôa!

Com a alegria da faustosa noticia, que correu instantaneamente por todos os angulos da cidade, houve quem, na effusão do maior prazer, quizesse dar a esse homunculo desfaçado uma lecção tremenda de seu ingrato arrojo. Embargamos-lhe o commettimento, porque a hora ainda não chegou.

Isso, porem, não o livra, ou mais hoje, ou mais amanhan, do furor publico que com anciedade o aguarda.

E' pena que o *caturra* escrevinhador, tam amigo e defensor do despota do Paraguay, agora, nos paroxismos da perdição extrema, não lhe dê guarida certa de salvação!

Só o espirito de maldizer, sem rasão plausivel e contra todas as regras da gratidão, poderia impellir esse infame a negar a verdade dos factos de notoriedade publica, para atacar o Brasil por essa forma tam immerecida e descommunal.

Hoje, si elle proprio por sua letra e firma, viesse em publico desdizer-se das affrontas que nos irrogara, nem assim ficaria livre da *trovoada* que o espera.

Tal é a consequencia necessaria de seu acto.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegade do curato da Sé, chamando sua attenção para o procedimento irregular de uma mulher conhecida por *Gumbi*, moradora ao Maciel de Cima, a qual depois do jantar insulta com palavras e gestos obscenos aos visinhos, alguns dos quaes ja se queixaram ao delegado. Ha dias, depois dos insultos dirigidos por esta *honrada senhora*, foram ainda desafiados uns academicos pelo amasio della.

Espera-se de S. S., tão zeloso como é pela moralidade publica, providencie a respeito.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que por conta dos proprietarios dos predios ns. 2 e 4, ao beceo dos Cavalleiros, mande tirar as goteiras das mesmas que ameaçam furar

a cabeça de algum pobre vivente, que por alli passe em hora aziaga. Cumpra.

—Ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que intime ao morador do sobrado n. 16, á ladeira da Praça, para que não continue a fazer despejo pela janella, com o que muito incommoda a visinhança. Cumpra.

—Estamos em terra de mouros ou judeus?

—Que pergunta! V. não sabe que estamos em um paiz catholico, apostolico, romano!

—Entretanto vê-se 14 homens *forçados* a trabalhar no dia em que se commemora a Sãcrosanta Paixão do Redemptor da humanidade!

—Novo *systema penitenciario*.

—Que necessidade ha de mandar aquelles infelizes carregar tijollos no dia de hoje?

—Alguma obra de urgencia.

—A obra de mais urgencia que eu vejo, são reparos na *cadeia*, isso mesmo era dispensavel n'um dia tão solemne.

—Vá ver que quem dá tal ordem ha de querer passar por algum inculcado *Catão*.

—Elle tem mais gestos de *guerreiro*.

—Catão, ou guerreiro, semelhante proceder é uma falta de respeito aos preceitos augustos da religião, que não deve passar despercebido.

—A's ordens de V. Ex.

—Diga o que determina.

—Pedir-lhe providencias contra um abuso.

—Mas note que ao chefe de policia é que compete a repressão dos abusos.

—Embora.

—Em tal caso, si é de seu gosto, exponha sobre o que versa a sua queixa.

—Sobre a vendagem de bilhetes da loteria de Hespanha, que certos especuladores importaram, e que consta já se fabricam aqui, ou em Portugal, d'onde elles vem; no entanto, andam vendendo aos incautos, nem só dentro da capital, como nas cidades do reconcavo, por preços fabulosos, dizendo que é por causa do cambio, quando é somente em proveito dessa sucia de espertos, que se empregam nesse illicito e fraudulento negocio, prohibido pela lei.

—E sabe quem são os importadores?

—São bem conhecidos; em geral são negociantes e os vendedores andam pelas ruas impingindo a quem come a caraminhola.

—Bem. Volte depois para saber do resultado, porque eu vou officiar ao chefe de policia a respeito.

—V. não disse que S. Ex. não gostava de papança?

—Tenho ouvido dizer que não é affecto a gastronomia.

—Pois ouça esta que vae por conta de quem contou.

Sendo convidado pelos capuchos para assistir a festa da Piedade, compareceu. Findo o acto, percorreu a egreja minuciosamente, remanxando aqui e alli a espera de alguma cousa de entripar.

O Reverendo prefeito ja estava massado com a visita e com impaciencia esperava que o bom do homem se retirasse.

Este, depois de permanecer um bom espaço em esperançosa e glotidinal expectativa, vendo que não cheirava nada, resolveu-se a mandar saber pelo seu *adjunto si podia se retirar, e sinão era costume dar-se uma refeição depois do acto*.

—Isso é cassuada.

—Quem contou pode saber.

O Reverendo prefeito com a maior ingenuidade despediu o *adjunto* dizendo—*Oh, não, Nossa Senhora da Pietate não faz funcção*.

O *adjunto* veio desapontado dar a resposta ao Exm., que ficou tambem com uma cara de *semana illustrada*.

—V. é um capadocio completo! Pois ha ninguem com dois dedos de juizo que dê tal desfructe!

—Si é peta é de quem contou para todos ouvirem, no botequim da Praça.

—Sempre é historia de botequim.

—Faça favor de me dar a fracção em quatro moedas de 500 rs.

—Não é possivel.

—Porque não é possivel?

—Porque não.

—Tanta adherencia! Entretanto que ha quem negocie com ellas as cancaras, a 10 por cento.

—E' impossivel.

—E si eu lhe provar quem desta casa ha poucos dias vendeu 200$ rs. em moedas de cinco tostões.

—Si fôr capaz de provar.....

—Pois eu vou a *thesouraria* e na volta trago-lhe o nome do cujo.

—A commissão sanitaria do Pilar tem sido incansavel.

—Faz seu dever.

—Entre outras medidas, lembrou uma de summa utilidade.

—Qual é ella, meu charo?

—A remoção de uma fabrica de vellas que ha ao pé da egreja do Hospicio.

—V. quer ouvir uma cousa? Eu quando

vejo certas lembranças, apezar da boa intenção que as dita, fico assim desconfiado.

—V. é um homem pessimista!

—A culpa não é minha.

—E' de seu espirito vacillante que descrê de tudo.

—Enganou-se. A minha duvida vem da commissão não enxergar outras fabricas em condições mais nocivas.

Em S. Francisco de Paula, por exemplo, passaram desapercebidas duas fabricas de sabão e vellas, uma em frente e outra visinha a uma aula publica. Ao pé do quartel d'Agoa de Meninos ha uma outra, que muito encommoda aos moradores, entretanto a commissão não as viu.

—Está V. a esmiuçar tanta cousa! Não vê que a fabrica do Hospicio dá mais na vista, que alli ao pé mora o presidente da commissão?

—Ah! o presidente da commissão mora ao pé da fabrica... Está direito!

—Comprehende?

—Agora.

Assim mesmo como eu não sou daquelles que só pucham braza para sua sardinha, faço minhas duvidas.

LA VAE VERSO.

O FILHO DO VAQUEIRO.

—Papai, tambem quero
No campo correr,
Por montes e valles,
Nos altos penhascos,
Nos verdes panascos,
Sem nada temer;
Papai, tambem quero
No campo correr.

Papai, tambem quero
A rêz campear,
Com vestea e perneiras,
Com minha guiada
De ponta afiada,
Que sei manejar;
Papai tambem quero
A rêz campear.

Papai, tambem quero
Comtigo sahir,
Com meu guardapeito
De pell'de veado,
No russo montado
Sem nunca cahir;
Papai, tambem quero
Comtigo sahir.

Papai, tambem quero
Viver no sertão,
Fechar a carreira,
Dar campo no gado,
Correr no talhado
No meu campeão;
Papai, tambem quero
Viver no sertão.

Papai, tambem quero
A rêz derrubar!
Qu'importa o perigo?
A rêz eu vencendo,
Meu sangue correndo
Não faz-me pezar;
Papai, tambem quero
A rêz derrubar.

Papai, tambem quero
Vaqueiro hoje ser;
Vestido de pelles...
Dos campos na lida,
Que dita... que vida:..
Lutar é viver!
Papai, tambem quero
Vaqueiro hoje ser;

Papai, tambem quero
Saltar no curral;
Do leite das vaccas
Encher o meu pote,
Domar o boyote.
Cural-o do mal;
Papai. tambem quero
Saltar no curral.

Papai, tambem quero
No campo correr!
—Cresceu o menino,
Agora, vaqueiro,
Seu filho primeiro
O mesmo a dizer:
—Papai tambem quero
No campo correr!

Á PEDIDO.

—*Morro*, si não vier em meu auxilio *S. Paulo*. Como é que um subdelegado anda recrutando a quem está isempto por lei, deixando em santa paz aos que estão no caso de o ser?

—Mas V. o que quer, si os samboraes, e as gamboas que elle *pesca* pelas ruas não lhe dão para passar vida regallada!

—Então elle prende e depois solta a troco de dinheiro, não?

—Ha pouco se deu o caso de um soldado ter dado uma horrenda pedrada na cara de um paisano, que quasi o cega; fez-se corpo de delicto, mas não se processou o soldado, por elle dar dinheiro ao subdelegado!

—Vejam que moralidade de authoridade!

SONETO.

Praga a um anjo que tem seu dono.

Ditosa não serás um so instante,
Os remorsos em fim hão de render-te!

Sacrificios eu fiz só por amar-te,
Esforcei-me de todo em possuir-te.
Meios que pude obter buscou de unir-te
A minh'alma que jura idolatra-te.

Meu coração fiel em adorar-te
A tudo sempre soube preferir-te,
Minhas acções, alguns, vendo seguir-te
Pensaram ter veneno, astucia, e arte!

Que lucro tirei pois de ser constante?
O sangue se me gela inda ao dizer-te,
Que me deste um tributo degradante!

Meus males não poderão commover-te!
Ditosa não serás um só instante
Os remorsos em fim hão de render-te,

—Faz alguma emboscada, Sr. *Pedro Cachaça?*

—Não, estou a espreitar uma cousa.

—O que é?

—Uns vultos que me sahem todas as noites da casa daquella *viuva*.

—Que paciencia de *Jo! aqui na* esquina a esbibilhotar a vida alheia!

São as mucambas da viuva, que depois que apanham a casa agasalhada, sahem a correr o fado, ahi pela *calçada* a fora.

—Que bregeiras! Espalhando duvidas sobre a reputação da senhora.

VARIEDADES.

Da cidade de Catalão, provincia de Goyaz, enviaram á *Patria*, de Nictheroy, a seguinte sentença, lavrada pelo delegado de policia daquella cidade, a qual damos ipsis verbis aos nossos leitores:

«Visto estes autos etc. encherga-se que o reu Pedro Mercurio é Vm. tratante de mão cheia, porque violô a força a pudicicia da muié do Joaquim Ourives, a qual pramode isso chorou muito, e o sobre dito Joaquim disse ao Januario que está deshonrado.

«A testemunha Quirino Rodrigues Ribeiro que assistio essa balburdia não impediu como era de seo rigoroso dever o desaforo do Pedro Mercurio. Portanto condemno ao mesmo Pedro-Mercurio em 1 anno de prizão; ao Quirino em sem mil reis de multa para o Joaquim Ourives, mais 100 prizão. O escrivão passe mandado de prizão contra o pedro, e de pinhora contra o Quirino lansando no roes de culpados o nome de Pedro Mercurio, como insina os codigos e as lezes do imperio.—Catalão 7 Janeiro de 1862—José Pires de Moraes, Adelegado de policia.

MAXIMAS DO ZE CUTREA.

Empregado publico basofeiro.
E' chibante caloteiro.

Mulher muito janelleira,
Por força è namoradeira.

Africano conf dinheiro
Logo compra um companheiro.

Subdelegado fanfarrão
Ou é estupido ou mandrião.

Juiz de paz do sertão
Quase sempre é toleirão.

Delegado trapaceiro
Tambem é alcoviteiro.

Todo negro preguiçoso
Ou é fujão ou maahoso.

UM ESPADACHIM CASTIGADO.

Um tal Brown foi hospedar-se por alguns dias n'uma das melhores hospedarias da cidade de Oeste, nos Estados-Unidos. Offendeu involuntariamente o amor proprio de um coronel do estado de Indianna, commensal ordinario daquella hospedaria, e homem temido por todos, em razão da sua força herculea e da sua destreza no manejo das armas. Brown deu algumas desculpas ao coronel, o qual não se deu por satisfeito, e, na forma do costume, mandou a Brown um cartel de desafio.

Este ultimo não acceitou o duello, allegando certos escrupulos de consciencia.

O coronel, suppondo que o seu adversario fosse cobarde, resolveu insultal-o publicamente assentando-lhe nas costas uma dose de bengaladas.

No dia seguinte apresentou-se na casa de jantar da hospedaria, munido de uma bengala; e, aproximando-se de Brown, começou a desancal-o vigorosamente.

Brown, sorprendido a principio, recobrou promptamente o seu sangue frio: antigo militar, sabia ser sempre cousa util molestar o inimigo, recorrendo a algum estratagema.

Portanto, em vez de travar uma lucta que podia ser desegual, e em que ficaria talvez vencido, saltou para cima da mesa, e, pegando nos pratos que mais á mão lhe ficavam, começou um tiroteio de que o seu adversario era alvo.

—Cobarde! quiz gritar o coronel, porem uma tigela cheia de caldo lhe tapou a boca.

Brown, do seu pedestal, lhe dirigia as seguintes amabilidades:

—O Sr. coronel não gosta de feijão verde?

Talvez goste mais de umas batatinhas, não é assim?

Ahi tem uns ovos fritos muito appetitosos.

Ahi vae esse prato com mãosinhas de carneiro.

Os pratos voavam após as palavras, sem que o coronel tivesse tempo para por-se em guarda.

Todo coberto de gemmas de ovo e dos restos de outras iguarias, tossia, espumava de raiva, e limpava os olhos, que a cada instante lhe ennuveavam o caldo e os ovos que da cabeça lhe escorriam para o rosto.

Brown, quando vin que o seu adversario ia ganhando animo, lhe perguntou:

—Sr. coronel, quer um bocadinho de xitella assada?

E arrojou-lhe á cara uma magnifica perna de vitella, que campeava no meio da mesa. Atraz deste seguiu outro guisado, e Brown dispunha-se a fulminal-o com um enorme pudim capaz de enterrar o coronel; porem este bateu em retirada, ao som das palmas e das gargalhadas dos circumstantes.

Brown dizia:

—Sr. coronel, não esperais pelo pudim, que é o melhor prato deste banquete?

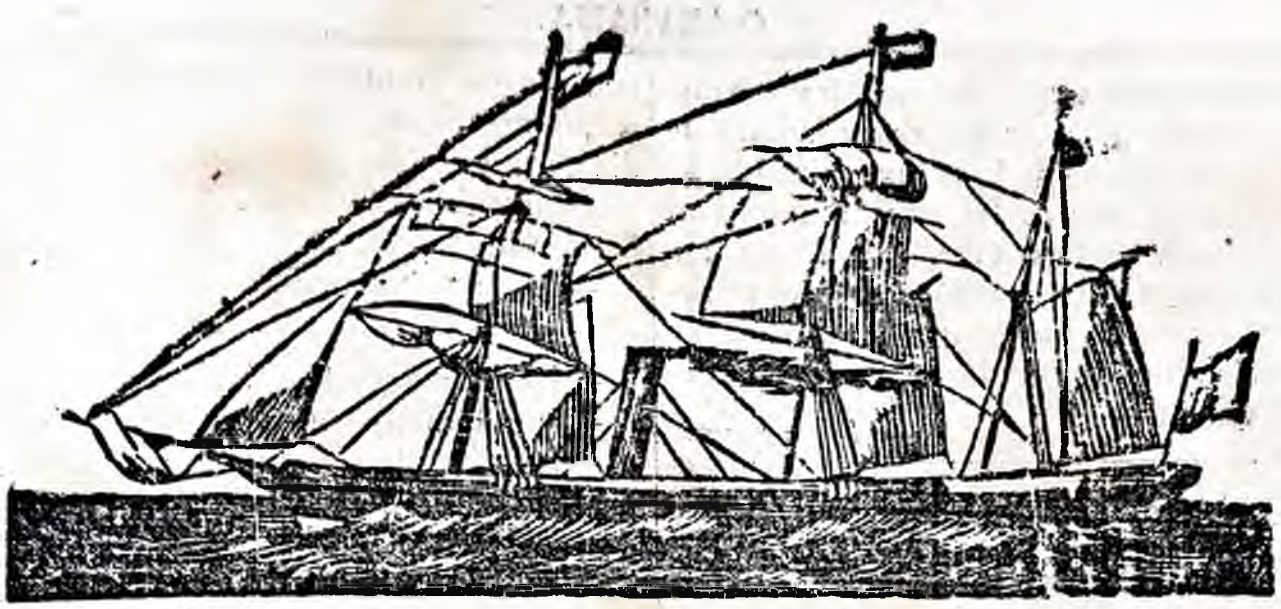
O coronel, conseguiu lavar a cara e tirar as nodoas do seu facto; porem não conseguiu livrar-se do ridiculo de que o cobriam os ovos e o pudim; e se póde livrar-se deste ultimo, não foi tão feliz que evitasse os sarcasmos do publico.

D'alli em diante, o coronel ja não mettia medo: debalde quiz intimidar algumas pessoas desafiando-as; toda lhe propunham um duello... ao *pudim*!

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já conhecido verdadeiro café muito puro, continua-se a vender á rua dos Ourives loja n.° 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.° 199, a 400 rs. a libra: previne-se que qualquer porção comprada, levará no envoltorio o seguinte distico—*M. José d'Azevedo*—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VI. Serie 3ª.

BAHIA 16 DE ABRIL DE 1868. N. 349.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO *CORREIO DA EUROPA*.

V.

O conceito justo e merecido, que, em Portugal, (!) gosa o *Correio da Europa*, pela facilidade da aleivosia e da mentira, e pela protervia da diffamação e da calumnia, está no artigo publicado no *Jornal do Commercio* de Lisbôa, transcripto no *Jornal* e *Diario* desta cidade de ante-hontem e hontem.

Assim, qualquer consideração, que quizessemos addir para mostrar a nenhuma importancia e influencia que tem esse pamphleto quinzenal, era por demais; por que são os proprios portuguezes honestos e moralisados, que se encarregam de mostrar o discredito e aviltamento a que tem descido pela villania e hypocrisia que lhe são peculiares, a bem de interesses individuaes contra os da communhão.

A mesma adulteração baixa e infame da verdade, que moveu a penna do *caturra* e cynico escrevinhador, quando teve de tractar de —*cousas portuguezas no Brasil*—relativamente á subscripção para o asylo de D. Maria Pia nesta provincia, essa mesma causual impelliu-a á respeito da guerra do Brasil contra o tyrannico e despotico governo do Paraguay.

Desmascarado em ambas as occasiões, como sempre, o miseravel, receioso de suas imprudencias e desatinos, recolhe se aos bastidores, sem que ao menos ouse tugir, nem mugir, apenas increpando a outros esses artigos deturpadores, que a consciencia publica, apezar de tudo, aponta como seus.

De maior pusillanimidade e covardia hypocritas não ha exemplo!

Felizmente que não será esse ingrato e safado, *ex-legislador de Angola* (so por ahi!!.) capaz de tirar o direito e justiça que assistem ao Brasil na declaração e empreza dessa guerra, rehabilitadora da dignidade de seu pavilhão.

Perdido para todo o sempre ficaria o imperio brasileiro ante as nações civilisadas, si pelo aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda*, e pela invasão das provincias de Matto Grosso e Rio Grande do Sul cruzasse os braços, não defendendo a sua integridade e autonomia.

Dahi unicamente é que poderia provir a sua perdição, e não do modo porque tem procedido até hoje.

Ahi estão os factos, uns após outros, a confirmar essa proposição com todo o brilhantismo da verdade.

O Brasil não está a beira do abysmo; nella está o seu infame detractor; e pouco tempo não falta para que tenha logar a submersão.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santa Anna, chamando sua attenção para o des-

commedimento de umas depravadas negras, que se ajuntam todas as noites na ladeira da Saude, becco do Pombal e immediações, as quaes praticam nesses logares immoralidades impossiveis de descrever, não so em acções, como em palavras; razão por que, torna-se de urgente necessidade, que S. S. dê uma providencia que sirva de correctivo a essa gente da pá virada.

—Quer ver uma *peça curiosa?*

—Alguma das tomadas ao Lopez? —

—As do Lopez eram troncos de arvores cobertos de couro.

—P'ra o diabo que as carregue! Si ellas sendo *tronco* nos faziam tanto mal, si fossem de ferro o que não seriam?

—Porem, homem, V. está *equivocado*, não é dessas peças, que servem de arbitro no litigio das nações que eu fallo.

—Então de quaes são?

—E' um edital de um inspector de quarteirão.

—Ora diga lá.

—Là vae tal qual:

«M. J. de B. Ispetor deste quarterão, que Deus Guarde por Sua Magestade etc. etc.

«Faço saber aos que virem este presente, que ordens recebi e são estas; 1° das oito horas da noite de hoje em diante, *ninguem* andará nas ruas sem bilhete de seu senhor. 2° Toda a pessoa que vir um ajuntamento *inlicito*, em uma parte, não se meta nelle, pena de prisão perpetua logo sem mais remissão e nem agravo. 3° He prohibido andarem pretos *parados* pelas vendas. 4° Ninguem poderá vender bebida, nem dar a quem já estiver embriagado. 5° O que for designado para a guerra não me faça andar atraz delle, como sucedeu com o filho de comadre Totonha, pois não tolero mais, que neste veridico assumpto da guerra não tenho ligações com mulher nem homem, que assim me foi ordenado. Ficão revogadas as leis encontrario, e por isso fiz este que prego na porta de casa, para todos lerem. Quarteirão n. 4 da freguezia subdelegada da C..., 8 de Fevereiro de 1868.

«*M. J. B.*, Ispetor aprovesionado.»

—As armas imperiaes rojadas pelo chão...

—V. perdeu o senso, rapaz?

—A razão?

—Pois agora que as armas imperiaes triumpham no sul, de victoria em victoria, V. attreve-se a dizer que ellas estão abatidas!

Isso é paraguaysmo.

—Ora adeus! As armas imperiaes que eu fallo, são as pintadas n'um painel que collocou-se em fronte de palacio e que d'ahi atiraram na rua, na porta de palacio por muitos dias, e que agora o Sr. Azambuja consente que esteja jogado aos trombolhões, servindo de cabeceira ao sentinella da porta do Calundú;

—Ah, agora entendo.

—Isto é insuportavel!

—Que tem, que está tão arreliado?

—Pois não! Actualmente não ha biboca que não se julgue authorisada a emittir valles e ao dèpois não quer remil-os.

—Como?

—Servem-se da evasiva de nunca ter troco para resgatal-os e o resultado é que o publico ou ha de perdêr, ou gastal-os desnecessariamente.

—Esta queixa V. deve ir fazer na porta da policia, que é quem consente semelhante escandalo.

—Creia, que na cidade baixa principalmente, parece uma praga: tudo quanto é tasca, biboca, etc., tem seus valles.

—Uma vez que o mal é geral, é soffrer com paciencia.

LA VAE VERSO.

SUPERBIS.

Que valém brilhantes sonhos,
pensamentos tão risonhos,
creados na phantasia,
si os anhelos tão queridos
são todos, todos perdidos
no sopro de uma agonia?

Que valem palmas de gloria,
si esta vida é transitoria
como a luz do pyrilampo,
e se as vaidades terrestres
terminam sobre cyprestes,
dos finados sobre o campo?

Que importa que a populaça
vos dê applausos na praça,
vos animando ao porvir?
Hoje a turba vossa amiga,
amanhan vossa inimiga
maldizer-vos ha de vir!

Homens, amigos das glorias
alcançadas nas victorias
não vos eleveis assim;
os loiros por vós colhidos,
de pranto e sangue tingidos,
serão cyprestes por fim.

Quando a trombeta sonora
soar na ultima hora,
convocando as gerações;
este sangue derramado

vos ha de ser perguntado
no volver das tradicções.

Foi pelo amor da virtude?
da luz em solicitude?
em prol da religião?
em favor da caridade?
em procura da verdade?
ou por vosso orgulho vão?

E vós agora exaltados,
sereis todos humilhados
na presença do juiz;
e nas trevas confundidos,
escutareis os gemidos
dos que morrem nos fuziz.

SONHO.

Que sonha o filho do povo
Na typoia de algodão,
Na casinha de palmeiras,
Dormindo junto ao fogão?

Vê por sorte recrutado
O rico junto de si;
Nobre, altivo, humilde, pobre,
Soldados... iguaes alli...

Igualdade! Os brazileiros
Iguaes á face da lei,
Servindo todos a patria
Sem isempção d'uma grei.

Livre o branco, livre o preto,
Não mais tanta abjecção,
Não mais—senhor, nem escravo,
Acabada a escravidão...

O pobre sabendo ao menos
O nome seu escrever;
Obrigado embora à escola..,
E' liberdade o saber!

Castigado o despotismo,
O caprichoso mandão,
Que acabrunha o povo imbelle
Sem temor, sem compaixão...

Castigado o delinquente
Lá nos palacios tambem,
A virtude premiada
D'aquelle que ouro não tem...

Sonha ver... eis que o desperta
Da policia a ferrea mão!
E' innocente... qu'importa?
Vai gemer n'uma prisão!

CANÇÕES POPULAERS

DESCONFIANÇA.

«Quando eu me fôr d'esta terra,
Vou pelos ares voando,
Para qu'os mattos não digam
Que ja me viram chorando.»

—Olha, Maria, não-sabes
O que me vai ca por dentro...
A's vezes tenho vontade
De me empurrar pelo centro...
Por causa da tyrannia
Com que me tratas, Maria!
—O que lhe falta? Não tem
Cavallo de montaria?...
—Maria!

—Anda-se a pè muito bem...
—Ingrata, cruel, tyranna,
Escuta meu coração:
Não sahirei á cavallo,
Nem com os pés sobre o chão:
«Quando eu me fôr d'esta terra,
Vou pelos ares voando,
Para qu'os mattos não digam
Que ja me viram chorando!»

Armarei a minha rêde
Onde corra fresco vento,
Que me suffoca a lembrança
De teu falso juramento...
D'aquelle ditoso dia
De nosso encontro, Maria...
—Somente quer me deixar?
Ja tardava... eu bem sabia...
—Maria!

—Tudo o faz desconfiar...
—és a culpada, não sabes
Que è medroso o coração?
Tem pena, pois se mudares,
Si eu não morrer de paixão,
«Quando me fôr d'esta terra,
Vou pelos ares voando,
Para qu'os mattos não digam
Que ja me viram chorando!»

Á PEDIDO.

O *Piroca* dos *rios* desculpou-se com o *geral*, dizendo que tudo era calumnia de seus inimigos.

—Mas a prova é, que ha bem puxados sete mezes, elle passeia pela cidade em quanto outros, desditosos filhos de Eva, pennam por esse valle de lagrimas das freguezias de fora.

—E' claro; deve haver qualquer motivo para que uns comam carne e outros roam ossos.

—Supponha, que nós estamos..... mas, onde figuraremos nós que estamos?

—N'um *hospicio*, por exemplo.

—Bem lembrado! Acertou.

—Estaquemos em frente a um vistoso edificio.

—Mas espere. Não estamos no *hospicio*?

—Sim, mas da parte da *rua*.

—Bem.

—Como dizia, imagino que estamos em frente a um vistoso predio, propriedade de um homem *poderoso* nesta terra.

—*Poderoso* porque é rico, tam somente.

—Isso não vem ao caso.

—Ao que serve.

—Penetremos no interior.

—Transpozemos os umbraes, e estamos em frente a uma salla decentemente mobiliada; salla que fica desde já conhecida com o nome de *pantheon do vicio*.

Installados, como estamos, no edificio, observe V. o quadro que se lhe descortina aos olhos.

—No meio da salla ha uma meza quadrilonga, na cabeceira da qual, está sentado um homem de cor espapaçada, tirando a marmore, physionomia de calango, quando se aquenta ao sol; nos labios, quando falla, assoma-lhe a furto, um riso semelhante ao ardil da raposa.

—*Cardoso*, é o nome com que baptisamos a esse individuo.

—Ao lado deste, está outro individuo, perfeito *ova* nas feições e a quem a *mentira* parece estar se denunciando em cada movimento.

—E' o *Manuel;* fornece os fundos para o engodo da pilhagem de que depois trataremos.

—Do fundo, vem um sujeito que traz nas mãos uma caixinha envernisada.

—E' a caixa das *fixas*.

—E' alto, magro, sem barbas e pera, conservando apenas um ligeiro bigode.

—Ozorio, chamaremos a esse ente, em falta de outro nome.

Agora toda a attenção para as scenas extraordinarias que se vão representar neste tremedal de corrupção.

(*Continúa.*)

Pelo inclito *S. Bernardo minimo*, pede-se a certo empregado de policia, que va entregar o trancelin de ouro que artificiosamente tomou a uma mulher na Conceição do Boqueirão, sob pena de ser levada a presença do Exm Sr Dr. chefe de policia uma petição de queixa e de se contar minuciosamente o ardil de que se serviu para haver o mencionado trancelim.

VARIEDADES.

VERDADES PURAS

Tão singelas, como duras.

Negociante á carreira,
Tem apertos n'algibeira.

Caixeiro sempre em passeio,
Servo ao amo mez e meio.

Marido que se levanta
Sempre depois da mulher.
Quando *sofre*, é porque quer.

Seja boa, ou má demanda,
Escrivão p'ra tua bantla.

Menina de roupa preta
De tarde, andando em passeio,
Não tem outra na gaveta.

Quando fallares de alguem,
Repara que perto vem.

Viuva que falla em honra,
Tanto a chorar, como a rir,
Tem mazella que encobrir.

F... estava n'um botequim em companhia de amigo.

Depois de tomar um refresco, F... deu uma moeda de cinco tostões para pagar as despezas. Momentos depois voltou o moço e fazendo soar o dinheiro no marmore da mesa disse;

—Meu caro senhor, esta moeda é falsa.

—Falsa?... De cá, deixa-m'a ver...

F.... examinou-a attentamente e exclamou:

—Ah, barbaro! que olhos que tens! Olha. Que diz isto?

—1854.

—Pois então, como queres tu que seja fal-a? Si o fosse, era impossivel que tivesse circulado tanto tempo.

O moço ficou convencido.

Henrique IV, rei de França, encontrou um dia, nos aposentos do Louvre, um homem para elle desconhecido, e cujo aspecto não parecia muito commum. Perguntou-lhe de quem era criado: «De mim mesmo» respondeu o homem n'um tom soberbo e pouco respeitoso. «Meu amigo, respondeu o rei, o teu amo é um tolo.»

ANNUNCIOS.

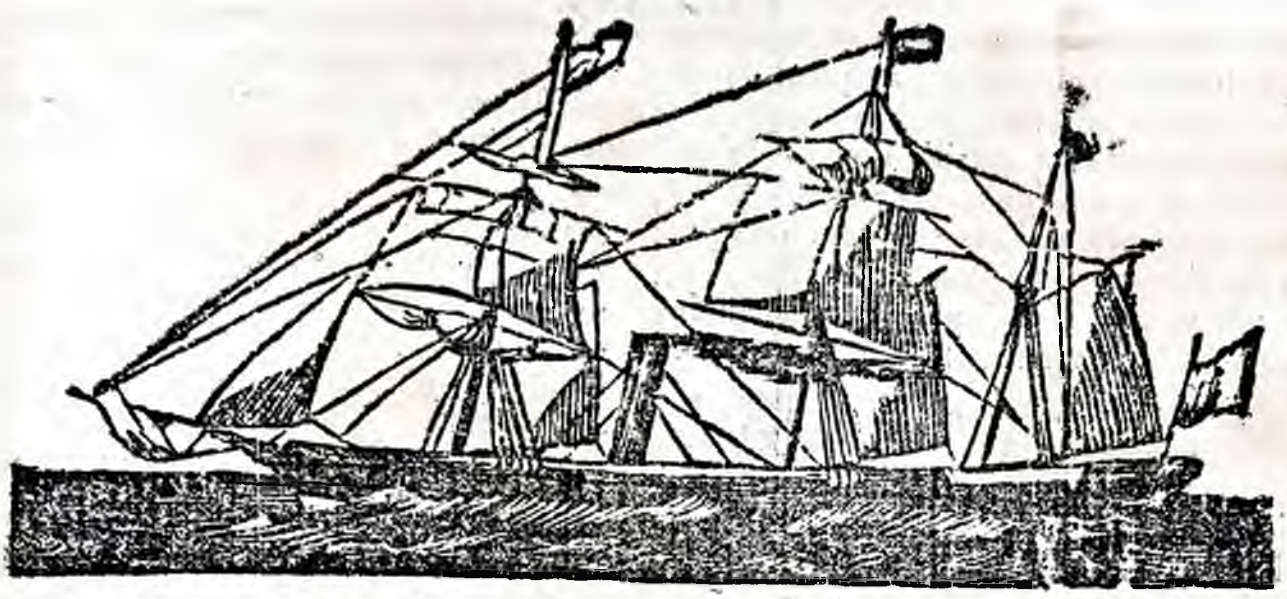
Manuel Maria Rebouças encarrega-se de qualquer questão militar, bem como de tirar patentes, por menos que outro qualquer; á rua das Flores nº. 96.

Defronte a botica do Sr. Peixoto, á Calçada do Bomfim, vendem-se dous burros bons para carga, por preço commodo.

Chama-se attenção do subdelegado da Sé para um viveiro que ha na rua Direita de Palacio na loja do sobrado n.º 42, habitado por gente desenfreada, onde ha constantemente desordens.

A rua dos Carvoeiros n. 13 vende-se um piano francez de mui boa vozes.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 3ª.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 18 DE ABRIL DE 1868. N. 350.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO *CORREIO DA EUROPA*.

VI.

O ingrato e safado escrevinhador, inimigo do Brasil, ente abjecto e repugnante na forma e nas acções, mesmo as da vida intima, receioso das consequencias que forçosamente devem dimanar dos improperios e insultos, affrontas e injurias, que cobarde e aleivosamente irrogara ao povo brasileiro, ao governo constituido e até á augusta e inviolavel pessoa do imperante, com a hypocrisia de um phariseu, vem a prélo para eximir-se da imputação tam grave quanto verdadeira, que lhe cabe no libello atroz e pungente, que fez publicar no *Correio da Europa* de 13 de março do corrente anno.

Para obter algum exito chegou tarde.

Hoje, entre o immenso povo que habita esta capital, nacionaes e estrangeiros, não ha ahi duas pessoas que não reconheçam e tenham convicção intima da participação directa ou authoria que teve o infame *caturra* nesse pamphleto.

Provas inequivocas até de pessoas insuspeitas—como os seus proprios patricios, tem elle recebido por esse acto de tamanha torpeza e villania.

Muito embora a violencia deixe sempre um amargo travo, e o despertar de um accesso seja sempre doloroso, não podemos deixar de apontar ao povo esse *laponio gallego*, tam amante e dedicado ao serviço do tyranno do Paraguay, para uma prestação de contas na hora aprasada.

Certas affrontas não devem passar impunemente.

E' preciso um exemplo para que torpezas e infamias dessa ordem não se reproduzam mais entre nós, praticadas por aquelles, em cujo beneficio temos feito tudo quanto temos podido fazer.

A expiação do culpado è um preceito social e divino, que ninguem pode derrogar.

E' um desaggravo necessario aos nossos brios offendidos e ao ultraje da nação inteira e do seu primeiro cidadão.

Não nos enganavamos quando, ha cinco annos, viamos a nimia franqueza de nossa sociedade, abrindo suas portas a esse brutal sandeu.

Sempre dissemos que aquelle riso constante encobria uma negra hypochrisia, e aquella ruidosa alegria um pensamento odioso.

Pouco tempo tem decorrido, e eis a verdade de nosso vaticinio infelizmente bem transparente.

Não fazemos votos unicamente para que esse inimigo gratuito, ingrato e rancoroso do povo brasileiro, que tanto o tem acolhido, seja d'aqui banido in continenti.

Queremos mais alguma cousa, quando nada —para evitar exemplos de futuros.

Pois que!? havemos nós ser tam nescios e fracos que, em nossa propria casa, estejamos

soffrendo hospedes ingratos, a quem tanto gasalhado temos dado?

Havemos de ser tam pusillanimes e faltos de estimulos que sofframos resignados essas e outras, reagindo apenas por um simples protesto de vingança?

Não, mil vezes não! E' preciso enxotar de casa esse ingrato, mas enxotal-o á ponta-pés.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de abril de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, para que mande concertar o cano que arrebentou ao pé da casa n. 27, á ladeira da Praça, o qual converteu aquelle logar em uma pequena lagoa de agoa putrida e miasmatica; e não sendo esse concerto cousa que demande grande despeza, espera-se que a Illma. não duvidará de mandar fazel-o.

—Ao Illm. thesoureiro do Senhor do Bomfim, para que informe, si é exacto o boato espalhado de que ha dias fôra enterrado um barro nas immediações do templo; e no caso de ter sido assim, a razão porque não providenciou S. S., morando alli tão perto.

—Nesta terra não ha authoridades ecclesiasticas?

—De sobra.

—E consentem tão dèponente espectaculo!

—Peior tenho eu visto.

—Peior do que andar este maluco com a Imagem de Nossa Senhora, envolvida n'uns trapos, dentro de uma gamelinha a querer por força que lhe deem esmola, e a insultar os que não dão?

—Este sujeito não é um portuguez que andava a rezar pelas egrejas?

—E'.

—E depois deu para espancar as pessoas, que desapercebidas passavam ao pé delle?

—Elle mesmo.

—A mania de pedinchar nelle é chronica. Até agora esmolava para si, e descompunha os patricios, quando não lhe davam com que satisfazer a ociosidade, ou lhe offereciam trabalho; agora vale-se de Nossa Senhora para especular!

—E' preciso que quem tem obrigação disso faça acabar com tão industriosa maneira de viver.

—E com tão ridiculo escarneo á religião.

—E incomprehensivel, extraordinario, admiravel!

—Que embrulhada é essa?

—A Praça do Mercado é constantemente rondada pela policia; entretanto os roubos se reproduzem alli com uma frequencia espantosa.

—E' que os larapios cegam a policia.

—Eu creio que ella é que se deixa cegar.

—E' o mesmo; apenas inversão de palavras.

—Uma noite por outra apparece roubada uma barraca e a policia está sempre *vigilante!*

—Bagatellas! bagatellas!

—Entretanto dão-se singularidades de pasmar, como na noite de 6, que os ladrões tiveram tempo de arrombar uma barraca, carregar 300 cocos, pol-os á salvo, sem que a policia que *andava ahi* désse por isso!

—Quem sabe si neste negocio não anda *magica*?

—Pode ser muito bem.

Á PEDIDO.

—Capitão, recrutei um velhaquete de primeira plaina.

—Serve.

—Um tratante de quatro costados e que entretanto andava campando de honrado entre os companheiros.

—Onde o filou?

—Na rua dos *Taxos*.

—Apresente-o.

—Eil-o.

—E' este? Não parece.

—Engana a qualquer.

—Tem as feições de um perfeito *seraphim*.

—Não faz mal a um *pinto*, sendo seu.

—E' verdade que o habito não faz o monge e por tanto faça-lhe a accusação.

—Este ladravaz vendeu dolosamente a um tabareu uma barrica de farinha de trigo, a qual até o meio era farinha, e dahi para baixo cal.

—Boa expertezal

—Quando o tabareu deu pelo logro, veio reclamar, porem o patife desculpou-se que tinha comprado a um preto!

—E' rapina, não tem duvida.

—Quando foi isto!

—Hontem, 15.

—E' assim que esses tratantes enriquecem de repente; compram aos pretos pelo barato generos roubados, falsificam-nos em cima, impingem aos credulos, e assim vão accumulando dinheiro á vapor.

—E V. Ex. dizendo que elle parecia um *seraphim!*

—Realmente. Porem agora estou crendo no que V. diz; que a um *pinto*, sendo delle, não faz mal.

—E si conversar com o *Martins*, fica de queixo cahido.

—Não precisa; para lhe fazer carga basta esta.

Va chamar o muxinguciro para pôr este tratante á ferros.

(*Continúa.*)

—Ja vendeu as telhas, Sr. *Sobreal?*

—Vm. não m'as quiz comprar, vendi a outro.

—Eu! Deus me livre; comprar um furto!

—Furto não; foram *arrecadadas* de uma casa que o tempo destruiu.

—E que seriam aproveitadas pelo dono, si o Sr. não se adiantasse.

—Isso prova deligencia da minha parte.

—Nem por estar *em frente* ao Engenho da Conceição, o Sr. tem receio!

—*Medonho,* para que não entregas o livro de musica que surripiastes a mulher?

—Que mulher, Sr.?

—Finges-te de ignorante, animal manhoso!

—Mas, si eu não me recordo?

—E's um infame hypocrita!

O livro que furtastes a pobre Julia, aquella incauta, que por dar ouvidos as tuas refalsadas palavras, cavou a sua infelicidade.

—Ah! Ella não sabe musica e o livro para nada servia-lhe.

—Mas servia para rapinares.

Quando deixarás de ser mau?

Não haverá algum momento em que essa alma de chicharro sinta algum peso pelo mal que tem praticado?

—Estou de consciencia calcinada.

—Monstro!

Nem ao menos sentes remorsos ao te lembrares daquelle infeliz rapaz, que foste causa de ir parar no Paraguy, deixando ca sua mãe ao desamparo?.

—Isso corre por conta do recrutador que foi quem o prendeu.

—Por tuas endiabradas insinuações, afim de não pagares o salario do rapaz.

—Não sabe que foi meu discipulo?

—Sei, e que trabalhou um bom par de annos para ti.

Ao depois foi trabalhar em outra parte, e tu o chamaste offerecendo-lhe o que la ganhava.

O rapaz, pela consideração de ter sido teu discipulo, acceitou.

A paga que lhe déste, foi, quando tinhas accumulado em tuas unhas uma boa quantia do rapaz, ires denuncial-o ao recrutador em uma vespera de chegada de vapor e elle ser preso e embarcar immediatamente, deixando sua mãe na miseria.

—Era um malcreadão, queria arreminar-se comigo.

—Quando tu, cara de pucuman, lacrau humano, fazes o que fazes com teu proprio filho, quanto mais com os outros.

Um escravo de mau senhor não é tratado como aquelle desgraçado. Esfarrapado, de pés no chão, anda pela rua das Mercês, que faz dó, morto a fome, pedindo pela visinhança o que comer.

—Si eu la não moro.....

—Mas tens uma obra, onde vive atirado o infeliz como um despresivel cão.

—Tu que fostes creado nos chiqueiro ou senzallas dos titulares de S. Francisco, não podes dar outra educação a teu filho se não essa que recebestes.

A natureza deve se envergonhar de produzir entes abominaveis como tu.

(*Continua.*)

Offerecido a certo meninorio que bem entende o verso.

MOTTE.

Tem fina côr de canellá
O tal menino emproado.

GLOSA.

Tem orelhas de cadella,
Tem pernas de saracura,
Tem a tez bastante escura,
Tem fina côr de canella.
Tem chagas e tem mazella,
Quer passar por delicado;
Mas não bole no passado;
E si lá quizer bolir,
Na cosinha irá cahir
O tal menino emproado.

—Sabe me dizer si o regulamento das patrulhas está alterado?

—Não. Porque?

—Porque indo na segunda feira á noite ao Bomfim, encontrei todas as vendas da Calçada fechadas ás 8 e 1 quarto, e disseram-me que era por ordem do subdelegado.

—Algum capricho.

—Não; diz elle que recebeu communicação do chefe.

—Mas si houvesse tal communicação era para todas as subdelegacias.

—O caso é que me informaram que as vendas da Calçada continuam a fechar ás 8 horas por que o subdelegado assim quer.

—Manda quem pode e obedece quem serve.

—Tambem não é assim, não estamos em terra de viva quem vence.

VARIEDADES.

ENTRE NOS

Por que te arrufas, donzella?
Acaso mentiu-te alguem,
Que eu amo ja outra bella?
—Inda vem?

Sim! porem si é crime agora
Meus protestos repetir,
Não te zangues, vou-me embora ..
—E pode ir.

Sempre o fel, oh! vida minha,
Tingir-te as rosas se vê
De teus labios de rainha!
—Sim? porque?

Lá porque-não sei...que graça!
E' porque me queres mal,
Sem motivo, ou por *chalaça*!
—Ora, qual!

Tu es «rosa» e tem as resas
Perfume, espinhos tambem
Por entre as folhas mimosas!
—Isso tem!

Ah! já vejo, os meus gemidos
Não podem mover-te então,
Nem te movem meus pedidos!?
—Isso não!

E's então qual rocha viva,
E eu, de rastos ao so pe,
A beijar-te, onda captiva!?
—Isso é.

Mas, sinhá, se de teu seio
Eu pedisse o teu amor,
Dar-m'o-hias sem receio?...
—Trahidor!...

Um *coração de balaio*
Não penses que sou. jamais!
Si tal for, me parta um raio...
—E que mais?

Como às outras, julgas mesmo
Que olvidei-te alguma vez,
Que te busco sempre a esmo?
—Oh! talvez!...

Si eu te jurar o que sinto,
Que adorar-te ja jurei,
Julgarás que ainda minto?
—Eu...não sei!

Si este amor, se esta alma immensa
Poderes comprehender,
Mudarás minha sentença?
—Pode ser.

E si eu fosse, nos amores,
O cultor do teu jardim,
Me darias tuas flores?
—Isso sim!...

E a fugir, dos labios castos
Puro ceu luziu fugaz;
E eu bradei seguindo os rastos:
—Oh! não vás!

B. de Bukingham.

COMME IL FAUT...

«Um advogado que a maior parte do tempo passava junto da sua livraria, foi interrompido na leitura pela visita de sua mulher que lhe disse:—Que feliz seria eu se fôra livro, porque então estarias muito tempo junto de mim »—A que o advogado respondeu:—«Eu tambem o estimaria com tanto que fosses como o almanak de Laemmert, por ser um livro que todos os annos é substituido.»

Que dous entes que se amam, se conhecam antes de se amarem, è cousa que pouco importa; dizia um individuo a Champfort; porem dous conjuges devem conhecer-se bem antes de se amarem.

—Ora! se si conhecessem, a maior parte delles não se casavam, respondeu Champfort.

Jantava um dia Descartes em companhia de uma joven, quando o veio visitar um importuno ignorantão.

—Não sabia que os philosophos teem por costume comer tão bons manjares em tão bella companhia.

—Não sei por que, responden Descartes; imaginaes talvez que a natureza fez as mulheres bonitas e os manjares delicados só para os ignorantes?

Um individuo ameaçava uma mulher de publicar as cartas amorosas que ella lhe tinha dirigido; ao que ella respondeu:

—Pode fazel-o; só tenho a envergonhar-me da pessoa a quem as escrevi.

—O' maman, o que è um beijo?

—Ora! è uma tolice.

—Olé: eu digo isto porque o *meu* noivo está-me sempre a pedir tolices.

Um individuo muito conhecido dos nossos leitores apresentou-se vestido com jaqueta n'uma sala de baile e ao vel-o, um dos directores aproximou-se-lhe dizendo:

—Meu caro, o senhor commette uma grande falta.

—Porque? respondeu o interrogado.

—Porque vem de jaqueta e nestes sitios costuma-se comparecer de casaca.

—Nesse caso não sou eu que commetto a falta, quem falta è o panno.

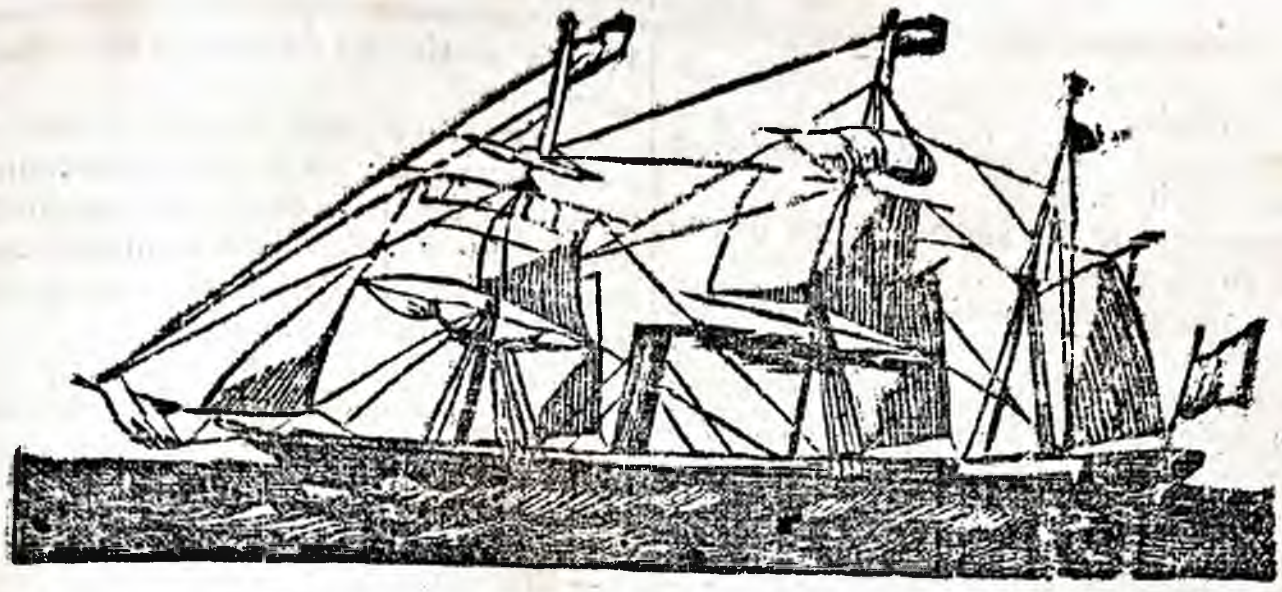
DEFINIÇÃO

«—O que è patrimonio? perguntava em Coimbra um lente a certo examinando em direito.

—Patrimonio, respondeu o estudonte, è o que o filho herda de seu pai.

—E o que herda da mãi tambem se chama patrimonio?

—Não, senhor: nesse caso é matrimonio.»



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
Anno VI. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 36.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 21 DE ABRIL DE 1868. N. 351.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, requisitando-lhe a remessa de certo *rapandorio*, ligeiro de unhas, que anda por essa freguezia a agasalhar o que não é seu.

Como seja difficil a S. S., assim vagamente, atinar com o taful, remette-se-lhe os dados, por onde possa chegar ao conhecimento delle.

E' um rapazola, cuja vida é pescar na ponte da companhia Bahiana, onde entendeu que devia constituir-se official de *visita* na bagagem dos passageiros que alli desembarcam, tendo ja S. S. recebido queixas neste sentido.

Ha pouco, tendo mandado fazer um bolo inglez para mimosear a sua *jonia*, e não tendo dinheiro para ir buscal o, entrou em casa da mesma, onde tem liberdade, e safou a surdina o resplendor de Santo Antonio, e outros objectos de ouro n'um oratorio e foi vender a um moço no Porto do Bomfim para poder assim presentear a sua *pecora*. Suppõe-se que semelhante facto chegou tambem ao conhecimento de S. S. e por tanto por elle deve S. S. saber quem é o magano de quem se trata, e apressar-se em remettel o quanto antes para bordo deste navio, afim de ser enviado ao Sr. Dr. chefe de policia.

Espera-se.

—Este Sr. Azambuja tem lembranças que parecem esquecimento!

—V. conheceu o Viva-Pureza?

—Não.

—Era um mentecapto que na presidencia do Martins ia para o Pau da Bandeira dar vivas ao presidente.

—E que quer dizer com isso?

—Queria dizer que bemaventurados são os pobres de espirito, porque delles é o reino do ceu.

—Ora bolas! Eu a fallar nas lembranças exquisitas do Sr. Azambuja e V. a interromper-me com cousas que não vem ao caso.

Ouça o que eu vou dizer, que é melhor.

—Ti-rim, fechou-se, quem fallou já vae longe.

—Pois o homem que na terça feira santa, mandou tocar musica na Praça, para divertir-se, não prendeu o commandante da guarda de palacio, porque passando o Sacramento, o corneta por impossibilidade não poude tocar a continencia?

—E elle podia prender?

—Ahi é que está o espicha.

—Entendo que devia participar a quem compete, isto é, aos commandantes das armas ou superior, para estes punirem a falta.

—Mas si o homem entendeu que devia arrogar a si attribuições que lhe não competem.

—Está porque o Dr. Euzebio disse o que disse na assembléa, sabbado.

—O *Tacão* entrou fazendo das suas.

—Já?

—E' verdade.

Desempregou o *atiçador* da *claridade* por um fatuo capricho.

—Aposto que lá elle não está como Barata no terreiro de gallinhas.....

—Em vão o armazenista asseverou que o homem esteve boas quatro horas de sentinella na sua porta á espera, o *Tacão* respondeu que era tarde, porque tinha por habito não desfazer seus actos.

—Tambem ha uma qualidade de animal, que quando emperreia para um lado, não ha taca que o demova.

Vá ver que a demissão foi por motivo frivolo.

—E ridiculo.

Ordenou ao rapaz que o fosse esperar na porta de um armazem, á cidade baixa.

O rapaz esperou-o até 5 horas e meia e tendo de accudir a sua obrigação, vendo que elle não apparecia, retirou-se.

No outro dia foi para o olho da rua.

—Que arbitrio!

—E a fofice? Ter desar de reparar uma injustiça somente para não desfazer um acto seu!

—E' stultice.

—Que tal, o sultão de estopa?

—Pobre idiota!

—Como se chamava o rapaz?

—*Avó de Christo*.

—Si quem governa fosse outra cousa, seria bom levar a seu conhecimento tão excessivo abuso de poder, porem creio que tão bom è o balaio como a tampa.

—Nem perca seu tempo.

—Ha dous dias não ha missa no Collegio!

—O motivo?

—Porque os Srs. conegos entendem que devem metter-se em casa, exhortando as comadres a perseverar nas regras de bem viver e não apparecem na egreja.

—Os homens são velhos e receiam aggravar as enxaquecas, sahindo á rua com este tempo; ficam aquentando as *costellas*.

—A excepção do Cyrillo, que mora no edificio, nenhum foi lá nem domingo, nem na seguda feira.

—Deixal-os; é preciso que cada um dê seu contingente, no ramo que lhe toca, para o desmoronamento desta sociedade carunchosa.

—O africano Victorino deflorou uma menor de 11 annos, na freguezia do Pilar.

—E em que ficou esse negocio?

—Está em vel-o-hemos.

—O Sr. Campos, morador ao Cruzeiro, n. 1, ia sendo victima da audacia de um larapio.

—Como?

—Sciente o gatuno de que durante o dia a casa ficava só, para ahi encaminhou-se, munido com os competentes apparelhos e *ferramentas* e principiou o arrombamento, quando, por accaso, entrou uma preta que veio frustrar-lhe os planos.

—Fugiu?

—Retirou-se mui tranquilla e pausadamente, como si acabasse de praticar uma obra meritoria.

—Que qualidade de gente é elle?

—Creoulo.

— O Sr. Campos que se dê por satisfeito de escapar, por um successo, das unhas do tal ratoneiro.

—São bem fundadas as seguintes apreciações do *Diario Fluminense* sobre a guerra.

—Leia para eu ouvir.

.....

—« A' operação da passagem formidavel do Passo do Humaytá, e tomada de Laurelles e Tayi, e forçamento do Timbó etc. etc., affirmou-se officialmente que o sitio do inimigo era perfeitissimo, que elle ficara completamente encurralado, e devia render-se a discripção!

«Correm os dias, passa mais de mez, e, fortificações formidabilissimas, até então de difficil accesso, annunciam-se cahidas em poder dos nossos braços após porfiadissima resistencia!

«E dessas fortificações, linhas de Curupaty, ha pouco haviam sido expellidos projectis diabolicos contra navios da nossa esquadra, que as haviam forçado apezar de tudo!

«O sitio estava perfeito, e, depois destes acontecimentos, immediatamente após, nossas forças atacam aquellas fortificações tomam-nas, e por toda a artilheria que ali encontram, annnncia-se um—canhão e troncos de arvores cobertas á couro, fingindo peças!

«E era—esta artilheria—quem nos fazia damno grande, e furibunda resisteneia as nossas forças!

«Por Deus! E' isto serio?...

«Ou antes, acaso o governo do paiz está escarnecendo das milhares de victimas que sacrificou nos esteros do Paraguay, e das—centenas de mil contos—que consumiu ao contribuinte do Estado, sacrificando o futuro de duas ou mais gerações!?

«E' que, acudirão os—famelicos—do poder actual, as forças inimigas retiraram,—abandonando vergonhosamente em fuga as suas posições, a artilharia, o trem de guerra e até levando os feridos!

«Santo Deus! Que exercito no mundo ja poude,—litteralmente cercado, em vergonhosa fuga, abandonando suas posições fortes—levar tanta cousa comsigo!

«E o que mais é, não ser apanhado!?

«E este mesmo exercito dizia-se ha pouco —*retirou-se para Humaytá* e agora prepara-se a opinião publica, dispõe-se o seu espirito á receber talvez a nova e monstruosa surpresa de que—parece que Humaytá está inteiramente abandonado, por ter-se retirado o inimigo levando seus trens etc. etc!

«Mas retirando-se por onde e para onde, se perfeitamente encurralado e cercado estava elle?

«Talvez por algum—grande subterraneo—desconhecido do inimigo; talvez por entre as linhas sem ser presentido; talvez por.....»

Á PEDIDO.

(*Continuando do nº. 349.*)

—Prosigamos.

A noite estendeu seu veu escuro sobre o rosto da terra.

O *pantheon do vicio* está illuminado.

Ozorio, respeitavel chefe da archiconfraria, passeia á largos passos de uma extremidade a outra, a espera dos *parceiros*.

Cardoso, gram-mestre da ordem, e a quem addicionaremos o sobre-nome de Caruso, está magistral e arrogantemente sentado no topo da mesa verde, ensaiando os dados com que deve fazer a colheita.

Admiravel competidor do Albano na *palmeação*, é inexcedivel na dextresa com que prende *um dado* entre dedos.

As victimas vem chegando, que são horas.

Entregam se por vontade propria as mãos do sicario.....

Quantos sacrificios não se fez durante o dia, com quebra talvez da propria dignidade, para adquirir dinheiro com que se va saciar a voracidade desses monstros famelicos?

—Como se consente nesta terra, que meia duzia de homens, aberrações da natureza humana, estejam a explorar a sorte, o porvir de innumeras familias? Como se consente publicamente esse mercado horrivel e immenso do patrimonio das familias, dos capitaes, das industrias, de toda riqueza do corpo e da alma?

—Continuemos.

Com a gente que tem entrado em casa de Ozorio, ja ha *roda* para principiar. Cardoso estende sobre a mesa alguns montes de fixas de marfim e, para engodo dos papalvos, puxa dos bolsos, especie de sorvedouro, uma massagada de papel moeda, capaz de formar um travesseiro, que pabulamente arroja sobre a meza.

O jogo principia.

(*Continua.*)

Sr. Redactor.—Lendo no seu periodico n.º 350, de 18 de abril, n'um—á pedido—uma historia da rua dos *Taxos*, de um individuo que tem feições de *seraphim* e que não faz mal a um *pinto*, tratando de uma barrica de farinha de trigo, a qual até o meio era farinha e dahi para baixo cal, que este individuo tinha vendido a um tabareu; sabendo, como diz o tal author do escripto, o *Martins* de factos desse homem, venho as columnas do seu conceituado periodico, provocar a quem quer que seja o author do escripto, á arrancar a negra mascara que lhe cobre a infame cara, afim de dizer qual foi o tabareu, assignando seu nome no escripto e declarando sem allusões o nome do tal tratante que vendeu a farinha.

Bahia 20 de abril de 1868.

A calumnia esmagada.

(*Continuação do n. 350.*)

—Capitão, este gallego parece que tem pacto com o diabo.

—Este azemola não é o labrego que ha pouco mandei pôr a ferros?

—E que V. Ex. chamou de *seraphim*, elle mesmo.

Não sei como poude a besta illudir a vigilancia da tripolação e pôr-se ao fresco.

—Onde o encontrou?

—Na tasca da rua dos *Taxos*.

Mas, capitão, eu não quero roubar a gloria alheia; quem filou este incorrigivel trapaceiro não fui eu.

—Quem foi?

—O fiscal *Mem*, que o pegou com o rabo na ratoeira.

Na occasião justamente em que elle mandava para a rua duas das taes barricas de farinha com cal, o homem appareceu de improviso e apprehendeu-as.

—Então, sôr rato de cloaca, ainda não pagou a primeira e já faz segunda, alem de aggravar a culpa com a fuga?

—Ah, Sr. capitão, eu já combinei com o fiscal de pagar a multa da postura n. 52, comtanto que isto fique em mortorio.

—Para continuares em teu latrocinio, não?

—Capitão, V. Ex. não attenda as lamurias deste falsificador e rapina.

Elle e o Vicente da *Taboa grande* são os mais decididos e animosos tratantes, compradores de furtos, que pisam nesta terra.

Não ha muitos dias que comprou a um preto um barril de manteiga furtado.

Já tem freguezes que constantemente lhe vão levar ceras de figos, caixas de vellas, sabão e etc.

V. Ex., portanto não tenha com este bruto a menor consideração.

—Leve-o para o porão, mande-lhe dobrar os ferros e recommende todo cuidado, porque tenho o que fazer com este animal.

(*Continúa.*)

RECITATIVO

—Amo-te, Lilia, n'este amor ardente
—Como está quente!—Que me tem desfeito
Ainda espero que se parta e quebre
—'Stará com febre?—Teu gelado peito.

E' febre intensa, reacção divina
—Tome quinina...—Que me faz demente!
E' fogo activo, que me escalda o sangue
—Ora não mangue!—Que me offusca a mente.

Ès tu que accendes; qu'em meu disvario
—Está com frio?—Mais e mais vigora
Como se fora mineraes crateras
—Falla deveras?—Teu olhar devora.

Oh! qu'eu não possa desfructar serena
—Pois olhe, é pena!—Doce paz de amores,
Teus olhos, Lilia, de continuo vendo
—Estou-lhe crendo!—Mais gentis que as flores.

Ah! qu' eu não possa por mais alto empenho
—Q' culpa eu tenho?—Q' te mostre est'alma
De mil triumphos que por mim tiveram
—Já me disseram.—Levantar a palma.

Quão desditozos estes sons que a lyra
—Por quem suspira?—Melodia fatua!
Baldadas notas em que amor imploro
—Olhe que eu choro!—De marmorea estatua.

Condão terrivel que possue comtigo
—Falla commigo?—Tão fatal, tão lindo
Pallida esphinge ou purpurina roza
—E' verso ou prosa?—Que seduz ferindo.

Antes o fôras! na esperança minha
—Que ladainha!—Buscaria arrimos
Quem colhe as flores maltratado embora
—Nossa Senhora!—Lhes desfructa os mimos.

Mas oh! que soffra e sem gozar padeça
—Não me aborreça.—Decretou-me o fado,
Alma perdida que o Edem reclama
—Chore na cama.—Que lhe está vedado

Do fado a letra o coraçao submisso
—Deixe-se disso.—Curtirá nos males,
Ja que és tão surda, que somente um'hora
—Ja vai-se embora?—Nem se quer me vales.

Em paz te deixo, de afflicções que somem
—Creia-se em homem!—De meu sizo o lume
Não has de oh Lilia! de saber mais nada
—Muito obrigada.—Nem um so queixume.

Heide o meu sonho com proficuo estudo
—Estamos no entrudo?—Desviar da mente
Adeos, o tempo me dará coragem
—Boa viagem.—P'ra viver auzente.

Dr. João Pedro da Cunha Valle.

VARIEDADES.

O QUE MUITOS FAZEM.

«O caixeiro de um negociante de molhados deu parte ao patrão que o vinho estava quasi acabado.

—Pois deite-lhe mais aguardente, disse o negociante.

—A pinga tambem está se acabando, tornou o caixeiro.

—Deite agua na pinga, e não me aborreça.

—No pote ja não ha mais.

—O rio é fonte inexgotavel, replicou o patrão muito zangado: ja lhe disse tantas vezes: pinga no vinho, agua na pinga, e pote no rio.»

Houve uma epocha em França em que os actores se negaram repetidas vezes a representar em companhia de outros collegas Momentos antes de uma representação, e apezar da ordem do rei, varios actores e entre elles mad. Cleiron e a celebre Arnoud, negaram-se a trabalhar, pelo que foram todos prezos. Ja na prisão mad. Clairou exclamou com dignidade;

—O rei pode prender-me, mas não me pode fazer perder a honra.

—E è verdade, disse-lhe muito baixinho mad. Arnoul; porque aonde não ha, el rei o perde.

QUANTOS DESSES HA?

Encontram-se em uma rua dous individuos, amigos velhos, e travam a seguinte questão sobre a divindade suprema;

—João, quantos deoses ha?

—Dous.

—Como é isso?

—Um è o Deus que todos nós christão adoramos, e o outro sou eu.

—Não blasphemes, homem.

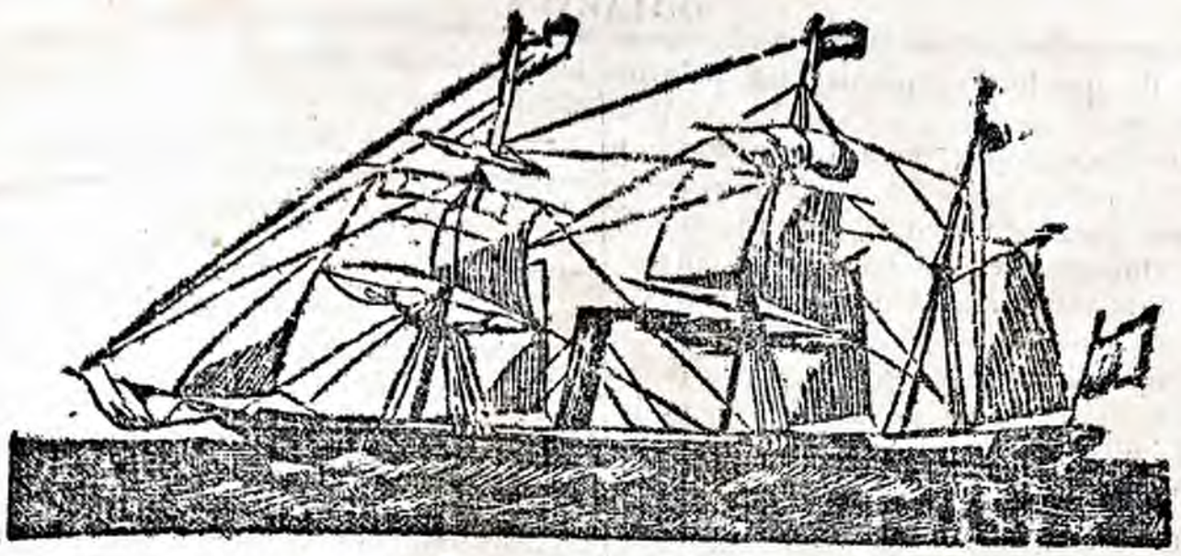
—Va perguntar a minha mulher, que, sempre ao levantar-se e deitar-se, diz:—«Com Deus me deito e com Deus me levanto.»

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já conhecido verdadeiro café muito puro, continua-se a vender á rua dos Ourives loja n.° 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.° 199, a 400 rs. a libra: previne-se que qualquer porção comprada, levará no envoltorio o seguinte distico—*M. José d'Azevedo*—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
Anno VI. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 36.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 23 DE ABRIL DE 1868. N. 352.

O ALABAMA.

O presente numero é o 2.º da serie 36.ª

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, dizendo-lhe que mande acabar com um endemoninhado batucajé que desde domingo está zoando no Bom-gosto, casas 59 e 60, com consenso, dizem, de S. S., o que não é crivel, apêzar de estar nelle envolvido o inspector França, que asseveram ser da cuca; e como tenha alli se dado publicamente alguns factos reprovados pela moralidade, espera-se que S. S. faça immediatamente acabar com tal orgia.

—Horrivel sacrilegio!

—Onde?

—Na cathedral de Latronopolis.

—O que foi?

—O sanctuario escandalosamente profanado.

—Por quem?

—Pela Margarida.

—Ora eu sei lá quem é que se chama Margarida!

—A barregan do *prebendado* a quem alcunham de *Cyri*.

—O que fez essa desesperada?

—Entrou na sachristia, onde o tal *prebendado* se acha alojado e quebrou cadeira por cadeira, rasgou alfaias, atirou vasos ao chão, profanou as Imagens e fez um berreiro infernal, que só no mais depravado cortiço se pratica

—Que escandalo!

—Isto foi passado á vista de alguns companheiros do *prebendado*.

—E um devasso destes é que vae para certa pharmacopéa ajudar a se atassalhar a vida alheia!

—E' a escoria da classe.

—Dá-se despotismo maior!

—O que é isso?

—Martinho Xavier, na occasião em que embarcava-se para Itaparica com sua mulher, que está com a barriga para cada hora, foi brutalmente recrutado, deixando o que é seu a troxe-moche no caes.

—Como se prende a um homem casado que acompanha sua mulher!

—Os cannibaes tiveram a crueldade de deixar a pobre mulher, que não sabe caminho nem carreira nesta terra, desmaiada na rua ao desamparo!

—E fallam tanta cousa de Lopez!

—Aqui está uma do *rebimbomalha*.

—Vejamos si é alguma banalidade.

—E' o *Diario do Rio* quem conta a seguinte.

« ESTALADELLA.—A policia é avisada em Ni-

theroy de que foi raptada da casa paterna uma menor.

Conhecido o raptor, cerca lhe a casa, e veio elle á presença do Dr. chefe de policia.

Nega o accusado que tivesse raptado a menor, embora ella fosse encontrada em sua casa; estava ahi por ter vindo livremente visital-o.

Prestada a fiança, ia começar o processo, quando o Dr. chefe de policia é procurado por um individuo.

«Senhor, disse-lhe a pessoa, venho confessar á V. Ex. uma fraqueza. Devedor de uma divida de honra para a menor F., acabo de ser informado que o Sr. S. está sendo processado como seu raptor. Ha nisso intriga; assevero á policia que esse Sr. é incapaz de actos menos honestos; e reclamando contra esse procedimento, venho declarar que estou disposto a casar-me com essa menor.»

Apenas a policia tinha mandado chamar o escrivão para tomar essas declarações, quando outro individuo se apresentou, e disse que tinha revelações particulares á fazer, e pediu por isso, já uma audiencia particular.

Recolhido á uma sala reservada, o segundo sujeito repetiu pouco mais ou menos as declarações do primeiro; acabando por dizer que, para reparação de suas faltas, estava disposto a casar-se.

A policia subiu ás nuvens e começou a ver nessas scenas uma comedia; mas nem por isso se desconcertou.

Mandou os dous culpados de confissão expontanea esperar, e fez vir a menor á presença delles.

A' nenhum ella conhecia: mas ambos sustentavam a verdade de suas declarações. Era para admirar tanto cynismo!!!

Eis a explicação do enigma:

Para ver acabado o processo sem escandalo, o indigitado raptor conhecendo um individuo, que especulava com sua pessoa por todos os meios, offereceu lhe esse ensejo para tomar uma posição, dando-lhe certa quantia.

Sem recusar, pediu elle um dia para resolver-se.

Não apparecendo, e devendo o processo ter andamento, fallou-se a outro no mesmo sentido, e sendo a proposta aceita, encaminhou-se a policia á dar começo a realisação do ajuste.

Nesse interim o primeiro fallado decidiu-se pela affirmativa da proposta, e tambem dirigiu-se a policia; porém em tão má hora, que já se iam tomar as declarações ao companheiro com ignorancia sua.

Qual não foi o espanto de ambos, quando, acareados com a menor, ficaram sabendo que a missão era egual?»

— Na realidade ha gente para tudo.

Á PEDIDO.

(Continuando do n. 351.)

—Continuemos.

Na torre dos monges *benditinhos* acabaram de soar pausadamente doze badaladas, que foram repercutidas pelo campanario da matriz do *Chaveiro do Ceu*.

Nesta hora, em que o jogo chegou ao apogeu de medonhas vicissitudes, penetremos nesse antro de horrores e observemos ó que lá se passa.

Que quadro pavoroso!

Semblantes esqualidos, de cabellos desgrenhados e feições macilentas, è o quadro atterrador que se desenha a nossa vista!

Qnantas sensações, quantos sustos, quantos sobresaltos se não sentem á roda daquella pequena meza!

Oh! como aquellas respirações se suspendem; como aquelles corações se contrahem; como aquelles corpos estremecem; como seus olhos se fitam; como suas lingoas emmudecem; como elles se anniquilam ao despontar desse numero fatal a que chamam *gatas*, ou dessa carta infernal chamada *bocca!*

Quereis ver um exemplo?

Ide dizer nesta hora de anciedade a alguns daquelles infelizes que sua casa está a arder; que sua filha unica está moribunda; que a sua idolatrada esposa o trahe; nem sequer vos ouvirá!.....

Mas, não vos admireis disto.

Os spectros não ouvem.

—Horrivel mania de jogo!

As raras alegrias do ganho não compensam as angustias e furores da perda.

O dinheiro que se ganha, esbanja-se de momento; o que se perde, é mil vezes contado, mil vezes pesado, mil vezes chorado.

O jogador que ganha não é feliz; o què perde é um desgraçado.

—Pura verdade.

O jogador que perde, examina si jogou bem ou mal, critica suas paradas, tira conclusões edificantes.

O somno do jogador infeliz é atroz. Revelvem se-lhe na mente phantasmas e visões.

O valete que era sua favorita, e que o fez perder vinte paradas; o agiota que vem exigir o pagamento de uma lettra; o creado que vem pedir dinheiro para as despezas; a mulher, que com a severidade de seu gesto, vem perguntar pelo resultado do jogo da vespera, tudo persegue o infeliz!.....

O accordar deste somno é ainda peior, é a realidade.

Oxalá podesse elle dormir para sempre...

Mas, como desviamo-nos tanto do assumpto, em quanto Cardoso, essa cobra de cascalho, recolhe os ultimos despojos dos infelizes que lhes cahiram nas garras?

Reatemos o fio e prosigamos.

(*Continua.*)

—Capitão..... capitão..... V. Ex. faz favor!

—Oh! meu charo..... Então, ha alguma novidade?

—Venho enjoado e envergonhado do cynismo do gallista *Lélé*, da freguezia d'*Avó de Christo*, que continua nas suas desenfreiadas patifarias, a ponto dos seus proprios parentes serem os primeiros a censural-o.

—Historias!

—Pois creia. Eu ouvi o *João* que andou embarcado junto com o *Francisco*, para a *Costa*, no brigue *Junior*, seu cunhado, e que exerce o logar de inspector na citada freguezia, fallando amargamente na Praça do tal gallista, dizendo—que queria coagil-o para que attestasse a não residencia do *Pereira* e outros, na rua do *Genipapo*,

—Quem é este *Pereira*?

—Aquelle filho do *Castro*, que aprendeu a tocar rabeca com o *Rodrigo*.

—Já sei.

E esse gallista tem influencia na freguezia?

—Nenhuma, capitão. A influencia delle é só com os gallistas e betadores de pombos.

—Este é o tal memoravel *Britto*, que queria impôr aos honrados inspectores para attestarem a residencia de immensos phosphoros seus, não?

—Justamente.

—Que ameaçou aos inspectores com demissão no caso que não considerassem, moradores nos seus quarteirões, os phosphoros por elle admittidos na qualificação?

—E' este mesmo.

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Vá já e já agarrar o safado do *Lélé* e metta-lhe a repugnante cara na cloaca do navio.

—*In continenti*, capitão.

—Que papelucho é este que V. traz na mão?

—E' a chronica de um meliante muito conhecido entre nós, que estou coordenando.

—Olá! isso deve ser cousa de mão cheia.

—Consta de 9 capitulos.

O 1.° conta seu nascimento, a maneira por que veio e chegou ao Brasil, sua vida caixeiral e *industriosa*, suas aventuras nas gavetas e secretarias.

O 2.°, como entraram os massos de sedulas, onde estiveram guardadas, a forma porque principiou a passal-as, etc.

O 3.°, o passeio á Europa, a prisão e certos episodios.

O 4.°, o primeiro casamento, o tratamento que deu a essa infeliz moça, e o estado em que a pôz e que foi causa de sua morte. Este capitulo tem uma nota do roubo que fez aos herdeiros.

O 5.°, as horriveis transacções de agiotagem, enriquecida de preciosos documentos dos mais notaveis roubos, o numero de pessoas assassinadas, das que hoje vivem na miseria e o resultado das penhoras.

O 6.°, as aventuras com tia Maria, sua escrava.

O 7.°, os baralhos nos bailes, a reunião em S. Felix e os roubos a diversos.

O 8.°, a morte de pae João.

O 9.°, episodios domesticos. O filho com a mulata sua escrava, a venda do mesmo para o Rio Grande em companhia da mãe.

—Bem, bem, arranje isso que hade ser obra prima.

—Venha ca, Sr. *harmonioso*.

—Vou com pressa.

—Deixe-se disso, *Badu*, *indo* assim ás carreiras, V. cansa.

—Não me masse.

—Diga-me, sabe quando sahe o *periodico musical*?

—*Isso entende-se* com o Baldoino.

—Julguei que V. tinha ingerencia.

—Posso retirar-me?

—Que pressa! Vae pagar aquella continha?

—Qual?

—Das vellas que V. tomou na venda do Cruzeiro para festa da *Conceição da Industria* e até hoje mudou o caminho?

—Não pago que me deitou no *Alabama*.

—Mas si V. fez bregeirada? Pediu as vellas como quem queria pagar e quando as apanhou nas mãos, largou-se e nunca mais voltou?

—Elle que me chame a juizo.

—Isso é theoria de velhaco; eu acho melhor que V. va pagar ao homem para evitar alguma visita do muxingueiro

Isso é para não comprometter a sua *popularidade*.

—Capitão, grande novidade no *trem de mar!*

—Alguma descoberta?

—Não, é a chegada de um homem, que veio em commissão do Rio, que nada *valle*, para examinar o dito *trem*, em virtude do *governador* ter madre nos ouvidos.

—Então emprenhou?

—Parece.

—Ora bolas!

—Dizem que o tal examinador é francez, deixou o umbigo em Portugal; por isso está prompto com a sua fingida mansidão a servir de *carrasco*.

—Tudo é *progresso*.

—Porque não examinam o *trem do mar* da côrte, onde ha uma grande commandita, da qual é chefe o homem dos celebres contractos de madeira e carvão de pedra?

—Responda-lhe o *Zaca-gões*, e o homem da *industria*.

—Que diabo de cambalhacho é um de latas de gaz, cheias de agoa salgada, Sr. *Manuel?*

—Foram os saveiristas que pregaram uma buxa no *José*.

—Tambem elle só compra nabos em saccos!

—Nisso é que se aproveita. No balcão não se faz nada.

—Então soffra por esta vez. Nem sempre o *ribeiro* ha de estar cristalino.

—Mas isso é um roubo, encher latas de gaz com agoa e ir vender.

—A como venderam a lata?

—A 5$ rs.

—Foi uma peça bem pregada.

—Porque?

—Porque o dono da tal *bodega*, por detraz das *choupanas*, na *Praça do Negocio*, sabe muito bem que uma lata de gaz custa 13$ rs. e que por tanto, laranja madura na estrada tem marimbondo ou é azeda.

Agora é aguentar o mono caladinho.

—E que remedio tem elle, que já está acostumado a fazer estes negocinhos de pechincha?

—Comprava toda o dia lebres por gatos, espetou-se dessa vez, soffra.

—E depois alguem pagará o prejuizo.

—Isso é que eu creio piamente.

VARIEDADES.

O BEIJO DA DESPEDIDA.

Uma dama pertencente á grande aristocracia—a marqueza da Finsbury—entrou n'uma loja em que se vendem composições musicaes, em *Regent-Street*.

Demorou-se alli mais de uma hora para escolher e comprar todas as obras que tinham um caracter sentimental. A carruagem, que á porta aguardava a nobre dama, continha já varias resmas de melodias amorosas.

No momento em que a marqueza se decidia a sair, pareceu hesitar, e deteve-se.

O caixeiro, que lhe espreitava todos os movimentos, aproximou-se d'ella, e lhe perguntou se desejava mais alguma cousa.

A marqueza entrou novamente na loja. Fitou os seus lindos olhos no rosto do caixeiro, o qual não póde deixar de côrar.

—Agora vejo que me tinha esquecido de uma cousa, disse a marqueza com uma voz que parecia tremula.

Não sei; na verdade, o que me passa pela cabeça! Voltei para vos pedir que...

Ella fez uma curta pausa, como se carecesse de tomar alento.

N'este meio tempo, o caixeiro, que tinha furtivamente passado a mão pelo collarinho postiço, encostava as mãos sobre o balcão, e collocava se n'um attitude elegante.

—Voltei, replicou a marqueza, para vos pedir que tenhaes a bondade de me dar um beijo antes de partir.

—O que?! minha se...nho...ra?! exclamou o rapaz boquiaberto.

—Preciso, repetiu a marquesa com uma voz firme, que me deis um beijo antes de partir...um só bastará.

A joven dama fitou os olhos no caixeiro petrificado. Sem revelar a menor commoção, ella repetiu o seu pedido pela terceira vez; depois com a maior serenidade, accrescentou:

—Si não m'o podeis dar hoje, voltarei um dia d'estes.

Pois que! não era isto um sonho? A formosa marqueza de Finsbury sempre queria . O caixeiro, louco de contentamento, estendeu os braços para n'elles apertar a marqueza, ao mesmo tempo que lhe imprimia na face mimosa o osculo pedido.

A marqueza, porem, mostrou-se offendida e quebrou na cabeça do attrevido caixeiro a sua elegante sombrinha, soltando altos gritos que não tardaram em chamar a attenção de tres agentes de policia.

Este incidente teve o seu desfeche no dia seguinte, no tribunal correcional de *Brew-Street*. O magistrado mandou soltar o infeliz caixeiro, logo que ouviu a explicação de que: Um beijo antes de partir era uma walsa hoje em voga, cuja existencia o reu ignorava.

Uma noite passada na estação policial, por causa de um beijo furtado aos labios da bella marqueza de Finsbury...

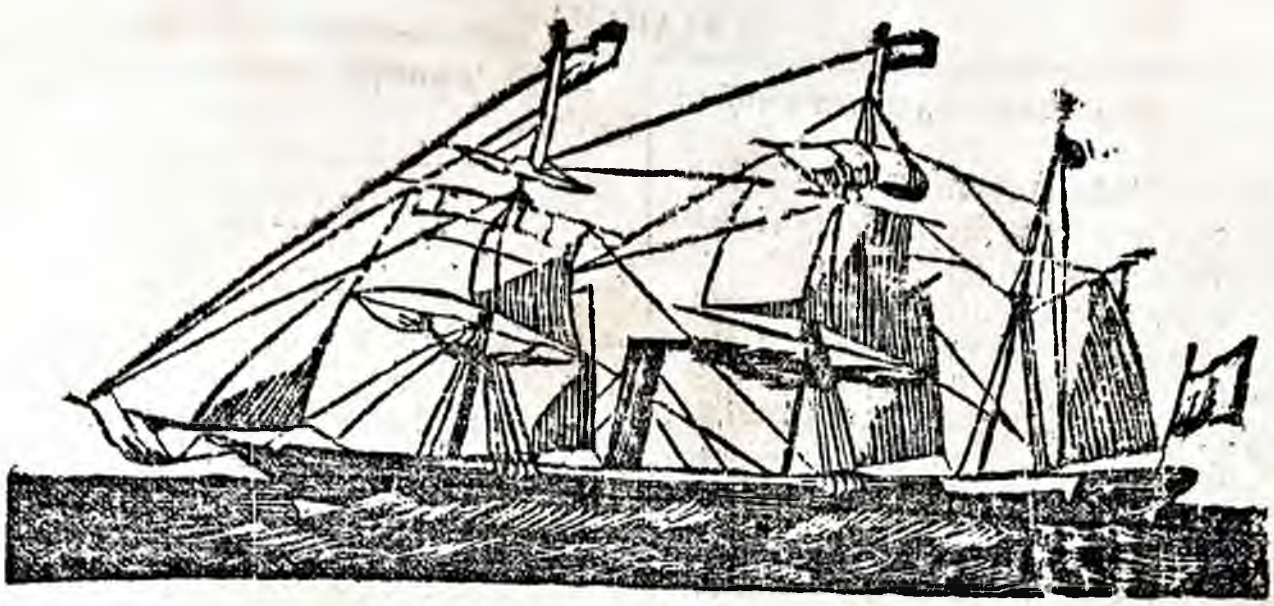
...Deve-se confessar que não é um castigo rigoroso.

ANNUNCIOS.

O intitulado corrector Sampaio fica exonerado da procuração que lhe passou Francisco José dos Santos, ex-soldado de policia.

Pede-se a pessoa que carregou d'assembléa, no dia 22 do corrente, um chapeu de sol de seda, inglez, muito conhecido, tenha a bondade de entregar a seu dono, ou nesta typographia, visto se conhecer o *escamoteador*, o si o não fizer será seu nome publicado neste jornal.

Defronte da botica do Sr. Peixoto, á Calçada do Bomfim, vendem-se dous burros bons para carga, por preço commodo.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
Anno VI. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 36.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 25 DE ABRIL DE 1868. N. 353.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, participando-lhe que no Hospicio reune-se todas as noites uma baderna de moleques e vadios, que vão alli perturbar o socego publico com vozerias e immoralidades, em vista do que, pede-se a S. S. que dê ordem ás patrulhas, nas noites em que as hajam nessa freguezia, para que deem um passeio até o mencionado logar.

—Ainda ha necessidade de se commetter excessos desta ordem?

—O que foi?

—Um pobre homem, que vinha com dois cavallos carregados de carvão, chegando na rua do Collegio, alli pela porta do Bota de Prata, foi recrutado por dois policiaes elá foi com cavallos e tudo conduzido para a repartição.

—Isso é para apavorar o povo, nada mais.

—Estou certo que o chefe de policia não authorisa taes abusos, tanto que confio no criterio de S. Ex., que reprovará semelhante procedimento e mandará o homem vender seu genero para levar o pão á sua familia.

—Ah infames! Transformam o tabernaculo do Senhor em prostibulo de difamação!

E como introducção ao officio divino que vão celebrar, despejam das pollutas boccas as mais nefandas e lascivas palavras, as mais atrozes injurias!

—Quem são aquelles quatro aza-pretas?

—Um é o prebendado Cyri, o cynico mais relapso que ha no globo; outro é o padre Cazuza, Faublas caricato, a depravação em pessoa, tão safado que anda a piscar os olhos as pretas na rua, e que com o maior descaro sahe ás seis horas da manhan de casa da Quininha, á rua do Collegio, e vae celebrar missa em certo estabelecimento pio; o outro é um sevandija impudico e luxurioso, mais lascivo do que um bode, cujo distinctivo é uma *ambrozia* que traz sobre a batina; e o ultimo é um desprezivel cão gozo, coberto de asquerosas mazellas e que por mais que se lave em *certo rio* não limpa a lepra moral que lhe corroe a denegrida alma.

—E o que faz aquella vil canzoada?

—Em concialiabulo infernal nutrem desmesurado rancor que lhes transborda nas almas vis e pequeninas, despejando contra a redacção do *Alabama* os mais torpes e hediondos vituperios, as mais degradantes invectivas, e isto em termos que assentam somente na mais rafada meretriz.

—E inculcam se ministros de um Deus de paz e amor!

—Padre Cazuza diz, que ainda espera ver um nas enchergas do hospital, lhe pedindo

perdão, para elle dizer—*vae para o inferno ladrão.*

—Que charidade de satanaz!

—Mas veja que miseravel! Como si fosse dezar morrer-se no hospital!

Dezar, é ter uma avó decrepita e consentir que ella ande pelas encrusilhadas a esmollar o pão da charidade, e durma pelos adros das egrejas, exposta aos effeitos do tempo.

Dezar, é essa avó ir pedir na Quinta-feira santa a seu neto uma esmolla e ser tangida brutamente.

E quem sabe si algum desses, a quem elle infamemente atassalhou, já não concorreu para que essa miseravel não vivesse exposta as intemperies?

—*Cyri*, diz que a gazeta ja lhe assacou certo defeito corporal, defeito que ellé não tem, e para prova levantou o habito para mostrar!.....

Custa a crer que um ministro dè Deus praticasse dèntro do templo sagrado tão requintada protervia; mas é tão verdade como o sol nos allumiar, o que foi presenciado por mais de duas pessoas.

—Não é para admirar isso no padre incontinente, que consente sua amasia ir quebrar os vasos na sachristia e profanar as Imagens.

—O padre da *ambrozia*, esse deshonesto sensual, diz que um dos redactores do *Alabama* lhe pedira emprestado 30$ réis!

Si esse energumeno é susceptivel de um ceitil de vergonha nessa asquerosa e immunda cara, que declare qual foi esse.

—Filho de satanaz!

—O camafeu, que lava as pustulas moraes em *certo rio*, diz que é homem e que por tanto ha de satisfazer aos desejos da natureza e que assim ninguem se metta com a p... de sua vida.

—Palavras de um padre n'um templo!

—Porém quem nega?

O que se censura é o desregramento, a depravação com que praticam, o descommedimento e deshonestidade de acções, a publidade, que dão a seu proceder reprovavel.

—Deixal-os engolpharem-se na maledicencia e infamação, elles que reprovam que uma folha publica lhes critique a vida depravada, os vicios e torpes faltas e vão para um templo reduzil-o a alcouce.

—Martinho Xavier já foi solto.

—Depois de soffrer dous dias de calabouço, com detrimento de seus interesses e grave prejuizo de sua esposa.

—Ao passo que os perpetradores de semelhante attentado contra a liberdade individual são galardoados com a impunidade.

—Isso é porque vivemos n'um paiz de liberdade.

LA VAE VERSO.

NO CAFEZAL.

Que folias, que mysterios
Na colheita do café!
Que toadas, que sorrisos...
Quem não ama este bazé?...
—Olé!

Maria, não quer um cêsto
Para botar seu café?...

—Quero um cêstinho bem leve,
Feito de fino cipó....
—Tome lá....mas, vamos juntos?
Pois não receia andar só?
Olé!

Sacode no chão o cêsto...
Onde bota o seu café?

—Que cêsto...peza uma arroba,
E' fresco...pode guardar!
—Maria, com estes modos...
O mundo pode fallar!
Olé!

Fez a carinha de chôro...
Não vae apanhar café?

—Me despache...é meio dia...
Ai Jezus, que mangação!
—Escolha, teimosa, escolha
Em paga da ingratidão.
Olé!

Achou um cêsto bonito
Para leval-o ao café?

—Vou-me embora...oh, Marcolina
Já uma quarta espanou?
— Maria, não se demore...
O' Marcolina, aqui estou!
Olé!

Marcolina, mais um pouco
Na medida do café!

—De cheia vae derramando
Minha quarta...pois quer mais?
—Marcolina, estou zangado...
O que disse hoje ao Thomaz?
Olé!

Dá-me as costas? Falla muito...
Não assento o seu café.

—Acredita? São historias
D'este mundo fallador....
—Assentei a sua quarta;
Mas, é firme o seu amor?
Olè!

Marcolina, não responde,
Caminha para o café?

—Lá vem gente... vou-me embora
Para outra quarta apanhar....

—Pois, sim, vá ..hoje á tardinha
Comtigo quero fallar.

Olé!
Senhor João, bôa colheita;
Onde achou tanto café?

—Meio alqueire de lavagem,
Quem dirá que não lásquei?
—E' cabra destabocado,
Quatro eguaes nunca topei.

Olé!
Quem canta, quem é o fama
La da apanha do café?

—O cabra que está ralhando,
Não conhece? E' o Tubarão!
—E' famanaz, quem o vence
Junto ao pinho, no baião?

Olé!
Marianna, a flor da selva...
Pois só traz este café?

—Meu senhor, a capoeira
Quem supporta...pois não vê?
—Ah, seuhora Marianna,
Bem pregniçosa é vossê!

Olé!
Que muxôxo... não sou causa
D'essa fálta de café!

—Pois não sabe? Salteiada
A minha carreira achei...
—Coitada da Marianna...
Meia quarta? Uma assentei.

Olé!
Largaram todos a apanha?
Já não acham mais café?

—E' tarde...está chuviscando.
—Méça este—Méça o meu....
—Esperem, não me atrapalhem...
Já mediu?—Agora o seu!

Olé!
Vam-se embora? Não me deixem
Tão sosinho no café.

—Tenho fome—estou cançado...
—Ja são horas de jantar...
—Mas a noite ao som do pinho
Quem se enfada de sambar?

Olé!
Tambem vae-se, Marcolina?
Cedo larga hoje o café!

—La no samba fallaremos....
Commigo não fique mal!
—Não se esqueça!—Todos partem,
Quem ficou no cafezal?

Olé!
E' Maria...diz baxinho:
Venha vêr o meu café.

.....

Que folias, que mysterios
Na colheita do café!.....
Que toadas, que sorrisos...
Quem não ama este bazé?

Olé!
Quem m'invejar tome um cesto,
Venha cá, venha ao café!

J.

Á PEDIDO.

ATTENÇÃO.

Sr. Redactor.—Nunca pensei ver na minha terra cousas que me fazem cair o queixo de admirado.

Ha tempos d'esta parte que no periodico *Trovão* se publicavam as mais atroses diatribes contra um campeão do dia a quem se appellidava *Silva de Alameda*, e outras tantas verrinas e censuras se liam contra diversos, caracteres que figuram na politica actual.

Ninguem portanto poderia presumir que semelhantes escriptos fossem elaborados, com quanto pessimamente, por um dos correligionarios de suas proprias victimas; por um individuo, que tem por habito jurar tudo que faz e que não faz; e que ao lado dos que teem a infelicidade de o terem por amigo beija-os, incensa-os, e até os suppoem logo aparentados com o pobre Santo Elias, cujas alfaias serviram para formar um trahidor de raça, um burro em engenharia.

Mas o caso é que, corridos tempos, veio se saber que o author de todas essas catilinarias publicadas contra o Dr. *Silva* de *Alameda* era feitura do seu amigo, o filho do frade de eterna memoria.

E como não seria assim, si esse pateta das luminarias só vive de intrigar?

Já houve tempo em que pretendeu elle pela intriga subir um ponto, detando o parente para fora da estrada de ferro, para elle montar-se no logar.

Por causa d'isto foram a vias de facto e o carmelita levou muita sopapada, mas afinal ficou conhecido como um infame que até machinou incendiar a estação de ferro para acarretar descredito contra a victima!!!

Entretanto quem o vê de braços abertos diante do Senhor dos Passos, com um Santo Lenho ao pescoço, rosarios, bentinhos e mil orações não ajuizará por certo o hypocrita que a sociedade alimenta, peior mil vezes que o cholera morbus.

Não ha muito tempo que esse jesuita calotteou o sogro em mais de 50 contos de réis, que os tomou, em parte, a titulo de negociar em piassaba e coquilhos, porque, dizia elle para-

illudir o sogro—é negocio de cento por cento, e outra parte o sogro pagou letras que o velhacão ficou devendo no commercio a diversos, inclusive ao pobre Leandro que foi seu caixeiro, e a quem se queria pagar com a nomeação de subdelegado!!!

E sabe em que se consumiu parte d'esse dinheiro?

Em bilhetes de loteria, e assim mesmo ainda se calotèou o Zuza e o Camara!!!

Que trampolina de cinco costados!

E é este miseravel quem se pretende inculcar de cousa em politica!

Um safado que de tudo quer tirar partido!

Quem não viu e não sabe do ridiculo papel que o infame filho de frade representou pelas eleições?

Onde estará o Sr. Dr. Galeão que não se lembre, que já houve um subdelegado tão cynico, tão prevaricador, que fez questão de fazer subdelegado o Tres Pontinhos, por dinheiro, que lhe dava o seu protector a quem acaba o tal Pontinhos de roubar cerca de quatro contos de réis, como pode dizer o Sr. coronel J. B. de Vianna e o Sr. Dr. G., juiz municipal da Matta?

Quem não sabe que esse caloteiro tomava dinheiros ao honrado Dr. Bulcão, a titulo de despezas com a eleição, e com elles pagava dividas de vendas e mais oitenta mil réis a um bilheteiro, e nisto roubou do cavalheiro de boa fé para cima de setecentos mil réis?

Pois bem: factos desta ordem eu prometto ao publico patentear, sem com tudo censurar na actualidade que o conserva na policia, porque o hypocrita tem a propriedade de a todos illudir, si o Sr. redactor me for consagrando algumas columnas em seu jornal, e então protesto findar os meus artigos, declarando por extenso o nome do infame de quem por ora me occupo, comquanto, pelo que fica dito o publico já vê que fallo do genro do monopolista.

O Dr. Gliço.

Pede-se ao Ilm. Sr. inspector do *trem do mar*, que obrigue a fazer curso de primeiras lettras o apontador das officinas de carpinteiros, calafates e carpinas, visto que o mesmo por ignorancia ou distracção não faz uma folha que não saia errada.

Isto pede quem

Frio anda.

—Forte manivella é este padreco *Todo-lindo*!

Na casa da *representação*. é um boneco de engonço: a cada passo se denuncia que não tem vontade propria.

Na occasião de votar, faz mil gatimanhas a um tempo o queixinho de reguingó: levanta-se, porem duvidoso, torna a sentar-se e olhando desconfiado para as bancadas leva seguramente um minuto na alternativa de *cresce e mingoa* a descer e a subir, sem saber no que fica.

Outras vezes, ignorando a sua posição fica de cocoras, como meio termo a espera que a maoria por seu proceder lhe indique qual a opinião que deve adoptar.

—Pobre creatura subserviente!

PARA O SR. MINISTRO D'AGRICULTURA E PRESIDENTE DA PROVINCIA LEREM.

Ha um mez, pouco mais ou menos, foi nomeado interinamente praticante póstal, um celebre membro da companhia do OLHO VIVO de notaveis feitos por S. Ex. o Sr. presidente, que por certo, não ao facto dos seus maus costumes, o nomeou (sem duvida á pedido d'alguem) pois muito convicto estou que S. Ex. seria incapaz de injuriar a classe dos empregados publicos, e desejar a infelicidade para uma repartição publica importante, collocada la para o commercio, a qual é digna de melhor sorte. E' pois de esperar que S. Ex., attendendo para o occorrido, e a bem da moralidade casse a tal nomeação, pois alem do que fica exarado o sujeitinho é subdicto francez e não tem as precisas habilitações para desempenhar o citado logar. Muito breve voltarei afim de ser mais explicito.

Um do commercio.

ANNUNCIOS.

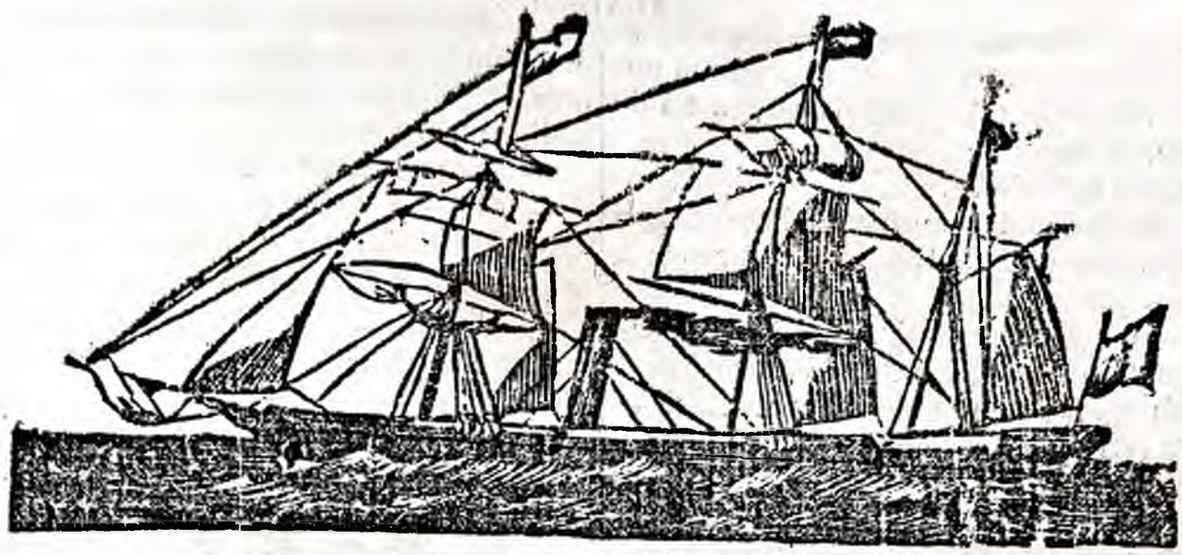
Domingo 26 haverá no convento do religiosos franciscanos missa de verso em louvor do glorioso S. Benedicto.

Deixa de haver festa este anno, em consequencia de se achar a irmandade sobre-carregada de despezas com a edificação dos carneiros.

Pede-se a pessoa que carregou d'assembléa, no dia 22 do corrente, um chapeu de sol de seda, inglez, muito conhecido, tenha a bondade de entregar a seu dono, ou nesta typographia, visto se conhecer o *escamoteador*. e si o não fizer será seu nome publicado neste jornal.

Defronte da botica do Sr. Peixoto, á Calçada do Bomfim, vendem-se dous burros bons para carga, por preço commodo.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
Anno VI. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 36.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 40 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 28 DE ABRIL DE 1868. N. 354.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, participando-lhe que tendo o commando deste navio noticia de que, a semana passada, foram rigorosamente surrados e mutilados na ladeira da *Indolencia* os escravos, Paula, Irenea, Idelfonso e Manuel, sem que precedessem as formalidades legaes, leva-se ao conhecimento de S. S. semelhante facto, para que sem demora passe S. S. a averigual-o, fazendo ir a sua presença os referidos escravos, e proceda conforme a lei, caso se tenha dado o crime, afim de que seu author não fique impune com ares de *Mané* ou *Quinqas* e venha ao depois commetter *duas artes* eguaes a esta. Do zelo que S. S. tem até hoje mostrado pelo serviço publico, espera-se o bom desempenho desta commissão.

—Arre! assim tambem o padre ralha!

—Em outra parte ja a policia estava ás voltas com aquelle tyranete.

—Castigar uma creança desde sete horas da manhan até 11! Safa!

—Que barbaro é este?

—E' o diabo de um musico-sapateiro!

—Musico-sapateiro!

Duas profissões divergentes! Não pode ser boa rolha!

—Segue o systema do *Felisberto*.

—Da rua do Collegio n.º 23?

—Sim.

—Siga elle quantas profissões quizer, porem o que não posso tolerar é que esteja a maltratar assim ao pobre menino.

—Fazer a cama antes de ver a noiva.

—Isso é bom.

—A companhia de Vehiculos pediu por *adiantamento* 1:500$ rs. a camara municipal, por conta das despezas que esta *ha de fazer* com carros, quando se terminar a guerra.

—E obteve?

—Podera não!

O presidente da edilidade, in continenti, de seu motu proprio, ordenou ao thesoureiro que todo dinheiro que se arrecadasse, fosse de preferencia para a empreza.

—Essa não está má!

—De maneira que, os Vehiculos Economicos, empresa que anda se segurando pelas paredes, d'uma hora para outra perde o equilibrio e tropeça e cahe e adeus minha onça. Alem da infracção de deliberar por si sò, sem consultar aos collegas.

—Homem, diz o adagio que uma mão lava a outra e ambas lavam o rosto.

—Noticias da guerra, ha?

—Apenas encontrei n'um telegramma publicado nas folhas de Montevideu, a 15 do corrente, o seguinte:

«Chegou o *Provedor*.

«No sabbado, dia em que sahiu, começou o bombardeamento de Humaitá. Durou tres horas.

«Ozorio atacou com dez canhões, o exercito argentino com sete e Argollo com dez. A esquadra operou simultaneamente, causando bastante estrago ao inimigo.»

«Sabbado, depois da alleluia, principiou por mar e por terra o bombardeamento sobre Humaitá.

«Os paraguayos fizeram pouco fogo contra as baterias de terra, mas bastante contra a esquadra.»

—Faz favor, Sr. padre *Cazuza*.

—Estou ao dispor de V. Ex.

—E' verdade que o *Porfirio* junto com o *Silva*, hontem (22) descompozeram-me muito?

—Disseram que V. Ex. hávia de acabar no hospital e que elles o mandariam para o inferno.

—La isso de acabar no hospital é que eu não duvido, porque o mundo dá muitas voltas e ninguem sabe qual será o seu fim; mas delles me mandarem para o inferno, é que eu ponho minhas duvidas, pois o competente para condemnar o homem é ☞ DEUS!

Pode ser que o devasso e infame do padre *Silva* tenha poder para condemnar a gran *pata que o poz*.

—Ja hoje elle falla em hospital, sem se lembrar que, si não fosse o padre que *cura* aos defuntos, elle nunca se ordenaria.

—Deixal-o fallar! Quem é que falla!

E' um padre, que anda pelas casas das meretrizes se embriagando e dando os maiores escandalos do mundo!

E' um padre, que para se ordenar foi preciso servir de m. ... deste que *cura* depois de morto e por isso teve delle cega protecção!

E' um padre, que se esquecendo dos deveres de filho, deixa sua avó ao desamparo!

E' um padre, que se põe de dia na janella, dirigindo palavras amorosas a uma meretriz que mora defronte delle, affrontando assim a moralidade publica.

E' um padre, que se soca em casa de umas creoulas, na rua em que o *Saldanha* teve *Paço*, sambando e bebendo até 4 horas da madrugada, e sahe de manhan para celebrar o santo sacrificio da missa!

—Isto horrorisa!...

—E' um padre, que a certa moça contando-lhe a briga que teve com uma sua collega fronteira, e elle para fazer febre a outra, veio para a janella junto com a tal *jerusalena* e depois de dar-lhe muitos osculos, poz-se de joelhos nosseus pés.

—Que padre *moralisado!*

—E' este o padre, que tem poder de mandar para o inferno o homem que censura os escandalos praticados por elle!

E' este o padre, que aconselhava uma moça amasiada, que se foi confessar com elle, que largasse o amasio e fosse para essa vida infame, porque era menos peccado!

Mas sabe porque deu elle este conselho? Porque tinha tenções libidinosas com a moça!

—Peço lhe que não trate mais deste devasso.

—Não, hei de tratar!

Quero mostrar as *virtudes* delle; quero que se conheça este sacerdote, que desvia-se das raias do preceito da religião e da moralidade; quero provar-lhe que o sacerdote devasso e immoral torna-se mais digno do inferno do que quem lhe censura os actos.

—Quem dá papa a creança, lambe o dedo.

—Cousa antiga.

—Por isso é que o encarregado do *luzeiro* tem azeite para dar, vender e negociar.

—V. falla pelos cotovellos!

—E si não fallar *morro*.

—S. *Paulo* lhe tire tal costume.

—Eu so sinto não ter cem boccas para a uma voz bradar, quando visse certas patotas, prevaricações, etc.

—Os capadocios andam desenfreados!

—E a policia n'uma modorra, que não dá accordo do que se passa a roda de si.

—Na sexta feira a noite, quatro espadachins encontram no Terreiro a creoula Felismina Maria da Conceição—e como esta não se quizesse prestar as suas desarrosoadas exigencias, espancaram-na e feriram-na fazendo-lhes uma formidavel brecha na cabeça.

—Nesse mesmo dia, uma mulher foi victima da estrepolia de uma malta de moleques, que se ajunta no largo do Theatro: levou tamanha pedrada sobre o estomago, que cahiu sem sentdos.

—O que vale é que o Sr. Azambuja *inventou* a ideia de p'ra o anno termos 900 praças de policia, que ha de trazer esta cidade direita como uma linha.

—E' melhor acabar com o côro no collegio, do que conservar aquella especie de entremez que serve so para depor contra a classe padrecal.

—Mas depor em que?

—Que é omissa, é pouco escrupulosa no comprimento de suas obrigações.

—Ora vá elle! Ninguem deixa de comer doce para chupar roletes. No dia em que ha onde se ganhe mais, falta-se.

—Porem todos, como na sexta feira em que só apparecem o Cyrillo e o Ambrosio?

—E que mais? pois não valle a pena ouvir o Cyrillo com sua voz de sino rachado e o Ambrosio com o som de besouro, quando esvoaça sobre..... . *rosas.*

—Capitão, que mulherzinha decidida!

—O que fez?

—E um facto passado na provincia de Goyaz, narrado pelo *Monitor Goyano.*

—Refira.

—«No municipio de S. Domingos havia em certo sitio uma moça que, ainda virgem, vivia em casa de seus paes, e na sua visinhança um ancião cheio de respeito, pae de quatro vigorosos rapazes; dentre elles, o mais moço, ardia-se em amores pela sua visinha, que bem sabia pagar-lhe as finezas; porém faltava-lhe desenvoltura para tratar de casamento, e não alcançaria mesmo o consentimento do velho pae, porque este entendia, como mais tarde manifestou, grande desegualdade entre os dous amantes, isto é, por ser o moço rico e a moça pobre.

«A moça, porem, que entendia ao contrario, e que via a possibilidade de effectuar um negocio que lhe trazia dinheiro e rapaz, tomou firme resolução de raptar o mancebo; com effeito, um bello dia equitou-se em um fogoso cavallo, e partiu para o ponto (talvez aprazado) ahi encontrou a feliz victima, que a poz logo de garupa, endereçando-se para esta capital (14 legoas) e chegando se ao cura, que era então o padre Aleixo José da Piedade, fallou-lhe na sua pretenção com a energia propria do seu amazonico caracter, não olvidando pôr á disposição do vigario a quantia de 40$, 60$ ou 80$ rs., conforme lhe aprazia levar por cada um casamento, ainda mesmo á face da egreja matriz com todas as solemnidades do estylo.

«Com essa linguagem tão significativa foram logo os contrahentes recebidos em matrimonio:—E a Hercules, arrastando todos os risos e bregeirices dos rapazes, foi viver em paz com o seu raptor; chamando mesmo, não mui tarde, á communhão dos seus desejos, o velho sogro, que contra ella furioso vociferáva, allegando a cada passo a intoleravel desegualdade de teres.

«Para a disposição do homem (dizem) cessa a da lei.

«Para a disposição da mulher (digo) cessa a do homem e a da lei.»

Á PEDIDO.

ATTENÇÃO.

Não podemos deixar de pedir uma reparação ao muito digno promotor publico d'esta capital Dr. Pedro d'Abreu, sobre a absolvição do portuguez Luiz Marques, que foi a barra do tribunal do jury pelo crime de defloramento, na menor Maria Agostinha. Este facto é escandaloso, em consequencia do peso das provas que nos autos existem contra o acusado, e mesmo pelo interrogatorio d'este, que resalta aos olhos de qualquer que o ouve, e vê diversas contrariedades, e ao mesmo tempo confessado o crime, porque declara que offerecera 50$000 rs. ao inspector que o prendeu para pol-o em liberdade, e sendo perguntado pelo Exm. Sr. presidente do jury si elle accusado conhecia a menor Maria Agostinha, respondeu conhecer pelos trajes; porém note-se que foi porque a referida menor apresentou-se no jury com o mesmo vestido, que se achava no dia em que foi victima das violencias de seu algoz; fique pois o illustrado publico d'esta capital conhecendo que a menor é de nove annos e mezes, edade esta que demonstra ser ella innocente e não ter conhecimento do que ia practicar, alem de que, tem a seu favor o exame de sanidade feito por dous facultativos, onde asseveram ser ella mentecapta, mas nada d'isto commoveu a consciencia do Srs. jurados que á despeito de tudo isso o absolveram!

Vamos agora demonstrar os depoimentos das testemunhas, que dizem não haver prova.

A 1ª. testemunha jura que encontrou a referida menor na porta do accusado com os vestidos ensanguentados, chorando e dizendo que o accusado lhe tinha mettido n'um quarto e lhe feito sangue, o que a testemunha passou a prendel-o por ser inspector de quarteirão e n'este acto o accusado pediu ao inspector, que não o prendesse porque aquillo tinha sido effeito de uma hora má! Nada d'isto é prova?

A 2.ª testemunha ouviu os gritos da menor nos fundos da casa do accusado, que, com a porta fechada, violentava a innocente, ate que sua virgindade expirou nas garras do monstro; e passando a testemunha a pesquisar, viu com pouca demora a offendida na porta do accusado, chorando e com os vestidos ensanguentados. Nada d'isto é prova?

A 3.ª testemunha alem de depor do facto accrescenta mais que o accusado lhe tinha dito que gostava mais de meninas do que de mu-

lheres, que queriam muito dinheiro; notando-se tambem que o clamor publico apontava o accusado como author do crime. E o facto de ter o accusado pedido para se casar com a menor, dizendo que era pagamento do que elle tinha feito, demonstra nelle muita *innocencia*, porque sendo elle um homem branco querer se cazar com uma negra que, alem de douda, é defforada por outro? Caso virgem! mas esse facto, não se commenta e deixa-se a apreciação do publico. O casamento não se effectuou, porque o pae da menor não quiz, dizendo que sua filha não tinha juizo.

A declaração do accusado sobre o cazamento é a corôa da sua *innocencia*; portanto o accusado se acha incurso no art. 224 do codigo penal; esperamos da illustração do digno promotor, que não deixará passar impune semelhante escandalo, pois de S. S. depende a appellação d'este processo, e só pedimos

☞ JUSTIÇA!

(Continuação do n. 352.)

—Cardoso recolhe os ultimos despojos, isto é, esta acabando de *alimpar* as algibeiras dos papalvos, que pela attracção do jogo lhe foram cahir nas devoradoras garras.

De todos os angulos da mesa fatal se ouvem lamentações pungentes, e lamurias de desespero.

Um pragueja o *az* que veio quebrar o jogo de *maiores* e *menores* que estava dando.

Outro maldiz do caiporismo de sua sorte, porque tendo dado constantemente *jogo casado*, logo que elle parou, deu *trocadilho*.

Um outro, amaldiçoa possessamente os *duques*, carta que é seu *cabrion* e que lhe fez perder a ultima *fixa*.

Ainda um outro, com os cotovellos sobre a mesa, e a cabeça pendida, está n'uma especie de torpor e marasmo, porque um *castigo* lhe fez perder todo dinheiro; pois tendo feito um *piscanço* e cortado no *recto*; julgando vir a *certa*, encontrou um *martin gallo*.

Entretanto Cardoso faz perfeito contraste naquella companhia, que se podia chamar de phantasmas pavorosos!

Altivo e insolente, porque a insolencia, depois da rapinagem, é o seu dote especial, falla a todos em termos acres e grosseiros!

Quem nessa hora attentar áquellas feições de cera do santo sepulchro, aquelles labios lividos como os do salteador, quando acaba de cravar o punhal no seio da victima, conhecerá que aquelle typo é de um ente degenerado, a escoria do ser humano, peior mil vezes que o reptil venenoso, porque este não tem consciencia do mal que faz, quando impregna com seus incisivos dentes o mortifero veneno nas veias da creatura, em quanto que Cardoso deleita-se em causar a desgraça de milhares de familias, com tanto que dahi tire resultado para suas orgias, e devassidões.

Divina Providencia! Será possivel que consintaes que um monstro, um sicario, esteja assim a dilacerar com o punhal agudo da deshonra e da perdição a tantas victimas!

Não; não é possivel..... Si os poderes da terra, fecham os olhos a esse turbilhão de immoralidade e pilhagem e muitos até commungam na mesa da corrupção, ha no ceu um Deus, cuja justiça é infallivel, e inexoravel e que fará pagar caro ao causador de tantas desgraças.

(Continua.)

Capitão, consta que o tal mansinho, que nada *valle*, examinador do *trem do mar*, pedira uma relação de todos os operarios velhos para serem despedidos; e que quer saber quaes são os empregados *conservadores*, para perseguil os, dando falsas informações, como costuma; para serem substituidos por gente progressista? Não seria mais acertado que o ladrão *ex-celso*, socio da commandita da côrte, e da estrada de ferro do Chaco, mandasse essa sucia de fardas bordadas, que nada são na sua profissão, e todos viciosos, para algum museu de raridades ou dirigir algum collegio de filhas de Jerusalem?

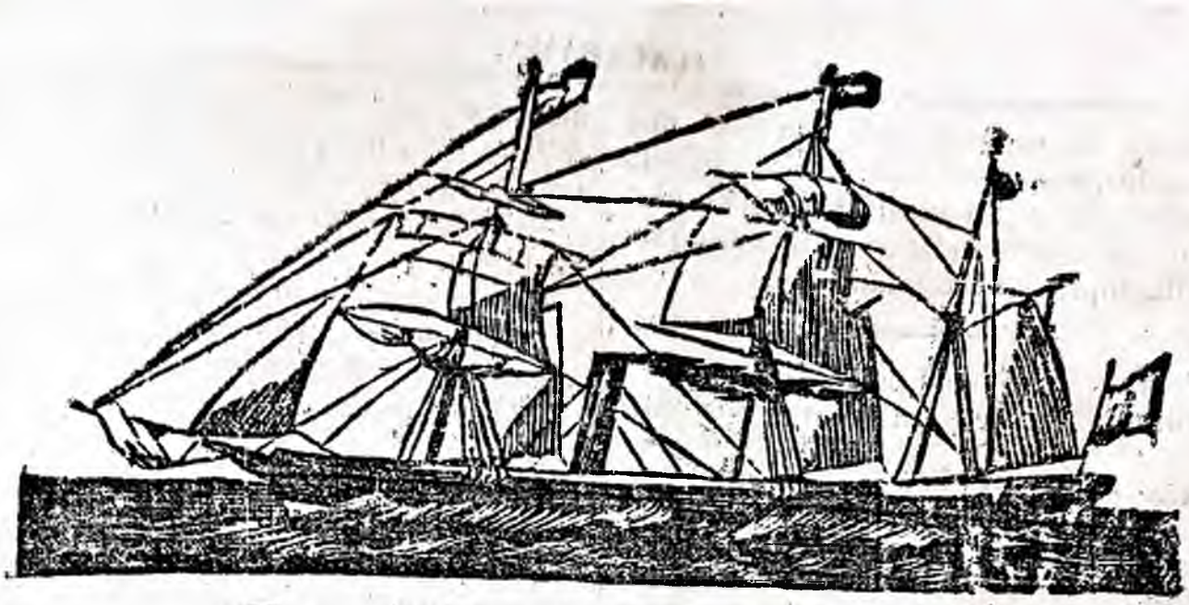
Recommendamos este tartufo agaloado aos honrados representantes da nação, pertencentes ao partido conservador.

O judas de farda.

VARIEDADES.

Aquelle velhinho que alli vêdes, todo myrrado na presença do Tribunal de Policia Correccional de Paris, rivalisa em laconismo com os habitantes de Sparta, e não ha arrancar-lhe senão o que elle quer. Preso por vagabundo, é assim que responde ao juiz:

—Como se chama?
—Como meu pai.
—Como se chama seu pai?
—E' couza que nunca lhe perguntei.
—Que idade tem?
—Vou para 200 annos.
—Onde nasceu?
—Ja me não lembro.
—Onde tem o seu domicilio?
—Por toda parte.
—Que occupação é a sua?
—Viajo.
—Quem lhe dá meios de subsistencia?
—O acaso.
—Vá para a cadeia até que aprenda a responder como deve ao Tribunal.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. Serie 36.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 30 DE ABRIL DE 1868. N. 355.

O ALABAMA.

RESPOSTA AO *CORREIO DA EUROPA*.

VII.

Cauza antes ennojo que commiseração ver o modo baixo e vil, porque o infame caturra, escrevinhador do *Correio da Europa*, se roja a quantos lhe apparecem, implorando a misericordia dos brazileiros pela perfida ingratidão que commetteu.

Não ha ahi pessôa a quem elle não tenha recorrido, humilhado e arrependido, não da torpeza que commettera, mas do receio das consequencias que o aguardam em occasião azada.

Ja agora é impossivel o esquecimento e o perdão.

As affrontas e injurias de que fomos victimas exigem uma reparação prompta e violenta.

Os estimulos de brio e dignidade de uma nação não se maltratam impunemente.

Em quanto não chegar o dia da represalia merecida, que não está longe, havemos de apontar sempre ao povo esse traidor, que assim nos paga os favores, que lhe temos prodigalisado.

Entre tudo isso, causa tambem a lastima a boa fé dos que se deixaram illaquear por esse birbante, acreditando em suas palavras, e só assim pode se explicar as palavras que em seu favor tem apparecido.

Não é a primeira vez, que esse canalha de Portugal nos maltracta desapiedadamente, adulterando astuta e maliciosamente a verdade dos factos, tanto conhecida por elle, que em nosso seio vive, como por nós.

O que se deve esperar de um canalha, que até a seus proprios patricios, homens de circunspecção e criterio, zurze obstinadamente?

Não admira, portanto, de que tambem fossemos victimas de seu furor maldizente.

Desta vez, porem, a lecção fal-o ha arripiar carreira.

Deve ser proveitosa a mais não ser.

Temos ainda que continuar, e por isso paramos aqui.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de abril de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, partecipando-lhe que nos informam de que no Rio Vermelho grassam com intensidade as febres intermittentes, achando-se atacadas gravemente as seguintes pessoas: Sabino da Conceição e quatro filhos; Maria Francisca da Silva e uma filha; Thomé dos Passos e sua mulher; Vicente Ferreira de Sant'Anna e dous filhos; Ricardo de Sant'Anna e sua mulher; Pedro Celestino e um filho; Manuel Amancio e uma filha; Manuel Gomes Correia; Clemencia Francisca; Maria Gertrudes da Conceição e outros.

A' vista do exposto, pede-se a S. S. que, com o zelo que o caracterisa, dirija-se áquella povoação e dê as providencias a seu alcance, afim de alliviar o mal que afflige aos habitantes da supradita localidade.

—Pobres soldados de policia!

—Foram *tirados* para voluntarios outra vez?

—Não; estão á ver navios a nove dias.

O soldo venceu-se no dia 20 e até hoje. 29, nada de apparecer com que se compre os melões.

—Pois olhe: dinheiro para muita cousa ha na thesouraria.

—Haja até para esbanjar; o que lhe digo é, que os homens, que de mais a mais são obrigados a andar limpos e engommados, estão em penuria, porque não lhes pagam e não se lhes pagando, elles não podem tambem pagar e portanto não acham quem lhes fiem para comer.

—Neste caso, sacco vasio não se põe em pé.

—Mas o regulamento está inexoravel sobre elles e hão de fazer, quer queiram, quer não, o serviço com fome.

—Ora sebo para tal systema! eu sempre ouvi dizer que quem não dá para o prato não pode pedir demasias.

—Não ha industria de que não se lembrem os larapios para illudir a boa fé das pessoas.

—Si elles fazem estudo.

—Na segunda feira apresentou-se na botica do Sr. Barata um individuo com um bilhete para o Sr. João Custodio Bento Monteiro, dizendo que era sua mãe quem lhe mandava.

—E era falso?

—Tal qual; si o Sr. Monteiro não desconfia do caracter da lettra, cahia como uma jaca na cilada.

—E o que fez?

—Despediu o tal amavel, que sahiu vendendo azeite ás canadas.

—Ora! Elle devia mandar chamar um policia e entregal-o aos cuidados do Sr. Amaral.

—Veja como andam as cousas ás avessas:

Aqui, por occasião dos triumphos de 19 de fevereiro, a assemblea foi felicitar o presidente; na provincia do Paraná o caso é o contrario.

—Como foi então?

—O presidente é quem officia a assemblea congratulando-se com ella pelos triumphos alcançados e remette para conhecimento da mesma a parte official publicada no *Dezenove de Dezembro*, na qual é assignalada a grande e explendida victoria de nossas armas.

—E' que as cousas la se medem por outra bitola.

—Nessa occasião o deputado Sá Ribas apresentou uma indicação para que se felicitasse ao marquez de Caxias e visconde de Inhauma, e o Sr. padre Camargo oppoz-se apresentando a idéia de que se felicitasse em primeiro logar a S. M. o imperador.

Então o Sr. Generoso, pedindo a palavra, propoz que se felicitassem os bravos que escreveram essa pagina brilhante no livro de nossa nacionalidade, e se felicitasse a nação na pessoa do seu magnanimo monarcha, o que foi aprovado.

—Isso é porque aquella gente ainda anda muito *atrazada;* cá, a nossa assemblea que é allumiada pelo clarão do progressismo, encara a cousa por outro modo.

Á PEDIDO.

HORROR! HORROR!

Sr. Redactor—Vou dar principio a uma serie de artigos soccorrendo-me do seguinte dito popular—elles o querem assim o seja.

Segregado a uma vida toda particular, nem ao menos sonhara volver um dia a imprensa, si não fora a isso forçado pela ingratidão dos homens. Mas já que me vejo obrigado a de novo apparecer, leiam-me, attendam-me os homens reflectidos, a sociedade honesta.

Em o numero passado d'este seu periodico leu-se um artigo acerca do caracter de um individuo, filho, segundo dizem, de um frade que abysmou a Bahia; e hoje vae o leitor entreter-se com o irmão d'esse individuo, um completo parasita da sociedade. Ali fallava-se do Dr. *Gliço*, aqui do agrimensor sem carta, frei Custodio.

E si me não engano, tem V., Sr. Redactor, de pôr em relevo toda familia masculina fradesca; porque como disse—elles o querem, assim o seja.

Com quanto esses ciganos se apregoem de raça carmelita, com tudo deixarei para mais ádiante o que a tal respeito diz o mundo—por ora não.

Entrando por em quanto na vida do agrimensor parasita, direi, antes de tudo, tambem com o anexim popular—a ociosidade é mãe de todos os vicios.

O homem sem meios de vida que o empreguem, sem recursos pecuniarios ou de intelligencia, hade por uma força irresistivel da naturesa maquinar o crime, executal-o, e

procurar distração naquillo que ha de mais aborrecido e horrivel da sociedade.

Foi assim e por isso, que o parasita agrimensor tornou-se um assassino no Rio de Janeiro, cujas cadêas teve por morada por longo tempo, recebendo as mais horriveis lições que logrou requintar junto a reus de todas as classes e condições, um espirito nutrido e educado no crime de toda a especie, como esses que por varias vezes, horrorisaram esta terra, e em que sempre figurava o progenitor de tão celebre raça!!!

E' por isso, e assim, que depois de no verdor dos annos ter se tornado uma fera com fumaças de valentia, de se haver sentado no tamborete de rêu, por crime de morte, um peralta, que a titulo de estudar, gastava na corte o producto das alfaias roubadas a Virgem do Carmello, se alimenta hoje um aventureiro, tentando fortuna por meios de sonhados casamentos, ou de empresas immoraes e ridiculas.

E' por isso, que ora se apresenta um corsario terrestre, tentando augmentar a consternação de uma honrada familia, que perdeu a extremosa mãe, insinuando a fuga de uma donzella, so com a mira em alguns contos de réis que esta tinha por seu dote em um estabellecimento.

E' assim que viaja por especulação ao sul da provincia e la entabola um casamento, sob mil improvisados titulos de posição e familia.

E' assim que ultimamente, na descrença das duas primeiras tentativas joga o aventureiro a ultima cartada; inculcando-se de protector na questão Pas.... e ja entrando em ajuste commercial a mão da infeliz, orfan que so tem por si Deus e a honra.

E' por isso, que se apresenta como medianeiro em transações de letras entre um commendador e um magistrado honrado, sem duvida illudido na sua boa fé.

E' assim finalmente, que uma hydra tão perniciosa na sociedade vomita com seu irmão o Dr. *Gliço* toda peçonha nos mais honestos caracteres que os olham com despreso.

Continue o Sr. C.... a vida que leva tão desordenada, que Deus lhe perdoará seus peccados, assim como nós.

Mas fique certo que, do campo em que nos arrojou, so recuaremos exhalando o ultimo suspiro, que emquanto vivo, não!

O *Moedeiro falso*.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. delegado para a companhia do *olho vivo* que deu agora em frequentar o theatro para praticar suas gentilezas.

No espectaculo de terça-feira, o 1.º e 2.º bancos da esquerda eram exclusivamente occupados pela companhia, capitaneada pelo famigerado Chico Carteira e deu-se logo a escamotagem de um relogio.

—V. me diz uma cousa?

—Si souber.

—Quem são umas *madamas enthusiasmadas*, que moram la para sua visinhança na rua dos *pés de Laranjas*?

—Homem, mora tanta gente, que assim não lhe sei responder.

—São umas senhoritas, cor de azeviche, descendentes de Guiné, que vivem sempre á janella; especialmente uma que quer ter fumaças de branca.

—Ah! ja sei quem são.

—São donas daquelle predio?

—Donas! quem lhe disse? A dona é uma idosa e respeitavel senhora.

—Parenta das cujas?

—Que parenta, homem? V. ja viu gallinha branca pôr ovo preto?

E' senhora das taes.

—Senhor, V. está cassuando!

—Assevero-lhe. V. não tem visto sahir dalli, principalmente pela quaresma, uma senhora accompanhada por um lord fusco?

—Tenho; por signal que quando ella tem de subir os degraus, elle em vez de dar-lhe a mão offerecer-lhe o braço:

—Pois é esta a senhora de toda a sucia.

—E eu a tinha por aggregada!

—Estas crias de *yayas* todas são assim, escondem as senhoras.

E o tal lord fusco anda por ahi alardeando que é isso e aquillo e que nunca teve *yaya*; que apenas a mãe fôra cria, mas elle quando nasceu ja ella era forra.

—Pois V. acredita no que diz um gabolla, *fabricante de cegonhas*?

—Não é debalde que a naturesa assignalou aquelle birbante, tirando-lhe uma janella visual.

—Visto isso muita cousa que elle anda a propalar é pura fabula.

Diz por exemplo: que elle é o chefe da casa, e que a senhora nada faz sem lhe participar; que tem n'um estabelecimento um bom par de contos de réis, que anda em diligencia de comprar uma propriedade para quando a Sra. morrer, elle morar com a familia e outras pêtas eguaes.

—Tambem elle anda dizendo que vae casar uma irman e ha de apressar o casamento das outras, afim de evitar a esperteza de uma que queria manejar com duas espadas, segundo se queixa o noivo.

Diz o tal caraolho que está fazendo gastos

extraordinarios para o noivado e que vae comprar um riquissimo lustre.

—Isso é exacto?

—Juro-lhe por S. *João de Crisolas*.

—Que desfructavel! Elle só serve para desacreditar, atè pessoas que devia respeitar.

—Por isso é que em certo leilão o fiz eram sahir com uma quente e duas ferventes.

—Sabe quem é o futuro noivo?

—Não.

—Será um que, ha anno, brigaram as bofetadas e o Crisola queixava-se que elle queria desacreditar a moça, visto que não servia para aparentar-se, por ser filho de africano?

—Homem, isso só lhe pode responder o *João*, que vende *pintos* na *Fonte secca*.

(*Continua.*)

—Capitão, revolto-me quando vejo injustiças.

—Ja sabe que tem de ficar doudo com os trabalhos alheios, por que este mundo é um composto de injustiças.

—Entre outras, ha uma gravissima, que causou-me extranheza e admiração.

—Qual é ella?

—Um trecho de uma correspondencia da Bahia para o *Jornal do Commercio*, que se refere ao Custodio, carcereiro da Correcção.

—O que diz, então?

—Que elle recebera 240$rs. para attestar que o celebre Modesto fôra surrado o sem ser.

—Mas isso quem conhecer o Custodio não acredita.

—Pois é justamente no Rio, onde elle não é muito conhecido, que pode fazer effeito.

Mas sabe o que é isso? E' que a corda sempre quebra pelo lado mais fraco.

Pois é possivel que com 240$rs., Custodio tivesse o poder de angariar o testemunho de sete officiaes e mais de 100 guardas que foram para alli de guarnição n s dias em que Modesto foi surrado, além de innumeras pessoas circunspectas, que foram a negocio a Correcção nesses dias e presenciaram o castigo?

—Não é preciso isto; bastava ouvir os Srs. Themoteo José Espinola, Moreno (que foi quem vendeu Modesto) e outros vendedores de escravos para o exercito, que dizem abertamente que Modesto não foi o primeiro escravo surrado que daqui seguiu. Por tanto, não sei si houve prevaricação, mas si houve foi de região mais subida, e o que não convem é dizer isso.

—E o facto de ser o Sr. do preto obrigado a trazel-o com ferro ao pescoço por dous annos, obrigação que não se cumpriu, denunciada muito a tempo pelos jornaes, emquanto Modesto estava na terra, e que nenhuma providencia se deu, não prova que se houve negociada não foi do carcereiro?

—Si não fosse massal-o, eu citaria os nomes de muitos escravos que, sahidos da Correcção para serem vendidos á nação, são regeitados; mas que dahi á dias, são como *por milagre* acceitos.

—O Custodio deve descansar em sua consciencia, por que todos que o conhecem, lhe fazem justiça.

— E reptar ao vil calumniador de sua probidade para que descubra a mascara e appareça aqui na provincia, onde pode ter a devida resposta.

—Justamente.

—Ouviu fallar n'um roubo de assucar?

—Não.

—Pois não soube que uma alvarenga foi dar a praia da Boa Viagem?

—Soube; mais isso não tem nada com roubo de assucar.

—Ha seus conformes ahi, que lhe explicarei.

—Bom deixe isso para mais logo, porque agora tenho negocio de urgencia.

—Acha-se aberta ha quasi dous mezes a assemblea provincial, e todo este tempo se tem gasto com discursos á copo d'agoa; as questões de utilidade tem ficado á margem; eis uma d'ellas—a de contraste, questão de um alcance immenso, jaz na pasta de S. Ex. a Sra. D. Protecção.

—Tudo é assim nesta terra.

ANNUNCIOS.

O ADVOGADO

JOÃO LADISLAU JAPI-ASSU DE FIGUEIREDO E MELLO

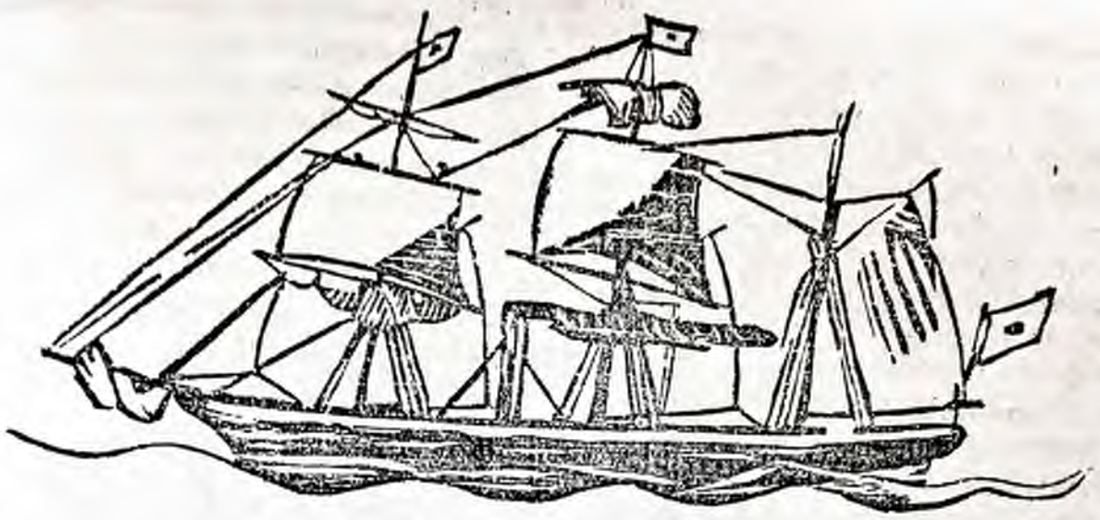
Incumbe-se de quaesquer questões, judiciaes ou administrativas, perante os auditorios da côrte, onde é encontrado no seu escriptorio á rua da Candelaria n.º 23, todos os dias uteis, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde, e fora d'essas horas em sua residencia, rua da Princeza do Cattête n.º 39 G.

Roga-se o favor ao Sr. M. V. de P. de vir ao armazem Mercantil, tratar de um negocio que bem sabe, ao contrario será seu nome publicado por extenso.

Bacellar concerta e afina pianos. Para ser procurado ao becco do Açouguinho.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª

O
ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 40.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 1.º AGOSTO DE DE 1868. N.º 392.

O ALABAMA.

Este numero é o segundo da 40.ª serie. Os Srs. assignantes, que estão em debito, queiram se apressar em solvel-o, ao contrario não mandem reclamar quando não receberem a folha.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de julho de 1868.

Não houve expediente.

—Safa! Que bruto!

—Alguma novidade?

—Um feitor do Sr. Galeão, com roça ao Cabulla, de nome Carlos Antunes Nunes, que deu tanta cacetada em uma filha de seis annos e meio, no dia 20 do mez p. p., que a deixou por morta com um bracinho partido.

—Monstro! Faccinora!

—Não ficou ahi a sua ferocidade: um trabalhador da dita roça, condoido de ver a perversidade com que elle trucidava a innocente menina, quiz soccorrel-a e o malvado fracturou-lhe tambem um braço.

—Pode chamar-se o quebra braços.

O que é feito desse barbaro?

—Felizmente está entregue aos disvellos do Custodio, d'onde parece que responderá pelo mau feito que acaba de praticar.

—Bem. E' preciso que essas feras vão tendo o justo premio de suas perversidades.

—Capitão, viu o *Passarinho* na quinta-feira percorrendo as ruas desta cidade com o sobrecasaco virado de dentro para fora?

—Vi; era satyrisando os progressistas que se estão passando para o lado dos conservadores.

—Creia, V. Ex., que achei spirito na tal satyra.

—Aquillo não foi da cabeça de *Passarinho*, foi mandado por *alguem*, mediante dinheiro que lhe deram para esse fim, segundo consta-me.

—Eu tambem acho que sim! Alli andou dedo conservador!

—Vejam só o diabo como as tece!

—O que foi, homem?

—Por causa de dous vintens quanta desgraça!

—O' homem, por dous vintens!

—Leia aqui o *Democrata* e veja.

—«O italiano Luiz de tal, dirigiado-se um destes dias ao negocio de um outro seu patricio na serra do Picú, provincia de S. Paulo, ahi teve uma alteração de palavras por causa de um troco de dez tustões, no qual dizia Luiz ter faltado dous vintens.

«De palavras mais ou menos violentas entre ambos resultou o dono do negocio atirar em Luiz com um dos pezos da balança, ao que Luiz respondeu, lançando mão de uma enchó que se achava proxima ao balcão e atirar ao seu aggressor um terrivel golpe á cabeça. Porem desviando este a cabeça, não

póde inteiramente evitar o golpe, dando em resultado ficar com a extremidade do nariz inteiramente cerceada.

«A' vista do sangue—corre a um espelho e vendo que se achava sem um dos principaes orgãos que ornam o rosto humano, dirige-se precipitadamente ao seu quarto e empunhando um rewolver desfecha um tiro em seu infeliz companheiro estendendo-o morto.

«Com o barulho acode gente e alguns policiaes tentam prender o assassino, porem elle armado com o rewolver consegue ferir a varias pessoas, resultando da lucta ficar tambem morto com cinco ou seis tiros que lhe atiraram em defeza propria.

«Assim terminou este drama sangrento, cujo primeiro acto teve por base 40 reis!!!

«A authoridade competente fez tanto nos offendidos como nos mortos o respectivo corpo de delicto.»

C'estt trop fort!

—Por uma ninharia duas vidas perdidas.

—Só o capêta com suas artes é capaz de hallucinar as creaturas a commetter tão deploraveis desatinos!

AS BRIGINHAS DE QUEM AMA.

No matrimonio, no pacto que faz o homem com a mulher de viverem juntos, quer cheguem a face do altar para jurar amor e fidelidade, quer em particular assim seja estabelecido, ha uma cousa bem boa, que não deixa de ter seu sal. Parece que o demonio, temendo que haja fastio das partes negociantes, forma taes circumloquios, remexe na cumbuca dos ciumes por tal maneira, que lá de vez em quando apparecm uns medeixes, umas briguinhas, que apertam os nós da união, e fazem apparecer no coração mais obrigações para novos desempenhos. Oh! uma briga entre homem e mulher que se querem bem, é melhor que doce, é saboroso e annuncia muitos momentos de prazer para ambas as partes.

La para as onze do dia, o marido querendo vestir-se para sahir, achou alguma cousa que notar no engomado da camisa ou da calsa. As senhoras mulheres não querem que o pobre homem diga nada: elle deve sahir para trabalhar, deve se cançar, suar e arrenegar-se para sustentar a quem está em casa bem a seu fresco, e inda em cima, não permittem que elle ao menos ache em casa uma cousa mal feita. São muito egoistas, e tudo querem somente para si. E quando o marido resmunga, apparecem logo uns ajustes de ciume atrasado, uma tal ou qual novidade que vem logo a campo, o que tudo se ultima por choro, arrufo, e briga, mas,—brigasinha de amor doce como assucar.

Rusga pois o marido da camisa mal engommada, e ella si se hade calar, nada diser, pois tal é a sua abrigação, vem logo com uma historia muito cumprida de impertinencia, e jura la comsigo vingar-se.

—Que camisa mal prompta, Felismina!—diz o marido.

—Eu não sei d'isto não, responde ella logo. Si você quer melhor mande para rua as suas amigas para engomarem.

—Já você principia.

—Sim... sim... onde foi que você estevo hontem a noite que veio as duas horas?

—Ora, estive com os amigos jogando o voltarete.

—Sim... esteve... Deus é que sabe; onde você esteve foi n'aquella casa cor de rosa que tem alli em cima na rua,

—Que casa! Felismina, deixe-se de asneiras.

—E' asneiras, sim... você pensa que eu não vejo quando você passa olhar tanto para la?

—Esta bom, Felismina, diga o que quizer: a camisa é que não presta, dê-me outra.

—Vista quantas quizer. E' ver um, é ver todos. Umas mulatas muito feias, é de quem elles gostam.

—Mas, Felismina....

—Adeus! você não me tem amor: anda por ahi, e depois vem para casa brigar.

—Que brigar, Felismina, socegue.

—Isto é bom dizer, era melhor que ficasse logo la. Triste de quem é mulher que atura homem!

O marido, a quem esta cantilena ja vae enfastiando, acaba tambem por dizer alguma cousa, e n'este tiroteio se formalisa uma briga, e o marido sahe para rua zangado, batendo com a porta ao sahir, e a mulher fica em casa chorando, se queixando, e vingando-se de sua raiva com as crias de casa, si as tem, com as escravas e aggregadas.

Ao passar porém da porta da rua ja o homem se não lembra. Vae, conversa com um, falla com outro, entra no redemoinho dos seus negocios, e nem prevê a tempestade que lá está armada em casa, porque a mulher gosta muito de apurar, de mecher na cousa, e levar até as ultimas.

O dia se passa insensivelmente, a fome principia a reclamar seus direitos, e a dizer ao marido que são horas de voltar para casa; e elle, que para ella deve ir, toma o caminho e vem.

Quando entra vae logo em direitura do quarto para despir-se, e ja conhece que o negocio continua, porque a mulher nem lhe apparece, manda a negra para receber-lhe a roupa, e emquanto o marido isto faz, ella lá

dentro está se formalisando e preparando a tromba com que se deve mostrar. No coração está morrendo que elle se chegue para ella, mas não quer dar o braço a torcer e está zangada, mesmo pela consciencia que toda mulher tem o seu poder no coração do homem. Assim pois quando o marido lhe aparece, ou o não olha, ou lhe dá um revirado de olhos terrivel e extraordinario.

—Adeus Felismina, como passastes, vamos janctar.

—Passei bem. Oh negra, bota o janctar para teu senhor.

Bota-se a comida na mesa, está tudo prompto, o marido se senta, e ella não vem, está sentada cosendo e bem calada.

—Então, Felismina, você não vem?

—Não senhor, não tenho fome, Coma o senhor.

O marido janta, e se levanta e ella sempre a coser. E vendo que o negocio continua se principia de novo a vestir para sahir.

A mulher está se mordendo, e como não quer se entregar, procurando com tudo alguma corda para pricipiar, la está resmungando entre dentes:

—Inda agora chegou e ja vae sahir. Pode ir que me importa.

O homem ri-se e sahe, e á final volta a noite.

Oh! a noite! para um par que se arrufa, é um tempo bem precioso este o da noite! é a hora de se ir ao juiz de paz para a conciliação. A noite para os amantes é uma fortuna, tem uma valia que se não pode imaginar.

Chegada a hora de dormir o marido deita-se bem a sua vontade, e procura o somno.

A mulher arrufada não vem logo se deitar, tarda inda um pouco, mas a final vem, deita-se.

Então o marido em ar de supplicante, assim em meia falla, diz:

—Felismina....

—Me deixe! chegue-se para lá; que calor! e vira-se para parede.

—Oh! que genio, Felismina....

—Chegue-se para la, ja lhe disse: que calor!

Emfim, para abreviar contos, assim vão... assim vão... até que dormem.... e acordam no outro dia, ja tão alegres que nem parece cousa.

Então que foi que fizeram estes dous que assim se tornaram as boas?

Quem o poderá dizer sinão elles?

Certos maridos bobos, que não conhecem a força do juiz de paz que tem dentro de casa, se arrufam tambem; e acabam o negocio ministrando a mulher xarope de canna da India, e outros medicamentos improprios.

Devo todo o marido ou amante saber que possue o remedio efficaz para estas brigasinhas de amor, e que este com ellas mais se aviva e mais gostoso se torna. Amor sem uma brigasinha de vez em quando, é desemxabido, e tem privilegios de carne cosida sem sal, ou de abacate sem preparação.

Quem for casado, ou versado em amores, que me diga si não ha verdade nas palavras que ahi ficam publicadas.

Á PEDIDO.

—Immediato!

—Prompto.

—Mande fazer rumo do norte, e aproar sobre a cidade da *Mangueira*.

—Estamos a vista de terra, capitão.

—Ancorar e desembarcar.

—Ha alli uma rampa que por ser *calçada* é optimo ponto para desembarque.

—Como for.

—Estamos em terra firme; V. Ex. dê suas ordens.

—Em quanto a tripolação vae por ahi a cata de algum tratante, contemplemos o *augusto* mysterio da creação á sombra daquella *oliveira*.

—Para não perder o tempo, antes fossemos a tasca do *Tiburcio*; por la sempre apparecem falcatruas.

—Va que seja.

—Eil-o debruçado ao balcão.

—Que do seu caxeiro, magano?

—Despedi-o.

—Pois despediu o rapaz que lhe servia ha tanto tempo!

—A 12 annos!

—Estou vendo que isto foi por causa de salarios.

—Não Sr.; ajustei com elle a 120$ reis annuaes e o ultimo a 150$ reis, mas n'um dia *perdeu* tudo quanto tinha ganho e o puz no olho da rua.

—Que motivo teve?

—A principio era muito vivo e ate me coadjuvou bastante na *troca* de uns *canarios*; mas depois creou azas e quiz constituir-se meu *rival*. Chegou sua ousadia a querer *comer* no mesmo prato que eu comia!

—Essa historieta está me cheirando a subterfugios.

—Fallo a pura verdade.

—O motivo allegado não é razão para V. ficar-se com o ordenado do rapaz.

—Quiz castigal-o, para não ser adiantado.

—Roubando-lhe o suor?

Ora que V. sempre teve propensão para se arvorar em depositario do que não lhe pertence!

Não sei que diabo de manobra fez que o predio do João das Preiras foi lhe cahir nas unhas.

—Capitão essa historia é muito differente do que lhe informaram. Si V. Ex quer eu mesmo a narrarei pelo miudo.

—Ora vamos lá a ouvir este calendario de trapaças.

(Continua.)

PARODIA A MODINHA

—*Qual quebra a vaga do mar,*—

Qual quebra á vaga do mar,
Não nos deixando dormir,
Assim teu roco grunhir,
Vem meus ouvidos quebrar;
O teu destino é berrar.
Quando estás de humor,
Vè que tormentos de horror,
Não tenho de supportar
Tu, a viver a gritar,
Eu, a aturar-te o furor!

Si o sol disponta eu lamento,
Si o sol se despede eu grito.
Pois vivo muito afflicto
Comtigo, que és um tormento;
Não mais! que eu ja não aguento
Teus berros de ensurdecer,
Si me não deixas viver,
Si continuas assim,
O que ha de ser de mim:
—Faz-me o favor de dizer?—

Mulher! é lei de teu fado
O ter pancada na bola,
Tens o casco como sola
Duro, frio, embezerrado.,,
Si continua o meu fado,
Si teu fado continua,
Salto p'ra o meio da rua,
Vou ja pedir agasalho
Em casa do Ze-Ramalho,
Compadre do Ze-Falua!

O cambachirra ja pousa
Na tua fronte enrugada,
De moça ja não tens nada,
Ja estás com o pé na louza;
Si não fazes outra cousa
Que não seja dar massada,
Si com tua voz mofada
Pretendes de mim dar cabo,
Vae-te viver p'ra o diabo.
E no inferno repousa...

—Gentes o Fausto é conservador ou liberal?

—Liberal.

—Deveras?

—Elle assim o diz.

—Mas eu o vi encartado n'uma chapa de conservadores.

—Que elle não pediu.

—Quem calla consente,

—E V. a dar-lhe!

—Dar-se-ha que o homem queira brincar com pau de dous bicos?

—V. é politico?

—Deus me livre.

—Pois então deixe-se de metter em seara alheia.

Poderá o Revm. Sr. padre Luiz da Costa Baptista, muito digno vigario da freguezia dos Prazeres, municipio do Inhampupe, dar noticia de um cabocolinho, de menor edade, que o accompanhou a esta capital e que nunca mais voltou ao logar d'onde veio, ignorando-se completamente o seu destino?

Um Prazerense.

—Sr. Albergaria, o chapeu de sol?

—Que chapeu do sol, homem?

—Que eu deixei aqui.

—V. está doudo, homem?

—Pois não se recorda que quando lhe pedi a genebra encostei alli o chapeu de sol e que na sahida esqueci-me de leval-o?

—E alguem que entrou ja carregou-o sem que eu visse.

—Não é possivel, por que foi neste instante e emquanto eu fui daqui ao talho não havia tempo: e se entrou alguem o senhor deve recordar-se quem foi, por que demadrugada não é como de dia que as vendas atulham-se de freguezes.

—Ora não me conuma.

—Bem me disseram que aqui n'*Agoa* das *Creanças* o senhor tinha fama de insigne agasalhador do alheio.

—Diga o que quizer

—Seu cynismo o condemna. Fique-se com o chapeu que não é a vida de um homem.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Em virtude de não haver restado tempo na sessão de 26 do corrente para a leitura do relatorio do conselho e do parecer da commissão de contas do trimestre findo, convido aos Srs. socios, de ordem do conselho, para reunirem-se em assembléa geral, no domingo 2 de agosto, ás 11 horas do dia, afim de que possam ter logar esses trabalhos. Bahia 30 de julho de 1868.—*A. Ricardo*, 1.º secretario.

A Estrada Nova rua da Valla, junto ao beco do Funil que vae para o Barbalho—ha uma venda para se dispor, quem a pretender dirija-se a mesma para tratar.

Nesta typographia precisa-se de um batedor.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 40.

Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 4 AGOSTO DE DE 1868. N.º 393.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de agosto de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que interponha o recurso de sua authoridade, para que as creoulas Helena e Adelaide não continuem a reciprocamente se insultnarem publicamente com os epithetos mais obscenos, com grave prejuizo da decencia publica; especialmente a segunda das contendoras cuja desenvoltura de lingoa é em excesso demasiada.

—No domingo á tarde embarcou para a côrte o Sr. Azambuja com todas as honras devidas ao cargo que acabou de occupar.

—Pelas saudades que me ficam.....

—O embarque foi muito concorrido; subido numero de conservadores accompanharam a S. Ex. até o caes do arsenal de marinha.

—Estes conservadores.... são uns macacões de sabidos.

—Eu é que não vou nada com elles.

—Nem eu como araras.

—Fortes cousas!

—O que tem, homem?

—Pois a policia não tem um meio para acabar com o escandaloso spectaculo de andar a *Santinha* offendendo a moralidade publica por toda rua?

—Hontem deitou-se ella de papo para o ar, na rua Direita de Palacio, levantou a saia mostrando as pernas e seus arrabaldes, e apresentando como *specimen* certos dotes em que a natureza foi prodiga.

—Ou a *Santinha* ha de andar pelas ruas commettendo as mais hediondas depravações, ou n'um dia em que se lembram, ha de ser levada para Correcção por quatro soldados de policia, cercada d'uma alluvião de moleques na mais immoral algazarra, augmentando assim o escandalo, para ser solta no outro dia e vir continuar em sua tarefa de obscenidades.

Pois a policia dispondo de tantos recursos não tem um para acabar com isso?

—O meio é facilimo; a policia pode obrigar os ebrios a assignar termo de bem viver, e quebrado elle, ja sabe.

—Sim, é verdade, mas a policia tem outras cousas de mais subida monta em que se occupar.

—Venho informar-lhe de uma acção meritoria que tambem me contaram.

—Diga-se.

—O sargento do 1.º batalhão de infantaria José Firmino Cavalcanti indo a thesouraria receber dinheiro, o thesoureiro enganou-se e deu-lhe de mais um conto de reis; chegando ao quartel, e dando pelo accrescimo, volton in continenti a restituil-o.

—Si é exacto, o sargento Cavalcanti merece louvor; e portanto vou officiar ao comman-

dante para que o mande elogiar em ordem do dia e lhe dê um mez de licença com soldo.

LA VAE VERSO.

ANALYSE REMETTIDA AO COMPADRE FALUA.

«Dos homens na van loucura
«Um pouco meditaremos;
«E com alquimia o segura,
«Do mal alheio faremos
«Para o nosso mal a cura.
(*N. Tolentino—T.* 1.°)

O' musa! tu, que, prudente,
Me arredas dos precipicios,
Falla a verdade somente;
Vem bater nos negros vicios,
Nos vicios da nossa gente.—

Não vês toda a mocidade,
Qu', embora talento exponha,
Ás normas da castidade,
Como esmaga—sem vergonha
Sob o pezo da maldade?—

Não vês como ás portas bate
Da corrupção e penuria
(Sem que a moral a retrate)
Por alcançar na luxuria
Sempre a palma do combate?

Não vês na guerra de amores
Como se entranha o *taful*,
Quando nós—contra os trahidores
Precisamos—lá no sul
De cornetas e tambores?!...

A insolencia brutal
Com qu' estupido estrangeiro,
Vem para aqui sem real,
Dizendo – que *por dinheiro*—
Cura todo e qualquer mal;

Ouvil-o ainda dizer
(E esta, meu bom compadre!!)
Que para mostrar *saber*
Tambem cura dor de madre,
Tira dentes sem doer;

E tudo isto,—por *novo*
Systema que—elle *inventara*.—
E' cousinha qu' eu não louvo:
Merece premio de *vara*
Ministrada pelo povo.—

Que dizes dos *carcamanos*
De jaquetas de velludo,
Sapatos que duram annos,
Vendendo algodão por—tudo
E baetinha—por pannos?!...

Agora—o' muza que dizes?
Dos nossos velhos doctores?—
—São cabeças, mui felizes:
Sabem de cór os humores
Que attacam sempre os narizes!

Oh! são homens de respeito,
Dotados de gran valia!
D'elles faço bom conceito:
—Receitam logo sangria
Para as molestias de peito!

Temos jovens bachareis
Soberbos—como o romano(*)
Interpretam bem as leis:
Porem ha tantos ao anno
Como limões a dez reis.—

O' musa não te desmandes,
Não me vertas o teu fel:
Cautellosa é bem que andes!
De que te importa—a *babel*
D'aquellas cabeças grandes?!...

P'ra que me vás excitando
A' tratar de cousas mil,
Podes ver; mas não fallando
—Que os fradecos do Brasil
Vivem os muros saltando!

Si a moral passa em desdem
N'este seculo nefando
Si os padres—o gosto tem
D'ir a especie propagando—
—Deixa o mundo que vae bem!

Qu' importa que as raparigas
Illudindo os pobres paes,
Sem receiar que as maldigas,
Andem sós pelos quintaes
A' noite—como formigas!

Dizes que achas roncando
De dia—os amigos teus?
Estão, muza,—descançando;
Porque esquecidos de Deus,
A noite passam jogando.

Dizes que ha figurões
Que não ganhando si quer
Por dia—alguns dez tustões,
Trazem com luxo a mulher,
E dão bailes e funcções—

E queres tu descobrir
O meio de que se usa
Para tambem se existir?!...
—São mysterios minha muza,
Mysterios que fazem rir!...

Como tu—eu tambem vejo
Cousas mil, porem me calo;
Mais do que sou—não desejo;
Por couza alguma me abalo,
Nem mesmo por dar um beijo.

Temos visto á lua cheia
Nos cantos d'Itapagipe,

(*) Isto é, como o orador Cicero.

A canalha que se altêa
Nas azas do nosso—*ipe*—
Pela força da cotréa.—

Basta, muza, d'esta vez:
Basta, minha tagarella;
Toma a tua placidez;
Cautella, e muita cautella
Nunca mal a gente fez.

—*Egas*—

Á PEDIDO.

—Muxingueiro, vae buscar a cachações o *Pedro Virgolino*.

—A demora é so emquanto ensebo a taca.

—Quero mandar metter a cara desse biltre na cloaca do navio.

—E julga que lhe faz alguma cousa de mais?

—Anda essa besta de dous pés a enxovalhar o nome de quem nem se lembra delle na hora da evacuação, como si os mais tivessem culpa do descarado lorpa andar pelas guardas a serrar o jantar dos officiaes e estes o mandarem para o *Alabama*.

—Forte asno! Sabe quem lhe deu a sapeca e anda a lançar a culpa aos outros.

—E a fazer ameças, como si alguem fizesse caso dos arreganhos de semelhante animal, que quando por acaso der um couce, ha muito boa taca e esporas para fazel-o chegar ao rego.

—*Badú*, me diz uma cousa.

—Até dez.

—Que fim levou a menina do Manuel Rodriguess, marcineiro?

—Que *se lhe* importa V.?

—Falla manso, rapaz; é porque disseram-me que havias rapinado a inexperta, a qual tem passado seus transes.

—Pelo contrario; já é mãe de um menino bem nutrido.

—E vae vivendo da graça de Deus.

—Que engano! o districto dá para tudo.

—Agora é que eu quero ver com essa mudança de cousas.

—O tal Sr. *Negrinho* teve a rara habilidade de pôr o Antanes a tocar leques com bandurra.

—Este rapaz sempre foi muito experto.

—Experteza é uma cousa e ladroeira é outra.

—Quem o mandou ir atraz das comportas delle.

—Mas o rapaz tinha de entrar para o hospital e cahiu na asneira de vender-lhe a *clarificação* á palavra.

—Palavras não adubam sôpa.

—E elle bateu vispora em tudo, fechou a casa, entregou a chave ao dono da propriedade e largou-se por esse mundo além.

—Expeculações da vida.

—*Savoir vivre*, como ja me disse um potentado da atualidade conversando em humoristico ripanço, com a minha catholica pessoa.

—Quero lhe contar uma historia que me contava minha avó.

—Ora vamos com sua historia da *caroxinha*.

—Havia um padre que a todos os penitentes que confessava, em logar de horrorisar-se, como costumam os confessores, dos peccados que elles lhe accusavam, consolava-os sempre dizendo:

«—*Podia ser peior, filho.*»

Um moço gaiato, querendo divertir-se com o padre, foi confessar-se, e depois de contar muitas cousas, inventadas por elle, de fazer arripiar as carnes, disse:

«—*Sr. padre, ha occasiões em que eu tenho impeto de matar meu pae para casar-me com minha mãe.*»

O padre que entendeu o sugeito querer desfructal-o, usou da sua frase:

«—*Podia ser peior, filho.*»

«—*Peior como?*» perguntou o gaiato.

Respondeu o padre:

«—*Podia teres impeto de matares tua mãe para casares te com teu pae!*»

—E não podia ser peior, forçar as leis da natureza, casando-se com o pae?

—Quer com o pae, quer com a mãe...

—*Psio! Vade retro!*

—... forçava os preceitos naturaes.

—V. Ex. tem conhecimento daquelle padre que alli vae?

—Não me recordo.

—Não tem ideia de um padre que sempre estava na casa do *Luiz*?

—Será o primo do *Costa*?

—Vae por ahi.

—Um que raptou uma moça e botou-a na casa do *Baptista*, lá para freguezia dos *Sanhaços*, deitando-a depois a ponta-pés no lamaçal da prostituição?

—E' esse devasso mesmo, que hoje está feito vigario.

—Ah! Ja é vigario elle?

—Ha que tempo.

—De que freguezia?

—E'... é... é... Não lhe posso dizer.

—Pois o ordeno que diga!...

—Capitão, por *Nossa Senhora dos Prazeres* não me comprometta.

—Então tens mêdo do vigario?

—Não, meu capitão, é que elle levou meu filhinho em sua companhia para a cidade, voltou sem elle e não dá-me sahida do que é feito delle.

—Ja comprehendo! O padreco é vigario d'aqui dessa freguezia, levou teu filho para a cidade e tu receias ficar sem elle.

—Sem elle ja me conto eu; mas não diga que eu lhe disse isso, porque quero ver, embora gaste dinheiro, se o senhor padre me da noticia do meu cabocolinho que elle levou-o como criado e deu consumiço.

—Que edade tem teu filho?

—E' de menor edade e um pouco apatetado.

—Vou mandar ja um officio ao Exm. e Revm. Sr. prelado, para ver as providencias que elle toma a respeito, e no caso que ellas não appareçam, dirigir-me hei ao Sr. Dr. chefe de policia.

—Oh, capitão, se eu tornar a ver meu filhinho, meu innocente cabocolinho em meus braços!.... Deus é que lhe ha de recompensar!

—.....

—E são assim os padres!

Jesus Christo pregou contra a escravidão, e os os ministros da egreja possuem escravos, além disso escravisam os que são livres!

Ora quem não dirá que o filho desse pobre tabareu foi vendido por esse padre!

Talvez esteja enganado, é bom averiguar.

O Cabocolinho de quem falla o Prazerense no *Alabama* de 1.º de agosto trazido pelo Rev. vigario Luiz da Costa Baptista, acha-se como criado no collegio Santo Antonio.

Um inimigo da intriga.

MOTTE.

As pernas da minha amada
São dous arcos de barril.

GLOSA

De sarnas todas esfolladas,
Finas como um taquary,
São como de bemtivi,
As pernas de minha amada.
São pernes de carne assada,
De pulgas tem um covil;
De verrugas mais de mil;
Direitas quaes dous anzoes,
Fazendo seus caracoes,
São dous arcos de barril.

VARIEDADES.

UM JUIZ AJUIZADO.

Felippe Flaxman foi achado em estado de completa embriaguez em uma rua de Londres, na vespera do dia de Natal, as 6 horas da manhan. Ao outro dia, comparecia perante o magistrado.

A todas as perguntas que lhe foram feitas, Flaxman, que ainda andava pelas vinhas do Senhor, respondeu invariavelmente:

—V Ex. é pessoa muito ajuizada, muito ajuizada.. não é possivel ser mais ajuizada.

Vendo que era impossivel colher outra resposta do beberrão, o magistrado mandou que fosse encarcerado até ao dia seguinte. De maneira que passou o pobre Flaxman no carcere a noite do Natal.

Na manhan seguinte, ás onze horas, appareceu pela segunda vez perante o Rhadamento de Marylebone.

—Você devia envergonhar-se de si mesmo, disse este: Levantaram-no do meio da rua em estado deploravel, e a todas as perguntas que lhe fiz, não pôde responder senão estas palavras: V. Ex. é pessoa muito ajuizada.

—Neste caso, respondeu Flaxman, com a maior flengma, se eu disse tal cousa é claro que estava embriagado.

O magistrado riu-se, mas não deixou de condemnar o bebedor a tres dias de prisão ou duas libras de multa »

OBRAS DE GOSTO.

Gregorio José de Souza, Surgião Ziminaido; Com Carta de Zaime do Prouto Medicaito para Curar de Surgia, Medecina neste Empero. de sua Magestade. Costucinal

A testo Jozé da Silva Coelho; Efermo de uma Estroçom que padece a muito tempo como alem da sua, molestia, tambem; tem Sua molher Muito doente que não pode Sahir de Sua caza, porque So Seu Marido é que A cura; é o que poço atestar de Bacho de Juramento; do meu cargo. houge 14 de Maio de 1845 Vila do Porto das peidras.

Gregorio José de Souza.

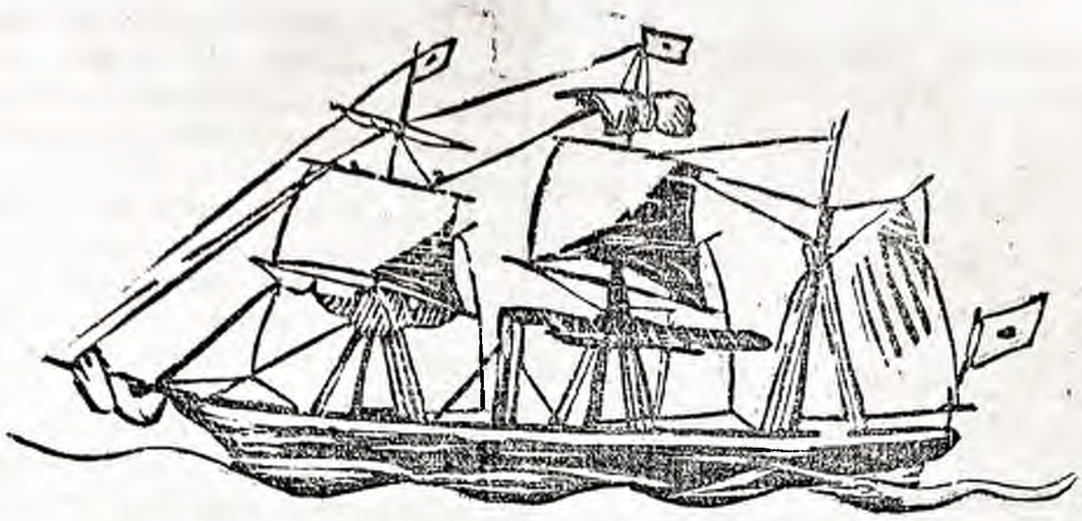
Gregorio José de Souza Surgião Ziminaido Em surgia Nacamia Framacia Com provisão do Prouto Medicaito para puder curar De Medicina. Neste Empero de sua Magestade Costucinal.

Atesto que Antonio José de Ataide Junho Efermo de um pei que tem huma ferida em hum deido do pei que não pode Calear Sapaito para puder Andar E o que poço Atestae de Bacho de Juramento do meu cargo houge 1.º de Maio de 1845.

Porto das peidras.

Gregorio José de Souza.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 40.**

Preço d'assignatura — 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 6 AGOSTO DE DE 1868. N.º 394.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de agosto de 1868.

Não houve expediente.

—São tristissimas as noticias da guerra

—Que me diz?!...

—Em um só dia soffremos dous revezes em ambas as margens do rio Paraguay.

Por um lado os paraguayos erguem sorrateiramente á sombra dos bosques uma bateria sobre o arroio Guaycurú, com a qual encommodam as forças alliadas no Chaco, mettendo-a entre dous fogos. O coronel Martinez encarregado de tomal-a, é derrotado e morto, perdendo-se 300 argentinos e duzentos brasileiros. Por outro lado o barão de Herval encarregado de atacar Humaytá, cuja evacuação tivera denuncia o marquez de Caxias por um *passado,* depois de tomar uma bateria avançada é obrigado a retirar-se, por ordem superior com grande perda, sendo obrigado para defender-se dos paraguayos que picavam a retirada, a lançar mão da espingarda de um soldado morto.

Ahi vae o que se lê nas correspondencias para Buenos-Ayres.

—Vamos a narração.

—«O marquez de Caxias inesperadamente ordenou a 15, á tarde, um reconhecimento-ataque sobre Humaytá, tão inesperadamente que o general Gelly y Obes apenas recebeu a ordem duas ou tres horas antes do momento em que se devia realisar.

Qual foi o motivo desta resolução do marquez? As noticias que dava um passado.

Esse passado veio dizendo que as forças de Humaytá iam evacuar o seu acampamento fortificado, e que o grosso da operação se verificaria na noite de 15 e manhan de 16.

Isto, e o aviso que deu a esquadra de que um grande numero de canôas, 40 ou 50, cruzavam de Humaytá para o Chaco carregadas de gente, fizeram crer ao marquez de Caxias que os paraguayos effectivamente evacuavam Humaytá.

O marquez julgou quiçá poder fazer em Humaytá o que fez no Estabelecimento e no acampamento de Passo-Pocú, poder-se entrar de roldão e occupar o que os paraguayos abandonavam.

Chegamos ao dia 16.

Desde as 2 da manhan o exercito estava em movimento.

O nosso exercito apenas ás 5 horas da manhan se pôz em marcha ás ordens do general Gelly y Obes, que seguindo as instrucções dadas por Caxias, avançou sobre as trincheiras inimigas, sendo recebido por um fogo nutrido.

Provou isto que os paraguayos estavam prevenidos, e que o ataque levado adiante custaria sangue.

O general Gelly mandou dar conta desta resistencia ao marquez de Caxias, que tinha expedido as suas ordens na crença de que os

paraguayos evacuavam, e o marquez ordenou que não se avançasse, porem que se mantivesse o fogo.

Assim se fez até que as forças da esquerda se retiraram sem perdas sensiveis nem grande novidade.

Emquanto isto succedia na esquerda outro era o caso na direita.

O intrepido Osorio, obedecendo ás ordens do marquez, avançou denodadamente com o grosso da sua divisão, e atacou o primeiro reducto inimigo com duas peças de artilharia grossa.

Quando as forças se achavam immediatas á linha inimiga os paraguayos começaram a retroceder e o ataque por parte dos nossos alliados tornou-se decisivo.

O reducto foi tomado á viva força e os paraguayos desalojados delle com grande perda.

Senhor do reducto e da sua artilhaaia e na primeira linha inimiga, Osorio fez saber ao marquez de Caxias a sua situação.

O marquez, que viu fallhar as suas esperanças da evacuação de Humayta pelo inimigo, ordenou a Osorio que se retirasse, e não lhe mandou protecção.

Emquanto este aviso ia, e chegava a ordem de retirada, os paraguayos tinham-se reforçado por essa parte e atacado novamente a Osorio.

A luta travou-se e foi tremenda, como tremenda foi a retirada, na qual fez prodigios o valor de Osorio e dos officiaes brasileiros.

Osorio perdeu varios officiaes do seu estado-maior e entre elles tres dos seus valentes ajudantes. O seu proprio cavallo ficou no campo, e elle retirou-se tendo o poncho furado por mais de uma bala.

Os paraguayos hostilisaram a retirada até onde o permittiu a sua artilharia, pois é a verdade que a cavallaria rio-grandense se conduziu dignamente na retirada.

Os batalhões de infantaria que estavam no ataque daquelle lado soffreram muito; ha batalhões que ficaram em esqueleto.

O ataque de 16 custou muitos officiaes e pelo menos 1,200 soldados.

O exercito argentino não soffreu; a perda é quasi total de nossos alliados, devida na sua maior parte á falta de protecção com que Osorio verificou a retirada por ordem do marquez, e depois de estar no reducto.

A narração do passado de que os paraguayos evacuavam Humaytá, por algumas canôas cruzavam o Chaco, dea logar a que os paraguayos nos causassem dolorosos sacrificios e perdas crueis.

Cousa mais grave occorre.

Esta malfadada jornada produziu uma grave desintelligencia entre o marquez e Osorio a ponto que quem se julga informado authenticamente me assegura que Osorio deu a sua demissão e se retirará do exercito.»

—

»Passo-Pocú, 18 de julho de 1868, ás 6 da tarde.

Tendo sido duas as operações de guerra effectuadas, occupar-me-hei dellas separadamente e pela ordem em que se deram. Comecemos pela que teve por theatro os muros e fossos de Humayta.

No dia 15, á tarde passou-se um soldado paraguayo da guarnição de Humayta; como é pratica foi levado á presença do marquez. Ninguem soube nessa noite, com excepção de Gelly, o que declarou o passado; mas o facto é, que durante toda noite sentiu-se um movimento extraordinario em todo acampamento brasileiro, fazendo-se ao mesmo tempo grandes preparativos como para um ataque.

No dia seguinte, no dizer de todos ja não era mysterio que uma columna brasileira, do mando do bravo, entre os bravos, general Osorio, composta de tres armas, e de força de cerca 10.000 homens, devia operar um ataque, disfarçado hoje com o nome de reconhecimento, sobre a parte mais entrincheirada de Humayta, ao passo que o exercito argentino, ás ordens do general Gelly, devia operar outro reconhecimento pela esquerda.

A' hora indicada o general Osorio se atirou sobre o triangulo com um arrojo digno deste chefe, que tanta gloria tem adquirido nesta campanha. As difficuldades materiaes do terreno eram immensas, principalmente para a cavallaria. Com tudo ella as ia vencendo resolutamente, avançando até a borda dos fossos que defendiam essas tremendas posições.

Os batalhões 38 e 39, que iam na vanguarda da columna de ataque, chegaram até junto de um dos reductos do triangulo sem serem hostilisados pelo inimigo até esse momento; mas quando estavam a curta discia, os paraguayos dando gritos selvagens, romperam um fogo espantoso de metralha e fuzilaria, que no primeiro instante causou certo abalo nos dous batalhões.

Então Osorio, comprehendendo a difficuldade da situação, mandou avançar outros dous batalhões do 1º corpo do exercito brasileiro animando a todos, e carregou novamente sobre o reducto que tomara por ponto de ataque. Desde esse momento a luta tomou um caracter terrivel. Uma bala de canhão matou o cavallo do heroico general brasileiro, ao mesmo tempo que um de seus ajudantes cahia morto a seu lado.

Poucos momentos depois de travado este sangrento combate, Osorio conseguiu appos-

sar-se do reducto ao qual subiu sobre um montão de cadaveres em que estavam misturados os de seus soldados e os do inimigo. Nesta situação pede immediatamente ordens a Caxias que estava á retaguarda com todas as reservas: faz saber que hasteou suas bandeiras em uma bateria inimiga, pede que lhe mande reforços para sustental-a afim de não malograr-se a victoria comprada á custa de não pouco sangue.

Caxias ordena que se retire e abandone a posição conquistada.

Ao transmittir Osorio esta ordem aos seus soldados, uma confusão espontanea invadiu as fileiras dos assaltantes, que ao começar a retirada sentiram pelas costas o canhão que troava lançando nuvens de metralha que os ia sepultando por centenas; ouviram? por centenas. Debalde Osorio, que ja havia perdido o segundo cavallo e mais dous de seus ajudantes, mortos a seu lado, que vira cahirem em torno de si quasi todos os que compunham o seu estado-maior, tratava com indomavel arrojo conter os seus soldados. Baldado esforço!

As sombras da morte envolviam naquelle instante a columna brazileira, cujos soldados cahiam moribundos ao écho estrepitoso do canto de victoria entoado pelas hordas paraguayas. Dous batalhões inteiros foram quasi destruidos em menos de quarenta minutos, deixando no campo chefes, officiaes e soldados.

As perdas dos brasileiros nesta terrivel jornada chegam, pelo menos, a mil homens quasi todos mortos, porque nesta sorte de combates, em uma retirada desordenada não ficam muitos feridos, mas em compensação deixam-se mortos aos centos.

Não ha um só homem que não teça os mais enthusiasticos elogios ao procedimento do bravo general Osorio, cuja imponente figura se destaca daquelle quadro de fogo e sangue illuminada pelos raios da gloria! Depois do revez que acabo de noticiar, sentido por lhe não terem mandado reforços, consta que Osorio disse que não queria continuar mais no exercito.

. . . . . .

No mesmo dia em que Caxias concebeu o plano de ataque sobre Humayta, soube que o inimigo havia construido no Chaco uma nova bateria, que surgia á retaguarda da columna alliada que alli temos, e que, segundo penso, foi mandada ao matadouro.

Deu-se ordem para que a bateria fosse atacada. Effectivamente esta manhan o general Rivas, de accordo com o general brasileiro que está no Chaco, ordenou ao intrepido coronel D. Miguel Martinez de Hoz que atacasse a bateria. Para ahi chegar era preciso atravessar uma pequena ponte do lado opposto, da qual se avistavam forças paraguayas. Martinez marchou levando uma columna composta do batalhão *Riojano*, ao mando de Gaspar Campos, oitenta homens das avançadas, e um batalhão de infantaria brasileira.

Ao vel-o avançar, os paraguayos marcharam para a ponte, com intenção, sem duvida, de disputar-lh'a. Martinez, porém, contando com o arrojo de seus soldados, avançou resolutamente, arrojou os paraguayos ao outro lado da ponte, matou cerca de cem homens e fez varios prisioneiros.

Até aqui tudo ia muito bem: mas repentinamente a columna de Martinez se vê atacada por forças muito superiores em numero, e então travou-se um desses combates cujos pormenores fazem estremecer.

O batalhão *Riojano*, tendo á frente o seu intrepido chefe, bate-use a pé firme contra um inimigo quatro vezes superior, e viu cahirem mortos esse mesmo chefe, seus officiaes e soldados.

O revez não podia ser mais doloroso! Custou-nos cerca de 300 homens fora de combate e outro tanto aos brasileiros, e comtudo o que ainda é mais para lamentar é contarmos entre os mortos dous heróes, dous amigos queridos—Miguel Martinez e Gaspar Campos.

O combate do Chaco custou-nos varios officiaes, alem dos chefes Campos e Martinez de Hoz, e cerca de 500 homens, dos quaes 200 argentinos e 300 brazileiros.»

—

N'uma carta escripta do exercito lê-se o seguinte paragrapho:

«O 4.° batalhão de linha brasileiro não tem hoje senão dous capitães; os officiaes e quasi todas as praças foram mortas. Este batalhão tinha 28 officiaes e hoje tem 2!

Houve batalhões que tendo 500 praças, ficaram reduzidos a 80 e menos!»

—E foi por tão tristes noticias que se atirou tantos foguetes, os navios enbandeiraram e houve tanto alvoroço?

—Não; chegou o presidente Martins.

—Ah!.... é verdade, eu não me lembrava que ante a aureola do poder que circumda a fronte do novo Messias que vem redimir esta terra, esquecem-se as desditas da patria.

—

—Haverá despotismo maior?

—Pergunta bem a quem não lhe sabe responder.

—Recrutar-se um homem e indo seu pae vel-o, ser tambem preso e mettido n'um tronco de pescoço para privál-o de tratar da soltura de seu filho?

—E' tyrannia inaudita.

—Pois isto deu-se no dia 24 do passado, com Francisco Antonio da Silva, morador na freguezia do Bom-jardim, maior de 70 annos, casado, com tres filhas honestas, tendo por unico arrimo a seu filho Manuel Quintino da Silva.

O rapaz foi a negocio á freguezia do Coração de Maria e ahi foi recrutado.

O pobre velho sabendo que o filho estava preso, foi vel-o e la chegando, foi pelo commandante do destacamento o alferes Antonio da Motta, mettido n'um tronco, donde so foi solto depois que o filho seguiu para a capital; de sorte que quando o pae aqui chegou para reclamar a soltura de seu filho, seguia elle no *Guará* para o Sul.

—Que crueldade!

—E dizem que somos regidos pelo melhor systema de governo do mundo, quando se trucida assim a liberdade individual, pela leve suspeita de qne o cidadão na ultima eleição não deitou na urna a chapa que lhe deu o mandão da localidade.

LA VAE VERSO.

Motte do Dr. Espiga.

AMOR È MAU COM CIUME

Gordura de moça é feia
Quando faz grande volume;
Manteiga rançosa fede;
Amor é mau com ciume.

O tempo de inverno é triste
P'ra quem não se aquenta ao lume;
A noite de escuro é feia;
Amor é mau com ciume.

Nas aulas, nos botequins,
Não ha rapaz que não fume;
Abob'ra cosida engorda;
Amor é mau com ciume.

A creoula Maricota
Tem olhos de vagalume,
Zangada maltracta a gente;
Amor é mau com ciume.

Não ha velhaco hoje em dia
Que nos cofres não se arrume;
Gaveta sem chave é peta;
Amor é mau com ciume.

Ja subi da fama a serra,
Stou quasi tocando ao cume;
Quem deve gazetas pague;
Amor é mau com ciume.

A gordura da Mafalda
Parece pipa ou volume;
Tanta carne assim empata....
Amor é mau com ciume.

Gente gorda com calor,
Mostra logo um azedume,
Catinga de saia é peste;
Amor é mau com ciume.

A lingoa da Adelaide
De navalha tem o gume;
Não ha *patacão de sola*;
Amor é mau com ciume.

Á PEDIDO.

—Novidade..... novidade.....

—Temos alguma fazenda barata para vender, alguns pentes de marfim?

—E' outra cousa.

—Será então moedas de prata e ouro que é o que hoje está muito escasso no mercado?

—Não é essa a novidade?

—Então qual é?

—Foram apresentados pelo partido conservador para juizes de paz da freguezia do *Segura-parede* quatro caracteres *distintos,* nos quaes sobresahe um alferes maluco.

—São quatro vultos *proeminentes* da freguezia, que o partido conservador os apresenta.

—E' assim que os conservadores onde endireitar aquella freguesia, segundo havia dito antes de subirem ao poder.

—E não é endereitar, escolhendo um maluco para juiz de paz?

PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SÉ.

O Capitão Jovino Cezar da Silva.

Um votante.

VARIEDADES.

CARIDADE.

E' esse balsamo, que consola a quem dá e á quem o recebe, e que se envolve no segredo como o diamante precioso se esconde no centro da terra.

A caridade não quer vans ostentações. Não procura a luz. Quanto mais se concentra e occulta, maior é o seu valor. Filha do ceu, só alli quer brilhar: o mundo desbota-lhe as cores. A vista dos homens offusca-lhe esses fogos celestes, que só no segredo maiores se mostram; assim como a luz mais fulgura no centro das maiores trevas.

—Um bobo bem quisto do seu rei e por conseguinte muito adulado pelos cortezãos, dizia mui discretamente:

—O que é a gloria! Si eu não fosse um homem tão pequeno, ninguem conheceria que sou um grande homem.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 40.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 8 AGOSTO DE DE 1868. N.º 395.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de agosto de 1868.

Officio á empreza da limpeza da cidade, dizendo-lhe que mande apanhar uma porção de farrapos das colxas de palacio.que andam atirados pela rua Direita de Palacio, e que foram arrancados das mesmas colxas pelo muito vento que houve hontem.

—Todos os dias repetem-se os casos desagradaveis pela imprudencia dos carroceiros. e a policia não toma uma medida energica para evital-os.

—Quando se der algum desastre, ha de apparecer prevenções.

—Ainda ante-hontem houve um conflicto grave, por haver um destes desalmados offendido com a ponta do mangoal a um respeitavel negociante que descia o Taboão.

—Os carroceiros, que conduzem materiaes, usam de compridos mangoaes para fustigarem os animaes, os quaes, sobrecarregados de enormes pesos, só os arrastam pela força do castigo; mas sendo tão extensos esses instrumentos, acontece que pelo pouco cuidado com que são manejados, vão offender a quem passa, e d'ahi originam-se taes conflictos, alguns bem serios, como esse do Taboão.

—Para despertar os animaes não é preciso mais que uma ou duas correias engastadas n'um pequeno cabo de pau, de sorte que se prestem a instigal-os sem offender a quem transita.

—Si tomassem essa providencia, conseguia-se dous fins: menos selvageria para com os animaes, e mais cautella para que quem socegada e tranquillamente vae seu caminho, não fosse maltratado pelo chicote dos carroceiros.

—Va esperando por isso.

—A posse do Exm. barão de S. Lourenço foi debaixo de todas as etiquetas do estylo.

—E concorredissima.

A praça encheu-se de espectadores.

—Distribuiu-se uma proclamação, na qual S. Ex. mostra muitos bons desejos para com esta terra de seu nascimento.

—Deus o permitta que elle o realise.

—Antes de hontem a noite a creoula Umbellina, conhecida por *Casadinha,* travou razões com um sargento da Sé de nome Gregorio, seu *conhecido* e passou-lhe a navalha com tanta gana que quasi o manda para a contra-costa.

Recolhido ao hospital, foi d'ahi levado por seus companheiros para sua casa de morada.

—*Amisade* que maltrata, diabos a leve.

—A aggressora acha-se na Correcção soffrendo as consequencias de sua excessiva *força de genio.*

—*Pifões, pifões* é que causam tudo isso.

LA VAE VERSO.

O impposto pessoal
E' de certo invenção guapa,
Pagam uns, outros pexinxam;
Quem tem seu padrinho escapa.

Certo cofre da Bahia,
Soffreu bem grande sulapa,
Tapou-se depressa o furo;
Quem tem seu padrinho escapa.

Entra um rato no thesouro,
Cobre, papel, tudo rapa,
Si o furto é grande, reparte;
Quem tem seu padrinho escapa.

Tenho feito, meu caderno
De ladrões um grande mappa;
Furtar sem letrado é peta,
Quem tem seu padrinho escapa.

Quem luxos faz sem poder
De velhaco tem a capa;
Dos calotes vae vivendo;
Quem tem seu padrinho escapa.

Cavallo de estribaria
Engorda bem com garapa;
Ministro pobre... é historia;
Quem tem seu padrinho escapa.

Quem tem dinheiro bastante,
Da justiça a bocca tapa,
Matando nunca tem crime;
Quem tem seu padrinho escapa.

Á PEDIDO.

PASSATEMPO POLITICO.

I.

Oh vaidade! só tu podes esconder as nossas miserias e parvoices; so tu, porque podes muito, és capaz de fazeres com que o preto fique branco e vice-versa, sem pedires licença a sciencia e as artes!.....

E por isso pode dizer o fatuo, senhor de si e cheio de vento:

Quero viver sempre assim:
Eu so vivo para mim....

Esquecido o homem do seu ser primitivo, é. quasi sempre, propenso a *idolatria* e nenhum idolo é mais poderoso do que a *deosa politica*, representada pelos partidos nestas figuras de papelão, de pau, de pedra, de barro, de lama e de outras substancias amoldaveis e maleaveis, que apparecem e desapparecem da scena, ou pelo capricho do tempo, ou pela ambição dos homens.

E' dahi que nascem ou apparecem os *abyssinios*, os *japonezes* e os *israelitas:* os primeiros para *apedrejarem*, e os segundos para *idolatrarem* e renderem culto a seus *deoses*. Temos infelismente entre nós muitos *abyssinios*, muitos *japonezes* e muitos *israelitas:* os *japonezes* adoram cegamente o seu deus *Juggernaut*, deixando-se morrer debaixo das rodas do carro em que o levam em procissão, e fazem este penoso, mas voluntario sacrificio, para alcançarem o reino do ceu; outros mandam ferir cruelmente seus corpos e depois de bastante ensanguentados são suspensos por compridas cordas, para assim dependurados renderem culto a tão cruel e abominavel idolo.

Antigamente os *israelitas* adoravam no cativeiro a *Priapo*, a *Baalfezor*, a *Astaroth*, *Artarthe*, e a *Maloch*, a quem sacrificavam até crianças; mas Deus para punil-os mandava sobre elles os mais severos castigos talvez o povo brasileiro esteja no mesmo caso; porque Deus tambem para castigar-nos deu-nos uma guerra devastadora, que ameaça engolir-nos n'um abrir e fechar de olhos; e parece que não satisfeito com isto, ahi surge um *partido* que, segundo a tradição, so sabe governar com ferro e fogo!.....

Estamos por tanto em uma completa *balburdia*, depois que o partido progresssita apagou o fogo de suas caldeiras governamentaes.

Neste *fervet opus* ja vão apparecendo certos factos, que mostram que temos de passar por alguma cousa.

Tiraram o sino grande de uma das torres da imprensa —o *Diario*—e deixaram o sineiro com o badalo na mão!

Esta mudança foi operada com tanta *soffreguidão*, que nem se lebraram que o sino tinha *badalos*.

O partido *progressista* mascarado hoje com a *mascara liberal*, está montado no cavallo da imprensa, depois de haver consultado por largas horas a um dos mais celebres *theologos* do nosso tempo de origem *grega*, que com uma milagrosa maromba de chumbo, tem alcançado tudo quanto é *em politica*.

Feliz de quem Deus quer bem.

Mas tudo passa.....

Ahi vem o S. Lourenço, o milagroso santo dos *ventos*, para deitar um pouco d'agua fria por sobre tudo isto e arranjar a *politica conservadora* em prosa e verso.

Este santo, (o S. Lourenço) como todos sabem, é pau para toda obra e ja passou aqui

Vida folgada e milagrosa....
Comeu, bebeu, dormiu e acordou.

Agora vem elle dar a ultima de mão no quadro do seu *futuro* nesta feliz terra que o viu nascer

Nesta terra de bananas,
De vatapá e angú,

De moquecas e batatas
De tabocas e bambú.

(Continua.

—E' certo que o Fausto atirou foguetes com a chegada do barão de S. Lourenço?

—Vinte e cinco duzias, dizem.

—Entenda-se lá semelhante gente!

—Porque?

—Pois o homem dos festins populares pelas boas noticias da guerra, que foi até buscar o caboclo na Lapinha, é o proprio que no dia em que o spirito publico lucta na incerteza da triste nova de um destroço, attreve-se a atirar foguetes!

—Não lhe enterrompendo, V. me diz que fructa é essa chamada spirito publico em nossa terra?

—Não metta o caso a gracêjo, e me diga o que conclue d'ahi.

—Ora o que é que eu hei de concluir? Si não houvesse *pau para toda obra* certas cousas deixavam de se fazer.

—V. me diz qual é a politica do Vital?

—E' a progressista. Não o viu defender na assembléa o Azambuja.

—Mas disseram-me que elle agora é conservador.

—Eu o vi hontem entrar em palacio na occasião de tomar posse da presidencia o barão de S. Lourenço, e demorar-se muito tempo lá dentro.

—Pode ser que chegasse á tempo de virar a casa, quem sabe!

—Esses politicos de *maromba!*

MOTTE

No regimento de Marte,
Cupido toca tambor

GLOZA.

Ganha ahi a prima parte
O fero Deus da trahição,
Pois é elle capitão
No regimento de Marte.
Dotado de genio e arte
Mette aos outros so terror;
E' tambem habil major
O destro deus do engano;
Toca corneta Vulcano
Cupido toca tambor.

PERGUNTA INNOCENTE.

Como consideremos hoje, como sempre, o Sr. coronel Lourenço de Souza Marques um homem politico, e ignoramos a que partido S. S. pertence actualmente, desejavamos que désse-nos *um ar de sua graça,* afim de sabermos o que é S. S. em 68, visto que em 67 já não foi o mesmo de 63.....

O curioso.

Chama-se a attenção de quem competir, para o procedimento irregular de certos mocinhos que moram em uma casa nobre, cujos fundos dão para a Estrada Nova e a frente para o Pelourinho; os quaes todas as tardes divertem-se em atirar pedras em quem passa pela estrada, resultando de tão desasado brinquedo, o levar uma pedrada uma pessoa que por alli desapercebidamente passava um dia destes.

E para que não se reproduza uma *graça,* que pode ser prejudicial, pede-se a quem competir que tome providencias para que não continúe.

O offendido.

—Eu sou um professor que entendo tanto de grammatica, como um burro de fazer casacas.

Quiz estudar um pouco para o commercio; mas depois de tres mezes conheci que quem não é para as cousas, não se metta nellas.

Vaguei por Montevideu, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e nunca pude me aboletar, até que vim esbarrar a esta terra de papalvos, que engole tudo quanto é carapetão, e abri uma casa de instrucção, precisando eu ainda de instruir-me. A esta casa cabia bem o nome de aula de necedades, por que eu faço quanta asneira me vem a cabeça. Ainda outro dia queria explicar um ponto da Historia do Brasil, e fiquei tão embaraçado que ordenei aos discipulos que fechassem os livros, por que eu não podia com a zoada dos assobios (era no sabbado de Ramos.)

Ja sinto por ahi murmurarem—e o que faz o *director do ensino?*

Ora bem bello! O director anda azafamado conduzindo o internato para o barracão da *Estrada Velha,* e ainda que não estivesse, bem se sabe que este torrão é a terra classica da protecção aos estrangeiros, os quaes passam vida de *Lopes*; em quanto os patricios se quizerem passar vão cavar *barro.*

PARA VEREADORES.

1.º Barão de Saubipe.
2.º Barão de Matoim.
3.º Dr. Rego—Pac.
4.º Commendador Joaquim Torquato Carneiro de Campos.
5.º Commandante superior Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.
6.º Dr. Antonio Euzebio Gonsalves de Almeida.

7.º Elpidio da Silva Barauna,
8.º Dr. José Luiz de Almeida Couto.
9.º Coronel José Lopes Pereira de Carvalho.

Motte

No trapiche d'amisade
Quebrou o barril amor.

GLOZA.

A tão pura lealdade,
Cahiu aos golpes da parca;
A trahição ja desembarca
No trapiche d'amisade.
Hoje tudo é falsidade,
A razão não tem valor,
Perdeu Diana o pudor,
Protestou jamais ser pura,
Na praia da desventura
Quebrou o barril amor.

MOVIMENTO DO PORTO

Ilhas *Calsadenses*, pelo porto do *Canta gallo*, galera S. *Francisco*, de 320 tons., capitão *Cuspo-Cuspo*—2 volumes arreios para um ginete, 4 caixões preparativos para exercicios gymnasticos, 2 brochuras compendios para ensinar a montar cavallos e não levar 11 quedas.

VARIEDADES.

REQUERIMENTO IMPORTANTE

Illm. e Rv. Sr. Fr. Agostinho.

Diz Manuel J. da C. F. que casando-se com Maria Francisca, enganado, na freguesia de N. Sra. do Rozario do Orobó, sem conhecer quem ella fosse, só por informação do Vigario Manuel Ferreira Pacheco, da mesma freguesia, que disse ser ella muito capaz, e fiando-me no dito Vigario, elle mesmo ajustou o casamento na sexta feira com a malvada, e sabado cazou-me com ella sem correr banho algum, tudo fóra da lei, porque se elle corresse os banhos, eu que não a conhecia, perguntaria a quem a conhecesse para me darem noticia da má fama della, pois que era uma malvada e dezestrada, que estava com seu amazio em casa, e era de quem queria; não me casaria com ella se me informassem quem fosse a tal dita, mas só depois de casado é que soube quem ella era: — ella que só viveu commigo, um mez, fugiu no fim d'elle e esteve separada de mim 5 mezes: quando teve lugar a Santa Missão no Rozario, que V. Rev. tambem foi, lá Fr. Paulo mandou chamar ella a sua presença para lhe dizer que fosse viver commigo e eu com ella, eu como sou temente a Deus perdoei a falsidade que ella me tinha feito, e ella só viveu commigo mais um mez, e fugiu outra vez com o amasio d'ella; e assim rogo a V. Rev., pelo amor de Deus, dispensa para eu casar-me com outra, visto estar isto tudo nullo: por tanto

Pede a V. Rev. para despachar
á petição o que pede.
E. R. M.

BOA LIÇÃO

Um estalajadeiro, diz um jornal hespanhol, foi esta quaresma confessar-se ao mesmo padre que o ouvira de confissão o anno passado.

Havia o confessor perguntado ao penitente se elle costumava untar os dentes aos cavallos dos viajantes que pernoitavam em sua casa, para que não comessem a cevada, o penitente respondeu que não.

Mas estes anno foi o estalajadeiro o primeiro a accusar-se de semelhante peccado.

—Então, perguntou-lhe o padre, porque motivo praticaste essa fraude, quando o anno passado me dissete que nunca tal peccado havias commettido?

—E' porque até que V. Revm. m'o ensinasse eu não o sabia.

Um medicio que estava tratando um doente, depois de applicar diversos remedios sem conseguir melhora, deliberou-se a mandar sangrar o enfermo; ao que observou lhe a mulher do mesmo:

—Sr. Dr., não acha que para sezões a sangria deve ser nociva?

—E porque não me disse a mais tempo que o que seu marido tinha eram sezões, replicou o medico.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Em virtude de não ter comparecido numero sufficiente de Srs. socios, no dia 2 do corrente, para serem lidos e discutidos o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas do trimestre findo, de novo convido-os, de ordem do conselho, a reunirem-se em assembléa geral, no domingo 9 do presente, ás 11 horas do dia, a qual funccionará com o numero de Srs. socios que se apresentarem, além dos de que compõe o conselho, segundo dispõe o art. 34 dos estatutos. Bahia 6 de agosto de 1868.—*A. Ricardo*, 1.º secretario.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 40.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 9 AGOSTO DE DE 1868. N.º 396.

O ALABAMA.

HUMAYTA CAHIU!!

Prestes está a soar o verbo final da guerra emprehendida contra o tyranno governo do Paraguay.

Humayta, a Sebastopal americana, ultima esperança do inimigo, desde 25 de julho que cahiu sob o poder das forças alliadas!

E' possuidos do mais frenemte enthusiasmo que reproduzimos essa immorredoura nova, que circulou hontem electricamente por todos os angulos desta capital.

A Bahia, a provincia que mais tem concorrido para o desagravo completo da honra e dignidade nacional, orgulha-se por este feito heroico, por este grande e esplendido triumpho, cujo consectario infallivel é a terminação honrosa da lucta que ha quatro annos sustentamos.

Tantos sacrificios, alem da justiça da causa, deviam ser coroados pela Providencia, que vela sobre os destinos do imperio do Cruzeiro.

Eis, em resumo escasso, o que diz o boletim do *Jornal do Commercio,* que temos a vista:

»Os paraguayos, no extremo arranco da fome e do desespero, evacuaram a fortaleza e retiraram-se para o Chaco, deixando grande quantidade de artigoe bellicos,

Ahi estão sitiados em frente pelos alliadas ao commando do corodel Rivas, e abaixo e a cima pela nossa esquadra.

O marquez de Caxias, reconhecendo o desespero da posição em que se acham, mandou por momentos cessar o fogo, intimando-os a que se rendessem.»

A explosão de contentamento que prorompe de nosso coração por tam brilhante nova embarga-nos a penna de escrever mais.

Certas commoções sentem-se, mas não se descrevem.

A cidade está em completa ebolição de prazer e alegria.

O sentimento sopeado, a tanto tempo, por fàlta de noticias lisongeiras, rebenta de um modo sorprehendente.

Nos ares atroam incessantemente immensas girandolas de foguetes.

O povo, de todas as hyerarchias sociaes, que percorre as ruas ao som de musicas marciaes, é immenso.

Quasi todas as casas poseram luminarias.

Até a egreja mostrou regosijo pelo triumpho dos seus.

Viva a religião do estado.

Viva a nação brasileira.

Vivam o exercito e armada imperiaes.

Viva S. M. o imperador.

Viva o patriotico povo bahiano.

Accrescentamos agora:

Participação official do ministro brasileiro em Montevidéo:

«Illm. e Exm. Sr.—Com tres cartes do

mais vivo jubilo apresso-me a communicar a V.Ex.que no dia 25 do corrente cahiu em poder dos alliados a famosa Humaytá com toda a artilharia e grande copia de petrechos bellicos.

A sua guarnição, forte de 4,000 homens, morreu ou rendeu-se.

Incluso achará V. Ex. o telegramma qne fiz logo publicar, pelo qual nosso enviado extraordinario em missão especial deu a faustissima noticia de tão glorioso acontecimento.

S. Ex. o Sr. presidente da republica mandou logo o seu secretario particular felicitar-me por tão brilhante victoria das armas alliadas.

Reina aqui o mais vivo enthusiasmo.

Afim de que o governo imperial receba com a maior presteza notica de tanta magnitude, resolvi que partisse sem demora para essa corte em um dos vapores da estação imperial nestas aguas o secretario interino desta legação, Sr. Almeida e Vasconcellos, portador deste officio.

Congratulando-me, pois, com o governo imperial, e rogando a V. Ex. haja de em meu nome beijar a mão de suas magestades e altezas imperiaes por tão explendido triumpho da mais justa das causas, prevaleço-me do ensejo para reiterar a V. Ex. os protestos de minha mais subida cosideração.—*Antonio José Duarte de Araujo Gondim.*

AS PROFISSÕES.

Todas as profissões teem seus perigos.

Si o pedreiro correndo sobre os telhados está exposto a escorregar em as telhas e ardosias, o estudante de medicina pode morrer ferindo-se em uma lanceta mal limpa.

Si o pintor de navios pode ter uma vertigem em o seu andaime, o gravador perde a vista, e o escriptor esta sujeito ás fadigas do cerebro e as desordens do spirito...

O mineiro vive cercado de mil perigos.

O bombeiro expõe-se ao fogo para salvar a vida e a propriedade do proximo.

Assim como na religião, na sciencia e na industria, as profissões manuaes teem tido martyres em todos os tempos.

Plinio, o moço, no anno 69 da nossa era, approximou-se do Vesuvio para melhor observal-o, e foi suffocado pelas chamas.

O engenheiro Lebon, que aperfeiçoou o gaz, cahiu em os Campos Elysios, aos golpes d'aquelles a quem roubava o beneficio das trevas, allumiando as ruas publicas. Foi um martyr do progresso!

Em as epidemias teem succumbido, exercendo a sua profissão, mais de um medico, martyr de sua dedicação.

O RISO.

O riso ou é expontaneo ou obrigado.

Ou é puro, ou contrafeito.

Rimo-nos a cada momento por tempo, por uma pessoa, por qualquer cousa.

Fingimos rir por uma graça; rimo-nos de prazer, com constrangimento, por acompanharmos uma sociedade, com fingimento, e temos o riso do odio e o riso sardonico.

Democrito ria-se de tudo.

Certas hordas de gentios riem-se loucamente nos banquetes que dão quando morrem algumas de suas tribus.

A duqueza de Montpensier ria-se à lembrança de um dia poder assassinar Henrique 3.º

La Rochefoucauld ria-se sardonicamente quando premeditava uma vingança.

A virgem ri-se em seus sonhos amorosos.

Tambem se ri ao desfolhar uma flôr, á lembrança de um futuro dia de felicidade.

O louco ri-se sem saber de que.

Clotario II, riu-se ao saber do supplicio da rainha d'Austrasia mulher de Sigisberto.

Em um baile o riso é constante em todos os semblantes.

Frederico II. estava constantemente rindo-se.

As mães riem-se constantemente ás meiguices de seus filhos.

Os sabios riem se de commiseração pelo pedantismo dos charlatães.

Os scribas e phariseus riram-se de contentamento ao ser Christo condemnado.

A filha de Herodes ria-se ao pedir a cabeça de S. João Baptista.

A viuva de Naim riu-se de prazer quando Christo resuscitou a seu filho.

O infante ri de qualquer cousa.

O traidor ri-se ao commetter a traição.

Judas dando o osculo a Christo ia com o riso nos labios.

O riso é a expressão pura do contentamento.

Tambem o riso encobre a maldade.

O seductor ri-se quando ha enganado a incauta victima que arrastou a perdição.

O mal de S. Guido obriga o paciente a rir sem querer.

O poeta sentimental é raro rir-se.

Quasi todas as estatuas tem o semblante risonho.

O riso é uma distincção dos labios, ou seja expontaneo ou forçado.

O riso é bello para o amante a quem é dirigido.

O riso é terrivel quando sarcasticamente è comprehendido.

Riso, sorriso, risada, gargalhada são synonymos que predizem alegria, o jubilo, o prazer, a ventura quando é natural.

B. C. Demon.

Á PEDIDO.

—Era uma linda noite de luar do mez de janeiro do anno passado.

De volta de um passeio que haviamos feito a tarde a um dos pittorescos arrabaldes desta cidade, encontramos,as onze horas e meia da noite, sentada em uma soleira, tendo junto de si uma linda criança, que representava ter quando muito tres annos de idade, e de uma preta, que em pe a acompanhava, uma moça que logo nos reconheceu.

Paramos admirados de a ver nesse logar a taes dechoras sem mais outra companhia que essa que acabàmos de mencionar.

—O senhor me poderá informar, nos perguntou ella, onde fica aqui a rua de...

—Não está muito longe, lhe respondemos nós; mas seremos por ventura indiscretos, se nos atrevermos a perguntar-lhe o destino que a leva a estas horas, em um logar tão remoto de sua residencia?

Reconhecemos que esta pergunta a tinha posto em embaraços, e logo nos arrependemos de nossa indiscripção.

Todavia, si bem com difficuldade, ella nos redarguio:

—Procuro a casa de uma minha prima, que me dizem morar nessa rua.

—E' difficil, lhe tornamos nós, saber agora ao certo a sua residencia; si ao menos soubessem o numero;mas porque não guarda esse passeio para amanhan.

—Amanhan? nos disse ella, mal podendo conter as lagrimas; e onde passarei esta noite?

—Como?...e seu marido?

—Meu marido, oh! meu marido é um mau homem; sim, o senhor o conhece; acaba de me lançar fora de casa, a mim e a este pobre innocente, que não tem culpa dos desvios de sua mãe.

Abandonada e sem um abrigo onde acolher-me, lembrei-me dessa parenta, dessa boa amiga, que nunca me despresou em outros tempos.

—E porque motivo, a interrompemos nós, elle assim praticou com a senhora?

—Ah! senhor, intrigas, intrigas de uma mulher em quem eu confiava, e que talvez com vistas em meu marido, acaba de denunciar-lhe que eu amava outrem...mas eu affirmo...juro...

—Basta, senhora, não é preciso tanto; mas quer acceitar o meu conselho?...de quem é essa preta que vae em sua companhia?

—Esta rapariga é de uma visinha, que com pena de mim, me mandou para acompanhar á casa de minha prima. Ja estou tão cançada...

—E si a senhora não encontrar a casa dessa sua prima? Olhe é melhor voltar, e recolher-se a casa de sua visinha; talvez que amanhan seu marido melhor informado...

—Oh! não; meu marido ..nunca, nunca mais quero vel-o. Acceito o seu conselho quanto a pedir uma pousada em casa da minha visinha; mas amanhan...tomarei outro rumo.

Proseguimos o nosso caminho, e la ficou ainda sentada essa moça, em cujo semblante debulhado em lagrimas ninguem deixaria de ler a innocencia de seu sentimento nem a pureza de seu coração.

Essa moça era—Henriqueta.

(Continúa.)

VARIEDADES.

INDUSTRIOSOS

Le-se n'um *Jornal* portuguez:

Um d'estes dias succedeu um curioso facto.

Albino de tal, moço de um padeiro de Valongo, acabara de fazer a distribuição do pão pelos freguezes, e tratava de regressar a casa de seu amo.

Vinha elle socegadamente por Massarelos adiante, quando foi abordado por um desconhecido que travou com elle o seguinte dialogo:

—Vocemecê é de Valongo!

—Sou, sim senhor.

—Então ha de fazer-me um favor!

—Diga la.

—Levar-me um recado ao Bernadino, padeiro. Conhece-o?

—Como os meus dedos.

—Que é isto! Esta exclamação fôra feita pelo desconhecido, que continuando a andar,se abaixara e apanhara um pequeno embrulho de papel.

Abrindo-o appareceu uma libra falsa que parecia verdadeira. Aos olhos do boçal rapaz era-o effectivamente.

—Vamos a ver si é boa, disse-lhe o desconhecido.

E chegando mais adiante dirigiu-se a um individuo que estava parado junto a esquina da rua da Restauração:

—Faz favor de me dizer si esta libra é boa?

—E' sim senhor. Quer que lh'a troque?

—Nada, não senhor, muito obrigado,

E juntando-se ao moço padeiro, disse-lhe em voz baixa:

—Vocemecê leva ahi quatro meias coroas?

—Levo, levo, sim senhor.

—Pois dê-m'as ca e guarde esta libra; dou-lhe o resto para si. Em paga ha de procurar me o Bernardino, e dizer-lhe que o José Antonio anda ca desesperado á espera da encommenda que elle ficou de lhe mandar.

—Direi tudo o que vocemecê quizer, disse o rapaz, desbarretando-se humilde e gratamente. E fique-se na graça de Deus.

Separaram-se. O rapaz, ao chegar a Batalha, entrou n'uma loja a trocar a libra para repor no sacco respectivo as quatro coroas e guardar o resto do dinheiro para si.

Ficou passado quando o dono da loja lhe disse que a libra era falsa.

Entrou em outra loja, depois em outra, e por fim entrou na quarta loja. Obteve sempre a mesma resposta: *Esta libra é falsa*

O pobre rapaz arrepellou-se. Não bastava ter do pagar as quatro meias coroas.... 2$ reis, ainda tinha talvez, de levar grande sova de seu amo, que não é para graças.

Segundo nos consta, andam muitos dos taes industriosos pelas margens do Douro a ver se exploram os basbaques d'aldeia, que andam ali sempre a ver navios.

—Por ca ainda não ha destes; mas.....

SO FALTAVA TAMBEM UM BOTICARIO

Um medico, installado recentemente n'uma casa das principaes ruas de Paris, foi ha pouco visitado por um desconhecido, que se lhe apresentou com os modos mais delicados.

—Cavalheiro, disse o desconhecido para o medico, na qualidade de visinho, tomo a liberdade de vos vir visitar.

—Com muito gosto, respondeu o medico inclinando-se. Agora estimara saber, si em alguma cousa lhe posso ser util.

—Agradeço e acceito, tornou o desconhecido. Eu estabeleci-me ha pouco nesta casa, e preciso de quem me recommende. Lembrei-me de V. S. e portanto supplico-lhe me recomende á sua clientella.

—Não tenho duvida alguma, disse o medico; mas poderei saber que genero de industria exerce?

—Vendo caixoes para defuntos.

COUSA ACONTECIDA.

Um cirurgião parteiro, na cidade d'Oulins, da qual o arcebispo de Lyon era soberano e aonde tinha uma magnifica casa de campo, fôra chamado algumas vezes pelo prelado, em serviço de sua profissão, quando havia algum domestico doente. Orgulhoso dessa clientella o digno practico mandou pôr em cima de sua porta uma taboleta com este distico: « Claudio Poucet *cirurgião parteiro do senhor arcebispo.*

MAXIMAS DO DR. XIMANGO.

Quem dorme as escuras
Vê feias figuras.

Saltar tem perigo
Quebrar do embigo.

Fritada de gia
Dá sempre alegria.

Vigario de aldeia
Não ganha p'ra ceia.

E' bom crear gato
P'ra livrar de rato.

Quem dorme ao sereno
Tem sonho obsceno.

Quem cheira alcatrão
Não sente paixão;

Escaldado de buxo
E' bom p'ra defluxo.

Quem conta anecdotas
Sempre anda de botas.

Mocinha amarella
Sempre tem ramella.

Onde mora o burro
Sempre ha susurro.

Quem tem dôr nos peitos
Não coma confeitos.

Negocio com africanos
Sempre acaba em damnos.

A VERDADEIRA BELLEZA.

Dous doutores solteiros encontram-se no passeio publico do *Rio de Janeiro* com um velho que dava o braço a uma moça. Um delles, depois de ter lançado os olhos na moça que era realmente feia, diz para seu companheiro:

—Que coruja!

—E' a filha do commendador B ...., retorquio o outro; tem 100:000$000 de dote.

—Deveras! disse o primeiro assestando a luneta; é verdade, agora é que eu reparo... que pé delicado tem ella!... faria inveja a uma chineza!... E que lindos olhos!... tão bellos não tem uma Andaluza!...

*

Eis a verdadeira belleza da mulher. Emquanto as moças pobres infatuadas buscam marido com *Dr.* (doutor,) elles, por seu turno, querem mulher que tambem tenha *Dr.* (dinheiro).

Typ. de Marques, Aristides e C.ª

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 40.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 12 AGOSTO DE DE 1868. N.º 397.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de agosto de 1868.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que recommende a seus agentes a mais rigorosa execução da postura ultimamente creada, prohibindo despejar-se lixo na rua; a-fim de prevenir que muitas das mesmas ruas não continuem amontoadas de cisco por dous e tres dias. Espera-se que a Illma. acceda a tão justo quão diminuto pedido.

—Até que emfim chegaram os principes, ha tanto tempo esperados.

—E o Sr. Azambuja, que fez tantos convites, que encommendou tantos bolinholos, não teve a honra de os receber.

—E' verdade; estava reservado este prazer para o Exm. Sr. senador barão de S. Lourenço.

—Foram ao theatro.

—Mas retiraram-se no fim do primeiro acto.

—Por causa, talvez, do bom desempenho dos artistas dramaticos.

—Acho que foi isso.

—O hymno foi excellentemente desempenhado pela Sra. Izabel, pelo que deviam offerecer-lhe uma dentadura.

—No dia 10, o corpo academico, reunido em batalhão, com uma bandeira nacional, foram saudar a S. Ex. o presidente da provincia pelos ultimos triumphas do exercito e armada nacional.

—E' só?

—Não. Foram depois á casa do Sr. Fernandes da Cunha, cumprimental-o como...

—Como o que?

—Eu sei lá... Foram ainda á casa do Dr. Junqueira....

—Bem, basta; não sabia que os medicos tem partido.

—Os honorarios do exercito, vindos do Sul, foram hontem cumprimentar ao Sr. presidente da provincia.

—Vire folha, é materia velha.

—Ha muita gente sem alma, nem coração.

—Que grande achado fez V.!

—Como é que ainda ha gente que se lembra de martyrisar uma creatura com uma corrente, á maneira de animal, trancada, privada de ar e de luz, somente porque essa desgraçada tem o nome de escrava!

—De malvados o mundo está cheio.

—Porem a malvadez cresce, porque, havendo quem, condoido da miseranda, a quizesse comprar, os algozes, para cevarem o ferino genio, a não quizeram vender!

—V. que esta tão orientado é porque sabe onde é.

—Como as palmas de minhas mãos.

—Ora diga-me lá onde está situado esse antro inquisitorial.

—Eu?... Deus me livre. Quero la que me chamem *pelourinho* das reputações honestas?

—Pois si me dissesse, eu corria ja para o Dr. Antero, moço a respeito de quem tenho as melhores informações. Comtudo vou mandar o grumete n.° 12 pesquisar isso.

—Não se pode dar maior deleixo e incuria!

—Vem V. fazendo um escarceu; vão ver que a cousa expremida não deita summo.

—Deixe dar meu recado, si quer ouvir.

—Falle.

—E' crivel que, havendo uma postura municipal que prohibe dentro da cidade crear-se porcos....

—E' a 99:

—....se tolere com o mais inqualificavel escandalo as irmans de charidade crearem porcos, a ponto de por uma vez, na semana atrazada, venderem uma manada de trinta porcos?!...

—Talvez ainda não chegasse ao conhecimento dos fiscaes.

—Não é com essas, porque ja tem se bradado mais do que o preto do leite.

—E' que padecem de surdez.

—Ora fomente-se! E o que faz o Sr. provedor? O que fazem os medicos?

—V. gosta de esmerilhar cousas! O melhor systema para se viver hoje em dia é fazer a *vista gorda*.

—De sorte que todo apuro das charidosas é em trazerem o assoalho alvo como papel, e tudo o que dá na vista aceiadissimo, embora estejam a envenenar os pobres doentes com o putrido tijuco, produzido por mais de cincoenta porcos agglomerados?

—V. tem uma lingoa maior do que a dos outros!

—Eu tinha mais o que dizer; porem....

—Ja agora, principiou acabe, como dizia a velha.

—Para ao depois o Sr. vir com quatro pedras na mão sobre mim?

—Ora não se faça rogado.

—E' cousa muito trivial: sobre o facto das castas senhoras assistirem ao acto da procreação para saberem a raça de cada animal.

—Bom, como é cousa trivial, empine-se.

—Tambem quando o *Jornal da Bahia* dá para exagerar, ninguem lhe leva a palma.

—E' como V. quando dá para se entrometter no que não é da sua conta.

—No numero de domingo diz elle, noticiando a posse do chefe de policia:

«Pede a justiça que apresentemos ao Sr. Dr. Mendes os mais sinceros agradecimentos em nome da provincia pelos relevantes serviços, que prestou durante os poucos dias, em que esteve na direcção da policia.»

Ora não sei realmente quaes foram os serviços que fez o Sr. Dr. Mendes na policia. Não quero com isto dizer que S. S. não tivesse as melhores intenções; mas foi tão rapida a sua passagem na admnistração policial que não deu copia de si, resumindo-se sua gerencia a propostas de demissões e nomeações policiaes.

—E isso mesmo não é serviço?

—Ah! assim estou de bocca fechada.

—A cabra com o vicio da com os chifres no toutiço.

—Capadocismo.

—Seja ou não, vem bem a proposito do que vou dizer.

O desenfreamento em que deixam uma malta de moleques tambores, praticando quanta diabrura ha por essas ruas, deu para um de nome Claudimiro, de artilharia, abrir a porta de uma mulher e ir farejar-lhe a arca.

—E' por que elle ja tem a indole de rapina.

—Pois o Sr. coronel Silva Reis, que não tolera mal-feitos, o enviou para a corveta, onde se corrigirá de tão mau costume.

—Indubitavelmente este é o seculo das maravilhas.

Até os cegos ja leem.

—Onde comprou V. este peixe?

—Li aqui, na *Imprensa Academica*.

—Repita que quero ouvir.

—«*Imprensa para os cegos*.—No collegio de cegos de Lausane existe desde 1856 uma imprensa destinada a imprimir obras para os cegos. Ainda o anno passado acabou-se de imprimir todos os livros canonicos do antigo e novo testamento, vertido para o francez. Da mesma typographya tem sahido muitos livros em allemão.

Como é sabido, os cegos lêm por meio dos dedos, por isso as letras impressas devem ser grandes e com elevações bem sensiveis sobre o papel, que por este motivo só pode ser impresso de um só lado, tornando assim os livros muito volumosos.

Pelo relatorio publicado por Hirzel, director do collegio, vê-se que a Biblia para os cegos consta de 32 volumes de 4595 folhas e custa 150 fr. 80 c.

As letras elevadas e pontuadas (sem cor) cansam muito a vista; de tal sorte, que uma professora encarregada de corrigir os impressos, por duas vezes ficou doente dos olhos (irites.)

Os cegos lêm depressa e com grande facilidade; uma menina cega leu o evangelho de S. Marcos em duas horas e vinte minutos e um rapaz em uma hora e quarenta e cinco minutos.»

—Bem. Mais eu hei de ficar satisfeito quando se inventar o methodo de passar sem gastar dinheiro.

—E eu de não se morrer.

LA VAE VERSO.

Soneto.

Amor é um ratinho de gaveta
Que o coração nos róe muito a miudo;
E' menino, ora alegre, ora trombudo,
Que ora ri, ora pula; ora se aquieta.

E' um—não sei o que—que nos inquieta,
E' um enredador, um abelhudo;
E' um fona, que tem cara de tudo;
E que, sem ver dé que, fica pateta!

E' um cego, que anda aos tropeções;
Um lacaio credor de zombaria;
Um avarento cheio de ambições.

E' mal, que custa mais, si se allivia;
Um coitado entre mil perseguições,
Um doudo, que suppõe noite o que é dia.

MOTTE

Deu quatro bofetadas em Cupido.

SONETO

Esta noite o Parnaso alevantou-se,
Minerva deu taponas em Vulcano,
E tomando um tranca o tal magano
Com a dona das sciencias atracou-se.

O timão de Cupido espedaçou-se
Apezar de ser feito de bom panno;
Depois de ter sofrido um grande dânno,
O cordão da ceroula arrebentou-se.

Veio a mãe dos amores muito irada,
Com focinho zangado e retorcido,
N'um capote escossez toda embuçada.

E para o tal judeu não ser sahido
A Venus, que é mulher da pá virada,
Deu quatro bofetadas em Cupido.

Á PEDIDO.

—Sabe? Chegaram o Joaquim Augusto e sua Sra. D. Vellute artistas dramaticos. Consta que vão dar alguns espectaculos.

—Com que gente?

—Com a que aqui existe. Informam-me que a primeira representação é—o *Pelotiqueiro*.

—Não é possivel

—Mas porque?

—Por que o drama exije um galan e uma ingenua, fazenda que actualmente não ha nesta terra.

—Ora! pois eu assevero-lhe que ja se está ensaiando.

—Petarolas!

—Consta-me até que o Miguel do Sacramento se encarrega do papel de galan e se compromette a dar uma dama ingenua.

—V. está doudo ou o Sacramento quer cassuar.

—E até a *Mariquinhas*, creio, toma parte no drama!

—Mais outra! Pois V. não sabe que ella não pode representar por prohibição do conservatorio?

—Até ver não é tarde.

—E eu lhe digo qne V. está redondamente enganado, por que o admnistrador não consente tal balburdia.

PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SÉ.

O Capitão Jovino Cezar da Silva.

Um volante.

Progressistas, correi todos,
Receber vinde Mané,
Que traz poderes immensos
P'ra dar força ao *candonblé*.

Ocu babá,
Ocu gerê,
Gato-marisco
Virou saruê.

La do Rio vem chegando
Mané de cara panada
Trazendo p'ra seus amigos
Bagatellas e mais nada.

Ocu babá,
Ocu gerê,
Gato-marisco
Virou saruê.

Esse dicto vira-folha,
Que dizem ser femea e macho,
Querendo ser grande cousa
Nunca passou de um capaxo.

Ocu babá,
Ocu gerê,
Gato-marisco
Virou chebê.

Orúbú come carniça,
Gavião furta gallinha,
Mané de Souza o que faz?
Só quem sabe é *baratinha*.

Ocu babá,

Ocu gerê
Gato-marisco
Virou saruê.

(*Continuação do numero antecedente.*)

—Vedes essa mulher bella, risonha e cheia de atrativos, que ao lado de um homem deixa arrastar pelas calçadas o roçagante e almiscarado vestido, que provoca a vista curiosa dos transeuntes?

Aproximai-vos della e reconhecereis aquella mesma moça, que ainda hontem em prantos affirmava, jurava que era inocente.

Abri caminho, deixai passar Henriqueta; não lhe embaraceis os passos da perdição. Ella ahi vae para o hotel, para esse primeiro degrau, que deve subir para chegar ao cumulo dos crimes, que a tem de lançar no abysmo da perdição.

E' Henriqueta; essa linda moça, que, aborrecida de seu marido, não pensou na enormidade do nefando crime que a ia conspurcar, esqueceu seus dveres de esposa, não cuidou do tenebroso futuro, que a espera, calcou aos pés a honra de seu marido e de seus filhos; e não se pejou de macular com a baba peçonhenta do aspide, que a havia seduzido, a mimosa grinalda da virtude entrançada pelas mãos da castidade.

E' Henriqueta, a quem seu marido amava loucamente e a quem, prevenido por uma voz amiga, vem inesperado encontrar nos braços do algoz da sua ventura, do assassino da sua honra.

Que fazer em tão doloroso transe? Como despertar de tão horrivel e lethal pesadelo?

«—Vae-te, mulher barbara, infiel, que tudo esqueceste em um momento de hallucinação, brio, dignidade, e mais que tudo, a honra e o puro amor dos teus filhos! Vae-te...»

E quem o acreditaria?

Pois é ella; é Henriqueta, que ainda hontem fingiu arrepender-se de seu crime; sim, fingiu, porque realmente ella o tinha commettido.

Mas parece-me que vos ouço perguntar: E como podeis affirmar isso?

—Como? Ah! antes não o podessemos!

Infelizmente tudo soubemos, tudo sabemos!

No dia seguinte áquelle em que a encontramos na soleira da porta em busca de uma casa conhecida, Henriqueta não tinha voltado a confessar e pedir o perdão de seu crime, nem mais se achava na casa da compassiva visinha, que a tinha de bom grado acolhido na vespera.

Ao romper do dia, seu filinho em balde procurou encontrar os desvellos de sua mãe; esta o tinha abandonado.

Deus porem nunca desampara o innocente; si aquella ingrata e desshumana, d'elle se esqueceu; na benigna hospitaleira em cujo tecto despertara, encontrava elle pela mão da Omnipotencia outra mão, que o hade ainda um dia restituir a seu pae; que tanto por elle se interesse, com aquellas virtudes e nobres sentimentos de que ja por uma vez se apartou a desventurada Henriqueta.

—Não ha nada melhor do que ter-se uma biboca amontoada de mulambos.

—Não lhe louvo o gosto.....

—Experimento-o eu e é quanto basta.

—Pois acha mau gosto o passar-se por negociante... estar-se habilitado a ser-se fiador de casas? &.

—So para não ser fiador eu dispensaria ser commerciante

—Pois eu não porque presto-me a isso a quem me procura, o que me dá importancia, e no fim da historia a afiançada não paga e menos eu.

—Como? pois não assigna uma carta responsabilisando-se?

—E' verdade, mas depois de marcar mil dias para o pagamento, digo ao proprietario com o maior sans façon.—Cite a inquilina e depois de exgotados todos os recursos apresente-se-me.

—Ora bolas! semelhante procedimento so é proprio de um bebado, que em tal estado espanca a mulher em caza do proprio sogro, que o deita fora.

—Vá dizer isso ao Sr. Oliveira, no largo de Santa Illustre.

VARIEDADES.

ECONOMIA DAS ALMAS PEQUENAS.

Andar de ceroulas em casa para poupar calças.

Andar de calças de puchadeiras para puder usar de chinellos.

Ajuntar caixas de charutos vasias para trocar por cheias.

Lustrar sapatos com a borra do tinteiro.

Usar de botins para dispensar meias.

Fazer doce de casca de melancia.

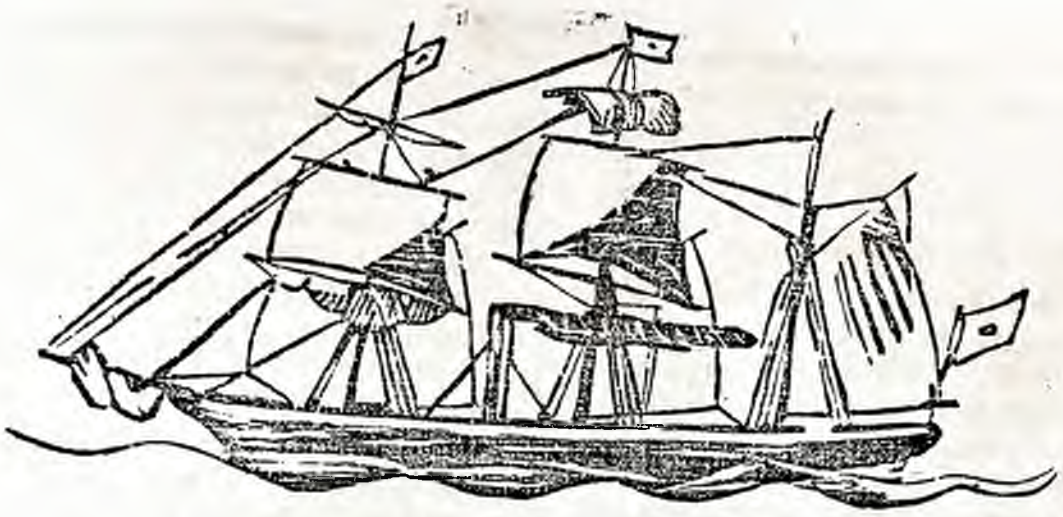
Assuar no dedo para não sujar o lenço.

Apresentar na mesa so assados, porque duram para o dia seguinte.

Aproveitar resto de vestido de seda para gravatinhas.

Apresentar na mesa uma conta certa de palitos feitos em casa para os convidados.

Usar de cuia com farinha na mesa para poupar pratos.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 40.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 14 AGOSTO DE DE 1868. N.º 398.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de agosto de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar. —Sirva-se S. S. de mandar apresentar-se á bordo deste navio certo vendelhão do Caes Dourado, cuja venda é antes de chegar ao n.º 82, para que o mesmo explique o milagre de vender em grande abundancia e por menos que os outros assucar da fabrica do Cabrito, sem que com tudo alguem o veja ir ao deposito da mesma fabrica comprar um sacco ao menos, e, sendo de necessidade descobrir-se como se opera semelhante magica, espera-se que quanto antes S. S. remetta para bordo o requesitado vendelhão.

—Nestes dias não se pode beber agoa do chafariz do Terreiro. E' barro puro!

—E a agoa vem esverdeada.

—Não sei o que quer dizer isto.

—E para que? O povo só deve pagar e tomar o que lhe dão.

—Pois era bem bom, que a direcção da empreza tomasse em consideração o mal, que pode vir á saude do povo pela má qualidade d'agoa e procurar-se melhoral-a.

LA VAE VERSO.

MOTTE

GLOSADO ENTRE A SANTINHA, O SARGENTO ROCHA LIMA E O MEIRINHO JOSÈ GARIBALDI.

Cobra pequena é minhoca.

Rocha Lima.—Peço grade; ás armas, em continencia, la vae a minha:

Gallinha põe ovos molles
Quando acaba, fica choca;
Ferro comprido é vareta,
Cobra pequena é minhoca.

Santinha.—Bravo muito bem, Sr. sargento; repita que está muito boa ou então faça melhor.

Rocha Lima.—Pois la vou dobrar na guarda:

Pepino é fructa cumprida ,
Pau sem miolo é taboca;
Calombo na testa é chifre,
Cobra pequena é minhoca.

Santinha.—Bello, bello, Rocha Lima; agora V. rexavou; fallou até em chifres. Olhe que certa classe de gente não o chame a contas por fallar de uma especialidade, que é só da competencia della.

Ora la vou me expremer para deitar alguma cousa:

Quando os ladrões são collegas,
Nos empregos fazem troca,
Quem furta escondido é mestre
Cobra pequena é minhoca.

Vae a melhor—

Por fim não casou a moça,
Hoje de raiva pipoca;
Logro bem feito é castigo,
Cobra pequena é minhoca.

Meirinho.—Forte canalha! Estou aqui a mais de meia hora a querer improvisar, e a maldita Santinha com o beberrote Rocha Lima não me deixam fallar, sendo eu um homem do forum, que, segundo o codigo, devo fallar primeiro.—Canalha, escutem, si não hei de processal-os por crime de falta de audiencia.

Quando eu casar, ponho em casa
Tranqueta e chave de broca;
As mulheres são bregeiras
Cobra pequena é minhoca.

E vou repetir, para cada um de nós dar um par certo:

Eu vi certa freira velha,
Que so comia taoca;
Baleia ensopada é frango,
Bobra pequena é minhoca.

Á PEDIDO.

CARTA DO ALDEÃO AO CAPITÃO DO *ALABAMA*.

Capitão.—Entendi para mim que devia um dia subir ao capitolio da imprensa—eis-me portanto aqui representando um brilhante papel, para, a exemplo de muitas nullidades, que por estas escadas tem chegado ao fim da jornada, tirar todo proveito das situações, que caem e das que se levantam, conforme sopram os ventos.

Ter talento é muito bom, porém ter geito é melhor; porque não ha difficuldades que o geito não vença e embaraços, que não desappareçam em todos os logares e occasiões; com geito nada se soffre, acerta-se sempre, leva-se os outros de vencida, aproveita-se tudo e tira-se vantagem de todas as cousas deste mundo.

Por consequencia, faça de conta, capitão, que isto aqui é uma aldeia de cabocolos, gente desconfiada e estupida até o ultimo grau; faça de conta que os homens, que nos governam vem do outro mundo—e que os *espiritos* dirigem isto como nos primitivos tempos de Adão e Eva, que andavam com uma mão adiante e outra atraz, e comiam e bebiam o que vinha do ceu; e isto que hoje chamamos mundo, era então um *paraizo* de delicias! Dahi vê-se qual era outr'ora a nossa situação e que vida passava-se; hoje, porem, é o contrario: ahi estão os factos, para por elles tirarmos as provas.

De um lado alguns *expertos* querendo fazer desta aldeia sua feitoria; de outro lado uma sucia de *acrobatas* de maromba em punho, saltando por cima do povo para alcançar as posições, de que foram apeados.

Cada qual mais experto trabalha por illudir a nós todos; uns endeusando-nos e promettendo-nos o que não podem dar; outros dando em prosa e verso fiel cumprimento e execução ás leis e mostrando as vantagens da nossa constituição; historias muito sabidas e por demais sediças, que pouco ou nada produzem.

Depois, esquecidos do seu passado, encarregam-se estes missionarios de nos ensinar a rezar, e quando chegamos ao *padre nosso* não consentem que fallemos no *venha a nós*, porque isso é só para elles *catechistas*.

Estava de colarinho em pé o governo *progressista*, quando, não sei porque, chamou o rei outra sucia para arranjar as malas da patria; metteu os pés em tudo, ficou o pacto fundamental com o nariz amassado, segundo dizem os que entendem da materia constitucional, e nós no mesmo estado de reacção!

O rei emfim venceu, e lá se foram os *progressistas* com suas trouxas debaixo do braço e desesperados tratam agora de tirar a desforra no *partido do rei*: o jogo portanto é o mesmo, somente é novo o banqueiro!

Toda esta aldeia está abalada; parece que os homens, que estavam no poder, endoideceram com a queda; ja andam ás marradas os liberaes de hontem com os liberaes de hoje, e parece que no fim de tudo—nem boi, nem vaca!

Os *conservadores*, que rezam por outra cartilha, estão estudando a maneira de acabar com o resto dos *macacos*, e mais dias menos dias, lá vão *historicos* e *progressistas* de arma ao hombro e mochila na traseira visitar o cacique do Paraguay, em honra, do cacique de cá, ficando a aldeia nas mãos de seus donatarios....

E si entre mortos e feridos
Alguem por acaso escapar,
Peça a Deus por seu amigo
Para que não o deixem matar.

Capitão, o meu partido é o de muita gente: é o partido da *conveniencia*; acredite-me com fé, por que se dissesse o contrario, vossê não o acreditava; e se o nome indica o que sou—*ego sum qui sum*!

Quanto mais nomes dão aos partidos, mais atrazado vai isto: agora, porém, segundo diz a gazeta, só ha no Brasil um partido—o liberal—*comme il faut*; por que quem nasce neste paiz è *liberal* desde os pés até a cabeça, e por dentro e por fora só tem *liber-*

dade!... Ora, ja se viu mentira mais descarada! Até o partido *conservador* é *liberal*, porque sabe que a constituição é o pacto fundamental deste Imperio!...

Capitão, liberal é quem governa ou está de cima, porque dá *liberalmente* o que não è seu: liberal é quem faz desta aldeia sua fazenda e reparte com quem quer os fructos que ella produz; liberal é quem mette a mão nos cofres publicos e tira de lá contos e contos de reis e por fim deixa o paiz ainda lhe devendo; liberal finalmente é quem rouba e mata e sahe dos tribunaes limpo de pena e culpa, olhando para tudo e para todos, como si nada se passasse com elle.

Conservadores *liberaes*, progressistas *liberaes*, historicos *liberaes*—tudo junto ou cada um destes grupos trabalhando para si, o que é o que fica para o povo? A *liberdade* do recrutamento, a *liberdade* da miseria, a *liberdade* de morrer nos atoleiros do Paraguay, para legar a suas familias a *liberdade* da prostituição ou cousa ainda peior!

E para nos illudirem, capitão, encarregam-se os mais expertos, os que estão com o machado na mão, de espalhar pelas gazetas, depois de berrarem na tribuna—que é necessario o concurso de todos, principalmente dos bem intencionados ou aquinhoados—para que o paiz seja salvo!...

Aqui dou eu um berro
Em favor do pobre povo,
Dizendo com fé em Deus:
O programma não é novo.

Leem na mesma cartilha
Os partidos nesta terra;
Todos amam o paiz,
O que menos faz, mais berra.

Não devo continuar neste gosto, porque não sou poeta; mais estando muito em moda isto, quero tambem misturar com a má prosa a pessima poesia; porque os grandes homens, os que primeiro deram ás letras o colorido para embellezal-as—deixaram muita cousa escripta para nosso uso.

E não se persuada, capitão, que muitos homens, que por ahi andam arrastando sabedoria, são lá muita cousa; a maioria é de *copistas*; e a prova está no que elles produzem, pois vem de tão alto os paradoxos, e os absurdos, que quando chegam cá embaixo teem menos de metade do pezo.

E para não dar muito na vista, apadrinham-se as nossas *notabilidades* com o que disseram os publicistas da França, da Inglaterra, da Allemanha, da Russia, da Turquia, da China, do Japão e até do inferno—para nos illudirem e mais depressa darem com tudo isto em pantanas, com o que elles pouco se importam, embora soffra o paiz e cada vez mais complicados fiquem os negocios publicos.

Aqui devo concluir, atirando a penna:—

« Sobre as vagas do oceano undoso,
« Que ao desgraçado faz tornar ditoso. »

O *Aldeião*.

CHAPA

Approvada pelo gremio conservador para juizes de paz do curato da Sé.

Dr. Antonio Garcia Pacheco Brandão.
Dr. Altino Rodrigues Pimenta.
Coronel Lourenço de Souza Marques.
Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira.

—Cá... cá... cá... cá...
Bem feito.... Bem feito....
—O que viu V. que está tão alegre?
—Estou lendo aqui o acto do governo, que demitte o director dos estudos.
—V. é um homem sem coração, sem alma! Pois ha quem se regozije das infelicidades dos outros; ha quem ria-se quando lê um acto de demissão de um chefe de familia?
—Mas é porque V. não sabe a razão meu riso, e por isso diz que não tenho coração, nem alma!
—Não pode haver razão nenhuma, que faça um homem regozijar se em os soffrimentos de um honrado pae de familia.
—Pois vou mostrar-lhe si ha ou não.

Quando o director dos estudos fez o seu regulamento organico, tratou nelle de supprimir certas cadeiras ahi pelo centro, onde supprimiu uma de um honrado chefe de familia (as lagrimas chegam-me aos olhos ao reflectir nessa desgraça) que vendo-se sem o pão para si e sua familia, enforcou-se!...

Muitos professores foram demittidos, por influencia do director, só porque não seguiam as suas ideias politicas.

Hodie mihi, cras tibi!

—Basta: *Quem com ferro fere, com ferro será ferido!*

Mas em todo caso elle trabalhou muito para a prosperidade da instrucção.

—E' verdade; creando os internatos, uma de suas glorias, como lhe disse o Bellarmino.
—Principalmente o das senhoras.

—O' lá da prôa!
—Prompto, capitão.
—Toma lá tua *longa mira*, aplica-o para as bandas da villa do *Santo Seraphico* e vê si descobres alguma melgueira ou cousa que mereça alguma abordagem cá do nosso monitor!

—Prompto, lesto e agudo, capitão. Olá temo-la travada, capitão!

—O que é la, patusco?

—Diviso na praça dos Tamarindos um grande grupo de personagens! E' mesmo defronte da casa da camara, que é a mesma onde existe a cadeia!!!

—Ah! então será algum preso, que vae entrando!

—Não, capitão, não é, não.

—Então que diabo fazem os taes alli aglomerados?

—Eu sei, capitão, eu sei!!!

.....

Entre elles descubro o maior tratante destes modernos tempos, um patusco, que sempre *amando* o bello sexo, *brazileiro* estremecido pelas cousas da patria, mas só quando ellas lhe dão para os camarões, chibarro valente, que só come *silvas,* e que por fim sem estudar Lobão, Pereira de Carvalho, *Freire* e outros, quer se dar como grande advogado, quando, coitado, *modulatus*—nasceu mulato, —*gratia,* por sua desgraça.

A proposito, capitão, si quer ouvir cousas de fazerem pasmar, desço cá dessas alturas e ahi vou contar-lhe a palinodia daquelle bregeiro!!!

—Ora venha de lá essa tirada, mostra-me as lepras desse tratante.

—*Primo,* esse tartufo é filho da cabra Maria com um finado vigario dessa villa e neto da negra Valentina, ambas escravas, e só depois de gravida a tal cabra Maria, foi liberta pelo referido vigario, que assim *pobre homem,* recompensou as carapuças, que a dita lhe pregou com quanto negro havia tirador de carangueijos, no engenho da villa. Ja vê, capitão, que um tal bicho, filho do crime, e *crime ecclesiastico,* havia de respirar as primeiras brizas da vida debaixo de um temporal desfeito de pragas, xingamentos, ponta-pés e até mesmo maldições!!! O moleque que, como acontece sempre a todo filho de padre, nasceu pulador como um cabrito, gritador como um bode, é talentoso como uma rapoza.

Cresceu o bixinho, e, depois da morte do vigario, foi morar em casa e companhia de um tal Antonio Gonçalves, amasio de uma irman do tratante, e descubrindo o dito Gonçalves as melhores tendencias no moleque para vida do fôro, prompto de primeiras letras, fel-o para elle entrar, principiando por despachar requerimentos daquelle e algumas cartinhas amorosas, e era muito procurado, e sempre ganhava seus quatros vintens.

E' caso celebre, capitão, o moleque revellou para logo desmarcada aptidão; e nestas diligencias era sem segundo; estava sempre prompto á ir em toda parte, a que lhe mandavam, e não fazia focinho; mas havia uma coisa para a qual o bixo tinha completa negação, era subir para as audiencias do juiz.

—Seria talvez com vergonha da muita gente, que as mesmas iam assistir?

—Qual, capitão, vergonha era droga que o moleque não tragava, era tão somente horror, medo, e não sei se presentimentos da cadeia!!!

—Da cadeia?

—Sim, da cadeia, capitão, que ficava por baixo da casa da camara, na qual eram as audiencias do juiz. Oh! nunca por ali passou quem não tivesse arrepios, estremecimentos nervosos, e, segundo me dizia a Maria do Carurú, que era mãi do *futuro advogado,* possuia-se de ataques de *flatos* sempre que tinha de passar em frente das grades da cadeia!

—Ora, todo rapazinho tem medo de cadeia.

—Qual, capitão; era ja presentimentos que sentia o moleque, porque defacto havia de ser a casa onde iria pendurar o seu *semestre.*

—Olá! vira de bordo; vamos em cima da corôa, deixa a historia do patife para amanhan.

—Pois sim, capitão, pois sim, amanhan continuarei.

PARA VEREADOR

O coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.

Um votante da Se.

PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SÉ.

O Capitão Jovino Cezar da Silva.

Um votante.

ANNUNCIOS.

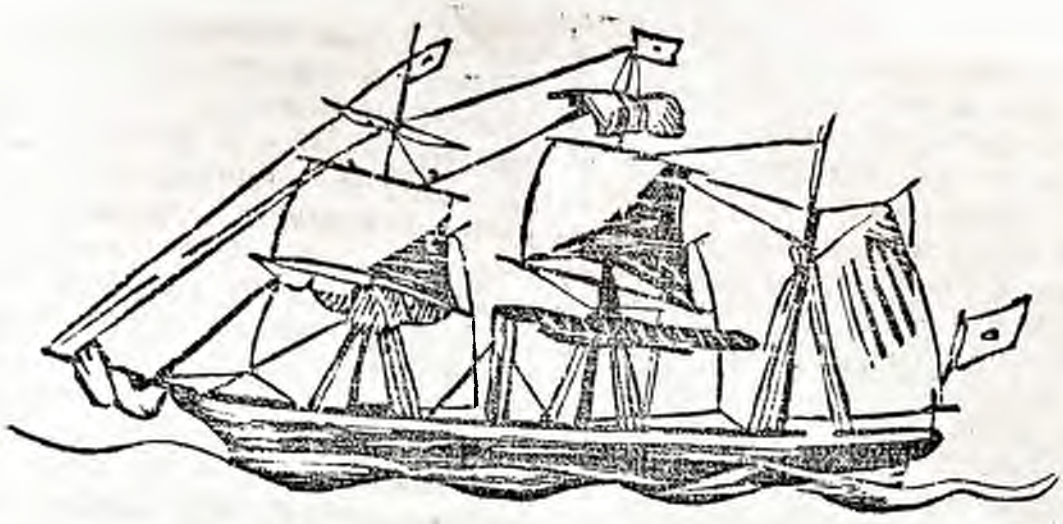
IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Em virtude de ter ficado, na sessão de 9 do corrente, adiada a discussão do relatorio do conselho e do parecer da commissão de contas, por conter aquelle materia importante; convido, de ordem do mesmo conselho, aos Srs. socios para comparecerem no domingo 16 do corrente, afim de ter logar a assembléa geral. Bahia 12 de agosto de 1868.—*Aristides Ricardo,* 1.º secretario.

Compra-se uma escrava cosinheira, que saiba engomar, mesmo tendo alguma cria; e um escravo pedreiro. Prefere-se africanos.

Para tratar á ladeira do Aljube nº 4, com José Augusto Cardoso de Castro.

Parallelipipedos para calçamento de ruas, linhas para passeios, vende José Augusto Cardoso de Castro.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. **Serie 40.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 19 AGOSTO DE DE 1868. N.º 399.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de agosto de 1868.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que faça executar a postura n.º 96, que prohibe canos, que despejem immundices para a rua, em relação ao proprietario da casa á ladeira do Genipapeiro, quina que dá para a rua da Saude. Cumpra.

—Aqui ja houve um tal Vicente, que vendeu um barril de certa cousa por manteiga.

—Lembro-me; foi um magano, que tinha biboca no Taboão.

—Agora, um creoulo Narciso, com outros comparsas, acabam tambem de pregar uma peça destas a um destes especuladores, que gostam de *peœinxas*.

—Bem feito!

—O esperto creoulo encheu um barril de areia, deitou-lhe uma camada sofrivel de manteiga e foi impingil-a ao cujo.

—O barato sahe caro; para elle não gostar de comprar cabritos á quem não tem cabras.

—Mas o resultado é que descobriu-se a massada e os consocios lá foram dar com os ossos na Correcção, pondo-se no pulo Narciso, que, apezar de ter as pernas inchadas, foi mais ligeiro que os outros.

—Passou por aqui, de volta dos Estados-Unidos, o Sr. D. Francisco Sarmiento, presidente eleito da confederação argentina.

—E foi obsequiado apparatosa e officialmente.

—Homem, tudo de sobra é demasia.

—O quequer dizer na sua?

—E' que eu achei extemporaneas as honras officiaes tributadas ao Sr. D. Sarmiento.

—Então porque? não é o chefe de um Estado alliado?

—Sarmiento é o presidente provavel da republica argentina, mas ainda não foi reconhecido pelo senado, que, na apuração geral dos votos, pode fazer um cambalacho excluindo-o e elevando a Elizalde. Portanto acho que foram fóra de proposito mandarem para o arsenal uma guarda de honra para um homem que ainda não está investido do cargo.

—Ora, isso que V. apresenta são obstaculos improvaveis.

—Por ventura não vemos todos os dias entre nós, no reconhecimento dos poderes, excluir-se este ou aquelle collegio eleitoral, para dar entrada ao candidato do peito, preterindo-se ao legitimo representante? Quem nos diz que não succederá o mesmo por lá, e que o Sr. D. Sarmiento ficará com os beiços com que mamou?

—Mas que quer? Elles lá se entendem; é *cré* com *cré* e *lé* com *lé*.

—Isso sim, são fórmas do mesmo pé.

—Quartorze mortaes facadas descarregou sobre si um infeliz desvairado.

—Que horror, meu Deus!

—O pardo Isidorio, sapateiro, escravo do crioulo Francisco de tal, com officina de sapateiro a ladeira da Conceição, para evitar um castigo aviltante, dizem, lançou mão de tão desesperado meio.

—O suicidio não é justificavel em caso algum; ainda mesmo nos mais contrarios transes da vida.

—Aquelle alferes descompondo o andador da Ordem 3.ª de S. Francisco, só porque o homem o advertiu que se desencostasse do altar, para não dar com um jarro no chão!

—E por causa disso é que elle está insultando, ao andador d'aquella sorte, dentro da egreja?

—E' por isso mesmo. De negro, estupido, mulato descarado e safado, elle lhe tem feito a festa.

—O andador o desafiou para rua; mas elle disse que um homem branco não sujava-se dando em um mulato.

—Vão ver que não é branco genuino o tal alferes; é algum desertor das fileiras pardaicas para a cacausiana.

—Não resta duvida; a côr está mostrando e o cabello indicando o que elle é!

—De que batalhão é elle official?

—Do 3.º.

—Julga que por ter a patente de official da guardá nacional, já é branco.

—São fofices de certos tolos!

Pela lei de nossa constituição os homens se distinguem pela suas sabedorias, intelligencias e virtudes e não pelas côres!

LA VAE VERSO.

O DINHEIRO.

O dinheiro é tão bonito!
Tão bonito o maganão!
Tem tanta graça o maldito!
Tem tanto chiste o ladrão!
A fallar, falla de um modo!
Todo elle! Aquelle todo!
Ellas acham-no tão guapo,
Velha ou mocinha que o veja.
Por mais esquiva que seja
Tlim!
Papo.

E a cegueira da justiça,
Como elle a tira n'um ai!
Sem lhe tocar com a pinça,
So com dizer—*Ahi vae*....
Operação melindrosa,
Que não é la qualquer cousa.
Catarata—tome conta—
Pois não faz mais do que isto:
(Diz-me um juiz que tem visto)
Tlim!
Prompta.

Nessas especies de exames,
Que a gente faz em rapaz,
São milagres aos enxames
Que o tal diabinho faz!
Sem saber nem patavina
De grammatica latina,
Quer-se a gente d'alli fora?
Vae *elle* com taes fallinhas,
Taes gaifonas, taes cousinhas,
Tlim!
Ora...

Aquella physionomia
E labias que *elle* tem!
Mas, n'uma secretaria,
Ahi é que é vel-o bem!
Quando *elle* de grande galla
Entra do ministro a salla,
Approveita a occasião:
—Conhece este amigo antigo?
—Oh! meu tão antigo amigo!
(Tlim)
Pois não!

(Extr.)

Á PEDIDO.

CANDIDATO POPULAR.

Apresentamos candidato á um dos logares de juiz de paz da freguezia da Sé o Sr. capitão Jovino Cezar da Silva.

Caracter independente e honesto, cidadão prestante e dedicado, ninguem melhor que elle pode preencher esse honroso encargo, que já tão dignamente exerceu.

Lembrando aos votantes da Sé o nome do Sr. capitão Jovino Cezar da Silva, cumprimos um dever sagrado e de gratidão, em vista dos relevantes serviços, que prestou a esta freguezia no decurso de oito annos em que serviu subdelegado.

As suas qualidades, por de mais conhecidas dispensam-nos de addicionar mais algumas palavras.

Assim, com especialidade, recommendal-o aos seus comparochianos.

O amigo do merito.

—Meu capitão o pouco tempo que V. esteve no Sul. não era bastante para esquecer a lingoa natal e tornar-se todo castelhano.

—*Mira* ..?!

—*Anda* V. com caracos, carabinas, hombres e cabajeiros na bocca á cada passo. Esqueça-se disso, que é vicio.

Ao menos, quando estiver *exercitando* a gente, lembre-se de que é brasileiro, bahiano, filho desta terra do caruru, do vatapá e mocotó a meia noite e deixe-se de hespanholadas.

Pois os guardas tem la obrigação de entender sua algaravia castelhana?

—Bueno, bueno.

—Mais esta! Pobre Cervantes, si fosses vivo, ias te esconder!

Moço deixe-se deste desfructe.

Tome um conselho; jamais queira passar por excepcional e emende-se.

Sr. Redactor.

Com surpreza vi no *Alabama* publicada uma lista de candidatos pelo partido conservador a juizes de paz da Sé, sem que nella viesse incluido o nome do capitão Pantaleão José de Campos. Na qualidade de artista e apologista das ideias conservadoras, declaro que estou resolvido a só votar na chapa que trouxer o nome do mesmo capitão, porque não hei de deixar de votar n'um artista, para votar em quem em uma reunião disse—que seus filhos não aprenderiam officio, para não se sentarem n'uma porta de rua a par do sapateiro, nem encostado a um banco com o carapina.

Um artista votante.

—Mandem repicar os sinos,
Que chegou o Gustavinho;
—Do que, sem tumba, nem samba,
Vae viver o rapazinho?

—Do que vae? ora essa é boa!
Da sua clinica.—Olé!
Por essa morre de fome;
Coitadinho de Bebé!

—*Miguel* não compra assucar.

—Não, por certo.

—*Miguel* não recebe assucar.

—Tambem é verdade.

—*Miguel* não tem engenho.

—So si for de vento.

—Que diabo de *gymnastica* faz Miguel, que tem sempre assucar barato para vender?

—Enigma, meu rico!

—E enigma tão intrincado é esse de *Miguel*, que me faz dar com o juizo na contra *costa* se continuar a pensar nelle!

—Quer decifrar?

—Si me desse a explicação, era favor.

—Vá ao *Caes do Ouro*, no degrau *81*, procure um taverneiro e entenda-se com elle.

—Negocio com taverneiro, fugite!

—Pois va ao *Cabrito*, que la ha um advinhador, que lhe pode desembaraçar essa meada.

—Tambem não me serve,

—Então, meu passaro bisnau, procure quem lhe assista.

—O 6.° batalhão está fazendo fardamento novo?

—Não.

—Porém vae fazer.

—Tambem não.

—E' impossivel.

—Temos outra!

—Então para que é o desconte de 100 rs: diarios a cada praça?

—Meu papalvo, é para pagar o fardamento que elles fizeram no anno passado.

—O que esta dizendo?!!

—E' isso mesmo.

—V. quer zombar commigo.

—Quer saber? arrume sua trouxa, que não estou para soffrel-o.

—Pois o fardamento não foi offerecido pela officialidade?

—Sim.

—E então?

—Então o que?

—Como é que se pratica isso? Faz-se uma offerta e depois cobra-se!

—Rapaz, va se andando! V. não sabe que nem sempre sinhá Lilia toca folles?

—Hum!

«Mudam-se os tempos
Nesta ventura.

—E

«Quando vier nova gente
«Ja a fructa está madura.

—Ah! é para estragar que elles fizeram do *fato* semana e semaneira, domingo e domingueiro.

—Apre, que isso é muito *esbilhutar* a vida alheia!

Empurre-se.

PASSATEMPO POLITICO.

II.

Nas agonias da vida, parece que aprende-se alguma cousa; mas so produz o correctivo naquelles agonisantes, que sem esperanças vão morrendo pouco a pouco para tudo e para todos, sendo o desapparecimento eterno o unico linitivo dos infelizes. Todavia é assaz aproveitavel isso, quando não ha outro remedio; porque nas provações ou privações é que melhor conhecem-se os homens e as cousas e vê-se claramente o que vae por este mundo, tão cheio de extravagancias e patifarias!

E' bom viver para aprender e não viver somente para comer; mas infelizmente não é assim: a maioria vive para comer e os que vi-

vem para aprender, morrem sem saber nada, si não possuem certos *predicados*.

Inventaram os homens a *politica* como um meio de vida, uma especulação mercantil, e tudo quanto se ha escripto a seu respeito não é senão uma *mentira*, pois que, como disse um confrade dessa grande confraria de especuladores, repetida a mentira muitas vezes, tinha a força de *verdade verdadeira!* Della pois, sahem os partidos, cujos nomes e programmas são sempre a *mentira repetida*.

Como se ha de crer no homem, que amanhece de uma cor e anoitece de outra, sem estar elle soffrendo algum incommodo physico?!

Como se pode ter fé em quem não faz sacrificios sinão por amor de si e do que menos se lembra é do bem commum! E' por ventura sacrificio procurar representarna sociedade um bonito papel, que dê importancia, nome e fortuna, quem nada pode ser, ou nunca esperou ser cousa alguma?!.....

E ainda ha por ahi *papalvos*—gente, que olha para o céu e crê que é de lá que vem a carne e o pão e até o dinheiro;—gente sempre prompta para servir de escada aos especuladores politicos, ainda os mais desacreditados: hoje com foguetes e musicas, amanhan com morras e vivas e depois apresentar-se ás urnas com cara de asno com uma chapa na mão, sem saber o papel triste que está representando!....

E vem dizer-nos os politicos, esses apostolos da mentira, que todas estas patifarias e embaçadellas são indispensaveis e ninguem deve ser indifferente aos *males da patria!*. ..

Que patria é essa, de que elles fallam tanto? Será por ventura a patria de suas conveniencias, a patria dos seus commodos, a patria de suas algibeiras etc. etc.

Conservadores hontem, liberaes hoje, progressistas amanhan—é tudo uma mentira, uma farça, uma especulação. E si não, vejamos os quadros que vão apparecendo.

Está na governação desta provincia o Sr. S. Lourenço; habil ou habilissimo como é, vem com o concurso dos *bons* e bem *intencionados* tirar-nos das *garras* do *abysmo*—e os que rezam pelo seu rosario estão batendo nos peitos e pedindo a Deus que assim seja.

O partido *progressista*, hoje *liberal* talvez por calculo, duvida que este santo (o S. Lourenço) faça milagres; por isso o recebeu vestido a *caracter*; e o barão, que sabe como se mama, como se come, como se bebe e onde se despeja tudo, depois da mala cheia, vem disposto a acalentar a todos, dizendo:

Não chorem, que aqui estou:
O *pae da patria* chegou!

Das tricas gazetaes. com que se amanha a *politica*, está elle muito em dia; do como se acalentam os meninos chorões tambem tem elle muita pratica por ser grande *creador*; por isso é de crer que, depois da lavagem, a agua suja ha de ter alguma serventia, e então dirão os desenganados:

Muda-se a sorte dos tempos,
Só a nossa sorte não!

O *Diario* é o orgam da *situação liberal* desta provincia; o *Diario*—a folha official—que foi criada para *negocio*, passou agora por nova phase—*está politico* de facto e de direito; o seu ex-proprietario, não se *dando bem* com a politica, fez o seu testamento e morreu *em estatua*, para que não *desmentisse* o seu passado, o seu presente e o seu *futuro*; porque sabe e tem muita experiencia da vida *especulatoria*—que, antes de mim eu, e depois de mim eu mesmo. Deputado provincial por um dos circulos desta provincia, devia acompanhar os *progressistas* no seu *ostracismo*; mas não ia bem; na duvida e sempre na duvida de onde iria parar, preferiu *vender-se* mais uma vez, segundo disse o *Jornal da Bahia*—quando o homem *passou o Diario* desta para *melhor vida*....

E' o que tem os *caracteres de chumbo*: deretem-se com muita facilidade.

Mas o que é certo é—quem não vae adiante, atraz se fica, e quem é tolo para si, pede a Deus que o mate e ao diabo que o leve. E, firme nestes pricipios, tudo conseguem os homens de *calculo*, fazenda que não tem direito nem avesso e nunca disbota, apesar de quantas *lavagens* e *ensaboadellas* lhe dêem!...

Au revoir.

F.

VARIEDADES.

Certo negociante acabava de perder a mulher. Marcou-se o enterro para meio dia. As 9 horas da manhan, na forma do costume, levantou-se o nosso homem.

—Oito horas!.. ainda tenho tempo de dar uma vista d'olhos nos meus livros.

E eil-o ás voltas com o borrador, diario e contas correntes.

Ao meio dia vieram chamal-o dizendo que chegavam os convidados.

—Pois que vão indo sem mim; bem sabem que a minha divisa è—primeiro os negocios, depois o prazer.

Dous padres convencionaram fallar sempre um ao outro em latim.

No meio da conversa espirra um delles.

O outro torna-se mudo e pensativo.

—No que está pensando V. Rvma? Pergunta o que espirrou.

—Homem, accrescenta o outro, esqueci-me agora como se diz dominus tecum em latim.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 40.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 20 AGOSTO DE DE 1868. N.º 400.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de agosto de 1868.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que se dirija ao principio da ladeira de S. Miguel, á esquerda, e procure o morador de uma casa, onde ha quatro formidaveis cães, e faça-lhe sentir o reprehensivel abuso de seus famulos á noite, os quaes divertem-se em açulal-os sobre quem passa; certo de que, si quanto antes não corrigir tal abuso, se tomará providencias em regra. Cumpra.

—O dia do beneficio é vespera da ingratidão.

—E' ordem do mundo.

—O José Amat, que recebeu tantos favores nesta terra, não só do governo, como do publico, está publicando artigos no *Jornal do Recife*, em desabono do publico bahiano.

—E o que diz elle?

—Que na Bahia não ha gosto para as artes, que não ha quem saiba apreciar o merito, que não se protege aos artistas, que a sua companhia, sendo excellente, não foi recebida como devia ser.

—Tem toda razão elle; si não encontrasse este povo, que pacientemente tolerou que elle o bigodeasse completamente, pregando a mais horrenda buxa de apresentar uma companhia mediocre, como cousa nunca vista, quando ha 23 annos passados tivemos cousa muito melhor, não teria a ousadia de ir para Pernambuco deprimir do bom gosto bahiano.

—E a cousa não é esta: pela leitura dos artigos se conhece que elles foram forjados aqui na Bahia.

—E eu sou capaz de dizer o author delles quem foi.

—Até eu, yoyo *Zeze*.

—O caso é que elle não foi mais *feliz* em Pernambuco, pois que a companhia foi recebida friamente.

—E ahi é que está a contradicção dos taes artigos, que foram escriptos, dando-a como bem acceita.

—E vão ver que, quando elle voltar para cá, ha de ter cincoenta mil cousas outra vez.

—Ora!

LA VAE VERSO.

PENSAMENTOS.

Quando o macaco é juiz
E a rapoza escrivão,
Na caza da pobre parte
Raras vezes fica pão.

O homem aváro e vil,
De si proprio é o flagello;
Por morte deixa farinha
Na vida come farelo.

Dar conselho á quem o pede,

E' plantar em terra bôa,
O conselho não pedido
E' semente gasta atôa.

Morre o peixe pela bocca,
Julgando morrer á mingua;
Assim tambem, quasi sempre,
Morre o homem pela lingua.

Quem tem dinheiro bastante,
De todos anda occultando;
Quem raras vezes tem pouco,
A todos anda mostrando.

Precioso diamante
Extrahido vai da lama;
Assim, pois, surge da plebe
Quem ha de brilhar na fama.

Pensar muito e fallar pouco,
E' o dever de quem sabe,
O contrario é triste balda,
Que somente aos nescios cabe.

Quem de pechas e calumnias
Não deffende ao seu amigo,
Deve ser considerado
Pelo maior inimigo.

Não pratiques acto algum
Guiado pela paixão,
Para que não te arrependas
Na hora da reflexão.

A mais nobre das vinganças
Contra quem odio nos tem,
E', sempre que se poder,
Fazer-lhe o possivel bem.

Quando deres uma esmola
Com a tua mão direita,
Acautella-te, repara
Si a tua esquerda te espreita!...

Não é por muito fallar
Que se justifica o reu,
E nem por muito rezar
Qu' o peccador ganha o ceu.

M. X. V.

Á PEDIDO.

—Que navio é este?
—O *Corta vento*.
—D'onde vem?
—De S. *Vicente*.
—De baixo de que bandeira navega?
—Não tem bandeira; no galhardete usa da figura d'um *pinto*.
—E' um corsario, está visto.
O nome do commandante?
—*Pereira*.
—Para onde vae?
—Não tem destino; embora leve carta de saude para *Lisboa* e vá consignado á casa *Cunha*.
—A nacionalidade do capitão?
—*Bahiano*.
—Leva passageiros?
—O *engenheiro da capellinha*.
—Somente?
—E uma estrangeira, amazia do cujo, e que se inculca de casada.
—E a carga?
—A carga, é uma porção de malcreação e ingratidão filial, para ser desembarcada na *Grande Praia*, no caes de *Atacaranha*, algumas grosas de callotes para uso dos trabalhadores da capellinha, uma enfiada de mau pago ao Leite de Portugal, que emprestou o dinheiro para a educação do marreco, um volume de alicantinas sobre a venda de duas escravas bifadas a um cunhado e vendidas no Rio de Janeiro.
—Toca a alijar ao mar tanta podriqueira, e depois que a tripolação que desinfecte este casco de bandalheiras para se lhe dar destino.

(*Continúa*.

O Sr. *Oliv* que tem *eira*, mas não tem beira; tem eira, porque possue tal biboca amontoada de trapos, no largo da *Santa Illustre*; não tem beira, porque, ultimamente alistado nas fileiras da crapula e do vandalismo, vive só pensando no momento de receber o tremendo castigo de suas infamias: tem feito um diabolico escarceu, por causa de um artiguito publicado no *Alabama* n.° 397; tem ameaçado uma pessoa, de quem só se devia lembrar para respeitar, com o *emprego de sua energia* no *Diario* ou *Jornal*, como se qualquer destas gazetas valessem mais que o *Alabama*, ou se estivesse no caso de nellas escrever o homem que escrevinha *frasias*, em vez de phrases; lembrou-se até de chamar um moço honesto e pacato perante a authoridade, imputando-lhe a authoria da publicação.

Tem dado por paus e por pedras, tem feito tudo para evitar mais desmoralisar-se; tudo, tudo o que é humanamente possivel fazer-se, menos satisfazer a importancia da fiança, que assignou. Mas elle faz tudo isso, porque o desesperado atropelo, em que se tem visto, não lhe dá logar a avaliar o quilate de perversidade, que cabe ao malvado, que jurou ser seu *cabrion*, e que lhe offerece estes versinhos:

Venha cá seu *Oliv*..... *eira!*
A fiança ja pagou?
Só cara de sem vergonha,
Filhote d'uma cegonha,
Os olhinhos ja curou?

O que teve nos seus olhos?
Quem foi qu' os arrebentou?
Foi batendo n'uma porta,
Quando saltava na horta,

Na noite que mais brilhou?
Ou foi castigo de Deus
Por ser vossê calloteiro?
A ser isso uma verdade,
Permitta-me a liberdade,
Mande trazer meu dinheiro.

Si quizer pazes com Deus
E lhe faltar portador,
Dê um psio! eu la passando,
E meu dinheiro entregando
Não seja mais fiador.

Até sabbado.

Pede-se ao Illm. Sr. inspector da thesouraria geral que adiante o expediente dessa repartição, afim de não prejudicar as partes nos seus negocios.

A victima.

POR CAUSA DAS DUVIDAS.

Pede-se ao frade de S. Bento, encarregado do arrendamento das terras pertencentes a esse convento, que não vá fazer arrendamento em duplicata nas terras da fazenda Pituassú.

Um que não quer ser prejudicado.

HORAS VAGAS.

RÈSPOSTA AO «JORNAL DA BAHIA.»

Inda não, não foi a pique
Do progresso a nobre nau,
Foi apenas encalhada,
E depois desmastreada
Por louco cara de pau.

Mas, o nosso cabeçudo
Em má cousa se metteu;
Pois no *solio* por um fio,
Não viu alem o baixio
E fez cousas de um sandeu.

Desmoronar um partido,
Que se apoia na nação,
E' proceder desregrado
D'um louco, d'um desvairado,
De um cabeça de mamão.

Que deferenci'a um sujeito
Que delle Pepilet fez!
Escrevendo atroz Timandro,
Chamando-o até malandro
Em muito bom portuguez!

Oh! que sublime modello
Para quem se quer montar!
Da familia *desse tal*
Não dizer bem, dizer mal!
O *reinante* atassalhar!

Nos tripolantes da nau
Não se vê um tão audaz;
Tudo guarda alto respeito
A quem sustenta o direito
E bandalheiras não faz.

De todos elles cercada,
Eil-a virada de crena;
Mas apezar de abatidos,
Juram inda reunidos
Vel-'em breve entrar em scena.

Cahiu em feliz bonança,
Arrostou a tepestade,
Ha d'erguer-se em pouco tempo
E ao paiz dar alento,
Dando vida á liberdade.

—V. *é medio* on minimo, rapaz?

—Por S. *José*, não me venha apouquentar; ha *dias* que ando encafifado.

—Isso é falta de freguezes?

—Ja não dão nada de si.

—Não *se acanhe*.

Deixe o Pirajá e va para *Segovia*, onde as gaiolas de cinco ponteiros estão em voga.

—Nada, nada, olhe o que succedeu a meu tio *Xico Xavita*.

—A surra? Ora isso tomara V. que lhe prespegassem uma. Eram os melhores 200$ rs. que teria para perdoar.

—Deus me livre; o caso do engenho Gurgaia escarmentou-me.

—Quem tem seu mau costume, não perde, rapaz, anda lá.

MOTTE DO QUINCAS ZAMBETA.

Ao encontrar com meu bem,
Dei de gosto uma topada.

GLOSA.

Bem boa gente não tem
O prazer que eu tive agora,
Quando ja ia-me embora,
Ao encontrar com meu bem:
Ella mostrou-se tambem
Tão alegre e contentada,
Que vi-a toda banhada
Do mais amoroso pranto;
Fiquei tremendo de espanto,
Dei de gosto uma topada.

MOVIMENTO DO PORTO...

Chegou a esta cidade a barca denominada *Triumpho dos Diabos*, vinda do outro mundo, com escalla pelo purgatorio, e consignada á casa de Rapina e Companhia, com os seguintes generos:

50 pipas de aguardente de pau carnaúba.
1500 caixas de charutos homœpathicos.
1500 caixinhas de lacre torcido.

8000 caixões de vellas de sebo de rim de carneiro.

32 ancoretas de banha de moriçoca.

900 tornos de cortiça, proprios para tapar buracos.

400 garrafas de vinho champanhe—suor de cavallo

315 abanos magicos de Florença.

VARIEDADES.

DICICONARIO DA EPOCHA.

Recruta.—Homem que na ultima eleição votou contra o governo.

Voluntario—Homem que se deixa prender para o serviço da guerra.

Praça do mercado.—Logar onde é prohibido aos *mercadores* fazerem negocio.

Corpo provisorio.—Hospital onde são recolhidos os doentes que mais tarde devem partir para a guerra.

Policia.—Mulher que leva a dormir, e só acorda para fazer asneiras.

Collegios.—Logares onde os eleitores e os meninos são quasi sempre dirigidos por maus *directores.*

Camara.—Aposento em que alguns homens escondem-se do povo para fazerem as suas *necessidades.*

Agricultor.—Homem que trabalha para todo mundo, julgando trabalhar para si.

Academia.—Logar em que se reunem homens que são ou querem passar por sabios; theatro com muitos *pontos*, onde cada actor que representa tem o direito de reprovar o publico que o escuta.

Politicos moderados.—Associação de egoistas que supportam com doçura heroica os males dos outros.

Advogado.—Homem que estuda direito para viver a custa do proximo.

Justiça—Mulher que tapa os olhos para jogar a *cabra cega.*

Juiz—Negociante que vive a medir com sua vara a fazenda do proximo.

Gabinete.—Logar onde sete vadios se reunem para jogar a fortuna do paiz.

Bastos.—Dous azes de paus, que reunidos fazem *um de paus.*

Palacio.—Grande casa em que geralmente residem homens *pequeninos.*

Vinagre.—Extracto de juros de que se servem os banqueiros para tornar tonto o mais forte devedor.

Luz.—Cousa que se encontra de graça por toda a parte, mais que muita gente vae procurar nas *lojas.*

Banco.—Logar em que os capitalistas e os carpinteiros fazem obra.

UM PASSEIO DE BABUDOS.

Em um bello dia, um macaco ajustou-se com sua comadre cutia e seu amigo tatú para deixarem o campo e darem um passeio pela cidade, porque ja lhe era enfadonha a vida campestre.

Com effeito, no dia aprazado, os nossos camponezes entram na cidade. O macaco, que dos tres amigos era o que tinha a cauda maior, prevenio a seus companheiros que não a deixassem arrastar as suas; e por isso, á approximação de qualquer carro, gritava:

Oh! cutia, olha o carro! Oh! tatú, cuidado com a cauda, sinão ficas sem ella.

Entretanto a cauda do macaco era a unica que varria o chão. Tanto gritou elle ate que as rodas de um carro passaram por cima della e a deceparam.

Ha muitos moralistas que fallam de tudo e de todos, sendo elles macacos e cutias as suas pobres victimas.

UMA MOÇA BEM FALLANTE.

Certa moça, que passava por muito espirituosa e bem fallante, achando-se em um jantar, um dos seus adoradores offereceu-lhe um calix de vinho.

—Muito obrigada, disse ella; de legumes, eu só bebo agua.

Como estas ha muitas, que riem e escarnecem de tudo, e querem passar por espirituosas e bem fallantes.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado tem sete moças para casar e deseja que seja concluido isto com muita brevidade pela grande despeza que fazem em pomadas para o cabello e gomma para anagoas. A mais velha, D. Zepherina dos Anjos, é de boa estatura e está com a segunda muda, quero dizer, está mudando os dentes mollares, cura frangos de gogo e sabe fazer torcidas para charutos. A segunda, yaya Bellinha, tem aula de dança no Cruzeiro de S. Francisco, e é mestra de linguiças. A terceira, de nome Cotinha, é muito experta e propria para serviços fortes, amança gatos, cura quebraduras e remenda panellas de fundo quebrado. A quarta, de nome yaya Pombinha, faz toda qualidade de maças doces e azedas, amargas e temperadas; a saber—paens de-lo de bico, rosquinhas tortas, biscoitos frouxos e bollos de canudos. As tres que restam, yaya Firmina, Caetaninha e D. Conegundes, são optimas lavadeiras, e ja tem lavado e engomado os cordões dos frades de S. Francisco. Todas são bonitas, apenas tem faltas de dentes e algumas sarnas miudas. Quem quizer, dirija-se a casa C B D n.° 50 de Manuel Pomba Sororoca.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 41.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 22 AGOSTO DE DE 1868. N.º 401.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de agosto de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que, segundo nos informam, falleceu uma parda escrava de uma tal Veridiana, moradora atraz da matriz de S. Pedro, e que sua morte ha sido proveniente de pancadas que lhe dera a mesma senhora; o que convem syndicar, afim de que, a ser verdadeiro o boato, tenha semelhante fera um correctivo, para não ficar avezada a practicar actos tão deshumanos; e tanto mais quando essa mulher ja foi accusada de ter morto a uma sua creada, por ciumes, pelo que, parece, esteve na cadeia, da qual sahiu por milagre, não se sabe de que *santo*. A infeliz escrava, de que se trata, foi sepultada no cemiterio do Campo Santo, no dia 19 do corrente; portanto, espera-se que S.S. procederá ás necessarias indagações, para o descobrimento da verdade, não perdendo nada a justiça com essas providencias, no caso de ser uma imputação falsa.

—O Sr. José Antonio da Cunha acaba de publicar um elogio dramatico, intitulado—A GLORIA DO BRASIL NO PRATA.

—Fomos obsequiados com um exemplar desse patriotico opusculo, digno de ser recommendado á leitura.

—Não precisa; só o nome do seu illustre author faz a sua recommendação.

—Estou penalisado.

—O que é que lhe magoa o coração?

—Um caso lamentavel, que me contaram, devido á indifferença com que se olha nesta terra para a vida do povo.

—Relate la isso.

—Contaram-me que, tendo uma senhora necessidade de applicar umas sanguesugas, em consequencia de uma leve pancada que levara, por infelicidade, as que lhe applicaram tinham chupado sangue corrupto de uma molestia contagiosa em outro doente, do que resultou transmittir-se-lhe o mal e vir a morrer dessa molestia.

—E' quando as cousas tem de accontecer, homem.

—Com tudo, é um ponto de hygiene publica que não devia passar desappercebido por quem é competente.

—Capitão, V. Ex., que se interessa pela sorte dos infelizes, ouça este pedacinho.

—O que é?

—Um trecho da correspondencia de Corrientes para o *Jornal do Commercio:*

«—Entre os feridos do hospital da cidade, ha um do ataque de 21 de março (occupação de Curupaity) que foi amputado em ambos os braços pelo habil Dr. Alvaro Sampaio.

«A amputação dupla, que soffreu o misero soldado, impossibilita-o de poder buscar meios de subsistencia.

«Precisa de uma pessoa, que lhe leve á bocca o alimento. E' um espectaculo doloroso encarar esse invalido da patria assim mutilado. Mas admira ver a resignação com que vive, a alegria com que falla dos serviços, que prestou na campanha. Chama-se Julio José das Chagas. E' soldado do 27º batalhão de voluntarios da patria. A sorte do infeliz amputado, sua resignação e paciencia, o bom resultado, que abençoou a operação dupla, tudo isso despertou a charidade dos medicos em serviço no hospital de Corrientes para promoverem uma subscripção entre os facultativos desta circumscripção e da do Cerrito, a favor do malfadado martyr da patria. Entre os medicos da cidade, do Saladero, da Chacarita e do Cerrito e outros officiaes do exercito em serviço aqui já se tem recolhido 93 libras, graças aos esforços do 1.º cirurgião do hospital da cidade, o Dr. Billac, que tomou a iniciativa nesta idéa humanitaria. O producto, depois de recolhidas todas as listas, será convertido em apolices da divida publica, que serão transferiveis por morte do beneficiado para sua mãe e irmans.»

—Infeliz, disse V.? Por ser neste paiz. Em outro, seu nome seria o de um venerando martyr, coberto de gloria, a quem o respeito e veneração de seus concidadãos e a remuneração do governo, compensariam de sobra seu doloroso martyrio.

—Ao *Jornal do Commercio* foi remettido o retrato do pobre amputado para com elle promover uma subscripção a seu favor.

—Estou certo que essa illustre redacção será felicissima no appello, que fizer a população da corte, em bem do infeliz mutilado dos dous braços.

LA VAE VERSO.

MOTTE

Fiz a minha habitação
No jardim desse teu peito,
Com a minha propria mão,
Eu plantei amor perfeito.

GLOSA.

Farto de tanto pagar
Alugueis ao senhorio,
Que a pezar de ser meu tio,
Só trata de os augmentar!!
(Queira o diabo aturar
Gente de tal condição!)
Tomei a enxó e o formão
Compasso, linha serrote,
Prumo, junteira e rebote,
Fiz a minha habitação.

Como sabes, Marcia bella,
Ser bom carapina quero:
Fiz a casa com esmero,
E tem so porta e janella,
Gastei uma bagatella,
Que t' offereço satisfeito.
Si accaso for acêito,
O pedido que te faço;
—«Concede-me um largo espaço
No jardim desse teu peito.

Vou mostrar-te sem receio
Desta casa a solidez:
Tem baldrames com dez pés,
Barrotes com cinco e meio,
Boa madre, bom esteio;
Pontaletes.... espigão!!
Aqui tens a construcção
Da minha casa, que fiz,
Em um logar bem feliz,
Com a minha propria mão.

E cercado com rachões
Tenho ja o meu quintal:
E com pericia rural
Dirigi as plantações:
Tem laranjas e limões,
Flores de muito effeito;
Dentro tenho um poço feito,
Tambem tenho boa horta
E mesmo junto da porta
Eu plantei amor perfeito.

V. S.

Ora dá-se que pedaço!
Vejam só que molequeira!
Ir a casa do barão,
Zaz, um copo n'algibeira!

E não foi copo somente:
De champagne uma garrafa,
Duas facas e dois garfos
Vem do cujo na tarrafa.

E depois muito lampreiro,
La vae o espertalhão
Vender por oito mil reis
A um certo vendelhão.

Ora vejam que marreco,
Inculcado partidista!
Que entra na casa alheia
Do desgarrado na pista!

Á PEDIDO.

—Na porta de S. Domingos,
Que fazem aquelles vultos.
Que pr'a não ser conhecidos
Os rostos trazem occultos?

—Um é homem, outro é mulher,
Pelo traje está se vendo,
Em terna affeição, sem duvida,
Estão ahi se entretendo.

—Pois acho isso bem mau,
Ate falta de respeito,
Que vão na porta de um templo
De amor *curtir* o effeito

—Como é tarde, va que seja,
Poucos veem o tal *enleio,*

Mesmo que de dia os cães
Praticam caso mais feio.

—Porem aquelle *sargento*
De Santo Antonio largar-se,
P'ra no adro da egreja
Vir mui ancho aposentar-se!

—Quer que va advertil-o?
Q'o logar é incompativel?
—Sim, Sr., a Estrada Nova
E' ponto mais aprazivel.

N'uma das noites passadas,
La para o *campo extenso,*
Foram os fieis devotos
Adorar a S. Lourenço.

Naquelles peitos de crentes
Que devoção e que fé!
Para abrandar tal ardor
So tomando capilé!

Comeu-se e bebeu-se á larga.
Houve muito palanfrorio,
Protestos de adhesão
Juramentos de *codorio*.

E' um santo milagroso,
Este santo S. Lourenço,
Para fazer *conversões*
Tem elle poder immenso!

Mas eu não creio em sectarios
Arrastados com vinhaça:
Logo que a garrafa secca,
A cousa dá em chalaça.

(*Continuação do n.º 388.*)

—Ora anda ca, patusco, continua a tua palinodia de hontem, contra o tal moleque, que sempre *amando* o bello sexo *brasileiro*, estremecido, xibarro, que come *silvas*, advogado qne se queria parecer com um tal Lobão ou um *Freire* e não sei que mais, que na tua eloquencia de meirinho, que ja foste da villa do Santo Serafico, hontem me contaste, e que te fiz parar a lingoa por irmos a cima da coroa.

—Ah, sim, capitão, é a chronica de um tal advogado da villa do Santo Seraphico, ali conhecido por Dr. *Rizada* e *Catingoso*!

Esse tratante, chegando á ter alguma nomeada como procurador de papeis, foi escolhido pela edilidade da mesma villa para seu procurador, e o bixo muito procurou, mas á semelhança do tal procurador de Bocage, procurou so para si. Recebia indevidamente as letras dos arrematantes do municipio, cobrou multas de jurados, multas provenientes de eleições, dividas atrasadas dos diversos devedores da municipalidade, foi um dos exactores mais danados, que se tem visto, bolio com quanto homem de bem havia no logar; chamou sobre sua cabeça encarapinhada as iras dos bons homens do municipio e tudo isso em proveito próprio; os dinheiros arrecadados em vez de entrarem para os cofres da camara escoavam-se em despezas particulares do *moleque*. Para logo teve tres amazias *teudas* e *manteudas*, na phraze da ordenação; emprenhedeu fazer uma casa ao pé do oratorio arruinado de Nossa *Senhora do Abrigo*, com um bonito frontespicio, a qual não concluiu por lhe ser tirada a mamadeira em 1863, pela nova vereança, que immediatamente demettiu o tal *peculatorio*, que ficou devendo á dita camara para mais de 1:000$ alem do que não se sabe.

Hoje a dita casa está com um lado todo arruinado, parece mais um curral, que casa de morada.

A camara, até hoje ainda está por cobrar seu debito, e o moleque, por desgraça da terra, passeia empavesado pelas ruas, si bem que, quando passa pela frente da cadeia, ainda sente os mesmos calafrios. O *peculato* ainda está por ser apreciado, talvez tempo virá, em que o moleque ainda va habitar a casa, pela qual ao passar soffre tantos arrepios.

Infelizmente esse xibarro ja é hoje official da guarda cidadan, e ostenta *um* galão no corpo n.º quatorze duplicado.

Recebe gratificações das partes em nome do juiz, escrivão, promotor e solicitador da provedoria e chupa-as *honestissimamente*. Exemplo: o negocio do tenente *Firminimo* que na *correia* traz *lima*, cuja conta, dada pelo tratante descarado, foi apresentada ao finado Dr. Pae-checo, que o chamou de *ladrão* no focinho, e o velhaco nada teve que dizer!!!

Por tratar mal e reter em si quantias do finado Izidro dos Santos José Machado, negociante daquella terra, o qual, exijindo seu dinheiro, o velhaco que de mais a mais é *malcreado*, o insultou com palavras offensivas, foi pelo mesmo esboféteado sahindo muito sangue dos grossos e trumbudos beiços do *pardo*.

Appareceu na villa um pobre homem velho, de nome *Innocente*, mestre jubillado da Conceição da *beira do mar*, da capital, o qual foi morar Atraz da Cadeia da villa e recebendo uma notificação do juiz d'orfãos, afim de dar a uma herdeira de seu cazal, moradora na capital, a quantia de 1:250$ rs., afflicto procurou um procurador capaz, que se incumbisse da entrega da tal quantia. e não sei por que meios poude este tratante tomar cheiro no dinheiro do velho, que apresentou-se ao pobre homem como pessoa idonea para executar tal commissão, dando-se como homem de honra e habil a desem-

penhar a escrupulosa tarefa, e, labioso como é todo velhaco, tratou com o velhoa viagem a capital por 150$ rs., que para logo recebeu, assim como a quantia de 1:250$ rs. para ser entregue á dita herdeira, combinando o moleque fazer a viagem no vapor do dia seguinte; eis sinão quando, apparece no porto uma lancha, vendendo madeiras: para logo tratou o bixo de comprar as que precisava para acabamento da tal casa, cujas obras ficaram paradas, por causa de ter seccado a fonte de suas rendas com a demmissão que lhe dera a camara; comprou vigas e vigotas e mais madeiras em quantidade, e nada de levar o dinheiro á pobre dona, e o velho que presenceava essa grande compra, e não via a viagem realizar-se, muitas e muitas vezes o abalroava, sem que o bixo désse nada de si, protestando so que com toda honradez faria tal entrega, e nada.... nada até que morreu o velho, e o dinheiro ficou enterrado nos lamaçaes daquelle leproso até hoje.

Amanhan capitão continuarei.

A politica.

Como todo mundo hoje pega na penna e escreve para a imprensa artigos politicos, porque uns são conservadores, outros progressistas e outros liberaes, eu, embora não tenha politica alguma, isto é, porque não creio nestes politicões de borra, não posso deixar, com tudo, de introduzir-lhe tambem a minha.

Politica é patifaria,
Politica é relaxação,
E ca na minha.... phrase,
Politica é descaração.

Não fiquem pois os politicos zangados ca com esse meu modo de pensar. Ora, quem estudar calma e refletidamente a politica de *Latronopolis*, verá que eu tenho razão de assim dizer, pois, embora moço, no verdor da edade, tehno experiencia dos taes politicos de minha terra.

Mas, deixando de parte estas considerações e passando a analyse dos partidos, cada um de per si, verão que eu tenho bastante razão para não acreditar em politica, e não querer abraçal-a.

Vamos a principiar pelo partido a que o povo tem assim suas inclinações—o partido liberal.

Bonita palavra—liberal!

Mas o que é liberal?

Liberal, é aquelle homem que considera á todos seus eguaes, so os destinguindo por suas intelligencias, virtudes e sabedorias. E' um pedacinho de que trata tambem nossa constituição; mas que parece-me burla, porque aqui o mulato julga-se superior ao negro, embora este seja mais virtuoso e intelligente; o branco mulato etc. etc.

E' liberal, aquelle homem, que, tendo um pão e vendo um seu semelhante com fome, dá-lhe metade, matando desta forma a fome de seu proximo. Mas é o contrario que se vê neste partido intitulado—liberal. No partido chamado liberal, o liberal é aquelle homem pobre, que deseja subir para se arranjar; mas, que, não podendo, fica debaixo a gritar, qual cão ladrando á lua, e, se alguma vez sobe, é logo arrancado do poder, por outros, que ja tendo comido bastante, ainda não estão fartos.

Está pois desta sorte demonstrado que entre nós não ha homem liberal, e sim homens esperançosos na conjugação do futuro do verbo *arranjar*.

Deixando agora o liberal, passo ao progressista.

E' tambem bonita palavra—progressista. Progressista é aquelle homem, que deseja o progresso e prosperidade de seu paiz, assim deve ser; mas é o contrario nos taes politicos que se abraçam com este titulo.

O progressista politico é aquelle homem, que, depois de estar com a cousa na mão bem segura, larga para o conservador pegar nella e fica olhando, qual corvo largando o queijo para a rapoza comer.

Fica pois sabido, que quando o progressista conjugava a primeira pessoa do presente do verbo *surripiar*, na *grammatica têtal*, veio o conservador e tirou-lhe a cousa da mão.

Depois da têta segura
Ter o progresso na mão,
Chegou o conservador,
Levou-a d'um sacalão!

Ora vamos agora ao conservador. Conservador, propriamente dito, é aquelle homem, que conserva o que tem, isto é, que não esbanja o que é seu e nem tambem o dos outros. Mas se vê o contrario no partido conservador; é conservador aquelle homem que sabe extorquir o dinheiro do estado, para accumular riqueza, embora venha depois a mãe patria a enthysicar!

Safa! Fui longe com os taes politicos de minha terra!

Quasi naufrago no mar das politicas!

De politica, meus leitores,
Ja não quero mais tratar,
Os homens que estão de cima
A mãe patria hão de *esfalfar*.

ANNUNCIOS.

Esta typographia precisa de um distribuidor.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 41.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 26 AGOSTO DE DE 1868. N.º 402.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de agosto de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto policial, recommendando á sua especial attenção dous ratoneiros de nomes Januario, africano, que foi *escravo livre* da nação e Francisco Nogueira da Silva, os quaes, são ladrões como rato, e não se contentam com gatunarem o que acham desgarrado, como tambem arrojam-se a penetrar no interior das casas para ahi praticarem seus bons feitos.

Espera-se que S. S. recommende á vigilancia de seus agentes tão intrepidos industriosos.

—Importuna gente é essa chamada candidatos!

—E' peior do que quanto pedinte franciscano ha.

—Quer V. me creia, quer não, vou contar-lhe o que me acconteceu ha dias e que pode servir-lhe de prevenção.

Ia eu muito descuidado pelo Terreiro de Jesus, quando, de subito, fui abalroado e seguro ao mesmo tempo pela aba do paletot, como si fôra algum criminoso, que fugia da vara da justiça.

—E, em resumo, era um dos tães esmoleres, não?

—Era um candidato á vereador, que, tendo com o solavanco me descosido uma aba do paletot, desfazia se em lamurias para me pedir um voto.

Fiquei tão penalisado de ver a humilde contricção com que o homem implorava, que, apezar da furia que atacou-me pelo fracasso que soffreu o meu casaco, prometti-lhe que estava servido.

—E tudo isso elles fazem pelo desinteresse de servir de graça!

—Moço, embora V seja *zelador*, guarda-dor, fiel, a menina não estava perdida, para V. querer chamal-a a si.

—Leviandades da mocidade.

—Si tem seccuras, beba agua.

V. pelo seu estado de casado, não pode ir a *Sé* consummar com ella o *SS. Sacramento* do matrimonio: para que então approveitou-se da occasião d'ella ir á rua do Bispo, visitar a madrinha para mettel-a n'uma cadeira e fazer-se de vella?

—A *força d'uma paixão.*

—Ora não seja pedaço d'asno! Por isso, passou pela decepção de ser filado na rua antes de comer a fructa.

—O maldicto moleque foi quem me frustou a empreza.

—V. é cynico!

Casse o anno inteiro, Sr. *Gomes Castro*, que não encontra um desfructavel de sua laia; com o maior descaro querer carregar uma moça, ás 9 horas do dia, hoje 22 do corrente!

Summa-se, biltre, que, por attenção a sua mulher, não lhe mando fazer o que merece.

—Donde vem V. tão esbaforido?

—Deixe-me, que estou arreliado.

Vi-me agora em papos de aranha para me livrar das garras de dous indomaveis caxorros, que ameaçavam dilacerar-me as pernas, sem remissão nem aggravo.

—Isso não é lá muito confortavel.

—O que eu não sei é como se tem soltos dous animaes tão ferozes.

—Cousas da terra.

—Entretanto, qualquer pacifico vivente, que passe pela Cova da Onça, ao emparelhar ao n.º 5, está exposto a ser acommettido pelos dous furibundos animaes e ser preza de seus caninos dentes!

—E o que se hade fazer?

—Nada, está direito; felizmente eu ja estou prevenido.

—A illuminação publica continúa mal e porcamente.

O accendedor dos Barris, tomou por seu barato, de certa hora em diante, substituir a luz do gaz, pela luz das estrellas matutinas e, ainda bem não soaram as quatro da madrugada, ja elle anda azafamado a torcer os canudos dos combustores.

—Ora isso não quer dizer nada; quem não quizer sahir ás escuras, deixe-se ficar em caza.

—Foi ao spectaculo no sabbado?

—Fui; só porque me provocou a curiosidade ver a comedia —*Uma lição de spiritismo, ou a gata transformada em mulher*.

—Que tal achou?

—Esteve muito boa, pelo que foi prohibido continuar-se a representação.

—A Sra. Izabel transformou-se bem em gata!

—E ella não transformando-se, quando ha affinidade no sexo.

—Teve muitos *applausos* da platéa, de pateada e churrios, e até disseram-me que jogaram-lhe dinheiro de cobre.

Só notei faltar-lhe uma cousa.

—O que foi?

—A dentadura para poder comer passarinhos e ratos.

—A policia bigodeada pelos moleques!

—Aquillo não são moleques, são tambores da guarda nacional.

—Ora esta! Por isso deixam de ser moleques?

Que nome tem uma malta, que anda a roubar doces pelas caixinhas, espancando as mulheres de capona, atropellando as familias e commettendo mil indecencias, embora enverguem uma farda de guardas nacionaes?

—Os commandantes de batalhão deviam olhar para isso.

—Veja como metteram o ordenança do subdelegado da Sé n'um sarilho de petelecos, que só falta lhe darem palmadas.....

—Tambem elle para que se foi metter em camisa de onze varas, querendo sosinho conter uma tuba desenfreada como aquella!

—Eu não sei, por que nestes dias de festa, em que se reune tanto vadio e desastrado, a policia não dispensa uma força que faça manter a ordem.

—O Terreiro hoje está fertil em sarceiros!

—A noite é propria.

—Quando deixaram este palanque por desmanchar, para alguma cousa era.

—Pelo menos occupa dia e noite um pobre soldado.

—Que para não curtir as noites em frio, vê-se na dura necessidade de levar para alli sua costella.

—Tudo fosse isso, o peior é aquelle infernal baruiho.

—Do que procedeu, sabe?

—Um cujo, querendo alliviar-se de um pezo que o encommodava, foi descarregal-o em baixo do palanque; o soldado, que tem fino olfato, presentiu e quiz ob igal-o a sahir de calças na mão, mas elle que é de briga, foi arrumando no militar em cheio.

Os capadocios accudiram logo, e lá está o o inspector e o soldado servindo de basculho da sucia.

—O patriotismo da tal commissão, foi so para levantar o palanque, para desmanchal-o, qual!

—Não ha mais dinheiro.

—Ora adeus! caxorro quando vai engolir o osso, toma medida primeiro.

—A respeito de segurança individual, marchamos em progresso espantoso!

—Que pedaço!

—A' seis noites passadas um grupo de estabanados, malhavam de cacete em um pobre vivente, ás 9 horas da noite, na praça de Dous de Julho.

—Eu logo vi, que o seu dizer era ironico.

—Os gritos da victima não foram capazes de dispertar a curiosidade de um unico agente da policia, e o infeliz teve de ficar bem moqueado.

—Si no largo do Theatro, no sabbado, ás 11 horas da noite, houve cacetada a estron-

dar e a policia não despertou do lethargo, quanto mais lá tão longe.

—E' realmente digno de inveja semelhante estado de cousas!

—Foi visitar o hospital de charidade no domingo?

—Fui. Muito aceio, muita ordem.

—Graças aos esforços do Sr. Figueireido Leite.

LA VAE VERSO.

MAXIMAS.

E' cousa contradictoria
Ser christão sem ir á missa;
Quem dá beijo em mulher velha
Chupa rolha de cortiça.

Ter vergonha, hoje, é tolice,
Ter consciencia, isso é pêta;
Os rapazes deste tempo
São valentes na gazeta.

Novellas vem em barril,
Romances e folhetins,
Traducções e poesias,
Andam ja entre os capins.

Com tal civilisação,
Com tanta litteratura,
Ainda ha gente que queira
No paiz escravatura!....

Por dinheiro e por mulher
Quasi toda gente briga,
Quem stá de posse, é feliz,
Passa bem, enche a barriga.

Os amigos deste tempo
Todos querem desfructar,
Mas em vendo precisões,
Tratam logo de mudar.

Os mesmos pratos que então
Ajudaram a lamber,
Servem logo de risota
Dão motivo a escarnecer.

Guisado bem preparado
Ja de longe traz bom cheiro;
De certas repartições
E' bem bom ser thesoureiro.

Á PEDIDO.

Ao brioso e sempre livre povo da freguezia de Sant'Anna apresentamos a seguinte

Lista para juizes de paz:

Barão de Sauhipe.
Coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.
Major Antonio de Souza Vieira.
Dr. Antonino Emiliano de Goes Tourinho.

PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SÉ.

O Capitão Jovino Cezar da Silva.

Um votante.

PARA JUIZ DE PAZ DA SÉ.

O capitão Pantaleão José de Campos.

Um artista.

PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SÉ.

Recommendamos aos cidadãos votantes desta parochia o cidadão Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira.

Um votante.

PARA VEREADOR

O coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.

Um votante da Sé.

POVO DA SÉ, ALERTA!!!

Apresentamos candidato a um dos logares de juiz de paz da freguezia da Sé, o coronel Manuel Tranquillino dos Reis, o qual pode n'esta época ser um poderoso auxiliar á situação.

—Um jumento, um vitello, um porco e um burro, são candidatos a juizes de paz.

—Isto só póde ser na freguezia dos bichos.

—Não, é na das aves que comem mamão.

DIALOGO

ENTRE CERTO TUTOR DE LATRONOPOLIS E UNS ORPHÃOS.

Um orphão.

Oh! por Deus, Sr. tutor,
Tenha de nós compaixão,
Dê-nos alguma porção,
(Lhe pedimos por favor.)
Do que foi a nós deixado,
Por nosso pae ajuntado!

Tutor.

Passa fora, creançada!
Não tenho nada a vos dar,
Quem quizer vá trabalhar;
Ja não estou p'ra massada;
A herança que vos tocou
Para o escrivão mal chegou.

Orphão.

Oh! Sr., isso é horrivel!
Contemple nossa desgraça;
Libamos amarga taça,
Cheia de pranto.... é terrivel ...

Não nos deixe assim sem pão
Tenha dó o compaixão.

Tutor.

Ah! que massante ninhada!
Querem pão? vão ao padeiro;
Eu não sou nenhum sendeiro,
Que trabalha sem ver nada;
Nem irman de charidade,
Nem asylo de orphandade.

Orphão.

Nos diga, tutor cruel,
Aonde estão nossos bens?
Aonde mettido os tem,
Que até hoje só fel
Em *partilha* temos tido,
E nada mais obtido?

Tutor.

Os seus bens? La no *inventario*
Tudo está mui bem *descripto*,
E tudo á lei adstricto;...
Tive até pouco *salario*;
E as custas e *tuetellas*,
E mandados e *querellas*?

E os termos de *juramento*,
Termos de *datas* e *juntadas*,
São brinquedos, cassoadas?
Por ventura sou jumento,
Que não tem retribuição?
E os termos de *conclusão*?

Orphão.

Homem sem alma, attenda,
Cobre o que lhe pertencer,
Usufrúa a se encher,
Cobre o duplo, mais accenda
Na sua alma o sentimento
De humanidade um momento.

Não nos lance na indigencia,
Que a lei não permitte tal;
Já basta de fazer mal;
Pois nos põe na contingencia,
Nos roubando tecto e pão,
De lhe chamar-mos....LADRÃO.

Tutor.

E' demais! Eu tão *honrado*,
Que estou *pobre* e nada tenho,
Apezar do meu empenho
Em um trabalho aturado,
Hei de em silencio soffrer
Injustiças a morrer?

Orphão.

Hypocrita refinado,
Não blasphemes, emmudece;
Quem é que não te conhece
Por um velhaco afamado?!
Vinte annos já lá vão,
Que nos rouba este ladrão.

Jacques Ferrand.

VARIEDADES.

DOUS PREGÕES.

Indo um homem a enforcar por fabricador de moeda falsa, apregoava o algoz a culpa, e o padecente a desculpa: ambos apregoavam; um dizia: —Justiça que mandam fazer.—Injustiça que me fazem, dizia o outro, por não ter moeda, que si a tivera, a forca não se armaria.

COUSA QUE ACONTECE MUITAS VEZES.

Sendo visitada uma menina por um dos seus parentes, esta lhe disse:

—Não façaes bulha, priminho, que a mamãe está com dores de parto.

—Mas, minha cara priminha, lhe respondeu elle, eu julgava que vosso pae estava ausente ha dous annos.

—Oh! isso é o mesmo, lhe tornou a pequena; elle escreve todos os meses a mamãe.

ANNUNCIOS.

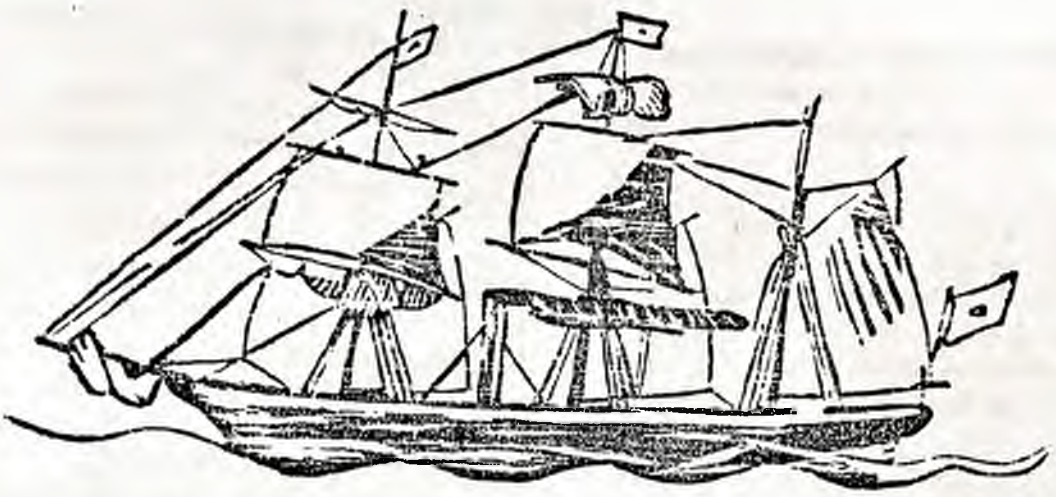
FESTA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE NA IGREJA DO SENHOR DO BOMFIM.

Convida-se a todos os devotos da Santissima Virgem para depois de amanhan, quinta-feira, finda a Missa, lavarem a egreja do Senhor do Bomfim, onde, no domingo 30 do corrente, celebra-se a festa da mesma Senhora da Boa Morte com toda decencia e boa musica, pregando ao envangelho o Revm. padre mestre conego Moniz; havendo na vespera, á tarde, procissão das senhoras, acompanhada de excellente banda de musica militar, seguindo-se a novena, em que pregará o Revm. vigario da freguezia, e finda a qual, bem como no domingo á tarde, e depois do offerecimento á noite no palanque, continuará a banda militar a executar excellentes peças de musica, durante a illuminação á gaz nas ditas noites, alem de outros variados divirtimentos; terminando a festividade com um bom fogo de planta. Espera-se pois, a concurencia de todos, para melhor brilhantismo do festim dedicado áquella nossa Mãe Santissima.

A thezoureira da festa.—*Perpetua Roza Pedreira França.*

Esta typographia precisa de um disribuidor.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 41.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3$ rs. por 6 series.

BAHIA 29 AGOSTO DE DE 1868. N.º 403.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de agosto de 1868.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que com urgencia responda sobre a inclusa representação de alguns taberneiros, que se queixam da falta de egualdade com que S. m. dispensa de correição as seguintes vendas—de João Mariano, á rua Direita de Santo Antonio; Jesuino, á Quitandinha; Britto, á quina do becco dos Perdões; Antonio Farias, á Fonte de Santo Antonio. S. m. deve quanto antes esclarecer semelhante accusação, que, á ser verdadeira, importa em reprehensivel condescendencia e desabono da imparcialidade com que deve S. m. desempenhar seu cargo; cumprindo-lhe mais observar, que, em bora sejam os vendelhoes alludidos prestimosos auxiliares eleitoraes, com tudo, deve S. m. fechar os olhos á politica, quando tratar de desempenhar deveres. Cumpra.

—Ah, si eu fosse chefe de policia!

—Não fazia nada.

—Garanto lhe que aquelles quatro licenciosos não ficavam em sosso.

—Console-se com a vontade.

—Usarem de violencia para commetterem tão hedionda e sensual acção!

—A policia não pode estar a par do que se passa de portas a dentro.

—Mas, como é que quatro depravados entram n'uma casa e constrangem, pela força, uma fragil creatura, a praticar um acto aviltante e repulsivo!

—Em *geral*, V. não sabe que os homens libidinosos tem coração de *pedra?*

—Caxorrões!

Ahi está porque eu digo que, si fosse chefe de policia, por moralidade da sociedade, mandava metter taes patifes no chilindró.

—Não ha quem tenha commiseração d'aquelle decrepito velho!

Estendido sobre a lagea, coberto de moscas, embrulhado em um immundo pedaço de panno!

—Onde vê, é escravo. Foi vendido englobadamente em um leilão de trastes, por tres mil reis.

—E a policia não obriga o senhor d'aquelle cadaver vivo a recolhel-o!

—O *Melchior,* que não é nenhum *seraphim,* e a quem só faziam conta os trastes, atirou para a rua o pobre velho, como um objecto desnecessario.

—E para que comprou-o?

—Era a condicção da venda.

—Ingratidão!

Usufruem-lhe os serviços por longos annos, e, quando o veem enfermo e insubsistente, atiram-no a morrer á mingoa no adro de S. Domingos!

—Credo em cruz! Eu te *aber nuncio!*

—O que viu, homem?

—Dizem que esta ladeira da Prata é mal-assombrada.

Aquillo será alma do outro mundo? Estou com os cabellos erigados.

—Forte creançola!

—O que, homem? Pois não é um phantasma? Parece até vestido de *padre*.

—Medroso, repare, é um homem e uma mulher que estão á conversar.

—Homem, falle-me *franco*, V. reparou direito?

—Si a *Libania* estivesse aqui, rir-se-hia a escangalhar do seu infundado pavor.

—Foi julgado pelo jury, no dia 26, o João Cabocolinho.

—E condemnado?

—A seis annos de prisão com trabalho e a pagar as custas.

Teve duas accusações e uma defeza.

—Fico inteirado.

Á PEDIDO.

—O que vem fazer este velho em sua companhia?

—E' um africano, que vem queixar-se a V. Ex. contra uma empalmação, que queriam fazer em seus bens, por meio de um testamento falso.

—Olá! isso é cousa fina!

—Si V. Ex. permitte, eu exporei o facto, como elle me contou.

—Pode.

—A 23 de abril do corrente anno, dirigiu-se ao forum, para fazer approvar seu testamento, que mandára escrever, por pessoa de sua confiança.

Uma dessas harpyas, que andam por alli a farejar prezas, arrancou-lhe das mãos o testamento, á pretexto de que não estava feito em ordem e persuadiu-o á força de *palavras doces*, a mandar fazer outro, por pessoa entendida.

Não foi nada, não; a vontade do testador foi completamente illaqueada e enormemente lesadas uma filha natural e uma cria a quem elle legava o que tinha.

—E quem ficava por herdeiro?

—Eu explico. Duas casas, que o africano tem ao becco do Mingau, ficavam, uma para a filha da inculcado testamenteiro e outra para as herdeiras, omittindo se que uma era sua filha, devendo-se desta tirar as despezas do funeral, missas, etc.; e tudo mais para os dous intrusos testamenteiros.

—Bravo!

Como descobriu elle a massada?

—Approvado o testamento, foi lacrado e entregue ao africano dizendo-se lhe que deixasse outra copia no cartorio. Deus, porem, que não quer cousas mal feitas, aditou no coração do preto, que, no domingo 23 do corrente, quatro mezes justos depois da audaciosa tentativa, abrisse o testamento, mandasse-o ler e désse com a ladroeira.

—Basta de narração. Os nomes da commandita?

—Capitão, por ora consinta que o queixoso guarde reserva. Basta dizer que o testamento está escripto, a seu rogo, por um escrevente; servem de testemunhas seis officiaes de justiça e está competentemente approvado por um tabellião.

—Como vae grassando a terrivel tendencia de apossar se do que é alheio!

A raça dos falsificadores está tão ramificada, que quasi parece impossivel extinguil-a!

Acrostico.

Será possivel que o gabinete de 15 de julho componha-se de homens, que provem a verdade do seguinte acrostico?

- taborahy.
- uritiba.
- otegipe.
- lencar.
- aranhos.
- ntão.
- oares de Souza.

(Typographo.)

—Sr., Vm. tem assucar?

—Do bom.

—A como vende?

—Doze vintens.

—E' caro.

—Não compra por menos em outra parte.

—Isso que é comprar. Sr. *Miguel* me dá a nove vintens.

—So si *elle rouba*.

—O mais é que eu agora não hei de ir ao *Gaes do Ouro* por uma libra de assucar.

—Si eu comprasse de noite, para vender de dia, como o *Costa*, lhe daria pelo preço que V. quer.

—Assim é que se faz. Eu sei que elle sempre anda sortido.

—O pote tanto vae á fonte que la se fica.

—Eu sei que o deposito soffre, mas elle lucra.

—Mas, no dia em que a policia procurar o n.° *81* de sua porta, elle pagará tudo por junto.

—O seu procedimento, Sr. *tenente*, é altamente irregular e censuravel.

—E o Sr. quer se constituir em *policia correccional*?

—Que duvida? Não posso concordar com acções indecorosas, mormente praticadas por quem tem restricta obrigação de zelar a moralidade.

—O Sr. agora é que quer moralisar.

—Por ventura, não comprehende a indignidade e torpeza que ha em seduzir uma moça, enganal-a, perdel-a, trazel-a de sua terra, promettendo fazel-a feliz e chegar aqui, abandonal-a a couces e ponta-pés?

—Cumpri tudo quanto prometti a ella.

—Isso, foi o que o Sr. disse, quando chamado pela authoridade; mas eu não creio, por que, tendo promettido cazar-se, faltou sua palavra.

—Não sou o primeiro.

—E o Sr. que foi para *Cama-co mu*, como garante da ordem, tornou-se em instrumento de depravação!

—Nem por isso deixei de merecer confiança *junto* a quem manda.

—E' que o coração do homem, é moldavel como o *barro*.

—Tambem alguns tem no rijo como *seixo*.

—Esta terra, esta terra! .. quanto mais pervertido, mais protegido!

—Onde vae, Sr. Candinho, tão apressado assim?

—Oh, capitão, a procura de V. Ex. mesmo vinha eu, para lhe contar um facto que commigo deu-se no sabbado, depois do espectaculo.

—O que foi? Alguma novidade?

—Eu lhe conto:

O Sr. Arthur Benn, quando sahiu do theatro, entrou mais tres sujeitos em um carro; mas havendo entre elle e o caixeiro uma duvida sobre o pagamento do aluguel, o caixeiro não quiz que seguisse o carro. O Sr. Benn passou uma descompostura no caixeiro, o caixeiro respondeu com outra descompostura, palavra puxa palavra, segue o carro, não segue. N'isso um dos tres companheiros do Sr. Benn, o Sr. Johnston Saunders, pula de dentro do carro para esmurrar o caixeiro, este entra por meu botequim e o S'. Saunders atraz, por fim atracam-se, e quebraram-me candieiros de gaz, garrafas de cervejas, pratos, copos, doces machucados debaixo dos pés delles e o diabo a quatro!

—E o Sr. Saunders não lhe pagou este estrago que lhe fez, causado pelo sua *cervejaica valentia?*

—Logo depois do acto do desaguisado eu o agarrei e elle prometteu pagar-me; mas na segunda-feira, mandando-lhe a conta, recusou-se, dizendo que nada devia.

—Acho bom que se dirija á policia e dê uma queixa contra o Sr. Saunders, pois ninguem está disposto a que venha um *valentão acervejado* dar em outro dentro de sua casa, fazendo até estragos.

—Eu vinha nesse proposito de, si não encontrasse V. Ex., dirigir me a policia; mas acho bom que V. Ex. tome tambem algumas providencias á respeito.

—Vou expedir as ordens para que elle venha á minha presença.

CANDIDATO POPULAR.

Jovino Cesar da Silva, a seus illustres comparochianos do Curato da Sé.

Apresentando-me pela segunda vez, perante a urna desta parochia, solicito dos meus illustres comparochianos a honra de me admittirem em um dos logares da judicatura electiva.

Estranho as lutas dos partidos e convencido de que empreguei sinceramente todos os meus esforços, para cumprir a missão popular, de que fui investido, tenho com a maior confiança, em meu unico apoio, a estima e benevolencia, com que tanto me honram e distinguem os meus illustres comparochianos, de quem espero e a quem entrego o resultado da minha eleição.

Posso affiançar, dando por garantia os meus precedentes, que continuarei a tomar por norma da minha conducta, si tiver a honra de ser bem succedido, o exacto cumprimento da lei entre os meus illustres comparochianos.

Não tenho outra aspiração, que não seja a estima de meus concidadãos.

Bahia 31 de setembro de 1868.

Jovino Cesar da Silva.

PARA VEREADORES.

1.° Dr. José Luiz de Almeida Couto.
2.° Elpidio da Silva Barauna.
3.° Barão de Sauhipe.
4.° Conselheiro JoaquimTorquato Carneiro de Campos.
5.° Commandante superior Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.
6.° Dr. Antonio Euzebio Gonsalves de Almeida.
7.° Dr. Antonino Emiliano de Goes Tourinho.
8.° Dr. Francisco José da Silva e Almeida.
9.° Manuel Correia Garcia.

PARA VEREADORES DO PARTIDO CONSERVADOR

Commendador José de Barros Reis.
Proprietario Antonio Dias de Magalhães.

Dr. Floy José Jorge.
Dr. Francisco de Azevedo Monteiro.
Proprietario Manuel Affonso Paraizo Moura.
Advogado Manuel Correia Garcia.
Coronel Raymundo F. de Macedo Magarão.
Capitão Silvestre Cardoso de Vasconcellos.
Dr. Francisco José da Rocha.

PARA JUIZES DE PAZ DE S. PEDRO.

Elpidio da Silva Barauna.
Antonio Telles da Silva Lobo.
Dr. Cincinato Pinto da Silva.
Antonio Francisco de Aguiar Cardoso.

Ao brioso e sempre livre povo da freguezia de Sant'Anna apresentamos a seguinte

Lista para juizes de paz:

Barão de Sauhipe.
Coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.
Major Antonio de Souza Vieira.
Dr. Antonino Emiliano de Goes Tourinho.

O SR JOVINO CEZAR DA SILVA.

Tendo sido publicado no *Jornal da Bahia* de hoje, uma chapa politica para juizes de paz do Curato da Sé, na qual fizeram o favor de, a minha revelia, incluir o meu humilde nome, julgo do meu dever, agradecendo a lembrança, declarar, que não faço parte de chapa alguma, e que continúo em minha apresentação avulsa a tão honroso, quão importante cargo popular, confiado ainda uma vez na bondade com que me tem distinguido o brioso povo deste Curato, certo porem de que, candidato somente popular, não terá de maneira alguma minha apresentação caracter de matiz politico, continuando a pautar os meus actos na judicatura de paz pelos principios de justiça e moderação; assim pois, tendo de ambos os lados affeições e amigos, continúo a esperar delles todo apoio a bem da minha candidatura, que não tem caracter politico.

Bahia 26 de agosto de 1868.

Jovino Cezar da Silva.

PELO PARTIDO CONSERVADOR

Para juizes de paz da freguezia de Sant'Anna.

Dr. Americo de Souza Gomes.
Antonio Pereira Bastos.
Francisco José Ramos,
Lino Porfirio da Silva.

ELEIÇÃO DE JUIZES DE PAZ DA SÉ.

Sr. Redactor.—Qualquer que seja a minha opinião ou tendencia nas luctas politicas da actualidade, penso que ha sempre grande inconveniencia publica, na exclusão de caracteres competentes por provada honestidade e intelligencia, muitas vezes preteridos na urna eleitoral por força de conveniencias de occasião, determinadas por mero calculo politico.

Por isso, e por que o Sr capitão Ignacio Alberto de Andrade Oliveira deu testemunhos cabaes, nunca contestados, de idoneidade no cargo de juiz de paz nesta freguezia da Sé, durante todo tempo que o exerceu, peço licença para o apresentar candidato a proxima eleição de juizes de paz por esta freguezia.

Desejo pois dever-lhe, Sr. redactor, a bondade da publicação destas linhas, completando-me este favor com a reproducção dellas transcriptas nos subsequentes numeros ate o dia 7 de setembro.

Um parochiano.
(*Int Pub.*)

CHAPA GENUINA PARA JUIZES DE PAZ DE S. PEDRO.

Joaquim Torquato Carneiro de Campos.
Antonio Francisco de Aguiar Cardoso.
Elpidio da Silva Barauna.
José Maria de Mattos.

VARIEDADES.

O QUE E' O CASAMENTO.

Um moço, que ia casar-se tendo na mão seu bilhete de confissão, julgou que lhe seria agradavel voltar atraz e de dizer ao confessor:

—Eu não sei, Sr. abbade, si estou bem confessado; tendes a obrigação de me dar uma penitencia.

—Não me dissesste que ides-vos casar?

LOGICA NO VINHO.

Um amador do bom vinho fazia o seguinte jocoso raciocinio ao seu confessor, que o reprehendia sua má inclinação Meu padre o vinho faz o bom sangue, o bom sangue produz o bom humor, o bom humor faz nascer bons pensamentos, os bons pensamentos produzem as boas acções, e as boas acções, levam o homem ao ceu; logo o bom vinho deve conduzir-me ao ceu. Assim seja respondeu o pastor.

ANNUNCIOS.

AMA

Quem precisar de uma ama, para carregar creança ou para reger uma casa, dirija-se as Portas do Carmo n.º 69.

Januario de Amorim Vieira, relojoeiro á rua dos Ourives, n. 14 C, tem um bonito sortimento de relogios americanos, dos formatos mais modernos, que tem vindo ao mercado.

O
ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 45.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 2 DE DEZEMBRO DE 1868. N. 441.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1 de dezembro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. commandante superior da guarda nacional da capital.—Sendo notorio que se acham aquartellados no 5.° batalhão dous officiaes, que, nomeados ha perto de anno, até hoje não se apresentaram fardados, pelo que, em face da lei, têm perdido as patentes, accrescendo que agora mesmo, segundo consta, estão fazendo o aquartelamento desfardados; sendo um dos mencionados officiaes o filho do proprio commandante: leva-se tão extranhavel facto ao conhecimento de S. Ex. para que providencie como exige a lei.

—Ao Illm. Sr. major commandante do corpo provisorio de policia, para que informe si é exacto que o commandante do destacamento de Monte Santo veio á esta capital, de passeio, sem licença, visto como ha quem propale isso, talvez para desabonar o referido commandante.

—Assistiu ao acto dos doutoramentos?

—Infallivelmente.

Esteve solemne e magestoso.

—O presidente foi?

—Esteve na academia: na egreja não o vi.

O espaldar, para elle destinado, foi occupado por uma douda.

—Eim?..... Ou V. é que está doudo, homem?

—Ora, que o Sr. ha de tomar tudo por zombaria!

Quando eu fallo serio, não gracejo.

—Nisso lhe acredito piamente.

—Uma louca, de nome Domithilde, moradora ao Passo do Saldanha, encarapitou se no assento do presidente e conservou-se nelle muito seria.

—E esta!

Um *doudo* na cadeira da presidencia!

—Doudo não, douda.

—Fallo genericamente.

Olhe que ha cousas!

—Si me dissessem que era de proposito, eu não acreditaria.

—Realisou-se o que V. tinha predito.

—Já não me lembro o que é.

—Foram demittidos da companhia do gaz cinco brasileiros, para se accommodar a cinco inglezes, que vieram se arranjar no Brasil.

—Isso era sabido.

—Entrou até um medidor de carvão, emprego de infima cathegoria, com a *ridicula* diaria de 5$ rs.

—Quem estima são os vendedores de cerveja, que terão mais gasto.

—Pelo que vejo, o systema vae grassando.

—Em que porta vae bater?

—Refiro-me ao costume, que vae se intro-

duzindo, de transformarem os estabelecimentos publicos em creação de animaes.

As irmans de charidade abriram o exemplo e a moda pegou.

—Quem é mais agora?

—Vá ao arsenal de marinha, e peça que lhe indiquem onde ha uma numerosa manada de porcos, carneiros e cabras.

—Ninharias. Sem duvida querem aproveitar algum commodo desoccupado.

—Está direito!

A prohibição é só para o povo, que nem uma leitôa pode crear em sua casa.

—Está V. a rir-se sem ver de que!

—De tanta bravura militar.

—Puerilidades.

—Si por uma gyrandola de foguetes os officiaes desembainham as espadas, e os soldados, á seu exemplo, as varetas e volteiam sobre as cabeças para se livrarem das flexas, no Paraguay, quando vissem o cheiro da polvora, parece que borravam as calças.

—Soldados de *fóra;* gente da roça; entendem pouco da disciplina.

—Por isso dizem que os officiaes da guarda nacional servem para arrastar espada nas procissões.

—Menos os do *oitavo*, que são valentes e disciplinados como trinta.

—A prova eu vi no *doutoramento dos academicos.*

—No hospital de charidade acha-se em tratamento José Desiderio do Spirito Santo, morador em Pirajá, o qual, no sabbado á noite, foi barbaramente espancado, no adro da matriz, ao findar o officio divino, por tres escravos do respectivo vigario.

—Onde irá isto parar? Cada dia um acto de canibalismo!

—O vigario acha-se preso, recolhido ao quartel de policia, como suspeito de ser mandante de tão atroz attentado.

—Que os executores da lei procedam com criterio e imparcialidade e pague quem fôr culpado.

—De onde vem V.?

—Venho da subdelegacia da Sé e lá deixei se procedendo a corpo de delicto em um menino de 8 annos, a que um outro quebrou a cabeça com uma pedra.

—Estes meninos agora estão endiabrados! Já outro dia um deu uma canivetada em outro, na Praça; agora temos este que quebrou a cabeça do outro com uma pedrada.

—O que é preciso,é que a policia tome alguma providencia sobre os meninos,que estão muito desastrados.

—Si eu contasse com a benevolencia do Sr. provedor da Santa Casa, pedira-lhe que mandasse publicar o contracto celebrado com as irmans de charidade, encarregadas de dirigirem o hospital da misericordia.

—Experimente.

O fim agora é que precisa saber-se.

—Quereria saber, si as irmans tem obrigação de tratarem dos doentes, ao menos na parte relativa aos de seu sexo.

—E' claro que sim.

—Porem as irmans, em sua pura castidade, têm um horror inexprimivel de se approximarem das infelizes, cuja vida desvairada as conduziu ao enchergão do hospital.

A desgraçada, que, por sua má sina, se arremessou no abysmo da prostituição, e a troco de vender o corpo, colheu uma dessas molestias, consequencia do vicio e da libidinagem, é tratada no hospital asperamente e até mesmo abandonada, porque as santas irmans julgam maculado o seu *virginal recato*, si encararem uma molestia venerea!

—Entretanto, que notavel contraste entre ellas e essas desherdadas da sorte, que acompanham o exercito imperial, na campanha do sul, e a quem chamam *chinas!*

Essas mulheres, grosseiras nos costumes e no traje, são entretanto brandas de coração e accessiveis ás lagrimas, á piedade, á devoção e á charidade!

Nos dias de combate, se vê essas boas mulheres correndo pressurosas ás carretas dos feridos, ajudando-as a descer, a caminhar, e a soffrer o que lhes coube por sorte.

Nos hospitaes, são verdadeiras filhas da charidade, mais dedicadas, mais charidosas, do que essas que, trajam um habito, sob o qual se acoberta muita cousa e longos chapeus brancos.

Quem contempla a sua abnegação nas horas de combate, quem testemunha seus prantos junto de um camarada ferido, ou suas lagrimas sobre uma ligeira sepultura, não pode deixar de interessar-se pela vida dessas creaturas, por ninguem lembradas, dessas martyres sem recompensa.

Contarei alguns episodios dessa ruidosa vida, cujos transes so conhece, quem uma vez despresou as delicias do lar, enfileirando-se nessas linhas de homens, que não sorriem, que nunca choram e que jamais blasphemam.

O general Osorio preparava-se para effectuar a passagem do grande rio; comprava-se cavalhadas, reunia se o gado, distribuia-

se munições, fardamento e armamento; exercitavam-se os soldados; tudo se preparava para aquelle glorioso dia.

Um cabo de esquadra do nosso regimento, domava um lindo cavallo mouro, quando este, desesperado para o derribar, dispara pela campina, saltando barrancos, vencendo vallos. De repente o cavallo tomba e o cabo de esquadra quebra uma perna.

A primeira pessoa, que vimos no logar do desastre, foi uma china; ella ajudou-nos a carregar até á sua barraca o infeliz cavalleiro.

Ao outro dia, passeavamos ao acampamento eu e um companheiro.

—Vamos visitar o cabo? lhe perguntei.

—Vamos.

Ao aproximarmo-nos da barraca, encontramos a china.

—Como vae o cabo? lhe perguntamos.

—O pobresinho tem soffrido muito, e si não fosse um remedio que eu sei, elle teria passado a noite muito peior.

—E qual foi este remedio?

—Vosmecê vae cassuar commigo, me respondeu a china meia risonha.

—Então porque?

—Porque vosmecê não acredita.

—E' algum feitiço que fizeste?

—Não, senhor.

—Então o que foi, dize; eu te prometto que não cassuaremos.

—Pois foi uma corôa que eu resei a Nossa Senhora da Conceição.

—Foi este o remedio?

—Sim; e foi tão bom, que elle logo dormiu.

—Então resastes com muita fé; lhe disse o meu companheiro,

—Por certo que si eu não tivesse fé, não teria resado.

O tom de simplicidade, com que foram ditas estas cousas, revelou-nos o quanto de religioso havia naquelle espirito.

Ella era uma mulher de seus 26 annos; seus olhos languidos, sua tez amorenada pelo sol dos campos, e seus longos cabellos davam um interesse indisivel áquella physionomia. Nunca mais a perdi da memoria.

No dia 20 de outubro do anno passado, preparou-se uma grande sala em S. Solano, onde se deu, á noite, um baile, sumptuoso de mais para os recursos de que se dispunha. Muitas chinas concorreram a elle; todas estavam alegres e dançavam com uma circumspecção, que fazia crer estarmos em um baile de alta sociedade.

Esta sala, converteu-se no outro dia em hospital de sangue!

Era uma scena desoladora! Os tapetes, sobre que tinhamos dançado, transformaram-se em camas, e muitos dos que ali haviam passado a noite, brincando, estavam agora cobertos de sangue.

Nós ali estavamos mais como curiosos do que como servidores.

Chegavam os feridos a todo instante. Approximava-se uma amasona que trazia as vestes despedaçadas e um homem na sua garupa. Fomos ajudal-o a descer e notamos com grande pasmo, que as ataduras de suas feridas, eram tiras do vestido da amasona.

Quando iamos patentear a essa mulher a sensação divina, que em nos produzira, sua mimosa charidade, ja ella corria de novo ao campo da batalha.

Ninguem, senão os que presenciam, pode fazer idéa dos horrores desse negro drama do cholera nos acampamentos.

O 1.º corpo do exercito foi por duas vezes assolado no Tajy, por essa epidemia cheia de horrores.

Os hospitaes regorgitavam de enfermos, ahi estavam essas verdadeiras irmans de charidade incansaveis, essas mulheres resignadas ao soffrimento, essas almas dedicadas, sem outra ambição mais,do que a intima satisfação que produz a pratica do bem.

—Entretanto, entendem os aferrados apologistas das alcunhadas filhas de S. Vicente que as brasileiras são inaptas até para enfermeiras; por que tudo é privativo dessas estrangeiras, cuja falta de charidade se revela até com os mortos.

A ridicula economia dá logar a que os infelizes que acabam os dias no hospital, fiquem dois e tres dias por sepultar!... visto que a unica nojenta e estrangulada carroça que existe, ha occasião em que não dá vasão a conducção dos cadaveres.

No sabbado, pela manhan, via-se no deposito um cadaver e na segunda feira, as 5 horas, ainda la estava em adiantado estado de decomposição.

E o mais é que o Sr. hoje absorveu todo tempo e não me deixou dizer nada.

—Peça a Deus vida, que tempo não falta; ahi vem quinta feira.

(Continúa.)

Á PEDIDO.

—A proposito:

V. outro dia disse-me que o Antonio Manuel Rodrigues, por alcunha o *Cago*, dera um tiro em certo sujeito na rua da Poeira?

—E' verdade.

—Mas em que ficou isso?

—Instaurou-se o competente processo.

—O resultado é que eu pergunto.

—Ah, não teve andamento.

—Comprehendo; pararam, abafaram, consumiram.

—Agora, si V. quer saber pergunte ao subdelegado de Sant'Anna a rasão porque deixou o tal processo de continuar.

—Basta uma advertencia ao da Sé, com quem anda elle ás voltas, prevenindo-o de que o tal *Gago*, além da balda de arrancar do cacho as fructas verdes, tem de mais queda para assassino.

—Capitão, um caso.

—Onde deu-se?

—Em Latronopolis.

—Conte-o.

—Thereza intrigou-se com a parda *Bella*.

—*Bella* é nome?

—Não sei, é como é conhecida a parda que intrigou-se com Thereza.

—Está bem, vamos lá.

—..... Thereza é uma senhora casada, cuja conducta não é muito regular.

Venancio, *cabo de quarteirão*, parente de Thereza, vendo um dia *Bella* na porta cantando, intimou-a para que não continuasse a cantar, e no dia immediato, mandou chamal-a e recolheu-a na casa de Correcção, dando disso uma furiosa parte ao *subrenegado* da freguezia.

Bella já se acha presa ha uma porção de dias, sem ter nota de culpa.

—O despotismo está em pé, *não tem duvida*.

—Mas tudo isso que tem feito o *subrenegado* é porque queria que *Bella* fizesse traições ao seu amazio, e como não poude conseguir aproveitou-se do ensejo para vingar-se della.

—Que canalha!

—O tal *cabo de quarteirão*, talvez V. Ex. já tenha ouvido se fallar nelle, é um sugeito que furtou aqui um relogio de seus companheiros em 1859, quando trabalhava no concerto de um sobrado ao *Caes do Ouro*, e em 1863 roubou de um portuguez um cofre de ferro, em que este guardava o dinheiro dos alugueis de casas, pelo que andou pelas casas das autoridades e até esteve *guardado* na casa de caxorro.

—Que larapio!

Como se faz *cabo de quarteirão* á um ladrão?

—Mas que quer, si tão bom é elle como o *subrenegado?*

—Em que terra estamos nós, meu Deus!

Valha-me *Nossa Senhora da Penha!*

Aspirante, vá se informar sobre este facto que acabou de contar este homem, afim de que eu possa tomar á respeito as medidas que julgar convenientes.

—Modos de roubar.

—Explique.

—Um homem, com 14 annos de pratica de taverna, é convidado para tomar conta de uma venda, fora do centro da cidade, *Itapagipe*, por exemplo.

O homem acceita a proposta, mas estipula a condição de que o balanço não seria feito por um certo balanceador; o que é acceito.

No acto porém, de receber a casa, o balanceador recusado é escolhido pelo amo para proceder ao respectivo inventario nos generos,

O caixeiro extranha isso, mas o amo persuade-o a dissipar taes receios.

Decorridos oito dias, conhece que o balanço fôra viciado, que está lesado e despede-se.

Ainda desta vez, o amo consegue, dissimuladamente, convencel-o a continuar.

Trinta dias depois, porém, é o amo quem exige um balanço, onde se reconhece um desfalque de cento e vinte e tantos mil reis; vendo-se o pobre caixeiro na dura collisão de passar uma lettra, em como devia tal dinheiro, para não ficar desacreditado.

Ora diga-me: não é isso uma classica ladroeira, forjada, de mãos dadas, por amo e balanceador?

—E', é.

—Pois está, Sr. *A. S.*, na *Bahia*, como muita gente que campa de honrado, procede.

—Elle evitaria tudo, se chama o balanceador *M. J. Teixeira*, que é fino para isso.

Pergunta-se á camara municipal, si o fiscal Lino tem ordem de toda vez que está fiscalisando a freguezia da Conceição da Praia tomar forçosamente das ganhadeiras uma gallinha de cada uma, e si tambem tem ordem para espancar aquellas que, não podendo dar a gallinha, dão um frango, como aconteceu hoje, que espancou a preta Clementina, escrava da africana Joanna. No caso de não haver ordem, pede-se providencias para um tal abuso.

ANNUNCIOS.

Quem precisar de uma ama de leite, dirija-se ao Caes Dourado, n.º 53, para tratar.

Na rua do Tingui, casa do Genesio, vende-se flores.

Na padaria de S. Miguel aluga-se um preto forro ou captivo.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VI. **Serie 45.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 4 DE DEZEMBRO DE 1868. N. 442.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de dezembro de 1868.

Officio á Illma. camara municipal, para que mande tapar as duas boccas de lobo da rua do Collegio, pelo prejuizo que pode causar á saude publica, em consequencia do estado de porcaria a que as reduzem os moradores da circumvisinhança.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, remettendo-lhe uma queixa de diversas familias do becco do Arcebispo, contra umas ociosas e depravadas mulheres, que ahi moram, as quaes, depois de *chanfornarem-se* todos os dias, travam desordens, onde, folheando o diccionario da deshonestidade, e, hostilisam-se mutuamente, em vozes tão immoderadas, que offendem á toda visinhança, ajuntando-se a isso os repetidos *perluvios* que fazem á noite os frequentadores das cujas, que são uma Joaquina, vulgo Cavallo em osso, Phelippa e outras.

A vista do que, espera-se de S. S. uma providencia que chame á ordem essas cantoneiras, em seu dissoluto procedimento.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe, que a beneficio dos moradores da ladeira da Palma, vá intimar ao proprietario da casa de azulejo, á esquerda, de quem sobe, para que mande concertar o cano da dita casa, que evacua para a rua, com grave encommodo da visinhança, pelo insupportavel fetido que exhala.

—Venho pedir-lhe um favor, capitão.

—Si é cousa possivel, está servido.

—E' para V. Ex. dar um passeio até o hospital dos lazaros.

—O que vou eu la fazer?

—Observar com seus olhos o estado de penuria em que vivem aquelles infelizes, a porcaria que ha naquelle edificio.

—Como é do seu gosto, lhe satisfarei.

—Este nosso governador tem venetas!

Hontem, ao terminar a *revista*, apertaram-lhe as hemorrhoidas, e mandou, sem que ninguem esperasse, o *corpo dos sanhaços*, acampar no abarracamento da *folha* de *palmeira*.

—Uma cousa que podia prevenir, para cada um se preparar.

—Mas o que quer? o homem gosta de fazer surprezas.

—No dia 2 de dezembro houve parada em festejo aos annos do imperador.

—Horrenda e fera massada que se prega na guarda nacional, neste clima intertropical!

Levar um homem de arma ao hombro, desde 7 horas até 3 da tarde ao rigor do sol!

—Cousas do mundo; lisongear a um com soffrimento de muitos.

—Mas que notou?

—Muita cousa. Falta de tactica militar;

descargas em duplicata; economia nos vivas, dispensando-se a religião para se dar á imperatriz; babuzeira de officiaes nas manobras; os porta-bandeiras segurando os estandartes com a mão direita para se defenderem com a esquerda, etc., etc.

—E etc., etc.

—Assistiu o espectaculo em grande gala, no dia do anniversario de S. M.?

—Assisti.

—Que tal achou o drama *Beckman?*

—O drama é bom; mas os actores que o representaram enterraram-no completamente, e não obstante isso, seu author foi chamado muitas vezes á scena e applaudido com frenetico enthusiasmo.

—Dizem que houveram muitos poetas.

—E' verdade; como ha bem tempo não apparece. Teve mais um prosista que cançou o Sr. Domingos Joaquim da Fonseca, só mandando-o—*caminhar e seguir,* sem nunca concluir.

—E elle caminhou?

—Conservou-se sempre em scena, embora a exigencia do tal massante.

—Algum desfructavel?

—Dos que sempre se apresentam em toda parte, querendo em tudo se metterem, sem terem consciencia de si.

—Os empregados do theatro não quizeram trabalhar no dia 2 de dezembro, sem que lhes déssem uma fiança, ou dinheiro adiantado.

—Estão no seu direito. Elles se queixam que lhes não pagam.

Sacco vasio não se põe em pé, diziam os antigos.

—Capitão, penalisa-me, em extremo, um golpe que acaba de soffrer o Sr. pharmaceutico Barbosa.

—O que foi, meu Deus!

—Morreu-lhe um filho, afogado no dique, atravessando de um lado a outro para ir comer cajús.

—Coitado! Eu lhe accompanho em sua pena.

—Infeliz.....

—O *Massa de linguiça* breve faz uma desgraça.

—Quem é *massa de linguiça* nesta vida?

—O caixeiro da *Nova Padaria*, atraz da Sé, que enfurece-se, quando os moleques o appellidam por tal; e estes conhecendo-lhe o fraco, vão atormental-o a cada hora.

—E' muita susceptibilidade da parte delle.

—Tanta, que um dia destes desceu a cidade baixa e se foi queixar de um caixeirito, que foi logo despedido.

—Sobre este caso, para evitar qualquer successo, seria bom que a policia tomasse uma providencia.

—Que infernal assuada no Jogo do Lourenço!

—São africanos que sufragam a alma de um morto.

—Extravagante maneira!

—Realmente, a policia que permitte tão barbara e incommoda pratica, devia ser compellida a assistir um *pagode* destes, para saber o que é bom!

—Capitão, um caso de fazer arripiar as carnes.

—Conte.

—«Vivia em Hidalejo, provincia do Mexico, desde alguns annos, um par, que parecia ser o mais feliz do mundo. O marido, homem cheio de coragem e de energia, vivia de um moinho e de um engenho de pizar azeitonas; Rita, sua joven mulher, soberba filha das montanhas, ajudava-o com todas as forças. Mas em dezembro ultimo correu o boato em Hidalejo que a bella moleira ia desfazendo o contracto, de accordo com o rapaz do moinho.

«Em um relancear de olhos todos tiveram noticia da infelicidade de José Morreda, que assim se chamava o moleiro, e conversações de todas as qualidades circularam na aldeia a seu respeito; só elle ignorava o que se passava.

»Um acaso lhe revelou tudo.

«Tinha elle partido para a cidade, afim de comprar trigo, e devia demorar-se por lá uma semana; mas o homem põe e Deos dispõe: Morreda voltou a Hidalejo na tarde do sexto dia. Entrou cautelosamente no quarto de sua mulher, julgando causar-lhe uma egradavel sorpresa.

«Mas qual foi a sua admiração, quando viu os dous cumplices dormindo um ao lado do outro, sobre um banco, com as mãos ternamente enlaçadas!

«Morreda lembrou-se então de certos gracejos de seus visinhos, um pouco enigmaticos, mas cujo sentido elle adivinhou naquella occasião. Concebeu o projecto de se vingar não só de sua mulher e do criado, mas tambem de todos os que tinham zombado delle.

«Deixou o quarto conjugal, foi buscar um machado de cortar lenha, desembanhou o seu fayajos (especie de punhal muito afiado), e voltou para junto dos culpados.

«—Joannés, disse elle com voz suave e pausada.

«O moço, ouvindo chamar, abriu os olhos. A' vista de Morreda, deu um grito, foi um só, porque Morreda lhe cravou o fayajos no pescoço. A sua complice, acordada pelo barulho, levantou-se bruscamente; o machado do marido infamado sibilou e foi cahir no collo de Ritta: a cabeça despegou-se do tronco. Morreda brandiu outra vez sua arma terrivel e cortou uma segunda cabeça, a de Joannés.

«Feito isto, tomou os cadaveres e cortou-os em bocados, que poz dentro de um sacco, e foi, na obscuridade da noite, depor estes restos fumegantes na mó de pizar azeitonas, d'onde em breve sahiu um lôdo avermelhado. Fez secear estes horriveis despojos humanos ao calor do forno, e ficou então um pó grosso, que elle guardou. Esta sanguinolenta tarefa acabada, deitou-se Morreda.

«No dia seguinte correu o boato em Hidalejo de que a bella moleira tinha fugido com o seu cumplice; então não fizeram reparo em rir na cara de Morreda, que, com olhar sombrio e physionomia taciturna, nem se dignava dar attenção ás zombarias das quaes era elle objecto. Na noite seguinte pôz o pó humano na pedra do moinho, o qual se tornou fino e impalpavel, e misturou-o com toda a farinha que se achava em casa.

«Depois de vender esta farinha infecta, Morreda desappareceu. No fim de alguns dias, inquietos os visinhos de o não verem penetraram em casa delle, e no seu quarto viram as cabeças das victimas; a de Rita estava coroada com uma grinalda de flores de larangeira: ambas estavam sobre uma meza, onde tambem se achava um bilhete que dizia:

« Aos Hidalejonezes.—Vinguei-me e estou
« contente; deixo-vos a cabeça de minha mu-
« lher e a de seu seductor; fiz uma farinha
« da sua carne palpitante da qual fizestes o
« vosso pão. Não vos digo adeus, porque em
« breve tereis noticias minhas.»

Tinha juntado a esta carta uma narração completa do seu crime.

Suppõe-se que Morreda foi offerecer os seus serviços a algum chefe de salteadores, e que espera occasião favoravel para vir saquear e incendiar sua pobre aldeia.

Á PEDIDO.

—Capitão, uma hypothese.

—Tenho prazer em ouvil-a.

—Supponha que V. Ex. é uma authoridade e que eu sou um preto que possue um cavallinho.

Um esbirro da policia, por ordem de V. Ex., aluga meu cavallo por 10$ rs., para fazer uma diligencia, e diz-me que o dinheiro eu receberei dos *fundos reservados*.

Quando me apresento na repartição para haver o importe do aluguel do meu animal, sou recebido com quatro pedras na mão e ameaçado de ser preso, por ladrão, porque, dizem-nos, exijo um preço exorbitante pela minha propriedade.

Como preto, *sempre é preto,* eu me atemorizo com as bravatas e peço que me deem quanto quizerem, e por muito favor pagam-me 6$ rs., pelo que ajustaram por 10$.

Que qualificação se dá a um caso deste?

—Uma violencia á propriedade, uma defraudação do alheio, uma iniqua prepotencia do poder, de que cumpre ás authoridades superiores, como o *chefe de policia*, tomar conhecimento.

—Eu sei, capitão, parece que o fraco nesta terra só tem a protecção de Deus.

N'uma casa á rua das *janellas do Carmello* existe uma sympathica donzella, que a todas as horas, recostada a janella, suspira de segundo em segundo, por um esculapio feliz, que lhe fica de flanco, a quem ella diz estimar com loucura; porem os seus suspiros tem tido tal poder, que o amante, segundo dizem as más lingoas, anda completamente apaixonado, a ponto de abandonar cerios deveres, para contemplar negligentemente a sua deusa, que o traz captivo pelos poderosos laços da sympathia.

Quem quizer tomar lecções
Na arte da ladroeira,
Procure *A. S.* na *Bahia*.
Ou então *M. J. T—Xeira*.

São dous tratantes de chapa,
Versados na velhacada,
Roubam com mais ousadia,
Q' o salteador na estrada.

Andam esses dous ladrões
Entre nós, á luz do dia,
Roubando o suor alheio
E a cadeia vasia!

—Uma nova industria, que pode aproveitar a quanto rapina anda ahi por este mundo.

—Indique-a.

—E' o modo de ganhar dinheiro sem trabalhar.

—Deve ser curiosa a invenção!

—Um sujeito, vendelhão, chama a outro para seu caixeiro, tem um balanceador ja á mão que lhe arranja as cousas *por maneira*.

No fim de um mez, dá novo balanço, verifica falta na venda e apossa-se de tudo quanto o rapaz levou, ganho em outra parte.

—Isso não é modo de vida, chama-se descarada ladroeira.

—Ou isso; o caso é que a cousa vae surdindo effeito.

—Domingos Joaquim Alves offereceu para o serviço do exercito o seu escravo Manuel; mas sendo este julgado incapaz para tal serviço, Domingos o mandou depois agarrar e metter na correcção.

Pergunta-se: um senhor que offerece seu escravo para o exercito, sendo este inspeccionado e julgado incapaz, ainda tem direito sobre elle?

E' o que quer saber o

Commandante da guarda da correcção.

Pede-se ao Illm. Sr. subdelegado da Sé que estenda sua energica attenção até o 2.º andar do sobrado n. 13, á rua do Collegio, para ver o comportamento pouco louvavel de quem mora ahi. Além de perseguirem e atanazarem aos visinhos, com quem tomam rixa, maltratam á quem passa.

Na sexta-feira á noite, deram um formidavel banho de agoas servidas em dous cavalleiros, e para quebra, passaram tremenda desandadeira nos offendidos, pela simples reclamação, que estes fizeram, do que resultou uma scena mais propria do becco do Grelo, do que da rua de que se trata.

Para que se não reproduzam casos destes e outros, que não só prejudicam a quem passa, como flagellam a quem mora perto, requer-se a S. S. que mande vir á sua presença os habitantes da dita casa e os admoeste a que não continuem.

VARIEDADES.

—Vm. entregou a sua conta ao reu? perguntou um advogado ao seu cliente.

—Sim, senhor, entreguei-a.

—E que disse elle?

—Disse-me que a levasse ao diabo.

—E que fez Vm. então?

—Vim á sua casa.

Oh Sr. doutor! disse um doente ao seu medico; si devo morrer, não tenho a pedir-lhe senão um unico favor. Queria que depois da minha morte fizesse autopsia no cadaver para eu saber de que doença morri.

TROVAS POPULARES.

O *Jornal do Recife* de 3 de junho refere que encontrou essas engraçadissimas quadras em uma folha de S. Paulo.

Não nos recordamos de tel-as visto, mas, sejam ou não originarias desta provincia, ahi vão ellas.

O calado vence tudo;
Faça-se a gente de *a tóa*
Porque no mundo de hoje
O que menos anda, voa.

O que é fortuna p'ra o tolo,
E' politica p'ra os ricos,
Mas quem quer andar em dia,
Usa chapeu de dous bicos.

Não é preciso que *quebre*,
Basta que um pouco se torça,
Pois o que dá geito á vida
E' ter mais manha, que força.

Com sabencia ninguem nasce,
Tudo é preciso aprender,
A vida, todos a vivem,
Mas poucos sabem viver.

Quem é tolo neste mundo,
Não tem santo a quem se apegue.
Vá pedindo a Deus que o mate,
E ao demo, que o carregue.

ANNUNCIOS.

BRILHANTE FESTIVIDADE.

A SS. Virgem da Conceição protectora dos Artistas, erecta na egreja do convento de S. Francisco, será solemnisada religiosamente no dia 13 do corrente. Tão sublime titulo deve infundir nos corações dos artistas, e devotos o mais ardente prazer, fazendo-os concorrer para tão elevado fim: assim, a meza espera, e por isso tem empregado todos os os esforços, tornar esse dia o mais brilhante e edificante.

Nas noites da vespera, e dia haverá fogo de planta, e bandas militares.

Quem achou uma carta com subscripto para o Sr. Polibio Jozé da Rocha, queira entregal-a nesta typographia, embora a tenha aberto, que será recompensado.

Vende-se uma casa sobradada na raa Direita de S. José, com 2 janellas, terrenos proprios; quem a pretender dirija-se á esta typographia, que se dirá quem é o dono.

Quem precisar de uma ama de leite, dirija-se ao Caes Dourado, n.º 53, para tratar.

Na rua do Tingui, casa do Genesio, vende-se flores.

Na padaria de S. Miguel aluga-se um preto forro ou captivo.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 43.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 8 DE DEZEMBRO DE 1868. N. 443.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de dezembro de 1868.

Portaria ao fiscal da freguezia da Sé, recommendando-lhe a stricta observancia da postura n.º 34 para com os moradores do 2.º andar do sobrado n.º 14, á rua d'Ajuda, quina para a das Vassouras, que conservam enormes cacos de planta sobre os parapeitos das janellas. Cumpra.

—Ao mesmo, no mesmo sentido a respeito dos sobrados ns. 11 e 14 á rua dos Carvoeiros.

—Cada dia um attentado contra a segurança individual!

Os factos de feroz canibalismo reproduzem-se com uma frequencia assustadora!

—Parece que esta sociedade retrograda.

—Este estado de cousas infunde serios receios.

—Cada um que se previna.

—Espanca-se, mata-se, trucida-se dentro da cidade, com uma facilidade espantosa!

Ainda no domingo, 5, ás 5 horas da manhan, foi encontrado, ao entrar da Soledade para a Quinta, um rapaz, creoulo, que fôra espancado á cacete e deixado ali por morto.

Conduzido para sua casa, á rua dos Marchantes, expirou pouco depois de chegar.

—Na verdade é para atemorisar.

—Só quero ver a policia como se ata neste negocio.

—Ella, que foi tão diligente na questão Pedro Moniz, ha de se mexer agora por força.

—A carne verde está matando o povo.

—No sabbado principalmente esteve pessima.

—Alem da grande porção, que deitou-se fora nesse dia, a que foi vendida era horrivel. Depois de cosida era perfeito bofe.

—A queixa é geral.

—E as providencias nenhumas.

—A policia está em tal estado de pobreza que precisa que lhe trabalhem fiado?

—Creio que não.

—Não pagam os soldados de policia em tempo.

Só pagam um soldo nas vesperas de vencer-se outro.

—A's vezes ajuntam dous.

—E não querem que os homens caloteiem.

Hoje, 7, ainda o Sr. quartel-mestre não appareceu na thesouraria para receber o dinheiro dos homens.

Não sei si é negligencia delle, ou o que é.

—Si todos tivessem as mesmas necessidades, haveria mais pressa.

—Cautella! Não é bom passar na rua do Collegio estes dias.

—Mas porque?

—Porque o sobrado n. 15 está largando os pedaços e pode muito bem, na hora em que passe um desprotegido da sorte vir lá do alto um torrão esmagar-lhe a cabeça.

—Está bom, não me custa nada fazer uma revira volta pelo becco do Arcebispo.

—Safa! Comer biscoutos, só assim!

—Não sei o que diz V.

—Digo que no hospital militar do Matto Grosso, durante um anno, comeu-se de biscoutos de milho 17:391$952, sendo só no mez de março 2:268$000!...

—Ahi andou mamadeira.

—Pelo contrario, a fornecedora é pessoa muito honrada, a Sra. D. Rosa Maria de Campos Maciel, sogra do delegado cirurgião-mór do exercito naquella provincia, o Dr. José Antonio Moutinho, actualmente vice-presidente em exercicio da mesma provincia.

E, si não houvesse quem tenha mão na brincadeira, a cousa ia crescendo, porque nos quatro mezes do anno seguinte já a despeza com os taes biscoutos andava em 8:000$, o que viria a regular 24:000$ por anno.

—Não se admire, porque um dia destes li na *Opinião Liberal* que no Rio de Janeiro um estabelecimento destes, em cerveja nacional, que custa a pataca a garrafa, consumiu para uso dos doentes, em 6 mezes, 34:440$ rs.

—Deviam andar ebrios todo dia esses doentes.

—Si no Rio de Janeiro ha disso, que admira que lá no Matto Grosso se faça o mesmo?

—Charo amigo, V. é o porteiro deste *trem?*

—Não, Sr.

—Queira perdoar. Como o vi aqui no quarto do ajudante cosendo, julguei.

—Sr., eu sou servente dos carpinteiros.

—Vm. quer zombar commigo?

—Como?

—Pois me diz que é servente de carpinteiros, quando está cosendo de alfaiate!

—Admirou-se? Pois vá ali do lado do celleiro que ha de encontrar muitos como eu neste trabalho.

—Está mais uma que a *Bahia Illustrada* devia aproveitar para o seu *mundo ás avessas:* no *trem do mar* os serventes de carpinteiro cosem de alfaiate.

—Capitão, qualifique isto:

N'uma casa onde se recebem enfermos por compaixão...

—Um hospital de charidade, é melhor.

—..... havia um doente que padecia ha mais de dez mezes de uma elephantiasis; as enfermeiras da casa, *irmans de beneficencia,* para se alliviarem do *fardo,* que ja as incommodava, pediram aos *curadores de molestias* que cortassem a parte doente.

Estes sabiam que feita a operação, o homem morria, porque assim o declararam, mas foram *aventurar* á instancias das *irmans beneficentes.*

—E morreu?

—Dito e feito. Duas horas depois que lhe tiraram do corpo mais de duas libras de carne e uma grande bacia de sangue, expirou.

—A meu ver, a responsabilidade é toda delles.

—E tem-se assim em tão pouca conta a vida de um homem, que servem-se della para fazer experiencias de acertar!

—No domingo realisou a phylarmonica Terpsycore o seu passeio annunciado á ilha de Itaparica.

—Ja sei que divertiu-se muito.

—Alguma cousa. A concurrencia foi extraordinaria e reinou a melhor harmonia.

A phylarmonica tocou excellentes peças, não só na viagem, como na missa que celebrou-se na matriz d'aquella heroica ilha.

—E' o que se quer.

—A volta é que foi um pouco incommoda, por se achar o mar um tanto revolto; pelo que muitas mocinhas bonitas e muitos rapazes gaiatos deitaram *os cachorrinhos n'agoa.*

—Meu charo, não ha gostos perfeitos, nesta vida.

—Capitão, tome mais uma...

—*Vade retro!*

—... noticia, bem entendido.

—Vamos lá com isso.

—D. Rita de Cassia de Jesus Ramalho, havia alugado uma casa sua, em Itapagipe, á um estudante de medicina, que ahi collocou uma moça de nome Maria Amelia, e isso com a clausula de pagar-lhe 20$ rs. mensaes, se por ventura ahi quizesse ficar pela festa.

Retirando-se esse estudante para fóra, e vendo D. Rita, que as casas estão rendendo muito agora, por ser tempo de festa, requereu ao juiz municipal da primeira vara—que visto estar Maria Amelia lhe devendo mais de meio mez *(sic)* queria contra ella mandado executivo de penhora, bem como para ficar ella sciente que lhe devia pagar 150$ rs. pelo tempo da festa.

Os officiaes encarregados da deligencia (Santos e Sant'Anna) foram á dita casa, em um dos dias ultimos da semana passada, tiraram todos os trastes da pobre moça para a rua, expelliram-a de casa, e depois prega-

ram a porta com uma travessa, completando a obra arbitraria de D. Rita que um ou dous dias antes havia mandado arrancar a fechadura, ainda com a inquelina dentro de casa.

Nesse desespero veio a moça á cidade, felizmente foi soccorrida, desfez-se toda esta atrocidade, e achava-se actualmente na mesma casa para que a proprietaria use dos meios legaes.

—Safa! Que mulherzinha!

Essa é das taes de *cachupeleta!*

—O habil advogado que se encarregou desta causa, nada quiz perceber, e até fez de sua bolsa as despezas necessarias.

—Foi um acto de phylantropia!

—Como andam apostados!

—Apostas não são boas.

—Estou fallando outra cousa.

Na Bahia, o delegado manda intimar ao editor de uma folha para lhe dizer os nomes dos redactores; em S. Paulo, o *Paulista* de Taubaté, queixa-se da mesma graça, assim:

«Pela delegacia se tem intimado a empregados desta folha, para irem a juizo declarar de quem são os artigos que publicamos...»

«Veremos em que dá esta nova violencia ridicula.»

—Si é por ahi que querem começar as restricções á imprensa, vão bem.

—Estava mesmo á sua espera.

—Ordena alguma cousa?

—Para me fornecer noticias da guerra.

—Parece que eu já previa, que vim preparado com o *Diario Fluminense* e *Jornal do Commercio*.

—Leia alguma cousa.

—O de mais interesse;

«..... ha anno e meio feito, que o general em chefe, o *invicto* marquez de Caxias, prometteu uma eminente e grande batalha, e ha outro tanto tempo que *em vão espera o paiz pela realidade da promessa!*

Ainda agora nos chega o *Poitou* dizendo que a batalha não se feriu; mas ella continua a *preparar-se!*...

Ainda agora, o *Poitou* tambem nos dá a entender que—nunca foram nossos encouraçados á Assumpção, que são falsas quantas historias a respeito se ha contado, que Assumpção está *muito fortificada*, e... nós accrescentamos: Lopez—continua a ter recursos formidaveis—, e a fazer a guerra com—elementos—, pelo que respeita á—munições de bocca e guerra,—MUITO ABUNDANTES E FORNECIDOS A CUSTA DO BRASIL, graças á incapacidade com que é dirigida esta fatalissima e ruinosa guerra.

Occulta-se a verdade a este paciente povo, a quem se pede o sangue martyr e o suor de seus braços, para sustentar-se um capricho insensato, que não se conta egual na historia ou existencia das nações e dos povos!

Com pesar escrevemos isto, mas é necessario protestar contra essas miserias que ahi nos aviltam aos olhos das nações cultas.

Ha quatro longos mezes, Humaitá cahiu em nosso poder, por abandono do inimigo, a soberba e mysteriosa Humaitá, que se dizia o grande obstaculo á posse de Assumpção, capital do Paraguay;

Ha quatro mezes, que uma esquadra formidavel venceu o grande e estupendo obstaculo, e um exercito numeroso e valente, sequioso de entrar em acção, está por assim dizer inactivo, e Assumpção ainda é a grande capital do poder de Lopez!

Isto narra-se apenas, não se commenta; e entretanto é ainda general em chefe das forças brasileiras no Paraguay, á contento do *poder moderador*, o general que tão notavelmente tem dado provas da facilidade e inepcia com que annuncia, em correspondencia official, a fraqueza do inimigo e sua ruina!

.....

«As noticias trazidas pelo *Poitou* são estas:

Constava em Buenos-Ayres que os engenheiros inglezes Valpy e Burrey estavam estudando a linha do Paraguay e levantando um mappa militar para Lopez; que se construem fortificações em Cordillos e nos desfiladeiros das Cordilheiras; que Bliss e Masterman estão vivos; e que Angostura ficava a cargo de um engenheiro inglez.

De Palmas escrevem a 12, que brevemente terá logar o ataque contra Angostura.

A nossa artilharia havia chegado até o fim da picada aberta na margem do Chaco.

O general Osorio e parte das forças argentinas, dizia-se, marchariam pela direita.

Dizia-se que estava Assumpção fortemente guarnecida. Contra ella, e não contra Villeta, segundo parece, é que se encaminha a divisão brasileira commandada pelo marechal Argolo no Chaco.

Corria no exercito que do Brasil deviam vir mais 12,000 homens em tres semanas para se activarem as operações.

Desta sorte é esperar de balde:—a 2 de dezembro não haverá em Assumpção o annunciado *Te-deum*.

Decididamente a capital de Assumpção não estará em poder das armas brasileiras neste anno, e....

Detenhamo-nos por em quanto ainda.»

Vou ler agora o *Jornal do Commercio*.

«Construem-se formidaveis fortificações em

Cordillos e nos Passos das Cordilheiras.

«O commandante Parsons, do vapor inglez, *Bracon,* falla muito favoravelmente de Lopez, quer como diplomata, quer como militar.

«Bliss e Masterman estão vivos.

«Diz-se que Lopez os entregará sem a menor difficuldade ao general Mac-Mahon;—mas que elles não querem sahir, visto ganharem bom soldo.

«Lopez disse a Parsons que todos os inglezes eram senhores de sahir do Paraguay, estes, porém,—recusaram fazel-o, allegando terem bons soldos, pagos mensalmente em ouro, com o que estavam juntando grandes economias.—Remettem as suas familias para Europa, sob a palavra do commandante Parsons, de que não communicarão com Buenos-Ayres ou Montevideu.

«A defeza de Angostura é dirigida por um engenheiro inglez.»

—E conclue-se que a historia de fuzilamentos que andaram inventando, foi peixe podre.

—E' claro.

—Esta guerra parece interminavel!

—Parece que os governos dos Srs. D. Pedro e Lopez, ambos *segundos,* querem exterminar os dous paizes!

—E a imprensa official mentindo todos os dias ao povo!

Hontem publicava que Lopez estava desesperado, nos ultimos apuros, e sem recursos, hoje diz que elle manda tirar plantas e levantar mappas militares!...

Pois quem se vê em apertos, quasi perdido, em logar de se preparar para na melhor occasião se pôr ao fresco, vae se lembrar de mandar organisar mappas militares?!

Ora isso é escarnecer de mais....

Á PEDIDO.

«—V., é tirado, porque é mal-casado.

«V., porque comeu um boi no matto.

«V., porque destroçou uma milharada.

«V., porque me desbasta as mattas do engenho.

«V., porque, *dizem,* roubou um cavallo.

«V., porque puxou uma faca para outro.

«V., porque.....

«E como eu so quero gente moralisada nos meus dominios, vão todos quinze engrossar as columnas do exercito e defender a patria.

—Grande terra é esta Latronopolis!

Ja os commandantes se constituem juizes absolutos!

—Decididamente os codigos do processo e criminal são agora cousas superfluas. Os commandantes tem arbitrio para julgar e castigar os actos até de vida privada de seus commandados.

—Isso me parece mais uma palhaçada do que outra cousa.

—Capricho, fofice de algum *senhor feudal*...

—...*Passe* bem, adeus.

—Ouça o echo dos tumulos?

Ha annos, mais de vinte e cinco, talvez, foi perpetrado um crime em Latronopolis, que ficou em mysterio.

Dylia de edade de 18 annos, foi estrupada violentamente e dias depois asphyxiada e seu cadaver arrojado as aguas do.....

No silencio das trevas, em hora noturna e tenebrosa, deu-se tão negro attentado.

—Crimes ha tão hediondos que seus authores, como que envergonhados de si proprios, buscam as trevas para pratical-os.

Não é somente como um meio de segurança e de impunidade que a consciencia desvairada do homem mau e perverso, prepara taes dramas sob o manto negro da noite.

A pobre *Dylia*, victima sacrificada á loucura brutal, perdeu quasi que á um tempo a honra e a vida.

—E o que levou o monstro de tamanha atrocidade a commetter dois attentados simultaneamente?

—Depois saberá.

O algoz, que havia arrancado á desgraçada *Dylia* a honra, despedaçado a sua corôa de virgem, anniquillado todas as illusões futuras, saciado os seus instinctos aphrodisiacos, não contente ainda com o começo da sua grande obra de destruição, ainda não satisfeito com o roubo que commettera, rouba-lhe tambem a vida!...

No requinte de tão negra acção, ao menos a morte veio mudar em lyrios, as rosas rubras que o pudor fizera desabrochar.

Os echos pareciam repetir os gemidos da victima, que em soluços pedia á sociedade, com incontestavel direito, a prompta, severa e implacavel punição de tão nefando attentado.

—Mas como poude chegar ao seu conhecimento tão horrivel attentado, por tanto tempo sepultado no mysterio?

—Por ora, contente-se em ouvir a historia. Depois contarei como ouvi da bocca de uma criada chamada *Iguape*, a quem Deus haja, tão tenebroso tecido

(*Continua.*)

ANNUNCIOS.

Vende-se uma casa sobradada na rua Direita de S. José, com 2 janellas, terrenos proprios; quem a pretender dirija-se á esta typographia, que se dirá quem é o dono.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n.º 17. **Serie 45.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 11 DE DEZEMBRO DE 1868. N. 444.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de dezembro de 1868.

Portaria ao fiscal da freguezia da Conceição da Praia, ordenando-lhe que passe a intimar aos moradores do 2.º andar do sobrado n.º 14, á rua dos Ourives, para que não continuem a despejar agua para a rua logo que anoiteça, ensopando as pessoas que passam, com banhos anti-aromaticos, sob pena de serem multctados. Cumpra.

—A carne verde tem subido a um preço demasiado. Nos dias 8, 9 e 10 vendeu-se a 360 e 400 rs. a libra.

—Ruim e pela hora da morte.

—A matança diaria que era feita de cerca de 80 bois, ultimamente desceu a 23.

—Só pode passar nesta terra quem vive á custa do orçamento da nação.

—Pode haver situação mais desesperada? Lutamos com uma guerra, que parece eterna, temos sido flagellados com a peste e agora temos a fome!...

—Os generos alimenticios, sem excepção, attingiram a um preço elevadissimo.

—As classes pobres lutam com a miseria.

—Os operarios sem trabalho.

—O povo carregado de impostos.

—O recrutamento afugentando os lavradores.

—Os artistas acabrunhados com a guarda nacional aquartelada.

—Ganhe um homem 490 e compre carne de crusado, bacalhau de doze vintens, carne secca de quatorze, farinha de tres patacas e meia, feijão de dez patacas, e pague casa para sua familia!

—Porem tudo isso é nada, porque os manipanços politicos lavam a necessidade no suor do povo.

—E só nos resta appellar para a Providencia Divina.

—Forte relaxação!

Poucos são os que cumprem com seus deveres nesta terra!

—Por isso anda tudo á matroca.

—A não ser cousa d'onde se aufira um lucro immediato, ninguem se importa com o ramo de serviço á seu cargo.

—E dahi vem todo o mal.

—Pelas ruas da cidade anda um insolente, de nome Belmiro, que come por seis pessoas.

—E veste por dous: usa de duas calças, duas camizas, dous paletots e dous chapeus.

—Esse alarve, quando não acha o que comer, desabafa-se em soltar a lingua com tudo quanto é palavra obscena, escolhendo, de proposito, onde ha familias na janella, para ver si assim lhe atiram alguma cousa com que entretenha a sua canina.

Reclamou-se contra isso e não deram providencias; entretanto, Belmiro, ou antes *Jacaré*, no sabbado, com uma pedrada estendeu

um menino sisudo, e na segunda feira fez em cacos as vidraças do Sr. Joaquim Antonio Moutinho, ás Portas do Carmo.

—Quando elle fizer uma sem remedio, hão de apparecer as tardias providencias.

—Fallou-se contra a infracção que commettem os moradores do sobrado n. 22, á rua do Tijollo, conservando grandes cacos de planta nas janellas; e não só no sobrado n. 22, como tambem no de n. 20 continuam os taes cacos em risco de n'um dia, quando não se esperar, dispencarem-se e virem matar alguem.

Isso é muito deleixo!

—E' que os fiscaes não passam ahi.

—Nem ao menos quando vão ás vendas receber a..... *mulcta mensal?*

—Este nosso presidente é incomprehensivel!

Manda aquartellar o 4.º batalhão, que ha tres mezes sahiu do quartel, havendo o 7.º e outros com seis mezes de folga.

—Ora adeus, o homem nesse dia estava de mau humor.

—S. Ex. o Sr. presidente da provincia acaba de praticar um acto digno de menção honrosa.

—Vamos a ver qual foi.

—Mandou limpar, acceiar e caiar o chamado asylo dos pobres.

—Isto é mesmo desta terra. Já V. quer que se teça elogio a quem pratica aquillo que é seu dever e incumbencia!

—Porque creio que antes pouco do que nada.

—Que diabo é aquillo?

—E' a Mariquinhas que está a esbofetear o tio, o capitão Botelho, da Calçada.

—Assim publicamente, aqui na Fonte dos Padres?

—Exige que elle lhe entregue o que é seu.

—Tambem que homem renitente! Prefere apanhar na rua a desapegar-se do que não lhe pertence!

—A mulher passa por douda.

—Comtudo.

Eu não acho bom indicio um tio deixar sua sobrinha andar pelas ruas maltrapilha e miseravel.

—Esteve no fogo na Conceição da Praia?

—Que duvida!

—Logo vi que V. não perdia esta patuscada. Conte-me o que houve por lá.

—Muitas desordens. Apresentaram-se fardados alguns guardas do 3.º batalhão e do 8.º, que pintaram o *peruta* com a policia; um soldado de policia deu tal bofetada em um sargento do 3.º, que estava á paisana, que o atirou por terra; um cabo do mesmo batalhão levou uma cacetada que arrebentou-lhe a cabeça.

—Não ha funcção na Conceição da Praia, que não acabe sempre em desordens.

—Ouvia-se de espaço a espaço gritarem os taes guardas nacionaes:—*quero que haja sangue, sou conservador, não vou para o Paraguay!*

—Mas que quer, si os guardas, que provocaram os conflictos, estão de costas quentes?

—E' tambem porque a policia não dá cavaco com essas *ninharias*, porque, si lá se apresentasse o chefe de policia, o delegado, ou mesmo o subdelegado, revestido do caracter conveniente, que deve ter uma authoridade, então a cousa seria outra.

—Tomara a policia tempo para mandar chamar o administrador do *Diario* e interrogal-o, para saber quem é o redactor delle.

—*Caluda!*

—Os soldados de policia estão se sustentando da graça de Deus; hoje, 9, ainda não lhes pagaram o soldo.

Os vendelhões estão resabiados e não querem fiar mais.

—Coitados! Já uma vez o guarda Xavier cahiu de fome na rua.

—A policia a provocar!

—E' sempre.

—Vão para a Conceição da Praia para accommodar e tornam-se os mais imprudentes.

Um Sr. cabo Neiva toma as dores por um seu collega, que comprara uma desordem e quer mostrar que é *homem*.

—E os guardas nacionaes?

—A culpa é de quem os consente andarem fardados, sem estarem de serviço.

—Na minha opinião as festas religiosas, dentro da cidade, deviam se resumir ao interior do templo.

As patacoadas da rua dão como consequencia os disturbios.

Mesmo que o *vapor* dos botequins exalta os espiritos.

—Por isso não, que o desacato foi até dentro da egreja; lá mesmo houve supapada, chibatada e descompostura, peior que n'uma quitanda.

—Já soube o que succedeu?

—Não.

—O vapor de Cachoeira abalroou, hontem,

com um saveiro carregado de gente e esmigalhou-o.

—Quantas pessoas morreram?

—Por ora não sei de ninguem.

—Deus permitta que seja assim.

—Capitão, presta-me um pouco de attenção?

—O que quer V.?

—Quero ler-lhe um pedacinho da *substituição do trabalho livre pelo trabalho servil*, que a *Opinião Liberal* está publicando.

—Siga o carro.

. . . . . .

«—Volvamos agora por um momento, os olhos para a nossa terra. Olhemos para a quinta imperial, a fazenda nacional e imperial de Santa-Cruz.

«Como são tratados os imperiaes escravos—escravos entregues pela nação á clemencia, protecção e recreio da familia imperial? Causa horror! A matança é horrivel!

«E o que parece fabuloso, esta matança é festejada, por danças e musicas pelos parentes das victimas, para maior regalo dos scientificos ouvidos da barbara e sanguinaria insensibilidade irresponsavel, que sempre requesta, servil ob e subpreticiamente louvores do estrangeiro pela sua fria, mortifera e impostura phylantropia.

«Declamação! dirão alguns.

«Deus não dorme. A hora da reparação se aproxima.

«Pois, publique a mordomia imperial o numero de escravos deixados por Pedro I. e o que hoje existe. Pela theoria de Malthus os dous mil deixados por Pedro I. mesmo descontando mil alforrias, deviam sommar hoje quinze mil. E hoje quantos existem? Menos de dous mil.

«Publica a mordomia a estatisca mortuaria? Publica quanto se dá a cada escravo? Em Santa-Cruz nem um fio de roupa, nem um grão de farinha, e até nem a propria enchada. Na quinta nem roupa, nem comida, mas só meia pataca por dia para alimentarem-se e vestirem-se.

«Explique-nos a mordomia de onde provêm esta teima economica de obrigar as escravas a ganharem o alimento e vestuario pela prostituição e roubo.

«Explique-nos como se deixa andar pelas ruas desta côrte, raparigas em quasi completa nudez. Será para o recreio ou será para excitar.... o pudor ordena silencio.

«Explique-nos porque mais de setenta por cento dos escravos sempre estão doentes.

«Basta de horrores. Não nos sentimos hoje em estado de desmascarar este systema de placida matança. Corramos a cortina franzina da irresponsabilidade para encubrir dor mais algum tempo tanta mystificação barbara.»

Á PEDIDO.

—Estamos no becco do *Bento Padre*, freguezia dos sanhaços.

Observemos.

—No balcão daquella casa de *fazer massas* estão dous individuos, afóra a sucia que os rodeia e que nao conhecemos.

—Analysemos o procedimento e modo de vida dos dous.

A' noite, dão *beneficios* por casa das meretrizes e *badernam* em assuada pelas ruas.

De dia, mostram-se em exposição no balcão, em ceroulas e sem camizas, sem attenderem que defronte ha familias.

O primeiro, figura de *Bastos*, é um *raio no mundo* da depravação, e adorna-se com uma *silva* na testa; o segundo appellidam *Dom Luiz*.

Este ultimo, foi recrutado; porem por empenhos do dono da casa, cuja falla *graciosa* poude illudir as authoridades, o malandrim foi solto.

Mas é porque as authoridades não estavam informadas dos feitos de tal reu de policia.

Os meninos que vão á tal casa comprar, são pervertidos para actos indecentes e seduzidos a praticar cousas que o decoro manda calar.

O interior dessa espelunca de *fazer massas* é um completo lupanar, em vez do trabalho gastam ali o tempo na crapula e no deboche. Não se guarda o menor respeito á visinhança.

—Não precisa mais; o que tem dito é de sobra para recommendar esses *heroes* á attenção das authoridades competentes.

Eu vou pedir ao Sr. Dr. chefe de policia que se digne dar destino ao tal D. Luiz e depois, si continuarem as immoralidades, voltaremos.

—Que horror!

—O que viu, homem?

—Veja de quanto é capaz a natureza humana.

Adoecendo de camaras de sangue a filha de um sugeito, agarrou-se elle com uma imagem da Virgem, promettendo-lhe isto e aquillo si sua filha não morresse.

—Entende essa gente ignorante que Deus e os santos são interesseiros.

—Porem este não é ignorante, visto que tem pergaminho.

—Bom, continue.

—Não lhe valeu, porem, o kalendario de promessas que fez a todos os santos da côrte do ceu, porque a filha seguiu viagem e foi habitar com os anjos.

O homem, porem, desesperado pela morte da filha, blasphemando, atirou a sacrosanta imagem ao chão e quebrou-a!

—Homem, nem conte isso.

—Veja de quanta malvadez é capaz o ser humano, que rebella-se até contra o seu Creador, por tirar aquillo que elle mesmo deu!

—Execrando sacrilegio!

—Esse facto de inaudita impiedade, *anda de* bocca em bocca lá pelo *Mau-fim*.

—*Anda de* bocca em bocca, disse V.

—E' verdade.

—Menos na do tal *Dr.* que praticou tamanha profanação.

—Deixa estar, ó *Gago*, que breve me pagarás tudo quanto dissestes domingo, á tarde, na rua da Larangeira.

Não sabes, cão tinhoso, que nenhuma culpa tenho eu de que pelos teus infames feitos se revoltem contra ti indignadas as pessoas honestas?

E como lanças a culpa a mim?

Procurastes sarna para te coçar; has de ver o c.. de cutia assoviar.

—A' attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia e do Sr. subdelegado da Sé, recommenda-se uma bodega, na Praça, com o nome de casa de pasto.

Nessa espelunca reune-se gente de vida pouco licita, membros do olho-vivo e ahi praticam toda sorte de rapinagem.

O inexperto que ali entra fica sem o que leva por qualquer forma.

Ainda hontem, 9, *depennaram* a um tabareu com certa advinhação fraudulenta de tres cartas.

Pede-se a Ss. Ss. que obriguem semelhante gente a procurar outro meio de vida.

—Sentido, tratante!

Vê bem como arranjas essa negociada.

Repara que não estamos atraz do ceu.

—Está fallando aos ares, homem?

—Com quem é bem me entende.

E' aquelle tropiante da freguezia dos sanhaços, que ali vae passando, que anda se inculcando de protector da africana Rosa Maria da Conceição, com o fim de embeiçar-lhe dois escravos moços e robustos, por troca de velhos cangalhos, prestes a irem habitar nos dominios do padre Varella.

—Negocinhos de tolo com sabido.

«—Não me importa com o *Alabama*, quem quizer que me bote nelle; está de cima o meu partido, hei de fazer o que entender.»

Eram as expressões de certo *senhor feudal* quando tirava guardas para o contingente.

—Está no seu direito.

Manda quem pode!

—Pois perdeu o casamento?...

Coitado de *Yoyó feio!*...

O travesso Xico Argollo

Pregou-lhe uma peça em cheio.

—Coitado de *Yoyó feio?*

Stá V. bem enganado;

Entre o noivo e o raptor

O caso foi combinado.

—Eu como se me casar,

Não ha de ser p'ra negocio,

Não creio que em tal assumpto

Haja quem queira ter socio.

O rapaz foi apressado,

E por isso abreviou,

Quebrando assim o contracto

Q'entre os dois se celebrou.

VARIEDADES.

UM HOMEM DE BEM.

D'Aubygné fazia um dia a Mr. Talci a confidencia do mau estado dos seus negocios, e das suas precarias circunstancias.

—Lembra-me uma cousa, diz-lhe este, sei que tendes uns papeis que interessam muito ao chanceller de l'Hopital, que não está hoje nas graças do rei, e vive retirado da corte na sua casa de campo. Se quizer, eu me comprometto d'esde já a dar-vos dez mil escudos por elles, quer seja para os restituir ao chanceller, quer aos seus inimigos, si este não quizer resgata-los por semelhante quantia.

A resposta de D'Aubigné, foi correr ao escriptorio, trazer os papeis, e lança-los ao fogo na presença do amigo.

Que fazeis? lhe pergunta este.

Queimo-os, para que elles me não queimem, e me façam succumbir a tentação de os vender.

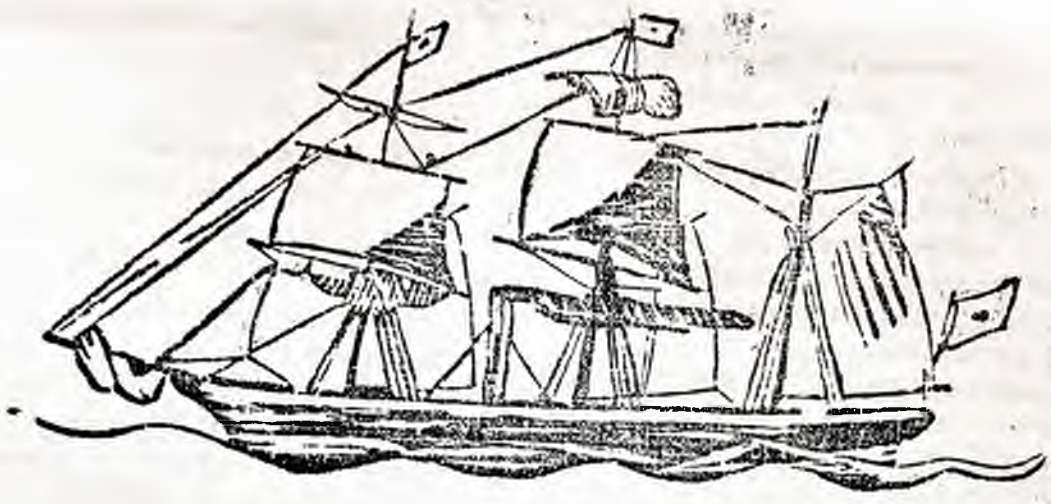
No dia seguinte logo de manhan Mr. Talci, que mesmo em Paris era tido como homem rico apresentou-se em casa de d'Aubigné e diz-lhe: Posto que me não abrisses o vosso coração, tenho muito bons olhos para me haver apercebido do vosso amor por minha filha. Bem sabeis que não lhe faltam partidos e excellentes, mas esses papeis que hontem queimastes, com receio de que vos queimassem, me dicidiram a escolher-vos para genro.

Fôra o premio daquelle impulso de honra.

EXPEDIENTE.

Ahi vae um expediente aconselhado pelo poeta oriental Sadi, para vos livrardes de importunos: si elles são pobres diz elle, emprestae-lhes dinheiro, si elles são ricos pedi-lh'o emprestado. Tanto em um, como em outro caso, ficae seguros de que vos vereis lives d'elles.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 45.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 12 DE DEZEMBRO DE 1868. N. 445.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de dezembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—Correndo o boato de que o sentenciado João Cabocolinho, preso na casa de prisão com trabalho, quando entrou para ali levou uma formidavel roda de pau, alem de outros castigos, como gargalheira, machos aos pés, etc., do que lhe proveio uma grave enfermidade que o tem posto ás portas da morte, e como a lei deste paiz não manda punir criminosos á cacete, pede-se, em nome da humanidade, á S. S. que mande syndicar á respeito e no caso de haver exactidão, se digne providenciar, para que não venha a se punir um crime com outro ainda maior, visto que o primeiro foi praticado á luz do dia e este ficará encoberto pelo mysterio.

—Dóe-me no fundo d'alma, quando vejo esta pobre mulher tão chorosa pela rua!

—Quem é ella?

—E' Maria Carolina, mãe de quatro filhos e mulher de Manuel Basilio, guarda do 8.º batalhão, designado para o serviço da guerra.

—Coitadinha!

—A infeliz anda a implorar, sem achar quem lhe valha.

Seu marido foi tirado á pretexto, creio, de *mal-casado*.

—Tão mal-casado que sua mulher segue-lhe os passos, pedindo sua soltura.

—A' cima de tudo isso está a lei que não destingue o bom do mal-casado.

—Mas, quer assim quem domina.

—Elles que clamavam tanto contra os excessos dos progressistas, fazem agora peior.

—Que desgraça ia agora succedendo!

—Aondé?

—Na estrada da Quinta.

—O que foi?

—Por um tris, não ficou o mestre pedreiro Manuel Friandes machucado debaixo das rodas de um carro.

—Estouvamento do boleeiro?

—Já não sabe?

O carro n. 295 vinha desembestado e o offendido ia montado em uma mula. Por mais que se desviasse, o desastrado boleeiro foi com a lança do carro sobre os peitos do animal, suspendendo-o ao ar e atirando-o ao chão, com uma grande ferida. O montador, maltratadissimo e contuso, deu graças a Deus de não ficar esmagado, o que foi devido a cahir de um lado.

O boleeiro desculpou-se, dizendo que não havia de metter o seu carro nos buracos.

—Está direito; si elles não encontram correcção...

—Amanhan é a inauguração da sociedade —MEDICO-PHARMACEUTICA DE BENEFICENCIA.—

—Estou sciente.

Deus proteja esta associação, em vista do seu nobre e phylantropico fim.

—Agradecemos ao Sr. L. C. da Silva Lisboa a offerta que nos fez da sua mimosa *Lyra do Retiro*, que acaba de sahir dos prelos do Sr. Camillo de Lellis Masson e recommendamol-a ao publico illustrado.

—Não sei si qualifique isto como ousadia, ou como descaramento.

—O que é?

—Pois um Sr. Manuel Redupiano Barbosa de Santa Barbara não teve o arrojo de publicar hoje 11, no *Jornal da Bahia*, uma poesia do Dr. Cid Emiliano de Olinda Cardoso, como sua?

—Assim é que anda muito poeta por ahi.

—Transformou apenas o titulo do *soldado*, que lhe deu o seu author, para *poesias do voluntario da patria*, e encaixou-o sem o menor pejo no *Jornal*.

—E' um roubo crasso.

—Confronte o *soldado* do Dr. Cid, com as *poesias do voluntario da patria* do Sr. Santa Barbara, moço que não conheço:

«O SOLDADO.

«Descendente de um bravo guerreiro
Sou da patria guerreiro tambem,
Vi na guerra meu dia primeiro,
Só a guerra me apraz, me entretem.
Não me esfria cá dentro do peito
Este orgulho, que herdei de meu pae;
Ao viver das batalhas affeito,
Como bella esta vida me vae!»

«POESIAS DO VOLUNTARIO DA PATRIA.

«Descendente de um bravo guerreiro
Sou da patria guerreiro tambem,
Vi na guerra meu dia primeiro,
Só a guerra me apraz, me entretem.
Não me esfria cá dentro do peito
Este orgulho, que herdei de meu pae;
Ao viver das batalhas affeito,
Como bella esta vida me vae!»

E por ahi vae seguindo sem discrepancia de uma virgula.

—Ora, Sr. Santa Barbara, mais honestidade...

—Estou que por esta não esperava elle; do contrario, não furtava tão sem-cerimonia os versos alheios.

—V. outro dia disse que a sogra do Dr. Martinho, actual vice-presidente em exercicio de Matto Grosso, forneceu em um anno 17:391$952 rs. de biscoutos para o hospital militar da dita provincia?

—Li isso n'um relatorio do Dr. Couto de Magalhães.

—E a proposito, fallei-lhe tambem em gasto extraordinario de cerveja na côrte.

—E' verdade.

—Bem; aqui está outro pedaço de egual theor:

«Hospital de marinha.—Consta-nos que no terceiro trimestre do corrente anno este estabelecimento gastou 5:000$000 de cerveja nacional.

«Ora, como cada garrafa custa 200 réis o caldo, e os fabricantes concedem um abatimento de 15 %, segue-se que em tres mezes os doentes esvasiaram 28,750 garrafas, o que corresponde a 320 garrafas diarias. Achamos que é de mais, e cumpre que o Sr. Cotegipe mande averiguar o verdadeiro destino que teve tanta cerveja, pois não seria de estranhar que ella fosse empregada não só em curar os doentes, como tambem em consolar os sãos, e fornecer o *espirito* com que são escriptos certos avisos, officios, ou que melhor nome tenha em direito, relativos á independencia do poder judiciario.»

—Hontem ia sendo victima de um fracasso um negociante desta praça.

—Quem é elle?

—O Sr. Guimarães, conhecido por Caranguejo; na occasião em que passava de um saveiro para a canoa que o havia de transportar ao vapor da carreira do Mont-serrat á cidade, cahiu n'agoa. Felizmente foi salvo.

—Valha-nos isso.

LA VAE VERSO

MOTTE.

Mulher não cria suissas,

O padre Antonio é bom mestre
Ensina a fazer linguiças;
Diz que no seu calendario
Mulher não cria suissas.

As francezas em geral,
Trazem as pernas roliças
Quem casa é p'ra dormir cêdo;
Mulher não cria suissas.

Freiras velhas são mestraças,
As que entram são noviças;
Resto do panno é mulambo
Mulher não cria suissas.

Um padre por ser velhaco
Disse uma vez quatro missas;
Quem não tem brio é patife,
Mulher não cria suissas.

Pernas p'ra serem bem feitas,
Dizem ser gordas, roliças,
Cara de gato é fucinho,
Mulher não cria suissas.

Vaccas tourinas são boas,

Dão bom leite, são mestiças,
Cachorro nunca põe ovos,
Mulher não cria suissas.

Á PEDIDO.

SANTA LUSIA.

A irmandade de Nossa Senhora de Nazareth não faz a sua festa, e como agora quer fazer a de Santa Lusia? Porque não fazem a de S. Gonçallo, ha tantos annos? Este zelo cheira a interesse.

Tanto perseguiu a irmandade de Nossa Senhora de Nasareth a devoção de S. Gonçallo, até que acabou com ella, tiveram a gloria de terminar o culto do Glorioso Santo.

Agora fazem o mesmo com Santa Lusia. Mas a irmandade desta para prova de sua sincera devoção vai festejal-a na capella da Saude (para o que já annunciou). A Santa Imagem ahi se achará para receber os votos de gratidão dos fieis.

Haverá missa de madrugada, festa e o mais do costume em seu dia proprio.

A irmandade de Santa Lusia protesta demonstrar falsas, as accusações com que a irmandade de Nossa Senhora de Nazareth illudiu a boa fé de S. Exa. Revm^a.

—Ora apprecie esta!
—*Varro.*
—V. é muito malicioso.
—Avie-se.
—Tome la.
—*Psio.*
—Um inspector de quarteirão foi convidar, por ordem do subdelegado da *freguezia*, á um tenente coronel reformado.....
—Vá me dizendo logo de que freguezia.
—Valha-me *Sant'Anna!*
Olhe que o Sr. só procura cortar-me o fio da historia.
—Está bem, siga o carro e pare na porta do *Bittencourt.*
—..... para patrulhar com elle á noite, no caracter de cidadão, segundo as ordens terminantes do chefe de policia.
—E o tenente coronel negou-se, não é isso?
—Justamente! Disse que um tenente coronel não era para patrulhar com um inspector de quarteirão, e que não via na freguezia quem podesse se hombrear com elle!
—Minha opinião é que nem o tenente-coronel devia ser convidado, nem elle se portar com tanta fofice, tanta impostura.
—Homem, calemo-nos... quem é bom já nasce feito.

—Capitão, uma providencia.
—A respeito, meu charo?
—Vive nesta cidade um africano mettido a curandeiro, que torna-se um perigo pelo numero de victimas que tem feito com as suas imprudentes curas.
—Entenda-se com o chefe de policia e inspector da saude publica.
—Alem de que, exerce a nigromancia e inculca-se de saber *dar ventura e expellir o diabo*, por meio de sortilegios, o que faz com que a turba credula e ignorante, concorra ao seu casebre, em busca de melhor sorte.
Especulando com a credulidade da populaça supersticiosa, vae o tal bruxo empalmando os tenues recursos dos imbeceis, que lhes cahe nas unhas, obrigando-os muitas vezes a desfazer-se do que possuem, para adquirir dinheiro com que vão saciar a gana desse harpya devorador da fortuna alheia.
—Já é tempo de me dizer o nome do tal feiticeiro.
—E' o africano Manuel Paulo, actualmente morador aos Curraes Velhos, freguezia de Santo Antonio.
—E' ahi que exerce a nigromancia?
—Não; na rua *Torta* dos Sanhaços, por baixo da casa do *José, ferreiro, filho do filho.*
—Adiante.
—Conta-se deste *adevinho* latrocinios tenebrosos, factos de brutal lascivia praticados por meio de sua artificial e astuciosa bruxaria.
Apontarei alguns.
Diz-se que, ha pouco, fôra deflorada por esse monstro a pardinha de 15 annos Joaquina Flora, levada por sua mãe para ser curada de malificio.
Conta-se tambem que a africana Maria Sabina morrera em casa desse preto perigoso, sem se saber de que, e que dous escravos della, forros, de combinação com *algum*, foram captivados, possuindo hoje Manuel Paulo documentos arranjados *por maneira* que lhe dão dominio sobre taes escravos.
E' charro que dous pretos do trapiche Gomes, a quem elle devia uns 300$ rs., foram em um domingo do anno de 1859 á sua casa pedir o que lhes devia, e la comeram um pouco de carurú. Quando voltaram ja foram doentes e pouco depois morreram.
Os *parentes* africanos encheram por ahi tudo que Manuel Paulo tinha *carregado a mão* nos dous pretos.

(Continúa.)

—Olá, meu *Universal*
Tomou para seu ensino,
A dose de empurrões

Que lhe deu o Victorino.

O velho é da pá virada,
Pois foi mesmo em sua porta
Lhe dar sem V. querer
Noticias da avó-torta.

Fez bem em não respingar,
Do contrario apanhava;
Pois que elle estomagado
A bitacula lhe quebrava.

Tambem V., de um velho
Ciumando, feito tollo!
Quando deixa que o *Careca*
Ande a lhe roer o *bollo*.

Bem se diz que a parte fraca
E' sempre onde quebra a corda,
Tanto zelo para um velho,
P'ra o *Careca* vista gorda!

—Edificante espectaculo!

Quatro mãos sacramentaes se baralham, quatro pés padrescos escavam o chão, dois circileos se embatem, rompem-se batinas, rasgam-se voltas, as blasphemias e increpações são sermões bebidos no Evangelho!

—Que filhos de Christo!

—E por uma Dulcinéa!...

—O' *Caminho novo* das boas obras! tres vezes, salve! caminho novo!... arena de tão brilhante feito!

—Sabe que o Dr. *Freio,*
Ao fiscal enganou,
Da *meza* que *rende* cobres,
E a mulcta não pagou?

Montado em seu corsel
Vinha elle a esquipar,
Sem se lembrar não ter pago
O imposto cavallar.

O fiscal sahiu-lhe á frente
E a mulcta lhe pregou,
Mas o Dr. que é mitrado
Subtilmente escapou.

«O que falla Vm.?»
Disse, fingindo-se mouco.
«Ah... a mulcta... não tem duvida,
Eu já volto, espere um pouco.»

E largou-se a toda brida
Na *renda da meza* entrou,
Pagou somente o imposto
E com o fiscal mangou.

—Ao que eu chamo *esperteza*,
V. chama mangação,
Pois fique agora sabendo
Que foi uma empalmação.

—Entrou hontem para o hospital um individuo que levou de outro uma enchadada. Ambos eram trabalhadores de uma obra que se está fazendo em Brotas.

VARIEDADES.

COUSAS QUE CAUSAM HORROR

Trovoada.
Facada com as tripas de fora,
Tabaréu enfezado.
Velho dançando a polka.
Namoro de frade.
Argumento de inglez.

COUSAS QUE NUNCA SE VIU.

Sapateiro com palavra.
Freira de falla grossa.
Senhor de engenho sem fidalguia.
Logista fallando verdade ao comprador.
Bacharel sem impostura.
Boticario amigo da homeopathia.

ANNUNCIOS.

AMA DE LEITE.

Precisa-se de uma, sendo livre, na rua do Fortinho n.° 78.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Por deliberação do conselho administrativo convido á todos os Srs. socios para reunirem-se em assembléa geral, no domingo 13 do corrente, ás 11 horas do dia, afim de discutirem o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas do ultimo trimestre. Bahia 10 de dezembro de 1868.—*Aristides Ricardo.*—1.° secretario.

Mr. Grizette, alfaiate de Paris, chegado ultimamente na barca *Péta*, faz sciente ao publico que tem aberto sua loja na rua da Extravagancia, casa n. 1000, onde se encontrará uma grande collecção de cousas boas, e previne que dará uma peça de obra qualquer a quem comprar outra, pagando o comprador pelo valor das duas. O mesmo tem muito boas luvas de differentes qualidades, a saber: de pelle de gato, de lebre, de kagado, de onça, de burro, etc, pelo modico preço de 200 rs. ao par; tem tambem bengalas de pau de mamoeiro, madeira esta a mais forte que se tem conhecido. As pessoas que se dignarem visitar o annunciante o acharão sempre de cara alegre e algumas veses da cabeça prompta para servir-lhes de boas couzas.

Na padaria de S. Miguel aluga-se um preto forro ou captivo.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 43.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 15 DE DEZEMBRO DE 1868. N. 446.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de dezembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. commandante da companhia de aprendizes marinheiros, extranhando-lhe o intoleravel tratamento que dá um cabo da dita companhia aos mesmos.

No dia da procissão de Nossa Senhora da Conceição, que os referidos aprendizes acompanharam, deu elle, por diversas vezes, com o couce d'arma em alguns meninos; e no domingo ultimo, por occasião de irem á missa, com uma acha de lenha dava pauladas em diversos para ensinal-os a perfilar-se, alem de publicamente esbofeteal-os, o que foi geralmente reprovado por todos quantos presenciaram tão insolito proceder, que de certo não é authorisado por S. S., e por isso pede-se-lhe que se digne dar providencias á respeito.

—S. Ex. o Sr. presidente teve a má sorte de ficar sem carne para comer no dia 9.

—O que é, gentes!

—Elle mesmo é quem diz em um officio á superintendencia do matadouro.

—Seria verdade?

—E diz que isso se não daria, si o superintendente se désse ao encommodo de se demorar mais um pouco de tempo na repartição.

—Um repellão em regra.

O que comeria S. Ex. nesse dia?

—Eu sei! O que lhe digo é que si não se dá isso elle não se lembrava das necessidades porque está passando o povo.

—Não sei explicar isto.

—O que?

—Nos anniversarios da familia imperial dar-se sempre um sinistro.

—Houve algum agora?

—Pois não!

No dia 2, na occasião em que se davam as salvas a bordo da corveta *Vital de Oliveira*, surta no porto do Rio de Janeiro, a explosão antecipada de uma peça arremessou ao mar dous imperiaes marinheiros, que da parte de fóra a carregavam.

Arriaram-se immediatamente os escaleres e fizeram-se todos os esforços para descobrir os corpos dos infelizes marinheiros, que desappareceram logo que cahiram n'agua.

Todos esses esforços, bem como os que empregaram os escaleres da corveta portugueza *Duque de Palmella*, foram baldados.

—E' um uso anachronico esse de massar os povos nos annos dos reis.

—Principalmente com prejuizo.

—Uma pergunta.

O presidente que tem mandado soltar a tantos recrutas, por serem guardas nacionaes promptos e terem feito o *ultimo aquartellamento*, como consente que Manuel Bazilio, guarda prompto e limpo, que acabou de aquartellar no 8.º batalhão, casado, com QUATRO

FILHOS menores, e de mais doente, marche para o sul?

—E' porque o porco é filho da porca.

—A razão sei eu qual é.

—Si quer dizer que é pelo domicilio do homem, faz uma injustiça; porque dez ou vinte votos que o governo perca em *Passé* não lhe fazem differença.

—Acha-se preso o moleque Angelo, o ratoneiro mais audaz que possue a companhia do olho-vivo.

—Amanhan está na rua.

—Eu assim mesmo hei de acreditar quando ver.

—Consta que na côrte o *Jornal do Commercio* ia ser chamado á juizo por publicar o seguinte—

«HYMNO

«*dedicado á S. M. imperial o Sr. D. Pedro 2.º no dia 2 de dezembro de 1868.*

«Oh! excelso monarcha, eu vos saudo!
«Bem como vos saúda o mundo inteiro;
«O mundo, que conhece as vossas glorias...
«Brazileiros, erguei-vos, e de um brado
«O monarcha saudae,—saudae com hymnos
«Do dia de dezembro o dous faustoso
«O dia que nos trouxe mil venturas!
«Ribomba ao nascer d'alva a artilharia
«E parece dizer em som festivo
«Imperio do Brazil, cantae, cantae!
«Festival harmonia reine em todos;
«As glorias do monarcha, as sans virtudes,
«Zelemos, decantando as sem cessar.
«A excelsa imperatriz, a mãe dos pobres,
«Não olvidemos tambem de festejar
«Neste dia immortal que é para ella
«O dia venturoso em que nascera
«Sempre grande e immortal Pedro II.

«*Um monarchista.*»

—Não vejo nada de mais.

—E' porque, dizem, que as primeiras lettras do hymno lidas de lado formam uma allusão offensiva.

—Ah, si é assim, que vão pegar o homem da capa preta.

—As noticias da guerra não são satisfactorias.

—Valha-nos Deus!

—A 26 do passado houve um segundo reconhecimento pela esquadra á Angostura, na qual os encouraçados *Brazil*, *Cabral* e *Piauhy* ficaram bastante destroçados.

Soffreram um vivissimo fogo de 15 peças de calibres 150, 68 e 30 raiada (o que nos tomaram em 3 de novembro em Tuyuty.)

O capitão de fragata Mendes Salgado ficou ferido gravemente.

—E Lopez está nos ultimos apuros!

—A divisão do Chaco que no dia 19 devia dar um desembarque acima de Villeta, não o effectuou por causa da extraordinaria enchente do rio e agora o exercito brazileiro estava passando quasi todo para o Chaco, afim de, seguindo a estrada ali tão penosamente aberta, ir repassar o rio Paraguay acima de Villeta e atacar por aquelle lado as fortificações paraguayas.

O exercito argentino com uma divisão brazileira mantém as actuaes posições em Surubyhy.

Segundo uma correspondencia dactada de Palmas, a 20 de novembro, Mme. Linch, abandonara Lopez; evaporando-se em trajes de cosinheira em uma das canhonheiras que vão e vem.

—Parece um brinquedo de creanças!

—Nessas incertas alternativas iremos até quando Deus se compadecer de nós.

—Teve logar no domingo, como noticiamos, em um dos salões da eschola de medecina a inauguração da sociedade MEDICO-PHARMACEUTICA DE BENEFICENCIA MUTUA.

Assistiram ao acto os Exms. Srs. presidente da provincia, chefe de policia e as commissões de felicitações das seguintes associações:—Monte Pio da Bahia, real sociedade de beneficencia Dezeseis de Setembro, sociedade de beneficencia Italiana, Monte-Pio dos Artifices e imperial sociedade Monte-Pio dos Artistas, e alem disso grande numero de pessoas distinctas.

Houveram diversos eloquentes discursos.

—Disseram-me que a commissão da imperial sociedade Monte-Pio dos Artistas não fez discurso?

—E' verdade; o relator da commissão disse de improviso o seguinte, que eu tomei nota para lhe communicar:

«Senhores.—A imperial sociedade Monte-Pio dos Artistas felicita a illustrada sociedade Medico-pharmaceutica de beneficencia mutua, e faz votos á Deus para a prosperidade de tão nobre e phylantropica associação.»

—Muito bem! O artista relator da commissão teve medo de naufragar no vasto oceano das intelligencias que lá se apresentaram.

—Como vae aquelle pobre preto!

—E' escrave do Sr. commendador Barros Reis. Teve uma desavença, hoje domingo, com outro, o qual deu-lhe tamanha garrafada que o poz em tal estado.

—E agora?

—Vae para o hospital afim de ser medicado.

CURIOSIDADES ESTATISTICAS.—O precioso artigo do *Diario do Povo* n. 220, que temos transcripto aos poucos para ser melhor considerado, conclue do seguinte modo:

«Finalmente a renda annual de importação das seguintes alfandegas:—Santos, Parahyba, Porto-Alegre, Paranaguá, Uruguayna, Alagoas, Santa Catharina, Aracajù, Parnahyba, Rio-Grande do Norte e Espirito-Santo (11) não chega para sustentar a familia imperial, por *ainda faltar* 47:038$328.

«Nem a renda provincial das seguintes provincias:—Amazonas, Piauhy, Rio-Grande do Norte, Espirito-Santo, Paraná, S. Paulo, Matto-Grosso e Goyaz (8) chega para dotar annualmente a familia imperial, por *faltar ainda* 52:887$579.

«Até nem a renda de exportação das seguintes alfandegas—Rio-Grande do Sul, Ceará, Porto-Alegre, Paranaguá, Uruguayana, Santa Catharina, Aracajù Parnahyba, Rio-Grande do Norte e Espirito-Santo (10) chega para sustentar a familia imperial *por um anno,* porque ainda seria necessario réis 454:648$422.

«A familia imperial, além dos 1,387:000$ tem o usufructo de 2,000 escravos, de centenares de leguas quadradas, palacios, etc. Além d'isso os baptisados, casamentos e dotes são feitos á custa da nação.

«Qual é a nação européa que relativamente gasta tanto com seu monarcha?

«E em troco de tanto dinheiro o que recebe a nação?

«Recebe, na phrase official, a ordem, a paz interna, os esplendores da monarchia, isto é, as commendas, as fardas bordadas, os baronatos á custa dos negrinhos forros, em summa todas essas vantagens que liberaes e conservadores, unanimemente, designam pelo nome de *corrupção.*»

—Capitão, um absurdo, uma injustiça e uma miseria.

—Vamos por partes: primeiro, onde está o absurdo?

—Esta aqui neste officio do expediente de 26 do passado, *Jornal* de 4 de dezembro:

«Officio ao commandante das armas —Mande V. pôr em liberdade o guarda nacional do 5º batalhão Maximiano Borges de Sant'Anna dado em contingente pelo 10º, attento ser um guarda prompto ao serviço e fardado, e que estava licenciado em Santo Amaro d'Ipitanga quando FOI APRISIONADO, conforme informou o commandante interino d'aquelle corpo.»

Aprisionado se diz, de inimigo preso em guerras civis ou estrangeiras pelo lado contrario; logo ou o Sr. S. Lourenço não sabe portuguez, ou confessa que no Brasil o governo faz a guerra a um partido, e faz *prisioneiros* os seus adversarios politicos.

—Agora a injustiça.

—E' ainda do mesmo expediente.

«—Ao barão do Rio de Contas.—Em resposta ao officio de V. Exa. com data de 20 do corrente insistindo para que seja considerado contingente do batalhão n. 28 sob seu commando o guarda nacional José Tranquilino da Costa, dado como tal pelo 8.º deste municipio, tenho de declarar a V. Exa. que o guarda reclamado passa a não ser contingente, nem d'aquelle de que estava ausente e que o não procurou em tempo, nem d'este do qual era praça illegalmente por não apresentar guia do antigo batalhão, e sim um recruta como são todos esses individuos que vagam incertos.»

De sorte que, por estar José Tranquilino ausente de seu batalhão, porque o seu commandante não o póde prender fóra das raias da sua authoridade, S. Ex. nem o aceita como contingente d'esse commandante nem como do de outro batalhão, em que José Tranquilino tomára nova praça.

Continuemos, capitão; e antes da *miseria,* citemos ainda um disparate.

O commandante superior interino de Itapicurú pediu ao presidente que mandasse pôr em liberdade dous guardas do batalhão 54, sob seu commando e recrutado pela policia; o presidente, no já supra citado expediente, responde que a policia não póde deixar de recrutar guardas nacionaes, e continúa passando uma ziribanda nos officiaes dos batalhões do sertão, e conclue dizendo que *os commandantes de politica adversa á do governo já estão quasi todos mudados.*

E esta! Pois o homem não é o primeiro a apregoar que o governo tem uma politica sua, que segue uma linha invariavel de procedimento administrativo, quando é de praxe que os governos constitucionaes guiem-se pelos sentimentos do povo, e não procurem dar a estes uma direcção de conveniencia?

—Adeus que temos dissertação!

—Não se massê. Ahi vae mais uma *asneira.*

«N. 796.—Manuel Joaquim dos Santos, pedindo providencias sobre a violencia contra elle praticada por occasião de sua prisão pelo subdelegado do districto de Sururú.—Remettido pela presidencia da provincia ao commando das armas para informar em 30 de novembro de 1868.»

Pois o homem queixa-se do subdelegado de Sururú, e a presidencia manda que informe o commandante das armas!.... Palavra que só de.....

—Acabe com essa massada.

—V. Ex. tambem massa-se com tudo; não se póde introduzir....

—Varro.

—..... um palavreado mais elegante!

Agora á miseria.—Faça-me o obsequio de ler este trexosinho do *Commercial* da Feira de Sant'Anna:

«CARESTIA D'AGUA.—Segundo uma carta que recebemos do Camisão com data de 19 do corrente o agua custava ali a 640 rs. a carga!»

«Avaliemos do estado em que se acha o alto sertão, se distante daqui 12 á 14 leguas ja se vê tão grande mizeria.»

Lá pelo sertão um póte de agua já custa 320 rs., aqui a carne está a 400 rs., a libra *por ora*. Diga-me, capitão, onde iremos parar?

—Raspe-se e vá perguntar ao magico japonez.

—A sorte dos doudos recolhidos ao hospital da santa casa, inspira lastima.

E' preciso ver para crer.

Mettidos em um pavimento que verte agua, infecto, sem luz, sem ar, mais se aggrava a sorte daquelles desgraçados!

Ha diversos castigos cada qual mais barbaro, mais tyrannico, para o infeliz que perdeu a luz da razão.

Os accessos de furor são acalmados a cacete!

O desgraçado que, accommettido por um simples ataque de loucura, entra para o hospital, fica inevitavelmente doudo varrido pelo cruel tratamento que recebe!

—E que me diz do alimento?

—Isso é em geral.

Causa asco e repugnancia.

Si ha quem duvide, que apresente-se no hospital, si para isso poder obter consenso, e examine a qualidade do pão distribuido aos infelizes enfermos, e se convencerá. O pão é negro e amargoso.

O que se chama lá guisado, são pedaços de carne da peior qualidade, misturadas com o que se chama mollejos e tripas de gallinhas!

No hospital o que ha de mais soffrivel é o lombo.

As folhas de chá, dizem, servem para duas e tres vezes.

Entretanto as irmans de charidade comem do bom e do melhor!

—E regalam-se.....

—Para tudo rigorosa ecconomia, menos para as irmans de charidade que passam prodigamente.

Despediram as recolhidas da santa casa, a maior parte das quaes não receberam seus dotes e estão hoje prostituidas.

Santo Antonio da Velha Barbara, saibam todos, paga 8$ réis mensaes de aluguel pelo pequeno commodo que occupa em uma parte do edificio da egreja.

—Os santos ja pagam aluguel de casa!

—E de mais é um santo bastante lucrativo.

Supprimiram a festa da posse ou aproveitam a festa de Santo Antonio para uma cousa e outra.

Severa e restricta ecconomia em tudo, menos com as irmans de charidade!

—Felizes mulheres!

(*Continúa.*)

Á PEDIDO.

—Capitão, communicaram-me o seguinte:

Rita Baptista, cabra, que anda vendendo em um balaio rendas, cabeções de camisas de mulher e cartuxos de farinha de tapioca com côco, passando na sexta-feira, ás 4 horas da tarde, pela egreja do Senhor do Bomfim, entrou para fazer oração e depositou o seu balaio de traz de uma das portas da egreja. zelador chegando no corpo da egreja e vendo que só tinha dentro essa pobre mulher, perguntou: —*de quem é esse balaio?*

Responde Rita: —*é meu, meu senhor.*

O zelador ouvindo essa resposta, metteu os pés no balaio derramou todos os cartuxos de farinha de tapioca, que elle tinha dentro. Mas usando ella da prudencia, perguntou-lhe para que fez-lhe aquelle mal.

Então disse elle que a egreja não era deposito de balaio.

—Ha factos que não se commenta, entrega-se descarnadamente á appreciação do publico.

VARIEDADES.

ANNUNCIO CELEBRE.

«Joaquim Manuel Maranhão de Saes Camarão Machado Ribas Cavalcante Coitinho Marinho Põe-te em pe, advogado provisionado pela relação do destricto, pois si o não fôra não tinha empenho de negar, tem escriptorio aberto para um tudo nos confins da rua do fogo da cidade do Crato, perto de uma vasante de capim do capitão João Nogueira Rebello, e nos quartos da feira tambem vende fumo e outros generos.

Aquelles que se quizerem utilisar dos seus serviços é procural-o: com a differença de que para os ricos é dinheiro para ca, serviço para la; e para os pobres justificando que o são trabalhará gratis ou de meio feitio.

Do mesmo modo todo aquelle, que pita ou que toma espirito de licor abaixo, pode recorrer ao seu quarto na California.»

Este annuncio affixou nas esquinas do Crato, no Ceará, um letrado alli chegado da Palmeira dos Indios!!

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 45.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 17 DE DEZEMBRO DE 1868. N. 447.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de dezembro de 1868.

Portaria ao fiscal da freguezia da Sé, ordenando-lhe que intime ao proprietario da casa n. 50, á ladeira da Ordem Terceira, para que immediatamente mude a direcção do cano de sua propriedade, que desagua para a rua, por que, alem de emporcalhal-a, obriga a quem por ali passa a tapar o nariz, incommodo que se deve tornar insupportavel a quem por ali mora. Cumpra.

—Foi recolhido hontem, ás 2 horas da tarde, ao hospital de charidade o creoulo Luiz com um tiro nos queixos que lhe dera o creoulo Cypriano Nobrega, e se acha em perigo de vida.

—Em que logar deu-se esse facto.

—Em Brotas.

—E porque praticou Cypriano esse attentado?

—Uma parenta do paciente que me contou o facto, diz que não houve motivo algum.

—E foi preso esse desalmado?

—Não me consta.

—A ladeira do Pau da Bandeira é uma vergonha.

Tem covas em que cabe um homem.

—E está convertida em deposito de esterquilinios.

—De mais a mais tem uma porção de canos, que deitam para a rua, que a tornam uma perfeita montureira.

—Para quem a sóbe com sol quente, deve ser um bom regalo aturar semelhante fedentina.

—Porque não mandam concertar e limpar esta fonte do Xixi?

—Rapaz, a camara não tem meios.

—Porque é para commodidade publica; si fosse..... não digo o resto.

—Na verdade ella está em um estado de porcaria, que causa asco; mas o que se ha do fazer?

—Do Caes Dourado á Santissima Trindade não se pode andar á pé.

—E' uma miseria; por mais que uma pessoa se desvie, ha de atolar-se em um lamaçal.

—Ou ser pisado pelos carros e gondolas, que constantemente transitam.

—Sentido com os ganhadores!

Marcionilla Augusta Fernandes Dias, branca, moradora á rua Direita do Collegio n. 15, foi intimada para mudar-se em 24 horas, por estar ameaçando ruina a propriedade.

No dia 14 do corrente contractou ella um preto ganhador afim de lhe levar os carregos para a ladeira da Praça, logar para onde mudara-se.

O ganhador apanhando-a descuidada, levou-lhe a cabeceira de uma cama, onde tinha ella depositado uma caixinha, contendo dentro uma pulseira, um alfinete e um relogio de guardar cheiros, objectos estes de ouro, e até o presente desappareceu o ganhador com a cabeceira da cama e a caixinha.

—E ella não sabe de que canto é o ganhador?

—Ignora á que canto pertence, e nem ha quem lhe dê informações.

—Acho bom que ella se dirija ao Sr. Antero, porque uma policia activa com facilidade descobre o tal ladrão do ganhador.

—Isto se dá em outra policia, que não é a da Bahia.

—Reappareceu a penuria de falta de cobre! Hontem sahi, fui comprar um objecto e me disse o vendelhão não ter dinheiro de cobre para me trocar dez tostões.

Andei abaixo e acima, e nada de encontrar troco! Por fim, si quiz trocar, foi-me necessario dar um tostão de cambio.

—Ora veja um artista, que mal ganha para remediar suas necessidades, pagando cambio para trocar dez tostões, afim de comprar o alimento para a subsistencia de sua familia, aonde vae parar?

—E' preciso notar que ha muito cobre; porem uma sucia de agiotas, que por ahi ha, arrecadam todo para lucrar depois o fabuloso cambio de dez por cento.

—Ladrões da algibeira alheia! Sanguesugas da humanidade!...

—Capitão, um caso.

—Quando deu se?

—No dia 8 de novembro.

—Já é um caso antigo.

—Mas por isso não perdeu o seu valor.

—Então conte-o sempre.

—Foi espancada barbaramente dentro de sua barraca, ao Caes Novo, pelas creoulas Ignez, Eufrasia e Lucrecia, a creoula Maria Saloméa.

—Já ouvi contarem esse facto e dizem que as creoulas que a espancaram contam com a protecção do subdelegado do Pilar.

—Pois V. crê que o subdelegado vá lá proteger umas mulheres que espancam outra, deixando-a prostrada em cima de uma cama, ha mais de 30 dias, com o corpo todo cheio de echymoses?

—Eu sei lá, eim!

Minha terra tem cousas!

—Ora essa é boa!

Levo dez mil réis vermelhos, que se estão recolhendo á thesouraria para trocal-os pelos novos e me dizem—*si quizer trocar vá buscar mais quarenta mil réis.*

—Ainda a V. elles exigiram mais quarenta mil réis, e eu que me pediram mais quarenta e oito, porque levei dous mil réis para recolhel-os.

—E commigo ainda foi peior, porque levei dez tostões e elles me pediram mais quarenta e nove se quizesse trocar. Mas o caso não é esse, é eu estar sem um vintem em casa para comprar o necessario para a minha familia e no açougue não me quererem tomar o dinheiro, por causa de estar expirando o prazo de se recolhel-o.

—E' verdade. Quando se acabar o prazo como ha de ser?

—Dizem que tomam o dinheiro e o nome do individuo, dando-se um recibo até que venha dinheiro do Rio.

—Adeus minhas encommendas.

Que paiz, meu Deus!

QUEM NÃO TEVE, E CHEGA A TER.

O vivente que se quizer divirtir, bem a seu gosto e vontade, sem haver necessidade de dispender para ver um theatro muitas vezes massativo, sem atropellar-se para ter um convite de baile, onde vai perder seu tempo, e seu dinheiro entregar á algum esperto, não tem mais do que considerar as cousas da vida como ellas por ahi apparecem, e preparar, como Democrito, um rizo constante, porque verá sempre representado um engraçado entremez. Ha tanta couza por ahi digna de rizo, e attenção, que jamais faltará materia ao observador para fundamentar suas observações.

Talvez alguem diga que não é assim. Bem, vamos hoje considerar a essa classe, que nascendo miseravel, e no pó, por acazos da fortuna, sempre variavel e caprichosa, chega a obter pozição e ser grande, e rica. E' um dos quadros interessantes que entré nós se pódem observar, com quanto seja sempre muito apreciavel a maneira de obrar de um ninguem, que chega á alguma couza.

De mascate de chitas velhas, e alcaides desbotados, chega este ou aquelle, a ser um logista de cinco portas. Da jaqueta rôta nos cotovellos, com que corria as ruas, já nada resta, e lindo paletot serve para andar no commercio.

Houve uma verdadeira transformação, mas não lhe mudaram, nem isso se póde, as impressões que lhe deixaram no espirito a vida antiga. Tollo, a quem alguem impurra para frente, este logista gastará dinheiro grosso para representar, para figurar na politica,

ter uma senhoria; e um gallão da guarda nacional.

A primeira cousa que faz, quando chegam seus dias de prosperidade, é mandar assignar todos os jornaes, e não o vereis abrir a bocca; que não seja para fallar nos discursos da assembléa, na peça que se representou na vespera no theatro, e nas transacções dos gabinetes estrangeiros, que elle interpetra logo á seu modo. E' bello um homem d'estes; e o caloteiro, que for esperto, para pregar-lhe um nariz, e obter sem custo qualquer cousa de sua loja, não tem mais do que elogiar a sua illustração e agudeza.

Uma mulher nunca pôde sahir da posição humilhante em que a collocou um seductor, ou sua cabeça douda, que toda mulher a tem mais ou menos, sendo todas como disse Francisco I. uma degeneração principiada. Mas o diabo trouxe a sua casa um capitão da Costa, que é gente que anda, sempre que chega de uma viagem, procurando em que gaste a soldada, que lhe causa um pezo extraordinario na algibeira.

Este a eleva; da-lhe muito ouro, duas ou trez escravas, e uma casinha, e certa posição máis independente. Então gosto é ver a transformação que soffre esta mulher. Despreza logo as outras suas companheiras antigas. Não dá um passo sem lavar a cabeça, o collo, os braços e os dedos com honras de taboleta, e as negras acompanhando: se sahe em cadeira, as cortinas vão bem abertas, porque julga que todos estão invejando o seu ouro, que é todo obra sem gosto, cordões grossos, e muito esquisitos, pulseiras muito largas etc. Em casa não move uma penna sem a negra; será capaz de tirar uma folha no quintal. e chamar escrava para levar para dentro, emfim torna-se um ente ridiculo, e digno de ser disfructado.

O mau gosto preside a seu andar, a seu vestiario, e a tudo que a rodeia.

Em annos passados, todos que moravam n'esta ou n'aquella rua, conheceram um menino que andava em fraldas de camisa, muito sujo a lambiscar pelas casas da visinhança e que se occupava de jogar castanhas, dar recadinhos por qualquer vintem e a fazer *biœinhas*, no tempo de S. João.

Com tal educação, já se vê que sujeito não sahirá, e que manhas não aprenderá.

Passados tempos o menino se sumiu: a velha mãe de capona esfarrapada continúa nas esmolas, e diz que o padrinho do menino o mandou para a eschola.

E na verdade assim acconteceu.

Um tal padrinho, como tantos ha, se compadeceu do afilhado e o mandou educar.

Comtudo na eschola, os outros meninos o conheceram sempre de tamancos, jaquetinha de ganga, e bem miseravel.

Mas, o menino aprende a ler, vae ao latim, forma uma subscripção e a final, desenvolvendo-se o talento, apresenta-se o Sr. Dr. pela universidade de tal e tal, candidato á provincial, com vistas á geral, vermelho ou liberal declarado, conforme o partido que está em cima, e pedinchando votos a torto e a direito.

Correm as cousas, e o menino da rua, o escholar despresivel, o Dr. pedinte, tornou-se grande deputado e tudo quanto nestes modernos tempos se conhece.

Então é bom ver como falla de sua educação primitiva, como se proclama neto do sol, e da lua, descendente das familias dos Castellos, e Alencastres do tempo do rei Affonso; e como despreza aquelles que lhe deram a mão, e o fizeram grande, como se torna conscienciozo, á ponto de negar um voto ao proprio padrinho que o fez gente.

E' uma figura de entremez para o homem que sensato observa o mundo e seus membros.

Não deixa tambem de ter seu sal, a entrada n'uma casa de algum d'estes que foi nada, e chegou a grande.

Os laivos do que foi apparecem por toda parte.

A casa em que mora, é muito grande, mas com umas janellinhas pequenas; paredes que serveriam para um convento.

Nas mezas da sala, tem muitos objectos ricos, sem gosto e caros.

Nas mãos de outra gente, elles sobresahiriam, mas ali estão mal ordenados.

Vereis um relogio monstro, com duas jarras de polegada e meia dos lados.

Dous castiçaes immensos, aos lados de uma figura de palmo.

Emfim, vereis mezas carregadas, carregadas, carregadas de muita cousa e tudo sem gosto.

Os trastes ricos, mas a sala com o chão porco e sujo. Cortinas de damasco, onde já o moleque limpou as mãos na parte baixa: uma meza de boas comidas, com uma negra fedorenta servindo-a, fructos da educação que se não teve.

Logo se vê que tal sendeiro não naseeu para sella, a sorte o pôz em estribaria, quando só para o pasto e a charrúa elle servia.

E que diremos d'aquelles miseraveis, que, enriquecendo se deixam possuir da mania de litteratos, e sabios? Oh! não passam dia sem ir ás bibliothecas: citam a negra cosinheira pedaços do Panorama que é o seu livro; encontram-se sempre nas anti-sallas dos deputados, dão sua rabiscadella na pena de mor

te, trafico de escravos, e papel moeda, deixando sempre de permeio escapar palavrões de orthographia duvidosa.

Quando estiverem no meio de suas discussões, ficae certos que deixarão sahir em logar de apolices, *apolicas,* em logar de parelhas, *pareias,* em lugar de calomelanos, *caromelangos*, e outras cousinhas.

Mas, para uma gazeta como o *Alabama,* já vae grande este artigo.

Haja parada, e refresquemos a mente.

Á PEDIDO.

—A vara da subdelegacia tanto andou á troche e moche, que foi esbarrar nas mãos do Moreirinha.

—Policiando, quem precisa ser policiado!

—Por isso anda tudo assim!

—Nossa Senhora do *Pilar* dê juizo a esta gente.

Na Calçada ha uma familia,
Que está passando a festa,
Cujo mau procedimento
Pouca educação attesta.

As moças, ou dia, ou noite,
Na janella estão pregadas,
E de apanharem sol
Já ficaram bem coradas.

Tomaram por passa-tempo
De todos rir e zombar,
De quem anda mal trajado
Vivem só a galhofar.

Quem tem seu vestido velho
Está privado de sahir,
Porque as taes tagarellas
Nisso acham do que rir.

Duas senhoras honestas
Que se metteram no risco
De ir no domingo á missa,
Lá serviram de petisco.

Só por não irem na moda,
Enfeitadas e garridas,
Embora fossem ao templo
Decentemente vestidas.

Oh, que mocinhas faiscas!
Tanto assim o padre ralha!
Dão sota e *bastos* na rua
E com todos tiram palha!

E' preciso se emendarem,
Mudar de vida, meninas,
P'ra não terem contra si
Do povo as lingoas ferinas.

UMA LAGRIMA DE COMPAIXÃO

A féra amarellinha de cara estanhada e coração de bronze, que ha dias sahiu da cidade para patuscar e engordar, e que para não decahir da graça dos donos da casa, onde se acha, tem se tornado uma vil aduladeira, e á ponto de tratar com o maior despreso e orgulho á todos os seus verdadeiros parentes, logo que desconfia não estarem na graça dos seus adulados.....

Coitada! a quanto se tem rebaixado essa *cousa* que pelo seus principios, e familia só cabia lhe portar-se com toda a dignidade.

Ella se arrependerá, os que se illudem com ella lhe farão justiça, logo que apparecer a verdade.

ANNUNCIOS.

MONTE-PIO DOS ARTIFICES.

O conselho administrativo da sociedade Monte-Pio dos Artifices, não podendo fazer o seu anniversario no dia 20 do corrente, por ser nesse mesmo dia a festividade de Nossa Senhora da Conceição dos Artistas, alem de outros inconvenientos que occorrem, resolveu em sessão de 13 mudar para o dia 10 de janeiro proximo vindouro, para o que previne aos Srs. socios. Bahia 14 de dezembro de 1868.—O secretario, *J. E. Barboza d'Almeida.*

A abaixo assignada faz publico que lhe fôra roubado, no dia 14 do corrente, por um preto ganhador que carregava os seus trastes para a ladeira da Praça, logar para onde mudava-se, uma caixinha com os seguintes objectos de ouro:—uma pulseira, contendo no centro de uma flor uma pomba de filigrana; um alfinete do mesmo theor; um reloginho de guardar cheiro, tendo dentro um retrato; e a cabeceira de uma cama. Quem apprehender esses objectos e leval-os á casa da annunciante á ladeira da Praça, será generosamente gratificado. Bahia 15 de dezembro de 1868.

Marcionilla Augusta Fernandes Dias.

NOVA DESCOBERTA.

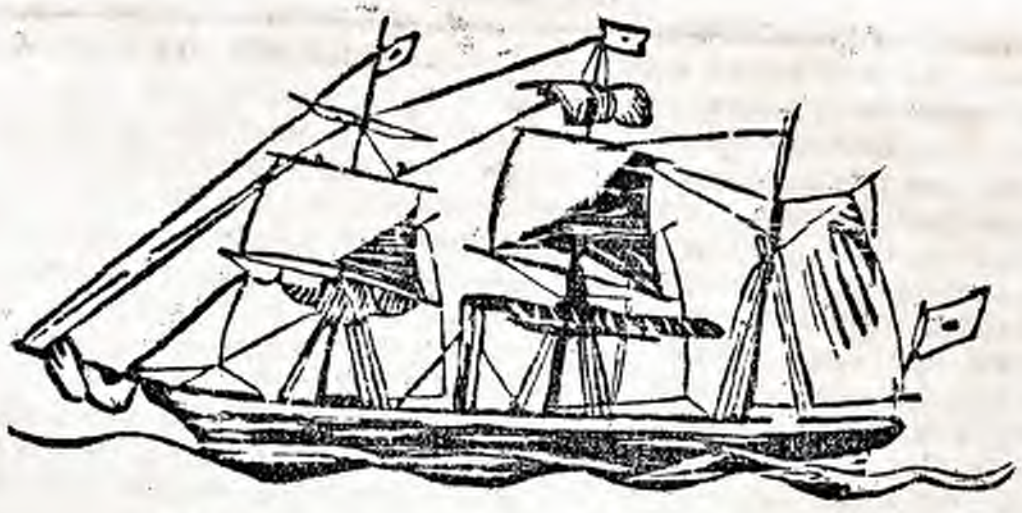
Quem quizer engordar, e criar barriga vá para Itaparica.

AMA DE LEITE.

Precisa-se de uma, sendo livre, na rua do Fortinho n. 78.

Vende-se uma casa sobradada na rua Direita de S. José, com 2 janellas, terrenos proprios; quem a pretender dirija-se á esta typographia, que se dirá quem é o dono.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 45.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 19 DE DEZEMBRO DE 1868. N. 448.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de dezembro de 1868.

Officio á Illma. camara municipal.—Sendo de utilidade pública e principalmente aos enfermos, que cessem de uma vez nas ruas desta cidade a cantilena dos africanos conductores de pipas e outros carregos, que nenhum allivio trazem aos mesmos, no emtanto que servem para attestar o nosso atraso e falta de civilisação, sirva-se essa Illma. camara de formular uma postura, afim de prohibir que elles gritem menos do que os brancos que são donos da terra; o que espera-se.

Portaria ao fiscal da freguezia do Pilar, ordenando-lhe que imponha a competente mulcta aos moradores da casa n. 58, ao Caes Dourado, os quaes despejam excrescencias diluidas em agua putrida para a rua, com grave incommodo dos visinhos. Cumpra.

—Tanto povo na porta do Carduff! O que será?

—Uns soccorrem a uma mulher; outros são curiosos.

—O que aconteceu, então?

—Um desatinado cavalleiro que deu tamanha tungada na pobresinha, que a estendeu sem falla.

—Materia velha; quem não quizer ser pisado, arrede do caminho quando avistar os taes desenfreiados.

—Essa, coitada, não teve tempo para isso, porque o cavalleiro, que anda em um cavallo russo desferrado, dobrou a esquina da Sé com tal velocidade, que a infeliz não se poude desvencilhar.

—E agora que vá chorar na cama que é logar quente.

—Pode-se andar armado dentro da cidade?

—Tendo licença da policia, póde.

—Assim mesmo, estou que não se pode fazer uzo da arma sem necessidade.

—Justamente.

—Mas ahi anda um tal *Zabelê*, cujo divertimento é dar tiros á noite com um rewolver.

—A policia ignora, sem duvida, isso.

—Pois pode affirmar; porque na segunda feira á noite, eu vi elle praticar semelhante gracejo atraz da egreja da Ajuda.

—Que tal, capitão?

—Ha novidade?

—A esperteza da companhia do gaz.

—Não lhe entendo.

—Eu lhe digo.

A companhia, que só devia receber da provincia 195 rs. por cada bico de gaz, logo que elles se elevaram a 2,000, continuou a receber caladinha na razão de 200 rs.

—Ora adeus; pegou, pegou; não pegou, estava brincando.

—Bom dia, capitão.

—Si vem me trazer noticias adulteradas, agradeço-lhe.

V. asseverar-me que o larapio Angelo estava preso, quando elle anda a fazer das suas!

Angelo, é verdade que foi preso na freguezia da Rua do Paço, por causa de um par de botinas que arrebatou de uma crioulinha da casa do Sr. Chastinet, mas deu um *tapa-olho* no policial que o conduzia e escapuliu-se.

—Um engano desculpavel, capitão. Em compensação venho contar-lhs uma *gentileza* praticada hontem pelo mesmo Angelo.

O Sr. Marcolino d'Almeida, estabelecido com loja de alfaiate á rua Direita de Palacio, mandou por um seu aprendiz levar um paletot. Ao chegar no Terreiro, Angelo sahiu ao encontro do pequeno e pediu-lhe para comprar não sei o que, na venda do Seraphim e tomou o paletot para *segurar;* quando o menino voltou e procurou Angelo elle já andava longe.

—Mais essa para honra da policia que deixa impune tão audacioso larapio.

—Ante-hontem, ás 10 horas da noite, estava um africano sentado na Praça; a patrulha intimou-lhe para que se levantasse e fosse para casa, por não ser horas delle estar na rua.

O africano arremessou sobre o cabo uma acha de lenha; mas não pegando, muniu-se de uma pedra e deitou-a sobre elle, que por milagre não quebrou-lhe a cabeça.

—E não o prenderam?

—Prenderam; mas ao chegar atraz da Sé elle arrebatou uma bengala da mão do Fonseca meu irmão para bater no cabo, e si não acodem algumas pessoas, o negro fazia *agua suja*, como dizem os *capotes*.

Por fim deitou-se no chão e gritava para os soldados:

« —*Qué mata, mai cu não vae lá ni correcon, qui não quê! Anda, fura meu barriga, proquê eu quê memo qui essê mi mata.*»

—Que negro damnado! E não foi para a correcção?

—Foi debaixo de tombos e ponta-pés que lhe davam os soldados.

—Tambem nossos soldados de policia não prendem ninguem senão debaixo de ponta-pés, refadas, chibatadas e sôcos, não empregam a prudencia e por isso se dão certos conflictos.

—Como é que se entra por dentro da casa de um cidadão, para recrutar-se, em um paiz constitucional?

—Que quer V.? Estamos em tempo de guerra.

—Mas a constituição não diz que o asylo do cidadão é inviolavel?

—V. não sabe que em tempo de guerra suspendem-se as garantias da constituição?

—Pois é quando deve haver garantias, porque no tempo de paz o povo vive em socego, não precisa de constituição.

—V. não sabe o que está dizendo.

—Lêa aqui este pedacinho do romance—*a virgem da Polonia,* escripto pelo conselheiro Bastos:

—« A suspensão das garantias é um golpe profundissimo na arvore melindrosa da liberdade; e quem sabe si depois de o receber, ella rebentará de novo, ou seccará inteiramente?

« . . . . . é a sua morte; e quem sabe si ella depois de perecer resuscitará?»

. . . . . .

—Veja mais este trecho:

«Dizer que a constituição ou suas garantias se não podem manter senão em tempos tranquillos, e que se deve abandonar em tempos de perturbação e de perigo, é desacreditál-as; é confessar que ellas só foram feitas para reinos imaginarios. . . . . »

. . . . . .

—Hontem ouvia eu na Praça dous individuos conversarem e dizia um para outro:

« —Minha filha foi atacada por *Bernardo Lourenço.*»

« —Em minha casa tambem foi atacada uma negrinha, eu suppuz estar atacado do mesmo mal.»

Entrei depois em uma botica e ouvi um sujeito perguntar ao pharmaceutico:

« —Será bom um purgante de oleo de recinio para curar uma velha que foi atacada de *Bernardo Lourenço.*»

Depois que o sujeito sahiu, tratei de syndicar do pharmaceutico que diabo de historia era uma que appellidavam de *Bernardo Lourenço*, e foi então que soube que eram as camaras de sangue que assim chamavam.

—Olhe que os meninos da Candinha não dormem!

LA VAE VERSO

VERDADES PURAS.

Soldado, que muito gaba
Sua altiva bisarria,
Que falla de valentia,
Que diz foi—grande na guerra,
A' verdade falta muito,
Diz mentiras, como terra.

Moça, que mal surge o dia,
Arranja seu penteado,
Que somente para um lado

Da rua olha toda hora,
De cupido as settas soffre;
Tem seu amante, namora.

Aquella, que sendo bella
Diz que não quer mais casar,
Que tem desejos d'entrar
Para o claustro, para freira;
De certo, ja foi lograda,
Para obrar desta maneira,

Frade, que sahindo á rua
Se mostra muito taful,
Que tinge as pernas de azul
P'ra que sejam azues as veias,
E' muito amante do seculo,
Nutre em si ideias feias.

Mulher, que com seu marido
Não vive em estreita liga,
Que por qualquer cousa briga
E que mal o pobre sabe,
Vae se postar á janella,
Com algum outro se distráe.

Beata, que nas egrejas
Continuamente mettida
Se importa d'alheia vida
E conversa com rapaz;
Com desfarces e astucias
E' a melhor leva e traz.

Thesoureiro de irmandade,
Que sahindo reeleito
Não se mostra satisfeito
Engeitando tal logar,
Faz que não quer, p'ra qu'os outros
Lhe roguem para acceitar.

Caixeiro de poucos lucros,
Sectario de toda moda,
E que d'uma *certa roda*
Attende a qualquer reclamo,
Que vae á theatro, a bailes,
Dá na gaveta do amo.

Padre, que entre familias
Só falla em religão,
Que affecta de santarrão
Como o mais perfeito monge,
E' sagaz,—astucioso,
Lança as vistas muito longe.

Doutor novo, que na rua
Anda sempre apressurado,
Afflicto—todo suado,
Sua clinica inculcando,
Pobre d'elle, vende banhas,
Está só impostorando.

Á PEDIDO.

—Capitão, eu bem dizia.
—O que é que V. dizia, meu rico?
—Que a questão Pedro Muniz não terminava sem o Barradas, que pelo nome não perca, não dançasse no sarilho.
—Ah, entrou em scena?
—Metteu o bedelho na imprensa, mas tão infelizmente que foi logo tropeçando em palpavel contradicção.
—Pobre Cirineu!
—Um rustico caixeiro de engenho escreve lá para jornal!...
Aprecie entretanto o que elle diz:
«*Estando os sicarios entretidos com o Sr. Pedro Muniz, que com coragem se atirava aos seus offensores, não poderam desviar sua attenção para mim, que por um lado da estrada* corri em busca de soccorro, *por estar desarmado.*
. . . . . .
«*João Paulo foi o executor do plano. Eu o reconheci quando elle foi trazido ao engenho Buraco, e confirmei mais meu juizo, porque estando eu na bagaceira do engenho com mais de 50 pessoas, elle ao encarar-me cortejou-me instinctivamente com um signal de cabeça, não o fazendo aos outros.*
«*Jamais teve OUTRO ENCONTRO commigo, senão na noite de 5 de novembro, na occasião do attentado referido—como pois me corteja entre tanta gente?*»
—Esta é bem pregada!
Pois o sicario João Paulo, que entretido com o Dr. Pedro Muniz, não prestou attenção para o Sr. Barradas, o qual *correu em busca de soccorro*, assim que o vê na bagaceira do engenho, o conhece no meio de 50 pessoas e o corteja!.....
—E na occasião justamente em que devia occultar tal conhecimento.
—Coitado! E' digno de lastima esse pobre moço.
Si um raio de luz podesse illuminar mais a razão do Sr. Barradas, elle teria repugnancia do papel que lhe fizeram representar.

COR MORENA

AO MEU PARTICULAR AMIGO O ESPERANÇOSO POETA M C DE VASCONCELLOS.

Le beau sexe doit être toujours beau
(LORD BYRON —*D. Jean.*

Pela tua côr morena
Me embriago de paixão!
E pelos teus olhos langues
Ai! morre meu coração!
Tu és a flor perfumosa,
Eu sou, virge', a viração.

Eu amo as virgens morenas;
As alvas amo tambem,
As morenas dizem vida,

As alvas encantos tem,
As morenas são amores,
Que ao coração sabe bem.

Tu és, morena formosa,
A minha ardente paixão,
Quero em teus braços viver,
Viver em teu coração.
Oh! dá-me, por Deus, morena,
Um olhar por compaixão.

Bahia 2 de dezembro de 1868.

T. de A. Vallasques.

—Capitão, ouça esta que é digna de apreciar-se.

Em uma noite da semana passada, um grupo de moços *valentões*, e entre elles um sobrinho de certo official de *permanentes*, espancavam a um rapaz ao pé do convento da *Furna*, junto a casa do capitão *Graba*, dando-lhes até duas formidaveis cannivetadas. O sargento *Peixe do mar* prendeu-os, levou-os para o quartel e entregou ao capitão do estado.

Sabe porem o que fez esse capitão?

—Agora, quando V. disser.

—Em attenção a um dos desordeiros ser sobrinho do seu collega, soltou-os, para irem continuar a perseguir o paciente, à quem já não encontraram.

—Eu ahi só tenho a admirar é que o offendido não ficasse preso ainda em cima.

—Estou que si isso não fizeram, foi por estar elle ferido, o que podia dar na vista.

Mas um militar com longa pratica de serviço, *até da guerra*, fazer isso.

—Este mundo ha de *ser*, *queira* V. ou não, sempre assim.

—S. Exa. o Sr. arcebispo ordenou hontem ao conego Cyrillo para que expulsasse da Cathedral o larapio Angelo, que ahi se acoutava, assim como que immediatamente lhe fosse cassada a licença que lhe dera para tirar esmolla para o Senhor do Bomfim, outra ladroeira com que especulava esse attrevido ratoneiro.

—So nesta terra se vê disto! Permettir-se a um moleque de pervorses costumes traficar com os sántos!

—E apatrocinar-se com o nome respeitavel do prelado!

—E o Senhor do Bomfim a perder sempre no joguinho!

Até agora perdia as esmollas que em seu nome eram extorquidas á charidade publica; agora perderá, talvez, as suas joias e alfaias, porque o audaz moleque empurrou-se com tudo.

OH!.. VERGONHA DAS VERGONHAS.

O senhor, e possuidor d'um gordo, e bonito thesouro, não se achando com capacidade de o guardar nesta cidade, onde é morador, para maior descredito seu, offereceu-o aos donos d'uma fortaleza do nosso litoral que lá o tem guardado com toda segurança debaixo de artilharia grossa, e boa; este thesouro consta estar em leilão para quem mais dinheiro tiver. Rapaziada, no primeiro dia de vapor de recreio correi a dar vosso lance (quem te não conhecer que arrematte.)

VARIEDADES.

COPIA DE UM REQUERIMENTO PARA SERVIR DE NORMA.

Illm. Sr. Sobdelegado.—Dis Domingos José Contreras Que sendo devedô de 160, a Maouel de Santanna Monte-iro Rua do Saboeiro Caza N.º 12. Encontrando-se, conodito Suplicante, ioxamando, para vir arrecebé aquantia abusou da bondade. enquere arreceber, no lugar destinado aonde, detreminei, teve a gravidade de tirarme o chapêo, da cabesça. o que eu, tenho a Emfromar a V. S. he, que o Suplicante Estar pago, visto eu, não, puder. Fazer o quedesejava he, envertude de Meo Padrinho não estar—na Tera. i como isto não posso fazer, Rogo-lhe, a bondade, de V. S.ª, compri, conforme for. D. G. a V. S.ª.

Domingos José Contreras.

ANNUNCIOS.

Tendo de se celebrar a festa da Inclyta Virgem da Conceição no sitio denominado Moinho, no domingo 20 do corrente, convida-se a todos os devotos da mesma Senhora a assistirem a referida festa.

A' noite haverá fogo de planta e outros divertimentos.

PARA QUEM GOSTA.

Breve sahirá a luz a nova modinha intitulada—*A dor da Auzencia.*

NOVA DESCOBERTA.

Quem quizer engordar, e criar barriga vá para Itaparica.

A VISTA DE TAÕ BOA DESCOBERTA,

Os paes que tiverem filhas magras, mandeas para Itaparica que até acharão novos paes; mas com a condição de que os que cá ficarem, e forem incredulos perderão todo o direito a ellas, isto juro por S. Miguel Archanjo.

Typ. de Marques, Aristides e C

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 45.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 22 DE DEZEMBRO DE 1868. N. 449.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de dezembro de 1868.

Não houve expediente.

—Nunca as classes pobres passaram por maiores calamidades, nesta terra, que actualmente.

Tudo caro!

Tem havido epochas em que um ou outro genero sobe a um preço exageradissimo; mas todos os outros conservam os preços communs.

Presentemente tudo é pela hora da morte!

Ja tivemos a farinha de vinte patacas.

Ja tivemos carne de crusado.

Tivemos tambem o tempo da carne de *sete patacas*, que não chegava para todos.

Mas cada cousa por sua vez.

Porem agora, parece um castigo; tudo é pesado a dinheiro!

—E' uma situação excepcional!

—Por mais restricta economia que se faça, não ha dinheiro que chegue.

—E o que mais me dóe é que, em quanto o povo lucta com a miseria, o governo parece indifferente a tanto soffrimento!

—E diverte-se, banquetea-se, dá bailes uns após outros.

—E' que so ha privações para o povo, cujo suor é extorquido pára nutrir os sanguesugas do estado.

—Diz o correspondente do exercito para o *Jornal do Commercio:*

«Não foi tão feliz como nas outras occasiões, porque desta vez recebeu 10 balas das 31 que a bateria lhe enviou, porem tres com particularidade produziram estragos formidaveis, e não se encontra explicação para o acontecido senão em cargas despropositadas, *ou em algum presente que Lopez tenha por ventura recebido.*

«Os fragmentos das balas, que chocaram a ré e a vante, dizem-me que mostram ser de verdadeira artilharia de Withworth de 150; resta saber si foram lançadas, por canhões de arma lisa, ou raiados; si são raiados de onde vieram? Na Assumpção não se fabrica tal genero de artilharia e então—*Honni soit qui mal y pense.*»

—E' indagar dos pastores.

Ha pouco li n'uma folha rio-grandense que o marquez de Caxias encontrara em Humaitá correspondencias que muito complicavam a certos individuos, o que foi muito sensivel para o marquez.

—Ainda mais:

«O fogo da esquadra é incessante; mais, por um ou dous paraguayos cahidos, apparecem cinco ou seis substitutos e por este meio Lopez conseguirá o seu intento.

—Si os paraguayos não ressuscitam, crescem como formiga; por que reproduzirem-se com facilidade tão espantosa, é impossivel.

—Ora nesta vida dão-se cousas!

No sabbado emborracharam-se dous sujeitos na rua da Larangeira e provocaram...

—Frivolidade. Consequencia natural de quem se embebeda.

—A novidade não é isso.

—O que é então?

—E' que dous soldados de policia que com elles beberam, dahi ha pouco os conduziam presos.

—Está direito, na hora do serviço não ha amisades.

—E' incrivel a audacia dos ladrões nesta terra.

—A impunidade concorre para isso.

—Na sexta feira, ás 11 horas do dia, penetraram dous individuos em casa da viuva do fallecido negociante José Coelho Moreira, á rua do Paço, e munidos de pés de cabras, gazúas e outros utencis, arrombaram duas portas e estavam metttendo mãos á obra á terceira, o que, se conseguem, iam dar em um quarto, onde haviam grandes sommas em uma caixa, quando foram descobertos por uma negrinha que descia.

Os sujeitos muito lampreiros perguntaram si alli *não morava* o Sr. João de tal e sahiram muito frescos.

Pessoas da visinhança que os viram sahir, os conhecem; mas como nada sabiam, não desconfiaram.

—Si a policia não abrir o olho, estamos bem servidos!

Um individuo, quando se dispõe a empreza tão arriscada, deve ir preparado.

—De certo.

—Ora supponha que esses individuos penetram no interior da casa e lá são descobertos, não haviam de se valerem das armas que levassem?

—Infalliveluente.

—Entretanto, todos os membros do olho vivo andam armados e a policia não os corre e quando, por acaso, prende algum, dalhe tempo para esconder a arma, como succedeu no Terreiro, no dia da festa da Conceição dos artistas, á noite.

—Si a policia é só para *espantar* os desordeiros e malfeitores, bem aviados estamos nós!

Ora a policia tem noticia que um individuo anda armado e põe-se a cata delle.

Afinal encontra-o na egreja; mas o agente policial é tão imbecil que dá logo a conhecer ao marreco que tem contas com elle; o qual sahe e tem tempo para atirar o punhal dentro de uma venda e então é preso e corrido,—contentando-se a authoridade com dizer-lhe *—que sempre que o encontrar ha de correl-o.*

—Isso é o mesmo que dizer ao sujeito—cautella! ande com o seu punhal de maneira que quando eu o avistar, V. tenha tempo para escondel-o.

—Si V. entende esta barafunda, me explique:

«*Requerimento despachado.*—Manuel Correia de Figueredo, ex-fiscal da camara municipal desta capital, pedindo providencias acerca da prisão em que se acha.—Informe o Sr. inspector da thesouraria provincial.»

—Meu charo, nunca tive geito para decifrar enigmas.

—Realmente este mundo anda ás avessas! Ja inspectores de thesourarias informam sobre as prisões de individuos!

—Nesta terra cada qual é um mandão.

O inspector da Bolandeira, freguezia de Pirajá, ha oito dias retém em cordas um rapaz, que por ali passava em viagem, por desconfiar que era suspeito.

—Mas si desconfiava, devia partecipar á authoridade superior.

—Ora, pois si eu estou a lhe dizer que o homem entendeu que tem authoridade para amarrar o rapaz e tel-o preso em sua casa, como é que V. diz que elle devia communicar ao subdelegado?

—A respeito da *substituição do trabalho livre pelo trabalho servil,* diz ainda a *Opinião Liberal:*

. . . . . .

«Aqui occorre-nos outra dúvida. Como é que o imperador quer a emancipação, quando elle é o unico senhor que obstinadamente nega a seus proprios escravos alimento, vestuario e até enchadas?!

«De parte a vaidade de captar os applausos dos humanitarios sabios francezes, não tem elle a convicção que os seus escravos depois de emancipados seriam mais escravos do que se permanecessem no captiveiro dos particulares?

«Quem ignora que o nosso irresponsavel é dotado de cultivada finura de frade?

«Não é a philantropia que lhe move as entranhas; porque, si assim fosse, os seus proprios escravos seriam tratados com mais alguma humanidade.

«Não é por principios catholicos: porque, sendo o protector e supremo chefe effectivo da egreja brasileira, convidou a um methodista fanatico para explicar a biblia ás princezas, quando solteiras, e para desenvolver o cathecismo escolheu um padre que crê em

numeros cabalisticos, na volta de D. Sebastião, etc.

«Será o seu intento rodear-se de emancipados, para, com seu auxilio, escravisar ainda mais os brasileiros?

«Como quer que seja, deixemos o imperador preparar e decretar a emancipação que nós ardente, sincera e christãmente anhelamos, e tratemos nós de emancipar quanto antes o cidadão brasileiro.

«Então o Brasil deixará de macaquear as instituições liberrimas da Russia, Prussia, Austria e França.»

—O larapio Angelo, creio que tem pacto com o diabo.

Saltou de um sobrado, cuja altura faz medo encarar.

—Mas foi sempre preso.

—Os Srs. subdelegado da Se e capitão Braga dispuzeram tão bem as cousas que, quando elle julgou-se em salva-terra, estava filado e conduzido para a correcção.

—Por estes dias estamos livres de tal flagello.

—Que classe renitente é essa dos boleciros!

São incapazes de correcção!

—Si eu ainda não vi correcção para elles!

—Pela imprudencia de um, sabbado, na Praça o Sr. alferes Joaquim Cassiano Hypolito viu a morte nos olhos.

—Carro da companhia de Vehiculos, sem duvida.

—E' verdade.

—Não tem que dizer talvez.

—No domingo, ás 11 horas da noite, a policia penetrou em uma casa á rua d'Ajuda, onde suspeitava que havia jogo e ahi prendeu 7 individuos.

—A's 11 horas! Acho impropria a occasião.

—Mas porque?

—Por que entendo que a authoridade deve respeitar tanto o direito do fraco, quanto respeita o do rico.

—Então approva o acto, menos a hora que foi illegal?

—Sim, Sr.

—Pois então saiba que os policiaes fizeram mais. Desconfiando que alguns sujeitos se acoitaram nas casas da visinhança, invadiram-nas pelo quintal e com effeito pegaram dous.

—Abuso!

—Pois eu louvo a authoridade sempre que a vejo assim zelosa no cumprimento de seus deveres.

So me dóe d'uma cousa; a desegualdade.

A policia so persegue aos jogadores miseraveis, e deixa que se ostentem impavida e cynicamente esses lupanares chamados *roda grande*, onde se dão scenas mais revoltantes e torpes do qne nas pequenas.

LA VAE VERSO

NOSSO REI FAZ CARAMBOLAS.

E' um bilhar este estado,
Os partidos são as bolas;
Quando lhe dá na *cabeça*,
Nosso rei faz carambolas.

O taco tem duas pontas
E, por tanto, duas sollas;
Sim! Não dirão que de *rabo*
Nosso rei faz carambolas.

Come sempre *pela certa*,
Sem empregar corriolas—
A seguir ou por *tabella*
Nosso rei faz carambolas.

Quando joga os movimentos
São dirigidos por mollas;
Inda que mal pegue o *taco*,
Nosso rei faz carambolas.

Só jogam hoje com elle
Aquelles que são patollas;
Com *recurso* ou por bamburro
Nosso rei faz carambolas.

Si as vezes dá-se um *repique*,
As bolas são castanholas!
—Não pegou!—Oh! *que esperança*!
Nosso rei faz carambolas.

Inda ha pouco, uma *partida*
Jogou com todas as bolas!
Houve então quem perguntasse:
—*Nosso rei faz carambolas?*

—Vacca fria! E' tão antigo:
Você, quem é, meu graçolas?
Não sabia! saiba agora:
Nosso rei faz carambolas.

Mas desta vez, já murmuram,
Deu *muito effeito* nas bolas;
Si perder esta partida,
Não fará mais *carambolas!*

Original americano.

CARURU' E VATAPA'.

Na Bahia—boa terra!
Entre as cousas que ahi ha,
Tem lugar superlativo
Carurú e vatapá.

Não é comida de negro,
E' pratinho de yayá;
Faz lamber a gente os beiços
Carurú e vatapá.

Gosto muito de cangica,
De garapa de acaçá,
Mas nada vale, si vejo
Carurú e vatapá.

Dizem qu'é prato mui fino
Milho feito munguzá;
Porem tem a primasia
Carurú e vatapá.

E' bom para sobremeza
Bello doce de araçá,
Mas não sei... prefiro a elle
Carurú e vatapá.

Tudo é bello n'esta terra,
Tudo bom existe cá,
Basta dizer que lá faz-se
Carurú e vatapá.

Á PEDIDO.

Quem sentir dor pelo ventre
Cor opaca, o olhar denso,
Ja sabe, está atacado
Do mal *Bernardo Lourenço.*

Além da fome e da guerra,
Cujo flagello é immenso,
Inda mais ser atacado
Do mal *Bernardo Lourenço.*

Este povo acabrunhado,
Por um soffrimento intenso,
De mais a mais atacado
Do mal *Bernardo Lourenço!*

Não sei que será de mim,
Desanimo, quando penso,
Si tambem for atacado
Do mal *Bernardo Lourenço.*

MOTTE.

Foi um balde d'agoa fria.

GLOSA.

Minha avó tinha uma neta,
Bem bonita espertalhona,
Alta, corada, pimpona,
Que se chamava Anacleta;
Um dia, certo poeta,
Que por ella em chamma ardia,
Declarou-lhe que sentia
Por ella chammas de amor,
A resposta ao trovador
Foi um balde d'agoa fria.

VARIEDADES.

AMBOS ALLIVIADOS.

Um estudante, que morava em um convento, comprou duas duzias de frangos de um matuto, e lhe disse que o acompanhasse para receber o dinheiro. Chegados á egreja, o bregeiro adiantou-se e dirigindo-se ao guardião, que estava confessando mulheres, disse-lhe em voz baixa.

—Padre-mestre, aquelle pobre homem, pediu-me que lhe fallasse para o confessar; mas é preciso que saiba que elle é meio atoleimado, e por isso deve V. Reverendissima desculpar-lhe algumas asneiras.

—Bem, respondeu o guardião; e fez um accionado ao matuto, dando-lhe a entender que esperasse um pouco.

—O estudante safou-se, e, acabada a confissão das mulheres, o reverendo chamou o penitente e o mandou ajoelhar.

—Para que? perguntou-lhe o pobre homem admirado.

—Ora, para que! para receber o que o senhor procura.

O matuto ajoelhou-se na persuasão de que ia receber o seu dinheiro, e tencionava retirar-se logo para ver o animal e os frangos que ainda restavam nos cestos.

—Agora faça o signal da cruz.

—Pois tambem é preciso isso, Sr. padre?

—Vamos, benza-se que eu tenho pressa.

O homem todo serapantado benzeu-se.

—Accuse-se.

—Pois, Sr. padre, saberá V. Reverendissima que este moço que mora aqui me deve uma porção de dinheiro...

—Mas, ahi vem já o senhor com suas asneiras.

—Quaes asneiras, elle me comprou duas duzias de frangos.

—Está bom, tornou o guardião; é só isso?

—E', sim senhor.

—Pois eu corto a questão, e o absolvo de seus peccados.

—Mas elle me deve...

—Absolvo tambem a elle e vá-se com Deus.

O guardião levantou-se e o matuto embasbacado quando procurou o resto dos frangos achou cestos vasios. Olhou de um lado e de outro e exclamou angustiado: Que ladroeira! Agora aqui vou eu e meu cavallo, ambos nós *alliviados* de nossas cargas.

NEGOCIOS DE PREJUIZO.

Comprar encommenda para freira.

Remetter gazetas a assignantes de fóra.

Comprar em loja, que annuncia muita fazenda barata.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao beeco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 45.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 24 DE DEZEMBRO DE 1868. N. 450.

O ALABAMA.

A TRADUCÇÃO DO *ROCAMBOLE*.

O titulo do presente *prospectus* annuncia uma empreza, cuja unica aspiração é fornecer ao publico desta provincia um dos melhores romances francezes.

Os Dramas de Paris, de Ponson du Terrail, tem hoje uma nomeada europea, e por todo o Brazil já é conhecido. Tem sido traduzido em differentes linguas, em portuguez mesmo ha uma boa traducção, porem tão cara que ao alcance de mui poucas pessoas está, porque nem todos podem privar-se de 45$ rs. para empregal-os em um romance.

E' portanto util a publicação que vamos emprehender.

A forma que adoptamos de publicação periodica, o preço de 1$ rs. por serie de 15 numeros, a regularidade da sahida dos numeros, esperamos que attraia concurrencia sufficiente para equivaler ás despezas.

Isto basta-nos.

Londres, Paris, a Italia, a India, quasi todas as partes do mundo constituem o vasto theatro d'este drama variado nas scenas, nos effeitos e nos personagens.

Já se acha sendo traduzida a primeira parte—*A Herança Mysteriosa*—e com o anno novo começaremos a publicação.

Nos annuncios publicaremos os logares em que ha pessoas authorisadas a recolherem assignaturas.

A Redacção.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de dezembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, chamando sua attenção para um grupo de moleques que se reune do Caes Dourado ao Pilar, fazendo indecente assuada, constando até qne um dos sobreditos cujos é mesmo da casa de S. S.

—Infernal desespero!

—O que o afflige, meu rico?

—O Sr. ha de crer que, na Bahia, a gente com dinheiro na mão já soffre fome?

—Não diga.

—Ora está!

Estou com este mulambo, uma nota de 1$ rs. do governo, vermelha, e não acho quem m'a queira receber.

Vou á uma venda, gasto doze vintens e o vendelhão me diz que não tem cobre.

As ganhadeiras estão *resabiadas*, porque o maldicto dinheiro está se recolhendo e não o querem acceitar!

Os meninos em casa a chorar com fome!

Dá-se situação mais afflictiva?!

—Tenha um pouco de trabalho, vá a thesouraria.

—Pelo amor de Deus, Sr., não me enca-

fife mais! Pois si a thesouraria é a primeira a se recusar a recebel-o á pretexto da falta de miudos!

—Na verdade, isto é crear embaraços á pobreza; annuncia-se que tal padrão da moeda está se recolhendo; as ganhadeiras põe-se logo em *alarma*, e não a querem acceitar mais; nas vendas falta o cobre, e quando se vae á thesouraria diz-se que não ha miudos!

—Esta é de cahir o queixo.

«*Requerimento despachado.*—Luiz da França Pinto de Carvalho, director do collegio Sete de Setembro, pedindo para se prestar a exame, para que lhe seja dada carta de habilitação, afim de que seus attestados possam ser valiosos.—Concedo ao supplicante *licença provisoria para leccionar francez.*»

—Isso está escripto?

—O *Jornal da Bahia* é quem tira a duvida.

—De verdade, ou este homem gosta de cassuar, ou anda com a cabeça ardendo.

—Esta terra eminentemente religiosa,...

—...porque celebra todos os dias uma festa com zabumbas, foguetes, feiras, botequins, leilões, etc., festas, que servem de meio de vida a muito meninorio.

—....charitativa....

—...porque abarrota-se de irmans de charidade.

—....e moralisada.

—Moralisada! quem perdeu para ella achar?

—Deixe-me concluir.

Esta terra, eminentemente religiosa, charitativa e moralisada, apresenta um spectaculo tão repugnante, que só por si basta para depor contra todos estes predicados.

—Ouçamos qual é.

—Eu lhe digo.

O de um mendigo semi-nú, que habita a portaria de S. Francisco.

A infeliz creatura tem por unica vestimenta um cumprido casacão em que se embrulha.

Atacado de cruel molestia, que o obriga a evacuações espontaneas, torna-se um ente asqueroso, insuportavel.

Não é indecente, immoral, repugnante, á porta de um templo, semelhante quadro?

—E'.

—Pois aqui está, não ha uma authoridade, uma alma bem-fazeja, que se lembre de tirar dali aquelle esqueleto ambulante, por obra de humanidade...

LA VAE VERSO

CANTIGAS DA MODA.

Ja hoje nós vemos
Alguma menina
Querer aprender
A lingoa latina.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Aprendem francez
Ou italiano—
Outras ja fabricam
Florinhas de pano.
Bravo progesso
Se vê na Bahia.
E fazem cousinhas
Qu'o demo não fez,
Sabem muitas lingoas
E não portuguez.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Sabem muita walsa,
Muita contradança:
Com pontos de meia
Nenhuma se cança.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Decoram romances
Com mil poesias,
As rezas não usam
Que são porcarias.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Occupam seus dias
Lendo seu livrinho,
Não se importam mais
De carne e toucinho.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Já vae ao passeio
Alguma sosinha,
E o pae já não tem
O medo que tinha.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Na Barra e Bomfim
Se encontram bellezas
Ao longo das ruas
Sem mais starem presas.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.

Já ha liberdade,
Está tudo polido,
Conversa a mulher,
Critica o marido.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Por isso é que muitos
Não querem casar,
Pensando nos lôgros
Que tem de aturar.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Encobrem defeitos
Com seda, com oiro,
Porqu'elle é no mundo
O grande thesoiro.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Eu quero a menina
Que vive em pobreza,
Que é simples e bella
Só por natureza.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
A que vae á bailes
Esgota o marido,
Pede a cada instante
Um novo vestido.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Luvas e pomadas,
Ricos adereços,
Cabellos postiços,
E por grandes preços!!
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Os cobres se acabam
E faltam p'ra meza,
Quem casa hoje em dia
Professe a pobreza.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.
Ou pregue calotes,
Ou seja ladrão,
Quem quer ter mulher
P'ra toda funcção.
Bravo progresso
Se vê na Bahia.

Com estas cantigas
Eu dou bom conselho,
Que muitos deviam
Se olhar neste espelho.

Á PEDIDO

—Capitão, V. Ex. sabe de um facto que deu-se na *ladeira prateada?*

—Ignoro.

—Então vou-lhe contar.

—E eu sou todo ouvido.

—Domingos tem uma amasia, cabra, e tem em companhia della duas filhas moças, as quaes são muito maltratadas por elle por queixas que lhe faz a amasia.

Ante-hontem, ás 7 horas da manhan, Domingos viu que faltava um pedaço de taboa com que tinha elle remendado a porta e perguntou a amasia quem tinha tirado o pedaço de taboa d'ali.

Ella, para se descartar da criminalidade, disse que tinha sido uma das filhas delle.

Domingos chama a moça para castigar; ella corre para a rua; elle corre atraz, agarra-a e dá-lhe ponta-pés e bofetadas, e isto acompanhado de palavras obscenas com que elle mimoseava a filha; mas por fim foi se agglomerando grande numero de pessoas entre ellas um visinho, que tomou a moça das garras do estupido pae e levou-a para sua casa, onde se acha com o corpo todo echimoseado.

—Este *Domingos* que praticou tal acto não é um gallego?

—E'.

—Mas esse gallego está *n'alagoa pequena*.

—Já chegou ha uns quatro dias.

—O *Silva* me disse sempre que este labrego era dos diabos.

—Si V. Ex. quer saber direitamente quem é elle, syndique do *Pereira*, que sabe de boas cousinhas dessa peste.

—Vá ao chefe de policia e conte-lhe este facto, afim de que elle mande buscar a moça á sua presença e veja o estado em que ella se acha, e então depois recompensará o tratante e selvagem gallego, segundo as suas boas obras.

—Capitão, vou lhe contar uma historia, que li ha dias.

—Principie.

—Clothilde é um personagem phantastico; aqui não ha allusão a ninguem.

—Comprehendo.

—Clothilde tem um marido e um amante.

Seu marido não é rico, e ella se acha no mesmo caso; mas, á força de *trabalho*, de *constancia*, de *obsequios*, de abenegação, conseguiu occupar posição importante.

Estão por conseguinte, em posições diversas o marido e a mulher: elle gasta seu tempo e sua vida em trabalhar; accorda de madrugada, prepara-se, desce para o escriptorio e ahi fica até á noite. Ella pelo contrario, é livre como o vento; fica na cama até quando lhe parece, levanta-se, atavia-se, frequenta a anella ou recebe a visita de seu amante.

Tem tantos devirtimentos e distracções, que ás vezes lhe é difficil a escolha.

Ella tem 365 dias a dispor, como quizer, no anno; elle apenas tem 52 domingos e as noites; mas ainda esses dias e noites lhe não pertencem, pois tem de acompanhar a sua cara metade aos bailes e aos theatros; e si o não fizer, quantas censuras, quantas queixas não ouvirá!

O marido não tem repouso, não tem necessidade de dormir, embora trabalhe todo o dia: duas cousas não lhe perdôa a mulher: —O trabalho e a fadiga.

Ainda não é esse o unico contraste entre o marido e a mulher; e voltando a historia, veremos o marido de Clothilde ganhar algumas centenas de mil reis por anno e com isso pagar casa, criados, comida, vestidos, cheiros, a educação dos pequenos, passar festas nos suburbios, alugar carros, etc., etc.,

O marido compra roupa para si, quando a que tem ja está incapaz de serviço, o chapeu lhe dura um anno e mais; não anda sinão a pé; porem de nada disso Clothilde se lembra; ella considera o luxo uma necessidade e não dar-lh'o seria uma monstruosidade.

O amante é rico, e padrinho do segundo filho de Clothilde; as más linguas attribuem-lhe direitos a um titulo mais terno; elle mesmo o crê e não se offende com essas suspeitas.

Em todas as epochas de festa, elle presenteia Clothilde; da-lhe chales muito caros, sem olhar preço; faz-lhe brindes de *todo o genero*.

O afilhado tambem ganha, assim como a ama e mais passaralhada *confidencial*.

O marido porem o que dá? Apenas compra cousas uteis, indispensaveis para seus filhos, e *essas bagatellas* são tão insignificantes que faz com que elle seja *menos recompensado* que o amante.

Por isso Clothilde está admirada, *enternecida* pela generosidade do compadre: em casa todos o agradam, tratam-no melhor que ao marido, que relativamente é tão mesquinho que mais não pode ser.

Entretanto consideremos estes dous homens.

O Sr. S.... não trabalha; tem uma herança, é rico e dá o seu dinheiro; mas não dá seu tempo, suas fadigas e sua vida, como o marido de Clothilde, que além disso dá tambem todo o seu dinheiro.

Isso quanto a arithmetica moral; vejamos a outra pura e simples.

O homem *generoso*, aquelle de quem todos em casa fallam com ternura, respeito, e admiração, terá dado este anno a Clothilde, a

seus filhos, e ás criadas *mensageiras* algumas centenas de mil reis, em quanto que o marido para as necessidades um pouco exageradas da vida, que não lhe attrahem nem o respeito, nem o reconhecimento, talvez mais de dous contos de reis.

Ah! capitão, si o marido e o amante podessem trocar os papeis por um anno somente..... o marido passaria por liberal, á custa das economias e o amante arruinar-se-hia e seria tido em conta de avarento.

Esta historia, que li, contei-lhe apenas para mostrar o contraste entre um esposo e um amante, sem com tudo ter em mente talhar carapuça a ninguem; o nome de que me servi é um nome supposto; porque nenhuma senhora conheço com elle, que tenha taes defeitos.

—Foi apenas um passa-tempo.

—Justamente.

UMA COUSA FEIA.

«Pergunta-se ao author do communicado, inserto no *Diario da Bahia*, de domingo, 20 do corrente, sob a epigraphe—*Uma cousa feia*—si é possivel que o Sr. França Guerra desinfectasse a antiga casa do Aljube, amontoada como se achava, de immundices e esterquilinios; rasgando e abrindo janellas e portas; renovando sacadas velhas e grades de ferro dobradas; levantando paredes novas, rectificando outras todas cheias de fendas; concertando e renovando todo o telhado, proporcionando rendimentos á propriedade com loja de servidão, e tudo isso praticando, sem ver nunca um só vintem do proprietario?

«Ainda é pouco, bem diz o tal articulista!

«Ainda é pouco, deveras, quanto fez o Sr. França Guerra, que por não ter querido de graça essa casa para seu estabellecimento, por si toda novamente construida, ha 4 annos, tem-se-lhe feito no aluguel abatimento de seu dinheiro com essas obras adiantado; alem do que já tem elle levado em conta com diversas impressões, e pago 2 annos de foros ao convento do Carmo, e na avultada quantia com que tem de entrar para a thesouraria provincial de 9 annos de decimas a que está obrigada a mesma casa, não fallando já nos dinheiros descontados que já por vezes ha dado!

«*Ainda é pouco*, é verdade, porque mesmo na velhice e nas mais elevadas posições, é onde se encontram contradicções e má fé, quando se julga estar mansa e pacificamente vivendo na melhor boa fé—e que por isso é bem applicado ao caso o rifão com que finalisa o articulista o seu escripto—*está-se sempre a aprender, nunca se é mestre no mundo.*

«Nos tribunaes do paiz para os quaes vai a questão ser ventilada, se verá de que lado está a razão.»

O CONSCIENCIOSO.

(*Jornal da Bahia.*)

VARIEDADES.

COITADINHO!

Conta a *Independencia Belga* que uma mulher de Namur, de idade muito avançada, entrara no hospital daquella cidade para ser curada de uma ferida em uma perna. A pobre mulher chorava de continuo, e uma enfermeira perguntou-lhe a causa da sua afflicção.

A pobre velha respondeu:

—Passo toda a noite a pensar no meu pobre menino que está acostumado ás minha meiguices.

—E que edade tem o seu menino? perguntou a enfermeira.

—Ha de fazer oitenta e cinco annos no mez que vem.

Casando certo sujeito, pariu-lhe a mulher um filho aos quatro mezes. Não se admirou elle: o que fez foi ir ao sitio onde se vendiam os berços, e comprou quantos achou, e os mandou para casa. Perguntado para o que eram tantos berços, respondeu que todos lhe eram precisos; porque se sua mulher fosse dalli em diante tão fecunda, que em todos os quatro mezes parisse um filho, não lhe eram bastantes todos os berços que haviam na cidade, e por isso se queria prevenir, para depois os não comprar mais caro.

ANNUNCIOS.

PARA QUEM GOSTA.

Breve sahirá a luz a nova modinha intitulada—*A dor da Auzencia.*

Acham-se em impressão os primeiros numeros de uma publicação periodica, especialmente dedicada á traducção da obra completa de Ponson du Terrail—*Os dramas de Paris*—vulgarmente—ROCAMBOLE.

O preço será de 1$000 por serie de 15 numeros, formato *in-quarto*. A empreza teve por fim adoptando essa forma de publicação, facilitar, pela commodidade, a leitura áquelles, que desejam ler a primeira composição romantica do seculo.

Assigna-se nesta typographia, na loja de livros da Viuva Lemos, botica da Praça, lojas de charutos do Srs. Vasconcellos, rua direita da Misericordia, e Ludovico Atraz da Sé.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VI. — Serie 46.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 28 DE DEZEMBRO DE 1868. — N. 451.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de dezembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policiá, levando ao seu conhecimento o boato que se propala de que aportou a esta plaga um estrangeiro abastecido de um volumoso sortimento de *etiquetas*, as quaes apezar da perfeita semelhança com as verdadeiras, podem muito bem serem pintadas com tintas *falsas*, e como as que temos por cá ja são bastantes, torna-se desnecessario que elle as ande *passando*, abarrotando ainda mais a cidade de tal mercadoria. Por isso, pede-se a S. S. que incumba a seus activos agentes de se porem nas pisadas do tal estrangeiro a verificarem si é exacto o que delle se diz.

—Ao Illm. Sr. capitão recrutador, recommendando a sua activa vigilancia um meninorio que adoptou como meio de vida andar tirando *missa pedida*.

O tal freguez, para melhor exercer a sua industria, escolhe cada dia um ponto, e assim vae passando folgadamente com pouco trabalho e fazendo até a economia de gastar pouco calçado. Cumpre, por tanto, que S. S. ponha alerta a sua gente, afim de que seja filado esse ocioso e se lhe dê meio de vida mais laborioso.

—Que novidades traz V.?

—Façanhas do olho-vivo.

—Desembuche.

—Primeira.

O Sr. João Trate serio, morador á rua de D. José, julgou para si que guardando 200$ rs. em baixo de um colchão, estavam muito seguros; chamou uma preta para lavar-lhe a casa e lavagem foi essa, que o dinheiro evaporou-se.

—Não tem duvida; si na companhia do olho-vivo não houvesse tambem mulheres não era completa.

Adiante.

—Segunda.

Um individuo, bem trajado, encaminhou-se para a tenda do Gonzaga, marcineiro, no Carmo; ajustou alguns trastes, tirou do bolso um papel que parecia cedula grande, e perguntou se tinha troco. Tendo resposta negativa, pediu que então lhe emprestasse 2$rs. em quanto ia á venda fazer uma transacção. O marcineiro cahiu na esparrela e até agora espera a volta do meliante com os *dous bagos*.

Terceira.

O Sr. Campos, morador ao Cruzeiro, vestia-se para sahir e collocou o relogio sobre uma meza, na salla; teve de ir ao interior da casa e quando voltou o relogio tinha voado!

Quarta.

Um fulano de tal *Pesca*, que sem tirar nem pôr, é o proprio *Zabelé*, que á noite di-

verte-se em dar tiros de rewolver pelas ruas, *pescou* d'algibeira de um estrangeiro a carteira com a bagatella de 3:600$ rs.

Por ser guloso engasgou-se, e la está passando a festa com o Custodio.

Quinta.

Candido Cecilio de Oliveira Almeida, é um dos mais dextros *atiradores* do olho-vivo; não lhe valeu porém sua dextreza na occasião em que safava do bolso de um tabareu, em Santa Barbara, 20$ rs., e foi tambem tomar ares na Correcção.

Sexta.

Um rapazito, de nome Filippe, da familia Sanhaço, foi a loja do Barateiro e bifou um par de sapatos.

Entendo que ninguem deve fazer justiça por suas mãos e por isso extranhei muito que depois de estar o culpado nos gadanhos da policia, fosse por um dos caixeiros do Barateiro atrozmente esbofeteado, com amplo consentimento dos agentes policiaes.

—Estes caixeiros do Barateiro tem todos o que se lhes diga.

—Septima.

João Pereira de Castro, é um rapaz *algebico* e *soldado da republica*, além de outros muitos predicados, que o tornam *recommendavel*.

O Sr. Joaquim Fortuna accusa-o de que elle lhe foi ao bolso do paletot, safou-lhe a chave do cofre e armou-se com uns 929 paus.

—Mas que diabo de *liberdade* tinha João Pereira com o Sr. Fortuna, que lhe entrava por dentro de casa e ia remexer-lhe os trajes menores, para dar com as chaves que estavam acondecionadas no bolso do paletot?

—Isso é que não sei explicar.

O que me consta é, que João Pereira confessou a policia que de facto empalmou os cobres, mas que os deu a um caixeiro do Coquejo para guardar; o caixeiro porém nega a pé firme.

—Não tem que ver; tempo de festa tudo anda engasgado por dinheiro e cada um vae lançando mão dos meios a seu alcance.

—Entrou hontem ás 6 horas o paquete *Extremadure*.

—E trouxe importantes noticias da guerra.

—A população na côrte tem manifestado seu regosijo com illuminações, musicas, festas, etc.

—No meio de tanto regosijo, uma nuvem negra vem turvar toda alegria.

—Qual é?

—Falla-se na morte do barão do Triumpho.

—Deus queira que não seja certa.

—Em falta de outros dados, ahi vae o que se lê no *Jornal do Commercio*:

«Hontem ás 9 horas da noite entrou do Rio da Prata e portos do sul do imperio o vapor *Guaporé*.

«Poucas horas sahiu de Montevideu depois do *Aunis*, mas foi quanto bastou para trazernos a mais grata noticio que, espalhando-se logo, fez estremecer de jubilo a cidade inteira. Apoz dous sanguinolentos combates, em que os Paraguayes foram completamente derrotados, o marquez de Caxias apoderou-se á viva força das posições inimigas, em Villeta. Angostura foi abandonada, e occupada pelos argentinos. Eis, pois, completamente livre o rio, e franco o caminho da Assumpção. Lopez, dizem que ferido, fugiu com os poucos que lhe restaram, e tão completa foi a victoria, que muitos já davam por terminada a guerra.

«O *Echo do Sul* do Rio Grande, assim refere as noticias contidas nos muitos telegrammas que publicam as folhas de Montevideu da ultima data:

«No dia seguinte, isto é depois do combate de Itasoró, o geral Argollo, mesmo ferido, seguiu para atacar Villeta, commandando o 2.° corpo de exercito.

«O 1.° e 3.° apresentaram-se ás 8 horas da manhan em frente ás fortificações inimigas.

«No dia 11 deu-se um sanguinolento combate no passo dos *Toros* ou *Baldovinos* junto ás trincheiras de Villeta. O combate foi renhido, e o valente general visconde do Herval que commandava a vanguarda, primeiro que entrou em fogo, foi ferido. Os paraguayos perderam mil homens e nove peças de artilharia.

«Nesse mesmo dia atacou-se Villeta, e apoz tres horas de combate foi este reducto inimigo tomado. O exercito paraguayo foi completamente derrotado, escapando apenas 200 homens que fugiram com Lopez, ferido, para Luque. Ficaram em nosso poder 3,000 prisioneiros, 16 peças, 11 bandeiras, carretame e grande numero de munições de guerra.

«Os paraguayos eram commandados pelo general Caballero, que morreu de uma bala. Quasi todos os feridos da acção o foram tão gravemente que a maior parte tem morrido.

«Angostura foi abandonada pelos paraguayos que ahi deixaram muita artilharia de grosso calibre.

«O quartel-general do marquez de Caxias está em Villeta.

«Houve uma grande enchente no Chaco, que está completamente inundado.

«Os prisioneiros paraguayos declaram que

Lopez está sem gente. As familias fugiram para as cordilheiras.

«A esquadra fez um bombardeamento terrivel contra todas as posições inimigas.

«As forças paraguayas que combateram em Villeta foram 14 batalhões de infantaria, mil homem de cavallaria e os 800 homens da guarda de Lopez. A cavallaria do Rio Grande ao mando do barão do Triumpho, obrou prodigios de valor, e fez a maior parte dos prisioneiros.

«O ferimento do general Osorio é leve, e não o impede de conservar-se á frente do exercito.

Morreu na acção o tenente coronel Guedes.

«Luque é proximo á Assumpção, e toda a esquadra brasileira ja subiu a occupar a capital paraguaya.

«Estas noticias são as mais lisongeiras possiveis, porque mostram que a guerra está quasi que terminada

«O regosijo em Montevideu e Buenos-Ayres é grande. Tudo são festejos.»

Temos ainda o seguinte telegramma que não deixa duvida sobre o facto capital:

«Illm. e Exm Sr. general Gelly y Obes.—Hontem apoz tres horas de vivissimo fogo, tomámos Villeta. Já aqui acampam as forças alliadas, o nosso qnartel general já está estabelecido neste ponto.

»Tomámos 16 peças e 3,000 prisioneiros, bem como grande numero de munições de guerra e boca; pela nossa parte tivemos fóra do combate cerca de 1,500 homens.

«Nada mais se me offerece hoje a direr-lhe.

«Villeta, 12 de dezembro de 1868.—*Visconde do Herval.*»

«Em Angostura encontraram-se muitas provisões de boca e guerra. A guerra está concluida.»

Assim nos parece tambem podermos consideral-a A resistencia de Lopez em Villeta já foi, quanto a nós, um acto de desespero; nem elle empenharia ali as suas tropas se lhe restasse ainda outro ponto em que fazer-se forte.

Gloria ao Brazil e aos seus valente defensores! Uma lagrima para os que succumbiram pela causa santa da patria.

—Quando aquelle preto chegar á Correcção está com o corpo moido de pancada!

—Si eu fosse senhor delle dava uma queixa.

—Grande policia é esta nossa!

Prende um preto na cidade baixa e sem motivo o vae espancando desabridamente até á prisão!

—Creio que é a patrulha do Pilar.

—Seja lá do inferno. Eu o que sei é que, é um soldado e um paisano que inculca-se inspector, os quaes praticam tamanho desatino, na noite de hoje 27.

—O que me parece é que nenhum dos dous vão *em si*.

—E V. ainda duvidava?

—Dizem que o fiscal geral não cumpre certas obrigações, aliás de utilidade publica, somente porque são lembradas pelo *Alabama*.

—Si é assim é um capricho tolo.

—Um proposito asnatico.

—Mas eu não creio.

—O que é verdade é que continuam os cafeos de plantas nas janellas das casas que oram apontadas; á excepção daquellas, cujos donos por ampla vontade retiraram.

—Por fallar em cacos de planta, é um precipicio descer a ladeira do Aljube. No sobrado n. 3, ha um enorme caixão cheio de terra, que de uma hora para outra pode vir esborrachar-se na cabeça de algum vivente.

—E assim vão todas as cousas desta terra.

—Hoje o Sr. Dr. chefe de policia acompanhado dos empregados da secretaria foram encontrar S. Ex. o Sr. presidente, no regresso do seu passeio á cidade de Nazareth.

—Encontrei-os na ladeira da Mizericordia em marche-marche.

Anda aqui em Latronopolis,
Vindo de terras *estranhas*,
Um sugeito que parece
Mui avesado em patranhas.

Lá para a rua de *cima*
Hospeda-se n'um hotel,
Traz carteira a tiracollo
Recheiada de *papel*.

Os taes papeis são *registros*,
Com tarjas e florões ricos,
Que elle vae sem interesse
Trocando por cinco bicos.

Dizem porém que as *estampas*,
Nunca foram *baptisadas*,
Que o taful inpinge ao povo,
Estampas *falsificadas*.

E' preciso pois que tire,
Na matriz policial,
A certidão de baptismo
P'ra terem curso legal.

Á PEDIDO

—Aspirante!

—Prompto.

—E' preciso acabar com certa tasca, es-

pecie de bordel, na qual ferve nocturnamente uma orgia infernal, onde se desacata a moral, fere-se o pudor e violenta-se a honestidade.

Meia duzia de bargantes, capitaneados pelo chefe do lupanar, reunem-se em desregrada bachanal, e praticam actos de incrivel incontinencia e sensualidade.

Muitas victimas são *forçadas* a tomar parte nas torpes e hediondas scenas de luxuriosa libidinagem.

A melhor occasião de pegal-os nessas impudicas praticas, é esperar que a *estrella do oriente* disponte e ir postar-se no largo do *Advogado contra os bichos peçonhentos,* na esquina da *rua* por onde os *capitães* passam para o quartel, porque dahi desembocam os taes patifes.

—Sim, capitão, prometto-lhe executar suas ordens,de maneira que os bregeiros não mais abusarão da força, para alcançar aquillo que só por vontade se obtem.

VARIEDADES.

MORENINHA.

(BRAZILEIRA.)

«Moreninha, dás-me um beijo?
—O que me dá, meu senhor?
«Este cravo...
—Ai, esse cravo?
De que me serve uma flor?

Ha tantas flores nos campos!
Pois eu hei de, meu senhor,
Dar um beijo por um cravo?
E' barato... guarde a flor.

«Dá-me um beijo, moreninhã,
Dou-te um córte de cambraia...
—Tanto panno—por um beijo?
Compro de graça uma saia!

Meu senhor, perde na troca,
Como eu perdera co'a flor,
Tanto panno por um beijo!
Sae-lhe caro, meu senhor!

«Anda cá... ouve um segredo...
—Não queira fiar-se em mim,
Meu senhor, eu fallo muito,
Toda a mulher é assim.

Um segredo... ora um segredo!
Meu senhor, pelo que vejo
Quer o meu beijo de graça?
Um segredo... por um beijo...

«Quero dizer-te baixinho
Que tu és uma rainha...
—'Stou sciente... e o que tem isso?
Quer ser rei por vida minha?

«Quem déra que tu quizesses...
—Pois duvida que o farei?
Meu senhor, case com ella,
A rainha o fará rei...

«Casar-me? Eu sou tão moço...
—Como é criança esta ovelha!
Pois eu p'ra beijar crianças,
Adeuszinho... já sou velha.

Bruno Seabra.

MUDANÇA DE NOME E MAIS OUTRA COUSA.

Joequim Pedro da Selva, fabricante de *Phosphoros*, por haber oitro de igual nome, ou em quanto Deus conserbal-a bida ao oitro, e inté mesmo para evitar todo e qualquer enquivoco, pois chigou já ao seu conhecimento que o querem alomear varredor com chapa da Cambra, faz publico que nam quer ser varredor (nem tal jamais lhe passou pelos miolos) pois espera alcançar o socego e *a paz* com ajuda dos seos *phosphoros*, declara que de hoje em vante charmarà Manel Joequim das Fernandeiras, nome de seu primeiro pai por parte da mãi; e a demais pede e roga a todos os seus amigos e inté mesmo inimigos que nam no chamem mais de Joequim da Selva e sim Manel daz Fernandeiras, certos de que lhes ficará summamente a guardecido,

P. S, — O nosso grande estabelecimento é na rua do *Embaça*, o numbro è pouco adiante do fim da mesma.

Oitro sim, temos *phosphoros* de todas as côres e qualidades, e por preços mas incommodos do que em oitra qualquer fabrica. Os de cabeça *bermelho* acendem duas bezes, e sendo *vem tratados* acendem trez bezes.

Para mais informações procurem pelo Sr. Custodio, na agencia central.

NEGOCIGS DE LUCRO NA BAHIA.

Panella de mingau ás 6 horas da manhan nos quarteis e corpos de guarda.

Taboleiro de cocada puxa nas obras de pedreiro e portas de eschola.

Tratar de enterro de homem rico.

Encarregar-se de obras do governo.

COUSAS COM QUE EMBIRRO.

Menino charutando.

Vadio de capa pedindo esmola para os santos.

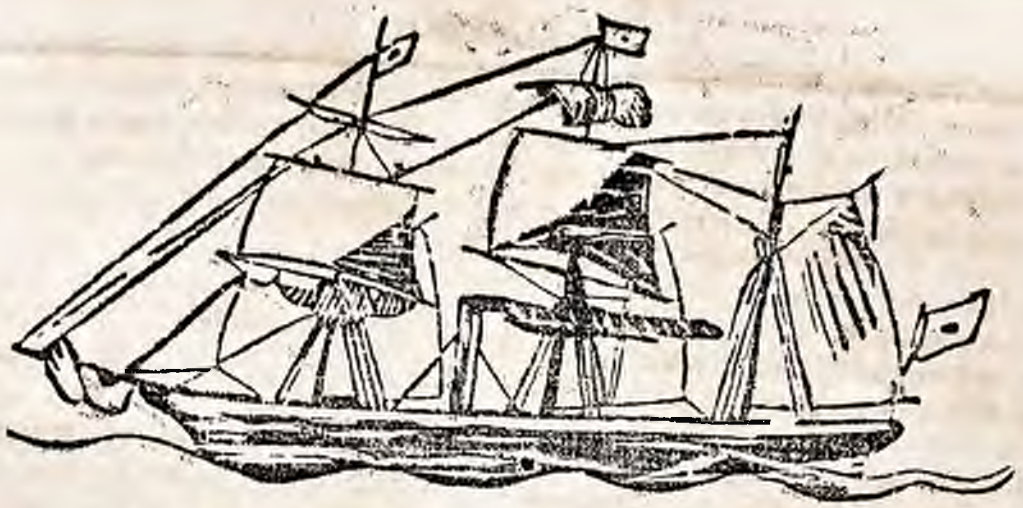
Comida salgada.

Jantar sem vinho.

Creado samango.

Porteiro malcreado.

Poeta d'agua doce.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 46.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 31 DE DEZEMBRO DE 1868. N. 452.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de dezembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que para evitar algum desastre se digne providenciar, afim de que seja retirada a cruz encostada á parede do sobrado n. 11 ao Cruzeiro, a qual ameaça o imminente risco de desabar, por se achar o pilar da mesma despregado da parede e todo inclinado.

Espera-se que S. S. não hesitará em tomar semelhante prevenção de manifesta utilidade.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Brotas, dizendo-lhe que ha diversas queixas contra um desastrado moleque, de nome Severiano, escravo de um tal Antonio dos Pirões, pelo que se torna de urgente necessidade que S. S. o tome debaixo de suas vistas.

Entre muitas malversações attribuidas ao referido moleque, diz-se que, no dia 27, espancou ao caixeiro da venda de um Sr. Motta, nas Pitangueiras, a ponto do offendido ir para casa carregado em uma cadeira; assim como suspeita-se que foi elle, quem na noite subsequente destelhou uma venda no mesmo logar, e roubou o dinheiro que achou.

A' vista do exposto, espera-se que S. S. tome em toda consideração o allegado e providencie como o caso urge.

—Esta terra está á mercê dos larapios!

—A segurança de propriedade evaporou-se!

—A Sra. D. Emilia de tal, moradora na rua do Paço, n. 48, fechou sua casa e foi passar os dias de festa em companhia de uma irman.

Na segunda feira, ás 3 e meia horas da manhan, voltou para sua morada.

Ao chegar porem ficou surpreza vendo que haviam novos moradores em sua casa: a porta estava aberta, escorada com um pau e dentro havia luz!

Todas as pessoas que iam em sua companhia eram mulheres, e amedrontadas correram e foram bater á uma casa visinha.

Os ladrões que estavam dentro aperceberam-se e amollaram as canellas.

—E' incrivel a audacia dos ratoneiros actualmente!

—A falta absoluta de policia é que os torna tão ousados.

—Os Srs. já deram o seu recado, ouçam agora a repetição do mesmo assumpto.

Na noite de 25, na freguezia de Santo Antonio, deram na casa do professor Requião, que se achava fora, e limparam-na.

—Si não houver um paradeiro a tão repetidos assaltos, não sei isso onde irá parar.

—São capazes de um dia accommetter a propria secretaria da policia.

—Tambem não será caso novo, porque na chefança do barão de Cotegipe amanheceu ella um dia aberta e o livro azul sumido.

—O mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, diz o *Apostolo*, do 1.º de julho de 1867 á 30 de junho de 1868, libertou 93 crianças nascidas nas fazendas do mesmo mosteiro.

—Um voto de homenagem á esses obreiros da liberdade.

—Já agora registre-se mais um acto de philantropia.

—Sempre me achará disposto para mencionar as acções meritorias.

—O Dr. Adolpho Manuel Victorio da Costa, sua senhora, sua filha D. Joanna e seu filho Emygdio, moradores no Rio de Janeiro, no dia da padroeira do imperio, deram liberdade á sua escrava Quintiliana e a mais 10 crias, as quaes principiarão a gozar de tal beneficio no dia em que cada uma completar 21 annos, devendo todas aprender a instrucção primaria e um officio.

—Em nome da humanidade e da civilisação um voto de gratidão a essa magnanima familia.

—Tome nota desta.

—Vá dizendo.

—Diz o *Monitor Goyano* que o juiz municipal e de orphãos em exercicio, na villa da Conceição, no dia da festa do Spirito Santo, deu publicamente duas facadas em D. Felisarda Anna de Araujo, uma no vão e outra no peito, e continuou no exercicio do cargo de juiz mui frescamente.

—Não se admire; que por cá ha gente da mesma bitola.

—Vae grassando o exemplo.

O delegado de policia da Parahyba do Sul mandou tambem intimar ao edictor do *Parahybano* para lhe declaçar quem era o author de um communicado.

—Tudo mau pega.

—Principiam bem as violencias.

—No Rio Grande do Sul deu-se um facto mais grave.

O Sr. Manuel Virgilino de Seixas Barros, proprietario da *Atalaia do Sul*, jornal opposicionista, em Jaguarão, foi accommettido em pleno dia, por um sicario agente de policia.

—E conte-se com garantia individual quando a policia é composta de faccinoras!

—Ira!...

Com seiscentos diabos!...

—O que tem V.?

—Estou damnado!

—Não me morda.

—Veja lá que não quero gracejos commigo.

—Que é isso? Venha manso.

—E' que quem está desesperado como eu, não brinca.

—Mas o que lhe aconteceu?

—Fui á meza de rendas provinciaes pagar as decimas de duas casinhas, e fazendo o pagamento nas cedulas que se estão recolhendo, o thesoureiro não as quiz receber; chego á thesouraria geral para trocal-as, disseram-me que prefizesse a quantia de cem mil réis!

Ora, um homem pobre como eu, que Deus sabe como arranjei para pagar as decimas, onde vou buscar mais oitenta mil réis para receber uma cedula de cem?

—Pois por isso é que V. está zangado? Não pague.

—Bom conselho! Si eu não pagar as decimas até o fim deste mez, pago mulcta.

—V. tem razão de consumir-se.....

Isto só paciencia de.....

—Nestas jiga-jogas os pequenos sempre a soffrer!

—A que se refere?

—O presidente deu feriados por tres dias e os pobres trabalhadores do arsenal e alfandega, que tal favor não pediram, foram quem perderam, porque ficaram sem ganhar o pão esses dias para manter ás suas familias.

—Mas *si a cidade ferve em ardor e enthusiasmo*...

—Nunca vi mais friesa.

Só si o ardor e enthusiasmo consistiu nos foguetes e flores que jogaram no Sr. Martins, quando veio do seu regabofe a Nazareth.

—Tambem Deus é quem sabe si ha motivos para alegria.

—Eu creio muito no presentimento popular.

—Mais uma desgraça por causa das *salvas imperiaes*.

—Diga.

—O *Commercial* do Rio Grande é quem refere:

No dia 2 do corrente, por occasião de se darem as salvas do estylo, houve esquecimento em refrescar uma peça, que já se achava esquentada, do que resultou ser queimado fortemente no dedo o chefe de peça, que immediatamente preveniu á praça que a carregava, a qual não teve tempo de afastar-se e foi arrebatada pelo soquete á uma longa distancia.

O chefe de peça perdeu o dedo, que foi logo amputado.

—Resta saber, si S. M. em sua paternal munificencia se lembrará da sorte destes dous chefes de familia, que se inutilisaram no serviço de sua pessoa.

Á PEDIDO

—Malditas eleições, causa de tantas inequidades!

—Esfrie o sangue, rapaz.

—Pois não! Como é que se tira o pão a um artista honesto, onerado de familia e maior de 70 annos, empregado desde menino, perfeito na sua profissão, sem nota, cumpridor á risca de seus deveres, para se dar o logar a um quidan que nada entende da officina que vae exercer, somente porque é capanga de porta de egreja?

Isto clama aos ceus!

—E' injustiça clamorosa, na verdade.

—Pois o serventuario do estado, que entra para o *trem do mar* menino, ali aprende um officio, ali permanece e gasta sua mocidade trabalhando, quando chega na velhice, arrancam-lhe desapiedadamente o pão para darem a um apatrocinado!

Que exemplo de moderação e justiça!

Pois o artista laborioso, que adquire o meio de vida pelo suor de seu rosto, tem obrigação de hypothecar o seu voto aos agentes do governo?

Forte miseria!

—V. não disse que o homem é mestre de obras?

—Prepara *cordas para navio*.

—Pois que vá viver do seu officio.

—Capitão, ai do fraco, nesta corrupta Latronopolis!...

—Não estou para ouvir lamentações.

—...Relapsa e pervertida, o direito nella a força; a rasão o suborno.

Os vendelhões do templo de Themis, quando não se amoldam ao interesse, deixam-se levar pelas comtemplações pessoaes.

—Mas o que quer V. com essa longa *choraminga?*

Diga logo a que vem e não esteja a massar-me.

—Capitão, estou desapontadissimo com a justiça desta desgraçada Latronopolis.

Ora, figure V. Ex. que tres mulheres, espancam barbaramente a uma outra e ficam impunes, em quanto a offendida prostrada em uma cama, não encontra na lei o desaggravo á seus soffrimentos, porque uma das aggressoras é protegida.

Uma authoridade superior, porem, zelosa no cumprimento de seus deveres, tem conhecimento do facto e ordena a prisão das criminosas.

A authoridade subalterna obedece contrafeita, mas no dia seguinte um potentado escreve-lhe exigindo a soltura das culpadas e elle immediatamedte as põe na rua!....

Ora isto tem termos?!

Pode-se viver em semelhante terra?

—Meu charo, tenha paciencia; V. sabe que todos precisam de viver e é preciso *arranjar-se* as cousas por maneiras.

—Subdelegado, para que falta com a justiça ás partes?

Subdelegado, para que se embebeda constantemente?

Subdelegado, para que entregou um cavallo roubado por 50$000 rs.?

Subdelegado, para que recebe presente de quem está processado por seu juizo?

Subdelegado, para que compra carvão de pedra roubado?

Subdelegado, para que não manda os cavallos roubados para o curral do conselho?

Subdelegado, para que está fazendo da subdelegacia meio de vida?

Subdelegado, para que diz no Bomfim que offerece o rendimento da vara ao escrivão?

Não seja safado,
Não seja ladrão.
Não dê despacho
Por dinheiro, não.

Moreirinha.

—Nesta terra se vê cousas de fazer cahir o queixo.

—O que ha?

—O Sr. tenente Esmeraldo Carneiro das Virgens tem em sua casa uma rapariga sua amasia. Essa rapariga comprou um franguinho por dous tostões e ha dias desappareceu o dito franguinho.

Ante-hontem, estando a rapariga na janella, viu o franguinho amarrado. Que faz ella? desce e o apanha.

Momentos depois, apresentou-se o Sr. Francisco dos Santos Correia, que mora por baixo da casa do Sr. Esmeraldo, reclamando o franguinho, dizendo que era seu.

A rapariga disse que lhe pertencia, pois que ella o tinha comprado por dous tostões; mas, para não haver duvidas o depositaria até provar-lhe na mão de quem o tinha comprado.

O Sr. Correia ouvindo isto, chamou-a de ladra. Ella levantou da mão e deu-lhe uma bofetada e por fim atracaram-se.

—E o Sr. Esmeraldo não estava em casa?

—Tinha sahido.

Mas vamos ao resto.

Aos gritos da rapariga acudiram mais tres amigos do Sr. Correia e espancaram-na.

—Que paiz, meu Deus!

Onde está a garantia do asylo do cidadão. Convem que o Sr. Dr. chefe de policia syndique d'esse facto.

—Os vermelhos estão tão estragados que vão ser substituidos.

—Mas é necessario que V. explique si os vermelhos de partido ou os vermelhos papel moeda?

—Está sub-entendido.

—Capitão, da provincia de Goyáz endereçam-lhe estes papeis.

—Lei-aos.

—«DESAFORO.—Consta-nos que pelo correio de 28 do corrente da rua do Caquende, na cidade da Bahia, fôra enviado um grande maço contendo circulares eleitoraes pelo ex-presidente desta provincia Augusto Ferreira França, que tão poucas sympathias deixou nesta provincia: ora, é o que faltava para complemento do desfavoravel juizo que sempre fizemos acerca desse ex-administrador; mas a provincia de Goyaz saberá devidamente repellir sua importuna pretenção, dando á essas circulares o destino que se costuma dar aos papeis sujos.

—

«*Curralinho 10 de novembro de 1863.*

Sr. Redactor.—Corria por aqui a noticia de que o Sr. bacharel Augusto Ferreira Franca, ex-presidente desta provincia, se propunha a ser deputado por ella; á principio não acreditamos; mas com a chegada do correio de 8, conductor de suas circulares, dissiparam-se nossas duvidas—é pura realidade!

Os habitantes desta freguezia muito se indignaram com esse arrojo, com esse inqualificavel procedimento do mais arbitario homem, que como presidente, tem pisado o solo goyano! *Santo breve da marca!*

Será crivel, que o Sr. França já se esquecesse do lastimoso estado de desmoralisação em que, por seus maus feitos, sahiu desta provincia?

Poder-se-ha acreditar que um homem que mal serviu a provincia, que tentou subjugar a honra de todos os seus cidadãos, julgue-se com direito a uma cadeira de deputado por eleição popular? Só um louco consumado poderá tal acreditar.

O Sr. Farança, sendo de um outro credo politico, si é que não é gazúa, ou chave que abre todas as portas, anima-se a apresentar-se candidato em uma provincia, em que foi o primeiro que, á força d'armas e ameaças, quiz plantar a cega obediencia ao governo constituido ainda mesmo com quebra de tudo quanto ha de mais honesto.

O Sr. França, parece nos, continúa a soffrer da boia, como aqui por vezes nos deu a conhecer, e a ser assim, invocamos em seu favor a poderosa oração do padre Antonio Vieira, para que não chegue ao ponto de jogar pedras.

A briga, que, consta-nos, tivera o Sr. Franca com um boi na capital de Goyaz, fez-nos bem desconfiar de seu estado sanitario, o que se vae agora mais confirmando.

N'esta freguezia só teve S. Ex. um amiguinho e este em tudo tão pequeno que si o appellidava—pygmeu.

Na capital alguns poucos empregados forçados pelo interesse, ou pelo terror; ora em vista disto o que esperar?

Que o Sr. França terá a mesma votação que teve da provincia de Matto Grosso, quando por ella se propoz ser deputado, isto é, faltou-lhe um voto para o primeiro!!

Aconselhamos ao Sr. Franca que se distraha de seus desvarios passeiando pela manhan e as tarde nas margens do fresco Caquende, a ver se esquece desta provincia que com horror se lembra de seu nome.

«O noivo em mangas de camisa,»

—Nestes papeis quizeram se divertir com o Dr. França.

—Felizmente o *Monitor Goyano* que os publicou, está tão longe, que S. S. não pode estender até la o seu *Chassan*.

VARIEDADES.

Dous compadres, indo de viagem viram em uma encruzilhada uma grande cruz com estas iniciaes que sempre se vêm nas cabeceiras das cruzes:—J. N. R. J.

—Aqui morreu um homem chamado Inriques, disse um delles.

—Como é que sabe disto, meu compadre?

—Pois não vê o senhor? tornou o primeiro: como a testa da cruz é estreita a escreveram somente—Inri—; mas porem—quem sabe lêr conhece em um instante que falta o—ques.

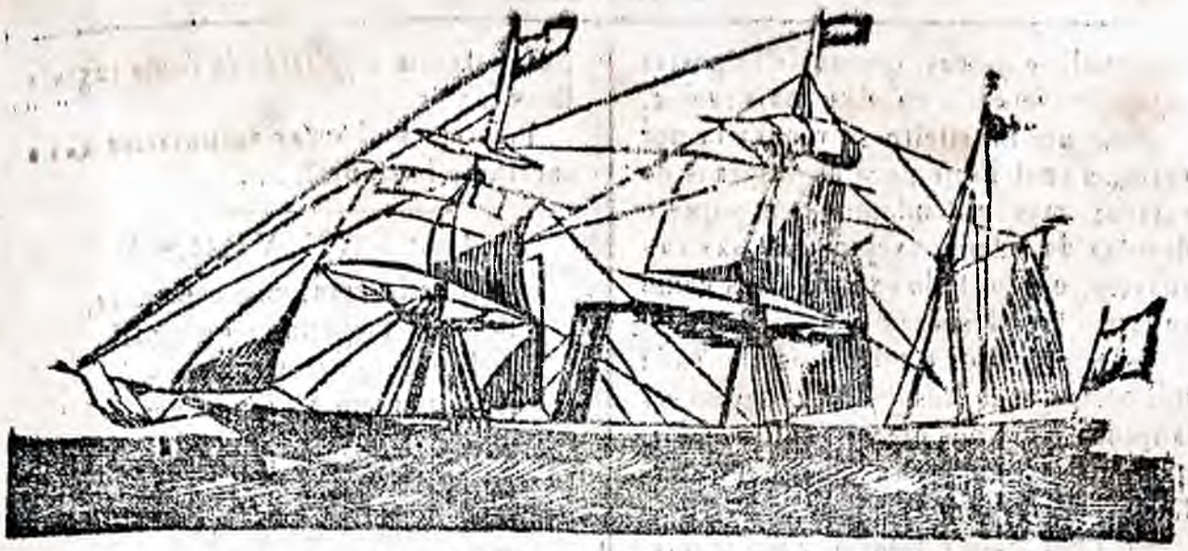
ANNUNCIOS.

Acham-se em impressão os primeiros numeros de uma publicação periodica, especialmente dedicada á traducção da obra completa de Ponson du Terrail—*Os dramas de Paris*—vulgarmente—ROCAMBOLE.

O preço será de 1$000 por serie de 15 numeros, formato *in-quarto*. A empreza teve por fim adoptando essa forma de publicação, facilitar, pela commodidade, a leitura áquelles, que desejam ler a primeira composição romantica do seculo.

Assigna-se nesta typographia, nas lojas de livros da Viuva Lemos e do Dr. Martins Alves, nas boticas da Praça e do Sr. Jatobá, rua da Mizericordia, nas lojas de charutos dos Srs. Vasconcellos, na mesma rua, e Ludovico atraz da Sé, loja de sapatos do Sr. Emygdio e na rua Direita de Palacio na loja do Sr. Alipio.

O
ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 1 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 32.ª—N. 318.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. commandante do batalhão 111, para que informe si é exacto, que á sua ordem se acha preso no quartel da Palma, desde o dia 14, José Honorio dos Santos, que ha pouco voltou do Sul com baixa do exercito, e a ser assim em que se funda para commetter tal excesso.

—Que lastima!

—O que é isso homem?

—Pois o governo, que gasta á mãos largas com seus afilhados, está no caso de usurpar migalhas de pobres operarios?

—Não, não.

—Entretanto o governo, que tira o pão ao operario, despedindo-o de seus arsenaes, obriga aos guardas do 2º. batalhão a destacaram no Engenho da Conceição de graça!

—Isso é uma calamidade. Em logar distante, longe de suas familias, como passarão elles sem meios de se subsistirem?

—Viverão da graça de Deus, porque é necessario tirar delles afim de inculcar uma mentida economia.

—Aqui está um interessante artigo.

—Sobre?

—Os impostos.

—Que folha é essa?

—A *Opinião Liberal*.

—Mande transcrever.

«O paiz vae supportar os mais pesados impostos de que se tem noticia.

Sobre os hombros do contribuinte, já alquebrados sob o peso dos antigos e excessivos impostos, accumulam nova e insupportavel carga.

Neste paiz, é ponto averiguado, quem não come na mesa do orçamento consome a existencia a encher cestos d'agua.

E' por isto que o funccionalismo entre nós não é mania, senão necessidade vital.

Entre as causas, todas officiaes, conducentes á pobreza progressiva do cidadão brasileiro, como sejam a guarda

nacional, e outras, o peso de impostos injustificaveis é uma das mais serias.

Nem um brasileiro se recusaria por certo, a contribuir para as despezas do estado; mas entendamos bem o que é despeza do estado; vejamos se são razoaveis, e sobretudo examinemos como se fazem taes despezas.

Os orçamentos e relatorios de cada ministerio, onde taes despezas devem ser lançadas, nada nos dizem a tal respeito, que não seja um escandalo, um attentado, um *esbanjamento*!

Abri qualquer relatorio, e ahi vereis, sob verbas inexplicaveis, inscriptas sommas fabulosas. Vereis, por exemplo, no relatorio da marinha a verba —despezas *eventuaes e extraordinarias*.... 600:000$ rs. —e outras eguaes proposições que nada explicam, e antes vos augmentam as trevas.

.....

.....

O brasileiro só tem o *direito* de saber quanto paga de impostos: examinar e como são elles gastos, e saber si são ou não excessivos, é direito do que está inteiramente despojado.

E', releve-se-nos a comparação, uma especie de preto de ganho, que só conhece a obrigação de pagar o *quantum* diario em que está tributado pelo senhor.

Entretanto, o suor do povo é por ahi roubado escandalosamente! E afinal o povo soffrerá dobrados impostos, uns destinados á satisfação dessas despezas fabulosas que elle não conhece, outros a cobrir as lacunas abertas pela fraude!

Os millionarios improvisados pela guerra, os que desse flagello tem auferido avultadissimos lucros, os que da guerra fizeram instrumento de perseguições partidarias, e nella buscam sua existencia e posições politicas, estes por certo não contribuem, e antes são os consumidores mais felizes das rendas do estado!

E os que improvisaram a guerra! Os Zacharias, os Saraivas, e quem lhes inspirou tamanha calamidade, quanto pagarão de impostos?...

Nada! Estes não pagam, antes são pagos, e com descommunal excesso, para fazerem a *felicidade* deste ingrato Brasil.

Pois ver embarcar voluntarios não é sacrificio bastante?!...

LA VAE VERSO.

—D'onde vem, meu aspirante,
De suor largando os pingos?
—Fui apreciar um pouco
A lavage' em S. Domingos.

—Olélé! chegue p'ra perto!!
Já que V. assistiu,
Passe a fazer o detalhe
Das cousas que por lá viu.

—Sim Sr., p'ra isso mesmo,
E' que eu fui observar;
Portanto, tudo que eu vi
Passo já a lhe contar.

Quando cheguei no Terreiro,
Vi de creoulas um lote,
Formadas a dous de fundo,
Cada uma com seu pote.

Alem, estava outra turma
Trazendo todas na mão
Uma bem grossa vassoura,
Distinctivo da funcção.

Batteu o bumba; signal
P'ra começar a patusca;
Lá vae a passaralhada
Toda, de agoa em busca.

Nessas funcções de lavagem,
Lhe affirmo de coração,
Que todas vão por baderna,
Nenhuma por devoção.

P'ra que tanto reboliço,
Tanta saia arregaçada?...
Si isso é devoção,
Tal devoção é massada.

Releve esta sinalepha
Que aqui na palestra fiz:
Vou acompanhar a turba
Caminho do chafariz.

Guilhermina é a primeira;
O *Vital* segue de perto,
Contando amargos queixumes
Do sapateiro Roberto.

Com um pote de cruzado
Em seguida vae Germana,
Com Maria dos Prazeres,
Bonifacia e Hermana.

A propria Helena, que eu
Nos *campos* andar julguei,
De panella de caboc'lo
Na sucia presenciei.

Vae tambem a Ierotildes
De lá de Maragogipe,
Que tinha vindo p'ra festa
Do Bomfim de Itapagipe.

Um moço cuja *fortuna*,
Nata ser, já vi contar,
Encasquetou-se que agoa
N'um *cesto* havia ir buscar.

Tambem Sr Zé Monturo,
Moderno salsa parrilha,
Com uma mochila ás costas
Vae no meio da tropilha.

Um Dr. aqui da *America*
Que tem dous *gomos* na perna
Cocorando uma creoula
Toma parte na baderna.

Até o nosso Aza Preta
Largou-se do armazem,
E vem todo esbaforido
Para o pagode tambem.

Certo padreco *sabido*,
Deixou em casa a sotaina,
E veio para o pagode
Com a Maria Joanna.

Faltou Maria das Vellas,
Henriqueta Carmezim;
Mandaram parte que estavam
Entretidas no Bomfim.

Para não ser conhecido
Encostado ao arvoredo,
Vae um *siri* prebendado
Mas sem o annel no dedo.

Traz Rosa um *bolo fofo*
Cuja qualidade exalta,
Dividi lo em pedacinhos
Para regalar a malta.

No meio desta folia,
Vae *Alzira*, que arqueja
De cançada, carregando
Seis garrafas de *cerveja*.

O *Santos* das *Amoreiras*
Vae levando um barrilzinho,
Metade delle é agoa,
A outra metade vinho.

O poeta, que os jantares
Dos outros é seu regalo,
Traz uma resma de bandos,
Que fez para S. Gonçalo.

Atraz delle vem Suzana,
Rogociana, Anastacia,
Martiniana, Joaquina,
Felismina e Nicacia.

Martins, *so ares* tomando,
Appareceu na folia,
E a *morada bovina*
Ficou, creio, á revelia.

O rapaz Bastos Pereira,
Deixa a qualificação,
E vae todo atarantado
Direito para a funcção.

Lá da banda dos *penhascos*,
Em um cavallo sem *freio*,
Veio um, que si não m'engano
Medico dos bois já foi, creio.

Não sei Joaquim Malcreado
O que foi alli fazer!...
Dizendo mil *pachochadas*,
Vae causando desprazer.

Ricarda, Xica e Candida,
Que são de Maragogipe,
Fazem coro com Joaquina
Moradora em S. Philippe.

Antes dessas que fallei,
Saiba antes que me esqueça,
Vae *Maria* carregando
Um *caboré* na cabeça.

Um *abutre* coroado,
Das pombas que tem comido,
Vae no meio da orgia
Fingindo-se arrependido.

Em paralello com elle
Vae um outro *todo lindo*,
Tomando seu regabofe
Para as creoulas sorrindo,

Nessa sucia tambem vae
Um Dr. que *surdo é*:
Para *conquistas*, na frente
Não ha quem lhe ponha o pé.

Ja me ia esquecendo
De uma perninha certa,
La das bandas de S. Pedro,
A tal Maria Roberta.

Um tal *Baptista*, oriundo
La das bandas do *Leão*,

No meio das raparigas
Faz papel de folião.

Teve systema esquisito
Bemvinda do S. Miguel,
Em vez de comprar vassoura,
Leva uma de aluguel.

Um machacaz de tamancos
Sem saber pisar no chão,
Vae junto com o *João*,
Petiscando um *bolaxão*.

Um athleta, que o corpo
Parece com *rocha* dura,
Vae no meio do *deboche*,
Bem que de edade madura,

Depois vem Maria Ganga,
Felicidade e Simplicia,
Josepha de S. Miguel,
Alexandrina e Felicia,

Maxima, Emerenciana,
Benedicta, Henriqueta
Pulcheria, Ceciliana
E Maria Malagueta,

A Cobra viva tambem,
P'ra brincadeira arribou,
E aquelle seu *patricio*,
Deitado em casa ficou.

Voltando do chafariz
Entrou a turba no templo
Pulando e dando vivas! . . .
Que religioso exemplo!

Da tropa fechando o bando
Vae *Maria Leopoldina*,
O *Caetano*, o *Calixto*,
A creoula Bernardina.

Depois de no santo atrio
Darem boa esfregação,
Onde esquecida a decencia
So Bacho tem oblação.

Uma chusma de rapazes
Estão alli cocorando,
E cada qual sua chufa
Ou galhofa vae soltando.

Não julgue porem que a boda
De todo acabada está;
Em casa da velha Ignez
Vão chupar um yalapa.

Ahi é que foi o brodio . . .
Cada qual sua gollada,
Chupava de vez em quando
P'ra não ficar entallada.

Eis pois em que se cifrou
Toda essa bachanal,
Que em vez de devoção,
E' um deleite carnal.

A PEDIDO.

—Os ordenanças dos subdelegados ja são cousa no quadro!

—Ora si!

—Disseram-me que o do districto dos Mares, recrutou um rapaz de nomo João por ter este a infelicidade de ser desaféiçoado do africano Benjamim, o qual costuma regalar o referido cujo com bellos *piguás*.

—E vale a pena.

Ter petisqueiras de graça por um diminuto serviço.

ANNUNCIOS.

GRANDE COSMORAMA.

DISTRACÇÃO DO BOMFIM.

AO LADO DA CAPELLA, NA LINHA DAS FEIRAS.

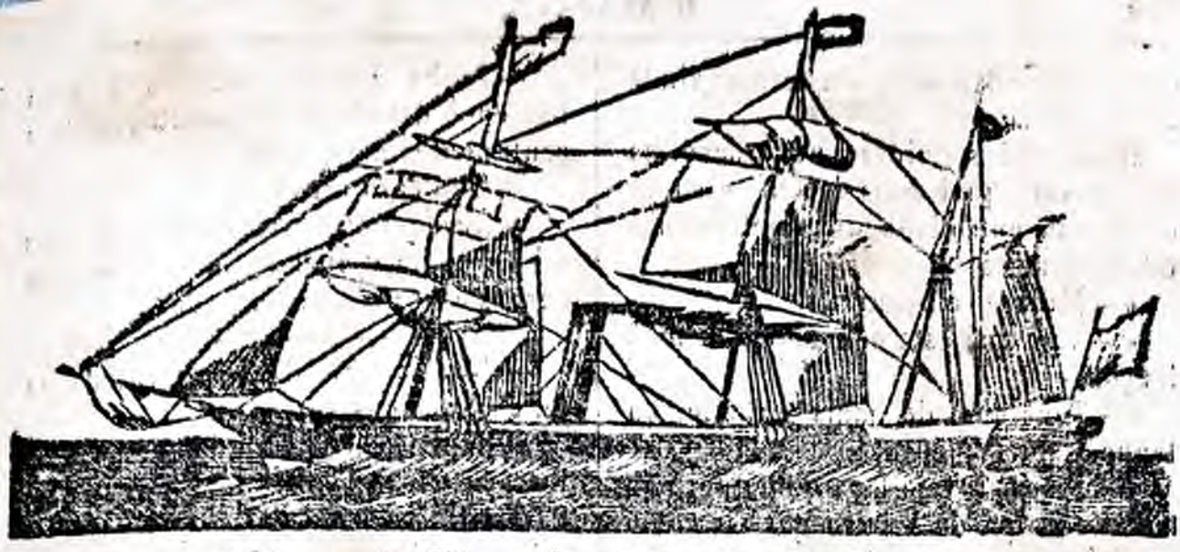
O proprietario do **Cosmorama do Bomfim** tem a honra de convidar a concurrencia de toda esta capital para o seu **estabelecimento de recreio**, recommendando-o a todos em geral, que alli encontrarão o melhor divertimento, attentos os grandes esforços que tem feito para leval-o ao ultimo ponto de aceio e commodidade.

Pelo diminuto preço de 500 rs. tem-se o direito de visitar o **Cosmorama**, ao som de um lindo e harmonioso realejo, em que se toca excellentes peças de musica, e contemplando-se dez interessantes vistas da Europa, alem de receber um presente designado pela sorte.

Espera-se a coadjuvação do publico desta cidade á um estabelecimento, que se torna digno de sua protecção.

VERDADEIRO CAFE PURO.

Na rua dos Ourives loja n.° 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 5 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 32.ª—N. 319.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de fevereiro de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, dizendo-lhe que pelos cofres dessa municipalidade deve ser pago um estribeiro para segurar no cavallo do fiscal geral, quando o mesmo (fiscal) vae em correcção, afim de evitar que os guardas, cujo mister é coadjuvar as diligencias e servirem de testemunhas, não andem de cabestro na mão a puxar o cavallo do fiscal.

Neste sentido, espera-se que se sirva de providenciar.

Portaria ao fiscal do Santa Anna, ordenando lhe que nos domingos e dias Santos dê um passeio ás margens do dique, onde pode fazer uma boa colheita na sucia de moleques e capadocios, que vão alli tomar banho nús, sem consideração as immensas familias, que em taes dias abundam por aquellas paragens. Cumpra.

—Grande é o desaforo dessas mulheres nas egrejas!

—E' verdade; vão para á Casa de Deus como cadellas damninhas commetter quanto desacato ha.

—Por esses candomblés, onde ellas andam constantemente, não são capazes de praticar a vigesima parte da irreverencia, que commettem no templo do Senhor!

—Levadas alli pelo espirito de luxo, nenhuma vae com o coração em Deus: esta quer mostrar o lenço de grades chinezas, aquella o panno da costa de fio de seda, a outra a camisa de cambraia tecida, uma a saia de fustão de 1$600 ao covado, mais outra a anagua bordada por 50$ rs no convento, e todas procuram os primeiros logares, onde possam ser bem vistas e dahi a origem dos desacatos e profanações.

—Ainda no domingo em S. Domingos, presenciei scenas bem improprias de tão santo logar.

Uma dizia a outra que queria tomar-lhe a frente:

«Porque não veio mais cedo?

«Estive até agora com meu dono da

casa, respondeu esta; em termos ainda mais explicitos.

E por ahi seguiu-se um trocadilho de phrases, qual mais decente e edificante. De outro lado dirigiam-se duas desta maneira:

« — Mulher se assumpte!

« — V. é que está com inveja de meu lenço.

« — Toucinho de mais cabello eu tenho visto.

« — Si tem inveja faça o mesmo; não tenho a culpa de V. não ganhar como eu.»

E assim foram por diante.

E outras muitas entretinham tiroteios semelhantes, emquanto mais adiante tres beatas de capona affectando procedimento mais regular, murmuravam hypocritamente dos desmandos da caterva de saia e torço e cochichavam em segredo, que só não ouvia quem não queria, que a filha do Sr. F., morador ao Portão, estava para sahir de casa com um moço de bordo; que a enteada de sinhá Guilhermina com cinco mezes de barriga, estava com a capa de honesta; e que o Sr Lopes, homem casado, entrava toda a noite á meia noite.

— E quando sahem dalli dizem p=a pa santa Justa a roupa com que todas foram vestidas; o ouro que Fulana levou de quem era emprestado, e que Sicrana não foi com vergonha de ir sem o rosario que esta empenhado ao Seraphim ou ao Narciso, etc., etc.

— Em summa, só eu com um possante azorrague, fazia aquellas almas de xixarro tomarem geito e guardarem mais veneração á casa do Filho da Immaculada.

— Vi um acto do commandante das armas que muito me agradou.

— Qual foi?

— No vapor que largou segunda feira de Santo Amaro, apresentou-se um mendigo pedindo de joelhos ao capitão que lhe désse uma passagem para a capital. Não foi attendido.

S Ex. não presenciou o facto, mas sendo informado, mandou buscar o pobre e pagou por elle a passagem.

— Tenho ouvido fallar que esse homem é dotado de alma compassiva e sentimentos generosos.

— Este caso prova.

— Acções como esta distinguem mais o homem na sociedade do que os altos cargos e as posições elevadas.

— José Izidorio da Silva, casado, já foi ao Sul duas vezes.

— Conheço. Por signal que mora na Estrada Nova, nos dominios do Sr. Parassú.

— Com Vm é que eu converso.

— E agora?

— Foi de novo recrutado.

— Isso ja cheira a perseguição.

— No dia 29 foi á presença da policia e ahi deu-se uma scena que commovia as pedras Sua chara esposa, apresentou-se e lançando-se nos seus braços em soluços entrecortados pedia que o soltassem.

— Ja sei que foi attendida.

— Quem disse? Si os medicos não o derem por incapaz, á vista de uma perna inutilisada que tem, irá outra vez ao Rio, causando mais essa despesa ao Estado, porque elle não serve.

— Como si fazem estas cousas, Santo Deus!

— E' a decantada moderação no recrutamento.

LA VAE VERSO.

O QUE QUER DIZER — *PROGRESSO?*

— Quer dizer só traficancia,
— Quer dizer só bandalheira,
Praticadas de continuo
Por vil sucia patoleira.

— Quer dizer o despotismo
De braço altivo buscando
Nossas leis rojar por terra,
Ao captiveiro as levando.

Qual uma ave de rapina,
Que só busca estrangular;
O *progresso*, os horisontes
Do Brazil busca toldar.

Que quer dizer o — *progresso*
Que caminha regressando?
Ostentando estupidez,
Vae a virtude manchando.

.....

Que quer dizer uma sucia,
Composta só de tratantes
Se intitulando progresso?
Composta de traficantes.

— Indica só com os brios
Da nação não se importar;
Porque seus grandes desejos
O Brazil é desgraçar.

Ah! pandilha miseravel!
Lá um dia has de pagar,
Trapaçarias, que fazes
Ha de bem caro custar.

.....

Porem sigamos avante
Que este dia de gloria
Não muito pode tardar
Em que brademos victoria!

(*Extr.*)

A SITUAÇÃO.

«Notas com curso forçado,
Papelorio sem valor.
O commercio em estupor,
O imperio ameaçado,
Nosso credito abalado,
Bem falseada a eleição,
A lei morta sem acção,
O thezouro empobrecido,
O governo corrompido,
Empregando a corrupção;
O emprego desejado
Como meio d'existencia,
A lavoura em decadencia,
O artista atropelado,
O Brasil ludibriado
Pelo francez ou bretão,
A extorcer-se na pressão
Do estrangeiro que explora,
—Eis o que se vê agora
N'actual situação.»

(*Liberal.*)

A PEDIDO.

—Diz então V?
—Que foi depois da publicação no *Alabama*.
—Em que logar?
—Do lado de Itapagipe,
—Quantos *dias*?
—Tres.
—E foi solta.....
—Pela intervenção de um parente.
—Isso é inacreditavel.
—Mas infelizmente é real.
—Famelica sêde de ouro até onde levas o homem!
—Ate o auge de filhos desnaturados trancarem sua mãe em um quarto dias e *dias*, incommunicavel para obter della concessões com que possam saciar sua avida cubiça.
—Si o *Andrade* fosse vivo cubria o rosto de vergonha.

—Então, meu babaquara, passou sempre a sua folha?
—Ao que se refere?
—Ao rapto.
—Ah!....
—O Sr. é *Rei* para emprezas destas.
—Fiz uma esmolla.
—Ora!
—Si havia daqui a mais um anno ou dous, andar quebrando a cabeça, fiz-lhe eu a *charidade* dando-lhe mobilia, casa por ora etc.
—Deve de joelhos pedir a Deus mil bençãos para o Sr. por tão *assignalado beneficio* que lhe fez.
—Em todos os actos meus transluz sempre uma ideia de bem-fazer.
—Eu lhe creio.....
—O que lhe affianço é que a fructa está verdinha.
—Tem...?
—Treze annos incompletos.
—Não tem duvida; o Sr. apezar do velho, é o *Rei* das aventuras.
—Nestas conquistas não ha moço que me leve de vencida.
—Seu nome deve ser esculpido em *louça*.
—Obrigado.
—E sua mascara *photographada*.
—A *photographia*? havemos de conversar sobre ella.

(*Continúa.*)

—Capitão, novidade.
—Hoje não estou para massadas.
—E' cousa breve. Um caso aconte-

cido na estrada da Valla em uma horta, onde se tira *barro*.

—Abrevie-se.

Estando no dia 1.º algumas pessoas pacificamente sentadas a conversar em uma porta das habitações que ha na dita horta, appareceu o recrutador com sua escolta, tomou as embocaduras e prendeu a todos.

—Sem mais, nem mais?

—Perguntado o motivo da prisão, respondeu que tinha denuncia do que se jogava alli.

—Diga-me isso.

—Porem na rua não se joga, e elle encontrou todos da parte de fora.

—Denuncia falsa, talvez.

—E' verdade; de um miseravel conhecido por *Sebolinha*.

—Quem é elle?

—Um ratoneiro que foi socio do Chico Carteira, e que uma vez na estrada de ferro, foi-lhe tirada do seio a carteira do coronel S. que havia roubado com um conto de reis.

—Não estou ao facto.

—E' porque V. Ex. não se recorda.

E' um taful de cara embaçada, choche como uma corda *de ré* de violão, usa de paletot de *bouça*.

—Não posso me lembrar quem seja. Mas o que quer que lhe faça?

—Que mande o muxingueiro dar-lhe uma fomentação de casca de boi.

—Para que? basta a acção infame que praticou. V. não sabe que ama-se a traição e aborrece-se o traidor.

—E' quem leva direito esta vida.

—Quem?

—V., reverendissimo salabardote.

—Eu?...

—Que duvida! Não é debalde que V. anda *todo lindo*.

—Meu estado não permitte.

—Não venha com hypocrisias! Pois eu não sei que la pela *Aula Modelo* V. é um grande! Até substitue o *maioral* nas aventuras nocturnas.

—Creia que está enganado.

—O Celestino, seu *companheiro de vigilias*, que o diga.

—Ha muito que só o vejo aos domingos, quando vou a casa da *motta*.

—Cousa extranha!

O rapaz sabe dahi todas as manhans e V. diz que não o vê!

—E' que quando elle entra, tranca-se no quarto e vae *praticar* os seus estudos sem que eu o veja.

—So si é isso.

—Ora essa!

—O que houve?

—A senhora do Sr. José Antonio Bispo comprou na terça feira duas libras de carne de porco, lavou-a, deixou agoa dentro da vasilha e veio um cachorrinho que tem o Sr. Bispo e bebeu. Momentos depois o cachorrinho lançava desesperadamente. A senhora do Sr. Bispo, espantada de semelhante cousa, examinou a carne com uma colher de prata e a colher empreteceu de repente.

—Mas isto é uma cousa inexplicavel.

—Pois explico muito bem.

—Como?

—Supponha-se que o dono do porco é inimigo do visinho, este querendo tirar uma vingança com elle, envenenou o animal e elle não querendo perder mandou retalhar a carne e vendel-a. Supponha-se ainda que o porco comesse alguma herva venenosa e morresse; mas o dono, como ignorasse a causa da morte do animal, mandasse reduzir a carne a cobres.

—Mas si o porco tivesse morrido envenenado a carne deveria decompor-se logo, o quem a visse assim não comprava.

—Porem o que foi que fez o cão lançar agoa?

—Provavelmente lavaram dentro de algum vaso de cobre.

—Não sei. A noticia vae por conta do Sr. Bispo, que deu-a em presença de diversas pessoas.

—Pois va la.

Acha-se em poder do Exm. Sr. presidente da provincia os documentos que abaixo transcrevemos; e é de esperar que o Exm. Sr. presidente da provincia, zeloso como é no cumpri-

mento de seus deveres, não deixará de dar cumprimento a lei.

—

Illm. e Exm. Sr. presidente da provincia.—Diz Manuel Dias Gomes, que havendo apresentado um original do Dr. ex-chefe de policia e os documentos juntos, que provavam ser José Francisco Ribeiro, residente na freguezia de N. S. da Madre de Deus do Boqueirão, subdito portuguez, foi em consequencia disso exonerado o mesmo portuguez do cargo de 2°. supplente de subdelegado d'aquella freguezia, e como sob o falso pretexto de ser brasileiro póde elle obter ob e subrepticiamente o posto de capitão da guarda nacional do termo de S. Francisco, vêm rogar a V. Ex se sirva mandar cassar a patente ao dito estrangeiro, que não pode exercer tão honroso posto na guarda nacional do paiz.

Pede a V. Ex. que seja servido assim deferir.—E. R. M.—*Manuel Dias Gomes.*

—

Publica fórma.—Petição.—Illm. e Exm Sr. Dr. chefe de policia.—Manuel Dias Gomes, tendo requerido á V. Ex. com documento, provando ser José Francisco Ribeiro, subdito portuguez, vem requerer a V. Ex. se sirva mandar passar por certidão a data do passa-porte, e por quem assignado, assim como do *visto* do Dr. chefe de policia do tempo em que aportou a esta cidade o portuguez José Francisco Ribeiro, assim o dia, mez e anno em que por acto da presidencia foi o dito portuguez demittido do cargo de 2°. supplente da subdelegacia da freguezia de N. S. da Madre de Deus do Boqueirão, pelo que pede a V. Ex. assim lhe defira.—E R. M.—Bahia 27 de novembro de 1867.

Despacho.

Passe do que constar. Bahia e repartição da policia 29 de novembro de 1867.—*Aragão e Mello.*

Certifico que no archivo desta secretaria existe um requerimento do supplicante Manuel Dias Gomes, ao qual se acha unido um passaporte dilacerado em diversos logares pertencentes a José Francisco Ribeiro, solteiro, natural de S. João da Madeira, subdito portuguez, passado pelo governo civil da cidade do Porto do reino de Portugal, deixando-se ver ser datado do mez de outubro de 1842, o assignado pelo conde de Terena José, com visto—bom—do consulado do Brasil na dita cidade do Porto de 23 de outubro do dito anno de 1842, cujo passaporte foi visado tambem na secretaria da policia desta provincia da Bahia, no dia 4 de janeiro de 1843, assignado pelo chefe de policia desembargador João Joaquim da Silva.—Certifico mais que foi exonerado do cargo de 2.° supplente de subdelegado da freguezia de N. S. da Madre de Deus do Boqueirão do termo de Villa de S. Francisco, o supplicado José Francisco Ribeiro por acto governo da provincia de 21 de novembro do corrente anno. E para constar onde convier, esta se passou na secretaria da policia da Bahia aos 21 de novembro de 1867, e eu João Pedro da Cunha Valle a escrevi. Fiz escrever e assignei. Pagou 2$ reis.—Teixeira Filho—Figueiredo—Sello n.° 1, 400. Pagou 400 reis. Bahia 30 de novembro de 1867.—Britto—Galeão—Era o que constava do referido documento, que fiz passar em publica forma e vae por mim subscripto, conferida e concertada com outro companheiro, depois do que entreguei o original ao apresentante, o qual de como recebeu abaixo assignou, na Bahia, aos 30 de novembro de 1867. E eu Manuel Jorge Ferreira, tabellião que o subscrevi.

(Estava o reconhecimento publico.)

— — — —

Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—Manuel Dias Gomes, tendo requerido a V. Ex. com documentos, provando ser José Francisco Ribeiro subdito portuguez, vem requerer a V. Ex. que lhe mande passar por certidão o theor do nós abaixo assignados que se acha unido a referida petição; pelo que

P. a V. Ex. deferimento.—E. R. M.

Despacho.

Passe. Bahia e repartição da policia

5 de dezembro de 1867.—*Franklin Dorea.*

Certifico que no archivo desta secretaria existe o requerimento do supplicante Manuel Dias Gomes, ao qual se acha unido o documento de que faz menção a petição retro, cujo theor é o seguinte:

Nós abaixo assignados attestamos e juramos em juizo, si necessario for, em como José Francisco Ribeiro é subdito portuguez, por ter vindo de Portugal para esta provincia com passaporte do governo civil do Porto em o anno de 1842, apresentado ao ex-chefe de policia Dez. João Joaquim da Silva, que o visou, cujo documento que foi apresentado na policia por Manuel Dias Gomes é ao mesmo pertencente e não ao pae do dito José Francisco Ribeiro, que embora tivesse o mesmo nome, todavia veio para o Brazil em 1829.—Freguezia de Nossa Senhora da Madre de Deus do Boqueirão, 30 de novembro de 1867 —João José de Menezes Dorea tenente coronel Pedro Paulo Grave de Menezes subdelegado. Manuel Gomes da Costa Vinhaes. Virgilio Antonio de Sant'Anna. Francisco Marques da Silva Pindahiba. João Chrisostomo da Silva. Tiburtino Aquino Grave de Menezes. o vigario Fernando dos Santos Pereira. Augusto José de Menezes Dorea. Cyrillo Antonio de Sant'Anna. Manuel Marques da Silva. Joaquim José Travassos.

Reconheço as firmas supra. Em testemunho da verdade, João Antonio Rodrigues da Costa.

E para constar passei a presente na secretaria da policia da Bahia aos 7 de dezembro de 1867, e eu João Pedro da Cunha Vallo a escrevi. Fiz escrever e assignei Feliciano José Texeira.

VARIEDADES.

INNOCENCIA DE UM CAIXEIRO.

Um ricasso conhecido, depois de ter passado algum tempo n'uma sua propriedade rural, escreveu ao caixeiro para que lhe fizesse o inventario das alimarias que possuia.

Entre outras cousas escreveu o caixeiro nos apontamentos que mandou ao patrão o seguinte periodo:

«Quanto aos jumentos haviam quatro mas depois que V. S. daqui sahiu ficaram so tres»

NOTICIAS

Asiaticas e africanas, tão fidedignas como muitas das com que as mais bem conceituadas folhas politicas no velho e novo mundo as vezes regalam seus curiosos e credulos leitores de ambos os sexos.

A verdade parece-se as vezes com a mentira.

(*O fidedignissimo relator.*)

(*Continuação.*)

DECADENCIA DA MEDICINA NA PERSIA.

O actual *Shah* (rei absoluto da Persia,) que, como as afamadas folhinhas dos Srs. Eduardo et Henrique Laemmert, ensinou-nos chamar-se *Nasser el Din*, ordenou a rogo de seu sagaz *Sadrid-Azem* (grão-vizir, ministro do estado) no fim do mez de julho p. p., que os medicos, ainda que fossem munidos com diplomas da faculdade de medicina de sua leal e heroica cidade de *Ispahan* (*) não mais pudessem cobrar seu honorario, sinão um mez depois que os doentes ficassem perfeitamente restituidos, e nem um unico ceitil dos herdeiros dos que morressem durante a cura.

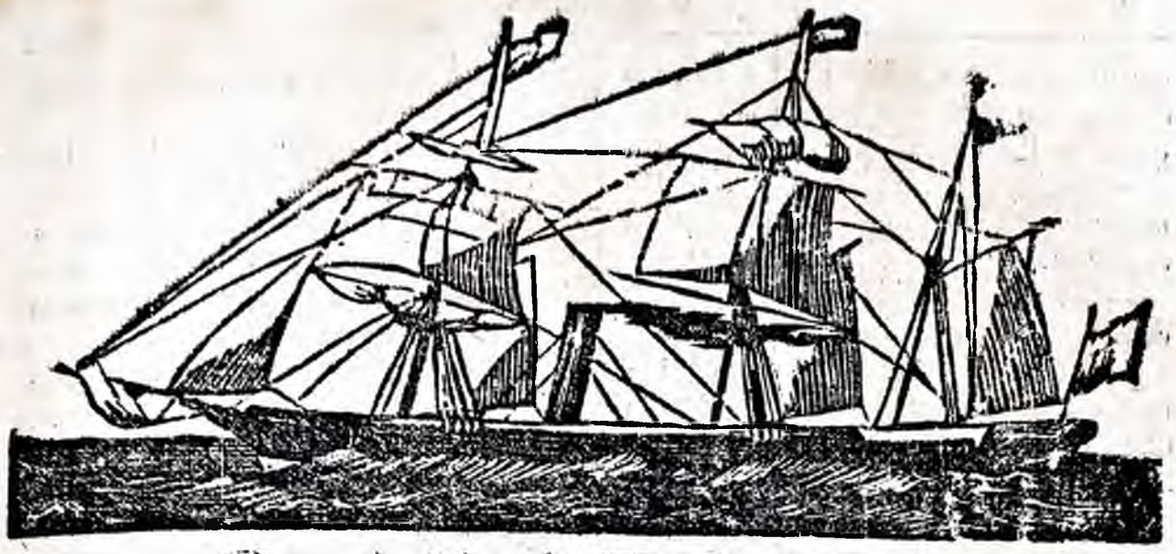
A tristissima consequencia desta endruxada ordenança, foi, que ninguem mais quiz estudar medicina, e os medicos velhos largaram immediatamente sua clinica para dedicar-se a occupações mais lucrativas, e muitos dos philantropicos boticarios suicidaram-se.

Os coitados persas morrem agora segundo as antiquissimas e triviaes leis da natureza e não conforme os sabios preceitos da sempre progredente arte. Ai d'elles!!! Ai d'elles!!

ATÈ ONDE CHEGA A AFFEIÇÃO DE CERTAS MÃES—Diz um jornal americano que ha mães que, quando teem de dar pancadas nos filhos, fazem-nos primeiro tomar chloroformio.

(*) Ispahan, a segunda, porem mais povoada e sumptuosa cidade da Persia, que segundo o insigne Malte Brun antigamente tinha 700,000, mas agora não tem mais de 200,000 habitantes.

Alli achavam-se as principaes instituições scientificas da moderna Persia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 7 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 32.ª—N. 320.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de fevereiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia.—Propalando-se nesta cidade, que no vapor de terça feira em que veio V Ex. de Santo Amaro, viera recrutado o filho de Antonio Bertrand Geraque, negociante daquella cidade, o qual recruta foi visto pelos passageiros até a altura do Bom Jesus e dahi por diante desapareceu, como por encanto, não sendo possivel encontral-o, apezar da rigorosa busca que dera no vapor o delegado Dr. Jacobina, sendo assim, torna-se de inevitavel necessidade que V. Ex. mande proceder a uma minuciosa inquirição sobre semelhante facto, afim de que se venha a saber que destino teve o mencionado recruta, uma vez que os mal intencionados rosnam por ahi que se pretende *atabafar* o negocio, para que seja elle ignorado do publico.

—No domingo p. p. esta cidade andou entregue as baratas.

—As autoridades fizeram sinalepha.

—Si repentinamente fosse mister a presença de uma dellas, não se encontrava, porque todas andavam no alteio.

—Menos o delegado.

—Este mesmo as 5 horas montou em seu bucephalo e foi *arejar* lá pelo Bomfim.

Quasi todos os subdelegados estiveram fora de seus districtos, pagodeando em Itapagipe ou Santo Amaro.

—Deixaram os ordenanças em seus logares.

—Tambem serve.

As authoridades superiores, por seu turno, empinaram-se tambem para a folia de Santo Amaro e o Sr. presidente divertiu-se tanto que la se deixou ficar.

—E' certo que S. Ex. levou uma queda da escada de uma casa, onde foi tomar uma refeição?

—E' cousa que pode ser muito bem; *cambalear* e cahir.

—Si houvesse por exemplo, um conflicto, um incendio, quando apparecesse alguma authoridade, era tarde e as más horas.

—Como houve; um soldado de poli-

cia que variou o sahiu para a rua em *cuecas*, do rollo em punho a acutilar quem se lhe aproximava.

—Soubo disso. Foi um sarceiro tão pequeno que collocou-se tropa polas esquinas.

—Sim; foi providencia tomada pelo commandante da policia.

—Ora as authoridades queriam tomar seu regabofe, se importaram lá que n'um dia em que houve tantas festas na cidade ficasse ella acephala?

—Saboreie este bocadinho.

—Diga lá.

—E' de uma folha da côrte.

«Informam-nos que indo ha dias, antes de retirar-se para Petropolis, o illustre marechal conde d'Eu ao arsenal de guerra, vendo ahi uma porção de caixões á embarcar, perguntara o que continham elles e se lhe respondera que—*revolvers*.

«A *curiosidade*, talvez, fez que o illustre marechal fizesse abrir um dos caixões para ver os taes *revolvers*, e aberto um encontraram-se, (será crivel!) ferros velhos!

«Accrescenta-se ainda que, indignado, como era de crer, partira para as *altas regiões do poder* e relatara o facto.

«Dahi *conviera-se na necessidade* de —guardar-se segredo e não se fazer barulho com a historia!...»

— E' para essa e outra mamadeiras que acabrunham o povo com impostos vexatorios.

—Ja viu o boletim distribuido na corte na tarde de 23 do p. p. convidando o povo a oppor-se a sahida da princeza imperial?

—Não.

—Eil o aqui no *Diario Fluminense*.

—Leia.

—«Cidadãos! Uma grande nova corre por todos os angulos desta côrte!

«Sua alteza o Sr. conde d'Eu com sua augusta consorte—herdeira prosumptiva da corôa deste imperio—retira-se para a Europa, por motivos originados por S. Ex. o Sr. ministro da guerra e mantidos pelo governo imperial.

«Sua alteza o principe D. Luiz, descendente de nobre linhagem, que o distingue perante o mundo civilisado, e sua alteza imperial a princeza D. Isabel, vão deixar a terra do Cruzeiro, e demandar o mundo europeu!

«Brasileiros! Nós, que vimos entre nós nascer a augusta princeza—nós, que vimol-a depois ligada perante a egreja a um filho de heróes, não devemos abandonal-a, e curvarmo-nos diante dos caprichos do *valido* do rei!

«Lembremo-nos da herocidade, e valor com que este brioso e denodado povo do Rio de Janeiro oppoz-se á vontade poderosa das côrtes de Lisboa—quando um dia foi decretada a sahida do Senhor D. Pedro I do Brasil.

«Foi este mesmo povo que nas grandes crises tem sabido sempre resistir aos caprichos do poder—que nesse tempo oppoz-se formidavelmente á semelhante decreto, que nos vinha privar do principe regente, em quem depositava o povo brasileiro as esperanças de sua emancipação.

«Brasileiros! Agora, não é um decreto do Reino-Unido, mas somente a vontade caprichosa do *poder* que quer nos privar de esperanças mais seguras da legitima emancipação da nação já constituida.

«Cidadãos! O momento é solemne! O povo do Rio de Janeiro, o povo do Brasil inteiro, que não se tem curvado ao estrepido injusto das armas em outras éras, não deverá curvar-se hoje á vontade caprichosa de pusilanimes caricatos de nossa patria, que a tem conduzido até o sacrificio real, que a nação observa com a maior dôr.

«Brasileiros! A luz se encobre por entre um nevoeiro tempestuoso, façamos um esforço,—que romperemos o corpo fragil que a—ennevôa.

«Viva D. Isabel princeza imperial

«Viva o principe consorte.»

OS DIAS DA SEMANA.

A religião christan tem consagrado como dia de festa o domingo; a segun-

da-feira é para a religião grega; a terça para a perse; a quarta para a assyria; a quinta para a egypcia; a sexta para a ottomana; o sabbado para a judaica. Sendo estes os dias do descanso estabelecidos nos differentes povos, segundo a religião que nelles se professa, resulta que o ocioso, para quem o dia de descanso é cada dia da semana, muda todos os dias de religião, e ao preguiçoso bastará mudar de religião todos os dias para justificar a sua preguiça.

A PEDIDO.

POESIA

recitada em 2 do corrente mez de fevereiro, na sessão magna da imperial sociedade—Monte Pio dos Artistas—e offerecida á mesma pelo seu socio honorario Francisco Moniz Barretto.

Cultôr humilde das lettras,
Vem o poeta ancião
Aos seus confrades nas artes
Dar o amplexo de irmão,
E render grata homenagem
Com elles á Personagem
Augusta do excelso Rei,
Pae da brasileira gente,
Protector beneficente
D'esta humanitaria grei.

Salve, Monarcha sublime,
Nosso anjo tutelar,
Tu, que a patria tens sabido
Sempre de males livrar;
Tu, que a espada de guerreiro,
Seu voluntario primeiro,
Fôste por ella brandir,
E, novo Cesar chegaste,
Viste, e o inimigo expulsaste,
Que sévo, a ousara invadir!

Salve, tres vezes, piedoso,
Magnanimo Imperador,
Que, ingratidões perdoando,
Por nós te abrasas de amor!
Recebe, Principe immenso,
O escasso, mas puro incenso,
Que ao teu grande coração
Sagra esta sociedade
No thurib'lo da lealdade,
Nas azas da gratidão!

As artes dão pergaminhos
De alta nobreza tambem:
Abaixo vaidades parvas,
Que morrem da lousa aquem.
Não ha diploma mais nobre,
Que do trabalho, em que o pobre
Se eleva, ás vezes, por si,
Já hoje ninguem contesta
Verdade tão manifesta,
Verdade que brilha aqui.

Em jornada gloriosa
De tres lustros, sempre em pé,
A associação, que applaudimos,
Nobre e grande tambem é.
Nobre, sim; que do Rei-homem,
Cujos dias se cousomem
Em fazer o bem geral,
A protecção alcançara,
E o tit'lo que a sublimara,
Honroso, de —*Imperial*;—

Esse tit'lo que lhe dera
Um appellido gentil,
Que vale mais que o de muitas
Excellencias do Brasil;
Esse tit'lo nob'litario,
Como o de socio honorario,
Com que tanto ella me honrou,
A mim, que tão olvidado,
E, sem razão, molestado
Pelos meus patricios sou!

A elles perdôo a offensa
Com alma sempre christan;
A vós, nobre sociedade,
A vós, minha bôa irmã,
O fino obsequio agradeço,
(Obsequio que só mereço
Da charidade dos meus)
E pela vossa medrança,
Cheio de fé, d'esperança,
Votos farei sempre a DEUS.

—

SENHORA, vós, que os esp'ritos
Purificaes, tende dó
D'esses, que ahi polluidos,
Rojam, cegos, pelo pó!
Purificae-os; erguei-os,
E ao sancto grêmio trazei-os
Do patriotismo e da lei,
Que renegam (infelizes!)
Até da patria nas crizes
Contra ella, contra o seu Rei!

A vosso Filho, SENHORA,
Pedi por ellos, por nós,
Pelas cinzas deshonradas
De nossos paes e avós!
Rogae-Lhe--que, brevemente,
Faça vencer nossa gente
'Nesse pleito do arcabuz,
'Numa só vontade unindo
O povo tão desavindo
De terra da Sua Cruz!

Virgem Sancta, Padroeira
Do Monte-pio d'irmãos,
Apadrinhae seus esforços,
Para que não sejam vãos!
De seus socios desvalidos,
Que, por elle soccorridos,
Hoje vos dão graças mil,
Tendo, SENHORA, piedade,
E, salvando a humanidade,
Salvae com ella—o Brasil!

—Ah! maldicto *grauçá*!

—Que horrenda cusparada levou V.!

—Para ver! E om cima, como quo para zombar, está de lá do alto a me olhar muito serio.

—Esta gente que cria filhos travessos ....

—Primeiro escondeu o corpo para dentro e depois apresentou-se muito lampreiro a encarar-me do proposito.

—Já que nada se pode fazer tome ao menos o numero da casa para mandar ao *Alabama*.

—Segundo andar do sobrado n. 20, rua da Secretaria da policia,

---

—Que bimbalhadas foram aquellas, Sr. *herbolario*?

—Negocios da vida intima, não se metta.

—Que vida intima?

Pois o Sr. mais sua lanbisgueira, fazem um perluvio que encommoda a toda visinhança, e me diz que são negocios intimos!

—Cada um em sua casa é senhor de suas acções.

—Não com escandalo do publico, e depois é feio o Sr. com esta edade, levando tabefes de uma negra á vista de todos os moradores do becco do *Talho minimo*.

—Mas o que hei de fazer?

—O que hade fazer é quando o Sr. tiver suas cerrações com a sua Helena, ser mais resguardado no desabrochar da tempestade e ter mais acatamento para com o publico.

MOTTE.

Amor é bicho teimoso.

GLOSA.

Mariquinhas é Maroca,
Moça donzella é solteira,
Mulher velha mandingueira,
Milho torrado é pipóca,
Bicho da terra é minhoca,
Homem gaiato é jocoso,
Todo bichento é seboso,
Toda mulher curiosa,
E concluindo esta glosa,
Amor é bicho teimoso.

OUTRA.

Sapateiro é remendão,
O soldado tarimbeiro,
Todo moleque bregeiro,
Todo menino chorão,
Todo agiota é ladrão,
Todo velho caviloso,
Todo macaco jocoso,
Todo musico pateta,
E como diz um poeta:
Amor é bicho teimoso.

ADVERTENCIA.

Quem vê a barba de seu visinho arder, deita a sua de molho. O denunciante da roça do Barros ja viu seus podres na rua, e o da Sé ha de vel-os breve.

Quem lhe aviza seu amigo é.

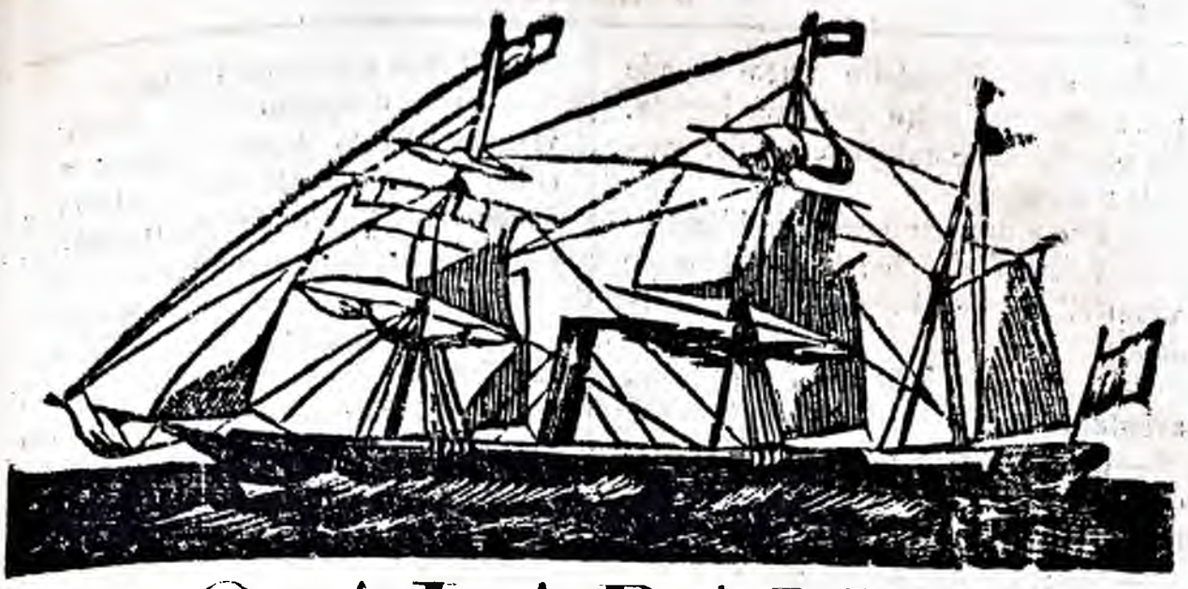
Bom Senhor.

ANNUNCIO.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.° 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 8 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.ª—N. 321.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de fevereiro de 1868.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe, ainda esta vez, que lance suas vistas para a ladeira do Caminho Novo do Taboão, que está intransitavel pelos innumeros buracos quo alli existem. Espera-se que a Illma. attenderá ao nosso pedido de ha muito reclamado.

—Ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, mais uma vez chamando sua attenção para o individuo de nome Cavalcanti, por alcunha *Paraguay*, morador em um telheiro abandonado á rua da Valla.

As queixas contra o procedimento desse individuo são immensas, e não pode ser boa rez o individuo contra o qual todos tem o que dizer.

Consta que o Sr. Dr. Galeão, quando chefe de policia, recommendara á S S. semelhante individuo, pelo seu mau comportamento, sem embargo do que, continua elle ahi a fazer das suas. Em vista disso de novo chama-se a attenção de S. S. para que procure providenciar em forma a que não continue elle a incommodar a visinhança.

Portaria ao Sr. Paulino, morador no andar superior do sobrado n.º 35, aos Coqueiros d'Agua de Meninos, para que haja de providenciar de forma que do sotam dessa casa não se jogue para a rua aguas servidas em estado de putrefação, misturadas com excrecencias, por que isso não so incommoda aos visinhos, como muita gente tem levado tão anti-romatico banho. Cumpra.

—Ao fiscal da Rua do Paço, ordenando-lhe que tome á seu cuidado os moradores dos sobrados 75 e 81 á rua das Flores, os quaes das 9 horas em diante fazem della cisqueiro e desaguadouro de aguas porcas, o que nada séria, si quem passasse pela rua não estivesse exposto a tomar um daquelles odoriferos banhos. Cumpra.

—Os officiaes do 6.º batalhão offereceram-se mais baratinho para aquartellar.

—Tanto melhor para o governo.

—O systema pega.

Não é só o Barateiro quem vende por menos que outro qualquer logista. Na guarda nacional já se faz por metade o serviço.

—E' muito amor á causa publica!

—V. quer que lhe diga? Isso de aquartellamento só é mau para os soldados.

—Para certos officiaes é uma bemaventurança.

—O bom agora era que os officiaes do batalhão que tinha de entrar, se offerecessem para fazer por um terço.

—Sim; já que o negocio vae por atravessamento.....

—Aqui ha panno de sobra para mangas.

—E' cortal-as com bem enxanças.

—Isso é la com quem tem a faca e o queijo.

—Pois aprecie este bocadinho.

—Diga.

—«O ministerio da marinha mandou em commissão para Minas um Sr. Dr. José de Avilez, protegido, para comprar escravos até a cifra de.....duzentos contos,

«Que margem larga para uma fortuninha!

«Que o diga um Sr. Dr. Antunes, que andou por outras bandas em identica commissão.

«E que negocio gordo que é esta guerra!»

—Por este e outros orificios escoa-se o constante suor do povo.

—Ahi vae mistura de grellos.

«Virginia Maria do Sacramento, pedindo a soltura de *seu marido* Manuel Pedro Dias, designado para o serviço da guerra. —Não tem logar, visto que a certidão de baptismo refere-se a individuo differente d'aquelle que a supplicante apresenta como seu filho.»

—Isso é pulha.

—Pulha não! E' despacho de S. Ex. o presidente da provincia, dado no dia 29 do passado e publicado no *Diario*.

—Isso não passa de engano. Quem désse um despacho deste quilate podia ser agarrado para a Santa Casa, porque estava doudo varrido.

—O caso é que está impresso.

—Si o despacho fosse depois da viagem á Santo Amaro podia se conceber que o homem ainda estava com as *ideias ataranfadas* pela reminiscencia do logar; porem antes, não.

—A camara municipal officiou ao Sr. Dr. chefe de policia pedindo-lhe que désse destino aos mendigos que fazem morada nos arcos por debaixo da mesma, em vista das obscenidades que alli fallam e praticam, e da porcaria que fazem!

—Sabe me dizer quando foi que a camara remetteu esse officio á policia?

—Desde o dia 4 do corrente e até agora ainda não houve providencia a respeito.

—E nem ha de haver. O dinheiro do beneficio em favor dos mendigos está recolhido ao Banco da Bahia e de lá só sahirá quando as irmans de charidade entenderem.

—Por isso estou eu.

— Mais esta em abono da moderação com que os agentes do governo fazem o recrutamento.

«Fabricio José de Souza, *guarda nacional* do batalhão de Cannavieiras do Sul, *recrutado*, casado, com 5 filhos, pedindo um prazo para provar a sua isempção.—Já foi posto em liberdade.»

— E' celebre!

—O que?

—Que o individuo requeira um prazo ou soltura, quando o governo diz que elle já foi posto em liberdade.

—Bambochata na redacção dos despachos; o sujeito requer sempre quando está preso.

—Eu tenho visto até individuos requererem aqui sua soltura, e dizer-se-lhe no despacho—*o supplicante já marchou para o sul*.

—Mas, não é moderação *recrutar-se* a um homem *guarda nacional*, casado, com *cinco filhos*, mandal-o para a capital, deixando lá sua familia entregue á miseria?

—Isso já está tão usual que não admira mais.

A PEDIDO.

NO CEMITERIO

(EM TUYU-CUÉ)

Quanto bravo aqui descança!.....
Talvez na doce esperança
De voltarem junto aos seus;
Da morte o frio sentindo
Adormeceram sorrindo
E foram acordar nos céus!

Uma só cruz não indica
De tanto heroe que aqui fica
O seu nome e posição!...
Nos umbraes da eternidade
O phantasma da vaidade
E' fria e triste illusão!

Não ha um so mausoléu,
Que distinga do plebeu
O nobre; não, são eguaes!
Aqui da vida ao cansaço,
De Deus o celeste braço
Repouso indica aos mortaes.

Neste recinto tão triste,
Apenas no meio existe
Plantada singela cruz;
Nem siquer murchadas flores,
Signal de saudade e dores
Eu vejo em seus braços nús!

Em breve nossas fileiras,
Vingadas suas bandeiras,
Voltarão ao patrio chão;
E entre este ervaçal inculto,
Do mundo aos olhos occulto,
Quanto cadaver de irmão!

Nem siquer, meu Deus, foi dado
Ao brasileiro soldado
Ir morrer em seu paiz;
Ao descançar desta vida,
No fim de tão crua lida,
Tão longe de quem os quiz!...

Aqui, em noite formosa,
Nem d'uma alma caridosa
Vós tereis uma oração;
Somente o agoureiro mocho
Soltará seu canto floxo,
Da lua ao baço clarão,

Martyres d'um dever santo,
Quem uma gôtta de pranto
Aqui deixará cahir?...
So as estrellas da noite,
Da brisa o macio açoite
Vossa lousa hão de carpir!

SANTO SOUZA.

Paraguay, 1867.

—Capitão, ás suas ordens!

—V. por aqui é novidade.

—Venho communicar a V. Ex. o nojento procedimento, o cynismo e a sem vergonha de tres parentes, membros da junta de qualificação da freguezia d'*Avó de Christo*!...

—Mas, quaes são esses cujos?

—Tenha paciencia V. Ex. de me prestar um pouco de attenção, que conhecerá os meiros.

Um é o *Lélè*, primeiro substituto da subdelegacia, que tem feito maravilhas e obriga os inspectores do quarteirão a não darem nos mappas os nomes dos cidadãos aptos para votarem, qualificando cidadãos de outras freguezias.

O outro é já uma *cunha* velha, que de nada *valle*, e apenas serve como presidente da mesa, de instrumento para o tal canalha do *Lélé*, pois o que elle quer, humildemente obedece o velhaça.

—E esse velho para que ha de desrespeitar assim suas cans?

—Para encobrir as bandalheiras e patifarias do sobrinho.

—Vamos ao terceiro.

—O terceiro membro, capitão, é um moço, que eu julgava gozar alguma consideração, mas faz uma *barrella* das cousas para bem servir a seus dous parentes, fazendo-se esquerdo a tudo, por conveniencia propria.

—Mas quem é esse jesuita?

—E' aquelle cujo da *sympathia* do collegio eleitoral?

—Ah! é o *Totonio*.

—Aquiqui, capitão!

—O *Silveirinha* é muito amigo delle.

—V. Ex. querendo saber melhor quem é elle, informe-se do *Bastos* que é um dos seus intimos!

—Vou mandar tomar algumas informações a respeito dos tres, afim de mandal-os agarrar e applicar-lhes o castigo a proporção dos crimes.

—Ahi é que eu vou.

Sr. Editor.—Remetto-lhe o seguinte motte, o qual ja vae glozado por mim, sugeitando-me ainda a entrega de um premio á aquelle que melhor do que este seu criado, poder dar andamento ao seu furor poetico, glozando-o com melhor gosto.

O premio se V. da licença—é um... um....E' melhor vermos o trabalho para então avaliar-mos a recompensa.

Seu assignante
O Mané.

MOTTE.

O dinheiro tudo alcança,
O dinheiro tudo encobre,
Tudo, tudo quanto é mau
Só recahe em quem é pobre.

GLOSA.

Alerta! toca a ganhar
São horas, ninguem descança,
Quem mais rouba é o mais feliz
O dinheiro tudo alcança.

Nada de receios vãos;
Sempre coragem que sobre,
Depois de obter fortuna
O dinheiro tudo encobre.

Arranjemos um barquinho,
Uma galera ou náu,
Deixemos soffrer os tolos
Tudo, tudo quanto é máu.

Não vemos tanto rapina
Que tem titulo de nobre?
A infamia, o vicio, o crime
So recahe em quem é pobre!

Será generosamente recompensado quem descobrir a geração, e a origem da riqueza do *fidalgo* Cabeça de Canôa para se escrever a biographia de tão *illustre personagem.*

O Filho espurio.

Exm. Sr. Presidente da Provincia. — O requerimento de Antonio Soares de Albergaria, cujo despacho o abaixo assignado, em qualidade de seu procurador, foi lembrar a V. Ex., (e que razão tinha para o fazer, pois que foi a V. Ex. entregue a 30 de dezembro, em substituição a um outro de 13 do mesmo, que la da secretaria desencaminhou se) não existe, como V. Ex. lhe affirmou, na repartição do arsenal de marinha, onde se lhe respondeu tel-o ja devolvido informado a V. Ex, em 10 do corrente, sob o n.° 47. Crê o abaixo assignado que, procurando continuamente no livro da porta dessa secretaria o despacho em questão, no dia 29 não era para muito estranhar que recorresso a V Ex. pedindo providencia.

Mas, como o abaixo assignado receia ir dar esta resposta a V. Ex. para não ser tratado tão *delicadamente*, como o foi, no dia 29 (que nem sempre a senhora Paciencia é nossa companheira) vale-se deste meio para fazer chegar á V. Ex. a vordade e pedir-lhe solução desse negocio.

Zacharias Neves da Silva Freire.

SONETO.

O Brazil, californico El-Dorado,
Gigante conhecido pelo dedo,
Indo assim como vae ou tarde ou cedo
Entre cultas nações ha de dar brado.

Sem o apoio efficaz de qualquer *lado,*
Ahi já se governa pelo enredo,
E a quebra da moral não produz medo,
Stando a barriga posta a bom recado.

Si o porvir se me antolha ennegrecido,
Singrando a nau do estado em mar de lodo,
Sãoruins apprehensões com q' me illudo.

Tem da patria feliz bem merecido,
Trazendo entre mil bens dinheiro a rodo,
O systema chamado barrigudo.

N. B.—O auctor promette outro soneto dedicado ao poeta que o exceder na glosa.

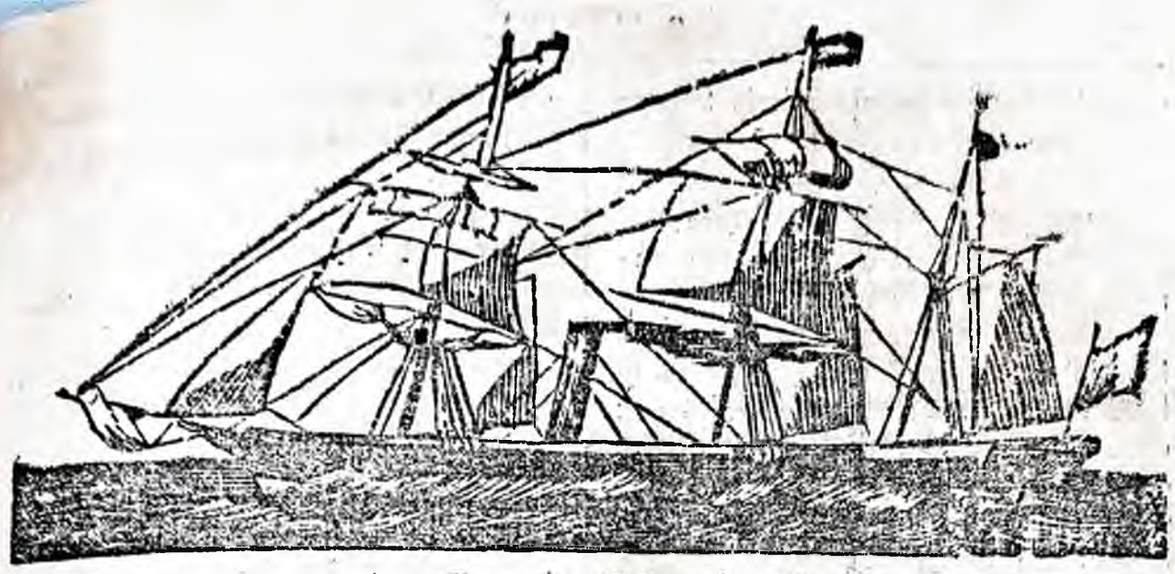
(Opinião Liberal.)

ANNUNCIO.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.° 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.

Typ. de Marques, Aristides e Igropiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 12 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.ª—N. 322.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 44, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

Este é o 2.º numero da serie 33.ª do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de fevereiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. inspector da thesouraria geral, participando-lhe, que informam-nos, que empregados dessa repartição deitam papeis com trampa para a ladeira do Pau da Bandeira, acontecendo as vezes cahirem em algumas pessoas, que tem a infelicidade de por alli passarem na occasião em que elles são atirados.

A ser verdade a informação que tivemos de um empregado da companhia da limpeza, roga-se a S. S. providencias a respeito, afim de que cesse semelhante abuso, que muito depõe dos empregados dessa repartição, a qual está debaixo de sua honrada inspecção.

—Ao Illm. Sr delegado da cidade de Maragogipe, indicando-lhe as casas de jogo de André Surdo á descida da ladeira de Sant'Anna, e uma outra á rua Nova, onde pode colher optimos recrutas, si S. S. quizer se prestar a dar uma busca nellas.

—Veja um quadro moralisador.

—O que é aquillo?

—Chegue para perto e verá.

—Santo Deus! Um homem amarrado como porco!

—E está alli exposto ás vistas publicas á mais de duas horas.

—Isto depõe altamente contra a civilisação desta terra.

—O que dirão os estrangeiros que á toda hora transitam pelo caes do Moreira, vendo aquelle desgraçado amarrado de pés e mãos e preso como um animal a roda de um guindaste?

—Taparão os olhos de vergonha.

—Sabe quem é aquelle infeliz creoulo?

—E' um escravo de outro creoulo.

—Logo vi.

Quem é esse tyramno?

—E' o Vicente, mestre do barco *Santo André*, da carreira de Cachoeira.

—E a policia não vê aquelle degradante painel?

—O chefe está lá na sua secretaria,

não sabe disto; a policia miuda tomara tempo para outras cousas.

—Meios de enriquecer depressa.

—Ensine-me, que eu ando procurando um, e ainda não pude acertar.

—Supponha que uma mulher vae á loja do Sr. Manuel Magalhães ao Taboão e compra um bilhete de loteria; dalli entra na loja *duas duzias* para comprar outras cousas e larga o balaio sobre o balcão com o bilhete dentro; o matreiro caixeiro bispa-o de revez, e n'uma vira-volta, com inexcedivel destreza o substitue por outro já corrido.

—Olé! esse marreco faz inveja ao Chico Carteira.

—Por felicidade, a creoula torna a loja do Magalhães com o bilhete na mão, para perguntar quando corre a loteria e este reconhece que aquelle não era o bilhete que tinha vendido.

—Descobriu-se a traficancia?

—E' verdade.

A creoula volta, o caixeiro nega; mas apparece pessoa interessada que toma parte, e o magano confuso entrega o bilhete que tinha surripiado.

—Que tratante!

—De sorte que, si não se descobre a massada e o bilhete por acaso sahe premiado, já era uma base para esse meleorio edificar seu futuro.

—Que duvida!

E quantas dessas e outras não terá elle feito?

—E' de crer; porque quem faz um cesto faz um cento.

—Agora o que é preciso saber é, si o caixeiro da loja *duas duzias* faz esses gamados para si só, ou si seu amo leva alguma cousa.

—Não lhe posso responder, quanto á isso.

—Aquelle individuo é voluntario da patria

—Aquelle, nego.

—Porque vae escoltado?

—Não.

—Então que motivo tem para contradizer-me?

—Porque vi-o com os pulsos algemados até o Terreiro, onde foi solto á instigação do Sr. capitão Joaquim Anicelo Vaz.

—Isso não prova; quando nada, ha de ser algum recruta.

—Foi justamente o que me disseram.

—Já sei; é desses pegados a cachorro e corda.

—Capitão, o homem appareceu.

—Que homem, rapaz?

—O que vinha no vapor de Santo Amaro, terça feira passada.

—Um que tinha se sumido?

—Sim. O capitão achou-o escondido n'um logar que parece impossivel.

—Faça idéa que terror causa a farda nesta terra!

Bem; nesse caso dê o dito por não dito.

—Os charuteiros querem alterar a arithmetica.

—Como assim?

—Para elles 98 valem 100.

—Não entendo.

—Eu lhe explico.

—Ouçamos.

—Inpimgem a qualquer freguez 98 charutos por 100.

—Deveras?

—E' o que lhe digo. Mandam fabricar caixas chamadas *acumbucadas*, as quaes accommodam 12 carreiras de charutos de 7 cada uma, que sommam 98, pregam e vendem por 100.

—E' boa especulação!

—Quem compra não se dá ao trabalho de contar e chupa a ronca de 2 charutos.

—A subtracção é ridicula, porem não deixa de ser reprovavel, logo que é praticada de má fé.

—Os padeiros fizeram uma representação á camara, pedindo-lhe que derrogue a postura, que os obriga a vender o pão pesado.

—E a camara cahirá nesta esparrella?

—Eu sei. Dizem os meninos da Can-

dinha que elles pretendem *contar* umas *vinte historias* aos vereadores.

—Mas é preciso saber si os vereadores deixam-se levar por historias dos padeiros.

—Os *contos* melifluos e *sonantes* conseguem tantas cousas, de maneira que hoje ja não ha nada impossivel.

—E' malhar em ferro frio!...

—Ja sabê que perdo seu tempo.

—Exactamente; porque mais de uma pessoa tem sido victima, tem testemunhado o facto e o desaforo continua.

Parecê que nesta terra so ha fiscaes para receberem 5$ rs. mensaes dos vendelhões e multarem pobres pretas de peixe.

—Mais eu estou conversando sem saber a respeito de que.

—E' sobre o desavergonhado procedimento dos moradores do sobrado n. 7 a rua de D. José, que com o maior descaro atiram á qualquer hora trampa pelo telhado, que vem cahir sobre quem passa.

Ultimamente foram victimas os Srs. João Custodio, Bento Monteiro e Paranhos morador ao Maciel, ambos testemunharom o caso, mais parece que elles é que ficaram com o seu banho de essencia fedentina.

—A culpa não é dos moradores; é dessa súcia de fiscaes marmanjos, que so querem ter tempo para especulações e so se relacionam com taverneiros e talhadores de carne.

LA VAE VERSO.

Dialogo financeiro

ENTRE JOSÉ MANUEL E DANIEL JACOB.

Daniel.

Ora venha cá, senhor José, faça favor;
descanse seu chapeu, sente-se aqui.
Tenho um grande negocio a lhe propor,
que depois de o conhecer, me resolvi.

Dizem-me que o senhor é moço honrado,
e noto que tem bom comportamento;
e por isso, depois de bem pensado,
rezolvi dar-lhe a Ritta em cazamento.

Eu não tenho fortuna: que a que herdei,
consumi-a em lhe dar educação;
porem, posso dizer que me esmerei,
Em fazel-a brilhar com perfeição.

Sabê ler, escrever, falla francez;
é versada na historia e no romance;
gosta muito do drama, do entremez;
não ha polka ou schotiss que não dance.

Esmera-se em vestir; inventa modas,
é mestra no formar o penteado;
na graça do polkar a todas ganha,
e brilha no dedilho do teclado.

E' um todo perfeito! E é por isso,
que consultando o meu paterno amor,
encasquetou-se cá n'este toutiço,
que devia cazal-a c'o senhor.

José.

Pois, senhor Daniel, eu lh'agradeço
a honra que me da da preferencia.
Eu tanta distinção lhe não mereço,
não posso acceitar, tenha paciencia.

Porque, esse composto de saber,
porque, essa perfeição, esse primor,
um pobre não o vai reconhecer;
é só para ministro, ou p'ra doutor.

O senhor não tem dote p'ra dar:
eu, fortuna não tenho, que a sustente:
ella, so sabe ler francez, dançar tocar;
eis-ahi o impossivel bem patente.

Eu, ja nas minhas horas de descanço,
meditei seriamente em me cazar:
porem a companheira que eu alcanço,
não deve saber tocar e nem dansar.

Deve entender de cozinha, e de costura,
para fazer, ou p'ra saber mandar.
No vestir, no comer, não se mistura,
polka em camizas, walças ao jantar.

Deve saber mais arranjar casa.
do que pôr barbatana em espartilhos;
o senhor sabe bem, que quem se casa.
Deve logo cuidar em crear filhos.

O tempo que se occupa em penteados
deve, antes, estudar economia:
nunca deve esquecer seu novo estado,
porque o baile d'agora, è quasi orgia.

Das friolcíras mil que a sua sabe,
a gloria, ou é fatal ou bem mesquinha!
E' lizonja, illuzão da sociedade:
a mulher, so em casa é que é—Rainha—

Eis, pois Sr. Daniel, o seu engano:
não posso merecer o seu favor;

desculpe a crueldade ao desengano,
e volto á minha lide, ao meu lavor.

Mas antes de partir, dou-lhe um conselho;
aquella sua filha, a derradeira,
não a faça casar, com homem velho,
mas, dê-lhe outro ensino, outra carreira.

E' um engano dos paes porque são ricos,
não olham para alem, para o porvir;
tratam so de enfeitar os maçarices,
esquecem-se do mal, que pode vir.

(*Extr.*)

A PEDIDO.

—O fiscal da freguezia do *Chaveiro do Ceu*, exige 4$ rs. por mez de cada um taberneiro, para o não multar.

—O que é, homem?

—E' isso que lhe estou dizendo. O *Pedro* me contou isso; depois eu vi um taberneiro se queixando, dizendo que o antecessor deste recebia 3$ rs. e este pede 4$ rs., allegando hoje estar tudo caro.

—O pão por tres vintens, alem do imposto pessoal, é necessario que se lhe pague mais alguma cousa.

-Mas sabe V. Ex. porque se encontra tanto cynismo e descaração nestes fiscalisadores?

—E' porque a camara não providencia de forma, que acabe as espertezas destes tratantes, que pretendem ter *rios* de ouro.

—Acho-lhe muita razão! Quando a camara providenciar como deve, acabar-se-ha o abuso.

—Padre, isso é indecoroso.

—Eu não entendo assim.

—Porque não?

Pois V. tem animosidade de andar ás escancaras de charutos á bocca!

—Ha alguma cousa de mais?

—E' improprio para seu ministerio.

—Cada um é juiz de sua consciencia.

—Mas desacredita sua classe.

—Historia!

Em Santo Amaro eu fumava em qualquer logar.

—O *Manuel* ja me tinha dito; mas esse procedimento é irregular para um ministro da religião.

—E' uma profissão como qualquer outra.

—E bom que seja V. que diga isso.

E' verdade que não admira que se pronuncie assim o homem, que vae todas as noites de paletot branco para o pé do chafariz do Terreiro por-se aos *detens* com as creoulas.

—Isso é depois das nove.

—O *José* já lhe viu antes disso.

—Tanto o *Manuel* como *José* são dous tralhões, que andam á faltar da vida alheia.

—E V. um escarnecedor da moralidade, que precisa de corrigenda.

—José Izidorio da Silva, homem casado e com duas baixas do serviço do exercito, tem contra si o odio que lhe vota um cunhado, homem desses que tem o dom de arranjar votos n'alguma freguezia.

—Dissenções de familia, comprehendo.

—Sendo recrutado, apresentou seus papeis, ao Sr. commandante das armas, creio, e foi immediatamente solto; porem no outro dia foi de novo agarrado e seus papeis subtrahidos, para que assim marche elle para o Sul sem remissão nem aggravo.

—Como se faz isto!

—E' verdade que elle é inutil de uma perna, porem eu sei.....

—Não comprehendo como um irmão se empenhe para ver sua irman desamparada.

—Que elle não é mau esposo, sua mulher é a primeira a dizer; porem esses prejuizos de nossa terra...

—Mas não sabe em mão de quem param os taes documentos?

—Dizem que foram por tabella parar ás mãos do proprio cunhado.

—Neste caso o que se hade fazer?

Agora é elle appellar para a equidade dos Exms. commandante das armas e chefe de policia e confiar nelles.

Será verdade que uma authoridade da capital cercara ha dias uma casa,

onde prendera alguns individuos, com o fim unicamente de chamar concurrencia de freguezes para a de um seu favorecido?

Será tambem verdade que essa mesma authouridade no dia immediato, por imposição de um individuo altamente collocado, que lhe dá os meios de subsistencia, escrevou á authoridade superior pedindo a soltura dos individuos que prendera na vespera?

Pode continuar a exercer cargo policial o agente passivo de outro individuo, que tem obrigação de cegamente lhe obedecer e que no dia em que se negar a lhe satisfazer o mais pequenino capricho se verá sem o pão para manter-se?

Responda a estas perguntas o *Ignacio*; sinão souber consulte o *Marciano* para responder ao

Barros.

—Está direito!

—Eim?

—Aquelles guardas, que accompanham os forçados, em vez de manterem a ordem, vão provocar disturbios no chafariz.

—O que fizeram?

—Espancaram as pretas para darem logar aos galés e invadiram o chafariz; como o guarda oppoz-se á entrada delles do portão para dentro, pucham as bayonetas e ameaçam-no.

—E' reprovavel.

—Eu quiz tomar o numero para pedir a quem compete providencias e esqueci-me.

—Não precisa; basta saber o batalhão que fez o serviço hoje sabbado de manhan.

—Quem não tem vergonha todo mundo é seu.

Pois esse *Mané Pereira*, entendeu de mangar commigo?

Depois de no decurso de tres mezes levar a mentir como um galé, manda exigir arrogantemente um recibo cheio de formalidades e lá se vão quinze dias, que massa o pobre caixeiro com palanfrorios e desculpas de papa terra.

—Os tempos estão criticos, talvez tenha tido difficuldades pecuniarias.

—Não creia: por que o dono do negocio ja mandou o dinheiro; é que elle poz no peito, ou atirou-o ao *monte*.

Mas o meu cavaco está em elle dizer a algumas pessoas, que tem o dinheiro porém que quer mangar.

—Evasiva.

—Desaforo.

—Entregue o negocio ao *Souza* e eu lhe direi si o tal *Manuél Pereira* paga logo ou não.

—Eu não me importa mais do dinheiro; porém a acção molecal do birbante, querendo chicanar, é que me faz tomar *ferro*.

Emfim elle que espere por esses dous dias que tem obra grossa.

—Da-se bebedeira mais atrevida?

—Do que a do tenente Clarindo?

—E' verdade!

—Não ha.

—E' preciso andar-se a toda hora com a paciencia no bolso para soffrer as insolencias de tão attrevido beberrão.

—E' um precipicio!

—Para elle, não ha consideração nem pessoas que lhe meroçam respeito; todos são victimas de sua ferina lingua.

—Eu não creio na embriguez desses desavergonhados que valem-se da caxaça para insultar.

—Deu-lhe agora a bebedeira para atravessar-se no meio da rua quando vê algum carro, obrigando o boleeiro a estacar para não esmagal-o.

—E tambem para fazer parar os cavallos agarrando as redeas, em risco de atirar os cavalleiros ao chão.

—E tudo isso tolera-se nesta terra.

—Com visivel desprestigio da briosa classe a que pertence.

—Em outro paiz, elle estaria recolhido a um hospicio, ou asylo de invalidos, ou quando não á uma fortaleza, para não fazer vergonha a seus companheiros e não vir a ser causa de algum caso desagradavel, por que nem toda hora se está prompto para soffrer bebados desaforados.

—Fogo, capitão, fogo; toca á fogo!

—Onde; em que freguezia?

—Na da *Açó de Christo*. Tres badaladas pausadas, depois das trinta apressadas!

—E' com effeito ali: e o incendio é grande!

Olhe a fumaça...; que labaredas!... que fedor de phosphoros!!

—Homem de Deus, nada de pasmo. Emquanto me visto, faça desembarcar a bomba do navio e seguir para aquella freguezia, que, parece, terá de ficar reduzida á cinza!

—Desembarca a bomba; segue para a freguezia *d'Avóde Christo*.

—Mas, para fazer o que, capitão?

—Valha-nos Deus; para ajudar a extinguir o incendio.

—Pelo que ouço aos transeuntes, é perder tempo, visto não ser o fogo em uma casa, em uma rua, nem em um quarteirão!

—Que está dizendo?!

—Dizem mais—que o fogo provem de phosphoros adrede espalhados nos quarteirões pelos inspectores, que para isso os receberam das mãos do proprio subdelegado!

—Não pode ser; não ha authoridade que tal faça. Será verdade, Sr. Brito?

—E' o que se diz geralmente, capitão.

—E os inspectores se prestaram á tanto?

—Tudo foi arranjado com prevenção Os inspectores, quasi todos demittidos, deixando-se apenas uns seis ou sete para cohonestar o escandalo, e nomeados outros da *devida confiança*. Ainda assim, alguns se recusaram a receber e espalhar phosphoros nos seus quarteirões: mas, dizem que o subdelegado, firme no seu proposito, quando o inspector escrupulisava, chamava qualquer individuo da sua privança, dava-lhe os phosphoros, e mandava que os espalhasse pelo quarteirão como inspector!

Que desembaraço!

—Mas, qual o fim que tem em vista o subdelegado, para assim proceder tão sem escrupulo?

—Distruir tudo quanto possuem os seus contrarios na freguezia, para so ficar o que é seu e dos seus amigos, a fim de em setembro fazer *bom negocio*.

—Diga-me mais, quem foi o tal subdelegado: foi o *trimitivo*?

—Não; o *trimitivo*, segundo affirma-se, depois de tudo combinar com o *talé*, seu immediato substituto, vendo que este conhecia melhor as localidades para introdução dos phosphoros, com a precisa antecedencia passou-lhe a vara, que so tornou a tomar, depois de espalhados os phosphoros, na vespera do incendio, para, quando surgissem as reclamações, melhor depender e sustentar as gentilesas do seu comparsa, tolhendo aos prejudicados os meios de procederem contra taes desatinos.

—O *talé*!...o homem dos gallos!... elle so poude fazer tudo isto?!

—Já lhe disse que conluiado com o *trimitivo*, em cujas mãos largou elle a vara na vespera no incendio, e correu á encorporar-se no consistorio da matriz aos parentes, o *primeiro* da freguezia e o Varella natural de Silveiras que, assim vencedores, ajudam-o a sustentar seus feitos.

—E o que são o *primeiro* do valle, o *talé* e o *trimitivo*?

—Quem sabe? o *trimitivo* pode ser o que quizer; mas o *talé* e o *valle* são homens da occasião, de *viva quem vence*: sem *cunha* qualquer, podem de repente ser (como teem sido) *conservadores*, *ligueiros* e *progressistas*, conforme o vento que reinar.

—Elles ás vezes se proclamam partidarios de todo o governo—*taboa de salvação que de prevenção deitam ao mar*; outras vezes affectam dedicações a certo magistrado, verdadeiramente liberal, em cuja casa iam antes e depois da eleição de fevereiro de 1867, jogar voltarete e tomar chá todas as noites, e a quem abandonarão (juramos) na primeira occasião, si o vento for ao contrario ao partido liberal.

—Que sem ceremonia!!!

VARIEDADES.

A VIUVA E O ORPHÃO.

Mãesinha, quero comer,
Dê-me um pedaço de pão;
Venho da escola com fome,
Com muita disposição.

Dê-me ao menos um pedaço
P'ra repartir c'o cãosinho:
Repare, como me olha,...
Está com fome, coitadinho!...

Tem paciencia, meu filho,
Nada tenho que te dar,
O pão que ficou de hontem,
Eu te dei para almoçar...

Uma lagrima rolou
Pelas faces da infeliz!...
Não tinha que dar ao filho,
E chorando assim lhe diz:

«Espera aqui um momento,
«Alguma cousa hei de ter....
«Vou pedir... e que tem isso!
«E' p'ra meu filho comer!...

Não vá, mãesinha, não vá
Não se envergonhe por mim;
Si soubesse que não tinha,
Não lhe affligia assim....

Eu vou em casa da tia,
Brincar c'o primo Rodrigo;
Elle deve estar jantando
Talvez reparta comigo.

Assim que o filho sahiu,
A mãe afflicta prostrou-se,
Erguen as supplices mãos,
Orou.....e resignou se.

Tambem ella tinha fome,
Mas faltava o que comer,
Era maior a afflição,
Vendo o filhinho soffrer.

Elle chega, e a pobre mãe,
Foi-lhe logo perguntar:
Então, filhinho querido,
Te deram là que jantar?...

Mãesinha; quando cheguei,
A tia estava jantando,
Como não me convidasse,
Fiquei na porta brincando...

O primo, que me quer bem,
Chamou-me para jantar;
Porem a tia, que è mà,
Zangou-se, pôz-se a ralhar!

Lembrou-me então qua a mãesinha,
Ha pouco tempo me disse,
Embóra tivesse fome....
Eu fôio que pedisse.

Vim p'ra casa direitinho,
Muito triste, descontente,
Por ver que a tia é tão má,
Que não tem pena da gente.

Que tem, mãesinha? . tão triste...
Tão pallida... está doente?
Ja sei...mãesinha tem fome!
Oh! meu Deus!... como ella sente!...

Vou pedir alguma cousa,
Mãesinha, não se entristeça,
Nem todos hão de dizer,
Deus que lhe favoreça...

Porem...eu vejo na porta
Um homem q'está de pé...
Eu não posso levantar-me,
Vae ver meu filho quem è.

Não precisa, responderam,
N'esse caso posso entrar;
E' um amigo dos pobres.
Não se deve incommodar.

Aqui tem, minha senhora,
Um soccorro verdadeiro,
Aceite, e não me pergunte,
Quem lhe manda este dinheiro.

Porem senhor...como devo,
Receber tamanho bem,
E ficar ignorando,
D'ònde é que elle me vem?!

Mãesinha diz o menino,
Possuido de alegria:
Eu conheço este senhor
E' la da Maçonaria!

Bemdito seja o Senhor,
E a sublime instituição.
Que da Viuva e do Orphão,
E' sempre a consolação!

Melampo.

(*Ext.*)

HISTORIA DA EXPOSIÇÃO.

Agora que terminou a exposição de Pariz vae apparecendo historia de que não tinhamos conhecimento. Ahi vae uma que parece ter referencia com os chapeus modernamente usados.

Durante a exposição, apresentou-se n'uma das principaes chapelarias de Paris um joven elegante, com um modelo de um chapeo, exactamente como estes que actualmente se usam—chapeo anão—pedindo ao chapeleiro que lhe fizesse vinte por aquelle modelo.

O homem tomou conta da encommenda, e tanto lhe agradou, que fabricou um chapeo para uso delle proprio.

No dia aprasado apresentou-se o joven, a encommenda dos chapeus estava prompta, pagou e mandou-os levar por um criado.

O chapeleiro no dia seguinte sahiu com o seu chapeo novo, e foi para as avenidas da exposição, desejoso de chamar a attenção com sua nova moda.

Andava passeando havia meia hora, quando se chega a elle um individuo elegantemente vestido, e com um chapeo que o artista reconheceu ser dos ultimamente apromptados para á tal encommenda.

—Guarde, lhe disse o individuo, e com disfarce passou-lhe um relogio de ouro.

Pouco depois chega-se a elle outro individuo com um chapeo de igual feitio, e diz-lhe:

—Tome, e entrega-lhe uma bolsa com dinheiro.

Dentro em poucos momentos estava o chapeleiro de posse de uma grande quantidade de varios objectos de valor, e quando principiava a comprehender a procedencia delles, vê-se agarrado por um agente de policia, que o levou à presença da authoridade.

Os chapeos do novo feito eram um distinctivo de uma companhia de larapios; o chapeleiro viu-se afflicto para provar a sua innocencia.

NOTICIAS

Asiaticas e africanas, tão fidedignas como muitas das com que as mais bem conceituadas folhas politicas no velho e novo mundo as vezes regalam seus curiosos e credulos leitores de ambos os sexos.

A verdade parece-se as vezes com a mentira.

(*O fidedignissimo relator*)

(*Continuação.*)

CASO ESPANTOSO.

A vulgarmente mui bem informada folha turca «*Hu-nayahy-rulmskr*» (o escravo da verdade,) redigida pelo integerrimo e erudito «*cadi*...(juiz) *Abd-ur-Rahim*, traz a espantosa e quasi incrivel noticia que uma religiosa catholica romana, a lastimavel sor-ror Magdalena da Castidade n'um convento na fralda do celeberrimo monte do Libano na Syria, seduzida pelo diabo de baixo da figura d'um adolescente formosissimo, e esquecida de seu santo voto, teve bem successo e deu à luz 4 espertos rapazinhos aos quaes esta contrita Magdalena deu os nomes dos S S. Evangelistas *Matheo*, *Marcos*, *Lucas* e *João*.

«*Isto não foi mui admiravel*, accrescenta maliciosamente o sagacissimo redactor, segundo cuja falsa religião a castidade quasi é um peccado tão horroroso como a violação do VI dos Santos Mandamentos para um padre ou frade catholico romano, desde que o S. Papa Gregorio VII (1074) ordenou o celibato,—«teria sido mais pasmoso sim «monge no claustro ao pé do monte de «Anti-Libano tivesse dado a luz somente «uma unica rapariguinha.»

GRATIDÃO SINCERRIMA

Em Smyrna, a mais importante cidade de commercio da Turquia Asiatica, morreu no dia 25 de julho p. p. o viuvo judaico *Abrahão ben-David*, chamado o Rothschilde do Levante (oriente,) por seu joven medico grego, por falta de bastante luzes pathologicas, que menos podem ser adquiridas pelos livros do que pela pratica e experiencia, ter enganado-se na doença. Deixou 10:000 *Grudes-ches* (patacões turcos) e nenhum filho nem filha. Segundo o direito hereditario de Moyses, que os judeus ainda escrupulosamente seguem, ficaram seus dous pobres sobrinhos, patuscos vadios de que elle, que morreu *ab intestado* nunca tinha importado-se, seus herdeiros universaes. O enterro foi muito simples, pois os dous judeus, assim como os outros orientalistas, não admittem musica, tochas, nem qualquer outra pompa funebre, com que a vaidade dos vivos imagina honrar o defunto, ou querem ostentar sua opulencia. O mais rico israelista (judeu) fica sepultado, assim como o mais pobre; vestido n'uma toga alva de linho n'um caixão feito de taboas não lavradas, e unidas por pregos.

Dous dias depois do funeral mandaram os sobrinhos e herdeiros ao feliz medico, que tinha assistido a seu fallecido tio, uma caixinha de ouro, cheia de diamantes, que elle depois vendeu a um joalheiro armenio por 350,000 grudsches, e em cuja tampazinha tinham mandado gravar a seguinte expressiva incripção: «Ao houradissimo e «habilissimo medico assistente do defunto «banqueiro Abrahão-ben-David, o Sr. Dr. «Stephanos Philippidis, dos reconhecidissi-«mos sobrinhos do fallecido.»

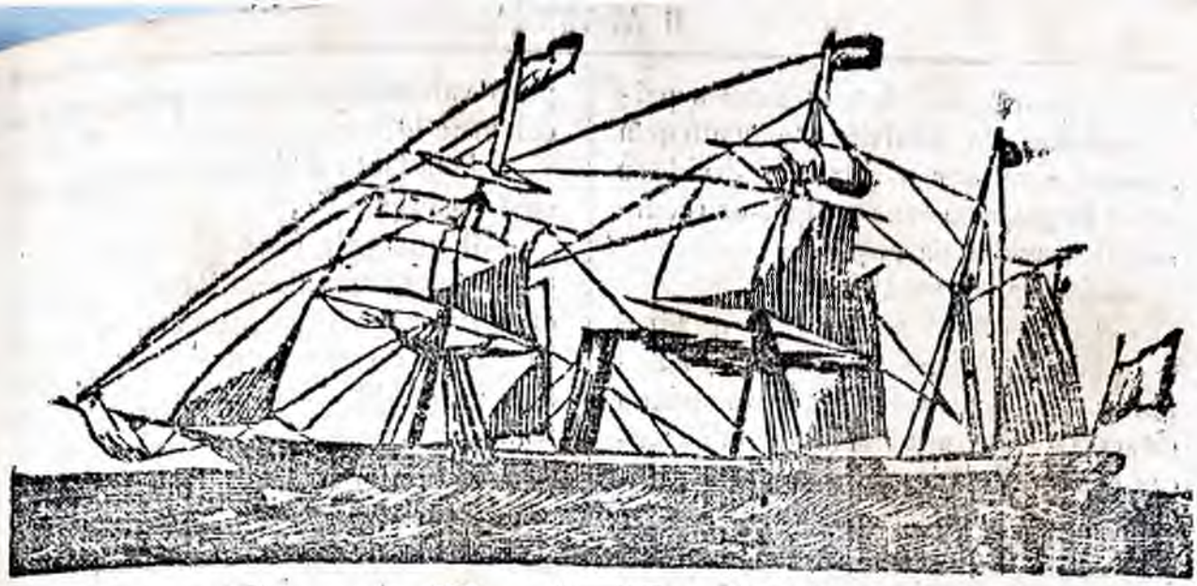
In fidem.

C. F. Jacobsen.

ANNUNCIO.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.° 9 B, na Saúde, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 14 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.ª—N. 323.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de fevereiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para uma estrepolenta e endiabrada creoula, de nome Virginia, a qual, embriagando se todas as noites, senta-se na porta da Sra. viuva Daltro, á rua da Misericordia, e ahi profere quanto termo deshonesto ha, alem de puxar as caponas das mulheres que passam, empurrar os pobres e provocar a todos. Pede-se a S. S. que á vista disso, encarregue o seu ordenança de leval-a até a Correcção a primeira vez que a encontrar em seu habitual uso de bebedeira e alarma.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que dirija-se á casa de umas meninas de boa vida, Atraz da Sé, n. 28, e as admoeste, para que não continuem na depravada algazarra que costumam fazer alta noite com um celebre marmanjo, que ahi tambem mora, sob pena de irem uma noite visitar o Custodio. Cumpra.

—Um rico passo!

—Diga-se.

—A guarda do Collegio ia desarmada na terça feira pelo Terreiro.

—Desarmada?

—Tal qual.

—E' singular!

—Ora essa! Para guardar presos doentes não carece espigardas.

—E para fazer a sentinella?

—Pegavam na lazarina do cabo, unico que ia armado.

—Que estrovenga!

—Ouça o final da obra.

Ao passar por um official o cabo bradou com emphase—braço arma! —sem se lembrar, que seus soldados iam com os braços abanando o vento.

—E não fizeram a continencia.

—So se servissem das armas seraphicas.

—E' boa celebreira; entregar uma porção de criminosos á responsabilidade de tres homens de mãos vasias!

—Miseria das miserias!

Ludibrio eterno para este paiz!

O brasileiro, que no serviço da patria invalidou-se, implora uma esmol-

la, em quanto os ladrões trazem o peito coberto de medalhas e usufruem grossas rendas o o governo divide á mãos largas com seus amigos os recursos extenuados da nação.

—E quer ter voluntarios!

—E' desolador semelhante quadro! O cidadão, que acaba de servir a sua patria com dedicação e que so deixou de servil-a, quando lhe faltaram as forças e possibilidade, para comer é obrigado a pedir uma esmolla!

—Ao passo que esses grandes, que nada fazem, são servidores do estado, suas familias tem pensões, embora ellas não sirvam senão para alimentar o vicio.

.....

—Aqui está um infeliz do numero desses que fallo.

«Romão de Aquino Gomes, invalido do 5 ° de voluntarios da patria, PEDINDO UMA ESMOLLA.—Deferido com a ordem expedida.

—Misericordia, meu Deus!... misericordia!... misericordia!...

—Ha sermão de penitencia nessa egreja?

—Não, Sr.

—E o que viram essas mulheres, que com tamanho alvoroço pedem misericordia?

—O caso não é para menos.

—O que foi então?

—Uma profanação na celebração da Missa.

—Quem o profanador?

—O proprio celebrante.

—O que?!...

—Ja disse. No acto da communhão deixou cahir ao chão parte da Sagrada Forma, commungou o resto e retirou-se.

As mulheres assombraram-se com tamanha impiedade e por isso é que o Sr. está ouvindo essa algazarra.

—O que fizeram da Sagrada Particula profanada?

—Uma das mulheres comsumiu-a.

—Quem é esse padre?

—Frade lhe chamo eu.

—Pela Virgem do Carmo! logo vi.

—Tambem consentem que um trapego valetudinario ande pelas egrejas celebrando.

—Este facto é de tal natureza que custa a crer.

—O que valo é que foi presenciado por uma chusma de mulheres, gentinha cuja lingua não para no ceu da bocca. Hoje è 7 do corrente, daqui á duas horas, a cidade está cheia, que um frade *estonteado* deitou ao chão metade da Hostia na egreja da *Virgem por Excellencia do Boqueirinho*.

—Eis o que diz a correspondencia do Corrientes para o *Jornal do Commercio*, á respeito da carta attribuida ao marquez de Caxias espalhada no acampamento paraguayo.

«Acabo de ler um desses folhetos, onde não sei o que mais admirar, si a audacia de Lopez em ostentar a coragem e o valor de seus soldados, pintando-os como heróes pela boca do illustre general brasileiro, si o *conhecimento positivo que tem o dictador de muitos dos acontecimentos ultimos que se tem dado no Brasil*, da difficuldade actual de obter voluntarios, da relutancia do povo no Imperio para o recrutamento, em fim do estado actual de nossas cousas.

«Realmente pela leitura desse papel apocrypho, não so pode deixar de reconhecer que os *paraguayos* continuam a transmittir a Lopez noticias exactas de nosso exercito, dos factos que nelle se dão, e talvez remettam até os jornaes da corte do Imperio.

«A lentidão com que tem chegado os contigentes, depois dos erros do ministerio do *statu quo*, que fez parar a corrente patriotica no Imperio, tem sido prejudicial e funesta.»

DOENÇAS DE QUE NAO RESAM OS LIVROS DE MEDECINA.

Alem de toda a magna caterva de doenças que flagellam a pobre e desgraçada humanidade; alem de toda essa immensa enxurrada de phtysicas, hydropesias, inchações, sarnas e ethicas, que occupam milhares e milhares

de volumes, e vastas bibliotecas; alem dos immensos males que cá se ficaram na vida, para acabrunhar o infeliz mortal, existem outros que nem são feituras de Deus, nem os livros resam, nem os medicos conhecem. Ora alguem as apellidará de *manias*, *esquisitices*, etc., porem, si se reparar seriamente, ver-se-ha que são verdadeiras molestias, e que atacam a muitos homens.

Oh! alli vai aquelle sugeito, alto, espigado e de mão no bolso, se retorcendo todo, e a esfregar as mãos como quem tem frio. O tal amavel padece a doença—das luvas —Quer faça frio ou calor, quer seja dia ou noite, no theatro e na rua, de manhan, ao meio dia, ou de tarde, com um sol abrazador, ou com fresco luar, nunca o encontrareis sem luvas. Todo o seu luxo consiste em trazer luvas brancas, ou pardas, pretas, ou amarellas. No seu pensamento, tem elle que todo o mundo está com inveja de suas luvas—e seria capaz de não comer dous dias, para comprar um ou dous pares de luvas! Para o doente das—luvas—vale poucos que sejam ellas ordinarias; o que quer é andar de luvas, e quanto ao mais, pouco se importa. Si se encontra com qualquer amigo, eil-o logo a esfregar as mãos, e a se queixar da frieza do tempo que o obriga a trazer luvas;—e muitas vezes o sol está em pino Não será esta mania uma verdadeira doença? Alguns doutores formados na escola bom-senso, appellidam-a—tolice—e tem receitado para elles doses de juizo.

Outros, sempre apressados, sempre apressurados abaixo e acima, afflictos e dando os diabos, são em dramas e representações; não se os vê senão entre os actores; se occupam somente em passar bilhetes de beneficios, promover applausos na plateia; passam os dias, ou nos ensaios, ou a visitar actores e actrizes; um gosto é vel-os tão calados e taciturnos quando se trata de qualquer outra cousa, que não sejam representações; e como se sahem, verdadeiros papagaios fallando a torto e a direito, dando por paus e por pedras, logo que se lhe bole na tecla. A um conheço eu, que sendo empregado, atacado fortemente desta molestia, deixado ganhar ou leva ponto, sempre que é vespera de beneficio, e ate leva a doença ao ponto de se vestir em casa como se fôra um actor. Morre por uns sapatos de entrada baixa, e mais facil será perder tudo, do que não ir ao theatro uma noite.

Para estes tem alguns entendido receitar-lhes xaropes de trabalho aturado e esfregações de serviços continuos.

Não è menos digna de attenção a molestia—charutos—que ataca a muita gente no tempo presente. Em todas as epocas houveram vicios—mas hoje cuida muito moço que o tom só consiste em trazer as algibeiras carregadas de charutos. Apenas vos encontrar leitores, eil-o logo mettendo a mão no bolso, e arrancando a carteira a offerecer-vos um charuto Sabe de cór e argumentado, como si aquella fosse a sua taboada, a vasta nomenclatura com que a esperteza do seculo tem baptisado aos charutos. Dá sua opinião firmada em exemplos e autores, sobre cada um delles em particular. Classifica os *regalias* como melhores que os *regalos*, estes que a—*vista faz fé*: os *moritibanos* mais fumaveis que os *deputados*; os *napoleões* de melhor fumo que os *fama vôa*—; emfim, é capaz de maçar um dia todo a fallar de charutos e cigarros, de lojas e fabricas de dito. Muitos medicos que tem observado a estes doentes—dos charutos—escrevem que o melhor remedio é uma tisana de pouca attenção.

Outros, finalmente, cheios de si, persuadidos que sìo muitos bonitos, mais facil será o não comerem, do que passar um dia sem ensebar e muito o cabello. Esta doença ataca a todas as classes! O rico atacado d'élla, traz o cabello ensopado em macassá, e oleo castor, e tudo mais que fornece o Lanat; o pobre que não pode gastar, e que affectado do mesmo mal, olha para o interior do Palays Roial com olhos internecidos, e no dia em que se tem quatro vintens, gasta dous em comprar

seus quatro cartuxinhos de banha cheirosa para engordurar a cabelleira. Que so importa elle com o não comer, uma vez que tenha a cabelleira bem lustrosa, e que tenha para si que todos a estão invejando? E' uma doença como as outras, e para a qual ainda não se descobriu remedio.

A PEDIDO.

—Isto tambem pertence a egreja?

—Não Sr., é a estrebaria do vigario.

—A estrebaria do vigario?

—Quero dizer, o logar onde se accommoda o cavallo do vigario.

—Pois elle não achou logar mais proprio para fazer cocheira?

—O mais proprio é este, porque aproveitou as paredes da egreja em seu favor.

—Não sei como não abriu uma porta travessa para communicar da estrebaria com o templo.

—Julga que não era capaz? o mais é que vae-se n'um instante pela *rua*, porque está a um *passo* uma da outra.

—O tal vigario é uma *rocha*!

—Um abutre de *Vianna*.

—Onde vaes tão cedo?

—A Calçada.

—Pois então acautela-te ao passares na porta do Antonio

—Quem é esse *Antonio*?

—Conheces o *Carvalho*?

—Tambem não.

—Pois não tem o que saber; onde vires um pé de *pereira* é ahi que moram ambos.

—Mas que perigo ha para acautelar-me?

—E' que ahi pelas madrugadas, dizem, costuma apparecer uma *onça* que investe os viandantes.

—Qual! O que vejo ahi quando passo de madrugada é um excellente *canario de estalo*, que com seu trinado attrahe a rapaziada.

O INFELIZ!...

Meu Deus! que sina, infeliz que eu tive
Por uma patria que promette um *trilho*:
Sou desprezado sendo ella... mãe!
Fui amorozo sendo d'ella... filho!

Cingir a farda simplesmente ornada,
Marchei contente voluntario honrozo,
Subi ao grau mais elevado e nobre,
Cahindo logo como o desditozo.

Deixei errantes sem arrimo algum
Esposa e filhos mendigando o pão;
Deixei meu lar onde feliz vivia
Por quem surrindo so me deu o «não»

Em torno ao bravo general guerreiro,
Heróe ganhei esse nome honrozo,
Mas q' serve, bravo, combater contente,
Se a patria nega de um direito o gozo?

Meu Deus! valei-me por quem sois perdão
Por me queixar de minha triste sorte,
Fui voluntario derramei meu sangue,
Sempre encarando pela patria — a morte,

A morte dá-nos o descanço eterno,
E' o que apaga o sentimento d'alma:
Pois sim, morrendo não mais soffro a sorte
Que tão atroz arrebatou-me a palma.

Si ao rico imploro um soccorro ao menos
Humildemente lhe estendo a mão,
Este responde, ai meu Deus! que dor!
«A patria, amigo, que lhe dê o pão,

Oh! peito ingrato, coração sem dó
Que martyriza um sentimento activo!
Por Deus não falles n'essa incerta mãe,
Que ao filho roja no soffrer que eu vivo.

Não é da patria que me queixo, irmãos!
Não é do rico por negar-me o pão!
E' sim da sorte que me foi cruel
Por ser tão facil em negar-me a mão.

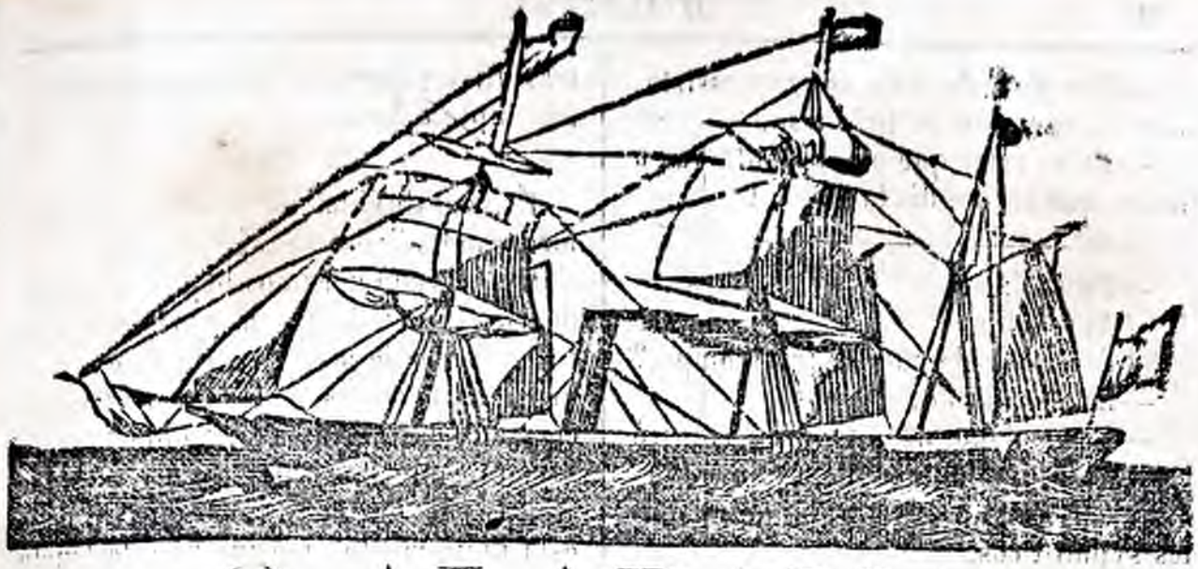
Meu Deus! que sina infeliz eu tive
Por uma patria que promette um *trilho*:
Sou desprezado sendo ella... mãe!
Fui amorozo sendo d'ella... filho!

J. L. Ferreira da Silva.

ANNUNCIO.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.° 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 15 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.ª—N. 324.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de fevereiro de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, chamando sua attenção para o pernicioso estado de porcaria á que está reduzida a rua de Baixo de S. Bento.

E' de admirar, que em uma epocha em que se tomam precauções contra a invasão do cholera, se consinta tão deleixadamente, que aquella rua permaneça em tal estado de immundicie.

Espera-se que a Illma., considerando que a epidemia quando vem não ataca somente ao povo, ao menos pôr amor á saude de seus membros, dê um puxo e faça desapparecer aquelle foco de infecção.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, para que informe com urgencia, si é exacto que S. S., mandando ir á sua presença o africano liberto Caetano Pedro de Alcantara, indebita e arbitrariamente mandara passar um termo ou lettra, á revelia do mesmo, declarando ser elle devedor de 500$ rs. a africana Thereza Maria da Conceição; e sendo assim que declare em que principio se baseou para usurpar attribuições que lhe não competem.

O pedido de tal informação tem unicamente por fim pôr o credito de S. S., como authoridade, fora do alcance das settas dos maldizentes, que já andam por ahi rosnando, que S. S. praticou assim para prestar *certo serviço*, o que de nenhuma maneira pode ser acreditavel.

—Que desaforo!

—O que é?

—Onde já se viu recrutar-se desta maneira! Sahe um homem de seu trabalho, vae cuidar em comprar o necessario para sua familia, é agarrado por dous ou tres soldados de policia no meio da rua e conduzido aos tombos para o quartel, por assim o entender o imprudente do recrutador.

—Mas que quer, si hoje se encarrega o recrutamento a qualquer mocinho bonito, com o fim de protegel-o!

—E elle que encommode á cidadãos que por lei estão isentos, á dormir uma noite no cagarrão, não é assim?

—Queixe-se do governo progressista, que é o causador de tudo isso.

—Deixe estar que o pote tanto vae a fonte, que até um dia lá fica-se!

— Esta é boa!

—Aproveito.

—Faz favor de não me interromper?

—Estou murcho.

—A castidade das *santas irmans* é tão subida, que antepondo a ella a *charidade*, esquivam-se do tratar dos doentes syphiliticos.

—Bravo!

—Não ria que o caso é serio.

João Eusebio Soares, homem de vida um pouco estabanada, adquiriu *molestias do mundo* e foi tratar-se na *enfermaria dos pobres*.

As *charidosas* e *recataadas* virgens, temendo macular o seu pudor, tratando de um libertino, o deixaram entre as paredes, e elle teve de amargar o pão que o diabo amassou. Era debalde que o medico receitava, por que nada lhe davam.

—Pobre homem! para que não refreou mais sua concupiscencia para não cahir no desagrado das santas irmans!

—Depois de oito dias foi despedido peior do que entrou.

—Eu já tinha ouvido dizer que ellas tinham *repugnancia* a tudo quanto era negocio de homem, agora acredito.

OS CINCOS SENTIDOS CORPORAES.

Eis aqui cinco perfeições, com que Deus dotou a creatura, para com ellas formar um variado theatro dos recreios d'alma.

Sabem todos, que os cinco sentidos são—ver, ouvir, cheirar, gostar, e apalpar, e ninguem pode bem avaliar qual delles é mais o importante; e como é que elles produzem o seu effeito. Parece que sendo o homem composto de uma organisação nervosa, os cinco sentidos tem sua base na impressão que fazem sobre os nervos; cada um sentido forma seu choque eletrico differente sobre elles, umas vezes comprimindo-os, outras dilatando-os; e vamos á elles que o assumpto é bom.

O vêr

E' som duvida importante, porque forma metade dos regalos da vida.

Com a vista goazmos bellas pinturas de cores variadas; com a vista acautelamo-nos de muitos perigos, e com a vista apreciamos a face e o elegante corpo da mulher bonita, o objecto mais precioso que Deus deixou no mundo: com rasão dizem alguns que o cego esta meio morto, porque não desfructa estes regalos.

Ora conforme a educação da pessoa, suas forças physicas, e sua indole, assim é o seu gosto, e por isso um gosta do azul claro, por ter bom coração e lhe disperta ideias do ceu, outros propensos á maldade, e por ser de genio grosseiro gosta mais do vermelho, porque indica guerra, barulho e confusão; e assim por diante.

O ouvir

Não é menos recreativo, pois com estas duas trombetinhas de couro, muita coisa boa apreciamos. Dizem alguns que a impressão que sentimos dos sons, é por causa da configuração da orelha, que ja foi feita como trompa para receber o effeito dos sons, porem em parte elles não tem rasão, e digo que o ouvir depende mais da organisação nervosa, do que se fosse só pela orelha, o que se prova, observando que si fosse só pela orelha, então ao longe não ouviriamos qualquer som, musica ou palavra; e si fosse pelo feitio da orelha, o burro que tem orelhas de cartuxo, e muito differentes das do homem, nada ouviria; entretanto que elles só não ouvem o que não lhes faz conta, e finalmente, para provar que o ouvir não depende do feitio da orelha, basta dizer que temos visto varias pessoas de orelhos cortadas ouvirem perfeitamente.

(Continúa)

A PEDIDO.

—Sr. *Careca*?

—As suas ordens.

—D'onde vem?

—Do *armazem*.

—E vae?

—Fallar ao *Narciso*.

—Ou vae aquelle canto?

—Fazer?

—Ver aquelles pretinhos de cadeira costumados.

—Ignoro.

—Aquelles que lhe levam fechadinho para aquella toca?

—Toca? isso para mim é sybilino.

—Como quizer, para o buraco daquelle *coelho* onde V. vae apreciar aquelle *bocadinho apreciavel*.

—Isso tudo parece um conto phantastico.

—Não, na imaginação dos moradores da *Moenda da Conceição*.

—Ah, linguas viperinas!....

—Ande lá; eu so admiro a sagacidade com que V as duas horas está de volta, conversando mui lampreiro com o marreco na cidade baixa.

—Capitão, quero lhe contar uma historia, que talvez sirva-lhe de algum proveito.

—Ora vamos lá.

—E' caso, meu capitão,
Destes casos de excellencia,
'Pra ouvir-se esta historia
Preciso é ter paciencia.

—Bravo! Está tambem poeta?

—V. Ex. está gracejando.

—Não gracejo, fallo serio. Siga com a sua historia allusoria.

—Lá vae.

I.

«A senhora Maria amava extremosamente ao artista Pedro, a ponto de lhe declarar este amor ardente que sentia por elle.

«A senhora Maria pediu ao artista Pedro que a pedisse em casamento a seu pae, ao que o artista Pedro se recusou, dizendo-lhe que o seu pae era um homem de posição, um commendador, etc., etc., que lhe havia negar a mão della; mas a senhora Maria insistiu sempre no seu proposito.

«Um dia, a senhora Maria encontrou-se com o Sr. Torquato, amigo intimo do seu pae e de Pedro, rogou-lhe que a pedisse em casamento a seu pae em nome do artista Pedro.

«Torquato, de prompto fez uma carta ao commendador, pedindo-lhe a mão da senhora Maria para o artista Pedro.

«O commendador ao receber a carta ficou furioso e bradou:—*Forte desaforo!*

«Perguntou-lhe a mulher: Que tem, commendador, que o vejo tão zangado?

«—E' que o Pedro, um artista, um homem sem posição e sem titulos, mandou-me, por intermedio do Sr. Torquato, pedir a mão de nossa filha!...

«—Que desaforo! Brada a mulher. Commendador, vá incontinenti levar a resposta ao Sr. Torquato, pois que elle bem sabe que minha filha não é para ter por esposo um artista, um mulato!

«—Lá por ser mulato, não; porque si eu fallar nisto, ahi vem minha chronica, comquanto tenha meu orgulhosinho de branco, e tanto assim que só procuro entrar em irmandades desta gente, que como eu, deserta das *fileiras pardaicas*. Sigo o systema do *Dr. Monbon*, que diz *pertencer* á raça caucasea pura, esquecendo-se dos seus avós de Guiné!

«—Não tem duvida, somos brancos, diz a commendadora, vá dar a resposta a aquelle cadello, que lhe mandou pedir a mão de nossa filha para um mulato artista!....

.....

II.

«—Sr. Torquato, nunca pensei que a audacia do artista Pedro chegasse a tanto!

«—Sr. commendador, sua expressão —*audacia*—é muito grosseira para a pessoa de quem se trata!

«—Porem não vê o Sr. que um artista não é para se casar com a filha de um *nobre*?

«—Não é! Porventura só os homens titulares são dignos da mão de sua filha?

«Ora, Sr. commendador; creia que nunca julguei que da cabeça de um homem *liberal*, de um homem intelli-

gentissimo como V. Ex., sabisso semelhante asneira.

«—O Sr. ousa insultar-me!

«—O que é uma commenda, Sr. commendador?

«—E' muita cousa para os homens de posição como eu.

«—Engana-se V. Ex.... E' muita cousa, mas é para enfeitar as libres daquelles que para viverem precisam que os artistas trabalhem, é muita cousa para aquelles homens que nasceram na poeira e que hoje arrotam de nobres e fidalgos, julgando-se superiores aos homens do trabalho, aos artistas que ganham o pão para si, e para o governo sustentar a V. Ex. e outros!

«—Sr. Torquato; veja que é de mais os seus insultos.

«—V. Ex. acha de mais e ainda agora é que estou na metade.

«As artes são o sustentaculo de uma nação, pois sem arte, sem commercio, sem industria e sem agricultura, não ha nação que se mantenha; mas sem duques, marquezes, condes, viscondes, barões e commendadores as nações se sustentam.

«Quando se falla de um artista honrado e probo, não se diz com ar de despreso—um artista! O artista, o homem das vigilias e dos trabalhos, o homem que não espera ser recompensado se não por Deus, olha com asco e despreso para o canalha de libré que assim o tratar, como V. Ex. não ignora.

«— Sr. Torquato!

«—Contenha-se commendador!

«Tem rasão, o artista é quem devia dizer-lhe que elle não é para se casar com sua filha! Entregue-a ao homem de mais pergaminhos e titulos que encontrar; mas destes que a honra para elle é chimera, e amanhan terá o prazer de ver sua filha entregue a prostituição!

«—E' de mais, Sr. Torquato, prometto-lhe que me hei de vingar!

«—.....

III.

«Quando o commendador foi voltando-se encontrou com a filha que veio em uma cadeira á casa do Sr. Torquato sabor da resposta. Ella tinha presenciado a scena que se passou entre o pae e o Sr. Torquato.

— «Meu pae, onde está a sua liberalidade?

«—Cala-te imbecil!

«—E' este o artista que Vm. dizia ser seu verdadeiro amigo, e recusa hoje dar a minha mão a elle; é este o homem que Vm. muitas vezes chamou honrado e probo!

Grande Deus!

«O commendador tremeu ao ouvir estas palavras de sua filha.

«—Sim, mas não dizia isso para tu te apaixonares por elle, e depois estava enganado a seu respeito.

«—Enganado, Vm.? Que pae, meu Deus! Que homem que,atraz das grandezas e dos titulos, quer plantar a ruina de sua filha!

Momentos depois ouviu-se um grande grito. Era a senhora Maria que desfallecia! Quando tornou a si, estava louca e cantava:

«Triste cousa é meu Deus!
«A mulher não ter ventura,
«Não valem os protestos seus,
«Sendo o pae má creatura!

«Escolhi um homem honrado,
«P'ra com elle me casar;
«Mas meu pae o engeitou
«Só por não ser titular.»

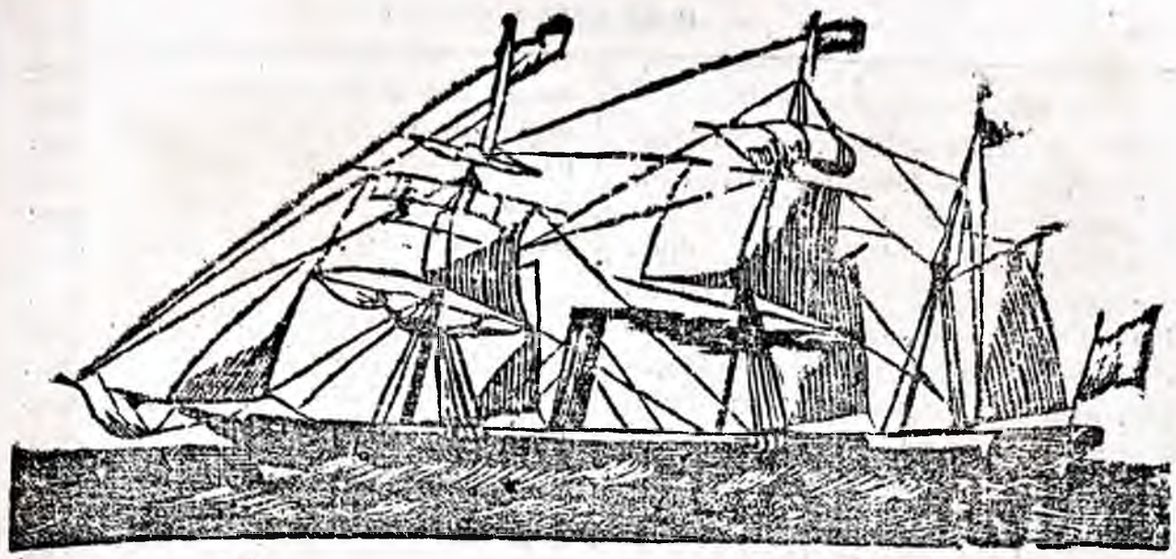
—Tome os artistas esta lição e não se deixem illudir por esses *nobres fofos*, que só conhecem soberania e igualdade nelles quando precisam de votos para subirem e depois calcam-o debaixo dos pés.

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.° 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.

Esta exposta a venda na loja do Sr. Martin, ao largo da praça, a nova modinha para canto e piano, intitulada—A vida de um triste—por José Bruno Correia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 18 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.ª—N. 325.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de fevereiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, participando lhe que nos informam de que no matadouro publico ha empregados que negociam e são proprietarios de talhos, alguns dos quaes, embora os tenha com supposto nomo, são comtudo gerentes dos mesmos e fazem publica e notoriamente transacções em seus nomes dentro daquella repartição, e, como a ser assim, seja isso manifesta infracção da lei, espera-se que S. Ex. servindo-se de mandar ventilar a exactidão de tão revoltante abuso, se digne de cercal-o.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Chrispim Ambagano de Solla Rolla, pedindo licença para que n'um dos departamentos desta cidade possa abrir um talho.—Segundo o accordo celebrado com a superintendencia de Latronopolis, cumpre que o supplicante dirigindo-se ao capataz, instrua sua petição com a quantia de 200$ rs.

—Este marreco é dos taes.

—Quem?

—O commandante da policia de Sergipe.

—O que fez?

—Mandou pelo guarda Agostinho José de Sant'Anna caiar e pintar sua casa e como o pobre homem fosse um dia mais tarde para a *obra*, foi asperamente reprehendido, maltratado e remettido como desobediente e insubordinado ao presidente para marchar para o sul.

—E' do progresso, não tem duvida.

—O *Conservador*, que dá esta noticia, accrescenta que esse infeliz sustentava suas irmans donzellas, que de certo ficarão entregues á prostituição, porque assim aprouve ao Sr. commandante de policia.

—Que papel é esse?

—E' uma correspondencia do Sr. Felisberto da Conceição Miranda.

—Sobre o que?

—Eu leio para V. Ex. ouvir.

«Sr. Redactor.—Estava na delegacia e presenciei o facto de que V. trata no seu jornal de hoje.

«Tendo a africana Thereza se queixado de que o africano Caetano de tal lhe tomara por emprestimo a quantia de 575$ rs., e não lhe querendo pagar, nem dar-lhe uma clareza disso, a insultava sempre que lhe pedia o seu dinheiro, e até a ameaçara dar-lhe, pelo que o Sr. delegado mandou chamar a Caetano, que em presença de muitas pessoas que alli se achavam, declarou não só ter tomado, não aquella quantia, mas a de 525$ rs., que pagaria na Costa d'Africa, mas tambem que nunca negou, nem negaria essa divida.

«Então o Sr. delegado para evitar a continuação dos conflictos entre elles, que poderiam trazer más consequencias, aconselhou a Caetano que désse uma clareza dos 525$ rs. que confessava dever, o que foi acceito; e se fez em presença do dito africano, do Dr. Alexandrino d'Andrade, do escrivão, e de muitas outras pessoas, promettendo Caetano não contender mais com a africana.

«O Sr. delegado pediu-me que informasse a V. da verdade, afim de que V. faça delle melhor conceito, certo de que si elle accommodou os contendores por essa forma, foi para prevenir qualquer delicto que se podia dar, e não por *indebita e arbitrariamente usurpar attribuições que lhe não competem.*

«E' favor publicar esta declaração no proximo numero do seu *Alabama*.

«De V., amigo etc.

«*Felisberto da Conceição Miranda.*»

—E' nobre o empenho do Sr. Felisberto Miranda, tomando, como amigo, a defeza do Sr. delegado; mas permitta que lhe diga que a jurisdicção policial do Sr. delegado não abrange a esphera de constituir-se arbitro de questões particulares e de competencia puramente do fôro judicial

Apezar da boa intenção que ditou o Sr. delegado a *aconselhar* ao africano que passasse uma clareza, o Sr. Miranda não pode negar que houve coacção, uma vez que sendo o dito africano chamado á delegacia por um esbirro de policia, lá chegando, encontrou a queixosa munida de advogado, procurador, etc.

Parece que uma queixa destas para ter effeito deve ser revestida das formalidades do estylo, jurada, e preceder intimação official a parte queixada, etc., e não ser agarrado por um espião da policia, como foi o mencionado africano. Muitos casos analogos tem se dado na delegacia, usurpadores de competencia judiciaria.

Creio que com isso tenho respondido a correspondencia do Sr. Miranda.

—E de sobra.

—O *Jornal da Bahia* transcreveu do *Echo do Sul* o seguinte:

«Anda por ahi esmollando a caridade publica um ex-sargento, que fez toda campanha do Paraguy, e que hoje não tem com que saciar a fome!

Ao que nos informam, foi praça do 51 de voluntarios, entrou em quasi todos os combates, n'um dos quaes, foi gravemente ferido em uma perna, pelo que foi inspeccionado e julgado inhabilitado de continuar o serviço, e deu-se-lhe baixa, mandando-o para o Brasil, com passagem paga pelo governo, e—sem comedorias, somente até esta provincia!

O que mais revolta em tudo isso, é, que a esse pobre mutilado (chama-se Joaquim Antonio de Menezes) ficou-lhe o governo ou a nação devendo UM ANNO E NOVE MESES DE SOLDO, segundo affirma elle, e nós o cremos!!!...

São factos, que não se commentam.

O que é certo é, que Joaquim Antonio de Menezes, ex-soldado que batalhou por sua patria, té ficar invalido, teve em recompensa as ruas publica, para esmollar!

Entretando fez se e continua-se a fazer subscripções para feridos, sem nunca se saber que destino levam os productos dessas subscripções.

Para victimas, como essas, da ingra-

tidão dos governantes é que o patriotismo popular devia erguer-se como protesto vivo á injustiça e crueldade do governo.»

OS CINCO SENTIDOS CORPORAES.

(*Continuação.*)

O cheirar

Este prova-se evidentemente que é todo effeito nervoso, pois para se ver quanto o nariz sente de nervos, observemos quando temos de dar um espirro, as cocegas que sentimos. Os differentes effeitos, que sentimos com o bom e máu cheiro, são procedido de que assim que cheiramos qualquer cousa, a imaginação avalia, e conforme o apreço que dá, recreia-se ou enjoa-se, e é bem bom o tal sentido de cheirar; si por um lado algumas vezes nos incommoda o ter nariz, por causa de maus cheiros repentinos, que apparecem, em outras muitas occasiões ficamos encantados de bellos cheiros que gozamos; por exemplo, de flores em noite de luar etc. etc., e até neste ponto tambem as moças, sendo creadas com bom regimem domestico, lavando-se todos os dias, e vestindo roupa limpa, criam no corpo um cheirinho de leite fresco; o que eu attesto porque a pouco tempo beijei ás costas de uma gordinha, e bem feita que me pareceu com um requeijão fresquinho.

Muito felizes seriamos nós se podessemos cheirar só o que desejamos, porém quase sempre nos vem aos narizes o que mais aborrecemos.

E quantos milhões se gastam annualmente por este mundo só em cheiraduras? Só em tabacos de diversas qualidades vae uma soma enorme, em essencias, pomadas, cosmetiques, aguas da colonia, e toda essa nomenclatura de perfumarias quanto dinheiro não gastam as moças da moda, e os rapases petimetres penteados?!

(*Continùa*)

LA VAE VERSO.

LYRA.

Quando o sol desapparece
Na quente—sêcca estação—
Refrigera o coração
Da brisa a doce frescura:
Os homens são duvidosos,
Ainda na sepultura!

As aves, no frio inverno,
Zelozas guardam os filhinhos,
Que lá deixaram nos ninhos
Vedados a creatura!
Ama o ouro o agiota,
Ainda na sepultura!

O tigre, la em seus antros,
Estremece...tem horror
Do fuzil estrugidor,
Que aos homens desnatura:
Offende o peccador a Deus,
Ainda na sepultura!

Assim o sec'lo caminha—
So cheio da perdição!
Que dor' Que consternação!...
E' tudo feia tristura!
O homem desmente a fé,
Ainda na sepultura!

D. Pires de Freitas.

A PEDIDO.

—O que é aquillo alli atraz da Cadeia, em casa da D. Anna?

Tanto povo!

—Observe.

—Vejo alli um Dr. vindo de *Santos*, amigo intimo do *Emedio*, e capão da tal D. Anna, que encontrando um moço em casa della, deitou-o para fora a ponta-pés.

—Mas o outro que o acompanha, com a cara *malhada*, quem é?

—E' um empregado do *thesouro*, mettido a valentão e primo do Dr.

—Conhece o moço que está tomando os ponta-pés?

—Conheço-o. Já o tenho visto com o *filho do capitão Botelho*.

—Só admira-me o Dr., um moço de esperanças, praticar um escandalo deste!

—E ao pino de meio dia!

—Não são só nos capadocios que se encontram destas patifarias, os doutores tambem as praticam.

—Agora è que sabe disso!

—Sabe quem chegou?

—Agora.

—O *Valete de Copas*.

—Está na terra esse insigne devorador dos bolsos inexpertos?

—E' verdade.

—Com que gana não hade estar a a harpya para desforrar as despezas da viagem!

—Andou pelas Europias tomando banhos nas *caldas* e volta agora a mais perfeiçoado em conhecimentos empalmatorios.

—Deve vir perfeito na arte surripiante

—Isso ja elle era aqui perfeitissimo.

Trouxe um sortimento novo de espertezas para vasculhar as algibeiras dos bobos, um carregamento de baralhos adequados para bicos e figuras, *dados* e outros utensis jogatinaes com que pretende de novo encher-se.

—Talvez a cousa não lhe saia como elle espera,

O muxingueiro tem largas contas a ajustar com elle.

(*Continua.*)

METRALHADA

Ao outr'ora moço do pau do cego.

I.

Um pobresinho sem nome,
Sem estudo e presumpção,
Outr'ora nesta cidade
A' custa de um violão
Passava vida folgada
De muita gente invejada.

Tinha voz melodiosa,
Para modinhas cantar.
Officio em que na infancia
Somente quiz se occupar;
Porque, como elle dizia,
Muito e muito lhe rendia.

Depois com cartas e bolas
Fazia advinhações,
Pelo que admittido
Em certas reuniões
Teve ensejo de provar
Ser mestre no patotar,

Então foi genio chamado
E fama tanta alcançou
No *bancar*, que um emprego
De *correio* arranjou.
E não tardou em casar-se
Para mais conceituar-se.

Quem delle visse os avós
De certo teria espanto,
Principalmente si elles
Um por um de cada canto
Surgissem com o brasão
Da passada escravidão.

Mas, deixemos quem é morto,
Vamos do vivo tratar,
Q'os mortos culpa não tem
Do que queremos obrar;
Mormente si emquanto vivos,
Não passaram de captivos.

Saibam pois, que o heroe
Desta minha descripção,
Teve filhas naturaes
Antes de sua união;
De uma moça infeliz
Que sua prima se diz.

Mas as filhas, esse monstro,
Nem ao menos quer olhar,
E, si por ellas passando
A benção lhe vão tomar,
Elle se mostra indisposto
E lhes volta logo o rosto.

Quem seja esse sujeito,
Por agora não direi,
Mas não fiquem descontentes
Que logo publicarei
O nome da alimaria...
Faço o que outro FARIA.

(*Continua.*)

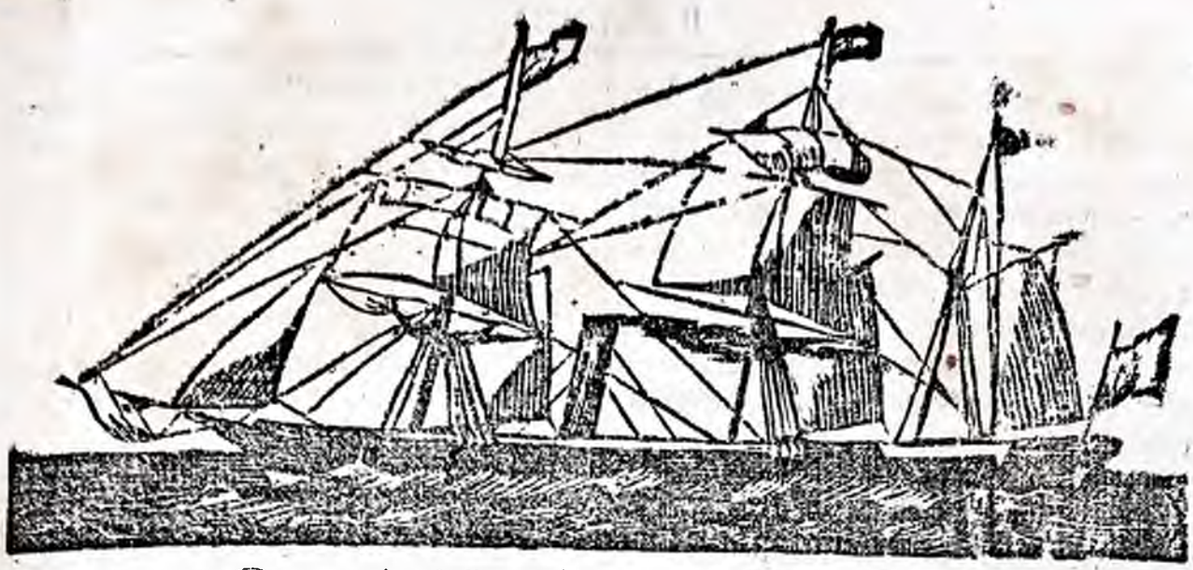
VARIEDADE.

Um mercador de Pekin havia sido condemnado a ter as mãos cortadas. No momento da execução, sua filha appareceu, poz as mãos sobre o cepo e disse ao algoz: Eis aqui as mãos que pertencem a meu pae: corta-as; mas respeita as outras porque meus irmãos precisam d'ellas.

ANNUNCIO.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 21 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.ª—N. 326.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de fevereiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para as desenvolturas e immoralidades praticadas por uma *filha da noite*, de nome Adelaide, moradora Atraz da Sé; convindo accrescentar que essa *heroina da luxuria* é irman de dous policiaes, que com ella fazem côro na orgia.

—Já não ha mais nada que mereça consideração á sanha dos caçadores de homens!

Profanam até o templo do Senhor!

—Agora é que sabe disto?

—O *Conservador* de Sergipe diz que, na cidade de Larangeiras, celebrando-se as novenas do SS Coração de Jesus, mandara Martinho Alves de Mello por Geminiano de Moraes Navarro com uma escolta cercal-a, afim de recrutar os musicos que tinham ido alli cantar.

—Em Minas prenderam-se dous homens, mesmo dentro da egreja.

—Acabada a novena, foram recrutados os musicos José Teixeira e Porphyrio Paganini.

O povo revoltou-se contra semelhante violencia; houveram pedradas, e um dos presos poude escapar das mãos dos aguazis; mas o outro foi dormir no chilindró.

—E' soffrer tudo muito caladinho, porque esse e outros actos de arbitrariedade são praticados em nome das urgentes necessidades do paiz.

—Porem isso já não tem geito. Na Bahia, o subdelegado da Rua do Paço invade às 7 horas da noite uma propriedade para prender homens inermes; em Sergipe, os phariseus vão até a Casa de Deus!

—Eu não sei si faz isto por malvadez ou por stultice.

—Com quem trata?

—Refiro-me aos despachos do governo

—Na verdade, ha algumas que são perfeita bambochata.

—O individuo requer uma cousa e despacha-se-lhe outra muito differente.

—Bernardices!

—Por exemplo, Maria Joaquina das Virgens requer quinze dias para provar a isenção que tem seu filho Alexandrino Amancio dos-Santos, dado como contingente do batalhão de Nazareth, e o governo com uma lisura infantil responde—*não tem logar, á vista da informação do commandante superior que remetteu o filho da supplicante!* . . . . .

—Esta é de eternas luminarias!

—De sorte que, dado o caso que o commandante superior tenha motivo de odio contra o guarda e por isso na sua informação pintou-o como um sicario, fica elle tolhido de justificar-se e provar que a lei o isenta do serviço militar.

—Só nesta terra de liberdade se pratica a tyrannia de tirar aos cidadãos os meios de defeza!

—E' insupportavel semelhante despotismo.

—O abusivo systema de se admittir como guarda nacional—gente fora da lei para sel-o, dá logar a que tudo quanto é reu de policia e desastrado corra para ella afim de, apadrinhado com a farda, constituir-se valentão, desordeiro, e a seu salvo commetter quanto acto repulsivo pode imaginar-se.

—Eu tenho visto o que elles pintam por essas ruas.

—Não ha quem não tenha visto. Uma noite destas, um grupo delles, cujo batalhão não se pode reconhecer, por tirarem os bonets, arrebataram doces de uma caixinhas e largaram-se em desfilada.

—Tambem o 4.° batalhão, quando esteve aquartelado, o tambor-mor e tres guardas furtaram á minha vista uma melancia, de dia, correram como moleques pela rua e foram comel-a debaixo dos arcos da cadeia.

—Na segunda feira, á tarde, iam quatro guardas de artilharia na maior desenvoltura pela Baixa dos Sapateiros a esbarrar os pretos que encontravam; um destes arreminou-se e foi por isso fortemente espancado.

—Peior fizeram tres guarda do 6.° na terça feira á noite: vinham batendo pelas portas e janellas e dando tombos em quem passava; encontraram um africano na rua da Mizericordia a quem atiraram ao chão, e como o pobre preto se queixasse, foram sobre elle de bayoneta e racharam-lhe a cabeça. O subdelegado compareceu, mas os valentões, vendo a authoridade aproximar-se, largaram-se e o ferido foi recolhido ao hospital.

—Isto não tem termos; é preciso um correctivo.

—Nesse mesmo dia á tarde presenciei uma *graça* de dous guardas de S. Pedro.

Levavam presa pelos braços uma mulher, que era um esqueleto e divertiam-se em esticarem, cada um para seu lado, os braços da infeliz!

—E assim anda meia duzia de desalmados a desprestigiar o conceito de que goza uma corporação respeitavel, como é a guarda nacional.

—Eu estou certo que semelhantes desregramentos não chegam ao conhecimento dos dignos commandantes, do contrario, teriam a repressão necessaria.

OS CINCO SENTIDOS CORPORAES.

(*Continuação.*)

Vamos agora ao

Gostar.

Que realmente é um sentido importantissimo, e sem elle tornava-se a vida insipida por falta de tempero. Ora, no gostar ha gosto moral, e gosto fisico, isto é, gosto corporal de que agora tratamos, e gosto espiritual; com o gosto fisico ou corporal, apreciamos as bellas comidas, sorvetes, e bebidas, na tabua do paladar. E quantas impressões agradaveis e poeticas, sentimos nós quando mastigamos e engolimos certos petiscos? alguns até trazem ao pensamento ideias alegoricas, por exemplo, as moquecas bem feitas, recordam patuscadas de natal no atrio do Bomfim; comer cocada de mellado, bem feita e saborosa, lembra os agrados, gracejos, e ditos pilhericos de mulatas bonitas cantadeiras de modinhas;

o carurú o vatapá, ideias patrioticas de Pirajá, Itapoan etc. etc. A cangica de milho verde disperta saudades dos influentos divertimentos do vespera do S. João, e quando está fria aquella gelatina de milho amarello, figura braços torneados de moça morena; tambem é fisico ou corporal, tomar um banho de bica, bem frio, em dia de calor, e vestir uma camisa de pano de linho já velho, depois de largar as roupas quentes de lan, com que andamos na rua; é gosto corporal, descarregar o ventre trepado sobre o galho de uma arvore em logar de campo; tambem é gosto corporal dar um passeio á tarde em cavallo esquipador, ou bom passeiro; e tambem é gosto corporal, coçar a tempo qualquer parte do corpo, em que sentimos coceira, ou a chamada comixão; e é finalmente gostos corporal, certa dança que Adão inventou no paraiso para se divertir nas horas vagas intitulando o—*fandango de gangorra*.

Gosto moral ou espiritual sentimos nós quando temos alguma noticia agradavel, alguma distincção de gloria, quando lemos uma boa poesia, etc.

(*Continua.*)

A PEDIDO.

—Capitão?

—Queria alguma cousa?

—Queixar-me de dous tratantes.

—Mas eu não sou o chefe de policia.

—Embora, V. Ex. querendo pode corrigil o.

—Pois diga la quem são elles.

—O Cardias e outros de sua eguala que anda *as vintes* pelo Caes do Ouro.

—Qual a natureza de tratantadas que commettem?

—Não é tratantada, é roubo.

—De que especie?

—São agentes de uma celebre companhia que se emprega em roubar fumo, algodão e assucar.

—Porem disseram-me que os membros dessa companhia estavam desavindos por causa de umas saccas de assucar levadas para B. B.

—Isso foi entre o tal *as vintes* e o *Cardias*.

—Tanto que no dia 14 de fevereiro á tarde um dos taes da companhia apprehendeu de outro de nome Domingos uma porção de assucar quando este trazia para terra.

—Despeitado porque o Domingos foi atravesssal-o, elle estava em ajuste na alvarenga a 4$ rs. e veio o cujo offerecer 4$500.

—E que me diz sobre um *arrumador* conhecido por *Cara de todos os bichos*, que mora defronte da sachristia da freguezia do *Segura Paredes*?

—Oh, esse é um ladrão finorio. Desembarca toda noite pelos fundos, assucar e algodão e de manham larga-se para a *clarificação* do *Mané Casto*, sujeito conhecido por comprador de furto, aos *Pes de Cocos* e que ja tem freguezes certos que são *João Aganigan*, Francisco Quitandeiro, com *biboca* a S. Seraphico de Paula e Cara de todos os bichos.

—Sim Sr., estou ao facto de sua queixa. Vou ordenar ao muxingueiro que os traga aqui para mandar deitar-lhes ao pescoço uma chapa com o distico—ladrão—afim de serem conhecidos.

—Obrigado capitão.

—Capitão!

—Já vem com suas massadas?

—Não é massada, é uma estupidez de certo subdelegado da freguezia d'*Avó de Christo*, que lhe quero contar.

—Ora vamos lá com esta.

—O subdelegado *trimitivo* mandando o escrivão passar um alvará de soltura e como elle tinha de assignar, leu-a e taxou o escrivão de estupido.

—Mas talvez elle tivesse suas razões para assim o chamar.

—Aqui está o alvará para V. Ex. ler.

—Leia, faz favor.

—«O Sr. carcereiro da prisão de *** vendo o presente por mim assignado, ponha em liberdade ao reu F... *si por al* não se achar preso.»

—Porem, onde foi que o subdele-

gado encontrou a estupidez do escrivão?

—Disse-lhe que nesta frase—*si por al.*

—V. sabe que nem tudo é para todos, nem todos para tudo.

—O que quer dizer V. Ex. com isso?

—Está V. na mesma ignorancia do subdelegado. E' que elle ignora esta frase, que na justiça quer dizer—si não estiver preso por algum outro crime.

—Ouça mais este bocadinho:

V. Ex. sabe que o *trimitivo* é semelhante a um *carneiro*, que quando dá com a cabeça para uma cousa, ninguem pode com elle. Entendeu que o escrivão devia emendar e como o escrivão não quiz, elle mandou a um amigo, que nesses negocios de justiça é o unico que para elle *valle* de *cunha*, que lhe explicasse aquillo e recebeu delle o seguinte bilhete:

«Amigo.—Quando V. ignorar qualquer cousa não insista com quem sabe, com quem é capaz de ensinar-lhe. Consulte-me á respeito que estou prompto para dar-lhe as explicações precisas, pois isso è vergonhoso para um subdelegado de Latronopolis ignorar uma cousa tão insignificante que se usa na justiça.....»

—E quem lhe contou isso e lhe forneceu esses papeis, é pessoa de consideração?

—Quem me contou e me forneceu os papeis foi o *Rocha*, que me disse ter ouvido do *Gravatinha*.

—V. o que quer! Um homem acostumado a *pegar* em..... carangueijos, e hoje negociando com porcelanas e chicaras, do que entende bastante, metteram-lhe na mão a vara da subdelegacia, está atrapalhado.

—Ha de ser isso.

Declaração.

Entre a praga de especuladores que infestam esta cidade, arvorados em *correctores* da imprensa, prima um campeão, conhecido pelo cadete Lidio dos Santos Vital.

Esses especuladores adoptaram o systema de forjarem escriptos contra esta ou aquella pessoa, e mandarem por seus *agentes* participar indirectamente a aquelle contra quem é dirigido, afim de que elle venha *resgatal-o*.

O cadete Lidio é um dos taes *agentes* da sucia.

Consta-nos, que um dia destes apresentou-se em uma padaria com um papel, dizendo que era para sahir no *Alabama*, exigindo 50$ rs. pela sua *retirada*, quantia que baixou a 10$ rs.

Em vista disso, chamamos a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para semelhante industrioso, que, para exercer suas altas *cavalharias* abusa do nome de terceiro.

Aproveitamos a opportunidade para declarar que, si esta humilde imprensa tem alguma vez retirado algum escripto que diga respeito a qualquer individuo, tem sido só por consideração e pedido de algum amigo, sem que por isso tenha recebido retribuição pecuniaria, nem mesmo a titulo de indemnisação do *trabalho feito*.

A Redacção.

VARIEDADE.

BERNARDICE.

Um irlandez viu um amigo cahir em um atoleiro, e principiou a chamar por grande berraria que o fosse ajudar a salvar o seu amigo. O outro porem estava muito occupado em cortar uma arvore e disposto tam bem a conservar por cassoada o atolado na triste posição em que se achava, e perguntava.

—Até onde está atolado?

—Até os tornozellos.

—Ora temos muito tempo para salval-o, disse o outro.

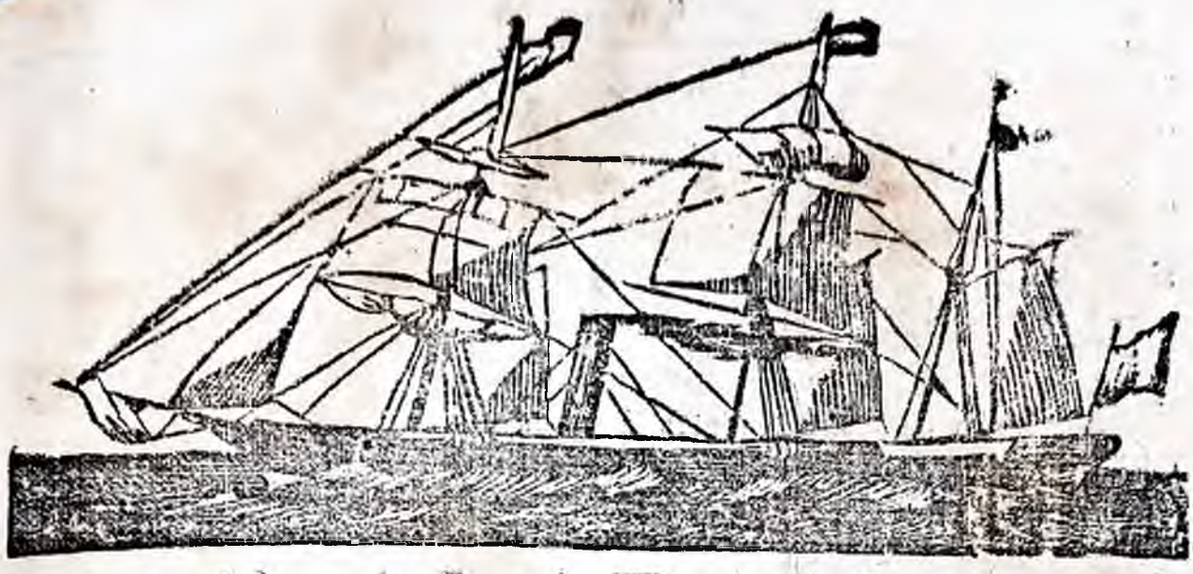
—Não, não temos, retorquiu o primeiro, esqueceu-me dizer que está de cabeça para baixo.

ANNUNCIOS.

A' loja n.° 17 á rua da Misericordia precisa-se de officiaes sapateiros que sejam peritos.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.° 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 22 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.ª—N. 327.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de fevereiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. superintendente do matadouro.—Propalando a voz publica que um agente fiscal dessa repartição tem por sua conta e risco dous talhos na Baixa dos Sapateiros, embora em nome de terceiro, sendo porem quem faz todas as transacções sem nenhuma reserva, sirva-se S. S. de informar si isso é exacto.

Portaria ao muxingueiro Evaristo, ordenando-lhe que va ao Baluarte deitar a bolla em um tremebundo e indomito cachorro, cujo dono, apezar de conhecer a braveza de seu animal, solta-o todas as noites, para andar elle investindo sobre quem passa de madrugada para suas occupações. Cumpra.

—Este governo, que apregoa tanta economia, é o mais esbanjador que eu tenho visto.

—Isso é com os seus afeiçoados.

—Entre outros desperdicios, paga a um homem 80$ rs. mensaes para tratar de seus interesses.

—E' algum feliz, infallivelmente.

—O Juca feitor do *encaminhamento* do rio *Caromogipe* leva semanas inteiras em casa sacudindo os timbales; entretanto no fim do mez recebe os *oitenta bicos*.

—Que quer? E' preciso remunerar os amigos.

—A tal obra tem, quando muito, quatro trabalhadores, que nem sempre trabalham, mais que *ganham* constantemente e para quatro trabalhadores paga-se mensalmente um feitor que nunca vae a obra, 80$ rs.!

—Fazem muito bem; assim è que é o fazer; quem tiver paixão que se morda.

—O carnaval se aproxima.

—Devem apparecer as mascaradas.

—Bobos é o que não faltam; veja aquella turba.

—O que significa aquillo?

—São insensatos, que em ares de procissão, vão em ridiculo espectaculo pelas ruas da cidade, dando prova ca-

bal do atordoamento de suas demontes cachollas.

Ah, si os moleques sabem que havia ossa palhaçada!

—Que cujos são esses? affectam um ar tão grave!

—E' a sucia spiritista.

—Fazem preces pelas ruas?

—Não.

—Que diabo do disfructe então é este?

—Vão levar a casa de seus parentes um sujeito a quem o grão-sacerdote expelliu o diabo do corpo.

—Que patifaria!

—So um rancho de moleques acabaria com aquella scena burlesca.

—Quem é o curado?

—E' o que leva uma *penna* na mão.

—Ja agora vamos ver isso em que dá.

—Accompanhemos molle molle o cortejo.

—Chegam a porta de casa.

—Olá! girandolas de foguetes, baterias, flores da janella, e mais traquinadas de regosijo...

—Veja: o summo sacerdote é recebido em genuflexão: todos inclinam-se perante elle e quase beijam-lhe as plantas.

Ah meu finorio! bem podias te arvorar em chefe dos *mormouns*.

—Homem, retiremo-nos, que eu receio de mim proprio. Como se pode ver impassivel tão carnavalesca scena!

—O *Diario Fluminense* publica uma carta do theatro da guerra nestes termos:

«QUADROS DA GUERRA.

.....

«O que eu lhe *posso affirmar e authorisar para que affirme ao paiz*, é que o soffrimento das praças de pret, soldados, e dos officiaes subalternos, é horroroso!

.....

«Figure esses infelizes cercados de pantanos, terrenos alagadiços e miasmaticos, sobresaltados dia e noite, sem descanso de espirito e de corpo, pessimamente alimentados em qualidade e quantidade, pelas difficuldades naturaes dos supprimentos, bebendo aguas inteiramente impuras, soffrendo um calor abrasador que os asphyxia, e estatallados, ao abrirem a boca para aspirarem o ar, sentindo entrar-lhes as moscas, mosquitos e *queijandos* aos punhados, ainda mais suffocando-os, e levando-os ao desespero; figuro-os chagados, muitas vezes á si mesmo considerando-se immundos, e não podendo calçar-se pela deformidade dos pés, em consequencia da enormidade de bichos que invadem as regiões superiores; figure as dores e os martyrios de tudo isto, expostos ao relento e ao tempo, e terminando estes soffrimentos nas mais tristes agonias! e diga Vm. mesmo á sua propria individualidade, que dolorosas e sentidas commoções não supporta!

«Ver para crer! Era o que eu queria, meu amigo! e que os ministros e *alguem mais* viesse aqui contemplar este quadro horroroso das nossas miserias humanas!

«E quando terá fim este soffrimento! Não sei; mas sei que as queixas e os desgostos vão alto, e haverá quem *opportunamente* laça alguem o responsavel dos males, sem compensação, desta guerra desastrosa.

«Depois.....

»Não temos animo, não devemos continuar. Quando destes quadros lugubres chegam ao conhecimento do ser humano nas condicções tristes em que nos achamos, a despeito de toda a energia, uma palavra sentida sae dos nossos labios:

«Paz' »

.....

—O que esperam ver mais nesta terra?

Ha escandalo por mais impraticavel, que não se tenha dado neste infeliz torrão?

Si faltava algum, este facto noticiado pelo *Jornal da Bahia* vae completar o quadro.

«E' crivel?—Lá se foi barra fora para o Rio de Janeiro—Modesto, escravo do Sr. Antonio J. Bittencourt, que ha pouco tempo foi accusado pela justiça

publica pelo crime de homicidio perpetrado na rua das Mercês no dia 10 de abril de 1867 na cabra Maria Ignez.

.....

O Sr. Bittencourt logo que o escravo perpetrou o crime, entregou-o á justiça publica para proceder contra elle, punindo-o como fosse de lei: mas sendo a condemnação á açoutes, vendeu-o a uma sociedade, que aqui compra escravos e os revende ao governo para o exercito.

Sob o pretexto de assentar praça, obteve ella, que se não cumprisse a sentença, e foi o escravo entregue aos compradores para ter esse destino; mas Modesto declarou abertamente, que não queria alphorria para ser soldado, e á vista d'isto remetteram-no para o Rio de Janeiro!

Lá se foi o barbaro assassino da infeliz Maria Ignez, livre e solto, gozar novos ares e novos climas, passear á côrte, onde os compradores, á vista da necessidade de soldados para a guerra, esperam vendel o ao governo por alto preço para honrar o exercito ou a esquadra com mais este ornamento.

A sentença foi revogada por um novo poder desconhecido e atirada ao esquecimento: não soffreu os 500 açoutes, e nem por espaço de doûs annos, trouxe o ferro ao pescoço, como ordenou o juiz!

Não soffreu os açoutes: porque os compradores não se animariam á offerecer ao agente do governo um escravo *surrado*, para ser libertado e transformado em defensor da patria.

O agente não lh'o compraria: qualquer que fosse a figura do escravo, immediatamente, que visse na inspecção os vestigios da *surra*, o rejeitaria.

Não trouxe o ferro: porque elle embarcou sem esse trambolho, sem esse incommodo: e si com elle se apresentasse a bordo, não podia seguir viagem, porque indicava estar cumprindo uma sentença e por conseguinte não podia ausentar-se do districto da execução, sendo o senhor obrigado á apresental-o com o ferro ao pescoço á authoridade executora, que é a unica, que pode mandar tiral-o no dia, em que se complete o praso.

Alguem crê, que se pratique attentado, como este, na capital da Bahia?

Superabundam os factos para perfeitamente caraterisar esta situação.»

OS CINCO SENTIDOS CORPORAES.

(*Conclusão.*)

E que diremos do

Apalpar.

Oh! esse então é um caldo de sustancia, para alimentar as fraquezas da vida.

O sentido de apalpar tem a sua maior influencia nas mãos, porque não consta que se apalpe com outra cousa, apesar de que tambem as vezes apalpamos as flores com a ponta do nariz, e provamos alguns objectos com a ponta da lingua, e então quando ella apalpa conhece o que é doce, azedo, ou salgado.

O apalpar é um sentido tão fino, e tão sublime que não depende de ouvir, e nem de cheirar, pois muitas vezes acontece que indo a gente ás escuras por um logar, as cabeçadas, chega a apalpar muita cousa boa. O apalpar é mais saboroso, quando é praticado com objectos lisos, boleados, macios etc.

O bom medico conhece muitas molestias, só por apalpar; as beatas de capona, quando fazem suas apalpadellas, conhecem si a barriga está inxada, e o que tem dentro, si é indigestão, si é prenhez, e si a creança é maxo ou femea, mas nem tudo se deve apalpar, por que as vezes se acha escaldando bem como o ferro em casa dos ferreiros. Ha meninos tão talentosos presentemente, que apalpando as galinhas, sabem logo para quando é o ovo e tratam de se pôr a espreita para furtar; apalpam-se fructas, e quando estão molles sabe-se que estão maduras.

E basta de fallar nos cinco sentidos corporaes, que por esta vez estão bem esquadrinhados; por conseguinte, levanto a sessão, por ser dada a hora,

cheguem as viollas para se dançar a caipora.

Disse.—

A PEDIDO.

—Que casa concorrida á noite!

—Não sabe que é *hotel?*

—Ah!...

—Bè

—Entra gente de todas as *nações*. O proprietario deve tirar bom lucro.

—Extraordinario.

—Tambem deve dispender bastante.

—Pelo contrario, pouco.

—Então é negocio de enriquecer.

—Que duvida!

Basta uma urna, uma tabella, 90 dados numerados, e uma centena de cartões.

—Então é jogo?

—De vispora.

—Sim, eim?

—E' um negocinho bem rendoso. Cada cartão custa 200 rs.

—Isso é de arrancar.

—E o *bollo* regula 60$rs., que são cento e oitenta e sete patacas e meia; de cada pataca tira dois vintens ou 7$500 rs; suponha que jogam-se na noite doze mãos de vispora, são 90$ rs. de lucro por noite; dê-se de barato que faça 10$ rs. de despeza, ficam liquidos 80$ rs.

—Que pechincha!...

—Ajuize isso das costas do quem sahirá.

—Basta elle ter o negocio seis mezes para por meia duzia de rastos.

—O que vale é que a maioria da gente que lá vae é rapazeada caixeiral, gente que pode gastar.

—Ha salafrario de cara mais dura do que esse *Mais cedo*?

—Deixe o pobre alquilé.

—Especie do salteador, converteu em punhal um papelucho e anda assaltando aos desaporcebidos pedindo ou a bolça ou a honra,

—Tambem não é elle só: andam ahi especuladores que até dos pobres botiquineiros mandam exigir 10$rs.

—Mas a safatez deste casmurro sobre-sahe a de todos os mais. Espanta ver o cynismo com que elle anda entre a gente, vendo a cada hora as suas alicantinas descobertas Ainda hoje publicou-se que elle mandou uma carta exigindo dinheiro de certa pessoa.

—Deixe esse miseravel, que não merece a honra de tratar delle.

—Capitão, uma novidade.

—Diga so.

—Ao Maciel de Baixo, na obra do Sr. Galdino de Souza Barretto, deu-se um roubo celebre, no dia 7 do corrente: a companhia do olho vivo bateu nove em toda ferramenta dos carapinas que ali trabalham a ponto de que se quizeram trabalhar pediram ferramenta emprestada, tambem 3 portas que existiam feitas, foram-se a vella.

—Houve arrombamento?

—Não havia nenhum vestigio de arrombamento na porta que se encontrou aberta.

—Quem era o chaveiro.

—Um escravo do Sr. Galdino.

—O Sr. que tem feito?

—Nada.

—O escravo o que diz?

—Nada.

—Ja que os artistas, em geral são tratados com tanta indifferença, elles que recorram as authoridades para providenciar a respeito.

ANNUNCIOS.

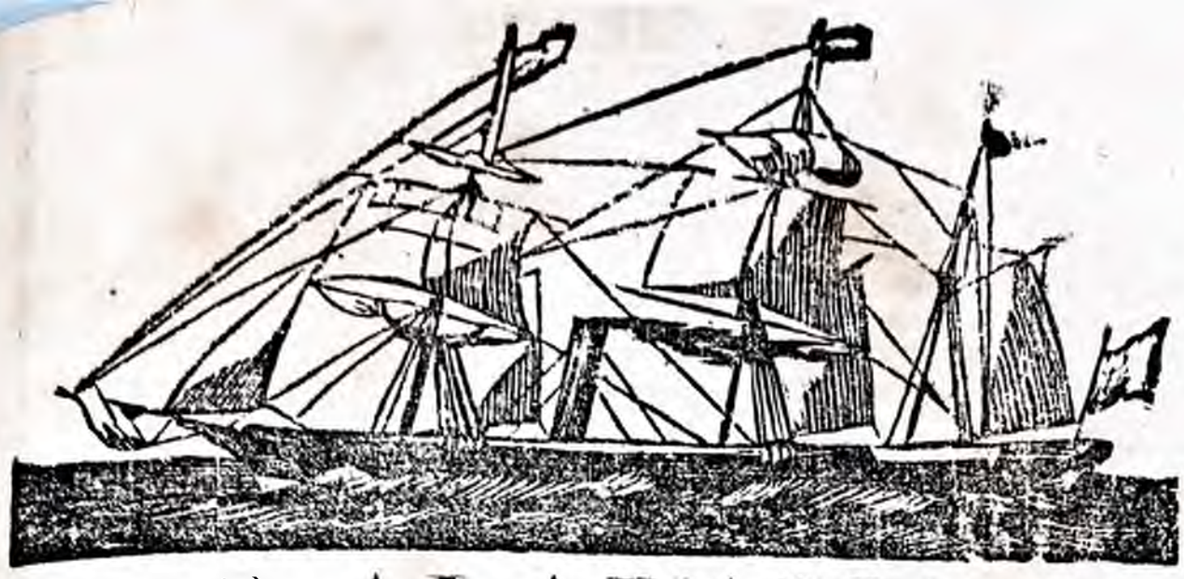
A' loja nº 17, á rua da Misericordia, precisa-se de officiaes sapateiros que sejam peritos.

No Trapicho 2.º Andrade precisa-se de trabalhadores.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 25 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.ª—Ns. 328 e 329.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de fevereiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe de novo, para o socego publico, que dê destino ao energumeno, bebado e insolente, de nome Rocha Lima, o qual, além das immoralidades que pratica, deu agora para invadir as casas e até as repartições publicas.

No dia 17 do corrente, este heroe da caxaça entendeu entrar na meza de exportação, e com o seu mau procedimento, pertubar o expediente d'aquella repartição, gritando e pronunciando obscenidades, sem respeitar a nenhum dos empregados. O porteiro, porém, o advirtiu que se retirasse; mas o atrevido ebrio não attendendo, insultou-o com muitas palavras e gestos ameaçadores, sacou do bolço um punhal e desafiou-o para a rua. Ora, vê S S. que não é possivel continuar a vagar pelas ruas desta cidade um bebado de tal calibre, que desrespeita até as repartições publicas! Com as providencias que S. S. tomar a respeito do correctivo deste caxaceiro, dará mais uma prova de seu zelo e actividade.

—E querem que a guerra se acabe!

—E' o desejo de todos.

—Menos desse bando de rapinas que estão a cevar as entranhas com as desgraças da patria.

—O Sr. esta alterado: isso é cousa.

—Estou desapontado com a leitura da noticia de um boato que corria na corte.

—Qual era?

—Que sendo remettidas da corte cinco mil bombas para o exercito, ellas la não chegaram; entretanto que sahiram do Rio.

—E o governo porque não manda averiguar?

—Eu sei! Talvez julgue bagatella.

—Nada mais facil: deve haver nota do embarque; deve saber-se qual o transporte que as conduziu, e assim é facil de verificar.

—Isso fica em nada, apezar da insistencia da imprensa da corte, que pede ao ministerio da guerra que mande

responsabilisar quem de direito for. Avançando uma a dizer o seguinte:

«Explicarão este e outros factos semelhantes, a demora da guerra, porque o governo ou *seus agentes e alliados*, por incuria ou motivos menos confessaveis, e mais ignominozos, FORNEÇAM O INIMIGO de petrexos bellicos?

—Capitão, será algum prodigio ou accaso?

—Si ou não sei do que V. falla, como lhe hei de responder?

—V. Ex. tem ido ao cemiterio da Quinta?

—Ha muito que lá não vou, nem desejo ter occasião.

—Pois si fosse, veria uma cousa que lhe daria tratos á imaginação.

—O que é?

—Sobre o carneiro em que está sepultado Fr. Chagas, brotou uma linda planta em forma de capella, que admira a todos os que la vão.

—V. viu?

—E como eu, todos os que tem ido áquelle logar.

—Os que se abatem na terra serão exaltados no ceu. Pode ser muito bem um milagre.

Fr. Chagas era o typo da humildade.

—E o symbolo da charidade.

—Seja lá o que for, eu como sou curioso vou tambem ver.

—Boa pilheria!

—Si não fosse o escandalo era caso para rir a escangalhar.

—Qual escandalo!...

—Pois não! Aqui no largo de S. Bento!

—Logo que é praticado por gente de farda, deixa de ser escandalo.

—São de artilharia?

—São.

—Mas como elles poderam filar o Magestade pelo *garguello*, que o pobre homem vae como um carneiro, sem tugir nem mugir?

—Eu lhe conto. O Magestade estava alli a *macaquear*... os costumes da cidade que ardeu fogo. *Enlevado* em sua obra, não viu os travessos guardas que vieram pé ante-pé com um laço de brabante e o fisgaram. Quando o homem deu accordo estava preso.

—E não pode soltar-se.

—Qualquer movimento que elle faça para livrar-se, os sujeitos esticam as pontas do cordel e com as dores elle submette-se.

—Que obra!...

—E' das taes de ribombomalha!

—E si não o soltam agora alli á entrada da rua de Baixo, podiam leval-o até o fim do mundo, como um burro pelo cabresto.

—Esta guerra do Paraguay tem sido uma mina!

—Ora!

—O *Diario Fluminence* em um artigo —*delapidações por conta da guerra*— entre outras melgueiras, conta que um feliz agente do ministerio da marinha foi encarregado de ir a Montevideu entender-se com um official de marinha tambem escolhido da confiança do ministerio, porque é afilhado de uma de suas potestades protectoras, para effectuar a compra de trilhos de ferro para a estrada do Chaco, tendo autorisação e podendo—sacar largamente;—e que esse—feliz—«commissionado» de facto indo para Montevideu, poude conseguir que a companhia da estrada de ferro dessa cidade, ou agencia da mesma companhia, estando em condições de assentar os trilhos, recebesse uma offerta tão feliz por esses trilhos, que não duvidou cedel-os para mandar buscar outros na Europa, demorando o assentamento, porque as vantagens valiam a pena!

A compra dos trilhos foi em tão larga escolha e tão sem calculo, que depois de utilisados na estrada do Chaco, sobraram para cima de 400 toneladas delles.

O gerente da companhia de Montevideu, tendo necessidade urgente de trilhos, procurou recomprar as sobras ao governo brasileiro e ajustou que lh'os cedessem pelo preço porque tinha vendido.

No acto da entrega, tirou-se-lhe a

conta a razão de quinze e meia libras por tonelada.

O gerente espirrou com a conta por exorbitante e disse que o contracto era vender o governo os trilhos pelo preço porque tinha comprado a companhia.

Respondeu-se-lhe que o agente brasileiro tinha comprado ao preço de 15 e meia libras; tal era a conta apresentada por elle ao governo.

Então o gerente foi buscar os livros e escripturação da companhia e provou que os trilhos foram vendidos a DEZ libras por tonelada e não a 15 e meia!

—Que ganancia!

—Verificou-se então que o governo havia sido enormemente lesado; pagando a seu agente a razão de 15 e meia libras por tonelada, quando elle comprara a DEZ!

—Isto é uma mamata de mais de 50 por cento do que realmente se despendera!

—Para cousas semelhante, continua o *Diario*, é claro, torna-se indispensavel que o povo soffra os effeitos das oscilações do cambio, pague impostos—pessoaes vexatorios—e supporte a—paternal solicitude—e o—patriotismo economico—deste governo, pela confiança e vontade de quem...tudo pode nesta terra.

—De nada serviu o Sr. Dr. chefe de policia publicar o seu edital prohibindo o entrudo um mez antes, porque só não brincou quem não quiz.

Na Preguiça jogava-se agua á valer, sem consideração á pessoa alguma; na ladeira do Aljube tambem brincou-se em alta escala; no Paço do Saldanha, em algumas casas, cujos chefes são de pouca moralidade, não se respeitava a ninguem; no Taboão, as meretrizes não deixavam pessoa alguma passar enchuta; nas Portas do Carmo tambem a cousa não ficou esquecida, alem de outras ruas que seria enfadonho mencional-as.

O filho do pharmaceutico Barboza andava no domingo com uma caixa de charutos cheia de laranginhas a jogar para os sobrados, na rua do Saldanha, o gritando para quem quizesse ouvir—que não contava com a policia!

—Pois ainda não se deixaram deste barbaro, estupido e reprovavel brinquedo?

—Mas V. o que quer, si o chefe publica um edital e logo abaixo a postura *A*, que prohibe tão prejudicial divertimento e não dá as providencias precisas para que seja observada a dita postura com rigor.

—Eu ouvi dizer que o proprio chefe de policia, passando por uma rua, umas moças bonitas lhe jogaram algumas laranjadas e elle as puniu com a postura da cortezia.

—Tambem já ouvi fallar nisso.

—A policia que tome suas competentes medidas, para que hoje, o ultimo dia deste grosseiro divertimento, sejam respeitadas suas ordens e não se infrinja tão escandalosamente a postura *A*, que prohibe essa nociva brincadeira.

—Capitão, quero que me diga uma cousa.

—Si souber.

—A razão porque dando quatro horas da manhan a cidade está em trevas?

—Porque á essa hora os lampeões estão apagados.

—Mas a companhia não tem obrigação de apagal-os ás cinco horas e meia?

—Tem.

—E então?

—Quanto a isso entenda-se com o Sr. fiscal da illuminação.

—E' notavel! Alem dos lampeões darem luz densa e crepitante, de madrugada anda a gente ás escuras a metter os pés em quanta buraqueira e lamaçal ha pelas ruas desta cidade.

—Isso é nada; outro dia vi um sujeito que foi de ventas sobre um penico cheio a transbordar.

—Em que deploravel estado não ficou o misero!

—Teve de voltar para casa para se ensaboar, e por essa razão perdeu o dia de trabalho, porque excedeu a hora do ponto.

—Entretanto que a companhia faz um lucro notavel com essa calculada economia.

—Quer ver o estado do paiz?

—Faça o esboço.

—Esta correspondencia pinta-o de sobra.

CORTE, 15.

«No estado a que chegaram as cousas deste paiz, graças ao *progressismo* e a tudo quanto acaba em *ismo*, ninguem deve admirar-se si amanhan apparecer na praça publica o medonho phantasma da anarchia.

«Nesta corte ha um panico geral. Tudo parece indicar que estamos atravessando um desses periodos de incertezas em que uma só idéa preoccupa todos os espiritos—*salve-se quem puder*.

«O commercio de importação está agitado com a execução do celebre regulamento, que obriga o importador á pagar em ouro 15 por cento de direitos!

«O comercio de exportação está agitado com a baixa do algodão e ultimas noticias da Europa, que ainda dão como frouxos quasi todos os mercados.

«Os commerciantes em geral estão agitados com a horrivel perspectiva do cambio, cujos effeitos na presente quadra são um verdadeiro desastre financeiro.

«As *altas regiões* estão agitadas, porque, segundo a voz publica, ha serias desintelligencias entre *personagens* de primeira plana...

«A imprensa está agitada por causa de um artigo contra o illustre marquez de Caxias, publicado em uma folha ingleza subvencionada pelo governo.

«O povo está agitado com a horrivel miseria que o acabrunha, com as violencias do recrutamento, de que está sendo victima nas barbas do governo imperial, com a falta de trabalho e grande alta de todos os generos de primeira necessidade, finalmente com todo esse cortejo de males que lhe vae tirando toda a esperança de melhores tempos.

«Só não se agita o ministerio para fazer o bem: porque os seto homens que o compõem tem cousas mais serias em que se occupar nas suas provincias, com excepção apenas do ministro do imperio, que deixou aos outros o cuidado da *sua ninhada*, para dormir de dia e passar as suas noites no Alcazar.

«Como se tantos males ainda não fossem de sobra para desanimar-nos, aqui estão alguns negociantes á declararem, que só venderão os seus generos á ouro! Entre elles nota-se um grande importador de farinhas de trigo dos Estados Unidos, que intimado pela policia para que não fizesse tal exigencia aos compradores, declarou com a maior sem ceremonia desto mundo, que então reexportaria para a Europa toda a farinha em ser no seu deposito commercial.

«Só faltava a crise do pão; para gloria do *progressismo* tudo é pouco.

«Esta cidade está sobrsaltada com as noticias diarias de roubos e assassinatos audaciosos.

«Ha quadrilhas de ladrões nos proprios arrabaldes. Ultimamente, a casa de um rico visconde tem sido sitiada, á noite, por vultos mysteriosos!

O CARNAVAL.

Eram celebradas no mez de março indecentes ceremonias pelos pagãos em honra de Bacchо, deus dos vinhos, a que appellidavam—*bacchanaes*: e eram feitas em certo logar da Attica, onde aquelle deus tinha um templo. Chamavam-se bacchantes as suas sacerdotizas, as quaes costumavam andar de noite pelas ruas com tochas accesas e cobertas com pelles de tigre ou de panthera e as vezes coroads de pampanos e hera, trazendo varas engrinaldadas d'esta erva e de folhas de parra.

Atroavam os ares com horrorosos gritos ao som de timbales e clarins.

As *bacchanaes*, festas de inteira immoralidade e depravação, de que acima fallamos, e em cujo tempo era permittido praticar-se toda a sorte de ex-

travagacias, correspondiam mais ou menos ao tempo em que hoje se celebra o entrudo ou carnaval de nossos dias; e alguns ha que pretendem ter este brinquedo sua origem pagan, e ser uma modificação das antigas *bacchanaes*, não obstante pertencerem estas a uma remota antiguidade.

O certo é que tudo se arruina e destroe com o volver das epochas; mas as festanças populares e generalissimas do entrudo tem a sua tradição desde as mais remotas eras, e por isso mesmo que eram de costumes dissolutos e licenciosos, transpozeram incolumes as destruidoras vagas dos tempos, chegando até nós, com pequenas alterações apenas.

Encontram-se memorias das festas do entrudo não só entre os romanos, mas tambem entre os gregos e os egypcios; e sempre ellas trazem uma idéa de alegres e soltos passa-tempos.

E não ha muito que entre nós era o entrudo um brinco incivil e quasi propriamente de selvagens.

Consistia elle em fazer-se presentes a qualquer transeunte de toda a especie de liquidos, desde a agua perfumada de espiritos e essencias agradaveis até as misturadas de pós coloridos, aguas sujas, oleozas e insuportaveis!

Grupos percorriam todos os cantos da cidade e por toda a parte cada um de seus membros fazia por distinguir-se bem em suas gentilezas; sendo de funestas consequencias muitos de seus encontros com as pessoas que junto d'elles passavam.

Durante os tres ultimos dias do entrudo difficil era ver-se pelas ruas, outra cousa que não fossem as folias do entrudo.

O despejo d'agua foi prohibido nos logares mais civilisados, e o nome de entrudo foi substituido pelo de *Carnaval*; e hoje esta festa consiste em mascararem-se e disfarçarem-se os que n'ella tomam parte, representando costumes antigos e figuras com alguma allusão jocosa ou satyrica; são-lhe destinados os tres dias que precedem á Quarta feira de Cinza, e se termina em alguns logares por sumptuosos e magnificos bailes.

O carnaval de Roma e o de Veneza, que são talvez os mais divertidos de todo o mundo, começam mezes antes da quaresma. Em França, desde o dia de Reis ja se conta o Carnaval. E em Portugal, eram os seus divertimentos ainda ha bem pouco tempo quasi silvestres e ferozes; dizia ha pouco um escriptor que elles similhavam batalhas, de que não era raro ficarem muitos feridos ou mortos.

A QUARTA-FEIRA DE CINZA.

A tocante e melancholiça ceremonia das cinzas, que se celebra amanhan quarta-feira, foi instituida pela egreja como o symbolo expresso de mortificação e penitencia, e um signal sensivel e desde muito praticado para exprimir a dor e a afflição, e data desde os primeiros tempos do christianismo.

Antes da missa d'este dia, abençoa o sacerdote as cinzas a que são reduzidas para este fim as palmas que se benzeram no anno antecedente, e foram levadas em procissão no domingo de Ramos; tomando-as entre os dedos faz uma cruz sobre a testa dos devotos, que correm a este acto, repetindo esta memoravel sentença proferida contra Adão pelo Autor do universo.—«Lembra-te, ó homem, que és pó, e em pó te has de tornar.» (*Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris.*)

O dia de *cinza* abre a porta á penitencia, como a penitencia conduz á ressurreição.

Na ceremonia das cinzas imitamos o que faziam os prophetas, os antigos reis, os santos patriachas e as celebres heroinas do velho testamento, que cobriam a cabeça de cinza, se vestiam de saccos e passavam dias inteiros em jejum, envolvidos no pó em signal de sua dôr e penitencia, para implorarem a Deus a sua misericordia, e o perdão de suas faltas, de que assim se mostravam exteriormente arrependidos.

—Uma encommenda de nova especie.

— Vejamos.

— Um inglez que foi á poucos annos para a California, aondo as mulheres são ainda rarissimas, foz ao seu correspondente de Londres a seguinte encommenda:

«Tendo resolvido fixar o meu estabelecimento nesta cidade, aondo pretendo demorar-me alguns annos, resolvi-me tambem a casar; e como eu não possa encontrar aqui uma mulher que me convenha, em rasão de serem muito raras, e essas poucas que ha, muito procuradas, rogo-vos que me envieis no primeiro navio, que partir para este porto, uma *donzella* com os seguintes predicados; — Primeiramente desejo que a sua idade não seja menor de 15, nem maior de 22 annos, e que pertença a uma familia honesta — que seja de estatura mediana, e bem proporcionada — d'um semblante agradavel, de genio docil, e mais que tudo de uma reputação illibada — é essencial que tambem goze boa saude, e que seja d'uma constituição forte para supportar os encommodos da viagem, e a mudança do clima; emfim é preciso que seja tal, que não me veja obrigado a encommendar-vos outra na falta desta, o que me traria graves inconvenientes, visto a precisão que della tenho, a grande distancia que nos separa, os perigos do mar que é preciso correr, e sobre tudo as despezas de transporte. Por todos os gastos que fizerdes com o seu embarque, seguro vossa commissão etc., podeis sacar sobre mim, que eu me obrigo a fazer bom o vosso saque, e a esposar a portadora aos 15 dias de vista, si chegar bem acondicionada e sem avaria.»

O correspondente da ilha das batatas e do carvão de pedra, leu com toda a placidez d'alma esta carta singular, na qual o seu amigo — homem eminentemente commercial — trata da sua futura esposa da mesma maneira como si fosse um pacote de fazendas. Lida a carta, e tomada a competente nota da encommenda que nella vinha, o sisudo inglez tratou immediatamente de executar com toda a pontualidade a ordem do seu patricio E depois de algumas indagações, sem muita difficuldade achou o objecto desejado n'uma moça mui amavel, mas sem fortuna, a qual promptamente acceitou a proposta do inglez. Feitos os necessarios arranjos para a longa viagem, seguiu-se o seu embarque para a California, o que teve logar em um vapor, que tambem levou a seguinte carta:

«Logo que recebi a vossa de 17 de abril p p. tratei de dar cumprimento á espinhosa encommenda que nella me fazeis; e tendo depois de minuciosas informações sabido que *Lady R...* tem todos os requisitos, que na mesma mencionaes, fiz-lhe saber a vossa proposta á qual ella promptamente annuiu. — Em virtude pois da vossa ordem embarquei neste vapor a dita *Lady R ...*, que ficou importando posta a lado como vereis da inclusa factura, em L. 50., 10., 7; por cuja quantia tenho saccado uma letra contra vós a 15 dias de vista. Lisongeio-me de que ficareis satisfeito da maneira porque executei a vossa ordem.»

O vapor chegou felizmente ao seu destino, e o inglez ancioso para ver a sua encommendada, achou-se na occasião do seu desembarque. Foi então que viu sahir de bordo uma bella e elegante menina de 18 annos, a qual ouvindo o nome do inglez lhe disse: senhor, eu acompanho uma letra, sacada sobre vós, que vos hade ser apresentada: espero que será paga

Ainda a joven não tinha bem acabado de pronunciar estas palavras, e já o nosso inglez com cara de pascoa, lhe estava dizendo: minha querida — eu nunca deixei protestar as minhas letras de cambio, eu vos juro que não faltarei a esta. E com effeito a esta entrevista seguiram-se logo as nupcias, e este casamento é hoje um dos mais felizes da California.

— Provavelmente não hade faltar, entre as nossas amaveis leitoras, quem nos diga: — e isto será verdade?

Pois os inglezes que parecem homens tão polidos, hão de tratar assim as senhoras? A uma tal pergunta so nos

cumpre responder, que não nos responsabilisamos pela sua veracidade por que são noticias estrangeiras; mas o que podemos asseverar é que ainda não ha muito tempo, que nós vimos em letra redonda, que um dos taes *bifes* levou a sua propria mulher á feira por um cabresto, e que ali a vendeu por 5 schellings—os quaos elle immediatamente permuttou em *grogs*, que mui alegre bebeu com os seus amigos.

LA VAE VERSO.

DIALOGO ECONOMICO

MATHEUS E ANDRE

Matheus.

Bons dias, meu compadre, como passa?
Como vai a afilhada e a comadre?
Você vive entretido la na caça,
e ja não aparece na cidade!

E' preciso sahir, que la na roca,
ate um pobre homem s'embrutece:
e vae se lhe achatando a pobre bossa,
qu'ate, que ha Deus e mundo, a gente esquece

Traga à festa, a comadre e a afilhada,
frequente as reuniões, e os saraus,
e verà sua filha festejada,
pelos moços d'aqui que não são maus.

Assim faz quem tem filhas casadeiras,
P'ra as fazer ficar desembaraçadas,
La na roça só sabem babuzeiras
Crescem e vivem sempre amatutadas.

André.

Abrenuncio, compadre! O que è isso!
O que tem que está assim tão izaltado!
O' compadre! botaro-le feitiço,
Ou quebranto: ou antouse é mao olhado!

Eu trazer á cidade a minha filha!
E p'ra quê me aconselha tal asneira!
P'ra servir de palitro á algum pandilha,
Que so quer defamar moça solteira!

Ensinal-a a mentir: dizer bobages!
Ensinal-a a caiar-se: a arrepira-se?
Ensinal-a a correr nas carruages,
P'ra depois disso tudo não cassar-se?

Ensinal-as a andar aquajo nuas,
esquecendo o decoro e a decencia,
arrastando a nobreza pelas ruas?
Minha filha não vem; não dou licença.

Acho muito jocozo, uma senhora
fazendo balançar o seu balão;
gosto muito da moda qu'anda agora,
que imita a mulher, um rabecão.

E ver festas a donde? Na igreja?
A donde ja não ha mais devoção?
A donde não ha mal que se não veja?
Mudou-se em almazem de sposição!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Va hoje a missa, e me dirà na volta,
Se vio moços rezar ou se benzer,
Hade ver o namoro a redea solta.....
E' o que o meu compadre hade la ver.

Hade ver os enfeites, os frizados:
as modas em furor: o dezabuzo,
Hade ver os Janotas esticados,
c'o bigode retorcido em parafuzo.

E toca a trabalhar! Que tiroteiro!
Foi caso peneirado n'outro dia,
e pode publicar-se sem receio,
que na egreja s'inventou a tlegafria.

Os saraus serve so para os rapazes,
que finge suspirar, quando estão rindo;
ali mesmo se briga, faz as pazes,
arrufam-se outra vez, sempre fingindo!

As meninas aprendem a mentir,
pois que dizem aquillo que não sentem,
Aprendem a chorar, e a se rir,
mentem fallando, se calladas mentem.

Nada! Nada: dexemos de progresso,
S'o progresso é só esse, meu compadre:
deixe a bossa achatar-se, qu'eu le peço
fique a sua, redonda, na cidade.

Socegue, meu compadre, que a Delfina,
vai bem sem festa, e sem vestido novo:
ella so sabe o que sua mãe le ensina,
e não dá que fallar a voz do povo.

Não emgana ninguem; e se algum dia,
Eu achar um rapaz bem comportado.
ca da cidade não, mas la da freguezia,
Antouse eu cuidarei em dar-lhe estado.

Eu heide conservar, santos e puros,
Os uzos que aprendi de minha avó,
Que suba o mundo vinte e cinco furos,
Na sua retaguarda ficarei eu so!!

Alves.

A PEDIDO.

ARÊAS.

Sr. Redactor.—Deparando o abaixo assignado com uma correspondencia publicada no *Correio Mercantil* sob n. 44, em a qual se declara que um irmão do Dr. Manuel Thomaz Pinto Pacca, ex-alferes do exercito, fora chamado na cidade de Arêas pelo Sr. Anacleto para apresentar seus titulos e podendo tal

circumstancia ser attribuida a sua humilde individualidade, declara que ha 3 annos reside nesta provincia, alem de que Anacleto, esto agente do piquete de assassinos daquella malfadada cidade, não olevaria o seu arrojo, apezar da immoralidade que nos domina, ao grau de lhe exigir titulos, ainda mesmo quando aconselhado pelo infame Dr., filho do padre ladrão das gamellas do ouro do capitão-mór.

Voltarei si a isto for arrastado.

Sou, Sr. Redactor

De V., etc.,

Augusto Pinto Pacca.

Bahia 23 de fevereiro de 1868.

—Sabe me dizer em que estado vae a capella do Aporá?

—Ora! Aquillo é obra da Sé.

A bom andar as paredes tem quatro palmos d'altura.

E os vinte e quatro *contos*?

—Essa é boa! Estão *guardados* em mão do emprezario.

MOTTE.

Quem neste mundo ja viu
Carangueijo fazer verso?

GLOSA.

La de um lameiro surgiu
Certo bichinho aleijado,
Dizendo estar namorado;
Quem neste mundo ja viu
Mas como Deus consentiu,
Sua vinda ao universo,
O caretinha disperso
Quer aos collegas provar
—Que não é de admirar
Carangueijo fazer verso.

OUTRA.

Forte paixão contrahiu
Um aratú namorado,
Dizendo estar desgraçado
Quem neste mundo ja viu.
Sua paixão exprimiu
Em desgosto todo immerso
Dizendo que o perverso
Ganhamu degenerado
Tambem tinha censurado
Carangueijo fazer verso.

VARIEDADES.

A' PROPOSITO.

Quantos são os inimigos da alma? Perguntou o confessor a um rapazinho.

—Dous, respondeu o rapaz sem vacillar.

—Como dous?

—Sim meu padre, o mundo e o diabo,

—E então a carne?

—Essa, como está muito cara, ja não entra em minha casa, e deixa de ser um inimigo para minha familia, a qual sempre se queixava quando a comiamos, que era vendida com muito osso.

Dous camponezes foram a uma grande cidade encommendar um quadro para o altar mór da sua egreja, em que representasse o martyr S. Sebastião. O pintor perguntou-lhes si queriam que representasse o santo vivo ou morto. Essa pergunta embaraçou-os e por isso entraram a se consultar reciprocamente; depois do que o mais desembaraçado disse para o pintor:

—Pinte o santo vivo, porque si os nossos patricios o desejarem morto, lá o mataremos.

Um criminoso em Roma tinha sido condemnado a morrer de fome na prisão. Sua filha podendo ahi ser introduzida, sustentava-o com o seu leite. O senado informado d'este acto heroico de amor filial, restituiu o pae à filha, e no logar da prisão mandou erigir um templo á piedade.

Como sabes tu que Deus existe? perguntou um viajante da Europa a um arabe do deserto. A aurora tem necessidade de alguma tocha para ser vista? respondeu gravemente o arabe.

ANNUNCIOS.

COSINHEIRA

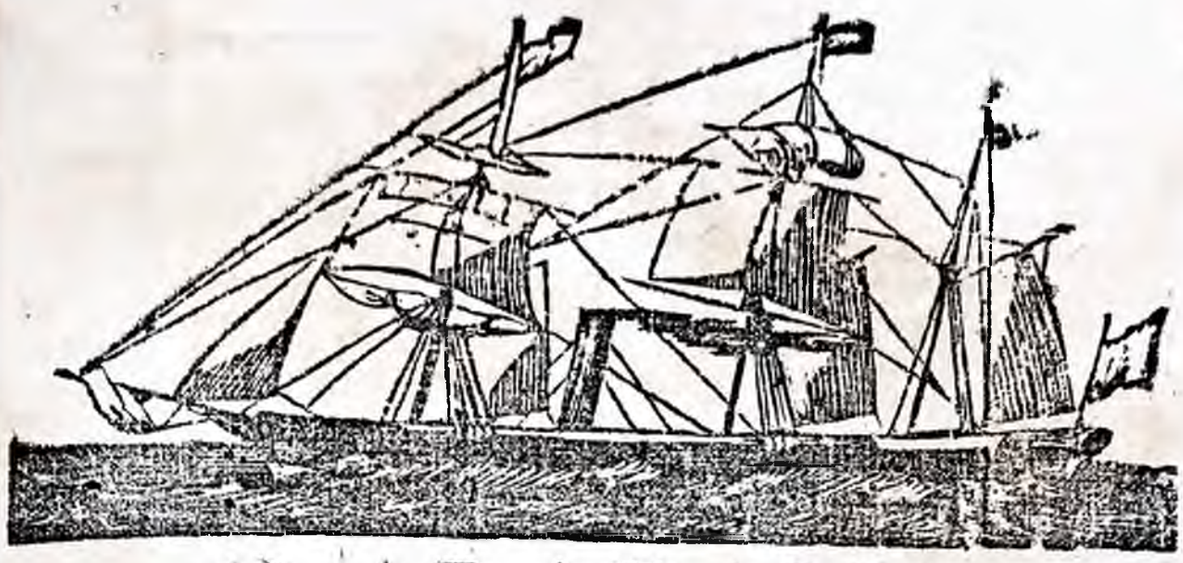
Precisa-se alugar uma que seja deligente e acciada, prefere-se escrava, paga-se bem agradando—a tratar em S. Bento na casa unida ao Collegio 2 de dezembro.

No Trapiche 2.° Andrade precisa se de trabalhadores.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n. 99 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 27 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 33.ª—N. 230.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de fevereiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que mande syndicar da veracidade do seguinte facto, e se digno de providenciar no caso que seja elle exacto.

Informam-nos que, hontem 25, um Sr. alferes no deposito de recrutas ao forte de S. Pedro, esbofeteara descommunalmente a um moço que fôra para alli recrutado e que está provando sua isempção, pelo simples facto de não querer se sujeitar a comer no rancho, visto que da casa de sua familia lhe vae o sustento, e que tomando o mencionado alferes essa recusa como orgulho, o quiz coagir por meio de pancadas a comer.

Sendo claro que o recrutado emquanto prova sua isempção, não está sujeito ao regulamento de guerra, e quando estivesse, um official qualquer não pode, a seu bel-prazer, inflingir castigo corporal e muito mais ignominioso, como sejam bofetadas, espera-se da rectidão que distingue o caracter de S. Ex. e que o torna um dos ornamentos da classe militar, que preste o mais serio apreço a caso de tanta gravidade, afim de que si for exacto seja punido o delinquente.

—Ao Illm. Sr. superintendente do matadouro publico, fazendo-lhe sciente de que a voz publica dá como notorio e sabido que parte da carne que sobra diariamente é revendida em diversos pontos, havendo maganos que já tem freguezes certos, os quaes deixam de ir ao açougue á espera da melgueira de carne barata; e como isso seja uma clandestina extorsão que se faz aos creadores, espera-se que S. S. mande pesquizar convenientemente, afim de que, no caso de ser exacto, como é bem provavel, seja punido quem culpado for.

—A' gerencia da companhia do Gaz, prevenindo-a de que deve dar providencias, afim de que os seus accendedores sejam mais cuidadosos na limpeza dos lampeões, os quaes, embaciados como andam constantemente, muito concorrem para que a illuminação que

ja é fraca, se torne mais turva, principalmente na Calçada. Espera-se que a gerencia tomará medidas á respeito.

—Certos actos religiosos, fôra melhor supprimil-os do que conserval-os; afim de evitar os escandalos que delles se originam.

—Aponte um.

—A distribuição da cinza nas egrejas no dia de hoje. Parece antes um pagode, do que um acto solemne e de summa gravidade.

—Quer então que a ceremonia se resuma ao officio divino?

—Sim Sr., por que assim a casa de Deus não será o theatro de tantas scenas reprehensiveis e immoraes.

Mulheres alvoraçadas, perfeitas regateiras, affluem aos cardumes e na ancia de qual primeiramente adiantar-se, praticam toda sorte de immoralidades e depravação; rapazes libertinos e dissolutos vão para alli fazer assuada e praticar licenciosidades.

Os empurrões, as vozerias, as recriminações insultuosas, os ditos obscenos, as apalpadellas, o altar em que fica o sacerdote profanado, são quadros cuja exposição não falta na distribuição da cinza.

—Nas mãos do Sr. arcebispo está, si quizer, sanar essa deponente miseria.

—O edital da policia prohibindo o entrudo foi uma completa irrisão.

—Uma burla ridicula.

—Um laço armado á credulidade daquelles que se julgaram garantidos a andar na rua por esses tres dias de furor entrudal.

—A policia devia ter consciencia de sua impotencia para se fazer respeitar, e da inefficacia e fraqueza de seus meios para pôr em execução o cumprimento da lei.

—Ora si tinha.

—Entretanto arreganhou-se toda, publicou editaes, expediu circulares e blasonou cheia de assomos, para depois consentir que, em suas barbas, se menoscabasse das ordens que dera, cruzando os braços ineptamente.

—Eu sei até um subdelegado em cuja casa se vendiam laranginhas.

—Não houve rua desta cidade em que se não jogasse agua.

—E houveram seus conflictos. Em S. Francisco de Paula, um cavalleiro, depois de molhado, levou uma horrenda pedrada, que o estendeu ao chão: supponho que foi soccorrido pelo Sr. Dr. Gordilho.

—O memoravel Evaristo, o espião secreto da policia, o agente da *confiança* dos Srs. Teixeira e Comp., brincava escandalosamente entrudo na rua do Saldanha.

—E o Sr. Azambuja de sua janella ria-se a bandeiras despregadas ao ver a caterva de tambores, na Praça, emporcalhar a cara de todos os pretos que passavam.

—Por isso um filho de S. Ex., que sahiu á passeio com o Sr. Dr. José Felix, não escapou: levaram ambos um banho em regra que lhe deram umas meretrizes da rua Direita de Palacio.

—Ainda os que molhavam só, era bom, e os que insultavam e maltratavam, como os moradores do 2.° andar da casa n. 3, á rua do Collegio, que não só molhavam como atiravam cascas, pedras, cacos de quartinha, e davam vaias, isso até depois das 11 da noite?

—Nessa casa que V. falla, mora um moço que diz ter *intimas relações* com o Sr. delegado.

—Ah, é por isso que passando a patrulha bradaram elles—*a casa é n.* 3, *si quer tome nota.*

—Infracção e escarneo.

—Tambem um inspector da freguesia da Sé molhou um guarda nacional do 6°. e como este o advertisse que tal não podia fazer, o homem irritou-se e gritou—*patife, não sabe que sou inspector?*

—Está direito... tinha a faculdade na manga.

—Mas parece que elle fez isto por estar tambem *molhado* por dentro.

—Eu não escapei, levei dous banhos tambem: um de umas filhas de Jeru-

salem ao Maciel do Cima, e outro na rua de Baixo da casa do azulejos ao pé da do Sr. Miguel de Teive.

—Engraçado era ver o sachristão da Sé a brincar de dentro da sachristia.

—Viu um sargento de policia em ceroulas, atraz da Sé, a pintar a cara dos pretos?

—E' um que mora ahi na casa n°. 30.

—Justamente.

—Das Portas do Carmo ao Pelourinho a tormenta foi geral, sobresahindo as casas dos Srs. Teixeira Barbosa e Firmino Pereira da Costa, cujos escravos, de parceria com um da viuva Santos, fizeram proezas.

—E a policia estatica a presenciar toda essa desenvoltura.

—E na impossibilidade ou deleixo de reprimir o abuso ria-se aparvalhadamente.

—Ora diga-me.

—Si souber.

—O que entende por uma repartição publica?

—Por uma casa franqueada a todos, menos os logares reservados.

—Pois enganou-se.

—V. é que anda excogitando asneiras para massar-me.

—Ja lhe disse, ha repartições publicas com restricções.

—Homem vá se emgomar de buzio.

—Ora esta! Pois vá na repartição de obras publicas, que dou-lhe um doce se passar da entrada para dentro sem dizer ao porteiro que negocio vae tratar.

—V., si não tem o que fazer abra o *olho* e apanhe moscas, que é melhor do que vender bullas falsas.

—O bonito é ver; experimente.

—Rapaz, onde não se pode penetrar é das grades para dentro.

—Enganou-se; na repartição de obras publicas não se põe o pé do batente para dentro sem dizer o que se vae fazer.

—Não se vae a taes logares sem negecios.

Por tanto, si ha tal disposição é systema jesuitico.

—Não sei, o porteiro diz que é ordem do presidente.

—Ou então ha algum ninho de rato por alli, que é preciso entrar com cautela para não desmanchar.

LA VAE VERSO.

AONDE A MULHER MIJOU.

Seja o mais verde capim,
Ou planta de folha rija,
Si em cima a mulher mija
Morreu, seccou, levou fim;
Esta ourina é tão ruim
Que, quanto toca, matou;
Até um dia chegou
O proprio ferro estallar,
N'aquelle mesmo logar
Aonde a mulher mijou.

E' um mal tão pestilente
A ourina da mulher,
Que, quem viver não quizer,
Beba; expira de repente:
E' castigo, é fogo ardente,
Que Deus no mundo deixou;
Quem tal ourina pisou,
Curar-se não mais precisa;
Pois não escapa quem pisa
Aonde a mulher mijou.

Eu vi um velho, coitado,
Por pisar em tal ourina,
Ficar c'uma perna fina
E c' um pé todo chagado:
Ficou caspento e pellado,
Emfim enorme ficou,
Tudo o que teve gastou
Em mil remedios que fez,
Por pisar uma só vez
Aonde a mulher mijou.

Si accaso for de creança
O mijo que alguem tocar,
Pode ter para escapar
Ainda alguma esperança:
Mas de moça, ou de carrança
Diga logo— morto estou—
Porque ninguem encontrou
Inda remedio em botica,
Que curasse o mal que fica
Aonde a mulher mijou.

A PEDIDO.

—Viu a resposta que deu o vigario de S. Pedro a uma accusação que lhe fizeram no *Jornal*?

—Não adiantou nada.

—Alem do usar de termos improprios do caracter sacerdotal, não se justificou.

—E' celebre maneira de defeza!

—Arguido de falta de charidade para com um seu parochiano, quer saber quem o accusa, para *discutir*.

—Si eu me désse com elle lhe diria que pouco importa saber d'onde vem a aggressão; o que cumpre é liquidar si S. Revma. commetteu ou não a falta que lhe imputam.

Despertae, oh brasileiros!
Escutae da patria o grito,
Soccorrei, tambem sois bravos,
Aos vossos irmãos afflictos.

Brasileiro não tem vida
Para zelozo poupar;
A vida pertence a patria,
Por ella devemos dar.

A patria curvada geme,
E sobre vós ergue a fé;
A' uma mãe moribunda
Velem seus filhos ao pé.

Recostae-a em vossos peitos,
Sustentae-a em vossos braços;
Chamae-a á vida, e depois
Folgareis em seu regaço.

Ja murmurando a victoria,
Começam os batedores,
A custa de suas dores
Erguem o pendão da gloria.

E si a luta for tão grande,
Que offereça —ultima hora—
Espire nos vossos labios,
Erga-se o pendão de gloria.

—Adeus, meu *conquistador*.
—Eu?
—V sim.
—Sou um ministro de paz e amor.
—Eu lhe creio.
—Minhas vestes o provam.
—E suas obras o desmentem.
—As conquistas que eu faço, são de almas transviadas, com minhas consolações na *enfermaria dos pobres*, na hora extrema.
—So?
—So.
—Que melcorio!

Continue que hade tornar-se o moderno Faublas.

—Que heresia!
—Socegue Cazuza.
—Pois eu com a vida regular que tenho, morando so com meu caxorro, o *verdadeiro amigo* que a gente tem neste mundo, *porque tem bocca e não falla*, ainda ha o que dizer-se de mim?
—E que me diz daquella menina do becco do Seminario, na freguesia da Sé, sahida ha pouco do convento?
—Quem lhe disse isso?
—O que se faz nesta vida que não se vem a saber?

E V. hade conseguir, porque a Thereza, sua intermediaria, tem dedos para a cousa.

—Foi o diabo que me tentou.
—Ou V. que quer tentar a incauta rapariga, não se contentando com a que tem na ladeira do Pilar e com a mãe de seu filho, la na rua onde se tira *tingui* para matar peixe.
—Como sabem de minha vida!
—Tenha paciencia.

Eu sei que V. está em vesperas de saborear o pastel..... e que lhe faça bom paladar.

ANNUNCIOS.

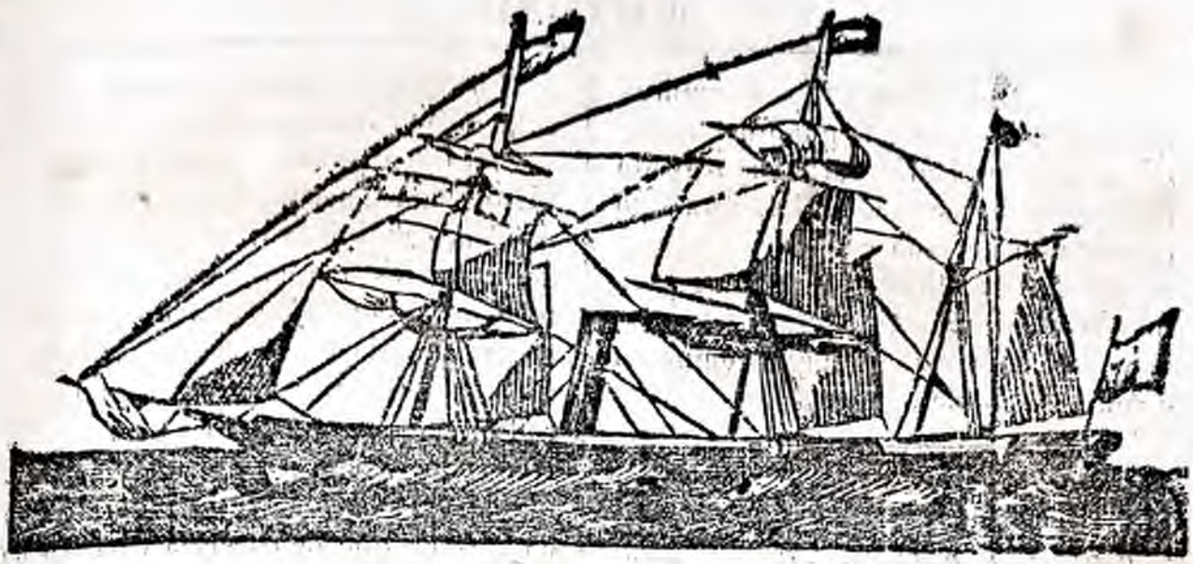
COSINHEIRA

Precisa-se alugar uma que seja deligente e aceiada, prefere-se escrava, paga-se bem agradando—a tratar em S. Bento na casa unida ao collegio 2 de Dezembro.

No Trapiche 2.° Andrade precisa-se de trabalhadores.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives, loja n.° 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço e casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 29 DE FEVEREIRO DE 1868. SERIE 34.ª—N. 331.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de fevereiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, enviando-lhe uma representação dos moradores da rua do Imperador, em que pedem que sejam collocados mais seis ou oito lampeões naquella rua, a principiar das proprie dades da viuva Pereira de Carvalho em diante, e como semelhante pedido seja justo e rasoavel, espera-se que S. Ex se dignará attender.

—Um acto de philantropia que deve ser registrado.

—Para isso sempre estou disposto.

—A loja maçonica Perseverança, em Paranaguá, deliberou unanimemente que todo saldo de seus cofres será exclusivamente empregado em libertar escravos do sexo feminino, de qualquer côr que sejam, que não tenham mais de quatro annos.

—Em nome da liberdade, mande dirigir um voto de louvor e agradecimento á loja Perseverança de Paranaguá, por tão sublime e humanitaria ideia.

—Sciente.

—Fallar franco, assim!

—Assim como?

—Como o Dr. Barboza ante-hontem na assembléa.

—O que disse?

—Que pleiteando uma eleição, era licito ao candidato *empregar qualquer meio* para triumphar.

—Ao menos, fallou sem ceremonia.

—Isso por dizer-se que o Sr. Dr. Drumond tinha se recommendado e a seus collegas em cartas escriptas com o papel marcado com a rubrica do *gabinete da presidencia*.

—Para dar mais força aos pasteis de nata.

—E o Sr Dromund accrescentou, que o facto delle escrever em papel da presidencia se recommendando, não provava intervenção do governo na eleição.

—E eu o *creio* piamente.

—Que escreveu, como escreveria em outro qualquer papel.

—Tambem *isso é verdade*.

—Entretanto, que eu, seu empregado, si lançar mão de qualquer utensil de sua secretaria em meu proveito sem sua authorisação, V. Ex. dirá logo que abusei de sua confiança, valendo-me do prestigio de seu nome para melhor alcançar o que quero!

—Rapaz, V. não sabe que comnosco a cousa muda de figura.

—Mentira ... mentira.... mentira.... tres vezes mentira! ....

O *Diario da Bahia*, mentiu... mentiu!....

—V, está louco, rapaz?

—E' que não posso ver se faltar a verdade assim á luz meridiana. Pois o *Diario* dizer que nos dias de entrudo não houve alteração na ordem publica!

Não ha quem não tenha sciencia das desordens havidas nas Portas da Ribeira, occasionadas pela estupida brincadeira do entrudo.

Eu pelo menos fui testemunha de um tiroteio de palavras obscenas entre dous individuos nas Portas do Carmo. Foi uma descompostura solemne do parte a parte.

—E houveram outros muitos conflictos, alem deste.

Um inspector da freguezia da Sé molhou um guarda nacional do 6.° e como este o advertisse que tal não podia fazer, o homem irritou-se e gritou —*patife, não sabes que sou inspector*?

—Está um agente de policia brincando entrudo e provocando desordens.

—Dizer que á excepção de uma ou outra casa foi que brincou-se entrudo. Isto é de riso, creia.

Quem não sabe que em quasi todas as ruas jogavam agua em quem passava! O Sr. Dr chefe de policia mesmo levou um formidavel banho na ladeira da Praça, no domingo á tarde, de onde pode collligir-se que transitou-se pelas ruas desta cidade sem o menor encommodo, como diz a noticia do *Diario*.

«*A força publica apresentou-se em algum logar onde o exigia o phrenesi de alguma familia arraigada aos uzos de seus avós.*»

Ora *rozas*! Como se massa a paciencia do publico, assim!

Si a força publica apresentou-se em algum logar, porque não se apresentou na Praça do Palacio, onde uma sucia de tambores emporcalhava a cara de todos os pretos que passavam, e S. Ex. de sua janella rindo-se por achar bonito aquella graçola por elles praticada; porque não apresentou-se nas Portas do Carmo para agarrar os insolentes escravos do Sr. Firmino Pereira da Costa, que de parceria com um da viuva do Dr. Santos, reproduziam ahi a scena dos tambores?

Nem tanto!...

«*Não consta que fosse desrespeitada a força publica*...

—Pois ainda quer mais do que darem um banho no chefe de policia?

—Mas não molharam ao chefe de policia, foi ao Sr. Dr. Franklin Doria, que umas moças bonitas entrudaram.

—Isso é que ha de dizer o *Diario*!

—.....*que apesar de ser pequena em numero soube cumprir o seu dever*.....

—Os proprios soldados de policia brincando entrudo, tambem é cumprimento de dever?

Ora *pipocas*.....

.....*e apresentou-se sempre que a sua presença foi por ventura reclamada*.

—O Sr. major Marinho, policiando a cidade, tomou seu banho em regra.

—E que pensa V., que tudo isso não foi *respeitar* o edital do chefe de policia e cumprir á risca a postura da letra *A*?

—Que duvida!

—V. tambem o que quer? Onde já se viu o caixeiro fallar mal do amo?

—Ao que vem isso?

—V. se faz esquerdo. Nao sabe que o *Diario* é folha official.

—Ah! tem rasão. A noticia é de encommenda.

—Chegou o *Guienne*?

—Hontem á tarde.

—Que noticias trouxe da côrte?

— Vou ler o *Diario Fluminense* para V. Ex. ouvir.

— Vá lá.

«19 *de fevereiro* — Grave acontecimento vai dar-se no paiz em poucos dias com referencia á guerra.

Somos informados que o diplomata dos Estados-Unidos, acreditado na corte como ministro, o Sr. general Web, apresentara nota diplomatica desenvolvida ao nosso governo, sustentando e justificando a mediação amigavel para a conclusão da guerra, ou *á recusa desta intervenção armada.*

As consequencias deste facto as comprehenderá o leitor.

Mas, por que o governo se conserva para com o paiz, em tão absoluta reserva, chegadas as cousas a esse ponto?

Examinaremos isso.»

22 *de fevereiro.* — Graves são as circunstancias do paiz, e tempestade se desenvolve nas regiões do poder — diziamos nós ante-hontem.

Assim é.

Na corte, hontem, era geral a circulação fundada da noticia de grave crise ministerial.

Causas accumuladas tinham afinal feito explosão, tornando absolutamente difficil harmonia ministerial com o poder neutro.

Os creados haviam offendido gravemente as regiões da casa imperial, e tinham por isso cahido no desagrado.

Haviam ousado recusar a aposentadoria com vencimentos ao mordomo da casa imperial ultimamente nomeado, aposentadoria com as honras de membro do supremo tribunal de justiça, e isto *obrigara* o poder neutro a despedir o mordomo de sua confiança.

A offensa fora grave; a reparação devia chegar opportunamente.

Conhecendo o erro, os ministros haviam querido emendar a mão. O da justiça procurara explicar em conselho o acto, e o real amo o atalhara energicamente, declarando-lhe, que não admittia discussão sobre negocios de *sua casa.*

Conheceram os ministros que estavam mal, porém a gravidade da situação da guerra fazia-os esperar a conservação por algum tempo mais.

A chegada, porem, do *Itapicurú* trazendo o grande acontecimento da exigencia do demissão do generalismo, *como trabalho de torna viagem*, veio aggravar-lhes a situação.

Accrescera a recusa do sancção á carta de nomeação do Sr. Silveira Lobo para presidir esta provincia, accresceuta-se, e essas causas, unidas a outras, forçaram os ministros a fazer crise de intimidação, que não surtio seus effeitos.

Isto occorrera na quarta-feira á tarde; reuniram-se em consequencia os ministros ante-hontem á noite na casa do Sr. presidente do conselho e depois na secretaria da agricultura, ahi demorando-se até tarde, e deixando de comparecr á sessão do conselho de estado.

O fim da reunião era pôr em difficuldade o *eleitor* dos ministros; mas os criados tinham profundamente desagradado a seu real amo; e o plano de intimidação nada produziu.

Em consequencia, affirmava-se hontem geralmente na corte, a crise estava declarada; o Sr. conselheiro Nabuco fôra chamado, mas recusara-se fazendo graves e leaes observações ao *eleitor* dos ministros; seguira-se o chamamento do Sr conselheiro Paranhos.

Nisto ficavam as cousas hontem á noite.

Haverá ainda possibilidade de manterem-se os actuaes ministros?....

Nascêra o ministerio inconstitucionalmente, do mesmo modo devera morrer, como quasi todos os seus antecessores, e morrer no tempo do carnaval.

Entretanto as cousas da guerra estão mal, e os acontecimentos precipitam-se.

Não temos tempo de dizer mais.

A Providencia Divina vélo por este paiz...»

— Da guerra o que ha?

— Diz o mesmo *Diario*:

«O *Santa Cruz* e o *Itapicurú* trouxeram tristes noticias do exercito e da esquadra. Mas de *onze mil doentes*, a

maior parte graves, conta o exercito talvez!

A posição da esquadra é... não queremos dizer desesperada, mas seguramente muito difficil e arriscada.

Não o é menos a do exercito. O inimigo é informado absolutamente de todas as nossas difficuldades: grande perfidia, negrissima traição, empeiora de dia a dia a nossa situação na guerra!

A esquadra não pode forçar o Passo de Humaitá sem correr o perigo de aniquilar-se; retroceder é... muito e muito difficil e arriscado. O exercito está falho de *recursos* de *pessoal sufficiente e de material* para emprehender operações serias. O generalismo brasileiro faz ao governo um crime da deslealdade com que tem illudido o paiz, e no seu erro de tudo occultar, ahi o compromettendo e expondo ao descredito, sem lembrar-se que é ó seu proprio descredito que promove!... Por todas essas causas pediu, instou por sua demissão.

Essa foi a razão ostensiva da crise, Homtem *em conselho* resolveram, pelas difficuldades que elles mesmos crearam a um substituto *capaz* o *apto*, adiar a crise, e mandar expresso urgente ao generalismo instando-lhe que continue no commando, promettendo-lhe... o que não podem realizar!

E' esta a triste situação do paiz Si o governo é capaz que nos contrarie; nós so exigiremos então, em nome da honra nacional, que publique as communicações, *essencialmente officiaes*, que deve ter recebido do exercito e esquadra pelos transportes *Santa Cruz* e *Itapicurù*, recentemente chegados.

.....

—Basta: os dias passam, e os acontecimentos se precipitam: que não achem elles *á todos os brasileiros* descuidados e... indifferentes pela sorte desta pobre terra, que é nossa patria,

Acautellem-se: em nome da honra nacional e integridade do imperio o dizemos.

A PEDIDO.

—O *Diario* disse que este anno não houve entrudo nem se deram conflictos.

—Foi por ironia.

—Não Sr., asseverou com aquelle tom de gravidade magistral de que é susceptivel a folha official.

—E' porque o *Diario* não andou por ahi vendo o que se passou, para ver que nem o padre Manuelzinho, no desempenho de seu dever sacerdotal, revestido das insignias sagradas escapou na rua da Larangeira; que o Sr. major Marinho foi molhado, o recrutador e um cabo que anda de escolta policiando, e que na maioria das ruas o phrenèsi chegou ao delirio, principalmente naquellas em que moram mulheres da *vida alegre*, como Taboão, Portas da Ribeira e Caes Dourado onde se atirava bexigas cheias de ourina e outras porcarias.

—Quanto a conflictos houveram bastantes.

—Não sei como o *Diario* ignora um em que esteve involvido o subdelegado da Rua do Paço, onde houve ate cutiladas e *alguem* levou uma cabeçada em cheio, indo um homem amarrado como porco para á prisão.

—Tambem as cousas em nossa terra são assim: o Sr. Ignacio tinha acabado de levar uma formidavel bacia d'agua na rua do Paço, e calou a bocca; encontra o pobre voluntario da patria e quer se desforrar com elle por ser fraco.

—O subdelegado de S. Pedro tambem esteve n'uma alhada bem seria; onde se ouvia a voz de S. S. bradar — *negro!... não sabes que sou o subdelegado e um capitão?*

—E o que era?

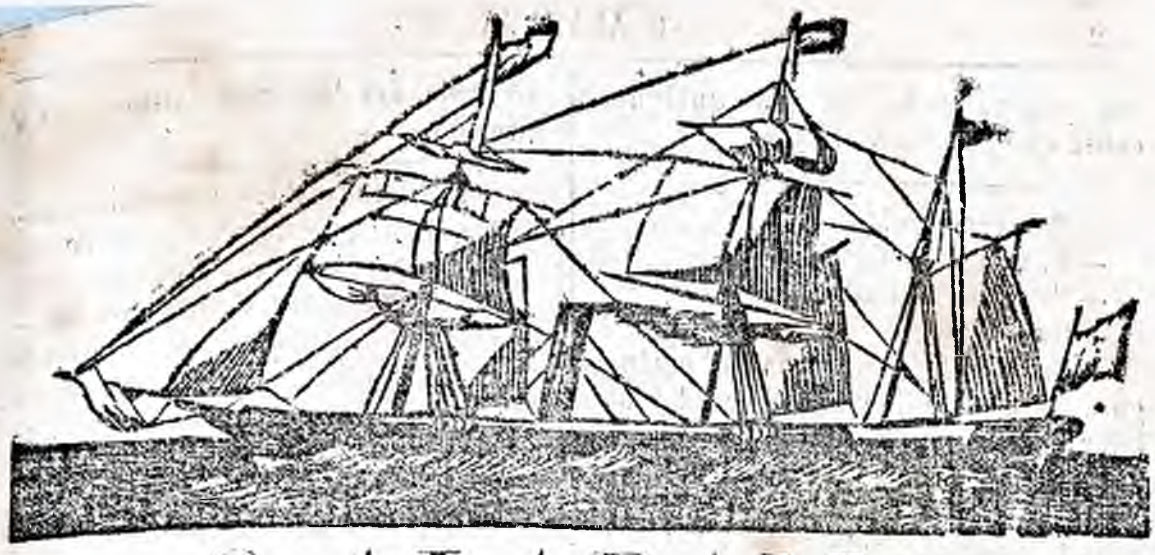
—Um guarda nacional que preso queria ir para seu quartel.

—O Sr. Silva Reis mandou seus guardas para a Correcção por inflingirem o edital da policia. Na Rua da Larangeira o creoulo Angelo deitava farinha do reino, sem olhar cara e por fim de contas com um canivete de mola fez proezas.

Os proprios mascaras atiraram em brulhos com farinha do reino, cal e tabatinga e tiveram alguns desaguisados.

—A' vista de tudo isso está claro que o *Diario* quer fazer uma censura á policia, invertendo aquillo que está na consciencia de todos.

O
ALABAMA
1867
A
1868
I. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 4 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 31.ª—Nos. 305 e 306.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que em casa da Sra. Maria Luiza Barboza, ao becco da Ordem Terceira, existe a menor orphan Francisca, cujo pae marchou para o Paraguay.

Esta infeliz, alem de andar da maneira a mais desprezivel e porca, é sobrecarregada de serviços desproporcionaes a sua edade, e castigada rigorosamente pela mais leve falta.

Toda visinhança affirmará a S S. a veracidade do que fica dito, sendo prova mais evidente o estado da propria infeliz.

Espera-se que S S, condoendo-se da sorte dessa coitadinha, cujo pae anda derramando seu sangue em defeza da patria, a faça recolher a um estabelecimento pio, onde receba educação regular e não seja tão maltratada.

Portaria ao morador da casa 53, ao Porto dos Tainheiros, freguezia da Penha, ordenando-lhe que prenda seu ferino cachorro para não continuar a avançar sobre as familias que por alli passam, e a morder a quem pilha desapercebido, sob pena de ir o muxingueiro Evaristo com duas bollas dar cabo delle. Cumpra.

—Paraguayo já recruta na Bahia!

—Vá zombar do diabo que o carregue.

—O caso passou-se na cidade baixa. Ia um sujeito pelas Grades de Ferro afora fugindo das unhas dos milhafres de farda que o queriam filar, quando abalroou com tres prisioneiros paraguayos que foram a elle de unhas e dentes depois de o deitarem por terra, quaes tres cães de fila treparam-se no caxaço do homem e não o largaram mais.

O caso serviu de galhofa, menos para os pretos do canto, que se admiraram de ver paraguayo já prender na Bahia.

—E' um caso banal, mas que em outra provincia podia ter serios resultados pela improvidencia de quem manda esses homens sós para a rua, expostos á mil consequencias já pela

sua originalidade, já por qualquer cousa que possam praticar.

—Que perverso!.....

—V. está assombrado?

—Estou horrorisado.

—O que foi?

—No dia do Anno Bom, o portuguez Luiz José Fragoso, morador ao Pilar, commetteu a brutalidade de estuprar uma creança de 10 annos.

—Que monstro!

—A offendida, alem da edade, é mentecapta e o aggressor serviu-se de violencia para commetter o delicto.

—E' um acto de requintada malvadez e libertinagem, que não deve ficar impune.

—Agora o que resta é que as authoridades não durmam no caso.

—Eis até onde chega o excesso da arbitrariedade.

Maria Antonia d'Assumpção, pobre viuva, moradora nos arredores da Cachoeira, tinha um filho, Manuel Henriques d'Assumpção, rapaz de excellente conducta, que foi recrutado.

Requereu ella prazo para provar a isempção do seu filho e foi-lhe dado dez dias.

—Dez dias! é muito pouco para quem mora fora da capital.

—Principalmente para uma mulher pobre, desamparada, sem ter quem a guiasse.

—Vamos adiante.

—Os dez dias foram-se em certidões de casamento, obitos, attestados de vigario, etc., mas, por fatalidade ou ignorancia, esqueceu-se ella de juntar a certidão de baptismo do rapaz, que foi exigida depois.

Requereu novo prazo, para ir buscal-a e foi-lhe denegado!..... e seu filho, seu amparo, seu unico arrimo na velhice, seguiu barra fora no *Cruzeiro do Sul*, para ir defender a honra deste paiz.

—Oh! meu Deus! isto é horrivel.

—Este facto ouviu-o tal qual da bocca da infeliz, que na cidade baixa, arrazada em lagrimas, lastimava-se a fazer dó.

—Brilhaturas da sapientissima cabeça que dirige este abençoado torrão.

—Vamos ver la esse petisco.

—« *Requerimentos despachados.*—Roza Maria da Conceição; requerendo 15 dias de prazo para provar a isenção de seu filho Justiniano Pereira, recrutado para o serviço das armas.—Não tem logar.»

—Muito bem!... Si fosse o Lopez que desse semelhante despacho, diziam delle cobras e largatos.

—Onde vae com tanta pressa; espere para ouvir cousa melhor.

«José Quintiliano da Silva, guarda nacional do batalhão n.º 31 do municipio de Sant'Anna do Catú, recrutado pelo commandante do batalhão n.º 107 de S. Felix; pedindo *prazo para apresentar seus attestados* QUE O ISEMPTAM DE SEMELHANTE SERVIÇO.—O que allega não é motivo para ser isempto do serviço do exercito.»

—Disse o diabo está dito; nem que elle tenha mil attestados que o isentem, o homem em sua alta deliberação ja sabe que elles não prestam e por tanto não quer vel-os.

Isso é que é systema de julgar. Na Abyssinia não se administra melhor.

—Arre, que V. é um taramela dos seiscentos: não me deixa acabar de dar meu recado.

«Faustina Maria de Jesus; requerendo a soltura de seu filho Francisco Vieira da Silva, recrutado para o serviço das armas, do qual se considera isento em vista dos arts. 6.º e 7.º das instrucções de 10 de julho de 1822.—Seguiu para a côrte no dia 2 do corrente »

—Ora bollas!

Não estou mais para ouvir esse montão... não sei mesmo de que.

—Destes é que o *Diario Fluminense* chrysma de bernardices.

—E eu de arbitrariedades inauditas.

—Ha muito tempo esta cidade não é testemunha de scenas tão afflictivas e consternadoras como as que se deram

nos dous dias antecedentes á chegada do *Cruseiro do Sul*!

O mais atroz e descommunal recrutamento cahiu sobre esta capital sem que se respeitasse condicção. odade, ou estado.

Cidadãos inaptos para o serviço foram agarrados e mandados embarcar de chofre, sem que se lhes désse o tempo permettido na lei para justificarem suas isempções.

Possoas desformes como o marcineiro José Ricardo, la foram barra fora.

—Chegam no Rio, veltam; é aponas mais uma despeza para os cofres.

—Causava lastima passar pela rua da Lapa, Forte do S. Pedro e porta da repartição da policia.

Senhoras desgrenhadas, hallucinadas, clamando contra ceus e terra, doploravam seus maridos, irmãos e paes que tinham sido recrutados, com exclamações que cortavam o coração mais duro.

So o governo era surdo e impassivel a esse quadro desolador!

—O que mais me contristou, foi passando pela policia ver quatro creanças que choravam por seu pae.

—E amanhan virão dizer que Lopez está nos ultimos recursos, desesperado, sem meios de resistir.

—Essa linguagem adocicada antecede sempre a essas scenas de horror.

Sete ou oito contingentes, tem dado a Bahia desde a rendição de Uruguayana, e sempre se dizendo que é para acabar com a guerra!

—Ainda não falhou: cada vapor que traz a noticia de uma victoria ou feito d'armas, é o prenuncio de uma nova caçada.

—Victorias que fora melhor desejalas ao inimigo!

—Victorias em que a flor dos brasileiros fica ceifada no campo; victorias em que um batalhão inteiro cahe prisioneiro do inimigo!

—E outro dia quando vier uma embaçadella destas, ha de haver papalvos que saiam a dar vivas pelas ruas, para dahi a 15 dias serem amarrados e escoltados!

—Não sei quando o governo completará o quadro da prostituicção, que tem aberto nesta desditosa terra!

—Quando Deus se amerciar deste desgraçado povo sobre o qual posa com todo vigor a força do sua cholera.

—Os vendelhões agora que aguentem-se!

—Com os impostos?

O povo é quem paga.

—A obra é outra.

Em vez de contentarem a um hão de se haver com dous.

—Não entendo.

—Não sabe que a camara municipal deliberou em sessão de 10 do p. que cada freguezia da cidade tenha agora dous fiscaes, ficando as de fora acephalas?

—Si com um a couza era ja pezada, o que será com dous, que ambos precisam de viver!

—O que pode haver é desconcordata entre os dous na *divisão*...do trabalho.

—Elles farão por arranjar que no serviço a *contribuição mensal*...seja dividida irmanmente.

—E no mais os cahidos da mitra dão para tudo.

—O cavallo do fiscal geral e a besta do tenente coronel José Carlos são dous animaes encommodos.

—Dão couces?

—Empatam o transito publico, aposentados um no becco dos Barbeiros, outro no da Carne Secca.

—Que quer que lhe faça?

Si não fosse ser o cavallo do fiscal havia muleta para elle; quanto a besta do tenente coronel, sempre é besta do commandante.

A COMPANHIA.

Uma simples companhia
E' as vezes proveitosa;
Porém a má companhia
Para todos é damnosa.

Logo que Deus formou o mundo e tencionou habital-o de gente, formou o pae Adão; e depois deu-lhe uma

mulher, porque o tal criança teve medo de dormir só no paraiso terrestre, e por isso pediu a Deus uma companhia, d'onde se pode concluir que o gosto da companhia é muito antigo; e desde então para cá tem-se tornado muito commum, ou geral o tal uso ou reunião de dous, isto é, de casal. por exemplo: chicara com pires, bule com tampa, garrafa com rolha, pipa com batoque, ourinol com tampa etc. etc., e estamos tão acostumados a ver isto, que quando falta um dos dous, faz grande differença.

O certo é que da boa companhia muitas utilidades e recreios resultam: do casamento ou companhia da mulher, que é a melhor, vem os filhos que augmentam a população, vem os commodos da vida quando a esposa trata de suas obrigações e não é vadia; e se a companhia é de mais pessoas, e estas dignas da attenção, utilisamos em civilisar o nosso espirito, aprendemos as regras da polidez e da boa sociedade, a qual não pode existir sem companhia. Da boa companhia tiramos o preciso lucro de augmentarmos os conhecimentos scientificos: quando não é companhia que só serve para ajudar a comer, ou encher a sala de pernas; quando não é companhia de homem estupido que nada sabe dizer, porque então falta a boa conversação, pasto do recreio e adiantamento das idéas; mas infelizmente poucas companhias boas se acham, e isto pode bem afirmar qualquer pessoa que tiver sua sala franca para receber as visitas que apparecem, as quaes, pela maior parte, servem para tomar o tempo e enjoarem o dono da casa, porque o dote de ter uma conversação util e agradavel é para poucos.

Em geral vemos homens que todos os dias vão dar maçada de fazer companhia: uns alardeando seus feitos heroicos, e serviços passados, principalmente depois destes ultimos despachos, onde pretendiam mamar, porém ficaram logrados; outros se inculcando pela surdina homens de muita importancia pelos seus muitos afazeres, e pelos grandes beneficios que tem feito, pelos muitos dinheiros que tem emprestado e dividas que tem a cobrar; outros até contando a sua descendencia, que é de raça fidalga e pura; e outros finalmente até querendo que se saiba o que elles comem em suas casas, as molestias que tem, as questões com seus parentes, etc. etc, tomando inteiramente o tempo dos pacientes ouvintes que os aturam.

E que diremos de algumas mães e paes toleirões, que levam uma noute inteira a contar ás visitas na sala as gracinhas do seu menino Cazuza, e as innocencias da iayà Mariquinha que perguntou se carangueijo era peixe?!.

Ha certas velhas curandeiras que maçam a gente a contar historias de curativos que fizeram, roturas que taparam, espinhélas que levantaram, umbigos estufados que recolheram, etc. etc . (isto só respondido a clystel de pimenta.)

Porém ainda mais insupportavel qu, todos estes é o estupido mal educadoe que, alem de se metter atrevidamente a fallar em tudo, dizendo burrices que revoltam, de vez em quando no seus accionados bate no hombro da pessoa que o atura, falla-lhe tão de perto e tão apressado que cospe-lhe na cara, e tudo porque está pensando que brilha em fallar muito.

Os homens que tem cazas publicas, bem como lojas e escriptorios, pela maior parte são martyres destas sarnas.

E eis aqui porque muita gente tem feito protesto de não admittir companhia de qualidade alguma; porem nisto são tambem rigoristas de mais, porque em toda regra geral, ha suas excepções, e uma companhia é o melhor agrado que ha.

Dizem alguns que gostam de estar sós inteiramente (com o que não combino; porque acredito que só deseja estar unicamente o homem perverso ou estupido, um entristecido pelos remorsos e outro com receio de fallar, por nada saber dizer;) e por tanto adoto sempre a boa companhia, pasto d'al-

ma consolação dos olhos e disfarce dos trabalhos e pensamentos da morte: e por isso desejo breve me casar com uma menina esperta como uma ratona que conheço, e que me saiba contar historias etc. etc ; porem faça boa companhia, tanto na presença como na ausencia, para eu não ter dores de cabeça pelo pezo dos desgostos!

A PEDIDO.

(*Continuação*)

—Capitão, vou continuar a narração dos torpes feitos do ex-*governador* de um *morro*, lá para S. *Paulo*, que dei principio em o numero antecedente.

—Estou sciente.

—Vio o publico como este tratante, despeitado por não poder mais roubar, calumniou atrozmente em uma correspondencia o honrado actual *governador dos inuteis*, e não contente ainda com esta infamia, é o primeiro a atassalhar a honra de familias respeitaveis, um desgraçado, cuja familia é o foco de todas as devassidões.

Esse ex-governador, muito conhecido do *Simeão*, morador nas *Silvas*, casou-se com uma tal *Sinhá*, pernambucana da rua das Aguas verdes, de quem tem quatro filhos, ou antes dois, porque dois são de outrem, como hei de mostrar.

Antes de casar-se já tinha elle tambem quatro filhos de sua amasia Candinha, os quaes vivem reunidos aos outros juntamente com a mulher e a barregan. E' um perfeito bordel a casa em que habita este concupiscente relaxado.

Entre os filhos naturaes existe um já homem, cujo nome é de um rei da Suecia, a quem Sinhá ama idolatradamente por ser o pae dos dois filhos que, como já disse, não pertencem ao animal galhudo.

Parece incrivel que um filho, pratique assim contra a honra de seu proprio pae; porem o caso é mais que verdadeiro e ninguem ha por aquelles logares que ignore esta associação criminal e amorosa entre o filho e o pae. E tanto assim que a verdadeira mulher, a Sinhá, consente que Candinha, a amasia, more com ella, na mesma mesa e leito.

Ainda assim, em vista de semelhante depravação por todos presenciada, o safado insulta e diffama a todos desapiedadamente.

Demittido do governador, ainda dirige a *lanterna*, roubando escandalosamente o azeite que manda para a sua venda. Para este facto especialmente chama-se a attenção do governo que deve syndical-o, para o que ha exuberantes provas.

—Muxingueiro, vae buscar este safado, e applica-lhe 50 tacadas na polluta cara, como meio de correcção. Si, apezar disso, não emendar-se, deixa-o no porão de machos aos pés até a minha segunda ordem.

(*Continúa.*)

Ao publico.

Na carencia absoluta de provas que demonstrem a culpabilidade da Exma. Sra. D. Joanna Quirino da Silva Deiró, no processo crime por abuso de confiança, que lhe move seu cunhado, o Sr. Ignacio Coelho Fragoso, profuso vomita elle quanta injuria e calumnia lhe apraz contra a mesma Sra. e ainda contra o humilde advogado que fez as razões de recurso.

Isso, porem, não é novo, porque o Sr. Ignacio, em todas as partes onde vae, depõe desabrida e virulentamente contra sua cunhada.

Innumeras pessoas existem, testemunhas desta verdade, que promptas estão para comproval-a em qualquer parte.

A seu tempo ellas apparecerão, e então o Sr. Ignacio terá de ajustar contas a este respeito.

Qual o motivo de seu rancor contra o humilde advogado, é o que ignoramos, e deveras desejamos uma explicação.

A questão, no ponto em que está, não é de injurias e calumnias.

Destas armas só se servem os carecedores de razão, que a tudo deturpam

e infamam na falta do argumentos serios e valiosos.

O processo está hoje affecto as justiças do paiz, e não serão as declamações vagas e sem fundamento do Sr. Ignacio e dos seus apaniguados, que desvial-a-hão do caminho que tem de seguir e que lhe marca a lei.

Na processo não ha presumpção, quanto mais prova contra a accusada.

Havemos de desfial-o em todas as suas partes, e o publico verá a exactidão de nossas asserções.

Continue o Sr. Ignacio no caminho que segue, que pode muito bem succeder que ainda venha a arrepender-se.

Justus.

—Temos bando a pé na estrada do Rio Vermelho!

Porem não precedeu annuncio.

—E que do bando?

— Não vê aquelle tafúl caracterisado a macaco, enganchado n'uma palma de pindoba, na frente d'uma tropilha de raparigas e rapazes, e a musica de barbeiros batendo adiante?

—Isso é a gente do *terreiro* de tia Julia, no Moinho, que sahiu á pagode; não vê cada uma com sua insignia?

—E a policia consente isso?

—Porque não?

O peior é que as agoas vão se turvando; e a patuscada vae se tornando em tribusana; já vejo facas fora e os cacetes volteando.

—Isso por força; este sol tão quente, tanta caxaça, havia de dar nesse resultado.

—Vê aquella desesperada que quer furar o bombo?

E' a Pulcheria, segunda *mamãe* do terreiro.

—E que horrenda pedrada levou o mestre Marcos barbeiro!

—Não sei como a policia tolera semelhantes candomblés, nos quaes sempre ha um successo tragico.

—Sabe o que havemos de fazer? vamos tomar os nomes da sucia e levar para o *Alabama*.

—V. que os conhece, va ditando que eu escrevo.

—Pulcheria, Maria da Preguiça, Leopoldina carrapato, Lourença fateira, Joanna Bago molle, Belmira, Anninha da Rua d'Ajuda, Maria Carolina, Valeria, Maria Mãe de Filho, Juliana; as outras não conheço.

—Agora os homens.

—Faustino, Ambrosio, Salomão, Almeida carniceiro, Foló, Jorge, Darico, Gregorio, Miguel, Manuel Girota e Marcos.

—Bom, por aqui si o chefe de policia quizer pode mandar chamal-os.

—Vou lhe contar um facto que se deu no sabbado 21 de dezembro, do anno proximo passado, o qual embora venha ja um pouco tarde, com tudo não perde o merecimento,

—Desenrole-se.

—Então ouça-me:

O sargento da 8.° companhia do 4.° batalhão, reunido ao inspector do Resgate e aos guardas Manuel Machado e Bernardino José dos Santos, foram a uma roça ao Cabula, propriedade do Sr. Manuel Gonsalves Dormund, invadiram a e obrigaram a mulher do feitor da dita roça a entregar as chaves do quarto em que estava seu marido no leito de dor.

Uma das filhas que estava enferma, nessa occasião, pediu ao sargento e ao inspector a soltura de seu pae e teve em resposta os maiores insultos que imaginar-se pode.

—Não houve nada que fizesse commover aquelles corações impedernidos?

—E' verdade!

—Pratica-se disto em um paiz constituicional como este, onde se diz que a propriedade do cidadão é inviolavel!

—Aqui ha constituição, mas é para os grandes e não para os pequenos!

—E dizem que Lopez é malvado, tyranno, desposta, cruel e atroz! Dizem que os seus actos revoltam, contristam e penalisam!

—Digam-me agora, senhores do governo, o que dirá Lopez sabendo das arbitratiedades que se praticam no Brazil?

Dirá que o governo do Brazil dis-

pondo de maiores recursos que ello e trazendo o povo assim opprimido, é mais atroz, mais cruel e mais tyranno!

Dirá que esses actos são que contristam, revoltam e penalisam!

—O Sr. está um exaltado defensor de Lopez!

—Não o defendo. Sou brasileiro e brasileiro que sente o sangue ferver-lhe nas veias quando vê a patria pedir o auxilio de seus filhos; mas brasileiro, que não pode olhar impassivel para as crueldades que está praticando este governo que se diz progressista!

Sim!...Continuem senhores do governo!..... continuem com suas arbitrariedades que Deus protege a causa do justo!.....

Pergunta-se ao *fiscal uniaersal* para quem foram os tres mil reis, que carregou na guia da conducção de tres animaes, que no dia 22 do p p. foram levados a casa dos bois por um moleque do capitão *Redemptor* a seu mandado.

A cousa foi tão calva que os proprios empregados estranharam, e por isso é preciso dar um *empandeamento* ao negocio.

A probidade emcampotada

—Uma pergunta curiosa.

—Faça,

—Consta-me que o prelo da extincta sociedade Defensora está alugado em uma typographia por 12$ rs. mensaes.

—E' cousa que pode ser sem ser milagre.

—Desejava saber qual é a pessoa authorisada para isso é a favor de quem reverte esse dinheiro, ou onde para elle.

—Quem souber que lho sesponda.

A MEU IRMÃO.

O' brisa, vais do Oriente.
Visitar o Paraguay?
N'esse paiz insolente
Um irmão meu procurae
Aquem amo ternamente.

Dizei-lhe que a sua ausencia
Dilacera est'alma minha.
Onde a dor é com frequencia;
Que nossa mãe, coitadinha!
Chora ja sem paciencia.

Mas, que, si é grande a saudade,
Que temos do meu irmão,
E' grande a felicidade
O vermos que a sua mão
Lá deffende a liberdade!

Que sustente com firmeza,
Com caracter verdadeiro,
A honra em civismo accesa,
De soldado brasileiro,
Na mais arriscada empreza.

Que não se importe co'a vida,
Porque nos é ella cara;
Que a nossa patria querida
Comfiou-lhe o posto para
Vingar-lhe a honra offendida

E que a patria consagrar,
Porque se vê ultrajada,
A vida, para a vingar,
E' gloria mui elevada,
Que mais se pode aspirar.

Que estreital-o nos meus braços
Dezejo muito, dezejo
Mas que d'amisade os laços
Não o privem do ensejo
De seguir do inimigo os passos!

Que a Virgem Santa lhe valha
São os votos sempre meus;
Que no calor da batalha
Tenha firmo fé em Deus,
Que o livrará da metralha.

Que, quando da patria a historia
Narrar a presente luta,
Appareça a sua gloria,
Como a d'heroes impolluta,
Sem mancha a sua memoria.

Diz-lhe, emfim, diz-lhe que faça
Quanto quer a dignidade;
Que a quem a rasão abraça,
Que deffende a liberdade,
Deus derrama a sua Graça.

Quando teu sopro cadente
Em sua fronte bater,
Faz que um beijo docemente
Elle julgue receber
De sua mãesinha ausente.

Vae brisa; depressa vae
Procurar a meu irmão
Nesse immundo Paraguay
Cumpro bem essa missão,
E co'a resposta voltae.

M. F.

VARIEDADES.

CAIXEIRO HONRADO.

Um negociante de Londres annunciou nos periodicos que precisava de um caixeiro honrado que se sugeitasse a estar preso durante treze ou quatorze horas por dia, com o serviço da sua casa. No dia seguinte apresentou-se um pretendente.

— Vocemecê acha que pode estar preso tanto tempo cada dia?

—Oh sem duvida nenhuma!—respondeu o pretendente com um sorriso de ineffavel candura—Eu já estive sete annos na cadeia.

UMA MULHER COM DOUS MARIDOS.

Lê-se no *Jornal do Recife*:

Uma historia que participa um pouco do romance acaba de correr de bocca em bocca, na cidade de Anvers (Bélgica.)

«Ha trinta e dous annos um navio largava d'este porto com destino á America. Pouco depois de se ter feito ao mar naufragou, todos os passageiros e marinheiros morreram nas ondas, á excepção de uma joven, salva por um marinheiro, que casou com ella poucos dias depois.

Passados alguns mezes os jovens conjuges separaram-se, o marinheiro para embarcar, sua mulher para ir fixar a sua residencia em Anvers.

Depois d'esse dia nunca mais houve noticias do marinheiro, quando em fins de setembro, voltando elle a Anvere, depois de uma ausencia de mais de trinta annos, o seu primeiro cuidado foi dirigir-se a casa de uma mulher a unica parenta que tinha, afim de se informar de sua esposa, que tinha salvado com perigo da sua propria vida.

«Qual não foi a sua sorpreza, sabendo que a ingrata habitava em Hobobeu, onde se tornou a casar, ha um anno, com um camponez d'esta localidade, depois de vãmente ter esperado, durante trinta annos o regresso de seu marido.»

EDIÇÃO DE LUXO.

Certa actriz recebeu um rico presente de um admirador seu.

Consistia em um bonito volume formado com varias notas do banco; o tomo tinha na lombada as iniciaes da actriz.

Esta respondeu o seguinte;

«Li com muitissimo interesse o primeiro tomo do romance que V. Ex. me remetteu. Quando se publicará o segundo?»

O banqueiro pegou em outras tantas notas e enviou-as á actriz com essa annotação:

«Fim do segundo e ultimo volume.»

ANNUNCIOS.

ROUBO

Previne-se aos Senhores ourives ou a outra qualquer pessoa a quem possa ser offerecida uma bengalla de madeira escura, contendo um rico castão de ouro de custo talvez de 60$ a 80$ rs., de aprehendel-a, e leval-a ao Porto do Bomfim n.º 348, que será bem recompensado.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.º 9 B no na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.º 199, vende-se bom café muido puro.

Nesta typographia compra-se o n.º 262 do *Alabama* de 1867.

Quem precisar de uma ama para cosinha dirija-se a esta typographia.

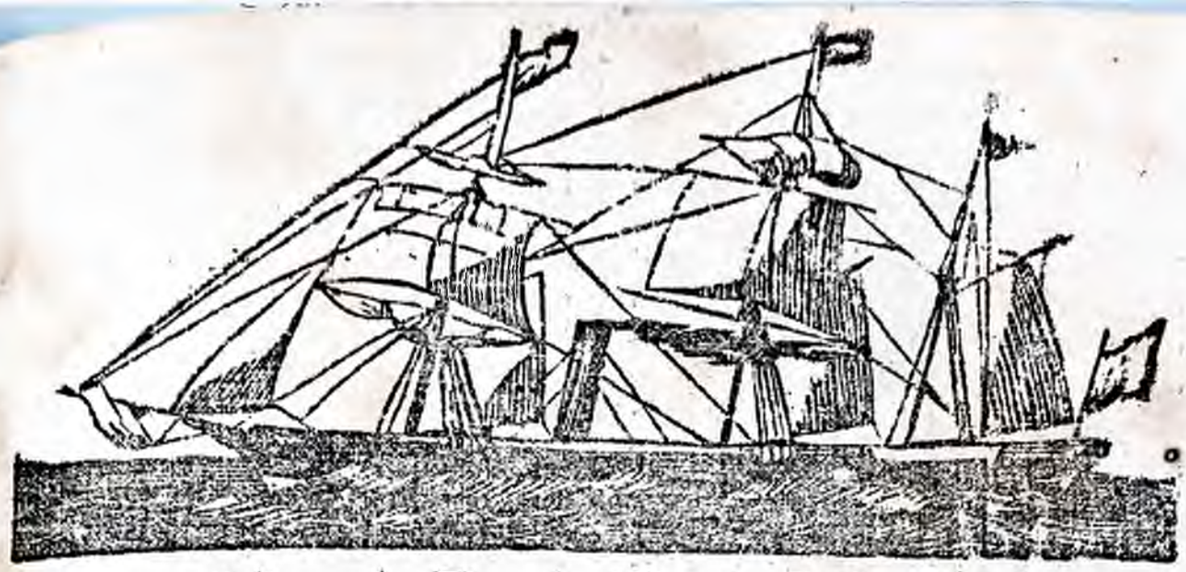
DECLARAÇÃO.

Constando que a viuva do finado Bogarim dissera em uma casa que esta typographia ficara devendo a seu marido 80$ rs., declara-se que é falsa semelhante asserção e que pelo contrario elle é que ficou restando saldo de recibos que tomou para cobrar.

Esta officina até hoje tem pago pontualmente a seus empregados nos sabbados; appella-se para os mesmos, e todos os que tem sahido tem ficado em debito para com a typographia.

Admira como a viuva do Sr. Bogarim, não vivendo com elle ha tantos annos, sabe que a typographia lhe ficou devendo!

Si comtudo essa senhora se julgar credora, apresente antes suas contas para ser paga do que andar propalando falsidades particularmente.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 8 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 31.ª—N. 307.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14. 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. commandante do corpo provisorio de policia, communicando lhe que nos informam, que frequenta constantemente esse quartel um usurario de nome Mascarenhas, o qual vive de exhaurir o suor dos pobres soldados, descontando-lhes o soldo com um premio extraordinario, e commettendo mil traficancias nas transacções; a ser assim, pede-se a S. S. que sirva-se de prohibir em ordem do dia, que semelhante harpya vá alli beber o sangue dos pobres guardas; assim como de declarar, que os commandantes de companhia nada têm com transacções particulares de seus subordinados, uma vez que nos consta, que o tal agiota recorre a elles, sempre que quer resolver suas duvidas de Caim.

—Então os menores foram tirar o Rei ao presidente?

—E' verdade; o qual tratou-os o mais seccamente possivel; nem agoa lhes deu a beber.

—Que sumiticaria!

—Mas tambem onde se viu companhia de menores andar tirando Rei? Na escala militar não ha casa que marque semelhante serviço.

—Essas blandicias inopportunas tem posto muita gente com cara de lacaio.

—Admire mais esta.

—Esta qual, rapaz?

—Um quarto de boi com metade da carne podre e metade sau.

—V' sabe o meio do mundo?

Pois então empine-se com seus embustes.

—Ora que havia o Sr. de dar para incredulo! Aprecie a coosa, avalie-lhe as dimensões e depois falle.

Na sexta feira, o agente do curral mandou sustar, n'um talho ao Cabeça, a vendagem de um quarto de boi do Sr. Idelfonso Lopes da Cunha, sobrinho do superintendente, por se achar corrompida a carne, o que foi verificado pelo Sr. Dr. Eloy.

Conduzida ao matadouro, no tra-

jecto, parece que com o calor do sol, a carne transformou-se e quando chegou ao logar, foi julgada boa, tendo *apenas arroba e meia podre*!

—Essa está boa para o 1.º de abril! O calor do sol, em vez de damnificar a carne, conserva metade e apodrece o resto!

—O Sr. duvida ainda? Pois vá perguntar ao cortador si elle entrou com o valor da carne ou não.

—Só si os bois consignados ao Sr. Idelfonso tem a propriedade de apodrecerem metade da carne e conservarem metade.

—Que papel é esse que tem V. ahi na mão?

—E' uma pagina do *Cabicuhy*, periodico de caricaturas que se publica no acampamento de Lopez.

—O que representam essas figuras?

—E' um engenheiro brasileiro explorando de um balão o campo inimigo e os paraguayos de cocoras dando-lhes os azes de copa para observar.

—Ah! bregeiros! Nos azes de cada um introduziria eu um varapau de vara e meia si os pilhasse.

—Dizem que ha ahi por esse mundo, um tyranno, que entrega as mulheres casadas á lubricidade de seus soldados, que constrange as mães a amaldiçoar os filhos e as esposas a repudiar os maridos, que manda os padres para o exercito e amarra os homens como feras em baixo das arvores expostos as intemperies. Todos tem ouvido dizer isso, mas ainda ninguem viu; é a tradicção quem transmitte semelhantes noticias.

—A tradicção ás vezes é exagerada.

—Agora deixemos isso e passemos a outro assumpto. O *Jornal da Bahia* é quem falla.

«*Mais uma prova*.—Acha-se preso em deposito de contingentes, no quartel da fortaleza de S. Pedro, um individuo de nome Joaquim, pardo, remettido como recruta ou contingente da guarda nacional, da villa de Itapicurú.

«Custa a crer, que esse miseravel, que só inspira compaixão, fosse remettido como contingente ou recruta.

«E' idiota: ás vezes soffre accessos de loucura, e tem o pescoço torto, inteiramente dobrado sobre o hombro direito.

«A' noite, ou grita em altas vozes, ou persegue aos companheiros, que para socegal-o applicam-lhe alguma dose avantajada de soccos, e o mais que podem, ou desata a chorar com lamentos e soluços.

«Esse infeliz, que devia estar em algum hospicio de alienados em tratamento conveniente, é offerecido ao governo para marchar para o exercito como contingente da guarda nacional.

«Este acto de deshumanidade denuncia uma de duas: ou zombaria ao governo, acinte por algum motivo reservado; ou vingança particular, odiosa e inexoravel contra a familia, ou pessoa da familia, á que pertença o infeliz Joaquim.

«Quem quizer vel-o, pode ir á fortaleza, que ha de encontral-o nas tristes condicções expostas.

«De dia, quando o deixam solto, leva horas successivas e esquecidas sem chapeu, exposto ao sol, indicando como que soffrer frio na cabeça.»

. . . . . .

—Capitão, vou lhe contar um facto.

—Sem commental-o, vamos com isso.

—Não se commenta, entrega-se tal qual deu-se a appreciação do publico.

No domingo vespera de Reis, estava o rancho dos menores de artifices no adro do convento do Carmo á meia noite.

Subia a ladeira um homem com sua nhora de braços dados, quando veiu um carro da companhia de Vehiculos puchado a quatro cavallos russos e trazendo dentro dous moços vestidos de branco, um menino e duas moças que pelos gestos pareciam filhas de Jerusalem. Ao passar o carro pelo homem que vinha tranquillo com sua senhora, um dos ditos moços do carro mandou que o boleeiro fosse chicoteal-o, ordem esta que foi de prompto pelo boleeiro executada.

—E o homem não repelliu esta injuria?

—Quiz, mas a mulher não o consentiu.

—De que qualidade é esse boleeiro?

—E' crioulo.

—Acho bom que o Sr. se dirija aos directores da companhia de Vehiculos para darem alguma providencia a respeito, afim de que esses insolentes e atrevidos boleeiros, não fiquem avezados, pelo exemplo do seu companheiro, a metterem o chicote de cavallos em quem lhes parecer.

—E deve haver alguma providencia, pois nem sempre elles encontrarão homens pacificos com este.

LA VAE VERSO.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

(Continuação.)

—O guarda sol do progresso
Augmentou uma vareta,
Para cobrir o Zé Carros
Com uma nova chupeta.

Nas *obras particulares*
O fardo foi arrumado,
Posto levasse canastra
Ficou bem accommodado.

Meu charo, quem nesta terra
Na grande locomotiva
Do progresso não embarca,
Não faz viagem activa.

Anda a trancos e barrancos
Sem a estrada acertar
Até que n'um atoleiro
Vae de ventas esbarrar.

—Vou dar-lhe uma noticia,
E' cousa que nada val:
As pazes do Azevedo
Com o chefe do curral.

Consta que fez-se o milagre
Por effeito d'uns *continhos*
Que foram mui bem *contados*
No mais caluda... pontinhos.

E' um bom doto, meu rico,
Ter-se branda a natureza,
Que ao *som* de qualquer historia
Modera-se a aspereza.

—Nossa moeda papel
Tem cahido em tal desdouro,
Que a companhia do Gaz
So quer receber em ouro

Porem quanto ao grau de luz
No contracto estatuido,
Vae ella satisfazendo
Como Deus quer e é servido,

O governo é quem tem
O papel depreciado
Ordenando que n'alfandega
Seja elle regeitado.

Essa medida por cá
Produziu grande escarceu,
E na casa aduaneira
A renda logo desceu

Calcule que o mez passado
900 contos deu;
E 2 contos neste mez
No dia dous só rendeu!

Veja la que differença!
No outro 30 por dia;
Neste rende apenas dous
Que é uma ninharia!

—Me diga ahi nessa corte,
Adoptou-se entre outros planos;
Para acabar a guerra,
Recrutar-se os africanos?

Eu não sei si isso é exacto...
Os cujos que vem de la;
Entre outras novidades
Vende, esse peixe por cá.

—E' verdade que a policia
Descubriu nessa cidade
Que um padeiro misturava
Na farinha alvaiade?

Por que fabricava elle
Pães, por esse modo novo?
Para o numero crescer,
Ou p'ra fazer mal ao povo.

O nome do tal sujeito
Dos culpados esta no rol?
Ou não, por haver prestado
Serviços da guerra *em prol*?

Me explique pelo miudo
Toda essa bacafusada,
Si é que as conveniencias
Ja não a tem abafada,

—Quanto a noticias da guerra
Ja sei que faz reticencia,
E não adianta nada.....
Que hei de fazer? paciencia.

Por ca houve um pega-pega
Que não foi de brincadeira
Corcundas velhos, manetas,
Tudo andou na carreira.

Até o nosso Odilon,
Que a gente tanto agrada,
Com os desenhos que tira
Para a *Bahia Illustrada*

Foi preso, não lhe valendo
De casado a condicção
So por não trazer no bolso
Do consorcio a certidão.

(*Continùa.*)

A PEDIDO.

Consta-nos que acha-se preso, no quartel da Palma á ordem do respectivo commandante, o Sr. tenente do 6.° batalhão da guarda nacional, João Fernandes da Silva, desde o dia 3 do corrente ás 10 horas da manhan, por não querer o referido Sr. tenente pagar ao tenente coronel a quantia de 65$ rs. que o mesmo adiantara á companhia sob o commando do Sr. tenente, adiantamento este feito a alguns guardas fora do quartel e a outros de quantia superior ao soldo que vencem na quinzena.

Rogamos, portanto, ao Exm. Sr. presidente da provincia e ao Sr. coronel commandante superior de syndicar este facto, que a ser verdadeiro, não honra muito ao Sr. tenente coronel Fortunato, e mande soltar o Sr. tenente, que não deve por esse motivo ser privado de sua liberdade por um minuto, quanto mais por tantos dias.

Desculpemos porem ao Sr. tenente coronel; si S. S. si désse ao trabalho de estudar a lei da guarda nacional não daria por certo uma cabeçada tão grande; mas, si S. S. commanda o batalhão com exercicio no seu armazem, como ha de estudar e praticar a forma de commandar o batalhão?

Ao publico.

Felizmente o Sr. Ignacio Coelho Fragoso ainda não ouzou apparecer em publico para desmentir, si quer, uma só das proposições que temos apresentado em favor da Exma Sra. D. Joanna Quirino da Silva Deiró.

Tanta perseguição, tanta azafáma, tanta bambochata e afinal de tudo nada, nem cousa nenhuma!

No casal do fallecido Quirino Antonio não foi inventariada uma só oitava de ouro, como consta dos autos de inventario, que podem ser vistos por todos no cartorio do escrivão José O. limpio, entretanto que o Sr. Ignacio quer que a Exma. Sra D. Joanna Deiró lhe dê contas de ouro!

Esta so da cabeça do Sr. Ignacio!

No giro commum da vida ha muitos modos de enriquecer-se, quando a fortuna não é avessa; porem querer receber aquillo que nunca se entregou, e ainda nunca existio, é muito, e excede a toda demasia

Por ora temos nos abstido de entrar em certos pontos, porque estando o processo affecto as justicias do paiz, não queremos que se diga que estamos fazendo pressão.

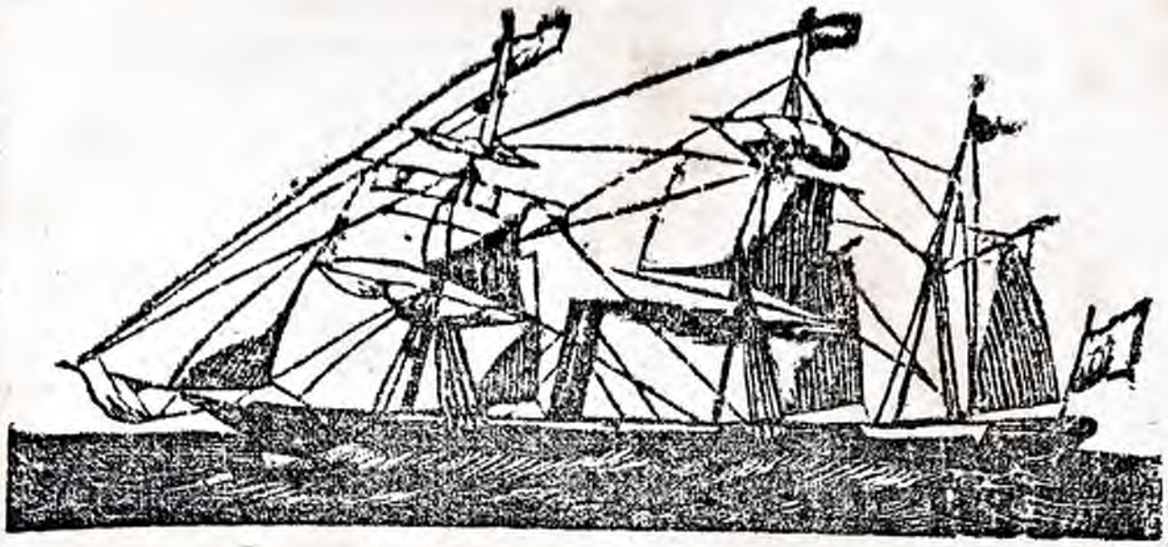
Logo, porem, que elle for decidido, analisal-o-hemos em todas as suas partes, e então o publico ficará melhor conhecendo a injustiça clamorosa que soffre a Exma Sra D Joanna Deiró do Sr. Ignacio Coelho Fragoso

Justus.

ANNUNCIOS.

As pessoas que tem contas na venda á rua Direita da Mizericordia n.° 32, contrahidas com o ex-caixeiro Jovino Sabino Pereira dos Santos, tenham a bondade de as vir saldar na mesma venda ao seu proprietario, onde so é unicamente o podem fazer.

Pede-se ao Sr. pharmaceutico José Henrique Barbosa de Oliveira, queira chegar a venda n.° 32 rua Direita da Mizericordia para negocio que não ignora.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 10 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 31.ª—N. 308.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14. 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Revm. Sr. Dez. provisor, encarregado do expediente do Arcebispado, chamando sua attenção para o escandalo de andar uma meretriz de nome Margarida, com um annel prebendal no dedo, mostrando-o com zombeteiro alarde por toda parte onde anda, e dizendo que aquelle annel tomou de um Sr. conego de quem era concubina, para aperreal-o em certo dia em que tiveram um desaguisado.

Por moralidade da classe sacerdotal, pede-se a S Revma. que, inteirado de qual seja o conego proprietario do annel, o obrigue a rebavel-o de sua marafona, e caso ella a isso se negue, seja coagida por intermedio do Illm. Sr. Dr. chefe de policia a não usar de destinctivo que lhe não cabe.

—E' assim que vae á vela o dinheiro da provincia!

—Em pepineiras como esta calçada da rua da Valla e outros que taes.

—Eu so desejava saber si o governo não tem uma pessoa que fiscalise tão albardeiro trabalho.

—Este ultimo pedaço da esquina do Ferrão em diante está um escandalo.

—E alli defronte do hospital de S. Francisco que já tem uma grande broca!

—Em outra parte o empreiteiro seria obrigado a desmanchal-a e fazel-a de novo, porem aqui ha de se dizer que a obra esta perfeita e siga o carro.

—Hoje principiam as novenas do Senhor do Bomfim em sua capella em Itapagipe.

—E' de esperar a concurrencia de todos os fieis, para maior realce da festa d'Aquelle que sobre nós tão benigno derrama suas misericordias.

—Apezar de que o Sr. Dr. chefe de policia não quizesse dar attenção a humilde informação que lhe demos sobre uma menina orphan da rua da Ordem Terceira, a cousa sempre produziu effeito.

—Isso é o que se quer.

—A mulher, que a tinha a seu cargo, receiosa, tratou logo de comprar

alguma roupinha para a infeliz e a entregou a uma mestra.

—Como sempre resultou algum beneficio, o tempo não foi perdido de todo.

—A camara municipal, em sessão de 17 do passado, deu uma significativa prova de consideração e apreço ao seu digno escrivão do matadouro, o Sr. Antonio Pedro Ferreira, pelo trabalho assaz meritorio que teve o mesmo Sr. de confeccionar um esclarecido demonstrativo das rezes entradas e sahidas no matadouro publico, durante todo anno de 1867.

E' um trabalho importantissimo e pelo qual se pode saber, á primeira vista de olhos, qualquer movimento daquella repartição e resolver a menor duvida.

—O Sr. Antonio Pedro Ferreira sempre foi muito pixoso e incansavel no desempenho de suas obrigações; immensas vezes tem elle disso dado provas, tanto em commissões particulares como publicas.

A PEDIDO.

—A besta acode ao mangual, o cavallo á espora, o boi ao ferrão, porem este endiabrado Julio Feijoada, quanto mais taca leva, mais safado fica!

Aquella cara de areia mijada, relaxou por uma vez!

—Arre! Que bruto indomavel!

—E todos hão do soffrer com as interminaveis bebedeiras e tratantices desse mono de feições descommunaes.

O demonio anda sempre em roda viva com os pretos ganhadores; os quaes logo que o vêem chamar algum parceiro, o previnem por lingoa que Julio Feijoada é um refinado caloteiro.

Ajustava elle com uma preta a conducção de umas garrafas de gengibirra, passa uma preta conduzindo um taboleiro de comida, cantarolando canções de sua terra.

Feijoada entendeu que a preta previnia a outra do calote que estava quasi a levar e deu-lhe duas tremendas bofetadas, esmigalhando pratos, e comida.

—Que descarado!

—O pobre vendelhão para quem ia a commida passou nesse dia a secco e Julio Feijoada ficou fresco como uma alface.

—Está porque elle faz destas e outras; si fosse logo agarrado e mettido na casa de caxorro para pagar o prejuizo, de outra vez seria menos rixoso.

—Em que ficou o negocio do defloramento que dizem praticara o tenente Côrte Imperial?

—Creio que em nada.

—E elle se justificou?

—Eu sei! E' provavel que dissesse que tudo era calumnia: e é quanto basta.

—Pois olhe, si não é elle que tenho visto entrar á noite na casa em que está a offendida, é a figura delle.

E' verdade que ha um dictado que diz—que ha diabo que se parece com outro, e por isso não teimo.

—Isso de entrar, não admira, porque desde o tempo em que a moça estava em companhia do pae, em casa de uma familia á rua do Bispo, que elle frequentava assiduamente, e segundo o proprio pae, elle foi até n'alfandega offerecer-lhe a fiança de uma casa, dizendo que tinha pena de o ver tão carregado de filhos e em tanta penuria!

—Que macacão sabido! Como sabe chamar a *bêta* ao arroz!

—Com vinagre não é que se apanham moscas.

—Depois que o pae, é elle tambem que diz, foi para a tal casa affiançada pelo tenente, nunca mais deixou-lhe este a porta.

—Tambem o tal pae ou era tolo ou queria se fazer. Pois não via que tanta protecção e amizade não era por seus bellos olhos?

—Não sei. Diz elle que uma noite recebeu um bilhete de uma camarada de sua filha, pedindo para ella ir passar o dia immediato em sua companhia; que elle concedeu, e ella foi levada por uma preta; mas que ás tantas da noite bateu-lhe á porta accompanhada do Sr. tenente, que disse a encontrara n'uma escada.

Si fosse um rapaz podia se dizer que elle o recrutara, mas uma moça...

—E' justamente de tudo isso que eu desejava saber si o Sr. Côrte Imperial defendeu-se plenamente, provando que tudo era aleivo, como bom pode ser, e eu não duvido, ou si deu alguma desculpa do papa terra e a cousa ficou abafada, por ser o pae um pobre enrolador d'alfandega.

—Qual! Não creia nisso. Com o chefe actual não se dão dessas *benignidades*, principalmente com um homem nas condicções do Sr. Côrte Imperial, official de um corpo que exige toda moralidade e circumspecção. Si elle ainda não justificou-se cabalmente, ha de ser coagido a fazel-o Conte com isso.

—V. que assevera...

—Tenho plena confiança na authoridade.

—Sr. Dr. *Palangana*!

—*In-nhá minha sinhá.*

—Como gostou! Si eu lhe chamasse *Chinchilla*, ficava todo arrufado.

—Eu não me zango com moças.

—Não inche como *perù*.

—Si quer me chasquear, viro de bordo.

—O Sr. não é nenhuma sumaca de carne de sertão, socegue.

—Ja nem me mexo. Quando estou ao pé de moça sou macio como lan.

—Que presumpção de namorador! Aqui na Calçada, V. é o primeiro.

—Sem duvida que sim.

—Olhe que bobo!

—Capitão, V. Ex, podo fazer-me um favor?

—Diga o seja breve.

—Officiar ao Sr. Dr. chefe de policia, perguntando-lhe si um liberto pode ser authoridade policial?

—Onde V. viu isso?

—Na freguezia do *Segura paredes*.

—De quem é a nomeação?

—Ignoro.

—Explique-se,

—Digo que a lei é muito expressa, e que dá-se a authoridade de inspector de quarteirão á pessoas de criterio e não a um liberto, que, alem de não estar no caso de occupar cargos publicos, acoberta-se com a facha, para por meio della induzir os negros e outros que roubam nas alvarengas e etc. a venderem-lhe seus roubos, ameaçando-os com prizão, invadindo cazas, etc. etc.

—A culpa teve quem lhe deu a nomeação: e o subdelegado está cego?

—Não sei; porem parece-me que para o tal inspector tel-o á sua disposição tomou-o por compadre.

—Isto é um absurdo!

Quem é esse inspector, que impune pratica tantos actos maus?

—Não sei do nome; porem V. Ex. pode mandar indagar pelo *Firmino*, em casa do *José*, que mora com o *Santiago*.

—Em que rua pratica o crime?

—No *Caes do Ouro*.

—Bem: vou primeiramente me dirigir ao subdelegado, a ver que providencias dá, e no caso de não providenciar, officiarei ao Sr. Dr. chefe de policia que mande syndicar por pessoa de sua confiança os actos praticados por aquelle liberto inspector, sendo responsavel o subdelegado pelos feitos do mesmo.

—Fico-lhe muito obrigado.

Illm. Sr. capitão Salvador Pires de Carvalho e Aragão.—Rogo a V. S., a bem da verdade e de sua reconhecida probidade, declarar-me ao pé desta, si trez animaes mandados por V. S. aprehender em sua roça e remettidos no dia 22 do corrente mez para o curral do conselho, por um escravo de V. S., de nome Francisco, si por cuja remessa houve V. S. estipendio algum: permittindo que de sua resposta faça o uzo que me convier, assignando-me

De V. S.

muito attento venerador e criado

F.

Em 23 de dezembro de 1867.

Illm. Sr. F.—Respondendo aos quisitos por V. S. exigidos, direi—que che

gando hontem, soubo que no dia 22 do corrente foram pegados trez animaes, que com outros diariamente invadem esta roça, os quaes foram remettidos ao Sr. subdelegado, mandando este remettido ao Sr. fiscal geral, e esto dando guia mandou pelo nosso escravo Francisco recolhel-os ao curral do conselho, sem que pela minha parte percebesse estipendio algum: é o que em abono da verdade lhe posso responder. Sou

De V. S.

muito attento venerador e criado

Salvador Pires de Carvalho e Aragão.

S. c. 25 de dezembro de 1867.

(Estava o reconhecimento publico.)

Deseja-se saber da Illma. camara municipal, si os seus guardas ganhando 1$ rs. diarios são para o serviço da mesma, ou para serem distrahidos em occupações particulares, comprando e carregando, como ainda no dia 8 foi encontrado um de garrafão ás costas, com dous lanhos de toucinho e outros objectos.

O *Universal.*

Poderão ser pretendentes ao alto logar de escrivão de almoxarife do arsenal de marinha dois sujeitos—um que ja foi prezo por cumplice de moeda falsa e outro que consta ainda passa.....?

O *Baratinha.*

VARIEDADE.

PASSE POR LA MUITO BEM.

—Teu sorriso e olhar meigo,
(No amor ainda sou leigo)
Acaso dizem—amor?
—Não, senhor.

—Pois olha, eu assim cuidava:
Julguei-te um anjo... e sonhava,
Eras o meu ideal!
—Pois fez mal.

—Mas tu de certo sabias
Que neste peito, accendias
Ardentes chammas d'amor!
—Sim, senhor.

—Sabias!... e não fugiste!
Meiga fallaste!... sorriste...
Ai! dize qual foi a razão?
—Distracção.

—Então quizeste attrahir-me
Somente para illudir-me,
E dar-me angustia infernal?
—Tal e qual.

—E não sentes no teu peito
Dos remorsos o effeito,
Por essa cruel acção?
—Nada, não.

—E, ao ver-me triste e soffrendo,
D'amores por ti morrendo,
Talvez que sintas prazer!
—Pode ser!

—Eu, porem, não te mer'cia
Essa feroz tyrannia,
Na minha cega boa fé!
—Assim é.

—Comtigo sempre discreto
Foi, na força deste affecto,
Que tão d'alma te votei!
—Bem o sei.

—Ai! nunca vi, na verdade,
Tão requintada maldade!
Não terás tu coração?
—Talvez não.

—E não posso ter, já agora,
Dessas esp'ranças d'outr'ora?
Nem uma esp'rança d'amor?
—Não, senhor.

—Visto isso, adeus querida,
Vou tratar da minha vida!
Sinto a morte em teu desdem!
—Passe bem.

ANNUNCIOS.

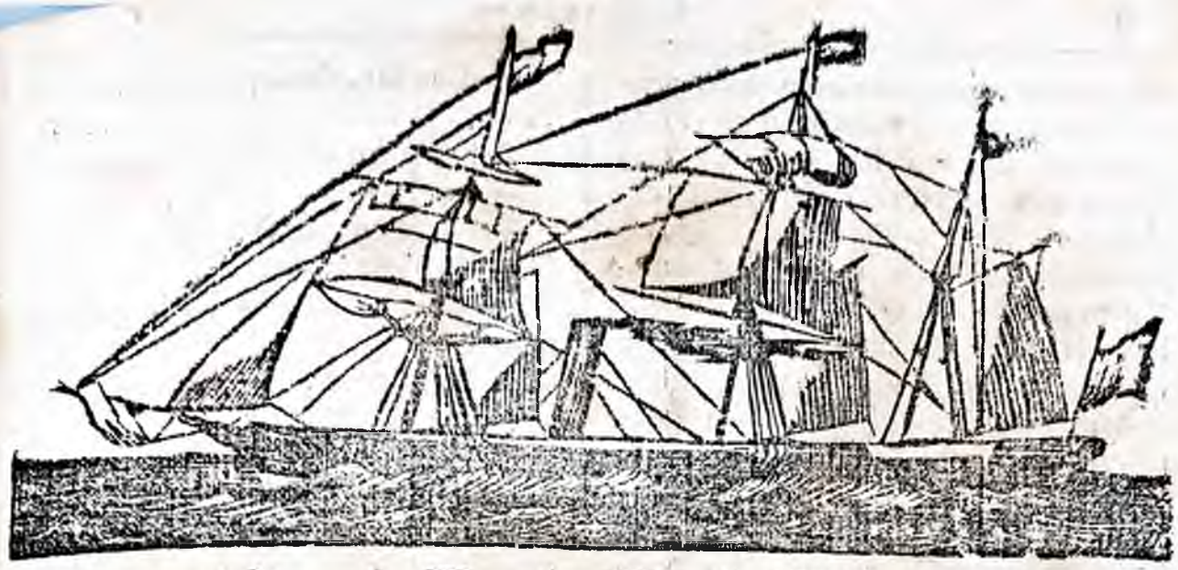
VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.° 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n. 199, vende-se bom café muido puro.

Quem precisar de uma ama para cosinha dirija-se a esta typographia.

Pede-se ao Sr. pharmaceutico José Henrique Bárbosa de Oliveira, queira chegar a venda n.° 32 rua Direita da Mizericordia para negocio que não ignora.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 11 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 31.ª—N. 309.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, ainda uma vez pedindo-lhe toda attenção e vigilancia para o *Paraguay*, á Estrada Nova, onde é constantemente alterado o socego publico, por uma malta de desordeiros e capadocios que ahi se ajunta. Ainda ha poucos dias, um escravo do proprio Sr. Para-assú, de nome Hermes, intentou ferir com uma faca de ponta, a um senhor moço, facto que se não realisou por haver este se trancado em um quarto.

Esse escravo Hermes pela ousadia que tem de seus senhores, é alli o mais insolente alarmista.

Espera-se que S. S. prestando consideração ao que aqui se lhe recommenda, tenha debaixo de suas vistas aquella *republiqueta*, foco de desordens e immoralidades.

A CAMA.

Tem os escriptores prosistas e poetas elogiado tantos logares, e tantos trastes, entretanto ainda nenhum fez um elogio a cama, objecto de tantas considerações agradaveis.

A cama foi inventada alguns annos depois de creado o mundo, porque consta que Adão e Eva não tiveram cama; apenas quando era noite juntavam um grande monte de capim secco e se deitavam sobre elle. De lençóes tambem não usavam porque eram robustos por tal forma que não sentiam frio, e si acaso no inverno havia alguma noite de muito vento e frialdade, cortavam folha de bananeiras e se cobriam com ellas. Foi apparecendo a civilisação e entrou-se a usar de uns ostrados de pau todos rasos sem cabeceira nem pés; mas vendo os casados que era preciso fazer-se a cama um pouco levantada do chão para guardar em baixo o ourinol e o gato, inventaram umas camas de jacarandá com armação tão alta que era preciso subir-se uma escada de seis degraus; estas camas eram bonitas, porem incommodas por causa da subida, e em

virtude deste inconveniente estão presentemente substituidas com as camas francezas que são baixas com cintas largas e cabeceiras esbarradas com elegancia, imitando as popas dos navios de alto bordo; e justo é que se estudem todos os melhoramentos e bellezas da cama a vista da importancia que ella merece.

A cama pode-se dizer que é a guarita onde a creatura depois dos fadigas dos trabalhos do dia vae gozar descanço, e cobrar novo alento para viver: é a cama o agradavel recosto onde o sabio combinando seus pensamentos, adquire ricas producções, e melhoramentos de sciencia; é a cama o verdadeira Parnaso onde o poeta absorto no silencio da noite recebe saudosas inspirações mandadas por Apollo; é na cama onde o homem morigerado e bom christão recorda os actos que praticou durante o dia, e cuida em corrigir os erros que nelles involveu; é tambem e infelizmente, a cama o logar onde o usurario estuda meios e modos de arrancar o dinheiro nos seus tractos e volhacadas; e é na cama onde o empregado rapina planeja astucias para roubar os cofres da nação, e é finalmente na cama onde o malvado de alma corrompida arma ciladas e traições para fazer mal ao seu semelhante; porem graças a Deus quando eu estou na cama sem dormir, não sou tentado destas malditas ideias, por que o meu pensamento nessa occasião só se occupa de tres pontos, um é apresentar artigos para ganhar a opinião do povo, outro é escogitar termos amaroleticos, e adocicados para conseguir affeição das moças, e outros é ver se descubro fazer ouro, ou prata fina.

(*Continúa*)

A PEDIDO.

—O' lá, immediato!

—Prompto, capitão.

—Deita o oculo e observa que navio é aquelle que alli vem.

— .....

E' um navio corsario, capitão, traz a bandeira de todas as nações.

—Abordar, chamo-o á falla.

.....

—Quem é o capitão deste navio?

—Aqui estou.

—De que nação és filho?

—Da portugueza.

—Que nome tem o navio que commandas?

—*Rapinorum*.

—Que bandeira traz?

—A de todas as nações.

—E' pirata o teu navio?

—Não resta dubida.

—Donde vem, para onde vaes?

—Venho de *Descaratropolis* e vou para *Latronopolis*.

—Que vento trazes?

—O nordeste.

—Que carga levas?

—Não tenho que lhe dar contas.

—Capitão, o commandante deste pirata resiste em mostrar o manifesto.

—Si não quizer por forma alguma mostrar, manda applicar-lhe uma bala do rodizio de prôa.

—Ouviste as ordens, pirata?

—Aqui tem o manifesto.

—Ainda não quiz entregar o manifesto, immediato?

—Já. Lá vae para V. Ex. ver.

.....

Vejamos:

40 caixões de pinho—moeda falsa;

50 caixas—ouro roubado a diversos paes de familia, que *enforcados*, iam depositar na mão deste ladrão;

60 ancorêtas—rapinagem feita a diversos navios encontrados por elle no alto mar;

1 livro com os nomes dos socios da falsa moeda, residentes em Latronopolis;

300 massos—cartas da *santa terrinha* com direcção aos negociantes ricos da praça latronopolitana, a força da falsificação da moeda papel.

Passemos aos passageiros:

5 viuvas logradas por este tratante;

4 donzellas por elle seduzidas;

10 escravos roubados a uma pobre senhora, que teve a infelicidade de se confiar deste latrono;

2 escripturas de duas propriedades

roubadas a uns orphãos, de quem era elle tutor.

—Não tem mais nada?

—Tem aqui ainda uma lembrança de um envenenamento feito por este malvado a uma infeliz criança de 10 annos, afim de se apossar de todos os seus bens

—Acabou se?

—Agora só tem o apanhamento de uns *machadinhos*, espingardas e mais instrumentos precisos, com que elle dava abordagens nos navios que roubava.

—Carrega todos os marinheiros deste navio de ferros e deita um par de machos nos pés do capitão e traz-o aqui para o porão, para ser interrogado por mim sobre o manifesto.

(*Continúa.*)

MOTTE

feito por uma boa mãe, á seu filho na campanha do Paraguay.

Deus te queira abençoar
Por si, por mim, por teu pai,
Para teres boa sorte
Na guerra do Paraguay.

GLOSA.

Tem esta por fim lembrar-te
Que deves ser comportado,
Embora fosses creado
Por quem não soube educar-te;
Porem muito soube amar-te,
E te deseja abraçar;
Esta mãe que de chorar
So lhe tem falto morrer
Feliz te deseja ver;
Deus te queira abençoar.

Sei que os perigos da guerra
Não privam vadiações;
Mas é Deus, e as orações
Quem nos detem sobre a terra.
Vis pensamentos desterra;
Aos bons acompanharás;
Aos maus não imitarás:
Não sejas qual Judas foi
Para que Deus te abençoe
Por si, por mim, por teu pai.

Faze por ter um amigo
Para esse te ajudar'
Quando hajas de ficar
Sobre o campo sem abrigo:
Da guerra o maior perigo
Não entendas ser a morte.
O desespero mais forte
E' não se ter devoção.
Faze pois deprecação
Para teres boa sorte.

Nunca serás esquecido
Dos amigos, e dos teus
Que fazem votos a Deus
P'ra seres bem succedido.
Não fiques esmorecido:
Si haveis de morrer, matai;
Mas, meu filho, respeitai
Ao pobre prisioneiro:
Sê honrado brasileiro
Na guerra do Paraguay.

VARIEDADE.

Correspondencia amorosa.

Minha chara Xinfronia:—«Depois que te mostrei a *conta corrente* do meu namoro, pude, com o *saldo* do amor que me coube, *estabelecer-me* com nova *taverna de poesias*. Ja vês por tanto, que estou bem *sortido* de versos e com grande *freguezia litteraria*; é esse o principal objecto que muito concorre para a pontualidade dos meus *pagamentos* amorosos! E' tal a affluencia de carinhos, que o *balcão* da minha amizade necessita de dous *auxiliares* de paciencia para o *expediente* do sentido, que passo a limpo nas noites *asselvajadas* da insomnia! Habituei-me a dar uma *quebra* de affeição a todas as ternuras que insensivelmente *compram* os meus risos, hoje posso te affirmar que não ha um só olhar seductor que deixe-de ler a *taboleta* da minha paixão.

«*As contas assignadas* pelo juramento de amor avultam bastante na *carteira* dos meus desejos! Si não forem cumpridas no *prazo* das minhas esperanças, pretendo cobrar *um por cento ao ciume* pelas promessas que a minha fé conceder. *O caixeiro* das minhas confidencias te apresentará uma *ordem saccada* pela força do meu affecto *acceita* pelo enthusiasmo que me faz palpitar o coração, e *endossada* pelos devaneios do prazer.

«Farás o obsequio de a registrar na *caderneta* dos *gosos a pagar*.

Teu

TIBERIO DAS NEVES RODOVALHO.»

Corte 10 de agosto de 1860.

RESPOSTA.

Meu querido Rodovalho.—Si te adoro não sou criminosa! O que me força a amar-te é mais que uma sympatia: é a torrente de harmonia das sensações deliciosas; é a phraze eloquente e faqueira da sensualidade; é a espressão cadenciosa dos teus negros olhos; é o halito ardente dos teus suspiros, e o echo queixozo dos teus cantos apaixonados.

Si perscrutasses os serenos balbucios que borbulham nos meus labios, quando estou só *lavando*, dirias que os *murmurios* da fonte não tem tanta doçura para enlevarem a viração que palpita na ramagem da floresta! Ja puz na *barrella* das minhas meditações voluptuosas todas as recordações embriagadoras de tuas *amostras* de estima! Não imaginas as *gamellas* de pranto que *fervem no taxo* do meu coração! Supponho que a *cinza* da minha dor é bastante para *desencardir* tuas *avinagradas* desconfianças!

«Tu dizes-me que o teu peito supporta mais calor de sympatia que o *fogareiro* em que *freges* as tuas *sardinhas* e eu digo-te que a agua com que *cosinho* a minha *barrella* de esperanças, não é mais fria do que as lagrimas *ensaboadas* que derramo na *trouxa* das minhas magoas!

«Oh podessem os teus ardentes desvellos pagar-me com ternura o ardor dos meus zelos virginaes, que eu não precisaria de mais *sol* para *enxugar* os meus humidos receios! Então poderia *corar* ao relento dos teus risos suaveis, os *pannos* da mais tecida e valiosa impressão dos meus sentimentos. So assim tirava eu as *nodoas* da saudade que me pungo.

«Escuta: tu não amas a *lavadeira* com o seu vestido arregaçado, suas rubras faces, com o seu avental escuro, meneando com graça os grossos braços requeimados ao sol?! Dize: não amas?!

Ah! meu encantador e ternissimo Rodovalho, si no *balaio* das minhas considerações não coubessem todas as *peças* do perjurio, teria enloquecido para acommodar o resto dos *trapos* de teus protestos de sincera inclinação!

«Julgo que no *rol* dos teus encantos, não foram *caros os pontos* e *remendos* de todos os meus padecimentos! a *somma* das minhas venturas importo em pouco sacrificio de tua generosidade! Dizer-te que no placido e limpido rio do meu sônho se retrata o teu mimoso semblante a *enxaguar* a minha *clara* sinceridade! Persuado-me que não tens *nodoa* para que me esqueças, meu terno Rodovalho?

«Tranquiliso-me confiada nas *dobras* da tua amisade! Adeus: ate á primeira.

«Tua querida e sempre affavel.

Xinfronia.

N. B. Não posso deixar de *alinhavar* uns versos para por a *marca* dos meus ais no meio do *crivo*, que adorna o teu *engommado* coração. Eil os:

«Meu Rodovalho querido,
«Tenho o peito *descosido*
«E o coração *remendado*;
«Ja não *pesponto* o prazer,
«Os risos não sei *coser*
«No desgosto *esfarrapado*!

«*Lavo* paixões,
«*Engommo* dores
«*Cirzo* a lembrança
«Dos meus amores!

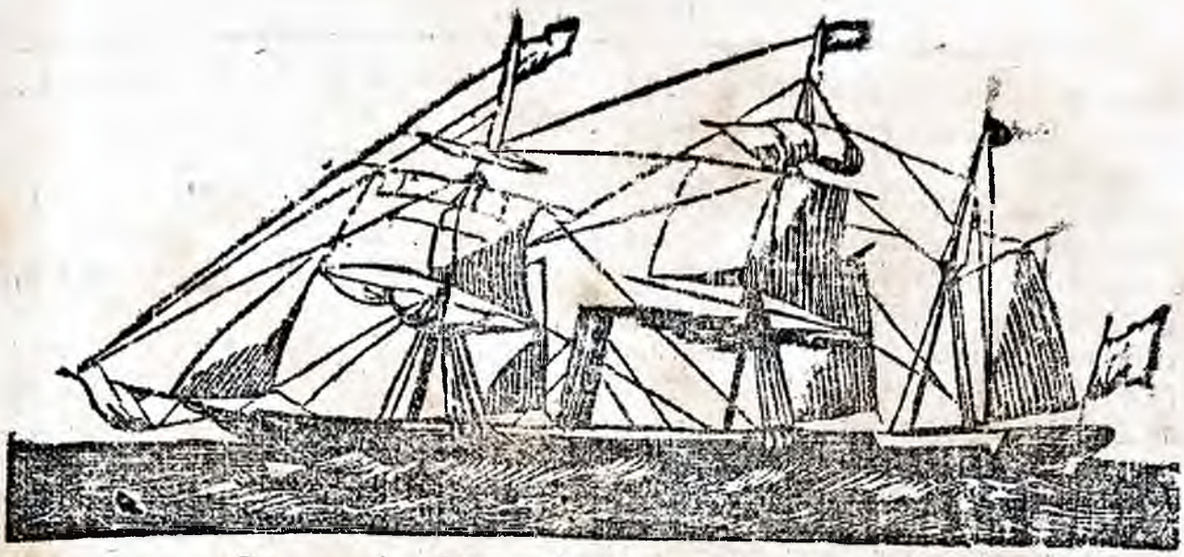
«Tenho *agulha* da saudade,
«Falta a *linha* d'amizade
«Para *pregar* a affeição!
«Lastimo terem cahido
«Os *botões* do teu sentido
«Dentro do meu coração!

«No *rol* que veio
«Dos teus queixumes,
«Vão mais em conta
«Os meus ciumes.»

(*Extr.*)

ANNUNCIO.

Quem precisar de uma ama para cosinh a dirija-se a esta typographia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 14 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 31.ª—N. 310.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. superintendente do matadouro, communicando-lhe que lá para a rua da Valla, districto dos Mares, um Sr. *Feliciano,* na porta do *Soares*, mata uma vez por outra seu boisinho e expõe á venda, sem a competente licença municipal, e, como apezar do morar alli tão perto o fiscal geral, ainda não deu por isso, leva-se ao conhecimento de S. S. para providenciar, como o caso pede.

—Ora attenda bem para este pedacinho e me diga si isto é ponta ou cabeça.

—Si não é alguma rematada parvoice, diga.

—Abra o *Diario* de 11 e leia esta noticia, que não é a primeira que elle publica no mesmo gosto.

«—Do dia 1.º do corrente até hontem (10) o Sr. Dr. chefe de policia tem remettido os seguintes *recrutas*:

Para o exercito.....	41
Para a armada.....	3
VOLUNTARIOS.....	3
	47

—Isso é o espicha mais redondo que tenho visto em minha vida.

—V. que já viu o governo mandar pagar algemas para conduzir voluntarios, admira-se agora que o chefe de policia recrute para voluntarios.

—Si aqui, á vista do governo, se pratica disto, ahi por fora o que não será!

—O que ha?

—Entraram n'uma casa, fora de horas, varejaram-na canto por canto, armario por armario, gaveta por gaveta, prateleira por prateleira, bifaram o que acharam e empinaram-se. E tudo isso praticaram em nome do Sr. Dr. chefe de policia!

—Mas onde foi isso acontecido?

—Na Cruz da Redempção, freguezia de Brotas. Um grupo de 12 a 14 individuos, sem sciencia do subdelegado do logar, foram á meia noite á casa de

Geraldo Lopes, occasião em que este não estava, por se achar pescando, e em nome do Sr. Dr. chefe de policia ordenaram a uma filha do mesmo que abrisse a casa, si não queria vel-a arrombada; franqueada a porta, invadiram-na com incrivel e voraz gana, vasculharam os cantos mais reconditos e recrutaram 58$ rs.

—E' o mais atroz e inaudito attentado contra a propriedade e segurança individual que se pode praticar.

—O que me faz pasmar é dizer-se que essa *intrepida expedicção* foi ordenada e dirigida por uma authoridade visinha do logar.

—Fosse por quem fosse, é uma inqualificavel arbitrariedade entrar violentamente em casa do cidadão, alta noite, dando logar a que os sequazes que o accompanhavam commettessem o roubo.

—Tambem no dia 2 do corrente deu-se caso semelhante á este na freguezia da Penha, a differença foi ser praticado de dia.

O Sr. Nicolau Joaquim Dias teve sua casa cercada e saqueada em quanto estava na cidade, servindo-se os vasculhadores da estrategia de passarem pela casa de saveirista João Alves da Silva e pularem o quintal.

—Como se praticam estes escandalos em nome d'authoridade!

—Arbitrariedades por toda parte!

O povo é a besta de carga, que ha de supportar calada toda sorte de veixames!

O asylo do cidadão não é mais respeitado e a qualquer hora do dia ou noite é entregue á sanha dos esbirros da policia!

Na noite do dia 10, ás 11 horas, o Sr. tenente Côrte Imperial, recrutador desta cidade, *embarafustou* por uma casa a dentro na rua Direita da Misericordia para recrutar um homem.

—Não sei como se entrega assim certas cammissões á leviandade de homens, cujos precedentes muito lhes desabonam a prudencia e commedimento.

—A guarda nacional está recrutando para completar contingente.

—Ja sabe que está em scena tudo quanto é tropelia e abuso.

—O menor que elles commettem é sahirem de suas freguesias para irem recrutar nas outras.

—Muito africano tem sido preso estas noites!

—São recrutas.

—Que recrutas, homem?

—V. não sabe que está se recrutando os africanos para engrossar as fileiras do exercito?

—Não.

—Pois saiba; é a exemplo do Rio.

—Estão procurando complicações com a Sra. Albion.

—Ella não tem que metter o bedelho nisso.

—Si entender que sim, V. verá o ministro inglez com o bicco no negocio e os nossos dominadores murcharem logo a christa, dando razão ao sujeito.

—Capitão, acabo de receber uma carta do sul, vinda do theatro da guerra.

—Se traz alguma cousa de importante leia.

—Aqui está. Leia mesmo V. Ex.

—« Tuyu-cué 14 de dezembro de 1867.

«Amigo Manuel Pedro.

. . . . . .

«Não ha por ora nada de novo por aqui. O sitio que fizemos frustrou-se, porque os paraguayos abriram uma estrada no Chaco, por onde recebem mantimentos. Não ha ainda probabilidade desta guerra acabar se tão cedo; mas, o culpado de tudo isso é o governo, que ajustou a *obra* de *jornal* e não de *empreitada* como devia ser. De ha muito podia ter-se terminado esta guerra; mas como si os *jornaleiros* ainda não saciaram a sua sede de ouro!

. . . . . .

«Não sei, meu amigo, quando tere

o prazer de ver-lhe para abraçal-o.

«Acceite lembranças do

«Seu amigo dedicado,

«*E. P. F. de Souza.*»

—No emtanto que o governo ainda pede mais cinco mil homens para a terminação desta devastadora guerra.

—Mas, capitão, V. Ex. não vê o que diz o amigo Souza na sua carta, que esta guerra ha de ultimar se quando os *jornaleiros* saciarem a sua gana de ouro.

—Estou por isso.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

(*Continuação.*)

—Este caso não é meu.....
Segundo a publica voz,
Foi elle acontecido
Aqui bem perto de nós.

Eis a cousa como foi
Sem nenhuma alteração:
Depois que o apreciar
Diga se acredita ou não.

Um desses heroes da patria,
Em diligencia sahiu,
Em busca de um recruta
Q'em casa se preveniu.

Ao chegar elle e a escolta,
Foi logo a casa cercada:
Ouvem se dentro gemidos
De uma mulher pejada.

Batteu na porta; abriram,
Uma mulher apparece;
Diz elle: componha a casa
P'ra correl-a... me conhece?

Ah! meu senhor! lhe diz ella,
(E faz o signal da cruz)
Uma pobre rapariga
Está quasi a dar a luz.

Desconfia o *caçador*
Da historia que sta ouvindo;
Eis que gritam la de dentro,
Acudam que vae sahindo.

Com tal grito o *caçador*,
Pensa que o cabra pulou,
E invadindo a camarinha
Do que viu pasmo ficou.

Sahe fora desapontado,
E diz, voltemos p'ra traz;
Baldaram-se os meus esforços!
Só artes de Satanaz!...

Quer V. saber agora
O desenlace do drama?
E' que o proprio recrutando
Era o que estava na cama.

D'antemão já prevenjido,
Faz de pannos grande pança,
E tomando as posições
Em tempo espreme a creança.

E pregou no commandante
Uma peça sem egual;
O qual ainda procura
O guarda nacional.

Que paiz abençoado,
Em que o guarda já dá cria!
Soffrendo dores á noite
Para cantar todo dia!

(*Continúa*)

A PEDIDO.

—V. vae á cidade baixa?

—Estou nesse proposito.

—Si encontrar por la o *Manoel Pereira*, diga-lhe que usar de franqueza é muito bonito, e que isso de negaças não é proprio do homem que se prese; mormente quando não se lhe vae pedir favor; que si elle não se inculcasse de encarregado pelo *Souza*, não se lhe procuraria.

—Si o encontrar na *Phenix* hei de escarrar tintin por tintin o seu recado.

—E' preciso que elle comprehenda que se quer ser tratado com consideração, deve tambem prestar a devida consideração aos mais.

CARTA

apprehendida em mão do mercurio escrevente Leopoldino, dirigida pela rapariga honesta Fausta a seu amante.

Joãozinho.—Muito hede estimar que theinha boas despedidas de anno, e boas entradas de anno nouvo, na companhia de quem lhe for caro. amanhã vá as 7 horas em Sã pedro, que eu vou para lhe apertar a mão, para ver se

teinho affelicidade de passar o anno de 68 mais satisfeita e um mais aDeus athe amanhã

Sua amante
Fausta.

Mande ja areposta pois com inpaciencia estou esperando.

—Minha querida I..... quanto desejava encontrar-vos! que praser!.

—Minha querida A..... esse era tambem o meu desejo! Que felicidade.

—Ah! minha I.....! quanto tenho a dizer-vos...mas, retiremos-nos da confusão.

Ah! I....., não sabes, meu primo Cazuza, que eu tanto amava, que eu idolatrava.....

—Então que teve?

—O que teve? oh! eu nem me atrevo a dizer-te. Vede estas lagrimas que choro, a trez mezes que são meu alimento... o ingrato ausentou-se.

—Que diz? minha amiga; mas saberá V. as rasões que a isto o obrigaram?

—Que sei eu I.....; nós nos amavamos muito. Todas as noites elle me vinha fallar na escada, no quarto do preto, promettia-me e jurava-me que havia de cazar comigo. Outro dia veio jantar em casa; então reparei que mostrava muito affecto a minha irman, até chegou a dar lhe uma laranja na sobremeza, que ella muito contente recebeu; mostrei-me arrufada, e de noite não quiz ir a escada...e d'aqui foi a minha infelicidade. Em trez dias fez viagem e ausentou se.

—E já lhe escrevestes?

—Ja, I...., e elle me respondeu que me hade amar sempre, que apezar de ausente, se cazará sempre comigo... emfim estou no auge do desespero, e desejava ver-te para depositar em teu peito este segredo que me mata...

—Bem, I....., ja que tu foste franca comigo, vou tambem confiar-te minha infelicidade.

(*Continúa.*)

VARIEDADE.

AMOR DE SAPATEIRO.

Um honrado sapateiro, conta a *Verdade*, em um assomo de paixão, escreveu á sua amada a seguinte carta:

«Anjo.—Se *viras* como a *torquez* do ciume me aperta o coração, verias como o *trinchete* do affecto corta o *fio* da minha duvida, que é tenue como o *vidro* com que alizo a *sola* da obra de mulher. Sou um artista rude, mas, quando subi em *palmilhas* a escada, escutei a tua conversa com a visinha. Por S. Crispim! toquei o *pino* da desesperação. Quando se recebe de um amor puro uma indifferença assim, *lomba*-se-nos o coração na *fórma* do peito, e a alma fica esmagada nas *encospias* da angustia. Si naquella occasião *prego* commigo da escada abaixo, estava tudo acabado. Não o fiz, porque assim como sou manso como um *bezerro* quando me acarinham, fico mais duro que a *pedra* quando me maltratam. E como não pude ainda calcular pela *craveira* do entendimento quantos *pontos* mede o teu affecto, desejo que me dês um desengano, porque esta incerteza ja me *massa* em demasia. Sinto não ter o *polimento* da eloquencia do *Bandarra* para me tornar digno de ti, mas tenho em paga disso uma loja *afreguesada*, em que a obra da *venda* iguala a de *encommenda*, e no meu *officio* não ha artista mais honrado.—Teu do coração.—*Crispiniano.*

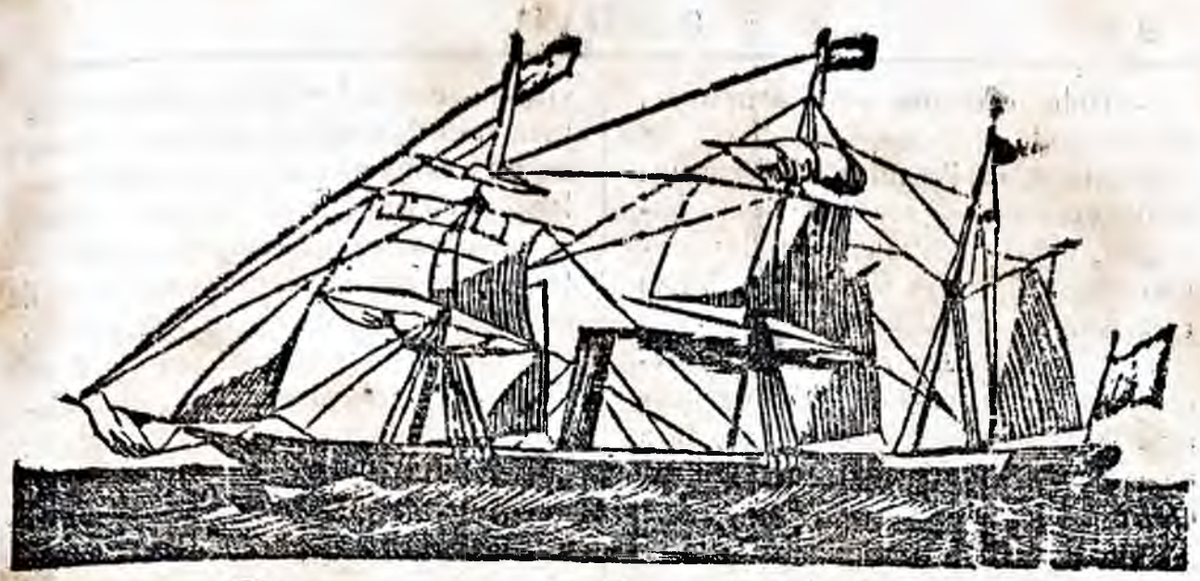
ANNUNCIOS.

Vende-se um piano em bom estado; quem pretender dirija-se a loja de ourives defronte do Rosario da Baixa dos Sapateiros, que achará com quem tractar.

O abaixo assignado, proprietario da venda n.º 32, á rua Direita da Mizericordia, pede as pessoas que contrahiram contas com seu ex-caixeiro Jozino Sabino Pereira dos Santos, que as venha saldar na referida venda ao abaixo assignado. Bahia 13 de dezembro de 1867—*Seraphim Marques Moreira.*

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 16 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 32.ª—N. 311.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de janeiro de 1868.

Officio aa Illm. Sr. encarregado do accio da cidade, parteeipando-lhe que a rua dos Marchantes está se tornando um verdadeiro deposito de immundicies por não haver um carro que remova dalli o lixo que diariamente e despejado pelos moradores. Nesste sentido pede-se a S. S. que haja de providenciar.

—A circular do Sr. Azambuja, recommendando moderação no recrutamento, escrupulo e circumspecção na remessa de contingentes, é uma perfeita burla, um accintoso escarneo ás garantias individuaes, ás isempções legaes!

Os factos ahi estão demonstrando que isso não passa de um montão do palavreado fofo.

No sabbado foram recrutados em Periperi e remettidos para a cidade 14 individuos, dos quaes só UM foi julgado apto!

Todos tinham isempção legal e provada!

—E por fim de contas dizem que o recrutamento é feito com toda regularidade, sem nenhum vexame ou atropello á população.

—Esses 14 individuos, desde sabbado quando foram recrutados, até segunda feira ás 2 horas em que foram soltos pelo Sr. Dr. chefe de policia, não comeram nem beberam, porque não lhe deram.

—Isso é por malvadez ou por grillo, porque o individuo desde que entra no quartel vence logo uma etapa.

—Aqui está a moderação no recrutamento, agarrando se homens incapazes de servir, sem se attender ás provas de sua incapacidade, dando-lhes prejuizo em seus interesses, obrigando-os a um incommodo caminho para chegarem na cidade e serem soltos.

—Toda actividade de nossa policia resume-se actualmente em fazer recrutas!

—E de que maneira!

—Tudo mais que ande á matroca, não faz mal.

Domingo, na Preguiça, abalroaram-se dous carros, por contumacia dos boleeiros, e da graça ia resultando ficarem esmagadas tres pessoas, sahindo uma bem maltractada.

Depois de muitas *edificantes e commedidas* imprecações dirigidas de parte a parte, retiraram-se os carros um para a cocheira dos Vehiculos Ecconomicos, outro para a do Sr. Abreu.

—O *pega-pega* nesta cidade tem attingido a um grau desproporcional de escandalo.

Entregue a pessoas ignorantes e imprudentes, tem isso dado causa a que scenas ridiculas, burlescas, arbitrarias, attentados contra as liberdades publicas, se reproduzam a cada canto das ruas desta cidade.

A guarda nacional está com alçada para qualificar a vapor a quantos cidadãos encontre na rua.

Os operarios que sahem de madrugada ou voltam á tarde de seus trabalhos são violentamente agarrados para este ou aquelle batalhão

Os subdelegados cercam á noite o asylo do cidadão e accommettem-no.

O sargento ou guarda nacional que tem asco deste ou daquelle, prende-o por acinte para dar-lhe o *mate* de vel-o dormir uma noite no calabouço.

Ainda hontem á noite na freguezia da Sé, um inspector de quarteirão, em acto de serviço publico, foi preso de facha.

E' isto toleravel?

—De certo que não.

—E o Sr. Azambuja sabe de tudo e fecha os olhos e quando alguem vae reclamar seu direito, diz que tem mais o que fazer; e no outro dia manda estampar no *Diario* palavras pomposas e melifluas para adocicar a boca do povo.

A CAMA.

(*Conclusão.*)

Tornemos a cama.

Um dos maiores recreios da vida, é quando, depois de fazermos uma longa viagem com sol e fadiga, chegamos á uma casa de campo e ahi nos deitamos em uma cama macia entre os agradaveis lençoes de linho, e então si depois disto ouvimos cahir uma forte chuva sobre o telhado ainda mais gosto é o regallo. E que diremos de uma cama de noivado cheia de rendas engomadas, de topes de fita de garça e flores!! E si é collocada em um quarto bem pintado ou forrado de papel, e tendo um bom espelho no toucador, cheio dos lindos vasos de porcellana doirada com pomadas cheirosas e essencias finas!! Oh! ahi é que se acha o paraizo terrestre. Quando depois do festim da bôda, os noivos entram para o seu ninho enfeitado, vão com mais prazer e mais gloria do que o Sultão sobe para o seu throno, chegam mais satisfeitos para a cama do que o general para o seu exercito. E quando havemos nós de comer desta cocada? Vontade não nos falta.

As camas na Europa se usam com colxões altos, e muitos enchimentos por causa do frio, porém felizmente nós cá não precisamos disso, porque o Brazil está quasi sempre em uma temperatura agradavel, e podemos dizer que principalmente nas noites de lua, pelo verão, a melhor cama para a nossa terra é uma esteira em beira de praia, e com um travesseiro de collo macio. Não ha quadro mais encantador para um poeta ou um bom pintor do que ver a moça donzella com a elegante madeixa dos cabellos cahidos dormindo sobre os alvos lençoes de sua innocente cama; d'ahi se espalha um halito virginal que cheira a jasmins, entre tanto que as camas dos casados ordinariamente tem uma murrinha do mau cheiro dos pes dos maridos: as camas das viuvas são muito lisas e frias, bem como as das freiras, que é preciso acenderem fogareiro para se aquentarem em certos dias de chuva.

As camas em geral devem ser largas, porque acontece que se pode sonhar á noite, entrar a rollar pela cama e sendo estreita pode se cahir de frente e amassar o nariz sobre o chão.

As duas occasiões em que a cama é

muito feia, e até medonha são quando vemos uma mulher botar o filho, e ainda mais quando está um doente moribundo nos ultimos arrancos da vida; porem em desconto disto tambem muitas vezes se morre de amores sobre a cama, como disse Bocage n'um soneto:

E' doce ver-te de meus ais vencida
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor que a vida.

N. B. —Posto eu em todo caso antes quero vida, do que morte do amor.

LA VAE VERSO.

A Festa do Senhor do Bomfim.

Eu louvo o festejo
Melhor cá p'ra mim,
A lyra me afina
Senhor do Bomfim.

Festejo que é feito
Com tanta influencia,
Com tanta riqueza,
Mas pouca decencia.

Apenas a aurora
Começa apontar,
O povo contente
Começa a marchar.

E vem com tal graça
As barras do dia,
Que todos desejam
Fazer romaria.

O povo á egreja
Vae toda entupir,
Esmola no cofre
Começa a cahir.

Lá chega o doente
Já convalescido,
Que traz o milagre
Que foi promettido.

Cavallo não fica
Por magro e cançado,
Que a baixo e a cima
Não seja esquipado.

Só passam nas ruas
Famosos balaios
Com queijos, presuntos,
Com vinhos e paios.

No rancho de flauta
Que traz castanholas,
Não falta o gaiato
Contando parollas.

Lá passa a beata
Toda arregaçada;
Do longo caminho
Vem ja bem cançada.

La vem o vapor
De creoulas cheio;
Os amantes destas
Tambem vem no meio.

Lá chega no caes
Com tope o saveiro,
Que traz dentro o amo,
O filho e caixeiro.

Que vista sublime!
Que gosto sem par!
Do povo que busca
Jesus adorar!

Mangueiras frondosas
Abrigo da gente,
Que toca a violla
Sambando contente.

Rapazes gamenhos
A moda vestidos,
De gordos cavallos
Sempre stão munidos.

Ouvir da egreja
O sino saudoso,
A gente p'ra missa
Chamar pressuroso.

As moças em pencas
Comprando na feira
Bonecos trocando
Na tal brincadeira.

Dançando o fundú
Faceira mulata
De voz aflautada,
Dengosa, impinada.

Ao som dos pandeiros
Toda electrisada,
Fazendo tregeitos
Dá uma embigada.

O frade vadio
Foge do convento,
Mette-se na roda
No mesmo momento.

Nas casas do adro
Stá rolando o jogo,
E os que mais perdem
E' que tem mais fogo.

La estão botequins
Bem cheios de gente,
Uns compram petiscos,
Outros aguardente.

Ir á Mont-serrat
Ou Boa Viagem,
Meninas no banho
Achar de passagem.

Cabellos cahidos
No collo ondeados,
Braços elegantes
Peitos boleados.

A' noite o leilão
A todos convida
P'rá ver o adonis
Gastar com a querida.

No adro e no campo
A gente deitada,
A espera do fogo
Fazer cassuada.

Ouvir na novena
Beatas cantando,
E o Marcos barbeiro
Zabumba tocando.

Foguetes avisam
Que o fogo começa,
Quem estava deitado
Levanta a cabeça.

La giram rabeios
Craveiros, pistollas,
Foguetes que fazem
No ar carambollas.

Foguetes de lagrima
No ar faz candeia,
Cahindo em mellurias
A's casas clareia.

Então neste acto
Se vê de repente
O campo coalhado
Com a pinha de gente.

Moleques vadios
Que vão tomar sopa,
Soltando assovios
Gritando—*garopa*.

O povo em plutões
Ahi volta cantando
Caixeiros, rapazes,
Com flauta marchando.

Cavallos, carrinhos,
Negros de cadeira,
Empatam caminho
Nesta brincadeira.

Ao pé de uma velha
Que traz capa preta,
Vem moça acanhada
Vestida em careta.

Um véu desbotado
Cobrindo o pescoço,
Vestido mal feito
Descobrindo o osso.

A velha apressada
La vae sempre a pista.
Com medo que a moça
Não fuja da vista.

Que nestas meninas
Ha bem alvitreiras
Que mesmo por graça
Vão indo as carreiras.

E logrando a velha
Nesta cassuada
Podem vir pra casa
Do barriga inxada.

A PEDIDO.

Consta-nos que o Batalhão 1.º do artilharia vae ao Sul do Imperio em commissão do governo. Não podemos deixar de applaudir a escolha.

O *digno* cidadão que o commanda inspira a mais plena *confiança* por sua *aptidão* e *pericia*.

—Não sei como a policia, que anda tão esgalgada por gente para recrutar, ainda não se lembrou de filar um tropiante, especie de pé leve, que anda a encher de pernas, as ruas da cidade baixa *cerrando* copos de cerveja e fumando charutos de gauderio, sem officio nem beneficio.

—Esses signaes não são bastantes para o melro ser conhecido e grudado.

—Não tem mais do que ficar alli pelas immediações da Phenix, aonde o *Manuel Pereira* costuma ir e quando virem passar um cujo a quem chamem *Souza*, é esse o magano.

—Bem, vou levar as informações ao tenente Jayme, para ver se dá com elle na ganga.

—Aspirante.

—Prompto.

—Va buscar o proprietario da *Estalagem das Nações* á minha presença.

—Eil-o, capitão.

—Sr. *Janico*, mandei-o buscar para saber como é que V. maltratou grosseiramente a uma creança, seu caixeiro, e por fim sonegou-lhe o ordenado.

—Era um emproado e malcreado, capitão.

—Qual emproado! O menino não servia, despedisse-o; mas não o mandasse fazer serviços improprios da idade e condição de uma creança, muito mais quando esses serviços eram de costume serem feitos pelos escravos da casa

—Foi por castigo.

—V. não é mentor da mocidade, é um simples director d'uma academia de sciencias culinarias, um fornecedor de iguarias ás panças, esfaimadas.

E o salario do menino tambem ficou com elle por castigo? Isso é balda de trapaceiro.

—Pela insolencia do biltre.

—Dê o dinheiro do menino e deixe-se de cousas, que assim é que muita gente tem caixeiro de graça.

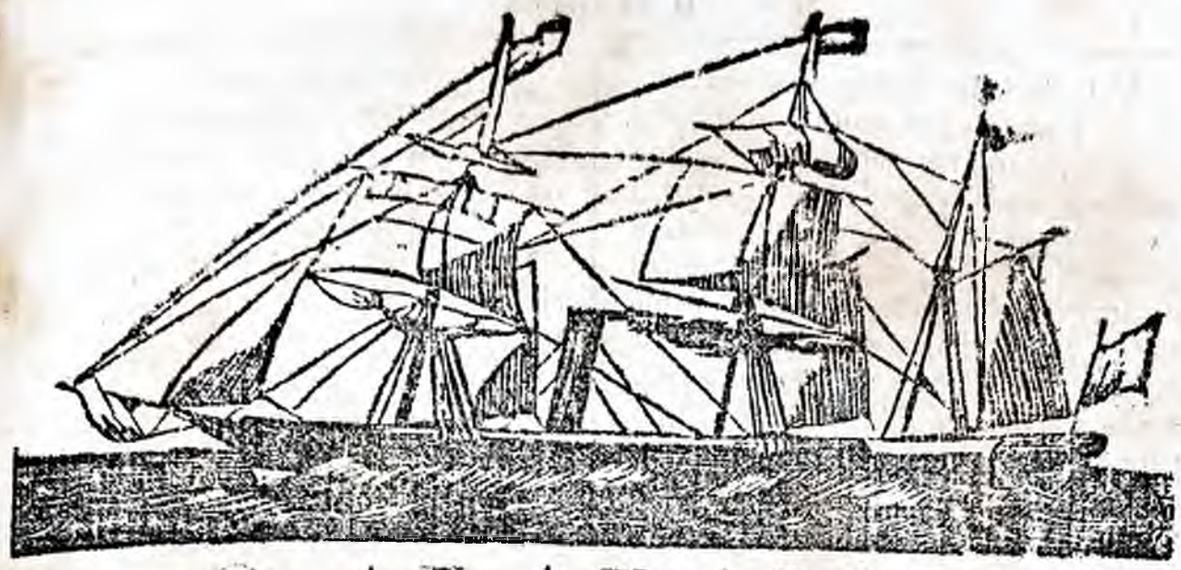
Retire-se.

—A's suas ordens.

VARIEDADE.

Certo principe escolheu para seu bibliothecario um sugeito muito ignoranto. Sabendo disto certa senhora de espirito—disse, em alusão a isto, que era um serralho guardado por um eunuco.

Certo doutor, tendo accusado a mulher de infidelidade, metteu-a em um convento, e trouxe para casa uma mulher do mundo. Sabendo-se disto, disse um fallador com certa graça;—Ella por ella, o doutor teria obrado melhor em conservar a que tinha.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 18 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 32.ª—N. 312.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

Este é o segundo numero da serie 32.ª do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de janeiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, invocando sua attenção para a despotica oppressão que está soffrendo o povo da ilha de Maré com o recrutamento.

As casas alli são arrombadas e violadas á qualquer hora da noite.

A ilha tem sido cercada por diversas vezes e nessas occasiões as mais revoltantes arbitrariedades se tem dado, a par de consternadoras scenas. Os homens dados á vida da pesca abandonam suas canoas á mercê das ondas e internam-se nos mattos.

Confrange ver as mulheres e meninos prantearem seus paes e maridos, arrancados violentamente, alta noite, de suas casas.

Tem-se dado caso de levar a ilha tres e quatro dias cercada, produzindo isso a mais atterradora desolação na população.

O ultimo cerco, nem a authoridade local teve sciencia delle e foi effectuado ás duas horas da noite, sobre-saltando a população.

Estes actos de rigorismo praticados em uma freguezia, cuja povoação é limitadissima, tanto que dá apenas quatro eleitores, são para tornal-a completamente deserta!

Espera-se que S. Ex. mande sustar tão vexatorio recrutamento com que se está atropellando aquelle povo, que ja tem dado mais do que podo.

—Aos Illms. Srs. gerentes da companhia de Vehiculos, ponderando-lhes quanto desdouro vae á suas honradas palavras, mandando apregoar pela imprensa e por cartazes uma cousa e praticando com estranhavel sorpreza outra.

Quem embarca-se n'uma diligencia, vê nella afixada uma tabella que diz preço 320 rs,—entretanto que passa pela decepção do caixeiro cobrar-lhe 500 rs. em qualquer dia util em que haja mais concurrencia, como quinta feira da lavagem, etc.

Alem do notavel prejuizo que resulta as pessoas que moram daquelles lados e que são obrigadas a quotidianamente virem á cidade, torna-se isso uma falta de fé para com o publico, o não sendo de suppor que cavalheiros distinctos e altamente collocados, como são Ss. Ss., tenham proposito de illudir o povo, sendo antes de crer que provenha isso do algum leve descuido. Espera-se que Ss. Ss. não se esquivarão a promptamente remediar semelhante mal.

—Ao Illm. Sr. thesoureiro do Senhor do Bomfim, pedindo a sua intervenção para que nos dias das festas, que vão ter logar nessa capella, não subam ao largo carros e cavallos a fim de evitar algum sinistro, como ia succedendo na quinta feira, em que um carro quase mata uma creança.

—Nem o templo de Senhor escapa a furibunda gana dos recrutadores!

—Mas V. o que quer? a *terminação da guerra depende de mais um esforço que faça o paiz de cinco mil de seus dilectos filhos.*

—Pois até nos corredores da capella do Senhor do Bomfim na occasião em que o povo concorre a novena?

—Isso é uma cousa tão natural como qualquer outra.

—E eu se não vivesse, ate hoje quarta feira 15 de janeiro, não presenciava mais esse desacato á casa de Deus.

—..... mais um exemplo e acto heroico do *velho* patriotismo da Bahia.

—E' algum epigramma?

—Não; são palavras do *Diario*.

—Ah! percebo... tão velho que de cançado para dar de si é preciso ser puxado a corda o açulado a cães.

—Viu a lavagem?

—Antes lá não fosse.

—E porque?

—Alem de não ver nada que agradasse, vim massado com o recrutamento.

—E recrutou-se por lá?

—A grande; até quando aprouve ao Sr. Azambuja mandar sustar o recrutamento, quando o povo atterrado já se tinha retirado.

—Que voracidade! Até no dia em que o povo concorre a uma festividade tradiccional, é traiçoeiramente presa das unhas dos galfarros policiaos!

LA VAE VERSO.

Os dous visinhos.

Dialogo poetico entre o mestre sapateiro Zacharias e o Tobias ferreiro.

Zac.—Meu visinho, este meu filho
Não sei em que hei de empregar,
Porque sou pobre, e não tenho
Dinheiro para o formar.

Não quero que elle se empregue
No officio de sapateiro,
Que alem de não ser bonito
Dá hoje pouco dinheiro,

Si os sapatos estrangeiros
Para cá se não trouxessem,
A nossa gente usaria
Dos que por cá se fizessem.

E então o nosso officio
Subiria á perfeição,
E o lucro do feitio
Ficava na nossa mão.

E assim, meu bom filhinho,
Não sei a que destinar,
Porque elle ja tem edade
Tambem deseja ganhar.

Eu quiz ver si no commercio
Elle seria feliz,
Disseram-me que não prestava
Por ser filho do paiz.

Que os rapazes la do Reino
E' que são bons p'ra caixeiros,
Porque gostam de andar sujos
E sabem ganhar dinheiro.

Tob.—Pois consiste o ser caixeiro
Em gostar de sugidade!
Eu julgo—que em ser fiel
E ter sempre agilidade.

Zac.—Mais dizem que os nossos moços
Querem logo namorar,
Querem ter casaca fina,
Cavallo p'ra passear.

De sorte que puz-me logo
Com outra resolução,
Porque vi que no commercio
Não lhe dava arrumação.

Quiz dar-lhe um emprego publico,
Qu'elle escreve bem papeis:
Mas como, si quantos vagam
São poucos p'ra os bachareis!!

Tob.—Amigo, tome um conselho,
Forme seu filho em doutor,
Que hoje em dia é um officio
De gosto e muito valor.

Quem frequentar cinco annos
Os bancos da academia,
Sem mesmo nada saber
Tem p'ra tudo primazia.

Zac.—Mas, amigo, estou com medo
Não tenha arrependimento,
Não fique elle atrapalhado
Entre alguns que de talento?!

Tob.—Visinho, deixe-se disto,
O rapaz está bem bom,
Por elle ser mesmo burro
E' que eu o acho no tom.

Que importa não saber nada?
Ha tanto doutor formado:
Peça umas cartas de emp nho,
Qu'elle vai logo approvado.

Assim que tiver a carta
Sta p'ra tudo habilitado,
Si não tiver logo emprego
Caballe p'ra deputado.

Recommende qu'entre os outros
Elle esteja sempre mudo,
Porque logo todos dizem
Qu'é rapaz de muito estudo.

Que esteja sempre sentado
Olhando muito apurado,
Depois que todos fallarem
Solte sempre um apoiado.

E si elle lá na côrte
Não for um desengraçado,
Pode estar em pouco tempo
Feito ministro d'estado.

Zac.—Vou tomar o seu conselho
Que é famosa opinião,
Si p'ra nada lhe servir
Sempre lhe fica o brazão.

E o brazão de ser doutor
E' dote mui singular,
Quando vêm rapaz formado
Toda moça quer casar.

(*Extr.*)

A PEDIDO.

(*Conclusão.*)

—Não vês como estou magra, não vês que ja não tenho côres nas faces?

—E' verdade, I....., que foi que te aconteceu?

—Uma cousa terrivel... aquelle perfido official, a quem eu tanto queria, que julgava tão sincero... ah! A... abuzou da minha credulidade e... e...

—Que dizes?...

—Sim, é a verdade: e agora, minha amiga, leva a remetter-me beberagens pilulas e etc., que devem dar morte á meu filho... Não... jamais o farei...

—E não tens A....., alguma tia que se compadeça de ti, em cuja fasenda tu vas tomar leite e refresco? Assim é que se costuma faser em casos taes.

—E' verdade minha amiga... mas como declarar-me, como sahir-me d'este embaraço?

—E elle, A....., o que faz?

—O que faz? ri-se, e procura seduzir outra talvez. Logo que soube o meu estado, nem mais pela rua passou. Tudo aquillo era fingimento.

—Os homens! os homens!.

—Eu não me queixo d'elles, minha amiga; nós, é que somos muito credulas, e muito tolas.

—E' verdade, A.....

—Si o visses I....., cahido a meus pés, dizendo que comigo se cazava, que era só meu e de mais ninguem... Bem sabes que estas couzas fazem força no coração...—Qual é a moça, que recebendo todos os dias provas de amizade de um rapaz de quem gosta, não se deixa enganar, e não cahe no que eu cahi? Agora porem o que me resta?

—Faze o que te disse, vai para casa de tua tia D. Joanna, e depois tudo se arranjará... tua mãe sempre é mãe, o achará desculpa, e eu te guardo o segredo.

—E eu o teu...ahi vem gente, minha amiga...

—Separemos-nos.

Sr. Redactor.—Lemos no seu numero 302, um officio dirigido a S. Ex. o Sr. presidente da provincia, relativo ao matadouro publico, tratando sobre a exclusão dos brasileiros alli empregados no serviço da capatazia, e a decidida preferencia que se dá aos africanos libertos e escravos, com total prejuizo dos nacionaes.

Brasileiros, como somos, não podemos deixar de deplorar uma tal miseria, ainda mais quando não vimos providencias dadas a respeito por S. Ex.

Não sirva de cavallo de batalha o dizer-se que o serviço da guarda nacional impede ou embaraça aos brasileiros servirem de magarefes, não; por que alli sempre houve um numero superior para na falta de uns servirem outros, e quando assim não fosse, cumpria a S. Ex. o dispensar do serviço da guarda nacional áquelles que o fossem, porque si os guardas nacionaes, que marcham para a guerra ficam dispensados do serviço da mesma, tambem devem ser dispensados aquelles, pois que hoje quasi todos os brasileiros são sobrecarregados do onus das familias daquelles que marcham para a guerra. S. Ex. deve saber que um governo é um bom chefe de familia, que só deve olhar para seus filhos com justiça e humanidade, e creio que não pensará que só deverá prodigalisar bondade, grandeza, empregos, honras e titulos aos magnatas que o rodeiam; pois estes vivem em total grandeza, abundancia e alegria, sonhando apenas com as venturas, ao tempo que o povo sonha com a miseria, com a desgraça, com a fome, e ainda com a guerra.

O homem do povo.

A' POLICIA

Pergunta-se qual o motivo porque estando se recrutando sem consideração a quem tem isempção legal, não se manda agarrar a um sujeito que, fingindo ter um procedimento *candido* e puro, é um receptaculo de vicios e *chagas* immoraes.

Esse malandro tem todas as condicções para um excellente recruta: com 26 annos, sem officio, verdadeiro reu de policia, sua occupação é andar pelo Papagaio trocando as pernas em escandaloso pestanejo com sua bella *Ailama*, moradora nesse sitio; prohibindo que as familias cheguem por alli á janella por causa de sua demasiada e insolente immoralidade com a cuja.

A policia, pois, que abra o olho e vá a pista do sujeito que o pilha.

O Gaz.

—Vamos a advinhação do *curro-curro*.

—*Curro curro?*

—Nós entramos.

—Quantos são?

—Tres.

—Quaes são?

—*Az quevedo*, *Serge* e *Mello*

—Com quanto?

—O Pedro que diga.

—Responda, Sr. Pedro.

—O *estipendio* está convencionado Sr. *Soares*.

.....

—Todos comem palha.....o todo está em saber dal-a!

—O Serge tem dedos para isso.

—Suas façanhas o attestam.

(*Continúa*)

VARIEDADE.

VIVEZA DE UM IRLANDEZ.

Em uma estação do caminho de ferro de Inglaterra via-se um cartaz com a advertencia «Não fume», collocado sobre um lampeão de azeite.

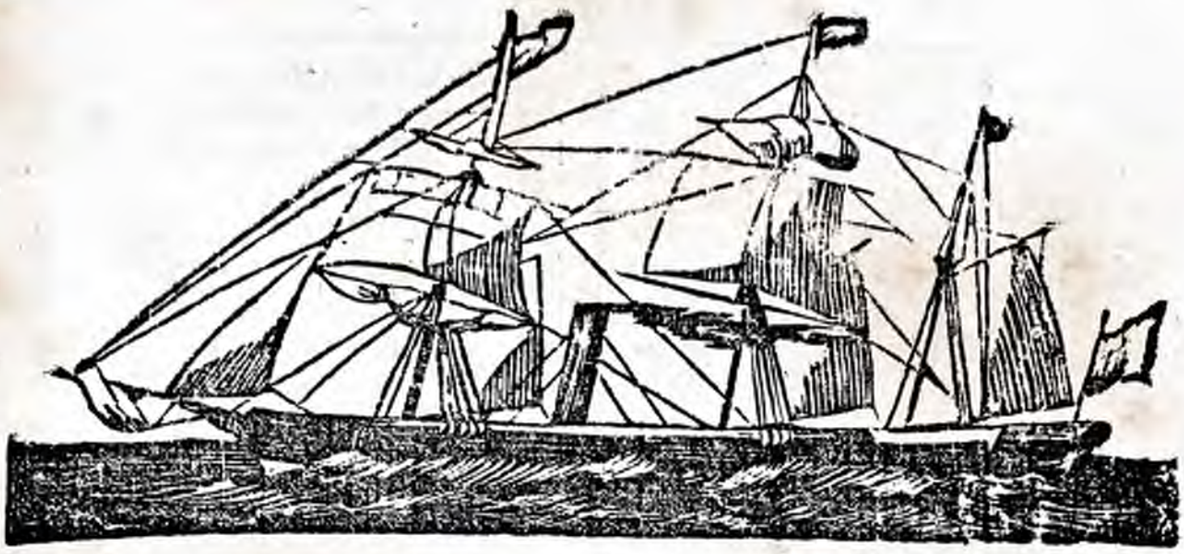
Appareceram dous irlandezes, um dos quaes fumava.

—Mister, diz o outro, estás transgredindo o regulamento do estabelecimento.

—Como? disse o fumante.

—Pois você não vê alli?—não fume.

Sim tolcirão, mas não vês que a advertencia é feita ao lampeão?



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 22 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 32.ª—N. 313.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, pedindo-lhe providencias para que sejam immediatamento fechadas as portas de uma propriedade desbabitada, pertencente a esse pio estabelecimento, aos Coqueiros d'Agoa de Meninos, a qual serve de valhacouto a vadios e capadocios, que fazem dalli aposento á noite e onde quem quer vae dar pasto a sua edacidade libidinosa.

—Está decidido que as festas do Bomfim são aziagas para a companhia Bahiana.

—Parece que ha alguma caveira de burro encantada, que nestes dias quebra o encanto.

—No domingo andou o povo as quedas na ponte do Bomfim, que parece queria dar com tudo n'agoa salgada: houveram pernas torcidas, beiços quebrados, senhoras machucadas, vestidos rotos e as familias na cidade assustadas pelos seus, que andavam por lá se divertindo.

—Si eu fosse o gerente ia me benzer n'um sabbado na Piedade.

—Como, si o homem é protestante?

—O *executor* da justiça em *Abre antes* foi chamado a capital.

—Sem duvida para promover a acquisição de voluntarios.

— E' o que V. pensa!

—Então para que?

—Em certas questões de *amigos* é preciso que o orgão publico saiba como se deve guiar.

—Sim... estas cousas que tornam a independencia do poder judiciario uma realidade.

—Que contraste! No meio da opulencia, a miseria descarnada, hedionda em todo seu horror!

—Não ha quem se compunja de tão degradante espetaculo!

—As authoridades é que deviam prever aquillo.

Quem acreditará que pelas ruas da

cidade baixa da Bahia, centro do commercio, vagueia uma mulher louca, em estado de nudez, cobrindo o corpo com um simples paletot sacco?

—Todos os que tem olhos para ver.

—E' verdade que a infeliz com suas cantarolas desafia a curiosidade de todos; porem ninguem se condoe de sua miseria.

—Viva o progresso deste paiz de liberdade á turca!

—Que viu que está tão enthusiasmado?

—Vendo aquelle individuo, que desembarcou escoltado na ponte dos vapores, não pude deixar de applaudir a maneira por que se respeitam as immunidades individuaes nesta terra de instituições liberrimas.

—Conhece-o?

—Muito. E' proprietario e fazendeiro no Sobradinho, districto da Feira de Sant'Anna; chama-se Manuel Paulo de Faria.

—E veiu recrutado?

—Dizem que por não querer dar um escravo para a guerra, como lhe foi exigido.

—Não creio; isso seria o requinte da protervia e safatez.

—E' o que estão dizendo alli na ponte.

O que é certo é que fazem vinte dias que morreu-lhe o pae, ficando elle á cargo de toda gerencia do casal e tratando do inventario. Si um homem nestas condicções está no caso de ser recrutado.....

—Elle não estaria si fosse peito largo de algum figurão ou trabalhador gratuito de algum subdelegado da roça.

—Que papalvo!

Entupir as algibeiras com um volumaço de papel, como si elles garantissem alguma cousa, neste periodo que atravessamos!

—Quem é aquelle sujeito?

—E' Aurelio Carlos de Farias, expraça de cavallaria de linha.

Deu um substituto por si para servir na tropa; depois assentou praça de voluntario no batalhão do Galvão e marchou para o Sul, donde voltou julgado incapaz para o serviço militar.

Com esses predicados julgou-se isempto da *leva* e foi a lavagem do Bomfim, porem os cães de fila do recrutamento, que não *olham cara*, passaram-lhe as garras e lá vae elle se rebolindo.

—Deviam attender aos papeis que o homem mostrou.

—Isso é lá no forte de S. Pedro.

—E' um cravo! Chispar a pé do Bomfim ate o forte de S. Pedro, sem vontade, quando aqui mesmo deslindava-se a cousa.

—A caminhada não é nada; os dias que elle tem de chimpar no cagarrão é que é a cousa.

—Que pertinacia!

Isso é proposito decidido de constranger a liberdade individual, prender um homem que anda munido de garantias.

—As noticias da guerra publicadas nos jornaes da côrte e daqui são desconchavadas e contradictorias.

Os exercitos alliados, apezar *de animados do melhor spirito*, eram sorprehendidos a cada passo e o marquez de Caxias *estava um tanto desgostoso e com sobrada razão. Uma guarda avançada brasileira deixou-se sorprehender.*

Cartas da esquadra confirmam o *facto de haver sido sorprehendido o batalhão nosso, em Tuyu-Cué, no dia* 26, mas *sem perdas importantes*; comquanto outra carta diga que *no dia* 27 *pelas* 2 *horas da madrugada, uma força inimiga de* 1,600 *homens atacou de sorpreza em Tuyu-Cué o nosso* 30 *de voluntarios e encontrando* TUDO DESPREVENIDO, carregou quasi uma companhia inteira.

A epidemia do cholera, que nunca nos deixou definitivamente, continua a fazer seus estragos; não ha navio onde ella não tenha feito uma ou mais visitas mensalmente; entretanto o estado sanitario da esquadra era *excellente.*

Lopez está desesperado e nos ultimos recursos, ao tempo que está formando

um grande acampamento entrincheirado á foz do Tebiquary, para onde leva grossas poças tiradas d'Assumpção, afim de oppor alli nova resistencia e tão tenaz como a de Humaytá.

—Seja o que for; o caso é que ainda não podemos render aquelle exercito de velhos e creanças.

O que faz o ministerio.

O Sr. Zacharias intriga e corrompe.

O Sr. Sá e Albuquerque pentea-se e namora.

O Sr. Paranaguá dorme e vae ao beija-mão.

O Sr. Fernandes Torres nada faz.

O Sr. Martim Francisco come e bebe.

O Sr. Affonso Celso empalma e enriquece-se.

O Sr. Dantas inveja a habilidade dos seis.

E todos juntos fazem a desgraça do paiz.

AS SENHORAS.

As senhoras devem ser como o sol, por que aquece e dá vida; porem não devem ser como o sol, porque se notam nelle mil manchas. As senhoras devem se parecer com a lua, porque é companheira inseparavel da terra; porem não se devem parecer com a lua, por que faz no mez trinta caras. As senhoras devem ser como as estrellas, por que brilham mais que diamante; porem não devem sêr como as estrellas, por que so de noite é que apparecem. As senhoras devem ser como os balões aerostaticos, porque sempre se elevam para o céu; porem não devem ser como os balões aerostaticos, por que se lhes não pode dar direcção. As senhoras devem ser como as obreias, porque servem para guardar os segredos; porem não devem ser como as obreias, porque andam nas linguas do mundo. As senhoras devem ser como as harpas, porque são o symbolo e o emblema da harmonia; porem não devem ser como as harpas, por que a cada momento se desafinam. As senhoras devem ser como o vidro, porque nada que tem encobre; porem não devem ser como o vidro, porque é de natureza mui fragil. As senhoras devem ser como os espelhos, porque dizem sempre a verdade; porem não devem ser como os espelhos, porque nem todas as verdades se dizem. As senhoras devem ser como a areia, porque é subtil e mui fina; porem não devem ser como a areia, porque não deve servir de base para edificio duravel. As senhoras devem se parecer com o vinho, porque é todo cheio de espirito; porem não devem se parecer com o vinho, porque tira o juizo da gente.

As senhoras devem ler o *Alabama*, porque as diverte, aconselha e ensina o caminho da virtude; porem não devem ler o *Alabama*, porque ficam morrendo de amores pelo capitão.

O CAIXEIRO.

O' vós, que celebraes em prosa e verso, envenenadores, piratas, contrabandistas, politicos e pelotiqueiros, emmudecei que eu vou fallar-vos do caixeiro.

O caixeiro é o ente mais importante que se conhece, deixando mesmo de parte essa utilidade, que, por tão conhecida, dispensa commentarios.

Si vos disserem que o medico e o confessor são os que melhor conhecem as baldas humanas, enganam-vos. E' o caixeiro.

Quereis saber si um capitalista tem fundos, si um ministro ou alto funcionario desempenha bem suas funcções, ou si qualquer honrado negociante empenha ao jogo as joias da mulher?

Perguntai ao caixeiro, que elle vol-o dirá.

Quereis saber si a moça do sobrado fronteiro já entregou seu coração?

Não perguntéis á mãe, á irman, á amiga, á ella mesma, que talvez o não saibam. Perguntai-o ao caixeiro da taberna mais proxima, e sereis satisfeitos.

E' porque o caixeiro é como o diabo, acha-se em toda parte. Acha-se logo ao nascimento, com os morins e baetinhas debaixo do braço; no baptisado, no casamento, e emfim na morte, indagando já quem será o herdeiro.

Elle entra nos conventos de frades;

indroduz-se nos das freiras; vae aos quarteis o calabouços o penetra até à sala do costura da mais recatada familia.

O caixeiro sabe de todos, tanto quanto sabe cada qual de si mesmo, ou ainda mais, porque elle conversa com a mucama e com o moleque, testemunhas de todos os nossos actos, dos quaes si alguns nos esquecem, a elles não.

O caixeiro é uma especie de alvi-çareiro, elle nos felicita por nossas heranças, por nossas honras sociaes e triumphos amatorios. E' tambem um desmancha-prazeres, que no meio dos banquetes vem com o seu: —Meu amo manda saber si paga ou não aquella continha.

O caixeiro aperta a mão do grande, principalmente quando este se desculpa que não tem dinheiro, colhe sorrisos das mais bellas damas nos dias de procissão, quando lhes offerece cadeira, ou traz o copo com agua.

O caixeiro é um novo Tantalo, recebe, dá conta e mexe com dinheiro, mas anda sempre «onçado.»

O caixeiro é mais do que o principe, é rei e imperador... nos bailes mascarados.

Os sonhos de ouro do caixeiro são: a sorte grande, o fechamento das portas, uma conversa *têle* a *têle* com a modista que tem do olho, e d'algum mais ambicioso—o casamento e a sociedade.

O caixeiro descrê dos céus o do amor; mas entra no paraiso e dobra o joelho adiante de qualquer dama das ilhas que lá encontra.

O caixeiro é feliz quando tem a roupa do corpo e tem outra para mudar, dez tostões e dous charutos no bolso, e sabe que no domingo vae passear. E' infeliz quando recebe uma nota falsa, ou sabe que o patrão lhe reserva massada para o domingo.

A livraria do caixeiro são alguns livros de poesias e jornaes litterarios, por que estão cheios de letras. Si for socio de algum gabinete tambem lê Paulo de Kok.

O caixeiro é maldizente, inimigo dos padres, mas caritativo, franco, jovial e patriota.

O caixeiro ou fica amo e torna-se pacato e barrigudo, ou é sempre caixeiro e morre phtysico no corpo e na bolsa.

Este meu caixeiro, tirei-o do geral dos caixeiros.

Agora os mil e um escriptores que por ahi formigam, que pintem o caixeiro de botequim, de venda, etc. e terão o que dizer.

LA VAE VERSO.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

(*Continuação.*)

—Anda por cá *intimando*
De carinha mui lampreira
O insigne olho vivo
Chamado Xico Carteira.

Admira que a policia
Que na pesca é tão sagaz,
De recrutas para guerra
Deixe este em santa paz.

No Bomfim inda domingo
Andou fazendo das suas,
E mais de um inexperto
Ficou de algibeiras nuas..

Quem vê aquelle gatunno,
Que impavido ostentando
Anda luxo não commum
E por *cousa* vae passando,

Mal pensará que elle é
Um larapio atrevido,
Que põe um bolso vasio
Sem que seja presentido.

—De S. Raymundo o *abrigo*,
Diz o *Jornal da Bahia*
Lhe constar por agoa abaixo
Ir tudo á revelia.

Tem havido escaramuças
Brigas, cabeças rachadas,
Indecencias que não devem
Serem alli praticadas.

Houve até uma *abrigada*,
Não sei si por achacada,
Que dalli se retirando
Ficou de barriga inchada.

—Apezar de adoentado,
A lavagem não perdi,
Por isso lhe contarei
Tudo quanto por lá vi.

Este anno a funcção
Esteve um tanto fria;
Isso attesta que bem gento.
Serios desgostos nutria

Vi muita rapazeada,
Que da calçada voltava,
Por causa do pega-pega
Tremebundo como estava.

Depois que amedrontado.
Poz-se o povo no alteio,
Mandou-se parar a ganga
Para desfazer o receio,

Mas, apezar dos pezares,
Ja sabe, a passaralhada,
Não faltou, salvo uma ou outra
Por andar atrapalhada.

Em resumo lhe direi:
As conclusões foram taes,
Que havendo falta de homens
Houve mulheres de mais.

Stou de corpo amortecido
Tão molle como mingau,
Tenho o peito adocicado
Qual favo de mel de pau,

«Qual será o coração
«Que por mais empedernido
«Mirando aquelle painel
«Não se sinta derretido.

«Haverá peito tão duro
«E capaz de supportar
«Os medeixes da creoula
«Sem de prazer se babar?

«Quem pode ver impassivel
«A cabrinha delicada
«Mostrando mimosa perna
«Roliça e bem torneada?

«Quanto thesouro *occulto*
«Apparece neste dia!
«Primores da natureza
«Que tem suprema valia.

Por isso eu um homem serio
A patacoadas alheio,
Vi-me irresistivelmente
Da patuscada no meio

(*Continúa*)

A PEDIDO.

—Isto é que é o fazer, meu charo Sr. Arnaldo. Gosto de ver um rapaz *gentil* como o Sr., que não é tolo para si.

—Mas si eu não fiz nada?

—Ande lá! Faz muito bem de seguir o preceito de que a gente *servir-se* a si proprio não é defeito.

—Estou em jejum a respeito de tudo que tem dito.

—Como é bichinho de coco! Os supplentes com V. eram quatorze; V. teve quatorze votos..... ergo?

—Meu rico, em eleições o voto com que a gente mais conta é com o seu proprio.

—Sr. *geral*, o Sr. pode fazer favores com prejuizo da Illma.?

—Não tenho que lhe dar satisfação.

—Pois ha do dal-as ao muxingueiro a seu tempo.

—O Sr., que deve ser um mero executor das deliberações da Illma., torna-se para uns advogado e para outros accusador.

No dia 10 serviu o Sr. proprio de empenho para que o capitão *Redemptor* soltasse dous animaes que tinha apprehendido, somente porque eram do *Jacintho* e o *José de Souza* lhe foi pedir.

—Por força hei de servir aos homens para achar quem me sirva quando precisar.

—Sendo o primeiro a concorrer para a infracção das leis que tem obrigação de executar e causando prejuizo as rendas da Illma., que lhe paga para zelar de seus interesses.

CARTA DE NAMORO

achada na freguezia de Brotas.

Senhora.—A, muito que deveis ter conhessido o amor que o meu pobre coração vos consagra!

Lembraivos, que não iziste neste mundo, Theatro de lagrimas, epaixões! quem vos ame, mais que eu!! os Sorrizos deixados fujir desses vossos lindos, labios, me tem mostrado um fec-

uro brilhante, o rizonho! apaixão que por vós tenho me vai relando o peito! Crêde Senhora que vos amo mais do que o cégo pode amar alus! do que o pescripto pode amar apatria! e do que o prezo pode amar aliberdade!!!

Emtondo que é bastante isto que digo para uma donzella pura como o Sorrir dos anjos!!!

Sou Senhora com toda a estima, e affeição...

Vosso Escravo.

O ARTISTA NACIONAL.

Por que choram meus filhinhos?
Que dor cruel os consome?
Ai! que me falta o trabalho
Para martar-lhes a fome!

Choremos, filhos, de novo!
E' esta a sorte do Povo!

Meu braço é forte e robusto;
Meu coração altaneiro;
Quero empregar-me, e não posso,
Porque nasci brazileiro...

Choremos, filhos, de novo!
E' esta a sorte do Povo!

Quando ha guerra, a nossa espada
Louros de gloria conquista;
Depois sorri-se o malvado
Das dores do pobre artista!

Choremos, filhos, de novo!
E' esta a sorte do Povo!

Do Brasil toda a riqueza
Está nas mãos do estrangeiro;
Eu vou pedir uma esmolla,
Porque nasci brasileiro!...

Choremos, filhos, de novo!
E' esta a sorte do Povo!

VARIEDADE.

LOGAR MAL ASSOMBRADO.

I.

N'uma casinha isolada,
Perto de um bosque frondoso,
Vivia pobre mulher
Com seu filhinho formoso.
Era um menino tão manso
Como um cordeiro mimoso.

De noite, á luz das estrellas,
Ella cantava chorando,
O lindo filho dormia
N'um berço se embalançando,
E a fontesinha corria,
A cantiga acompanhando.

Eram passados seis mezes
Que seu marido morreu!
A pobre sem ter amparo
Cheia de queixas gemeu,
E o seu gemido de dor
Junto ao bosque se perdeu.

II.

Uma noite, um peregrino
Batteu-lhe á porta—pausado,
Abriu-lhe a triste e lhe disse:
Entrae n'um mau gasalhado,
Si muitas legoas andastes
Deveis estar bem cançado.

Entrou tremendo de frio,
Foi sentar-se no fogão,
Deitou de um lado seu fardo,
Deitou tambem seu bordão,
E suspirou tão magoado
Que cortava o coração.

O pequenino no berço
Em seu somno solta um ai,
Volve-se afflicto tres vezes,
Tres vezes chama—papae!
Diz á mãe o peregrino:
«Vosso filho acalentae.»

III.

Horas mortas—pouco a pouco
O forasteiro cresceu,
Foi direito ao pobre leito,
Onde a triste adormeceu,
E lhe beijando os cabellos
A mulher estremeceu.

Abrio seus olhos—tremendo,
Suando a pobre gritou,
Sorriu-se o negro phantasma
Com rouca voz lhe fallou:
—Sou teu marido!—Meu Deus!
—Vens tu comigo?—Si vou!

E o pequenino no berço
Soltou em magoas um ai!
Volveu-se afflicto trez vezes,
Trez vezes chamou—papai!
E o pai correndo beijou-o
Dizendo—filho, calai.

IV.

Quando rompeu a alvorada
Bem cedinho no outro dia,
Sobre o leito a desgraçada
O somno eterno dormia,
No berço—morto o menino,
Tinha um riso de alegria!

De então p'ra cá viandante
Alli não póde passar,
A terra è mal assombrada,
Faz a gente se aterrar,
Ouvem-se tristes cantigas,
Quando é noite de luar!
Vê-se o berço que balança
Um lindo anginho chorando,
Uma mulher de joelhos—
Que vai sentida cantando,
E n'um cepo ao pé do fogo
Um peregrino scismando!

UM PAPAGAIO.

—Um papagaio de bem! Outro dia em Paris, foi sentar-se uma mulher com um papagaio no banco do boulevard Sebastopol, defronte do fundo do do coro da egreja Saint-Leu, e, tirando da algibeira nozes, avelães e outras golozeimas deste genero, poz-se a dar-lhas. O papagaio dizia de vez em quando:

—Obrigado minha dona.

Ajuntou-se logo a roda da mulher e do papagaio muita gente e elle principiou a papaguear nestes termos:

—Sucias de basbaques!

Riso prolongado da multidão ia engrossando a cada momento.

—Sucia de mandriões!

E os espectadores riam a bom rir.

—Sucia de tolos!

Os curiosos principiam a afastar-se

—Sucia de larapios...olha, olha um larapio alli.

E ou fosse por acaso ou por instincto, o papagaio saltou de cima dos joelhos da dona para os hombros de um curioso que tinha as mãos mettidas na algibeira de um dos seus vizinhos.

Um agente de policia, que chegou naquella occasião para dispersar o ajuntamento apanhou o larapio em flagrante delicto, graças á engraçada ave, e levou-o para a cadeia.

Um sujeito disse a uma senhora que se lamentava por não ter filho algum depois de muitos annos de casamento:

—Talvez que a sua esterelidade ja seja de raça; quem sabe si a senhora sua mãe nunca teve filhos?

Um padre perguntou um dia a um roceiro si Jesus Christo era Deus como seu Divino pae.

—Não por ora, respondeu elle, mas por morte do pae é natural que elle herde o titulo.

NOTICIAS

Asiaticas e africanas, tão fidedignas como muitas das com que as mais bem conceituadas folhas politicas no velho e novo mundo as vezes regalam seus curiosos e credulos leitores de ambos os sexos.

A verdade parece-se as vezes com a mentira.

(*O fidedignissimo relator.*)

DESCOBERTA THERAPEUTICA

O archiatro (medico-mór da camara) de S. M. el regulo preto da Nigricia (no interior da Africa) *Simsimsimsi* CXX, publicou uma mui profunda e interessante obra em quarto de 53 tomos, cada um de 1.500 paginas, que recommendamos à attenção dos respeitaveis leitores desta gazeta, e pela qual evidentemente e d'uma maneira tão clara e popular, que facilmmente pode ser entendida de pessoas totalmente estranhas, como nós, a arte hippocratica, demonstra e verifica com 1,000,000,000 de emplificações, que o unico mais *infallivel* remedio contra a epidemia, chamada *febre erotica* ou *amor*, que desde tempos os mais remotos grassa debaixo de todas as latitudes e longitudes entre ambos os sexos, desde a edade de 14 ou 15 annos atè á de 30 as vezes 35, é o casamento, sem embargo das differentes ceremonias com que a sacerdotal benção nupcial, segundo os differentes ritos das differentes religiões e seitas que existem na terra, fique lançado sobre os padecentes.

Acaba o 53 volume com estas, para os muitos que soffrem da mencionada febre, animadoras e summamente consolantes palavras: «*approbatum est!*» (è confirmado a saber: *pela experiencia,*

MAVIOSA CIRCUMSPECÇÃO GOVERNATRIZ

A folha official de *Yedo* (capital do imperio do Japão) que é impressa não em papel, mas em setim superior cor de roza, com letras de ouro, *Tumg-tun-tim-tu-ha* (o jacaré com a bocca aberta,) de 15 de agosto p. p. publica com extasi philantropico e patriotico um alvará do *Kubo* (autocrata japonez,) que chama-se a Antonino

Pio do Oriente, pelo qual ordena que os pés sejam cortados de todos os seus fieis e amadissimos subditos, afim de que nenhum mais receba motivo de queixar-se *de lhe apertar o sapato.*

ARCHEOLOGIA

N'uma excavação no Baixo—Egypto, perto da cidade de Cairo, acharam-se 14 pares de chifres de boi, ja muito carcomidos; a saber, 7 muito grandes e outros tantos pequenos.

O *nariz.* (prefeito do districto) expoz estas antiguidades ao exame de uma commissão archeologica, composta de um *abbade* catholico romano, um *rabbino* (doutor de theologia entre os judeus) e um *dervis* (frade mahometano,) que depois de muitas sabias e profundas investigações unanimemente reconheceram que estes chifres tinham pertencido ás 7 vaccas gordas e 7 magras, com que S. M. o Faraó (rei) do Egypto sonhou, ha mais de 3,500 annos, como Moyses refere no Genesis, cap. 41, v. 1—8 e 17—21. Que reliquia preciosissima!—O barão Rothschild em Londres offerece ja por um unico chifre das vaccas magras 1 milhão de libras esterlinas, que conforme nosso desesperado cambio importa em pouco mais ou menos 11,600.000$ reis.

GEGRORAPHIA

Um navegante de *Sching-yang*, capitão da *Mantchovia*, que pertence ao vastissimo imperio da China, fez, ha pouco mais ou menos 2 mezes, a importantissima descoberta d'uma encantadora e fertilissima ilha no Grande Oceano Equinoxial, que chamou *Yungs tsink-zang huye*, que na euphonice lingua d'elle significa *ilha afortunada*, aonde os fructos não tem pevide, nem caroço, e nem tão pouco casca; os quadrupedes, aves e peixes não tem ossos, nem as rozas espinhos, e..... sim, e nem as *formosas moças, vaidade nem falsidade.* Que abençoada ilha!!!

Sentimos indizivelmente que a ainda mais que o *Times*(**) acredite da gazeta Ching-yangense o «*Tiung tiong pink tiug*» [O inimigo figadal da mentira) de que temos extrahido esta interessante noticia, sem duvida por um esquecimento, não indica a posição geographica desta felicissima ilha, de maneiro que desditosamente não podemos ja visital-a, menos para regalar-nos com carne, peixes, fructos e odoriferantes rosas, do que *para achar uma amabilissima e fiel espoza que seja de mel sem fel.*

(*Continua.*)

(**)*Os Tempos*, folha londrina e a maior, mais lida e uma das mais antigas da Europa.

PHENOMENO

Ha pouco tempo deu-se um phenomeno singular em uma aldêa do cantão de Villa Franca do Rodhano, em França, diz um jornal da localidade. Uma mulher pejada, tendo-se impressionado com a presença de um preto, acaba de dar á luz uma criança do sexo feminino, que tem metade do corpo branco e outra metade preta! A mesma cara é bipartida de negro e branco, de modo que quem vê a criança de perfil, vê uma negra perfeita de um lado e uma branca do outro. A pezar de tudo, dizem que a criança é bonita, e pelo que toca á saude nada deixa a dezejar. E' singularismo phenomeno, a ser verdade.

Indo uma vez mademoiselle Arnould, que era cantora da opera, fazer uma visita a Mr. de Voltaire, disse lhe este:

—Ah! mademoiselle, tenho 48 annos e já fiz 84 asneiras.

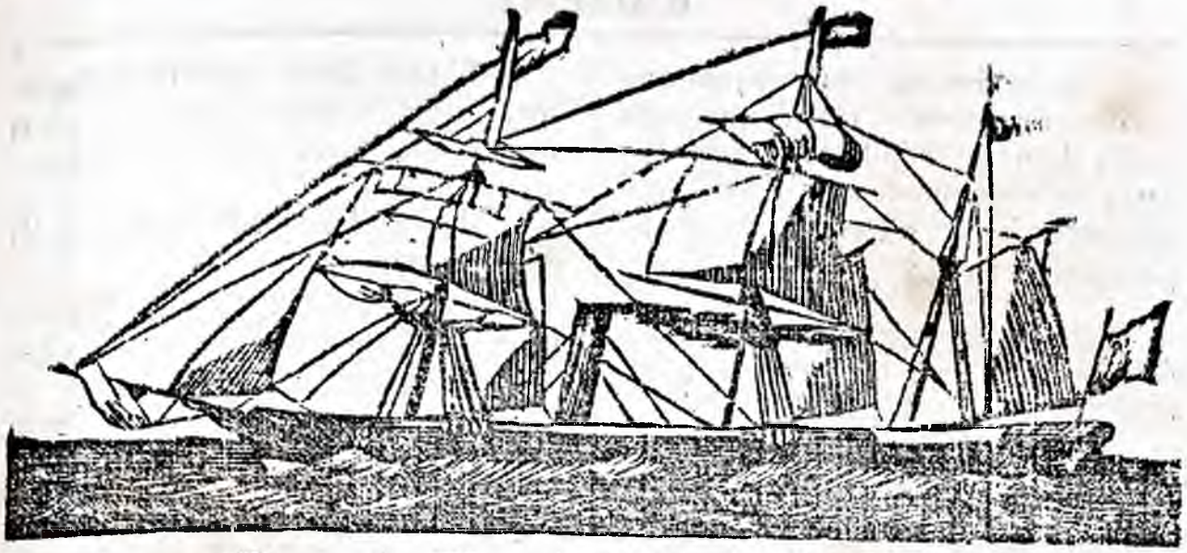
—Grande cousa! exclamou ella pois eu só tenho 40 e já tenho feito mais de mil.

ANNUNCIOS.

Fugiu do abaixo assignado um moleque de nome *Antonio*, filho do *Barros*, baixo, magro, bastante barbado, esbranquiçado, o qual anda constantemente embriagado, passa por tolo, estupido, provocante e immoral, a ponto de, entrando em uma capellinha, em Ipatagipe, na occasião em que se resava a novena de Nossa Senhora, commetter todas as sortes de depravações, provocando a algumas pessoas com insultos, sem respeitar o logar em que se achava; e querendo o abaixo assignado prendel-o para dar-lhe o devido ensino, escapolira: consta que anda constantemente por Santa Barbara, na *botica* do *Manuel que não vende passarinhos*; quem agarral-o e leval-o ao abaixo assignado será bem recompensado.

José Filho dos Mattos.

Quem precisar de uma ama para cosinha dirija-se a esta typographia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 24 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 32.ª—N. 314.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm Sr. Dr. chefe de policia, invocando sua attenção, uma vez que S. S. se mostra disposto a cercear certos abusos, para um ebrio insolente de nome Rocha Lima, que vagueia pelas ruas da cidade, offendendo ao decoro publico com palavras e actos indecentes e insultando a todos, subindo sua audacia ao ponto de entrar pelas repartições publicas e alli provocar e perturbar o trabalho, como em dias da semana passada aconteceu n'alfandega, em que elle injuriou e ameaçou a diversos empregados, do que pode S. S. mandar alli se informar.

Alem do mais, é refinado larapio e ja não tem conta as vezes que tem entrado na Correcção.

Houve nesta cidade um vadio, conhecido por yaya Mariquinhas, que era uma offensa permanente a moralidade publica; sua ociosid de dava até para querer transformar o sexo, usando de trajes de mulher; o Sr. Dr. Freitas Henriques, quando chefe de policia, mandou dotel-o na Correcção e Mariquinhas la permaneceu, cessando assim o escandalo, que dava na portaria de S. Francisco e pelas ruas da cidade.

S. S. que mostra tão boas disposições de bem servir o cargo que dignamente lhe está confiado, por certo acolherá ao justo pedido que se lhe faz e livrará o publico de um turbulento atrevido.

—Ao Illm. Sr. superintendente do matadouro publico, perguntando-lhe si é exacto que em dias de dezembro p. p. fôra encontrado o africano liberto Macario com o roubo de uma arroba de carne na balança grande, praticado, dizem, á mandado de certo agente talhador em prejuizo do boiadeiro e a favor do dito proprietario de talho e agente.

Si é exacto tambem que não foi essa a primeira vez, que tal africano é apanhado com o furto nas mãos e que sendo por isso despedido por S. S., fôra de novo admittido a empenhos do mencionado agente.

Pedindo se-lhe semelhantes informa-

ções, não se tem em vista mais do que verificar a verdade do facto, que pode muito bem ser adulterado, mas que corre geralmente como verdadeiro, o que muito desabona o credito dessa repartição.

—Vê aquella mulher que, guiada pela mão de uma menina, vae atraz daquelle troço de recrutas?

—E' uma cega.

—Justamente. E assim mesmo sem vista veiu de Geremoabo até aqui.

—Atraz de algum parente sem duvida.

—Acompanhando o filho que a carregava e que foi recrutado.

—Que corações de marmore!

—Amanhan o *Diario* diz que são queixas sem fundamento.

—Ainda assim?

Pois desde a estrada de ferro, onde ella desembarcou, até aqui todos não estão vendo?

—Como é que o *Trovão* disse que o commandante das armas tinha ido para Santo Amaro com o presidente, quando eu o vi na cidade?

—Foi mal informado, talvez.

—E eu interpetro a cousa por outra forma.

—Qual é ella?

—Parece que com tal noticia só houve proposito em offender o homem, porque não só eu o vi, como conheço pessoa que passou a tarde desse dia com elle.

—Não se pode agradar a todos.

—Nem tambem se deve levianamente adulterar os factos.

—Porem ainda que elle fosse a Santo Amaro, disso nenhum dezar lhe vinha, quando, como militar ia cumprir deveres. E portanto dé a cousa como si tal não fôra.

—E' que eu não posso ver injustiças; revolta-me certas inexactidões com o fim somente de insultar a quem por seu regular procedimento está acima de certas cousas.

—Brinquedo da cabra cega.

—Aquillo não é cabra.

—E' uma besta que os moleques amarraram os olhos e que se divertem em espantal a para vel-a escoucear.

—E então?

—Mas o brinquedo chama se da cabra cega.

—Ah! E' pena que a algazarra não convide algum policia a entrar no folguedo

—Pois olhe, daqui do Terreiro ao destacamento da secretaria é bem perto.

—Lê-se no *Jornal da Bahia*:

«*Recrutamento.*— Ignacio Ferreira da Rocha Lima, menor de 16 annos, aprendiz de uma typographia n'esta cidade, não so padece de diversas molestias, que o inhabilitam para o serviço das armas, como conhecidamente idiota; mas a guarda nacional recrutou-o na tarde de 13 do corrente, dando o como contingente do batalhão da Sé, e, sem ser inspeccionado, porque é impossivel que o medico mais ignorante o considerasse apto para o exercito, foi barbara e deshumanamente embarcado na tarde de 15, no vapor que poucos momentos depois partio para o Rio de Janeiro.»

—A publicação de certos actos do governo só serve para provar o pouco caso que se faz da lei nesta terra.

—Eu creio nisso.

—Agarrar um africano e dizer que elle é guarda nacional e como tal designal-o para o serviço da guerra, é a maior arbitrariedade, a mais decidida infracção da lei, que pode commetter um commandante de batalhão e seus subalternos.

—Entretanto elles praticam essas e outras todos os dias irresponsavelmente.

—De que serve a lei crear conselhos de qualificação para a guarda nacional, si os commandantes tem a alçada, não só de mandar chamar, quando lhes aprouver, qualquer pessoa, como até de ir aos cantos agarrar os africanos do cesto para seus batalhões?

—E apadrinham seus desmandos com as urgencias da guerra!

—Ao menos por simulado acatamento aos preceitos da lei, não se devia mandar para a imprensa despachos da egoala deste:

«*Requerimento despachado pela presidencia a 14 de janeiro.*

«Amaro José Correia, africano liberto, recrutado pelo 2.º batalhão da guarda nacional, *contado como contingente do mesmo batalhão*; pedindo a sua soltura.—Foi posto em liberdade.»

—Isto vae n'um mar de rosas!

Hontem vendeu-se no caes a farinha a 10$ rs a sacca!

—Mais cara hade comel-a so tiver vida.

—V. sabe que os moradores do segundo districto são homens dados a lavoura, carvoeiros, etc., o governo manda para lá um recrutador em desabafo á briga que teve com o barão, faça ideia como vão se tornar as cousas.

—Inda mais essa!

Arrufam-se os grandes para os pequenos soffrerem!

A PEDIDO.

—Trabalha o feio para o bonito comer.

—Nem sempre é assim.

—Com quem eu fallo é.

—Mas eu não sei V. com quem falla.

—Com o Dr. Zé Coxo, que ganha 150$ rs. de gauderio para andar refocilando la por fora, sobre-carregando os collegas da guarnição com o trabalho de inspeccionar os *forros*.

—V. tambem é exigente, não quer que o moço tome seu regabofe pela festa.

—Mudou de systema Sr. *geral*?

—Para mostrar a esses linguarudos que carregar não é desdouro.

—Por isso leva Vm. hoje o garrafão e o guarda as duas latas de assucar?

—O Sr. está vendo; e nem por isso deixo de ser quem sou.

—Sem duvida.

—Mas esses detractores da vida alheia, não entendem assim.

—Porem o que elles censuram é Vm. distrahir um serventuario publico para seus negocios particulares; ou carregando latas de assucar ou garrafão de vinho, a cousa é a mesma.

—Capitão!...

—O que temos?

—Quero lhe contar uma passagem do subdelegado d'*Avó* de *Christo*.

—Qual delles, o *Lelé*?

—Não; por ora trato do primeiro ou *primitivo*.

—V. é como *carneiro*, quando dá com a cabeça para uma cousa ninguem o pode aturar.

Vamos la com a historia.

—V. Ex. sabe que gato, que nunca comeu azeite, quando come se lambuza.

—Até ahi morreu o Neves.

—Attenda-me V. Ex.

—Ora não me masse!

—Mas o *primitivo*.....

—A dar-lhe V. com o diabo do *primitivo*! Conte sua historia e empine-se.

—..... conversava com o negociante *Menezes* que é duro como uma *rocha*, e dizia:

«Sr. *Menezes*, é muito bom o homem ter posição! Ha pouco tempo eu passava por esta cidade e ninguem fazia caso de mim; mas hoje acontece o contrario. Por qualquer parte que eu passo uns me saudam:

«Sr. subdelegado como passa V. S.

«Outros — Sr. capitão, V. S. faz favor!

«Vejo-me tonto.»

—Ora *bollas*! Massa V. um homem tanto tempo para conversar uma asneira!

—Porem eu contei isto a V. Ex. para ver a *jofice* do tal mariscador dos mangues de Santo Amaro; do menino que por la fez suas *cousinhas* e por desgraça de Latronopolis chegou a subdelegado!

—Pois estes é que são os bem aventurados!

—Vou-lhe contar uma historia lugubre. E' mais uma victima da perversidade, uma desgraçada pela ingratidão dos homens.

Não ha muito tempo, casualmente achei-me n'uma reunião familiar. Muitas moças e alguns cavalheiros formavam nessa sala um quadro de confraternisação e a legria.

L..., ahi estava, porem, um tanto affastada, escusando partilhar do contentamento e brinquedo.

Seu rosto moreno, sympathico, apresentava profunda melancholia e tristeza. Ora suspirava, ora absorvia se em profunda meditação.

Aproximou-se d'ella outra moça, e brandamente lhe disse:

—Que tens?

—Nada, respondeu.

—Estás tão pensativa; não eras assim.

—Não.

—Que deu logar a uma tão subita transformação?

—Nada, deixa-me.

—Perdôa, L..., mas bem sabes quanto sou tua amiga. Entre nós nunca existiram segredos. O teu e meu coração eram um só.

—Sim, mas agora...

—O que?

—Deixam de ser.

—Ah! Duvidas de mim. Não o pensei!

—Não; não duvido; sou indigna, tenho vergonha de ti.

—Porque! Aconteceu-te algum revez? Diz-m'o. Não me fazias confidente dos segredos de tu'alma, não me contavas o teu amor com Julio?

—Oh, por Deus. C....., não pronuncies mais esse nome! Não me queiras ver morrer, disse ella n'um tom afflictivo e que mal se ouvia.

—Que aconteceu, L....? Vamos. Impressiona-me teu estado.

—Pois bem; preciso desabafar, será um allivio. E's minha amiga, não? Vem.

.....

Bem sabes, contei-t'o muitas vezes, como amava Julio. Elle era o meu amigo verdadediro, a minha felicidade e onde encerrava-se toda a minha esperança. Amei-o como pode amar um coração de mulher, com fogo, com paixão, com loucura. Viver sem elle seria a morte, deixar do vel-o um dia, martyrio. Deixei-me levar por suas palavras. Julguei verdadeiro os protestos d'amor que tantas e repetidas vezes me fazia, e elle teria de mim a propria vida, se m'a pedisse.

(Aqui, L....passou o lenço pelo rosto humedecido de lagrimas, soltou um profundo suspiro, e continuou)

(*Continúa.*)

VARIEDADES.

FALLAR BAIXO A UM SURDO.

Le-se na chronica quotidiana do *Internacional*, que em uma das ultimas sessões do tribunal criminal de Ond Bailey, um negociante de vinhos, que devia fazer parte do jury, chegou-se a um dos empregados para dizer-lhe que não pode tomar lugar ao lado dos outros jurados, porque e surdo.

— Que diz elle? perguntou o juiz.

— Diz qué é surdo, mylord.

O juiz voltando-se para o negociante, perguntou-lhe em voz baixa:

—E' verdade?

E' sim, mylord, respondeu immediatamente, sem refletir que cahia em um laço.

UM AMIGO OBSEQUIADOR.

Quem está ahi? perguntou Serapião, que ja deitado em sua cama em noute tempestuosa, fôra despertado do somno por fortes pancadas á porta.

— Um amigo, foi a resposta.

— O que queres?

—Quero dormir *aqui* o resto da noute.

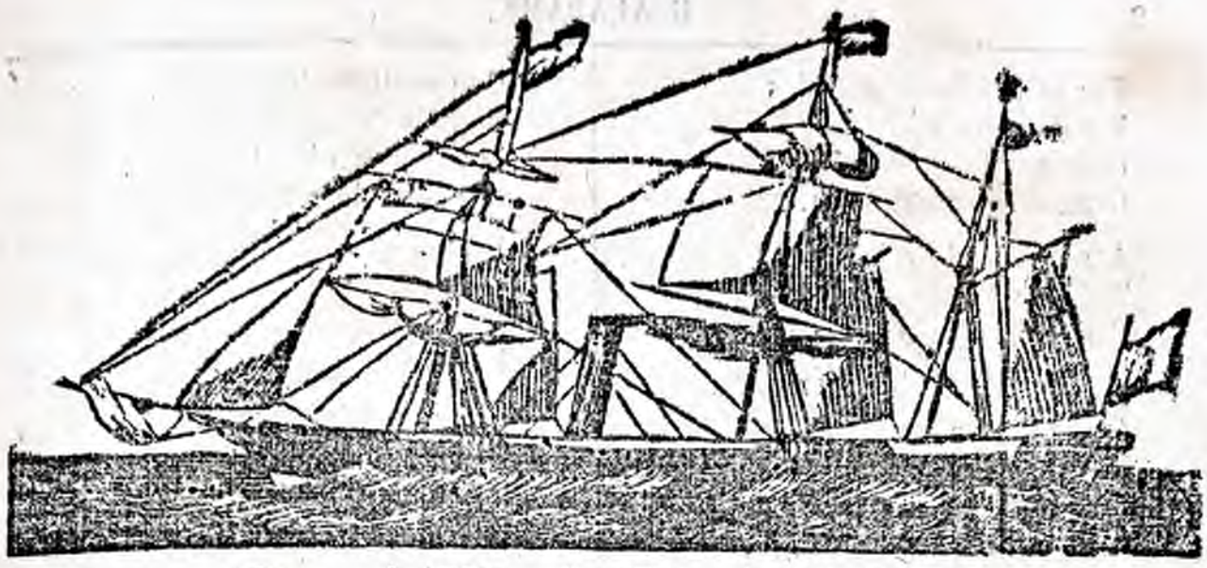
—Não tens máu gosto, podes *ahi* ficar, foi a benevolente resposta.

ANNUNCIOS.

Vende-se um piano em bom estado; quem pretender dirija-se a loja de ourives defronte do Rosario da Baixa dos Sapateiros, que achará com quem tractar.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.° 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 25 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 32.ª—N. 313.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de janeiro de 1868.

Portaria á Chapadista, advertindo-lhe que ponha cobro á suas crias para que não atropellem com pedradas ao pobre cego Roldão, o qual é victima das bregeiradas de tão desastrados moleques, acontecendo, não raras vezes, errarem elles o alvo e algumas dessas pedradas irem bater em quem vae passando. Cumpra.

—Ao fiscal geral, ordenando-lhe que observe a postura municipal n.º 21 em relação ao armazem do Aza Preta. Cumpra.

LA VAE VERSO.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

(*Continuação.*)

—Como lhe ia dizendo,
La vae a discripção
De tudo o que observei
Da lavagem na funcção.

Desde as tres da madrugada
Havia gente em caminho,
Batendo pelas tarvernas
Para tomar seu copinho.

A's cinc'horas da manhan,
Estava o campo coalhado,
E o caminho parecia
De gente um mar espelhado.

Manuel Girota tambor
O primeiro toque deu,
E a phalange criolar
Em linha se estendeu.

Quando deram sete horas
Começou-se a patuscar,
Indo a gente feminina
Ao chafariz agoa buscar.

E' quando se pode ver,
Creia isso com pureza,
Quanta obra de primor
Produziu a natureza.

«Eu quizera ter uns olhos
«Que fossem devoradores,
«Que meu peito fosse rede
«E meus labios pescadores.

Faz so perder os sentidos
Ver dengosa mulatinha,
Com o poto na cabeça
Como faceira caminha.

A requebrada crioula
Toda a se remecher,
Correndo p'ra o chafariz
Ir sua panella encher.

Ainda bem a lavagem
Não se ia terminando,
Para carregar a lenha
Foi o rancho se formando.

Divididas por altura,
Em pelotões se fizeram...
Ao depois eu lhe direi
As commandantes quem eram.

O patusco mestre Marcos
Poz-se na frente do bando;
Leva o bombo na cabeça
E la vae *sapateando*.

Um bem chorado lundú
Toca a sucia barbeiral,
Regida pelo tal Marcos
Que é della o maioral.

Floripes no seu piston,
Manuel Calango no baixo,
Dizendo de amor a decima
Do prazer accende o facho.

Atraz delles vem Mafalda
E sua amiga Thomazia,
Henriqueta bolachão,
E a comadre Athanazia.

Depois, Sinhô Zé Canastra
Apezar da sua giba,
Vae mettido no pagode
Pulando como guariba.

Apoz vem Serapiana
Que no lundu faz cobiça,
Traz a saia arregaçada
Mostrando perna roliça.

Um sujeito, que herdando
Um *campo, limas* plantou,
Suando como um corsel
Depois da hora chegou.

Lá vem Maria Philippa
Como cutia ligeira,
Correndo para tomar
Seu logar na brincadeira.

Que sentimentos eu tive,
De não ver o Celestino!
Saudades do Fr. Lanigero,
E' causa do seu destino.

Miguel peixe gallo tem,
Creia, um gosto estragado!
No chapeu levava a conta
Dos logros que tem pregado.

Com elle ia uma sucia
Que me poz de bocca aberta;
Caseavel e Meia Noite,
Cobra viva e Felisberta.

Com um *patacão de sola*
Pendurado na cintura,
Ia pintando peruta
Uma certa creatura.

Henriqueta olho de vidro
Com seu lenço de veludo,
Todo bordado de ouro
Causava inveja a tudo.

O *Calombo* das *Ombreiras*
Traz comsigo um cartapaço:
São bilhetes prohibidos
Que anda vendendo um maço.

O coronel Tranquilino,
Que se diz arrependido,
Vi no meio das creoulas
Bem gamenho e derretido.

Uma voz que na cabeça
Elle traz, assim lhe dice,
Que chegando no Bomfim
Esquecesse a beatice.

(*Continúa.*)

A PEDIDO.

—Capitão, informaram-me de um facto.

—Conte-o.

—V. Ex. já devo saber que está ha muito tempo doudo aquelle pharmaceutico que morou na rua das *Contas Enfiadas*, defronte da casa do *João Pereira*.

—Sei disso. Está doudo furioso, que até já quiz dar no pae, quando aliás era um bom filho em seu perfeito juizo.

—Pois é deste moço o facto que lhe vou contar.

O pae deste moço, extremoso como é por seu filho, tem empregado todos

os meios para vel-o bom; mas sempre baldados. Agora, porem, metteram na cabeça do pobre pae que o filho tem o diabo no corpo, e levaram a elle o *grão-sacerdote* do spiritismo, que dizem saber tirar o spirito maligno, este pediu ao infeliz pae que o moço fosse para sua casa afim de tratal-o, pois como de facto se achava com o spirito maligno no corpo, em vista das proezas que fazia.

O pae, coitado, cahiu na asneira de assim o fazer para ver restabelicido seu filho da furiosa loucura que soffro.

Sabe V. Ex. a maneira pela qual o tal *grão-sacerdote* está expulsando o spirito maligno do corpo do pobre moço?

—V. o dirá.

—Todos os dias é este moço açoitado de fazer *pena*, depois se lhe applicam cilicios e outros muitos castigos, que diz elle *grão-sacerdote* serem applicados ao diabo, afim de que elle retire-se do corpo humano á que está encostado.

—Forte patifaria!

A policia não tem conhecimento desses factos?

—Ora a policia! Pois V. Ex. está vendo que o *delgado* manda pelo seu *camarada* distribuir cartas dirigidas pelo *grão-sacerdote* a S. Ex. Revma., respondendo a pastoral que fulminou o spiritismo, como faz esta pergunta?

—Na verdade isso é o requinte do desaforo.....

Tem rasão! A policia apoia essas e outras patifarias!

Mas onde é a casa desse *grão-sacerdote* do spiritismo, que quero mandar lá o muxingueiro fazer-lhe uma visita?

—Não disseram-me onde era a casa; mas que este sacrificio é feito *atraz* de um *muro* que fica nos fundos das *freiras*.

—Pois bem: ja que a policia não dá providencias a isso, porque tambem é spiritica, eu mandarei o munxingueiro zurzir de taca esses tratantes!

(*Continuação.*)

—Como não ignoras, Julio tinha a franqueza de filho na casa de meu pae, onde como tal já era considerado, e, segundo promettêra breve me desposaria. Eu anciava por esse momento feliz.

Um dia... perdoa-me C..... um dia, depois de um ardente beijo, fez-me uma má proposta; pediu-me uma entrevista nocturna. Neguei-lh'a. Elle mostrou-se agastado e ameaçou-me com a sua ausencia. Chorei muito, e vacillei. A confiança, porem, o amor que nelle depositava, o meu coração palpitante, não resistiram ao seu pedido. Annui, disse-lhe que sim, e elle, radiante de alegria, deu-me outro osculo e marcamos o sitio e as horas para encontrar-nos a sós.

L.... parou por instantes, respirou e proseguiu.

—No momento aprazado, um nos braços d'outro nos achamos...N'aquella hora maldicta, eu disse ao meu amante: «Julio, vaes desgraçar-me, e depois não reparas teu erro,» e elle retrucou-me. «juro pelo céo, pela Virgem Maria, desposar-te.».....

E o crime commetteu-se...

Passados tempos, vi os effeitos do meu erro. Era mãi!..... Fil-o saber a Julio, que com sarcastico riso recebeu aquella noticia. D'então por diante comecei a notar nelle certo aborrecimento, e temi pelo meu futuro. Mais tarde, não pude ocultar a meu pai minha criminalidade, porem asseverando-lhe que Julio era de caracter e tinha bom coração. Imagina em que penuria me via. Nasceu o fructo do illicito amor...Que vergonha! C..... não é? oh! o coração estala-me de dor!

—Tem esperança, L....., não se morre de um golpe. Podes ser feliz ainda.

—Jamais. O mundo para mim é um inferno, onde só vejo figuras de Satanaz. Escuta. Indá não findei. Os dias decorriam, e Julio acabou por quasi ausentar-se totalmente da casa. Meu pranto ja o não commovia, e fazia-o affastar. Nem os vagidos do innocente, seu retrato fiel, lhe moviam para mim uma palavra de consolação, uma esperança. Antes fitava-me por demais. Julguei-me verdadeiramente perdida e enganada por um monstro. Pedi a

meu pae que fallasse com Julio para reparar o mal que fez, desposando-me. Meu pae assim obrou. Agora queres saber a resposta que meu pae obteve e que eu tenho gravada em minh'alma? foi esta:

«E' falso tudo isso que me imputa. Seria outro, não eu, e nesse caso «não desposarei uma mulher que...» Oh, C....., isto enlouquece! Si eu fora que tivesse obtido essa resposta, teria procurado uma arma mortifera e tirar-lhe-hia a existencia; seguil-o-hia após, mas bem vingada. Infame!... O odio que voto a Julio excede ao amor que me arrastou ao precipicio... Esperarei. O remorso lhe trará o arrependimento. Serei vingada.

—E elle ha de reparar seu erro.

—Hoje regeitaria. Considero-me uma perdida. Para a desgraça nasci, nella morrerei.

—Resigna-te, L.... O Omnipotente vela pela innocencia.

—Não creio em Deus.

—Não blasphemes.

—Sim, blasphemo, porque elle não ouve minhas preces; só imploro um tremendo castigo para o infame que me enganou. Quando o vir..... e assim deixarei tambem de existir para o mundo, asseguro-t'o.

—Não penses assim.

—Agora que de tudo sabes, avalia a minha posição, guarda segredo, e não me dês palavras de consolação— não as quero. Vamos para a sala, estou contente.

Na verdade, o estava; mas tinha o riso nos labios e a mais pungente dor no coração.

Como Julio, procedem muitos; trahem-se a si proprios.

O homem é perigoso como o raio. Fere e deixa a ruina.

CURIOSIDADE.

Será verdade que na noite de 15 do corrente foram cercadas e varejadas todas as casas dos africanos libertos, rendeiros das fazendas Santa Cruz e Ubarana, situadas no districto do Rio Vermelho, por ordem do respectivo subdelegado?

Que não querendo a mulher do africano Balthazar, abrir seu bahú, como exigia um encarregado de tal diligencia, fora a mesma africana por elle esbofeteada, seguindo-se d'ahi grande desordem pela luta que entre elles houvera?

Estariam escondidos no bahu da africana alguns recrutas, ou os decantados assassinos da freguezia de Brotas, que se acoitavam na casa de Geraldo Lopes, pelo que foi cercada e varejada na noite de 13 do corrente pelo proprio subdelegado daquelle districto, sendo o resultado recrutarem do pobre homem a quantia de 58$ rs.?

Comquanto este facto seja notorio no Rio Vermelho, duvidamos de sua veracidade, por estarmos persuadidos de que os africanos não podem ser recrutados e não constar outro motivo para o tal cerco e varejo em suas moradas.

Só o Sr. subdelegado poderá satisfazer a nossa curiosidade, si quizer.

O abelhudo.

ANNUNCIO.

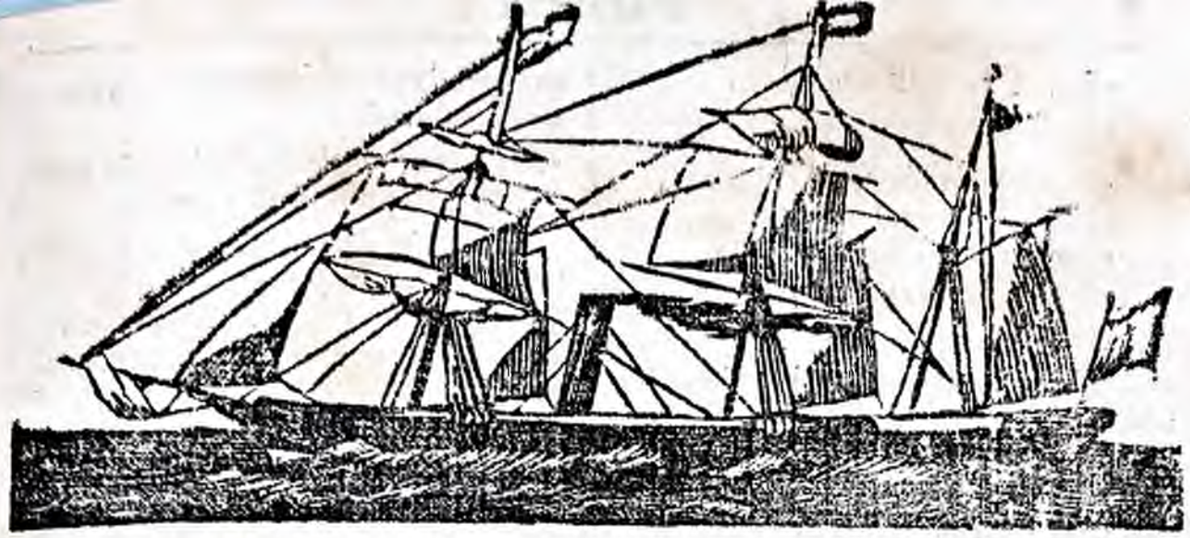
GRANDE COSMORAMA.
DISTRACÇÃO DO BOMFIM.

AO LADO DA CAPELLA, NA LINHA DAS FEIRAS.

O proprietario do **Cosmorama do Bomfim** tem a honra de convidar a concurrencia de toda esta capital para o seu **estabelecimento de recreio**, recommendando-o a todos em geral, que alli encontrarão o melhor divertimento, attentos os grandes esforços que tem feito para leval-o ao ultimo ponto de aceio e commodidade.

Pelo diminuto preço de 500 rs. tem-se o direito de visitar o **Cosmorama**, ao som de um lindo e harmonioso realejo, em que se toca excellentes peças de musica, e contemplando-se dez interessantes vistas da Europa, alem de receber um presente designado pela sorte.

Espera-se a coadjuvação do publico desta cidade á um estabelecimento, que se torna digno de sua protecção.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 29 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 32.ª—N. 316.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º, andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de polica, communicando-lhe que n'um recanto, que faz um pequeno muro na egreja da Baixa dos Sapateiros, reunem-se todos os dias uma malta de meninos e moleques, que sabem com vendas de seus senhores, para jogarem á dinheiro o jogo da bola, o qual consiste em cinco pausinhos enfincados n'um monte de areia os quaes servem de alvo para atirarem a bola o o que arranca os paus ganha; resultando dahi não só grande algazarra e desordens, como prejuizo para os paes e senhores, pede-se a S. S. que faça acabar tão *licito* divertimento, aproveitando a occasião para augmentar a companhia de imperiaes marinheiros com algum que encontre alli apto para isso.

—Cahiu hontem, ás 3 horas da madrugada, um sobrado á rua dos Capitães, que ja ha muito ameaçava desabar.

—E houve algum caso a lamentar-se?

—Felizmente nenhum.

—O celebre author do—*Album da rapazeada*—apresentou *outras* inspirações de sua prostituta veia no bando annunciador dos festejos de S. Gonçalo.

—Como?

—Tudo quanto é de obsceno, immoral, incapaz de ser lido em familia, existe no tal bando, que desafiou a indignação e o pudor publicos no domingo, quando foi distribuido.

—E houve quem tivesse a coragem de mandar imprimil-o?

—Ora si houve. Para a desmoralisação e corrupção, todos estão promptos. E' bastante reproduzir-se somente algumas partes de obscenidades, para fazer juizo do que elle é: eil-as—

«Do Santo tereis por certo
«Bem favoravel despacho:
«*Para todo peixe femea*
«*Não faltará peixe macho.*

«A mesma viuva idosa
«Pescará para o seu cofo,

«Rapaz, ou velho que gosto
«De tomar *rapé com mofo*.

«Do seu noivado ha de em breve,
«Pular no ardente sarão
«Quem da bandeira do Santo
«*Pegar* com fervor no *páu*.

—E' muito!?...

— E' para ver como está tudo entre nós. Outros muitos pedacinhos existem, que os ommitto de vergonha.

Eis aqui a producção de um velho *poeta*, que antes deveria ser appellidado—versejador do becco do Grello.

—O diabo metteu-se atraz da orelha da Companhia Bahiana que não a deixa.

—Algum successo?

—Ora!

—O que foi?

—E si não acontecesse, eu não sabia que para os empregados da companhia, a vida de um homem vale tanto como uma sardinha.

—Mas o que foi?

—O Sr. Augusto Cezar d'Oliveira que ia morrendo afogado.

—Como?

—V. sabe que, naquella ponte tão extensa, deitam apenas uma lanterna com luz amortecida na extremidade da ponte.

—E' verdade.

—Tem se pedido a companhia que não seja tão sumitica a esse respeito, mas em balde.

—O Sr. Augusto, ao embarcar-se, enchergou mal, pisou em falso e foi n'agoa; clamou por socorro, mais ninguem se moveu! Trez vezes foi ao fundo e veiu á tona d'agoa sem que lhe prestassem soccorro; correndo alem disso o risco de ser esmagado entre o vapor e a ponte. Por fim poude agarrar-se a um pau e salvar-se, concorrendo para isso o Sr. Jovino Cezar da Silva que lhe deu a mão.

—E' doleixo imqualificavel.

—E' deshumanidade imperdoavel.

—Aqui está como se cumpre a apregoada circular do Sr. Azambuja recommendando moderação e prudencia no recrutamento.

«*Requerimento despachado pela presidencia a 14 de janeiro.*

«Vicencia Maria da Conceição, CEGA; pedindo ser posto em liberdade seu filho, *unico arrimo*, Manuel Raymundo, do Oliveira, recrutado pelas AUTHORIDADES DE GEREMOABO.»

—E não foi solto?

—Foi.

—E o que mais quer?

—Mas como se pratica impunemente arbitrariedades destas?

Como é que o governo sancciona com sua mudez, que uma authoridade desenfreada e despotica transgrida suas ordens, recrutando um homem legalmente isento, obrigando uma pobre mulher cega a transpor legoas e legoas por invios caminhos, sabe Deus com que penosos sacrificios, para vir a capital reclamar aquelle que é o amparo de sua desgraça?

Como se consente que os direitos do fraco sejam calcados atrozmente por uma authoridade atrabilaria, a despeito das determinações do governo?

—V vae pelo que está escripto no papel? Está bem servido!

—A mulher que dê graças a Deus de achar o homem de bom humor, que lhe restituiu o filho; si é n'um dia em que S. Ex. está atacado das hemorrhoides, não haviam cegueiras que valessem.

—Vão ver que a tal authoridade de Geremoabo hade ter breve um habito, alem da irresponsabilidade de seus desvarios.

—Isso de responsabilidade é historia.

Tambem o Sr. Azambuja manda todos os dias para a corte corcovados e aleijados e ainda não pagou as despezas de transporte de nenhum, como manda uma circular do ministro da guerra.

«— Maria Ramos da Conceição; pedindo ser posto em liberdade seu marido João Francellino Velloso, guarda nacional do batalhão 111, dado como contigente.—Não tem isempção legal.»

—Isso é requerimento despachado?

—E'.

—Comprehende V o que significam estas palavras—*não tem isempção legal*?

—Querem dizer a infeliz—amanhan, si quizer comer, va vender o corpo ao primeiro que lhe atirar a moeda da prostituição; os prostibulos não faltam ahi, abra sua *casa*, va augmentar o numero das prostitutas.

—Grande Deus! E' horrivel tão pavoroso quadro!

—Entretanto é a realidade.

—Veja o governo de nossa terra como é.

Emquanto põe pêas as folhas nacionaes, que com elle tem contractos de publicações officiaes, para que não recebam a minima censura aos actos de sua administração, vê impassivel que o periodico *The Anglo-Brasilian-Times*, folha subvencionada pelo ministerio d'agricultura com 16:000$ rs. annuaes, em artigo de fundo derrame atrozes injurias contra o marquez de Caxias.

—E até ha quem diga que o proprio governo foi quem mandou escrever contra o nobre marquez.

—Que novidades trouxe o *Navarre*?

—No *Jornal do Commercio* encontrei apenas o seguinte:

«As ultimas noticias do theatro da guerra transmittidas pelo telegrapho de Buenos-Ayres, rezam assim:

«No dia 6 os paraguayos bombardearam o acampamento alliado de Tuyu-Cué. A 7 os argentinos bombardearam o dos paraguayos.

«Passaram-se alguns paraguayos para o acampamento argentino. Nada mais importante.

«Das trincheiras paraguayas vieram dar ao campo dos alliados cem mulas e burros em bom estado de gordura.

«Pelejou-se no dia 10. O mangrulho dos argentinos foi derrubado. Houve muitos mortos e o resultado ficou indeciso.

«Mitre retira-se com tres regimentos. No exercito preparava-se uma grande expedição e a esquadra dispõe-se para passar Humaytá.

«A cholera-morbus faz estragos.»

—Da côrte, nada?

—A questão do cambio tem motivado sussurro geral.

Algumas casas inglezas exigiam em ouro o pagamento de suas mercadorias.

—Tudo caminha para o desfecho geral desta grande demora.

A PEDIDO.

—Tome esta, capitão!

—Varro.

—Estou fallando serio.

—Pois guarde-a para seu uso.

—Si não me quer ouvir, retiro-me.

—Ora vamos lá com essa massada.

—Como é, capitão, que um subdelegado de ordenança atraz vae deitar gallos a brigar?

—Deitando. Isto hoje é um divertimento de qualquer rapaz da moda.

—Mas, capitão, elle tem isso como *negocio* e não como divertimento.

—Qual! Pois será possivel que um subdelegado, que sem duvida nenhuma deve ser um homem que tenha rendas, vá deitar gallos a brigar com o fim de ganhar?

Será possivel que uma authoridade policial deite gallos a brigar, uma cousa prohibida pela policia?

—Ora a policia! ca... ca... ca...

A policia em nossa terra está prostituida, isto é, ella era uma senhora honrada; mas depois que se entregou cargos policiaes ao *Lélé*, subdelegado da freguezia d'*Avó de Christo* e outros da bitola delle, que esta senhora converteu-se em messalina.

—Diga V. o que quizer, eu estou certo de que o subdelegado mette-se neste *brinquedo* como divertimento e não como meio de vida.

—Si não é como meio de vida, para que elle se reune com o homem *malhado*, e apostam dinheiro, para verem os pobres animaes se estrafregarem? V. Ex. está no mundo da lua. Pois olhe, elles dizem que esta é uma maneira de se viver *licitamente!*

—Historias! Como vêm que o homem é progressista, o querem desacreditar.

—Basta, capitão, não se zangue, peço-lhe licença para recitar uma chula, que ouvi cantar na noite de Reis no ranche de uma burrinha, na *foute* onde ha muitas *pedras*.

—V. a tem.

—Então lá vae.

Na freguezia d'*Avó de Christo*,
Existo um recrutador,
Por mandado d'um barão,
Visto ser seu batedor.

—Mas não ouviu esta que é de maior alcance.....

—*Safa*.....

—..... *do* mesmo cujo.

Bravo yoyô *Aurelio*
Já sei com quem é a cousa;
E' com o cabocolinho
Chamado *Brito de Souza*.

—Capitão!

—Diga.

—Conhecendo que V. Ex. é versado nas lettras divinas e humanas, venho fazer-lhe uma pergunta.

—Qual?

—Si um homem, que se casa com uma moça, está por esta causa casado com todas as irmans della, e se pode praticar certas libordades, que a moral condemna?

—Isto não se pergunta, porque salta aos olhos a resposta.

—Mas V. Ex. não sabe a razão por que pergunto; é que sendo ignorante, e observando certos actos de um sujeito, fui ao *Antonino*, que tambem é *letrado* e lhe fiz a mesma pergunta; elle disse-me que, uma vez casado com uma, tinha-se de facto e de direito jurisdicção sobre as outras.

Já vê V. Ex, que isso não me podia agradar, e então conversando com o *Moraes*, que parece *sizudo*, e elle me disse que consultasse a V. Ex.

—Uma vez que estou de pachorra, deixe-lhe dar uma lecção de moral.

—Acceito.

—Um homem, quando se recebe em matrimonio com uma moça, deve respeitar muito toda familia della, principalmente as irmans; evitar certas conversas, e muito principalmente obscenidades; porque não só é isso contra a lei natural, como contra a moral e religiosa, que considera grave peccado; privando o marido que assim pratica de pedir o debito á mulher sem licença da authoridade.

—Muito bem, capitão, estou satisfeito. Vejo que a opinião do *Antonino* era e é absurda.

Pede-se a um moço de furta-cores o favor de ir restituir um copo, que por graça, sem duvida, levou no bolso, d'uma venda á Roda da Fortuna; quando na segunda feira p. p. á noite vinha do Bomfim na gondola e saltou ahi para molhar a guela

Não deve causar mal ao proximo, um homem cuja vida é *fazer remedios* para seus semelhantes e lembre-se, que clama ao *Spirito Santo*, tirar o alheio contra vontade de seu dono.

Portanto, quanto antes vá restituir o copo, si não quer ver a cousa mais clara.

ANNUNCIO.

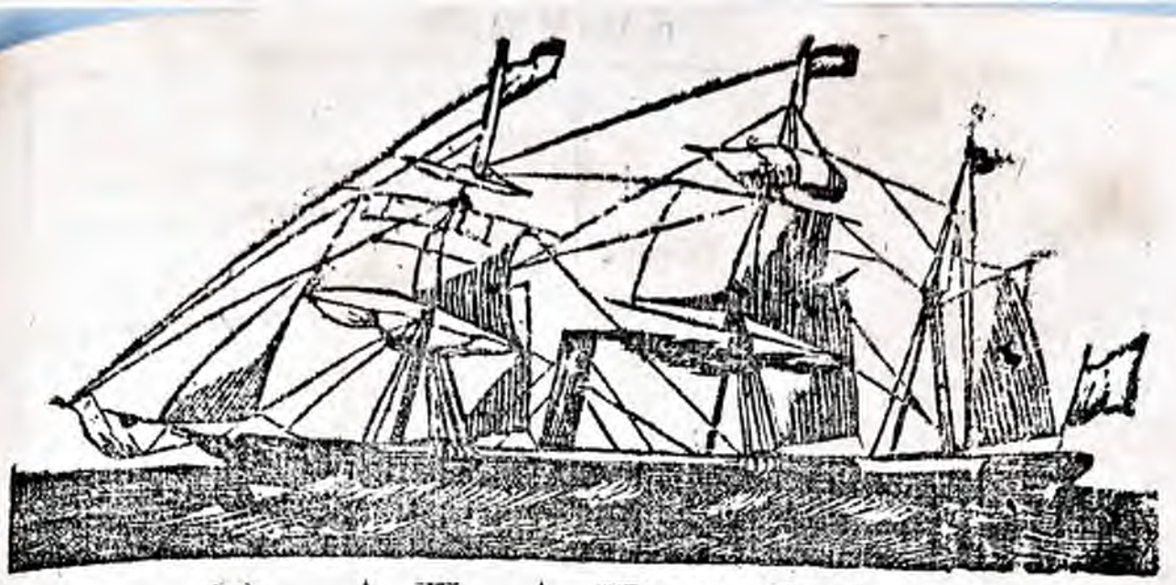
GRANDE COSMORAMA.
DISTRACÇÃO DO BOMFIM.

AO LADO DA CAPELLA, NA LINHA DAS FEIRAS.

O proprietario do **Cosmorama do Bomfim** tem a honra de convidar a concurrencia de toda esta capital para o seu **estabelecimento de recreio**, recommendando-o a todos em geral, que alli encontrarão o melhor divertimento, attentos os grandes esforços que tem feito para leval-o ao ultimo ponto do aceio e commodidade.

Pelo diminuto preço de 500 rs. tem-se o direito de visitar o **Cosmorama**, ao som de um lindo e harmonioso realejo, em que se toca excellentes peças de musica, e contemplando-se dez interessantes vistas da Europa, alem de receber um presente designado pela sorte.

Espera-se a coadjuvação do publico desta cidade á um estabelecimento, que se torna digno de sua protecção.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 31 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 32.ª—N. 317.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de janeiro de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, dizendo-lhe que, com quanto as attribuições do seu zelador de arvores seja conservar e não derribar, comtudo sirva-se de ordenar-lhe que mande deitar abaixo o matagal de mamoneiras que ha encostado aos assentos do largo de Santo Antonio.

Espera-se que a Illma. não fique a dormir no caso.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, solicitando sua attenção para o facto criminoso de defloramento da menor de 10 annos, Maria Agostinha, praticado pelo portuguez Luiz de Mattos; facto que parece, pelo geito que o recado leva, cahirá no esquecimento e aquelle individuo ficará com a bocca doce para praticar outro.

Espera-se, portanto, que S. S. fará recommendar á authoridade, a quem estiver incumbida a solução do negocio de tanta gravidade, que dê prompto andamento a elle, esquivando-se de meios termos e não tendo outras considerações sinão o cumprimento da lei.

—Ao mesmo, communicando-lhe, que um certo espertalhão de nome Candido, chegado ha tempos do Paraguay, entendeu que devia viver suavemente á custa dos incautos e ignorantes, arvorando-se em advinhador, curandeiro e propagador de ventura; e para isso estabeleceu a sua industria á Travessa do Soccorro, no Castro Neves, onde leva a expellir diabos, prever o futuro, dar fortuna e outras nigromancias.

E como semelhante especulação alem de ser opposta aos preceitos da religião, offende as leis da sociedade, pede-se a S. S. que faça cessar tal bruxaria, obrigando esse industrioso a procurar outro meio de vida.

—Quer ver um spectaculo apreciavel?

—No theatro?

—Não.

—Onde?

—Na Praça ás 6 horas da manhan.

—O que ha la então?

—O *Magestade* se catando.

—Ora vivorum! logo vi que era algum destempero.

Que mal faz que o homem cate suas pulgas?

—A cousa não é nada, a forma é que é ella.

—Como é então?

—O sujeito arreia as calças e levanta a camisa, de sorte que não fica nú nem vestido, mas todos vêm o que deve ficar coberto e neste gosto vae catando pelo corpo os piolhos sem a menor cerimonia.

—Não ha uma guarda alli tão perto, a policia não sabe de madrugada para recrutar, por que deixa?

—Pedacinhos de ouro da fertilissima cabeça, que dirige este abençoado torrão das bananas e melancias.

«Jacintho Leopoldino Evervudo Cadete Fri; contingente da guarda nacional, *pedindo oito dias para provar sua isenção*—NÃO ALLEGA ISENÇÃO.»

«Joanna Maria da Silva, mãe de Maximiano José de Sant'Anna, contingente da guarda nacional, *pedindo um prazo para provar a sua isenção*—IDEM.

—Apre! Assim tambem é muito!

—Admirou-se?

—Si não fosse um despacho da presidencia, eu lhe pederia permissão para incluil-o n'uma collecção de disparates que estou arranjando.

—E' systema abreviado; S. Ex. tem o dom de advinhar os que podem ou não provar isenção, por isso vae logo indeferindo.

—Não é por isso.

—Tanto é assim que com outros é elle benevolente.

—Cassuada.

—Aqui está a prova:

«Francisco Xavier, pedindo 15 dias para provar a isenção que tem seu filho Speridião Alves, recrutado pelo Dr. delegado do municipio de Maragogipe.—Concedo 10 dias.

—Meu rico uns tem ditas outros caganitas.

—A presidencia faz figura de papelão.

—V. enlouqueceu? Não diga isso.

—Então mente impudentemente ao povo.

—Antes isso.

—Pois a moderação recommendada pelo governo, consiste em mandar-se para a capital homens casados carregados de filhos?

—Pode acontecer por ignorar-se a condição do individuo.

—Ora enxote-se! Qual é o commandante ahi por fora que não conhece todos os seus guardas?

—O que parece averiguado é que se manda publicar uma cousa e particularmente ordena-se outra.

—Tambem pode ser.

—Aqui vae um acto que prova isso.

«Officio ao coronel commandante das armas.—Expeça V. S. suas ordens para que seja posto em liberdade o guarda nacional Luciano José d'Araujo, que foi dado como contingente do batalhão do municipio de Nazareth, *visto haver provado ter tres filhos e ser casado.*»

—Do Rio Grande remetteram-nos o seguinte:

Previne-se a esposa do major Firmino José Damasio de Mattos, que aquelle major sem seu consentimento acaba de vender na cidade do Rio Grande do Sul, aonde é morador, duas chacaras, sendo uma por 2:370$ rs. a D. Belmira Joaquina dos Santos e outra a Gabriel Ferreira de Souza por 1:015$ rs. em 15 de novembro de 1867, cujas escripturas foram passadas no cartorio do escrivão Noronha.

Sabe-se aqui no Rio Grande que esse major é casado, que não está divorciado judicialmente de sua infeliz mulher, e que a abandonou sem rasão alguma; porem elle apregôa ser solteiro, e aqui vive com uma meretriz, ao passo que a essa hora talvez sua infeliz mulher mendigue o pão da charidade para sustentar a mais penosa existencia!

Para evitar duvidas declaramos que esse major é irmão do vigario desta ci-

dade José Maria Damasio do Mattos, o que aqui é solicitador.

Rio Grande, 1867.

Um Bahiano.

LA VAE VERSO.

MOTTE.

O grande Brasil de ouro,
Stá reduzido a papel;
Com taes atrazos prepara
Um desgraçado painel! ....

GLOSA.

Si a nossa população
Usasse de mais prudencia,
Teria grande influencia,
Seria mais forte nação!
Mas ha tanto toleirão,
Tanto *papão* do thesouro,
E com tanto desaforo
Nas gazetas a fallar,
Que só querem desfructar
O grande Brasil de ouro.

Tu és bem feliz, Brasil,
E's a terra da riqueza;
Os velhacos com destreza
Tem te posto n'um funil;
Dos patifes no covil,
Formando grande aranzel,
De estrangeiros um quartel
Vae chupando o mel gostozo;
Nosso metal precioso
Stá reduzido a papel! . . .

Mil contendas de eleições,
Descomposturas, partidos,
Desejam nos por perdidos,
Cauzando riso as nações;
A cada canto, mandões,
Os quaes ja ninguem repara,
No nome nem na figura,
Muita somma de impostura
Com taes atrazos prepara.

Certo tempo ha de chegar
De darmos tudo que temos:
A receita que devemos
Não ha quem cuide em pagar!...
Inda havemos de aturar
Da guerra presente o fel,
Dos loucos cresce o farnel,
E matando tanta gente,
Vão formando lentamente
Um desgraçado painel! . . .

(*Extr.*)

A PEDIDO.

—Safa! Nem tanto.

—Nem tão pouco.

—Muita cousa tem se visto neste mundo, porém os filhos intentarem desherdar a mãe para lhes caber mais algumas patacas, é demais!

—Isso é serio?

—Ora!

—Que antropophagos do ouro!

—E até aonde pode chegar a degeneração da especie humana.

—Deixal-os saciar seu vampirismo metallico.

—Querem vender o nome honesto de quem lhes deu o ser e preferem que, por um punhado de vintens, a turba ao vel-a passar aponte—ali vae uma cunhada.

—Ah! terra dos *Andrades* quanto differes nos *dias* de hoje dos teus passados tempos!

—Valha-me Santo *Ignacio*!

O Cabeça de Canôa estará no caso de regeitar familias honestas, que foram lembradas para serem convidadas para o baile da Recreativa da Calçada?

Responda

O Filho espurio.

—Conheceu mestre José?

—Não.

—Um sujeito que fazia borlas e penachos.

—Recordo-me. O que teve?

—Morreu.

—Isso é cousa muito natural.

—Porem não é natural que o Diabo Côxo lhe empalmasse o testamento.

—Eim?! . . .

—E' o que lhe digo.

—Admira! Um homem que parecia tão religioso e devoto de Nossa Senhora!

—E de facto o era.

—E como o diabo teve poder para carregar-lhe o testamento?

—V. é um patola.

O Diabo coxo é creatura de carne o osso como nós. Suas artes é que são do capeta.

—Quem é esse reprobo?

—O Carrinhos.

—Ora onde estava eu! Então?

—Roubou o testamento, apresentou outro a seu geito, deixando a viuva na desgraça.

—Que ladrão! Tem todas as baldas más com sigo.

—E pegou esta febre contagiosa de testamentos falsos, que a cada canto formiga um!

—Bemaventurado é o Dr. Sudré, por que cahiu na graça do governo e alcança tudo quanto deseja.

—*Amen.*

—Medico dos menores aprendizes, larga-se ahi por fora a desfructar os prazeres da vida, com aquelle genio ardente de que é dotado e mal expira uma licença, eil-o reclamando outra.

—Porem deixa quem o substitua.

—Com essa theoria eu amanhan tambem posso requerer um logar de lente da schola de medicina, pedindo para deitar um medico, que leccione por mim.

Não ha vida melhor! ganhar os cobres nas costas do cujo e dar-lhe uma tuteméa por seu trabalho!

—Isso muda de figura.

—Era bem bom que qualquer empregado publico, que obtivesse uma licença nomeasse o seu successor! Eu nunca vi isso, o governo foi sempre quem proveu os logares.

—Mas agora no reinado do progresso todas as cousas mudaram.

—Assim, não digo mais nada.

PERGUNTA CURIOSA.

Será possivel que um soldado, que teve baixa do exercito por myope, possa exercer o logar de escrivão de um almoxarifado, pelo simples facto de ser primo da *senhora das industrias*?

Tudo se ha de ver nesta epocha de progresso.

O Baratinha.

—Andar assim, que é bom andar! Emquanto venta molha-se a vela.

—A que vem isso?

—Sobre uma pequena fatia que deram agora a um dos felizes da epocha.

—Quem é elle?

—O José Nunes de Araujo que teve uns 25$rs. por mez a contar de julho do anno p p. como administrador do lazaretto que nunca existiu, estabelecido na fazenda Bom Despacho.

—Bem diz o *Jornal da Bahia* que, como que ha uma lucta entre os agentes da politica dominante á ver quem mais desbarata os dinheiros publicos que tanto se custa a pagar.

O *Coelho* paga bem a quem lhe apresentar um balaio com diversos comestiveis, que o ganhador tendo-se embebedado na noite de sexta feira, ás 8 horas, deixou ficar em alguma parte para adormecer. O *aza preta* e *Xico caréca* informam e attestam a veracidade, pois foram quem remetteram, porque não podendo fazer de dia, fazem de noite para *não dar na vista.*

ANNUNCIO.

GRANDE COSMORAMA.

DISTRACÇÃO DO BOMFIM.

AO LADO DA CAPELLA, NA LINHA DAS FEIRAS.

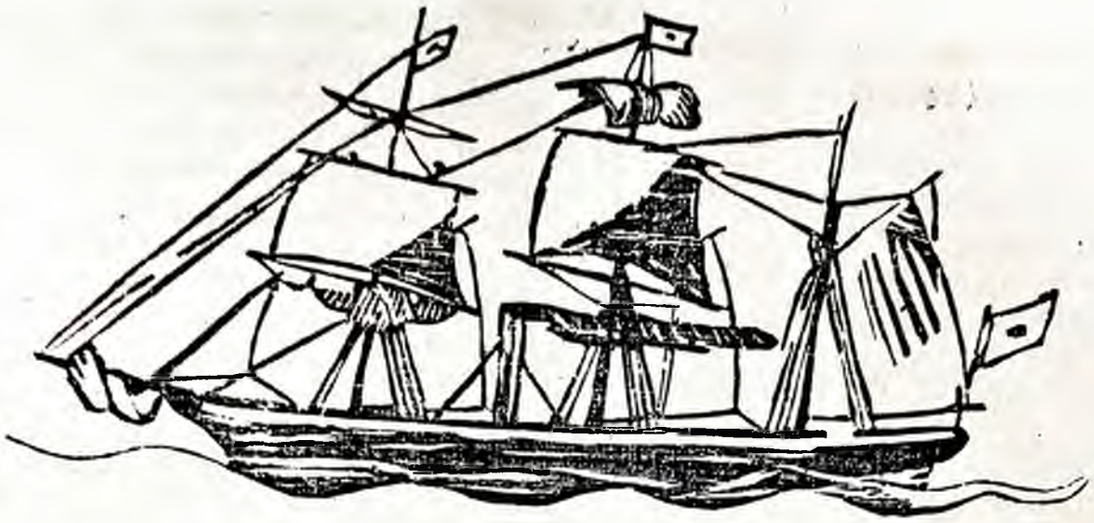
O proprietario do **Cosmorama do Bomfim** tem a honra de convidar a concurrencia de toda esta capital para o seu **estabelecimento de recreio**, recommendando-o a todos em geral, que alli encontrarão o melhor divertimento, attentos os grandes esforços que tem feito para leval-o ao ultimo ponto do aceio e commodidade.

Pelo diminuto preço de 500 rs. tem-se o direito de visitar o **Cosmorama**, ao som de um lindo e harmonioso realejo, em que se toca excellentes peças de musica, e contemplando-se dez interessantes vistas da Europa, alem de receber um presente designado pela sorte.

Espera-se a coadjuvação do publico desta cidade á um estabelecimento, que se torna digno de sua protecção.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.

O
ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. Serie 38.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 2 DE JULHO DE 1868. N.º 380.

O ALABAMA.

Hoje a ampulheta do tempo marca uma epocha de immarcessivel gloria para a Bahia.

E' o faustoso anniversario do sempre memoravel ☞ DIA DOUS DE JULHO ☜ o dia de nossa maior gloria.

Os altos commettimentos de valor e bravura de que foram testemunhas Pirajá, Cabrito, e Funil, não podem ser esquecidos, emquanto existir a Bahia, em quanto houver um bahiano.

O tempo, que a tudo devorador consome, é impotente para apagar de uossos corações a lembrança que nelles está esculpida desde 1823.

Nesse dia catadupas do sangue de nossos maiores correram pelas planicies para fecundar a semente da liberdade, plantada pelo immortal fundador do imperio nas margens do Ypiranga.

E a semente vingou, fazendo que a 45 annos figuremos no mappa das nações de povo livre.

Quando dessa pugna gloriosa e sangrenta não existissem alguns heroes, poucos é verdade, para attestar a intrepidez e bisarria do soldado bahiano, não era preciso a historia, porque ahi estão as margens do Prata a dar testemunho solemne e irrefragavel dessa verdade pelas multiplas victorias que temor actualmente alcançado contra o despotico dictador do Paraguy.

Entre tanta gloria, porem, pesa sobre nós empenho extremo—qual o de transmittir a geração por vir, intacto, o legado que nos fôra confiado.

Ahi é que no horisonte descortina-se um ponto negro pelo caminho que segue a governança publica.

Ao povo cumpre apagal-o logo que tome maiores proporções.

.....

Basta, não misturemos ao riso o pranto.

Nas maiores effusões de enthusiasmo festejemos em paz e ordem o dia de nossa emancipação, levantando uma prece de coração ao Deus das victorias pela felicidade do imperio do Cruseiro.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando a seu conhecimento que no recanto do convento da Soledade existe uma preta alienada, ha quasi dous mezes, escrava da viuva Tourinho, a qual incommoda os mora-

dores d'aquella localidade, principalmente nas noites de chuva.

Consta-nos que alguns moradores reuniram-se e a mandaram em uma cadeira para o hospital, e as irmans de charidade recusaram recebel-a por ser escrava. Na noite de S. João, os amantes de foguetes *busca-pe* atiravam sobre ella os seus fogos, afim de vel-a vociferar; o que, alem do mais, era uma deshumanidade.

O subdelegado ja teve partecipação de tudo quanto acima fica dito e não tem dado providencias, dizendo que a negra é escrava, e por conseguinte queixem-se a sua senhora para mandar retiral-a d'alli.

Em vista do exposto, espera-se que S. S., previdente como tem sido na admnistração policial, dará as providencies necessarias, praticando por essa forma um acto humanitario.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que á bem da ordem publica e segurança individual, mande syndicar quem foram os turbulentos que na noite de 29 do p. p. entraram em uma casa ao becco do Arcebispo, quebraram todos os moveis, espancaram os moradores e ameaçaram a força publica que se apresentou; e os faça punir severamente, aproveitando alguns que, segundo nos informam, estão optimos para passearem no Paraguay.

—Ah! canalha infame! Sevandijas de um dardo!

—Apre! V. está queimado!

—Pois V. não vê aquelles galleguitos sebosos n'uma borracheira infernal a detrahirem do Brazil? Alem de mil improperios, dão vivas a todas as nações, e morras ao Brazil!

Cantam o *papagaio* e em vez de de dizerem *papagaio brazileiro*—dizem *alcoviteiro*—e em logar de—livre será—dizem—eseravo será!—

Que infames!

—Exaltações de bebados, não dê assumpto!

—Pois não! uns desgraçados que renegam sua terra e veem ser gente aqui, a cuspirem affrontosos insultos contra a nossa nacionalidade, hoje domingo, vespera de S. Pedro!

—Aquillo so com um bom relho se dava resposta.

—E elles estão livres, por ventura?

—Que rua é essa?

—Isto não é rua, é *becco*; é aqui que se fazem *hostias* para muitas egrejas.

—E o sobrado tem um pé de berga-*motta* no telhado.

—E faz parte da bachanal o *mulato-maroto* da *carne secca*.

—Aquelle safado que ainda nem o habito *dominico* os patricios lhe quizeram conceder?

—Elle é que a força quer ser patricio dos honrados portuguezes.

—Por elle pode se tirar a conclusão da gentalha que compõe aquella abjecta reunião. Não merecem consideração.

—Então deve se tolerar que meia duzia de desavergonhados ilheus estejam insolentemente a ultrajar os brios nacionaes em altos gritos, somente porque *herdaram* meia duzia de patacas, resultado, quem sabe? da moeda falsa?

—Deixal-os; quem semeia ventos colhe tempestades.

—O *sentinella* diz que viu o capitão do *Álabama* conversando *familiarmente* com o Malaçachias.

—Li esse aranzel.

—Sem que isso fosse cousa de admirar, caso assim succedesse, seria com tudo bom que elle declarasse o logar e apontasse as pessoas que mais presenciaram a conversa familiar com Malacachias, entidade que nem o chapeu nos tira.

—Quanto a encommenda, si elle as fizesse, pelo menos estava livre de receber *saques* e de ser *vendido*.

—Na verdade, ha gente que não anda de quatro pés, porque Deus não é servido! Ora conversando familiarmente em logar onde o *sentinella*, por mais *invisivel* que seja, podesse bispar!

Forte azemola!

—Isto é o maior escandalo que ja vi!

Pois como é que um homem sahe de sua casa desde 9 horas da manhan para vir pagar o imposto pessoal, ja é uma hora da tarde e ainda ha de estar aqui esperando; isto é se não quizer pagar a multa de 6 %.

—Ainda a massada não é nada! Os insultos que se soffre do empregado encarregado de receber o dinheiro *para aquillo que ninguem encommendou*, é que é a cousa.

Chega a parte diz, tome o cobre:

«—*Agora vou descansar um pouco.*

«—*Me despache que tenho o que fazer; meu nome é o primeiro da caderneta.*

«—*Si tem pressa, empine-sê, que eu não tenho nenhuma.*

«—*Mas, senhor, a muleta?*

«—*Ora adeus, saiam d'aqui que eu não estou para agueutar este calor.*»

—E no entanto quando é alguem que diz eu venho pagar o imposto que mandou o Sr. barão de.....é logo despachado.

—Alem do homem pagar aquillo que não comeu e nem encommendou, perde um dia inteiro atrazando assim os seus negocios.

—Assim como ha empregados que vão lançar as casas, porque não os ha para receber os cobres?

—Reclame ao governo, porque talvez seja attendido.

—Desta estamos livre.

—Então esteve no hospital?

—Por meus grandes peccados.

—Como passou, bem?

Dizem que as irmans de charidade tratam já os enfermos á vela de libra.

—Tão bem, que eu sahi peior do que entrei.

—Isso é exageração sua tambem

—Creia-me; fui para a enfermaria de S. Fernando onde se tratam os feridentos. Eu completei o numero de 48 doentes. Para esses 48 doentes ha quatro bacias e dous baris de agoa diariamente.

—Mesquinharia.

—O Sr. sabe que ha feridas que são contagiosas e outras não.

—E' verdade.

—Ja vê que, todos lavando-se em commum em quatro bacias, é arriscado a transferir-se o mal de uns para outros.

—Que duvida.

—E' a razão por que eu cuja ferida é proveniente de uma bala que recibi na guerra, sahi de la muito peior do que entrei.

—Assim, tem razão.

—Alem de carne pessima e mal pesada, mais essa ladroeira!

—Soffra que é p'ra seu bem.

—Tem la geito isso! Annuncia-se a carne por um preço e vende-se por outro!

—A culpa é dos condescendentes agentes fiscaes.

—Pois se elles vão de proposito tarde para os talhos para darem tempo aos cortadores a venderem a carne pelo preço que lhes convem.

—E' uma *pechincha* rendosa.

—E é, não deitam a papeleta na porta e exigem o preço que lhes apraz; la para as tantas quando elles têm acabado os pesos melhores, é que os fiscaes apparecem.

—Chama-se a isso *fechar os olhos*.

—Nessa occasião é que se lembram de apregarem o cartão na porta.

—Os taes fiscaes são dorminhocos de mais.

—Ou condescendentes em extremo.

—No sabbado no beneficio da Caza-Nova, quando finalisava o terceiro acto da *Traviata* e arreavam o panno, choveram muitas palmas, a ponto de levantarem de novo. Quando a Sra. Caza-Nova chega em scena para agradecer os applauzos, jogaram de cima uma porção de papeis que os espectadores correram para apanhar.

—Poezia, sem duvida, elogiando-a?

—Enganou-se; foram desses papeis de *salsa parrilha*, que se anda destribuindo pelas ruas.

—Teve spirito o tal gracioso!

O QUE E' O HOMEM DE BEM

(*Conclusão.*)

Um nobre orgulhoso, cheio de si mesmo; que julga que o seu titulo, muitas veses devido á baixeza ou a peso de ouro, lhe dá o direito de despresar o genero humano, uma vez que não seja demasiadamente estupido, e que não pregue calotes, o publico lhe dá de barato o nome de—homem de bem.

Mas, segundo os eternos principios da religião, aquelle homem é um impostor, um pedante, que ultraja a humanidade, e que se esquece do seu proprio nada.

Um cortezão, que por suas servis adulações, lisongea as paixões do monarcha, e que deixa gemer os povos em uma miseria extrema; que não ousa representar esses males ao principe, porque teme incorrer no seu desagrado merece por ventura a qualificação de—homem de bem?

De certo que não, embora não tenha elle parte alguma por seus conselhos nas faltas do monarcha, embora seja afavel, polido, generoso.

Estas qualidades bastam para formar o homem de bem do mundo, mas não constituem o homem de bem da religião.

Para esta não basta o não ser causa dos vicios do monarcha, é mister que os demedêe, quanto lhe for possivel, ainda que por isso caia na indignação do seu soberano.

O homem rico, que por assiduos cuidados enthesoura o infinito; so cuida em ajuntar cabedal, sem nada repartir com os pobre; se tudo tem adquirido por meios licitos, é homem de bem no sentir do publico.

Mas perante a religião é um avarento indigno da estima e bom conceito de seus semelhantes, e é o que está mais ameaçado de de uma condemnação eterna.

O homem de bem em nossa opinião é aquelle somente que ao mesmo tempo cumpre as obrigações a que está sujeito para com Deus, para com o soberano, e para com o proximo pela simples rasão de haver sido dotado de uma alma racional: só um homem tal é que merece, em toda a extensão da palavra, o titulo honorifico de verdadeiro cidadão, de—homem de bem.

Á PEDIDO.

(Continuação do mouro-grande.)

—Este *mouro* selvagem tem agentes de roubos em diversas tascas para ao meio dividirem os lucros; sendo os roubos quase sempre embarcados para Cachoeira, onde tem elle um agente para isso, além de innumeras vezes ir em pessoa dispor das ladroeiras que geralmente são os seguintes generos: caixas de spermacete, canhamaço, assucar, barris de mànteiga, saccas de café, &.

Este indomito larapio é um alicantineiro, e consummado chicanista que forma processos a uns, e peita a miseraveis para espancar a seus desafectos. De requintada ma fé nega dividas, ainda as mais reconhecidas; caracter venal e estragado, o seu Deus é o dinheiro e a sua fé o torpeganho, seja como for, e nada ha mais aprasivel para essa alma de cachorro do que engolphar-se no suor alheio!

Assassino, esteve nas galés recebendo o premio de sua perversidade, mas um dia conseguiu quebrar a grilheta do pé, e embarcar em um *porto* dentro d'uma pipa, vindo a aportar nesta terra para augmentar nella o numero dos malvados e ladrões.

Aqui mesmo, esse monstro ja assassinou um homem que tinha o nome de *bicho*; isto é, a victima não falleceu immediatamente, porem pouco durou depois que foi traiçoeiramente espancado.

Sendo *arca* de certo negociante deu a chave do cofre por perdida e mandou fazer outra... aproveitando a *quadra* para dar bom baque nas algibeiras do amo.

Quanto a dividas e pleitos judiciaes estão seguindo seus termos no juizo competente e brevemente serão publicadas certas peças para que algum que ignore, fique conhecendo a crassa ladroeira que o safado *mouro* quer praticar descaradamente.

E' aqui occasião de advertir as direcções dos estabelecimentos de credito, onde elle constantemente anda a munir-se de dinheiro, para que tenham toda vigilancia com esse nefando *Lucas*, por que ja ha quem rosne uma quebra fraudulenta, para o que, diz-se, se está preparando com a maior vellocidade escripturação falsa, e outras trampolinas eguaes, com que pretende illudir aos credores.

(*Continúa.*)

PERGUNTA-SE

Ao Illm. Sr. major commandante do corpo policial, a razão porque sendo os capitães os mais bem aquinhoados em vencimentos não são tambem incluidos na escalla de rondas que fazem nocturnamente os officiaes do dito corpo, sendo o numero de officiaes subalternos tão diminuto?

O cocado de serviço.

VARIEDADES.

ANTIGO PORÉM ENGRAÇADO.

Requerimento que nos pedem a publicação.

Illm. Sr. Juizo Direito.—Diz Guierme da Fonceca, que a cuja suplicante sempre ficou nas casa pra mode o fio do Gilú, que esta um suplicado muito confiado; e a mãe foi quem descompoz ao compadre Pepé. Eu senhor juiz sou um patriota apoiado, por esse o motivo delle me querer mal nesta terra; mas la diz o ditado, que por bem fazer mal haver: quem lhe mandou comprar-me o meo cavallo fiado por seis mezes na forma da Constituicão, e dos direitos do homem? Se V. S. não puser cobro nestas, e noutra garantias pode ser, que haja muita bordoada, e tambem facada, e outros latrocisimo, nauje que se metta nelles o fio de meu pae. Tambem o Sr. juiz de Pais è boa peça, que se ficou com a vaca da viuva pelas custas da conciliacão; e a dita suplicante diz, que não faz cauco da justiça porque se fia na pouca vergonha do fio do Gilú, que è um Cabano restauradou de D. Pedro, como bem sabe o Padre Manesinho aquelle que foi diser Missa nova no riacho de V S. depende este soccgo dos povos, segundo ja se vè no Conigo do processio, que bem me disserão a mim, que ella não era casada na face da Igreja. Deus è que sabe, por cuje ommissão.—Pede a V. S. lhe mande entregar a casa pena de prisão que estou prompto para pagar os alugueis adiente.

E. R. M.

Mr. Marin Fiiassier, cura da diocese de Paris, morto em 1733. praticou actos de beneficencia, que são tanto mais dignos da memoria dos homens. quanto mais raros são neste seculo. Algum tempo depois de ter tomado posse do seu curato, offereceu-se-lhe outro de um rendimento muito mais consideravel. Recuzou-o dizendo:

«Não posso repudiar a minha esposa porque é pobre.»

ANNUNCIOS.

SUPERIOR

RAPÉ---POPULAR

DA FABRICA

De Texeira, Uldorico & C.

Deposito as Grades de Ferro, 65, 1.º andar.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. — Serie 39.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 4 DE JULHO DE 1868. — N.º 381.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto.—Como tenha affluido com a companhia lyrica muitos cambistas, alguns dos quaes arrematam todos os bilhetes por disporem de meios, e os que não dispoem senão de cobres cartos compram os destinados, por ordem da policia, para serem vendidos as 6 horas da tarde, o que mandam fazer por pessoas estranhas, afim de extorquirem depois, escandalosamente, defronte do bilheteiro, quatro e cinco mil reis por um bilhete de platea, que em bom portuguez é uma ratonice, pedimos a S. S. que faça desapparecer do theatro essa sucia de sugadores ou ratoneiros das algibeiras dos spectadores.

Esperamos de S. S. promptas providencias a respeito.

—Despeje la essas noticias.

—A entrada triumphal foi feita em ordem; a parada esteve concorrida; a guarda nacional apresentou-se luzida; houve o *Te-deum* do costume que acabou um pouco tarde, quando os Srs. conegos podiam engrollar aquillo mais cedo, afim de aviar os pobres soldados que rapam fome até as tantas, além de outro inconveniente que é as pessoas que tem visitas ver-se na obrigação de dar-lhes jantar, por que não hão de sahir as 4 horas da tarde com as tripas a *cantarolar*.

—A tropa é que devia marchar mais cedo, como antigamente.

—As vezes tambem succede que a parada está no Terreiro e o *Te-deum* não pode entrar, por que o presidente está na festa de Santa Izabel.

—Adiante.

—Não gostei do modelo do palanque; tinha assim uns ares de eça de defunto; ou semelhanças de feiras do Bomfim por causa de umas arapucas que se lhe juntaram com o nome de kiosques; os vivas nem pela tropa foram correspondidos; de vereaderes só vi o barão do Rio Vermelho; á noite houve illuminação que esteve boa; espetaculo em *grande gala* no theatro, onde o *Passarinho* fez proezas e atrapalhou o Azambuja.

—Este Sr. Azambuja é infeliz com os borrachos, ja o voluntario Sobral chrismou-o chistosamente por cara de *Semana Illustrada*; agora o Passarinho apertou-o no theatro.

—Os homens de cavallo estiveram como sempre em seu furioso destino; para elles não ha lei nem consideração; mettem seus cavallos a galopes, esbravejam-nos por entre o povo e quem não quizer ser pisado que corra embora não tenha para onde.

—A policia, a policia, é quem quer assim. Vamos agora esperar pelo resto.

LA VAE VERSO.

Soneto.

Vivia esto Brasil muito doente,
Em termos de expirar, mas melhorou;
Mas não pelos remedios que tomou,
E sim por que sahiu de Portugal.

Assim convalescendo tal e qual,
Passando pouco tempo peiorou,
E nesta recahida stuporou;
Mais doente se acha o actual.

Soffrendo sempre e sempre definhando,
Do termo fatal ja pouco dista....
Sangrias e fricções sempre tomando.

Moribundo ja vê sem que resista,
Que a triste sepultura o está levando
O partido chamado—progressista.

DEZENFADO POETICO.

Si o mundo fosse de rozas,
Si a gente uunca morresse,
Si houvessem só moças bellas
Si o dinheiro só cressesse;
Que bella vida
Se passaria,
Ninguem chorava
Ninguem gemia.
Si não houvessem demandas
De crimes tantos volumes,
Si amor so nos desse gostos
Si não houvessem ciumes;
Que bella vida
Se passaria
Tanto ministro
Não haveria.
Si a gente fosse cazada
Sem nunca se infastiar,
Si a mulher fosse vivendo
Sem tanto luxo gastar;
Que bella vida
Se passaria,
Só dando beijos
Ninguem dormia.
Si o peixe viesse á terra,
Sem precisar do anzol,
Si a gente dormisse ao fresco
Sem precisar de lençol;
Todos teriam
Grande riqueza,
Sem ser preciso
Ter avaresa.
Si não houvessem velhacos
Que até roubam ás escuras,
Era escusado haver cofres
Com tamanhas feixaduras.
Si não houvessem
Tantos ladrões
Era escusado
Haver prisões.
Si não houvessem patifes,
Que chupam o suor alheio,
Ficavam portas abertas
Se dormia sem receio.
Houveram Santos
Na antiguidade,
Hoje so temos
Muita maldade.
Si não houvessem mulheres
Sem juizo, indiabradas,
Não se veriam no forum
Questões tão desaforadas.
Mas ha no mundo
Meninas bellas,
E ha demonios
Que são cadellas.
Se não houvessem malvados,
Que gostam de fazer guerra,
Não iriam sem motivo
Tantos pra baixo da terra.
O ser valente
E' bello assumpto
Fazer desordem
P'ra ser defunto.
Si não cazassem rapazes
Sem prudencia, estouvados,
Não se havia em boticas
Fallar dos homens cazados;
Mas cresce a somma
Dos descarados,
Que julgam ser
Muito engraçados.
Si houvessem so militares
Com caracter, com valor,
Si não se veria um bisborria
Arvorar se em dictador.
Ha hoje homens
De toda laia,
Alguns que devem
Andar de saia.
Si não houvessem padrecos
Sem lei, sem religião,
Não staria a mocidade
Em tão grande corrupção.
Ha hoje monos,
Que tem corôa,
Passam com a capa
Por gente bôa.
Não tivessem os tribunaes
Empregados tão corruptos,
Não precisava o governo
De fazer tantos tributos.
O rendimento
Sempre se incurta,
Gasta-se menos
Do que se furta.
Si os meninos desto tempo,
Não mostrassem ja malicia,

Paes de familia gosavam
Uma sorte mais propicia.
Hoje as crianças
Vão a funcção,
Dos máus exemplos
Tiram leccão.
No tempo das leis de ferro,
Do despotismo e do mal,
Não havia este flagello
De guarda nacional.
Poz a reforma
Tudo mudado,
Queira ou não queira
Tudo é soldado.
O antigo juiz de fora
Roubava p'ra ter seu paio,
Hoje os taes de Latronopolis
Trazem cavallo, e lacaio.
Ha mil potencias
Pelos cantinhos,
Governam tudo
Bacharelinhos.
Iam moços para Coimbra
Estudarem o portuguez,
Hoje vão para Pariz
Voltam sabendo francez.
Voltam gamenhos
Muito gentis,
Trazendo uns oculos
Sobre o nariz.
Naquelles tempos, ser medico,
Era nobre, e cousa fina,
Hoje estudante moleque
Entra logo em medicina.
Si elle conhece
Capim, coirana
Ja de botanico
Muito se ufana,
Critica autores,
Dá regra aos lentes
Taxando a todos
De impertinentes.
Encontra sarnas,
Diz que é bixigas,
Sangra na perna
Quem tem lombrigas.
Fallemos dos empregados
Que é tudo gente da moda,
Que apenas perde a pexinxa
So quando desanda a roda.
Si elle velhaco
Passar por serio
Em quanto dura
Seu ministerio;
Mudam-se as scenas,
Trocam-se os pares,
Que os afilhados
Querem logares.

Á PEDIDO.

—Ah, mundo, mundo, quem não sabe *viver*, vae ao fundo.

—Como está hoje pachorrento!

—Ha cousas neste mundo, que so em galhofa se pode tolerar.

—Uma dellas qual é?

—Ora eu que tenho visto recorrer-se a qualquer commandante de guarda pedindo-se auxilio para accommodar qualquer sarceiro e elle negar-se, dizendo que não pode arredar sua gente, como devo encarar a pertinacia de um official que so pede para ir *destacado* para certo logar e ingerir-se na apprehensões de roubos—cousa da sua não intervenção?

—Quer beneficiar ao *commercio*.

—La para o Sr., para mim eu so vejo uma pura armação.

—Não é possivel.

—Quer que lhe explique?

—Vamos a ouvir.

—Passa um preto com um sacco de assucar roubado, o official prende-o; si o preto respinga, vae preso e o assucar se entrega; si foge deixando o furto, ou cala-se como fazem todos os ratoneiros presos em flagrante, o genero passa a ser propriedade do apprehensor.

—Assim pode ser; agora resta que V. me diga quem é esse melcorio.

—Isso nem que V. fosse *dourado*.

—Basta; quem fallou ja vae longe.

—Sabe que levou uma bucha?

—De *cincoenta*?

—Não pilherie.

—Fallo serio como um moço branco.

—Si quer ouvir, cale-se.

—Estou murcho, pode desenfrear a sua tagarelina lingoa.

—O sub-delgado do districto onde os *mares* batem procellosos quando venta, tomou uma estucha dos seis contos.

—Como?

—Trocou um bucefalo por quatro centos bodes que não vale cincoenta em mão de um cujo do que *será peão*, porque não anda montado.

—O homem se mette em boas! Pois si elle não entende dos misteres de seu cargo, como quer entender de cousas de cavallo?

—Ao menos tem agora mais o que dar que fazer ao *camarada*, mandando-o tratar e lavar o animal.

—E esperal-o nesta ou naquella parte para segurar na redea quando elle desapear.

—Basta de cortar da pelle alheia; trate de cousa que mereça consideração.

—Então, espere que ja volto.

—Capitão, venho convidar V. Ex. para assistir a posse da nossa meza amanhan, na ordem 3.ª do Santo *Seraphico*.

—Então temos alguma novidade?

—Temos muita immoralidade, capitão, os terceiros de joelhos nos pés de um frade como se fosse nos pés de Deus, e o frade *sentado* lhes difere o juramento dos Santos Evangelhos!.....

—Sentado! so vendo acredito.

—O frade na ordem é um bispo na sua diocese.

—Nada, vou ver isto.

—Va capitão, e tome nota de algumas senhoras, que vão tomarem posse e repare bem para o estado pouco decente em que fica o frade!.....

—Temos tambem esse desfruete?

—Desfructe so, não, capitão, immoralidade e falta de religião em presença do SS. Sacramento, que se acha exposto.

—Bem, fico sciente, e tomarei as providencias.

LEIAM! LEIAM!

Pede-se aos Srs. caixeiros de *cor parda*, que não compareçam a formatura do batalhão no domingo proximo, afim de não ficarem os LUPPE privados de comparecer; pois, na phrase de um fatuo e ignorante rapasola, a corporação so pode ser representada por *homens brancos*.

(Continuação do n.º 379)

(JOSÉ DA SERRA.)

—O Tiburcio conta a quem queira ouvir uma historia de uns 15$ reis bifados, cujos documentos elle possue.

As netas do africano Pedro Alves, da *moenda Joandeatá*, foram aladroadamente lesadas em 30$ reis, porque esse birbante illudindo a boa fé do portuguez *Januario Alvo*, apossou-se de certos papeis que interessavam a causa das infelizes orphans e depois queria negocial-os por *trinta mil reis*, isto é, impoz que não os entregaria sinão por semelhante preço.

—E' balda dos Judas; por trinta dinheiros vendeu Iscariotes a seu Divino Mestre.

Para cevar seu genio malfazejo, tomou o officio de *mata cães*, para assim tirar vingança mesquinha das pessoas a quem tem aversão, matando os pobres cachorros que sabe pertencerem a essas pessoas.

Jacta-se e tem descommedida filaucia de valentão e espadanchim; mas não lhe valeu as fumaças de cacetista e capoeira, quando o cabo Justino de policia foi-lhe ao beque e amassou-lhe a corneta.

Este animalejo tem o dote de intrigar como ninguem. e tem sido a causa de não poucas desavenças entre familias e amigos cuja união parecia indissoluvel.

Devagar e entoado, para parecer banquete lhe irei contando todas as baldas de *José da Serra*.

—Como V. ia dizendo, o sujeito...?

—So guarda para estudar no seu maldito offeleide depois que dà meia noite.

—Que gosto endiabrado!

—E faz uma infernal tribusana, que não deixa mais ninguem pregar olhos ate de madrugada.

—E' malignidade.

—Não ha um morador de Santo Antonio da Mouraria que não se queixe.

—Sabe a casa.

—A terceira depois do Leopoldo.

—Vou mandar o aspirante entender-se com elle.

TELEGRAMA

Vindo pela galera S. *Francisco* das ilhas *Calsadenses*, capitão *L. M.*

NOTICIA TELEGRAPHICA

Porto de gallo á ultima hora.

A sociedade em commandita *Cuspo-cispo* recebeu uma encommenda de 11 calças. 11, coletes e 11 bluzas, manufacturadas pelo Badú.

Districto acephalo, sem rei nem Roque.

Rompimento formal do E.

Desapartamento do Mané Pereira.

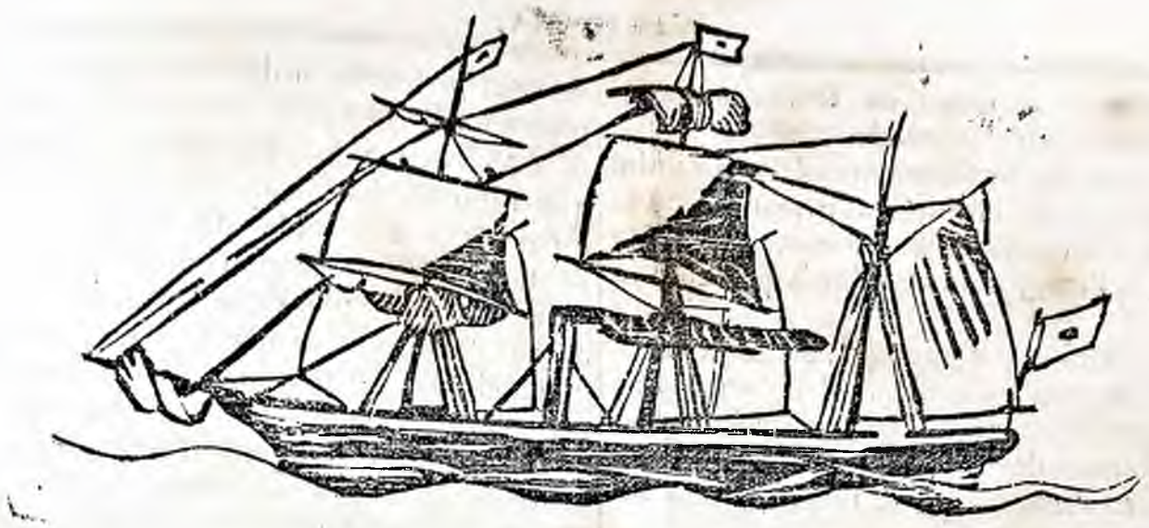
Fugida do Gemi.

Passeia á larga nas *pedrinhas* pelo Hone em horas *aprasadas*.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado tendo de organisar o regimento—UNIAO BRASILEIRA, pra, no domingo 5 de julho, acompanhar os carros Triumphaes a Lapinha, convida a tolos os seus camaradas, e amigos desse dia de Bravos a comparecerem ás 2 horas da tarde, no Largo do Theatro, e ao Aljube em casa do seu commandante Antonio Olavo da França Guerra, uniformisados de palitot, calça e colete brancos e chapeus de vintem; dando assim mais uma prova do vosso enthusiasmo e patriotismo.—Bahia 2 de julho de 1868.—*Marcelino Coelho do Amaral.*

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 39.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 7 DE JULHO DE 1868. N.º 382.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto policial, chamando sua attenção para uma escola de *instrucção moral* e jogatinal da qual é director um Sr. João Marinheiro e onde vae a mocidade receber lecções de exercicios na *corda-bamba*, como tambem *aventurar* a *sorte* em uns pedaços de papelão com tres carreiras de numeração, contendo cinco numeros cada carreira.

E' de crer, que S. S., apezar dos crescidos afazeres em que se occupa a sua policial imaginação, afim de trazer esta cidade vasculejada de abusos, se dignará tomar em consideração este negocio de pequeno alcance.

—Ja sei que accompanhou os carros triumphaes a Lapinha.

—Que duvida!

—Muitas novidades?

—Algumas cacetadas apenas e nada mais. O sarceiro mais serio foi um conflicto entre a guarda nacional e a policia; no mais a cousa andou em ordem.

—Tambem demoraram tanto a partida dos carros. Quando voltaram da Piedade era noite.

—Isso deu animo a gente do olho vivo para trabalhar a grande.

Foi preso um larapio, o Viriato, na occasião em que tirava 20$ reis do bolso de um estrangeiro.

—La si avenha elle com o Sr. Dr. Rocha Vianna.

Como foi a illuminação nos dous dias?

—Bem.

A policia o que devia fazer era acabar com os batuques no Terreiro, por ser um logar improprio, e acabar sempre em bordoada.

—Admira como certos senhores consentem seus escravos pernoitarem fora para andarem fazendo rascadas e irem no outro dia de cabeça quebrada para casa.

—Nestes tres dias em que todos são *livres* ha liberdade para tudo.

Esquecia-me de dizer-lhe uma cousa que talvez não reparou.

—Qual foi?

—No dia 2 de julho por occasião dos vivas, a tropa conservou-se de costas para a effige do imperador.

—Isso foi um desculpavel descuido.

—Pois houve quem interpretasse a cousa por outra maneira.

—Piolheiras!

—Soube que chegou o vapor do Rio?

—No domingo.

—Eu sempre julguei que trouxesse alguma boa noticia, para emendar-se o pagode do Dous de Julho.

—Historias!

Lopez está fortificadissimo no Tebiquary, prompto para dar e tomar, com o grosso do

seu exercito que safou de Humaita apezar de hermeticamente trancado.

—A proposito leu o *memorandum* Sinimbú no senado, em 16 do p. p., a respeito da missão especial de que fora encarregado no Rio da Prata, para regular a paz com o Paraguay?

—Li e conclui que essa paz se teria realisado em segredo, de afogadilho, occulta ás vistas desta pobre nação, que naquella guerra de—honra—derrama, ha quatro annos, seu sangue, seu dinheiro, e seu futuro, á não ser a repulsa do inimigo.

—E o imperador, que se apregoava, preferia abdicar a fazer a paz, mudaria de resolução nesse tempo?

—Leia a *Opinião Liberal* de 20 do p. p., que lhe esclarecerá a respeito de toda esse mystiforio.

—No dia 2 de julho o Sr. Joviniano de Castro atracou-se com um porteiro no theatro.

—Porque?

—O Sr. Joviniano entregou ao porteiro um ingresso estragado, e o porteiro recusou tomal-o.

O Sr. Joviniano disse que era legal o ingresso; mas que o tinha rompido no acto de tiral-o do bolso.

O porteiro respondeu que fosse a pessoa competente para o mandar entrar; porem que elle não o podia consentir.

Neste *entra, não entra, é legal, não é legal, dize tu, direi eu,* foram a via de factos, do que resultou o porteiro ficar com o palitot em tiras.

—E não foi preso o Sr. Castro por desrespeitar o empregado do theatro no cumprimento de seus deveres?

—O delegado o perdoou, em vista do dia, porque provavelmente o homem estava *exaltado*.

—E o pobre porteiro teve de fazer outro palitot com o *exaltamento* do Sr. Joviniano de Castro!!

A UNIÃO.

Ora vamos dizer duas palavras sobre esta droga que hoje em dia é tambem rara no commercio da sociedade presente; alias sendo ella para os homens tão util e tão necessaria. A união é o emblema da boa ordem, é a columna da força, é o espelho do bom exemplo, é a sentinella do respeito, é a fonte do bem commum, é finalmente a barca veleira com que se apanha, e mata a baléa da difficuldade cravando-lhe ao caxaxo o arpão da deligencia: adeus, adeus, agora errei sem querer; principiei a discorrer pensando que estava na Itapoam.

Senhores leitores, hajam de perdoar por que estamos em tempo de azeite de peixe, e por isso a torcida do nosso pensamento tambem se insopou nelle; mas vamos adiante antes que esfrie. Como ia dizendo, apezar de afirmarem o sabiguaras do tempo, qua a civilisação tem subido a torre do apuro, e tem repicado o sino da sabedoria, não se encontra nos homens d'este seculo senão o avesso da união, ou chamada desunião, o retrato da desordem, a imagem do prejuizo.—A união sincera, e fraternal dos antigos era feita com a intenção de praticarem obras de caridade e de estabelecerem um trabalho assiduo que produzisse um proveito seguro: os modernos ao contrario fazem união para crimes, e extravagancias. Fazem união, ou chamada guerrilha, negociantes ridiculos para atravessarem farinha, madeiras &c, &c. Fazem união homens perversos e ladrões para passarem moeda falsa flagellando assim o pobre povo. Fazem união os taverneiros especuladores negando troco aos compradores para fazerem maior gasto.

Estudam uma união fantastica os Srs de engenho inventando parentescos e raizes de familia para sustentarem a pavonada dos previlegios, e cathegorias com que vão ferrando calotes nos pobres negociantes, que adiantam seus dinheiros.

Formam união alguns deputados na assemblea para levarem avante projectos de sua conveniencia. Fazem união empregados publicos rapinas para devorarem o miollo dos cofres publicos, bem como as formigas que se ajuntam para comerem um prato de doce; o que bem se podia acabar, se todos os feitores das roças nacionaes fossem aplicando aos taes bichinhos o folle grande da lei; mas infelizmente ha formigueiros tão grandes e tão occultos que não ha fogo que os extinga, mormente quando são protegidos por alguma tanajura de representação. A esta hora alguem está botando esta carapuça na cabeça: Ah maganões, e como fica tão justa que parece feita de proposito para certos cabeçudos! Tambem se nota que na ausencia dos amos os caixeiros gostam muito de união no pé da gaveta por ser o logar mais quente, e mais resguardado do frio.

Mas deixemos de parte as uniões corruptas e prejudiciaes, e vamos as boas e verdadeiras uniões, que dão proveito.

Entre outras muitas é essaz apreciavel a união dos cazados, porque traz comsigo o socego de espirito, a economia domestica, o conceito publico, e sobre tudo o fabrico de

crianças, que depois de creadas augmentam a população, e servem ao estado. E' tambem estimavel, e muito util a união dos filhos: a união dos militares produz a força, e estabelece uma fortaleza inconquistavel: a união de vozes bem graduadas tempera uma harmonia melodioza e agradavel, e finalmente é tão proveitosa a boa união, que as abelhas por terem união e trabalharem todas de comum acordo, tirando diminutas particulas de cera das arvores, ajuntam centenas de arrobas, que chega para se metter na mão de cada padre uma vella grossa de libra. Em summa a peior união que ha é a do fogo com a polvora, porque produz incendio, serve para matar, nutrindo assim a maldade dos homens, e outras vezes para foguetes que vem a ser o mesmo que queimar dinheiro sem utilidade alguma.

A união as vezes parece impossivel de conseguir-se, porem uzando-se de constancia, geito e paciencia, estes tres ingredientes formam uma massa chamada de costume, com a qual se rebocam os buracos da vida.

A união tem feito grandes descobertas, e muitas vezes uma cousa insuportavel por meio da união torna-se agradavel, bem como o limão que unido ao assucar forma uma saudavel limonada; o barro, a cal, e a arêa por si so não se sustentam, mas unidos por meio d'agoa sustentam columnas, e bazes de pezados edificios.

MAXIMAS.

A união dos cazados
Produz bons bocados.
A união da riqueza
Conserva a grandeza.
A união dos amantes
Trez doces instantes.
A união dos amigos
Afasta os perigos.
A união das flores
Recorda os amores.
A união dos pensamentos
Aviva sentimentos.

LA VAE VERSO.

MOTTE.

Pergunta certa senhora
Sem presumir mal algum,
Se um so beijo á sexta feira
Fará quebrar o jejum:

GLOSA.

Padre mestre aposentado,
Pergunto e saber desejo,
Si quebra o jejum o beijo.
Sendo á sexta feira dado:
Eu no Larraga encontrado
Não tenho o caso té agora
Por isso alguma demora.....
Nada — não se canse muito
Que eu ca por mim não pergunto
Pergunta certa senhora.

Olho, si ella o beijo deu
Simpliciter — não peccou,
Que a lei a ninguem tirou
Poder dar o que era seu;
Com tudo si fora eu
Beijo não dera nem um,
Porem como deu so um,
Não tem o jejum quebrado,
E muito mais sendo dado
Sem presumir mal algum.

O nosso padre Melgasso,
Que eu por ca seguido vejo,
Nos diz que o solido beijo
Sustenta mais que o abraço;
Eu tal distincção não faço,
Nem distincção verdadeira
Fazer posso, inda que queira,
Pois não sei qual mais seria,
Si um abraço em qualquer dia,
Si um so beijo á sexta feira.

Pode então sem ser peccado,
Qualquer secular ou freira
Dar um beijo á sexta feira,
Sem ter o jejum quebrado?
Pode, sim, sem ter formado
Nesse instante gosto algum,
Nem dará mais do que um,
Pois se deu mais, ou fez gosto,
Como o beijo é já composto,
Fará quebrar o jejum

Á PEDIDO.

—Capitão, o yoyo Lupp não foi ao batalhão.

—Deixe o *pedantismo* d'aquelle stulto; entende elle que a posição de caixeiro enobrece, ao contrario não avilta por ser meio honesto de vida; o que é certo é que os poucos *negros* do commercio podem ter todos os defeitos da natureza, porem não se ESPANTAM nem em dia de regosijo publico

—Deveras! capitão, e elle que parece um diplomata!

—De Baccho, talvez, quem sabe?

—E' certo!!

—Não sei; entenda-se com a Bohemia que logo saberá quem é o tal bigorrilha.

Foi apresentado ao Exm. presidente da provincia o novo regulamenao do instituto vaccinico; afim que de S. Ex. o sanccione com a sua approvação.

Espera-se que antes que S. Ex. dê semelhante passo, submetta o referido regulamento ao exame dos professionaes, afim do expurgal-o das lacunas, omissões e invasão de attribuições de que se acha eivado.

O bom senso.

MONIZ BARRETTO.

A vida, que, de Deus, tomou nascendo,
Foi, a Deus entregal-a, e unir-se á Elle.

Não chorarei: que esta terrena vida
E' um crisol, que as sensações apura
Para chegar a Deus mais casto o spirito.
Não chorarei: que a occasião da morte
E' e degrau mais alto para o Eterno.
(Junqueira Freire.)

Eil-o sem vida—o grão cantor bahiano,
—Vate sublime, que, em sublimes vôos,
A's espheras mais altas remontava
Seu spirito ardente, inspirações
A beber; la dos seres mais perfeitos
Para, por sobre a terra derramal-as,
Que, em extasi, as sorvia, arrebatada.
Eil-o sem vida!!... miseravel fado
Legado á humanidade! E quanto custa
A ser acceita esta verdade eterna
Contra aquelles, a quem rendemos cultos
Do intimo do peito!... contra aquelles,
Cujas obras—de merito subido
(Si não fôra o decreto irrevogavel
Do Supremo Legislador do mundo)
Bastaram, so, para—immortaes—fazel-os?!
Morreu—Moniz Barretto—eis a verdade!!
Morreu...ouvistes vos?...morreu seu corpo,
Presa das parcas, e dos vermes pasto;
Seu corpo, apenas involtorio fragil,
Que o tempo gastará, tornando-o po,
Que o mesmo vento extinguirá, soprando-o:
Mas eterna memoria ficará
De—vate grande, encantador, mellifluo!
Mas eterna memoria ficara
Dos feitos seus no Pirajá eterno,
Onde, com seus irmãos, a suspirada
Liberdade comprou-nos com fadigas!
Mas, eterno, qual é, o seu espirito,
Que o Tempo não destroe, irá viver
Nas altas regiões, d'onde baxara
Para vir encantar os homens ca
Com sua voz angelica, sonora.
Alli, a par dos anjos, seus irmãos,
Ja da materia desligado, oh quanto
De arrebatar seria ouvir-lhe um canto,
Que ouvir-nos não é dado! Deus eterno,
Si é linguagem dos anjos a poesia,
A quem, sinão a Vos, o nosso bardo
Dedicará seus carmes? Que sublimes,
Angelicas canções delle ouvirás.
Si ainda dos humanos lhe é mister
A prece, grande Deus, aceita, pois,
As orações ferventes, que, dos peitos;
Sinceras, te mandamos: sim, escuta
Tambem as suas em favor dos homens,
Seus irmãos, que ainda ficam no desterro,
Sua ausencia chorando, tão sentida,
De praser exultando pela gloria,
Que, certo, gozará, la no teu reino,
Quem soube amar-te, como poeta, que era,
Com o fogo ardente, que a poesia acende.

Bahia 25 de junho de 1868

Zacarias Nunnes da Silva Freire.

Muito caprixosa é a mão da sorte no Tribunal da Relação quando é necessaria para certas decisões!!Tempo porem virá que a sorte se mude.

O magico.

Ha dias entrando em julgamento os recursos de Santa Anna, sendo sorteados os Srs. dezembargadores Luiz Antonio e Spinola, deixaram de ter provimento, contra o voto do Sr. Dez. Manoel Libanio, que foi o relator e que na forma do costume explicou minuciosamente os autos fazendo conhecer a justiça do recorrente: e porque assim se decidiu?

Porque.....
.....

ANNUNCIOS.

DOUS DE JULHO DE BROTAS

Na noite de 11 do corrente será a levada do carro triumphal ao largo do Paranhos, donde seguirá no dia 12 ao meio dia precedido do monitor *Alagoas* e acompanhado pelos batalhões patrioticos até os barracões que se acham decorosamente ornados.

Haverá illuminação ate o dia 18 em que o carro percorrerá as ruas ate as Pitangueiras e dahi seguirá a seu deposito.

Convida-se ao povo para este festim da liberdade.

Na venda n.º 10, ao Caminho Novo do Gravatá, precisa-se fallar ao Sr. tenente pharmaceutico, José Henriques Barbosa, para negocio que não ignora.

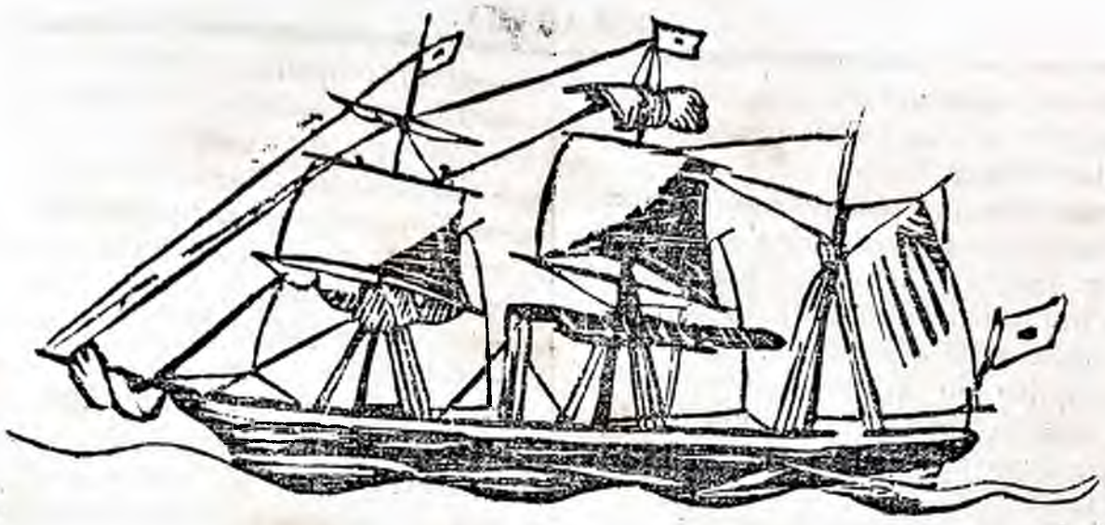
SUPERIOR

RAPÉ---POPULAR

DA FABRICA

De Texeira, Ulderico & C.

Deposito as Grades de Ferro, 65, 1.º andar.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 3ª.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 9 DE JULHO DE 1868. N.º 383.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr subdelegado de Santo Antonio, requisitando-lhe a intervenção de sua authoridade afim de acabar com a depravação de uma tal Anacleta, muito conhecida pelo appellido de *lençol de cama*, que faz do adro da matriz theatro de sua sensualidade, em companhia de certo individuo, cuja moralidade, era de esperar, fosse pautada por procedimento mais decente.

E como, para repressão de tal escandalo, não seja preciso mais do que uma ordem as patrulhas para conduzil-os aos commodos do Custodio, que dista dalli á dous passos, onde pode esse par entregar-se livremente a suas libidinosas recreações, assim espera-se que proceda S. S.

—Onde estava a commissão dos festejos do Dous de Julho, que não appareceu um so membro á levada dos carros?

—Eu sei lá!

—Do patriotismo della o diabo põe ás duzias.

—Não diga assim: a commissão fez o que poude.

—Pois é la patriotismo consentir que os carros fossem puchados por moleques descalços, e africanos esmulambados, ás escuras, até a Lapinha! Que dez era um cento de archotes que a tal commissão dispendesse.

—Forte catana é a sua!

—E' que quem não é para as cousas não se metta nellas.

—Estou a ferro, capitão.

—Esfrie o sangue, rapaz; o que tem que está tão zangado?

—A policia desta terra é surda e cega.

—Mau; deixe lá a policia na sua *marcha impassivel*.

—Essa é que é boa!

—Mas o que ha?

—Na noite de 4, um moço bonito, montado em seu ginete, tanto o esporeou na rua Direita de Palacio, tantos pinotes deu, tanta geringonça fez, que deu com um pobre preto no chão, o qual trazia um cesto cheio de garrafas de vinho que se reduziram a cacos.

Na rua da Mizericordia, um outro desembestado pisou uma criança e la se foi.

Isso é intoleravel!

—Que quer V., si não ha força de policia?

—Não creia nessa pêta.

—Tanto não ha que a guarda nacional faz o serviço da policia.

—Essa pilula não engulo eu; pois vi nas noites de 2 e 4 a policia dar guarda de honra para o theatro com 80 praças. O que ha é que elles andam espalhados como creados das authoridades e não chegam para o serviço.

—Ora essa não está má.

—Está porque dizem que a guarda nacional está dispretigiada.

—E' verdade; onde se viu um homem de farda atirar busca-pes no meio do povo!

—E um sargento de mais a mais. E' desmarcada imprudencia, com tanto povo que accompanha a volta dos carros.

—Na esquina do Aljube queimou elle a roupa de uma mulher, a qual,si não é soccorrida.pode ser que ja estivesse no caminho da outra vida.

—E' do batalhão de Sant'Anna, não?

—E'.

—Vão lhe dizer alguma couza que ainda ha de querer brigar.

A VIDA DE CERTA GENTE.

Eis aqui um problema a cuja vista se acharia atrapalhado o proprio Archimedes, esse insigne geometra, que com espelhos lançou fogo a uma armada.

Eis aqui um mysterio, cuja difficil metaphysica não seria entendida pelo proprio Santo Agostinho, si nestes tempo viesse de novo ao mundo.

E este problema, este mysterio—é a vida de certa gente que por ahi anda.

O Senhor Jozé Antunes acorda ás dez horas do dia, vae ao hotel, almoça do melhor, muda de roupa trez vezes ao dia, tem as *bellas* mais em voga a sua disposição, sustenta cavallo e criado e no fim de tudo isto.....

—De que vive o Sr. Jozé Antunes? se pergunta.

—De seus rendimentos.

—Quaes são elles?

—Do seu emprego.

—Não, que não é empregado.

—Então joga.

—Qual! si elle tem aversão ao jogo!

—Então tem alguma amante viuva.

—Não, que não gosta de amar a viuvas.

—Então do que vive?

—Eu sei!.....

Ninguem sabe. Ora decifrem la esta charada, e si alguem houver tão feliz venha receber o premio.

O Sr. Candido da Silva é um homem casado, tem seis filho; mora em bom sobrado; anda elle, mulher e filhos muito acceiados, todas as noites dá reunião em sua casa; as filhas aprendem a piano, os filhos vão de cadeiras para a eschola, assigna gazetas, e faz sua extravagancia, quando a occasião lhe apparece.

—Gente, que emprego tem o Sr. Candido da Silva, pergunta-se por ahi.

—Penso que é feitor conferente d'alfandega.

—Qual, é apenas guarda.

—Elle terá outros rendimentos?

—Não que me conste.

—Negociará particularmente?

—Não, porque é muito escrupuloso.

—Tiraria alguma sorte na loteria?

—Tambem não.

—Então de que vive?

—Eu sei!

—Então como faz tanta despeza?

—Eu sei!!

Ninguem sabe.

Ora respondam la a taes perguntas! Quem se achar habilitado que appareça.

D. Romana Francisca, enviuvou; o marido nada deixou, porque era um estragado, e tudo botava fora, e inda em cima lhe deixou quatro filhas.

Coitada de D. Romana, dizem todos. Mas ella continua a morar na mesma caza,vae aos domingos a missa, lordemente vestida; offerece licor e doce a qualquer visita que apparece e pinta a casa de seis em seis mezes.

—D. Romana do que vive? pergunta lego alguma visinha curiosa.

—Dos bens que lhe deixou o marido.

—Qual! si elle não deixou nada.

Cose dia e noite para viver,

—Qual! ella paga as costuras.

—Então do que vive?

—Eu sei!

—Como sustenta o tratamento que tem?

—Eu sei!

Ninguem sabe. E' enigma intrincado que ninguem resolverá.

D. Felismina do Amor Divino, ficou orfan, em companhia de sua tia de 80 annos. Come e tambem a tia; veste e tambem a tia; passa a festa no Papagaio e tambem a tia; arrota grandeza, e regeita casamentos, porque em quanto tiver as suas mãos, diz ella, não precisa de ninguem. Suas costuras lhe dão para viver.

—Quanto se paga de uma camiza bem cosida? inquirem logo os maldizentes.

—Cinco pataesa.

—E em que tempo se coze uma camisa?

—Para quem cose depressa, em 3 dias.

—Então como vive de suas costuras?

—Eu sei!

Ninguem sabe, e D. Felismina passa optimamente.

Sr. Anastacio da Trindade tem uma loja de uma só porta com canivetes, thesoiras, colheres de estanho, colxetes, ganxos e charutos, sustenta mãe e irmans, não perde theatro nem divertimento em que se dê ou gaste dinheiro, faz suas paradas ao jogo, anda penteado, fuma bons charutos, tem logo duas a-

masias por sua conta, muda duas casacas por anno; acha-se em todas as festas já do Bomfim, já da Barra &c., sempre a cavallo, ou emprestado ou de aluguel, arremata em leilões, compra nas feiras, e dá occasião a que se pergunte:

—Onde acha Sr. Anastacio tanto dinheiro para gastar?

—Homem, elle tem uma lojinha.

—E vende muito?

—Eu sei! eu sempre o vejo encostado conversando.

—Mas elle rola com muito dinheiro.

—Eu sei!

Então quem será capaz de conhecer a vida de certa gente que por ahi anda! Ninguem; pois hoje já não ha quem advinhe.

Mas, as agencias estão em acção. Hoje se queixa um que lhe furtaram dous escravos. Amanhan grita outro que lhe arrombaram a loja. Dahi a dias lá se dá com uma fabrica de papel falso, que tem seus passadores. Em alta noite lá entra um embuçado na casa da costureira, e a viuva tem um procurador de seus papeis e demandas que é muito seu amigo.....

Mas, caluda, e viva a vida de certa gente!

LA VAE VERSO.

O PHOSPHORO

Motte

Fiz a minha habitação
Nesse jardim de teu peito,
Com a minha propria mão
Eu plantei amor perfeito.

GLOSA.

Está ja proximo o dia
Da tão fallada eleição!
Viva Deus! viva a alegria,
Cobres, petiscos, função!
Eu, como sou da folia,
Em casa do *capitão*,
Com toda esta bizarria
Fiz a minha habitação.

Ainda no mez passado,
Elle fallou deste geito:—
—Si eu for o mais votado,
—Si conseguir ser eleito,
—E si sahir deputado,
—Dou-te um palitot bem feito,
—E um *couza* dependurado
—*Nesse jardim de teu peito.*

—Ja tens seis nomes trocados,
—Um em cada quarteirão;
—Traz elles bem estudados,
—P'rá não fazer confusão:
—O mais .. não te dê cuidados,
—Não és *phosphoro*: és cidadão
—Eu ja preparei os—dados—
—*Com a minha propria mão.*

Que lhe parece o sujeito?
Cuida que me passa a perna
Co' a tal—*couza*—cá do peito?
A um figurão de taverna,
Não se engana desse geito!
Mas eu vivo de—lanterna;
Si não ficar satisfeito,
Na minha ganancia eterna
Eu plantei amor perfeito.

John Colden.

Á PEDIDO.

—Que marca de judas é esse que me traz V.?

—E' o major *Corta-vento*.

—Olá! ha muito que desejava ter por ca essa fi ma.

Ora vejamos si o typo eguala ao retrato que me pintaram do lorpa.

Estatura de canguinchas, maior de seus 70, palitot curto, calças de camello, chapeu a laia de moleque capoeira.

Tal qual.

—Fui pegal-o na cidade do negocio, na loja de *caranguejos*, seu ponto certo.

—Então é este marreco que omisiou em sua casa a um sujeito puro e *candido*, de consciencia limpa como um *ribeiro*, fabricante de *etiquetas* de charutos, as quaes pela semelhança que tinham com o papel moeda de Latronopolis, a policia embirrou?

—E' este melcorio mesmo.

E era tão innocente, que tratou logo de metter-se no matto, onde foi encontrado todo borrado pelo *Antonio* do *Barroso*.

—Não é elle tambem que foi a causa da ruina do genro, reduzindo-o a completa miseria, depois do que plantou mil sizanias no lar do incauto moço, dando em resultado de tudo isso o apartamente da consorte?

—Sim, Sr.

—E que dizem mandara pelo *Pereira* para *Lisboa*, *cunhas* afim de arranjar por intervenção do *Antonio* certos negocios *mysteriosos* que so elle e o *Luiz* sabem?

—Justamente.

—Dous pares de machos ao pescosso desse rato de cloaca, até segunda ordem.

(Continúa.)

—Capitão, diga-me uma cou[illegible] algum doente,
—Si souber.
—Nas festas do Bo[illegible]empre, e visse me

prohi bir a passagem de carros e cavallos pelo campo?

— E' verdade.

— E porque na cidade não se faz o mesmo; principalmente no Terreiro nos festejos do Dous de Julho?

—Pergunte ao chefe de policia.

—Não precisa; porque eu sei a rasão.

—Si sabe para que me perguntou.

—A rasão, é porque nas festas do Bomfim as senhoras aristocratas andam pelo adro e estão sentadas em frente de suas casas, e correm o risco de serem pisadas; porem no Terreiro que é o povo—*massa bruta*—que concorre com suas familias, não faz mal que fique esmagado pelas patas dos cavallos.

—Olhe que V. sahe-se com lembranças!

VARIEDADES.

COMPARAÇÃO DAS MOÇAS COM AS FLORES

Moça de estatura regular, alva, e bem feita de corpo—*cravo branco*.

Moça de estatura regular, e cor morena—*cravo vermelho*.

Moça gorda, alva, corada e vistosa—*rosa de Alexadria*.

Moça viuva, baixa e gordinha—*suspiro roxo*.

Moça dançadeira de polka, e aproveitadeira de bailes—*rosa descarada*

Moça muito gorda, de bunda granda e seio cahido—*gira sol*.

Moça trigueira, gorda e malfeita, de corpo—*flor de graxa*.

Moça falladeira, e de bocca grande—*trombeta*.

Moça alta, magra dengosa—*junquilho*.

Moça baixinha, gorda e alva—*bugarim*.

Moça bonita, vestida de luto aliviado—*saudade roxa*.

Moça gorda, alva, pallida e romantica—*jasmim do cabo*.

Mulher de capona com lenço na cabeça—*mangirição graudo*.

Mulher velha, e infeitada de toca de babados—*beijo de frade*.

UM PEDIDO DE CASAMENTO.

Refere uma folha a seguinte anecdota.

Domingo passado, John Muggy de Chelsea passeava com Maria Whiteley encantadora filha de um serrador, na grande alameda que desemboca no parque de Battersea.

Os dous jovens passeadores desceram para as margens do Tamisa e ahi remontavam a corrente, cujas aguas pouco limpidas vinham bater em seus pès.

O coração de John se fundia; a muito que seus labios timidos recusavam pronunciar a palavra magica. Emfim decidiu se.

Maria acolheu a confissão com uma gargalhada cheia de franqueza. John de olhos lacrimosos instava para que ella o aceitasse por esposo, declarando que se persistisse em uma cruel recusa, elle se atiraria ao Tamisa; esta ameaça, porem, não produziu effeito.

John ferido na alma e desesperado entra no immundo rio, caminha depois para o seu leito até que agua gelada lhe chegasse aos hombros; comtodo antes de pôr em pratica seu sinistro projecto, recua e exclama tremendo de frio.

—Quer ou não casar comigo?

—Não!

Então elle mergulha; depois, ficando com agua pela barriga, gri a ainda uma vez:

—Quer ou não?

—Não!

Outro mergulho. Desta vez John deixa apenas um annel de seus cabellos na surperficie das aguas como para servir de uma ultima suplica.

Eis, porem, que o nosso excentrico debatendo se deixa sahir a cabeça do liquido elemento e g ita pela derradeira vez; não podendo conter o choque dos dentes uns nos outros.

—Eu... tão... quer... ou... não?...

—Não!

Esta resposta parece produzir em John uma grande impressão.

—Pois bem, não me importo .. disse elle nadando vigorosamente para a margem. Seria a senhora tão tola em acreditar que eu John Muggy me afogasse por sua causa? Boas! o diabo me leve se cahir em outra!

John transido sahiu do Tamisa e correu a bom correr até a casa onde chegou indubitavelmente muito molhado, porem com mais juizo do que quando della sahiu.

GENEROS REFRIGERANTES.

Camizas de panno de linho velhas.
Agua de coco molle bebida as 11 horas.
Beliscões as escuras.
Umbigada de lundú.
Chapeu de palha.
Banhos de bica.
Abraços de moça bella.
Elogios de mestre.

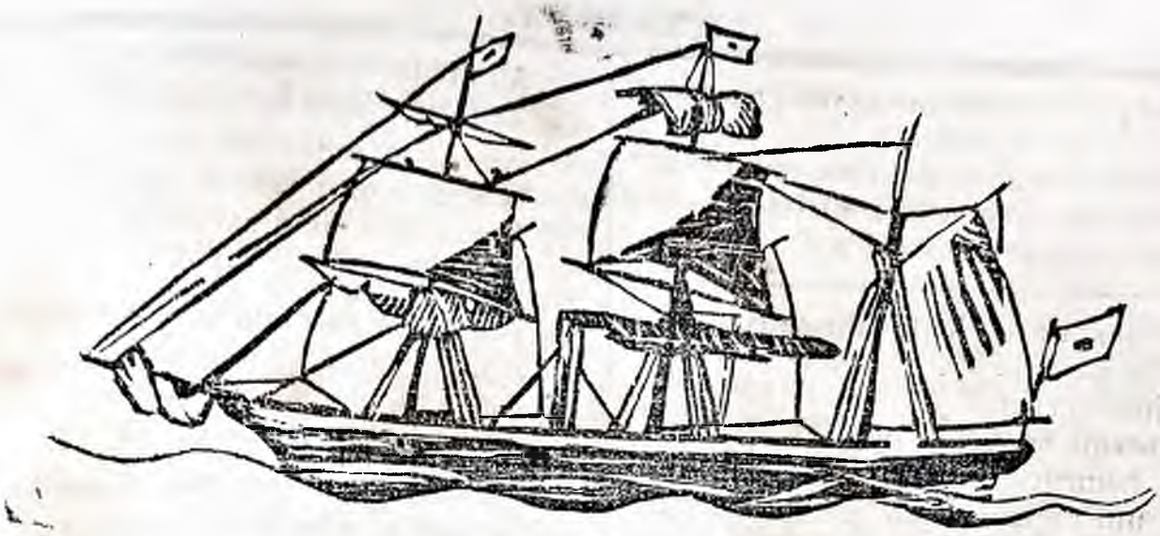
ACTOS ESPANTOSOS.

Noticia de morte na familia.
Perda de dinheiro da algibeira.
Queda de cavallo.
Encontro de credor com o devedor.
Applicação de sangria.
Mordidella de cobra.
Passagem de dinheiro falço.
Impetos de valentão.
Meirinho na porta.
Recado de namorada.

MAXIMAS DO PROGRESSO.

Quem mata disem que é louco,
Quem rouba é porque precisa,
Quem diz asneiras é tollo,
Quem stá nú não tem camisa.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 39.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 11 DE JULHO DE 1868. N.º 384.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de julho de 1868.

REQUERIMENTO DESPACHADO

Os moradores das casas do Paranhos á Estrada Nova, quina do Ferrão, pedindo providencias para poderem sahir á rua. visto se acharem impossibilitados em consequencia de uma extensa lagoa, proveniente de agoas estagnadas em rasão de não haver escoamento pelo excellente systema do calçamento.—Esperem que chegue o sol para seccar as agoas.

—Estou vendo o dia em que o *Interesse* sahe, dando noticia que o chefe de policia dera um espirro.

Agora não se occupa de outra cousa!

—E' verdade; por da cá aquella palha um artigo de elogio.

—Muito chara ao *Interesse* é a policia.

—Ou é o *Interesse* que é muito caro a policia?

—Tambem pode ser.

—Muito bem! morre uma infeliz sem os soccorros spirituaes por indolencia e preguiça do sachristão!

—Como assim?

—Na noite de 8 do corrente, passava pela frente da sachristia da Sé e vi uma pessoa batendo apressadamente e pedindo a Sagrada Unção para uma enferma que estava á expirar.

O sachristão, que mora mesmo no consistorio, veio de la se espreguiçando e disse que aquillo não eram horas de se dar a Santa Unção a enfermos.

—Está direito!

—Eu tomei interesse pelo negocio e fui até a porta da doente. De manhan tive a curiosidade de ir indagar como passara e ja achei-a cadaver!

—Acho-lhe toda rasão, porque não havia de expor-se ao frio áquellas horas por uma cousa tão frivola.

—Pois um machacaz daquelles sente la frio! Diga que é pelo desdem com que todos olham para suas obrigações, que eu concordo.

—E' assaz reprovavel o procedimento de certos armadores, cerieiros e musicos, os quaes logo que têm noticia de que ha alguma pessoa muribunda em qualqoer casa, se apresentam atupetados de cartas de empenho pedindo a armação, a cera e a musica.

—E regateiam em tão altas vozes o preço do caixão, mortalha, fazendas etc., que muitas vezes são ouvidos pelo enfermo, causando-lhe assim mais angustias na hora extrema.

—E' um procedimento indigno e deshumano, improprio da civilisação desta terra.

—Eu, si por accaso, tivesse algum doente, do que Deus me livre sempre, e visse me

entrar pela porta semelhantes aves agoureiras, os tangia a toque de caixa.

—E assim deviam fazer todos, com tão sordidas creaturas, que sem respeitar a justa dor alheia, procuram magoal-a.

—Este nosso presidente sahe-se com boas! E' fertilissimo.....

—De intelligencia?

—Eu mesmo não sei de que.

Pois o homem dizer que despachou a 12 de março um requerimento que lhe foi apresentado no 1.º de maio!

—V. está com a cabeça ardendo.

—Hei de ser eu mesmo.

—Semelhante disparate so de uma destemperada cachola, entupida de aparas de stulticie.

—Homem, eu li isso n'um officio que o Sr. Severiano José Moreira, presidente da camara de Maragogipe, publicou.

—E' que o homem quiz passar seu repellão no presidente.

—Conheceu o cadete Speridião?

—Muito. Foi um dos bravos que deu a vida pela patria nos campos do Paraguay.

—E vê aquella senhora que alli vae se lastimando?

—Perfeitamente.

—E' a mãe delle, que foi fallar ao presidente e foi repellida pelos criados de S. Ex. que disseram não tinham ordem para deixar entrar mulher de capona.

—Está direito, mesmo que a justiça não é para gente de semelhante ordem.

—Capitão, acaba de dar-se um acontecimento luctuoso!

—O que foi homem?

—O Sr. Pedro José de Castro foi assassinado por um empregado do matadouro, conhecido por João Cabocolinho.

—E o que deu origem a tam desastroso acontecimento?

—Dizem que uma bofetada dada por aquelle Sr. no offensor.

—Uma irreflectida imprudencia retribuida por outra mais arrojada.

LA VAE VERSO.

Minha terra tem morcegos
Que são como as sanguesugas,
Nossas moças tem umbigos,
Os umbigos tem verrugas.

Minha terra tem jaqueiras
Onde pousam gaviões,
Minha terra é mui feliz,
Tem ministros bem ladrões!

Nossas grizettas tem luzes,
Nossas luzes mais pavios,
Nossas ruas tem caxorros,
E caxorros mais vadios.

Nossos prados tem mais vaccas,
Nossas vaccas tem mais têta,
Nossas têtas dão mais leite,
Nosso leite tem mais pêta.

Nossas moças tem mais bundas,
Nossas bundas mais roliças,
Nossas velhas mais muxibas,
Nossos padres dizem missas.

Nossa terra tem mais frangos,
Nossos frangos mais capões,
Nossas casas tem mais muros,
Nossos muros pastelões.

Nossos rios tem mais agoa,
Nossa agoa é mais cristallina,
Nosso nariz é mais grosso,
Nossa garganta é mais fina.

Nossa terra tem mais padres,
Nossos padres são casados
E os filhos destes padres
Só se chamam afilhados.

Nossa terra tem mais bollos,
Nossos bollos mais mexidos,
Nossos mexidos produzem
Certos ventos espremidos.

Em nossos campos se encontram
Figurões a cada passo,
Todos elles tem engenhos,
Seus engenhos tem bagasso.

Motto

As moças de certa rua
Tem todas nariz cumprido

GLOSA.

Tem caras de meia lua,
Tem as ventas de fornalha;
So vivem comendo palha
As moças de certa rua.
A mãe é velha perúa,
Ja tem um bicco torcido,
Anda em busca de marido
Para casar todas quatro;
Mais as taes caras de gato
Tem todas nariz cumprido.

Á PEDIDO.

Sr. Redactor.—A discussão pela imprensa do pleito em que são contendores os Srs. coronel Antonio Pedrozo de Albuquerque e An-

tonio de Oliveira Barros, veio realisar um facto, cujo presentimento ja sorprehendia todas attenções.

Quem conheceu, como nós, de perto, o Sr. Barros e mais ainda, por infelicidade, o seu defensor do *interesse publico—o inimitavel caroqueiro para a exploração de minas*—ja se admirava ate o espanto de que a travada por tanto tempo se circunscrevesse unicamente no estreito ambito de uns autos.

Esse espanto, porem, cedeu á realidade, e o juizo universal desta cidade está confirmado de um modo irrecusavel.

Não era que desde o principio desta *celebre* questão, não estivesse a mente do Sr. Barros a arder-lhe em delirios de febre para trazer a tela da tribuna universal a defeza *de seus direitos conculcados*, febre sustentada e inquinada pelo sordido interesse do escriptor do *interesse*—não; mas era que receioso das consequencias que da precipitação desse acto podiam dimanar, cauteloso esperava o primeiro verbo da justiça.

Esperou muito porque ainda esperou o segundo, e so agora, quando não poude mais conter as evoluções frementes que se manobravam em seu peito, o desespero extremo fel o apparecer hypocritamente contricto e inculcando-se de victima, para captar a aura publica, que por todos os modos lhe é infensa.

Representou perfeitamente de morcego.

Está soprando com toda a intensidade do pulmão para ao depois sangrar de rijo e desapiedadamente na arteria.

E' assim que o seu matreiro defensor, *depois de longa hesitação pela amisade que o liga aos contendores,* resolveu-se a aceitar o encargo, para que, em hypothese alguma, o *erro, a mentira e a fraude podessem trazer utilidade a quem quer que fosse.*

Que outra qualquer pessoa, ainda que injustamente, chamasse aos tribunaes o Sr. coronel Pedroso, e ahi contra elle extravasse deshumanamente toda a bilis do seu odio—va que seja, porque o mundo é um perfeito enxerto; mas que esse facto fosse praticado, a luz meridiana e tam de fresco, pelo Sr. Barros, que em todas as partes onde não ia, mandava dizer que o Sr. coronel Pedroso era o seu pae, seu protector, seu Deus, seu tudo, isso é o que excede a toda meditação, e compunge demasiado os espiritos calmos e reflectidos, que ainda depositam confiança nos homens e nas cousas.

Essa sorpreza, porem, e essa dor não tem a minima relação com o escriptor do *interesse publico*, cuja degradação não ha mais descer. Sorpreza e dor appareceriam, si elle não acceitasse esse encargo, de harmonia com todos os effeitos de sua nefanda vida.

Ellas somente se referem ao Sr. Barros, em quem depositavamos ainda alguma confiança, qual a que sóe e deve inspirar a gratidão e o reconhecimento.

Ninguem ha ahi que não saiba a *entente cordeale* que unia em um só amplexo os Srs. coronel Pedroso, Barros e o escriptor do *interesse publico* (cuja nome, no pensar do circumspecto Sr. dezembargador Silva Gomes, hoje faz asco pronunciar-se) e os favores immensos e incalculaveis que os dous ultimos recebiam do primeiro incessantemente.

Pois bem, nada disso valeu; e eil-os que de mão armada arremettem contra elle para a viva força tirarem o que por vontade não poderam alcançar.

Basta por hoje, porque a nossa tarefa é grande. Accompanharemos esta questão quer pelo lado do direito, quer do facto, e ahi então desenvolveremos o assumpto, como o permittirem os nossos fracos recursos.

Zenon.

—Leu o *Diario* de 9 do corrente?

—Não.

—E' pena

—Por que?

—Para ver o Ferreira Bastos, empresario do theatro de Sergipe, elogiando-se e a sua familia.

—Não o julgo capaz de tamanha immodestia.

—E' a pura verdade. Vivemos n'um tempo em que as *obras de encommendas* são as de mais valor.

—Peta!

—Pois escute. O Ferreira Bastos, tomou por empreza o theatro de Sergipe; veio a Bahia contratar artistas, e só achou, alem de sua familia, o Flavio e sua mulher a Sra. D. Filomena. Segundo corre, tanto estes, como aquelles já são muito conhecidos no logar, porque la estiveram annos; já vê que não são fructas novas, e para *engodar* a bôa fé do publico de Sergipe, o Sr. Ferreira Bastos, formula um elogio ao presidente daquella provincia, e nelle encaixa o elogio dos artistas por elle contratados. Ora a decantada companhia, segundo é voz publica, compõe-se das Sras. D. Izabel Maria Candida, D. Dorothea, e o artista Augusto, marido desta e genro daquella, todos pertencentes a familia Bastos; vão mais o Sr. Flavio, e sua senhora, e o artista Benardino que lá ja está residindo e tem representado; e diz o Bastos, no *Diario* que contratou artistas de nomeada, quando so dous merecem esse nome, a Sra. D. Izabel e Flavio; ou quizera que me dissessem o que é a Sra. D. Filomena, em scena, qual o papel que fez aqui ou em outra provincia por

onde tem andado, que agradasse: Si tem sido tolerada no theatro da Bahia, é somente por consideração a seu marido

—V. tem uma lingoa damnada!

—A prova de que digo a verdade é esta:

Na empreza do Coimbra, em Pernambuco ella não teve logar, e o marido só é que foi contratado, a Eugenia e Furtado Coelho não a quizeram, apezar daquella ser sua comadre.

—E V. a me tomar o tempo com intrigas de bastidores!

—Já vê que tenho razão quando digo que o Bastos só quiz elogiar sua familia, praticando assim uma indecencia, pois que não leva nada novo para Sergipe; emfim não leva uma dama que cante, por que tanto a D. Dorothea, como a D. Filomena, não dão uma nota afinada que se possa ouvir, a Sra. D. Isabel, com quanto seja uma artista de merito não canta, o Augusto é muito desafinado, só os Srs. Flavio e Bernardino, é que cantam. Tenho ou não rasão?

—Sem duvida; la se hajam

VARIEDADES.

COMPARAÇÃO DAS MOÇAS COM AS FRUCTAS.

Moça alva, bonita e agradavel—*banana de prata.*

Moça morena, bem feita e engraçada—*figo.*

Moça muito gorda, de seio grande—*jaca molle.*

Moça muito alta e corpolenta—*cana cayanna.*

Moça magra e feia—*tamarindo.*

Moça baixinha e desengraçada—*juá.*

Moça gorda, muito corada, com espinhas na cara—*ananaz.*

Moça amarella, fraca e barriguda—*abobora d'agoa.*

Moça teimosa e impertinente—*còco de piassava.*

MANDAMENTOS DE DESGRAÇA.

Logares pessimos de se preencher.

1.° Ser imperador com ministros trahidores.

2.° Ser thesoureiro com cofre vasio.

3.° Ser enfermeiro de doente impertinente

4.° Ser marido de mulher infiel.

5.° Ser pretendente de favores de ministros.

6.° Ser professor de estudantes estupidos.

7.° Ser chefe de empregados madrassos.

8.° Ser medico de doente extravagante.

9.° Ser pae de familia em tempo de carestia.

10.° Ser general com officiaes covardes.

Estes dez mandamentos se encerram em dous convém a saber—miseria dos homens, corrupção do mundo.

RATO CANTOR.

A *Imprensa Livre*, de Vienna, publica uma noticia que parece um pouco com um maranhão:

O Sr. Carlos Theodoro Liebe, naturalista, achou um rato que canta. Este animalzinho (é perua de certo) executa graciosas variações, que se assemelham as da cotovia, ruxinol ou canario. A extensão da sua voz é de duas oitavas.

O professor Liebe attribue este phenomeno á conformação particular dos orgãos respiratorios, porque a mesma respiração deste rato é um assobio continuo.

Ouve-se o verdadeiro canto deste animalzinho quando está tomado de qualquer commoção, ou de prazer quando lhe mostram um gato.

O Sr. Liebe vae examinar as causas do phenomeno, anatomisando este rato quando morrer; entretanto confessa que deverá esperar ainda algum tempo, porque o novo cantór, com quanto preso, está sempre alegre e de perfeita saude.

ANNUNCIOS.

DOUS DE JULHO DE BROTAS

Na noite de 11 do corrente será a levada do carro triumphal ao largo do Paranhos, donde seguirá no dia 12 ao meio dia precedido do monitor *Alagoas* e acompanhado pelos batalhões patrioticos até os barracões que se acham decorosamente ornados.

Haverá illuminação ate o dia 18, em que o carro percorrerá as ruas ate as Pitangueiras e dahi seguirá a seu deposito.

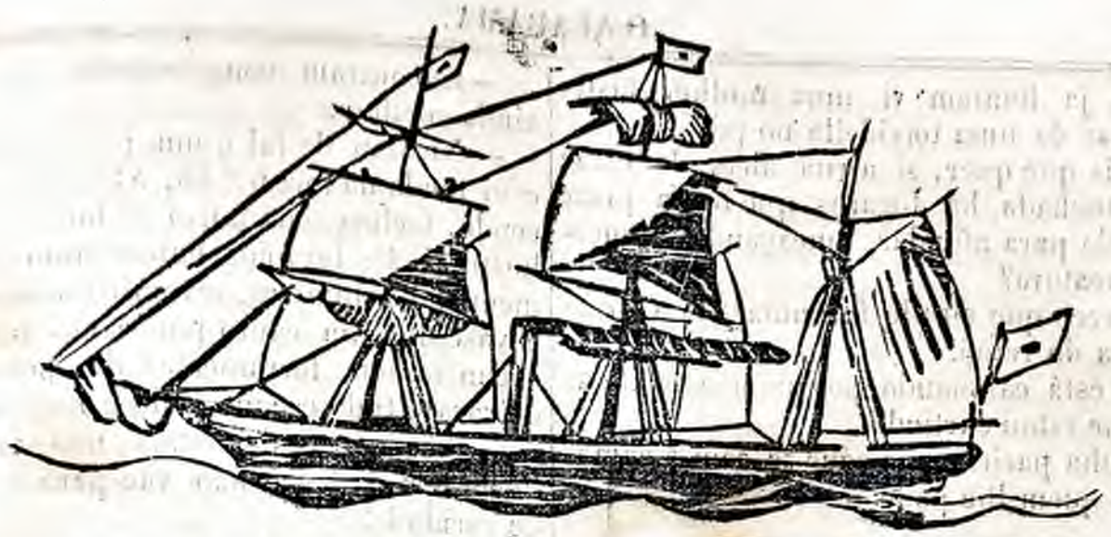
Convida-se ao povo para este festim da liberdade.

No becco de Maria Pires, casa do Almeida, precisa-se de um copeiro.

Quem quizer comprar differentes dramas, e comedias, algumas das quaes com muzicas, dirija-se ao sobrado n.° 20, 2.° andar, defronte da egreja da Sé, que achará com quem tratar.

Jozé Rebello Brandão pede a todas as pessoas que tem penhores em seu poder, para que venham resgatal os no prazo de trinta dias, findo os quaes os venderá para seu pagamento.—Bahia 8 de julho de 1868.

Quem precisar de uma ama de serviço de casa procure no sobrado n° 18 á rua Direita do Colegio, 1.° andar.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. Serie 39.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 15 DE JULHO DE 1868. N.º 385.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de julho de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, chamando seriamente sua attenção afim de que lance suas vistas piedosas em favor dos moradores do Caminho Novo do Gravatá, ruas da Misericordia, da Valla, da Lama, Barroquinha Marchantes, Portas da Ribeiras e outras, as quaes com estas chuvas estão intransitaveis: —uns submergidos em um atoleiro e outros com suas habitações plantadas sobre um dique. a ponto de não poderem sahir de suas casas e menos entrar para ellas, privados assim de todos os recursos: e com quanto nos mencionados logares não morem vereadores, todavia nelles residem artistas e pessoas do povo, que pagam inpostos com mais promptidão, talvez, do que esses que querem Deus para si e diabo para os outros; nesta contingencia, lembra-se a Illma. a medida de pôr em arrematação a quem por menos fizer, para os mencionados logares, barcas de passagem ou carros de transporte, providencia essa não so benefica, como lucrativa para a municipalidade e de summo interesse para o melcorio que mamar nessa têta pilhando semelhante arrematação.

—A empreza da limpeza da cidade, dizendo-lhe que a maior parte dos moradores da rua do Bangala estão atacados de febres, em consequencia do lixo, que a correntesa das chuvas tem alli amontoado, e como nesta terra não ha quem se importe com a saude do povo, sirva-se ao menos de mandar um carroceiro, (entidade que, parece, desde que Judas teve sarampam nunca mais passou por esse logar) remover tal elemento de insalubridade; o que espera-se.

—Da-se que diabo de alhada!

—Ja vem com alguma trincapeta?

—Pois nao acabam de me dizer que o superintendente do matadouro mandou recrutar ao irmão do João Cabocolinho?

—Por essa ja eu esperava.

—Mas não me dirá que culpa tem elle do crime que o irmão praticou?

—E' uma familia de valentões.

—Ora *nonoroques!* pois até agora não viam isso?

E por que não o despediram? Por ventura é com o recrutamento que se corrigem faltas e punem-se delictos?

—E V. ainda ignorava que para cevar uma vingança, alcançar um fim, obrigar a qualquer acção menos decorosa, ou obter um voto, não ha arma como o recrutamento?

—Que é isso, rapaz? vem puxando de uma perna!

—Ora deixe-me; um maldicto buraco alli na rua do Tijollo, quasi que me parte a canella.

—Homem, V. não é o primeiro que se

queixa, ja hontem vi uma mulher lastimando-se de uma torcidella no pé.

—Pois que quer, si a rua, além de estar toda frunchada, ha logares que basta pisar no lagedo para afundar, ameaçando submergir a creatura?

—Parece que aquillo foi amaçado a ovos e farinha do reino!

—V. está cassuando, porque não sente as dores que estou curtindo.

—Tenha paciencia, pegue-se com a camaja que é quem lhe pode valer.

—Que se importam estes moleques que o Galinheiro ande de collarinho em pé!

—Embirraram?

—Pois não; atropelaram o pobre pretinho na Estrada Nova para abaixar os entezados colarinhos, que foi um Deus nos acuda.

—Travessuras.

—E' assim que surgem as complicações internacionaes,

—Va lamber cinza, com as suas complicações.

—Devagar com a louça, o homem é cidadão inglez.

—Pois elle que não se dê a disfructe correndo atraz dos moleques, por chamarem-o malê.

—Safa! trinta e uma garrafadas ja contei eu!

—E que diabo de mixordia é esta?

—Provavelmente querem desembarcar algum roubo de assucar ou algodão, e como a patrulha anda por aqui, estão por este meio vendo se afugentam-na.

—Neste Caes Dourado dão-se cousas!

—E' ousadia requintada.

—E onde andará a ronda do mar?

—Ora! hoje é domingo, houve Dous de Julho em Brotas, anda tudo desnorteado.

—E sem ser hoje, creio que isto sempre anda assim.

—Que selvageria! Trucidar uma creança com tanta atrocidade!

—E o motivo!...

—Porque quebrou nove pratos.

—Barbaridade! alem de retalhar o corpo da miseranda, rachar-lhe a cabeça!

—De quem é escrava aquella infeliz?

—De um Sr. Pinto, portuguez, dizem.

—Que gente sem coração!

—Será bom que o Sr. delegado mande a rua da Larangeira, n.º 21, ventilar isso.

—Os gatunos andam a toda isca!

—Encontram complacencia na policia, ainda melhor.

—Nicolau de tal é um pobre marcineiro, com tenda na loja n.º 48, Atraz da Sé. Adoecendo, fechou sua porta e foi se tratar no hospital. Os larapios entenderam que o homem tinha dinheiro, arrombaram-lhe a casa e vasculharam canto por canto e como se encontrassem ferramentas de ponco valor, deixaram tudo escancarado e empinaram-se.

—Pois esses demonios não viram que quem tem dinheiro não vae para o hospital de caridade?

—E anda se assim a mercê dos ratoneiros, que com a maior facilidade arrombam uma porta na rua mais publica e transitada e fazem das suas.

Á PEDIDO.

—V. assistiu a posse da nova mesa da ordem *do Santo Seraphico?*

—Assisti e vi com effeito o frade *sentado* abrir o Santo Evangello no collo, e prestarem juramento os terceiros de joelhos nos pés delle!!...

—Deus esclareça o entendimento desses homens, para comprehenderem que adoração so é devida a Deus, que so a Elle o homem deve curvar o seu joelho, e não a um frade tão peccador, como os outros. Vi porem as senhoras, chamarem-se umas trintas e so tres compareceram.

—E' que se comprenctaram do seu estado, que não deviam concorrer para uma farça ridicula, que se representa em nome da religião. A ellas pois dou parabens, em quanto as tres, como são senhoras, digo-lhes unicamente que pensem no que fizeram, e que se hão de arrepender.

—Sim, mas mulher não pensa.

—Si são casadas, ao menos seus maridos, que lhes abram os olhos, iste é, si não forem dos que beijam a manga do frade e lhe seguram no cordão; porque estes estão promptos para tudo, bem entendido para poderem ir para o ceu. Mas fica a cargo do capitão do *Alabama* acabar as immoralidades do frade da ordem, perpetuo dominador dos tolos, governador absoluto dos terceiros e *protector* decidido das irmans terceiras.

—Ah, assim seja; que V. fará um serviço a Deus e a humanidade.

—O' Sr. Matheus! *psio... psio... psio!...* Não ouve, homem!

—Sinhô, sinhô, ahibô tá xamandô. Voncuncê tá sustado, corendo qui préce negro nagô qui virô saruê!

—Não é commigo, não.

—E' com Vm. mesmo, Sr. Matheus: espere, dê-me uma palavra.

—Que pretende o Sr.?

—Homem, diga-me até quando Vm. ha de desfructar o ordenado, mettido em casa? Isto é um escandalo; já é demais.

—E o que tem o Sr. com isto? E' por ventura o fiscal e zelador dos cofres da provincia?

—Como está Vm. de costas quentes! nunca vi-o assim!

—Pois veja agora.

—Estou desconhecendo-o, Sr. Matheus! Pois Vm. ainda não está contente com mais de quatro mezes, que em santo ocio esteve mamando o ordenado de seu emprego sem ir ao internato?

—Que quer Vm.? não sabe que estou doente?

—Doente, Sr. Matheus! Vm. tem nenhuma doença; está são que nem um pero

—Qual pero nem meio pero. Vá indagar na directoria, que Vm. verá nos documentos si estou ou não doente.

—Que tal o sujeito! está doente nos documentos e não no corpo! Sr. Matheus, não se faça rola: si sua molestia é incuravel, peça logo a sua reforma, e não ande affrontando ao poblico.

—Não tenho satisfações a dar-lhe; manda quem póde. Emfim, Sr., não me masse.

—Massada é esta sua de deixar-se ficar em casa.....

—E eu não estou na rua?

—Arrumando com todo trabalho no *pobre* do substituto, que com Vm. ja foi cantado em verso para vespera de S. João.

—Sr. meu, não estou para atural-o. Deixe-me ir á missa, antes que fique *virada:* outro officio.

—Virada está toda essa ordem de cousas! Um homem são e forte, que todas as manhans era encontrado logo cêdo com o saco de pães ás costas, indo e vindo dos internatos, onde prestava serviços!... este homem estar licenceado para andar cuidando em santos e irmandades! e em seu logar metter-se um outro que está servindo *constrangido* e até sendo atassalhado por um padre de lingua ferina, que foi visto em certa sachristia, antes de revestir-se para celebrar o santo sacrificio da missa, fazer-lhe de publico tam boas ausencias, que até de *amigo de Bacho* fez-lhe a fésta, etc., etc.. etc.....

O tempora, ó mores! ó tempo das pepineiras!

Bem disse o chistoso—*Desenfado poetico:*

«Si não houvessem padrecos
«Sem lei, sem religião,
«Não staria a mocidade
«Em tam grande corrupção.
«Ha hoje monos
«Que tem corôa,
«Passam com a capa
«Por gente bôa.»

PELO SIGNAL POLITICO,

OFFERECIDO AO AMIGO LELÉ GALISTA, LIBERAL DESCONTENTE, HOJE PROGRESSISTA.

E' safado o vil *Lelé,*
Bajulador intrometido,
Por traidor é conhecido,
Pelo signal.

Nunca vi peça egual,
Mau pae e pessimo amigo,
E sendo até inimigo
Da Santa Cruz.

Delle nos livre Jesuz,
Com seu braço poderozo,
De tal damnado cão gôzo,
Livre-nos Deus.

E' egual aos phariseus,
No horrivel proceder,
Capaz até de vender
Nosso Senhor.

Os homens que tem pudor
Não lhe prestam attenção,
Embora toda oppressão
Dos nossos

Votantes, poderes vossos,
Não entregueis aos tratantes,
Pois dê vós são os pedantes
Inimigos.

Segui sagrados artigos,
Da lei e da liberdade,
Despresando a falsidade
Em nome do pae.

Em cilada ninguem cae
Por conhecer o *bichinho,*
Que implora um votinho
Do filho.

Quem trilha o bom caminho,
E' do Ceu abençoado,
E na terra é vigiado
Do Spirito Santo.

De *Lelé* o negro manto,
Rasgue se hoje para o mundo,
Fulmine-se o cão immundo,
Amen Jesus.

AO ILLM. SR. COMMANDANTE DO CORPO POLICIAL,

Partecipa-se que, dando-se um conflicto no Caes Dourado, na venda de Antonio José da Silva Braga, no domingo á noite, fôra preso um dos turbulentos de nome João Pinto de

Barcellos, pelo policial José Americo de Souza, que o accompanhou a prisão, e como não conste que semelhante desordeiro fosse recolhido, pede-se á S. S. que se digne ouvir ao referido guarda para que explique semelhante baraf unda.

Sr. Redactor.—A informação que deram a V. sobre uma mulher que falleceu na noite de 8, sem os ultimos Sacramentos, acha-se disvirtuada, e certo de que V. não se nega a rectificar a verdade, peço-lhe que publique que a propria pessoa que fora bater á porta da sachristia declara que, tendo batido por tres vezes e ninguem lhe respondendo, se retirara.

O amigo da verdade.

VARIEDADES.

REGRAS INFALLIVEIS.

Não ha ganhadeira de quartinhas, que não traga doce de araçá.

Não ha preta de aluá que não venda furá.

Não ha tabareu que não tenha presumpção de montar bem a cavallo.

Não ha moleque de padre que não saiba ajudar missa.

Não ha sertanejo que não goste de feijoada.

Não ha loja de louça que não venda xá.

Não ha casamento de tabareu que não acabe em lundú.

Não ha gato de frade que não seja gordo.

Não ha cigano que não seja jogador.

Não ha cigana que não venda fazenda.

HORAS DE RECREIO.

Occasião de contradança.
Passeio de braço traçado.
Jantar em dia de annos.
Sonhos de casamento.
Noites de novenas junto de casa.
Brinquedo das prendas.
Encontro de patricio em terra estranha.

TRABALHOS DE HOMEM CASADO.

Procurar ama de leite.
Ouvir conselhos da sogra.
Satisfazer desejos da mulher.
Receber visitas de parabens.
Deixar de sahir a noite.

GENEROS TONICOS E ESTOMACAES.

Pagamento prompto.
Herança de parente.
Passeio de sege.
Modinha brasileira.
Casamento rico.
Prezente de freira

OS MENTIROSOS.

Entrando um dia um homem, que tinha reputação de grande mentiroso, em uma sociedade, alguem, que conhecia, disse lhe, antes de elle ter tempo de abrir a boca—Isso não é verdade.

—Mas, senhor, eu ainda não fallei.

—Não importa, vae fallar e não ha de ser verdade.

Assim é que se trata os mentirosos.

Um homem, conhecido por tal, contava um dia uma anecdota em casa de uma mulher celebre.

—Não acredito essa historia, diz ella.

—Certifico-lhe que é exacta, diz um dos assistentes, eu presencei-a.

—Pois sim, diz a senhora, olhando para o mentiroso; mas, si é verdade, porque a diz aquelle senhor?

A lição foi boa; emendou-se.

UM PRINCIPE NA CADEIA.

O caso deu se em Londres. Hald Pachá, irmão do vice-rei do Egypto, acompanhava o sultão na sua visita a metropole ingleza o anno passado, sem caracter nem funcções pessoaes junto a Sua Alteza.

Londres è caro, ás tentações muitas, a bolça do principe vinha ja soffrivelmente exhausta com os assaltos da exposição parisiense, de maneira que o joven pachà individou-se, e que seus credores deram com elle na cadeia sem perguntarem ao pachà de quantas caudas era o atribulado moço.

Foi solto logo sob fiança, porem elle em logar de pagar, aventou uma questão de previlegio, que acabava de ser favoravelmente decidida, declarando os tribunaes que o privilegio, si fora diplamatico, se estende nas comitivas dos monarchas que viajam officialmente a todas as pessoas que os acompanham para dar maior solemnidade e pompa a sua presença, muito embora não levem funcções precisas na comitiva regia, porque nestes casos o privilegio não è delles mas do soberano.

E' um ponto de direito internacional que é bom ser esclarecido, alcançando tão poderosa autoridade como è um aresto dos liberrimos tribunaes inglezes: mas o motivo... o motivo foi mau pormais que digam os principaes não deviam ser caloteiros.

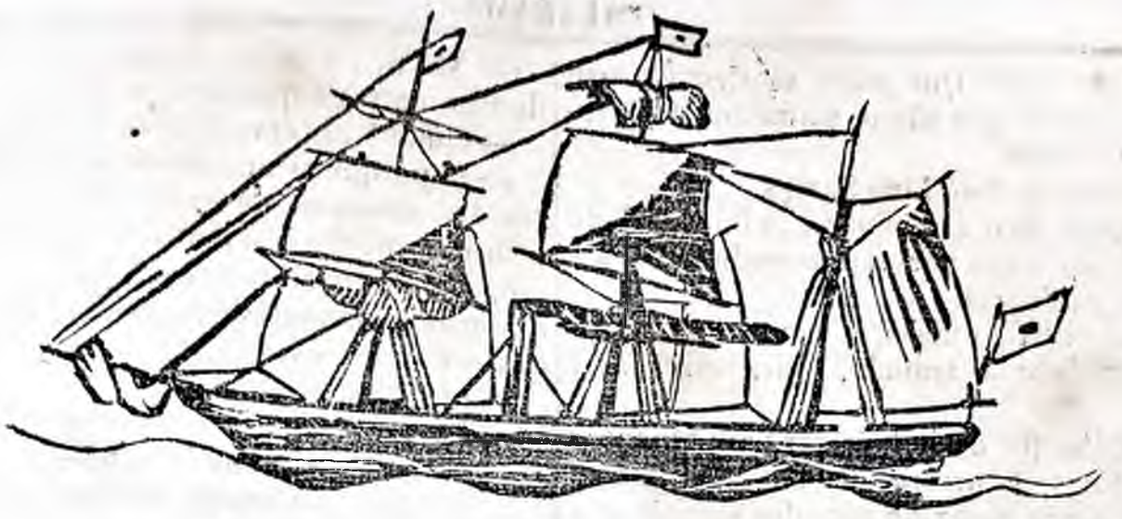
ANNUNCIOS.

No becco de Maria Pires, casa do Almeida, deseja-se fallar ao Sr. Salustiano Petronilho de Campos Costa.

QUEM ME AVISA, MEU AMIGO E

O carapina que moron na rua Direita de Santo Antonio além de Carmo, va quanto antes pagar o que ahi ficou devendo; do contrario sorà seu nome publicado nesta folha, para que todos o fiquem conhecendo.

Typ. de Marques, Aristides & C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. Serie 39.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 17 DE JULHO DE 1868. N.º 386.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de julho de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, representando-lhe contra os embaraços, que soffre o publico para desembarcar qualquer objecto ou material no caes d'Agoa de Meninos, em virtude de se achar elle constantemente amontoado de achas de lenha, quando uma postura prohibe atravancar as ruas por mais de 24 horas; isso por que dous monopolisadores entenderam de atravessar toda lenha que vem ao mercado e fazer dalli seu deposito, para venderem aos pretos, que por sua vez revendem-na aos taverneiros, vindo o povo a compral-a por um preço exorbitante.

A' vista do exposto, pede-se a Illma. que ordene a seu fiscal geral, o qual todos os dias passa por alli e ainda não teve olhos para ver semelhante inconveniente, para que intime áquelles dous expertos que quanto antes removam dalli toda lenha que a sua desmarcada usura tem accumulado, facilitando assim o commodo publico.

—A empreza da limpeza publica, para que mande varrer as immediações e beiradas do theatro, bem como a frente dos assentos do largo do mesmo nome, principalmente do lado do mar, que se acha coalhado de pastelões de pé de muro.

—Capitão, uma lembrança.

—Suas lembranças são perfeitos esquecimentos.

—Menos essa, capitão.

—Vamos a ouvir para ajuizar.

—Tive a lembrança de propor para vereador na proxima eleição, ao distincto bahiano Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.

—Sim, Sr.; sim Sr.; desta vez brilhou,

—Si o sufragio popular pode ser encarado como uma remuneração ao cidadão benemerito por seus serviços, a ninguem assiste mais direito do que ao Sr. Carvalhal de receber do povo a distincção de occupar um lugar na vereação municipal.

—Apoiado.

—O Sr. Carvalhal tem sido um verdadeiro protector e amigo dos voluntarios. Que o digam essas familias que gemem na viuvez e na orphandade; que o digam essas, que ausentes dos entes mais charos, soffrem o jugo de todas as privações; que digam esses innumeros mutilados que voltam do sul. Indague-se de cada um em particular o que tem sido o coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalhal para elles.

—Mas, de que valerá tudo isso si o dedo omnipotente do governo apontar os canditatos?

—Esperemos para ver, não vamos a descrer de tudo.

—Meu amigo, diz-me que desordem é esta?

—E' um policial que anda fazendo o diabo.

—Muito bem! Que gente morigerada tem a nossa policia que são os primeiros a perturbarem a ordem.

—Chama-se José Lino Soares.

—Espere, José Lino Soares ja foi mandado despedir do corpo por seu procedimonto, segundo li no *Diario*.

—Sem embargo disso, o consentem ainda andar fardado e armado, para elle faser destas.

Entendeu que devia hoje dar para espancar os meninos e arvorar-se em recrutador: prendeu a um rapaz na rua dos Capitães, o qual, safando-se-lhe das mãos, embarafustou por uma casa a dentro. O energumeno invadiu-a até o interior de refle em punho, ameaçando matar a quem encostasse!

—A's dez horas da noite!

—Fosse a que horas fosse.

—E viva-se descansado n'uma terra destas, onde os que são obrigados a vellarem pela ordem, são os primeiros a ameaçarem a vida do cidadão!

—E de mais a mais, elle, ainda depois de desarmado e preso, ameaça que logo que sahir tirará a vida ao dono da casa!

—A festa de Nossa Senhora do Monte do Carmo este anno é feita com todo esplendor e pompa.

—Disseram-me que o Fausto, so de flores, encommendara seis carradas.

—Elle é bem capaz disso; gosto para essas cousas não lhe falta.

—Alem da parte religiosa feita com toda solemnidade e decencia, ha balões, fogo, chafariz, illuminação, etc , etc.

—E extraordinaria concurrencia, como é de esperar.

—O Sr. Fortunato de Freitas, desgostoso da vida jornalistica, acaba de abrir uma casa de educação, a qual, dotada como está dos melhores professores, situada em excellentes condições hygienicas e pelo esmero e dedicação com que está montada, attinge ao grau de um perfeito estabelecimento de instrucção.

—Em que rua é ?

—Na ladeira de S. Francisco n.°

—E' de crer que o publico bahiano, com especialidade as amigos do Sr. Freitas, lhe deem toda animação.

—Assim espero.

—Capitão, aqui está um motte e glosa de um tabareu vendedor de carvão.

—Será talvez algum homem que os paes o mandaram instruir; porem o acaso da sorte o poz nesta vida.

—Não Sr.; é de um homem nascido e criado nas mattas e que nem ao menos sabe ler!

—Como V. obteve logo estas informações?

—E' porque vi um moço pedir-lhe que fizesse e glosasse um motte. Como eu gostei pedi que me désse o motte e glosa por escripto, elle me declarou ser filho das mattas e que não sabia escrever; mas que tornava a recital-o e eu escrevesse.

—Lêa para eu ouvir.

—Lá vae.

«*Quando cuidares que estou*
«*Contente, alegre, perfeito,*
«*Os sinos te avisarão*
«*Que morri por tei respeito!*

GLOSA.

«Mulher, que o meu coração
«Com mil carinhos roubou,
«Hei de vingar-me de ti
«*Quando cuidares que estou.*

«Julgava que me amavas,
«E te trazia em meu peito;
«Vivendo assim enganado
«*Contente, alegre, perfeito.*

«Si algum dia tu quizeres
«Convencer-te da rasão,
Cuidarás disso mui tarde,
«*Os sinos te avisarão.*

«E então arrempedida
«Do teu amor imperfeito,
Os remorsos te dirão,
«*Que morri por teu respeito.*»

—Muito bem! A natureza dotou-o de intelligencia; mas falta lhe a lapidação, que se ativesse, podia ser alguma cousa na sociedade.

—E como esta ha por ahi muitas intelligencias; mas sem o cultivo preciso.

—E' verdade! Ha uma mulher, que anda sempre pela Praça, conhecida por *Santinha*, que tem sua veia poetica! Outro dia estava eu na botica do Borges, na occasião em que passava certo frade, que ensina phylosophia ao *Miguel*, e ella quando o viu entendeu gracejar com elle, tomou-lhe a frente e recitou a seguinte quadra, munida de um cacête:

«Como p'ra guerra não marcho
«Segundo a minha vontade,
«Si não mato um paraguayo,
«Agora mato este frade.»

O frade, ao ouvir esta qudrinha, improvisada por uma mulher que sempre está embriagada, largou-se a correr pela rua Direita de Palacio a fora; porem como viu algumas pessoas rindo-se, parou e esperou por ella de chapeu de sol empunhado; mas ella ao chegar defronte delle, fez-lhe uma carêta e voltou.

—Cá... cá... cá... cá!

Logo vi que V. não podia passar sem trazer um caso pilherico no meio. Tem muito spirito aquella mulher!

—Tambem, quando está *spiritualisada*, é um excellente diccionario de obscenidades.

PHYSIOLOGIA DA MULHER CASADA.

I.

A mulher nos primeiros mezes do casamento.

ou

A lua de mel.

Principia por levantar-se da cama muitissimo tarde; ninguem é capaz de arrancal-a della. (Bem entendido que o marido tambem não está levantado!)

Si o marido é empregado publico, e quer levantar-se, diz-lhe:

—Ora meu queridinho, agora você chegará muito tarde á repartição; ja passou a hora do ponto; o melhor de tudo é la não ir hoje; um dia não são dias.

Si é negociante, diz-lhe:

—Lá estão os caixeiros, não precisam de você para abrir a loja....Demais d'isso pela manhan pouco ou nada se vende; irás mais tarde.

Si é procurador, advogado &., que tenha de sahir cedo para encontrar-se com alguem, diz-lhe:

—Va de tarde, e vem a dar tudo no mesmo; diga-lhe que amanheceu encommodado, e que não pode sahir; ora é boa! maldito officio é este seu! pois é preciso que se esfalfe em andar?...

Si o marido vive dos rendimentos de seus bens, nada lhe diz; porem quando elle pergunta que horas são, contenta-se em abraçal-o, respondendo-lhe:

—E que temos nós com as horas? Quem nos apressa? Não estamos bem aqui?...

E augmenta estas razões com as mais ternas caricias.

O marido, bem se sabe que é de cêra, facilmente se convence; acha que sua mulher é dotada de uma eloquencia bastante persuasiva, e felicita-se de ter esposado uma Demosthenes! Em fim felicita-se de um poder de *cousas*.

Mas como o amor não basta para sustentar a nossa debil machina, e pelo contrario os prazeres de Cithera cavam consideravelmente o estomago, em breve o marido confessa que tem fome, e pretende levantar-se; porem sua mulher respondê-lhe, enlaçando-o com os braços:

—O almoço deve estar prompto; porem para que havemos de nos levantar? Almocemos na cama, será o melhor de tudo.

O marido á nada se pode oppor, porque suas palavras são suffocadas pelos beijos que lhe dá sua mulher.

Almoço pois na cama.

Ora, isso pode ser muito linda cousa, porem na verdade não é muito commodo; com tudo não importa, o amor tudo acha encantador!

Depois do almoço ainda se não levantam; ha um sem numero de cousas, que melhor se communicam deitados, do que levantados.

O almoço renova as forças do marido que sustenta a conversação de certa maneira *verdadeiramente admiravel*.

Finalmente levantam-se ao meio dia.

Vestem-se, praticando um sem numero de peçasinhas engraçadas, escondendo-se, fugindo, e dando beijos infinitos, e prolongados.

Chega a hora do jantar, sem terem feito mais do que rir, brincar, e correr um atraz do outro.

O marido admira-se de ja ser tão tarde, e de haver o dia decorrido tão rapidamente.

A mulher tem os olhos languidos—o que significa pouco mais ou menos a mesma cousa.

A mulher não cessa de olhar para quem tantos prazeres lhes causa.

Si o marido lhe pega na cintura, ou aperta-lhe as mãos, ou lhe comprime os joelhos, á tudo lhe responde a mulher com um sem numero de eguaes caricias, provocando-o á que continue com as mesmas gracinhas.

Ao jantar, o marido senta a espousa sobre os joelhos, bebem pelo mesmo copo, e comem no mesmo prato.

O saboroso carurú pareceria horrivel á mulher, si seu marido não houvesse provado tambem d'elle.

Oh! a mulher julgaria que, si seu marido um dia deixasse de fazer tudo isto, de praticar todas essas loucuras amorosas, não lhe seria possivel existir!

A' noite, se os noivos se decidem á ir ao theatro, nunca estão ate ao fim; e se vão a algum *soirée*, sempre é ella a mais apressada em voltar para casa! acena de longe ao marido; este debalde ou lhe faz comprehender que a civilidade pede que ainda se não retirem, ou lhe faz ver que está obrigado a acabar um recambò de voltarete; é força ceder; e ei-los á caminho para casa.

E si vão em sege, é raro chegarem á casa, sem que tenham encetado primeiro uma conversação:.....

Si compra um vestido, quer que o marido decida de que côr deve ser, e até de que molde ella o deve cortar!

Oh! si assim fosse sempre.....como seria encantador!

Mas...

(*Continúa*)

Á PEDIDO.

Pergunta-se ao muito digno Sr. Subdelegado dos Marcs, quando quererá propor inspectores para os quarteirões vagos do seu districto, os quaes se acham acephalos á tanto tempo, havendo quem ja taxe de premeditado capricho de S. S. tamanha delonga?

—Com que entendeu V., Sr. *Supre o anno* de cobrar da filha os favores que fez a mãe?

—Sustentei-a longo tempo n'uma cama.

—Mas a mulher não era de sua amisade?

—O que está velho deita-se fora; estava inutil e era preciso ver quem me desse a desforra do sacrificio que fazia.

—E para isso escolheu a pobre menina?

—Tubarão, quando não tem o que comer, come a seus filhos.

—V., é antes um abutre que se trepa nas *pe dreiras* a betar as rolinhas, que atravessam.

—Porem eu fui pouco exigente, andei sempre por *fora*.

—Si por fora V. fez tanta cousa, o que faria si se *mettesse dentro* de casa. Quanto mais que isso é historia, pois eu sei que V. tinha toda franqueza na casa e por isso é que exigiu qne a moça lhe pagasse.

Ora V. um logista de fazendas no *commercio*.....

—Na *praça*, tenho muito credito.

—...commettendo tal baixeza, é infamia requintada.

—Ninguem mette prego sem estopa.

—E agora acabou a sua inculcada beneficencia, não?

—Ando vendo outros ares, ontros climas.

—Eu quero lhe dar um companheiro, que é o muxingueiro·

—Dispenso a companhia.

—Segure a sua luneta, porque elle vae de vento em pôpa sobre V.

(*Continua.*)

VARIEDADES.

JOGADOR CONSCIENCIOSO.

Em um dos primeiros dias d'este mez foi preso em Paris um selleiro chamado Lidoir, por ser encontrado no mercado publico, ás duas horas da madrugada, de bengala na mão, mas sem trazer a parte do vestuario que as senhoras de boa educação não podem nomear, tiritando com frio e mostrando até certo ponto não ter tido intenção de offender a decencia.

A decencia impunha a Lidoir a obrigação de trazer umas calças vestidas, mas a honra forçou-o a despil-as, e por este facto teve de responder em policia correccional á accusação de ultrajo publico ao pudor.

Interrogado o accusado pelo presidente, explicou o caso de uma maneira engraçada.

Lidoir—Sr. juiz, toda a gente sabe que ninguem anda por gosto a passear de noute pelas ruas sem calças; quem o faz ou perdeu o juizo, ou tem motivos imperiosos para o fazer, e foi isso o que me aconteceu. Encontrei-me com Renard official do mesmo officio, que trabalhou comigo na mesma officina e a quem não via havia muito tempo. Fomos comer a uma casa de pasto, e beber uma pinga; bebemos primeira, segunda e terceira garrafa; um copo é bastante para me fazer andar a cabeça a roda, Depois de jantar, Renard propoz que jogassemos apostando o café, perdi; jogamos apostando o licôr, perdi tambem; apostamos depois genebra, charutos...

Presidente—Não preciso saber o que apostou.

Lidoir—E' para chegar á historia das calças: Eu perdia sempre, e por isso disse a Renard. «Não jogo mais, vou deitar-me.»—«Aposto as calças,» respondeu o meu companheiro; e tanto instou comigo que eu accedi, declarando que se ganhasse o meu parceiro havia de ir para casa a fresca; perdi: paguei religiosamente o que devia. Tudo isto foi uma chalaça, porque estavamos ambos muito embriagados Peço a indulgencia do tribunal, attendendo a grande constipação que apanhei, e a poder-me ter levado a breca.

O tribunal, tendo attenção ao bom comportamento do accusado, e a não se provar a intenção de commetter um ultrage ao pudor, absolveu este modelo dos devedores do dividas de jogo.

Tratando-se do casamento de certo rapaz, diz um dos assistentes:

—Eis ahi mais um que vae atar uma predra ao pescoço.

—Oh! senhor! è pouco delicado o que dizeis, accudiu uma senhora.

—Perdão, minha senhora, ha pedra e pedra; neste momento trato de pedra preciosa.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Por deliberação do conselho, em sesão de 15 de julho, convido a todos os senhores socios á reunirem-se, no domingo 19 do corrente, em assembléa geral, afim de discutirem o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas, do trimestre findo em 30 de abril do anno corrente. Bahia 16 de julho de 1868. —*Aristides Ricardo*, 1.º secretario.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 39.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 21 DE JULHO DE 1868. N.º 387.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, invocando sua attenção para o seguinte:

Existia nesta cidade uma mulher de nome Maria Luiza da Paixão, a qual morava na casa n.º 13 á ladeira da Palma. Em principios deste anno, ou fins do passado, deliberou ella ir negaciar pelo centro, em companhia de um africano a quem tomou por guia e seguio pela Feira de Santa Anna acima, munida de miudezas, fazendas, trastes de ouro e outros objectos.

Essa mulher desappareceu mysteriosamente e corre agora que fôra assassinada e enterrada no pasto e que o africano sumira-se com o que era della.

Para acclarar semelhante negocio, sirva-se S. S. de mandar ir á sua presença o africano de nação gêge Manuel, habitante da referida casa n.º 13, á ladeira da Palma, e *malungo* do conductor da assassinada, o qual está ao facto de todo esse tenebroso trama, como tem revelado a algumas pessoas.

—Todas as noites quando passo por aqui doe-me até o coração o ver esta pobre mulher dormindo na soleira desta casa, exposta a chuva e ao vento!

—Parece que a coitadinha tem devoção de vir todas as noites para este lugar; de dia desapparece.

—Eu ja quiz deixar de passar aqui pelo becco dos Perdões para não vel-a.

—E tanta farofia que tem se feito á respeito de casa de asylo para a pobreza.

—Asylado anda o dinheiro no bolso de meia duzia de sujeitos que eu sei cá.

—Os conservadores não cabem em si de contentes! Andam inchados que parecem uns bois.

—E andavam todos os dias aqui a apregoar que não queriam o poder!

—Mas não eu que os acreditasse; sempre lembrava-me da fabula da raposa com as uvas.

—Hontem muitos deitaram illuminação com a noticia da ascenção do partido conservador.

—Que bobagé!

—E para presidente da Bahia, ja nomeiam alguns dez individuos.

—Depois que se frigir os ovos é que eu hei de ver a qualidade da manteiga.

—As casas de mocotó que tinham desapparecido da freguezia da Sé, estão de novo em vigor e vão produzindo seus effeitos.

—No sabbado á noite accordei sobresaltado com uma formidavel tribusana em uma destas casas que ha na minha visinhança.

—E hontem n'uma destas bibocas Atraz da Sé as creoulas Eva e Agostinha entretiveram, em pleno dia, um tiroteio de garrafadas ac-

companhadas de um montão de obscenidades e doestos injuriosos.

—A policia bem as vê; si entendesse que havia inconveniencia nellas, já as tinha chamado á ordem.

—Como se provoca!

—O que é?

—Pois não ouviu? O mestre dos barbeiros da Chapada basofiando que está preparado para dar e tomar?

—Isso é porque a musica de artilharia está presente.

—Em outro logar, onde a policia soubesse cumprir seu dever, elle seria immediatamente revistado, porque acabou de alardear que estava armado.

—Si hão de tocar pacificamente na procissão de Nossa Senhora do Carmo, para que vieram, estão fomentando conflictos.

—Si, elles andam com as manguinhas soltas. Fiam-se na fama da senhora ser rica,

---

—O theatro fica nú e o Amat sahe vestido.

—O que quer dizer na sua?

—Que o Sr. Azambuja entendeu que devia fazer doação ao feliz emprezario de tudo quanto era do theatro: deu-lhe guarda roupa, vistas, mobilia etc.

—Isso não é mais protecção, é escandalo.

—Avisinhando-se de malvadez.

Si vier uma companhia e quizer representar não pode; porque as vistas vão para Pernambuco e fica o publico assim privado de distrahir-se.

—Cada vez me convenço mais de que os rabos de saia tem poder para muita cousa!

—Então saiba de mais.

—Para que o Amat podesse receber a subvenção, o presidente mandou incluir no numero de recitas que elle tinha obrigação de dar, os beneficios dos cantores e o expetaculo em favor das viuvas dos voluntarios afim de completar as 25 representações.

—Isso é transpor todos os limites da decencia.

—O mais cynico esbanjamento.

—Por isso José Amat tem toda razão de cassuar com este povo abasbacado: peças mutiladas, companhia pessima e venga la plata que somos mortales.

—Os marinheiros da fragata ingleza andam fazendo o diabo.

—Com essa gente toda contemplação: eu inda me lembro de um chefe de policia que recommendou a certo cidadão, cuja casa tinha sido invadida por marinheiros americanos, que desse queixa moderada, e o resultado foi ir elle para a Correção por não querer se submetter a isso.

—Hontem 19 encommodaram até ao Sr. Dr. chefe de policia: no Caes Dourados houve moscas por cordas e mosquitos por arame; sahiu uma força consideravel do quartel de policia para accomodal-os, mas creio que chegou um pouco tarde porque, já tinham se dado facadas e cabeças quebradas.

—Por causa de uma gallinha ia se dando morte!

—Quando foi isso?

—Hontem no Castro Neves.

—Que loucura!

—Uma gallinha de Liberato José Vieira dos Santos, morador á rua do Soccorro, foi beliscar os pepinos de Henriques de tal, ourives, em seu quintal: este matou a gallinha; Liberato doeu-se; as cousas azedaram-se ao ponto de Henriques sahir com uma bayoneta enfiada n'um pau e querer arpoar seu contendor.

—Ha gente que paga para brigar!

—Assim mesmo fez-lhe dois ferimentos.

—E o resultado?

—Depois de accommodado foi para casa muito fresco.

—Está direito! Esta terra vae ás mil maravilhas!

—Foi ao espectaculo na sexta-feira e no sabbado?

—Fui.

—Dizem que patearam a Casa-Nova?

—Deixe-me, meu amigo aquillo esteve um inferno.

—Conte-me o que houve.

—Deram, na sexta-feira, um bilhete de platéa ao *Passarinho* e a mais um sugeito velho que encontraram em companhia delle, para patearem a Casa-Nova. Ao chegar ella em scena o *Passarinho* bradou: « *Parda lavada, viva a parda lavada, sempre lavada e viva o cagacebinho tambem.*»

Estas palavras do *Passarinho*, em estado de embriaguez, causaram nojo á quem foi alli assistir o Trovador; mas provocaram o riso e gargalhada áquelles apologistas das pateadas no theatro e aos mandatarios, por que achavam graça no que dizia um *chanfornado* mandado para alli por elles.

Admira-se porem que estivessem envolvidos n'isso certos moços, dando assim má ideia da educação que receberam de seus paes.

—EV. sabe os nomes desses moços authoros da pateada?

—De alguns.

—Então diga-me para ver se os conheço.

—Ouça.

—Sou todo ouvido.

—Koch, Moura, o Lobo francez, sobrinho do Lacerda, Aguiar, Villarinho, Morissoca, Godinho, Barros, o filho de um judeu, o qual vive quasi sempre em orgia etc., etc.

O *Passarinho*, felizmente, no terceiro acto não appareceu mais; não porque a policia lançasse mão de meios para retiral-o da platéa por estar pertubando a ordem publica; mas porque o Sr. França Guerra conseguiu arredal-o dalli.

O *Passarinho* chegou a patear até o tenor e ouviu-se na occasião um moço, que a modestia faz-me não declarar o seu nome, fazer-lhe signal para que não o pateasse e só sim a Casa-Nova.

Ainda isso não é admiração!

Admiração é de uma moça que estava em uma das frizas á esquerda, e uma moça de familia, insinuando á uns moços que occupavam a frisa visinha em que estava ella, para continuarem na pateada; admiração é do *Lobo francez* que não foi ao batalhão dos caixeiros, por que nelle foram muitos negros, estar no theatro fazendo o papel que o mais infame moleque era incapaz de o fazer!

Ao sahirem estes moços do theatro foram cantando:

« *Ocú baba*
« *Ocú jaré,*
« *A Casa-Nova*
« *Virou chebé.* »

—Isto depõe muito de nossa civilisação perante o estrangeiro.

—No sabbado a cousa esteve peior, a ponto da Sra. Casa-Nova chegar a chorar e soluçar em scena, porque jogaram dinheiro de cobre e um boquet com uma vela de carnaúba dentro.

E por que se hade assim injuriar á uma fraca senhora?

Si é uma cantora má, que maior desprezo do que levantarem-se os que não gostarem, deitarem o seu chapeu na cabeça e retirarem-se?

—Eu não digo que não deem pateada; mas em quem se deve dar?

No emprezario que recebe a subvenção da provincia e traz uma cantora pessima, que se não pode ouvir, e não na mulher que procura em meio honroso de vida; no emprezario que, além de ter obtido tudo o que quiz do Sr. Azambuja, obteve mais delle o consenso de levar para Pernambuco as vistas e vestiario pertencentes ao nosso theatro, deixando somente ahi o edificio, porque não o pode levar, se não teria licença ampla da presidencia para o fazer.

Ahi está, quem no caso de patear-se, deve ser pateado, e não a artista que procura a vida honradamente,

—E que culpa tem ella si lhe procuraram para ganhar dinheiro? Nenhuma.

Contaram-me mais que a Sra. Casa-Nova, quando sahiu do theatro com seu marido para o hotel em que se acham hospedados, o tal Barros e o filho do judeu acompanharam-a para patearem; mas o marido quando entrou no hotel e que os sugeitos entraram atraz, elle ja os conhecendo, esmurrou-os, aproveitando a Sra. Casa-Nova o ensejo, deu com a mão na cara do tal Barros.

—Lá isso não garanto a exactidão.

—Mas á ser exacto, era o que elles queriam, apanhar da mão de um estrangeiro!

E o que fez á policia vendo tudo isso.

—Olhou, como sempre, impassivel!

—E viva a patria e morram os patifes! Policia so na Bahia!

Á PEDIDO.

—Le-se no *Sentinella Invisivel*:

«Protestamos desde ja contra qualquer violencia praticada na pessoa do nosso amigo, Dr João Luiz Soares Martins, *visto como os seus inimigos figadaes, nos escuros subterraneos, PREPARAM novos artificios afim de extinguir-lhe a existencia.*»

—Em nome da moralidade publica e da segurança individual, conjuramos e pedimos ao Sr. Dr. chefe de policia para que chamando á sua presença o redactor do *Sentinella* o interrogue sobre quem são os que premeditam contra a vida do Dr. Soares Martins.

Não vivemos n'um paiz de feras; e portanto não deve a vida do cidadão estar a mercê do rancor de seus inimigos, que por qualquer motivo entendam que deve entregar-lhe a existencia ao punhal do assassino.

O *Sentinella* que afirma é porque sabe, e S. S. como magistrado fiel ao comprimento de seus deveres tem restricta obrigação de tomar providencias afim de prevenir o mal, que será depois obrigado a punir.

Isto espera-se.

Chama-se attenção do muito digno Sr. Dr. chefe de policia para um covil á Estrada Nova, fundos da rua dos Capitães, onde se reune a peior classe de gente e onde os escravos, esquecendo a obrigação de seus senhores, vão entregar-se ao vicio do jogo.

Nessa spelunca de que é dono um creoulo, de nome Pedro, ha a toda hora desordem e a noite o socego publico é despertado pelas algazarras e gritos indecorosos.

S. S., acabando com semelhante quilombo, não só faz um serviço á moralidade publica, como previne um delicto que a cada hora pode alli dar-se, resultado das continuadas alterações e turbulencias que reinam em semelhante furna.

—Maxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Vae ao Caes do Ouro e traze a minha presença aquelle gallego que ainda não ha um mez, esteve a bordo deste navio ajustando contas ácerca da prisão do Cheu, pois que não se tendo emendado de suas costumadas tratantadas, illudindo seus honrados amos e compromettendo os pobres guardas aduaneiros, etc., etc., continúa agora na mamadeira de contractar homens livres, para os diversos trabalhos da casa, á 2$000; dando conta no escriptorio como contractados á 3$000, conforme é de costume a casa pagar os contractados escravos.

—Vou já e já.

.....

Prompto, capitão, aqui apresento o melro.

—Oh! Garçaia, pois ainda tem animo de se me apresentar?

—Não, capitão, fui obrigado a isso pelo muxingueiro que aqui me trouxe a força.

—Ora me explique la essa pepineira, em que a boa-fé de seus amos é illudida. Como é que V. contracta os escravos a 3$000 rs. e os livres a 2$000 rs., dando comtudo a conta de 3$000 rs., usurpando assim de cada homem 1$000 rs.?

—Ah! capitão.

—Não é nada; é uma melgueira que lhe escorrega todos os dias para o bolso de seis a oito bodes.

—Pelo amor de Deus, capitão, não me deite a perder, pois si os amos souberem disto, põem-me no andar da rua, embora eu falle a lingua dos biffes.

—Ah! fiado nisto é que costuma fazer das suas? pois olhe, a primeira vez que me constar que continua nessas tranquibernias, mandarei o muxingueiro esfregar-lhe o costado, e trancafial-o no porão debaixo de ferros a vêr se toma geito.

VARIEDADES.

UM BOM LOGRO.

Dous individuos apresentaram-se na policia de Marylebone pedindo um conselho ao chefe.

Elles tinham-se apeado na vespera, em Paddington, em uma estalagem e emquanto sentados junto a lareira aquentavam fogo, um americano entrou na sala e pediu uma ceia.

Os dous inglezes deram logar, afim de que o *yankee* podesse tambem se aquentar. Em breve a conversação entabolou-se entre os tres viajantes.

Ainda bem o estrangeiro não tinha acabado de declarar a sua nacionalidade, ja os dous inglezes rogavam que lhes pregasse uma boa peça de *yankee* —uma *yankee tric*—como lá dizem.

O americano escuzou-se com toda a modestia.

No entanto os inglezes que queriam rir a custa do recem-chegado, supplicaram-lhe com instancia que desse uma prova de genio inventivo de um *yankee*, apostando cinco libras esterlinas, que de seu lado, no dia seguinte de manhan, lhe haviam pregar tambem um bom logro á ingleza.

—N'este caso; exclama o americano instigado, acceito.

Após innumeraveis libações, foram os nossos homens deitar-se em uma das salas da hospedaria.

Pela madrugada levanta-se o *yankee* mui sorrateiramente, apodera-se da roupa, das bolsas e dos relogios, etc., sem que para isso tivesse nenhum direito de propriedade, e se afasta rapidamente desses logares.

Nunca mais os inglezes pozeram a vista em cima do que lhes pertencia, e assim se explica o motivo de virem pedir um conselho á policia do Marylebone.

O que havia de fazer? O magistrado diz aos inglezes que procurem o *yankee* e o conduzam a sua presença, promettendo-lhes castigal-o com toda a severidade da lei.

—Demais senhores, accressenta elle, de que se queixam? Não foram os proprios a insistir em um logro de *yankee*? Parece-me que devem estar satisfeitos!

FIDES, SPES. CARITAS.

Appresentando-se certo examinador de latim na sala para fazer acto, um dos lentes, que o reconhecia, e a quem aquelle, durante o anno lectivo, dera provas de pouca força nas mollas intellectuaes, disse para o jury:

«Este senhor bastará, que nos traduza aquelles letreiros» e apontou para os quadros que haviam na parede da sala, representando tres figuras a meio corpo allegoricas: fé, esperança e caridade.

Depois de uma pequena pausa o *novel Minerva* começou assim a sua traducção—*scilicet pictor* o pintor *fides* fez *caritas* aquellas carinhas *spes* sem pes!!»

Escusado é dizer, que tres grandes raposas justiçaram, como deviam, este assassino litterario.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. — Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. — Serie 39.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 23 DE JULHO DE 1868. — N.º 388.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de julho de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, reclamando a confecção de uma postura, que prohiba aos habitantes desta cidade o despejarem lixo nas ruas, sendo todos obrigados a depositál-o em cestos ou caixões, de sorte que, quando os carroceiros passem, os vão apanhando, afim de evitar que, nos dias em que não haja varredor em uma rua, não fique ella reduzida a verdadeiro estado de montureira.

Espera-se que a Illma. acolherá semelhante reclamação em vista da utilidade que della resulta.

—Ao Illmo. Sr. inspector da illuminação publica, solicitando providencias que façam com que o accendedor dos Mares seja mais zeloso no cumprimento de suas obrigações, não so sendo pontual nas horas de accender e apagar os lampeões, como limpando os enfumaçados vidros dos mesmos que se acham denegridos. Espera-se que S. S. attenda a tão diminuta reclamação e dê as providencias sollicitadas.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que va ao sobrado n.º 16, ladeira do Aljube, a dobrar para Atraz da Se, e admoeste o morador para que cohiba seus famulos e filhos de estarem a toda hora dando banhos *curinatorios* nos pobres transeuntes. Cumpra.

—Os Srs. typographos commetteram uma falta gravissima no numero passado.

—Qual foi?

—No officio dirigido ao Sr. Dr. chefe de policia alteraram o n.º da casa em que morou Maria Luiza da Paixão, que é 16 e não 13.

—E logo em dous logares!

—Communique-se portanto esta falta, afim de que não hajam enganos.

—Deixe estar que si a policia quizer, não é isso que lhe servirá de embaraço.

—Não ha gente na policia, dizem.

—E de facto.

—Mas eu vejo todos os dias cinco a seis policiaes encarapitados no palanque do Terreiro de pernas crusadas.

—Estão guardando a coroa imperial, talvez.

—Bem bello! De maneira que em quanto o Sr. Carrascosa entender, vae a provincia pagando a seis homens para guardar o seu canudo e madeiras!

—Alem do mais que se soffre, ainda um homem arriscado a ser pisado por uma caterva de meninos vadios, que vão todas as manhans lavar cavallos e descem pela ladeira da Gameleira como desesperados a espanear os cavallos!

—E os fiscaes porque não cumprem a postura que prohibe andar animaes soltos pelas ruas?

—E a policia porque não dá destino a aquella malta de vadios ja que seus paes não tem educação para dar-lhes?

—Ora eu pergunto uma cousa e V. sahe-se com outra!

PHYSIOLOGIA DA MULHER CASADA.

PELO DR. * * *

(Continuação do n.º 383.)

II.

A mulher depois dos primeiros mezes do casamento.

OU

A lua de fel.

A senhora que tanto gostava de ficar na cama até bem tarde, é a primeira que cuida em levantar-se mais cedo; passa a esquecer-se ás mesmas horas em que se levantava antes de ser casada; e acaba por esquecer-se mais cedo do que quando era solteira; emfim madruga ja a pé.

Agora é o marido quem procura retel-a na cama, enlaçando-a entre seus braços, e repetindo quantas caricias sabe fazer; porém a nossa mulher se liberta delle dizendo:

—E' preciso dar ordens ao almoço; antes de levantar-me, os criados nada fazem; Você bem sabe que uma dona de casa deve dar o exemplo aos criados de se levantar cedo; do contrario deixam-se ficar tambem deitados, etc., etc.

Ou então:

—E a sua repartição?... Nada, nada; não quero, que Você vá tarde, depois do ponto e que informem mal deVocê ao chefe;e que para o futuro semelhantes faltas lhe prejudiquem! E si for demittido?... Nada, meu amigo, não quero que Você depois queixe-se de mim!

Ou por outra:

—Você mesmo não diz, que os caxeiros não fazem nada antes de Você chegar?... Que o comerciante deve ser madrugador?... Não quero que por minha causa Você deixe de ir cêdo—vou mandar dar preça ao almoço.

Ou então:

—Deixe-me!... Olhe que são horas de levantar-se!... Não se lembra que me disse, que hoje tinha um negocio importante á tractar muito cedo? Pois já são 6 horas, e vou levantar-me para lhe apromptar a roupa.

—Porém, diz o marido, o meu negocio é para as 8 horas, e ainda temos tempo de almoçar. Si Você quizesse, podia-se mandar trazer o almoço aqui na cama... não é muita demora...

—Ora, ora, ora... deixe-se disto! Almoçar na cama!... não ha cousa mais incommoda!... entorna-se o café, perde-se a colher, não se acham as fatias!... E de mais, não é bonito chamar a criada aqui no quarto, Você deitado ainda; nem parece bem, que ella veja estas tolices!

Nada, não ha cousa melhor do que comer á vontade n'uma mesa!

O marido que se recorda do tempo passado, em que ella se prestava á todas essas cousas á que chama tolices, e até mesmo era a primeira a promovel-as; diz-lhe:

—Porem Você n'outro tempo gostava de almoçar na cama comigo... Nunca disse que era mau...

A resposta da mulher é saltar da cama abaixo, respondendo-lhe com azedume—Ah! ja Você quer brigar?—Veste-se, e n'um fechar d'olhos já a ouve o marido ralhando com os criados, que então pagam o pezar, que lhe causou o marido com taes recordações!...

O marido não tem remedio senão levantar-se, vestir-se, almoçar, e sahir: isto tudo muito caladinho, porque bem a conhece, e vê que a menor palavra produziria o effeito de uma centelha n'um barril de polvora.

E quando o marido volta para casa, se da mulher se approxima rindo, brincando, e gracejando como durante os primeiros dias do seu casamento, a nossa mulher casada lhe responde amuada:

—Deixe-me socegada!... Já Você começa!... Estou muito occupada com esta costura, não tenho tempo de brincar!... Olhe, se me quer bem, deixe-me soccegada!

E si o marido agarra-o pela cintura, ou lhe aperta as mãos, e os joelhos, ou si a quer sentar ao collo na occasão de jantar, ou a convida a comer no mesmo prato, ou insta á que prove do que elle come, ou quer lhe dar algum bocado, responde-lhe a mulher bruscamente:

—Acaba, ou não com essas tolices!... não vê os criados!...é muito bom exemplo de immoralidade que V lhes dá!—oh! é muito bonito!....

Ou então:

—Nunca vi meu pae fazer estas asneiras adiante dos criados!.... aquillo é que é homem! ..como aquelle ha bem poucos!...

Chega o carcamano com o panacum de fazendas, vae a mulher escolher um ou dous vestidos. Si o marido prefere o verde, ella compra o amarello; não acha graça alguma na côr verde.

Si faz um vestido, e o marido lhe pede que faça de mangas cumpridas...ou curtas... ou de babados, que ella gosta muito &...

Misericordia!—responde-lhe logo enraivecida:

—Ora esta!...Os homens não se devem metter no vestir das senhoras!...V. não entende de usos!...Hei de fazer como se está usando; pois não devo andar carrança, so para andar á seu gosto!...

Pois si o marido tem a infelicidade de se intrometter nas anaguas, nas gommas, e escadinhas de Jacob!...—Deus o acuda!

Si o marido é prudente, ou está de maré, vira de bordo, vae ler o *Alabama*, e decifrar charadas.

Porem se não é paxorrento, ou está de candeias viradas, eil-os pegados!... dize tu, direi eu...desenterram-se os mortos, enterram-se os vivos...vem á leilão ate os bisavós e tudo isto, por causa das gommas das anaguas da mulher!...

Si vão á algum *soirée* á noite, a mulher so se serve do marido para la chegar; porque depois que chega, eil-a agradavel para todos excepto para seu marido, á quem ella appellida seu mau anjo, se o vê aproximar-se!

Si dança, nunca será com elle, está sabido que é mau genero; alem de que, diz ella não é proprio da *civilisação*, nem do *bom tom* uma mulher dançar com seu marido!...

Diverte-se pois como pode, sem nem mesmo lembrar-se do marido, nem de que é casada!

Si o marido aproxima-se depois das duas horas da noite, e com voz meiga lhe diz—Minha querida, então não são horas de nos retirar-mos?

Responde-lhe:

—Oh! ja!... tão cedo?

—São mais de 2 horas!

—Ainda tenho duas contradanças promettidas: uma ao Dr. F., e a outra ao Sr. capitão E,—logo que acabe partiremos.

O marido nada lhe responde; mesmo porque o Sr. Dr. F., e o Sr. capitão E. estão a vista e não quer passar por grosseiro.

Porem attento observa o fim das taes duas contradanças e volta:

—Então? olha que é tarde...vem?

—Não me lembrava que tinha promettido a duodecima quadrilha ao Sr. guarda marinha, e, eil-o que ind'a vem exigir.—Mas vá jogar um pouco, em quanto acabo.

O nosso marido que ha de dizer-lhe?

Dansa pois a mulher a duodecima quadrilha com o Sr. guarda marinha, e quando o marido torna a carga, lembra-se ella de que não tomou chá, e como n'esse momento apparecem bandejas com chocolate, pede-lhe ainda cinco minutos, findo o que não tem ella remedio; e depois de um sem numero de beijos e abraços nas amigas velhas, e nas novas, dá o braço ao marido, dizendo entre dentes:

—Que aborrecimento, não poder a gente satisfazer a sua vontade! ter sempre impecilhos junto de si!... que nos obrigam á retirar quando estamos no melhor do gosto!... Não ha nada como a gente ser livre...Veja si D. F...ja foi para casa!... Ai, ai!...agora é chorar na cama, que é logar quente.

O marido atura toda esta aluviaão de parvoices...que poderá elle fazer?... Si com effeito, ella disse muito bem—Agora é chorar na cama que é logar quente?...

Ora com effeito a mudança é grande! Porem as loucuras que assignalaram a lua de mel poderiam durar sempre?...

Não, sem duvida.

E entretanto, todas as mulheres as praticarão, e por fim se enfastiarão.

(Continúa)

Á PEDIDO.

—Capitão, cheguei eu.

—Que novidades traz?

—Façanhas do Padre Quiabo Duro.

—Isso nada adianta. Aquella alma de porco ha de emendar-se quando o diabo a levar.

—Ouça sempre, capitão.

—Pois va la.

—Fallecendo Avelinda Maria da *Fecundação* e tendo de sepultar-se na capella de *Nossa Senhora dos Degraus*, foi uma pessoa pagar os direitos do enterro e chamar o reverendo para vir prestar os ultimos actos.

Quando o portador bateu a porta, appareceu uma mulher zanaga, feia como uma *boicininga* á bradar furiosa—sinhô padre não está.

—A manceba do vigario, sem duvida.

—O rapaz que conhece as manhas da besta e que sabe que por dinheiro elle é capaz de andar de quatro pés, gritou de fora—venho trazer uns cobres para elle.

A essas magneticas palavras o bom do azapreta apresentou-se enfiado n'umas celouras que tinham dous dedos de cerol e recebeu onze mil e tantos reis.

Voltou o portador descansado e poz a esperar pelo Sr. vigario para sepultar-se o corpo. Esperou-se todo dia e nada; n'outro dia volta o portador a reclamar, e o padre respondeu que a constituição synodal lhe concedia oito dias para encommendação, e missa de corpo presente, oito dias estes que ate hoje ainda não findaram.

—Ate hontem; porque hoje ainda elle pode resolver-se a ir.

—Depois de quase tres mezes?

—O que tem isso? Elle é capaz de mais.

—Não creia, os donos do enterro é que fi-

caram caloteados e a defunta sem encommendação.

—Tambem não eram as rezas delle que a fariam ir para o ceu.

BOLETIM.

Hontem 19, com a noticia da queda do partido progressista, desenvolveu-se nesta cidade uma terrivel epidemia que poz ás portas da morte os liberaes do *venha a nos*.

Os notaveis dessa facção foram os mais atacados da doença e acham-se prostados na cama.

Os mais conscienciosos, *que são os que mais bens nos tem feito*, reconhecendo-se em estado desesperado, mandaram a toda pressa chamar tabeliães para lavrarem seus testamentos em que alem de outras fazem as seguintes declarações finaes—*que os historicos são os maiores papalvos desta terra e apenas servem para ponte ou canôas de passagem; e que ainda ha taes que sonham uma outra liga com os conservadores, de modo que liberal historico ou genuino só serve para liga ou solda!*

Hoje 20, os que poderam deixar o leito, mal podem se aguentar nas pernas, que cambaleam.

Os rostos estão lividos que parecem desertores de catacumbas.

Os chefes e empregados, sectarios do defunto partido, obrigados pelo instincto de propria conservação, a comparecer nas repartições, apresentam um aspecto lugubre e semelham padecentes no oratorio. Todavia alguns mais animosos fingem-se alegres, e avistando se com os conservadores, exclamam—*então subiu a nossa gente, heim?*

Que cynicos! (*Continua.*)

—Charo Sr.....

—*Doutor,* accrescente.

—Não se arrufe; doutores ha em qualquer canto; até pelas camarinhas.

—Não tire o que não pode dar.

—Ora, meu *Zeca,* deixa essas fumaças de gallo de campina, que não passas de um *pinto* gouguento.

—Ainda mais essa!

—O *Silveira* que te diga.

—Vinha te pedir uma explicação sobre o melhor systema de queimar caieiras, no que me dizem que és insigne, mas te acho tão inflammado...

—Estou hoje com a cabeça *muito pesada.*

—E' o teu estado habitual. O Benjamin que o atteste.

—Aquelle maldito Benjamin!

—Boas peças tem te pregado.

—E' um infractor do decalogo.

—No *nono* preceito, não ha outro.

—E que mau costume tem o cujo!

—O peior que lhe conheço é ceder a *authoria* de suas obras a outrem.

—Por isso mesmo *perde o feitio.*

—Mas augmenta a raça dos *veados.*

—A conversa não vae toando.

—Pois mudemos de assumpto.

Dize-me arremataste, essa casaca no espolio do finado Pedro Maxixe?

—O Sr. veio para apouquentar-me? A casaca é da minha formatura que ainda conservo.

—Estaes tão amuado hoje que não vale a pena conversar-se. Deixemos para outro dia.

—E eu vou d strahir-me em *Pirojá.*

VERSOS

feitos por um tabareu e offerecidos a Manuel do Chué, natural de Selerós, perto de Braga.

Si eu tivesse dinheiro,
Quanto tenho de presumpção,
Deitaria Sinhasinha
Na casa de correcção.

E *Sinhasinha Sufrita*
So dá para carniceiro,
E o *borra* na panella
Só dará para arengueiro.

O *Manuel* do Chué
Tem muita presumpção
E o *Joaquim* de *neves*
Não é mais que um cag...

E do *Silva* tambem fallo
Como grande arengueiro;
E a serventia delle
Só será para embusteiro.

Todo arengueiro é covarde
Rasteiro qual caracol,
E um biltre dessa ordem
Sempre leva no *paiol.*

O arengueiro depois de ter feito
E armado o alçapão,
Vae receber a recompensa
Que lhe mettem na mão.

O inimigo dos mexiriqueiros em casa de ferros.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Como não comparecesse, no dia 19 de julho, numero sufficiente de Srs. socios para poder funccionar a assembléa geral, de novo convido-os a reunirem-se, no domingo 26 do corrente, ás 11 horas do dia, afim de discutirem o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas, do trimestre findo em 30 de abril do anno corrente. Bahia 22 de julho de 1868.—*A. Ricardo,* 1.° secretario.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 39.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 25 DE JULHO DE 1868. N.º 389.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que, ha 17 dias, acha-se despoticamente aferrolhado nas cadeias de Itaparica José Valerio, morador no Jaburú, sem que tenha consciencia do motivo porque o subdelegado desse districto o mandou encarcerar; e como tamanha arbitrariedade, além de ser um acto attentatorio da liberdade individual, é um excessive abuso do poder, espera-se que S. S., tomando em consideração o exposto, se digne fazer com que a authoridade alludida seja mais respeitadora da lei.

—Forte caiporismo persegue o Sr. Azambuja!

Basta S. Ex. fazer cabeça n'uma cousa para logo virar azar.

—E V. que não pode estar com a lingoa socegada entre os dentes!

—Por duas vezes o bom do homem nomeou commissões para festejar o acabamento da guerra, mandou deitar arandelas em palacio, e o ovo da gallinha sahiu goro.

Agora põe os armadores n'uma dubadoura para armarem o palacio, manda encommendar bolinholos e fiambres, combina com seu camarada Amat para demorar-se á espera dos principes e nada de principes até hoje!

—Os pobres guardas nacionaes é que tem se amollado; ha mais de oito dias de promptidão nos quarteis, carregando o peso de uma camtiplora na cabeça!

—Arre, com tanto calistismo!

—O cabo *Chibata* ainda bem não acabou uma, ja se mettendo n'outra!

—Ja fez outro barulho?

—La anda pela Saude a espancar tudo quanto é negro e moleque que pode pilhar.

—Não dizem que está preso?

—Não sei; la o vi a dar chibatadas a torto e direito.

—Tambam elle não tem culpa; si não o authorisassem, elle não commetteria taes imprudencias.

—Capitão, consta-me que o presidente dirigira ao administrador do theatro um officio neste termos:

. . . . . .

«Entregue V. S. ao Sr. José Amat, empresario da companhia lyrica, todos os objectos que elle quizer levar para Pernambuco, pertencentes a esse theatro, assignando o dito Amat um termo, no qual se responsabelise a entregal-os quando finalisar o seu contracto com esta provincia.»

. . . . . .

—Muito bem! Em vista das ordens da presidencia, o Sr. Amat pode levar até o administrador do theatro á titulo de objecto.

—Disseram-me que o administrador foi a

presidencia e fez-lhe algumas observações, tendo em resposta do Sr. Azambuja, que não admittia observação alguma.

—Ouvi tambem dizer, não sei si é exato, que o Sr. Amat recebeu da thezouraria provincial, hontem 23, dez contos de reis por conta da subvenção das representações que tem de dar em 1869.

—E não deu garantia alguma?

—A garantia é o patronato.

—Bravo! Suppónha que o Sr. Amat chega em Pernambuco, entende ir para Europa e não volta mais a Bahia, quem paga este dinheiro a provincia?

Supponha mais, porque todos os homens são mortaes, que o Sr. Amat morre, fica a provincia sem estes dez *conticulos*?

—Que duvida! E o theatro sem todas as vistas e vestiarios, quer pertencentes á elle, quer os deixados hypothecados pelo Sr. Mugnai.

—E agora si apparecer aqui alguma companhia que queira dar algumas representações, não pode porque o Sr. Amat levou tudo, deixando o theátro vasio.

—A Bahia nunca teve uma administração tão boa como esta do Sr. Azambuja!

—E pelo que torna-se digna dos *elogios* dos bahianos.

LA VAE VERSO.

CARAPUÇAS A' MODERNA.

Moça bonita e bem feita,
Que o rico vestido ageita
No corpo que tanto a enfeita
Para a janella chegar;
Procura algum pretendido,
Algum velho entorpecido,
Que do mundo arrependido
Queira com ella cazar!

Moça que somente canta
Fingindo rosto de santa,
E que tarde se alevanta
P'ra os cabellos pentear;
Não cuida nos affazeres,
Porque somente em prazeres
Tem fixado os seus poderes
E morrer por se casar!

A que no banco das tias
Tem assento e primasias,
E procura sympathias
Que a fazem atormentar;
Essa moça não é boa
Na verdade não me tôa,
Pois traz a cabeça atôa
Merece com um pau casar.

Moça que a muitos namora,
Finge que a todos adora
Porque se julga senhora
Dos que vive a escravisar;
Mas não se lembra a louquinha
Que a belleza se definha,
Quando p'ra velha caminha
E morre sem se casar!

A que namora estudantes
Varia a todos os instantes,
Porque sabe que os tonantes
Estão sempre a variar;
Ate que encontra por fim,
Algum que lhe dê o sim,
E que ella coitada assim
Com elle vem a casar

A que namora cadete,
Chama-o seu periquitete,
E faz d'elle o seu banquete
Para rir-se a escangalhar;
Porque sabe que o taful,
De sobre-casaca azul,
Levado por vento sul
Falla a todas p'ra casar.

Moça que namora a frade,
—Caro senhor não se enfade—
—Que desta vez acho grade
Desejo em «frade» fallar;
Chama-o «porco, fedorento»
Chama-o «feio, peolhento,»
Porque o «capote nojento»
O veda de se casar.

A que namora caixeiro,
Isto é caso verdadeiro,
Não julguem ser lisongeiro;
Que não pretendo enganar;
F' muito spirituosa
Do amante mui zelosa,
Ate chega a ser dolosa
Porque seu fim é casar.

A que namora logista
Julga ser d'elle bem-quista,
Faz logo comprida lista
De enxoval que hade comprar;
Diz as suas camaradas
Que ja estão convidadas
P'ra bôdas e pataeuadas,
Porque em breve hade casar.

A que adora ao hypocratico,
Vendo sempre andar sysmatico,
Deixa o costume selvatico
D'estar a namoricar;
Fique seria, altiva, e nobre
Soccorra ao enfermo, ao pobre,
E de outra sorte não obre
Si com elle quer casar.

A que adora ao bacharel

Vive em continuo aranzel,
Do ciume liba o fel
Pelo que tem a dsperar;
Faz promesa ao Santo Christo,
Reza-lhe a noite ao resisto,
Porque a muito não tem visto
Com quem deseja casar.

A que ama ao vondelhão,
—E' caso jocoso então!
De manhan pede-lhe pão
Para com o cafe tomar,
A' tarde pede rosquinha
E alguma bolaxiuha.
E pergunta a coitadinha
Quando havemos de casar?

A que namora ao poeta
Isto é que é moça pateta!
Da tolice toca a meta
E lograda hade ficar;
Porque o sujeito com juras
Com protestos e ternuras,
Faz tamanhas diabruras
Quo ella fica sem casar,

Si alguma por meus peccados
Sem carapuça ficou,
Annuncie no *Alabama*
Porque trabalhando estou.

Desde ja fique sabendo
Que o «Mister» carapuceiro,
Tem bom panno e corta bem,
Mas é preciso dinheiro.

Si encommendas não houverem
Para os homens talharei;
E protesto que p'ra elles
Muito melhor cozerei.

MOTTE.

GLOZADO ENTRE O PADRE GIBOIA, E DR. CARETA, E A JANINHA MUXIBA.

Um beijo no calcanhar.

P.e—*Ora pois, quero glosar, la vae a minha estejam promptos que é boa*

Encontrei com Guilhermina
Mulata de abarrotar,
Fui logo lhe pespegando
Um beijo no calcanhar.

Dr.—*Safa-se d'aqui Sr. padre tumbeiro, as negras de pote d'agoa não lhe querem quanto mais a Guilhermina, que anda entretida com o Dr. Vital; eu sim que esta noite fui convidadopara um carurú, e fiz a minha que repito, peço grade—*

Alvo collo de alabastro,
Grossa perna de manjar,
Dão desejos que se pregue
Um beijo no calcanhar.

A melhor, vou a outra—

As moças tomando banho
N'uma noite de luar,
Tem certos mimos que excitam
Um beijo no calcanhar.

A melhor—

Vi um frade franciscano
Babando quasi a chorar,
Pedindo a uma negra gêge
Um beijo no calcanhar.

Janin.—*Arre canalha, que desaforo sendo eu uma Sra. que todos dizem que é honrada, não me dão assumpto!! Silencio, que quero sahir com a minha—*

A creança chupa o peito
Sem aprender a mamar,
Eu dou tambem sem ter visto
Um beijo no calcanhar.

Outra mais—

Pepino com raspadura
E' bom para se engordar;
Cura dores de cabeça
Um beijo no calcanhar.

P.e—*Ora vejam que mulher estupida, diz que pepino faz engordar, quando pepino é coiza fria, que faz dor de madre e comixões; Sra. tarasca cale essa boca, que vou discorrer—*

Na caixa das raxaduras
Muitos foram se atollar,
E deram por pagamento
Um beijo no calcanhar.

Outra no mesmo assumpto—

Certa moça que eu conheço
So se occupa em namorar,
Em busca de quem lhe dê
Um beijo no calcanhar.

Dr.—*Sabem que mais vou-me embora, adeos, adeos, ate outra vez que nos divertiremos mais.*

(Extr.)

Á PEDIDO.

BOLETIM.

Julho 21.—Com a leitura da noticia da redacção do *Diario*, que se attribue á fonte *vasconcellina*, os conservadores, emproados como perús, abaixaram um pouco a crista, mas ainda *incham*—que o Itaborahy ha de executar a promessa aqui feita no jantar que lhe foi offerecido pelos *irmãos:* e quando não, far-se-ha retirar o Caxias.

Deste modo não se realisará o vaticinio do ex-presidente do conselho—*hei de cahir com o marquez.*

Desta feita será o marquez quem caia por si.

22.—A subida do cambio politico foi seguida de immediata e consideravel baixa.

A temperatura vae-librando-se, de sorte que a duvida alenta a anciedade dos partidos. O que menos ou nada espera é o *historico* que apenas é lembrado para *cataplasma* ou *ingredientes, correctivo* na pharmacopea politica.

A chegada dos principes é absorvida pela espera do vapor.

Começam os remoques no *Jornal*.

23.—Nada de vapor! Cresce a anciedade publica, mas a esperança permanece com a duvida.

Os curiosos agrupam-se nos desfiladeiros da montanha e nas rampas do theatro, da praça e do passeio publico. Assestam-se os binoculos para a barra, que em sua largura abrange as innumeras vistas que para la convergem.

Tambem é objecto de attenção o encantado pau da bandeira ao forte do mar, que com o menor signal fixa a curiosidade.

Os empregados publicos de quando em vez largam a penna, e exclamam, os mais timidos—*quem serão os nossos amos!* e os mais ousados—*quaes serão os nossos carreligionarios* (ja vedes que estes são os *franciscanos politicos*, para quem todo *mundo é seu,*)

O Jornal dá isca aos amigos de um ministro decahido da mesma forma que outr'ora aggredira a um presidente nomeado, a quem perguntara donde vinha &. &. Tres respostas a um tempo, a primeira é chistosa, as outras dando o cavaco reconhecem a ferida no jogo da espada *(Continua.)*

—A couza vae-se complicando.

—Do que falla?

—Dos negocios do Amat.

—Porque?

—Porque, logo que soube da queda do ministerio, tratou de suspender os expectaculos que estava dando, apezar de ter promettido demorar-se até a chegada dos principes.

—Não admira, porque os meninos da Candinha, dizem por ahi, que S. Ex., dissera a alguem, que sentia ja ter feito as encommendas dos doces, porque si assim não fosse, nada faria, para que os conservadores o fizessem.

Consta tambem, que o Sr. Theodoro Teixeira Gomes, depoistario das roupas do theatro, chamara o Amat á contas, despertado pela noticia que deu o *Alabama*.

—Fez muito bem; porque, alem de ser uma proteção escandaloza, é um requinte de malvadez.

—E que fará o governo?

—O que fará? Mandará, que o Amat, leve além da roupa e vistas, tudo mais quanto elle entender, até mesmo os tres *pianos* que o Mugnay tambem deixou.

—A proposito, o que é cito destes *pianos?*

—Eu sei cá; consta que so existe um.

—O caso é que o Amat, ja está com tudo prompto para se safar, logo que chegue qualquer vapor, para evitar que o presidente, que tome posse, o embarace na patota.

—O homem é finorio, mostra ter juizo.

—O que elle é..... só Deus o sabe.

—Refinado.....

—Elle não: quem lhe dá a teta, sim.....

—E' costume sempre que o governo faz contrato com emprezarios, quer dramaticos, quer liricos ser uma das primeiras condições o seguinte artigo — « Todo vestiario, vistas, ou qualquer outro objecto que fizer durante sua empreza, ficará pertencendo ao theatro e não terá direito algum a reclamação. »—Com o Amat, a cousa mudou de figura. Além do governo o ter poupado de gastar bom dinheiro com vestuario, prejudicando assim o theatro, alem de estragar a roupa que está depozitada do Mugnay, e o theatro nada ter lucrado com a empreza do Amat, ainda em cima faz-lhe prezente da roupa, peças de muzica, e das vistas do nosso theatro, a fim de privar os nossos artistas bahianos de poderem trabalhar.

—Homem, isto é de mais.....

(Continua.)

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Como não compareesse, no dia 19 de julho, numero sufficiente de Srs. socios para poder funccionar a assembléa geral, de novo convido-os a reunirem-se, no domingo 26 do corrente, ás 11 horas do dia, afim de discutirem o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas, do trimestre findo em 30 de abril do anno corrente. Bahia 22 de julho de 1868.—*A. Ricardo,* 1.º secretario.

O abaixo assignado gratifica com uma boa ..... recompensa, a quem descobrir um *interno* professor que tem a carta falsificada. Esta recompensa se receberá de uma senhora seduzida por este *honradissimo pardal*, da qual se constituia *protector*. *O Jacati.*

Typ. de Marques, Aristides e C.ª

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 39.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 28 DE JULHO DE 1868. N.º 390.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de julho de 1868.

Officio a Illma. camara municipal.—Propalando-se que, na obra que essa Illma. está fazendo, na casa do mercado de verduras, em Santa Barbara, são admittidos os escravos Cypriano, Salustiano e Lucas como mestres pedreiros e apontados com 1$280 rs. diarios, quando,ao muito, lhes poderia caber a classificação de aprendizes por serem completamente leigos no officio, sendo o ultimo ate inhabilitado por ser aleijado; accrescendo que se apresentam no serviço ás oito horas e meia, depois que acabam os afazeres de seus senhores; razão porque, nessa obra, que se podia fazer com pouco mais de 200$ reis, tem gasto a municipalidade perto de 500$ reis; sirva-se a Illma. de mandar examinar toda essa patotada e verificar em proveito de quem é ella feita.

—Está de posse da presidencia o Dr. Figueredo Rocha.

—Desde domingo á uma hora.

—Tive pena do Azambuja; estava com ar tão compadecido assim como quem deixava a cousa com pezar.

—O Daunerie viu-se abarbelado osses tres dias. Teve mais de mil e duzentas *casacas para virar*.

— lles se persuadem que, por virarem a casaca, o povo não lhes conhecem a *cor* do panno.

—Isso não adianta. Houve concurrencia?

—Nem por isso: a official somente.

—O povo comprehende que mudou apenas de amo.

—Veremos agora a cataplasma de beneficios que arrumam no estomago debilitado do paiz, essa gente que faz chover maná do ceu.

—Para sua gente.

—Lhe affianço que agora não ha parentes pobres.

—E que é preciso acalentar a muito menino chorão.

—Como é a gente ordeira, as cousas hão de se arranjar por maneiras.

—Eu so quero ver si elles continuam a approvar as demonstrações populares e si ainda promovem *meetings* nas praças de Pernambuco.

—Ora V. ainda come ingás!

—Quer saber que mais? mudemos de conversa que isso não nos interessa nada.

—Ha certas cousas que só se dando com o *pae do santo*.

—Venha manso, rapaz.

—Faz favor de me dizer o que significa este novo systema de tapar buraco pelas ruas?

—Ecconomias.

—Ora *sebo* para tal ecconomia de pagar-se a um homem para ir a esta ou aquella rua

arrancar uma pedra e metter outra, como eu tenho visto, e chamar-se a isto ecconomia!

—O resultado é fazer-se duas despezas.

—Esse pouco.

E a ladeira de S. Bento tambem está no caso de ser remendada? Uma rua que ha pedaços em que não tem uma pedra?

—Chama-se atamancar.

—E quando a parte atamancada estiver prompta, o outro lado está brocado.

—Olhe que V. é intolerante! Não quer que se dê a rapazeada algum osso a roer!

—No domingo á noite andou um grupo com musica á frente, a victoriar o partido conservador.

—Elles podem; tem dinheiro para gastar com musica.

—A musica foi de graça á mandado da presidencia.

—Pois o Sr. Figueiredo estreiou a vigario da roça?

—Como?

—Fazendo e baptisando..

—Nao entendo.

—Fornecendo musica para dár vivas a si mesmo?

—Ah, isso chama-se atirar o foguete e apanhar a flexa.

—Mais eu creio que é cassuada; acho o homem muito serio para essa leviandade.

—Ao menos dizem os muzicos que quando acabou o pagode receberam um agradecimento em nome de S. Ex.

—Olhe que V, é um bocorio.

—Assumiu hontem a chefatura da policia o Sr. Dr. Francisco Mendes da Costa Correia, juiz de direito da 1.° vara da capital.

—Ja sabia disso.

—O Sr. Dr. Rocha Vianna, durante o curto espaço de sua gerencia na policia, tornou-se digno de elogios pela intereza e dedicação com que procurou bem servir.

—E pela urbanidade e delicadeza com que tratava as partes que iam a sua secretaria.

—Seja portanto consignada uma felicitação ao Dr. Rocha Vianna.

—Va feito.

—Leu o *Jornal* de 23 do corrente.

—Li.

—Viu um artigo que vem debaixo do titulo —*publicações diveras*—dirigido ao Illm. Sr. Luiz Olimpio Telles de Menezes, tendente a negocios do spiritismo, assignado—*o tabareu*?

—Não.

—Pois tem um pedacinho engraçado.

—Lêa-o para eu ouvir.

—Ouça la:

«.....

«Tinha eu dez annos, quando deixou este mundo das incarnações minha mãe tão extremosa!.. Seu semblante, seus modos ficaram completamente gravados em a minha memoria. Aos trinta de minha edade recebi-me em matrimonio com uma senhora que contava apenas 16. N'esta senhora, meu bom amigo, o que mais captivou a minha estima, foram as apparencias que dava o seu semblante como o de minha carinhosa mãe. E o que agora, depois que me tenho instruido um pouco na doutrina spiritica, o que mais constrange a minha alma é que, reconhecendo que os seus carinhos, tudo retrata o mais fielmente possivel áquella que me deu o ser, tem-se-me encasquetado no juizo que o seu spirito reincarnara, e que eu, por cumulo de minhas infelicidades, acho-me hoje casado com minha propria mãe!

«.....»

—De maneira que o Luiz Olympio ha de responder, depois que a *medium* disser, si de facto elle está casado com a propria mãe que o pariu!

—Varro!

—Refiro-me ao tabareu. V. tambem toma tudo para si!

—*Xô bicho! Passe de largo!*

—Mudemos de conversa que V. hoje está para pilherias.

—Corre que foi nomeado delegado do 1.° districto policial o Dr. Pedro da Costa e Abreu em substituição ao Sr. José Alvares do Amaral.

—Dizem tambem que está demettido de subdelegado da Sé o Sr. Jovino Cesar da Silva, entrando em seu logar o Dr. Altino Rodrigues Pimenta.

—Os conservadores de Santo Antonio deitaram luminarias com estrellas vermelhas, tendo nos angulos de cada esphera o nome de um ministro.

—Como estão exaltados os rapezes!

LA VAE VERSO.

Soneto.

Metti-me a namorar, n'outra não caio!
Que o demonio cruel da namorada,
Deu na minha algibeira uma facada
Que os cobres me levou... quase desmaio!

Si me escondo, si fujo, e á rua saio,
O moleque me ataca de emboscada:
Um bilhete me entrega: —é a damnada
Que me pede dinheiro!... antes um raio!

Quer pentes, alfinetes e agulheiro
Quer vestidos da moda, brincos d'ouro,
Quer pomadas, anneis sabão de cheiro!

Tenho accaso escondido algum thesouro?
Arre...safa! não tenho mais dinheiro...,
O diabo me leve o tal namoro.

(Extr.)

Á PEDIDO.

Entre os nove cidadãos de que se ha de compor a minha lista para vereadores sobresahem tres nomes para os quaes eu desejara poder convergir todo suffragio popular.

Na impossibilidade de realisar os meus desejos, apresento os nomes desses tres distinctos cidadãos ao publico bahiano, pedindo-lhe que vote nelles por serem dignos de corresponder a confiança publica.

Eil-os —

Barão de Sauhipe.
Elpidio da Silva Baraúna.
Dr. Antonio Euzebio Gonçalves de Almeida.

Um do povo.

—Sr. *Universal*, V. tem más entranhas.

—Como! Si eu não offendo a um gato sendo meu?

—Tem indole perversa.

—Ignoro, porque me accusa assim,

—Por querer tirar o pão a um pobre homem, que não se quiz sujeitar a seus caprichos.

—Eu?

—Ora!

—Que aleive!

—Como o Jorge não quiz *affirmar* o que V. lhe ordenou, foi accusal-o de pactuar com os taverneiros, para ver si assim o privava dos magros dois crusados diarios que o homem ganha.

—Nem por isso foi demittido.

—E' porque o caluniador so inspira despreso.

—Insolente moleque!

—E' escravo do barão do Catu.

—Logo vi que era escravo de fidalgo.

—Como o tambor passou pelo centro daquelles moços que conversam e advertiram-lhe que era incivilidade, elle a instar para que o tambor va passar de novo e dê uma bofetada em quem disser qualquer cousa por que está alli para ajudal-o!!

—Não é de hoje que se reclama contra a petulancia dos escravos do Sr. barão de Catu; e a policia nenhum caso tem feito.

—Este moleque ha dias esteve na Correcção, porem sahiu mais attrevido do que entrou.

—E ha de andar-se na rua sujeito até ameaça dos escravos malcreados dos fidalgos!

VARIEDADES.

REQUERIMENTO.

Attribuido a um cirurgião de Villa-Boim na provincia do Alentejo e comarca d'Elvas.

In nomine Dei — Diz Joaquim do Carmo Nobre cirurgião com todas as approvações ordinarias e extraordinarias, e condecorado misericordiosamente com todas as methamorfoses das alçadas medicas, e no ponderativo e sapiente exercicio destas pungentes faculdades intra e extra Villa-Boim, que achando-se o supplicante assim encabeçado, e no gozo salutifero de todos os partidos da salubridade da contumacia achacada, e decrepita, que resulta da administração esferica da pulsação melancolica, ja dos humores da contextura cutanea, ja dos vicios latentes e perdularios, ja do Orisonte aggravante daquellas molestias, que demandam auxilio dos unguentos, cataplasma, e cauterios, e das outras sufragiadas com receitas de vomitorios, charopes, cosimentos e tudo o mais; para cujos tratamentos é sempre necessario, que o juizo, a pratica e os authores simultaneamente se unam e casticem, cujos medicamentos obram por virtude occulta, como diz Comenio *omnes intemperie calida*, e de taes tratamentos, nós os mestres não podemos muitas vezes evitar phenomenos os mais dolorosos, e lugubres, que se attribuem a incredulidade quotidiana do corroboração estomacal, sem com tudo vulnerar as evaporações desinterica, que subministram o suco para as observações aterias, e formam a baze entre o administrativo e executivo. Reluzindo pois no supplicante todos os apparatos instructivos para o bom e exacto cumprimento das obrigações que se acham a cargo da sua respectiva Effigie; acontece ver-se o supplicante atacado, vilipendiado; e petulantemente escarnecido por um homem que lhe tem usurpado os direitos do pulso, do torniquete, e ariar; é elle o prior o padre ex-seringa João Correia que esquecido de que a vida do sacerdote deve ser toda empregada entre o vestibulo, e o altar, e Montplier, diz mais, que o sacerdote deve ser como o sino, viver sem por os pés na terra; porem aquelle prior ignorante do ornamento ecclesiastico que o circunda, ja por falta de instrucção, ja pela abição, que o caractorisa, porque é dominado de uma avareza, que tem mais peso que as piramides de Sesostris, e do Egypto. Este grande Rei so em alhos, e sebolas para os obreiros que construiram as piramides gastou seis

centos mil talentos. Em consequencia do exposto denuncia o supplicante a V. S. que aquelle prior de Villa-Boim, com gravo prejuizo publico se tem imtromettido a exercer e praticar a sciencia do supplicante, fazendo receitas para molestias, e applicando remedios como um rustico curandeiro, sem ter authores nem estudos, por que o supplicado somente frequentou a academia do ensino de deitar ajudas, o que quando aos doentes escapolia vento maior ou menor pelos labios da entrada do estreito canal da seringa eram obrigados a responder os operantes. *Quia ventus est vita mea.* Por todos os motivos allegados requer o supplicante que o referido Parocho seja Authoado e Processado como um usurpador das sciencias naturaes, e igualmente por fugir com o corpo aos trabalhos espirituaes, pois que so cuida em tosquiar as ovelhas do rebanho pela utilidado do proveito da lão, e das caganitas.

Pede a V S. Illm. Sr. Juiz de Direito da comarcr de Elvas, seja servido attender ao exposto neste requerimento, mandando V. S. responder o supplicado, e depois o supplicante para que possa contrariar a negativa no caso que o supplicado embirre nella—E. R. M.

EDITAL.

Eu Romão Rofando Rgrande, por graça de Judas, e de Pilatos, fiscal-mor da caterva seminarense do patente anno, faço saber á todos, que o meu presente edital lêrem, que, por ordem do ministerio ecclesiastico, estou authorisado a prender, sentenciar, e punir todo e qualquer padreco seminarista, que, sem o menor respeito ao estado que occupa, sem o menor pejo e vergonha de si mesmo, frequentar, ao clarão do dia a vista de todos os cidadãos, os immundos lupanares das empiematicas filhas de Jerusaiem: e se não obstante, constar ou souber que algum inda os frequenta, então além de applicar-lhe as rigorosas penas do codigo ecclesiastico, divulgarei pelos jornaes mais publicos d'esta cidade não só o nome do relapso padreco, como a rua, casa, numero, e nome da freguesa. —Bahia 22 de Abril de 1847.—*O Fiscal-mor da caterva Seminarense.*

MAXIMAS DA MADRE LAGARTIXA.

Quem tem precisão,
Faz das tripas coração.

Quem vae aos Afflictos,
Vê moços bonitos.

Quem vae a casa de pasto,
Sempre faz um gasto.

Conversas de frade,
Faz anciedade.

Mulher de juiz,
Retorce o nariz.

Engenho sem gado,
E' pote furado.

Mulher parteira,
Sempre da em curandeira.

Quando a fortuna se arriba,
Desce do céu a muxiba.

Quando a fortuna se abaixa,
Leva a gente uma tarraxa.

Quando o jantar stá na mesa,
Foge da gente a tristeza.

Com sedas, e banhos salgados,
Ficam os maridos desgraçados.

Mulher que influe em eleições,
Merece bem caxações.

Estudante reprovado,
E' comer vomitado.

Mulher que faz intriga,
Destempera a barriga,

Musico gulotão,
Morre de indigestão.

—Um individuo que tinha um filho muito esperto levou-o n'um domingo a ver as eleições.

Quando se corria o escrutino appareceu uma lista que dizia:

Voto em Jesus Christo
P'ra ver se indireita isto

Então o filho disse ao pae:

—O' papá, tambem se toma nota dequelle nome!

—Não, porque não está recenseado.

Uma senhora tinha uma filha, que costumava cantar em concerto; um dia a mãe annunciava aos seus conhecimentos que a filha tinha perdido a voz.

—E onde foi que tal lhe succedeu? perguntou uma das circunstantes.

—A' sahida do theatro.

—Ponha V. Ex. um annuncio em um jornal; que talvez ella appareça, disse um dos presentes.

Dous amigos encontram-se a noite:

—Ondes vaes, ó Fulano?

—Vou pará casa.

—Olha, tens ahi meia libra pegada?

—O dinheiro nunca se me pega na algibeira.

PARA O CEGUINHO.

A' porta d'um livreiro uma criança mendiga dizia em tom plangente:

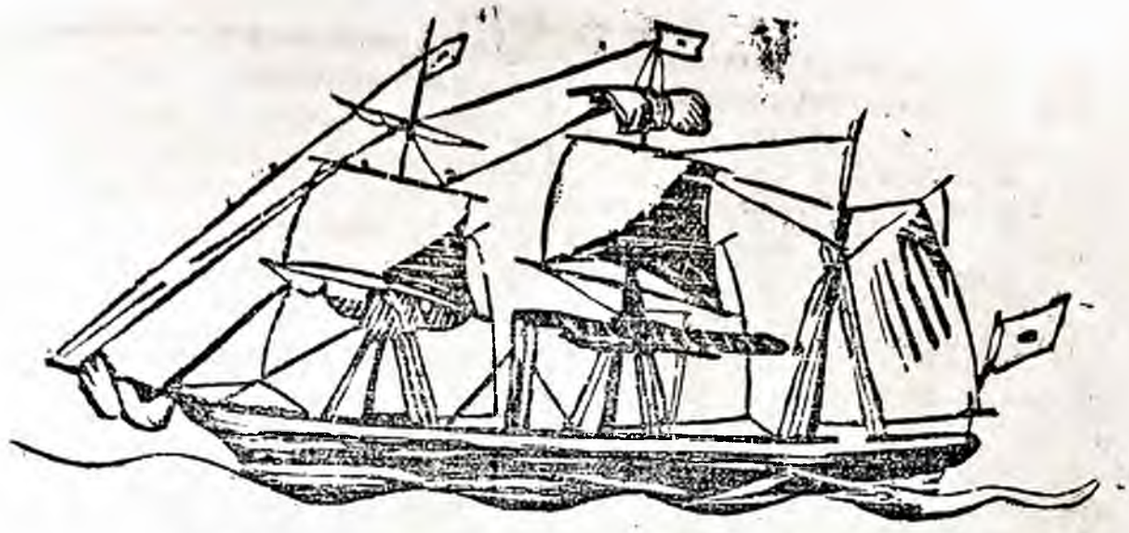
—Uma esmola para o ceguinho, por amor de Deus.

Davam-lhe uns esmola, outros não lhe davam, mas ninguem perguntava pelo cego.

Uma alma caritativa teve sua curiosidade.

—Então onde está o cego, rapariga?

—Ah! meu senhor, está alli ao pè da vidraça a ver as estampas.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 40.**

Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 30 DE JULHO DE 1868. N.º 391.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, chamando sua attenção para os seguintes pontos, onde a illuminação é como se não existisse:—beccos das Hostias, das Moroas e do Mingau, Afflictos, Mundo Novo, Quebranças, ladeira do Gabriel, Areal de Baixo e outras muitas ruas. Espera-se que S. S. que tão sollicito se mostra em providenciar sobre qualquer reclamação que lhe é feita, tome promptas medidas que façam melhorar o serviço da illuminação nos logares acima indicados.

—Hontem deu-se um fracasso em uma das gondolas da carreira do Bomfim.

—Como foi?

—Tendo parado a gondola para receber um individuo, succedeu que no acto de embarcar este, partisse ella e o cujo fosse de ventas na lama, fazendo duas contusões no rosto, e outras nos beiços, alem do prejuizo do chapeu de sol que ficou em migalhas.

—Isso é o menos.

—A empreza deve advertir aos seus boleiros, que todo cuidado é pouco para evitar casos desta ordem.

—Isto é de mais! Recrutar-se a um velho, e cego de um olho de mais a mais!

—E' so para massacrar, porque um infeliz nestas condições não pode servir.

—Justamente. Tanto que no expediente da presidencia do dia 22, vem o seguinte officio:

«—Ao coronel commandante das armas.—Mande V. S pôr em liberdade os recrutas que foram julgados incapazes para o serviço do exercito, segundo informa V. S. em officio de 21 do corrente, de nome Nicolau Freire da Fonseca, por ser de maior edade e ter uma *belida* no olho esquerdo e Luiz Justino das Mercez, por ser de maior edade e ter cravos nos pés.»

—Ah, isso inda é do tempo do Sr. Azambuja.

—Fosse lá do tempo do diabo é o que não quero saber. So clamo contra a selvageria com que se commettem taes iniquidades.

PHYSIOLOGIA DA MULHER CASADA.

PELO DR. * * *

(Conclusão.)

III.

A mulher zeloza.

Quando uma senhora casa, deve faser o seguinte raciocinio;

—Ou meu marido casa comigo por me ter verdadeiro amor, sincera amisade, e é bem educado e de nobres sentimentos—ou procura-me por especulação, e interesse—ou e alem d'isso um debochado, e sem pundunor.

Este raciocinio não será difficil á qualquer esposa, porque difficilmente se illude o coração da mulher.

Ora no 1.º caso, o marido de certo ha de ser fiel á sua mulher—como é dado ao homem ser—isto é—ha de dar a sua *topada,* porque todo homem a dá, e a razão é bem clara; porem não ha de causar desgostos a sua cara anetade, que elle tanto adora; não ha de ter concubina; não ha de esperdiçar com outra os carinhos reservados a sua esposa; nem faltar com todo o necessario á sua casa.

E n'este caso, mal faz a mulher em suspeital-o; porque deve saber que elle é o melhor que pode haver na qualidade de marido.

No 2.º e 3.º casos, não merece que a mulher se consuma e soffra, e se torne infeliz, com receio de perder o coração do esposo, por que muito bem combina, que o tal coração nunca lhe pertenceu, e que por consequencia elle, depois de casado, havia seguir a vida desregrada e debochada que passava antes de casar-se.

Isto deveria pensar a senhora que casa.

Porem é como se eu pregasse aos peixinhos; porque isto não impedirá á mulher de ser ciumenta *per omnia secula seculorum, amen!*

Uma senhora casada que é zelosa faz-se desgraçada, e torna desgraçado a tudo quanto a rodeia. A mais futil apparencia faz nascer em seu espirito mil e diversas suspeitas.

Então atormenta ao marido, implica com os filhos, ralha com os criados, e bate no cãosinho, se é que o tem.

Si o marido dorme mal, é porque tem alguma cousa que lhe tira o somno.

Si sonha alto, si fallou em fulana, ou sicrana, é porque está perdido de amores pela sugeita.

Si levanta-se, sem fazer bulha para não acordar sua mulher, ou pela manhan, ou mesmo á noite para algum serviço, a mulher que nada lhe escapa, diz-lhe:

—Com effeito! quantas precauções para se levantar!... pelo que vejo V. tem medo de acordar-me?

—Eu julgava que V. ainda dormia, e não queria sobresaltal-a.

—Ah!... com que então não queria que eu acordasse?... de certo, uma mulher dormindo é mais commodo!... Para que se levanta tão cedo, quem lhe apressa, onde vae?

Veste-se o marido para sahir. A mulher examina-o dos bicos dos pes ate a cabeça, e exclama:

—Pois para ir para a repartição, vae com esse lenço ao pescoço, que V. so costuma sahir ao domingos... Onde vae V. hoje? são algans projectos?

—Quaes projectos?... pois é de lei, que use d'este lenço so ao domingo?...

—Sim... não... mas... V. atou-o hoje com tal perfeição... ha algumas vezes pretenções...

O marido rala-se, porem que ha de fazer? calar-se.

Si o marido tem algum negocio, que o obrigue a sahir cedo, e pede que se aprompte o almoço antes da hora costumada, responderá a mulher:

—Oh homem!... V. está hoje bem apressado, isto é cousa!...

Si o marido vem meia hora depois da em que se acaba a repartição, si é empregado publico, ou da em que costuma recolher-se para casa,—misericordia!

—V. onde esteve?... Agora foi que se fechou a loja, ou a repartição?... eim? onde foi?. .

—Fui á cidade baixa, mandar limpar o meu relogio, que anda desacertado.

—E' uma boa desculpa!... pois não!... mas V. não me disse que ia hoje a cidade baixa, porque não me disse?...

—Esqueceu-me.

—Como vem palido!... como está V. cançado!... ora ha ninguem mais desgraçada do que eu!... maldita hora em que me casei!... antes minha mãe tivesse parido em meu logar um cesto de pedras!...

E estas, e outras cousas são ditas, e reditas, passando-se ao marido uma revista d'olhos completa!...

Vem um domingo á tarde um amigo com quem o marido ficou de ir dar um passeio; e depois dos cumprimentos, deixa-o na salla, e entra no gabinete para vestir-se.

—Quem é este sujeito?...

—E' o meu amigo Fuão.

—Não gosto nada d'elle!

—Tambem elle não precisa que V. goste!

—Está visto! basta eu não gostar, para ser logo seu amigo!... Onde vae V?... porque não me disse que tinha hoje este passeio?... de sorte que no domingo, que deve ficar em casa na minha companhia, deixa-me so?... Os diabos levem todos estes peralvilhos que deitam a perder e desencaminham os homens casados!...

—Tenha juizo, mulher!... Não vê que Fuão está ouvindo? quer que elle a tenha por malcriada?

—Que me importa?... E' mesmo para elle ouvir que fallo alto!... Tomara que cá não volte.

Chega uma nova companhia theatral, e o nosso homem decide-se á ir ao theatro.

—Onde vae hoje?

—Ao theatro: chegaram uns comicos novos, e vou vel-os—

—E porque não tomou um camarote para eu tambem ir?

—Quando me resolvi á comprar bilhete, já não havia;—ou então:

—Os camarotes estiveram por 20$ reis, e você bem sabe. que não posso!—

—Pois não!... para mim nunca ha dinheiro!... sabe Deus com quem vae V.!... ou si o theatro não é desculpa para V. ir á alguma parte!... eim? que diz?... Olhe hade de me contar amanhan o enredo todo da peça!

Si o marido come pouco ao jantar, é cousa; é signal que comeu fora de casa!

Si come com vontade, é cousa: é signal que alguma cousa fez, que lhe abriu o apetite!

Si, por qualquer motivo, está amuado, e não corresponde ás caricias da mulher, é cousa extrema: é porque ama a outra absolutamente, e por isso lhe importunam as caricias de sua mulher.

Si quando si recolhe para casa, faz carinhos, e agrados á sua mulher; ainda é cousa: é porque fez alguma na rua, e os remorsos o mordem; ou porque usa d'esse manejo para ocultar á mulher o amor que sente por outra.

Si falla mesmo em D. F.; é sempre cousa: isto prova que pensa na tal fulana.

Si nunca falla d'ella, é para occultar o joguinho.

Si diz mal d'ella, é malicia para que a mulher não tenha d'ella ciumes.

E assim, assim consecutivamente!... pois seria um nunca acabar, si quizesse citar os innumeraveis pretextos, que sempre acha a ciumenta para brigar com seu marido.

Finalmente o ciume é triste cousa; e algumas vezes dá no tragico!—porem o menos que produz, neste caso, é incitar o marido a que pratique aquillo de que tantas vezes é injustamente accusado!

Pensae n'este resto, minhas senhoras.

LA VAE VERSO.

A NOVA PHASE.

Cahe por terra o progressismo
E sóbe a conservação,
Os que escaparem da quéda
Morrerão de indigestão.

Liberaes e progressistas
Não se puderão entender,
Mas as fatias do estado
Não ficaram por comer.

Agora acaba-se a guerra
Diz a *conserva* d'aqui;
E' o que inda veremos
Grita o *progresso* d'alli.

Vae haver gran reboliço;
Tudo agora vae mudar;
Os debaixo vão p'ra cima,
Salva a patria ha de ficar.

Presidentes de provincia
Inspector de quarteirão,
Tudo gente da *conserva*
Para fazer eleição.

Dissolva-se o parlamento,
Faça-se nova eleição
Camara unanime, e haja rolo,
Pontapé e caxação.

E depois teremos tudo
Até viagem a balão,
Embora o povo não tenha
Nem a carne nem o pão,

Cahe por terra o Zacarias
E sóbe a conservação,
Mas o partido liberal
E' o partido da nação.

X.

(*Typographo.*)

Á PEDIDO.

BOLETIM.

Julho 24.—As 7 horas da noite ja estoiravam foguetes do ar: era a noticia que grassava da ascenção do partido conservador.

O *Cruzeiro do Sul* mal se fazia annunciar pelo telegrapho, ja os curiosos e os interessados se apinhavam na Praça de Palacio, onde se deram varios episodios, vistos e ouvidos.

Certo magnate, que muito tem servido ao partido decahido, em que fez a sua iniciação politica, sahindo de palacio, dizia a outro que-tal—*agora é que vou fazer a minha declaração politica.*—Respondeu o outro—*não é preciso, porque ja somos conhecidos por* conservadores.

Outros que vivem da ordem do dia, deram os *costumados* vivas: e até certos empregados publicos, que festejavam o partido progressista, para os quaes não havia melhor, deram suas demonstrações de que são verdadeiros *suissos*.

Perguntando-se-lhes a causa dessa adhesão, responderam *que pela rasão natural de serem empregados do governo.* Mas quem lhes paga é a nação, e os partidos politicos não se originam do governo, e sim dos principios.

Pois sim, respondeu um mau rhetorico, *nós seguimos os principios dos que governam.*—Porém veja que com semelhante resposta Vm. nada adianta na questão.

E que havia de dizer o trocatintas? *Seguimos a ideia que triumpha e que sempre é a melhor e mais consentanea com o bem publico.*

Nesse caminho, la surge um certo..... muito esbaforido e louco de contentamento. Este *quidam* foi um que no tempo da *liga* andou pelas ruas e praças da cidade, entoando vivas ao partido progressista, liberal &.

Por ultimo, seriam 9 horas, ouviu-se soar no salão do palacio martelladas que indicavam que pregavam-se caixões. Um maligno, que se achava perto de nós, disse que eram martelladas proprias de armador no caixão de algum *cadaver ou defunto fallecido*. Porém outro sugeito mais rasoavel, observou que S. Ex. mandava encaixotar, para levar para a corte os doces e bolinholos que destinara para a recepção dos principes.

—Ora vejam so aquelle mameluco, um dos mais ardentes apologistas do Azambuja, como agora anda a lhe cortar na pelle!

—E' um dos apedrejadores do sol que se põe.

—Ainda no dia da posse do novo presidente disse cobras e lagartos do homem que ja não tinha o que dar.

—Eu tambem vi na hora em que o barão sentou-se ao pé do Figueiredo Rocha e poz-se a conversar elle dizer—está se inculcando... este não é o *pax-vobis* do outro que consentiu quanta bandalheira V. quiz fazer.»

—E' para V. ver o caracter desta corja.

—Sr. *Martins*, deixe-me; eu subo a ladeira do *Alvo* toda noite.

CONVERSA ENTRE DUAS ALMAS PROGRESSISTAS.

—Leu a noticia funebre, no *Jornal da Bahia* de 23 do corrente, com o titulo—*até que afinal morreu*—perguntando a alma do *defunto* fedorento si ainda as uvas estão verdes, assignado—*o soccorro*?

—Li. O *defunto* ainda não tem tempo para feder, apenas exhala por baixo um agradavel *cheiro aromatico* para o *vermelhismo*. As *uvas* achavam-se verdes em quanto não chegavam para elles; mas depois que as *itaborisaram*, reconheceram estarem maduras.

—Basta de conversa: vamos para o nosso purgatorio.

VARIEDADES.

COUSAS INSUPORTAVEIS.

Das carroças o barulho,
Das gondolas o desarranjo,
Tanto vadio marmanjo,
E nas ruas, tanto entulho;
Mocamas com sou bandulho;
Criancinhas a fumar!
Na porta o mascate a gritar,
Homem casado em namoro;
Levar chifrada do touro,
Apanhar, sem poder dar.

Ir ver fogo, e ficar preso,
Perder na rua a carteira,
Ter mulher namoradeira;
E por molestia o braço tezo:
Soffrer d'amada um desprezo,
Quebrar no baile a presilha,
Dar por falta d'uma filha
Sem saber p'ra onde foi;
Enganar-se com um boi,
Por uma mulher de mantilha,

Pelo *Jornal* ser chamado,
(Quem tem de vergonha um pouco)
Levar um murro d'um louco,
Que não pode ser vingado:
Ver um homem apatacado
Fazer festa a sua amante,
Achar na rua um brilhante
E mil contas ir fazendo
E quando está n'isto vivendo
Ficar preso por tratante.

O cavallo esporear
Na presonça da amada,
E n'isto ella enlevada
Vel-o no chão patinhar!
A irman escarninhar,
De ver o futuro cunhado,
Todo inteiro enlamiado:
E elle cheio d'insulto
A olhar para o seu vulto
Quase louco e envergonhado.

(*P. dos Pobres do E.*)

COMO SE DA ALEGRIA A UMA RAPARIGA.

Mandou um noivo á sua noiva na vespera do casamento um rico presente de joias.

A noiva andava tão tristinha porque o tal casamento nem por isso era muito do seu gosto. A' vista, porém, daquellas perolas e brilhantes que a fascinavam, alegrou-se, e ficou radiosa que nem uma aurora d'estio. Vendo isto a sua aia, não poude ter mão em si que lhe não dissesse rindo:

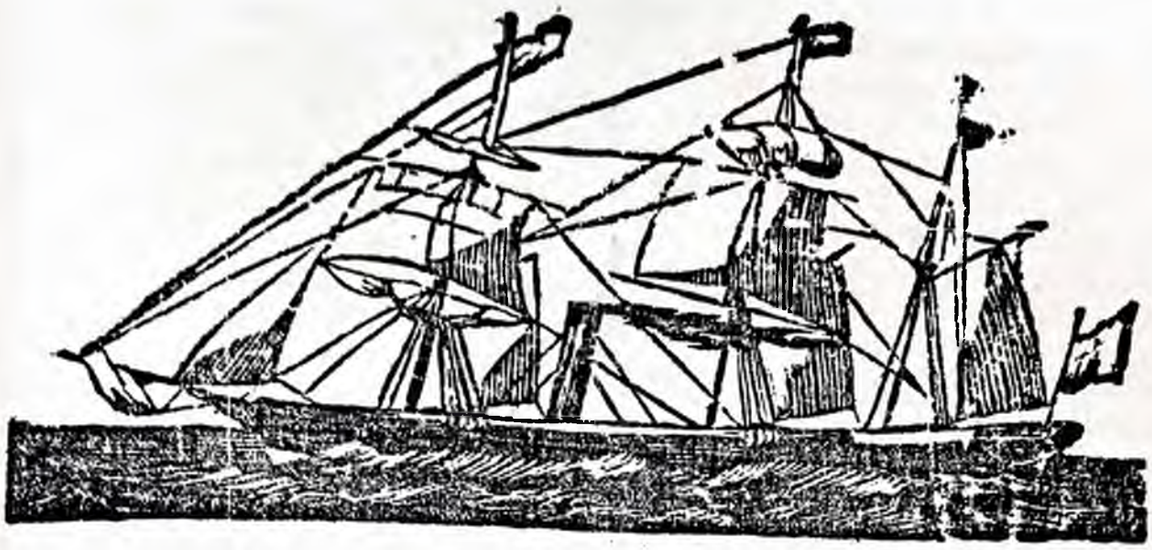
—Ja vejo que a menina gosta mais do *presente* que do *futuro*,

ANNUNCIOS.

A Estrada Nova rua da Valla, junto ao beco do Funil que vae para o Barbalho—ha uma venda para se dispor, quem a pretender dirija-se a mesma para tratar.

Nesta typographia precisa-se de um batedor.

O
ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 37.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 3 DE JUNHO DE 1868. N. 369.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de junho de 1868.

Não houve expediente.

—Conheceu a filha do fallecido escrivão Chaves?

—Ouvi fallar.

—Morreu.

—Deus lhe dê o descanso eterno.

—Coitada! Morreu no hospital de charidade ao desamparo.

—Ao desamparo?!...

—Sim; admirou-se?

—Pois no hospital de charidade se morre ao desamparo?!...

—E' porque as *santas* e pudibundas mulheres, á cujo cargo está estabelecimento, tem *horror* e *escrupulo* de curar certas molestias

—Está direito... esta cá me fica!...

—Não foi pelo que eu fiz.

—Algumr novidade?

—Diz o *Parahybano* que, no dia 21 do p. p., embarcara no trem da estrada de ferro do Rio, com destino a Vassouras, um padre preso e algemado, e eu digo que não foi por alguma *innocencia* que eu fizesse.

—Fosse embora criminoso, causa sempre dôr ver algemado um sacerdote de Jesus Christo; e mesmo que me parece que a policia tem outros meios de segurança sem precisar usar de um tão aviltante.

—Foi ao fogo pe Santo Antonio?

—Eu não perco esses pagodes.

—Que houve por lá?

—Desordens e mais desordens.

—E' *sina* das funcções daquelle bairro acabarem em barulho.

—Entre outras, presenciei a de um inglez na camueca que appareceu no largo, convidando as creoulas—*senhorita, quer dança com migo*?

De momento, uma sucia de moleques e capadocios fizeram um circulo, metteram o inglez no centro e pozeram-se em evolucões de petelecos; a policia ahi junto nem cavaco dava com a estupida brincadeira, que faziam com um homem fora de seu juizo!

O inglez enfezou-se e começou a distribuir soccos a direita e a esquerda. Foi então que a policia achou opportuno tomar parte na dança, mas de uma maneira singular.

—De que maneira?

—Dando com as coronhas da pistola no inglez e atirando-o de fio comprido ao chão, para depois leval-o preso.

—A policia compriu com seu *dever*.

—O dever della era desde o principio acommodar os moleques e capadocios, não consentindo metterem o inglez em *carambola*.

OS PARENTES.

(*Conclusão*)

Em geral os peiores parentes são sogras, e não sei por que desde a antiguidade se diz que—sogra nem de barro a porta.

Observa-se que, quando as sogras acham maridos muito amorosos, e derretidos com as filhas, ficam tollas, e por isso entram a ter desejos extravagantes, e a quererem governar mais a casa do que os donos; e muito triste é apparecer, em dia de função e que a casa está cheia de visitas de cerimonia, uma sogra de saia e capona para visitar os netos, que muitas vezes já são doutores ou deputados.

Entre parentes jocosos e enfatuados, conheço uma velha pobre, porem tão cheia de vaidade que quando vae a casa da neta, por ser esta casada com um figurão, quando bate a porta pergunta de papo cheio com um tom magistral de conego velho—está em casa sua excellencia minha neta? Na verdade, muita bobage ha na tal historia de parentes; uns a se inculcarem, outros a se esconderem; mas para acabar a questão, a minha opinião é, que verdadeiro parente é pae e mãe, e a estes devemos amar e respeitar sem attender a cores, nem circunstancias; que quanto ao mais, parentes são clasificações que a socciedade tem admittido, pois mesmo a mulher com quem se casa é um parente grudado ou enxertado, e quando ella é má, é peior cem vezes que uma sarna que se aparenta com o nosso corpo.

Os senhores de engenho no reconcavo aproveitam-se do titulos de parentesco, para pregarem calotes pequenos uns aos outros, mandando escriptos tratando por primos, e pedindo emprestado porções de telhas, tijollos, fôrmas de faser assucar, e taboado para caixões, que nunca mais pagam.

Em suma findemos este artigo de parentes para não pensarem que fallo nisto para se lembrarem dos meus, que por modestia nunca os citei, e nem tirei a minha arvore de geração, quando alias era motivo de eu engrandecer o meu nome, porque consta de livros antigos que meu pae, que Deus haja, era parente muito chegado do imperador da China, e do grande Napoleão, e de ambos por linha nobre por ser filho do primeiro casal de Adão e Eva, porém fiquem certos os senhores leitores, que não cito isto para exigir excellencia, e nem para me julgar melhor do que os outros, antes ao contrario eu sou de toda e qualquer pessoa, o menor servo e amante.

LA VAE VERSO.

AMALGAMA.

Ja no *rubro azul* do firmamento
No *branco occaso* a aurora se escondia,
E nos *ardores* da torrente *fria*,
No ar *parado*, *sibilava* o vento.

Por entre os *gelos* do *abrasado* polo
Nonagenaria joven se queixava,
E *em pé* com cabeça *sobre o solo*
Em *silencio*, berrando assim *fallava*

Da *loura* Aglae os labios de *azeviche*,
Um dia *carrancudos* me *sorriram*,
E sobre a verde reiva de um trapiche
Para longe, bem longe, me attrahiram.

E *ledo* o coração todo em *tormentos*,
Em *delicias* folgava de *torturas*,
Sem ter *alma*, so com *pensamentos*
Repousava em *coxins* de *pedras duras*.

Gelidos fios de risonho pranto
Quentes *subiam* pela face *abaixo*,
E eu, na *impureza* de um amor tão santo
Fiquei *gelado* qual *ardente* facho.

Era alta *noite* e o *sol* ja dardejava
Do *brilhante* zenith raios *sombrios*!
O *negro* tope ao longe *branquejava*
Os *turbulentos*, *socegados* rios.

Ai, triste della! então se via
Longe de mim, cingida em meus *braços*
E no mais gostoso *enleio* então *carpia*
Podres cadeias de *insoluveis* laços.

Qual o *cadaver* que a *se deitar* na cama
Todo *nu* com as mãos nas *algibeiras*,
Ja do *lavado* corpo esparge *lama*,
E dirige *pêlas* sempre *verdadeiras*;

Tal eu fiquei; porem de modo opposto,
Perante tão *formosa fcialdade*,
A *contemplar* de olhos *tapados*
Que *sem mentir* jamais *fallo verdade*.

No mesmo assumpto (preto)

SONETO.

Um *cego, analysando* uma pintura,
A um *surdo*, disse *baixo*: —Não stá boa!—
Um *mudo*, que era o autor com isto asôa,
E logo, em *alta voz*, vingar-se jura.

Vem um *doido*, e, com fallas de *brandura*,
Tenta a bulha acabar: eis logo sôa
Bofetada sem mão que tudo atroa
E começa maior desenvoltura.

Ao ouvir tal barulho e vituperio,
Entrevado, que á annos não bulia,
Os *corre a pontapés* p'ra o cemiterio.

Eis surge um abbade que alli jazia
E, reassumindo o antigo ministerio,
Faz a todos entrar p'ra confraria.

Á PEDIDO.

Para melhor dar conhecimento aos leitores de quem seja *Cazuza, frasquinho de veneno* vamos esboçar-lhe a feia catadura.

Frasquinho de veneno é um homem de 50 annos, estatura regular, ultra magro, tez livida e macillenta, olhos pequenos, embaciados e traiçoeiros, cara oval, completamante desprovida de carne como todo o corpo. Pareec mais um esqueleto ambulante que um ser animado.

Duas profundas covas que tem no logar das bochexas, tornam ainda esse personagem de um aspecto medonho. Desde creança (é dito mesmo pela sua gente) revelou a mais decidida vocação para tudo quanto é infamia e picardia, e pouco tempo faltou para que as pozesse em pratica.

E por isso o publico tem sido sabedor dos factos por elle praticados.

Filho mau e degenerado, pae desnaturado, irmão ingrato, parente detestavel, amigo traiçoeiro, são as qualidades em que prima, alem de outras, e eis a principal rasão de viver segregado de todos os seus.

Descripta assim syntheticamente as suas feições phisicas e moraes, no seguinte numero principiaremos a sua hedionda biographia.

—A tal gente do olho vivo é ousada e insolente!

—Fizeram alguma empreza attrevida?

—Espancaram a um agente de policia.

—Elles são capazes de mais.

—Na sexta feira, foi um agente de policia por ordem da authoridade prender ao famigerado Viriato; depois deste preso, reuniu-se a companhia acantonada na rua da Larangeira e, capitaneada pelo celleberrimo Antonio Severiano, não so arrebataram o preso, como espancaram ao pobre homem que estava cumprindo ordens.

—São desses factos que reclamam severa correcção, para que não se reproduzam pela impunidade.

—O que vale é que o delegado, que, segundo creio, foi quem expediu a ordem, não é de brinquedos.

—Capitão, o alferes Marinho ficou massado; tem dito perolas.

—Elle é o culpado, tudo de mais é sobra.

—Capitão, foi chegar de Santo Amaro e dar parte de doente.

—Mas não perde um espectaculo.

—Para V. Ex. ver o escandalo.

—Quem acha pau faz colher.

—Capitão, requereu tres mezes de licença com vencimentos para se tratrar.

—Sem duvida de beriberi; acho justo o consentimento; e é até uma felicidade, por que deste modo livram-se os companheiros do rixoso contacto; os animos tranquilisam-se, e as cousas melhoram por algum tempo. Nec semper Lilia floret.....

O Sr. Dr. chefe de policia deu terminantes ordens, para se fecharem as vendas as 9 horas; mas não estando por isso o ilhéu *Porrão do Penedo*, conserva sempre aberta a sua até as 9 horas e meia e as vezes vae até as 10 horas e em um dia que dormiram os vendelhões *marido, mulher e filho*, esteve abandonada até 11 horas, com admiração dos freguezes, e mais pessoas que pela Calçada tranzitavam!

Chico-mi-gallo.

—Capitão, vou contar a V. Ex. uma scena burlesca e ridicula, que presenciei na freguezia dos *sanhaços* entre o juiz *Xico Vacca das Montanhas* e o *sub-delgado Dr. frei Gliço.*

—Quem são estes dous meliantes?

—Eu lhe digo: o primeiro é um sujeito que causa nojo fazer-lhe a descripção, um ente quase irracional, que tem a cara maior do que o corpo, ignorante em extremo, insolente em demasia, amigo de intrigar e calumniar aquellas pessoas que estão muito accima delle por seu caracter e honestidade, so porque não pertencem ao partido da azemola que se diz ser delle um sectario dedicado, tendo em outras eras pertencido ao partido opposto com o que lucrou por vender na qualidade de eleitor a sua lista por quatrocentos bicos.

—Ah! é dos taes que só tem politica por negocio, continue.

—O segundo é uma pezeta sem fé, sem religião, sem crença, em tudo semelhante ao primeiro, com uma unica differença que é ser da familia fradesca e ser formado em *engenhos.*

Estes dous tropiantes, por desgraça daquella freguezia, occupam um o cargo de *juiz de guerra* e o outro de austeridade *policial.*

Acontece que em um dos dias da semana passada indo o Dr. *frei Gliço* a casa do *juiz capitão Xico Vacca* receber delle uns papeis, sobre negocios eleitoraes, foi recebido na porta da rua pelo celeberrimo juiz com a mais indisivel grosseria, passando logo a insultar ao Dr. *frei Gliço,* que assim atacado em seus brios mostrou que era filho de pae, brindando ao seu adversario com os epithetos mais injuriosos.

—Dous espadachins.

A vozeria, capitão, era admiravel: pareciam duas messalinas do becco do Grêlo a se espatifarem. Era um gosto ver o *frei Glico* arregaçando as mangas da casaca e desgrenhando os cabellos em attitude de capoeira, gymnastica que lhe é muito peculiar, em virtude de ter recebido instrucções no pateo do convento com os escravos da confraria, e dizer para o *Xico Vacca*—sahe para rua, patife e safado, juiz de trampa, que te piso a cara com o salto dos botins. O Xiquinho que por ser muito valente bem mereceu o alcunha de vacca, tendo a porta bem fechada por causa das duvidas, gritava na janella como um possesso, battendo com os pés no soalho, fingindo que uma pessoa o agarrava—largue-me, senhora, largue-me, que quero ensinar a este patife.

Os moleques, que tinham-se reunido para ver o desfecho do banzé, passaram uma vaia nos dous sobreditos cujos, acompanhada de assobios e fóra o juiz vacca, fóra o filho de frade, e assim acabou-se a comedia.

—Pobre freguezia, que está entregue a dous canalhas que affrontam assim a moralidade publica.

—Capitão, V. Ex. conhece o *Tiburcio*?

—Que *Tiburcio*?

—Um sugeito que a mulher o chama *gallo cego*.

—O *Pereira* ja me fallou uma vez de um *gallo* ou *pinto cego*, mas não o conheço.

—Dá-se com o *Souza* V. Ex.?

—Muito.

—Pois é quem lhe pode informar as façanhas desse heroe de quem vou tratar,

Esse individuo veio corrido da *Catadupa*, por não ter lá mais a quem calotiar e vive agora de casa em casa, para não pagar os alugueis, soffrendo sempre citações.

O tal safado agora acaba de fazer um grillo de 200$ rs, e diz que está favorecendo a victima de sua ladroeira.

—Está me parecendo que conheço este heroe?

—Elle é muito conhecido de todos os habitantes da *Catadupa*.

—Não è um que casou-se e tem vendido todos os escravos e ouro da mulher.....

—Va por ahi,

—.....um que foi agora para o *mar pequeno* onde vive *pescando* dinheiro *griologicamente* dos africanos.....

—Estou em V. Ex.

—Vairo!.....

—.....um que se tem em conta de muito bonito, tanto assim, que tem uma *madama*, que dizem gostar delle pela *boniteza*!

—E' muito bonito! Para macaco só lhe falta o rabo.

—Psio!

Ja sei quem é este cujo!

—Tem feito muitas tratadas!

—V. Ex. não sabe de um rifão, *cesteiro que faz um cesto faz um cento?*

—Tem razão de assim dizer.

Quer muito luxo, precisa sustentar a *pecora* e pagar-lhe a casa, ha de por força continuar nas tratantices,

—Aquillo é um descarado.

—Quem a vergonha perdeu,
Nunca mais pode encontrar.
—Neste caso o *gallo cego*,
Ha de sempre rapinar!

—O *delgado alarma*, nestes ultimos dias, anda da sala para a cosinha, pelos torpes factos de sua infame vida, que tem sahido á publicidade.

—E como não ser assim, si a ponta do azorrague tem lhe lanhado em regra a delavada cara?

—O cynico e amaldiçoado, logo que veio da antiga lusitania, fugido pelo assassinato que alli commettera na pessoa de um infeliz, homicidio revestido de todas as circumstancia aggravantes, pouco se demorou em *Latronopolis*, indo logo para o *maranha grande* unir-se aos seus, que, apezar de todos os empenhos tinham o receio de que elle estivesse de macho aos pés nos ergastulos do *limoeiro*.

Inesperadamente chegou, e em vez de arripiar carreira da vida que levava, metteu-se-lhe logo *nos cascos* ser homem de dinheiro. Para esse fim, abusando do poder paterno, com força armada marchou para raptar uma donzella rica e de familia distincta, porem o plano abortou, e elle se viu em calças pardas.

O infeliz pae quasi morre de paixão por mais essa infamia do tractante, e mandou-o outra vez para *Latronopolis*. Alli principiam novas sendas de crime.

—Conte-m'os?

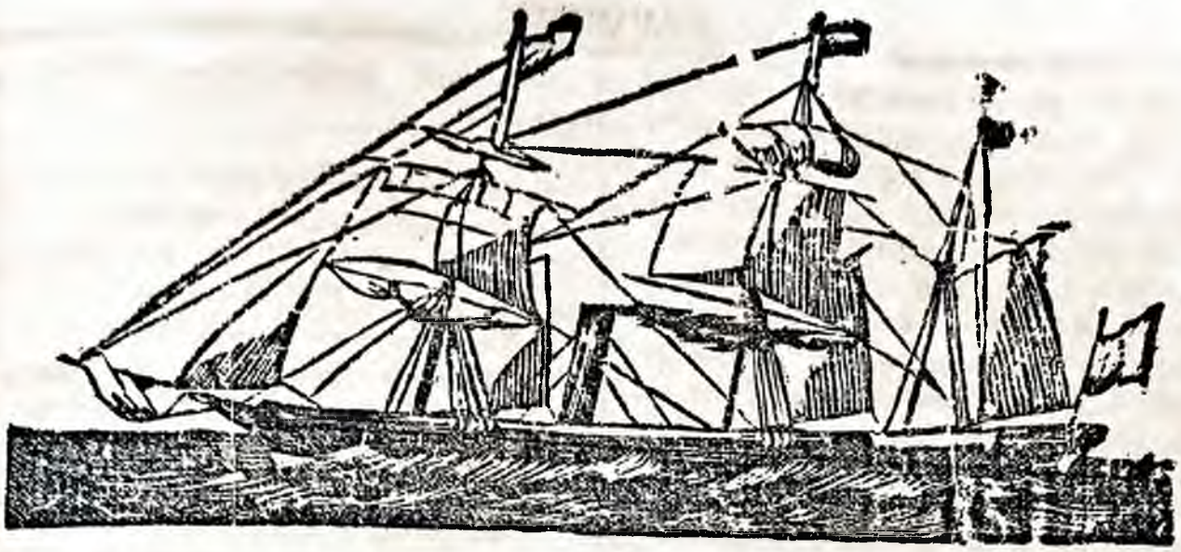
—Fica para o seguinte numero.

—Meu tio, que força pode ter o commandante de um corpo que seu subalterno dá parte de doente e a noite está com elle no theatro?

—Meu sobrinho, nenhuma; não só perde a força moral de seus commandados, como não pode manter a disciplina. Porém qual o motivo desta pergunta?

—Agora vou para Santo Amaro.... de volta lhe direi.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VI. — Serie 37.

BAHIA — 5 DE JUNHO DE 1868. — N. 370.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que se acha em estado de ruina a casa n.º 87 ao largo do theatro e pedindo-lhe providencias a respeito, afim de evitar alguma desgraça.

—Ao mesmo, no mesmo sentido, dizendo-lhe que estão para cahir algums talhos em S. Bento, os quaes se acham com as paredes todas rachadas, e por isso espera-se que S. S. se digne de mandar despejal-os, depois do competente exame.

—A rua das Larangeiras transformada em valhacouto de faquistas.

—De larapios, sabia eu.

—Pois são esses larapios mesmos, os quaes todos tem fumaças de valentões, que fazem dalli arena de seus pugilatos. Constantemente ha berreiros, ondes sahem facas e punhaes e os socios da companhia se aggridem mutuamente, ora por causa do *dividendo* dos gamados e ora pelos *peliques* que tomam na venda do Joaquim Gomes.

—O Sr. delegado de policia, se quizesse, podia chamar aquella gente ao rego, mandando-a para a Correcção a primeira vez que fizesse qualquer alarma e fazendo-a assignar um termo de vida mais commedida.

—Capitão uma declaração.

—Faça.

—A informação dada pela subdelegacia do Pilar ao Sr. Dr. chefe de policia em data de 27 de maio e publicada no *Diario* de 29 do do mesmo mez, não é exacta.

—Pois então rectifique.

—A parte, que diz que o homœopatha Carlos de tal vive publicamente; com uma moça que raptara em sua residencia á Praça dos Veteranos, é uma calumnia que muito offende a moralidade do proprietario dessa casa, por quanto o tal homœopatha so tem ahi seu consultorio. A raptada alludida, é publico e notorio que assiste em casa de uma familia em S. Miguel, onde o tal homœopatha está tambem constantemente e por tanto é para extranhar o fundamento com que a referida subdelegacia alterou assim a verdade dos factos.

—Informações inexactas, talvez.

—Em prejuizo da moralidade de terceiro.

—Com a sua declaração está restabelecida a verdade e cada um com a responsabilidade de seus actos.

—Viu esta noticia no *Diario*.

—Qual?

—A seguinte:

«Communição-nos:

Constando que a commissão dos festejos do

memoravel dia Dous de Julho não fazia os ditos festejos por falta de dinheiro, o Sr. barão de Sauhipe dirigiu uma carta ao secretario da referida commissão, offerecendo-se para, por si só, e com o adjutorio dos 2:000$ que dá o governo, fazer todo o festejos desse dia, que mui charo deve ser a todo o brasileiro, e com especialidade aos bahianos.»

—Honra ao Sr. Sauhipe.

—E si não é isso tinha mais esse *padrão de gloria* o reinado progressista, de passar desapercebido o memoravel Dous de Julho.

—Isso não, que a commissão ja se moveu, veja a noticia do *Jornal da Bahia,* convocando reunião para hoje á noite em casa do Sr. Dr. Carneiro da Rocha.

—Depois da pedrinha no sapato.

—Antes tarde do que nunca.

—Veremos agora quanta patriotada apparece.

LA VAE VERSO.

SEM TITULO.

Quem é esse empavezado
Que ali vae n'uma berlinda,
Por fóra toda dourada
Por dentro rica e mais linda!

Arreda, povo, arreda!....
E' fidalgo, é potestade,
Que desgraçou uma familia
Em nome da *Caridade*

Não toques no magnate;
E' socio respeitabundo,
Dos que tem olhos no céu,
Mas unhas cá neste mundo.

E' chefe dessa irmandade
Que com astucia, geito e tino,
Faz do povo a sua escada
Para subir do fausto ao pino.

E' arauto, é passavante
Da côrte de satanaz,
Que traz pobresa ao povo
Para ser deste o primaz.

Reduzir brasilio povo
A rudesa primitiva,
E' afan de aristocrata
Que persegue, que captiva.

Quereis vêr prova evidente
De tenaz perseguição?
Reparae em que mão anda
Do Brasil sua instrucção.

Vereis a hypocrisia
Dos jesuitas romanos,
Matar o patriotismo
Dos povos brasilianos.

Vereis que os filhos educam
Nas regras do fanatismo,
Para ter seguros servos
Que sirvam ao despotismo!

Eu que malho dia e noite,
Até chegar ao cançaço,
Não ganho para criar
Os filhos a quem abraço.

Ganho mil, p'r'o meu patrão,
Este paga-me um ceitil...
Inda assim de mim exige
Chapeau-bas, ser-lhe servil.

E' elle *grande* da terra!...
E' ricasso é muito rico,
Já nasceu sendo barão
Das bandas do Pico-nico.

Como eu, são milhões de outros
Que o patrão esfola e assa,
Si fallamos em augmento,
Com ferros nos ameaça.

Busco então co'meu trabalho,
Lá nas brenhas ir viver:
Mas, barão quer ser mais rico,
Meu suor quer ver correr.

Arma gente, sahe a caça
Do que vive independente;
Agarra o filho do povo
E brada *siga p'r'a frente.*

E' elle *grande* da terra
Que o povo sempre escravisa,
Enrica do pobre a custa,
Com crimes se fraternisa.

São destes *excellentissimos*
Que formam côrte devassa,
São essss moços fidalgos
Que de honras fazem praça!

Cumpre ao povo soberano
Solapar feudal dominio,
Profligar taes Malagridas,
Promover seu exterminio.

O sertanejo.

Á PEDIDO.

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA, AO SR. DELEGADO DO 1.º DISTRICTO E MAIS AUTHORIDADES.

O abaixo assignado vem do alto da imprensa protestar contra José Lino Gomes Junior, e indigital-o como unico author de qualquer attentado, que por ventura lhe succeda; por ser elle o unico inimigo que tem. Bahia 4 de junho de 1868—*Maximino Dultra de Andrade.*

(*Continuação.*)

—Aspirante!

—Prompto.

—Vá buscar o *esqueleto da perversão.*

—O *Charles Viares*, capitão?

—Esse rebutalho da humanidade mesmo.

—E' n'um apice.

Levanta-te, verdugo da innocencia, allegoria da torpeza, imagem da concupiscencia, symbolo da incontinencia.

—Aonde me leva, Sr.?

—Segue e não repliques, animal immundo.

—Chegou a hora da expiação?

—Ainda não monstro.

.....

Capitão, aqui está o scelerato do pudor das familias.

—Bem. Amarre essa escoria do ser humano ao mastro grande em quanto dou certas determinações.

Estou com os ouvidos atordoados de peditorios por essa vibora infernal.

Cousa espantosa!

Inconcebivel spirito de beneficencia desta terra!

Em quanto a miseranda viuva, cujo marido se finou defendendo a patria, é deshumanamente enxotada da casinha onde mora, porque deve dous ou tres mezes de aluguel ao intractavel proprietario; em quanto uma ligião de mendigos pernoitam pelas soleiras das casas e adros das egrejas, sem que um so coração philantropico se lembre de iniciar a ideia de lhes dar um pouso, em quanto tanto rico indifferente passa ao pé do pobre que estrebucha á mingoa; ao passo que centenas de cidadãos, uteis á sua terra, victimas da prepotencia do governo, são amarrados e embarcados para o sul, sem que se erga uma voz que se interponha a seu favor, ha caracteres, alias respeitaveis que implorem por um perverso destes!

Amargo contraste!

—Pede-se pelos maus.

—Porem por um malvado, incestuoso, que nem a propria comadre respeitou?!...

Como é que se pede por um interminavel pertubador do socego das familias!

O vento abrasador do sul não causa mais estragos do que esta nefaria creatura onde penetra.

Peior mil vezes que a ponta ervada de um punhal, porque este fere o corpo e elle assassina o pudor, causa dores mais agudas do que o mortal veneno que mata violentamente, em quanto elle causa martyrios que pungem uma vida inteira!

Não!

Para um ente execravel desta ordem não pode haver clemencia!

—Admira, como um caixão de ossos destes, feio como um macaco, alcança tanta cousa.

—Tambem a serpente é venenosa, mas tem o dom da fascinação.

(*Continúa.*)

MOTTE A PREMIO.

Mimosea-se com um volume ricamente encadernado a quem melhor glozar o seguinte motte:

No jardim deste teu peito
Fiz a minha habitação,
Com a minha propria mão
Eu plantei amor perfeito.

—As diabruras deste damnado salabardote são interminaveis.

—Quem é esse alma de chicharro de quem V. se occupa?

—O vigario de *Matatuim*.

—Ah, esse camapheu é a expressão viva da crapula e libertinagem.

—Está uma praticada por esse filho de Satanaz de fazer arripiar os cabellos.

O *Antonio Manso*, morador na *freguezia* onde sem *passe* ninguem reside, queria casar a filha cam certo rapazola.

O vigario da *freguezia* do *passe* que acabo de fallar.....

—Que a aqui p'ra nós, é uma *joia* igual ao outro.

—La isso eu não sei; mas como ia dizendo, o vigario não sei o que achou de impedimento, que teve escrupulo de administrar o sacramento do matrimonio.

Recorreram ao vigario de *Matatuim*, que prestou-se.

No acto da confissão perguntou elle a moça:

«Menina, porque maneira V. entrelaçou amisade com seu noivo?

«Tinha entrevistas á noite com elle pelo fundo do quintal?

«Dava-lhe boquinhas?

«Dava-lhe abraços?

»Fez alguma couza mais além disso?»

.....

«Antes V. cazasse commigo, que eu lhe retribuiria melhor o amor.»

«Que noite feliz vae ter V.!...

.....

«Pois bem, V. vae casar; so lhe peço que não se esqueça do padre que a cazou!.....»

—Isso é de mais.....não creio.

—Aquelle typo de impureza é capaz de mais nefandos actos, quanto mais isso.

—Mas agora reflicto: isso, dado o caso que se desse, foi segredo de confissão; como poude chegar a seu conhecimento?

—Porque a propria noiva relatou tin tin por tin tin.

—Horror!...

—E é preciso notar que esse chichisbeu de batina usou de phrazes que aqui não reproduzi porque o pudor me embarga a voz.

—Oh! que lascivo bargante! O muxingueiro ja está cançado de retalhar a cara de tal bisborra do ser humano e o bruto não toma um resquicio de vergonha!

VARIEDADES.

VOTO CONTRA.

Em uma villa do Lincolushire, na Inglaterra, verificavam-se ultimamente umas eleições, sendo dous os candidatos; um delles, militar envelhecido em campanhas, tinha sempre o cuidado de lembrar aos eleitores os serviços que havia prestado ao paiz. Quando já se ia proceder a votação, sobe ainda a um banco, e clama com voz de trovão.

—Cidadãos, tenho combatido e tenho derramado o meu sangue pela patria. Ajudei a humilhar os russos, e venci os anarchistas indios. Tenho dormido nos campos de batalha, não tendo por travesseiro sinão a terra. Tenho pizado terra gelada até ficar cada pegada marcada com sangue.

Este discurso produziu viva impressão. Entre os ouvintes estava um sugeito a quem abalou tanto a narrração de tantos infortunios que lhe correm as lagrimas em fios pelas faces. Dirige-se para o orador.

O candidato ia continuar a elogiar-se, quando nota que aquelle individuo deseja fallar-lhe. O eleitor aproxima-se.

—O senhor não disse agora que tinha derrotado os russos e vencidos os indios?

—E' verdade.

—E não disse tambem que tinha dormido sobre a terra combatendo pela patria?

—Disse.

—E não disse, continua o eleitor, cuja commoção é cada vez mais viva, que marcou com o seu sangue o caminho que trilhava?

—Tambem é verdade.

O eleitor olha para elle com admiração, e depois, apertando-lhe a mão com força, diz:

—Nesse caso, vou votar pelo seu adversario. Que me leve o demo si o senhor não tem ja feito bastante pela sua patria!

UM CONSELHO.

Lê-se no *Artista*, do Rio Grande:

Pediu um sugeito a um padre seu amigo que lhe ensinasse uma oração efficaz para salvação da alma.

Respondeu-lhe o padre:

«Rese ao levantar-se um *Padre-Nosso* e uma *Ave-Maria*; recite depois esta oração:

Senhor meu Deus, livrai me de um banqueiro arruinado,

De um pobre enrequecido,

De um usurario,

Da tutela de um procurador,

Do *qui pro quo* de um boticario,

Dos que juram pela sua honra e consciencia.»

A' sahida, o sachristão que ouvira a conversa, disse-lhe; ao que o Sr. prior lhe disse accrescento eu as seguintes utilissimas maximas;

«Para que não seja prejudicial o uso do café, côe-se cuidado-amente antes de se deitar na chavena, juntam-se-lhe algumas gotas d'agua fria, meche-se, mistura-se-lhe uma pequena porção de quina em pó, e depois de tudo bem mechido com uma colher deita-se pela janella fora.

Para que se não molhe o *paletot* ainda que se vá pelo meio da rua sem chapeu de chuva; usar sempre sobrecasaca quando chova.

Para ir todas as noites ao theatro, e, em vez de gastar, ganhar dinheiro: ser porteiro ou arrumador na platea.

Para não perder nunca um ceitil nas loterias; não jogar nellas.

Para attingir em pouco tempo elevada posição: subir á primeira montanha que se encontre.

Para que as botas de polimento não mortifiquem nunca os pes: usa-las sempre de bezerro.

Para que seja inexhaurivel uma garrafa de marrasquino: ir-lhe deitando desse licor á medida que se lhe va tirando, de modo que esteja sempre cheia.

Para que os homens não se tornem calvos: cortalhes a cabeça quando creanças.

Para nunca naufragar, ainda que se façam longas viagens; andar sampre por terra; e ponto averiguado.

Para cortar pela raiz os estragos das toupeiras nas hortas: não fazer nunca hortas onde haja toupeiras.

Para que uma vela allumie como duas: corta-la-ão meio accender as duas metades.»

Fellipe; não sabes? Acabaram agora de me deitar a cara com uma excellencia.

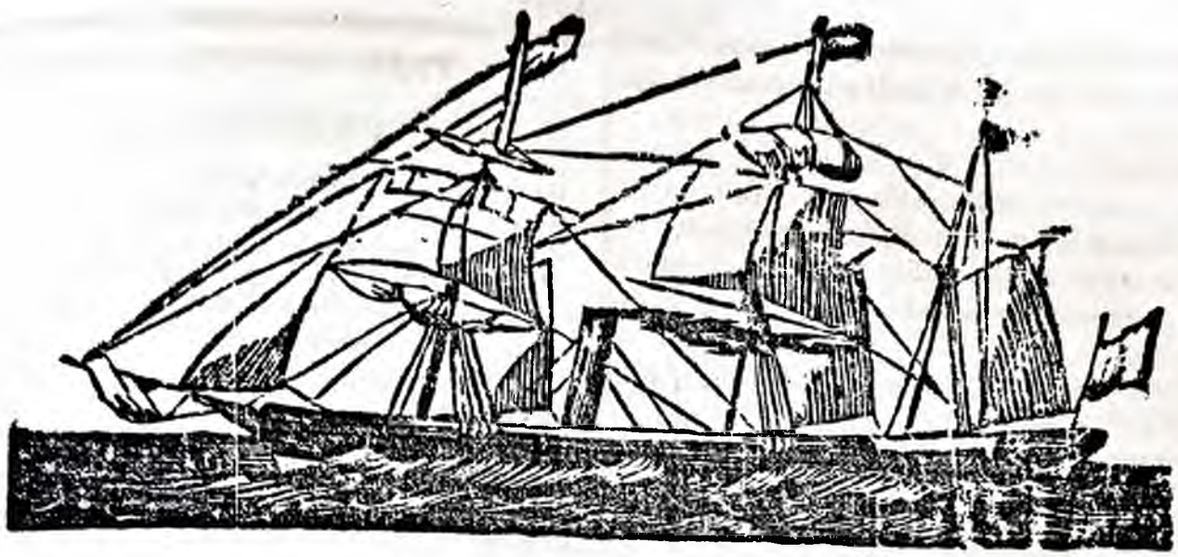
—Sim? Olha, por isso a tens suja.

ANNUNCIOS.

Roubaram no dia 30 de maio da cocheira de J. A. Magalhães um cavallo russo pedrez com 6 palmos de altura, crinas grandes, novo e desferrado: quem o trouxer ou der inculca certa, será bem recompensado. Ja uma vez foi carregado por um tal Antonio, morador ás Quintas das Beatas, que o levou até ao Pau Miudo e ao depois largou-o nas Quintas na roça de um moço, dizendo que era dos rendeiros e que se tinha soltado!

Ao Illm Sr. Dr. chefe de policia pede-se que lance suas vistas sobre a immensidade de vadios que ha por esses sitios, os quaes, não tendo em que gastar o tempo, ocupam-se em fazer destas e outras peças aos moradores do logar.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. Serie 38.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 6 DE JUNHO DE 1868. N. 371.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. capitão do porto, communicando-lhe que tendo-se por mais de uma vez reclamado contra o estado de obstruição em que se acha o canal da ribeira de Itapagipe, proveniente da agglomeração de caldeiras velhas, cascos e destroços de navios que alli depositam, nemhuma providencia se tem dado a respeito, com o que ha crescido o mal, o que não é ja so no mar como tambem em terra, difficultando o transito publico.

A' vista do exposto, recorre-se ao efficaz authoridade de S. S., de quem espera-se mais uma prova a bem do serviço publico.

—Leu o *Diario* de quinta feira?

—De cabo a rabo.

—O que me diz sobre aquella *encommenda* de uma columna inteira?

—Qual?

—A do baile do Gustavinho.

—Ah! aquillo é uma bambochata dos peccados.

—Viu que alluvião de palavras empolladas, que sinapismo de elogios?

—Louvor em bocca propria é vituperio.

—Ja é costume de Bebé.

—Naquella faceta descripção sobresahe em chiste o seguinte, digno de entrar na composição de uma scena comica:

«..... na qual sobresahia com a mais perfeita distincão de trato e de maneiras o *par presidencial*, objecto das affectuosas attenções de todos os assistentes.»

—Está direito: a mulher do presidente é a presidenta.

—Isso é burlesco.

—Eu so estou como o *Diario* se presta a occupar uma columna inteira da redacção com tão stulta frioleira.

La o *Correio Natalense* tem suas rasões para se prestar aos basofeiros caprichos de *bebé;* mas o *Diario*.....

—Que bello, edificante e moralisador quadro è aquelle!

—E' o mais transparente reflexo da civilisação da epocha!

—Quatro homens acorrentados pelo pescosso publicamente pelas ruas da cidade em seguimento da secretaria da policia, hoje sexta feira!

—Quem serão aquelles infelizes?

—Disseram-me que são recrutas que acabam de chegar do centro.

—Talvez sejam criminosos.

—Criminosos ou recrutados, é contristador presenciar-se n'uma terra civilisada como esta, homens, acorrentados, á laia de brutos.

—Esta casa penitenciaria anda sempre em *cataclysma!*

Tira administrador, põe administrador, muda de pessoal e a cousa sempre p'ra peior.

—Diz que o diabo tanto endireitou o nariz da mãe, que entortou-o por uma vez.

—A difficuldade tem sido na escolha.

—Pois olhe: dizem que quem está lá agora é um portento de intelligencia e um *catão* de probidade.

—Não duvido; mas o caso é que o chefe de policia dando outro dia por lá, alta noite, encontrou tudo no alteio.

A casa estava, como se costuma dizer, sem rei nem Roque.

—E V. se intromettendo com cousas que não é de sua conta! depois o homem lança-lhe um fulminante de—*pasquim nojento cuja calumnia se deve perdoar*.

—Dizem que o guarda da casa de Asylo negocia alli.

—O que, homem!...

—Venderam-me este peixe.

—Eu passo por la todo dia e ainda não vi la nenhuma quitanda.

—Esta agora é sua.

—Pode guardal-a.

—Pois so se negocia em quitanda?

—Então explique-se.

—Contaram-me que o homem collocou na casa de Asylo um daquelles objectos que Bocage glosou com motte e quem quer se sentar nelle ha de pagar dois vintens.

—Nada mais barato; por dous vintens a gente alliviar-se de um peso que, as vezes, manda um vivente para outra vida.

Mas eu creio que isso não passa de gracejo de algum garoto, que se quer divertir com o pobre velho.

—Não, Sr., quem me disse affiançou.

—Neste mundo cada um tem seu fraco.

—Estou por isso.

—A mania do caixeiro do Serafim é fazer papel de amostra de *certa prenda* que todo mundo traz occulta.

—E' serio isso?

—Garanto-lhe.

—Que sem cerimonia!

—Mas o patusco tem suas reservas. Não mostra a todos o seu dote.

—Não é publico então?

—Não: é verdade que elle não se faz rogar para mostrar a sua *prenda* as freguezas que vão comprar na taverna defronte da porta da Sé, muitas das quaes não lhe pediram tal favor.

—Ah bregeirote! Um pouco de agua-raz e polvora lhe tiraria a extravagante mania.

—Uma torquez afiada tambem servia.

Typos contemporaneos.

OS RUADORES.

I.

Troquemos agora o papel de Democrito pelo de Juvenal e Heraclito; o riso que nos arrancou o ridiculo pela indignação á perversidade, e pranto á dôr que occulta geme nas sombras do lar.

Devassemos a vida intima do ruador; d'aquelle que abandona e esquece a esposa e o filho pelos prazeres da rua; e n'estes, ora nas tavernas o ujogos, ora nos alcouces ou a palestrar sobre a honra alheia, gasta as horas que devera empregar na educação dos filhos, na convivencia da consorte, no bem estar em fim da familia.

E' triste o que ides lêr, mas é verdade, leitor.

Esse homem, que talvez mereceu do poder insignias e honrosos titulos; que tem uma posição boa na sociedade; que vos aperta a mão; que assenta-se entre os juizes de consciencia.... é peior ás vezes que o miseravel calcêta, por elle mesmo condemnado!

Comparai-os.

Este, rouba no desespero da fome, ou matou seu inimigo quando allucinado pela injuria: era bom: a força das circumstancias o impelliu ao crime. Foi por isso privado de sua liberdade por longos annos, e odeiado de todos, e carregado de ferros, e coberto de trapos, e livido pela doença, eil-o agora no carcere, ou entre baionetas no trabalho publico.

Aquelle, jurando amor constante, estima e dedicação perante Deus, trouxe para sua casa a virgemzinha que feliz sorria entre os seus; aborreceu-a depois, e hoje,—si forçada pela angustia não transviou-se a miseria,—assiste impassivel seu prolongado martyrio; da-lhe gotta á gotta o fel que a envenena, que sulca-lhe as faces, que lhe rouba as forças, que lhe faz brotar perenne o pranto...a desventura extrema. Teve filhos, e estes crescem no abandono, preparando-se na menina a prostituta, e no menino o crapula, o perturbador da ordem, o réu de policia; pois que todos tem por norma seu pae, o homem das ruas e casas de perdição!

O calcêta commetteu o crime em momento de loucura, fora de si,e portanto sem encherger o abysmo em que se precipitava. O ruador, frio como o punhal do homicida, o commette lentamente, hora por hora, durante muitos annos.

Si aquelle roubou...si assim privou a outrem de uma parte de seus haveres:—esto

priva a muitos da honra, da paz e da felicidade.

Este é o assassino, é o algoz de uma familia inteira!

A sociedade pouco se importa com isto; não os compara; condemna aquelle, e abraça este: olha com indifferença para tamanhas atrocidades.

Nós, porem, leitor, rasgando o veu que os envolve, prolliguemos severos o malvado, e choremos com suas victimas.

Entremos, pois, em casa do ruador.

(*Continúa.*)

MARIDO E MULHER.

Vendo-se um homem e uma senhora aproveitarem todas as occasiões que se lhes offerecem, em qualquer sociedade, para lançarem epigramas um ao outro, deve inferir-se que são marido e mulher.

Vendo-se um homem e uma senhora na mesma sege sem dizerem palavra um ao outro, e olhando um pelo postigo da direita e o outro pelo da esquerda, pode asseverar-se que são marido e mulher.

Vendo-se cahir, por accaso, o leque oü uma luva da mão de uma senhora, e que o homem que está a seu lado não só se não curva para o apanhar, mas até consente que ella mesma o levante do chão, nenhuma duvida ha que são marido e mulher.

Vendo-se passear um homem e uma mulher a dous passos de distancia um atraz do outro, e que ao passar por um máo caminho, ou um regato, elle não dá a mão a mulher, e a deixa passar sem cerimonia, claro está que são marido e mulher.

Vendo-se uma senhora, cujas qualidades e prendas encantam a todos geralmente, excepto a um unico homem, o qual, pouco sensivel aos elogios que ouve prodigalisar-se-lhe, falla della seccamente, tenha-se por certo que são marido e mulher.

Vendo-se um homem e uma mulher a ralhar continuadamente um com o outro, servindo-se com tudo das expressões *minnha querida, minha amiguinha, meu bemzinho*, pode dizer-se que são marido e mulher

Triste e mui triste é na verdade para o seculo em que vivemos o serem tão positivos estes indicios, e que inculquem quasi sempre o laço que deveria ser o mais doce e consolador da vida! Ah! e quando se reconhecerão o marido e mulher pela ternura, confiança mutua, união de genio, cuidados reciprocos, e pelo prazer de estarem sempre juntos?

Este tão justo desejo talvez nunca se veja cumprido.

LA VAE VERSO.

OS HEROES DE HOJE.

SONETO.

Qualquer bicho careta tem um nome,
So eu é que o não tenho por ser tolo!...
Nada, nada, é preciso entrar no bolo,
Quando não, ai de mim, morro de fome!

P'ra fazer com que a fama a si me tome,
Cumpre pois desde ja, criar miolo:
Vou tirar meu retrato para expol-o
E logo alcançarei alto renome.

Depois inda outro meio seguirei:
No *Jornal da Bahia* mui subtil
Louvores a mim proprio tecerei.

Conheço o meu talento, sei que é vil;
Porem da minha terra é esta a lei...
Assim se fazem heroes ca no Brasil.

A PERDIDA.

A perdida é como a cobra,
Tem veneno e tem peçonha
Faz de um homem rico, pobre,
Faz de um pobre um sem vergonha
(*Canção popular*)

Como das nuvens rebentantes passa
Subtil fumaça que nos deita ao chão,
Assim dos labios da mulher perdida
Cahe baba ungida da mais vil traição.

Ah! não te chegues, marinheiro louco,
Foge ao cachopo que te quebra a náo!
Foge que é tempo da fallaz sereia,
Ou vaes n'areia naufraugar do vão.

Quando a perdida te mostrar as faces,
Frias, mendaces como a mente sua,
Quando seus olhos de uma luz mortiça,
E a voz postiça te disser: sou tua.

Quando em requebros te pedir um beijo,
A' vil sem pejo não tributes fé!...
P'ra quantas frontes de uma gloria inclyta,
Capua maldita um lupanar não é!

Quantas cabeças de laureis cingidas,
Morrem cuspidas d'essas bocas vis!
E quanta infamia ou desespero nobre
O tecto cobre de seus maos covis.

A quantas dores não dão causa as loucas
N'essas tão poucas emoções que tem!
Hoje é a mãe que ao transviado filho,
Procura o trilho que o conduza ao bem.

Chora amanhã a desgrenhada esposa
Por sobre a lousa de um edem de amores,
Vendo a perdida esfarfalhar por gosto
De seu agosto as mais vigosas flores.

Depois a infamia eternamente, a fome,
Velam um nome que bem nobre foi:
Embora o triste longas horas gema,

Antes que a extrema de seus males soe!

Foge, mancebo, d'esse vulto exguio,
Cadaver frio do que foi mulher;
Que nos destroços de sua alma gasta,
Já não se engasta uma emoção se quer!

Sobre uma inculta endurecida pedra,
As vezes medra bem cheirosa flor,
Porém no peito da mulher perdida
Morre inanida do perfeito amor!

Não vos-lhe o tédio n'esses mornos beijos,
N'esses bocejos que dos lados sahem?
Se o outro falta não a vez esquiva,
E rosa viva se as moedas cahem?

Depois um dia nem do ouro o zelo
A alma de gelo lhe dará calor!
Então, mancebo, que crueis martyrios,
Que roxos lyrios, que terrivel dor!

A outrem dado o que comprar quizeras
Co'as primaveras da existencia tua!
Louco de amores a pedir indulto,
E alem do insulto a zombaria sua! . . .

A! não, não julgues n'essas cinzas priscas
Achar faiscas nem se quer amores!
Em seus alcouces não terás repousos,
Em vez de gosos acharàs só dores!

Athos

Á PEDIDO.

—Capitão, no domingo 7 do corrente, ha revista do batalhão dos *tortos* e *aleijados*, e aquelle que não comparecer com a sua blusa vae para o cagarrão!

—Teremos Lopez no Brazil; de quem é tanta ameaça?

—Do commandante, que para dar esta ordem, na revista passada, foi preciso requisitar força de um dos corpos destacados em *Latronopolis:* a presença desta força requisitada fez com o D. Quichote caturra se revestisse de certa gravidade, e desse a seguinte ordem —quem não comparecer fardado de hoje ha 15 dias, será prezo.

Não se acredita que um commandante para disciplinar seus commandados, peça força estranha; so quando se tem de requintar qualquer batalhão é que assim se pratica; si não tem força moral deixe a espada e a banda.

—Si eu fosse deste batalhão, capitão, na occasião de semelhante scena, lhe faria as as continencias com armas de S. Francisco, que são aquellas de que os *tortos e aleijados* dispoem.

—O que a officialidade disse a isso?

—Os que compareceram são ainda mais ridiculos do que o D. Quichote Caturra, não sabem elles que figura triste fizeram e fazem, uns com as fardinhas a balão, outras com o dorso direito como um anzol; são verdadeiros guigós.

—Na verdade, rapaz, representaram moral e physicamente um papel degradante, e terão animo ainda de comparecer na revista de domingo?

—Ora, si as hemorrhoidas os tem atacado muito nestes tempos.

Rapaz ha na botica de 7 portas, um medicamento heroico, chamado prompto allivio, quando estiverem atacados que façam applicação delle, pois que os tortos e aleijados não tem culpa de seus padecimentos.

VARIEDADES.

MEDIQUINHO.

Um estudante de medicina, que andava nisso havia já um par d'annos, e com o mesmo proveito que por ventura tiraria se la andasse ainda mais ciute, era o alvo dos epigrammas de toda a estudantada.

—Serio, serio, lhe perguntou uma vez um dos enfermeiros do hospital, o senhor que è o que sabe ja encarregar-se-hia de um doente?

—Conforme! lhe respondeu o pobre rapaz. Sendo pequenino, parece-me que o que eu ja sei bastaria; la para homens feitos, isso é differente.

— — —

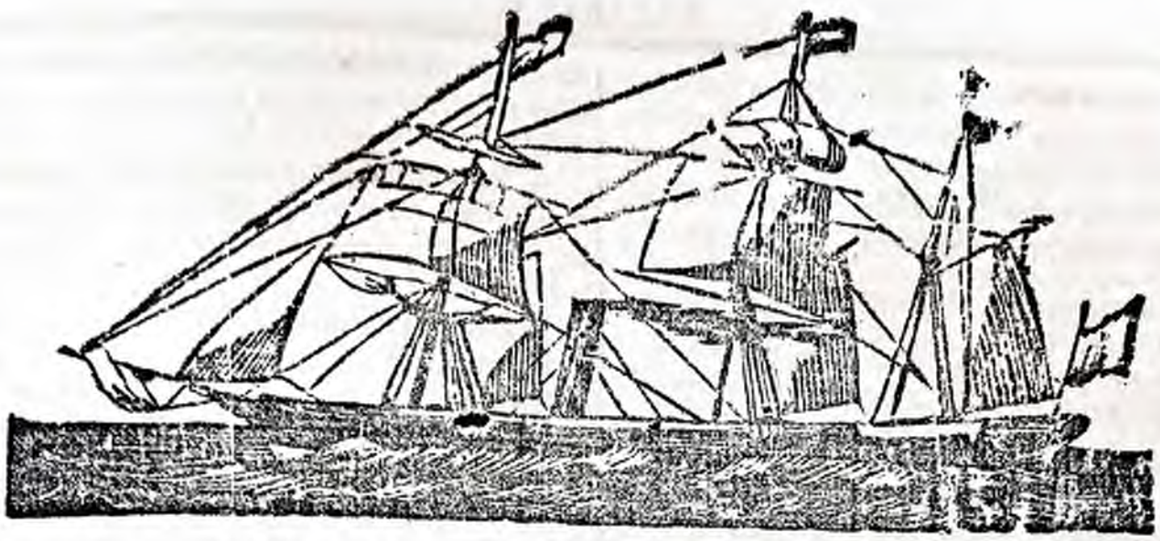
Perguntou alguem a um desgraçado, cuja jaqueta era um crivo de buracos, se sentia frio.

—Como quereis que o sinta, respondeu o pobre, si com a facilidade com que entra assim sahe.

ANNUNCIOS.

FOGOS E MAIS FOGOS E SEMPRE FOGOS PARA AS VESPERAS DE SANTO ANTONIO, S. JOAO, S. PEDRO E O GLORIOSO DIA DOUS DE JULHO.

Só na Loja Flaviense de Antonio Emigdio de Souza, á rua do Guindaste dos Padres n.º 24, é que se encontra um grande e variado sortimento de pistollas, foguetes do ar, craveiros, fortes espadas encouraçadas, chuvinhas e chuveiros, rodinhas grandes e pequenas, traques da India das primeiras marcas, ditos de maça, ricas sortes para presentes, candeias e bichinhas, photographias magicas e feiticeiras. O Annunciante garante ao respeitavel publico desta capital, que em parte alguma serão tão bem servidos como na loja acima, por ter mandado fazer os seus fogos por emcomenda e a capricho, só afim de bem servir aos seus freguezes, pois escolheu os primeiros fabricantes desta capital, e como se acha com um grande deposito está resolvido a vender tudo por muito menos que em outra qualquer parte, e por isso espera ser preferido, pois ninguem quer ser mal servido.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VI. **Serie 38.**

BAHIA 9 DE JUNHO DE 1868. N. 372.

O ALABAMA.

Este é o segundo numero da serie 38 do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, reclamando contra a reluctancia do accendedor da ladeira de Santa Thereza, que teima em apagar os lampeões muito antes das 4 horas da madrugada.

Espera-se que S. S., na intenção de bem desempenhar o cargo que dignamente lhe está confiado, providencie á respeito.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que dirija-se a ladeira da Jaqueira e intime ao negociante Ferraro a cautella de trazer preso o seu formidavel cão, o qual investe e morde a quem por alli passa, como succedeu, ha dias, ao cidadão Braz de Moura, que ficou com uma perna dilacerada; advirta-lhe que embora S. m. pagasse a multa, e désse *dez mil reis* pelo prejuizo causado, não é isso que compensa o damno que soffreu áquelle cidadão em sua saude e seu traje, e o que pode vir a resultar a outro qualquer, que tenha a infelicidade de cahir nas garras daquelle fero animal.

—Ao Sr. João Pinto da Silva, convidando-o para que, logo que esta receba, venha a bordo deste navio, em companhia do Sr. Herculano Dantas, para *deslindar certo negocio*. Cumpra.

—Ha duas noites ninguem pode pregar olhos nesta rua do Tijollo!

—Aquillo é que chama-se perfeita observancia da postura n.º 60, que a policia mandou ha pouco avivar.

—Um maldito *batucajé*, déntro da cidade, a atordoar os ouvidos da gente fora de horas!

—Parece que as authoridades e patrulhas ensurdeceram com a zoada do tabaque e destempero da cantilena, que não ouvem tão infernal labiryutho!

—E' um desaforo!

Tanta gente encommodada por causa destes africanos moradores na casa n.º 24!

—O que se ha de fazer, si quem pode não quer valer?

—Capitão, ouça esta que V. Ex. ignorava,

—Declare-se.

—Informaram me que os homens, que vieram encangados pelo pescoço e saltaram sexta feira na ponte da Companhia Bahiana, eram cinco.

—Mas aqui chegaram quatro.

—Em consequencia de morrer um no caminho.

—Foi um de menos que ficou.

—A respeito deste, o meu informante conton-me uma de arripiar.

—Pode dizer sem rebuço.

—Que tendo fallecido é como o commandante da escolta não podesse tirar-lhe a corrente, mandou serrar-lhe o pescoço para safal-a!...

—Que estupida selvageria!

—E enchem todo dia a bocca com o barbarismo do povo paraguayo!

—No sabbado á noite andou uma baderna de sujeitos, muito conhecidos por seus feitos, a encommodar o socego publico, com algazarras e alarmas em casas das *mulheres da vida*.

—Si a policia fosse mais previdente não se daria disso.

—Na rua do Collegio, fizeram as todas: não houve casa que não levasse pedradas e descompostura.

—E a policia impassivel!

—Appareceram dous soldados; porem foi o mesmo que la não fossem, porque os turbulentos não os levaram em conta.

—Ja leu a *Luta nas trevas?*

—Ainda não.

—E' um folheto pequeno no volume; porem grande no assumpto, que publicou o Sr. A. de Carrascosa, alludindo a passagem da esquadra brasileira ás correntes de Humaytá.

—Parabens ao patriotismo do Sr. A. de Carrascosa.

—E reconhecimento pela lembrança que teve em distinguir-nos com um exemplar de seu apreciavel livrinho.

—O *Oraculo das donas e donzellas*—é um livrinho que traduzin e publicou o Sr. Z. N. Silva Freire para distracção das senhoras.

—Ao Sr. Silva Freire toda animação pelo cuidado que toma em recrear o bello sexo.

Typos contemporaneos.

OS RUADORES.

(*Continuação.*)

II.

Alonzo, o esposo da joven Carmem, d'essa formosa moça que, ha dous annos, consquistava nos salões o sceptro de rainha, não só pelo fulgor de seus olhos, como pela ingenuidade de seus sorrisos, trocou ha poucos mezes sua casa pelas ruas da cidade, onde procura distrahir-se.

Antes de casar-se, a casa que mais frequentava era a de Carmem, da virgem de suas melancolicas scismas, e dos sonhos suaves de suas noites. Carmem correspondia-lhe o seu amor com egual ternura, tornando-o a flor de suas esperanças.

Effectuou-se o consorcio.

A' luz das tochas do hymineo, quem, sabendo da apaixonada affeição que ha muito ligava os noivos, e vendo-os rubros pelo calor do coração, não diria entre si:—quanta felicidade os aguarda!

Foram felizes, sim; mas a felicidade durou apenas um anno—tempo da lua de mel e seu crepusculo.

Apagaram-se as chamas do amor n'alma de Alonzo, apparecendo logo o frio do tedio. Então, aborrecido, despresou a vida intima do lar pelos prazeres da rua.

Nos primeiros dias de perdição, ao voltar para casa á noite, Alonzo encontrava Carmem afflicta e muita vez chorosa; arrependia-se e protestava emmendar-se,—mas no dia seguinte, entrevendo os gosos de que pretendera fugir, alucinado esquecia os seus protestos.

Hoje, Alonzo é um dos mais constantes ruadores. Apenas nas horas da meza e do leito dirige-se á casa. Taciturno entra; em completa mudez permanece ao lado da esposa; e se esta aventura uma pergunta, elle responde com indifferença, e logo retira-se.

E a infeliz outr'ora tão amada do esposo, que hoje abandona-a impiedosamente sem lembrar-se que o abandono, a solidão, e o amor-proprio offendido são muitas vezes causas invenciveis do crime?

Carmem chorou a fria indefferença de Alonzo, desejando nas horas de maior afflcção o descanço do tumulo. Abandonada, ella entregava-se a dor; o pezar prohibia-lhe o trabalho; o pranto sulcava sem tregoas as suas faces outr'ora rubras e aveludadas; mil pensamentos a turbavam...

—Despresa-me... aborrece-me... acha-me certamente feia e insipida;—dizia ella, e então o anjo do mal levava a ao espelho e dava-lhe a convicção de sua formosura.

—Não ama-me mais!—dizia ella com profundo desgosto, e então o anjo do mal trazia-lhe á mente as juras de amor de tantos mancebos, que julgar-se hiam felizes possuindo-a.

—Ama certamente a outra. Em quanto desprezada eu choro, elle repete aos ouvidos d'essa mulher apaixonadas phrazes!—dizia ella, e então o anjo do mal inspirava-lhe a vingança.

Um dia, quando Carmem estava entregue a estas cogitações penosas, appareceu-lhe formoso mancebo, e com a eloquencia da serpente do Eden dirigiu-lhe apaixonado estas palavras:

—E' longe ainda a hora de teu emmurchecer, bella flor! A luz do sol, o canto das

aves, o perfume de tuas irmans, o murmurio dos arroios, e os suspiros dos ecos derramam mysterioso encanto sobre as campinas. Porque emmurchecer n'aurora da vida, quando tantos gozos te esperam? O que te falta, o que anceias, o que suspiras? Amor? O meu coração é todo amor! Dedicação? Sou teu escravo! Paixão... delirio?... E's bella, e eu sou ardente! Prendem te os laços do consorcio? Não! O consorcio é um contracto entre duas creaturas; quando uma esquece, e despresa, a outra pode desprezal-o e esquecel-o; a falta de uma authorisa a falta da outra. Esse homem de quem fallas, eu vi, ha pouco, ao lado de outra mulher. Vem, pois... Vinga-te de sua indifferença... Corramos ao seio do prazer... Amemo-nos... vivamos...

Tornou-se emminente o perigo.

—Grande Deus! ella escuta o genio do mal...

Suspende teus passos, fraca mulher! Em vez do tremedal do vicio, procura o seio d'essa religião. cujos preceitos aprendeste no collo de tua carinhosa mãe... corre ao templo... vae refugiar-te aos pes dos altares... Lá encontrarás a consolação, a paz de espirito, e a salvação d'alma... em quanto que na prostituição te aguardam a miseria, o embrutecimento, os crimes—as dores do corpo e a perdição eterna!

Era o seu anjo tutelar que assim lhe bradava; porem a miseranda não o escutou... prostituiu-se.

O que aconteceu depois? O que acontece sempre.

A sociedade abraçou o criminoso Alonzo, e cuspiu na face da victima.

(*Continúa.*)

Á PEDIDO.

—Capitão, fiz uma colheita excellente.

—Bom; isso é o que serve.

—Recrutei de uma so vez, toda essa canalhada que ahi vê; nessa enfiada de patifes, não ha um que se esperdice; em cada qual prima safatez, deboche, immoralidade, latrocinio e descaração.

—As comissões desempenhadas por V.são sempre satisfatorias.

—Bondade de V. Ex.

—Justiça. Mas, ao que serve; passe a fazer carga a esses casmurros.

—Vou começar.

1.º—Padre Quiabro duro, ou por outra padre nagô, cara de vaqueiro, barrão da *capellania* de Pijará

Este phariseu é um catalogo de perversidades e sordidez.

Tem a malignidade de valer-se do confissionario para persuadir á pessoas credulas e de boa fé a que façam testamento, nomeando-o seu testamenteiro. Baptisando a dous filhos de uma miseravel mulher, teve a incrivel audacia de assental-os como escravos para depois de muitos annos, combinado com alguem, querer escravisal-os.

A sordidez domina-lhe tanto n'alma, que tem o repugnante displante de lamentar, que em sua *capellania* morra tão pouca gente que nada lhe rende!

A crapula está encarnada neste energumeno; e o adulterio é um dos riquisitos, que dão-lhe incontestavel direito aos afagos do muxingueiro.

Seduziu a mulher de um seu freguez *Ze Diz e deria* por antonomasia, e com ella tem escandalosamente relações clandestinas,

Confessando a um enfermo, conhecido pelo *Feliz Condeialá*, de quem tinha rixa, commetteu o horroroso attentado de valer-se daquella hora suprema, para dar-lhe uma bofetada!

Tendo seduzido a uma sua parenta e com ella tido tratos incestuosos, arranjou ao depois um casamento com um primo da dita, sendo elle o sacerdote que confessou-a e casou-a!...

—Pare. O que tenho ouvido é de sobra.

—Ainda não ouviu metade, capitão.

—Dispenso. Passe a outro.

(*Continúa.*)

AO EX. SR. VIGARIO—DEPUTADO FIRMINO.

Exoro, supplico e rogo a V. Ex. se digne de ler com attenção o discurso proferido pelo deputado—Campos Salles na assemblea provincial de S. Paulo (transcripto no *Jornal do Commercio* de *16 de maio* do anno que corre, sob o n.º 136,) em que esse distincto parlamentar *apotheosa*, *deifica*, *diviniza* o vigario do Rio Claro: è um mimo em trôco do demasiado, e injusto (ao menos pela sua generalidade) aparte de V.Ex. (ministro de um Deus de bondade, apostolo de uma religião—cuja divisa é a caridade fraternal) —*os professores são corruptos e corruptores*,—atirado sem caridade, sobre uma classe de empregados pobres, mas em these, tão honrados quanto V. Ex.

Um professor.

PUF! PUF! PUF.

AS PEDRAS PRECIOSAS DERRETIDAS EM LUXO!....

—O valentão de *Arves*, oriundo da *Costa*, refinado ladrão das *pedras preciosas*, deu-se de roubado n'um *anno* ja *passado*.

—Como foi isso, então?

—N'uma sexta feira para sabbado, de noute, tendo o socio *Varnardo Papagaio*, dado certa quantia a guardar, para, no dia seguinte, levar para a cidade da *Cataduba*, o barbas brancas deu assalto no armazem, e limpou o dinheiro e parte das *pedras preciosas* que existia no cofre!!!.....

—Explique-se, que não entendo. Então so levou parte das *pedras preciosas*?

—Sim, porque quiz fingir-se roubado por algum negro ou pessoa ignorante do que é *pedra preciosa*.

—E precisava elle fazer isso em sua propria.....

—Tanto precisava que o fez e a prova é que agora anda semeando dinheiro, e diamantes com a *Totonia filha de Jerusalem*, passeiando em carro; sempre em pagodes e orgias, ostentando luxo, vaidade, e pouca vergonha, á custa dos pobres socios, a quem roubou e rouba escandalosamente com a mais cynica descaração.

—Esse tratante galego andava curtindo uma grande borracheira com a tal celebre *delambida*, na festa do *Paraclyto* em Santo Antonio, onde quiz esmurrar todos que encontrava.

—E porque?

—Foi a taberna do *Xico*, á quina do largo de Santo Paduano, onde estavam algumas pessoas suadas pelo calor, querendo beber; e como o tal gallego com. a *mariposa* julgasse que o vinho e cerveja não chegavam para elles, entrou a provocar e querer brigar o que fez sahir todos; e o dono da tasca gostando, por que ambos são galegos.

—Synonimo de burro.

—O tal barbaça *Arves*, selvagem, vallentão encheu os dedos da engraçada filha de Jerusalem de anneis com diamantes e *derretendo* os outros em luxo, passeia impunemente.

—E' preciso dizer a esse gallego, atrevido borracho e estupido que se emende de suas velhacadas, e continuas desordens; porque um dia pode ser-lhe fatal o seu atrevimento e insolencia. O numero de victimas da mordacidade e desavergonhamento de tal labrego é immenso, e pode ser que, quando menos o espere, venha a sofrer esse desertor do *Limoeiro* pela sua inculcada valentia.

VARIEDADES.

A MOSCA E O TOURO.

Tendo uma mosca pousado sobre o costado de um touro, receiou incommodal-o com o seu peso; e para não deixar occulto esse receio disse-lhe:

—Sr., queira desculpar minha confiança; mas si o peso o incommodo, vôo para outra parte; não tem mais do que mandar.

—Quem me falla, perguntou o touro em um tom ameaçador.

—Sou eu.

—Quem?

—Sou eu mesma.

—Oh, senhora mosca! sois vós que me fallais? Socegai, que não pesais tanto como imaginais; e de certo, o allivio que hei de sentir quando vos retirardes ha de ser egual ao peso que experimentei quando em mim pousastes.

Ha muitas pessoas assim; julgam-se de grande importancia e não passam de ser mosca; de sorte que, inchadas de vaidade tornam-se o escarneo de quem lhes conhece o valor real.

PRUDENCIA.

Um marinheiro estava para embarcar-se em um navio que partia para a India. Um individuo, que se julgava mais sabio que este marinheiro, lhe perguntou:

Meu amigo, onde morreu teu pai?

Em um naufragio.

E teu avô?

Quando ia á pesca, levantou-se uma tempestade tão furiosa, que foi submergido com a barca.

E teu bisavô?

Morreu tambem em um navio, que se quebrou contra um escolho.

Como pois te atreves tu a arriscar-te ao mar, quando todos os teus antepassados ahi tem morrido? E' preciso que sejas bem temerario.

Senhor homem prudente, respondeu o marinheiro, fazei-me tambem o favor de dizer aonde morreu vosso pai?

Mui socegadamente na sua cama.

E vosso avô?

O mesmo.

E vosso bisavô?

Da mesma maneira.

Ah! senhor, como vos atreveis pois a metter-vos na cama, se todos os vossos antepassados n'ella tem morrido?!

ANNUNCIOS.

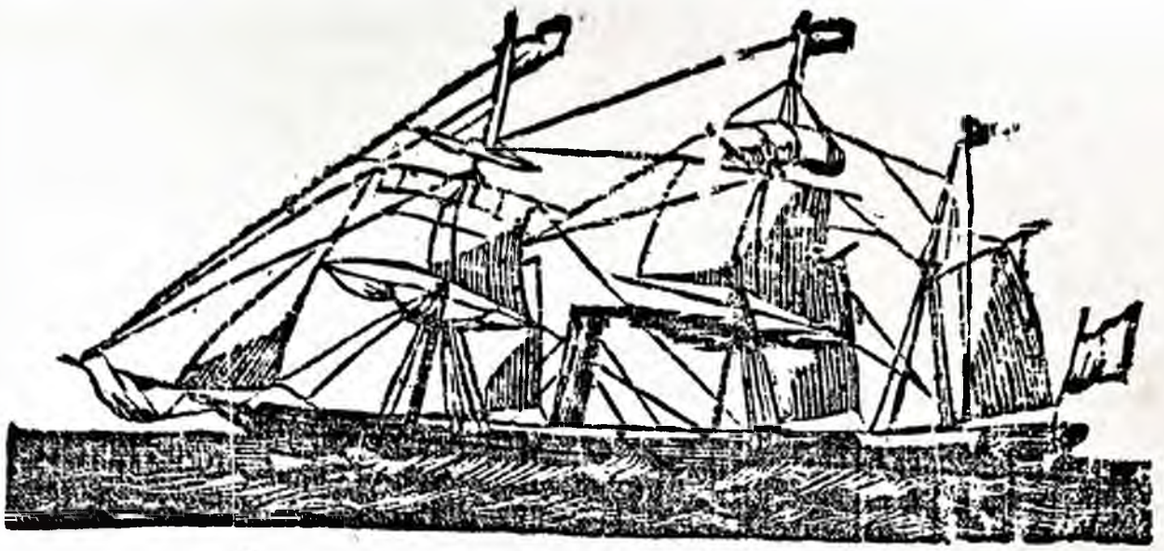
Fugiu do abaixo assignado no dia 5 do mez do corrente o seu escravo nagó de nome Simeão, que terá de edade 45 annos, alto, magro, bastante fullo, rosto descarnado com falta de um dedo no pé esquerdo, costuma trabalhar nos trapiches de carvão de pedra; foi escravo do Sr. Manuel José de Almeida Couto quem o trouxer a Baixa dos Sapateiros n.° 42 terá 50$000.

Francisco Antonio da Rocha Solposto,

AO PUBLICO.

O Garibaldi declara as pessoas que lhe quizerem honrar, que se acha installado á Baixa do Bomfim, com bons petiscos, café, doce e tudo quanto diz respeito á regalos de barriga.

Cheguem, portanto, rapazes.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 44, 1.º andar.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VI. **Serie 38.**

BAHIA 13 DE JUNHO DE 1868. Ns. 373 e 374.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de junho de 1868.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que va intimar a quem mora na casa n.º 14 ao becco do Arcebispo, para que não continue a atirar para rua embrulhos de papeis com *mascaia;* e bem assim que deixe-se de aromatisar os narizes da visinhança com essencia de sal-amoniaco. Cumpra.

—A rua de D. José está intransitavel; é perigo passar por ella.

—Alguma casa que está para cahir?

—Ao contrario, o precipicio é ao pé d'uma que estão levantando.

—Como?

—Atravessam umas poucas de carroças na rua que atravancam-na toda, sem deixarem por onde se possa transitar; a não ser que alguem se queira arriscar a ficar esmagado contra a parede.

—O fiscal da camara está livre disso por que não passa por alli.

—E que passasse!

Ha gente que tem olhos e não vê,

—O que não lhe faz conta.

—Roubaram a caixinha das esmollas da capella do Senhor dos Milagres ao largo do Paranhos.

—Olhe que os larapios nem com Jesus Christo têm condescendencia!

—O menino, que o desalmado mestre torturou com um ferro em brasa, falleceu no hospital de charidade.

—E esse monstro ja foi preso?

—Fez-se de vella.

—E anda longe a esta hora.

—Dizem que elle está bem pertinho e de baixo de *coberta enchuta.*

—Mas tão *resguardado* que a policia não é capaz de descobril-o.

—E' verdade. Tanto assim que ha quem affiance que elle não foi, nem será preso.

—Providencial capote é o do patronato! Aquelle quese cobre com elle, não sente o frio das contrariedades.

—*Santinha* é a vagabunda de lingoa mais solta que tenho visto.

—E ha quem goste de vel-a desfiar aquella meada de torpezas.

—A prova é que ainda hontem quando ella folheava na praça o seu vocabulario de obscenidades, o Sr. Azambuja mandou lhe dar 2$ reis e comida.

—Receia que lhe bula nas teclas.

—E as familias que se vejam expostas aos insultos de tal insolente, porque a policia não tem acção para corrigil-a.

—Ha dias então que está insupportavel.

—Como hontem que estava com a viperina lingoa afiada como navalha.

Depois de dizer muita palavrada por essas ruas, foi a pastellaria do Marcollino e insultou-o acremente injuriando sua familia. O homem, que não é desses de soffrer, esmurrou-a e ahi temol-o travado um *perry*. *Santinha* bradou, o povo ajuntou-se e queria que o homem fosse preso mesmo á noite.

—Entretando que nada disso haveria, se houvesse mais cuidado em que taes vagabnndos não enchessem as ruas.

—E o que se hade fazer? Não sabe que a casa para mendigos virou carvão?

—Mas a policia pode obrigal-os a assignar um termo. Isso quando não exterminasse, alliviava o povo de semelhante praga.

—Um carro da Companhia de Vehiculos ia matando um menino no largo do Theatro.

—Quando?

—Na terça feira.

—O menino tem vida para cem annos. Cahido entre as rodas do carro, não soffreu a menor contusão!

—E o boleeiro?

—Creio que foi chamado á policia, e *reprehendido*

—Ora viva!

—Na quarta feira tambem um carroceiro que conduz barro para uma obra do Sr. Lacerda, a rua da Misericordia, ia pisando um homem que não conheci, pelo estouvamento com que queria virar a carroça; em cima alterou-se.

—Estes facos hão de se dar frequentemente, em quanto não houver uma medida preventiva que severamente infunda aos taes boleeiros a obrigação de serem mais cuidadosos.

—A camara municipal tem estado em movimento.

—Deveras?!! Ou isso é cassuada?

—Fallo serio. No dia 9 andou tudo em reboliço.

—A diligencia da camara assemelha-se ao movimento da preguiça.

—Não brinque que a cousa é grave.

—Bem mal que estão as nossas cousas, mettidas nas mãos de semelhante gente.

—E V. a dar-lhe, sem saber do que se trata!

—Do que é que tratam então?

—Das carnes pesteadas, que tem vindo ao mercado.

—Ora vá resar pelos defuntos! Pois a camara mais indolente do que um mussulmano, vae la gastar seu tempo em ninharias?

—V. so trabalha para me atrapalhar o capitulo!

Não sabe que o presidente officiou a cuja a respeito, por causa da celeuma que se levantou em razão de espalharem que em certo dia mataram uns 18 a 20 bois mongos para o consumino; o que coincidio com a implicancia que os fiscaes andaram fazendo um dia destes com uma porção de carne podre, depois de parte della vendida?

—Ah, é isso? O *inglez ja viu* tudo; não precisa mais nada.

—Ora deixe-me com as providencias desta terra!

—Não se altere, rapaz.

—Pois leio no *Diario* de terça feira que o chefe chamara a attenção do commandante de policia para a iudifferença com que as praças viam as tropelias que commettiam os moleque pelas ruas, passo por detraz da Sé e vejo dous moleques a se esbordoarem de cacete e um soldado de policia em pé na loja de miudesas do Falcão a *apreciar* aquella *graça*!

—V. tambem quer tudo á risca!

—Si ha de se dar ordens para não serem cumpridas, antes não dal-as.

—Ora deixe-se disso; accommode-se.

—O partido conservador mandou celebrar uma missa por alma de seu distincto chefe o senador Euzebio.

—Ja é sabido.

—E só entrava na egreja quem ia de preto.

—Isso era com os moleques.

—Não Sr., com pessoas decentemente vestidas.

—E' pêta.

—Assevero; dizia o sentinella que o Sr. Dr. chefe de policia dera tal ordem, porque sendo a egreja pequena e os *convidados* muitos, so deveria entrar estes.

—Nesse caso seria mais commodo se mandassem distribuir cartões de entrada.

—Nada de pilherias, o santuario do Senhor não é casa de baile.

—Não foi o que V. disse? que só entravam os convidados?

—O que V. ha de dizer é isso: que nas festas religiosas, principalmente da quaresma, uma chusma de rapazes malcreados vão fazer quanta bandalheira ha, e ninguem os manda enxotar dahi.

Este anno, houve por mais de uma vez, até bofetadas nos sermões da quaresma.

—Nesta terra vê-se cousas!

—O internato das mulheres ia pegando fogo

—Por um tris não arde o edificio

—Que pena não seria para o Sr. Barbosa que tão *boas obras* tem feito alli, ver devorado pelas chammas o seu padrão de gloria.

—E logo agora que o digno director está ausente.

Typos contemporaneos.

OS RUADORES.

(Continuação.)

III.

Eis-nos em casa de um dos mais assiduos ruadores—Decio.

Entremos.

A sala e tudo mais d'essa habitação acha-se mobiliado com extrema pobreza, e a desordem dos moveis denuncia profundo desgosto—d'aquelles que, nos entorpecendo, torna-nos indifferentes ao que nos rodeia.

O aspecto de Martha, consorte de Decio, evidencia meihor a infelicidade que peza sobre a familia.

Bom Deus! que pallidez e sulcos em suas faces! Quem conhecendo-a na ventura, conhecel-a-ha hoje na angustia? Quem dirá que aquella virgemzinha spirituosa, risonha, formosa, tão adorada de seus paes, tão amada dos mancebos, tão querida na sociedade,—é hoje essa mulher calada, triste, pallida, desalinhada, e infeliz?... Onde aquelle spirito, aquelles mimos, aquellas ventura? Porque já não desfolha em seus labios aquelles risos tão doces de outr'ora? Porque ja não canta aquellas lindas e saudosas balladas?

Martha é o symbolo do desgosto e do infortunio,—é a esposa de um d'esses homens perdidos que todo o seu tempo gastam nas casas de jogo.

Desilludida, chorou amargamente, e então, em vez de lançar-se nos prostibulos, como o fizera Carmem, ella ajoelhou-se ante a Imagem da Virgem, orou como ora o desgraçado, e quando ergueu-se possuia valor bastante para supportar os maus tratos de seu marido.

Martha é pois a esposa resignada, ou entorpecida pelas magoas. Carregando a cruz de seu martyrio, perdeu o gosto de enfeitar-se, dando logar ao desalinho. Enrola os cabellos no alto da cabeça; traja um vestido de chita velho, desbotado, prezo á cintura e com as mangas descidas, deixando apparecer o cabeção de madapolão, que n'um velho chale de lan esconde, si vae a janella, ou si recebe visitas.

N'este estado, não a condemneis. Lembrae-vos que ella apenas recebe do marido o necessario ao alimento; e si isto não basta, dizei-me: quem foi que mudou-a assim? Si foi, ou não esse homem cruel que, desprezando-a pelo jogo, matando-lhe todas as suas aspirações, escarnecendo de seus sonhos, de suas innocentes illusões, fez-lhe a existencia um pezo, um tormento continuo?

Não condemneis a martyr porque não se enfeita, porque não ama os gozos da vida: condemnai ao author d'essa obra nefanda: elle, sim, merece maldições, em quanto a victima pede lagrimas.

São trez horas da tarde.

Decio entra em casa sem olhar para a consorte e filhos, e dá logo signaes de seu mau humor.

Que importa a necessidade que tem um a mulher de communicar ao seu companheiro não so o que se passa em seu coração, como tambem sob o tecto que habitam? Que importa que a filhinha, que se avisinha d'essa edade perigosa, em que o amor assalta o coração da mulher com tanta influencia sobre a cabeça... precise dos conselhos de seu pae?

O perdido em nada d'isso repara: só um pensamento o preocupa—o jogo!

Ao entrar grita frenetico:

—Vamos com o jantar na meza; andem depressa!

—Vae, botar-se ja, homem; tenha paciencia... espere um bocadinho,—diz Martha correndo á cozinha, porque receia os insultos do marido.

Decio continua preocupado: tira apenas o palitot e deita-se no sofà. Momentos depois grita zangado:

—Olá, gente! Então não se aprompta hoje esse jantar?

—Paezinho, diz a filha que de um lado o contempla triste, o dinheiro não chegou para a lenha; foi preciso mandar o Gregorio procurar uns cavacos...

—E' porque tua mãe é uma desmantelada, uma preguiçosa... Não ha dinheiro que lhe chegue, tudo é pouco...E' porque não lhe custa a ganhar!

Que exemplo para a pobre menina... Como se afflige ella! E o que conclue ouvindo estes disparates? Das duas, uma:—ou que o pae é mentiroso e mau, ou que a mãe é na verdade desmazellada e preguiçosa. Concluindo de qualquer modo, infallivelmente deixará de amar, e até aborrecerá a um dos seus progenitores.

Martha ouvindo a accusação que lhe faz o marido, responde:

—Homem, si não chegou hoje, foi porque do dinheirinho que você deu para o comer, eu tirei dous tostões, comprei panno e linha, e concertei a roupa dos meninos, que estão nús.

—Si a dona da casa não fosse descuidada, não acontecia isto... Ainda ha poucos dias comprei tanta roupa para casa o ja vem dizer-me que os meninos estão núsl

—Ha mais de um anno, reclama a pobre mulher, que você so nos dá o triste dinheirinho para comer; o mais gasta lá nos seus passeios da rua, não sei com que...

—Com o que não é da sua conta! Posso gastal-o, porque sou eu que o ganho... e não a senhora, que é a preguiça em pessoa!

—Está bom, homem; basta: não precisa fazer tanto barulho...

—Si assim continua, abandono a casa; isto não é vida, é o diabo...

E dirige-se á meza e apressadamente engole os bocados, como si o fizesse em uma casa incendiada.

Findo o jantar, sem unir as mãos para agradecer ao Deus de bondade a refeição que, por sua infinida misericordia, acaba de conceder-lhe, ao passo que tantas creaturas soffrem as torturas da fome; sem unir as mãos para que a familia o veja resar e tome-lhe o exemplo,—elle, o mau pae, o mau esposo, o mau christão, accende o charuto, abandona a casa, e vae para o jogo...

(*Continúa.*)

CRENÇA DA ACTUALIEADE

Creio que os progressistas *são* os verdadeiros paes da patria e que trabalham para sua prosperidade;

Creio que a assemblea está ha quasi quatro mezes trabalhando sem dar a lei do orçamento, para mais cobres ir chupando dos cofres *latronopolitanos*, ja tão phthysicos;

Creio que o *Sabujo*, com sua *vasta intelligencia*, tem trabalhado para a *prosperidade* de Latronopolis;

Creio qua os voluntarios devem ir algemados para guerra, porque vem do latim—*voluntas tua*, que o governo progressista traduz por—*forçados pela vontade da patria;*

Creio que o Dr. *João Pinguinho* tem trabado para a prosperidade e adiantamento da estupidez *normalistica dos internos*, sobressahindo o seu *carinho e medeixes* para com as internas, que elle com a sua arte *normaliologica* não as deixa sahir como entraram, e mesmo para *moralidade* da escola;

Creio que o porteiro dos internos anda passeiando, *porque está doente*, e o director influa por *charidade*, para que elle tenha licença, afim de *tractar* de sua *saude*;

Creio na impudencia do conego *Ciri*, levando bofetadas da negra Margarida;

Creio que o padre *Cazuza* conserva castidade, entrando para casa de uma meretriz, sambando toda a noite e sahindo de manhan para celebrar o santo sacrificio da missa;

Creio que o padre *certo rio* deve ser canonisado pelas suas virtudes, que é ir para onde está a creoula Balbina de sua paixão comer moquecás;

Creio que o padre de batina *ambrosiada* tem a virtude de deitar-se em uma rêde com a sua *Lucilinda* ao pé, e de porta aberta para quem quizer ver;

Creio que certo frade deve ter uma pensão do governo, em vista de estar com uma fazenda cheia de gado, producto de trez vaccas;

Creio que o padre *todo lindo* faz *internamente* o papel de *Zé Roberto*, isto é, arranjando *internas* senhoras para o Dr. *Pinguinho ensinal-as* á ser professionaes;

Creio que o aceio da cidade vae em grande *porgresso* e a prova está na ladeira do *Novo Caminho*, a qual, pelo aroma *trampapes* que exala, tornou-se intrasitavel, assim como tambem não deixam de imital-a outras muitas ruas, cujo *aromatico chupapes* fica perto da visinhança dos senhores narizes da illustrissima;

Creio que o estrangeiro *Amato* tenha força para o *Sabujo*, pois este o proteje cegamente até com prejuizo dos nacionaes;

Creio que os tratantes aqui são homens de bem, e que os homens honrados, na phrase *progressiologica*, são tratantes;

Creio que a mulher que se casa por formosa, deve ter velhice trabalhosa;

Creio que o burro na sciencia de Hypocratis deve nos jornaes annunciar fazer cura milagrosa, sendo este o meio unico de passar por grande cousa;

Creio que os voluntarios, que ahi andam mutilados, devem implorar o pão da charidade, para mostrarem que o governo de progresso, regresso lhe chamo eu, cumpriu á risca a promessa;

Creio na intelligencia do *Bertelameu* e no seu *catholecismo*, declarado na assembléa do *pio-monte das imperiaes artes*.

Au revoir.

Á PEDIDO.

—Em que porto estamos?

—*S. Francisco*.

—Cidade ou *villa*?

—Ignoro.

—Vamos a terra.

—Ja.

—O' charo amigo?

—A seu dispor, meu amo.

—V. prosta-se a dar-nos esclarecimentos sobre esta terra?

—Com muito gosto.

—Principie por dizer-nos que edificio é este com uma desmesurada *serra* no frontespicio?

—E' a habitação do immediato em *segundo* logar do sobre-delgado.

—E' um excellente distintivo; quer dizer que elle *serra* todos os abusos como authoridade, não?

—Qual, meu Sr.! Si elle é o primeiro tropiante desta terra?

Quer ouvir alguma cousa á respeito desse bisborria?

—Porque não, si nós viemos aqui para isso?

—Este pobre diabo aportou a esta terra ja das *silvas* agrestes e era conhecido por *Zeze*. Quem o trouxe foi o Adriano *ferreiro* em *Santos*, então amasio da mãe dessa despresivel creatura.

Aqui vivia a trouxe e moche e nimguem fazia delle o menor caso, porem hoje ja quer campar de cousa. apezar da sua nihilidade e da pouca importancia que lhe dão as pessoas de consideração; porque apezar dos pezares, o porco sempre é porco, e o seu logar é o tijuco

Apontarei algumas das muitas prendas que ornam esse *joia*, para que por ellas se conheça que tal é o *traste*.

Fallecendo a mulher do *Abelha-arde*, recebeu deste 70$000 rs. para dar ao vigario pelas despezas do enterro e usando do subterfugio de que perdera 50$rs. so entregou 20$rs. Quem não soubesse das tretas desse madrasso, ficaria de veras acapacitado de que perdera o dinheiro ao ver o fingido vexame com que elle o procurava pelas ruas.

—Essa caraminhola si o vigario engoliu é porque quiz; por que a perder, elle perderia todo dinheiro estando emassado junto.

—Bifou dous gordos capões do Felippe Andrade e embora filado com o furto na mão, arriminou-se e quiz brigar.

O vigario ainda foi victima de outra gentileza: tendo um homem *grave*, da *Mãe* de Deus, dado-lhe 7$rs. para dar ao vigario pelos direitos parochiaes de obito de um seu escravo, elle chamou a seu caderno.

O negro Benjamin do engenho do *Esposo da Virgem*, pertencente ao barão das *Trairas*, era seu freguez de prata e ouro.

—Freguez de ouro como?

—Toda a prata ou ouro que achava desgarrado em casa, aganhadava e vinha vender ao tal *galfarro*. Descoberto o preto, foi a surra e tudo confessou. Esse preto ainda hoje existe no engenho dos *Mabaças*, e pode ser interrogado.

(*Continúa.*)

PEDE-SE.

Ao Illm. Sr. inspector da fazenda que se digne de fazer cumprir fiel e religiosamente o regulamento da thesouraria de 6 de abril passante.

Com isso os empregados carregarão não so com as muitas disposições onerosas que no mesmo existe, como gosarão tambem de alguma favoravel.

Espera-se pois da justiça que sempre preside os actos de S. S. a fiel e religiosa execução do citado regulamento.

DIALOGO ENTRE O BALBINO E O PEIXOTO PEIXATO.

—Ouviste no sabbado os foguetes da comieira do *primitivo*, Balbino?

—Ouvi e por signal que pensei que eram pelo acabamento da guerra, antes de saber que eram pela comieira do *primitivo*;— mas é que veio-me agora uma ideia associada ao acabamento da guerra que vem a ser—o destino que teve o producto da subscrição promovida ha meses pela commissão do governo (que não poupou nem a mendigos, nem a africanos) e que devera montar a grande somma; pode informar-me alguma cousa a respeito?

—Ora essa é boa, pois perguntas a mim quando deves perguntar a mesma commissão que por sua dignidade tem a obrigação de dar contas de si?

—Pois bem, Illma. Sra. commissão do governo para os festejos da freguezia de Santa Anna, desejo saber que destino teve o dinheiro que arrecadaste na freguezia, porque tambem concorri com meus cobres.

(*Continuando do n.º atecedente.*)

—Estou com a palavra, capitão.

—Prosiga.

—O 2.º personagem do grupo. é o tenente *Dureza*; boi laranjo, barriga de egoa prenhe.

Este velhaquete comprou seis bois ao *Feliz-aberto* de Sá e passou uma letra; no vencimento della teve o descarado arrôjo de negar a firma e a divida.

Em *Abre-antes* esteve preso e processado por tentar assassinar a um inspector de quarteirão no cumprimento de seus deveres.

Emprega a homens livres em seu serviço, e não lhes paga o trabalho; e quando estes respingam, ameaça-os com recrutamento e contingente.

Pechincheiro refinado, faz *meio-dia* em casa dos visinhos e assim vae passando vida bocagiana. Muitas pessoas queixam-se da as-

siduidade com que esse lorpa frequenta-lhes a porta nas horas de se pôr a mesa.

Outras, cançadas de sustentar semelhante alarve, tomaram a deliberação de trancar a porta ás horas da refeição, porque so assim se podem ver livre da pontual e enjoativa visita de sendeiro tão comelão.

A stulta fanfarronice deste animal de infima raça é querer passar a força por branco, quando elle é reconhecido *grauçá* dos mangues de *Ataca-aranha*; e para isso cita a sua genealogia que diz provir do *Marco Lino*, como si descender do *Marco Lino*, conhecido por escravo do *Luiz* de *Britto*, que o vendeu ao *Muniz* proprietario da fazenda *Barretto*, desse alguma honra!

Em summa, este bugre é dotado de uma sagaz rapacidade á toda prova, e os pobres roceiros é quem podem dar testemunho disso, porque são os que mais tem soffrido os effeitos das ligeirezas de mão deste animal cavallar.

(*Continúa.*)

—Ja se tem invocado a intercessão do inclito *S. Bernardo minimo*, para que faça com que o *Tavares* entregue a aquella Sra. da Conceição da Bocasinha o trancelin, que este tratante bifou á titulo de emprestado.

E' preciso ter um coração de ferro, é preciso que o homem esteja despido de toda consciencia para roubar de uma pobre senhora alcijada, que apenas tem a noite e o dia por seu, aquillo que ella tem como meio de sua subsistencia!

Oh! Sr. *Senna*! tenha consciencia, tenha vergonha, ao menos por que o Sr. é casado e pode sua senhora ler este e outros artigos.

Oh! Sr. *Senna* que dirá seu *filho*, quando vir o pae por esta forma em uma gazeta? que diráõ seus amigos? que dirá seu compadre? que diráõ tambem seus parentes, seus conhecidos, seus companheiros de repartição, e emfim seu honrado chefe? Todos dirão ao mesmo tempo —é um ladrão descarado e porco—!!! Oh! Sr. ainda quererá que repita annuncios, não será este bastante?

Veremos.

—Sr. *Garça-ia*, chegue á falla para explicar-me o motivo porque V. sendo caixeiro da *sociedade*, que tanto se queixa de ser victima dos ladrões, deixou escapulir o *Xeo* encontrado por V. com o saveiro carregado de assucar roubado; tendo ja V. o prendido á ordem do chefe, quando o encontrou atracado ao ponto 21.

—Foi á pedido dos guardas.

—Mentira, calumniador. Si o soltaste foi para não comprometter o saveiro que não era do *Xeo* e sim do *Antonio Panella*, parente do contra mestre de *barco sem vellas* da casa.

E ainda tivestes o cynismo de dizer que soltastes o homem porque elle não era do *Caes do Ouro*!

Dize-me agora para que vives continuamente a contar mentiras a teu amo e a inventar intrigas de tua mexeriqueira caxolla, quando a pessoa a quem te referes não te dá tal confiança?

Pois ha quem se rebaixe a pedir misericordia ao canalha peior que veio de Portugal?

Quem será mais ladrão;

O calumniado ou quem abusando do logar que lhe confiam, apprehende porção de assucar furtado e em vez de entregar ao dono, manda para sua casa, onde negocia com o *contra mestre*, apezar de querer passar por *pio* e o *Antonio das Panellas*?

Dize-me si aquellas peças de fazenda encontradas no n.º 26 foram para a mão do calumniado ou para a casa de um gallego ladravaz; si as seis saccas de café encontradas no 75 não foram para a *tasca* do mais indomito larapio que ha no *Caes do Ouro*?

Para refreares essa maldita lingoa contarei a historia de umas tonelladas de carvão, e não so tu, como alguem que se fia em tuas labias, ficaram compromettido.

Hei de chamar a attenção do senhor dos quatros pretos com quem fizestes combinação para ir depositar os roubos na casa do *quitandeiro* novato.

E contarei outras muitas gentilesas.

(*Continúa.*)

AOS PROGRESSISTAS.

PARODIA DA MODINHA—QUAL QUEBRA AS VAGAS DO MAR

Qual berra o touro zangado,
Espalhando as duras fragoas,
Assim do *progresso* as magoas,
Traz ja tudo embezerrado;
O seu destino é rufado
No tambor de *seu senhor*
Andam todos com horror,
Vibrando suas patadas,
Por não subir as escadas
De seus futuros de amor.

Si o sol desponta é tormento,
Si o sol se esconde se deitam,
Si a brisa passa se enfeitam
Por que so gostam de vento;
Mas eis que chega o momento
De acabar as pepineiras;
De empregos e mamadeiras

De encher mais a barriga,
No *progresso* de uma figa.
So de crassas ladroeiras.

Homens, é lei do mau fado
O querer ser serigaita;
Marimbáo ja não é gaita
Nesta terra de Tupy;
Tão pouco somos saguy
Para morrer de carelas,
Deixae de mamar nas têtas
Dos pingues cofres do Estado,
Basta ja o estraviado
Do Urugay ao Itaquy.

O anjo da morte pousa
Na fronte dos *progrescistas*
De Norte a Sul as desditas
Estão traçadas na lousa;
Escripto com qualquer cousa
Este epitaphio fatal:
«Findou o *progresso do mal*,
«Morreu de morte macaca
«E ao *tra tra* da matraca
«Ja no inferno repousa

B. C. Dœmon.

—Sabe, capitão?

—O que?

—O tal J. Matheus do internato ja esgotou a licença de 3 mezes, e em vez de ir tomar conta do seu logar de porteiro, continua a andar muito lampreiro pelas ruas e nas egrejas: parece um noivo na lua de mel.

—E' porque o homem é *progressista* e tem protecção.

—De quem, capitão?

—Ora essa! de quem pode e manda.

—Então quer V. Ex. dizer que os chefes o protegem?

—Que duvida! E ha cousa melhor nem mais saborosa do que ganhar assim o dinheiro da nação?

—Por isso está elle gordo e *remoçado*, entretanto que o substituto, *coitado*, é quem aguenta com o pesado serviço, adiantando, até *sem o minimo interesse*, o seu dinheiro para fornecer os internatos.

—Si assim o faz, é por que pode e tem alma grande. Ora diga-me si esse pobre Matheus estivesse agora no exercicio do emprego, como poderia sem fundos, fornecer os internatos?

—Ignora V. a crise, em que se acha o cofre provincial?

—Ora, capitão! Podia recorrer ao director do internato, que é um padre abastado, e ha pouco comprou um sobrado por um par de contos de reis. Estou que o não deixaria ficar mal, e por isso os estudantes não morreriam de fome.

—E V. sabe se o J. Matheus é da confiança e do peito desse director para merecer semelhante favor?

—Mas V. Ex. mesmo não disse que o Matheus era protegido e que por isso não ia á repartição?

—Sim; mas note que ha varias especies de protecção.

Ha protecção *á franceza* e á *ingleza*: ha protecção ás *direitas* e ás *canhota*, e até ha a do gato para o rato.

Indague que V. saberá

—Pois bem, capitão sigo o seu conselho, e vou indagar a especie; e breve voltarei.

VARIEDADES.

Havia um larapio que, ao deitar-se, costumava proferir sempre o seguinte:

—Senhor, não vos peço que façais chover as riquezas sobre mim, mas fazei-me saber onde ellas estão, que eu as irei buscar.

BEM DITO?

—«Um homem mal casado da cidade do Porto, andava sempre de preto e até de fumo no chapeu.

Um amigo estranhando-lhe o continuo luto lhe perguntou a razão.

E' porque eu quero, respondeu elle, que quando me falleça a mulher pensem que tive algum sentimento por isso.»

Levert, celebre cirurgião francez, foi chamado ao paço, para assistir ao parto d'uma pessoa da familia real. O marido da princeza disse ao celebre parteiro:

—Deve estar contente por ter sido aqui chamado; isto da-lhe muita reputação.

—Si eu não a tivesse já, de certo não me teriam chamado, respondeu-lhe Levert.

BOM DEFENSOR.

Eu não sei se li, ou se me contaram o facto que vou referir.

N'um sessão do jury, achando-se presente um reu pobre que não tinha defensor, o juiz de direito nomeou-lhe para curador um juiz de facto que se achava presente.

O bom do homem, que era grego em materia forense, desculpou-se como poude, o mesmo assim não foi attendido.

Empossado da cadeira de defensor, escutou a a accusação em suores frios: Sendo-lhe dada a palavra para produzir a defeza do cliente, levantou-se, passou o lenço pelo rosto, bebeu um copo d'agoa, porque estava seeco por não falar, e respondeu:

—Sr. juiz de direito, o reu tem de fazer-me certas revelações importantes a bem de sua defeza: peço portanto á V. S. que me conceda licença para ouvil o sem testemunhas aqui no quarto visinho.

O juiz tocou a campanhia e os fez acompanhar por um official de justiça até o quarto immediacto.

Chegados lá, o defensor e o reu, fecharam-se por dentro.

—Diga-me uma cousa, perguntou o defensor, você realmente matou fulano?

—Senhor... foi a minha má sina...

—Não tem nada que allegar em sua defeza?

—Nada; matei o homem em pleno dia, diante de muitas testemunhas e fui preso em flagante.

—Pois meu amigo, saiba que está perdido, não ha nada que o salve.

Quer tomar um conselho?

—Diga.

—Salte por aquella janella fora.

—Porém.....,

—Pulo, e deixe o resto por minha conta.

Momentos depois apresentou-se o defensor na sala do jury, e fez o seguinte discurso:

Sr. juiz de direito. V. S. me encarregou da defeza do reu; porem eu achei-o tão culpado que não tive outro meio para livral-o, senão indicando-lhe uma janella do quarto por onde fugiu!

Um frade tinha que pregar no dia de S. Estevão, fazendo o panegirico desse santo; mas como já fosse tarde, o abbade pedio-lhe em nome da communidade que fosse o mais laconico possivel.

O religioso prometteu obedecer, subiu ao pulpito e disse o seguinte:

—Meus irmãos: ha um anno que vos preguei o panegyrico do santo cuja festa se celebra hoje. Como de então para cá não chegou ao meu conhecimento nada de novo, não tenho que juntar ao que então disse.

Em seguida lançou a sua benção e desceu do pulpito.

N'um baile de mascaras:

—Menina, quer walsar comigo?

—Não posso, por que as clavicullas do torneozello e as phalanges longitudinaes das cartilagens pedestres m'o prohibem!

—Basta, basta!

A OCIOSIDADE.

Os Egypcios fazem da ociosidade um crime de Estado. Assim, um dos seus maiores principes, creou juizes de policia em todos os cantões, e e perante elles eram obrigados a comparecer de tempos a tempos todos os habitantes do paiz, para lhes declarar em que se empregarão. Aquelles que eram vadios de profissão eram condemnados á morte como vassallos inuteis. Para lhes tirar o menor pretexto, os *intendentes* das provincias estavam encarregados de ter sempre nos seus respectivos districtos obras publicas, nas quaes eram obrigados a trabalhar os que não tinham outra occupação.

O mesmo espirito se nota nos antigos gregos. Em Lacedomonia não se toleravam vassallos *inutcis;* as occupações de cada particular eram regudadas, segundo suas forças e sua industria.

Pelas leis de Dracon e Solon, intentava-se acção crime contra os que eram convencidos de se entregarem á ociosidade. Era entre elles uma maxima universal «que os preguiçosos eram bichos maus e perigosso.»

Os antigos romanos pensavam do mesmo modo, e os vadios eram condemnados as minas, ou aos trabalhos publicos. A inaccão não era um previlegio da nobreza; era uma infamia. Elles não toleravam, nem mesmo nos menbros do senado. Um de seus imperadores, Antonio, suspendeu os vencimentos de muitos que se contentavam em ter a qualidade de senadores, sem cumprir o dever deste cargo. dizendo «que não havia nada mais indigno e cruel do que deixar comsumir os fundos da republica por individuos que lhe eram imprestaveis.»

Os antigos germanos mergulhavam os vadios de profissão no dado dos pantanos.

Na China tambem não se tolera a ociosidade. Os cegos enfermos e manetas são obrigados a trabalhar dando-se-lhes trabalhos adequados as suas forças.

So os que absolutamente não podem trabalhar são alimentados á custa ao Estado.

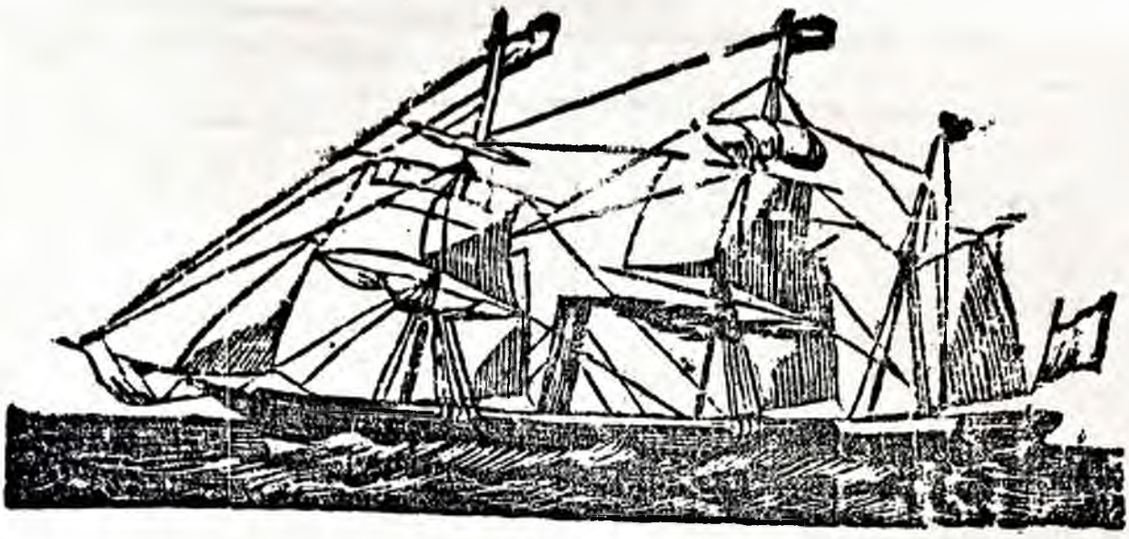
ANNUNCIOS.

FOGOS E MAIS FOGOS E SEMPRE FOGOS PARA O DIA DE SANTO ANTONIO E AS VESPERAS DE S. JOAÕ, S. PEDRO E DO GLORIOSO DIA DOUS DE JULHO.

Só na Loja Flaviense de Antonio Emigdio de Souza, á rua do Guindaste dos Padres n.º 24, é que se encontra um grande e variado sortimento de pistollas, foguetes do ar, craveiros, fortes espadas encouraçadas, chuvinhas e chuveiros, rodinhas grandes e pequenas, traques da India das primeiras marcas, ditos de maça, ricas sortes para presentes, candeias e bichinhas, photographias magicas e feiticeiras. O Annunciante garante ao respeitavel publico desta capital, que em parte alguma serão tão bem servidos como na loja acima, por ter mandado fazer os seus fogos por emcomenda e a capricho, só afim de bem servir aos seus freguezes, pois escolheu os primeiros fabricantes desta capital, e como se acha com um grande deposito está resolvido a vender tudo por muito menos que em outra qualquer parte, e por isso espera ser preferido, pois ninguem quer ser mal servido.

Precisa-se de uma ama, para serviço de casa de uma familia na rua direita de Santo Antonio alem do Carmo.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VI. **Serie 38.**

BAHIA 16 DE JUNHO DE 1868. N. 375.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia. —Tendo a presidencia da provincia authorisado a se fazer alguns concerto na casa de prisão com trabalho, digne-se S. S. de aproveitar a opportunidade para ordenar a remoção da caixa d'agoa daquelle estabelecimento, que se acha collocada sobre a cloaca, recebendo toda fedentina que exhala tal deposito de excrecencias, o que não é das melhores cousas para a saúde. Espera-se por tanto que S. S. tomará em consideração tão justa reclamação, attenta a gravidade do assumpto.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que expeça terminantes ordens que acabem com as *rifas* de foguetes á noite, afim de evitar algum desastre como ia succendo uma destas noites com uma que incendiou-se Atraz dos Quarteis; além de que é um perigo para quem transita por estas ruas, que a cada hora está exposto a ser queimado pelos traques e bombas atirados pelos meninos e moleques, que se agglomeram á roda de taes rifas. N'este sentido, espera-se prompto deferimento.

—Traz alguma novidade?

—Venho apenas relatar-lhe um roubo, que pelas circumstancias parece especial.

—Exponha.

—Francisca Romana, moradora no 2.º andar do sobrado 23, a rua da Misericordia, sahiu na noite de 11, e foi passar o dia de Santo Antonio em casa do Sr. Geremoabo; no outro dia mandou uma menina buscar roupa em casa e estava ella perfeita. A' noite porém, quando se recolheu, achou com espanto a porta da salla escancarada, faltando-lhe o ouro, 16$rs, roupa de mulher e um par de mangas de vidro.

Os ladrões tinham penetrado por uma meia parede que ha entre a escada e o quarto.

E' de admirar que havendo grande quantidade de roupa de homem, por que a roubada da-se ao officio de engomadeira, deixassem toda ella intacta!

—E' nisso que está a especialidade?

—E tambem em ser o predio habitado por moradores do 1.º andar e de uma sobre loja, cuja porta de rua é uma so, e ninguem viu quem entrou ou sahiu, nem o barulho que fizeram para arrombar todas as arcas, toucador, gavetas, etc.

—Realmente é extraordinario! Um par de mangas de vidro faz volume e devia dar na vista á sahida,

—São destas cousas inexplicaveis.

—Em todo caso eu recorreria á policia.

—Bem aviado. Quem perdeu é que fica chuchando no dedo; que quem roubou está bem fresco.

—Os africanos anda encafifados com os moleques.

—Com muita razão.

—Não sei onde foram essas endiabradas creaturas inventar a modinha

«O'cu babà
O'cu gerê
Negro nagô
Virou *saruê*»

com que atanazam os pobres pretinhos.

—E onde vê ja tem havido seus desaguisados.

—Ainda hontem no Terreiro houveram caçoletadas e pedradas.

—E ha poucos dias a creoula Constança foi dormir na Correcção, por causa da tal cantiga.

—No Taboão ja se quebrou cabeça.

—A policia que tome alguma medida que concilie a susceptibilidade africana com a travessura molecal.

—Soube do sarceiro que houve hontem á noite em Sant'Anna?

—Não; o que foi?

—Pancadaria velha entre a policia e a guarda nacional.

—Não ha fogo agora que não acabe em bordoada.

—O cabo do dedo torado sahiu bem moqueado.

—Isso é a consequencia de consentirem a guarda nacional fardada sem estar de serviço.

—Esses factos servem para attestar a indole e moxigeração da gente, que compõe hoje a guarda nacional, salvas as devidas excepções.

—Donde, partiu a provocação?

—Imprudencias de parte a parte.

—Tambem ha quem tenha o descoco de mandar recrutar em taes logares, quando o povo reunido diverte-se!

—De authoridades para a primeira faltou uma que apparecesse.

—Mesmo que vieram *cançadas* do almoço do Sr. Paulo Pereira Monteiro, onde houve muita saude.

—Um sinistro que se teria evitado, si os que executam as posturas da camara fossem mais zelosos.

—Imprudente e desastrado moleque! Largar-se por esta ladeira da baixa dos Sapateiros em tão desembestado galope!

—O senhor, si elle é captivo, é que tem um excellente dia de Santo Antonio, porque está no risco de perder um escravo, aquella formidavel queda é para matar.

—Si elle não se poude levantar.

—E o cavallo mesmo não ficou lá muito bom.

—E nem assim hão de dar cumprimento a postura n.º 43!

—Uma inexactidão do *Diario* de quinta-feira.

—Onde?

—Na noticia que dá de que as patrulhas da cidade das 6 horas á meia noite eram feitas pelo 110.

—Frioleiras que não valem a pena.

—Mas eu como gosto de todas as cousas em seu logar e mesmo para evitar algum *equivoco*, digo, que as patrulhas são dadas por todos os batalhões da guarnição, e não pelo 110 exclusivamente.

—Só isso? Póde empinar-se que não adiantou ideia.

Typos contemporaneos.

OS RUADORES.

(Continuação.)

IV.

Em quando Gelasio procura a mulher dos prostibulos, entremos em sua casa.

E' noite.

Aura, deitada n'uma rêde na sala do jantar, medita sobre o destino sombrio que lhe coube na vida, no futuro de seus filhos, e muitas vezes murmura afflicta.

—Pobres crianças abandonadas como eu, o que será de vós? Innocentes brincaes sorrindo, em quanto aquelle que devêra cuidar de vosso porvir, entrega-se as prazeres da rua como um perdido, que é, ou corrompe-se ao lado de sua amasia, dessa mulher infame por quem trocou-me! Meu Deus, tende compaixão de meus filhinhos! Resignada soffrerei o infortunio que me acabrunha, mas, Senhor, não consenti que sobre a cabeça do innocente caia o castigo das culpas de seu pae!

Grossas lagrimas correm-lhe pelos sulcos do rosto, outr'ora corado e alegre, quando Gelasio a amava, quando não a trocava pela mulher immunda das ruas.

Ao mesmo tempo, n'outra sala, conversam as crianças ao redor da luz.

Contemplai-as antes de ouvil-as. São cinco. Beatriz, mocinha de desoito annos, lê com tôda a attenção um romance, dos mais engraçados de Paulo de Kok. Os outros Paulo, Pedro, Damião e Mauricio, conversam animados.

—Espera, maninha, deixa-me acender na vela esta pontinha de charuto,—diz Paulo.

—Pois você ja fuma, Paulinho? Eu vou contar a minha mãe,—torna-lhe Beatriz.

—Si contar, aleivosa, eu tambem conto

que você está namorando o caixeiro da venda!

—Menino!

—Sim? Então, senhora alevantadeira de falso, ja se esqueceu que mandou por mim uma carta, pedindo...

—E' tua mentira, mentiroso; estás dizendo isto para eu deixar-te accender o charuto; pois acende... acende...

—Agora, sim. Ora que mal faz a gente fumar? O papae nem briga nem nada.

—E' assim mesmo,—accressenta Mauricio. E aquella mulher Paulinho, que elle tem amisade, como fuma! Aquella mulher?...

—Ai, sim... aquella que outro dia me deu um vintem para eu trazer um recado ao papae, sem contar nada a mamãe; não é?

—E' aquella mesma. E tu compraste o teu vintem de licor e não me déste nem um bocadinho...

—Ora, menino, era tão pouco...

—Deixa estar: algum dia... algum dia...

—Pois você ja bebe, Paulinho? diz espantada a irman.

—E o papae não bebe? Que mal faz? Outro dia papae estava bêbado... ah...ah... ah...

—E nem me conhecia, maninha; eu fallei com elle; e sabes o que respondeu?—«Quem é vosmecê, senhor pequeno... ah... ah... ah...

—Quando eu for homem, hei de beber como o papae...

—E eu tambem!

—Olha, Pedrinho, a vida do papae é bem boa; aquella mulher da rua de... quer tanto bem a elle...

—Mas, a mamãe chora quando se falla n'isto!

—Eu não sei porque. Si eu fosse a mamãe não chorava, porque o papae quando vem á casa ralha tanto, que é melhor que não venha, que fique por la mesmo!

—Mas, como elle é bom para nós! Não briga, não nos dá, e nem pergunta si nós fomos á escola.

—Mas, não quiz dar-me hontem uns sapatos .. brigou muito, e disse que não dava. não dava!...

—Amanhan elle nos dará uns sapatos novos...

—Porque, Pedrinho?...

—Porque, quando sahi da escola, fui á casa d'aquella mulher, onde o papae vae sempre e ella me disse que ia pedir ao papae que nos désse uns sapatos novos.

—Espera que elle dê.

.....

E' tarde.

A luz da lamparina tremeleia na alcova; Beatriz, depois de pensar por muito tempo nas scenas do romance que lêra, de applical-as a si e ao vendelhão que namora, adormecera e sonha talvez no que pensara acordada. As outras crianças dormem o somno profundo da infancia, perto da infeliz Aura.

Como é triste este quadro vascillante á luz da lamparina!

Vós, que ouvistes a prece da desventurada mãe, e a conversa das crianças, contemplai-as agora.

O que resta n'este mundo áquella infeliz mulher? O seu dia de hontem foi egual ao de hoje e sel o-ha ao da manhã Nenhum gozo lhe suavisa o presente, nenhuma esperança lhe sorri no futuro. Hontem, hoje, amanhã... sempre o mesmo, sempre essa vida monotona, privações, amarguras e miserias; sempre o esquecimento, o desprezo, os grosseiros insultos de seu esposo—d'esse Gelasio tão amante outr'ora, e em compensação tão querido; d'esse Gelasio tão delicado, tão apaixonado, tão brando, que lhe promettera uma vida deliciosa, quando arrancou-a do lar da infancia e da felicidade; d'esse Gelasio tão sensivel, tão poetico, que na noite do noivado, vendo-a chorosa junto ao thalamo nupcial, enchugara-lhe o pranto com um osculo murmurando:—«Não chores... não somos venturosos? Porque receber a felicidade com prantos, mulher que eu amarei eternamente?» D'esse Gelasio, emfim, que é hoje um homem perdido, que trocou a esposa pela amasia, acarecia esta, dá-lhe sedas e prazeres,—e maltrata aquella, dando-lhe so—miseria e prantos!

Viver, não é esperar? E o que espera ella; o que lhe resta n'este valle de angustias? Um martyrio lento e prolongado, que a sociedade contempla indifferente!

E os filhos, aquellas crianças que dormem ao redor da martyr? O que sera de Beatriz; cuja alma vae pouco a pouco prostituindo-se na leitura dos mauss livros de seu pae? E dos irmãosinhos, d'esses meninos que teem por norma a vida do pae: que no verdor dos annos, ja fumam, porque a amasia do pae lhes dá charutos; que ja bem, porque veem seu pae embriagado; e que entregam-se aos vicios, porque lhes falta quem os dirija, os aconselhe, os castigues...porque o pae, que deve a cuidar de educação; mora n'um prostibulo!

O que será d'essas crianças, meu Deus!

(Continua.)

LA VAE VERSO.

O CAÇADOR E A LEITEIRA.

(BERANGER.)

«Com doces cantos o sabiá alegra

Do almo dia o lindo despontar,
O amante caçador segue, oh leiteira,
Meigas fallas de amor has de escutar;

«Da primavera, as orvalhadas flores,
Vamos, oh bella, para ti colher!...
—Não, caçador, de minha mãe hei medo,
E o meu tempo não posso aqui perder.

«Tua mãe, por detraz daquelle oiteiro,
Co' a mimosa ovelhinha longe está;
Oh, aprende, oh leiteira esta modinha,
Tão bonita na côrte outra não ha;

«A moça, que lograr sabe cantal-a
Os mais voluveis poderá prender....
—Tambem sei, caçador, modinhas ternas,
E o meu tempo não posso perder.

«Para que o possas contar, o triste caso
Aprende de um barão mui furibundo,
Que de cioso arrasta a pobre esposa
Viva e bem viva para o outro mundo;

«Historia que, narrada em noite escura,
Faz quem vive de medo estremecer!....
—Tambem sei, caçador, cantos mui tristes;
E o meu tempo não posso aqui perder

«Quero ensinar-te uma oração mui santa,
Com que applaques o lobo esfomeado,
Com que possas zombar das feiticeiras,
Livrar-te de quebranto ou mau olhado;

«Bem pode alguma velha feiticeira
Vis maleficios contra ti fazer.....
—Não tenho, oh caçador, o meu rozario?
E o meu tempo não posso aqui perder!...

«Pois bem: vês esta cruz como é brilhante
Cravada de rubis de gran valor?
Da moça, que ella ornar, ao lindo seio
Os olhos chamará.... cegos de amor!

«Será tua, apezar do alto preço;
Mas, vê la.... o que em troca hei de querer!
—Sou vossa, caçador, quanto é formosa!
E o meu tempo não posso aqui perder!

Trajano Galvão.

Á PEDIDO.

—Ha cousas neste mundo que fazem scismar a mais de uma pessoa horas inteiras...

E que scismas!...

—A proposito?

—Supponha que a Sra. D. Fulana de tal mora em uma casa da rua de... com cinco ou seis janellas de frente e portão ao lado; supponha mais que a dita senhora é casada, achando-se ausente o marido, e que as desoras um vulto introduz-se por uma porta travessa—o que se deve scismar?

—Que cada um deve cuidar na sua vida e não se importar com a alheia, Sr. bisbilhoteiro.

VARIEDADES.

AS MULHERES PARAGUAYAS.

—Sob esta epigraphe a *Tribuna* de Montevideu, dá uma noticia transcripta, que a ser *canard* não é má *chalaça*:

Novidade e ao mesmo tempo interesse despertam as noticias do theatro da guerra que dá o *Standard* de Buenos-Ayres, em seu numero de domingo.

Segundo o citado collega, a tenenta-coronel, Margarida Ferreira e a capitã Anita Gil, teem sob suas immediatas ordens uma respeitavel força de moças e mulheres, perfeitamente armadas que está collocada na passagem do rio Tebicuari, para disputar ás forças alliadas sua passagem.

A brigadeira generala Elisa Lynch com o corpo mais numeroso d'este exercito feminino, acha-se acampado no trajecto que medeia entre o passo do rio e uma pequena ilha interior.

No caminho para Villa Rica está a ala direita d'este exercito, commandada pela mãe do capitão Herrero, para que em caso necessario, obre em combinação com a coronela Margarida Ferreira, que dispõe de um formoso corpo de intrepidas moças.

Se é certo, como o assegura o *Standard*, teriamos visto renovados os tempos da antiga Esparta, e as mulheres de Cachabamba teriam encoutrado imitadoras.

Um individuo muito nosso conhecido escreveu uma obra e convidou a um amigo seu para ouvil o ler.

Quando estava lendo, notava elle que, de quando em vez, o amigo levantava-se e fazia uma cortezia.

Massado com aquillo, perguntou ao amigo:

—Que teus tu que de paragrapho em paragrapho que eu leio, te levantas e fazes uma cortezia.

—Comprimento os conhecidos que passam, respondeu o amigo.

Mr. Charles levou toda sua vida debaixo de pilheria e quando estava para morrer todos os os seus amigos rodearam seu leito.

Quando Mr. Charles fez termo de partida, um dos amigos que alli se achava, gritou para um criaado:

—Traz ahi uma vela que elle está expirando!

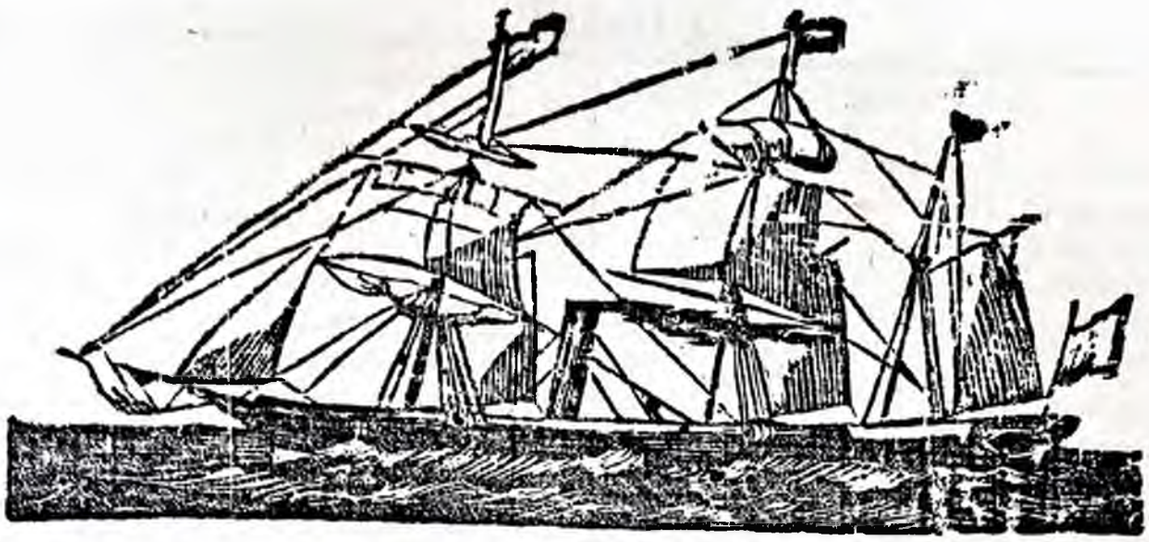
Mr. Charles levantou a cabeça e disse:

—Não precisa que eu vou mesmo a remo.

ANNUNCIOS.

Vende-se uma armação para loja de charutos, quem a pretender dirija-se a rua Direita de Palacio n.º 36 B, que achará com quem tractar.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 38.**

Preço d'assnatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 18 DE JUNHO DE 1868. N.º 376.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, invocando sua attenção para o pessimo estado em que se acha a casa que serve de quartel ao destacámento do Engenho da Conceição, a qual, alem de chover como na rua, serve de deposito de madeiras, cal e barro. S. S. que tem dado provas de sollicitude e zelo na administração da repatição á seu cargo, por certo que attenderá a tão urgente reclamação.

—Ao mesmo, lembrando-lhe, afim de evitar casos desagradaveis, a medida preventiva de serem substituidos os compridos manguaes que usam os conductores de carroças, por correias de tres palmos, mais que sufficientes para despertar os animaes.

Com semelhante medida cessará a inconveniencia de se ver todos os dias conflictos resultantes do pouco cuidado com que os carroceiros fustigam os miseros animaes, como ha quatro dias succedeu na Lapa; motivo esse, que induz a crer que S. S. não se dedignará de acceitar a lembrança.

—Recorda-se de uma moça de nome Andrelina.
—Conhecida pela *Bichinha*?
—Essa mesmo.
—O que teve?
—Suicidou-se no Rio de Janeiro.

O *Correio Mercantil*, dá noticia do facto assim:

«Andrelina de tal, natural da Bahia, poz termo a sua existencia, tomando uma porção de phosphoro.

Morava esta infeliz, em companhia de uma amiga sua, na rua da Uruguayana n. 55. Alli deu ella, ante-hontem á noite, principio á execução de seu sinistro designo. Avisadas as authoridades do occorrido, compareceram na habitação, e para logo os Srs. Drs. Pedro Isidoro de Moraes, Garcia e Miranda prestaram-lhe os soccorros convenientes, sendo para isso necessario o emprego da força, por não querer a paciente tomar os medicamentos applicados. Mais tarde, illudindo a vigilancia das pessoas, que guardavam-a, conseguiu Andrelina absorver nova porção de phosphoro, e então baldados foram todos os esforços empregados para a salval a. A pobre moça expirou hontem ao meio-dia.

Diversas são as causas á que attribuem este suicidio. A versão, porem, que mais corpo tem tomado, é a que dá como origem d'aquelle acto de desespero uma exaltação amorosa.

Na Bahia, segundo nos informam, attribuiram-lhe a causa do suicidio de um moço, filho de uma familia distincta, e por esse motivo, dizem, veio para o Rio de Janeiro. Agora, tendo partido para o norte um official, por quem se apaixonara, e desesperando de tornar a vel-o, poz ella por sua vez termo aos seus dias.»

—Tal vida, tal morte!..... Deus tenha misericordia d'alma dessa infeliz peccadora.

—Capitão, passando os olhos por um *Correio Mercantil* de 1851, deparei com a seguinte poesia para a qual invoco a sua esclarecida attenção.

—Leia, para poder apreial-a.

—La vae:

«AMANHAN.

Extremoso mancebo adorava
Gentil moça, feitiço de amor;
Era dama que em graças primava,
E primava tambem no rigor;
Que esperanças tambem accendia,
Mas que nunca um favor concedia.

Dia e noite o mancebo gastara
Em provar terno amor pela bella,
Dia e noite o mancebo chorara
Por deleites gozar ao pé della;
Mas tão fera, quam linda e louçan,
Ella sempre dizia:—amanhan.

Ah, senhora! exclamava o amante,
Até quando quereis ver-me assim?
Nem siquer o favor de um instante...
Nunca, nunca, tereis dó de mim?...
Quando pois pagareis tanto afan?
E a cruel respondia:—amanhan.

Amanhan... Esta phrase do inferno
Ja mil vezes de vós tenho ouvido;
Ja mil vezes amor louco e terno
Abrasado vos tenho pedido;
Mais tão fera, quam linda e louçan
Vós dizeis rindo sempre:—amanhan!

De horisonte limite afastado,
Que debalde se quer conhecer;
De uma flor o botão desgraçado,
Que ja mais flor aberta ha de ser;
Ironia, illusão, phrase van
Eis o que é esse vosso amanhan!

Basta emfim de zombar. Eu vos amo
Como ama o favonio uma flor;
Por gozar-vos ardente me inflammo,
Junto a vós morrer quero de amor!....
Quando, pois, pagareis tanto afan?
E a cruel respondia:—amanhan.

E o mancebo, esperava, esperava,
Que chegasse essa hora de amor,
Cada dia mais terno voltava
A pedir da ternura o penhor;
Mas tão fera quam linda e louçan
Ella sempre dizia:—amanhan!

Chega um dia...era noite formosa,
Tudo em doce socego jazia,
Stava a lua no ceu radiosa:
Bella, a dama entre flores dormia;
No jardim foi do somno apanhada
Pelas auras da noite embalada.

Junto della, ninguem stá vellando...
Mas, por entre os arbustros viçosos,
Os raminhos co'as mãos afastando,
Vem o amante com passos cuidosos;
Eil-a alli a dormir descuidada.
El-o alli com sua alma abrasada!

O que mais succedeu ninguem viu...
Sabe-o a lua que estava no ceu,....
So do amante um suspiro se ouviu
E um ai terno que a moça gemeu!...
E depois que algum tempo passou,
Todo em fogo o mancebo exclamou:

Ah! é pouco...não basta um favor
Para a chamma que ardendo em mim vês;
Dize—quando p'ra gloria de amor
Dormirás no jardim outra vez?
E vermelha qual flor de roman
Disse a moça outra vez:—amanhan!

—Veja como se admnistra a justiça nesta terra.

—Ora diga la.

—Na cidade da Cachoeira appareceram alguns pasquins contra certa authoridade e indigitaram como um dos authores a Sergio José Paraguassu, o qual sem mais preambulos foi recrutado e remettido para a capital muito *recommendado*.

Sergio, ja tinha ido ao Sul e voltou de la inspecionado e incapaz do serviço por molestias incuraveis.

Descansando, nos documentos que possuia, julgou, á vista delles, encontrar na admnistração superior um paradeiro a demasiada arbitrariedade de quem quer que o queria perseguir e massacrar.

Enganou-se porem.

Requerendo ao presidente da provincia para apresentar seus documentos e fazer valer seu direito, foi mandado embarcar immediatamente; de sorte que, quando seu requerimento foi indeferido, ja elle tinha seguido barra fora!

—V. não sabe que direito e lei são palavras ôcas, quando se trata de satisfazer o capricho da gente do peito?

O que importa que se calque a justiça mandando Sergio para o Sul, si o orgulho do potentado foi devidamente lisongeado?

Á PEDIDO.

—Estou cançado de esperar!

—E' desesperar.

—Ouvi fallar que o Gularte ia ser chamamado á responsabilidade, e que elle se compromettera a contar nos tribunaes a historia da subdelegacia da Conceição da Praia; e eu que gosto de apreciar essas *amenidades* aticei a curiosidade; porem até hoje estou com agoa na bocca.

Dar-se-ha que os contendores fizeram como gallo, que estacam um em frente do outro com receio?

—Mas é que um não pode fazer nada sem que o outro dê o primeiro passo.

— Nesse caso é ao Sr. Jurema que cumpre tomar a iniciativa para não ficar em falta sua palavra honrada.

—Mesmo para que os maldizentes não digam que S. S. teve medo de ouvir a tal historia.

—Quem de Vv. ahi conhece o *quarenta jantares*?

—Pelo nome, nenhum de nós.

—Não sei tambem o que fazem pelas ruas, si não conhecem os patifes pela pinta.

—Dê V. Ex. um pequeno signal e verá se n'um fechar e abrir d'olhos não damos definição do cujo.

—Pois escutem la o retrato do bicho:

Tem rosto cumprido e barba serrada, secco do corpo; usa de paletot de alparca que ja foi preta em outro tempo, colette bordado á retrós, ja bastante usado, cadeia sem relogio. calça de brim pardo desbotado, e chapeu de feltro acabocolado.

—Basta, capitão ja sei quem é.

—Conhece-o?

—Por signal que anda apressado fazendo grande *borgorinho*.

—Eis ahi.

—Si V. Ex. me fallasse de um cujo que assim em ar de gracejo tirou da barraca de uma ganhadeira á praça do Mercado um collar e por gracejo ficou com elle, e safou tambem do bolso de certo individuo a carteira com 80$ rs., eu sabia logo quem era.

Si me dissesse que era um taful de suissas á peixe *barbo* imitando ao *Lino*, eu de improviso lhe responderia.

—Nesse caso, fica encarregado de trazer-me aqui esse alarve antes das duas horas.

—Antes das duas horas?

—Sim, quero mandar-lhe dar uma sova pela sem cerimonia com que anda pelas guardas a comer o jantar dos officiaes, sem ser convidado.

—Si me não engano, esse *papa jantares* á tempos ja veio a bordo por egual motivo.

—Justamente. Era da guarda de palacio que fazia seu aposento. Socava-se la, intruzamente palestrando até a hora dos pirões; agora variou, e anda por todas ellas a encher a tripa de gauderio.

—Desta vez ha de lhe custar caro. Vou buscal-o.

—Cuidado com o birbante que é todo *efeminado* e pode fingir algum flato.

—Veja, capitão, como tudo anda invertido e fora dos seus eixos, neste tempo! No tempo do *pão, pão, queijo, queijo*, a verdade era sempre em tudo e por tudo—a verdade: depois que em politica, como em tudo, a verdade passou a ser a mentira sempre repetida, ninguem se entende nesta immensa Babel.

—Cuidei que trazia materia nova; isso é velho; si o Sr. andasse hoje menos pelo mundo da lua, que por este mundo sublunar, devia saber que de ha muito a unica verdade em tudo está no reverso da medalha. Mas, adiante; continue.

—Viu aquelle jorro de porcas diatribes publicadas no *Alabama* de 9 do corrente, debaixo da epigraphe—*as pedras preciosas derretidas em luxo*?

—Vi, sim, e que novidade ha nisso, quando a todo instante se estão vendo ahi por toda a parte porcarias eguaes?

—Mas creio, que não conhece a pessoa de que ali se tracta e é o que lhe venho referir. A victima d'aquella infame descompostura gratuita, nunca provocada, é um honrado portuguez, antigo negociante desta praça, sempre conhecido pela honestidade de seu procedimento e escrupulosa pontualidade de sua palavra. O aggressor, o carasco, é um miseravel. que foi caixeiro d'aquelle negocioante, de cuja casa sendo despedido, por malvado e ladrão, logo depois abriu-lhe com chaves falsas uma noite o armazem e o cofre e limpamente robou-lhe consideravel quantia em dinheiro e pedras preciosas.

Ao amanhecer, toda a praça conheceu o ladrão; mas o negociante roubado, não o podendo convencer fazer punir com provas do crime o que o silencio e as trevas da noite haviam apadrinhado, soffreu resignado o roubo e o prejuzio.

O salteador passou a ser caixeiro de outro negociante, indiscreto, que tendo visto as barbas do vizinho a arder, devia ter posto as suas de molho. Nessa nova *exploração*, acabou tambem o tratante roubando o amo, não com chaves falsas como então e com gazuas, mas falsificando-lhe a escripturação e apresentando-se por fim seu credor de alguns contos de reis.

Aqui tem, capitão, o caracter do miseravel que chama ladrões as victimas de sua rapacidade.

—Quer ouvir, meu charo, a minha opinião a este respeito? Entendo, que o negociante primeiro roubado é digno de compaixão, o segundo não; porque devia saber, que a quem o diabo uma vez tomou, sempre lhe fica o geito; metteu a vibora no seio, o que esperava?

O que lamento é, que um malfeitor assim avezado ao crime viva impune n'um paiz

onde ha governo e leis repressivas do crime.

—Mas que quer, capitão?

Governo e leis excellentes ha aqui; mas infelizmente pode mais do que ellas o patronato.

Ora veja: o ladrão, que alem de ladrão é um tremendo assassino, um facinora brutal, cahiu nas mãos da justiça aqui ha pouco tempo; e quando todos os homens de bem esperavam vel-o achar nas galés recompensa de suas *virtudes,* teve o infame protecção bastante para o por no olho da rua, novamente armado de gazua e punhal,

—Então faz muito bem! deve continuar na boa vida que tem levado, até que por sua vez os proprios protectores lhe conheçam o *prestimo*, que bem o merecem.

—Porém, quer V. Ex. ver a que ponto chega o descaro do salteador?

Anda agora a fazer subscrever por seus protetores (*boas firmas*, alguns) um nos abaixo assignados para *provar*, que é pessoa de grandes creditos nesta praça, e que, antes de ser caixeiro do ultimo amo a quem roubou, negociava com contos e contos de reis.

—Que patife! quer assim legitimar a fraude manifesta que praticou, a falsificação dos assentos que fez nos borradores, quando caixeiro do homem de boa fé, de quem agora se diz credor.

—E não comprehende que a consciencia publica, e a illustracção dos tribunaes, nesse proprio nós abaixo estão vendo o corpo de delicto do roubo que fez com o auxilio das trevas e das gazuas ao honrado negociante, a quem agora, ainda em cima, chama ladrão; porque,—não possuindo nada de seu o mizeravel, antes de praticar aquelle roubo, si com effeito negociou depois disso em valores de muitos contos de reis, a dinheiro e a credito, é claro que d'aquella nocturna empreza em que empalmou 7 ou 8 contos de reis em dinheiro e brilhantes, lhe vieram os recursos de seu opulento commercio. Salvo si, pelo commercio da moeda falsa, os adquiriu. Milagrosa industria.... á custa da qual, não falta ahi quem viva muito a largo a campar de gente honrada....,

—Mas ainda me não disse nada a respeito da origem d'esse *heroe*: diga-me donde surgiu, donde veio, que naturalidade tem, visto que tracta por galegos e labregos as suas vitimas?

—Ah, cuidei que ja o sabia, capitão. E' um canalha dos mais vis do mundo, um refugo, uma escoria não de Portugal, mas da Galiza ou Biscaia.

Para desdouro do honrado nome portuguez, quer o ladrão passar por portuguez; mas não ha portuguez honesto que possa vencer o nojo de apertar-lhe a mão.

—Basta, tenho ouvido; vou expedir as ordens para que seja dignamente recebido aqui a bordo, de baixo de coberta enchuta tão importante hospede.

—Bem; voltarei talvez, não por occupar-me mais d'esta immunda creatura, mas por dar a V. Ex, e a *policia* noticias um pouco detalhadas do honesto caracter e *patrioticas relações commerciaes* de alguns de seus dignos defensores,

E' preciso que fiquem conhecidos do publico, e das *authoridades,* porque *dize-me com quem vives, dir-te-hei as manhas* que tens.....

VARIEDADES.

Um mestre escola estava examinando os discipulos em doutrina, e dirigindo-se a um cuja avó estava gravemente enferma:

—Dize-me, Luizinho, perguntou o mestre—quantos são os sacramentos?

—Não ficou nenhum, senhor mestre—respondeu a creança.

—Como é que não ficou nenhum sacramento? E' isso que diz o cathecismo?

—Não, senhor; porèm antes eram sete, mas os ultimos foram dados esta manhan a minha vó.

— — —

—A um certo individuo, casado com uma mulher muito feia e da qual era muito zeloso, perguntara um amigo:

—Mas, homem, como tens tu ciumes sendo tua mulher tão feia?

—Isso não importa, respondeu o marido, porque assim como eu tive um gosto tão estragado pode ser que outro o tenha tambem.

— — —

A scena passa-se em casa d'um juiz de paz.

—Que tem V. que allegar perguntou o juiz a um proprietario que se ia queixar de um seu inquilino.

—Que este senhor me deixou a casa deteriorada.

—Como não havia de ser assim, se vivi vinte annos n'ella?

—Sim, mas no arrendamento, comprometteu-se V a deixal-a como a achou.

—Eu não me comprometti a isto com V. que tem cabellos brancos, foi com outro individuo que tinha cabellos pretos.

—E' verdade; mas já passou muito tempo.

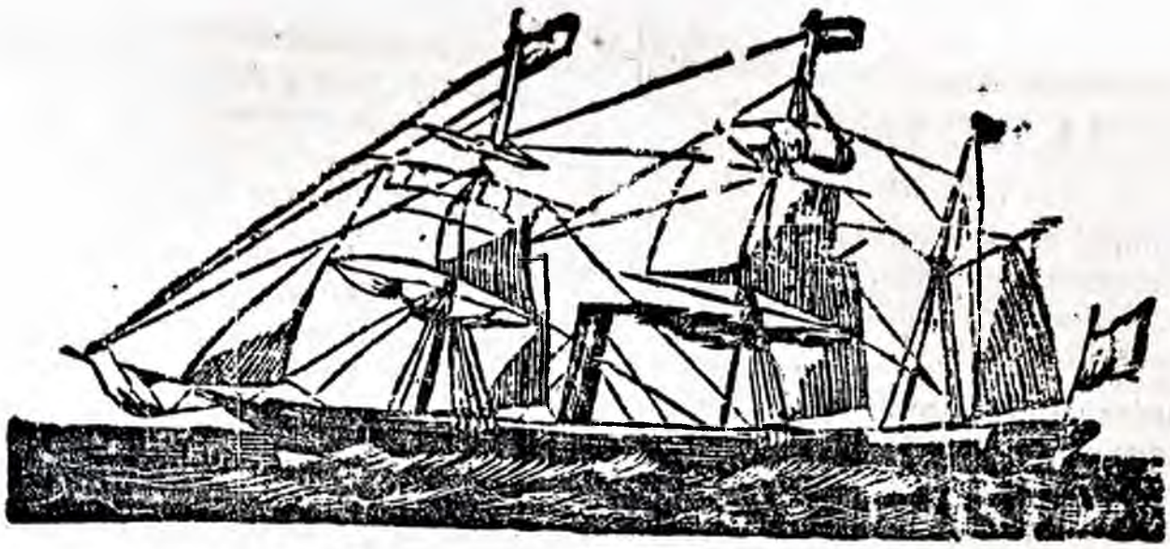
—Pois reclamasse V em tempo,

O juiz foi da mesma opinião.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS

Por deliberação do conselho, em sessão de 14 do corrente, convido a todos os Srs. socios que se acham atrazados, á virem pagar o que devem de suas mensalidades, a fim de lhes não ser applicadas as penas comminadas nos estatutos. Bahia 15 de junho de 1868.—*Aristides Ricardo,* 1.º secretario.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. — Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. — Serie 38.

Preço d'assnatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 20 DE JUNHO DE 1868. — N.º 377.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé.—Sendo tempo perdido recorrer-se a camara para que recommende a seus fiscaes o devido cuidado nas infracções das posturas que tendem a conservar o aceio das ruas, sirva-se S. S. de mandar o seu ordenança intimar aos moradores dos sobrados 28 e 30, Atraz da Sé, para que não continuem a dar banhos de materias fecaes dissolvidas em *agoas velhas*, em quem por alli passa das 9 para 10 horas da noite.

—Ao mesmo, communicando-lhe que havendo informações, de que na venda á rua Direita de Palacio, fronteira a thesouraria, ha grande porção de fogo solto, inclusive buscapés, leva-se isso ao conhecimento de S. S. para que sirva-se de dar a competente busca, e fazer o que for de lei; o que espera-se.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que passe a verificar, si é exacto que o dono da padaria ao Guadelupe tem ahi um chiqueiro de porcos, e no caso de ser assim, imponha-lhe a competente muleta.

—Isto é rico!

Preso por ter cão e preso por não tel-o!

—Ponha-me isso em pratos limpos.

—E' que o fiscal geral não so muleta aos taverneiros que vendem o pão mal pesado, como aos que o pão excede um pouco do peso.

—Ora esta so da excentrica cabeça do fiscal geral.

—Na rua de S. Pedro ha uma casa cercada de andames, os quaes estão largando os pedaços sobre quem passa.

—E' a de n.º 33.

—Supponho. Parece que o dono está á espera da vinda d'El-rei D. Sebastião para concluir a obra.

—La isso elle podia acabar quando quizesse, si não estivesse aquelle trambolho a empatar o transito.

—E a servir de spelunca para actos poucos decentes á noite.

—Olá, rapaz, V. é bastante esperdiçado! Pois anda a despejar pelas portas dos visinhos o que podia muito bem lhe servir de alimento?

—O defeito é da maior parte das casas da cidade não terem despejo.

—Com tudo não é bom continuar na graça; podem os visinhos do Cruseiro dar com V. na casa de cachorro.

—S. *José* e o Santissimo *Sacramento* de quem sou devoto, me livrarão de tal occasião.

—O melhor é não continuar. Proceda como seu visinho de cima, o qual por suas boas maneiras todos lhe predizem um *bomfim*.

LA VAE VERSO.

LEILÃO.

Meninas! correi depressa!
E' chegada a occasião,
Resolvi metter em praça
Meu solteiro coração.

Lançae no primeiro lote;
O que é bom paga-se bem;
Vae ao correr do martello
E' um ovo por um vintem.

E' feito de assucar branco,
Macio como sabão;
Ninguem pretende a pechincha?
Pois perdem a occasião.

Tem veias de sangue puro,
E ama como ninguem;
Meninas! lançae no lote
O que é bom paga-se bem.

Tem cordas todas sensiveis
A' laia de violão!
E si ellas ficarem mudas
E' ir-lhe de fá bordão!

E esta! Pois não pensava
Que vendia o coração?
Mas por mais que me esforçasse
Ninguem quiz vir ao leilão.

IMMITAÇÃO.

MODINHA PARA SER CANTADA NA NOITE DE S. JOÃO.

Que vida gosa o *progresso*
Sem ser do povo estimado,
E' feliz por ter os cobres
Da nação agasalhado.

Vive então amontoando
P'ra som ente enriquecer,
E o povo neste caso
E' que vem sempre a soffrer.

Que vida gosa a assembléa
Ha quatro mezes *fallando*;
E' feliz porque os cobres
Da provincia vae mamando

Vive então qual usurario
Somente para embolsar,
E a provincia esfalfada
Vem sempre a enthysicar.

Que vida gosa o Matheus
Pelas ruas passeiando;
E' feliz porque os cobres
Da provincia está raspando.

Vive então so nas egrejas,
De irmandades se occupando,
E o pobre substituto
Na mão a cousa aguentando.

Que vida gosa o *Pinguinho*
Junto as internas morando;
E' feliz porque caldinhos
Das *pombinhas* vae chupando.

Vive então, ricas *pombinhas*
O tal pardal assolando,
E os cofres da provincia
O seu vicio sustentando.

Que vida gosa *Certo-rio*
Com a Balbina abraçado;
E' feliz porque do mundo
Não tem o menor cuidado

Vive então o zangaralhão
Pela negra enrabichado,
Apontado pelo povo
Por um padre debochado.

Que vida gosa o *Ciri*
De tapas e caxações;
E' feliz porque a negra
Lhe allivia *as comixões*

Vive então como no inferno
Os diabos se acabando,
E por isso é que a creoula
Vae ao conego sovando.

Que vida gosa um *marreco*
Empregos accumulando;
E' feliz porque da patria
Vae *grossa cousa* empalmando

Vive então como os anjinhos
Bello maná á gozar,
E a boa da provincia
Da-lhe a *têta* p'ra chupar.

Que vida goza D. *Bartollo*
De sabichão se inculcando;
E' feliz e entre *entendidos*
Por *cousa* elle vae passando,

Vive então o tal *macaco*
Discurso *bello* arranjando,
No meio de *certa roda*,
Justos louros alcançando.

Que vida gosa o *Cazuza*
Com a creoula sambando;
E' feliz porque o cujo
Vae se desmoralisando.

Vive então em grão regalo,
Como devasso que é,
E na casa da creoula
Tambem faz seu rapa pé.

Que vida gosa o *Carlos*
De *Viar* frangas papando;
E' feliz porque do galico
Elle se vae descartando.

Vive então o tal abutre
De franguinhas se nutrindo,

No meio de homens honrados
De *santo* se vae fingindo.

Que vida desfructa o povo
Milhões de impostos pagando;
E' feliz porque p'ra guerra
E' que elle está se esgotando,

Vive então como o progresso
De *direito está achando*,
Que lhe usurpa o diuheiro
E o sangue lhe vae sugando

Á PEDIDO.

—*Cyrillo Banana*, que indole má é essa?

—De que, Sr.?

—Pois V. ter a malignidade de pagar a dous moleques para atirarem um buscapé dentro da taverna de Manoel?

—Que calumnia, meu Deus!

—O moleque Angelo a quem V. peitou, não esconde.

—Querem me intrigar; ja vim corrido de Maragogipe.

—Não pelo que eu fiz.

Fique prevenido, que, si na noite de S. João, ou outro qualquer dia, o homem sofrer alguma cousa, é de V. que se ha de queixar.

—Cabe no possivel que sendo eu o inspector pratique semelhante maldade?

—Outras cousa se vê quanto mais isso.

—Decididamente ha dinheiros que são elasticos!

—Eu por mais que escorrupiche o meu, não me chega.

—E o meu.

—Na verdade, pasmo, quando vejo certa gente, cujos rendimentos são verdadeiras teteias, gastarem á mãos largas, e terem dinheiro para tudo.

Um caixeiro, por exemplo com diminuto ordenado, sustenta carro, frequenta mulheres, vae a festa do Spirito Santo e la gasta exorbitantissima quantia. E um verdadeiro perdulario!

—A proposito: vou tratar de um destes esbanjadores do *commercio*.

—Então espere deixe-me fallar ao *Januario* que atravessa alli e volto ja.

(Continúa.)

—Capitão, V. Ex., como provecto na vida do mar, queira esclarecer-me si as obrigações do *mestre d'armas* é morar em terra? servindo de *Mercurio* a uma Venus com quem vive e so indo a bordo quando lhe parece.

—A que vem tão desasada pergunta?

—Porque assim vejo proceder o do navio escola dos aprendizes do mar da bahia e de todos os ratos, cidade de S. Chupador.

—E' relaxação.

—De mais.

—O que posso fazer é recommendar ao commandante mais zelo na disciplina de seu navio.

—Tempo perdido.

Vem de cima a corrupção.

—Visto isso, so o governo pode remediar, dando um golpe de estado na tal cumbuca.

—Perfeita caverna de antropophagos.

—Voite depois para nos entender-mos,

(Continuação dos n.os 373 e 374.)

—Para que fique bem distincto o heroe destas proezas o chrismarei daqui por diante por *José* da *serra*, nome que bem lhe assenta, por ter vindo das brenhas, onde habitava entre *silvas* agrestes.

—Estou sciente, pode continuar.

—Tendo sido presos por ladrões de cavallos Leoncio *Alvo de Vaz Cancellas* e outro, foram soltos por habeas-corpus e como culpados que eram, quando se viram soltos trataram de amollar as canellas abandonando os cavallos. Dias depois, nosso heroe requereu em nome dos culpados para ficar com os cavallos em deposito; o delegado, leigo completo, e cujo fraco era largar-se para S. *Gonsalo* no engenho *Muniz* de *barrete* á cabeça, despachou favoravelmente e o resultado foi que á pouco vendeu elle um cavallo castanho dos taes.

Na vara de sobre delgacia, succedeu que no sabbado de Aleluia Feliz aberto d'Avo de Christo, desse umas porretadas no Zeca Lineo da Silva. Este faz corpo de delicto e quer proceder, mas, a boa chita da authoridade mette-se no meio e quer obrigal-o a accommodar-se mediante a quantia de 50$ reis, para elle e 50$ reis para o offendido.

Não conseguindo, recebeu o dinheiro e comeu-o descaradamente!

Para crear todo embaraço a Lineo a fim de que elle não podesse continuar a mover acção contra seu aggressor, pediu-lhe em confiança o corpo de delicto e consumiu-o!

—Quantas aves de rapina da eguala desas temos nós a occupar cargos ahi por fora!

—Por fora so?

Na cidade tambem as ha de sobra.

Paro aqui porque sendo as gentilezas desse meliante muito volumosos, permitta-me que tome um pouco de folego, para continuar.

—Como lhe aprouver.

(Continúa.)

—Capitão.... capitão.... capitão....

—Que diabo tem V., homem?

—V. Fx. não sabe o que perdeu não ir hoje a assembléa.

—O que houve?

—O Zama quiz brigar com o Portella dentro do recinto da assembléa

—Que escandalo!

Conte-me isto.

—O Portella discutindo disse que a calumnia repelle se com a calumnia e que elle não descia a responder a *certa ordem de gente*.

O Zama perguntou si elle referia-se a elle que dissesse, em ar de quem queria dar alguma *cabeçada*.

Grita o Portella:—*Si quer brigar encoste!*

—Que desfructe!

Em logar de tratarem do bem estar da provincia, desafiam-se para medirem as forças!

—E é para isso que a provincia está sustentando-os ha quatro mezes!

VARIEDADES.

COUSAS QUE MUDAM DE NOMES

CONFORME AS CIRCUNSTANCIAS

Taverna, na cidade baixa, chama-se armazem.

Camarinha, em casa de gente rica, chama-se gabinete.

Lombo de carne em jantar de fidalgo, chama-se Rosbife.

Furto, sendo de homem miseravel, chama-se ladroeira.

Sendo de chefe de repartição, stelionato.

Sendo de ministro, malversação.

Sendo de padre, pexinxa.

Sendo de caixeiro, rapaziada.

Sendo de estudante, cassuada.

Sendo de negociante, alcavallas.

Sendo de boticario, qui pro quo.

Moça feia com dinheiro chama-se interessante.

Mulher ordinaria, que teve filho, pariu: sendo rica, teve bom successo.

Farinha sendo boa, chama-se de brancos, sendo ruim, de negros.

DISCRIPÇÃO

Do grande jantar dado pelo barão das Ferragens a Exm. Sr. D. Fechadura, viuva do cousul Cadeado.

A primeira coberta continha uma grande taça com excellente sopa feita de arame grosso, e adubada com pregos de cabeça. Um grande taxo com enxadas cozidas, e suas competentes foices, machados e saca-rolhas de horta. Dois tanques de ferro com missagras; um calderão com alavancas salprezas. Um grande prato com pés de cabra, e aldabras do forno, doze pastellões de tarraxas, e parafuzos.

A segunda coberta constava de trez serrotes assados, ladeados de pregos de estoques com excellente molho de ferrugem.

Perguntava um sugeito:—ora Sr. F. Qual será a rasão, porque frequentes veses se encontram os homens de talento as portas dos homens rico?—ao que o outro lhe respondeu de prompto:—é porque o homem de talento conhece o valor das riquezas, e o rico ignora o valor da sabedoria.

ANNUNCIOS.

Quem precisar de uma ama de leite, procure no sobrado n.° 11 á rua Direita do Collegio, 1.° andar.

Fugiu no dia 13 do corrente um moleque crioulo de nome Benedicto, escravo do commendador Barros Reis, idade de 13 annos, corpo esquio, rosto descarnado, olhos vivos, vestido de calça e camisa de algodão, costuma trazer no pescoço rozario com veronicas, vaga a noite pela cidade e tambem pela Cruz do Cosme e Engenho Retiro, gratifica-se a quem o prender.

THEATRO PUBLICO.

COMPANHIA MELO-LAMBATICA

Extraordinaria representação em beneficio de Mr. Sarabulho.

Dada a hora, a orchestra executará pela primeira vez a escolhida ouvertura,—*A sopa de tartaruga*,—finda a qual terá principio o belissimo e sempre applaudido drama em tres actos e quatro quadros, producção do distincto litterato francez—Restaurant,—e que se intitula.—*O mocotó preparado com repolho*.

No fim do 1.° acto Mr. Caril em obsequio ao beneficiado cantará a grande aria, *Rawoli*.

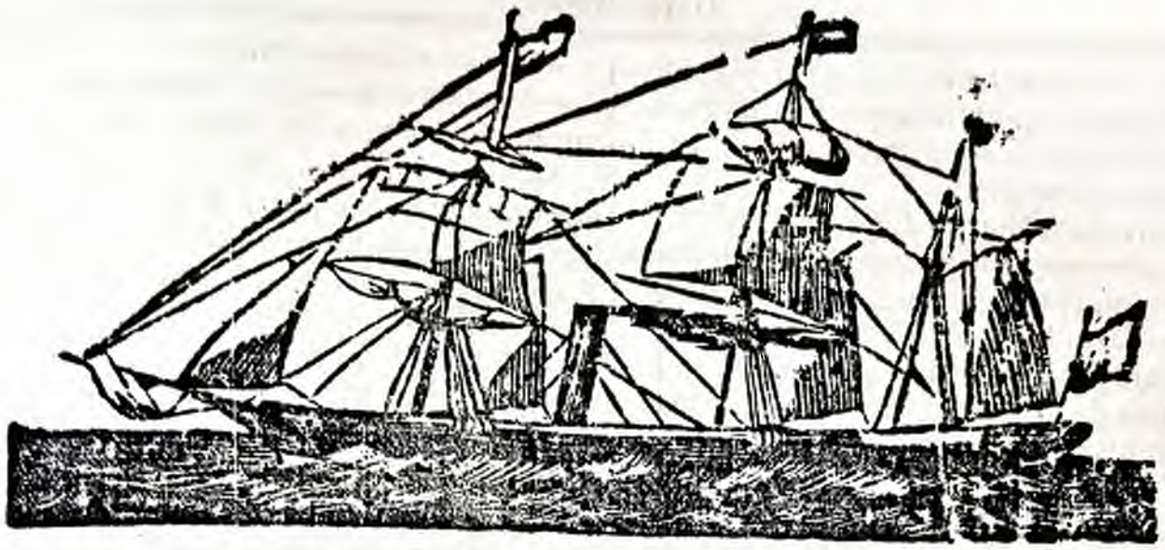
No fim do 2° acto Mrs, Bifes de Sebolladas, e de Grelha, á pedido de muitas pessoas a executarão o muito engraçado duetto—*Talherim de massa fresca*.

Terminará o espetaculo a jocosa farca que tem por titulo—*O novo petisco ou os pasteis de nata*.

O beneficiador sempre grato ao respeitavel publico, aproveita a occasião de pedir toda a desculpa das faltas desta noite por isso que a mais nada deu lugar o tempo, e suas circunstancias: de mais declara que as bengalas e chapeus de sol serão guardados na mão de seus donos para o que se tem dado todas as providencias.

Os bilhetes de platéa e camarotes desde ja se acham a venda no escriptorio do mesmo theatro, os preço os mesmos da casa.

Principiará as 8 horas em ponto.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. Serie 38.

Preço d'assignatura — 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 23 DE JUNHO DE 1868. N.º 378.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna.—Sendo notorio que, das 9 horas da noite em diante, algumas empiematicas filhas de Jerusalem, acompanhadas de seus competentes *carrascos*, costumam ir tomar banhos nas fontes publicas dessa freguezia, e ahi pronunciam palavras obscenas e praticam actos offensivos a moral; sirva-se S. S. de dar promptas providencias que façam cessar tal escandalo e, no caso de continuarem, as remetta ao porta-maça e os capadocios ao Xico Careca para dar-lhes a devida correcção.

—Notavel previdencia da camara!

Mandar plantar arvores no Terreiro para os moleques terem no que se divertir!

—Mas a culpa não é da camara; a policia é quem deve prohibir.

—Eu não sei de quem é a culpa; o que é certo é que os moleques dependuram se nos galhos e os vão lascando.

—Amanheceu no dia 21 na porta da egreja do Carmo o cadaver de uma creança, cuja morte não parecia ser prematura, em vista do estado do mesmo, o qual so tinha a pelle sobre os ossos.

—E o que significa então?

—Não pude saber; apenas informaram-me que o Sr. Valença mandou apanhal-o e faser corpo de delicto.

—E' preciso averiguar isso.

—A egreja do Cabulla é uma perfeita rioseca, armada sobre a cabeça dos viventes.

—Andei por lá no dia 19 e vi que esta a desabar por momentos.

—E tem mais uma cousa: o capellão não diz missa quando chove, por que no altar cahe agoa como na rua.

—Entretanto, os paes da patria não comprehendem a necessidade de conservar semelhante capella, a unica em que os habitantes do logar concorrem aos actos religiosos.

—Ora dá-se que gente de instincto maligno!

—Com quem trata?

—Ja outro dia um mestre alfaiate martyrisou um menino e mandou-o para a contracosta, hoje 22, o mestre pedreiro de uma obra á rua das Veronicas deu tamanha porretada n'um discipulo que o atirou do andaime abaixo e fez-lhe um formidavel ferimento na cabeça e uma contusão no pescoço!

—Entendem esses estupidos e grosseiros, que com atrocidades é que encaixam o saber na cabeça dos meninos.

—A impunidade é que dá causa a tudo isso.

—Eis ahi uma bella industria, por meio da qual, muito espertalhão passa á larga, em quanto o diabo não se intromette.

—Vamos a ouvir.

—O portuguez Manuel Joaquim Pereira, rapaz que tem completa negação para um meio de vida licito, assentou de gastar perdulariamente em casa das mulheres sem ter rendimentos para isso, e então deu na especulação de usar de *subtilezas*, por meio das quaes possa arranjar dinheiro.

No sabbado, imitando a lettra de um moço, escreveu a familia deste na Preguiça, mandando buscar alguns objectos de ouro que elle tinha ouvido nomear e enviou por um preto a carta que trouxe o que elle pedia.

Armado assim, dirigiu-se para a casa de Felisberta de tal ao Maciel, onde entrou a divertir-se a vontade.

Preso na segunda feira pela subdelegocia da Sé, confessou o roubo compromettendo-se a entregar o que existia.

—E não foi preso?

—Não.

—Homem, essa é boa.

—E' que o dono do roubo contenta-se em receber o que é seu mesmo, ja extraviado parte.

—Em todo caso.....

—Essa gente discipula de Hippocratis comprehende perfeitamente o juramento de soccorrer a humanidade que dão.

—Falla por zombaria?

—Não.

—Eu não creio na sua sinceridade.

—Ainda hoje tive uma prova que mais me acapacitou do que digo.

As 11 horas da noite foi uma pessoa atacada violentamente de uma aguda dor sobre o ventre, no Cruzeiro, desde essa hora até ao sete meia da manhan não se encontrou um medico que se quizesse prestar!....uns, *não estavam em casa* aquellas horas! e outros, não podiam sahir!....

A's seis horas a familia tomou a resolução de ministrar um purgante ao enfermo, e mandando a certa botica pedir que lhe aviassem com pressa, expondo o motivo, o boticario respondeu que deixasse *morrer quem morresse*, porque elle não tinha muita pressa!

—Toda essa gente, em materia de caridade, é uns cações; o que elles querem é que lhes escorrgue os cobres nos bolsos.

—Por esses dias estamos livre de Rocha Lima.

—Foi preso?

—Com casca e tudo.

—Breve está na rua.

—Desta vez a cousa é mais seria, feriu a um menino e vae responder a processo.

No dia em que foi preso, ia ferindo um homem n'uma venda a rua do Collegio com um formidavel furador que lhe foi tomado.

E ja elle tinha outro ferro no bolso com que commetteu o delicto.

—Felizmente, em quanto semelhante vagabundo estiver passando tempo no chilindró estamos livres delle.

—O *perluvio* que houve em Sant'Anna não podia acabar sem brinquedo de pecula.

—Não lhe entendo.

—La vae mais claro. Na barulhada que houve em Sant'Anna por occasião do fogo, certo meninorio, que andava por la cocorando a sua *deidade*, aproveitou-se da confusão para empurrar-se com ella em busca do Campo da Polvora, deixando os parentes a procura do homem da capa preta.

Não sei que travessuras fizeram, que a moça teve receios de voltar para casa.

—E ficou o maganão saboreando a gostosa fructa da companhia da cuja, assim em ar de phosphoro?

—Que duvida.

—A companhia de Vehiculos vae bem de concurrencia.

As gondolos da Victoria voltam sempre atupetadas.

—De moleques.

—E' verdade que os passageiros não são gente de vida muito regular, por que vão dando berros e fazendo descommunal assuada.

—V. não sabe o que é. Como as gondolas voltam vazias, os boleeiros admittem quanto camarada tem, os quaes vão pintando o diabo.

—Pois isso é bem mau.

—E' a direcção da companhia que V. deve dizer.

—Amanheceu por baixo das portas um papelucho com o titulo a—*Fradaria*.

—Em que sentido?

—Descompostura.

—La se avenham. Onde foi impresso?

—Não traz nome da officina.

—E' uma pechincha para a promotoria publica.

—Isso so si houvesse alguma *sentinella invisivel* que bispasse onde os cujos imprimiram.

—Não é preciso, porque V. sabe que ha gatos que andam escondidos com o rabo de fora.

A NOITE DE S. JOÃO.

Hoje é o dia desta bella noite, que ainda mais aprasivel seria si entre nós ainda não houvesse o barbaro uzo de soltarem pelo meio das ruas os furiosos foguetes buscapés tão perigosos, e que tantos damnos tem causado nos annos passados. Faz admirar que na Bahia, e nesta epoca em que se diz de civilisação, usem ainda de tal divertimento grosseiro, assim como do fouco, e extravagante entrudo, que ja tem posto algumas pessoas na cova. Esperamos, pois, que neste anno os rapazes tenham mais juizo, e melhor gosto, em vez de se queimarem com foguetes, e se porem no risco de serem presos e pagarem uma condemnação, empreguem o dinheiro na bella cangica, e bons petiscos para entreterem a noite, tirando sortes ao lado das amaveis moças, deixando logo de parte algum dinheiro para pagarem alguma divida que appareça do alfaiate, ou sapateiro; porque, em todo caso, para quem tem vergonha dá mais prazer andar de contas justas do que jogar foguetes. Aproveitamos tambem esta occasião para pedir aos Srs. apaixonados de fogueiras com arvore no meio, que tenham o cuidado de mandar no outro dia tapar os buracos que fazem para fincar os seus pendões, afim de não augmentar a desgraça das nossas ruas tão mal calçadas.

E quaes são os lucros que se tiram de jogar foguetes?

Assustar as familias.
Olhos furados.
Mãos queimadas.
Uncturas de calabouço.
Prejuizo de dinheiro para sempre

Amen Jesus.

LA VAE VERSO.

DESABAFO POETICO.

Si o governo desejasse
Fazer seu povo feliz,
Deveria em casos taes
Seguir o que aqui se diz.

Si isto é mau, si isto é tollice,
Quem dera que se cumprisse.

Pelintra, que sem vergonha
Lordeia so por calote,
Quando fosse p'ra o Commercio
Ser enxotado a xicote.

Tomando casaca nova,
Sem pagar ao alfaiate,
De pedradas dos moleques
Devia soffrer combate.

Estudante, que por burro
Tres vezes é reprovado,
Para bordo d'um navio
Logo e logo recrutado.

Mulher de capona preta,
Que traz sempre novidade
Devia levar de bollos
Trez duzias por caridade.

Não poder um bacharel,
Ser juiz n'uma demanda,
Sem primeiro ter gastado
Sete annos de quitanda.

Nenhum chamado pra medico
Sem primeiro ter provado
Si são mais os que tem morto,
Si mais os que tem curado.

Nenhum padre dizer missa,
Até nem raspar coroa,
Sem que toda gente diga
Que a sua moral é boa.

Ministro que no emprego
Ja fizesse ladroeira,
Não poder andar na rua
Sem pescoço em gargalheira.

Caixeiro que rouba o amo
Ou põe loja a custa alheia,
Devia passar seis annos
Estudando na cadeia.

Yaya que dançando a polka
Faz tregeitos e momices,
Ter em premio dois archotes
Para não fazer tolices.

Mulher, que por ser bregeira
Prega logros ao marido,
Gozar sempre um trancelim
De coiro de boi torcido.

Quem der bailes e funcções
Sem pagar os bolinhollos,
Das tripas todas do gado
Receber sempre os miollos.

O frade que sahe de noite
Contra as leis do seu convento
Deve vir no refeitorio
Comer ovos de jumento.

Si isto é mau, si isto é tollice
Quem dera que se cumprisse.

Á PEDIDO.

—No dia da *cscapula do diabo*, no anno de 64, indo o servente Antonio receber o salario de seu trabalho em mão de certo doutorete filho de *Lisboa*, disse este que não podia pagar.

—A cousa mais natural do mundo.

—Porem o rapaz fez notar que a divida ja

era um tanto velha o que elle tinha grandissima precisão. A resposta que obteve foi uma furiosa mella de sipó, que lhe poz as costa em pantanas; dada pelo tal doutor e seu pae.

—Isto está uma historia sem nexo: eu não sei quem é o doutor, onde se deu o facto, nem o fim que tem ella.

—O doutor? Basta saber que é filho de *Lisboa*.

O logar? será qualquer parte, menos em Pirajá.

O fim da historia? é mostrar a apregoada honradez de certos quidams.

—Um facto desta ordem fica em mortorio!

—Qual é o facto, meu rapaz?

—O caxeiro e sobrinho do Freitas, com loja de cera as Portas do Carmo, que esbandalhou a cara de um rapaz com uma garrafada.

—E está impune?

—Deu sebo as canellas,

—Nesse caso é chorar pitangas.

—Esse caxeirote é um innocentaço de tal ordem, que si o Dr. Catão o pilha, o menos que fazia, era trancal-o em uma celula para não se contaminar ao halito dos ladrões e assassinos que lá estão engaiolados.

—Será um que andou mettido n'uma embrulhada de uns 2:000$ rs. pertencentes ao Domingos fallecido a 2 de julho do anno passado e que, dizem, o *sobrinho do mesmo* safara?

—Esse magano mesmo,

—Que meninorio!

—Trago-lhe noticias dos *Campos heroicos*.

—Vá dizendo.

—No dia de Santo Antonio o reverendo vigario deixou de celebrar missa na matriz para ir ganhar 16$ rs. em casa do *Marques Teo do rio Riacho*.

—A sordidez pode muito em certas organisações.

—Quando chegou, encontrou os ornamentos, que tinha mandado adiante, atirados sobre um porco banco, o reverendo fingiu-se afflicto por isso e que disse que para o anno nem por 50$ rs. vinha celebrar.

—Está si inculcando.

—A proveitou logo a occasião para fazer uma gorgeta. Baptisou o filho da Totonha, de que foram padrinhos o *Januario* que planta *pereiras* e quer colher *limas* e sua mulher, o que não sei si elle podia fazer.

—Porque não podia? O que não faz o mercenario com tanto que dahi lhe venha a paga?

VARIEDADES.

EXEMPLO DE POBRIDADE

Que bella cousa é a probidade! dizia a seus filhos um mercieiro da rua de.....Que grande credito vos não dará ella no commercio! Que alta consideração vos não assegurará no mundo! Até hoje, louvado Deus, tenho sido exacto no cumprimento dos meus deveres: nunca retardei, um minuto que fosse, o pagamento de uma letra; foi sempre exacto nas minhas contas; vendi sempre a preço rasoavel; nunca ninguem se queixou das minhas balanças .., A proposito Joaquim borrifastes o tabaco?

—Ja, sim, senhor,

—Já deitaste alguma agoardente de figos no espirito de vinho?

—Já, sim, senhor.

—Ja misturaste chicorea no café?

—Ja, sim, senhor.

—Ja derreteste algum cebo na manteiga de cacau?

—Ja, sim, senhor.

—Bem! muito bem! Vem rezar com nosco, vinde tambem, filhos, e pecam sobre tudo a Deus que vos mantenha sempre no caminho da probidade, d'onde nem por todo o ouro do mundo eu seria capaz de me afastar.

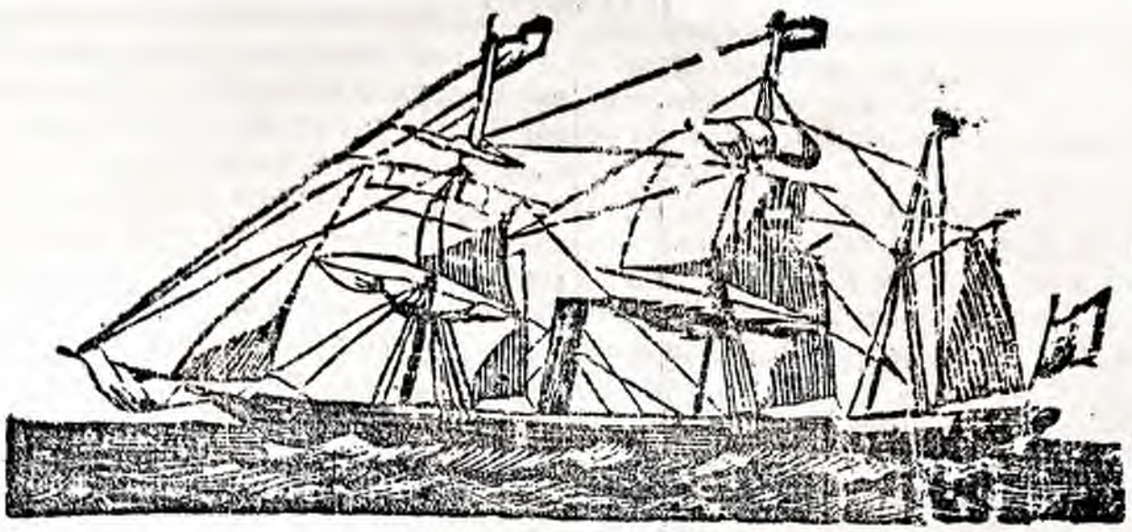
ANNUNCIOS.

FOGOS E MAIS FOGOS E SEMPRE FOGOS PARA AS VESPERAS DE S. JOÃO, S. PEDRO E DO GLORIOSO DIA DOUS DE JULHO.

Só na Loja Flaviense de Antonio Emigdio de Souza, á rua do Guindaste dos Padres n.º 24, é que se encontra um grande e variado sortimento de pistollas, foguetes do ar, craveiros, fortes espadas encouraçadas, chuvinhas e chuveiros, rodinhas grandes e pequenas, traques da India das primeiras marcas, ditos de maça, ricas sortes para presentes, candeias e bichinhas, photographias magicas e feiticeiras. O Annunciante garante ao respeitavel publico desta capital, que em parte alguma serão tão bem servidos como na loja acima, por ter mandado fazer os seus fogos por emcomenda e a capricho, só afim de bem servir aos seus freguezes, pois escolheu os primeiros fabricantes desta capital; e como se acha com um grande deposito está resolvido a vender tudo por muito menos que em outra qualquer parte, e por isso espera ser preferido, pois ninguem quer ser mal servido.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS

Por deliberação do conselho, em sessão de 14 do corrente, convido a todos os Srs. socios que se acham atrazados, á virem pagar o que devem de suas mensalidades, a fim de lhes não ser applicadas as penas comminadas nos estatutos. Bahia 15 de junho de 1868.—*Aristides Ricardo*, 1.º secretario.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 38.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 27 DE JUNHO DE 1868. N.º 379.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio.—Notando-se nesta cidade grande falta de mamões, fructa aliás alimentaria, pitoresca e desopulenta e que, com o uso que della se faz, ajuda a fazer a digestão e a relaxar o ventre, e não se achando de tal fructa sinão na cidade baixa, porque nos outros logares, onde era costume vender-se, não se encontra, sendo essa falta tanto mais sensivel pela escassez que deixa no mercado desta vastissima cidade, como pelo excessivo preço de 280 reis, porque hoje se vende os de tamanho ordinario; sirva-se S. S. de por meio de seus inspectores de quarteirão recommendar a replantação da dita fructa, para que não caia em ommissão o titulo que lhe foi doado pela originalidade e abundancia.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que a continuarem os moradores da rua do Imperador, á Calçada, á fazer de uma bocca de lobo que ahi ha, cloaca publica, leve ao conhecimento da camara afim de mandar tapal-a, para que não continue aquelle foco de peste a damnificar a saude publica. Cumpra.

—No dia 23 tapou se a assembléa provincial; os rapazes se retiraram inconsolaveis com as saudades dos oito mil *bagos*; quasi todos foram doentes para suas casas, uns com inflamações de garganta pela gritaria que fizeram, e calor que tomaram na discussão dos negocios da patria algibeira, e outros foram hydropicos de estupidez, adquirida na frialdade da descaração: fizeram-se novas leis, e muitos augmentos que foram todos—apoiados.

Nos ultimos dias houve muito que fazer, e esteve tudo muito occupado no embarque das biscas, de sorte que ficaram para ordem do dia do anno que vem os seguintes projectos:

Reforma ou melhoramento das torcidas pertencentes aos candieiros das ruas, remettida a commissão de mexas.

Augmento de ordenado a todos os sineiros das freguezias, e capadores do curral.

A creação de um hospital para as recolhidas do beceo do Grêlo.

A limpeza da cidade ou arrecadação da sugidade das ruas posta em hasta publica a quem mais der.

—Quem lucrou com o S. João foi a Companhia do Gaz.

—Tambem vendeu foguetes?

—Não; a Companhia faz como certo usurario que diz—que carne gorda não precisa toucinho e magra não o merece. Nas noites de escuro não se accendem os lampeões por que o vento não consente, na noite de S. João por que a luz das fogueiras eram de sobra.

—No aproveitar é que vae o ganho.

—Não me dirá que graça acha aquella gente em ver duas mulheres se esbofeteárem?

—Duas pobres que brigam por causa de esmolla.

—Uma é a sobrinha do capitão Botelho da Calçada; dizem que tem até sobrado.

—Mais o tio chamou a sua folha.

—E essa gentalha toda do Forum largar o seu que fazer para vir para baixo do arco applaudir tal spetaculo!

—Não se admire, porque la estão dous policiaes fazendo parte do farrancho.

—Si houvesse um logar, onde taes mendigos fossem obrigados a permanecer, não andariam tantos ociosos pelas ruas.

—Felizmente passou a noite de S. João sem que houvesse algum caso triste a lamentar. Ao menos que nos conste.

—Apezar da immensidade de busca pés que neste anno sobre-sahiu aos anteriores.

—A excepção d'alguma queimadella ou de algum *xabu*, não houve caso notavel.

—Vou ja lhe apontar um. Uma menina queimada na venda n.º 22 á Calçada, onde os amantes do brinquedo estiveram exaltadissimos, com especialidade o filho de um capitão de policia.

—Um caso ou outro que não faz coro.

—Uma senhora na rua de Baixo, uma outra Atraz da Sé.

—Podia ser peior, por que patrulhas foi bicho que eu não vi deitar o rabo de fora, apezar da ostentosa basofia com que se annunciou sua presença por todas as freguezias.

O QUE E' O HOMEM DE BEM.

Não ha quem não queira ser homem de bem.

O maior velhaco acaba de praticar uma acção indigna, e jura que é homem de bem; outros, apezar de mil defeitos, conservam a estimação publica de—homens de bem.

Donde nasce esta esta confusão de idéas?

Da falta de exacta definição do homem de bem; porque este so é o que desempenha os seus deveres para com Deus, para comsigo, e para com os seus semelhantes.

Um homem casado, por exemplo, uma vez que trate da mulher e dos filhos, o mundo não lhe nega o titulo de—homem de bem, ainda que elle dê largas ao seu coração, e commetta tantas infidelidades contra a esposa, quantas são as más mulheres, que encontra.

Mas aos olhos da religião este homem é um adultero e por consequencia um mau christão, que não merece sinão o nome de relaxado, ou mal casado.

Um senhor maltrata barbaramente a seus escravos; estes vivem rotos ou nus, os açoites não lhes saem de cima das mirradas carnes; e alguns senhores até os teem mortos em suas. Comtanto que taes homens andem limpos e asseados, deem seus jantares uma vez por outra, o mundo não lhes nega o distinctivo de—homem de bem.

Mas, segundo os principios da recta razão e da religião, taes individuos são umas feras, são uns monstros, a quem falta a primeira de todas as virtudes, que é a caridade, mesmo para com essas victimas de nossa ambição.

Causa riso ou compaixão o ver algum desses carrascos, fallarem em religião de Jesus Christo, como si a religião do Crucificado não lhes preceituasse dar de comer ao seu infeliz escravo, dar-lhe roupa e nunca tirar-lhe o resto da vida em açoites.

O prodigo, que dissipa os bens com tanta facilidade, quanta é a precaução do avarento em os conservar; que consome no luxo o que devera empregar em soccorrer os necessitados; que vive na opulencia, sem se compadecer da pobreza; si só come do que é seu, si não contrahe dividas, o mundo lhe concede o titulo de—homem de bem.

Mas a religião lh'o recusa, e põe muito abaixo do turco, porque a caridade deste estende-se até aos cães das ruas, e a daquelle nem chega para o seu semelhante.

(Continua.)

Á PEDIDO.

—Aspirante!

—Prompto.

—E' preciso apanhar um gavião que esvoaça da praça do commercio e vae comer perdizes nas Pedreiras.

—Vou pedir o alçapão do *Cypriano* que é magnifico para isso.

—Seria melhor armar um laço na praça pelas immediações de alguma loja de fazendas e onde essa ave costuma pousar.

—Ja mudou de comidia, capitão, depois que estrafegou uma rolinha, a qual betou com mentidas caricias.

—Seja porque modo for, preciso dessa ave de rapina á bordo quanto antes para não continuar nos estragos que está fazendo.

—Voltarei breve, capitão.

Sr. Redactor.—Alguem, com intenções malignas, procurou por meio de allusões torpes, em um artigo de seu jornal impresso a 18 do corrente, dar a authoria de um outro artigo, que tem por titulo—*as pedras preciosas derre-*

idas em fuxco—a uma victima de seu rancor, procurando assim fomentar indisposições com pessoas que a victima deseja esquecer como se nunca existissem.

Portanto, só e unicamente para restabelecer a verdade, sirva-se de declarar, se foi a pessoa a quem tão indignas allusões se referem, quem mandou publicar o mencionado artigo.

A victima atassalhada.

— — —

Em abono da verdade, cumpre-nos declarar que não é a pessoa que se apresentou fazendo a presente reclamação, o author do a pedido referido.

A Redacção.

(*Continuação do n.º 377*)

—*José* da *serra* é o mais infrene detractor da honra e honestidade alheia.

Não ha familia na villa de *Santo Serafico*, que não tenha sido atassalhada pelo gume afiado de sua aleivosa lingoa.

A honra da donzella, a honestidade da viuva, a fidelidade da esposa tem sido torpemente conspurcada por elle.

Si fosse possivel citar o testemunho do Dr. *Bita* da *corte* de quem elle ia *serrar* o cha todas as noites na rua do *Mosteiro*, ficaria bem patente o grau de mordacidade desse energumeno.

—Pois uma creatura tão cheia de mazellas, attreve-se a enxovalhar os mais!

—Deixando de parte isso, continuarei a enumerar a serie de escamotages que tem praticado.

Do *amassa pão* Quinquin de Santo Anna surripiou certa quantia n'uma gaveta.

Tendo a Marcollina, mãe de filhos do commendador B., esquecido-se na salla as correntes da cintura, especie de taboleta, o nosso amavel foi a ella com unhas e dentes e empalmou as moedas que poude safar e alguns enfeites.

Isto deu se na fazenda dos *passaros que fallam*.

O cidadão *Zeze Tomas* da *Ventania* de Santo Amárgo foi victima de um logro desse espertalhão que em confiança, deu-lhe um dinheiro para dar ao escrivão que *não cura* e o rapina ficou-secom elle,

(*Continúa.*)

—Conhece aquella joven menina?

—Qual? aquella que occupa o camarote n.º.....?

—Sim.

—E' uma jovem de 14 annos, de formosa face e corpo elegante.

—Adorna-se com tudo quanto prescreve o luxo!

—A senhora que se senta a seu lado pode ter uns 40 annos; em sua juventude foi bella, porem o vicio e o deboche a tem feito envelhecer antes de tempo.

—E' mãe da outra?

—Indubitavelmente.

Tereis ouvido contar e mesmo presenciado muitos actos immoraes; conhecido muitas mães a quem a necessidade e a impossibilidade de dar estado a suas filhas, tenham forçado a consentir que estas se prostituam, conservando ellas a apparente dignidade maternal de não se darem por scientes de sua conducta... Mas nunca vos chegou ao conhecimento que uma donzella, uma creança de 13 annos, innocente e pura, fosse por sua propria mãe forçada a prostituir-se!.... por sua mãe, que não era ao menos desculpada pela necessidade extrema!

—Por certo não tinha noticia de tão perversa immoralidade....

—Pois vêde: a joven alli está e a seu lado a mãe amaldiçoada!

Aquella menina, que, bella como é, talvez podesse conseguir um futuro lisongeiro, se sua mãe zelasse sua reputação, e a reprehendesse e aconselhasse, quando por acaso a visse practicar alguma acção leviana; é a mesma que regeitando e repellindo o amante que sua indigna mãe lhe lançava nos braços, por que a innocente nem sabia o que era ter um amante!—foi impellida a prostituir-se prematuramente e é obrigada adornar-se com as galas da devassidão, sem de todo ter deixado ainda as faxas da infancia!

Vel-a-heis precoce chegar a velhice, tendo passado por todas as degradações, a que seu sexo está sugeito e apenas tocada a edade da puberdade. A esterilidade accompanhal-a-ha; não preencherá por certo a missão divina, que na terra Deus impoz á mulher: o que sendo um anathema para prostituida; é uma ventura para a sociedade, que antes quer ter menos cidadãs que muitos sem educação.

—Nada pode desculpar o crime daquella mãe.

—Jo vol-o disse que não foi a necessidade quem a forçou a entregar a filha a libertinagem; não!... que ella tinha comque modesta e parcamente viver. Porem não podia frequentar theatro, não podia frequentar bailes, não podia ostentar faustoso luxo..... e lançou mão da filha como de uma qualquer mercadoria e, vendeu-a.....

—E' a desmoralisação do seculo em que vivemos.....

Basta de tanto horror.....

—A victima a quem se referem as nojentas diffamações publicadas no *Alabama* de 18, por um *mouro* infame, salteador de estradas, vem hoje a imprensa desafiar ao cobarde algoz, borracho conhecido por todos nesta praça, refinado surripiador do suor alheio, assassino da honra, para descobrir-se da capa rota e negra em que involve sua immunda personalidade, visto como não é licito responder a um cão tinhoso, que se prevaleça da arma do anonymo para ferir vil e traiçoeiramente.

Em diversas datas, e em varias gazetas, tem o *mouro magarefe* atirado a victima, que persegue, allusões torpes e calumniosas, que so podem sahir da cabeça de um bebado consumado, ou de um rafado cangueiro.

A victima nunca teve intenção de responder ao alquilé, mas como por tantas vezes tenha sido aggredido, dirá alguma cousa, não porque intenda que o assassino mereça resposta, mas para que o publico que bem o conhece, saiba de certos factos.

O infame é um miseravel tratante com armazem em um logar de *desembarque* na *cidade do negacio*. Chama-se *Mouro grande*, mas todos o conhecem pelo *Cachaço* de *Zarcão*. Quando quiz comprar o covil onde vive entocado impingindo *seccos* por *molhados*, chamou para socio a B., e recusando-se este a pretexto de não ter dinheiro com que entrasse para a sociedade, respondeu que não era preciso, porque a casa se vendia fiado e que para garante tinha o *Ferrabraz*.

A's ponderações de B. a respeito de futuras complicações, retrucou—que de nada receiasse, porque depois delle de posse da casa saberia *dar-lhe o geito*, e o que *Ferrabraz* ahi estava para supprir o necessario, por capricho ou vergonha.

Feita a sociedade, bem depressa conheceu o B. o erro em que cahira, porque foi roubado tão escandalosamente, de sorte que teve de saldo uma lb. no valor da quarta parte do capital e lucro de que B. era credor, quando esse saldo montava mais de 20:000$.

Vejam quanto não roubou esse rapina!

Que o diga todo commercio.

Que o diga o honrado cavalheiro a cuja intervenção se recorreu para a dissolução dessa malfada associação.

Agora quer fazer outro latrocinio em maior escala e vae atirar o bote a victima que hoje assassina e a quem ja processou em nome de terceiro.

Este salteador, sendo agente de um outro de egual jaez, roubou uns bahús de miudezas e mandou áquelle para dispor delles e dividirem o producto. notando-se que as miudezas vieram da Cachoeira e os defraudados falliram immediatamente.

(Continúa)

VARIEDADES.

REQUERIMENTO INTERESSANTE.

Illm. Sr. Sub-delegado.—Diz Joanna do bom Sucesso que tendo um fio maxo de idade vinte e 4 annos que mi foi feito por meu finado marido como vosa senhoria bem sabe, que Deus nosso Senhor levou ja faz bem tempo, este filho que me sustenta porque Sr. Sub-delegado elle è pescador de tarrafa mais munzuá e todo peixe que apanha é para vender, mais para Mim mais pra muié com que elle o cujo meu fio falla e vossa Senhoria é tistimunha, este dito meu fio suplicante foi agarado pra ricluta e como eu sou uma viuva Honesta que não recebo home di portas pra dentro vou li pidi pra manda sorta o dito meu fio Suplicante que na inpedemia abaixo di Deus foi quem sarvou á sua camarada Teté.

Despacho.

Não seja boba nem estupida; vá pedir a alguem que lhe escreva o requerimento.

F......

SENTENÇA DE UM JUIZ ORDINARIO.

Vistos estes autos, e pondo os Olhos em Deus, e em minha Mãe a Senhora Maria Santissima, empunhando esta Vara vermelha, com que de presente me acho na mão, que significa a de Moizes, com que ferio a pedra, da qual saio o delicioso Licor do Vinho, com que fartou ao Povo, que condusia do Egypto para a terra promettida, por ordem de Deus, o qual lhe áppareceu em uma Sarsa abrasado e attendendo ao grande empenho que tenho de minha comadre a Sra. Maria da Silva, a quem sou muito obrigado, e atendendo mais a vontade, que tenho de servir a mulata Catita, de quem tenho seis filhos bastardos, e por força meos herdeiros, sem embargo das testemunhas f. 5, e f. 11 jurarem contra producente, não estaca por isso, e mando que contra o R. se não proceda, dando-se lhe baixa na culpa pagas as custas pelo A. em que o condemno, e a pedir perdão ao Reo na Missa conventual pelo dolo, e malicia, com que teve filhos de minha Comadre, sem embargo de ter rasão.

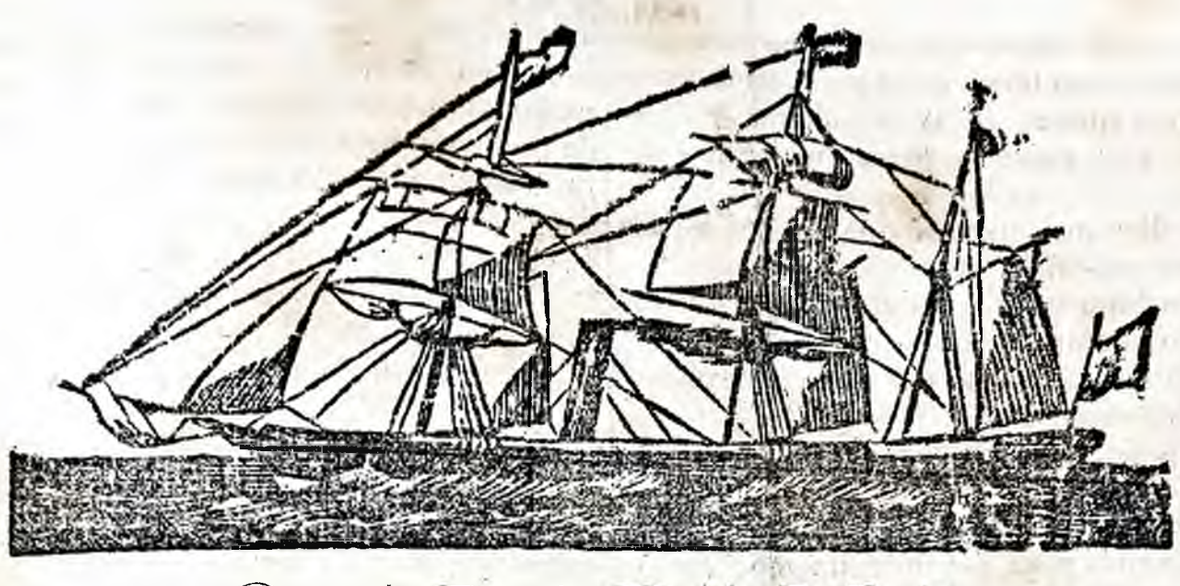
João Durão Mexias.
Juiz ordinario.

Um fidalgo querendo persuadir a Fr. Bartholomeu dos Martyres que fizesse alguns quartos novos no ceu palacio, este virtuoso prelado disse-lhe: «Perdoar-me-heis, senhor, se vos disser que aquillo que me quereis persuadir é peior do que aquillo que o demonio propunha a Jesus Christo; por quanto elle lhe aconselhava que convertesse as pedras em pão; e vós me aconselhais pelo contrario que converta em pedras o pão dos pobres.»

Um typographo tinha um filho torto, coxo, e maneta. Lançando-se-lhe em rosto esta desgraça, elle respondeu:

—Por mais que corrija as provas, ha de sempre haver errata.

0
ALABAMA
1867
A
1868
I. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chisteso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. Serie 36.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 2 DE MAIO DE 1868. N. 356.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1 de maio de 1868.

Officio ao Exm. e Revm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe que por amor á nossa santa religião, e dignidade da egreja, que S. Ex. tão merecidamente preside, mande syndicar si é exacto o boato que grassa—de que ha pouco tempo fôra o consistorio da cathedral desacatado e profanado por uma mulher hallucinada, que alli penetrando commetteu sacrilegamente escandalosos excessos.

Comquanto semelhante facto pareça incrivel de dar-se, S. Ex. reconhece o quanto são faceis de arraigar-se no espirito popular boatos semelhantes e portanto respeitosamente espera-se que S. Ex., no santo zelo de sua missão pastoral, se dignará mandar informar ao conego Cyrillo, como hospedado na referida sachristia, si tal caso se deu.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna, pedindo-lhe que, a bem da moralidade, sirva-se de fazer acabar com um ajuntamento de capadocios, que ha á noite na fonte do Gravatá.

—Capitão, informaram mal a V. Ex.

—A respeito?

—Do pagamento do soldo da policia.

—O que ha então?

—Não é a nove dias que os miseros guardas estão sem ter o que comer.

—E a quantos são?

—Ha VINTE DIAS, capitão; desde 10 do corrente, que não recebem vintem; e um já cahiu, na terça feira, extenuado de fome.

—Quem foi o infeliz?

—O velho Xavier.

—Coitado!

—Passou todo dia em serviço sem comer, e exhaurido de fraqueza, cahiu na rua, com tanta infelicidade que partiu uma perna.

—Entretanto para sinecuras, nunca falta dinheiro.

—Oh! *prebendado Cyri!*

—Sou um servo de V. Ex!

—Disse-me o *Manuel* que V. mimoseou-me com algumas palavras *marinhas*, dignas do caracter de um sacerdote devasso?

—Querem intrigar-me com V. Ex.

—Não creio que queiram intrigar-me com V.

O que creio é que V. é o conego mais safado e devasso, que tem o cabido de *Latronopolis*.

—Capitão!

—Um conego, que leva bofetadas de uma negra, no meio da rua, de ficar com a cara quebrada e no outro dia se apresenta na procissão de *Corpus-Christi*, parece-me que é safado!

Um conego, que consente que a negra mais

descarada desta terra, entre pelo *templo maior* a dentro e quebre todas as cadeiras que encontra, por ciumes, parece-me que é devasso!

Ora diga-me, quem é que lhe pediu para assignar gazeta?

Quem é que quer a assignatura de um conego tão immoral e infame como V., que em logar de honrar a lista dos nossos assignantes, a deshonraria!

—Capitão, são calumnias que me levantam.

—São calumnias que lhe levantam!

Tambem será calumnia V. levar os meninos do côro para defronte da capella-mór e praticar actos immoraes?

—Que falso!

—Tambem será falso, a Margarida, farpella de sua *amisade*, tirar-lhe o annel do dedo e andar com elle pelas ruas desta cidade, mostrando a quem queira ver?

—Que mentira!

—Tambem será mentira V. ir sentar-se com a tal negra de sua paixão, a horas tardias da noite, no Terreiro?

Tambem será mentira V. dizer dentro do templo, que ha de ter quantas mulheres quizer, pois é homem como outro qualquer?

Ninguem lhe censura por ter mulher; se lhe censura pelo facto escandaloso de levar della bofetadas publicamente!

Ora si para um secular, são feias estas cousas, que deve ser para um conego?

Quanto V. levantar o habito para mostrar que não é como se diz—que lhe faça bom proveito!

—V. Ex. está muito mal informado a meu respeito!

Eu sou um conego que respeito o templo do Senhor!

—Hypocrita!

V. respeita o templo do Senhor, como consente a Margarida la dentro do quarto onde veste se.

Responda-me descarado; responda-me deshonra do clero!

—Ca....pi....tão, per....dão!

Não me bo...te a chro....ni....ca de fo...ra!

—Já treme na minha presença, miseravel!

Retire-se, cousa ruim e emmende-se desta vida devasso e immoral, pois os conegos devassos tem tambem o inferno em recompensa!

—Capitão, encontrei no *Parahybano* os seguintes trechos que achei importantes.

—Leia-os.

—«O correspondente de Londres para o *Jornal do Commercio* de 11 do corrente dá conta de certos documentos apresentados ao parlamento inglez, que muito dizem a nosso respeito: são officios do Sr. Matherer, ministro daquelle governo em Buenos-Ayres, e declarações do Sr. Gould, secretario da mesma legação.

«O Sr. Gould, que como é sabido, esteve no acampamento de Lopez e no nosso, falla com pleno conhecimento de causa a seu governo; e os ultimos acontecimentos da guerra o confirmam.

«Elle assevera o seguinte:

«Que o presidente do Paraguay começou a campanha á frente de 100,000 homens bem armados e municiados;

«Que si a esquadra brasileira se adiantasse e se interpozesse no Paço da Patria, os 25,000 homens do commando de Robles nunca mais voltariam a reunir-se ao exercito de Lopez;

«Que na batalha de 24 de maio a perda paraguaya montou de 12,000 a 15,000 homens, e que se continuasse em peleja o exercito alliado, a victoria seria decisiva;

«Que em 2 de setembro, depois do glorioso feito de Curuzú, si a força alliada fosse avante, a tomada de Curupaity seria infalivel, tendo por consequencia o ponto final da guerra;

«Que si logo depois de occupado Tuyu-Cué, não ficasse parado o nosso exercito por tanto tempo, Lopez seria forçado á rendição ou completa derrota;

«Que afinal a falta de energia e de conhecimento concorria para tanta demora na terminação da guerra, pois que Lopez hoje não tinha mais de 12,000 homens, quasi nús e enfraquecidos, porque só as diversas pestes arrancaram-lhe quasi 80,000 soldados.»

. . . . . .

—Mas é preciso accrescentar que os generaes brasileiros encontraram sempre um obstaculo nos planos *calculados* de Mitre.

Á PEDIDO.

—Capitão, recrutei estes tres cangalhos.

—Que trambolhos são esses?

—São tres irmãos desnaturados, verdadeira raça de Cains, que ha muito deviam estar servindo de isca aos tubarões.

—Servem, servem.

—Estes tres cações consentem que um irmão ande pelas ruas coberto de immundicias, esfarrapado e descalço, esmolando um bocado para comer e dormindo pelas soleiras das casas. Si V. Ex. vir o estado do infeliz corta-lhe o coração!

—Entretanto estas tres pizetas parecem tres orgulhosos de chapa!

—E de facto são.

—Como se chamam?

—Um chama-se por estes assentos que em seu poder encontrei o *li Dio* Preira de Trimentel.

—E o outro?

—O outro é o *mestre* Bellas minas Preira de Trimentel.

—Falta o ultimo.

—O ultimo é o salabardote Trimentel, ex-capellão das *Contas enfiadas* do Janjão Pereira.

—Bem.

—Semelhantes lorpas são superfluidades da natureza e nenhum proveito trazem a sociedade, portanto, V. Ex. deve mandar deital-os ao mar como objectos desnecessarios, pois nem dos males dos seus se condoem.

—Não são precisas lecções.

O' muxingueiro!

—Prompto.

—Leva esses tres egoistas para o porão, por trinta dias serão os encarregados exclusivos da limpeza da latrina e outros misteres eguaes, depois do que os trarás á minha presença para dar-lhes o destino que lhes convem.

—Mais uma do crapuloso vigario de Matatuim.

—Oh! que padre damnado!

—Tinha de cazar-se uma rapariga e foi confessar-se na vespera com esse *lobo pastor*.

Não sei que historietas contou-lhe o tal padreco, que sizanias metteu-lhe nos ouvidos, que no outro dia desappareceu e quando se teve noticias della, foi que estava amaziada com o vigario!

—Então deixou a Vitalina?

—Qual! Não ha muitos dias que houve um *perluvio* entre ella e a filha do sapateiro.

—Conte-me isso.

—Vitalina estava fora do quadro e a filha do sapateiro de dentro; mas Vitalina assentou que era desaforo e veio fazer um berreiro em pleno dia na morada do padre.

Berreiro foi esse, que o padre, vendo a cousa feia, deixou as duas contendoras e foi arranxar-se em casa da Jeronima, em quanto o mar estava revolto; mas dahi ha tres dias voltou de pazes feitas com Vitalina que retomou seu logar.

—Olhe que na tal classe de gente de capa preta ha coisas que nem para o fogo servem.

—Este então fez da immoralidade seu breviario e da concupiscencia sua norma de vida.

—Mas eu vou mandar passar-lhe uma esfrega, que ou elle toma geito ou larga o coiro por uma vez.

—Muxingueiro.

—Prompto,

—Sahe por ahi a ver se pegas um membro do olho vivo, contra o qual tenho muitas queixas.

Dizem-me que elle acoita-se a sombra de um *pé de limão* e que anda sempre por uma *rua* onde ha *flores* sem cheiro.

Esse surripiante é sobrinho de certo *mercador judicial*...

—Basta, capitão, ja sei quem é.

—Entre outras queixas, recebi uma, de que tendo empalmado uma anagoa em certa casa a fôra offerecer em outra e ahi carregou diversos objectos dentro de uma coberta.

—Miseravel gatuno!

—Outra gentileza que me contam delle é que, munido de uma porção de amostras de chitas se apresentara em uma casa e ahi recebera dinheiro para ir buscar 20 covados no escriptorio e até hontem não voltou.

—Deixe estar que vou buscal-o, capitão; mas é que o diabo para nada serve, pois é defeituoso de uma das mãos.

—O defeito de mão não o priva do que tem de levar no lombo.

—Bem, obedeço.

ATTENÇÃO.

Em um dos ultimos numeros deste jornal pediu-se pelo inclito S. *Bernardo minimo* ao *Tavares*, que fizesse com que o seu visinho um Sr. *filho do Senna* entregasse o trancilim de ouro, que artificiosamente tomou emprestado a uma pobre Sra. na Conceição da *Bocarinha;* porem este, depois de ter prometido fazer a entrega pedida, para não levar-se a presença do seu honrado chefe a competente queixa, disse que havia de dar muita paulada, em vez de trancelim; e assim parece, pois ja foi ter a porta da mesma ameaçal-a.

TOMEM NOTA.

Pergunta-se aos socios da philarmonica Minerva, qual a razão de, nos dias de festa nacional, deitarem a bandeira brazileira arvorada ao lado esquerdo da luzitana.

O chefe de peça.

A CARAPUÇA VAE A QUEM TOCA.

Sr. alferes, deixe a pobre moça. Quer V. S. gozar do objecto que pertence a outro? Para que V. S. é sem sentimento? Difamar, e propagar que tem ingresso, querendo a viva força, sem respeitar amisade, entrar as 11 horas da noite em uma casa, que tem chefe. V. S. gos-

atrá que lhe forcem a sua? por certo que não. V S. que pertence a uma corporação que vela sobre a tranquilidade publica, como quer procurar desordem? deixe de se dar a petisco, cuide em sua familia que não faz tão pouco.

Epaminondas.

—Então, *Francisco,* ias hontem fugindo no vapor *Shamon* para o Rio de Janeiro?

Roubastes teu amo e agora procuravas escapar das garras da policia para ires te estabelecer de sociedade com o *Ferreira;* mas o *Guimarães de Gusmão* te frustrou os planos, meu ladrão!

Quem te olha, meu *barbaçudo* gallego, está vendo que és um ladrão, um falsificador de firmas e um passador de moeda falsa!

Por isso era que tu illudias á uma pobre mulher, na rua Direita do Collegio, dizendo que havias de recompensal-a logo que te *estavalecesses,* porque já tinhas roubado bastante a teu amo, o homem mais *barateiro* do commercio e fazias tenções de fugires, eim?

A policia ja devia ter te trancafiado na casa de correcção, o que esperamos, porque alem do mais levavas moeda falsa para passares nas provincias do sul, maroto de um dardo!

Fica certo que te não perderei mais de vista.

VARIEDADES.

CONFUSÃO DE PARENTESCO.

Um habitante da Pensylvania, refere o—*Moniteur Universel du Soir*,—quiz atirar-se n'agoa, depois de ter bebido uma boa dose do brandy. Um seu amigo demoveu-o de tão funesta resolução, e perguntanbo-lhe a causa do seu intento, elle respondeu-lhe assim:

—Casei-me com uma viuva, que tinha uma filha do primeiro matrimonio. Como meu pae vinha muitos mezes ver-me, apaixonou-se de minha enteada, e casou com ella. Deste modo meu pae tornou-se meu genro, e minha enteada minha mãe, porque era a mulher de meu pae.

Pouco tempo depois, minha mulher teve um filho, que ficou sendo cunhado de meu pae, e meu tio, porque elle era irmão de minha madrasta, a mulher de meu pae; minha enteada, f i mãe de um rapaz, que ficou sendo meu irmão e meu neto, porque elle era filho de minha filha, minha mulher era minha avó, porque ella era mãe de minha mãe; eu era o marido de minha mulher e tambem seu neto; e como o marido da avó de qualquer pessoa é seu avô, fiquei eu sendo ,vô. de mim mesmo!

—Ora, accrescentou elle, á vista de semelhante posição social. é facil comprehender que um homem não deve ter nenhum apégo a vida.

UM ROUBO COM DELICADEZA.

Ha infinitos meios de roubar, e a historia que vamos contar descobre mais um.

Certo droguista ajustou com um pintor noviço o retrato de sua mulher pela quantia de 400 francos, paga em tintas e outros objectos necessarios para a pintura.

O pintor deu-se pressa de cobrar o ajustado, levando para casa cavalletes, tèllas, palhetas, pinceis, tinta, etc. Deixou porem passar dous mezes sem apresentar o retracto.

O droguista foi procural-o.

—Porque não cumpre a sua palavra, quando è certo que eu cumpri a minha!

—Chame-me aos tribunaes.

— E' o que vou fazer.

Na presença do juiz disse o droguista:

—Este senhor deve-me 400 francos e não quer pagar-m'os.

—E' verdade que os devo, mas não me nego a pagal-os.

—Então porque não começa o retrato?

—Porque se tivesse valor para começal-o não teria para acabal-o.

—Como! como!

—Eu lhe digo. A senhora sua mulher tem uma verruga no nariz, e por cousa nenhuma no mundo consentirei em fazer o retrato de uma verruga. O proprio Cicero tinha igual defeito, e por isso não temos nenhum retrato do grande orador. Antes morrer do que retratar uma verruga.

—Nesse caso, perco os meus 460 francos?

—Não, senhor.

—Paga-os?

—Está claro, e do modo que vou dizer-lhe.

O pintor declarou que não era rico, que vivia do seu trabalho, mas que pagaria ao credor levando-lhe todos os dias um franco a sua casa.

O droguista aceitou, e d'alli por diante ficou sendo victima do artista. No primeiro dia entrou-lhe o pintor em casa à meia noute, deu um franco e pediu recibo.

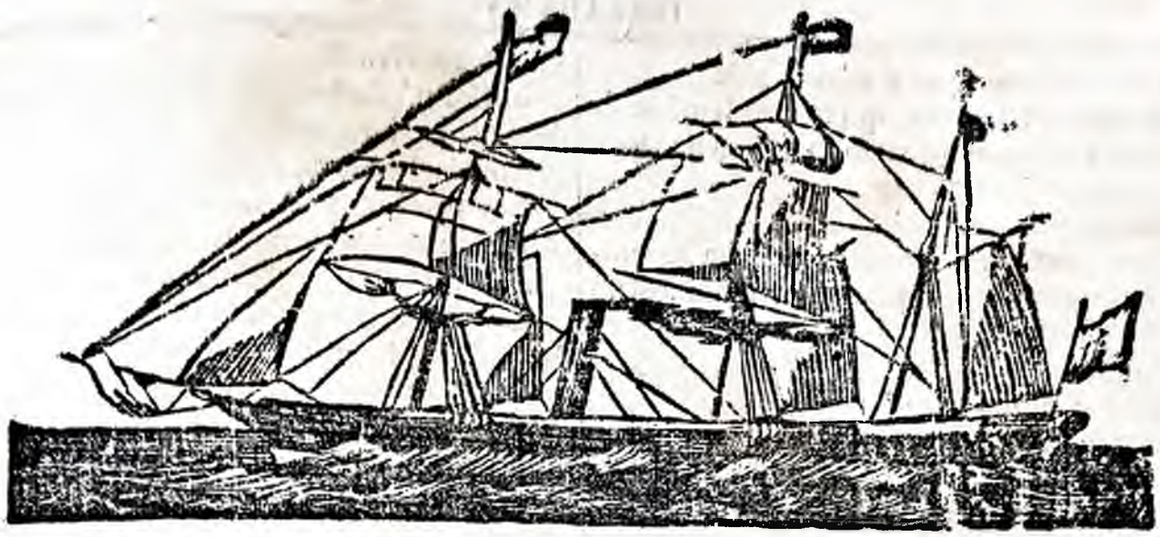
No dia seguinte foi à uma hora da madrugada, quando todos estavam na cama. O devedor exigiu que o droguista se levantasse para receber o dinheiro e passar recibo.

No outro dia apresentou-se ás duas horas da noute, e como o droguista lhe estranhasse a hora individa, o pintor affiançou-lhe que levava todo o dia a trabalhar, e que de noute tinha de estar atè 1 ou 2 horas em casa de um fidalgo que o protegia.

Ao decimo oitavo dia, o droguista, tendo recebido só 17 francos, mandou ao pintor um recibo de toda a divida.

ANNUNCIO.

Roga-se o favor ao Sr. M. V. de P. de vir ao armazem Mercantil, tratar de um negocio que bem sabe, ao contrario será seu nome publicado por extenso.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 36.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 5 DE MAIO DE 1868. N. 357.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, partecipando-lhe que nos informam que um individuo de nome Antonio João de Mello exerce publicamente a profissão medica na freguezia do Monte, levando o arrojo de sua audacia ao ponto de chamar a conciliação as pessoas medicadas por elle, que de prompto não lhe pagam; e como semelhante industria não deve ser continuada a praticar por um charlatão, com grave damno da saude publica, espera-se que S. S. providencie á respeito.

—Ao Illm. Sr. consul portuguez, partecipando-lhe que ha 8 mezes falleceu na povoação do Para-mirim o portuguez Francisco Pereira de Oliveira, deixando uma filha de oito annos.

Esse portuguez deixou entre outros bens, doze escravos, um sobrado, um alambique, barco, etc., os quaes um patricio do fallecido e do S. S. quer passar *á sua folha* por meio de subterfugios e para isso veio a capital e arranjou fraudulentamente uma licença de casamento, dizendo que a menor tinha mais de 12 annos e a não encontrar uma barreira no austero caracter do venerando vigario do Monte teria realisado seu intento.

Baldado esse recurso, não desanimou elle e tratou de especular com outros que lhe déssem melhor e mais seguro resultado, e assim *mancomunado* com a mãe da menor, está dispondo dos bens em seu proveito, mandando avalial-os sem audiencia do juiz por um seu tio e chamando-os á sua folha.

Não convindo, entretanto, que continue semelhante extorsão, é de esperar que S. S., á vista do exposto, proceda immediatamente como é de justiça.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, recommendando-lhe a casa n.º 137, 1.º andar, á rua do Julião, cujos moradores, por seu irregular procedimento, tornam-se credores de serios cuidados e vigilancia da policia, mormente pelos alarmas resultantes da incessante jogatina que alli rola.

Espera-se portanto, que S. S. seja sollicito em providenciar.

—A illuminação publica vae cada vez a peior.

—Isso é malhar em ferro frio.

—A semana passada houveram dias em que não se accendiam ruas inteiras.

—A ladeira da Praça foi uma dellas. Na quinta feira eram 8 horas e haviam apenas tres a quatro lampeões accesos.

—E o povo que pague, que va soffrendo essas inclemencias muito caladinho.

—Tudo pega neste mundo!

—Principalmente si é cousa má.

—Si um dia houver quem se lembre de sahir para a rua de quatro pés, acha logo imitadores.

—Menos eu.

—Quer ver mais, quando até na assembléa, se propaga o brinquedo dos meninos no largo do Theatro?

—Chucha!

—Não ria que o caso é serio.

Os meninos, na rampa do theatro, divertem-se em atirar pedras em quem pela distancia não os pode alcançar, alguns deputados fazem da tribuna desabafo de paixões particulares.

—Ora vá cavar minhocas! Eu pensei que era outra cousa.

—Então não tem visto o ardor com que elles vão alli discutir as gazetas que tratam de suas personalidades?

—E V. a me assacalar o juizo com uma cousa que não vale a pena!

—Na verdade, não ha nada melhor do que ganhar *oito bodes* para tratar de seus interesses.

—Sim Sr., é justo.

—E aproveitar-se da immunidade em que a lei os colloca, para entreter polemica, com quem é responsavel por qualquer cousa que diga.

—Homem, outro officio, cuide n'outra cousa que é melhor.

—Não sei entender que diabo de muxinifanada é esta!

—Quanto mais eu, que não sei o que é.

—O Sr. Barbosa d'Oliveira disse que na assemblea provincial que o estado financeiro da provincia era prospero, que não havia crise; entretanto a provincia é uma marralheira que não paga a quem deve.

—São cousas.

—Os pobres soldados de policia andam a cahir de fome pelas ruas, e quando estão com tres soldos a vencer, lá sahe dos thysicos cofres um magro vencimento de dez dias, ficando sempre atrazada.

—Mas o Sr. Barbosa tem rasão, por que os quatrocentos bagos de dez em dez dias para o internato são pontualmente pagos.

—Bem; como em sua casa não se sabe o que se chama privação, não se lembra das colicas que outros passam.

—Teve logar hontem a ceremonia da elevação do pau despertador dos festejos do dia Dous de Julho.

—Foi concorrida?

—Muito.

—E os vivas?

—Foram dados pelo benemerito commandante superior Carvalhal

Ao Dia Dons de Julho;

Aos veteranos da independencia;

Ao exercito e armada brasileira;

Aos voluntarios da patria;

E ao povo bahiano.

—Muito bem, muito bem.

—Durante o acto tocaram diversas muzicas e subiram ao ar muitas girandolas de foguetes.

—A ladeira da Misericordia está sem rei nem Roque.

—E' o que serve.

—Os rascadores e turbulentos ergueram lá seu predominio.

—Rara é a noite em que alli não ha uma *brusiguilhada*.

—Quem quer dar sua porretada, fazer seu *beneficio* em casa de alguma meretriz, já sabe, escolhe a ladeira da Misericordia.

—Pois si á noite aquillo é um ermo!

—Ainda na sexta-feira, quasi ha mortes na porta de uma tal Manuela; foi uma desordem tremenda entre dois *pleiteantes* á tal heroina.

—Espere, espere que para o anno temos policia para velar sobre tudo isso.

—Capitão, é curioso o seguinte caso relatado por um periodico de Pariz.

—Sobre?

—Uma *carta dirigida á Deus.*

—Conte.

—«Em uma dessas estreitas ruas contiguas ao mercado de S. Honorato, no ultimo quarto de uma casa muito velha, vivia uma familia de operarios, que acaba de ser accomettida por uma destas desgraças que fazem estremecer.

A esposa, joven ainda, jazia enferma e de cama, e o marido, unico apoio de sua familia, soffreu um terrivel golpe que o privou de caminhar.

N'esta situação, que haviam de fazer?

Como poderiam alimentar-se aquelles infelizes?

Entre os cinco filhos da familia, havia uma menina de olhos azues, mui desembaraçada e que todos os dias recebia lições em uma escola gratuitamente. O dia que mais afflictos estavam, ficava em casa para attender no que podesse a seus paes enfermos.

A desgraça de seu pai lhe causava muita pena, por que trazia em resultado a fome.

Assim pois, a mesma innocencia lhe mostrou um meio de vencer as difficuldades com que lutavam.

Quando estivermos atribulados devemos di-

rigir-nos a Deus, nos diz a professora todos os dias. Pois bem, vou fazel-o; vou escrever-lhe uma carta egual a que minha mãe me fez escrever para minha madrinha.

Dito e feito.

Assim que seu pae e sua mãe dormiam o pesado somno da febre, escreveu mal ou bem uma carta cheia de borrores, na qual pedia a Deus saude para os que lhe deram o ser e pão para si e para seus irmãos.

Em seguida sahiu de casa, foi a egreja de S. Roque, e procurou ocultamente depositar seu pequeno bilhete em um dos altares.

Uma respeitavel senhora que a observava pegou lhe ligeiramente pelo braço e lhe disse:

—Que fases, menina?

A innocente atrerrorisada começou a chorar e como a senhora continuasse a interrogal-a contou-lhe ingenuamente o caso.

Enternecida a boa senhora, consolou a menina e tomando a carta lhe disse:

—Eu me encarrego de fasel-a chegar a seu destino.

E accrescentou:—Escrevestes aqui os signaes de tua casa?

—Não senhora; me disseram que Deus tudo sabe.

—E' verdade, minha filha; porém talvez não saiba quem se encarregar de dar-te a resposta.

Então a menina lhe disse onde moravam seus paes e cheia de alegria voltou a sua pobre habitação.

No dia seguinte, ao levantar-se, encontrou diante da porta um cesto grande cheio de roupa: de viveres e dinheiro, sobre o qual tinha um papel que se liam estas palavras:—Resposta de Deus.

Poucas horas depois se apresentou um medico encarregado de assistir aos dous enfermos. Veja-se pois se a carta da menina havia ou não subido directamente ao céo, ou pelo menos sido recebida por um de seus anjos.

E' pena que na terra não hajam muitos como aquella senhora »

Á PEDIDO.

—V. não é da limpeza?

—Sou, sim Sr.

—Que historia é uma de muletas que ha por la?

—E' um desconto que se faz no salario dos carroceiros.

—A pretexto de que?

—De faltas.

—Mas os cobres sahem da thesouraria.

—Parece.

—E para quem reverte esse dinheiro?

—Isso é que não sei responder. O que digo é que ha quem n'um mez perca 8 e 10 dias, somente por ir um pouco mais tarde ou outra qualquer cousa.

—Essa é boa! Deixe estar que eu heide saber do encarregado o que quer dizer isso.

AOS EXMS. SRS. PRESIDENTE DA PROVINCIA E CONSELHEIRO DIRECTOR DOS ESTUDOS.

E' possivel que na crise pecuniaria por que passa a provincia, esteja um tal José Matheus, porteiro do internato normal, licenciado por doente, quando elle anda diariamente pelas ruas desta cidade e em differentes egrejas assistindo a actos religiosos, e a pobre da provincia a pagar a um substituto o mesmo ordenado que o doente—*bom*—recebe, isto é, em vez de 600$000 rs. annuaes, pagar rs. 1:200$?

Espera-se de Ss. Exs. providencias para que não continue um tal abuso.

MOTTE.

O cabeça de Medusa
E' gente, é bicho, é o diabo.

GLOSA.

Supplicando a minha musa
Em quem tenho plena fé,
Que me inspirasse o que é
O cabeça de Medusa
Diz, depois que parafusa
De dois minutos ao cabo;
—Não é gente, pois tem rabo,
P'ra ser bicho é muito feio
Ser o demo quasi creio:
E' gente, é bicho, é o diabo.

—Que tafularia é uma na Praça do Commercio?

—São as ganhadeiras do Caes Novo, que foram ao mar dar de comer a *mãe d'agoa*.

—Que diabo de patifaria quer dizer isso?

—Toda essa passaralhada é affeita ás superstições oriundas de Africa, e por isso tem como obrigação depositar no mar presentes todos os annos á mãe, d'agoa para serem felizes no negocio, e é esse preceito que acabam de cumprir e voltam.

—E a policia consente semelhante bachanal n'uma praça publica!

—Mas ellas não ficam ahi, dirigem-se para o *pegi* ou casa do santo.

—E aquella que está como possessa, endoudeceu?

—E' o *santo* que *subiu-lhe* a cabeça. E' mulher de Santa Barbara!

—Que desaforo! Ah chicote.

—Não vê a rapazeada como applaude? são apreciadores da orgia.

Aquelle já deu duas canadas de vinho, para a Bemvinda não ficar mal.

—E o resultado daquella rosquilha, eu sei em que dá.

—Eu tambem sou do cordão; vou apreciar tudo e volto para lhe dizer.

ANTONIO OLAVO DA FRAMÇA GUERRA E O CORRESPONDENTE DO *JORNAL DO COMMERCIO*.

Nascido e criado nesta provincia, sabem todos aquelles que me conhecem, que a minha vida coa-se no remanso da paz, de modo a ser pouco, ou nada acostumado a explical-a pela imprensa.

Infelizmente nestes tempos de demolição geral o meu caracter independente tem acerrado as paixões pequeninas de inimigos gratuitos, que não perdem azo de ferirem-me já directamente, ja na pessoa dos que me são mais charos.

No *Jornal do Commercio* o correspondente desta provincia em relação a questão do liberto—*Modesto*—coseu-se com as trevas do anonymo para invectivar a meu irmão Custodio Ferreira de Oliveira, deixando conhecer pela perfidia do golpe a mão traiçoeira da cobardia.

O fim do correspondente é desmoralisar ao governo actual como complice de um subalterno venal, a quem não demitte, nem processa. Mas desgraçadamente, a insidia é de sua naturesa de tanta e tamanha torpeza, que seria para desprezar, si o tribunal supremo da opinião publica não merecesse o respeito que lhe deve todo o homem de bem, cuja vida pode ser analisada a luz meridiana, em plena praça.

Felizmente o liberto *Modesto* conserva as cicatrizes dos açoutes para desmentirem cabalmente o correspondente, e provarem que meu irmão cumpriu a sentença inflingida a *Modesto*, como testemunharam todas as respectivas guardas.

Si o medico que libertou *Modesto* para o serviço da armada, ou aquelle a quem cumpria inspeccionar—si elle tinha sido ou não açoutado, infringiu o seu dever, não cabe a meu irmão nem a imputação, nem a responsabilidade de faltas alheias.

Si o correspondente ainda sente nas faces o pundonor de homem, que tem o merito da coragem de seus actos, repita nos jornaes desta cidade o que mandou imprimir na corte (o que é uma cobardia, porque torna-se mais difficil ao offendido chamal-o a responsabelidade) desafivelando a mascara miseravel do anonymo, a menos que não queira que o publico lhe cuspa na fronte a saliva de calumniador tacanho e sicario, villão da reputação inequivoca de um funccionario honrado e zeloso.

Triste gente que inveja ate um simples logar de carcereiro!!—Bahia 29 de abril de 1868.—*Antonio Olavo da França Guerra.*

ANNUNCIOS.

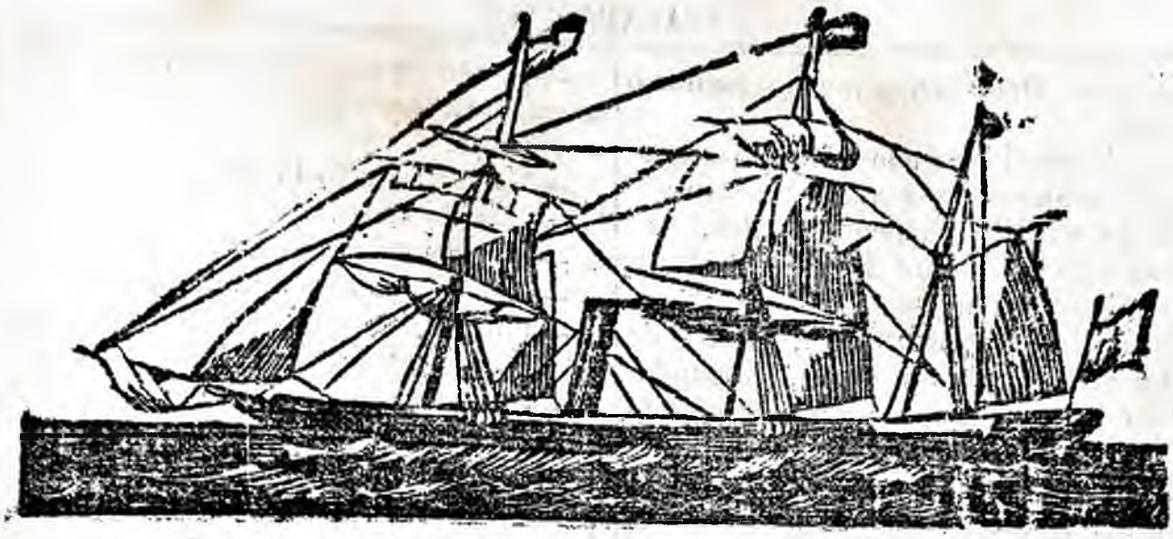
O abaixo assignado, tendo mandado vir de Inglaterra um pequeno vapor de crystal, preparado com luxo e todas as provisões para viagens de mero recreio, na extensa lagoa creada pelas agoas estagnadas no largo e estrada da Boa Viagem, desde ja conta com a protecção publica. E tanto mais propondo-se o mesmo abaixo assignado a mandar vir do Alto-Amazonas grande quantidade de filhos de tartaruga, cuja pesca virá a ser para o futuro um recreativo e lucrativo entretenimento para os passeantes. *O progressista.*

Pede-se a certa intitulada professora que por *Nossa Senhora de Paris* perca o costume de intrigar e difamar aos concertadores de piano, nas casas em que vae dar lecções; por que os mesmos não se importam com sua boa ou má pericia na profissão que exerce.

Na venda n.º 1, ao Xixi, defronte ao armazem 13, vende-se tabocas para diversos fogos a 500 rs. a duzia e para busca-pés a 1$ rs.

Precisa-se de uma ama, para serviço de casa de uma familia na rua direita de Santo Antonio alem do Carmo casa n.º 35.

A viuva e filhos do finado Euzebio de Abreu Farias, abaixo assignados, do intimo do coração, profundamente agradecem a todas as pessoas que se dignaram assistir a missa do setimo dia, que pelo repouso do mesmo finado celebrou-se na matriz de Santa Anna, no dia 30 de abril. Agradecendo especialmente ao Revm. conego vigario da referida matriz a expontaneidade com que prestou-se gratuitamente, cedendo de seus direitos parochiaes; e bem assim aos Revms. Srs. padres, Maximiano Xavier de Santa Anna, Feliciano Candido Rodrigues, Leoncio Izidorio Pereira de Souza; e ao digno Sr. professor André Diogo Vaz Motum, e aos mais professores, que pela mesma forma se prestaram. Os abaixo assignados eternamente agradecidos lhes tributam o presente testemunho. Bahia 1.º de maio de 1868.—*D. Francisca Antonia Pereira de Farias, Caetano de Abreu Farias, Francisco de Abreu Farias, Euzebio Virissimo de Abreu Farias, Joaquim de Abreu Farias e D. Maria Angela da Trindade Farias.*



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
Anno VI. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 36.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 7 DE MAIO DE 1868. N. 358.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latrenopolis, bordo do *Alabama* 6 de maio de 1868.

Portaria ao Sr. Costa, armador, dizendo-lhe que é um mystiforio forrar os sinos de preto, tendo os mesmos de repicar á entrada e sahida de S. Ex. Revma; portanto, não sendo compativel que a dôr se case com o riso, fique S. m. avisado para que de outra vez não dê semelhante pichotada.

—Voltamos ao tempo das excommunhões.

—Ahi vem V. com lembranças de cacaracá; ha hoje quem faça caso de excommunhões?

—Pois o vigario do Rio Pardo, a 8 do passado, acabada a missa conventual, excommungou a João Bispo de tal, porque tendo sido ha mezes eleito juiz do terço, o não tem feito até o presente, *prejudicando assim a elle vigario, na percepção dos respectivos direitos parochiaes!*

—O João Bispo, o que devia fazer, era tomar um laxante em agradecimento a tal excommunhão.

—Em vão o pobre homem defendeu-se, allegando que, não por falta de devoção, mas por atrazo de sua vida, tinha deixado de fazer a festa, foi excommungado, e ao sahir da egreja já ninguem queria approximar-se-lhe.

—Ainda ha quem creia nessas bugiarias!...

—Esse vigario esteve na capital da Bahia quasi um anno, e a camara dava-lhe attestado de frequencia para poder cobrar a congrua, porem agora o presidente da mesma entesou e exigiu que apresentasse a licença com que estava fora da freguezia, e eis que o vigario ameaça tambem de excommungar o presidente da camara!

—Bom; assim pode elle fazer o que quizer, armado com as suas excommunhões.

—O *Liberal* de Minas a quem escrevem, narrando este facto, diz que faz dó ver o medo e susto com que anda o presidente de ser fulminado pelo vigario.

—A coisa não é para menos; ver-se um homem isolado da communhão dos fieis e todos a fugir-lhe por causa de uma mal entendida especulação com a credulidade popular.

—Capitão, quer ouvir uma anedocta?

—Pois não.

—Quem me contou, affiançou-me que foi passada com um dos nossos actuaes deputados, quando estudante.

—Conte lá.

—E' um dialogo entre elle e o lente.

—Nada de commentarios.

«—Diga-me, Sr. F..., perguntava com ar de pouco amigos, um lente de geographia—onde estão as Canarias?

«—No viveiro de minha tia.

«—Valha-me Deus! Diga-me ao menos o que é Chile?

O discipulo roeu bom meio palmo de unhas, resfolegou ruidosamente e afinal replicou:

«—Ah! Já sei! E' o chapeu de papae.

«—Pedaço de selvagem! Faz-me perder a paciencia! Vá se sentar.

O bom do alumno obedeceu, como é de crer e foi se metter n'um canto, julgando-se livre do tormento. mas o professor que não era de graças, dirigiu-se de novo ao discipulo, perguntando-lhe:

«—O que é Havana?

Estacou o pobre rapaz entre soluços e resmungou:

«—Isso são uns charutos que papae fuma.

«—Excellente! Onde está o Rio da Prata?

«—Muito longe de minhas algibeiras, Sr. professor, muito longe!

«—E o diabo?

«—No inferno.

«—Graças a Deus, que ao menos sabe aonde ha de ir parar, respondeu o professor, perdendo de todo a paciencia.

—Si não é algum carapetão que lhe quizeram impingir, o tal Sr. merece bem o logar que occupa hoje.

—Alli ha gente, que tudo que me digam della eu acho pouco.

—Ante o nada da vida, para que tanta ostentação?

Até no luto, galas!

As dôres d'alma abafadas pelo estrepitoso ruido do fausto e da grandeza!

—Vaidades mundanas!

—Para que tanta vangloria? Não é assim que se edifica nos preceitos da humildade e charidade.

—O mundo exige essa ufania, esse apparato, esse fausto, e è preciso andar com o mundo.

—Si outro dissesse isso..... mas quem deve dar o exemplo de simplicidade e desapego dessas futilidades da vida, que nada são e se esvaem como o fumo.....

—Suas palavras fazem-me lembrar aquelle santo prelado, que não augmentava os commodos de sua casa para não converter o pão dos pobres em pedras.

—Falleceu hontem, depois de penosos soffrimentos, o tenente-coronel Domingos Mendim Pestana, veterano da Independencia.

Nas nossas passados luctas politicas representou saliente papel.

—Deus lhe dê o descanço eterno.

—E' certo que foi espancado a pau de vassoura um recruta?

—Onde?

—No forte de S.-Pedro.

—Não sei disto.

—Pois informaram-me.

—Mas não deram o motivo?

—Porque deu parte de doente para não embarcar para o sul no domingo.

—Si foi por isso é crueldade e despotismo.

—Eu não garanto, contaram-me.

—Onde se pode saber com certeza é no quartel general; vou ate la indagar.

—Pode ser que la mesmo ignorem.

—Diga-me alguma cousa relativa á guerra. Não entrou vapor?

—No dia 5.

—O que adianta?

—Nada, absolutamente.

O inimigo, apezar de *morto a fome,* ainda não se quiz render, assim como passaram as 72 horas de bombardeio, sem que se julgasse azado ferir o ataque decisivo.

—Tudo isso parece uma mystificação!

—Aqui está o que diz o *Diario Fluminense* a respeito:

«DO RIO DA PRATA E DA GUERRA.

Ao terminar do mez de fevereiro, aqui entrou, em nosso porto, expresso do theatro da guerra, trazendo a grande nova da passagem de Humaytá e assalto ao Estabelecimento.

Grande enthusiasmo *promoveu o governo* e provocou a imprensa interessada com essa nova, e o modo porque a recebemos causou estranhesa.

A parte official dizia então—que o inimigo estava literalmente encurralado, e não podia escapar-se, devendo *em 15 dias render-se pela fome*!

O publico ha de lembrar-se do que então dissemos.

Puzemos nossas reservas e pedimos ao paiz que não confiasse de mais nas noticias.

Em poucos dias depois veio-nos a triste nova do assalto das canôas aos nossos encouraçados, assalto que revelou mais energia e actividade tactica no inimigo do que se presumira, embora a Providencia nos salvasse.

Foi para o governo e os entendidos da guerra aquella tentativa um acto de *loucura e estupidez do desespero!*

Ainda então nós discordamos dessa opinião

O inimigo ia render-se irremessivelmente; todos o acreditaram; so o nosso espirito doentio o duvidou, estranhando que nas condições expostas de fraqueza do inimigo, se não levasse um ataque geral as suas forças, e so

tivesse commettido o erro militar do assalto ao Estabelecimento, nas condições em que foi dado.

Depois veio nova da excursão á Assumpção, da tomada do Curupaity deserto, do aperto do sitio, e nada de acção! O inimigo escapara de Curupaity, não se sabe como, apezar do estreito sitio e encurralamento!

O bombardeamento promettido a Humaytá por agua e terra, começou a 11 do corrente; mas não houve ainda o prometido assalto, e os *esfomeados* paraguayos encerrados em Humaytá resistem garbosamente!

Lá vão decorridos depois da passagem de Humaytá *setenta longos dias*, dos quaes ha *cincoenta*, pelo menos, os paraguayos de Humaytá devem estar *sustentando-se de vento ou devorando se uns aos outros*, pois não tinham por onde haver supprimentos, e assim mesmo resistem, e não ha ataque do nosso exercito!!

Ha mais de *tres dias* Humaytá soffre bombardeio *horrivel, medonho*, por agua e terra, do nosso immenso trem de artilheria, bombas, foguetes etc. etc., e ainda não soffreu uma brecha!

Perante as leis da sciencia ou arte da guerra, perguntamos:

Isto tudo é serio, ou o poder está ludibriando esta pobre nação?

As noticias, que nos trouxe do theatro da guerra o transporte *Bonifacio* ante-hontem entrado no nosso porto, e assim de Rio da Prata, são as seguintes:

«Continuava o bombardeamento do Humaytá até a hora em que sahiu o vapor.

«A fortaleza não está tão desguarnecida, como se propala pela imprensa, e, segundo uma carta particular que lemos, o inimigo tem sabido oppor-nos uma forte resistencia.»

LA VAE VERSO.

OPINIÕES.

SONETO.

Antes na vida, que na morte, o gosto,
Antes no forno, que no peito, a chama,
Antes no peito, que no baile, a dama,
Antes na paz, do que na guerra, o posto.

Antes no lenço, que nas mãos, o rosto,
Antes na rua, que no fato, a lama,
Antes no campo, que no copo, a gramma.
Antes no bem, do que no mal, o encosto.

Antes nos pés, que na bolsa, um callo,
Antes na bolsa, que na loja, abono,
Antes no ventre, que no siso, abalo,

Antes na colxa, que na campa, o somno;
Antes no prato, que na testa, um gallo,
Antes em no sa alma, que no mundo um throno.

RECITATIVO.

(IMITAÇÃO)

Era no inverno, quando a luz da vella
A cara della desgrenhada eu vi,
Lembra-me ainda do barulho insano
De atroz piano que berrava alli!

Vestido verde, sua fronte feia
Co'a lua cheia, semelhança faz;
Vi-a e perdido de lhe ver a lata
Fugi p'ra mata, nem olhei p'ra traz!

Oh! que era embalde! quanto mais fugia,
Mais me apparecia tão cruel visão;
So em lembrar-me de divisar seus passos,
Senti fracassos de ássestar-lhe a mão.

Tremulo, ancioso, repugnante o peito
Do negro effeito, de encontral-a a sós,
Vivi dois dias la na matta em meio
So com receio de escutar-lhe a voz.

P'ra ver-me livre da feroz matraca,
De jararaca, lhe chamava eu;
Chamei-lhe bruxa, camafeu, Megera
E a bruta fera so assim cedeu!

Á PEDIDO.

—Queria fallar ao Sr. capitão do *Alabama*.

—Diga o que quer, senhora.

—Vim pedir a V. Ex. que expeça uma ordem a todos os ourives de Latromopolis.

—Em que assumpto?

—Que, si lhes apparecer, por acaso, um sujeito prosista, que se diz inventor de *mil ideias*, a vender alguns objectos de ouro, não comprem, porque são gamados.

—Isso é difficil, porque nem todos tem consciencia limpa e a senhora não tem provas para obrigar o meliante a dar conta do que é seu. Em todo caso vou recommendar ao aspirante toda attenção no cujo para ver si se descahe.

—Uma historia, capitão.

—Sendo breve, conte-a.

—Aquartelou o batalhão do *Chaveiro do Ceu* e precisava *vestir-se* 120 praças, para cujo fim assignaram 16 officiaes 100$ rs. cada um, que faz a quantia de 1:600$ rs., e descontou-se de cada um guarda 100 rs. por dia, durante o espaço de 105 dias que estiveram aquartelados, que faz a quantia de 1:071$ rs. e reunida a de 1:600$ rs. prefaz a de 2:671$ rs.

—E' já uma boa cifra para *vestir-se* as 120 pracas.

—Assim parece; mas não se contentaram só com isso. Appareceu um official do corpo que foi dispensado do aquartelamento, devoto de S. *João*, de quem o *Manuel* não gosta por ser amigo do *Andrade*, que tem loja de *tecidos*, e contractou fazer toda *vestimenta*.

—Que boa mochiba pegou elle! ...

—O commandante, como amigo que é delle, consentiu ser a *vestimenta* feita de uma fazenda podre e ao sahir os guardas do quartel ainda se lhes descontou mais 2$800 para *barrette;* sendo escandalo ainda maior por se descontar até dos que estavam com os *barrettes* em bom estado e não quizeram tomar!

—Que ladroeira!

—Para provar a ladroeira que fizeram, basta dizer que cobraram por cada um par de colchete e um novelo de linha 80 rs., que em rigor não podia custar mais de 40 rs.

—Este negocio de aquartelamento é bom para os commandantes espertos e certos officiaes se arranjarem.

—E' uma boa chuchadeira!

EPISODIOS DA VIDA DE UM HOMEM EXEMPLAR.

(Uma mulher ettrega lhe um papel.)

—Não recebo papeis aqui..... O que é isso? E' esmola?

Ora, eu dou esmola todos os dias.

Todos.....não ha um.

Na quinta feira Santa, foram-me em casa 500 e tantas mulheres e a todas dei esmola.

Isso é um nunca acabar.

—Sublime exemplo!

Inimitavel seguidor do Divino Mestre, cuja doutrina era que a nossa mão esquerda ignorasse o beneficio que a direita fizesse!

VARIEDADES.

UM ALMOÇO.

Grande pechincha! Grande pechincha! almoços de gallinha a 20 rs!

—Diogo, é necessario lá irmos.

—Olé, e ha de ser já, visto estar ainda sem almoçar.

—Salta! um almoço de gallinha a 20 rs.

—Prompto, respondeu um velho, collocando sobre uma mesa, defronte dos nossos comilhões, dous pires com milho.

A NOITE DE NOIVADO.

Desapparecem os convidados, e fica só o amoroso par.

A scena está illuminada pelos poeticos resplendores de uma lampada de alabastro.

—Ah! Luizinha da minh'alma! Com quanta impaciencia esperava este momento!

—Amas-me muito, meu Frederico, não é verdade?

—Si teu pae me tivesse negado tua mão, já eu não existia.

—E eu tinha entrado em um convento ou tomado uma caixa de phosphoros.

—Que alegria, ter junto de mim o meu bem a minha felicidade, a gloria que tanto idolatro!

—Frederico!!!...

—Luizinha!!! ..

Apaga-se a luz.

.....

VINTE ANNOS DEPOIS.

—Com a breca! Bem podias Luiza aquecer os pés antes de entrar para a cama.

—Jesus! Que homem tão fastidioso!

—Pois põem os pes em cima dos meus! Isso é insuportavel.

—Não me dizias isso ha vinte annos, quando nos casamos. Si não estás contente, procura uma casa maior e teremos quartos separados.

—Esse é o meu desejo ha dezenove annos, onze mezes e vinte o nove dias com as suas noites.

—Quem te impede que o realizes.

—O preço das casas.

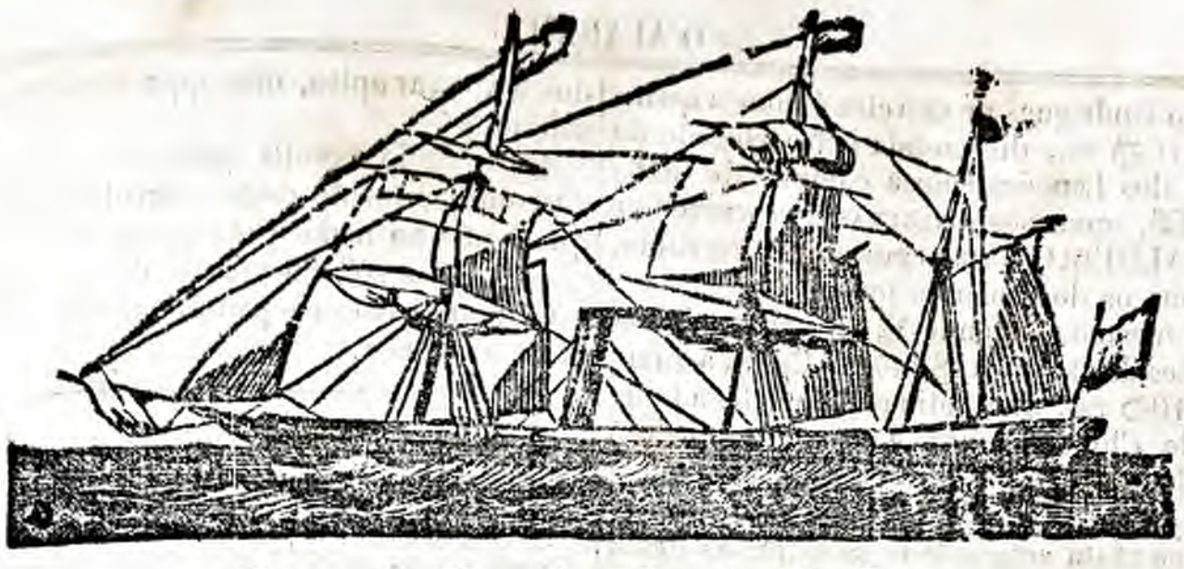
ANNUNCIOS.

POR CAUSA DE ENGANOS.

Francisco José da Silva Guimarães, lendo um artigo inserto no *Alabama* n 356 com data de 2 do corrente, no qual trata de um caixeiro, que se queria evadir depois de ter sido despedido por seus amos os Srs. Barateiro Irmãos e C , tendo o nome d'esse individuo posto que metaphoricamente apparencias com o meu, na parte que diz Guimarães barbaça, analogia essa que se pode confundir commigo; por ter sido eu caixeiro tambem da mesma casa; por isso venho as columnas dos jornaes afim de que fique o publico convencido de que não se entende comigo. Deixemo-nos de enganos, que muitas vezes trazem o descredito a quem não tem dado motivo a ser taxado de ladrão e moedeiro falso, como exprime o referido artigo.

A pessoa que tiver a collecção completa, ou mesmo com alteração, da *Marmota* periodico que se publicou nesta cidade e queira vender, procure nesta typographia que se lhe dira a pessoa que compra.

Precisa-se de uma ama, para serviço de casa de uma familia na rua direita de Santo Antonio alem do Carmo casa n.° 35.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VI. **Serie 36.**

BAHIA 9 DE MAIO DE 1868. N. 359.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, submettendo a sua consideração o seguinte facto, para que S. S. por elle avalie o grau de segurança individual que ha nesta terra.

No Terreiro, ao dobrar para o becco das Moroas, ha um *canto* de ganhadores, entre os quaes ha um, que passa por ter dinheiro.

Na quarta-feira, apresentou-se ahi um sujeito barbado, e perguntou a esse ganhador se queria comprar um panno da Costa, de um carregamento que tinha despachado naquelle instante n'alfandega.

Respondendo o preto pela affirmativa, dizendo que queria escolher para então ajustar, foi levado pelo inculcado vendedor a uma casa na ladeira da Ordem Terceira, onde já se achavam dois individuos exercitando-se no industrioso jogo dos dedaes.

Ali chegados, foi cuidadosamente fechada a porta, depois do que o vendedor de pannos perguntou ao preto si trazia comsigo o dinheiro, respondeu este que não e que apenas tinha 4$ rs., mas que si o panno lhe agradasse voltaria á casa a buscar o dinheiro. Sem nunca apparecer o panno, convidaram o preto a entrar na tal *advinhação* dos dedaes, e como este se recusasse, agarraram-o e quizeram violentamente tomar-lhe o dinheiro! O preto luctou e safou-se da unha dos larapios e poude galgar a rua.

Não é a primeira vez, que semelhantes individuos, bem conhecidos, commettem attentados destes, e muitos incautos tem sido victimas do latrocinio delles, á pretexto de examinarem objectos para comprarem.

E' contristador, que semelhante espectaculo se dê no centro de uma cidade, como esta, e por isso espera se que S. S., revolvendo e sua mente, depare com algum correctivo para taes ratoneiros.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, levando ao seu conhecimento, que está grassando as febres intermittentes na povoação da Barra, proveniente dos pantanos de agoas pluviaes, que se ajuntam entre as propriedades dos Srs. Magalhães e Gavazza.

Espera-se de S. S., tão zeloso como se tem mostrado pela salubridade publica, providencias a respeito.

(No mesmo sentido a camara municipal.)

—Moralidade governamental.

—Que fructa é essa?

—Veja:

« PRESIDENCIA DA PROVINCIA.

«*Expediente do 1.º de maio.*

«Officio ao inspector da thesouraria de fazenda.—Mande V. S. pagar ao capitão Ma-

ximiano Rodrigues de Oliveira Junior a quantia de 16$ rs., dispendida pelo delegado da cidade dos Lençóes com a compra de CORRENTES, CADEADOS, ALGEMAS E CONCERTO DE GARGALHEIRO para segurança de recrutas, conforme os documentos juntos.

«Ao mesmo.—Mande V. S. pagar aos negociantes desta praça, Simões e Costa, a quantia de 10$ rs., dispendida pelo delegado da villa de Chique-Chique com a compra de 5 pares de ALGEMAS para recrutas, conforme o recibo junto, estando nos termos.»

—Que nesta actualidade se dê factos desta ordem, não admira; mas que tenham o displante de dal-os á luz da publicidade, é que custa a crer.

—Pare que ha garbo em fazer alarde destas cousas, para mostrar o grau de moralidade que caracterisa a epoça.

—Vio o barulho na Praça?

—Quando?

—Hontem á noite.

—Não soube disso.

—Pois houve um pega-pega dos diabos. Reuniram-se para mais de 600 pessoas; a policia foi a unica que não deitou a cabeça de fora.

—E o que deu causa a essa tribusana?

—O principio foi uma questão entre os tambores, que fazem da porta do commando superior, alcouce de depravação e uma estabanada conhecida por *Pote virou*, porem depois tomaram parte na lucta guardas nacionaes fardados, principalmente de artilharia.

—Tanto que se tem clamado contra as patifarias praticadas por esses tambores, que fazem da Praça sua morada, e nenhuma providencia tem apparecido.

—O Sr. tenente Marinho àppareceu e procurou serenar a tempestade, porem foi desrespeitado pelos turbulentos.

Conseguindo prender um dos principaes amotinadores, um guarda de artilharia foi elle mesmo conductor do preso, por não ter outra força de que disposesse.

—Estando a guarda de palacio tão perto?

—Isso bastou para que fosse apupado por uma malta de mulheres perdidas e capadocios desde a Praça até o Terreiro, onde o preso conseguiu evadir-se, ajudado pelo grupo desordeiro, e o Sr. tenente Marinho levou uma solemne queda do cavallo abaixo.

—Esses desacatos ao prestigio da authoridade reclamam energica repressão.

—Como? Si não ha força, e a prova é que com tamanha algazarra, e o tenente esgananado-se á tocar apito, não appareceu um unico soldado!

Quem anda á noite pelas ruas é que vê o descommedimento destes capadocios, para os quaes não ha nada que mereça respeito.

—A noite sò? Eu vejo de dia elles praticarem quanta couza e pronunciarem os termos mais obscenos.

—Este nosso presidente tem levadas que não sei o que parecem.

—E' sestroso.

—A lei da guarda nacional diz que na dissolução de qualquer corpo, seus officiaes serão mandados addir aos outros corpos do municipio.

—Pura verdade.

—O 2.º batalhão de artilharia foi dissolvido e os officiaes ficaram como a mãe de S. Pedro.

Um delles lembrou-se de requerer para ser addido a um dos corpos e S. Ex. despachou—*requeira pelos canaes competentes*.

O homem replicou dizendo que o *canal* mais competente era o de S. Ex.

—Tibi.

—.... porque dissolvido o batalhão não tinha commandante a quem se dirigisse; mas S. Ex., que quando dá para uma cousa é pertinaz, despachou dizendo—*tenho deferido*.

—E ficou o homem avulso?

—E' verdade.

—Ora *nonoroques*.

—Está hoje o collegio repicando tão baixinho!

—E' porque amanhan é o funeral da irman de S. Ex. Revma.

—Mas o que tem isso?

—O sineiro não quer tocar alto, porque a egreja está em funeral, e não quer tambem faltar a obrigação de repicar.

—Ora! Isso recorda-me o facto de que tendo morrido o filho de uma rainha de Portugal, no dia do officio, o prior de Alcobaça, não querendo magoar o coração da rainha com o toque dos sinos, nem tambem faltar a ceremonia dos dobres, tomou o expediente de mandar tirar os badalos e assim dobrar os sinos.

—O caso é que, quem pratica essas cousas, julga fazer um serviço, quando é ao contrario.

—Capitão, peço-lhe que aprecie este pedacinho do *Democrata*.

—Leia que eu presto attenção.

—Ouça:

«A SOCIEDADE E' UMA MADRASTA.

«Si não sei escrever sei sentir, e por isso digo que a sociedade de hoje não é uma mãe terna, boa, intelligente, previdente e carinhosa!

A sociedade de hoje é uma horrivel madrasta, sem coração e sem entranhas; pois que ella só tem sorrisos para um pequeno numero de ricos, preguiçosos, parasitas e tratantes, mais que escurraça e amaldiçôa a maioria de seus filhos pobres, que têm as mãos calejadas e curvado o corpo pelo duro trabalho. Esta mãe não se occupa delles senão para pedir lhes dinheiro, sangue e suores. Quando estes chegam a edade de 18 annos (e quando tem pressa da obra nem mesmo espera esta edade) ella agarra os mais fortes, os mais bellos, os mais robustos; ensina-lhes a marchar em linha sobre tres de fundo, e apparece regularmente diante da artilharia carregada á metralha.

«Eis a unica educação de que dispõe esta mãe para com seus filhos.

E fallam a estes desgraçados pariás, esfollados e mortos como bestas de carga, do respeito que elles devem a uma tal sociedade, e do amor que elles devem ter a uma tal patria! Fallam a estes infelizes do amor da gloria! E' de mais, meu Deus... e é com estas palhaçadas que os lançam contra reductos guarnecidos e baterias cerradas! e, quando feitos em pedaços em nome da gloria, então atiram cabeças, troncos, braços e pernas dos feridos juntamente com os mortos em grandes vallas. Cobrem tudo isto de terra, acompanhando esta lubrica scena de um *Te-Deum* e está tudo acabado.....

E toda esta moral de deveres, de amor da patria, de respeito á sociedade, e do amor da gloria estas santas cordas do coração humano, que so servem á classe que as explora e covardemente envolve suas victimas, tudo isto para quem vê e sente a nudez destas cousas é bem infame e odioso.

Existe nisto um grande abuso e grande sacrilegio; e quando chegar o dia terrivel em que o maior numero comprehender o que ha de pouco respeitavel e sagrado em tudo o que se lhes tem ensinado a vencer....

Sei que mostrando assim a verdade núa e crúa, encho de raiva e odio os máos homens que com conhecimento de causa a exploram, assim como os tolos que tem ainda nos ouvidos os discursos de suas amas e avós; mas o que fazer? Será preciso deixa-los gritar contra os homens do progresso, que lhes não fallam da associação pelas revoluções; mas sim, que lhes predizem revoluções e grandes desastres, senão caminham para a associação:—o que será pura justiça.

A primeira condição para que a sociedade tenha o direito de exigir do individuo amor e respeito è só quando ella tem o cuidado de educa-lo

Uma mãe,que abandona seu filho, não tem direitos a seu amor, ella só tem direitos a seu odio.

Portanto, a associação deve educação ao individuo, e; organisando o trabalho, será salva pela associação.

—Hontem, ás 11 horas da manhan o creoulo José Machado, morador á ladeira das Hortas, seguia pela rua por detraz de S. Pedro, quando ao chegar a porta do Sr. Pereira d'Albuquerque cahiu suffocado em sangue, proveniente da ruptura de uma veia.

Foi carregado para a loja do mesmo Sr. Pereira e até quasi 6 horas não haviam providencias officiaes.

—Aqui ha tempos houve quem tivesse a inaudita impiedade de arrancar da Santissima Cabeça de Nossa Senhora, venerada no Collegio, a sagrada coroa e ir empenhal-a em uma venda Atraz da Sé.

A imprensa tratou disto, mas ninguem, si importou.

Agora informam-nos que algumas alfaias daquella egreja acham-se tambem empenhadas em mão de um agiota.

Pode isso ser, e é de crer que seja inexacto. mas á vista de um tal boato, não era bom que quem tem obrigação, procedesse a um inquerito para chegar ao conhecimento da verdade?

—Sem duvida.

—Mas eu sei que clamo no deserto, e o facto. apezar de sua gravidade, ficará indestructivel e minhas palavras servirão de galhofa.

—Não se importe: peior é o descredito que resulta de semelhante pecha, infundada talvez, mas que quem tem obrigação não se anima a fulminal-a.

—E condenavel a cumplicidade de quem devendo velar sobre escandalos de tal ordem se deixa ficar impassivel.

—Depois andam ás carreiras deitando pannos quentes.

Á PEDIDO.

—Está provado, capitão, o Illm. Sr. Francisco de Souza Carvalho, é um dos homens necessarios!

—Não ha ninguem necessario neste mundo.

—E não sei como o bom do homem pode se mecher com tantas occupações.

—Elle la o lê, la o entende.

—Thesoureiro do Bomfim e da Casa Pia de S. Joaquim, commerciante e subdelegado dos Mares, não sei como tem tempo para se coçar e como acode promptamente a todos esses encargos.

— O caso è que elle vae dando sota e bastos em todos e desempenhando a contento.

—Mas eu tenho ouvido dizer que o homem de muitos officios, não é perfeito em nenhum, e por isso ando duvidoso.

—Com elle é o contrario e a prova é que vae continuando; si a carga lhe fosse pesada por certo que a tiraria dos hombros.

—A bem da clareza, peço a palavra.

—Diga o que quer sem preambulos.

—Capitão, por occasião de um officio funebre, vi um mausoleu, *chefe de obra* que, alem do mais que por ora calo, terminava por uma lança e um panno preto nella amarrado, uma cruz, um calix e uma ancora.

—Safa! que mistura de grelos? Este mistiforio, em verdade, que precisa de explicação.

—E' o que espero de V. Ex., chamando, a sua presença o *armador macho* para dal-a. A cruz por baixo da lança! Que sandeu *religioso*!.....,

VARIEDADES.

EFFEITOS DA CHUVA.

Conversando um dia dous lavradores sobre a boa apparencia da estação:

«—Está o tempo maravilhoso; e se esta chuva dura mais quinze dias, começa tudo a sahir da terra, dizia um,

«—Valha-me Deus! exclamou o outro muito assustado,—e eu que tenho ja duas mulheres debaixo d'ella!

PHENOMENO.

Lê-se no *Parahybano*, da Parahyba do Sul, de 4 do corrente:

O mundo medico preocupa-se com o phenomeno seguinte: uma moça do Alemtejo, de 15 annos de idade, não tem lingua, entretanto canta e preenche todas funcções deste orgão, como si o tivesse. Os medicos visitam o caso, mas não explicam-no!»

Um dilletanti extasiava-se, no café de Paris, da beleza de mademoiselle Henriqueta Sontag, que tinha debutado recentemente nos buffos. Um individuo, que escutava o enthusiasta, observou-lhe timidamente que mademoiselle Sontag era effectivamente muito bonita, mas que tinha um olho mais pequeno do que outro. «Um olho mais pequeno! exclamou o dilletanti, um olho mais pequeno! Não vistes bem; é exactamente o contrario, o que ella tem è um olho maior.»

O poeta francez Barthe era um dos homens mais egoistas que se tem conhecido. Colardeau tinha sido um dos seus mais intimos amigos; mas desde certa occasião esfriaram as relações.

Quando Colardeau estava doente e ja as portas da morte, correu Barthe a sua casa e encontrou-o ainda com os sentidos, entendendo o que se lhe dizia.

—Estou desesperado, lhe disse, de o ver tão doente; comtudo quero-lhe pedir um favor. E' o de ouvir a leitura da comedia que acabo de escrever com o titulo do Egoista.

—Mas pense, respondeu o desgraçado enfermo, que ja me não restam sinão algumas horas de vida!

—Ah! meu caro amigo, è por isso precisamente que eu quero saber a sua opinião sobre a minha comedia.

Finalmente, Barthe teimou tanto, que o moribundo não teve remedio sinão consentir na leitura; e depois de a ter escutado ate ao ultimo verso sem ter dito uma so palavra, exclamou:

—Parece-me que falta ao seu protogonista um factoque o caracterisa perfeitamente.

—Qual? diga-o já...

—E', respondeu Colardeau sorrindo, o de obrigar a um amigo que está a morrer a ouvir a leitura de uma comedia em cinco actos.

Uma cura anglicano perguntava um dia a a um seu freguez:

—Que è feito do Cucas? Ha tres semanas que o não vejo na egreja e ninguem no povoado o tem visto, Será o socialismo que o affasta de mim?

—Não senhor, é cousa muito peior.

—Como? será o deismo?

—Não senhor, muito peior.

—Pois que, será acaso o atheismo?

—Não senhor, cousa mais horrorosa,

—Então o pantheismo?

—Não senhor.

—Ou o arrianismo?

—Menos.

—Então o que é?

—O rheumatismo,

ANNUNCIOS.

O ADVOGADO

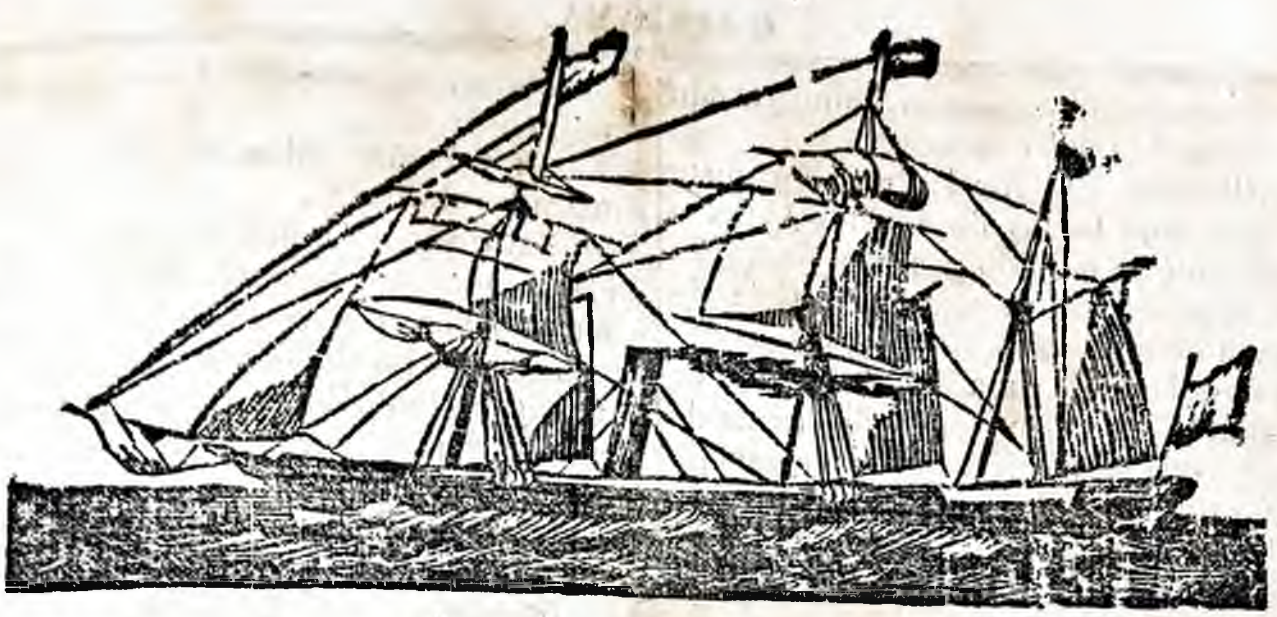
JOÃO LADISLAU JAPI-ASSU DE FIGUEIREDO E MELLO

Incumbe-se de quaesquer questões, judiciaes ou administrativas, perante os auditorios da côrte, onde é encontrado no seu escriptorio á rua da Candelaria n.° 23, todos os dias uteis, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde, e fora d'essas horas em sua residencia, rua da Princeza do Cattête n.° 39 G.

A pessoa que tiver a collecção completa, ou mesmo com alteração, da *Marmota*, periodico que se publicou nesta cidade e queira vender, procure nesta typographia que se lhe dira a pessoa que compra.

Precisa-se de uma ama, para serviço de casa de uma familia na rua direita de Santo Antonio alem do Carmo casa n.° 35.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VI. Serie 36.

BAHIA 12 DE MAIO DE 1868. N. 360.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. administrador da limpeza publica, dizendo-lhe que mande carregar a immensidade de talos de bananeiras semeados pelo becco do Chinello e Baluarte, deixados alli por um carroceiro que recebeu gorgeta do proprietario de um bananal para conduzil-os e fez o serviço porcamente.

—Falleceu hontem (10) o Dr. Francisco Antonio d'Araujo, depois de algum tempo de terriveis soffrimentos.

O Dr. Araujo deixou um vacuo na jurisprudencia difficil de ser preenchido.

O nome do illustre finado faz o seu elogio.

Bom esposo, bom pae, bom cidadão, bom amigo, eram as qualidades que lhe ornavam alma.

Deus o chamou á mansão dos justos.

—A certeza que tem os larapios de não encontrarem obstaculo da parte da força publica, muito os anima em suas emprezas.

—Que duvida.

—Na sexta-feira ás 11 horas da noite, um sujeito encontrando aberta a porta da casa n. 33 A, em S. Miguel, na qual moram vendeiras de peixe e lavadeiras, introduziu-se nella e depois de percorrer todos os cantos sem nada achar que bifar, porque o quarto onde havia dinheiro estava trancado, para não baldar os passos ajuntou uma pouca de roupa e sahiu.

Presentido por um menino, largou-se em desfilada, sendo preso na ladeira na Poeira por dous inspectores de quarteirão.

Mais de meia hora levaram a apitar na encrusilhada que faz entre S. Miguel e a Estrada Nova e não appareceu um unico soldado!

—Como haviam de apparecer, sinão existem?

—Desta sorte estão os cacetistas com carta branca para espancar e até matar em plena rua.

—E' cada um tratar de garantir-se.

—Ainda esta vez as noticias da guerra goraram.

—E' verdade.

—Entretanto para que os leitores não fiquem com agoa na bocca, façamos alguns extractos de *Jornal do Commercio*.

«Pelo transporte *Apa*, entrado hontem, 3, á noite, recebemos folhas de Buenos-Ayres até 25 e Montevideu 26 do passado.

A unica noticia que encontramos do theatro da guerra, consta do seguinte telegrama publicado pela *Tribuna* de Montevideu de 23:

«Buenos-Ayres, 22 de Abril.

Forças alliadas passaram para o Chaco,

estabelecendo completo assedio. Humaytá não poderá deixar de render-se.»

Entrou hontem, 5, do Rio da Prata o paquete inglez *Arno* com folhas de Buenos-Ayres e Montevideu até 28 e 29 do passado.

Do theatro da guerra não ha noticia de feito algum de armas.

Estava estabelecida uma linha completa de contravallação em torno das trincheiras de Humaytá, o que permittiria conservar aquella fortaleza estreita, e seguramente sitiada do lado de terra por poucas forças, ficando o resto do exercito disponivel para outras operações que pareciam a ponto de tentar se pelo lado do Chaco, para onde haviam passado algumas tropas.

Nas folhas argentinas encontramos ainda as seguintes correspondencias de datas posteriores:

«*Acampamento em Passo-Pocú, 22 de abril de* 1868.

Tem-se contado do lado do sul das trincheiras inimigas 54 peças de diversos calibres. Os trabalhos *não cessam, por parte dos paraguayos*, que nas suas guardas avançadas levantam fortes muralhas para se cobrirem. Os seus movimentos, porem, são puramente defensivos; a cavallaria que se lhes vê não chega a 200 homens, que fazem o serviço fora das trincheiras.

Acaba-se de medir o quadrilatero de Posso-Pocú até Curupaity, e conheceu-se que tem *sete legoas* de muralhas; agora falta a linha de Humaytá;—algum dia teremos occasião de medil-a e admirar os trabalhos dos paraguayos.

23 de *abril*.—No domingo passado as baterias de Humaytá que olham o exercito brazileiro, fizeram um fogo vivissimos. Eram 6 horas da manhan. O exercito ia pôr-se sob as armas, quando se soube que dous regimentos brazileiros tinham atacado uma guarda avançada paraguaya, tomando-lhe um prisioneiro e matando-lhe seis homens.

Immediatamente mandou o general Gelly y Obes felicitar o general Osorio, que respondeu: «que agradecia a attenção, mas que os resultados da jornada não indemnisavam as *perdas soffridas*. Effectivamente entre outros uma bala de peça levou uma perna ao coronel Hippolyto, que a esta hora terá failecido.

. . . . . .

E' provavel pois que o Chaco passe a ser o theatro de *uma serie de novos combates*.

Uma carta de Curupaity, com data de 18, dá noticia da volta de um nosso patricio que estava prisioneiro, desde o dia 3 de novembro do anno passado.

Chama-se Francisco Jozé Borges, è do 25 de voluntarios, mas estava no 4.º de artilharia.

Faz revelações sobre os nossos infelizes camaradas do dia 3.

Declara que o Cunha Mattos esta vivo e foi mandado para Assumpção, para diminuir o numero dos que comiam sem trabalhar; assim como os invalidos, creanças, doentes, &.

Que o capitão Albuquerque e outras praças foram fuziladas por tentarem voltar para nós.

Que o trabalho de nossos officiaes e praças que elles desconfiam querer se evadirem, é trabalhar de enchada no Chaco.

Que o trabalho delle prisioneiro era servir de coveiro, e enterrava por dia 15 a 18 cadaveres.

E finalmente que no acampamento paraguayo havia *em quantidade* milho, feijão, mandioca e carne todos os dias pelo Chaco.

N'um officio do marquez de Caxias para o ministro da guerra encontra-se o seguinte trecho:

«Relativamente a Lopez, tenho hoje certeza de que, como ja o havia dito a V. Ex. em data anterior, se acha elle no Tibiquary com uma força de 6,000 homens das tres armas, destacando de vez em quando pequenas partidas de cavallaria, que exploram a extensa linha entre Tibiquary e Nepembucú, as quaes todas as vezes que se encontram com as nossas avançadas são por ellas batidas, destroçadas e desfeitas.»

Na correspondencia do *Jornal do Commercio*, lê-se:

«Curupaity 18 de abril.—Vae partir para o Chaco uma ligeira expedição de cavallaria, commandada por um *major paraguayo*, pratico do logar, e portanto apto para fazer um reconhecimento, sem grandes difficuldades e perigos.

Isso prova o pensamento do marquez que conhece a necessidade de quanto antes mover o exercito para aquelle lado.

—Si é exacto isso, Deus queira que o tal major paraguayo não nos dê mais uma amarga licção da fidelidade com que elles nos servem.

—O bravo Jeronymo Gonsalves, chegado a corte, foi recolhido a fortaleza de Wilegaignon.

—Assim mesmo é que se deve galardoar serviços.

Á PEDIDO.

Sr. Redactor.—Compellido pela necessidade venho rogar a V. para que me transcreva em seu conceituado jornal a represen-

ação feita a S. Ex. Revma. contra o padre Joaquim da Silva Cezar, vigario desta freguezia de Capim Grosso, a qual é do theor seguinte:

«Fabiano Rodrigues da Costa, vem segunda vez, humildemente representar a V. Ex. Revma. contra a conducta irregular, desmoralisada, depravada e repugnante do Rev. vigario do Capim Grosso, Joaquim da Silva Cezar.

«Este parocho, Exm. Revm. Sr., é incapaz de envolver-se nas vestes sacerdotaes, não só em vista do que já levei ao alto conhecimento de V. Ex. Revma., e do sem numero de factos que á tal respeito existem, como tambem pelos que (compellido pela necessidade) agora vou levar de novo a illustrada apreciação de V. Ex. Revma.

«Este vigario, Exm. Revm. Sr., indigno de tal nome, não exerce acto algum de caridade; pelo contrario é vingativo e rixoso, ao passo que ha de occupar se em administrar os Sacramentos ás suas ovelhas, como manda a egreja, em infundir nellas a moralidade christan com a humildade compativel ao seu ministerio, trata somente de saciar suas paixões illicitas com actos indecorosos; bem como pagodes com prostitutas e toda sorte de mulheres perdidas e devassas.

«O alvitre deste parocho não fica ainda aqui, sobe ao ponto de dar denuncias falsas ás authoridades policiaes de pessoas (aliás gradas) que se não querem prestar ás suas exigencias e nem servir de instrumento para seus fins libidinosos (doc. n. 1)

«Em o anno de 1865 por occasião que desobrigava a familia de José Gonçalves da Costa, no confissionario, (acto revoltante e por demais escandaloso) seduziu a escrava Joaquina para fins illicitos, como se vê do doc. n. 2.

«Seduziu tambem a Manuel Joaquim de Souza para este servir de mensageiro, afim de angariar a vontade de Honorata de tal, viuva honesta, para fins illicitos e deshonestos, promettendo em recompensa cazar uma filha deste gratis, como se vê dos docs. ns. 1 e 3, e porque não tivesse Manuel Joaquim de Souza querido prestar-se a tanta infamia tornou-se seu inimigo figadal, á ponto de dar a denuncia, já mencionada, ao subdelegado Felix Alves dos Santos.

«Este parocho faz casamentos na egreja matriz por dinheiro, por preço de 40$ rs., como se vê dos docs. ns. 4 e 5, levando seu arrojo ao ponto de ameaçar com a justiça, aquellas pessoas que não lhe quizeram pagar taes quantias, como se vê de sua carta sob n. 5; sendo assim, as pessoas que não tiverem essa quantia obrigadas e sujeitas a que fiquem suas filhas entregues á prostituição, por não poderem cazar.

«A immoralidade e devassidão deste vigario, Exm. e Revm. Sr., sobe a ponto tal que conduz sem respeito algum, tanto ao seu estado, como ás familias desta infeliz freguezia, em desobriga com sua escrava Josepha, que é sua concubina, montada na garupa de seu cavallo, como se vê dos docs. ns. 5 até 10.

«Não satisfeito com immoralidades desta ordem, e nunca vistas, em uma occasião que sahiu a desobrigar o povo, conduzia tambem na garupa do animal em que montava, uma prostituta devassa e escandalosa, de nome Carolina do Amor Divino, desde a fazenda Maria Ritta até a da Lagoa da Vacca, distante uma da outra duas legoas, ambas no districto de Patamothé, e tudo isto no meio de pagodes, voserias e bebedeiras, como dá noticia exacta o doc. n. 6.

«Que exemplo este para um povo em sua maioria ignorante?!!

«Depois de tudo isto, manda um subdelegado seu apologista intimidar por meio de ameaças a todas as pessoas, que haviam dado attestados, que se acham incertos na primeira representação que ao conhecimento de V. Ex. Revma. submetti, afim de que estas não só se desdissessem, como não déssem mais algum contra elle, o que se mostra pelos docs. ns. 11, 12, 13 e 14.

«Exm. e Revm. Sr., factos desta ordem nunca podem deixar de serem tomados em consideração por V. Ex. Revma., afim de que um povo, na maior parte ignorante, não pereça debaixo do jugo de um sacerdote que de humano só tem a forma, mas cujos feitos revoltantes só dão a semelhança de um tyranno.

«Portanto, o povo de Capim Grosso, humildemente espera de V. Ex. Revma. que lançará seus benignos olhos e benevola attenção para esta infeliz freguezia, mandando syndicar dos factos praticados por um tal sacerdote, esperando na philantropia e caridade de V. Ex. Revma. algum allivio pelas promptas providencias que der.»

Fabiano Rodrigues da Costa.

AINDA O VIGARIO DO CAPIM-GROSSO.

Sr. Redactor.—Rogo-lhe que dê publicidade em seu jornal a representação que abaixo se transcreve:

«Exm. e Rvm. Sr. arcebispo.—Fabiano Rodrigues da Costa, morador no municipio e freguezia de Capim-Grosso, impellido pelo desejo e ambição de ver não so sua pobre

familia, como todos os povos d'esta infeliz freguezia,livres do impio e deshumano padre Joaquim da Silva Cezar, vigario n'este logar, por cumulo de infelicidades, vem terceira vez implorar de V. Ex. Rvm. soccorro e linitivo a males que tanto flagelam a estas pobres,mais humildes ovelhas.

Exm.e Rvm.Sr.,este tyramno cruel parece que até se julga soberano e superior a tudo; visto como, em sua audacia demonstra não querer curvar-se mais, nem as ordens sabias e religiosas de seu venerando prelado (segundo corre) pois que contando elle com a interesseira protecção do vigario geral de Joaseiro, diz abertamente que qualquer cousa que representem a S.Ex.Rvm. hade ser endereçado ao referido vigario geral, e que a este elle manda com imperio, porque foi seu collega, e depois d'isto que um certo mysterio o põe sob seu mandato e a dispor de seus caprichos,

Exm. Revm. Sr., dos muitos factos, provados com documentos que em fevereiro passado trouxe ao alto conhecimento de V. Ex. Rvm., d'essa época para ca não tem cessado de repetil-os diariamente e ainda com maior furor; e alem d'estes ainda outros de natureza diversa; como bem, uma recem-nascida, filha d'esse padre, com sua amasia Josepha,em *causa mortis* mandou que a parteira a baptissasse e baptisando-a esta regularmente, este parocho ante-christão não crendo naquelle baptismo.mandou baptisal-a segunda vez por Felix Soares, e não acreditando elle ainda no segundo baptismo, baptisou-a elle mesmo parocho e pae da recem-nascida terceira vez e ainda não satisfeito com este terceiro baptismo, mandou então chamar ao Revm. padre Manuel Zacarias que a baptisou quarta vez, do que se pode bem concluir, que semelhante sacerdote, indigno de tal nome, não só é um adulterador de tudo quanto ha de mais sagrado, como até é um atheu, falto de fé, de crensa, de caridade e de religião,

Outro sim, quando alguns nubentes se apresentam na egreja matriz para se receberem por marido e mulher e não lhe satisfazem a quantia de 40$ rs., por não poderem em razão de sua pobresa, puxa-os para o corpo da egreja e atropella-os com quantas perguntas lhe sugere sua stultice, dirigindo até obscenidades a moça, de forma que não podendo elles responder a tantos despropositos, se mostra enfadado, e não lhes administra o Sacramento do matrimonio, de forma que tal procedidimento ja tem dado motivo por varias vezes, á que se reduzam innocentes victimas a prostituição, como aconteceu com uma filha do Anna de tal; cuja moça foi criada por Ignez de tal mulher do Manuel Lisboa, moradores na fazenda Canôa.

A egreja matriz acha-se immunda de tal sorte que é habitada por morcegos e quando alli concorrem alguns fieis, exigindo qualquer Sacramento, mal podem supportar o fetido.

Finalmente Exm. Rvm Sr., são tantos os factos revoltantes praticados por semelhante parocho in-nomine,que pareee um impossivel o descreverem-se todos, porque para ennumeral-os, um a um, não haveria papel que podesse contel-os todos.

Portanto em vista do que humildemente a V. Ex. Rvma. tenho exposto, peço com todas as forças pelo amor de Deus e por tudo quanto ha de máis sagrado a V. Ex Rvm., que se digne lançar olhos de compaixão para esta pobre e infeliz freguezia que ha tanto tempo, está entregue ás paixões furiosas de um parocho que mais parece um monstro do que creatura humana.

Assim, espera-se na magnanimidade, philantropia e piedade christan de V. Ex. que tantos males terão paradeiro pelas promptas e sabias providencias de um prelado conspicuo, humano e justiceiro como é V. Ex. Revma.

27 de abril de 1868.

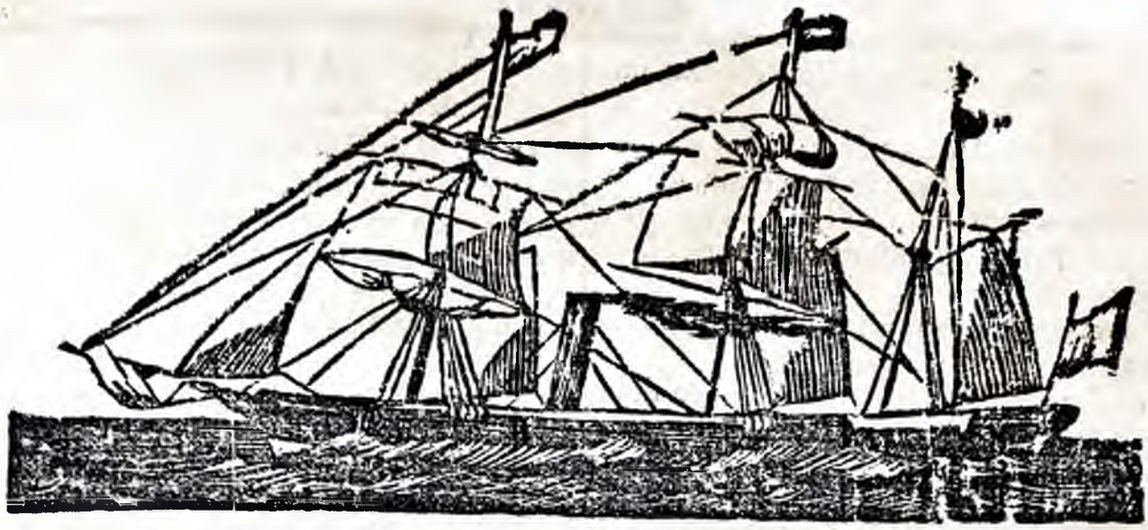
Fabiano Redrigues da Costa.

ANNUNCIOS.

Pede se ao Sr. M. A. de C. que restitua os objectos que levou da casa que não ignora, visto que o seu amavel pode comprar, pois que é abonado pela gaveta de seu amo. Advirta-se de que estamos despostos a publicar-lhe o nome e mazellas si não der acordo de si.

Joaquim Antonio da Silva Godinho o tenente Americo Constancio da Silva Godinho e D. Hermelina Adelaide da Conceição e Pinho, pae e filhos agradecem cordialmente a todas as pessoas de sua amizade, que tiveram a charidade de acompanhar, no dia 4 do corrente. ao ultimo jazigo os restos mortaes de sua querida e presada filha e irmã, Ideltrudes Joaquina da Invenção e Pinho, juntamente agradecem pelo comparecimento á missa do septimo dia, celebrada na matriz de Santo Antonio Alem do Carmo, e por esse acto não podem deixar de patentear seus humildes agradecimentos, com especialidade ao Illm. Sr. commendador José Lopes da Silva Lima, e sua Exma. familia, que se dignaram dar mais uma prova de sua amizade, pelo que lhe somos summamente agradecidos.

Bahia 9 de maio de 1868.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
Anno VI. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 37.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 14 DE MAIO DE 1868. N. 361.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santa Anna, requisitando-lhe a effectividade da postura municipal n. 58, em relação a umas mulheres que *sambam* toda noite na ladeira da Palma.

Portaria ao Sr. João Mello, convidando a vir á bordo deste navio.

—No sabbado quasi que é esmagado um homem nas Portas do Carmo.

—Como?

—Por uma carroça, cujo conductor, em vez de guiar o burro, ia de lado; o animal espantou-se não sei com que, e foi com a carroça de encontro ao passeio por onde ia o sugeito.

—Não sei quando se tomará uma medida preventiva contra este imminente perigo a que vive constantemente sujeito o publico.

—O Sr. Dr. chefe de policia, que tão boa vontade vae mostrando de corrigir certos abusos, tem se esquecido de uma cousa.

—Diga qual é.

—De ver se extermina essa praga de maltrapilhos pedinchões que infestam a cidade, a pretexto de devoção para este ou aquelle santo, quando tal especulação não passa de pura ganancia.

—Não se pode fazer tudo a um tempo: devagar se vae ao longe.

—E' certo, mais eu tenho muito medo das cousas destas terra que dão forte e duram pouco.

—Nesta terra não ha quem se importe com a saude e bem estar do povo!

—Estou por isso.

—Para prova basta olhar para a fonte dos Barris.

—Apoiado.

—V. sabe ao que é que se dá o nome de fonte dos Barris?

—Ora essas são algumas pipas enterradas ao rez do chão, ao redor das quaes uma turba immensa de mulheres lavam roupa, deixando escoar as aguas de sabão e varrela para dentro das mesmas pipas.

—Justamente.

—Não è so isso; o uso de se banharem ao pé das referidas pipas, dá logar a que a agoa que se entorna pelo corpo caia dentro das mesmas, indo toda essa misturada parar no buxo do povo, que compra agua em mão dos pretos de burros que a vão alli apanhar.

—Mas dá-se desmazelo maior?

—O que se ha de fazer? Cada um declina-se de si a responsabilidade destas coisas, e a besta de carga que é o povo, que soffra.

—A ladeira de S. Bento, uma das ruas

mais transitadas dosta cidade, é uma miseria!

—Como ella todas as mais.

—Alem de immensas buraqueiras, ha logares extensos em que não ha uma só pedra na calçada! Parece que foram arrancadas de proposito!

—E' por causa dos muitos carros que continuadamente transitam por alli.

—E eu digo que pelo deleixo de quem deve zelar pela commodidade publica.

—Todos ja conhecem Marcos Rabeca por seu genio rixoso.

—E' um perluvista dos diabos.

—E capadocio consumado. Entra por casa das mulheres para tirar-lhes o que acha desgarrado, e até os candieiros das escadas não lhe escapam.

—Mas V. que lembrou-se agora de Marcos Rabeca, é porque elle fez algumas das delle.

—E' verdade; porem desta vez a cousa sahiu-lhe cara.

—Quem com muitas pedras bole uma lhe bate a cabeça.

—Foi o que succedeu justamente.

Marcos Rabeca, não podendo alcançar de uma *mulher certos favores*, tratou de alcunhal-a com epithetos insultuosos; a mulher deu o troco ao pé da letra e Marcos sahiu com um relho para fustigal-a.

A sugeitinha, que é dessas da pá virada, largou-lhe tamanha tijollada pela chocolateira, que elle foi de focinho ao lamaçal que ha no canto da casa que serviu de directoria dos estudos ao Caminho Novo.

—Em parte é bem feito, para ver si se emenda.

—Eu creio que é tão difficil elle emendar-se como as gallinhas criarem dentes.

—Nesta casa não pode deixar de morar gente do la se avenha.

—São *mulheres do mundo*.

—Eu bem disse.

Está visto que gente direita não atira cascas em quem passa e depois ri-se como se fosse uma graça.

—Que perúas!

—Alem de offenderem, zombam!

—Tome o n.°

—Para que?

—Sempre é bom.

—Como custa pouco, tomarei; é 9.

—Semelhante especie de gente não devia morar em rua como a de *Palacio*.

—Com isso é que não concordo; cada um more onde quizer, com tanto que proceda bem.

Á PEDIDO.

O Sr. *Luci indo* ao *Antonio* passou pelo *Querino* e tomou em confiança um relogio em certa venda para mostrar a um caixeiro, que dizia elle, queria comprar, e sumiu-se, deixando desse dia em diante de passar pela rua Direita de Palacio, seu caminho habitual.

Decorrendo muitos dias mandou o dono do relogio procurar ao Sr. *Luci indo* a sua morada na Victoria, mas elle não deu solução e desculpou-se ao portador com subterfugios, dizendo que mandaria o dinheiro por um escravo do Sr. Mendes.

Indo segunda vez o portador procural-o, teve não só arrojo de negar que tivesse tomado o relogio, como até portou-se desabridamente ameaçando o portador!

O facto da entrega do relogio foi passado á vista de algumas pessoas; portanto fique certo o Sr. Luci que sinão vier ou mandar no praso de trez dias entregar o que não é seu e que tão dolosamente retem, será chamado a presença do Sr. delegado do 1.° districto.

AO ILLM. SR. DR. DIRECTOR DO LYCEU.

Pede-se uma medida preventiva, que ponha termo ao procedimento irregular e intoleravel de alguns alumnos daquelle estabelecimento.

Não se contentando elles com apupar as pessoas que alli passam, levam a audacia a maltratar corporalmente com pedradas aquelles que lhes cahem em desagrado.

Disso ia resultando ser victima um dia destes, na ladeira dà Palma, uma preta, a qual levou uma pedrada tamanha, que não morreu, pode se dizer, por milagre. E até o ordenança do proprio delegado de policia não escapou das unhas dessa legião de bravos, atiradores das armas de Santo Estevão.

Accresce que as familias da redondeza são privadas de chegar á janella pela alluvião de ditos licenciosos e dissolutos que atroam por alli. Chegam a levar a falta de consideração ao decoro publico ao ponto de irem para a porta das casas, onde por accaso se toca piano para acompanhar com vozerias e cantatas obscenas.

Tudo isso depõe contra o conceito que deve merecer uma casa de educação daquella ordem e da qual devem sahir moços que aspiram algum futuro na sociedade.

E' claro que semelhantes desmandos não são praticados pela corporação em geral, o que augmenta a necessidade de uma medida repressiva, afim de que o descredito que arrasta o procedimento dos maus, não venha a se reflectir sobre os de conducta morigerada.

E mesmo que é bom prevenir qualquer incidente desagradavel e até lamentavel, que uma hora por outra indubitavelmente terá de dar-se alli.

A moralidade publica.

—Capitão, recrutei mais este birbante para bordo.

—Pode limpar a mão a parede.

Traz V. um cascalho que nem para buxa de peça serve. Ja está maduro e cheio de achaques.

—Quem, este cara de melão caboclo? Como está V. Ex enganado!

E' manhoso como um jumento e astuto como uma raposa.

—Não parece.

—Quando V. Ex. souber do seu predicado especial, admira-se.

—Qual é?

—A seducção.

—Olá! pois este desusado ainda cuida nisso?

—E' seductor, depravado e cynico.

—E' muito!

—Seductor, porque tem o torpe gosto de desenquietar moças honestas, atiral-as na prostituição e abandonal-as.

Depravado, porque sendo casado, na visinhança de sua familia é que com o maior escandalo practica dessas torpezas.

Cynico, porque depois que consegue seus damnados fins, é o proprio que poem pela rua d'amargura a victima de sua libidinagem.

—Que pedaço de tratante!

—Não ha muito que foi morar perto desta harpya do pudor uma *reclusa* de certa casa de *indulgencia*.

O monstro illudiu-a com promessas e conseguiu esmigalhar-lhe a coroa virginal.

Passados tres meses, abandonou-a, na maior miseria, e agora como a infeliz queixa-se amargamente contra essa fera, tem elle o impudor de querer denuncial-a ao chefe ou *provedor* do estabelecimento, afim de tirar-lhe a pensão de 8$ rs. que dão-lhe para subsistir-se.

—Aonde achou V. tão degenerada creatura?

—Na *empreza dos esguichos*.

—Sem duvida *é la empregado*?

—Creio.

—Malvado!

—E tambem é hypocrita, porque dizem-me que finge se muito de voto de Santo *André*.

—Muxingueiro mette a gargalheira no pescoço deste abutre e dependura-o no mastro grande até segunda ordem.

PROVIDENCIAS! PROVIDENCIAS!

Em nome da humanidade pede-se ao Exm. presidente da provincia, que condoa-se das infelizes familias dos guardas de policia em diligencia fora da capital, as quaes vivem na maior consternação e miseria, por falta de pagamento dos respectivos soldos.

S. Ex. deve attender, que quem se presta a tão penosos serviços tem direito a ser pontualmente pago para poder manter-se e a sua familia, visto que sacco vasio não se pode ter em pé.

Ajuize S. Ex. que dôr não é para um pae ver seus filhos chorar com fome sem poder lhes mitigar o pranto.

Espera-se de S. Ex. um lenitivo a tão desesperado estado de cousas.

Uma victima.

Pergunta-se ao cuspo cuspo se está sciente da postura n.º 87.

Pergunta-se ao subdelegado dos Mares a rasão que o tem levado a não nomear inspectores; pois o seu districto está com falta de alguns que ausentaram-se e outros que não querem servir com S. S.

—Capitão, não tem ouvido de quando em vez rosnar-se a demissão do actual delegado do 1º. districto?

—Tenho; mas creio que isso não passa de noticia da meia noite.

—E' uma ficção que não passa da vontade de alguns desafectos de S S., os quaes se aprasem em propalar semelhante boato, com que fim não sei.

—Ora! com o fim de desconceitual-o, é claro.

—Mas perdem seu tempo; e a prova está no seguinte officio publicado no *Diario*:

«*Secretaria da policia da Bahia, 1.º de maio de 1868.*

«Illm. Sr.—Tendo eu hoje interrompido o exercicio do meu cargo, para entrar no goso de uma licença, venho com satisfação dar-lhe testemunho da intelligencia, zelo e lealdade com que V. S. tem até hoje procedido no desempenho de suas attribuições policiaes, prestando valiosos serviços a causa publica e a mim especialmente importante coadjuvação.

Pelo que tambem não posso deixar de tributar a V. S. merecido louvor e de protestar-lhe os meus agradecimentos.

Concluo, entretanto, expressando os meus sentimentos de benevolencia, estima e apreço á pessoa de V. S., a quem Deus guarde.—Illm. Sr. José Alvares do Amaral, delegado do 1.º districto da capital.—O chefe de policia *Franklim A. M. Doria*.»

—Bem, o Sr. delegado que se dê por satisfeito por semelhante prova de apreço que lhe dá o chefe de policia.

ENIGMA.

Qual dos dois o mais bandalho?...
Qual dos dois o mais estupido?...
Qual dos dois o mais larapio?...
Qual dos dois o mais esperto?...
Qual dos dois seria enganado?...

O Ze-to-junto do cano.

Lecções de *roleta-geometrica*. Todas as noites. Dá o professor *Xico Canonisado* ao largo de Santo *Paduano*, onde habitavam os *mouros*, defronte do *Titibitatis*.

VARIEDADES.

Um vigario de certa freguezia gozava da fama de generoso amphitrião, e nas visinhanças todos ambicionavam ser convidados para os seus jantares.

Um lavrador dos sitios tinha uma gallinha ja velha, e lembrou-se de offerecel-a ao bom do parocho, para ver si assim era convidado à um dos seus opiparos banquetes.

Effectivamente o bom do sacerdote, penhorado com a lembrança do seu parochiano, convidou-o para jantar.

O lavrador não se tornou rogado, e apresentou-se desta forma:

—Sou, disse elle para dar se a conhecer, quem lhe trouxe ha dias a gallinha. Era boa?

—Excellente, respondeu o padre. Chegou em boa occasião, vámos para a mesa.

Oito dias depois apresentou-se outro iedividuo em casa do sacerdote, dizendo;

—Sou visinho da pessoa que o presenteou com uma gallinha.

—Muito bem, respondeu o sacerdote, alegrou-me de o conhecer. Vamos tomar alguma cousa?

No dia seguinte tornaram a bater-lhe na porta; era outro amigo de comer á barba longa.

O parocho perguntou-lhe o que queria.

—Dizer a vossa reverendissima que sou visinho do visinho d'aquelle sujeito que fez-lhe o presente da gailjinha.

—Seja muito bem vindo replicou o padre. Quer tomar alguma cousa, amigo?

O homem não fez ceremonia, e assentou-se á mesa, para cima da qual veio uma grande tigella de *soupa de agoa quente*.

Facilmente far-se-ha idea com que cara não ficaria o esperto convidado.

—Meu amigo, disse-lhe o padre, talvez ache insipida e de pouca substancia a minha sôpa; porem não se admire, porque é feita com o *caldo do caldo* da gallinha que o visinho do seu visinho me trouxe ha dias.

Um mestre de esgrima annunciou que por uma libra ensinava a dar uma estocada infallivel, mesmo aos que nada soubessem da arte.

Um incauto cahiu no laço.

Como é então a estocada?

—Nada mais facil. Põe-se o Sr. em guarda; cruza a espada com a do seu adversario, e grita immediatamente: ahi vem a policia; o seu inimigo volta-se; e o Sr. atravessa-o de lado a lado.

—E os padrinhos?

—Esses são os primeiros a fugir.

Um estudante tinha por costume estar muito distrahido na aula. Um dia o professor quiz reprehendel-o, e perguntou-lhe:

—O que é physica?

—O que é physica? Disse o estudante muito attonito.

—Sim, o que é a physica?

—O senhor é que o ha do dizer; que eu não venho aqui para o ensinar, venho para aprender.

ANNUNCIOS.

O ADVOGADO

JOÃO LADISLAU JAPI-ASSU DE FIGUEIREDO E MELLO

Incumbe-se de quaesquer questões judiciaes ou administrativas, perante os auditorios da côrte, onde é encontrado no seu escriptorio á rua da Candelaria n.º 23, todos os dias uteis, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde, e fora d'essas horas em sua residencia, rua da Princeza do Cattête n.º 39 G.

Pede-se ao Sr. M. A. de C., que restitua os objectos que levou da casa que não ignora, visto que o seu amavel pode comprar, pois que é abonado pela gaveta de seu amo. Advirta-se de que estamos dispostos a publicar-lhe o nome emazellas si não der accordo de si.

AO PUBLICO.

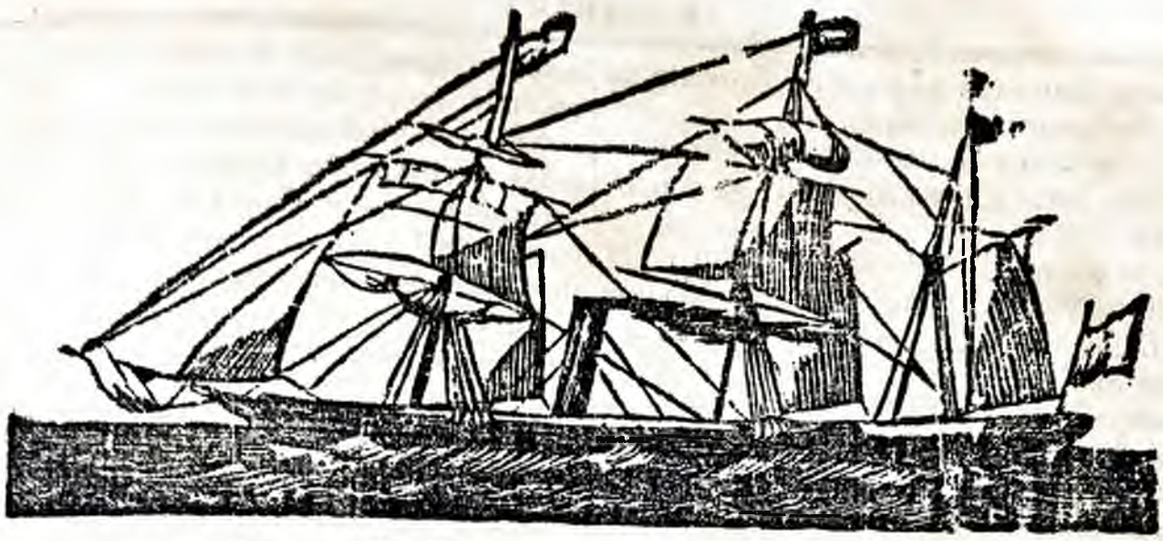
O Garibaldi declara as pessoas que lhe quizerem honrar, que se acha installado á Baixa do Bomfim, com bons petiscos, café, doce e tudo quanto diz respeito á regalos de barriga.

Cheguem portanto, rapazes.

A pessoa que tiver a collecção completa, ou mesmo com alteração da *Marmota*, periodico que se publicou nesta cidade e queira vender, procure nesta typographia que se lhe dira a pessoa que compra.

Precisa-se de uma ama, para serviço de casa de uma familia na rua direita de Santo Antonio alem do Carmo casa n.º 35.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
Anno VI. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 37.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 16 DE MAIO DE 1868. N. 362.

O ALABAMA.

Este numero é o segundo da serie 37ª do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, observando-lhe, que havendo queixas de que em todas as noites, vesperas de domingos e dias santos, costuma a se reunir uma sucia de marrecos no logar denominado Bom gosto, cujo fim é sempre lundú com grandes vozerias; e sendo um tal divertimento importuno e escandaloso e de grave prejuizo para a visinhança, que com taes batuques não pode dormir, cumpre que S. S. sirva-se de chamar o respectivo inspector e lhe ordene o cumprimento de seus deveres; o que espera-se da boa vontade e zelo com que S. S. se mostra sempre a bem do serviço publico.

—Ao mesmo, partecipando-lhe que na casa n. 37 á rua do Julião, ha uma jogatina noite e dia, que muito incommoda aos visinhos pelas vozerias que reina e desordens que presidem sempre a esse divertimento.

—Aberrações do progresso!

—O que é isso? são ratos caçando gatos?

—Melhor ainda.

—Que portento é esse então?

—Os presos de Latronopolis ja servem para fazer chegar ao rego a tropa insubordinada.

—Esta na verdade é singularissima.

—E digno da exotica e admirabilissima cabeça que lembrou-se de tal.

—Mas isso é serio?

—Ora dá-se! Então não lhe fallaram n'uma bacafusada que houve na *reclusão da penitencia?*

—Não.

—Foi o caso que um soldado respingou-se com o commandante do *abarracamento*, mas este vendo nisso uma conspiração contra sua pessoa, correu suando por todos os poros, a ponto de *ensopar* as calças, a pedir soccorro ao governador da *reclusão*, o qual com arreganho de *guerreiro* veio dizer a tropa que tinha uns 50 *reclusos* para fazel-a conter, si accaso não se aquietasse. E deu logo ordem para o apresto da campanha.

—Que cabeça!

—Foi uma pichotada como outra qualquer, tão commum naquelle cerebro escaldado!

—O peior foi elle não pôr em effeito sua extravagante ideia.

—Olé, que na cidade de Latronopolis dão-se cousas....

—Continua o Senhor do Bomfim a servir de pretexto a ganancia de dous ou tres espertalhões.

—Como assim?

—E' que abusam do nome do Senhor para

explorar a charidade do povo em proveito da ociosidade desses malandros.

—Mas eu tenho o thesoureiro do Bomfim por homem serio e que não pactua com bandalheiras.

—V. se refere ao Senhor do Bomfim venerado em Itapagipe, quando eu fallo do que está no Collegio, que nem por isso deixa de ser o mesmo Senhor.

—Comprehendo agora.

—Tolera-se que dois ou tres sabidorios mandem o *enxota-cães* por essas ruas com uma capa esfarrafada, a illudir o povo, extorquindo-lhe esmollas a titulo de servirem para a celebração do culto e que vão á tarde dividir o fructo de suas tranquibernias nos corredores da cathedral!

—E' um meio de vida suave.

—Entretanto quem deve estar alerta contra estes escandalos, deixa-os passar paulatinamente, concorrendo assim para a decadencia da religião!

—Capitão, um adonis, que anda diariamente a encher as nossas ruas de pernas, enfeitado como um boneco, escreveu a uma moça a seguinte carta modelo:

«Illm. Sra.—8 de maio de 1868.—AMavel Sra. muito heide estimar que esta vai lhe emcontrar gozando perfeita saude he este todo Meu Desejo &.

«Fasço lhe esta fazendo uma visita e Mesmo saber da Sra. quando darme çerteza de contar com a cua mão: Segundo prometteu estou Certo que A Sra. Não me Deixe os Meus gosto Não Cer Comprido Pois he o gosto dos gosto Major que posço ter porque A Sra. he de muta feição.

«Lhe tenho Amor, Vida dos meus pensamento.

«Pois espero OCorrer tudo comforme Desejo.

«No mais Aqui me achará de meu ordinario prestimo para tudo o que for de seus servisços por Çer com toda A istima Amisade, & &.»

. . . . . .

—E' impossivel que uma bella recebendo uma carta destas, não complete a ventura do grande bruto que a escreveu.

OS QUATRO ELEMENTOS.

De uns livros velhos achados nas escavações da Palestina, descobriu-se que quando Deus formou esta grande panella chamada mundo, botou-lhe dentro quatro caroços ou sementes tiradas do seu quintal; delles sahiram quatro cousas com os nomes, uma de *terra*, outra de *fogo*, outra de *mar*, e outra de *vento*.

Seria muito extenso descrever as qualidades de todos quatro neste numero, e por isso descreveremos cada uma de per si, principiando por agora com o vento, que apezar de estar em ultimo logar deve ser o primeiro por ser o mais forte; e por conseguinte saberão perfeitamente o que é o vento, seus effeitos e qualidades.

O vento propriamente dito é uma assopradella que vem do ceu para refrescar o mundo; o vento em si tem força, mas não tem côr, tem corpo, mas não tem figura, é elastico no ultimo ponto; elle umas vezes é quente, outras frio; as vezes puro, e outras fedorento. O vento mais usual é o mais forte que serve á navegação e aos moinhos, e este tem muitos nomes, por exemplo: nordeste, sueste, terral, vento de baixo, etc, etc Ha tambem, alem destes, um vento mais fino e suave a que chamam ar, e este é preciso, porque não podemos viver sem elle, e até os corpos inanimados se corrompem se não são visitados por elle. Ha outro que é chamado bafo, e este sendo procedido de bom logar, bem como de boca de moça bonita, cheira a rosas, e é substancial, e por isso o papa Ganganelli em seus escriptos disse—o suspiro é bafo do coração amante—; porém este mesmo bafo, sendo procedido de certos logares, bem como de vestido de mulher gorda, de borel de frade, botas de sertanejo, etc. etc., fede a azedo, e é assaz pestilento.

Temos tambem o sopro que vem a ser o vento encanado ou amoldado a algum vão ou cavidade, bem como se observa no vento ou sopro que é espremido em diversos instrumentos de musica; e esta qualidade de vento produz muitas variedades agradaveis aos ouvidos; por exemplo: quando ouvimos o melancolico e tocante echo da corneta que ao longe, no campo da batalha, teca alvorada; a energica e argentiua voz do clarim que acompanha o tropel da cavallaria; o anarigado e fanhoso som da trompa; a rouca berraria do trombone; o indefluxado cantico do fagote; a miada vozeria do orgão nas cantilenas conventuaes; a doce e poetica melodia da flauta; o cristalino e limpido floreio da clarineta; o espevitado guinxo do flautim, etc. etc.; vencendo a todos o nobre, e harmonioso gorgeio do piston.

E que tal, meus senhores!!! o artigo é sobre o vento, e eu metti-me sem querer na musica; o que me vale é estar de pazes feitas com o Aragão, e o Caxangá ser meu amigo, que se não estava eu ja condemnado, e pagava a mulcta do *dó ré mi*.

Porem voltemos ao assumpto com vento á pôpa para fazermos boa viagem.

O vento è uma das maravilhas de Deus em

que nos convencemos de que elle é capaz de dar poder a mais insignificante cousa, e para prova temos visto que o vento arranca pelas raizes arvores antiquissimas, que o braço do homem não as poderia nem mover; o vento com uma bofetada atira uma nau de alto bordo ao fundo do mar; e o vento forma montanhas de areia que apezar de ser pezada elle a sopra e conduz com toda facilidade; o vento conduz sementes de longa distancia, e assim promove a transplantação; o vento finalmente é o vapor dado pela natureza para com elle os passaros voltearem e fazerem lindas corridas nas alturas.

E tornando ás qualidades de vento, faltou-nos descrever duas, a saber: uma chamada ventania, que é um fresco forte e frio roncador e assaz desagradavel; e a esta é que os poetas chamam briza, a qual costuma tambem apparecer nas barrigas das mulheres velhas quando fazem uso de certas comidas; bem como batatas, feijão, abobra, repolho, etc., etc., porque diz o povo e é certo, que taes comidas são ventosas e desatam o vento sul nos paizes baixos.

Ha tambem a ventosidade que nos seus effeitos é um tanto semelhante, porem não tão forte; porque apparece assobiando, e outras vezes com uma fraca voz de rabecão desafinado, e outras occasiões só se ouve um som que faz—*Pum*—.

Esta qualidade de vento é formada nos estomagos das moças dançarinas e romanticas, que comem bollos de ovos nos bailes e funcções fora de horas; e para tal evitar esse incommodo assaz desagradavel ultimamente as senhoras em Paris usaram das rolhas de cortiça. O certo é que até neste ponto somos protegidos da sorte, que sendo os ventos da Europa, principalmente os da Inglaterra, assaz furiosos e pestilentos, os nossos ventos de cá do Brazil são todos mansos e pouco duradores.

Em geral o vento ou o ar é que dá vida e sanidade a tudo; entretanto que muitas vezes tambem o mesmo ar encalhado em algum logar interno do corpo produz colicas e dores terriveis; mas que se curam facilmente bebendo um calix de licor de erva-doce, ou um vintem de aguardente concertada, que é mais barata.

O ar se torna muito preciso quando dormimos, e por isso bom é ter-se a cama em quarto ou sala espaçosa, porque a respiração durante as horas do somno consome muito ar e este deve ser puro, e não o mesmo já respirado. As casas da nossa terra pela maior parte são faltas de ar, porque em geral tem janellas pequenas, e não tem os chamados pateos internos, que são uteis á visitação do ar. Já que temos fallado tanto em vento ou ar, é mister agora que saibam os leitores qual de todos os ventos é o melhor.

O mais salutar e agradavel é um vento macio, fraco e brando que apparece nas tardes de verão nos nossos campos; este regalo chamam vulgarmente *fresquinho*, os poetas lhe chamam zephiro ou favonio: e seja qual for o nome, elle é delicioso; principalmente quando o gozamos debaixo de uma mangueira ou jaqueira, deitando a cabeça ao collo de uma joven sympathica, que acompanha com os cafunés dados pelos seus dedinhos, as ternas e melodiosas palavras de meu bem, ou te quero, etc., etc.

E paro já aqui, que esta ultima reflexão mordeu-me a orelha do coração, e como sou rapaz muito derretido por moças, não quero irritações de affectos, e portanto finaliso a reflexão do meu vento, isto é, do artigo que fiz sobre o vento.

LA VAE VERSO.

MISERIAS DO SOLDADO EM CAMPANHA.

Nas trevas do viver eu me desterro.
Esfolhadas crenças—bem unido
Ao cadaver das minhas esperanças,
O coração em lagrimas transido.
(BARROS JUNIOR.)

Da patria longe, nos vae-vens da guerra,
Comtemplo scenas, que me causam dó!
De tanto bravo, que o Brasil nem sabe,
Vae-se a memoria revolver no pó!

Pobre o soldado, que julgou ser livre,
Livre vingando do estrangeiro o insulto;
Si escravo infame não se curva a tudo,
Commette um crime que não tem indulto.

Escravo sempre na cruenta lida,
Por mais que faça, não merece—é pouco!
Quando enfeitado de commenda ao peito
Vê-se um covarde, um desgraçado, um louco!

Si acaso o rufo do tambor concita
Ao fogo, ás armas, destemidos bravos,
Agora sim!—é no correr do sangue,
Que a patria exige de quem trata escravos.

Combatem, luctam, dando a propria vida
P'ra patria darem o triumpho, a gloria!
Quem diz que o bravo mereceu na lida?
Quem diz que o bravo conseguiu victoria?

A' forma voltam, ao trabalho insano,
Que aos chefes cabe decantar acções:
E em breve vôa nos annaes da fama,
A fama excelsa dos *heroes-mandões*.

Não vê, talvez, que da bombarda imiga,
Nem nos ouvidos lhes morresse a voz!
No pó sepultam tanto nome egregio,
Só elles foram no combate heroes!

E n'esse dia, que de festa chamam,
Que è só de festa p'ra quem tem galões;

Nos leitos gemem retorcendo em dores,
Victimas tantas de infernaes canhões!

No campo, exangue, mutilado, morto,
Tanto soldado, que morreu vencendo!
E quanto pranto n'esse instante horrendo
Pais, mães, viuvas não estão vertendo!

E a patria, á patria, por quem só morreram,
Nem manda as almas sufragar ao menos!
São actos esses que convem aos grandes,
Nunca aos soldados—porque são pequenos.

Foram p'ra ella a salvação, o arrimo
No opprobrio infame d'infamante imigo,
Hoje as familias que a miseria opprime,
D'ella não acham salvação no p'rigo!

Longe da patria, nos vae-vens da guerra,
Lastimo scenas que me causam dó!
A liberdade vejo em luta, em trevas!
O despotismo dominando só!

A. M. L.

OS PECCADOS MORTAES

São *soberba* os homens todos,
São *soberba* presumida;
Na *soberba* querem todos
Acabar a propria vida,

A *avareza* tem perdido
Aos homens sem excepção;
Porque os homens na, *avareza*
Firmam sua condição.

A *luxuria* vive nelles
Com maior força influente;
E' por isso que a *luxuria*
Será nelles permanente!

A *ira* tambem impera
Nelles com todo o poder;
E' o homem a propria *ira*,
Será ella até morrer!

Nem o peccado da *gula*
Pode ao homem escapar;
A *gula* faz muitas vezes
A cabeça variar.

E' *inveja* o seu emblema
E *inveja* refinada,
A *inveja* perde a todos,
Por ella, elles são—nada.

A *preguiça* finalmente
Faz nelles todo furor;
O homem todo é *pregniça*
Tendo a ella grande amor!

Á PEDIDO.

Leva-se ao conhecimento do *maior* do corpo de *permanentes*, o proceder irregular de um cabo desse corpo, empregado no *trem do mar*.

Esse cabo anda pelas ruas desta cidade propalando boatos falsos contra S. S., só pelo simples facto de S. S. o ter prohibido andar de blusa pela cidade baixa.

O tenente innocente.

ATTENÇAO,

Hontem (11 de maio) foi apresentado a assembléa provincial, um requerimento por D. Genoveva Madeira Shaw, em que pede um privilegio de 20 annos para fabricar rapé, mediante o imposto de 320 rs. por libra, sem que augmente o preço de 1$ rs. ora estabelecido, e convergindo mediante o dito imposto ao thesouro provincial para muito mais de 60:000$ rs., livrando assim o povo bahiano pagar mais algum outro imposto directo.

ANNUNCIOS.

O ADVOGADO

JOÃO LADISLAU JAPI-ASSU DE FIGUEIREDO E MELLO

Incumbe-se de quaesquer questões judiciaes ou administrativas, perante os auditorios da côrte, onde é encontrado no seu escriptorio á rua da Candelaria n.º 23, todos os dias uteis, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde, e fora d'essas horas em sua residencia, rua da Princeza do Cattête n.º 39 G.

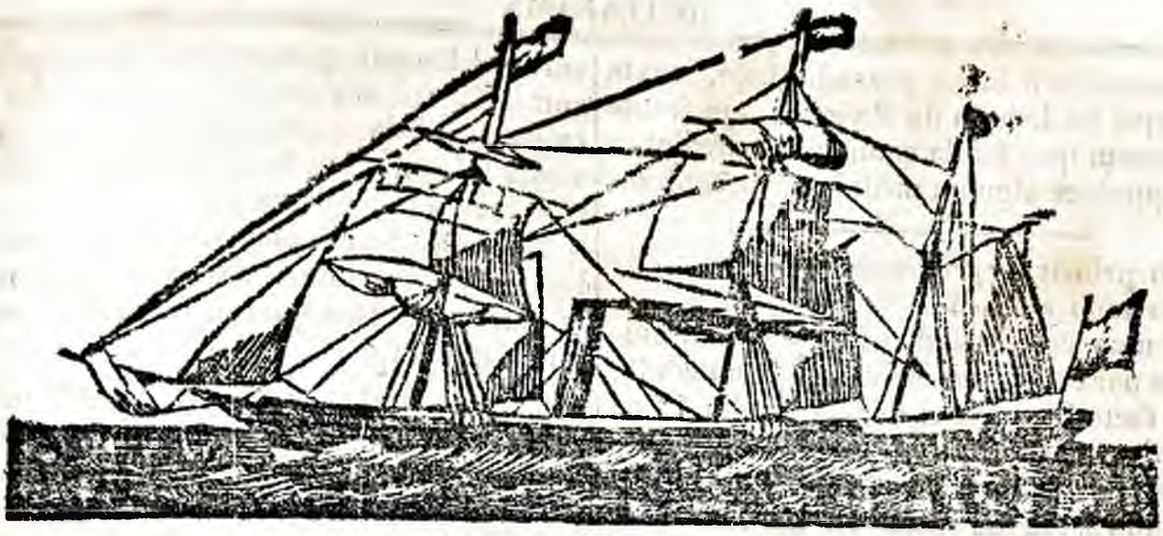
Manuel Borges Cantos, D. Maria da Gloria Borges Camara e filhos, agradecem á todas as pessoas que dignaram-se accompanhar ao cemiterio o cadaver do seu querido neto, filho e irmão; e rogam ao mesmo tempo o charidoso obsequio de assistirem a missa do septimo dia, aos 19 do corrente, no convento dos religiosos Franciscanos: pelo que desde ja se confessam eternamente gratos.

AO PUBLICO.

O Garibaldi declara as pessoas que lhe quizerem honrar, que se acha installado á Baixa do Bomfim, com bons petiscos, café, doce e tudo quanto diz respeito á regalos de barriga,

Cheguem portanto, rapazes.

A pessoa que tiver a collecção completa, ou mesmo com alteração da *Marmota*, periodico que se publicou nesta cidade e queira vender, procure nesta typographia quo se lhe dira a pessoa que compra.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. — Serie 37.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 18 DE MAIO DE 1868. — N. 363.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de maio de 1868.

Officio ao Illm. e Exm. Sr. presidente da provincia.—Não obstante já ter-se officiado em data de 8 de maio ao Sr. Dr. inspector da saude publica, e no mesmo sentido á camara municipal, todavia não tendo havido providencia alguma, chama-se a attenção de S. Ex. para providenciar a respeito das febres intermittentes que estão grassando na povoação da Barra, provenientes do pantano que ha entre as propriedades dos Srs. Gavazza e Magalhães.

Espera-se de S. Ex. promptas medidas, á bem da humanidade afflicta.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que hontem, domingo, Henriqueta de tal, moradora na casa 173, á Boa Vista, freguezia de Brotas, espancou descommunalmente á cacete uma creança que tem em sua companhia, por lhe haver esta subtrahido uma banana!

Tão brutal procedimento exige severo correctivo; portanto, leva-se o facto ao conhecimento de S. S. como o competente para providenciar em casos taes.

—Ao mesmo, requisitando-lhe, á bem da ordem, a presença de quatro a seis policiaes diariamente no largo da Palma e immediações, nas horas em que trabalhar o lyceu, afim de fazer respeitar a ordem publica e accommodar qualquer desaguisado.

E' escusado recommendar a S. S. que semelhantes praças devem ser escolhidas das mais prudentes e moderadas, no intuito de evitar qualquer conflicto, que possa dar-se entre as mesmas e os alumnos daquella casa.

—E' cousa que meu boi não puxa: depois de maltratado, a escapatoria de—*perdôe, que não foi por querer.*

—Ahi tambem vou eu.

—O costume, que ha nesta terra de não se prevenir os abusos, para ao depois ter-se de punir os delictos, é que dá origem á estas cousas.

—Na verdade, si aquelle homem não é tão attencioso, teriamos de lamentar um caso triste.

—E com razão; quem leva uma mangoalada daquellas pelo rosto, não pode ficar de bom humor.

—Era um beneficio que o Sr. Dr. chefe de policia fazia, prohibindo que os carroceiros usassem de chicote com mais de tres palmos de comprimento. Creio que é sufficiente para açoitar os animaes.

—De sobra; e evitava de andarem elles pelas ruas a estalar os mangoaes, por divertimento, batendo nas faces de quem vae passando, como acaba de acontecer.

—Pois faça uma cousa: aproveite agora que o homem anda de bom humor, dirija-se a

elle e narre-lhe o facto passado hoje, sexta feira, aqui na ladeira da Preguiça, em frente ao armazem que foi da companhia predial, a ver se apparece alguma medida neste sentido.

—Um primor do *progresso*.

—Sou todo attenção.

—E' uma correspondencia do Rio Grande do Norte para o *Correio Mercantil* quem conta:

«Um facto lamentavel deu-se no dia 17 no palacio da presidencia.

«Ouviam-se gritos de soccorro que sahiam da sala que serve de secretaria militar.

«O povo agglomerou-se nas portas, de mistura com os empregados da secretaria que fugiam espantados.

«Era um infeliz recruta, que estava sendo esbofeteado pelo ajudante de ordens do presidente da provincia.

—Como se praticam dessas scenas em um paiz de liberdade!

—«Ali estava tambem o Dr. Amaro, que com toda a sua potestade procurou tranquilizar o Dr. Gustavo que, pallido e convulso, começava a ter medo do povo, que se reunia para presenciar aquella scena de horror.»

OS QUATRO ELEMENTOS.

(Continuação.)

MAIS DUAS PALAVRAS QUE IAM ESCAPANDO SOBRE O VENTO.

Iam esquecendo tres qualidades de ventos muito importantes, e dignas de serem contempladas; uma dellas é o que se chama redemoinho, isto é, uma carambola que os ventos fazem entre si, de sorte que andam de roda em ar de contra-dança, e nesta corrida si elles trabalham sobre o mar inscrespam as aguas; e si fazem o redemoinho em terra atiram a poeira das ruas de um lado para outro, levantam os vestidos das mulheres e descobrem-lhe as pernas, de sorte que é muito perigoso moça de pernas, finas sahir á rua a pè em dias de ventos fortes.

Temos tambem o espirro, que é um vento estrondoso; os medicos dizem que o espirro é o ar que está preso nos pulmões; mas eu não sou dessa opinião, porque considero o espirro um desabafo, e por isso lhe chamo—traque peitoral.

Ha tambem o arroto que vento é, ou ar choco, que resulta das fermentações que as comidas formam dentro do estomago; os arrôtos ordinariamente tem mau cheiro, e por isso entre os inglezes é uma grande offensa soltar um arrôto entre gente civilisada, e consta que a rainha de Inglaterra na noite de 7 de março p. p. déra um formidavel tapa-olho em lord Russel, porque estando a tomar chá com ella soltara um arrôto, que fedia a bacalhau ardido e cerveja, e o certo é que si assim foi, ella teve toda razão, porque um arrôto mau é insupportavel.

Madame Stael chamava os arrôtos—ventosidades superiores. Os arrôtos de mulher velha, e de sertanejo são os mais insupportaveis que ha.

Temos tambem a refega, termo usado e bem conhecido entre os navegantes, e é a refega a columna de vento que vem com força de longe levantando o mar, e por isso os praticos logo conhecem e previnem o perigo mandando ferrar pannos, e dando outras providencias, bem como quando estamos no meio de uma multidão de gente em um salão, e vem certas refegas que é preciso immediatamente tapar o nariz para se não morrer afogado.

O FOGO.

O fogo por si só não é mais do que uma semente de electricidade, que Deus deixou cahir cá para o mundo no tempo de Adão e Eva; a mulher, que era aproveitadeira de tudo quanto achava, pegou na faisca, sentiu muito quente, largou no chão, lambeu os dedos, e tratou de metter dentro de isca para guardar, e d'ahi então todos os dias tirava fogo para fazer os mingaus com que engambelava o simplorio marido: foi depois crescendo a geração daquelle casal, e todos os habitantes da terra, iam á porta da cabana de Eva pedir fogo de manhan cedo. E eis-aqui como se creou este fogo de que ainda presentemente usamos, e nos é tão util. Mas é de advertir que ha varias qualidades de fogo, a saber: fogo de cosinha, fogo de artificios ou de noite de S. João, o qual é composto de traques, bufas e rodinhas; fogo militar, de tres qualidades, a saber: fogo de guerra, fogo de alegria e fogo de funeral; ha fogo das casas que se queimam e se chama fogo de incendio laborado, ha fogo de fornalha que se chama fogareu, e ha fogo de fogueira que se chama fogagem; e alem destes ha o fogo espiritual, escandescencia amorosa, terrivel, que apparece nas mulheres; este ultimo é diabolico quando ataca ás mulheres de genio forte e só se cura com unturas de junco; sendo em mulher velha, com clystores de agua fria repetidas vezes, até desapparecer a irritação fogosa. Tambem se entende por fogo o brilho e reverbero tocante de alguns olhos matadores que vemos. O certo é que o fogo usual que guardamos em nossas casas é de immenso proveito.

O fogo é a alma e alegria da noite, por

que sem luz andariamos ás escuras quebrando os narizes uns dos outros.

Com o fogo, se fazem excellentes guisados, e cosinha-se o pão, e se fabricam delicados bolinhollos nas confeitarias.

Com o fogo, se aquenta a agua para tomarem o banho á noite os casados, gozando o consolo da agua quentinha com que se dispõe para cantarem o dueto do *Elixir de Amor*.

Com o fogo, abrevia o lavrador o trabalho, queimando o mato para limpar o terreno e poder plantar.

Com o fogo, destila-se a aguardente e outros licores que regalam os bebados.

Com o fogo, se fazem presentemente viagens certas e abreviadas no vapor.

Com o fogo, ou com as luzes que filhas são do fogo, se illumina um salão para se poder gozar o requebrado e dengoso dançar das moças nos bailes, e que fogo criam ellas!!!

Com o fogo, ou com a lampada ecclesiastica se mantém a veneração á imagem de Christo collocada sobre o altar.

Com o fogo, gozam os amadores as fumaças do charuto, ou do caximbo.

Com o fogo, ou luz collocada nos faróes, se evitam os perigos da navegação á noite, salvo quando os administradores bebem o azeite que a nação dá.

Com o fogo, se derretem e se apuram os metaes e com elles se fazem bellas obras uteis aos usos da vida.

Com o fogo applicado á chimica, se conseguem milhares de maravilhas; com elle se mudam as cores na pintura, se purificam os corpos, se concentram, se separam, se misturam, etc., etc.

(*Continúa*)

—O Sr. duque de Saxe em transito para a côrte esteve hontem nesta cidade.

—E' verdade; e sua visita foi a origem de uma desgraça.

—Misericordia! Eu sempre julguei que as visitas dos principes deixassem algum beneficios ou ao menos fossem prenuncio de felicidade para os povos.

—Pode ser assim; mas o que é real é que o cabo Gomes está á morrer.

—Coitado! o que lhe aconteceu?

— O principe sahiu a passeio de paletot e chapeu de palha; o presidente, já sabe, querendo se mostrar, mandou acompanhal-o de um apparato militar, improprio de quem anda incognito; com a pressa com que se deram as ordens, mandaram ao cabo Gomes montar em um cavallo bravissimo, o qual chegando ao corredor da Victoria atirou o pobre cavallariano ao chão de tal forma que foi carregado para o hospital, sem falla e em perigo de vida, si já não falleceu.

—A culpa tem quem consentiu o cabo montar em um cavallo, que ainda não estava domado.

—Seja como for, diz o a dagio que—coitado, coitado, quem tem a dor é que geme.

—Consta-nos que enforcara-se um escravo da Sra. Raymunda Porcina de Jesus, moradora ao Desterro, que tocava baixo na musica de barbeiros, conhecida pela da *Chapadista*.

—Sabe o que deu logar a esse infeliz praticar semelhante acto?

—Ignoro. Lá esteve o subdelegado, dizem, e que se fez corpo de delicto.

—A's vezes, o rigor de certos senhores faz com que os escravos lancem mão deste meio, como *alliviatorio*.

Á PEDIDO.

—Capitão, não podia ser melhor *a encommenda* que, no penultimo numero de seu periodico; mandou *pespegar* o *delgado Alarma*.

—Quem contou-lhe isso?

—Assim que li a *bambochata* adivinhei tudo. Ja no *Diario* elle mandou impingir a mesma pilula, fazendo passal-a por expediente, quando não passou de uma carta graciosa e officiosa para contentar *alguem*; tanto assim que houve quem fosse reprehendido por esse trocadilho innocentemente commettido.

—O que me admira è como ha quem creia ainda no tal *delgado* venenoso.

—São coisas: quando o Azambuja souber de certos bocadinhos, o negocio mudará de figura.

Por ora é quanto basta.

—Estás filado, *meio-pata* devasso; a tua cata andava eu.

—A minha, Sr?

—Sim, pervertido.

—Pois um homem que exerce a

«Caridade sem limites,

«A sciencia sem recompensa

tambem é preso para bordo!

—Diz antes

«A hypocrisia sem limites,

«A protervia sem repressão.

—Que injustiça!

»Assim como n'uma particula da hostia consagrada está a salvação, assim tambem n'uma gotta d'agoa dada por mim está a saude.

—A comparação é mal feita; deve ser assim—

«Si n'uma particula de veneno infiltrada pelos dentes do reptil, está a corrupção do corpo, n'uma dóse infinitesimal do teu contacto immoral está a perdição e a deshonra!

—Valha-me Deus!

—Não profanes o nome do Senhor em teus pollutos labios, infame!

Sabes o que é Deus, nem Santa Maria?

—Sei e creio.

—Si acreditasses que ha um Deus, que premeia os bons e castiga os maus, não acabarias agora mesmo de sacrificar a menor Eliza a tua voraz concupiscencia, comprando-lhe infamemente a honra por 40$ rs. a uma vil mercenaria.

—Jesus!

—Não finjas-te horrorisar, reprobo!

Foi essa degenerada Anastacia, quem levou pela mão a innocente victima ao patibulo da prostituição e tu foste o carrasco maldicto da execução infernal.

Mas essa despresivel creatura, que espere pela paga de sua obra nefanda; quando menos pensar, tu lhe farás a caridade a filha e o *Toucinho* que anda com intenções de casar-se, ha de carregar com um *fardo avariado*.

—Sr., isto não é verdade, são boatos que andaram rosnando; e já está tudo *atabafado*.

—Sim, porque desgraçadamente nesta terra ha authoridades, que por censuraveis condescendencias, apadrinham o crime, e são os primeiros a lançar sobre elles o veu da impunidade.

Mas treme, porque cahistes onde não ha commiseração para os tratantes e corruptos.

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Vae ao *Caes do Ouro* e traz o Zé-Gordo, a Anastacia, e a madrinha da deflorada para deporem no processo deste corvo—*Carros Viares*.

(*Continua*.)

—O cadarço! o cadarço!

—Que diabo tem o cadarço?

—O cadarço faz a differença a muita gente.

—Maluquices; que força tem o cadarço para influir no destino de alguem?

—O cadarço é um *joguinho certo*, chamado *ganisio* na giria jogatinal, com que os *sabidos* depennam os patos *sem castigo*.

Ate um representante do paiz, cahiu no laço um destes dias, em certo *anniversario de esponsaes* e deixou em mão dos salafrarios bem boa quota.

—La por ser representante não, porque é feito de *barro* como qualquer outro.

—Não venha com essas, porque cada um *prima em ter* sua destineção.

—Mude de assumpto. Quem foram os escamotea lores?

—Venha manso, meu rico! Isso é negocio de gabinete que não se diz ás escancaras.

Vamos conversar baixinho.

—E digam que a nossa policia fardada é para pacificar e accommodar!

—A maior parte é para brigar.

—Veja que berreiro está fazendo aquelle soldado, de cacete empunhado, no becco do Tira-Chapeu na porta de um crioula.

—Foi mandado por outra espancar aquella e elle mirando a *recompensa*, foi condescente desempenhar a commissão, sem reflectir o que lhe poderia surtir por ser tão bem mandado.

—Não era melhor que aquelle rapaz fosse cumprir a *suas ordens* do que estar alli a fazer um papel de espadachim, desafiando uma mulher, e offendendo a moral com suas palavras?

—Conhece-o?

—Pois não, chama-se Leocadio.

—Ah! si o major Marinho sabe desta quixotada, elle estava bem recommendado.

—E mesmo, porque elle não é de graças a respeito da disciplina militar.

VARIEDADES.

SUICIDIO COM POMPA.

Um destes ultimos dias indo o sachristão abrir a egreja de uma terriola da Bohemia, ficou admirado de ver as vellas todas accesas. Percorreu toda a egreja, e qual não foi a sua admiração vendo um homem enforcado sobre o altar-mór. Era um doudo da terriola; que se pôde introduzir na egreja não se sabe como, accendeu todas as vellas, e quando se achou sufficientemente alluniado, enforcou-se.

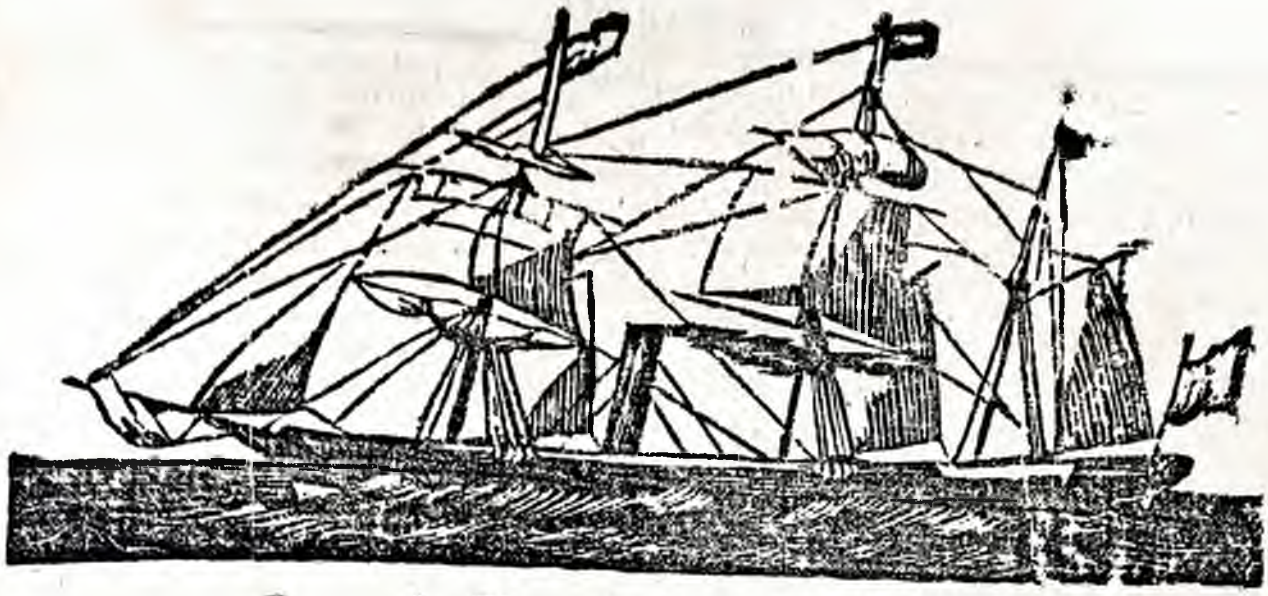
Uma senhora perguntava um dia a um padre que edade tinha seu irmão mais moço. Elle depois de reflectir um momento, respondeu-lhe:

—Meu irmão d'aqui a dous annos hade ser da minha idade.

ANNUNCIOS.

Euzebio Verissimo de Abreu Farias, tendo arrematado parte do fardamento do corpo de policia, convida as pessoas habilitadas para este trabalho a comparecerem á sua residencia, á rua da Lapa, casa n. 80.—Bahia 16 de maio de 1868.

A pessoa, que tiver a collecção completa, ou mesmo com alteração da *Marmota*, periodico que se publicou nesta cidade e queira vender, procure nesta typographia que se lhe dirá a pessoa que compra.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VI. Serie 37.

BAHIA 23 DE MAIO DE 1868. Ns. 364 e 365.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, fazendo chegar a seu conhecimento o seguinte extraordinario facto que acabam de nos informar:

Hontem 21, seriam 9 horas e tres quartos da noite, quando em casa de Maria Sabina dos Santos, casada com Manuel Victoriano dos Santos, empregado na limpeza publica, e moradores á rua do Bangala, apresentou-se um individuo accompanhado de quatro sequazes, e intituladando-se senhor da referida mulher, que, dizia elle, estar fugida ha 15 annos, entraram violentamente em seu domicilio, prenderam-na, amordaçaram-na e conduziram-na com um filho de 13 annos!

Consta que embarcou nessa mesma noite para o reconcavo.

Entre os individuos dessa empreza, apenas pode ser conhecido um tal Viriato, celebre membro do olho vivo.

Quando em semelhante facto não haja um crime, pelo menos ha uma violação da lei, entrando-se em uma casa a noite, sem sciencia da authoridade, e por isso espera-se, do interesse que S. S, tem tomado pelo serviço publico, uma providencia que clareie esse estupendo facto, cumprindo aqui informar aS. S. que uma patrulha de policia, que assistiu ao facto, mostrou-se impassivel e como quem tinha *interesse* pelo bom exito de tal deligencia.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, ponderando-lhe, si bem que pareça futilidade, a necessidade de pôr um correctivo a uns desastrados meninos, discipulos de um Sr. *Quiabo duro*, quando sahem da escola.

Esses meninos aprasem-se em ir para o Terreiro atirar pedras, as quaes não so offendem uns aos outros, como tem succedido bater em muita gente que passa. Em vista do que, seria conveniente que a policia fosse para alli ás onze horas e á tarde agarral-os e leval-os a seus paes, para castigal-os, isso pela primeira vez, e pela segunda tivessem destino onde melhor se adumassem.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, communicando-lhe que diversas são as localidades nesta cidade, onde grassam as febres intermitentes, sendo uma dellas a rua da Valla, districto dos Mares, e Engenho da Conceição: alem das pessoas do logar, tem sido atacadas algumas praças do destacamento; e como muito se confia na sollicitude e zelo que S. S. costuma mostrar, quando se trata do cumprimento de deveres a seu cargo, alem do disvello que o distingue em concorrer para o allivio da humanidade afflicta, espera-se que de S. S. parta alguma providencia em bem da salubridade de taes logares.

—Hontem, 21, um sargento de voluntа-

rios, um tanto *toldado*, entrou em um botequim para comer e travou razões com o dono da casa, indo ambos a vias de facto.

A desordem tornou-se um pouco seria.

Compareceu a authoridade policial, que procurou accommodar o conflicto, mas o voluntario estava *renitente* e a nada quiz attender.

A authoridade ordenou então que o conduzissem preso, *fosse como fosse*.

—E' mau pensar; resistir ás ordens da authoridade.

—E' muito censuravel a maneira porque a policia se porta em certas occasiões; o preso foi levado a trombolhões até a rua do Collegio, onde algumas pessoas interveram e persuadiram o homem e a policia a seguirem com melhor geito.

—As harpyas insaciaveis do thesouro, os estadistas que entram miseraveis para a administração publica e della sahem millionarios, comprando ricos palacios, os ministros da fazenda que voltam para suas provincias com bahús atopetados de dinheiro, os authores dos contractos clandestinos de madeiras nos arsenaes de marinha, que mirem-se neste espelho.

—O que é isso?

—E' o testamento do brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho.

—Ah! Foi um typo de probidade.

—Ao escrever o homem seu testamento, como que mede a immensidade da eternidade, como que se vê as bordas da sepultura, como que sente a primeira pá de terra cobrir-lhe o corpo.

—Muito bem.

—E' perante esse quadro vivo do nada do mundo, que as paixões se esvaem e tranluz a virtude, desapparecendo a mentira e a hypocrisia. Portanto o homem ao transpor o limiar da eternidade não mente. Suas palavras são o reflexo de sua alma, de sua vida, de seu passado.

—Tudo isso é purissima verdade.

—Este dois pedaços do testamento do brigadeiro Coelho, transcripto da *Opinião Nacional*, mostram a maneira porque elle serviu seu paiz:

«Durante a minha vida na carreira militar, politica e administrativa, nas differentes commissões, ganhei mui licitamente a quantia de 155:000$000 rs. a contar do anno de 1838 até hoje, proviniente de subsidios como deputado, ajudas de custo, ordenado de ministro, de presidente, de commandante das armas, etc, etc, e quasi tudo fui gastando com as despezas de tratamento de que exigia a importancia daquelles cargos, e no largo espaço de 21 annos apenas pude economisar o preciso para construir pouco a pouco uma pequena casa no Engenho Velho, em um prazo de terras foreiro ao Revm. cabido da corte, podendo a dita casa valer 8:000$000 rs. que é tudo quanto possuo e mais a mobilia e trastes de serviço da casa, tudo muito usado, e que bem pouco ou nada val.

. . . . . .

«Junto faço annexa uma relação dos poucos trastes de algum valor que possuo, mas não podendo presumir ao certo quantos mezes ainda me restam de vida, pois me considero no ultimo periodo de uma fatal molestia de peito, pode bem acontecer que alguns objectos, ora mencionados na relação, não se encontrem depois de minha morte, pois não me chegando para as despezas de meu tratamento e de minha numerosa familia a quantia de 820$000 réis que recebo por mez, tenciono ir vendendo alguns trastes para poder ir supprimindo a deficiencia daquella quantia.

—Que differença desses sugadores da fortuna publica, que fazem de politica um meio de empalmação!

OS QUATRO ELEMENTOS.

O FOGO.

(*Continuação*)

Ha fogos de todas as cores, uns artificiaes por meio de mixtos que se lhes ajunta, como por exemplo: para formar foguetes azues ferretes, basta ajuntar á cada libra de polvora duas oitavas de ourina de kagado, e meia onça de flor de anil; para fazer fogo amarello misture-se em cada libra de polvora onça e meia de chifre moido, mas é mister que seja de boi velho por estar o chifre mais mucilaginoso.

Os fogos de cores naturaes são os seguintes: os do vezuvio ou sahidos de montanha são cor de abobra vermelha cosinhada, e entre todos o fogo do inferno, segundo dizem os frades, é escuro, infumaçado, e fedendo a alcatrão queimado.

Os judeus antigamente serviam-se do fogo queimando as barbas, para assim pouparem a despeza de navalha,

O fogo é indispensavel em todas as casas para a cosinha, e para a luz a noite, e entre todas as luzes mais engenhosas gosa a primazia a lamparina, esta galante invenção do celebre hespanhol José Pilota, o qual com um toquinho de cêra, e uma marca de botão criou esta milagrosa luz que dura uma noite inteira sem se atiçar, e ultimamente descobriu-se em Paris que para a lamparina dar uma luz dobrada basta pingar na ponta do rolinho uma gota de essencia de rosas, ou oleo de erva-doce.

Os antigos, quando queriam ter fogo usavam de seu fuzil e pederneira; e tinham razão porque era infallivel; entretanto quo os taes phosphoros ou cousa que acende a luz, falham muitas vezes, pela esperteza dos fabricantes, principalmente no tempo de inverno quando

a cabeça do phosphoro esfria, ou perde a força, e por mais que se esfregue não acende.

Mas tornando ao fogo, temos a considerar que d'elle procede o calor, que vem a ser um grão de fogo creador e nutriente das forças vitaes, e por isso com o calor da gallinha chocam os ovos, e se tiram pintos, e com o calor da mulher agazalha-se o pobre homem casado que mora na humilde choupana exposto aos frios do inverno, de sorte que tambem no fim de nove mezes tiram meninos, e que mais admira porque a mulher não põe ovos.

Porém apesar de todas estas bellezas, não se pode negar que o fogo é muito perigoso quando por descuido incendeia alguma casa, e a bem pouco tempo tivemos um exemplo naquelle incendio que houve no armazem do Fortunato, o qual foi tão medonho, e causou tanta pena que não houve gato e caxorro que não chorasse pelo prejuiso.

Ora, tornando aos effeitos do calor, é necessario evitar se o calor demasiado nas comidas, bem como quando se usa da sôpa de macarrão muito quente ao jantar, que produz uma molestia terrivel chamada escandecencia hemorroidal, doença esta que tonteia a cabeça, e faz apparecer no anus uma excressencia a que os medicos chamam—tufus mangabinus.

Chamam-se tambem fogos as casas habitadas, e neste sentido se diz que uma villa tem tantos fogos.

O fogo para poder desenvolver-se quer ar, e liberdade, porque suffocado morre ou acaba immediatamente.

O fogo apresenta diversos caracteres de vista, por exemplo, alegre e pomposo quando é avistado em uma elegante illuminação, como a que se vê ao longe na egreja do Bomfim: o fogo é poetico e saudoso quando em uma viagem nocturna avistamos em grande distancia uma luzinha lá dentro da escuridão do mato na casa do lavrador ou camponez; o fogo é medonho e respeitavel quando incendeia e devora em labaredas um grande edificio, posto que isto muitas vezes é um beneficio feito ao mundo, quando se queimam as casas dos ladrões que as edificam com dinheiro mal ganhado, e então o fogo serve de purgante para limpar os maus humores no corpo da sociedade, e tão firme creio nisto, que se não morrer muito cedo espero ver certas casas que ahi ha arderem como fogueira de S. *João,* e depois então temos excellente cinza para se fazer barrella, e tambem para se por nas testas dos donos para tomarem juizo.

LA VAE VERSO.

OUTR'ORA E HOJE

Quando eu era pequenino,
Que ainda andava em camisão,
As faceiras me diziam:
—Venha ca meu coração!
Agora como estou grande
—Sai-te d'aqui; paspalhão!

Atiravam-me boquinhas...
Que suave munição!
Nos abraços não fallemos,
Contal-os não pude então!
Agora como estou grande:
—Arrenego do pidão!

No seu collo me botavam...
Eu era mangiricão;
D'um lado me carregavam...
Eu era nen-nem chorão:
Agora como estou grande:
—Arre la! Viva no chão!

Me davam doces cocadas,
Tambem doce de mamão...
Me chamavam maridinho,
Seu namorado pimpão...
Agora como estou grande:
De mim fazem mangação!

Faceiras, ai não me matem;
Tenham de mim compaixão;
Outr'ora me davam doces;
Seus doces guardando vão...
Agora como estou grande,
Faceiras, quero affeição!

Em paga dou mil cantigas,
Que aprendi pelo sertão;
Em paga dou mil caricias...
Em paga meu coração:
Agora como estou grande,
Quero amores... não sei, não!

Juvenal Galeno.

A CONCILIAÇÃO.

SONETO.

Um nobre assim dizia em tom zangado,
A outro que tambem era homem fino:
—Quem é V. Ex.? Um assassino,
Um vil por todo mundo despresado!...

Ao que este tambem responde irado:
—O' caxorro, ladrão, homem sem tino!
Si continúas mais, p'ra teu ensino
Vou-te ás ventas... ouviste, malcreado?

—Vae-me ás ventas?!!! E' muito, sô bregeiro;
Retire a expressão... Olhe que o masso!
—Retiro... mas você seja o primeiro.

Olharam-se... e depois de breve espaço
Disseram cada qual mais prasenteiro:
—Nada houve entre nós... Venha um abraço·

DESPRESO D' UMA LOUREIRA PARA COM SEU FIDO AMANTE.

Senhora, porque razão
Despreza meu coração,
Tão firme e tão dedicado,
Que por demais tem provado
Tanto amor, tanta amisade?
—De verdade?!

Sim, senhora, pois duvida
Que consagro a minha vida,
Os meus dons, minha riqueza,
Tudo com que a natureza
Me dotou, pois ignora?
—Vá se embora!

Como assim responde a quem
Lhe consagra tanto bem?
Não paga seu coração
O tributo a gratidão,
Nascida d'um puro amor?
—Não senhor!

Então p'ra que me illudia
Fazendo q'eu todo o dia
Vivesse sem ter descanço
N'esse amoroso remanço
Como um passaro sem ninho?
—Coitadinho!

De meu amor escarnece?
Nem si quer se compadece
De quem fortuna não tem?
Olha-me, então, com desdem?
Já nao faz caso de mim?
—Isso sim.

Sem dormir noites passei,
Mil trabalhos suportei,
P'ra vos ver tinha a mania
De passar noite e dia,
Tendo revolto o miôlo!
—Quanto é tolo!...

Senhora, veja o que diz!
Não me faça tão inf'liz...
Semelhante ingratidão,
So se vê n'um coração,
Tão duro, qual dura lage.
—Que bobagel...

Estará seria fallando,
Ou me estará debicando?!
Si assim é—que falsidade,
Que fereza e crueldade
D'um coração de loureira!
—Deixe d'a asneira!

Portanto já me retiro...
Mas não posso! qual!...deliro!
Irei carpir minha sorte,
Até que me leve a morte
N'este triste vae e vem!
—Passe bem...

N.

A VAIDOSA.

São negros, côr d'azeviche
Os meus formosos cabellos,
Formam madeixas tão lindas
Que todos pasmam de vel-os;
Quando os deixo em abandono
Ainda se tornam mais bellos.

Meus olhos tambem são negros,
Tem meigo e terno volver,
Despedem settas de amor
Que fazem muito soffrer:
Quem se expõe ao meu olhar
Logo ha de em chammas arder!

Ao sorriso de meus labios
Ninguem pode resistir,
Tenho feito mil escravos
Alegremente a sorrir,
C'um sorriso de despreso
Posso a todos confundir.

Minha face assetinada,
De uma alvura sem fim,
Imita perfeitamente
A alvura do jasmim,
E excede muito a rosa
No seu brilhante carmim.

Eu tenho o collo do cysne,
E tenho mãos de princeza
Minha cintura tão fina
E' um primor da natureza,
Meu corpo agil esbelto
E' de rara gentilesa.

Minhas rivaes se confundem
Quando me veem chegar,
Se humilham envergonhadas
Ao meu soberano olhar,
Tremem de odio e ciume
Se me disponho a fallar.

Formou-me Deus tão perfeita
Para o mundo embellesar,
Deu-me talentos e graças
Q' a ninguem elle quiz dar;
Mas não poz no mundo um ente
Que me possa fascinar.

Eu sinto qne elle fadou-mo
C'uma alma capaz d'amar,
Deu-me muito sentimento,
Deu-me meios d'agradar,
Mas não vejo aquelle ente,

A quem eu possa adorar.
O que me vale por tanto
Ser engraçada e formoza?
Ter immensos atractivos
Que me fazem orgulhosa?
Si não posso ter amor
Como hei de ser venturosa?

Lulu.

Á PEDIDO.

—Preciso de uma cadeirinha para ir ao Baluarte.

—Êh, sinhô, não tem quem carega, meu parente turo foi ni casa de subregaro.

—E que é do capitão do canto?

—Capitão foi ni coreção.

—Então por que? Vv. queriam se levantar?

—Quem fallou esse?... Subnegaro mandô chama candera para levá *madê* fio di êre, nan tem candera ni canto nessa hora, subrenegaro fica zangaro manda prende turo.

—Esta é extraordinaria!

—*Ajoulouri*, branco é que intende seu carambora.

—Isso é justiça a tartara; porque mesmo em *Valença* ou outro qualquer paiz de Hespanha, onde se fuzila por da cá aquella palha, não se pratica assim.

—Sr. *José*, estive na *Mole-tiba*.

—Boa terra! Viu por la muita cousa?

—*Eu la li ou* observei o pronunciamento geral da população a seu respeito.

—E concluiu?

—Que o Sr. abusando de sua posição commette alli extorsões horriveis.

—Historias, Sr. *Barbosa*!

—Eu vendo pela carregação. Pode ser muito bem que todos os moradores do logar mintam e que só o Sr. falle verdade; mas o que me disseram foi—que o Sr. tem uma *bodega* aonde fia as pessoas que estão em *sua companhia* e são *mandados* pelo Sr., e que no dia de *pagamento* o Sr. alterando os assentos, desconta o duplo do que elles devem.

—Que monstruosa calumnia!

—O caso é que quando a gente dos *tres uns* não anda *destacada*, o Sr. não fia um figo podre a nenhum; mas agora que está com a faca e o queijo em suas mãos, que o dinheiro dos pobres matutos vae primeiro a seu poder, o Sr. mette-lhes pelas ventas seu bacalhau ardido, sua carne deteriorada e tudo quanto é alcaide para haver por isso preços exagerados.

—Vão para a porta chorar e por isso é que lhes fio.

—Mas é feio um supperior, mercadejando com seus subordinados e dando motivo a que andem depondo delle por sua pouco probidade vendelhona.

Espero que se corrija.

—Vencendo-se este soldo... *ou pagamento*, sei o que hei de fazer.

—E' metter tudo no xadrez em desabafo.

—Capitão, em Latronopolis, como na Bahia, como em todo o Brasil, ja houve o immoral trafico de africanos.

—Agoas passadas não moem engenho; isso foi *in illo tempore* e nada tem com a situação presente.

—Porem tem com o facto que quero contar-lhe.

—Pois desembuche lá.

—Houve um homem que tinha um escravo africano, o qual n'um dia desappareceu e nunca mais ninguem soube delle. Correm os annos, e o africano fugido é preso á ordem do *alcaide* do *bairro* da Virgem Immaculada, n'uma *praia*. Interrogado, na *intendencia* das *averiguações*, declarou que tinha sido seduzido por um *rabula* appellidado por *arsenico*, apezar de nenhuma paridade ter sua côr com semelhante mineral.

Foi recolhido a cadeia.

Porem o rabula usando de trêtas, vae ao alcaide e pede-lhe que man lesoltar o fugido sob sua responsabilidade ao que accedeu o alcaide.

Fogo viste, linguiça. Solto o negro foi logo posto a bom recato e mettido na enxada ahi por esses reconcavos.

—Na minha opinião o unico culpado era o alcaide.

—O senhor foi como uma bala sobre os cujos para lhe darem conta de seu escravo, mas o rabula que era chicanista, interpoz embaraços dizendo que o preto tinha sido comprado depois da abolição do trafico de africanos.

—E' bom m do de roubar!

Mas para que vem V. me contar casos passados?

—Para provar-lhe unicamente que não é hoje só que ha ladrões audaciosos, falsificadores de firmas, espoliadores da fortuna alheia, testamenteiros falsos, opressores da liberdade etc., porque nos tempos que foram havia um *rabula arsenico* e outros escamoteadores.

—Bem, estou sciente, dê por finda a sua historia que tenho mais o que fazer.

—Obedeço, só lhe peço permissão para voltar depois.

—O patronato faz muita cousa!

—Agora é que sabe?

—Nomear-se para sargento da guarda nacional, a um estourado que não tem tumba nem samba, nem rama de figueira e que nem no caso de ser guarda está, para ser o ludibrio de seus collegas?

—Ha officiaes nesse caso, quanto mais sargentos.

—Como elle não, cujas botinas estão ausentes do monturo ha seis mezes e cuja blusa é um perfeito crivo.

—Isso é o menos.

—Seria o menos, si esse quidam não fosse de mais a mais rixoso e intrigante, julgando-se que por ser afilhado do *maior* do corpo tem licença na manga para fazer o que quizer.

—Quem é esse marreco, Sr. *Manuel*?

—Sr. *Antonio*, por *Jezus* lhe digo que nem que me pergunte *cento e uma* vez, lhe declararei, porque faço minhas viagens e não quero levar algum tiro por detraz do pau.

—As *encommendas* chovem umas após outras.

—A gazeta dos *pogressistas* tambem vem com um elogio bombastico e campanudo ao *delgado alarma*.

—Deixe este pobre diabo, que ja traz carga pesada ás costas.

—E' verdade, capitão, o assassino infame e covarde de Coimbra; o filho desnaturado e malvado que ousou mandar citar sua propria mãe para entregar-lhe as migalhas da ligitima paterna; o pae de familias desmoralisado, devasso e cynico que sem respeito a uma innocente, ouza prostituir o lar domestico com uma filha de *Jeruzalem*, pescada nos banhos impudicos da Lucaia—precisa muito deste e outros elogios para ser tido em conta *de caracter spartano*, quando não passa de um Robert. Macaire ou Luigi Vampa.

—Onde a prova de tudo isso?

—Do assassinato que lhe responda da fria campa, onde jaz um fallecido ancião, que tinha em seu poder uma certidão, e daqui a pouco tempo nós tambem, que com alguma difficuldade mandamos extrahir outra para ser publicada.

Da citação vá ao forum, que é facil de encontrar.

Da devassidão pergunte á visinhança, e principalmente a certos estudantes, que por quererem farejar tambem a carniça, estão sendo incommodados com aleives e falsidades.

—Arre! é muito!

—Nada é em comparação ao que está de reserva para outros dialagos.

Sr. Redactor.—Não tem duvida que o *Imparcial* do *Sentinella* 59, é um ex-fiscal municipal, expulso por ladrão, e que no exercicio daquelle emprego não so recebia a *mensalidade convencionada*, como caloteava a quanto taverneiro ha, com fianças de casa, dinheiro e generos fiados.

Essa besta, depois de enxotada da camara, não perdeu a mania, e fez cabeça em calotear a tudo quanto é taverneiro e botiquineiro, sendo a principal victima de sua especulativa industria um cujo aqui da *Bahia*, que bem tarde hade se arrepender e quando torcer as orelhas ellas não deitarao sangue.

Que diga essa turba de vendelhões que povoam esta immensa cidade, qual delles ainda não levou sua bicada dessa ave de rapina.

Porem como ia dizendo: do crescido numero de victimas, o tal caixeiro da venda á esquina do Taboão, é um dos que mais tem aguentado os *porretes* do *interesseiro Imparcial*, o qual entendeu com essa ascarosa bajulação ficar quite e com direito a dar *bote* maior na gaveta e prateleiras do hespanholito!

Santo Deus! como si concebe que um pobre voluntario, inutil de uma perna, e embriagado em cima fosse capaz de com ameaças amedrontar o tal caixeiro a ponto deste, somente em defeza propria, ser obrigado a lançar mão de um pau e rachar a cabeça do pobre homem? Pois só por causa de palavras, por mais viperinas que fossem, se commette um crime daquelle?

E quem? um caixeiro de taverna acostumado a ouvir de todas as classes.

Basta isso para comprehender a mira da infame bajulação desse miseravel aquilé. Mas felizmente o caso está affecto a authoridades que não precisam de mandar buscar garrafa de cerveja para beber em orgia com as meretrizes, nem de mandar de manhan pedir manteiga fiada.

Descanço portanto que justiça ha de ser feita.

—Sr. inspector, apezar da confiança que *me merece*, não posso concordar com a sua opinião.

—V. S. me dirá o porque.

—Porque o homem mora na freguezia.

—E' o que não duvido.

—E no seu quarteirão.

—Isso contesto.

—Tanto assim, que tem nelle um escriptorio.

—Isso, quando nada, depõe contra a moralidade do individuo, chefe de familia, que diz morar n'um logar, quando é sabido que sua familia existe em outro.

Além disso não se pode chamar habitação,

principalmente para um homem que aspira a um cargo pelo suffragio popular, e que por tanto, deve ter o rendimento da lei, um vão, sem repartimento, tendo por unicos moveis, um armario, um balcão e duas cadeiras.

—Mas accresce que elle foi supplente nas ultimas eleições.

—Permitta V. S. que eu lhe observe que si não conhecesse que essa proposição de V. S. é filha somente da lealdade e dedicação com que V. S. serve a seus companheiros de eleição, ficaria do juizo suspenso, porque é uma escapatoria tão banal que a mais infantil intelligencia não avançaria.

—Pois despachei neste sentido.

—Está no seu direito; mas eu assevero a V. S., não pela confiança *que lhe mereço*, mas sob minha palavra, que julgo tão valiosa como a de qualquer, que o proprio individuo, ha dons annos, vocalmente me disse, em virtude de transacções que tinhamos, que estava mudado de freguezia.

—Mas eu entendo o contrario.

—V. S manda e pode. Peço-lhe apenas que me desculpe a franqueza, porque não tenho o dom de fingir-me.

—Capitão, ás ordens de V. Ex.

—Viva, o que ha de novo?

—Uma noticia de espantar.

—E' dizel-a.

—V. Ex. ainda não sabe o que ha?

—Não.

—V. Ex. está cassuando commigo.

—O Sr. quer dizer o contrario?

—Deus me livre disso, capitão.

—V. Ex. não viu o que disse a *luneta magica?*

—Não.

—Não viu annunciar que se tinham acabado os garrafões?

—Ah vi isso; porem isso é com os taberneiros, ou quem delles precisa.

—Sabe tambem que a fabrica delles quebrou?

—Melhor. Porem ha muitas fabricas e é bom dizer qual foi ella.

—Si não me engano é a do burro *gazio*.

—Está conhecido; o que houve? Talvez o revez da sorte.

—Capitão, não; foram os seis degenerados officiaes que elle chamou para sua casa.

—E elle não sabia disso?

—Isso não sei dizer. O que é verdade é que antes delle chamal-os para sua casa eram elles os carroceiros do lixo da *bomba-macha*.

—V. sempre traz nomes complicados; qual é a *bomba macha?*

—Capitão, é a do largo da *doença*.

—Falle assim.

—Depois de grande prejuizo que os seis lhe deram, chamou elle mais tres para a derrota total.

Mil-outros para gerente, o segundo para um estabelecimento de pau e coiros, e o ultimo para folguedo de crianças.

—Desta sorte nem a fortuna do nosso *poderoso*.

—Capitão, bom é que V. Ex. conheça isso; si elle diz que em quanto tiver encommendas para mandar vir elle ha de ter dinheiro, por isso, todas as contas, alem da despeza regular, tem sempre a parcella de *Mil-outras*.

—Diga-me ao que vem dizer *Mil-outras?*

—Capitão, é o lucro que não tem designação de despezas.

—Nada melhor para enriquecer em dous dias.

—Capitão, si fôra noite bastaria uma.

—Diz V: o negocio da noite não é como o do dia.

—Assim parece-me, e a não ser isso não se gastava dinheiro como se gasta.

—Quem dá o que tem a pedir vem.

—Capitão, si fosse assim bem está, porem não é, e depois a recompensa será má.

Por isso V. Ex. fica sciente da historia, para o que peço-lhe que mande o seu muxingueiro mostrar uma de suas bravuras.

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Sabes a praça onde não é commerciada?

—Sei.

—Conheces onde está o estabelecimento de *Mil-outras?*

—Não.

—Sabes onde é o estabelecimento real de dez portas?

—Sei, sim Sr.

—Pois d'ahi faça o ponto, procure o estabelecimento onde tem por divisa um soldado afrancezado.

—Qual, um *Zuarte?*

—Sim. Diga ao dono do estabelecimento que reunindo toda sua companhia faça sciente a elles que se continuarem a praticar as bandalheiras que tem até agora feito, mandarei pegal-os para o porão deste navio, onde terão por castigo 50 tacadas na cara de cada um.

—A's ordens.

(*Continúa.*)

VARIEDADES.

Um francez muito simplorio, estando na corte de Hespanha, cumprimentava a todos. Aos fidalgos dizia:—Tenho a honra de cumprimentar á vossa *fidalguia*, e assim a cada um conforme o seu titulo. Quando compareceu na presença da

infanta, disse-lhe:—Beijo a mão de vossa *infantaria*.

Quatro soldados do imperador José II, que haviam desertado, foram condemnados pelo conselho de guerra, á tirar a sorte em dados qual delles soffreria a pena de morte. Os tres primeiros conformaram-se com a sentença do conselho, mas o quarto recusou-se a isso, pretextando que o imperador tinha prohibido os jogos de asar. Sua magestade tendo sido informado da presença de espirito desse infeliz, em occasião tão critica, perdoou-lhe a pena, e bem assim aos seus companheiros.

OS MATAMES.

Que lindo matame
Na saia de neve,
Que passa de leve
Na dança a voar;
De manço qual cysne
Nas agua nadando,
Qual nuvem voando,
Sozinha no ar.

Meus olhos bem viram
Nos pulso da valsa
Bordados na calsa
De fina cambraia;
Teus labios macios
Sorrindo se abriram,
Meus olhos bem viram
Matames na saia!

Teus seios palpitam,
Tua face descora,
Não dances agora,
Meu anjo descança;
Na valsa perdeste
Tão linda e mimoza,
A flôr melindroza,
Que tinhas na trança.

Gentil borboleta
Travessa criança,
As flores da dança
Perfumes não tem;
Depois do brinquedo
Nem risos...nem cantos
Da festa os encantos
A ideia não vem..

CADA TERRA COM SEU USO.

Em uma povoação da India administra-se justiça de uma maneira singular. As duas partes pleiteiantes, isto é, o autor e o réu, se apresentam na presença do juiz, que acende duas vellas de egual dimensão, e entrega uma ao autor e a outra ao réu. Aquelle dos dous, cuja vella primeiro se consome, perde a causa.

Esta justiça, ainda que rodeada de luzes, nem por isso vê muito claro.

Senhora, V. Ex. é encantadora; seus olhos parecem-me dous brilhantes; seus dentes um fio de perolas, e seus labios recordam o coral.

—Por Deus, cavalheiro, não diga isso!

—Porque?

Porque, si o chega a ouvir meu marido, manda-me para alguma casa de penhores,

---

RESPOSTAS ACERTADAS.

Um estudante respondeu do modo abaixo indicado ás perguntas seguintes, que lhe foram dirigidas em um exame:

—Que differença existe entre a antiga e a moderna litteratura!

—A mesma que entre as sandalias e as botas, ou entre as cangalhas e as lunetas.

—Porque é que tanta gente usa de lunetas de crystal natural?

—Porque condemna a vista pela obscuridade do cerebro.

—Em que se parece um cometa com uma dama.

—Em que ambos tem *cauda*.

—Qual é o homem mais feliz?

—O tolo.

—Em que se parece nm eclipse com um reaccionario?

—Em que ambos escondem a luz.

Um agiota que conhecia um grande pregador, disse-lhe um dia:

—Padre, bem podia pregar um sermão contra a usura; ao que o bom sacerdote respondeu:

—Estimo muito que Deus te tosasse no coração.

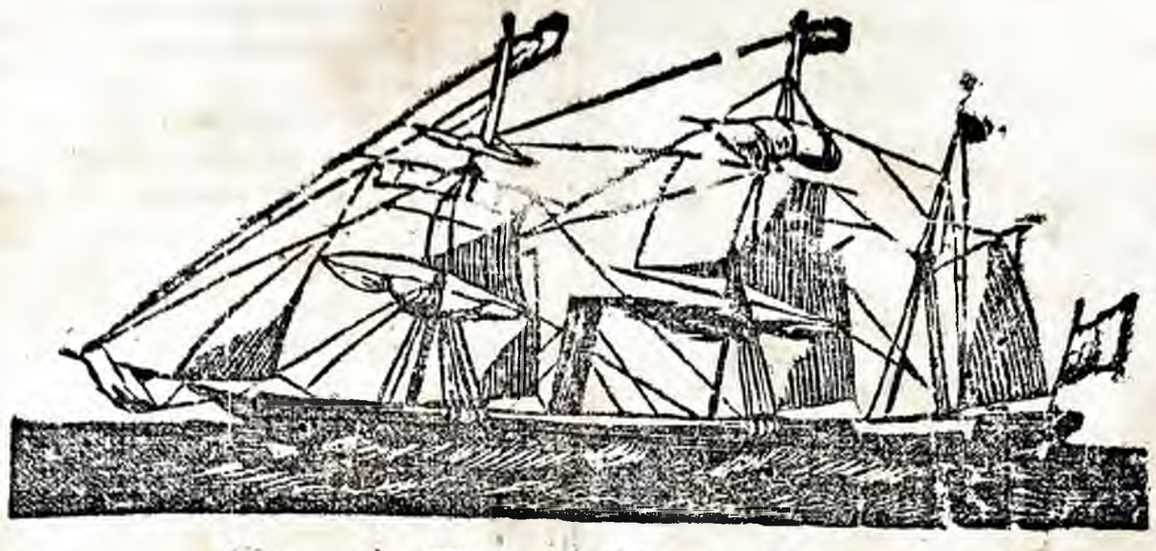
—Não é isso, o meu pedido é para vesse vossa reverendissima cõsegue converter os do meu officio, para eu então fazer melhores negocios.

ANNUNCIOS.

FOGOS E MAIS FOGOS E SEMPRE FOGOS, PARA AS VESPERAS DE SANTO ANTONIO, S. JOÃO, S. PEDRO E O GLORIOSO DIA DOUS DE JULHO.

Só na Loja Flaviense de Antonio Egmidio de Souza, á rua do Guindaste dos Padres n.º 24, é que se encontra um grande e variado sortimento de pistollas, fogueites do ar, craveiros, fortes espadas encouraçadas, chuvinhas e chuveiros, rodinhas grandes e pequenas, traques da India das primeiras marcas, ditos de maça, ricas sortes para presentes, candeias e bichinas, photographias magicas e feiticeiras. O Annunciante garante ao respeitavel publico desta capital que em parte alguma serão tão bem servidos como na loja acima, por ter mandado fazer os seus fogos por emcomenda e a capricho, só afim de bem servir aos seus freguezes, pois escolheu os primeiros fabricantes desta capital e como se acha com um grande deposito, está resolvido a vender tudo por muito menos que em outra qualquer parte, e por isso espera ser preferido pois ninguem quer ser mal servido.

A pessoa, que tiver a collecção completa, ou mesmo com alteração da *Marmota*, periodico que se publicou nesta cidade e queira vender, procure nesta typographia que se lhe dirá a pessoa que compra.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
Anno VI. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 37.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 26 DE MAIO DE 1868. N. 366.

O ALABAMA.

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA.

Não é a primeira vez que invocamos a attenção da policia contra um espertalhão, que vaga por esta cidade conhecido pelo cadete Lydio dos Santos Vital.

Esse incorrigivel industrioso tem por vezes se servido do nome desta redacção para extorquir dinheiros de diversas pessoas, e ultimamente apresentou-se a um Sr. André, empregado na companhia da Queimado, com um papel, que dizia ia ser publicado no *Alabama*, e recebeu desse Sr. 6$ rs. para ser sustada a inventada publicação.

E' um latrocinio imperdoavel e que reclama da authoridade a mais severa punição; por isso pedimos a S. S. se digne de mandar vir a sua presença os individuos em questão, e depois de interrogal os, dê o destino merecido ao tal *cadete*, que bem falta ha de ter feito no Paraguay.

Attenda S. S. a que essa praga de *extorquidores* está muito desenvolvida na Bahia.

Um dia destes, um bem conhecido teve a animosidade de arrancar 1$ rs.! a uma pobre mulher conhecida por Felicidade Vovó, ameaçando-a com certa publicação.

A Redacção.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia. —Tendo-se levado ao conhecimanto de S. S. o facto descommunal, de ter sido alta noite violentamente raptada uma mulher, á rua do Bangala, e conduzida para fora da cidade como escrava, sem que as authoridades tivessem sciencia e como não conste que até hoje se désse a menor providencia para averiguação e repressão de tão audaz attentado, insiste-se no facto, e de novo pede-se a S. S. se digne mandar ventilar semelhante facto e proceder contra os authores de tão inaudito delicto.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, dizendo-lhe que, com quanto muito se confie na sollicitude e interesse que S. S. toma pela boa administração da justiça e policia de sua subdelegacia, com tudo, não é ocioso recommendar-lhe a mais severa energia para o caso de defloramento de uma menor, que ha pouco teve logar no Caes Dourado, visto como dispondo o offensor de grande protecção, ja conta com a impunidade.

—Portanto espera-se que S. S., com os olhos pregados na lei, envide todos os esforços para triumphos da justiça.

—Os larapios não perdem vasa, andam e toda isca.

—E contando com a *fragilidade* da policia ainda mais.

—No sabbado, Anna de tal, moradora ao Terreiro, sahiu e foi á venda do Seraphim comprar, quando voltou ja os larapios lhe tinham levado tudo que acharam desgarrado—ouro, dinheiro e panno da Costa, e até hoje procura ella o homem da capa preta.

—Que presteza!

—Foi de improviso. Parece que o ratoneiro ja andava de espreita.

—Havia de ser isso; como a mulher tem quitanda, o sugeito assentou que devia ter dinheiro.

—Estamos na épocha do verdadeiro progresso!

Até os dedos das mãos tem uma serventia que muita gente ignorava.

—Aqui estou eu que jejuo.

—Pois si quer aprender, vá a policia saber a *boa obra* que fez com os dedos o portuguez Braga, com venda a Barroquinha.

—Que boa obra foi essa?

—Indague.

—Quem sabe si não foi alguma offensa physica?

—Accertou.

—E o offendido?

—Foi a menor de 10 annos Angela, filha da crioula Anna Ritta.

—Que extravagancia!

—O tal marreco gosta de *fructas verdes*.

—Mas essa historia de dedos está parecendo pantomima.

—Concordo; porque ninguem deixa de comer doce para chupar roletes. Mas si o homem confessa .....

—E' porque elle entende que com isso minora a crimidalidade.

—Na casa dos paes da patria foi apresentado o seguinte:

PROJECTO DE LEI.

De reforma á defunta constituição.

A assembléa legislativa decreta:

Art. 1°. Sendo todos os homens formados e nascidos do mesmo modo, pouco mais ou menos, serão todos eguaes sem distincção de paes á filhos, de sabios á ignorantes, de honrados á velhacos, ricos e pobres &c,; pelo que o filho não terá obrigação de obedecer ao pai, o discipulo ao mestre, nem a mulher ao marido.

At. 2°. As mulheres serão communs, e cada homem tomará quantas quiser, e as largará toda a vez que lhe parecer; o mesmo poderão fazer as mulheres: pelo que desde ja deve cessar a indissolubilidade dos matrimonios.

Art. 3°. Estes serão celebrados em presença do delegado, e na falta deste na do subdelegado, e na falta deste na do inspector de quarteirão ou do fiscal, sem nemhuma dependencia dos padres, que para nada prestam.

Art. 4.° Os filhos e filhas poderão abandonar a casa paterna, logo que cheguem ao uso da rasão.

Art. 5.° Sendo a palavra—dever—inventada pelos despotas e tyramnos, fica desde ja abolida; e d'ora em diante se não conhecerá sinão—direitos,—e nunca deveres.

Art. 6 ° Como está demonstrado pelas melhores cabeças, que o catholicismo é um tecido de superstições e fanatismo, contrarios ás luzes do seculo, será proscripta a religião catholica.

Art. 7.° Esta será substituida pela religião natural, a qual será, como cada um entender.

Art. 8.° Os padres e frades actuaes poderão, se quizerem, casar na forma do art. 2°.

Art, 9°. Os que ja tiverem sua companheira, e della filhos, poderão continuar com toda ou maior publicidade: e terão direito á maiores benesses.

Art. 10. Os bispos serão eleitos por aeclamação do povo, e deste receberão todos os seus poderes.

Art. 11. Nunca mais usarão de vestimentas do culto catholico; pelo que nos grandes dias os seus ornamentos serão capote e calças azues á Robspierre, carapuça vermelha, e em vez de baculo usarão de um chuço ou forquilha.

Art. 12. Não haverão mais nos templos imagens de Santos, porém sim serão substituidas estas por bustos ou retabulos dos que mais rusgas tiverem feito, ou mais crimes commettido.

Art. 13. A soberania residirá originaria, constante e peremnemente no povo, o qual poderá a toda a hora fazer o que lhe vier à cabeça, sem dar satisfação á ninguem, sendo a sua simples vontade as unicas regras,

Art. 14. O poder executivo será exercido por um cidadão, eleito no meio das ruas, á pluralidade de gritos, sôccos, tiros e facadas.

Art. 15. Os requisitos necessarios para tão consideravel cargo são:

§ 1° Não possuir officio, emprego ou beneficio algum.

§ 2° Não ter religião alguma, e não acreditar nem na existencia de Deus.

§ 3.° Haver feito alguma sedicção, barulho, ou desordem publica e com ella se arranjado.

§ 4.º Ter pelo menos duas querellas de assassinios ou roubos.

Art. 16. Estas nomeações poderão ser feitas toda a vez, que o povo quizer, o qual tambem as poderá desfazer, quando bem lhe parecer.

Art. 17. A lei será egual para todos os fortes ou espertos, e desegual para todos os fracos ou tolos, quer proteja, quer castigue; e as recompensas serão na proporção das peitas ou padrinhos que offerecerem os pretendentes.

Art. 18 Não haverá mais tropa de 1.ª linha, por ser esta o sustentaculo do despotismo.

Os actuaes officiaes serão empregados em porteiros e continuos das reparticões, enfermeiros de hospitaes, feitores de obras e outros empregos vantajosos

Art. 19. Para substituir a tropa de 1.ª linha bastará a guarda nacional, que será composta de toda a casta de gente.

Os seus officiaes serão tambem nomeados por acclamação nas ruas por maioria absoluta de murraadas, bofetadas e outras demonstrações semelhantes.

Art. 0. Qualquer cidadão brasileiro, que será todo animal de dous pés, sem pennas, que nascer no Brazil, poderá ser chamado para official da guarda nacional. preferindo-se sempre os que nenhum prestigio tiverem, e até si fôr possivel nem meio algum de vida: e não se extranhará que o porteiro da repartição commande seu chefe, e nem que o senhor seja commandado pelo escravo, a quem na vespera tivesse dado a carta de alforria.

Art. 21. O que maiores provas der de fraqueza em qualquer crise terá direito á accesso, promovendo-se á si mesmo, quando o povo o não faça.

Art. 22. Não sendo necessario quem vigie na segurança individual, e tendo a experiencia mostrado que de nada serve o corpo de policia, será este dissolvido; conservando-se apenas uma companhia para ordenanças das authoridades, que lhes servirão egualmente de criados; podendo ser empregados pelos mesmos em todo o serviço que costumam prestar os escravos.

Art. 23. Em logar de policia se creará em cada freguezia uma companhia tirada dos jogadores, reus de policia, peraltas, caloteiros e ladrões com o titulo de—pedestres—para coadjuvar os roubos, desordens e outras brincadeiras nas suas respectivas freguezias.

Art. 24. Tambem haverá uma marinha, para a qual serão recrutados os padres, frades, medicos, professores, negociantes, e mestres de officinas &.

Art. 25. Os bachareis porem serão previlegiados; e entrarão para os logares publicos, que deixarem esses que forem recrutados para a marinha, assim como para os de officiaes de justiça e mais cargos do fôro, que tiverem tido augmento de vencimentos.

Ar. 26. Os ditos bachareis, logo que mostrem ter estado por espaço de 5 annos nas provincias, onde houverem academias de direito, terão tambem direito á uma pensão.

Ar. 27. Para effeito de se poder arranjar todos quanto sahirem das academias, em cada villa, povoação ou freguezia, haverá um juiz de direito, um juiz municipal e outro de orphãos; os ordenados serão os mais vantojosos, possiveis.

Art. 28. Fica abolida a congrua dos vigarios; devendo-se elles contentar com o que a generosidade de seus parochianos lhes quizer dar para sua sustentação.

Art. 29. Em cada provincia haverá uma relação com 50 dezembargadores.

Art. 30. Ficam revogadas as disposições em contrario.

Salla das sessões do progresso e da conveniencia 23 de maio do 1868.

LA VAE VERSO.

A CNOFISSÃO DE AMOR POR CAUSA DO DOTE.

—Mariquinhas, a vossê
Eu tenho muita amisade,
Creia nisto que eu lhe digo!
—De verdade?!

—Si não quer acreditar
Nesta minha confissão
Eu me vou suicidar.
—Aqui não!

—Com vossê é que eu pretendo,
Atar o laço conjugal,
Por achar-lhe bonitinha.
—Menos mal.

—Veja se vossê engeita
A promessa que lhe faço,
Dê-me logo o sim ou não....
—Que maço!

—Ande minha menina,
Quer ou não quer se casar?
Não me engane, diga logo.
—Vá bugiar.

—Vossê com um bonito dote,
Que me pode pertencer,
Como felizes não seremos?
—Não pode ser.

—Ah ingrata! me desprezas,

Sem remorsos disto ter;
Ja sinto o corpo esquentado.
—Não vá morrer.

Á PEDIDO.

(Continuação)

—Capitão voltei a carga.

—Eu prompto a ouvil-o.

—Sabe V. Ex. que o *mil-outros & C.* estão damnados!

—O caso não é para menos.

—Sabe que no domingo a noite fizeram sessão extraordinaria?

—Não.

—Pois teve isso logar na *vertente* d'agoa no *largo da doença*.

—E' tão publico assim?

—E' verdade, mas foi as 10 horas da noite.

—A esta hora eu faço ideia o que elles não fizeram.

—Capitão sem V. Ex. assistir, diz isso, quanto mais se visse os projectos que foram apresentados.

—E d'entre delles qual ficou para ser executado?

—O de deixarem passar uns trinta dias para o esquecimento d'isso e n'uma noite inesperada os poucos garrafões que existem serem quebrados a pau.

—Olá temos aqui justiça do mato.

—E' verdade, capitão, o pau para elles está acima de tudo.

(Continua.)

O assassino com o punhal em punho, atacando em dia claro, na praça publica, o cidadão honesto e pacifico, e tirando-lhe a vida, é menos malvado, é menos perverso do que o infame cobarde, que com a penna na mão, embebida em veneno, e nas trevas — com a capa do anonymo, assassina a honra e a reputação de quem quer que seja, á quem, para esse fim, dá um nome supposto.

Assim, os honrados Srs. Drs. Silva e Almeida, Evaristo Ladislau, Jovino Cesar da Silva, José Felix e Cyrillo Eloy, todos, egualmente, muito distinctos por suas virtudes, talentos, limpeza de mãos, e serviços relevantes a patria, não estão livres de que qualquer *quidam* os maculem, dando a cada um delles um pseudonimo—como o de *delgado alarma*, ou fazendo de seus respeitaveis nomes um *anagramma*, que dê a conhecer que sobre elles recaem todas as infamias e calumnias ainda as mais torpes e hediondas.

Um *dialogo* escripto pelo mais descarado e ladravaz pelintra desta cidade, vergonha dos bachareis, e outros que taes, pode apenas *sujar*. porque o carvão da calumnia não queima—suja.

Quanto escreverem nada será em comparação ao que ainda podem ter em reserva para novos *dialogos*.

A pena de Talião somente é que pode punir a taes infames.

Queixo por dente—é a unica reprezalia de que precizam.

Pois bem—ouvirão verdades duras e bem duras.

Esperem os tratantes e calumniadores.

VARIEDADES.

Um camponez, que nunca havia entrado em theatro, teve um dia o desejo de assistir a um espetaculo. Para esse fim dirigiu-se ao bilheteiro e disse-lhe:

—Senhor, eu quero assistir a representação da peça *Gaston et Bayard*, que aqui se representa hoje, mais quero que me venda um logar onde eu possa ver tudo.

O bilheteiro deu-lhe o primeiro camarote da primeira ordem, assegurando-lhe que d'alli veria tudo a seu gosto.

Logo que o camponez entrou no camarote começou por excitar a hilaridade pelo seu traje, mas elle não se agastou e virou-se para a scena. Quando a peça chegou á sexta scena do quinto acto, e *Altamore* quer matar a *Bayard*, o camponez vendo que o actor se atira com a lança sobre o dito *Bayard*, pula do seu camarote sobre a scena, e atracando-se com elle lhe diz:

—Agora é comigo, tratante, pois já fizeste demais a este pobre diabo.

Houve uma difficuldade muito grande em tirar-lhe o actor das mãos e capacital-o de que nada do que via era real.

Uma joven esposa, rescendendo ainda os perfumes de noivado, pretendeu saber quantos filhos seriam o fructo do seu consorcio.

E', sem duvida, uma curiosidade muito natural, mas tambem, às vezes, perigosa.

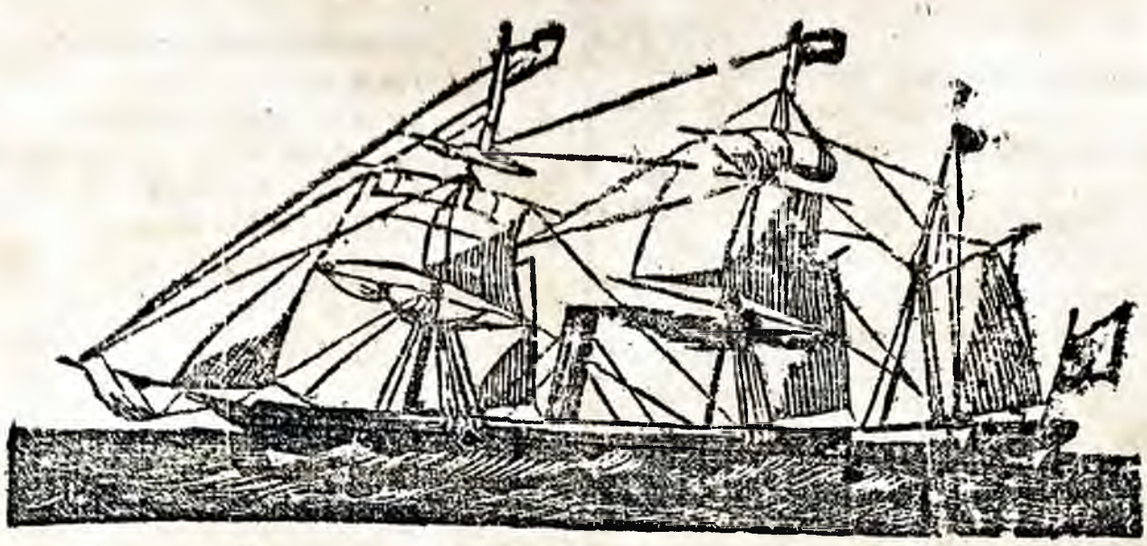
Lembrou-se de consultar alguma sybilla spiritica, e, já se sabe, com a approvação do marido, perigosa tambem em certos casos, foi perguntar a um medium, ou antes a uma media, (era um spirito feminino) em plena sessão de spiritismo, quantos filhos havia de ter. Respondeu-lhe a inspirada que quatro. Veio a nossa futura mãi de familia muito contente contar ao marido o resultado da consulta. Aquelle, porem, desejando ter uma prova da coherencia de tal prognostico, foi em outra sessão perguntar à mesma prophetiza quantos filhos havia de ter. A resposta foi que teria dous!...

O pobre homem ficou banzando, sem poder atinar porque modo havia sua mulher de ter quatro filhos e elle so dous!

Em um quartel;

—Soldado Pacot, não tens dous soldos de intelligencia.

—Meu cabo, si eu so ganho um, como poderei comprar dous soldos?



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 44, 1.º andar.

Anno VI. Serie 37.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 40 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 28 DE MAIO DE 1868. N. 367.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. admnistrador do theatro.—Tendo necessariamente de apparecer, com a chegada da companhia lyrica, alguma desynteria poetica nos intestinos desse theatro, que venha incommodar ao paciente publico; sirva-se S. S. de entender-se com os taes poetas, pregadores de theatro, para que previnam as noites em que tiverem de versejar, afim de que a rapazeada que tem de ouvir as lamentações poeticas, seja avisada para levar travesseiro e colchão, onde se recoste emquanto durar a febre enthusiastica dos taes palradores do Parnaso.

—Apre! Assim é de mais!

—V. está pasmado; de que?

—Do incommensuravel deleixo desta terra, para todos os ramos do serviço publico.

—Bagatella! Eu julguei que se admirava d'outra cousa.

—Pois n'uma cidade onde ha um inspector de saude, uma camara, e uma caterva de fiscaes, se consente que os fatos dos carneiros mortos para o consumo sejam atirados á rua, e que ahi fiquem em putrefacção, prejudicando a saude do povo.

—E' exacto; tenho visto nos Talhos de S. Bento, por mais de uma vez, visceras de carneiro em decomposição, jogadas n'uma especie de montureira, exhalando uma fedentina horrivel.

—E isso n'um mercado publico, onde o publico que vae prover-se do necessario é obrigado a agglomerar-se, é a mais indesculpavel e desasada prova da incuria dessa sucia que rege os destinos do povo.

—Que se importa essa gente que está no seu bem-estar, que tres ou quatro infelizes do povo morram de typho ou outra qualquer molestia, occasionadas por aquelle foco de infecção?

—O que vale é que a morte não faz escolha.

OS PARENTES.

A palavra parente em portuguez quer dizer—pessoa que está perto da nossa raça, ou que nos é ligada por sangue, isto é, que no gerar-se e nascer andou embrulhadada nos ventres de nossos conchegados. A etymologia desta palavra ignoro, mas querendo formal-a cá com os meus botões, e deitando a livraria abaixo, formei-a de dous modos, a saber: parente, composto de *par* e *ente*, e então vem a ser, mulher e homem, porque na dança não se admitte sinão macho e femea, e portanto esta etymologia não está em ordem: formei do verbo latino *pareo pares parere* no participio do presente, que vem a ser parente, e significa o que obedece; visto que *parere* significa obedecer, e tambem este não

está muito coherente, por quanto ha parentes que são obedecidos e nunca obdecem. Mas deixemos a raiz da palavra, e vamos aos fructos e folhas deste arbusto, que tanto se enxerta na sociedade.

Considerado o parentesco como verdadeiramente o é, que significa união de familia, ou proximidade de raça, deviamos contar como parentes todos aquelles que por meio de casamento, ou paternidade, nos são unidos; porém, infelizmente a soberba e impostura na sociedade, tem chegado a tal ponto, que muitos negam os parentes unicamente por serem pobres, ou serem pessoas de cor, chamados pardos vulgarmente; e então acontece diariamente a vil e estupida miseria de quando querem alguns pais que os filhos casem, indagarem-se si a moça tem raça de parda, porém si ella tiver muito dinheiro é immediatamente branca, e pura como um jasmim, e até fidalga. Outros tem descido a infamia e barbaridade de negarem as mães, e dizerem que sao suas agregadas ou engomadeiras, só porque são de cor!!!

Outros, toleirões e ingratos, quando acontece serem filhos de um homem branco, e uma parda, a cada passo estão citando o pae: não se ouve fallar senão no pae—meu pae p'ra baixo, meu pae p'ra cima, e a mãe niclis, por que é parda; serviu para cria-lo na barriga, e paril-o com risco de vida, e não serve para ser amada!!!

Outros, se acontece terem um parente, ainda que no centesimo grau, com algum titulo, massam a gente a contar o que diz o tio barão, o que come, o que veste, o tempo que dorme, e outras frioleiras desenxabidas, e si o parente titular é proximo, bem como um irmão marquez, ou um tio bispo! isso então é o ora pro nobis da conversa.

Entretanto, outros tambem, por asnos, escondem os parentes quando tem uma profissão baixa, bem como, se tem um cunhado sapateiro, ou um primo meirinho &. &.

Ora o certo é. que muitas vezes os parentes são prejudiciaes, bem como quando se casa um homem, e pensando sustentar só uma mulher, vem lhe para casa uma cambada de primas, tias velhas da mulher, afilhadas, agregadas &c. &c.

(Continua.)

LA VAE VERSO.

CANÇÕES POPULARES

TERRA ALHEIA.

«A rôlinha de cançada
Bateu o papo n'areia,
E batendo foi dizendo:
Triste cousa è terra alheia.»

Garça parda, garça branca
Que n'este lago passeia,
Bate as azas, volve aos lares
De quem chora em terra alheia:
E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

Que a rôlinha de cançada
O papo bate na areia,
E batendo disse em prantos:
E' cruel a terra alheia!
Ai voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

Minha vida, meus pezares
Conto aos meus, na minha aldeia:
Que sou a rôla cançada
Soluçando em terra alheia:
E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E si ouvires uns gemidos...
E' a mãe que me pranteia!
Ai, supplica a sua benção,
P'ra quem chora em terra alheia!
E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E se ouvires uns suspiros...
Minha amada devaneia;
Dá-lhe um beijo em troca d'outro
P'ra quem chora em terra alheia:
E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E, si vires á noitinha,
Meus irmãos junto á candeia,
Ai, lhes conta a longa historia
De quem chora em terra alheia:
E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E si fôres aos coqueiros...
A graúna lá gorgeia:
De seus hymnos o mais terno
P'ra quem chora em terra alheia!
E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E a doce nota do sino,
Qu'ao sol posto tanto enleia;
Um raminho das campinas
De quem chora em terra alheia:
E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E os descantes do vaqueiro,
Quando á tarde não campeia...
Ai, consolos e lembranças
P'ra quem chora em terra alheia:
E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E voltai...que eu sou a rôla
Qu'o papo bateu n'areia...
E dá forças, dá-me alento

Ao cançado em terra alheia:
E voando vai dizendo
Triste cousa é terra alheia!

J. B.

Á PEDIDO.

—Compadre, peço-lhe um favor.

—Pois não, o que é?

—E' para V. entregar a aquella Sra. da Conceição da Boeasinha, o trancelim que V. tomou emprestado para sahir no dia 2 de julho.

—Deixe-me, compadre, por S. *Bernardo menino*; eu tomei emprestado o trancelim, é verdade; mas tive uma precisão, que foi de comprar uma cadeia, e empenhei-o por 20$ rs. ao *Tavares*, e ainda não o fui resgatar, mesmo porque aquella mulher me tem deitado no *Alabama*.

—Mas isto compadre, não tem termo, V. tomou emprestado o trancelim, deve o entregar, tanto mais quanto V. é empregado de policia, e não é bonito ver seu nome fallado, na gazeta.

—Mas, compadre, não tenho tido 20$ rs. para o resgatar.

—Pois V. ha quasi um anno não recebe o ordenado? e porque não toma emprestado em mão do homem da *Matta*, com quem, V. trabalha na *inspecção?*

—Quando o *Senna* e o proprio *filho* não lhe merecem credito quanto mais eu.

—Pois olhe, disse-me a Sra. que vae deitar no *Alabama* um artigo a seu respeito, em que conta factos horriveis, bem como um que se deu na escada de seu sogro quando V. estava para casar-se.

Sabe que facto é?

—I.....!!!

Mizericordia!!

—Estão mudados os tempos! *Oh tempora, oh mores!* Já um caloteiro, um delapidador da fortuna alheia e um espertalhão passa *por caracter spartano* na gazeta do *progresso*.

—Explique-se, homem.

—Refiro-me ao *delgado alarma*, que, alem de assassino, amaldiçoado e cynico, reune mais as qualidades acima referidas.

—Como?

—Caloteiro—porque illudiu uma pobre e virtuosa senhora, de quem bifou tres contos de réis, e não ha forças humanas que o obriguem a pagar. Ha tres annos, mais ou menos, que corre um pleito neste sentido, e não sei quando acabar-se-ha; já houve até penhora:

Delapidador da fortuna alheia—porque em sua casa tem uma infeliz menor, que, tendo alguns bens, está hoje reduzida á miseria, soffrendo privações:

Espertalhão—porque *chamou á sua folha* uns carneiros do tenente-coronel *dos pinheiros*, que dil-o abertamente a quem queira ouvil-o.

—Bravissimo: um tractante destes na antiga Sparta já estava, ha muito, enforcado.

—Pois aqui não; merece a confiança do governo, apezar das ruas de amargura por que a sua lingua viperina faz passar o Sr. das *nascentes*, que já o enxotou dos umbraes palacianos.

—Capitão, que vida feliz!

—De quem?

—Do alferes Marinho.

—Porque?

—Pelo que me consta.

—O que é que lhe consta?

—Que quando quer passeiar diz ao commandante—estou dispensado oito dias pelo presidente; findam-se estes, diz—tenho mais oito e raspa-se para Santo Amaro; a ser verdade, nada melhor do que viver assim.

—E' verdade.

—O Sr. alferes no periodo de oito mezes tem feito 10 piquetes, 8 rondas, uma diligencia de 17 dias nos Humildes, calculo aproximado; o mais tempo tem estado licenciado, passeiando pelo reconcavo, trocando cavallos.

—Pois o Sr. commandante que mostre ao Sr. alferes o art. 66 do regulamento do corpo, e chame-o ao cumprimento de seus deveres, ponha duvidas a respeito de tantas licenças em nome do governo; pode haver protecção d'uma ou outra parte, menos com escandalo.

—Meu charo professor, como está? Estou o vendo assim com um ar de quem está zangado?

—Tenho razão para isso.

—Então houve algum transtorno na sua vida, alguma noticia que teve de sua familia?

—Não é nenhuma dessas cousas.

—Roubaram-lhe as futuras esperanças, não?

—Hoje não estou para gracêjos.

—Mas o que tem V., diga?

—Recebi neste momento o *Diario* em que vem publicado um discurso do director dos estudos a respeito os internatos, e vi um pedacinho que me encommodou bastante.

—O que diz elle, que V. ficou tão vexado assim?

—Diz que o professor Bellarmino, com quem elle director não se dá, mas cujo ca-

racter é severo, em 1861, quando elle era incumbido de praticar a reforma e quando o procurava para tratar de sua jubilação, que a teve integral, disse-lhe:

«*Sr. Barbosa, o internato é uma de suas glorias; porque, por exemplo, na ultima fornada do externato sahiram trinta camellos*»

E como fui eu tambem um dos formados nesta *fornada*, estou incluido no numero dos camellos.

—Mas V. não está vendo que o Bellarmino não podia dizer isso; não está vendo que o professor, chamando os discipulos camellos, será duas vezes mais camello do que elles, porque os approvou?

—Está o proprio Barbosa se compromettendo.

—Como?

—Diz elle, depois do pedaço que V. leu para eu ouvir, o seguinte:

»*Si coubesse aqui o juramento de honra, eu o daria.*»

Ora, si elle disse que o Bellarmino tachou os trinta normalistas de camellos, como não cabe o juramento de honra, quando elle tem sua consciencia livre? Ja vê V. que o Bellarmino não disse semelhante cousa, e se o disse, porque o Sr. Barbosa não deu o juramento, quando tinha consciencia que sua *honra* não ficaria manchada?

Isto é que é preciso refletir-se.

O Portella, em um aparte que deu, justificou os normalistas, quando disse:

«*Elle é que approvava os camellos; eu la não estava.*»

—Muito bem, muito bem!

—Olé! Estão em assemblea, não?

—Oh, caro amigo! Estamos aqui apreciando o discurso do Barbosa, no qual diz, que no ultimo anno do externato disse-lhe o Bellarmino ter-se formado trinta camellos.

—Ora deixem-se disso que ja li no *Jornal da Bahia*, que acabo de receber, uma resposta do professor Bellarmino desmentindo o que o Barbosa fallou no seu discurso.

—Felizmente o Bellarmino não deixou passar desapercebido o *vomitorio*, que o Barbosa quiz trancafial-o,

—O Belarmino publicou a resposta antes de ser publicado o discurso *vomitoriado*.

—O Dr. Brandão fez justiça ao caracter do Bellarmino, o julgando incapaz de dizer semelhante cousa.

—Está encerrada a discussão.

Procura-se saber, onde nesta cidade reside o Sr. tenente Alfredo Augusto Gonçalves Moreira, que, em março de 1867, recebera, no Rio de Janeiro, do alferes Cova, por ordem do alferes João Pinheiro Requião, hoje fallecido, a quantia de 50$ rs. para serem entregues, nesta cidade á seu pae.

E porque até o presente não tem o pae do fallecido alferes recebido cousa alguma, attribuindo-se o não conhecimento que o Sr. tenente tem do mesmo, que venha a esta typographia, para colher informações precisas.

Bahia 24 de maio de 1868.

O Impaciente.

VARIEDADES.

—O senhor casa-se?
—Não.
—Porque?
—Porque andaria triste,
—E por que andaria triste?
—Porque havia de ter ciumes.
—E porque os havia de ter?
—Porque seria atrahiçoado.
—Quem lhe disse que seria atrahiçoado?
—Seria atrahiçoado, porque o merecia.
—E porque o merecia?
—Por me haver casado.

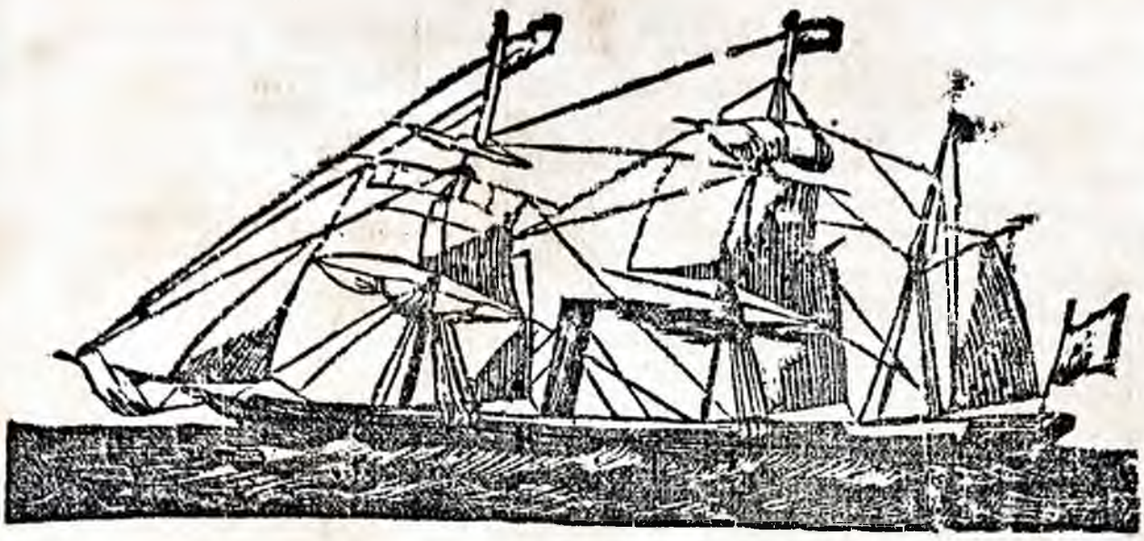
Um idiota dizia n'uma reunião:
—Tenho uma ideia!
—E' è caso para admirar, observou um dos ouvintes.

ANNUNCIOS.

FOGOS E MAIS FOGOS E SEMPRE FOGOS, PARA AS VESPERAS DE SANTO ANTONIO, S. JOAÕ, S. PEDRO E O GLORIOSO DIA DOUS DE JULHO.

Só na Loja Flaviense de Antonio Emigdio de Souza, á rua do Guindaste dos Padres n.º 24, é que se encontra um grande e variado sortimento de pistollas, foguetes do ar, craveiros, fortes espadas encouraçadas, chuvinhas e chuveiros, rodinhas grandes e pequenas, traques da India das primeiras marcas, ditos de maça, ricas sortes para presentes, candeias e bichinhas, photographias magicas e feiticeiras. O Annunciante garante ao respeitavel publico desta capital, que em parte alguma serão tão bem servidos como na loja acima, por ter mandado fazer os seus fogos por emcomenda e a capricho, só afim de bem servir aos seus freguezes, pois escolheu os primeiros fabricantes desta capital, e como se acha com um grande deposito, está resolvido a vender tudo por muito menos que em outra qualquer parte, e por isso espera ser preferido pois ninguem quer ser mal servido.

Typ. de Marques, Aristides & C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. Serie 37.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 30 DE MAIO DE 1868. N. 368.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1º districto, recommendando a sua vigilante attenção um rapazito de nome José de Sant'Anna, tocador de *ferrinhos*, e aprendiz do arsenal de marinha, filho de um Sant'Anna, alfaiate. Esse peralvilho, apezar da pouca edade, é um perito official do olho vivo, e parece que nenhuma correcção recebe da casa paterna, pelos seus mal-feitos, por isso levando-se ao conhecimento de S. S. pelos innumeros factos praticados, espera-se que o mande para o logar onde se costuma corrigir os peraltas e ratoneiros.

—Forneça-me alguma cousa da guerra.

—Não viu as folhas diarias?

—Eu confio pouco na forja que fabrica as taes noticias.

—Pois ouça este pedacinho do *Diario Fluminense*, que é o meu predilecto.

«DO RIO DA PRATA

Entrou hontem, 19, do Rio da Prata o paquete *Aunis*.

As noticias, que traz do theatro da guerra, dadas como os factos se passam, são tristes e não confirmam a *posse do Chaco e nem do Timbó*, e tão pouco o sitio completo, fechado do inimigo em Humaytá.

As do Rio da Prata, quanto ao estado politico e civil das republicas alliadas, são as mais apprehensivas de imaginar.

Levanta se o espirito publico naquellas republicas contra a alliança, e pede-se em *caracter official* o rompimento da mesma alliança.»

—E o governo no proposito de guardar segredo compromettendo o paiz com tal systema de trapos quentes!

—Diz o *Jornal do Commercio* do mesmo dia:

Entrou hontem do Rio da Prata o paquete francez *Aunis* com folhas de Buenos-Ayres até 14 e Montevideu 15 do corrente.

Do theatro da guerra temos datas até 10, mas depois da occupação do Chaco pelas forças alliadas, successo de que ja conhecemos todos os pormenores pelas correspondencias e partes officiaes publicadas, não se dera mais facto algum de primeira importancia.

—Diz tambem o *Diario*:

«Consta-nos que o ministerio apresentará á corôa o decreto de demissão do generalissimo brasileiro, o honrado Sr. marquez de Caxias, si o *expresso*, que proximamente vier do theatro da guerra em poucos dias, não trouxer a noticia de que se feriu uma... grande *batalha*, conforme tambem ultimamente ordenou o governo ao generalissimo o fizesse!

E' uma curiosidade mais da.... politica governamental do tempo.

Seja como for, de noticias de *grandes acontecimentos* deve ser portador, em breves dias, *um expresso* à chegar do theatro da guerra!

E Deus permitta que *esses grandes acontecimentos precipitados* sejam.... em bem do paiz!»

—Quer ver como se avilta vergonhosamente a pura e divina essencia da religião de Christo, emparelhando-a ás mais grosseiras e estupidas usanças da idolatria?

—Si quer se dar a esse trabalho, porque não?

—Nos jornaes de S. Paulo, na sessão dos —annuncios—entre os panegyricos feitos aos côcos da Bahia, lingoas do Rio Grande, medicamentos de Grimault, salsa-parrilha, sabonetes de alface e outras *novidades parisienses* de um *tal,* lê-se tambem o seguinte annuncio:

«IMACENS DO PORTO.

«Victor Augusto Monteiro Salgado recebeu pelo navio *S. Paulo*, chegado ha poucos dias ao porto de Santos, uma grande quantidade de *diversos objectos*, e entre elles vieram *ricas imagens*, perfeito trabalho em madeira; abaixo se menciona as que ainda existem e que *se trocam* pelos valores tambem abaixo exarados:

«1 Imagem do Senhor dos Passos—120$.

«1 S. Sebastião—100$.

«1 Nossa Senhora das Dores, com peanha e redoma—120$.

«1 Nossa Senhora da Conceição, com dito dito—110$.

«1 Santo Antonio, grande, dito dito—100$.

«1 Dito mais pequeno—80$.

«1 Nosso Senhor crucificado, 1 Nossa Senhora da Soledade e 1 S. João Evangelista, tudo por—100$.

«1 S. Benedicto, grande, por—100$.

«1 Dito mais pequeno—70$.

«PARA ALTAR OU PARA EGREJA.

«1 Banqueta completa e ricamente dourada, constando de 7 castiçaes e 1 Nosso Senhor Crucificado, tudo por—240$.

«Encarrega-se *de mandar vir* do Porto ou Lisboa qualquer imagem, ou ornamentos para egreja ou oratorio, mediante uma pequena commissão, o pagamento adiantado, de um terço ou metade do valor da encommenda, de que se passará um recibo.»

—Já que os sabios directores supremos do paiz, e bem assim o alto e illustrado clero brasileiro, em vez de extinguil-as, antes acoroçoam taes *miserias*, é conveniente que de si mesmo vá o povo reflectindo por sua conta e risco.

—Como vae o dinheiro do Brazil!

Diz o *Diario Fluminense:*

«Somos informados que na Inglaterra um *valido feliz* do imperalismo do tempo, commissionado para comprar vapores para o Estado, comprou por *cem mil libras esterlinas* dous vapores que estavam no Tamisa, ha muito tempo, sem acharem compradores pelo valor de *dez mil libras* cada um, preço pelo qual tinha o agente vendedor ordem para desfazer-se delles.

Foi uma bagatella de 40,000 libras mais por cada um, porque o contribuinte brasileiro tem para dar.

Havemos de esmerilhar este negocio, como o fizèmos com os trilhos de ferro do Chaco, e assim com mais alguns outros arranjos do imperialismo governamental que nos felicita.

Calculando as libras esterlina a 10$ rs. cada uma, preço muito baixo, cada um daquelles vapores custou ao Brazil a bagatella de *quinhentos contos de réis.*»

—E' justamente o que se chama esbanjar á *vapor*.

LA VAE VERSO.

DEFINIÇÕES.

O POVO ENTRE SYLLA E CARYBIDES.

Soneto.

Povo, é pupillo de fataes tutores,
A quem, rei, fidalgo, padre estulto,
E mais caterva do mendacio culto,
Chamam-no rebanho de que são pastores.

Rei, com chapas, fitinhas sem valores,
Quer do livre a servidão, do livre o luto,
Fidalgo, que é do rei retrato e vulto,
Rouba do povo p'ra exaltar senhores.

Padre, esse duende no mysterio envolto,
Quer das cousas do ceu tratar na terra!!...
Mas co'as unhas no mundo, a freio solto.

Do carola na fé, seu dente ferra,
Eis a trindade, contra quem revolto
O mundo livre, ja de si desterra.

Sertanejo

Á PEDIDO.

—O' aspirante!

—As ordens.

—Va buscar o *Charles Viares.*

—Esse maldicto *meio-pata* tem medado um trabalho insano.

Capitão, aqui está o cara de *caxinguelê.*

—Chega á forma, milhafre da virgindade.

Com que conseguistes impunemente fazer mais uma victima de tua brutal e lasciva sensualidade, atirando a infeliz e innocente menina a prostituição?

Abrasada em chammas sejas tu, maldicta Latronopolis! onde os ladrões, os assassinos,

os corruptores e perversores da sociedade acham tanta guarida e protecção!

Quantos peditorios e quanta gente interessada pela impunidade desse abutre!

—Capitão, é pela *charidade* que faço.

—E' com essa hypocrita e mascarada charidade que vaes alcançando teus torpes desejos, fera indomita e bravia.

E' com o disfarce de fazer bem e accudir a humanidade afflicta, que levas a prostituição ao seio de quanta familia pobre penetras.

Levas a charidade mentida nos labios e o lethal corrosivo no coração.

E ainda ha paes de familia que pedem por um monstro destes!

E ha autoridades que *capeam* um assassino de tal ordem!

Uma fera que compra a honra de uma incauta donzella por 10$ rs.!... e n'outro dia é chamado de philantropo e prestativo!

Egoistica sociedade em que vivemos!....

Cartouche, o ladrão sagaz por excellencia;

Vampa, o salteador mestre, pela pratica;

Vidoc, o ladrão que com o punhal tirava a vida ás suas victimas;

Zé do Telhado, o ladrão mais destro e fino de que teve noticia a policia de Lisboa, nada são em comparação a ti, sicario nefando, que sem piedade, te deleitas em esmigalhar as capellas virginaes, que cingem as frontes de innocentes indefezas meninas e atiral-as ao lodaçal da infamia!

E a condescendencia dos homens te absolvem de tão hediondos crimes!

E a desmarcada protecção de que dispões é bastante forte para arcares contra o justo brado de indignada maldicção, que desprendem sobre tua cabeça, as victimas de tua brutal concupiscencia!

Mas desta vez pagarás por todas teus tenebrosos feitos, porque estás diante de um tribunal onde não se admitte contemplações.

Muxingueiro, leva este thug da honestidade para o porão, porque ainda não chegou a hora de expiar seus tremendos crimes.

(*Continua.*)

—O *caracter spartano* está completamente *desapontado*.

O *chefe*, outro dia, de viva voz, ouviu de uma parte que foi queixar-se ou antes prevenir-se, horrores e infamias, que ficou envergonhado de conservar junto a si um tractante de tão grande marca.

Ouviu as accusações boqui-aberto, extatico de que merecesse a confiança do governo esse chisbarro ratoneiro.

—Quanto mais si elle soubesse de tudo!

—Pois o *delgado alarma* não teve o *cio bodaco* de, no exercicio de suas funcções, converter um camarote em bordel policial, e ahi.... com uma pardinha, que para esse fim mandara chamar das terrinhas, no tempo em que representavam as *buffas?*

—Isso não é nada. A empalmação que fez no primeiro casamento da *cabocolinha,* isso é que é tudo. Ahi a prevaricação e a concussão chegaram ao seu maior excesso. Ainda vive a pessoa a quem elle rebateu as letras que lhe foram dadas *em recompensa de tão grande officio.*

—Conte-me isso por miudo.

—Não se appresse: de vagar se vae ao longe.

—Hontem, passava por uma *rua,* absorto, pensando na *misericordia* divina, quando fui despertado por um som extranho que sahia d'uma casa e fazia *xic... xoq...* e após ouvi gritar—56—pensei que era alguma loteria sem authorisação, que estava correndo de noite; porem logo desfez-se-me a illusão quando em seguida a este numero ouvi murmurios de *casas novas, duques, ternos, e quadras.*

Estavão jogando o vispora.

Entrei.

Confesso que fiquei espantadissimo, de ver a condescencia com que a policia consente uma casa destas n'uma rua de tal ordem, onde a qualquer hora transitam as potestades policiaes.

Mais logo fiquei desilludido, quando soube que a tal spelunca era mantida e garantida por uma *influencia eleitoral*, que é *cousa* no districto policial onde está situada a tal jogatina.

Muitos milagres fazem estas eleições!

A não serem ellas, é impossivel que consentissem por um momento em pavorosa sociedade aquella variedade de typos, aquella simultaniedade de cataduras; aquella agglomeração de fezes que so apparecem á noite, e que fazem da acanhada saleta do vispora seu passatempo favorito.

Alli prorompem os gritos descompassados, as questões atrozes, as palavras indecorosas! E das palavras vão aos murros, dos murros aos cacetes e dos cacetes ao punhal!

E a policia impassivel!

E' mundo, vamos vivendo.

(*Continúa.*)

O *Cazuza,* frasquinho de veneno, está *atrapalhoado.*

De caloteiro, ladrão, assassino, e muitos outros epithetos lhe fazem a festa.

Por nossa vez vamos tambem dar conhe-

cimento ao publico de certos factos, e por isso, Sr., guarde um logar no seguinte numero para o

Seu assignante,
O Spirita.

—Santo Deus!..... Quem me valle!.... Justiça do ceu!...

—Senhora, Vm. o que tem que está tão desconsolada, aconteceu-lhe um grande mal?

—Minha filha, Sr....., minha innocente filha, com 11 annos, perdida... prostituida, por um monstro; e eu fraca mulher, desamparada, sem ter quem me proteja.

—E a senhora porque não recorre a lei, que é quem lhe pode desafrontar?

—Como, Sr., si em toda a parte encontro tropeços e embaraços? Si o infame portuguez que deflorou minha filha, dispõe de recursos e protecção; e naquelles mesmos que deviam ser os intermeadearios da justiça encontro obstaculos?....

Quiz ir lançar-me aos pes do Sr. chefe e implorar-lhe commiseração e piedade e não me consentiram!.....

Talvez que elle me ouvindo,se condoesse de uma mãe desgraçada; mas não o quizeram...

Ai...meu De...us...so na justiça do ceu poderei encontrar a reparação de tamanho mal.

—Não chore, senhora, que não lhe dá remedio.

—Aqui está a roupa da innocente, Sr..... veja, veja o tamanho da mulher que o tigre achou para deflorar!...

—Perverso!...

—E houve quem trahindo a sua missão, asseverasse que a infeliz se achava em perfeito estado!

A justiça deste mundo so é para quem tem.

Quem tem, acha ate quem abusando do seu officio, o proteja *escrevendo* com alteração os factos.

—Deixe isso para depois e diga-me quem é esse malvado.

—E' o *Manuel* da *Catharina*; tem bodega na Barroca pequena ao pe da *valla*.

—E como poude pilhar a menina para causar-lhe o mal?

—Estava entregue a amasia desse demonio para educal-a; o maldicto valeu-se disso para consummar seu endiabrado intento.

—Pois senhora, o chefe é homem de excellente coração, e amigo da justiça; va se ter com elle, conte-lhe suas magoas que elle ha ter compaixão da senhora, quanto ao gallego deixe-o que eu o tomei a minha conta.

(*Continúa.*)

VARIEDADES.

CHRONOLOGIA

dos principaes melhoramentos industriaes admittidos no imperio.

1808—No Rio a typographia
Tivemos primeiramente;
1811.—A segunda p'ra Bahia
Foi que veio certamente
1839.—D'ahi barcas á vapor
Nacionaes correndo o imperio,
1850.—Da Europa vieram pôr
Escala neste hemispherio.
1852.—A electricidade após veio
P'ra fallar, que instituiram:
1853.—E com um anno de permeio
As locomotivas se viram.
1854.—Veio o gaz e os combustores
Para a luz—guapa invenção!
1855.—Por fim os locomotores
P'ra carriz, vieram á nação.

B. A. C. de Faria.

FALLAR UM MORTO.

Levavam a enterrar um homem, que julgavam morto, porem que não estava. Voltara a si quando o collocaram no carro funebre e ouviu que perguntavam:

—Quem é morto?

—E' Julião.

—Pouco se perdeu em o diabo ter levado esse patife.

—Ah! maroto, disse em voz baixa o *defuncto*. que sova que levavas si eu estivesse agora vivo!

Partindo Solimão, monarcha turco, para a conquista de Belgrado em 1523, aproximou-se-lhe uma pobre mulher, queixando-se-lhe amargamente do comportamento de dous dos seus soldados, que lhe tinham roubado, emquanto dormia, umas molas, que eram a sua unica riqueza.

—Muito ferrado no somno estavas para não ouvires os ladrões, lhe disse rindo o soltão.

—Senhor, estava muito adormecida, respondeu ella, mas era na confiança de que V. A. velava pela segurança publica.

Solimão, conheceu a razão de tão atrevida resposta, e em vez de se offender reparou explendidamente o mal occasionado.

N'um baile de mascaras:

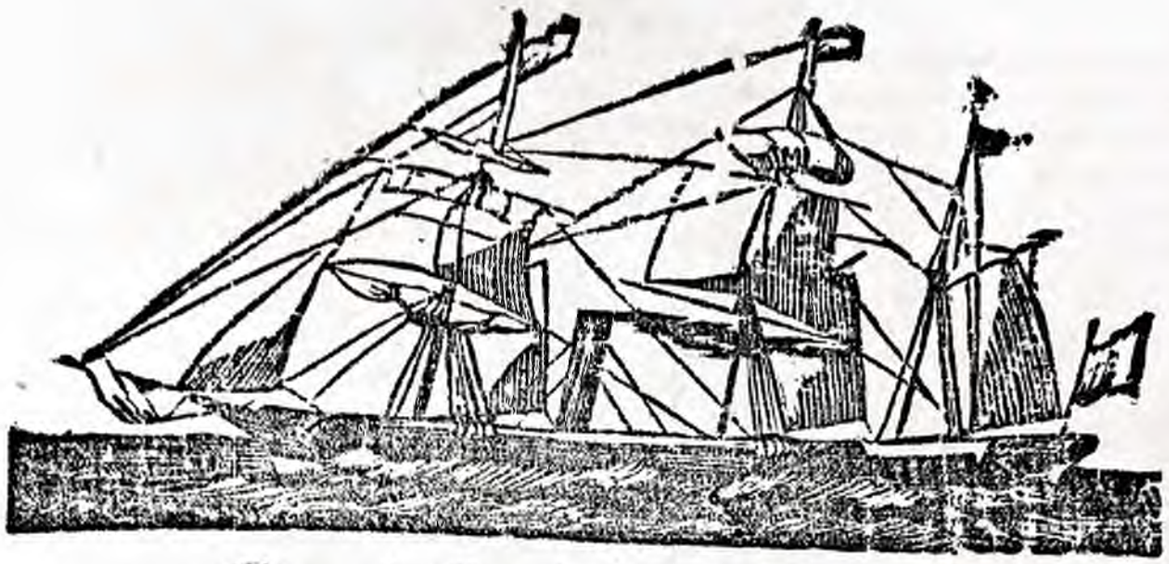
—Amalia:

—Que queres?

—Alli está teu marido.

—Ah infame! E deixou-me na cama para ir tratar d'um enfermo!

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chisteso

SUPPLEMENTO.

O ALABAMA.

—Temos noticias do theatro da guerra com data de 11.

—O que ha?

—O facto mais importante é a noticia de um ataque no dia 8.

No dia 8 uma força alliada, ao mando de coronel D. Miguel F. Martinez, avançou sobre um reducto inimigo proximo ao Chaco e delle se apoderou sem resistencio.

Dando conta desta commissão, exprime-se o mesmo coronel nos seguintes termos:

«O coronel chefe da columna expedicionaria.

«Acampamento em frente a Araza, 8 de maio de 1868.

«Ao Sr. general chefe do 1.º corpo do exercito argentino e commandante em chefe da divisão do Chaco.

«Em cumprimento das instrucções que me foram dadas por V. S., marchei sobre o reducto inimigo que V. S me ordenou que tomasse, o que foi executado com a força brasileira que compunha parte da columna sob meu commando.

«O inimigo nenhuma resistencia oppoz e fugiu vergonhosamente, deixando em nosso poder dous prisioneiros, muitas ferramentas de sapadores, na sanga onde trabalhava, e grande quantidade de armamento; o que foi tudo posto á disposição do chefe brasileiro.

«Tratei immediatamente de destruir todas as obras que alli tinham sido feitas e momentos antes de sua conclusão e de nossa retirada, apresentou-se o inimigo forte e audaz como sempre, tratando de envolver-nos em uma rapida carga, que foi dignamente repellida pela força brasileira, sustentando em seguida um combate por espaço de hora e meia, á pequena distancia, dando em resultado o destroço completo do inimigo com muitos mortos no campo, e deixando em nosso poder grande quantidade de feridos, que tambem entreguei ao chefe brazileiro.

«Ainda não conheço as perdas dos nossos alliados por não ter recebido parte do chefe. A força argentina apenas teve um contuso.

«Minha retirada do campo do combate só foi effectuada depois de estarem a bordo todos os feridos para onde foram conduzidos e curados pelos cirurgiões Bedoya e Gallegos, que foram mui activamente acompanhados pelos esforços com que attendia ao cumprimento de seu dever o capellão do exercito argentino D. Thomaz Cauavery.

«Tenho a satisfação ao dar parte a V. S. deste combate, recommendar a bizarria das forças alliadas sob minhas ordens.

«Deus guarde a V. S.—*Miguel F. Martinez.*»

Por participação do general Gelly y Obes de 11, colhe-se que no campo já se haviam contado 111 cadaveres do inimigo.

Dous feridos declararam:

Que a força que nesse dia atacou era de 6,000 infantes e dous regimentos de cavallaria, vindos de Tebicuary, dos quaes creem que ficaram 50 sãos;

Que Lopez com seus tres generaes e 6,000 homens das tres armas, segundo ouviram dizer, por não terem visto toda a sua força, acha-se na estancia do Rosario, que dista

cinco ou seis leguas do rio Paraguay e quatro do Tebicuary;

Que creem poder atacar-nos á arma branca, valendo-se para isso de sua cavallaria, que dizem estar bem montada;

Que nenhum trabalho se está fazendo nas margens do rio Paraguay, e que a artilharia grossa que tiraram de Humaitá está enterrada no Chaco.

Um delles declara ter elle proprio enterrado o canhão general Dias.

Declaram mais que no Timbó havia 4 batalhões e 2 regimentos, com muitas peças volantes e 14 de grosso calibre sobre o rio;

Que não ha donde tirar um homem para o exercito;

Que ultimamente tinha vindo de Assumpção um batalhão formado puramente de creanças de 10 a 11 annos de edade, e tambem 150 homens (boa tropa) da fronteira do Brazil.

«Neste encontro as forças brasileiras tiveram 8 mortos e cercas de 60 feridos.

«O *Courrier del Plata* deu a noticia de que ja se tinha intimado a rendição de Humaitá!

»Um telegramma garante ser falsa esta noticia.

—Uma desgraça.

—Quando?

—Hoje 29.

—O que foi?

—José Thomaz, homem pardo, cavoqueiro, trabalhando em uma pedreira ao caminho do Cabulla, tendo atacado fogo a uma mina e vendo demorar-se a explosão, teve a imprudencia de ir atiçal-a e conservar-se ao pé, quando instantaneamente rebentou a referida mina, fracturando-lhe os braços e esmigalhando o craneo.

Veio muribundo para o hospital.

—Deus tenha pena de sua alma.

VARIEDADES.

CASAMENTO ENTRE OS INDIOS DO PARAGUAY.

Quando um dos habitantes da margem oriental do Paraguay, assim como de outros povos visinhos da America septentrional, tem adquirido a reputação de valerosa guerreiro, assignalando-se em acções heroicas contra os seus inimigos, toma então o accordo de se casar: para o que faz um contracto por certo numero de annos, pois que a convenção vitalicia seria para elle um captiveiro insuportavel. O selvagem escolhe a rapariga que lhe agrada, e todos os parentes se ajuntam na cabana do mais velho cantando e dansando em obra do casamento.

Depois deste festim, os pais da futura se retiram, ficando quatro dos mais velhos parentes do esposo; e então a noiva se apresenta em uma das portas da cabana acompanhada de outros quatros velhos seus parentes: para logo o mais ancião dos do esposo a vem receber, e a conduz junto do marido; sentam-se ambos sobre uma esteira, e cada um segura a extremidade de uma variuha, que lhes é apresentada. Conseguintemente os velhos tomam outras varinhas que por ultimo cortam em pequenos pedaços, de que dão porções as testemunhas. Depois desta ceremonia, a casada sahe da cabana, outras raparigas e mulheres que se acham á porta a conduzem a habitação de seu pai, aonde o esposo tem obrigação de a ir vesitar ate que seja mãi: então ella renuncia a casa paternal, e se recolhe a de seu marido, com quem vive o tempo que dura o matrimonio.

Entre outros destes povos, depois que o selvagem se tem assegurado do coração da sua amada, se dirige ao pai, ou ao menos a um dos parentes mais proximos, que aceita a commissão de de ir com elle a casa da pretendida esposa. Accendem então o cachimbo, e o apresentam ao sogro, pedindo-lhe sua filha.

OS OLHOS.

Os olhos riem, choram, gemem, supplicam e meditam.

Os olhos são a linguagem dos namorados, assim como o sussurro é a linguagem dos zephyros.

As donzellas namoradas fitam os olhares no chão ou no leque: as namoradeiras costumam olhar para a rua; as pobresinhas, de quem ninguem faz caso, olham para o ceu.

O namoro opera-se tão somente com os olhos e os labios, isto é, consta de olhares e de sorrisos.

Os namorados, que se miram, nunca estão calados.

A alma estremece com um olhar timido; chora com um olhar triste; ama com olhar occulto e vacillante; despresa com um olhar altivo. Por isso se diz com frequencia «que os olhos são o espelho d'alma.»

Os olhos azues de uma innocente donzella são como os lagos que espelham o ceu.

Os olhos negros de uma moça namorada são um poema de mysterios, de amores e de delirios.

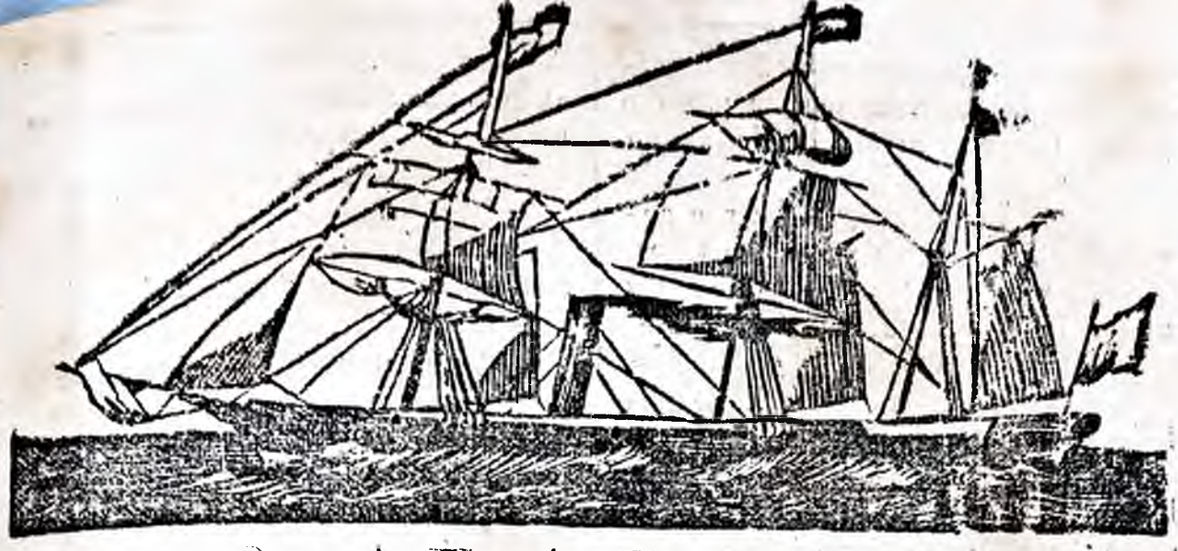
Os olhos de meninas puras parecem muito mais formosos, quando derramam lagrimas.

Fontenelle estava a morte. Um de seus amigos foi visital-o, e perguntou-lhe:

—Então como vai isso?

—Isto vai-se, respondeu o moribundo.

O
ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 4 DE MARÇO DE 1868. SERIE 34.ª—N. 332.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

Este numero do *Alabama* é o segundo da serie 34.ª

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de março de 1868.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um formidavel cano ao becco do Pedroso, o qual, alem do prejuizo que causa a saude publica com o mau cheiro que exhala, é um perigo imminente a que está exposto quem tiver de passar alli á noite. Em vista do que, espera-se que a Illma. se mexa a respeito.

—Eis ahi como são as cousas deste mundo.

—Umas tortas e outras direitas.

—A nossa camara municipal é uma pobretona, que nem dinheiro tem para atamancar as mais urgentes e vitaes necessidades de seus municipes.

Quando se lhe faz qualquer reclamação, entra a choramingar que está com os cofres thysicos, em quanto que no Paraná, provincia de terceira ordem, a camara da capital tem recursos para proporcionar a seus concidadãos não so o util e nescessario como até o agradavel.

—Isso é bom.

—Por proposta do vereador Ricardo Gonsalves Cordeiro, contratou uma musica para tocar durante o anno, nos domingos e dias santos, afim de que o povo tenha mais um motivo de distração e recreio.

—Entretanto a nossa municipalidade, que tem outras proporções, mal chega-lhe o dinheiro para pagar a seus empregados.

—Que desespero!

—Que tem meu charo?

—Esta falta de cobre faz um homem perder a paciencia.

—Resigne-se.

—Ora eu, por exemplo, que so tenho dez tustões, como hei de dividir este pedaço de papel para ir ao açougue, a venda, á tulha si em nenhuma destas partes acho troco?

—E' não comer.

—Mas isso é horrivel. Si esse mal-

dito, governo que nos acabrunha, soffresso as calamidades porque passa o pobre, talvez ja tivesse dado algum remedio.

—O que ha de tambem fazer o governo? A crise é geral; affecta a todos.

—Para o governo e seus amigos nunca falta ouro quanto mais cobre.

—Isso é dizer dos mal intencionados.

—Pois olhe, ainda hontem li em uma folha da côrte o seguinte:

«Somos informados que o Sr. conselheiro Zacarias mandou dar pelo thesouro, haverá uns quinze dias, mais ou menos, *dez coutos de réis em ouro* a um cambista da rua Direita!

Ha quem afirme que fora esse acto um emprestimo *D'ordem* que S. Ex. resolvera fazer; mas tambem ha quem diga, e esta versão é mais cordata, que S. Ex. ordenou a entrega daquelle dinheiro *unicamente* para que o cambista de *confiança*, que o recebeu, fizesse, em qualidade de agente do ministerio da fazenda, uma operação de credito e *cambial*, de subida *importancia*, *moralidade e interesse* para...

Ora para o que seria senão para melhorar o estado economico do thesouro publico.

S. Ex. é *verdadeiro e fiel* ministro do thesouro, e sabe lá o que faz,»

—Foi para resolver a crise inspirando confiança.

—Em proveito de algum feliz.

—O' preto!

—Sr.!

—Sr. Dr. está em casa?

—Vm. o que queria?

—Desejava fallar-lhe.

—Veio se receitar?

—Vim.

—E' preciso deixar 2$ rs. em minha mão para poder subir.

—2$ rs. para que, rapaz?

—E' o preço da consulta.

—E teu Sr. te encarregou de receberes?

—Sim, Sr., é ordem que tenho para todos.

—Toma os 2$ rs.

—Pode subir.

—Sr. Dr., desejava que V. S. me examinasse e me désse um remedio que me mitigasse os soffrimentos.

—Pois não, meu amigo. O que soffre?

—Do estomago.

—E' uma inflammação. Uso desta receita que ha de se dar bom.

—Obrigado, Sr. Dr.

—Aqui estou as suas ordens.

—E' celebre a maneira de cobrar consultas deste Dr. Aberem! Deita o preto *Domingos* na porta para receber a esportula e quem não escorrega os cobres não sobe. Vejam o pobre *Carlos* porque decepção não passava se não traz no bolso uns magros *dous bicos*.

.....

—Vae, e fica certo, que se meu nome tornar a apparecer no *Alabama* por tua causa, tu és quem me paga.

—Sinhô *relegado*, eu não tem crupa qui esse gente de *Labamba* anda fallando tudo a cousa.

Esse anani memo anda spiando p'ra bota ni papé.

—Tu és quem vaes contar, ladrão... mando te trancafiar na correção.

—Eu não conhece homem de *Labamba*. Oiobô turo que ta hi ouvindo sinhô *relegado* fallá, bae conta ni sicritorio de *Labamba*, angora *Pedro* que vai ni coreção!

Esse non tan dereto.

—Conte quem contar, tu és quem me paga; si meu nome for fallado segunda vez por este negocio.

LA VAE VERSO.

Hoje veio-me á lembrança,
Deitar a prosa de lado,
Metter o verso na dansa,
Mesmo mal alinhavado;
Contando o que se passou
Na semana que findou.

Não creiam que em pasmaceira,
Esta semana passou,
Da novidade a fieira
Desta vez cheia ficou,
Principiou sous labores
A casa dos grasnadores.

Domingo, os dignissinos,
Para a provincia salvar,
Se ajuntaram contentissimos
Oito bicos a mamar;
Ouvindo missa p'ra achar
Nos cobres bom paladar.

De volta, n'um mixtiforio
Veio o Sr. Azambuja
Para ler seu relatorio
Perante toda maruja;
Mas com voz tão baixa leu,
Que ninguem o entendeu.

Depois, fez a eleição:
O Dantas sahe presidente
2.º vice o Bulcão,
Do que ficou bem contente;
O Almeidinha primeiro
E o Sudrè p'ra terceiro.

Recorreu-se a decisão
P'ra secretario, da sorte,
Visto que a opposição
No Dormund deu um corte,
Vindo elle a ficar
Sempre em primeiro logar.

Não houve nisto patota,
Nem tão pouco velhacada,
Porem eu que tomei nota,
E que ficou bem tomada;
Direi que no tal sorteio,
Andou *obra* pelo meio.

Ca por casa, muito embora,
Hajam cousas de interesse,
Vou tratar do que por fora
La pelo mundo apparece.
Primeiro vamos a guerra,
Que a tanta gente atterra.

Saibam que o barrigudo
Do Paraguy o papão,
Presidente façanhudo,
General de papelão,
Está se vendo apertado,
No seu forte encurrallado.

Com bem dor no coração,
Com bastante sentimento
Fez acto de contricção,
Em seguida o testamento....
Deixando como legado
O seu *cocar* enfeitado.

Despediu-se da *madama*,
Da Minerva paraguaya,
Que segundo diz a fama,
E' pena que vista saia,
Pois é ella quem o guia
Quando mette-se em folia.

Lho deixa no banco inglez,
Onças de ouro, dez mil,
So de roubos que elle fez
Ao nosso incauto Brazil;
Deixa tudo preparado,
E a *Mittre* um *reservado*.

Roga praga e maldição,
Aos *macacos* do Brazil,
Pela firmeza de mão,
Quando impunham o fuzil,
Dando cabo da congada,
Que tinha bem ensaiada.

No averno está Plutão
O esperando contente,
Para encher o caldeirão
Com o gordo presidente;
Cujo azeite aproveitado
Lhe dará bom resultado.

O cholera em Buenos-Ayres,
Tem lambido os argentinos;
Alli morrem aos milhares
Velhos, moços e meninos;
Que com horror e espanto
Vão encher o Campo Santo.

As familias tem fugido,
A cidade esta deserta,
Tem o mal recrudescido,
Contam ja co'morte certa
E pedem a Providencia
Sua Divina clemencia

A PEDIDO.

Um estudante, quando diz que pão, manteiga e serveja são productos naturaes dos Estados Unidos, pode maldizer de sua reprovação?

O animo do Villaça.

ATTENÇÃO.

Previne-se a certo cabrinha muito ordinario, soldado do 4.º batalhão e morador do Tingui, que não se queira metter em camisa de onze varas, porque bem se conhece as suas qualidades miseraveis. Por ora ficaremos nisto; mas se esse cambaio, de chinelo

roto, não se desenganar, mirando-se n'algum espelho, havemos de tomar certas providencias que não lhe hão de agradar muito.

Quem me avisa meu amigo é.

— O que vae naquelles cestos cobertos com encerados?

— Sobras.

— Sobras de que?

— V. é curioso!

— Ora diga.

— Sr., si quer saber, vá indagar no *mercado de carne*.

— Ha tantos em Latronopolis.

— Nos *talhos benedectinos*.

— E para onde vão aqui pelo *declive do Carmello*?

— Para a revendagem no ponto.

— No ponto?...

— Sim. No *Cruzeiro do Pascoal*.

— Quem é o author de toda essa embrulhada?

— Sr. *Ildefonso*, deixe passar o agente *florente* que não gosta do homem, que lhe direi.

Por agora, saiba que o marreco, monta-se todos os dias, assim como quem não quer a cousa, n'uns 40$ a 50$ bicos, provenientes das sobras.

— Que vida de *Lopes!*

— E' negocinho tão mau, que elle metteu *cunha* forte para ser exclusivo *nos talhos benedictinos*, em quanto os taes creadores andam a ver navios.

— E o tal agente *florente* nada diz a respeito.

— Nada, pela palavra. Duro com duro não faz bom muro. De uma vez que elle fiscalisou, prestou tão bons *serviços*, que foi remunerado com 200 bagos; é verdade que por isso ficou mal com alguem; e agora para não se indispor, vê e faz que não vê.

— Em resumo, isso é uma magna chuchadeira.

— Sem tirar nem por.

— E os pobres creadores que vivam tristes!

— E vão chorando e vendo o seu trabalho escorregar nas unhas dos gaviões de especie humana.

A' ELLA...

Meu desejo era ser vate inspirado,
Te offertar do meu estro sublimado
Sonoroza canção;
Meu desejo era estar sem que me visses
Junto á ti a contemplar-te extasiado
Em muda adoração.

Meu desejo era ser limpida fonte,
Em cujas agoas tua bella fronte
A manhan vaes mirar;
Meu desejo era ser o branco lirio
Que colhes ao passar ao pé do monte
P'ra teu seio enfeitar.

Meu desejo era ser o passarinho,
Que deixando as ternuras de seu ninho
Teu collo vem beijar,
Meu desejo era ser a branda aragem,
Que vem com mil afagos e carinhos
As tranças te agitar.

Meu desejo era ser o arvorêdo
A' cuja sombra ao pé la do rochêdo
Te vejo reclinada,
Meu desejo era ser do mar a vaga,
Que branda se deslisa e vem molhar
Teos pezinhos de fada.

Porem não sou vate, nem limpida fonte,
Nem lirio formoso p'ra o collo te ornar,
Sou louco de amores por ti bella virgem
Desejo um teu riso, só quero te amar.

Não sou avesinha formosa, innocente,
Que deixa seu ninho p'ra vir te beijar,
Não sou branda aragem q' agita-te as tranças,
Mas dei-te meu peito, só quero te amar.

Não sou arvorêdo, do mar não sou vaga
Que vem cautelosa os pés te molhar,
Sou homem, desejo p'ra minha ventura
Um sim dos teus labios, só quero te amar.

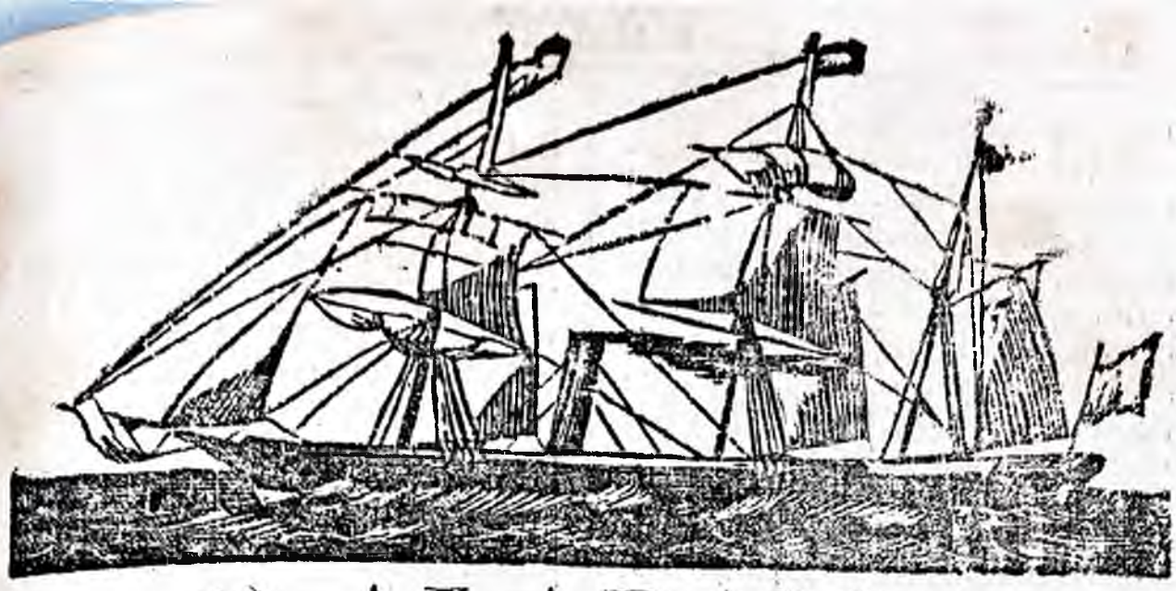
A luz do teus olhos gentis e divinos,
Meu peito amoroso soube escravisar,
P'ra mim um momento os volve eu te peço,
Não vês que te adoro? só quero te amar.

Accita meus votos sinceros e firmes,
Que a ti minha vida jurei dedicar,
Da-me um teu sorriso, um sim, uma esp'rança,
Pois eu te idolatro, só quero te amar.

J. P. de Souza.

ANNUNCIO.

No Trapiche 2.° Andrade precisa se de trabalhadores.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 5 DE MARÇO DE 1868. SERIE 34.ª—N. 333.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de março de 1868.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe, que com a devida permissão do Sr. subdelegado da Se, va accommodar a moradora do sobrado n. 13 e a creoula do n. 11, ambas á rua do Collegio. que vivem em resinga incommodando, as familias que se vêm obrigadas a testemunhar as insultuosas palavras que de parte a parte se atiram aquellas heroinas da depravação; como ainda na noite do dia 3 pelas 10 horas acconteceu, em que não houve termo por mais lascivo e obsceno que não despejassem aquellas desenfreadas linguas. Cumpra.

—Hontem às 6 horas entrou o *Cruzeiro do Sul* embandeirado.

—Foi portador de uma brilhante nova—a passagem de Humaytá pela esquadra.

—Eis o que diz um

«BOLETIM DA GUERRA.

«Um grande triumpho das armas imperiaes na madrugada de 19 de fevereiro.

Uma columna de 5 mil homens de infantaria, 3 mil cavalleiros, dos quaes duzentos argentinos, e algumas bocas de fogo de calibre 4, ao mando do marquez de Caxias em pessoa, avançou na noite de 18 sobre o flanco esquerdo de Humaytá e tomou posição. A's 4 horas da madrugada 3 encouraçados e 3 monitores forçaram o passo do rio Paraguay em frente á Humaytá.

Ao mesmo tempo principiou o bombardeamento em frente á Humaytá, em Curuzú, Lagoa Pires, Tuyuty, Anglo, Tuyu-Cué e Tayi, sobre as fortificações inimigas.

Ao romper do dia chegaram sem novidade os encouraçados e monitores brazileiros em frente á Tayi, onde foram recebidos calorosamente pelo 1º corpo de exercito alli acampado.

Neste interim dirigia o marquez de Caxias rapido e vigoroso ataque á baioneta sobre o reducto denominado—Estabelecimento—posto avançado do ini-

migo entre Humaytá e Sanja-Honda.

Tenaz resistencia do reducto, fortemente intrincheirado, artilhado e guarnecido por mais de 2 batalhões de infantaria, 1 regimento de cavallaria, os quaes apoiados por 2 vapores fundeados em uma lagoa junto á citada posição, varriam com sua grossa artilharia as avançadas do reducto, e haviam tomado esta posição com o duplo fim de proteger o mesmo reducto e fugir dos encouraçados que não poderam distinguil-os em sua passagem.

Ao passar Humaitá o monitor *Alagoas* veio agoas abaixo, subindo depois só, tornando-se o commandante um bravo, pois o fez já em claro dia recebendo assim tiros de todas as baterias.

Todos os encouraçados passaram por cima das correntes e atravessaram o rio e se collocaram em posição para fazer fogo sobre os fortes Laureles e Timbó.

Dia 20. – Os dous vapores paraguyos que estavam em Humaitá, *Taquary* e *Iguarey*, estão passando tropas da fortaleza para o Chaco.

O exercito avançou pela direita e tomou uma fortificação, *Estancia*, com 15 canhões de grosso calibre e que foi defendida com energia: os atacantes tiveram perdas de 10 officiaes.

A tomada desta fortificação diminuiu 2 leguas a linha do sitio.

Foram prisioneiros muitas praças e um official de marinha que era commandante da dita fortificação, que disse que nunca pensou, nem o mesmo Lopez, que a esquadra forçasse Humaytá.

O chefe Delfim no *Bahia* com o monitor *Rio Grande* seguiram para Assumpção á hostilisar a capital e o que encontrasse em caminho,

O *Tamandaré* e o *Pará* tiveram bastantes avarias.

O combate durou das 5 as 8 horas da manhan, resultando a morte e aprisionamento de toda a guarnição do mesmo reducto, a tomada de 15 canhões de diversos calibres, grande numero de armamento, munições, equipamentos, arriamento, etc, cavallos, bois, etc.

Fora de combate de parte dos assaltantes, 16 officiaes mortos, 45 feridos e 17 contusos; 132 praças mortas, 294 feridos e 25 contusos. Total 148 mortos, 339 feridos e 42 contusos.

A posição foi acommettida por 5 batalhões de infantaria e um corpo de cavallaria que poz o pé em terra.

A artilharia brasileira assestada depois de tomado o reducto, fez fogo sobre os dous vapores citados, os quaes depois de terem calado os seus fogos lograram evadir-se muito arruinados para Humaitá.

O Marquez, concluido o combate, seguiu immediatamente para Tayi a felicitar o chefe Delfim, pelo brilhante feito de sua esquadrilha encouraçada, sendo enthusiasticamente victoriado pelas guarnições de terra e de mar; e determinou áquelle chefe que com os encouraçados *Bahia*, *Barroso* e um monitor subisse immediatamente o rio até Assumpção, destruindo tudo quanto encontrasse em seu trajecto, e fosse bombardear aquella capital, para onde em breve seguirá um corpo de exercito de 10 mil homens, organisado de forças alliadas.

Tuyu-Cué 20 de fevereiro de 1868,

—Que mais?

—Temos agora o paragrapho de uma carta particular da esquadra.»

—Leia.

—«19 de fevereiro de 1868—As 3 horas e 30 minutos da manhan os canhões de todos os pontos da esquadra e do exército se ouviram. Era a divisão de encouraçados *Barroso*, *Bahia*, *Tamandaré*, *Pará*, *Alagôas* e *Rio Grande*. O inimigo fazia fogo com seus canhões que pareciam descargas de fuzilaria, era horrivel o quadro. As 6 horas da manhan houve um telegramma: «A divisão expedicionaria transpoz com felicidade o Humaytá, e o nosso exercito avança sobre Humayta.»

—Logo que divulgou-se semelhante noticia, o povo alvoraçou-se e jubiloso percorreu as ruas da cidade dando enthusiasticos vivas, acompanhado de musicas militar.

Quaso todas as casas illuminaram-se.

—Ha uma triste nova a registrar.

—Qual é?

—No dia 19, foi assassinado a facadas, em pleno dia, nas ruas de Montevidéu, o general Flores pelos emissarios do partido blanco,

Dous dos assassinos foram immediatamente presos e fuzilados.

O morticinio em reacção a esse attentado subia ja a 180 victimas.

A PEDIDO.

Um estudante, quando diz que o pão, manteiga e serveja são productos naturaes dos Estados Unidos, pode maldizer de sua reprovação?

O animo do Villaça.

—Oh! V. Ex. aqui por *Matatuim*! Quando chegou?

—Hontem. Vim tratar de uns negocios.

Então ja se deixou da creoula Emilia?

—Não posso, meu amigo, morro de paixão por ella.

—E' verdade o que me disseram, que ella deu-lhe umas bofetadas?

—E' exacto. Veio a minha casa e encontrando a filha do sapateiro passou-lhe uma descompostura de chapeu armado!

Palavra puxa palavra, *dize tu direi eu,* metti-me na questão para acommodal-as, e o resultado foi que tomei muitas bofetadas tanto de uma como de outra...

—Padre, V. é o pastor mais devasso que eu tenho conhecido! Quando é que V. ha de ter vergonha nesta deslavada cara?

Ora isto é bonito em um pastor, andar aos bofetões com duas mulheres!

—Mas que hei de eu fazer, meu capitão, ellas tem paixão por mim e eu por ellas, rasão pela qual ciumam.

—Tenha sentimento, não seja tão cynico. Parece-me que não ha no mundo padre mais immoral que V.

—Capitão, eu quando vejo a creoula cantar:

«Tome, meu padre,
«Da creoula o *coração*,
«E em paga desta offerta,
«Dê-me, padre, a *affeição* »

V. Ex. não imagima como eu fico ao ouvir esta quadrinha cantada em *tom melodioso*, pela creoula que me traz preso na *cadeia dos amores*....

—Creia que tenho visto que V. é a deshonra da classe eclesiastica...

—Qual, historias! eu sou homem como outro qualquer e sinto tambem as chammas do amor devorar-me o peito.

—Arrenego de quem perdeu a vergonha!

Na verdade, a bella moça tem sido bem maltratada e ainda mais devia ser, porque ha cousa que não convem dizer por ora; apezar de muita gente já saber que a causa de tão mau tracto é em consequencia della não trazer dote; porem o que querem, si não me deram nada para guardar e nem eu sou devedor de cousa alguma?

O resto pela continuação eu direi.

* * *

FOGO SOLTO.

Cabeça de cabellos ja despida,
Olhos encovados, ja sem brilho,
Nariz pont'agudo, e retorcida
A bocca feita só p'ra comer milho.

Orelhas de jumento acabanado,
As barbas são de mono envelhecido,
Bigode ora comprido, ora raspado:
Com pêra de cabrito encanecido.

O peito pela thisyca abatido,
Costado de camello ja cançado;
Cintura de macáco enraivecido
Bandulho de comer sempre inflamado.

Os braços tão compridos quão esticados
As pernas arqueadas, frias, bambas,
Os pes são tão compridos e pesados.
Sustel-os ja não podem nem cassambas.

Poeta das grutas.

PIPAROTES

Sou doutor, acaso o negas?—
Oh! não! Couces pespegas
Nas leis que dão abalo—

E's doutor; e um cavallo,
Consul foi: Roma o diz.
Clama o...» Peior fiz
«Eu dei um burro p'ra juiz!»
Poeta das grutas.

O VOLUNTARIO.

Lá no campo do Mavorte
Tremula o nosso pendão!
Vamos romper sem demora;
As muralhas da Assumpção!

As bandeiras brazileiras,
Ja nos mandam reunir;
Quem morre salvando a patria,
Não deve a morte sentir!—

Sentido!— toca o clarim
Correi, as armas, correi!
Vingae á sombra da quina
E a mancha na vossa grey!...

Por entre o silvo das ballas
Já vejo um bravo de então!!
Arriscando a sua vida
P'ra defender a nação!

Sentido, soldado á forma!
Receber mais munição;
Mantimento militar
Lançado pelo canhão!

Cahiste!...ah! companheiro!
Vaes cumprir a tua sorte.
Ja tem outro em teu logar,
Para vingar tua morte.

Não está morto o valente
Soldado, cahido agora!
Não— apanhava a vareta,
Que a balla tirou-lhe fora.

Avante, batei o fogo;
Batei sempre sem cessar.
Botai o joelho em terra
Para melhor acertar.

Eil-o o signal de victoria!
Repetiu o de degolar;
Avança a cavallaria,
A trote de carregar!...

Lá no campo de Mavorte
Tremula o nosso pendão!
Vamos romper sem demora;
As muralhas de Assumpção!

F. J. Ferreira.

VARIEDADES.

BALDAS USUAES.

O homem somitico e usurario, de ordinario è muito politico (principalmente com os ricos e com as senhoras em sociedade,) offerecer com muito gosto—agua para beber, cadeira para se assentar, e quando muito, alguma fructa que não dura para o outro dia. Quando o usurario se vê entre homens pobres, ou individuos, entra a chorar-se e a contar desgraças que tem soffrido, isto por cautela, para evitar com tempo algum pedido.

—Toda moça soberba, e presumida de cantar bem, zanga-se e desespera-se quando outra canta antes a muzica que ella tinha de cantar; isto, em bom portuguez, se chama fraqueza d'alma.

—Senhor de engenho que quer ostentar grandeza, sustenta um cavallo um anno inteiro para leval-o muito gordo somente no dia da festa do Padroeiro.

—Rapaz que vai a Europa, ou á outra qualquer terra estranha, todo o seu empenho, quando volta, é trazer uma roupa de fazenda exotica que ainda não fosse vista, e juntamente variedades nas barbas: se demorou se mais de um anno, traz oculos, para indicar fadigas nos estudos.

—Mulher que presume de bonita, quando vae à egreja em dia de festa muda o modo de andar para parecer elegante; porem algumas ha que ficam peiores do que são.

UMA DOUTORA.

Entre os passageiros, a bordo de um barco de vapor inglez, achava-se ultimamente uma senhora muito doutora, e envolvendo-se em toda as conversas, as horas da comida, em que de ordinario so se deixa ficar nas suas cabinas os que estão enjoados. Fallava-se sobre a invenção do vapor, sobre as suas vantagens, e sobre a solidez da embarcação em que se navegava:

—De que força é o seu navio? perguntou um dos passageiros ao capitão.

—De 250 cavallos, respondeu este.

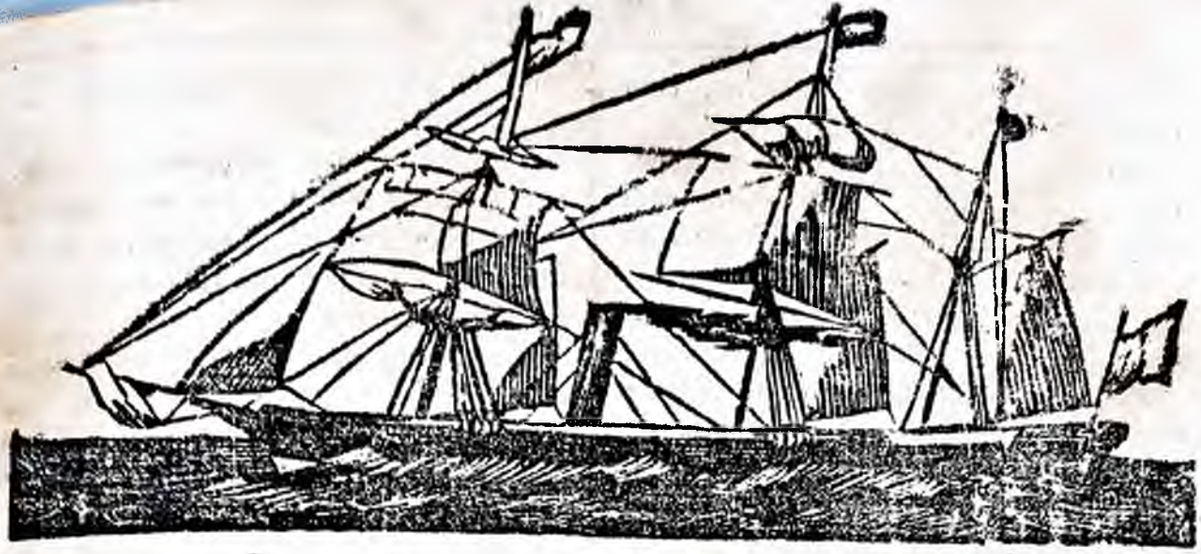
—Diga-me uma cousa, capitão—interrompeu a senhora—e onde è que accomodou tanto cavallo?

Talvez perguntasse aquillo pela consciencia de que lhes devia ir fazer companhia.

ANNUNCIO.

COSINHEIRA

Precisa-se alugar uma que seja deligente e aceiada, prefere-se escrava, paga-se bem agradando—a tratar em S. Bento na casa unida ao collegio 2 de Dezembro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 7 DE MARÇO DE 1868. SERIE 34.ª—N. 334.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de março de 1868.

Officio ao Illm. Sr. superintendente da via ferrea da Bahia ao Joazeiro, dizendo-lhe que, no intuito de evitar prejuizos que soffrem aquelles que transportam generos por essa estrada, cumpre que S. S. mande aferir e regularisar a balança da estação da Gequitaia, a qual faz uma differença de libra o meia em arroba. Espera-se por tanto que S. S., quanto antes, dê a providencia reclamada.

—Está para o que servem os nossos policias!

—Para provocantes.

—E insolentes.

—Dar uma bofetada dentro da egreja!

—O que faria o pobre menino que foi assim maltractado?

—Estava ao pé da charola do Senhor dos Passos; o guarda ordenou-lhe que sahisse, elle obstinou-se, e o *valoroso* soldado imprimiu-lhe os cinco dedos na face.

—Que desrespeito!

—Merece ser punido.

—Deixe estar que si o major Marinho souber, elle não gosta.

—A assemblea provincial, em sessão de hontem, entendeu que a sollicitude, com que o Sr. presidente enviou desta provincia tortos, aleijados, caraolhos, casados e viuvos para o Sul, contribuira poderosamente para o triumpho das armas brasileiras, foi agradecer-lhe como delegado do governo imperial; regeitando uma moção do Sr. Cezar Zama para que—por intermedio do governo, se felicitasse ao imperador, á esquadra e ao exercito pelos recentes triumphos obtidos no Paraguay.

—Isso foi exquisitice do Záma; pois elle não sabe que semelhante triumpho foi devido so e unicamente á politica sabia, previdente, energica e decidida do governo; que a esquadra e o exercito representaram um papel secundario e simplismente material nesse feito? Toda gloria por tanto recahe nos

sete ministros o seus delegados, com especialidade o Sr. Azambuja.

Seria muita ingratidão de homens, como o Sr. Sudré, contractado com 600$ réis, para ir ao Rio duas vezes si não se mostrasse reconhecido.

—Como a guerra é de partido, va feito.

Porem é extranhavel que os *imperialistas* esquecessem-se de nome de seu amo.

—No dia 4 foi assassinado um velho africano, para roubarem-lhe 12$500 reis.

O crime deu-se no caminho da Graça.

—Ferocidade!

—E' a mais authorisada prova de que gozamos o mais invejavel estado de segurança individual.

—Capitão, quer ouvir-me?

—A respeito?

—Da execução de um criminoso, que li na *Democracia*.

—Ora diga.

—No termo de Lorena, provincia de S. Paulo, ia ser justiçado um reu, a quem a clemencia imperial julgou indigno da graça do perdão.

—Barbara pena de morte!

—O juiz municipal requisitou um algoz para executar a punição do crime com outro crime.

Mandaram-lhe como é uso, das cadeias da capital um criminoso. Um desses entes que a sociedade *veladora* e *previdente*, em nome do direito e da publica segurança, enclasura, para corrigil-o sob principios humanitarios e sãos preceitos da moral.

Ergueu-se o cadafalso. A curiosidade publica, avida destas scenas de sangue apinhou-se no logar do sacrificio.

Ia-se commetter em nome da lei, a luz do dia e em publico espectaculo, um desses actos que o barbaro salteador pratica de mascara no rosto, á sombra da noite em erma estrada, quando o algoz escolhido a todos sorprehendeu com esta memoravel declaração:

«Em um momento de loucura fiz uma morte e por isso condemnaram-me em nome da lei.

«Hoje em nome da mesma lei, ordenam-me que pratique um assassinato!

«Condenaram-me, porque eu matei um homem em renhida luta e que procurava tirar-me a existencia; agora entregam-me um miseravel manietado e sem defeza para que eu o mate!

«Não quero; não o matarei!

—Sublime lecção!

—Os sabios legisladores, os dilectos do povo, os escolhidos da nação defendem a pena de morte; os proscriptos da civilisação, os obreiros do crime, proclamam a involabilidade humana!

—Os magistrados erguem o cadafalso em nome da lei; os assassinos abatem-no em nome da moral!

—Os enviados do Calvario postos ao lado do algoz, em nome do barbaro judaismo, proclamam a effusão de sangue, para lavar as ulceras do criminoso. Os condemnados surgem da obscuridade dos carceres e como o apostolo convertido proclamam a paz, em nome do Evangelho!

—Mysterioso contraste!

—O reu espavorido pela enormidade da pena, prosta-se afflicto nos degraus do throno; ahi solevanta-se a regia infallibilidade, trajada de purpura e lhe diz: «Não ha clemencia para ti: morre!»

—Na praça publica, rodeado pelas turbas, o algoz estremece á vista do cadafalso e deixa cahir por terra o cutello, dizendo ao condemnado: «Deus poupou a vida de Caim: vive!»

Invoca-se a piedade do coração do monarcha e lá se encontra a dureza, tão impenetravel como os diamantes da corôa, que lhe cinge a fronte excelsa; porque a clemencia foragida dos paços, abriga-se agora no peito do reprobo, sepultado no angulo escuro da lobrega masmorra.

—E é assim este mundo!

No parlamento, a mentira; nos tribunaes a colera; no throno a dureza; na egreja trevas, fanatismo e sangue... nos carceres a desgraça, na desgraça

a humildade e o Evangelho, e no Evangelho a clemencia e a regeneração!

—Diz a *Ordem* que despachou se na alfandega da corte um riquissimo faqueiro de prata para o ministro da marinha.

—Isso denota que tem gosto para se tratar.

—E accrescenta que o homem segue a doutrina de um seu collega que não se venalisa, mas recebe *presentes*.

—E faz muito bem, quem é tolo para si, peça a Deus que o mate e ao diabo que o leve.

—E finalisa dizendo que os contractadores reconhecem e respeitam tanto a austeridade economica de S. Ex., que ainda em cima lhe agradecem com valiosos *presentes*.

—A campanhia Bahiana monopolisando!

—Em que?

—Nos trocos.

—Tambem recebe agio?

—Não, mas quem não levar dinheiro *certo*, não compra bilhete, por causa dos trocos, segundo um cartaz affixado no barracão.

—Isso é stultice.

E' claro que quem não for com os cobres inteirados, não pode comprar bilhete, salvo si o caixeiro quizer fiar.

—Não é isso.

—Então o que é?

—O caso é que quem levar 1$000 rs. não compra uma passagem de pataca para o Bomfim, Barra, etc.

—Si não ha cobre.....

—Não é razão.

—De sobra.

—Logo que dous ou tres individuos comprarem bilhetes com cobres, ha troco para um terceiro.

—La isso é verdade

—Então para que diabo de emplastro guardam o cobre criando restituições?

—E' que nesta terra tudo é ao inverso das outras. Em toda parte os estabelecimentos publicos, em occasiões excepcionaes como esta, envidam esforços procurando por sua parte resolver os obstaculos, aqui augmentam-os.

—Quando um pobre voluntario vae pedir seu soldo que comeram la no sul, ou implorar uma esmolla, o governo chora mais necessidade do que uma habitante do beco do Grelo em tempo quaresmal.

—Trabalhem, si quizerem comer.

—Entretanto, que para seus compadres e afilhados está sempre de mãos abertas.

—E' preciso pagar bem para ter servidores dedicados.

—Esbanjando o suor do povo.

—Deixe-se de ideas carunchosas. Uma fatia mais larga não leva a boia ao fundo.

—V. como é outro perdulario...

Ora diga-me que necessidade tinha o governo de pagar a officiaes da guarda nacional para acompanhar a corte, ultimamente, recrutas e voluntarios, quando tinha a sua disposição officiaes de linha que se retiravam para a corte por terminarem as licenças que se achavam aqui.

Os Srs. capitão Antonio Caetano, tenente Pierre, e outros que se recolheram a seus corpos, podiam ser encarregados de tal commissão, pagando o governo somente a viagem para la; entretanto que fez uma despeza extraordinarissima com o Sr. tenente Esmeraldo e seus companheiros para irem e voltarem, ganhando soldo, etapa, gratificação, duas passagens é tudo mais quanto lembra o desmarcado patrocinio.

—E é sempre o Sr. tenente Esmeraldo o escolhido para essa commissão.

—E' uma especie de emprego com que querem brindar ao feliz moço e seus companheiros.

—Na verdade, isso é desperdicio; mas si o governo assim pratica é que tem suas razões.

—De aninhar o filhotismo tão somente.

A PEDIDO.

—Os moradores e proprietarios da rua dos Capitães representaram ao

Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo providencias que os acautelle do perigo de que se acham ameaçados, pelo desabamento do solão da casa que occupa o escrivão Ricardo do Abreu Fialho.

O Exm. Sr. Dr. chefe de policia immediatamente officiou á camara municipal para providenciar, esta participou ao seu engenheiro, e são passados mais de oito dias e nenhuma providencia se tem dado.

—Os encommodados que soffram.

—Si cahir o velho solão os visinhos que morram esmagados, não?

Estou certo que si na representação figurasse o nome de algum do seio, já as providencias teriam apparecido.

—A prova está no edital que a camara mandou publicar, prohibindo a vendagem do fato, na quitanda do Pelourinho, só porque o Sr. Dr. Mendes se vê alli encommodado com os insectos.

—Si fosse um pobre coitado, a camara não dava o menor cavaco com seu encommodo.

—Que homens, meu Deus!

—A's ordens do Illm. Sr, Dr.

—Como vae?

—Bem. V. S. é um senhor universal.

—Deveras?

—E'.

—A razão?

—Está no mar, em terra, na cidade, no reconcavo, e em qualquer parte onde chamarmos por V. S.

—Que lembrança!

—Dar-se-ha que V. S. tem o dom da ubiquidade?

—Porque, homem?

—Como pode V. S. a um tempo examinar os *livres* na repartição das *averiguações*, fiscalisar os *permanentes* no quartel dos municipaes e curar os marinheiros a bordo?

—Esta está boa! Faço tudo isso como se fazem todas as mais cousas nesta terra da viola e carurú.

—Ah, é verdade, eu nem me lembrava que V. S. era primo do *governador*.

Lembra-se ao Illm. Sr. consul de Portugal a conveniencia de tratar-se da liquidação do casal do subdito portuguez Barcellos, visto que o deploravel estado a que se acha reduzido aquelle infeliz o impossibilita de continuar a gerir seus negocios.

E' occasião opportuna de provenir a S. S. que anda por ahi um hypocrita barbado, inculcado natural do *Guimarães* a propalar, que com a protecção de S. S. será o escolhido para administrar os negocios do infeliz Barcellos.

Talvez S. S. não esteja ao facto de que *essa firma* já foi repudiada por Barcellos por lhe dar um prejuizo de 25 por cento em fazendas, e que se conseguir encartar a bisca dará com os haveres do pobre homem em pantanas.

Note S. S. que esse marrecorio veio á surrelfa do *Rio* por se achar implicado em quebra fraudulenta.

Não se deixe, portanto, S. S. cahir no laço que lhe arma a sua boa fé um refinado saltimbanco; certo de que, livrará o casal de inevitavel prejuizo, dando promptas providencias para liquidação do mesmo.

VARIEDADE.

Certo estudante da roça estando um dia na aula, e tendo occasião de se fallar em elephante, foi interrogado pelo professor da maneira seguinte:

—O senhor sabe a que classe pertence esse animal?

—Sei, sim senhor.

—A qual é?

—Pertence a classe dos volateis.

—Qual! o elephante é da classe dos quadrupedes. E já o viu?

—Sim, senhor.

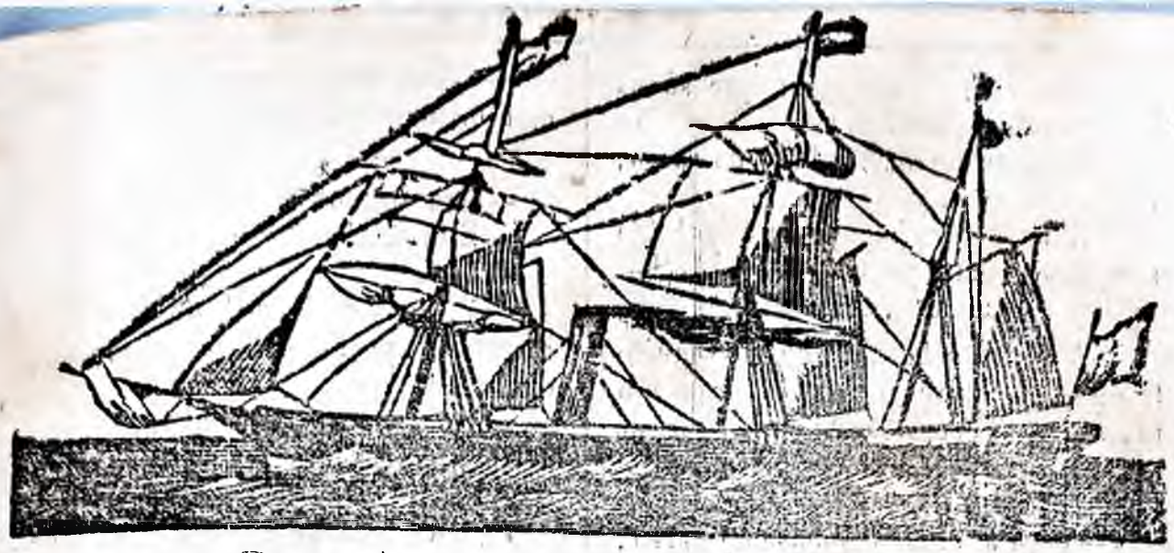
—Aonde?

—Pintado em um livro.

ANNUNCIOS.

Vende-se uma mobilia de jacarandá, quem a pretender dirija-se ao beco da Agonia, freguezia de Santa Anna, casa nº. 7, que encontrará com quem tratar.

No Bomfim, roça do tabellião Pedreira França, precisa-se de uma ama para o serviço de casa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 10 DE MARÇO DE 1868. SERIE 34.ª—N. 335.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de março de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando lhe que o sobrado nº. 3, á rua dos Ourives, infunde serios receios de desabamento, visto que se acha todo desaprumado e apresenta diversas fendas e rachaduras, em vista do que, pede-se a S. S. que mande examinal-o por um engenheiro, e dê as providencias, afim de evitar algum deploravel desastre, para o qual pode concorrer a estação invernosa em que nos achamos.

—Ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, chamando sua attenção para tres criancinhas, a maior das quaes poderá ter seis annos, que andam á esmolar pelas ruas desta cidade, dizem ellas que á mandado de sua mão entrevada, moradora ás Portas do Carmo.

E como semelhante quadro seja não só deponente, como um pernicioso exemplo, habituando crianças em tão tenra edade a pedinchar, espera-se que S. S. por commiseração áquellas innocentes as faça recolher á um estabelecimento de charidade.

—Andam por ahi os pobres soldados de policia a cahir de fome, porque não se lhes paga o soldo!

—E' peccado que brada ao ceu, não pagar o jornal a quem trabalha.

—Os vendelhões estão escabriados, e não querem fiar mais, vendo completar quasi dous soldos sem apparecer *gimbo*.

—O que dá causa a essa demora, sabe?

—Ha tantas versões; cada qual mais extravagante. Uns querem que não haja dinheiro no thesouro...

—Impossivel.

—Outros, que é negligencia do quartel mestre.

—Quartel mestre é um logar que requer um homem muito *activo* e *atilado*.

—Outros, dizem que é um *calculo* premeditado, afim de pôr em prova a firmeza dos mais necessitados.

—Isso é sybilino para mim.

—Ah, é uma linguagem que só os agiotas comprehendem.

—Bem; eu como não chupo da *rasca*, não quero saber.

—E os pobres homens até hoje (8) sem receberem a paga do seu trabalho!

—A *Opinião Liberal* conta o seguinte episodio entre o imperador e um urbano por occasião do embarque de um contingente, á 7 de janeiro.

—Reproduza.

«—Peço a V. M. dispensa de partir, pois tenho as isenções da lei: sou viuvo, e tenho uma filha menor, que aqui está.

«—Não dispenso, siga, que eu mando proteger a sua filha.

«—Não conto com a protecção de V. M.; e com um sorriso ironico accrescentou:—Sei bem qual é ella...

A estas palavras volve-se o imperador e diz:

«—Sr. commandante, recommendo este homem á sua vigilancia e severidade.»

E proferiu ainda outras palavras, que o nosso fiel tachigrapho não ouviu perfeitamente, pelo que não as poude apanhar.

E' dever sagrado do chronista transmittir ao futuro historiador d'este infeliz reinado tão importantes, quão fidelissimos adminiculos.

Ex digito gigas.

—Ah, caxorronas!

—Que gente da pá virada! Fazerem da casa de Deus verdadeira quitanda!

—Está a contricção com que ellas vem a egreja.

Por causa de preferencia de logar, se esbofeteam e rasgam como duas cadellas!

—E a irreverencia, o escandalo, ficam impunes!

—A policia está aqui na porta de S. Domingos impassivel.

—Nem sequer os terceiros de S. Domingos mandam expellir aquellas duas insolentes regateiras, que vem profanar o templo com suas palavras e obras.

—Sahem no domingo (8) para o sermão e vão esbofetear-se na egreja!

—Que ingenuidade!

—Está sonhando?

—Não.

—V. com o *Jornal do Commercio* na mão a pronunciar palavras entrecortadas!

—Estou apreciando a ingenuidade desta *declaração* que vem no *Jornal*.

«CORPO MILITAR DE POLICIA DA CORTE.»

«Em virtude de autorisação do mi-«nisterio da justiça, *em aviso de 9 de «janeiro corrente*, o major Hermenegil-«do José Gonsalves Neves, commandan-«te geral interino do corpo militar de «policia da côrte, declara que os indi-«viduos que voluntariamente assenta-«rem praça n'este corpo, além das «vantagens concedidas pelo regula-«mento n. 2,081 de 16 de janeiro de «1866 ☞ ficam isentos de marcharem «para a campanha do Paraguay, DU-«RANTE DOUS ANNOS CONSECUTIVOS, o que «lhes será declarado em seus respecti-«vos assentos ☜»

—Logo, o governo confessa n'aquelle aviso ter ainda de durar a guerra do Paraguay por mais de *dous annos*!

—Ainda mais?

—O governo reconhece n'aquelle aviso a inpopularidade da guerra; e promettendo inserir nos assentamentos de praça aquella sua palavra, tambem implicitamente reconhece que ninguem liga a menor confiança ás suas fementidas promessas.

—E os *urbanos* que o digam.

—Nesta terra o direito é de quem pode mais.

—Vivemos sem rei nem Roque.

—Quem é grande neste paiz pode fazer com o fraco o que lhe aprouver, sem dar a minima satisfação.

Aqui está um exemplo.

A Sra. Claudimira, viuva, alugou o sotão do sobrado n.° 3 ao Cruzeiro, ao Sr. Godinho, e tem pago constantemente o aluguel.

Na quinta feira, porem, entraram-

lhe em casa os pedreiros e sem mais formalidade, destelharam-lhe a casa, á mandado, disseram elles, da mulher do Sr. Dr. Pedroso!

—Como se faz isso?

—Fazendo.

Dentro da casa, onde pagava seu dinheiro, viu-se a pobre viuva sem ter onde se abrigar do sol e da chuva, e com seus trastes estragados, sem ter a quem se queixar, porque é desprotegida.

Uma boa familia, condoendo-se, deu-lhe agasalho.

—Alem do prejuizo, uma affronta.

—E' uma acção indigna de ser praticada.

—Principalmente por uma senhora.

—Feia em todas os sentidos.

—Porem que deu-se nesta terra classica dos abusos e do poder da força.

—Continua a falta de trocos miudos, da moeda papel, e de cobre!

—O papel miudo hoje está dando 2 % de cambio e o cobre dá 10 %.

—Não sei onde iremos parar com esta falta de trocos.

—Ha muito cobre e papel miudo ahi, mas certos negociantes os tem escondido para lucrarem.

—E o governo porque não lança mão de alguma medida preventiva?

—O governo pouco cavaco dá com isso.

—Elle o que quer é que o povo cançado de tanto soffrer, chegue um dia a um estado tal de exacerbação, e depois não encontrará remedio para curar o mal!

—E' o resultado.

A PEDIDO.

—O Macedo chamou a Chapadista aos tribunaes.

—Porque, Santo Deus?

—Porque a mulher disse na gazeta que a redacção do *Sentinella Invisivel* lhe mandara uma carta fazendo declarações e exigencias pouco airosas.

—Xi!.... que susceptibilidade!

—Admirou-se?

—Pois o Macedo que tem ouvido tanta cousa de cara alegre nesta terra, encafifou por isso.

—Isso é um meio.

—E o fim?

—Vae longe.

—Assim, sim,

—Ha sempre um *feliz* nesta *Bahia* que paga o *patau*.

—La se avenham.

—Dou um doce, si publicar uma cousa que sei delle e me chamar a responsabilidade.

—Tal seja ella.

—Ahi é que está a cousa.

—Vem cá, cabuleté *medonho*.

—O que me quer, Sr.?

—Quero te levar ao capitão do *Alabama*.

—Eim?!... Estou já horripilado... Com esse homem não quero me encontrar nem no ceu.

Ainda não se apagaram de minhas costas os signaes do vergalho do muxingueiro, com que elle me mandou tosar.

—Entretanto não mudastes de vida, bestalhão tisnado!

Quando has de tomar vergonha, *Medonho*?

—E' cousa tão facil, como as gallinhas nascer dentes.

—Tufé!... cousa nogenta.

—O' Sr., como me emporcalha assim a cara com uma horrenda cusparada?

—Tu mereces mais, animal immundo e peçonhento. Creio que ainda um negro cangueiro te besuntando a cara de trampa, és susceptivel de tomar um ceitil de brio nesta cara *estanhada* pela natureza.

—Eu julguei que tinham me largado ao tempo, e ainda me vejo em assados nas mãos destes homens. O que fiz eu agora para ser de novo lembrado?

—Não sabes?

—Não, Sr.

—Pois eu te digo.

Seduzistes uma mulher para roubal-a.

—Eu, Virgem Santa!

—Sim, tu, hypocrita.

Sabes onde o *Xixi* mora?

—Sei.

—Conheces uma mulher do nome Julia?

—Conheço.

—Não a seduzistes da casa onde estava?

—Sr., não obriguei-a, ella sahiu por sou gosto.

—Por tuas promessas refalsadas.

Ao depois não a abandonastes, levando-lhe o ouro e um violão, objectos com que presenteastes a Elzearia do Caes do Ouro?

—Os cordões foram para *limpar* e o violão emprestado.

—Mentira.

Não é verdade que ficastes com os beiços quebrados a semana passada no Caes Dourado, porque a mulher vendo-se abandonada, tomou a resolução de te esperar na porta da outra, e ahi te foi ao beque de prôa com viração?

—A mulher estava hallucinada.

—Porque tu dás causa a estes e outros espectaculos com tuas bandalheiras.

(Continua.)

—Miguel Peixe Gallo, alem de velhaco e falsario, deu agora para valentão.

—Que manha não terá aquella besta!

—Quebrou, á trahição, a cabeça de um moço, que foi exigir uma obra que lhe dera a seis mezes e que o tratante pôz no peito.

Um estudante, quando diz que o pão, manteiga e serveja são productos naturaes dos Estados Unidos, pode maldizer de sua reprovação?

O animo do Villaça.

—Pedem-nos a publicação do seguinte.

Reunindo-se alguns irmãos da confraria professa de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão accordaram, em fazer reviver a antiga devoção do Senhor dos Passos da Regeneração; havendo no dia 3 de abril procissão solemne e ficando a sagrada Imagem exposta á veneração dos fieis todas as sextas feiras até o dia da procissão.

Espera-se dos fieis toda coadjuvação para realisação de tão piedoso acto.

VARIEDADE.

DOUS AMIGOS,

Não se viam havia algum tempo, encontraram se por acaso.

—Como tens passado? perguntou um delles.

—Não muito bem, respondeu o outro; casei-me logo depois que nos separamos.

—Melhor!

—Nem por isso, porque casei-me com uma mulher má.

—Mau foi isso.

—Não foi tão mau, porque ella trouxe cincoenta mil francos de dote.

—Sirva-te isso de consolação.

—Não é tanto assim, porque empreguei esse dinheiro na compra de carneiros, que morreram de peste.

—Que pena!

—Mas aproveitei as pelles que me renderam mais do que despendi.

—Valha-te isso.

—Mas a casa em que morava, e onde tinha guardado o dinheiro, foi consumida por um incendio.

—Oh! que desgraça!

—Não foi tamanha, como imaginas, porque minha mulher morreu queimada, e a casa que era minha, estava segura.»

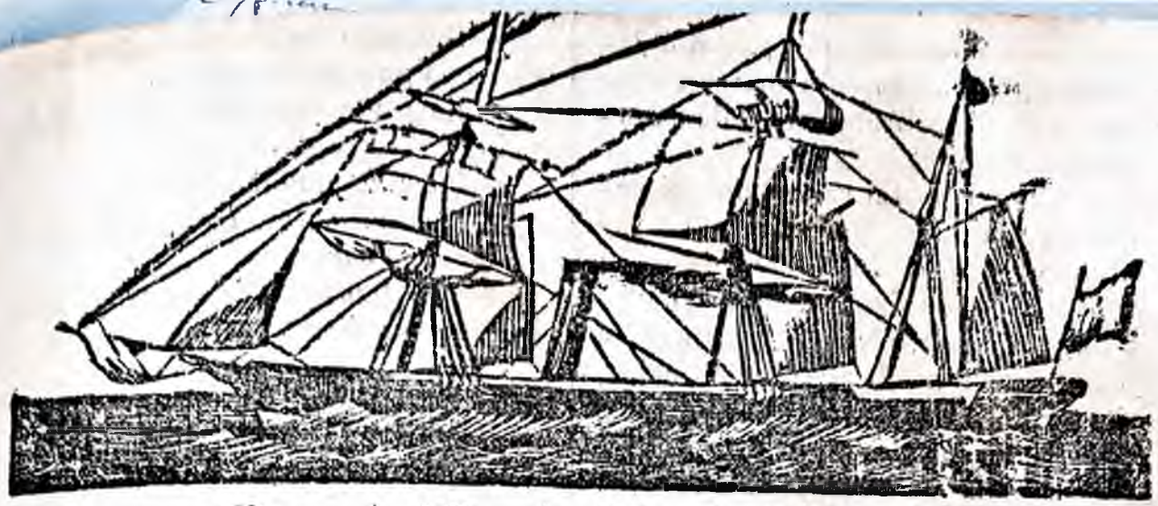
ANNUNCIOS.

FESTIVIDADE RELIGIOSA.

No dia 13 do corrente se ha de celebrar na matriz de Sant'Anna, onde se acha a Imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos dos Humildes, a missa ás 8 horas, e ás 7 horas da noite o acto de adoração.

Convida-se para este fim aos carissimos irmãos e devotos a comparecerem no mencionado dia e horas.

No Bomfim, roça do tabellião Pedreira França, precisa-se de uma ama para o serviço de casa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 12 DE MARÇO DE 1868. SERIE 34.ª—N. 336.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de março de 1868.

Officio ao Illm. Sr. commandante do corpo provisorio de policia, observando-lhe o estado esfarrapado em que estão as fardas de parte dos guardas de seu corpo, com honras de cobertas de tiras, devido isso, segundo nos informam, a não se fornecer os fardamentos, que os mesmos tem vencido; e havendo, ainda ha pouco, chegado uma encommenda de fazendas para fardamento desse corpo, torna-se necessario que S S. mande promptifical-o com celeridade.

Outrosim, cumpre que S. S. informe para quem tem revertido os vencimentos dos guardas remettidos para o sul *voluntarios*, uma vez que para as familias dos mesmos não é.

Confia-se no zelo e actividade do que é dotado S. S. para a prompta solução do quanto fica exposto.

—Bonito systema de recrutar!

—A tortos e aleijados?

—Qual, a obra é outra.

O Evaristo, espião, e o cabo do dedo torado, vão para o Taboão, á noite, á pegar os africanos, revistar-lhes os surrões, trouxas e carregos e ver o que trazem dentro.

—E este cabo, que chama a todos os vendelhões *compadre*?

—Entende que deve beber de graça e tomar fiado por ser recrutador.

—Então não é só isso. Quer que as mulheres o sirvam de graça. para elle não agarrar-lhes o irmão, filho, etc.

—E o tal Evaristo?

—Oh! esse campeão faz honra á policia da Bahia, tel-o por seu agente. Ha poucos dias, vi um bilhete delle nestes termos:

«Sr. F.—Dou-lhe parte que F. e um «saveirista vieram denunciar ao chefe, «que na venda de seu mano havia um «roubo e eu creio que o subdelegado «irá correl-a; portanto previna-se e «mande pelo portador uma gratificação. «Seu criado—*Evaristo*.»

—Que fidelidade de agente!

—Isso só? Ha uma immensidade de

falcatruas desse *amavel*; porem é debalde fallar: ainda ha pouco se ennumerou muitas alicantinas delle e ninguem deu cavaco.

—Quanto ao tal cabo é um rei pequeno: arvora-se em medico na rua para examinar quem é ou não doente; apalpa, bate nos peitos, manda deitar a lingoa de fora, etc., faz-se timido e julga-se com direito a fazer exigencias, que alcança, da gente inexperta que quer tel-o á seu favor.

—E assim abusa elle do logar que lhe confiaram, para commetter quanta ganancia ha.

—Ouça este pedacinho, que é bom.

—Falle.

—«Informam-nos que ultimamente se comprou grande quantidade de polvora, por 600 rs. a libra, sendo certo que no mercado havia á venda polvora da mesma qualidade pela metade d'aquelle preço. O negocio passou-se *en tête á tête* entre o Sr. ministro da marinha e o Sr. C.

Si o Sr. Celso nos explicasse como isto e aquillo fez-se.....mas qual, S. Ex. *ha de dar contas de si aos representantes da nação lá para maio do anno que vem*

—Quem diz isso?

—A *Opinião Liberal*.

—Singular maneira de prender-se!

—Espancando?

—E ferindo.

—Conhece o inspector?

—E' um Dionisio, da rua do Baixo.

—E o preso?

—Cocheiro dos Vehiculos.

—O motivo da prisão?

—Eu não sei. Estou ouvindo rosnar que é ciumada.

—Bem bello! O agente d'authoridade aproveita-se do seu cargo para tirar vindicta com o individuo que lhe cortou a retaguarda.

—E' duello aquillo?

—O que, rapaz, é o official que está mostrando sua destreza em manear a espada; o outro apara os golpes com a bengala.

—Mas aqui na Praça, o commandante da guarda? E' ridiculo!

—Ha gente cuja insensatez dá para tudo.

—Quem é aquelle *alferes*.

—Diz aqui o *José Luiz*, que é o *sobrinho* do *Soares*.

—Não tem duvida, aquelle pobre homem tem uma aduella de menos.

—Aqui é deposito de esterquelinio?

—E' os Arcos da Misericordia.

—Quanta immundicia!

—E' um poderoso auxiliar ao cholera, que nos ameaça.

—Quem passa por aqui sahe impregnado de insuportavel fedentina.

—Note, que os portões fecham-se á noite: o despejo é feito de dia por tanto.

—Isso denota excessiva porcaria dos moradores da ladeira da Mizericordia e adjacencias. Fazem do transito publico despejo, e dos escoadores latrina.

—E' um daquelles abusos difficeis de previnir.

—Pelo contrario; si o fiscal da freguezia fosse mais previdente, um dia dava com tudo na chena.

—O melhor é pedir á Mesa da Mizericordia que mande limpar aquella fonte de perenne insalubridade.

—Va feito.

—A ladeira da Saude está intransitavel!

Ha buracos de enterrar um homem!

—Quando fizeram a muralha podiam logo concertar a rua.

—As cousas desta terra nunca são completas.

—Outra ladeira que está na mesma, ou em peiores condicções, é a da Preguiça.

—Como é cousa de urgente necessidade e commodidade geral, não ha quem se lembre dellas; si fosse alguma gorda mamata para presentear a gente do peito, isso sim, havia dinheiro, vontade, urgencia e tudo mais.

—E' fado desta terra, que os larapios, tratantes e velhacos, tenham valiosa protecção.

Angelo, é um ratoneiro audaz, que vive a escamotear, não só o que acha desgarrado, como o que está bem guardado dentro de gavetas e até nos bolsos alheios.

A policia tem recebido queixas e a subdelegacia da Sé innumeras contra elle; porem ha não sei que *fada magica* que faz com que Angelo saia sempre bem nas suas arriscadas emprezas.

Encantona-se na egreja do Collegio, onde tambem é protegido, até *serenar* o aguaceiro e dahi ha dias anda á fresco.

— Protecção, protecção.

— Dizem que na propria policia ha quem o proteja; porque estando ha tempos na vara de subdelegado o Sr. Ernesto, houve ordem de prisão para Angelo, o qual occultou-se logo no seu coito favorito, e um agente de policia apresentou-se no outro dia na subdelegacia pedindo por elle!

Ultimamente, Angelo é proso, depois de resistir e fugir das mãos dos guardas e quando se pensava que tão astucioso ratoneiro tivesse destino, ficando o povo livre de tal flagello, eil-o que anda de novo a fazer das suas e mais authorisado pela impunidade!

— V. mesmo não disse que os tratantes eram protegidos? de que se admira então?

— Os *meninos do côro* quebraram as vidraças das janellas da sachristia do Collegio.

— Quando?

— Hontem.

— Que vadios!

— V. o que deve é extranhar áquillo como anda a revelia.

— Camaradas, não briguem.

Vs. de patrulha a esmurrarem-se!

«— Corto-te a cara!

— Isso é feio logo aqui na rua Direita.

Vs. são encarregados de vellar pela ordem publica e não de alteral-a.

«— Este infame insultou-me.

— Olhem, la vem o capitão Braga, que ha de accomodal-os.

— Capitão, desde 1 de agosto do anno p. p., que dormo na pasta da commissão de justiça da municipalidade, um requerimento, sobre o qual tem ella de dar parecer.

— Por que não requer de novo?

— Novo requerimento foi feito a 17 de outubro do anno tambem passado e nenhuma solução deu-se.

Entretanto que reverte em prejuizo semelhante mania de reter os papeis que lhe são endereçados.

— Para esse caso eu só vejo um remedio, que é esperar com paciencia até que a commissão esteja de maré de despachar os papeis.

— O Sr. Thomaz David de Valle Maia, por um annuncio publicado no *Jornal*, pede a esta redacção que declare si elle é o author do officio ao superintendente da estrada de ferro sobre as balanças da mesma.

Ninguem mais do que S. m. deve ter consciencia de que não é o auctor de tal officio, uma vez que não faz parte da redacção desta folha.

Si com tudo é para livrar-se de alguma imputação que lhe fazem, declaramos sobre palavra de honra, que não foi o Sr. Thomaz quem nos informou sobre a illegalidade que ha na balança.

A PEDIDO.

— Andava a sua procura, padre.

— Ha alguma cousa?

— Sim, Sr.

— Estou a disposição de V. Ex.

— Tenho uma queixa contra V.

— Negocios da Maria Joanna?

— Não.

— Sobre o que versa?

— Accusam-no de *sabido*.

— Isso?... Ora, adeus.

— São factos que muito depõe contra o seu ja compromettido caracter sacerdotal.

— V. Ex. tem a bondade de m'os dizer?

— Si é para ajustar essas contas que eu o procurava.

Dizem que o cabo Bento ajustou com V. para celebrar uma missa no *Mau-fim* e pagou-lhe adiantado, e que V. por portas travessas recebeu dinheiro de uma crioula para celebrar no mesmo dia; de sorte que quando o homem chegou á egreja com a familia já V. finalisava.

Que V., sendo o *coadjutor* das Barrocas, contractou se com os frades da *Ternura* para celebrar nos domingos, faltando assim a seu dever e ficando os devotos sem a missa conventual e que nos sabbados em que é obrigado a celebrar missa da casa, recebe dinheiro para tenções particulares, fazendo d'uma via dous mandados.

—Isso fica cá sobre minha consciencia.

—Padre, dous proveitos não cabem n'um sacco.

—Precisões da vida obrigam a isso.

—Porque não reduz suas despezas para não commetter acções indignas de seu ministerio?

Eu hoje vim apenas aconselhal-o, porem si continuar veja la.

Va.

—As ordens de V. Ex.

SONETO.

E' *Coelho* n'altura o marinheiro,
Galhardo qual possante Farragú,
Vermelho como a crista do perú,
Quando pula raivoso do poleiro.

Eia, sus! *Sansãosinho* brasileiro!
O tamanho qu'importa? si o *Tatú*
Pequenino e zanaga como tú,
O pasmo conquistou do mundo inteiro?!

Mas deixa a galhardia p'ra mais tarde,
E não faças que alguem por *brincadeira,*
Co a pecha te macule de covarde!

E bem sabes que mesmo sendo asneira,
Si um dia la o sangue em furor arde,
Eu te agarro e te metto na algibeira.

Caata achada na Praça.

Maria.—Muitto conti a tua partida para o castanhedo eu disde o dia que V. veio que eu não tenho comido athe hoji V. veja sepodi micozer huma camiza minha emando dizer quanto ho pura eu saber semando o diga ce eu posso mica zar com vocer para eu ficar cocegado e quando he esti dia athe na cesta feira ce deus quizer...

Adeos athe athe

Seo Cr° e obr°
Francisco M. Ramos.

—

Maria Amanti
Amor Quirido
Custoumi muito
Atua partida.

VARIEDADES.

EDUCAÇÃO ESMERADA.

Ha pessoas que se prezam de dar boa educação a seus filhos e tem razão.

Gabaram a um personagem importante o haver um seu filho corrido bem em um brinquedo de cavalhadas, e elle, todo ufano e contente de si, respondeu:

— La a estudos não o mandei ensinar, não, mas a cavallo è o que vocemecê vê.

UM POLYNOMO.

Um bespanhol montado n'um estropiado rocinande batia á meia noite á porta da unica estalagem que havia em uma aldeola. O estalajadeiro, brutal e tapado como a porta onde batia o viajeiro, assentou-se na cama e perguntou la de dentro:

«—Quem é?

«—Sou D. Sancho Affonso Ramira Pedro Carlos Athaide y Gusman de Santillana de Roxas de Stumiga y Manzanares de los Fuentes.

«—Tenho so um quarto desocupado, que não chega para tanta gente respondeu-lhe o estalajadeiro tornando a deitar-se.»

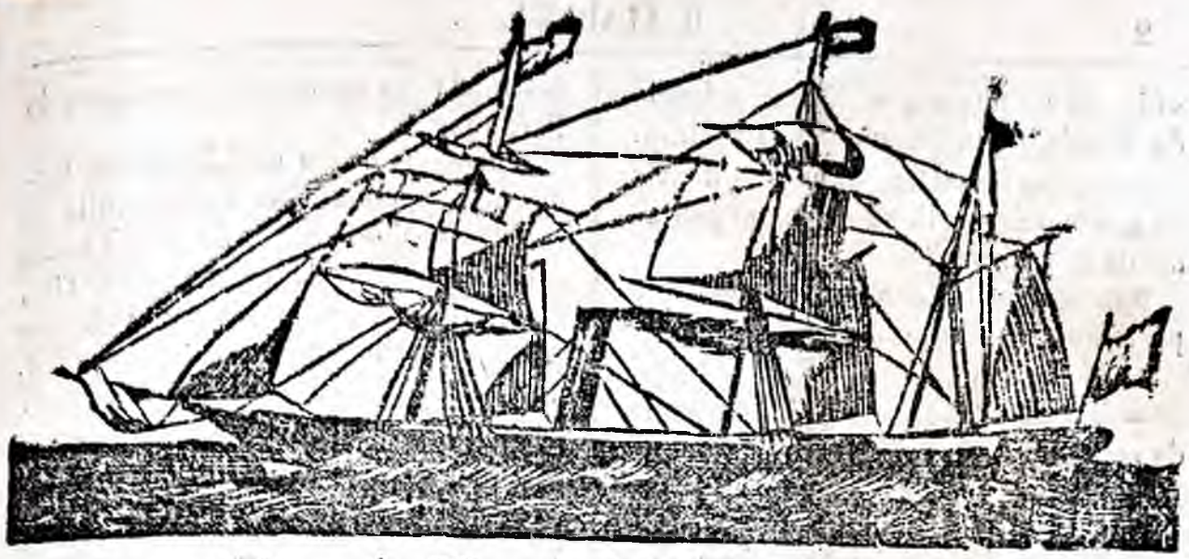
ANNUNCIOS.

FESTIVIDADE RELIGIOSA.

No dia 13 do corrente se ha de celebrar na matriz de Sant'Anna, onde se acha a Imagem de Senhor Bom Jesus dos Passos dos Humildes, a missa ás 8 horas, e ás 7 horas da noite o acto de adoração.

Convida-se para este fim aos carissimos irmãos e devotos a comparecerem no mencionado dia e horas.

No Bomfim, roça do tabellião Pedreira França, precisa-se de uma ama para o serviço de casa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 14 DE MARÇO DE 1868. SERIE 34.ª—N. 337.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de março de 1868.

Officio ao Illm Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que pelo districto dos Mares vaga um preto louco, cuja hallucinação da para munido de uma grande estaca, não deixar inteira uma vidraça.

Na noite de 4 do corrente, essa mania atacou-o fortamente e elle quebrou todos os vidros das casas dos Mares, Bom Gosto e Noviciado. E podendo vir a acontecer que dos vidros passe elle as pessoas, pede-se a S. S que se digne entender com o provedor da San-Casa, afim de que seja elle alli recolhido.

—A moralidade de um padre.

—Ahi vem V. com uma droga avariada.

—Um caso acontecido.

—Onde?

—Na cidade da *Catadupa*.

—Vá lá.

—Uma familia mandou preparar uma pedra para a lousa de um parente, e o artista esculpiu nella uma cruz; a irmandade da egreja onde tinha de ser ella collocada, não quiz consentir á pretexto da irreverencia, que se dava de ser a cruz pisada por todos que entrassem na egreja.

Consultada a opinião de um padre, opinou este que se podia pisar na cruz e para prova subiu sobre a pedra e pozse a bater acintosa e desdenhosamente com os pés sobre o emblema sacro-santo da redempção humana.

—Quem é osse sacrilego?

—Um individuo, que por seus ademanes, seria dama de *honor*, *ato* continuo si podesse se transformar em mulher.

—Algum devoto de Bacchо.

—E adorador dos prostibulos.

—E' assim que se faz fortuna.

—Assim como?

—Roubando o suor do povo.

—São fortunas que vão por agua abaixo.

Essas fabulosas fortunas, improvi-

sadas da noite para o dia são o fructo da fraude, da pilhagem e do latrocinio.

—Que se importam elles que depois da morte o diabo lh'as carregue juntamente com a alma?

Não acabou de ver aquelle ilheu o que praticou com um pobre tabareu?

—Não.

—V. não estava em pé alli na ponte da companhia dos *Bahianos*?

—Estava.

—E não viu?

—E' que cheguei depois, talvez.

—Pois ouça:

Um matuto, vendeu os generos que trazia alli no armazem, que depois do *regresso* em que andou, melhorou. Deram-lhe em paga, uma cedula de 5$ rs. do governo, das que se estão recolhendo. O homem não reparou ou não conheceu: dalli sahiu para comprar o que lhe era necessario e então é que soube que o papel não tinha o curso legal.

In continenti volta ao armazem, e o astuto ilheu o manda prender por dous policias, a pretexto de trazer *moeda falsa*.

—Falsa! a moeda do governo?

—E que elle mesmo deu.

—Quem sabe esse labrego quanta moeda falsa não tem trazido de sua terra para impingir-nos.

—Mas vê que latrocinio? Alem de lezar o homem com uma moeda depreciada, ainda o manda prender dizendo que é falsa.

—E foi preso?

—Não, porque houve quem intervisse.

—Mas soffreu o prejuizo?

—Evidentemente.

—Que é o que elle o queria: com 3$rs. pagar 5$ réis.

—E roubando assim essas harpyas, arvoram-se em colosso de riqueza de uma hora para outra!

—Episodios de um embarque de tropa, na côrte, a 7 de janeiro.

—Diga.

—«No arsenal de marinha achavam-se approximadamente 1:600 praças, destinadas ao insaciavel sorvedouro do Paraguay.

«Dizemos *praça* na falta de um termo que exprima essa turba-multa de invalidos, de doentes, de pretos minas (africanos livres), de escravos, etc., etc., que ali formavam por entre algumas dezenas de soldados bisonhos.

. . . . . .

«Certamente, uma grande parte, a maior talvez, d'aquelles infelizes não levavam destino ao exercito, mas ao cemiterio.

. . . . . .

«Apresentando-se o imperador no arsenal, choveram-lhe aos pés as victimas dos desatinos alheios.

«E clamavam.—Somos casadoss, senhor! Temos familia, que ahi fica ao desamparo, si lhes faltamos! Dispensai-nos!»

«—Não é possivel, respondeu o imperador; a patria exige este sacrificio dos seus filhos.»

«A' palavra PATRIA os PRETOS MINAS, estupefactos, arregalaram grandes olhos, como se perguntassem—contra quem move guerra o Paraguay?!!.

«Os cacheticos e invalidos clamavam por inspecção de saude.

«S. M., voltando-se para o medico de semana, ordena-lhe que examinasse alguns dos mais pertinazes pedintes.

«Mas o pertinaz medico foi inflexivel....

. . . . . .

«Prestes a mover-se a tropa para bordo, colloca-se um cidadão ante o imperador, e com a firmeza do homem honrado, diz-lhe:

«Senhor, aqui está fardado entre estes soldados, um meu escravo, aquelle; reclamo que se m'o entregue.

«—Sim, sim: entenda-se com o ministro, que será indemnisado.

«—Não se trata de indemnisação, senhor! O escravo é minha propriedade, e não quero dispor d'ella, nem tão pouco auctorisei a que lhe assentassem praça.

«—Deixe estar, ha de se ver isso: falle ao ministro.

«—Não, retorquiu o homem resolutamente, nada tenho com os ministros de V. M. *Exijo* o meu escravo, não conheço no paiz lei de desapropriação.....

«O imperador continuou a passar revista, deixando entregue a si mesmo o interlocutor importuno.

«—Pois bem, disse este, eu acompanharei a minha propriedade: quero ao menos ver para onde m'a conduzem.

«E metteu-se no pelotão em que estava o escravo.

«Immediatamente desfila a tropa em direcção ao navio, e um general vem intimar ao honrado cidadão, que não podia ali estar entre os soldados.

«—Não sei, Sr. general, acompanho apenas a propriedade que me arrebatam. Não tenho outro meio de defender o meu direito.

«Essa nobre insistencia valeu-lhe o desembarque do escravo.

.....

«Effectuado o embarque seguiu-se uma balburdia infernal indescriptivel.

«Era a distribuição de gratificações pecuniarias a essas victimas da fraude e da prepotencia.

«Com esse dinheiro entendia-se comprar o silencio das victimas, e accender a cobiça no povo!

«Sempre o mercado das consciencias! sempre a almoeda dos sentimentos e dos brios do cidadão!

.....

«Porque hão de entender os *divinos*, que abaixo das nuvens em que giram é tudo canalha vil e mercenaria?!

«Porque ha de neste paiz entrar em tudo a corrupção?!

«E' a historia invariavel deste reinado.

«Pretende-se mover uma palha. Pois bem, vêde: —ahi passa o pregoeiro official, agitando com uma mão a bolsa do estado, e alçando na outra a tabella das consciencias, das apostasias, da corrupção!

«Eia! Prosegui, governo pessoal, ide ás ultimas consequencias do vosso systema.

«Mas ouvi: Edificastes sobre a corrupção, a corrupção dará por terra com o edificio.

«Escapará o architecto?

«Deus, só Deus o sabe...»

—Muito bem, muito bem.

SAUDE.

A saude é a belleza interna do corpo humano, é a conservação das forças vitaes.

A saude, o maior bem que podemos possuir sobre a terra; a saude, este milagroso vapor que move toda a machina do nosso corpo, devendo ser tratada com toda attenção, quer publica, quer particularmente, é, por desgraça d'esta nossa epocha, lançada ao desprezo; cuida-se com todo o afinco na instrucção, na riqueza, na modas, no luxo, e em tudo quanto ha de ostentação, e não se cuida na saude, bastando considerar que sem ella nada nos pode ser util; a saude do corpo influe nos prazeres da alma; a saude bem apreciada faz com que desfructemos perfeitamente todos os regalos do paladar; a saude nos dá mais forças e mais intelligencia para melhor podermos trabalhar; e até a saude é tão precisa e influente, que sem ella não podemos saborear os bons bocados do amor, nas marmelladas do casamento; e quantos motivos concorrem para se estragar, e até de uma vez extinguir a nossa saude!! São tantos, que seria encher quatro folhas d'esta; mas para abreviarmos esta reflexão, vamos mencionar as mais notaveis, ou que mais prejudiciaes se tornam.

Desde que nascemos, a nossa má educação concorre para termos pouca saude, e ainda mais direi, que antes de nascermos ja desde dentro das barrigas soffremos, por que as senhoras mães de familia modernas não se importam de estarem pejadas ou não, para irem a funcções, dansarem, comerem e beberem tudo quanto ha, perdendo noites inteiras ao calor das luzes, e ainda em cima espartilhadas por tal forma, que um dia havemos de ver alguma lançar a criança pela bocca: e que criança deve nascer de tal gente? Em vez de meninos, nascem largatixas mirradas.

Sahe a criança e é logo mettida em tantas capas, cueiros, folhados e encapotamentos, e depois tão ligada e tão apertada, como se fosse um rolo de fumo.

Depois d'este enfardamento, a Sra. parida, para se ver livre da trouxa, diz logo ao marido que está muito fraquinha, e não pode crear o que pariu; e portanto toca a procurar ama de leite, e aqui temos uma negra ou mulata extravagante que vem infelicitar o recem nascido, embutindo-lhe maus humores, e vicios torpes que tem adquirido.

Entra a crescer a criança, si é do genero masculino, assim que sabe andar senta praça de charutador, fumando e cuspindo desde de manhan até a noite; si é do feminino, prega-se-lhe logo uma barbatana ao peito para fazer cintura fina; encanto este muito influente aos rapazes na sociedade, quando agarram as moças para a walsa pulada. Além d'estes dous motivos, que tanto estragam a saúde de ambos os sexos, o que diremos das noites perdidas nos bailes sem se dormir!

(*Continúa.*)

NÃO HA TROCO.

Era no fim do mez; tinha recebido o meu ordenado, na importancia de rs. 30$200, isto é; de maior quantia, porque eu já havia dado tres ou quatro bicadas no thesoureiro; e, si elle não fosse tão *encouraçado*, nem tanto me restaria.

Tocou-me por sorte duas notas uma de 20$ e uma de 10$, e 200 rs. em metal de taxo.

Estava anciosissimo para ouvir o toque da campanhia, e, assim que ella se fez ouvir, metti a *vermelha* no bolso do *rodaque*, e fazendo uma rasgada cortesia ao meu chefe, enfiei pelo corredor.

A primeira pessoa que encontrei foi o Christovam, tendo na mão uma lista dos devedores do correio.

Depois de saborear a sua gostoza pitada, disse-me:

—Amigo, parece-me que temos aqui uma continha.....

—Sim, senhor, são 200 réis de portes de cartas; aqui tem; dei lhe o cobre e fiquei reduzido unicamente as notas.

Cheguei em casa muito satisfeito; fiz uma pirueta no meio da varanda, e disse á mulher, mostrando-lhe as notas:

—Aqui temos minha-velha, esta arma poderosa para matar-mos a *onça* que temos em casa.

—E realmente, ella já estava tão pronunciada em toda habitação, que tinha a cauda no corredor, e as fauces na chaminé!

—Não sabes quanto estimo, marido, porque a lata da farinha ja estava cantando.

Aqui tens; manda trocar e comprar a farinha em casa do Epiphanio á ladeira da Praça.

Em quanto não chega a criada, manda pôr a meza alguma cousa que se rôa, porque estou hoje com um apetite devorador.

Tratei de metter no estomago um pouco de carne assada, e empurrei-a com um copo do verde.

Neste momento chega a criada toda espavorida, dizende-me:

—Não ha troco!

—Tronxestes a farinha?

—Não senhor.

Fiquei desesperado! porém como não tinha outro remedio, jantei sem farinha.

No dia seguinte, sahi com o firme proposito de trocar as notas comprando mesmo alguma cousa.

Lembrei me então que as minhas botas estavam com *caxumba*, e quiz reformal-as.

Entrei na sapataria do Luiz Vasconcellos e calcei umas botinas que me ficavam muito *chic*.

Puxo pela de 20$ e digo ao homem: pague-se.

—Não ha traco!

—E então? eu não possuo outro dinheiro e...

—Deixe ficar a nota e venha amanham buscar o troco.

—Não é possivel, meu amigo, estou

com a *onça* em casa. Aqui tem, fique-se com as botinas.

—Agora nao as recebo; o Sr. já sujou a sella....

—O que quer que lhe faça? O Sr. não tem troco e eu não tenho outro dinheiro.

Finalmente, depois de muita contenda, o homem resolvera-se a ficar com as botinas, e eu enveredei para a loja do major Texeira.

Mandei cortar, sem necessidade 4 varas de morim e 2 lenços de tabaco e apresento-lhe a nota.

—Não ha troco, meu amigo.

—E esta!... A fazenda ja está cortada e eu não tenho outra moeda.

—Deixe ficar o quando trocar a nota venha buscal-a!

Eu não preciso de fazenda, Sr.! o que me falta é dinheiro miudo para mandar á praça: hontem jantei sem farinha, e hoje ainda estou em jejum. Já vê o Sr. que eu não heide comer este pedaço de papel...

E sahi desesperado da minha vida.

Fui direitinho á botica do Agostinho com tenções de comprar um purgante, do qual andava precizando.

Chego á cancella e digo ao homem:

— Um purgante.

— De que?

—De *le-roy*.

—Em que quer?

—Em pelotes.

—Prompto.

—Eis-aqui, disse eu, dando-lhe o *papel*.

—O pharmacopola arrepia-se todo e grita-me.

—Não ha troco!

—Bem, Sr., não se zangue.

Dei meia volta á direita, e deixei-lhe os pelotes na mão!

Restava-me ainda um meio.

Fui em certo armazem comprei 4 garrafas de vinho, uma lata de sardinhas e desdobrei adianto do dono da casa a cedula.

O homem fez uma cortezia e respondeu-me.

Meu rico amo
Do meu coração,
Não tenho troco
Na occasião.

—Ora, Sr. *meu amo*, tenha paciencia... veja si me pode servir.

—Podia-se dar algum geito, si o *meu amigo* quizesse dar algum agio...

—Maldição! exclamei eu desesperado.

Isto só pelos diabos!

Eram horas de ir para a repartição e eu não tinha ainda assignado o ponto.

Esta lembrança me mortificava.

Cheguei ao Escobié, olhei na pendula—marcava 10 horas!

Já era tarde... tive de perder o dia!

Eis-aqui, queridos leitores, o desgosto que passei para trocar a maldita nota, o que afinal consegui, comprando no mercado sem necessidade, um papagayo por 5$000!...

LA VAE VERSO.

Dar em prosa uma noticia,
Do certo não custa nada;
Mas em verso e sem malicia,
Não deixa de ser massada;
E nem todos dão valor
Ao trabalho do escriptor.

Mas não tendo a pretenção
Delle ser, nem de poeta,
Escrevo por distracção
Para não dormir a sésta,
Que neste tempo calmoso
Deixa o homem preguiçoso.

Assim pois, me vou sentando
Na banca da paciencia,
Algum facto relatando,
E com toda reverencia,
Desculpa peço ao leitor
Si me julgar sem sabor.

A semana que passou
Foi semana de folia,
O povo se alvoroçou
Em delirios de alegria,
Por chegar a grata nova
Que Lopez levara sova.

Na quarta feira, á tardinha,
Garboso as ondas sulcando,
O *Cruzeiro* entrando vinha,
Do bandeiras tremulando;

E correu logo o boato
Que havia espalhafato.

Mal fundeou o vapor,
Muita gente a bordo vae.
Procurando com ardor
Noticias do Paraguay.
De momento a nova ha
Que transpoz-se Humaytá.

Este povo folgazão,
Amigo de divertir-se,
Aproveitando a monção
Entrou logo a reunir-se,
Esquecendo a tyrannia
De quem hontem o prendia.

Essa chusma de zangões,
Que anda em palacio zumbindo,
Correndo aos berbotões,
As escadas vão subindo;
E quem vae mais adiante
Faz serviço relevante.

Quantos cidadãos prestantes,
Nessas horas apparece!
Que serviços relevantes!
E quanto desinteresse!
Ha tanta patriotada
Que poem-me a cabeça inchada.

Era um gosto ver o Matta,
Em alegre desvario,
Tonto como uma barata,
Correndo para o *Diario*;
O boletim a levar,
Como um serviço a prestar.

Em prazer tão absorto,
Vinha elle em desfillada,
Que a saude do porto
Crê p'ra palacio mudada,
E deixa o Pau da Bandeira,
Galga do paço a soleira.

Nosso camarada Fausto,
Patriota sem melgueira,
Sobe, sem folego, exhausto,
Da Conceição a ladeira,
E mal descançado tem
A' cavallo vae ao trem.

Emquanto se assa um ovo,
Mais ligeiro que um fuso,
(Nelle isso não é novo;
E' inveterado uso.)
Correndo a redea solta,
Vae ao arsenal e volta.

O povo que affluido
Tinha, ao largo da Praça,
Com as musicas reunido
Em batalhões se congraça:
E vae ebrio de prazer,
Essas ruas percorrer.

Porem, emquanto á festança,
Este povo se entregava,
Que dolorosa lembrança,
Em outros não despertava,
Esses vivas, esse ardor,
Augmentando a justa dor.

Que saudades tão pungentes,
De quem foi, p'ra não voltar!
Quantos amigos, parentes
Nesta hora a prantear!
Não desperta os sons ruidosos
Dos vivas estrepitosos!

No outro dia, os *amaveis*,
Foram em corporação,
Ao *el-supremo*, affaveis,
Render uma oblação,
Oblação que *acerca della*
Direi, foi uma balella.

—Dos Passos a procissão
Foi mui bem acompanhada,
Tendo na frente o guião
E atraz gente fardada;
O que hoje na cidade
Não é grande novidade.

O *mandador* da brigada
Não soube desenvolver-se.
E' presumpção estragada
Certa gente intrometter-se
Naquillo que não tem geito
E para o que não foi feito.

—Da fonte do Gravatá
A agua toda fugiu.
O povo zangado está
Pela falta que sentia,
Mas o nosso municipio
As obras não deu principio.

—Este povo anda assustado
Com a tal epidemia,
Que a tantos tem mandado
Descançar na terra fria,
Só buscando com terror
O boticario e o doutor.

Em xaropes e quinina
Em rhuibarbo e pós de mico,

Arranjam ellos a mina
Aondo enterrar o bico,
E matam sempre o doente
Physica ou moralmente.

A PEDIDO.

—Capitão!

—Diga-se; mas não me masse.

—E' já.

—O Cara de todos os bichos, olhos de sapoca, passou a piassava no Candongas.

—Deveras?

—Ora si...

—Conte-me, que sou todo ouvidos.

—Pois ouça: certo menino finorio (apezar de magrinho) veio morar na Paroxia (isto de paroxia é do irmão Sapoca) e como é bastante entendido na cousa, o Sapoca entendeu-se com elle, e fizeram o diabo com os qualificados, etc. e tal.

—Que me diz, homem? V. é das Arabias... sabe de cousas...

—E' verdade.

—O que se segue d'ahi?

—E' que temos de ver o diabo puxado a seis no oitavo mez.

—E eu que tambem sei alguma cousa, digo-lhe que puxado a quatro; porque o Sapoca quer ser o 1°, o magrinho o 2°, o cabeça pellada o 3°, e o rusguento o 4°.

—E os outros?

—Ora, capitão: pois V. Ex. não sabe do

Pacto duro e injusto
Que com Lepido e Antonio fez Augusto?

—Agora sim; já lhe entendo...

Desta vez o Candongas damna-se... morde até a chinella da crioula... é bem feito... bem feito... fogo no Candongas...

Quem te mandou
Meu engeitado,
Ires beber
Com o coroado.

O palhaço do collegio.

Como o meirinho das citações (assim o chamam por zombaria os collegas de geographia) dissesse que era falso o termo, que pão, manteiga e serveja eram productos *naturaes* dos Estados-Unidos, provoca-se para que desminta pessoalmente seus collegas de curso; do contrario havemos continuar.

O animo do Villaça.

SONETO.

Sob os mesmos consoantes de um que vem na Opinião Liberal.

O Brazil, para estranhos *El-dorado*,
Cujos filhos estão chuchando o *dedo*,
Ha de dar em pantanas muito *cedo*,
Pois ninguem quer ouvir do povo o *brado*:

Encontrando ladrões de qualquer *lado*,
Vive o pobre mettido em tal *enredo*,
Qu'eu de n'elle viver já tenho *medo*
E não sei como por-me a *bom recado*.

Seu futuro vislumbre *ennegrecido*;
Suas glorias d'out'ora estão no *lôdo*,
E assim tudo o mais, si não me *illudo*.

E tudo isto tem elle *merecido*
Dos qu'o sangue lhe vão sugando *a rodo*,
Dos caudilhos do grupo—*barrigudo*.

JUVENAL.

(*Lynce.*)

VARIEDADES.

DOUS AVARENTOS.

Um avarento que habitava em B... soube que havia um avarento em C... mais avarento que elle e capaz de lhe dar lecções nos capitulos da economia.

Poz-se a caminho para ir receber uma lecção daquelle grande mestre, e apresentou-se como um humilde noviço que desejava estudar sob a direcção de um superior.

—Sede bem vindo, lhe disse o avarento em C..., e para economisar o tempo, accrescentou, vamos direito ao mercado fazer as nossas provisões.

E foram a casa do padeiro.

—Tens tu bom pão? lhe perguntou o mestre avaro.

—Olé, muito bom, meus senhores, fresco e brando como manteiga.

—Tu ouves, disse o mestre ao discipulo. O melhor pão é comparado à manteiga. Devemos pois preferir a manteiga. Pois bem! ou tu partas muito, ou muito pouco, não os acharás um melhor que outro. Em todos os sentidos è mais prudente tomar-mos manteiga.

E dirigiram-se a uma loja de mercearia

e perguntaram ao caixeiro si tinha boa manteiga.

—Muito boa, respondeu este, é saborosa como o mais fino azeite de oliveira.

—Nota, disse o avaro ao seu hospede: a melhor manteiga compara-se com o azeite; por consequencia, é preferivel o azeite.

E caminharam logo a um armazem de azeite.

—Ha bom azeite?

—Tenho da melhor qualidade. E' branco e transparente como agua, respondeu o mercador.

—Repara bem, advertiu o avarento de C... ao avarento de B... Visto isto, a agua é o que ha de melhor. Ora, eu tenho em casa um grande balde de agua de que tu participarás em nome da hospitalidade.

Com effeito, quando entraram em casa, o avarento não offereceu outra cousa a seu hospede sinão agua, afim de lhe ensinar que a agua era melhor que o azeite, o azeite que a manteiga, e a manteiga que o pão.

—Louvado seja Deus! dizia o avarento de B..., não perdi de todo os meus passos!

CURIOSIDADE.

Para que os nossos leitores avaliem o gráo de superstição e atrazo em que o clero lançou o povo, transcrevemos do *Jornal do Recife* n. 299 de 27 de dezembro do anno proximo findo, o seguinte documento que vae com o propria orthographia:

«PARA DOR DE DENTES—Ahi vai uma receita que achamos n'um *velho patuà* de beata:

«*Benzimento de dor de dente*

«Estava santa Pelonha no seu pendente de ouro fino chegou-lhe a virgem Maria que tendes pelonha uma dor de dente senhora queres que te cures ou que teomente sim sinhora de Boa mente pello sol crescente pela Lua Minguante pello Menino deos que tenho em Meu ventre e nunca Mais te duciras dente, 3 Padre Nosso 3 Ave Maria 3 gloria Padre offereçida a sagrada Morte paixão de Nosso senhor.»

«PARA DOR DE DENTES E DE PONTADA—No mesmo *patud* encontramos mais esta:

«*Oração ou Benzimento de dor de dentes e De dor de pontada*

«Jezus e Jose ambos andava por um caminho Jesus Andava e Jose ficava dizia a Jesus a Joze Anda dizia Jose a Jesus senhor não poço didor Didente e didor dipontada seguem e as minha Pizada que isto não é nada assim como eu Fiquei livre e sam e salvo das minhas 5 chagas Assim ficaraes tu livre e sam salvo di dor de deute edi dor de pontada. 5 Padre Nosso 5 Ave Maria 5 gloria Padre Offerecida os santos quexinho do Menino deos.»

MAXIMAS DE CASAMENTOS PARA AS MOÇAS SOLTEIRAS.

Quem casa com militar
Tem bastante que aturar.

Quem casa com embarcadiço
Vive sempre em reboliço.

Quem casa com estudante
Dá prova de estravagante.

Quem casa com caxeiro
Vive ao pé do candieiro.

Quem casa com negociante
Tem vida muito abundante.

Quem casa com carpinteiro
Soffre falta de dinheiro.

Quem casa com alfaiate
Não ha nó que não desate.

Quem casa com sapateiro
Quasi nunca tem bom cheiro.

Quem casa com taverneiro
Vive sempre no chiqueiro.

Quem casa com escrivão
Traz pulgas no coração.

Quem casa com demandista
Nunca mais levanta a crista.

A que casa com soldado
Fica logo em mau estado.

Quem casa com italiano
Chora seu mal todo anno.

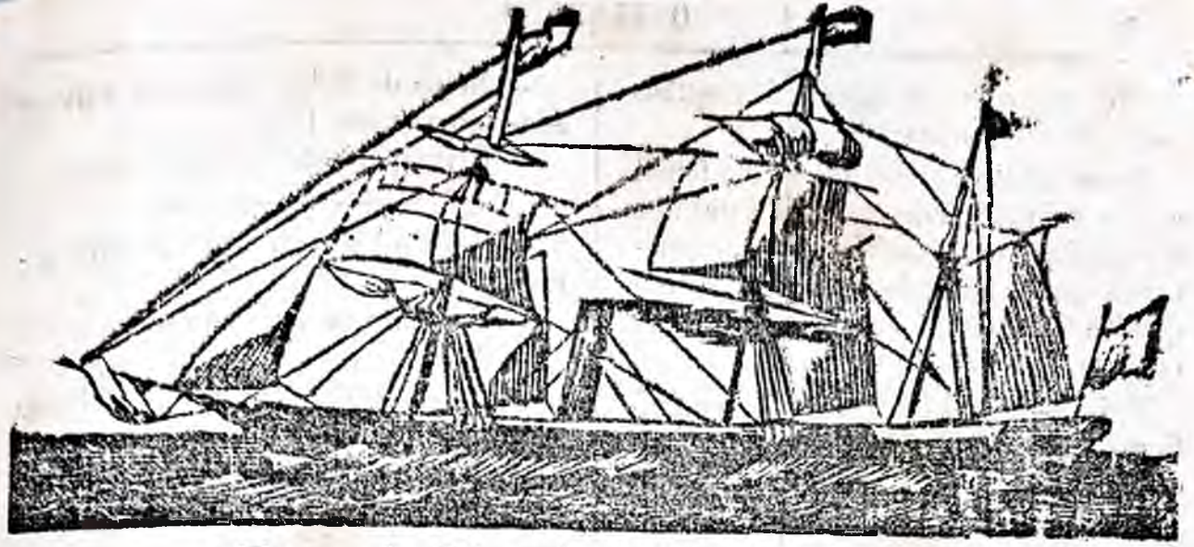
Quem casa com francez
Goza ventura um mez.

ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já bem conhecido verdadeiro café muido puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n. 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n. 199, a 400 rs. a libra: previne se que qualquer porção comprada, levará no envolltorio o seguinte distico—*M. José d'Azevedo*—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicado.

No Bomfim, roça do tabellião Pedreira França, precisa-se de uma ama para o serviço de casa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 18 DE MARÇO DE 1868. SERIE 34.ª—N. 338.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de março de 1868.

Officio á Illma. camara municipal, lembrando lhe a urgente necessidade que ha de mandar cercar o cemiterio dos bois no engenho Retiro, afim de obstar que a immensidade de cães que infestam aquelle logar, cavem as sepulturas e desenterrem o gado, enterrado a superficie da terra como é, o que pode ser de grave prejuizo, neste tempo em que tanto se receia uma visita do cholera.

—Ao Illm.º Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que o seu espião Evaristo anda prendendo moleques captivos, afim de exigir depois dos seus senhores dinheiro á titulo de soltal-os.

Não é possivel continuar, feito agente de policia, um homem que pertence a companhia do *olho-vivo*, o que muito bem pode informar quem o conheceu na freguezia do Pilar.

Espera-se que S. S., attendendo ao que acima fica dito, domitta esse mau agente de sua policia, verdadeiro reu de policia.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Proprietarios de animaes soltos, pedindo uma indemnisação pelos serviços prestados pelos mesmos (animaes,) na limpeza dos largos do Terreiro, S. Bento, Piedade, Desterro, etc.— Informe a municipalidade.

—Eu gosto mais de ver obras do que de ouvir palavras.

—Ora, que duvida!

—O Sr. Dr. chefe de policia, que tão bons desejos tem mostrado de acabar com o quadro triste e feio da mendicidade pelas ruas...

—Desejos que são sinceros, creia.

—Não duvido. Porem já podia ter adiantado muito, fazendo uma obra de charidade.

—Qual é ella?

—Eu lhe digo.

No 1º andar da casa n. 31, ás Portas do Carmo, jaz sobre um leito de dores, com os membros entorpecidos, estorcendo-se nas vascas da mais horrorosa miseria, uma desgraçada mulher, mãe

de tres meninas, a maior das quaes pode ter seis annos.

Essas infelizes, impellidas pela fome, sahem a implorar a charidade publica e vagueiam por essas ruas, apresentando aos olhos do estrangeiro um quadro deponente contra a nossa sociedade.

Habituadas em tão tenra edade ao officio de pedintes, essas creanças quando crescerem terão arraigados no peito todos os vicios que gera a ociosidade.

Não daria o Sr. Dr. chefe de policia prova de seus sentimentos humanitarios, remettendo essas innocentes creaturas ao Sr. Dr. juiz de orphãos e recolhendo a desgraçada mãe ao hospital da Santa Casa?

—Sem duvida.

—Pois isso é que eu queria ver, antes do que tanto elogio de gazeta, com que andam por ahi a atordoar os ouvidos de S. S.

—O Senhor do Bomfim está feito capa de velhacos.

—V. é um herege.

—Deus me livre.

—Sahe-se com tamanha impiedade.

—O que digo é que valem-se do nome do Senhor para traficar e especular.

—Ah! isso sim.

—O Porta-massa da cathedral enfronha-se em uma opa e sahe por ahi a esmolar para o Senhor do Bomfim da mesma egreja e á tarde vae dividir com um socio no corredor do Collegio o fructo de sua ganancia.

—E não é preciso licença para isso?

—Para dividir?

—Não, para esmolar.

—E'.

—E o que fazem os fiscaes?

—Mas, si elles tem licença?

—E então?

—A culpa é de quem concede a licença para essas especulações.

A Felicidade Vovó alcançou uma licença, elles bifaram-na e andam por ahi a illudir a piedade dos fieis.

—Meios de vida, cada um vale-se dos recursos que tem.

—Principalmente achando apoio.

—O povo bahiano está nos seus geraes.

—Contente, a mais não ser.

—A causa não é para menos.

—Infelizmente no meio d'alegria sempre apparece motivos de desgostos.

Alguns mal intencionados aproveitaram-se do regosijo do povo para commetter imprudencias.

Hontem, a noite quando conduziam o carro, houveram alguns disturbios, mais ou menos serios, principalmente um entre officiaes da guarda nacional.

—Isso é para deplorar n'um dia em que todos deviam se confraternisar.

—Isso mesmo foi pela força do exaltamento em que estavam os espiritos.

No domingo tambem alguns guardas nacionaes entraram no botequim do Terreiro e deram uma bayonetada no caixeiro.

—Porem diga-me quaes são as noticias, porque ainda estou em jejum a respeito.

—Mais ou menos são estas que vem n'um boletim de Buenos-Ayres:

«Os encouraçados chegaram a Assumpção sem nada acharem.

«Assumpção so com mulheres.

«O prefeito pediu misericordia.

«Regressou um monitor a buscar ordens.

«Lopez apertadissimo em Humaytá.

«Esperava-se solução brevissima.»

—Bom, bom, ja sei.

—Desgraçada terra, onde o mais safado canalha, o mais infame e immundo ralé, ratoneiro conhecido, inculcado agente de policia, vale-se dessa immunidade, para tambem querer tirar sua vindicta!

O *Alabama* tem fallado acerca de escamotages e ganancias praticadas pelo ratoneiro Evaristo, espião da policia da Bahia, como sejam: exigir esportulas dos Srs. de escravos fugidos que são presos pela policia, ou dos que vão á repartição se queixar de maus tratos,

prender pretos para soltal-os por dinheiro, ser subsidiado pelas casas de jogo, inculcar-se senhor dos segredos da policia para com isso transigir, etc.

Nao havendo quem ponha cobro aos latrocinios de Evaristo, fica elle ufano e faz alarde quando a imprensa falla de seus feitos.

Ha poucos dias disse em uma venda que lhe haviam de pagar.

A vingança, foi prender, hontem, um escravo de um dos proprietarios da officina, onde se imprime esta folha.

Isto seria nada, si o maltrapilho moleque não tivesse a insolencia de ir para a porta do mesmo dizer—*que tinha prendido de proposito para lhe botarem no Alabama.*

Ajuize o Sr. Dr. chefe de policia por ahi do caracter do seu agente, indo em tal caracter fazer provocações a cidadãos pacificos.

E permitta S. S. que aqui lhe façamos um appello, perguntando-lhe si não lhe causa nojo e asco o encarar a figura de tão repulsiva e hedionda creatura.

Que confiança pode inspirar tão desprezivel ente?

Que conceito podem merecer as revelações feitas por elle, si sahindo da repartição elle vae denuncial-a por quaesquer cinco tostões?

Reflicta S. S. e faça o que entender.

—Capitão, vou ler uma bellissima poesia para V. Ex. ouvir.

—De quem é?

—Do Sr. Victoriano Palhares. Foi recitada em Pernambuco no dia 9.

—Leia, que isso deve ser papa fina.

Quem ruge? E' o povo, a lava
Que se arroja do vulcão,
A nodoa que negrejava,
Ja não é nodoa; é florão.
Das sombras de um pesadello
Resurge o Anteu mais bello
Com seu garbo varonil;
E o mundo ver-se-ha forçado
A repetir espantado;
—E o Brasil sempre é Brasil!!.

O Brasil é um mundo novo.
A mocidade explosão.
So Deus amortalha um povo,
No esquife de uma nação.
Quando se tem por diadema
A estrella d'alva suprema
Calcam-se as nuvens aos pés,
Que é Deus quem toca alvorada
Da gloria predestinada,
A espada dos Josués.

Os pampas gemem! Quem passa
Na correria infernal!
E' o condor que traspassa
Com a bandeira imperial!
E' Caxias, é a gloria,
E' o soldado—victoria,
Que vae vingar a nação;
Gravando a ponta do gladio,
O brasileiro paladio,
Sobre o peito d'Assumpção.

Hosanas! Vence o direito!
Vae o tyranno cahir.
Quem tem coração no peito,
Tem labio para applaudir.
Somos todos brasileiros;
Corram livres altaneiros
Os gritos do coração.
O povo é o primeiro athleta;
O povo é o melhor poeta
Sendo Homero é Salomão.

—Bravo, bravo.

—Capitão, dou-lhe os parabens!...

—De que?

—V. Ex. não sabe que estamos de posse d'Assumpção e que talvez á essa hora tambem já esteja em nosso poder a fortaleza de Humaytá.

—Ja sei de tudo isso.

Compete-me tambem dar-lhe os parabens!.....

—Oh!.....

Tem visto as demonstrações do povo.

—Achava melhor que tudo isso ficasse para quando viesse a noticia do *ultimatum*.

—Muitos vivas, muitos foguetes, etc.

—Quantos foguetes sobem, quantos vivas se dão, como quantas lagrimas eu derramo.

—Mas isso é celebre!

Pois então V. Ex. chora quando to-

dos riem-se, dão vivas o applaudem os feitos dos bravos, que compõem o nosso exercito e armada em operações no Paraguay?

— E' verdade! Choro a sorte da infeliz espoza a quem a guerra trouxe-lhe a viuvez; choro a desgraça da viuva que perdeu seu filho unico arrimo; choro o infortunio da donzella que ficou sem seu irmão, unico abrigo que tinha; choro a infelicidade da innocente creança, para quem a guerra trouxe a orfandade; choro a desventura do octogonario que a guerra roubou lhe o unico filho que tinha para trabalhar para sua subsistencia; choro finalmente a sorte dos que derramaram seu sangue em defeza da patria, que por ahi já andam mendigando o pão da charidade publica!

E' preciso notar que ainda a guerra não acabou-se e ja se lastima tanta desgraça!.....

— Mas tenha fé no governo que ha de enchugar todas estas lagrimas o asylar os invalidos da patria.

— Deus o permitta que o governo cumpra a suas promessas!

— Ha de cumprir!.....

— Afogou-se um preto.

— Onde?

— Cahiu da companhia Bahiana.

— Ah isso foi a semana passada.

— Mas como eu não vi as gasetas grandes noticiarem, eston lhe dando parte.

LA VAE VERSO.

UM SONHO PATRIOTICO.

Eu tive um sonho esta noite,
Que de Solano o açoute
Cedia em campos de Marte;
Que o estandarte d'Assumpção.
Rojando humilde no chão
Beijava o nosso estandarte.

Que Lopez, impio, tyranno.
Por um decreto soberano,
Tinha perdido a batalha!
E vi Assumpção arrazada
Por uma nuvem carregada
De brasileira metralha,

E sonhei que os generaes,
So da fama nos annaes
Eram os cobardes de la!...
Em quanto os soldados pobres,
Pelejavam por mais nobres.
Pizando sobre Humaytá.

E vi somente soldados,
Aguerridos denodados
Darem gloria ao paiz;
Heroes da lucta na scena,
Como os guerreiros de Iena
Como os bravos de Austerlitz

J. M. R. d'Almeida

SONETO.

Oh, Lopes, grande heroe na zoolatria,
Tarapio de fardão, chapeu armado,
Olvidas que bem podes ser surrado,
Por premio dessa vil grande ousadia?

Esperaes, fanfarrão, que o mundo ria
Si o fim que te prevejo é acertado,
Em vendo-te a um poste amarrado
Civando ao som do açoite, noite e dia.

Melhor fôra que tu, ente felpudo,
Cosesses na mochilla o fardamento,
O orgulho mettendo n'um canudo;

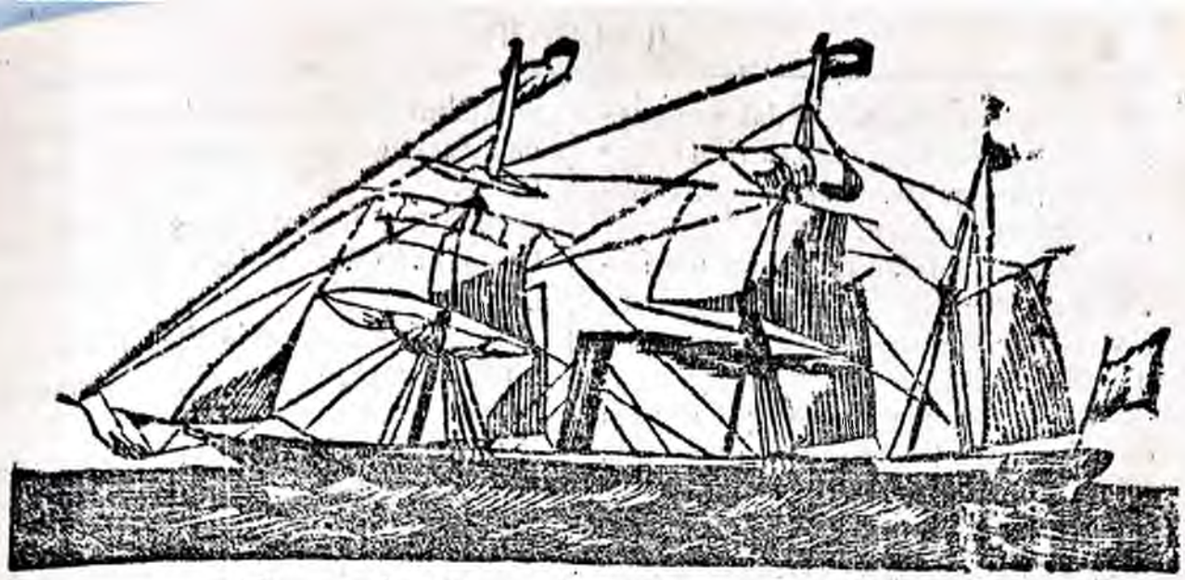
Reunisses a malta e n'um momento
Contra o negro Plutão, fosses d'escudo
Obrigal-o a sahir, tomar assento.

ANNUNCIOS.

O coronel Tranquilino gratifica generosamente a quem lhe entregar a copia de uma carta que o mesmo dirigiu a uma das eminencias do paiz, narrando seus soffrimentos e descobrindo certas melgueiras do partido conservador, copia que lhe foi subtrahida do bolso, pela companhia do olho vivo, no domingo 7, na egreja de S Domingos, por occasião do alvoroço a que deu logar o desrespeito de se esbofeteares as mulheres no templo do Altissimo.

Quem precisar de uma pessoa de conducta affiançada, bonita figura e muito carinhosa, para tratar de crianças, procure na venda nº 12 a rua do Collegio, que se lhe indicará quem é.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 21 DE MARÇO DE 1868. SERIE 34.ª—N. 339.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs, por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de março de 1868.

Officio ao Illm. Sr. superintendente do matadouro publico, participando-lhe que em S. Francisco de Paula ha um talho, cujo cortador vende a carne por mais um vintem em libra do que o preço marcado na tabella, ás pessoas que não sabem ler, e como seja isso um abuso de confiança, pede-se a S. S. providencias.

Para maior esclarecimento declara-se que o talho pertence a um Sr. alferes Cyrillo.

—A sociedade dos Veteranos sahiu-se com uma boa idéa.

—Qual é?

—Deliberou no dia em que chegar a noticia da terminação da guerra, não só fazer em fronte á casa de suas sessões um arco, que será illuminado, como convidar a todos os mutilados na actual campanha do Paraguay para um lunch, que será servido pelos mesmos Veteranos.

—E' uma lembrança de merito, digna de ser applaudida.

—Então vivam os Veteranos da Independencia!

—Vivam!

—Estão nomeadas as commissões para promoverem os festejos, que se tem de celebrar quando terminar a guerra.

—Isto é, para agenciarem dinheiro para os festejos.

—Sim Sr.

—E eu acho bem mal entendido.

—Como?

—Porque sou de opinião que esta festa devia pertencer unicamente ao povo.

—Explique-se.

—A meu ver, a commissão central devia compor-se de homens que podessem gastar.

—Como de facto são.

—Bem.

A missão das commissões das freguezias devia cifrar-se a exhortar os moradores a illuminar suas casas. Quanto a arcos, etc., o governo, que gasta tanto dinheiro superfluo, que decretasse uma cifra, a qual, reunida ao

que déssem os membros das commissões, chegaria para tudo e evitaria que n'uma festa que é só nossa, entrasse o dinheiro estrangeiro.

Eu sou de opinião que antes um festim modesto á custa de nossos recursos, do que um ostentoso apparato com o dinheiro alheio.

—V. o que quer é evitar que se peça dinheiro a muitos sujeitos, que eram tidos por affectos á causa paraguaya.

—Justamente.

Esses Srs. das commissões todos não hão de querer ter sua commenda? Pois gastem tambem alguma cousa do seu. Para isso é que são os homens publicos e não para se empavesarem nas janellas de palacio e depois serem galardoados por seus relevantes serviços em relação á guerra.

—V. tem idéas que, apezar de excentricas, não deixam de ser aproveitaveis.

—O *Diario* disse que estava authorisado para declarar que Evaristo Solano não é empregado na policia.

—Mas então, para que consentem que elle se aposente na porta da repartição, para com isso fazer crer que é alli agente e por esse meio andar fazendo extorsões e exigindo subvenção das casas de jogo?

—Si elle não é alli empregado commette um abuso, que devia ser punido, arrogando-se esse titulo para d'ahi tirar proveito.

Todos os que o veem alli tão cabido, acreditam piamente que elle é da confiança e para não ficarem mal com elle, cedem ás suas exigencias.

—Depois é sabido que elle prende por sua conta e risco, faz chamados á mandado do chefe, etc.

—E é subvencionado com 15$ rs. mensaes.

—Ora, então pecegos para a tal declaração.

—E o Evaristo que continue, que está garantido.

—Que noticias ha do Sul?

—As seguintes:

Houve promoção na marinha. O bravo Arthur Silveira da Motta está capitão de fragata com a pensão annual de rs. 960$.

Capitães tenentes os 1.os tenentes Custodio José de Mello e Antonio Joaquim.

O pratico Fernando Etchebarne capitão tenente, com 960$ rs. annuaes de pensão

Os praticos Luiz Ferreri, Joaquim do Araujo, e Manuel Prefumo primeiros tenentes.

O dito do monitor *Alagoas* Santiago Ovicide 600$ rs. de pensão annuaes e primeiro tenente.

Por decreto n.° 4,118 foi creada uma medalha commemorativa do forçamente de Humaytá, que será pendente de uma fita com tres listras iguaes, sendo a do centro azul celeste e as das orlas escarlate.

Publicou-se o decreto n.° 4.117 determinando que o vapor *Amazonas*, os encouraçados *Barroso*, *Bahia*, *Tamandaré* e os monitores *Alagoas*, *Pará* e *Rio Grande* tragam içados no mastro de proa, a fita do Cruzeiro a qual nunca arriarão, ainda quando no mesmo mastro tenham de bastear qualquer bandeira ou distinctivo de chefe, e fixem no centro da roda do leme a venera de official da mesma ordem.

—E mais que?

—Festas e mais festas.

Festa pelo baptismo do principe que foi a 14; festa pela noticia da guerra, a proposito da qual, diz o *Messias Politico* em um recommendavel artigo:

«Tanta festa!

«Para que tudo ja?

«Não era melhor guardar alguma festa para o resto da *festa*.?»

—Publicou-se o *Progressista*, orgão das ideias da situação dominante.

Saudamos o novo campeão e desejamos-lhe longa vida.

—A seita *juvinatica* progride.

—A *guta-percha* tambem faz progresso.

—Apezar da notavel differença que ha entre os pequenos que vão ao jury e

são condemnados, e os grandes que ficam incolumes, augmenta maravilhosamente.

—Ha caso novo?

—Um apenas.

—Quem é o proselyto?

—Um caixeiro do commercio.

—O nome?

—Mais logo.

—Esta gente do commercio gosta muito de *variar*.

—E alguns são desabalados.

—Mas o neophyto?

—Pagou com 100$ rs. o tirocinio.

—Caro!

—Nem por isso.

—Não diga.

—Nunca vi uma passagem para as Quintas mais barata.

—Então morreu.

—Não, zombou.

—O estrangulamento foi grande?

—Horrivel.

—De não deixal-a dar um passo.

—Que desalmado!

—E o caso é que elle está fresco como uma salada.

LA VAE VERSO.

SCENA DOMESTICA.

MARIDO, *zangado*.

E inda ha homens
Que querem casar!
Quem póde, co'as modas,
Mulher aturar?!
Quer hoje um vestido;
Quer outro amanhan;
Quer chales de lan,
Quer capas de sêda;
Quer leques, quer luvas,
Quer meias, quer saias,
Quer fitas, quer rendas,
Requifes, cambraias,
Quer mais um colete,
Quer voltas, pulseiras,
Quer quantas asneiras
Que a França cá mette,
E o pobre marido
Tudo ha de pagar!
Quem pode co'as modas,
Mulher aturar?!

MULHER, *com meiguice*,

Xiquinho, socega...
P'ra que te zangar?
Não peço mais nada
P'ra não te enfadar!...
Por hoje se quer o
Me dês um fichú,
P'ra irmos ao baile
De dona Lulú...
Depois um balão,
Botinas, toucados,
Corpinho bordado,
Chapéo, *mulatinha*,
P'ra ir ser madrinha
Do meu afilhado...
Mais tarde, domingo,
Verei com vagar,
O mais que p'ra festa
Preciso comprar.....

MARIDO.

Quem pode co'as modas,
Mulher aturar?!...

LOGISTA. (mettendo-se na questão, para acommodar.)

A senhora...tem razão;
O senhor...tambem a tem:
Mas o mal não está na compra
Está em não comprar bem.

Quem compra nas *outras* lojas
Sem do preço estar ao facto,
Leva formidaveis *buchas*
Suppondo comprar barato.

Porem o senhor Fulano,
Sendo só nosso freguez,
Gastará menos n'um anno
Do que gastava em um mez.

A PEDIDO.

—Uma familia, cujo chefe é a parentado de certo magistrado, está por isso authorisada a insultar outra familia que lhe fica fronteira?

—Não.

—E não só insultar de dentro de casa, como até aproveitar-se de um encontro no templo para escarnecer e dirijir doestos pouco proprios de quem deve ter tido alguma educação, como praticaram na Sexta-feira de Passos na egreja d'Ajuda.

—E' reprehensivel tal procedimento.

—Pois uma vez que o ser irman do juiz de *uma vara* qualquer, não dá direito a injuriar e ridicularisar ninguem, si essa familia continuar no seu mal feito; tomo a meu cuidado publicar-lhe o nome.

— Está no seu direito.

O palhaço do collegio.

Como o meirinho das citações (assim o chamam por zombaria os collegas de geographia) dissesse que era falso o ter dito, que pão, manteiga e serveja eram productos *naturaes* dos Estados-Unidos, provoca-se para que desminta pessoalmente seus collegas de curso; do contrario havemos continuar.

O animo do Villaça.

AO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA.

Peço a S. Ex. se digne de dar um despacho, qualquer que for, ao requerimento (replica) do Sr. Antonio Soares de Albergaria; o qual foi depositado no logar competente, ha mais de quinze dias. Inda receio ir, pessoalmente, encommodar a S. Ex.

Zacharias Nunes da Silva Freire.

Felicidade Perpetua de S José, declara que é sem sua authorisação, que andam tirando esmola para o Senhor do Bomfim, venerado na cathedral, com uma licença em seu nome.

A licença foi-lhe subtrahida, e por isso declara que nenhuma responsabilidade tem sobre o mau uso, que fazem dos donativos com que a charidade dos fieis concorrem para o culto do mencionado Senhor,

Bahia 20 de março de 1868.

VARIEDADES.

MORREU O NEVES.

Diziam os antigos que, depois da descoberta da terra da Santo Cruz, hoje imperio do Brasil, se embarcaram na Europa com destino ao novo continente tres altas personagens; eil as—Boa-fé—Justiça—e Ambição

Depois de meia viagem, na altura da linha, jogavam ellas o voltaréte quando se altercaram de rasões, passando a vias de facto.

Da contenda resultou cahir no Occano e afogar-se —a Boa-fé; —a Justiça perdeu um olho, ficou torta; e a Ambição, que tinha sahido triumphante da peleja, com receio de ser prêza, logo que aportou, refugiou-se na egreja, onde fez morada perpetua.

RECAPITULAÇÃO LOGICA.

A boa-fé—morreu
A justiça—ficou torta
A ambição—está nos templos.

Morreu o Neves.

EXPERTESA DE UM CRIADO.

Um criado muitos simples tendo sido mandado por seu amo á casa de um dos seus amigos para lhe levar dous figos muito grandes, acompanhados de uma carta, comeu um no caminho; porém o amigo informando que eram dous, pedio-lhe o outro.

—Comi-o! lhe disse o criado,

—E como fez isso?

O criado pegando no outro e engolindo, respondeu:

—Foi assim.

ANNUNCIOS.

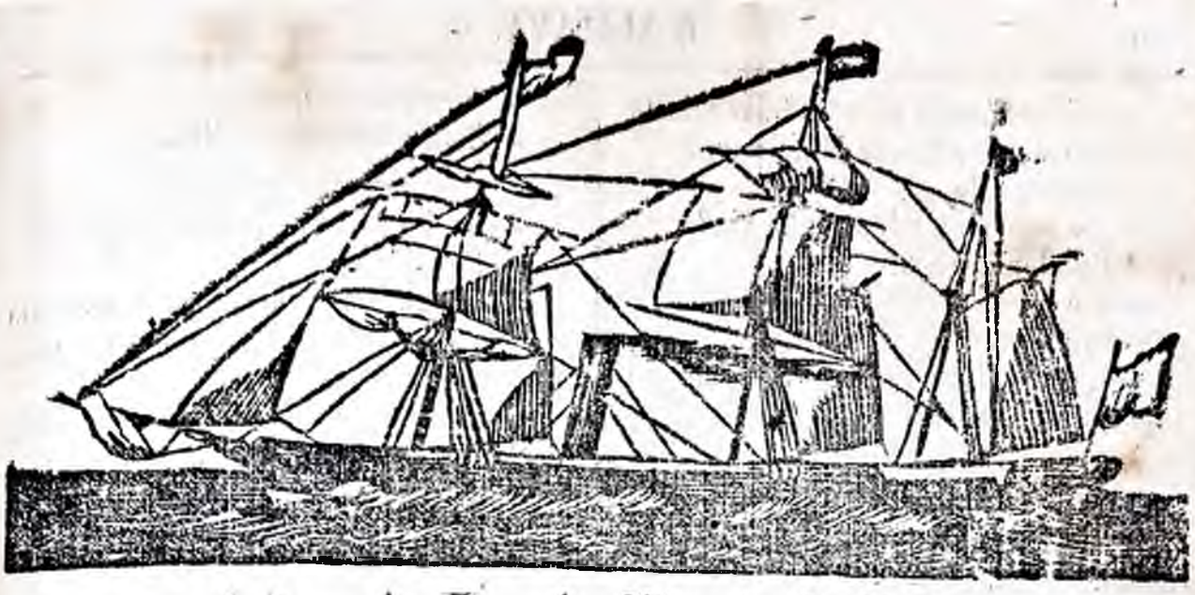
VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e já bem conhecido verdadeiro café muido puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n. 9 B, e na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n. 199, a 400 rs. a libra: previne-se que qualquer porção comprada, levará no envoltorio o seguinte distico—*M. José d'Azevedo*—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicado.

Curso nocturno de instrucção primaria para adultos.

Na baixa dos Sapateiros n.° 8.

Quem pretender uma loja a ladeira do Taboão, propria para negocio com armação, dirija-se a mesma ladeira n.° 64 D, que achará com quem tractar.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 24 DE MARÇO DE 1868. SERIE 34.ª—N. 340.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º. andar, onde se recebe assignaturas a 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de março de 1868.

Portaria ao muxingueiro, ordenando-lhe que vá prevenir á certa *menina feliz*, que pelos gestos se assemelha a uma verdadeira *pata choca*, que comporte-se em termos, si quer morar entre gente honesta, por que, do contrario, será recambiada para o becco do Piquete, d'onde veio, e recommendada a vigilancia do chefe daquelle districto Anninha Quiabo duro. Cumpra.

—A rua de Baixo, essa estribaria publica, como muito bem a denominou o Sr. Portella, é uma vergonha para esta terra.

—Custa a crer que, em uma cidade como esta, onde ha uma camara municipal, composta de homens que se dizem amantes de sua terra e dedicados ao bem publico, e que como taes cabalaram com unhas e dentes para galgarem o logar que occupam, se presencie tão lastimavel deleixo.

—A companhia de Vehiculos, tomou conta da rua e reduziu-a a um lamaçal immundo, e a camara fecha os olhos, ou faz que não vê.

—A camara não tem dinheiro para mandar tapar os buracos.

—Mas tem força, si quizesse, para fazer cessar o escandalo.

—D'onde vem tão suado?

—Do matadouro.

—Viu por la alguma cousa?

—Um caso apenas.

—Conte-me.

—Na ultima matança, esfollou-se um boi, cuja carne bastava olhar, para ver que não estava boa; na bexiga tinha o boi uma enorme bolsa de sangue.

—Foi condemnado?

—Qual!

O administrador da camara disse que aquelle boi era doente, e que por tanto não devia ir para o consummo, mas o dono saltou com quatro pedadas na mão sobre elle, chamando-o de intruso e o homem metteu a violla no sacco.

—E a carne?

—Ora dá-se!

—Foi mandada para os buxos deste respeitavel e condescendente povo?

—Que duvida.

—E o superintendente não viu?

—Que lembrança!

—E o medico?

—Ora viva!

—E com vivas vae o povo comendo carniça sem pensar!

—Que cheiro nauseabundo!

—São bellezas da nossa municipalidade.

—Com este calor, estes tres charcos profundissimos, não é para menos.

—Admira como mora gente em tal rua!

—Como se chama ella?

—Não sei; fica entre a ladeira da Pocira e a Fonte Nova do Desterro.

—E as commissões sanitarias andam correndo casas particulares, sem verem este foco de infecção aqui aos olhos de todos!

—Não ha nada mais incorrigivel do que esta companhia do Gaz!

—Quem acha pau faz colhér.

—E os taes accendedores são exactissimos em secundar-lhes o abuso.

—O da rua do Collegio leva a palma a todos. Em dando quatro horas da manhan, não deixa um lampeão acceso!

—Na hora em que justamente mais se precisa; porque é quando os operarios sahem para suas occupações.

—Que precipicio!

—O infeliz, que cahir neste abysmo insondavel, está com carta de seguro para a outra vida.

—Destamparam o cano com a obra que fizeram e o deixaram de bocca aberta, para engolir o desgraçado que tiver a má estrella de approximar-se delle inadvertidamente.

—E com a illuminação que temos, a qual si nas ruas transitadas é pessima, quanto mais aqui na Fonte Nova do Desterro!

—E' preciso tapar este abysmo.

—A quem se dirige?

—A quem compete.

—Está clamando no deserto.

—Rocha Lima anda fazendo proezas.

—Elle pode.

—Chega nas quitandas e arrebata das pobres ganhadeiras o que pode pilhar e vae-se.

—Hontem entrou n'uma casa, á rua de Baixo, onde só havia uma preta e queria invadir o interior para *gadanhar* o que achasse. Si não são os cocheiros dos Vehiculos fazia das suas.

—A cidade está cheia de bebados insolentes, larapios e malucos.

Anda por ahi uma preta douda com uma caçarola a ameaçar a todos que encontra. Um dia destes fez a *derrota* em casa do Sr. Freitas á Calçada.

—E o que me diz do decantado Mathias?

—E' o bebado mais atrevido e de lingua mais viperina que tenho visto; arreia as calças no meio da rua, á vista de qualquer familia, para satisfazer as necessidades corporaes.

—E o que admira é que actualmente as ruas desta cidade são povoadas por uma escolta de policia.

—Tambem anda ahi um infeliz menino, privado do senso commum, filho do official de justiça Xavier, a quem os moleques atanazam com o appellido de *maluco* e elle desesperado joga pedras á direita e á esquerda, em risco de offender alguem.

—Ha outro tambem: um *invalido da patria*, a quem o desespero faz embriagar-se e prorromper nas mais insultuosas e obscenas palavras contra o governo em vozes, que vão retumbar no centro das familias.

—Pode-se dizer que é uma cidade de doudos, esta nossa.

—E de tropiantes.

—O *Messias Politico* é quem diz isto:

«*Um ministro previdente*.—Uma accusação bem pesada paira por sobre a cabeça do Sr. Zacarias. Diz-se que de 8 mezes á esta parte S. Ex. tem mandado por sua conta para o banco de

Inglaterra cerca de 200:0000$000 em ouro, servindo-se para fazer silenciosamente esta operação, da sua qualidade de advogado do banco inglez n'esta praça, o qual realisou essas transacções com tal cautela que, a não ser uma eventualidade que não podemos divulgar, ainda seriam ignoradas. Ora, sendo sabido que a fortuna do Sr. Zacarias está mui longe d'aquella avultada somma, cumpre que S. Ex. não se demore em explicar este negocio, porque o boato vae surdamente correndo, e as consequencias devem ser bem tristes para elle, e para o paiz.

LA VAE VERSO.

O FRANCEZISMO.

Tudo tem mudado os nomes,
De ha certo tempo p'ra cá,
Ate os pais de familia
Se chama—*maman*, *papà*.

O tremo hoje é *console*,
Tete-a-tete o canapé;
Etageres as prateleiras;
Dansa á noite é *soirée*.

Ja de ha muito se chamava
Ao carro *cabriolet*,
Ao barrete, carapuça,
E mesmo á gorra, *bonet*.

Mas hoje sobe de ponto,
Parece mesmo mania;
E' a botica *pharmacia*,
A tenda *mercearia*.

A taverna é *armazem*,
Hotel hospedaria:
Chama se *talho* ao açougue,
Imprensa é *typographia*.

O antigo sangra-burros
E' hoje *veterinario*;
O barbeiro maldizente
E' *artista capilario*.

E' *porte monnaie* a bolsa,
Termo tão vulgarisado,
Que usa delle o pobre, o rico,
O marujo e o soldado!

Hoje é chamado *thesouro*
O que d'antes era erario;
Ao que era moço de rodas
Hoje chamam *trintanario*.

A antiga sege é *coupé*
A carruagem *caleche*,
Aos vidros dos castiçaes
Appellidam de *bobeche*.

Dog cart e *char-á-banes*,
Victorias, *americanas*,
Té *irmans de caridade*,
Chamam hoje as traquitanas!

A renda feita de agulha
Dá-se o nome de *crhochet*;
A manta abafa pescoços
Denominam *cache-nez*.

Ao nossa artigo fustão
Dá-se o nome de *piqué*;
As coifas feitas de rede
Capitulam de *filet*.

Chamam *soutache* á trancinha
A seda fraca *foulard*,
Chamam *passemanerais*
Ao mais pequeno alamar.

Aos officios chamam *artes*.
Ao dinheiro *numerario*;
Ao que só gasta o que tem
Dá-se o nome de *usurario*.

Todos chamam *rendez vous*
Ao encontro combinado;
E' o esturdio *janota*,
Focil o pobre e honrado.

Chamam *rouche* a fita crespa,
Sêda com lustro *glacée*,
Ao antigo gorgorão
Appellidam de *moirée*.

Tudo supporto e tolero;
So me fazem confusão
Os nomes que actualmente
A's novas fazendas dão:

A's fortes são *poil de chevre*,
Alpacas e *popelinas*;
Chamam as outras mais fracas
Mozambiques e *lustrinas*.

Ai! men Deus, que francezismos,
Nem cabem neste papel;
Isto ja não é cidade,
E' labyrintho, é Babel!?

A PEDIDO.

—«Sr. Dr., V. Ex. não pode deitar seu cavallo aqui debaixo dos arcos.

—«Hei deixal-o aqui mesmo.

—«Mas eu tenho ordem da camara para não consentir se metter cavallos aqui para dentro, pois ella está mandando preparar isto para quando chegar a faustosa noticia da terminação da guerra.

—«Porém eu posso botar porque sou deputado.

—«Então suppõe V. Ex. que por ser deputado tem direito de fazer o que quizer?

—«Por força! V. não sabe que os deputados são os representantes da provincia?

—«Si os representantes da provincia tivessem o direito de fazer o que quizessem, era a cousa melhor que havia.

«Era mesmo que habitar em um *paraizo* de rosas!»

—Ora veja que bobo! Está alli tanto tempo a massar o mestre pedreiro, só a dizer que é deputado.

—A ordem é de não se metter alli cavallos; mas como é o cavallo de um deputado, ha de entrar quero porque quero!

Esta minha terra tem cousas!

A ruina presentemente
Do imperio brasileiro,
E' não haver sapateiro
Que não seja o—sôr tenente!
A honra de uma patente,
Loucamente confiada,
Faz com que a patria amada
Não tenha o valor que deve,
E, si assim vae, em breve
Não prestará para nada.

De males esse tropel,
Vem do filho do celleiro
Que mal serve p'ra carreiro
Querer ser—sôr bacharel.
O filho do alvanel,
Aspira a um pergaminho,
Embora mui comesinho
Seja o seu entendimento;
Mas dos cobres o portento
Põe-lhe o saber no focinho.

Quem quizer ganhar dinheiro
Vá ao Maciel de Cima
Em casa de Janina Ferreira,
Que tudo bom ella ensina.
E' moça d'um padre *limpo*,
Anda ás vezes do capona,
E debaixo della mesmo
Conduz gallinhas mortas,
Que vae deitar pelas portas.
De quem vive socegada,
Porque esta arrenegada
Que nada tem a fazer,
Si ha do viver desta sorte
Seria melhor morrer.

VARIEDADES.

CHARIVARI.

Um progresso notavel:

Os jornaes estrangeiros annunciam uma nova invenção para a guerra, mas de um caracter verdadeiramente philantropico.

Ouviram fallar da bomba narcotica?

Pois descobrio-se um gaz, que se escapa lentamedte da bomba e se espalha a quinhentos ou seiscentos metros de circumferencia.

Este gaz è mephitico; não mata porem adormece.

A explosão da bomba que o contem não produz estampido. Cahe no meio de um regimento, ninguem nota nella, salta a rolha, sahe o gaz e todos os que o respiram adormecem com o somno do justo.

O torpor dura vinte quatro horas, nem mais nem menos.

O exercito inimigo so tem que cuidar em desarmar os dormentes e colloca-los em vagons, como se fossem cordeiros.

Destroe-se um exercito sem ser necessario matar um homem.

CAREMBURGO.

—O Sr. compra-me uns santos? (perguntava um individuo a um santeiro).

—*Vendo-os*....(respondeu-lhe o santeiro).

—Pergunto-lhe se compra.....

—Ja lhe disse, *vendo-os*....

—O senhor manga commigo?

—Oh homem, como quer você que eu lh'os compre sem os ver.

PERCUNTAS INNOCENTES.

—Em que se parece um preguiçoso com o sol?

—Em que este se não move.

—E um embriagado com a terra?

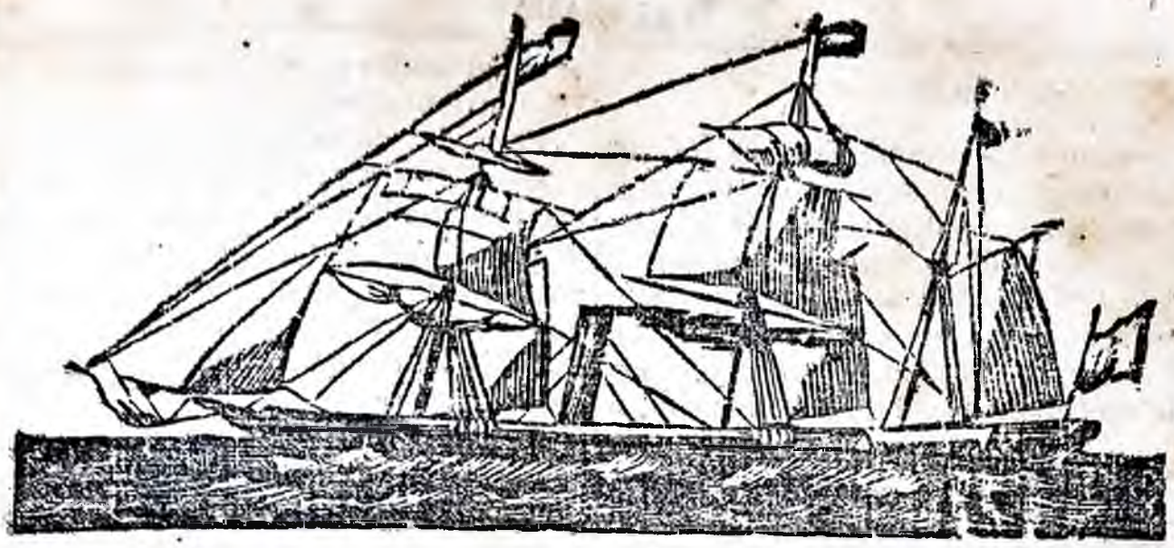
—Em que dá voltas.

—E as mulheres com as paredes?

—Em que estas se branqueiam.

—E um calumniador com o azeite?

—Em que este mancha.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VI. Serie 35.

BAHIA 27 DE MARÇO DE 1868. N. 341.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de março de 1868.

Não houve expediente.

—A Sociedade dos Veteranos faz um appello a todos os seus velhos companheiros de armas.

Aquelles que quizerem concorrer com seu obolo para o festim que se ha de celebrar, quando terminar honrosamente a guerra, o poderão fazer, mandando leval-o a casa de suas sessões, visto como não é possivel dirigir convite a todos, muitos dos quaes se acham espalhados pelo interior da provincia.

—Sim Sr., está direito.

—Atirou-se ao dique uma infeliz mulher, a qual foi tirada em estado de putrefacção.

—Talvez os effeitos de um duro captiveiro a levasse ao desespero de pôr termo a sua existencia.

—E' provavel.

—Remettida para o hospital, até hoje ao meio dia não se fez corpo de delicto e nem se sabe quem é.

—Sepultou-se hontem no cemiterio do Campo Santo o brigadeiro Francisco Telles de Carvalhal Menezes e Vasconcellos.

Caracter independente, probidade immaculada, dedicação até o sacrificio por seus amigos, eram os dotes que ornavam o illustre finado.

Morreu pobrissimo, tendo servido a seu paiz 53 annos não interrompidos; principiando a sua carreira militar na guerra da Independencia, sendo distinguido com o posto de official no ataque de 8 de novembro de 1822, no Cabrito.

E' mais um bravo, que, depois de ter dado á patria o que de mais precioso tinha—o sangue, acabrunhado pelos desgostos da vida succumbiu legando apenas a honra e a pobreza.

Depois de tantos e tam relevantes serviços, depois de dedicar desinteressadamente toda a sua vida a patria, pela qual estremecia, morreu esquecido e sem uma recompensa do governo, tendo por trophéu de suas 8 glorias 13 cicatrizes que lhe ornavam o corpo; não deixando até com que se lhe fizesse o enterro para o qual deu-se apenas uma quantia ridicula, entretanto que a outros em differentes condições se dão sommas avultadas.

Seu enterro foi limitadissimo dos amigos que rodeiam o homem no fastigio social.

Ao escrevermos estas curtas e mal traçadas linhas á memoria do fallecido a quem desejamos descanço eterno, damos os nossos sentimentos ao seu consigno e illustre irmão o Sr. coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.

—Chegou vapor do sul.

—Ja soube.

—Parece que as commissões de festejos tem esperar algum tempo antes de ter occasião de mostrar seu patriotismo.

—Deixemo-nos disso vamos as noticias.

—Diz o *Jornal do Comercio*, que Lopez sentindo-se agonisante, quiz ainda tentar um lance desesperado, repetindo em maior escala a louca tentativa ja emprehendida contra o monitor *Alagoas*.

Preparou umas 50 canoas, mais ou menos, metteu-lhes dentro uns 800 paraguayos armados de machados, espingardas e espadas e na madrugada de 2 do corrente enviou-os a abordar os nossos encouraçados entre Curupaity e Humayta.

A respeito diz uma correspondencia da esquadra para o mesmo Jornal:

«Seriam tres horas da madrugada de hontem, quando o escaler que rondava pela frente dos nossos navios da vanguarda, abalroou de repente contra um grande *camalote* (especie de macegal fluctuante), que corria aguas abaixo. Desse encontro, resultou, porém, reconhecer o nosso escaler que desta vez o tal camalote era de contrabando e envolvia em seus flancos varias canoas paraguayas repletas de gente, que vinha toda agachada e encoberta por ardilosa folhagem.

Descobrir a emboscada e volver a toda a força de remos para o primeiro navio da vanguarda, o *Lima Barros*, foi obra de um momento para o escaler, mas que ainda assim, apenas adiantou alguns minutos ao inimigo. que quasi immediatamente abordou o valente navio. Não o fez, porém, já de sorpreza.

O chefe da divisão, capitão de mar e guerra Rodrigues Costa, o commandante do encouraçado, capitão de fragata Gracindo, e todos os seus officiaes tinham já subido á tolda e feito a guarnição descer para os seus postos. Infelizmente o bravo Costa ao voltar da prôa foi envolvido pelos assaltantes e logo trucidado, e o Gracindo ao recolher-se a torre de ré levou uma cutilada que o deixou gravemente ferido.

Cerca de 200 Paraguayos pejaram então a tolda do *Lima Barros*, e o mesmo succedia ao *Cabral*, cuja guarnição, comtudo, prevenida mais a tempo, pôde recolher-se ao interior do navio, sem que se perdesse uma só vida. Eram, pelo menos, 200 os inimigos que abordaram este ultimo.

No entretanto o *Silvado*, commandado pelo intrepido e venturoso Jeronimo Gonsalves, que estava de promptidão, largou a amarra por mão, caminhou avante, e veio metralhar os dous encouraçados, cujas toldas se achavam apinhadas então de paraguayos. Viva o valente Gonçalves!

Faça idea da safra que houve então.

Resoluto e expedito, como sempre, o Gonçalves tinha logo feito descer um escaler para prevenir o almirante, que se achava no porto Elisiario, do que se passava pela vanguarda. Este logo que teve vapor, suspendeu e seguio lentamente; afim de chegar ao romper da aurora ao logar do conflicto.

Arrearam-se os nossos escaleres, mais para salvar aquelles desgraçados do que para aprisional-os; tão fanaticos, porem, ainda desta vez se mostraram os paraguayos, que muitos quizeram antes afogar-se do que acceitar o soccorro que se lhes offerecia. Assim apenas se tomaram 13 e 1 capitão e 1 tenente ferido. Calculam-se os mortos em mais de 400.»

Uma carta do barão de Inhauma para o marquez de Caxias diz:

«Tomei 11 canoas e um bote nosso que tinha ido agoas abaixo. Fiz um desembarque sobre uma guarda que escondida fazia muito fogo; destrui seus quarteis e veio aguas abaixo muita gente morta por metralha. Temos 13 prisioneiros, entre estes o capitão Cespedes, e um tenente que está ferido. Nossa perda em mortos e feridos foi de 33, não sendo muitos os feridos gravemente. Os officiaes vão bem e ha esperanças de que se salvem todos.»

—A correspondencia de Buenos-Ayres diz:

Sendo a madrugada de 2 tão fecunda em sucessos para a esquadra, ainda na de 3 teve ella um feito notavel.—As corvetas de madeira *Magé*, *Beberibe* forçaram a passagem de Curupaity indo reunir-se aos encouraçados.

A operação foi realizada com immensa fortuna, pois as corvetas subiram até a estacada sem serem percebidas pelo inimigo, e quando o foram, rompendo de Curupaity vivissimo fogo, ellas governaram de modo a evital-o, respondendo tambem com muita galhardia. Apenas uma bala inimiga, acertando n'um dos vasos, feriu dous ou tres homens.

Falla-se hoje de que passando sobre si, ou amparadas por encouraçados defronte do Humaitá, devem ir logo (e já se diz que foram) reforçar a esquadrilha que está em Tayi, para de lá seguir á Assumpção com tropas de desembarque.

Um parlamentario paraguayo, acompanhado de varios officiaes e soldados *todos trajando roupa nova*, se apresentou na frente de nosso campo, e sendo recebido pelo official—do dia, entregou varias notas de encarregados de negocios e consules estrangeiros na Assumpção para os respectivos ministros em Buenos-Ayres.

A expedição de terra as ordens do barão do Herval diz se que estava prompta em Tayi para marchar sobre Assumpção.

Era grande a vigilancia em todo o exercito afim de repellir qualquer sortida desesperada que Lopez tentasse fazer por algum ponto, principalmente agora que a enchente do rio, barrando-lhe as communicações pelo Chaco, como que veio completar o cerco.»

A SAUDE.

(Conclusão)

Uma noite que se passe sem dormir, tira pelo menos, dez dias de vida; e para maior fortuna quem vive no nosso paiz, além d'estes maus habitos da educação, está sugeito a perder a saude por diversos motivos nascidos do deleixo e abandono em que a camara municipal tem se posto, esquecendo-se inteiramente de cuidar na saude do povo e melhorar as habitações da cidade. Quem dirá que ainda na nossa terra, centro da civilisação, se consente tão francamente que se vendam remedios de especulação, compostos por charlatães da Europa, como sejam: salsas e charopes do bolço, e outras mil jurupigas que nos embutem, abusando da sincera credulidade do povo!!

E é hoje um grande ramo de negocio até para as gazetas graudas que imprimem os annuncios em letras grandes; o povo o que quer é vasar-se, e tanto que o remedio descarregue o ventre, embora seja um veneno, é cousa boa; os que morrem ficam calados, e por isso não ha quem falle contra; e uma camara com um chamado presidente e oito varejadores, digo vereadores, nada providencia a este respeito: e uma inspecção de saude publica nem palavra a este assumpto!

E nada se diz nem se promove a respeito dos charcos de lama podre e fedorenta que existem por essas ruas, que servem de viveiros de mosquitos para affligir os infelizes habitantes de taes logares!! Nenhuma providencia sobre os viveres, nada, pela palavra! Venham tributos e mais tributos. Os fiscaes pelas esquinas damnados por pregarem condemnações, agarrando os escravos a torto e a direito, venha dinheiro e mais dinheiro, e nada de melhorar as commodidades do povo!

E ainda não fallamos n'essa quantidade de meretrizes que a cada canto por ahi existem cheias de quifefes e podridões, para empestarem a mocidade, e ao mesmo tempo esgotar-lhes-os algibeiras; sem haver ao menos um medico que as inspecione e se informe do estado em que estão, para mandal-as curar de novo no hospital, quando estiverem fazendo agua, porque só assim se evitaria que tão bellos rapazes estivessem todos os dias a naufragar.

Em summa, á vista d'estas e de outras miserias, que por desgraça nossa supportamos, pode-se dizer que o ter saude nesta terra é milagre; e por isso com razão vemos tantos medicos, boticarios, padres e armadores; porem o nosso consolo é considerarmos que elles tambem hão de morrer; vamos portanto cumprindo o nosso cruel fado, tapando o nariz aos fedores, e enchendo a barriga de remedios quando adoecer-mos, ou alias tomando os *pinguinhos*; porque da saude so se hade tractar depois que morrer todo o povo.

LA VAE VERSO.

CANÇÃO DO VOLUNTARIO.

A' sombra dos patrios lares,
Nos verdejantes palmares,
Onde o ar geme aos soprares
Das auras que vem do mar,
Senti-me um dia abalado,
Quando o povo indignado
Erguia ingente este brado:
Vamos alèm batalhar!

E não fiquei na molleza,
N'apathia e na torpeza,
Que corrompem de fraqueza
Palluidos corações.
Nem podia, que em meu peito
Eu voto um culto ao direito,
A' razão ardente preito,
A' patria mil oblações.

Comprometti meu futuro,
Da vida o sonho mais puro...
Vim com animo seguro
Affrontar sobre o canhão...
Mas cria que patriotas
Valliam mais.... são illotas
Que merecem as risotas
Dos verdugos da nação.

Nós somos filhos bastardos,
Que viemos como fardos
Rolando por sobre cardos
Trazidos á pontapés.
Morrem soldados á fome
—A' mingoa—diga-se o nome—
E a miseria que os consome
São seus unicos laureis.

De tantas crenças ardentes,
De mil esforços ingentes,
De tantas almas valentes,
Eis a gloria! eis o tropheo!

A alma prosta-se e geme,
Reage, irrita-se e freme,
Da razão perdido o leme
Nas vascas deste escarcéo.

Porem não; não nos curvamos!
A fronte altiva elevamos,
E a nossa cruz arrastamos
Em honra á lei do dever!
Nós sabemos dedicar-nos
Sabemos sacrificar-nos
Por ahi glorificar-nos,
Que a gloria é saber morrer.

Que dobrem somente os fracos,
Os espiritos opacos!
Mas nos, da raça dos Gracchos,
Não curvamos a cerviz.
Um dia a prosteridade
Virá cheia de verdade
Premiar a heroccidade,
Confundir as almas vis.

E que o não venha, e se calle!
P'ra o homem forte equivale,
Ficar á sombra do valle
Ou subir para o Sinae;
Sobram-lhe estimulos d'alma,
Despreza louros e palma,
E ao nada curva-se em calma
Quando a vida se lhe esvae.

Á PEDIDO.

—Em dias da semana passada houve uma grande escamotagem.

—Onde, rapaz?

—Em uma reunião em certa casa fidalga.

—A rua?

—De *Cima*.

—Os protogonistas quem foram?

—O chefe da quadrilha *Alameda* e seus socios *Machado* de Cobre e *Estatua de Marmore*.

—E o *pato*?

—Ouça e pasme.

O depennado foi aquelle mesmo que é obrigado a vellar contra essas falcatruas.

—Eim?!...

—E' isso.

—Eu sempre disse que essa gente do olho vivo é capaz de enganar ao proprio *chefe*, quanto mais a outro qualquer vivente.

—Moço inexperiente, cahiu na cilada, paran lo aos 200$ e aos 500$ rs., e foi completamente *folgado*.

—Que gente audaciosa!

—O Valete de Copas ficou desapontado por não ser contemplado na rasca, visto as precisões em que anda pelos compromissos contrahidos da Europa, porém como subserviente a seu chefe viu o *gamado* de cara alegre, resmungando apenas pelos cantos e dizendo que todo o empenho do *Alameda* é descartar-se dos companheiros que lhe fazem sombra para ser *solus totus et unus*.

—Pois o Valete de Copas, não foi contemplado, elle o insigne *trabalhador* das *cartas de puxa* preparadas na maquina, e que tanto tem mettido nos bolso do commandita?

—Qual! Apenas o *Compadre das Lavras* levou uns 20 por cento.

—Esse, coitado, do que serve *ganhar* que *não leva*.

—O *Alameda* está muito ufano por que a victima, tomou-lhe dinheiro emprestado nessa noite, e por isso ja conta que elle va a sua casa para o que dá jatares quotidianos ate que n'um bello dia caia no laço.

—Eu latismo a sorte desse inexperiente moço si cahir nas garras de taes harpyas.

—Elle que se previna em tempo.

Tres são as victimas sobre as quaes presentemente esvoaça a gana desses corvos da fortuna alheia.

—Quem são?

—O chefe da *ruiva*, o Sr. de Villa masinha e um *venerando togado*; pouco praticos, fortes paradores, e tendo o que perder, espera a sucia tirar delles grandes resultados.

—Interrompa por um pouco a sua conversa em quanto eu vou aviar um negocio e volto.

Sim Sr. (*Continua.*)

ANNUNCIOS.

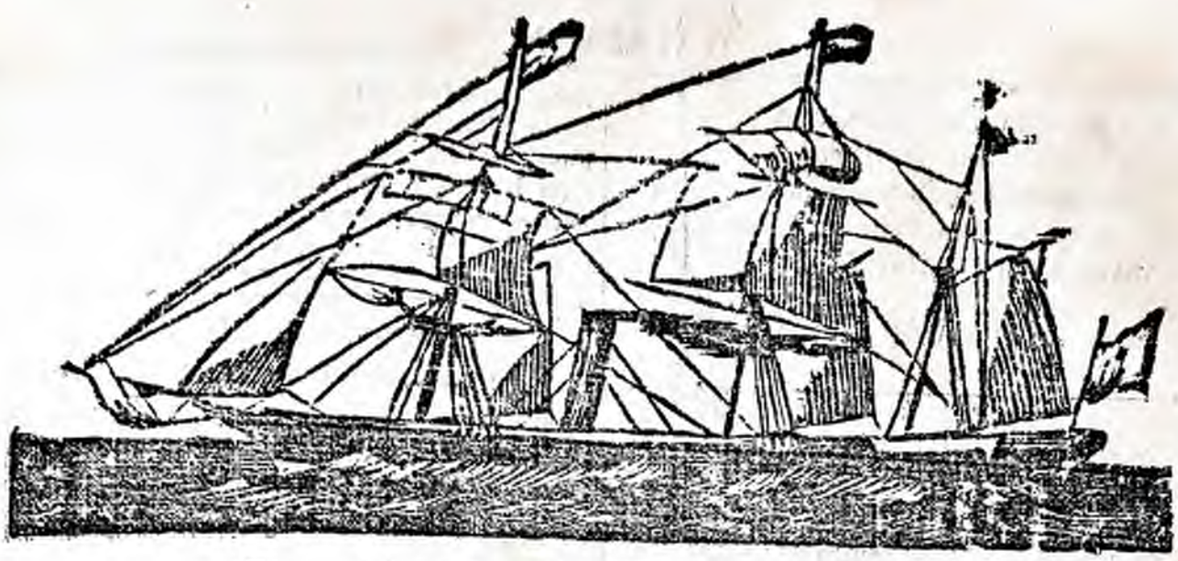
Roga-se a um ferreiro da rua dos Adobes, freguezia do Santo *Paduano*, que venha ás portas do Carmo, caza n.° 20, para negocio que não ignora; pois si o não fizer dentro de 8 dias lhe será declarado o seu nome, e o motivo deste convite.

Bahia 28 de março de 1868.

Pede-se ao Illm, Sr. Subdelegado da freguezia do *Segura Paredes* que, sem perda de tempo, demita o inspector de quarterão que faz parte da quadrilha que rouba constantemente os trapiches, o qual ultimamente, acompanhado de seus sequazes, praticou uma scena que deixamos de mencionar por ter V. S. dispensado as formalidades que a lei impoem aos ladrões, permita S. S. que lhe diga, que si assim não o fizer, no numero seguinte passarei a demonstrar a biographia do curuja do 7.° quarteirão.

Justom.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.ª
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. — Serie 35.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 ns. ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 31 DE MARÇO DE 1868. — N. 342.

O ALABAMA.

Este numero é o segundo da serie 35.ª

Lembra-se aos Srs. assignantes *atrasados* a obrigação em que estão de se tornarem pontuaes, visto como é preciso accudir ás despezas urgentissimas da publicação, mórmente agora que o *Alabama*, augmentando o formato, duplicou de despezas, sem com tudo alterar o preço da assignatura.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de março de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, representando lhe contra o desregrado modo de vida, que tem uma meretriz de nome Josepha, moradora á rua do Collegio, n.º 9, a qual, pelas depravações que commette e pelas orgias e algazarras que faz noite e dia, em sua casa, torna-se indigna de morar entre familias.

Espera-se, portanto, que S. S. admoeste a essa *heroina* para que emende de vida, ou a querer continuar na que vae, procure logar mais apropriado.

—Aquella mulher rodeada de tanto estudante, o que será?

—Está gravida, e ao chegar aqui no Terreiro sentiu as dores do parto: pariria na rua, si os estudantes não a levassem como vê, para o hospital.

—E' uma obra de humanidade.

—Isto é para provar que nem sempre os estudantes são facetos e galhofeiros.

—O muro dos frades benedictinos, na ladeira das Hortas, está cahindo aos pedaços.

E' preciso qualquer providencia, que evite um desabamento sobre algum vivente que por alli transite.

—E' justo.

LA VAE VERSO.

A PASSAGEM DE HUMAITA

Uma raça de villões
Ante o Brasil se curvou!
Ao rugir de seus canhões
Humaitá se calou!
O gigante americano
Fez abater o tyranno,
O'o Paraguay dominou!

Delphim, o chefe dos bravos
Desta brasilea nação,
Provou a esses escravos
Da desgraçada Assupção,
Que de um paiz denodado
Cada filho é um soldado,
Cada soldado um leão!

Prosegue, patria guerreira,
Na tua honrosa missão;

Em face da Europa inteira
Desdobra o teu pavilhão!
Avante, trilhando a gloria!
O'em cada nova victoria
Novos louros voltarão!

(Do *Typographo*)

A RIQUESA DO BRASIL

O Brasil é minha terra,
E' a terra do agrado,
E tem moças com ternura
Tão doces! como mellado.

No Brasil ha boas agoas,
Saudaveis e cristalinas,
E' perenne a primavera
Sobre campo de boninas.

Nós so precisamos
P'ra nosso desejo,
Q' venha da Europa
Bom vinho, bom queijo.

A minha patricia
Tem simples feitiço,
A moça d'Europa
Tem tudo postiço.

Europa tem fructas
Com tanta doçura?
Europa tem campos
Com tanta frescura?

Na Europa em tempo frio
Ninguem se pode aguentar
Precisão forno ou fogueira
P'ra poderem se aquentar,

E temos fructas
De arregalar,
Muito gostosas
P'ra quem chupar.

Lustroso cajú
Nevado ao sereno,
Licor doce, ameno,
Que é tão salutar.

E' rei entre as fructas
Formoso ananaz,
Suaves refrescos
Os maracujás.

As fructas do mato
Pitanga, araçá,
Bellos sapo-caias,
Mucugés, ingá.

Mangaba mimosa
Com casca se ingole,
Bem como os baguinhos
Da jaca que é molle.

Das fructas de massa
E' a soberana.
A fructa dos anjos
A rica banana.

As mangas são beilas
E muito cheirosas,
De diversos gostos
Sempre saborosas.

A pinha é divina
Tem gosto subido,
Devia chamar-se
Manjar de Cupido.

Não devo esquecer-me
Do fresco mamão,
No cheiro e na massa
Melhor que o melão.

O nosso arvoredo
Tem sempre valor,
Si um tem o fructo
O outro tem flor.

Temos peixes variados
Pescados no mar, na poça,
Bella cavalla, cioba,
O bello perna-de mòça.

Gosto deste, tem sustancia
Macio, e de lombo grosso,
Mesmo cru posto na meza
Apenas tem dentro um òsso

Quem de peixes ja cançado
Tiver um novo desejo,
Manda apanhar rosmaninho
Ostras, polvo, e caranguejo

Temos para nosso pão
A raiz de certo arbusto,
Que apenas sendo ralada
Nos dá sustento robusto.

Possuimos um arame,
Q'é forte, e nunca se acaba,
E por si ja nasce feito;
E' chamado piassaba.

Nós temos madeiras
E tão superiores,
Que sendo lavradas
Tem todas as cores.

O jacarandá,
Madeira tão rica,
Que quanto mais velha
Mais bonita fica.

O tal petiá,
O bom cundurú,
O pau parahiba
P'ra fazer bahu.

Esta terra tem riqueza,
Tudo nella é so fartura,
Passa a gente sem ter fome
Com 10 reis de jaca dura.

Si no Brasil não houvesse
Formiga, e tanta preguiça
Aos proprios anjos do ceu
Elle faria cobiça.

Á PEDIDO.

—Presumpções tolas!

Vem a morte e acaba com essas fiducias aparvalhadas. Tudo vae para baixo da terra sem distincção.

- Menos isso, quem tem dinheiro vae para um soberbo carneiro, em quanto o pobre é atirado na valla.

—Porém depois ninguem sabe distinguir quem foi o grande nem o pequeno.

—Ahi concordo.

—Entretanto, é uma perfeita tolice daquelles sujeitos quererem sahir da canoa, por que embarcou nella um pobre mendigo.

—Estão com medo que a pobreza do homem não se lhes contamine.

—Contaminados estão elles pela lepra da corrupção.

—Aquelles marrecos são de Latronopolis, não?

—Quem lhe disse?

Aquella passaralhada é um bando de aves de arribação, vieram da *santa terrinha*.

—Sei disso; digo que são estabelecidos em Letronopolis.

—Ah, são.

—Eu conheci por aquelle que está a dar sota e *bastos* ao canoeiro; tem loja de mercearia, na cidade *inferior*.

—Tem; assim como aquelle de chapeu de *braga*.

—Aquelle mais pertinaz conheci em *Santos* com escriptorio de *commissões*.

—O outro é o *Paulo Moleque*, socio do *Gordinho*.

—Filaucias asnaticas. Que desdouro vae em embarcar com um pobre.

—E' a consciencia que elles tem do quanto valem.

—No entanto o homem passou para a canoa em que vae o G. e nem por isso elle ficou deslustrado.

—Quem é bom ja nasce feito.

—A verdadeira nobresa está no procedimento do homem; e não na presumpção tola por ter quatro vintens.

—O Sr. *é musico*?

—Vm. o diz.

—Pelo que agora *vi sente* algum encommodo.

—Não.

—Mostrou certa repugnancia em subir o Taboão, e retrocedeu o caminho.

—Motivos imperiosos.

—Complicações.

—Sim; é um negocio que tenho na loja n. 15, e com o qual estou um pouco embaraçado.

—E porque não vae saldal-o? Eu lhe aconselho que vá quanto antes, afim de evitar algum mau resultado.

—Aqui estou.

—E eu tambem.

—Então escute-me.

—Vá lá.

—O *areometra* Flanbulas, dramaturgo charlatão, foi a bordo de um navio e comprou por 50$ rs. um grande porco.

—E' isso? Pois não quer que o homem coma gordo pela páschoa?

—Não é isso, não.

—Então o que é?

—E' que o homem, para não pagar frete ao saveirista, mandou o escaler *aduaneiro* buscal-o.

—Que tem isso, o homem é de casa.

—De casa é rato.

Pois o transporte que é exclusivo para o serviço publico, lança-se delle mão para conduzir o porco do *areometra*?

—Eu sei lá; indague dos pastores si Belmira aos campos vem.

(Continuação do n. 341.)

—Continue, meu charo.

—*Alameda*, esse audacioso aventureiro, não possuiria soberba casa de campo, aparatosas mobilias, não ostentaria luxo deslumbrante, não arranjaria casamentos e não gastaria prodigamente, como ha pouco, em certa festa nos suburbios, si o dinheiro não lhe fosse as mãos tão illicitamente.

—Por isso mesmo é que elle devia se lembrar do futuro; essas fortunas adquiridas com a desgraça e deshonra alheia esvaecem-se como o fumo.

—Esse moderno Luige Vampa, ja conta para si e seu cunhadinho com o *subsidio* de certos *representantes* do *departamento*, por que, diz elle, estando seu *Compadre das Lavras* debaixo do anno do nascimento pelo que lhe deve e a seu cunhadinho, ha de por força sujeitar-se a imposição de induzir os moços da deputação a irem aos jantares, para elles lhe escurrupixarem os cunquibos e o que tocar ao dito compadre, entrará ao depois para o bollo, por *entrega* arranjada no *quebrado* feito pelo *Estatua de Marmore*.

A prova de que esse moço é um pobre Cyrineu, é que anda sempre *limpo* de penna e culpa, bem como outro qualquer socio que não seja da rosquilha; emquanto que *Alameda*, esse ralé que ainda hontem, maltrapilho era o assiduo frequentador das mais tenebrosas espeluncas, que pejavam esta cidade, hoje anda sempre recheiado, e impavido affronta a moralidade publica, sem haver quem lhe tome contas de tão improvisada e mysteriosa grandeza.

—São lances da fortuna.

—Admira a rara subtileza com que esse homem sinistro tem sabido arrastar na sua prosperidade tantas reputações, tantas fortunas pela lama da deshonra e da perdição!

Creado, por assim dizer, aos trombolhões, sem outros dotes intellectuaes, mais do que a experiencia das alternativas e vae-vens do mundo, em que as suas alicantinas o tem feito girar constantemente, e essa pratica *tarimbeira* adquirida no seio das mais degeneradas fezes sociaes, em que sempre viveu, tem a admiravel habilidade de reunir em commum os differentes e oppostos typos da escala social.

O essencial é que o individuo tenha o que perder.

E' assim que muitas vezes em suas alcóxoadas poltronas senta-se frente a frente o magistrado severo, o juiz incorruptivel e austero, com o criminoso, com o falsificador; quantas vezes aquelle que tem o dever de *corrigir os abusos*, não tem se esbarrado, nesse antro, cara a cara, com o mais attrevido contrabandista, o reu convicto de muitos crimes e por força dessa communidade tem neutralisado a sua acção?

E ahi quanto juiz tem quebrado a rigidez de seu caracter, depois de perder uma somma avultada, tomando emprestado ao maior traficante uma quantia para saciar o o vicio que lhe devora?

Agora mesmo de bocca em bocca da gente da seita jogatinal, que um dia destes certo magistrado, que por sua posição não devia pactuar com semelhante gente, tomara emprestado a esse harpya dous contos de reis em uma banca. E isso espalha-se porque elle tem interesse que se saiba, para inculcar a dependencia em que está o magistrado para com elle pedindo-lhe dinheiro emprestado.

Quantas transacções ignobeis não tem sido testemunas as paredes daquella casa maldicta?

Quantas vezes, não tem sido sacrificada a justiça e calcada a innocencia para saciar a gana desse homem fatal?

Entretanto quem conheceu hontem esse homem perigoso, pasma ao vel-o hoje soberbo e arrogante, decidindo da sorte e futuro de milhares de pessoas!

Aquelle mesmo que hontem por um patacão era o guarda-costa noturno do Carmezim, hoje altivo e potentado dispõe de contos e contos de réis!

—Tudo isso que V. tem declamado, não vem ao caso; conte me primeiro os pormenores do *gamado* da rua de *Cima* que é o essencial, depois lhe escutarei o resto.

—Ja que V. Ex. assim quer, tenha a bondade de ouvir-me.

(Continua.)

(Continuação do n. 296.)

—O celebre galhudo reformado, como diz o *Angelo*, parente do *Simeão*, que mora com o *Silva*, lá para um *morro* que tem em *S. Paulo*, andou batendo com as galhas, sem saber a qual de suas victimas attribuisse as metralhas do *Alabama*.

Esse animal descarado, calumniador e velhaco-mór, merece que de vez em quando o muxingueiro lhe retalhe a infame cara; apezar de que esse urango-tango ha muito a tem encouraçada pelas chicotadas que levou no sul, sendo lá a vergonha da *tropa*.

Deixemos por ora essa besta e a tal Sinhá *na ninhada* dos horrores com Sinhô, a serem o typo da depravação.

Vamos tratar de um certo alfinim de raspadura.

Ha no tal *morro* uma *convertida*, fervorosa devota de Santa *Deoclecia*, de quem se conta muitos prodigios. Apezar de que, os linguarudos murmuram de certas entrevistas occultas, que ella tem com um certo *frade*, homem *candido* de coração, posto que outr'ora fosse um hypocrita.

Mas, quem neste mundo está livre das más lingoas?

O que a mulher faz para *confortação* de sua alma, os maldizentes commentam por outra forma!

E em sua mordacidade dizem que a mulher tomara por seu padrinho de chrisma o *candido* frade, depois de ter sido sua barregan e que nesse estado peccaminoso continuam!

—Que horror!

—A pobre mulher costuma fazer suas romarias á Nossa Senhora de *Valença*, na cidade da *Fabrica*, quando seu padrinho alli está e então, como é natural, hospeda-se em casa delle, demorando-se semanas e semanas; pois até disso murmuram e dizem que ella vae de proposito ver o frade com saudades delle não apparecer.

E para desacreditar a vida *austero* do religioso, dizem que uma vez, do pulpito, elle emborrachado, fizera o panegyrico e tecera elogios aos predicados de sua dona da casa.

—Por Nossa Senhora da *Luz*, não continue. Isso arripia.

(Continúa.)

VARIEDADES.

PROGRESSO.

Um sapateiro de Londres inventou á pouco uma machina para deitar solas á sapatos, a qual n'uma hora deita solas a 12 pares e por conseguinte substitue o trabalho de 30 trabalhadores. Esta machina fará uma revolução nas sapatarias e assim o mechanismo apodera-se pouco a pouco de todas as artes e officios, nos quaes a mão do homem parecia indispensavel.

Um homem debulhava-se em lagrimas, porque sua mulher se havia enforcado n'uma figueira que tinha no pateo. Um dos visinhos, vendo-o neste triste estado, aproximou-se d'elle e lhe disse ao ouvido, tu és bem tolo em te affligires assim, quando tens motivo de te alegrar. Da-me um pezinho d'essa figueira para eu plaçter no meu jardim, e ver si minha mulher faz outro tanto.

Vendo um gracioso espirar um homem que tinha o nariz muito chato, lhe disse: Deus lhe conserve a vista. Este ultimo, admirado de semelhante dito, lhe perguntou porque o tinha dito. Por isto accrescentou o primeiro, porque o seu nariz não é bom para oculos.

ANNUNCIOS.

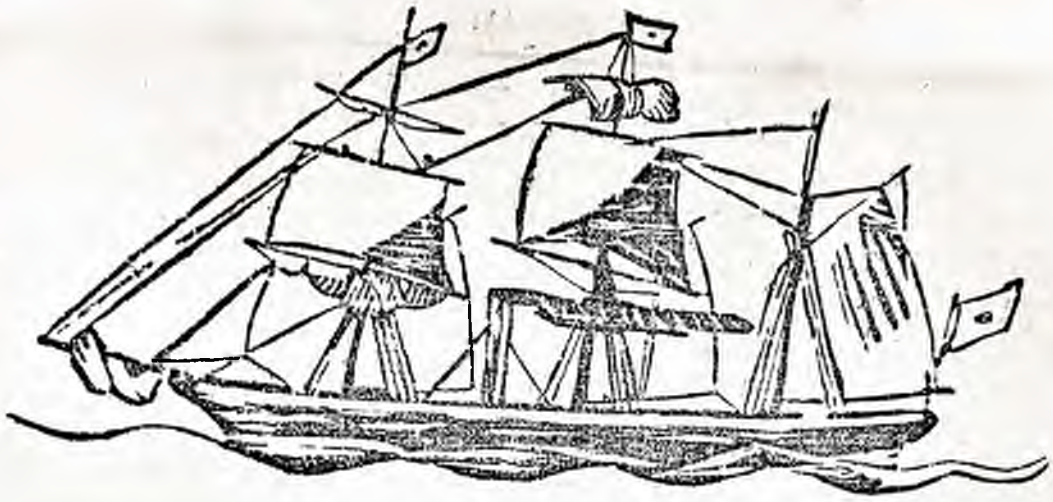
IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

De ordem do conselho administrativo desta sociedade, convida-se aos senhores socios para comparecerem na quarta-feira 1.° de abril, ás 6 horas da tarde, em assembléa geral, afim de serem discutidos o relatorio e o parecer da commissão de contas, do trimestre findo, visto não ter tido logar no domingo 29, por falta de numero. Bahia 30 de março de 1868.—*Aristides Ricardo*, 1.° secretario.

Manuel dos Passos e Silva agradece cordialmente a todos os seus amigos e mais pessoas que se dignaram de acompanhar ao ultimo jazigo o cadaver de sua prezada mulher D. Angela Victoria de Santa Rosa, de sua casa a rua direita da Lapinha ao cemiterio da Quinta dos Lazaros, e de novo lhes roga o obsequio de assistirem a missa do 7 dia que se hade celebrar quarta feira 1.° de abril na capella dos Quinze Misterios, ás 8 horas da manhan; pelo que desde ja se confessa eternamente agradecido.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª

O
ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 43.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 4 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 429.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de novembro de 1868.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe, que a bem dos narizes publicos, mande tapar um nauseabundo cano á laceira do Alvo, cujo pestifero *cheiro* muito mal causa á visinhança.

—Desvios, que vão pela *santa* casa; violencias praticadas pelas irmans de charidade.

—Arre! V. tambem encafifou com as mulheres, que não as deixa pôr o pé em ramo verde.

—Ouça e falle depois.

Estão encerradas em immundos e infectos carceres, no hospital de charidade, desde o dia 14 do proximo passado, duas recolhidas, que ali desempenham o papel de serventes.

Eulalia e Constancia, são os nomes das desditosas, que incorreram no desagrado das *santas* irmans.

Coagidas a jejum de pão e agua, tres vezes na semana, desde que estão presas, sujas e maltratadas, jazem as infelizes, sem culpa, n'uma horrorosa masmorra, sem ar, sem luz, e mal alimentadas!

—E' horrivel!

—Estas desgraçadas servem no hospital de verdadeiras creadas das *charidosas* senhoras, acompanham-nas como lacaias e desempenham os serviços mais grosseiros, que ellas lhes impõe.

Emquanto as *angelicas* filhas de S. Vicente se regalam hypocritamente em boa meza, as desventuradas comem em dous pratos de folha, sobre os proprios leitos, porque nem uma meza lhes é concedida para comer!

—E depois de tudo isso, estão encarceradas por mais de vinte dias!

—Vá ouvindo.

Existem no hospital dous menores, Eusebio e Francisco.

Em logar de estarem em uma fabrica, em uma officina, aprendendo um officio, para um dia serem uteis a si e á sua patria, são ali creados ao *tempo;* descalços, rôtos e immundos; para dormida lhes dão a enfermaria dos phthysicos e para vestir a roupa dos enfermos que fallecem!

—E' crueldade confundir creanças sans com enfermos contagiosos.

—Eusebio, um destes dias, por uma leve falta, foi atrozmente chicoteado, pelo portuguez João, á mandado da superiora, e aferrolhado com um doudo furioso.

—Monstruosidade inaudita!

—João foi horrivelmente esbofeteado pela irman Anna e mettido tambem em outro ergastulo.

—Isso tudo, estou certo, é á revelia do provedor, porque elle não consentiria em taes abusos, se tivesse conhecimento delles.

(Continúa)

—Capitão, ouça e admire.

Uma escolta de guardas do 5.º batalhão cerca a casa do cidadão Joaquim Emiliano dos Humildes, ás Pitangueiras, na noite de 29, e quer invadil-a.

Não cedendo as portas á violencia empregada para arrombal-as, esperam pela manhan. A's 5 horas, quando o dono abre a casa, calam bayonetas e accommettem-na.

Uma filha do dono da casa, gravemente enferma, peiora, desde que vê o alvoroço, e repetem-se-lhe ataques convulsivos successivamente.

A dona da casa desmaia atemorisada.

O chefe da familia, vendo sua casa á ponto de ser salteada, exige-as formalidades legaes para nella penetrarem os transgressores da lei.

Os agentes da força publica não attendem e empregam a força bruta.

O homem brada por soccorro, o subdelegado comparece e pasma de tanta violencia!

O pretexto que, deram os varejadores para tanta selvageria, é que iam prender *desertores* da guarda nacional!

—E dizem que temos segurança individual!

—Note, que na referida casa, de homens só habita um menino de 8 annos e o dono, que foram justamente os que se encontraram.

—Quanta compressão! Quanta illegalidade!

—Parece que actos tão descommunaes não partem directamente dos chefes; porem encarregam de certas diligencias a homens estupidos e ignorantes, que entendem que tudo quanto fazem é bem feito.

—Ahi vem V. com defezas fora de tempo. Homem, creia em Deus que é santo velho.

Si elles não fossem authorisados a commetter quanta compressão ha, não as praticariam.

—A respeito de patrulhas vamos admiravelmente.

—Que ironia!

—E' de coração.

—Principalmente, si forem como aquelles tres, que vão ali de lingoa solta a proferir quanta obscenidade ha.

—Rapaziadas! Entendem que, por serem dez horas, já não ha quem os ouça na rua do Collegio.

—O que eu desejava saber, era o districto delles, que ha de ser muito bem rondado.

—Si passam por aqui, é que é pelas immediações.

—Para não confundir, quando conversar, diga sempre que foi a ronda da noite de finados.

—Capitão, dá-se maior tyramnia?

—Si eu não sei o que é.

—Prohibir-se a entrada de pessoas, que vão ao forte de S. Pedro fallar aos recrutados?

—De veras?

—Sim, Sr. De maneira que o infeliz que calle ali, muitas vezes indevidamente, não come, não bebe, não muda roupa e nem pode encarregar a uma pessoa de tratar de sua soltura.

—E' para satisfazer a fome de justiça e sêde de liberdade, porque este povo estava tão esgalgado.

—Assim tambem, não. Nem com tanta sêde ao pote!

—Está encazinado, amigo?

Leia o expediente do governo.

—Com que fim?

—De distrahir-se.

—Ora bem bello!

Julguei que V. me aconselhava a leitura de alguma *bernardice*.

—Mas é que o homem usa de um estylo que desafia o *bom humor* ao spirito mais surumbatico.

N'um logar diz a campanhia do gaz—*que, se quer representar ao governo superior, as portas da rua estão francas.*

Em outro logar diz—que não se deve pagar aos proprietarios o que elles exigem por um terreno *que nenhuma utilidade prestava, a não ser nutrir ratos e cobras.*

Mais adiante—*que a ambição dos particulares poem peias ao andamento de todos os melhoramentos e embaraçam tão vantajosa obra.*

—E com taes *jovialidades,* vae arrumando fazenda grossa em quem lhe convem.

—Chocarrices que não assentam.

Fallando da nomeação de um official diz —*que a sua nomeação foi—surprehendida...*

—Bonita linguagem!

—... visto não morar *elle no districto, e que sendo este abuso repetido, em pouco tempo tornam-se officiaes da guarda nacional todos os que poderem obter protecção.*

—Não acha que esta é de limpar a mão á parede?

Pois agora que o homem pede passagem, é que o commandante superior reconheceu que elle não mora no districto?

—Crises de gente hemorrhoidaira, luxos de carrança.

Á PEDIDO.

—A gente do batalhão das tortos e aleijados, na freguezia dos *Sanhaços,* está em inquietação.

—Ja V. vem com destampatorios.

—Ouça, capitão. Ha nessa freguezia um cujo que, pela rua do *Santo carpinteiro* sempre passa, e vai á casa da *Maria*, que é vizinha do *Freitas*, para contar da *Xica* as façanhas.

—Quem é essa Xica?

—E' amazia do marreco, que, quando briga, da-lhe na cara chinelladas, dizendo que é para ter vergonha.

—Pois um homem desmoralisado á este ponto, pode capitanear uma companhia!

—Ouça mais: só nesta terra classica é que factos desta ordem se dão, capitão. Este sobredito cujo foi um lusitano de cinco costados, empunhou em 1822 as armas contra os brasileiros, seus irmãos, a quem elle hoje persegue e a cujos calcanhares nunca chegará.

—Paiz inditoso! continue rapaz.

—E' um analphabeto sem egual, desmoralisado de primeira plana, nunca foi nada sinão nesta epocha corrupta; em que *a ventura com cara de leão* protege aos patifes.

—Mande-me cá a bordo do barco este tratante para ajustarmos contas.

—Que serpente!

—Pela virgem da *Purificação!* não quero ser mordido.

—Não se assuste; a vibora tem forma humana.

—Alguma mulher damninha?

—Pois não, Sra. *Maria*. A mãe de um pobre *Piroca*, cujo nome é o do *santo que foi rei de França*, e trabalha aonde se *derrete ferro*.

—Que fez então?

—Foi receber a feria do filho com uma tribusana dos diabos, dizendo que era para elle não ter o que dar ás meninas do seu gosto.

—Tarasca! Deus a converta.

—E diz que a *constancia* de mãe é que a obriga a fazer aquillo.

—Envergonhando o rapaz.

—Admira que seja tão boa mãe, quando foi pessima filha, que a mãe, morrendo a pouco, não foi visitar durante uma longa molestia.

—Gentes, nestas *Arcias-Ipatagipanas* vê-se cousas!

DISPOSIÇÕES ELEITORAES DA FREGUEZIA DO SANTO DE PADUA DE UNA.

DADAS PELO AÇAVIL AO FAROFA E MAIS ACOLITOS.

(Continuação.)

Açavil.—Deixal-os dizer o que quizerem, comtanto que façam o que eu lhes mandar. Não dês cavaco, meu Antoninho, toda essa cambada é uma malta de cães, que em eu apparecendo todos se curvam, não tugem nem mugem mais uma só palavra, e batendo-lhes o pé ou dando um grito a qualquer, basta para todos desfilarem corridos e aterrados: observa o que te vou recommendar: não chames para a meza o diabo do Zezé d'Aguiar, embora seja de dever, por ser elle o quarto eleitor, e depois de concluida a chamada e recolhidas as listas, leva para a casa de teu pae os livros e faze lá a acta, sendo juizes de paz d'aqui da freguezia teu pae e os mais escolhidos; para a freguezia de *Oli vença* o Jeronymo primeiro juiz de paz, e os outros os cabocolos que aqui vocês assentarem, e para camarista, tu para presidente de Olivença, Jeronymo, José Tavares e Rogerio, e os mais todos d'aqui em quem vocês assentarem.

Farofa.—Tudo se fará como V. doutamente determina, menos admittir tres camaristas de *Oli* que *vença*, porque sendo eu o presidente os mais vereadores hão de ser aquelles que fizerem o que nos convier, e neste caso quero metter dous dos meus canoeiros, que agora estão no matto me cortando *pau* do *Brasil*.

Açavil.—Oh! meu Antoninho, valha-me Deus, cala essa bocca; bem mostras seres sempre o farofa; para que fallas assim em *pau* do *Brasil*, não sabes que é contrabando tirar madeira nas mattas do estado? Que este serviço deve ser feito em muito segredo e com todo o recato, que foi o que tratamos para eu não ficar compromettido?

Farofa.—Ora, historias, Sr. doutor, deixe se de coquices commigo, nas mais partes todos estão tirando e nós aqui tambem havemos de tirar, quer o governo queira quer não queira; viva lo corso: já V. esqueceu-se dos carregamentos que embarcou com o defunto Cardoso nas Canas do Vieira? Ora deixe-se de nicas, vá se amolando para Comandatuba tomar seus regabofes de moquecadas de peixe e mariscos, que me consta já lá estar sua Mariquinhas e mais comitiva, vinda das *Canas* do *Vieira* para a casa de seu compadre professor, onde o está esperando; e adeus, até a volta, que sigo já para a Cachoeira. Adeus, reverendo padre, regale-se bastante e cuidado nas ovelhas do rebanho do nosso amigo Açavil.....

Isto conta-nos o Gregorio das enxundias.

CARTA AO CAPITÃO DO *ALABAMA*.

Meu charo capitão.—Arrumo-lhe esta para lhe contar os escandalos que se estão dando com o recrutamento.

Quando, meu capitão, eu ouvi fallar que

os conservadores subiram ao poder, fiquei muito satisfeito e disse a um compadre meu, *agora acaba-se a guerra do Paraguay, porque esse é o unico partido capaz de salvar o paiz.*

Mas quando eu proferi essas palavras foi julgando que elles fossem melhores que os progressistas, porem, engano mathematico, são tres vezes peiores.

A guerra continua no mesmo pé! O recrutamento é feito com a mesma brutalidade e sem consideração como era d'antes, ou ainda mais feio!

Oh, meu capitão!

Pois ainda não estão satisfeitos das lagrimas que fizeram os progressistas derramar as donzellas, por verem seguir recrutados para a guerra seus irmãos, seus unicos arrimos, obrigando-as á prostituição; ainda não estão satisfeitos com as lagrimas das viuvas que viram marchar seus filhos unicos, que trabalhavam para sua subsistencia, pelo que ahi ficaram implorando o pão da charidade; ainda não estão satisfeitos com as lagrimas das esposas que viram seguir seus maridos e que foram pela necessidade obrigadas a prostituir-se!

Não, não estão satisfeitos, é necessario novas victimas, pois os que estão no poder foram aquelles que hontem censuravam os progressistas e que hoje praticam peior!

O que me parece é que a guerra não é feita a Lopez e sim aos cofres!

Si Deus não tiver compaixão de nós e não guiar os destinos do nosso paiz, não sei o que será!

Quem dirá que uma guerra de mais de tres annos, tomando-se todos os dias fortificações do inimigo, ainda não está concluida?

Quando o *Jornal* estava na opposição censurava todos os dias a maneira porque era feito o recrutamento; censurava os actos do governo que vinham publicados no *Diario*, então orgam official; mas hoje é o *Jornal* quem vem recheiado de despachos disparatados da presidencia.

Note bem V. Ex. para os despachos de S. Ex. o Sr. presidente e combine-os:

Requerimentos despachados em 28 de setembro.

«Deocleciano da Silva Machado, querendo 3 dias de praso para justificar sua isenção para o serviço do exercito.—Prove independente de praso.»

«Felismina Joaquina Rosa de Sant'Anna, requerendo 15 dias para provar a isenção de seu filho Antonio Floro de Sant'Anna.—Não tem logar.»

Note bem V. Ex:

Deocleciano da Silva Machado pode provar quando lhe convier; para este não ha praso porque é da graça do governo; mas Felismina Joaquina Rosa de Sant'Anna não se lhe dá praso nenhum para provar a isenção de seu filho, porque não cahiu em *graça*.

Abençoado governo!

«Ignacio Gomes, requerendo 15 dias de praso para provar a isenção de seu filho João Gomes Machado para o serviço das armas.—Prove a isenção independente de praso fixo.»

Este é dos *bem-aventurados*.

«José Rufino, recrutado para o exercito, requerendo sua soltura, ou praso para justificar sua isenção.—Não tem logar.»

Este é *pagão*, está fóra do *gremio*.

«Ramiro da Costa, guarda do batalhão n. 83 do districto de Nagé, na cidade de Maragogipe, recrutado para o serviço do exercito, querendo 15 dias de praso para provar sua isenção.—Prove, independente de praso marcado.»

«Ursula das Virgens do Sacramento, querendo 15 dias de praso para justificar a menor-idade de seu filho José Eusebio.—Prove a isenção independente de praso.»

Estes dous estão no *gremio da egreja!*

. . . . . .

Ora ahi está o partido que veio concluir a guerra e acabar com o despotismo dos progressistas; ahi está o partido *unico capaz de salvar o paiz;* o partido que veio para enchugar as lagrimas da donzella, da viuva, da irman e do orphão!

O *Jornal*, que tanta opposição fez aos progressistas; tanto censurou os actos arbitrarios do governo, hoje nada diz sobre o feroz recrutamento que se está fazendo, porque é *orgam official;* hoje não defende a causa do povo, porque é assalariado pelo governo.

Hontem era o governo progressista quem mandava recrutar a torto e direito; hoje são os conservadores, os *salvadores* do paiz quem o manda fazer.

E sempre o povo soffrendo, quer governe o partido progressista, quer governe o partido conservador.

Simile cum similibus facile congregantur!

Estou ás ordens de V. Ex.,
Meu charo e amigo capitão,
Em breve outra resumida
Lhe farei chegar á mão.

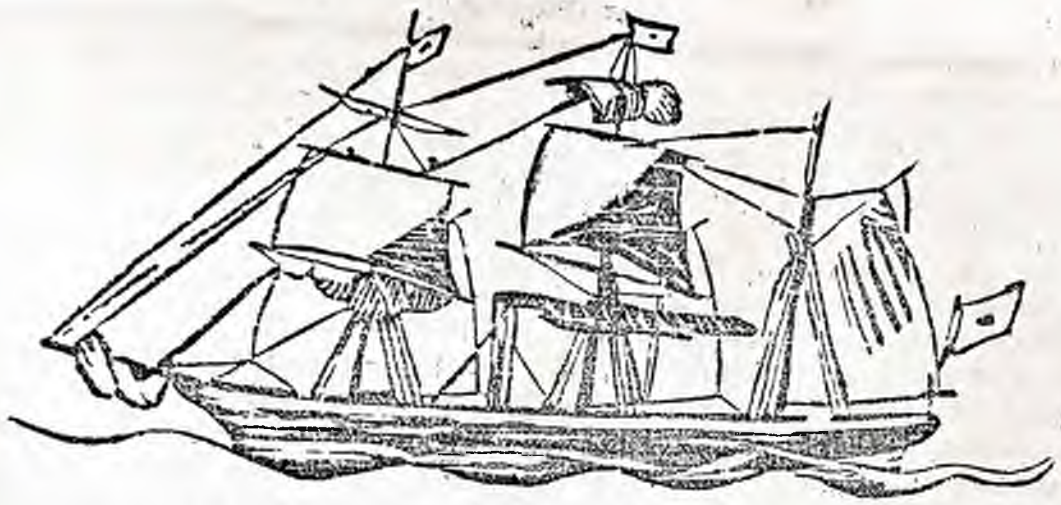
O Faustoso.

EXM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA.

A espectação publica anciosa tem suas vistas no desenlace do drama representado pelo feiticeiro *Odulami*, no sabbado, apprehendido em flagrante pela policia.

Mas elle tem tanto dinheiro.....!!

Liseu do Piapitinga.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quinã da rua do Collegio n. 17.

Anno VI. **Serie 43.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 5 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 430.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de novembro de 1868.

Officio á superintendencia da companhia Bahiana, dizendo-lhe que mande proceder ao indispensavel concerto de que necessita a ponte de desembarque na Jequitaia, afim de evitar algum desastre, que a cada momento se pode dar a vista do pessimo estado da referida ponte.

—A *Opinião Liberal* traz as seguintes:

«CURIOSIDADES ESTATISTICAS.—De um artigo publicado no *Diario do Povo* n. 220 transcrevemos as seguintes: «Custa a familia imperial annualmente á nação 1,387:000$000. O culto publico em todo o imperio, e os seminarios episcopaes custam annualmente 153:809$000.

«Assim, pois, o culto imperial custa mais que o culto de Deus—1,233:195$000!!

«Emquanto o leitor faz os devidos commentarios, vamos extractar para o numero seguinte mais outras curiosidades do citado artigo.»

—As cousas deste mundo são assim!

—Assim como?

—Eu lhe digo.

Mariquinhas Corisco é uma mulher de vida desesperada.....

—O nome lhe basta.

—.....moradora em uma das casas novas do Coqueijo, á Estrada Nova.

Uma infeliz rapariga, orphan, cahia, por seu mau fado, nas garras de semelhante fera, que a trata com rigor inaudito.

No domingo, ás 2 horas, principiou a castigal-a desabridamente de chicote, e ás tres e meia ainda durava o castigo!

—Que damnada!

—Algumas pessoas, aos gritos da paciente, quizeram soccorrel-a; mas a damnada mulher, assanhada como uma vibora, insultou a todos e trancou-se, recusando-se obstinadamente a abrir a porta.

E a infeliz continuou a ser espancada brutalmente.

Com a presença da authoridade abriram a porta e tiraram a infeliz toda lanhada e com a cara cortada de relho.

—E Corisco?

—Foi para a Correcção.

—Então que mais quer?

—Porem no outro dia estava fresquinha na janella.

—Nesse caso não sei que remedio lhe hei de dar.

—O remedio, é chamar bem alto a attenção do Sr. Dr. juiz de orphãos para a sorte da infeliz orphan, que não deve continuar sob o jugo de uma mulher perdida, de costumes dissolutos, a qual, o unico bem que lhe pode dar é a prostituição.

—Capitão, conceda.

—Pode fallar.

—Quero continuar com os desvios, que vão

pela santa casa, violencias praticadas pelas irmans de charidade.

—E' natural; principiou, acabe.

—O regulamento do hospital marca quatro cosinheiros.

As *piedosas* irmans, porem, distrahem um delles para tratar do seu aprazivel jardim e abundante horta e, para supprir-lhe a falta, empregam o alienado Raymundo no serviço da cosinha.

Quem se fia em doudo não tem o que fazer; e Raymundo, embora apresente melhoras, de vez em quando tem accessos de loucura.

Sabe o que acconteceu?

—Agora.

—Por um tris não leva tudo a carepa.

Um dia, o doudo sahiu do seu serio, e temperou o café e chá dos doentes com calda envenenada, que as *santas* mulheres preparam para matar ratos.

—A relaxação deve ser extrema; quando os doudos acham preparações envenenadas tão facilmente para dellas fazerem uso n'uma casa, onde toda cautella é pouca.

—Que duvida!

O resto da calda, deu com ella no buxo, o que o ia levando para a contra-costa, a não serem os esforços empregados pelo desvellado medico.

—Forte deleixo!

—Um infeliz doente, de nome Renovato, morto a sede, teve a indiscripção de ir ao receituario beber agoa, porque o chafariz estava fechado.

Por esse *horrendo* crime, foi trancafiado em um calabouço, sem tratamento, aggravando-se assim sua molestia, pois que até o medico ignora si na casa tal doente existe.

Tenho muito que dizer, e para não fatigal-o faço pausa por ora aqui.

(*Continúa.*)

—La vae uma da fertil cabeça que nos governa.

« Nos districtos existem reconhecidos vadios.

—Estes, de ordinario são peitos largos e batedores de eleições.

—Não me interrompa.

« . . . . . *moços desempregados*, que podem seguir para o theatro da guerra, com proveito da causa publica, de suas familias e de si proprios.....»

—E' justamente o que serve para o brasileiro é a tropa de linha, por que o commercio é do estrangeiro, a lavoura para os africanos.

—Esta cá me fica!

De sorte que um moço, chefe de familia, pelo simples facto de ser desempregado, independente de sua vontade, está no caso de ser recrutado!

Quantos paes de familia andam por ahi a mendigar um emprego, que lhes é negado, por que são poucos para o filhotismo abranger!

—Nesse caso vão ser util a si e ás sua familia no Paraguay.

—Que immensidade de artistas, aliás laboriosos, andam a procurar um logar, que não encontram, para ganhar o pão, porque os escravos dos potentados absorvem hoje as artes e industrias!

—E apezar de todas as isempções, que a lei lhes garantem, como são desempregados, vão para o Paraguay ser uteis a si e ás suas familias!

—Ainda hoje nos despachos da presidencia vem o seguinte:

«Manuel Tezeira, *africano livre*, servente da thezouraria provincial, pedindo que suas diarias sejam consideradas na mesma rasão das que vence o servente da secretaria do governo.»

Por ventura, não haverá um nacional que queira ser servente da thesouraria?

—Ora se ha.

—No matadouro publico, nas obras publicas, e em muitas estações officiaes, ha immensidades de logares occupados por escravos, em quanto centenas de paes de familias clamam por uma occupação d'onde tirem a subsistencia.

—E como o patronato lhes embarga o passo, vão ser uteis a si e ás suas familias no Paraguay.

—Continúa o recrutamento barbaro, ferrenho e rigoroso!

O Sr. presidente da provincia recommenda que não recrutem indistinctamente, sem conhecimento dos individuos, evitando perturbar o trafico dos homens do campo, que abastecem a cidade, com *especialidade* aquelles que conduzem animaes e cargas; mas parece que tudo isso é burla.

—Pannos quentes, que eu tambem sei deitar

—E' incrivel a sanha desenvolvida pelos agarradores.

Desde o cabo de esquadra até o patente mais elevada, aproveita a vasa, para nutrir suas vinganças, as mais das vezes pessoaes.

A noite, sahe para a rua uma cafila de individuos, a maior parte recrutaveis e fora da lei para serem guardas nacionaes, mettidos n'uma japona de yanzu, e sem *olhar cara nem tamanho*, vão prendendo indistinctamente.

—A consciencia que elles tem, de que

ninguem está mais no caso que elles de servir, os impelle a taes desatinos.

—Mas é intoleravel uso. Um homem ser preso para guarda nacional sem nunca ter sido qualificado!

—Abuso que os progressistas introduziram e que os conservadores, que clamavam tanto, praticam mais largamente.

—Quem tem seu escravo não o pode mandar á rua por que é preso para tal batalhão e depois o senhor vê-se em colicas, para soltal-o.

—E o povo que soffra para seu bem, tanto despotismo, tanta oppressão.

Á PEDIDO.

—Maldicto gavião!

Anda a esvoaçar onde ha *terreiros* de gallinhas e tudo quanto é franguinho que acha desgarrado *põe no papo*.

—E depois vae fazer pousada na *torre* da egreja dos padres de *pernas vermelhas*.

—Si fosse gente, eu chamava-o antropophago.

—O anjo *Custodio* nos livre.

—O que elle precisava era um bom clyster de decoada.

—Esta é sua! Ave levando ajuda!

—Si a inversão das cousas é geral, não admira.

—*Maior anjo* do inferno.

Se meião não és na figura, de certo és um varapau.

—Homem grande, besta de pau.

—Retrato da calumnia, precisas ser açoutado nessa pollnta cara, com um feixe de *silvas*, até cahir-te os *adornos* com que enfeitas a testa, e que te foram *brindados* pela *voluvel* sinhá.

Rapina do azeite do *luzeiro*, que vendes descaradamente, mereces ser atirado sem commiseração do alto da torre de *S. Paulo*, embora brades—*morro!* Depois que esse asqueroso corpo se fizer em frangalhos, pode bem servir de taco ás peças das fortalezas, cuja polvora tambem aladroadamente vendestes.

—Misericordia! Valham-me os bemaventurados santos *Angelo* o *Simeão*.

—Só desta forma se livraria a humanidade de tal harpya.

(*Continuação do n. 426.*)

—Capitão, aqui está o tratante! Jurei-lhe por S. *Miguel* trazel-o, aqui o tem.

—Ora vem cá, meu salteador!

—A's suas ordens, capitão.

—Como te chamas?

—*Antonio*.

—De que nação és filho?

—Sou *gallego;* mas a algumas pessoas eu digo que sou portuguez.

—E's casado ou solteiro?

—Sou casado.

—E vives em companhia de tua mulher?

—Saiba V. Ex. que não; vivo em companhia de uma moça, que eu raptei de casa de seus paes.

—Tens filhos de tua mulher?

—Tenho; mas estão em poder della.

—Então despresaste teus filhos e esposa e preferiste a moça que raptaste de casa de seus paes áquelles e a esta?

—E' verdade.

—Que edade tens?

—Ignoro.

—E' certo que foste d'aqui para a *cataduppa* e alugastes uma casa mobiliada, furtastes a mobilia e vendestes, deixando a casa vasia?

—Precisei de dinheiro e não podendo obter, lancei mão deste meio como mais facil.

—Com que cynismo confessas o crime, ladrão!

Já pagastes aos artistas que trabalharam em teu *favor?*

—A' todos, menos aos homens das *gaitas e folles*, que eu não pago que não quero, por que não se deve pagar a esta gente: elles que vivam do ar que sopram.

—Miseravel! Ainda ousas dizer em minha presença que não pagas, gallego!

Infame! Mau pae, por força has de ser mau filho, mau esposo, mau amigo e ainda em cima ladrão!

Ladrão, porque puchastes por um punhal para assassinar o maquinista, que exigia-te o suor de seu trabalho, dando assim idéa de que és um salteador.

Ladrão, porque não queres pagar o suor de differentes paes de familia!

Não sabes que é um peccado, que brada ao ceu, não pagar o jornal de quem trabalha?

—Tudo isto são historias que para mim nada valem.

—Que cynico!

Muxingueiro, leva este quadrilheiro, dá-lhe quatrocentas calabrotadas e depois applica-lhe a deslavada cara dentro da cloaca do navio!

—Capitão, perdoe-me pelo Santissimo *Sacramento*.

—Leva d'aqui esta peste, e cumpre minhas ordens.

—Pois não hei de ser castigado, lanço já um escaler ao mar e ponho-me em fuga pelo *rio* a fora.

—E como poderás fugir? O porto está fechado, has de ficar de quarentena.

Segue para o porão, meu Malagrida!

—Dirijo-me a quem tem obrigação de zelar pelas rendas provinciaes.

—Vá feito.

—Ha na rua das *Bengalas* uma casa, que vende espiritos fortes, sem pagar direitos.

—Assim está muito vago.

—O que mais é preciso?

—Dizer o numero.

—Não tem o que saber; contando *sete* casas, sem dobrar a *esquina*, é ahi.

—Agora sim; si não forem de olhos fechados, é porque mesmo não querem.

—Capitão, licença.

—O que quer?

—Dar uma explicação.

—Diga.

—A ronda a *vapor*, que na noite de 29 andou *pintando Simão*, não era da rua do Collegio.

—Então V. conheceu os cujos?

—Sahiram do districto da patrulha e andaram *pagodeando*.

—Boa gente! Sabe o nome do inspector?

—Não; mas sei que já morou em S. *Caetano*.

—Está direito!

—Conhece aquelle amavel?

—E' um *apontador* que nada *aponta*.

—Porque o *que fazer está parado*.

—E que, não obstante, vae mamando paulatinamente 4$500 diarios.

—Em companhia do tal velho, *feitor sem obra*, que chupa *tres bagos* por dia, como quem não quer a cousa.

—Tomara eu que me queiram proteger.

—Cá por mim, minha resolução está tomada: o primeiro filho que tiver, tomo a um engenheiro por compadre.

O tempo ja está mudado
Mudou-se toda estação,
Hoje ja nascem meninos
Com unhas de gavião.

Gasta o homem generoso
O dinheiro a largos passos;
O sovina desgraçado
Apenas chupa bagaços

Trabalham uns noite e dia
Outros vivem na viólla,
Outros vivem rapinando
Outros fazem carombola.

Um quer passar por valente
Outro foge so de um gritto
Um quer peixe de escabexe
Outro so quer peixe frito.

Um diz muitas parvoices
Outro cala o seu saber
E' um gosto ver dous homens
Quando estão a discorrer.

Diz um Dr. que o doente
Precisa levar sangria
Outro diz que elle está fraco
Que tome caldos de gia.

VARIEDADES.

A GAIA E O PAVÃO.

De ricas plumagens despiu-se o pavão,
A gaia as tomando, seu corpo adornou;
E crendo-se o ente mais bello do mundo,
Mui cheia de orgulho então se mostrou.

E n'este entrementes, um delles conhece-a;
Aos outros, soberbos, foi logo amostrando:
A gaia, coitada!. . . se viu apupada
D'aquelles qu'as plumas vão facil tirando.

A' pressa fugindo da turba que a cerca
Foi entre o seu povo refugio pedir;
Mas elle, mui sabio, da fatua zombando,—
Caminho da porta fez logo seguir.

Qual gaia ostentosa de espolios alheios,
Ha homens que adrede tambem apparecem,
Com escriptos pilhados de alguns escriptores,
Mas elles o nome de sabios carecem!.....

. . . . . .
. . . . . .

Pois bem, já me calo, não quero desgostos;
Nem damnos eu quero tão pouco causar:
Não sei a que vim,—não sei que negocio
Assim d'essa fab'la moveu-me a tratar.

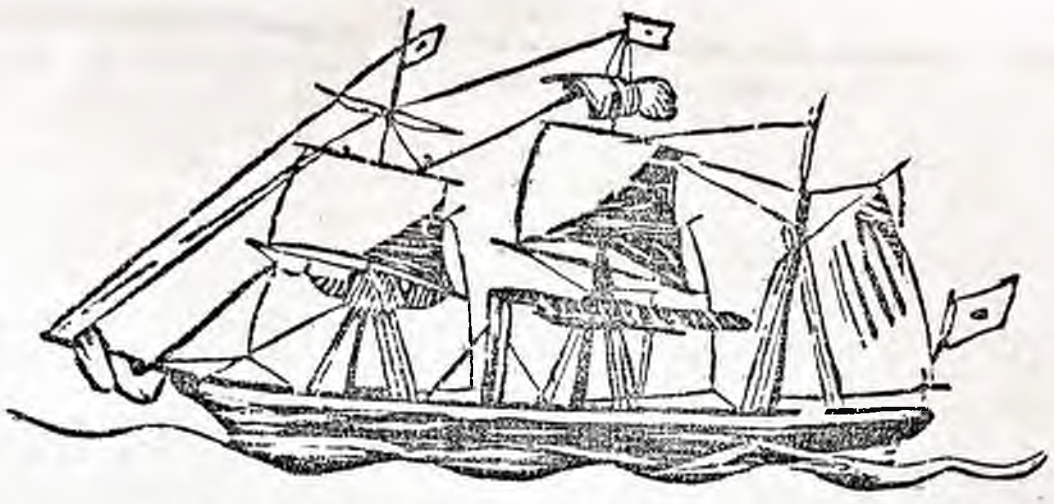
ANNUNCIOS.

Januario d'Amorim Vieira, relojoeiro, com loja á rua dos Ourives, n. 14, tem bons relogios para parede e para cima de meza, e vende-os por preço commodo, garantindo a boa qualidade.

O abaixo assignado declara que o seu ex-discipulo Olavo Manuel de Oliveira, tendo completado 4 annos de aprendizagem da officina de pintura no dia 20 de setembro do corrente anno, foi entregue a seus pais em harmonia com o seu mestre, e que não foi despedido como ha quem diga, por espirito de intriga; a prova da verdade do que fica dito, é que o mesmo Olavo continúa em sua companhia como seu official.

Severiano Alves de Souza.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 44.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 7 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 431.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de novembro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. D. abbade da ordem benedictina. — E' summamente censuravel que um membro dessa respeitavel ordem, repudiando a missão evangelica, com grave detrimento do caracter sacerdotal, se constitua em empreiteiro e arrematante de obras.

Si o monge é para andar trepado sobre andaimes, dando riscos de obras e demolindo paredes, estão no direito o pedreiro e carapina de irem para o altar celebrar.

A' vista do exposto, respeitosamente pede-se a S. Ex., que no caso de haver na ordem que dignamente dirige, algum membro que se dê a tão interesseiro mister, faça cessar tão sordida especulação, como deponente do ministerio sacerdotal.

—As camaras de sangue estão causando estragos atterradores na população.

—Muita vida preciosa tem sido ceifada.

—Ha quem diga que são provenientes da carne verde.

—Pode ser muito bem.

Na verdade, ella tem sido pessima ultimamente.

—E o governo o que tem feito?

—Os subdelegados têm recommendado aos inspectores, que indaguem nos seus quarteirões si alguem tem sido atacado.

—E Deo gratia.

—Inimitavel charidade a desta terra!

Um homem cahido na rua como um cão, exhalando o ultimo arranco da vida!

—E aqui no Terreiro, a dous passos do hospital.

—Pobre velho!

—O que dirá o estrangeiro que presenciar tão pungente quadro!

—E temos uma casa de asylo, um hospital de charidade e os mendigos andam morrendo pelas ruas!

—Mendigo, porque a policia o quer. Aquelle esqueleto que V. vê, emquanto teve vigor nos musculos para trabalhar, teve senhor. Quando se tornou inutil, exhausto de forças, despresaram-o como um objecto sem serventia.

—Forte crueza!

—V. repare que a maior parte dessa malta de mendigos que andam pelas ruas a abalroar a gente, são africanos decrepitos, cujos senhores, quando já não podem usufruir seus serviços, os desamparam cruelmente, como se atira um objecto repugnante ao monturo.

—E não ha quem os obrigue a serem mais humanos!

—E' vergonha que, tão perto da secretaria da policia, esteja um homem a morrer, hoje 5 de novembro, ás 4 horas da tarde, ao desamparo.

—Capitão, prompto.

—Já o esperava.

—Vão entrar em scena os desvios que vão pela santa casa, as violencias praticadas pelas irmans de charidade.

—E' preciso, porem, dizer-lhe que o Sr. provedor já tomou algumas medidas.

Os dous menores vão deixar a mandriice e aprender officio, o portuguez; que chicoteou a um delles, foi despedido, etc.

—Não era de esperar outra cousa de S. S.

Note, porem, que ficou muito por providenciar.

O Sr. provedor deve acabar com a impropria e nociva creação de porcos dentro daquella casa de saude; creação feita em tão larga escala que, tendo as irmans de charidade, vendido em 12 de agosto, trinta e tantos porcos, e em 5 de setembro 20, ainda existem 26 e immensas porcas a parir a cada momento.

Outro ponto que merece especial attenção de S. S. é a má qualidade da comida e a maneira porque é ella administrada aos enfermos.

S. S. devia tambem informar-se si é exacto que foi despedido, sem culpa, um empregado de nome Feliciano, para se dar seu logar a um estrangeiro, que entrou para alli doente, com tamanha felicidade que captou logo as *boas graças* das castas irmans.

—São apaixonadas pelas *cousas* estrangeiras. A irman Isabel e Mr. François servem de exemplo.

—O tal estrangeiro manda e desmanda naquella casa. E' hoje quem distribue a comida pelos doentes á sua vontade e tem grande privança com as irmans, que cedem a todos os seus pedidos.

Uma servente foi expulsa; porem, á seu pedido, foi re-admittida.

Os actos de crueza e deshumanidade são sem conta.

As mentecaptas e alienadas são constrangidas a serviços pesados e fatigantes debaixo de continuo azorrague.

Havendo innumeras pessoas livres que queiram se empregar, são alli conservados, por *condescendencia*, escravos.

Um doente de bebões desejou comer bolachas, e não tendo quem lh'as comprasse, a exemplo de outros, aproveitou a occasião em que as *penitentes* irmans estavam a se recrear no jardim, depois do jantar, e foi á venda compral-as. Avisadas da grande falta, as indulgentes senhoras enxotaram o pobre homem brutalmente daquella casa, onde dizem que só ha misericordia e commiseração para os infelizes.

Por hoje faço pausa, para continuar depois a narrar factos gravissimos, que parece incrivel sejam praticados por umas mulheres, cuja divisa, dizem, é a humildade e abnegação.

(*Continúa.*)

—Curiosidades estatisticas.

—Siga.

—E' do *Diario do Povo* n. 220.

«As sete secretarias de estado, desde os ministros até as ordenanças, e *todas* as presidencias de provincia, custam annualmente 197:295$000 menos, do que nos custa a familia imperial!!»

«As faculdades de direito, as de medicina, a instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte, a academia de bellas-artes, o instituto commercial, o dos meninos cegos, o de surdos-mudos, o estabelecimento de educandas no Pará, a bibliotheca publica, o museu nacional, o instituto historico, a imperial academia de medicina, o lyceu de artes e officios, a hygiene publica, o instituto vaccinico, a inspecção de saude dos portos, lazaretos, hospital dos lazaros, os soccorros publicos e melhoramento do estado sanitario, custam annualmente 270:140$000 menos, do que a familia imperial!»

«A camara dos senadores, a camara dos deputados (com 122 deputados), as ajudas de custo aos deputados, e o conselho de estado, custam annualmente 618:220$000 menos, do que a familia imperial!»

Não faremos commentarios: continuaremos, porem, a registrar tão importante trabalho.

—Deleixo e mais deleixo, incuria e mais incuria!

—Que viu?

—Plantar-se estas arvores com tanto cuidado, pagar-se a um zelador para tratal-as e agora estarem sendo destruidas por meninos traquinas, quando sahem da eschola!

—O peior é que as pedradas que elles atiram, em logar de cahirem nas arvores, podem bater em alguem.

—E' verdade.

—Si eu tivesse liberdade com o delegado, pedia-lhe que ás 5 horas mandasse dous policiaes para o Terreiro, afim de ter mão naquelles estrepolentos.

—Que moralidade!

Aquelle militar no meio de quatro farpellas, que desenrollam as lingoas nas mais torpes e obscenas palavras!

—Não respeitam as familias que moram na ladeira de Sant'Anna.

—O sujeito parece ser do quartel do *maior*.

—Ordenança?

—Creio.

—Ah, si eu visse o ajudante de ordens, ia queixar-me.

—Uma vingança terrivel, capitão.

—O que foi?

—Effeitos do jogo.

—Aqui?

—Não, é um caso narrado pelo *Progresso* de Montevideu, de 13 de outubro.

—Conte.

—«Em uma das povoações de nossa campanha deu-se o terrivel facto, que vamos narrar tal qual nos referiram.

«Era noite. Ao redor de uma meza coberta com um panno verde se achavam sentados oito individuos que jogavam o *monte*.

«Havia entre elles um joven de 24 annos de edade, pouco mais ao menos.

«Bancava com uma tranquilidade imperturbavel.

«Em sua frente fazia grandes paradas um homem de cerca de 40 annos e de uma phisionomia repugnante.

«—*Sota e cinco*, disse com voz tranquilla o banqueiro.

«—Na sota! retrucou o que estava á sua frente, e poz sobre a carta grande quantidade de dinheiro.

«O banqueiro deu volta ao baralho e appareceu na bocca cinco de ouros.

«Tomado de ira o que acabava de perder, levantou a mão e descarregou vigorosa bofetada na face do joven: este não se alterou, tirou o relogio olhou-o tranquillamente, e disse: é uma.

«O jogo continuou como até então antes da occurrencia.

«Os circumstantes se admiraram da prudencia e sangue-frio do joven, attribuindo-lhe cobardia.

«Chegou a hora de retirarem-se, e então o joven, conservando ainda no rosto o signal do insulto do adversario, disse aos presentes:

«—Meus amigos, convido a Vms. para cêar amanhan neste mesmo logar.

«—Promptamente assistiremos, responderam todos, menos o homem de feições repugnantes, que ja se tinha retirado.

«Os jogadores sahiram, ficando o salão do jogo deserto.

«No noite seguinte á hora do costume se foi povoando o salão com os concurrentes ao jogo.

«As 9 horas estavam reunidos, conjunctamente o joven, jogando como na noite anterior; sereno e tranquillo.

«Sem embargo, naquella reunião faltava um—o homem que tinha dado a bofetada no banqueiro.

«Um dos presentes lembrou-se de dizer:

«—Falta uma perna.

«—Sim, replicou outro, falta Garcia.

«Este era o appellido do tal homem de má physionomia.

«—Virá, respondeu o joven com acento sombrio, e continuou jogando.

«Entretanto as horas passaram até chegar á uma—o nosso joven tirou o seu relogio e viu-o; com o mesmo acento sombrio disse:—*é uma hora*, e levando á mão ao bolso do seu sobretudo, tirou um objecto envolto em um panno preto, desembrulhou e lançou sobre a coberta á vista dos convidados, a mão direita de um homem correndo sangue, o que sorprendeu á todos; e com accento terrivel exclamou:

«—Eis aqui, senhores, a mão que á noite passada pousou sobre a minha face! Garcia, continuou, não póde assistir á ceia, porem em troca mandou a sua mão direita; isto é alguma cousa.

«Os convidados ficaram como petrificados.

«Um moço entrou e annunciou que a ceia estava prompta.

«O joven então com tom jovial, disse a seus amigos:—A meza nos espera, vamos ceiar; amanhan assistiremos ao enterro de um amigo e conhecido.

«Todos se dirigiram a sala immediata onde estava preparada a ceia.

. . . . . .

«No dia seguinte ás 4 horas da tarde era conduzido ao cemiterio um cadaver que fôra encontrado mutilado.

«O cadaver era de Garcia.

«O joven desappareceu da povoação nessa mesma noite, sem que as diligencias da authoridade podessem até agora saber onde elle parava.»

Á PEDIDO.

NENIA

Ao passamento do joven poeta Epiphanio Pinto Vieira, no dia 30 de outubro de 1868.

Mais um ente a terra fria,
Em seu seio recebeu!
Mais um ente, á patria util,
Para sempre se perdeu!!

L. V. S.

Inda joven!... Das letras a carreira
Trilhava!... E, como vate, conhecido
Ja bastante era elle; e, inda ha bem ponco,
Da Bahia as bellezas cantou fido!!

Finalmente chegou a fatal hora!...
E, Atropos impiedosa um golpe deu,
Co'a thesoura, no fio da existencia
Desse vate!... o que Lachesis cedeu.

Visto ser p'lo destino assignalada;
Pois do tempo a ampulheta assim marcou!!

E, sendo essa sentença irrevogauel,
D'Apollo, hoje, uma lyra se quebrou!!
E quebrou-se p'ra sempre!.. mas q'importa?!
Si so, no mundo, extingue-se a materia!
A alma e o espirito immortaes são!!
Embora diga alguem ser—cousa aerea.

Mas, Deus, como bom pae e omnipotente,
Dar-lhe-ha o perdão; e p'ra bonança,
Mandal-o-ha por sua omnipotencia,
Gosar da eterna bemaventurança.

Por tanto, na mansão do Deus eterno,
Su a alma foi jazer; deixando apenas
Ca na terra seu corpo, essa materia,
Que, de vermes, será, breve, centenas!

J. L. d'Azevedo.

DECIMA.

No tempo da carochinha,
Viu-se um kagado de botas;
Um sapo virar cambotas,
E comer pão com sardinhas,
Tocar sino e campainha
Um burro velho e sendeiro;
Com trez azas um carneiro;
Um gato fallar latim;
E em seguida viu-se enfim
Um poeta com dinheiro.

VARIEDADES.

COUSAS QUE CAUSAM DESESPERO.

A todos em geral.

Vêr os numeros da loteria immediatas ao da sorte, e sahirem-lhe brancos.

Ver cahir chuvas a pote, na hora marcada para uma *entrevista* feliz.

Ver morrer de repente, sem testamento, a pessoa de quem se esperava um legado vantajoso.

Dar um espirro no meio de senhoras, e estalar o fundilho das calças.

Esperar por quem não chega.

Ir a cavallo, o empacar o animal na rua havendo moças pelas janellas.

Regeitar um bilhete, e ver depois o numero no jornal com a sorte grande.

Chegar á ponte dos vapores na occasião em que se pucha a prancha.

Apanhar uma personagem em mentira e não poder contradizel-a.

Receber hospede de ceremonia em casa de campo, estando a dispensa vasia.

Tirar a casaca, á vista de muita gente, e apparecer a camisa rota.

Passar por uma rua e ver na janella a moça que o regeitou em casamento, ou o despresou de namoro.

Cahir um dente postiço quando se está jantando em reunião.

Escorregar na rua, e cahir na lama, havendo moças pelas janellas.

Passar por instruido, perguntar se-lhe a significação de uma palavra, e não saber responder.

Dizer que não deve nada, e d'ahi a poucos instantes bater o caixeiro á porta para cobrar alguma quantia.

Passar o dia em casa de ceremonia e ter necessidade corporal.

Chegar um vizinho á janella em occasião em que se está fasendo accionado de namoro.

Pedir dinheiro emprestado e não ser servido.

ANECDOTAS.

Um dia Henrique IV perdeu-se em uma caçada, e pedio a um Camponez que o guiasse pelo caminho direito, para que chegasse ao sitio em que se achava reunida a côrte. O camponez consentio, sob condição de que o caçador lhe mostraria o Rei. Henrique aceitou a condição, tomou o rapaz na gurupa e dirigio-se ao ponto ajustado, conversando alegremente com o companheiro.

—Como hei de reconhecer o rei, insistio o camponez, visto que o senhor diz que elle traja como os outros caçadores?

—Porque só elle deve ter o chapéo na cabeça.

Chegaram os dous ao sitio indicado. Como era natural, os cortezãos descobrirão-se assim que viram Sua Magestade.

—Sabeis agora quem é o Rei? Perguntou Henrique IV ao camponez.

—Ou é vessemecê ou eu, porque só nós é que temos o chapéo na cabeça.

ANNUNCIOS.

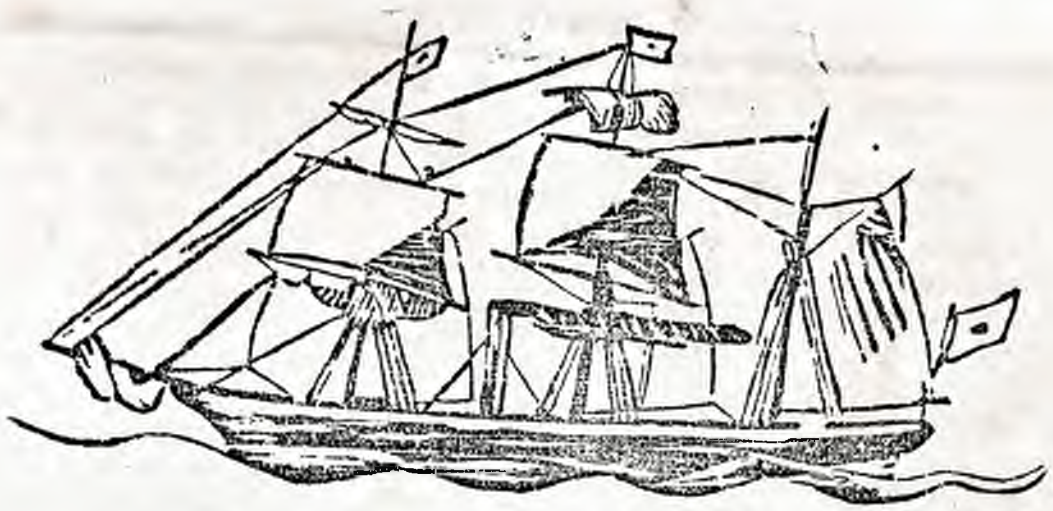
IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Em virtude de ter ficado adiata a discussão do relatorio do conselho e do parecer da commissão de contas, para domingo 28 do corrente, convido aos Srs. socios, por ordem do conselho, á reunirem-se em assembléa geral n'este mencionado dia. Bahia 5 de novembro de 1868.—*Aristides Ricardo,* 1.º secretario.

Precisa-e de uma senhora de edade, para o serviço domestico de uma casa, que nesta typographia se indicará.

Januario d'Amorim Vieira, relojoeiro, com loja á rua dos Ourives, n. 14, tem bons relogios para parede e para cima de meza, e vende-os por preço commodo, garantindo a boa qualidade.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 44.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 12 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 433.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de novembro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, lembrando-lhe a inutilidade de conservar-se o logar de almoxarife das obras publicas, estando ellas paradas, com o fim somente de ir percebendo um individuo 200$ rs. mensaes, sem nada fazer, muito mais havendo na repartição um escrivão que pode se encarregar de tomar nota das entradas e sahidas.

A' vista, pois, de tão valiosa razão, espera-se que S. Ex. mande immediatamente aliviar os cofres de tão oneroso encargo, sem nenhum proveito, mesmo para que algum mal intencionado não enxergue nisso uma sinecura.

—Capitão, a lei é egual para todos?

—E'.

Quer *proteja*, quer castigue.

—Mas eu vejo o contrario nesta terra.

Parece que as authoridades encarregadas de executal-a fazem selecção entre fraco e poderoso.

—Isso é de sua cachola.

—Pois veja si eu tenho razão.

Em Cachoeira, commetteu-se um attentado contra a pessoa do Dr. Pedro Muniz e a policia poz-se toda em movimento, o que eu muito approvei; o Sr. Dr. chefe de policia embarcou ás duas horas da noite, o que veio confirmar a sua reconhecida actividade.

—Então para que falla?

—Ouça o resto.

Trago este facto, apenas como termo de comparação.

—Pois siga.

—Nesta cidade, acaba de praticar-se um facto dez vezes mais horroroso, não so pelas circumstancias de que é revestido, como pela posição e condicção da victima e ainda mais pelas versoes que correm a respeito. La se vão, entretanto, oito dias e a policia ainda não se mecheu!

—Qual é o facto?

—Ignacia Maria de Farias, moradora á rua dos Ossos, freguesia de Santo Antonio é uma moça infeliz....

E' sabido que sahia á noite, ás vezes para ir a casa de um padre, que não ha muito, sahiu vigario, outras, para visitar certo individuo da freguezia onde ella morava.

Em uma noite destas, quinta-feira 5, sahiu ella em má hora para ir ter com o ultimo.

Da entrevista resultou que Ignacia foi carregada para sua casa com o corpo todo manchado, apresentando signaes de lucta, com diversas contusões e conserva-se sem falla até hoje, e segundo a opinião dos facultativos com o fio da existencia prestes a partir-se por momentos!

A opinião publica indica o author do te-

nebroso drama; são sabidas as relações que haviam entre ambos, ha provas incontestaveis contra elle; diz-se em voz alta a natureza da violencia de que foi victima a offendida, e o que dera causa a ella, os amigos do culpado empregam todos os meios para abafar nas trevas o delicto, o proprio delinquente em suas declarações deixa reluzir bem clara a verdade, de que so elle é o author de tal perversidade, um seu amigo foi procurar de sua parte um irmão da infeliz e dizer lhe que elle não poupava despezas, *apezar de que, suppunha que ella, coitada, pouco podia durar*. E apezar de tudo isso a policia não se achou com animo de tomar uma deliberação!

—E o malversor ficará impune!

—Que duvida!

As conveniencias nesta terra podem tudo!

—Ouça mais esta:

Belmiro Ferreira Leite, 1.º sargento do batalhão n. 42 da cidade de Nazareth, foi designado como contingente d'esse batalhão e como tal remettido para a capital, afim de seguir para o sul; mas o commandante superior, na communicação que fez á presidencia, o remetteu como simples guarda.

—Não o podia fazer, em vista do determinado no decreto n. 3371 de 7 de janeiro de 1865, que diz:

«Os guardas nacionaes que forem dados como contingentes, seguirão nos seus postos.»

—Em vista deste decreto, Belmiro requereu á presidencia, nos seguintes termos:

«Illm. e Exm. Sr. barão de S. Lourenço, presidente da provincia. – Belmiro Ferreira Leite, tendo sido designado pelo commando superior do municipio da cidade de Nazareth para marchar para o sul do imperio, como contingente do batalhão 42, do qual é 1.º sargento o supplicante, sem que fosse declarada esta clausula, e julgando o supplicante achar-se prejudicado em vista do art. 3.º do decreto n. 3371 de 7 de janeiro de 1865, vem por isso submissamente pedir á V. Ex., que em vista do exposto lhe conceda marchar no posto que occupava no referido batalhão.—Pede a V. Ex. lhe conceda a graça requerida.—E. R. M.—*Belmiro Ferreira Leite.*»

Veja agora o despacho da presidencia:

«A presidencia não designa taes postos. Palacio do governo da Bahia 9 de novembro de 1868.—*B. de S. Lourenço.*»

—*Abençoada* cachola.

Belmiro não pediu a S. Ex. para o nomear sargento, e sim que o consentisse marchar no posto que exercia no batalhão onde servia, pois não se pode prival-o de seguir como sargento.

—Tanto mais quando não se pode rebaixar o sargento senão depois de responder á um conselho, e que este lhe dê essa sentença.

—Nesta terra faz-se tudo quanto se quer; as authoridades saltam por cima das leis sem darem o menor cavaco.

—Neste caso, Belmiro segue para o sul como simples guarda, porque assim entenderam.

—E que remedio tem elle?

Curiosidades estatisticas.—Em continuação:

«*Todas* as relações, *todos* os tribunaes do commercio, *todas as justiças de primeira instancia* custam annualmente 30:360$ menos, do que a familia imperial.

«O pessoal e material da policia, a guarda nacional, o corpo militar da policia e a guarda urbana custam annualmente 45:000$ menos, do que a familia imperial

«A secretaria de estado dos negocios estrangeiros, as legações e consulados pagos ao cambio de 27, os empregados em disponibilidade, as ajudas de custo ao cambio de 27, as extraordinarias no interior e exterior, as commissões de limites e de liquidação de reclamações custam annualmente rs. 529:555$728 menos, do que a familia imperial.»

«A secretaria de estado dos negocios da marinha, o conselho naval, o quartel general da marinha, o conselho supremo militar, a contadoria, a intendencia, accessorios e conselho de compras, a auditoria e executorio, o corpo da armada e classes annexas, o batalhão naval, a companhia de invalidos, os navios desarmados, os hospitaes e pharoes custam annualmente 12:200$ menos, do que a familia imperial.»

—Veja isto:

«*Presidencia da provincia.—Expediente do dia 5.*—Ao commandante interino do 2.º districto naval.—Em vista do que me communicou a secretaria de estado dos negocios da marinha de 28 de outubro findo, faz-se preciso que Vm. me informe, qual o motivo por que não seguiu no vapor *Tocantins* o recruta Manuel dos Passos, que, segundo declarou o commandante d'aquelle vapor ao quartel-general, não chegou a embarcar.»

«*Expediente do dia 7.*—Officio ao director geral da secretaria de estado dos negocios da marinha.—Communico a V. S. que o recruta Manuel dos Passos, de que trata o seu officio de 28 de outubro findo, deixou de seguir no vapor *Tocantins* por ter sido solto por ordem desta presidencia, em consequencia de ser um guarda prompto, e ter acabado de estar aquartelado nos mezes de julho e agosto ultimos.»

—E o que ha?

—E' preciso que nos entendamos.

—Eu é que não lhe entendo.

—Pois a cabeça do S. Ex. anda tão atrapalhada, que não se lembra do que faz?

—Tantos afazeres.

—Ora viva! Eu bem sei isso como se faz.

—Quer saber, n'a deixe.

—O Sr. alferes Henriques Lopes Ferreira foi authorisado a crear uma companhia de voluntarios.

—Onde elle os vae achar?

Isso é fructa cujo tempo já passou.

—Pode ser que a influencia do homem os arraste a virem alistar-se.

—Ah, si forem *arrastados*, pode ser.

—Recebemos os *Espinhos e Amores*, poesia de E. Pinto Vieira, joven poeta, cuja morte prematura é deplorada pelos amigos das lettras.

Agradecemos a seu inconsolavel pae a offerta.

—Capitão, o seguinte pedaço do *Diario do Povo* é de summa importancia.

—Leia.

—Preste attenção.

«REPRESSÃO DO TRAFICO.

«Quem não sabe quantas humilhações significa isso nos annaes da nossa diplomacia? Lá está ainda o bil Aberdeen attestando ao mundo que foi preciso á Inglaterra quasi declarar a guerra ao Brasil, excital-o e envergonhal-o perante as nações, para forçal-o a cumprir o dever supremo de um povo christão e o dever de um governo ligado por tratado solemne, o tratado de 1829, para repudiar esse triste legado da metropole, o commercio da escravatura. Ah! si ao menos, tendo perdido o direito ás bençãos da historia por esse motivo, o governo brasileiro se houvesse recommendado por uma politica energica em relação á propria escravidão domestica! si ao menos, reprimido o trafico, verificado que nenhum perigo houve n'isso, e vendo ao contrario crescer logo depois a prosperidade publica, o governo do imperador se abalançasse a preparar (a preparar, siquer) a emancipação dos escravos! si elle resgatasse com um acto de philantropica audacia as tristes hesitações e pungentes recordações das scenas do trafico! Mas não, nem foram adoptados ligeiros projectos de lei, que, mantendo alias a escravidão, adoçavam alguns dos seus mais escandalosos rigores.

«O adiamento, esse cobarde expediente dos governos hesitantes, embaraçou tudo.

Projecto prohibindo as vendas de escravos em leilão: adiamento.

Projecto condemnando a separação de marido e mulher, de pae e filho: adiamento.

Projecto extinguindo o trafico interprovincial de escravos: adiamento.

Projecto reconhecendo no escravo o direito ao seu peculio: adiamento.

Projecto libertando os escravos da nação (ainda ha hoje escravos da nação, quando centenas d'elles morrem pelo Brasil nos pantanos do Paraguay!): adiamento.

Projecto emancipando em certo prazo os escravos das corporações religiosas: adiamento.

Projecto, finalmente, creando a taxa progressiva sobre os escravos das cidades: adiamento.

«Que! nem um só, ao menos, nem siquer o trabalho preparatorio, o esclarecimento preliminar d'essa e de tantas outras questões no Brasil, o censo da população!

«E são passados 28 annos depois que o Brasil inteiro, nas abondanças do enthusiasmo juvenil, trajava galas pela maioridade do imperante, cujo berço uma patriotica revolução cobrira com a bandeira nacional.

«Hesitar, duvidar, adiar: que sorte, que triste missão!

«.....»

Á PEDIDO.

—Eis aqui uma cousa que me parece burla.

—O que é?

«—Acto.—O barão de S. Lourenço, presidente da provincia, em attenção aos serviços prestados na guerra contra o Paraguay pelo tenente secretario do corpo de policia Jeronymo Felisberto Vieira de Cerqueira, resolve pelo presente acto nomeal-o para o posto de capitão do mesmo corpo....»

—Justiça merecida.

—Por serviços prestados na guerra, não. O capitão Felisberto, é verdade que marchou daqui, mas não chegou ao campo inimigo, voltou da Concordia, e si não, elle que o diga.

—Mas eu reconheço no capitão Felisberto merito bastante para o logar.

—E eu.

Quero apenas dizer que innumeros pretendentes, com relevantiss.mos e provados serviços, tem ahi requerido logares e sido indeferidos, e que por tanto deixemo-nos de alface que é roubo de azeite.

—Muxingueiro, uma commissão.

—Prompto a executal-a.

—Vae a S. *Joaquim* e diz ao *Lopez* de cá, que amarre a um pé de *carvalho*, em *recrea-*

tiva posição a um negociante de barriga grande, arrebentado ha muito tempo pelas tratantices que fez e agora infamemente quer dotar a progenie com bens arrematando um casal que deve a diversos, induzindo a *barriga de velludo,* sua concubina, a passar papeis, de que abusa, e pelos quaes, si não fosse em Latronopolis, estaria o tal velhaco de grilheta aos pés.

Portanto, para que não continue a ficar impune, dando largas a que venha praticar segunda vez o que fez á *sua finada*, applicarás naquella cara larga e descarada duzentas calabrotadas com toda força de teu possante braço.

—Descance, capitão, o pifio tem que se ver commigo.

—Sr. *juiz de bulha,* á sua procura andava eu.

—Neste instante cheguei de *S. Miguel.*

—Nada importa.

Ora diga-me, como é que não estando V. em exercicio, manda intimar pessoas para comparecerem em sua presença.

—Jesus! Que falsidade!

—Pois então diga-me quem escreveu isto:

«O Sr. Silivestre Feliz di Jesus tenha a bondade de comparecer neste juizo amanhã pelas 11 horas do dia Friguizia do Archanjo da Balança em Cotepagipe 19 de outubro de 1868.

Xico Roiz Lema
Juiz de bulha.»

E que diabo de orthographia é uma?

—Capitão, eu sou rustico.

—Não é rustico para usurpar o que lhe não compete.

—Capitão, desculpe-me por esta vez, que eu prometto não cahir em outra.

—Como promette, vá em paz, certo de que si transgredir terá de se haver com o muxingueiro.

—Dizem que é absolutamente prohibido a entrada de papel, penna e tinta na casa da *inquisição?*

—Apezar da *casa* ser de *trabalho,* o regulamento não prohibe a entrada de papel.

—E V. sabe si ha por alli quem tenha receio de que se bulla na panella?

—Ah, só si é isso.

—Porque, emquanto appareciam queixas contra os subalternos, não havia impedimento, mas agora que se estão pondo á calva certas cousinhas encobertas, houve interdicção para tudo que pode transmittir o pensamento.

—Engano manifesto, nada se faz que não se venha a saber.

—Como de facto, que as authoridades já estão em dia com os excessivos desmandos que vão pela tal *casa de trabalho sem liberdade.*

AO ILLM. SR. DR. JUIZ DE DIREITO ESPECIAL DO COMMERCIO.

Um negociante, em sua fallencia não apresentando relação fiel de todos os seus credores, dando com isso logar a ser feito o calculo por um inexacto balanço, em que pena incorre?

Rodrigues Nogueira Antonio.

VARIEDADES.

OBSERVAÇÕES DO VELHO SEBASTIÃO SOBRE OS DOUTORES MODERNOS OU SABIXÕES DA EPOCHA.

Rapaz, que estuda medicina, querendo ter nome de sabio, deve depois de formado ir a França, passar um ou dous annos para se untar no nariz da sapiencia, devendo trazer oculos ou luneta para indicar grande canceira de leitura. Chegado que seja a seu paiz, visitar-se com muito pouca gente, para não adquirir amisades e ver-se obrigado a curar de graça; arranjar uma mula ainda que seja emprestada, annunciar um anno seguido que cura de graça aos pobres, não acceitar chicara de chá nem doce ou cousa alguma que lhe offereçam nas casas onde curar, para não descontarem no pagamento; declarar ao publico que aprofundou seus estados sobre uma qualidade de molestia, que é para nenhum outro poder colher daquella fructa; andar sempre na rua muito apressado e dizer a todos os conhecidos que encontrar que está muito occupado.

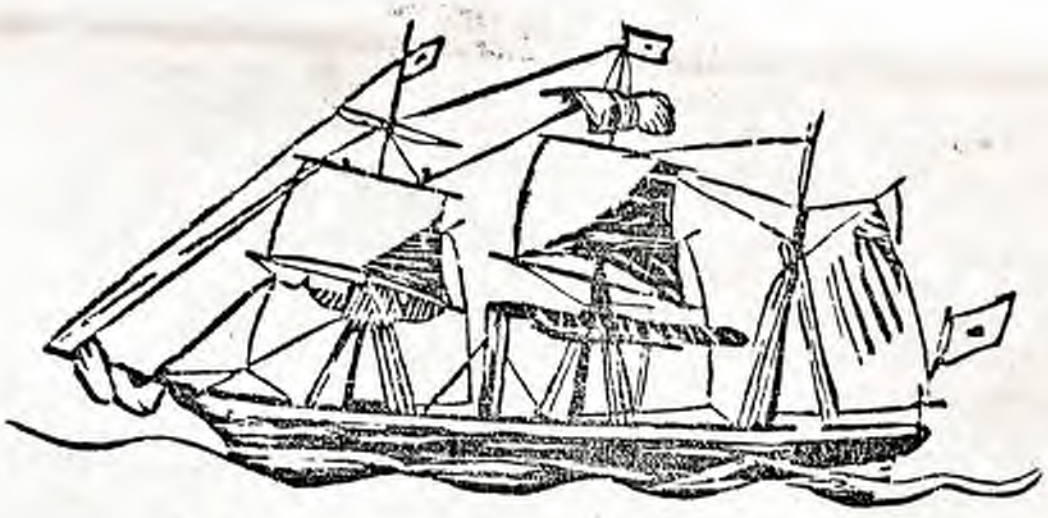
Reprovar em segredo o remedio que outro medico receitar.

HORAS DE SOBRESALTOS

Visita inesperada.
Noticia de banzé.
Toque de fogo.
Apparição de namorado.
Encontro de fraco com inimigo.
Tiros fora de hora.
Perda de chapeu novo.
Pedido de emprestimo.
Perda de demanda.

COUSAS BOAS DE CHUPAR.

Buraco de côco molle.
Favo de mel de abelha.
Laranja doce
Maracujá maduro.
Cangica quente bem feita.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 44.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 14 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 434.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de novembro de 1868.

Não houve expediente.

—Ha muito que V. não me dá noticias do sul.

—As vindas pelo *La Place*, entrado quarta feira, ja estão um pouco atrazadas.

—Não faz mal, diga o que sabe.

—Ouça o *Diario Fluminense*:

«Nas altas regiões e nas regiões do poder ministerial as nuvens que annunciam tempestade cada vez se condensam mais, e estão proximas á fazerem explosão terrivel.

«A questão da emancipação servil e a da guerra, são as causas mais formidaveis e provocadoras de explosão.

«O Sr. conselheiro Nabuco de Araujo, somos informados por fonte authorisada, sem —audiencia do ministerio e attenção ás suas vistas—depois de duas conferencias nas altas regiões,—resolveu-se á confeccionar o projecto de emancipação servil,—contrario á opinião e vontade do ministerio.

«Este—phenomeno,—que o ministerio—conhece actualmente, quer dizer que.... a —sagrada sabedoria—não está bem com os seus instrumentos.

«E não andaremos fóra de termo presupondo que o notavel Sr. conselheiro Nabuco herde ainda antes do fim do anno a direcção do poder.

«Quanto á guerra, de larga—conferencia—que teve hontem o Sr. ministro da guerra com as regiões de cima, resultou sahir S. Ex. por si e seus collegas—gravemente desanimado.

»Parece que é fóra de duvida ter trazido o transporte *Santa Cruz*, entrado ante-hontem, desagradaveis noticias quanto aos effeitos da —desharmonia que reina—entre o generalissimo e os dous distinctos generaes Osorio e Argollo, facto que compromette a esperada terminação da guerra á sombra dos planos do invicto tão preconisado.

«A' proposito da proxima e inesperada volta da augusta princeza imperial á capital do imperio, consta-nos que na provincia de Minas, por toda a parte o Sr. conde d'Eu ia conquistando largas sympathias e dedicações, *pessoaes*!

«Acaso quanto dizemos será effeito de—molestia de espirito?»

—Agora da guerra, o que ha?

—Diz o *Diario do Povo*:

Nada de novo, como de costume. O *Arno*, entrado hontem, deixou os povos do Rio da Prata na mesma especlativa, em que todos estamos ha dous annos. A guerra continúa em paz.

Escrevem de Palmas, em data de 15 de outubro, á *Tribuna* de Montevidéo:

«Depois que dirigi-lhe a minha ultima, nada tem occorrido que nos permitta esperar sahirmos do

pressa d'este logar. Pelo contrario, começou-se á construir ranchos. Já sabe o que isto significa: vamos a estacionar aqui por um tempo indeterminado, até que Lopez por si proprio resolva o que se hade fazer.

«Sempre o mesmo plano! Jamais tomamos a iniciativa, nem mesmo quando avançamos. Espera-se sempre que o inimigo nos ataque, para se ver o que se ha de fazer, segundo o resultado que o ataque tenha.

«Isto nos traz muito aborrecidos, e com razão, pois uma campanha tão maldicta como esta, é capaz de alquebrar os animos mais resolutos. Estamos já no quarto anno, e o peior é que ainda não se vê o termo d'isto »

A *Tribuna* de Buenos-Ayres, que é hoje a folha official do governo argentino, diz no dia 27:

«Parece que o general Gelly, em um conselho de generaes, opinou que se desse um ataque prompto ao inimigo. O marquez de Caxias não julgou isso prudente. A *prudencia* é uma sciencia de primeira ordem! Por emquanto, estamos vendo que a guerra não acaba tão depressa como se disse depois da tomada de Humaytá.»

«A *Tribuna* tem razão O commercio do Rio de Janeiro já o entendeu assim; o cambio baixa e o valor do ouro sóbe.

«Todos vêem adiante de si uma guerra dos trinta annos!»

—Capitão, os factos praticados no hospital de charidade desmentem as preconisadas virtudes das filhas de S. Vicente de Paula.

Apregoam-se de desinteressadas, por calculo.

Affectam humildade, por fingimento.

Inculcam resignação, por simulação.

—V. parece que está prevenido.

—E' engano, capitão.

Eu o que não sei é o que é charidade com restricções.

O que não posso é comprehender como umas mulheres que tem por dever ser indulgentes com os desgraçados, acodir ao proximo nas afflicções, procurar com paciencia metigar-lhes os soffrimentos, que dizem ser a imagem da resignação, da humildade e da abnegação, se apresentam soberbas, orgulhosas, intolerantes.

Não quero que digam que estou declamando. Passo a realidade dos factos que fallam mais alto que tudo isso.

A irman de charidade Maria, da enfermaria de S. Fernando, no dia 8 do corrente, deixou deshumanamente, sem comer, o preto Sansão, escravo do Sr. José Brandão, que a 19 ou 20 dias soffreu a ablação do penis, e que tem tido depois disso diversos abscessos.

Esse infeliz nenhuma falta commetteu, porque, desde o dia em que soffreu a operação ainda não se levantou do leito.

E são estas compassivas e charidosas senhoras que andam cobertas de rosarios e commungam todas as manhans, que praticam actos destes!

Occupa o leito n.º 36 da mesma enfermaria o doente de nome Guilherme, que é completamente cego do olho direito e com o esquerdo pouco vê, por estar soffrendo de uma *conjunctivite*. Um dia pediu a um companheiro para saccudir-lhe e estender de novo o lençol da cama.

Encontrando a irman a cama feita, quiz impor ao medico que lhe desse alta, dizendo que elle ja tinha recobrado a vista, tanto que poude fazer a cama; recusando-se a isso o medico, a irman tornou-se enraivecida e em seus assomos taxou o moço de preguiçoso.

Na noite de 11 foi conduzida ao hospital uma mulher, que esvahia-se em sangue, accompanhada de uma creança. Levava attestado do subdelegado da Conceição da Praia como prova de que era desvallida.

As irmans não quizeram recebel a, a pretexto de não apresentar carta de liberdade.

O subdelegado da Sé compareceu e ellas disseram que não podiam receber libertas, sem que apresentassem a carta de alforria.

—Então o attestado que valor tinha?

—Por fim, deliberaram-se a receber a enferma, porem, depois que a authoridade retirou-se, a mulher continuou a permanecer sobre um banco a entrada do hospital.

Falleceu, ha pouco, um doente e, como de costume, foi levado para o deposito pelas loucas.

No caminho largou o fundo o velho e podre caixão e o cadaver cahiu sobre o chão. A irman que accompanhava, accesa em ira, esbofeteou os pobres mentecaptos, como se elles fossem culpados de semelhante incidente.

(*Continúa*).

—Faz favor de me explicar esta mixordia?

—Algum disproposito de sua cachola?

—Si é desproposito, não é meu.

—Emfim, diga.

—Como é que o presidente diz n'um dia que não se façam mais officiaes para a guarda naciocal da capital até a reorganisação della e no outro nomeia-os para um batalhão?

—V. está doudo?

—Doudo....eu?

—Vem me fazer uma pergunta destas!

—Aos incredulos eu convenço assim:

«*Expediente do dia 6.*—Officio ao general commandante superior da capital.—Devolvendo a proposta inclusa, que veio annexa ao seu officio de 5 do corrente para preenchimento da vaga do alferes porta-bandeira do 7.º batalhão, declaro a V. Ex. *que as propos-*

tas para preenchimento de vagas nos corpos da guarda nocional sob seu commando devem ser suspensas até a reorganisação da referida guarda.»

«Por acto de 11 fizeram-se as nomeações seguintes para preenchimento das vagas existentes no 8º batalhão da guarda nacional deste municipio:

«.....

7.ª companhia—Para alferes, o sargento Salustiano Gonzaga da Purificação.»

—Na verdade, por este mundo anda muita gente, cuja falta sentem os hospicios de alienados.

Estou a lhe dizer que a cousa não é comsigo, e V. a repisar.

—Uns com tanto e outros sem nada!

—Até ahi morreu o Neves.

—Em quanto na Bahia faz-se preces ao Altissimo, implorando-lhe que faça cahir a chuva, em Portugal, na cidade de Braga, pede-se a Deus a cessação della!

—Arcanos da Providencia! Si não fosse assim o mundo não era mundo.

Á PEDIDO.

—Lê-se na *Opinião Liberal:*

« Bravura aproveitada.—Remettem-nos esta importante noticia:

«Passa como certo nas altas regiões, que o governo hespanhol sollicitou do Brasil não só o engajamento do marquez de Caxias, para generalissimo dos exercitos defensores do governo hespanhol, devendo partir quanto antes; mas tambem o do Sr. Inhaúma, seguindo com os navios hespanhoes surtos no nosso porto a bater o almirante Topete.»

—Vejam que stulta fatuidade.

Na quarta feira, por occasião de uma desordem no Largo do Theatro, sobresahia a voz de um bem conhecido *Lino*.... nos seguintes termas—« *negro!... negro!... amanhan quando sahires da correcção te ensino.*» Palavras estas dirigidas a um moço de cor parda.

—Estes brancos da terra não se reprimem em sua vaidade tolla.

Depois fazem as mães andarem pela casa do chefe de policia, como acconteceu na chefatura do Sr. Dr. Franklin Dorea.

—Arbitrariedades e mais arbitrariedades!

Um homem, quando vae descansar do laborioso trabalho de um dia é agarrado pelos esbirros da policia sem commetter crime.

—Admira-se de pouco.

—O Sr. Vicente Rangel, caixeiro de uma taverna ao Caminho Novo, fechava a venda, hontem ás 9 horas da noite em ponto, quando se vê cercado e preso por um capitão de policia, que ficou de posse das chaves da casa de negocio.

—E' portanto responsavel por ella.

—Mas em que terra estamos? Como é que se assalta assim a liberdade individual?

Se Vicente tem crime, porque não o prenderam estando elle em uma taverna, o logar mais publico do mundo, e esperam que feche a venda para o accomettterem e ficarem-lhe com as chaves?

—Homem, V. é que está se accusando, tudo vae muito bem; quanto peior, melhor.

—E quem pagará os prejuizos do dono da venda, o qual até hoje vê sua venda feixada por falta das chaves.

—Onde encontrou V. este ralé?

—N'uma taverna, bebado como uma cabra.

—E' seu estado normal.

—Para se differençar dos animaes de carga, traz as cangalhas sobre a deslavada cara de mamão ensuado, quando aquelles as trazem no dorso.

—Refinadissimo tratante, velhaco sem pudor, caloteiro de um dardo, caboleté dos seiscentos, ainda te nomeias por *Francisco?*

—Mudei o nome para *Emideo Vacellar*, para ver se assim me livro da multidão de credores, que me persegue.

—E' trêta de todo trampolina, ardil de todo ladrão.

E nem te vale andares na rua em desfilada como um cavallo á galope.

—E' estudo que fiz de andar apressado, fingindo muitos affazeres para não ser importunado por essa praga maldicta de credores.

—A quem caloteias descaradamente.

—Capitão, não ha venda ou botequim nesta cidade, onde este rebutalho, não tenha caloteado despejadamente.

—Entes degenerados como este só vieram ao mundo para vergonha do genero humano.

E's o rebutalho da natureza, a escoria da sociedade, a antithese do brio e do pudor!

Com tua lingua viperina insultas a sociedade, depões da honestidade das familias e assassinas a probidade!

Inculcado fabricante de *folles com canudos* e afinador de instrumento que quando toca *pia no* insaciavel ardor de roubar, quebras as peças dos instrumentos, quando entras em casas onde os ha, para que assim te deem o que fazer.

Vaes ás casas de orações e roubas os canudos dos *folles*, para assim te darem concerto.

Ha vendas onde deves 20$ e 30$ rs. de vinho e genebra.

Exemplo: ás do Vieira ao Maciel, e do Esteves ao Aljube.

Vê, pois, si, com tão excellentes predicados, tens ou não direito ás caricias do muxingueiro.

—Capitão, aqui estou.

—Novidade?

—Não deixa de ser.

—Sente-se e falle.

—Conversavam hontem na praça dous figurões á respeito da politica actual e um delles tratava da surpreendente demissão do subdelegado do *Cotepagipe*, homem que trabalhou na recente eleição com toda a dedicação e a quem deve o governo naquella freguezia o triumpho que obteve.

—Meu charo, o pão comido é logo esquecido.

Mas a que pretexto foi demittido?

—Engendraram uma falsidade em desabono do credito do offendido. Tiveram o arrojo de dizer que elle tinha um processo; mas não se animaram a dizer onde, nem qual era.

—Eu comprehendo.

Quando se quer accommodar um afilhado, lança-se mão de qualquer meio.

—Gosto de V. Ex. porque me entende.

Certo meninorio, que foi á *cidade sem fim* aprender a dizer missa, e que, por seu comportamento, ficou de pensão suspensa.

—Dê por ahi.

—Depois de andar vagando mundo, dando por paus e por pedras, deu aqui á reboque, intitulando-se de doutor em sciencia philosophica e *in utroque jure*.

—Então foi esse o feliz?

—Sim, Sr. E vae na subdelegacia fazendo cousas do arco da velha.

O ex-subdelegado, logo que teve sciencia da sua demissão, remetteu ao chefe de policia o ordenança á seu cargo com um officio. O tal Dr. *in utroque jure*, mandou chamar o soldado em caminho, apoderou-se do officio, leu-o e devolveu-o pelo mesmo soldado ao demittido!

—Isso é novo! Estaria authorisado para tanto?

—E' o que ainda ignoro.

—Eu faço outro juizo do criterio do chefe; é impossivel que tal abuso fosse com seu consentimento.

—E eu como estou na duvida, desejava achar quem me esclarecesse.

APOLOGO

O LEÃO DECRETANDO.

Por decreto do leão,
Certo dia,
Bicharia,
Se juntava.
P'ra tratar d'uma eleição.

Entre os muitos candidatos
Mono astuto
Dissoluto,
Mais imposto,
Tornou os taes brutos coactos.

Não voto neste, dizia,
Um da roda,
Que da moda,
Da politica,
Tratantadas não sabia.

O sussurro ao rei chegou
Que sabendo.
E querendo
Proteger,
Novo decreto lavrou:

« Para evitar doestos,
« Emmanados,
« Escoltados,
« Sigam todos,
« Conduzidos por cabrestos. »

W.

MOTTE.

Quando a ausencia solta as velas.
O amor fica chorando.

GLOSA

Sahe por portas e janellas
Da sympathia o carinho,
Vae como um passarinho
Quando a ausencia solta as velas,
Do prazer vão-se horas bellas,
Vae toda scena mudando,
As glorias vão se acabando
Reduz-se tudo a desmancho,
Saudade acompanha o rancho
O amor fica chorando.

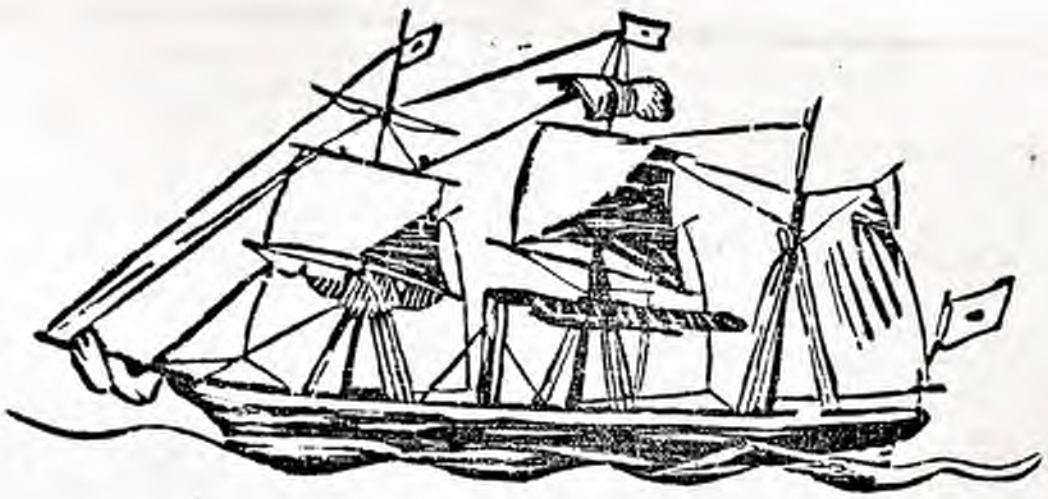
ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Como não comparecesse numero sufficiente de Srs. socios, no domingo 8 do corrente, de novo convido-os para reunirem-se em assemble geral no domingo 15, ás 11 horas do dia. Bahia 12 de novembro de 1868.—*Aristides Ricardo*, 1.º secretario.

Na Barroquinha n. 6 precisa-se de uma ama.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Serie 44.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 15 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 433.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de novembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, recommendando-lhe a observancia do art. 25 do decreto n. 828 de 29 de setembro de 1851, em relação á irman de charidade Josephina, que exerce a pharmacia sem habilitação legal.

—Ao Illm. Sr. director geral dos estudos, pedindo-lhe esclarecimento sobre os motivos que deram causa a que estivesse fechada dez dias a aula publica de meninas da freguezia de Santo Antonio.

—Capitão, a minestra não foi má.

—Do que falla V.?

—Disseram que a guerra estava para se acabar, nomearam commissões que andaram pelas ruas a tomar dinheiro do povo para festejos, houve commissão que tirou mais de 8:000$ rs....

—E o que mais é, que ninguem sabe dizer taes dinheiros que rumo levaram.

—Entretanto, que lá se vão bons tres mezes depois dessa palhaçada e a guerra continua no mesmo pé!

—E o recrutamento ahi está com todo seu cortejo de arbitrariedades. As levas de contingentes continuam dando azo a quanta violencia ha.

Um commandante de batalhão, por exemplo, manda para o contingente um guarda que, tendo sido preso, não lhe foi agradecer a soltura e isso depois de reprehendel-o asperamente em publico, chamando-o de mal educado.

—Só nesta terra se zomba tão impunemente da opinião publica!

Usurpa-se o dinheiro do povo com subterfugios e n'outro dia arranca-se-lhe desapiedadamente os filhos!

—Si ao menos restituissem o dinheiro que embeçaram.....

—Capitão, aqui estou eu ás voltas com a santa casa.

—Homem, isso já está parecendo massada.

—Mas são tantos os desmandos!

—Emfim, vá la.

—Não ignora V. Ex. que o regulamento de hygiene prohibe ter botica a quem não for professional, o que quer dizer que quem não fôr pharmaceutico não pode manipular remedios.

—Sei disso.

—Pois bem; as irmans de charidade, para *economisar*.....

—Em proveito dellas.

—Creio que sim.

Mas como dizia, as irmans de charidade, arvoraram-se em boticarias e ellas mesmas aviam as receitas.

—Si os entendidos estão se enganando todos os dias, quanto mais ellas.

—Porem isso tem de durar apenas emquanto chega um boticario europeu que mandaram buscar na França.

—Muito bem! Querem reduzir esta terra ao *estrangeirismo!*

—A tyrannia para com os doentes chega ao ponto de mandarem fechar á noite o registro do chafariz, distribuindo por cada enfermo um pequeno caneco d'agoa, de maneira que as soffredoras creaturas ficam reduzidas ás condições de papagaio por uma noite inteira.

O menino Ludgero entrou para a enfermaria de S. Fernando com uma perna inchada e deram-lhe um leito ao pé de um doente, que o medico tinha separado dos mais pelo insupportavel cheiro que exhalava d'uma ferida.

O menino reclamou ao facultativo, que o mandou tirar d'alli; as irmans porem não toleram que n'aquella casa se vá contra suas ordens e recambiaram o pobresinho para o pé do feridento.

N'outro dia, o facultativo mandou de novo separal o, o que foi um mal para o infeliz Ludgero, que immediatamente foi enxotado do hospital da casa da *santa* misericordia, sem curar-se.

O mesmo succedeu a semana passada a um sentenciado, o qual foi sem remissão, nem aggravo, removido para a casa de prisão com trabalho, porque queixou-se do immundo fetido que exhala o chiqueiro de porcos, situado ao pé da enfermaria de S. João.

—E não ha forças humanas que acabem com essa prejudicial creação de porcos!

—Para que?

Ainda no domingo as pudicas senhoras assistiram a castração de 7 leitões.

(*Continúa.*)

—Certos dias parecem de mau agouro.

Hoje, 9, é um delles.

Na Praça, vejo uma multidão, indago o que é, e sei que um homem morreu repentinamente nas escadinhas da camara.

Chego á rua Direita, e encontro uma marqueza carregada por quatro homens e nella um cadaver conduzido ao hospital.

Safa! Dous encontros destes acabrunham o spirito mais gallhofeiro.

—Nas Portas do Carmo tambem eu encontrei a padiola conduzindo um moribundo.

—Tantos casos destes n'um dia, não é nada lisongeiro para a salubridade publica.

—Appareceu uma criança em palacio.

—V. viu?

—Não, contaram-me.

—Ora contos!

—Disseram-me que a mulher de um recrutado, indo reclamar justiça e não a obtendo, aproveitou a hora em que o sargento de ordens não estava e la deixou o filhinho.

—Assim pode ser; porque para se attribuir a alguma travessura de rapaz, o homem está muito babaquara.

—Eu entendo que si ella assim fez, obrou muito bem: quem come a carne rôa os ossos.

—Capitão, não ha segurança individual.

—Que quer que lhe faça?

—Parece que vivemos nas brenhas!

Espanca-se publicamente e os delinquentes ficam impunes alardeando!

—E o que mais é, recorre-se ás authoridades e não se encontra protecção.

—Justamente.

Um dia destes foi espancado atrozmente na Baixa dos Sapateiros Romão da Silva Pereira, homem aleijado de uma mão.

Dous carniceiros o seguraram em quanto um Sr. Mello o espancou á vontade.

O paciente está gravemente offendido.

—E' crueldade dar em um homem impossibilitado de defender-se.

—As providencias á respeito ficaram no tinteiro.

Um voluntario da patria foi tambem arroxado de pau na Baixa dos Sapateiros por um individuo, que quebrou-lhe a cabeça em dous logares.

Desta vez o aggressor foi preso, mais no outro dia estava na rua.

No dia 9, ás 4 horas da tarde, Francisco Borges de Barros, morador ao Bom gosto, dirigiu-se ás obras da companhia de Vehiculos para receber certa quantia de que lhe era devedor Ponciano de tal, e que lhe promettera pagar no sabbado.

Em altercação o devedor com o credor, por não ser pago, ordenou o italiano Pedro, mestre da obra, a Borges que se retirasse, o qual afastou-se para um lado da rua a espera de Ponciano. Depois de uma contenda em que o italiano queria que Borges se retirasse e este sustentava que sendo a rua publica não o podiam obrigar a sahir, o italiano conhecido por *Pinguinho* aggarrou-o, em quanto Pedro com uma pá lançou-se sobre elle furioso e fez-lhe uma enorme brecha na cabeça, além de bater-lhe com sanha de cannibal.

Lavado em sangue, recorreu Borges ao subdelegado, que lhe aconselhou que fosse ao delegado.

Chegando o queixoso á presença do Sr. delegado, este lhe disse que nada podia fazer, por que os aggressores eram estrangeiros e não serviam para recrutas!...

—Borges observou ao Sr. Dr. delegado que era artista e pobre, sem meios para proceder judicialmente; e por isso implorava a protecção das authoridades, mas o digno magistrado disse que não tinha attribuições para tanto!

—Quando se quer, faz-se tudo. Agora mesmo commetteu-se um attentado contra a vida do Dr. Pedro Moniz e o chefe de policia embarcou logo e logo e prendeu a diversos cidadãos por suspeitas.

—A posição dos dous differe muito.

—Mas, supponha que Borges morre ou vem a morrer da contusão?

Supponha ainda que não encontrando o desagravo da lei da parte de quem a deve executar, vae para casa, toma uma resolução desesperada e commette uma violencia em justa vindicta?

—Ah, nesse caso será elle o punido.

—Entenda-se a justiça desta terra!

—Ahi está o que é a policia desta terra!

—Espalhafato, patacoada e babuzeira.

—Ora tivesse eu um filho ou um escravo, para vel o assim espancado por um soldado!

—Os moleques commettem quanta diabrura ha; atiram pedras da rampa do theatro abaixo, esgalham as arvores plantadas nas praças, perseguem os mendigos, cosem as caponas das velhas, quebram as vidraças das egrejas, praticam immoralidades pelas ruas, e a policia não se faz sentir.

—Aquelles dous guardas, que se dizem policiando a freguezia da Sé, ás 4 horas da tarde de hoje 9, agarram um menino, suspendem-no cruelmente pelas orelhas e dão-lhe como se fôra um faccinora!

—E a alguem que lhes extranha o procedimento, dizem bruscamente que é por ordem do chefe de policia.

—O chefe vae la authorisar tamanho desproposito!

—E querem logo prender, dizendo que se está fazendo opposição!

Um delles, por muito favor, diz que quem for prejudicado va se entender com o chefe.

—Bem se diz que os soldados de policia são os primeiros a crear conflictos.

—Que diabo de trapalhada é uma que anda ahi?

—A respeito?

—Da venda de uma mulher livre.

—E' um jogo de empurra que eu não sei entender.

Envolvidos na rascada são o Manuel Bolaxão, o João Americo Gomes, Generoza de tal e outros.

—Que meninorios!

—Pelo que me dizem, a cousa é simples: a mulher ficou coarctada em sua liberdade, a amasia do Bolaxão deu procuração a este para vendel-a.

—Não é tão simples como V. diz.

Esses negocios de liberdade individual devem ser muito esmerilhados; ha muita cousa por ahi.

—Em resultado parece que o comprador é quem ha de perder no joguinho.

—Compareceu hontem perante o juizo municipal da 3.ª vara o edictor do *Diario da Bahia*, chamado pelos Srs. Morgan para apresentação do authographo de um artigo publicado n'essa folha contra elles.

O edictor apresentou a responsabelidade do author do escripto.

O advogado da parte declarou que aceitava a responsabelidade, mas que o seu constituinte desistia da acção, por não ser o individuo que estava assignado na mencionada responsabelidade o verdadeiro author e sim outro; que via-se ali *um miseravel testa de ferro; um desgraçado, que assigna tudo quanto é correspondencia e artigo diffamatorios, que aqui se publicam*.

—E o que disse o juiz, a isso?

—Nada.

—Pois eu entendo que não devia consentir que o advogado injuriasse assim o cidadão, que estava assignado na responsabilidade, como author do escripto publicado no *Diario* contra os Srs. Morgan.

O author do escripto tem tambem agora o direito salvo de chamal o aos tribunaes para provar que elle é um *miseravel testa de ferro, um desgraçado!*

—O boi sabe onde fura a cerca.

Á PEDIDO.

Guedes virou a casaca,
Transigiu a consciencia,
Mercadejou o pudor
No balcão da impudencia.

Cabral andava faminto
Em busca d'uma migalha;
Certo freguez ja antigo
Jogou-lhe um pouco de palha.

Enche a barriga *Domingos*,
Que a têta é de engordar,

Serve a teus novos senhores,
E vae mamando a fartar.

Mas, pela pancada certa
Desde ja deve esperar,
Quem hoje lhe mata a fome
Quando não tiver p'ra dar.

—O tribunal do commercio, em sessão de hontem, confirmou a sentença de appellação em favor de Jacintho José David contra João Antonio Mourão.

—Resta agora averiguar a questão de *dignidade provada* do Sr. Mourão em que fica.

Pede-se ao Sr. *Silva*, que por *S. Gregorio*, vá pagar o que deve na venda *Primavera*, para o não considerarem tão caloteiro como é o *Mangabeira*.

Chama-se a attenção das autoridades policiaes para uma casa de jogo, pertencente á um celeberrimo Mello, á rua d'Ajuda.

—Capitão, o governo porque não publica seus actos?

—Eu é que lhe hei de responder?

—Desde o dia 26 de outubro deu-se um facto que até hoje está em mysterio.

—O que foi?

—A demissão de um subdelegado, dos que mais se distinguiram na ultima campanha eleitoral.

—De que logar?

—Do 2.º districto da freguezia do *Archanjo da Balança* em *Cotipigipe*.

—Então ahi ha cousa. Sem duvida algum menino bonito que se quer encontrar.

Quem foi o successor?

—Um tal Dr. brasileiro atoleimado, chegado da *Estrunja*, ha dous para tres mezes, e que dizem volta para casar-se com trinta contos de dote.

—E o que veio cá fazer?

—Arranjar um diploma de subdelegado para inculcar que é alguma cousa em sua terra.

—Fatuidade, stultice.

—Isso é que é de veras.

Tanto assim que se assigna em cartas que *li no Justiniano* por *Almeida Par de chicara*, doutor formado em sciencias philosophicas e em extroque juri.

—Quanta cousa!

—Isso porem não admira, que eu sei como se arranjam certas batatas, com a mesma facilidade com que se sella um burro.

—Ao menos o titulo vale bem uma subdelegacia.

—Qual; a cousa, segundo dizem, é tangida pela protecção de um titular.

—Seja como fôr, o caso é que quem tem na mão é seu dono.

VARIEDADES.

MINHA CARTEIRA.

Minha carteira! Como é triste ver-te,
Assim tão magra em tal melancholia,
Como tristonha a recordar os dias
Do principio do mez, quando eu t'enchia!

Eu não sei o que tenho! te amo tanto,
Que ao contemplar-te assim a meditar,
Tambem sinto tristeza tal que a custo,
Te encaro com receio de chorar.

Entre nós dous existe um *que* secreto,
Que nos identifica em sentimentos.
Se estás cheia, me sinto venturoso,
Que só tenho gigantescos pensamentos.

Nada me falta. Bom sorvete .. Vinho,
Charutos... tudo .. tudo á bocca cheia.
Ouvindo a prata responder sonora
A cada um anhelo meu, a cada ideia.

Mas s'estás tu murchinha... Oh' q' desgraça.
Tambem murcho me fica o coração,
Se passo pelo *Freitas*, se palpito,
Não me responde a pratasinha, não.

Ao ver os charutos do Ludovico,
Castanhos quaes cabellos de donzella,
Não os posso tornar em alva cinza
Nem mandar minhas nuvens da janella.

Vinho. , nem sombras, a garrafa exangue,
Fria e sem alma róla pelo canto,
Tudo parece soffre a quebradeira
E tudo chora pesaroso pranto.

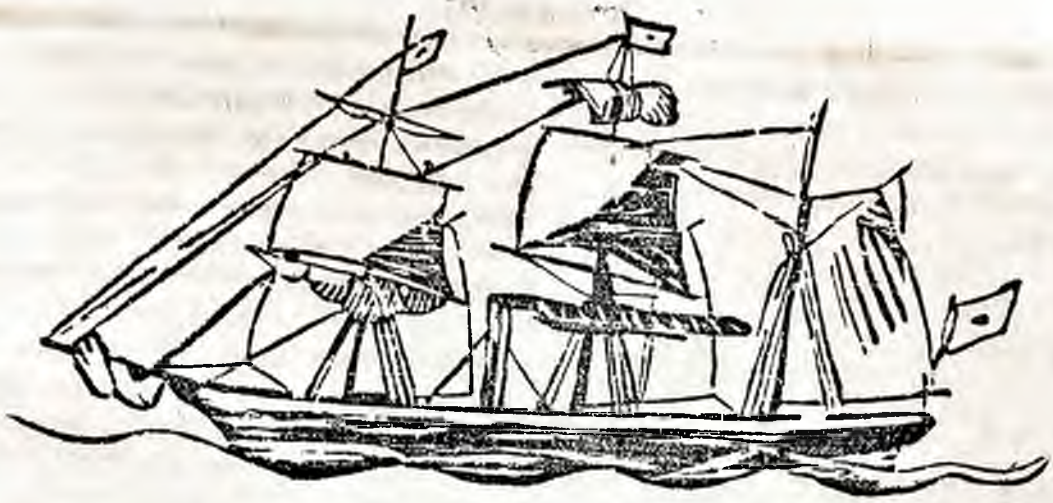
O que nos vale n'este transe horrivel
E' que vae se chegando o fim do mez,
E o frio inverno da pobreza em breve
Fugirá de nós dois ind'uma vez.

O' prasa a Deus que este vapor bem vindo,
A nós nos traga o divinal dinheiro,
E que o outomno de agosto vivique
O que fez este inverno tão bregeiro

D. M. F.

COUSAS DE ARRIPIAR.

Inimigo pela frente.
Sangue derramado.
Banho de agoa fria.
Sonho com defunto.
Noticia de guerra.
Gemidos foras de horas.
Dores nas canellas.
Beijos as escondidas.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 44.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 17 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 435.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de novembro de 1868.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo sua attenção para uma propriedade que se está demolindo para reedificar, na rua dos Ourives, segundo consta-nos, cujo proprietario não pretende levantal-a no novo alinhamento e sim no antigo.

Espera-se que se expeçam as providencias necessarias, em vista do que acima fica dito.

(No mesmo sentido ao Illm. Sr. Dr. engenheiro da municipalidade.)

—Ao Illm. Sr. provedor da casa da misericordia, pedindo-lhe providencias contra o inqualificavel procedimento das irmans de charidade, prohibindo a entrada de certas pessoas no hospital, nos dias em que e ella franqueado á visita pela meza, suspeita de que essas pessoas vão ali colher informações á respeito dos abusos por ellas praticados.

Pede-se, portanto, a S. S. preventivas medidas, afim do que quem tem ali um amigo ou parente não fique privado de vel-o por um vão capricho dessas senhoras, como succedeu no domingo ultimo.

—Ao Illm. Sr. encarregado da limpeza da cidade, pedindo-lhe que dê suas ordens para que seja removido o immundo esterquilinio do becco do Açouguinho, quina do Maciel de cima.

—Ao mesmo, no mesmo sentido, á respeito do becco dos Tanoeiros.

—Equidade presidencial.

Lucinda Maria da Cruz, requerendo praso para provar a isenção de seu filho de nome Bernardino José de Senna.—Não tem logar.»

«Rosendo Gomes de Araujo Braga, guarda do batalhão n.º 12 do municipio de Cachoeira, recrutado para o exercito, pedindo praso para justificar sua isenção.—Prove independente de praso marcado.»

—Pantomimas de politica de artimanha.

—Meu charo, a uns morrem ás vaccas e a outros parem os bois.

—Quando se acabará com o triste espectaculo de presenciar-se os mendigos a morrerem pelas ruas desta terra eminentemente charitativa?

—V. acredita na vinda do rei D. Sebastião?

—Não venha com zombarias, que o caso não é para isso.

—Mas o que quer que lhe faça?

—Quem é que não se contrista ao ver esta pobre mulher na portaria de S. Francisco, nas ancias da morte, suffocada em sangue!...

Ha dinheiro para tudo, menos para uma casa onde as desvallidas tenham abrigo!

—E houve uma alma philantropica que deixou 80:000$ rs. para um asylo.

—E faz-se beneficios no theatro com este fim!

—Mas os indigentes continuam amontoados pelos adros das egrejas e ahi morrem como animaes no campo!

—Felizmente, graças ao subdelegado da Sé, ahi vem a padiola para levar a moribunda ao hospital.

—Explica-me uma cousa?

—Se souber.

—O guarda nacional, mudando de domicilio, fica pertencendo ao corpo onde residia?

—Emquanto não obtiver guia de passagem.

—Embora sente praça em outro corpo?

—Que duvida. O aviso do ministerio da justiça de 15 de junho de 1860 assim determina.

—Mais o presidente não pensa assim.

—Ora! O presidente faz o que entende.

—Veja este acto delle.

« *4. secção.*—Officio ao barão do Rio de Contas, commandante superior da guarda nacional do municipio da villa de S. Francisco.—Em resposta ao officio de V. Ex. datado de 28 de outubro p. p. cobrindo em que o commandante interino do batalhão n. 28 sob seu commando solicita que seja incluido no contingente que lhe foi marcado o guarda nacional José Tranquilino da Costa, o qual, sem licença nem guia de passagem, se acha aquartelado como praça do 8.º batalhão, tenho de declarar a V. Ex. que esse guarda está mudado ha mais de anno, tem praça n'este ultimo corpo, e por tanto com elle aquartelou; que n'estas circumstancias e de accordo com as ordens d'esta presidencia não pode ser dado como contingente por conta de um batalhão a que mais não pertence.....»

—E disse está dito.

—Ora me deixe. Si fosse eu haviam logo de dizer que estava dando por paus e por pedras.

—Capitão, responda-me.

—V. hoje está curioso de mais!

—A policia, cuja verba secreta dá para comprar typographias, que paga a quem a elogie, porque não tem um medico seu, para quando precisa?

—Va indagar dos pastores.

—Está direito! Esbanja-se o suor do povo em futilidades, cujo proveito é a favor de meia duzia e para o necessario não ha!

Entretanto ainda um dia destes morreu no hospital uma mulher, cujo fallecimento suspeitava-se que fosse causado por espancamento.

O cadaver esteve insepulto dous dias e não houve quem se quizesse prestar a fazer a autopsia.

E a policia ficou em jejum, se com effeito houve crime ou não.

—Ora não vale a penna; a policia tem outras cousas de magno interesse em que se occupe.

—E o dinheiro, que hade se pagar a um medico, ja serve para essas cousas.

—Como de facto.

—Capitão, pelo geito com que vão as cousas, breve os artistas typographos vem-se na necessidade de abandonarem seus empregos e irem tocar leques com bandurra.

—Os que não tiverem vontade de trabalho.

—Os que não quizerem ir dar com os ossos no Paraguay.

—Suas lembranças parecem esquecimento.

—Olhe: em Cachoeira, ja recrutaram um; em Santo Amaro, pegaram o distribuidor da *Imprensa* e agora leio na *Opinião Nacional* esta noticia:

« A IMPRENSA DE S. PAULO.—Os compositores do *Ypiranga*, em S. Paulo, foram com todo o escandalo e violencia recrutados.

Consta que o Sr. conselheiro José Bonifacio e outros liberaes de egual cathegoria occupam-se em aprender a arte de typographo para serem os compositores do *Ypiranga*.

Serão tambem recrutados?

Quanto peior melhor.»

Á PEDIDO.

—Os guardas policiaes estão recebendo fardamento.

—De que anno?

—De 1868.

—E o de 1867?

—Nicles.

—E o de 1866?

—Vispora.

—Entendo; negocinhos de tollo com sabido.

—Capitão, um caso raro.

—O que é, rapaz?

—Uma mulher repudiando o marido.

—Não é cousa nova, homem.

—Esta natureza tem trocadilhos!

O sujeito que se queixe de sua sorte e brade contra a natureza que com elle não foi prodiga!

—Pobre Folô!

—Annunciou-se aqui em Latronopolis a venda de uma typographia, liberal.

Certo *personagem* vendo o annuncio, correu propondo a compra da officina, para unir a uma que tem, e ajustou por um conto e quinhentos mil réis a dita compra, pedindo, porem, espera ao dono até que se podesse arranjar a referida quantia, disse elle, do dinheiro destinado para as despezas secretas da policia.

—No tempo dos progressistas um redactor que a pouco se *anonymisou* em vista da sua *neutralidade*, recebia do dinheiro destinado para as despezas secretas da policia, até ha quem diga que era a quantia de cem mil réis, que a policia dava-lhe mensalmente; hoje, além de se tirar dessa verba, cujo fim é mui diverso do que dão para sustentar ao homem *neutralisado e anonymisado speculatorum*, dá-se ainda para compra de typographia e outras asneiras semelhantes.

—Ainda isso não é nada!

O que admira é a semcerimonia com que dizem que são feitas estas negociações, com o dinheiro destinado para as despezas secretas da policia!

—E não é isto um esbanjamento?

—O certo é que ha dinheiro para estas patifarias e não o ha para cousas de mais necessidade.

—Não ha nada de mais necessidade que sustentar a *gana neutra* de um *cascudo cabungo*, ou de outros da especie delle.

—Ainda que se ande com um *brandão* acceso não se encontra um homem que não queira encher as algibeiras a fartar, o ponto é que o passa fazer!

—E o povo é que ha de pagar as *favas*, que o asno come.

ILLM. SR. SUBDELEGADO DA SÉ.

V. S., que vae dando incontestaveis provas de reconhecida energia, lance suas vistas para uma espelunca á rua d'Ajuda, capitaneada pelo famigerado Mello, já por demais conhecido na arte jogatinal.

Tupi-bambá.

Por acto de 6 foi nomeado para capitão dos *urbanos* Monsieur *Elixir ante-siphlytico*, pelos serviços que prestou como *professor de primeiras lettras* em Corrientes, durante a guerra do Paraguay, com a condição de deixar a caixeiria do *Caldeirão* 37.

—Venho contar-lhe um facto digno de attenção.

—Vamos lá com isso.

—Existe n'uma repartição de *obras particulares* um celebre agiota, ou por melhor dizer um cynico usurario que emprega os vintens, que mal e indevidamente ganha, em dal-os á premio de 10 e 20 % ao mez.

Ha em certa repartição um honrado moço, que responsabilisou-se por um seu collega na quantia de 10$ rs.; aconteceu, porem, que este, faltando com o pagamento por dous ou tres mezes, áquelle agiota, vendo-se no desembolço, obrigou ao dito moço a passar-lhe um fica da dita quantia, o que fez elle, convencionando-se para pagar-lhe em duas prestações, uma vez que era pobre e não podia, do pouco vencimento que tem, dar-lhe de uma só vez, ao que accedeu; ficando assim assentado entre elles.

No ultimo dia do mez proximo passado, o figurado devedor entregou ao Custodio, a quem tinha de dar 5$ rs. uma cedula de 10$ rs., dizendo-lhe que os outros 5$ rs. désse ao agiota, pois se achava ali presente naquella occasião; procurando o dito Custodio trocar o dinheiro e não conseguindo fazel-o de momento, prevaleceu se elle da boa fé deste, e tomando-lhe a cedula empurrou-se para sua repartição; demorando-se com o troco e sendo procurado pelo mesmo Custodio, foi com surpreza e espanto recebido por elle brutal e grosseiramente; alem de não querer entregar o dinheiro, disse-lhe quanto desaforo quiz, accrescentando que o dinheiro se achava agora em seu bolço, queria ver quem era capaz de o fazer entregar.

—Capitão, tudo isso foi presenciado por varias pessoas de consideração, que revoltaram-se com o negro procedimento do tal usurario!!! porem nada, como em cima disso injuriar e maltratar com seus costumados epithetos ao dito moço que pagava-lhe uma divida de outro!

—Insolencia!...

Grande descaração e cynismo!

Diga-me quem é esse *quidam* para ver si o conheço.

—V. Ex. deve conhecer o *Manuel* que tira *pintos* em buraco de *coelho*.

—Oh que firma! Conheço muito esse espertalhão; digo-lhe até mais que os proprios parentes enchotam-no de casa para fóra como quem tange á um cão a ponta-pé, e tão miseravel que os procura para jantar e almoçar, não fazendo assim despeza alguma comsigo, e quando a faz, mal chega esta a 5$ ou 6$ rs. mensalmente põe as mãos na cabeça, blatera na repartição como um possesso, emfim causa dó e compaixão a quem o ver.

—O viver não é nada, o saber é que é a cousa.

Muxingueiro, a cara deste insolente tratante por cinco dias na cloaca do navio, que equivalerá aos 5$ rs. usurpados ao pobre do-

Custodio pela boa fé e confiança que depositou no tal biltre.

MOTTE

De pipa tem o feitio
O coke de certa dona.

GLOZA.

E' moda que assobio
Merece da mocidade,
O coke que na verdade
De pipa tem o feitio.
Minha avó, mãe de meu tio
Tem um que é feito de lona,
Mas como a velha é pimpona,
Por mangar com ella so
Chamo—tonel—pão de ló
O coke de certa dona.

VARIEDADES.

A LANCETA E A SOVELA.

Le-se no *Correio da Europa*:

Hoje, 12, é o dia da grande batalha eleitoral no circulo 112, de Lisboa, entre o Sr. Gomes da Silva, fabricante de calçado; e o Sr. Frazão, facultativo, ambos ministeriaes.

A sovela e a lanceta postas á disposição do Sr. conde d'Avila, vão travar uma d'essas lutas renhidas dignas de memoria.

Os partidarios do Sr. Gomes da Silva, munidos do seu perfumante instrumento, *fur amrefuram* de porta em porta, dando ás *solas* pelas ruas do circulo, a *ponto* de rebentarem os *elasticos* e perdam os *tacões*. *Massa* a paciencia dos leitores as instancias da turba que *vira* e *revira* de um lado para o outro, ora dispendendo um grande *cabedal* para comprar votos, ora estendendo o *fio* de uma grande arenga para convencer os cidadãos, e arrancar-lhes as listas do oppositor *contra forte* resistencia que os obriga a empregar os gadanhos como *iorquez* em *brocha* sem cabeça.

E com muitas *palas* e palavriados, vão mettendo nas *encospias* os seus adversarios.

Hoje não *tira pé* da porta da egreja a commissão que promette com muitos *saltos* e *gallões* dar o ultimo ataque; e *se rol* lhe não falta desta vez em que assentar o nome dos que vão a urna para tomarem as suas *medidas*, agradecerem depois aos que votarem em seu favor e assentarem o seu *carollo* nos que faltarem, esperam de por em pratica os meis de ganhar a victoria, mostrando ao mundo que da *forma* do seu candidato se podem fazer no futuro muitos deputados.

Por parte do Frazão, trabalha a *lanceta* que vae espicaçando os eleitores, apontando-lhes o caminho da urua. Chovem as *cataplasmas* dos manifestos, e as mãos bem untadas de *pomadas* metalica, vão impingindo listas pelas tendas e tabernas. O Sr. Frazão offerece *lambedor* com prodigalidade, e guarda os *causticos* para depois do apuramento.

Agora o *receituario* é todo branco, resume-se *acha de alteia*, a *pastilhas peitoraes* ou a algum *rebuçadito especifico*.

A tudo prometteu *cura* efficaz, os *esfrlfamentos* dos ministros, á *indigestão* dos regalões á *loucura* dos gatos.

Erguendo a *lanceta* com impeto, não se tem cansado de exclamar aos eleitores: quem sabe manejar este instrumentco. assim como *cura*, tambem *mata*... hei de matar o *deficit*!

Esperemos pois o resultado da interessante luta entre a lanceta e a sovella, do que daremos conta aos nossos leitores.

O QUE É O DIABO.

—Vi agora mesmo o diabo, vi agora mesmo o diabo... dizia um homem dando as gambias.

Como! Então, na verdade viste o diabo?

—Vi, e estava na forma de uma besta.

—Não duvido, tiveste medo de tua propria sombra.

MAXIMAS DA MADRE BONIFACIA.

Tudo que é raro, é caro.

Quem é fraco metta-se n'um buraco.

E mau ser rato em casa de gato.

Casa em que se faz agrados não falta convidados.

Em casa de sovina toda gente é mofina.

De caponas e vadios pode-se encher navios.

Mulher, violla e cavallo, são tres cousas de regallo.

DISPARATE.

Um medico fôra chamado, por uma senhora, para tractar de um escravo que se achava emfermo.

—E' uma molestia, disse ella, que eu não conheço a desse escravo; passeia horas inteiras por toda a casa, falla sosinho, emfim parece-se com um doudo.

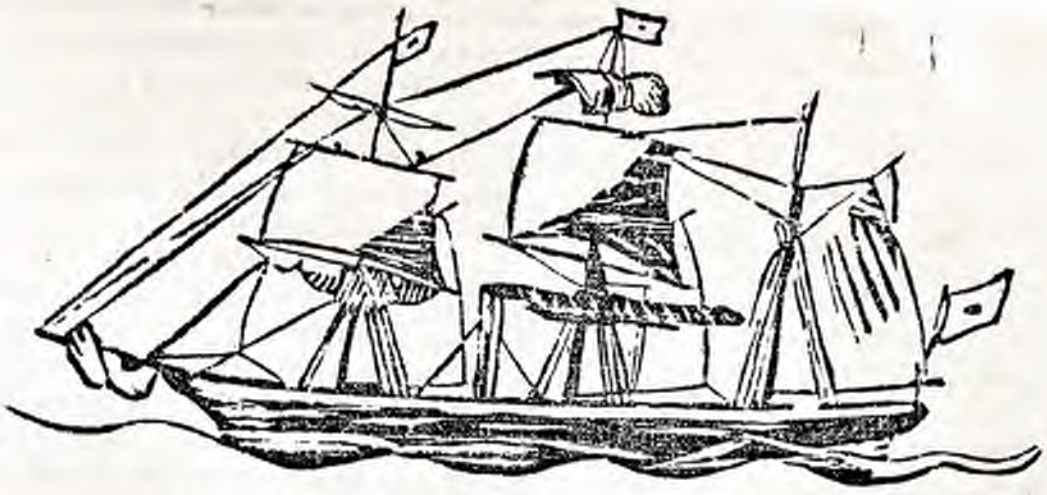
—Minha senhora, o seu escravo é sonambulo.

—Nada, não senhor, elle he congo.

ANNUNCIOS.

No sobrado n.° 13 a rua dos Carvoeiros vende-se um piano francez de mui boas vozes.

Na rua da Lama n. 6 precisa-se de uma ama.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VI. Serie 44.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 19 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 436.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de novembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. encarregado da limpeza da cidade, pedindo-lhe que a bem do aceio e salubridade publica, destine um varredor que vá todas as manhans varrer o logar do mercado, no Pelourinho, attento o estado de porquidade em que se acha; o que espera-se.

—Si o honrado Sr. Dr. chefe de policia quizesse me escutar.....

—Para que, homem?

—Queria invocar a sua compaixão para uma infeliz.

—Quem é ella?

—Uma mulher cega que vaga por essas ruas com o seguinte papel:

«Tilia, escrava do casal do finado major Pedro Ricardo da Silva, tendo cegado de ambos os olhos, vem implorar a compaixão de Vv. Ss. afim de dar-lhes uma esmola para sua alforria, pela quantia de tresentos mil réis, afim de poder passar o resto de seus dias livre do peso da escravidão.

«A supplicante espera dos corações philantropicos de Vv. Ss. que não se negarão a fazer-lhe essa obra de charidade e desde já se confessa extremamente agradecida a Vv. Ss.»

—Homem, isso, alem de ser crueldade, parece uma especulação.

Mandar-se uma cega pedir dinheiro para libertar-se!

—O que me parece especulação é outra cousa.

—Então diga.

—E' que, chamando-se ella Maria Antonia, vem designada no tal papel pelo nome de Tilia, subscrevendo em primeiro logar um filho do finado major com 10$ rs.

—Ha muito modo de viver nesta terra.

—Dizem que o que dera causa a cegueira dessa infeliz, fôra o ter-lhe uma senhora douda arremessado um pouco de cal sobre os olhos.

—E ainda lhe mandam pedir dinheiro para a alforria!

—Como vae isto!

—O que houve?

—No sabbado, 14, dous individuos do olho vivo entraram em casa de João dos Santos Prazeres, que negocia em passarinhos ao Pelourinho, espancaram-no e soltaram-lhe os passaros.

Accudindo povo, retiraram-se os athletas e deixaram a conclusão da obra para de noite.

Com effeito, ás 9 horas, quando João passava pelo becco do Ferrão, foi accommettido e sovado em regra. O menos que lhe fizeram foi deslocarem-lhe um braço.

—Excellente.

—João dos Santos Prazeres já pertenceu á companhia, mas retirou-se e parece querer regenerar-se buscando um meio honesto de vida.

—Consta que fugiu um galé.

—Já ouvi dizer.

—E que o guarda do 8.°, que o accompanhava, desappareceu tambem.

—Disseram-me que se lançou ao dique, mas não affianço.

—O que fôr soará.

—Estas irmans de charidade tem cousas!

—Tambem V.?

—Pois vae hontem, 17, para o hospital o cadaver de um enforcado em estado de putrefacção, vou até lá colher informações a respeito para lhe transmittir e nenhum dos empregados m'as quiz dar.

—Anda tudo amedrontado; e depois V. já é muito conhecido.

—Não embarga dever para comprar fiado, dizem os capotes.

Não é com essas que ellas hão de tapar a bocca do mundo.

—Diz-me uma cousa?

—Vá dizendo.

—A razão porqué os carros de aluguel não hão de ter numeração e bem visivel?

—V., si ha de perguntar á camara, dirige-se a mim?

—Ao menos, quem fosse victima da imprudencia dos boleeiros, tinha o direito de indicar o delinquente, embora contasse com a impunidade delle.

—O melhor é cada um tratar de se livrar.

—Eu fallo, porque tenho motivo. Ainda hontem, 17, levei uma formidavel lambada de um boleeiro, que subia a ladeira da Praça n'um carro puxado á quatro e fiquei olhando e vendo.

—E' justamente o remedio applicavel em taes casos.

—O que é aquillo? Um preso á cavallo!

—Rapaz, é o cavallo do chefe que foi embarcar.

—Então o moleque montado na frente e os ordenanças accompanhando?

—O que tem?

—Ora! Si não fosse porque, ia pedir á *Bahia Illustrada* que contemplasse aquelle quadro no rol do seu *mundo ás avessas*.

—O presidente recommenda moderação no recrutamento.

—Tal qual.

—Entretanto ainda no dia 16 eu vi se prender a um mestre de barco!

—Era guarda nacional ausente.

—O que, Sr.! Cada um, quando quer commetter seu excesso, vale-se logo de um pretexto futil.

—Ora isso não tem geito nem maneira!

Pois ha de estar a propriedade do cidadão á mercê de meia duzia de malsins, que fazem tudo quanto lhes vem á cabeça, sem haver quem lhes ponha côbro?

—Alguma arbitrariedade?

—Uma escolta do batalhão de Brotas foi á roça do ex-capitão de zuavos Galliza, arrancou as cercas, estragou as plantações, cercaram a casa sem a presença da authoridade, accommetteu-a, amarrou o feitor, vasculhou cantos e gavetas, espancou uma velha, que a isso se oppunha, e trouxe o filho do proprietario.

—O systema de procurar recrutas nas gavetas é antigo.

—Por ventura não ha autoridades na terra?

Quer se proceder a uma diligencia, quer se prender a um recruta, ou tirar um guarda de dentro de casa, porque se não procede com as formalidades legaes?

Até quando ha de estar a propriedade alheia sujeita a estes assaltos?

—Rapaz, quando alguem clama contra qualquer violencia, é logo taxado de partidista, assim é melhor calar-se.

—Abriu-se uma devassa no hospital da santa casa, para saber-se quem era o informante dos abusos e crueldades praticadas pelas irmans de charidade.

Recahindo suspeitas de que fosse algum empregado da casa, estabeleceu-se ali a mais severa espionagem.

As *piedosas* irmans desconfiavam de todos.

Disso resultou que o enfermeiro Lino foi parar no contingente, sob o futil pretexto de ressentido amor proprio do seu commandante, por ter aquelle enfermeiro, á paisana, passado por baixo de suas janellas sem lhe tirar o chapeu.

—Grande crime na verdade!

—E o enfermeiro Bomfim, sobre quem recahiam vehementes suspeitas, foi chamado á presença do Sr. provedor e minuciosamente interrogado.

Um miseravel, porem, foi dizer ás irmans de charidade que sabia quem eram os informantes e indicou a dous rapazes, que costumavam ir ali, nos domingos, visitar alguns amigos.

De facto, no domingo ultimo, foi prohibida a entrada aos dous indigitados no hospital e prevenida a guarda para ao menor bo quejo delles, serem presos e consta que ate um está ameaçado de ser recrutado, sendo de mais a mais expulso um doente amigo de um dos taes.

—Quem não deve não teme. Si ellas tivessem a consciencia limpa, procurariam dar a maior publicidade a seus actos.

—Eis abi a prova exuberante da angelica humildade das irmans de charidades. Fazem juizos temerarios contra o proximo e dão falso testemunho acreditando em meras suspeitas.

Perdem porem ellas seu tempo.

Estabeleçam quantos cordões de vigilancia quizerem, seus actos desregados continuarão a ser publicados.

Por defferencia somente ao digno provedor daquella casa, temos até aqui nos abstido na publicação de *certos factos*.

O caso da irman Izabel e de Mr. François não ficará isolado.

Identicos hão de apparecer.

O publico ha de ter sciencia de cousas revoltantissimas, que ali se estão dando.

As irmans de charidade inculcam-se de humildes e submissas, mas seus actos parecem de vingativas e soberbas.

Maria Joaquina tem um filha douda no hospital, de nome Maria Leopoldina Candida da Silva; para poder vel-a uma vez, empenhou-se com Deus e o mundo; o *Alabama* tratou disso; a segunda vez que a mulher lá se apresentou foi tangida asperamente e accusada pelas indulgentes irmans de as ter deitado no *Alabama*.

Podem ser charitativas umas mulheres, que não sabem perdoar um aggravo?

—Não, por certo.

—Prometteram a um enfermo 100 rs. por cada porco que castrasse, e para não pagarem-lhe o trabalho despediram-no.

O sargento da guarda do dia 17, veio á porta receber uma roupa de cama que mandou vir de sua casa, as irmans trancaram a grade para que elle não entrasse sem que chegasse o rondante.

Onde está então a charidade quando ellas são tão inexoraveis.

O publico vae ver em que consiste a charidade e *abandono do mundo* das actuaes irmans empregadas na santa casa.

(Continúa)

Á PEDIDO.

—Capitão, quanto são os partidos politicos do paiz?

—Tres.

—Quaes são elles?

—Conservador, liberal e progressista.

—Pois são quatro.

—Então diga qual é o quarto.

—E' o partido *neutro*.

—Só si é V. o chefe d'este partido.

—Não sou eu; mas é o *Guedes Cabungo*, formado em *sciencias arranjatorias e especulatorias*.

—E qual é o fim d'este partido, e qual sua utilidade?

—E' ser de todos os governos.

—Só podem pertencer a este partido os escriptores que são assalariados por qualquer que seja o governo.

A' utilidade que offerece elle é comprar *fazendas* em *ilhas* e plantar *canas*.

—V. está gracejando?

—E' serio, ja lhe disse.

—Ora..... *rosas!*

—Capitão, esclareça me de uma duvida.

—Diga.

—Quando qualquer infractor deixa de pagar a mulcta imposta pelo fiscal, quanto leva o escrivão por lavrar o termo?

—3$\not\!\!D$ rs. diz o regimento.

—Pois o *Sobrado*, que é escrivão onde batem procelosos *mares*, diz que é 5$\not\!\!D$ rs.

—E' demasia.

—Então estou no meu direito, quando cahir na pena, de não lhe dar mais do que 3$\not\!\!D$ rs.

—Que duvida!

—E' o que queria saber.

—Capitão, uma consulta.

—Eu não sou jurisconsulto.

—O que é V. Ex. pode explicar.

—Nesse caso exponha o que é.

—Um subdelegado tem uma padaria e fornece pão a todas as tavernas do logar.

O fiscal sahe com elle em correcção e mulcta aos vendelhões, por falta de pezo no pão, como se hade haver o subdelegado?

—Si approvar as mulctas confessa que commetteu uma fraude, si não approvar, torna-se remisso no cumprimento de seus deveres.

—E' justamente como eu penso.

—E' cousa que nem se pergunta.

—Mas como V. Ex. tem corrido *mares* e terras e é mais entendido do que eu, por isso lhe perguntei.

—Capitão, temos caso novo, porem triste.

—Oh, homem, trata-se de algum enterro?

—Advinhou.

—*Requiescat in pace.*

—O mais notavel, capitão, é o inventario que contra o direito.....

—Homem, conte-me o facto sem preambulos, que estou massado.

—Então ouça. Na freguezia dos *Sanhaços*, falleceu, depois de quarta-feira, o respeitavel padre *J. T-Xeira* deixando para mais de vinte herdeiros forçados.....

—Mas o inventario?

—Inventario ou pescaria?

—Não entendo.

—Disse pescaria, porque um parente do finado, mais longinquo que todos os demais de que fallei, não achando um *alto mar* para *estender* as redes de sua ganancia, deitou a tarrafa nos ourinhos do padre e andou de *anzol* pelas gavetas ferrando alguns papeis com que encher o cofo.

—Mas quem é este parente tão entendido nessas façanhas?

—E' o juiz *garrote*, que, inculcando-se de *paz*, e *terceiro* como parente, quiz pôr os outros *á paz* de pilula.

—De veras?

—Quanto mais si o capitão soubesse que o dito andou no outro dia perguntando lá pela praça do commercio ou pela alfandega a como estava o ouro do paiz, pois consta que vae fazer leilão dos *achados*.

—Isso é incrivel! Olhe que o homem é *capataz* na materia.

—Devo-lhe então dizer mais que o sujeito caça melhor ainda do que pesca.

—Que talento de menino!

—Sim Sr.! Armou alçapão e arapucas tão bem arranjadas, que pegou curiós, sanhaços, bicudos, grunhatás, bibios, xexeus e outros de que não me lembro, bem como coquens, araquans, gallinhas e perús. A casa do meliante na rua que *não é torta* ficou que era um museu, ou a praça do mercado!

—O que mais admira é que elle sósinho fizesse tão boas cousas.

—Não Sr. Esquecia-me de dizer-lhe que quem *iscava* os anzoes e punha *escorva* na lazarina, ou antes o ajudava nesta escamotagem, era o *Carroça*, *sapateiro*, trabalhador do *cujo*, que desta vez queria os *sapatos do defunto*, como já tinha tido os da fallecida irman.

Agora vamos fallar serio. Aquelle venerando sacerdote teve um enterro, que não abonava nada a bons parentes, que se incumbem antes de levar o morto ao ultimo jazigo, do que de inventariar lhes os bens. Não foi enterro de padre: foi um sahimento que fez vergonha até aos que não eram parentes.

Os outros parentes não intervieram, para não trazerem dissidencia em tão pesarosa occasião, altercando com a usura do referido *juiz* que *berraria* como garrote que é.

Entretanto, acompanharam, tranzidos de dor, os restos do sacerdote á derradeira morada, e voltaram contristados por golpe tão profundo e enjoados do procedimento do *pescador*, que consta vae salgar os *peixinhos* com o *sal* do *major luzitano*, que é bom melcorio em *pescados de Itapagipe*.

VARIEDADES.

A PERDIDA.

Ei-la! caminha—ainda é tempo—foge
D'esse viver que á perdição conduz
Antes que chegue a derradeira hora,
Vae abraçar da redempção a cruz.
(*Marcilius.*)

Deixae passar a martyr cuja fronte
Stygma terrivel tem curvado;
Respeitem a mudez das dores fundas,
D'esse peito descrido e retalhado.

A mão treme convulsa, o peito estala,
A idéa se rebella e me fallece;
Si recordo o passado é tudo negro
E mais negro o porvir la me apparece!

Quanta dor nas afrontas aviltantes
Empanou-lhe dos olhos o fulgor!
Quanta angustia no intimo desprezo
Crestou-lhe da esperança a branca flor!

E a perdida vagueia e a fome horrenda,
De tormentos povoa os dias seus;
E tombada no abysmo da indigencia
Desgraçada!—blasphema contra Deus.

Mas logo arrependida, se prostrando
De joelhos, implora ao céu perdão;
E Deus compadecendo-se da misera
Envia-lhe esperança ao coração.

Quereis saber quem foi? foi uma virgem
Tão bella como a rosa da campina;
Um anjo de madeixas fluctuantes,
Uma estrella na aurora matutina.

Agora desgrenhada, supplicante,
Em immundos andrajos envolvida
Estende a mão mirrada e louca exclama
—Uma esmola, por Deus, dae a perdida

E o mundo passa altivo e não responde
Ou responde com vil sarcasmo, atroz,
A perdida emmudece e cahe exhausta!
A morte lhe roubara alento e voz!

Dorme martyr, da campa no silencio;
Jamais interrompido, aos pés da cruz;
Embalada nas doces harmonias
Dos hymnos da mansão de gloria e luz.

Leoncio

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. **Serie 44.**
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 21 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 437.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de novembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, recommendando-lhe novamente um endiabrado samba, que ha permanentemente em uma casa ao Engenho da Conceição, não só pela matinada que faz, como pelas continuadas desordens que origina.

—Noticias da côrte, capitão.

—Si estão fresquinhas, venham.

—São do *Diario Fluminense*, que é o meu favorito.

«RIO, 12 DE NOVEMBRO.

O ministerio com vicio organico desde que nasceu, está com seus dias contados.

Na ultima conferencia resolveu modificação: deviam deixar as pastas tres dos cavalheiros ministros e entrarem outros; mas levada a combinação ás regiões de cima, a resposta foi pouco mais ou menos esta:

«Si ha divergencia entre os senhores, saíam todos; si podem accommodar-se, salvo o meu direito de..... julgar a accommodação, continuem, até dar contas de si!»

Em consequencia, sahiram os ministros, sobre tudo o purissimo, o virtuosissimo e sapientissimo Sr. de Itaborahy muito preoccupados.

Ao saber o Sr. conselheiro Lobato, da especie, ficou.... exasperado. S.Ex. contava ser um dos *novos*.

Como quer que seja, a crise continúa forte. De um lado o Sr. Sayão em teiró com os Srs. Taques, Paulino, Paranhos e Itaborahy; de outro, o Sr. Alencar com o Sr. Cotegipe e companhia, por causa do Sr. S. Lourenco; e de outro ainda os Srs. Itaborahy e Muritiba com o SUPREMO por causa da paz, tudo isso traz os dias contados ao minisierio.

Os dous orgãos officiaes do ministerio hoje, o *Mercantil* e o *Diario*, ambos inspirados pelo homem dos *divinos*, podem como quizerem, negar a crise: a verdade ha de conhecer-se breve.

—

Do theatro da guerra:

«.....

«Ahi está agora o *Diario do Rio*, a folha de mais confiança do governo, a declarar,—orientado pelas noticias vindas pelo *City of Rio de Janeiro*, entrado do Rio da Prata a 9 do corrente, dizendo-nos que a batalha de —Villeta— se não effectuou no dia 27 do proximo passado, porque —o general Argollo —(um dos mais scientificos que temos no theatro da guerra)—que é quem commanda as forças que marcham pela costa do Chaco, tinha errado a direcção a seguir!

A falta da força de Argolo no ponto em que lhe cumpria ferir a acção, obrigou a suspender o ataque por alguns dias!!

Quem tem ligeiras noções da arte da guerra que diga, si isto tem senso commum, quando ordenada em regra uma batalha.

Quando foram expedidas, por Deus! as ordens de suspensão da batalha por causa daquella apregoada falta!

E ha de haver quem pretenda ainda que nós inventamos desharmonias realmente existentes entre o generalissimo e os outros generaes!

Entretanto o—invicto— aproveitando o tempo da —suspensão do ataque,—(note bem o leitor de senso commum) *continuava a preparar-se para o ataque; pois que os obstaculos a vencer são innumeraveis: banhados immensos, esteiros, chuvas violentas e a enchente do rio!*

Mas, Santo Deus! então o general tinha ordenado a batalha, que não se feriu só pela falta, no ponto, das forças de Argolo, estando em tudo mais preparado o exercito para o ataque, e entretanto—elle continua a aproveitar o tempo para preparar-se, pois que os obstaculos são innumeraveis, etc., etc.

E estas cousas escrevem-se em assumptos tão delicados, em uma folha da feição do governo!...

O que è verdade, è, que a guerra está em periodo critico; que a incapacidade na direcção continua, e os mais serios interesses do Estado vão sendo fatalmente compromettidos, a situação imperial do tempo continuamente a illudir este pobre povo!

. . . . . .

Constantemente, ha mais de dous annos, o generalissimo preparando o exercito *para ferir uma grande batalha decisiva contra o inimigo*, todavia ainda não ponde terminar os *preparativos*, e nem achar *opportunidade para a batalha*!

—Capitão, como aqui, em Pernambuco, as irmans de charidade, acastelladas no hospital de charidade, fazem das suas.

Entre uma infinidade de abusos, uma folha daquella provincia narra o seguinte a respeitos das *castissimas* senhoras:

« . . . . . .

«O povo diz o seguinte: uma *santa mulher*, no hospital, apaixonou-se por um sargento enfermeiro, e deu escandalos, e ali morreu quasi sem se saber como e do que.

«Uma outra *santa mulher*, embarcou para França, para ir la ter seu bom successo; pois que aqui ficaria *essa santidade* muito descoberta; e se diz, que as *santas mulheres* procederam com tal escrupulo, por se suspeitar ser um crioulo o autor de semelhante brincadeira.

«Em 1855, no Rio de Janeiro, o Sr. Honorio, *marquez de Paraná*, mandou vir um ranxo de irmans de charidade de 15 a 20 annos, lindas como os amores, metteu muitas no hospital da santa casa da misericordia, e escolheu a melhor para si, algumas tiveram de emprenhar, e então responderam sem ceremonia:

«—Estes climas mudam muito dos da Europa.»

«—E sim senhor, as *santas mulheres* deram gostos no Rio de Janeiro, não obstante os inseparaveis *lazaristas*.

«Ora, adeus! cumpre não ser tão tollo para crer nas virtudes de todas as irmans de charidade; em regra as que sahem pelo mundo vão em busca de fortuna, e isto basta para tirar-lhes o merito.

«Onde um acto de charidade notavel praticado pelas irmans de charidade aqui residentes?

«Vieram para aqui, e se destribuiram,—hospital, roda, collegios,—*e venha dinheiro*, que é o com que se compram os melões.

«Não vêm isto. E' que em Pernambuco não ha senhoras capazes para este trabalho; qualquer bixa, que vem por ahi arribada, sem dar noticia de seus costumes, só porque traz o Santo Christo pendurado na cintura a bater-lhe por entre as pernas, é uma *santa mulher*.

Essa *santa mulher*, não entende palavra do portuguez, não sabe fazer um alinhavado, porem é *irman de charidade*; os tartufos a aproveitam logo, com detrimento do ensino publico, e de nossa moralidade.

«Eu heide estudar o que se passa nos estabelecimentos d'essas *santas mulheres*, para informar ao publico, e vingar as brasileiras tão ignobilmente ultrajadas por uma administração sem dignidade, nem pudor.»

« . . . . . .

«As irmans de charidade se empregam em amontoar riquezas a custa da santa casa, em quanto as expostas estão morrendo á mingua, e sob o peso de um trabalho horrendo, em proveito dessas *santas e sabias mulheres*.

«No hospital Pedro 2.° as cousas vão do peior modo, e as irmans de charidade passam vida folgada e milagrosa, comendo, bebendo, e *rezando* com os lazaristas; por que não sabem rezar com os padres brasileiros.

«Tenho denuncia, que algumas expostas se acham em serviço partieular, tratadas como escravas, andando pelas ruas a conduzirem bandejas, etc. etc., de pés descalços.»

(Continúa.)

—Ora veja, capitão.

Andam por ahi os rabos-leva, os pés de escada da situação, a chrysmarem o *Alabama* de partidista.

—Que se mordam.

—Quando o *Alabama* censurava vehementemente os desmandos do governo progressista, nunca nignuem se lembrou de chamal-o conservador e elles todos gostavam; agora é um crime imperdoavel tocar de leve nos *inviolaveis divinos*.

—A cousa é facil: quem não gostar coma menos.

—As rondas á *vapor* vão pessimas.

—O que se ha de fazer?

—Muitos inspectores commettem desatinos insuportaveis.

Prendem sem motivo;

Provocam conflictos;

Ultrapassam os limites de sua jurisdicção.

—Tornam-se verdadeiros *impostores*.

—Uma noite destas, uma ronda da freguezia da Sé pintou a manta no *Passo da Patria;* rasgou a facha e o diploma, e tornou-se quasi possesso.

—O subdelegado, cuja boa vontade pela ordem, reconhecemos, deve provêr a isso.

—E o Sr. Dr. chefe de policia deve procurar melhorar o serviço, que está sendo muito mal feito.

—O galé que fugiu, appareceu?

—Nem sombra.

—E o guarda?

—Ninguem sabe. Ha quem diga que afogou se e outros que foi assassinado.

—Entretanto, está tudo mudo!

—O deleixo, em que anda tudo, é causa dessas e outras. Ha ordem para cada preso ser acompanhado por dous guardas e ser corrido, quando sahe, para ver-se si está armado. A respeito deste, consta, nada disso se deu.

—E agora, peguem-lhe com um trapo quente.

—Capitão, já leu a mistura de grelos?

—Nem sei o que é.

—A proposito, tem lido os requerimentos despachados?

—Ainda não.

—Aprecie estes dous, que estão impagaveis:

«Rosa Alexandrina da Annunciação, pedindo a soltura de seu filho Manuel Roberto de Sant'Anna, recrutado no municipio de *Santo Amaro de Ipitanga*. —Informe o Sr. commandante superior da guarda nacional da *capital*.»

«Maria Thereza do Sacramento, requerendo a soltura do seu escravo de nome Manuel, pardo, que por engano *fôra recrutado*.—Informe com urgencia o Sr. commandante superior da guarda nacional da capital.»

De maneira que o commandante superior da capital é encyclopedico!

—Por isso é que os moleques cantam:

«Ora minha amiga,
«Isto é o diabo!
«Mando comprar couve,
«Me trazem quiabo.»

Á PEDIDO.

—Lê-se na *Opinião Liberal:*

«A NOSSA REDENÇÃO.—Pedem-nos a publicação da seguinte poesia:

Por salvar a humanidade
Ao mundo veio o Messias,
E, fundando a christandade,
Realisa as prophecias.

Oh! que supplicio tão vario,
Que amarguras, que labor,
Até subir ao Calvario
Quem já subira ao Thabor!

Tal foi a missão de Christo,
Lá nesse bom tempo antigo;
Hoje nos vem o *Anti-Christo*,
Porque acha aberto o *postigo*.

E se o *pseudo Padre Eterno*
Diz a seus fieis—*Cahi!*—
Quem não vê o amor mais terno,
Calvario, *e Thabor ahi.*»

AO EXM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA.

A moralidade publica em altos brados reclama de V. Ex. a execução da lei provincial nº 9, de 13 de maio de 1835, em relação ao africano liberto Manuel Paulo, morador á Quitandinha do Capim, nº 75, e ha tres dias sahido da casa de Correcção.

A' consideração de V. Ex. vão ser apresentados factos comprobatorios da indeclinavel e urgentissima necessidade de quanto antes sahir do meio da população esse perigosissimo africano.

A falta de tempo, não nos permitte hoje continuar.

A sombra do Manuel Joaquim.

—E dizem que este governo se enraiza no seio da opinião, por que se dirige pelos ditames da justiça!

—Os factos é que são a cousa.

—E' com os factos que eu fallo.

Angelo Candido de Souza, filho unico da viuva Maria Luiza de Souza, casado, com filhos e mais duas sobrinhas menores, filhas de duas irmans, fallecidas pela epidemia, foi designado pelo commando do batalhão de Nazareth, donde veio recrutado.

Requereu ao presidente sua soltura, provando, com documentos, a isenção legal que tinha; seu requerimento foi mandado a informar ao commandante superior e o guarda removido para o forte do mar.

Tal requerimento não foi informado.

Requereu segunda vez, nada.

No dia 15, chegou o vapor; requereu terceira vez, para que fosse sustado o seu embarque, até a decisão da sua primeira petição.

Entretanto, com a maior surpresa, dispotica e arbitrariamente marchou Angelo para o Sul, sem que déssem despacho a seus requerimentos e apezar de tantas isenções!

—E' monstruosidade, na verdade.

—Agora note que na cidade de Nazareth ha perto de mil guardas nacionaes solteiros e sem isenção; mas bem diz o adagio que quem tem padrinho, não morre pagão.

—E o pobre Angelo Candido la se foi rebolindo.

—E fica sua mãe, sua mulher, seus filhos, suas sobrinhas, lutando com a miseria.

—Barbaros!

—Tome mais esta para seu catalogo.

—Isso é pulha?

—Não, é uma arbitrariedade sem nome, praticada por uma authoridade.

—Narre.

—Um ex-subdelegado manda chamar uma cadeira para carregar seu filho. O sugeito é um pouco *remisso* e os negros que ja o conhecem pela *pinta*, quando sabem que é para elle, recusam-se. O homem inflama-se e vae ao seu collega que está de *vara*, queixar-se.

Este manda buscar os pobres africanos e casca-lhes uma sova de bollos pela insuportavel desobediencia e depois põe o panno da cadeirinha em tira.

—Isto deu-se aqui, homem?

—Aqui não, porem tambem não é preciso atravessar os *mares* para chegar lá.

—Está bem! E' desta gente mesmo que nós precisamos para garantia da propriedade.

—Capitão, venho lhe contar um caso.

—E eu estou attento.

—O *fiscal universal*, tantas condemnações deu, que até o raio lhe cahiu em casa.

—Serio?

—Não pagou os direitos da montaria e o collega da *banca de rendas* lhe sahiu a frente e quer que elle espirre com os dez bagos da *pena* em que incorreu.

—E pagou?

—Ainda não; anda se agarrando, a ver se tira o rabo da ratoeira.

—Ninguem quer a justiça em sua porta! Elle, que é tão severo e pontual com os outros, agora querendo com subtergios se escusar da justa pena em que cahiu!

—E além de querer lezar a fazenda, torna-se remisso!

—Capitão, aqui estou desde as 4 da manhan.

—E eu a essa hora ainda dormia.

—E' porque V. Ex. não traga os amargos dissabores, que accarreta a maldicta politica.

—Pode ir dizendo o que quer.

—Ainda estou ás voltas com o Dr. formado em sciencias philosophicas e *in utroque jure*.

—Deixe o moço.

—Deixal-o, capitão? Pois agora que elle está fazendo proezas em *Cotipagipe?*

Agora que elle, para se inculcar de influencia no logar, quer a todo transe mandar recrutas, e vae pegando a tortos, aleijados e inaptos como Marques Ernesto, thysico, e outro cego de um olho; gente, que, por vergonha, foi remettida á noite, amarrada de braços para traz, e chegada na policia o chefe mandou pôr em liberdade por inutil, pagando ainda a repartição as despezas da viagem no trem de ferro?

E' impossivel, portanto, deixal-o.

—Mas si o seu clamor não dá remedio?

—Ao menos ficarão desmascarados elle e o seu comparsa, a primeira potencia de *Cotipagipe*.

—Quem é esse tal?

—Um canoeiro, que occupa tres cargos; é 2.º *juiz de bulha*, presidente proprietario da meza eleitoral e eleitor vitalicio.

E já que estamos com a mão na massa, entrarei na chronica do tal cujo.

Esse personagem, é pescador, e si V. Ex. fôr ali, ha de vel-o puchando a rêde de um tal que *ja sinto* não ficará muito contente com isto, e de quem é socio.

Outro dia, um passageiro da *estrada de pau* desembarcou na estação da *Pelle-má*, e, precisou de uma canôa, para atravessar ao outro lado; apresentou-se o meu juiz de paz, ou juiz de bulha, presidente da meza eleitoral e lá foi remando até chegar ao destino, onde faltando a maré, elle sem mais ceremonia, arregaçou as calças e o passageiro cavalgou-lhe no caxaço, até chegar em salva terra. Em paga de taes serviços, foi premiado com *tresentos a vista* em cobre.

—Muito bem! Um juiz já serve de cavallo nesta terra!

—V. Ex. se admira de pouco. Com vagar ha de saber de boas.

Esse taful, sem estar em exercicio, arroga a si as attribuições de juiz de orphãos e manda intimar a herdeiros para virem a sua presença e fazerem as partilhas.

Veja V. Ex. em que apuros está aquella freguezia.

—Que quer? Deixam no esquecimento os homens honestos, para investirem de cargos publicos a sujeitos sem criterio, estupidos e cheios de nodoas.

—Capitão, por hoje deixo de mão o Dr. *Par de chicaras*, mas voltarei breve.

VARIEDADES.

COUZAS QUE SE FURTAM A MIUDO.

Barbas de vellas nas egrejas.
Paus de cerca.
Galinhas em quintal.
Galões de defunto.
Retalhos em casa de alfaiate.
Madeira e pregos em obra de jornal.
Assucar nos trapiches.
Terras no reconcavo.
Carne no açougue.
Ouro de lei, misturando-se com cobre.
Fazendas em mão de logista.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 44.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 23 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 438.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de novembro de 1868.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá multar a S. Ex. o Sr. presidente da provincia, uma vez que a lei é egual para todos, em consequencia do pessimo costume que têm seus famulos de fazerem o despejo de palacio na montanha, que fica alem do Pau da Bandeira. Cumpra.

—Não sei si isto pertence ao Illm. Sr. Dr. inspector da saúde publica.

—Diga lá.

—A capellinha de S. Francisco, á Estrada Nova, tornou-se em curral de vaccas.

—Não compete; é da alçada do arcebispo.

—Que desensoffrimento!

Ouça o resto para dar sua opinião.

Nesse curral ha uma vacca com duas formidaveis bicheiras e um enorme carbunculo que lhe comeu parte do queixo.

E' o leite della, que os vendedores levam em canecos para misturarem com o que mugem das vaccas, que andam pelas ruas vendendo.

—Tem razão. Estou que o inspector da saúde, por intermedio da policia, pode prohibir a vendagem de tal leite, como prejudicial.

—Entrei na chamada casa de asylo dos pobres, á ladeira de S. Francisco.

—Que tal achou?

—Que era mais bem cabido que lhe déssem o nome de deposito de immundicies.

—Por isso os pobres tem tanta repugnancia em entrarem lá, e preferem dormir no adro de S. Francisco, expostos á chuva, e permanecerem ahi no rigor do sol, quando têm tal abrigo.

—Nunca vi tanta porcaria!

A nauseabunda cloaca exhala uma fedentina insuportavel.

O ar que se respira é abafado e mephitico.

Ha excremento por todos os logares.

Trapos pódres e amaterados por toda parte.

Os dormitorios estão na peior ordem que se pode imaginar.

—Admira!

—Mas porque?

—Porque, estando aquella casa sob as vistas da policia, devia haver ordem e aceio.

—Ora! Eu creio que a policia se lembra tanto della como eu da primeira camiza que vesti.

—Quem fôr ao Pau da Bandeira, sentido!

—Porque?

—As grades estão bambas e deslocadas e n'um descuido pode-se ir visitar a montanha de cabeça para baixo.

—E eu que tenho o costume de ir ali todas as manhans ver o mar! Foi bom me avisar.

—Uma ratoeira municipal.

—Para pegar algum rato *varredor* de armazem?

—Não, para quebrar pernas.

—Mas onde é?

—No becco do Motta.

Um profundo buraco, no qual o infeliz que metter a perna, não vae para casa com seus pés.

—Estes e outros, em graça de Deus, para commodidade dos municipes e gloria da edilidade.

—Estas rondas á vapor são um pagode.

—Não diga, é um serviço revestido de todas as formalidades legaes.

—Por exemplo: na quarta-feira, andava um grupo rondante com o seu *cabo de quarteirão* á frente revestido da inseparavel facha á cantar em vozeria pela freguezia do *Chaveiro do Ceu*—

«Quem quizer ganhar dinheiro,
«Vá na Baixa do Sapateiro,
«Abaixar os colarinhos
«Do Antonio Gallinheiro.
«Beata-tá,
«Beata-tá,
«Pega n'elle
«P'ra capar.»

—Divertimento de rapazes, para disfarçarem as seis longas horas de massada.

—*Chanfornada*, accrescente.

—Os pobres typographos são que pagam as culpas das folhas que fazem opposição á situação.

—Pelo geito que a cousa leva, querem extinguir a classe.

—Os dous unicos typographos do *Jornal do Amazonas* foram recrutados e parece que só serão soltos se quizerem ir trabalhar no *Diario de Belem*, folha governista.

— O que custa pouco, dá-se de bom mercado. No caso delles eu acceitava.

—Mas quer negar que seja um despotismo?

—Embora. Manda quem pode e obdedece quem serve.

—Meu charo, si isto se désse no Paraguay, bradariamos que era uma violencia, um attentado contra os direitos do cidadão, um monumento vivo contra a civilisação.

—Mas no Brasil muda de figura.

—E por tanto, abaixemos a cabeça e beijemos a mão piedosa que subscreve estes actos de *moderação*, destinados á harmonia dos brasileiros, começando pelos dous recrutados.

—Vieram os apontamentos sobre a Santa Casa?

—Importantissimos; mas falta-me o tempo para colleccional-os.

—Deixe para quinta-feira.

—Por hoje, apenas, peço-lhe, capitão, que em nome da humanidade, erga um brado que vá soar bem alto aos ouvidos do digno Sr. provedor, em favor da infeliz recolhida Constança, ha dous mezes e tanto definhando em um horroroso e martyrisante ergastulo para satisfazer ao vingativo e orgulhoso capricho das irmans de charidade.

Semelhante acto de feroz *despique* revolta a sociedade e offende as leis do paiz.

—Vou satisfazel-o. O que não lhe posso garantir é si será attendido.

—N'algum tempo esta cidade era um viveiro de malucos. O Macaco-enfezado, o Viva-pureza, o Pitada, o Massaranduba, o Martim Bringella, a Leopoldina das Bolas e outros; hoje porém extinguiram-se, porque até a Santinha lá está na Correcção, arbitrariamente, para não encommodar a S. Ex.

—Resta apenas V.

—O que vale é que sou eu só.

—A conversa não me tôa.

—Vejamos assumpto mais agradavel.

Thema: actos governamentaes.

Maria Thereza do Sacramento, requereu a soltura de seu escravo Manuel, que por *engano* fôra recrutado, e S. Ex. mandou informar ao commandante superior, como si o commandante superior fosse competente para dar pennada acerca de quem é recrutado.

Depois da informação do chefe da guarda nacional, Maria Thereza, suppondo que não tem mais obstaculos, pede a soltura de seu escravo, mas S. Ex. de novo manda que o chefe de policia informe, ouvindo aos subdelegados de duas freguezias!

E neste atropello, nesta jiga-joga, lá vão correndo os dias de serviço da propriedade alheia, quando de uma vez podia se dizer logo o que era preciso.

Tres individuos recrutados, requerem cada um praso para provarem suas isenções.

Ao primeiro, manda informar o commandante do batalhão.

Ao segundo, manda informar o commandante superior, ouvindo o commandante do batalhão.

Ao terceiro, manda que prove indepedente de praso.

Tres despachos differentes em tres casos identicos!

—V. é que não entende a força da coherencia.

—A' irmandade dos Quinze Mysterios nega uma guarda de honra para accompanhar a

procissão, á do Rosario concede um batalhão, apezar de que a irmandade do Rosario é de crioulas do partido alto.

—Isso mesmo é de quem está trelendo!

V. principiou fallando de maluquices e acaba analysando os actos officiaes!

—Deu-se na estrada de ferro um lamentavel successo, motivado, por pouco cuidado e imprevidencia.

—O que foi?

—Um homem queimado por aspersão de agua fervendo.

—Misericordia!

—Uma caldeira resecada de mais, na occasião em que recebia agoa, deu logar a explosão que occasionou o desastre, sabbado 21.

—Outra catastrophe.

Virginia, escrava do Sr. José Maria, com armazem na Lapa, precipitou-se hoje 23, do 3.º andar de uma casa ao becco do Grelo, onde estava acoitada.

Ouvi dizer que tão desesperada resolução fôra tomada, em consequencia do cruel trato que recebia a desgraçada de seu senhor, negando-se-lhe até authorisação para procurar quem a comprasse.

—E' mais uma victima do ferrenho jugo da escravidão.

—Ja sei que vinha ao fogo de Santa Cecilia.

—Infelizmente cheguei tarde.

—Ainda chegou a tempo para apreciar aquelle sarceiro.

—Eu ja ia lhe perguntar o que era aquillo.

—Um sujeito, desses que gostam de mostrar em publico a indole *pacifica* e *cordura* de genio de que são dotados, f i preso pela subdelegacia da Sé. O cujo declarou que era guarda do 8º batalhão e como tal, foi recolhido ao quartel, apezar de estar a frescata.

—Não combino com contemplações.

—Veja o resultado em que deu.

Entregue o preso ao official de estado no quartel da Palma, dahi ha pouco, impavido passeava pelo Terreiro, fardado, na frente dos que o prenderam.

Preso segunda vez, evadiu-se e isso dá motivo a tamanha algazarra.

A policia, enbarafustou pela casa onde elle refugiou-se e os guardas do 8.º estão resolutos em não consentirem que o homem va preso.

—Notavel contraste! E' sempre a força publica quem dá o exemplo de turbulencia, nos logares em que se torna preciso fazer respeitar a ordem e moralidade publica!

Á PEDIDO.

CARTA AO CAPITÃO DO *ALABAMA*.

Meu charo capitão:—Vou pela via do Casimiro fazer com que lhe chegue esta ás mãos. Principiarei esta minha, que tenho a honra de lhe enviar, pelo recrutamento.

Foi aqui recrutado um pobre homem, enfermeiro da casa dos doentes, de nome Lino, só porque, passando por baixo das sacadas do palacio de um barão, não o cortejou.

Minha terra tem fofices
De fazer admirar,
Um barão recruta um homem,
Só por não o cortejar.

Esse homem, Exm. capitão, é filho unico de viuva, e alem de sustentar sua pobre mãe, sem outro arrimo, sustenta mais duas irmans donzellas.

Presentemente não ha garantias, salta-se por cima da lei, somente para satisfazer-se mesquinhas paixões.

Entende certo barão que por um homem ser guarda do batalhão do seu commando é seu escravo e que por isso deve ficar de chapeu na mão, logo que esteja debaixo das janellas de seu palacio.

E porque não deve tambem ficar o barão com o chapeu na mão, quando passar um pobre homem, embora seu guarda?

Não sabe o barão que a civilidade manda que o superior não espere que o inferior lhe corteje, que seja elle o primeiro a cortejal-o?

Por ventura o chapeu do barão custa dinheiro e o do pobre guarda não?

Ora *bollas* para estes aristocratas de bôrra de minha terra.

Tanto custa o chapeu do artista que procura ganhar a vida por meios licitos, pelo trabalho, como custa o d'esses *fidalgos anões*.

Pelo que acabo de expor, já vê V. Ex. que o recrutamento continúa no mesmo gosto, e com as mesmas arbitrariedades.

Pega-se á torto e a direito, sem distincção d'esse ou d'aquelle, com tanto que se tire uma vingança.

Em Santo Amaro, a cousa está peior; agarram, algemam e mandam para a cidade; não sequer saber si é casado, filho unico, capitalista, etc., etc., só o que se quer saber é que não votou do lado do governo.

Ha ainda a especulação do filho de *el-rei D. Francisco* ter certos individuos, que tem medo do recrutamento, embora estejam isentos, dentro do seu engenho, trabalhando de graça, porque diz elle—«si não quizerem sugeitar-se a isso, eu não tenho remedio senão os mandar recrutados!»

Ora isso é um escandalo, roubar-se assim

o suor ao proximo. Está porque eu tambem não sou barão, visconde, conde; o diabo que os carregue, é porque não sei roubar o suor do meu proximo.

Estamos, Exm., soffrendo fome.

O artista que até então se remediava com 1$ rs., agora não o fará com 3$ rs., porque os limões que custavam tres e quatro por 20 rs., custa presentemente 40 e 60 rs. cada um; a carne secca que se comprava a 200 rs. a libra, custa 280, e não é boa; a carne verde, no domingo, vendeu-se a 320 rs. a libra, e carne pôdre, fedendo que não se podia comer; a farinha melhorsinha não désse de 960 rs. a quarta, e assim vae tudo mais augmentando de preço.

E a guerra em terminação e o recrutamento continuando!

Além da fome, que ja soffremos; além da dysentheria de sangue, que hoje grassa, com caracter epidemico; pelo que o inspector da saude publica aconselha que se trabalhe pouco: com a comida cara como está (bom conselho); além da flagelladora guerra em terminação, que nos tem arrancado muitos braços da nossa lavoura; além da terrivel secca que está pelo centro, donde recebemos o mantimento, pelo que já S. Ex. Revm. mandou fazer preces; ainda recruta-se o restante desses homens e até os que nos vem trazer o peixe, a farinha, o carvão e até os tangedores de gado, que é para mais caro ainda ficarem as cousas!

Grande Deus, compadecei-vos d'este povo manso e cordeiro! Inspirae esse governo que se desvia das raias do dever e da justiça, massacrando assim este pacifico povo!

Si Deus não se compadecer de nós, o que será! Aonde iremos parar!

Sim, senhores do governo, abusae bem do cordeirismo d'esse povo; mas o cordeiro pode reencarnar em leão, segundo a doutrina spiritica!

Abusem do cordeiro; mas respeitem o *leão!*

Vossa excellencia não passe,
Esses factos que lhe conto;
Receba os meus cumprimentos,
Pois que aqui faço hoje ponto!

O Faustoso.

—Capitão, dous minutos de attenção.

—O que determina, meu rico?

—Supponha V. Ex. que um taberneiro cahiu no desagrado do subdelegado e que este, em vindicta, chama o fiscal e vae correr a venda; não achando em que pegar-se, agarra em uma medida de canada, velha, atirada a um canto, que só servia para aparar, agua e por isso mulcta-o, não é um acto triste para uma authoridade?

—Uma vingança mesquinha.

—Pois está para que muita gente quer ser authoridade.

São capazes de abalar ceus, terra e *mares*, para quando empolgarem o logar, transformal-o em arena de covarde vingança.

Ao Exm. Sr. commandante das armas recorre-se como ao unico que pode pôr um paradeiro ao reprehensivel e descomedido procedimento do 2.º sargento de invalidos de nome Macario e cadete Camiré. Raro é o dia em que estes dous provocantes não se acham envolvidos em uma rascada, por elles fomentada.

As casas das meretrizes são os principaes pontos onde elles dão largas á seus genios rixosos.

Em nome do credito e desciplina militar, pede-se a S. Ex. que faça remover, como correctivo, a esses dous valentões para a fortaleza do Morro, onde, apezar de invalidos, podem prestar algum serviço.

VARIEDADES.

BALDAS USUAES.

Ministro charlatão, que quer se inculcar de sabio, e honrado, falla muito compassado com tom dogmatico, cita pedaços de latim, tudo para fazer echo nas palavras e indicar força de lei aos papalvos ouvintes.

Pae de familia pobre, que quer figurar de ter tratamento, pendura na loja da casa um casco de cadeira de arruar, velha, para as visitas verem que as filhas andam carregadas e por conseguinte são bem tratadas.

Dona de casa, que quer arrotar de muito trabalhadeira, queixa-se continuamente do atrazo no serviço dos escravos, quando quasi sempre o prejuizo e atrazo começa pela preguiça e má ordem com que ella determina as serventes.

BOA RESPOSTA.

Um maritimo, que seguia viagem, em uma das barcas Ferry, para Nitheroy, estava distrahido, contemplando o ceu, quando chegou-se perto delle um sujeito, e lhe perguntou:

—O Senhor é astrologo?

—Nada, não senhor, sou portuguez!

ANNUNCIOS.

Vende-se uma casa sobradada na rua Direita de S. José, com 2 janellas, terrenos proprios; quem a pretender dirija-se á esta typographia que se dirá quem é o dono.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 44.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 26 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 439.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de novembro de 1868.

Officio ao Exm. e Revm. Sr. arcebispo, partecipando-lhe que o cemiterio de Brotas está reduzido a pasto de cavallos e burros; que os ossos dos christãos ali sepultados andam até pelo meio da estrada.

Em vista pois, do que acima fica dito, embora em toscas e rudes phrases, convem que S. Ex. tome medidas a respeito, afim de que não sejam assim profanados os restos dos mortaes que são ali inhumados.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que a cega Maria Antonia, que foi escrava do casal do finado major Pedro Ricardo e hoje liberta, com carta passada em notas pelo cartorio do escrivão de orphãos anda, com o supposto appellido de Tilia, com uma subscripção, em nome, ou authorisada por seus ex-senhores, a pedir dinheiro para sua alforria, que diz ser arbitrada em 300$ rs.

E como pareça isto uma extorsão, que se quer fazer á boa fé e charidade publica, recorre-se a S. S. para que se digne providenciar.

—Ao Illm. Sr. delegado de policia, recommendando á sua attenção um maluco conhecido por *Jacaré*, cuja mania dá para proferir palavras obscenas quando vê senhoras pelas janellas.

Espera-se que S. S., em bem da moralidade publica, faça cessar semelhante inconveniente.

—Já sabe, capitão?

—O que?

—Que vão ser despedidos da companhia do gaz quatro brasileiros?

—Agora, por V. dizer. A razão?

—Para se encaixar quatro inglezitos que chegaram.

O golpe principiou pelo cidadão Pedro José Vieira.

—Está direito. Matheus primeiro os teus.

—E agora, esses quatro paes de familia, que vão roer as unhas, porque em sua terra o estrangeiro é tudo.

—Não; podem ir para o Paraguay ser uteis a si e a suas familias, segundo a opinião do presidente.

—Si esta ladeira é da *poeira*, fazem bem em conserval-a assim descalçada.

—Descalçada é uma cousa, mas deixal-a toda cheia de brocas, para quem não está acostumado a transital-a estar de continuo a precipitar-se, é outra cousa.

—Tambem a illuminação a gaz é feita com tal economia que concorre poderosamente para que se esteja a medir os altos e baixos,

como quem tem uma canada de caxaça na cabeça.

—Seja tudo por Deus!

—Tudo hoje está *metalisado!*

—O interesse é o movel do mundo.

—Ja se annuncia missas, como quem precisa de comprar qualquer traste!

Um cavallo, por exemplo.

Ainda ha pouco li um annuncio, que posto em pratos limpos, significava isto mais ou menos:

«Fulano de tal, convida aos padres, que quizerem ganhar 2$ rs. a irem dizer missa na egreja de tal parte, que ahi acharão *quem lhes pague.*»

—Aposto que houve quem se sujeitasse?

—Ora!

—Pois então, convença-se de que a influencia do ouro é quem aponta os escravisadores da consciencia e do dever.

—Um amigo da humanidade.

—Soccorre aos pobres e viuvas?

—Não, mas tem o *desinteressado* trabalho de mandar por seus escravos remover para sua casa a immensidade de pedras soltas que ha na ladeira do rio das Tripas.

—Faz elle muito bem; se hão de estar abandonadas pela camara e governo, elle que tem precisão, dá-lhes melhor uso.

—O hospital da casa da Santa Misericordia da Bahia, dirigido pelas irmans de charidade, está muito longe de realisar o pensamento philantropico e humanitario que tiveram em mente seus intituidores.

Ali predomina a hypocrisia disfarçada em humildade.

A vingança acoberta-se com a capa da boa ordem.

O orgulho mascara-se com o nome de acrisolado zelo pelo serviço.

A sordidez chama-se lá regrada economia.

Aquellas mulheres, que andam constantemente de cabeças cahidas para o chão, com grossos rozarios pendentes, que recebem todos os dias, em forma de pão, o Cordeiro Immaculado, que affectam santidade no andar, submissão na falla, que procuram parecer charitativas ante os olhos do publico, são rancorosas e vingativas.

Implacaveis, quando se julgam feridas em seu amor proprio, são incapazes de perdoar.

Um doente lia, ha dias, o *Alabama;* uma irman presenciou, e ardendo em ira, arrebatou-lhe das mãos o papel e o fez em tiras, prorompendo em furibundas imprecações contra o infeliz.

Qualquer papel é revistado em mão dos doentes, para ver si é a pobre folha interdicta n'aquella casa em que se diz não haver resentimentos e ai d'aquelle que ousar contrafazer-lhes a soberana vontade!

Emquanto as *puras* irmans seguem os preceitos da abstinencia, por um modo que ellas lá entendem, banqueteando-se á larga, saboreando boa marmellada, excellente Porto e saborosos guisados, matam os pobres enfermos á fome.

No dia 21 do corrente, o preto Gonçalo, que foi escravo da nação, doente da enfermaria de S Fernando, foi privado de comer durante o dia.

Por compaixão, alguem comprou-lhe uma libra de biscoutos, mas a irman, cuja vontade não se move ao soffrimento do proximo, tirou-lhe de debaixo do travesseiro os biscoutos e levou-os.

O preto implorou, rogou e nada!

Recorreu á intervenção do Sr. Dr. Moura e S. S. nada poude conseguir e o preto foi deshumanamente expulso.

Felippe de S. Thiago, creoulo, enfermo do leito n. 3, da dita enfermaria, fez operação de um tumor hemorrhoidal no anus.

No quarto dia, estando a indireitar a méxa da ferida, descobriu um pouco as nadegas, sem perceber que a *pudica* irman Maria vinha pelas suas costas.

Coberta de *pejo*, horrorisada, por ver tão *extranho* espectaculo, para ella *novo*, a irman bradou que a sua castidade estava offendida á vista de um homem nú.

E o infeliz teve de pagar o seu imprudente descuido, com um dia de fome.

A' esquerda, na ante-penultima cama, um caboclo, pescador do Mar Grande, foi expulso, somente por perguntar a seu visinho que intriga tinha a irman Maria com elle que o tratava tão rigorosamente.

Este facto, embora não seja recente, porque deu-se no mez de setembro, deve ser consignado.

O italiano Paschoal, foi tangido rigorosamente, á vista de dous patricios, que vieram de Nazareth visital-o, porque contava á estes seus amargores.

Nicolau Correia de Araujo, vindo das Lavras, com uma formidavel gomma, foi recolhido ao hospital.

Como a sua dieta não lhe privava de comer farinha, e a que lhe davam era uma miseria, mandou, na segunda feira 23, comprar 40 rs. de farinha.

A irman quiz tomar; mas elle recusou-se a entregar.

Como uma furia sahiu a irman da enfer-

maria, emprazando o doente para o outro dia.

Com effeito, no outro dia o Sr. Dr. Caldas recebeu ordem para dar alta ao enfermo.

O illustre facultativo observou que o estado do doente era melindroso e não estava em condição de ter alta; mas a irman recalcitrou e sua omnipotente vontade foi satisfeita.

Consta-me que um dia destes o Illm. Sr. Dr. Bomfim precisando de labarraque, ellas lhe mandaram uma garrafa de agua salgada.

Eis-ahi a incalcada economia.

(Continúa.)

—Que damnado!

—A quem se refere?

—A um tal Sr. Bulhões, subdelegado de S. Miguel dos Milagres, nas Alagoas.

—O que tem elle?

—Mandou infincar n'um quarto escuro da casa, que serve de quartel, uma grossa estaca e amarrou-lhe uma grossa vara transversal em forma de cruz.

—Para que?

—Ouça:

No dia 27 do p. p. teve desejos de refrescar a goela com agua de cocos verdes e ordenou a Maximiano de tal, que subisse a um coqueiro. Tinha chovido e ventava muito e Maximiano não se animou a subir no coqueiro,

—Mesmo que em taes occasiões é perigoso e até impossivel subir em coqueiros.

—Essa desculpa não servin de escusa a Maximiano e o Sr. alferes Bulhões enfurecido mandou-o agarar por quatro soldados e amarral-o á fatal cruz, onde permaneceu, soffrendo os mais crueis tratos, tendo na bocca um pau que servia de mordaça para abafar-lhe os gemidos e brados de dor, que a violencia dos tormentos fazia-lhe soltar.

—Tal subdelegado pode servir de modelo.

—João Caboclo, pescador, por que não vendeu seu peixe pelo preço que o subdelegado queria, foi arrastado a esse patibulo, no dia 25 do passado, e esteve vinte e quatro horas nessa horrivel tortura, com a tal mordaça á bocca.

O *crucificado*, quando acabou das torturas, não se podia pôr em pé.

Viriato de tal pagou tambem por sua vez, na cruz, uma falta para com o subdelegado.

O filho do pardo Joaquim, por alcunha Espingarda Velha, foi recrutado. O sexagenario pae foi se lançar aos pés do subdelegado e elle por galhofa levou-o a mostrar-lhe o filho dependurado.

O pobre velho, ao ver o horrivel quadro, reconhecendo seu filho, que se estorcia no martyrio, foi accommettido de uma syncope; conduzido para casa, 26 horas depois morreu.

—Safa! Ja não é despotismo, é malvadeza!

—A punição do subdelegado foi ser demettido.

—Certas historias me parecem novas de caminho.

—Se ha inexactidão é da *União Liberal*, que as conta.

—De uma carta escripta de Surubi-hy extractamos os seguintes topicos:

«A guerra continua e continuará mal, porque assim o quer *o primeiro general da America do Sul!*

«Todas as evacuações de Lopez nada de positivo tem trazido para o termo da guerra.

«Ella continúa e continuará até quando Lopez se aborrecer de nos fazer a guerra. O Sr. Caxias toma posse dos logares, que desertos e francos lhes são deixados pelo dictador, e desta mangação vae S. Ex. alimentando a sua fama de *heroe*!

«Agora mesmo se diz que o Lopez sahirá são e salvo de Villeta!

«Si assim acontecer, o que dirá o governo brasileiro?

«Ha de ser, sem duvida alguma, digna de admiração e de applausos mais esta conquista do Sr. Caxias.

«Deus nos livre da vergonha de Lopez escaparse de Villeta.

«Será o tumulo do Sr. Caxias, e sobre elle a nação lhe escreverá o epitaphio da sua triste incapacidade.

«Porque não imita o *generalissimo politico* a bravura do inclyto Osorio, sujeito constantemeate ás balas inimigas, vendo sempre em frente dos olhos o seu sepulchro?

«O Sr. Caxias, em quanto se conserva nos quarteis da saude, expõe-se aos perigos o notavel e bravo general Osorio.

«São frequentes os passeios do general á esquadra e tudo quanto o Sr. Caxias faz de vulgar, é digno de admiração dos seus amigos politicos e dos povos!

«Já sabemos que ha de ser cantada em prosa e verso a incrivel herocidade de S. Ex., por ter applicado o seu oculo sobre as fortificações inimigas!!

«Pouco nos importaria com a inepcia do general, si della não resultasse tanta orphandade, tanto ouro consumido, tantas victimas e tantas desgraças!

«Vae arrastada com ella a deshonra do Brasil nesta guerra que nos vexa pelo seu prolongamento.

«As enfermidades visitam-nos incessantes, ceifando muitas vidas.

«Quem será o responsavel de todas estas calamidades?

«Meditemos!»

Á PEDIDO.

—Capitão, cuça uma historia.

—Contemporanea?

—Não, mythologica.

Havia uma linda nympha, chamada *Palefe*, que costumava ir banhar-se n'umas cristalinas *fontes* d'onde jorrava *ouro e joias preciosas*.

Essas *fontes* estavam situadas n'um *valle* chamado *Valle Novo do Trafego*.

Ora, naquelle tempo o *commercio* era ignorado entre os deuses e não sei donde veio ao tal valle semelhante nome.

A nympha habitava uma gruta, n'uma collina, onde, seculos depois, um *jesuita* edificou um templo.

Na gruta haviam duas lapas; uma inferior, outra superior; a nympha habitava a de *cima* com seu esposo *Zuli*, homem que teve a infelicidade de comer papos de *arara* e por isso ficou com os membros entorpecidos, por encantos do genio *Joés*.

A nympha desgostou-se da nova forma de seu esposo e pediu ao magico *Vesal* que o convertesse em *veado*.

O magico mostrou-se docil a seus rogos.

A nympha, em recompensa, prometteu-lhe, n'uma entrevista no bosque do *rio adulto*, não adorar mais a deusa *Fidelidade*, que movia encarniçada guerra ao magico.

E ella continuava a se banhar nas *fontes* que jorravam *ouro* e *joias preciosas*.

Mas o *ouro*, que brotava dessas *fontes*, tinha a propriedade de corromper os sentimentos.

—Sua historia é mais longa do que pensei: deixe para continuar amanhan.

(*Continúa*)

Gratifica-se com um quartinheiro, feito em uma officina do arsenal de marinha, á quem der noticia certa de quem é uma cadeira que todo dia entra e sahe no mesmo arsenal.

O apreciador do passeio publico.

—Ora ahi está uma cousa inconsequente!

A amazia de um *presidente* vendendo lenha e carvão.

—Ha presidente de toda a qualidade.

De sociedades particulares, beneficentes, de corporações religiosas, de tribunaes, da provincia e outros muitos.

—No meio destes, advinhe qual é.

—V. é quem deve dizer.

—Tem interesse em saber?

—Curiosidade.

—Então, ponha-se de espreita n'uma esquina da rua dos *Capitães* e veja a cuja que, depois das dez, sahe de uma quitanda, accompanhada por um sugeito, que lhe serve de *guarda* ou conductor, veja aonde entra, que saberá.

—Nessa não caio eu.

Vão ver que ha de ser algum velho *poruruca*.

—Isto lá não sei.

O NAMORO

A JORJE FERREIRA.

Porque razão não namoro,
Sendo rapaz estudante,
Mui Petit-Maitre e galante,
Aqui na rua onde eu moro?

Não ha por aqui alguem
Que se possa namorar?
Heide breve me mudar,
Porque não acho com quem!....

Moleque, compra-me vinho,
E vae alli perguntar
Ao meu fronteiro visinho
A' quem devo namorar...

Isto é qu'é rua massante!...
Não acho á quem debicar!...
Só aquella de turbante
E' que me lança um olhar.

Mas é tão feia... coitada!...
E tambem amarellinha!...
Tem respeitavel linguinha!...
Só 'stá boa p'ra cocada...

Moleque trouxeste o vinho?
Devo namorar á quem?
A resposta do vizinho?
—Mandou dizer qu'a ninguem.

Oh!... que grande desafôro,
Qu'horrivel decepção!...
Diabo leve o namoro...
Vou estudar a lição.

Anizio Vianna.

Maio 13 de 1866.

VARIEDADES.

ESTA' BEM RECOMMENDADO.

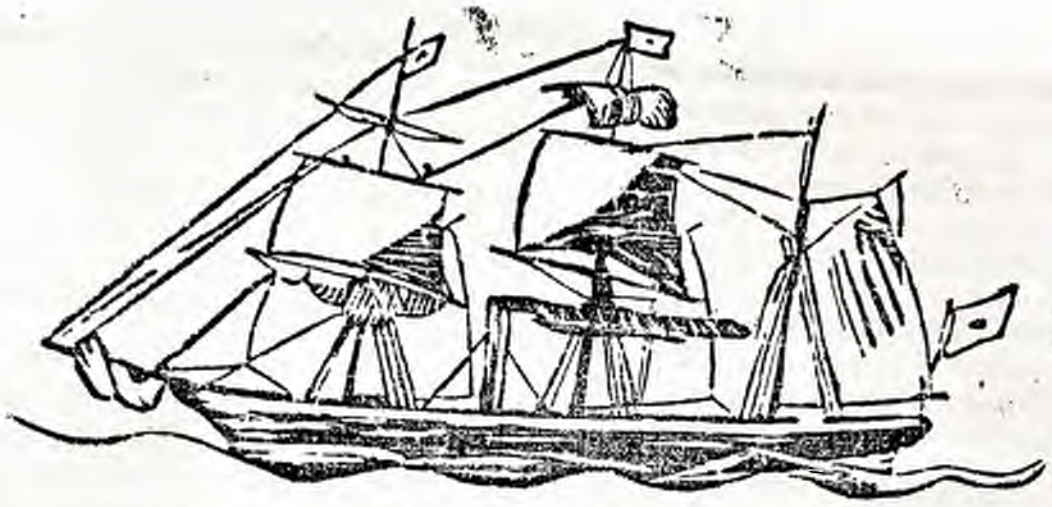
Dizem de Constantinopla que o irmão do sultão esta gravemente enfermo.

Parece que são vinte os medicos encarregadas de o assistir.

Vinte contra um! Que horror!

ANNUNCIOS.

Vende-se um sendeiro ruço pombo e velho, porem muito relinchador, em sentindo faro de biscaia; tem as crinas castanhas, olhos gaseos e bebe em branco; tem bons cascos e conserva-se em boas carnes, por que, com quanto mostre uma fome desordenada, com qualquer retraço se satisfaz; não tem habilidade alguma, porem a figura é altiva e soberba e ainda mais garbosa seria, si um dos seus antigos donos não lhe pozesse um açamo que o priva de correr e morder e si bem ande sempre em passo de carga, sua muito por entre pernas, sem duvida pela muita garapa que bebe. Quem o pretender, annuncie por esta folha o seu nome, para se lhe declarar a estrebaria em que deve achar esse animalejo.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 44.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 28 DE NOVEMBRO DE 1868. N. 440.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de novembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. commandante do corpo provisorio de policia.—Tendo o guarda desse corpo, Juvencio Jovino dos Humildes, destacado nos Lençóes, deixado a consignação de 5$ rs. por soldo a seu pae Joaquim dos Humildes, authorisando-o por uma procuração a receber a mencionada quantia, torna-se preciso que V. S. informe o motivo porque não se tem effectuado semelhante pagamento, amontoando-se tal dinheiro em mão do Sr. capitão Baldoino, sem necessidade e com prejuizo de terceiro.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá á rua do Tijollo e obrigue aos moradores do 2.° andar do sobrado n. 22, a retirarem dos peitoris da janella uns cacos de craveiros que ali deitaram, visto como, por um descuido qualquer, pode subir algum gato, cachorro ou gallinha e jogal-os no meio da rua; devendo dirigir-se ao mencionado sobrado, logo que esta minha receba, afim de evitar algum caso a lamentar-se. Cumpra.

—O que se tem dito á respeito do inqualificavel procedimento das irmans de charidade, no hospital da santa casa, era mais que sufficiente, para que uma administração zelosa, como acreditamos que o é a actual honrada meza, mandasse proceder a escrupulosa syndicancia sobre os revoltantes factos que ali se tem dado, e já tivesse tomado uma salutar providencia, que alliviasse os desamparados da sorte, que vão ali procurar linitivo a seus soffrimentos, do jugo oppressor daquellas mulheres impostoras e caprichosas.

Mas qual!

O segredo e a mentira são as maximas reguladoras da administração daquelle hospital!

A hypocrisia é o attributo em que assentam seu predominio!

Custa a crer que, emquanto essas vaidosas estrangeiras desfructam todas as commodidades da vida e passam regaladamente, amontoando dinheiro por todas as formas, para depois irem se estabelecer em sua terra, por que o seu instituto só as obriga por dous annos, custa a crer, dizemos, que aude uma immensidade de filhas da santa casa, prostituidas, dispersas por esta cidade, porque foram desalojadas do que era seu, desvirtuando-se assim e contrafazendo-se a vontade do generoso fundador desse estabelecimento beneficente.

Emquanto as irmans de charidade tem opipara e luxuriosa meza, ás filhas de Joaquim de Mattos dão 8$ rs. para manterem-se um mez e muitas dellas não os recebem, sob o frivolo pretexto de comportarem-se mal!

. . . . . .

Em obstinação, não ha quem vença as irmans de charidade no hospital.

Renovato, inoffensivo doente, era trancado

a ferrolho, todos os dias: o Sr. provedor indagou do facto, e as irmans sem a menor ceremonia lhe affiançaram que prendiam Renovato, *porem que era á noite*. E ficou nisto.

Mas com que direito prendiam a Renovato, si elle não era criminoso?

Fiadas na longanimidade da meza e especialmente na bonhomia do Sr. provedor, que lhes não põe um paradeiro ao excessivo descomedimento, commettem quanto arbitrio lhes sugerem as suas desarrasoadas cabeças.

Quem passou pelo Terreiro, na quarta feira, ás 6 e meia horas da manhan, e olhou para a porta do hospital, foi testemunha de um espectaculo de incrivel crueldade.

Dous serventes, accompanhados por uma *charidosa*, seguravam pelos braços a um doente, que mal se podia suster, e o atiraram sobre a pequena rampa que ha entre o hospital e o Collegio!

Parece impossivel; mas, infelizmente, é verdade.

Muita gente presenciou.

Nesse mesmo dia, ás 11 horas, sahiu uma irman, com cinco mulheres em convalescença, e dirigiu-se ao Campo da Polvora para as obrigar a lavar roupa e á tarde voltaram, trazendo cada uma uma enorme trouxa, o que prova que já ha muitos dias estavam empregadas nesse labor.

Pois de quem vae ali procurar saude buscase aggravar o mal, expondo a trabalho tão arduo no rigor do sol!

E como é que se extorque assim o trabalho alheio?

As pobres mulheres, coitadas, sugeitam-se, porque precisam de estar ali e muitas não tem recurso.

Entretanto, emquanto os nacionaes assim passam, as irmans de charidade tratam seus patricios a vela de libra!

Emilio Dupont, francez, entrou para o hospital; quando ficou bom, trabalhou tres dias de carpina; teve como gratificação 6$ rs., 2 pares de chinellos do uso da casa, 2 pares de calça de algodão, 3 camizas de lan, e 2 brancas.

Podem as irmans lançar mão dos objectos da casa, como si fossem seu patrimonio e constituir a seus patricios herdeiros dos fallecidos ali?

—De certo que não.

(Continúa.)

—Ouviu hontem á noite um estrondoso baque?

—Ouvi, o que foi?

—A varanda da casa n.° 3, ao Passo do Saldanha, pertencente a irmandade de S. Benedicto que desabou.

Felizmente não tinha moradores.

—Valha-nos isso.

—Immediato!

—Prompto.

—Mande agradecer ao Sr. Antonio Griziano da Rocha Algarrão a amabilidade que teve em offerecer-nos um volume de sua *Miscellanea*, que acaba de publicar.

—Sciente, capitão.

—Capitão, á exforços da subdelegacia da Sé, foi hontem encontrada em uma casa ao Cruzeiro, a menor de 14 annos Eduviges Maria da Conceição, filha de Maria Manuela, moradora na rua da Larangeira, que fôra raptada e defforada.

—Por quem?

—E' indigitado o portuguez Antonio Manuel Rodrigues, vulgo o *Gago*, de quem a mãe da offendida era creada.

—Conheço muito esse meninorio. E' o mesmo que já deu um tiro n'um sujeito na rua da Poeira.

—Dá-se como cumplice o Antonio Cyrillo Alves dos Reis, sujeito morto e vivo na venda do tal *Gago*.

—E agora?

—O sujeito nega a pé firme a authoria do crime.

—E a menina?

—Confessa o facto, mas occulta o author.

—Com tanto se achará.

Um juiz atilado, como é o subdelegado, descobrirá por certo toda a massada.

—Mesmo que do interrogatorio se conheçem as palpaveis contradicções em que cahem Cyrillo e o *Gago*.

Hontem á 1 hora da noite ainda durava os interrogatorios que começaram as 11 do dia.

—Estes dias tem sido ferteis em tristes acontecimentos.

—Mais algum?

—Hontem, 26, um escravo, menor, do major Carneiro, deu uma cannivetada em outro tambem menor.

—A Virgem da paz se metta entre todos.

—Capitão, estou horrorisado.

—Porque?

—Entrei na cathedral e presenciei um acto da mais hedionda profanação.

—Algum padre conversando com a *comadre*, sem duvida.

—Peior mil vezes.

Um moleque, ali homisiado, de thuribulo

na mão incensava a parte mais impudica do corpo!

—Que impiedade!

—E disseram-me que elle ja tem costumes de fazer isso *por graça*.

—Esse moleque, de quem V. falla, refugia-se no Collegio quando policia lhe anda na pista, porque la ha quem o acoite.

—Por isso!

Entretanto talvez la mesmo haja quem ria-se com tamanho saerilegio.

—Quanto grito d'aqui d'el-rei para o lado da rua dos Ossos, freguezia da Sé!

—E' um filho do pharmaceutico Barbosa que foi encontrado dentro da casa n°. 29-A, em que mora uma Sra. Josepha de tal.

—O que foi la fazer esse melcorio?

—Homem, os filhos desse senhor são dotados de taes *predicados*, a que eu mesmo não posso attribuir o que levou esse a penetrar na casa alheia.

—Fui a missa no Bomfim, capitão.

—V. é perna certa nas sextas feiras.

—E passei por uma decepção.

—Algum caso desagradavel?

—Sim, Sr. Além do susto que rapei, tive de amargar o caminho a pé porque a gondola em que vinha, ao chegar ao gazometro, partiu um varão da roda, em razão de trazer maior numero de passageiros do que comportava a sua lotação.

—Todos os dias se reclama a respeito.

—Desta vez a culpa não foi da empreza, foi do Sr. Candinho Corcunda, que anda um pouco amuado com um dos directores.

—Prevenções não são boas.

—Principalmente com prejuiso de tantos.

—Aqui está como o governo da provincia distribúe justiça:

«Alcino Alves Ribeiro, empregado da bibliotheca publica, pedindo abono dos dias, que, por motivo de molestia, deixou de comparecer na repartição.—*Não tem logar.*»

«Luiz da Silva Romão, guarda de um dos armazens do arsenal de guerra, pedindo que lhe sejam abonados os dias de falta motivada por molestia.—*Como requer.*»

—Justiça de cão com gato.

—Pode muito bem haver causas a favor de um e contra outro pretendente, mas pelo que está escripto, faz duvidar da rectidão dos actos governativos.

Á PEDIDO.

Então, Sr. Oliveira,

Ao depois daquella *graça*,
Carregou com a menina
Para a *esquina* da praça?

Entendeu que assim fazendo,
Encontrava lnitivo,
A's peças que lhe pregava
O sujeito *primitivo?*

Enganou-se, meu patola,
Que la no terceiro andar,
Onde a joia está guardada
O cujo vae desfructar.

—Viu o escandalo hontem?

—Não.

—E' porque não foi ao passeio publico.

—Mas foi o futuro candidato pelo 4.° districto.

—E a baroneza tambem.

—Miseria, das miserias!....

—Quem quizer ver *honestidade*, *honradez* e probidade procure na aristocracia.

—Corrupta sociedade!

(*Continúa.*)

(Continuação.)

—Em uma occasião, em que a nympha *Palife* se banhava descuidada, nas *fontes* de ouro e joias preciosas, foi surprendida pelo genio *Joa-chim* filho, da graça *Fran,* a qual transformada em *cisco* a espreitava por detraz de uma moita de madre-*silvas*.

A nympha fingiu-se agastada e quiz fugir, mas o genio raptou-a e conduziu-a ao monte *Ouri* que *vis* a vis ficava de outro monte e de la viu *Zuli* desesperado, em procura da esposa.

Para abrandal-o, transformou-se em pardal e vôa até a colina em que habitava o par e consegue illudir *Zuli* por meio de promessas de que lhe descobriria a esposa.

Passados tempos, quando *Zuli* se tinha tranquilisado, *Palife* voltou ao thalamo conjugal e o genio *Joa-chim* accompanhou-a.

Palife não amava mais a seu esposo.

Então o genio persuadiu o a fazer uma longa viagem a uma terra, onde pela *purificação* dos ares, ficaria bom de seus membros enterpecidos.

(*Continúa*)

—Olá, sicario, mede bem o *precipicio* a que te arremessou a tua indole sanguinaria.

Mandastes trucidar a victima indefeza e agora por mais *cunhas* que metta o *Castro* a teu favor, não conseguirá apagar os vestigios do crime.

—Pode ser que não esteja longe, apezar da immunidade de *ladrão matriculado,* e dia

em que n'uma enxovia irás saborear os fructos de tuas atrocidades.

—E' preciso chamar a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para um cavalheiro de industria que nesta cidade tem commettido toda sorte de *gentilezas*, illudindo actualmente a propria boa fé de S. S.

Membro do olho vivo, *golpista* consummado, roubava para si só, e por isso foi aqui recrutado, em uma sexta feira de Passos, na egreja d'Ajuda, na occasião em que do bolso de certo individuo safava-lhe a carteira, porque naquelle tempo, era praxe que todos os larapios déssem uma quota de suas gatunices a certo agente policial.

O recrutamento desse individuo levantou uma celeuma contra o energico chefe de policia, de então, que procurava livrar a população de um tal flagello, diminuindo o numero dos assaltadores das algibeiras alheias.

A questão foi até aos conselhos da corôa, porque o exaltamento partidario transformou a prisão de um ratoneiro em questão de polica.

Até um agente diplomatico estrangeiro interveio na questão reclamando o rapina, como subdito de sua nação.

(Continúa.)

—Hoje em dia pede-se por quem dá e não por quem apanha!

—Não adiantou ideia alguma.

—O estrangeiro que quizer pode chegar aqui, calotear a quem bem lhe parecer e ir se andando, por que tem licença na manga para isso.

—V. é que entende assim.

—Não sou eu quem entende, são os factos que o estão provando.

Veio para aqui um gallego, contratou artistas para trabalharem em seu beneficio. O artista encarregado d'esse trabalho se achando compromettido com os seus companheiros, exige delle o pagamento e tem em resposta.

«*Não pago porque não quero.*»

—Quem não paga o suor do artista, é ladrão!

—Dias depois entende o gallego retirar-se para fora da terra; mas o encarregado pelo trabalho embarga-lhe a viagem, porem o juiz por uma simples petição de um procurador, põe embaraços de proposito, e por fim manda suspender o embargo, e ainda o ousado e ladravaz labrego faz um protesto exigindo perdas e damnos e avaliando tudo isso em duzentos mil réis mensaes!

—Está no seu direito de assim exigir!

—Uma pessoa perguntando ao cynico estrangeiro si elle alem de pregar o calote ainda queria dinheiro, teve em resposta:

«*Que quer que lhe faça, si é esta a justiça de sua terra!*»

—Elle não tem culpa, culpa tem quem protege a um estrangeiro ladrão!

Mas em quem encontrou esse estrangeiro esta proteção?

Foi em algum homem honrado e probo; foi em algum cidadão prestante; foi em algum amigo sincero; foi em algum esposo extremoso; foi em algum pae cuidadoso da educação de seu filho?

—Não.

—Mas em quem foi então?

—Isso é que sua curiosidade pergunta e que eu lhe responderei em tempo opportuno.

VARIEDADES.

BALDAS USUAES.

O homem sumitico e usurario de ordinario é muito politico, principalmente com os ricos e com as senhoras na sociedade. Offerece com muito gosto agoa para se beber, cadeira para se assentar e quando muito alguma fructa que não dura para o outro dia. Quando o usurario se vê entre homens pobres ou complicados da vida, entra a chorar e contar desgraças, que tem soffrido—ad cautellam para evitar com tempo algum pedido.

—

Toda moça soberba e presumida de cantar bem, zanga-se e desespera-se quando outra canta antes, a muzica que ella tencionava cantar. Isto em bom portuguez chama-se miseria d'alma, combinada com estupidez.

—

Sr. de engenho, que quer ostentar grandeza, sustenta um cavallo um anno inteiro para trazel-o muito gordo somente no dia da festa do Bomfim.

—

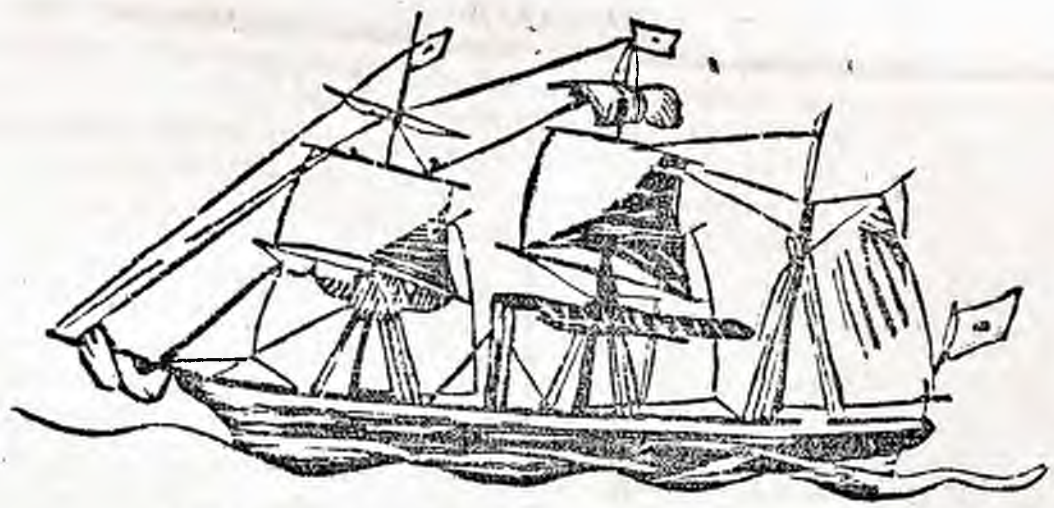
Rapaz, que vae a Europa, todo seu empenho quando volta, é trazer uma roupa de fazenda exotica que ainda não fosse vista e juntamente variedade nas barbas: si se demorar mais de um anno, traz oculos para indicar fadiga nos estudos.

—

Mulher, que se presume de bonita, quando vae a egreja em dia de festa, muda o modelo de andar para parecer elegante; porem algumas ficam cambaias.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O
ALABAMA
1867
A
1868
H
8
6
20
I. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 42.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie d'10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 1.º DE OUTUBRO DE 1868. N. 416.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de setembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, lembrando-lhe a conveniencia de aproveitar um menino orphão, o qual, na companhia de aprendizes, pode vir a prestar serviços a seu paiz e a que, entretanto, para um perfeito reu de policia nada falta; porque, alem de servir de *cocada* para as *meninas felizes*, é provecto no kalendario das obscenidades, sobre que discorre com a maior sem-ceremonia e falta de respeito possiveis.

O menino de que se trata, chama-se Manuel, é orphão de pae e mãe e seu ponto favorito é a venda *Progresso*, atraz da Sé.

Espera-se que S. S., que tão sollicito se tem mostrado em attender á reclamações justas, não deixará esta em olvido.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá sem demora multar o creoulo Raymundo de tal, que infringe a postura 41, atravancando o largo d'Agua de Meninos com toda a lenha que ali desembarca, a qual é por elle atravessada, ficando ao depois engasgado, como a sucuruiúba quando engole o boi e sem lhe poder dar destino. Cumpra.

—Ao porteiro do Forum, ordenando-lhe que advirta á meia duzia de rapazolas, que vão para ali passar as horas, que em tal casa só vae quem tem negocio; afim de evitar que os sobreditos cujos, impertigados nas janellas, entretidos nos *pestanejos* que fazem para as meninas felizes, estejam a dar cusparadas em quem passa ou pára por baixo do mesmo forum, uma vez que devem saber que o melhor logar de *passar-tempo* é o Largo do Theatro, para onde devem ir nas horas vagas. Cumpra.

—Quem tiver o seu segredo
Não conte a mulher casada;
A mulher conta ao marido,
O marido á camarada.

—Bravo! deu hoje p'ra versejar!

—E com effeito, quem quizer saber de novidades entre em uma taverna, ou vá á casa d'alguma moça solteira.

—Não lhe pareça.

—Ora! Uma destas noites, duas visinhas minhas conversavam fora de horas, julgando que ninguem as ouvia e dizia uma para a outra que, em certa casa de educação da infancia feminina, prenderam por castigo uma menina em um pavoroso quarto escuro, á pão e agua e no fim de tres dias, quando foram vel-a, acharam-na assombrada e como louca!

—Homem, isso é falta de *charidade*.

—Eu, que tenho o peccado da curiosidade, puz-me na moita e ouvi tudo.

—Mas, si realmente isso se deu, é uma barbaridade; uma antithese da *charidade* aconselhada por *S. Vicente de Paula*.

—Não venha atirando sua setta á esmo, porque de *ladeira* ácima não attinge o *alvo*.

—Nem eu faço juizos temerarios; o que digo é que nada authorisa tamanha crueldade, com uma creança, si é verdade que o facto se deu.

—Já soube o que houve hontem pela Preguiça?

—Não.

—Pois eu lhe conto. Sua policia anda um pouco atrasada.

—Não lhe pareça.

—Pedro Borges, maritimo, ha muito que andava com a pulga na orelha a respeito da fidelidade de sua companheira. Hontem, ás nove e meia da noite, entrou inesperadamente em casa, que é o 2.º andar do n. 10, e viu convertida em realidade sua suspeita. A rapariga *entretinha-se* com um fulano Charles.

—E o resultado?

—O resultado foi que o tal afrancezado ainda se julgou com direito de arrumar tres famosas facadas em seu rival e pôr-se ao fresco.

—Coitado! A este é bem cabido o ditado:

Coitado do homem,
Coitado delle,
Tomaram-lhe a moça,
Inda deram nelle.

—Na manhan do dia 29, o Sr. Emygdio, indo abrir a sua loja de sapatos á rua Direita de Palacio, conhecida pela loja do Salvatore, encontrou-a aberta, sem arrombamento, e a gaveta tambem aberta, deixando ver-se que foi com algum instrumento mettido na linguêta da fechadura, dando por falta de trinta e nove mil e tanto reis, sendo trinta e quatro mil reis em papel, mil e tantos reis em cobre, dous patacões de dous mil reis cada um, um relogio de prata e um annel de trança de cabellos.

—E' celebre isto!

Pois como é que a loja do Sr. Emygdio, que fica defronte do portão do pateo do Palacio, onde ha de continuo uma sentinella, e em uma rua tão concorrida como aquella, poude um ladrão abrir a porta, alta noite provavelmente, introduzir-se dentro, roubar e sahir sem ser visto?

—Não sei; o prejudicado mandou chamar-me e mostrou a gaveta com a linguêta machucada, pela força que empregou o ladrão para abril-a.

—Ha cousas que parecem impossiveis!

Em todo caso, pedimos ao Sr. Dr. chefe de policia providencias contra os larapios, que invadem as propriedades alheias, porque entendem que não devem trabalhar e querem viver a custa do suor alheio.

—Embalhadas velhas pelo Corpo Santo.

—E' um duetto de cacete que estão ensaiando aquelles cujos.

—Que dous! Um appellida-se de *corsario* e o outro inculca-se de *barateiro*.

—Mas não o protegido da *fortuna*.

—Não, é o vindo de *Guimarães*.

Á PEDIDO.

—Capitão, temos cousa.

—Venha.

—Trago-lhe este presente.

—Olhe, que tem *mau gosto*.

—Recrutei este bisborria, na occasião em que, encarapitado n'uma *rocha*, dispunha-se a saltar o quintal do *Antonio* para bifar *amoreiras*.

—Prova mais que evidente de que tem queda para rato.

—Isso nem se pergunta, capitão.

—Va se chegando para perto.

—Capitão, pelo amor de Deus.

—Não *s'acanhe*, rapaz, V. ainda não disse ao que veio e ja pede misericordia!

—Ah! capitão....

—Ora vamos, narre lá esse catalogo de mazellas.

—Nada tenho para dizer.

—Aqui não se admitte hypocrisia. Vamos.

—Capitão, juro-lhe.....

—Obstina-se?

—Intrigas, capitão.

—Muxingueiro! Este meliante em ferros por 3 dias á pão e agoa.

—Eu fallo, capitão, eu fallo.

—Ja desamuou? Então abrevie isso.

—Quanto me custa!

—Não admitto protelações.

—A primeira de minhas tratantadas foi com meu proprio pae.

—Principiou bem; siga.

—Associou-me a uma *fabrica de oleo apurado* e eu tanta tranquibernia fiz, tanto o lezei, que elle perdeu a paciencia e me deitou no andar da rua, por que estava prestes a dar em pantanas.

—Pelos domingos se tiram os dias santos; si quem lhe deu o ser não o poude soffrer, é por que V. é um refinadissimo tranpolina.

—Pode me dispensar o resto, capitão.

—Nada, nada.

—Capitão, dispense-me, que eu posso espichar-me; minha instrucção é adquerida no collegio dos Arianis, minha intelligencia é do

Belchior e minha eloquencia do Chuchú Frederico.

—Capitão, eu, quando o trouxe a V. Ex. não foi por elle ser boa rolha. Tem uma lingoa viperina, afiada como navalha; não guarda decoro á honra da casada, nem á honestidade da donzella; todos para elle tem vicios, que o diga um rapaz *severo* no seu procedimento, enja vida é atassalhada constantemente.

—Intrigas de eleição.

—Tem mais: o predicado dé ser cacetista e batedor de eleição. Na freguezia do *Segura Paredes* quiz ultimamente se attestar com o homem dos Coutos.

—Pois esse mono não vê que açafrão não é para boi?

—E V. Ex. não sabe dé mais uma fumaça tolla deste bestalhão?

Anda blasonando que é o futuro major do batallhão dos *balaios* e ja está em ajustes de um cavallo russo pedrez, que para a carga Deus o fez.

—Elle mesmo me parece um cavallo. Pois o governo vae se lembrar desta rolha para fiscal de um batalhão!

—Minha gente está de cima, capitão.

—Pois sim, o muxingueiro é quem lhe ha de pregar os galoes, em logar de ser na farda ha de ser nas costas.

(*Continúa.*)

—*Badú*, as calças do menino?

—Estou apromptando.

—E' sempre sua desculpa!

Desde janeiro que lhe dei o dinheiro para a fazenda, e sempre que lhe encontro vem V. com esta cantilena.

—Qualquer dos dias lhe entrego.

—Si V. já *derreteu* os cobres me desengane.

—Eu?! Son incapaz.

—De *impandianentos* basta; ou me dê a obra, ou eu vou ao capitão do *Alabama* para lhe indereçar uma daquellas missivas costumadas.

—Não me faça este mal!

—Então, veja lá o que faz.

—Aqui está a moderação e justiça dos taes Srs. conservadores:

João Julio Candido, entrou para o arsenal de marinha menino, lá aprendeu officio e lá se póz homem.

Casou-se, e hoje é chefe de uma numerosa familia; com o suor de seu rosto tirava ali, por meio de seu officio, a subsistencia para si, sua mulher, seus filhos, suas irmans e mais pessoas que sustenta.

Sem que nem para que, arrancaram o pão da bocca de tanta gente, pelo imperdoavel crime, attribuido a João Julio, de ser liberal, ou talvez porque não quiz se sugeitar á humilhante condicção de portador de uma chapa carimbada!

E são os homens, que bradavam contra os excessos dos progressistas!

—Ora creia-se em tal gente!

—A mim elles nunca enganaram.

—Neste caso, os progressistas eram mais tolerantes, porque conservavam em seus logares empregados publicos, que os hostilisavam abertamente.

—E até nomearam adversarios para muitos logares. Ahi está o tenente-coronel Paranhos, para exemplo.

—Entretanto, elles covam o seu rancor até com um pobre artista, reduzindo-o ao maia apertado transe e desesperadora condicção da vida—a fome de sua familia!

—Pois aquillo assenta n'um padre?!

—Que regateiro!

—Como uma quitandeira, n'uma porta de loja a *batter bocca* por causa de 11$ rs!

—E dinheiro que elle não pode cobrar; porque não só deixou a capellania sem missa, como não deu conta do Menino Deus, que desappareceu, levado talvez pelas moninas que o visitavam.

—Que bellas *amenidades* sabem daquella lingoa de prata!

—E' um espadanchim completo.

—A Mãe de Deus da Barroquinha dé juizo a quem não tem.

—Sempre pensei que aquelle padre fosse mais *sabido*, agora vejo que ha muito elle devia ter um logar reservado no hospicio de Pedro 2.º

Com o favor do Demo querem receber-se em matrimonio—José Olaio e Bençola, ambos residentes n'esta cidade.

Quem souber de algum impedimento, pregue-o pelas esquinas.

Sodoma 30 de setembro de 1868.

VARIEDADES.

OBRAS DE MISERICORDIA.

As obras de misericordia eleitoraes, no imperio do Brasil, são quatorze, sete do governo e sete da policia.

« As do governo são estas:

« 1.ª Dar de comer a quem tem fome.—Isto é, dinheiro ao que quizer vender o votinho no dia da eleição, na porta da egreja.

« 2.ª Dar de beber a quem tem sède.—Mandar collocar mezas com bebidas nas proximidades das egrejas, para os votantes matarem a sède.

« 3.ª Vestir os nús.—Dar roupa e calçado aos que o não tiverem, para poderem sahir n'este dia a levar o votinho.

« 4.ª Visitar os enfermos e encarcerados.—Mandar á casa dos que se acharem doentes, offerecer cadeiras ou rêdes para poderem ir á egreja: e egualmente mandar ás prisões offerecer liberdade aos que se acharem recolhidos (por pequenos crimes) se aceitarem a chapinha.

« 5.ª Dar pousada ao peregrino.—Offerecer casa e mesa nas vesperas de eleições aos que necessitarem (porem isso só até o ultimo dia d'ella).

« 6.ª Remir os captivos.—Pagar aos capangas que melhor se sahirem, nas lutas das egrejas e praças publicas.

« 7.ª Enterrar os mortos.—Quer dizer! faze-los ressuscitar para irem ás egrejas levar o votinho, e depois enterra los de novo. »

« As da policia são estas:

« 1.ª Dar bons conselhos.—Aquelle que for empregado publico, ou guarda nacional solteiro, para votar no governo, sob pena de demissão do emprego, ou ir para o Paraguay.

« 2.ª Ensinar os ignorantes.—A maneira por que se devem apresentar nas egrejas e responderem ás perguntas de alguns opposicionistas, quando se desconfiar de que é phosphoro.

« 3.ª Consolar os tristes.—Prometter em nome do governo bons empregos áquelles que os pretenderem nas primeiras vagas que houver.

« 4.ª Castigar os que erram.—Perseguir e prender o votante, que não quizer sujeitar-se á imposição da chapinha.

« 5.ª Perdoar as injurias.—Que tiverem de algum votante (porem isso só até o ultimo dia da eleição).

« 6.ª Soffrer com paciencia as fraquezas do proximo—D'aquelles que se embebedarem e provocarem desordens (sendo elles governistas).

« 7.ª Rogar a Deus pelos vivos e defuntos.—Isto é, pelo governo para que elle vença a eleição, não obstante o emprego do dinheiro e força, e que a defunta opposição não ressucite. *Amen.* »

UMA SCENA CURIOSA.

Um jornal inglez conta o seguinte caso passado n'um tribunal de Londres:

Henry Gibbs foi acusado de ter roubado um par de calças pertencentes a um algibebe de Moorgastestreet.

O magistrado achando insufficiente as provas, mandou soltar Gibbs.

Todavia Gibbs, conservou-se immovel sobre o banco dos reus.

O seu advogado foi dizer-lhe que estava livre, porém Gibbs teimava em não mover-se do logar que occupava.

A sala do tribunal estava quasi deserta e Gibbs não se movia.

O advogado, impaciente, perguntou-lhe com vivacidade qual era o motivo porque não queria sahir.

Gibbs disse-lhe em voz baixa ao ouvido:

—Não tive animo para sahir antes das testemunhas.

—Porque?

—Porque trago vestidas as calças que roubei!

QUESTÃO DE SUBSTANCIAS.

Dizia um chefe de familia a um seu visinho:

—Meu amigo cada dia se vão tornando mais caras as substancias Custa tudo um dinheirão.

—Não é tanto assim, visinho. Leia você este periodico do dia, e ahi verá que em uma aldeia proxima, houve um individuo que por doze vintens deu em outro treze bordoadas.

ANNUNCIOS.

A festividade de Nossa Senhora da Gloria, que se tinha de celebrar no dia 27 de setembro, transferiu-se para o dia 8 de novembro, em consequencia de se achar enferma a primeira juiza a Exma. Sra. D. Aprigia Aranhas Dantas, ficando em vigor as esmolas que se tem recebido para tal solemnidade.

Bahia e devoção de Nossa Senhora da Gloria, 29 de setembro de 1868.—O thezoureiro, *Clemente Borges*.

QUEIMA ESPANTOSA!

A 2$400! 2$400! 2$400!!

Cada corte de cassa achitada de fixos e lindos padrões, com 8 jardas cada um, fazenda propria para vestido, vende a loja 106, ao entrar das Grades de Ferro, por baixo da Lithographia Jourdan.

A's familias que dezejarem ver esta novidade, mandando o importe, da-se para ver.

No becco do Tapa-buraco acha-se á venda grande porção de lunetas proprias para os rapazes, que padecem falta de juizo nos olhos; tambem se trocam por alguma roupa usada, porem ja paga ao alfaiate, para não haver duvidas no contracto.

AMA

Precisa-se de uma na rua da Preguiça n. 11, 2.º andar.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. — Serie 42.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 3 DE OUTUBRO DE 1868. — N. 417.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de outubro de 1868.

Officio ao Illm Sr. Dr. delegado do 1.º districto, communicando-lhe que o becco do Rincão, á rua das Veronicas, está convertido em theatro das mais deshonestas e torpes scenas praticadas por homens e mulheres sem occupação licita, que ali se abrigam, sendo á noite principalmente que primam na pratica de tudo quanto a sociedade reprova, com grave escandalo e offensa para a moralidade das familias. Não devendo continuar semelhante ajuntamento, que muitas vezes excede a 50 pessoas, pede-se á S. S. que, por meio de seus agentes, se digne mandar dissolvel-o, aproveitando os que estiverem no caso de servir á nação.

Portaria ao fiscal geral.—E' de summa necessidade que V. m. prohiba por meio de editaes ou avisos publicos a creação de gallinhas, pintos e capões, porcos e perús, que tão impropriamente se pratica nas ruas desta cidade; devendo Vm. munir-se de uma sacola e ir mandando agarrar todas as gallinhas e mais passaralhada que encontrar pastando pelas ruas, as quaes serão fritas ou assadas e vendidas em leilão, sendo o producto applicado para as despezas da municipalidade, que anda tão pobre.

Tudo isso deve Vm. cumprir com exactidão, para que essa gente saiba que as ruas da cidade foram feitas para transito publico e não para gallinheiros e chiqueiros. Cumpra.

—Perversidade sem limites!

—De quem?

—De uns malfazejos garotos, que se sentam à noite na porta da sachristia de Sant'Anna e atravessam uma corda, para terem o satanico prazer de ver quem vem ou vae pela rua do Carro ir de ventas ao chão.

—Que malvados!

—Na quarta feira, á noite, racharam a cabeça de um escravo do Sr. Pinto de Bulhões com esse maligno brinquedo e empalmaram em cima disso 17$ mil reis que o escravo levava.

—São flores para engrinaldar a coroa vigilante da nossa policia.

NOTICIAS DO INFERNO.

Carta remettida por Ferrabraz a seu amigo João Duro, habitante cá deste mundo, chegada ultimamente pelo vapor Lobis-homem.

AMIGO JOÃO DURO.

Caverna dos Fogareus 20 de setembro de 1868.

Aproveito a occasião da partida deste vapor, que vae com escala pelo cemiterio, para te dar algumas noticias do que tenho visto, e ao mesmo tempo saber como vaes tu nesse mundo de velhacadas.

Isto por cá está quasi vasio, porque quasi todos os demonios estão de canastra arrumada para passarem a festa no Purgatorio, as Furias estão tambem se apromptando para tomarem banhos no Vesuvio grande.

Na quarta feira da semana passada, o general de ferro passou revista na guarda nacional toda que aqui temos; apresentou-se a tropa toda ricamente fardada em fraldas de camisa, com ricas bandas de musica de bosinas, chocalhos, matracas, campainhas e foguetes. Ao meio dia e meia hora começou o exercicio de fogo com artilharia de feijão, e era tanta a fumaça que os capitães não enchergavam as fileiras.

Acabada a revista, fui dar um gyro á casa do inspector geral das fogueiras e pedi-lhe que me fosse mostrar as prisões; elle promptamente prestou-se a este obsequio, e fez-me descer por um alçapão, que tinha uma escada estreita e levada da breca, andei mais de meia hora, e por fim cheguei a um subterraneo horroroso; neste logar vi diversas portas grossas de ferro pelas paredes, que eram côr de chumbo: mandou elle com um forte grito que se abrissem e então entrei eu a admirar o que vae por aqui de espantos e scenas medonhas.

No primeiro cubiculo, ou calabouço, estavam uns homens de capa preta com umas correntes nos pés e uma quantidade de resmas de papel sobre a cabeça, que os fazia curvar pelo grande peso.

Perguntei que sugeitos eram aquelles, e disse o general: «amigo, apreade; aquelles são os ministros malvados e sem caracter, que por dinheiro deram sentenças injustas lá no mundo, e por isso estão condemnados a carregarem os autos de suas patifarias emquanto houverem demandas lá pela terra.»

No quarto immediato estava uma meia duzia de sugeitos, carregados de retalhos de fazendas de muitas qualidades, umas thesouras grandes penduradas sobre os narizes, e uns demoninhos anões cosendo-lhes as orelhas com barbante.

Quiz eu saber o que era aquillo, e disse o homem: estes são os alfaiates ladrões, que furtam as fazendas de seus donos; então um dos condemnados disse:—eu, Sr., nunca fiz obra sem tirar o meu quinhão; pedia sempre de mais, ao menos meio covado, e alem disto sempre fazia a obra estreita para se rasgar mais depressa.

No outro quarto visinho, estavam uns homens cheios de latões, arames, parafusos e uma trapalhada immensa de ferrinhos que quanto mais elles os arrumavam, mais se atrapalhavam, de sorte que estavam damnados.

Procurei saber que artistas eram esses, disse o inspector: estes são os relojoeiros velhacos, que trocam mollas dos relogios bons, quando seus donos dão para concertar e por isso almoça cada um, por dia, seis duzias de bolos de palmatoria de cação.

Depois disto, sahimos por um corredor pintado de vermelho e fomos dar n'um pateo grande; chamado praça do castigo; ahi estão seis pelourinhos e nove troncos afora uma immensidade de correntes de todas as grossuras e já muito ferrugentas.

Neste pavoroso logar, estavam uns trinta e tantos homens com umas caras muito espantadas, vestidos de mulher com saias de zuarte e lenço pela cabeça, á laia das beatas de capote.

Disseram-me que estes eram os militares covardes, que trahiram o governo com a ganancia das revoluções, e por isso só se occupavam agora em fazer guardas no poleiro de Satanaz, para vigiarem as gallinhas, por causa dos morcegos e as apalparem quando tiverem ovos. Com effeito, fiquei admirado de ver officiaes de patente superior tão fracos e tão faltos de brio.

No tecto d'um telheiro grande, mais adiante estava pendurada uma gaiola ou capoeira monstro feita de sipó caboclo e cheia de moças dentro, todas muito alvitreiras assobiando e dançando polkas, por serem namoradeiras e lograrem os rapazes, chupando presentes por ociosidade e vicio; estavam condemnadas a comer só lagartixas cosidas.

A ultima scena que vimos e bem interessante foi de um grupo de sugeitos muito amarellos, carregando ás costas umas caixas grandes de vidraça e com uns canudinhos de cobre tortos mettidos nas ventas: que gente é esta? disse eu—respondeu um delles: amigo, nós somos os ourives velhacos que viviamos de comprar furtos e ficar com o ouro de quem nos mandava fazer obra, ou trocal-o por cobre e por isso estamos condemnados a carregar ás costas, em ar de realejo, as taboletas de nossas ladroeiras e alem disto o Sr. Satanaz ordenou que trouxessemos sempre os maçaricos mettidos no nariz.

Eis-aqui, meu João Duro, o resultado deste passeio que fiz ás cavernas do inferno e tratei de voltar logo, porque o calor era muito e os logares estavam entupidos de gente de sorte que se trata de augmentar as commodidades das prisões para receber os freguezes, que forem chegando lá do mundo.

Por ora é o que tenho visto de mais notavel, si eu souber de mais alguma novidade lhe contarei e, entretanto, Vm. me escreva; mande-me noticias de como vae essa Latronopolis de rapinas; diga-me si as meninas do becco já

casaram e mande-me pelo primeiro portador que tiver cá para o inferno meia arroba de enxofre, que é o genero que aqui mais se gasta.

Rogo lhe mais que não se esqueça de mim que sou seu amigo e pode ser que Vm. ainda venha parar com os ossos cá.

Seu abrasado amigo sem fumaça,
Ferrabraz.

Á PEDIDO.

—Que diabos de estudantes!

Não passa uma pessoa aqui que não seja pateada por elles.

—São divertimentos de estudantes darem pateadas.

—Mas tudo tem seus limites!

Já não são as pateadas, são os insultos que lançam sobre as pessoas que tem a infelicidade de transitar aqui pela *ladeira* da vendagem *das hortas!*

Na quarta-feira patearam ao acendedor do gaz de tal sorte que elle desesperado, quebrou, com a escada, todas as vidraças da casa dos insolentes.

A visinhança vive encommodada com o barulho que elles fazem a qualquer hora do dia ou da noite.

—Então, meu amigo, dirija-se ao chefe de policia, para ver si elle manda chamal-os e consegue por boas maneiras corregil-os.

—Por ahi é que vou!

RESPOSTA DOS CONTRAHENTES.

Cautella.... olhe o *rabo de palha*, não queira dispertar o LEÃO que dorme.

Alma de Vieira.

NOTICIA MARITIMA.

O patacho *Manuel Rodrigues*, que tinha sahido deste porto carregado de *marmotas*, voltou em lastro.

—Ora; um frade pedreiro!

—Si ha de ir para o altar dizer missa, anda mettido entre cal e tijollos vigas e caibros.

—Cada um para o que naseeu.

—E não lhe pareça; por que é onde elle désempenha melhor sua apostolica missão.

—Da algibeira.

—Nem ao menos ha quem lhe mande tirar aquelle habito, que conspurca com a requintada sordidez,

—E' uma vergonha para a ordem a que pertence.

—Um sacerdote de habito arregaçado trepado pelos andaimes!

—Só nesta dissoluta Latronopolis!

—Meu *Domingos*, o *machado* da corrupção lavra em todos os corpos.

—Eu cá não sou palmatoria do mundo.

—E quem lhe manda?

—Entretanto, entende certa gente que commigo é que deve desabafar suas magoas.

—E' porque sabe que V. não tem baratas no papo.

—Ora, o que tenho eu, que no *trem dos nauticos* não se pague semanalmente, como é ordem, para vir aquelle homem todo queixoso me dizer?

—Si elle se queixa, é que lhe dóe as canellas.

—E conta, todo sentido, as privações que está passando, porque assim o exigem os interesses de uns Srs. Caribé. Leal e Mello, respeitaveis descontadores de salarios *sem usura*.

—Nesta terra tudo é assim. Dá-se uma ordem e não se cumpre, embora soffram os pobres.

MOTTE.

Quem me dera estar agora
Onde está meu pensamento.

GLOZA.

Comi de quejo uma tora,
E um pedaço de pudim;
Co' a Maria do Bomfim
Quem me dera estar agora.
Todo coixo é caipora,
Todo frade tem convento.
Botica é que vende unguento,
Globo fechado é lanterna;
E' la mesmo na taverna
Onde está meu pensamento.

—Agora não é o *Ciry* que mette a conhecida na sachristia.

—Cré com cré e lé com lé.

—Falle-me assim.

—Então faça ponto até ahi.

—Essas entradas pelo corredor dão o que fallar.

—Alguma confissão em segredo.

—No quarto do *prebendado?*

—Sim.

—Qual; *Jorge* não canta desse.

—Pois tome-la como quizer.

—Falle-me *franco* assim, que eu concordo.

—Mesmo que ahi vem a Libania muito lampreira com o seu taboleiro de bananas.

—Capitão!

—Que queres, rapaz?

—Um pouco de attenção.

—Pois avia-te.

—Na rua do *Corpo Bento*, ha um velhaco de grande marca com fumaças de valentão, que n'outra época foi traficante fallido (e a correcção que o diga), considerado fraudulento, pelo que andou homisiado muito tempo, e á poucos dias foi preso por ebrio e insultar e provocar o dono da casa, onde tomou a carraspana.

—Ja vês que a policia fez o seu dever.

—Não digo o contrario, capitão; ouça porem o melhor.

—Falla, falla.

—Esse *mata-sete*, não sei lá porque arte se reabilitou e apparece agora com um cubiculo ao *Corpo Bento*, tendo ás suas portas um lorpa idoso, acerrimo devoto da santa cachassinha: e faz pejo ver a descaração com que atropella os transitantes para que comprem na casa de seu amo; a uns segura-os pelas roupas detendo-os para que o ouçam, a outros diz: V. S., V. Ex., faz favor, && como aconteceu comigo e ainda peior; em quanto ouvi psio, psio, V. S. faz favor, V. Ex. dá-me uma palavra, fui bem; mas quando travou-me do braço e disse: O que é que seu senhor lhe mandou comprar? Sem esperar pelo mais, que ia dizer, retirei meu braço com tamanho impeto que rompi minha jaqueta e vim maldizendo o bebado, que teve o desaforo de tratar-me por escravo: negro e pobre sim, mas livre desde que nasci.

—Está bom, o muxingueiro, munido do competente látego, vae intimar o relaxado a que te acompanhe ao hotel Leão Dourado, e la lhe applicará o correctivo com que tambem ja lá mesmo obsequiaram ao *Godinho* de S. *João*.

—Descance, capitão, suas ordens serão cumpridas, mas não me interrompa, ouça o mais interessante.

—Pois avia-te, tenho que fazer.

—No dia em que se deu o que lhe contei, passando outra vez de tarde no *Corpo Bento*, vi grande ajuntamento de povo, e o tal lorpa com as feições contrahidas zurrando mil immoralidades, e soube que elle tinha atacado um vizinho com um cacete armado de prego e ferindo-lhe o rosto depois de o insultar.

Que aguardente! jurei não passar mais no *Corpo Bento*. Eim, capitão, que me diz?

—Isto é com a policia, faça o que ordenei e a policia que se avenha com o resto.

VARIEDADES.

COUSAS QUE PODEM PARECER-SE UM COMPOSITOR.

Com um alfaiate, que toma medidas e *tira provas*.

Com um sepultureiro, que anda com *caixas*.

Com um geometra, que trata de *linhas*.

Com um cabellereiro, que anda com cabeças e faz *accrescentamentos*.

Com um acrobata, que *dá saltos*.

Com um maritimo, que conduz *galeras*.

Com elastico, que *ajusta*.

Com um archivo, que *guarda originaes*.

Com um patriota, que *anda com pasteis*.

Com um ministro, que faz *combinações*.

Com um general, que *recorre a linha*.

Com um deputado, ou senador por que *faz discursos*.

ANNUNCIOS.

A alma do fallecido Ignacio Calombo pede ao reverendissimo vigario Escorrega, haja de entregar ao Manuel Braz, seu credor, a casa de telhas que lhe andou em 250$ reis e que sua reverendissima tomou em paga da encommendação e estolla; do contrario terá de o accusar no inferno por esta e outras espertezas.

Mr. Guinothe, Dr. em horticultura, chegado no ultimo paquete, partecipa ao respeitavel publico desta cidade que está prompto a toda hora para fazer plantações em jardins, preparando-os de uma maneira assaz bella, com o ornamento de ricas flores, nunca vistas em parte alguma do mundo; a saber: cravos verdes, saudades cor de castanha, boninas azues, alfinete de Napoleão, dentes de frade, cuspo de freira, abraços de donzella, me deixes de velha e violeta furta-cores. Tambem tem em seu poder grandes estatuas para o mesmo fim, como sejam—o caçador dos montes Peryneus, o gigante da Polonia, o rei da Siberia, o turco de Andaluzia, o errante do deserto e outros muitos que por falta de papel não são mencionades.

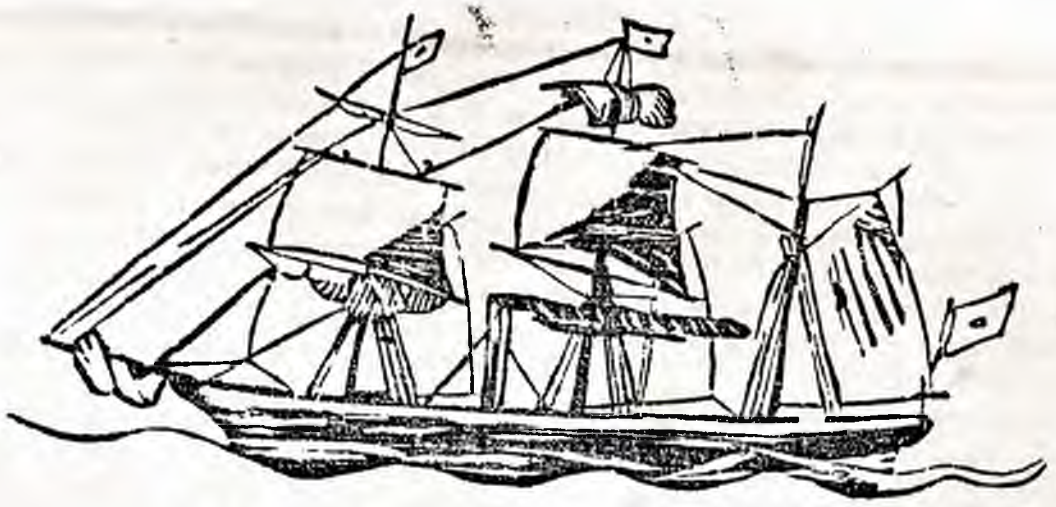
Quem se quizer utilisar de seus prestimos, procure-o em casa de seu visinho mais chegado, que está incumbido de ensinar a sua residencia.

No jardim mais romanesco,
Deve ter a primasia
O jardineiro formado
A pouco em Andaluzia.

O Annunciante.

ATTENÇAÕ.

O padre por alcunha o—lambe tripas—se acha nesta cidade e está prompto a todas as horas para confissões; tambem sabe tirar diabo do corpo, assim como se acha prompto para receber presentes e visitas de suas costumadas devotas.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 42.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 6 DE OUTUBRO DE 1868. N. 418.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de outubro de 1868.

Officio ao Revm. Sr. vigario geral da vara ecclesiastica.—Convindo manter inteiramente os preceitos da religião e boa moral, torna-se necessario que V. Revma. apresente ao publico desta cidade um cathalogo descriptivo de todos os padres que estão debaixo de sua jurisdicção, declarando, com um signal, os que vivem regularmente e os que vivem regalados; isto é: os que vivem no uso de concubinas teúdas e manteúdas, afim de que as familias e mais pessoas morigeradas do povo deixem de ouvir missa de taes salafrarios; o que se deve cumprir, visto que a egreja prohibe que as missas sejam ditas por mãos impuras e ordena a pena de excommunhão a todos os que as ouvirem *scienter ac libenter,* como V. Revma. não ignora.

(De egual theor á todos os vigarios geraes e mais abbades e guardiães dos conventos e collecções de frades.)

—Saiba mais desta.

—Diga lá.

—No fim da rua da Larangeira ha um velho pardieiro, propriedade do Sr. major Souza Paraizo, que servia de ninho aos ratoneiros.

—Olá!

—Ali, á noite, reuniam-se os respeitaveis membros da companhia e deliberavam o detalhe do serviço nocturno.

Na quarta-feira passada, o subdelegado da Sé deu por lá e poude filar dous, porque os outros fizeram-se de vela.

—Sempre serviu.

—Octavio e Aristides de tal, chamam-se os dous melros que, cahiram na ratoeira e que foram logo mandados tomar ares na corveta; ambos são de côr branca.

—Por esta não esperavam elles.

—Nem por isso hão de se atemorisar. Esta gente é como formiga, tapa-se o buraco n'um logar vae arrebentar em outro.

—Em Cachoeira deu-se um triste caso.

—O que foi, Virgem Santa?

—Uma senhora tinha uma cria de seis para sete annos, dessas criadas com *mimos de yaya*. Querendo em dias da semana passada sahir á maganagem, a senhora prohibiu-lh'o, em má hora; porque o travesso moleque amuou-se e esperou que a yaya se fosse deitar, para accender um phosporo e atacar-lhe fogo á roupa da cama.

—Que indole!

—A senhora quando acordou foi toda queimada, e dahi a pouco não era desta vida!

—O espinho, que ha de picar, de pequeno traz a ponta; este desde a mais tenra edade mostrou logo o que ha de ser.

—Que diabo de matinada!

—A visinhança é quem paga as favas.

—Principiam aquelles rapazes a *divertirem-se licitamente* e acabam sempre em *resinga*.

—Pois si elles gostam tanto da leitura do romance das *Cincoenta e duas,* livro que exalta em excesso os spiritos?

—Era bem bom que a policia passeiasse pela rua das *Estampas*.

—Como V., pensa tambem o *Izidro* marcineiro, mas creio que seus desejos são frustrados.

—Então deixe a cousa como vae.

—Não posso conter-me com certas cousas.

—Falle, que seu mal é este.

—Mas não acha que é uma vergonha, que é uma falta de piedade para com os mortos, este cárro funebre da Misericordia?

—Diz V., está dito.

—Pois a Misericordia está nas circumstancias de consentir semelhante miseria? Um caixão esburacado, por onde apparecem os pedaços de membros de nossos semelhantes, mutilados pelo escalpello dos estudantes e exhalando uma fedentina insupportavel?!

Ora, isto não tem geito!

—V. pelo que diz tem muita razão. Porem ha certas cousas que eu mesmo não sei explicar.

—Capitão, isto é digno de attenção.

—Pois diga lá.

—Um boletim publicado no exercito diz:

« S. Ex. o Sr. marquez de Caxias está com o seu quartel-general junto de uma antiga olaria abandonada, e dahi contempla como general e *pae* a alegria com qne seus soldados marcham em *procura do inimigo.*»

—Isso não passa de um epigramma; o nosso exercito procurando o inimigo e occupando sempre praças abandonadas!....

—Acha-se nesta cidade, por alguns dias, o habil artista Mr. Ch. Giuard.

—Qual a sua profissão?

—A chiromancia.

—E' cousa nova para mim.

—E' o segredo de ler nas linhas das palmas da mão o futuro de qualquer um.

—Hum! que me diz?

—Quem quizer, portanto, saber os mysterios de sua vida, pode procural-o na rua da Lama, levando 10$ rs. no bolso, que é quanto custa cada consulta, por escripto.

—Amanhan, quarta-feira, ha no theatro de S. João um explendido espectaculo.

—Vem a proposito, porque o publico bahiano anda muito secco por distracção.

—Vae á scena, em beneficio do sympathico José Maria, o magnifico drama a *Luxuria,* producção de um distincto talento, o Dr. Cunha Valle.

—Que mais?

—A interessante comedia em um acto—*Olho-Vivo*.

—Vale a pena ir assistir.

—E' de crer que o beneficiado veja coroados os seus esforços por uma enchente redonda.

—Está no porto o *Paraná,* procedente da corte.

—Que novas traz?

—Da guerra o mais importante é o que passo a ler do *Jornal do Commercio:*

«As noticias do theatro da guerra dão as forças brasileiras já acima da villa de Oliva, que demora umas 13 leguas além de Villa Franca, e pouco mais ou menos as mesmas aquem de Villeta. O exercito argentino ficava em Villa-Franca, esperando alguns transportes; para activar a subida dos quaes tinha descido a Humaitá o general Gelly y Obes.

Alem das canhonheiras ingleza, portugueza e italiana, tinha subido o rio Paraguay a franceza *Decidée*.

Uma carta de Humaitá, datada de 19, diz:

«As avançadas de Lopez estão em Palmas. O marquez de Caxias dirige-se á Angostura, onde tomará algumas disposições para cahir sobre o inimigo, que ainda esta em Villeta.»

Lopez retirando-se deixa apoz si o deserto; nas povoações em que tem entrado os alliados não appareceu viva alma, uma só casa se não achou habitada. Velhos e enfermos, todos tem sido arrancados dos seus lares e forçados a acompanhar o fugitivo exercito.

Na carta do nosso correspondente de Buenos-Ayres, em outro logar publicada, se faz a descripção deste pavoroso genero de defesa em que o despota paraguayo sacrifica todos os sentimentos de humanidade aos seus sinistros planos. Falla-se nella tambem das revelações feitas pelo ministro americano Wasbhurn chegado a Buenos-Ayres, e transcreve-se a ultima nota dirigida a Lopez por este diplomata, e da qual se vê que ficaram violentamente detidas na Assumpção duas pessoas pertencentes á legação dos Estados Unidos, confirmando-se todas as crueldades já referidas em noticias anteriores.

Da longa amisade que mostrou a Lopez e dos bons officios que lhe prestou em detrimento da justa causa dos alliados, como das suas proprias notas se evidencia, colheu o Sr. Wasbhurn afinal um tratamento semelhante ao que o rei Theodoro da Abyssinia deu aos

enviados de Inglaterra. Chegou até a tremer pela sua propria vida, e para salvar-se entregou Carreras, o consul portuguez e outros que em sua casa se haviam asylado, tendo afinal de abandonar á discripção do tyranno pessoas pertencentes à sua legação, embarcando ou talvez antes fugindo para bordo de um navio de guerra.»

Um bolletim do exercito diz:

«*Villa-Franca 15 de setembro de 1868.*

.....

A bordo da canhoneira *Wasp* veio com effeito o ministro americano Washburn com sua familia, criados e bagagens. Eis as importantes noticias que communicou ao Sr. Gould, que se acha a bordo da *Linnet,* e foram por aquelle cavalheiro transmittidas ao nosso vice-almirante visconde de Inhauma;

Que Lopez na occasião de embarcar-se elle ministro Washburn fizera prender por soldados de policia o secretario e o addido da legação norte-americana, preferindo elle embarcar-se com sua familia precipitadamente, ainda abandonando seus empregados, a ver-se talvez victima de egual attentado.

Que o ministro residente francez está preso, bem como o vice-consul portuguez, tendo sido fuzilado o consul da mesma nação.

Que o ministro Washburn já a bordo dirigira uma nota virulenta a Lopez declarando-o inimigo do genero humano, e por isso merecedor da guerra de todas as nações civilisadas da Europa e da America.

Que todos os italianos existentes na Assumpção estão encarcerados, sendo indescriptivel o horror de que se acham apoderados todos os estrangeiros que alli residem.

Que Lopez para justificar o confisco nos bens de estrangeiros inventou que o thesouro publico havia sido por elles roubado.

Que Lopez está um verdadeiro possesso, que não tem mais que 5,000 homens combatentes, aos quaes se podem juntar mais 3,000 crianças entre 8 e 12 annos.

Que tendo convidado a jantar o commandante americano, com elle estivera a sós, e que no meio do jantar se levantara furioso gritando, que todos lhe haviam de pagar, exclamando por differentes vezes em francez: *il faut finir pour commencer.*

Que tambem dissera, que vencido em Villeta, havia de retirar-se para as cordilheiras, onde se poderia sustentar por um anno, obrigando os alliados aos maiores sacrificios.

Que ordenára uma revista de suas tropas, e que para enganar o commandante da canhoneira *Wasp*, que convidára para a ella assistir, fizera disfilar por tres vezes a mesma gente, como si fossem differentes corpos de exercito, servindo-se para esta grosseira manobra de uma elevação do terreno no campo da revista.

O Sr. Gould accrescentou ao nosso vice almirante que elle se vai entender com os commandantes das canhoneiras franceza, portugueza e italiana, e os respectivos ministros afim de publicarem um manifesto em nome de suas nações, declarando Lopez fóra da lei dos paizes civilisados e inimigo do genero humano.

Que como consequencia disso se poriam á disposição dos alliados para desde já os coadjuvar nas operações de guerra, que por agoa se tenham de praticar contra o tyranno. As proprias inoffensivas mulheres não tem sido poupadas ao furor do exterminio, de que se acha dominado o dictador Lopez.

Dous prisioneiros feitos pela nossa vanguarda, indicam o logar em que ainda se podem encontrar os cadaveres de mulheres de todas as edades, mandadas degollar por meras suspeitas.»

—O ministro americano publicou em Buenos-Ayres as notas trocadas com Lopez, cuja linguagem deixa ver bem claro a má vontade que elle tinha ao Brasil, em relação á guerra do Paraguay.

—Por isso mesmo Lopez deu-lhe o merecido pago, si é exacto tudo isso que vem escripto.

Á PEDIDO.

—Tanta gente ali na porta d'aquelle *barão*, o que será?

—E aqui na margem deste *rio*, onde ha *contas*.

—Ora vamos ver.

.....

—Oh, amigo, V. me diz o que faz aquella gente toda na porta do palacio d'aquelle barão?

—Estão vendo ser castigado um preto.

—Porque não pagou a semana, talvez, hoje sabbado.

—E' de suppor; mas estou que até o preto não é escravo do barão, porque vi sahirem os pretos delle e irem pegal o detraz da matriz do *Chaveiro do Ceu*, e elle o mandou castigar mesmo aqui na porta do seu palacio.

—Que espectaculo ridiculo.

—Não quer dizer nada isso! Viva a liberdade de nosso paiz!

—Sr. Dr. Cravina, preste contas do concerto da casa, pois si tem gasto vinte contos de réis, sendo seus moleques apontados na folha como officiaes, a cinco patacas diaria-

mente. Assim como a madeira velha que se tirou da obra está em deposito ou foi para sua casa?

Responda, meu sabidão, mais o seu socio que deixa passar a comedilha sem punição até a finança.

Aonde está a sua probidade, capacidade e vergonha? N'alma do Lucas da Feira.

Seu respeitador
Bollo Fofo.

AS BELLEZAS DA BAHIA.

Minha terra tem bellezas
que eu mesmo não sei contar,
as coisinhas que ella tem
fazem tudo se espantar;
tudo n'ella é brincadeira,
tudo n'ella é frioleira,
desde ali até aqui;
ha n'ella tanta grandeza!
ha tambem tanta impureza,
como assim eu nunca vi.

Minha terra é tão formoza
que rivalisa ao Japão,
os homens que a governam
tem bucho de tubarão.
Si durasse o tal *progresso*
que trouxe tudo em regresso
ella muito soffreria;
não havia quem chorasse,
ao ver dos homens a face
com ares de hypocrisia.

Quem tem pudor e tem honra
chama-se logo tratante,
o pobre que é honrado
tem o nome de pedante:
os homens de *senhoria*
n'ella tem tanta ousadia
de matar a quem quizer!
não tem culpa e nem aggravo,
porque diz que é seu escravo,
não pode nada soffrer.

Os homens que a governam
só servem p'ra cavar fossos;
os ricos comem a carne,
os pobres roem os ossos.
Quem é branco e tem dinheiro,
é mais que um Deus verdadeiro,
faz o que quer e o que entende!
quem n'ella rouba é barão
de grande reputação,
porque a propria honra vende.

Minha terra é uma republica
mas tem o nome de imperio,
assim querem os *senhores*
que se trepam no poderio.
O gostoso verbo *unhar*
gostam elles de estudar
porque dá allivio a quem chora,
todos elles querem têta
em bom estado e perfeita
que dê leite a toda hora.

Eu tambem quero uma têta
muito grossa e muito rica,
eu tambem sou da panella
não sou filho de mãe *Chica.*
Metti o papel no buraco
ou foi na urna, ou no saco
da freguezia da Sé;
eu votei n'um grande home',
não me lembro de seu nome
Si é João, ou Mané.

Quem tem commenda no peito
não soffre damno nenhum,
mas eu que não tenho nada
sou egual a qualquer um,
eu não sou conservador,
nem liberal *furta cor*,
nem progressista bandalho,
o meu partido é o da pança.
o meu partido não cança,
para isso é que trabalho,

E. P. V.

VARIEDADES.

REGRA DOS IMPOSTORES.

Chamar por muitos criados só tendo um.

Usar de bonet dentro de casa.

Andar de luneta para dizer que tem lido muito.

Usar de annel de cabello para dizer que foi dado pela namorada.

TRADUCÇÃO AO PÉ DA LETRA.

Dous roceiros, passando um dia por certa rua da côrte, viram uma taboleta com a seguinte inscripção:

Sol lucet omnibus.

—Aqui na capital o sol passeia de omnibus, exclama um delles admirado.

—Não duvido, replica-lhe o outro; talvez de noite ou quando chove, pois é quando não o vejo.

ANNUNCIOS.

QUEIMA ESPANTOSA!

A 2$400! 2$400! 2$400!!

Cada corte de cassa achitada de fixos e lindos padrões, com 8 jardas cada um, fazenda propria para vestido, vende a loja 106, ao entrar das Grades de Ferro, por baixo da Lithographia Jourdan.

A's familias que dezejarem veresta novidade, mandando o importe, da-se para ver.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 42.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 8 DE OUTUBRO DE 1868. N. 419.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de outubro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, partecipando-lhe que ha tres dias está fervendo um amotinado *batucagé*, atrapalhando os pacificos ouvidos da visinhança, em uma cafurna, cuja frente dá para a Estrada Nova, na propriedade em que mora a familia Silva Reis, ao Maciel de Baixo.

Uma infinidade de mulheres e homens africanos e nacionaes, de diversas condicções, estão ali reunidos na pratica de estupidos sacrificios a idolos grosseiros, aberrando assim dos preceitos da nossa santa religião e offendendo a moral, além do notavel encommodo que dão á visinhança com a zoada dos maldictos tabaques á noite.

A vista do que fica dito, espera-se que S. S. com a energia de que tem dado provas, se digne logo e logo dar providencias que façam cessar tão depreciadora prova da nossa civilisação.

—Sarceiro no becco do Oratorio.

—E' um tal Angelo, que está levando tudo a cacete e quebrando cabeças.

—Que estabanado!

Entretanto si o mandassem para a Correcção acalmar o spirito, não faziam nada de mal.

—Parece que é o que a policia vae fazer, que ja tomou as embocaduras.

—Depois de longa e *saudosa ausencia,* deitou a cabeça na rua o velho sectario das ideias democraticas.

—Andou refocilando pela *fazenda,* chupando o succulento caldo *das cannas.*

—E vem logo se sangrando na veia da saude que—*como conta em um e outro campo amigos respeitaveis, a quem presa e egualmente adversarios implacaveis, sinão mesmo inimigos pessoaes e rancorosos, prefere, portanto, ficar nas condicções de calma e* ☞ reflectida neutralidade....

Ora o que tem Judas com as almas dos pobres!

—Ah, maganão! quem não o conhecer que o compre.

—Que diabo de *trapisonga* é uma aqui? Tanto homem de catatau aqui em pé!

—E' a casa das *tabaqueiras* ou *tabaquistas* que está em cerco.

—Tabaqueiras! Que gente é essa?

—Eu mesmo não sei o maldicto nome exquisito que dão a umas lambe-cinza que moram neste becco do Tira-Chapeu.

—Julguei que queriam invadir o palacio pelos fundos.

—Qual! Foi um perluvio desses que costumam haver em casa de mulheres da *vida.*

—E precisava tanta patocoada! Creio que tomando-se o numero da porta e dando-se

parte de manhan ao subdelegado, estava a cousa feita.

—Desejos de prestar serviço, meu charo.

—Veja só o diabo como as tece!

—Que coximblança é essa?

—Tem se clamado tanto contra a imprevidencia da policia em permittir as *eleições de meninos*, as quaes de meninos só tem o nome; porque homens e bem homens são quem as dirige e insuffla; e por toda a parte eleições de meninos. Nos Mares, eleição de meninos; no Barbalho, eleição de meninos; em Santa Anna, eleição de meninos, em casa do subdelegado; na rua do Tijollo, eleição de meninos; em S. Miguel, eleição de meninos; na Conceição da Praia, idem, idem, e todas ellas acabando sempre em sopapos, cabeças quebradas e tumultos e a policia sempre immovel.

—Muda e queda.

—409 estudantes do lyceu e outros estabelecimentos de instrucção, reunem-se em uma casa particular e vão fazer tambem sua eleição, que toma certa formalidade official, porque é presidida ou feita com assistencia da autoridade policial.

—Que pagode!

—O director do lyceu, entendeu lá de si para si, que tinha poder para prohibir aquillo que a policia consentia e até sanccionava com sua presença, e o resultado foi que o despediram com uma vaia em regra.

—Entretanto, quando se clamou contra os imprudencias dos estudantes, praticadas na porta do estabelecimento contra a visinhança se procurou deitar pannos quentes.

—Passados muitos dias, dous estudantes, no meio de tantos, são presos, levados a policia e dahi a presidencia, que tange tudo para a rua e manda formar a guarda!

—E' o mesmo homem das 400 bayonetas no theatro.

—Ora isso é bobage.

Formar a guarda para meninos inermes!

—Faça ponto ahi e vamos ao que serve.

No meu ver, si a policia tivesse tomado uma deliberação á respeito das eleições de meninos, não andaria agora em taes assados.

—E como pagam dous o que tantos fizeram?

—E que direito tinha o director para entrar em uma casa particular e ir impor?

—Emfim, esperemos pelo resto.

—Aqui está uma de eterna memoria.

—De quem?

—Do nosso presidente.

—Diga.

—« Officio ao Dr. chefe de policia.—Respondendo ao officio que V. S. me dirigiu hontem, e ao qual acompanharam os do subdelegado da freguezia de S. Felix e delegado do termo da Cachoeira, que solicitam um destacamento de 6 praças da guarda nacional, afim de manter ali a ordem publica, cabe me dizer-lhe que não pode ser attendido semelhante pedido, não só porque o estado dos cofres provinciaes não permitte a multiplicação de destacamentos em todas as povoações, como porque achando-se proxima aquella localidade d'esta capital, e *sendo o commandante superior da guarda nacional d'aquelle municipio* de INTEIRA CONFIANÇA, para de prompto prestar a qualquer exigencia o auxilio de força sob seu commando, torna-se dispensavel a presença de um destacamento alli.

—Bem achado! De sorte que por ser o commandante superior de inteira confiança, pode prevêr qualquer emergencia momentanea que se dê.

—Aqui na capital, briga-se, espanca-se a qualquer hora, procura-se um soldado e não se acha, na Cachoeira e S. Felix, a inteira confiança do commandante superior é bastante para superar qualquer difficuldade!

—A policia deu provas de summa impericia.

—Não diga.

—Ella que manda com a maior fanfarronice, arrancar dous estudantes de suas casas, sem motivo anda com elles de Judas para Pilatos e depois solta-os; consente que no mesmo instante mais de 200 estudantes saiam da porta da repartição da policia e vão em grupo disprestigiar e insultar o director do lyceu!

—Fortes cousas da nossa terra!

LA VAE VERSO.

VERDADES PURAS

Mulher velha, que s'enfeita,
Que d'espartilhos se cinge,
Que os cabellos brancos tinge
Para a velhice occultar
Aos olhos de todo o mundo,
Inda intenta se casar.

Advogado que diz
Que seu officio não rende,
E um só reu não deffende
Para ganhar os *melões*,
E' porque, pobre, não sabe
Nem fazer umas *razões*.

Camarista, que não ganha,
Antes diz que só tem damnos,
E que findos os quatro annos
Trabalha—qual fura bollo
Para ser de novo eleito;
De certo não é por tollo.

Director de qualquer caixa,
Que á ella tem muito apêgo,
Que do goso deste emprego
Aos companheiros enxota,
E' porque monopolisa,
Lucra nisto, é agiota.

Logista, que muita gaba,
E louva os generos, que tem,
Que melhor do que ninguem
Aprêgoa e diz vender,
Quer empurrar seus alcaides;
Quer delles livre se ver.

Boticario, que mettido
Na botica todo dia,
Poucas receitas avia,
E quer vender a botica;
Ou é por não ter drogas,
Ou as drogas falsifica.

Politico, que de fallar
Não sei como não s'esvae,
Que louva a seita que cáe,
Guerreia a qu'está de riba;
Calla-se muito depressa,
Se dão-lhe alguma moxiba.

Bacharel, que não deseja,
Apenas chega formado,
Sahir logo deputado
Para fazer sua estréa,
E' porque ligar não sabe
Nem ao menos uma *idéa*.

Rapaz, que dado as egrejas
Nos peitos leva a bater
Para um vivo exemplo ser
De completa pudicicia,
Traz no rosto a hypocrisia,
No coração a malicia.

Candidato, que nas luctas
Eleitoraes sendo novo
Inculca-se muito do povo
O mais dedicado amante,
Quer grimpar, p'ra depois delle
Não lembrar-se um só instante.

Negociante, que apenas
A transigir principia,
Dá partida todo dia,
Anda em carrinhos mettido;
Dá breve em *vasa-barris*
E fica logo fallido.

Á PEDIDO.

—O que quer dizer isso?

V. hoje vem fora do seu estado habitual.

—Trago-lhe noticias de um importante personagem, de quem V. Ex., aposto que não se lembra.

—Algum heróe da campanha actual?

—Qual!

—Então quem é?

—O La Pommerais brasileiro.

—*Ela!* Esse *intrepido*, disseram-me que andava por ahi.

—Internado para as bandas da paulicea.

—Mais então?

—A cousa é resumida; cifra-se na morte *inesperada* de um ricasso, legando a fortuna a seu medico e ficando sua viuva em pobreza.

—Bom! Averiguaremos isso depois.

Aquelle Dr. *Cerô* sempre é feliz nestes arranjos.

—Capitão, venho implorar a valiosa protecção de V. Ex. para mim!

Por Maria Santissima eu lhe peço, porque só de joelhos á seus pés talvez possa obter de V. Ex. o que quero.

—Levante-se, minha senhora! Os joelhos da creatura só devem curvar-se a Deus!

Diga o que quer.

—Capitão, eu tenho uma casinha na Jaqueira, ja quasi toda deteriorada, onde moro junto com um filho alienado que tenho e para eu poder subsistir-me com elle, recorro a charidade publica, que não desampara ninguem....

—Já sei; quer alguma esmola?

—Não, capitão; é cousa ainda mais meritoria que uma esmola, que venho implorar de V. Ex.

—O que ha mais meritorio que uma esmola?

—A esmola é meritoria; mas é quando se sabe dal-a e não como se dá hoje.

Pedro querendo passar por liberal ou virtuoso, espera que Paulo esteja presente para fazer esmolas, afim de que tenha uma testemunha, para amanhan dizer:—*Pedro é um homem charidoso, um homem cheio de virtudes!*

Não segue por conseguinte o que disse Jesus-Christo:—*O que fizer tua mão direita, vê que a tua esquerda não saiba.*

—Tem razão! Vamos a conclusão do que a traz aqui.

—..... Mas agora foram os meirinhos em minha casa intimar-me para pagar as decimas da casa, e eu dizendo que não tinha dinheiro para comer, como poderia pagar decimas, disseram-me que então minha casinha tinha de ir á praça, si no praso de oito dias não pagasse!

—Que paiz, meu Deus!

Imposto sobre imposto!

Paga quem tem e paga quem não tem!

Venha o dinheiro, embora com a lagrima da viuva ou com a prostituição da donzella!

Como chama-se a senhora?

—Maria Izabel da Conceição, uma criada de V. Ex.

—Vou officiar a S. Ex. o Sr. barão de S. Lourenço, certo de que elle attenderá as lagrimas de uma pobre e infeliz mãe que lhe impetra a graça de mandar perdoar-lhe do imposto de decimas.

—Não pode mais familia nenhuma chegar na janella, aqui na ladeira do Alvo.

—Crearam alguma lei prohibindo?

—Não é lei, são aquelles moços que se põe debruçados ali na janella, onde estão aquellas moças á beijal-as!

—E o que faz o dono da casa que não os faz aprender a *contra-dansa* do cacete?

—O homem, coitado, não sabe de nada, sahe de manhan para seu trabalho e entra de tarde.

—E o irmão ainda não viu isto?

—Elle tambem sahe de manhan com o pae, para sua repartição e entra ás quatro horas da tarde.

—Eu estou que si o irmão soubesse, era capaz de dar uma *filetada* na cabeça d'aquelles patifes.

—Quando o *Vianna* vir isso, elles estão *atrapalhoados*.

—Sr. Dr. Cravina, preste contas do concerto da casa, pois se tem gasto vinte contos de réis, sendo seus moleques apontados na folha como officiaes, a cinco patacas diariamente. Assim como a madeira velha que se tirou da obra está em deposito ou foi para sua casa?

Responda, meu sabidão, mais o seu socio que deixa passar a comedilha sem punição até a finança.

Aonde está a sua probidade, capacidade e vergonha? N'alma do Lucas da Feira.

Seu respeitador
Bollo Fofo.

ANNUNCIOS.

CASA DE SAUDE

DO DR. JOÃO BOLLAS TRAPASSA.

Mora no becco da Vida,
Logo ao virar da esquina,
Em uma casa queimada
Por cima d'outra cahida;
Pode-se entrar sem receio
No numero cento e meio.

O Dr. João Bollas Trapassa, participa ao respeitavel publico que tem aberto a sua casa de saude, onde dá consultas continuamente das 9 horas até meia noite.

Cura perfeitamente as molestias de unhas e febres inconsequentes. Aos pobres de graça, no caso que morram e aos ricos conforme o dinheiro que tiverem. Quem duvidar adoeça.

—

Mappa dos doentes que no curto espaço de 15 dias tem sido curados.

D. Jesuina, moça branca, de edade 19 annos, filha do lavrador João Felix, da Fazenda Grande, estando á morte, de umbigo vazado, a ponto de estar já de vella na mão, tomou uma solução de *maranha,* entrou logo a arrotar, e em dous dias e meio ficou restabelecida, de maneira que está contractada para casar nestes oito dias com o filho do Manuel da Serra.

Bonifacia, parda velha de 80 annos, do engenho do Exm. barão das Pulhas, desenganada, ha seis mezes, de espinhela quebrada e rins cahidos, tomou um laxante de *imposturitis* e ficou boa, de sorte que já está mettendo *canna na moenda*.

Damião, preto ussá, de 60 annos, do mesmo engenho, nasceu com a lingua pegada e só se sustentava em mingau; tomou uma dóse de *patranhas* e ficou perfeitamente restabelecido, a ponto de que é quem tira o terço á noite no oratorio da enfermaria.

Felismina, creoula de 30 para 40 annos, de lobinhos no utero, tomou injecções de *pabulitis* e logo depois pariu mabassa e os filhos estão se creando.

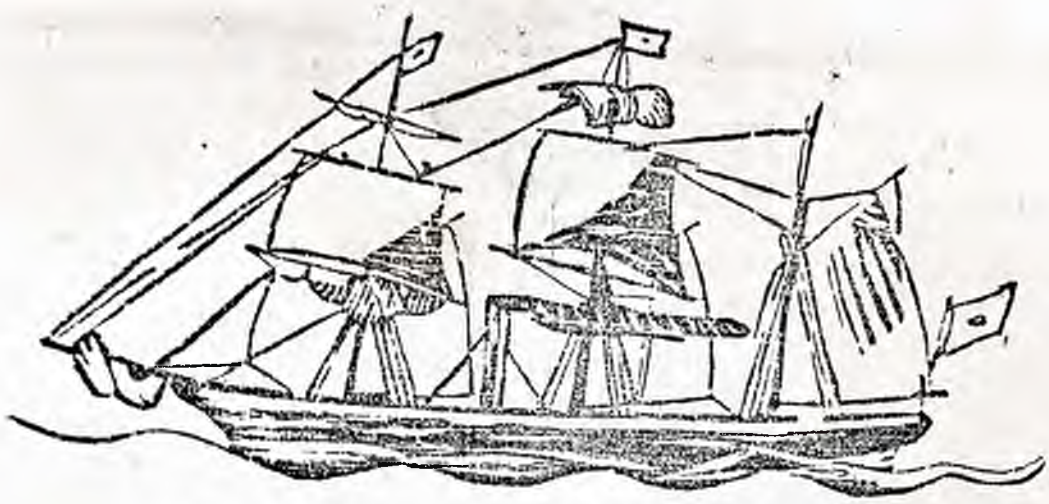
Antonio dos Santos, boleeiro velho, com mais de 70 annos, quebrou da verilha esquerda, mas tomando só meia onça de *bolotroquin*, soldou as partes e não só monta á cavallo, como amança burros bravos.

Eusebio, cabra, doente a sete annos, sem poder obrar, a ponto de tomar meia canada de oleo de ricino e não ter nem puxos, tomou tres clisteis de *borratina,* entrou logo a operar de tal forma que para o medico poder estar no quarto, foi preciso queimar meia arroba de alfazema.

Philippa do Amor Divino, parteira de Maragogipe, de mais de 90 annos, doente a tres annos de verrugas no bofe; com duas dòses de *patetina*, acha-se boa completamente.

PARA QUEM SOFFRE DEBELIDADE NO ESTOMAGO.

Receita.—Peguem-se em dois pombos bem gordos, pendure-se-os na janella da cosinha, de maneira que as sombras delles dê em uma panella que contenha oito libras d'agoa; deixe ferver lentamente durante 24 horas e dê-se por alimento ao doente uma colher de sopa todos os dias em um copo d'agoa antes do almoço.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VI. **Serie 42.**

Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 15 DE OUTUBRO DE 1868. N. 420.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.° 17.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de outubro de 1868.

Não houve expediente.

—Os policias desta terra são pau para toda obra.

—O elogio abona muito.

—Tanto servem para accomodar como para fazer disturbios.

—São viventes como qualquer de nós.

—Um dos ordenanças do chefe, de nome Leitão, assentou em seu peito de entrar a viva força em casa de uma mulher á rua do Castanheda. A praça porem estava guarnecida, e elle depois de um formidavel berreiro, teve de bater em retirada, rechaçado por duas possantes cacetadas com que lhe correspondeu um invalido, que guarnecia a fortaleza.

—Para isso não é elle invalido.

—Mas como o pau sempre quebra não sei aonde do fraco: a pobre mulher que nenhuma culpa tinha é quem foi para a correcção, embora o soldado esteja no hospital soffrendo as consequencias da *borracheira*.

—Está direito; assim mesmo é que deve ser.

—Incommensuravel, excelsa, sublime, augusta e magestosa, é a charidade parochial de alguns vigarios.

—Safa! Que cousa tão cumprida!

—E a prova é esta:

Na quinta feira, foi uma pobre mulher pedir a um destes, pelo amor de Deus, uma guia para enterrar uma filha.

Não posso, por que disto é que eu vivo, foi a resposta.

—E eu acho muita razão, por que elles tem as mesmas necessidades que nós; sustentam familia, educam filhos, etc.

—Não diga assim. A religião de que elles são ministros lhe ordena preceitos muito diversos.

—V. ainda é deste tempo?

Ora va catar castanhas que é melhor.

—Ainda é cedo, os *cajueiros* estão em flor.

—Foi uma verdadeira festa!

Illuminação, foguetes, feiras, botequins, palanques, e etc.

—So faltou os cavallinhos para ser completa.

—E o Fausto que esqueceu-se de soltar alguns ballões!

—Opipara meza e bom falerno não faltou.

—Isso não se falla. A gente é da seita da barriga.

—E por isso é que eu gosto delles; ainda não vi reunião conservadora que não tivesse cousa de intripar.

—Gravidade presidencial:

.....

« Bebamos pois, meus senhores, á prosperidade desta terra, á saude de todos os presentes, que aqui se reuniram na esperança de a promoverem, sustentando seu administrador. »

—Bonito! bonito! Para rematar a obra deviam cantar o *papagaio*.

—Vamos a rua da Independencia?

—Fazer?

—Ver a moça Paulina, de edade 16 annos, que está com o diabo no corpo.

—O diabo é V. mesmo, meu bobellas.

—E' bom ver, para crer.

Dizem que o spirito maligno encarnado no corpo dessa virgem, denuncia cousas incognitas, descobre segredos maravilhosos, e faz proezas de pasmar.

—Bugiarias, rapaz.

—Que Malachachias, por exemplo, ouviu no queixo toda sua chronica, onde avulta o defloramento de tres afilhadas e a seducção de uma casada. Um sacerdote tido como respeitavel, foi accusado pelo rei das trevas de viver em contacto peccaminoso com a *propria filha* de sua *comadre*; um sujeito filho da *Bahia*, de um facto escandaloso; um cujo do Jogo do Carneiro de um procedimento horroroso em relação a irmaa.

—O diabo no corpo de uma virgem!..... Muito pode a estupidez, acoroçoada pela inercia da policia, que consente que uma pobre moça esteja exposta as provações e experiencias fanaticas de uma turba ignorante.

—O caso é que dizem que o demonio fôra em um dedal de prata mandado por uma sinhá Zepherina, da rua do Bangala, com cujo sobrinho estava para casar e que a *milonga* fôra arranjada no *Bate-folha*.

—Rapaz, creia em Deus. Tudo isso é patifaria em proveito dos especuladores.

—Safa! Que tres comilões!

Sentaram-se na mesa e so se levantaram as quatro da madrugada!

—E um delles sahiu ja dia claro, cambaleando, com as calças empastadas de chocolate.

—Antes sustentar um burro a pão de ló, do que tres alarves daquelles a capim.

—Conhece os taes *devora?*

—Homem, *o do rico* fardamento tem um *5* no bonet; *li no* do outro uns *3* e o ultimo não sei.

—Cousas do mundo! Para uns tanto; para outros nada. Em quanto elles meitem o queixo na gostosa sororoca, os pobres *meninos artefactos* não acham nada para roer e se querem fortalecer o estomago, tomam por seu barato e vão ao boteqnim do Meirelles intripar o mocotó á expensas do director.

—Neste caso os do 8.º foram mais felizes porque tiveram as *sobras* no outro dia.

—Hoje é dia de grande galla?

—Não.

—Que novidade é essa então? Espera-se algum principe?

—Porque?

—A policia mettida nos pannos de ver a Deus.

—V. anda de outiva.

Então não sabe que hoje é o anniversario natalicio de S. Ex. o Sr. barão de S. Lourenço e que o commandante, em signal de respeitoso regosijo, ordenou que o batalhão mettesse o fardamento rico?

—Bem, bem, cada um se presta com o que tem.

—Então na Sé ha chapa liberal de artistas?

—Não me consta.

—Digo eu que li no *Diario* e no *Artista*.

—Estão elles bem servidos.

Uma combinação de artistas, sem cor politica, com o fim unico de dar importancia á classe, era uma boa ideia, e talvez fizesse alguma cousa; mas nas actuaes circumstancias, chapa de artistas com o nome de partido, dizem logo que é uma especulação dos que estão de baixo que querem mettel-os para *frente*.

—Eu como não metto o pé na ratoeira; quem quizer que caia.

—A *Bahia Illustrada* diz que o serviço das patrulhas é feito com irregularidade.

—O que eu não contesto.

—Que percorre-se a cidade sem encontrar-se uma patrulha!

—Menos na freguezia da Sé, onde atualmente, graças aos esforços do Sr. Freitas, subdelegado em exercicio, ha sempre de quatro a cinco patrulhas composta de 15 á 20 homens, sendo elle o principal rondante, porque as acompanha até meia noite.

Digo isto por ser testemunha occular.

—Eu lhe creio piamente.

—Pois então, direito, direito; quem engana ao outro é judeu.

—Sabe que fica decretado de hoje em diante que os anniversarios dos presidentes serão considerados dias de festas nacionaes?

—Não pilherie!

—Tanto é assim que a camara municipal que so se illumina por motivos de regosijo publico, poz-se a todas as luzes com o baile do Sr. barão de S. Lourenço.

—Procure o meio do mundo e enganche-se nelle.

Pois porque na camara houve quem quizesse render sua *homenagem* ao presidente, segue-se que quando elle fizer annos, é dia de grande galla!

Tambem a Santinha se está solta, era bem capaz de illuminar a parte da camara que ficou vasia de feiras e botequins.

—O caso é que eu estou vendo cousas que nunca vi.

—E peça a Deus vida para ver mais.

—Quando o Sr. Bonifacio dava destes despachos, não me admirava; mas uma cabeça que é um armario de sabedoria, cujas prateleiras estão atupetadas de experiencia!

—Aqui não admitto analyse aos actos superiores.

—E nem eu me metto nisto.

—Então é metter a lingua na bocca.

—Apenas admiro a *força de espirito* da seguinte peça:

« João José Sant'Anna, professor da cadeira de primerias letras da povoação da Encarnação, termo da Pirajuhia, pedindo 2 mezes de licença com vencimentos para tratar de sua saude.—Espere o supplicante pelo tempo proximo das feiras!!!.»

—Não tem nada de que se admirar; o que hade mais ahi é o sujeito dizer á molestia que páre em sua marcha para se desenvolver quando chegarem as ferias.

—Esta agora tambem é que é mesmo de Bertholdinho.

Á PEDIDO.

CARTA AO CAPITÃO DO *ALABAMA*.

Meu charo capitão.—Dirá V. Ex. que eu não passo de um reverendissimo massante. que só vivo procurando motivos para massar-lhe a paciencia, abusando assim de sua bondade.

Mas não ha remedio se não arrumar-lhe mais esta.... remessa, bem entendido.

Vendo eu o *corpo dos permanentes* durante todo dia de sabbado em uniforme de grande galla, e como ignorasse o que queria aquillo dizer, perguntei á um *vermelho* e este respondeu-me:

«*Quando faz annos o senhor, os esrcavos andam lords!*»

Então com esse dito do tal vermelho, foi que eu cahi na cousa e fui á folhinha ver o santo que se festejava naquelle dia, e deparei com o *santo dos ventos*, o qual festejaram durante á noite, com toda pompa.

Houveram botequins, feiras e o homem *carrascoso* la esteve com a sua *marmota*.

Não ficou um só carro na companhia da *bomba-macha*, pois todos queriam mostrar-se.

Ao entrar da *capella* fizeram um jardim ornado de odoriferas flores e havia uma banda de musica que tocava a todas as senhoras que entravam para fazerem suas *orações* ao *milagroso santo;* no *largo*, em frente a *capella*, havia um palanque com uma outra musica de pessoas *menores em artificios*, que tocava para deleitar os *pagãos*, isto é, os que não entram no *gremio da egreja*....

Como fallei em pagãos, entendo que lhe devo explicar, afim de os não confundir com os *baptisados*.

São pagãos, aquelles que não querem o governo despota; são pagãos, aquelles que querem o direito de egualdade; são pagãos, aquelles que querem a prosperidade de seu paiz; são pagãos, aquelles que são contra a escravatura; são pagãos aquelles que não adoram a *falsos idolos*, etc., etc.

Mas deixando de parte o *paganismo*, passo a historia da festividade.

Uma outra musica esteve em um salão logo ao subir-se a *capella*, a qual tocava quando por alli passavam as *devotas*.

Ao principiar a festividade, subiram ao ar *quatrocentas duzias* de foguetes e um balão com uma roda de fogo que soltava engraçadinhas bixinhas para baixo, tudo isto devido ao *fausto* da função.

Compareceu gente de todas as côres, brancos, amarellos, azues, encarnados, cor de rosa e até um sugeito verde de chapeu de sol debaixo do braço; excepto eu que sou *pagão*, infelizmente!

Ah, si eu podesse metter o queixo naquelles pirões.

E quem sabe se ainda mesmo eu sendo *baptisado* poderia *manducar da cousa?*

Os pobres musicos tocaram á ficar com a barriga agarrada no espinhaço e não lhe deram nem um copo d'agoa, coitados.

Os *menores artificiosos* para distrahirem-se e disfarçarem a agoa que lhes vinha a bocca, compraram seus roletes para chuparem!

Larguemos os musicos e vamos ao que serve, porque esta gente não precisa comer, basta que sustentem-se do ar que esgotam no sopro.

A Santinha, não obstante estar passeiando na fazenda correcional *S. Custodio*, na ilha das Aves que comem mamão, mandou illuminar a frente do seu *palacête*.

Foi, meu charo capitão, uma funcção de

gosto, como V. Ex. deve ver pelo que acima fica dicto.

Houve botequins e feiras
Para o povo distrahir;
Houve muitas chuchadeiras,
Destas mesmo de cahir.

Houve maquinas, foguetes
Que subiam para o ar.
Muitos carros pelas ruas
Prohibindo se passar.

«E o tempo passou-se
«De todo esquecido,
«Zombando do velho,
«Mulher e marido.»

«E ao som da folia
«A musica batia,
«Em tom tão gostoso,
«Que o velho dengoso
«Só dansar queria!»

As quatro e meia horas da madrugada deram por finda a festividade e cada um foi para sua casa dormir.

E eu tambem dou por finda esta minha e aqui fico

Como já deve saber,
Meu valente capitão,
Lhe guardando o cumprimento,
Para outra occasião.

O Faustoso.

—Muxingueiro, embarca na lancha do Roberto e vae a freguezia do *Oitavo*, buscar o salabardote *Gustavo*.

—Não é preciso, que elle está na terra, capitão.

—Pois tras-m'o aqui.

—Eil-o, capitão, pode interrogal-o.

—*Reverendissimo*, para onde foi a *yaya*?

—Não sei quem é, capitão.

—Ah! V. agora só conhece a Adelaide e a Marocas, que estão na sua graça.

—Nenhuma, Sr. capitão.

—Hypocrita! Muxingueiro dá uma untura de casca de vacca neste devasso e depois vae desmanchar-lhe o serralho que elle conserva a titulo de padrinho.

—Ah, Sr. capitão, não me faça perder as honras de conego que Sr. barão me prometteu no primeiro vapor.

—Honras? So nesta epocha degenerada tu as alcançarás; tu, a deshonra de tua classe.

Muxingueiro cumpre as ordens.

—Não lhe dê cuidado, capitão.

—Capitão, venho desabafar minhas magoas.

—E eu prompto a ouvil-o.

—Então escute-me.

Acha-se em execução em todo seu rigor a lei dos cavallos.

—Espere lá, meu charo; V. quer zombar de mim? Os cavallos já fazem lei nesta terra!

—Não Sr. Eu quero dizer, a lei da assembléa provincial, que impõe 10$ rs. e outro tanto de multa, a quem andar a cavallo, ainda mesmo morando fora da cidade uma e mais leguas.

—Comprehendo. Pode continuar.

—Por mais que o queira, não me posso conter á respeito dessa lei iniqua e revoltante, parto de inexperientes, pela clamorosa injustiça que della resulta a uma parte deste povo soffredor e tolerante.

Não levanto minha fraca voz contra a decretação de impostos, porque queira fugir á essa obrigação, não; pois reconheço que outro recurso não ha para o legislador, quando as circumstancias do paiz o requerem; devendo todo o cidadão prestar-se á elles, como uma necessidade publica, quando justos e rasoaveis. Si o faço é porque a imposição de que se trata sobre não ser acertada, é injustissima e desegual por não fazer excepção alguma.

Ha nada mais barbaro do que obrigar o homem decrepito, que por economia da vida procura morar duas leguas e mais fora da cidade, ao pagamento annual do pesadissimo imposto de 10$ rs., pela necessidade absoluta que tem de possuir um sendeiro de pasto do valor de 50 ou 60$ rs. para sua montada, no dia em que necessita de dirigir-se á capital para tratar de seus interesses, por não poder fazel-o a pé, em um paiz como o nosso em que faltam todas as commodidades?

Por ventura o pobre roceiro está nas condicções do homem rico, que tem cavallo de subido valor, dentro da cidade, para passeio de mero luxo, aos domingos, o que constitue um regalo da vida?

Estará tambem nas condiecções desses que os tem em cocheiras, para alugar, negocio que dá avultados interesses?

—De certo que não.

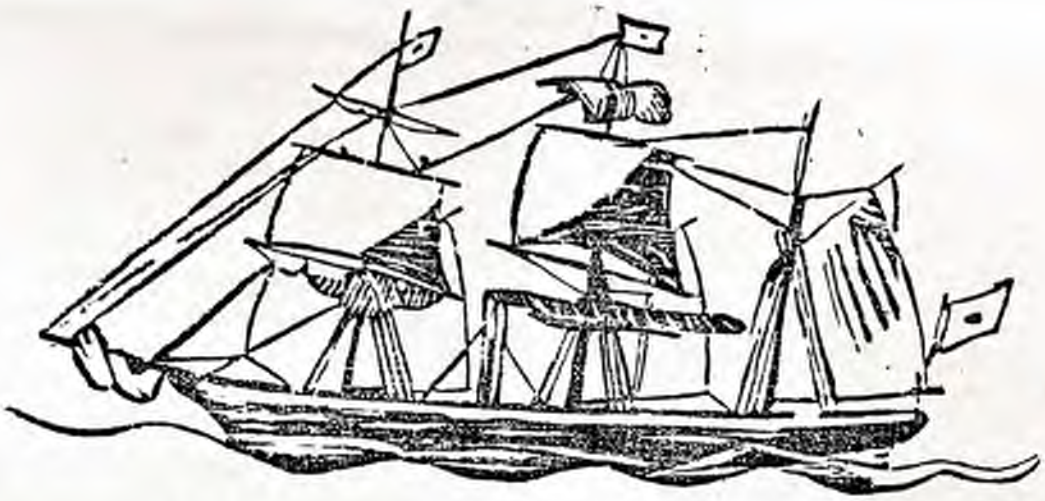
—Entretanto os authores dessa monstruosa e desegual peça, julgam que fizeram uma cousa muito boa!

—Ao menos por equidade, deviam atenuar essa imposição á respeito dos moradores dos suburbios, comparando o cavallo de aluguel com o de um pobre matuto, que o tem para uso particular.

—Para não fatigar a V. Ex. faço pausa aqui, pedindo permissão para voltar com mais vagar.

—Quando quizer.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 43.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 16 DE OUTUBRO DE 1868. N. 421.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de outubro de 1868.

Officio á direcção da empreza de Vehiculos Ecconomicos, reclamando contra a intoleravel e deshonesta assuada praticada pela caterva de insolentes moleques, que se encarapita nas diligencias da linha da Victoria, quando estas voltam daquella localidade. Sendo semelhante procedimento uma falta de respeito á moralidade e decencia publica, espera-se que a illustre direcção tome providencias a respeito.

—Capitão, um facto barbaro, iniquo, detestavel.

—Oque é, homem? Não me faça arripiar os cabellos.

—E' que n'esta terra, pelo geito que leva, o direito é do mais forte, que a seu capricho, toda vez que entender, pode torturar, massacrar o fraco.

—Não me esteja a martellar a curiosidade, diga logo o que ha de novidade.

—A impunidade!... a impunidade!...

—Peior!....

—Irra! que pressa!

Pois ouça:

Hontem apresentou-se na subdelegacia da Sé a africana liberta Lucrecia, moradora ao Caquende, em estado que inspirava compaixão e dó.

—Coitada! a razão?

—Ella é quem conta:

E' liberta desde 1863 por 1:350$, que deu por sua liberdade, como consta da carta que apresentou; na quarta feira, recebeu um recado pelo moleque Tito, de sua antiga senhora D. Florentina Alves Guimarães de Abreu, moradora ao Terreiro, para que lhe fosse fallar. La chegando, perguntou-lhe a senhora porque andava fallando mal da casa, e quando ella desculpava-se, apresentou-se seu passado senhor moço Antonio de Abreu, arrolhou-lhe a bocca e lacerou-lhe o corpo a salto de botim e cacete, fazendo-lhe sevicias atrozes, que vendo-se é que se pode avaliar. A ourina que deita é sangue puro.

—Que ferocidade!

—Parece que vivemos n'uma terra de cannibaes! N'um dia por outro a reproducção de um facto de crueldade e prepotencia, indignos da civilisação e moralidade desta terra! Um insulto a lei, um attentado contra a segurança individual!

—O que eu não concordo é que haja effeito sem causa.

—A causa, dizem que se originara por ter sido vendido para a guerra um filho da offen-

dida e que ella sentida, como mãe, se queixara.

—Não era motivo para tanta barbaridade.

—Depois de a judiarem á saciar, despediram-na ameaçando matal-a, se fallasse.

—A justiça está em boas mãos; esperamos pelo desagravo da lei.

—Ah, maldicto gallego! Quasi leva-me o espinhaço!

—E torna-se insolente, ainda em cima!

—E' para ver como anda tudo á matroca.

—Em logar do bruto puchar o animal, seu parceiro, pelo cabestro, dá-lhe tamanhas bordoadas com um grosso cacete, que o pobre bicho para fugir ao castigo, desembesta e vae dando encontrões.

—E aquellas indiabradas barricas de *pão higyenico da padaria de S. Miguel,* que elle conduz, esbarrando em quanto pobre vivente vae andando desapercebido!

—Além de ser uma brutalidade maltratar os animaes, o encommodo a que está exposto o publico!

—E o mais insuportavel é o attrevimento com que em cima se porta o brutal gallego.

—Moderação e justiça, equidade a toda prova.

—Descubra lá essa iguaria.

—Aprecie:

«*Requerimento despachado no dia* 24—Domingos Barbosa de Mattos, recrutado na villa do Inhambupe para o serviço do exercito, pedindo 15 dias de praso para provar sua isenção.—*Não tem logar.*»

«*Despacho no dia* 29—Cypriano Barbosa, guarda nacional do batalhão n. 49, pedindo 20 dias para provar a isenção que tem do serviço do exercito. —*Prove independente de praso.* »

—Arrenego desta equidade.

Isto assim chama-se santo para um e diabo para outro.

—O delegado do Urubú requisitou ao chefe de policia 30 praças *para garantir a liberdade do voto.*

—Isso não admira, o que faz pasmar é a sem ceremonia com que mandam publicar tão deponente bambochata.

—Deve andar bem servida a justiça em mãos de uma authoridade que officialmente se declara partidista e abusa da posição para insultar torpemente a seus adversarios.

—Depois que a policia nocturna é feita á *vapor,* parece que anda mais atrasada.

—De maio a abril não ha o que rir.

—E mesmo que não faz bom appetite a um pobre operario, que grama 8 e 12 horas de fatigante trabalho, em logar de ir descançar, andar feito pateta a encher as ruas de pernas até meia noite, quando os empregados publicos, bachareis, medicos e mais comitante caterva, recusam-se obstinadamente.

—Vire folha, que, isso é sabido; ha até bigorrilhas que dizem que estão de *purga,* quando os vão avisar.

—Para a cara delles, malcreados; nesse dia podem ecconomisar a despeza de casa.

—Alma ruim é que faz visagem.

—E o principio da conversa ficou no tinteiro?

—Ah, sim; uma mulher, que, em uma noite destas, andou como possessa, de porta em porta, pela rua do Bangala, fazendo uma berrada dos seiscentos.

—Alguma douda?

—Por dinheiro.

—Ebria.

—Tambem não.

—O que era então?

—Queria accordar todos os moradores, para verem que naquella rua lhe estavam descasando á filha.

—Isso é curioso!

—E com effeito, tamanho *perry* fez a tarasca da sogra, que não so todas as janellas se abriram, como o delambido genro sahiu lampreiro e cynicamente de casa de uma viuva, onde estava conversando.

—E no meio de tudo isso a policia não deu de si?

—Quem disse! A pobre moça é quem pagou a imprudencia da mãe, por que o pezeta do marido desabafou-se em dar-lhe couces e ponta-pés sem conta.

—Que safado, que biltre!

—E a cara dura com que elle no outro dia apresentou-se naquella rua!

—V. conhece-o?

—*Está aqui o* retrato delle, que apanhei.

—E' um *livreiro.*

—Aqui qui!

—Isso é uma creatura despresivel.

—Não tenho nada com isso, so lhe quiz dizer, que actualmente nem que se brade por el-rei de França nestas ruas, a policia faz-se surda.

Á PEDIDO.

—Capitão, sou inimigo de arbitrariedades.

—Procede como um cidadão, que sabe respeitar a lei.

—E por isso desejava que o Sr. Dr. chefe de policia mandasse averiguar um facto

iniquo que me consta se dera no dia 12 do corrente.

—Onde e como?

—Lá vae tal qual me informaram.

O subdelegado de Cotegipe, chamou a Leonardo Ferreira, guarda da reserva, aleijado de uma mão, morador no 2.º quarteirão e ordenou-lhe que fosse ao Coqueiro levar uma portaria ao inspector Eusebio; o homem, apezar de ter consciencia de que não era official de justiça ou ordenança, com tudo prestou-se ao mandado do subdelegado e entregou a portaria, da qual não obteve resposta.

Encontrando-o o subdelegado na venda de Manuel de Jesus ao Engenho Novo, e perguntando-lhe bruscamente porque não lhe levara resposta, respondeu que nenhuma resposta tivera e por isso não lh'a levara. Mas elle, exasperado, disse que era uma falta de cortezia para com a authoridade. e que era obrigação ir participar-lhe que tinha cumprido as ordens, ao que o homem lhe observou que não era obrigado a isso, porque se prestara de ampla vontade.

Bocca que tal disseste!

A authoridade susceptivel, espumando de raiva, prendeu o pobre homem, depois de chamal-o bandalho, patife e tratante e mandou-o para a Sapucaia mettel-o no tronco.

Recusando Leonardo sugeitar-se a tão aviltante castigo, sem commetter crime, disse-lhe o subdelegado, que ou elle mettia o pé no tronco ou lhe quebraria os ossos á pau e em acto continuo apresentaram-se preparados de paus, Thomaz, escrivão da subdelegacia, o ordenança Anselmo, João e Clemantino.

Vendo-se o misero nestes apertos, sujeitou-se por amor á sua pelle e jazeu no tronco sete longas horas, findas as quaes, foi solto, dizendo-lhe seu algoz que agora fosse trabalhar contra elle nas eleições.

—Tudo pode ser, principalmente ahi por fora, onde qualquer quidam é authoridade.

—Que o facto da prisão é real, não padece duvida, porque estou informado por quem de lá veio.

—Vamos a ver agora o que faz o chefe de policia.

CARTA AO CAPITO DO *ALABAMA*.

Meu charo capitão.—Esta que lhe encaixo é contando-lhe o excellente *sermão* de *frei Francisco*; vae para V. Ex. apreciar, e abaixo encontrará seis quadrinhas sobre o sermão.

Eis pois a maneira porque elle se espremeu:

«*Fieis!*—Ha desoito annos, nesta mesma *capella*, recebeu uma egual manifestação dos *fieis devotos* este *santo*, pelos *milagres* que fez, e continua a fazer hoje, como sois testemunhas.

N'este grande favor de hoje, *fieis*, o que me enche de maior orgulho é ser *chefe sacerdotal* das mesmas crenças vossas!

Como isto deve ser lisongeiro n'esta mobilidade de opiniões, na degeneração do tantos caracteres!

No desempenho dos meus deveres sacerdotaes, angustiado vou encontrando resistencia desesperada nos que abusam das *sanctas* attribuições que são conferidas ás authoridades das crenças, querendo os *infieis*, isto é, os degenerados, governarem a *capella* em nome do *gremio*, quero dizer, da *egreja* das nossas *crenças*. Mas sabeis porque tudo isto apparece?

E' por causa da venenosa *cunha*; é por causa da injuria, dos doestos e da calumnia que abundam no caminho de freneticas ambições.

Nem todos os *fieis* são habilitados para repellir o veneno de taes aggressões; nem me resta tempo de as esclarecer, porque assim desvio-me dos trabalhos da administração da *capella*, tomando parte em lucta tão desegual e repugnante.

Em tempo opportuno e proprio obterei sobre os detractores o mais completo triumpho para a satisfação da sociedade.

Fieis! Desde 1853 até agosto de 1868, 15 annos, concentrei-me na vida privada, soffri os infortunios da sorte, sem que um acto meu, um escripto, uma palavra provocassem represalias, ou ferissem a honra e reputação dos inimigos da *egreja*.

No *pulpito*, e só nelle combati o desrespeito que praticavam os *pagãos* dentro do recinto da *egreja*, erguendo as vozes para bradarem contra as nossas *santas crenças*.

Agradeço pois, carissimos *fieis*, o terem-me ouvido fallar contra a calumnia e desviamento de alguns *infieis* da *egreja*. Agradeço este numeroso concurso, e cheio de ufania agradeço ás bellas damas *devotas do milagroso sancto dos ventos* e rendo humildes graças para que sejamos *coroados* de *flores*, o que eu para mim e para todos desejo.»

«*O sermão de frei Francisco na festa do sancto dos ventos.*

«Houve dentro da *capella*,
«Um excellente petisco,
«Para os devotos que ouviram
«*O sermão de frei Francisco.*

«Um devoto deste *sancto*,
«Cahiu de nariz no *cisco*,
«Porque sahiu enjoado,
«*Do sermão de frei Francisco.*

«Um frade ficou zangado,

«Com um homem lá do *fisco*,
«Por ter mettido uma *cunha*
«*No sermão de frei Francisco.*

«O diabo transformou-se,
«Dizem, em *gato marisco*,
«Para roubar os papeis
«*Do sermão de frei Francisco.*

«Qual é o homem que deixa,
«Embora seja *martinusco*,
«De ouvir com attenção
«*O sermão de frei Francisco.*

«Esteve um moço na *capella*,
«Cujo nome d'aqui risco,
«Que sahiu encafifado
«*Com o sermão de frei Francisco.*»

No mais aqui fico

Como um velho dengoso
Assigno-me de V. Ex.
O seu amigo

Faustoso.

Roga-se ao S. *pinta gente* na ladeira da *Immaculada*, que por S. *José* ou por Santo *Antonio* deixe de praticar tanta immoralidade, quando está na janella com sua cunhada, principalmente no sotão, que é o *couto* de sua depravação.

A' inclita Santa *Ritta peça na* maior contricção que o livre de tão feia balda, pois que ninguem quer ver marmotas sem vontade.

O sino da torre.

(*Continuação do n. antecedente.*)

—Capitão, voltei.

—Continue.

—No caso da lei dos cavallos está a celeberrima e oppressora que impõe 5 % sobre as roças do suburbio, ainda fora dos limites da decima.

Custa a crer, que na crise actual, em que essas propriedades, com excepção de uma ou outra, estão em completo abandono pela falta de braços que a cultivem, com seus pomares estragados pelas formigas, servindo apenas de morada a seus donos, que procuram esse recurso, em razão do alto preço dos alugueis das casas dentro da cidade, impossibilitados mesmo de poderem conserval-as por lhes ser difficil pagar 1$ rs. a um trabalhador, muitas vezes preguiçoso e mau; custa a crer, dizia, que para roças assim depreciadas e sem valor algum, os legisladores do progresso se lembrassem de crear um onerosissimo imposto sobre ellas, sem que uma só razão justifique tal procedimento, a não ser o proposito ou gosto impensado de crear tributos á torto e a direito para massacrar cada vez mais a este povo infeliz.

—E ao passo que assim procedem, inculcando-se de zelosos das rendas provinciaes, abrem os cofres publicos a escandalosas condescendencias e afilhadagens, esbanjando-se largamente pelos protegidos o suor do povo com pagamentos fora de tempo e outras sinecuras.

—E não lhe pareça. O proprio cofre municipal, não ha muito, foi victima de uma dessas *indulgencias* ao filhotismo.

Por hoje a massada vae comprida e como a benevolencia de V. Ex. m'o permitte voltarei amanhan.

(Continúa.)

—V. viu na festa do *sancto dos ventos* o *Araujo Poia*, com o *Argola?*

—Não.

—Pois V. não estava no botequim que havia dentro da *capella*, á disposição dos *fieis devotos?*

—Não fui a essa festividade, porque como V. sabe, sou *pagão*.

—Tem razão, não viu.

Pois lhe vou contar.

—O *Poia* foi para entrar no botequim e empurrou o *Argola;* este disse:

«Não me empurre sobre quem está na frente, pois eu não desejo maltratar á ninguem!

Poia, o encarregado da festividade, pergunta ao *Argola:*

«Não me conheces, não sabes que eu sou o encarregado de administrar esta funcção?»

Argola voltando-se, observa que *Poia* tem dous pratos nas mãos e pergunta:

«—Quem é V.?

«—Já disse que sou o encarregado de administrar a funcção.

«—Não duvido que seja o encarregado de embolsar parte do cobre adquirido para a festa!

«—Cale-se; antes que mande retiral-o da *capella*.

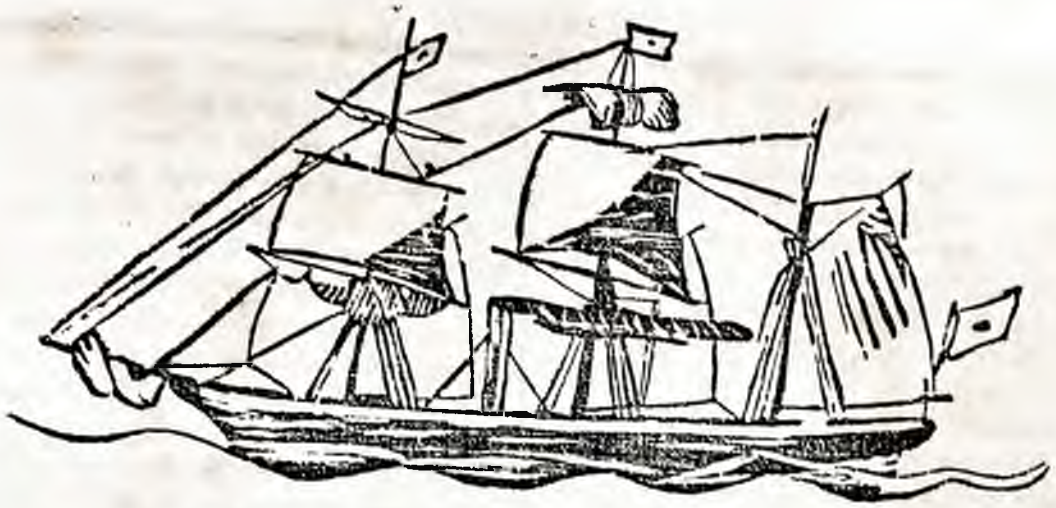
«—Ahi está no que eu ponho minhas duvidas.

«E de mais, V. com estes dous pratos nas mãos, me tem mais cara de creado do que de outra cousa.»

—Era Baccho que estava funccionando na cabeça do *Poia*.

—E como funccionou na de muitos que eu lá vi *cambalcando*.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 43.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 17 DE OUTUBRO DE 1868. N. 422.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de outubro de 1868.

Portaria ao fiscal geral, dizendo-lhe que deve entrar com 2$ rs. para o cofre da municipalidade, proveniente da mulcta, que deve impôr, por infracção da postura n. 44, ao *dono do cavallo russo*, todas as vezes que o *cujo* o amarrar á grade da casa n. 79, ao becco dos Barbeiros. Cumpra.

—Admiral

—V. tambem de tudo se admira.

—N'uma provincia, onde ha uma eschola de medicina, um inspector da saude de terra e outro do mar, uma recua de medicos do exercito e da armada, além do crescido batalhão dos avulsos, anda-se de *deu em deu* para se fazer um corpo de delicto sem haver quem se queira prestar!

—Dinheiro é quem faz a guerra, meu rico.

—Isso mesmo é do juramento que elles prestam.

—V. não sabe que, lei só se executa com quem não tem posição? Ha um artigo no codigo, que os sujeita a uma mulcta, quando se recusarem. Mas quem é que se atreve a impol-a, quando tudo é louça do mesmo barro?

—Por fallar em corpo de delicto, o da africana Lucrecia?

—Fez-se; os peritos arbitraram o tratamento para mais de 30 dias, declarando que podia resultar a morte.

—Não morre não. *A virgem da paz* ha de se metter em tudo isso.

OS MASSANTES.

Alem das doenças que de vez em quando soffremos, alem de perdermos tanto tempo em pagar visitas de ceremonias, e cumprir preceitos de civilidade, alem do tempo que gasta um homem continuamente em lavar-se, fazer barba, cortar cabellos, vestir-se, escrever, arrumar papeis &c. &c., tem de perder immenso tempo em ouvir com paxorra os massantes, que continuamente apparecem a dar secca sem proveito. Apenas pilham um pobre vivente em casa, grudam-se no caxasso do paciente, como sanguesugas, prendendo a attenção do pobre vivente.

Ah! e quantas qualidades ha de massantes!!! é um numero infinito, cada qual mais injoativo, e importuno em amofinar a paciencia do quem por infelicidade os atura.

Ha massantes que levam manhans inteiras a contar façanhas, e valentias para se inculcarem de forçosos; outros em recordar os nomes de seus avós, arrotando fidalguias, e sementes de nobreza, e entre estes ha muitos

nascidos no palacio da roda da mizericordia; outros consomem horas inteiras em contar gracinhas de suas crianças, e lembranças talentosas de suas mulheres: com estes menos mal, porque no meio da conversa lá escapa uma asneira que faz rir; outros levam a descrever exageradamente a belleza de suas namoradas; estes só a clyster de pimenta; outros em ar de noticias interessantes começam a contar as crias que as escravas tem parido, os bois que tem no pasto, e os pães de assucar que tem feito, com cincoenta por cento de mais de juros das mentiras. (Estes se parecem pelas costas com os nossos lords Srs. de engenho.)

E que diremos de certos tabareus massantes, que se occupam unicamente em contar historias elasticas de demandas antigas, e heranças atrapalhadas? Estes tem a virtude do opio, produzem somno em poucos minutos.

Outros da mesma cartilha fomentam os ouvidos da gente á força, descrevendo prolixamente desordens do sertão e acontecimentos de feitiço. Ah! monos! quem vos dera uma sentinella atraz da cadêa em dia de chuva para não andarem perdendo assim o tempo.

E uns taes enthusiastas, que querem se intitular influentes do povo, e potencias em eleições!! alem de darem extensas massadas, vendem sacas de parollas, e promessas com titulo de votos: e ainda ha papalvos pretendentes que os procuram.

Ai, ai, ai, que ia nos esquecendo uma qualidade de massantes, sem duvida uma das mais insuportaveis—certos conversadores de boca fedorenta, que, para se fazerem muito explicados e bem percebidos, incostam-se á cara da gente bafejando os narizes com o pestilento aroma de dentes podres; para fallar com estes, devemos trazer continuamente uma garrafa de labarraque pendurada no pescoço.

Temos tambem uma chusma de massantes vagamundos, que, por ociosos não tendo em que se empregarem, vão para as lojas e boticas impatar os compradores, e vexarem os donos das casas, tomando logar e occupando os poucos assentos que ali existem, e ahi se demoram tempo esquecido fallando da vida alheia, e governando o mundo em sêco. Ah boa casa de correcção!

Um bom petisco é ouvir-se alguns aduladores contarem as grandezas de algum amigo rico, que elles tem, principalmente quando o amigo é velho e sem filhos, e por conseguinte promette herança: então tudo quanto diz o velho serve de maxima; tudo quanto o velho come é saboroso, decoram quantas vezes elle passeia, quantas dorme, os lugares onde urina, os cantos onde cospe; finalmente áduram o velho como si fosse um sancto lenho vindo de Roma.

Além d'estes temos a desgraça de aturar um exercito de massantes viseosos, que se grudam nas casas até arranjarem o que querem. Uns pedindo subscripção para se formar, ou encaixando bilhetes de rifas avelhacadas, outros imbutindo bilhetes de theatro, quasi a força, outros dando uma conversa para pedir cavallo emprestado, outros com penhores alheios para sacar dinheiro emprestado, com tenção de nunca pagar; outros cathequisando e influindo com elogios e dedicatorias para que lhe comprem um folheto todo copiado e cheio de asneiras, que não serve se não de papel sujo para embrulho ou guardanapo.

Valha-nos Deus com taes massantes, que, além do dinheiro e pechinchas que vão lentamente extorquindo á gente, consomem e affigem os outros, tres quartos do anno. Não nos esqueçamos tambem de algumas viuvas patetas, que massam a todos contando a vida e os amores do seu defuncto, assim como tambem mães de familias indiscretas que, para inculcarem as filhas por muito raras, entram a contar os casamentos que tem engeitado, e depois de tiradas indagações as filhas ainda não foram pedidas por um gato; em summa remataremos com a enorme massada de se ouvir um padre estupido e acanhado levar duas horas a mastigar palavras sem dizer o que quer, e no fim, já na escada, depois de ter infastiado o dono da casa, pede um empenho para o bispo o ordenar! Forte zangão! podia ter dito em duas palavras. Massadas taes tem a mesma virtude do maná; assim que o padre vai-se embora corre-se para a cadeira furada.

E basta de fallarmos dos massantes por que, se continuarmos, não tem fim e não queremos que digam que isto tambem é massada: só diremos aos leitores que, para se livrarem dos massadores que continuamente nos perseguem, rezem todos os dias de manhan a magnificat á Nossa Senhora, e feixem-se por dentro em casa até os massadores perderem o mau costume de os importunar.

Á PEDIDO.

AS DERRUBADAS DE EL-REI.

Os sapadores reaes
Lá vem de machado em mão;
Cá na côrte sete são,
Nas provincias vinte ou mais,
A derrubar liberaes!
« Silencio, plebeus, tremei;
« A regia vontade é lei.

« Sois escravos, nós senhores,
« Somos bravos sapadores
« Das derrubadas de El-rei.

Disseram. Corta o machado
No edificio liberal;
O supremo general
D'esse exercito damnado
Lhe diz: « Batalhão sagrado,
« A minha vontade é lei;
« Valentes, accommetteí!
« Sou por vós, sois invenciveis,
« Sejam completas, horriveis,
« As derrubadas de El-rei.

« *Harmonisae-me* essa gente,
« Que se chama liberal,
(Continua o general,
Esfregando as mãos contente
Dos sapadores á frente)
« Meu regio capricho é lei;
« Por isso o poder vos dei;
« Os sapadores avancem
« E as machadinhas não cansem
« Nas derrubadas de El-rei.

« Erguei o regio instrumento,
« Quiz dar o exemplo primeiro;
« De um golpe duro e certeiro
« Derrubei o parlamento!
« Abaixo leis e orçamento,
« Sou eu orçamento e lei;
« Ouro e poder vos darei,
« Sois dignos de meus favores;
« Pague a plebe aos sapadores
« Das derrubadas de El-rei.

Não cessaram desde então
Sinistros golpes brutaes;
Da obra de nossos paes
E' certa a demolição;
Já não tem voto a nação,
Se existe nação não sei!
No imperio dictam a lei
De um homem só as paixões,
Pois que até as eleições
São derrubadas de El-rei.

Imprudentes, lêde a historia!
Nas luctas da nossa edade,
Entre os reis e a liberdade,
E' d'esta a final victoria;
A d'elles é transitoria!
Bons sapadores, sabei
Que o povo tambem dá lei;
Moderae esse machado...
Pode El-rei ser derrubado
Nas derrubadas de El-rei.

L. Alves de Lima.
(*Diario do Povo.*)

—Ora, meu charo doutor, isto não é bonito em um medico, que está no tribunal, fazendo corpo de delicto!

Pois V., a vista de tanta gente, pegando no rosto da rapariga, que veio para ser interrogada e dizendo-lhe graças, proprias de capadocio!

—Historias!

—Eu aposto que o *Aprigio*, sendo um pedante, não era capaz de se atrever a tanto.

—Ora adeus! Cada um responde por si.

—Está em seu direito, meu cabelleira de sebo; vá fazendo que V. ha de encontrar.

—Capitão, venho aqui apresentar um caso, que merece attenção.

—E' ir dizendo.

—Indo eu á *rua*, que tem *grades de ferro*, visitar um amigo encontrei um *tenente*, filho da *Bahia*, que em algum tempo foi socio de um daquelles *depositos* de *molhados*, que por alli ha.

—Relate a historia, que é o essencial.

—Com muito gosto. O referido tenente tinha uma *conhecida* na mesma rua. Um filho do cujo, mais esperto do que elle, entendeu de lhe cortar o regeito.

O meu *pax-vobis*, abrasado em *zelos* e não podendo se desabafar com o pequeno, usou de uma picardia, procurando a prima da Amelia e lavrou-a de chicote pelas costas.

—E ella nada fez?

—Logo que pôde desvincilhar-se delle, foi-lhe aos queixos, e o covarde tratou de dar sebo as canellas, pedindo soccorro.

—Que mulherengo! E' sempre official da *guarda não sou nada*.

Si com uma mulher elle portou-se tão miseravelmente, no sul borrava-se todo. E quem sabe o que andou por lá?

—Por tanto, capitão, peço lhe providencias para que não continuem taes bandalheiras n'uma rua tão publica.

—Muxingueiro vae buscar o *tenente*.

—E' um pé la outro ca.

.....

—Chegue-se para ca, sôr *pae d'egoas*.

—Capitão, estou tremendo.

—Não venha me emporcalhar a salla.

Tem consciencia do que tem praticado?

—Desculpe-me, capitão.

—Como vem humilde!

Para que anda dando espetaculos e fazendo *agoa suja* la por sua *rua?*

—Uma mulher traidora....

—Basta; vou mandar cural-o desta molestia.

Muxingueiro, a cara deste filhote de burro na latrina por 3 dias e em cada um delles 50 calabrotadas, para se corrigir de seu desregra-

do procedimento e a mulher das chicotadas que vá se queixar ao chefe de policia, o competente para providenciar a respeito.

—Capitão, felizmente o espirito do desinteresse não está de todo arrefecido.

No dia 13, tendo de se conduzir uma pedra para o altar de Nossa Senhora da Piedade, os pretos ganhadores impozeram o excessivo preço de 100$ rs. pela conducção; vendo isso os saveristas nacionaes, se offereceram para transportal-a gratuitamente e de facto o fizeram, vindo a referida pedra ornada de flores e bandeiras, debaixo de vivas e foguetes, pelo Taboão, Terreiro. etc.

Honra a esses homens rudes em cujos peitos ainda ha uma scentelha de religiosidade e devoção.

Um devoto.

—E' preciso prevenir a policia

—De que?

—Que hontem (15) á noite dous membros do olho vivo entraram em uma casa de jogo, com quantia superior a 2:000$ rs. para fazer uma *banca*.

—O *golpe* trabalhon.

—A policia tem obrigação de inquirir desses dous melcorios, sem meio de vida conhecido, onde acharam tanto dinheiro para jogar.

—Tinha que ver! A policia cansando-se com futilidades.

Sr. redactor.—Não se pretendia dizer ou escrever cousa alguma a respeito do julgado do tribunal do commercio desta cidade, em sessão de 12 do corrente, na causa de Jacintho José David com J. Antonio Mourão.

Longe de censurar a decisão do tribunal, respeitamol-o, como fundado no melhor direito, em todas as suas partes, tanto mais quando o venerando accordão arbitrou em 1:800$ rs. os salarios annuaes, que o Sr. David exigia, na razão de 3:600$ rs., demonstrando assim o integerrimo tribunal o espirito de rectidão e equidade com que procedera o Sr. Mourão, quando assignou o salario de 1:600$ rs. ao seu caixeiro o Sr. David. Não se diria portanto uma só palavra mais a este respeito, si o Sr. David não tivesse tido a imprudencia de vir a imprensa, no *Diario* de 13 do corrente, alardear o seu *triumpho* em nome de toda a honrada corporação dos caixeiros desta praça.

Está redondamente enganado; o Sr. David não pode ser applaudido em circunstancia alguma de sua vida pelos caixeiros honestos, pelos moços morigerados, pelos homens de bem de qualquer condição que seja, sempre que lhe conheçam a indole e o caracter, como felizmente lhe o conhecem todos sobejamente nesta cidade, ainda mesmo que o Sr. David mude ou troque o nome ou apellido, como agora fez na sua *noticia triumphal*, no citado n. do *Diario*, mudando Daniel por David. E' indole e caracter tanto ingenitos, que parece vir de geração, visto como agora mesmo foi um irmão do Sr. David, estrangeiro que nada tem com as questões politicas deste paiz, que, consta, acaba de disparar um tiro no Sr. coronel Calmon na cidade dos Lençóes, como ha pouco viu o publico referido nos jornaes desta capital.

Si alguem ahi pode applaudir o *triumpho* do Sr. David, seriam somente aquelles que se lhe assemelham nas qualidades singulares do coração e lh'as invejam; a grande maioria dos caixeiros honrados, as pessoas conspicuas e probas do commercio, não, não.

E' verdade que algumas vezes caracteres sãos e ingenuos, homens de reconhecida probidade chegam a deixar-se illudir e fascinar pelas alicantinas e lamurias de insignes hypocritas, de refalsados e perversos tartufos, de cujas garras, entretanto, quasi sempre acabam por serem victimas; outras vezes é somente a stulta vaidade de passar por *generosos e philantropicos bemfeitores*, ainda que o sejam da perversidade relapsa, do crime incorrigivel.

Si neste caso está alguem, ou n'aquelle, que possa supportar o peso de apertar a mão a um famoso sicario, e dar-lhe parabens por seu *triumpho*, bom proveito lhe faça; fiquem certos de que cedo ou tarde acharão a recompensa.

Até ver não é tarde.

Um caixeiro do commercio.

VARIEDADES.

VIVENTES INFELIZES.

Marinheiro.
Escravo de engenho.
Besta de gondola.
Mulher de soldado.
Caixeiro de uzurario.
Padre vergonhoso.
Freira arrependida.
Medico sem doentes.

ANNUNCIOS.

Precisa-se alugar uma pessoa para fazer doces de forno de todas as qualidades; nesta typographia se dirá quem.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 43.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 21 DE OUTUBRO DE 1868. N. 423.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.° 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de outubro de 1868.

Officio á Illma. camara municipal, ponderando-lhe o quanto deve ser prejudicial á saude publica o estado de incrivel porcaria em que se acha o pateo do sobrado de n.° 48, ao becco do Padre Bento; a immensidade de podridões alli agglomeradas, exhalam uma fedentina insuportavel, a qual tresanda na occasião em que os moradores fazem despejo.

A vista do exposto, é de indeclinavel e urgente necessidade que a Illma. mande la o seu fiscal geral, o qual depois de ver com seus olhos e sentir com seu nariz, obrigará o proprietario a remover dalli tão poderosa causa epidemica.

Portaria ao aspirante João de Deus, ordenando-lhe que vá ao Canto do João de Freitas, procure um sujeito *amoscosado* e prohiba-lhe de continuar a andar em fraldas de camisa, visto que ha familias defronte e não estão dispostas a presenciar semelhante marmota; sob pena de ser agarrado e remettido para o porão deste navio, afim de entender-se com o muxingueiro. Cumpra.

—Hontem (18) estava uma preta sentada na porta da egreja do Rosario, á Baixa dos Sapateiros, vendendo doces, e de momento levantou-se douda-varrida.

—A' que horas foi isso?

—Eram 7 horas da noite.

—Ninguem sabe como ha de acabar!

—E' do que eu tenho medo, da ceguera do espirito!

—Lá foi dar com os ossos no chilindró a Maria Felippa.

—Não ligo o nome á pessoa.

—Uma creoula mercadora de legumes em Santa Barbara.

—Isso não passa de alguma infracção de postura, algum genero *passado* que expoz á venda.

—A cousa não é tão facil como V. julga. Falla-se no desapparecimento de um recem-nascido.

—Abandonado cruelmente, sem duvida.

—A policia o dirá.

—Si ella poder *andar*.

—O caso é que sinhá Maria Catharina, parteira, confirma que a sobrinha menor de Maria Felippa dera á luz uma rochonchuda e linda creança, expertinha como um velho que eu conheço, em um quarto da casa da Sra. Maria Caetana dos Passos, em Santo Antonio, para onde foi transferida, desde que deu signal de prenhe; a escrava Flora diz que levou a creança até o Campo da Polvora, mas a senho-

ra nega. E assim ninguem sabe o que foi feito da creança.

—E a sobrinha?

—Foi recambiada para fora.

—Está uma meada intrincada.

—A sujeita que como *cutia* está com o rabo na ratoeira, que corra *ligeira*, a desembaraçar-se.

—O *mano Gere* está ahi, não ha nada.

—Esta terra é do viva quem vence.

—Do viva quem pode, digo eu.

—Si tem o que dizer, eu já não dou palavra.

—E tenho sim.

Quando alguem lhe disser que nesta terra ha a menor sombra de garantia individual, pode crer que está mangando redondamente com V.

—Nem para quem tem dinheiro?

—Para esses ha tudo, está claro. Eu fallo em relação aos fracos.

—Assim, estou conforme.

—Si em algum paiz, se praticar acto tão revoltante eu dou o pescoço á canga.

—Como?

—O seguinte:

Um portuguez, Sebastião José Bastos, supponho, arrematou o sobrado n. 7 á rua do Collegio, em dias da semana passada e mandou dizer aos moradores que queria concertal-o.

Na segunda-feira de manhan, appareceram inesperadamente os pedreiros e sem remissão nem aggravo destelharam litteralmente a casa, estragando tudo e expondo uma familia de 8 a 10 pessoas ao sol e a chuva sem ter para onde ir.

Agora pode dar seu recado, que já dei o meu.

—Quem ouve isso tem mais o que dizer?

Pois um inquilino, quite, é obrigado a mudar-se em 4 ou 5 dias e como o não faz, o proprietario dá-lhe por tecto o firmamento!

—V. ha de dizer que em casa que não cheira a homem é que se dá destes factos.

—Com effeito!

Antes malhar em ferro frio!

—O que é que V. tem que não diz?

—Pois todos os dias ha de se registrar um fracasso por causa da impericia e imprudencia dos boleeiros, sem haver quem se abale com isso!

—A tal respeito, pode bradar a esganar-se.

—Ainda hontem, ao chegar uma gondola ao Caes Dourado, quando desembarcava uma mulher que trazia nos braços uma creancinha, o estouvado do boleeiro fustigou os animaes para fazer voltar a diligencia e a infeliz cahiu sobre a calçada por sobre a innocente creatura, fazendo diversas contusões no rosto e ficando esta ultima em perigo.

—Que gracinha!

—O boleeiro partiu a galope para a cocheira do Bomfim e o pae do menino correu afflicto para uma botica a tratar de seu filho.

—E o pobre povo que vá soffrendo destas e outras com vida e saude.

—As cousas deste mundo são assim.

Uma postura municipal prohibe deitar-se lixo na montanha, entretanto, do palacio presidencial é que se infringe primeiro.

—E V. sabe si é de lá?

—A prova aqui está no Pau da Bandeira; os *restos finaes* do baile de S. Ex. atirados pela ribanceira.

—O' amigo, V. me diz que grupo é aquelle que vae ali pela Praça a fora?

—V. tem olhos como eu, para ver o que é.

—Eu vejo bem, mas não comprehendo.

—Esforce a natureza.

—Vejo um homem, de seus 40 e tantos puchando pelo cabresto um cavallo de carvão; de um lado um sargento do 5.° de catatau a cinta e um volumoso cartapacio na mão e do outro um soldado raso.

—Isso basta para V. tirar a consequencia do que pode ser, si tem um dedo de raciocinio.

—Como vae esta cidade!

No sabbado á noite, tres molecotes *capoeiras*, entre os quaes um escravo do Sr. Machado, espancavam desabridamente na rua dos Droguistas a uma preta, que bradava por soccorro sem achar quem lhe acudisse.

Depois que satisfizeram sua vontade, retiraram-se *garbosamente*.

—O que quer, si a policia depois que é feita a *vapor* anda mais de vagar?

—Da-se encommodo maior!

—E a visinhança que ature pacientemente tão escandalosa diabrura!....

—Não sabe o que é não?

—Sei, sei. O Sr. Dionisio entrou em casa de sua amasia, á rua de D. José n.° 9, achou o *ponto* tomado e quer á força que o seu contendor saia pela janella.

—E para isso teve a precaução de trancar a porta e tirar a chave.

—A *rapariga* porem declara-se contra elle por que, diz, nem dá para o *fubá*, nem desoccupa o logar.

—Parece que a casa vem abaixo!

—O peior é tamanho alarido, tanta palavra obscena, tanto grito d'aqui d'el-rei de porta trancada.

—Sempre nos domingos é que apparecem dessas *effervescencias*.

Á PEDIDO.

—*Cupidinho,* diga-me, V. que é empregado publico: não é prohibido ao empregado de fazenda ter na salla da casa, em que mora um botequim, onde come, bebe, pagodeia e toma seus pifões, qualquer bicho careta que leva dinheiro?

—E' verdade; mas que quer? as novenas dos Afflictos convidam ao tal *deboche*.

—Si o empregado publico não pode ter na rua uma caixinha em nome da mulher com quem é casado, quanto mais elle mesmo em pessoa á vender carurús, moquecas e caxaça.

Até é rediculo.

—Sabe o que fazer?

Ranger os dentes de raiva, quem tiver inveja.

—Cala-te, meu jesuita, arranca essa luneta do olho, que verás uns a ourinar na cuia e outros na escada.

—Immediato!

Virar de bordo e navegar para a enseada da *Conceição*.

—Prompto, capitão, o vento é fresco, a maré de feição, em meia hora temos feito a derrota.

—Demos fundo no porto deste *engenho*.

Visitemos esta casa onde ha tantos *penitentes* e nenhum arrependido.

Quem rege o estabelecimento?

—Eu, Sr.

—Sr. regedor, director, *administrador*, como quizer que lhe chame, tenho fundadas queixas contra sua gerencia.

Dizem que a *administradora* manda os *soltos* acompanhados pelos *vigias* vender doces, carregar agoa para os conhecidos, mariscar, etc.

—A casa é de *trabalho*.

—Mas não é de *liberdade* para tanto.

Dizem ainda, que no dia 16, um desses sujeitos que já estão de mão assentada, ia fazendo a desgraça n'um pobre *vigia*, por não querer este que elle se alargasse muito em seu passeio.

—Ora, Sr.! Pois se lembram de mim, tão retirado?

—E' que esta casa tem caveira de burro enterrada.

O diabo quanto mais aperfeiçoava o nariz da mãe, mais medonho elle ficava; assim é ella, quanto mais a endireitam mais desmantellada fica.

Sr. redactor.—Tem causado grande numero de collicas o julgado do tribunal do commercio em sessão de 12 do corrente, na causa de salarios, em que litigam os Srs. Jacintho José David e João Antonio Mourão.

Ambages, sophismas, cavillação, subterfugios, insulto e calumnia, nada tem sido poupado; tudo tem sido profusamente, e com mão larga, despejado contra o Sr. Jacintho, no despeito em que cahiram os protectores adversarios, pela decisão do julgado no illustrado tribunal do commercio; o *Jornal*, o *Diario*, e até o *Alabama*, tem sido repletos de insultos pelo seu contendedor e pelo *caxeiro do Commercio*—(assignatnra do *Alabama*), senão era d'elle proprio.

O Sr. Jacintho, nada tem dito a respeito, mesmo porque ainda não julga esta questão diffinitivamente acabada e por isso não insulta e apenas limita-se a procurar o seu direito nos tribunaes competentes, e na justiça de seus conspicuos e illustrados julgadores muito confia, para decidirem integralmente a dita questão de salarios.

A questão não foi principiada como se diz, e se tortura e inverte a verdade dos factos.

A questão principiada pelo Sr. Jacintho, foi, pedindo 2:900$000 rs. de salarios, na razão de 3:600$000 rs. annuaes, como caixa, gerente e administrador da caza, com poderes especiaes e illimitados para todas as transacções em geral, inclusive transigir nos estabelecimentos bancarios, como se vê da procuração junta aos autos, conferida pelo Sr. Mourão ao Sr. Jacintho.

O Sr. Jacintho requeria na sua petição inicial um arbitramento, conseguintemente não fazia um pedido fixe, embora que reputando seus serviços prestados ao Sr. Mourão em mais; o arbitramento foi deferido pelo integro juiz de direito especial do commercio e nesse laudem solemne, se julgou o Sr. Jacintho com direito a 2:400$000 rs. e não mais a 2:900$000, ou 1:600$000 conforme diz o Sr. Mourão se propoz a pagar, aqui para o homem de brio, não devia mais haver, correr nem saltar, uma vez accordes no arbitramento conforme ficaram.

Si o Sr. Mourão, já desavindo com o Sr. Jacintho, lhe offereceu 1:600$000 rs. como diz, claro está, que elle merecia mais, e pelo salario, se fará uma ideia de quem é a pessoa do Sr. Jacintho, e a confiança que inspirava ao seu proponente, notando-se que o Sr. Jacintho depois de estar na caza do Sr. Mou-

ão, ficou como administrador e gerente, por que socio não o quiz ser; quando entrou para a casa, foi attrahido para socio e não caixeiro, a procuração que o Sr. Mourão conferiu ao Sr. Jacintho, desmente e desmascara o Sr. Mourão.

O Sr. Mourão, nunca foi, como apregoa, *generoso*, porque seria *generoso* a custa da bolsa alheia, e ahi está seu ex-socio Britto para o dizer; seria o Sr. Mourão generoso pagando ao Sr. Britto 6:000$000 rs. em uma letra a 6 mezes de prazo por mais de 20:000$ rs. de que era credor?! Digam-n'o os commerciantes da praça da Bahia, mas não o Sr. Mourão, por que é suspeito....

Falla-se concho, quando se diz, que um irmão do Sr. David, consta, ter dado um tiro em homens innermes, esquecendo-se que com as mesmas provas com que se levanta a revoltante calumnia, que causa asco e não merece resposta, tambem se pode dizer que o Sr. Mourão assassinara o papa, ou o imperador do Mexico. Contra o Sr. Mourão, tambem se pode invocar factos de violencias brutaes que produziram morte!... Entretanto ninguem o chama assassino.....

Por que viria o irmão do Sr. Mourão do Rio de Janeiro? não seria por uma tremenda quebra fraudulenta, que aterrou e b tou por terra muitos commerciantes daquella praça?! Fugindo para a Bahia, corrido pelos probos negociantes que imprudentemente se confiaram d'elle? Isto é que vem de raça, e aqui mesmo se vê o espelho pelas *maravilhas* que o Sr. Mourão tem praticado com diversos, e segundo consta prepara-se para.....

O Sr. Jacintho julga indigno de si, decer a diffamar pessoas.....por que haveria muito que se dizer....

O Sr. Mourão chama a attenção dos commerciantes da praça para apreciar os actos do Sr. Jacintho, e seus proprios; isto não precisava dizer-se, porque a corporação do commercio que bem conhece os litigantes, sabe avalliar a moral de ambos, certo de que, nos pleitos em que litiga o Sr. Jacintho com o Sr. Mourão, está bem conhecido quem ha de ser excluido do quadro dos homens de bem. Nem mesmo os tribunaes dão rasão a quem não a tem; os tribunaes acabam de lavrar a sentença da honestidade do Sr. Mourão; ali se verificará que as trevas não conseguem entenebrecer a luz, e o sophisma suffocar o clarão do sol.

O Sr. Jacintho não é genioso como diz o Sr. Mourão, e si o fôra....

E' preciso que o Sr. Mourão diga ao seu grande amigo *Erro do engano*, que se metta com sua vida, sinão quer ver a careca a mostra, e mandar-lhe de presente 30 lb. de fiambre do *arranjo* nos 15 pés!....

Um amigo do Mourão.

—Meu Dr., cara de pau,
Deixa o namoro, és casado;
Que esta vida pode dar-te
Muita lenha no costado.

E' prudencia, é virtude,
Não seduzir as donzellas,
Queres *damas?* tens bem perto;
Cura-as, si tiver mazellas.

Porem andares querendo
Seduzir e deshonrar,
E' muito, Dr., é muito,
Caro te ha de custar.

E se não queres que a taca
Sobre teu lombo se veja,
Para deixar o namoro
Forceja, Dr., forceja.

Fogo solto.

MOTTE.

E' cousa indecente
E que não se tolera
Fallarem casamento
A' tres annos d'espera.

GLOZA.

Quem annos namora,
E' bem paciente;
Do vinc'lo a demora
E' cousa indecente.

Affirma *Gil Lobo*
Que a noiva dissera:
Que o noivo é um bôbo
Que não se tolera;

Que alisa o cabello
De boi co'excremento,
Pr'assim o camelo
Fallarem casamento;

Que elle é uma bocca
De horrenda cratéra.
Casar! Paixão louca!!
A' tres annos d'espera!!

ANNUNCIOS.

ATTENÇÃO

O dono da venda intitulada Bom Socego na rua do Alvo n. faz sciente a seus freguezes que tenhão á bondade de vir pagar suas contas no prazo deste trinta dias; se não pagarem no dito prazo, terão o desgosto de verem seus nomes por extenço contando da data do dito annuncio.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VI. **Serie 43.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 23 DE OUTUBRO DE 1868. N. 424.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.° 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de outubro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. conego director dos estudos, participando-lhe que nos informam de que um professor particular, ao Areial de baixo, castiga os seus discipulos com excessivas palmatoadas, por cuja razão pede-se a S. S. se digne mandar admoestar o referido professor para que não continue a infringir por tal maneira o regulamento da instrucção, caso seja exacta a queixa.

—Forte exquisitice!

E causou-me tal abalo que ainda estou encommodado!

—Succedeu-lhe alguma cousa, meu bom rapaz?

—Nada,

—Vejo-o tão alterado!

—Um sonho que tive.

—Ora! effeitos de seu spirito hallucinado.

—Seja o que for. O caso é que ainda estou impressionado.

—Isso passa. Conte-me a sua visão.

—Sonhei que me achava em um extenso genipapeiral. A curiosidade moveu-me a querer saber o numero daquellas arvores e principiei a contal-as.

Ao chegar ao *genipapeiro* n. 10 dei com um espectaculo, que horrorisou-me.

Um homem, macilento, cadaverico, estava a elle atado por uma corda, como macaco ao cepo. O desgraçado inspirava dó e commiseração.

Perguntei-lhe o que fazia em tão lastimavel estado; disse-me que era victima de maus tratos do seus crueis senhores, que preferem tel-o em tão penosa condicção a dar-lhe qualquer destino; que já uma vez tinha se apresentado á policia e queixado-se, mas que isso só serviu para exacerbar seus soffrimentos.

Accordei attribuladissimo e tal impressão causou-me que não me sahe da imaginação, como se fôra *um facto real*.

—Que extravagancia! Ainda não vi visionario egual a V.

E a me roubar o tempo com uma massada sem principio nem fim, e eu feito um papalvo a escutal-o!

—O subdelegado da Sé dá algum baile?

—Porque?

—A casa está toda illuminada e ornada.

—E' um casamento.

Gabriel Francisco de Lemos raptou a menor Maria Clara de Jesus da casa dos seus, á rua do Pão-de-ló e levou-a para o becco de Sebastopol, freguezia de S. Pedro.

O subdelegado foi-lhe no encalço e metteu-o na Correcção, d'onde sahiu para receber-se

em matrimonio agora ás 8 horas da noite.

—Bem; si todas as authoridades fossem da tempera do Sr. Freitas, as cousas andariam com mais geito.

—Capitão, houve um equivoco.

—Aonde?

—O individuo que mandou destelhar a casa com moradores dentro, chama-se Sebastião José Vasques.

—E' verdade. Foi um engano typographico.

Como isso não altera a gravidade do facto, deixe que vá.

—Mas eu que não sou desses que dizem que antes errar o nome do que.....

V. Ex. me entende.

—Appareceu a creança sumida.

—Em que logar?

—Em uma casa ao becco do Açouguinho n. 55, onde estava se creando.

—Por ordem?

—Do asylo dos expostos. Reconheceu-se a identidade por um signal que a mesma tem na coixa.

—Si a sujeita tem logo dito a verdade, teria evitado o ir dar com os ossos na casa de caxorro.

—Os Srs. Marques, Aristides & C.ª foram intimados para apresentarem no juizo da 3.ª vara os authographos de um artigo publicado neste periodico, sobre a questão—*Mourão*.

—Que chusma de responsabilidades de imprensa!

—Será agora talvez a épocha de acabarem com a liberdade della.

Á PEDIDO.

—A boas horas vem Vm.!

Por sua causa atrazou-se tudo. Ficou de vir ás 9 horas e são quasi 11.

—Mas que quer, si nesta terra se está sujeito até á vontade dos boleeiros das gondolas?

—O que, Sr.....

—Ora! cheguei no ponto ás 7 e 45 minutos; deram 8 horas, 8 e meia, 9, e nada de gondola.

Indaguei a causa da demora e disseram-me que os boleeiros estavam colligados para não sahirem.

Bem vê que não havia remedio senão resignar-me e esperar.

—Mais este desafôro! ha de se estar sujeito até ao capricho dos homens da cocheira!

Quando sahir d'aqui procure de minha parte algum dos directores e faça lhe ver que a reproducção da falta que se deu hoje, terça feira, traz graves inconvenientes ao publico.

—Ora, meu academico, porque não deixa a senhora? Respeite o estado della.

—E' de sua conta?

—V. o que quer é ser surrado em um *pelourinho*.

—Cale-se, homem do diabo!

—Cohiba-se disto, quando não o publico saberá de todos os seus feitos vergonhosos, meu pardal!

—Que homem tratante!

Tomou uma marqueza do pobre creoulo para empalhar, agora vae o coitado buscar sua obra e leva uma bofetada!

—Mas o caso não é esse, o caso é que elle dá a bofetada e entra para dentro de casa gritando *aqui-d'el-rei* contra o creoulo que o tinha ido insultar.

—Que safado!

E *tolhe do* rapaz levar sua marqueza.

—Não é o primeiro que é victima desse *latronopolitano*, não é o primeiro que tenho visto queixar-se de serem os seus objectos vendidos.

—O que eu não sei é como elle, morador da rua *Mouriana*, que pouco dista da repartição da policia, pratica dessas ladroeiras e ainda em cima dá bofetadas na pobre e incauta victima!

—São bagatellas com que a policia não se deve envolver.

—Este animal caseiro, o que precisa é levar um clyster de buxa e depois passar recibo.

—Deixe o pobre diabo.

—O cadello não se contenta de andar pelas ruas a batter com a cabeça, feito lagartixa, para as janellas onde vê moças, tem ainda o atrevimento de invadir as casas.

—E' porque ainda não encontrou um bom relho.

—Até meninas de 10 annos não escapam aos gestos libidinosos dessa infame e crapulosa creatura!

—E' como burro; deu para isso não ha quem o tire.

—Anda com um livro de immoraes caricaturas a abrir pelas ruas onde ha senhoras.

—Talvez seja o cathecismo onde os paes lhe ensinaram a doutrina.

—Esse desavergonhado *Mosco so* a muito calabrote.

—Deixe estar, elle tanto ha de procurar que ha de encontrar.

AO SR. DR. PROMOTOR PUBLICO.

O art. 2.º do codigo commercial prohibe aos empregados da fazenda commerciarem dentro dos districtos em que exercem suas funcções.

A infracção d'esta lei importa o achar-se incurso o empregado que tem botequim dentro da salla de sua casa aos Afflictos, nas penas do § 2.º do art. 129 do codigo penal.

AS BELLEZAS DA BAHIA.

(Continuação.)

Entro agora na materia
com muito arrojo e denôdo,
eu vou fallar da Bahia
no seu auge... no seu todo;
fallarei dessa nobreza
de improvisada grandeza;
de tudo que ha bom e mau;
fallarei da pelintragem,
p'ra isso tenho coragem
em tudo metto o meu pau.

Tudo que digo é verdade,
nunca gostei de mentir,
não temo nem pau, nem pedra;
meu caminho hei de seguir;
hei de fallar das bellezas
e tambem das impurezas
da portentosa Bahia;
quem tiver rabo comprido,
trate de tel-o escondido
de noite, como de dia.

Isto por hora é o prefacio,
ainda eu não disse nada,
muita cousa hei de contar
desta terra sublimada;
quem tiver reputação
de grande veneração,
não tenha susto, nem mêdo;
a minha penna é prudente,
ella escreve mansamente,
nem sempre guarda segredo.

Ha fidalgos na Bahia
de famosa presumpção,
cada qual mais descarado,
cada qual mais safadão.
Honra, virtude e pudor
p'ra elles não tem valor,
por serem *cousas fataes*;
o que roubar com vontade,
subindo pr'a a eternidade,
deixa seu nome aos annaes.

Nesta terra de espertezas
onde impera a van cobiça,
quem tiver razão padece,
não tem valor a justiça...
quem tiver um bom padrinho,
não soffre nem um pouquinho,
nas grades da correção:
o pobre, que for honrado,
vive sempre guerreado,
por que tem reputação.

Aquelle que rouba pouco
por todos é censurado,
tem o nome de ladrão
muito porco e descarado;
mas o que rouba á fartar,
e sabe os cobres gastar,
tem louvor em qualquer parte;
quem tiver atrevimento
de fallar n'elle um momento
chupa faca ou bocamarte.

O pobre que fôr votanto
n'esta terrinha insensata,
vae seguro pelas calças
para bordo da fragata!
Quando alguem me encomodar,
para eu n'elle votar,
lhe apresento dous figões;
cada um lá que se aguente,
pois que eu vivo independente
desses tollos mandriões.

E. P. V.

VARIEDADES.

UM BALDE D'AGUA POR UM ASSOBIO.

Estava um luar lindissimo, diz um jornal estrangeiro, e o nosso amigo R... ia para sua casa, ora contando as estrellas, ora as pedras da rua. De repente chega-se a elle um sugeito mal vestido, que difficilmente se equilibrava na posição vertical. E disse-lhe:

—O senhor sabe...

—Não trago relogio! atalhou logo com impeto o nosso amigo, cobrindo o relogio com ambas as mãos.

—Não é isso, não é isso, tornou o homem com uma voz que evaporava liquidos espirituosos. O senhor sabe assobiar?

—Porque?

—E' porque queria acordar minha mulher para que venha abrir-me a porta. Por mais que faço para assobiar, não posso. Ora ouça.

E o embriagado, para provar que não podia assobiar, ensaiou com os beiços um vui! vui! que sahiu perfeitamente incorrecto.

R... teve dó delle e assobiou. Abriu-se a janella unica do primeiro andar de uma casa.

—E's tu? perguntou um voz.

—Sou, sim, resmungou o homem, ja encostado a porta.

—Pois então ahi vae, patife! tornou a voz de cima.

Cahiu na rua uma grande chuva e na cabeça do nosso amigo um balde de agua.

O embriagado não o tinha avisado de que sua mulher o memosiava sempre com agua ao entrar em casa!

QUAL DOS DOUS?

Deu-se ha pouco em Brescia, na Italia, um curioso acontecimento.

Uma senhora havia dado a luz um menino, que, segundo o costume muito vulgar na Italia, foi dado a crear a uma ama que morava em uma aldeia proxima. Passados tres mezes foi o pai visitar o filho.

—Como está o menino? perguntou ao entrar.

—O menino! exclamou a ama, mostrando admiração. Que menino? Era uma menina. Olhe si se lembra bem. Aqui a tem.

—Mentes! respondeu o pae furioso. Que fizeste de meu filho? Responde, e já!

—Senhor, acredite que.... balbuciava a mulher, procurando ao mesmo tempo desaferrar-se das mãos daquelle homem que a opprimia com febril agitação.

—Não! Daqui não te moves sem que me digas o que fizeste de meu filho!

Por fim, depois de muitas evasivas, a mulher, vendo que não havia outro remedio, acabou por confessar que, com o fim de ganhar salario dobrado, havia levado o menino á roda dos expostos, e se apresentara no outro dia no estabelecimento a pedir um menino para crial-o com a esperança de que lhe entregariam o mesmo; mas com grande horror vio que em vez do que esperava se lhe entregou uma menina.

Aterrado o pai com aquella revelação, correu ao hospicio dos expostos, e perguntou por um menino que em tal dia e tal hora entrara naquella caza. Responderam-lhe:

—Não foi um, foram dous os meninos que se receberam nesse dia, como póde ver no livro dos accentos; e chegaram quasi ao mesmo tempo.

—E não ha signal, nem nenhuma marca que os distinga?

—Não ha.

O desgraçado pai ficou um momento em silencio, e atterrado, mas breve fez a seguinte reflexão:

—Si levo um delles e deixo outro, estarei toda a minha vida atormentado por uda duvida cruel. Levarei ambos, e educal-os-hei juntos. Dessa maneira terei eu certeza de que um delles é meu filho.

E assim o fez com effeito.

E' para desejar que nunca se aclare o mysterio, e que as duas crianças possam viver em estado de ignorancia quanto a sua origem.

COUSAS QUE DAMNAM.

Tomar rapé, tendo esquecido o lenço.
Falta de convidados para enterros,
Reprehensão de mulher adiante de gente.
Pisadella em callos.

ANNUNCIOS.

ATTENÇÃO

O dono da venda intitulada Bom Socego na rua do Alvo n. 64, faz sciente a seus freguezes que tenhão á bondade de vir pagar suas contas no prazo destes trinta dias; se não pagarem no dito prazo, terão o desgosto de verem seus nomes por extenço contando da data do dito annuncio.

Precisa-se alugar uma pessoa para fazer doces de forno de todas as qualidades: nesta typographia se dirá quem.

PILULAS DE CASAMENTO.

Para curarem todas as aflições, motivadas pelas seguintes molestias:

Falta de dinheiro, tristeza, melancholia, zangas, veixames, apertos, difficuldades e todas as molestias procedidas da falta de alegria.

—

Copia fiel de uma carta, vinda de Angolla, remettido pelo Sr. João Cosme Carapetão.

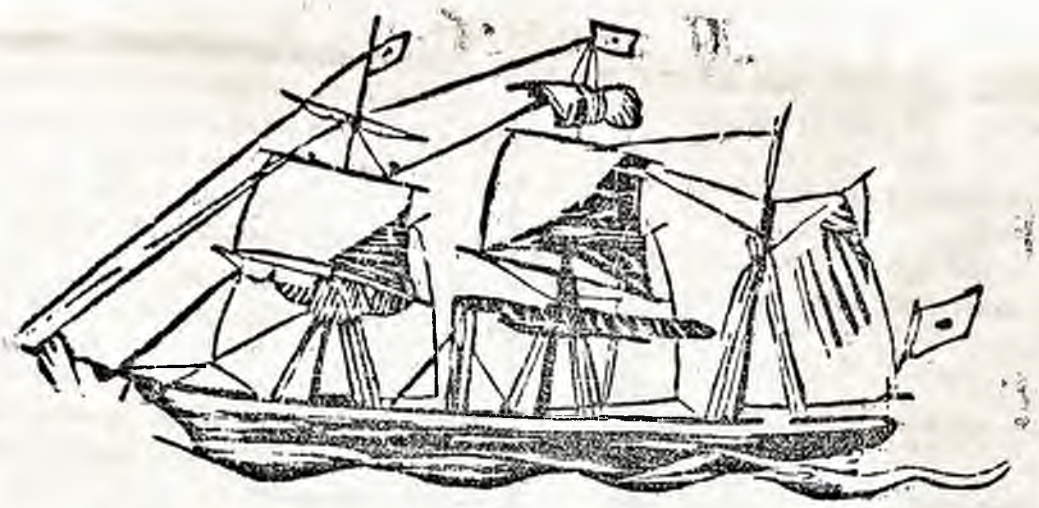
«Muito tenho a agradecer lhe pela prompta remessa que me fez das *pilulas de casamento*, e a ellas sem duvida alguma devo estar minha familia toda contente e arrumada. Apenas abri a caixa daquellas milagrosas pilulas, dei duas a minha filha Quinquina, ella entrou logo a cantar e a dançar a polka com muita elegancia, que logo cinco rapazes da visinhança vieram pedil-a para casar.

A Jesuina, que eu já contava por esquecida, por ser zarolha e quebrada de uma verilha, bastou cheirar a tampa da caixinha, está tão gorda, tão faceira e tão bonita, que os namorados andam em desafio por causa della.

Guilhermina, essa então pode-se dizer que está com a saude calafetada de novo, e não comendo até agora senão duas pevides de melancia, agora engóle tudo quanto acha.

Felippe meu filho, de vinte dous annos, que até agora, quando via moças, bradava—aqui d'el-rei e hia se esconder, ja dança quadrilhas e por fim até declarou á mãe ás escondidas, que queria casar com uma moça bem gorda!!

Unico deposito onde se vendem estas pilulas defronte de convento de S. Francisco.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao beco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 43.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 24 DE OUTUBRO DE 1868. N. 425.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o beco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de outubro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que nos informam de que em uma rua, onde ha um pé de *genipapeiro*, casa n. 72, onde mora uma senhora que não *veio de Minas* e é mineira, existe um homem de côr parda, o qual é victima do atrocissimos tractos: preso em um quarto, acorrentado, castigado lenta e barbaramente e quasi morto á fome.

Em nome da humanidade, pede-se á S. S. providencias contra um acto de tão requintada fereza; o que espera-se.

—A companhia do gaz tem cassuado em regra com o publico.

A illuminação n'estes dias tem estado verdadeiramente microscopica: peior duas vezes que no tempo em que era feita a azeite.

—Não lhe pareça; mas supponho que não ha carvão.

—Aposto que a subvenção ella recebe inteirinha!

—Ora!

—E no mais ande ella quente e ria-se a gente.

A NOSSA CIDADE BAIXA.

Muita gente, que tem inveja da nossa terra, apresenta-lhe como um defeito a cidade baixa, e o estar n'ella circunscripto todo o nosso commercio.

Ora, eis o que se chama gente sem gosto, pois que uma das bellezas da Bahia he a sua cidade baixa, onde scenas tão variadas se encontram, onde ha tanto que ver, e onde redemoinham e e andam aos empurrões gentes de todas as classes, posições, e qualidades. Dir-se-hia que ella he o armazem de Belchior da cidade alta, pois que suppre todas as suas necessidades por mais exigentes e exquisitas que sejam. Descrevamos alguns quadros da cidade baixa.

Supponha o leitor que se acha na janella de uma casa em Santa Barbara: que bello espectaculo não desfructa! Lá vai apressado o negociante inglez com suas calças sem puchadeiras, com suas suissas á meia cara, e encontra-se com o marinheiro alcatroado, que está embasbacado em frente de uma gamella de bananas bem amarellas e de bicco verde. Lá vem do lado opposto o caixeiro ensebado do armasem, com suas mangas arregaçadas, e grossos tamancos, que ninguem da nada por elle, e que comtudo daqui haverá annos deve representar de capitalista forte, a encontrar-se com o negro meio nú, apenas por deleixo das authoridades policiaes, vestido com um calsão aberto na frente e que se diverte a ir chupando com o dêdo o prato de carurú, que com-

prou. O inglez vai passando, como que despercebido no meio de todas aquellas cousas que o cercam, em quanto o marinheiro parece estar dizendo que se não póde deixar de gostar de um paiz que produz a banana. O caixeiro principiante identifica-se com estas cousas, como quem já se julga em paiz seu, ao passo que o negro olha de revez para toda esta gente que considera como inimiga, e se mostra fiel aos seus costumes d'Africa.

Em frente está a banca de miudezas, cujo dono parece estar no melhor de uma comporta ao paspalhão do reconcavo, que está deslembrado em presença de todas as teteias que vê. Aqui vende-se o peixe, alli se podem lêr em taboletas os chamados das casas de pasto aos freguezes dos bons petiscos, que muitas vezes para nada prestam. Emfim, lá está o esfomeado a fartar-se no botequim do Cabocolo, e a beber com toda a satisfação a chicara amavel de cheiroso café com leite. Que variedade de scenas! Para que ir um homem ao theatro? Ao menos aqui não se ateram os malcreados da platéa.

Agora supponha o nosso assignante que tem almoçado, e preparado, vestido e bem engomado, sahe pela manhan de casa e vae em demanda da cidade baixa. Segue a entrar n'aquella Babylonia pela ladeira da Conceição, que, graças a um beneficio, está melhorsinha. Já pelo caminho vae elle se encontrando com um e outro que lhe he companheiro no tirocinio. Umas vezes he o empregado da alfandega ou meza de rendas, que lhe vae contando as novidades da repartição, e maldizendo a sua vida, e o governo que lhe não augmenta o ordenando; outras he o caixeiro que desce atracado com o pesado mólho de chaves do escriptorio. Aquelle mesmo caminho já fizeram pela manhan bem cedo, os artistas, os negociantes em principio, os caixeirinhos, e os obreiros do arsenal. A ladeira se vae finalisando e então eis-vos entrado, como se d'um rio desembocasseis no mar, n'uma das ruas mais cursadas da cidade baixa. Que barulho! que confusão! De um lado e outro, armazens, lojas, marcenerias, botequins, e tudo que por ahi se vê. N'uma porta estão meia duzia de negros a fartar-se de mingau, ou mocotó, em que commercia roliça e lusidia negra, já de ha muito alli estabelecida. Na porta do armazem inglez, por isso que inda he cedo para chegada dos amos, estão os caixeiros a lêrem o *Diario*, e a apreciarem as novidades. Parece que tudo se prepara para o combate do dia: esta rua se assemelha, á taes horas, a um arraial onde os soldados acampados, limpam as armas e renovam as cargas, á espera do que poderá acontecer. Assim vae caminhando o que entrou na cidade baixa por ella: vae caminhando, vai. vai. . e, como quem viaja n'um rio que conhece a aproximação da cachoeira pelo augmento da correnteza, conhece tambem aqui que se acha n'um dos pontos principaes da cidade baixa, e este he a porta d'alfandega: o concurso he maior; muita gente aglomerada, uns que entram, outros que sahem, e o porteiro a marcar as faltas de tal e tal empregado preguiçoso e remisso em seus deveres. E digam que em tudo isto não ha um divertimento! que não he bello e agradavel de vêr-se!

Todos correm para cidade baixa. Ha muito amavel que alli vae por fado; não tem nada á fazer, porem vae para conversar em politica, pois que no Catilina a politica está em voga: para saber das novidades da praça, si o assucar subiu no preço ou diminuiu; emfim para conversar e dar a taramella com uns e com outros

E nem he somente durante o dia que o espectaculo da cidade baixa he agradavel de ver-se, não: quando este se finalisa, logo que se feixam as estações e sobem os negociantes, mudam-se os bastidores, e as scenas são outras. Novos commercios ahi principiam.

As fornas de bebidas se tornam animadas, e freguezes que não podem aparecer de dia, ahi apparecem de noite. Como se sahissem a laia de morcegos de suas tócas, fica a cidade baixa inundada do terrivel bando das perdidas filhas do pecado, que tambem, lá a seu modo e geito, fazem seu commercio —esse commercio impuro, em o qual a mulher degradada desce a vender-se como si fazenda fosse, posta ás prateleiras de uma loja, ao homem que não conhece, que jamais viu, que talvez não veja mais, cujas tenções não sabe e de cujas qualidades não pode julgar! Oh! são scenas estas degradantes, mas que se representam na cidade baixa, e que só se ultimam com a apparição do dia. Dir-se-hia que sahiram do inferno todas estas furias, que em sua baixeza se aviltam á tal ponto! Não ha acção nem palavra, por mais hedionda que seja, de que não se manchem essas miseraveis, que tomam um amante com a facilidade com que bebem um coco de aguardente, ou levam um bofetão, assalvajado carinho de seus amantes do momento.

Ora, á vista de tudo isto, diremos nós, que todas estas scenas temos apreciado, que a cidade baixa offerece muito que pensar, o que não pode ser tida como defeito da Bahia. Tire-se o que de mau tem, e pezada na balança da justiça, o que tem de bom vencerá.

Á PEDIDO.

—Cada dia vejo mais cousas!

—O que viu V. de novo, algum rato roendo fechadura?

—Não; mas vi o ordenança de um sub-arrenegado prender uma ganhadeira de peixe,

que, chamada para vender em uma casa, subiu no passeio para poder entrar.

—Eim! Então ella havia de voar?

—Não sei; o caso é que entre elle e seu patrão *arranjaram 4* bicos da pretinha.

—Meio de vida, não resta duvida.

E' da laia do que mandava á noite prender ás pretos e punha-os na masseira de sua fabrica de amassar trigo, dizendo-lhes que se haviam de ir para a Correcção, que era mais dispendioso, ficassem ali.

—Nesta terra vê-se tudo; não é preciso correr *mares* para ver nada.

VAE A CARAPUÇA A QUEM COUBER.

Pede-se a quem offereceu-se para policiar a freguezia do *Segura paredes*, o favor de sahir, afim de saborear o fresquinho da meia noite, visto achar-se até agora em santa paz.

Não dê aquillo que não tem; não queira receber elogios com o serviço dos inspectores, porque nem todos são da sua parcialidade e ninguem mais que o subdelegado sabe disso.

Por hoje só: si não sahirem os fidalgos offerecidos para rondar, ainda conversarei.

Um inspector liberal.

—Ora que bobo!

O *Mouro-grande* (Zeca) andou hontem de guarda-costa armado de um formidavel cacete.

—Para matar algum rato?

—Eu sei lá. O patetaço, com ares de espadachim, andava a blasonar por essas ruas!

—Desfructavel! Valente foi elle na tremendissima peça, que pregou aos cariocas, com a quebra fraudulenta.

—Em todo caso, é bom prevenir a policia que tenha em vista esse valentão, que empregaria melhor a sua força carregando algum pesado volume á pau e corda.

—E' verdade, quem tem força bruta, vá para a alfandega enrolar fardos.

—Ora essa!....

Pois a sociedade Monte-Pio dos Artifices não veio ao *Diario* de 23 do corrente, na pessoa do seu secretario, declarar «que não partiu do seu seio a commissão de que trata o *Diario* n. 242 e que é inteiramente alheia a tudo quanto em nome dos artistas se tem publicado tanto no *Diario* como em outros periodicos, pois que, em observancia á seus estatutos, tem por dever tratar unicamente do engrandecimento das artes e da beneficencia mutua dos seus consocios, e não da politica do paiz.»?

Ora, Sr. secretario, pelo amor de Deus! Pois o que tem a sociedade dos Artifices com a sociedade de artistas liberaes?

Aquella é uma sociedade de beneficencia e esta é uma sociedade politica.

Pedem até os socios dos Artifices serem da sociedade de liberaes, tanto mais quando os artistas, que assignaram na tal commissão de felicitação ao Sr. conselheiro Saraiva, não são bem socios da Imperial Sociedade de Artistas, nem da de Artifices.

Qual é, Sr. secretario, o engrandecimento que tem feito a sociedade Monte-Pio dos Artifices ás artes?...

Sr. secretario, não desperte a *onça* que dorme. Sentido para não ser devorado por ella!

—Capitão, não sei si V. Ex. está certo de um deputado, que discutindo na assembléa disse:

«Sr. presidente..... pelo pessimo estado « das estradas e pelas aguas que enchem os « rios, fica impossibilitado de descerem, como « vê V. Ex., *cá gado.*»

Agora, tambem um presidente de provincia em um officio seu, cahiu na cousa, ou por outra usou do *cacophaton*.

—Refira-o.

—«..... até que esta presidencia tome « *acerca della* uma deliberação mais conve- « niente.»

Espremeu-se tanto, que por fim borrou-se! Felizmente é o proprio presidente quem taxa a presidencia de *cadella*.

—V. tambem não dispensa nada!

Valete de Passé
Já não fica mais em pé.
Varão de Sergimirim
Tu não enganas a mim.
Varão de Nagé
Nelle tenho pouca fé.
Varão do Catú
Veste calça de yanzú.
Varão de Subahé
Entre as mulheres guarda fé.
Varão do Rio Vermelho
Pinta o bigode ao espelho.
Varão do Rio de Contas
Na politica anda ás tontas.
Varão do Rio-fundo
E' o mais imbecil do mundo.
E. M. de Agarão
Em mentiras é barão.
B. no Canto do Brum
Fede a catinga de anum.
C. F. *Trintas*
E's sovina. N'outras arrhas não consintas.

CHARADA.

Sem ser francez, eu na França
Occupo o primo logar;—1
Mas, por eu não ter valor,
Fora me mandam deitar.—2

D'uma substancia lactea
Por certo metade sou;—1
Sem ser véla, nas egrejas
A's vezes acceso estou.—2

CONCEITO.

Gosa muito credito
Aqui nesta praça;
Ninguem delle falla
Mal, nem por graça.

E' negociante;
Mas não brasileiro,
Por isso já vêdes
Que elle é estrangeiro.

Agora, leitor,
Tomae bem sentido,
Si não decifrardes
Não sois entendido.

J. L. de A.

RECEITA.

Inxundia de gavião
Com banha de sapo assado
E' bem bom p'ra namorado,
Que se mette a rufião.

Clister de pimenta e cinza,
Fomentação de correia,
P'ra mulheres de capona,
Que indagam da vida alheia.

Glutão, que indo a baile,
Ainda leva p'ra casa;
Pasteis de beira de praia,
Depois que a maré vasa.

VARIEDADES.

COUSAS QUE CAUSAM DESESPERO.

Aos militares.

Pachar a espada, ficando o ferro na bainha, e elle com os copos na mão.

Cahir do cavallo em dia de grande parada.

Ouvir ler uma relação de despachos, em dia de gala, e ver-se preterido.

Aos Padres.

Estar n'uma ceiata, e dar meia noite, tendo elle de dizer missa no dia seguinte.

Dizer em publico á pessoa de cerimonia, que um menino é seu afilhado, e este responder-lhe por graça—Você esta mentindo, papai!

Decorar um sermão, e perder-se no pulpito, estando a egreja cheia de ouvintes.

Ouvir no confissionario lamentar-se uma penitente e não poder consolal-a.

ANNUNCIOS.

Julio Cesar da Silva e Jovino Cesar da Silva, pae e irmão do Dr. Julio Cesar da Silva, fallecido no Paraguay, onde se achava servindo como cirurgião-mór de brigada do 2.º corpo do exercito, convidam a todos os seus parentes e amigos a assistirem a missa e memento, que pelo eterno repouso da alma do mesmo finado mandam celebrar ás 8 horas do dia 27 do corrente, no convento dos religiosos franciscanos, protestando desde já o seu eterno reconhecimento.

Precisa-se alugar uma pessoa para fazer doces de forno de todas as qualidades: nesta typographia se dirá quem.

Madame Marie de la Velhacarie avisa ao respeitavel publico em massa desta cidade, que, pelo navio *Courrier de la France*, recebeu um sortimento dos seguintes objectos, os quaes vende por modico preço: ponsadores de cascão para senhora, chapellinhos contra o sol, anneis de velludo, luvas de 5 dedos, meias de borraxa, leques de bufalo, sapatos de assentos de vidro, anquinhas de mola para todos os corpos, e conforme as cinturas, costureiras de bronze, com os respectivos aviamentos, tudo de massa fina; brincos de ponta de veado, ricos alfinetes de jacarandá envernisado, pulseiras de bezerro e de cordavão, atilhos de tartaruga, alfereços de marroquim, lindos pentes de envergar, agulhas de espuma, thesouras para unhas todas de esperma cete, espigões de enfiar cordões no vestido que vão entrando pela bainha sem que ninguem os metta, dedaes de gesso, novellos grossos e finos. Convida a todos que a quizerem honrar com sua presença a irem ao beco do Engambela n.º 2001 A.

A mesma aluga uma criada que saiba entreter freguezes.

—Capitão, á ultima hora.

—Ha novidade?

—A policia deu em casa de maribondo.

—Que diz?

—O pardo Joaquim, escravo de D. Delphina de Moraes, que vivia preso em um quarto, ao Genipapeiro n.º 72, martyrisado á pão e agoa e acorrentado, foi hontem encontrado neste lastimavel estado.

—Como está a raça dos thugs propagada nesta terra!

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

Periodico critico e chisteso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura—15 rs. por serie de 10 numeros, ou 55 rs. por 6 series.

Anno VI. Serie 43.

BAHIA 28 DE OUTUBRO DE 1868. N. 426.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.º 17.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de outubro de 1868.

Não houve expediente.

—A guerra do Paraguay corre á galope para o seu termo.

—E' o que pensa V.

—Lopez vae fazendo *evacuações* á torto e a direito, que são habilmente aproveitadas pelo nosso general em chefe.

—Entretanto, a provincia da Bahia, que tanto se distinguiu nesta guerra, tem ainda de fazer o penoso sacrificio de enviar um contingente de mil e tantos homens, afora os recrutados.

—Isso é exagerado.

—Exagerado? Só a capital tem de dar 400 homens; batalhões desprovidos de gente, como o da Sé, que tem apenas 40 homens, deve dar 12 e o de S. Pedro 16.

—E' uma calamidade!

Mas eu não vi publicado o decreto?

—Ora! e para que?

—Foi sempre praxe.

—Isso foi *in illo tempore*.

—V. quer dizer que hoje tudo se faz caladinho.

—Nas trevas.

—Pobre povo! E' todo dia enganado como creança, que se acalenta, quando está a chorar.

—O Interesse Publico *está vendido*.

—A quem?

—Passou a pertencer a uma sociedade anonyma.

—Mascarou-se.

—Gato escondido com o rabo de fora.

—Eu sempre disse que aquella *reflectida neutralidade* significava alguma cousa.

—O tal macacão velho é fino como lan de kagado.

—E faz elle muito bem: emquanto venta molha-se a vella.

—Que barulho é este aqui na ladeira do Aljube?

—Praças do 8.º, de guarda em palacio, que espancaram a um sujeito.

—E' contra a desciplina.

—E depois deram-lhe a voz de prisão e o sujeito resistiu.

—E' bem mau isso, da parte de quem tem obrigação de manter a ordem.

—O inspector apparece, prende aos guardas por estarem de bayoneta fora, mas elles zombam do agente da authoridade e negam-se a dar os nomes.

A guarda transporta-se em peso para a rua do Bacalhau e faz um sarceiro infernal. O

superior do dia chega, e o preso é condusido pelos seus aggressores para o quartel da Palma.

—Agora pergunto eu, si de repente apparece um *trundundum* na praça, como era, estando parte da guarnição no alteio?

—Eu sei! E tanto barulho por intrigas de rancho de rei!

—Bom! Eu pensei que o rapaz era guarda do corpo.

—Qual; é musico de outra.

—Está direito; o que vale é que o commandante não é de graças,

---

—A companhia do *Olho-Vivo* não cessa de trabalhar!

—Nas novenas dos Afflictos trabalhou que fez gosto!

—Na terça-feira roubaram no côro um chapeu de palha, novo, do Sr. Manuel Thomé, que lhe custou vinte e cinco mil réis.

—No domingo, por occasião do fogo, trabalharam com muita actividade e destreza!

—Eu pelo menos ouvi diversas pessoas queixaren-se de objectos seus que tinham sido roubados.

—E' preciso crear-se uma companhia de—*seguro contra a destreza do olho-vivo*—porque si for esperar-se que a policia tome providencias a respeito, temos que desesperar!

—E mesmo, porque a policia não se deve occupar com essas *ninharias!*

—Ante-hontem (26) na freguesia de S. Pedro, estava a mãe do Sr. Raphael fiscal, em casa, lavando roupa e cahiu repentinamente morta!

—E' necessario que o inspector da saude publica, tome medidas medicas acerca dessas mortes repentinas que estão agora grassando.

—Alem do terrivel flagello da guerra, que ainda peza sobre nós; alem da fome que já soffre o povo; alem da peste que grassa nesta cidade, ainda o reapparecimento do recrutamento!

Pobre Bahia! onde irás parar?

—Na segunda feira á noite andavam os guardas nacionaes na *caçada de homens!*

—Alguns vinham debaixo de estouros de baionetas.

—Pozeram-se no largo do Theatro á agarrar a torto e direito, que foi uma calamidade!

Vê aquella pobre mulher que ali está chorando?

—O que tem ella?

—Vem do Catú, reclamar a soltura de seu filho unico, Antonio Florencio de Sant'Anna, guarda nacional prompto, que foi recrutado e remettido para esta cidade, afim de se ir andando para o sul; tudo isso devido a eleições.

—Santo Deus!

Senhores do governo, tenham compaixão desse povo soffredor, não abuseis tanto do seu *cordeirismo!*

—O ex-guarda policial Vicente Ferreira da Trindade, queixa-se em altas vozes do capitão Hilario, que lhe põe impecilios para que elle não receba seus fardamentos, demorando-lhe as informações e creando outras difficuldades.

—E' preciso ouvir as partes para poder decidir.

—E depois conta certos factos passados naquelle corpo á respeito de guardas destacados fora e a historia de um recibo.

—Quanto a isso, elle que vá ao Sr. brigadeiro Evaristo, encarregado de inspeccionar o corpo, e conte-lhe tudo para elle examinar as taes melgueiras, si é que as houve.

Á PEDIDO.

Sr. Redactor.—Tendo o *Alabama* n.º 224 publicado um officio sobre o fetido que encommoda a visinhança da casa n.º 48, ao becco do Padre Bento e procurando-se attribuir a authoridade de semelhante publicação a diversas pessoas da visinhança, com o fim de malquistal-as, eu não desejando que recaia sobre ninguem a odiosidade do que não praticaram, declaro que assumo a responsabelidade da noticia, como informante que fui.

Bahia 24 de outubro de 1868.

Francisco Gomes da Silva Moreira.

—Capitão, uma descoberta, para quem não quer pagar dividas!

—Deve ser excellente para os caloteiros!

Vamos com isso.

—Quando um individuo estiver devendo a outro e não quizer pagar, traga dentro do bolso um punhal, e quando lhe apparecer o credor, elle puche por elle e vá sobre o cujo.

—Ora tens boas lembranças! Esta só de salteador!

—Pois não foi de salteador, foi de um sugeito que quer ser comico a força, para o que não tem nenhum geito, que puchou por um punhal para o machinista da *casa da opera,* quando foi cobrar o que elle lhe devia do seu trabalho, e além de ser insultado por elle e até taxado de *cafre,* teve de ser ameaçado

com um punhal, que se não é ter mais gente, estava hoje tomando *fresco* na Quinta!

—Quando se deu este facto?

—Na sexta-feira, 24 do corrente.

—Como se chama este maroto que o quero mandar vir a minha presença?

—Não posso dizer a V. Ex. o seu nome.

—Não podes dizer? Eu ordeno que digas, quando não.....

—Eu irei com o muxingueiro mostrar-lhe o tratante; mas dizer o seu nome é do que eu peço pelo Santissimo *Sacramento* que V. Ex. me dispense.

—Pois bem; ja que me pedes assim, não te quero comprometter; mas irás com o muxingueiro e mostrar-lhe-has este novo salteador de estrada, pois quero conhecer mais este maroto, este ladrão insolente que ousa assim roubar o suor de seu proximo!

Muxingueiro, acompanha este homem, e o individuo que elle apontar-te, traze-o a minha presença de machos aos pés!

—Juro, por S. *Miguel,* que as ordens de V. Ex. serão cumpridas, como sempre tem sido!

(Continúa.)

MODINHA.

Coitado de quem pretende
Ser no Brazil cidadão,
Nesta quadra assignalada
Por tanta *evacuação*!

Lá no sul os paraguayos,
Como por combinação,
Cobrem de *gloria* Caxias
Em cada *evacuação*!!

Aqui os homens mais serios,
Quer politicos, quer não,
Foram todos obrigados
A uma *evacuação*!!!

Os presidentes mudados,
Os chefes de quarteirão,
Cada um por sua vez
Fez sua *evacuação*!!!!

Este decreto sagrado
Que chamam dissolução,
Recebeu do parlamento
Um *bill* de *evacuação*!!!!!

Emfim o povo obrigado
Pela força da pressão,
Para ver-se alliviado
Fez todo *evacuação*!!!!!!

E digam que o ministerio
Por alta recreação
Não tira grande proveito
De tanta *evacuação*!!!!!!!

Corre até que está lavrado
Um decreto do patrão,
Fazendo o nobre Caxias
Duque da *evacuação*!!!!!!!

(Da *Opinião Liberal.*)

—Esta na verdade é singular!

—Com singularidades não venha cá.

—Posso lá crer em semelhante protector!

—Quem?

—O Sr. *Adãos.*

—Está bem servido!

—Um homem que deixa seu proprio filho andar por ahi morto á fome, quasi esmolando as migalhas dos outros.

—E' a sordidez em pessoa.

—Entretanto, quer a força constituir-se em protector de um pobre rapaz e constranger-lhe a vontade, como si fosse seu escravo.

—Está no seu direito, é rico!

—E como dizem que dá dinheiro no *reino* para uma casa de ensino, entende *quem pode,* que lhe deve satisfazer a todos os caprichos, por mais desordenados.

—Quem dá dinheiro, elle? Eu ponho minhas duvidas que de tal matto saia coelho.

—E o que tem que o Sr. *Adãos* lá no *reino* dê dinheiro, para cá no *imperio latronopolitano* ter direito a coagir a vontade de seus patricios?

—A's vezes vêm recommendados.

—Não é com essas; qual é delles que já foi feliz com protecção do Sr. *Adãos,* sovina de primeira ordem?

—Que não come a excrescencia que deita, por não poder.

—Pois um rapaz que não é menino, ha de se sujeitar a castigos corporaes e a ser tratado bruscamente, somente porque assim apraz ao Sr. *Adãos?* Em que terra estamos nós?

—Homem, isso está uma lenga-lenga muito comprida, deixe para depois conversarmos com vagar.

A publicação do *Alabama* n. 423 não teve por fim chamar a odiosidade contra o Sr. João Antonio Mourão e a compaixão a favor do Sr. Jacintho José David, foi apenas a retribuição de outra publicação; com a differença de que n'uma só ha calumnias torpes e n'outra verdades puras.

Si o Sr. Mourão chamou a responsabilidade ao que chama seu detractor, não foi levado por sentimentos nobres de dignidade offendida, porque nenhuma offensa ha no artigo alludido, foi sim levado pelos impulsos que dá o dinheiro.

Realmente com quem esperava encontrar-

se o Sr. Mourão nos tribunaes? E' preciso que S. m. o diga.

A pessoa a quem se refere, nada tem com a publicação e portanto o Sr. Mourão não a podia encontrar nos tribunaes.

Quanto a isso de mazellas, stylete de sicario e outras *amenidades* publicadas no *Jornal* n. 4562, revertem intactas á impura fonte d'onde dimanaram.

O Sr. Mourão obraria com mais juizo, si em logar de estar dispendendo o seu dinheiro com uma rêde de processos, o applicasse a fins mais convenientes e de pontualidade.

O credor de sabbado, logrado.

Que horror!!. que escandalo!!. Sra Martha Tanajura.

Martha.—Bemdito seja Deus! será possivel que o Sr. Noé Gongo tivesse visto a nossa Analia Findinga examinando algum Adonis na resa?...

Noé.—Não me emporto com essas cousas da menina, ella está em seu tempo: falo de cousa mui differente, que me tem assáz escandalisado, a descaração mais inqualificavel, que tenho visto: com effeito é mui relaxado, e immoral o tal dogue da nossa terra. Esse animalejo, não satisfeito de ser visto por vezes nú em uma fonte publica, com o sol empino, escossiando com a sua mula baia, tem inda o arrojo de se appresentar com ella na egreja, de portas abertas, preparando altares para o mez de Maria. Que horror! que sacrilegio!! e que animal safado, incorrigivel, e profanador da casa de Deus!!

E não haverá quem leve tal facto ao conhecimento da authoridade competente?

Martha.—Bemdito seja Deus! Sr. *Gongo*, não aggrave ao nosso animalsinho; pois, bem sabe, que elle ladra sempre ao anjo, para o correr da torre da luz, e encaixar a V. lá bem em cima da cupula.

Ai!! Ai!! exclama Analia Findinga lá n'um quarto.

Martha.—Bemdito seja Deus! Sr. Gongo, olhe, que aquella menina, depois que o Sr. Zuca foi-se embora, me tem dado provas de conversão: cathequisa sempre a um soldadinho; e por espirito de charidade agrada muito ao seu doguinho, e não quer que se falle delle: por tanto, deixemos a historia para outra vez; basta por hoje: tenha bôa noite.

Noé.—Pois bem, lhe contarei então quem quer deitar a nossa calva a mostra, e juntamente a do dogue sacrilego: só espera, que elle ladre mais uma vez. Até amanhan. Porem, olhe, Sra. Martha, não deixe de resar a S. *Paulo*, para que defenda a mim, a V. e ao dogue de algum diluvio de vergonheiras.

VARIEDADES.

RESPOSTA A TEMPO.

Entrava em uma cidade populosa um corcunda do peito, e um individuo folgasão de má catadura perguntou-lhe porque trazia a mochilla adiante.

—Porque assim é preciso fazel-o em terra de ladrões,—respondeu o corcunda.

MOTIVOS QUE INDICAM DELEIXO NA FAMILIA.

Loja suja e sem luz a noite.
Colheres de chá sabendo a barata.
Mocamas de vestido desatado.
Moleque nú na porta da rua.
Manga de vidro embaçada com luz dentro.
Cha com agoa refervida.
Camizas de mulher estendidas na janella.
Faccas de meza sem serem amolladas.
Caco de pote servindo de candieiro na cosinha.

ANNUNCIOS.

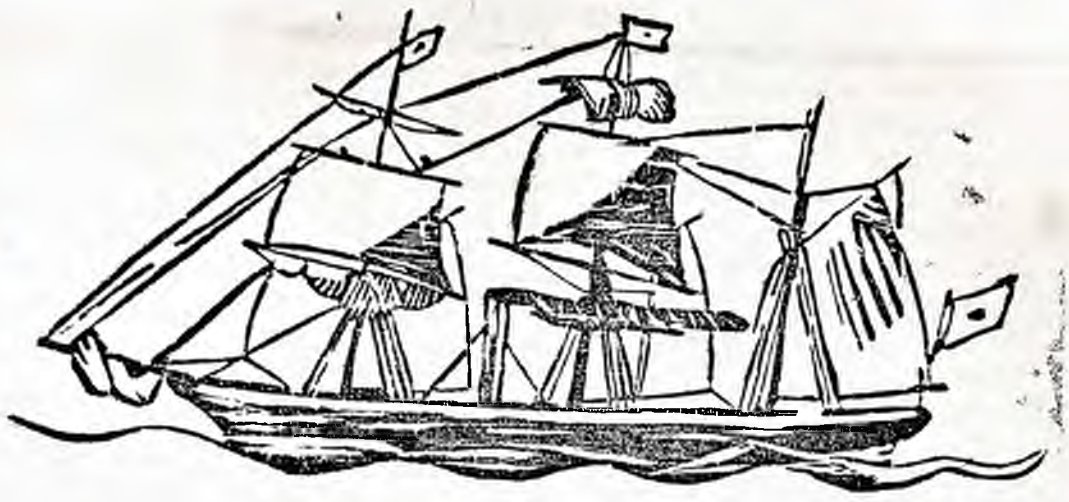
IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

De ordem do conselho administrativo convido á todos os Srs. socios para reunirem-se em asssmbléa geral, hoje ás 6 horas da tarde, afim de discutirem o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas do ultimo trimestre findo. Bahia 26 de outubro de 1868.—*Aristides Ricardo,* 1.º secretario.

Perdeu-se na noite de 25 do corrente do Arco da Estrada Nova até o Cabulla uma boceta de rapé, de prata e ja usada. Quem a tiver achado e restituil-a nesta typographia ou na loja do Sr. Manuel do Carmo Moreira Junior, á rua Direita do Collegio, receberá de gratificação o valor da mesma boceta.

Arrenda-se, ou se aluga para a festa ou por anno e por preço rasoavel, uma rocinha no alto do Bomfim, na estrada que vae para o Mont-Serrat, com grande e excellente casa de morar, contendo commodos para numerosa familia e escravos, com cocheira e estribaria, fonte d'agoa nativa e alguns arvoredos: quem a pretender dirija-se á rua de D. José, casa n. 34, atraz da Sé, onde achará com quem tratar.

Madame Larape, modista de Paris, chegada ultimamente do Rio de Janeiro, tem para vender onças postiças, barrigas de pernas e seios muito proprios para senhoras escorridas e tem tambem linguiças em flocos, que suprem bem a falta de franja.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VI. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 43.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 30 DE OUTUBRO DE 1868. N. 427.

O ALABAMA.

Esta typographia está mudada para o becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, n.° 17.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de outubro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, communicando-lhe que ha 8 dias ferve um importuno candomblé, na loja n. 45, á rua da Preguiça, o qual, embora seja, talvez, com assentimento da policia, deve S. S. considerar quanto encommodo pode causar de noite á visinhança, e por isso espera-se do zelo com que S. S. se tem distinguido até hoje no desempenho de seu cargo, fará dispersar *in continenti* tão immoral reunião.

—O recrutamento está sendo feito por uma maneira descommunal.

—Fora de hoje sempre foi assim.

—Mas eu não quero sanccionar abusos com abusos.

Como é que se recruta a um homem, que vem á cidade vender o producto de seu trabalho, de sua lavoura?

—E V. viu isso?

—Hontem, no Caes Dourado, um sujeito, que vendia uma pouca de lenha, foi preso, deixando seu genero entregue ao accaso e a ventura.

—E o *Jornal* que bradava tanto, quando se davam destas violencias, metteu a viola no sacco que nem pia.

—Com os diabos! Não posso entender a força do verso!

—O que ha de novo, charo amigo?

—Está a me quebrar a paciencia um periodo que li no *Diario*.

—Diga, para ver si eu acerto.

—Leu a carta do visconde de Jequitinhonha á redacção do *Diario?*

—Li.

—Fallando ao barão de S. Lourenço, diz: «Permitta-me ainda, Sr. barão, em justificação da attitude tomada pela nossa provincia contra V. Ex., que pergunte com a franqueza de um representante da nação: Si não ha na provincia da Bahia um *celebre* logar ou porto chamado—Ponto do Presidente—onde, sendo V. Ex. presidente, desembarcavam os africanos importados criminosamente contra as leis e contra tratados e convenções solemnes? Todos sabem que ha, e ainda hoje são commemorados todos esses factos, que tanto nodoaram a dignidade do nosso paiz. O governo que nomeou a V. Ex. não o sabia, mormente o Sr. ministro da marinha?»

O que significa, explica-me?

—A cousa é *clara* como a luz do dia.

Quer dizer que no tempo em que o nobre barão foi presidente, havia o immoral trafico de africanos, e que esse era um dos pontos em que elles desembarcavam, transformados em cabeça de alcatrão.

—Até ahi morreu o Neves! Não adiantou nada mais que eu.

—Então fique com os beiços com que mamou; mesmo que isso são negocios que não lhe interessam.

—Bonito pedaço, na verdade!

—Ao que se refere V.?

—A este pedacinho do *Interesse:*

« .....

«A decencia publica, a moralidade da Bahia, devem esperar attenções e respeitos, ao menos da *imprensa seria.*»

—De certas mulheres diz-se que são honradas porque ainda não pariram.

—Da imprensa, pode-se dizer que séria é aquella que não se vendeu.

—V. está alheio.

—Então explique-se.

—Imprensa séria é a que não é pasquineira.

—Isso é historia, rapaz. Si fôr por isso, não ha imprensa séria na Bahia.

Que pasquim maior do que uma mulher mandar açoitar a seu marido nas columnas de uma gazeta?

Que escandalo maior do que n'uma discussão politica, trazer-se o nome da mãe de seu contendor para a arena com allusões torpissimas?

—E' *direito* o que V. diz.

—Si isso é seriedade, diabo a leve.

—Macaco não olha p'ra seu rabo.

—Varro.

E' que ha cães que quando lhe atiram o osso não se contentam de roel-o, querem morder a todos quantos lhes passam ao pé.

—Que gana!

Não é assim que se completa contingente! Prendem á torto e direito!

—Ainda hontem o 8.º prendeu como seu guarda a um escravo do Sr. Bacellar, boticario.

—Só? Um dia destes o commandante do 2.º officiava ao major commandante do deposito de contingentes que mandasse pôr em liberdade ao *escravo fulano, preso para guarda nacional do batalhão de S. Pedro.*

—E' um abuso inqualificavel! Sahe um homem á rua e de repente vê-se cercado por tres ou quatro esbirros e preso por ordem de uma authoridade que não conhece!

—Fallavam dos voluntarios de pau e corda e continuam os escandalos.

—Quem quizer ver o villão, metta-lhe o cargo na mão. Censuravam estas violencias emquanto não podiam praticar peiores.

—*Mané Conhém* deu que fazer á policia.

—Que endiabrado é este?

—Um aleijadinho, de quem já lhe fallei.

—Chefe da sucia, que se reune no becco do Rincão, á rua das Veronicas?

—Elle mesmo.

—Então?

—Desarmou a policia, tomou o refle de um, deu pancada e foi-se.

—Em santa paz.

—Isso é que é deveras.

—Quando?

—Na quarta feira, ás 9 horas da noite.

—Que fanfarrão! Sinão fosse aleijado.... Elle só brigar com tantos!

—Elle só, não; guardas de Sant'Anna fardados entraram na rascada.

—Ah, eu logo vi!

—E a policia ainda ha de consentir o escandaloso ajuntamento do tal becco.

—Capitão, este pedaço da *Opinião Liberal.*

«O facto que se deu na cidade de S. Paulo, de ter sido recrutado um compositor do *Ypiranga*, em odio aos redactores do mesmo, com as circumstancias aggravantes de que faz menção o *Ypiranga*, nas palavras adiante transcriptas, bem como todos os outros factos attentatorios da liberdade politica—não é mais do que uma consequencia da dictadura que de ha muito se substituiu neste paiz ao regimen constitucional.

Eis como o *Ypiranga* relata o facto a que nos temos referido:

«O compositor de nossa officina Joaquim de Jesus Bueno, na noite de ante-hontem recrutado, foi hontem violentado a sentar praça no corpo de permanentes.

«E note-se, que alem da violencia, já por si escandalosa, houve uma illegalidade.

«Diz o art. 6 do regulamento do corpo:

«As praças de pret serão engajadas por tempo « de 3 annos, não podendo ser engajado quem não « tenha pelo menos 18, e não mais de 35 annos « de idade e a necessaria robustez, verificada por « inspecção do cirurgião-mór.»

«Diz o art. 7:

«Podem ser engajados nacionaes ou estrangeiros « que *voluntariamente se apresentarem.....*»

«Joaquim de Jesus Bueno sentou praça contra vontade, não soffreu inspecção do cirurgião mór e nem tem 18 annos!

«Porque então se fez tudo isto?

«Por vingança contra o *Ypiranga!*»

—No tempo que governavam os progressistas, os conservadores censuravam a maneira grosseira e brutal porque se fazia o recrutamento; mas hoje são os progressistas que censuram!

—Por força que estão mudadas as *scenas!*

—Até então os conservadores diziam—que ainda que se lhes entregasse o poder elles não queriam, por não ser possivel governarem n'uma quadra de crises.

—Fizeram como a raposa que achou as uvas bonitas, e depois vendo que não as podia comer disse que estavam verdes.

—Elles, porem, emquanto não galgaram o poder, disseram que não era possivel um outro partido governar; mas depois que pegaram na cousa, para desculparem-se, inculcaram-se *salvadores* do paiz!

—No entanto ainda não terminaram a guerra e continúa o recrutamento do mesmo modo que no tempo do governo dos progressistas e com as mesmas grosserias e brutalidades.

—Tão bom é um como o outro!

—No tempo dos progressistas era o *Jornal*, orgam conservador, quem apresentava os factos escandalosos delles; mas hoje que elle está com a muchiba na bocca, é o *Diario* quem os apresenta, isto é, porque ficou *agoando*.

Ora creia-se n'essa gente!

O que hoje censuram, amanhan praticam!

—Quem for tolo que os compre!

Á PEDIDO.

—Capitão, *morro* si não fallar.

—Seu mal é esse, desembuche.

—Por S. *Paulo*, attenda-me, sinão estouro.

—Falle, falle, nutra seu genio.

—E' sobre uma subtracção.

—Diga.

—Feita tão ás cancaras, que dá na vista como um *pharol* em noite escara.

—Homem, acabe com isso.

—Já. A subtracção é feita em *oleo*.

—O diabo que lhe comprehenda.

—Quer mais claro, deite-lhe *azeite*.

—E V. a me encafifar com maluquices! Diga de uma vez o que quer.

—O que eu queria é que passasse um esfusilhote no sugeito que elle *fosse vendendo azeite ás canadas*.

—Muxingueiro, vae estacionar ao pé do *paço do santinho*, pede um *canto* ao *João de Freitas* para te esconderes e quando vires passar um sujeito empapuçado, pareeido com o *Moscoso*, sahe sobre elle de calabrote e lavra-lhe a cara com viração. Neste gosto irás com elle até a pharmacia adiante da Santissima Trindade, onde lhe mandarás applicar seis das melhores sanguesugas, por tres dias consecutivos, afim de ver si, com a extracção do pouco sangue que tem, o tal desertor do cemiterio, torna-se mais moderado em suas libidinosas acções.

—Capitão, aqui está um verdadeiro paraguayo.

—Quem é elle?

—Um insolente gallego, cuja lingua só frita em azeite.

—Mas então o que faz?

—Miseravel capacho do Lopez, vive a vociferar contra os brasileiros, lançando-lhe as mais negras pechas. Quando chega vapor, então mais se exacerba o bruto e diz deste povo o que Mafoma não disse do toucinho.

—Então, lapuz, attreves-te a deprimir da terra onde foste gente?

—Teve o attrevimento de dizer que o maior prazer de sua vida seria no dia em que soubesse que os brasileiros foram corridos á chicote.

—Chicote ha de levar elle na deslavada lata.

—Um cousa ruim, que veio largar aqui a morrinha do barril de *scelecta*, que trazia á cabeça!

—Os ingratos são assim.

—Muxingueiro, leva este seboso para a praça de S. *José*, compra um relho em casa do *Gomes* e vae-lhe dando até que eu mande o *Almeida* dizer que basta.

—Vou executar, capitão.

—*Legere et non intelligere est burrigere*.

—Faz favor de traduzir-me isso?

—Ou o conselho da Sociedade Monte Pio dos Artifices não comprehende o que lê, ou quer que este publico passe pelo mais estupidarrão do mundo?

—A razão?

—E' clara.

Alguns sujeitos instállam uma sociedade a que chamam de *artistas liberaes* e em nome della vão comprimentar ao Sr. Saraiva.

—Estavam em seu direito.

—O conselho do Monte Pio dos Artifices, pespega um annuncio na gazeta, dizendo que não era em seu nome, nem com authorisação sua que se fazia isso!!!

—Que estupendo disparate!!

—Homem, ha *gente*, que a força de querer parecer-se *especifica*, vive a cada passo a *espichar-se*.

MOTTE.

Amar e não ser amado,
E' mais que louca paixão.

GLOZA.

Acordar de ventre inchado,
A bocca sabendo a breu,
Ind' é peior julgo eu,
Amar e não ser amado.
Ter o nariz arrolhado,
Andar sempre de timão,

Passar vida de capão,
Usar de enfeites de cobre,
Casar com viuva pobre
E' mais que louca paixão.

VARIEDADES.

Nasceu Adão,
Sem ter perigo,
Viveu, gosou,
Sem ter umbigo,
E si elle o tinha
Quem o cortou?

Sempre sadio
Elle se achava,
Não foi corrupto,
Pois não usava
Nem do tabaco
Nem do charuto.

Lavou-se em rio,
Não em banheira;
Dormiu sem cama,
Cresceu sem mama,
Só teve abraços
De Eva bregeira.

Chupava as fructas
Em vez de vinho,
Ouvindo as vozes
Dos passarinhos,
Tirando os ovos
Dentro dos ninhos.

Eva ao contrario,
Mulher teimosa,
Por caprichosa
Tudo perdeu,
De cara enxuta
Dentes na fructa
Logo metteu.

Adão que della
Era o palhaço,
Logo um pedaço
Todo engoliu,
Sente um caroço,
Torce o pescoço.

Ficou sem tino,
Ficou pasmado,
Sem ter abrigo
Temeu castigo
Do seu peccado.

Mandou que Eva
Comesse o resto,
Que elle já estava
Muito indigesto.

Disse em soluços
Com voz chorosa:
Tu que fizestes,
Mulher teimosa?

Mulher quizilla,
Que me tentaste,
Daquelle fructo
P'ra que tiraste?

Metteste o dente
Com tanta gana!
Não te bastava
Comer banana?

Mulher nos actos
Não faz estudo,
Só quer por teima
Provar de tudo.

Em vez do fructo
Que não se engolle,
Antes comesses
Da jaca-molle.

Eva raivosa
Não quiz ouvir,
Só quiz caroço
Para entupir.

De taes mulheres
Cresceu a raça
Que por desgraça
Hoje soffremos,
Tudo que temos
Passam as boças,
Com phrases grossas
Inda respondem.

DICCIONARIO NOVO DE FONSECA.

Casamento.—Inxerto de amor; gangorra de Cupido.

Mundo.—Sacco de patifarias, angú de miserias, cortiço de velhacos.

Lingoa.—Matraca do pensamento.

Nariz.—Sacca-rolha dos aromas, xaminé da respiração.

Dinheiro.—Emplastro resolutivo, alavanca das precisões.

Banana.—A primeira fructa que se achou depois do diluvio universal.

MAXIMAS.

Função de tollo,
Mal combinada
Acaba com furtos
E louça quebrada.

Homem que vive nas boticas
Sem ter mais occupação
E' vadio ou espião.

Homem de pé redondo
E barriga muito crescida,
Tem a cabeça
De terra intupida.

COUSAS INUTEIS.

Vida de bebado.
Lençol de soldado.
Rebaixamento do Campo da Polvora.
Mulheres.
Panella sem fundo.
Sacco roto.
Relogio sem ponteiro,
Gato cégo.
Espingarda sem vareta.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

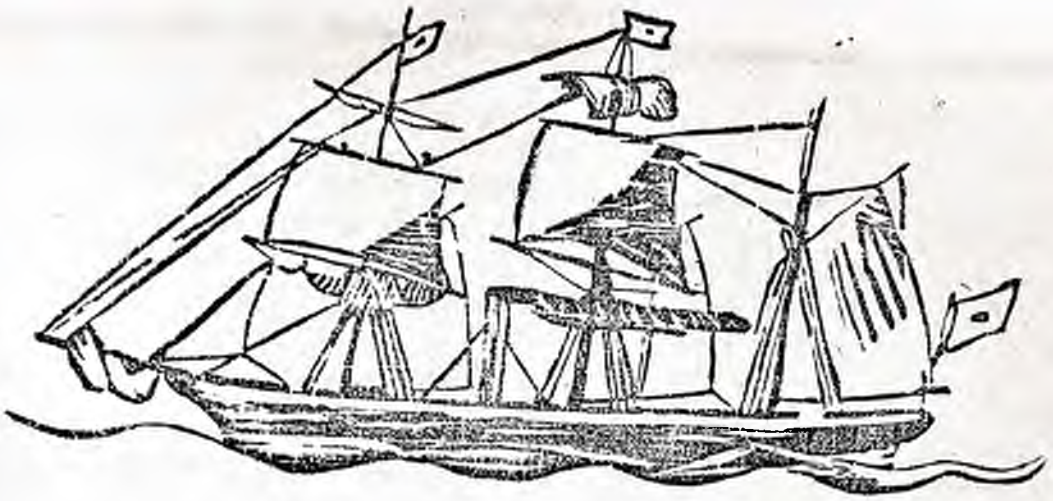
Em virtude de não ter comparecido numero sufficiente de Srs. socios, no dia 28 do corrente, para serem lidos e discutidos o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas do trimestre findo, de novo convido-os, de ordem do conselho administrativo, á reunirem-se em assembléa geral, no domingo 1.º de novembro, ás 11 horas do dia, a qual funccionará com o numero de Srs. socios que se apresentarem, alem dos de que se compõe o conselho, segundo dispõe o art. 34 dos estatutos. Bahia 29 de outubro de 1868.—*Aristides Ricardo,* 1.º secretario.

Na rua Direita do Collegio, venda n.º 22, dezeja-se fallar com o Sr. Alexandre José Dias Nogueira, e entregar-se-lhe varios objectos.

VACCAS TOURINAS.

Nesta typ. se dirá quem vende 4 vaccas tourinas prenhes.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VI. **Serie 43.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 31 DE OUTUBRO DE 1868. N. 428.

O ALABAMA.

O DIA DE FINADOS.

A egreja christan marcou o dia 2 de novembro para a festa dos mortos: bem differente porem é ella das outras. Os altares cobrem-se de luto, e os levitas do Senhor psalmeam sentidos *mementos*. Lá na torre geme o sino de espaço a espaço, e nas abobadas do templo echôam os seus plangentes soluços! Já de vespera a natureza, ao tombar da noite escura, parece qual viuva embuçada em negra mantilha, olhos fitos no tumulo do esposo! O riso foge aos labios de nós outros, habitantes do mundo, e em nossos corações derramam-se a um tempo dor, afflicção, medo e saudades! Na mente se nos desperta, repassada de melancholia, a lembrança d'aquelles que amamos e que já não existem, e sombria e cruel lá vem a idéa da morte murchar as flores das terrenas illusões!...

Ricos e orgulhosos do mundo, governantes e potentados, deponde o fausto, a purpura, o luxo e a vaidade, e no eloquentissimo apophthegma do—*quia pulvis es*—vêde o nada do vosso insensato —*sic volo, sic jubeo!*

Onde o poder? onde a força?!..

O que é feito dos Alexandres, dos Cezares, dos Pompeos, dos Marios, dos Syllas, dos Mithridates, dos Scipiões, dos Carlos 5.°, dos Mahmouds, Napoleões e tantos outros famosos conquistadores?!..

O que é feito de Babylonia gigante, do primitivo Egypto, de Troya, de Salento, da Phenicia, da Athenas dos Themistocles e Milciades, de Roma consular, de Carthago a patria de Anibal, de Herculanum e Pompeia?!..

Tudo se gasta, tudo se arruina, tudo se aniquila—palacios, colossos, cidades e imperios! Os impetos fogosos dos soberbos racionalistas, doudejando entre mil sophismas cavilososos, uns de encontro aos outros se chocam, se abalroam, e, travados em cega luta, mutuamente se destroem!

A orgulhosa philosophia do seculo, descora e recua ante o medonho—*aqui jaz*—do tumulo, e os seus mais ardentes coripheus, os decantados *spiritos fortes*, vacillam cobardes ao tropeçar n'uma caveira!..

Desenganae-vos, philosophos e conquistadores! Hoje o direito das paixões vos allucina a razão; porem amanhan, quando á borda do sepulchro, estiverdes prestes a tombar, comprehendereis então, que o mundo é uma mentira, e que a—*Morte*—por vós escarnecida, é de todas as verdades a verdade mais terrivel.

QUADRA FEITA A UMA CAVEIRA ENCONTRADA N'UM MATTO.

« *O' tu, mortal que me vês,*
« *Reflecte bem como estou:*
« *Eu ja fui o que tu és,*
« *E tu serás o que eu sou.*

Em solitaria morada,
Onde humana voz não sôa,

Onde o terreno povôa
Matto de escura ramada,
Feia caveira mirrada
O acaso encontrar me fez,
Cresce o susto e a timidez
Quando ella me diz e grita—
» Um pouco pára e medita,
« *O' tu, mortal que me vês.*

Immovel eu então ficando
Sem querer lhe obedeci,
E com violencia senti
O coração palpitando;
De todo os olhos fechando
Frio suor me banhou,
Ella de novo clamou—
« Não feixes teus olhos, não,
« Presta-me mais attenção
« *Reflecte bem como estou.*

Com secco tronco me abraço
Mal podendo respirar,
Porque senti me apertar
Da garganta o curto espaço;
Não sei que estranho embaraço
Immoveis torna meus pés,
Fallou-me terceira vez
O Desengano fatal—
« Eu tambem fui racional
« *Eu já fui o que tu és.*

Eu vendo ja de tão perto
Ali o retrato meu,
Os olhos levando ao ceu,
Bemdizendo este deserto—
Diz-me então « deste decreto,
« Um Deus que tudo creou—
« Nenhum mortal isentou,
« Nem condição, nem edade,
« Ou lá mais cêdo, ou mais tarde,
« *Tu serás o que eu sou.*

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de outubro de 1868.

Portaria ao muxingueiro, ordenando-lhe que vá despersar os diversos grupos, que á noite fazem das escadinhas do becco do Motta ponto de recreio e reunião com suas dulcineas. Cumpra.

—A freguezia da Rua do Passo é districto do 8.º batalhão?

—Tal pergunta não tem resposta.

—Mas lá está um *qui pro quo* entre o subdelegado e as praças do 8.º que, dizem, foram ali recrutar á mandado de *sinhô barão*.

—São cousas.

—Ora cousas! Com estas cousas cada um vae fazendo o que entende.

—Capitão, uma coincidencia.

—Em que?

—No Rio de Janeiro, houve tambem um caso de desapparecimento de creança.

—Podia-se dar em qualquer parte; não ha nada ahi de novo.

—Não é pelo facto, é pelo episodio singular que o accompanhou, que trato delle.

—Refira.

—Ouça o *Diario do Povo:*

«Sr. redactor.—Tendo eu sido chamada á presença do Sr. Dr. chefe de policia da côrte, a pretexto de dar conta de uma creança de seis mezes de edade, que estava entregue á sua mãe, para cujo comparecimento fui apenas intimada verbalmente por um pedestre da policia, mal entrei na sala em que se achava o Sr. Dr. chefe de policia, este perguntou-me em alta voz:—«Onde está a creança, diabo?»—acompanhando esta pergunta de DUAS BOFETADAS que deu-me no rosto. Sou livre e ninguem tem o direito de injuriar-me e castigar-me sem processo. Vou recorrer aos tribunaes para pedir a devida punição deste crime; mas, emquanto o não faço, queixo-me ao tribunal da opinião publica, cuja justica não falha. Rio de Janeiro 10 de outubro de 1868.—*Margarida Maria da Conceição.*»

—Que tal! Este é dos taes, que fazem justiça por suas mãos.

—Ha homens que quando *jantam* ficam de tão mau humor.....

—Sumiticaria exagerada.

Sahe o Santissimo Sacramento com uma tocha unica!

—Aqui na Sé não precisa essas *formalidades;* á noite as ruas são claras como o dia.

—Ora adeus! Nem tanto, nem tão pouco.

«—No serviço do meu commandante, não tenho contemplação, nem com o filho de Christo.»

«E' paisano, não respeito.»

—Eis como entendem de fazer o serviço aquelles seis sargentos do 8.º

—Gritando pelas ruas como ebrios e prendendo a todos.

—E trazendo o nome do commandante, como si elle authorisasse excessos.

—Amanhan dizem que isto é falso.

—Duvido! Pois elles com a bocca tão alto, aqui no Terreiro, hoje quarta feira á noite, haverá quem conteste amanhan?

—Até ver não é tarde.

—Capitão, V. Ex. que gostá de pedacinhos bons, aprecie este:

«O povo tem um diccionario especial para decifrar a linguagem dos despotas.

Nesse diccionario—*harmonia* quer dizer reacção; *moderação*, exterminio; *justiça*, prepotencia.

A legenda de que é arauto o Sr. Itaborahi, essa legenda de *moderação* e *justiça*, copiada sem duvida de algum trophéo paraguayo. é a legenda do terror, desabrido e feroz algumas vezes, surdo e *hypocrita* sempre.

Mas a legenda ha de inevitavelmente ser apagada pela mão vingadora e intelligente da nação indignada.

E quem sabe até onde irá a acção libertadôra de um povo ludibriado?!»

—Que folha é esta?

—*Opinião Liberal*.

—A *Opinião Liberal* diz verdades puras, mas que são inexequiveis na actualidade.

—A que estado reduziu aquelle verdugo a sua pobre mulher!

—Maltratou-a, espancou-a, arranhou-a e por fim deixou-a dentro d'uma casa em arvore secca!

—Carregou com os trastes para casa da concubina.

—E não se falle de actos destes.

Uma pobre moça, por seu mau destino, une-se a um dessoluto de tal ordem, que, além de matal-a a fome, martyrisa-a com sevicias, e não se invoque a protecção das authoridades á fava da infeliz.

—Diga o nome do desalmado e mande o mais a favor.

—Um libertino a quem chamam *Eustaquio*, mas que eu chamarei *monteiro* ou montez que em fidelidade conjugal dista tanto de S. *José* como o ceu do inferno.

Á PEDIDO.

—Capitão, venho lhe contar um caso.

—Si é cousa que serve, principie.

—Primeiro diga-me: gente fôrra tem senhor?

—Nunca vi.

—Pois eu já.

—Para mim é novo, mas V. que diz é por que sabe.

—Uma mocinha, por exemplo, que chupa todos os dias, como quem não quer a cousa, uma duzia de bollos?

—Por vontade?

—Por coacção.

—Isso é um abuso, um crime, não tem paridade com o que V. diz.

—Basta de divagar.

Ouça o caso:

Um sujeito, caturra, que anda sempre com um ramo de *oliveira*, habitante das *Janellas do Carmello*, estabelecido na cidade do negocio, com loja de *tecidos* em *Santa Illustre*; apezar da prohibição que lhe impunha o setimo sacramento da santa madre egreja, seduziu e raptou, ha tempos, uma menina e levou-a para a rua do *Archanjo das balanças*.

—O maganão é amigo de *varicdades*.

—Parece.

Desfructando as delicias que amor tem, nunca pensou o pardal apimentado, que houvesse quem lhe fosse descobrir o ninho onde tão bem resguardada tinha a sua presa.

Ora, a fructa é tentadora, e teve em breve um conquistador que assentou de despojar do lance o homem do ramo de *oliveira*.

O diabo soprou nas orelhas do cujo e elle pôz-se á capa, até que no sabbado passado foi dar com seu antagonista, que apezar de ser segundo queria ser *primitivo*.

—Si soubesse que sua historia era tal patifaria, não lhe ouvia.

—Agora deixe acabar.

Depois de um *lelê* dos diabos, ficou convenccionados entre as partes contratentes, que a culpada levaria quotidianamente uma duzia de bollos, até que o homem desaggravasse ao seu offendido zelo.

—Que cachorrada!

Vão ver que hão de chamar a tanta patifaria vida privada.

E o tal que queria ser *primitivo*?

—Deu as gambias covardemente; depois de querer impingir ao outro que tinha ido levar um recado.

—Está me parecendo que elle serve mesmo para moço de recado.

—O que precisavam, sei eu.

—E então, gente livre é castigada ou não?

—Por essa maneira...

—Capitão, que susto!

—Que foi?

—Vi uma onça.

—Em que logar?

—No *trem do mar*.

—Homem, é preciso precaução; ha tantos meninos alli, pode o bicho *comer alguns*.

—E' domesticada.

—Com tudo.

—Na casa dos *trabalhos de madeira de construcção*, está a fera em sua jaula.

—Diga-me isso; está presa. Da liberdade, *privada*....

—*Ahi mesmo* pode fazer das suas.

—V. é timorato de mais!

—Por S. *Nicolau! manda* a *dor* e o susto que rapei, que lhe confesse que la não torno.

DISPOSIÇÕES ELEITORAES DA FREGUEZIA DO SANTO DE PADUA EM UNA,

DADAS PELO AÇAVIL AO FAROFA E MAIS ACOLITOS.

Farofa.—Bem chegado seja, amigo, como lhe foi de viagem? como ficou a sua Pombinha e o Diasvi?

Açavil.—E' um grande sacrificio que faço, meu Antoninho, viajar em carro neste tempo, estou cosido de calor; já me arrependo ter avisado a Mariquinha para commigo vir tomar uns regabofes estes dias em Commandatuba, pois si não fôra isso lá ficaria em descanso com minha Pombinha, que está passando vida contente, e logo faria alguma companhia do Diasvi que está adoentado de febres.

Farofa.—Meu amigo, isto acontece-lhe por causa de em sua avançada edade, querer andar seguro a tres e quatro amarras.

Açavil.—Deixa-te disso, menino, são tributos do meu conhecido fado, vamos ao que serve; estou muito compromettido com meus amigos Manuel de Souza, Barboza e outros, portanto quero que disponhas de tudo, e apresentes-te com teu pae, parentes e amigos em campo, para dirigires a eleição desta freguezia.

Farofa.—Descance, meu amigo, que eu aqui na barra com o *Manuel Virado*, meu pae lá no Maroim, *Silvado* no Mondeu, *Morpheu* e *Leste* na Cachoeira, e V. S. *com seus peitos largos de itapicurús, existentes no seu viveiro,* havemos de levar tudo de rasto.

Açavil.—Menino, a minha gente, já sabes, está certa ás minhas ordens emquanto eu por aqui andar, e basta um só aceno meu para elles me obedecerem e virem aqui promptos com seus clavinotes, bacamartes e facas de arrasto, darem uma descarga na urna, votando em quem eu bem quizer e determinar, porque o voto delles depende de minha vontade e arbitrio, visto que ali só eu quero, posso e mando.

Farofa.—Com effeito, si assim fôr, os marrecos das ruas do *Lume*, *Pés de Cajú* e Braço do sul, nem se animarão a apparecer na egreja e neste caso não será mais preciso lá ir ninguem, basta somente arranjar-se tudo isso em casa de meu pae.

Açavil.—E que duvida; pois tu, menino, ainda queres levar em conta esta cambada? Nada tens que receiar, teu pae que se faça valente e prompto á fazer o que te vou recommendar, e o *Manuel Virado* que na mesa observe tudo quanto convier, até se concluir o acto do recebimento das cedulas.

Silvado abaixando a cabeça e cruzando os braços (ainda escaldado da escaramuça que levou) submisso dirigiu-se ao Açavil e disse:—Está tudo muito bem; pela minha parte não tenho duvida em fazer tudo quanto esteja ao meu alcance com meus conhecidos das roças, menos com a gente d'aqui, porque me consta que o Aguiar, Cesar, o Souza e parentes, o Cazuza e amigos contam com quasi todo o povo e até mesmo com a maior parte dos itapicurús, «os quaes já dizem as cancaras não serem escravos de ninguem, que já andam zangados com tantas invenções do *diabo*, que os trazem atropellados, e que d'antes eram livres porque o dono das terras que alios botou, nunca lhes fallava em eleições e que só todos os dias lhes pregava que se unissem e cuidassem em trabalhar e ser verdadeiros, sem nunca os empregar em cousa alguma de que tirasse o menor proveito.»

O velho *Leste e Morpheu baixando a cabeça para o Açavil em signal de confirmação,* disseram ambos a um tempo:—tudo issso é verdade «e até queixam-se de andarem todos os dias, da direita para a esquerda, em viagens, conduzindo trens e farinhas para gasto do *diabo* e suas amigas.»

(*Continúa*)

VARIEDADES.

COUSAS QUE TIRAM O SOCEGO DE ESPIRITO.

Cuidados permanentes.
Amor sem recompensa.
Maus tractos de quem se ama.
Saudades de um bem adorado.
Desejos extraordinarios.
Incargos de consciencia.
Incerteza de felicidade.
Dar palavra em casamento.
Má visinhança.
Marido impertinente e malcreado.
Mulher tolla e ciumenta.
Plano de vingança.

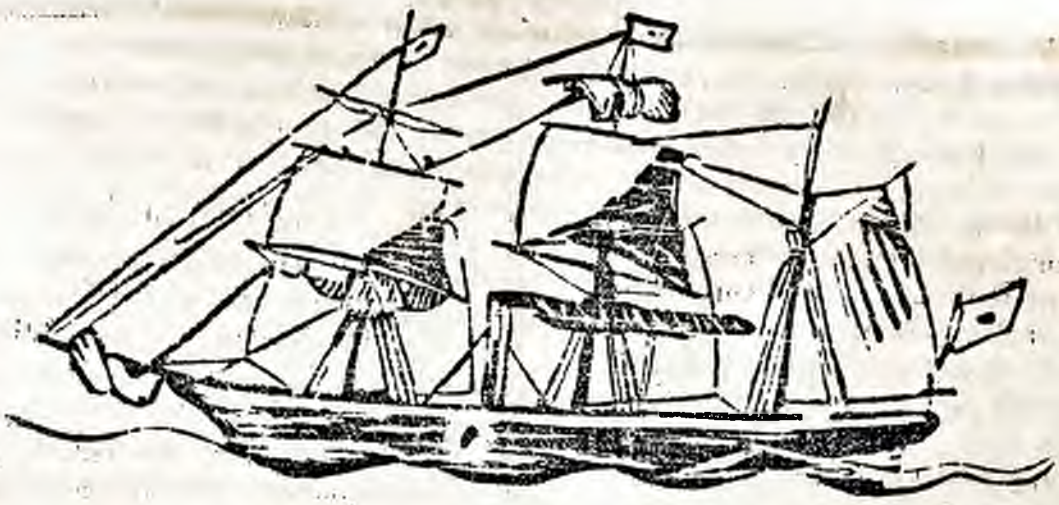
ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Em virtude de não ter comparecido numero sufficiente de Srs. socios, no dia 28 do corrente, para serem lidos e discutidos o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas do trimestre findo, de novo convido-os, de ordem do conselho administrativo, á reunirem-se em assembléa geral, no domingo 1.º de novembro, ás 11 horas do dia, a qual funccionará com o numero de Srs. socios que se apresentarem, alem dos de que se compõe o conselho, segundo dispõe o art. 34 dos estatutos. Bahia 29 de outubro de 1868.—*Aristides Ricardo*, 1.º secretario.

Na rua Direita do Collegio, venda n.º 32, dezeja-se fallar com o Sr. Alexandre José Dias Negueira, e entregar-se-lhe varios objectos.

0
ALABAMA
1867
A
1868
I. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar

Anno VI. — Serie 41.

Preço d'assignatura — 1$ rs. por serie de 13 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 2 DE SETEMBRO DE 1868. N.os 404 e 405

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1 de setembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um socavão á rua d'Ajuda n.º onde se acoita gente perdida, de toda condição e sexo.

Ha nessa cafurna constantemente um *samba*, á noite, que termina sempre em desaveniça entre a pandega, do que resulta se hostilisarem com uma alluvião de termos reprovados pela decencia. Espera-se que S. S. dê uma prova de sua energia, fazendo acabar com semelhante foco de depravação e turbulencia.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, pedindo-lhe que faça acabar com um maldicto *candomblé* nos fundos da roça da viuva Serva, ao becco dos Barris, para onde são fatalmente attrahidas, pela credulidade, senhoras casadas, que vão procurar especificos, que façam com que seus maridos não se esqueçam dos deveres conjugaes; escravos, que vão pedir ingredientes para abrandar o animo de seus senhores; mulheres, que vão buscar os meios de fazer felicidade e até negocianes para terem bom andamento em seus negocios!

Custa a crer que esta terra ainda esteja em semelhante estado de barbaria e que a policia tole e que viva um especulador a illudir a boa fe, a credulidade e a ignorancia, com prejuizo dos chefes de familia, que, muitas vezes, tragam d'ahi perniciosas faculdades pelo tal industrioso e administradas innocentemente por seus proprios famulos.

Não convindo que continúe semelhante immoralidade, espera-se de S. S. promptas providencias.

—Si tivessemos uma policia mais previdente, não se reproduziriam certos escandalos, que tanto depoem contra nossa moralidade e civilisação.

—E' certo.

—E tambem se evitaria certos factos criminosos.

—Justamente.

—O que quer dizer uma sucia de rapazes malcreados, andarem por casas das mulheres meretrizes a fazerem assuadas terriveis, perturbando o socego publico e a darem o que elles chamam *beneficio?*

—Em um dia destes, o celebre *Marcos Rabeca* com dous satellites seus, quebraram vidros e trastes, e escancou a uma menina da *boa vida*, na ladeira da Misericordia.

—Não succedeu assim a um Sr. *Fulano dos Anzoes*, que, indo com outros, no domingo á noite, á porta da *Coruja*, encafifal-a, esta passou-lhe uma garrafada pelas bitaculas, que fez o sangue descer.

—E ella foi presa?

—Sem duvida.

—O que se pouparia, si a policia, quando os garotos estivessem praticando esses maus-feitos, os fizesse retirar.

— E' claro; mas a policia pouco se lhe dá com isso.

—No sabbado á noite, uma pandega de mais de dez fazia o diabo com uma pobre mulher no adro de S. Pedro dos Clerigos, em quanto outro grupo arrancava a meia porta de uma casa, mais adiante. E tudo isso era praticado com a mais estrepitosa algazarra.

—Em S. Pedro, andaram quebrando as vidraças.

— E a policia, indolente, descalpa-se com a falta de pessoal.

—E que o tivesse! Vesperas de eleição regulam com Sexta feira Santa, em que não se castiga ninguem; guarda se para sabbado d'alleluia.

—A creoula Joanna Le tal, moradora á rua Direita de Palacio, tendo acabado de negociar em sua barraca, á Santa Barbara, no sabbado á noite, dirigia-se para sua morada, quando cahiu pedindo soccorro e dahi a instantes era cadaver.

—Entendo que nestes casos a policia devia ser muito escrupulosa.

—Nesse dia foram dous os casos de morte repentina.

Um creoulo, sahindo para seu trabalho, ás 8 horas da manhan, cahiu na Estrada Nova e falleceu instantaneamente.

— Não tenho animo para ver tanto sangue.

—O que seria aquillo?

—A infeliz rapariga cahiu sobre um caco de garrafa e deu dous profundos golpes, cortando a arteria.

—Coitada!

— E veio desde os Coqueiros esvaindo-se, sem encontrar um medico que a soccorresse.

—Hoje é domingo, estão fóra.

—Diz o medico no hospital, que fica aleijada do braço.

—Do mal o menor.

LA VAE VERSO.

BEIJA-MAÕ.

CANÇAÕ POPULAR.

Corramos, filhos do povo,
Corramos ao beija-mão;
O espectaculo não é novo,
E' antiga adoração:
Adora, filho do povo,
Ajoelha, beija a mão!

Filhos do genero humano,
Miseros filhos de Adão,
E' divino o soberano;
Tal da gazeta o pregão;
Ajoelha, povo humano,
Ajoelha beija a mão!

Essa historia de mandato,
Nacional delegação,
Fundamental lei ou pacto,
E' mesma historia, invenção;
Deixa-te lá de mandato,
Ajoelha, beija a mão!

Cidadãos, livres mandantes,
Rei, mandatario, pois não!
Que idéas extravagantes!
Que loucos netos de Adão!
Vamos, povo de mandantes,
Ajoelha, beija a mão!

E si um pacto aqui se exerce,
Nelle está o beija-mão;
E o beija-mão o alicerce
Da nossa constituição,
E santo dever exerce
O povo beijando a mão!

Ter o povo *soberania!*
Que estolida aberração!
A' noite sujeito o dia,
Deus ao demo, o céo ao chão,
O rei á *soberania!*....
Povo! ajoelha, beija a mão!

Corramos, filhos do povo,
Corramos ao beija mão;
O espectaculo não é novo,
E' antiga adoração,
Corramos, filhos do povo,
Ao divino beija-mão.

MARINO FALIERO.

(Do Diario do Povo)

A' RAPADURA.

Adoro a rapadura, como um noivo,
Que aos pés se prostra da donzella amada;
Como, assistindo á missa, o mór devoto,
Olha, rezando, a hostia consagrada!

Adoro-a, qual perdido no deserto
De ardentes areaes, sem luz, sem norte,
O arabe sedento beija a fonte
Que, encontrada a final, salva-o da morte!

Adoro a rapadura; tudo esqueço
Do mundo que deixei, pensando nella,
Dizendo a verdade nua e crua:
—De certo a rapadura inda é mais bella!

Adoro-a; trocaria a Gran Bretanha
Por uma ilha só de rapadura!
Em vez de bebedeiras, céo de chumbo,
Teria um mundo immenso de venturas!

Adoro as rapaduras, pois sem ellas

A terra só seria um negro inferno,
—Pudesse uma só não contel-as todas,
E o piloto fosse eu.... Teria bom eterno!
(*Vida Fluminense.*)

ENIGMA ENCONTRADO EM UM ALFARRABIO.

SONETO.

Eu não sou creador nem creatura,
Nem fui visto jamais entre os viventes,
Entre os homens estou e não me sentes,
No mundo faço a principal figura:

Sou morto e não estou na sepultura:
Quer eu seja fogo ou agua nunca penses;
Que seja terra ou ar tal não intentes;
Mas entre os elementos me procura.

Bem no meio do tempo, e muito interno,
No mesmo tempo estou, sem ser passado
Nem presente, futuro, nem eterno:

Sou primeiro á morrer sem ser gerado:
Com o demonio estou, sem estar no inferno
Estou no ceu e no mundo, sem me haver salvado.

A' quem o decifrar dá-se um sobretudo de lana-caprina.

Á PEDIDO.

—Capitão, o seu a seu dono.

—Que duvida!

—No barulho, que houve sabbado em meu botequim, no largo do Theatro, por occasião do Sr. Arthur Beun alugar um carro, succedeu que, na confusão, procurando eu saber os nomes dos desordeiros, alguem me disse que o principal chamava-se Johnston Saunders. Agora, porem, melhor informado, sei que não foi esse Sr. e sim um gerente de uma outra casa commercial.

—Estes enganos, prejudicando a terceiro, não são bons.

AOS REDACTORES DA —*OPINIAÕ LIBERAL.*

O abaixo assignado, filho outr'ora tão mimoso de seu pai, e hoje (cousas da vida) deshumanamente por elle repellido, pede-lhes um cantinho de seu jornal para inserir o seguinte soneto, que é o desabafo sentido da orphandade

Meus respeitos á *imprensa*, e creiam-me, etc.

Libello do Povo.

Estante velha de um demagogo, que foi, 25 de Julho de 1868, (S. Paulo)

—

AO AUTOR DE MEUS DIAS, O INGRATO TIMANDRO

SONETO.

Timandro, ingrato pai, que te partiste
E o filho renegaste infielmente,
Reprousa no senado eternamente
E viva eu ca na estante agora triste.

Si lá n'essa *cadeira*, onde subiste,
Memoria de *um libello* se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente
Com que as paginas minhas *imprimiste*...

E si vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dôr, que me deixaste,
Da magoa, renegado, de perder-te.

Conta a *quem*, por meus labios *infamaste*...
Que anda o povo a dizer- q' inda ha de ver-te
Renegar do—*perdão*—que lhe imploraste.

Por seu filho obediente,
Libello do Povo.

—Passa fora! que brinquedo agreste!

—Arreneguei de tal brinquedo?

—A pachorra daquelle melro em trazer um papel com trampa para mascarar a cara da parigutana para o Commercio!

—E' uma acção indigna e torpe.

—E que, entretanto se viu de galhofa e teve applausos da sucia capadoçal.

—Menos daquelle logista, que recolheu-a empoeirada e deu-lhe agoa e sabonete para lavar-se.

—E lá vão elles debaixo dos apupos da caterva molecal, para a ponte dos vapores.

—Ciumadas do Joaquim Parteiro com a Martiniana.

—Falta de policia, digo eu.

—Que ladrão!

Dar neste instante dez tostões falsos a mulher e negar descaradamente para não recebel-os!

—Modos de vida.

—Assim é melhor ir para a *estrada* entocar-se n'alguma *calla*, para de *travez* atacar o viandante

—Ou escondido n'algum forno de *padaria*.

—O que, Sr. *Theotonio*, para morrer assado?

—Que foi isso, meu pombo rolo?

Sacudiram-lhe o bojo!

—Aquella maldicta gente da Lapinha, ha de me pagar.

V. tambem arrisca se a muito! Deixe as *conquistas amorosas* para o centro da cidade.

—V. não vê que a *illuminação* não offerece garantia?

—O *fiscal* assevera que é boa.

—Ora sebo! A sanhar e ser obrigado a puxar o cavallo pela mão.

A politica.

O que é o homem politico?

E' aquelle homem civil, cortez, urbano e versado nas cousas do governo, isto é estadista

Quasi que ia naufragando,
Por em politica fallar;
Mas depois que tomei folego,
Vou mais outra lhe arrumar.

Não sou politico, ja disse,
Disso ja devem saber;
O que quero é com o que
Os moloes possa comer.

Ora ia naufragando no mar das politicas e assim mesmo não me emendei e continuo a tagarellar.

Em fim vá mais esta.

Civilidade é uma fructa, que os taes politicos de minha terra não comem, salvo quando estão proximas as eleições.

Isto então é outra cousa!!

Com que urbanidade não conversa hoje um magnata com um sapateiro, ao passo que hontem nem lhe tirava o chapeu!

Vê-se hoje um subdelegado, de ordenança atraz, sentar-se na tripeça do sapateiro, fazer-lhe um grande discurso, elevando-o a é a altura de *rei*, e concluindo:

Si eu fosse um rei que um throno tivesse,
Dava ao sapateiro,
E em sua chapa, logo na cabeça,
Fosse eu o primeiro.

O sapateiro, deixando-se levar pelo canto da sereia, promette-lhe bater a chapa.

Mas não sabe o sapateiro que hontem disse esse mesmo homem, que o elevou hoje a altura de *rei*, que seu filho não se havia sentar na tripeça de um sapateiro, onde se sentavam moleques captivos, e disse isto somente com o fim de ridicularisar as artes.

Mas o sapateiro a isso pergunta:

O que será mais honroso, ser sapateiro ou espião?

E' que o espião ganha dinheiro para mandar bacharelar o filho, e o artista o que ganha apenas chega para remediar suas necessidades.

As artes são o sustentaculo da nação! ..

—Sem artes, commercio e agricultura, não ha nação que se possa sustentar; mas sem bachareis as nações sustentam-se!

E é esse homem, perguntará o sapateiro, que hontem assim fallava, que hoje reconhece nobreza nos artistas; e é esse homem, que assim fallava, que hoje senta-se na tripeça do sapateiro, desconhecendo ser o logar onde senta-se o moleque captivo, e ahi conversa com affabilidade, sem lembrar-se de que a tripeça ou o contacto do sapateiro pode manchar-lhe o pergaminho!

E aqui, charos leitores,
A penna me cahe da mão,
Hei de voltar na politica
Em uma outra occasião.

—Capitão, escute me.

—Falle.

—Certo gallego, que n'uma *estancia* andava de tanga, e puchava pelo rabo da enchada....

—Não é defeito..

—Ouça.

...e que agora, vende *carne* sem ser *secca*, deu para devoto de S. *Bernardino*.

—O que não prejudiça a ninguem.

—V. Ex. parece estar prevenido a favor do mono!

—Enganou se: é que a sua accusação por ora não produzi effeito.

—Escute o resto.

Esse estupidarrão, entendeu que deve constituir-se em thezoura da vida alheia, sendo elle a crapula e devassidão em carne e osso.

Quando se embriaga, faz o diabo no becco que foi do *Martins*.

Eu já pedi ao *José*, para advertir a esse linguareiro, que deixe de contar na vida alheia, e não continue a attribuir aos mais, feitos vergonhosos, como fez com o *Cunha*, porem é debalde, por que elle não se corrige assim.

—E que quer então?

—Que V. Exa. mande o muxingueiro dar-lhe de taca na larga e repugnante lata, a ver se toma brio.

—Se á feita sua vontade.

—Mas, capitão, é preciso advertir ao rapaz, quando for, que uze de precaução, porque o chulé, que exhala o tabregote, é capaz de suffocal-o.

—Não lhe dê isso cuidado.

—Bem; é apenas o preludio da chronica do taful, que depois lhe trarei.

—Um vigario....

—Mau!

—.. foi chamado para prestar os ultimos soccorros espirituaes a uma enferma moribunda residente ha pouco mais de um quarto de legoa da villa.

—Nós estamos na cidade, como é que V. falla em *villa*?

—Se.. deixe completar minha narração.

—Venda lá esse peixe.

—Facilitou-se ao bom do parocho os com-

mos para a viagem, mas elle recusou-se, dizendo que era longe.

—Excellente!....

—Insistia-se, reclamando que lá não ia e que a enferma podia morrer quando quizesse, porque não era a confissão que a havia de salvar! ..

Que me diz de tão incomparavel exemplo de charidade e sollicitude pastoral?

—Homem, ha cousas a que minha cachola obstina-se em acceitar como possiveis.

—Este facto é chinez na *Ilha das Baleias*.

—Veja em que fica, é villa ou ilha?

—O que quizer.

—Como a cousa é de vontade, tambem o padre estava no direito de não querer ir confessar a enferma.

Veja agora si com essa desculpa tapa a bocca ou não *tapa*.. .

—...*Rica* desculpa, porem não me convence.

TESTAMENTO.

Em nome do Demo, amen.

Verba 1.ª—Eu o doutor Vomitorio,
Que nunca fui bom christão,
Como fui tambem mau filho,
Mereci a maldição.

2.ª—Sinto grave enfermidade,
Vou fazer meu testamento,
Em meu juizo perfeito,
Sem nenhum constrangimento.

3.ª—Sou autor e director
Do atrazo da instrucção,
Pelo que tenho soffrido
A geral condemnação.

4.ª—Sem amigos nem parentes,
De quem todos retirados,
Esses bens que hoje possuo
Vou dividir em legados.

5.ª—Aos meus vis aduladorres
Instituo por herdeiros,
D'entre os quaes, os mais tratantes
Serão meus testamenteiros.

6.ª—O padre Deotolindo,
Será d'elles o primeiro,
Chico Chué o segundo
E Jacaty o terceiro.

7.ª—Deixo mais para o Chué,
Si não tocar-lhe a vintena,
A luneta p'ra que pague
Os quatro contos ao Senna.

8.ª—E como sempre viveu
De infamias e trahições
Deixo-lhe o lucro que deram
Suas prevaricações.

9.ª—Deixo ao meu fiel caixeiro,
Por me dar contas tão boas,
Toda minha hypocrisia
E as minhas macacoas.

10.—Deixo lá nos internatos
Uma grande pepineira
Para o meu fiel porteiro
E tambem para o *Gessêra*.

11.—Que aproveitem o que poderem,
Pois já não pode tardar,
Outros melhores que elles
Que os mandem ir bugiar.

12.—A' elle deixo tambem.
Por ser homem de pudor,
Minhas cartas amorosas
De que foi o portador.

13.—Como prova exuberante
De um amigo verdadeiro,
Recomendo que o conservem
No officio de *onzeneiro*.

14.—Deixo para o Alfamelinha,
Porque tem muita ambição,
Meu logar de deputado
Na futura eleição.

15.—Deixo mais por garantia
De sua candidatura
Minha falta de caracter
E toda minha impostura.

16.—Como não devo esquecer,
Favores feitos á mim,
Um legado vou deixar
Ao Manuel Villamain.

17.—Lego o organico sem par,
De instrucção regulamento,
De minha dona caixola
Feliz parto e movimento.

18.—Lego mais os meus descaros
Nas assembleas f llados,
Abonos de sapiencia
Por todos admirados:

Para que bem estudando,
Litteratura alto progresso,
Não faça mais papel triste
Lá da côrte no congresso;

Pois perfeito imitador
Em son de Goes Damião,
E lingoagem mais correcta
Outro ter não pode; não!

19.—Deixo para o *Ja combina*,
Que nascen ja progressista,
Quando for desempegado,
O meu logar de chorista.

20.—Ao Sodré que fallou contra
O atrazo da instrucção,
Como votou a favor

Deixo a minha tradição.

21.—Ao collega Gustavinho
Não só deixo o consultorio,
Como mais uma ambulancia
Sortida de vomitorio

22.—Um grande cofre de bronze
Deixo ao Dantas por herança,
P'ra que guarde a probidade
Com cautella e segurança

23—E' tambem minha vontade,
Por ser o maior tratante,
Que ao *Lineu* se prefira
Por meu inventariante.

24.—Para evitar segredos
Imponho-lhe a condição
Dos favores que lhe fiz
Trazer para a collecção.

Elle pois que se contente,
Com o tombo do erario,
Que comeu e não mandou
Para o Sul um voluntario.

25.—O collega Jerominho
Será meu unico herdeiro,
Dos quadros das *artes bellas*
De que fui *bom thezoureiro*

26.—Como é de minha alçada
E á mim todo dedicado,
Deixo mais o meu retrato
E tambem este legado:

Meu chapeu preto, os sapatos,
Trez ceroulas remendadas,
Um palitot, dous coletes,
Trez meias esboracadas.

27.—Deixo para o Filgueirinhas
O meu grande relatorio,
Para que reze por alma
De quem deixou vomitorio.

28.—Deixo mais á negra Helena,
Por servir-me a meu contento,
As peças que ainda restam
Do meu pouco fardamento.

29.—Nada mais tendo á deixar,
E já vendo me em artigos
Quero reconciliar-me
Com todos meus inimigos

30.—Peço pois por charidade,
Me queira dar o perdão,
Aquelle amigo e parente
A quem fiz a vil traição.

31.—São esses os meus desejos
E vontade derradeira,
Pois bem sei que no inferno
Tenho já uma cadeira

32.—Meu corpo será vestido
De figura de arlequim,
Levando o chinó e os oculos
Do Manuel Villamain.

33.—Meu caixão deve ir aberto,
E quero ser carregado,
Por escravos e galés
De fardamento encarnado.

34.—Não me escape um só moleque
De talos de bananeira,
Pois quero que em duas alas
Marchem sempre á dianteira.

35.—O padre Deotolindo,
Logo atraz do meu caixão,
Levará grosso lambujem
Entoando o cantocarro.

36.—Em seguida as carpideiras,
Fação grande berraria,
Minha vida criticando
E gritando—Ave-Maria!!!

37.—Não quero ser enterrado
Em sepultura ou carneiro
Quero ser depositado
No cume da ribanceira,

Pois ahi já deve estar
Quem tem meu consentimento
P'ra fazer convite aos corvos
Para o meu enterramento.

38.—Finque o padre o tal bambú
Com a seguinte inscripção:
« Aqui jaz João Panguinha
« Que foi de ventas ao chão;
« Pequenino em corpo e alma
« Queria ser um sultão. »

39.—Para que meu testamento,
Não possa ser annullado
Por progressistas somente
Pedi que fosse assignado.

Como irmão do ex-ministro
Tomo o primeiro logar—*J. D.*
Eu por ser genro de outro
Devo aqui já me assignar—*F. D.*

Como publico empregado
Serei então o terceiro—*D. C.*
Eu Dramond serei o quarto
O quinto seja o Ribeiro—*O. R.*

APROVAÇÃO.

Saibam todos que este virem
Que é um publico instrumento,
De solemne aprovação
Do presente testamento;

Que no anno do reinado
Do grave no do progresso,
Fui chamado á esta caza
Onde tive logo ingresso.

Apresentou-se-me um mônno
Mui pequeno na estatura,
Asqueroso e repulsivo
Grande só na impostura.

Deu-me o presente papel,
Que diz ser seu testamento,
Pedindo que lh'o approvasse,
O que fiz n'este momento.

Não estando entrelinhado,
Nem tendo vicio ou borrão
Declaro que está conforme
A' nossa legislação.

—Estou bem contente, comadre Apollinaria, pois já é tempo de sahir ás esmolas com o meu santinho; é quando me divirto e sei de tudo que se passa nas casas, e ao mesmo tempo tenho mais dinheiro para as despezas; pois os ganhos do Sr. Chico não chegam para tudo.

—Muito bem, comadre Margarida, é quando nos divertimos mais, tirando nosso vintem ao mesmo tempo e apreciando muita cousa.

Eu desta vez pretendo fazer um bom negocio, porque levo uns rozarios que S. padre da Piedade me deu, dizendo que vendesse a meia pataca, por que são rozarios de jubileu.

—Ihe, mininha, V. quando vender diga que estes rozarios se acharam no caixão do defunto prefeito, e por isso quem comprar, goza uma duzia de indulgencias.

—E' verdade, mulher, agora é que V. acertou. V. tem geito para procurar a vida.

—Me diga uma cousa, e eu agora que negocio heide fazer?

- Falta, mulher, em que V. ganhar? arranje uns pedacinhos de panno e uns retalhinhos de seda, em casa de seu comadre Miguel alfaiate, com um pedaço de papellão faça uns bentinhos, que eu arranja um dinheirão e depois pode pelo caminho ir pedindo uma esmolla para enterrar uma moça donzella e mais alguma especulação, de que a gente for se lembrando; mas para isso é precizo que V. vá limpa, com uma capona bonita e seu leque de bico dourada na cabeça.

—Mas minha capona está tão velha, o Sr. Thomaz não pode fazer esta despeza agora: ha um mez que está orçado. Não sei como ha de ser isto.

—O' se precisa V fazer capona nova? Que asneira! Peça a Suzana lo becco lo Muricum bicho que lhe empreste a della, que está nova e escusa de veixar o homem.

—Pois bem, vou já prevenir a Suzana, antes que ella saia. Bote o café no fogo que eu já venho.

O PATIOBA.

Fui outr'ora liberal.
Quando aqui nesta cidade
Não se tinha a liberdade
Por brinco do carnaval;
Mas, correndo a causa mal
Com o *progressismo* fui ter,
Que deu me osso a roer....
Mais si hoje reina a conserva
Posso dizer sem reserva
Na conserva hei de morrer.

JUIZES DE PAZ DA CONCEIÇÃO DA PRAIA.

José Caetano Gomes.
Jeronimo Andé Maia.
Antonio Rodrigues Jambeiro.
Thomaz d'Aquino Jarema.

PARA JUIZES DE PAZ DO PILAR.

Angelo Candido Pimentel.
Genezio Affonso dos Santos.

Um votante conservador.

Lembramos aos votantes conscienciosos a reeleição do vereador Francisco Luiz Ferreira.

ALERTA, POVO ALERTA!

A' pouco mais de um anno, um certo filalgo feito a pressa, tendo sido derrotado na freguezia da *Arô de Christo*, não contente *com mandar* prender a torto e a direito, dando contingente de seu batalhão aos cidadãos que elle obrigou não fossem desse batalhão tiver uma necessaria dignidade de negar lhe seus votos, que entendia elle que só pelo seu titulo tinha direito e impor, mandava pelos seus esbirros a romper casas e tirar pais de familias dos braços das esposas e filinhos, invalidos que já tinham voltado da campanha, enfermos do peito da dor, tendo obtido de antemão no corpo pilo governo do progresso os cargos de policia, para conseguir esse fim; os infelizes, porem encontraram a dedicação dos conservadores, a quem de boa vontade prestaram seus votos, que felizmente poderam evitar que fossem remettidos para o sul não poupando para isso toda a sorte de sacrificios, pois que estavam em opposição.

Hoje, esse vosso algoz, esse tigre tartufo procura á noite vossa habitação, atropela-vos na rua solicitando vossos votos, acompanhado d'aquelles mesmos que eram os aguasis, por quem vos mandava trucidar; vêde ahi o braço omnipotente de Deos, que nem sempre guarda o castigo pisa outra vida principalmente quando com esse castigo quer reparar a offensa ao opprimido.

Não é preciso que maltrateis, como tem feito algum desses que tanto soffreram basta que lanceis no esquecimento e vos delliqueis aos vossos amigos conservadores, que tanto fizeram em vosso favor na adversidade e agora que se acham no poder mais precisam de vosso apoio para salvar o paiz (que esse tartufo os seus deixaram na miseria) afim de vos livrar destes grandes impostos que pezam sobre nós e dar-vos occupações donde possais decentemente tirar o sustento de vossa familia.

O Barão d'Esmeralda.

Motte

Cupido é velhaco e tollo
Anda nu, não tem camisa.

GLOZA.

E' maluco e tem miolo,
E' descarado e tem sizo,
Faz asneiras, tem juizo,
Cupido é velhaco e tollo,
Traz o mundo n'um rebollo
Ataca aos tigres e tollas
Planta arroz, colhe sebolas
E mais ligeiro que um raio
Empina até papagaio
Anda nú, não tem camisa.

MOTTE.

Quem não ama a moça bella,
Tem pedras no coração.

GLOZA.

E' pedante, é tagarella,
E' gato é burro, é tacão,
Não merece attenção
Quem não ama a moça bella.
Devemos morrer por ella
Com toda veneração,
Quem tem outra opinião,
De nobre não goza a palma,
Tem cortiça dentro d'alma,
Tem pedras no coração.

PARA VEREADORES DO PARTIDO CONSERVADOR

Commendador José de Barros Reis.
Proprietario Antonio Dias de Magalhães.
Dr. Eloy José Jorge.
Dr. Francisco de Azevedo Monteiro.
Proprietario Manuel Affonso Paraizo Moura.
Advogado Manuel Correia Garcia.
Coronel Raymundo F. de Macedo Magarão.
Capitão Silvestre Cardoso de Vasconcellos.
Dr. Francisco José da Rocha.

PARA VEREADORES.

1.° Dr. José Luiz de Almeida Couto.
2.° Elpidio da Silva Barauna.
3.° Barão de Sauhipe.
4.° Conselheiro Joaquim Torquato Carneiro de Campos.
5.° Commandante superior Joaquim Antonio da Silva Carvalhal
6.° Dr. Antonio Euzebio Gonsalves de Almeida.
7.° Dr. Antonino Emiliano de Goes Torrinho.
8.° Dr. Francisco José da Silva e Almeida.
9.° Francisco Luiz Ferreira.

VARIEDADES.

CAPRICHO DA NATUREZA.

Ao museo de Scout video foi offerecido um phenomeno raro, que é um cão com duas enormes cabeças, uma das quaes está collocada no logar da cauda.

O corpo é pequeno. A cabeça que está no logar da cauda, tem um olho no centro que está pestanejando constantemente, e o animal come por qualquer das bocas.

QUAL DOS DOUS SERA' CHAMADO

Um camponeze acabava de pescar um enorme lucio que se debatia na relva, abrindo a boca como querendo pedir que se o lançasse no seu elemento natural; chegou neste interim um guarda campestre acompanhado de seu cao

A' vista do peixe o guarda para estupefacto.

—Oh oh! que bello peixe! Esse lucio morde?

—Experimente Bote-lhe o dedo na boca

—Nessa nao caio eu! Pedimes porem experimentar com a cauda do cao.

—Pois experimente.

Meu dito, meu feito; o guarda agarrou no cão e poz a cauda na boca aberta do peixe.

No mesmo instante elle fechou-a; o cão deu um uivo de dor deitando a fugir, tanto quanto podia a ligeireza de suas pernas, na direcção da casa do guarda campestre.

Dahi a alguns segundos o cão e o peixe tinham desapparecido com grande admiraçao do camponez.

—E esta! Faz-me o favor de chamar o seu cao quanto antes!

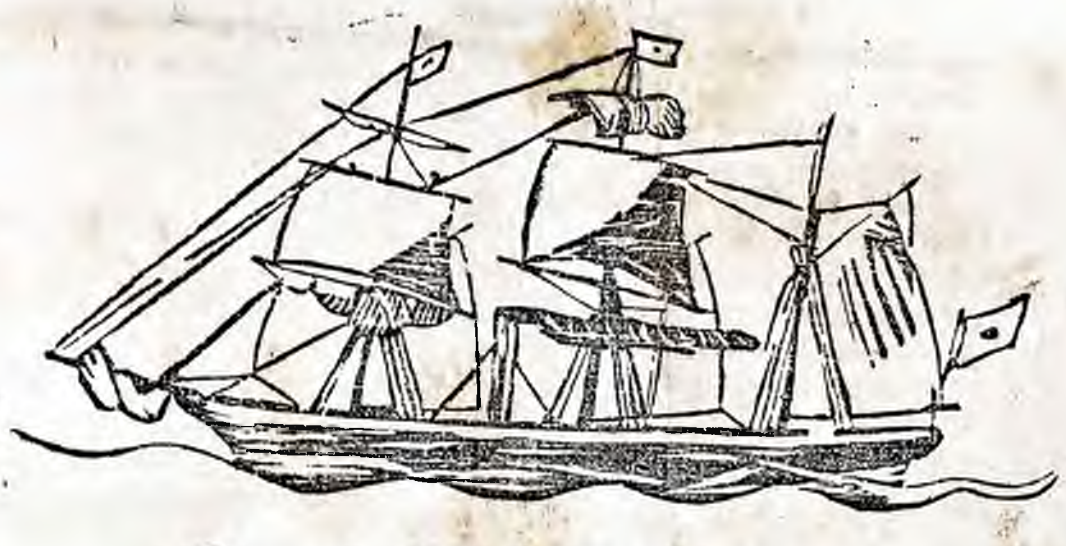
—E porque, replicou o guarda, não chama Vm. o peixe?

ANNUNCIOS.

PRECISA

Quem precisar de uma ama, para carregar creança ou para reger uma casa, dirija-se as Portas do Carmo n.° 69.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie II.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 5 DE SETEMRBO DE 1868. N.º 406

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de setembro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia ponderando-lhe o seguinte:

Si o motivo, em que se firmou S. Ex. para annullar a qualificação da freguezia de Sant'Anna, foi, o de alguns membros da meza qualificadora, empregados publicos, irem assignar o ponto em suas respectivas repartições e sahirem para funccinar na referida meza, sem previa licença, é claro que esses empregados defraudaram a fazenda publica, e por tanto cumpre que S. Ex. os mande responsabilisar e obrigar a restituir aos cofres o que illegalmente perceberam sem trabalhar.

A justiça exige uma tal deliberação e mesmo para evitar que os mal intencionados andem dizendo que, por pertencer o infractor ao credo politico de S. Ex., foi coberto com o manto das contemplações e passou isso despercebido.

Espera-se.

—Traz alguma noticia?

—Sim, Sr.

—Pode ir desembuchando.

—Na noite de 30 para 31 do passado, andaram tres soldados a bater pelas barracas de Santa Barbara. Uma velha, que dormia em uma dellas, appareceu, perguntando o que queriam e elles gritaram que entrasse para dentro.

Amedrontada a velha, foi se deitar.

—Abrevie isso, que está cheirando a massada.

—De manhan, estava arrombada e roubada a barraca n.º 10, levando os ladrões um balaio, quatro milheiros de charutos, quatro arrobas de toucinho e uma saia.

—Bagatella; pensei que fosse cousa mais importante.

—E que conclue dahi, V. Fx.?

—Que nas costas da *policia*, os ladrões passeiaram por lá.

—E eu creio, que quando ella retirou-se, ja o roubo estava feito.

—Tambem é cousa que não duvido.

—Ora essa!

—O que foi, homem de Deus?

—Estavam os irmãos da capella, em que fazem de tudo um *rozario de mysterios*, reunidos em meza e o *Babí* foi denunciar ao subdelegado que elles tractavam de politica e conspiravam contra o partido vermelho, quando os homens tractavam dos interesses de sua irmandade e da prosperidade do culto Divino!

—O *Leandro* já me contou este facto, pelo que foram chamados á presença do subdelegado da freguezia das aves, que comem mamão!

—E' exacto. O subdelegado os ameaçou, não obstante elles declararem que não trataram

de politica, de que, se lhe constasse serem elles contra o governo actual, os mandaria metter na cadeia!

—Então está de pé o despotismo, não tarda levantarem-se as forcas pelas ruas!

Á PEDIDO.

AO PUBLICO.

Quando chovem por ahi mil candidaturas sem razão de ser; quando muitas, que só tem vida pelas pretenções sem direito; quando leem-se nas chapas para as proximas eleições nomes, que na imprensa apparecem pela primeira vez: não podemos deixar de dizer duas palavras sobre dous candidatos, cujos nomes nem um só cidadão ignora, cujos feitos são notoriamente conhecidos por toda a população. Referimo-nos aos Srs. Exm. barão de Sauhipe e coronel Carvalhal.

Escutem-nos.

De ambos estes cidadãos, os seus serviços ao paiz, fallam alto de mais aos corações patrioticos para que a Bahia consinta sejam preteridos nas proximas eleições, e preteridos pela prepotencia do governo ou pela indifferença publica.

O primeiro delles, o Exm. Sr. barão de Sauhipe, tem dado sobejas provas de seu patriotismo; lembram-se todos da questão ingleza, lembram-se de que alem de sua bolsa, liberalmente franqueada ás precisões do estado, vinte escravos seus trabalharam na reconstrucção das fortalezas; veio depois a guerra do Paraguay e o seu procedimento não mudou—armou à Minié parte do batalhão de Sant'Anna, a marchar para o sul, e contribuiu ainda com dinheiro, e quando, ultimamente a patriotica festividade de nossas glorias preteridas parecia querer ser coberta com o pó dos esquecimento, o patriota, o cidadão illustre, offereceu-se para fazel-a sem interesse algum.

Mas, ainda ahi não pára o seu ardente enthusiasmo por tudo quanto nos pode dar gloria e importancia; eil-o que inicia a sublime ideia de um monumento commemorador dos brilhantes feitos de nossa independencia; eil-o que se põem a frente dos brasileiros, que veneram no passado a nossa mais brilhante pagina historica.

E depois de tudo isso, que ahi deixamos dicto, qual deve ser o procedimento dos verdadeiros bahianos no dia 7 de setembro?

O Sr. coronel J. A. Silva Carvalhal, veterano da independencia, tem o seu nome eternamente gravado nas laudas da historia desta heroica provincia, nem só pelo seu amor á patria em geral, como pela sua delicação especial a tudo quanto recende os divinos perfumes do patriotismo. Vemol-o-ahi, todos os dias trabalhando pelas familias dos voluntarios e pelos invalidos da patria. Quando commandante do batalhão de Sant'Anna, os seus serviços ao paiz foram e são d'aquelles, que o cidadão nunca deve esquecer sob pena de tornar-se ingrato e de ver morrer nos poucos corações ainda hoje dedicados ao paiz o nobre estimulo de todo aquelle, que fita a gloria e o bem estar de seus patricios.

E' por isso, é dominados pela gratidão aos serviços que estes dous cidadãos tem prestado á nação brasileira, que não nos podemos conservar silenciosos, e que empunhamos a penna para traçarmos estas duas linhas.

Essas duas candidaturas, devem-na todos tomar a peito, como candidaturas populares, que são; como mais que justificadas pelo direito, pois si ha quem tenha direito a ser eleito, são por certo aquelles que bem tem prestado ao paiz.

PREVENÇÃO AOS VOTANTES DA SÉ.

O Sr. Altino Rodrigues Pimenta, 1.º supplente da subdelegacia da Sé, actualmente em exercicio, não pode ser candidato e nem votado para juiz de paz, em vista do aviso explicativo do ministerio do imperio de 18 de agosto de 1864, que muito claramente declara o seguinte—«que não podem ser candidatos nas eleições de juizes de paz e vereadores, os subdelegados effectivos e supplentes em exercicio,» em cujo caso se acha aquelle Sr. Altino, que continúa no respectivo exercicio.

O capitalista.

METAMORPHOSE POLITICA.

Os liberaes de 1863, os homens das chapas abertas, e do *celebre* directorio da liga, querem ser hoje conservadores; assim já se vê um Sauhipe encartar-se em uma chapa conservadora para vereador da camara municipal, outros para juizes de paz, e outros para deputados geraes.

Assim o Rio Vermelho, um dos ligueiros mais acerrimos, sempre prompto na camara municipal a degolar conservadores, procura, e sollicita protecção do governo conservador, para derrotar a chapa conservadora na freguezia de Brotas.

Que homens! Que politicos de meia tijéla! Pobre Brasil, onde irás parar com tanto desfaçamento!

E' por isso que se diz que a politca é uma verdadeira traficancia.

Um do povo.

CHAPA LIBERAL PARA JUIZES DE PAZ DA FREGUEZIA DE SANTO ANTONIO.

Dr. José Luiz d'Almeida Couto.
Major José da Silva Cesimbra.
Capitão João Carvalho.
Capitão Antonio Polycarpo Araponga.

AO POVO.

Manuel Luiz Barretto Falcão, proposto a candidato para juiz de paz do curato da Sé, declara que, si for eleito, applicará os emolumentos que lhe possam resultar ás sociedades do Monte Pio dos Artistas e Artifices para distribuir com os pobres na forma que as mesmas sociedades entenderem.

CONVERSA.

ENTRE UM VOTANTE E LELE'.

L.—Então, V. não vota no barão?
V.—Para que?
L.—Para camarista e juiz de paz.
V.—Não voto por muitas razões; 1.° por que ainda não me esqueci do que fez, logo depois da eleição de 1867; ainda estão vivas as victimas de sua perseguição, João Climaco, Maximiano *Vella grande*, Boiças Martins, Grato, Julio e outros mais que, se não encontrassem o Dr. Americo, Ramos e outros conservadores, estariam hoje no Paraguay; 2.°, por que não posso comprehender como, sendo elle candidato a vereador pelo lado conservador, é candidato progressista ou liberal para juiz de paz; 3.°, por que este moço agora quer ser tudo; 4.°, porque....
L.—Basta, ja sei que V. é conservador, fica anotado.
V.—Não faço caso de suas notas, eu não tenho partido; sou apenas admirador dos homens bons, que, ainda com grandes sacrificios, não deixam seus amigos soffrer; acho melhor que vá cuidar de sua vida e deixe de caballar contra o governo. V. é empregado publico, ao depois não vá chorar na cama que é logar quente.

Apresentamos o cidadão Arnaldo Gentil Ibirapitanga candidato a juiz de paz da Sé.

O voto livre.

CHAPA POPULAR PARA VEREADORES.

Thomé da Costa Passos, despachante.
Tenente Francisco Felix Bahia, proprietario.
Capitão José Jacyntho Thomaz, despachante.
Carlos Manuel da Silva, pharmaceutico.
João Quarenta Portinholas.
Thomaz d'Aquino Jurema.
Luiz Pedro d'Araujo Pinto.
José Ferreira Netto.

CIDADADÃOS VOTANTES DO CURATO DA SÉ!!!

Approxima-se a aurora do dia em que tendes de exercer o mais nobre de vossos direitos politicos; o dia em que na soberania das urnas levantareis hosanas aos mais honestos caracteres, cuja escolha fizérdes para curar dos vossos ligitimos interesses na judicatura popular.

Cidadãos votantes! não vos illudaes com as lamurias ou ameaças d'aquelles, que por meio de machinações, combinações cabalisticas, ou abuso de authoridade procuram neste curato extorquir os vossos votos, e dispor de vossas pessoas, como de seus escravos! Não, não vos illudais, votai livremente: escolhei caracteres distinctos, cidadãos prestimosos e amigos em todas as épochas; escolhei d'entre aquelles com quem vostendes achado em crises calamitosas por que hemos passado.

Cidadãos votantes! não vos amedronteis com os terroristas, que adrede procuram assaltar vossas consciencias; pois a frente nos negocios publicos desta provincia, se acha um venerando ancião, o Exm. barão de S. Lourenço, cujo tino, pratica e saber, muito garantem a liberdade de vossos votos, confiai pois que é mentirosa toda a ideia de compressão que de proposito se espalha—e assim correi sem medo ás urnas para que se não vos taxem de vendidos.

Eia cidadãos votantes! á urna e não vos esqueçais dos prestimosos cidadãos—

Dr Antonio Ribeiro de Lima.
Fortunato Antonio de Freitas.
Major Antonio José de Souza Gouveia.
Capitão Jovino Cesar da Silva.

CANDIDATO POPULAR.

Jovino Cesar da Silva, a seus illustres comparochianos do Curato da Sé.

Apresentando-me pela segunda vez, perante a urna desta parochia, sollicito dos meus illustres comparochianos a honra de me admittirem em um dos logares da judicatura electiva.

Estranho as lutas dos partidos e convencido de que empreguei sinceramente todos os meus esforços, para cumprir a missão popular, de que fui investido, tenho com a maior confiança, em meu unico apoio, a estima e benevolencia, com que tanto me honram e distinguem os meus illustres comparochianos, de quem espero e a quem entrego o resultado da minha eleição.

Posso affiançar, dando por garantia os meus

precedentes, que continuarei a tomar por norma da minha conducta, si tiver a honra de ser bem succedido, o exacto cumprimento da lei entre os meus illustres comparochianos.

Não tenho outra aspiração, que não seja a estima de meus concidadãos.

Bahia 31 de setembro de 1868.

Jovino Cesar da Silva.

PELO PARTIDO CONSERVADOR

Para juizes de paz da freguezia de Sant'Anna.

Dr. Americo de Souza Gomes.
Antonio Pereira Bastos.
Francisco José Ramos.
Lino Porfirio da Silva.

ELEIÇÃO DE JUIZES DE PAZ DA SÉ.

Sr. Redactor.—Qualquer que seja a minha opinião ou tendencia nas luctas politicas da actualidade, penso que ha sempre grande inconveniencia publica na exclusão de caracteres competentes por provada honestidade e intelligencia, muitas vezes preteridos na urna eleitoral por força de conveniencias de occasião, determinadas por mero calculo politico.

Por isso, e por que o Sr. capitão Ignacio Alberto de Andrade Oliveira deu testemunhos cabaes, nunca contestados, de idoneidade no cargo de juiz de paz nesta freguezia da Sé, durante todo tempo que o exerceu, peço licença para o apresentar candidato á proxima eleição de juizes de paz por esta freguezia.

Desejo pois dever-lhe, Sr. redactor, a bondade da publicação destas linhas, completando-me este favor com a reproducção dellas transcriptas nos subsequentes numeros ate o dia 7 de setembro.

Um parochiano.
(*Int. Pub.*)

CHAPA GENUINA PARA JUIZES DE PAZ DE S. PEDRO.

Joaquim Torquato Carneiro de Campos.
Antonio Francisco de Aguiar Cardoso.
Elpidio da Silva Barauna.
José Maria de Mattos.

JUIZES DE PAZ DA CONCEIÇAO DA PRAIA.

José Caetano Gomes.
Jeronimo André Maia.
Antonio Rodrigues Jambeiro.
Thomaz d'Aquino Jurema.

Consta-nos que de *Carmelo* desapparecera um dogue: o qual acamaradara se com uma mula, que tem motivado questão entre os apreciadores: uns dizem que ella tem cauda, outros affirmam que não; o certo é, que, não obstante a falta de qualquer dessas partes, ella não deixou de apresentar de sua junção brutal tres bixinhos (chamos bixinhos, por que não sei classificar a producção de mula com cachorro.

Esse animal sacrilego, existe hoje com toda sua cafila n'um *presidio* no pincaro d'um *morro* em *S. Paulo*, onde desempenha uma missão incoherente á sua natureza: em vez de ladrar, em defeza da fazenda de seu verdadeiro senhor, por uma ridicula paga de um soldado idiota, e em cumprimento das ordens da rainha Sabá, ladra em uma gazeta, atassalhando o credito do digno *maior Anjo*, e de sua honrada familia.

E o mais é, que esse cão tambem ladrou a um frade, por de tráz, na duvida do que encontraria pela frente.

Todas as vezes
Que o cão ladrar,
A mula baia
Ha de pagar.

Ou seja do padre,
Ou do sachristão,
O animalzinho
Está em leilão.

CHAPA SEM MFSCLA DO PARTIDO CONSERVADOR.

Commendador José de Barros Reis.
Proprietario Antonio Dias de Magalhães.
Dr. Eloy José Jorge.
Dr. Francisco de Azevedo Monteiro.
Proprietario Manuel Affonso Paraizo Moura.
Advogado Manuel Correia Garcia.
Coronel Raymundo F. de Macedo Magarão.
Capitão Silvestre Cardoso de Vasconcellos.
Dr. Francisco José da Rocha.

PARA JUIZES DE PAZ DO PILAR.

Angelo Candido Pimentel.
Genezio Affonso dos Santos.

Um votante conservador.

Lembramos aos votantes conscienciosos a reeleição do vereador Francisco Luiz Ferreira.

PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SE.

Recommendamos aos cidadãos votantes desta parochia o cidadão Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira.

Um votante.

Segunda feira de manhan distribuir-se-ha um numero do *Alabama*, tratando de assumptos eleitoraes.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 41.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 10 DE SETEMRBO DE 1868. N.º 407

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de setembro de 1868.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

O engenheiro da Capellinha, pedindo ser nomeado administrador da fabrica inaugurada em *sete* de *setembro*.—Indeferido, por ter caloteado o estabelecimento em 18$000 rs, e por ter ido beijar a *S. Lourenço* com o facto do *Mané Carias*.

—Estão se procedendo ás eleições populares.

O processo tem corrido mais ou menos *em paz* em todas as parochias, a excepção de uma outra provocação.

—Algumas freguezias, como a Rua do Paço, Pirajá, etc., ja concluiram *placidamente* seu trabalho.

—Depois que chegar o detalhe dos nossos agentes espalhados pelas diversas freguezias, daremos succinta noticia do occorrido.

—Como é que a policia dá licença para semelhante bacchanal dentro da cidade?

—E' uso.

—Uma cafila de mulheres desenvoltas, á pretexto de suffragarem a alma de uma, que morreu, reunem-se na rua dos Capitães na mais desenfreada orgia, com licença da policia, e o resultado é que, depois de embriagadas, sahem para a rua a acabar o pagode em bofetadas.

—O espectaculo é revoltante e immoral na verdade.

—E a policia, em vez de procurar acabar com essas praticas grosseiras, herdadas pela ignorancia e superstição africana, é a primeira que as consente!

—Entretanto a Joanna de Acrimane, antes de morrer, pediu que não queria candomblé no seu funeral.

—Que gente desnaturada!

Alem de enterrarem a creança no monturo da Ordem 3.ª, o fizeram por tal maneira que os cães foram capazes de desenterral-o!

—Ha muita miseria por ahi, muita falta de meio.

—A charidade ainda não desappareceu de todo desta terra.

—Dito assim, é muito bonito; mas vá ao vigario pedir uma guia para ver o esfusilhoie queelle lhe passa, quando não se negue a dal-a; e hoje ja ninguem dá esmolas para enterro, por causa das especulações. Não creia que haja mãe, que tenha coração de atiraro corpo de seu filho no monturo como uma immundicie, somente por malvadez.

—Mas podia ser algum desherdado da sorte, confiados aos cuidados de uma dessas almas embrutecidas, a qual para evitar despezas praticasse tamanha impiedade e selvageria.

—Sim, ou mesmo a consequencia de algum erro.

—Como for; o subdelegado da Sé, logo que teve noticia, no sabbado, mandou conduzir o corpo para o hospital para dahi ser enterrado.

—Capitão, responda-me a isto:

Um vigario, indo abrir o Sacrario, a chave emperrando-se depois de muito trabalhar, disse impaciente—*que diabo estará aqui dentro!*—o que é esse homem?

—Um blasphemador iniquo, um impio, um corrompido.

—Mais outra:

Um dia, sahindo o Sacramento, ao recolher-se, bateu o menino, que levava a cruz, com ella na ombreira da porta, então grita elle la debaixo do palio—*assim levam o diabo as cruzes desta freguezia.*

—Sacrilego!

—Mas, espere, capitão, a hypothese que figurei não *se deu* com um vigario desta cidade, a quem eu, por alguma consideração, não queira declarar o nome.

—Nem eu sou arcebispo para tomar conhecimento do facto.

—Coitado! que desgraça.

—Quanto sangue! O que é aquillo?

—Aquelle pobre rapaz é carapina. Estava trabalhando e saltou lhe um pedaço de prego na menina do olho, que o poz naquelle estado.

—Pobre e mal-aventurado artista! fica cego.

—O que lhe vale é que o seu officio é daquelles, em que se pode trabalhar com um olho so.

—A eleição de meninos foi uma arma de opposição de que se serviram os vermelhos em 63 contra a policia; hoje são os vermelhos que promovem e tomam parte na eleição dos meninos, insuflando-os a se molestarem mutuamente.

—Cousas do mundo.

—Eu não sou partidista, ja tenho dito, mais não gosto de ver praticar hoje, o que se reprovou hontem.

Que no domingo se reunissem na roça do Sr. Ramos mais de 300 meninos, para procederem a uma eleição, não admira; mais que nella tomassem parte homens *muito conhecidos,* com o fim de insinuar os ditos meninos a se espancarem, como de facto aconteceu, é o que pasmo!

—E a policia para que consente?

—Si os paes, que devem velar na educação de seus filhos, toleram que elles venham para casa todos arranhados, quanto mais a policia!

—Deixal-os; é assim que se preparam cidadãos prestantes ao paiz.

—O tal brinquedo de phelippes tem o que se lhe diga!

—Authorisa a muita cousa.

—Certo dono de casa, acordando uma madrugada destas, foi dar com um melro na cosinha.

—Fazendo o que?

—Eu sei la!

—Esta é uma de judeu.

—O cujo, vendo-se embaraçado, não achou outro meio de safar-se da rascada senão gritando—*meu phelippe, bons dias.*

—E justificou-se.

—Que duvida!

—Antes elle fosse esperar á porta da egreja na missa de madrugada.

—Mas elle adopta a lei do propheta e nós aqui não temos *mesquitas.*

—Bem, ja comprehendi.

—Estão prezos o Antonio Desiderio, Antonio dos Invalidos e outros socios da companhia do olho vivo por um *gamado*, que fizeram nos bolsos de um tabareu em nada menos de 600$ rs.

—E' uma praga inextinguivel essa do olho vivo.

—O Antonio dos Invalidos, alem de ratoneiro, tem queda para assassino. Ha pouco, andou mostrando uma faca e dizendo que era para rasgar a barriga de um empregado do *Alabama.*

O ameaçado queixou-se ao Sr. Dr. Mendes, que se achava dirigindo a policia, mais S. S. não deu apreço á queixa, depois de promotter a um seu amigo, que ia dar providencias.

—Não se assuste; quem quer dar, não promette.

—Meu charo, cautella e caldo de gallinha nunca fez mal a ninguem.

—Pois dirija-se ao Dr. Assis que elle não olha considerações quando tem de cumprir a lei.

—Tome esta, que é de estudante!

—Meia volta a direita, marche!

—Ouça, se quer?

—Prosiga.

—Sahiram no domingo os conservadores, precedidos de uma banda de muzica, a percorrerem as ruas da freguezia, e ao chegarem ao Maciel, junto á uma casa de uns academicos, um delles veio á janella e bateu

palmas. Um grito de pára ouviu-se dos conservadores, afim de ouvirem o estudante, por que suppunham ser alguma poesia, que elle ia recitar elogiando o partido.

Depois de algum momento de silencio, o estudante indireitou a gola do paletot, com que estava vestido, em ar de quem queria recitar e disse:

«Viva o *Mané*,
Cahiu-lhe a sopa no *mé*....
Viva o dia Dous de Julho!
Viva o batalhão do França Guerra.»

—Cá... cá... cá... cá!

Esta só mesmo de estudante!

—Então teve, ou não teve spirito a pilheria?

—E muito spirito. O estudante teve algum alcance quando isso disse.

Hontem os conservadores censuravam os progressistas porque andavam de muzica na frente, percorrendo as ruas das cidades, em tempo de eleições. Hoje são os conservadores que assim praticam.

—E porque fazem hoje o que hontem censuraram?

—Porque *cahiu-lhe a sopa no mel*, como disse o estudante.

LA VAE VERSO.

Em horas nocturnas,
Ja tudo dormia,
Só eu recostado,
Velando jazia.

O somno fugiu-me,
Não pude agarral-o,
Debalde tentava
Reconcilial-o.

Accendi uma vella,
Saltei do colxão,
Calcei os chinellos,
Enfiei o gibão.

Abri a janella,
Suspendi a vidraça,
Olhei para a rua,
E vi, não é graça:

Um vulto de homem,
De capa embrulhado,
Em pé na esquina
Com chapeu desabado.

Para que alli'stava,
O que elle queria?
E' o que eu ignorava,
O que eu não sabia.

O velhaco escondeu-se,
(Sentiu-me á janella)
E eu disse comigo
«Aqui ha mazella.

Desci a cortina,
A vidraça arriei,
E por dentro do vidro
Então espiei.

Abriu-se uma porta,
Um vulto espiou
E outro da esquina
Por ella enfiou.

Passou-se uma hora,
E eu espreitando.....
Vi o dono da casa
Da rua chegando.

Que é isto, meu Deus!
Pois á esta hora,
Entra gente extranha
Stando o dono fóra!

Quero ver, disse eu,
Esta obra em que dá,
Macacos me mordam
Si não é cousa má.

Espreitando fiquei,
Espreitando inda estou,
O vulto sahiu
E o gallo cantou.

Á PEDIDO.

—Ja estou com os ouvidos atordoados de ouvir queixas desse animal a que chamam Marcos Rabeca.

—Que cousinha safada!

—Dizem-me agora que, no sabbado a noite, indo duas senhoras pela rua de Mizericordia, o biltre tivera o arrojo de as insultar.

—E tambem não lhe disseram que uma dellas, vendo-se assim ultrajada, deu-lhe uma tremenda bofetada, que lhe tirou candeias dos olhos?

—Sim e que, depois de severa licção, a rapazeada cahiu sobre elle que o fez ir vendendo azeite as canadas.

—Assim mesmo o caboleté não se emenda.

A politica.

Sr. redactor.—Muito tenho maçado sua paciencia, e a de seus illustres leitores, com os meus insulsos e rudes artigos; mas peço desculpa, e tambem a elles, para voltar á politica.

O caso agora, leitores,
E' de fazer arripiar,
Do orgam official,
Agora vou me occupar.

Como fallei em orgam, talvez pensem os leitores que é algum orgam que o governo

mandou buscar para divertir o povo com o seu melancholico som; mas enganavam-se si assim pensassem, porque é o contrario, é o orgam gazeta, é o *Jornal da Bahia*, que hontem criticou o *Diario*, por publicar em communicado um artigo do Sr. Dr. A. A. Guimarães, respectivamente á maneira porque foi tratado pelo governardor da provincia, sendo tachado até de *pé ligeiro*, dizendo que o *Diario* tinha publicado, em communicado, um pasquim que para là mandara o Sr. Dr. Guimarães, e pedindo ao publico para avaliar a opposição feita pelos liberaes progressistas.

Hoje é o *Jornal da Bahia, o orgam official*, que se lava em *agoa de rosas*, publicando debaixo do titulo de—*publicações diversas*—um artigo intitulado—*o bacharel provincial*.—

Querem porem os leitores apreciar este *padrão de gloria* do *Jornal da Bahia*, digno da penna que o traçou, em defeza do Exm. Sr. barão de S. Lourenço, não mandado por elle, mas por algum lambe pratos govenarmental, que só trata de *coroal-o de flores?*...

Lêam:

«Então, o homem é, ou não é.....?

E si não que o diga o apparato na epigraphe da correspondencia, com que se estendeu hontem muito impertigado entre as *diarias* columnas!

O seu titulo de DOUTOR (modestamente exagerado) e o seu AUGUSTO nome, precedido de um respeitoso Sr. tudo em versalêtes!

Só lhe esqueceu o *provincial* apanagio... mas isso não pode deixar de ter sido salto na typographia.

Sr. Albino, tenha paciencia, mande reproduzir o artigo amanhã, e tome cuidado em que não se dê outro salto no nosso provincial doutor.

Bravo! agora sim! E' como deve sempre andar! todo recamado com os seus titulos e brazões!

Si não fosse á palacio n'aquelle nefasto dia, *en bourgeois*, estava livre de chincar o tremendo susto, que lhe pregou o Sr. barão de S. Lourenço.

Mas AUGUSTO DOUTOR, V. Ex. está bem vingado!

Como não ficaria o Sr. presidente ralado de remorsos quando o viu revestido de todas as suas prerogativas?

Bem feito! e para d'aqui em diante saber tratar com mais mimo aquelles que la forem ralhar com elle!

Entretando aqui para nós, pedimos-lhe, não porque lhe supponhamos medo, quando n'esse memoravel dia deu provas de marcial arreganho; mas porque esses choques a queima roupa podem chamuscar-lhe o systema nervoso; pedimos-lhe por vida de quem quer mais bem, que, quando sentir-se com cocegas de advogado embique antes para o convento dos franciscanos, onde ha de ser muibem recebido, e onde pode prestar seus serviços bem bons!»

Então que tal acham a defeza feita á S. Ex.?

Ha por ventura governo algum que consinta ser publicado em sua defeza semelhanporcaria?

De certo que não!

Si fosse, Sr. redactor, publicado um artigo destes em uma gazeta pequena, dizia logo o *Jornal da Bahia*, mesmo no tempo que elle era *gaita de folles*, antes de passar a *orgam*, que tinha sido publicado em um pasquim um escripto diffamatorio, contra um honrado caracter, um deputado provincial, um representante da provincia!

Mas não se poderá dizer hoje a mesma cousa do *Jornal?*

Não se poderá dizer que o *Jornal*, depois que passou de *gaita* á orgam, converteu-se em pasquim, publicando estas porcarias?

Parece-me que sim!

Agora, si o Sr. Dr. Guimarães publicasse tambem debaixo do mesmo titulo de publicações, no *Diario*, uma remessa egual, relativamente a negocios de *enfeites de cabeça*, era mau!

Não, não era, porque dentada de cão, cura-se com o cabello do proprio cão!

Mas, o Sr. Dr. Guimarães não o deve fazer, porque não está isto no seu caracter de homem honrado, tanto mais sendo um homem escolhido pelo povo para representar a provincia!

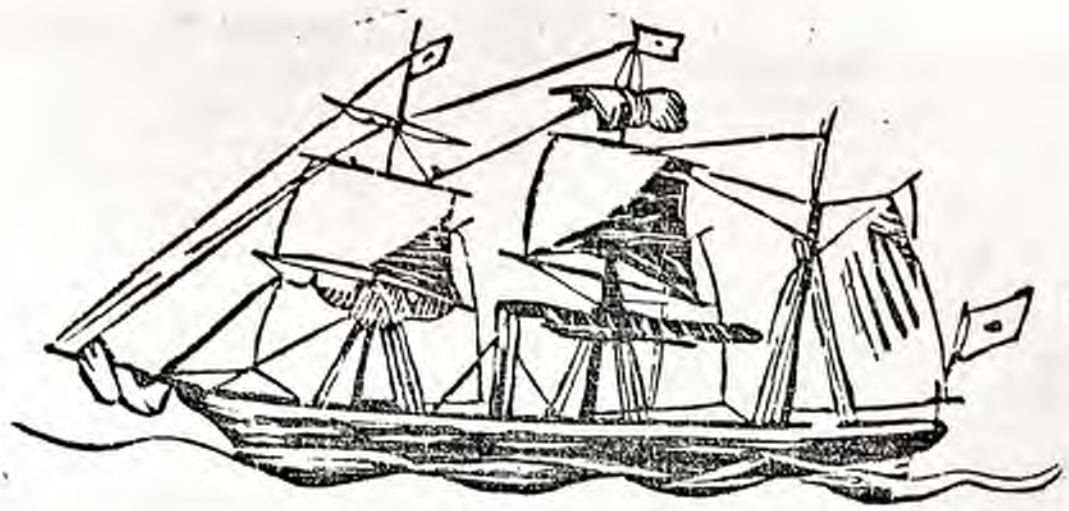
Que gente, meu Deus, perdoae-lhes que não sabem o que fazem!

ANNUNCIOS.

Roga-se ao Sr. J. M. B. L., com venda na freguezia de Sant'Anna, que venha á rua dos Capitães para tratar do negocio de um relogio de ouro, que foi empenhado pela quantia de 15$ rs., cuja quantia já está paga, e o mesmo Sr. vendeu o relogio, avaliado em 60$ rs. e o mesmo passou um fica para pagar em 30 dias e até o presente não appareceu. Bahia 2 de setembro de 1868.

Deseja-se fallar com o Sr. Antonio Joaquim Rosendo, na venda n. 51, á Quitandinha, ou no chafariz de S. João, em Santa Barbara.

Quem precisar de uma ama, para carregar creanças ou para reger uma casa, dirija-se a Portas do Carmo n.º 69.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 41.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie d 40 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 12 DE SETEMBRO DE 1868. N.º 408

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de setembro de 1868.

Não houve expediente.

—Que gente, meu Deus!

Especularem com o estado de pobreza de um moribundo, para comprar-lhe a consciencia!

Quem foi capaz de ir ao leito do soffrimento tentar a um miserando, que luctava com as vascas da morte, prestes a comparecer ante o Juizo Supremo, do que mais não será capaz?

—E' Satanaz perdendo as almas.

—E' o ultimo degrau do aviltamento e degradação da humanidade!

—Mas isso tudo a que vem?

—O Sr. não entrou hontem na Sé?

—Não.

—Si entrasse, veria, encostado ao altar de Santo Antonio dos Pobres, um esqueleto semivivente. Era Francisco Candido Vieira, maior de 70 annos, morador á rua d'Ajuda, phthysico no ultimo grau, que ha tres dias recebeu o Sacramento da Extrema-Unção, que para alli fôra carregado em braços, para dar seu voto nessa saturnal, a que chamam eleição, comprado por quatro mil réis, que não lhe pagaram!

—Viva a liberdade do voto, meu rico!

—O infeliz, atacado pelo abalo do caminho, por duas vezes pediu, com voz arrastada que o levassem para sua casa, mas os deshumanos não se commoveram, nem se envergonharam de acção tão baixa e o fizeram esperar até a chamada do quarteirão em que mora.

—Barbaros!

—Para eterno padrão de gloria de quem a praticou, felizmente, estava presente o Sr. Dr. Fernandes da Cunha.

—Camboatá é que suja agua.

—E alma ruim é que faz visagem.

—Ora veja que acção torpe e pequenina, tão pequenina como a alma do sandeu que a praticou.

Na terça-feira, indo o Exm. Sr. Dez. Luiz Antonio á freguezia de Sant'Anna, começou o povo a victorial-o; um desses entes rasteiros, que só podem ter de grande o immenso e saliente bojo, pelo qual se tornam conhecidos, poz-se a dar *porrutos*, julgando com isso poder entibiar o legitimo enthusiasmo popular.

—Deitava pela bocca o que lhe cresce no estomago.

—Forte azemola!

—Não dê cavaco, si eu, ao passar junto de um sendeiro, receber delle um couce, não tenho de que me admirar.

—Tão mesquinho e vil procedimento deve envergonhar aos que tem por correligionario individuo tão baixo e ridiculo.

—Cousas, cousas.

Tambem na Sé, quando elle recebia ovações, houve quem desse foras.

—Sei quem foi; um birbante que, apezar de sua patente, ia para ali provocar, e que hontem, guardando um grosso cacete na loja do capitão Benjamim, dizia:—*guarde este porrete, que acabou de bater nas costas destes liberaes safados.*

—Alludia a um pequeno conflicto, que houve, e de que elle aproveitou-se para dar cacetadas a torto e a direito.

—Que moralidade de homem! sahir de sua casa com cacete para brigar!

—Os excessos, venham donde vierem, são reprovaveis; mas, parece que, quando praticados pela opposição, ha uma certa desculpa, pela desigualdade na lucta; porem, que os chamados governistas sejam os incitadores das desordens é cousa inqualificavel.

—E em cima se inculcam de moralisadores!

A BUSCA D'AGUA NOS CHAFARIZES.

—Ora, não se dá cousa assim!... forte desaforo! pois estas negrinhas não deixaram a casa ficar sem agua?

Grita raivosa D. Quiteria, indo ver os potes e achando-os vasios. Comtudo, suas duas negras, ha boas duas horas, foram ao chafariz, que é bem perto de casa. Que diabo fazem ellas no chafariz, ha tanto tempo!

A busca d'agua nos chafarizes, para negras que vivem empregadas no serviço de casa, é uma felicidade, que ellas apreciam em extremo, e por isso, quanto mais ali se demoram, mais gosto sentem, ainda que em chegando em casa levem pelas ventas algum bofetão da senhora.

Os chafarizes são para as pretas captivas o *rendez-vous* de seus amores, o logar onde desabafam as raivas dos senhores e senhoras; a sala de visita onde recebem as amigas, o escriptorio onde pagam suas dividas de ciumes e tratam em magna sociedade das acções, que vêem praticar em casa. Negros e negras, de bons e maus senhores, alli se encontram, e grandes cousas se decidem, emquanto corre a agua da bica com doce e suave murmurio.

Não é pois raro ver muitas vezes, em um mesmo chafariz, uma negra que se derrete para o seu Adonis côr de carvão, e lhe dá desculpa de não ter vindo na vespera ao chafariz, porque foi com sua senhora passar o dia n'uma casa: outra que briga, profere palavradas e rasga a companheira, porque lhe empurrou o barril para fora da bica: uma que enche o pote chorando e rogando pragas ao senhor, que lhe deu uma esfrega de respeito: outra, finalmente, que, em companhia das amigas, como si ninguem a esperasse em casa, como si ali só tivesse vindo para palestrar, relata os namoros da yayasinha, as cabelleiras de seu senhor e as fugidas que faz o sinhôsinho de casa, á noite, sem que ninguem saiba, para ir dormir fora, julgando todos de casa dormir elle em seu quarto bem socegado. São scenas estas todas proprias de um chafariz, e que fazem, por consequencia, com que não voltem as negrinhas de D. Quiteria.

Essas negrinhas tinham ido ao Terreiro, e lá estavam demoradas, querendo dar a sua senhora os previlegios de papagaio, por isso que a deixaram sem agua em casa.

—Não sabe V., tia Violante, dizia uma dellas no chafariz, o que aconteceu em casa?

—Que foi?

—Sinhasinha tanto andou, até que achou.

—Que foi que ella achou?

—Ora, gentes, V. não sabe o que foi não? Foi na chuva e molhou-se.

—Está bom! nunca ninguem me disse isto!

—Pois bem! achou, e meu senhor inda não sabe de nada. Eu ouvi minha senhora estar dizendo que sinhasinha hade casar. Si yoyô Cazuza não quizer, que ella então conta a meu senhor.

—Que está me dizendo! Germana, V. tome sentido. Olhe, negocio de branco é negocio fino. Toma sentido, negrinha!

—Deixe estar, tia Violante, eu que me importa? Cousa de branco é cousa de branco.

—Tia Nicacia, adeus, dizia a outra, minha senhora está bem zangada. Vm. não leva roupa nem nada. Meu senhor já brigou.

—Negrinha, vá s'embora, V. não sabe que está dizendo.

—Está bom, que me importa!

E ambas, depois de haverem pauteado bem, lá vem com o pote na cabeça, pelas Portas do Carmo, bem a seu gosto, e no caminho se derretendo com os tios, que foram ao chafariz tambem encherem seus barris; e antes de chegarem á casa inda fazem meia duzia de paradas e contam meia duzia de historias, até que chegam e se desculpam dizendo que havia muita gente no chafariz, que as bicas estavam occupadas e que os galés tomaram conta dellas; e outras carcavias semelhantes, que uma pobre dona de casa não tem remedio sinão aturar.

A busca d'agua nos chafarizes é uma cousa agradavel para as negrinhas de casa, e dá não poucos cuidados a certos donos de casa, que parecem não dormirem para fazer sahir os negros para a fonte, logo as quatro horas da madrugada, o que para negros é bem duro, porque faz frio; e dizia a velha Monica, velha

que podia ser citada como um compendio de dictados, que, si os pretos soubessem que no ceu fazia frio, nenhum queria ir para lá.

E' raro tambem, encontrar uma negra que indo ao chafariz não vá cantando. Parece que buscam nas cantigas de seu paiz, si são africanas, allivio para as fadigas do trabalho, pois é de suppor que sintam este carregar de agua todos os dias para os dois e tres banhos, que toma sua senhora e a lavagem da roupa de casa. Quem morar em caminho de chafariz ouvirá muita vez, estragadas, estropiadas e horrivelmente desfiguradas, as bellas e sentimentaes modinhas, postas na bocca das creoulas do paiz. Escutando-as a sinhá moça, quando as cantá no seu piano, dir-se-hia, que buscam o caminho do chafariz, onde ao menos são livres para ensaial-as e cantal-as, conforme mais ou menos lhes ficou em memoria.

Ha ainda alguem que muito aprecia a busca d'agua, ou necessidade que tem os senhores de beber e lavarem-se, e este alguem, é a turba magna de capadocios, que se ajuntam nas fontes para fazer as suas conquistas. Esses heroes da boa vidá, da vida sem cuidados e para quem tudo está bem, vão ao chafariz, para se divertirem, como vae um moço de educação ao theatro para ver a sua namorada, ou como passa um amavel pela rua de seu bem, para rasgar-lhe um cortejo. No chafariz pauteam, dão risadas e fazem muita cousa mais que fica em silencio.

—Oh! o buscar agua no chafariz é uma felicidade para as negrinhas de D. Quiteria!

Á PEDIDO.

—Capitão, e esta!

—O que é, rapaz?

—Estou de queixo cahido.

—O que lhe aconteceu?

—Venho agora da Sé, onde presenciei um facto, que me fez perder a tramontana.

—Sem preambulos, diga o que é.

—Altercando o Dr. Altino com um sujeito assim com ares de zaranza, rompeu por estas palavras:—«*Sr. Barata, meça a distancia que nos separa; veja que eu sou um bacharel e V. um simples artista.*»

—Sim?!

—Bem diz o ditado que ha males que vem para bem. Si não se dá este incidente, eu não sabia que artista em nossa terra só tinha prestimo para dar voto a bacharel.

—Ora V. dando pezo a estas cousas, que não passam de exaltação de eleições. E depois o Dr. Altino ainda é creança.

—Ah! meu capitão, quanto mal me fez meu pae em não empregar todos os meios para me dar um pergaminho!

UM PEDIDO

Ao Illm. Sr. tenente-coronel commandante do 1.º batalhão de infantaria da guarda nacional, para que dê suas ordens, afim de que seja pago de seu soldo, o 2.º sargento J. Pereira de Castro, aquartelado até 17 de agosto p. p., dia em que foi dispensado do serviço por ordem do commando superior, e não sendo justo que esteja elle até hoje no desembolso, quando acredita que os cofres publicos já dispenderam a necessária quota para seu pagamento, pede a S. S. ordens para que seja elle effectuado quanto antes.

—Capitão, o muxingueiro está desoccupado?

—Para que, meu claro?

—Para ir até o becco da *Aguilhada*, metter o calabrote na cara do cynico e immoral caixeiro da taverna que alli ha.

—Para corrigir a torpeza e bandalhice, nunca ha impecilios á bordo deste navio.

—Então é um serviço que V. Ex. presta a moralidade publica.

—Comtudo, desejo apreciar o motivo de sua queixa.

—Aquelle desavergonhado e bregeiro tem prohibido, com sua devassidão, que as familias da ladeira da *Doença* possam chegar á janella. Sem respeitar a decencia, faz da tasca de que é caixeiro, covil de tudo quanto é vadio e mulher ociosa e alli pratica as mais indecentes e reprovadas acções.

—E o amo não sabe disso?

—O amo não sei que diabo de *intima familiaridade* tem com elle, que fecha os olhos a todas as suas depravações, apezar das repetidas queixas que tem recebido contra o insolito procedimento de seu caixeiro.

O bargante intrigou-se com uma familia, porque obstou a que elle andasse á noite, pulando a cerca do seu quintal para ir ter com as escravas de certo visinho, e então desabafa-se em mandal a insultar atrozmente pelo sequito que ajunta na pusilga. Alem dos gestos e torpes acionados, que são dirigidos, um dia destes teve o inaudito e intoleravel atrevimento de mandar um moleque arriar as calças e pôr-se em attitude de *panno d'amostra*, para a dita casa, o que, comprehende V. Ex., offende geralmente o pudor de todas as familias do logar.

—Mas o Sr. deve se dirigir ás authoridades competentes.

—Eu confio em V, Ex.

—Agradeço-lhe. Vou já expedir terminan-

tes ordens para pôr um paradeiro á tão irregular procedimento.

—E eu prometto voltar á V. Ex. com certos documentos a respeito do amo do tal casmurro, que provarão que a moralidade delle, está em perfeita identidade com a de seu caixeiro.

—Esta só da cachola do Sr. Dr. Altino!

Pois o Sr. Dr. Altino dizer ao Sr. Barata que medisse a distancia que os separa, visto que elle era um bacharel e não um artista!

—Quem disse isso, foi o Altino?

Um homem, que, ainda hontem pedindo votos ao Sr. João Bispo, disse que era conservador, mas tinha um coração liberal, que considerava todos os homens seus eguaes!

Ora creia-se nesta gente!

O Sr. Barata não podia bacharelar-se, porque o pae deste artista não *leu a historia do livro azul*.

Ja uma vez disse esse bacharel, quando se casou, que, si tivesse filhos, não haviam sentar-se na tripeça do sapateiro; hoje manda o o Sr. Barata medir a distancia que separa o artista do bacharel. Mas isto so se ha de ver no Brasil, onde os artistas são disprestigiadas por esses bachareisinhos.

—V. está muito afogado; veja que o homem hoje é subdelegado.

—E que me importa com o odio do Sr. Dr. Altino?

Quando se trata de desprestigiar as artes, eu fecho os olhos a qualquer consideração.

—Bravo! E' assim que deve ser o artista honrado.

Vamos esperar pelo Sr. Dr. Altino nas proximas eleições.

Sr. redactor.—O abaixo assignado faz publico, que tendo uma sobrinha de nome Joanna, a qual o abaixo assignado coadjuvou para se casar, a bem de honral-a, como justamente casou-se, na casa do abaixo assignado, tanto porque o marido já se não queria casar, e tambem por ter posto a corôa de Nossa Senhora na cabeça do filho da referida sua sobrinha, e a mulher do abaixo assignado foi quem o levou para a egreja e o criou com todo mimo até a idade de séis annos, e como o dito menor se achava doente de sarampo, nem só este como mais dous filhos desta sobrinha e o marido della, ha mezes doente de cama, a mulher do abaixo assignado pedin para ir ajudar o tratamento destes menores, visto a dita sobrinha estar só.

Com effeito, o abaixo assignado levou sua mulher no dia 30 de agosto p. p. e lá esteve até o dia 5 do corrente.

O agradecimento que essa féra, que se não pode tratar por outro nome, e mesmo por tyranna, vibora, piranha e cainana: visto esta féra se envenenar no referido dia 5 e dar na mulher do abaixo assignado, tendo elle deixado em sua confiança por ser sua sobrinha e comadre, o pago que deu foi espancal-a depois de envenenada, com cinco dentadas: duas no peito, uma no seio direito, uma no braço direito e outra no dedo da mão do mesmo braço; todas estas perigosas, achando-se a offendida em perigo de vida, alem das mais contusões que fez na face e no corpo da mulher do abaixo assignado. Sendo este facto acontecido na rua de S. Miguel, ás 10 horas da noite, por isso o abaixo assignado leva ao conhecimento do publico a ingratidão desta féra. Bahia 10 de setembro de 1868.

Antonio Dias do Amaral.

VARIEDADES.

CÃO INTELLIGENTE.

Conta uma folha franceza que ha em Pariz um sujeito, que tem um cão tão intelligente que sabe ir diariamente a um dos kiosques do bairro das Tuilherias comprar o periodico *Union*, entregando ao vendedor o dinheiro que leva embrulhado em um bocado de papel.

Mas ainda ha mais do que isso. O dono do cão fallava dessa prenda a certo amigo, e como este lhe dissesse que poderiam enganar o animal, respondeu:

—Mas elle não se deixa enganar.

—Imagine que lhe dão outro periodico.

—Não pega n'elle.

—Experimentemos.

Com effeito, e amigo foi ao kiosque, e concertou com o vendedor de periodicos que apresentasse ao cão ao mesmo tempe a *Uuion* e o *Siecle*.

Então o dono do animal disse a este:

—Abstrakan, o periodico.

O cão recebeu a moeda que lhe dava seu dono, e foi correndo em direcção ao kiosque.

Chegando o vendedor apresentou-lhe dous periodicos dobrados. Abstrakan olhou para elles com attenção, como si quizesse ler os titulos, e reconhecendo o do costume, apartou o outro desdenhosamente com o focinho, e levou a seu dono o que devia levar.

O *Maire* de uma das mommunas dos arredores de Paris, acaba de mandar escrever em letras negras na porta do cemiterio o seguinte:

«Aqui so se enterram os mortos *que vivem* na commuua.»

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. Serie 41.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 15 DE SETEMBRO DE 1868. N.º 409

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de setembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que faça advertir ao dono de um botequim, na Praça, que, embora tenha o seu escriptorio de *divertimentos licitos* nos fundos do mesmo, deve comtudo prevenir aos *parceiros* que não façam tanto barulho, incommodando os visinhos em horas tardes da noite. O que se espera.

—Equidade ás canhotas.

A meza eleitoral da freguezia da Sé, que consentiu Leopoldino José de Moraes, supplente de subdelegado, votar com o nome de Leopoldino José do Monte, havendo na freguezia um individuo com este nome, é a mesma que tira votos ao Dr. Antonino Emiliano de Góes Tourinho, pela simples falta de um—*n*—por terem alguns votantes escripto Antonio, em logar de Antonino!

—As cousas deste mundo são assim, tanto escrupulo em certas cousas e tanta facilidade n'outras.

LA VAE VERSO.

A HARMONIA DOS BRASILEIROS.

CANÇÃO POPULAR.

N'uma quadra de agonia,
De guerra com o estrangeiro,
Disse o throno: «haja harmonia
Entre o povo brasileiro.»
Disse; e pega n'um partido,
Sem o voto da nação,
Arma-o todo, e enfurecido
Sobre o outro o lança então,
—Sagrada sabedoria,
Deus te pague esta harmonia!

Que extrema fidelidade
Entre as palavras e a acção!
Apregoar irmandade,
Lançar irmão contra irmão!
D'um dia para uma noite
Bradar: «Paz!» e armar a tenda;
Chamar a abraços, e o acoite
Entregar para a contenda!
—Sagrada sabedoria,
Deus te pague esta harmonia!

Que *salutar pensamento*
De *nossa constituição*,
O nosso *congraçamento*
Por meio da *reacção!*
Unidos desagravemos
A bandeira nacional,
E *reagidos* saudemos
A lembrança imperial!
—Sagrada sabedoria,
Deus te pague esta harmonia!

Com esta concordia, sim,
Apparece o patriotismo,
Some-se Lopez no abysmo,
Caxias o engole, emfim.
Chamem-no chefe malandro!
Já lá pousa-lhe no elmo
A victoria, que Timandro
Lhe envia, como santelmo!
—Sagrada sabedoria,
Deus te pague esta harmonia!

Quando o dinheiro e o sangue
Na luta se esvae externa,
Que importa que mais exangue
Torne a patria a briga interna?
Bemditos sejam os planos
Do novo Machiavel,
Que sabe de acerbos damnos
Extrahir tão doce mel!
—Sagrada sabedoria,
Deus te pague esta harmonia!

Marino Faliero.

(*Do Diario do Povo.*)

Á PEDIDO.

—Capitão!

—Diga-se.

—A qualificação de Sant'Anna não foi nulla porque um dos mezarios ia para a repartição, assignava o ponto e de lá empinava-se para vir funccionar na meza?

—Foi o que li.

—Mas isso é um *gauderio*.

—Não estou lhe perguntando.

—Não quero dizer que empalmação.

—Faz favor de retirar-se?

—Assim é que são as cousas! De maneira que o cujo chupará os cobrinhos da mãe patria de *bobis a nicos*, porque nem V. Ex. quer me ouvir, nem quem deve zelar por estas cousas se commove!

—Olhe que V. quando morrer, hade ter mais *bastos* diabos te levem, do que chaminés em Roma.

—O presidente da provincia destacou magistrados pelas freguezias para observarem, aconselharem e representarem sobre quaesquer emergencias, que entendessem prejudicar a validade das eleições.

—Menos para a Rua do Paço, Penha e Victoria.

—Ah! tambem nessas o pleito correu tão *suave e placidamente* que S. Ex. faltaria á imparcialidade que o distingue, si para lá mandasse juizes.

—Sim.... aquillo é mesmo um mar de rosas.

—Consta que o Sr. Ovidio offereceu-se ao governo para ir bater os *rebeldes* nos Lençóes.

—E é bem capaz. O homem já mostrou para quanto presta, na Sé.

—Pois olhe; eu entendo que quem *tem seu genio bellicoso e disposições de luctar deve preferir fazel-o por uma melhor causa*, que é marchar para o Paraguay.

—Ora, só se dando com uma *banana*.

—O que é isso lá!... Nada de offender á modestia.

—Mas quem é que pode ver impassivel o cynismo e descaro, com que um *conservador da Sé* diz no *Jornal da Bahia* que o *Tio Candinho, antigo votante do lado conservador da Sé, não obstante o seu estado de molestia, quiz ainda uma vez dar a seus amigos uma prova de sua gratidão a elles e de seu enthusiasmo pelo lado a que sempre acompanhou com fidelidade!!!*

—Querem tapar o sol com uma peneira.

—*Tio Candinho*, homem completamente *massa bruta*, como se costuma dizer, sem a mais leve noção de politica, que nunca se involveu em partidos, precisando de viver sempre bem com as authoridades, fosse qual fosse seu credo, pelos continuados processos a que dava origem seu genio turbulento, quando moço; levando seu enthusiasmo e fidelidade ao partido conservador ao ponto de arrastar-se do leito da morte, acabrunhado de dôres, sem forças, movido por mãos de outrem, para ir a Sé votar!

Ora isso é mentir impudentemente.

—O fallecido senador Eusebio, o mais decidido proselyto da ideia conservadora, não levaria sua dedicação á tamanho sacrificio.

—Qual será o homem, que, vendo approximar-se a hora tremenda, em que tem de dar contas a Deus, martyrisado de soffrimentos, se lembre de eleições?

—Nem um reprobo, porque as dôres corporaes não lh'o permittiriam.

—Si o tal *conservador* dissesse que Francisco Candido sempre fez do voto negocio e que até na hora suprema quiz transigir com elle, tentado por quem no leito da agonia foi especular com a miseria, bem.

—Ramificada como está a companhia do olho-vivo, é preciso andar uma *sentinella invisivel* atraz de cada um delles.

—Perde seu tempo.

—Agora mesmo, estou por saber qual foi o larapio que, para extorquir de um commerciante dinheiro, tramou uma intriga que ia dando funestos resultados.

—Não se consuma, que *mais cedo* ou mais tarde ha de se descobrir.

O BACHAREL ALTINO RODRIGUES PIMENTA.

Não tenho remedio sinão apparecer pela primeira vez na imprensa. O meu proposito de não responder a anonymos desapparece hoje á necessidade indeclinavel que tenho de desmacarar a calumnia, que pretende audaz marear o meu nome com a sua baba nojenta.

Alludo a uns escriptos publicados contra mim no *Alabama* de hontem e nos quaes feramente se me calumnia, plantando-se uma intriga perversa entre mim e a briosa classe dos artistas.

Mercê de Deus! não póde prejudicar-me o plano infernal dos meus desaffectos politicos, e maxime na freguezia da Sé, onde resido e a cujos artistas, meus comparochianos, tenho felizmente, pelo contacto immediato com elles, podido ter occasião de dar inequivocas provas da consideração e estima que lhes presto. São por demais conhecidos os meus sentimentos n'este sentido: a posição do artista jamais o deshonrou, pelo contrario é elle sempre nobre quando o seu caracter o eleva, quando as qualidades de um homem de bem o distinguem.

Sou do numero d'aquelles que avaliam os individuos pelo que elles valem, pelas qualidades d'alma e nunca pelas posições sociaes que occupam. Querer-se, pois, emprestar-me a odiosidade de uma calumnia ascorosa, como a que ahi no *Alabama* se fez publicar contra mim, é uma infamia, que só pode assentar perfeitamente em homens, que debalde procuram medir a todos pela sua bitola.

Dando mesmo de barato que algumas palavras menos convenientes (porem nunca as que publicou o *Alabama*) tivesse eu dito ao já muito conhecido *Barata* em represalia ao desrespeito com que durante todos os tres dias de chamadas dos votantes fui sempre tratado por esse individuo, querer-se d'ahi tirar uma offensa á briosa classe dos artistas, a quem tenho prestado sempre sincera adhesão e amisade, é uma pretenção estupida, que não pode revelar outra cousa alem da mà vontade com que a opposição olha para todos aquelles que lhe não curvam os joelhos.

Barata não merece o nome de artista; um individuo que já por duas ou tres vezes tem vindo a minha propria presença por queixas para entregar elle obras que toma para fazer, e que não restitue a seus donos; um individuo de uma vida publica conhecida, como é a de Barata, parece que diante de todos os homens de bem, para quem appello, é o menos competente para pretender enchovalhar de publico a caracteres que se respeitam, e ainda muito menos competente para, sob o nome respeitavel de artista, querer, em mal de minha pessoa, chamar a si o apoio e a razão da classe, que de nenhum modo pode honrar-se de acceitar em seu seio tão *respeitavel cavalheiro*, que de taes foros não pode ter jamais as honras.

Creio que de sobra me tenho justificado não so perante o publico e os meus amigos, porem, particularmente, perante a distincta corporação dos artistas, ante a qual, miseravelmente calumniando-se-me, tentaram fazer-me parecer um homem muito diverso d'aquelle que realmente sou, e, pois, declaro, terminando, que não mais responderei a anonymos; qualquer que seja a pessoa, que deseje ferir-me com insinuações estupidas, tenha a coragem precisa para assignar-se, como me assigno, assuma a responsabilidade moral e material d'aquillo que disser contra mim, levante a viseira, seja cavalheiro, e eu estarei firme na estacada.

ALTINO RODRIGUES PIMENTA.

(*Do Jornal da Bahia*).

—O Dr. Altino veio á imprensa para desculpar-se de que não lançou uma offensa á classe dos artistas, na pessoa do Barata.

—Mostrou que é homem prudente.

—Mas, que diria o Dr. Altino, si eu apresentasse o testemunho de mais de dez pessoas, insuspeitas para elle, que lhe ouviram sahir dos labios taes palavras?

—Porem elle já declarou que não responde a anonymos, que pretendem feril-o com insinuações estupidas.

—Isso mesmo quer dizer alguma cousa.

—E aquelle *dando mesmo* de barato *que algumas palavras menos convenientes* tivesse eu dito *ao já muito conhecido* Barata, não significa nada?

DESAFIO POETICO

Entre o Manuel dos Papagaios, o Massada, o padre das Ambrosias e o Joaquim Parteiro, todos quatro em casa da cabra Martiniana.

Parteiro.—Ora sabem que mais? Hoje é dia dos annos de Martiniana e por tanto devemos improvisar alguma cousa á saude della.

Manuel.—Neste caso devo eu dar o motte por ser o mais graduado.

Massada.—Enganou-se, meu rico; o motte toca ao padre mestre, por ser homem da egreja.

Todos.—Pois va lá, seja o reverendo.

Padre.—O motte, será o seguinte de Bocage, para fazer-mos umas colcheias.

Manuel.—Que diz, Sr. padre? Colchêtes? Que qualidade de poesia é esta?

Todos.—Ca, ca, ca.... são uns versos de dez pés chamados decimas obrigadas.

Parteiro.—Venha o motte, padre mestre, que quero atiçar ja uma.

Padre.—La vae elle—

Barbara lei do meu fado,
Triste de meu coração!

Manuel.—Peço nota, o motte é triste, por que falla em barbaridades; porem passa, por que descorreremos em termos alegres.

Padre.—Attenção, meus senhores; á saude do dia—

Barbara lei do meu fado
Triste de meu coração.

COLCHEIA

Eu podia estar casado,
Com certa moça faceira,
Porem ella quiz ser freira,
Barbara lei do meu fado!
Eu, que no tempo invernado
Sinto grande frouxidão;
Eu que durmo sem colchão
Para não causar mau cheiro;
Andar vivendo solteiro!
Triste do meu coração.

Massada.—Bravo, bravo! So o que não achei bom, foi V. Rvma. fallar em mau cheiro, n'um dia de annos de uma senhora honesta. Pois la vae a minha—

Pau de pinho é taboado,
Cara de osso é caveira,
Talo grande é bananeira,
Barbara lei do meu fado!
Todo funil é furado,
Salto de bota é tacão;
Fructa amarella é mamão,
Soldado leva chibata,
S'eu não vir mais a mulata
Triste do meu coração.

Manuel.—Muito bem, muito bem, Sr. *Massada*, V. sempre mostra que é creado de estudante. Com o devido respeito—pá, pá, pá—

Fico todo embasbacado,
Quando vejo a Michaela,
Porem, si bate a janella,
Barbara lei do meu fado!
Mas eu que sou costumado,
A punir malcreação,
Entro um dia de bordão
E dou tanta cacetada,
Que ha de gritar esfalfada
Triste do meu coração.

Vou repetir a dose—

Eu conheço um namorado,
Que é perdido por meninas,
Anda a glozar nas esquinas
Barbara lei do meu fado.
Certa noite, de um sobrado,
Deitaram-lhe um cangirão,
Passou pela cara a mão
Cheirou e viu que era a *pura*,
Disse a pobre creatura:
Triste do meu coração.

Parteiro.—Eu ja esperava da pouca civilidade dos Srs. isto mesmo; estão a glosar sem me darem occasião de brilhar, como si eu fosse o filho de mãe Chica; pois agora quero eu tambem e por tanto calem-se, por que nesta casa tenho mais direito.

Existe no caes Dourado
Um tal José Braz Quiteria,
Que grita a fingir miseria
Barbara lei do meu fado.
O velhaco é refinado,
Furta em crusado um tostão;
Não janta sinão cação;
No dia que furta pouco,
Põe-se a gritar como louco
Triste do meu coração.

Padre.—Quero eu arrematar com a ultima meus senhores—

Todos.—Pois va lá e depois será o brinde de honra a dona da casa

Eu sou muito apaixonado
De diversas frigideiras,
Mas atacam-me as caseiras;
Barbara lei do meu fado.
O comer, que é temperado,
De noite faz podridão;
Eu que não jogo gamão,
Nem no pacau faço vasa,
Quando fico a noite em casa
Triste do meu coração.

VARIEDADES.

MANDAMENTOS PARA AS DAMAS.

Os deveres da mulher são dez:

O primeiro, amar a um só homem sem ser coquette com os outros.

O segundo, não jurar em vão até casar-se.

O terceiro, ouvir missa e confessar-se sem ser beata.

O quarto, honrar com palavras e acções a seu marido.

O quinto, não matal-o a desgostos pedindo-lhe impossiveis.

O sexto, saber manejar o leque para afugentar *certas moscas*.

O setimo, não furtar uma hora á costura para dedical-a ao espelho.

O oitavo, não murmurar, nem mentir grandezas apparentes.

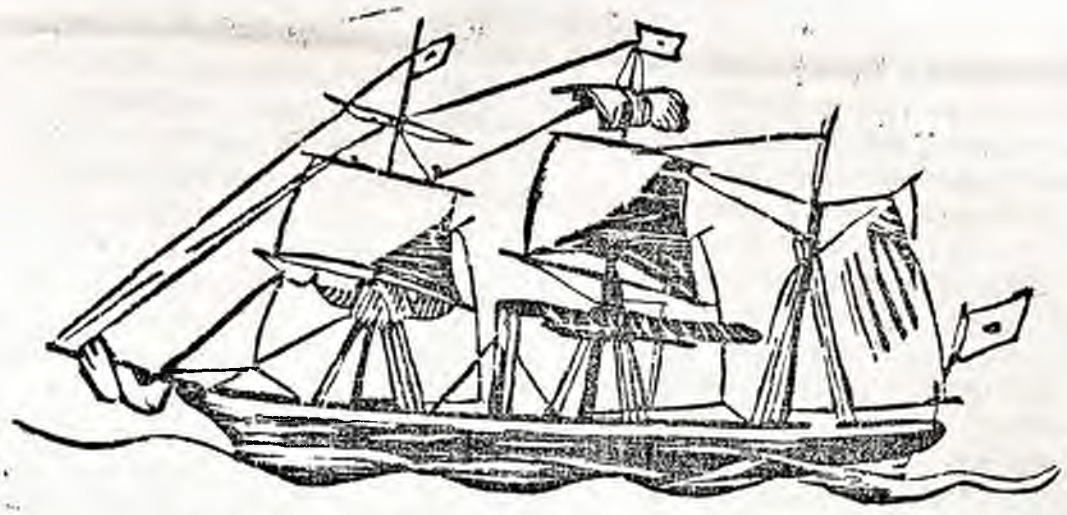
O nono, não desejar mais de um marido.

O decimo, ler quanto possa e instruir-se, sempre que sua instrucção seja encaminhada em bem da sociedade e da familia.

Dizia o chefe de policia a um mendigo filado na vespera;

—Então não tem domicilio certo?

—Tenho, Exm. Durmo sempre no mesmo degrão da egreja da Candelaria.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. **Serie 41.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie d 40 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 17 DE SETEMBRO DE 1868. N.º 410

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de setembro de 1868.

Acto.—O capitão do *Alabama*, attendendo á falta de significação e á incoherencia nos nomes de differentes ruas desta cidade, resolve, por acto desta data, dar ás ruas, que se seguem, as denominações appensas:

A rua do Bacalhau, se chamará dos Zuavos, a que segue da praça dos Veteranos á Barroquinha, rua dos Voluntarios da Patria; a que segue da porta do Dr. Junqueira e vae terminar na estrada da Independencia, rua de Labatut; a do Tinguí, rua dos Couraças; a dos Carvões, rua de Pedro 1.º; a Cova da Onça, Margem do Ypiranga; becco das Morôas, becco da Passagem de Itumaitá; a dos Carvoeiros, rua de Marsilio Dias; o becco dos Sete Candeeiros, becco do Silveira da Motta; a rua do Saboeiro, rua de Mariz e Barros; a travessa do Tira-Chapeu, travessa de Maurity, etc , etc.

Ordena, portanto, que neste sentido se expeçam as necessarias communicações.

O immediato Lima Bárbosa faça registrar á bordo o presente acto.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando lhe que, acompanhado do muxingueiro, vá a um recanto no principio da ladeira do Taboão e espante duas almas, que alli andam a fazer *visagens* toda noite, encarapitadas na escada de pedra, que ha nesse logar, com risco de assombrar, com tanta *momice* que fazem, a quem por ali passa depois de nove horas; e, como pode ser que a alma do homem seja de algum sujeito d'ali mesmo, que ande penando, dirija-se a um creoulo estabelecido nessa rua para que lhe dê solução de quem foram as pessoas, que ultimamente morreram ali, para lhe mandar fazer um suffragio de correcção. Cumpra.

—Capitão, é certo que na Sé votou um moribundo?

—E'.

Um sujeito alquebrado pela edade, cadaverico pela molestia e que, para se ter em pé, precisava de ser seguro por outro.

—Pois em Sant'Anna deu-se caso egual. João José d'Azevedo, alfaiate, de 65 annos de edade, para votar, foi carregado por duas pessoas.

—Foi a espontaneidade do voto quem fez esses milagres. Até os defuntos levantaram-se de seus tumulos para virem testemunhar seus enthusiasmos pelas parcialidades a que pertenceram.

—Estas irmans de charidade, em civilidade e cortezia, não ha quem as ganhe.

—Já V. tardava.

—Em um dia destes, foi uma pessoa ver no hospital uma filha douda, o que só poude alcançar depois de mil difficuldades, indo até se empenhar com a superiora na ladeira do

Alvo; ao retirar-se, perguntou a uma *charidosa* quando lhe dava licença para ver de novo sua filha e da *humilde irman* a resposta que ouviu foi levar a grade nas ventas!

—Entretanto, quem as vê de olhos enterrados no chão, diz que ali está a sanctidade em carne e osso.

—A pessoa animou-se a entrar segunda vez e pergntar de novo quando poderia voltar, porem a irman, voltando as costas de um modo brusco, disse—*não tem resposta!*

—Que quer? Si ellas fizeram daquella casa seu patrimonio, são ali senhoras absolutas.

—E andam por ahi a encarecer com tantos dotes essas mulheres, que até no tratar são tão grosseiras!

—Votou um paraguayo na Sé.

—Não diga isso, homem.

—Affiânço-lhe porque vi.

—Miseria! vergonha!

—Estou informado de que chama-se Fulano de tal Mirandez, foi creado por algum tempo do Exm. Sr. Dr. Fernandes da Cunha e votou com o nome de um carroceiro empregado na limpeza.

—Isso parece um sonho.

—Quem o trouxe para a Bahia disse-me que é natural de Itapua, filho de um portuguez e de uma paraguaya.

—Que desgraça!

—E' verdade que a meza, fazendo merecida justiça ao caracter dos que a compunham, não podia estar habilitada para reconhecer a identidade de todos.

—A miseria é de quem não sentiu corar-lhe o rosto de pejo, lançando mão do membro de uma nação nossa inimiga, que tanta desolação tem causado á nossa terra, para fim tão abjecto.

—Pois eu entendo que elle, quem quer que fosse, comprehendeu perfeitamente a força dos pasteis de nata: si o paraguayo serve para trucidar nossos compatriotas lá no sul, porque não será apto para, neste pleito de irmãos, prestar serviços a uma parcialidade?

—E o mais é que o tal paraguayto, depois que votou, ancho de sua soberania, gritava na porta da botica do Sr. Jatobá que já era brasileiro!

—Capitão, ouça este bocadinho que é de arroz de leite.

—Com tanto que não masse.

—Dizia hontem o Aranhas, na porta da botica do Jatobá, a um chefe conservador de S. Pedro...

—Xi! que lenga lenga comprida! Avie-se que eu tenho pressa.

—Em duas palavras.

Dizia o Aranhas—*«estive agora em casa do conselheiro P. L. onde vi carta do C. O. que dizia: isto por cá vae a ferro e fogo e eu aproveito este intervallo, para ir á Belgica ver meu filho. Comtudo, prefiro estar debaixo do CHICOTE dos conservadores do que sob o dominio dos progressistas.*

—Não está vendo que isso é mentira requintada? Aranhas gosta de vender suas *bullas.*

Um homem, em cujas veias corre o sangue mineiro, era incapaz de escrever tamanha baixeza.

—Alguem, que ahi se achava, advertiu-lhe de que isso era impossivel; porem elle disse que a palavra chicote fôra empregada figuradamente.

—Não creia; o homem usaria de outra phrase e não de termo tão aviltante.

—Tambem eu creio que sim.

—Agora, o que V. deve dizer é que certas pessoas devem andar prevenidas com os *passarinhos de orelhas* que esbibilhutam o que se passa em suas casas, para andarem espalhando, adulterando.

—Quanto a mim, tanto me dóe que ja me passou. Elles la se entendem.

—Entretanto, empatou-me V. boa meia hora em negocios em que não dezejo intrometter-me.

Á PEDIDO.

—Andam aquelles dous marrecos, como urubús atraz da carniça.

—Todos dous são uns *Manés.*

—Não lhe pareça.

—E ambos tomam fresco á sombra de uma frondosa *mangueira.*

—Assim me disseram.

—Um ouve missa todos os dias na capella de *Santa Thereza* e outro reza o terço em S. *Joaquim.*

—O que não sei é porque anda um a farejar os passos do outro.

—Negocios de *logração.*

—Hum!

—O devoto de *Santa Thereza* quer *cinzar* os olhos do outro.

—Meninorio!

—De sorte que o de S. *Joaquim* tanto *bispou* que foi pegal-o em *flagrante* aonde *canta o gallo*, e por isso anda de pulga na orelha.

—Esses *grillos* fora de horas...

—A cousa cheirou a murros e o subdelegado ja soube, tanto que anda atraz do rezador de terços para mandal-o para a casa de cachorro.

—Essa é boa! Isso é que se chama—alem de *paciente* aperreado.

—Que faz V. a estas horas aqui, rapaz? Este becco não é o de *Maria Chicra*?

—E'.

—E o que é que tanto espreita, estirando a cabeça como kagado?

—Estou daqui a observar um *passo*.

—Mau costume! Espiar a vida alheia.

—Não vê aquelle vulto encapotado, que passeia?

—Sim?

—Quer *embocar*.

—Aonde?

—Isso é que eu quero ver.

—E como sabe?

—Por um signal que o vi fazer.

Aquellas maldictas *costureiras* é que o estão empatando.

—Pelo geito, o ponto é impedido?

—Parece.

—Pessimo gosto tem esses homens de gostarem de se metter em emprezas arriscadas!

—Si a fructa prohibida não fosse tão saborosa, não tentaria Eva.

—E agora é que eu reparei que o sujeito tem ares de musulmano; traz na cabeça um gorro á especie dos crentes quando vão á *mesquita* adorar o propheta.

—Falle baixo, para não escabriar o cujo.

—Está bem, V. que tem pachorra para essas cousas, fique, que eu me retiro.

—E eu amanhan lhe darei conta do resultado.

—Que pedaço engraçado!

—O que é?

—Um Sr. Dr., que declara no *Jornal da Bahia* que votou por Francisco Gomes Moncorvo, e assigna-se no fim da correspondencia Dr. José Gomes Moncorvo.

—Bonito e rico!...

—Que vontade decidida de votar!

—Para uma justificação não ha prova mais authentica.

—Capitão, certo procurador de um convento, situado n'uma *solidão*, adoptou o engenhoso systema de regalar-se com gordas gallinhas, sem lhe custar dez réis.

—Bom! O viver não é nada, o saber é que é a cousa.

—Anda por casa dos conhecidos a pedir emprestadas gallinhas para tirar geração com um famoso gallo de raça, que diz ter, e quando as apanha, deita-as na panella.

—Homem, quem é esse finorio?

—Pelo bem-aventurado S. *Dionisio* lhe declaro que, si não temesse que V. Ex. dissesse que me *rebello* ás suas ordens, guardaria segredo; tenho medo do homem, por ser do forum.

—Vamos, diga.

—Chama-se..... *Sil*.....

—..... *Va* massar ao diabo; acabe com isso.

—Espere, capitão, deixe-me tomar folego.

—Retire-se, homem dos seiscentos, deixe-me despachar aqui o *Nogueira*, que traz negocio de mais interesse.

O ARTISTA MANUEL ELPINIO NUNES DE ARAUJO BARATA AO PUBLICO.

Principiarei pelas palavras do Sr. bacharel Altino. Não tenho remedio sinão apparecer pela primeira vez na imprensa para responder ao Sr. bacharel, visto que elle no seu escripto quer fazer crer que eu dou descaminho ás obras, que me dão para fazer, quando profere estas palavras: Barata não merece o nome de artista, um individuo que ja por duas, ou tres vezes, tem vindo a minha propria presença por queixas para entregar *elle* obras, que toma para fazer e que não restitue a seus donos. Todo o mundo vê a perversidade desta proposição: o Sr. bacharel Altino Pimenta entendeu que, me expondo a juizos desfavoraveis, se justificava, estreitando a distancia immensa, em que disse estar do pobre artista, em vista do seu pergaminho de bacharel, ou doutor, mas como o Sr. Altino não negue o facto e ao contrario só tractou de o attenuar, vou scientificar o publico do facto, a que allude o Sr. Altino.

Recebi umas obras para apromptar; houve demora, é verdade, como ordinariamente acontece em qualquer officina de artista; o dono appareceu, mostrei as peças, que estavam feitas; portou-se tão asperamente, que me foi preciso repellil-o; por isto foi elle ao Sr. bacharel Altino, que me mandou chamar, como subdelegado, expuz o facto, dando, como razão da demora o não estarem as obras todas promptas e aprazei dia para as entregar, nesse dia appareceu o dono, faltava porem um colete que eu tinha dado a outra pessoa, para fazer: nessa occasião mostrei as as peças promptas ao dono; este esbravejou de sorte que foi ainda necessario retorquir-lhe vigorosamente; tornou elle ao Sr. subdelegado Altino, em cuja presença ainda compareci; apresentando as obras. Eis pois como se deu o facto. Agora calcule o publico que valor merece o dizer o Sr. Altino que não restituo os obras que me dão para fazer. O Sr. bacharel se quiz justificar calumniando-

me vilmente, sem lembrar-se que este procedimento rebaixa a sua altura, e abrevia a distancia em que o põe o seu pergaminho de qualquer artista. Disse o Sr. Altino Pimenta que tem contacto immediato com os artistas; mas note o publico, e os artistas especialmente, que o Sr. bacharel Altino Pimenta, quando me quiz fazer comprehender a minha baixeza e a sua altura, me disse que— eu medisse a distancia que havia entre elle e mim; que eu era um artista e que elle tinha um pergaminho de *doutor:* logo esta mesma distancia está entre o Sr. Altino e qualquer artista. Disse mais o Sr. bacharel Altino que eu sou bem conhecido; mas eu vivo de meu trabalho, como vivem os mais artistas, nem jamais tenho soffrido a menor advertencia de authoridade alguma, como é publico, nem feito vida e obtido emprego por ser espião de policia.

Por agora só isto.

Bahia 16 de setembro de 1868.

Manuel Elpinio Nunes d'Araujo Barata.

—Capitão, ouça este caso que me contaram, o qual teve logar no sabbado.

—Conte-o sem commento.

—Um pardo, de nome José Philippe, entrou em uma loja de charutos, no becco do Peso do Fumo, pertencente a um portuguez conhecido por *Chico Careca* e encontrou este conversando com o *José Barbeiro*, que tem tenda junto delle, e é tambem portuguez, sobre a politica actual. Dizia *Chico Careca:*—Os negros estão muito ufanos agora, porque escolheram para chefe de policia um bode.

—Que desafôro!...

—Philippe, pede que lhe vendesse charutos de vintem; mas Chico disse-lhe—*aqui tem uma caixa de charutos de dez réis.* Retorquiu-lhe Philippe—*quero de vintem, senhor.*

Responde Chico—*os charutos de dez réis são proprios de negros fumarem.*

Philippe, ficando insultado com isso vae para retirar-se, quando o José Barbeiro diz: —*V. não vê este negro como já está grande hoje! Já pede charutos de vintem para fumar, este filho da...* .

—Ha factos, que, contados assim, parecem historias.

—Garanto a V. Ex. a veracidade.

—Prosiga.

—..... que anda aqui espiando a gente.

Como nem sempre o homem tem a paciencia na algibeira, diz Philippe;—*calem-se marotos!* A' estas palavras de calem-se marotos, José Barbeiro atraca-se com Phillipe, e Chico Careca vem por de traz, arruma-lhe uma cacetada no alto da cabeça, jogando-o por terra! José Phillipe foi medicado no hospital de charidade, e, fez corpo de delicto para proceder contra elles.

—Mas esses homens estavam então embriagados?

—Estavam em seu perfeito juizo, posso lhe garantir.

—Ha cousas que, contadas, parecem impossivel! Em todo caso pedimos ao Sr. Dr. chefe de policia providencias para este escandalo, no caso de ser exacta a sua informação.

VARIEDADES.

QUAL DOS DOUS MENTIRIA?

—Um moço, que costumava dirigir gracejos ao bello sexo, vendo uma joven á janella, sem conhece-la, dirige-se a ella e diz-lhe:

—Que moça tão bonita?

—Outro tanto não posso eu dizer do senhor, respondeu a moça.

—E' porque não mente tanto quanto eu, retorquiu aquelle.

Dous cardeaes exprobravam a Raphael por ter pintado em um grande quadro os rostos de S. Pedro e de S. Paulo demasiadamente vermelhos.

—Senhores, respondeu-lhes o artista agastado pela advertencia, pintei-os como elles devem estar no ceu presentemente. Essa vermelhidão lhes vem da indignação que lhes causa o mau governo da Egreja.

ANNUNCIO ORIGINAL.

Um sapateiro, em liquidação, mandou espalhar grandes cartazes em fórma do annuncio theatral com o seguinte convite:

« Senhores e senhoras: chegou a hora fatal! Estamos a arder, mais que as fornalhas de um vapor.

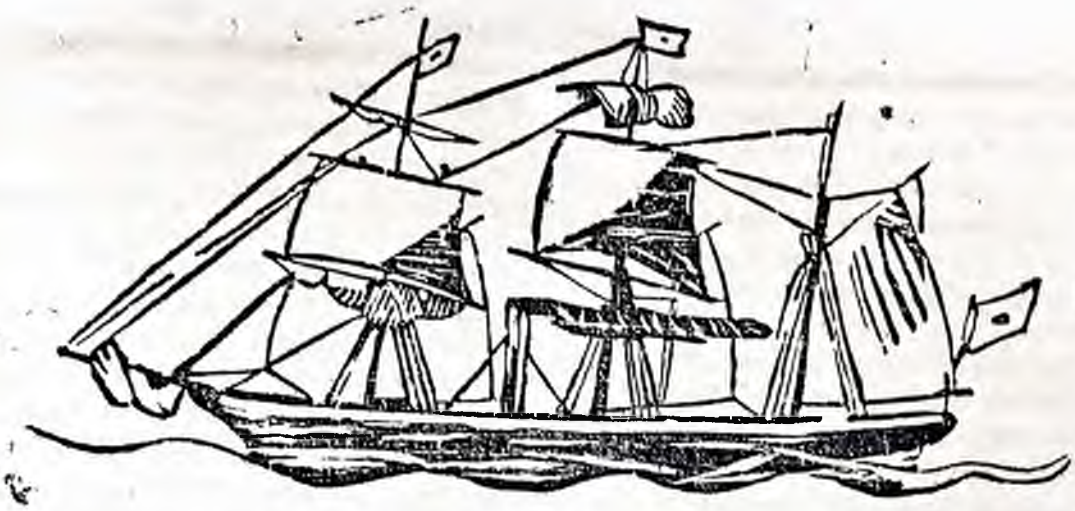
Mimosea-se a todo aquelle que vier visitar este estabelecimento com um par de botinas, da qualidade e medida que quizer escolher.

Só se lhe pede, como lembrança de sua amavel visita, a simples quantia de 9$000 rs, por cada par que escolher! »

ANNUNCIOS.

Pede-se ao sujeito do arsenal de guerra, que mandou concertar uma tina, que se acha na venda n. 5, ao Xixi, que a venha procurar quanto antes, do contrario verá o seu nome por extenso neste jornal.

Deseja-se fallar com o Sr. Antonio Joaquim Rosendo, na venda n. 51, á Quitandinha, ou no chafariz de S. João, em Santa Barbara.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 42.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 19 DE SETEMBRO DE 1868. N.º 411

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de setembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado de policia, partecipando-lhe que por detraz d'um muro, que se está edificando na ladeira de Santa Thereza, contiguo ao seminario, reune-se todas as noites uma malta de moleques, cujo divertimento é apedrejar quem passa, com especialidade as pobres mulheres de capona; pelo que, pede-se a S. S. se digne providenciar de maneira que se disperse aquelle grupo de malignas creaturas.

—Ao Illm. Sr. 1.º juiz de paz eleito, da freguezia da Sé, recommendando-lhe que, na qualificação vindoura, elimine da mesma a Laurentino Manuel do Nascimento, para que não se reproduza o escandaloso espectaculo de votar um pobre de portas, além de cego e coxo. Espera-se da rectidão que distingue a S. S. a mais severa attenção para este e eguaes casos.

—Capitão, não sabe?

—Agora.

—As creoulas conservadoras vão na sexta-feira vindoura em romaria ao Senhor do Bomfim, pelo triumpho do partido nas recentes eleições.

—Isso é serio, rapaz?

—Garanto-lhe.

O uniforme do pagode é saia vermelha debruada de branco.

—Bom; tem de haver moscas por corda e mosquitos por arame.

—E V. Ex. vá prevenindo o João de Deus para se achar na patuscada.

—Bico! Não espante ellas, não.

—Farpellas endiabradas!

Vão ao banho nos Coqueiros e fazem um perluvio que parece que o mundo vem abaixo.

—Quanta garrafada e cacetada!

—E andam mulheres nuas até pelo Portão da Piedade.

—Endemoninhada gente é as taes empiematicas filhas de Jerusalem!

—Os taes banhos dos Coqueiros tem o que se lhe diga!

—O subdelegado deu com a sucia na Correcção e parece que vão responder a processo.

LA VAE VERSO.

DUAS MOÇAS ROMANTICAS.

—Minhas filhas, o que fazem?...
(Grita a velha impertinente)
—Estamos vendo quem passa;
Ora, mamãe, deixe a gente.

—Não é assim; Vocês querem
Que vos censure a visinha?

—Ora mamãe, va se embora....
Senhora vá p'ra cosinha.
—Minhas filhas, eu si fallo,
E' só para o vosso bem
—Ora mamãe.... ja bebeu?....
Tão enfadonha!—o que tem?

—Não tenho nada: não quero
Que as outras fallem de vós:
—Pois que fallem; que é verdade
Quanto disseram de nós.

—Oh, meu Deos, que raparigas!
Oh, que sorte tão ruim!
Antes crear mil cadellas
Que duas filhas assim!

SONETO

Este mundo não val pataca e meia.

Este mundo é peior que um chifre torto.
Porque sp'rança não ha que se indereite;
Quando temos torcida, falta azeite,
E so se dá cevada ao asno morto.

Pare a moça bonita e tem aborto;
Quer a gente mamar, não acha leite;
Não ha gosto real, que se aproveite;
Zurrapa ja se diz vinho do Porto,

Casamentos so ha por falcatruas;
Outros namoram a mulher alheia;
Os bois andam pastando pelas ruas.

Ha poetas de enxerto sem ter veia;
Pense bem o leitor, emfim conclua:
Este mundo não val pataca e meia.

NOVIDADES DO PROGRESSO.

Usa d'oculos quem tem vista;
De bigodes o paisano;
Quem faz justiça é tyranno,
Quem diz mal é rabequista;
O canario come alpista;
Namorado come mocas;
As velhas usam de toucas,
P'ra disfarce do chinó;
Ninguem dá ponto sem nó:
As innocentes são poucas.

Quem começava fallar,
Dizia outr'ora papá:
De certo tempo pr'a cá
Mudaram, dizem cazar;
Custa muito a supportar
Pulga na bota; e maçada
E' int'resseira a criada,
E, si tem ama bonita,
Toma canja, e s'arrebita
Toda dengue e alambicada.

O que pretend'um emprego
Adula, vive arrastado;
Mas apenas apanhado
Fica surdo, e fica cego.
Agua de chuva faz rêgo:
O vento move o navio:
Cega-rega e assobio
São brinquedos de creança:
Quem pilha boa papança,
Junto ao fogo não tem frio.

Todo o militar que conta
Campanhas, preterições,
Livre de indigestões,
Põe-nos a cabeça tonta.
O insulto é uma affronta:
Pedaço de louça é caco.
Moça que toma tabaco
Fica depressa fanhosa,
A duzia de duzia é groza,
A bucha de peça é taco.

Do vintem do barril d'agua
Faz doblas o boticario;
Experto chamam vigario;
Pezar e desgoto, magoa:
Saia de baixo é anagua,
Velhaco, rato pellado:
De cana se faz mellado,
A cal se faz de marisco,
Custa caro bom petisco;
O pobre anda esfarrapado.

O que tem filhas bonitas
Poupa muito no rapé;
O que nos salva é a fé,
Nas lojas vendem-se fitas.
Nas escholas ha escriptas
E mentiras nos jornaes:
Até hoje vemos paes
Qu'aos filhos empatam vasas;
As aves todas tem azas:
Os burros são animaes.

O CIUME COMPARADO COM O SAL.

Entre o ciume e o sal
Vejo alguma semelhança;
Ciume vae para o peito,
O sal se guarda na pança.

Tempera o sal os manjares
Ciume tempera amor;
Amor é manjar de leite,
Ciume é agoa de flor.

O ciume é tal tempero,
Que se muda de repente;
As vezes adocicado,
Outras vezes muito ardente.

Assim tambem é o sal,
Que sendo pouco dá graça,

Si é muito nos fere a lingoa,
E o ceu da bocca traspassa.

O ciume é um tempero
Faz o homem bruto e rude;
O sal comido em porção
E' muito mau p'ra saude.

O presunto defiambre
E' gostoso e tem sal forte;
Ciume com moça bella
E' bello, mais causa a morte.

Deve levar muito amor
De firmeza um bom folhudo,
Um pouquinho de ciume
Na massa bem misturado.

E por tanto quem quizer
Comer gostoso pastel,
Não deite fora a receita
Que mando neste papel.

Comtudo, ninguem se metta
A comer grande porção;
Pasteis de amor tem bagaço
Fazem muita indigestão.

Motte

As continuas loterias
Causam immoralidades.

GLOZA.

Capeam velhacarias,
Poem creanças a jogar,
Fazem os famulos furtar,
As continuas loterias.
Mas isso são ninharias,
São progressos, liberdades,
Que algumas authoridades
Promovem, não entorpecem;
Ah! si taes males recrescem
Causam immoralidaes.

M.

Á PEDIDO.

A politica.

Cómo não ha nada no mundo que não tenha um principio, entrei a parafusar á ver se descobria de onde nascia a origem de conservadores e liberaes. Lembrei-me depois da parte da biblia em que diz—que os judeus carnaes eram aquelles que só queriam ricos thesouros de ouro e prata, grandes manadas de gados e que só serviam á Deus com o interesse de possuirem vasta riqueza, sem importarem se com os soffrimentos d'alma, e apenas temiam a morte e as enfermidades.

Os judeus spirituaes, porem, só cuidavam de purificarem o spirito e despresavam essas grandezas mundanas, porque só aspiravam á recompensa eterna, e com esse fim sómente dedicavam-se ao serviço de Deus.

Depois que lembrei-me d'esse pedacinho da biblia, disse eu cá com os meus botões:—«Quem sabe si os spiritistas não tem razões para fazer crer nas reencarnações dos spiritos?»

Fiquei a parafusar sobre a metempsycose e depois de reflectir por bastante tempo sobre ella, entendi que devia submetter ao chefe do spiritismo, que é muito meu *amigo*, este meu pensamento, para que consultasse aos spiritos, afim de tirar-me da imaginação a confusão, que se me havia encasquetado na mente.

. . . . . .

Hoje, porem, estou certificado da verdade e certo de que não elaborava em engano.

Os taes judeus carnaes estão hoje encarnados em conservadores, segundo o que decidiu o spirito de um lord de uma das possessões da Inglaterra em Africa, e os spirituaes em liberaes.

Eis aqui a decisão do tal spirito evocado, que me remetteu por escripto o chefe do spiritismo:

«Illm. Sr.—Certifico que, evocando o spirito de um lord de uma das possessões da Inglaterra em Africa, decidiu este, por suas revelações *á medium*, que os judeus carnaes acham-se reencarnados nos taes homens chamados no seculo XIX conservadores, e os spirituaes nos liberaes, dando como prova que os liberaes, á excepção de um ou outro, não genuino, são homens pobres, ao passo que os conservadores quasi todos são ricos e titulares.

«Posso lhe declarar debaixo da fé de chefe da crença spiritica que foram estas as verdadeiras palavras reveladas pelo spirito desse lord *á medium*, as quaes lh'as transmitto, já que procurou por meio das revelações dos spiritos saber desse segredo, que lhe certifico ser verdadeiro; tanto mais quando até o que se figurou em sua imaginação já era revelação, que lhe fazia esse mesmo spirito, pois assim o declarou.

«Juro-lhe pelo cargo que occupo de chefe dos spiritas ser verdade tudo quanto acima fica dito e por isso remetto-lhe esta que vae por mim assignada e por meus immediato e secretario. Sala das sessões spiriticas 14 de setembro de 1868.

«Está conforme.

«*Nemezes*—chefe dos spiritistas.
«*Alarma*—immediato.
«*Delgado Brem*—1.º secretario.»

—Capitão, quem quer vae e quem não quer manda.

—Estou por isso.

— E' a razão porque venho, de tão longe, á presença de V. Ex., queixar-me de um *bolotriqueiro,* certo de encontrar justiça.

—Meu amigo, V. enganou se: isso de fazer justiça compete ás anthoridades do paiz.

—Eu me darei por satisfeito com as providencias de V. Ex.

—Nesse caso, vá me dizendo: d'onde vem?

—Para bem dizer, eu venho da *villa*; porem demorei-me alguns dias n'uma *feira* a negociar, e só muito depois do dia de *Sant'Anna* é que puz-me á caminho para esta cidade.

—Bem. De quem se queixa, então?

—Do *Manuel.*

—Pergunto-lhe o nome por inteiro.

—Ah, sim... Porem é que de repente esqueci-me do nome do maldicto, capitão; deixe ver si o meu creado *Rodrigues* se lembra.

—Isso depois o Sr. indagará. Exponha os motivos de sua queixa.

—Sim, Sr., o *Nascimento*, que é *unha* e *carne* delle, me dirá.

Esse tratante, tendo de *repartir* umas deixas e sabendo que um dos interessados desejava ficar com certo objecto, mandou pedir-lhe, como *molhadura* 80$000 rs., assegurando-lhe que seria contemplado no que desejava, e recebendo da mão do capitão F. J. S. C. essa quantia, não deu cumprimento a sua palavra e aquinhoou a outro, que tambem molhou-lhe a mão, com o referido objecto e até hoje não fallou mais nos oitenta bicos que chupou.

—Commetteu uma prevaricação.

—E é por isso que eu venho a V. Ex. pedir-lhe que o mande buscar á sua presença e lhe mande o muxingueiro passar uma sarabanda, a ver si elle modifica, ao menos, o caracter tratante que tem.

—Pois bem; vou officiar ao delegado do logar neste sentido e depois venha entender-se commigo.

VARIEDADES.

Um joven estudante da universidade de Oxford foi visitado um dia por um criado de seu pae, que lhe trouxe recommendações de toda familia.

—Estimo muito, disse o mancebo. Então, como estão todos de casa? Que vae por la de novo?

—Cousa nenhuma, replicou o criado, a não ser e ter morrido a nossa pega.

—Isso so! Mas de que morreu o pobre animal?

—Por ter comido demasiada carne.

—Como! E quem foi que lh'a deu?

—Ora quem foi? Os quatro cavallos da carruagem.

—Que! Elles tambem morreram? Explica-te melhor.

—Os pobres animaes teriam vivido muito tempo, si os não tivessem arrebentado a força de se lhes fazer carregar agua.

—Agoa! E para que?

—Para apagar o fogo no dia em que a casa se incendiou.

—Pois nossa casa queimou-se! Então como foi que pegou fogo?

—Por um incedente bem triste, e que não teria acontecido, si os criados tivessem mais cuidado com as tochas accesas que levavam na mão.

—Tochas! E que precisão tinham elles dellas?

—Era para o enterro da Sra. sua mãe.

—Pois minha mãe morreu?!.... Santo nome de Deus! é a primeira vez que tal ouço.

O SAPATEIRO VALENTE.

Havia n'uma cidade um sapateiro que tinha a obsequiosa mania de velar os mortos.

Um dia, uns poucos de maganões lembram-se de lhe pregar um sust .

N'essa tarde, chega se um ao pé d'elle, e diz-lhe:

—Vossê não sabe, fulano morreu, (era um dos da conspiração).

—Morreu! pobre rapaz! tão alegre q' elle era.

—Pois é verdade, e como elle não tem familia, vossê faria uma obra de misericordia, si lhe fosse velar o corpo.

—Vou, sim! Ora porque não havia de ir? Mas, como tenho muito que fazer, se lhes parece levo o trabalho.

—Leve o que quizer, homem; com tanto que não falte.

N'essa noite, o honrado sapateiro dirigiu-se á casa do defuncto. Entra, vê o cadaver na cama, debaixo do lençol, e com o rosto livido meio escondido por um lenço.

O sapateiro faz o signal da cruz, reza e principia a trabalhar. A meia noute levam-lhe o café e um copito de aguardente. O homem bebe e sentindo se bem disposto, começa a cantar em quanto vai batendo a sola.

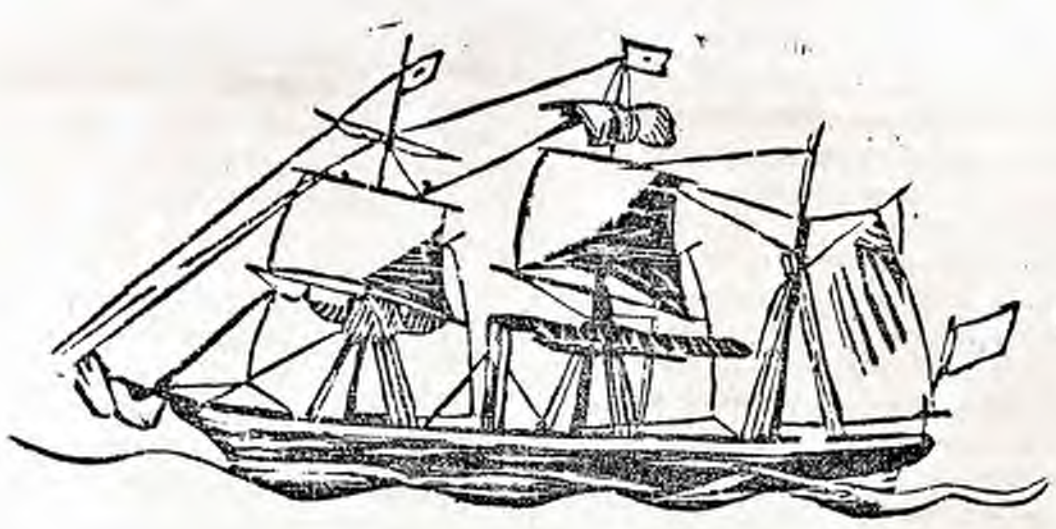
Nisto o cadaver levanta-se, senta-se na cama e diz com voz cavernosa:

—Quando se vela um defuncto não se canta.

O sapateiro fica atrapalhado um instante, mas logo recobra o sangue frio, e vibrando ao finado uma valente correada com o tirapé, responde no mesmo tom:

—Quando se está morto não se falla.

Escusamos de dizer que o defunto ressuscitou immediatamente.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 44, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 42.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 22 DE SETEMBRO DE 1868. N.º 412

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de setembro de 1868.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá já e já obrigar o morador do segundo andar do sobrado n. 33, á Praça, de Palacio, a tirar os enormes jarros de plantas, que tem sobre os peitoris das janellas, com grave risco de vir sobre a immensidade de gente que reune-se por ali, o que seria uma calamidade. Cumpra.

—Que endiabrado systema este de tirar a vida do proximo!

—São horas más. E' Satanaz que se mette atraz da orelha de um vivente para tental-o.

—Não ha horas boas nem más. O orgulho e soberba do homem é que o leva a tentar contra a existencia de seu semelhante.

—Mas essa conversa vem a proposito de algum assassinato que se désse?

—E' verdade. No sabbado, o escravo Joaquim, da fazenda Armação, assassinou á facadas o seu parceiro Romualdo, por uma desavença, que não sabemos.

O morto veio para o hospital, onde tem de se proceder hoje á corpo de delicto.

—Agora o que resta é a justiça cumprir seu dever.

—Dous enterros n'uma casa n'um só dia!

—Este caso deu-se na rua da Lapa, na quarta feira.

—Justamente. A mulher, que tratava do marido, morreu tambem, poucas horas depois delle expirar.

—Que afflicção para o pobre filho, que teve de enterrar pae e mãe d'uma só vez!

—Menos para o padre, que d'uma via fez dous mandados e recebeu 16$ réis, apezar da indigencia da familia.

—Não se pode dar maior castigo a um vivente do que mandal-o passar de barriga cheia pela rua do Carro, á noite.

—Com effeito, os immensos solavancos que leva um pobre homem com tantos altos e baixos por ali, não faz muito bom cabello.

—Tive outro dia necessidade de passar por la a noite e jurei não voltar, em quanto não houvesse ali illuminação ou não indireitassem a rua.

—Então descance seu coração, que parece tão cedo não terá este gosto.

—Que gente deshumana!

—Si não tinham dinheiro para enterrarem a creancinha, porque não recorreram á charidade publica ou ás authoridades?

—Acharam que era melhor deital-a n'uma caixinha sem tampa e atiral-a ao mar.

—Não tem mais que 7 a 8 dias de nascida.

—Isso foi deitado do Xixi ao Caes Dourado e a correnteza o trouxe até o Caes das amarras, onde foi apanhado.

—Não ha nada por mais reprovavel que não se veja nesta terra.

—Este Marques, só levado a pau.

—Mas Sr. Antonio, elle e os companheiros não são culpados. A redacçao é a responsavel em geral pelo que manda imprimir em sua folha.

—Porem elle é muito ousado; atiça cousas.

—Isso é suspeita sua.

—Eu sei...

—Ora está, o Sr., um vendelhão, ja quer dar regras e ameaçar os mais. O que valle é que elle para suas bravatas e dê alguns mais olha com tanto asco e nojo como para um caxorro morto de oito dias.

—E V. quer se constituir em protector delle?

—Está V. tão agastado sem nada soffrer; quanto mais si o *Alabama* lhe bolisse na chronica, que não deixa de ser um pouco complicada.

—Eu não tenho rabo.

—Comprido de mais.

Moço, deixe de andar aventando ideias reprovadas; venda sua manteiga mal pezada, seu assucar roubado, seu vinho baptisado, que V. não hade passar disso e não ande procurando sarna para se coçar.

—Muito odio nutre o Revd. padre mestre Ambrosio contra a humilde redação do *Alabama*.

—E por que?

—E' o que estou por saber.

No sabbado, indo o caxeiro do *Alabama* ao consistorio da Ordem 3.ª franciscana, la encontrou o Sr. padre mestre Ambrosio, o qual, assim que foi vendo o rapaz, rompeu em termos descortezes e proprios de porta de açougue e não do interior de um templo, na mais desabrida e afrontosa vociferação contra a pobre redacção e seus empregados.

Não houve insulto, por mais acre e difamatorio, que não sahisse da bocca do digno sacerdote da religião do Crucificado, contra as inofensivas pessoas daquelles que tem a infelicidade de collaborarem ou imprimirem uma folha, que se atreve a fallar contra os abusos e prevarificações e que bate de rijo nos tratantes, devassos, libidinosos e incestuosos.

—Pois um ministro de um Deus de paz e amor, um homem que nos aconselha a perdoar os nossos inimigos, é o mesmo que profana a casa do Senhor, dirigindo torpes insultos a quem não sabe si o offendeu?

—O Sr. padre mestre Ambrosio parece que estava hallucinado pela raiva, que lhe transbordava d'alma, por que, pedindo-se nessa occasião *Senhor Deus,* o padre de joelhos, ainda praguejava.

—Elle que va metter medo aos *defuntos que morreram*.

—V. foi ao Engenho Velho domingo?

—Porque não!

—Dê-me uma ideia do que e a tal *matança*.

—E' um boi, que apresentam coberto de contas e enfeitado de busios; sobre o dorso do animal vae montada uma mulher, vestida de vermelho, a qual é a gran-mestra, com um extenso turbante sobre a cabeça, tendo na mão direita um comprido penacho e na esquerda um intrumento symbolico, de que não sei o nome; em roda della vão muitas mulheres, especie de bachantes, a que chamam *vudunças feitas*, semi-nuas, tendo apenas sobre o corpo uma curta saieta e uma toálhinha na testa. Em lasciva e deshonesta dança, vão cahindo uma a uma fatigadas em certa especie de torpor, pelo que são conduzidas para a *casinha,* logar onde só penetra o *papae,* que é um preto chamado Antonio.

Depois de muitas ceremonias praticadas no interior do *pegi,* onde os profanos não entram, o *ogam* mais graduado consumma o sacrificio, que é precedido de um fauto banquete, cujas iguarias são todas adubadas de azeite de dendê.

—Homem, basta; eu não quero ouvir mais esta patifaria.

—O que lhe affianço é que o Engenho Velho transformou-se estes oito dias n'uma cidadesinha; botequins, venda, bancas de jogo e mais de duas mil pessoas de todas as classes, entre as quaes algumas bem identificadas com a policia, estão ali reunidas.

—E somos um povo civilisado!

—O Sr. havia de se admirar, si la fosse, de ver pessoas de consideração tocando *tabaque*.

Mulheres de todas as considerações estão ali absorvidas naquellas praticas grosseiras e supersticiosas, esquecidas de seus deveres e obrigações.

—Então por estes oitos dias ha funcção.

—Como sem falta.

—E a policia tolera que se esteja assim impunemente a afrontar a moral e a religião.

Á PEDIDO.

QUEM SERÁ O GONZAGA?

Sahi de casa, encontrei,
Da minha rua na esquina,

Uns visinhos, gente fina;
Palestravam, palestrei.
Fallou-se de povo e rei,
De um rei que faz carambolas!
Sobre este ponto as graçolas
Dos circumstantes choviam,
Mas todos serios diziam:
«Ora o Gonzaga é um bolas.»

Um rei a carambolar,
Disse um velho ao pé de mim,
Faz do Estado botequim,
Do governo faz bilhar;
Tal não posso acreditar,
Isso é graça dos pacholas,
Não cabe em boas cacholas.
Responde um moço: oh si cabe!
Pois então você não sabe
Que este Gonzaga é um bolas?

Meu caro, acode um doutor,
Rei que faz do sceptro taco
E' mais tolo que velhaco,
Porque nenhum jogador
Do jogo é sempre senhor...
O jogo das cabriolas
Será facil nas escholas,
Porem jogal-as n'um throno
E' dar de si triste abono,
E' ser Gonzaga, é ser bolas.

Busquei gondolas paradas,
Na que achei se discutia
A regia e doce *harmonia*
Das imperiaes *derrubadas:*
E, ao som de soltas risádas,
Nascidas destas parolas,
Os velhos e os rapazolas,
Nas allusões que faziam,
Piscando os olhos diziam:
Ora o Gonzaga é um bolas.

Fallaram do ministerio,
Trataram dos liberaes,
Da guerra, dos generaes,
Da *republica!!!* e do imperio.
Dizia um, sem mysterio,
Que os reis todos são Loyolas,
E as monarchias charolas
Em que se adora uma casta.
Bradavam todos: «Pois basta,
Que o tal Gonzaga é um bolas.»

Disse outro: meus amiguinhos,
A instituição será boa,
Mas no Brazil a corôa
Aos liberaes é de espinhos...
Ai, bom rei, nesses carinhos,
Com que ás vezes nos embolas,
Mais as paixões acrisolas
Da facção de que és caudilho,
Veio logo o estribilho:
Ora o Gonzaga é um bolas.

Ouvi certas anecdotas
De que não tinha noticia,
Contadas com tal malicia
Que dão motivo a mil notas
Sobre as *augustas patotas*...
Sejam mote a cantarolas
Que, ao som de alegres violas,
Do povo excitando o rizo,
Lhe deem a tempo este avizo:
Gonzaga é muito mau bolas.

Desci perto do Rocio,
Ouvi cantiga e risota
Entre gente de chacota;
Um molecote vadio
De um cobre e um prato vasio
Fez um par de castanholas,
E na roda dos farçolas,
Em tom que o fado imitava,
Com *voz de flautim* cantava:
Ora o Gonzaga é um bolas.

Nessa roda divertida,
Que ao molecote escutava,
Um italiano contava
Que uma cantora já *ida*,
Entre nós mui conhecida,
Mostraudo certas *bitolas*
Do *amor* de certos patolas,
Que lhe pediam *favores*,
Dizia aos outros cantores:
Ora o Gonzaga é um bolas.

Esta nossa capital
Tem tambem os seus mysterios;
Este povo é de dicterios,
E n'um dito jovial
Faz reacção contra o mal:
Gonzaga... ou é maricotas
Ou homem de corriolas.
Pensei nisto aborrecido
De ter todo o dia ouvido
Só Gonzaga é sempre bolas!

Pensativo á casa vim,
Perdi, de curioso, o somno;
Quem é deste nome o dono?
Quem será, disse eu em mim,
Que tornou-se um anexim
Alli por essas vendolas?
Sem crer em caraminholas,
Verei si o Freitas me indaga
Quem seja este tal Gonzaga,
A quem todos chamam bolas!

O AUTOR DOS DIVINOS,
Ferreira Vianna.
(Extr.)

—Sopeira de direito.
—Trinche la essa iguaria.
—Paulo, *furtou* um gato de seu visinho

João, arrombando para isso, a porta dos fundos da casa.

Provado o arrombamento, foi pronunciado Paulo e feixado na prisão; entrou no jury e sahiu absolvido.

João, entretanto, dá queixa de Paulo para lhe pagar o seu gato; Paulo é condemnado e paga o valor da cousa que furtou, arrombando-lhe a casa.

Si houve absolvição do crime no jury de *consciencia,* como é que o de *direito* não marchou de accordo com elle na sentença?

—Hade ser porque hoje a conscienceia não regula, ou porque o direito não se usa.

ADVERTENCIA

Aos donos das vendas á esquina da Praça e do Bacalhau para que reprehendam á seus caixeiros, que fazem artes do tinhoso quando sahem á noite para o banho, já dando fortes pancadas pelas portas, já repetindo obscenas e torpes palavras, que proferiram de dia encostados ao balcão com as regateiras negrinhas; sóbresahindo na soltura da lingua o *menino homem.*

—Pede-se ao Sr. Dr. delegado que, durante o exercicio do Mez de Maria, se digne mandar dous policias para a porta de Santa Theresa, afim de evitar que os moleques, que se ajuntam no pateo dessa egreja, não façam a figura do diabo, tentando as pobres creaturas que alli vão render graças á Excelsa Mãe dos peccadores.

Espera-se que S. S. tomará semelhante prevenção, que, custando pouco, faz um beneficio as pobres.

Mulheres de capona.

VARIEDADES.

CARTA DE UM TYPOGRAPHO.

Minha querida Suzana.

Depois que te remetti a primeira, e recebi resposta, á vista d'ella, acho que tuas razões estão *justificadas*

Pois olha! Agora cada vez te amo mais, e teus olhos são *pinças* que me ferem o coração; seria um *granel* de satisfação si pudesse agora me casar, mas toda a vez que á *revisão* de minhas algibeiras eu procedo, e quando eu *reclamo o componidor* da gaveta, gemo sob o pezo do *espaço* de condição que entre mim e ti existe. Tu és rica, e eu um pobretão *quadrado*. Na *caixa* de meu peito reprimo a idéa do suicidio; esses pensamentos são *pontalêtes* que me mortificam. Mas eu sei, visto o que dizes, que a nossa vontade ha de ser o *prelo* que nos ha de compressão unir. Oxalá a *broca* do esquecimento não te faça infiel. O nosso futuro entao antevejo atravéz a *frasqueta* que debalde me quer turbar as *lettras*, que lá longe nos mostram o nosso feliz futuro. Debalde então o desesperado *tamborête* do destino me baterá aos ouvidos; tudo estará bom, e as *paginas* de nossa vida serão *entretinhas* de contentamento. Si foros-me falsa, e falso o *typo* de fidelidade que me mostras, então estão *empastellados* os meus intentos. Espero, comtudo, que não sejas a *cortadeira* de minhas esperanças, por isso que minha franca lealdade é á *cunha* que te apresento, e espero que dês-me a *prova* do teu amor. Oh! muito te amo; és a *potassa* que lava meus tristes pensamentos; a *escova* do desespero que me amofina, tu com o *veio* de teus olhos *emendarás,* pondo-lhe em seu lugar a alegria. Ah! si eu te pudesse introduzir na alma o *filête* d'este amor que te consagro!... Se chegasse a ser teu expôso... Oh! Seria o melhor *titulo* que possuiria! Minhas idéas em *rôlo* se apresentam, e bem advinho o meu futuro por entre as *vinhêtas* da infelicidade.

Assim tu, bem vês que abro-te a *galé* de meu peito, e apresento-to os *originaes* de minhas inspirações, por entre *tarjas* do maior desespero.

Espera resposta

o teu mimoso
Versal de Gordinho.

CALEMBOURG.

Um roceiro, indo pela primeira vez ao Alcazar, e ouvindo cantar a cançoneta *C'est pour ce soir*, querendo mostrar que sabia francez, exclamou, tirando um lenço da algibeira:

—Si é para se assoar, aqui tem um lenço; mas torne-m'o a mandar.

ADVOGADO PARA OS OUTROS.

Um pobre pediu uma esmola a Malherbe assegurando-lhe rogaria a Deus por elle.

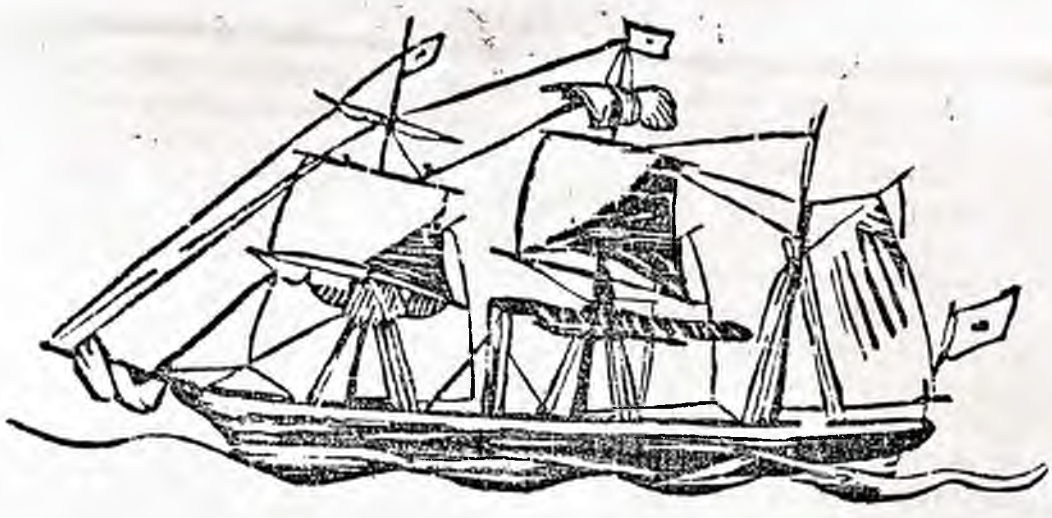
—Que! meu pobre diabo, que credito poderão ter no outro mundo as tuas supplicas junto de Deus, que te deixa morrer de fome neste?

ANNUNCIOS.

Declara-se ao Sr. Antonio Rosendo Joaquim que, si immediatamente não comparecer nos logares indicados por dous annuncios publicados neste periodico, verá com pasmo seu e sentimento nosso, perante o publico, a acção que praticou nos referidos logares.

Chamamos seriamente sua attenção sobre este assumpto, que não ignora.

O Cordinho.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI. — Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. á rua do Collegio n. 14, 1.º andar. — Serie 42.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie d 40 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 26 DE SETEMBRO DE 1868. — Ns. 413 e 414.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de setembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia. —Havendo nesta cidade uma celebre marafona de nome Musqueta, a qual, sendo reformada do regimento de Cupido e achando-se invalida, adoptou o especulativo meio de vida de mandar por um seu agente, Manuel Bahia, *corrector das damas*, seduzir meninas pobres das casas de seus paes e raptal-as para o seu prostibulo, para com ellas fazer um commercio immoral, deshonesto e torpe, dando-se ainda, ha trez mezes, um caso destes com a filha de um infeliz velho e sendo innumeras as victimas, que andam por ahi entregues á prostituição por esse monstro, que de mais a mais as castiga, como si fossem suas escravas, em quanto estão sob seu oppressor dominio, pede-se a S. S. que, como magistrado honesto que é, mande vir á sua presença semelhante heroina e, depois de syndicar do facto com a circumspeção que o distingue, lhe dê um destino qualquer, como, por exemplo, tirar fios para os nossos feridos do exercito, afim de que não continue a ser a perdição de tantas inexperientes.

—Esta companhia do Gaz anda cassuando com o publico.

—A maior parte das ruas só se illuminam ás 7 horas.

—Não se admire disso, pois no domingo a musica tocava o recolher na Praça e ainda se illuminava a rua da Mizericordia, Praça, Pau da Bandeira e rua Direita.

—Isso vae ás mil maravilhas.

«—*Sr.*, aqui ta *doie doie*.

«—Zimola para *Cosme* e *Damião*, um foi medico, outro foi *srurjão*.

«—Meu Sr., bote aqui alguma cousa p'ra meus mabaças.»

—Alem de meus males ainda mais esta! Tres de pancada!

A tres dias, não posso sahir á rua; sem que a cada canto me veja abalroado por tão incommodativa praga.

—Isso dá uma ideia, posto que abreviada, da nossa civilisação.

—E devem ser bem comilões os taes mabaças; por que tudo agrada á enorme suçia de pedintes, que andam se esbarrando pelas ruas.

—Não lhe pareça; ha ruas onde se encontram seis e sete de uma vez.

—A negra, que sabe com a venda da senhora, aproveita o ensejo para deitar n'uma gamellinha ou n'uma tampa de cuia o registro de dous santos e com duas cuias da costa, uma em cada mão, la vae dando atracação em todo pobre vivente. Dentro daquellas cuias vem o lanho de garopa, a talhada

de doce, o pedaço de sabão e tudo quanto podem arrancar da credulidade e superstição!

A creoula faceira mette-se nos pannos de ver a Deus, encaixa as duas figurinhas n'uma bocetinha forrada com um lencinho de renda, cujo prestimo, talvez, tenha sido bem immoral e la vae se requebrando explorar na cidade baixa a charidade dos caixeiros, que, quando dão a esmolla, querem logo saber a cuja onde mora.

—Tudo isso é pura verdade..

—Ora aonde é que ja se viu sancto comer abobora, gilós e até beber cachaça?

—Sabe por que acontece d'isso?

Porque as cousas de nossa terra dão forte e duram pouco. Na digna policia do Dr. Rocha Vianna adoptou-se a providencia de não se consentir esmolleres sem licença previa do arcebispo; o homem retirou-se e adeus minha onça.

—Entretanto estão as ruas coalhadas d'esse alluvião de occiosos, que vivem a *abuzinar* os ouvidos do publico com esmollas para S. Cosme e S. Damião!

AS COMPORTAS DO LOGISTA.

Si por ventura houvesse necessidade de um diccionario de comportas, a ninguem se incumbiria melhor semelhante trabalho do que a um logista.

Parece que ao entrarem do balcão no primeiro dia em que tomam as honras de caixeiro, se lhes principia logo a ensinar toda esta chusma immensa de comportas e historias com que querem muitas vezes persuadir o comprador de que a sua fazenda é a melhor, que é a mais apropriada para a obra que deseja e que em parte alguma a encontrará elle por mais modico preço.

Parece que é já um segredo somente conhecido dos logistas, estas exagerações sempre promptas para encarecer um merinó, para gabar o bem vivo de uma chita de ramagem, para mostrar o fino do tecido e outras qualidades, que tornam aquella fazenda a melhor de todas.

Os amos ensinam aos caixeiros estas comportas, os caixeiros mais velhos vão imbutindo-as nos cascos dos novatos, de sorte que hoje se tem tornado digna de attenção a multidão de palanfrorios e comportas dos senhores logistas.

Tenham pois paciencia que a cousa hoje é com Vv. mm.

Necessita um pobre vivente de um panno ligeiro para fazer um paletot e, mettendo o cobre na algibeira, desce á cidade do negocio.

Vae passando pelas lojas e lá entra n'uma.

Um mancebo bem apessoado está junto do balcão, e se mostra sollicito em saber o que deseja o freguez:

—Homem, queria uma fazenda escura de que fizesse um paletot..

—Pois não; temos.

Bota a escada n'uma prateleira e muitas vezes vae buscar uma fazenda, verdadeiro alcaide, que é mais clara do que escura. Atirando-a no balcão, quando a ella se aproxima para desembrulhal-a, já é com um certo ar de importancia e como quem vae mostrar uma raridade..

Ao desatar dos cartões já elle principiou uma comporta:

—E' a melhor fazenda conhecida n'este tempo para paletot. Os inglezes todos a tem comprado por ser fresca e está muito na moda; já vendi sete peças ao Lefévre e ao Mesquita para paletots. Ninguem mais tem disto; duas peças que apenas haviam no escriptorio nós as tomamos.

E assim dizendo, apresenta ahi qualquer lan ao freguez.

O coitado, que já está meio atarantado com os elogios da fazenda, que tanta extracção tem tido, olha para ella, passa o dedo e está como passarinho na boca do alçapão, cae, não cae: então, eis o logista já com o milho-alpista das comportas. Pega da fazenda, chega-se mais para dentro e exclama:

—E' lindissimo! de longe, meu amigo, faz um effeito extraordinario! olhe que faz bem comprando disto para o seu paletot; além de ser da moda e fresca, o preçinho convida. Bem vê que por 2$ rs. não é caro. Eu não dou disto a ninguem por este preço, mas como quero fazer freguezia e o senhor é a primeira vez que compra aqui, vá; com pessoa como o senhor, de tão boas maneiras, nunca se perde..

O comprador, atordoado, nem sabe o que diga, e quando dá accordo de si já a fazenda se cortou, ficou paga, e elle está encravado de todo.

Logo que este sae, o logista já se não lembra do que disse e lá está com olhos de lince, junto do seu balcão, á esperar outro papalvo.

As comportas do logista são sempre adequadas á pessoa a quem elle quer empurrar a espiga.

Experimenta o freguez por todos os lados, até lhe dar no fraco, inventa mentiras de momento, como se estivesse chupando um figo; emfim, lança mão de todos os meios, que aprendeu de seu amo, que tambem, como elle agora faz, fazia em outro tempo.

São duas horas da tarde: entra pela porta de um logista comportista de chapa, um homem bem vestido e assim com ares de papelão.

Tem os dedos com aneis, o cabello com pomada, e finissima camiza de esguião. Ao entrar, primeiramente bota a luneta em qualquer objecto que está na porta.

Então o logista dando corda ao relogio das comportas, vae logo principiando:

—Si deseja V. S. alguma cousa, aqui me tem ás suas ordens.

—Sim, queria ver algumas casimiras para calças.

—Pois não; tenho aqui de umas que já me comprou o barão de tal, o desembargador Fuão e até o presidente ja mandou tambem o ordenança aqui buscar, porque gostou muito de uma que vio no corpo do Dr. Sicrano.

(Quem não comprará de semelhantes casemiras!)

—Pois bem: me agradam, tire ahi dous cortes.

—Sim Sr., que mais quer?

—Nada.

—Aqui temos ricos vestidos, como os não ha melhores, tenho vendido mais de 20 e tinha aqui este para o dezembargador F. que já o separou—V. S. não me compra algum para a Madama?

—Não sou casado.

—Oh! é pena! uma pessoa da presença de V. S. se deveria casar. Mas emfim, para fazer um presente á alguma pessoa, para...

—Homem, veja lá um, é para fazer-lhe a vontade.

—Obrigado a V. S., não quer mais nada? Um chapeusinho: são chegados de Paris, ultimo gosto. Hoje hei de mandar ao commandante superior á ver se quer. Uma bengala, não quer? quem não anda agora de bengala, não é do tom.

E o sugeito que veio comprar um corte de calças, comprou mais do que não queria e esburniu porção de dinheiro, quando queria apenas gastar alguns mil réis. O logista, quando quer vender, chama bonito ao que é feio: diz que é fino quando é grosso, e dirá que é grosso sendo fino, uma vez que o freguez assim o queira. Dirá que a fazenda veio de França, quando veio de Hamburgo; que é da moda, quando se não usa; que vendeu duzentas peças, quando apenas nem uma ainda acabou.

Forte comportista que é o logista!

—Que descôco!

Marcham as guardas com armas perfiladas, os tambores tocam marcha batida e quando chegam a seus destinos emborcam os canos das espingardas.

—E' que hoje é anniversario da morte do 1.° imperador.

—Ah, de maneira que o funeral começa da hora em que a guarda chega no posto!

—Vá aprendendo que é para seu bem.

Á PEDIDO.

Exclamava certo moço
Bastantemente zangado:
«Cem mil réis! Não pode ser
«Era meu pae abastado.»

Ao que respondeu-lhe logo
O letrado francamente:
—Meu amigo, se console
Só não é o padecente.

Vossê foi orphão feliz
Levante as mãos para o ceu;
Pois que um meu constituinte
Ficou nú como nasceu.

«—*Yayá, seu coração todo é meu?*»

—Engraçadinho menino, tão pequenininho e já sabe galantear as moças!

—Pensei que V. fosse mais perspicaz. Pois não vê que o pae é que estaca defronte das janellas e manda o filho dizer a tal gracinha?

—Qual, Sr. *Moscoso*, pois o pae é capaz de fazer do filho seu interprete de *declarações amatorias*.

—Si quer ver, acompanhe-o até onde houver moças á janella.

—Então aquelle homem é um perfeito desfructavel, cheirando a immoral.

—E maniaco depois de tudo isso.

—Um procurador de causas
Achando-se sem dinheiro,
Emprestado foi pedil-o
Ao visinho quitandeiro.

Disse-lhe este em tom de mofa:
«Procurador sem vintem,
«Ou é um burro chapado
«Ou de vicios armazem.

REQUERIMENTO

De um juiz vacca dirigido á meza eleitoral da freguezia das aves que comem mamão, por occasião de votar um phosphoro.

« Sr. presidente, eu requeiro que aqui está um individuo prevaricador, aporrinhando os votantes.»

Sendo acceito o requerimento por uma estrepitosa e geral gargalhada, o requerente replicou:

« Quero dizer, não consente que os votantes votem.»

A politica.

Quem mais vive mais vê e mais aprende.

Ora, si eu não tivesse vivido até hoje, não saberia que a politica rolava até nos candomblés!

No domingo, em um logar chamado Engenho Velho, n'um terreiro de feiticarias, houve grande funçonata, por ter vencido as eleições o partido *vermelho*.

E eu, assim que ouvi fallar n'isso, mandei sellar o meu burrinho, passei-lhe a perna e *trotei* para lá.

Vi bonitas creoulas, e como sou apaixonado pela *fructa*, quasi que me torno *vermelho*, porque, palavra de honra, tive vontade de trazer uma e *conserval-a* para mim.

Estavam elegantemente vestidas com umas *saiétas*, umas toalhinhas com uns chocalhos pela cabeça e uns *rabos* de cavallos na mão, e no meio dellas haviam algumas pretas africanas que, como *vuduncas antigas*, tomaram parte na folia.

Depois o *papae* de terreiro, acompanhado de um outro preto velho, trouxe para o meio do circulo um boi todo enfeitado de fitas, contas, busios e uma capa vermelha, etiqueta do sacrificio, e deu-se logo principio ao *brinquedo*.

Bum... bum... bum...
Os tabaques zuniam,
E um boi para o terreiro,
Dous pretos traziam.

Vem o *ogam* com um alfange, passa no pescoço do boi, a especie dos sacrificios que faziam no tempo do paganismo, e reunem-se todas as negras para beberem o sangue do animal, aos estrepitosos sons dos tabaques.

Bum... bum... bum...
Os tabaques zuniam,
E o sangue do boi
As negras bebiam.

O *Leoncio* no tabaque,
Com geito batia,
Com a cabra Bernarda
Fazendo harmonia.

Anaitó fudovum,
As negras cantavam;
Pracatá... pracatá,
Os tabaques soavam!

O homem de cara *brochada*,
Na função tambem se achou,
E de tabaque entre as pernas,
Mui habilmente tocou.

Bum... bum... bum...
Os tabaques zuniam,
E no *santo* as negras,
Quasi todas cahiam!

Agô... agô... agô... agô...!
Era só o que se ouvia;
Iô.... iô.... iô.... iô....!
Era o Mattos que dizia.

.....

Nos diversos botequins que lá haviam, só se via a rapaziada do bom gosto e apreciadora da *fructa creoula!*, de copo na mão á virarem pela guela a bella *pinga*, debaixo de *vivas e hips*.

Grandes vivas se dava,
Ao som da folia,
Viva *S. Lourenço*,
O echo repetia.

Bum... bum... bum...
Os copos viravam,
E já nos botequins
Cachaça não achavam.

.....

Os rapazolas amadores da jogatina, retiraram-se para dentro dos matos e de lá a seu gosto, gritavam—*az de copas, az de ouro, conde, dama, rei, az de paus; ganhei, perdi!*

Bum... bum... bum...
Os tabaques zuniam,
E no jogo os rapazes,
Os cobres perdiam!

.....

Então, meus leitores, não acham que nós estamos muito *adiantados* e que a politica vae em prosperidade no nosso paiz?

Ai quem diria,
Que até nos candomblés
Politica haveria!

As negras *vermelhas*, isto é, *vermelha na cor politica* e pretas na pelle, que cahiam no *santo*, eram logo levadas para um logar que os *papaes* chamam *casinha*, no qual só tem entrada o *ogam* e aquellas pessoas de *postos*. E a propoção que ellas iam cahindo no *santo*,

Com força o Leoncio,
O tabaque tocava,
E o Cali... n'outro
O acompanhava.

E'-me dispensado relatar aqui a scena burlesca que se passa dentro do tal logar denominado de *casinha*, porque os leitores bem devem saber as patifarias que os taes *papaes* praticam.

.....

E não é isto uma prova da nossa civilisação; e não é isto uma prova de que o seculo XIX é o seculo das luzes e que trabalhamos para o *adiantamento* do nosso paiz!

Agora cantará o *progresso*—

Viva quem vence,
Viva quem venceu;

Quem cahiu no *santo*,
Foi o *vermelho* e não eu!

«Océ babá,
«Océ gerê
«Anani vremeio
«Ja tá marê.»

MEU TESTAMENTO.

A morte é certa; por tanto
E' justo que eu tenha medo
De que essa senhora dona
Me queira levar bem cedo.
Apezar de que não poupo
Os cordeaes, nem mezinhas,
Quanta tisana ahi ha
Ensinado por vizinhas,
Xaropes, salsa-parrilha,
Que com longas bulas vem,
O unguento de Holloway,
Que rival dizem não tem,
Pastilhas, fomentações,
De mil attestados cheias,
Que curam constipações
E tambem quebradas veias;
Somente p'ra ver si posso
Tirar a qualquer coveiro,
O trabalho de algum dia
Me abrir triste carneiro.
Porém, por mais que eu ataque
Os frascos do boticario,
E que a bolsa esvasie
Do rendimento precario;
Concluo..... (que conclusão!)
Que me não posso escapar
Da foice, que em fria mão
A morte tem p'ra ceifar.
E como não está ainda
Por esse orbe inteiro
Descoberta a terra linda
Onde não haja coveiro;
Logar p'ra onde eu iria,
Com dulcissima anciedade,
Exultando de alegria,
Sem d'aqui levar saudade:
Sendo sem remedio o mal,
Da humanidade tormento,
Vou, tristissimo, afinal,
Fazer o meu testamento.
Em nome de Deus! attentos,
Escutai-me, vós leitores:
Vou legar os meus tormentos
Vou doar as minhas dores.
Primo:—lego a tosse minha,
Catharral, impertinente,
A uma minha visinha
Que passa por ser decente;
So por ter o mau costume
De espiar a vida alheia,
Com o pé de pedir lume
Pelas casas hora e meia.
Deixo os meus calos maldictos,
Em especial legado,
Aos rapazolas da moda,
Que usam calçado apertado,
P'ra que junto as namoradas,
Em continuas piruêtas,
Em vez de darem risadas
Façam medonhas carêtas.
Dôr de dente e de cabeça
Deixo a qualquer marido,
Para que, quando anoiteça,
Em casa fique mettido.
Sobre o cabello é preciso
Um artigo especial;
Não sendo feio, nem bello,
O deixarei tal e qual:
Seja assim distribuido:
Faça-se uma cabelleira
Para algum velho garrido,
Que ama a menina faceira.
Os meus labios resequidos
De tantos beijos que deram,
Estes meus labios queridos
Que mais beijar não poderam,
A vós amaveis leitoras,
E' a quem eu vou legar,
Não sejaes despresadoras:
—O seu officio é beijar....
Aos juizes, magistrados,
Aos cambistas e banqueiros,
Como a esses desalmados
Tratantes dos taverneiros,
Deixo a minha consciencia
Por que sei que elles não tem;
Mas, eis surge uma pendencia
Que ma reclamam d'além.
Quem são accaso os senhores
Que, em altos gritos, m'a pedem?
São da vida arranjadores
Que aos demais em nada cedem;
Thesoureiros de irmandades,
Doutores em medicina,
E toda essa infinidade
De tratantes de batina;
Alfaiates, sapateiros,
Boticarios, ferragistas,
Os espertos dos padeiros
E a sucia de logistas;
E.... si eu fosse a enumerar
Os que compõe o painel,
Não chegava p'ra encaixar
Dez mil folhas de papel.
Por tanto, vamos avante,
Eu carapuças não talho,
Porque p'ra tanto tratante
Não ficava um so retalho.
Sinecuras, conezias,
Mamatas da patria têta,

E outras mais *ninharias*,
Em que chupa quem tem trêta;
Como sejam:—inspecções,
Imprezas com bem melgueiras,
Contractos, arrematações,
Muitas outras pepineiras;
A quem for adulador,
Lego, testo, sem pezar,
Pois quem não tem pundonor
Pode na teta mamar.
Comendas e baronatos
Os foros da fidalguia,
Que se vendem a retalho,
Como ao balcão, hoje em dia,
Deixo aos encasacados,
Ladrões, que brios não tem,
Que assim serão extremados
Da gente pobre de bem.
O ser ministro de Estado,
Conselheiro, vereador,
E tornar-se inculcado
Ser da patria salvador,
Para a gente *barriguda*
Por certo hei de deixar;
Feliz della! so estuda
A maneira de *trepar*.
Mas, por causa da *barriga*,
Alguns de *gatinhas* vão,
De maneira que ha quem diga
Que se rojam pelo chão,
P'ra novos vereadores
Deixo.....sim..... querem saber?
Triumpho aos conservadores,
Grei que não sabe comer.
Foi de justiça que o *povo*,
Do *bem* em compensação
Lhes desse uma bem boa
Numerosa votação.
Deixo agora aos taverneiros
Para o vinho baptisarem,
A elles, sempre os primeiros,
Nessas cousas de enganarem.
Deixo as ruas aos peraltas
Para de pernas as encher,
Devendo supprir as faltas
Que as moças *possam fazer*.
Dos cães, que ja tem morrido
Em oblação policial,
Somente por que não pagam
O imposto pessoal,
Reunam todas as pelles
Sendo possivel, stá visto,
Para mandar de presente
Um gibão ao Evaristo.
Deixo mais roto fundilho
Das minhas ceroulas velhas,
A um certo peralvilho
Rapaz de grandes orelhas;
Que, palavra, doze asneiras
Estando calado, diz,
Para que por brincadeira
Com ella assôe o nariz.
A um velho representante
Do seculo que ja passou,
E, que fazer de amante,
Não ha muito que tentou;
Deixa faço dos meus dentes,
Que não são lá dos melhores;
Porque ou *atraz* ou na frente
Si elle os tem, são mui peiores.
Os olhos, que tanto viram,
De belleza e fealdade,
Que tantas vezes mentiram
Se volvendo com maldade;
Deixo um para as mamães
Vigiarem as meninas,
Quando vão com os rapazes
Ao jardim, colher boninas.
Aos velhos recem-casados
Com guapas lindas meninas,
As quaes fazem seus agrados
Aos rapazes das esquinas;
P'ra não trazerem nas testas
A carga que trazem bois
Deixo o meu segundo olho,
Olho, que enxerga por dois.
O *outro* ao fisco geral....
Mas.... agora é que reflicto,
Que eu só tendo dous olhos
Vou crear algum conflicto.
A lingua distribuida
Pelas tendas de barbeiro,
Gente que da vida alheia
Fallam, ganhando dinheiro.
Quanto á minha fortuna
Deixo para quem quizer,
Não tenho herdeiro forçado,
O *meu herdeiro* é qualquer.
E neste meu instrumento,
Que muitas vezes reli,
Neste *triste* testamento
Que *seriamente* escrevi;
Não tenho alguma intenção
De offender a ninguem;
O meu estro é brincalhão;
Si ha mal, d'ahi provém.
E nada mais se continha
No supradito instrumento,
E eu juro por fé minha
Não ser outro o testamento.
Approval-o extrajudicial,
Não posso fazel-o ja,
Mas supplico esta mercê
Ao illustrado—*Aguente lá*.
Isto é, ponha preto em branco,
Reduzindo a publica forma;
E correr faça este aranzel
De um testamento norma.

O ECHO E O LADRÃO.

(IMITAÇÃO.)

Alta, noite um ladrão, d'uma parreira
Bifando muscateis uvas sem dó,
Dizia: —Regalar vou os rapazes...
O João, o José e o Jacob.

Echo — Oh!

Oh!... quem está aqui a estas horas?
Querem ver que o caseiro deu por mim!..
Nada, toca a safar, e quanto antes,
Que já não estou bem aqui assim.

E.—Sim!

Não tem que ver... estou arranjadinho...
Vou dar aqui o ultimo suspiro,
Si não bato canella!... Vamos, vamos
Toca a ver si sem perigo me retiro.

E.—Tiro!

Ai! que o demo do homem vem armado,
E pode a tal funcção sahir-me cara...
Que será da mulher e de meus filhos,
Si elle no triste vulto me dispara!

E.—Pára!

Lá n'essa é que eu não caio, meu amigo,
Pois de juizo bom nunca fui falto...
Deixai-me vós chegar ao pé du muro,
E vereis como então p'ra elle eu salto...

E.—Alto!

E' alto, sim, senhor, mais eu sou leve
E trepo ha annos muros de quintaes...
Vereis como eu o subo n'um instante
Si parado e quieto ahi ficaes.

E.—Caes!

Caio!... não caio tal; ora vereis
Como minha manobra a limpo sahe...
Desculpai me a *bifança* d'estas uvas...
Não torna ca o filho de meu pae.

E.—Ai!

Trepava; porem perde o equilibrio
Por ter seu tanto ou quanto de pifão;
E o echo aquelle *ai* soltou ao longe,
Quando o larapio viu cahir no chão.

J. I. d'Araujo.

MOTE.

Por você me despresar
Não hei de morrer solteira.

GLOSA

Quer que então leve a chorar
Toda a noite e todo o dia
Sem ter pois mais alegria,
Por você me despresar?
Pensará que hei de acabar
Os meus dias feita freira?
Ou que faça uma outra asneira
Por me haver você deixado?
Si assim é, está enganado,
Não hei de morrer solteira.

Soneto.

Preta e ja gasta, suja cabelleira,
Olhares de macaco mui *negreiro*,
Bocca de negro mina caxaceiro,
Nariz de espertalhão que a fumo cheira;

Cavalheiro avesado a ladroeira,
Com unhas de rapoza, caloteiro,
Testemunha, que jura por dinheiro,
Naca de estupidez e bandalheira;

Escriptor de sandices que de um jacto
Escreve *jamaes nunca!!* e tão safado
Que de novo se indica a litterato:

Eis retratado o filho amaldiçoado,
O burro que commette o desacato
De um diploma possuir de advogado.

—Então, meu charo, como vae?

—Mal.

—Sinto muito; porem eu lhe vejo gordo e robusto.

—Não é de saude que me queixo, graças a Deus, e sim de um pessimo visinho.

—Oh! isso é peior que uma camada de sarnas gallicas.

—O maldito caixeiro daquella venda, que fica no fim da ladeira do *Ferro grande*, que traz toda visinhança em roda vida.

—Ja tive queixas desse biltre.

—E aqui para nós, ha certas cousas, que não sei comprehender. Não sei como o amo desse insolente canzarrão, que por seu interesse devia velar pela boa ordem de sua casa, fecha os olhos a tudo que faz o depravado e toma até por gracinha.

Tambem não me pode encasquetar que haja amo que, sabendo, tolere, que seu caixeiro tenha duas amazias, a quem paga casa, veste, dá-lhes luxos e até vae libertar uma dellas com uma filha.

—Isso é muito. Ha ahi o quer que seja; o sujeito é caixeiro e mais alguma cousa.

—Mas, fizesse elle lá seus gastos e não vivesse a affrontar o decoro publico, que eu pouco me importaria.

—Estou certo disso.

—Minha familia está prohibida de chegar á janella, por que não quero perder-me, pois que o attrevido bregeiro tem a insolencia de dirigir para lá, logo que vê alguem, acenados obscenos.

—O Sr. acabava isso com uma bochecha d'agoa.

—Como?

—Queixando-se ao subdelegado.

—Estou neste proposito.

—E eu lhe ajudarei. Como se chama elle?

—O amo ou o caixeiro?

—Ambos.

—Francisco e Miguel.

—Tomo nota, e deixe estar que quando o Sr. chegar onde está o subdelegado, ja ha de achar elle lendo o *Alabama*.

—Sr. *tenente*, assim tambem, não.

Prender a mulher, e dar-lhe tanta bofetada!

—Que tem o Sr. com isso?

—Um corpo não soffre duas penas, meu tenente.

—Ja sei.... quer se oppor a prisão.

—Eu?! Amarre seu cavallo n'outra porta.

—Que do cavallo, si eu não o trago?

—Ora esta! Tenente, vá rondar suas patrulhas até a meia noite e não me encafife.

—Quer me bigodear, sem duvida!

—Bigodeada está a creoula, que depois de levar muito sopapo, na quarta-feira á noite, ha de accordar na quinta engaiolada na Correcção.

VARIEDADES.

EXCESSO DE FÉ.

Certo pregador, fazendo o panegyrico de Santa Quiteria, dizia todo inflammado:—Quereis saber o que fez Santa Quiteria, quando lhe cortaram a cabeça? Pegou nella com muita devoção e beijou-a tres vezes em signal de humildade.

QUE IMPAGAVEIS ENFERMEIROS!

Lê-se no *Jornal de Charleroi*:

«Dous simplorios, marido e mulher, dos arredores dessa localidade, tinham um filho doente, havia ja alguns dias; mandaram por isso chamar um medico. Este, depois de examinar o doente e de receitar, teve o cuidado de deitar areia em tudo quanto escrevera, afim de evitar borrões, e disse:

—Aqui está um visicatorio, devem estendel-o em um lenço ou em outro qualquer panno, e applical-o assim sobre o estomago; amanhan cortarão com muita delicadeza as empollas que o emplastro tiver feito.

Poupamos aos leitores o sacrificio de ler o resto da explicação.

Sahindo o medico, a mulher toma a receita, vira-a, revira-a, examina-a com toda a minuciosidade.

—Este visicatorio, observa ella ao marido, parece-me bem singular!...

Sem massa caustica, como pode queimar?...

Não é sem razão, de certo, que a superioridade intellectual foi outorgada ao rei da creação o homem!... O que a mulher com tanto trabalho não descobriu, o marido em um relance prescrutou!

—Ora! exclamou chacoteando, não ha massa caustica? E isto, accrescentou com desdem e apontando triumphante a sua estupefacta mulher, para a arêa adherente á receita, julgas que o doutor atirou ahi so para enfeitar o papel?

Ante tão irrecusavel prova, desappareceram todas as duvidas. Põe-se a vella ao estomago do menino applica-se o emplastro acompanhado, ja se sabe, do competente lenço e espera-se anciosamente pelos maravilhosos effeitos prognosticados pelo faccultativo.

Mas, oh dor! No dia seguinte é levantado o apparelho e por mais que procurem as decantadas empollas, não encontraram nem inflamação nem mesmo vermelhidão!

A mulher exaspera-se; sustenta que a massa caustica era pouca, o marido não é dessa opinião, pois tem muita fé no medico, comtudo, depois de um longo dize tu e direi eu, conchavam-se em deixar o tal emplastro no logar até a visita do doutor.

Eil-o que chega e começa por admirar-se muito que o caustico não tenha queimado: pede explicações aos enfermeiros que lhe respondem com uma compridà tirada acerca de massa caustica que o deixam em jejum, no entanto pede para ver o doente.

E' lhe apresentando o menino e profundo pasmo! Sobre o estomago, algum tanto redondo, mas totalmente virgem do caustico, o doutor descobre... o que? A sua receita!...

Accrescenta a folha donde traduzimos este facto, que, apesar de todos os pezares o doente ficou bom e passa hoje excellentemente.

COUSAS EXTRAVAGANTES.

Camisa com tres botões no peito.
Trancelin de ouro e relogio de prata.
Trajes velhos com luvas novas.
Peito de camisa com bordados.
Cordão de ouro em pescoço de homem.
Roupa da moda e chapeu machucado.
Aceio na vestimenta e sapatos estourados.
Trazer de uma vez chapeu de sol e bengala.
Fazer buchas de sedulas de 50 para caça.
Jogar gamão em horas que se canta.
Largar a companhia de senhoras para ir á caça:
Queimar sedulas para acender charutos.

Um caloteiro costumava, quando era procurado pelos credores, por-se a resar n'um rosario. Tomados de santo respeito, nunca elles tinham ousado interrompel-o em tão beatifica occupação. Um dia, porem, veio um, que quiz esperar que o beato caloteiro terminasse as suas litrinias; este começou então a resar um padre nosso a cada santo da folhinha.

Esperou o bom do credor que, esgotados os santos do almanak, o homem lhe desse audiencia, mas o caloteiro, mal acabou a lista dos canonisados, exclamou:

—Mais onze mil padres nossos pelas onze mil virgens.

O credor sahiu immediatamente.

Um rapaz de boa familia recebeu de seu pae a somma de tres mil francos para obter um substituto militar no caso de cahir-lhe a sorte.

Acontece tirar um bom numero, Sabendo disto o pae, lhe escreve felicitando o e pedindo a restituição dos tres mil francos.

O filho responde-lhe:

«Meu querido pae—Tendo obtido eu um bom numero e não precisando comprar um homem, comprei uma mulher. Vosso filho etc.»

—Pobre rapaz! diz o pai; nem ao menos tem a propriedade della, è apenas usu-fructuario!

Typ de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI. **Serie 42.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 29 DE SETEMBRO DE 1868. N. 415.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de setembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da rua do Paço.—Constando que, no principio do Caminho Novo, reune-se todas as noites uma chusma de negros captivos e forros e que ahi, em menoscabo da decencia, proferem palavras obscenas, sendo constantemente perturbado o repouso publico por semelhante adjuncto, sirva-se S. S., tomando em consideração o exposto, de dar as mais energicas providencias afim de que se não reproduzam semelhantes factos offensivos ao decoro e moral publica.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do districto dos Mares, fazendo-lhe sentir a conveniencia que ha em acabar com um intoleravel e incommodo samba, que se dá nas noites de sabbado, no Uruguay, samba que rara vez deixa de acabar pela madrugada em cacetadas, alem da algazarra e amotinada berraria com que inquieta os moradores. Em vista do que, espera-se que S. S. tome em consideração o exposto.

—São dos diabos os ratoneiros.

—Praticaram alguma *gentileza*?

—Deram um *golpe* de cento e tantos mil réis n'um preto, creio que da casa do Sr. Botelho.

—Que demonios!

—Dous já estão na chena, Viriato e Antonio Desiderio, e vão ser processados pela subdelegacia da Sé, por crime de stellionato, o terceiro João das Mulatas, fez ablativo de viagem para Santo Amaro.

—Deixe estar que a policia do Sr. Assis lhe irá no encalce.

—Temos boas noticias da guerra?

—Ignoro.

—Não chegou o paquete francez?

—Fundeou ha meia hora.

—E eu vejo musica na praça e tanto povo!

—Não; isso são os alumnos do collegio S. João, que vieram cumprimentar o presidente.

—Olé! a politica já invadiu as casas de educação!

—De tudo faz V. um commento. Já enchergou nisso pensamento politico!

—A gente fallando se entende.

—Pois enganou-se.

—Mesmo que deve de ser assim. Porque eu, si mandasse meu filho para o collegio, não queria que o professor andasse lhe imbuindo no juizo este ou aquelle systema de partido.

—Ha segurança de propriedade?

—Porque não? Ahi está o corpo de policia, as rondas de vapor, a guarda nacional a-

quartelada e vae mais se crear um corpo provisorio, para garantir nossas propriedades, isto é, de quem as tem, que eu cá por mim, tudo quanto possuo comigo trago.

—Está bem aviado! Eu nunca vi os larapios e ratoneiros mais audazes.

Entre outros, ha aqui um moleque Angelo, cara-olho, morador em casa do conego Cyrillo, que é um verdadeiro flagello para o publico; entretanto que a policia, com seu cortejo de agentes, ainda não foi capaz de filal-o.

—E' endemoninhado.

—Um dia destes entrou surrateiramente em casa do negociante Gonçalo Alves Guimarães, á Soledade, arrombou um quarto e roubou tudo quanto achou: relogios, roupa, dinheiro, etc.

—E pôz-se ao fresco?

—Preso na freguezia da Sé, escapuliu da casa do subdelegado, façanha que não é a primeira vez que pratica, e homisiou-se na Cathedral, seu valha-couto certo.

—Mas que quer, si ha ali dous conegos, que lhe dão guarida!

—E um até anda se empenhando por elle.

—Agora, o motivo porque elles praticam assim, é que é tristissimo para dous sacerdotes.

—Brada-se até esganar e ninguem cumpre seu dever!

—Deixe-se disso, rapaz.

—No dia em que o Sr. passar pela rua Direita e levar uma boa porretada, não ha de dizer assim.

—Isso não é com o filho de meu pae, que não offende a ninguem.

—Quantas vezes paga o justo pelo peccador?

—Dessa maneira, não duvido.

—Pois é assim mesmo. Os capadocios perseguem a um pobre velho, cego e maluco, que ha ali, de nome Jacob, e este, desesperado, vem para a porta com um formidavel cacete e vae destribuindo cacetadas ao vento. Ora, é claro que ellas só podem offender a quem vem desapercebido, porque os provocadores tem a prudencia de se pôrem de largo.

—E' malvadez e mais alguma cousa ir atormentar a um infeliz cego!

—O vapor francez trouxe noticias da guerra?

—De importancia, não. Passando os olhos pelo *Jornal do Commercio* apenas encontrei o seguinte:

«A unica cousa que com certeza se sabe do theatro da guerra é achar-se o nosso exercito, parte do qual já chegara a Villa-Franca, em marcha sobre a Villeta, ou antes sobre a Assumpção, pois não se acreditava que Lopez tentasse defender-se naquella povoação, nem mesmo em outro qualquer ponto. A esquadra subia tambem o rio, acompanhando o exercito e adiantando-se a elle alguns vasos.

O mesmo jornal dá como effectuada a occupação de Tebiquary, e diz mais que Lopez fuzillou, entre muitas outras pessoas, o Sr. Pereira, consul de Portugal.»

—Temos barulho no becco.

—E pelo geito a cousa é grave.

—Eu que não quero ficar em jejum a respeito, vou me chegando.

—E eu tambem.

—Ora forte estupidez!

Pois reunirem-se mais de 300 pessoas para apuparem e rasgarem uma mulher que sahiu á rua de vestido, por que é de côr preta.

—Por isso, não; muitas senhoras de côr preta sahem á rua e são respeitadas. E' que a cuja está no pifão.

—Embora! Quem authorisou essa malta de capadocios a maltratar uma mulher indefeza?

—A civilisação desta terra corre a galope.

—E a segurança individual é fructa que peccou no cacho.

—Emfim, o Sr. major de policia, com seus bons modos vae accommodando a turba e conduzindo a sujeita para casa.

—E a Sra. Melania, que esquive-se de sahir segunda vez de vestido porque o publico intolerante não lh'o permitte.

—Tambem ella sempre foi estabanada.

NOSSO REI GOVERNA SO'!

Eia, viva, haja folgança,
Que a cousa está de romper,
Salte, pule, cresça a dança,
Que o batuque é para ver;
A sombra da magestade,
Do rei faça-se a vontade,
E o povo roje no pó;
E viva a santa harmonia,
Tripudie a real folia,
Nosso rei governa só.

Ha quem falle em voto livre,
Coitado do toleirão!
Quem pode ser illustrado
Junto do regio mandão!?
Corramos como carneiros
Aos acenos dos *ordeiros,*
Escravos n'uma só mó.
Que o rei o quer... e abundancia
Ha de encher-nos a ganancia,
Nosso rei governa só.

Nossos paes nunca pensaram
Que esta fosse a nossa sorte,
E que o grito do Ypiranga
Seria um grito de morte,
Que, fazendo a Independencia,
Erguiam a prepotencia,
Que ao povo calca sem dó;
Nunca lhes veio á memoria,
Que exista tempo na historia
Em que o rei governe só.

Foram loucos, que sonharam
Grandezas para o Brasil!
Quizeram que o povo inteiro
Tivesse alma varonil!
Julgaram que o soffrimento
Nos fadejava um momento
Da liberdade sem nó;
Não podiam crer que o povo
Rojasse escravo de novo
Do rei que governa só.

Foram loucos! nós felizes
Saibamos escravos ser;
Salte, pule, cresça a dança,
Que a cousa está de romper;
Veja por nós a policia,
E gose o povo a delicia
De beijar submisso o pó,
Que temos, por f'licidade,
No throno a nossa vontade
Do rei que governa só.

(Do *Diario do Povo.*)

LA VAE VERSO.

— Querem saber d'uma cousa
Que deve causar espanto,
Pois um subdelegado
Tambem não cahiu no *santo?*

Foi com a familia ver
No Engenho Velho a *matança,*
E ficou tão fascinado
Que deu co'os quartos na dança.

E no meio das creoulas,
Com um cumprido timão,
Eil-o a mecher com o corpo
Com seu penacho na mão.

Petiscou seu *afurá,*
Comeu azeite fervendo,
E junto do pé de *Lôco*
Foi pelo chão se batendo.

Si até as authoridades,
São deste mal atacadas,
Não admira que o sejam
Boçaes creoulas, coitadas....

MOTTE

Glozado entre a Felippa coxa, o padre Sabido e o Mil-homens.

Padre.—Ora va de sucia—vamos fazer algum improviso á saude da nossa gente, que bateu a chapa em todas as freguezias.

Quem dá o motte?

Felippa.—Dou eu e hade ser bem bonito, para inflair a gente a discorrer—la va elle.

«E' cousa que eu mais desejo»

Mil-homens.—Um appendice, peço que se declare a qualidade da cousa.

Padre.—Não apoiado, estamos em paiz livre, cada um tome para si a cousa como quizer; nada de discussões. Eu vou já principiar—

De mulher velha e ranhosa
Não quero beber sobejo;
Que não dê traques na cama
«E' cousa que eu mais desejo.»

Felippa.—Fora, fora patife, isto é comigo—e este bregeiro não olha para si, que está vivendo em concubinato escandaloso com a Maria Joanna. Pois eu vou ja esfregal-o. Arre! Que padre atrevido—

O *Sabido* de vergonha
Não tem o menor bafejo;
Que a *cuja* lhe dê supapos,
«E' cousa que eu mais desejo.»

Mil-homens.—Gentes, está mau isso, viemos nos divertir e não puxar desordens; eu faço meus improvisos sem bolir com os outros e por tanto vou dar de mim sem barulho.

Padre.—Bravo! isto é que mostra ter bom gosto e educação; diverte a gente sem offender; não é como esta pirúa, que veio logo me atacando.

Felippa.—Calem-se, senhores, que la vou eu corrigir a phrase—

Fortunas improvisadas,
Da noite p'ra o dia vejo,
Que me digam d'onde vem
«E' cousa que eu mais desejo.»

Padre.—Espere, Sra., que acudiu-me a pojadura—

Moça bonita e bem feita
Tem sempre doce bafejo,
Que me assopre no meu beiço,
«E' cousa que eu mais desejo.»

Mil-homens.—Agora eu—

Todo fidalgo impostor,
Eu desprezo e não cortejo,
Saber si é melhor que os outros
«E' cousa que eu mais desejo.»

Felippa.—Pois agora, o que vou fazer é n'outro ponto para variar; escutem—

Quem tem marido sovina,
Não come, bollos nem queijo,
Casar-me com vendelhão,
«E' cousa que eu mais desejo.»

Mil-homens.—Ora dá-se que asneira de mulher! Querer casar com vendelhão, só para comer queijo. Pois la vae uma de estouro—

Uma tarasca já velha
Pariu um filho sem pejo,
Saber quem fez esta obra
«E' cousa que eu mais desejo.»

Felippa.—Isto é commigo, bandalho; si é capaz, chegue p'ra ca·

(Travou-se a briga e acabou tudo em bofetão; o padre de batina rota e *Mil-homens* com a cara toda arranhada.)

Á PEDIDO.

La se vão mais de seis mezes!

Tem se feito diversas provocações pela imprensa, e não ha forças humanas que façam com que o tal sabidorio, que arrecadou os continhos de reis para os festejos pelo acabomento da guerra, e que não poupou a nenhum habitante da *Avó de Christo*, dê conta ao menos de quanto agenciou?! E como hade elle dar conta, si estes cobres vieram tão a proposito para a obra do sobrado? E se não que o diga o

Trimitivo Major.

—Não sabe, capitão?

—O que?

—No domingo, foram aquellas duas sujeitas da ladeira da Praça com dous capadocios para o Engenho da Conceição e de lá transportaram se para as Campinas para o *zungú*.

Não sei os nomes dos capadocios, parece-me que um se chama *João Pintor*.

—Estão tão enraizada estas patifarias de candomblé, que eu já não me admiro de ver a gente de côr preta involvida, quando até os brancos são os mais encarniçados adeptos da cousa.

Pede-se aos Illms. Srs. Dr. chefe de policia e subdelegado da Sé que, a bem da moralidade publica, se dignem lançar suas vistas para umas depravadas meretrizes, que moram no 1° e 2° andar da casa n. 38, á rua Direita de Palacio, as quaes reunidas, sem respeitar o decoro das familias, praticam toda a casta de obscenidades, em palavras e actos, com as janellas abertas e em fraldas de camisa, consentindo que *certos freguezes* dirijam de seu alcouce expressões vís e insultuosas ás familias, que não se querem sujeitar a reclusão de trazerem as janellas constantemente fechadas.

Ha noites em que a orgia estende-se até as quatro da madrugada, debaixo da mais estrepitosa galhofa e dicterios immoraes.

Sendo esta rua uma das mais transitadas, é vergonha que esteja nella semelhante foco de prostituição, pelo que implora-se as benignas vistas de Ss. Ss.

VARIEDADES.

Um aldeão de Manhacim, perto de Hamburgo, levou ultimamente ao altar, na edade de 50 annos, a sua decima mulher.

Este enlace matrimonial attrahiu grande numero de testemunhas que, como prova de admiração pela recemcasada, levaram-a em triumpho pelas ruas.

Os romanos faziam o contrario em circumstancias analogas, isto é, conduziam em triumpho o marido.

No tempo do imperador Theodoro, um homem do povo, cujo nome a historia assignala, e que tinha já casado muito legalmente com 20 mulheres, contrahiu matrimonio com uma innocente, que, pela sua parte, já tinha enterrado 22 maridos.

O publico estava ancioso por ver qual dos dous enterraria o outro, mas não tardou muito sem que se tirasse de duvida, porque a mulher passou desta para melhor vida.

O povo correu em ondas á casa do heroe, pôz-lhe uma corôa, metteu-lhe uma palma na mão, como se fazia aos vencedores, e passeou-o em carro triumphal pelas ruas principaes de Roma.

COUSAS QUE SE PEDEM EMPRESTADAS.

Bandeja em dia de chá.
Bichas e oleo de ricinio nos engenhos.
Violão para cantar modinhas.
Prato grande em vespera de S. João.
Forma de pan-de-ló.
Chapeu de pasta em dia de baile.
Caixa de voltarete em dia de função.

ANNUNCIOS.

AMA

Precisa-se de uma na rua da Preguiça n. 11, 2.° andar.

QUEIMA ESPANTOSA!

A 2$400! 2$400! 2$400!!

Cada corte de cassa achitada de fixos e lindos padrões, com 8 jardas cada um, fazenda propria para vestido, vende a loja 106, ao entrar das Grades de Ferro, por baixo da Lithographia Jourdan.

A's familias que dezejarem ver esta novidade, mandando o importe, da-se para ver.

O Dr. Especulatorio participa ao publico desta cidade que tem aberto o seu hospital nos arcos de Santa Barbara, onde dá consultas continuamente das 9 horas até meia noite. Cura perfeitamente as molestias de unhas e febres inconsequentes. Aos pobres de graça, no caso que morram e aos ricos conforme o dinheiro que tiverem. Quem duvidar adoeça.

O

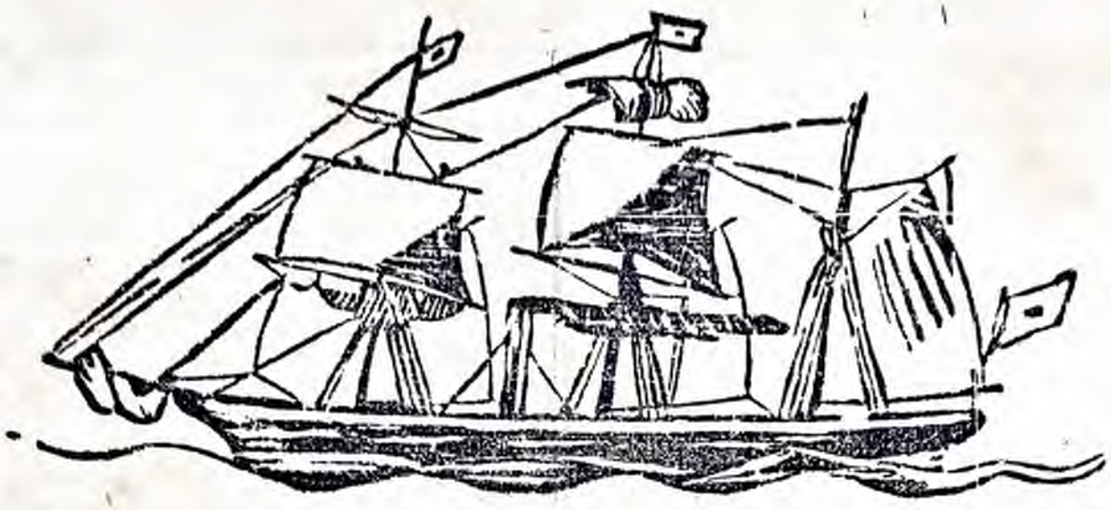
ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 49.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 3 DE ABRIL DE 1869. N. 488.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de abril de 1869.

Officio á Illm. camara municipal, communicando-lhe que a bocca de lobo existente no becco do Motta acha-se convertida em deposito de lixo e immundicie, entupida até a superficie, e sem a respectiva tampa, dando isso causa a que quando chove transborde e exhale insuportavel fedentina. Consta que um morador ja se propoz a concertal-a a sua custa, mas a isso oppoz-se o respectivo fiscal, por ser, dizia, uma usurpação das attribuições da camara; entretanto, vae passado quasi um anno sem que a minima providencia appareça; o que espera-se agora com a presente reclamação.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que o muro do convento do Desterro acha-se desaprumado e rachado; parte desse muro já desabou o anno passado e é bem possivel que com o proximo inverno desabe o resto, causando funestos prejuizos ás propriedades fronteiras e ás vidas dos transitantes. Espera-se que S. S. se dignará tomar providencias em tempo, para que não se venha a lamentar algum desastroso successo.

—Ao medico interno do hospital dos Lazaros.—Constando que S. S. adoptara no regimen therapeutico desse hospital um systema inteiramente diverso do de seu antecessor, reduzindo os doentes a rigorosa dieta de pão e carne, quando aquelle lhes mandava dar gallinha, peixe, vinho, etc., conforme o apetite de cada um, ao passo que torna-se incansavel no receituario, ao ponto de não haver dia em que cada doente não seja medicado, cumpre que S. S. informe si é alguma descoberta que fez para a cura da terrivel molestia por tal methodo, porque nesse caso deve S. S. ter muito cuidado para que não lhe venha a acontecer como o caso do homem que queria acostumar o cavallo a não comer, ou si S. S. assim pratica puramente por amor da economia.

—Aqui está uma do olho-vivo que nada deixa a desejar.

—O Sr. Bolotas, um dos mais activos soldados da companhia, e cuja fertilidade de recursos, por mais de uma vez tem mostrado, encaminhou-se segunda feira 29, para a Soledade. Entrou na padaria do Sr. Salustiano, com ares de negociante de Alagoinhas, e encommendou tres barricas de farinha, á pretexto de lhe ser dahi mais facil a conducção para a estrada de ferro.

Em quanto se preparavam as barricas, disse que ia á uma venda perto comprar diversos generos; dahi á pouco voltou pedindo ao padeiro 5$ rs., emprestados, pois que o vendelhão não tinha troco para 100$ rs.

O padeiro cahiu e o Sr. Bolotas largou-se com os *cincos paus*.

—Esta gente tem pacto com o diabo!

—E todo o dia encontram quem caia!

LA VAE VERSO

Ai, zombastes de mim, tu zombastes,
Dos carinhos que eu louco fazia
Quando em ti tanto amor soletrava,
Quando em ti tantas graças eu via?

Queira o ceu me vingar da inconstancia
Com que amor tão fiel apagaste;
Ja que foste perjura a teus votos
E dos ternos carinhos zombaste!

As agulhas espetem te os dedos,
Dê nó cego, arrebente-se a linha,
Com que coses as tuas costuras
Reclinada a janella á tardinha.

Nos domingos e dias de festa
Não encontres o pente cheiroso,
O vidrinho de banha se quebre,
Não retrate-te o espelho lustroso.

Não encontres a linda pulseira,
Com que enfeitas o braço mimoso,
Nem o annel de cabellos daquelle
Que sorri de venturas ditoso.

Não encontres prazeres na dansa,
Ja que ingrata e inconstante assim és;
Quando fores aos bailes, ás festas,
As botinas machuquem-te os pés.

E não olhem-te os moços na rua,
Não contemplem teus magos primores,
Não te peçam uma graça, um sorriso,
Não te escrevam cartinhas d'amores.

Vivas triste, isolada do mundo,
Separada das outras e só;
Seja tudo contrario a teus votos,
Té que um dia de mim tenhas dó!

Eis as pragas que rogo-te ingrata,
Uma vez na semana, ao domingo;
Ah, si Deus escutar os meus votos,
Deste modo de certo me vingo!

(*Extr.*)

Á PEDIDO

—Capitão, supponha V. Ex. que eu moro em um palacio cercado de copudas *mangueiras*, dentro de uma roça.

—Estou lhe ouvindo.

—Que na dita roça entra uma mula de um meu visinho; qual deve ser o meu procedimento em tal caso?

—Mandal-a para o curral do conselho, si não quizer usar da condescendencia de envial-a a seu visinho, que em todo caso é uma acção urbana.

—E, si ao contrario, eu lanço mão do animal, que não é meu, deito-lhe duas cangalhas e o mando para a rua vender agoa?

—Agora o caso muda de figura. Chama-se a isso usurpar o alheio contra a vontade de seu dono.

—Não estou satisfeito com a definição.

—Veja se lhe serve esta:

Agazalhar o que é dos outros com má fé.

—Tambem não, visto que a besta andava publicamente pelas ruas carregando agoa.

—Então em bom portuguez isto chama-se surripiar, roubar a propriedade alheia.

—Agora sim, acertou.

—Mas sou capaz de apostar que a comparação não tem relação comsigo.

—São artes do *Antonio*.

—Logo vi.

—O *Rodrigues* contou-me que, estando hontem a tomar fresco embaixo de uma *nogueira*, ouvira esta conversa.

—Meu charo, o que V. diz é justo; mas que é das provas?

V. sabe que nesta terra os ladrões são conhecidos, mas nieguem os pode chamar pelo neme para não pagar injuria.

—Neste caso, não se faz nada.

—Diz V. que o sujeito tinha uma irman a quem quiz forçar a um casamento contra vontade, que ella desesperada, depois de lucta tenaz, como derradeiro recurso enforcou-se e que abafou-se tudo, e por ficar abafado mesmo é que não se pode tratar disso.

—O' Latronopolis!... terra contaminada!

—E depois é um caso passado fora da capital.

—Mas que V. Ex. podia verificar.

—Homem, deixe lá. Nós temos uma policia, que dizem ser das mais atiladas e previdentes, ella, si quizer, procure o fio da historia.

—E que seja bem minuciosa; porque, ás vezes, n'uma *lagoa pequena* escondem-se monstros vorazes.

—E' mal sem cura!

O celebre Manuel Desiderio, em S. Francisco de Paula, ha pouco processado por haver extorquido de um incauto 400$ rs., por meios dolosos, continúa a chamar á sua casa os inexperientes tabareus, que são roubados escandalosamente por meio de jogos e advinhações artificiosas.

Mas como não ser assim, si elle e seus companheiros ficam impunes sempre?

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia pede-se que lance suas vistas para aquelle covil.

—E's o *Manoel Xaruteiro*?
—Sim, senhor; o que dispõe?
—Como escapastes, tratante?
—Escapei de que?
—O' lá bandido, queres affectar de innocente?
Como é que tu andas frescando, quando teus socios estão na ganga, tu, o maior colosso da quadrilha?
—Cada um que va se aguentando. No tempo de muricy cada qual trata de si.
—Ja sei, te pozestes de fora, deixando os companheiros na rascada.
—E ja abri nova sociedade.
—Sei disso. Fizestes alliança com o *Zé Russo*.
Ora bem, daqui seguirás commigo ao capitão do *Alabama*, a quem contarás a tua historia para receberes o premio de teus feitos.

(Continúa.)

—Capitão!
—Diga.
—Leu o *Diario da Bahia* de 31 de março?
—Li, porem não prestei muita attenção.
—Peço-lhe que leia de novo e avalie o estrangeiro mandando no governo actual.
—V. está maluco, homem de Deus; porem que negocio é esse em que o estrangeiro manda mais que o governo?
—Eu lhe digo—não viu o artista dramatico Bento pedir ao governo o theatro publico para dar um beneficio em seu favor, attento ao seu lastimoso estado de saude?
—Não reparei; mas o que ha de novo?
—E' que o governo mandou que o homem se entendesse com o empiezario da companhia lyrica, para por favor lhe conceder o theatro para o fim desejado.
—E o que respondeu elle?
—Que não dava.
—Que vorgenha:
N'este caso, esta terra só é dos estrangeiros.
Este Sr. Bernardo Lourenço tem cousas de sua cachola que faz admirar. Porem vou-lhe officiar que o commandante deste navio não responde pelo que a rapazeada fizer, ao depois não ande as cabeçadas, de um lado para outro, a dizer que são os seus adversarios.

—Vem cá, biltre!
—Mais respeito para com um *alferes* da guarda nacional.
—Para que *vás* a *cancella* daquella casa seis e oito vezes ao dia?
—No Barbalho?
—Sim.
—E' para ver se colho um *figo* que está amadurecendo.
—E' por que o dono não tem um bom cachorro de fila para te por no encalce.
—Que se ha de fazer! A *figueira da* fructos tão saborosos!....
—Ah! birbante, nem por casares com a viuva deixas o violão e as modinhas!
—E' com isso que se alcança muita cousa.
—Até que um dia alcançarás uma boa sova.

—Sr. official, pague a rapariga.
Isto é feio! A mulher vir atraz de Vm. a gritar que lhe dê seu dinheiro da Baixa dos Sapateiros até o becco das Moroas!
Veja quanta gente pelas janellas.
—Não lhe comprei nada.
—Mais o caso é que ella se julga authorisada a vir atraz do Sr. bradando que lhe pague.
—E' muito deponente para um official, e ao que parece, de serviço.
—Estou de ronda.
—Tanto melhor.
—Eu sou algum *pitú*, para pagar sem dever?
—E' impossivel; a mulher que reclama é por que tem direito. Pague e lembre-se que amanhan é o 1.º de abril.

Pede-se ao Illm. Sr. subdelegado do *Segura Parede*, que passe a examinar a loja numero *cinco* vezes *cinco*, á rua dos *Pés-de-cocos*, que, segundo nos informam, é occupada por um *ilhote* que espanca cruelmente a infeliz esposa, levando a brutalidade e malvadeza ao ponto de conservar um cavallo ao pé da cama da desditosa, separada apenas por uma pequena parede.
O que espera-se de S. S., como pae de familia desvellado, e authoridade zelosa e deligente.

Como unica resposta a noticia inserta nos numeros 484 e 485 do *Alabama* de 25 de março, de referencia á proprietaria do engenho Pantaleão, publicamos o seguinte irrefragavel documento:
Illm. Sr. administrador do correio de Santo Amaro.—Rogo-lhe a fineza de responder-me ao pé desta si é verdade que um empregado do correio d'esta cidade, tendo levado por engano á proprietaria do engenho Pantaleão uma carta acompanhada de alguns objectos, a recebera a mesma Sra. e depois de

lel-a não tratou de devolvel-a ou mandal-a entregar a pessoa á quem era dirigida, segundo refere o *Alabama* de 25 de março do corrente anno.

Permitta-me pois fazer de sua resposta o uso que me convier no intuito de destruir a falsa asseveração da mesma folha em publicação a pedido.

Bahia 27 de março de 1869.

De V. S.
Patricio e criado venerador.
J. Pires F. Brandão.

Illm. Sr.—Em resposta á presente que acabo de receber, tenho a dizer-lhe que é de todo inexacto, e inteiramente destituido de qualquer fundamento, o que refere a publicação do *Alabama* de 25 do corrente, acerca da carta acompanhada de qualquer objecto que fosse por engano entregue á proprietaria do engenho Pantaleão, e por ella desencaminhada. A agencia do correio, a meu cargo, so tem carteiro para entregar cartas ás pessoas residentes n'esta cidade, e morando a Sra. no seu engenho distante da mesma cidade, é claro que lá não iria empregado algum do correio.

Pode V. S. fazer d'esta minha resposta o uso que lhe convier.

Sou de V. S.
Attento e criado.
Domingos Vieira da Silva.

Pede-se ao Sr. subdelegado do *Segura-Parede* que dê providencias que ponham um freio ao descommedimento do gallego *José* que ha pouco comprou a venda do *Zephirino*, defronte do trapiche *Mão-de-corvo* e não continue esse destemido *unhas de gavião* a comprar assucar e algodão roubados a toda a hora do dia e da noite, com o descaro proprio de um larapio acostumado a empalmar o alheio.

—O Sr. Dr. J. P. F. B., com a resposta de uma carta, que elle dirigiu ao administrador do correio da cidade de Santo Amaro, prova que a proprietaria do engenho Pantaleão não recebeu a carta que d'aqui fora dirigida a uma senhora, na mencionada cidade, segundo uma publicação que sahiu no *Alabama* de 25 de março.

—Mas o carteiro foi em casa da senhora, á quem era a carta dirigida, e disse que a tinha levado á proprietaria do engenho Pantaleão, logo a culpa vem delle. O que é certo é que a carta foi d'aqui remettida e não foi entregue.

—O administrador diz que a publicação do *Alabama* é fora de fundamento, porque o engenho fica distante da cidade e não se manda entregar cartas senão d'aquellas pessoas conhecidas e ali residentes.

—Ora... *pulgas!*

O que não é fora de fundamento é que não ha boa administração no correio de Santo Amaro, e por isso se estraviam as cartas, dando-se depois desculpas de longitude e outras frioleiras semelhantes.

O deleixo das administrações de certas repartições, é que dá logar á tudo isso.

—E depois é preciso que o Sr. administrador chame os carteiros, syndique do que levou a carta, a que se referia a publicação do *Alabama*, para então, com conhecimento de causa, responder á carta do Sr. Dr. J. P. Falcão Brandão.

Ninguem diz que a honrada proprietaria ficasse com a carta; mas o que é certo é que foi estraviada, fosse lá como fosse, e a prova está em não ter sido ella entregue á pessoa a quem era dirigida.

—De qualquer lado que tomem a cousa, prova o deleixo que ha no correio de Santo Amaro, na entrega das cartas.

—E ahi é que eu vou!

VARIEDADES

LEITURA CURIOSA.

digas	sabes	diz	sabe	diz	convem
faças	podes	faz	póde	faz	deve
creias	ouves	crê	ouve	crê	quer
julgues	vês	julga	vê	julga	sabe
gastes	tens	gasta	tem	gasta	pode
não	tudo o que	porque o que	tudo o que	muitas vezes	o que não

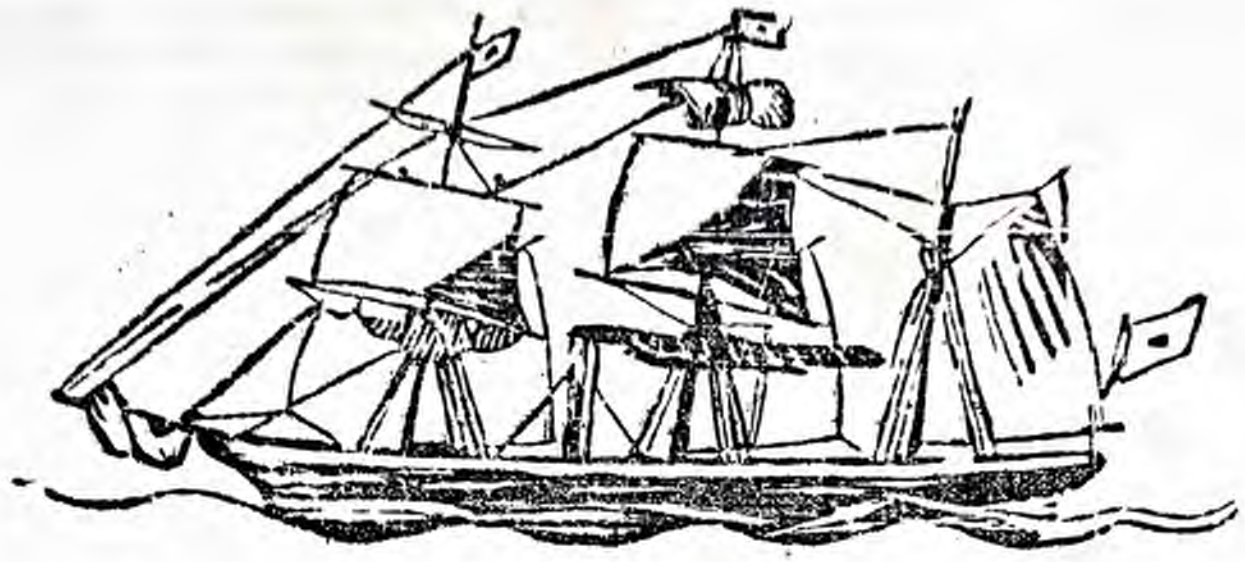
ANNUNCOS

O senhor que mandou imprimir com extraordinaria pressa uns recibos, para a tinturaria da rua de Baixo e que entretanto ha mais de 15 dias e esqueceu-se de vir buscal-os, queira fazel-o que estão promptos.

PARA OS APAIXONADOS DO BIXO.

Vende-se um cavallo muito habilidoso: á tratar com o Izaac, marcineiro, ás Portas do Carmo.

Typ. de Marques, Aristides e C.,



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 49.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 7 DE ABRIL DE 1869. Ns. 489 e 490.

O ALABAMA.

6 DE ABRIL DE 1869.

Hontem pelas dez horas do dia effectuou-se o desembarque de S. Ex. o marechal visconde de Itaparica, o bravo soldado do Chaco, o intrepido legionario da guerra do Paraguay.

A recepção a bordo, o transporte por mar, o desembarque, a nova recepção na praça de Riachuello e no antigo palacete do consulado —foram d'estas scenas raras na historia de um povo, excepcionaes na vida de um homem.

Si esse triumpho, si esse enthusiastico acolhimento, não lhe sanam as feridas do corpo, compensam-lhe sem duvida os soffrimentos moraes, as fadigas do espirito, os momentos de duvida acerba, que por certo turbaram-lhe o espirito nos momentos do perigo.

Foi uma recepção pomposa: foram corôas por mão da innocencia, e saudações pela bocca inspirada dos bardos nacionaes.

D'ahi, depois de uma ligeira collação, S. Ex. foi transportado n'um carro, puxado pelo povo, pela rua Nova do Commercio e Ribeira, fez oração na Conceição da Praia, seguiu pela Preguiça, ladeira da Gamelleira, até á ladeira de S. Bento, residencia de sua familia.

Por todo esse longo transito haviam bandeiras, arcos triumphaes, e innumeras gyrandolas que subiam aos ares, emquanto uma chuva de flores precipitava-se de todas as janellas.

Não podemos deixar de elogiar os nobres esforços da commissão, que encarregou-se tão nobremente do brilhantismo d'essa festa nacional—apontando entre outras cousas a lindeza e o gosto dos quatro arcos triumphaes armados na praça Riachuello, na entrada e no fim da rua Nova do Commercio e no termo da ladeira da Conceição, defronte do hotel Figueiredo.

Os vapores offerecidos pela mesma commissão para que o povo fosse á bordo do *Paraná* receber o illustre recem-chegado, dão mais uma prova da nobreza de sentimentos que a animavam. Sobreleva, entretanto, não dispensar de censura o empregado da Companhia Bahiana, que designou um desses vasos com o nome de *vapor dos moleques*... procedimento inqualificavel, lama que sahiu da bocca de um grosseiro e ignorante, para salpicar-lhe o proprio rosto, e revellar-lhe a torpeza d'alma.

Moleques!... Pois são moleques os bahianos que correm pressurosos a victoriar o seu heroe, o desaffrontador do aggravo nacional?

Peza-nos intercallar n'estas columnas, em occasião tão solemne estas phrases asperas —porem taes querem-nos, taes somos: a imprensa tem por missão premiar e castigar, e faz ambas essas cousas ao mesmo tempo.

De noite continuaram as manifestações — a musica atroou os ares constantemente, os foguetes illuminavam o espaço, e a ladeira

de S. Bento esteve continuadamente apinhada de povo.

Mario depois da derrota dos Cimbros, Pompeu depois da conclusão da guerra dos piratas, os heroes da Grecia antiga, os Miltiades e os Themistocles, nenhum foi por certo mais nobre e enthusiasticamente recebido pelos seus concidadãos.

Napoleão, fugitivo da ilha d'Elba, viu cahirem a seus pés as armas dos soldados do rei, seus antigos soldados, enviados para prendel-o ou matal-o...

Eram as homenagens de uma tropa de guerreiros que, admirando seu chefe, admiravam-se a si proprios.

Entretanto, hoje, é um povo em massa, e não o exercito, é uma provincia, e não um regimento, é uma capital, é uma população de duzentas mil almas que envolve o coração em louros e o atira aos pés do triumphador do Chaco!

Oh! Salve! salve general!...

O viajor que percorre o norte da Inglaterra, calcando aos pés, ou saltando por sobre as ruinas dessa immensa muralha construida pelos romanos contra as invasões dos terriveis Pictas lembra um nome—o do imperador Severo.

O antiquario curioso, que percorre esse montão de ruinas que se chama Asia menor, decifra n'uma pedra o nome de Palmyra, Babylonia, Ninive, e esses nomes lembram-lhe: Zenobia, Semiramis, Nembrod!

Os arredores de Vizeu fallam-nos de Viriato.

Assim um dia, quando as gerações futuras succederem ás gerações hodiernas, como as gerações hodiernas succederam ás gerações passadas—o viajor, que visitar aquelles pantanos, hoje retintos por nosso sangue; e então convertidos em cidades populosas, em centros activos da civilisação—como o peregrino que estaca ante o cabeço de São João para pronunciar um nome—Waterloo..... Napoleão!—o viajor que *visitar esses logares*, ha de tambem parar ante o gigantesco de uma obra, e ha de rememorar um nome—Argollo!

Resta-nos agora tamsomente fazer votos pelo restabellecimento prompto e completo da saude do nosso heroe, do renovador de nossas antigas glorias militares.

Um ponto ha mais, que não devemos deixar escapar: quando S. Ex. desembarcou no caes da praça Riachuelo, quando o povo bahiano o viu carregado a braços, por não poder caminhar, uma d'essas lagrimas solemnes, um desses prantos, que nunca secam, [illegible] essa lagrima escreveu-lhe um nome n'alma, e esse nome nunca se apagará.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que ha seis dias, mais ou menos, o mestre pedreiro Valerio foi desapiedadamente espancado á cacete no corredor da Victoria, e acha-se em perigo.

Consta que um caixeiro de certa casa commercial estrangeira, vira o facto, mas nega-se a declarar quem são os authores.

Não é o primeiro caso que se dá recentemente por ali: ha quinze ou vinte dias, um homem que acompanhava uma senhora, foi aggredido e sahiu com um profundo golpe em uma das mãos.

Estes e outros attentados contra a segurança individual, clamam por um correctivo contra seus authores, que sem duvida não passarão de alguns apreciadores de *Bass*.

—Capitão, na noite passada andava a tomar fresco pelo becco dos Terceiros Franciscanos e sorprehendi uma conversa.

—A respeito?

—Eram duas visinhas que tagarelavam.

Dizia uma:

Morreu o Fr. Santa Rosa e deixou livres os seus escravos—Francisca, Bonifacia, Roque, Bemvinda e Luzia.

—E' caso novo; os filhos da ordem Seraphica professam pobreza.

—Isso é o menos; já houve quem deixasse propriedade.

Escute o resto.

Os escravos ficaram em companhia de uma devota que *lavava os cordões* do frade; na quinta feira, porem, não sei que azeites teve a *convertida* que fez das cartas de liberdade dos pretinhos uma coivara.

—E agora?

—Quem sabe? Não pode haver uma carambola, um dividendo e aquelles pobrezitos voltarem ao jugo da escravidão?

—Ao menos, o inculcado senhor ha de provar o dominio.

E de mais, quem dá ouvidos a contos de mulheres fallastronas, alta noite?

—Capitão, V. Ex. entretem relações com o juiz de orphãos?

—Nenhumas.

—E com o chefe de policia?

—Tambem não.

—Isto é que foi o diabo!

—Pretendia alguma cousa?

—Pouco.

—O que queria V.?

—Apenas pedir-lhes que lançassem os olhos para uma menina de 9 a 10 annos, cujos paes, por especulação, a mandam por toda esta cidade esmolar, á suppostos pretextos. Já a tenho encontrado até na Calçada.

Ora, nesta epocha, em que a perversidade lavra, é muito facil que qualquer malfazejo a illuda e venha a seduzil-a e perdel-a pelo cynismo e sordidez dos paes, que lançam mão de tão reprovado expediente para adquirir dinheiro.

—Talvez a necessidade os obrigue a isso.

—Não concordo; uma menina daquella edade não deve mais andar pedinchando; si os paes não podem mantel-a, seja recolhida a uma casa pia.

—Mas, ao cabo de tudo, V. não disse quem eram os paes e onde moram.

—Ao certo não lhe sei dizer; mas affiançolhe que o logar certo de ser encontrada é na torre da Sé, e quem habita ahi pode muito bem dar informações.

—Ha de se averiguar isso.

—Uma gentileza do olho vivo.

—Apre!

—Um individuo, bem trajado, de cadeia e luneta, apresentou-se na loja do Sr. Villaça e pediu as amostras de chitas e cassas para levar á sua familia na rua de Baixo. O logista concedeu-lh'as, exigindo certa quantia como garantia.

O cavalheiro de industria nenhuma duvida fez e sem se perturbar, metteu a mão no bolso, e depois fez um gesto de surpreza, dizendo:

«Ai, que me esqueci a carteira!... é uma massada voltar.»

O logista, suppoz pelo traje, que o tratante fosse pessoa séria e confiou-lhe as amostras, sob condição de voltarem no mesmo dia.

—E voltaram?

—Voltariam!

Os retalhos acham-se hoje convertidos em duas famosas cobertas de certa meretriz, a quem o larapio presenteou.

—Conhece-o?

—Não.

—E como soube disso?

—Porque vi nos cartões o nome do logista em casa da tal *filha da noite* e depois um amigo do mesmo a quem eu contei o caso confirmou-m'o.

—Arre! São capazes de roubar o sol antes de nascer!

—Estes soldados de policia só servem para fazer bravatas!

Deram no escravo de uma viuva visinha do Sr. major Marinho á cahir, e em cima levaram-no preso!

—E a pobre senhora a perder os dias de serviço de seu escravo.

—Si ao menos um motivo justificasse taes violencias! Mas não; os moleques dão pedradas, fazem o diabo e a policia sempre impassivel; um escravo á porta de seu senhor é espancado e preso!

—Muitas desgraças tem se dado este anno!

—E' verdade.

—Está que no sabbado enforcou-se o preto Fortunato, escravo da padaria Amorim. Depois de concluir a pezada do pão, de cujo serviço era encarregado, sahiu para o quintal e laçou-se com uma corda de piassava a um araçazeiro.

—Artes do capeta.

—Esse preto, dizem, andava banzativo, depois que o *capitão da junta*, especie de monte de soccorro que ha entre os africanos, retirou-se para a Costa levando os capitaes dos mais que estavam em seu poder.

—Por isto este seu creado é de opinião que ninguem guarda melhor o que é seu, do que elle proprio.

—O homem que cahiu domingo á noite, defronte do becco de Maria Pires está melhor?

—Creio que sim.

—Dizem que foi um ataque de apoplexia.

—Dizem. Depois que chegou no hospital, com algumas fricções fallou e declarou chamar-se João da Silveira.

—Aprecie isto que é bom.

—Vamos o ouvir.

—O correspondente conservador da Bahia para o *Jornal do Commercio*, depois de accusar o governo passado pelo desfalque do correio e pelas omissões e manqueiras que, diz elle, existem em outras repartições, accrescenta:

«No arsenal de guerra tambem anda o director fazendo exames e verificações, que me constam vão corroborando as suspeitas que elle tinha.

. . . . . .

«Por acto de 19 foi suspenso o escripturario do arsenal de guerra Antonio Joaquim Porphirio Vianna, das respectivas funcções até se conhecer o resultado do exame a que se está procedendo naquella repartição. *Ha alli o mesmo que se descobriu no correio*, com a differença que no arsenal, o tenente coronel Paranhos, director, é que tem procurado sondar todas as chagas para extirpar o mal pela raiz.»

—Felizmente os empregados com quem anda ás voltas o Sr. Paranhos, são todos

conservadores decididos e como taes conhecidos, a questão entre elles é pessoal.

—E' bom que o correspondente conservador seja o proprio a fazer de seus correligionarios tão temerario e desabonador juizo, em homenagem somente ao Sr. Paranhos,.

—Arre! Que gente esfomeada!

—Em toda funcção ha de sempre haver quem desmanche prazer.

—Aquelles officiaes da guarda nacional que acompanharam o general Argollo até sua morada, entraram para o interior e devoraram as mezas de fructas!

—Com excepção.

—Que duvida.

—Houve um,que até partiu maracujá com os dentes.

—E aquelles dous, cujos nomes omittimos com vergonha, *assulinharam* n'um abrir e fechar d'olhos um grande prato de saputís.

— Outros não só comiam como enchiam os bolsos.

—Que gana!

—E deram cabo das fructas, que talvez eram reservadas ao illustre general pelo seu estado doentio.

—O Sr. Balduino dos Santos Oliveira publicou uma walsa, sob o titulo—Homenagem—e offerecue-a ao visconde de Itaparica.

—Como agora tudo está em moda á Argollo, camisas, chitas, botões, etc., é de suppor que a—Homenagem—dedicada ao heroe do Chaco tenha grande sahida.

—Cá por nossa parte agradecemos a lembrança do author em obseqoiar-nos com um exemplar.

—O *Paraná*, entrado da côrte na segunda feira de manhan, foi portador de noticias daquella procedencia.

—Va desembuchando.

—A 30 do passado, embarcou o Sr. conde d'Eu com destino ao Paraguay.

A respeito diz o *Diario Fluminense:*

«Embarcou hontem no arseual de marinha, estando presente S. M. o imperador, S. A. o Sr. conde d'Eu, com destino ao Paraguay.

Muito povo assistiu ao acto; mas não ha exemplo de uma tão significativa frieza popular.

Entretanto todas as classes da sociedade estavam largamente representadas!

Nenhuma manifestação, absolutamente nenhuma, de enthusiasmo ou satisfação, ainda mesmo---official---houve coragem de fazer-se!

Sentimos profundamente que o illustre e joven conde, digno de melhor sorte, fosse constrangido a uma partida, tão altamente impolitica agora, para o Paraguay.

Quaes os corolarios de semelhante facto?

O tempo ha de produzil-os.

—O que ha da guerra?

—Ouça o *Jornal do Commercio*:

As noticias do Assumpção são de 15. Segundo ellas os paraguayos,vendo que ninguem os buscava, vieram elles mesmos buscar os alliados e dar «signaes de vida.» Umas duas legoas além de Luque, havia sobre o arroio Yuguery uma ponte sobre a qual passava a estrada de ferro, mas que havia sido destruida pelas tropas de Lopez na sua retirada.

Trabalhava-se na reconstrucção desta ponte quando na outra margem appareceu uma locomotiva puxando alguns vagons, e sobre este uma força paraguaya com duas peças de campanha que principiaram a metralhar os trabalhadores. Apenas se conseguiu passar alguma cavallaria para o outro lado do arroio, salvou a locomotiva e desappareceu com os paraguayos.

—E Lopez está anniquillado!

—Este episodio é contado pelo correspondente da *Nação Argentina*, mais ou menos assim:

«No dia 1o marchara de Luque para Yuguery uma força de cavallaria e infantaria, afim de poder reparar-se alli a ponte queimada ha tempos pelos paraguayos.

Exactamente no momento em que a tropa distrahida recebia viveres de um dos fornecedores, avistou-se uma locomotiva paraguaya que com quatro wagons cheios de paraguayos se aproximava à toda a força do vapor.

Os piquetes avançados estenderam-se immediatamente em linha de atiradores e outro tanto fizeram os paraguayos que desceram dos wagons com uma peça de campanha. Principiou o tiroteio, sendo os piquetes brasileiros reforçados pelo resto do batalhão 25.

O 13 de cavallaria brazileira, que acudiu em protecção,vendo a possibilidade de vadear o riacho e flanquear o inimigo, assim o fez, mas tendo-se os paraguayos apercebido do movimento, tornaram a subir aos seus wagons e desappareceram com a mesma rapidez com que tinham vindo.

Neste combate de nova especie tiveram os brasileiros dous feridos graves, um leve e um contuzo, perdendo tambem quatro cavallos com um tiro de metralha. Os paraguayos deixaram um morto, e levaram comsigo os feridos, cujo numero se ignora.

Veio este incidente apressar as operações projectadas, e uma força de 10,500 homens das tres armas, às ordens do general João Manuel de Menna Barretto, poz-se em marcha para Luque.»

—Este Lopez tem parte com o diabo! Fugiu á unhas de cavallo com 200 homens. Estes foram sufficientes para conduzirem ás costas 5000 feridos, artilharia, trem, munições etc., e agora—cançado de esperar-nos—vem á nossa procura!

—Si isto não fosse dito pela bocca authorisada do *Jornal do Commercio*, eu poria minhas duvidas.

—Que mais ha?

—Grande falta de cavalhada no exercito. Ie se remediar mandando vir de Buenos-Ayres.

—E' mais uma comidilha para cevar a *desinteressada* cordealedade de nossos visinhos.

O *Angl Brasilan Times* faz as seguintes apreciações sobre a situação da guerra.

Referindo-se a precipitada declaração do

terminada a guerra, pelo Sr. Caxias, diz:

»Lopez teve tempo de respirar e de recobrar coragem, depois dos desastres que soffrera em dezembro. E' um acto indubitavel hoje e authenticado officialmente.

«Algumas centenas de cavalleiros poderiam ter feito então, o que hoje exige milhares de homens e muitos mezes·

»Porque motivo o commandante em chefe não despachou logo, seur um momento de demora, alguns regimentos dessa cavallaria rio-grandense que Garibaldi declarava ser a primeira ds mundo?

«Talvez porque Herval estava ferido e não podia leval-os á victoria. teve Lopez tempo para recuperar forças e preparar-se para sustentar uma interminavel campanha de guerrilhas, porquanto, não obstante todas as suas perdas de terreno, homens, materiaes de guerra, ainda tem elle comsigo o povo paraguayo, ainda tem Caballero, um dos seus melhores generaes, Nesbitt e outros engenheiros inglezes para dirigirem e organisarem a resistencia armada; por outro lado os seus arsenaes em Villa Rica e as suas fundições aidda não foram até hoje destruidas, mas nem siquer reconhecidas por um se soldado alliado.«

A PALAVRA DE HONRA.

Foi com este termo que em outros tempos se fizeram grandes tractos, se desempenharam importantes emprezas. E então a palavra de honra era tirada do coração, e pronunciada com a sincerinade d'alma, o homem que chegava a dar palavra de honra publica ou particularmente, fazia todo esforço para cumpril-a, mesmo a custa de toda sua fortuna, e até da propria existencia.

A palavra de honra era a sentinella da verdade, era o sello da exactidão. e desempenho dos deveres nos actos da vida. Hoje porem que este termo tem se redicularisado, apenas serve de capa de velhacarias, e é applicado tão somente para entreter credores, e para illudir promessas, e por isso todos os dias estamos vendo deputados quando pedem votos, darem palavra de honra de se encarregarem de negocios na corte, e depois de se apanharem servidos pelos eleitores, esquecem-se da honra, e dão palavras de moleques.

Vemos ministros que chupam dinheiro e bellos presentes para darem sentença a favor, mas depois de lamberem a isca, pregam codilho no despacho.

Vemos senhores de engenho darem palavra de honra de mandarem caixas de assucar para pagamentos de seus correspondentes, porem mudando de trapixe e os lettreiros das caixas pregam petas sempre maxas.

Vemos paes de familia darem palavra de honra de casarem filhas com homens que primeiro as pediram porem achando depois maior interesse em outros, casam as meninas a moda de leilão, ficando dono quem dá mais um tustão, redusindo por esta forma as filhas a fazendas de mercado.

Vemos amigos parollas, e impostores lisongeiros darem palavra de honra aos parentes e aos que se julgam seus amigos em como estão promptos e certos para servirem, nas precisões, ou faltas repentinas; e o que succede quando se lhes occupa, uns se escondem, outros fingem que tiveram prejuizos, e outros finalmente inventão agravos, e motivos de zanga para não servirem.

Donde se pode calcular o extraordinario progresso que tem feito o egoismo n'este seculo de papel falso, a amisade é uma peta de entreter as companhias, as cortesias, e a civilidade não são mais do que uma vista de theatro para illudir os olhos dos spectadores.

A generosidade, essa está quasi expirando no leito da miseria, apenas de vez em quando vomita pedaços de bazofia, quando se revolta o estomago da soberba.

A caridade, dessa nem mais semente se acha, os ultimos pés que haviam as formigas da ambição deram cabo d'elles na horta da perversidade.

Boa fé isso foi um navio que, ha mais de cincoenta annos, deu a costa na Praia dos Peraltas, e os marinheiros dessa embarcação fingiram-se quebrados das verilhas para andarem tirando esmollas, e não darem conta do carregamento.

Em summa, a vista do estado decadente e podre da moral do seculo, quem quizer se julgar seguro deve apenas contar por amigo o dinheiro da algibeira (se esta não estiver furada) deve considerar protectores as pernas e os braços, e ter por infallivel a protecção de Deus, porque a palavra de honra dos homens valle menos que um espirro do diabo.

LA VAE VERSO

O QUE MUITO CUSTA.

Soneto.

Muito custa soffrer um prejuizo,
Muito custa a aturar uma doença,
Muito custa a cumprir fatal sentença,
Muito custa acertar sem ter juizo.

Muito custa trazer o bolso lizo,
Muito custa fugir a malquerença,
Muito custa servir a quem mal pensa
Muito custa chorar, e ver um riso.

Muito custa não ter-se o que deseja,
Muito custa de amor a tentação·

Muito custa escutar a quem pragueja.

Muito custa calar uma paixão,
Muito custa..... Sabeis o que mais seja?
Muito custa, o peior é a ingratidão.

Silva Azevedo.

Á PEDIDO

Prevenimos a um individuo que costuma estar encostado em um portão a espera de certa deidade cor de ebano, o favor de não continuar, porque na visinhança tem familias e não são obrigadas a soffrerem suspeitas contra suas reputações por seu respeito, visto que quem presenciar pode fazer juizo muito differente do fim que leva S. m. a noite a semelhante logar. Esta observação é muito melhor do que vir a acontecer que S. m. leve alguma *petelecada* sem saber de onde lhe vem.

O velho de Cós.

CONVERSA DO MEIRINHO E O SOLDADO.

M.—Então camarada como tem passado?

S.—Muito mal.

M.—O que tem tido?

S.—E' que o velho me tem posto doente com as suas asneiras de doudo que é.

M—Porem elle ainda continua a ir á venda?

S.—Quando elle deixará; só depois de morto, e sempre fallando da apaixonada, de tal sorte que tem ficado magro como um bacalhau.

M.—Si elle continuar assim, bebendo, fallando e fumando, muito breve Satanaz tem mais este no rol dos malvados.

S.—E cada vez fica mais sêco, principalmente, agora que os trastes foram para o forum.

M.—Coitado do nosso velhaça, ficou sem trastes na sala!

S.—E outra cousa mais que o Joaquim que morava com elle, mudou-se e carregou tambem os seus trastes.

M.—Estou vendo que o tal velho tambem ficou de pote e esteira.

S.—V. não sabe do ditado que diz quem com ferro fere, com o mesmo ferro será ferido, e mesmo elle estima estar de pote e esteira, porque deve muito, e teme-se que os officiaes tambem não lhe vão em casa.

M.—Pois haverá quem lhe empreste dinheiro?

S.—De certo que eu não lhe empresto nem um vintem, pois elle tem tantas dividas. Ultimamente foi fiador de umas mulheres em S. Miguel, propriedade do Sr. Galdino. nem elle e nem ellas, por tanto o dono—bibau.

M.—Penhora com o velho.

S.—Muito bem gostei de sua opinião.

M.—Si for assim como V. me diz que elle deve muito até os 65$ reis da viuva do Mello que é a tal divida da apaixonada que elle ainda não pagou, não chega um pedacinho a cada um.

S.—Tudo isto acabaria si o Exm. Sr. presidente o mandasse chamar e o reprehendesse rigorosamente para que este velho sem peijo andasse fazendo estas cousas envergonhando a classe dos empregados publicos.

SONETO

NECROLOGICO AO CAVALLO DO MARQUEZ DE CAXIAS, FALLECIDO COM CHEIRO DE EEROISMO NA GLORIOSA VILLETA.

Heroico marechal dos Rossinantes,
Bucephalo do Alexandre brasileiro,
Dos cavalgados fostes o primeiro,
E o segundo talvez dos cavalgados.

Em borbotões de sangue gotejantes,
De vosso equinio peito de guerreiro,
Morrendo, ainda foste cavalleiro,
Livrando o cavalleiro ás balas antes.

Ah! cavallo! si a tão heroico feito
Sobreviveis, em vez de infame albarda,
Caligula vos collocara ao nobre peito,

Algum *proconsulado* e cruz na farda....
Comvosco ao Helicon fui tão direito,
Q' inssiraste de um coice esta...bernarda.

(*Mercantil* de Santa Catgarina.)

—Ah, Sr. *Zé*, então que diabo foi lá isso? Amassaram-lhe a chocolateira! E onde estava o *Zepherino* que o não valeu?

—Deixe-me; não me venha encafifar.

—Ora está o que acontece a quem é amigo do alheio! V. negou que não tinha agazalhado a bengalla, e apresenta-se depois com ella. O rapaz apezar de ser *benigno* de genio, não lhe soffreu a paciencia, esmurrou-lhe a cara.

—O diabo foi ser em rua tão publica.

—A das Princezas, não?

—E' verdade.

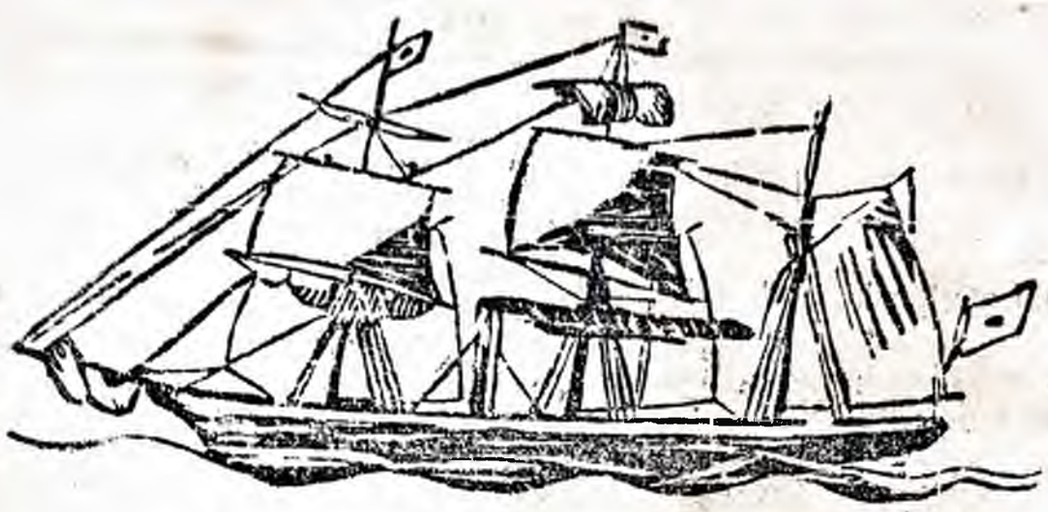
—Não faz mal; quem não tem vergonha todo mundo é seu.

CREDO DA ESCOLA DE 1823.

Amo ao meu paiz, mais do que a outro qualquer.

Desejo a sua prosperidade, paz e liberdade.

Amo aos meus patricios, mais que ao estrangeiro.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 50.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 10 DE ABRIL DE 1869. N. 491.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.° districto policial, levando ao seu conhecimento o inqualificavel procedimento do creoulo Gustavo, trabalhador em uma obra ao Campo da Polvora, o qual, no dia 4 do corrente, castigou deshumanamente o menor Julio, filho da creoula Rufina, moradora na rua do Carro. O barbaro mestre, depois de arrebentar as mãos de sua victima com uma grossa taboa, a que chamam *desempeno*, seviciou-lhe brutalmente o corpo com duras e lacerantes cordas. Semelhante genero de castigo, reprovado pela humanidade, é severamente punido pelas leis civis, e nesta intenção recorre-se a S. S. para que se digne fazer justiça.

—Ao Illm. Sr. provedor da santa casa, pedindo-lhe que dê suas ordens, pois que so assim se conseguirá, para que seja retirado um montão de cisco, caliça, caixões velhos etc., depositados pelas irmans de charidade defronte do amphiteatro anatomico da schola de medicina.

—Capitão, attenda-me.
—Já vem com suas maçadas?
—Si não está disposto, retire-me.
—Para alguma frioleira procure quem lhe assista.
—E' uma pergunta simples.
—Sobre o que?
—Será permettido a um morador da Boa Vista arrombar o encanamento da Fonte Nova e desviar, por meio de uma penna, agua para um seu banheiro, prejudicando ao publico?
—Desta não sabia eu.
—E' cousa tão charral
—E a camara já tem conhecimento?
—Creio que até já foi lá.
—E o que fez?
—Nada.
—Então o que tem V. com isso, quando quem tem obrigação de zelar os interesses municipaes e de velar pela commodidade publica faz se esquerdo?
—Mas eu fallo a favor do paciente povo que soffre.
—Qual povo, qual nada! Suma-se.

—Capitão, mais uma.
—Uma o que, rapaz?
—Uma reforma das irmans de charidade no hospital.
—Si é algum melhoramento, vale a pena.
—Arrenego!
—Pois olhe, ha muito quem diga que, depois que ellas estabeleceram ali seu dominio, aquillo vae n'um mar de rosas.
—Creio piamente; para ellas, estou certo, nunca andou melhor.

—Mas trate de aviar-se, qual é então a reforma?

—V. Ex. não ignora que ha no hospital uma capellinha dedicada a Nossa Senhora da Piedade.

—Justamente; onde se depositam os cadaveres.

—Ja se acabou isso.

—Está o que é novo para mim.

—Vamos adiante.

Sabe tambem que a dita capellinha estava vindo abaixo.

—Sim, Sr.; estou ao facto.

—Que, depois de muita hesitação, mandaram reparal-a.

—Ouvi dizer tambem; e até que ficou muito bonita.

—Pois sabe o que fizeram as irmans de charidade?

—Agora, quando V. disser.

—Logo que a egrejinha ficou prompta, encheu-lhes os olhos e ellas appossaram-se das chaves e trancaram-na.

—E os cadavares?

—São impiamente atirados ao chão na sala das autopsias da eschola de medicina.

—E' uma falta de charidade e de religião para com os restos de nossos semelhantes.

—Praticado por mulheres que se apregoam altamente religiosas e charidosas por excellencia!

—O capellão da casa, em sua missão sagrada, era obrigado a ir ali prestar os ultimos sufragios que a egreja dispensa a seus filhos, mas as beatissimas senhoras, em seu fervor religioso, acabaram com tão sagrada ceremonia, que, no entender dellas, é uma bugiaria.

—Que mulheres! E andam aqui os seus apologistas a atordoar os ouvidos da gente com a dose de santidade de que ellas são possuidoras!

—E assim vão essas estrangeiras usurpando tudo e transformando os habitos de piedade e devoção desta terra com a sua mal-entendida charidade!

Até a nova urna que se fez para se collocar os caixões foi monopolisarada!

—Refinadas hypocritas que são! Palmo a palmo vão se assenhoreando de tudo!

—Este acto inqualificavel, além de ser uma falta de charidade, uma profanação para com os mortos, é um prejuizo para os vivos.

—Concordo; a agglomeração de cadaveres fechados em uma sala estreita, como é á das dissecações, onde não respira-se ar, ha de por força, no dia immediato, exhalar um halo pestifero.

—E os pobres serventes, quando vão abril-a, sahem tontos.

—Mas lá está a illustrada faculdade; o digno inspector de saude faz parte della; o que fazem?

—Eu sei!

—O vapor de Santo Amaro sahe sem esperar pelos passageiros, e no entanto que ás vezes levanta o ferro uma hora depois da marcada para a sahida?

—Mas isso é que nos dias, em que o filho do barão de S. Lourenço demora-se, elle espera para trazel-o, porque o filho do barão vive para lá e para cá, recebe as ordens do pae e vae executal-as.

—Ante-hontem, ás 7 horas da noite, o Sr. Rangel, penetrou na casa da creoula Candida, moradora em S. Miguel, com o fim de deflorar uma filha desta, menor de 17 annos, de nome Ricarda; mas não chegou a conseguir o seu intento, segundo declarou a mãe da referida menor, por presentir que ella vinha entrando, e então teve de pulár pela janella no meio da rua; facto esse que foi presenciado por diversas pessoas, e do qual ja tem a authoridade conhecimento.

—O Sr. Rangel foi ha pouco eleitor pelo partido conservador.

—Vergonha das vergonhas! Um eleitor conservador pulando janellas para seduzir moças!....

—Sabbado, o vapor *S. Francisco* que foi d'aqui para Santo Amaro, ao entrar no rio Sergimirim, passou sobre uma pedra que produziu um choque terrivel nos passageiros.

—Sempre ha desses descuidos nos vapores ao entrar n'aquelle estreito rio! Ora é a proa do vapor que vae sobre os mangues; ora é o vapor que deixam passar sobre as pedras que ha na embocadura do rio.

—E' preciso cuidado... muito cuidado!...

—Registre mais esta gentileza do olho vivo.

—Exponha.

—O Dr. Antonio Ribeiro de Lima, ouvia missa, quarta feira, na egreja dos terceiros franciscanos; um individuo ajoelhou-se junto a elle; quando a missa terminou, o sujeito tinha desapparecido e com elle o chapeu do Dr.!

—Provavelmente foi uma troca lucrativa que o maganão fez: levou um novo e deixou o velho.

—Enganou-se: nem velho, nem novo, meu

charo. O Dr., si não quiz ir com a cabeça ao vento, mandou em casa buscar outro chapeu.

—Isso é um desaforo!

Pois como é que aqui dentro do vapor *Santo Antonio*, havendo um logar determinado para as senhoras, afim de que ellas estejam mais a vontade, aquelle passageiro vae espial-as!

—Oh!... Que insolencia!

—Quem foi este engraçado?

—E' aquelle *grauçá* que ali está de barbas ruivas.

—Ah! Aquelle sujeito é musico de Santo Amaro, vae para a cidade

Aquillo é um cynico muito grande!

LA VAE VERSO

VERDADES PURAS..

Que solte um grande gemido
Pela morte do marido
A viuva com prudencia,
E' decencia.

Mas que ella não se ria,
Si lh'apparece outro no dia
Em que o coveiro lh'o tira,
E' mentira.

Que algum marido zeloso
Seja guarda, não esposo,
De sua chara metade
E' verdade;

Mas que eu creia, que a malvada,
Esteja mais bem guardada
Por semelhante prisão,
Isso não.

Que no dia do noivado,
O rosto abaixe corado
A donzella, ardendo em fogo,
E' jogo;

Mas que, no mesmo momento,
Ella eleva o pensamento
Pra o namorado esquecido,
E' sabido.

Que a filha acceite o marido
Por sua mãe escolhido,
Sem delle o retrato ver,
Pode ser;

Porem que, no mesmo instante,
Não prometta ao terno amante
Um logar dentro do seio,
Não o creio.

Que ao marido da maman
O filho chame papae
Por costume e por dever,
Pode ser;

Mas que o papae sempre possa,
Inda que seja da roça,
Chamal-o filho tambem,
Diga alguem.

Que o bom marido á mulher
Permitta todo prazer;
Sendo assim do grande tom,
E' muito bom;

Mas que elle tão cego seja
Que não sinta, que não veja,
Que elle joga e perde o bollo,
So si é tollo.

Que uma donzella guardada
Viva do mundo apartada,
So pondo os olhos em Christo,
Temos visto;

Mas que não deseje ella
Acabar de ser donzella;
Quem come tal petarola
Varia da bolla.

Que uma menina bonita
Um velho por marido admitta,
Affagando-o com ternura,
E' impostura.

Si do velho os ramelosos
Olhos ella lava co'os mimosos
Dedos, põe toda esperança
Na herança.

O patrão, que todo inteiro
Ao taful do seu caixeiro
O seu cofre abandonou,
Ja quebrou.

O mercador que folhea
O livro ao jantar, na cêa,
Escrevendo róes sem conto,
Faz ponto.

O, que a loja abandonando,
Na politica s'entranhando,
Vive em eleições mettido,
Stá fallido.

O empregado que diz
—Sou senhor do meu nariz,
Sem partido e independente—
Mente.

Escrivão que compra quinta,
Sem *torcer* a penna, a tinta,
A favor de quem mais dá,
Não ha.

Que não tenha um boticario
Certas drogas no armario
Da sua linda botica,
Se explica.

Mas que não avie ao povo
A receita, é caso novo,
Que até agora ninguem leu
E nem eu.

Á PEDIDO

—Capitão, bem se diz que pobre só é que rouba; ladroeira de rico é chalaça.

—No pensar dos corruptos; desses ricos de dinheiro, porem pobres de probidade, que, embora regorgitem de cabedaes, com as burras atopetadas de ouro, nunca poderão alçar a cabeça diante da opinião e apontar a origem da inopinada opulencia.

—Veja si fosse um pobre que praticasse isso, que nome tinha.

Um sujeito, cuja ambição desmarcada deu para tornal-o senhor absoluto de todo um terreno *saudavel*, comprou terras visinhas das de uma *casa* ou *santa* instituição, e, tendo de mural-as, usurpou grande parte da que não era sua, prejudicando a particulares a quem destruiu bemfeitorias, e alargou o dominio á custa da tal instituição, cuja *misericordia* e piedade não chegam ao grau de perdoar aos que a defraudam.

—Mas deve haver quem zele e *procure* seus interesses, para se oppôr a tão clandestina extorsão.

—Como! si esse é o proprio que concorda, dizendo que o homem tem dado grandes esmolas para a instituição e é seu decidido bemfeitor?

—Pretexto frivolo, patrocinio escandaloso.

—E' assim que se augmenta repentinamente; tirando deste e d'aquelle.

—Homens miseraveis! Não sei porque não trazem a riqueza ás *costas;* por mais que tenham, enche-lhe os olhos uma ninharia que não vale um *pinto!*

AOS EXMS. SRS. COMMANDANTES DAS ARMAS E SUPERIOR DA GUARDA NACIONAL.

No domingo, 4 do corrente, no quartel da Palma, deu-se um facto que depõe muito contra a pessoa que o praticou, e foi o seguinte:

O tenente Calazans, bem conhecido, por *seu bom procedimento*, indo uma mulher, de nome Theodora, que vive de lavar e engommar, pedir-lhe o pagamento de uma roupa que apromptara para o mesmo, em vez de dar-lhe o dinheiro, fechou-a n'um dos quartos do quartel, e maltratou-a com um chicote.

Este facto, de que teve sciencia o subdelegado de Santa Anna, foi presenciado por officiaes do corpo!

Que tal! em que terra vivemos?

E' necessario, pois, que Ss. Exs. e mais authoridades competentes mandem syndicar do facto, afim de que seja punido o dito Sr. Calazans, e não continue a fazer, como sempre, suas bravatas, e, o que é mais, seus crimes!

O soldado é para garantir a propriedade e fazer observar a lei, e não para, como o Sr. Calazans, no proprio aquartellamento, alem de não querer pagar o que deve, offender com instrumento aviltante uma pobre mulher, que vive de seu trabalho.

Até outra occasião.

O sentinella do portão.

—Pode me dizer uma cousa?

—Si souber.

—Esta publicação do *Jornal da Bahia* é annuncio, correspondencia, ou que diabo é?

—Qual dellas?

—Esta do arsenal de guerra.

—O titulo está indicando=é um edital, isto é, uma peça official.

—Safa! um catalogo de recriminações, uma descompostura solemne, apadrinhada com o nome de edital!

—Tanto é que é pago pelas despezas miudas do arsenal, dizem.

—Duvido!

—Porque duvida?

—Porque o Sr. Paranhos, que geralmente passa por honrado, não quererá abalar o seu credito, dizendo-se que elle se desabafa na imprensa com o dinheiro da provincia.

—Ora, estou a lhe dizer que o papel é um documento official!

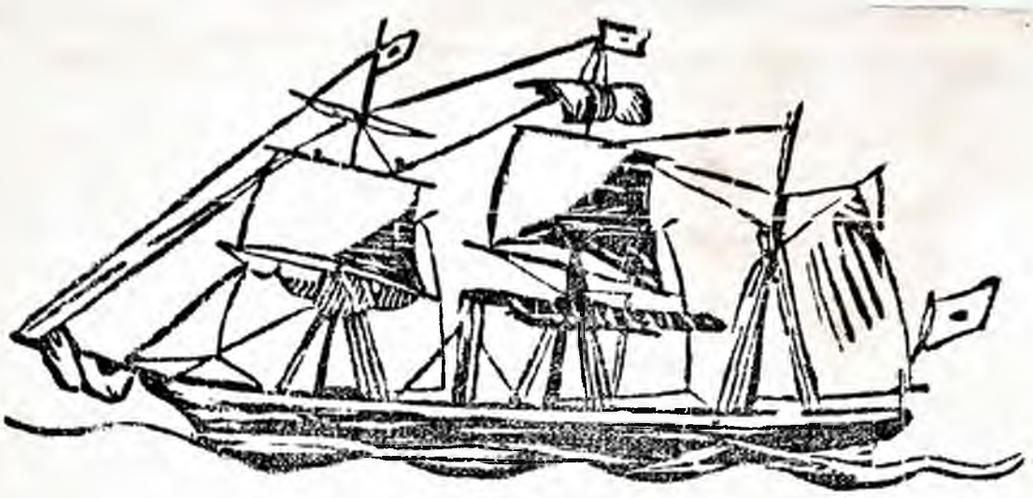
—Homem, vá dormir; eu o que nunca vi foi tanta asneira reunida a um tempo. Não sei como o Paranhos, homem *instruido* e de *intelligencia* rarissima, deixa sahir de sua repartição tamanha *mexidella*.

—Eu ali só admiro como o tal Sr. Caldas interpreta e se identifica com o pensamento do director, a ponto de asseverar que elle só quer fazer justiça a seus subordinados.

—E eu só desejo que o Paranhos explique si a tal publicação é paga de seu bolso, ou com os cobres da provincia.

ANNUNCOS

João Avelino de Souza Pedra, para evitar interpretações mal-entendidas, declara que não se entende com elle uma publicação do *Alabama* ns. 489 e 490, relativa a um *Pedra Marmore* e sim com um individuo conhecido por este appellido.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 50.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 14 DE ABRIL DE 1869. N. 492.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento o seguinte:

Ha no Engenho Velho, entre outros, um *terreiro* de candomblé, conhecido pelo nome de *Bogum*, cujo chefe é *José Barbeiro*, com tenda no Cabeça.

No mencionado terreiro, falleceu; ha pouco, uma mulher de côr preta, cuja morte, pelo que se diz, reclama da policia a mais severa e perspicaz syndicancia.

Este facto, que anda envolvido em insondavel mysterio, recusando-se aquelles que delle tem conhecimento a darem a menor explicação, por serem todos proselytos da seita, é, mais ou menos, commentado pela voz publica assim:

Uma dessas infelizes, a quem a ignorancia e fanatismo levaram a crer em taes bruxarias, tinha cahido no *santo* e achava-se na *casinha* do *noviciado*, em companhia de outras. No acto de fazer o *sapocan*, cerimonia que consiste em cortar os cabellos e poder transpor o limiar da tal casinha, depois de seis mezes, a neophyta não se ageitava a certas danças que são de uso, e para ensinal-a era castigada quotidianamente pela *donunce*, especie de granmestra da ordem.

Do genero desses castigos, que consistiam em arrochos sobre os braços e enormes pedras nas cadeiras resultou que ella viesse a morrer e fosse precipitadamente enterrada, sendo immediatamente retiradas todas as outras neophytas para uma casa em S. Miguel, onde se acham, precaução esta tomada com receio de que, si a policia tivesse conhecimento, la fosse e as encontrasse.

Com quanto nos conste que S. S. se queixe de que mais de uma vez tem encontrado inexactidão nas communicações do *Alabama*, é isso desculpavel, por que ninguem é infallivel, e uma outra vez pode-se ser mal informado.

Assevera-se porem que o caso presente é real; a morte da mulher deu-se na allludida *casinha*; o que cumpre ventilar é, si foi revestida das horriveis côres com que a pintam, o que espera-se de S. S.

—A companhia do Gaz.....

—E' tempo perdido fallar.

—Desta sorte pode ella fazer o que quizer.

—Inda quer mais?

Cassua redondamente e não ha quem lhe vá as mãos.

Um dia destes, eram sete e meia da noite, e a Baixa dos Sapateiros estava toda ás escuras.

—O mesmo me acconteceu indo a Santo Antonio.

—A vista do que é melhor calar-se; o que não tem remedio, remediado está.

—Reappareceu a maldita caçada da guarda nacional!

No domingo, no largo Dous de Julho, esteve uma escolta do batalhão de S. Pedro a pegar a torto e direito! Em minha presença pegaram um menino de 10 á 12 annos de edade, si tanto tinha, e por causa delle se ia originando um grande barulho, porque appareceu o padrinho do menino reclamando seu afilhado, e quasi que havia *sarcieiro*, si um dos guardas não toma a deliberação de aconselhar os outros que o entregasse ao padrinho, que o reclamava.

—Na segunda-feira, na rua de Baixo, só se viam carreiras dos guardas nacionaes atraz dos rapazes que passavam do seu trabalho!

—Eu vi um que corria como um damnado, para se livrar do guarda que o perseguia, e atraz corria o sargento gritando:—*pega Agostinho, não deixa este diabo fugir!*

—E os conservadores que vinham acabar com a guerra, com o recrutamento e salvar o paiz da crise em que estava e está, o que dizem agora a isso?

—Ora, n'uma terra que se diz com foros de civilisada, um quadro destes, é altamente deponente.

—Não lhe pareça.

—N'uma praça, como esta da Piedade, n'um dia util, reunida uma immensidade de gente, a deitar gallos a brigar!

—E' constantemente assim.

Dizem que hoje é um meio de vida para muita gente.

—Ao menos parece.

Apostam-se ahi sommas avultadas. Houve quem casasse 50$ rs.

—Entretanto, a policia fecha os olhos a um espectaculo tão repugnante, quando, pelo menos, se viesse assitil-o, podia fazer alguma colheita para o Paraguay.

—Meu amigo, o que está soffrendo? Acho-o tão desfigurado!

—Deixe-me, ia levando a breca.

—Como?

—A imprevidencia, o descuido de um boticario.

—Me conte isso, homem.

—Em consequencia de um ligeiro incommodo, mandei buscar dous purgantes de ricino reduzido a pilulas; o Sr. boticario, não sei si por desmazello, ou por sordidez, arrumou-me com quatro pilulas de opio!

Duas só foram bastantes para por-me neste estado!

—Que tal! Como se sacrifica a vida de uma creatura!

—Depois é que me estiveram explicando que as taes pilulas não passam de uma verdadeira especulação de alguns boticarios, porque é inteiramente impossivel reduzir quatro onças de oleo de ricino a duas pipulas.

—Na verdade ha por ahi sujeitos cuja consciencia é elastica; o que querem é vender.

O senhor, entrando na botica delles, não sahe sem remedio!

—Esta me escarmentou e eu, d'agora em diante, quando tiver precisão, só vou ao Bacellar, porque ja é conhecido.

—Fugiram seis presos do quartel da Palma.

—Quando?

—Esta noite.

—Era de esperar isso.

—Mas por que?

—Pelo que ouço dizer..

—De mal?

—Sim. Os capotes dizem que ali é casa de viva quem vence.

—Mal querenças, sem duvida; mesmo que eu creio muito na moralidade dos Srs. officiaes.

Mas o que dizem é isto:

Que no quartel fervem os brodios e pagodes, dos quaes muita gente sahe *alegre*;

Que n'uma dessas *camuecas* houve quem sahisse nu, embrulhado apenas n'uma coberta, a choramingar, por lhe haver um collega posto de *chilrado*.

—Força de *espirito*.

—Que chamaram o homem da *marmota* para verem as *vistas do Paraguay* e, em quanto o major este presente, portaram-se bem; mas, depois que este se retirou, escangalharam o instrumento com que o pobre homem ganha o pão;

Que na vespera da chegada do marechal Argollo, indo se levar, a meia noite, presos do batalhão 110, não foi encontrado o official de estado;

Que um portuguez foi espancado dentro do quartel violentamente;

Que uma mulher lavadeira foi chicoteada;

Que um vendelhão, indo cobrar de alguem 196$rs. de generos fiados, foi deitado para fora a trombulhões;

Que um official castigou excessivamente a um seu escravo dentro do quartel;

E outras muitas cousas que dizem.

—E dá V. como consequencia de tudo isso a fuga dos presos.

—Indubitavelmente.

—Não é razão.

E' preciso notar que, si um outro pratica desmandos, a maioria é morigerada.

—Eu disse logo que ouvi dizer e até nem sei si ha lá quem pratique disso, os boccorios são que propalam.

—Eu agora, si fosse o commandante procedia a um inquerito, mesmo para livrar os bons de serem englobados nos feitos dos maus.

—Houve quem tivesse a malignidade de serrar uma arvore do Terreiro.

—São as badernas de sabbado á noite.

—Uma cousa de utilidade publica! Que genio perverso!

—E o prejuizo que ia causando!

Duas mulheres quasi ficam esmagadas!

—Entretanto, por ahi ajuize-se o grau de segurança que ha nesta cidade, quando malfazejos tem tempo para serrar uma grossa arvore, no Terreiro, logar este que, quando apparece algum lampejo de patrulha, é ahi que permanece.

—Eu sou de opinião que a policia deve ser incansavel até descobrir o author de tão revoltante acto e punil-o severamente, por que quem pratica aquillo é capaz de tudo.

—Os dignissimos este anno ficaram sem a missa do Spirito Santo.

—Não houve communicação.

—Historia! Os conegos tem preguiça até de ir ao côro, sexta feira ou sabbado, era elle rezado por dous padres unicos.

—Entretanto, si os paes da patria, inspirados pela luz do Divino Spirito, andam as apalpadellas, o que não farão este anno, que estão ás escuras!

—O acceio desta terra revela-se por este logar!

—Os arcos da camara.

—Nem por estar debaixo das vistas immediatas da edilidade!

—E defronte do palacio do governo!

—Converteram isto em cloaca publica e quem quer, á noite, vem com seu bispote despeijal-o.

—Com uma guarda perto e uma sentinella tão proxima!

—E agora que a assembléa trabalha, cujo pavimento fica superior a este foco de immundicie, terão os dignissimos, de supportar este confortavel aroma!

—O Sr. Manuel Olympio, morador na rua Direita da Mizericordia, sahiu na sexta-feira, a noite, e demorou-se um pouco mais na rua, quando voltou encontrou-se roubado, na quantia de 62$ rs., que tinha dentro do seu sahú. A porta não apresentava arrombamento e somente haviam signaes de gazuas.

—Onde encontrar segurança, si a propriedade está a mercê dos larapios!

O Sr. Olimpio que se queixe a policia, para ver se ella descobre o ladrão!

—Elle que não cuide em ganhar outros, e vá esperando que a policia descubra o ratoneiro, que já passou bem a custa do pobre artista.

—Capitão, ha 14 dias, na estrada de Brotas, desde as Pitangueiras, presenceava-se um espectaculo revoltante, ignominioso, incivil e deshumano.

Uma dessas scenas barbaras, consequencia inevitavel do fero jugo da escravidão.

—Homem, não me horrorise.

—Uma mulher de cor parda, desfigurada, trazendo ao pescoço um ferro em forma de cruz, na qual prendia-se a ponta de um relho, cuja outra extremidade era atada a cauda de um cavallo, era levada quasi de jorro, porque a miseranda mal podia accompanhar o trote do cavallo que a arrastava!

Os caminhantes pasmavam ante semelhante ultraje á especie humana!....

Os moradores revoltaram-se contra semelhante canibalismo e soltaram brados de compaixão a favor da infeliz.

Mas o barbar osenhor não se commoveu! Ao contrario cobriu de insultos aos que lhe reprovavam o torpe e indigno procedimento.

—E essa fera quem era?

—Um subdelegado supplente de uma freguezia da capital, que ha pouco largou o exercicio.

—Que moralidade!....

—E sabe a causa daquella vergonha sem nome, praticada á luz do dia, neste paiz que chamam civilisado?

—Estou disposto a ouvir.

—A desgraçada desesperada pelas torturas que soffria, sahiu alta noite de casa, desvairada, para se atirar no dique.

Uma mão charidosa, deteve a hallucinada creatura no acto de realisar o louco intento. Era o guarda municipal Jorge que por accaso passava.

Aconselhou-a a voltar a casa de seu senhor e propoz-se a leval-a, mas como era bastante tarde, deixou para o outro dia, entregando-a aos cuidados de sua familia.

Demanhan, muito cedo, quando punha-se a caminho, ja o tiranno vinha em busca de sua presa. Em presença mesmo do homem flagellou-a horrivelmente com lacerante latego!

—Que deshumanedade! que falta de cortezia!

—O Sr. Dr. chefe de policia teve conhecimento do facto.

—E' o que eu estimo, para não se suppor que e alguma inexactidão.

—Mas infelizmente.... o author de tantas atrocidades, o infractor da lei, continúa a ser authoridade policial!...

—E' muito!

—A despeito mesmo do processo que lhe move um dos injuriados na occasião.

—Eu não sei como é que se procede com tanta facilidade em certos casos!

—O que ha?

—O Sr. Antonio Pinheiro, morador ao Saboeiro, comprou um purgante de sal para um seu filho e um pouco de rosalgar para formigas.

No acto da distribuição enganou-se: deu o purgante as formigas e o veneno a creança!

—Que fatal equivoco!

—O infeliz succumbiu hoje ás 11 horas da manhan, debaixo de horriveis dores.

—Casos destes, magoam-me até o fundo d'alma.

—Não consta que a authoridade procurasse averiguar o facto.

Á PEDIDO

—Donde vem V. tão espantado?

—E' que, quasi ia me assombrando agora.

—Deveras? Em que logar?

—Nos mattos da Gamboa.

—Pateta! viu algum reboliço no matto e assustou-se.

—Pareceu-me ver dous spectros, dous vultos, e os cabellos me arripiaram e quasi caio, mal pude invocar o nome de Santa *Julia*, de minha especial devoção.

—Que manicaca!

—Quando tornei a mim, reconheci que tudo era uma illusão, apenas vi uma rapariga que andava ali colhendo hervas.

—Capitão!

—Que determina?

—Uma pergunta interessante.

—Anda sempre V. debaixo de novidades!

—Novidade não; é cousa séria.

—Pois diga lá.

—E' permittido a um caixeiro dos Vehiculos da Victoria perguntar a um seu desafeiçoado, na occasião de embarcar-se, si traz dinheiro?

—Que pergunta! Quando se deu isso?

—Na semana passada com um moço.

—São artes de algum Napoleão caricata.

—Nesse caso é conveniente que elle se corrija.

—Sem duvida. Concordo.

MOTTE

A mulata mais o ouro

GLOZA.

Eu vi uma muriçoca
Atrepada n'um girau.
Surrando um pinicapau
Com correias de taboca;
O milho que faz pipoca,
No fogo da um estouro,
Das costellas de um besouro
Formou-se uma nau de guerra
Para navegar por terra
A mulata mais o ouro.

VARIEDADES

Cahiu um allemão do cume de uma torre, sobre um fidalgo hespanhol, com tal felicidade, que matando-o, não teve lesão alguma.

Perseguiu-o desapiedadamente o herdeiro mais proximo do morto e não admittiu composição alguma, por maiores e mais interessantes que fossem as proposições que se lhe faziam.

Indignado o juiz com tanta obstinação, e vendo que só a morte do allemão o satisfaria, ordenou que subisse o hespanhol ao mesmo logar d'onde cahira o outro, e que se lançasse sobre o reu.

Julgo que ninguem duvidará de que o hespanhol não concordou no partido.

COMIDAS PROHIBIDAS NOS CONVENTOS DE FREIRAS.

Cuscús.	Fructa pão.
Caramurú.	Tumates
Linguiça.	Pamonhas.
Banana da terra.	Bringellas.

DECLARAÇÃO

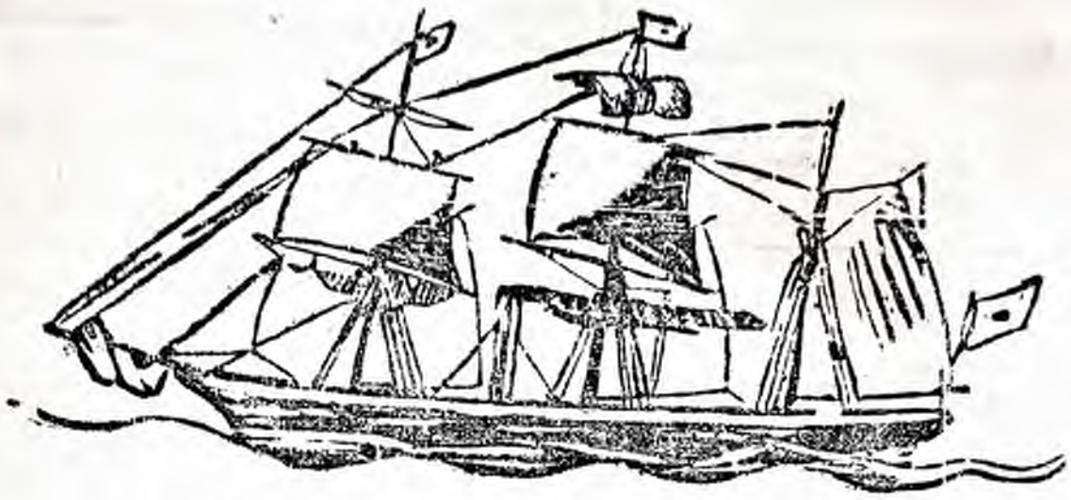
Distribue-se hoje a 25.ª folha do—ROCAMBOLE.

ANNUNCOS

Sahiu á luz a walsa SYMPATHIA e a mazurka JULIETA, por Francisco Santini, author da BORBOLETA.

Vende-se em casa do author ladeira de S. Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do Sr. Conde, ao Rosario; loja do Seixas, ao Pelourinho; e na Calçada, botica da esquina do becco do Godinho.

Já se acha impressa e exposta a venda a TOMADA DE VILLETA, grande galope.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 50.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 16 DE ABRIL DE 1869. N. 493.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia pedindo-lhe, pela segunda vez, que lance suas vistas para uma casa de jogo, aberta, ha pouco, no Caquende, pertencente a um portuguez, onde ha sempre desordens e barulhos. Convem que S. S. tome providencias a respeito, mesmo porque o tal portuguez diz que nada lhe pode acontecer, pois conta com o subdelegado da freguezia por seu lado, o que não acredita-se, porque faz-se justiça ao caracter de tal authoridade. Espera-se, em vista do que acima fica dito, que a lei será executada.

—Ao Illm. Sr. provedor da casa da Santa Misericordia, dizendo-lhe que, uma vez que a capellinha de Nossa Senhora da Piedade passou a ser dominio das irmans de charidade, sirva-se S. S. de mandar arrancar o distico —*deposito dos cadaveres*—que ha no frontespicio da mesma, para que não se esteja assim a mentir ao bom senso publico, quando os mencionados cadaveres são atirados a um cochicholo escuro, e não depositados na referida capella.

Portaria ao fiscal geral ordenando-lhe que visite os pateos da casa n.º 27 e immediatos da rua do Collegio e veja o estado em que se acham. Cumpra.

—Ao muxingueiro Evaristo, entregando a seu cuidado uma furibunda cadella que ha no becco do Curral das Vaccas, ao pé do Sessenta e Cinco, nas Mercês, a qual tem mordido á mais de uma perna e n'um dos dias da semana finda deixou uma pobre mulher em petição de miseria. Cumpra.

—Dizem que não ha ordem de se visitar doentes no hospital, sinão aos domingos.

—E' certo.

—Ao passo que hontem, terça-feira, sahia um grupo de cinco estrangeiros muito depois das sete horas da noite d'ali.

O que foram la fazer? Porque se demoraram tanto?

—Ora! V. não sabe que os *patricios* podem —*se communicar*—com as *patricias?*

—O Zama brilhou n'assembléa. Fez um discurso de estouro.

—Que o Vital respondeu ao pé da lettra.

—Nem diga isso!

Ha tanta differença como agoa do vinho.

—Ja sei, V. é apaixonado.

—Pelo contrario sou tão imparcial quanto V. pode ser.

Mas todos os que ouviram que digam si a maior parte dos pontos de accusação que fez o Dr. Zama não ficou sem resposta.

—Eu, si tivesse intimidade com o Dr. Vital, o que lhe aconselhava era—que nos seus discursos e apartes não seja tão amante da phra-

se—*está enganado*—que repete tão a miudo, porque por fim, pode vir a ficar...

—....*Está enganado* o Sr., não pode vir a ficar cousa nenhuma.

—A policia andou hontem ás voltas com a gente do candomblé.

—Ora deixe-me!

Realmente a policia anda tão avisada em certas cousas como um carro na lama.

A's duas horas da noite chegavam ás Areias da Armação, as chamadas *Vuduneas*, e todos os accessorios do candomblé, conduzidos de casa da africana Clara, em S. Miguel, para alli. De manhan, quando tudo já estava em salva-guarda, é que a policia foi prender pobres raparigas, que moram na loja por baixo da referida africana, e que nenhuma ingerencia tem no candomblé!...

—Ora esta é bem boa...

—A economia das irmans de charidade é demasiada!

Doentes em convalescença são obrigados a brunirem e vasculharem o assoalho da casa diariamente, um serviço que extenúa a gente san, quanto mais a quem está débilitado!

—E a casa tem medicos que não deviam consentir...

—Mas esses ou não sabem, ou sabem e calam-se...

—Não se admire disso... Ha outro genero de economia mais rigoroso...

Pessoa competente informou-me que os restos da soupa de um dia são guardados para se misturar com a que se faz no immediato!

—Entretanto, apezar de tanta economia, parece que a sorte pecuniaria da santa casa nunca foi mais precaria! Vejo immensidades de recolhidas andarem por ahi esmolando e obrigadas pela necessidade a se prostituirem, sem que se lhes dê o dote a que ellas tem direito!

—Outro tanto não acontece ás *santas* mulheres. Os vapores da carreira da Europa poderiam attestar si fallassem.

—Quem ha de crer que dentro, desta capital, um 1.º supplente de subdelegado amarrou uma mulher, embora sua escrava, á cauda de seu cavallo e assim arrastou-a por uma estrada publica, á vista de um concurso immenso de povo?

—Quando nas barbas do governo se dá disto, faça ideia ahi por fora!...

—Quem ha de crer que essa authoridade ferindo acintosamente a lei, martyrisava dia e noite a infeliz, alem de outras torturas, com um ferro ao pescoço?

—Que genio de homem! E' mais rijo que um *diamante bruto!*

—Quem ha de crer que um cidadão honesto, proprietario, revoltando-se a vista de tão vil procedimento, foi acremente insultado, e ameaçado pela desvairada authoridade de ir immediamente tomar conta da subdelegacia para *ensinal-o*?

Quem ha de crer que a policia consentisse que essa mulher, victima de tão crueis flagellos, desapparecesse da noite para o dia da provincia, para não vir a ser uma prova viva, com as sevicias que apresentava, da barbaridade de seu senhor?

E tudo isto é verdade!

Cinco ou seis testemunhas, pessoas todas de criterio, vão depor em um processo instaurado por um dos offendidos por essa authoridade de policia no acto em que dava pasto á ferocidade de seu genio.

Entretanto quem praticou tudo isso continúa a ser 1.º supplente de subdelegado de uma das freguezias desta cidade!...

Não que o digno Sr. Dr. chefe de policia ignore, porque o cidadão José Luiz da Rocha, veio immediatamente expor a S. Ex. o occorrido.

E sabem quem é essa authoridade?

E' um dos campeões das eleições de setembro...

—Capitão, acaba de communicar-me, um moço, que chegou na quarta-feira de Santo Amaro, que a *caçada* feita pela guarda nacional nessa cidade é horrivel.

Os guardas nacionaes agarram o povo e o leva a rastos para a prisão, de baioneta fora, como si fossem assassinos.

Esse mesmo moço foi testemunha de diversos guardas, que foram dados para o contigente os quaes vieram no mesmo vapor em que elle veio, algemados, como si fossem sentenciados!

.....

—Ahi esta o partido que vinha acabar com a guerra; ahi está o partido que vinha destruir a lei do recrutamento; ahi está o partido que vinha salvar o paiz da crise em que se achava!

Alem da carne pelo enormissimo preço de 320 rs. a libra; alem da farinha por 1$600 e 1$920 á quarta; ainda o reapparecimento da *caçada* de homens!

Então senhores do governo, que é das suas promessas?

Si os progressistas estavam desfalcando os cofres publicos, porque queriam encher-se, os conservadores que não precisam, porque, quasi todos, são barões, viscondes, condes, marquezes, e até ja ha duque, que não pre-

cisam de encher-se, o que fazem em bem do paiz?

—Perseguir o povo ainda com o recrutamento e fazer com isso que os generos de primeira necessidade fiquem caros afim de que elle morra de fome!

—Sim, continuem senhores do governo, que serão tanto nessa como na outra vida recompensados por suas boas obras.

Nesta vida tereis em recompensas o desprezo deste povo que tanto soffre por vossa causa, e na outra o diabo prepara-vos em seu infernal reino cadeiras de *honra*, em recompensa dos *beneficios* que tendes feito ao paiz!

—*Amen!*

—Eu não sei como qualifique a indifferença da policia para certos factos!

—Sobre o que vae fallar?

—Ouça:

Um individuo vae a uma botica e compra ao mesmo tempo uma substancia venenosa e um purgante e os mette englobadamente no bolso.

—E' uma falta de cautella inadmissivel.

—Demos de barato que, atarantado com a molestia de um filho, assim praticasse; chegando em casa, porém, elle que leva juntos o purgante e o veneno, indistinctamente mette a mão no bolso e tira um dos papeis e dá a sua mulher para que administre ao doente.

—Parece inexequivel; ao menos pelos tamanhos: um purgante de sal não tem o mesmo volume que meia onça de arsenico.

—Como conceber-se que em caso tão grave, quando se leva no mesmo bolso uma substancia mortifera e um preservativo para saude, se proceda tão levianamente, não se procedendo, no acto da separação, a severa escolha para evitar funestos enganos?

—Só de uma creança.

—Entretanto o fatal engano, que se teria evitado com um pouco de cuidado e previdencia, realisa-se; a creança morre envenenada; e o pae monta á cavallo e larga-se para a cidade a tratar de seus negocios conservando-se, até 5 horas da tarde, conversando pelas lojas de miudezas.

—Mas o que quer concluir V. dahi?

—Nada absolutamente.

So pergunto si não é daquelles factos que a policia deve indagar, saber, prescrutar, interrogar?

—E', é.

—Então basta.

Á PEDIDO

—Ah, cousas do mundo!

O Dr. Vital que o anno passado era o progressista mais exaltado em apartes na assemblea, e que quando sahia dali ia direito á palacio, é hoje o conservador mais denodado e que toma tudo a peito!

—Ao menos, quando a transição é feita como a do Dr. Vital, vale a pena.

—O Sr. está certo que trocou, hontem á noite, 500 rs., a este menino?

—Certissimo.

—Pois veja que no dinheiro foram estes dez tustões sem numero, e que so agora de manhan dei com elles.

—Não duvido; assim como não tenho duvida em recebel-os, com tanto que compre alguma cousa.

—Mas eu agora não preciso de nada; deixe cá o dinheiro, que quando eu quizer, mandarei buscar qualquer effeito.

.....

—Menino, vae dizer ao homem da venda, que mande uma libra de assucar e o troco dos dez tustões que la ficou.

—Sr. mestre, o homem manda dizer que, si quizer ha de gastar todos dez tustões, do contrario, não os recebe.

—Então o Sr. não me quiz mandar o troco?

—Si quizer, hade ser como eu disse.

—Mas o Sr. não tem certeza de que foi quem deu o dinheiro, como quer obrigar-me a gastal-o todo em sua venda, quando tenho outros gastos a fazer?

—Quem viu-me dar?

—Então como os recebe, si eu me sujeitar á condição, que me impõe, de comprar todo elle de generos?

—E' uma contemplação.

—E' uma ladroeira, gallego do diabo!

E' assim que tu e muitos enriquecem, roubando descaradamente de pobres artistas o fructo de seu trabalho.

—Não me venha insultar em minha venda.

—Fica com o dinheiro, ladrão, que eu so me despicava, si com um *martello* te desse na cara tantas martelladas quantas lettras tem o dinheiro. Tu não precisas mais de ir para a *estrada*; ja estás nella.

OBRA FINA.

—Não sabe, a *Rosa agoa de gasto* recebeu 240 bodes por conta da venda do seu lindo, bello e querido creoulo Martiniano mão sinha.

—Boa descoberta, vejamos si ella agora tem vergonha e paga os alugueres das casas onde tem morado, ou se quer ainda encalacrar os fiadores.

—Lá isso é com ella.

—Seria bom tambem que ella pagasse os

40 bodes, roubados em sua casa ás Portas do Carmo.

—Quem lhe disse isso?

—Foi a Maria lá da Conceição.

—Homem, essa é uma do diabo, si ella tiver juiso, deve pagar tudo.

—Eu acho bom que o faça, do contrario sahirá muita cousinha boa á seu respeito.

—Eu tenho para mim que ella paga, pois tem 240 bodes e para passar a quaresma basta menos.

—Em todo o caso que pague ao homem da carteira de Fr. José e os 40 bodes roubados, ...por quem, ella bem sabe, pois que diz a todos.....

—Não, ella agora toma vergonha.

—Duvido muito. E demais foi cousa que nunca vi, vergonha na cara dessa gente; basta ser.....

—Jesus...!

—Olha tu não vês com que garbo se apresenta ella na janella? Não parece uma baroneza sem titulo?

—Eu sei... Você....

—Esta *Rosinha agoa de gasto* das *mercêz* e das Arabias. Tem feito cousas.... veja V. só aqui quantos: morou na rua do Bispo, callote; na rua Direita da Misericordia, callote; Maciel de Cima, callote; Portas do Carmo, callote; rua Direita do Collegio, callote...

—Basta, que estou tonto com tanto callote. Emfim ella tem agora 240 bodes hade satisfazer tudo, e vingar-se.....

—De quem?

—V. bem sabe, segundo ella disse.

—*Ora bollas* meu amigo.

—Dessa maneira ella ainda achará quem lhe sirvá de fiador?

—Só si fôr um tollo como o Teixeira das *botas*, que, acompanhado de uma *cunha* de thesouraria e mais um certo empregado publico tem cahido, pois outro qualquer não mette mão em combuca.

—Lá por isso, estou eu.

A carteira de Fr. José.

(*Oculo Magico.*)

PROVINCIA DO AMAZONAS.

Parodiando a Caligula
Desta Turquia o Sultão
Nomeou para o senado
Em vez de gente—um leitão.

(*Amigo do Povo.*)

Pergunta-se ao inspector do *trem do mar* que destino deram ao regimento de signaes e bandeiras entregues pela curveta *D. Januaria*, pois, segundo dizem os socios *commanditarios*, o ousado *lusitano* levou parte d'ellas para sua casa, como costuma. Tambem, se descubrir alguma bisca com madeiras, o que *fará* Sr. inspector? Não se illuda com o canto da sereia.

O empregado cynico.

VARIEDADES

AMOR FILIAL.

Uma correspondencia de Napoles refere um tocante caso de amor filial.

Lucia G. era a mais sympathica creança da provincia: uma moreninha que promettia ser uma deslumbrante formosura do Meio dia. Tinha nove annos,

Sua mãi, Rosa, casada com um guarda, era sugeita a ataques de catalepsia.

Morreu de um desses ataques, ou pelo menos os medicos assim o acreditaram. Foi armado de preto o seu quarto e exposto o cadaver, segundo o costume das provincias napolitanas, n'uma eça, entre quatro tochas. A' noite, uma velha religiosa não clausurada, que se chama em italiano *monana di casa*, ficou velando junto da defunta.

Tinha afastado desta a Luciasinha, louca de dôr. Mas, de noite, ella enganou a vigilancia dos parentes, que a julgavam adormecida, e correu á camara mortuaria. A menina subiu de mansinho á eça e pode abraçar á sua vontade a mãi, cujo rosto ella regou de ardentes lagrimas.

Que se passou? Só Deus o sabe. Pela manhan quando foram levantar o cadaver, Rosa soltou um gemido, abriu os olhos, reconheceu a filhinha, immovel, junto della, ergueu meio corpo, olhou com horror para os pannos negros que forravam as paredes... e comprehendeu!

Felizmente, Rosa não morreu de medo. Ajudaramn'a a descer da eça... mas quando quiz tomar nos braços a filha esta não se prestou a isso. Parecia adormecida... dormia o somno eterno.

Matou-a a dor, ou a alegria de ter sentido nos labios o sopro de sua mãi resuscitada, dessa mãi que ella tinha despertado com as suas lagrimas, como o rocio faz reviver uma flôr curfiada pelos ardores do sol?

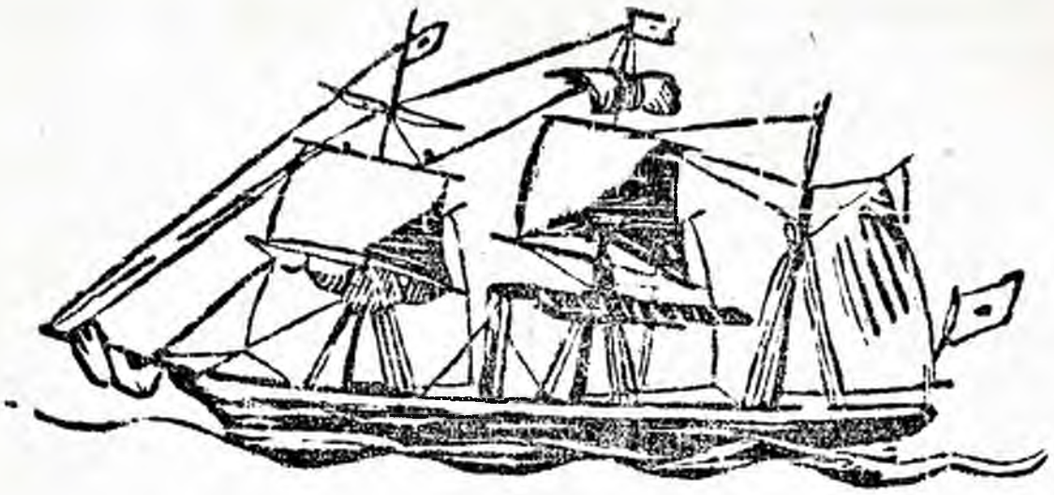
Ninguem o póde dizer.

A camara continuou armada de preto. Somente o cadaver da Luciasinha foi occupar na eça o logar, onde esteve o corpo da mãe.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 26.ª folha do—ROCAMBOLE.

Typ. de Ma[illegible] Aristides e C[illegible]



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 30.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 20 DE ABRIL DE 1869. N. 494.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.° districto policial, levando ao seu conhecimento a communicação que nos fazem de que na rua do Tingui, em casa de um Sr. Araujo, dera-se um caso de crueldade inaudita, qual o de ser queimada com um tição a bocca de uma negrinha, que acha-se em estado de commiseração. Da solicitude com que S. S. costuma attender a casos desta ordem, espera-se promptas e seguras providencias.

—Ao mesmo, communicando-lhe o facto estupendo de um creoulo, que, no sabbado á noite, espancou a seu proprio pae.

Caso de tanta gravidade foi presenciado por immensidade de povo, que se agglomerou á porta do barbeiro Adão, estabelecido no Maciel de Baixo, e pae da fera de que se trata, e a policia la não appareceu, apezar dos repetidos toques de apito. Não devendo ficar impune um monstro que ousa levantar o braço para aquelle que lhe deu o ser; espera-se que S. S., á despeito da isempção que garante o mesmo por ser guarda nacional de artilharia, o mande fazer uma viagem ao Paraguay como correcção.

—Homem, diga-me.

—Si souber.

—A que horas costuma o presidente dar audiencia?

—Tem alguma pretenção?

—Não, queria apenas saber si era de dia ou de noite.

—Ora esta é de sua cachola!

—Eu lhe digo a razão.

No sabbado, eram 5 horas e tres quartos da manhan, quando sahia de palacio uma linda moreninha, accompanhada por uma *veterana* de chale; embarcou em uma cadeira, que seguiu pela ladeira da Praça e foi arrear em certa porta á rua dos Capitães.

—Não ha nada de mais ahi.

—Iria aquella moça obter alguma audiencia?

—Provavelmente.

—Mas então, á que horas entrou ella para palacio?

—Agora isso é que não é de sua conta.

—Da casa do coronel Galathea, á rua da Larangeira, foi raptada uma menor.

—Quando?

—Na sexta feira.

O raptor, dizem, é um fulano Candido, morador na mesma rua, em um quartinho por baixo da casa do Sr. Fortunato de Freitas.

Esteve com a offendida todo dia de sabbado, em uma loja visinha da casa do coronel Galathea, e de madrugada houve quem o visse sahir com ella e tomar para o lado do Terreiro.

—Mas não se sabe

—Não; mas, si a policia quizer ser um pouco minuciosa, pode muito bem chegar ao conhecimento de tudo.

—Capitão, na sexta-feira fui testemunha de um facto, que revoltou-me.

—Qual foi esse facto?

—Passava eu pela rua das Princezas e vinha um menino, branco, que não podia ter mais de nove á dez annos, e um preto africano carregando um fardo de fumo. O preto passou, embarrou no menino e este deu-lhe um socco no braço.

O que havia fazer o preto?

—V. o dirá.

—Desandou uma bofetada no menino que o atirou por terra, e não satisfeito disso, quando este levantou-se com a cara disforme pela bofetada e os beiços partidos, jogou sobre elle o fardo que trazia, que caiu-lhe pelas cadeiras, atirando-o ainda de peitos sobre o passeio.

—Que desaforo!

—Mas, o que mais me indignou foi um moço dar voz de prisão ao preto, e apparecer o Sr. Bastos Sobrinho advogando a causa delle, dizendo que o menino era muito malcreado e que tinha sido quem insultara e provocara o preto!

—E não foi preso o preto?

—Qual preso! O menino foi quem ficou de beiços quebrados e por milagre de Deus não ficou morto, pois que, si o fardo pegass-lhe nas costas, coitadinho, tinha de ir ceiar com Christo.

—Os meninos de hoje estão muito insubordinados, não resta duvida; mas esses pretos ganhadores tambem são muito atrevidos.

—Mas tudo isso ao que é devido?

—E' devido a falta de policia.

—E' verdade; porque si houvesse policia, não se daria desses e outros casos, tão frequentemente como se dão.

—Ante-hontem, pelas 3 horas da tarde, um filho do Sr. João de Deus Soares foi á uma venda, no Gravatá, comprar certos objectos de seu pae, e um moleque do Sr. major Souza Vieira atirou-lhe uma pedra sobre o olho direito que o pôz horrivelmente disforme.

—Os moleques agora pintam o diabo a quatro pelas ruas sem respeitarem pessoa alguma.

—Mas tudo isso é devido á falta de policia.

—Qual policia! A policia... descança um pouco do muito trabalho que teve seu chefe na questão Pedro Muniz.

—O que quer dizer este apparato?

—Não vê? E' um cerco.

—Sem duvida buscam algum criminoso, acoitado n'aquella casa *n.* , á rua de D. José.

—Não senhor, é uma prisão da guarda nacional.

—Ah!

—Agora o que o Sr. deve notar é que o individuo a quem buscam anda dia e noite na rua.

—Então para que aquella ostentação de força?

—Eu sei lá!

O individuo é Antonio Carvalho da Silva; já foi ao sul duas vezes e voltou em ambas inspeccionado por incapacidade physica, e actualmente padece do peito lançando sangue; era o unico arrimo de seu pae, Eugenio Carvalho dos Santos, octogenario e cego, que, ha pouco, falleceu, e de tres irmans honestas, uma das quaes, ha quatro annos, geme sobre uma cama, porque seu outro irmão Joaquim Ignacio de Sant'Anna, que o ajudava, tambem foi para o sul e lá ficou.

A policia invadiu a casa e procedeu de uma maneira selvagem. Foi até o quarto onde, n'um leito, geme a infeliz irman doente, e levaram a audacia a levantar as roupas da cama para ver si o homem ali estava!

—E' um ataque ao pudor, uma violencia á honestidade.

—Remexeram todos os cantos e quizeram até arrombar uma porta travessa que dá para o escriptorio do Dr. Pedro Caetano, actual delegado.

—Que furor de caçada!

—Para se prender um homem, que é visto á qualquer hora na rua, faz-se um alarde, uma basofia, uma patacoada, desrespeita-se moças honestas, cujo defeito é serem pobres, revolve-se-lhes a cama e pratica-se quanto desvario ha!

—E por fim de contas dizem que o povo paraguayo é desgraçado porque vive debaixo do jugo despotico de Lopez!

—Capitão, não me dirá uma cousa?

—Vá dizendo.

—Que hierarchia tem o Sr. Paranhos, director do arsenal de guerra?

—Ignoro. Sei apenas que é tenente-coronel de engenheiros; porque?

—Porque outro dia, morrendo um filho desse senhor, foi uma musica militar accompanhar o enterro e tocou em funeral atraz do cadaver desde a casa do sahimento até a egreja.

—Homem, eu entendo pouco das regras

militares, mas vou consultar á respeito o commandante das aamas que é proveeto na materia.

—Me parece que semelhante honra é reservada somente ao Enterro do Senhor na Sexta feira Santa.

—Velleidades! Talvez o Sr. Paranhos, por ter á sua disposição uma musica militar, entendeu que devia aproveitar se della para mandar tocar atraz do enterro de seu filho.

—Dando-lhe honras de que?

—Não sei.

—Oh, vaidade mundana! Até na hora de uma dor solemne inspiras loucas vanglorias!

—O que posso lhe afiançar é que um militar entendido como o Sr. Paranhos, não cahia nessa á não ser authorisado por alguma praxe.

—Agora os meninos da Candinha andam dizendo que S. S. impozera aos seus empregados que tomassem luto por oito dias.

—Homem, suma-se, que não estou para ouvir tanto descoco.

—O Sr. Dr. chefe de policia que tenha cautella comsigo.

—Corre algum perigo?

—Está ameaçado de levar uma pedrada.

—Não diga.

—Um individuo de nome Francino, primo de Manuel Martins, a quem S. S. mandou para bordo, disse na porta do forum, á vista de muita gente, que ha de lhe dar uma pedrada em consequencia do passo que S. S. dera a respeito de seu primo.

—Não creia.

—Accrescentou o tal sujeito que o chefe de policia costumava passeiar á noite em trajes mudados e que, n'uma occasião destas, receberia o presente sem saber quem lh'o mande, e ajuntou a tudo isso os mais *urbanos* e *honrosos* epithetos que se pode imaginar ao nome de S. S.

—Sempre anda V. debaixo de novidades.

Ora quem vae la dar ouvidos a Francino, um idiota!

—Pois não ha um meio para refrear as insolencias deste petulante Marcos Rabeca?!

—Quizesse a policia, e os meios não lhe faltariam.

—Mas eu ja não sei a conta das vezes que Marcos Rabeca tem ido á presença dos cidadãos, que se tem sentado na cadeira da delegacia desta capital, e á dos diversos subdelegados, pelos seus maus feitos; mas no outro dia o vejo impavido a continuar no seu desrespeito ao pudor publico, a praticar novas scenas de immoralidade e sevandisagem!

—E' besta incorregivel.

—Na sexta feira, dirigiu, na rua de Baixo, das suas *costumadas graças* para certa janella, sem attender que a pessoa que ahi se achava pertencia a uma familia honesta, e como essa pessoa se retiresse enjoada da *graça* do tal bruto, soltou a lingoa e não houve nome por mais injurioso, palavra por mais obscena, que não sahisse daquella bocca immunda e torpe, horrorisando as familias que por ali se achavam!

Depois que saciou bem seu genio maligno e depravado, retirou-se andaz e altivo, como quem tinha praticado uma boa acção, sem que houvesse viva alma que fizesse conter aquella torrente de indecencias n'uma rua publica!

—Deixe-o; tantas elle hade fazer, que alguma lhe sahirá cara.

—Amanheceu neste porto o *Guará*.

—Traz noticias da guerra?

—Resumem-se nas seguintes do *Diario Fluminense:*

«Mais um transporte de guerra, o *Isabel* entrou ante-hontem procedente de Assumpção, tendo d'ali sahido a 30 do mez findo.

«Como sempre o publico pergunta interessado—o que trouxe o *Isabel* de novo do Paraguay?

«Nada, absolutamente nada de positivo, é a resposta: sabe-se apenas que Lopez continua a fortificar-se nas cordilheiras, tendo ainda recursos e a sympathia e dedicação do seu povo.

«Mas então o que fazem lá o exercito brasileiro e a esquadra, e mais ainda o ministro de estrangeiros, Paranhos, o grande diplomata do ministerio da escolha—sagradamente inspirada—para o fim de—fazer a harmonia dos brasileiros e desaggravo da honra nacional?—

« Cuida dos—fornecimentos—de carvão para a osquadra e outros generos, e das forragens, cavalgaduras e rações para o exercito!

« E não é pouco! Vê e julga das—amostras—e determina a preferencia para os... contratadores que apresenta o Sr. José Candido Gomes.

« Tudo isto, bem se vê, é—admiravel—.

» Entretanto o *Jornal do Commercio* informa ao paiz por um modo, o *Diario do Rio*, por outro, e o *Diario Official* ainda por outro.

« Segundo o *Diario do Rio*, orgam da situação, o exercito dividira-se em tres *porções*, afim de tomar posições diversas, deixando em abandono Assumpção, para assim....., cercar Lopez nas cordilheiras, que segundo

uns tem 5,000 combatentes, segundo outros 10,000 e mais 3,000 familias com elle!

« E o que é feito da população?...

« Morreu toda naturalmente, ou está ella escondida, sem que os nossos a lobriguem!

« O *Jornal* diz, porém, que o dia 3 de abril era marcado para o exercito marchar para as cordilheiras, achando-se Loprz em Askurra, a 15 leguas de Assumpção.

« Quanto ao *Diario Official*... Sua Alteza o Sr. conde d'Eu havia chegado a 5 em Montevideu desembarcando de noite, indo no dia seguinte cumprimentar o presidente da republica, tendo-se hospedado na legação brasileira.

« Houvera muita curiosidade na população em ver o illustre marechal.

« No dia 6 seguiu para Buenos-Ayres, onde devia demorar se com o Sr. Paranhos.

« E nada mais.

« Entretanto cartas particulares, e authorisadas, ao que parece, affirmam que a posição de Lopez é pela natureza fortificada e inexpugnavel, e que tem elle recursos abundantes para manter-se, e a decedida protecção do ministro americano.

« Accrescenta-se que este enviou nota aos governos alliados, os quaes não estão longe de annuir, propondo-se a fazer sahir Lopez do Paraguay, previamente modificado o tratado da alliança.

« Assim que, um convenio de 20 de fevereiro, á Lopez agora, como aquelle fôra á Aguirre, pode determinar o fim da guerra.

« Nem importará que, após o convenio, a eleição do povo paraguayo recahindo em Lopez, possa de novo installar-se legalmente no governo protegido ou antes garantido então pelas potencias neutras!

« Será este o desfecho da guerra?

« Vêl-o-hemos cedo!

« E nada mais. »

Á PEDIDO

Para o supremo tribunal de justiça seguiu o recurso interposto pelos Srs. Joaquim Pereira Marinho e G. H. Gunter, na disputa de rateio com Fray & Salzmann, cuja questão sendo muito menor de 5:000$000, como consta não só do valor, que se deu á causa, mas tambem da conta, que afinal foi feita pelo contador, parece que, cabendo na alçada do meretissimo tribunal do commercio, não se devia tomar titulo de recurso.

Como porém o escrivão, enganadamente, fez averbar para pagamento da dizima, não a quantia em que acima tinha sido avaliada; mas sim a de 10:700$, total levantado do deposito; e bem que este engano ja foi bem demonstrado nas razões do recurso, todavia motivos ha para formar esta declaração afim de chegar ao conhecimento dos illustrados julgadores, e ficar supprida qualquer falta, que possa haver no processo, a semelhante respeito.

—Capitão, não é uma verdade a toda prova que não temos uma estrada capaz de se transitar?

—Assim como é uma verdade que todos os governos se dizem economicos e não as mandam endireitar.

—V. Ex. ha de saber que a estrada real, ou das Boiadas, vem sahir no Engenho da Conceição.

E' tambem uma verdade que, segundo ouço dizer, o arrematante do entulho para a casa de prisão com trabalho, obrigou-se a tirar o entulho na beira da montanha, do lado da ladeira; e no entretanto está tirando no centro da montanha, quando podia, com um pequeno trabalho mais, fazer um servide que se tirasse dous proveitos, os quaes são fazer o entulho, e ao mesmo tempo melhorar a ladeira que está intransitavel.

—O que me parece é que ahi ha patota das do costume. E não devia ser esse o estado de uma estrada como essa, por onde passam todos os patriotas que vão suffragar as almas dos heroes de nossa independencia, os generaes Labatut, Pacca e Luiz da França.

—Que contraste com o monte Vernon, onde está sepultado o general Jorge Washington.

—Agora o que tambem é verdade é que o fiscal geral, morando naquellas immediações, não vê o estado em que está a estrada para partecipar á camara.

—O fiscal geral dá pouco cavaco com estas cousas

Que importa a elle isso?

—Pelo menos aformosearia a estrada onde elle tem suas terras e propriedades.

—Ora não me aborreça, faz favor!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 28.ª folha do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

O Sr. Lacerda escrivão de Abrantes tem uma carta na rua dos Ourives, casa n. 5, A.

A rua do Bom-Gosto da Calçada, n. 27 se dirá quem compra prata, ouro, e tambem dá dinheiro sobre hypotecas de qualquer especie.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 50.
Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 22 DE ABRIL DE 1869. N. 495.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que, no dia 9 do corrente, em Peripiri, um Fulano de tal Sant'Anna foi ferido com um tiro e uma facada que lhe deu Gregorio Manuel da Conceição, em consequencia de desavença proveniente de uma differença de quatorze vintens em ajuste de contas, por uma parede que Sant'Anna fizera para seu aggressor; e como não conste que até hoje se fizesse corpo de delicto, apezar de ter elle sido praticado á vista de varias pessoas, como Estevão Silvestre, morador nos Coutos, Marcellino José Dias, Antonio Silvestre, Candido Lopes e outros, e nem se procedesse á prisão do criminoso, que aliás passeia publicamente, leva-se ao conhecimento de S. S. para que dê as suas costumadas e efficazes providencias em sentido de ser executada a lei.

—A casa do Pedrozinho está cercada!

Será denuncia de negros novos?

—O que, homem!

—O que será então? no tempo do *chanchan* é que se costumava cercar as casas dos *poderosos*, agora não.

—V. é um curioso dos peccados!

Ja que quer saber o que é, escute:

Firmo, rapaz gaiato, de argolinha na orelha e guarda do 5.º batalhão, deu agora mesmo uma facada em Innocencio, creoulo, escravo, e dizem que correu a homisiar-se ali. A policia poz-se em movimento e cercou a casa.

—Bom, estou sciente.

—Attenção!

« *Regulamento da junta de hygiene publica, mandado executar pelo decreto n. 828 de 29 de setembro de 1851.*

« Art. 25.—Ninguem pode exercer a medicina, ou *qualquer de seus ramos*, sem titulo conferido pelas escholas de medicina do Brazil... Os infractores incorrerão na multa de 100$ rs. pela primeira vez, e nas reincidencias em 200$ rs. e 15 dias de prisão.

« Art. 28.—Os medicos, cirurgiões, *boticarios*, dentistas e parteiras apresentarão os seus diplomas, na corte e provincia do Rio de Janeiro á junta central, e nas provincias ás commissões e provedores de saude publica.»

—Que lembrança foi essa sua?

—Para fazer-lhe uma pergunta.

—Diga.

—As irmans de charidade são previlegiadas?

—A razão?

—Porque, em menoscabo da lei, exercem, sem habilitações, a pharmacia, impunemente, na Bahia.

—Mas isso é particularmente.

—Particularmente! Pois ter um laborato-

rio montado dentro do hospital de charidade, estabelecimento publico, aviar receitas sem a precisa habilitação, é exercer particularmente a profissão da pharmacia! E depois, a lei quer saber si é particular ou publicamente, quando, de qualquer modo, pode resultar perigo a sociedade?

Diga que essas estrangeiras entraram com bom pé nesta terra das condescendencias, e que, portanto, podem fazer o que quizerem, que eu concordo.

—Eu não sei disso; a cousa é com o Sr. inspector da saude, elle que consente é porque acha razoavel.

—Ha noticias da guerra?

—Poucas.

—O que dizem?

—Eil-as.

«Chegou o vapor *Cisne* do Paraguay. Os exercitos alliados fizeram-se em marcha no dia 5, ficando na Assumpção o oriental por achar-se em grande miseria e sem dinheiro. Segundo alguns transfugas, preparava-se Lopez para atacar a vanguarda dos alliados, fazendo transportar pela estrada de ferro infantaria e artilharia.».

—Bem!...

«Continuava a dizer-se que Lopez se achava com seis a sete mil homens e umas 30 peças de campanha no desfiladeiro de Ascurra, que fica entre Serro Leon e Paraguay.

«O vice-presidente Sanchez estava em Pirabebuy, séde provisoria do governo com os ministros Falcon e Gonzalez; e no dizer dos transfugas, tambem alli estava o general Mac-Mahon, representante dos Estados-Unidos. Accrescentavam que Lopez tinha uns 5,000 feridos em tratamento nas villas de Caacupe, Pirabebuy e S. José, que não lhe faltava gado, mas que tinha a cavallaria muito mal montada.

«No dia 7 o Sr. conde d'Eu chegou a Buenos-Ayres, sendo recebido no caes pelos ministros da guerra e estrangeiros daquelle paiz, e pelo Sr. conselheiro Paranhos, que na vespera tinha chegado d'Assumpção.

«Na manhan de 8, sua alteza partiu pela estrada de ferro para o Tigre, onde embarcou para Assumpção com o seu estado-maior. »

E anda o povo brasileiro mettido neste sarilho!

Lopez foge n'um dia do capão Marmoré, sem meios, sem recursos, e apparece no outro forte, entrincheirado, com 30 peças de campanha e vem aprisionar a nossa gente nos arredores de Luque!

—Que homem diabolico!

—E constitue um governo regular em Pirabebuy, ao qual a maioria da nação paraguaya se submette!

—Pobre povo brasileiro como ludibriam a tua boa fé!

—As innovações desta terra são sempre para peior.

—E' exactissimo.

—No dia 18 amanheceu no porto o *Guará* e só no dia seguinte é que este seu creado teve cartas e jornaes.

—Como o Sr. muita gente.

—Procurei saber a causa de tal demora e disseram-me que foi uma deliberação do Sr. administrador interino.

—E' celebre!

—S. S. ordenou que os carteiros primeiro aviassem as malas á seguir para depois sahirem á entregar as cartas!

—E' uma de eterna memoria! De maneira que, quem tivesse de escrever para o norte pelas participações que recebesse da côrte, ficava no ar.

—Eu não sei para que essas ninharias! Si os empregados não chegam para o serviço, augmente-se.

—Não, é mais rasoavel que o publico, já acostumado a soffrer, carregue com isso mais.

—Capitão, é capaz de decifrar um enigma?

—Tal seja elle.

—Quando o exercito brasileiro entrou na capital do Paraguay, compraram se para os hospitaes quatro mil e tantos colchões, alem dos que existiam; ha em Assumpção 677 doentes e não ha nem colchões nem lençóes para elles!

—Nada mais claro; si não existem, desappareceram.

—Onça agora como passam ali nossos infelizes patricios:

« Estão passados ja tres mezes depois da occupação de Assumpção, e nossos infelizes soldados doentes e feridos estão ainda em grande numero pelo chão neste hospital, porque os leitos que existem ahi são os dos paraguayos, que, sendo mui largos, occupam muito espaço nas enfermarias. Ainda mais, os leitos dos paraguayos estão ainda nús, como foram achados, sem colchões, sem lençóes, sem travesseiros. Nestes são deitados nossos doentes (ainda os de molestias mais graves, como pneumonias, dysenterias agudas), expostos ás rapidas mudanças de temperatura e aos incommodos desses leitos, que são feitos com uma rêde de couro cru, cujas *tirinhas magoam e ferem o corpo* dos doentes. »

—Entretanto ou ouço dizer a cada passo

que o estado sanitario do exercito é excellente!

—E emquanto nossos desgraçados irmãos, derramando seu sangue naquellas inhospitas plagas, soffrem toda sorte de privações, meia duzia de espertalhões, verdadeiros sanguesugas do ouro brasileiro, enchem-se a fartar!... e ao passo que o soldado brasileiro, atirado a um canto de um hospital, se extorce nas vascas da agonia, esses aventureiros se banqueteiam esplendidamente!

—Homem, esta guerra só foi propicia para alguns tratantes, que achando a mais escandalosa protecção, fizeram da causa de tantas calamidades uma mina para si e seus consocios.

—Agora mesmo estava eu lendo o seguinte, á respeito de um dos taes fornecedores, que é ao mesmo tempo correspondente do *Jornal do Commercio* e por isso tem tudo.

. . . . . .

«Durante a guerra da Criméa e a da Italia, fallou-se muito na concussão e roubo, li a esse respeito muitos escriptos; mas, asseguro-vos, si o governo de S. M. o Imperador nomeasse uma commissão de inquerito para examinar os escandalos que são aqui ordem do dia, essa commissão seria obrigada a fazer—revelações extraordinarias.—

A concussão tem logar aqui em tão larga escala!

No tempo do grande rei—dizia Saint Simon—nada se fazia sem mulheres, ou sem a intriga: Aqui nada se faz sem a mais baixa adulação; todos os dias nasce novo sol, e novos adoradores.

O veado de ouro occupa o alto do quadro; e chama-se Lannuz, José Candido Gomes, Elizald.... e *tutí quanti* se póde considerar inexpugnavel em sua posição.

A elles pertence o ouro do Brasil, e tudo quanto póde ser proveitoso.

Todos conhecem a influencia de José Candido Gomes; todos sabem ao que elle deve seu poder; e si, no exercito de Lopez, mandame Lanch faz e desfaz officiaes, o Sr. Comes, aqui, faz e desfaz contratos.

Essencialmente materialista, conhece o valor intrinseco do ouro, pelo que terá de enthesourar o mais que puder para poder um dia repousar sobre os louros dourados com o sangue de nossos bravos

A guerra do Paraguay foi para este homem uma mina de Potozi, com a qual largamente tem-se locupletado: e si a guerra terminar amanhan, vel-o-heis cahir *a plat*, mas não sem dinheiro.

Elle gosa aqui de um credito e influencia, que egualam ou excedem á do ministerio do Rio.

O general em chefe, o chefe do estado maior, o proprio Sr. Paranhos, são seus humildes creados, do que, ha tres dias, tive a prova, por occasião da adjudicação do fornecimento. Varios competidores estavam presentes, e entre elles o fornecedor—Brabo, sendo seu principal concurrente—os Srs. Molina e Comp.

Quando soube que este ultimo tinha enviado para aqui um dos seus intimos J. Victor Reis, não duvidei mais que Molina e Comp. fossem os felizes vencedores neste—*torneio*, de que as libras e schellings do Brasil são o premio.

Com effeito, não podia ser de outro modo.

Elisald, ex-ministro dos negocios estrangeiros da Republica Argentina, andou como o representante de Gomes, não sahindo mais da casa do Paranhos.

E na vespera do dia em que o resultado das adjudicações devia ser conhecido, Molina encommendara um banquete no hotel desta cidade para solemnisar tão bello dia.

O resultado era conhecido, e elles não o occultarem.

Diz-se que Elizalde e Gomes tem 20 p.c. dos lucros neste negocio e isto sem despender um vintem!

Felizes mortaes! A bolsa do Brasil é o seu paraiso.

Sabe-se, ha muito, que aqui existe uma estrada de ferro cujo material Lopez levou comsigo: quereis saber a quem se encommendou as locomotivas e wagões?

Ao Sr. Gomes! sempre ao Sr. Gomes!

Este senhor entende de tudo: hoje de rezes, amanhan de cavallos, depois de amanhan de vapores e fornecimentos; e finalmente de caminhos de ferro.

E' encyclopedico o Sr. Comes, correspondente do *Jornal do Commercio*.

O SEGREDO.

O tempo tudo desvanece, tudo digire, tudo gasta, tudo acaba, e si elle se atreve a columnas de marmore quanto mais a corações de cera.

Assim se explicou o sabio padre Vieira, querendo provar nos seus eloquentes sermões que o tempo tem poder sobre tudo, principalmente sobre o que é feito pelos homens. Apenas algumas obras da natureza resistem ao poder do tempo; e como pois um segredo que se guarda na cabeça de uma fragil creatura pode durar ahi muito tempo seguro?

Alguns segredos se vão conservando por algum tempo á força de impostura, de disfarce e de illusão, mas la vem uma hora em que o segredo escorrega na ladeira da memoria, sahe pela bocca da indiscripção e la cahe na praça da publicidade, e ahi temos o veu do mysterio roto e a figura do enigma descoberta para todos verem. Foi na verdade o segredo inventado pelos homens egoistas; os velhacos, os ambiciosos, os homens amigos de vicios se acobertam com elle para esconderem seus maus costumes. O segredo é opposto á sinceridade do homem philantropo, é contrario ao preceito de Deus, que manda amarmos ao nosso semelhante como a nós mesmos. As mulheres nesta parte são mais generosas do que os homens. As creanças innocentes que são o emblema da pureza, e desinteresse, não guardam segredo. O segredo é um acto bom ou mau que se quer esconder; si é bom deve ser publicado para que a sociedade o imite, e si é mau tambem se deve declarar para que a lei o corrija. Ordinariamente o homem que forma segredo, é com intenções sinistras de lezar, de roubar, de inculcar-se sabio sem o ser etc., etc.

Infelizmente não vemos nesta epocha sinão segredos por todos os lados, as moças dizendo segredos uma ás outras nos bailes, cuxixando ao pé do ouvido. Os negociantes nas esquinas das ruas resmungando segredos, occultando o preço e noticias do assucar, para ninguem se prevenir. Outros fazendo compras e vendas em segredo para não pagarem a siza toda e mais tributos correspondentes, á nação. Um rapaz pede uma moça em casamento prepara-se, e faz tudo em segredo, já por cautella, prevendo que pode se arrepender e pregar-lhe a taboca, e então não quer que hajam testemunhas, para o obrigarem a casar. O francez charlatão, e cavalheiro de industria, mistura cebo com pó de tijolo, e diz que é uma excellente pomada para fazer nascer cabello, e para tudo quanto é bom, lacra o boião, e não diz de que é feita para não se descobrir o segredo, que vem a ser enganar aos tollos para chupar dinheiro.

E' segredo vender um vidrinho de agua simples e

dizer ao doente que não choiro para assustal-o,e fazer a patranha mais enigmatica.

Outro segredo muito escondido, e que ninguem atina com elle é de certos empregados publicos que, ganhando quatrocentos, ou quinhentos mil reis, sem mais renda alguma, dão bailes de gastar um conto de reis, jogam continuadamente em grandes rodas, e trazem as mulheres cheias de brilhantes. Quem for bom advinhador, batendo na testa, hade saber em que consiste este segredo. Tambem é um segredo da natureza saber-se como é que certos paes tem filhos tão differentes em tudo a si.

Arre com tanto segredo!!! E dizem que estamos no seculo das luzes, nego, porque na claridade não é que se fabricam os segredos: razão tem muitas pessoas prevenidas, que neste tempo duvidam de tudo quanto involve segredo, pois, vulgarmente, quantos mais segredos tem o negocio no principio, tantas velhacadas apparecem no fim. E por conseguinte, opposto como somos á tal magica da vida intitulada--segredo--vamos fallar claramente aos nossos dignos assignantes. e descobrir-lhes um segredo que talvez até agora ignorem. O segredo todo d'esta folha está no pagamento dos dez tustões da assignatura, e por isso, no momento em que deixarem de pagar,levantaremos a cesta. Escutem bem e decorem este segredo para se lembrarem quando for dia do pagamento.

Não mettam isto á chalaça,
Porque o tempo se passa.
Tenham saude e muita alegria
Mas pagando sempre em dia.

P. S.---Esperem lá, senhores leitores, que ainda me esqueceu um segredo muito importante para VV. SS. aprenderem. Como é que certos homens que ha quatro ou seis annos vimos miseraveis sem nada de seu, e sem terem herdado, e nem tirado sorte grande, estão ricos? Pois foi uzando de uma receitinha muito facil, que descobriram. Alargaudo a cara, e augmentando as unhas das mãos,

N.B. Isto não é com VV. SS., que são todos homens de bem, ao menos quando pagem.

Á PEDIDO

ATTENÇÃO.

O abaixo assignado, pergunta ao Mamede poeta sem estro, que fim deu ao dinheiro que agenciou do poema—*Amores sem espinhos*—com o fim de mandar celebrar uma missa por alma do auctor?

Ao mesmo tempo, lembra-lhe que não dê descaminho, como deu no dinheiro que a tia do *Passos* mandou entregar á certa pessoa; ao depois não negue que é irmão do *Vasconcellos*.

O Chrisli Niano.

Roga-se a certo alferes da guarda nacional, que, em dezembro de 1868, recebera de uma senhora moradora á rua dos Ossos uma pulseira para concertar, sem que até o presente tenha entregado, usando de desculpas frivolas, que mande ou leve a pulseira no praso de oito dias,si não quizer ver o seu nome estampado neste jornal.

—Capitão, aqui está este bandalho, que quer campar de *gallo* entre frangos e fazer de um *ilheu* o seu terreiro.

E como quer parecer *gallo* de cathegoria, fez seu puleiro n'um pé de *pereira*.

—Mas a que diabo de raça poderá pertencer este maldicto?

—A ethiope.

E assim mesmo note que ha bajuladores que pretendem fazer *echo no povo* querendo que o tal casmurro, refinado tratante, seja um dos caracteres mais honrados e influentes das *ilhas pequenas*.

—Presumpção e agoa benta,cada um pode tomar como quizer.

—V. Ex. sabe que não ha carta sem resposta.

—Sim, é verdade.

—Por conseguinte, bem pode avaliar que de qualquer sorte se presta serviço a este ou aquelle, com o fim de angariar mais um pouco de sôpa ao prato.

—Pelo que vejo, quer V. dizer que o defensor do homem é capaxo.

—V. Ex. é quem o diz.

Pergunto a V. Ex. o que pode dar quem nada tem?

—Nada.

—O que pode um irmão desnaturado e devasso dár a outro de egual indole?

—Maldades.

—Por isso que é defendido por gente de sua geração.

—Então o homem pertence á geração dos endiabrados?

—Pois V. Ex. não vê que aquella nojenta diatribe não pode sahir sinão de miseraveis eguaes ao tal safado?

—Bajulação, servilismo.

—Capitão, tenho de apresentar cousinhas novas.

—Com tanto que principie já e já.

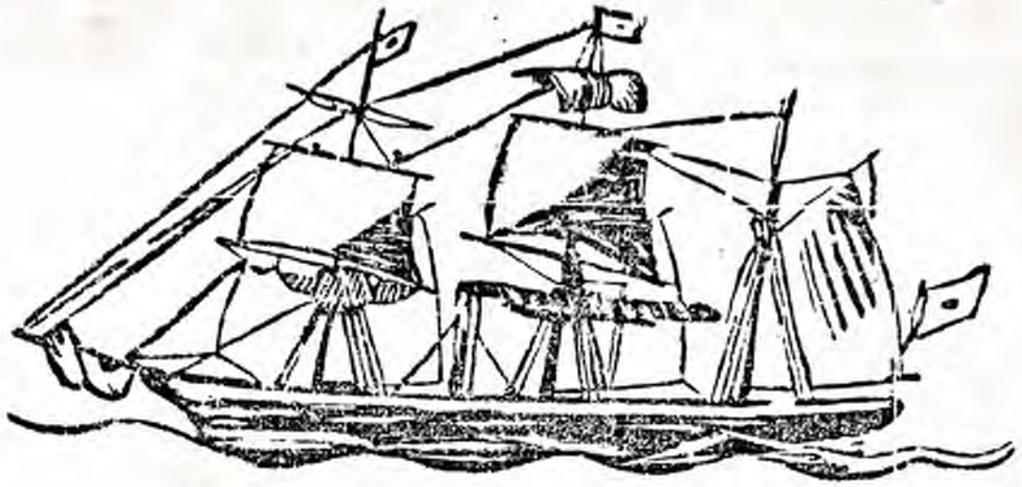
—Então aqui offereço ao caturra judeu, defensor do tal capitão, para resolver este ponto: si é verdade ou não que,em algum tempo, appareceu uma queixa de diversos negociantes desta importante villa contra o seu defendido e outros, por negocios cuja terça parte bastariam para dar accesso a qualquer homem no rol dos salteadores?

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 29.ª folha do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Desappareceu da loja n. 81 ás Portas do Carmo, uma caxorrinha do reino; acode pelo nome de *Negrinha*; acha-se parida. Recompensa-se a quem a levar ao logar annunciado ou á venda immediata, quina do Terreiro ou á venda esquina do Broco para a Barroquinha.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 50**
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 24 DE ABRIL DE 1869. N. 496.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de abril de 1869.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia.—Tendo o governo provincial, na presidencia do finado Dr. Tiberio, mandado vir da Europa materiaes para serem assentadas cloacas publicas em diversos logares da cidade, dispendendo com isso os cofres publicos quantia maior a 20:000$ rs., cujos materiaes nunca foram tirados d'alfandega, até a chegada do novo inspector, que, consta, os mandara para o arsenal de marinha, onde existem se estragando e perdendo, e como os dinheiros publicos, arrancados ao povo por meio de vexatorios impostos, não devem ser assim desperdiçados, pede-se a S. Ex. que tome uma resolução qualquer á respeito das mencionadas cloacas, de maneira que não venha a provincia a gastar mais aquella enorme quantia inutilmente.

—Raptos e mais raptos!

—Mais algum?

—Ora!

Na madrugada de 21, o subdelegado dos Mares cercou a casa do escrivão da mesma subdelegacia, o Sr. Sobral, para tirar a menor de 14 annos Izabel Francisca de Queiroz. filha do Queiroz, morador no Engenho da Conceição, que foi raptada por Salvador Borges de Barros, e para ali conduzida.

—E achou-os?

—Que duvida! Estavam ainda deitados.

—Para um serventuario publico é muito lisongeiro isso em sua casa.

—O tal Sr. Salvador, dizem, já é affeito a estas boas graças. Com esta fazem cinco, as moças por elle seduzidas e arrancadas do lar paterno.

—Bom! pode tirar seu diploma de seductor-mór!

—O capitão do vapor *S. Francisco,* que veio na segunda-feira de Santo Amaro, si havia de procurar o centro do rio Sergimirim, aceitou um conselho que lhe deu o caixeiro do engenho *Partido,* e dirigiu o vapor pela margem do rio, mettendo a proa sobre a terra; para safal-o, foi preciso amarrar um cabo a que chamam *espia,* passar os marinheiros para o outro lado do rio, afim de pucharem o *bicho* de dentro da terra.

Nesta operação levaram uma hora.

—Mas o que quer, si o capitão vae aceitar conselhos de quem não tem pratica do rio?

—E elle, aceitando esse conselho, tornou-se mais ignorante do que quem o aconselheu.

—Que duvida!

E os passageiros foram os prejudicados, porque ficaram ali massados até que safassem o *cavallo do mar* de dentro da terra!

—Que remedio tinham elles?

—Ora, muito bem! E' o que faltava!

—O que é?

—A politica introduzida nas calçadas.

—V. quer brincar.

—Quando eu fallo serio, é serio.

—Como agora...

—Sim, senhor.

Não vê V. quando entra um presidente novo desfazer o que seu antecessor fez?

—E' exacto.

—Pois é o que se dá actualmente com a calçada da ladeira do Caminho Novo, ao Taboão. Depois de prompta vae se desmanchar para fazer de novo.

—Com que fim, homem?

—Dizem que para rebaixal-a.

—Ah, rebaixada ficará a *herva* dos cofres n'algibeira de algum feliz.

—Este Sr. subdelegado de Brotas é cassuador!

—Que moço! Graceja até com seus superiores!

—Informando ao Sr. Dr. chefe de policia sobre um facto occorrido na sua subdelegacia, principia logo dizendo que « provavelmen- » te algum desafeiçoado do major Joaquim » Pereira de Carvalho quiz expol-o á odiosi- » dade publica, invertendo e commentando » a seu bel-prazer aquella occurrencia, que » *nada teve de extraordinaria*.....

—Irra! uma mulher puchada á cabresto, pelo pescoço, em uma estrada publica, com o sol alto, nada tem de extraordinario, na opinião do Sr. Bahia, subdelegado de Brotas!

—Começa emittindo seu juizo, quando o chefe de policia não lh'o pediu; deixa o seu papel de authoridade informante para insinuar á respeito sua opinião e depois continúa:

« O major Joaquim Pereira de Carvalho, vendo que outro meio não tinha para conseguir que a escrava, parda, de nome Ignez deixasse de fugir, como por muitas vezes tem praticado, deitou-lhe uma cruz.....

—Authorisado por quem? Por V. S., Sr. subdelegado?

—«..... na supposição de que ella receiasse expor-se á ser vista d'aquella maneira; não obstante, ella, na tarde de 31 de março proximo passado, fugiu.

«No dia 1.º do corrente, tendo elle noticia de que ella estava em casa de Jorge Thomaz d'Aquino, morador no alto da ladeira da Boa Vista, para ahi se dirigiu e recebendo-a, fez seguir sem maltractal-a...

—Diz o Sr. subdelegado, está dito.

—«..... indo elle atraz em uma mula. Ja talvez em meio caminho, receiando, que ella se evadisse por algum dos lados da estrada.....

—Que ingenuidade do Sr. Bahia!.....

Admittir a possibilidade de que uma escrava a pé, podesse correr mais do que seu senhor á cavallo!...

Esta, é mesmo de cachupeleta!

—Veja o melhor:

«..... *enfiou o mangoal no aro* e assim continuou, não a trote, como diz o periodico e nem era possivel.....

—Como soube o Sr. subdelegado desta minuciosidade?

Viu? e, si viu e consentiu, diga S. S. mesmo que classificação merece como authoridade.

—Na verdade affirmam-nos que houve inexactidão nesta parte; a infeliz não foi puchada a *trote* e sim á *passo picado*.

—Entretanto o Sr. subdelegado assevera que o facto se déu. Só escapou uma cousa á sua perspicacia: uma ponta do mangoal foi amarrada á cruz no pescoço da escrava, e a outra? O senhor continuou a seguir, como ia, atraz della?

—Ora bem bello!

—Ouça mais:

«.....

«Ora, sendo ella incorrigivel, e de indole tal que apezar daquelle meio empregado, ainda quiz continuar no vicio de fugir, foi, no *mesmo dia* 14 do corrente, em que *V. S. officiou-me*, remettida para o Rio de Janeiro.

—Que coincidencia!

—Supposto que os boccorios digam que foi dous dias depois.

—Veja o final;

«Eis por tanto o que me consta e incluso achará V. S. os autos de pergunta feitos ao referido Jorge Thomaz d'Aquino e á Germano, que ja era conhecido della; e quem a levou a casa d'aquelle Jorge.....

—Porque interrogou somente a estes dous, quando dizem que immensidade de gente presenciou?

—«..... por onde se conhece que a informação dada aos redactores do *Alabama* não foi exacta.

—Pois não, coração!

—Attenda ainda.

«Quanto á ultima parte do officio de V. S., fica respondido com o que se acha exposto, salvo si V. S. exige que toda e qualquer occurrencia.....

«Isto agora é um *quinau* no chefe de policia.

—«..... por pequena que seja:.....

—Na verdade, Sr. Bahia, um facto da gravidade deste, praticado por um collega, não vale a pena que a authoridade superior tenha conhecimento delle.... é uma ninharia.

—«..... deva ser levado ao conhecimento

de V. S, sobre o que passo a consultar aguardando de V. S. solução para meu governo, etc. etc.,»

—Mas onde está a inexactidão?

Ora ha gente que quer por força que os mais comam araras!

—Si eu me encontrasse com o Sr. Bahia, havia de lhe dizer que, mesmo antes de publicado o seu officio, já andavam a dizer que o seu auto de perguntas era feito com tal *geito* que o resultado seria provavelmente o que foi;

Que o guarda Jorge *teve conveniencia* para depor em juizo o contrario daquillo que antes contava a muita gente;

E que muita cousa não se escreveu, porque o escrivão foi coagido a isso.

—São cousas que eu não acredito, e antes repillo como indignas do caracter de uma authoridade do quilate do Sr. Bahia.

—Mas ha linguas tão maliciosas.....

—Em todo caso, seria bom saber do Sr. Dr. chefe de policia si o Sr. major Joaquim Pereira de Carvalho continúa a ser 1.° supplente de subdelegado da freguezia de Brotas.

Á PEDIDO

—Ora, alferes, pois isto tem termos?

—O que houve?

—V., um homem condecorado, a fazer este mal á pobre *Vicencinha!*

—Qual foi o mal?

—A *feijoada* que V. deu-lhe a comer, que a poz de *barriga enchada*, a ponto della envergonhar-se e fugir de casa; e até dizem que foi para uma casa de seu dominio. Acho bom que repare o damno causado á pobre rapariga.

—Eu dei-lhe nenhuma *feijoada* á ella para comer.

—Então, si não foi V., foi seu irmão, ou seu cunhado.

—Qual meu irmão, nem meu cunhado!

—O tio *Pedro* assim me asseverou.

—Isto são artes do *Joaquim*, elle é quem anda espalhando estes boatos falsos.

—Mas o *Andrade* affirma que é V. o author de semelhante obra.

—Não me traga esse homem, que é um cynico muito grande.

—E V. um reverendissimo seductor.

—Temos conversado, meu charo.

Quem é pobre não tem vicios,
Quem é rico tem sobrado;
Quem quer ser rico e não paga
Certamente está quebrado.

Quem é pobre vive triste,
Quem é rico é festejado,
Quem vae perdendo o que tem,
Fica logo desprezado.

Quem foi pobre e ficou rico
E' um soberbo damnado,
Esquece logo o que foi,
Não se lembra do passado.

Assim somente este mundo,
Por dinheiro é governado,
Seja um *cão cheio de lepra*,
Tendo dinheiro, é prezado!

NOVIDADE SEM EXEMPLO NA RUA DIREITA DE PALACIO.

Raro é o dia ou noite em que não seja a visinhança incommodada por grandes alaridos e desesperada gritaria, até a porta da rua; com palavras indecentes e envolvendo o nome de diversas pessoas em tão ridiculos quanto indignos actos praticados por uma senhora que, não é criança e mãe de familia; taes actos fazem nojo a quem os presencia, quanto mais ao pobre, bonanchão, e laborioso marido, que vive no seu aturado trabalho, vindo em casa a procurar a refeição e sendo recebido com taes gritarias e insultos.

E' insupportavel aturar-se gente mal creada e de genio tão damnado.

Um espectador.

—O que é isso, rapaz?

—Não é nada, capitão, é um safado que trago á presença de V. Exa.

—O que fez este tratante?

—Acaba de praticar uma ladroeira, com o director de certa repartição.

—Mas que ladroeira foi?

—Eu lhe conto, capitão: Achande-se o filho do director doente, este bandalho e velhaco mor intrometteu-se na casa do homem, fazendo as maiores adulações e baixezas, com vistas somente de fazer alguma tranpolinice. O director, julgando que aquillo era por lhe ter elle promettido dar um bom logar em uma secretaria e de lhe ter pago alguns mezes de casa, de que era fiador, ficou muito satisfeito com o tal canalha, a ponto de dar-lhe almoço, jantar e ceia, e mandar dinheiro para a mulher do tratante.

—Abrevie a sua historia, que é massante.

—Tenha paciencia, capitão.

Aconteceu porem que, dias depois, morreu o filho do director e o patife, descarado, pedio, chorou para que o encarregassem do enterro, pois desejava apresentar um bom funeral. O director, agradecido de receber tantas provas de dedicação, que julgava sinceras,

concedeu que elle se encarregasse das exequias, marcando-lhe, porem, a quantia de 600$000 rs.

—Nada disto adianta.

—Ouça capitão.

O abjecto cousa ruim, logo que foi encarregado, correu muito contente e foi á casa de um compadre, dizendo que elle fizesse o enterro com tanto que lhe desse 100$ rs., pois que destas felicidades poucas vezes lhe appareciam.

—E o compadre não fez o enterro?

—Fez, capitão, porem foi uma grandissima porcaria.

—Pois bem, leve-o para bordo, entregue-o ao *Guilherme*, ou ao *Caldas*, e diga-lhes que mettam este safado ratoneiro em ferros até amanhan, que la irei ajustar contas.

—Vou ja, capitão, obedecer-lhe.

SONETO.

Quem pode, Osorio, marear-te as glorias?!

Nos campos da batalha denodado,
No meio do troar d'artilharia,
Um vulto grandioso desprendia
Aure-verde pendão abençoado.

Quem era esse gigante assim falado,
Que a patria tão valente defendia?
Quem era que a coragem repartia
Transformando em leão cada soldado?

Era elle!—eil-o alli, nobre guerreiro,
Filho dilecto da immortal victoria
Por todos proclamado heroe primeiro.

E' elle—cujo nome em patria historia
Honrará o imperio brasileiro!
Quem pode, Osorio, marear-te as glorias?

Srs. redactores do *Alabama*.—Como foram Vv., que, de publico, por meio de uma noticia impressa no n. 494 de seu periodico, fizeram chegar ao meu conhecimento o facto de ter sido raptada, de casa do coronel Galathea, a menor Lydia por Candido Henriques de Mattos, não morador em um quartinho por baixo da propriedade em que moro, porem meu creado, famulo da minha casa, o que julgava eu que era sabido por Vv., agradecendo-lhes o favor d'essa noticia, julgo conveniente communicar-lhes (porque entendo que Vv. que deram noticia do crime tambem devem estimar noticiar que elle se acha legalmente reparado) que, homem da lei, do numero, como sou, d'aquelles que para respeital-a e cumpril-a não precisam das censuras publicas e menos da intervenção da authoridade, logo que li o periodico acima referido, de accordo com o subdelegado em exercicio, Dr. Altino Rodrigues Pimenta, fiz comparecer na subdelegacia o dito meu creado, e ahi, depois de syndicar-se precisamente do facto, foi pelo offensor e a offendida contractado o casamento, que effectuou-se hontem mesmo ás sete e meia da noite, achando-se ambos em casa de minha residencia.

Sou

De Vv., etc.,
Fortunato A. de Freitas.

S. c. 21 de abril de 1869.

—O Dr. *Piroca Leão Vellado*, conversava com o Dr. *Piroca Caetaninho*, sobre politica. O Dr. *Vellado* estava montado, e vae se despedindo do Dr. *Caetaninho*, dizendo:

—« V. é que está bem, meu amigo, *vá aproveitando isto.*»

A estas palavras *vá aproveitando isto*, o cavallo foi soltando uma descarga de *buffas*.

Eu que ouvi o cavallo dar a descarga de *buffas*, fiquei em duvida o que era que elle mandava o Dr. *Caetaninho* aproveitar.

—V. é um bollas!

Está provado que era a fatia de pão-de-ló que lhe está dando o partido.

—E as *buffas* que deu o cavallo, tambem seria para elle?

—Varro.... varro!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 30.ª folha do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Precisa-se de uma ama que saiba cosinhar e gomar perfeitamente, a tratar-se na rua dos Caldeireiros, defronte do 2.º Gomes, casa n.º 35.

COLLEGIO ONZE DE JUNHO.

A' RUA DAS LARANGEIRAS N. 128.

Aulas que se acham abertas e Professores.

Instrucção Primaria—Antonio Pinto de Sousa Filho.

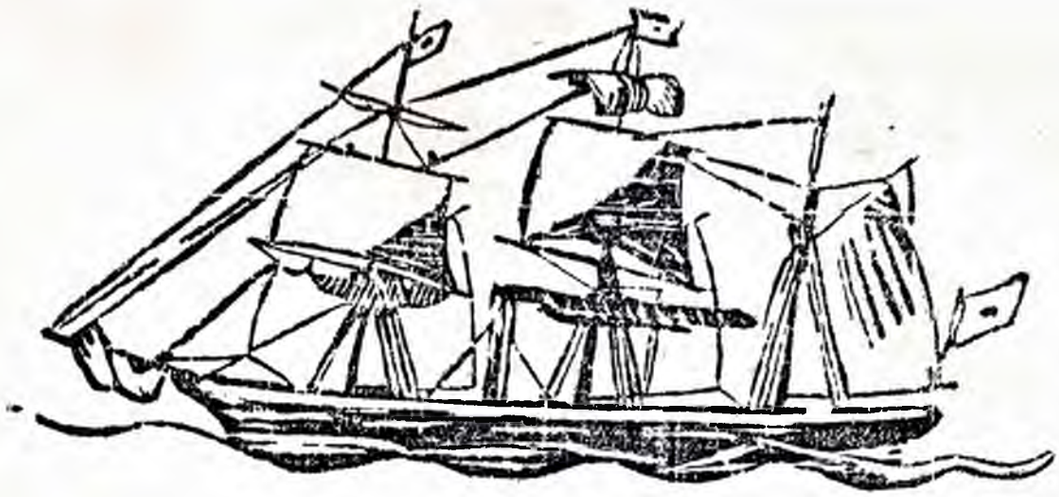
Latim e francez—José Pulcherio Pereira Lago.

Arithmetica e Escripturação mercantil—O director.

Dansa—Honorato José Barbosa Brasil.

O director.—*F. A. de Freitas.*

Desappareceu da loja n. 81 ás Portas do Carmo, uma caxorrinha do reino; acode pelo nome de *Negrinha*; acha-se parida. Recompensa-se a quem a levar ao logar annunciado ou á venda immediata, quina do Terreiro ou á venda esquina do Brocó para a Barroquinha.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 50

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 28 DE ABRIL DE 1869. N. 497.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que, por quatro ou cinco vezes, tem sido visto á noite, tarde, um individuo descer de um sobrado pelo lampeão do gaz, ás Portas do Carmo, e entrar em uma loja na mesma rua. Ha quem diga que o referido individuo é um famulo da casa do Sr. Dr. Reis de nome Argemiro; na ignorancia, porém, da intenção que o induz a assim praticar, leva-se ao conhecimento de S. S. para que tome medidas preventivas.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio, transmittindo-lhe a communicação que nos fazem, de que ha algumas noites postam-se dous vultos na ladeira da Soledade, á entrada da estrada que segue para a Quinta, deixando infundir suspeitas pela hora adiantada em que se apresentam; e como pode muito bem ser que algum designo sinistro os conduza ali, pede-se a S. S. que requisite a presença de uma patrulha do policia naquelle logar, o que espera-se.

—Muito poder tem a superstição e ignorancia!

—Ha alguma cousa?

—Um uso estupido e grosseiro, um aleive ás almas dos mortos, um testemunho falso ás cinzas dos finados.

—Homem, explique logo que lenga-lenga é essa.

—As vendedeiras de peixe na Preguiça encasquetaram-se de que as almas das companheiras fallecidas andavam atrazando-lhes o seu commercio e por isso reuniram-se hontem, 26, mandaram celebrar 12 missas, alugaram um armazem em Santa Barbara e ahi fizeram um *serviço* extraordinario, onde ferveu o *tabaque* até 6 horas, para afugentar as almas que não são mais deste mundo, e não virem atrapalhal-as!

Pode haver nada mais grosseiro e ridiculo?

—E' um legado da maldicta importação de africanos, que ficou bem arraigado na população menos instruida.

—E quem tem obrigação de combatel-o fecha os olhos!

—Mas que quer? Os apostolos do catholicismo so se sentam na cadeira evangelica quando lhe pagam algum sermão.

—Está direito! Nega-se sepultura ao general Abreu e Lima em logar sagrado por futeis discordancias em materia religiosa e consente-se em Santa Barbara um *vudum* de africanos para enxotar as almas do outro mundo!

—Ha epidemia na terra?

—Vá agourar o diabo.

—Mas o que quer dizer isso? Tres padiolas a conduzir enfermos?

—São marinheiros do vapor de guerra italiano *Guiscard* que estão adoecendo aos punhados.

Na sexta feira entrou um para o hospital e falleceu immediatamente, e hoje sabbado adoeceram tres que vão ali.

—Homem, em todo caso, diz o adagio, que cautella e caldo de gallinha nunca fez mal a ninguem.

—Eu tambem sou de sua opinião e até digo que em outra parte ja a policia sanitaria andaria as voltas com o tal vapor.

—Mas aqui que é a terra das facilidades, deixa-se tudo ao accaso.

—No domingo, ás 9 horas da manhan, partiu desta cidade para Cajahiba o vapor *S. Francisco,* levando a seu bordo a philarmonica Campesina, diversos cavalheiros e algumas senhoras, que foram visitar o Exm. Sr. visconde de Itaparica.

O vapor largou da ponte da companhia Bahiana todo embandeirado e ao som do hymno nacional e de diversos vivas ao Exm. visconde de Itaparica.

No meio da viagem, o capitão do vapor mandou deitar um almoço, e neste almoço, que durou até quasi ao chegar a Cajahiba, levantou-se diversos brindes ao Exm. visconde de Itaparica, a seu Exm. pae, o barão da Cajahiba, e á sublime ideia da philarmonica Campesina.

Quando o vapor aproximou-se do engenho Cajahiba, percebeu-se que de lá abanavam de lenços para o vapor. Ahi o capitão Fausto arregimentou as senhoras e os cavalheiros, e estes corresponderam tambem abanando de lenços e dando enthusiasticos vivas a S. Ex. o Sr. marechal visconde de Itaparica e a seu Exm. pae, tocando de novo a philarmonica o hymno nacional.

Logo que o vapor arreou ferro, deu um tiro, e a este signal diversas canôas do engenho vieram receber os visitantes.

As janellas da casa do Sr. barão da Cajahiba estavam todas cheias de colchas.

Quando os visitantes saltaram em terra, a philarmonica tocou uma escolhida peça do seu repertorio musical, e subiram.

Todas as salas estavam decentemente ornadas!

S. Ex. o Sr. marechal visconde de Itaparica, não obstante ter naquelle momento extrahido um pedaço de osso da perna, veio receber os visitantes, e os abraçou, á cada um de per si.

Ao entrar da casa, havia uma meza com differentes bebidas, na qual obsequiaram-se todos os visitantes.

Depois S. Ex. o Sr. visconde de Itaparica dirigiu-se á uma sala central e ahi houveram differentes discursos, sendo acompanhados de freneticos vivas, e á todos elles agradeceu o Exm. marechal.

Foi recitado pelo filho do ex-porteiro d'assembléa provincial o Sr. Baraúna, e por elle offerecida ao Exm. visconde de Itaparica, a seguinte poesia:

«A esta festa pompoza
Não é tarde, venho ainda,
A espada gloriosa
A' patria seja bemvinda,
Receba do coração
Minha humilde saudação.

Si um Alexandre famozo
Teve a Macedonia outr'ora,
Um não menos glorioso
O Brazil possue agora;
De seus feitos a memoria
E o luzeiro da historia.

Sou filho de um veterano
Soldado da Independencia,
Sinto no peito Bahiano
Uma doce effervescencia
Quando ouço contar, Senhor,
Feitos de vosso valor.

Quizera não ser menino
Para seguir vosso exemplo,
E cheio de vosso tino
Subir da memoria ao templo,
Onde se acha gravado
De Argollo o nome adorado.

Faltam-me os annos, porem
A' vista de taes acções,
Eu sinto inveja tambem;
Rendo as minhas oblações,
E peço a Deus um favor:
—Vossa saúde, Senhor.»

Numerosas canôas do engenho, e algumas de aluguel, levaram parte dos visitantes á villa de S. Francisco, e estes percorreram as ruas dando ainda vivas a S. o Ex. Sr. visconde de Itaparica e á familia Argollo.

Voltando estes, foram obsequiados com uma explendida meza, que apresentou S. Ex. o Sr. barão da Cajahiba.

Foram levantados nesta meza enthusiasticos brindes a S. Ex. o Sr. visconde de Itaparica, ao seu Exm. pae, ao coronel Carvalhal, ao capitão Fausto, ao capitão do vapor *S. Francisco* e a outras muitas pessoas.

Convém aqui acrescentar que não foram só os bahianos, nem os brasileiros que tomaram parte nesta festa, e sim tambem diversos subditos da nação britanica, que lá se acharam.

A's 5 horas da tarde regressava o vapor

para a cidade, debaixo do mesmo regosijso, vindo todos os visitantes bastante satisfeitos, pela maneira porque foram tratados por S. Ex. o Sr. barão da Cajahiba, por seu filho o Exm. marechal visconde de Itaparica e por toda sua Exma. familia.

—A companhia do olho vivo nesta terra é inconquistavel!

—Não ha força que a faça conter.

—E' de justiça dizer que a policia ultimamente tem se mostrado rigorosa com os escamoteadores, mas elles zombam constantemente da acção policial.

—E o que pode fazer a policia montada como é, sem pessoal, sem organisação, e sendo os poucos agentes que possue irmãos confrades da companhia? Eu reconheço a boa vontade do chefe, mas sei que, com os meios de que dispõe, seus esforços são impotentes para refrear semelhante cafila.

—E o publico continua a soffrer os *golpes* de tão damnada gente!

—Está que agora mesmo acabam de me informar que ha poucos dias achava se fundeado um barco no Porto do Bomfim; a companhia teve sciencia de que o mestre trazia dinheiro, e immediatamente enviou para lá um tal Torquato em missão rapinatica.

Torquato apresentou-se a bordo, empregou os meios, empalmou uns 400$ rs. do incauto maritimo e adeus Marilia que eu parto.

—E *beatus est* quem possue, quem tem na mão é seu dono.

Á PEDIDO

Lê-se na *Opinião Liberal*:

« O SR. CONDE D'EU.

O Sr. conde d'Eu parte nestes poucos dias para o Paraguay a assumir o commando em chefe das forças brasileiras, e porventura das alliadas tambem.

Ainda não ha um anno que--altas razões de estado, ---segundo declarou o governo no «Diario Official,» impediram que S. A. lá fosse nos campos de batalha dar expansão ao seu genio marcial, apparentando-se em virtude disso fingidas desintelligencias palacianas.

Actualmente, porem, desappareceram as--altas conveniencias do estado--ou talvez «novas conveniencias do estado» enviam o futuro imperador do Brasil ao Paraguay, quando, aliás, na autorisada opinião do Sr. «duque» de Caxias, nad ha a fazer ahi senão o officio de capitão de matto; isto é, o de pegar pretos fugidos.

Não cremos que o herdeiro da corôa do Brasil se destine a tal mister. O que vae, pois, realmente fazer o principe consorte ás republicas do Prata?

--Ceifar louros, crear reputação marcial, conquistar glorias aniquilando Lopez, dir-vos-hão os bem-aventurados.

Pois assim seja. Mas isto lembra-nos um «certo rei,» que mettendo-se-lhe na cabeça crear reputação de bom atirador, como depois a de guerreiro, foi caçar veados na «chacara» de um seu subdito; e como as --conveniencias do estado--exigiam que a reputação do bom rei ficasse bem firmada e não perdesse elle a sua viagem, amarraram nas arvores um veado para o rei fuzilal-o no meio dos estrondosos applausos e da tempestade de exclamações, admirações e onthusiasticos elogios da sua côrte. Dada por amarrada a victima, o rei leva a espingarda á cara e faz pontaria! os cortezãos ficam alertas e boqui-abertos como cães perdigueiros, em attitude de bater as palmas, cada um com uma torrente de admirações a romper-lhes dos labios; o rei atira..,

Mas, oh, decepção! A bala, em vez de matar o veado, quebrou a corda que o prendia á arvore, e o animal, refractario ás regras da etiquêta, volveu a pastar livremente na sua chacara!

A pericia venatoria do rei ficou desde então friamente litigiosa; mas no que afinal todos concordam é em que S. M. procede com desaso em todas as emprezas.

A S. A., porem, que anda todo dia a mirar o alvo, não acontecerá por certo perder a caçada.

Vá, pois, o successor do Sr. D. Pedro II ver e estudar pessoalmente os dominios platinos, vá fundar a sua clientella no exercito, vá finalmente colher montões de glorias e proveitos para... o Brasil, não esquecendo que o bom atirador «atira ao que vê e mata o não vê.»

—Capitão, quero contar-lhe uma historia.

—De historias estou bem cheio.

Os conservadores contaram tantas historias ao povo, quando queriam galgar o poder, por fim galgaram e tudo mais ficou sendo historias!

—Neste caso, ja sei que não me quer ouvir, e portanto retiro-me.

—Não. Sente-se e conte.

—Ouça:

«Um barão apaixonou-se por uma moça na cidade de.... e por fim raptou-a de casa de seus paes. A moça era linda como os amores!

Cor alva, cabellos pretos, olhos acastanhados, mãos delicadas e macias, um collo bem feito, pés pequenos, braços torneados, emfim bella no todo da expressão!

O barão julgou encontrar n'aquella *Sinhasinha* mais afagos amorosos do que em sua chara metade.

A moça foi levada para habitar nas terras do engenho do barão. Fatalidade! o homem foi ainda infeliz!...

Não durou muito tempo sem que a amante do barão não se apaixonasse por um *cabra*, escravo do engenho, á quem mimoseava com saborosos petiscos, por intermedio das pretas parceiras do mesmo; mas não sei qual o *mercurio*, qual o dedo diabolico, que foi metter nos ouvidos do feitor os amores de *Sinhasinha* com o *cabra*, resultando que áquelle prohibisse ás pretas que de irem cannavial levarem comida a este, sob pena de ser castigada a que a isso se atrevesse.

Indo o barão ao engenho, o feitor contou-lhe os amores que tinha sua amante pelo *cabra*. O barão enfureceu-se, rangeu os dentes, espumou, como um cão damnado, regalou

os olhos, por fim mandou chamar o *cabra* a sua presença e interrogou-o!...

Depois de interrogado o desgraçado e infeliz escravo, o barão mandou surral-o e mettel-o n'um tronco, dando-lhe que comer de vinte em vinte e quatro horas!

Dias depois deste cruel, castigo o miserando escravo estava em cima de uma cama, e sua alma parecia querer separar-se do corpo que havia sido tão barbaramente martyrisado!!»

—E morreu o infeliz?

—E' o que não lhe sei contar, Exm. Sr.

—O desventurado escravo foi atrevido por se ter apaixonado pela amante de seu senhor!

Mas este caso, que o Sr. me veio contar, é um desses casos revoltantes como os que costumam praticar esses senhores de engenho ahi pelo centro.

—E' uma historia, capitão, como qualquer outra, como mesmo as que os conservadores contavam ao povo antes de galgarem o poder.

—Exijo saber como se chamava esse barão, quem era elle?

—Com exigencias é que eu não vou nada.

—Diga-me sempre o nome do barão que praticou tão execrando e atroz crime!

—Ja disse-lhe que é uma historia.

—Olhe que mando deitar-lhe os machos aos pés, até que m'o diga!

—V. Ex. está louco.

—Louco... louco, eu?

—Pois quer que lhe diga o nome do barão em um caso inverosimil, como o que acabo de contar-lhe.

—Isto não é inverosimilhante, é realidade!...

—Pois então cumpre á sua policia secreta descobrir.

—Tem razão. Retire-se, que quero dar as minhas ordens.

—Valha-me o *santo da ventania!*

Olhe que este capitão tem o que se lhe diga!

Manuel Joaquim de Oliveira Baptista declara que encarregou-se unicamente da armação e cêra para o enterro do tenente Felizardo da Silva Paranhos, filho do Sr. tenente-coronel Thomaz da Silva Paranhos, assim como, que ainda não apresentou conta desse trabalho.

Roga-se a attenção da camara municipal e do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para o grande risco que ameaça o sobrado ao Porto do Bomfim, principiado ha muitos annos pelo fallecido porteiro do tribunal da Relação Manuel Pedro da Silva, e nunca acabado, o qual, não tendo sido coberto, tem se damnificado por tal forma, que uma das paredes lateraes está desaprumada, e não resistirá á presente estação invernosa. Providenciando-se, evita-se não só a perda da vida de algumas pessoas moradoras d'ahi (rua das Princezas) e outras que ahi costumam sentar-se, como o estrago das propriedades visinhas.

Ao Sr. que recebeu, na Lapinha, por minha ordem, 5$120, em mão dos Srs. Serapião e Theotonio, rogo o favor de vir ou mandar trazer-m'os; si não quer ver seu nome neste periodico. Aviso-lhe por sermos amigos. Bahia 26 de abril de 1869.—*Severiano Pereira de Mello*,

VARIEDADES

O VERDADEIRO CAMINHO DA PRISÃO.

Perguntando um aldeão pelo caminho de Newgate (prisão de Londres,) um gaiato que o ouviu, offereceu-se para ensinar-lhe.

—Atravessae o rego, disse-lhe, entrae na loja do ourives—fronteiro, pegae em dous copos de prata, abalae com elles, e daqui a dous minutos estareis em Newgate.

UM VOTANTE.

Em uma eleição muito pleiteada, compareceu um votante, cuja figura era um tanto ridicula, por isso um dos mesarios, querendo vêr si o excluia de votar, perguntou-lhe:

—Como foi que o Sr. veio votar?

—Eu vim andando, respondeu o votante.

—Do que vive o Sr.?

—Do que como.

—Ponha a chapa na urna.

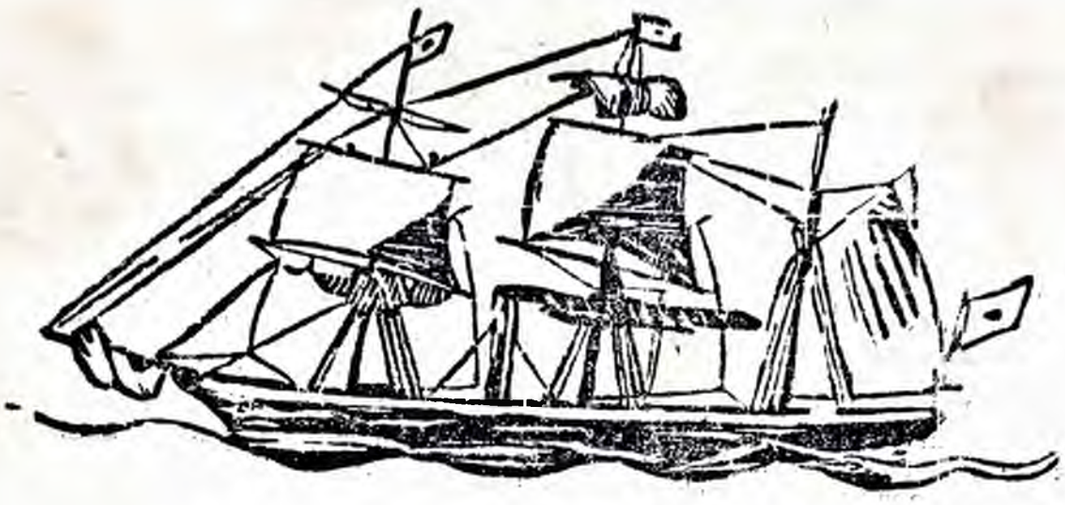
O SONHO.

Um jogador de lansquenet, tendo quasi amanhecido no jogo, onde perdera uma somma avultada, recolhendo-se á sua casa traspassado de somno, foi deitar-se immediatamente. A's 8 horas da manhan, sua escrava levou-lhe o café, e chamou-o mansamente. —Corra! disse elle sonhando, corra!—E' café, tornou a negra; está esfriando.—Ah! já está esfriando?... Bravo; ganhei... é o az de copas.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 31.ª e 32ª folhas do—ROCAMBOLE.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

ANNO VII. — Serie 50

BAHIA — 29 DE ABRIL DE 1869. — N. 498.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de abril de 1869.

Officio a Illma. camara municipal, fazendo-lhe sentir o prejuizo que soffre o respeitavel publico não so em sua saude, como em sua commodidade, com os dous buracos existentes, um na Fonte dos Padres e outro na rua de Baixo, provenientes dos canos que arrebentaram, os quaes, alem de exhalarem insuportavel fedentina, alagam a rua de tijuco, em vista do que, acredita-se que a Illma. lançará vistas benovolas para tal reclamação.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar.—Convém que S. S. passe a indagar de onde vieram, hontem 27, duas carroças com 12 saccos de algodão em rama, descarregados no fundo da bodega do Bezerra, ao Caes Dourado, e si é certo que existe ahi uma prensa onde se enfarda o mesmo algodão; assim como si é exacto, segundo assevera pessoa fidedigna, que esse algodão foi remettido por um tal João Coxo, que nesse caso deve declarar onde o comprou, si foi ao Chetas Zanaga, ao Domingos Coruja, ou ao Zepherino do Cavaignac, ou si a todos tres cumulativamente.

Tambem convém saber, si é licita a existencia da referida prensa alli, e si ella é propriedade do mencionado Bezerra, ou de um celeberrimo torto de *cara ahi* residente.

S. S., além disso, tratará de syndicar si não é verdade que foram, em dias do corrente mez, para uma recommendavel refinação, aos Coqueiros, alguns saccos de assucar conduzidos em uma carroça e remettidos por Domingos Coruja.

Espera-se de S. S. todo zelo e actividade neste negocio, afim de ver si conseguem conhecer os ladrões e compradores de furtos nessa freguezia.

—O pobre ja não pode viver nesta terra!

Farinha de cinco patacas, carne de cruzado, aluguel de casa pela hora da morte, aquartelamento da guarda nacional e recrutamento, são as commodidades da vida que se encontra.

—E para cumulo de felicidade ahi vêm os novo impostos!

—Essa grande calamidade com que nos mimoseou a ominosa dominação progressista.

—E a que o Sr. Itaborahy déu o ultimo retoque com o regulamento que baixou para a arrecadação respectiva.

—Não bastavam os vexames com que ja lutam as industrias e profissões neste desgraçado paiz, era preciso mais este contrapezo!

—Quanto peior melhor!

—Agora o que é preciso é que a nova camara augmente mais algus impostos para, de uma vez, acabar com o vislumbre de artes e profissões que existe ainda.

—Deixe estar! Dia ha de chegar em que o povo não ha de querer exhaurir mais o seu suor em proveito de tanto *pançudo*.

—Sabe qual é a recompensa que recebem os voluntarios da patria, quando voltam da guerra?

—O esquecimento, o olvido, ja sei disto.

—Cousa peior.

—Peior? não é possivel.

—A ignomia, a deshonra, a chibata.

—Não diga semelhante cousa, homem!

—Ao menos é o que diz a *Opinião Liberal* n'uma informação que lhe deram. Veja aqui.

«Ha poucos dias formou-se um quadrado dos soldados destacados em uma das fortalezas desta bahia, para infligir-se o barbaro castigo da chibata a um—voluntario da patria!

Apresentada a victima no quadrado, representou ao major da praça, que não podia receber o affrontoso castigo, porque era cavalleiro do habito da rosa. O major da praça respondeu-lhe «que se lembrasse disso antes do conselho que o mandara castigar.»

O—voluntario da patria—insistiu que não recebia o infame castigo, e cheio de desespero e nobre indignação avançou sobre o major, pretendendo tirar-lhe a espada.

Foi uma scena horrivel. Afinal o—voluntario da patria—foi sempre castigado e recolhido depois a solitaria!

Será verdade que esse homem era cavalleiro da rosa? Que valor terá semelhante tetéia, si nem para acobertar do castigo corporal serve?..

Será bom que S. Ex. o Sr. general Caldwell nos esclareça a respeito.

—Si o que V. acaba de ler é real, este paiz tem descido ao ultimo grau de aviltamento e abjecção.

—Ora! outras cousas tem-se visto..

—Hontem houve incendio em uma propriedade do Sr. Pedroso, no largo Dous de Julho, em que mora o Sr. Dr. Eloy Martins de Souza.

—Já tive noticia deste incendio, que manifestou-se as 3 horas da madrugada e a que appareceram as authoridades e os soccorros, quando elle ja estava extincto.

—Isto ja é mal muito antigo!

—A preponderancia das irmans de charidade vae se estendendo maravilhosamente!

—Por toda parte o seu regimem jesuitico!

—Até sobre a classe militar essas mulheres já predominam!

O asylo de invalidos da corte, instituido pelo patriotismo do paiz, edificado á expensas da charidade publica, é hoje feudo dessas estrangeiras!

A suprema direcção do estabelecimento lhes pertence!

—E os bravos mutilados, que voltam da guerra inutilisados, são obrigados, ali, a curvarem á cabeça ao systema fradesco dessas mulheres!

—E, o que é mais, são d'ali enxotados para a rua os que não se querem curvar ás prescripções dos caprichos feminis dessas estrangeiras.

Um facto recente prova quanto dizemos.

« Pertencia á guarnição do asylo um joven alferes, que briosamente perdeu a perna direita nos campos do Paraguay, e achava-se de dia no asylo, quando, no exercicio de suas obrigações, foi desrespeitado por um prisioneiro paraguayo ao serviço da enfermaria do asylo: o brioso militar prende-o, mas o paraguayo, em vez de obedecer á voz de prisão, refugiou-se na enfermaria, d'ahi sahe uma das irmans, a qual oppõe-se abertamente á voz de prisão do paraguayo, originando assim uma discussão desagradavel entre ella e o alferes, que não se curvando á autoridade da beata, mandou fazer effectiva a prisão do paraguayo e recolhel-o ao xadrez.

« Passados, porém, tantos dias quantos bastaram para o facto chegar ao conhecimento do paternal ministro, baixou ordem *demittindo o brioso invalido* daquelle asylo, sem declarar o motivo da exoneração!

« E eil-o ahi pelas ruas, a victima da propria dignidade, lutando com os largos proveitos que lhe proporciona a sua—pingue—pensão de 18$rs. mensaes,—digna—indemnisação de uma perna direita perdida aos 18 annos de idade!

« Venceu, portanto, o soberano patronato da irman de charidade; e do asylo destinado para triste hospedaria dos invalidos, ☞ foi banido um dos mais recommendaveis ás beneficas attenções de governo, para satisfazer os caprichos das inexoraveis patroas.

« Aqui cabe uma reflexão: como é que um alferes tem pensão de 18$!?»

—E' mais uma das muitas generosidades deste bom governo.

—Essa pensão corresponde ao soldo de sargento; de modo que o brioso militar tem os encargos do tratamento de official, mas para sustental-os dá-lhe o governo o soldo simples de sargento, que foi.

—Em todo caso é uma economia que o governo realisa em compensação aos grandes dispendios no pleito eleitoral.

—Quer ouvir como se esgota o dinheiro do Brazil?

—Diga.

—Ouça:

« Muito recentemente, sabe todo o paiz, correspondencias do Rio da Prata, de Humaitá e Assumpção, e muito autorisadas, disseram ahi que nos depositos do nosso exercito, no Paraguay, havia trem e petrechos bellicos sufficientes para a guerra em um periodo de vinte annos.

« Houve sem duvida nisso hyperbole; mas

é certo que trem bellico superabundante ha por lá, e muito se tem esperdiçado.

« Entretanto continuam a sahir transportes carregados de petrechos bellicos para a guerra do Paraguay!

—Si assim não fôra, como é que se haviam de fazer compras de *chegar*, e haver fortunas fabulosas á maneira do Sr. José Candido Gomes?!

Pois não está la na Assumpção o ministro de estrangeiros do Brazil em—missão extraordinaria de fornecimentos—, e a receber dos fornecedores—*banquetes de barriga?*—

—Assim, sim, esta guerra ha de acabar muito breve.

Á PEDIDO

—Capitão, ouça.

—Vá dizendo.

—Pois um tal melro, que é feitor das obras, não comprou em uma venda ao Gravatá uns generos para o seu casamento, e vendo-se apertado, porque o taverneiro queria declarar-lhe o nome no *Jornal*, porque não lhe queria pagar, pediu a um homem que tem charutos para pagar por elle, afim d'elle não ser envergonhado; o incauto, coitado, pagou e foi tambem *porreteado*.

—Mas como V. sabe disso?

—Foi o *Candido* que me contou.

—Ora, o *Candido!*... é um capadocio.

—Si duvida, pergunte ao *José* que estava com o *Sacramento* e viu.

(*Continúa.*)

—Capitão, sou um dos seus menores creados.

—Obrigado.

—V. Ex. sabe que sempre minha presença aqui é para massal-o.

—Não resta duvida; porem occasiões ha em que se aproveita.

—Contento-me com isso, apezar da ironia.

—Não ha tal; e a prova é que peço-lhe que diga alguma cousa.

—Si V. Ex. contenta-se com a que lhe vou offerecer...

—Varro, passe de largo.

—Digo-lhe que não uso como usam os logistas de hoje.

—Mais esta! Vamos ao que serve.

—Então lá vae. Ha em Látronopolis uma casa em que se paga uma disima chamada direitos, onde tanto pagam os estrangeiros como os nacionaes; porem é que me esquece agora o nome que lhe dão.

—Veja si se lembra.

—Si me não engano é uma repartição aduaneira.

—Sei; pode seguir a sua historia.

—Nessa casa ha um cujo que anda de *capa a traz* das costas e é o que manda sobre os outros que nisso se occupam, assim como alem deste tem outro ainda mais a que chamam *inspeccionador*.

—Sei disso.

—Porem V. Ex. não sabe o que anda por lá.

—Nada pode por la haver, pois creio que o homem de quem V. falla é de qualidades que o ornam e de um bemfazejo coração.

—D'esta vez, V. Ex. enganou-se redondamente, o cujo é dos taes que guardam outro no coração, e a prova é que mandou tomar fresco por umas quinze noites a um *monteiro*, nomeando logo um dos seus affeiçoados que bem cumprisse os seus desejos.

—Pode ser que isso fosse bem merecido, talvez por faltas de cumprimento de deveres.

—Asseguro á V. Ex. que não; antes tem sido sensivel a falta d'aquelle empregado.

—E como V. sabe disso pelo miudo?

—Porque sou ali simples trabalhador, e vejo o que se faz.

—Olha, rapaz, si o *inspeccionador* souber, tu tens obra com elle.

—Elle que advinhe.

—Bom, finde a historia.

—Faço isso já; comtanto que V. Ex. me encha as medidas na occasião opportuna.

—Depois do remate.

—V. Ex. leu um *Jornal* onde se convidava homens que quizessem trabalhar na tal repartição?

—Não me recordo; porem é provavel.

—Sabe tambem que o regulamento daquella casa manda que só podem ser admittidas pessoas que mereçam completa confiança do que tem á *capa* a *traz?*

—Sei, sim.

—E como si fazem estas cousas?

—Não sei; talvez o homem tenha algum compromisso.

—Por isso foi que, na occasião em que se fazia a chamada dos novos trabalhadores, appareceu uma voz dizendo—*acceite-se de preferencia os homens que tiverem netas, sobrinhas, e afilhadas.*

—Houve esta especialidade?

—V. Ex. invoque á Jesus, *Maria* e *José*, ou então as tres pessoas da *Trindade* que lhe illuminem.

—Capitão, este aventureiro, é um compendio de agitação, impersistencia e tranquibernia em sua vida.

—Approxime-se.

—Estou ás ordens.

—Creio que ja deve saber, que neste tribunal ha uma entidade inexoravel que se chama muxingueiro, o qual dispõe de um agente infallivel para descobrir tudo aquillo que se pretende occultar, isto é, um instrumento chamado taca,—portanto seja claro e verdadeiro na confissão da sua vida.

—Quer que conte a minha vida? Pois vá lá.

Nasci..... sim, é claro que nasci; mas desse dia até os meus trinta annos, corramos um veu e vamos á cousas mais fresquinhas.

Vi-me um bello dia sem vintem; como e o porque, não vem tambem ao caso; conseguintemente vamos somente ver os meios de que usei para adquirir dinheiro e possuir hoje fortuna.

Outro, que não fôra eu, vendo-se na penuria em que me achei, teria afundado; eu porem, sem officio nem beneficio, tinha todavia outro dote mais raro, o traquejo e a subtileza, e demais era ousado.

Encaixei-me de caixeiro de um fulano Moniz, a quem Deus haja, mas este depois de tres mezes mandou-me á fava.

Tive noticia de que certo tabellião precisava de escrevente. Effectivamente engajei-me para escrever a raza; mas pouco acostumado a lidar com penna e tinta, atracava 50 digos, em 50 palavras, e tantos digos dizia, que afinal desdizia-me do que havia dito, o que, como é natural, fez-me durar só tres dias, indo eu para o olho da rua com 1$500 rs. no bolso, apuração feliz de meus digos e desdigos.

Dias depois arranjei-me de caixeiro de certa padaria com 15$ rs. mensaes; eu que não tinha nascido para padeiro, nunca pude me ageitar com a cousa.

Meu amo depois tirou-me para cobranças. Isto sim, foi um manancial! Os devedores viam-se zonzos commigo; mas meu amo nunca recebia a importancia das dividas integralmente.

O tinhoso, porem, não quer ver as creaturas bem, e si é certo que elle tem duas capas uma que cobre e outra que descobre, depois de me haver favorecido algum tempo com a primeira, desprotegeu-me com a segunda, chegando por consequencia ao conhecimento do patrão as minhas falcatruas. O patrão por ser homem bonanchão, tomou por seu barato, perder-me de vista, mandando-me pentear macacos.

Appellei para a engenharia: tratei de medir litteralmente esta cidade; e creia-me V. Ex. piamente, que medi-a ás pernadas.

(*Continúa.*)

Pede-se ao Sr. subdelegado da Praia, que, quando á sua presença forem com insinuações falsas, não dê S. S. ouvidos, para a depois, a seu bel-prazer, ameaçar a pessoas morigeradas, dizendo que *ficam debaixo das vistas da policia* como si fallasse com ladrões, criminosos, ou *juizes prevaricadores:* lembrando a S. S. que a favor dos offendidos ha o art. 139 do codigo criminal.

O Demerito.

Chama-se a attenção do muito digno e justiceiro Sr. Dr. chefe de policia para o seguinte facto:

Hontem, 27, achavam se alguns *moços espiritualisados* no 2.º andar do sobrado n. 14 Atraz da Cadeia, quina para a ladeira da Praça em completa orgia; chamaram uma preta africana que vendia peixe e pelo simples facto de não se convencionarem no preço, espancaram-na brutalmente e atiraram-na pela escada abaixo, do que resultou ficar ella maltradissima.

Será isso proprio de uma terra onde todos devem acatar as leis e respeitar as authoridades? Estará em harmonia com as garantias do direito de propriedade?

Da rectidão de S. S. espera-se um correctivo para que outro não venha a soffrer o que soffreu a infeliz africana, daquelles *exaltados* senhores.

VARIEDADES

Uma mulher má é a afflicção do coração, é a chaga mortal do seu marido. Valeria mais habitar com um leão ou um dragão. A mulher bella e insensata é semelhante a um anel de ouro em nariz de animal immundo!

A mulher, dizia um philosopho, é o naufragio do homem, a tempestade da casa, o estorvo do descanso, o captiveiro da vida, o damno de cada dia; apetecida peleja, guerra custosa, féra convidada, leôa que afaga, perigo enfeitado, animal malicioso, e mal necessario.

Com as mulheres, dizia um cortezão, não sabe o homem como se ha de haver, porque si as não ama, tem-no por nescio; si as ama, por leviano; si as deixa, por cobardo; si as não segue, por perfido; si as serve, o aborrecem; si as quer, não o querem; si as não quer, o perseguem; si as frequenta, é mais que louco; si as não frequenta, é menos do que homem!

Typ. de Marques, Aristides e C.

O

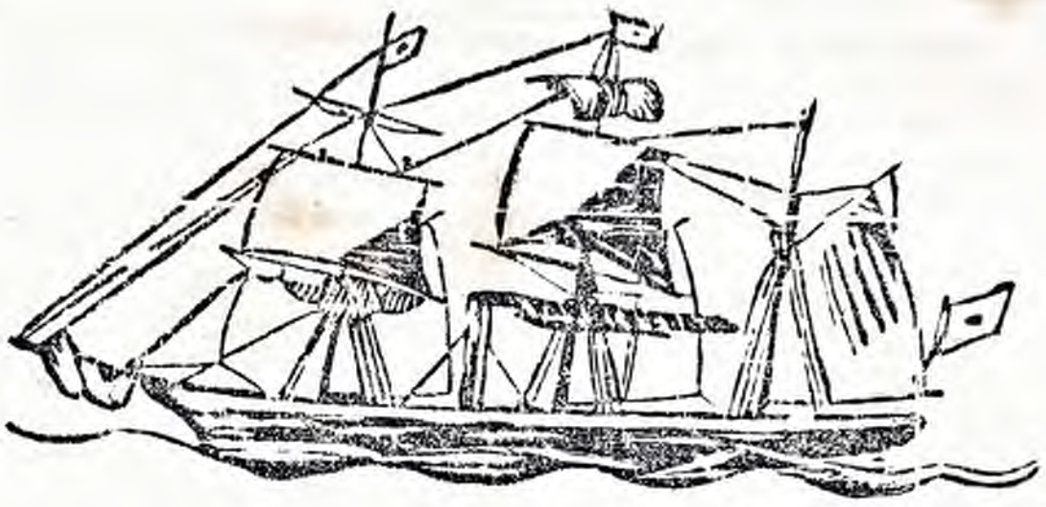
ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 54

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 4 DE AGOSTO DE 1869. N. 533

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que, na sexta-feira, foi castigado barbaramente por um caixeiro do Sr. Moreno, de nome Coelho Vianna, o creoulo Vicente escravo do mesmo Sr. Moreno, no cortume de couros do mencionado senhor, ao Engenho da Conceição, o qual se acha com o rosto disforme e o corpo todo cheio de cevicias, e não obstante tão rigoroso castigo, está mettido em um tronco, comendo de vinte em vinte e quatro horas, por authorisação de seu senhor que consentiu o castigo feito por seu caixeiro. Em vista do que acima fica exposto, espera-se que S. S. dê as providencias que o caso urge.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, dizendo-lhe que espera-se da solicitude e zelo com que S. S. costuma desempenhar as attribuições a seu cargo, uma providencia á pôr cobro ao insolente procedimento de dous desastrados meninos da casa 21 C, á rua do Bispo, os quaes ou andam pelas ruas arrebatando doces das caxinhas e outras *gentilezas,* ou divertem-se em casa em atirar petelecos em quem passa. Uma vez que as pessoas encarregadas de sua educação não se dão ao trabalho de mandar-lhe dar um officio, S. S. obrará bem remettendo-os para bordo, onde se poderão tornar optimos cidadãos, uteis a si, a sua patria, e aos seus, na linguagem do presidente desta provincia.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Moradores da rua das Veronicas e Caminho Novo, pedindo que seja admoestada a esposa do Sr. Machado, ferreiro, para que não continue no systema de castigar demasiadamente e a cada passo, um filho, cujos gritos e lamentos causam grave encommodo.—Remettido ao Sr. subdelegado da Sé, para providenciar.

—Dóe no fundo d'alma ver esta desgraçada preta.

—E é digna de compaixão; uma pobre velha, septuagenaria, a quem a edade ja fez vergar o corpo e mal pode arrastar os pés.

—E ainda assim é obrigada a pagar doze vintens diarios a sua senhora!

—Oh! que revoltante crueldade!

—Incapaz de outro trabalho, a infeliz decrepita é empregada em tirar esmolas.

Porem, no dia em que a charidade publica tão cavillosamente exterquida, não é prodiga em completar os doze vintens, ai da miseranda!...

Prova do pão que o diabo amargou.

—Si houvesse um asylo, onde fosse recolhida a mendicidade, essa senhora ou esse verdugo, não especularia assim com a bene-

ficencia publica, commettendo ao mesmo tempo uma falta de humanidade.

—Ou ao menos si a policia esmerilhasse certas cousas.

—Mas isso não lhe compete.

—Neste caso pode quanto cavalheiro de industria quizer, viver a custa da bolsa publica.

Então uma escrava, cuja senhora se utilisa de seus serviços, mandando-a carregar agoa, levar comida, é para andar tirando esmolas, não para si, mas para seus senhores?

—Nesta terra ha muitos meios de viver.

Mas de quem é ella escrava?

—De uma Sra. D. Roza, ao becco do Arcebispo.

—Si fosse em outra terra a melgueira se acabava, mas aqui... quem sabe?....

—O *Jornal da Bahia* publicou, ha dias, que em virtude de noticia do *Alabama*, o subdelegado da Conceição da Praia procedeu a averiguação no 3.º andar da casa n. 23, a rua Nova do Commercio e que nem pela frente, nem por detraz, encontrou a mulher de côr parda, que se dizia rigorosamente castigada por um africano á mandado de seu senhor.

—Mas devia accrescentar que, um pouco mais adeante, na casa n. 10, foi effectivamente encontrada a infeliz no estado que se affirmara, tanto que o subdelegado a remetteu a policia.

—E que alem disso, achou-se mais uma outra, creoula, que se diz forra e estar alli occulta, para ser vendida, por meios capciosos.

—As cousas são assim.

Não sei que interesse teve o *Jornal* em omittir isto.

—E para estas falcatruas de reduzir á escravidão pessoas livres, é que a authoridade deve ser escrupulosamente minuciosa.

—Quem teria a lembrança de deitar aqui este cavallo morto?

—A' vista do esquecimento de quem deve mandar apanhal-o, é provavel que permaneça neste Campo da Polvora até que os urubús deem cabo delle.

—Mesmo que os bichinhos ja começam a esvoaçar em derredor.

—Com sobras de razão; o animal exposto aqui ha dous dias começa a putrificar-se e a desafiar o faro dos passaros carnivoros.

—Não diziam que a camara actual vinha fazer e acontecer?

—E de factos.

—Mas ainda não teve olhos para ver o lamaçal e buraqueira da ladeira da Fonte dos Padres. E nem tambem se lembrou de reparar o gradil da mesma, cuja maior parte está arrancado.

—Não é cousa de tanta urgencia.

—Pode me apontar o que tem feito ella de mais urgencia?

—A' economia; ja tem bastante dinheiro em cofre; tanto que vae pagar a seus credores.

—Pois eu achava que tal dinheiro seria melhor empregado em provêr as necessidades publicas do que amontoado nos cofres.

—A companhia de Vehiculos vae provando que se torna credora da animação publica.

Tendo completado as obras do assentamento dos trilhos de ferro até o Pilar, alterou desde o 1.º do corrente o ponto de partida das deligencias, que até agora se tornava incommodo pela longitude do logar.

—Assim é que eu gosto. Quem não é para as cousas não se mette nellas.

—Tambem é de esperar da companhia, logoque o possa fazer, a diminuição nos preços das passagens, porque, quanto mais barato for ella, tanto maior será a concurrencia.

—A *Reforma Liberal*, do Amazonas publica o seguinte:

«ACTO MERITORIO.—O Sr. coronel Leonardo Ferreira Marques libertou hontem (30 de junho) onze escravos.

«Registramos o facto, digno de louvor, com tanto maior satisfação quanto o seu author, todos sabem, é nosso adversario politico e permanecemos com tal na mesma posição.»

Este nosso presidente,
E' formado em brincadeiras,
Esquece-se da charidade
Por politica, faz asneiras!....

—Por fallar n'isso; que providencias deu o presidente da provincia a respeito do desfalque do Monte-Pio dos Artifices?

—Ainda não sabe?

—Não.

—Mandou chamar o relator da commissão de inquirito, e depois de seu ajudante de ordens dizer-lhe:

«—O senhor correu para o *Alabama* e para o *Diario* porque não teve as providencias de prompto, não?

«—Senhor, diga-me si a sociedade Monte-Pio dos Artifices é composta somente de minha humilde pessoa?

«—Não sei; espere que o official de gabinete de S. Ex. ja lhe vem fallar.»

.....

«—Vá a secretaria tomar o seu officio. S. Ex. não pode dar providencia alguma porque sua representação não está legalisada com as assignaturas do numero de socios que corresponda ao da assembléa geral; e si quer providencia, va legalisal-a e volte.»

—Mas elle não deu o officio ao relator da commissão de inquirito, e sim um outro em resposta ao delle, o qual vem publicado no *Diario*.

—E' verdade.

—Agora diga-me; si S. Ex. não tem ingerencia nas sociedades, segundo se deprehende de suas palavras, de que serve então os poderes que lhe são conferidos pelo decreto 2,711?....

—Bem que elle sabe; mas S. Ex. não dá cavaco, porque é uma sociedade de artistas, e não valem nada os artistas!

—O que me está parecendo é que S. Ex. logo manda as irmans de charidade tomar conta daquillo, e então enterpretará o decreto da maneira que lhe convier!!

—Como o Sr. Cansansão entregou a ellas os cincoenta contos de reis que deixou o Méuron para edificar-se uma casa de asylo para os pobres..

—Está provado. Segundo os embraços que está pondo o presidente da provincia na nomeação do presidente da sociedade, dentre os novos eleitos por ella, é que elle pretende acabar com aquillo..

—Mas o que importa a S. Ex. o orphão, a viuva, a mãe, e irman do pobre artista? vão esmolar o pão da charidade publica, que será prazer para S. Ex. vel-os de porta em porta, porque elle ignora o amor de um pae a seu filho, de um marido a sua esposa, de um irmão a sua irman, e de um filho a sua mãe!...

Permitta-me que diga, que S. Ex. não tem alma, é um homem sem coração, um homem sem humanidade, porque si assim não fosse, vendo que aquella sociedade, é uma sociedade de beneficencia, de charidade, já teria dado as providencias que o caso urge!.....

Á PEDIDO

O AMOR CONSULAR PARDALESCO OU O DEVASSO GALEGO PIGMEU.

(Continuação dos ns 530 e 531.)

SCENA V.

—Até que emfim, foi-se o maldito caixeiro do theatro!

Safa!

Que homem diabolico! ..

.....

—Estou completamente desacreditada e deshonrada para sempre! Meu Deus, compadecei-vos desta esposa infeliz!

—Tranquillise-se minha senhora, que isto é uma bagatella...

—Oh, senhor consul! Então é bagatella a honra de uma esposa?

—A honra neste mundo, minha senhora, é chimera!

—Como?

—Eu lhe explico:

E' honrado áquelle homem que seduz moças donzellas e as atira no lodaçal da prostituição; é honrado aquelle homem, que como eu, seduz as senhoras cazadas; é honrado aquelle homem que rouba de orphãos e viuvas; é honrado o jaiz que dá sentenças por dinheiro; é honrado o procurador que vende a causa do seu constituinte a parte contraria; é honrado o thesoureiro de sociedade, de irmandade ou mesmo da fazenda, que negocia com o dinheiro que tem debaixo de sua guarda; é honrado o marido que transige com a honra de sua esposa; é honrado o sacerdote que abusa do confissionario para perverter donzellas; é honrado o escriptor que vende sua consciencia; é honrado o ministro que rouba do estado, porque enriquece de momento, etc., etc.

Deixemos de honra, porque isto é pêta!

—Mas, senhor consul, quando eu entro agora no scenario minhas companheiras riem-se e me apontam!

—Imbecis! Que importa a senhora o riso dellas, quando tem creado as suas ordens e o mais que lhe é preciso.

—Sim; mas...

—Mas o que, minha senhora?

—Nosso filho, senhor consul, o fruto do nosso criminoso amor!...

—Acceite, minha senhora, a proposta; deixe seu marido e fique...

—E sua mulher, senhor consul.

—E que lhe importa, minha senhora, isso? Por ventura o homem cazado não pode ter amantes?

—Então, o senhor...

—Prometto ser seu constante, e...

—Jura, senhor consul?

—Juro, como juram todos os amantes!

—Porem, eu tenho um contracto.

—Eu me comprometto, a arranjar a rescisão do contracto.

—O senhor?

—Sim, meu anjo.

—Meu Deus! Que boa alma tem esse homem!

Fico!... Serei muito feliz em sua companhia!

—Oh ventura! O passaro cahiu no laço!

—Eim? O que diz senhor consul?

—Que amo-a, e que a amarei sempre!

—Jure commigo.

«A fé do meu juramento,
«Receba e jure tambem,
«Ser-me firme até a morte,
«Sem amar a mais ninguem.»

—Devo repartir um bocadinho do amor com minha mulher.

—Sim; somente com ella!

(*Cahiu o panno.*)

Exm. Sr. capitão de *Alabama*.—Os moradores do Pau do Pavilhão e do becco de Maria Chicara, vem respeitosamente queixar-se contra os famulos de uma casa titular, os quaes para gavião so lhes falta as azas.

E' o caso que não pode por alli parar um vivente gallinaceo, que os taes milhafres não lhes passem as unhas.

No sabbado, 24 do passado, a dona de uma soberba gallinha, foi tiral-a ja de dentro do nobre solar, aprisionada por um molecote de calça e camisa azul, á mandado da mocama *Luz inda*.

A 20 do supracitado, foi um formoso gallo apprehendido mesmo debaixo das baterias de seu dono.

E neste gosto vão disimando a creação dos outros.

Ora, uns crear, para outros achar, é duro.

A' vista do exposto, e certos de que, quem quer encher a barriga á tripa forra, vae para a portaria de *S Francisco*, os recorrentes esperam de V. Ex. providencias.

—Capitão, tenho minhas queixas contra a empreza dos trilhos urbanos.

—Porque, meu amigo?

— No dia 30 do passado, tinha de partir do Xixi o trem das 6 e 20 da noite e querendo ir de passagem, apresentei ao Sr. Soares, caixeiro da empreza, o bilhete, que me garantia um logar; porem este Sr. oppoz-se, a pretexto de estarem todos completos.

Resignei-me; embora reconhecesse comigo que a empreza devia ser mais precavida, para que o publico não viesse a ser prejudicado.

Mas o que veio me sorprehender foi ver o mencionado caixeiro, momentos depois, dar entrada a dous passageiros!

Ainda assim pedi-lhe prudentemente uma explicação do que significava aquella preferencia e fui bruscamente respondido!

Ora, não acha V. Ex. que é um abuso?

—Assim como o Sr. diz é. Logo que tinha de ante-mão bilhete, assistia-lhe todo direito.

—Portanto fique V. Ex. convencido de que as instituições nesta terra, por melhores que sejam as intenções, são sempre falseadas na execução.

VARIEDADES

MISCELLANEA DE QUATRO COUSAS

Quatro cousas servem ao homem de maior gosto na vida—ganhar, viajar, casar, e enviuvar.

Quatro cousas não se podem soffre sem serem boas—Café, vinho, poeta, e melão.

Quatro cousas são a zanga dos homens quando se achão juntas em um homem só—cabeça calva, olhos azues, marca pequena, e voz de sovelão.

Quatro cousas podia escusar muita gente—café, cigarro, neve, e banhos.

De quatro cousas se deve guardar o homem—de máo visinho, de companhia de traidor, de amigo que falla em tudo sem principios, e de compadres mal creados.

Quatro cousas dão a morte do homem antes de tempo—mulher ma, herva crua, restos de vinhos, e quédas.

Quatro cousas empobrecem o homem—jogo, demandas, banquetes e namoração.

Quatro cousas deve ter o vinho para ser bom—ser maduro, claro, velho, e de graça.

Quatro cousas mettem o homem no inferno em vida—Cunhada invejosa, sogra desconfiada, mulher ciumenta, e filho tolo.

SONETO.

Qual é no mundo a cousa tão amada,
Que todos em geral aborrecemos?
Todo o bem que nos dá por mal o temos,
Todo o mal que nos da redunda em nada?

Do grande e do pequeno desejado,
Navega com velas, mas sem remos,
Com olhos corporaes jamais a vemos,
Não foi por ninguem vista nem achada.

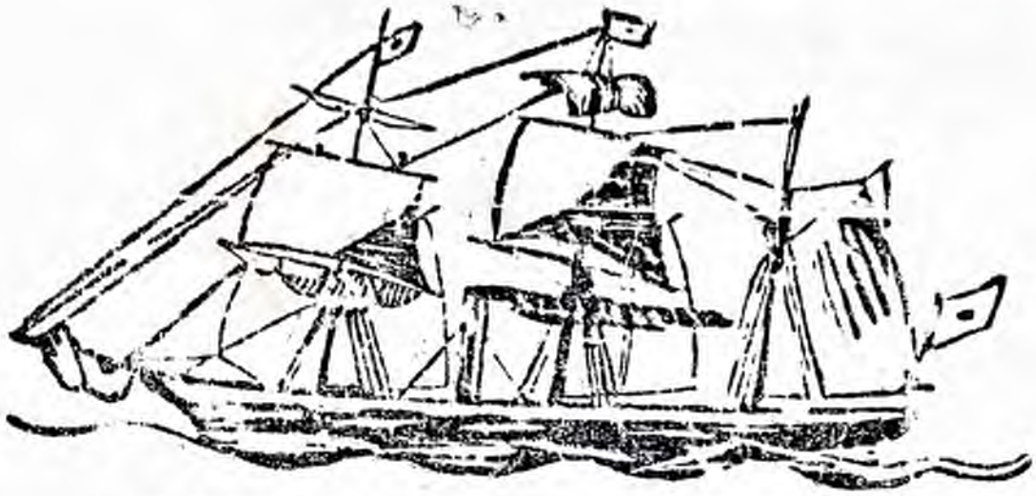
Não é pedra, nem pau, agua, nem vento,
Não é cousa creada, nem nascida,
Não é memoria, voz ou pensamento.

Em cada qual de nós anda escondida,
De sorte que sem ella um so momento.
Não pode conservar-se a propria vida.

Por *Antonio Carlos R. de A. M. e Silva.*

A vida, disse alguem, é uma mesa onde se ajuntam 4 jogadores: o tempo está na cabeceira, e passa; o amor faz o seu resto e, treme: o homem tem boas esperanças, e a morte ganha tudo.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao beco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno III. Serie 54

Preço d'assignatura — 4$ rs, por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 7 DE AGOSTO DE 1869. Ns. 531 e 535

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr Dr. chefe de policia, representando-lhe contra os excessos das praças do destacamento da freguezia do Pilar, os quaes estão contrariando as vistas que teve S. S., quando tomou a deliberação de estaccionar n'aquelle ponto uma força.

Ainda hontem, á noite, arrastaram um portuguez embriagado, com uma brutalidade propria de selvagens, e a não ser a intervenção do capitão José Vicente Ferreira, matariam, de certo, o pobre homem.

Na convicção de que a policia é para accommodar e não para provocar, espera-se que neste sentido S. S. expeça terminantes ordens.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, pedindo a intervenção de sua authoridade para que seja removida a fabrica de vellas de carnaúba da *Rocinha da Ineja*, as Portas do Carmo, pelo pernicioso encommodo que causa aos moradores; o que espera-se.

—Ao Illm. Sr. commandante do corpo provisorio de policia, recommendando-lhe summo cuidado na grande porção de *phosphoros* que, consta, existe no quartel do seu commando, os quaes, a irem no progressivo augmento em que vão, podem fazer explosão, caso que, segundo affirmou o *Interesse Publico*, ja ia acontecendo no commando do tenente coronel Freire de Carvalho.

—

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Florencio, procurador, pedindo a este commando providencias sobre um temivel cão que ha no sobrado n.° 22, á rua Direita do Collegio, o qual morde as pretas que vão venderem no dito sobrado, acontecendo ficar uma sua escrava mordida nas pernas e com a saia em tiras.—Recommendou-se ao muxingueiro Evaristo para que vá ao supra dito logar deitar a bolla.

—Julio Feijoada, pedindo licença para descompor á quem quizer pelas tavernas, quando estiver bebado.—Remettido ao muxingueiro para escovar o pello desse insolente, com a taca bem ensebada, pela sua attrevida pretenção.

—O que é de utilidade nesta terra, evapora-se!

—Predomina entre nós um caiporismo inconcebivel!

—Ora attenda:

Aqui ha tempos, a policia estabeleceu como medida preventiva de algum desastre, que nas ladeiras do Taboão e Caminho Novo os carros de conducção de generos subissem exclusivamente por uma e descessem por outra.

—Uma boa lembrança; evitava confusão e atropello aos transeuntes.

— E por ser boa, durou pouco.

Hoje é um labyrintho infernal a ladeira do Taboão! Os carros sobem e descem por ali aos encontrões com risco imminente de quem transita.

—E' preciso muito cuidado para não ser pisado.

—Nas horas mais ardentes do dia é um inferno; os animaes, extenuados pela fadiga, não podem resistir á pesada carga dos carros e estes despencam pela ladeira, em risco de esmagar a quem vem subindo.

Outra vez são caixões de sabão e outros generos que rolam, porque os conductores, com a usura, fazem uma *gangorra* muito alta, de sorte que, com os tombos, vae-se tudo quanto Martha fiou pela ladeira abaixo.

—Tudo isso é encommodo para o publico.

—Alem de outro perigo a que está exposto o publico.

—Qual?

—O gradil da ladeira da Fonte dos Padres está arrancado em parte, e é bem provavel que em uma occasião, em que o peso da carga, superior ás forças do animal, arraste o carro para traz, va elle despenhar se por ahi

—Pode ser que não chegue a acontecer isso. Estou certo que a policia ha de tomar uma medida.

—Ora vamos a ver.

— Os carniceiros ja não se limitam a roubar o publico no peso da carne.

Vão muito além.

—O que fazem então?

—Dão pancada.

—Essa é que é boa!

—Quem reclama apanha.

O cortador do talho n.º 9, M, á Baixa dos Sapateiros, poz a cara de uma mulher em lastimavel estado, na quarta feira.

—Que bruto!

—Depois de esbofeteal-a com o proprio peso de carne, quebrou-lhe a cara com um pau.

—Assim sem mais nem mais?

—A victima, reconhecendo o roubo, recusou-se a receber a carne, e isto bastou.

—Foi preso?

—Não.

—Que terra! Pois um logar onde se ajunta tanto povo!

—O malvado, assim que viu o effeito de sua boa acção, fugiu mandando um collega tomar conta do açougue, o qual foi preso pelo ordenança do major Marinho.

—Bom, para não ser adiantado.

—Houve quem se oppuzesse á prisão; mas na minha opinião foi muito justa.

—Que duvida!

—Estes conegos da cathedral, benza-os Deus!

São remissos até onde se pode ser!

—A semana passada pregaram um reverendo logro aos fieis.

Por tres dias consecutivos não appareceu um si quer para celebrar missa.

—O coro é resado constantemente com um ou dous conegos.

—E chamam-se os obreiros do culto divino! os exemplificadores do christianismo!

—Na Barra e em Itapagipe appareem agora vultos extranhos, fora de horas.

Quebram vidraças, atiram pedradas, etc.

—Como sabe disso?

—Disseram-me. A policia está em movimento para descobrir.

—Homem, cale sua bocca V. anda atôa no mundo. Ha muito quem atire o foguete e va depois apanhar a flecha.

—Foi ver a estréa da companhia dramatica?

—Isso não se pergunta.

—Que tal achou os artistas?

—Bons; notei simplesmente uma cousa, —a falta de concurrencia, o que desanima a empreza.

—Convem pedir ao respeitavel publico desta cidade a sua frequencia no theatro, afim de que não venha-se a ficar sem o unico divertimento que nos resta.

—Apoiado!

—Capitão, tome!

—Que é isto?

—E' um folheto de poesias criticas, intitulado—*Traços e sombras ou pequeno esboço das bellezas da Bahia*—obra de um pintor brasileiro, que se digna offerecer a V. Ex.

—Mande agradecer a seu author a delicadeza e recommende a sua leitura ao respeitavel publico desta cidade!

—Veja como as filhas de S. Vicente de Paula praticam charidade.

—Va dizendo.

—Maria Francisca de Santo Antonio, mulher valetudinaria, habitava por esmola no corredor de uma loja da propriedade do Sr. coronel Fortunato, ao Maciel de Cima.

Sentada na porta, recorria a charidade publica, ia passando.

Cahiu gravemente enferma, estava ali abandonada, e perecendo a mingoa.

Houve quem condoido de tão deploravel

estado, fizesse um requerimento á authoridade para mettel-a no hospital.

Na quarta-feira, chegando á porta daquella casa pia para recolher-se, foi estacada e repellida pelas impedernidas *charidosas* que não queriam recebel-a.

Depois de porfiada reluctancia, consentiram em dar entrada a doente, porem, como si ella estivesse douda, atiraram-na na enfermaria das doudas, até que chegando a noite, surrateiramente a expulsaram para fora do hospital!

—Daquella casa, cujo titulo attesta que foi creada para abrigo dos que por sua nimia indigencia recorressem a ella! na doença!

—Pois, meu capitão, as *santas* mulheres expulsaram deshumanamante, á noite, a pobre enferma, a qual, atacada de estupor nas pernas, não podia andar!

—Oh, que mulheres sem alma!

E continuam os seus apologistas a endeusal-as, á vista de tantos factos de requintada deshumanidade!

—Houve um defloramento.

—Onde?

—No palacio do arcebispo.

—Pois lá?!.. No tabernaculo do pudor! no abrigo da castidade!

—Não se assuste; foi um escravo de S. Exa Revma. que desvirginou a uma menina.

—Homem, eu li que S. Exa. offerecera um escravo para a armada, seria este?

—Qual gentes! O tal, S. Exa. querendo reparar o mal, pretende casal-o com a offendida. E' o que me consta.

—Está bom; louvores lhe sejam dados.

—Capitão, as vezes sou curioso.

—Sempre.

—Não me responderá uma causa?

—Falle.

—Porque é que a Ordem 3ª de S. Domingos não festeja o seu patriarcha?

—Rapaz vontade tinha eu de lhe responder, mas não posso.

—E' extraordinario!

Festeja-se o Senhor do Bomfim com esmollas, faz-se outras muitas festas na egreja e só o padroeiro com um rendoso patrimonio não é festejado!

—V. quer saber por que ?

—Por isso perguntei.

—Então espere que eu vou aqui e ja volto.

—Capitão, a policia apatricinando os caloteiros.

—Ora saia-se dahi!

—Eu lh'o provo.

—E' o que eu quero ver.

—Então escute:

Conhece o *Bigodeiro?*

—Um rapaz laborioso; emprega-se em commissão de mandados e cobranças.

—Ja vê que não é um vadio, um reu de policia.

—Está claro; continue.

—Pois esteve trancafiado por tres dias no chilindró, por causa de um devedor se ir queixar a policia.

—Santa Virgem, que arbitrariedade!

Prende-se a alguem nesta vida por queixa?

—Quando eu digo que o pobre não tem direito nesta terra, V. Exa. duvida.

—Rapaz, talvez V. esteja enganado. N'um paiz, onde a lei é egual para todos, não se pratica tao estupenda violencia.

—Si V. Exa. se recusa a acreditar, é outra cousa.

—Nem posso crer.

Como é que um pobre homem cança as pernas mais de vinte vezes em ir á porta do Sr. Fulano de tal e este a *mor* que venha logo, volte amanhan, não por falta de meios mais por que sua halda é não pagar a quem deve, e porque n'um dia o cobrador, um pouco azedo, diz uma *teria*, elle corre á queixar-se á policia, e isto é bastante para ser privado de sua liberdade?

—Tal seja a posição do queixoso, capitão.

—O a qual!

—Pelo menos é preciso ter cara de pau para ir confessar que deve e não quer pagar.

—Não é com maus termos que se cobra; porem tambem a policia não póde prender alguem por isso.

—E depois, a paciencia tem limites; ha nada que masse mais a paciencia do que um *porreteiro?*

—Agora, si esse homem, cujo meio de vida é cobrar dividas, perseguido, abandonado e de ser um tratante e larapio, não é peior para a sociedade?

—Talvez seja o fim almejado; para ao depois dizerem que os brasileiros são preguiçosos, vadios e reus de policia.

—Capitão, tudo hoje está baralhado.

—Pois si o mundo anda ás avessas, o que quer?

—Antigamente cada profissão, exercia o que lhe competia sem se intrometter na alheia.

O padre dizia missa, o medico curava, o soldado empunhava as armas, e assim andava tudo no seu natural.

—E' verdade; mais o que quer dizer com isso?

—Aqui fizeram uma bicha de sete cabeças

por que um frade abandonando o escapulario andava arrematando obras e trepando nos andaimes para examinar o trabalho dos pedreiros, o que não diriam si estivessem em Goyaz?

—O que houve por lá?

—Um conego dando regra em negocios militares.

—Meu rapaz, V. não está em si.

—O *Correio Official* de Goyaz é quem diz. Quer que leia?

—Leia.

—Attenda:

EDITAL.

«Pela thesouraria de fazenda d'esta provincia se faz publico que, em virtude do officio da Exma. presidencia da provincia, n.° 441 desta data, até o dia 22 do corrente recebe-se propostas em carta fechada para fornecimento ao 2.° corpo de caçadores a cavallo, dos seguintes objectos, a saber:

Bonnets redondo sem palla.	40
Gravatas.	40
Calças de brim branco.	40
Camisas de algodão.	40
Camisolas ou blusas de brim.	40
Fardetas de brim.	40
Luvas, pares.	40
Mantas de lã.	40
Sapatos, pares.	40

«Preferindo-se a proposta que offerecer mais vantangens á fazenda nacional.

«Adverte-se que os proponentes ou pessoas por elles autorisadas deverão estar presentes na occasião da abertura de suas propostas, não sendo attendidas as d'aquelles que deixarem de comparecer.

«Secretaria da thesouraria da fazenda em Goyaz, 14 de junho de 1869.» —O official.— *Conego Pio Joaquim Marques.*

—Logo vi! V não attende que o homem é empregado na thesouraria.

—Mas estão me diga, capitão, si os padres abandonam o seu estado, quem ha de dizer missa?

—Eu de certo não serei.

—E neste andar pode breve si ver um marinheiro feito sachristão!

LA VAE VERSO.

CANÇÃO POPULAR.

A desgraça.

«Você me diz: Vamos, vamos...
«Para onde havemos de ir?»
«Quem nasceu para a desgraça,
«Para onde ha de fugir?»

—Maria, vamos, Maria,
Por esses mundos d'além,
Que nos persegue a desgraça...
Ferinas dores tambem!
Vamos, vamos esconder-nos,
Onde não saiba ninguem.

«Você me diz—vamos, vamos...
«Para onde havemos de ir?
«Quem nasceu para a desgraça?
«Para aonde ha de fugir?

—Nova terra, nova sorte...
Acharemos a ventura;
Com estes nove filinhos
Fujamos em noite escura...
Que nos não veja a desgraça ..
Da f'licidade em procura.

—Tenho fome; tenho sêde...
Para aonde havemos de ir?
Os filhos sem roupa e carnes...
Maria, vamos fugir!

E fugiram...Pobres velhos,
Por esses mundos d'alem,
Com seus filhinhos magrinhos,
E com seus trapos tambem:
—Vamos, vamos esconder-nos,
Onde não saiba ninguem.

—Descancemos...que desmaio...
Para aonde havemos de ir?
Morre o filho pequenino...
Maria, vamos fugir!

Caminharam toda noite.
Caminharam todo o dia...
Sem alento...descançaram
Quando o sol esmorecia...
E viram, com sua trouxa,
Feia velha que os seguia.

—Adeus, velha! «Adeus, ó filho...»
—Para onde havemos de ir?
«Sou a Desgraça...fugistes...
Comvosco quero fugir.»

«Sempre em vossa companhia
Por esses mundos d'além;
Outras penas vão na trouxa...
Na trouxa prantos tambem;
Vamos, filho, não vos deixo...
Ninguem me foge, ninguem!

—Voltemos, mulher? «Voltemos...
«Para onde havemos de ir?
«Quem nasceu para a desgraça,
«Para onde ha de fugir?...

J. G.

Á PEDIDO

—O' muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Vae procurar o *Lima-Texo* e diz a esse

gallego de um dardo, que deixe em paz a porta das moças do piano na queima do trapiche.

—Estou ouvindo, capitão;

—Previnirás á azemola que, si continuar a introduzir-se a surrelfa na dita casa, onde pretende plantar a deshonra, lhe darás tantas taçadas quantos sejam os copos de cachaça que tem sorvido semelhante bebado.

—Capitão, e este sendeiro não é casado?

—E'!

—Safado! Não receia a pena de talião!

—Como está, meu charo?.. Dou-te os parabens.

—Ignoro de que?

—O' lá! pois não foi demittido o Moreirinha que era o maior obstaculo que V. tinha para seus arranjos?

—E' verdade; mas que trabalho me deu para me ver livre daquelle embirrante!

—Não diga assim; o homem cumpria seu dever.

—Ora essa! Si todos fossem a cumprir o seu dever, ja sabe que eu nunca poderia viver na minha boa vidinha; isto é, passar folgado sem trabalhar.

—E como elle lhe fez voltar para a agulha e dedal, é mau.

—E' verdade; e si não fosse a influencia do meu compadre e dos seus amigos eu estava mal.

O maldito vinha toda noite da Mangueira espreitar os meus passos!

—V. é um finorio larapio; agora, como seu compadre é o capitão da lancha, tem V. a tripolação as suas ordens, e pode muito bem garrar alguma alvarenga.

—Tres individuos, por casualidade, viram Pedro arrombar e roubar um deposito de generos.

Si a authoridade soubesse do negocio, inqueria dos tres individuos e elles, conformes em seus depoimentos, poriam Pedro em maus lençoes.

Pedro, porem, que é meninorio, antecipa-se, e dá uma queixa contra cada um dos individuos no juizo de paz e na sub delegacia.

Pedro possue suas patacas, e faz os processos; os quaes dirigidos por bom advogado correm a galope; são pronunciados os tres individuos, estão por tanto inutilisadas as testimunhas do arrombamento e roubo.

Ora, não existem outras pessoas que presenciassem o delicto, e assim não tera logar a denuncia, porque, mesmo quando não estivessem elles pronunciados e podessem prestar seus depoimentos, o advogado de Pedro allegaria atropellação por parte do denunciante que *foi tão infeliz nas provas de accusação*, que até apresentou como testemunhas que as fundamentassem, pessoas inimigas do accusado Pedro, o que este prova apresentando certidões em que se esclarece a inimizade capital.

—E assim se inutilisa a acção da justiça!

—E fica o crime impune!

—Capitão, este ladrão acaba de roubar-me descaradamente.

O mais audacioso salteador de estrada não o faria com mais cynica coragem!

—Quem é elle?

—Provavelmente algum forçado, evadido das galés de Toulon, que veio ajuntar dinheiro nesta Latronopolis.

—A nacionalidade é que eu pergunto.

—Nem lhe sei dizer.

Caramano, *francez*, o diabo é tudo.

—Vá lá; vamos ao que serve. Então roubou-lhe?

—Com uma astucia de pasmar.

—Conte-me.

—Este bruto cria cavallos, vende cavallos, aluga cavallos, troca cavallos, finalmente vive entre cavallos, aqui em Latronopolis.

—Encurte o mais que puder a sua historia.

—Precisei de um para alugar e fui a elle.

Mostrou-me um animal pessimo, regeitei; segundo e terceiro o mesmo; o quarto agradou-me.

Exigiu 5$, paguei.

O bandido mandou sellar a montada; fiquei a esperar.

Em logar de vir o animal que eu ajustára, veio um dos que tinha regeitado.

Reclamei; sabe qual foi a resposta?

«Ou ha de montar nesse, ou va-se embora.»

Mas si eu não quero?

«E' mais facil eu rasgar o dinheiro do que eu dar; prova que o cavallo não presta.»

Sahi em busca de quem melhor protegesse o meu direito; porem na volta, o ladrão com incrivel affouteza declarou que aquella occasião era a primeira em que me encontrava e nunca tratara negocios comigo!

Não sei como não perdi a cabeça ao ver a protervia e sangue frio com que este refinadissimo ladrão sustentou em minha face que não me tinha roubado.

—Assim é que semelhantes canalhas, esses refugos da Europa, vão exhaurindo o sangue dos filhos desta terra.

Mas tambem o Sr. foi culpado.

—Como, capitão?

—Em fazer negocio com tal rapina.

—E com quem queria que eu fizesse?

—Fosse ao *Pedoyè*, na *ladeira de S. Bento*.

—Ora, capitão! Quer cassuar comigo?

—A razão?

—Pois ambos *não são os mesmos*, quero dizer do mesmo officio? Era preciso que eu tivesse desconfiança.

—Mas é que um praticou o que V. diz e o outro *passa* por serio e não *o faria*.

—Esta o que me fica é de escarmento; a meu pae não dou um real sem recibo.

—A portaria-Paranhos ja surtiu effeito no arsenal de guerra.

—Quem soffreu primeiro o golpe?

—O Rastelli. Está suspenso por que requereu uma licença ao governo, sem ordem do director.

—O' homem! nem por ser conservador como elle?

—V. Exa. está no mundo da lua.

O Paranhos nunca foi homem de partidos. Como militar segue sempre a quem governa.

—Que idea favoravel faz V. do coronel!

MOTTE.

GLOSADO POR UM SERTANEJO EM VIAGEM.

Quem anda correndo o mundo,
Por destino é desgraçado;
Determina o Deus de amor
Que o homem cumpra seu fado.

GLOSA.

De seus lares desterrado,
Terras alheias pisando,
Mil flagellos supportando
Vive o pobre desgraçado;
Si uns lhe mostram agrado,
Outros odio sem segundo,
Da miseria chega ao fundo
Tudo o faz desanimar,
Custa muito a se aguentar
Quem anda correndo o mundo.

Vive a todos agradando,
Com geito e veneração,
Sempre de chapeu na mão,
A ver si assim vae passando;
Inda a ninguem aggravando,
E' por todos odiado,
Por que vivendo o coitado
Fora de sua morada,
Passa vida amargurada,
Por destino é desgraçado.

Inda sendo bem nascido,
Entre pessoas de bem,
Vive so sem mais ninguem,
Onde não é conhecido;
Dão-lhe o nome de fugido
Querem delle ser senhor;
Esta magoa, esta dor,
Esta inerme imprudencia,
Supportar com paciencia
Determina o Deus de amor.

Triste vida vai passando
Como lhe permitte a sorte,
Até que lhe chegue a morte
Que espera de quando em quando,
Ora riado, ora chorando,
Ora alegre ora acanhado,
Soffrendo sempre calado
A dor que explicar não sei;
Deixou Cupido esta lei,
Que o homem cumpra seu fado.

ANTIPATHIAS.

«Os grandes teem antipathia singulares.

Alguns explicam este phenomeno psychologico pela irritabilidade nervosa; outros pela affinidade dos objectos antipathisados com alguma circumstancia da vida no passado, etc.

«Por minha parte entendo que isto nada explica, e a questão continúa a subsistir no mesmo pé.

Para fazermos uma observação *in anima vili*, appliquemos o principio aos sete salvadores da patria que nos cahiram do ceu, como o maná no deserto.

Não sei si será muito proprio comparar homens como maná; e, si pozerem alguma duvida a este respeito, chamo a auctoria o Sr. Alencar que é entendido nestas cousas.

Voltando, porem, á questão das antipathias, observa-mos o seguinte:

O Sr. Antão fica rubro, quando se falla em nariz, principalmente depois de jantar.

O Sr. Itaborahy perde as estribeiras, quando se falla em importação de escravos.

O Sr. Paulino vae ás nuvens, quando se falla em papel moeda.

O Sr. Alencar sobe á serra, quando se falla em padre.

O Sr. Muritiba fica possesso quando se falla em sangue.

O Sr. Cotegipe fica furioso, quando se falla em carvão de pedra.

E o Sr. Paranhos, cora como uma donzella, quando se falla em Mariquinhas.

E porque será? Não sei; registro apenas a observação.»

(*Extr.*)

VARIEDADES

REGRAS INFALLIVEIS PARA FINGIR IMPORTANCIA.

Trazer sempre chicote de cavallo e esporas passeiando, para inculcar que tem bons cavallos.

Sahir á tarde a passeio andando de vagar, de palito na bocca ,para se saber que jantou muito bem.

Cortejar todas as moças das janellas, para dar a entender que tem relaçõec com as familias.

Perguntar os preços dos objectos mais ricos que estão nas lojas.

ROMANCE TENEBROSO.

(Continuação)

II.

As ondas erguiam-se furiosas dentro da bahia; os dous temerarios luctavam com grande difficuldade.

Ora o baixel se ergaia a uma altura immensa, ora se lançava com uma rapidez desmedida n'um abysmo profundo; uma após outra, não lhe davam tempo para respirar. Uma vaga o innundava de agoa; outra com o movimento que lhe dava a lançava fora.

Assim navegando, mil vezes se julgaram submergidos, mas a hora destes homens não era ainda chegada, a ampulheta que marcava a duração de suas vidas não estava ainda exhausta.

A vida do homem está traçada no grande livro do destino, por mais que procure a morte, ella não lhe apparece si seus instantes não estiverem contados.

Si este baixel fosse lançado nestes transes, por uma fatalidade, a sua perda era inevitavel; mas como ousados se lançaram n'um perigo que a halluciação de um fazia desconhecer, e o servilismo de outro fazia arrostrar, nada lhes succedeu.

Chegaram á praia de..., o bote encalhou. O embuçado saltou em terra e disse para José:

—Espera-me aqui.

A tempestade tinha amainado um pouco.

A chuva ja não cahia com tanta abundancia.

A trovoada ia ja longe; tinha seguido caminho de seu destino.

O embuçado seguiu pela rua que lhe estava em frente. Chegando ante um portão, que precedia a uma casa de bella apparencia, parou.

Tirou debaixo do capote duas chaves; com uma abriu o portão que deixou entre-aberto, e encaminhando-se para a porta abriu-a com a outra chave, e pé ante-pé chegou á porta da sala.

Seus olhos cravaram-se em dous vultos que estavam sentados no camapé.

A sala era allumiada apenas pela fraca luz de um candeeiro.

Os dous vultos que se achavam na sala era um homem e uma mulher que, embebidos em amor como estavam, não deram pela presença de um terceiro.

No momento em que entrava, o embuçado acabavam de dar um beijo, do qual o som repercutiu na sala e chegou aos ouvidos do mesmo que exclamou:

—Infames!...

A mulher soltou um grito e cahiu sem sentidos para traz; o homem estremeceu e pondo-se em pé retorquiu:

—Quem sois vós?

—Aquelle que vem desafrontar a sua honra ultrajada, disse o embuçado, deixando cahir o capote.

Era um homem pouco mais ou menos de trinta annos, barba preta e serrada, côr rosada e boa presença.

O outro vendo exclamou:

—O Sr. B....!

—Sim, eu mesmo..... não me esperavas ver agora aqui, não é assim?

O outro não respondeu; deixou cahir o rosto sobre o peito.

O Sr. B continuou:

—Emmudeces, infame e vil seductor?

Homem ingrato, que te esqueceste de quem te fez bem; e que essa fronte e altivo olha para mim. Julgaste que nunca serias descoberto? Como te enganaste!...

Não sabias que o homem que presa sua honra procura meios de descobrir as cilladas daquelles que a ultrajam? Não sabias? responde.

E encruzou os braços:

O outro esteve ainda cabisbacho algum momentos; mas fazendo um esforço sobre si, levantou o rosto e ousado respondeu:

—Sei tudo isso; mas tambem deveis saber, Sr. B..., que quando se intenta destas emprezas, não se anda só, ha quem o acompanhe.

E mostrou-lhe um punhal.

—Mas os maridos zelosos, são mais prudentes, retorquiu o Sr. B...,

E n'um rapido movimento, enterrou lhe o punhal no peito.

Aquelle apenas poude dizer:

—Ai! que me matou!

E cahiu morto.

(Continua.)

SAIA-BALÃO.

A todos os serviços que a saia balão já tem prestado ao bello sexo, devemos accrescentar mais um; que é referido por uma folha de Paris, nos seguintes termos:

Ha dias, n'uma casa da rua do Convento em Anvers, uma criada ficou de tal modo

impressionada com uma reprehensão que a ama lhe déra que correndo para a janella, precipitou-se da altura do terceiro andar sobre o pavimento da rua.

Julgaram que a desgraçada ficasse morta no acto; não aconteceu porém assim; a crinolina fez-lhe o effeito de para-queda.

A sensivel rapariga só soffreu a torcedura de um pé e diz-se que está resolvida a não tornar a dar tão grande salto.

ESTA E' DAS ARABIAS.

Certo petit-maitre, a quem a plebe havia conferido o titulo de doutor, entrando um dia em uma loja para comprar um par de luvas, perguntou ao logista si as havia; ao que respondeu este affirmativamente, accrescentando, porem, que eram de ma qualidade.

—Não importa, replicou o doutor, pois que são para cavallo.

Note-se bem que o tal doutor *ex-abrupto* costumava andar a cavallo, e para esse fim as queria.

PERGUNTAS E RESPOSTAS.

—Onde é o logar mais longinquo e remoto?

—No c.. de Judas.

—No que mais se parece o frade com o barro?

—Em ambos terem—cella.

—Quaes são os logares mais ricos, porque nelles vão girar os negocios dos incautos e perdularios?

—Pantanas ou Vaza-barris.

—Qual é a occasião em que a gente se acha em maiores apuros?

—Quando se vê em calças pardas.

—Qual é a cousa mais difficultosa do mundo?

—A que nos dá agua pela barba.

—No que se parece o besouro com o cego?

—Em andarem ambos as cabeçadas.

A MULHER DE DEMOCRITO.

Democrito, o philosopho, que andava sempre a rir das loucuras do mundo, era homem corpolento, e casou com uma mulher de pequenissima estatura.

Perguntaram-lhe um dia porque sendo elle tão alto procurara mulher tão baixa. Respondeu:

—Porque do mal o menor.

Si Democrito assim pensava, não fazia loucura em casar, e antes de rir dos outros não deveria rir de si mesmo? Cremos que sim.

ENIGMAS.

Primeiro fui esmagado
Debaixo d'immundos pés,
Por lugares e toneis
Passei p'ra ser apurado;
Mais hoje sou estimado
Té no logar mais honroso,
Em vazo mui decoroso;
Nelle sou depositado,
Honrosamento offertado
Te ao rei mais poderoso.

DESAPONTAMENTO.

Ir-se a uma entrevista amorosa, e no logar aprazado encontrar o pae da namorada com um bom *bacalháu*.

MEDICINA A PROPOSITO.

—Eu ca por mim, acho melhor o systema de Hipocrates; dizia um medico sectario de Raspail, empregado n'um hospital de caridade do Rio de Janeiro; é logico que *contraria contrariis curantur!*

—E eu assevero lhe, arguia um collega homœopatha, que é mais facil curar o mal com o mesmo mal: *similia similibus*.

Neste momento entrou no hospital um preto que fora encontrado estendido na rua; julgarão-n'o victima d'um ataque apopletico, mas não passavo d'uma tremenda embriaguez.

O amigo da camphora, e da agua sedativa examina o preto e manda vir uma garrafa d'aguardente.

—Que faz, doutor? exclama o homœopatha vendo o collega infiltrar a nova medicicina no estomago do preto.

—O preto embriagou-se com aguardente, disse, mysterioso e sarcastico, o inimigo dos globulos; eu estou experimentando o seu systema: *similia similibus curantur!*

(*Extr.*)

RECADO QUE UM VIOLEIRO DEU Á UMA MOÇA EM UMA RODA DE CATIRETÊ.

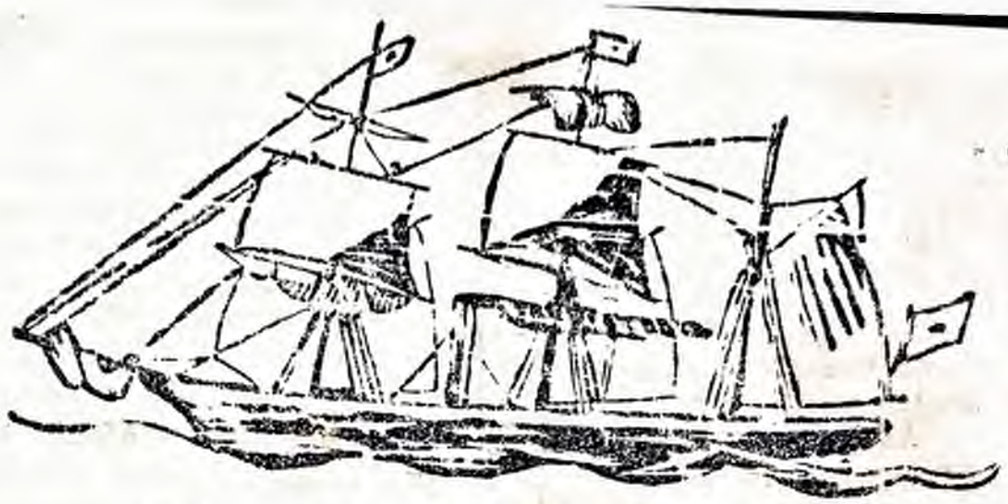
Deus vôs salve todas as tres,
Eu não sei qual d'ellas é,
Manda dizer, não sei quem,
Que vá lá, não sei quem é.

O casamento é o acto mais grave da vida do homem, e com tudo é commumente o que se pratica com maior irreflexão.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a folha 71 do—ROCAMBOLE.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno III. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 34
Preço d'assignatura — 4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 14 DE AGOSTO DE 1869. N. 536

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de agosto de 1869.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande retirar da estrada de S. Gonçalo os animaes mortos que por ali se encontra em adiantado estado de putrefação, o que incommoda bastante as pessoas que tem necessidade de transitar por aquella estrada, além de serem os miasmas que exhalam taes corpos prejudiciaes á salubridade publica. Espera-se da Illma., em vista de tao justo pedido, promptas providencias.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, reconhecendo a actividade com que se presta a providenciar sobre as reclamações que lhe são dirigidas, e chamando sua attenção para uma especie de *modus vivendi* adoptado nesta terra por algumas pessoas, que alias não estão no caso de a pôr em pratica.

Consiste em mandarem á noite os escravos esmolar em seu proveito.

Ja ha dias fallou-se em uma senhora, do becco do Arcebispo, que manda uma preta decrepita illudir a beneficencia publica e a maltrata com pancadas quando ella não tira a quota estipulada; agora tem-se noticia de uma outra, moradora á rua d'Ajuda, que da mesma sorte especula com a boa fé do povo.

Chegou-se ao conhecimento deste facto, pela identidade dos nomes das referidas senhoras e por ter a ultima tomado a carapuça do que se disse a respeito da primeira. Sendo sobre modo reprovavel tal *mineslre* para usurpar o suor alheio, espera-se que S. S tome qualquer medida que ponha termo á ganancia.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para um individuo, de nome Cassianno, cujas proezas merecem bem que a policia dispense sua vistas sobre elle.

Sem occupação licita, esse individuo, perfeito vagabundo, tem se tornado o terror das meretrizes em casa das quaes vive a dar *beneficios*.

Na noite de S. João ia incendiando uma casa na rua Direita de Palicio com um buscapé que jogou na morada de uma das taes *filhas da noite;* dias depois quebrou-lhe parte dos moveis com uma formidavel pedra; na semana passada praticou na mesma rua, um pouco mais adiante, facto identico, e cuja pedra, parece, existe na sub-delegacia da freguezia. Em outras muitas partes tem feito cousa egual.

O ponto favorito do sujeito que, segundo consta, o Sr. capitão Braga *conhece bem*, é no bilhar do Eugenio, ao largo do Theatro.

Costuma alardear grande protecção e na qual audaciosamente involve o nome de S. S.

Sem intenção de molestal-o, S. S. relevará a seguinte observação: —*si o artista*, na opinião de S. S., *não pode ser lorde*, —como é que uma pessoa, sem meio de vida

honesto, traja luxuosamente, e faz gastos superfluos e dispendiosos?

Submettendo ao seu esclarecido criterio semelhantes considerações, confia-se que uma medida energica fará que esse sugeito não continúe em sua vida desregrada a offender a moralidade por *todos os modos.*

—A' administração do accio da cidade, commonicando-lhe que na ladeira de Nazareth para a Fonte Nova se está formando uma montanha de cisco, a qual já vae tomando fórmas collossaes. E' de urgencia que essa administração a mande desbastar.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, dizendo-lhe que não convém que a decencia publica esteja sendo ultrajada pelos capadocios que perseguem a uma mulher de nome Emilia, a quem alcunharam com um epitheto obsceno, que sem respeito as familias pronunciam em alta voz, toda vez que passam pela porta da referida mulher na rua que fica de um lado da egreja de S. Pedro á direita.

Semelhante desacato tem se tornado em extremo escandalos, em razão da assuada que em bando fazem os ditos capadacios tanto á noite como de dia.

Portaria ao fiscal de S. Pedro, extranhando-lhe a indesculpavel negligencia com que se tem havido em dar cumprimento á determinação da postura n.º 99 em relação a um ferreiro, morador na rua de Baixo, o qual cria porcos em seu quintal. Cumpra.

—Si ha progresso nesta terra, é o da gente do olho-vivo.

—A' vista dos factos, quem ousa lhe contestar?

—Escute lá a peça que acabam de pregar ao Sr. Valerio Alves.

Veio esse senhor á cidade e hospedou-se em casa da creoula Felicidade, conhecida pela *Gaguinha,* a qual mora na rua do Gravatá.

Deitou se tranquillamente no domingo á noite, e quando accordou no outro dia, nem as botinas encontrou.

— Foi uma peda menos mal.

—Levaram lhe em dinheiro 150$000 rs., duas lettras de 1:000$000 rs., e alguns objectos, o que tudo se achava no quarto onde dormia, e si lhe deixaram a ceroula e a camisa, foi porque deitou-se com ellas.

—Si o roubo não foi feito por pessoa de *intimidade* na casa, é um verdadeiro prodigio!

—Talvez artes de algum *apaixonado.*

—E' o que muito bem pode ser.

Fosse quem fosse, o ladrão penetrou pela estrada, para cujo lado a casa deita os fundos, abriu a porta subtilmente e foi até ao quarto.

—Vejo facilidade de mais em tudo isso, mas emfim...

—Emfim, é que o prejudicado trate de ganhar outro dinheiro, que este perdido está.

Capitão, si não fossem as *condescendencias* esta terra marcharia melhor.

—E' um mal enraizado e difficil de extirpar.

— Quanto se bradou contra os atrocissimos castigos com que eram torturados os escravos de certa casa, á ladeira dos Gatos, e ninguem se mechen!

—E' verdade; fallou-se a arrebentar; as authoridades fecharam sempre os ouvidos.

—Nessa casa dava-se pancada desde que raiava a luz do dia, até altas horas da noite!

—Houve occasião em que o povo agglomerou-se na porta da casa e reclamou.

—Mas então agora?

—V. Ex. sabe que a impunidade do crime o authorisa.

—E' innegavel.

—O subdelegado da Sé teve sciencia de que em casa da Sra. D. Amancia Philomena, á ladeira dos Gatos, uma creança de 12 annos era insolitamente castigada, e mandando-a vir á sua presença e reconheceu com seus olhos a barbaridade com que aquella infeliz era tratada.

A menina Militana, de 12 para 13 annos, tem o corpo coberto de cicatrizes recentes e antigas, um olho cego, resultado, dizem, de ponta de chicote, o outro horrivelmente disforme proveniente de uma dentada, apresenta sevicias que parecem de ponta de thesoura, queimaduras e mordidelas; emfim tudo quanto a crueldade humana pode imaginar para trucidar a seus semelhantes!

—E' muito canibalismo!

Me repugna acreditar que uma senhora pratique tanta deshumanidade.

—Pode não praticar, mas então authorisa.

—E a justiça desta terra o que faz?

—Talvez dando *tempo* ao *tempo.*

—Não ha considerações quando se trata de cumprir deveres.

Quem é peado pelas *conveniencias,* não se encarregue de executar a lei.

—Mesmo que, si o escravo não encontrar amparo na authoridade contra as atrocidades de seu senhor, só lhe resta um recurso desesperado de que valer-se—o dique ou as cordas.

—O subdelegado da Sé, a quem está o negocio affecto, ha de dar uma sahida.

—Ao menos que a infeliz não volte ao jugo da tyrannia; lembrando-se que a creança e o velho são as duas edades que mais carecem de amparo.

—Prompto, capitão.

— O que quer, meu aspirante?

—Venho pedir-lhe uma graça.

—Pode dizer.

—Para dispensar-me de bordo no dia 15 do corrente.

— Tem negocio de urgencia provavelmente.

—Tenciono dar um passeio ao Bomfim.

—Ja sei, vae pagodear.

— V. Ex. não sabe que é o anniversario da abertura do hospital da sociedade portugueza de Beneficencia?

Ha uma funcção esplendida.

—Ah! magano, e V. quer aproveitar o ensejo para ir recrear se nos trilhos urbanos!

—E como eu, ha de ser muita gente.

—Bem, va na paz de Deus.

A PEDIDO

—Capitão, creaturas vis e abjectas, desesperadas pelo asco com que são olhadas na sociedade, pretendem equiparar-os mais ao nivel immundo de lodo em que se arrastam, procurando traiçoeiramente denegrir a reputação alheia.

Não presando a propria dignidade, ferem a alheia com a impertababilidade e sangue frio do bandido!

Cog melos da sociedade, pretendem sobrepujar os raios da honestidade.

A rectidão, a modestia, a circumspecção, e commedimento, são predicados que nenhum apreço lhes merece.

O homem irreprehensivel, justo e honesto, é atacado em sua honra com a mesma furia com que o tigre se lança á presa.

Acobertam se nas trevas, rebuçam-se com o manto do incognito e de revez atiram o golpe com o punhal da calumnia e da infamia ás!

Nenhum caracter por mais puro e são se acha isento dos assaltos dos salteadores da honr !

Quem por ahi não tem sorvido sua parte nesse calix lethifero que se chama calumnia?

—Ja lhe ouvi com demasiada paciencia; agora advirto-lhe que avie-se.

—Capitão, meu fim é pedir-lhe uma reparação a uma falsidade com que inimigos rancorosos pretenderam desconceituar um caracter honesto, inventando uma historia de *Lima-Teso*.

—Então o Sr. affirma o contrario?

—São embustes com que entes rasteiros e cobardes pretendem magoar a uma pessoa que lhes é muito superior em procedimento.

E a prova é que não serão capazes de se mostrar a descoberto.

—Pois va feita a sua vontade, fica o dito por não dito.

—Capitão, V. Ex. da licença?

—Suba, entre e sente-se.

—Acceito e fico-lhe obrigado.

— A que vem o senhor aqui?

—E' communicar-lhe uma historia que se passou na *Ilha grande*, a qual julgo ser um novo modo de comer calado.

—E' a bitola porque se mede a actualidade.

Para V. Ex. não é caso novo; immensidade de alicantinas, como esta, tem chegado ao seu conhecimento.

—Diz á verdade; porem conte, que talvez a esta, embora de espantar, si possa dar algum remedio.

—Creio que V. Ex. pode; ao menos com a taca do muxingeiro.

—Não haja duvida em lhe fazer a vontade.

—V. Ex. está certo de que houve em Latronopolis um governo que contractou homens para povoar um logar, na *Ilha grande*, fazendo lhes a vantagem de lhes dar gratis o transporte para aquella terra?

—Parece me que houve isso.

—E como agora cobram o importe do transporte?

—E o senhor tem certeza disso? Não é possivel que o governo falte a fé de seus tractos.

—Ao menos, o acto foi praticado pela gente do governo.

—Porem o senhor o que quer? ahi ha espertos, que commettem quanta bandalheira ha e dizem que o governo é quem mandou fazer.

—Não ha duvida; porem, si assim fosse, o infractor não passava recibo e assignava sendo elle o maioral da terra.

—Como se chama elle?

—Não lhe posso dizer, nem por Santo *Antonio*, pois que elle sendo residente nos *Gomes*, ha de passar na *villa de Aça*.

—Pois bem: vou saber do governo de Latronopolis si ordenou semelhante extorsão, assim como, si esta recolhido ao competente cofre a quantia recebida.

—Estou á ordem de V. Ex.

—E' passar bem.

VARIEDADES

ROMANCE-TENEBROSO

III.

(Continuação.)

—O Sr. B... aproximou-se do canapé,

lançou a mão no braço da mulher e puchando-a bruscamente disse:

—Agora nós, senhora!

A mulher, como si fosse tocada por uma machina electrica, estremeceu, e sahindo do estupor em que jazia, exclamou com voz sumida:

—Piedade!....

—Piedade!.... piedade para ti? julgas acaso que eu a possa ter?

Vês alli aquelle cadaver banhado em sangue? Foste tu que lhe deste a morte; foste tu que o arrojaste no caminho da seducção!...

Tu, porém, não sobreviverás por muito tempo ao teu amante.

—Perdão, senhor, perdão, disse ella arrojando-se aos pés do Sr. B...

—Não, não hei de perdoar-te. Não sabias que eras metade da minha alma? Não te tinha dado provas inabalaveis de minha amizade? Para que manchastes o melhor de todos os meus bens—a honra?

—Fui illudida.

A mulher é um ente fragil, mas de uma fragilidade diabolica.

—Não acredito!

Seu coração insondavel, occulta todas as perversidades; e dessa fragilidade tira todo o seu poder. Ella não se deixa illudir, mas sim perverte, quando quer.

E tu, mulher, não te lembraste do homem que te tirou do pó, da miseria em que jazias, junto com tua familia.....

Não te lembraste da dedicação sem limites, do amor até a idolatria, que te consangrei.....

Tudo esqueceste!.....

Presentiste que teu marido estava ausente, e aproveitaste o ensejo para perpetrares teus infames designios!

Não sabias que o coração de um marido zeloso tudo advinha?

Tudo isso sabes, mas não quizeste desmentir a inconstancia, apanagio de teu sexo.

—Piedade!... tornou ella a repetir.

—Tiveste-a tu de minha honra?

Não te recordaste que me lançavas na fronte uma nodoa que jamais se apagaria? Pois essa nodoa vae ser lavada, mas lavada com sangue!.....

Morre, indigna mulher, ludibrio de teu sexo desleal.

E com o punhal tinto do sangue da outra victima, deu a morte a mais esta, que agonisante, só poude soltar um

—Ai!....

Com que deu fim a vida.

—Está completo o meu intento!... disse elle.

Meu Deus! Meu Deus! apiedai-vos das almas destes dous infelizes.

Tomou o capote, embuçou-se, sahiu da casa e seguindo o mesmo caminho, apresentou-se aonde o estava esperando José!

Tornou a metter-se no bote.

—Para a Boa-Viagem! disse.

(Continua.)

O CAVALLO TURCO E MORDOMO DE UM FIDALGO.

Tendo um judeu vendido a certo fidalgo um cavallo, quiz persuadil-o de que era turco; o fidalgo, depois de o pagar por bom dinheiro, mostrou-o ao seu mordomo, dizendo-lhe: Que lhe parece? —Será turco, mas digo-lhe que o cavallo é tão christão como V. Exa. ou eu.

A MORD DURA.

Qual é a mordedura mais venenosa? *Ex fereis bestiis obtrectator; ex cicuribus adulator.*

Dos animaes bravos, a do maldizente; e dos mansos, a do lisongeiro.

Tal foi a resposta de Diogenes.

O mundo, disse outro, e não com menor philosophia, é o mar, onde a gallé é a vida; o tempo o piloto; a esperança o norte; a fortuna o vento; as tempestades a inveja, e o homem o forçado, que não tem mais porto, que a morte.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 72 e 73 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

ENSINO RAPIDO.

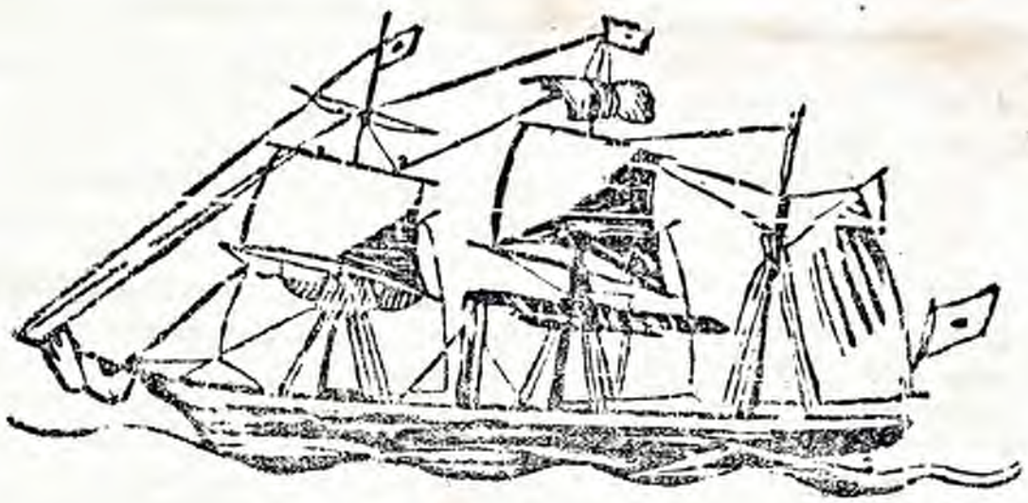
O bacharel em direito João Luiz Soares Martins, authorisado pela directoria dos estudos, dá em sua casa, ao Largo do Terreiro e esquina do Maciel de Baixo, lições das linguas ingleza e franceza, responsabilisando-se a preparar em seis mezes os seus alumnos para exame.

Offerece-se tambem para dar lições nos collegios e em quasquer estabelecimentos de instrucção secundaria.

Compra-se uma casa do Campo Grande a freguezia de S Pedro, de preço de 4:000$ Nesta typographia indica-se o comprador.

Quem precisar de uma ama de cosinha, procure no Maciel de Cima, n.° 6.

Typ: de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 34
Preço d'assignatura — 4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 14 DE AGOSTO DE 1869. N. 537

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, submettendo á sua apreciação a presente communicação que nos fazem:

Fallecendo D. Faustina Antonia de Carvalho Castro, moradora na Muritiba, libertou ao pardinho Lycurgo, seu escravo; sem embargo do que, foi vendido e consta que acha-se nesta cidade como escravo.

Affirma quem fez a communicação que muitos moradores daquelle arraial sabem deste negocio.

Sempre que ha uma queixa de oppressão da liberdade, a authoridade não perde seu tempo procurando descobrir a verdade e por isso, confia-se, S. S. empregará severa syndicancia para chegar-se ao conhecimento si é ou não exacto que a carta de liberdade do desgraçado fô a su trahida.

—Ao Illm. Sr. director do arsenal de guerra, para que informe a respeito do seguinte:

Si é exacto que propondo-se a officina de sapateiros da casa de prisão com trabalho a fornecer cada par de sapatos por 1$300 rs., S. S. dera preferencia a uma outra proposta de 1$500 rs., accrescendo que a primeira se obrigava a apromptal-os dentro de 40 dias, ao passo que a segunda exige o praso de 90 dias.

Além disso, havendo resolução do governo para que em caso de egualdade de preços, tenha preferencia os operarios da casa de prisão, deviam ser muito fortes os motivos que actuaram no animo do Sr. director para infringir uma deliberação superior, e sobrecarregar os cofres com um excesso de despeza em proveito particular.

E para que nem por sombra se nutra a ideia de que o patronato prendeu a semelhante acto, é que pede-se informações, na convicção de que S. S esclarecerá as cousas de maneira a satisfazer.

—Ao Illm. Sr. professor do Curato da Sé, estranhando o procedimento dos seus alumnos, os quaes, quando Sm. solta a aula, andam pela rua do Saldanha e rua Direita do Collegio, a darem *petelecadas* uns nos outros, atirando pedradas para as casas, e soltando gritos nas escadas dos sobrados, e por fim reunem-se no Terreiro, logar proprio de vadios, a *pintarem o peruta*. Espera se que Sm. tome alguma providencia a respeito do travesso proceder de seus alumnos.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que va se ter com o proprietario de um sobrado á ladeira do Carmo e obrigue-o a concertar o cano que desagua pelo muro do lado da rua das Flores, e inunda a rua de excremento, o que é um verdadeiro flagello para os habitantes daquelle logar. Cumpra.

—Capitão, por aqui propalaram que o ministro norte-americano no Paraguay, na

adhesão que prestava a Lopez procedia em dosaccordo com o seu governo.

—Affirmou-se isso.

—Tire a duvida por aqui:

«Dizia-se que o governo dos Estados Unidos desapprovava o comportamento do ministro Mac Mahon, no Paraguay. A *Republica* do Montevideu publicou a seguinte carta do presidente dos mesmos Estados ao do Paraguay, e della vê-se o contrario.

Grande cousa é uma nação que se governa por si!

«Ulysses S. Grant, presidente dos Estados-Unidos, á S. Ex. o presidente da republica do Paragnay.

Grande e bom amigo. – Estando prestes a retirar-se deste paiz o Sr. Martim T. Mac-Mahon, que por algum tempo residio junto do governo do Paraguay, com o caracter de ministro residente dos Estados-Unidos, ordenei-lhe que se despeça de V. Ex.

O Sr. Mac-Mahon, cujas instrucções tinham sido de cultivar com o vosso governo relações da mais estreita amisade, recebera ordem de transmittir a V. Ex ao deixar o Paraguay a segurança do nosso sincero desejo de reforçar e estreitar as relações amigaveis que felizmente existem agora entre os dous governos, e assegurar aos povos de ambos os paizes a continuação dos beneficios provenientes dessas relações. *O zelo com que cumpriu suas instrucções, me faz esperar que executará este ultimo encargo por maneira agradavel a V. Ex.*

Dada em Washington, a 15 de março do anno de Nosso Senhor de 1869.

Vosso bom amigo, pelo presidente U. S. Grant.—*Hamilton Fish*, secretario de Estado.»

—O que é isto que V. está lendo, tão apurado?

– E' um annuncio de convite da direcção da Real Sociedade Beneficencia—*Dezeseis de Setembro*.

— Lêa alto que eu quero ouvir.

—La vae:

«A direcção da Real Sociedade portugueza de Beneficicencia—Dezeseis de Setembro—convida a todos os Srs. socios a assistirem á missa que, em commemoração da idéa da creação do hospital da mesma sociedade, tem de ser celebrada em acção de graças a nossa Excelsa Protectora a Santissima Virgem, na capella do referido hospital no dia 15 do corrente pelas 10 horas da manhan.

Convida egualmente ao respeitavel publico a assistir a esse piedoso acto e a visitar o dito hospital que, nesse dia, estará franco, desde que seja finda a missa, até as 5 horas da tarde. Bahia 11 de agosto de 1869.—O secretario; *Manuel Ferreira Barboza.*»

—V. vae?

—Não sei.

—Vale apena, pela commodidade de transporte que nos offerece a Companhia de Vehiculos Economicos.

—E' de crer que haja grande concurrencia, ao menos pelo passeio.

—E' provavel.

—Então conte que irei tambem fazer minha perna!

—E dous!

—E' horrivel! mas, é preciso que todos leiam as seguintes passagens de um patriotico discurso do Sr. Silveira da Motta:

« Ao passar por Humaitá, viu nos hospitaes cerca de 2,000 doentes, quasi todos de ferimentos. Ahi o que mais impressionou-o foi a má collocação dos hospitaes na visinhança de um arroyo, onde desenvolvem-se febres intermittentes de mau caracter. Dahi as vivas instancias que faziam os doentes para obterem uma passagem para a côrte, pois os medicos diziam a todos; «a cura depende de sahirem daqui.»

« Tal era, porem, a difficuldade de obterem passagem, que para conceder-se uma a certo official muito digno, que tinha quasi perdido a perna, foi necessario que o orador manifestasse o proposito de ceder-lhe seu bèliche, ficando em Humaitá.

« Pede ao governo que se compadeça desses bravos que, mal feridos pelas balas inimigas, vão succumbir ás infecções paludosas naquelles hospitaes.

Nada, porem, tanto o impressionou como o specimem da justiça militar, que viu em Humaitá. Os factos são de tamanha gravidade que julga indispensavel acompanhar a exposição de documentos que, não se zanguem os nobres ministros, foram fornecidos pelo commandante do pontão, que alli serve de carcere.

« Esse pontão é um brigue muito deteriorado, e ja tem recolhido 263 presos nas tres cobertas. Quando o visitou, tinha cento e tantos em condições que ainda se horrorisa só de lembrar. O brigue fazia 43 polegadas d'agua por hora (oh! oh! O Sr. ministro da guerra sorri.)

« Istó é para rir, Sr. ministro, é para chorar; salvo si quer duvidar do que informaram ao orador os empregados de bordo, e viu com os seus proprios olhos. A bomba não cessava de funccionar, e quando desceu no purão, a essa caverna sub marinha, onde tinham submergido dez condemnados á morte e vinte presos, não menos de meio palmo.

d'agua cobria o pavimento dessa masmorra.

« E em que estado achavam se os infelizes ahi sepultados em vida? Por honra da civilisação brasileira quizera occulta lo, mas é necessario que o parlamento saiba como eram tratados os soldados brasileiros que alli cahiam.

« Tinham grossas chapas de ferro aos pés, correntes ao pescoço, e o que parece incrivel, mas é verdade, estavam nús em pello!! (Sensação profunda, exclamações de horror.)

« Isto é barbaro! exclama o Sr. Sinimbú. — Lopez não faz peior, diz o Sr. Ottoni.

« Ainda mais, continua o orador, esses infelizes eram privados de pão, e bolacha e gordura! Felizes fornecedores!... O commandante do brigue que, por signal, era um major de cavallaria, asseverou-lhe que elles pediam lhe muitas vezes que os mandasse fuzilar!! Não recebiam soldo, nem roupa, havia dois annos.

« Lê uma relação nominal dos presos que achou nús, entre os quaes contam-se os seguintes:

« Pedro Pereira, do primeiro regimento de artilheria, preso a 19 de janeiro de 1866, solto a 7 do maio, recolhido de novo a 23 do mesmo mez e anno, sem processo.

« Bernardo da Rocha Barros, 2.° cadete, preso a 26 de janeiro de 1867, tem 8 annos de serviço, não recebe soldo a dous annos e fardamento a quatro, como consta da petição que o orador entrega ao Sr. ministro da guerra.

« Francisco José Monteiro, preso em Uruguayana por ferimento leve, sem conselho de investigação nem processo algum, declarando erradamente o seu assentamento que elle commettera um roubo no Passo da Patria, quando é certo que ao tempo da passagem ja estava preso.

« Cadete Fontoura, preso por ausentar se 3 dias do batalhão, a um anno sem soldo e fardamento.

« Entre esses presos do pontão havia 7 paisanos, dous indiciados em crime de morte, os outros suspeitos de espionagem, todos sem processos, mesmo sem nota de culpa.

» Não tem dados para contestar a justiça dessas prisões, mas em todo caso é injustificavel o modo porque se tratam os presos e a demora do julgamento (*apoiados.*)»

—Depois disto digam todos, que papel fazemos nós, vociferando ridiculamente, todos os dias, contra as barbaridades de Lopez!

—O que dizem os jornaes a respeito da guerrra?

—Vou fazer um extracto:

« No Paraguay o que haviam de sobejo eram banquetes e revistas.

« Quanto a feito de armas, continuam os preparativos, havendo, porem, grandes difficuldades por causa dos fornecedores.

« Quanto ao decantado governo nacional, parece que vae-se com a breca!

« Os esforços dos commissionados alliados para formar na Assumpção um governo provisorio tem esbarrado contra a hostilidade dos paraguayos que estão actualmente nos exercitos alliados. A' vista das candidaturas levantadas pelo Brasil e pela republica Argentina, acreditava-se geralmente que a solução desta questão seria a formação de um governo militar. »

— Aquelles paraguayos são emperrados! Preferem o despotismo de Lopez ao doce jugo de um governo que o Brazil lhe quer impor, com o fim de *libertal-os*.

—Prova de que Lopez não é tão odiado pelos seus, como se diz.

—O que ha de mais é, que tendo o povo paragayo direito *livre* de escolher a quem quizer para governal-o, não poderá com tudo eleger Lopez, *nem pessoa sobre quem elle possa influir*.

—So isso é que se chama respeitar o direito das gentes em toda sua plenitude!

Inimitavel systema de acatar o principio da soberania das nações!

—Segundo as ultimas noticirs, diz o *Jornal do Commercio*, sahiu a canhoneira franceza *Decidé* da Assumpção levando todos os consules estrangeiros, que, ao que parece, recusam reconhecer o novo governo que vae formar-se.»

—Bom auspicio!

—Um corpo da legião paraguaya, apresentou-se armado no logar onde a commissão se reunia, para oppor-se ás deliberações pela mesma tomadas, pelo que teve ella de retirar se.

—Tudo isso é mais um sorvedouro para nossas finanças, porque, dado o caso que o incomparavel Sr. Paranhos consiga montar o governo provisorio, quem sustentará esse improvisado governo durante e mesmo depois da guerra? quem procurará consolidal-o no poder?

—O Brasil com seus milhões e exercitos.

—Admitta-se que o governo provisorio se estabelece, que Lopez é vencido.

Os exercitos, é evidente que voltem á suas patrias, uma vez que o fim dos alliados é depor Lopez e substituil-o no governo.

Mas quem pagará as despezas da guerra?

—O governo paraguayo que os alliados crearam não pode ser, por que este não é

inimigo o antes representa a causa dos alliados.

—Nesse caso quem pagará?

—Ninguem, está bem visto.

Á PEDIDO

—Capitão, ouça esta:

Na terça-feira descia á cavallo, pela ladeira da Poeira, um celebre personagem, vinha em sua frente uma creoula, mulher livre como eu e V. Ex.

Mas como visse que o cavallo vinha sobre ella, foi procurando safar-se, pronunciando esta palavra—*diabo*. O cavalheiro julgou se insultado com a palavra - *diabo*, foi sobre ella e metteu-lhe o chicote que trazia para castigar o animal.

—Oh! isto só se pratica n'um paiz de *mouros!*

—Pois o homem entendeu que tinha praticado uma acção de *rosas!*

—Sr. tenente, seu peito é um cartão de amostras de fitas.

—Ganhei-as no Paraguay.

—Talvez lá o Sr. não desenvolvesse tanta bravura.

—Sou o mesmo em toda parte.

—Mas isso não é valentia.

Chicotear uma fraca mulher, sua egual, publicamente, aqui na Baixa dos Sapateiros;—é porque está nesta terra. Em outra parte não ficaria em sosso.

—E' uma attrevida.

—O que, Sr. *Theotonio*!

Isto é uma acção vil; a mulher não o offendeu.

VARIEDADES

ALFINETE E AGULHA.

Dois jovens irmãos, Alfinete e Agulha, filhos de pobres pescadores, acharam-se orphãos e sem recursos.

—Já que somos obrigados a procurar os meios de subsistencia, disse o Alfinete a sua irman, sejamos os instrumentos de trabalho de que temos os nomes. Trabalhemos.

Assim fizeram e desde essa mesma tarde os dois irmãos acharam arrumação nos lotes d'um importante estabelecimento de modas, aonde no dia seguinte uma marqueza elegante, que tinha á noite de ir a um baile, os comprou para as necessidade do seu toilete.

Da loja de modas passou Agulha para as mãos da costureira da marqueza, que a achou doce, firme, espirituosa, mas um pouco picante. Todavia Amelia, que assim se chamava a costureira, tomou-lhe tanta affeição que nunca mais se quiz separar della.

Teve destino um pouco mais cruel o infeliz irmão de Agulha. Depois da marqueza ter regressado do baile, tirou-o com despreso do logar em que o havia collocado e atirou-o com máu modo para seu toucador, donde, no dia seguinte, o tomou a criada, que andava arrumando o quarto para segurar com elle o chaile. Mas sendo o tenro alfinete um pouco delgado para segurar bem o chaile, picou-a em um dedo, e ella furiosa contra o pobresinho, e querendo vingar-se, arremessou-o por uma janella.

Passava nessa occasião por baixo da janella um velho usurario e avistando Alfinete, levantou-o e levou-o comsigo, para juntar com elle alguns documentos a um processo que trazia entre maos. Uma sobrinha que a noite ia a um soiré, não tendo com que segurar umas fitas, foi-se ao processo, emquanto o velho dormia, e tirando o Alfinete, levou-o comsigo. No baile porém e na vertigem d'um galope, perdeu-se no chão, aonde foi pisado por mais de um pé, até que um estudante de medicina, que tambem alli se achava avistando o pobre perdido, o levantou e pregou com elle na lapella da casaca um ramo de flores que uma dama lhe tinha dado.

No dia seguinte o estudante estava no hospital e assistia á amputação d'um braço a um artista. Alfinete foi empregado na primeira ligadura do braço do infeliz artista, mas uma bella manhan Alfinete desappareceu, tendo sido arrebatado do seu emprego pelo enfermeiro, que nesse mesmo dia foi servir em um hospital de sangue, no campo de batalha. Ali, depois de uma memoravel acção, na occasião de recompensar o valor de alguns soldados, o enfermeiro apresentou a um official o alfinete, para aquelle pregar uma medalha no peito d'um dos mais bravos soldados.

Durante este espaço de tempo, a Agulha de Amelia era o instrumento com que a pobre rapariga procurava obter os meios de subsistencia para si e sua familia, Agulha tremia de dia e de noite entre os dedos calosos da triste costureira.

O bravo militar premiado no campo da batalha era o amante de Amelia e um dia em que estava trabalhando entrou elle pela porta dentro, cheio de orgulho com a sua medalha no peito. Com a força da surpreza, Agulha quebrou-se nos dedos da gentil costureira.

Todavia uma pequenina esphera doirada converteu em Alfinete a pobre mutilada, que principiou a brilhar no toucado de Amelia desde o dia em que esta foi a egreja unir-se com o seu bravo militar.

Desde então os dois irmãos, Agulha e Alfinete, viveram na mesma casa, debaixo do mesmo tecto, respirando o mesmo ar, que respiravam os dois namorados, e quando Amelia encostava a sua cabeça delicada ao peito robusto do soldado, os dois irmãos abraçavam-se e beijavam-se tambem, e eram tão felizes como os dois esposos. Envelheceram e morreram, e os dois amigos e confidentes acompanharam-nos á sepultura; mas a terra não os quiz para si, e em quanto que tudo o mais fenece e passa, Agulha e Alfinete ficaram para dar o exemplo de que a coragem e a esperança, unidos a uma vida laboriosa, são as unicas que fazem a felicidade do homem neste mundo de enganos.

DECLARAÇÃO

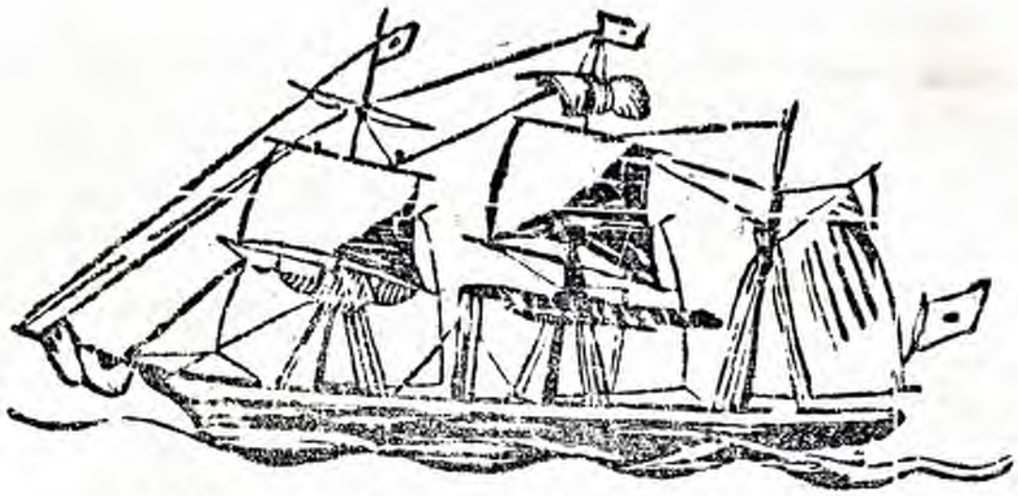
Distribue-se hoje as folhas 74 e 75 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Compra-se uma casa do Campo Grande á freguezia de S. Pedro, de preço de 4:000$. Nesta typographia indica-se o comprador.

Quem precisar de uma ama de cosinha, procure no Maciel de Cima, n.° 6.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 51
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 18 DE AGOSTO DE 1869. N. 538

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que no dia 6 do corrente, commetteu-se um crime na obra dos trilhos da companhia de Vehiculos, o qual pela incuria das respectivas authoridades ficou impune até hoje.

O trabalhador de nome Paulo esmigalhou com uma pedra o craneo do pedreiro Pio, africano, o qual, cinco dias depois, falleceu.

O criminoso, consummado o delicto, retirou-se imperturbavelmente, por que não só dous agentes da força publica, que na occasião passavam, negaram-se a perseguil-o, como não foi possivel, encontrar uma authoridade policial para providenciar!

Este facto vem ainda uma vez confirmar que entre nós não ha garantia de vida, nem segurança de propriedade!

Mata-se publicamente, em alto dia, e o assassino retira-se impavido e tranquillamente sem que a policia dê accordo de si.

Consta que o Dr. Freire de Carvalho, correligionario politico de S. S., que presenciára o facto, se admirara do abandono em que vive esta cidade.

Espera-se que S. S., ao menos para repressão do crime, dê as convenientes determinações para a prompta captura e punição do criminoso.

—Ao mesmo, communicando-lhe que no numero de pessoas escravas empregadas no especulativo meio de tirar esmolas, accresce o de uma preta velha, captiva de certa Sra. D. Joanna Navarro, o que se communica para, no caso de ter S. S. de tomar alguma providencia, contar com mais esta.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando lhe toda vigilancia sobre o caixeiro de uma venda, ao canto do João de Freitas, de uma só porta, o qual logra sempre aos compradores nas pezadas que faz, como seja: tres quartas, por uma libra; uma libra e meia por duas libras, etc. etc. Ora, sendo sabido que certas vendinhas são sempre abertas por especuladores que querem extorquir o suor do pobre, que tem necessidade de nellas entrarem, convem que S. m., ao receber esta, dê as providencias necessarias, afim de cohibir esse abuso e livrar os incautos dessa praga de exturquidores. Cumpra.

—Capitão, veja que sem razão.

—Estou ouvindo.

—Sexta-feira, subia a ladeira da Saude um menino conduzindo uma caixa de folha á cabeça.

Os raios do sol dando sobre ella, fez com que os reflexos reverberassem para dentro de uma tenda de marcineiro.

Isso foi bastante para que um sujeito que

ahi trabalha atirasse á creança um formidavel pedaço de pau.

—Que desalmado!

—Esse sujeito soube depois que chama-se Firmino, é empalhador.

—Ja sei, um sargento do 6.º, passa por maluco.

—Quem é doudo vae para o hospital.

Mas escute o resto,

O menino perguntou-lhe que mal lhe tinha feito e si por ventura era seu escravo.

Só por isso enfureceu-se o homem, sahiu á rua e deu na creança desapiedadamente, não só com um junco, como com os pés e mãos.

—Para isso é que deviamos ter policia.

—V. Ex. sabe que eu osu o primeiro a clamar contra as travessuras dos moleques e meninos mal-creados. Mas tambem acho mau que um, que vae á mandado de seu mestre, de seu pae, ou de seu senhor, sem offender a ninguem, seja espancado cruelmente.

—Capitão, não posso ver mentir-se tão impudentemente!

—E quem lhe obriga?

—Veja o que escrevem daqui para o Rio:

«O regimento Argollo apenas teve 43 pessoas e o *Duque de Caxias* mais de 150, alem de uma companhia de operarios do arsenal, que, desejando marchar tambem como participante dos festejos, *pediu* para encorporar-se a elle: deste segundo regimento fizeram parte alguns negociantes e pessoas de posição elevada »

—Deixe cada um vender seu peixe.

—Mas é preciso muito cynismo para faltar assim á verdade.

Quem não viu que o regimento Caxias era composto dos fiscaes da camara, capitaneados pelo Dr. Azevedo Monteiro, e o resto era meia duzia de creanças, e a tal companhia do arsenal que não pediu mais foi *pedida* para fazer numero.

—E eu direi mandada.

—E com os olhos vesgos de inveja accrescenta o tal correspondente:

«O palanque levantado no Terreiro foi grande e externamente bello, mas internamente pouco preparado: não tinha os necessarios adornos, era apenas alumiado por tres pequenos lustres que davam-lhe luz mortica de um carcere, nem os retratos do costume foram collocados; achei-o muito nú, era forrado de panno verde sem tapetes e continha apenas tres retratos, um dos quaes, o Sr. D. Pedro I, era sustentado por dous pedaços de pinho, que não so não eram pintados, mas nem ao menos tinham sido lavrados e ostentavam-se toscamente.

«Os claros entre os tres retratos eram somente occupados por duas *banquinhas velhas* e muito ordinarias, de quatro pés, com duas jarras sem flores: foi, lhe confesso, uma vergonha: mas assim o quizeram os liberaes por despeito e odio aos conservadores estarem no poder: entretanto quando são estes os membros da commissão, ainda que estejam aquelles no poder, dão as festas todo o esplendor, como convem para conservar sempre viva a lembrança desses tempos heroicos e excitar-se o patriotismo nas conjunturas difficeis.»

Da-se maior desfaçamento?

Até nisso ha de entrar o rancor politico.

—Homem, deixe, vamos a ver o que fazem para o anno, os que acharam mau tudo que se fez neste.

«*Ratamplan, ratamplan, ratamplan!*»

—Como que ouço rufar de caixa?

—E' a noticia do espectaculo annunciado para hoje.

—O que vae á scena?

—O drama em tres actos, intitulado—*Nobreza*, pela segunda vez.

—E' bom?

—E' um excellente drama, um drama de mão cheia, como lá dizem.

—Então, recommende ao respeitavel publico este espectaculo, ao menos para animar a empreza que se acha muito desanimada pela falta de concurrencia!

—Como foi no sabbado de sessão de spiritismo?

—Mal! Tinha muita gente de maneira que não pude apreciar bem a discussão.

—Então não colheu nada; sahiu *jejuando*?

—Ouvi apenas o Sr. Manoel Alves Ferreira fallar e retirei me.

—Fallou bem?

—Em materia spiritica elle está versado.

—E o que disse a respeito?

—Disse que muito ja acreditou no spiritismo, e chegou ao ponto de ajoelhar-se nos pés da *medium* e beijar-lhe a mão, porque o Sr. Telles tinha evocado nella o anjo de Deus, e que como elle muitos personagens desta cidade ajoelharam-se!

—E' apenas o que sabe?

—Sei mais alguma cousa.

—Então siga.

—No correr de sua discussão, disse que esperava o comparecimento do Sr. C. Garcia, mas que elle não tinha comparecido, não obstante ter aceitado o seu convite, o que elle Ferreira sentia bastante, visto como queria que o Sr. C. Garcia lhe dissesse si não era verdade que o spiritismo teve a força de dizer que seu spirito ja tinha pertencido á um lord inglez! Neste ponto os espectadores deram uma gargalhada.

—Ainda elle não disse tudo; predisse-lhe até o futuro.

—Sim, eim!

—Pois não; disse que elle ainda ha de reencarnar em um principe brasileiro.

—Ca... ca... ca! Qui... qui... qui! Ora isto so a riso!

—Vamos ao resto do que colhi, chamo-lhe a ordem!

—E eu obedeço lhe.

—Um dos espectadores influiu o filho do Sr. Garcia para que dissesse alguma cousa, pois que elle estava presente e não devia deixar aquillo passar desapercebido. O moço, influido, pediu a palavra e disse que seu pae não comparecia em reuniões de certa ordem de gente, porque descia de sua dignidade si isso fizesse!

—Oh! que espicharetur!

—Mas um dos espectadores deu-lhe uma resposta em regra, dizendo que o Sr. Ferreira tinha convidado muito boa gente para sua reunião; que aquella reunião era digna de qualquer homem que se preza, e por isso lá não tinha comparecido o Sr. C. Garcia, e o unico homem indigno que ali havia era o que acabava de medir por sua bitola aos caracteres distinctos que ali se achavam reunidos!

—*Safa....*

—.... *do* que elle não esperou tomar pelas ventas!

—Quem diz o que quer, ouve o que não quer, é manha do açougue.

—Foi uma resposta de *cachupeleta!*

—Acabam de atirar viva uma creancinha recêm-nascida na Estrada Nova.

—Em que altura?

—Ao pe do edificio do acceio da cidade.

O innocente fructo, quem sabe? da crapula e libertigarem, foi jogado aos cães com todos os accessorios posteriores ao parto.

—E' a pagina mais hedionda da vida da mulher devassa!

Renegar o fructo querido de suas entranhas!

Esmagar aos pés o diadema de mãe!

—Fazendo timbre do peccado, essas mercenarias da sociedade recusam-se a desempenhar a missão mais sublime que o Creador outorgou a mulhêr—a missão de mãe!

—E o innocentinho, gerado muita vez, ao tripudio das orgias, aos bafejos impuros dos labios profanos, como vai lhe estorvar as horas de entrêgar-se ao deboche, a libidinagem, é atirado aos cães!

—A origem de todos os crimes são os vicios e na extirpação destes está a destruição d'aquelles.

Esforce-se o governo para dar a todos os membros da sociedade uma educação accessivel e graduada segundo suas necessidades respectivas; procure animar as classes pobres, por meios de boas instituições ao trabalho, onte de moral bem estar; facilite soc corros de beneficencia á enfermidade indigente, á humanidade desvalida; imprima uma actividade salutar nas massas e esses crimes, que tanto depoem contra a civilisação, irão desapparecendo pouco a pouco da sociedade!

Á PEDIDO

Exm. Sr. capitão do *Alabama*.—Pelo respeito que tributo á V. Ex., por seus principios de moralidade e justiça, e por saber que V. Ex. detesta a falsidade e a mentira, não posso deixar de vir a sua respeitavel presença para declarar-lhe, em favor da verdade, que a historia contada no *Alabama* de 14 do corrente sobre o facto da rua da Poeira, resente-se sobremodo de inexactidão e pois passou-se em nossa presença da seguinte forma:

Subia pacificamente a dita ladeira, a cavallo, ao anoitecer do dia indicado, como pratica diariamente, em procura de sua morada fóra da cidade, não *um celebre personagem*, como por chincalhe ali se diz, e sim um simples, porem honesto e bem conhecido cidadão; e quando assim proseguia mansa e pacificamente em seu animal á passo de carga, sem offender a pessoa alguma, uma mulher de côr preta, e mal trajada, que tambem subia, e que elle não podia saber si era livre ou escrava, africana ou creoula, lhe dirigiu estas palavras—*que diabo vem atraz de mim? que diabo é este?* ao que lhe disse o cavalleiro—*mulher, porque profere estas palavras? não vê que vou passando tão distante? não continue nestas graças, que um dia pode lhe acontecer mal.*

Entretanto a tal mulher não satisfeita com o que ja havia dito, tão sem razão, encarando com o cavalleiro, com toda a coragem e desembaraço disse-lhe—*logo vi que era um malandé;* pelo que o cavalleiro, que é da tempera antiga, voltando-se para ella e depois da troca de algumas palavras, em que foi acremente provocado, deu-lhe pancadas com o chicote que trazia, e eu, Exm. capitão, que tudo observava, lhe declaro sobre palavra de honra, que assim deu-se o facto, e não pela forma por que lhe informaram; e confesso á V. Ex. que não desapprovei o procedimento do cavalleiro, pois em verdade não se pode negar que esta nossa terra está perdida, e que qualquer pessoa, mesmo uma senhora, vê-se constantemente exposta aos desacatos dessa casta de gente que não acata o decoro e a decencia; como o mesmo *Alabama* por muitas vezes tem levado ao conhecimento de V. Ex. solicitando providencias á respeito; e por esta occasião não será injusto que V. Ex. mande vir a sua presença o tal informante e lhe passe uma sarabanda para não faltar á

verdade com tanta facilidade, abusando assim da boa fé de V. Ex. que não é de graças, com quebra da reputação alheia.

O amigo da verdade.

—Sr. capitão. No dia 8 de agosto, passando pela rua de Santo Agostinho, no Sangradouro, vi um ajuntamento numeroso em certa porta.

Indagando, soube que um sujeito recebendo uma desfeita retribuira com outra fazendo o seu violão em trinta pedaços.

Então o dono do pagode fingiu estar atacado de syncope por 5 á 6 minutos, isto é, em quanto reformava-se a meza do *piguá* e *jurubita* e depois seguiu a pandega com *ipis* e *urrah*.

—Porem quem é author desse disfructe?

—Um celebre director de bailes pastoris, sobre quem tenho alguma cousa a dizer.

Depois do caso da ceia de 14 do corrente, principiarei uma historia desde os Curraes Velhos até o theatro do Bom-fim.

—Pois, quando quizer.

—Sim, senhor, heide voltar e desde ja fique V. Ex. sabendo quê me chamo—o *Cumieira*.

—Capitão, temos obra.

—Explique se, e ponha isto em *pratos limpos*.

—Um nosso amigo, tachigrapho da camara dos *designados* latronopolitanos, mandou-me pedir a publicação do discurso de um dos designados do 4.º *termo* desta *feitoria* por occasião da discussão do voto de congratulação e eu quero que V. Ex. me attenda, fazendo-o correr impresso nas columnas do *Alabama*, por que na côrte impediram a publicação delle.

—Ande lá, vejamos si é possivel fazer-se este sacrificio.

—O Sr. *Cincero De antas: (movimento de curiosidade, silencio!)*—Meu pae, senhores, é o homem mais opulento do sertão de minha provincia, como bem disse no senado e escreveu nos *jornaes o illustre Bernardo Poia*, apezar dos embargos que a isto oppõe o Sr. das *Saraivas* quando fez o *seu fiasco* na camara alta.

Um Sr. fiel *designado*.—Não tem duvida—hoje *ha de se ouvir* a minha voz neste recinto: meu sogro é a *unica* e *verdadeira potencia* do norte de minha terra.

O Sr. Cincero De antas.—Peço ao *nobre* cunhado que não me interrompa, deixe-me *discutir*, preciso de me desabafar. Sr. presidente, meu pae não faz caso de ninguem, porque tem muito dinheiro, apezar de não ter coragem de pagar dividas velhas: isto é verdade; mas...

O Sr. J. Gonçalves.—Não insulte ao *nobre* pae, collega.

O Sr. C. De antas.—Não preciso dos seus conselhos, deixe-me continuar: o orador do senado que fallou na personalidade de meu pae, mal sabe que eu sou capaz de tudo, e até de fazer o vigario do Bom Conselho montar ainda que seja n'um boi manso, quando os Srs. Figueredo Rocha e Assis não consintam no boi brabo!

Um Sr. franco *designado*.—Que cascavel! misericordia!

O Sr. C. De antas.—O meu collega me chama cobra?!

O Sr. Reptil.—E julga-se melhor do que eu o meu collega de minas e bosques? Está enganado!

O Sr. C. De antas.—*Sr. presidente*, os apartes me desviam de tratar do projecto em discussão.

O Sr. presidente.—*O Sr. designado* ainda não se occupou da materia em discussão, e na corrida em que vae, em menos de meia hora alcançará o hospicio de Pedro II; pode continuar. (*hilaridade*)

O Sr. *C. De antas.*—E esta? Chamar de doido a um homem como eu? Protesto perante o paiz inteiro que vou-me embora para o meu engenho, e o meu partido será sacrificado á falta de meus *bons* serviços. (*Risadas prolongadas*)

O Sr. Antão.—Eu ja disse que se a briga continuar, cahirá tudo para nunca mais se levantar.

O Sr. C. De antas.—Vou terminar, *Sr. Presidente*, o meu discurso; estou muito fatigado e necessito reposo.

O Sr. Affonso da Gameleira.—Eu ja ia pedir a palavra pela ordem, para requerer o encerramento do seu discurso; estou desapontado!

O Sr. C. De antas.—Desapontado? Isto não se atura; retire a expressão, senão me damno.

O Sr. Presidente.—Attenção! Levem o homem para o Hospicio, que não está em estado de deliberar.

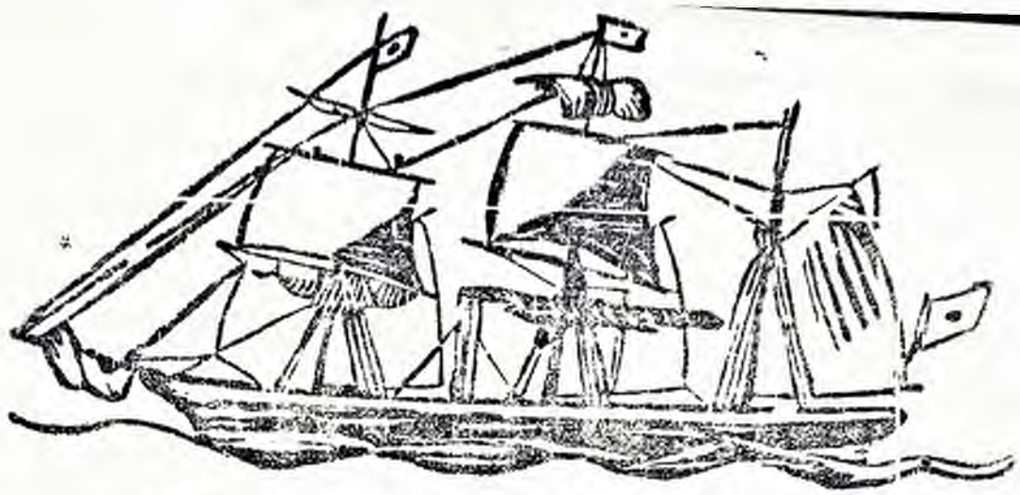
(Muito bem! Muito bem! *Applausos geraes das galerias*. O orador é conduzido ao Hospicio Pedro II. Dada a hora, levantou-se a sessão.)

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 76 e 77 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Pede-se aos devedores da Estrella do Oriente que venhão pagar o que devem no prazo de oito dias sob pena de verem os seus nomes por extenso nas folhas publicas.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 34**
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 20 DE AGOSTO DE 1869. N. 539

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que embarcou no dia 18 do corrente, no trem da estrada de ferro, uma creoula amarrada de pés e mãos com destino á Matta de S. João, dizem, que para ser ali castigada, por ordem de seu senhor, cujo nome ignora-se; mas julga-se conveniente levar ao conhecimento de S. S. afim de syndicar a respeito, visto como não se está mais no tempo em que os senhores tinham o direito de vida e morte, sobre seus escravos. Espera-se, em vista do que acima fica dito, embora em toscas palavras, que S. S. trate de syndicar este facto, e no caso que encontre provas de crime dê as providencias necessarias.

Portaria ao fiscal geral, ordenando lhe que, por conta da camara mande tapar a immunda bocca de lobo que ha Atraz da Se, defronte do consistorio da egreja, cuja bocca de lobo, si algum prestimo tem, é causar sensivel encomodo aos narizes transitantes e attestar a incuria dos incumbidos dos melhoramentos publicos. Cumpra.

—Chegou o *Tocantins* hontem á tarde.

—Desennovelle alguma cousa.

—Ainda desta vez não temos o prazer de... dar noticias importantes da guerra.....

—E *cæt cætera* é tal, sim senhor; isto ha bons oito mezes.

«Ah, guerra, guerra, guerra sem vergonha.
«Nem mesmo quero ouvir falla em ti!

—Capitão, por libello accusatorio contra as calamidades que soffre este paiz, diz o supplicante e si for necessario.

Provará—que a guerra continúa e continuará, graças ao *sapientissimo* governo imperial, e ao abençoado dinheiro que elle para la remette. Isto posto—

Provará que o patriotismo dos nossos generaes tem sido nesta campanha immenso, immensissimo, pois ainda não se viu nenhum recusar os seus vencimentos em favor das urgencias do Estado, e até é de suppor que esse patriotismo chegará a tal ponto que quando o governo disser: «*não ha mais dinheiro;*» responderão: «*tambem não ha mais quem sirva a patria!*» Por isso—

Provará—que, em quanto o paiz tiver no Paraguay um chafariz de libras sterlinas, a guerra continuará, porque ha ainda muitos potes vazios que é preciso encher desse deslumbrante metal, ante o qual o amor da patria é uma utopia. Em vista disto—

Provará—que o pobre povo é o unico prejudicado com isso, porque ja não pode supportar tantos impostos e por isso tantos martyrios. Alem de tudo isso—

Provará—que os *patriotas* que foram *desig-*

nados pelo governo para representar os interesses da nação, votam com os olhos vendados todas as exigencias do governo, e na verdade seria grande absurdo, os caixeiros de uma grande casa commercial irem de encontro aos interesses de seus patrões. Sendo assim—

Provará—que breve ninguem poderá alimentar-se mais de uma vez por dia, sob pena de pagar imposto, pelas outras que o estomago appetecer, obrigando assim o desditoso povo a desacostumar-se do vicio de—*comer*. Por estas razões:

Provará—que não ha dinheiro que chegue para levar-se ao thesouro e elle sempre exhausto, por causa da guerra que muitos fazem a elle. Nestes termos—

Provará—que vamos cada vez a mal e não ha salvaterio para a nação brasileira, mergulhada no mais tenebroso abysmo pela falta de patriotismo de seus representantes passados e presentes.

Acho de justiça; e por isso mando que seja recebida sem custas.

A VIDA DO PERALTA.

Comecemos por difinil-o. E' todo aquelle individuo, que leva vida de vadio, sem officio ou beneficio, tendo por emprego, cuidado e occupação, o embonecar-se para namorar, penteiar mil vezes o cabello, botar pós de arroz e carmim no focinho e torcer os competentes bigodes, d'onde se segue que—peralta, namorador e tollo são tres palavras distinctas, mas synonimas.

Quem vir um sugeitinho sem parente, adherente, protector, ou conhecido. sem industria licita, andar com a calcinha de cazemira muito estreita, com casaca e colete sempre a moda, com o chaspellinho sempre a banda, e com grandes penderucalhos na corrente do relogio, com os cinco dedos de cada uma mão cheios de anneis d'oiro e brilhantes verdadeiros e falsos, passeadores incessantes, e quasi que moradores nas esquinas e botequins, levando manhans e tardes ja n'uma botica, ja n'uma loja, não tem que perguntar—é um *cujo dos cujos*.

Ainda as *modas* estão na cachola do diabo mais velho, ou na imaginação prodigiosamente creadora dos *petit-maitres* de Paris, ja o nosso cujo as advinha, e principia a buscar tretas para fisgar um calote no Daumerie, Pinelle, e outros alfaites de tom *em quem poder não tem a morte*.

Não acha graça nem bondade nas obras e nos officiaes seus patricios, e tudo que não é estranja lhe desagrada é o faz lançar olhares de desprezo. O cabelleleiro estrangeiro lhe corta os cabellos, prepara-os, enseba-os, os pontea em mil maneiras, ja se sabe por um bom cobre, porque não ha de vir um pobre homem la das Europicas, atravessando o Atlantico, soffrendo enjôos e rapando o susto do mar para penteiar e pôr cabelleiras a troco de Padre Nosso, Ave Maria e Gloria Patri.

O nosso *peralta*, gamenho ou como melhor nome tenha, quando se vê assim com as suas melenas de sagui, coça-se todo como macaco, remeche-se, julga-se um Narciso em belleza, um Napoleão em conquistas, e diz todo enfatuado—« Qual será a belleza que resista este todo?» e eu diria se ouvisse:—«Qual será á senhora de juizo que se occupa com este tollo?»

Enfia a escovadissima casaca, aperta a mão do *Lanal* com os dois dodos, sahe da loja a passos curtos e apressados, ou de cão perseguido á pedra, levanta os hombros, por que pensa que isto lhe dá graça, e torna-se mui parecido com um capão molhado e tiritando de frio, curva os braços em attitude de tocador de rabeca, brinca com a bengalinha, enfia um enorme charuto nos beiços e inclinando um pouco a cabeça eil-o,—a correr todas as ruas, a registrar todos os becos, e a olhar requebrado para todas as janellas, onde vê moça. A pouca distancia de casa pucha o lenço reescendendo de cheiros, deixa-o ficar um pouco de fora para vêr-se a rendinha ou o bordadinho, e quando quer que o lenço lhe sirva de telegrapho, traz um do tamanho de um lençol, com pinturas bem grandes de encarnado e de azul, e si por acaso a bella está na janella e vê tremular a bandeira concerta mais depressa o pente, prega mais um gancho, endireita um lenço, calça os sapatos, e si é das taes, esfrega o rosto com algum pedaço de panno de linho crú que ja tem ao lado para esse fim, apparece como por surpreza na janella, escarra, elle responde com outro, e com linguagem de cuspo vai se pondo ao largo, em quanto que a bella está ainda feito papagaio de janella, vendo as olhadellas que elle deita para traz até sumir-se.

Eu cá por mim penso que nem Pedro Paulo Rubens será capaz de pintar as olhaduras, manejos e tregeitos que escandalosamente faz o nosso *peralta*.

Si defronte da namorada ha uma loja de sapateiros, lá se encaixa o cujo. Tem logo encommendas que fazer, botins que remontar, chinellos, etc.; si ha loja de alfaiate, então gasta horas e horas discorrendo com o dono da loja, e sempre na porta, sobre a bondade de tal e tal panno, feitios de paletós, clews, etc., e sempre com os olhos no anginho que

não arreda pe da janella, ainda que a enfesada e quiselenta da mãe grite.

E si encontra alguma botica? oh! felicidade! ahi mora, porque passa todas as horas sentado na porta, chamando todos que passam, conversando com uns e com outros e em quanto vae estropiando o portuguez e francez tudo de cambulhada, não despega os olhos da Venus, para quem de vez em quando deita uma luneta de vidro sem grau.

E si o nosso homem poude fisgar algum cavallo por emprestimo! oh! que de mentiras não prega! a um diz que o rocinante lhe veio d'um seu engenho, que so elle conhoce, a outro que lhe custou 400$; a este diz que o tirou em uma rifa, a aquelle que foi aposta, e depois disto eis que tem muita gente de ver touros de palanque. Corre a galope para cima e para baixo, mette esporas no outro para obrigal-o a dar galões e fazer piruêtas, e se tem de ir a passeio o pobre cavallo não pode mais soffrer tantas esporadas, chicotadas e carreiras, dá com o sugeito do solim abaixo, o que causa muita rizota, assovios e palmas.

Si apparece em uma roda de moças todas ellas tomam-no a sua conta. A uma elle compara a um alecrim por causa da côr, e vae dizendo outras asneiras iguaes a esta.

Toda a noite conversa em modas, critica esta moça, diz mal daquella, jacta-se de ter namorado cincoenta e tantas e ter sido sempre constante, offerece o seu coração mil vezes, como si fosse coisa boa, não falla em casamento porque é moda do tempo antigo, pede cravos e outras flores, lamenta o tempo que corre depressa, bebe duas e mais chicaras de chá, come e enche os bolsos de bollinhos, e depois assoviando uma cavatina faz vispora.

Á PEDIDO

—O Sr. *Luiz Zeesteira* é intimado para ir entregar quanto antes a opa e a salva do glorioso S. Benedicto. Quanto as esmollas pode ficar com ellas, visto que a festa ja se fez

---

Sr. Redactor do *Alabama*.—Lendo uma portaria que sahiu no seu periodico de sabbado, n.º 533, a 18 do corrente, ordenando ao fiscal da Sé, toda vigilancia a respeito da pesada de generos feita na taberna de uma só porta ao Canto de João de Freitas, e trazendo esta publicação um descredito, não só ao caxeiro como ao dono da casa, o abaixo assignado protesta contra a falsidade do individuo que se occupou em illudir a esta digna redacção e ao publico.

A mentira não prevalece em face da verdade.

Si o denunciante tem coragem para mandar anonymamente desacreditar uma casa de negocio por meio da imprensa, tambem deve têl-a para assignar-se; neste caso tratarei de historiar o facto.

Pergunta-se, um comprador que leva a encomenda de duas libras, e que, compra uma libra e meia ficando com o importe da meia no bolço, que nome terá? que culpa terá o taverneiro para com a ladroeira do comprador? Creio que culpa nenhuma terá o taverneiro para ser tachado de falsificador de pezos.

Foi isto o que se deu com um esperto que se quiz acobertar com a capa da honestidade comprometendo a quem de nenhuma sorte commettera a falta de que é accusado.

Um que viu.

—Pois aquella senhora ja velha, mãe de filhos homens, presta attenção a um menino, sobrinho de seu marido?! Pobre marido que se apre e vives illudido!!

—Pois V. não vê que elle é parente da casa, pode entrar e sahir quantas vezes quizer?

—Então sim, agora acredito eu no que dizem os visinhos e no que contam os namorados de Peixo.

—E de mais a mais o sujeito é pharmaceutico; si accontecer alguma cousa, arranja uma droga, e fica tudo encoberto.

VARIEDADES

Vou escrever, leitores, sobre toda a *especie* de caixeiros, começarei pelo de

TABERNA.

Haverá uma condição mais miseravel, e mesquinha do que a de um pobre cidadão,

Que para ganhar a vida,
Com o suor de sen rosto,
Está disposto

A ouvir mais de um insulto,
Dos negrinhos seus *freguezes*,
Quando ás vezes

Com o cerebro esquentado,
Por vapores d'aguardente,
Esta gente

Não respeita a seus senhores,
Nem o vergalho potente?

E' certamente um emprego para que me falta o *geito* e a *habilidade*.

Não sirvo para lidar com *queijos do paquete, carne secca, linguiças, paios, e comitante caterva* tabernaria.

Mas como o trabalho, qualquer que elle seja, não deshonra o homem, com tanto que

honestamente, ajunte fortuna, por isso longe o bem longe de lançar o despreso sobre esta classe de gente que se dedica a tal negocio, pelo contrario, amo-os, como si fossem meus verdadeiros irmãos em Adão e Eva.

Porem muitos não pensam assim.

O caixeiro de taberna é, para certos *criticos*, uma entidade nulla, e que não merece consideração alguma.

Dizem que—

Alta noite negocia
Com a portinha fechada,
Comprando cousa roubada
A troco de *mel côado*.

Não é tanto assim. Si algum pratica tão abominavel acção, não se segue d'ahi que os mais procedam do mesmo modo.

Nem todos foram moldados pelo mesmo cadinho. Não fica tudo neste ponto.

Inda tenho muito que *tagarellar*.

Os leitores hão de ter paciencia de aturar-me; quem não quizer ouvir-me faça o que bem entender.

Si ha occupação que soffre as maiores privações, é a de que se trata.

Um pobre moço está sujeito a supportar descomposturas da plebe infame. Para viver em paz, vê-se na dura necessidade de agradar a todos, desde o escravo até o seu freguez mais bem educado.

Ao sabbado limpa as balanças, lava o balcão põe novos papeis de côr, como enfeite ao candeeiro, para, ao domingo, a casa apresentar uma nova *prespectiva*.

Tendo parco salario, não pode ostentar a decencia que ostentamos; sua camisa de algodão, suas calsas de linho ordinario, é a vestimenta mais propria para o genero do seu trabalho.

Obediente a seu amo, cumpre as suas ordens, ainda que ellas sejam em prejuizo dos compradores.

Falla-se na falsificação dos vinhos e dos pesos e medidas, e a culpa de tudo isso sobre quem recahe?

Sobre o desgraçado caixeiro.

E elle infeliz não tem culpa!

O marinheiro dirige o rumo de seu barco, conforme manda o piloto.

Isto dizia, não sei quem.

Deixemo-nos portanto de escarnecer desses futuros negociantes de *seccos e molhados*.

—D'elles precisamos, porque, com o nosso dinheiro, nos dá aquillo de que necessitamos para alegrar o estomago.

Haverá bebida tão deliciosa—como o licor de Bacho? Quantas vezes no fundo de uma garrafa,—cheia do saboroso succo da *uva*, não está a ideia de um grande poema?

Sem vinho—estou bem certo—os poetas não teriam aspirações.

O vinho dá enthusiasmo á musa, e vigor aos membros, e prepara uma boa digestão.

Pão, sem manteiga, faz mau paladar, e segundo um filho de Esculapio, é cousa optima para a creação das *lombrigas*.

O quejo e a cerveja—são os melhores utencilios para por-se dentro da pança—as *onze horas*.

A carne secca, o feijão o toucinho, as linguiças, os paios, os presuntos, sabemos o gostinho que teem, porque *de tudo* ja provamos.

A aguardente serve tambem, tomada com cautella, para conservação da saude.—Os medicos a receitam como remedio poderoso —para certas e determinadas molestias.

E aonde encontramos o que agora foi dicto?

Na taberna.

E quem *nos faz o favôr* de vender?

O caixeiro da taberna.

Por consequencia reflictamos melhor.—

E a classe caixeiral,
Quer seja—*secca*—ou *molhada*,
Seja por nós bem tratada,
Com alguma distincção.

Assim o espero, e desde ja dirijo os meus agradecimentos, misturados com dous abraços e meio, e tres quartos de beijos, ás pessôas que, como eu, pensam, e acham justa e muito justa a defeza que acabo de fazer a aquelles, cuja sorte não lhes foi bastante propicia.

Quem quizer encarregar-se da accusação, encarregue-se na certeza de que não terá replica.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 78 e 79 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Quem precisar de uma—AMA DE LEITE procure na travessa do Cruzeiro n.º 7 C.

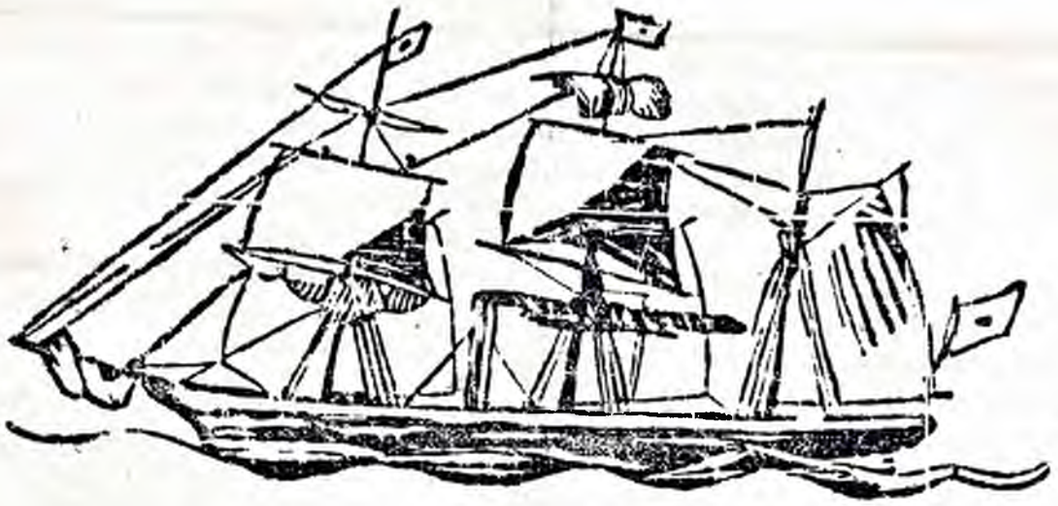
VERDADEIRO CAFÈ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moido puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude, na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidade. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

AULA DOIS DE JULHO.

—Nº 9— RUA DOS ALGIBEBES —Nº 9—

Neste estabelecimento acha-se funccionando um curso-nocturno da lingua franceza, e do 1º de setembro em diante tambem haverá outro de portuguez, as 8 horas da noite.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 55

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 21 DE AGOSTO DE 1869. Ns. 540 e 541

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, ponderando lhe que, no interesse da causa da liberdade, não deve S. S. levar a mal qualquer informação que lhe possa ser ministrada.

Neste proposito, é que se transmitte a S. S. a seguinte communicação recebida:

D. Anna Telles de Menezes, senhora da fazenda Bananeiras, no Soure, libertou sua cria Maria, na edade de dez annos, cuja carta, consta, acha-se hoje em poder do procurador Teixeira de Freitas.

Crescendo Maria, produziu os seguintes filhos, os quaes foram reduzidos á escravidão —Izabel, Querino, Elias, Antonio e José.

Querino foi vendido para o Rio Grande, Izabel, comprou a sua liberdade e os outros tres disputam-na, para o que vieram a esta cidade.

Faltando, porem os meios para occorrerem ás despezas judiciaes, teve Elias de ir ao Soure adquirir recursos e la chegando adoeceu, alem de encontrar suas plantações deterioradas e toda creação extraviada, o que veio contrariar o negocio e de todo paralysal-o. Entretanto, Antonio e José foram presos pela subdelegacia de Brotas, por mera denuncia de um sobrinho dos inculcados senhores, sendo Antonio remettido para as Bananeiras, pertencentes hoje a José Telles de Menezes, Diogo Telles de Menezes e D. Constancia Joaquina de Carvalho e la se acha sugeito a duros tratos, em quanto José geme nas masmorras da Correcção

Entregando á justa apreceiação de S. S. a presente communicação tal qual foi ella remettida, cumpre accrescentar que, a ser exacta, é realmente de pasmar que ainda nesta epocha haja quem tenha o audaz intento de pretender reduzir á escravidão uma familia inteiral S.S , com os meios que a lei põe a seu alcance, chegará facilmente ao descobrimento da verdade e fará o que for de justiça.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando que, ao receber esta, dirija-se a casa do Sr. Lefevre, alfaiate imperial, ao largo do Theatro, examine o pateo de sua casa e o da contigua, e faça, tanto o Sr. Lefevre, como o dono da casa immediata, observar a postura afim de serem mais acceiados e não encommodarem com a fedentina que se exhala d'esses pateos os moradores das casas visinhas. Cumpra.

—Visivelmente inclina-se este paiz para o abysmo!

O Sr. conde d'Eu, consta, pede ao illustre sogro mais 10,000 homens.

—Isto é, mais 10,000 victimas para serem immolados no matadouro do Paraguay, aos loucos caprichos de sustentar uma guerra de inercia!

—Mas onde irão buscal-os?

Esta guerra já não tem o caracter popular que teve a principio, e nestas circumstancias se por excessivas violencias se poderá arrancar do paiz tão crescido numero de homens.

—O que não é muito prudente.

—Demais, os cofres publicos estão exhaustos e não podem supportar as despezas que viriam augmentar com a organisação de tal contingente e seu transporte para o theatro da guerra.

—E que tempo se levaria para levantar hoje entre nós 10,000 homens, disciplinal-os, envial-os ao Paraguay e pol-os em estado de entrar em acção!

—Quando se conseguisse organisal-os, á custa embora de immensos sacrificios appareceria nova precisão de outros 10,000 homens, para supprir os estragos que durante esse tempo tivesse feito a morte por meio das molestias e dos combates.

—E é preciso notar o que diz um correspondente que são precisos *pelos menos* 10,000 homens, e isto mesmo attendendo a *inferioridade numerica do inimigo*.

—E desta sorte, esta guerra continua a ser, como tem sido, um nunca acabar!

—Ao passo que Lopez, o homem desesperado pela falta de recursos, está em condições de resistir por muito tempo.

Attenda:

«O nosso fim não pode ser outro senão occupar os campos que envolvem a cordilheira, onde se acha o inimigo; isto é de sitial-a.

«O contorno dessa cordilheira é de 25 leguas, mais ou menos, e os alliados contam apenas 25,000 homens, si tanto. Para que nessa immensa extensão conservem as nossas forças as devidas relações estrategicas, afim de não serem batidas em detalhe, precisamos de, *pelo menos*, mais 10,000 homens, e isso mesmo attendendo á inferioridade numerica do inimigo, á sua desmoralisação e á vantagem de podermos bem fortificar as subdivisões do nosso exercito.

«Ao governo compete fornecer este reforço que imperiosamente exige a empreza, que confiou ao principe.

«Saiba o governo que Lopez pode sustentar por *muitos annos* o seu pequeno exercito na extensa e fertil cordilheira que occupa, e que, si fôr forçado, pelos esforços que fizessem de frente, a abandonal-a, é preciso não deixal-o passar para a segunda, porque nesta se manteria por outro tanto tempo, e assim se defenderia successivamente até o extenso norte da republica.»

—E quem pode assegurar a desmoralisação que, inculcam, vae pelo exercito paraguayo?

—Será uma noticia como tantas outras a respeito das forças de Lopez, o qual foge em um dia com 90 homens e apresenta-se no outro com um exercito de 10 a 12,000, equipado e municiado?

—O que é real é que o sangue dos brasileiros se derrama em borbotões no territorio paraguayo, que as nossas finanças se arruinam de um modo assustador, e a fome e a miseria ameaçam comprometter seriamente o futuro deste paiz.

—E' uma calamidade que condemna a duras privações desde nós até nossos netos.

Emancipação servil.—Lê-se no *Diario de Pernambuco*:

«A Sra. D. Ignez Thereza de Jesus, moradora no engenho Matavizinho, da comarca de Nazareth, acaba de dar liberdade á dez escravos seus, sendo seis do sexo feminino e quatro do masculino. Acções destas não admittem commentarios, e devem ser narradas apenas porque o seu elogio está em si mesmas.»

«Os Revs. padres Lino do Monte Carmello Lima, Candido e Ernesto Ferreira da Cunha, querendo melhor commemorar a festa da protectora da ordem a que outr'ora pertenceram, Nossa Senhora do Carmo, deram carta de liberdade, aquelle e seus irmãos á preta Victorina, de 42 annos de edade, pelos relevantes serviços prestados, e estes a duas crias, suas Henrique e Maria, menores de 4 annos.»

—Em quanto tem a Mizericordia dinheiro para importar da França nesta cidade uma chusma de irmans de charidade, falta lhes para enterrar suas irmans e as manda conduzida na carroça onde mandam os desvalidos!

—Ja vem V. com historias!

—Não são historias, são factos reaes.

—Quasi todas as historias são tiradas de factos verdadeiros.

—V. Ex, pelo que vejo, quer obrigar me a trilhar pelo terreno das historias, antes de chegar á minha?

—Deus me livre, isto era um nunca acabar.

—Então dá licença que prosiga?

—Pois não!

—V. Ex. deve ter ideia de duas velhinhas irmans, que moravam na rua dos Capitães, em um sotam de uma propriedade da Mizericordia, défronte da casa do Sr. Galeão.

—Umas velhinhas que sempre ouviam missa na egreja da Sé, e andavam uma segurando na outra, não?

—Justamente. E' dessas velhas de quem vou tratar.

Essas velhas eram irmans da Mizericordia, e eram pensionadas por esta Santa Casa, que até lhe deu o sotam para morar. Uma dellas

não quiz recolher-se, quando doente, ao hospital e morreu na casa de sua residencia; pelo que a Mizericordia fez-lhe o enterro; mas a outra recolheu-se ao hospital, ahi falleceu, e seu cadaver foi mettido dentro da carroça em que vae o cadaver dos pobres para ser sepultado no cemiterio da Santa Casa, e ha quem assevere que até não foi para os carneiros e sim para as sepulturas em que são inhumados os indigentes.

—Oh! oh! ao passo que esbanja-se tanto dinheiro com as irmans de charidade! Isto é impossivel, eu não creio!

—Pois pessoa insuspeita asseverou-me a veracidade deste facto.

—E' porque essa pessoa quer deseonceituar a meza da Santa Casa.

—Está V. Ex. enganado; a mulher morreu no hospital e as irmans de charidade a mandaram metter na carroça, pois ellas ali governam mais que a meza da Santa Casa.

—Ah! si é assim, está bom.

O CAXORRO E' MAIS FELIZ DO QUE O HOMEM.

Em algum tempo dizia um certo philosopho— que o caxorro era mais feliz do que o homem, e provava demonstrando que o homem com a chamada civilisação, ou vicios da sociedade, tem adquerido um milhão de necessidades, e exigencias que lhe tornam a vida pezada e incommoda, ao passo que o caxorro conservando o seu systema de vida tal qual desde a era primitiva, passa os dias satisfeito, e sem cuidar do futuro até que chega lhe o ultimo instante e morre; porem morre sem cuidados. Mas esse homem, que assim dizia, nem por sombra lhe occorria que havia de apparecer uma ordem para se darem bollas envenenadas e cortar a existencia dos pobres caxorros, emblemas da amizade e constancia. E dizia o homem: o caxorro não necessita de roupa; por que se acostumou a andar sem ella, e por isso tem de menos um grande dispendio e incommodo, e vejamos a differença.

O caxorro acorda, sacode o rabo, levanta-se, e vai para onde quer sem chapéu, sem sapatos e sem roupa; o homem levanta-se da cama; e, si si não tem um criado, é preciso que vá mesmo abrir as portas e janellas, depois disto, vestido ligeiramente, com o rob-xambre e xinellos cuida em limpar o corpo, segundo manda a lei da sociedade, isto é, fazer a barba, arear os dentes, lavar o rosto, pentear-se, e depois toca a vestir o bunéco de seu corpo.

Veste a camisa, abotôa pelo menos meia duzia de botões, si é quebrado deita a funda, e o suspensorio antes; depois veste a ceroula ahi vão mais botões; veste a calça, mais botões; veste o collete, mais botões; de sorte que, ainda não está composto e ja teve a massada de abotoar mais de vinte cazinhollas; calça as meias e os sapatos, e si são umas botas apertadas ainda melhor, amarra o lenço ao pescoço vai ao espelho amança o cabello, veste a cazaca, falta-lhe o lenço de tabaco, tira o relogio do prego onde está pendurado, dá-lhe corda, porque parou, toma a caixa de rapé, pede a bengala, e a criada não ouve, por que está na cozinha fazendo o almoço para entupir a barriga, este sumidoro de dinheiro, procura-se o bastão, e não se acha, pois os meninos estão fazendo delle cavallo no quintal, e ainda lhe faltam os papeis da demanda de que vai tractar. Pede a mulher a chave da gaveta, a mulher diz que não sabe onde deitou, ahi temos questão, de sorte que, quando põe o chapéu e dá o primeiro passo na rua está cançado e aborrecido de tanta impertinencia. Não fallemos na barba, ou raspação da cara que isso é uma massada bem fastidiosa, principalmente quando a navalha está mais disposta a cortar inhame do que cabellos.

E caxorro?! Nada disto tem, e entretanto vive e diverte-se.

Ora, acresce que ha dias (e não poucos), que os antigos chamavam aziagos, em que parece que a sorte anda contraria e de proposito persegue ao homem para affligil-o neste valle de lagrimas logros, e mizerias, motivo porque um celebre poeta fez o seguinte—soneto: —

Acorda a gente cheia de ramella,
E' preciso lavar logo o focinho,
E si o quarto é escuro, no caminho
Vai dando uma topada na gamella.

Zangado vai tomar fresco á janella,
Da logo com a carranca do visinho
Que lhe pede emprestado o molequinho,
Para ir comprar leite pa panella.

O homem quer salir, não tem almoço;
Com tudo sahe na janta esperançado,
Mas vem pezo de carne que é só ôsso.

A' noite fica tsdo endiabrado,
A mulher a chorar fallando grosso:
—Isto é triste viver de cão damnado.—

LA VAE VERSO.

RECITATIVO.

AS FLORES D'ALGIBEIRA.

Sterlinas libras que dominam bellas,
ai! amarellas, do tão linda côr:

tem attrativos e são convincentes,
são eloquentes expressões do amor.

A meiga libra sobre nós derrama
lucida chamma, sem o ardor que mata,
tel-a no bolso é dos montaes a gloria,
pois a victoria com primor retrata.

Que amenidade, si nas algibeiras
tinem faguciras, alentando as fibras!
si ha ceu na terra, si ventura ha n'ella,
na face bella se achará das libras.

Filhas do ouro, bem como o ouro puras,
de mil venturas corretoras bellas,
si á sorte grande me sahisse um dia,
ai! que folia me não davam ellas!

Si desgraçado pelo amor trahido,
ja tens sentido pela vida o tedio;
ai! não te mates, comprarás cautellas,
nas amarellas acharás remedio.

Pobre viuva, em solluçar doride,
vendo estendido seu marido morto,
embora a dôr lhe despedace as fibras,
herdando libras logo tem conforto.

La quando a morte resfriar meu couro,
cubram-me d'ouro meu gelado collo,
na tumba escura ja eu seja, embora,
saltando fora, dançarei um sólo.

Á PEDIDO

—Capitão, tendo sido eu o informante do logro que inpinge o caxeiro da vendola ao canto de João de Freitas, e vendo um artiguito no periodico de V. Ex. sobre a tal vendola, assignado—*um que viu*, entendo de meu dever dizer-lhe porque lhe dê aquella informação.

—E eu o censuraria se assim o não fizesse.

—Pois como quero livrar-me da censura de V. Ex., lá vai a cousa tal qual se deu.

—Sou todo ouvidos.

—Mandei um moleque comprar duas libras de assucar nessa vendola, e como viesse o embrulho muito pequeno, mandei pezal-o e tinha, não uma libra e meia como disse V. Ex., mas uma libra e uma quarta. Fui em pessoa á venda, disse-me o caxeiro que justamente era aquella a porção de assucar que o moleque tinha pedido. Chegando em casa quiz castigal-o; mas a prudencia é a melhor conselheira, não o castiguei, e mandei por uma pessoa estranha, comprar na venda 40 rs. de rapé. Disse comigo, elle deve dar quatro oitavas, vamos a ver agora com esta experiencia si o grillo foi do moleque.

A Providencia não dorme!? O sugeito, em lugar de mandar quatro oitavas, mandou duas. Mandei regeitar o rapé por faltar no pezo, e elle não teve remedio se não restituir o que faltava.

Depois disse-lhe eu que, si elle não deu o pezo do rapé exacto, estava provado que tambem não deu o assucar. E elle teve tanto susto, que restituin as tres quartas de assucar, dando mais 80 rs. de uma garrafa de gaz, que elle mesmo confessou haver vendido ao moleque por 560 rs., pois que os outros vendem por 480 e 440 rs.

Eis capitão, a verdade descarnadamente.

—Então o tal *um que viu*, nada absolutamente viu, estava de peneira nos olhos.

—Em vista d'isso continúo a pedir a V. E. que chame a attenção do fiscal da Sé para esses cavalheiros de industria!

—Fica em meu cuidado, vá descançado.

—As suas ordens!

—Muxingueiro, si vires por ahi um velho pretinho de opa e estampa de S. Francisco de Paula, traze-o para bordo.

Quero perguntar a esse cangalho, si atraz das portas é que se dá o Santo á beijar.

—E' um descredito para a religião essa alluvião de maltrapilhos pedinchões, que com pé da esmolla introduzem-se nas casas para praticar bandalheiras.

—Ja houve um cachaçudo franciscano, que pedia beijos por S. Francisco onde encontrava moças bonitas.

O devasso tartaruga apezar dos oitenta janeiros que lhe pezam no costado, entende que a capa lhe dá direito para fazer das suas na ladeira da Conceição.

—O Sr. faz-me um favor?

—Pode dizer, Sr.

—Onde é a delegacia da policia?

—Vm. é de fora?

—Moro na capital, meu amigo.

—E como ignora então que a delegacia de policia é por baixo da repartição da mesma, a rua do Bispo?

—Venho de lá mesmo, mas disseram-me que mudou-se!

—Mudou-se-se! Ora está uma com que eu não contava.

—Ha boas duas horas que batto com a cabeça sem acertar.

—Na verdade, esta terra é das macaqueações!

Tão depressa o presidente mudou o recolher para a Graça como si lá estivesse o palacio do governo, que tambem o Dr. Americo carregou com a delegacia para o seu escriptorio.

—Para que ha de ter V. esse genio tão perverso?

Não sabe que é uma malvadez envenenar a criação alheia?

—Sou juiz de *bulha* dos *sanhaços* com alçada sob todas as aves.

—E' mesmo obras de *Pedro* mal-as-artes! Estou vendo que si fosse algum *leitão* seria melhor aproveitado.

—Talvez.

—Pois olhe; o melhor é refrear a sua malevolencia; mesmo para evitar que a cousa se torne peior.

—O *Caboclo* é rapaz de gosto.

—Tem geito para viver.

—No dia em que por aqui passou o duque de Saxe tirou o pé da lama.

Metteu musica no botequim.

—Qual dellas?

—A dos menores.

—Assim é que se inventam cousas.

O Paranhos foi com os seus meninos *tomar alguma cousa*, e mandou a musica bater para mostrar o seu adiantamento e ja V. dizendo que era o Caboclo que tinha musica em casa.

—Não sabia.

Tambem não sei aquelle homem onde ha de levar mais aquella musica.

Até pelos botequins!

—V. gosta de gallinhas gordas?

—Porque pergunta?

Quer me fazer presente de algumas?

—Quero lhe indicar a Fonte de Santo Antonio e dizer-lhe que procure ter amizade com certos moradores que gostam do fazer caçadas nos quintaes alheios, pegando as gallinhas de seus visinhos.

—Doe-lhe as canellas por isso?

—E muito; estou vendo mudar-me para S. *José*, á ver si me escapam uns *pintos*, pois que sendo la os quintaes *quadrados* e murados, estão mais seguros.

—Não precisa, agarre-se com santa *Henriqueta* que é santa que faz milagre.

Illma. Exma. Sra. D. Delphina Maria dos Anjos.—Havendo pessoas minhas desaffectas espalhado, com o fim de desconsiderar-me, que eu nasci escravo; vou pedir-lhe que me declare ao pé desta, si é verdade que eu fui nascido em sua casa e em que condicções. V. Ex. me permittirá que eu faça de sua esposta o uso que me convier.

Bahia 20 de agosto de 1869.

Faustino de Oliveira Costa.

O Sr. Faustino de Oliveira Costa nasceu e criou-se em minha casa, mais não escravo, o que não só affirmo, como sabem muitas pessoas. Bahia 20 de agosto de 1869.

Delphina Maria dos Anjos.

—Capitão, cheguei.

—E a barca no Rio.

—E trago carga pesada.

—Um fardo inutil e avariado; fica muito bem atirado no fundo do mar.

—Aqui tem este tratante, refinado velhaco, capaz de enganar o sol antes de nascer.

—Ha figuras que, á primeira vista, dizem logo quem são; a deste patife é uma dellas.

—Não está vendo menos que um ladrão; o mais audaz da quadrilha do *Caes Douro*.

—Podia tirar o diploma de chefe.

—V. Ex. não se engana, porque realmente elle é o chefe.

—Vamos aviar o bicho.

Primeiro que tudo, um par de machos aos pés, e gargalheira ao pescoço.

—E como introdução umas cem calabrotadas, não será bom, capitão?

—Antes da culpa formada?

—Para elle conhecer logo o regimen de bordo.

—Pois seja assim.

O' Muxingueiro!

—Prompto.

—Mette mãos á obra, semeia umas cem por conta no costado deste quadrilheiro.

—Obrigado, capitão; eu estava mesmo aborrecido á falta do que fazer.

Vira as costas, cão rafeiro!

«—Perdão, por quem é, capitão.

—Este tribunal é inexoravel com os ladrões; estão dadas as ordens, executa, muxingeiro!

—E' ja, capitão.

Lepo!...

«—Ai!... ui!... pelo amor de Deus!...

—Toma *palitana*, bruto!

Uacho!...

«—Valha-me a intercessão de Santo *Antonio*, soccorra-me o inclyto S. *José*.

—Toma!

«—Quem me vale!... oi!... oi!... devagar, Sr. muxingueiro.

Maldicta hora em que a pata de minha mãe me poz entre moitas de *silvas*, como parem as vaccas em *Braga*, para vir hoje aqui soffrer tão duros transes.

—Quando fazes teus gamados, não te lembras que mais cedo ou mais tarde has de cahir na infallivel justiça do capitão do *Alabama*?

«—Si o crime é roubar... ui!... ui!... não dê mais deste lado... rouba muita gente de gravata lavada.

—E tu queres imitar os de gravata lavada?

—E si eu não fizesse assim, meu capitão, eu lhe confesso, apezar das dores que estou soffrendo, não tinha hoje meus cobrinhos avantajados!

—Que cousa sem pudor! Apanhando e sem pejo fazendo alarde dos crimes!...

Completou as cem, muxingueiro?

—Ja, continuo?

—Basta por em quanto.

—Ai, meu Deus! ui!... não me valeu a pelle encascorada que tenho, o Sr. muxingeiro tem força de gigante.

.....

—Agora, vamos a biographia deste salteador.

—Sr. capitão, me dá licença?

—O que queres?

—Tenho reflexionado que não devo soffrer só.

—Queres então denunciar teus cumplices?

—Contarei si V. Ex. permittir, a vida de certos patifes, que tem inteira analogia com a minha.

—Mas o que é que pretendes contar?

—Por exemplo, narrarei os episodios da vida de um velhaquete, caxeiro que foi de *hotel* que recebia todas as *nações*; apresentarei um calendario de roubos e alicantinas, as empalmações que esse ladravaz pregava nos freguezes e no patrão, e por fim de contas, o motivo de tal milafre sahir do *hotel*.

Depois passarei aos *altos feitos* de um personagem, um sujeito á laia de rato de armazem, esclarecerei, com fiel minuciosidade, a historia de uma tratantada, que ia dando com o cujo na ratoeira. Mas como o diabo sempre protege os que lhe pertencem, elle teve tempo de amolar as canellas até a Armação.

Entrarei em seguida no fundo da vida de um taverneiro seboso e porco no corpo, unhas com parecença de ave de rapina e gestos de faccinora.

Ha na vida deste bargante um capitulo importantissimo, que vem a ser o negocio do roubo de uma porção de zinco, em grande quantidade, que elle comprou a um saverista.

Aqui cabe um addendo.

Estes roubos são comprados aos enforcados e vendidos aos necessitados. Isto é, o que vale cem, elle da vinte.

—Entendo.

—E desta sorte, com qualquer bagatella, elle fica com objectos que lhe dão grande lucro ao depois.

—Assim como o negocio do zinco.

—O negocio do zinco teve seus *quês*.

—Sahiu-se mal?

—O diabo dessa vez abandonou-o e elle espirrou p'ra alli *tin-tim* por *tin-tim*, para não fazer morada na casa de cachorro.

Terminando essa historia, que ha de ser bem cumprida, entrarei em outra, cujas phases são bem interessantes.

—Queres então fazer como a escrava que, para abrandar a cholera do sultão, foi lhe contando historias *mil e uma noites*?

Mas, emfim.... como promettes descobrir tantas melgueiras, va.

A outra historia, qual é?

—E' nada menos a historia de outro taverneiro, astuto que uma rapoza não o vence; uma especie de noctivago.

Este morcego é o proprio que conduz os roubos dos depositos para sua posilga.

Em certa occasião foi, alta noite, grudado quaddo ia atravancado com quatro mantas de carne a cabeça!

Era o terceiro ou quarto caminho que dava quando foi filado.

Os soldados, de *judeus*, deram lhe justamente o officio que lhe cabia, o de cangueiro!

Obrigaram-no a carregar a carne até a correcção.

—Que ladrão descarado!

—Este facto, como o do zinco, supponho, existem nos assentamentos do carcereiro. V. Ex. fará bem mandando-os vir, para provar minha verdade.

—Vou mandar informar ao Custodio.

—Finda esta, si V. Ex. estiver disposto, hade de ouvir a de um gutuno, terror dos armazenistas e trapicheiros, pela ousadia e destreza que desenvolve para arrombar um trapiche e a tenaz actividade que emprega nos roubos de assucar e algodão, *cinzando* a mais severa vigilancia.

Nesta tratantada entram os escravos do finado *José Corta-Unha* de *Guimarães*, comparsas inseparaveis deste novo Lucas da Feira.

V. Ex. ha de conhecer que ha quem esteja soffrendo innocente, em quanto o verdadeiro criminoso anda impune, e para cumulo de iniquidade é elle o proprio que fornece accusações contra suas victimas.

Este indomito salteador, principal cabeça de um arrombamento, que não ha muito se deu em Latronopolis, carregou a culpa sobre pobre miseraveis que não tem onde cahirem mortos, poz-se fora da raseada e anda *fanfando*.

(*Continua.*)

FESTIVIDADE

POR OCCASIÃO DA CHEGADA DE S. M. SATANAZ.

Meia noite soou na floresta,
No relogio do sino de pau;
E a velhinha rainha da festa,
Assentou-se n'um grande giráu.

Junto della um *vermelho* diabo
Que sahira do antro das tocas,
Pendurado n'um pau, pelo rabo,
No borralho torrava pipocas.

Taturana, (uma bruxa amarella)
Resmungando com ar carrancudo,
Se occupava em fregir na panella
Um menino com tripas e tudo.

Gitirana, com todo o socego,
A caldeira da sôpa adubava
Com o sangue d'um velho morcego,
Que ali mesmo com as unhas sangrava.

E a velhinha com as mãos reseguidas
O signal por tres vezes foi dando,
A cohorte das almas perdidas
Desta sorte foi toda chamando;

«Vinde filhas do ôco do pau,
Lagartinhas do rabo vermelho;
Vinde, vinde, tocar marimbau,
Que hoje é dia de grande apparelho.

«Gallo preto da torre da morte
Que te aninhas em leito de brazas,
Vinde um pouco alliviar-vos da sorte,
Vinde em torno arrastando as azas.»

Mil duendes dos antros sahiram,
Batucando e tocando matraca,
E mil bruchas uivando surgiam
Cavalgando cumpridas estacas.

Tres diabos vestidos de roxo,
Se assentaram ao pé da rainha,
E um delles que tinha o pé coxo,
Começou a tocar campainha.

Campainha que toca, é caveira,
Com badalo de unha de burro,
Que no meio da treva agoureira
Vae fazendo medonho sussurro.

Capetinhas trepados nos gallhos
E de rabo enrolado no pau,
Uns agitam sonoros chocalhos,
Outros põe-se a tocar marimbau.

Crocodilo roncava no papo,
Com ruido de grande fragor;
E na inchada barriga de um sapo
Esqueleto tocava tambor.

Da carcaça de secca defunta
E das tripas de um velho barão,
Uma bruxa, engenhosa e bestunta,
Armou logo feroz rabecão.

Já resoam timbales e rufos,
Ferve a dança e o caterité,
Taturana batendo os adufos,
Sapateia cantando—olelé!

Gitirana bruxinha tarasca,
Arranhando fanhosa bandurra,
Com tremenda umbigada descasca
A barriga de um velho caturra.

O caturra era um velho papudo
Com dous chifres vermelhos na testa,
Era elle a despeito de tudo,
O rapaz mais patuseo da festa.

A um grito rouquenho do rei,
Acabou-se a festança infernal;
—Aos antros todos! volver!
Disse a velha em seu tom magestal.

E sumiram-se pela floresta,
Cada qual procurando seus fócos
E de braço os *taes reis* dessa festa,
Atraz foram dançando de socos.

VARIEDADES

UMA VINGANÇA.

Era a mulher de D. Miguel moça e formosa, e vivia em companhia de um seu cunhado, que era solteiro e pupillo. A formosura da cunhada prendeu tanto o coração do mancebo que, rompendo respeitos humanos, a reduziu a sua vontade. Porém esse crime foi tão pouco escondido, que teu fé uma criada, a qual participou ao marido. Este poz-se em cautella, sorprendeu-os, e arrancando o punhal para os matar, apenas levemente os feriu e fugiram. Foi tamanha a paixão da offensa recebida, que, pondo-se a pista do irmão e da mulher fugitiva, os queria matar fosse como fosse, e sabendo o irmão que elle jurara a sua morte, escondeu-se por tal modo, que por muitos annos mallogrou os seus intentos, e D. Miguel desesperado por não se poder vingar quasi que morre.

No entanto chegou o jubileu do anno de 1500, e na terra em que estava D. Miguel fizeram-se procissões, penitencias, predicas pelos crimes commettidos, e muitos odios se apagaram de parte a parte, e congraçaram-se muitas pessoas e D. Miguel mostrou-se disposto a esquecer todo o rancor, e voltar-se as cousas de Deus. E o irmão por mais protestos que elle fazia não o acreditava, e no fim do anno santo resolveu-se D. Miguel, depois de o ter consumido em penitencias, a deixar o mundo completamente, e fez-se noviço em um convento de frades descalsos, e, feito o noviciado, pronunciou os votos solemnes. Mandado pelos superiores em diversas partes da Hespanha, e tendo ido a Roma estudar theologia, tornou-se doutor afamado, e, voltando á patria com perfume de santidade, os religiosos conferiram-lhe o sacerdocio. Disse a missa nova com aquella pompa e frequencia de povo, amigos e parentes do costume, e acabando a missa, e voltando á sachristia poz-se (tal é o costume) com a casula aos hombros e vinham os parentes successivamente beijar-lhe as mãos e abraçal-o.

Antes disso, todas as vezes que póde lastimava o odio nutrido tantos annos contra o seu irmão, e muitas vezes dizia que o seu maior desejo era alcançar inteiro esquecimento do passado, e, como servo do Senhor, humilhar-se primeiro. Nesta occasião solemne, apertado pelas suplicas dos parentes, emfim resolveu-se o irmão a vir com elles, e quando chegou a sua presença, e começava a fallar-lhe modestamente, e no momento em que o sacerdote o apertava nos braços, a cabeça abaixou-se, os joelhos tremeram, cahiu por terra dando um grande suspiro, e o sacerdote brandiu no ar um punhalsinho subtil que n'aquelle abraço lhe tinha enterrado no coração, beijou a lamina ensanguentada, calcou aos pés o cadaver, e disse;

«Emfim alcancei-te!» e desappareceu.

M. D'AZEGLIO

Uma viuva escrevendo uma longa carta a uma sua amiga, acrescentou no fim em post-scripto:—Esquecia-me de dizer-vos, meu marido morreu hontem.

Estando os juizes de um tribunal para sentenciar um grande criminoso, o relator depois da leitura do processo exclamou:—Qual será o castigo digno de semelhante delinquente? A morte é pouco. Converia fazer-lhe passar toda a vida em continuo tormento.—Então cazemol-o, respondeu o presidente.

Uma senhora de distincção reprehendia seu filho pequeno do seu acanhamento deante das visitas, e lhe recommendava que cumprimentasse a todos.

—E o que lhe hei de eu dizer? replicou o pequeno.

—Perguntar-lhes pela saude das mulheres e filhos, que isso é o costume de todos.

O menino decorou bem a lição: e como sucedesse que a primeira visita que veio foi o parocho da freguezia, chegou-se o pequeno a elle, e perguntou-lhe pela saude da mulher e dos filhos. Este comprimento desconcertou um pouco a gravidade do parocho, o qual todavia replicou:

—Que diz, meu menino? Pois os padres tem mulheres e filhos?

O pequeno atrapalhado 'pela replica', acrescentou promptamente:

—*Isso é o custume de todos*, que assim m'o disse a mamãi.

ENIGMAS.

Sou agradavel, sou pura,
Nada tenho de fingida,
Sou alimento da vida
Para toda creatura;
Sou tambem na agricultura
Quem as plantas dá vigor;
Faço o vegetal dar flor,
E' vir o fructo abundante,
Concorro quasi incessante
Em favor do lavrador.

A solidão serve de alivio ás almas apaixonadas.

As perseguições no mundo são para os sabios, e não para os tolos.

É mais temivel do fraco a traição, que do forte a valentia.

UMA BOA LECÇÃO

Um facto que não deixa de ter seu interesse, diz um jornal, nos é assim contado pelo *Estandard*, e nós o contamos por nossa vez, não somente a nossos padeiros, mas tambem a todos aquelles que vendem por peso.

Eil-o:

Um marcineiro tendo uma molestia que o impedira de trabalhar por algum tempo, individou-se com o padeiro em umas duas duzias de vintens pouco mais ou menos.

Tendo pago sempre à vista, admirou-se que o padeiro recuzasse fiar-lhe um dia o seu pão [illegible] dous kilogrammos, sob pena de augmentar a conta que ja estava crescida.

—Esteja certo, disse o marcineiro, que d'aqui tres dias começo a trabalhar, e em recebendo a quinzena dar-lhe-hei o que puder por conta.

—A quadra è má, replica o padeiro. E' necessario que Vm. pague à vista tudo quanto comprar de hoje em diante.

O pobre mecanico tirou seu unico dinheiro e pagou o pão; mas d'ahi á uma hora volta á padaria munido de um papel.

O padeiro, supondo que elle vinha pagar lhe o atrasado, apparenta, como è costume, todo o desinteresse.

—Ora Sr. B. para que se incommodou? Não era preciso essa pressa! Bastava amanhan!...

—Perdão, responde B. temos que ajustar contas.

—Pois ja que assim quer, vamos a isso.

—Eis-aqui, acabo de mandar pesar o pão que vendeu; pedi a tres pessoas de criterio, estabelecidas, quecertificassem este meu acto, e foi verificado, que faltava cem gramas no peso; tenho de tudo isto uma authentica nos termos da lei. Ora, ha cerca de dez annos que Vm. é meu fornecedor de pão, e como é muito provavel que tenha havido a mesma differença nesseperiodo, avalio o meu prejuizo em 100$ reis, conta redonda. Pague-se e passe para ca o restante, quanto antes; pois a quadra é mà, Caso não esteja por isto, eu vou d'aqui ja á autoridade competente, e então veremos quem tem garrafas vazias para vender.

Depois de longa discussão, o padeiro, para evitar algum inquerito em que elle se sahiria mal, esteve por tudo quanto o marcineiro exigiu, pedindo somente que lhe desse o compromettedor certificado.

EPIGRAMMA.

Homem de genio impaciente,
Tendo uma dor infernal,
Pedia, para matar-se,
Um veneno ou um punhal.

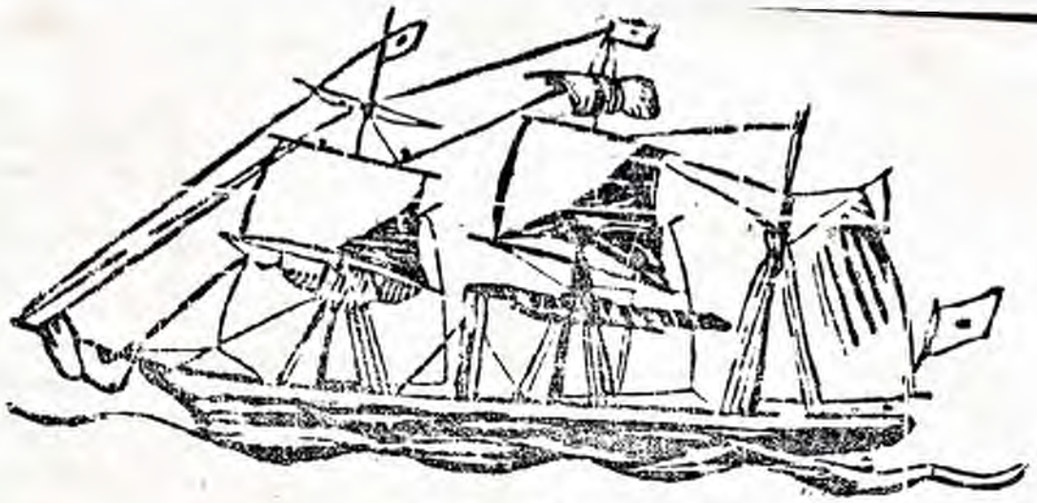
Não, (lhe disse um seu visinho,
Velho que pensava bem,)
Não ha veneno nem punhal,
Mais o medico ahi vem.

Para curar febres podres,
Um doutor se foi chamar,
O qual, feitas as cerimonias,
Começou a receitar.

A cada penada sua,
O doente arranca um ai!
Não se assuste, diz o medico,
Inda desta vez não vae.

Ai, senhor, torna o coitado,
Como quem seu fado espreita,
Da molestia não me assusto
Mas me assusto da receita.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 35
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 25 DE AGOSTO DE 1869. N. 542

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pondo debaixo de suas vistas um africano agregado á companhia do olho-vivo, o qual desempenha nella o papel de *explorador* e serve de intermediario para com os de sua nação, a quem conduz para certa casa á ladeira de S. Miguel, ponto da companhia onde são os ditos africanos despojados do que levam por meio de advinhações artificiosas de dedaes e cartas. O referido africano é o mesmo que ja teve a astucia de vender um barril com areia por manteiga, cobrindo apenas a superficie do mesmo com esse genero para illudir ao comprador, ao qual, seja dito de passagem, foi bem castigado com o logro, para não gostar de comprar roubos.

Espera-se que ainda esta vez S. S. justificará a sua reconhecida actividade.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que tenha em vista o que allegam diversos moradores da rua do Saboeiro contra o pessimo costume do visinho do primeiro andar da *primeira* casa, o qual faz do quintal commua, e sem cerimonia atira pelas janellas o que não pode ter em casa guardado, pelo que deve ser admoestado a não continuar, assim como obrigado a limpar o dito quintal, para que seus visinhos não continuem a soffrer tão penivel incommodo. Cumpra.

—V. conhece o Gaudencio?

—Pelo nome não.

—Um velho policial, que anda ás ordens do inspector da saude.

—Sim, sim, ja sei. Gosto até delle.

—Pois, coitado, no sabbado quasi fica esmirrado na ladeira do Taboão.

—Por que forma, homem?

—Pelo adoudamento de um carroceiro, que entalou-o entre a parede da casa onde tem loja o Angelo de Andrade e as rodas do carro.

—Parece que é mal sem cura. Por mais que se clame contra o pouco cuidado dos carroceiros, os casos desagradaveis vão se dando!

—Atraz dos apedrejados correm as pedras.

As agoas do Queimado diminuem; fecham-se os chafarizes, supprimem-se as pennas d'agoa e o povo sofre, como quebra de tantas mortificações, mais esta difficuldade!

—E' uma das cousas que me faz andar a cabeça a roda!

Tem havido verões rigorosos, houve a calamitosa secca de 1860, ainda o anno passado o inverno foi esquivo e as agoas do Queimado não baixaram, ou ao menos não foi preciso lançar mão de meios extraordinarios.

Esto anno, em que o inverno embora não tenha sido regular, não tem de todo se mostra-

do escasso; em quotem chovido mais ou menos, em que nos mezes de junho e julho houveram chuvas abundantes, os diques da companhia do Queimado sentem falta sensivel d'agoa!

—E' difficil de encasquestar!

—A voz publica vae explicando a cousa de maneira a crer que a carencia das agoas não é devida a causas naturaes.

—Ha quem affirme que foi uma evasiva da empreza para acabar com as pennas d'agoa particulares, que lhe distrahiam do bolso uns 40:000$ rs. annuaes.

—E ha logo quem aponte a casa do Sr. Fulano ou Sicrano que continuam a ser abastecidas pelas taes pennas.

—Os mais maliciosos commentam a cousa por outra forma.

—E o povo soffre, alem do augmento de preço, a demora, pois que as pretas habituadas a carregarem no chafariz, preferem esperar uma hora para encher um barril ao irem a qualquer fonte publica.

—Tambem pelo estado dellas!

—O *Jornal* diz que é excellente.

—A Fonte Nova, por exemplo.

—Veja que desespero para o pobre que tem necessidade de sahir pela manhan!

—E que detrimento para os hoteis e estabelecimentos!

—O que será dos pobres doentes da Santa Casa?

Si no tempo da abundancia tinham de ração um caneco d'agoa para o dia e outro para a noite, quanto mais agora!

—No meio desta calamidade, sirva ao menos de consolo a esperança que dá o *Jornal da Bahia* affirmando que a crise *não pode deixar de ser* passageira.

—Terá elle por ventura recebido *inspirações*... do ceu para predizer a marcha dos elementos?

—Assim, meus badernistas!

Quem acha, encaixa.

Graças á benevolencia policial, estão vocês fazendo exercicio equestre nas columnas do gaz.

—Mesmo que as tres da madrugada ja se foram e só os pandegos transitam á estas horas. Ora a policia não é nenhum zumbi para andar vagando.

—Até porque nas noites de sabbado para domingo não convem perturbar a rapazeada em seus *destinos*.

—Estes bigorrilhas não encontram logar que mais lhes quadre para suas barganterias do que a egreja?

—Só á taca semelhante canalha!

—Si estivessem no theatro, parece que se portariam com mais decencia?

—Veja só aquelle desfaçado garoto!

Está quasi deitado sobre a banqueta.

—Ja ouvi um companheiro de debocho chamal-o *Quinquim*.

—Eis aonde a policia fazia bella colheita de moleques de casaca para o exercito.

—Sem respeito dão as costas para o Sacrario e viram se para as moças a dar largas a seus genios essencialmente dissolutos com escandalosas impunidades.

—Os altares servem para descanço dos chapeus e encosto das chibatinhas!

—Não eu que censure mais quando vir separação para homens e mulheres na egreja.

—Olhe com que desgarro está aquelle outro biltre a cheirar um cravo sem tirar olhos daquella moça.

—E aquelle pelintra que se encosta no altar de não se contenta de uma vez por outra bater com a mão nas costas da moça, pede-lhe tambem o leque para se abanar.

—Não se admire que ali está um que *faz vezes de mulher* refrescando-se com o leque que trouxe.

—Eu não saber os nomes de toda esta corja!

—Como é este mundo! Em quanto censuramos os desmandos dos outros, commettemos por nossa vez o peccado da murmuração!

—Pois então retiremo-nos, que eu prometto não vir mais ás novenas em S. Domingos.

—Si policia não quer candomblés, como consente-os em suas barbas?

—Manda os soldados *caçal-os* pelos mattos e permitte-os aqui dentro da cidade, no becco do Açouguinho!

Esta está bem boa!

—Por sete noites ferveu a *brincadeira* em suffragio da alma de *tia Maria*.

—E hoje, segunda feira, principiou desde que appareceu a luz do dia.

—Esta policia tem exquesitices!

—Entende aquelle menino que deve remover parte das telhas que cobrem a torre da Sé, para a praça de D. Izabel.

—Encarapita-se no telhado e vae praticando a operação.

—E nem o podem taxar de occioso, visto que procura alguma cousa que fazer.

—Tambem concordo; a culpa é de quem não o emprega mais utilmente.

RAZÃO

PORQUE SE METTE AS MAMAS NAS BOCCAS DAS CREANÇAS.

Mundus a Domino constitutus est, et autem condito mundo factus est homo; mas. Logo que se foram nove mezes, Eva que, como nós sabemos, estava para ficar por tia, deu á luz sem parteiras, banhos e fomentações de mentrasto, um lindo rapagote que chamou-se Caim, sem ir na pia. Esta creança em uma noite de S. João, sentindo fome começou a chorar; digo mal, berrava tanto, que a pobre mulher chamou Adão que ressonava.

Eva pediu-lhe então que fosse ao paraizo e que de la trouxesse alguma fructinha pequenina e doce para metter na bocca do menino. Porem Adão achando-se so de carapuças e em fraldas de camisa, disse-lhe que receiava ir ao campo com aquella noite, porque podia constipar-se, e, alem disso, sendo rendido, podia-lhe muito bem descer a quebradura; e assim que tapasse com outra cousa a bocca do filhote. Eva tapou então com as mãos, mais os gritos sahiram pelos vãos dos dedos. Tapou com o cobertor, com a colcha de *damasco* e os gritos atravessavam os tecidos de linho. Quiz amarrar a bocca com os cordões da ceroula do marido, foi peior; até que por fim desesperada, unindo-a ao seio, succedeu que a mama esquerda entrasse na bocca do filhinho.

Dito e feito!

Tudo foi silencio.

As grandes, descobertas, leitor, são quasi que todas assim devidas ao accaso. O certo é que as outras mães seguem a receita.

Á PEDIDO

O promettido é devido,
Quem deve tem de pagar,
Eu que lhe fiquei devendo,
A conta venho saldar.

Fallando do Dous de Julho,
Lhe prometti, capitão,
Vendo tudo quanto houvesse
Lhe descrever a funcção.

E' isso, excellentissimo,
Que eu agora vou fazer,
Vou narrar-lhe o que vi,
Sem lhe ficar á dever.

A cousa vem muito tarde;
Dirá vossa excellencia,
Já se publicou no Rio,
A *rocha* correspondencia.

Vou cumprir, meu capitão,
Aquillo que prometti;
Pois no *Jornal do Commercio*
Muitas mentiras eu li.

Foram tres dias de festa,
Tres noites bem concorridas,
Que, por chuva não haver,
Tornaram-se mui luzidas.

Na primeira houve theatro,
Mas eu não fui, capitão,
Preferi somente ir ver
A bella illuminação.

O palanque esteve bello,
Todo illuminado á gaz,
Foi uma festa solemne,
Como ha muito não se faz.

Dizem que o presidente,
P'ra o palanque não quiz dar,
Os retratos de palacio
Só p'ra funcção não brilhar.

Vi somente um apparato
De mais de duzentos guardas,
P'ra abafar revolução
Não precisa tantas fardas.

Não pegam as bixas mais,
Não se presta o povo a nada;
Pois todos tem na memoria
Ainda a sabinada.

O povo quer o trabalho
Para ir ganhar o pão,
Somente especuladores
Sonham com revolução.

Vi um rancho de menores
Do arsenal, passeando,
Atraz ia o director,
Muzica na frente tocando.

Domingo fui assistir
A festa á ordem terceira,
Que n'alguns tempos passados
Nesta terra foi primeira.

Com effeito esteve boa,
A musica excellente,
Pregando o frei Raymundo,
Um sermão optimamente.

Mas as moças para a posse
Não quizeram concorrer,
Entre o *habito* do fradeco
Não foram culto render.

Porem é do compromisso
Da *santa religião*,
Para ganhar indulgencia
Irem beijar o cordão.

Estes frades tem lembranças...
E ha carollas qu'os defendem!!
Encontram nescios, por isso
Tantos embustes nos vendem.

Basta de festa; sigamos
Com a nossa descripção

Acabemos de narrar
Do Dous de Julho a funcção.

O batalhão do Caxias,
Que é nosso veterano,
Não foi muito concorrido
Do nobre povo bahiano.

Tantos *beccorios* que haviam,
E que tanto blasonaram,
Nem se quer o batalhão
Do *duque* acompanharam.

O regimento Argollo,
Talvez pela sympathia
Que inspira esse nome,
Marchou em boa harmonia.

O Minerva, os Lyceistas,
A União Brasileira,
Levavam mui pouca gente
Nesta funcção, á primeira.

E assim foi o caboclo
Com a cabocla ficar
Dentro do seu barracão,
Até que os vão buscar.

Mas antes de terminar
Vou lhe contar, capitão,
Que o Dous de Julho de Brotas
Esteve uma boa funcção.

A policia e oitavo
Foram tocando na frente,
Debaixo mesmo de chuva
Marchava o povo contente.

Ali mais livre é o ar,
Tem-se mais ardor ali,
Por entre as verdes campinas
A liberdade sorri.

Admirei de poetas
Uma chusma recitando,
E sempre no fim da obra
Vivas e mais vivas dando.

Tambem o de Itapagipe,
Atraz não lhe quiz ficar,
Foi um rico Dous de Julho,
Digno de se apreciar.

E aqui eu faço ponto
Nesta minha descripção,
Me aguardando desta vez,
Para outra occasião.

MOTTE.

Casa de rato é buraco

GLOSA.

O boi no açougue é vacca,
Sebo de carne é gordura,
Rasgão em panno é rotura,
Jaqueta d'aba é casaca;
Mãe de saguim é macaca,
Pedaço de pote é caco,
Fumo moido é tabaco,
Perna de porco é presunto,
O homem morto é defunto,
Casa de rato é buraco.

Geraldo Cardoso de Miranda, zelador de S. Francisco de Paula, declara que si deixa estampa a beija atraz da porta, é porque encontrou nella uma preta que andava fugida de casa de seu senhor.

VARIEDADES

Certo homem ao entrar uma noite em sua casa, encontrou no seu quarto a esposa, e com ella um sujeito que elle não conhecia. Então este bom marido diz com bastante doçura á sua mulher: «A que vos espoades, louquinha?! Porque não fecha a porta?! Si um outro, a não ser eu, vos tivesse surprehendido, não tereis que dar a fallar a todo mundo?!... E fechando a porta, deixou-os tranquillos.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 80 e 81 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moido puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude, na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

ATTENÇÃO.

Vende-se uma taverna com todos os utencilios, armação muito nova e com bons commodos, á rua do Tijollo n.º 10 B: quem pretender, dirija-se a mesma venda que achará com quem tratar.

TRAÇOS E SOMBRAS

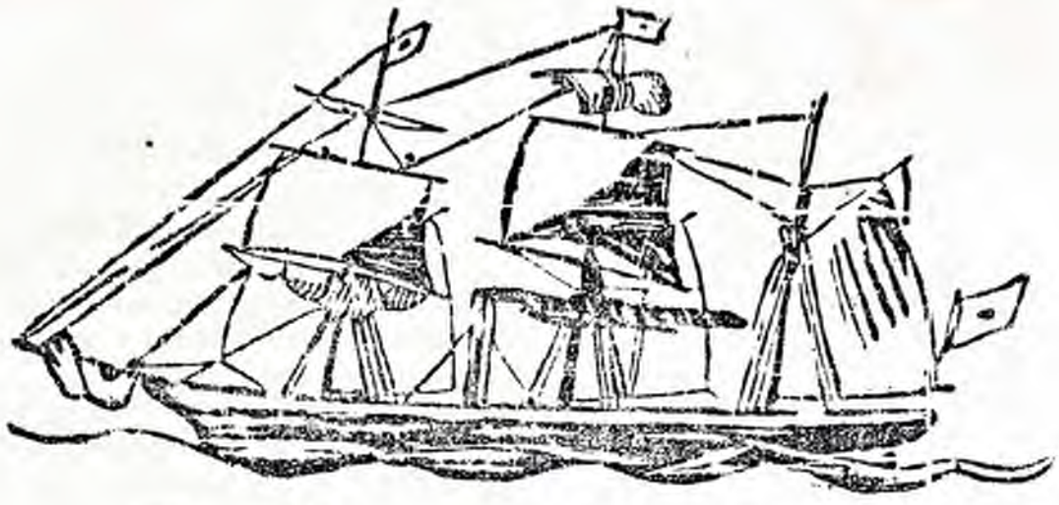
OU PEQUENO ESBOÇO DAS BELLEZAS DA BAHIA.

Poema satyrico por um pintor brasileiro.

Primeiro quadro.

Acha-se a venda, pelo preço de mil reis cada exemplar, em casa dos Srs:
Catilina, á rua Nova do Commercio n. 11.
F. Queirolo, idem idem, n. 21.
Firmino, rua direita de Palacio n. 39.
Laurentino, idem idem, n. 41.
Ludovico, Atraz da Sé n. 16.

Typ. de Marques, Aristides



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. **Serie 55**
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 28 DE AGOSTO DE 1869. Ns. 543 e 544.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que mande chamar as moradoras do 1.º e 2.º andar do sobrado n.º 12, a ladeira da Misericordia, as quaes vivem constantemente em sambas e algazarras, o que bastante incommoda os moradores visinhos. Uma destas noites houve nesse sobrado um *sarceiro* de capadocios, que ahi se reunem, que por milagre de Deus não houveram mortes, em resultado das cacetadas que rolaram. Espera-se que S. S energico como é, dê promptas providencias, que ponham cobro a essas destabanadas mulheres.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que se dirija ao Porto do Bomfim e procure um Sr. Macedo, velho ja tocando a babaquara, e diga-lhe que é em extremo a indignação da visinhança que lhe fica fronteira em consequencia da pouca vergonha com que se porta uma parda sua escrava, que toma conta da casa com um escravo do finado major Manoel Caetano, advertindo-o de que no caso de que não tenha a necessaria força para fazer conter essa libertina em seus desvios, a deverá remetter para bordo onde so lhe applicará o conveniente correctivo. Cumpra.

—Ha sarceiro na Estrada Nova.

—Eu lhe conto o que é.

Aquelle marreco é professor publico e tenente da guarda nacional; as duas horas, foi á uma preta em Santa Barbara, comprou diversos generos e impingiu-lhe uma nota de duzentos mil reis, sem valor, uma estampa recolhida ha mais de dez annos. Recebeu troco e se havia de empinar-se ahi por Santo Amaro de Ipitanga a fora, ficou na cidade até á tarde A Maria, tal é o nome da lesada, deu pelo logro e foi-lhe ao encalço.

O cujo sendo encontrado no Taboão largou-se a correr; porem meninos é gente de quem o proprio diabo se teme, pozeram-se nas pegadas do cujo e pegaram-no.

—Que vergonha!

—O cujo vendo-se em apertos entregou 50$ reis que ainda tinha, deu um capote que levava por conta, obrigou-se a entregar uma peça de madastro, e um homem, que assistiu ao negocio, coberto de pejo, responsabelisou-se pelo dinheiro que faltava.

—E' o que se pode chamar um mestre modelo, um educador que deve dar lecções mui proveitosas a mocidade.

—A vista do que, veja si é capaz de negar que o olho vivo está dissiminado por todas as classes.

—As agoas do Queimado estão miraculosamente crescendo.

Amanhan ou depois, abrir-se-hão mais cha-

farizes, por terem subido as agoas, annuncia o *Jornal da Bahia*.

—Dar-se-ha que o Sr. Paulo Pereira Monteiro tenha adquirido para as suas agoas o dom prodigioso da fonte milagrosa do Caldas Cariri?

—Cousa assombrosa! Com a mesma singularidade com que diminuiram de chofre de um dia para outro, eil-as que começam ellas a crescer em menos de oito dias, sem que a estação soffresse a menor alteração em sua marcha!

—Andaria por lá a varinha de Moysés?

—Emfim... queira Deus arredar este impecilio que veio exclusivamente sobre a empreza do Queimado, para que o publico não continue a ser o bode expiatorio.

—Ja soube que houve um rapto e defloramento?

—Agora é que estou sabendo.

—Deu-se no districto dos Mares.

A raptada foi encontrada em casa do raptor.

—Que naturalmente deve estar em calças pardas.

A policia actual tem se mostrado rispida com os seductores.

—Pelo contrario, anda fanfando na rua.

—Não gosto disso. Santo para uns, diabo para outros.

—O Sr. Victorino Sepra Nogueira, morador ao Engenho da Conceição e pae da deflorada, dando por falta da filha, recorreu ao subdelegado, o qual cercou a casa de Antonio Cardoso Burgos, tenente do 8.° batalhão da guarda nacional, onde foi ella encontrada.

Mas não sei de que forma arranjou-se os molhos que o bom do homem anda frescando!

—Porem a moça é menor?

—De 16 annos.

—E' incomprehensivel semelhante controversia!

A lei é uma so, e cada authoridade a amolga a seu geito.

Em quanto o subdelegado de Santa Anna assenta que Virissimo Vicente da Silva deve cazar com uma moça de 26 annos, que se diz por elle deshonrada, ou ser recrutado, o dos Mares entende que o Sr. tenente Burgos está no seu direito levando para casa uma menina de 16 annos e passando com ella a noite, podendo no outro dia mostrar-se impavido na rua?

—Mas é que todos reconhecem no Sr. Burgos uma qualidade especial.

E' homem dos extremos... ou galanteia as viuvas, ou seduz as donzellas.

—Misericordia! Por tal forma aquelle homem mata o outro!

—Ambos desembarcaram de um saveiro e pegaram-se.

—Dar assim, so para matar.

—Sem receio da guarda do Commercio aqui tão perto do caes!

—E' bem criminoso o procedimento do saveirista por trazer á terra dous homens com o fim de espedaçarem-se.

—Acrescente que depois de 11 horas da noite, em que é prohibido atracar saveiros ao caes.

—O que vale é que aquelle outro saveirista que acaba de desembarcar uns pretos que estiveram trabalhando no vapor do Benn, esforça-se para alliviar o que está por baixo do peso dos herculeos pés do furibundo aggressor.

—Com tudo acceite uma observação.

—Qual é?

—Que não é nada lisongeiro o estado de segurança n'uma cidade onde se espanca tão brutalmente nas ruas publicas.

—Capitão, eis aqui um *equivoco* bem singular!

—Algum engano leonino, alguma partilha de Caim?

—Uma estrovenga, que si não for bem ventilada, pode redundar em prejuizo da liberdade individual.

—Troque-me isso em moeda corrente.

—O africano Urbano, escravo da companhia das alvarengas, um negro moço e robusto, tendo dinheiro para sua liberdade, mandou por um seu conterraneo, Adão Cyriaco, saber do Sr. Manuel Gonsalves da Costa, gerente da dita companhia, o preço por que poderia desembaraçar-se dos grilhões do captiveiro, e o Sr. Manuel Gonsalves affixou a liberdade do africano em 1:500$ rs., quantia que recebeu e deu recibo.

—Até aqui as cousas marcham em sua ordem natural.

—Acontece que o Sr. Manuel Gonsalves tem um escravo de *sua propriedade*, tambem de nome Urbano, um preto velho.

Passada a carta e entregue a Adão, tratou este immediatamente de registral-a em notas; mas quando foi no acto de dar-se baixa na capitania do porto, visto que o preto era embarcadiço, reconheceu-se, pelos signaes que o Sr. Manuel Gonsalves trocara as bolas. Isto é, por algum *descuido* involuntario, passou a carta ao seu escravo velho Urbano, deixando captivo o Urbano, moço da companhia.

—São enganos que não me servem.

—O caso foi levado a alçada da policia.

—E por tanto vamos a esperar pelo que surge.

—Lê-se na *Opinião Liberal* de 31 do passado:

«IDADE DE OURO.

«—As noticias da guerra reduzem-se a bailes, jantares, theatros, passeios, revistas e-- musicos vestidos a capricho.

« Aqui o Sr. Itaborahy entretem os amigos com os seus invariaveis bailes sabbatinos, ao som da musica de menores do arsenal e o Sr. Muritiba dá bailes em outro dia da semana. Finalmente, para completar a geral satisfação, o Sr. D. Pedro II deu hontem nos paços de S. Christovão um esplendido baile, no qual expandiu-se em regozijo e amabilidades com as suas camaras e grandes de sua côrte, tomando nelle parte as celebridades estrangeiras.

« São passatempos a Luiz XIV.

« E este povo de pobretões a queixar-se que estamos em epocha de privações e calamidades! Insolencia!

« Paga os impostos! Que maior felicidade queres do que contemplar os regios passatempos das côrtes de Pirajá e Rio de Janeiro?»

—Si a policia podesse se distrahir um pouco de seus arduos affazeres e lhe sobrasse tempo para estender a vista até o largo do Theatro teria que mirar-se naquelle bonito quadro!

—Arre! parece que a casa vem a baixo!

—São seis a oito individuos que sahem de cacete sobre um.

—E ha um que traz enferrujada bayoneta n'um páu para sangrar o contendor.

—E va ver que o motivo daquelle berreiro é alguma cousa bem simples.

—*Algum jogo*... de palavra, sem duvida.

—Que em todo caso é negocio em que a policia se devia metter se não andasse ata refada em negocios mais serios,

---

—Ora forte estupidez!

—Com quem falla V?

—Com certos mestres cuja crassa ignorancia ou brutalidade os encasqueta de que a força de castigos rigorosos conseguirão fazer que os discipulos comprehendam o que lhes ensina.

—Quod natura et dare et negare potest.

—Da laia destes é um Sr, Romão marceneiro, ao Taboão, um homemzarrão, que assenta de dar em um discipulo como se o miserando não fosse formado de carne e osso.

—O que não se consegue com docilidade, menos com rigor.

—Um dia destes o desalmado atirou em corpo e alma o menino ao chão e montou aquelle corpanzil sobre elle, dando-lhe de tal sorte que a pobre victima dava signal de vida apenas pelos gemidos abafados.

—Eis um thug perfeito.

—O verdugo foi preso e solto immediatamente com a escapatoria de que procedia tão brutalmente por ordem do senhor do aprendiz.

—E' atrocidade inaudita! O individuo nenhuma culpa tem de que a natureza seja mesquinha com elle negando-lhe os dotes da comprehensão.

—Porem os brutos entendem que podem constranger as vocações, torturar a intelligencia!

—Si elles encontrassem repressão não seriam tão deshumanos.

—Capitão, ouça um pedacinho de ouro.

—O que é isso?

—Um trecho do discurso do senador Zacharias, na discussão de fixação de forças: versa sobre a legitimidade do governo provisorio estabelecido no Paraguay.

«Disse S. Ex. que, desde que organisou se em Assumpção um governo beira-rio, Lopez deixou de ser nas cordilheiras governo legitimo. A isto responde: Si é assim, mande o governo acabar a guerra, porque o direita internacional so reconhece guerra de potencia a potencia e não de potencia a subdito de outra nação, embora este tenha alguma força de que disponha para incommodar o governo legitimo do paiz. Guerra, quer dizer luta por meio da força entre potencia e potencia, e não entre uma potencia e subditos de outra potencia.

Quando o mal que vem a uma nação é causado por um subdito de outra, o governo offendido dirige-se, não ao offensor, mas ao governo a quem pertence o rebelde e pede satisfação: si o governo tem força, repelle, constrange ao dever o subdito rebelde, si não tem força para compellir a obdiencia o rebelde, o offendido toma vingança por suas mãos prescindindo do concurso do governo, que em tal caso mostra-se impotente.

A logica manda, portanto, que o nobre ministro, desde que proclama a legitimidade do governo paraguayo de Assumpção, dê por finda a guerra contra Lopez. Não ha guerra contra um cidadão que rebellou-se, que não obedece ao governo legitimo do paiz. São questões muito importantes e por isso não se devem aventar a esmo. A guerra que fazemos a Lopez é muito legitima, porque é o chefe de uma potencia; mas, si o governo declara que Lopez deixou de ser o chefe dessa potencia, se reconhece em Assumpção um *governicho* revestido de soberania, então entenda-se com este, e despreze o rebelde. Mas esse rebelde é tudo, é forte, impõe respeito; logo, tal governicho é nada, é sombra de governo, nada mais.»

O VERBO SURRIPIO.

N'um tempo em que tudo se tem visto não será muito que o verbo *surripio* tambem faça um artigo de gazeta, mas para seguir uma regra comecemos pelos grandes e somente fallemos d'aquelles que habitam o nosso paiz.

Antigamente aquelles que occupavam os altos cargos serviam longos annos e morriam na pobreza; taes foram os Andradas, visconde de Cairú e outros; porem hoje serve até de pasmo, ver os servidores do estado quando apraz ao Creador atirar-lhes com a vida nos estrepitosos abysmos da eternidade, com deixam no mundo um sem numeros de contos.

Nunca tiveram herança, não tiraram sortes grandes, eis por tanto um enigma e este enigma uma só palavra o decifra—Surripuerunt.

Admira-se de certos vestidores de beca o extraordinario tractamento que os tentam! Não cazaram com viuva rica, não sonharam com panella de dinheiro, e aonde acharam tanta opulencia?

Não nos esqueça dizer que uma nova forma de conjugar-se este bom verbo ja foi descoberta e vem a ser as apostas.

Vê-se um grande numero de estrangeiros com immensa riqueza, procure-se saber quaes são os meios porque conseguiram tão excellentes resultados e saber-se-ha, que pertencem a illustre sociedade propagadora da moeda falsa e para que todos saibam que são optimos conjugadores do verbo *surripio* trazem ao pescoço uma cruz, mas não entenda alguem que esta cruz é semelhante áquella que trazem os negros fugidos, ainda que muitos com elles se pareçam.

Entremos pelo fôro e acharemos ahi uma eschola de habeis aprendizes onde cada qual é mais distincto na conjugação do referido verbo do novo methodo do interesse pessoal, com preferencia sempre nos tempos presentes e desde o canal que se procura até a ultima instancia.

Apparece um grande capitalista, chamamol-o logo ao tribunal da nossa curiosidade a sabermos a origem do seu capital e depois de replica e treplica sahe absolvido o homem, porque não teve crime—*surripuit*.

Olham-se muitos vigarios sustentarem grandissimo luxo não só comsigo, como com a reverendissima familia; a congrua, dizem os intromettidos, é pequena, para nada chega, de onde é que elle tira? Tambem conjuga o verbo com sua differença que os outros *surripiam* dos vivos e pelos vivos e elles surripientes *mortuorum* e n'este surripientes entram tambem os homens que se alegram com a morte dos outros: armadores, musicos e ceroeiros.

Figurões ha que vivem do surripio nas cartas, mas d'elles nada por ora dizemos porque lhe preparamos um artigo.

Ha outros que o fazem nos seus subditos. Aqui os nossos leitores perguntarão talvez onde está o exemplo? Respondemos nós, alguns commandantes da guarda nacional que são o agente do verbo surripio. Mas como e em que? dirão ainda. Nas propostas que fazem, nos contribuintes da musica e nos outros accusativos continuados e de referencia no sobredito verbo.

Nem fique no esquecimento aquelles que aprenderam-o com o mestre Hypocrates, os quaes muitas vezes estão matando e conjugando o verbo; nem tão poucos aquelles que vendem palavras e que de penna na mão bem desempenham seu papel declinado, por escripta o amavel sorripio. Vão tambem aqui as harpyas dos cofre publicos apezar que d'ellas nada é mais preciso dizer-se; recebam a parte que lhes toca.

Os thesoureiros de muitas irmandades que sem terem receios surripiam as cousas sagradas e nem ha outro modo com que se possa explicar o grande numero de candidatos que aspiram a estes logares; porem nem todos conjugam com destresa o verbo de que se falla, e d'aqui vem occuparem uns grandes cargos na sociedade e outros gemerem nas prisões, estes recebem o castigo de sua molleza, aquelles á corôa de seus esforços, e na verdade n'uma escola, ainda que todos queiram ser bons estudantes, a natureza não dá a mesma capacidade a todos; concluimos pois o nosso artigo depois que surripiemos o tempo a quem o lêu e posto que não personalisamos a ninguem, com tudo das carapuças, que ahi ficam talhadas cada um se sirva conforme sua cabeça e para não deixarmos de citar algum auctor, como é uso agora, terminamos dizendo, com um sabio e eloquente orador, que este mundo é um covil de ratos.

Á PEDIDO

—Capitão, sempre que o funccionario publico, no desempenho de seus deveres se torna credor, de elogios parece que não se lhe faz nada de mais prestando a homenagem devida.

—E' uma verdade incontestavel.

—O Sr. alferes Marinho, commandante do destacamento do Pilar, pela moderação e prudencia com que se tem guiado na commissão de que está incumbido torna-se digno de encomios.

—São maneiras de pensar, outros dirão o contrario.

—A par da energia, quando é preciso lançar mão della para fazer respeitar a ordem, emprega a brandura acommodando e aconselhando.

Acatando a lei tem cumprido suas obrigações sem crear descontentes.

—Acredito-lhe piamente.

—Incansavel e vigilante tem se mostrado em procurar conter que os soldados sob seu commando se excedam.

—Safa! V. parece que quer fazer aqui a apologia do homem.

—E' que eu ouvi dizer que ia ser mudado o Sr. Marinho e como morador do Pilar, não o desejava em vista do desvello que elle tem mostrado pela boa ordem da freguezia.

—O que eu estou quasi crendo é que V. é intimo do homem ou tem algum interesse na estada delle lá.

—Nada, capitão é justiça que reconheço; rendo um preito a verdade.

—Como queira; mais se tem interesse, em que o homem fique, va ao chefe de policia e exponha-lhe o conteúdo.

—Meu amigo, queria alguma cousa?

—Venho expor a V. Ex. um facto que merece censura.

—Praticado por quem?

—Pelo alferes de permanentes *Peixe do mar*?

—Sente-se e falle.

—Este official, está governando o *ponto* do *Segura Parede*; no dia 25, entrou pelas seis horas da tarde abruptamente em casa do cidadão *Agosto minino* Ferreira Torres da Silva e penetrou não so no primeiro como no segundo andar brindando a familia com pachuchadas proprias de um alquilé creado em taverna.

—Mas que motivo teve elle para isso?

—Nenhum.

—Porventura teria o homem alguma cousa extranha na cabeça?

—E' o que está me parecendo.

O que lhe asseguro é que não é a primeira vez que faz disso.

—Não obra bem.

O pote tanto vae á fonte até que se quebra.

—Em que rua foi, sabe?

—Pois V. Ex, não vê logo que não podia deixar de ser no Caes do Ouro? O logar predilecto dos absurdos.

—Em que casa?

—N° 73.

—E' lamentavel que se dê toes abusos por parte daquelles que devem dar o exemplo de circumspecção e moderação.

—Muitos mais quando seus superiores não o authorisam a taes desmandos.

—E de certo, reprovam semelhantes excessos.

—De sorte que os prepostos d'authoridade, as agentes incumbidos de velarem pela manutenção da ordem, convertem-se em cego instrumento de qualquer quidam, que a força de querer vencer demandas insolitas, commettem quanta torpeza podem inventar e quando as vê merecidamente perdidas, assentam de tirar vinganças com os mais.

—Visto isso, sua opinião é que elle preste-se a cevar caprichos de alguem.

—E nem Santo *Antonio* será capaz de me acapacitar do contrario; a tal respeito sou inabalavel como a *rocha*.

—Tem razão, Sr. Farofa, vou mandar chamal-o pelo *Bittencourt* e advertil-o que não se deixe levar pelas labias de alguma D. *Feliz menina*.

—E neste intervallo é bom pôr de sobreaviso o muxingueiro.

AJUDA DE CUSTO AOS BISPOS QUE FOREM AO CONCILIO EM ROMA.

Poucos dias ha, os jornaes desta cidade deram em suas columnas o discurso *masculo* do bacharel João José de Oliveira Junqueira. Lemos com todo interesse, principalmente quando era recommendado pelo *cavaco* de um catholico.

Nossa sorpreza foi grande a todos os respeitos: o que seja um concilio, o dever do Estado mandar os bispos a Roma e até enviar um embaixador, a utilidade da ida dos bispos ao concilio, os bispos que devem ter ajuda de custo, sua religiosidade e sua politica, tudo nos pareceu uma balbardia, um acervo de considerações sem nexo oratorio, a par de erros os mais graves como iremos mostrando.

I.

O QUE SEJA UM CONCILIO.

Os escriptores que se tem occupado dos concilios ou assembléas clericaes os tem definido—«uma assembléa de pastores da egreja para decidirem questões que dizem respeito aos costumes e a disciplina.» Os concilios tem sido divididos, em provincial, nacional e ecumenico.

O ecumenico representa toda a egreja, é a egreja que falla e por isso se chama geral, e é presidido pelo papa ou por um legado seu; o nacional pelo primaz e o provincial pelo metropolita.

Passemos rapidamente os olhos pelos principaes concilios que tem havido. O de Jerusalem, tido no primeiro seculo (50 D C) pelos

Apostolos, com o fim de privar que os gentios evangelistas seguissem as ceremonias prescriptas aos judeos pela lei de Moyses. O de Nicea (325) convocado pelo imperador Constantino teve por missão condemnar a Ario que sustentava que Christo não é Deus no sentido de *Adonai* dos judeus. O de Constantinopola (381) teve por fim, mas não conseguio, afastar do seio da egreja os chamados schismaticos.

O de Epheso (431), onde se reuniram mais de dous mil bispos, seu fim especial foi declarar que a Santissima Virgem é mãi de Deus e condemnar a Nestorio bispo de Contantinopola que sustentava ter Christo duas naturezas, e por tanto, em quanto Deus ter pae e não ter mãi, e em quanto homem ter mãi e não ter pai.

O concilio de Chalcedonia, convocado por Leão, condemnou a Eutychio e a Dioscoro bispo de Alexandria porque sustentavam que em Christo só havia uma natureza. O segundo concilio de Nicea (787) condemnou as doutrinas dos iconoclastas e restabeleceu o culto das imagens, base da egreja papista. O quarto concilio de Constantinopola (869-870) condemnou a Phocio e seus partidarios. O primeiro concilio da Basilica de S. João de Latrão (1122) pela voz de tresentos bispos fulminou o tratado de Worms a respeito das *investiduras*. O de Vienne, em França, presentes tresentos bispos e tres reis (Philippe IV de Erança, Eduardo II. de Inglaterra e Jacques I de Aragão) teve por missão tratar dos erros e crimes dos Templarios, Beguardos e Beguinios, de uma expedição a *terra santa*, da reforma dos costumes do clero e da necessidade de se estabelecer nas universidades o ensino das linguas orientaes. O de Constança (1414) condemnou as doutrinas de Wichef e João Huss: este concilio fez queimar vivos a João Huss e a Jeronimo Praga. O de Bourges (1438) religiu a famosa *Pragmatica sancção* que depois (1515) foi abolida pela concordata de Leão X e Francisco I. O concilio de Latrão (1512) reuniu-se por causa de um schisma incipiente, discordia entre Luiz XII de França e o papa Julio II e emfim reformar o clero. O concilio de Trento convocado por Paulo III pela bulla de 1 de novembro de 1542 e funccionou de 1545 a 1563. Este concilio, conforme dizia a bulla tinha por missão «a extirpação das heresias, a reforma da disciplina ecclesiastica e dos costumes; e o estabelecimento de uma paz sofida em toda a egreja».

Os legados do papa na abertura do concilio disseram que o fim deste era pôr têrmo «ás funestas divisões que ha tanto tempo affligem e atormentam a egreja». Mas o papa em verdade procurava paz e a desejava com sinceridade? Os legados escrevendo lhe a respeito do modo pelo qual todos opinariam no concilio, elle respondeu que seguissem o exemplo do concilio de Latrão e acrescentou: «que tratassem dos pontos de religião condemnando a má doutrina sem tocar nas pessoas e não tratasse da *Reforma* nem antes nem com os dogmas porque não era o fim do concilio.» Porem que doutrina má era essa? De duas uma: ou a reforma era doutrina boa ou era má. Si era má o concilio devia tratar della e tanto que tratou logo na primeira deliberação a respeito dos livros canonicos, uma das grandes questões do lutheranismo. Si a reforma era doutrina boa, para que condemnal-a?

O cardeal Polus, o mais moderado que tinha assento no concilio, atacando a um bispo que queria sustentar uma opinião sua e alias sensata e cheia de verdade, assim se exprimia enfadado: «O turbilhão lutheriano que tem abalado a egreja, de que caverna sahiu senão dessa audacia de atacar o original e a versão dos livros santos que a egreja reconhece como o fundamento destas doutrinas?».

Ora tudo isto denuncia que a paz não era o fim deste concilio, porquanto as primeiras decisões atearam mais a gurrra entre os papistas e protestantes.

Sem entrar na apreciação das decisões dos concilios, nem si Christo falla á humanidade por elles ou pela boeca dos papas, porquanto «os papas tem sempre regeitado o decreto do concilio de Constança (1414) que ensina que o concilio geral recebe sua autoridade immediatamente de Jesus Christo e que por isso os soberanos pontifices devem se sugeitar as suas decisões,» decreto que depois foi confirmado pelo concilio de Bale (1431), diremos somente que o Sr. Junqueira não provou que «um concilio geral e ecunonico é uma especie de congresso de paz». Outro erro manifesto é suppor que um concilio geral é differente de concilio ecumenico ou por outra que um concilio pode ser geral sem ser ecumenico, ou vice versa.

Quem não sabe que o papismo, abalado profundamente pelo espirito de liberdade e livre exame, procurou, principalmente no longo concilio Tridentino, firmar suas doutrinas e salvar a causa da egreja do occidente, cujas bases eram-lhe minadas tanto ao noroeste como no oriente? Entretanto se afirma com facilidade que «o papa tinha em vista antes do que questões religiosas, as questões politicas» porque vê-se que no concilio Tridentino «Paulo III tinha muito em vista acabar com as dissenções que infelizmente existiam entre Francisco I de França e Carlos V rei da Hespanha e imperador da

Allemanha.» Si o papa tinha alguma cousa principalmente em vista era exactamente as questões religiosas, por quanto Luthero atacando a regra de fé e a disciplina do papismo, é muito natural que este se levantasse para disputar o terreno que lhe fugia debaixo dos pés.

Depois de ter dito contra toda a verdade historica que o Tridentino tinha por fim uma reconciliação entre dous monarchas, continúa: «era uma reunião solemne em que se ia tratar ao lado dos altos interesses religiosos, egualmente de altos e poderosissimos interesses em bem dos povos que se dilaceravam em guerras inuteis.» Contradição manifesta! De duas, uma: ou o concilio tratando «ao lado dos altos interesses religiosos egualmente de altos e poderosissimos interesses em bem dos povos» não fez o que o papa tinha muito em vista, isto é, acabar com as dissenções» entre Francisco e Carlos e por tanto desobedeceu ao papa; ou então se attribue ao papa o que nunca lhe passou pela mente.

Com effeito, ao se apresentarem em scenas os dous rivaes, Leão X entre elles figurou de traidor, ora a favor de um, ora a favor de outro: Paulo III subindo ao solio pontificio (1534) ja encontrou a Reforma: Carlos V guerreou o protestantismo, mas não conseguiu aniquilal-o, por quanto elle ficou consolidado pela convenção de Passau. (1552) que burlou os projectos de Carlos V. Quanto aos planos de Henrique VIII e Francisco I, quem não sabe que acharam termo em 1547 com a morte déstes dous monarchas?

Naquella epocha duas guerras portanto se se agitavam: A guerra religiosa na Allemanha e a guerra de interesse mundano entre os dous rivaes, mas o triumpho do mais forte decidira o pleito e então o papa dirigia a espada de Carlos V contra os sectarios de Luthero que como diz Levi: «atacou os sacramentos, a hierarchia, os votos dos religiosos, o poder, a jurisdição e riqueza dos padres e o poder papal». Uma guerra que tinha por fim restabelecer na Allemanha o imperio do papa era por ventura uma guerra inutil, era inutil aos interesses do povo? Ou aquillo que é do real interesse dos povos não será da vontade de Deus e dos papas? Si isto é assim para que dizer-se que o concilo Tridentino ia tratar dos «interesses em bem dos povos que se dilaceravam em guerras inuteis»? A historia protesta contra semelhante proposição por isso que não descobre os inculcados interesses nem vê a paz sahindo do recinto desse concilio no tocante aos negocios da Reforma: o concilio Tridentino foi convocado em 1542, mas somente installou se em 1545 e suas primeiras decisões atearam mais a guerra entre protestantes e papistas: Si isto é assim, como insistir ainda no erro de que «era uma especie de congresso de paz» o concilio Tridentino segundo o qual o papismo para accender as fogueiras da inquisição só lhe falta o *poder* na frase de um illustrado advogado fallando por occasião de apreciar a questão Bigot?

(Continúa.)

VARIEDADES

PETIÇÃO DE GRAÇA.

DE UM AMANTE A SUA AMADA.

Gentil senhora—
Diz um certo pretendente
Dessa tua formosura,
Que quer gosar a ventura
De te fallar brevemente,
Mas como não é decente
Que murmurações se dê—
P. humildemente que
Lhe marque hora e logar
Em que te possa fallar
E. R. M.

—

DESPACHO.

Hoje mesmo a meia noite,
No fundo do meu quintal,
Pula o muro, que te espero
Na sombra do laranjal,
Não receies pois te juro.
Que ninguem te fará mal.

CARTA AMOROSA.

Paranifa acrisolada.

Os luminosos raios de teus rutilantes olhos acommetteram-me, isto é, atravessaram, quero dizer, penetraram os reconditos dialectos do meu alcantilado peito, onde tem o seu habitaculo o famigerado coração.

Sim, adorada Minerva, apenas esses teus execrandos olhos se voltavam para os meus, não tive mais garantias, e a minha jarisprudencia se viu escravisada nos ferros de teus attrativos. A ingratidão, dizia um philosopho, que era cousa ruim; quanto mais em uma deidade cathegorica, simpathica a anodina?

Não penses, bella Coriféa, não imagines, querida preopinante, que em minha alma se matricule o fosforico sentimento da immoralidade actual e do effectivo crime.

No altar primitivo de Hymineo, guiado pelos preceitos formosos do Deos vendado a quem adoram até as veloses borboletas, e que anhelo render te holocaustos sobre a ardente pyra dos affectos immortaes. Em bo-

ra a tyrannia de teus pais indifferentes, e os acerrimos direitos da natura, pretendam aristocratisar os sentimentos cordeaes e antephlogisticos, pondo barreiras inconcussas aos nossos laços; debalde se insurgirão contra mim os Céus, a terra, os elementos e até a propria chuva, nada será capaz de apagar-te da minha Muemosine o que é o mesmo que a memoria, e nas nitidas azas do Cupido subiremos ás nuvens da felicidade.

Ah! D.... quando encantadora Serpa, terei a gloria, a dita, ventura de ver-me em teus apologeticos braços! Quando d'esses labios viperinos ouvirei o fatal nome de teu esposo posthumo? Nada temas, furibunda Venus; raios, coriscos, trovões, tudo desafio e tudo postergo por maneatar o teu bellicoso coração. A preta M... que vende pepinos será a mensageira d'esta, e te conjuro a resposta o teu desadorado amante e mavioso idolatra

F....

EPIGRAMMAS.

A UM MEDICO

Em prolongar as molestias
Consiste o nosso saber;
Si de prompto nós curamos
Não teremos que comer.

A UM JUIZ ÚSURARIO QUE TINHA DE PROFERIR UMA SENTENÇA.

Ja ouvi o seu contrario,
E devo ouvil-o tambem;
Mas perceba o que lhe digo—
Quem mais der, mais rasão tem.

BIOGRAPHIA HUMANA.

Na edade de 3 annos gosta-se da mãe.
Na de 6, gosta-se do pae.
Na de 10, gosta-ee de rir e brincar.
Na de 16, gosta-se de modas.
Na de 20, gosta-se de namorar.
Na de 25, gosta-se da mulher.
Na de 40, gosta-se dos filhos.
Na de 60, não gosta a gente sinão de si.

Questionando dois soldados no meio de uma praça, pucharam pelas espadas e começaram a bater-se desalmadamente. Um camponez que ia passando, movido de compaixão, quiz separal-os; porém a recompença dos seus bons serviços foi receber uma cutillada na cabeça que o deitou de pernas ao ar. Chamaram logo um cirurgião, e querendo este ver si os miolos tinham sido offendidos: «Alto lá! lhe disse o rustico: isso é cousa que eu não tinha, quando me fui meter em semelhante desordem.»

Tendo uma senhora examinado o Diccionario de Mr. Johnson, e louvando-o muito por não ter posto na sua obra palavras deshonestas, elle lhe respondeu:—Pelo que diz a senhora, vejo que as andou procurando

Fazendo o duque de York os necessarios aprestos e preparos para uma expedição importante, um de seus mais intimos officiaes lhe perguntou quaes eram os seus planos.

—Sabeis guardar um segredo? lhe perguntou e duque.

—Sim, senhor, respondeu o official.

—Pois tambem eu.

O autor de uma obra moderna sobre viagens, depois de referir o modo como durante uma tempestade foi lançado sobre uma costa para elle desconhecida, conclue com estas palavras: «Havia andado onze horas sem achar siquer vestigios de ente humano, opprimido pela necessidade e cansaço começava já a desesperar, quando fui agradavelmente suprehendido pela vista consoladora de um homem pendurado n'uma forca. Difficil fôra espressar o prazer que me causou este grato espectaculo, pois logo me convenci de que estava n'um paiz civilisado!»

DECLARAÇÃO

Principiou-se a distribuir hontem as folhas 82 e 83 do—ROCAMBOLE, e, por engano do paginador, sahiu o n.º 82 na folha 83. e na numeração das paginas, na primeira pagina da mesma folha 83, em logar do n.º 329, sahiu—229, enganos esses desculpaveis.

ANNUNCIOS

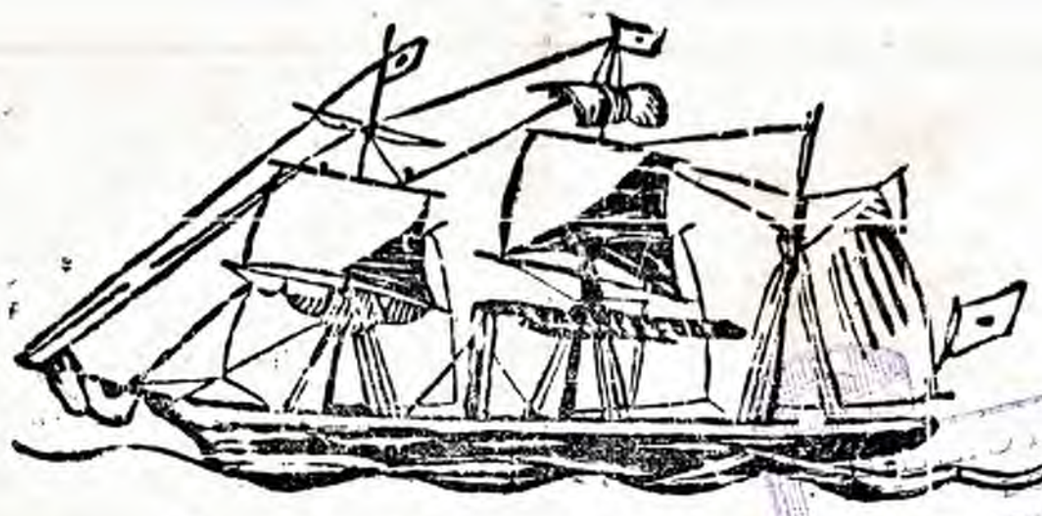
Nas Portas do Carmo, loja nº 6, precisa-se de um piston ja usado.

Quem precisar de uma pessoa para zelar de crianças para o que tem as precisas habilitações, procure no Terreiro, casa n. 27 —C.

Pede-se aos devedores da Estrella do Oriente que venhão pagar o que devem no prazo de oito dias sob pena de verem os seus nomes por extenso nas folhas publicas.

ATTENÇAO.

Vende-se uma taverna com todos os utencilios, armação muito nova e com bons commodos, á rua do Tijollo n.º 10 B: quem pretender, dirija-se a mesma venda que achará com quem tratar.



BIBLIOTECA
Instituto Geographico e Historico
DA
BAHIA

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 55
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 30 DE AGOSTO DE 1869. N. 545.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de agosto de 1869.

Officio á Illma. camara municipal, participando-lhe que nos communicam que no matadouro publico ha duas balanças, uma das quaes pertence a essa Illma., sendo a outra de propriedade particular e que entre ambas ha uma differença enorme nos pezos, o que vem a ser mais um gravame para este pobre povo, pois que sendo, como é, a carne para o consummo pesada na que apresenta differença para menos, é claro que os cortadores, já tão sem consciencia, procurarão resarcir o prejuizo nas costas do publico, em vista do que espera se que a Illma., no intuito de alliviar o povo de mais este tributo, tomará providencias para que sejam as mencionadas balanças afferidas e corrigidos os vicios que apresentam.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, representando-lhe sobre a inconveniencia de andarem os marinheiros americanos armados em terra com a faca de que usam no mar, o que pode trazer algum caso lamentavel em vista do immoderado uso de bebidas a que se dão quando desembarcam.

—Capitão, tive noticia de mais um defloramento.

—Apre! Como andam esfaimados esses ceifadores de honra!

—E desta vez o caso é grave.

—Va desembuchando.

—Uma authoridade policial, supplente de subdelegado, cujo districto não é o *primeiro*, *firme no* proposito de desvirginar uma donzella, raptou-a no dia 25, e, correndo mais ligeiro que as rodas de um *carro* para certa *solidão*, consummou a obra.

—E' mais uma que entra para o rol das perdidas.

—E que tal a moralidade do subdelegado que faz isso?

—Fraquezas humanas.

—Eu chamo depravação.

—Exigencias da carne.

Si for a se procurar um homem incorruptivel para *subdelegado*, eu creio que só *Santo Antonio* descendo do ceu.

—Capitão, V. Ex. foi ver as comedias que representaram no sabbado, em Itapagipe, em casa do Carrascosa?

—Não; mas soube que as comedias deram por fim em comédias de barulhos, desordens e cacêtadas, entre os espectadores.

—E' verdade; choveu pauladas *por borra!*

—E a policia o que fez?

—Ora, V. Ex. sabe que o centro da cidade não é policiado, quanto mais Itapagipe.

—Então os espectadores escovaram-se a faltar, não?

—Ja se vê que não havendo policia, elles estavam a sua vontade.

—Ora, conego, pois V. todo jesuita como é, capellão de um convento, *galanteando* as freiras desta maneira escandalosa, entrando a todas as horas, affrontando assim a moralidade?

—E que tem la isso?

—Nada, meu jesuita.

—Eu entendo que o conego quando anda pelas *villas,* não faz mal praticar dessas *boas* acções.

—Valha-me Nossa Senhora das Mercez com esse seu cynismo!

—Capitão, V. Ex. conhece o *Gordinho?*

—Pode ser, mas não me lembro.

—Conhece, pois não! Um rochunchudo velhaquete que traficou em trapos, no *Corpo Bento*, e depois deu-se de quebrado e arribou para a *estrada de páu,* onde vivia entre *silvas* agrestes a tomar camuecas?

—Não me recordo.

—Pois não; foi até chamado á presença de V. Ex. pela indecencia que praticava de deitar-se nu na estrada quando estava chilrado.

—Decididamente não me lembro.

—Ora essa! Um mandingueiro que não sei porque artes levantou a quebradura e está outra vez no *Corpo Bento* traficando?

—Tudo isso nada adianta. Diga o que interessa.

—Esse vampiro no dia 27 estuprou uma menina, irmau de outra que por elle já tinha sido deshonrada.

—Onde se deu o caso?

—Na ladeira do *Tiro.*

—Como andam elles!

—E me ia esquecendo de dizer-lhe que o abutre de donzellas é proprietario de uma immensidade de casinholas na dita ladeira.

—Não vem ao caso.

—A menina ficou maltratadissima.

—Em que ficou isso?

—Em nada.

—Não houveram providencias?

—Nenhumas.

—Vou ja mandar communicar tudo ao chefe de policia, e espero pelo resto.

—Entrou o vapor americano.

—E dizem que traz noticias importantes da guerra.

—Abra esse *Jornal do Commercio* para ver.

«QUINTA FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 1869.

«Na camara dos deputados, hontem, logo depois da leitura do expediente, o Sr. ministro da marinha obtendo a palavra, disse:

«Senhor presidente, acabando o governo de receber mui faustas noticias do theatro da guerra, julgei do meu dever communical-as á camara dos Srs. deputados na convicção de que ellas serão recebidas por esta augusta camara, assim como por todos os brasileiros, com o interesse que inspiram. (*Muitos apoiados.*)

Peço licença a V. Ex. para ler o telegramma recebido ha pouco por via da cidade de Porto-Algre:

« Legação-imperial do Brasil em Montevideu, 19 de agosto de 1869.—Illm. Exm. Sr.—Apresso-me a levar ao conhecimento de V. Ex. para que se sirva transmittir pelo telegrapho ao Exm. Sr. barão de Cotegipe, ministro da marinha e interino dos negocios estrangeiros, o seguinte telegramma do Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos:

« Ao Sr. Carvalho.—Assumpção, 15 de agosto de 1869.—Hoje prestaram juramento e tomaram posse os membros do governo da republica do Paraguay com solemnidade religiosa e civil.

No dia 12 do corrente pela manhan S. A. o Sr. conde d'Eu, á testa das forças do 1.° e 2.° corpos do exercito brasileiro e de 1,000 argentinos, que foram incorporados ás ditas forças, obteve uma esplendida victoria para as armas alliadas, tomando por assalto a cidade de Pirabebuy, terceira capital de Lopez, que se achava cercada de largos fossos, trincheiras e canhões de grosso calibre.

O ataque foi intrepido e vigoroso, praticando brasileiros e argentinos feitos de bravura, que foram logo remunerados pelo principe. Sua Alteza dirigiu em pessoa a acção, e foi victoriado enthusiasticamente pelos seus commandados. O inimigo perdeu mais de 1,000 homens entre mortos e feridos. O commandante da praça, que era o general Abarrado, succumbiu. As perdas dos alliados foram mui inferiores em numero, mas augmentam-se com a perda do general João Manuel Menna Barreto, que morreu como um bravo dos bravos á frente da columna esquerda, atravessado por duas balas.

Em Pirabebuy encontraram se archivos e objectos de valor, bem como provisões e roupa de meza de Lopez. Sua Alteza marchava sobre Caacupé, flanqueando ao mesmo tempo o inimigo para cortar-lhe a retaguarda pelo norte.

Em consequencia deste movimento o inimigo abandonou o ponto da subida de Cerro Léon, por onde os nossos já se communicavam com Pirajú.

Até aqui o telegramma recebido, o qual foi interrompido pelo máu tempo. Esperamos pelo vapor, que deverá chegar amanhan, o resto das noticias. (*Muito bem.*)»

26 DE AGOSTO.

GAZETILHA.—*Noticias da guerra.*—Recebeu-se hontem a conclusão do telegramma expedido de Porto-Alegre sobre os ultimos movimentos dos exercitos alliados no Paraguay. Diz assim:

»Communicavam com Pirajú; por ali tem vindo ja cerca de mil familias paraguayas que se dirigiam a Pirajú; o numero destes infelizes vae crescendo de dia em dia e vão ser um dos maiores cuidados do governo provisorio.

«O general Mitre com o grosso das forças argentinas e o general brasileiro Auto, que opera com aquelle á testa de 5,000 brasileiros das tres armas, seguiram do acampamento argentino de Juasshirá para o valle de Pirajú no dia 9. No dia 12 forçaram a subida das Cordilheiras que conduz aos Altos. Encontraram alguma resistencia que foi vencida com pequena perda de parte a parte.»

Outro telegramma do Desterro, extrahido de uma folha deixada pelo *Santa Cruz*, diz:

« No dia 14 soube-se por communicação do general Auto que as suas forças e as do general Mitre tratavam de envolver o inimigo ao norte das suas posições, procurando unir-se ás do commando immediato de Sua Alteza. De um momento para outro esperam-se noticias importantes »

O PASSAR A VIDA.

Todos vivem, todos passam—diz o povo—porem o como passam é que precisamos saber; porque uns passam vida de santo, outros de demonio; uns vida de gente, e outros de caxorro.

Vida de continuado prazer não ha ninguem que possa gozar, porque ainda sendo muito rico e poderoso para ter continuamente tudo quanto ha de melhor no mundo, em pouco tempo está infastiado, desejando variar até para peior.

Todos vivem, todos passam, e todos apparecem com a mesma cara na sociedade, porem o que vai lá por dentro no coração, ninguem pode saber, senão a propria pessoa.

Vemos um homem ricamente vestido, ostentando luxo e fallando com muita doçura e jovialidade, contando até casos de moralidade, entretanto é um malvado que não dormiu a noite anterior! porque vellou apunhalado dos remorsos que o pensamento lhe apresentou na consciencia para o flagellar em castigo de seus crimes.

Vemos uma senhora em um baile enfeitada de brilhantes e ornada com ricas sedas fazendo cortezias, e toda maviosa e derretida inculcando que passa uma vida de rosas, mas tudo aquillo é para disfarçar o odio que tem ao marido pelos maus tratos e bofetões com que a hospeda continuamente.

Vemos um homem muito serviçal offerecendo todos os seus prestimos, sua casa, e seu dinheiro, dizendo continuamente que tudo está as nossas ordens, e pelo contrario elle está mesmo com isto estudando meios de illudir e roubar o mais que puder em qualquer negocio que por desgraça fizermos com elle.

Ora estas são as vidas do diabo que está incessantemente planejando a malvadez para della tirar partido.

O militar, o carniceiro, o moedeiro falso, o assassino da estrada, esses passam vida de monstros, e não obstante andarem sem corrente entre nós, são peiores que as feras mais bravias das mattas escuras.

Vida de caxorro passa o pobre homem, que por infelicidade se casa com mulher de mau genio, e corrupta, que alem de aturar os desaforos e palavradas que ella continuamente solta pela boca, leva cabelleira que lhe cobre a cabeça até as orelhas, e quazi sempre por brio e por timidez do publico o desditoso vae roendo calado este terrivel osso da desgraça. Ah! A mulher que assim pratica não sou de opinião que se mate; porque o poder de tirar a vida só compete a Deos, porem deve ser curada com um banho de alcatrão no corpo todo, e uma surra de urtiga todos os dias demanhan cedinho.

Vida de santo passa a creatura de alma bem formada, que occupa os seus dias em curar caridosamente os doentes nas enfermarias, e que do dinheiro que ganha com o suor de seu rosto reparte com os pobres desvalidos.

Vida de porco passa o frade, que, fardando-se de um timão preto e raspando a cabeça, passa os dias a comer e dormir quando devia estar com uma enxada na mão, para cultivar a terra, e desengrossar o caxasso que engordou nos vicios lidibinosos.

Vida de morcego passa o usurario que tira sua subsistencia do cruel negocio de juros e premios extorquidos, das quantias que empresta aos miseraveis, e no que se parece mais com o morcego é em estar ordinariamente a noite fazendo as contas, e conjecturando como hade chupar mais sangue.

Vida de pirú passa o estupido, impostor e soberbo, que, cheio de vaidade de sua entufada importancia olha para todos com despreso e tudo lhe fede, neste mundo, sendo apenas o seu regozijo cacher-se de soberba, e olhar para si mesmo como uma raridade digna de ad-

mira ção. Para estes, fomentação de escrement o de gato pelos narizes, e muitos banhos de desprezo.

Vida magica e especulativa passam alguns cavalheiros de industria, que se aproveitam de certos motivos muito triviaes para terem meios de desfructar sem trabalho o dinheiro alheio. Por exemplo: um aproveita-se de ter cazado uma filha ou parenta com um homem rico, e inculcando se de conselheiro mete-se em casa a titulo de visita, e vae ficando de morada; outro manda as filhas para consolarem a viuva que perdeu o marido, passam os oito dias de nojo, ficam mais quinze para ajudarem as costuras do luto, e mais uma semana, e outra semana, e ahi temos agregados permanentes na casa comendo sem trabalhar.

Outros passam a vida em conversar nas boticas e levar novidades de uns para outros logares, e quando sabem de ladroeiras pedem dinheiro para calarem a boca.

Muitos passam a vida com os pingos, e pexinxas das egrejas, porque, alem das pratas que são para os maiores, ha os tocos de vellas, roupas de defunto, colxas etc., etc., que chegam para todos.

VARIEDADES

REGRAS DE EXPERIENCIA

Não ha bacharel novato que não procure ser delegado.

Não ha partido fora do poder que não seja facção.

Não ha padre partidista que não metta politica nos sermões que prega.

Não ha batalhão da guarda nacional que não tenha contribuintes para a musica.

Não ha ministro que não tenha um procurador de sua amizade.

Não ha estudante sergipano que não blasone de ser filho de senhor de engenho.

Rarissimo é o presidente de provincia que não é eleito deputado.

MOTTE.

Quem tem falta de dinheiro
Passa vida de cachorro.

GLOSA.

E' qual um magro sendeiro,
Que anda sempre estafado,
Constantemente esgalgado,
Quem tem falta de dinheiro;
Lança de si um tal cheiro
Que qualquer que o vê diz—corro;
A pobreza sempre em jorro
O persegue em toda parte
E o misero desta arte
Passa vida de cachorro.

EPIGRAMMA.

A UM BOTICARIO.

Pelo preço da receita,
Não deixo o freguez sahir,
Porque sei com geito e arte
As drogas diminuir.

E' mais difficil livrar uma mulher do diabo, do que um homem, porque o diabo quando se apodera da mulher sente que está com a sua gente.

Existe na Laponia uma lei antiquissima, na verdade bem singular, e a qual parece ser feita com o fim de animar a caçada dos ursos, que tantos estragos fazem no paiz. Esta lei dá a todo o homem casado, que houver apresentado a pelle d'um urso que tenha morto, o direito de viver separado de sua mulher por espaço de duas semanas.

Dizia um philosopho que uma actriz bonita é o páraizo dos olhos, o inferno da alma, e o purgatorio da bolsa!

DECLARAÇÃO

Principiou-se a distribuir hontem as folhas 84 e 85 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccórro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem como prata, ouro e joias.

Nas Portas do Carmo, loja n° 6, precisa-se de um piston ja usado.

TRAÇOS E SOMBRAS

OU PEQUENO ESBOÇO DAS BELLEZAS DA BAHIA.

Poema satyrico por um pintor brasileiro.

Primeiro quadro.

Acha-se á venda, pelo preço de mil reis cada exemplar, em casa dos Srs:

Catilina, á rua Nova do Commercio n. 11.
F. Queirolo, idem idem, n. 21.
Firmino, rua direita do Palacio n. 39.
Laurentino, idem idem, n. 41.
Ludovico, Atraz da Sé n. 16.

O

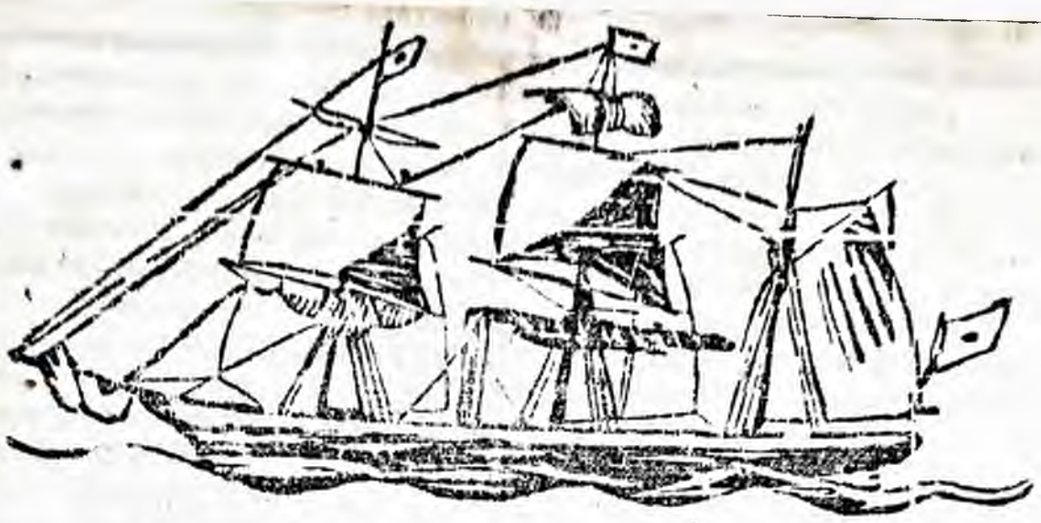
ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.



O ALABAMA.

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 39
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 1 DE DEZEMBRO DE 1869. N. 582.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de novembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que no domingo 28 do passado, pelas 4 horas da tarde, um soldado do destacamento do Caes Dourado, pretendeu assassinar a Manuel Antonio, pardo escuro, maior de 60 annos, casado e morador em Passé.

Consta-nos que o facto originou-se por estar Manuel Antonio encostado a uma parede ourinando e ser advertido pelo soldado que o logar era improprio, ao que respondeu aquelle que haviam outras cousas na cidade para elle policiar.

Foi razão bastante para que o soldado désse-lhe uma bofetada, affronta que sendo repellida deu causa a que o *indomavel* policial puchasse da sua espada e fizesse desatinos.

Fossem quaes fossem as respostas e procedimento de Manuel Antonio, S. S. ha de convir que o soldado de policia estava authorisado a prendel-o, mas não a espancal-o, e depois de saciar sua raiva, arrastal-o pelas pedras com mais dous companheiros, até a porta do subdelegado, com tanta brutalidade que excitou a indignação de pessoas respeitaveis que passavam e cujos nomes se apontarão si preciso fôr.

Um homem tão irascivel, não serve para policia, onde se precisa de gente morigerada e prudente; e por isso confia-se que S. S. depois de fazel-o punir nas penas em que incorreu, o mandará despedir por incapaz do serviço.

—Ao Illm. Sr. provedor da casa da Santa Misericordia, fazendo-lhe ver que é uma falta de humanidade; é não ter commiseração dos soffrimentos do proximo, o deixarem as irmans de charidade os infelizes doentes de noite, ás escuras, tirando todas as luzes das enfermarias.

Alem de tornar-se mais afflictiva a condição daquelles que gemem no leito de angustias, vendo-se cercados de trevas, dá-se o caso de ter um daquelles desgraçados necessidade de levantar-se para ir ao ourinol ou beber um pouco d'agua e andar patinhando ás escuras.

A noite é já um tormento, para quem soffre, como não se tornará horrorosa para o infeliz torturado de dores, privado de luz, ouvindo ao redor de si somente gemidos e lamentos?

E' uma economia porca e mesquinha de que só se podiam lembrar as irmans de charidade, as quaes só miram o seu commodo e bem estar, nada se importando com as dores e padecimentos dos outros; essas mulheres que com o nome de charitativas olham impassiveis para o infortunio e só tratam de amontoar dinheiro.

Em nome dos infelizes que gemem, e appellando para os sentimentos de humanidade

de que S. S. tem dado provas, confia-se, que dará ordens para que em cada enfermaria haja uma luz toda noite, a qual só será apagada ás 5 horas da manhan, para que, ao menos nessa parte, não continuem essas mulheres em tenaz contradicção aos sentimentos de piedade que tiveram aquelles que com suas dadivas concorreram para o patrimonio de tão beneficente estabelecimento.

—Um evangelico systema de mandar as almas para o ceu.

—Como é?

—Ha um vigario que quando lhe morre algum parochiano em logar distante, recebe a esportula em casa e dahi mesmo absolve, resmungando quatro palavras em latim, e lançando a benção para o lado em que fica a morada do morto.

—E os parentes concordam?

—Que remedio!

De ordinario são pessoas obscuras e ignorantes, que não tem remedio sinão sujeitar-se.

—E' verdade que si a alma tiver de ir para o ceu, tanto faz que o vigario va encommendal-a como não; pois não é meia duzia de palavras vendidas por sete mil e tanto reis que fazem gozar do descanso eterno. Mas é um mau exemplo, uma prova de insaciavel ambição, uma nojenta sordidez.

—Agora veja o que fez outro vigario ha poucos dias.

Apresentou-se uma mulher pedindo guia de graça para enterrar um filhinho.

O homem subiu na serra.

«—Vv. não se lembram que eu vivo disto? Desta sorte, morro de fome!

«Va vender esses coraes que tem nos braços e traga o dinheiro.

«—Fico sem nada, Sr. padre.

«—Ah! não pode? Mulher moça, com luxo, não tem dinheiro para enterrar o filho! Porque pariu?

«—Deus foi quem me deu.

«—Deus não emprenha ninguem.

«De que tamanho é o menino?

«—Deste tamanho. (Indicando com as mãos.)

«—E' bem pequeno. Pois deite na panella, cosinhe e coma.» (!...)

—E são ministro d'Aquelle que generosamente deu seu sangue para rehabilitar a humanidade decahida!

—Religião christan!

Como és ultrajada por alguns desses homens que se dizem teus ministros!

Jesus quando dava vista aos cegos, resuscitava aos mortos e consolava aos afflictos nunca exigia recompensas.

Seus ministros hoje mazcateam com um podaço de terra e com uma absolvição!

—A lei é egual para todos, quer castigue quer proteja!

—Nem sempre é assim.

—Prove.

—Vou lhe provar, já que o exige, com uma cousa muito simples.

—Vejamos.

—No sabbado, o wagon da companhia de Vehiculos, das 6 horas e vinte minutos da manhan, do Bom-fim para a cidade, que como sabe V. os wagons não param si não nos pontos, parou n'Agoa de Meninos, que não é ponto, para saltar o Sr. José Pinto Rodrigues da Costa, rico negociante.

—Basta ser elle negociante e rico, afim de não haver lei para elle.

—Mas si fosse um pobre não se consentiria saltar e o caxeiro diria logo que ia de encontro ao regulamento da companhia, mas como o Sr. José Pinto tem dinheiro para elle não ha regulamento.

—E que mais quer elle, quando o ouro é que governa o mundo!

—Infelizmente é assim!

—Um menino com uma pedrada mandou a outro para melhor vida.

—Era isso o que eu previa ha muito tempo.

—E que realisou-se no sabbado ultimo.

—E ainda não ha de servir de escarmento á policia, que continuará a condescender com o criminoso deleixo dos paes que criam seus filhos na rua.

—Traz alguma novidade?

—Não sei de nada.

—Pode limpar a mão á parede.

—O que sei, é que dous companheiros de morada, iam se acabando no sabbado.

—Conte, que pode se aproveitar.

—Na casa 59, ao Sodré, moram Alselino e Felix. Este tem um discipulo em quem dá pancada como bruto.

No sabbado, depois de dez horas da noite, castigou o discipulo de tal forma, que o companheiro viu-o obrigado a censural-o; porem Felix que não estava para ouvir reprehensões respondeu acremente a Alselino, o qual por sua vez deu-lhe o troco, e na altercação atracaram-se. Alselino que não é de meios termos deu de mão a *mulata* que tinha atraz da porta e si Felix não se tranca n'um quarto lascava-lhe fogo.

Bradou aqui-d'el-rei contra o companheiro, mas ninguem o acudiu.

—Tambem para que é tão vilão.

—Toda visinhança brada pelo modo cruel por que trata ao pobre discipulo.

—Eu não sei essa gente cujo genio não dá para ter famulos ou discipulos para que os tem.

—La para o Caes Dourado deu-se um caso extravagante.

Um sujeito entrou em uma casa onde

Ninguem pode comer
Sem beber;
E nem si dá a *prova*
Sem não *ver*.

E la passou vida folgada e milagrosa sem ter dinheiro.

Mas a proprietaria da *hospedaria*
Que ja vive escarmentada
De quem comeu e não pagou.

E que antes lhe dissera

«*Fiado* eu não dou, não dou, não,
«*Si quizer*, me dê na mão.

Quiz fazer do pobre mortal *capado*, mas em logar de sangral-o no pescoço decepou-lhe não sei que parte do corpo.

Á PEDIDO

Sr. redactor.—O caso de que trata o *Alabama*, com os officiaes de justiça, sobre a mulher do Commercio, foi com os tres officiaes—Leopoldino, Guabiraba e Umbellino.

Um official.

—Capitão, a S... branco é incorrigivel; tenho conhecido que nada a pode moralisar.

—Mas, o que houve?

—Nada, capitão; ha cousas que me pejo de dizer.

—Mas que diabo foi? explique-se.

—Ah! capitão, aquella mulher é horrivel.

—Mas porque diabo é ella horrivel?

—Porque vira bicho, capitão.

—Ella vira bicho! não creio.

—Pois é pura verdade, capitão, espantou-me de tal sorte que quasi grito.

—Ora, tu tambem te espantas de pouca cousa.

—Pouca cousa? não ha tal!

—Está bom; disso estou eu sciente, e o que mais houve?

—Mais nada; somente o pipia cega irritou-se por ter sahido da outra vez; disse que havia de fazer e acontecer; porem, não caia elle n'essa, sinão, sinão...

—E o tal gracioso o que disse?

—Esse não dá cavaco... vereinos se cumpre o que disse; porque creio que ella vae casar com outro.

—Foi ao Bom-fim?

—Fui e fallei com o *Vicentinho* irmão do *Domingos*.

—Elle ainda está lá, sem licença?

—Ora si!

Me disse que não precisava de licença por que a tinha tomado por suas mãos, desde o dia dous de novembro, e muito tem passeado e se divertido até hoje.

—Pretende então passar a festa toda la?

—Provavelmente.

—E o director tem sciencia disto?

—Qual, o director geral?

—Sim.

—Quando o chefe delle não o procura, muito menos o geral, mesmo por que dizem os filhos da Candinha ser o chefe parente e amigo delle.

—Ah! isto é outra cousa! Tem licença na manga.

—Mas não sei por que lendo o *Vicentinho* o *Alabama*, appareceu-lhe logo as hemorroidas, e andou da sala para a cosinha e disseram até que teve um ataque!

—Qual, homem! aquillo tem manha de besta!

—Assim já ouvi dizer.

—E o *Fortuna* o que faz que não dá uma parte delle?

—Este nada diz por ser um moço *candido*.

—Então é porque gosta da mamata de estar só, louvo-lhe o gosto.

—Que quer, meu amigo, quem tem padrinho não morre pagão.

É depois o director tambem está passando a festa fora!

—Hum! guardião fora, frades agora!

E com esta me vou embora, até a primeira vista.

—Adeus, Sr. *Naturalista Lopez*.

—Capitão, capitão!

—O que é homem de Deus?

—Quem diria que em 68 a 69, tive prejuizo, com o incendio da venda do Corredor da Victoria?

—Como? porque?

—Um feitor que lá tinha com conducções de madeiras; mas coitado!

Um dia passando eu com umas madeiras, vi um dos meus collegas com razões com elle por causa de sua conta dirigindo os mais asperos insultos ao homem, dizendo, que o Gasp. Antonino, não poderia achar parelha egual para elle Antonio.

—Oh! é bom menino.

—O pobre homem insultado com isto, dirigiu-se a sua residencia, pagou ao dito *Caga-negocio*; isto, ganho em outros logares.

—Como V. sabe tanta cousa?

—Porque comigo tambem se deu o mesmo; a minha vista, empenhou o seu relogio para me pagar, isto digo porque vi, e muitas vezes, delle ia cobrar, e sabia de tudo.

—Este homem, então não é filho da Bahia, que conheça este bom *meninorio*?

—Creio que não.

—Homem, indague minuciosamente.

Um carroceiro.

(*Continúa.*

—Um filho que esconde seu pae, o que será?

—Um sevandija, um ralé, um infame. Uma cousa immunda que deve ser olhada com repulsivo desprezo por todos.

—Pois eu conheço um destes.

—Seja o pae um monstro; a voz da natureza, os laços do sangue obrigam o filho a curvar-se ante o dever filial; quem se afasta deste principio, é um ente execravel, incorre na maldicção de Deus.

—Pois eu em *sete* palavras e meia vou lhe contar a historia bem *simples* de certo logista que negou o pae.

Um quidam, vindo das bandas de *Camisa grande*, empregou-se em Latronopolis, em casa de um commerciante que possuia um *palacio* verdadeiramente *real*.

Seus signaes caracteristicos eram mais ou menos estes:

Ar refalsado; cara de sanfona, armada de salpicos a especie de mijo quando cahe na areia; rosto oval, de laivos de uma côr ignota; as protuberancias osseas transpareciam diaphanas como para denotar magreza; olhos esbotocados; nariz adunco como quasi sempre possuem os ambiciosos, egoistas e usurarios, segundo descreve Gall, o fundador da craneoscopia e Lavater, o inventor da phisiognomia; bocca rasgada como a da cobra sucuri; ligeiro buço de pello de rato; cavaignac á especie da pêra que os perús trazem no papo.

Por mil artes e tramoias, o quidam chegou de pato a ganço; de caixeiro passou a logista.

O catalogo de trampolinas que o fizeram galgar as boas graças da fortuna, é immenso e variado.

Ficam para mais tarde.

Aqui quero só esboçar-lhe a acção torpissima do filho desnaturado.

Era no dia de suas nupcias.

Esposava a filha de um homem que mercadejava á custa de *seus semelhantes*. Sujeito *constante* e invariavel no seu genero de vida.

O acaso veio contrariar o homem em seus gostos.

Nesse dia chegou-lhe o pae de fora e elle não queria que o pae fosse conhecido.

—Miseravel!

—A' tarde foi a um collega do *negocio*.

«—O' Fulano, chegou-me aquelle tabareu de fora e estou vexado.

«—Porque?

«—Como sabes, caso-me hoje e não tenho onde accommodal-o; a casa está toda atravancada.

«—Manda-o para onde eu estou.»

A' noite tres caixeiros e o velho tabareu estavam reunidos em um 3.º andar da rua do *Negocio* e dizia um delles:

«—Boa noite passa hoje Fulano; a esta hora deve estar casado.

«—E' impossivel! bradou o velho.

«—Impossivel! Porque?

«—Porque si tivesse de casar-se devia dar-me parte, e não me deixar aqui.

«—Mas porque razão?

«—Por S. *Martinho*, senhor! Eu sou pae delle.

«—Então o Sr. é seu pae?!!! E elle teve o atrevimento de negal-o! Teve vergonha de apresentar o author de seus dias em seu noivado!

«Pois saiba, senhor, que seu filho caza-se hoje e que teve a baixeza de dizer que o senhor era um tabareu que lhe ia atravancar a casa! (*Continúa.*)

Eu abaixo assignado declaro que nenhuma parte tive n'uma publicação *á pedido* impressa no n. 59 do *Alabama*, em que se falla d'um artista *Paulo* e de outro *Marcos*, visto como tendo diversas vezes trabalhado com o Sr. Antonio Marques da Rocha, a quem attribuem, como a mim, tal publicação, vi sempre o seu procedimento ser o de um artista honrado.

Sr. redactor, dando publicidade a estas linhas, em abono da verdade, prestará um serviço ao artista

Paulo José de Souza.

Bahia 28 de novembro de 1869.

ANNUNCIOS

CAO PERDIDO.

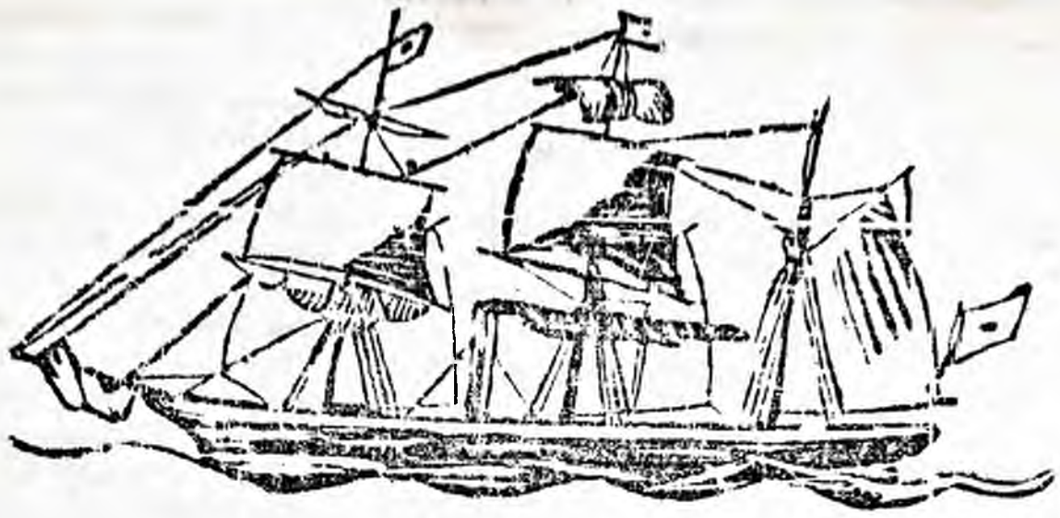
Perdeu-se no dia 17 do corrente, do Pilar ao Caes Dourado, uma caxorrinha pequena, branca, com os cabellos dos pés e do focinho aparados, responde ao nome de Violetta; quem a tiver achado e quizer restituir, dirija-se ao trapiche Primeiro Andrade onde será gratificado.

AMA DE COSINHA.

Na rua de D. José n.º 9, precisa-se de uma.

PRECISA-SE DE UMA AMA

Na rua Direita do Collegio n.º 18.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 59

Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 4 DE DEZEMBRO DE 1869. Ns. 583 e 584.

O ALABAMA.

Os Srs. assignantes a quem esta folha não for entregue no dia em que estiver datado o cabeçalho, tenham a bondade de communicar na typographia para se providenciar.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de novembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando lhe que, consta, fôra raptada uma menor de 17 annos, moradora á rua do Alvo, freguezia de Sant'Anna, de nome Maria; e indigitam como raptor d'essa menor o 2.º annista de pharmacia Astelio Marques d'Oliveira.

Em vista do que consta, e que leva-se ao conhecimento de S. S., espera-se de seu caracter justiceiro providencias que façam, a ser verdade, esse individuo reparar o mal causado a referida menor, livrando assim mais uma victima de ser atirada no torpe lodaçal da prostituição.

—Ao mesmo, reclamando um acto de repressão para os desatinos commettidos pelas praças do destacamento do Caes Dourado.

Aquella força, destinada a manter a ordem por aquellas paragens, tornou-se a principal motora de tumultos.

Prenderam na quarta-feira a Lourenço Ricardo d'Almeida e acutilaram no a relle.

Pede-se a S. S. que faça ir á sua presença o offendido para verificar com seus olhos os ferimentos que recebeu e depois faça a justiça que o caso pede.

—O destacamento do Caes Dourado acaba de ser mudado.

—Quando?

—Hoje sexta feira.

—Não basta isso. Os que procederam mal devem ser punidos.

—Capitão, soube de um facto execravel que se deu?

—Não.

—Era de prever isso, Tem-se empregado esforços para que passe desapercebido.

E nossas authoridades *ignoram* o que está a vista, quanto mais o que fica incognito.

—Mormente si anda envolvido no meio alguem com quem não convem bulir.

Mas ja que V. sabe, conte-me.

—Mesmo que eu sou caixa sem fundo e não posso guardar nada.

Na estrada das Boiadas, cinco ou seis individuos surprehenderam uma pobre mulher e violentaram-na para fins reprovados.

Os estuporados, para saciarem a libidinagem, serviram-se de meios contra as regras da natureza; e a offendida voltou para casa estragadissima. De envergonhada, não quiz manifestar a violencia que soffrera.

Cahiu na cama e morreu, terça feira, la para a Lapinha.

—Sabe mais ou menos quando se deu isso?

—Na sexta feira 26.

— Immensidades destes casos se passam sem que os malfeitores receiem a acção da lei.

—O *Diario* lamenta que no dia dos annos do rei não houvesse parada!

—Acha pouco o massacre dos impostos, o serviço onerosissimo da guarda nacional, as insuportaveis contribuições da guerra, a carestia e a miseria, que acabrunham a este povo!

—E ainda clama que, por amor de lisonjear a um homem, não se tivesse encommodado a centenares de artistas, roubando se-lhes mais um dia de trabalho, privando-os de ganhar o pão para alimentar suas familias.

—Entenda-se lá a democracia desta terra!

—O que se lucra com as paradas em homenagem aos annos do rei?

—O que se tem visto.

Braços voando pelo ares, pernas amputadas, individuos inuteis a sociedade, o cidadão voltando da parada para a cama, por uma maligna que apanhou e onde leva dous e tres mezes, quando não batte a cassulêta.

—E' marimba que negro toca, levar um homem seis mezes aquartellado? E ainda bem não tem 15 dias de descanço, vá para o rigor do sol por que é dia dos annos do Sr. Pedro II!

Si isso é liberalismo *libera nos, Domine.*

—Cá pela minha parte acho tão bom o balaio como a tampa delle.

—Esta natureza humana tem extravagancias!

Pois havia de metter-se na cabeça de um pobre africano forrar-se na terça feira e na quarta amanhecer dependurado na cerca do entulho de Sant'Anna para a Estrada Nova.

— Consta que de prazer embriagou-se e na exaltação se mandou *enchotar*.

—E' uma excentricidade bem exquisita!

— Eu conheci um, que, no dia em que libertou-se, foi a casa do ferreiro e mandou fazer um ferro em cruz que trouxe ao pescoço até morrer.

—Capitão, eu não sou babuí.

—Si está empapado, desembuche.

—No sabbado passado, entrei na capella de Nazareth e vi um homem de palitot de yanzú, calça de enfiar, sentado no confissionario e uma senhora prostrada a seus pés.

Fiquei banzando por momentos. Minha penetração por muito fraca, não não poude comprehender aquillo o que significava.

—Não era para menos, ver um homem em *trajes de roça*, occupando o logar que compete unicamente ao sacerdote em seu sagrado ministerio.

—Dirigi-me a uma pessoa que estava na egreja e pedi lhe a decifração de tal enigma. A resposta que obtive foi:

«E' o conego Rocha que ouve de confissão a uma confessada sua.»

Quasi me cahe o queixo de cima! Deixei-me levar de tanta admiração, que involuntariamente pronunciei em vozes altas estas palavras:

«O' pois naquelle caracter é que um ministro catholico, vem para o Sagrado Tribunal da penitencia?

«Em qualquer casa, elle não se attreveria a apresentar-se em trajes tão pouco convenientes.»

Minhas palavras foram ouvidas pelo austero director espiritual de-mulheres, (não consta que o conego Rocha confesse homem) o qual fingindo não entendel-as, dirigiu-se a mim dizendo me que não fallasse tão alto para não perturbar a ceremonia.

—O traje era extravagante.

—Ora esta, o exemplo que elle dá!

O conego Rocha que reprehende, quando uma pessoa falla a outra na egreja, que não quer que as moças vão de rosto descoberto e outras impertinencias, vae para o templo exercer as funcções de seu augusto sacerdocio de palitot de yanzú e calça de enfiar!

—Na quarta-feira á noite, no hotel Bahiano, o Sr. Bellarmino Barreto foi injuriado por um Sr. Borges de Barros, e ameaçado com duas bofetadas!

—Porque o *Diario* censura o presidente da provincia, e porque o *Brado Liberal* publicou uma lista de nomes para deputados provinciaes, na qual vem o nome de Borges de Barros, o homem que, junto com o valentão Sebastião, quebrou a perna do pobre marcineiro porque queria que elle fallasse francez sem ter aprendido!

E' esse homem que, vae para o hotel de caso pensado, colloca deante de si tres ou quatro garrafas de vinho para uma pandega que se senta junto delle e espera o Sr. Bellarmino Barreto, moço pacato e que sabe revestir-se da prudencia precisa em certas occasiões; é esse homem que, munido de cabo de chicote com cabeça de latão e canivete dentro do bolso, insulta e injuria um moço intelligente e distincto, deante de homens, que de proposito eram convidados á titulo de assistirem a um espectaculo no hotel, segundo

o Sr. Neiva convidou a *alguem;* é esse homem que, na noite de 2 de outubro, no conflicto que houve no theatro entre o piquete e meia duzia de capadocios, por elle capitaneados, quiz desarmar o official.

O dono do hotel querendo repellir os insultos lançados á um moço que entrava pacificamente em sua casa, tambem foi insultado por esse desordeiro, obrigando á que elle ameaçasse jogal-o pela escada de sua casa abaixo, si continuasse a proceder pela maneira porque estava procedendo!

—E seria com authorisação do Sr. barão de S. Lourenço, que o tal Borges de Barros procederia assim?

—Nem se deve fazer esse pensamento, o Sr. barão de S. Lourenço não teve sciencia, porque do contrario não o consentiria!

—Mas parece que o sujeito ia para ali de costas quentes, porque soube que faziam tres dias que elle ia ao hotel esperar o Sr. Bellarmino para tomar-lhe satisfação!

—São serviços que os *rabos-leva* entendem prestar ao governo, compromettendo-o!

—Mas eu entendo...

—... que se deve chamar attenção de S. Ex. e do Sr. Dr. chefe de policia para este facto, em quem muito confia-se.

—Dizem que os officiaes de policia abusam?

—Falla-se.

—Que castigam aos soldados como si fossem seus escravos e não seus subalternos?

—Corre isso.

—Que ha poucos dias o policial Clementino fôra chibatado no quartel, e que os companheiros, que presenceáram o facto, disseram, por coacção, que não viram?

—E' de suppor; nem todos tem coragem para depor contra seu superior.

—E que na quarta feira deu se caso mais avultante?

—Não soube ainda deste.

—Corre que um soldado da 2.ª companhia fôra agarrado pela garganta, atirado ao chão, esbofeteado e pisado a pés.

—E quem praticou isso?

—Um official.

—Até ahi morreu o Neves.

—Homem, eu não sou de caixas encouradas, disseram que foi o tenente Barbosa.

—Pode ser, mas o tenente Barbosa, me parece incapaz de acção tão triste.

—Eu vendo pela carregação.

E demais, disseram que muitas praças viram.

—Teremos o mesmo caso do soldado Clementino.

—Affirmam que não; desta vez parece que estão decididos a dizer a verdade.

—Ora queira Deus!

—A serem reaes, são factos que depreciam o caracter de um official, o qual tem a sua disposição um regulamento para punir as faltas dos subalternos.

—Depõem muito contra a disciplina e moralidade do corpo, casos taes.

—O commandante deve olhar para isso.

O soldado por ser a parte mais fraca não deixa de ter direitos; e assim como elle os castiga quando delinquem, deve tambem protegel-os quando são esbulhados de suas prerogativas.

—As irmans de charidade estão reformando o hospital.

Em logar de dous internos que ganhavam 600$ rs. cada um, admittiram ao Dr. José Ignacio com 1:400$ rs!

—E' uma economia de arromba!

—Isso foi protecção *por tabella*...

—O contracto do novo *interno* é para entrar as 6 da manhan e sahir as 6 da tarde.

—Está claro, que o doente que fôr para o hospital á noite, em perigo, pode ir ceiar com Christo á falta de socorros medicos.

—O Bomfim enfermeiro, que se prestava, applicando apparelhos e ligaduras, nos doentes de ferimentos graves, que entravam de noite, e no que estava muito pratico; tambem sahiu; de maneira que hoje o desgraçado que em taes condições entrar para o hospital morrerá antes da cura.

Admitte por ventura espera para curar se no outro dia, um doente, que alta noite, entra para o hospital, se esvaindo em sangue? A gangrena concede espera?

—Mulheres deshumanas! creaturas sem coração!

—Os serventes masculinos estão reduzidos ao numero um; hoje os serventes são os proprios doentes.

—Só este desaforo!

E não ha quem olhe para isso!

Com que authoridade obrigam essas mulheres, pessoas livres a serviços corporaes sem lhes pagar?

Ou será esse pesado trabalho uma exigencia de paga pelo tempo que estiverem se curando no hospital chamado de charidade publica?

A' ser isso, é melhor fallar franco. Ao menos quem recorrer ao hospital da *Santa Misericordia,* vae sabendo que, ficando bom, tem do pagar com seu corpo, as despezas que lá fez.

—Ha poucos dias, um doente em convalescencia, cahiu exhaurido ao enorme peso de um barril d'agua, que essas *bondadosas* pombinhas sem fel mandaram por elle carregar.

Um dos medicos da casa sabe disso e até reprovou.

—Ora! está V. clamando no deserto a tal respeito.

—Para provar o quanto são hypocritas e refalsadas aquellas mulheres, ouça esta:

A' noite, com uma servente na frente e outra na trazeira, sahe uma charidosa para correr as enfermarias, levando empunhado um formidavel punhal de cabo de marfim!

—Quem, ellas?!... as mulheres puras e mansas?!...

—E' verdade.

As filhas de S. Vicente de Paula, que V. vê de dia, á luz do sol, com um grande rozario na mão, e um Christo dependurado, que andam nas ruas de braços crusados e cabeça baixa, ou com um livro aberto articulando palavras, que ninguem percebe, de noite, nas trevas, manejam uma arma mortifera!

Aquellas mulheres que recebem o Santissimo Sacramento todos os dias; aquellas mãos que, de dia, á vista de todos, levam postas orando a Deus; de noite, ás escondidas, apertam o cabo de um instrumento de morte!

—São as mulheres de paz e amor! de indulgencia e charidade!

Para visitar, infelizes que se estorcem de dores, que soluçam entre as vascas da miseria e os estragos da doença; para acalentar gemidos e confortar attribulados, vão armadas de punhal!

—São as consolações d'alma e do corpo que lhes levam!

—Vá o povo conhecendo quanto tem de detestaveis essas mulheres.

OS SANTARRÕES,

Ha uma classe bem numerosa na sociedade, e que bem merecia ter a sorte das onze mil virgens, isto é, bem merecia que fosse metida em algum barco velho, e despresada á mercê das ondas, pois que a considero uma classe perniciosa e desprezivel.

Muita gente, depois de ver o titulo d'este artigo, conhecerá logo de quem quero fallar.

Quando digo santarrão, não pense alguem que quero fallar, de um homem que ouve missa, se confessa, e gosta da egreja; não: Não é destes que quero fallar, mas sim de certos que vão a egreja para que todos os vejam, e ao sahir da missa param á porta do templo para serem vistos; que fazem garbo de sua religião, e andam sempre dispostos a pregar um sermão de quaresma pela menor cousa, ainda mesmo fora de tempo e de logar.

O diccionario dá a esses homens o nome de hypocritas, e eu, de santarrões.

O santarrão envolv-se sempre em uma vida mysteriosa, e ninguem sabe do que se sustenta, com quanto todos o vejam nutrido, e bem rosado, gabando se sempre de macerações e apregoando a pureza de seus costumes, que a ninguem vê que melhor do que elle pratique as virtudes religiosas, civis e moraes.

Na conversação mais trivial, vel-o-heis proclamar com sentimento e quasi com lagrimas contra a corrupção dos costumes modernos, da falta de morigeração na mocidade, na maneira de obrar das moças, dos seus namoros escandalosos, etc., achando sempre na menor cousa um motivo para fallar, suspirar e lamentar.

Não ha festa, nem procissão, nem acto religioso onde não appareça o santarrão usando de umas camisas de babados na abertura do peito, de umas cadeias de relogio muito grandes e pendentes, e uma gravata branca bem engomada, pois que não sabe como se va a uma festa com esses paletots e gondolas, inventados pela moda para maior commodidade.

Sente muito que se tivesse extincto as cabelleiras empoadas, e diz que por isso anda tudo de pernas para o ar, e não ha mais resto aos velhos, nem consideração as coisas religiosas.

Si fores a julgar um santarrão por seus ditos, quando o vires beijando a mão ahi a qualquer padreco, lambendo o cordão de um masmarro seraphico, querendo avaliar os sermões, e corroborando todas suas palavras com sentenças da escriptura sagrada e do evangelho, recitando de cor e gaban lo a leitura da vida dos santos, direis que, um homem assim, é digno de ser posto n'um oratorio e o cortejareis com reverencia.

Um santarrão é daquella classe de pessoas, que quem as ouve não as leva presas. Illudem ainda aos mais prevenidos. E com rasão, por que parece impossivel que esse homem celibatario, que traz um grosso rosario por cima da camisa, e que só falla com os olhos no ceu, possa fazer certas acções.

Como não prega elle a favor do jejum! como não blatera contra as moças janelleiras! que de historias edificantes não sabe! é um almanak vivo da vida de todo mundo, e admira como sabe até dos factos mais particulares e passados no interior das familias!

Para elle não ha ninguem honrado, e terá sempre que bater com a cabeça em signal de duvida quando fizeres o elogio de alguem a sua vista.

Um santarrão! oh! tem que se lhe diga.

Mas... procure alguem conhecer da vida do santarrão. E' o peior critico e mordedor da vi-

da alheia! que meada de banalheiras, falcatruas, vicios e depravações!

Elle que brada tanto contra a depravação dos costumes, é um sectario furioso da maldade, e a noite o encontrareis, por logares suspeitos, a fazer o que todos sabem; elle que grita contra os moços que se não confessam, jamais fez uma confissão verdadeira; elle que clama tanto contra a usura, passa seus dias a custa da usura e locupleta-se dos bens da viuva, que rojou-se a seus pés chorosa e não achou piedade; do orphão cujas lagrimas arrancadas pela fome não o commoveram.

Emfim o santarrão é um abutre feroz que com os visos de pomba, corrompe os principios mais santos da sociedade.

E o mais é que com uma semelhante capa, vivem elles muito bem! O pai de familia rigoroso, que não quer que lhe passe pela porta, um rapaz que fuma, e que anda depois das dez horas na rua, com medo que lhe não traga a perdição a sua casa, admitte com toda franqueza no seio d'ella, ao santarrão, que com suas palavras piedosas, e o seu ar de honradez, não poucas vezes leva a dor ao coração paternal. Um conheço eu, que se tornou accusador d'aquella mesma que tinha seduzido, cujo erro exprobava enxugando as lagrimas do afflicto pai, dirigindo-lhe consolações, com um rosto contrahido, e que se diria verdadeiramente penalisado.

Tenho medo dos santarrões, e por isso escrevi estas linhas.

—A camara municipal, para aproveitar uns cobrinhos, deu licença para armarem botequins no Terreiro.

Acabada a festa os homens desarmaram a *traficancia* e não taparam os buracos.

—E o povo é quem soffre a *differença* mettendo os pés nas barrocas.

—E a rua defeituosa.

—Além de queda coice!

Seja tudo pelo amor de Deus!

—S. Francisco a acrescente.

Á PEDIDO

—O que tem, mulher, que está tão lacrimosa?

—Ah! meu senhor, desgraçada é a mãe que pare filhos.

—O que lhe acontecea; recrutaram seu filho?

—Não, meu senhor, é uma filha a causa de meu penar.

—Conte-me suas magoas.

—Um seductor desflorou-a; a menina é menor; corri á authoridade, implorando protecção.

Na presença da authoridade o malvado com arrojado cynismo desenvolveu diabolica defeza e safou-se.

—De que maneira?

—Ao apresentar-se encarou-me com audacia e sangue frio, e na presença do depositario do sanctuario da lei teve o incrivel despejo de proferir estas palavras:

«Muito obrigado, Sra. Rosa, por me dar este encommodo; pois a Sra. mesmo não é que mandava sua filha para a rua, dizendo-lhe que estava mulher e que podia ir ganhar?»

—Porem isto não é prova.

—Eu não sei; meu senhor, com essas palavras, o seductor livrou-se; não me quizeram ouvir e eu sahi com a cara calçada de vergonha.

—Isto não é assim. A authoridade não deve proceder tão indiscretamete.

Eu até me custa a crer o que a senhora diz.

—Sou uma pobre ganhadeira, sem protecção, o que tinha a esperar?

Para o pobre não ha justiça.

—Coitada! deshonram-lhe a filha, e lançam-lhe o labeu de concorrer para a sua prostituição!

Que tempos, santo Deus!

—Agora pode-se ter casa de jogo publicamente?

—Quem paga 50$ rs. pode abrir casa de vispora.

—Então é por isso que a cidade está impregnada desses focos de perdição.

—Ha até um sujeito que escreveu em sua porta em lettras gordas:

«CAFÉ E VISPORA!

—Que immoralidade! Por 50$ rs. authorisa-se o vicio, a extorsão, a deshonra.

—Faltava isso para esta sociedade corrompida descer a ultima escala da corrupção!

Nossos legisladores sanccionando a propagação do vicio, acaroçoando a perversão da sociedade, incitando a mocidade á perdição.

—Mas o imposto deixa alguma cousa; é quanto basta.

—Si é exacto que ha essa lei, são ainda florões do reinado progressista.

—Vem muito a proposito as seguintes observações que não são minhas:

«O jogo como o incendio, dizia o finado marquez de Maricá, consome em um momento as riquezas accumuladas por seculos.»

«E, apezar disso, este é o seu menor inconveniente, em nosso humilde pensar.

«O jogador, em regra, começa por tolo, o

acaba por velhaco. Perdidos os bens, appella para recuperal-os, não para o honesto trabalho, mas para os mesmos sordidos e ignobeis meios que empregaram para despojal-o. Associa-se e furta; eis a origem do que, no velho mundo, nas bancas do jogo, se denominam *gregos*, classe e profissão, entre nós ja numerosa e florescente

«No entanto, a autoridade, os governos, e administrações locaes condescendem, affagam e acoroçoam o mais fatal flagello da nossa sociedade, a troco de uma pequena migalha que denominam imposto, e que nós chamamos—vergonhoso premio de uma ignobil transação. E o vicio do jogo, toma cada vez mais assustadoras proporções, estende profundas raizes, e levanta o collo como instituição moral, legitima e digna do amparo legal.

Os governos geral e provincial elevaram as loterias á cathegoria de fontes de renda publica: agora os cartões de vispora são legalisados com os nomes de impostos.

«E' assim que nesta cidade, as casas de jogo pululam em todos os cantos, e povoam se durante as noites, de innumeraveis frequentadores.

Ahi vae a mocidade e a inexperiencia arruinar a saude e prejudicar a bolsa, com prejuizos de todas as idéas de economia, moralidade, ordem e trabalho e somente em beneficio de alguns espertos a cuja frente figura o barateiro, o homem dos tempos modernos, mais bem desenhado sobre o typo e molde do antigo contrabandista da Costa d'Africa.

Por ventura a rica capital da Bahia precisa de sugar alimento para seus cofres na chaga immunda do vicio do jogo de azar?

Não. E por amor de sua civilisação deve acabar com esses lupanares, perdição de seus filhos.

«Não bastarão tantos exemplos para provocar da policia e da municipalidade, medidas energicas e prohibitivas, e que garantam a paz e prosperidade publica; fazendo fecharem-se todas essas casas de roubo e perdição, que se denominam *cisporas*, e onde o povo vae perder durante a noite, o socego e dinheiro, e aprender a roubar depois de ser roubado?

Um imperador romano lançou, em dia de bom humor, um certo tributo sobre aquelles que se servissem das cloacas publicas, collocadas em quasi todos os cantos das ruas de Roma. Um seu filho ousou censurar o imposto. O imperador então, tirando do bolso uma moeda de ouro, chegou-a ao nariz do filho e disse-lhe: cheira, tolo, e vê se ella fede!—Parece-me ouvir assim responderem-me os governos e municipalidades, quanto ás rendas que procedem dos jogos; e eu retrocarei: —«Não fede é verdade, mas é infame!»

ANALOGIA.

«Entre Elisa e a pimenta
Acho tanto semelhança,
Que quando a moça me tenta,
Vem-me a pimenta á lembrança.

Si a menina se agonia,
Da fructa assume o rubor;
E p'ra mais analogia
Tem ambas o mesmo ardor.

Quer que uma e outra excite
O destino alterações;
A pimenta—no appetite,
Elisa—nos corações.

Afinal, si mais se attenta,
Tanto accordo se divisa,
Que como Elisa é pimenta,
Tambem a pimenta é Elisa.»

Ferreira Leal.

—Que sugeito é este?
—E' o *bispo de Florença*.
—Porem elle não é padre.
—O homem é que se inculca.
—Ja sei, é *pomadista*.
—E fino.
—Bem *grosso* que elle é.
—*Arma* agora um laço à credulidade de duas senhoras, fazendo se passar por socio de uma fabrica.
—Então o Sr. *bispo* de Florença, *armador* de laços á senhoras, tem mais este predicado! Não sabia.

—Capitão a S... branco ainda tem continuado nas suas proezas, apezar de ter sahido no *Alabama*.
—Sabes que mais? eu não quero saber mais d'essa peça.
—Mas, o que é isso, capitão? hoje está de tão máu humor!
—Não estou de máu humor, porem entendo que deve deixar-se essa mulher, por que só o tempo a pode corrigir.
—Tem rasão, capitão, é bom deixal-a; o marido teve uma atracação na cidade baixa com uma pessoa por causa disso.
—Deixal-a e ao marido, por que me enfadas: tratemos de outra cousa ouvi: dizer que o tal capitão com a M.... vai bem, isto é, que a amisade progride e a *olho de-cobra-morta* tambem não está gostosa de seu papel?
—Por ora não sei d'isso, deixe estar que lhe informarei melhor.

Sr. redactor.—Querendo se me dar a paternidade de uma portaria publicada no n. 580, a respeito da agua que é despejada para a rua, por um cano do Sr. Lisboa, Atraz do Muro, peço lhe que declare si eu fui quem forneci apontamento para semelhante portaria.—*Caetano José da Silva.*

—

Nem temos a honra de conhecer ao Sr. Caetano José da Silva.

A Redacção.

RESPOSTA

que um juiz de facto, sorteado, mandou ao juiz de direito pedindo escusa do serviço do jury.

—Ipisis verbis et virgulis.—

Recebi a sua carta com datta de 18 do corrente mes em reposta relativamente á citações, á quem lhe impõem a citar-me digo-lhe que eu não dou-me por citado para taes respeitos, pois que eu não estou e nem me acho no caso de occupar este lugar, e assim desonere-me d'esse repartimento, e por quanto não ateimem commigo que é mayár em ferro frio somentes quero ter honras de ferreiro—e não quero ter honras de Juiz, reconheço que vivo sujeito á leis e os accusos nada mais

D E Vmc.
Vor. e cr.

* * *

O abaixo assignado pede a redacção do *Alabama* o especial favor de declarar si foi elle o autor do annuncio que sahia no *Alabama* n.º 581 sobre a sociedade ao Cruzeiro de S. Francisco, pois que ha suspeitas contra o abaixo assignado; para que salve a sua reputação faz o presente annuncio.—*Antonio Augusto Pereira Guedes.*

—

Não foi o senhor o author.

A Redacção.

COUSAS ATOA.

(SONETO A' ULTIMA MODA.)

Eu nunca pude ouvir um caranguejo,
Cantando ao violão versos á lua;
E faz-me zanga ver andar na rua
De chapeu e casaca um persevejo.
Aristarcho tocava realejo,
Sentado no nariz da amante sua,
Em quanto Bonaparte n'uma rua
No Egypto, comia pão e quejo!
Um syllogismo de sapato e meia
Nunca foi cousa que mettesse medo,
A quem sabe atiçar uma candeia;
Embora n'uma egreja de Toledo
Guilherme Tell' pegasse uma lampreia
De que fez se o xarope do Penedo.

(Extr.)

VARIEDADES

A virgem deve ser como a estrella, que brilha no ceu para nosso encanto; mas não deve ser como a estrella que se despenha do ceu e se apaga na terra.

—

A costureira, deve ser como a machina de costura, que trabalha muito em pouco tempo; mas não deve ser como a machina de costura, que não trabalha si não é posta em movimento.

EPIGRAMMAS.

A CERTOS ARREMATANTES DE MELHORAR ESTRADAS.

Procurava o ladrão no tempo antigo
O que se chama estradas,
Vai buscar o ladrão no tempo de hoje
A estrada, mas por modo
Differente e diverso na verdade.
Aquelle acommettia
O incauto passageiro, e o saqueava;
O ladrão destas epochas
Arremata as estradas, toma conta
Dos precisos concertos,
Recebe do thesouro seu dinheiro,
E faça Deus bom tempo,
Que o melhor engenheiro dos caminhos
E' o sol que seca a lama.

Pergunta.—Qual foi o esposo mais fiel?

Resposta.—Adão, porque não amava outra mulher senão a sua.

Frederico II, rei da Prussia, dizia: «Quem diz politica, diz quasi velhacaria,» e não havia monarcha mais politico do que elle.

UM RELOGIO DE DUZENTOS MIL FRANCOS.

—Diz um jornal francez:

Por mais que façamos em materia de puff, —e cumpre confessar quê não fazemos pouco,—nunca chegaremos á altura dos puffistas americanos.

Barnum, o illustrissimo Barnum, tem um terrivel rival nos Estados-Unidos: o professor Harvis.

Nos Estados-Unidos todos são professores ou coroneis: ha mesmo muitos que accumulam as duas cousas.

O professor Harvis que se intitula modestamente «comprador e consevador de objectos preciosos» fez inserir nos jornaes da

União o seguinte que nos foi enviado por um de nossos amigos de New-York:

Entre as mil e uma maravilhas expostas no museu Harvis, os curiosos, os amadores e os apreciadores se apertam, se amontoam e se abafam para admirar a obra prima das obras primas da chronometria do seculo XIX.

Este milagre da sciencia e da arte franceza é um relogio fabricado pelos relojoeiros Brégut e Lepaute. Marca não so os segundos, os minutos, as horas, os mezes, os annos, os lustros, as indicções e os seculos, mais ainda as phases da lua, a marcha dos planetas, as conjuncções dos astros, o apparecimento dos cometas, os movimentos da Bolsa e os prognosticos das revoluções. Não se lhe dá corda sinão de cem em cem annos.

O imperador dos francezes offerecera 200 mil francos por esta maravilha; porém o professor Harvis tendo offerecido por ella 50,000 dolars (250,000 francos), foi-lhe entregue depois de fechada a exposição universal de 1868.—Preço do bilhete de entrada: meio dollar.

Toca a musica!

Certo petit-maitre (raça que não diminue) apresenta se n'uma pharmacia e chamando o caixeiro, diz-lhe:

—Possue o Sr. nestas casólas vidraceas o fortificativo ingrediente—anil?

—Sim Sr.

—Pois inspirada e brevemente me queira transpor ao meu dominio um quantitativo deste póz celeste.

—Trouxe a *bola*?

—Como?

—Tem vaso para levar!

—Oh! indigno filho do debandado Mercurio, se é que queres inauthorisadamente zombar de minhas extremosas e magnanimas frazes *punatur*, se por desconhecimento da arte caixeiral hei de conduzir-te a graos rotundos ao patibulo da obscuridade.

«Um individuo defendia um pobre diabo accusado de ter estuprado uma joven, e terminou seu discurso por um argumento triplice:

«Senhores jurados, disse elle, so conheço no mundo tres meios de seducção: a belleza, o espirito ou o dinheiro.

«A belleza! observae meu constituinte, e vereis que não é possivel ser mais feio.

«Espirito! Não pode ser mais estupido.

«Emfim o dinheiro! E' tão rico que deffendo-o de graça!»

O accusado foi absolvido por unanimidade.

«Dous esposos velhos e carecas acabavam de tomar um criado a seu serviço.

No dia immediato, a sua entrada, teve de levar o jornal ao amo e cartas a senhora; encontrando-os ainda deitados, seu embaraço foi grande, pois não podia distinguir os sexos.

—*Perdão*, senhores, disse elle, *qual de vós é a senhora?*»

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO.

Joaquim Machado com venda ao largo da Saude n. 140, convida aos seus devedores a virem saldar suas contas, no prazo de 15 dias a contar da data deste e quando não o façam, passarão pelo dissabor de verem seus nomes estampados nas columnas deste periodico.

Bahia 28 de Novembro de 1869.

VENDE-SE.

Castanhas assadas, escolhidas a 320 rs. a libra, ditas cruas a 200 rs., vinho verde de Bastos á 500 rs. a garrafa, manteiga ingleza á 1$200 rs. a libra: vende Estevão José Barbosa, rua dos Ourives n.° 25.

O fabricante dos bolaxõ s que se vendiam no deposito da—Vivandeira—declara que deixou de fornecel-os para o dito deposito, passando d'ora em diante para á rua das Flores, deposito do Sr. Olimpio; para o canto de João de Freitas, venda do Sr Rangel; e para o armazem Mercurio, por baixo da Recreativa.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

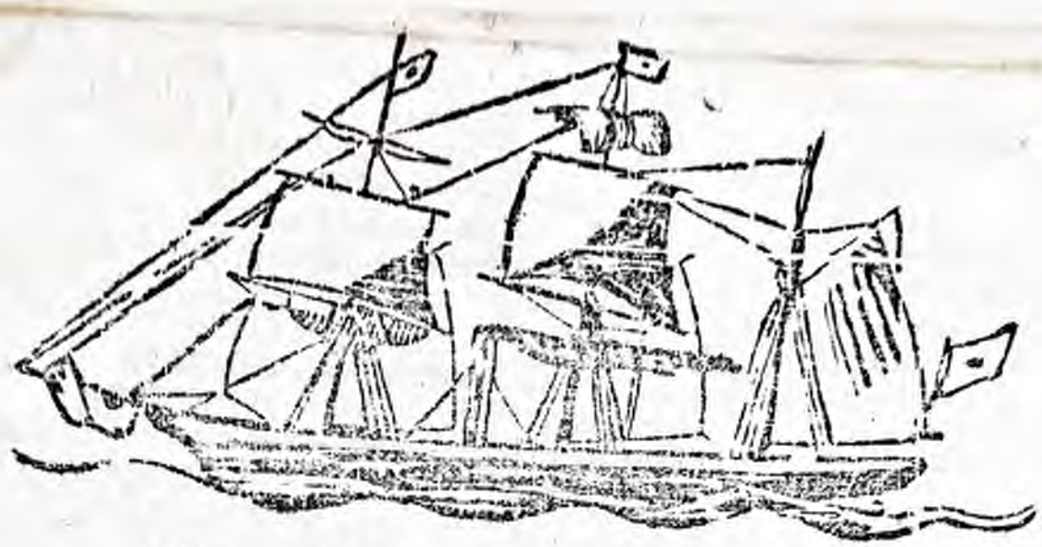
Continua-se a vender o verdadeiro café moido puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude. Na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

OBRAS POSTHUMAS

DE SERGIO MASTIQUE,

Correctas e emendadas por *João Velhaco*.
Cada volume, uma obra do mesmo.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno III. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 59
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 8 DE DEZEMBRO DE 1869. N. 585.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de dezembro de 1869.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que, por intervenção da subdelegacia da Sé, proceda a arrombamento na loja 18—E, ao Maciel de baixo, a qual está pesteando a visinhança, pela podridão que exhala, proveniente de immundicie que tem dentro e do cano arrebentado que tem alagado a rua, devendo toda limpeza ser feita á expensa, do proprietario do predio. Cumpra.

—Festeja-se hoje a Conceição da Santissima Virgem,—Mãe d'Aquelle que nos veio resgatar do captiveiro do demonio, na matriz da Conceição da Praia, na egreja da Conceição do Boqueirão, no convento dos religiosos franciscanos e em outras egrejas

—Roguemos a Santissima Virgem que, pela sua Conceição, nos livre da terrivel secca que devora o centro desta provincia, das molestias com caracter epidemico que nos está surrateiramente assolando, e da guerra que ha tantos annos devasta os filhos deste imperio da Santa Cruz, do qual é Ella padroeira!

—Pois nem o sanctuario do Senhor, os larapios respeitam!

—Tomara elles sempre achar.

—Sexta feira, no Bom-fim, roubaram cinco quadros dos corredores em quanto se dizia missa.

—Bons *moleques*!

—O larapio foi um mendigo conhecido por *Tatuim*, o qual no Xixi foi filado com toda carga.

—A cabra com o vicio dá com os chifres no tontiço.

A ociosidade em que se deixa tanta gente capaz de trabalhar, é causa disso.

—A guarda de palacio, á respeito de p[illegible]caria, é uma mão cheia.

—Assemelha-se mais a um chiqueiro do que a outra cousa.

—Não sei como vivente humano pode permanecer n'aquella athmosphera de immundicie.

—As materias excrementicias amontoam-se pelo chão; a cloaca está em estado de produzir peste; não ha onde beber agua, nem cama para o official.

—Os prejudicados que reclamem.

—A cousa está se serão attendidos.

—Ha uma differença d'agoa para o vinho!

—Não sei o que diz V.

—E' uma comparação que estou fazendo.

—Sobre?

—Em quanto os Estados-Unidos gasta uma somma immensa para manter e educar os filhos dos que morreram na ultima guerra

civil, no Brazil, os filhos dos voluntarios da patria, andam curtindo miseria e fome.

—E' uma nodoa que não ha agoa que lave este paiz.

—O povo leia e medite sobre o seguinte:

«Connecticut» não consente que os pobres orphãos dos habitantes do estado, que morreram na guerra, soffram necessidades de especie alguma. No anno que terminou, no mez de abril ultimo se haviam gasto lb 261,057,17 para manter 1,904 crianças, sem entregar uma so á casa de charidade.

«Pensilvania, todavia, fez mais. Seu governador Curtin empenhou aos voluntarios que sahiam para a guerra a honra do estado, assegurando-lhes que seus filhos não passariam trabalhos, e o governador Geary, seu successor, tem cumprido aquella sagrada promessa com approvação do povo inteiro da Pensilvania.

«Organisaram-se escholas publicas para os orphãos, que, em numero de 3,500, crescem e se formam em uma atmosphera que os fará logo uteis para a sociedade.

«As escholas dividem o tempo entre o livro e o arado, os meninos; entre a penna e a cosinha, a lavanderia e a machina de costura, as raparigas. Na edade de 16 annos o estado renuncia a tutela dos orphãos, porem ja lhes tem dado com abundancia, meios para buscar a vida no mundo, e offerecido ás nações um exemplo digno de ser imitado.»

—Que contraste!

Ali, na *republica*, os filhos dos defensores da patria recebem uma educação condigna e estão isentos da miseria!

—Aqui, no *imperio*, não só os orphãos, como os proprios voluntarios da patria, os heroes da guerra de honra, vivem por ahi esmolando, abandonados á fome e á miseria!

—Quer ouvir noticias do Paraguay?

—Diga.

—E' uma carta de um voluntario da patria.

—Pois leia.

—Attenda:

«Meu.....

«Acampamento em marcha, 24 de outubro.

«Andamos por aqui penando atraz de Lopez que assim brinca comnosco e nos mata á fome e a miseria.

«A 8 do corrente, marchamos do Rosario a Santo Estanislau, onde Lopez nos chamava á fadiga, e quando chegamos elle ria retirando-se para peiores logares no intuito feito de ainda rir mais de nós.

«Disseram-nos que Lopez descobrira que seu piquete, animado por dinheiro nosso, tratava de entregal-o ao principe por via de um signal falso de corneta, e que mandara fuzilar ou metralhar esse piquete. Asseguro que é verdade ter havido mortandade, pois quando cheguei vi os cadaveres em dous montes, isto no dia 13; mas que tivesse andado isto dinheiro nosso, é uma falsidade.

«Agora vou dar-lhe parte da direcção que leva a *provisão* de penitencia.

«Chegados ao Rozario, onde deviamos reunir o fornecimento para a marcha ao interior, encontramos falta absoluta de carne fresca e de charque que chegasse! porem como havia de outros generos, posto que fracos, e sendo o Rosario fertil em aipim, batatas doces, mandioca, cannas e bananas, iamos entretendo o estomago menos mal.

«A' 2 leguas descobriu a cavallaria algum gado, que por descuido deixaram os Palonas; Sua Alteza mandou arrebanhal-o para carnear, e quando estavamos afiando os dentes para entrar no chorrasco, que devia ser saboroso por estar o gado mui gordo, chegam tres malditos *passados*, noticiando os acontecimentos de Santo Estanislau, a mortandade. Sua Alteza, á vista da noticia, fez-nos sahir da mesa e seguir (atraz do Lopez), apezar das reclamações do fornecedor, a quem faltavam á mulada charque, farinha e carretas sufficientes.

«Quando tinhamos andado quatro leguas, ja nada encontravamos, nós que eramos uns 8,000 estomagos famintos, com apenas 200 frezes na retaguarda!

«Em Santo Estanislau nem plantações encontramos para mastigar, ficando desde logo a meia ração, si bem que o thesouro do Brazil paga-as por inteiro, afora os quebrados que, dizem, ainda são *maiores*.

«De Santo Estanislau partimos a 17 com chuva grossa e aqui chegamos, olhando para traz, porque adiante vae Lopez arrecadando tudo, talvez para nos facilitar o caminho.

«De 17 para cá temos passado horrivelmente. Os officiaes recebem quatro onças de carne e meia tampa (de marmita) de farinha, isto quando ha, pois tem havido dias só de farinha, e outros de nada.

«Temos mandado os soldados ao mato á cata de palmitos, para não morrerem de fome.

«Nestes dias tem desertado mais de 500, por causa da fome; desses vieram presos 28, e foram castigados sobre armas com 120 pranchadas, e um de meu batalhão com 80, ficando alguns estendidos no quadrado.

Eu, apezar de economico, estou sem real, porque uma chicara (as de chá) de assucar custa no commercio 2$, cinco bolachas pequeninas 2$, uma libra de farinha 2$, uma lata de banha com dez libras 40$; etc., etc.!!

«Chegou hontem milho para a cavallada, mas os soldados e nós fomos a elle com bom appetite, e portanto vamos ter queixa dos animaes, paciencia; parece que o plano de Lopez é matar-nos mesmo sem combate; se por negaças que de longe nos faz.

«Dão-se duas rezes a cada batalhão de 500 praças, que é um terço do que se devia dar. Hoje carneou-se para o meu batalhão, de 504 praças, uma e meia rez, não tendo ellas o peso (10 arrobas) do contrato.

«Fui ver carnear hoje: tive dó e ri ao mesmo tempo: quando sangravam o boi corriam os soldados a aparar o sangue como damnados, chegando a brigarem e ferir-se; até ao couro avançavam, e nem o pello escapava!! Quanto ao fato, escusado é dizer que se dá em conta de ração, bem como as patas e cabeças!

«Vou mandar o camarada a duas leguas buscar palmitos, visto não ter dinheiro para ir aos mascates.

«Lopez está a 20 leguas, chamando-nos para nos fatigar e matar á fome!

«Nunca soffremos tanto, como agora, quiçá por estarmos no fim da guerra de polvora e espada, muito melhor e mais honrosa do que a de marchas e de fome, que nos está fazendo o engenhoso Lopez!

«Os voluntarios não tem sido promovidos, nem serão.

«Adeus, até quando quizer o Lopez que eu vá para minha patria, ou até quando seccar o thesouro.

Official de voluntarios.

«*P.S.*—O 2º corpo tem soffrido mais, e as deserções assustam; os soldados tem comido cães! Até desertam officiaes!

—Na Correcção acha-se um rapaz forro que veio de Cachoeira vendido como escravo por seu proprio tio.

Ja esta no deposito para seguir.

—Olhe que os ladrões não poupam meios.

—De uma carta de Assumpção, extrahimos o seguinte:

«..... parece-me que está eminente um rompimento do governo do Brazil com o actual governo da Confederação Argentina. O antagonismo entre o ministro Varella e o nosso diplomata, é expressivo; e as consequencias delle não sei quaes serão. O governo provisorio não me parece persistente; penso antes que elle vae soffrer algum contratempo, e dar logar a graves complicações diplomaticas, nas quaes por ventura intervenham os neutros.

«O *rabo*, costuma-se a dizer vulgarmente, é o peior de esfolar. Talvez seja o que nos esteja acontecendo agora. Vejo aqui o horisonte muito negro, e tenho apprehensões sérias pelo dia de amanhan, acreditando que a guerra se *terminar, será para começar de novo!*

«O porque lhe digo isto, exporei em outra carta; agora não o posso fazer.

«..... o principe continua seriamente preoccupado, e tem seus desgostos: elle vê muitas complicações no modo porque o Paranhos tem dirigido as questões diplomaticas, e nellas não tem querido absolutamente intervir. Todo o seu esforço é ver se alcança ou aniquila Lopez, para o que não tem poupado esforço, fadigas, actividade, dedicação: é sequioso de gloria, e se não faz mais, é porque *absolutamente não pode*.....»

«O que soffremos sobre fornecimentos de bocca é *horroroso!* Creio que o principe resolveu por isso romper com todos os fornecedores, (que me parece irão fazer por isso cruzada) e appellou para o patriotismo de Mauá. O que fará este, não sei eu—ignoro se a melhor boa vontade e patriotismo do Mauá, conseguirão fazer que não sintamos novos horrores!..... No fim de tudo isto ha aqui no exercito profundas queixas contra o chefe do Estado!

«E' quem mais perde individualmente nesta guerra.....»

—Diga o que ha da côrte.

—O governo viu-se a braços com uma revolução scholar, que o poz em serios embaraços.

A revolta foi debellada pelas previdentes e energicas medidas tomadas.

Graças a bellicosa attitude do governo, as instituições da paiz *seriamente* ameaçadas, não soffreram abalo.

O *Jornal do Commercio* de 26 ds passado, noticiando a inauguração da estrada de ferro de S. Christovão diz que houve *papança*, almoçando a *familia imperial em um sobrado e os mais em uma cocheira.*

—São glorias deste paiz de fitas e librés.

—O ministro argentino Varella, que vinha á côrte *aconselhar* o ministerio a fazer *quanto antes* a paz com o Paraguay, mudou de rumo e la se foi para Assumpção.

Parece que ficou burlada a viagem do Sr. Bom Retiro, que ia aos estados platinos *tratar de sua saude.*

No mais tudo eram rosas.

A PEDIDO

—Capitão, a S... branco tem feito as todas; ainda outro dia eu soube de uma cousa que se passou em Itapagipe...

—Ja tenho dito, que não quero saber dessa mulher.

—Está bom, capitão, ja vejo que não me quer ouvir.

—Ora não quero massadas; desejo somente saber como vae o namoro do Terreiro: em que adiantamento?

—Disseram-me que o negocio não vae mal;

aquillo tambem é uma cousa de mais, pois elle é um homem casado.

—Sim, eu sei d'isso, e que mais houve?

—Agora não posso satisfazer a sua pergunta, vou informar-me melhor, hei de dar-lhe minuciosas informações d'ellas uma por cada vez.

—Tambem ouvi dizer que o marido da S.. branco dissera que ia sahir o C... e a Senhora.

—Ja que sabe d'isso é por que quer deital-as.

—A festa de Senhora da Conceição dos Artistas, erecta no convento dos religiosos franciscanos, transferiu-se para o dia 19 do corrente.

Os mezarios desta devoção esperam, como sempre, a coadjuvação dos devetos da Santissima Virgem, afim de que seja a festa, no presente anno, com o brilhantismo e solemnidade dos annos antecedentes.

Sr. redactor do *Alabama*. —A bondade que teve V. de mencionar no seu muito lido periodico a aggressão, de que fui victima, com o caracter de premeditação, me obriga a duas palavras sobre um facto, que tão pouco me impressionou, que não o julguei digno de menção.

Preveniu-me um amigo de que o Sr. Domingos Borges de Barros, cujo primeiro nome até então eu ignorava, e um outro parente do Sr. barão de S. Lourenço, tinham promettido tomar-me contas por artigos publicados no *Diario*.

Por isto mesmo fui, como sempre, só e desarmado, ao hotel que se tinha marcado para ponto de espera, e la achei o Sr. Borges de Barros, que começou por me pedir uma conferencia.

Depois de elogios a minha pobre pessoa, quiz por força saber o Sr. Barros quem tinha escripto certa noticia do *Diario*; mas apenas levantou a voz, seus mesmos amigos, creio, o agarraram: foi então que me dirigin algumas ameaças, a que só respondi que estava em seu direito.

Devo agradecer ao Sr. Santos o ter ordenado, ao Sr. Barros que sahisse de seu hotel, para nunca mais tornar, e a todas as pessoas, quer conhecidos, quer desconhecidos, os signaes de reprovação que deram ao procedimento do Sr. Barros, excepção talvez unica do noticiarista do *Jornal*, que devia ficar desconcertado por não ter o concerto, que tão guapamente annunciou.

Acho exagerados os louvores, que se tem dado a minha prudencia nesta occasião,

E' difficil, em certos momentos, reprimir a colera; mas eu não me encolerisei, alem de estar prevenido, a fraqueza de certas provocações é não poderem nunca irritar.

Quando o Sr. Borges de Barros ameaçou que ia pôr fogo ao hotel, ninguem deixou de fazer sua cama, sem que por isso se lhe gabasse o sangue frio: pois quem não mette medo não faz raiva.

Agora, si o Sr. S. Lourenço sabe ou não sabe disto, si consentiu ou não,—é o que não me importa, nem asseguro.

Si se tratasse de outro homem, eu poderia formar um juizo sobre a impressão, que lhe deveria fazer ver seu nome misturado a este espalhafato; mas estes homens que nos governam sem saberem o como nem o por que, ninguem os entende, nem se entendem elles proprios.

Bahia 4 de dezembro 1869.

B. Barreto.

Cruz! A Maria Francisca
Por *cara preta* chamada,
La pela rua d'Ajuda
Traz a gente assombrada.

A' noite, fora de horas,
Leva fazendo estação;
De braços dependurados
Uma vella em cada mão.

E' feitiço, ou penitencia,
Que faz a tal *cara preta*?
Quem sabe é a Izidoria,
Que é socia da *trincapeta*.

Que agouro! *Te abernuncio*!
Va p'ra maré de vasante;
Si tem trato co'o *tinhoso*,
Va p'ra logar bem distante.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO, RAPAZEADA.

Aproveitem, que está se queimando no deposito de charutos de Augusto Rodrigues Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.° 51, o seguinte: charutos finos de bons fabricantes, cigarros de diversas qualidades, fumo picado, bolsas de borracha, mortalhas, palhas de milho, cachimbos cobertos e descobertos, ponteiras para charutos e cigarros, phosphoros de segurança do melhor author, em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas para candeeiros de gaz, folhinhas de Laemmert para 1870, diversas miudezas e tudo o mais que se encontrará no dito deposito a vontade dos bons amigos e freguezes, sendo bem servidos em toda e qualquer qualidade destes generos.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 59
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 12 DE DEZEMBRO DE 1869. Ns. 586 e 587.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de dezembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe a solução da seguinte embrulhada:

Consta que o Sr. Justino Gustavo Dourado tem no serviço de seu alambique, na fazenda Barra Grande, os individuos Claudio da Silva, Narciso Soares e Jacintho Themoteo d'Andrade, matriculados como seus escravos, os quaes são ao mesmo tempo qualificados guardas nacionaes no batalhão n.º 23!

Ora, eis ahi um perfeito enigma, a ser exacta a informação que nos prestam: individuos considerados escravos e ao mesmo tempo cidadãos guardas nacionaes!

Recorre-se a S. S. com fundada esperança de que mandará ventilar o caso, para que se disfaça tão inconveniente *equivoco*.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do curato da Sé, chamando sua attenção, pela segunda vez, para o procedimento irregular de uma cabra de nome Germana, escrava do Sr. Baraúna, morador á rua dos Capitães, a qual, na quarta-feira, ás 6 horas da tarde, proferiu affrontosos e obscenos vetuperios, como sempre costuma, o que bastante encommodou aos moradores d'aquella rua.

Espera-se de S. S. providencias.

—O *Jornal da Bahia* disse, ha dias, que em mattos da freguezia de Brotas encontrara-se uma ossada humana.

—E acrescentou que *pelo exame* que se fez, *reconheceu-se* ser de uma mulher de côr preta.

—Pois não foi uma ossada que encontrou-se, e sim um cadaver.

—Diga-me isso.

—O qual ficou insepulto.

—De veras?!

—E foi devorado pelos urubús.

—Que horror!

Pois a falta de charidade desta terra chega ao cumulo de se deixar o cadaver de um christão servir de pasto as aves carnivoras?

—Manuel Côxo, morador na Baixa do Oiteiro d'Areia, descobriu o cadaver de uma mulher com a cabeça mettida n'uma cerca, no logar chamado *Agua de beber*, e immediatamente deu parte ao inspector Caribé, o qual reuniu gente, que postou no logar e mandou chamar o subdelegado.

O cadaver estava em putrefação, mas ainda intacto, si bem que os urubús já andassem peneirando em derredor.

Dous dias depois appareceu o subdelegado, achando-se já o corpo espicaçado pelos corvos, mas ainda em condição de ser sepultado.

A humana authoridade porem, entendeu que o mais piedoso era deixar o bando de carnivoros dar cabo daquelles restos de uma creatura e retirou-se sem providenciar para que se lhe désse sepultura.

—E' a maior das impiedades!

Entregar o corpo de um christão aos bichos para dar cabo delle!

—E depois vem o *Jornal* dizer que pelo exame reconheceu-se serem ossos de uma mulher preta!

—Esta é de eternas luminarias!

Quem, olhando para uns ossos, conhece os si eram de preto ou branco, vendo um pouco de sangue tambem pode distinguir se era de plebeu ou de fidalgo.

—Na quarta-feira á noite, na occasião em que se tocava o recolher, na praça de palacio, um creoulo alfaiate, de nome Ambrosio, na rua da Mizericordia, atirou por terra uma mulher tambem creoula, que se acha pejada, e calcou-a aos pés, deixando-a sem falla, pondo-se depois em fuga.

Dizem que Ambrosio depois de ter, Atraz da Sé, apupado a offendida que se achava conversando com um invalido, fôra premiditadamente esperal-a na praça para espancal a, em razão de lhe ter esta extranhado o seu inconveniente procedimento.

Algumas pessoas que se condoeram da infeliz, conduziram na á braços para a casa de sua morada na rua dos Carvoeiros.

O Sr. Dr Dormund, sendo logo chamado, administrou os soccorros medicos de que ella necessitava, notando mais estar ella affectada do cerebro.

—E a policia não compareceu?

—Era noite e ella dormia, como sempre, o somno da indolencia!

As 11 horas da noite, um moço, que tinha presenciado todo o occorrido, e que não vira comparecer um só agente policial, foi dar parte ao subdelegado, o qual se apresentou.

—Boa; esperemos pelas providencias!

—Anda nas ruas desta cidade uma desgraçada mulher dando o mais deploravel e vergonhoso spectaculo.

A pobre mentecapta, costuma umas vezes andar inteiramente núa, outras em fralda de camisa!

—E as authoridades estão cegas que não veem!

—Além da torpeza do quadro exposto a vista das familias, a coitadinha, privada da razão, é maltratada pela turba dos moleques!

A' uma, duas horas da noite, hão de vel-a pelas immediações do Sodré em tão lastimavel estado.

—Coitada! Causa dó!

—Chama-se Lucia, é creoula.

Na quinta-feira á noite andou pela freguezia da Sé, com a saia debaixo do braço, acompanhada de um turbilhão de moleques.

—Em que consiste a apregoada charidade desta terra?

—Em apparatosas demonstrações, em recepções de pessoas imperiaes, em festas estrondosas, em subscripções de ostentação; cousas que deem na vista; nada mais.

—Onde estão esses actos verdadeiramente generosos feito sem estrepito?

—Nenhum existe!

—O que tem feito esses inculcados servidores do paiz, que morrem cobertos de fitas e condecorações?

Que beneficios legaram em seu paiz a causa da humanidade?

—Nada absolutamente.

—Para cumulo de infelicidade, nossas authoridades consentem que n'uma cidade illustrada, no meio de gallas e ouropeis, vague pelas ruas uma mulher semi-nua!

—A parte policial traz ás vezes bons pedacinhos.

Os soldados de policia espancam um homem e prendem-no por qualquer futilidade; no outro dia lá vem na gazeta:

«A' disposição da policia, foi preso fulano «de tal, *por desordem.*»

—Mas quem fez a desordem; o homem que apanhou e foi preso, ou os soldados que o esbordoaram?

—Isso é que não se diz.

—E' verdade que logo que se espanca um homem, ha desordem

—Chama-se um a fallar e dous a entender.

—Ou pagar o mal que não fez.

—Com os peccados!

Os moradores do Maciel de baixo podem morrer intoxicados, mas não ha viva alma a quem bata o coração de mandar arrombar a loja n. 18—E, que está causando peste!

—Na verdade é o suprasummum de deleixo!

Ha mais de 12 dias que a rua é um lago de excremento que desagua por aquella porta, o fedor é insuportavel; o clamor é grande; mas ninguem toma a deliberação de remover um mal que affecta a tantas saudes!

—Capitão, tenho um caso estupendo.

—Conte.

—Um gato, que despojou a Santo Antonio do seu altar e collocou-se nelle.

—Isso é pêta sua.

—Parece maravilhoso, mas é real.

—V. é um embusteiro.

—Não é graça, capitão.

Um gato teve a habilidade de abrir o nicho de Santo Antonio da velha Barbara, atirar a Imagem ao chão, a qual partiu-se, e encarapitar-se dentro.

De manhan, quando o zelador foi abrir a capellinha, achou em logar do Santo Antonio um gato no altar.

—Parece inverosimil!

Quando foi isso?

—No dia de Nossa Senhora.

—Dar se ha que o capeta desesperado por ver os louvores prodigalisados a tão Excelsa Senhora, nesse dia, se mettesse no corpo daquelle animal para praticar semelhante diabrura?

—Só neste paiz se vê disto!

Pois adiante da procissão da Immaculada Virgem da Conceição, uma pandega de moleques á jogarem balaios para o ar e a mandingarem uns com os outros!

—Isto é uma falta de respeito a religião.

—E por que é tudo isso?

—E' por que a policia não dá cavaco com essas cousas.

—Sim; isso para a policia é bagatella, são cousas com que ella não se deve occupar!

—As missas de madrugada tem seus inconvenientes.

—Dizem que é uma commodidade para a pobreza.

—E' burla.

Eu vejo nellas muito rapaz petimetre, muita moça da moda, muita crioula *chique*, e muita mulher de capona que vão a ellas por *fadio*, pois de dia vão de novo entupir a egreja.

—O que parece é que poucos são os que concorrem por espirito de devoção.

—As missas de madrugada são pretexto para muita bandalheira.

Uns vão para roubar, outros para namorar; uns valem-se do apertucho para beliscar as moças; outros vão fazer maroteiras cosendo as caponas das velhas e deitando rabo nos vellos; muitos vão de proposito provocar assuadas; alguns aproveitam a occasião para darem beijos, apertos de mão e entregarem cartinhas.

—E que me diz da confusão e berraria que ha quando se abre a egreja?

—Parecem mais quitandeiros na praça do mercado, do que christãos que vão implorar a graça do Supremo Ser.

—Em S. Francisco, no dia de Nossa Senhora da Conceição, foi o maior dos escandalos: bofetadas, chinelladas, empurrões e descomposturas.

—Quasi matam uma criança, filha do Nicolau fiscal.

—Pisaram horrivelmente a uma senhora.

—Arrancaram as argollas das orelhas de uma mulher.

—E rouberam o panno da Costa dos hombros de outra.

Alem de um alarido e reclamações de chinellas, sapatos, lenços perdidos, etc.

—Tudo isso junto prova que as missas de madrugada em logar de serem uteis são prejudiciaes.

—E jão em relevo a decadencia moral desta epacha, a impiedade e falta de fé que lavra no povo.

—Capitão!

—Quem está ahi?

—Um creado de V. Ex.

—Pode entrar quem é.

—V. Ex. dá licença?

—Pois não.

—Venho aqui, fiado no carater religioso de que é V. Ex. revestido, pedir-lhe para dar uma noticia.

—De alguma festividade provavelmente?

—E verdade; da festa da gloriosa Santa Luzia, no dia 13 do corrente, na egreja do Collegio, mandada celebrar, como é de costume todos os annos, pelos moços do coro da cathedral e mais alguns fieis devotos.

Haverá as 7 horas da manhan, para os devotos que não poderem assistir a festa, uma missa solemne.

Estou sciente, e vou mandar noticiar. E' de esperar a concurrencia dos fieis!

—Desde ja agradeço a V. Ex. A gloriosa Santa Luzia lhe recompensará n'esta e na outra vida, nesta vida ajudando-o em seus trabalhos, e na outra entercederá por V. Ex. á Deus, e alcançará d'Elle para seu descanço as glorias eternas!

—Obrigado; os mesmos votos faço eu para que Ella obtenha de Deus a recompensa para Vm. e todos os devotos que concorrem com o seu obulo para a commemeração do seu glorioso dia.

—«Iaia Leonor, V. não foi a missa hoje?

—«Eu não; hei de ir, querendo Deus, na noite de Natal.

—«Pois V. *afilhada* de um conego, devia ser beata.

—«E' o que V. pensa; elle não quer que a gente vá á festas e nem se confesse, diz que basta se viver contricto e confessar-se de coração á Deus.

—«Appoiado!»

—Mas ao que vem este dialogo?

—Era a afilhada de um conego, como já lhe disse, que conversava com a filha de um escrivão.

—E ao que veio V. narral-o?

—E' para lhe mostrar o que são os padres!

Si vai alguma pessoa se confessar e diz que nunca o fez, o padre manda logo levantar-se, por não se ter nunca confessado; exigo logo confissão geral e outras cousas mais que só elles entendem, ao passo que aconselham aos seus *afilhados* que se não confessem!

—São assim as cousas, elles sabem a rasão por que aconselham aos *afilhados* isso.

—Quer ouvir minha opinião.

—Exponha.

—Uma das praticas do christianismo que mais fazem cahir em desconceito a religião catholica são as procissões.

—Estou de accordo.

—A falta de respeito, que se nota, as irreverencias, os escandalos, as murmurações, as invectivas, a balburdia, attestam que se deve acabar com ellas.

Mulheres desenfreadas atraz das Sagradas Imagens commettem toda casta de profanações.

—Essas estabanadas vão alli somente para mostrar o *semestre*.

—Diz-se, entretanto, que as procissões tem por fim lembrar, aos peccadores e desviados do caminho da salvação, as virtudes d'aquelles que mereceram a misericordia divina; e, que á vista d'aquelles que soffreram o martyrio pela fé, os peccadores se arrependerão de seu peccados e entrarão no caminho de Deus.

—Os factos dizem o contrario; não ha um só individuo que não saiba o grau de desrespeito que reina nas procissões.

—Parece que acto tão serio, como devera ser, provoca mais a reincidencia dos peccados do que a contricção dos peccadores.

—Não se me dá de apostar que quasi todos os padres, em suas consciencias, entendem o quanto são inconvenientes taes festejos pela maneira que são feitos.

—E' nessas apparatosas occasiões que desapparece toda humildade para dar logar ao mais descommedido orgulho.

E' nessas occasiões que cada qual procura os mais luxuosos adornos e atavios para expor-se ás vistas dos circumstantes.

E' nessas occasiões em que as depravadas messalinas, com os lascivos meneios desafiam as vistas concuspiscentes de seus admiradores.

—Isso se vê nas procissões mais commovedoras pela lembranças que trazem os soffrimentos do Redemptor, como a de Passos e Enterro do Senhor.

Portanto, si as procissões não preenchem o fim a que são destinadas para que continuar com ellas?

—E' muito justo.

—Que crença pode infundir á juventude uma figura que é carnavalescamente vestida pelos armadores, á sua vista, sem o menor recato, e que vae para a egreja na cabeça de um preto para dahi sahir n'uma charolla com o nome de um santo qualquer?

Não será isso expor a religião ao ridiculo?

Não será isso plantar a incredulidade nessas intelligencias predispostas as primeiras impressões?

—O dinheiro que se gasta em tão inuteis pompas, que nada aproveitam, seria mais bem aproveitado, applicando se em cousas necessarias e inherentes aos principios da religião que Jesus nos ensinou.

Os seus sacrificios, como nos annunciaram os prophetas e nos disseram os apostolos, foram para nossa salvação, e as suas doutrinas nos ensina que Elle é a Porta do Ceu, e como tal so de Jesus poderemos obter a salvação.

—A qual Elle, por sua Divina Bondade, nos dá de graça, sem interesse pecuniario.

—Assim, pois, acho duvidoso, que por meio dos Santos nos possamos salvar.

—Contra a veneração e culto que prestam os romanistas por meio de imagens, idolos, ou semelhanças de quem quer que seja, é bom que se veja o que diz o Velho e Novo Testamento:

«Antigo Testamento.—1.º nos 10 mandamentos de Deus.—Exodo c. 20 v. 4.—Não farás para ti imagem de escalptura, nem figura alguma de tudo o que ha em cima no ceu e do que ha em baixo na terra.

V. 5.—Não as adorarás, nem lhes darás cultos; porque eu sou o Senhor teu Deus, o Deus forte e zeloso, que vinga a iniquidade dos paes nos filhos até a terceira e quarta geração d'aquelles que me aborrecem:

«V. 6.—E que usa de misericordia até mil gerações com aquelles que me amam e que guardam os meus preceitos.»

—Estas suas considerações podem desgostar a *alguem*.

—Mas os animos illustrados, e aquelles que crecm na pureza e santidade dos verdadeiros principios catholicos, nos farão a justiça de crer que somos levado á ellas pelo amor á religião e a Jesus, que para nos remir deixou derramar seu sangue e crucificar-se.

—Veja como trata o imperador a seus escravos.

E' a *Opinião Liberal* quem conta:

«Gabriel David, creoulo, escravo do imperador, jaz atirado nas masmorras de Catumby —ha 15 annos— de corrente ao pé, sem processo, nem sentença de crime por que tenha sido accusado!!

«Ha *quinze* longos annos que o infeliz Ga-

Briel David, precipitado nas galés, naquelle inferno de semi vivos, não pelas mãos da justiça, mas pelas mãos, por uma simples ordem verbal do magnanimo e mavioso principe civilisador da America, não ouve sinão a tetrica monotonia da corrente que lhe pende desde os rins até os pés, que não tem para civilisar seu espirito sinão as scenas barbaras dos acoites officiaes e todo aquelle apparato lugubre de uma prisão de precitos!

« Ha QUINZE ANNOS, senhor, que aquelle membro da familia humana (a que por certo não pertenceis) alli apodrece por vosso mero arbitrio, por um acceno vosso! Ha QUINZE ANNOS que alli o esquecestes, como de uma asquerosidade que por accaso vistes ao perpassar veloz no vosso coche, cercado do vosso piquete, de arautos e batedores!

«E como vos lembraria mais esse pobre diabo, si sempre andaes preocupado com tantas victimas illustres?!!

«Pois bem, senhor: uma graça so!

« MANDAE PUBLICAR A SENTENÇA DE GABRIEL DAVID. »

—Que sarceiros! que palavradas!

Esta rua do Collegio está egual ao becco do Grello.

E' do sobrado n. 48.

—Quem mora la?

—Ahi está V. com partes de *tété maribondo*.

Pois não sabe que as moradoras da casa são gentes da *vida airada?*

—Ah, logo vi.

—Quero correr sua venda.

—Do balcão para dentro não me põe o pé.

—Não sabe que sou o fiscal geral?

—Sei; mas não consinto.

—Pois ha quem o faça consentir. Vou ao *chefe*.

—E eu tambem.

.....

—Sr., este homem resiste a que eu passe vistoria nos generos que tem em sua taverna. V. S. sabe que pela lettra da postura 19 estou authorisado para isso. Venho pedir sua coadjuvação.

—Sabe que mais, meu amigo? Acho melhor que deixe o homem.

Elle é tão bruto e falla tão cerrado, que mal pronuncia o portuguez.

Ao depois vae ao consul, queixa se de que foi violentado, e ahi temos reclamações; complica se o negocio e eu não estou para *pendengas* diplomaticas.

—Mas, Sr., eu tenho informação que este homem tem grande porção de generos avariados no interior da venda.

—Deixe passar.

—Está bom, já que V. S. entende assim e o povo é quem soffre, vá lá.

—D'onde vem?

—Da Cruz do Cosme.

—Viu por la alguma cousa?

—Somente uma mulher, Maria de tal, na rua Direita da Cruz do Cosme, que qual uma fera espancou a um seu filho menor, de 5 annos, de nome Adolpho, o qual foi-lhe tirado das mãos pelos visinhos como morto.

—H je?

—Sim, hoje 11.

—Não foi presa?

—Por quem?

Os visinhos na falta de medico, despejaram uma porção d'agoa fria na creança que a fez tornar a si e nada mais.

—Ora decididamente esta terra vive entregue as baratas.

Á PEDIDO

—Capitão, a justiça tem duas faces?

—Conforme.

—Então imita ao camaleão que muda de cor, conforme as circumstancias.

—V. está procurando muito fundamento.

—E' que me contaram um acto de justiça, que na minha opinião é clamorosa injustiça.

—De quem?

—Do Sr. Dr. chefe de policia.

—Ha de ser alguma calumnia; alguma intriga politica.

—O caso não é de politica.

—Pois conte que quero ouvir.

—Uma mulher do povo, pobre ganhadeira, de nome Rosa, tem uma filha menor, que foi seduzida e deflorada por Januario Francisco Borges do Sacramento, musico.

A pobre mulher foi cahir ás plantas do Sr. Dr. chefe de policia e pedir-lhe a reparação para a deshonra de sua filha.

Januario é votante de *chapa batida* de certa influencia eleitoral, e compareceu na presença d'authoridade escudado nessa valiosa recommendação.

E na presença do magistrado, onde todos tem obrigação de portar-se convenientemente, e de acatar aquelle que é o intermediario da lei, disse Januario desembaraçadamente:

«Sr. Dr., esta mulher encommodou-me por isto? A senhora não tem razão de se queixar.

«A senhora mesmo teve a culpa de sua filha se prostituir, porque a mandava ganhar, dizendo-lhe que ja estava em estado disso. O que quer agora?

—So isso constitue um desacato a autho-
d de.

—Foi uma defeza por de mais sufficiente para que o integerrimo magistrado, na austeridade de sua consciencia julgasse da innocencia e inculpabilidade do Januario e o mandasse em santa paz.

Ao mesmo tempo, Rosa era despedida com um tremendo esfusilhote, porque, alem de *concorrer* para a perdição de sua filha, ainda tinha a *animosidade* de vir encommodar a authoridade.

A pobre mulher ficou tão atarantada que não disse mais palavra e sahiu vendendo azeite ás canadas.

—Rapaz, não sei si é porque nutro alguma sympathia pelo Dr. Assis, que me custa a acreditar em sua historia.

Duvido que elle procedesse tão parcial e levianamente. Mas emfim, como o errar é partilha da humanidade...

—Eu tambem não quero acreditar; mas contra a minha incredulidade ante-põe-se a basofia do proprio Januario, que em qualquer parte conta o caso como uma proeza.

—Em todo caso, é certo que entrou mais uma victima para essa vida de aviltamento e ignominia.

—E que Deus em sua recta justiça tomará severas contas áquelles que coadjuvaram para isso.

—Os religiosos franciscanos já celebraram o seu capitulo?

—Já.

—Quando?

—No dia 4 de dezembro.

—E quem foi escolhido provincial?

—O Revm. padre-mestre frei Francisco de Nossa Senhora da Penna.

—E' esta a quarta vez que é reeleito frei Franciscisco para provincial!

—Mas que quer? Elle gosa de sympathia geral de seus companheiros, pelo muito que tem trabalhado para a prosperidade da Ordem.

—Então, recebam de minha parte os religiosos franciscanos os meus parabens, pela acertada escolha que fizeram do padre mestre frei Francisco.

No dia 7 do corrente recebi ordem do Sr. Dr. chefe de policia, para que comparecesse á sua presença. Como de facto ahi fui, no dia 8, sem saber o fim para que eu era chamado.

Declarou-me o Sr. Dr. chefe de policia que tinha toda convicção e certeza de ser eu quem escreveu alguns escriptos no periodico *Alabama*, os quaes diziam respeito a familia do Sr. Bernardino Ignacio de Almeida Gouveia, respondi-lhe que nada tinha com isto, ao que asseverou-me elle ser este facto tão verdadeiro, que querendo eu casar-me com uma das moças dessa familia a força, tinha sido repudiado.

Foi com admiração minha que ouvi semelhante asserção, e desde ja provoco a quem denunciou-me ao Sr. Dr. chefe de policia, arrogando-me uma injuria, a vir declarar pela imprensa, si são verdadeiras aquellas allusões, certo de que si não o fizer passará por um calumniador, e então apresentarei certos documentos, que não ficam muito bem á essa familia, para que o publico fique sabendo que não fui *repudiado* por ninguem, e o Sr. Dr. chefe de policia tenha conhecimento desta calumnia.

Queira Sr. redactor inserir estas linhas em seu jornal.

Bahia 10 de dezembro de 1869.

João Alves Pereira de Vasconcellos.

—Capitão, ouça esta.

—Não estou para aturar-te grandecissimo *inventor*.

—Não é invenção, capitão, é um facto veridico que pode até interessar-lhe.

—Então diz la.

—O capitão costuma irouvir os *assopradores do trem de paz*, as quartas e domingos no *estreito Riachuelo*?

—Costumo e tenho gostado: ha muita concurrencia... domingo la vou.

—Não vá, não, capitão, que não *assopram* mais.

—Porque?!

—Ora! porque o *Par de aranhas* tendo agora muito calor, quer que lhe assoprem em *outro logar*; e alem disso diz elle que os seus *vigesimos* distribuidos pelo *reinado da lua* terão pela sua *industria* maior vantagem do que assoprando debaixo da influencia do gaz, por uma insignificancia.

—Sendo assim, grande bruto, tem o *Par de aranhas* razão que farte!

Pois tu não vês que o Sr. *Par de aranhas* não podia perder a freguezia que, a força de grandes empenhos, conseguiu obter, para as suas *menoridades*, a menos que os do *Estreito Riacho Leo*, onde o trabalho é mais *pezado*, lhe não garantissem resultados superiores?!

—Está bom, capitão, então desculpe a observação, eu julgava que os *porta-gaitas* não tinham emprego de mais *volumoso* interesse: mas olhe, capitão, os do *estreito Riacho-Leo*, não ficarão zangados pela peça que lhes pregou o *Par de aranhas*.

—Ficam, ficam; porem afinal hão de desculpar o procedimento do mesmo senhor, em reconhecendo que eram cauza de prejuizos.

—Bom, bom, capitão, vou agora direitinho ao trem de *paz*, indagar de tal emprego no *Reino da lua*, e alisto-me como *protector*, não sendo cousa dispendiosa.

—Pois vae, e aqui para nós o presidente da instituição, é o *Par de aranhas*...

—Capitão... capitão... ó capitão!

—O que determina?

—Como vi V. Ex. passar, chamei-o para contar-lhe um caso.

—Estou ao seu dispor!

—Um moço comprou um palitot na loja de aninhagem de um tal *Maneca* a quem chamam *linha nos ares*...

—E' um que tem loja na *Taboa-grande*?

—E' este mesmo.

—...sahindo o moço com o palitot, quando chegou na Estrada Nova appareceu um personagem e o arrancou do corpo dizendo que tinha sido furtado!

—Que pilheria!

—E o caso não é este, é que o dono ainda quer haver delle um relogio e uma cadeia de ouro que lhe furtaram junto com o palitot.

—E elle não disse quem lh'o havia vendido?

—Foi com o sujeito, mostrou a loja onde tinha comprado; mas *linha nos ares*, a principio sustentou e depois negou ter vendido o palitot, por que o dono dirigiu-se, dizem, *in continenti* para a policia.

—E quem é esse pobre moço?

—E' um pobre selleiro, um artista.

—Mas o tal *linha nos ares* é, como todos nós sabemos, acostumado a comprar furtos e por conseguinte a policia deve dar um busca na loja delle.

—E ha de achar muitos objectos roubados.

Aquelles negociantes da *Taboa-grande* quasi todos elles vivem de comprar roubos.

—Pois não se vê logo: um logista d'aquelles, com uma pequena biboca, é proprietario, de boas propriedades, e accionista dos principaes estabelecimentos bancarios!

Está visto que, si elles negociassem licitamente, não podiam enriquecer assim de momento.

—Firmam-se n'este dictado,
De um finado barão:
«Si me hão de chamar pobre,
«Antes me chamem ladrão!»

—Que mulher versada no vocabulario de obscenidades!

—Chama a isso um *baile* que veio dar.

—Oh, dammada serigaita!

—Quanta immundicia, quanta imparezia jorra por aquella bocca!

—Mas isso aqui na ladeira da Ordem Terceira, ás 10 horas da noite, é por demais improprio.

E' um insulto ao pudor das familias.

—A mulher parece hallucinada!

Depois que a outra abriu a porta, quer quebrar os trastes, quer tocar fogo na arca da roupa!

Que *cegueira!*

—E' uma tal Umbelina, moradora á rua do Collegio.

Veio fazer este *perry* na porta da cabra *Dominguinhas*, desesperada por não querer esta voltar para sua companhia.

—Porem assim?

Com tantas palavras porcas, provocando tamanho ajuntamento na rua, obrigando os moradores a correrem a janella pela gritalhada?

Com vinagre não é que se pega moscas.

—Porem em tudo isso repare que um só policia não appareceu, apezar da algazarra.

—E' verdade; e tome nota que hoje é 10 de dezembro.

—Capitão quer saber alguma cousa da S... branco.

—Nada, ja te disse que nada quero saber d'essa mulher... conta-me outras cousas.

—Ah! capitão, é muito feio.

Disseram-me que a Z... ja foi encontrada catando piolhos no *pipia-cega*.

—Qual! isso tambem é demais: talvez amisade, relações, etc.

—Sim, mais dá que fallar.

—Ora essa é boa, tu tambem por qualquer cousa fazes uma barulhada dos pecados.

—Mas consta-me tambem uma cousa é que elle não tem *T* e por conseguinte... o capitão ja me entende.

—Está bom, vai-te, estou satisfeito.

Será permittido a um empregado publico, em horas que deve estar na sua repartição, ir ao Bom-fim comprar cêra?

O Varella.

—Para que tem V. aquella casa alugada?

—Para meu uso.

—Para seu uso, eim, meu cynico!

V. é homem casado, para que quer uma casa que só se abre de noite?

—Isso é que se chama querer entrar na vida privada!

—Si a policia soubesse o que vae por aquelle bordel, o culto que ali se rende a era-

pula e a devassidão, já tinha dado cabo de semelhante lupanar.

—Ora! eu ando de *costas* quentes.

—Ora deixe estar que quem lhe *arma* uma carrapata sou eu.

VARIEDADES

—Olá! Adolfo, por aqui agora é novidade, Veste a passeio?

—*Quá, meu amigo, desna qui eu sahi aqui da praça, nunca mais vim aqui sinão a compras.*

—O que veio agora comprar?

—*O qu evenho comprá? ora! um pulê de coisas: um freio pra meu irmão, uma sella pra meu pai; vim vendê um coro da minha mãi, e comprá um par de sóco de coiro da minha prima.*

Júca.

EPIGRAMMAS.

EPITAPHIO NA SEPULTURA DE UM CORTESÃO.

Partido em duas metades
Aqui jaz um cortezão;
Quebrou-se pela cintura
N'um dia de beija-mão

NA LOUSA DE UM TABERNEIRO.

Agua destilla esta lousa,
Verte agoa todo o carneiro!!!
Aquijaz um aguador?
Não, senhor; um taberneiro.

«Duas criancinhas contemplavam um requissimo quadro representando *Adão e Eva antes do peccado.*

Qual dos dois, perguntou a *menina* ao irmãosinho, *é o marido?*

Ah! disse-lhe este, como queres que responda se elles estão *nus.*

«Um individuo original, em tudo, quiz celebrar o seu casamento pela madrugada.

A noiva, coitada, levantou-se a tiritar de frio ir para o altar.

A Senhora treme? diz-lhe o padre.

Sim, Senhor padre, mais é de frio; tambem accressenta a *boa da menina,* á a *ultima vez* que me caso de madrugada.»

(?!...)

CASAMENTO ENTRE MULHERES

Os tribunaes da republica do Chile acabam de julgar um processo curioso.

O jornal *El Mercurio* diz sobre elle o seguinte:

«Santiago, junho de 1869.—Teve emfim seu desenlace o pleito do famoso matrimonio, celebrado ha 14 annos, entre duas mulheres, fingindo-se uma de homem nesse longo espaço de tempo, durante o qual trouxe enganada a sogra e todas as pessoas da familia.

«Chamadas aos tribunaes, persistiram em declararem-se marido e mulher.

«O juiz mandou por facultativos reconhecel-as, e a vista das declarações, foi declarado nullo o casamento.»

—Porque é, minha Sra. que onde está uma mulher estão as maldictas pulgas?

—E porque é Sr. Juca, que onde está um homem estão as formigas?

—Eu lhe respondo, minha Sra. a ambos os *quisitos:*

E' porque a pulga é o emblema do enredo, e a formiga a do trabalho.

Um pregador de S. Braz, principiou dizendo: «Ja os rios não riem; ja os campos não campam; ja os valles não valem; ja os montes não montam; porem tu, meu Glorioso S. Braz, tu sabes rir, tu campas, tu vales, tu montas.»

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

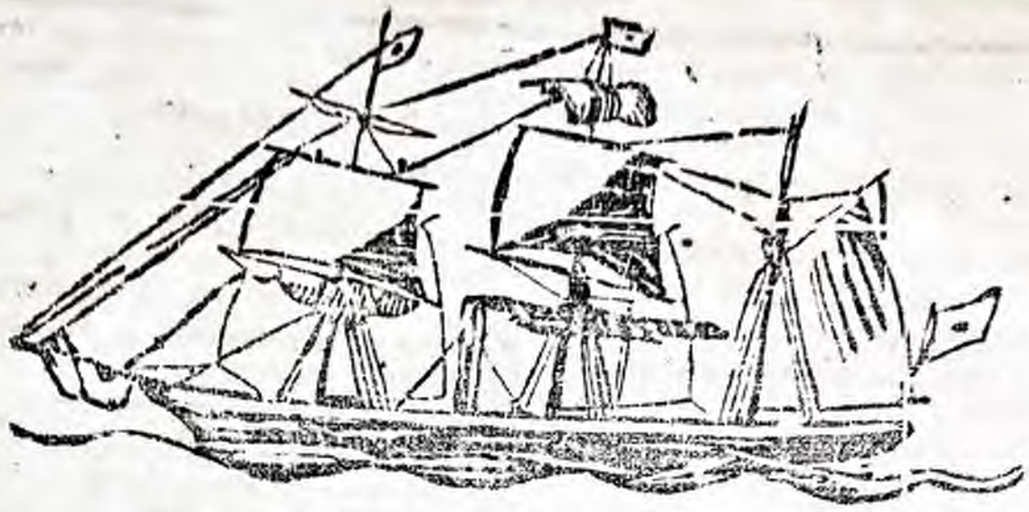
O Castello de Bronze, na Praça de Palacio, convida aos seus devedores a virem saldar suas contas no praso de vinte dias, á contar da presente data, para não passarem pelo dissabor de verem seus nomes publicados. Bahia 6 de dezembro de 1869.

RELOGIO FURTADO.

No dia 4 do corrente desappareceu do vapor de Cachoeira um bahu pertencente a André Pereira da Silva Moraes, contendo além de roupa, dous relogios de ouro, sendo um patente suisso, sabonete, de corda para oito dias, n. 10,551 e o outro patente inglez sabonete n. 27,583.

Quem descobrir ou der noticia a José Antonio Vieira, na rua dos Ourives, n. 12, será recompensado.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao beco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 39
Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 15 DE DEZEMBRO DE 1869. N.: 588.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de dezembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que, na rua do Genipapeiro n. 4, a africana Felicidade tem em sua companhia duas raparigas, as quaes dá a rol como forras, e consta que realmente o são; entretanto que parindo uma dellas, exige a referida africana 100$ rs. pela liberdade do recem-nascido. Ora, si na verdade, as raparigas são escravas, commette essa africana uma lesão aos cofres fazendo-as passar por livres unicamente para não pagar a respectiva taxa, e si são forras, não pode ella exigir 100$ rs. pela liberdade do fructo do ventre de uma dellas.

Em vista do que, recorre-se a S. S., como o competente para deslindar semelhantes duvidas, afim de que mande averiguar a condição das referidas raparigas, para que, no caso de serem escravas, seja sua senhora compellida a entrar para o erario com o que tem fraudulentamente extorquido e, no caso de serem livres, gozem plenamente de suas liberdades e para o futuro não appareçam embaraços.

—Capitão, será exacto?

—O que, meu bom rapaz?

—Que as filhas de S. Vicente de Paula, por um rasgo de charidade e paciencia, mandaram no domingo arrochar de pau o corpo de dous desgraçados doudos, ficando um delles, segundo consta, com uma contusão no craneo.

—E' uma resposta que só lhe pode dar o Sr. Dr. Mendes da Costa Correia, actual provedor interino, ou o Sr. mordomo da Santa Casa.

—Si com effeito isso é real é a prova mais solemne de que taes mulheres são um espelho de bondade e soffrimento das fraquezas do proximo.

—E' verdade; mais cujos vidros estão sempre embaçados.

—Que desaforo!

—O que tem, que está tão agastado?

—Pela insolencia de uns capadocios, esta noite.

—O que fizeram?

—No corredor do sobrado 79. ás Portas do Carmo, mora uma pobre mulher, de nome creio, Feliciana.

Hontem 13, recolheu-se mais tarde por assistir a um baptisado.

Seis reus de policia, *esbarneados*, agarram-na na porta de sua casa e quizeram forçal-a para fins libidinosos.

—Não diga isso, que amanhan a policia manda publicar que foi mentira.

—A mulher luctou com os seis desalmados e aos seus gritos, elles atemorisados largaram-na; mas quebraram-lhe uma gamella em despique.

—Tudo isso passou-se, provavelmente sem

que a patrulha, que ha constantemente no Terreiro, depois que cerrou-se a arvore dêsse fé.

—Ainda si fosse Atraz da Só ou ladeira do Aljube..... talvez alguem sahisse pressuroso do *ninho* em defeza da aggredida.

—Nesta terra não ha fiscaes!

—Ou si os ha, não cumprem com os seus deveres.

—E como hão de cumprir, si, dizem, são subsidiados pelos vendelhões?

—Querem dinheiro para passar bem, no emtanto que julgam a salubridade publica um brinco, uma cassuada!

—E é sempre o povo o prejudicado!

—Ora ouça esta:

Na terça-feira mandei á venda comprar assucar.

Veio o assucar, e eu adocei uma chicara de café; mas ao beber achei-o salgado.

Passei a examinar o café e nada encontrei. Examinando o assucar, vi que estava cheio de sal.

Ora, assim como foi sal não podia ser uma outra substancia que prejudicasse a saude?

—Que duvida! Mas os fiscaes não dão cavaco com essas cousas, só querem dinheiro.

Que importa a elles a saude do povo?

Ande ou quente,
E ria-se a gente!....

Tenham elles dinheiro para passarem regaladamente, recebam de festa bons queijos, boas mantas de carne secca, bons presuntos, finissimos vinhos, etc., etc., leve o diabo o povo, que para elles é a mesma cousa.

—Eu sei que é uma excellente vida a vida de fiscal.

—E' uma vida *boccagiana!* Comem, bebem e..... *dansam*, sem gastarem dinheiro.

—Naquelle vispora do Terreiro constantemente ha desordem.

—Quem quer assim, não é quem deu licença?

—Um tal Borbolino fez um berreiro dos seiscentos por causa de jogo.

—Isso é nada; uma noite destas ia havendo mortes.

—Serio?

—Ora!

O portuguez Vieira por poucas dá um tiro de pistola em um individuo conhecido por *João Diabo*. Si a pistola não falha a primeira vez, tempo que foi bastante para o agarrarem, tinha mandado o outro para o mundo da verdade.

Ambos estavam que não se aguentavam.

—As consequencias não podem ser outras.

—Fizeram a apotheose do vicio, elevaram as casas de jogo a elemento de renda publica, n'uma hora por outra ha de haver desenganados.

—Contrariedes do mundo!

O Sr. vereador Dr. Rocha quer que os homens tenham o previlegio da vendagem d'agoa nesta cidade. A companhia do Queimado é de opinião contraria e pensa que a mulher tem aptidão para tudo.

— por isso admittiu uma mulher como guarda do chafariz do Pilar.

—Ah, V. ja sabe disso?

—Tenho passado e visto a preta Joanna la.

—Ao menos neste ponto a empreza das agoas mostra que não é refractaria do progresso.

—Dizem que o vapor da carreira de Cachoeira, em sua sahida, segunda-feira, para esta capital soffreu uma explosão nas caldeiras que o fez retardar a partida.

—E causou alguns estragos, como o de offender ao foguista.

—Felizmente podia ser peior si o sinistro é no caminho.

—O vapor sahiu as duas horas da noite e chegou aqui ao amanhecer de terça feira.

AS MANEIRAS DE SAUDAR.

Tudo neste mundo tem o que se lhe diga, e não pouco a maneira de se saudarem os homens uns aos outros.

Antigamente a saudação por boquinhas, não deixava de ter o seu interesse; e eu que nem por isso sou dos mais desageitados, me havia de dar muito bem com uma tal maneira de saudar, principalmente com as moças. E deixe estar, que sugeitinho haveria que andasse o dia inteiro saudando pelas cazas.

Foi pena que se abolisse um costume tão agradavel; mas, o Sr. Judas Iscariotes disto foi a causa, porque se lembrou de n'uma saudação e com uma boquinha entregar ao seu Divino Mestre e Salvador.

Mal haja esta sua lembrança que nos privou de tanta boquinha saborosa que haviamos de dar por ahi. E até não teriam os homens agora inveja das mulheres que andam quando se encontram, beijando-se como si fossem pombinhas innocentes.

Todas as nações pois, adoptaram, ou tem entre si a sua maneira de saudar.

Cada homem, passando do geral para o particular, tem sua maneira de saudar.

E bom será observal-os.

Os inglezes se assemelham com essas figuras de realejo que só tem um movimento

certo. Elles pois, não sei porque, tesos e a maneira de quem anda enfesado, para saudar, inda mesmo ao seu maior amigo, dão com a cabeça para frente, e passo por lá muito bem. Um chapeu de inglez dura annos e annos, porque nunca anda na mão:—cabeça ou cabudo, e mais nada.

Os francezes, como em tudo delles figura o caracter principal de sua nação, são grandes nas cortezias, por isso apenas saudados, poem-se logo perfilados, com os pés em figura de dança, arrebitam a traseira para um lado, e vão rasgando uma cortesia formal e com o chapeu na mão levado á um lado, e tudo acompanhado de mil requebros. Os francezes são em tudo formaes.

Os italianos tem o saudar traiçoeiro. Sempre com o riso, inda com aquelles de quem menos gostam. São capazes de vir encontrar a um que passa, e fazer mil macaquices e tregeitos proximos da baixeza para muitas vezes pregar um logro.

Enfim todas as nações tem la a sua maneira de saudar.

Até os africanos, que dão uns estalos com os dedos, e apertam as mãos la de um modo todo seu particular.

Os brasileiros são como os allemães, um saudar franco e sem rebuço. A quem gostam mostram agrado, e desprezam quando offendidos ou resentidos.

Entre as nações, porem, os seus membros variam de maneira de saudar.

Um secco em seu trato, soberbo e cheio de si, passa por seus semelhantes, e nem olha para elles, como si fossem reis do mundo.

Outros andam com o chapeu na mão para todos.

O candidato é o homem mais cortez que ha.

Por falta de saudar não lhe deixam de dar votos.

Não só saúda como pergunta pela illustrissima familia, a excellentissima senhora, e os galantinhos pequenos.

E quando os chapelleiros ganham mais dinheiro, é no tempo de eleições, pois que as cortesias se multiplicam.

Um, dizem até, que mandou dizer duas missas para que houvessem eleições todos os annos.

O homem mais impolitico e malcreado, aquelle que não saudava a uma só pessoa, em sendo candidato soffre uma mudança grande a tal respeito.

Os frades tem tambem entre si a sua maneira de saudar, e não sei porque ha de ser ella de joelho em terra, a laia de musulmano quando encontra-se com o mandarim.

Joelho em terra só a Deus, e nunca a um bolas de habito, muitas vezes poço de quanta perversidade ha no mundo.

Os ladrões e patifes, tem tambem a sua maneira de saudar, e pela qual se entendem. Um piscar d'olhos para elles, é mais interessante do que quatro barretadas e meia.

Já sabem o que devem fazer.

O hypocrita sempre saúda com muita humildade, accompanhando a sua saudação com—«Deus lhe dê bons dias, meu irmão.»

Nós saudamos algumas vezes, mas para que os nossos assignantes não sejam remissos: não é fingido, e no entender de todos passamos pelo mais pontual em corresponder, quando somos saudados com os cobres, enviando nossas folhas.

E' o que se quer, e disse.

Á PEDIDO

—Sr. irmão do culto, estou com V.

Pela Mãe de Deus do Boqueirão, lhe peço, seja mais caprichoso.

Para outra vez não consinta que o andador se apresente, a laia de quem vae para a roça, de palitot branco, para os misteres solemnes do acto da festa da Padroeira.

Tonico.

Como segue o vapor para essa cidade, não quero deixar de te escrever, para te dar noticias á respeito do que nos dizia aquelle nosso amigo, hoje fallecido, sobre sua chara metade; pois hoje é que conheço que elle tinha razão de sobejo sobre sua conducta, visto que ainda não decorreu um anno e ja ella tornou-se uma *viuva* tão *alegre* que não mostra sentimento da morte do marido; e ao contrario anda *se devertindo*, accompanhada daquelle rapaz de *Belem* que como V. sabe é menino-rio.

Por agora adeus.

Na seguinte hei de te contar certas cousinhas á respeito, que te hão de pôr de bocca aberta.

Eu só lastimo a sorte dos filhos do nosso amigo.

Marcolinda.

—Capitão!

—O que ha?

—Uma pergunta apenas.

—Vamos á ella.

—Que nome tem o sugeito que seduz uma menina, filha de um homem respeitavel, a qual, por estonteada e louca, abandona os lares paternos para se casar contra a vontade d'elle?

—E' um seductor.

—E, si depois de casado, elle escreve uma

carta ao sogro taxando sua mulher de adultera, e mandando-o a sua habitação para apanhal-a em flagrante?

—E' preciso ter-se conhecimento das circumstancias que o levaram a tal proceder...

—As circumstancias... as circumstancias são horriveis.

—Então não é homem de sentimentos *nobres*...

—*Nobres! nobres* quando elle reunia em sua casa pandegos e dando certas *larguezas*, retirava-se da sala de jantar para a de visitas a fingir que jogava e perdia quantias que tomava a certo *catasol*, o qual julgava com taes empréstimos ter direito a *franquezas* illimitadas?

—N'este caso, este homem é um miseravel, e eu vou mandar aparar-lhe o bigode na prensa.

—Até breve, capitão.

—Ha um namoro no becco dos Barbeiros, que cheira a immoralidade.

—Já reparei.

São tres sugeitos que levam de dez horas do dia ás tres da tarde em uma loja a fazer pestanejos para defronte.

—Si aquelles rapazes não tem occupação seria bom dar-lhes.

—Isso mesmo já é um emprego.

As taes mocinhas por amor de suas reputações é que deviam ser mais comedidas.

—Capitão, esto biltre precisa de correcção.

—Entenda-se com o muxingueiro.

—Veio este infame de um *rio* cuja enchente é nas agoas de *janeiro*, trazendo para cá *boas* e recommendaveis notas, e tendo se empregado em varias vendas em nenhuma dellas tem durado por causa da maneira por que se tem comportado.

—Mas quem é elle?

—Eu mandarei o *Francisco* no *domingo* em uma *gondola* até os tamarindeiros e ahi procurará n'uma venda, que tem *Santo Antonio* em cima, um sujeito que dá sota e *bastos* de tudo para lhe indicar quem é o amo do tretante.

Pelas immediações do Cruzeiro de S. Francisco vaga um mulatinho, famulo ou commensal dos religiosos franciscanos, que é da pelle do capêta.

Tal endiabrado, é um complexo de travessuras e malignidade. Em progressivo adiantamento, em toda sorte de immoralidades, sua conducta faz perfeito contraste com o exemplo de morigeração que deve receber daquelles em cuja companhia vive.

Ainda na segunda feira esse desastrado ia matando com uma pedra a um menino italiano desses que andam vendendo taxos.

O Illm. Sr. subdelegado da Sé presta um verdadeiro serviço providenciando para o correctivo desse menino que, na carreira em que vae, se tornará um membro perigoso na sociedade.

VARIEDADES

Conta-se que certa senhora muito devota fez uma tresena a Santo Antonio para que lhe alcançasse de Deus a conversão de seu marido. — Acabada a devoção, adoeceu-lhe o marido e em poucos dias morreu.

Bom santo é o meu padre Santo Antonio (*disse a devota*) *concede mais do que a gente lhe pede;* e desmaiava de saudades do marido.

ANNUNCIOS

Os devotos da Immaculada Virgem da Conceição, na rua do Bangala, farão festejar a mesma Immaculada Senhora, no domingo 19, com missa solemne e procissão na matriz de Sant'Anna.

A' noite queimar-se-ha um lindo fogo de planta na referida rua do Bangala.

Espera-se a concurrencia dos fieis devotos tanto na missa, como ao fogo, esperando do genio ordeiro que caracterisa este povo, que ali compareçam pacificamente com o fim unico de abrilhantar aquella festa em louvor da Rainha do Orbe.

MONTE SOCCORRO.

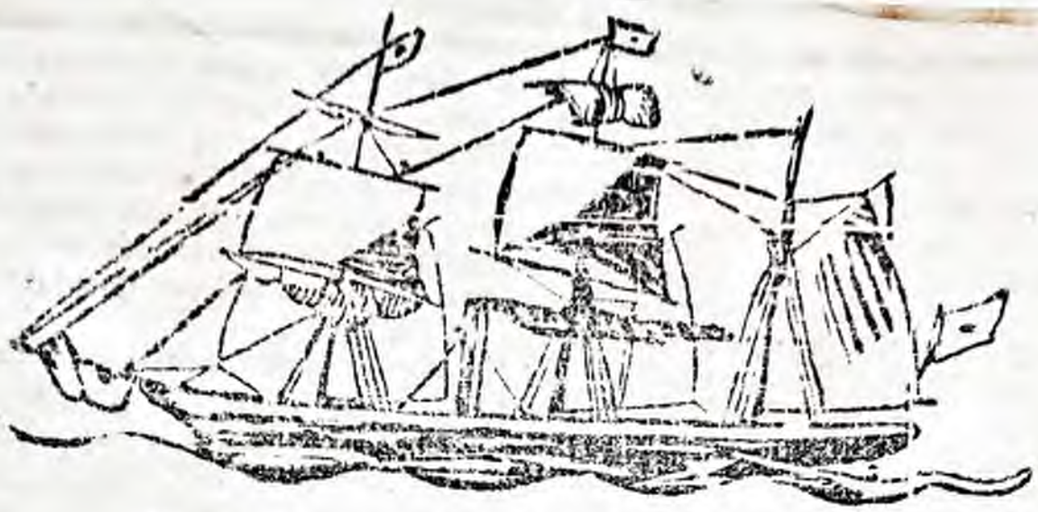
EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

O Castello de Bronze, na Praça de Palacio, convida aos seus devedores a virem saldar suas contas no praso de vinte dias, á contar da presente data, para não passarem pelo dissabor de verem seus nomes publicados. Bahia 6 de dezembro de 1869.

Da-se 50$000 rs. á quem pegar a preta Francisca, ha muito fugida; foi escrava da finada Theodora Rosa de Jesus. Consta ter ido para o Rio deixando dois filhos, Joanna e

☞ *Umbe llino.*



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao beco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 39
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 18 DE DEZEMBRO DE 1869. Ns. 589 e 590.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de dezembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o boato que corre de que em casa de um Sr. major Clemente, aos Perdões, castigam se os escravos de maneira que excede os limites traçados pela humanidade.

Consta que na seguinda ou terça feira uma escrava foi cruelmente castigada. Essa desgraçada, não é d'agora que soffre tão atrocissimos tratos e já uma vez apresentou-se na policia no mais compungente estado, assim como na subdelegacia da Conceição da Praia de outra vez, sem que de nenhuma dellas encontrasse amparo contra seus verdugos.

Em nome da humanidade pede-se a S. S. providencias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, pedindo a coadjuvação de sua authoridade para a extincção da depravada assuada que fazem as *filhas da noite* na ladeira do Caminho Novo; o que espera-se.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, chamando sua attenção para a vida pouco regalar que levam as amotinadas moradoras do beco do *Forma o piquete*

—Capitão, disseram-me que na policia apresentou se Manuel Braz com os dedos estrangulados.

—Nova scena do Moinho?

—Não.

—Mas o que foi?

—Obras do subdelegado de Cotegipe.

—As authoridades desta terra querem voltar aos martyrios da inquisição.

—Manuel Braz é um pobre paralytico; foi preso, e para confessar si era forro ou captivo o subdelegado mandou applicar-lhe anguinhos até quebrar-lhe os ossos.

—Que selvageria!

—Não vamos bem?

Em Alagoas crucifica se; no Piauhy surra-se; no Ceará dependura-se a gente; na Bahia martyrisa-se com tormentos inauditos.

Viva a regeneração da epocha!

—No hospital da Misericordia houve uma pagodeira.

—Pagode cheira a bebedeira, rapaz.

—Foi a irman superiora que fez annos e deu um brodio.

So de peixe vinte e cinco mil reis.

—*Xexé xexé*! Foi patuscada de mão cheia.

—Dous doentes foram mandados ao Rio Vermelho buscar peixe e vieram gemendo debaixo do peso do carrego.

—Pobres doentes. São verdadeiros escravos das irmans de charidade!

—Houve vinho a enjoar.

Doces por cima do tempo.

Muita petisqueira para desafiar o appetite.

As modestas comeram, beberam folgaram, que foi um nunca acabar.

—Mas que contraste!

Em uma mesma casa—de um lado, as agonias da morte, dores pungentes, gemidos entre-cortados, lamentos e desesperos; do outro, mulheres sensiveis que, dizem, se commovem com o soffrimento do proximo, estavam entregues aos prazeres da meza; por cada gemido um estouro de champagne, uma iguaria exquisita, por cada um ai arrancado d'alma, um *ipe*, um *urrah!*

—E digam que as irmans de charidade não são umas mulheres exemplares despidas de luxo e ostentação.

—Capitão?

—Não quero esticas.

—Era um caso que tinha a propor lhe.

—Pois então avie se.

—Supponha se que do centro da sociedade desapparece um membro della, sem que saiba se o como; a policia tem ou não obrigação de pesquizar?

—Nem se pergunta.

—Bem.

Mas a Sra. Joaquina Maria do Sacramento, entregou seu filho Bento ao Sr Braz Diogo para ensinar-lhe officio; o menino desappareceu mysteriosamente, e eu não vejo a policia fazer nada. Entretanto, falla-se a bocca pequena, que o menino falleceu em consequencia de pancadas que recebeu e foi sepultado occultamente.

—Não diga assim; a mulher foi ao chefe de policia e este aconselhou-a que desse queixa.

—Ora adeus, capitão!

Uma mulher pobre, sem recursos, tem dinheiro para andar com a justiça?

De que serve então a policia?

Não é de sua competencia seguir os passos do crime e descobrir lhe os vestigios?

O que custava interrogar o mestre do menino e obrigal-o a dar uma sahida sobre o que era feito delle?

Si o menino ausentou-se não foi para o mundo da lua, nem é agulha em palheiro que não se pode achar, e a policia por meio de seus agentes, tem obrigação de descobrir onde elle está.

—Não vamos a fazer juizos precipitados: o chefe de policia nestas cousas mostra muito boa vontade e de certo neste caso elle ha de empregar esforços para que se esclareça a verdade.

Esperemos um pouco.

—Nunca vi gente mais *susceptivel* do que os soldados de policia!

—Sem mais nem menos estão *formando*.

—Na quarta feira de noite, lá pelas tantas, dóis delles foram *arejar* em casa de umas conhecidas, no becco do Jogo, freguezia de S. Pedro; mas acharam o ponto occupado.

—Quem primeiro anda primeiro manja.

—Mas elles entenderam que por serem da policia deviam ter a primazia.

Pucharam das espadas que foi uma *carnagem*.

A guarda da visinhança pôz-se em alarme; o official da ronda appareceu e foi desobedecido.

—Quem sabe si até insultado?

—O que eu não duvido.

—Com effeito a ordem publica não pode encontrar agentes mais pacificos e morigerados.

—Capitão, publicou-se o 2.º numero do *Album*, contendo diversos e interessantes artigos dignos de serem apreciados.

—Vou mandar recommendar a sua leitura.

—Consta-nos que o Sr. capitão Braga mostrou-se bastante exasperado, na quarta feira, contra o *Alabama*.

Não sabemos a razão, porque aliás nutrimos sympathia por S. S.

A pessoa que nos informa, diz-nos que S. S. em sua exacerbação blaterou contra a demasiada liberdade que tinham as *gazetinhas* nesta terra.

—Que pena!

—E depois acrescentou:

«Que era rapaz solteiro e podia *entrar onde quizesse.*»

Quem será capaz de lhe contestar esse direito?

S. S. pode entrar onde quizer, para o que até pode muito concorrer a sua posição.

Mas realmente não sabemos ao que veio isso, quando ninguem lhe perguntou.

Si é exacto que por tal está S. S. estomagado comnosco, desenfade-se. Creia piamente que ninguem se mette com sua vida.

O que reprovamos, e como nós os caracteres moralisados, são outras cousas.

—No Rio de Janeiro, a policia de quando em vez dá na casa dos *adelos* e *belchiors* e ninca seus passos são de balde; sempre encontra objectos furtados.

—Ainda ha pouco eu li que fôra apprehendido um relogio do visconde de Gequitinhonha, furtado ha muito tempo.

—Aqui, a policia tem sciencia de uma

casa destas que compra roubos, é mesmo encontrado dous paletots nestas circumstancias, indica-se-lhe como agente um individuo a quem a policia conhece de sobra, o famigerado Angelo piloto, e ella fica quêda como um paralytico, e deixadamente consente que o dono do covil por dous dias consecutivos leve a pôr os resultados de sua *industria* em porto-salvo.

—São escrupulos.

—A policia que apieaça um cidadão com cadeia por causa da publicação de uns escriptos que ella teima em affirmar ser elle o author, receia varejar uma casa de negocio suspeita de comprar furtos! Ora vivoram!

—Falleceu hontem, na guarda de palacio, o Sr. Manuel Tranquillino dos Reis.

Antigo e intelligente caxeiro de escripta no commercio, cahiu, de certo tempo, em decadencia de espirito, e levava uma vida automatica.

O Sr. Dr. chefe de policia praticou uma obra de charidade concorrendo para seu enterro.

—Morreu abandonado, coitado.

—Vaidade mundana em que te fundas?

—As authoridades concorrendo para se reduzir a escravidão pessoa livre.

—Isto é um absurdo.

—O *Cearense* traz um caso em que os agentes de policia são coniventes.

—Quero ouvir isso.

—Pois vou ler:

E' MUITA PERVERSIDADE.

« Quando por toda parte e especialmente nesta provincia vai sendo abraçada por todos a grandiosa e humanitaria idéa da emancipação do elemento servil, é nos sensivelmente doloroso consignar o seguinte facto, que nos communica do Aracaty uma pessoa mui respeitavel.

O portador desta é o Sr. Manuel Antonio da Costa, morador na serra do Pereiro que vai embarcar ahi com destino ao Rio de Janeiro, afim de tratar de um negocio de muita importancia: convindo que V. leve o facto do conhecimento do publico, vi to ser uma verdadeira perversidade das authoridade de Mossoró, provincia do Rio-Grande do Norte.

Em 23 de fevereiro deste anno uma filinha do Sr. Manoel da Costa de nome Angela e de edade de cinco annos, brincava no terreiro da casa, no Pereiro; aconteceu porem que afastando se um pouco de casa, desappareceu. Só faltou aos pobres paes enloquecer, tanta foi a sua afflicção, o seu desespero. Tempos depois desvendou-se o mysterio

A infeliz creança tinha sido furtada por quatro perversos, que a foram vender em Mossoró por quatro centos e cincoenta mil reis, quantia que foi repartida entre elles, pelos quatro miseraveis.

A creança foi embarcada dentro de uma barrica! E' horroroso.

A pessoa que a comprou em Mossoró embarcou a para o Recife, onde foi vendida e d'ali remettida para o Rio de Janeiro. Infeliz creança! que de martirios, que de soffrimento não terá passado!

Haverá em nosso codigo uma pena bastante para punir esses perversos!

Mas qual, si elles encontraram apoio nas authoridades tanto do Pereiro como do Mossoró!»

Não ha nisso admiração, quando aqui na capital em face das primeiras authoridades da provincia um bandido dos lados da Vicosa vendeu no fim do anno passado quatro homens livres, e o que é mais notavel é que esse perverso conseguiu evadir-se do quartel de primeira linha onde se achava preso.

Chamamos entretanto a attenção do governo para um facto de tanta gravidade. »

—O *Jornal* de quarta feira dá noticia de que o Sr. major Pinheiro foi espancado em sua roça por individuos que queriam roubar laranjas a um seu escravo.

—Mas todo dia se está clamando que as estradas de Brotas e Arrnação estão infestadas de ladrões e eu não vejo providencias.

As ganhadeiras são atacadas, mulheres violentadas, casas arrombadas, e nada nem nada.

—Porem desta vez a policia andou ligeira como uma cutia.

Homens que iam roubar, e que de mais a mais, espancaram o proprietario, se deixaram ficar ahi imbecilmente até chegar o subdelegado para prendel-os em flagrante!

—Esta é dura de roer!

—E onde? Em Brotas!

Aqui na cidade, há um conflicto e custa a se encontrar o subdelegado; em Brotas, onde as moradas são disseminadas, o subdelegado chega por encanto a tempo de prender os tarapios em flagrante!

—E' um proceder irregular, de moças, que se dizem honestas, descomporem e insultarem aos visinhos.

—E um procedimento deste não é proprio de moças donzellas, e sim de mulheres do becco do Grelo!

Eu duvido que haja chefe de familia que consinta suas filhas insultarem, com palavras e com gestos, aos moradores visinhos.

—V. diz isto porque não é visinho do escrivão *leirão*, do contrario havia de ficar enjoado com as palavras e gestos obscenos de que servem-se as filhas delle para insultarem a quem procura estudar o meio de viver tranquillo em sua casa.

Ora, na quinta feira, folhearam o seu diccionario de descomposturas, só porque participou á ellas, uma sua visinha, filha do conego *Ciri*, que haviam sahido no *Alabama*.

—Quem conhece este devasso conego que, no Terreiro, levou bofetadas de uma negra, a ponto de ficar com a cara arrebentada, faz logo uma ideia do que são as suas filhas.

Mas o que foi que sahiu com ellas no *Alabama?*

—Foi o seguinte:

—«Iaia Leonor, V. não foi a missa hoje?

—«Eu não: hei de ir, querendo Deus, na noite de Natal.

—«Pois V. *afilhada* de um conego, devia ser beata.

—«E' o que V. pensa, elle não quer que a gente vá a festas e nem se confesse, diz que basta se viver contricto e confessar-se de coração á Deus.

—«Appoiado!»

«—Mas ao que vem este dialogo?

«—Era a afilhada de um conego, como ja lhe disse, que conversava com a filha de um escrivão.

«—E ao que veio V. narral-o?

«—E' para lhe mostrar o que são os padres!

«Si vai alguma pessoa se confessar e diz que nunca o fez, o padre manda logo levantar-se, por não se ter confessado; exige logo confissão geral e outras cousas mais que só elles entendem; ao passo que aconselham aos seus *afilhados* que não se confessem!

«—São assim as cousas, elles sabem a rasão porque aconselham aos *afilhados* isso.»

— E' por isso que ellas insultaram?

—Sim; por que junto dellas mora um moço da typographia em que se imprime este periodico.

—Insolentes! Uma por ser filha de conego suppõe se que ja é cousa; as outras, como são filhas do antigo sargento de policia, transformado em brutal e estupido escrivão, e por que são irmans do bacharel *pinto de barrete*, um dos *dictadores da republica do lençol*, julgam-se fidalgas e com direito de insultarem á todo mundo!

—Pois bem; ellas que continuem com esse procedimento indigno dellas; mas proprio de mulheres perdidas.

—Quem com muitas pedras bole, alguma lhe dá na cabeça.

Lê-se no *Cearense*:

«BAPTISMO DE LIBERDADE.

«Hontem receberam agua lustral da liberdade 33 creaturas, nascidas no captiveiro, que foram libertadas, 20 por conta da provincia, e 13 de particulares.

Foi um acto imponente e solemne, tanto pela novidade do objecto, como do apparato do dia natalicio de S. M. o Imperador.

Ao meio dia, no salão de palacio, apresentou-se a commissão emancipadora conduzindo as crianças libertas, que foram todas bem vestidas e com as fitas symbolicas da nacionalidade, presente o Exm. presidente, o corpo consular, a clerezia, a officialidade da guarda nacional, e grande parte dos cidadãos grados da capital, o relator da commissão, o senador Pompeu, deu conta dos trabalhos da mesma lendo um discurso sobre o assumpto, em seguida passou as mãos de S. Ex. o Sr. presidente os titulos de manumissão conferidos á essas crianças, os quaes S. Ex. fez distribuir as mesmas, ou as pessoas que as conduzira, ao som da musica nacional.

Findo este acto o bacharel Torres Portugal leu um discurso congratulatorio da liberdade e dos sentimentos que ditara este primeiro passo de emancipação.

Com effeito está dado o exemplo e com a maior solemnidade e enthusiasmo possivel. Como a pedra que rola do alto do rochedo e cae fatalmente ao valle, assim a idéa philantropica da regeneração social desta parte desherdada da humanidade, ganhando o espirito publico vae a suas ultimas consequencias.

Honra aos iniciadores desta grande idéa entre nós, louvores pois, a assembléa que a decretou e o illustre presidente o Sr. desembargador Freitas Henriques, que não «receiou» pela execução.

Em seguida teve logar o cortejo a effigie imperial, e a parada egualmente brilhante da guarda nacional.»

—Agora dá licença para uma pergunta?

—Porque não?

—A assembléa da Bahia o que fez a favor da emancipação?

—Nada vez nada.

A PEDIDO

—Então, capitão, a conducta do sargento é excellente?

—E' muito intelligente e apto.

—Por isso é que V. S. influe para que elle ande constantemente em *commissões?*

—Exactamente; é um dos que melhor sabem fazer o serviço.

—De maneira que o homem está condemnado a viver por essas brenhas.

E' chegar de uma commissão, passa uns quinze ou vinte dias, é logo tirado para outra.

—Não pode deixar de ser assim: a boa ordem do serviço reclama.

—Ah, maganão! V. ha de me pôr o pé em casa, quando eu fôr carcereiro!

—Dê-me uma explicação.

—Ande lá, meu rico, pensa que vivo n'Aldeia e não conheço os caboclos?

Só lhe digo que quem não sabe é como quem não vê.

Mal sabe o pobresinho que emquanto anda batendo essas estradas e *mattos*, o Sr. por ei, *interessa-se* tanto por elle e por tudo o que lhe pertence!

—Não comprehendi palavra do que disse.

—Pois então variemos de assumpto.

Quer que lhe conte uma historia? Si quer que lhe conte, lhe contarei.

(*Continua.*)

—O ladrão do *linha nos ares* foi chamado a *prefeitura*.

—E o que disse elle a respeito dos roubos comprados a seu collega Angelo cara-olho?

—Negou em face do artista que tal paletot não lhe vendera.

—Que salteador!

Que bandido!

—E' uma alma de porco; não tem consciencia.

—Como se arranca assim o suor do pobre artista, que Deus sabe com que sacrificios destas se de 8$ ou 10$ rs. para comprar um paletot com que possa sahir a rua, afim de exhibir na vida e ganhar o pão para sua familia!

—E depois passar pela vergonha de em um bello dia, na rua, apparecer o dono do objecto roubado e desfeiteal o publicamente!

—A policia deve abrir os olhos com este ladrão.

E' o consignatario da companhia do olho vivo e até caixas de galão de ouro elle compra.

—Já no tempo do avô elle praticava essas gentilezas e não foi por boas obras que esteve a bordo de um navio de guerra.

—Tem uma propensão tamanha para ladrão que roubou a propria mãe e avó: esta já morreu de desgostos e aquella anda ahi na miseria.

—Que monstro! que refugo da humanidade!

(*Continúa.*)

—Capitão.

—O que é rapaz?

—Uma madrugada destas, sahi para tomar ares, e achei esta cartinha.

—Em que logar?

—Atraz da Sé.

—O que diz?

—Escute:

«*Meu Braguinha.* —Hontem lhe esperei até uma hora da noite e V. não veio! Não deixe de vir hoje; porem venha á meia noite, por causa do Dr., não páre o cavallo na ladeira por que elle ja desconfiou e anda de espreita. Outro dia quando V. estava em baixo elle estava espiando na esquina de cima. Por isso lhe peço que tenha cuidado. Não deixe de vir *consolar* a sua

A»

MOTE.

Quebre-se o sceptro do papa,
Faça-se delle uma cruz.

(*Castro Alves.*)

COLCHEIA.

E' uma ideia mui guapa,
Razoavel, liberal!...
Que em governo temporal,
Quebre-se o sceptro do papa. —
Só a um ente bruto escapa
Ver, da razão, nisso, a luz!...
Pois só deve elle ter jús
No governo espiritual!...
Do seu sceptro temporal
Faça-se delle uma cruz!..

Adverte se a certo inspector do Pilar, cujos fundos dão para a Rua do Paço, que ponha côbro na gente que tem em casa, pois a visinhança não está prompta para ouvir a cada passo palavras que só ditas no beceo do Grelo podem ser toleradas.

O José.

Duas primas amam-se tanto que renunciam a casar-se para não se separarem.

Oh, si a natureza se podesse transformar, então outros gallos cantariam.

O hymeneu havia de realisa-se.

Sr. Redactor. —Havendo sobre mim desconfianças por causa de uma publicação feita em seu periodico sobre vispora no Terreiro, desejo que V. declare ao pé deste si fui eu o author de semelhante publicação.

Seu respeitador e criado.

Manuel José Vaz.

—

O Sr. Manuel José Vaz não concorreu para publicação alguma sobre o vispora do Terreiro.

A Redacção.

Tonico,

Como segue para ahi a Marcolina, minha *xará*, não quiz perder o portador.

Ainda hoje não te posso contar o que te prometti, por que faltam-me uns papeis que a viuva deu ao Totonho e elle foi para Belem; mas assim que elle chegue, eu verei si os obtenho e te mandarei para veres que de cousas.

Assim meu charo, si quem morre podesse voltar a este mundo!...

Adeus

Marcolindo.

MOTE.

Sentada em certo logar,
Escreveu me a minha bella!...
O papel trouxe o cheirinho
De certa cousa amarella!...

GLOSA

Com a minha bella um dia,
Eu a sós quiz conversar,
Em seu quarto... e ao entrar
Perdi toda a poesia!...
De vergonha ella então fria
Ficou por eu vel-a estar
Ahi... pois sem esperar,
Encontrei a bella dama
Junto aos pés de sua cama
Sentada em certo logar...

Surprehendida e de pejo
Fitou os olhos no chão!...

Eu no mesmo instante, então,
Voei d'ali n'um lampejo!..
Porque tive nesse ensejo
Vergonha de ver aquella
Scena triste... e por cautella
Retirei me, um pouco afflicto!...
Mas depois d'esse conflicto
Escreveu-me a minha bella.

Dizendo—que no outro dia,
La fosse p'ra lhe fallar,
Que estava a me esperar ..
Mil desculpas me pedia;
E que muito ella sentia
D'eu vel a em tal desalinho...
Que por ser eu seu bemzinho
Não quer pois que assim lhe fuja...
—Mas da mão della inda suja,
O papel trouxe o cheirinho!!

Eu que alem de ter perdido,
Toda a influencia d'amor,
Senti da carta o edôr;
Lhe respondi aturdido
Pelas nauseas que soffrido
Tinha da carta da bella,
Alem de ter visto aquella
Scena cheia de azedume...
Que o papel trouxe o perfume
De certa cousa amarella.

Certo rapaz *petit-metre*,
Como muitos que ha, madraço,
Viu certa gentil menina
Pretender a pôr no laço.

Depois de ja ter às gambaias.
Dado muito que fazer,
Bordado papel comprou,
Para a menina escrever.

Quanta parvoice veio
A sua imaginação,
Foi então garatujando
O inepto toleirão.

Óbreiou e perfumou
O escripto chamariz,
E enviou á menina
Que recebel-o não quiz.

(Eu creio, que ja a moça
Possue um outro amante;
Pois tal gente gosta muito
De rapaz que é falfulante.)

Tornemos ao petimetre:
Foi-lhe a carta devolvida:
E o rapaz desapontado
Esteve a perder a vida.

Em papel mais delicado
Escreveu segunda carta,
E assim principiou:
«Amabilissima ingrata,

«Quando esta á tuas mãos
«Te chegar, ó peito infido,
«Ja muito tarde será,
«Pois ja terei succumbido.»

Uma grande cantilena,
Por ahi iniciava,
Afinal o—*Note bem*
A maçada arrematava.

A moça que era gaiata,
Gostou da tal carta ler,
E depois por esta forma
Quiz a carta responder:

«O requerimento é lindo;
«Mas está indeferido,
«Pode, quem o escreveu,
«Ficar dispersuadido.

«No seu tenaz desespero,
«Rôa rolhas de cortiça,
«E si a mais tempo não morreu
«Foi de certo com pregaiça.»

Sabendo o rapaz de tal,
A moça logo olvidou...
Agora, charas leitoras,
Um conselho eu vos dou:

Quasi sempre não condiz,
A roupa com o coração;
Todo rapaz adamado
E' perfeito toleirão,

—No arsenal de marinh grassam camaras de sangue.

Os meninos estão morrendo.

—E' preciso a quem compete acudir com providencias.

VARIEDADES

FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO.

—Em Geoningue (Paizes Baixos) succedeu um caso, que provará aos mais incredulos que a Providencia, mais tarde ou mais cedo, pune sempre os culpados. E' muitas vezes o pagamento dos maleficios pago a boca do cofre. como neste caso. Um mal-casado, ou para melhor dizer, o marido de uma pobre mal-casada lembrou-se um dia de se desfazer da companheira a quem n'outra hora mais abençoada jurara inteira protecção. Esperou o assassino pela hora do jantar para mais a seu salvo envenenar a mulher. Quando esta momentaneamente se levantou para ir buscar um acepipe que estivera preparando para o regalar, deitou-lhe elle no prato a dóse, que havia dias, trazia sonegada na algibeira. Assim que a mulher se tornou a assentar á mesa, sob um pretexto frivolo, levanta-se o malvado. Ja esta comer, muito desprevenida, eis si não quando uma bojada aranha, que lá

pelo tecto andava á caça para se distrahir dos seus labores de tecceira, quebra o fio e cahe justamente no prato da sentenciada. Destarte o incauto insecto para o chão, foi obra de um momento, mas ficou-lhe o estomago tão embrulhado, que não poude continuar a comer, e trocou o prato pelo do marido, que ainda não voltára, e comeria sem repugnancia. O envenenador chega, e come da tal iguaria, que o fez expirar em poucas horas com ancias horriveis.

Bem feito!...

MISCELLANEA.

Filho de porco é leitão,
Filho de bode é cabrito,
No mangue mora o mosquito,
Gallo castrado é capão;
Mulher tarasca é dragão,
Saúna grande é tainha,
De trigo se faz farinha,
Pequena egreja é capella,
De barro se faz panella
Quem põe ovos é gallinha.

Carga de peça é balame,
Lombo de carne é *roas beef*,
Todo bregeiro é patife,
Fio de cobre é arame;
Soldado tem correiame,
Todo medroso é mofino,
E' mui ventoso o pepino;
Quem como muito é glotão;
De lenha se faz carvão,
Quem mata gente é assassino.

Toda espora tem roseta,
Toda escada tem degrau,
De gomma se faz mingau;
Adulador é espoleta,
Quem é capenga é maneta;
Jardim pequeno é rocio;
Todo peralta é vadio.
Quem requer é supplicante;
O amar firme, é constante;
Não ha sobrinho sem tio.

Todo rei tem majestade,
Senador tem excellencia,
Quem vende tem paciencia,
Quem tem má fé, tem maldade,
O preso quer liberdade,
A moça quer casamento,
Todo usurario é avarento,
Todo tratante é maroto,
Dirige a nau o piloto
Navio tem cataveuto.

FLEUGMA INGLEZA.

Em um dos dias do outomno, que em Londres são tão frios como os do inverno, estava um estrangeiro lendo um periodico em certo botequim. Um inglez que estava sentado na meza fronteira, chamou fleugmaticamente o caxeiro:

—Rapaz, como se chama esse senhor que está fumando um cigarro e lendo um periodico?

—Não sei, Mylord.

O inglez ergueu-se, dirigiu-se ao mostrador e perguntou á dama encarregada do expediente:

—Miss, como se chama esse senhor que está fumando um cigarro e lendo o jornal?

—Não é freguez, Mylord, não sei.

—Very well. Onde está o dono do café?

—Aqui estou myllord.

—Good morning .. Como se chama aquelle senhor que está fumando e lendo um periodico?

—Não sei; é a primeira vez que o vejo.

Então dirigiu se á propria pessoa e disse-lhe:

—O senhor, que fuma um cigarro e lê um periodico, como se chama?

—Julio Janin.

—Pois, Sr. Julio Janin, o seu paletó está ardendo.

Já era tempo; a aba do casaco estava feita em isca.

EPIGRAMMAS.

A UM MEDICO QUE PARA INCULCAR DE TER MUITA CLINICA, ANDAVA SEMPRE A CORRER MONTADO EM UMA BESTA MAGRA.

Doutor, não deves temer,
Que a *magra* te vibre o córte,
Porque de dia e de noite
Andas montado na morte.

ENIGMAS.

Pelos campos, ou na estrada,
Tambem nas praias, ou porto
Apparece certo aborto
Como uma cobra enrolada,
Sem mover-se ou dar dentada
Foge delle toda gente,
Mas o cão si cheiro sente,
Farejando o que procura,
Quando o vê, corre, segura
Ferrando nelle seu dente.

Sou invisivel figura,
Com valor revolvo os mares,
Sacud'agua pelos ares
Batendo os rochedos duros,
Altos palacios e muros,
Arvore, montanha e serra,

Eu para lhes fazer guerra
So meu querer é bastante,
Para ser no mesmo instante
Tudo rojado por terra.

Tres estudantes encontraram um dia pela manhan cedo um judeu, e resolveram fazer escarneo d'elle. O primeiro disse:

– Bons dias, Abrahão!

O segundo:

—Bons dias, Isaac!

E o terceiro:

—Bons dias, Jacob!

O judeu parecia indifferente; mas, alguns minutos depois, voltou-se e disse:

—Pois, meus senhores, eu não sou nem Abrahão, nem Isaac, nem Jacob, mas sou Saul, o filhó de Kys, que sahe para procurar os burros de seu pae; e vejam lá, acheis os todos tres.

PHENOMENO.

«Em Pariz apresentou-se um inglez, a quem a natureza deu nada menos de duas linguas, com as quaes falla alternadamente, produzindo ao mesmo tempo dois sons distinctos.

«Si fosse mulher, onde iriamos parar?...

«Muitas conhecemos nós, que com uma so lingua fazem o effeito do phenomeno admirado na capital elegante.

«Ao pé d'essas o inglez não fazia fortuna.»

PECCADOS QUE BRADAM AO CEU, SÃO QUATRO.

Privar voluntariamente
Da vida ao proximo seu,
E' culpa que brada ao ceu
Contra o cruel delinquente.

Clama tambem, a torpeza
Que commette o racional,
Do peccado sensual
Que é contrario a natureza.

Opprimir (é culpa egual)
Pobres, orphãos, desvalidos,
As mulheres sem marido,
E não pagar o jornal.

Estando certo padre pregando um sermão de cinza, defronte do pulpito se achava um sujeito de pequena estatura, o qual por ser pequeno tinha por alcunha o nome de Homem; e como o pregador dissesse algumas vezes: «Quem és tu, ó homem? etc. etc. O pequeno julgou que era com elle, e se ia encolhendo para não ser visto pelo pregador; porém como este repetisse mais vezes a mesma pergunta, o pequeno julgou incivilidade não responder e todo desmaiado e balbuciante lhe disse: «Senhor padre pregador, eu sou o cosinheiro do senhor marquez.»

ANNUNCIOS

Os devotos da Immaculada Virgem da Conceição, na rua do Bangala, farão festejar a mesma Immaculada Senhora, no domingo 19, com missa solemne e procissão na matriz de Sant'Anna.

A' noite queimar-se-ha um lindo fogo de planta na referida rua do Bangala.

Espera-se a concurrencia dos fieis devotos tanto na missa, como ao fogo, esperando do genio ordeiro que caracterisa este povo, que ali compareçam pacificamente com o fim unico de abrilhantar aquella festa em louvor da Rainha do Orbe.

PARA QUEM GOSTA.

Acha se nos prelos na lytographia do habil artista o Sr. Odilon, e breve sahirá a luz a modinha intitulada—Aviagança e logo que esteja prompto indicar-se-ha os pontos onde será exposta a venda.

Seraphim Pinto Martins convida aos seus devedores a virem saldar suas contas até o fim de dezembro, para não passarem pelo dissabor de verem seus nomes publicados.

Bahia 17 de dezembro de 1869.

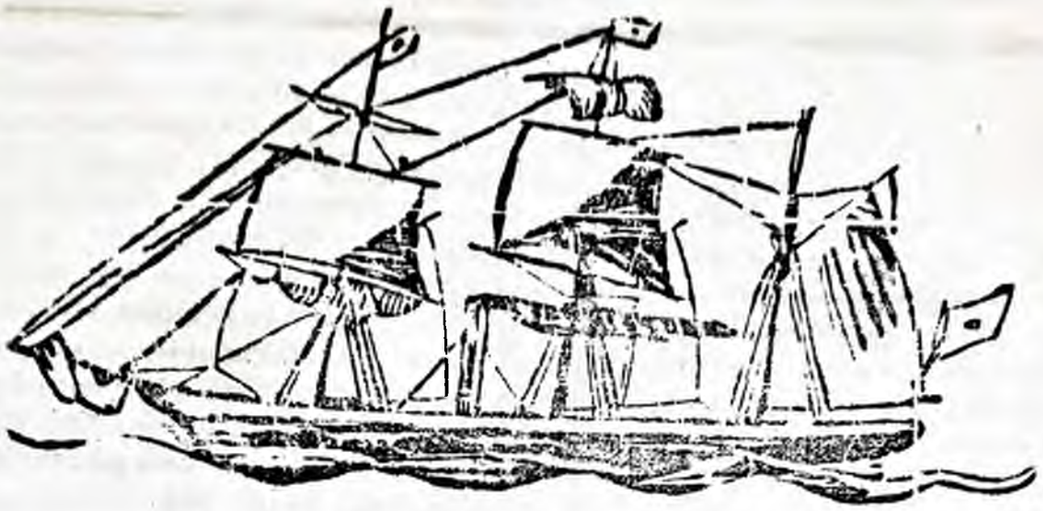
ATTENÇÃO, RAPAZEADA.

Aproveitem, que está se queimando no deposito de charutos de Augusto Rodrigues Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.º 51, o seguinte: charutos finos de bons fabricantes, cigarros de diversas qualidades, fumo picado, bolsas de borracha, mortalhas, palhas de milho, cachimbos cobertos e descobertos, ponteiras para charutos e cigarros, phosphoros de segurança do melhor author, em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas para candeeiros de gaz, folhinhas de Laemmert para 1870, diversas miudezas e tudo o mais que se encontrará no dito deposito á vontade dos bons amigos e freguezes, sendo bem servidos em toda e qualquer qualidade destes generos.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 60
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 22 DE DEZEMBRO DE 1869. N. 591.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de dezembro de 1869.

Officio ao Exm. e Revm. Sr. arcebispo, chamando sua respeitavel attenção para o sacrilego procedimento de um especulador, que nas segundas feiras munido de uma caveira humana anda esmolando para as almas, levando seu atrevimento a dirigir derias as pessoas que se negam a concorrer para essa nova e industriosa maneira de viver.

Espera-se que S. Ex. Revma., por credito desta religião de que é digno pastor, tomará acertadas medidas que façam cessar tamanho escandalo.

Portaria ao muxingueiro Evaristo, ordenando-lhe que vá, a freguezia da Penha, munido das suas bolas, dar cabo da extraordinaria malta de cães que ha n'aquella freguezia, não só pelo grave risco que corre o publico, como pelas scenas indecentes que dão causa, na presente quadra em que as familias affluem para aquelle sitio. Cumpra.

—Conte-me, em que empregou o seu dia de domingo.

—Andei pelas egrejas, capitão.

—Eu sei que V. é um freiratico dos peccados.

—Não perdi meu tempo, capitão.

Vi um caso o mais burlesco e irrisorio.

—Ja agora quero ouvil-o.

Entrei em uma freguezia onde haviam muitos baptisados. O vigario estava paramentado, regenerando as almas do peccado original.

Logo que acabava de administrar o Sacramento, recebia a paga.

Um africano, enrolou dez tustões em um papel e pagou ao padre seu trabalho.

Ah! capitão, só visto, por que contado é historia.

Quando o bom do levita de Jesus Christo viu que o preto só lhe dera 1$000 rs., assim mesmo com os paramentos sacerdotaes, com a estola sagrada no braço, entrou a bradar no corpo da egreja:

«Venha ca, papae; isso é pouco; dê mais « alguma cousa; eu vivo disto e vocês, pretos « da Costa ganham muito.»

Sussurro geral houve no templo!

—Mas que quer *V*?

Não é esse por ventura, o negocio do padre?

Sem dinheiro como ha de elle chapar *cajús* agora que é tempo de festa?

—Por *Santa Anna*, capitão! Eu quero que o padre ganhe pelo seu ministerio; mas tambem quero que se guardem as apparencias! Porem que no templo d'Aquelle, que fustigou os mercenarios e traficantes, se ajuste os officios Divinos, como uma posta de xareu no Pelourinho, é indecoroso, é horrivel.

—Rapaz, «faze de tua parte, que eu te ajudarei,» é um conselho moral; si o padre não

espichar, todos choram necessidade, todos allegam pobreza, e elle fica reduzido a expressão mais simples: e o padre não come vento, nem ha de vender *castanhas* para passar.

—Está bom, capitão, eu me retiro; V. Ex. hoje está muito apologista dos padres.

—Pois tudo quanto é pomadista, ha de fazer deste povo seu pau de mecher bêsta!

—Eu não sei com que cara nos acham.

—Vejo nos jornaes annunciado pão de duas libras a meia pataca...

—Eu tambem li, mais achei que era muita felicidade.

—...mando a padaria Poison comprar dá tal maravilha, e fico com perfeita cara de basbaque. O pão não tem mais que libra e uma quarta, e a farinha, si não é pessima: não dista muito desta qualidade.

—De toda maneira cassuam com o povo!

—Com tal chamariz, os papalvos correm, comem a pilula e os sabidos enchem os bolsos.

—O exemplo vem de cima. Si elles veem o governo despachar um requerimento de uma forma e mandar publicar na folha official outra cousa.

—Com tudo não é bom brincar, la virá um dia em que o povo não esteja de humor a tolerar zombarias.

—Ninguem sabe como ha de acabar!

O Tranquillino morreu á mingoa!

—Voltas do mundo!

—Quatro dias penando sem ter um caldo para tomar!

Morreu exhaurido e sem alento!

—Mas tambem, que incuria dos commandantes da guarda! Porque não parteciparam ao subdelegado?

—E' que o coitadinho tinha de cumprir a sina a que foi fadado.

—Ah! meu Deus, e ninguem se revê nesses espelhos!

—Capitão, si Roma tem admittido o culto das Imagens, porque si ha de consentir que ellas sejam objecto de escarneo e profanação?

—Eu sei?... entenda-se com o arcebispo.

—Ora, tenho passado no Terreiro, e vejo n'uma loja de trastes e roupas velhas, uma porção de quadros e imagens egualmente expostos á venda.

—O homem negocia, quem consente é que tem culpa.

—As vezes, a par de tres ou quatro saias velhas dependuradas na porta está um quadro do Senhor do Bomfim; sobre um catre [illegible] foi talvez de alguma meretriz está a Effigie da Immaculada, sobre qualquer cacareco sordido vê-se a Imagem do Menino Deus!

E' nem pode ser de outra forma n'uma casa atravancada de cangalhos velhos.

—Lhe affianço que não é porque alí não passem o provisor, o deão, os conegos, os vigarios.

A alguns até ja la tenho visto comprando.

—E como ali em outras muitas partes presencia-se cousa tão triste e feia.

Vê-se n'um embroglio objectos mundanos do mais abjecto uso com os symbolos sagrados da religião inefavel.

—Os padres não dão cavaco!

V. não vê em qualquer biboca, em qualquer corredor de sobrado, em qualquer tenda de barbeiro ou sapateiro, em qualquer taverna, no meio das pipas, armar-se um altar a Nossa Senhora da Conceição ou a Santo Antonio e os padres sanccionarem?

—E porque não? A Imagem sahe-dalli na cabeça de um moleque para a egreja, diz-se uma missa pela qual os padres chupam, pelo menos, cinco mil reis e é o que elles querem.

—Depois, pouco se importam que na volta, role a bebedeira, pratique-se quanta obscenidade ha, cante-se modinha e toque-se violão, digam-se chufas torpissimas tudo em festejo do Santo.

—O cidadão deste paiz vive entregue a toda casta de arbitrariedades.

—E' a verdade nua e crua que V. está dizendo.

—Vive exposto a prepotência das authoridades, sujeito aos desvarios dos esbirros da policia e ao capricho dos malsins da guarda nacional!

—Por V. fallar nisso o batalhão de Sant'Anna tem feito o diabo.

—Era ahi mesmo que eu ia bater.

Em que é que se fundam esses commandantes de batalhões para mandarem uma horda de homens imprudentes e provocantes pelas ruas a pegar a torto e a direito?

—O batalhão de Sant'Anna tem commettido os maiores excessos e violencias, a tal respeito.

—Eu desejava saber si o commandante superior tem sciencia, ou si é com sua authorisação que se exerce tão illegal pressão sobre a população.

—Não sei para que serve haver um conselho de qualificação todo anno, si os commandantes tem poder em suas mãos para fazerem seus guardas a quem bem lhes approuver.

—No 3.º batalhão levam o desrespeito a lei, ao ponto de prenderem um rapaz, de nome Clemente, estudante, desde o dia 10, e até

hoje ainda não communicaram na parte a sua prisão!

Um outro, Thomaz d'Aquino, está preso ha 6 dias.

—E' até onde pode chegar o menos-preço a lei!

—Que em forçar o homem a servir e por isso conservam o preso em segredo, sem darem parte ao commandante superior.

—E lexa um cidadão soffrendo em sua liberdade 12 dias sem ter commettido crime!

—E no fim de contas, quando sahe, não ha ninguem responsavel por tanto arrojo em ferir a lei!

—Leu o *Jornal* de domingo?

—Ainda não; traz alguma cousa?

—A certidão da edade da filha da ganhadeira Rosa, a menina Ricarda, deflorada por Januario F. B. do Sacramento.

—Para que? Com que fim?

—Para mostrar que ella está fora da protecção da lei, porque tem 17 annos.

—Foi bom haver quem tivesse esse cuidado *expontaneo*.

Mas tambem o que a lei não manda é *escabriar* a mãe que procura reparar a deshonra de sua filha, embora esta seja de maior edade.

—Homem! a morte tem sempre desculpa.

Eu vi aqui como pozeram de *curral apertado* a um tal Vicente, por suspeita de haver deshonrado a uma moça maior.

Prenderam o homem, ameaçaram-o e o fizeram ir ao Rio sem querer:

—E Vicente não foi encontrado no quarto da offendida, não desrespeitou a authoridade, com asserções torpes na narração da acção má que praticara, escarnecendo de uma pobre mãe, irrogando-lhe a injuria de haver concorrido para a prostituição de sua filha, nem tambem andou alardeando a desmarcada protecção com que foi absolvido.

—Ora pipocas para as cousas deste mundo!

—Pois não ha quem veja um cadaver que está boiando nas aguas do dique!

—Já se tirou.

—Quando?

—Segunda-feira; por ordem do chefe.

—Mas o subdelegado que estava mais perto, nem deu fé.

—Ah! esse nem foi possivel encontrar para fazer o corpo de delicto.

—Entretanto, é um homem bem diligente!

Pega a mão larapios que vão roubar laranjas, quebram a cabeça do proprietario e se deixam ahi ficar até que a authoridade seja avisada para vir prendel-os.

—Capitão, esta terra não vae bem.

Esbulha-se o direito de quem tem; calca-se a lei aos pés, e para remate falta-se a verdade officialmente!

Ninguem, sendo fraco, está isempto da prepotencia e do arbitrio!

—Eu creio que V. está muito exaltado.

—Escute si eu tenho ou não razão.

Emygdio José Soares, foi recrutado pelo subdelegado de Ilhotas e remettido pelo chefe de policia para o exercito.

Tendo isempção legal, requereu ao governo no dia 11, com seus documentos.

O requerimento foi ao chefe de policia para informar, porem Emygdio foi mandado, sem attender a razões, embarcar para o sul, dando-se-lhe este despacho:

«Si ja está a bordo não tem mais logar o que requer.»

—Si aqui não anda um fim de perseguição, é uma de cabo de esquadra!

Pois por já estar embarcado, escurece-se o direito de quem tem?

Tanto não custa vir de bordo para terra.

—Creio que houve segundo requerimento em que se lançou o seguinte despacho:

«Requeira ao governo imperial.»

—Mas é uma injustiça, uma atrocidade! Si o homem não serve, para que dar-lhe o incommodo de ir até a côrte; para que massacral-o em sua liberdade?

—Agora escute quem é o Emygdio José Soares.

Emygdio José Soares é cidadão estrangeiro.

Emygdio José Soares, foi remettido para o corpo de imperiaes marinheiros, pelo juiz de orphãos e ausentes desta cidade em 8 de novembro de 1864, jurou bandeira e sentou praça de grumette na segunda companhia, em 6 de abril de 1865; serviu na armada imperial até fevereiro de 1869, em que teve baixa por provar sua mãe a sua qualidade de estrangeiro.

—E então, o Sr. Dr. chefe de policia que, dizem, tem tanto receio de complicações internacionaes, a ponto de aconselhar o fiscal geral que não corresse a venda de certo portuguez, concordou com isso?

—Homem! escute o resto:

Emygdio José Soares concorreu com seu soldo para as URGENCIAS DO ESTADO, si é que a guia que lhe deram no quartel general da marinha não mente.

Emygdio José Soares destacou em 18 de maio de 1865 para servir na divisão naval do Rio da Prata no vapor de guerra *Recife*.

Serviu na *Nictherohy* e no *Recife*, trez annos, voltou ao Rio de Janeiro a 18 de fevereiro de 1868, onde sua mãe, que ahi re-

sido, provou sua nacionalidade, em consequencia do que teve baixa.

Emygdio José Soares serviu todo este tempo com distincção, merecendo louvores de seus commandantes, como prova a sua baixa.

Emygdio José Soares, volta a Bahia, e por caprichos é recrutado e violentamente mandado para o Rio sem se attender a seus direitos e immunidades!

E accrescentam: o motivo que deu causa a Emygdio ser recrutado é bem desairoso para alguem.

Isto é terra?

—Sabe qual é o resultado?

Elle chega á côrte, o consul de sua nação reclama-o, é in continenti posto em liberdade e em cima mijam-se de satisfações.

A PEDIDO

—Capitão, ouça um caso que, com quanto já esteja no dominio publico, todavia quero que V. Ex. o aprecie, com as minuciosidades que se deram!

—Sabe que sempre me achará prompto para isso.

—Saturnino José Correia, ha pouco foi demittido de 3.º supplente da subdelegacia da Conceição da Praia, *a bem do serviço publico*, com dous dias e meio de exercicio, mandou chamar a José Antonio Vieira, por lhe ter ido queixar se um creoulo de haver feito com elle uma troca de um collar e lhe haver Vieira dado outro de ouro inferior, até sem estar *contrastado*.

—José Antonio Vieira, recebendo o chamado do subdelegado, respondeu ao ordenança que *não ia, porque não era nenhum reu de policia*.

O subdelegado, não obstante entreter relações d'amisade com Vieira, mandou o inspector de quarteirão intimal-o para comparecer em juizo, sob pena de desobediencia; mas Vieira não obedeceu a intimação, chacoteou d'ella.

Momentos depois trocaram-se correspondencias da secreteria da policia para casa de Vieira e do subdelegado.

O subdelegado vem a policia, exige do Sr. Dr. chefe sua coadjuvação para a prisão do negociante Vieira, empenhando sua palavra que Vieira não tiraria na prisão o seu chapeu, pois atraz delle iria o ordenança com a soltura; mas o que queria era não se desmoralisar.

Mas sabe o que havia de dizer o chefe ao subdelegado?

Disse que si elle procedesse assim com um sapateiro, um alfaiate, ou pedreiro, bem; mas com um negociante—*é horroroso!*

—Hum! V. esta graceiando, porque o Dr. Cicero d'Assis *é incapaz de dizer isto*, pelo menos cumpre justiça *ao seu caracter!*

—E' um bello caracter, perdoe gabal-o; mas sahiu-se com esse desconco, segundo affirma o proprio subdelegado.

Ainda não fica ahi a cousa: o subdelegado estava na secretaria da policia, e ignorava que Vieira estava ahi ouvindo tudo quanto se passava entre elle e o chefe, e é quando elle pergunta-lhe:

«O senhor deseja fallar ao Vieira? si deseja elle ali está, e, abrindo um resposteiro, o negociante Vieira appareceu!

—Safa! isto chama-se a authoridade superior desprestigiar a authorida inferior!

—Isto chama-se jogarem as cristas os conservadores.

—Pois lá se avenham!

Sr. redactor do *Alabama*.—Eu não desço a dar satisfações a quem quer que me attribua infamias e calumnias; mas, por amor a verdade, rogo-lhe eleve sua bondade ao grau de declarar si tive parte na publicação de artigos allusivos aos Srs. Vicente Domingues Lopes e Augusto Candido Nobre Figueirôa.

Augusto Pinto Pacca.

—

De maneira nenhuma.

A Redacção.

—Capitão, que nome terá o superior que vale se da posição para arredar a seu *inferior*, afim de, á vontade, satisfazer desejos lascivos e torpes?

—E' um miseravel scvandija.

—Pois eu vou ao *matto* e na volta hei de lhe contar uma historia de certo conquistador lá das bandas de *Sant'Anna*.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

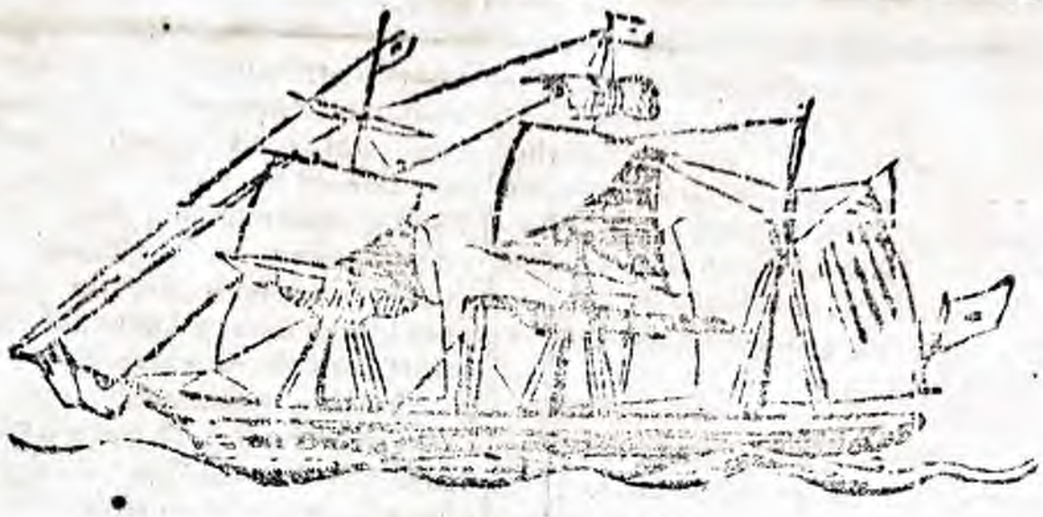
EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

PARA QUEM GOSTA.

Acha se nos prelos na lytographia do habil artista o Sr. Odilon, e breve sahirá a luz a modinha intitulada—A vingança—e logo que esteja prompto indicar-se-ha os pontos onde será exposta a venda.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao beco do Arcebispo quasi da rua do Cano n. 17. Serie 60
Preço d'assignatura — 4$ rs. por serie de 40 numeros, ou 9$ rs. por 6 series.

BAHIA 25 DE DEZEMBRO DE 1869. N. 592.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de dezembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia solicitando providencias para que seja remettido ao consul de sua nação um estrangeiro, de nome Alexandre, que em estado de lastimavel penuria, vaga sem abrigo pela Calçada, dormindo pelas portas e soleiras das casas.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, recommendando-lhe que tenha em vista o procedimento de certos individuos que tomam banhos nús pelas praias dessa freguezia, mormente agora em que parte das familias se acham passando a festa ahi. Espera-se terminantes providencias.

—Commemora-se hoje o Nascimento do Redemptor do mundo.

Foi na desamparada gruta, que lhe servia de alvergue, que a Virgem Santissima deu a luz ao seu Unigenito Filho, envolveu-o nas fachas e reclinou-o na manjedoura sobre as palhas, porque não havia logar onde o deitasse.

Foram assim cumpridas os grandes oraculos de Micheias e Isaias.

E nesta occasião viram os pastores de repente apparecer no meio delles um anjo, e a claridade do Senhor cercou-os de refulgente luz.

Grande foi o temor que se apoderou delles!

Porem o embaixador celeste os fez tornar a si, dizendo:

«Não temaes; venho annunciar-vos uma alegre nova, e é que hoje nasceu o Salvador do mundo! nasceu na cidade de David.»

E como poderemos conhecel-o? perguntaram elles.

Achareis um Menino, envolto em pannos, e posto em uma manjedoura, e vereis uma multidão de anjos louvando ao Senhor nestas vozes:

«*Gloria in altissimis Deo, et in terra pax hominibus bonæ voluntatis.*»

Os pastores admirados diziam uns aos outros, vamos até Bethlém e vejamos o que foi isso que o Senhor nos participou pelo seu enviado.

E deixaram os seus rebanhos a guarda de Deus, se deram pressa em caminharem para o sitio indicado. Descobrindo a lapa acharam o Menino no presepe, e ao seu lado Maria e Jose inclinados: vendo-o reconheceram a verdade do que lhes havia dito o enviado do Senhor.

Os pastores, voltando, noticiaram esta grande nova; todos quantos os ouviam ficavam admirados e corriam a Bethlém para adorarem o Filho de Deus, o Salvador do mundo.

Grande foi a alegria e admiração que reinou no universo inteiro! E todos apressados

corriam para verem e adorarem o Menino Jesus!..

Eram chegados os tempos em que o divino sangue da hostia sacrosanta tinha de lavar a nodoa do peccado, e o Messias de abrir os braços aos que o buscassem!

—Deitaram uma criancinha morta na porta do subdelegado dos Mares.

—E appareceu outra nas praias da Jaqueira.

—E' verdade; ambas no mesmo dia.

—A reproducção constante destes factos, devia dar o que pensar a aquelles que dirigem os destinos desta terra.

—Qual homem! Esses factos se dão entre a gente miseravel, o que é muito natural; si acontecesse com a gente rica, é que havia o que admirar.

—Na opinião do Dr. chefe de policia, bem entendido.

—Que para mim é muito authorisada.

—Veja o diabo como as armas.

Naquella casa de dous andares lava-se roupa e deita-se em bacias para corar sobre os peitoris das janellas.

Um dia, um menino, um gato, um descuido, deita a traquitanda á rua sobre a cabeça de quem passar na occasião, e dizem que foi obra do acaso, e não da incuria, do deleixo.

—Aqui chama-se Atraz da Sé, quina do becco do Arcebispo, não?

—E a casa é numero um.

—E' preciso a camara ordenar a seus ficaes que usem de occulos para enxergarem melhor.

—E olhem tambem para o alto e não para o chão que só veem as pobres quitandeiras e ganhadeiras de peixe, as quaes nada *podem deixar*.

—Os soldados de policia são *arranjadores* da vida!

—Por falta de diligencia não se perdem.

—Escute a patrulha de S. Pedro o que fez sabbado.

Uns capadocios, não sei porque forma, poderam se apossar de um carro atrellado e andaram correndo as ruas, e estafando os animaes,

Quando estiveram aborrecidos, abandonaram o carro no Portão da Piedade e a policia tomou conta delle.

Nisso, appareceram os donos do carro e a patrulha oppoz uma objecção para entregal-o.

—Uma objecção sensata. Quiz verificar sem duvida si os que reclamavam eram os verdadeiros donos do carro, não é isso?

—O que, homem? A patrulha exigiu, impoz uma gratificação de 5$ rs. pelo trabalho de conservar alli o carro, sem o que não o entregaria.

—De sorte que si fossem vadios que se apresentassem, com 5$ rs. tinham carro para badernar?

—A questão era dar os cobres.

—Talvez V. se enganasse e não fossem guardas de policia.

—Reparei até que era um cabo e um soldado.

—Ao menos si isso se désse na quarta feira em quanto os soldados guardavam o carro, esperando pela *manjuba* não consenteriam que os ladrões arrombassem uma tulha para roubar.

—Tambem não pagam aos homens em dia. Por força elles hão de fazer suas *pexinxas*.

—Carrega-se este povo de tantos impostos para ser tão mal aquinhoado!

—Não tem o serviço da guarda nacional, o recrutamento, a guerra do Paraguay, o que mais quer?

—A' custa do povo paga se a um inspector da illuminação publica, a uma chusma de fiscaes e agentes da mesma, e a illuminação publica é completa burla!

—Por Deus, não falle nessa desgraça!

Ha quatro ou cinco noites pode-se metter um prego pelos olhos de quem anda na rua.

—Não vê que é tempo de lua; especulam dando luz microscopica aos lampeões, encarregando ao astro celeste de supprir-lhes a gananciosa falta, e emquanto este não se mostra no firmamento, anda o povo ás apalpadellas.

—Lucra a companhia e o publico soffre.

—E quem não deve concordar com isso, consente.

—D'antes davam como causa, certas razões, certos compromissos, e agora?

—*Minha alma é triste*, é uma producção do conhecido poeta Sr. Tibarcio Vallasques, arranjada em musica pelo Sr. Joaquim Silverio de Bittencourt e Sá.

Dizem os entendidos que é primorosa.

Agradecemos-lhes a offerta do exemplar que nos remetteu.

Á PEDIDO

—«O conselho directorio do Monte-Pio da Bahia, pede a todos os Srs. socios, que se acham atrazados no pagamento de suas mensalidades, o favor de solverem seus debitos até 31 do corrente mez, afim de não ser-lhes applicada a disposição do art. 10 § 2.º dos estatutos.»

—Si o conselho não quer cassuar com os socios, ao menos parece!

—Como?

—Por que o Monte-Pio da Bahia tem um cobrador, e este não se dirige aos socios para cobrar suas mensalidade; os socios ignoram ate quem seja o cobrador; a casa da sociedade vive sempre fechada!

Aquem se deve pagar, si o conselho não facilita esse meio aos socios?

—Neste caso; é o conselho mesmo que, não obrigando o cobrador a cumprir com os seus deveres, contribue para o atrazo dos socios!

—Sendo assim, é de suppor.

—Dá ricença, sinhô capitão?

—Que queres? avia te depressa.

—Anani turo tá falano di capitão qui chega di guera de Paraguay, qui anda namorano ni Tanagipe e ere é home cazaro.

—E que te importas com isso?

—Ah xinhá capitão, vossincelence non sabe cumo anani farì di ere, tem um oio furaro, mete grugão dentro di ere, e qué passá por bonito.

—Ou eu não lhe entendo, ou V. está bebado.

—Nau me diga esse cousa—é vredade,—poi um home piloto qui tá cum sua muié ni casa, chega de Belem, vá buli cum fia de outro, isso tá denreto? E' vregonha esse pentamento.

—Ainda não percebi o que quer dizer.

—Agora io fara di caixero de barão qui tá namorano cum xinhá.

—E que te importas com estas cousas?

—Mai xinhá capitão tem rimão de xinhá qui chama *Quinquim*, qui tá cruvitero nesse trapaiada, ere guça de gaiola de ponteiro, nan merece ni pé um macha?

—Si assim é eu dou as providencias.

—Tá denreto, io gara capitão di oio furaro, xinhá, cruvitero Quinquim, pra metê cara do anani turo ni cloaca.

—Vae-te com Deus!

—Farta lembrá qui *mazôra* tá mettido nesse vregonhamento.

—Traze tudo a minha presença para dar-lhes o destino.

—Vredade, io vai corendo para gará turo. Xinhô mazôra nan guenta iô.

Joaquim Jorge dos Santos Maia, faz publico que apresentando-se na typographia do Sr. França Guerra, para retirar a sua responsabilidade de edictor da *Opinião Publica*, conforme a propria redacção desse periodico o convidara pelo n.º 33, lhe appareceu o administrador da referida typographia perguntando-lhe qual era a base do seu contracto, em lhe dar outra solução; voltando por consequencia o annunciante sem a responsabilidade e sem a importancia que lhe é devida, pelo que reitera, a declaração que fez no *Diario* de 12 do corrente, de que daquella data em diante nenhuma responsabilidade tem pelos escriptos publicados na *Opinião Publica*.

Bahia 24 de dezembro de 1869.

VARIEDADES

O NATAL.

Em uma época toda de indifferença para as cousas sagradas em que os espiritos parecem absortos em meditações profanas, não deixa de ser provcitosa diversão recordar praticas innocentes, costumes puros adoptados em outras éras e em outros logares por occasião da noite do Natal.

Não pretendemos descrever aqui todas as festas que a christandade celebra na noite e nos tres dias subsequentes ao anniversario do nascimento de Christo; para isto seria preciso remontar a bem antigos éras, descrever por mil modos piedosos usos com os quaes nossos antepassados traduziam sua alegria.

Natal quer dizer a mais importante das festas christãs, a festa primordial, porque della dimanam todas as outras que a christandade celebra. Em verdade, não é o Natal o anniversario do dia em que pela primeira vez se cumpriam as prophecias, em que o Verbo Encarnado se mostrou ao mundo, em que a humanidade começou a conhecer o grande mysterio da redempção?!

Os primeiros christãos divergiam sobre a a época em que se devia celebrar o nascimento de Christo, porque confundiam o Natal com a Epiphania, que se commemora a 6 de Janeiro, dia em que a divindade de Christo se manifestou aos gentios pela adoração dos reis Magos.

Foi S. Cyrillo que dando conhecimento de uma carta ao arcebispo de Nice, provocou minucioso inquerito mandado fazer pelo papa Julio 1º que determinou o verdadeiro dia do Natal.

Esse dia 25 de dezembro era commemorado em Roma com uma pompa e ceremonias especiaes, que ja se não usa. O papa dizia a primeira missa a meia noite na Basilica de Santa Maria Maior, ao alvorecer a segunda na egreja de Santo Anastacio e a terceira de manhan na cathedral de S. Pedro. As tres missas eram ditas em horas determinadas e em presença de immumeravel multidão.

Todos os sanctuarios recebiam decorações especiaes: em algumas se levantavam montanhas fatidicas por onde desciam os reis ma-

gos que vinham collocar-se ao lado dos pastores grupados ao redor do presepio. Uma capella se transformava em estribaria; a santa familia e com ella o asno e o boi recebiam as homenagens dos monarchas e dos pastores, e na aboboda scintillava a estrella miraculosa que os guiara até Bethlem.

Quatro individuos ricamente vestidos representavam o gallo, o boi, o cordeiro e o asno, e se conservavam junto ao altar; o gallo cantava —*Puer natus est nobis ubi?* (Aonde nasceu o menino?) Respondia o boi *Bethlem* (em Bethlem?) Perguntavam o carneiro e o outro: —*Adeamus.* (Vamos até lá.)

Em algumas dioceses, o simulacro de estribaria feito junto ao altar, em cima do qual se via um anjo, que annunciava o nascimento do Salvador. No côro um bando de pastores cantavam—*Pax in terra*—e ao finalisar a missa o officiante lhes dizia: —*Quid vidistes pastores, dicite, annuciate nobis in terris quis apparuit*: (dizei-nos, pastores, vistes o annunciado e que nasceu entre nós?) Os pastores respondiam: —*Natum vidimus etc.*, (vimol-o) e cantavam successivamente o—*Benedicamus* (louvemol-o) e a antiga—*Ecce completa fuit*, (a prophecia está cumprida).

Estas praticas hoje somente estão em uso em algumas aldeias nas bordas do Rheno. O que se tem conservado é o uso das ceias, dos toneis que se furam, dos presuntos e podins, e principalmente do enorme bollo do Natal, que quando ja assar-se, o pai da familia o benzia em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

E' ainda a 25 de dezembro que na Inglaterra se fazem as *merendas* dedicadas as damas (*new year's gifts*); a festa é acompanhada de serenatas; os musicos ambulantes espontaneamente comparecem ou são convidados; alli se collocam debaixo das janellas, tocam instrumentss diversos com actividade compativel aos rigores da temperatura que affrontam. Os pobres vagam nas ruas, cantando diante das casas, a espera dos sobejos da mesa, ao que ninguem se nega compadecidos da pobre mãe que, com seus filhos, arrosta a neve que amontoa as ruas.

Na Allemanha e na Alsacia ha um costume da *arvore do Natal* onde o *Christ Nacht* é impacientemente esperado pelos meninos.

Em um canto do salão se colloca um grande ramo de arvore (abeto) ornado de fitas, de anjinhos de cera, nozes douradas, canotilhos confeitos e mil pequenas cousas bonitas; no meio ha uma mesa cheia de brinquedos e golodices. Uma pessoa da familia vestida de branco faz o papel de *Christo Kindel*, conduz os meninos pela mão ao sanctuario, aquelle durante o anno commetteu faltas, desobedeceu aos pais, não recebe algum dos presentes celestes. Em Hanstrapo mentiu, de máo genio, os que olham vesgos, os que são preguiçosos são agoutados com varas.

Quem outr'ora assistisse a missa do Natal na Hespanha, em Valhadolid, por exemplo, veria mascaras grotescos dançando e cantando ao som de castanholas, de tamboris e guitarras, acompanhado de orgão. Aquelles que a magestade do culto catholico reduz mais do que os costumes populares que se resentem ainda de barbaria, verão em uma nave christan o rei vestido das funcções de diacono, ler com unção a mais viva, o Evangelho —*Exiit edictum a Cesare Augusto*,

Em verdade de todas as manifestações feitas, a que parece mais justa e mais feliz é a que se celebra na Noruega. Lá a boa mãe vae occultar com grande interesse dos filhos, o prato que a noite deve receber o presente mandado pelo Deus menino: de antemão o pae tem occulto galinholas e outras aves que solta-as a noite fora da cabana que o gelo cerca; ao amanhecer, abertas as portas, as aves penetram na cabana e são recebidas com indizivel contentamento pelos filhos. Esta innocente logração que explica a hospitalidade que os pastores de Bethlem deram a santa familia é explicada aos filhos afim de serem hospitaleiros e humanos.—*Dai que Deus lo dará*—diz a mãe. Este preceito junto ao exemplo de amor e bondade é por certo a melhor lecção que se pode dar em nome de Deus a pequenos seres que esperam tanto delle.

—O que é a hypocrisia? perguntava um individuo a um poeta.

—E' uma virtude sacerdotal, respondeu elle.

ANNUNCIOS

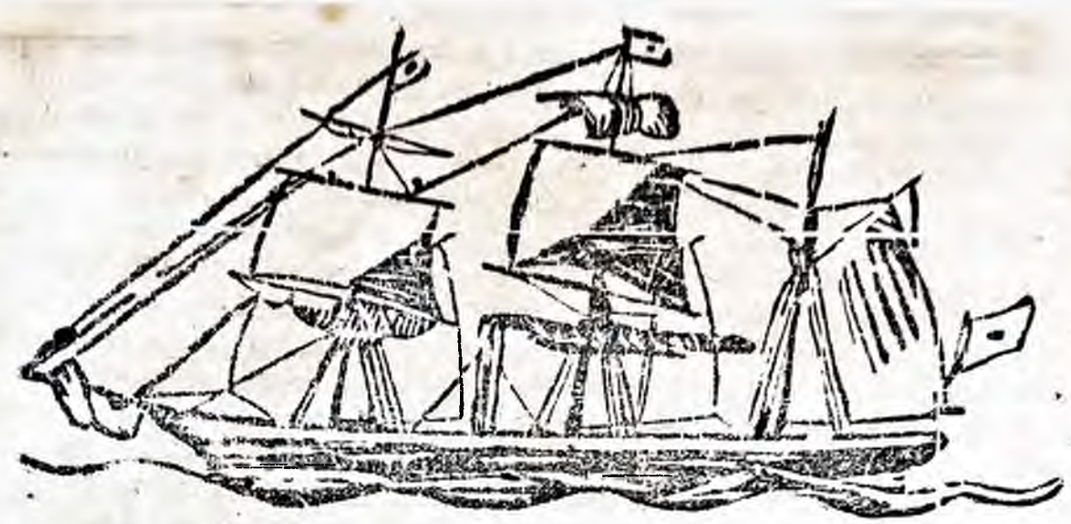
Chrispiniano Francisco da Silva, tendo de mandar celebrar no domingo 26 do corrente, na mat iz da Victoria, uma missa em louvor de Nossa Senhora da Conceição dos Humildes, convida a todos os irmãos e devotos para que compareçam, afim de dar mais esplendor ao culto. Depois da missa haverá procissão até o cemiterio, onde ha leilão.

Bahia 23 de dezembro de 1869.

AOS APAIXONADOS E APAIXONADAS.

Está exposta á venda, nas lojas de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, e na de charutos do Sr. Laurentino, á rua Direita de Palacio, a nova modinha intitulada—*A vingança*, posta em musica por José Bruno.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 60**

Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 29 DE DEZEMBRO DE 1869. N. 593.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de dezembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que ha 15 dias, mais ou menos, um menino de 7 para 8 annos dorme todas as noites nos arcos da cadeia ou na guarda de palacio, e de dia anda vagando. Perguntado-se quem é elle, declara chamar se Francisco Xavier Esteves e ser orphão de pae e mãe.

Pede-se a S. S. que, syndicando sobre sua verdadeira origem, o mande entregar a um mestre, caso seja elle desamparado, afim de que já de criança não se acostume a tão ociosa vida, ou o faça restituir ao dominio dos seus, si, como bem pode ser, se tiver ausentado delles.

—Ao mesmo, reclamando contra o illicito ajuntamento de grande numero de moleques no corredor da egreja do Rosario da Baixa dos Sapateiros, os quaes, esquecidos das obrigações de seus paes e senhores, passam ahi os dias a jogar buzio a dinheiro, acabando sempre o divertimento em pancada. No domingo, tendo um perdido o dinheiro que tinha, jogou quatro libras de carne que fôra comprar para casa e, querendo depois rehavel-a, houve grande sarcoiro. E' provavel que a familia ficasse nesse dia sem jantar, alem da ausencia do escravo.

A continuação de taes factos, alem de trazer serios prejuizos ao lar domestico, denotam inercia da parte da policia, e por isso confia-se que S S. expeça terminantes ordens a seus agentes para que dissolvam qualquer ajuntamento de moleques, que no referido logar se faça.

—Ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, dizendo-lhe que, visto serem os moradores do becco do Cantagallo, na quasi totalidade, propensos a turbulencias, como prova o final dos continuados sambas, que rolam ahi de noite, sirva-se S. S. de os ir mandando agazalhar na casa de correcção, a ver si lá adquirem habitos mais pacificos e mesmo se alliviam a visinhança, emquanto lá estiverem, de tão repetidos alarmas.

—A' administração da limpeza da cidade, lembrando-lhe que os moradores do becco do Ferrão tem eguaes direitos aos demais moradores das outras ruas, e que portanto cumpre que mande remover a montanha de esterquilinios que se está ali formando.

—Logo que não ha aposento para os doudos, é bem que elles andem pela rua.

—E' consequencia logica.

—Está porque, no domingo, um andou da mesma forma porque a mãe o pariu.

—Falle com o visinho.

—Tomou banho na fonte dos Padres e depois subiu o Taboão, no estado em que Adão e Eva, quando eram innocentes, andavam no paraiso.

—Parece que a mania deste é gostar do fresco.

—Um soldado de policia viu o homem e correu.

—De medo?

—Não; disse que ia chamar um companheiro para ajudal o a prendor o doudo.

—Homem, que *tino* militar!

Quem sabe si o rapaz não andou no sul e aprendeu estrategia com o Caxias?

—Capitão, quer desfazer um engano?

—E' bom.

—A creança que deitaram na casa do subdelegado dos Mares não foi morta.

—Nesse caso estava viva.

—E bem viva.

Foi levada por uma preta, n'uma cesta, as 8 horas da noite e deixada no patamar.

—Isso está me parecendo *bico d'obra*.

—La foi que se lhe cortou o umbigo.

—E' curioso! Ou muita malvadeza, ou ahi anda cousa.

—Os maldizentes deram logo *pae á creança*. Imputaram á filha de uma vinva, o que obrigou a pobre senhora a amanhecer na rua com suas filhas, para provar que quem pare n'um dia não pode salir no outro.

—Assim é que essas lingoas viperinas desacreditam uma pessoa!

Mas para que encommodaram o homem?

Si deitassem a creança na porta do *pae*, era mais *justo*.

—Mas elle não é subdelegado?

—Ah! sim; não me lembrava.

—Camarada, accommode-se.

—Levo tudo a facão; não attendo.

—Gentes, este guarda de policia endoudeceu?

—Que lembrança sua agora!

V. não sabe que são restos do Natal, embora ja desse meia noite?

—Mas então devia ficar em casa *cosinhando* e não vir para a rua fazer desordem.

—Que moleque desastrado!

E' para revoltar a um santo.

—Rasgar uma pobre mulher a ponto de pol-a em anagoas!

—Uma louca que não offende.

—Chama-se D. Geralda.

A mania que tem é querer que lhe entreguem suas filhas e persuadir-se que todo rapaz quer casar com ella.

—O malvado poz em tiras o vestido de cassa e o chapeu que a inoffensiva creatura trazia; talvez alguma esmolla que lhe deram de festas.

—Si não me tivessem por doido, eu corria aqui pelo Maciel afóra atraz daquelle endiabrado para pegal-o, ja que não ha policia na cidade.

—Dizem, alli na venda do Godinho, defronte do cuja porta o perverso praticou a malvadeza, que é escravo do architecto Sr. Machado.

—Si elle lhe rachasse as mãos de bollos, talvez que não tivesse tempo para tantas diabruras.

—Ah. Sr. Manuel dos Papagaios? Foi bom encontral-o.

—Capitão, determina alguma cousa?

—Sem duvida.

—Estou a disposição.

—Uma simples advertencia apenas.

Não continue a dar tiros a noite em sua roça; pode prejudicar a quem passa na estrada.

—Ah, é para espantar os ladrões que me dão nas laranjas e nas uvas.

—Porem é perigoso, e por tanto faça pausa no brinquedo.

—Não ha uma postura que prohibe repicarem os sinos por muito tempo?

—Parece-me que ha.

—Pois ollie, si ha essa postura, porque não fazem o sineiro do Collegio observal-a, afim de não entregar os badalos nas mãos dos meninos, que levam dia e noite a divertirem-se no sino, encommodando assim as pessoas que moram visinhas áquelle templo?

—Não sei; pergunte a quem lhe possa responder.

—Neste caso pedirei, a quem competir, providencias.

—Acho bom.

PENSAMENTOS INFALLIVEIS.

Ha certos pensamentos que, ainda mesmo não se querendo, acodem á imaginação, como si sahissem do inferno para atormentar as creaturas.

Quem os inspira, não sei; mas, o certo é que elles apparecem, e rara vez não deixam no espirito profundas impressões, por exemplo.

O homem casado com mulher bonita, que recebe d'ella assim um tratamento que se aproxima ao despreso, que a encontra sempre com uns ciumes fora de proposito, que não são sinão trêtas de sua parte para encobrir as maganciras; esse homem, ao entrar para casa, encontra a mulher ou muito terna, só a agradal-o, ou levada dos capêtas, recebendo-o com quatro pedras:—esse miseravel marido não pode furtar-se ao pensamento de

de que sua mulher lhe é infiel, e que outro occupa em sua ausencia o seu logar. Talvez assim não seja—mas, o pensamento apparece.

Aquelle que vê uma moça todos os dias á horas certas n'uma janella, e as mesmas horas passar pela rua certo moço todo periquitetis, e o moço olhar para a moça, e a moça dar para o moço certa risadinha, e a moça ter amisade com uma velha fedorenta de capona e rosario na mão; o visinho que tal observa não pode deixar de pensar que entre o moço e a moça existe um namoro, e que a velha faz as vezes de *mercurio*. Talvez o visinho se engane, mas o pensamento é certo e infallivel.

O amo que vê o caixeiro com duas e tres casacas, sustentando cavallo de estribaria, indo ao theatro todos os dias, figurando em casa das *bellas* e andando mais aceiado que elle, quando apenas ganha quinhentos mil reis, ainda mesmo quando as contas do caxeiro sejam as mais regulares, ainda quando nada tenha encontrado por onde o julgue comtudo não pode fugir ao pensamento de que aquelle caxeiro lhe dá na gavêta, pois quem cabras não tem, não pode vender cabritos. Talvez o caxeiro tenha alguma tia que o trate bem ou alguns fundos que se não saibam, talvez haja engano, mas o pensamento apparece, e é infallivel.

Quem souber que a Sra. Veronica, avó da moça Belmira, é pobre, nada tem, recebe suas esmolas pelas casas de sua amisade, e vende suas rendinhas e rosarios; quem souber que a Sra. Veronica nada inteiramente possue, e fôr á casa onde elle mora e ao lado de uma pobreza extrema, de umas cadeiras velhas, e de uma banca coxa, encontrar a neta Belmira de botinas de oito mil reis, vestido de boa cassa e bom chales de seda, alem do cabello penteado com fina e rescendente perfumaria, poderá deixar de pensar que ali ha cousa? não. Talvez a moça Belmira seja o prototypo de todas as virtudes, talvez tudo aquillo seja o resultado das camisas de homem, que cose muito bem: mas, não se pode evitar o pensamento.

Quem entrar em casa do vigario e logo da escada fôr ouvindo choro de menino, e na sala encontrar dous ou tres brincando, o que pensará? talvez aquelles meninos sejam crias do bom parocho, ou afilhados que tomou para crear por charidade, o que muitas vezes acontece; mas pensa-se sempre que o vigario comprehendeu o—*crescite et multiplicamini;* o pensamento é infallivel, ninguem deixará de o ter.

Quem for andando pela rua, em companhia de outro, e vir um negro de cadeira d'esses do canto, sahir ao encontro do companheiro e tomar-lhe a benção, e este disser—está bom, ja sei—não pode deixar de pensar que o dito está por ali devendo alguns cobres; talvez o negro s ja seu escravo, e só por obediencia lhe viesse tomar a benção; mas o pensamento não se evita, e a supposição fica.

Quando se vir a um sugeito, d'esses de reputação duvidosa, não querer passar por uma rua, quando por ella o caminho lhe ficava mais perto, e ir dar uma grande volta, sem dar uma razão satisfactoria; quem tal vir, poderá deixar de ter o pensamento de um calote pregado n'aquella rua que se evita? não; talvez o tal esteja innocente, mas o pensamento é certo.

E como estes e outros muitos, que não expendo agora por não pensar tambem alguem que estou espixando o negocio, por falta de materia, o que é uma mentira, e tanto que não escrevo mais sobre os pensamentos infalliveis.

A PEDIDO

—Capitão, capitão, ó capitão!

—Oh! meu amigo, como tem passado? Então quando chegou?

—Cheguei hoje, e volto hoje mesmo.

—Como vae o subdelegado do *grande mar?*

—Deixe-me, capitão, aquillo é o homem mais devasso e immoral que eu tenho conhecido.

—Dizem que elle tem prostituido muitas raparigas pobres, moradoras n'aquella localidade?

—E' exacto.

Deshonrou á Maria, filha de uma tal Josepha, a qual hoje mendiga o pão da charidade publica; á Anna, filha de um individuo de nome Souza; á Joanna, filha de Jose do tal; á Felismina, filha da crioula Felippa; á Idalina, filha de Gregorio; além destas perversidades faz orgias na casa em que mora, e não satisfazendo-se ainda com tudo isso, convida os rapazinhos inexperientes, e os leva para um outeiro, onde os instrue em *moral!*

Esse descarado, como eleitor, vendeu o voto por um conto de réis a certo Dr. vindo de *Viannª!*

—Que authoridade!

—E essa é a gente que está *regenerando o paiz!*

—Bem disse-me o *Monteiro*, quando fallavamos a respeito da moralidade desse subdelegado:

«V. Ex. está enganado, porque esta côr de *barro* do subdelegado demonstra as devassidões que reinam-lhe no coração!»

—E fique V. Ex. convencido disso.

Adeus, até a volta.

Pede-se a certa pessoa, que mora na Conceição da *bocca grande*, a qual anda vestido de *dó*, que se deixe de tanto arreganho com o visinho *S....*, a ponto de ficar na janella um dia inteiro curtindo sol, e elle feito palhaço praticando o mesmo. No logar mora mais gente e ninguem está para ficar enjoado com tanta macaquice, e ouvir gagas tagarellas.

Si o irmão, que é um *B.....*, por ser malandro, não infunde respeito em casa, é preciso guardal-o para com o publico.

Não se agastem e nem soltem suas lingoas de palmo e meio sobre a pelle de quem lhes dá este conselho, pois do contrario

(Continúa-se.)

SENHOR BEATO.

O maroto do Antonio e a caterva que o acompanhou, na infame acção que praticaram, fiquem de certos que não tiveram a devida resposta na mesma noite de 22 em que foi festejar o seu natalicio (o dito Antonio) na casa alheia, por não poder fazel-o na casa de seu amo ao Largo da Cruz, para que a visinhança não communicasse as façanhas gavetaes, que os convidados que la se acharam á pedido do dono da casa, só tiveram sciencia do occorrido depois que os taes brejeiros se retiraram, alias não sahiriam sem terem a devida resposta, ja que o dono da casa, além de prestar sua habitação para essa baderna de bebedeira e jogo, não soube occupar o logar que lhe competia, visto que essas pessoas que la foram, a seu convite, não iam por causa da comida e muito menos para jogar, quanto mais para contar a seus amos o occorrido; mas ja que foram tão negros como o que praticaram, vejo-me agora na necessidade de procurar o *Lopes sobrinho do Silva*, cunhado do *Zézé*, para prevenir-lhe de todo o passado; assim queira recommendar-me ao aspirante do *Alabama*, que, procurando os taes Antonio, Augusto, Januario, Rodrigo, Rocha, em qualquer parte que os encontrar esfregue-os bem de taca, e logo que eu souber quaes são os outros companheiros do tal Antonio, voltarei para contar-lhe o restante da historia, pois sei que todos elles são amadores das gavetas, para poderem festejar annos e jogarem.

O convidado do dono da casa,

(Continua.)

VARIEDADES

SONETO.

Cupido pôz um ovo no Parnaso,
Sahiu delle um perú fazendo roda,
E das Musas gentis a chusma toda
Transformou-se em perúas vendo o caso.
Apollo de bordão põem tudo raso,
Para ver si a canalha se accommoda,
Mas por ter-se purgado já com soda,
No buscar do logio teve atrazo.
Rebenta o furacão com furia insana,
Com a bulha foge tudo espavorido,
Fica Apollo a borrar toda cabana.
Correm vates em gritos por Cupido,
E no meio da grande tribusana
Viu-se o deus de amor quasi perdido.

OS SEIS PONTOS DO DADO.

Significam seis forcas.
A primeira merece o jogador.
A segunda o seu parceiro.
A terceira quem os ensinou a jogar.
A quarta os *mirones*.
A quinta o que dá a casa para jogar.
A sexta a authoridade ou magistrado q consente taes casas.

Uma senhora que campava de muito discreta e bem fallante, sendo convidada para almoçar em casa de uma familia de sua amisade, na occasião em que com as demais pessoas convidadas se assentaram na meza do almoço, entendeu ser a occasião propria para fazer a sua brilhatura, e ao ver na meza um delicioso cus-cus, disse para o cavalheiro que servia.

—Senhor Fulano, faz-me o favor de servir uma fatia dessas syllabas indecentes?...

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

AOS APAIXONADOS E APAIXONADAS.

Está exposta á venda, nas lojas de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, e na de charutos do Sr. Laurentino, á rua Direita do Palacio, a nova modinha intitulada—*A vingança*, posta em musica por José Bruno.

Aluga-se um sobradinho sito ao becco do Gaspar, rua de Santa Thereza. Tem bons commodos, quintal, e excellente vista de mar: a tratar na casa que faz quina para o mesmo becco n. 118.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso.

Anno VIII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Serie 60
ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 1.º DE JANEIRO DE 1870. N. 594.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de dezembro de 1869.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, participando-lhe que, em 28 do passado, as praças destacadas na casa de prisão com trabalho abandonaram o destacamento e andaram fazendo desturbios, no que envolveu-se o proprio commandante, o qual andou pela rua em mangas de camisa e espada em punho.

Espancaram a cahir um sujeito de nome Salvador.

Semelhante imprudencia, filha talvez da effervescencia do *spirito*, e que em nada abona o comportamento da força publica, foi publico e notorio, e entre os nomes dos que presenciaram pode-se citar os de Paulino Antero do Sacramento, sargento do 7.º batalhão; Pedro de Gusmão, official de justiça; Lucio Pedro de Alcantara e outros.

Levando-se ao conhecimento de S. Ex. tão desagradavel acontecimento, tem-se em vista solicitar medidas que cohibam a sua reproducção.

—Celebra hoje a egreja a circumcisão do Redemptor do mundo.

A circumcisão era o baptismo antigo.

Os meninos, ao oitavo dia do seu nascimento, eram circumcidados, isto é, cortavam-lhe o prepucio e tiravam-lhe o sangue, e com este fazia-se um signal na testa da creança, pondo-se-lhe o nome, segundo o preceito da antiga lei, conforme Deus ordenara a Abraham, para signal do pacto que firmara com o seu povo.

Foi no cumprimento d'esse preceito que o Messias tomou o nome de Jesus, como havia dito o enviado do Senhor, antes de ser Elle concebido no ventre purissimo de sua Santissima Mãe!

Disse!

—Que horas são?

—Seis e meia da tarde.

—Si fosse de noite, v. ia.

Mas de dia ainda, seis praças da guarda de palacio subirem as escadas da camara para acto tão torpe!

—E o sargento está no meio.

—Agora-vão sahindo um a um.

—E por ultimo sahe uma mulher chilrada, uma parda de chale.

—Quem é o commandante da guarda?

—O tenente Theotonio. Mas elle não viu o passo.

—Bem; eu vou ao commandante das armas contar tudo o que vi hoje, 30 de dezembro, para ver o que me diz.

—E si elle exigir a prova?

—Creio que toda esta gente, que comigo presenciou, não se recusará a affirmar.

Si for preciso os nomearei.

—Não sei V. quando hade deixar de se metter com o que não é de sua conta.

—Ainda não ouvi sua opinião sobre a *Chronica Religiosa*.

—E' uma gazeta ecclesiastica, cujas ideias tendem para o fanatismo.

—Está publicando os santos da somana.

—Ja vi.

E achei interessante este bocadinho.

«Segunda feira.—Vigilia de S. Thomé.—S. Domingos, bispo de Brescia, confessor. A egreja de Brescia contou trinta e um bispos sanctos com interrupção apenas de um que morreu subitamente por ter *tido a temeridade de enterrar* o corpo de um mau na basilica de S. Faustino e Santa Jovita.»

—Neste caso, eu desejava poder respeitosamente interrogar o Sr. conde de S. Salvador, debaixo de cujos auspicios é publicada a folha, sobre o numero de homens maus, cobertos de enormes crimes, sceleratos e perversos, que em sua diocese teem sido enterrados na egreja, sem que por isso tenha S. Ex. Revm. incorrido em egual pena.

—Por suas ideias ja vi se negar sepultura a um homem no Brasil, por seus crimes ainda não.

—E semelhante blasphemia não é duvidar da Misericordia Divina, cuja suprema bondade perdoa todos os crimes?

—Está em contradicção com o Evangelho de S. Matheus, cap. 16, v. 18 e seguintes:

«Eu te darei as chaves do reino do ceu. E tudo o que ligares na terra, será ligado tambem nos ceus.»

Pois aquelle que o que faz na terra é confirmado nos ceus, não tem poder para absolver um peccador?

—Si a graça Divina não é para perdoar os reprobos e os peccadores, tambem para os justos torna se desnecessaria.

—Jesus, o cordeiro que tira os peccados do mundo, que com seu sangue lavou as culpas humanas, fulminando com morte subita a um ministro da religião, porque praticou uma obra de piedade e misericordia! Isto é rico!

—Propagadores assalariados do erro e da mentira!

—E dizem que doutrinam e instruem o povo!

—Capitão, sabe o que houve na cidade baixa?

—Não.

—Deram n'um homem para matar e com effeito elle está bem mal.

—Quando foi isso e em que logar?

—No dia 28 do passado, no Caes das Amarras, dentro do armazem de cabos de Ramos.

—E está isto tão em segredo?

As gazetas diarias não deram noticia!

—Ora... já não sabe?...

O offendido chama-se Gustavo Joaquim Moreira Guerra; reina saveiro no caes da Escada de Ferro.

—Mas quem deu?

—Dizem que o dono do armazem e dous escravos.

—O' homem!...

—Por causa de tres tustões.

—Uma ninharia!

—Foi tirado quasi-morto debaixo de umas correntes de ferro, onde era trucidado, comprimindo se-lhe a garganta; está gravissimo; fez-se corpo de delicto pela subdelegacia da Sé, os ferimentos foram julgados graves e os medicos deram mais de trinta dias para o tratamento.

—Os delinquentes estão presos?

—Ora, capitão, deixe a gente!

V. Ex. não viu o chefe de policia classificar a execução da lei em duas partes?

Aquillo que é criminoso no pobre, no rico ou bem amparado torna-se muito natural.

—Malfadado paiz! Gralha vestida com as pennas do pavão!

—O *Jornal da Bahia* é fertil em inverter!

—E é bem divertido ás vezes.

—Quarta-feira lembrou-se de dizer que o menor Bento, discipulo de Braz Diogo, que o *Alabama* dizia haver sido assassinado ..

—Mas onde é que o *Jornal* leu isso? Sem duvida estava com a cabeça ardendo.

—O *Alabama* o que disse foi que a mãe do menino, indo ao chefe de policia queixar-se do desapparecimento deste, S. S., em logar de providenciar, como era de seu dever, perguntou-lhe o que queria que fizesse; como si caso tão grave não fosse digno de sua attenção.

—Talvez por ser ella pobre.

—E como a mulher se pozesse a lastimar-se, elle, sem duvida, para ver-se livre da *massada*, disse-lhe que désse queixa.

O *Alabama* accrescentou tambem que fallava-se á bocca pequena que o menino fallecera em consequencia de pancadas que lhe dera o mestre.

—Confundir isso com assassinato, é chamar gaita de folles assovio.

Não sei que lucra o *Jornal* com essas alterações!

—Tambem o Sr. Braz Diogo no *Jornal* do dia immediato fez uma defeza, onde atira certa pedrada de artiguitos de diffamatoria gazeta.

—A allusão, por incomprehensivel, é indigna de resposta.

—Entretanto será licito perguntar ao Sr. Braz Diogo quantas vezes, em sua vida, terá

elle concorrido com informações e apontamentos para artiguitos do diffamatoria gazeta?

—Esta epocha é das maravilhas humanas!

Eu não acho novidade em que a policia da Bahia, vendo um esqueleto humano, conheça si os ossos pertenceram a gente branca ou preta; quando no Paraguay anda cousa mais fina.

—Isso da policia foi uma espichadella.

Assemelha-se com o caso de um homem encontrado morto e que pela falla parecia inglez.

—Pois veja lá a bernardice deste pedido feito em um hospital de Humaitá:

«Primeira enfermaria.—Precisa-se para officiaes que *fallesceram* do cholera o seguinte:

«Caixões..... 4
«Molletas sete pares.... 7

Humoitá 10 de outubro de 1869.

F.»

—E' notavel na verdade!

Deixando de parte a ortographia, officiaes mortos do cholera precisando de moletas!

— Note que a *Semana Illustrada*, que assevera ter o original deste pedido, diz que elle tem o *visto* de um doutor e é assignado por um capitão.

LÁ VVE VERSO.

Hoje entra o anno novo,
E que entre com bom pé;
Pois o que acabou hontem
Foi um anno bem *chué*.

Oh, que anno arreliado,
Foi este anno passado!
De mil adversidades
Viu-se o povo acabrunhado.

O vicio andou á cavallo,
A virtude manquejando;
No mar da devassidão
Viu-se a moral sossobrando.

Todo o anno a probidade
Levou doente de cama;
O bom senso escorregou,
Cahiu de nariz na lama.

O banco da honestidade
Suspendeu seus pagamentos,
Pela baixa que soffreram
Na bolsa, os vís sentimentos.

Houve fome e houve peste,
E a interminavel guerra;
Trapaçarias e roubos,
Foi bagaço nesta terra.

Muita viuva lesada,
Muita moça perverlida,
Muito orphão na miseria
E muita herança extorquida.

Porém, que gordas *muginjas*
Fez-se, por diversos modos!...
Eu vi certo presidente
Arranjando os filhos todos.

Grande numero de casas
Pelo fogo devoradas;
Mas a causa dos incendios
Em mysterio sepultadas.

Maldicto anno foi esse...
P'ra maior consternação,
Como cumulo de desgraça,
Sêcca e fome no sertão!

Jactos de sangue no povo
Foi uma boa pitada;
Como medida hygienica,
Carne lazeira e cançada.

A justiça lá no forum
Andou jogando picúla:
Para o rico foi activa,
Para o pobre cousa nulla.

Viu se, de um dia p'ra outro,
Sem a razão explicarem,
Faltar agoa na cidade,
Os chafarizes seccarem.

A policia cochilou,
Ficando os ladrões alertas,
Muitas casas de negócio
Amanheceram abertas.

A piedade do claustro
Foi banida de tropel;
A crapula d'azas abertas
Entrou fazendo aranzel.

A discordia e a intriga
Fez nelle sua morada...
P'ra desapego do mundo
Nelle houve gente surrada.

Em casas de educação
Scenas bem repugnantes
Se deram; favoreceu-se
Pretenções de alguns amantes.

Nesse anno arrenegado
Fizeram tal cambalacho,
Q'a empreza Paraguassú,
Creio, vae por agoa abaixo.

Agora o que está em moda
E' uma cria forrar,
E mandar para a gazeta
Liberal se apregoar.

Entretanto (audacia incrivel!)
Viu-se muito espertalhão
Pretender pessoa livre
Reduzir a escravidão.

E' muito antigo esse meio
De vida, bem lucrativo;
O preto Manuel do leite
Coitado! morreu captivo.

O' que bella pepineira
De tempos que já lá vão!
Que chrismavam com o nome
Escravos livres da nação.

Pelas ruas da cidade,
Arrepia até contal-o...
Uma mulher arrastada
Ao rabo d'um cavallo!...

E certas authoridades
Transigindo infamemente!
Mandando prender os homens
Para fim bem indecente.

Eu vi a um pobre diabo
Armar-se uma *churumela*,
Ir o homem p'ra cadeia
E tomarem-lhe a *costella*.

Não é atôa que eu fallo,
Pois estou observando
Os que o mandaram prender
Sua casa frequentando.

O sicario apavonado,
(E' verdade amarga e crua!)
O homem serio e pacato
Sem poder andar na rua.

(*Continúa.*)

A PEDIDO

—Capitão, eu vim aqui p'ra chegar e voltar já.

—Avie-se emquanto é dia.

—Tenho de lhe patentear uma infame ladroeira.

—Vá já tirando a mascara ao salteador.

—O tratante é um fabricante de massas.

—Oh, isso é boa gentinha!

—Admittiu o ladrão um rapaz para seu caixeiro; este adoeceu; chamou-se um medico, o qual fez 12 visitas e quando teve de receber o importe deu esta conta:

«O Sr. T....,

ao Sr. Dr. C. S.	deve
Importancia de 12 visitas feitas ao mesmo Sr.....	48$000
De uma conferencia com o Dr. M.	15$000
	63$000
Abatimento por pedido de seu amo.....	12$000
	51$000

Recebi a quantia supra do dito amo.—*F.*»

—Está muito em ordem.

—Mas o miseravel sabe o que fez?

Cobrou do caixeiro as visitas a 4$ rs. quando pagou-as a 3$ rs.

—E' um roubo!

—Aqui está a lettra do Dr.; agora, si V. Ex. quer, mande examinar os livros desse vampiro do suor alheio, e verá si é mentira o que eu digo.

—Não precisa; basta só que me diga quem é elle.

—Ha de encontral-o nas *grades de pau*.

—Diga o nome.

—Chama-se.....

Valha-me Santo *Antonio!* esqueci-me.

—Lembre-se, que quero mimoscar a filha de *Fernando* com tão boa joia.

—Não precisa, capitão, mande-lhe metter as unhas de rato n'uma *caldeira* fervendo, que é para elle não ter mãos para roubar a outro.

(*Continúa.*)

Sr. Redactor.—O facto de haverem uns capadocios apanhado um carro meu e andarem nelle escaramuçando as ruas que V. publica, no seu n.º 592, é todo exacto, menos na parte em que diz que os soldados de policia exigiram 5$000 rs. é verdade que eu lhes dei 5$000 rs., porem de livre vontade, como gratificação.

Bahia 31 de dezembro de 1869.

Manoel Ramos de Azevedo Falcão.

VARIEDADES

O marido deve ser como o passarinho, que volta todas as noites para o seu ninho, junto de sua mulher e seus filhos; mas não deve ser como o passarinho, que anda a cantar longe de sua familia.

A mulher casada deve ser como o mar, que encerra em si os seus thesouros e não diz o que tem; mas não deve ser como o mar, que é a imagem da inconstancia, e se deixa governar pelos ventos.

ANNUNCIOS

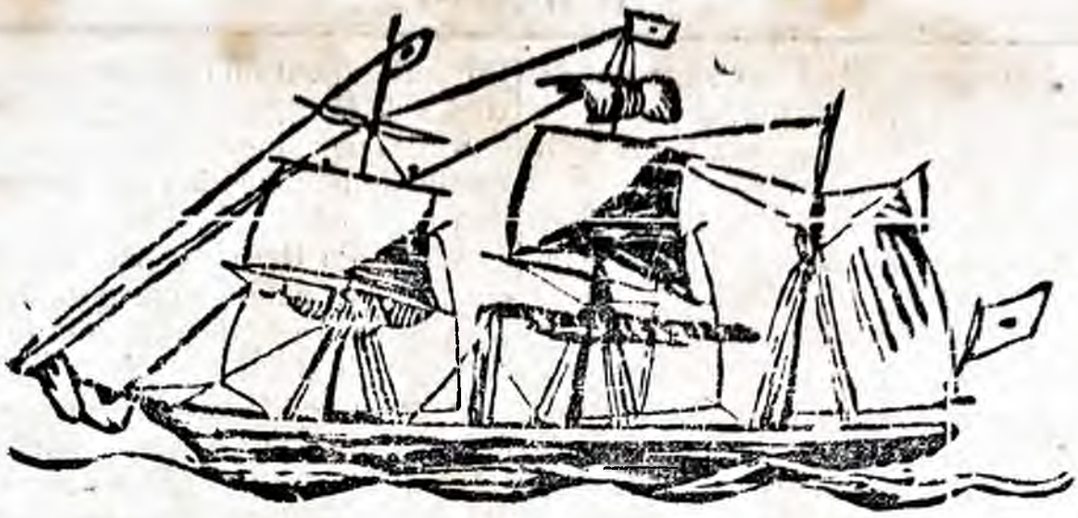
MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moido puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude. Na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Anno VIII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 60**

Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 5 DE JANEIRO DE 1870. N. 595.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de janeiro de 1870.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, ponderando-lhe que sendo hoje o becco do Cabral muito transitado, existindo nelle mais de 50 propriedades habitadas, cujos predios estão sujeitos á decima urbana, reclama a equidade que S. Ex. mande assentar ali os lampeões necessarios para a illuminação publica. O que espera-se.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para um candomblé que rola, ha dias, no logar denominado Campinas, onde existem muitas pretas livres e mesmo escravas, á pretexto de evocarem a alma da *mamãe* que morreu. Espera-se, em vista do acima dito, que S. S. dê providencias que façam cessar esse ultraje feito á moral e á religião que professamos.

—Ao Sr. major commandante da companhia de caçadores á cavallo, consultando si é devido a andarem mortos de fome ou á outra qualquer causa, que as praças de seu commando dão-se ao innocente passatempo de andarem pelas roças alheias, despovoando as jaqueiras e mangueiras.

E' de suppor que S. S. mesmo já tenha presenciado factos destes; visto que, outro dia, passando em um enterro para as Quintas, acharam-se diversas praças na roça da Matança a arrecadar o que não guardaram.

—Festeja amanhan a egreja a Epiphania do Senhor, quero dizer, a apparição da estrella aos magos que vieram, guiados por ella, adorar Jesus em Bethlem da Judéa.

—Folheemos a *Vida de Jesus Christo*.

. . . . . .

—Os rudes e humildes, attendendo á voz do Enviado do Senhor, vieram adorar no presepe o Filho de Deus e repartir com Elle do fructo da sua pobreza.

A vez dos poderosos era chegada.

A opulencia e a sabedoria, prostradas diante do seu berço, desde o principio, deviam reverencial-o.

Assim cumpriam o que estava predito.

Gaspar, Belchior e Balthasar, nomes dos tres magos, de origem babylonica, aos quaes chamamos reis; mas que não passavam de sabios, e na Persia davam aos sabios o tratamento de principes; guiados pela estrella milagrosa, vieram em procura do logar em que nascera o Menino—Rei dos judeus.

Ao divisarem as torres de Jerusalem, no meio dos serros escalvados que rodeiam a cidade sancta, volveram os olhos á abobada celeste e sentiram a falta da milagrosa estrella, fiel companheira de todos os seus passos até ali.

Sentindo elles o desapparecimento da estrella que os guiava, julgaram ter chegado

ao termo da viagem, isto é, ao logar desejado, onde nascera o Menino-Rei.

Sem escrupulo perguntavam a todos onde havia nascido o Menino.

Approximaram se á capital da Judéa, persuadidos de encontral-a cheia de jubilo e contentamento, e acharem facilmente quem os conduzisse até o berço da Criança.

Van esperança!

Em logar de verem as ruas juncadas de flores, e de ouvirem os sons festivos dos côros e das harpas dos hebreus, encontraram Jerusalem melancholica, e o seu povo somente entregue á cobiça dos negocios, afim de accumularem riquezas para passarem regaladamente com suas familias, e nem um signal de alegria ou de contentamento divisaram nelle!

Outros, que não os magos, voltariam; mas o ardor da fé os fez seguir sua marcha.

«Despresando o perigo, e seguros da protecção do Senhor, que os trouxera de tão longe, percorriam a cidade, e, perante os sicarios do usurpador idumeu, perguntavam sem receio:—*Aonde está o Rei dos judeus recem-nascido?*

«Depositarios das prophecias de Jacob e Daniel, os judeus não duvidaram que fossem chegados os tempos do Salvador, e certos do logar em que havia de vir à luz, apontado no oraculo de Micheias, quando Herodes os interrogou ácerca do que diziam os magos, respondiam sem hesitar; que Bethlem de Judá seria a patria do Messias.

«Jerusalem, do mesmo modo que o principe, ouvindo os sabios do oriente, que perguntavam pelo Rei-Menino, mostrou assombro e inquietação; mas por diverso motivo: em Herodes era temor de cahir do throno: nos subditos eram esperanças vagas de liberdade!»

Herodes, malvado, sanguinario e de cujas mãos escorria o sangue de sua esposa e de seus proprios filhos, pediu aos magos, que quando voltassem, viessem aonde elle estava para dizer-lhe si de facto tinham encontrado o menino, afim d'elle tambem o ir adorar.

O animo cruel e sanguinario de Herodes não socegou mais, desde a chegada dos magos.

Descuidados os magos das barbaras intenções em que deixavam o idumeu, sahiram da côrte, e apenas transpozeram as portas reappareceu a estrella. O astro foi sempre adiante, durante as duas legoas que mediam de Jerusalem da cidade de David; parou junto da lapa em que estava o Salvador, e pareceu dizer-lhe em uma linguagem muda:—*Aqui achareis o recem-nascido que procurais.*

Sem os deter a humildade do logar, entraram e adoraram, fazendo-lhes suas offertas, cheios de fé.

Sahiram, e a estrella os guiou por outro caminho, de maneira a não passar por onde estava Herodes!

Assustado Herodes por semelhante noticia, mandou matar as creanças de dous annos para baixo, certo de que no meio dellas morreria o Salvador.

Enganou-se! O enviado do Senhor avisou á S. José que fugisse com o Menino e sua Santissima Mãe para o Egypto, onde viveu Jesus até quasi a idade de trinta annos.

Tenho dito!

—Si pelos domingos se tiram os dias santos, este anno não é de bom agouro.

No dia de anno bom, deram-se desgraças, conflictos e successos desagradaveis.

—V. que sabe, diga.

—Na ladeira da Misericordia houve incendio, que causou graves prejuizos a laboriosos paes de familia.

—O que torna-se assustador é que, dizem, para tão fatal accontecimento, concorreu a nefanda mão da perversidade.

—As rodas de um wagon esmagaram um homem, na linha do Bomfim. Teve a imprudencia de saltar em frente do carro.

—Que fatal destino!

—Na Cruz do Cosme, o subdelegado, indo dispersar um ajuntamento, levou cassuletadas.

—Safa!

—Em Itapagipe, dizem, afogou-se um homem.

Na Armação, um individuo comeu jaca, tomou leite e bebeu caxaça ao mesmo tempo. E' escusado dizer que passou para melhor vida. Ja na vespera, um outro, acabando o trabalho, lançou-se no Jaguaripe com o corpo agitado e sahiu carregado em uma rêde.

—Horas de pouca reflexão.

—Houve uma funcção de estrangeiros da banda da Victoria, em que se deu murradas e deslocaram-se braços.

—Foi o *gin* desenvolvendo-se.

—Na Boa-Viagem, um soldado de policia, de nome Barros, tomou fóra da conta; deu refadas e feriu o povo.

—Está o que não admira.

—Para um principio de anno é mau presagio; além do mais que eu não sei.

—Cale-se, que V. é um visionario; Deus fará o que for mais acertado.

—Quer ouvir uma cousa que vou dizer?

—Diga lá.

—No hospital dos Lazaros não ha vigilancia, não ha cautela.

—Aqui está a retira de [illegible]

—Quem lhe disse?

—Os doentes sahem á noite e passeiam na cidade.

—Ora, historias!

—Affirmo, porque sei de cadeira.

—De dia, já ouvi dizer que um vinha até os arcos comprar; de noite, não.

—Eu sei de um que costuma vir á casa da familia, ahi passa noites e retira-se de madrugada.

E assim como sabe esse, que eu sei, é provavel que outros o imitem.

—Pode-se saber qual é?

—Porque não pode-se? E' um menino de nome Francisco; vem muitas noites, á casa da familia e ahi dorme.

—Está o que eu não sabia!

Assim, é claro, ha deleixo patente.

—De certo; eu não gosto de apparencias.

Ou deixem os morpheticos andar á vontade no meio da população, ou então, si ha perigo, observem á risca as prescripções.

—Veja a garantia que tem a casa do cidadão:

Na noite de Natal, uma familia, moradora á Madragoa, freguezia da Penha, foi ouvir missa em Itacaranha; quando voltou, achou as portas de sua casa arrombadas, e toda roupa, joias; dinheiro roubados e os ladrões haviam levado tudo e deixado a casa vasia!

—Si aqui dentro da cidade, nas barbas da policia, roubam-se casas, toca-se fogo e ficam impunes os mal-feitores, quanto mais lá na Madragoa, logar retirado das garras d'ella!

—Eu só sei dizer que esta terra vae as mil maravilhas!

—No domingo, ás 8 horas da noite, apitaram, para os lados do becco dos Barbeiros, freguezia de S. Pedro.

—Algum barulho, não?

—Disseram-me que era o dono da casa que apitava, chamando a policia, por que presenciu ladrões em cima do telhado, os quaes suppunham não haver ninguem dentro!

—E a policia compareceu ao logar?

—Compareceu depois de muito apitar, e quando, segundo dizem, ja os ladrões tinham-se posto ao fresco!

—Que terra! Cada um que não cuide em guardar sua casa e espere pela vigilancia da policia!

—Está um homem em risco de vida, e os causadores de sua morte passeiando á luz do sol!

—Quem é elle?

—O saveirista Gustavo Joaquim Moreira Guerra.

—Um homem que espancaram no armazem do Ramos?

—Em que deram para matar; esse mesmo.

—Corre perigo então?

—Grave.

O chefe de policia foi á casa do paciente e viu o estado em que se acha.

—Os delinquentes estão presos?

—Não.

—E essa!....

Haverá contemplação?

—Talvez; a posição tambem influe.

—E si o homem morrer?

—Está morto.

—E o cumprimento da lei?

—Fica por isso mesmo.

—Oh justiça da terra!

Como te fazes surda aos clamores da oppressão!

Como reverente te dobras perante os acenos do potentado!

Tão inflexivel que és com a fraqueza, tão amoldavel que te mostras com o poderio!

—A companhia de Vehiculos prometteu uma cousa e está fazendo outra.

—Como assim?

—As partidas dos carros são feitas irregularmente; as diligencias esbarram-se e o publico é encommodado.

—Mau vae isso.

—Ha deferencias mal entendidas; para certas pessoas faz-se excepção; os carros param antes dos pontos determinados.

—E' bem fora de proposito.

—Sexta-feira, a diligencia das 10 horas parou na Calçada para desembarcar uma faceira creoula, somente porque essa desfructa o sbens da *fortuna*.

—Nessas emprezas, o que mais acredita é a pontualidade; faltando ella, adeus minhas encommendas!

—Nesse dia mesmo, sahiu da cidade um carro, fora das horas; e teve de encontrar com o que vinha do Bomfim; foi preciso *baldear* os passageiros; o caixeiro apressou se em dar o signal de partida e metade da gente ficou de fora.

—Si a companhia não se mostrar mais exacta, agora que a concurrencia vae em augmento com a proximidade das festas; havemos de ver muitas complicancias.

—Tambem é preciso prevenir a impericia dos boleeiros para evitar desarranjos como o que se deu na quinta-feira.

—Tenho ouvido dizer que, si as providencias fossem mais acertadas, o incendio na ladeira da Misericordia se[illegible]

—Estou por isso.

—As casas ardiam e ninguem apparecia; algumas mulheres é que despejavam bacias d'agua.

Quando as egrejas deram signal, as chammas haviam devorado mais de metade.

—E' costume.

—As bombas, alem de bombeadas, não achavam agua.

—Foi pena que a companhia dos aguadeiros do Sr. Dr. Rocha não estivesse organisada para mostrar.

—Não sei o que esperam!

Os incendios repetem-se espantosamente e ninguem se lembra ao menos de arremedar um serviço de incendio, até que um dia a cousa nos seja bem fatal.

—A gente desta terra é peior que urubú; estes ao menos na occasião da chuva se lembram que devem fazer ninho.

—Não me dirá onde está a virtude dessas mulheres que se chamam irmans de charidade?

—Nas obras de piedade que praticam.

—Deitando para fora do hospital os desgraçados doudos, sem compaixão, não é isso?

—Agora o que quer V.?

A' mesa da Santa Casa não annunciou que não se recebia mais doudos, por falta de commodos?

—Deixar de receber é uma cousa; e expulsar deshumanamente os que estão, é outro differente,

—Tem razão de sobra.

—Outro dia, enxotaram para a rua um desgraçado, no domingo 26 do passado, expulsaram uma creança, a qual ficou todo santo dia ao rigor do sol, deitada em um charco, no Terreiro, até que, ás 5 horas, um policial o levou para o destacamento.

—Não por deliberação sua, accrescente, mas por que alguem o instigou a isso.

—E' bom que V. saiba.

Nesta semana foi uma pobre mulher lançada no meio da rua.

—O que se devia fazer com ellas, estão ellas fazendo com os miserandos doudos.

—Os doudos são recolhidos para evitar desatinos, que praticam, pela cegueira da razão; ellas se incumbem de espalha-los pelas ruas!

—E' até onde pode chegar a malvadeza!

—Para aonde irão os desgraçados atirados tão cruelmente ao meio da rua?

—Não se satisfizeram com o grande numero de virgens brasileiras, que obrigaram a prostituir e andam ahi despojadas do que lhes pertencia, por cima dellas; ainda querem [illegible] privados da luz do entendimento, um minguado abrigo que a charidade publica lhes outorgou.

—Feras humanas! só tratam de enriquecer.

—E o povo, cego, não attende a isso!

—Desgraça das desgraças...

As pobres recolhidas, para quem foi instituida a Santa Casa, foram tangidas bruscamente para fora della, e se lhes mandou dar *oito mil reis* por MEZ para comer. e esses mesmos chorados oito mil réis foram pouco depois arrancados a uma por uma, á pretexto de que as infelizes não procediam bem.

—Passar com 8$ rs!... que irrisão!...

—As irmans de charidade tem trez mil reis diarios, a superiora seis, alem de todos os commodos e facilidades da vida, bebem do melhor vinho, passam uma vida regalada ,não propria de mulheres segregadas das illusões do mundo, saboream opipara meza. As apparencias da simplicidade que affectam no rosto é estudada hypocrisia.

Deram-lhes um sobrado nas Portas do Carmo, fez-se enorme despeza para deitar abaixo uma grossa parede do hospital e abrir communicação para o sobrado.

—Sobrado mysterioso; por alli entra o que não convém que se veja...

—No tempo em que o hospital era administrado por um nacional, tinha este 150$ rs. por mez; os enfermeiros 35$ rs. e os serventes eram gratis, por serem pretos da nação, a quem se dava apenas comida e roupa. Serviam de enfermeiras as mulheres dos enfermeiros e ganhavam 30$ rs. com que ajudavam seus maridos.

Gastava-se menos e os enfermos não tragavam as provações e calamidades por que hoje passam.

—Ao passo que a Santa Casa esbanja á mãos largas com essas parasitas, não tem para pagar em dia a pobres empregados que precisam. As vezes accumulam dous mezes.

—E dizem que está toda endividada.

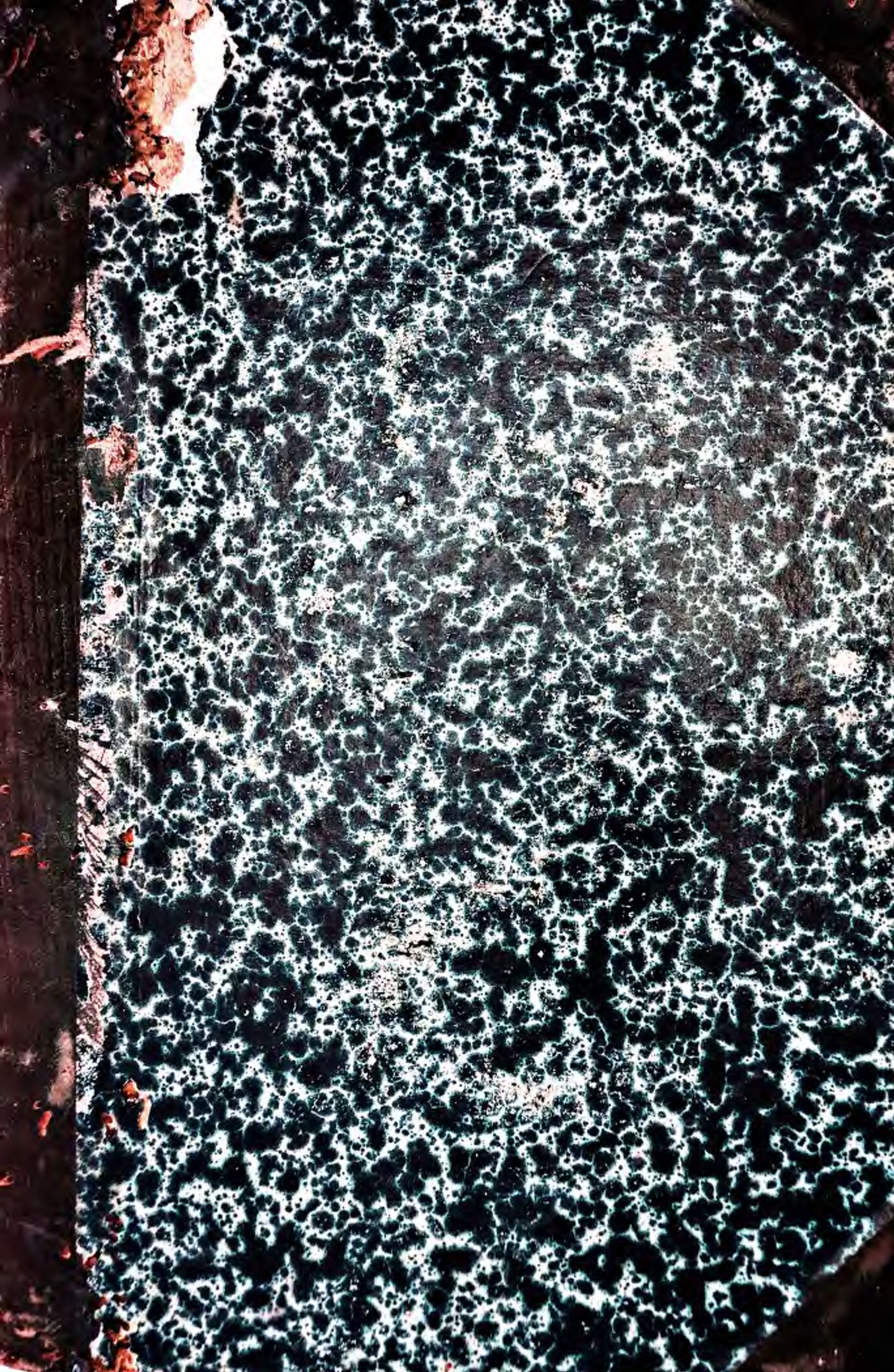
Só de pão ouvi dizer que devia uma centena de contos que parece incrivel.

A um capitalista, consta, deve cento e tantos contos a juros de oito por cento ao anno.

—E os desgraçados doentes morrem á mingoa; soffrem fome e sede; alimentam-se com comida, egual a que muita gente dá a seus cães, bebem cha de folhas seccadas tres e quatros vezes ao sol!...

VARIEDADES

O pai deve ser como o pombo, que ajuda a sua companheira a crear os filhos; mas não deve ser como o pombo, que se deixa ficar no ninho como si fosse ama de leite.



O

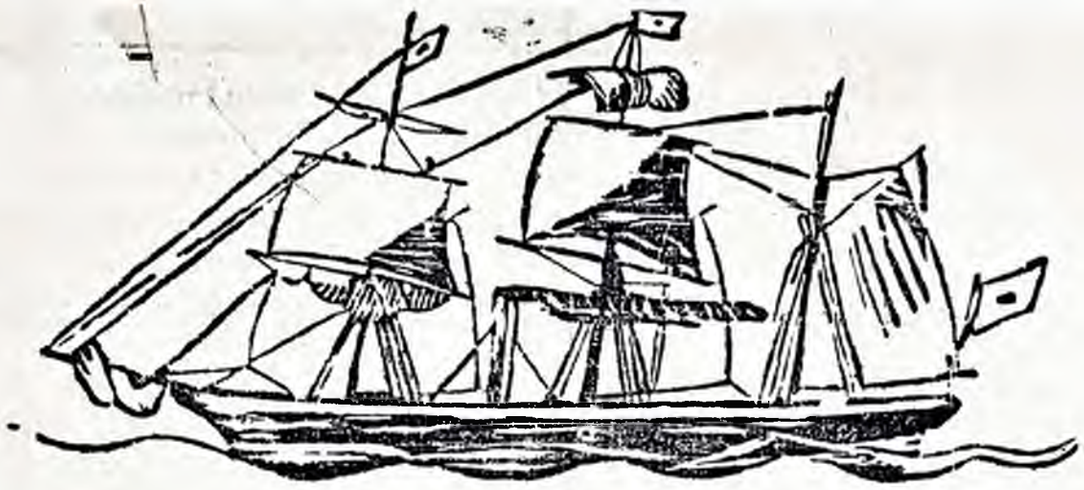
ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 47.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 5 DE FEVEREIRO DE 1869. Ns. 465 e 466.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. inspector, da illuminação publica, chamando sua attenção para o estado da illuminação desde muito antes do Forte de Santo Alberto, até S. Francisco de Paula, em que não ha um só lampeão.

Uma rua solitaria como aquella, privada de illuminação nas noites de escuro, pode animar os malfeitores, a qualquer attentado e por isso, espera-se que S. S. tome em consideração o que fica exposto.

—Bem disse V. Ex. que a festa de S. Gonçalo este anno era como nunca se fez.

—Então o Fausto brilhou?

—Incontestavelmente.

Quando a festividade não sobresahisse pela pompa e magnificencia de que se revestiu, bastava um só facto para realçal-a sobre todas.

—Qual foi elle?

—A liberdade de duas meninas.

Celebrada a festa, duas innocentes creanças, que tiveram a infelicidade de nascer escravas, nesta terra livre, receberam das mãos do digno vigario as cartas de sua emancipação servil.

—Um bravo de coração ao Fausto!

Um fervoroso agradecimento aos que concorreram para obra tão sublime!

—Solemnisou no dia 2 de fevereiro a imperial sociedade Monte-Pio dos Artistas o seu 16.º anniversario.

Depois da missa celebrada em acção de graças á Nossa Senhora da Purificação, padroeira da sociedade, seguiu-se a sessão magna, a qual foi presidida, á pedido do presidente da sociedade, pelo Sr. Manuel Jeronymo Ferreira, por deixarem de comparecer as authoridades da provincia.

O acto esteve muito concorrido.

Felicitaram a imperial sociedade Monte-Pio, por suas commissões, as seguintes associações:—Monte-Pio da Bahia, Monte-Pio dos Artifices, sociedade dos Desvalidos, Gremio Litterario, phylarmonicas Terpsychore, Campesina e Rossini.

O Sr. Bellarmino Barreto, socio honorario do imperial Monte-Pio, agradeceu em nome delle ás commissões de felicitação em um eloquente discurso que proferiu.

Encerrada a sessão magna, passou a eleger os novos funccionarios para o conselho administrativo.

—Estou sciente.

—O que foi isto?

—Pois não viu?

—Não.

—Estourou uma bomba nos peitos d'aquelle menino.

—Coitadinho! Quanto sangue!

—Pôz-se a saltar perto do trancafio de bombas na occasião de tocar Santos e o resultado é o que está vendo.

—Imprudencia de creança.

—Consequencia do deleixo dessas mães que eriam filhos na rua.

Agora levam-o á botica do Bacellar para cural-o.

—O Senhor do Bomfim, cuja festa celebra-se hoje em S. Domingos, permitta que não tenha nada.

—Capitão, ouço por ahi dizer-se que esta terra é civilisada, mas eu não creio.

—E ninguem lhe pode obrigar.

—Vejo usos e costumes proprios somente de um povo inculto.

Não me dirá o que quer dizer andar um homem por esta cidade galopando á cavallo com um pobre moleque agarrado ao rabicho do cavallo?

—Eu mesmo não lhe sei responder.

—E' repugnante e ridiculo.

—E si praticassem isso lá nos *mattos*, transeat, mas dentro da cidade!

—A ponte da companhia Bahiana, no Bonfim, está estragada.

—Estragadissima.

—E dahi pode resultar algum caso deploravel.

—Como ia resultando no dia da festa de S. Gonçalo. Um homem por poucas fica com uma perna de menos; despregou-se uma taboa e o homem metteu a perna pelo buraco.

—Entretanto parece que a companhia aufere lucros que a põe na contingencia de melhor servir ao publico.

—O que ha de novo?

—Que eu saiba é apenas que um sugeito quiz armar-se com um pouco de prata de S. Domingos.

O taful trabalhou de martello em uma banqueta e safou cousa de uma libra e tanto.

—E como penetrou na egreja?

—Estava armando a.

—Ah, é armador!

—Alem da prata levou uma colcha de damasco e meia caixa de vellas.

—A policia que se avenha com elle.

—Todos os dias clama-se das diabruras destes moleques tambores e elles a continuar!

—E a policia parece que soffre de entorpecimento nos membros; não se move.

—Agora brigam, e um do batalhão 110 dá em outro uma facada no braço.

—Cousa peior previ eu.

—Que diabo de alarma no 2.º andar desta casa n. 42.

—E' costume.

Esta casa é de Gonçalo, pode mais a gallinha do que o gallo.

O homem ahi não bufa, a mulher é quem governa.

Agora mesmo corrige ella ao *seu dono* com uma dóse de supapadas por passar das horas na rua.

—Muito bem!

Si a *Bahia Illustrada* visse isto que se dá no Taboão, tinha mais um quadro para o *mundo ás avessas*.

—Não se dá maior deshumanidade!

Mandarem uma preta cega para o ganho!

—A infeliz leva todo santo dia a carregar agoa para ganhar a quantia marcada pelo senhor, se não quer á noite ver sua pelle *cocada*.

—E nem hoje por ser dia de festa aqui no Bomfim, a miseranda tem descanço!

—Dizem que houve um espancamento?

—Não me consta.

—Que um portuguez, Domingos Martins da Silva, com venda ao Pilar, dera no domingo, com uma tranca, em um escravo do Dr. F. Doria, fazendo-lhe perigosas contusões?

—Pode ser.

—E que preso n'um dia, no outro estava solto, com a unica obrigação de dar um tanto ao rapaz em quanto estivesse doente?

—E' o que não duvido.

—Em todo caso seria bom averiguar isso.

—Capitão, ás vezes quero me contra-fazer, mais não posso.

—Seu mal é fallar.

—Ha cousas em que não posso deixar de me entrometter, embora digam qu'eu nada tenho com isso.

—Não se alongue: vamos ao que tem a dizer.

—Eu é que queria que me dissessem.

—O que?

—Que necessidade havia de estafar-se os menores do arsenal de guerra, a tocar, domingo, no Bomfim, desde 5 horas da tarde até 5 e meia da madrugada seguinte.

—Emulação, e apostas.

—Quaes apostas nem meias apostas!

Porventura, creanças de natureza fragil, é

para se pôr a tocar uma noite sem descanço?

Semelhante excesso não lhes prejudica a saude?

—E' provavel.

—Então os menores do arsenal de guerra estão sem rei nem Roque?

Nao ha quem os dirija?

Por que elles por velleidades de creanças quizeram se attestar com outra musica, e levar uma noite a porfia, era prudente que se consentisse?

Ora essa é boa!

—Eu não sei; o que lhe affianço é, que ha quem intreprete isso como prova de sollicitude e desvello na educação que recebem os menores.

—Pega aquelle larapio.

—Safa! O bruto é mais ligeiro que um veado. Metteu-se por uma moita de *salgueiros* e sumiu-se!

—E lá se foram os 126$ rs. do Antonio!

—Tratante! Meia hora que ficou no talho foi ao bolso do homem e safou-lhe a carteira!

. . . . . .

—Capitão, o rapina foi pegado na ladeira do Carmello; do dinheiro só tinha 89$ rs., o mais evaporou-se.

—E porque não o trouxe aqui?

—Mas, si elle escondido por baixo do balcão de uma taverna, pedia pelo amor de Deus que o não prendessem?

—Com larapios não se tem contemplações.

—Demais, o asylo do cidadão não é inviolavel e *augusto?*

—Por mais *augusto* que seja, quando nelle se acoutam ratoneiros como o *Pereira*, não ha condescendencia possivel.

—Então, com permissão de V. Ex., eu vou buscal-o e amarral-o ao tronco daquelle *salgueiro*, para que todos lhe vejam a caraça sem verniz.

—Capitão, eu sei que V. Ex. é amigo da causa da liberdade.

—De coração.

—Pois então quero contar-lhe uma historia para ver, si por seu intermedio chega ao conhecimento do Sr. Dr. chefe de policia.

—Pode fallar.

—Em 1866, a crioula escrava Alleluia, comprou um bilhete de loteria e teve a felicidade de tirar um premio, que pagos os direitos provinciaes, veio a lhe dar 750$ rs. Immediatamente foi leval-os a seu senhor por conta de sua alforria, mas este recusou-se a recebel-os; e a escrava pediu-lhe permissão para recolher o dinheiro a um estabelecimento de credito encarregando a um parente de seu senhor de semelhante commissão.

Morre o senhor e esse parente é instituido testamenteiro do casal.

Alleluia recorre á generosidade publica e intéra o preço de sua liberdade.

O dinheiro do estabelecimento porem não apparece, nem ha clareza de que elle la entrasse.

—E a escrava permanecerá talvez no captiveiro.

—Espoliada do que é seu, si a mão da authoridade não si fizer sentir, desmaranhando essa meada.

—A sua reclamação parece justa, mas, a historia está um pouco obscura; é preciso que diga ao menos quem é o inventariante.

—O sujeito é um cujo vindo de *Itaparica.*

—Bem; pode retirar-se que vae se dar providencias.

—Sabe quem está á *ferro!*

—Não.

—O Contreiras.

—Mas porque?

—Por se fallar dos bailes pastoris.

—Como é susceptivel o rapaz!

Foi o unico que estomagou-se.

—Diz elle que é bem conhecido e pode ser até avaliado.

—Quem duvida?!

Ninguem mais o conhece, nem é mais competente para avalia-lo do que nós. Elle bem que o sabe.

—Eu entendo que si ha cousa que a policia devia exercer a mais severa vigilancia é sobre os taes bailes pastoris.

Quem é que não sabe que elles são uma eschola de depravação para a infancia?

Que ali desenvolve-se a sodomia, a crapula, e o despejo?

Dos bailes pastoris tem sahido muitos meninas deshonradas, prostituidas.

—Uma sei eu que sahiu com um filho nos quartos.

—Houve nada mais escandaloso do que um celebre presepe de que era director um padre de eterna memoria lá para *Sant'Anna?*

—Em baile pastoril o que ja vi de mais moralidade, foi o que acconteceu, ha dous annos, no do proprio Sr. Contreiras. Um socio que casou-se com uma pastora n'um dia e abandonou-a no outro.

—Ora, o Sr. Contreiras que va *abiscoitando* seus cobres e deixe se de arrufos.

O JOGO DO EMPURRA.

Sabem os nossos caros leitores o que é o jogo de empurra?

Pois nós lhe vamos contar.

E' um joguinho que se joga muito na nossa terra.

Vão por ahi queixar-se a alguem de qualquer cousa e encontrarão logo prompta a resposta: isso não é comigo. O superior desculpa-se com o subordinado que não cumpre as

suas ordens ou que informa inconvenientemente, mas contra cujas informações se não pode ir de frente; este desculpa-se com aquelle a quem compete a resolução definitiva.

Dá-se isto tanto no grande como no pequeno.

—Sr. ministro, V. Ex. não nomeou o meu afilhado, como promettera.

—Que quer, meu bom amigo? As habilitações não podiam entrar em parallelo com as de outros pretendentes, e a opposição anda tão desenfreada... A opposição tambem ha de servir para alguma cousa.

O alfaiate não dá a casaca para a noite do baile. A culpa foi da costureira que adoeceu, ou a quem se quebrou a machina.

O sapateiro não aprompta as botas para o dia marcado. A culpa foi dos officiaes que não vieram trabalhar na segunda-feira.

Assim, a culpa é sempre da pesssa a que menos póde chegar o queixoso.

Na alfandega, ha uma porta que deita para uma rua e por onde costumam sahir as obras de ferro fundido. Atirados os caixões por alli fóra, como os carroceiros atiram feixes de capim ás portas dos freguezes, raro é aquelle em que o numero das peças quebradas não excede o das inteiras. A culpa é de uma rampa que alli ha e por onde os caixões escorregam que não ha ter mão nelles.

As caixas de passas e figos apparecem meio vazias. A culpa foi dos ratos que os ocmeram.

Falta o bule n'um apparelho de metal christoffe. Bem podem ter sido ainda os ratos. E quando a lesão é de natureza que nem ratos nem rampas a explicam, a culpa é da tarifa ou do regulamento. Queixem-se della.

Nos corpos collectivos quando o escrutinio é secreto ainda mais facil se torna a desculpa, e então a unica desforra possivel é a que em outros tempos um roceiro tomou de um cabido perante o qual tinha uma pretenção qualquer.

Tinha se elle dirigido préviamente a todos os conegos, um por um, e todos elles um por um, lhe haviam dito que era justissimo o que pedia, e que contasse com o seu voto. No dia em que tinha de resolver-se o negocio, entendeu o homem que era do seu dever postar-se á porta da casa do cabido para logo á sahida agradecer aos bemfeitores.

Qual não foi porém, o seu espanto, quando o primeiro conego que sahiu lhe disse antes de elle ter tido tempo de balbuciar o seu agradecimento: « Homem, eu bem quiz, mas o cabido! » Continuaram a sahir os conegos, e de cada um a que elle se dirigia perguntando pelo seu negocio, obtinha a invariavel resposta seguida de um encolhimento de hombros: « Eu bem quiz, mas o cabido!»

Sahiu afinal o ultimo, e sem gastar palavras com esse, começou o roceiro amalhar com um pau em cima delle. A culpa não foi minha, foi do cabido, gritava o bom do padre. Qual cabido nem meio cabido, retorquiu o outro, o cabido é Vmc. Todos os que sahiram disseram-me que não tinham sido elles, mas o cabido; não falta mais nenhum, por tanto o cabido é Vmc. mesmo. Tome. E continuou a desancal-o até que os sachristães e meninos do coro vieram tirar-lhe das mãos o cabido semi-morto.

Deus me livre de aconselhar procedimento tão violento contra as respeitaveis corporações dos nossos dias. Podiam dar-se estes actos de selvagem desforço em outros tempos, mas não agora que a civilisação ensinou a respeitar a solidaridade dos corpos collectivos e inviolabilidade do segredo do voto.

(*Continúa.*)

LA VAE VERSO

MOTTE.

Fiz a minha habitação
No jardim desse teu peito,
Com a minha propria mão
Eu plantei amor perfeito.

GLOSA.

Ver teu rosto de condessa
E teus olhinhos de pomba,
Foi sentir como uma bomba
Arrebentar-me á cabeça.
Conheci que eras avessa
A' minha ardente paixão;
Mas desprezando a intenção
Com que de mim te afastavas,
Junto á casa em que moravas
Fiz a minha habitação.

Parece que nem me vias,
E eu sempre me mostrando,
Noite e dia biscoitando
Quando a passeio sahias!
Quanto mais de mim fugias
Maior era o meu respeito;
E si deras por preceito
Ser flor para me ver amado,
Poderia ser plantado
No jardim desse teu peito.

Mas eras ingrata emfim,
E meu amor ia á garra,
Nem me valia a guitarra,
Nem o amante bandolim.
Quer assado, quer assim

Não me davas attenção:
Um dia—foi traição—
Um freguez a barba veio
—Me espias-te—e eu cortei-o
Com a minha propria mão.

A final adoeceste,
E o Dr. dice—ventosas!
Me chamaram, vim—que prosas
Nesse dia me rendeste...
Crueis sustos padeceste
Descobrindo o casto peito;
Porem com tamanho geito
Fiz a minha applicação,
Que em teu terno coração
Eu plantei amor perfeito.

Le barbier.

Á PEDIDO

DISCURSO

Proferido pelo Sr. Bellarmino Barreto, socio honorario da imperial sociedade Monte-Pio dos Artistas, em agradecimento da mesma sociedade ás commissões que a felicitaram no dia do seu anniversario.

Senhores.

Ha annos que se instituiu nesta cidade a associação que tem hoje ao mesmo tempo a honra e o prazer de escutar-vos e desde aquella epoca até hoje ainda se não passou um unico dos dias anniversarios de sua inauguração sem que procurasse ouvir a voz animadora das outras associações irmans, ou pela semelhança dos fins, ou pela cordialidade de seus desejos para com ella.

Não tem sido este costume mera cerimonia de delicadeza, porém uma necessidade imperiosa de nosso coração.

Vendo em redor de nós cahir e fenecer tantas emprezas gigantescas, tantos projectos grandiosos, tantos planos solidos, levantados aqui por negociantes abastados que miravam lucros licitos bem que extraordinarios, tentados adiante pelas illustrações do paiz, que mais modestas na apparencia, porém realmente mais ambiciosas, fitavam a gloria, essa moeda mais difficil de obter-se e mais custosa de guardar-se, vendo a aristocracia do dinheiro e a aristocracia da sciencia, a riqueza e as lettras, novos Remo e Romulo que disputam entre si a soberania do mundo, naufragar impotentes ante os escolhos terriveis (mais terriveis de certo do que Scylla e Carybdes, porque esmagam o valor e a astucia unidos) da inveja, da indifferença, talvez mais venenosa, da incredulidade, indifferença que desanima e inveja que calumnia,—que era muito que na obra humilde e espinhosa, que nos tinhamos imposto, mais difficil ainda por mais obscura, sem fama e sem lucros—duplice eclipse do espirito e do coração—temessemos os inimigos perigosos de todas as associações, mares ferteis por seus naufragios?

Então precisavamos de ver-vos aqui reunidos em de redor de nós, ainda que não fosse senão uma unica vez no anno, para beber a constancia em vosso exemplo e receber de vossos labios experimentados na luta das difficuldades a animação que tão precisa nos era para os novos e incessantes labores do futuro.

Quantas vezes nesse dia solemne, em que memoramos os esforços e as fadigas de doze mezes de cruel e incessante trabalho, vossa presença aqui não foi o grito de alerta ao espirito desfallecido e ao coração entibiado?

Desanimar! Mas como era possivel que nós desanimassemos diante de tantas sociedades numerosas, que lutavam com os mesmos perigos e nas mesmas ondas? O naufrago lembra-se que foi marinheiro diante de uma vela amiga: rema, ou nada, mas não succumbe.

Ainda hoje estão no meio de nós tantas associações e sociedades, diversas pelos fins, a que se propõem, distinctas pelos cavalheiros que as dirigem, porém todas illustres principalmente pela constancia de sua sollicitude, pela firmeza de seus esforços.

E' uma grande cousa uma associação: mixto entre a familia e a patria, menor do que esta, mais numerosa do que aquella, escolhe alguns dos que tem a mesma nacionalidade para dar-lhes um terno parentesco e fazel-os seus irmãos.

Qualquer que seja o centro onde se condensem esses raios, o laço que liga tantos corações e tantos espiritos, uma associação é sempre uma cousa sublime, reunindo as duas grandes forças da natureza, o egoismo e a fraternidade, egoismo no fim distincto, fraternidade nos individuos confundidos.

O que era aspiração do homem, se torna aspiração da classe, ou antes desapparece o individuo e fica a humanidade: as associações são seus desejos, seus sentimentos, suas esperanças encarnadas, alguma cousa como as faculdades da alma vivendo por abstração.

O homem, como rosa entre espinhos, vive cercado por inimigos que o atacam por toda parte: a dor, a ignorancia, o abandono.

Para combatel-os, as associações fizeram-se (e o que representamos nós?) o prazer, a sciencia, a caridade.

Eis o que somos: o *eu* que se some diante da aspiração, do sentimento, da ideia: o instrumento faz-se orchestra, o livro bibliotheca,

o beneficio beneficencia, o doente hospital, a esmola, caridade.

Assim a associação faz-se aspiração, e esta, instituição e todas as nossas sociedades não são senão os instinctos da sociedade universal, que pedem realisação, que exigem ser satisfeitos.

Pão e prazeres—pede a creatura humana.

Grito eterno, necessidade incessante: uma é uma lei, a outra é um instincto: a lei do trabalho, o instincto da felicidade e as associações satisfazem essas exigencias imperiosas, essas necessidades implacaveis e accrescentam ainda o estudo, o livro, a um tempo pão e prazer, trabalho e felicidade.

O artista é o soldado do progreso: o pedreiro—quem o diria? inventou a patria, desde que edificou uma casa—a cidade creou o cidadão; o alfaiate assombroso mysterio! reergueu a dignidade da mulher; o vestido creou o pudor e o pudor sanctificou a familia, garantindo a belleza do deplorar dos olhos; o que creou a primeira vela, o que fez a luz na terra, disse ao homem que essas noites sem somno podiam empregar-se em acender tambem essa outra luz do pensamento, que o genio torna incendio; o ferreiro creou a primeira espada, esse raio do braço, e a primeira penna, raio da alma não menos poderoso.

Tirai os artistas e o que será o mundo? A intelligencia precisa de seus typos, a gloria de suas lanças, a religião de suas estatuas, a belleza de seus adornos, a reunião dos povos de seus navios, as nações de seus braços, o progresso de seu trabalho.

Apezar disto tudo—de tanto beneficio á humanidade, de tanto louvor da philosophia—a sorte do artista era precaria como é a sorte do trabalho.

O Imperial Monte-Pio dos Artistas era pois uma necessidade como a fonte no deserto.

Todavia não bastou creal-o, sua inauguração é um grande facto, mas não é tudo: o *fiat* do Genesis seria insensato, si Deus não houvesse creado a Natureza que restaura, e a Providencia que conserva.

Socios do Monte-Pio, vós que vedes hoje aqui tantas sociedades brilhantes de robustez e de dedicação, não percais em admirações inuteis a energia de vossas almas: a admiração tambem impõe deveres.

Faça em vós o contagio do exemplo o que nelles tem feito o contagio da emulação: a mais santa das epidemias.

Elevai para o ceu vosso edificio; mais felizes do que os artistas de Babel, Deus não confundirá vossas linguas, assim o amor proprio não confunda vossos esforços.

E vós, senhores, que nos honrastes com vossa presença, que nos animastes com vossa palavra, que nos edificastes com vosso exemplo, o Imperial Monte-Pio dos Artista vo-lo agradece, tres vezes vol-o agradece, do fundo do coração.

Ha epocas que não se esquecem: o dia 2 de fevereiro de 1869 será eternamente lembrado pelo Imperial Monte-Pio dos Artistas com saudades e reconhecimento.

Quanto a mim, desculpai-me ainda uma palavra—será a ultima: se esqueci que para fallar-vos era mister voz mais elevada e eloquente é por que fez mais peso em meu espirito a distincção da escolha, com que fui honrado, do que a difficuldade de corresponder-lhe: seria crime busca-la; desdenha-la não o seria? Entre a immodestia e a ingratidão, que terieis regeitado?

Bahia 2 de fevereiro de 1869.

B. Barretto.

Diz o dentista d'*America*,
E affirmo que não mente,
Que não *sente* a menor *dor*,
Quando nos tira algum dente.

O' que grande novidade
E' tirar dente *sem dôr!*
Limpe a mão á parede
Meu charo Sr. doutor!

—Sr. *Antonio Espalha-m*....., tenha modo, aquiete-se.

V. só encommoda a rua inteira!

—Deixe-me ensinar esta besta.

—Mas Sr., si tem sua cabeça fraca para que bebe tanto?

Isto são palavras que esteja a proferir?

Si o subdelegado da Rua do Paço passasse agora pelo Taboão, não fazia nada de mais si o mandasse cosinhar a bebedeira na casa de cachorro.

—De vez em quando apparecem boas cousas.

Agora é um Sr. Dr. que tira dentes *sem dôr*.

—E não ha quem seja capaz de negar isso.

—Ahi vou eu, porque sei que elle não sente a menor dôr quando tira dentes a qualquer.

Roga-se a todos os Srs. que receberam entradas para o baile pastoril, que teve logar no dia 19 de janeiro p. p., á ladeira do Carmo, n.° 40, o favor especial de irem á typographia de F. Guerra á negocio, que, interessando a suas reputações, e os mesmos Srs. não ignoram; certos de que, a foram civil e

luzida por que neste baile foram obsequiados todos os Srs. custou muito dinheiro; e bem veem, que foram despezas, que devem ser pagas.

—Constrange ver o estado em que se acha a capella de Santa Barbara, na cidade baixa!

—O que tem?

—Nada.

Está apenas toda arruinada, de forma que no consistorio já cahiu um pedaço do reboque, e estava ficando ao desprezo si não fosse alguns devotos que sobre si tomaram o cuidado em fazer a obra á sua custa, tendo este morgado tanto dinheiro e deixam a egreja na maior pobreza e abandono!

—Diz-se que só se lembram de Santa Barbara quando ronca trovoada; aqui parece que nem assim.

Vê-se boas cousas!

Enche-se as folhas com annuncios do Sr. Dr. Spyer, extrahindo dentes sem doer, ao passo que nos consta ter um dia d'estes estragado o queixo de um moço, e ao depois pedindo o Sr. Dr. para o dito moço lhe assignar um attestado, como não lhe doeu o dente, este se negou, dizendo que não assignava, por ter soffrido grande dôr.

Viva a patria!

VARIEDADES

UM BRASILEIRO EM PARIS.

Lê-se no n. 1793 do *Petit Journal* o seguinte facto:

«Um joven e rico brasileiro encontrou, no sabbado ultimo, no baile mascarado da *Opera* um dominó negro, que desde logo encantou-o pelo seu espirito brilhante, e que profundamente apaixonou-o, quando consentiu em descobrir o seu rosto arrebatador.

A dama revelou que era casada e que tivera a loucura de aproveitar-se da ausencia de seu marido para ver um baile mascarado da opera.

Apezar de suas instantes solicitações, o joven não póde obter mais do que o favor de acompanhar a dama até a sua residencia situada no bairro de Saint-Germain, e teve de resignar-se á deixal-a á porta.

O brasileiro não pôde deixar de ir durante dous ou tres dias passear em frente a casa habitada por aquella que elle amava ou que julgava amar; não tinham porem os seus passeios resultado algum; ante-hontem de manhan, porem, recebeu pelo correio a carta seguinte:

«Senhor —Vejo-vos passar muitas vezes debaixo de minhas janellas. Amanhan recebereis hei ás dez horas da manhan, e deste vosso *rendez-vous* resultar-vos-ha a convicção, de que deveis renunciar a ver-me.»

O brasileiro foi pontual em acudir ao convite, porem apenas entrara elle no salão da desconhecida, quando lhe appareceu um homem de ar exasperado:

—Estava certo, exclamou elle, vós me enganaveis e até aqui o vosso complice!

—Porem... balbuciou o pobre amante estupefacto.

—Não ha porém...dae-me 10.000 francos ou sois já um cadaver. E tirou uma pistola da algibeira.

Nem todos trazem 10,000 francos na sua carteira.

O marido ultrajado conveio em receber por conta 1,200 francos.

Adivinha-se o resto. Uma vez livre, o amante desapontado contou a sua aventura ao commissario de policia; porem, tanto o dominó mysterioso, como o marido ciumento haviam desapparecido e até ao presente ainda se os não poude descobrir.

A FASCINAÇÃO.

A fascinação exercida pelos reptis sobre as aves é real ou é puramente imaginria?

A este respeito ha opiniões contrarias. Porem um facto que recentemente se deu na Pen-sylvania e cuja authenticidade é garantida por numerosas testemunhas, parece dar razão a primeira hypotese.

Um dia, diz a *Patria*, o proprietario de uma vasta fazenda, Mac Clelanda ouviu uma bulha desusada n'um pateo onde se achava um numeroso bando de perus.

Chegando ao pateo, viu todas as aves correrem amedrontadas e soltando gritos de afflicção.

A causa de tanto susto e gritaria depressa se explicou.

No meio do pateo, uma grande serpente de campainhas, com o collo levantado, occupava-se em fascinar um dos mais gordos perús, o qual, com os olhinhos fitos nas orbitas envidraçadas do reptil, executava com a maior rapidez, circulos cada vez mais estreitos á medida que se ia aproximando da bocca do fascinador.

Mac Clelland apressou-se em esmagar a cabeça do reptil; o perú ja não corria perigo, porem seus olhos conservam-se ainda fixos como d'antes; e não pode afastar-se em linha recta do inimigo vencido; deitou a fugir com passo tremulo e em sentido obliquo.

A serpente de campainhas tinha o comprimento de quatro pés.

BOA CONFISSÃO.

Um homem, indo confessar-se, approximou-se ao confissionario, na occasião em que sua mulher se levantava. Ajoelhou, disse a confissão e calou-se. O padre, vendo isto, disse-lhe que fosse accusando os seus pecados, ao que o penitente respondeu:

Reverendo padre, eu só ajoelhei-me para

receber a sua absolvição; pois acabando minha mulher de se confessar escusado é abrir eu a boca, porque havia de dizer de mim todos os pecados que eu podería referir a vossa paternidade, e mesmo alguns lá da sua cabeça!

TINHA RASAÕ.

Dizia Catão, o censor, que havia trez coisas de que elle se arrependia sempre que as fazia. Eram estas: passar um dia sem aprender nada; viajar por agua quando podia fazer por terra; e confiar um segredo a sua mulher.

UM PAR COMO SE QUER.

Havia um marido e mulher que levavam todo o santissimo dia em ralhos e descomposturas. Por ultimo estavam já tão fartos um do outro, que assentaram em separar-se para nunca mais. A mulher apenas esta sentença fôra por commum accordo proferida, n'um accesso de raiva cahiu em si e disse ao homem:

Eu sinto-me tão mal que poucos dias posso viver; nada de covento; eu vou para a quinta e tu ficas na cidade; e eu acabando eá receberás a noticia para me mandares enterrar, e parto já.

Pois sim; olha eá primeiro: e tu morrendo com quem achas que eu deva casar?

—Com o grande diabo! lhe refilou ella.

—Tolice! replicou o viuvo imaginario: a isso oppunham-se os canones: casar com o grande diabo depois de ter casado com a filha d'elle!!

IN MEDIO CONSISTIT VIRTUS.

Estava um sujeito respeitavel sentado entre dous mancebos mal-creados e esturdios, que julgando-o simplorio se divertiam a escarnecel-o quasi as claras.

—Olhem eá, meus meninos, vejo que não sabem muito bem quem eu sou, e desejo que me conheçam: eu não sou nem um fatuo sem educação, nem um malcreado tolo, o meu logar é entre ambos.

Indo um padecente para o patibulo, o padre que o acompanhava, julgando-o muito contricto, lhe disse: «Quanto és ditoso, meu filho! ainda hoje vaes ceiar com os anjinhos! —O' Sr. Padre, lhe respondeu o padecente muito enxuto, quer Vm. trocar a sua ceia pela minha?

Em uma noite escura um cego ia pela rua com uma lanterna na mão. Um sujeito que o encontrou, disse em tom de zombaria: — Como és simples! De que te serve essa luz? Pois o dia e a noite não são para ti a mesma cousa? — Não é para mim, lhe respondeu o cego, que eu trago esta lanterna; é para que algum estouvado como tú, não venha embarrar comigo, e me deite no chão.

Ainda não estavam hoje em uzo os cóques, e já o famozo critico Nicolau Tolentino dirigía aos grandes penteados das Senhoras o seguinte

SONETO.

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena.
Que o furtado colxão, fôfo, e de penna,
A filha o ponha alli, ou a Criáda:

A filha, moça esbelta e aperaltada,
Lhe diz co'a doce voz que o ar serena;
Sumiu-se-lhe um colxão, e forte pena,
Olhe não fique a casa arruinada:

Tu respondes-me assim? Tu zombas disto?
Tu cuidas, que por ter pai embarcado,
Ja a mãe não tem mãos? E dizendo isto.

Arremette-lhe a cara, e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sahe-lhe o colxão de dentro do toucado.

E. B. Viana.

OFFICIO EM REGRA.

Um sargento da guarda nacional fez um officio a um cabo do modo seguinte:

—« Por ordem do Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Tenente-coronel da companhia deste bataiam faca o aviso para o cervico do dia 7, e de cabo e cabo que vá este até ofim. »

PORQUE UM TAL NAÕ CASAVA.

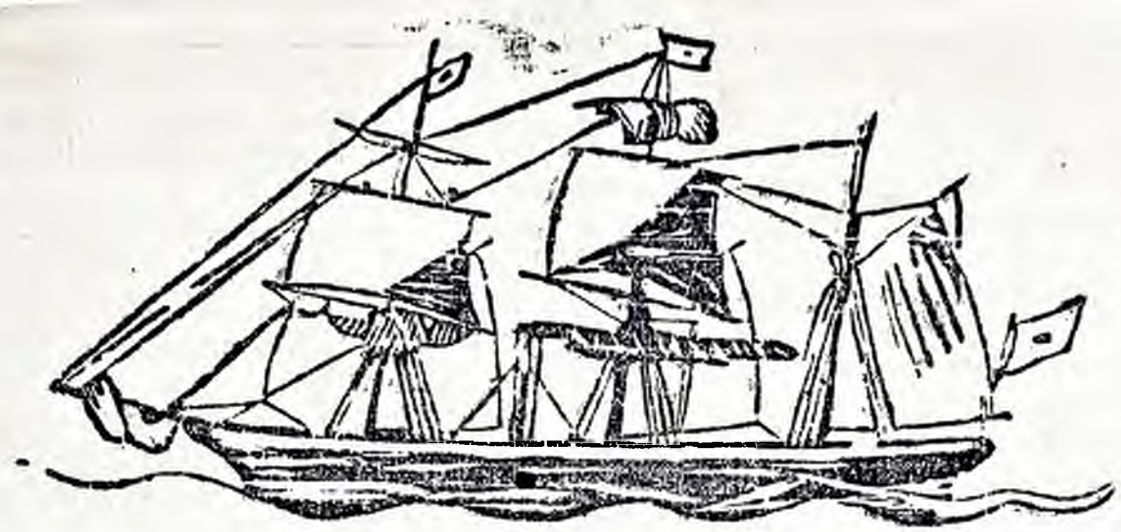
Perguntou-se a um espertalhão porque não casava:

—Por quatro razões, disse elle: se a mulher é feia, aborrece; se é formosa, dá trabalho a guardar; si é rica, temos que soffrel-a; si pobre, ha que sustental-a.

Um engenheiro americano acaba de inventar uma especie de bomba destinada a atirar petroleo em chamas a uma grande distancia. Este apparelho construido para a marinha pode tambem servir para o ataque de fortalezas e casas; e é offensivo, e deffensivo.

ANNUNCIOS.

Na rua do Collegio, n.º 7, 1º andar, precisa-se uma ama de cosinha, para uma só pessoa.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 47. Serie 47.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 10 DE FEVEREIRO DE 1869. Ns. 467 e 468.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, expondo-lhe o miseravel estado em que vive um rapaz idiota, a quem seu irmão natural João dos Santos Prazeres, com quitanda ao Pelourinho, usurpa os rendimentos de duas propriedades á rua do Queimado, além de outros bens.

O mal-fadado anda por toda cidade descalço e esfarrapado e é, além d'isso, espancado vigorosamente por esse desnaturado irmão.

A' vista do exposto invoca-se de S. S. a protecção da lei para esse infeliz.

—A' direcção da limpeza da cidade, communicando-lhe que na ladeira de S. Roque, travessa da Barroquinha, apparece um carro de mez em mez; permanecendo a rua constantemente em completo estado de porcaria. Outro sim, o ultimo que lá andou, a semana passada, chegou já cheio de lixo, de maneira que, longe de fazer beneficio, ia causando mal, porque não podendo o animal suster o peso do carro na ladeira, este descambou e quasi esmaga um homem de encontro a parede da casa do pianista F. Santini.

Em vista do que, é de crer que essa digna direcção ache justa a reclamação que se faz.

—O *Par-de-aranhas* está damnado!

—Cruz! não me morda.

—Já viu cobra quando perde a peçonha? Assim ficou o homem assanhado ao ler o *Alabama*.

—Mas por que?

—Porque fallou da *orchestra* dos *pequenos* tocar uma noite inteira.

—Da-se maior sem razão?

Esse homem não está em si.

—Espumando de raiva, na sexta feira, disse cobras e largatos no *trem de paz*, contra a tripolação do navio.

Mostrou ser versado na linguagem dos prostibulos; não sei si já frequentou alguma quitanda.

—Despoja-se do que é seu; é generoso de mais.

—E concluiu dizendo que o *culpado era o governo de sua terra em tolerar que uns bodes que podiam estar a trabalhar em qualquer roça andassem a tasquinhar aos homens de bem.*

—Ora que bobo!

—Decididamente este homem soffre da cachola, para ter a audacia de avançar leviandades destas em uma repartição publica em presença de tantos empregados.

—Tem razão, meu fidalgote!

Mas não é nisso que é culpado o governo.

Culpado é elle por conservar no *quartel da saude* muito militar covarde, em quanto os bodes, longe da patria, derramam seu sangue pela honra della.

A culpa que lhe acho é de remunerar com

gordas sinecuras a aquelles que se empenham para não marchar na hora do perigo.

E' vel-o, galardoar com postos elevados a mediocridade, o tartufismo, em quanto o talento, a abnegação, o patriotismo marca passo no esquecimento.

Onde está o desdoiro de ser mulato nesta terrra?

Desdoiro, é apossar-se do alheio; valer-se das occasiões.

E' do chefe da estação publica, que compoem versalhadas bombasticas, se elogiando e deprimindo a seus sobordinados, e manda deitar por baixo das portas das typographias, pedindo sua publicaçao.

E' aquelle que se vale da sua posição e abusa da confiança nelle depositada para ter uma casa nos suburbios da cidade, para onde quer transplantar os usos da antiga Gomorrha.

E' o perceptor que perverte uma infancia que o Estado lhe confiou para formar cidadãos uteis.

Isso sim é que desdoira, que o ser mulato não.

—O prejuizo das cores ja cahiu; o homem se destingue pelo procedimento e pela intelligencia.

—Nada vale o branco *massa bruta*, grosseiro e mal-creado.

—Ora o *Par-de-aranhas* que engarrafe a sua fidalguia e veja se faz uma exportação para *Guiné*.

—Ainda o maldicto brinquedo de entrudo, não obstante ter o Sr. Dr. chefe de policia publicado um edital prohibindo semelhante brinquedo estupido, bruto e grosseiro, e fazendo observar—a postura da letra A.

—A Bahia é a terra do atrazado. Nos outros logares as cousas vão progredindo, porem Bahia vae em regresso.

Na Calçada brincou-se entrudo a valer; pelo que acha-se um moço bastante doente, por ter ido da cidade Baixa suado e lhe jogaram uma laranjada; no Rosario de João Pereira, no domingo alguns guardas do 4.º batalhão jogavam agua sobre os pretos que tranquillamente transitavam por ali.

Houveram muitas casas, que enfadonho fôra ennumeral-as, onde brincaram entrudo; mas quasi todas de meretrizes, a excepção uma ou outra de familias; mas d'essas familias a cujos chefes pouco se lhes dá da educação e moralidade.

—Que gente, meu Deus! Ainda não se convenceram da perniciosidade do brinquedo de entrudo; ainda não se convenceram do mal que causa esse estupido e grosseiro brinquedo.

—*Renitentes*, larguem o brinquedo de entrudo, larguem..... larguem *renitentes!*.

Safa que já não posso mais bradar contra este brutal brinquedo.

—Que rua é esta?

—A dos Carvões.

—Antes chamassem-na da podridão.

Cada casa tem um muro, de cada muro desagua um cano, cada cano forma um charco, que exhala insuportavel fedentina.

Não sei como se pode morar em semelhante rua!

—Os moradores ja estão habituados.

—Pois eu, si morasse na freguezia de Santo Antonio, não queria uma casa destas nem de graça, por que não estava para abreviar meus dias.

—Capitão, o matadouro mudou-se.

—Quer gracejar?

—Affianço-lhe. Pelo menos ha dous actualmente.

—Um sei eu aonde é, e o outro?

—E' no *Paraguay*.

—Ah, mas esse é matadouro de gente.

—Olhe, que não é o Paraguay de Lopez.

—Que diabo de Paraguay é esse então?

—Chama-se *Paraguay*, a uma especie de quilombo, feudo do *Para-merim*, á *estrada Velha*.

—Então alli é matadouro?

—Parece; pela proximidade em que está dos talhos.

—Historia!

—O caso é que desde sabbado alli se mata boi.

—V. garante?

—Ora está!

—Pois então vou ja me entender com o superintendente.

—Pobres soldados de policia!

Querem matal-os a fome.

—E assim como se pode ter boa policia!

—Não lhes pagam o trabalho, e sobre-carregam-n'os de serviço; os homens sahem para rua desesperados por verem os filhinhos chorando á fome, se acharem qualquer *grillo* agarram com duas mãos.

—E não sei si lhes dê razão; a barriga não espera.

—Em toda parte para se ter uma policia boa, morigerada, paga-se-lhe vantajosamente; aqui retardardam-lhe o mingoado soldo.

Hoje 9, ainda não se pagou o soldo de 31 do p. p.

—Amanhan vence-se outro, recebem dous juntos.

—Na vontade.

—Tanto melhor para os agiotas, que lucram mais.

—Sr. commandante, corre que a sua companhia de *pequenos* artifices vae por agoa abaixo.

—Capitão, no *trem do mar* tudo é moralidade.

—Não é o que dizem.

Affirmam que ha deleixo e grande, que do deleixo nasce a indisciplina, da indisciplina o desmando, a *maganagem* e o roubo.

Bem vê que para uma casa de educação isso não abona nada.

—Que montão de falsidades!

—Dizem que as arcas dos *pequenos* amanhecem quasi todos os dias *remexidas*.

Que no alojamento dos adultos rouba-se roupas, relogios e dinheiro, entretanto que lá não entra ninguem de fora!

E o peior de tudo, é, que sabendo S. S. destas cousas, não dá cavaco!

Que ainda na sexta feira, roubaram ao *pequeno* Servulo um relogio e trancelim de ouro, que lhe dera outro de nome Mendonça, para guardar.

Que o *pequeno* indo trabalhar na maquina, hallucinado pelo prejuizo, dera tanta força na dita maquina, que quasi ha um estouro, a não ser o providencial apparecimento de um outro, que atalhou o desastre a tempo.

—Como se calumnia!

—De sorte que a ser assim, de uma corporação que deve dar a sociedade bons artistas, sahirão membros do olho-vivo.

E' preciso, pois, mais cuidado da sua parte.

QUARTA FEIRA DE CINZA.

Una mors cunctas manet,

Esta é a verdadeira lei escripta no livro da eternidade, cujos caracteres permanecerão indeleveis; esta a sentença fatal dada por um juiz sabio e incorruptivel.

E' no sepulchro aonde vão parar as distincções humanas, é ahi que o homem se mistura no pó de que foi feito.

Ah!....

E como são loucos aquelles que esquecidos da morte, só cuidam nos prazeres da vida? Como são insensatos!...

Não escutam o rouco bronze a cada instante apregoando a morte; não vêem na ordem da natureza como fenece, como acaba tudo; não se recordam de que, si hoje respiram o ar da vida, amanhan dormirão o somno da morte! So querem adquirir riquezas, distincções e ...Ah o negro fumo da soberba! Ah! si os homens se lembrassem desta hora fatal, deste momento solemne, em que o spirito se solta das prisões do barro, então não calcariam a virtude sob os pés, nem levantariam altares ao vicio. Porém a idea de morte e após della a da eternidade é uma idea nunca tida por elles: mas que importam as vaidades humanas?

A morte não sabe respeital-as, tudo vae parar na sepultura: e ainda la haverá distincções?

Vejamos.

Onde agora se vê meu pensamento?

No meio de um cemiterio, no silencio dos tumulos, moradas sepulchraes de um lado e do outro; mais além um altar e nelle uma cruz; mirrados ossos acolá unidos. Esta casa é dos mortos?!

Erga-se a loisa desta sepultura: aqui jazem os restos de um poderoso, assim dizem estes caracteres de oiro esculpidos no jaspe; porém o que se encontra? Feia caveira e mirrados ossos; basta.

Agora se levanta a tampa daquella outra; quem é que alli jasiga? Um infeliz que morreu de fome; o que se encontra? Feia caveira e mirrados ossos.

Oh!....

Pois não havia tanta differença entre um e outro?

Como agora tudo é o mesmo?

Quem mostrou a verdade foi a morte.

Continuemos ainda.

Que restos esta loisa abafa?

Aqui jaz uma donzella, enjos attractivos, prendendo corações, captivou almas: foi um idolo em cujas aras muito incenso se queimou; foi adorada como uma divindade; porém o que será agora? Levante-se esta pedra. Ah! que vejo!... Somente podridão; a que se reduziu tanta belleza? Nisto é que se tornou a formosura?

Mortaes, mirae-vos neste espelho; si o falso vidro vos traz enganados, este vos diz a verdade; nada mais sois do que caveira e ossos.

Não prosigamos mais; está provado—todos somos eguaes, feitos do nada e em nada nos tornamos.

—Que differença!

Os paraguayos aqui são bem tratados, andam limpos e asseiados, passeiam á cavallo, e ganham soldo vantajoso.

No Paraguay, um official superior brasileiro é tratado deshumanamente!

—E digam que Lopez não é um tyranno!

«O CORONEL FREDERICO CARNEIRO DE CAMPOS.

Muitas idéas erradas se propaláram por

vezes, a respeito do modo porque era tratado no Paraguay o infeliz coronel Frederico Carneiro de Campos; papeis authenticos, porém, salvos milagrosamente, patenteam alguns dos innumeraveis crueis soffrimentos que esta illustre victima padeceu no seu captiveiro, e aos quaes succumbiu, conservando, comtudo, constantemente a sua nunca desmentida dignidade, e rendendo sempre muito ostensivamente homenagem á honra do seu paiz e ao soberano que lhe confiára os cargos de presidente e commandante das armas da provincia de Mato-grosso. (*)

O seguinte extracto de uma carta por elle escripta a lapis a sua mulher, a sua filha e sua neta, na data de 3 de janeiro de 1867, da prisão do acampamento do exercito paraguayo, dá uma amostra dos martyrios por que elle passava:

«Sinto-me muito mal em minha saude; as más prisões que tenho tido e o pessimo tratamento que tenho recebido, me têm alterado por fórma que penso de um instante para outro entregaar minha alma ao Creador. A prisão anterior a esta, em um quarto pequeno, humido, chuvendo sobre mim, e em que logo ás 4 horas da tarde era encerrado até pelas sete do dia seguinte; me desenvolveu uma erupção de pelle que me começára a bordo do pontão *Iberá*, onde tambem estive preso, e com tal valentia veio, que não tive no corpo um ponto de que se não tivesse apossado a doença; não era morphéa, mas empigens temiveis; eu não tinha roupa sufficiente para mudar nem quem lavasse a suja e muito nojenta. A roupa trazida já a tinha vendido para comer para ir vivendo; eu mesmo, coberto destas terriveis mazellas, ia á lagôa proxima, pantanal de onde se bebia agua, e ahi lavava as porcarias: passei momentos que se não imaginam; nessa prisão tão ruim, comendo carne de vacca, muitas vezes sem sal, estive dez mezes.

Quiz Deus ir reduzindo a menores condições minha doença, e, passados mezes, localisou-se ella na perna esquerda. Com as marchas em cavallo em osso, tendo para descanso dos pés duas cordas, empeiorou o mal, que cada dia, com as pessimas aguas que aqui bebo e carne pura que como, vae de mal a peior; não durmo com dôres, a perna está em constante suppuração sanguinea; eu não tenho o menor appetite e estou na espinha e sem forças. Enfim, posso deixar esta vida ou perder a razão, por isso faço esta.

Dos nove presos, dous já morreram dos maus tratos; eu com 63 annos como resistir?!

Todos têm soffrido; principalmente mal de pelle, mas a nenhum coube tanta desgraça como a mim. Paciencia; Deus assim o quiz!

(*) Vê-se isto, sobretudo da norma de um officio por elle escripto em 31 de outubro de 1867 ao ministro da guerra e marinha do Paraguay, em que, por já não ter roupas para vender, pede que se lhe consinta vender, para alimentar-se, alguns dos objectos de valor que daqui levára, e que de certo elle reservára, por serem tambem de estima.

Á PEDIDO

—Si eu podesse fallar ao Dr. chefe de policia.....

—Para que rapaz?

—Para dar-lhe noticia de uma atrocidade.

—Dirija-se, que estou que ha de lhe ouvir.

—Queria communicar-lhe que ha no *Caes do Ouro*, n.º *nove vezes seis*, um gallego malvado e até assassimo.

Esse monstro traz um pobre preto martyrisado em tronco de pés e mãos; na noite de 6 flagellou-o com crueis açoites desde 11 horas até uma e meia!

A visinhança ouviu os gemidos da victima e horrorisou-se de tanta crueldade.

—Deviam soccorrel-a.

—Essa detestavel creatura é dotada de indole malvada, e seus instinctos dão só para fazer mal.

Ha pouco menos de um mez deu tamanho couce no creoulo Manuel, escravo de um homem *moreno*, que tem armazem, que este lançou golfadas de sangue e toda comida que tinha no estomago e d'ahi ha dias morreu.

—Um malvado destes não deve ficar impune.

—E' para isso que eu desejo levar o facto ao conhecimento do Sr. Dr. chefe de policia.

—E deve ser *ja*.....

—.... *Sinto* o coração dizer-me, creia por *S. José* descendente de *David*, que o integro magistrado dará a essa fera o castigo merecido.

MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

POESIA,

que offerece o capitão honorario do exercito brasileiro, José Maria de Sant'Anna Mattos, ao seu amigo—o distincto artista—Hermenegildo Lopes de Mesquita.

I.

O dia pouco e pouco ia se erguendo,
meio ainda adormido e mal seguro;
os plumosos cantôres adejavam,
ou poisavam no matto quasi escuro.

E, um artista, alevantado,
já se tinha, a tempo largo;

e, o pão, no trabalho honrado,
ganhar, com o suor amargo,
elle ia!

Se escondia um peito nobre,
por baixo da veste rôta;
no seu andrajo de pobre,
muita nobreza se acoutá—
fugitiva!

Viva a chamma da esperança
de não ser pesado ao mundo,
o artista, não descança
de seu trabalho profundo,
satisfeito:

tem o respeito p'ra todos,
porque todos o respeitem;
repelle soberbos modos,
embora, á certos, deleitem
no cynismo!

Ao abysmo da hypocrisia
não arremessa a pureza:
tem, por sancta poesia,
Deus! depois a natureza
peregrina!

Na officina toma parte
do trabalho « ergue-se um rei! »
maneja a nobreza da arte,
e, acabando, diz—«ganhei
o pão d'hoje!...»

.....
.....
.....
.....
.....!!!

Quão feliz, meu Deus, eu sou
por não dobrar-me á vontade
d'alguns homens, á quem dou
exemplos de probidade!
quão feliz!

Quiz vossa idéa, Senhor,
que, o artista, nascido pobre,
sendo, na arte, creador—
só por isso fosse nobre!
Obrigado!!!

Si, nas veias, me não gira
o sangue de nobre raça,
a intelligencia, delira,
e, da arte, faz que nasça
minha nobreza tambem!

Aqui, sou rei, na officina:
é minha c'rôa o trabalho!
não pode haver melhor sina!
tendo, por sceptro este malho,
tenho, por throno, a minha arte!

Quiz vossa idéa, Senhor,
que, o artista, nascido pobre,
sendo, na arte, creador—
só por isso fosse nobre!
Obrigado!!!

II.

Depois, ergueu-se o artista
que o dia a noute beijava;
aos ferros lançando a vista,
disse adeus! é que pensava
no trabalho de amanhan!

Mudado o traje, eil-o, parte!
Caminha com o passo ousado:
O homem, creador na arte,
porque caminha apressado?!
que vae fazer?! aonde vae?!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Mas n'aquelle predio entrou...
O' qué, ali, faz elle, então?
—E' ali, que se juntou
artista ao artista irmão,
n'um só abraço feliz!...

Ali, a arte não batalha
manejando o ferro e o aço;
só a idéa é que trabalha,
e, aguia, que não mede espaço,
para o futuro caminha!

Ali, faz se o obreiro da arte—
Rousseau das eras de hoje!
E' alli, que se reparte,
se, accaso, a ventura foge,
á miseria, a f'licidade!

A viuva, o orphãosinho,
que não teem pão p'ra comer;
o infeliz, coitadinho!
posto no leito, á gemer,
chorando o pão do trabalho...

tem, ali, ás maguas suas,
um paradeiro na vida!
não mendigam pelas ruas,
nem teem falta de guarida!
dá-lhes tudo o artista—irmão!

Sociedade bemdicta,
mãe do artista enfermo e pobre,
dê-vos Deus vida infinita!
Club de artistas, vós, sois nobre!
Monte-pio, eu vos saúdo!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

III.

Reunido o Monte-pio,
presto, o cofre foi aberto;
e o dinheiro necessario
foi tirado:

e o dinheiro foi levado
aos pobres do Monte-pio:
é quantia, que recebem
mensalmente!..
. . . . . .
. . . . . .
como esmola, não!
não é!...

IV.

E o artista, deitado no leito de dores,
gemendo, soluça de angustia e prazer!
O orphão sorri... não chora a viuva...
fugiu-lhes a fome..... já teem que comer!

A pobre donzella, não teme vender,
por pão, sua honra! por Deus! oh! não teme!
bemdita è a dextra, que aperta outra dextra,
e arranca a miseria do pobre, que geme!!!

. . . . . .

V.

Avante, *artistas!* da rasão, o escopro,
obra gigante estatuou de bem!
Avante! avante! do futuro o sopro
bafeja as dobras d'essa estatua—além!...

Filhos do povo, do *trabalho filhos*
erguestes, alto, do progresso, a estatua!
Firme, na crença dos melhores brilhos,
daes o *exemplo* á uma nobreza—fatua!

Destes o *exemplo*, soccorrendo os pobres,
vós, que sois pobres..... *de dinheiro só!*
Em quanto folgam, nos saráus, os *nobres*,
mataes a fome de quem jaz no pó!

Avante! avante! *pobres de casaca!*
pela arte—nobres—de nobreza ganha!
Do mar dos tempos a cruel resaca,
não det'riora obra que é tamanha!

A idéa é grande! o movimento da arte
veste a pobreza, lhe matando a fome!
Pobre com pobre seu quinhão desparte:
é nobre a idéa, quando alcança um nome!

Avante! avante! filhos do trabalho!
avante! avante! pobres de casaca!
A blusa rota, a mão calosa e o malho
são o diploma, que á nobreza —ataca!!!

—O' tu gallego, vem cá.

—Si é para carregari algum barril da *sileta*, estou a lhe dizeri que ja não uso disxo.

Hoje sou rico; tenho duas bendas.

—Cala-te bruto.

Como te chamas?

—*Domingos*.

—De onde vieste?

—De *Chetas*.

—Onde achaste dinheiro para comprar duas vendas.

—E' muito perguntari: Cá um homem não ha de dari parte de sua bida.

—Muxingueiro, taca neste infame.

—Perdão, perdão; estou prompto a responderi.

—Então falla.

—Donde me veio o dinheiro?

Ah, foi aqui assim de dous premios da loteria.

—Queres me illudir, tratante?

E que loterias foram essas, que numeros tinham os bilhetes?

—Ja não me posso lembrari.

—Estaes mentindo, animalejo!

Este dinheiro que possues, envolve um crime, foi resultado da scena lugubre passada no mar em certa noite, lembraste?

—Ah, senhori, não me recorde o passado.

—Morde-te o remorso? Mas isso é impossivel, a consciencia tens-na callejada.

E hoje apezar de *arranjado*, não perdeste o habito de roubar.

Essas duas bibocas dissortidas, que possues, são apenas um pretexto para á larga poderes roubar assucar.

Não ha muito, fostes por duas vezes agarrado nas alvarengas roubando, do que te safastes por *certos arranjos*.

—Estou perdido!

—Embora tenhas dinheiro, poucos caloteiros se egualam a ti; pois que não pagas um real a quem deves.

Cada mez tens caixeiros novos, despedindo os que estavam para roubar-lhes o suor.

Tua sentença esta lavrada; mas primeiro ouvirás o enorme catalogo das tuas ladroeiras e crimes.

Muxingueiro, leva este gallego *zarolho* para o porão, com um par de maxos ao pescoço até segunda ordem.

(*Continúa.*)

Entre os *passados* que a miseria attinge,
Nenhum se *tinge* com mais rubra cor,
Do que o Guedes, que *passando* a nado
Foi *atagado*, nos causando dor.

Pobre coitado!.. De *carmin* se ondeia
Mais não se hombreia, com *vermelho puro*,
Tiram-lhe a mascara, qual do grou a veste,
E o bruto investe... que viver tão duro!

Si adula e mente, si festeja em canto,
Si insulta tanto, burro desabrido,
Todos o deixam nesse mar profundo . . .

Vacuo do mundo, em que se vê perdido.

Quem te conhece, te despresa, o' Guedes,
Porque excedes no insulto execrando
Ao açogueiro, na linguagem feia,
E a honra alheia vaes esquartejando.

Sempre fallando em *imprensa séria*,
Oh, que miseria! quem por um vintem;
Tem consciencia de camaleão
E da opinião faz um *vae e vem!*

D. G. C.

—Immediato!

—Prompto, capitão.

—Vejo uma nuvem negra sobre a ponte do *Xixi?*

—E' navio de vela, capitão.

—Mande dar caça.

—Capitão, temos o navio á vista, meia milha de distancia á este bordo.

—Chame a falla.

—Que chaveco é este?

—O S. *José*?

—Quem é o mestre?

—O *Zephirino*.

—De onde vem, para onde vae?

—De onde venho? Da pilhagem; vou desovar no ancoradouro do hospicio.

—E' pirata.

Vejamos a carga, saccas de assucar com a marca *mão-de-corvo*, para *Alves* e *Motta*; uma bengala de unicorne, uma fechadura quebrada, parecendo ser de trapiche, um moleque.

—Moleque não é carga.

—Vae tudo englobado, capitão.

—Para onde ia este assucar?

—*Xi!... Xi!...* Quer que declare? Para o ponto *151*.

—Esta bengala?

—Vou contar-lhe a historia della.

—Fica para depois.

Camaradas, este tratante é ladrão de assucar. Fogo com o canhão raiado.

(Continúa.)

Ora vejam só, a *pomba*
Ao *Zé-Canastra* enganou;
Achou a gaiolla aberta
Bateu as azas voou.

Anda mettida nos *mattos;*
Vae na *fonte* se banhar,
E nas *pedras* do rochedo
Depois se põe a catar.

Sentido no caçador!
Si ferida ser não queres,
Voae depressa aos *mattos*
Correi o mais que puderes.

Sr. capitão.—Eu sou muito pobre como todo mundo sabe, e para poder comer todos os dias, faço *conta do porto* com minhas companheiras Mariquinhas Piauhy, Rita d'Alcantara e Mequillina Galho Verde. Ora, a união fiz a força e graças a esta minha lembrança, vae a gente passando sem soffrer fome e gosando de um pequeno regalo sem grande sacrificio.

De certos dias, porem, a esta parte, só vem ao mercado carne de bofe, que não ha vontade por mais gulosa, que possa tragal-a, principalmente quem tem bocca de sapo como nós quatro.

Não é só da pessima qualidade da carne que nos queixamos; é tambem do mau peso; pois entendem os carniceiros que devemos roer osso como si fossemos *féas* de cães.

Dizem que compramos pouco e por isso não podemos ter bom peso. Ora dá-se!

Em que o nosso dinheiro é inferior ao dos que compram muito?

Sempre a maldicta bajulação!

Cançadas de sermos mal servidas, recorremos a V. Ex. pedindo providencias a respeito.

Minhas companheiras tiveram vergonha de assignar-se, mas eu como sou destorcida, tenho a honra de inscrever-me como acatadora de V. Ex.

Rilta Fainha.

CONVERSA ENTRE O MARINHEIRO E O SOLDADO.

M.—Boa noite, camarada.

S.—Boa noite.

M.—O que andas fazendo?

S.—Ando rondando.

M.—Pois eu ando me distrahindo das massadas do mar.

S.—Assim é bom quem pode fazer.

M.—Pois já sei que hoje apanhas alguns d'estes malandros que nos são remettidos para bordo.

S.—Parece-me que advinhou, ou sabe.

M.—Então estou vendo que acertei.

S.—Acertou, pois ando a cata de um certo velho, empregado do *carimbo* que diz *beija a mim* quando está nos *Vallasques*.

M.—Mas o que tem feito esse velhaça, que tanto V. procura?

S.—O que tem feito? Eu lhe conto: este velho, avô de netos; em vez de cuidar em sua familia, anda pelas vendas bebendo, e fallando de uma pobre mulher, por quem elle está apaixonado, e como ella não lhe quer dar attenção, a tem enxovalhado a ponto da pobre mulher andar escondida da furia.

M.—E quem é essa mulher?

S.—E' uma mulher com quem elle demanda e lhe tem tomado todos os trastes até a propria bacia velha onde a pobre mulher se banhava, e assim reduziu-a a pote e esteira como se diz.

M.—Pois velho ainda se apaixona?

S.—São peiores que os moços, quando querem quero porque quero.

M.—Então esse velho é o diabo.

S.—Assim diz elle, que Lopez no Paraguay e elle aqui.

M.—Pois para esta mulher não ha justiça, e para elle ha?

S.—Ora veja, pois o velho diz—quem tem dinheiro faz o que quer.

M.—Pois empregado publico tem tanto dinheiro assim?

S.—V. não sabe o que tem acontecido, pois a poucos dias tomou trezentos mil reis com juros para dar quatro centos.

M.—Para que elle quer tanto dinheiro será para jogar, ou para a familia?

S.—Qual; é para fazer mal á pobre moça.

M.—E' preciso tanto dinheiro?

S.—V. não vê que elle dá a cada official de justiça 2$ rs.

M.—Pois uma citação não é 1$500 rs.

S.—Pois si elle faz tudo sem despacho do juiz até em tempo de ferias...

M.—Em tempo de ferias tambem ha citações?

S.—Sim, não ha; porém com 2$ sempre se janta um dia.

M.—Então quanto antes me remetta esse velho e os taes officiaes para bordo que lhe darei todos os dias uma ração de calabrotadas, e mesmo o governo não quer empregados d'esta ordem, que não se respeitam, principalmente devendo pelas vendas.

S.—Si fosse isso só seria bom.

M.—Então tem feito outras peiores?

S.—Pois si não sabe de uma venda ao Maciel de cima, para estar chocando a casa onde a mulher mora.

M.—E ella chega na janella?

S.—Qual; é só tomando o cheiro de longe.

Ha poucos dias armou-se de pau com dous guarda costas e foram atacar o dono da casa onde mora.

M.—Não posso ver semelhante cousa desta nossa terra. Esta mulher não tem ninguem por si.

S.—Qual; só Deos e nada mais.

M.—Por isto é que elle faz tudo isto.

S.—Pois meu camarada, vou ver se o encontro para lhe dar juizo, ja que não tem.

M.—Pois bem até outro dia que lhe direi outras couzas mais, que elle tem feito.

M.—Boa noite e me tome cuidado do velho.

(Continúa.)

ENIGMA.

Um dia certo doutor,
Com uma pistola armado,
Disse estar deshonrado
Por um amigo seductor;
Então, cheio de furor,
Jura fazer todo mal
A seu amigo rival;
Perguntando por onde entrou?
Si pela janella saltou,
Ou pela porta do quintal?

VARIEDADES

O QUE E' UM MEETING.

—O' Mauricio, dizia a um sapateiro de escada sua cara metade, disse-me aqui a visinha de lado, que no domingo ha um meeting: ora tu não me dirás o que é um meeting?...

—Com effeito! sempre és uma estupida mesmo dos quatro costados: forte desgraça foi a minha em casar com uma mulher que nem sabe o que é um meeting. O' mulher, pois será possivel que não saibas o que é um meeting?!..

—Não sei, não, ja te disse.

—Ora pois, vistos eres uma pateta de tal calibre, que até ignoras uma cousa tão simples, eu te vou dizer o que é um meeting. Um meeting, minha tola é....é....(cocando a cabeça.) O que é um meeting, é que tu queres saber?

—Sim, o que é um meeting?

—Pois bem; um meeting, é....é...(apertando o labio inferior e olhando para o chão) é....Olha si queres que te falle com franqueza, tambem não sei muito bem o que é.

DECLARAÇÃO

Encetamos a publicação do *Rocambole*.

Distribuem se hoje as duas primeiras folhas.

Si algum Sr. á quem for remettido, não quizer assignar, terá a bondade de recambiar o exemplar na entrega da terceira.

Os edictores—*Marques, Aristides, & C.ª*

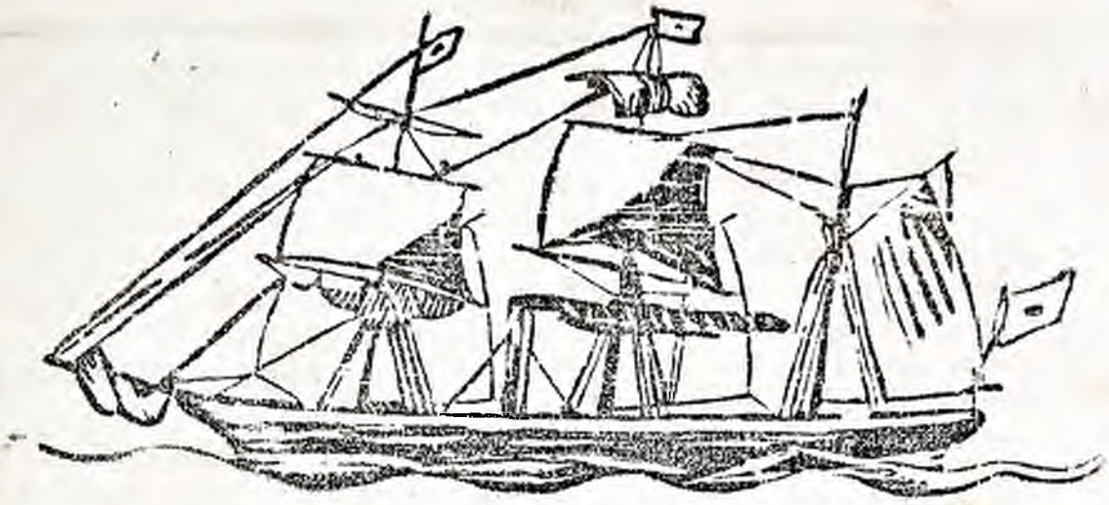
ANNUNCIOS.

ALUGA-SE

Uma pessoa que saiba lavar e engomar bem, preferindo-se escrava, para morar em casa d'uma familia: nesta typographia se dirá quem precisa, e paga bem.

N'esta typographia compra-se o n.º 152 do *Alabama* de 1864 e 421 de 1868.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 47.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 13 DE FEVEREIRO DE 1869. N. 469.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, communicando-lhe que no largo da Cruz do Cosme a illuminação é sempre feita as 9 horas e que o accendedor desculpa-se, dizendo que tem para isso ordem da companhia, o que parece inexequivel.

Em vista do que, pede-se a S. S., que, averiguando de onde parte semelhante falta, faça com que o respectivo contracto seja restrictamente observado.

—Capitão, estou com o juizo estufado e a cabeça do tamanho de uma catimplora de fazer sorvetes.

—Por que, rapaz?

—Por uma grata noticia. Estou babado de gosto.

—Que noticia será esta?

—Consta, que vae ser nomeado commandante das armas desta provincia o coronel Thomaz da Silva Paranhos.

—Olô!

—E não merece, capitão?

—Pois não!

—Só assim será galardoado o *merito, bravura* e rara-*intelligencia* do Sr. coronel Paranhos.

—Pois padre, hoje é dia de brincar entrudo?

—Jurei que havia de molhal-os.

—Mas hoje quarta-feira de cinza?

—Não quer dizer nada.

—Valha-me *Santa Anna* com Vms.

Nem só infligem as leis sociaes, como quebram os preceitos da religião.

—Distribue-se hoje a terceira folha do *Rocambole*.

—O que ha ali no becco do Açouguinho?

—E' uma mulher que, dizem, está com o diabo no corpo.

—Que patifaria!

A policia por que não acaba com aquillo?

Parece que gosta de ver ajuntamentos e assuadas.

—E o peior de tudo é que para expellir o diabo, o corpo da infeliz soffredora é martirisado a latego de chicote!

—Não se dá maior barbaria!

—«Na quarta-feira, pelas tres horas da manhan, pouco mais ou menos, diz o *Diario*, foi acordada por um transeunte a sentinella da guarda da secretaria da policia. Dormia ella a somno solto, como dormem os innocentes, estendida sobre a calçada, a dez palmos da ruina.»

—E' bem mau isso.

Ja uma vez appareceu arrombada a taria da policia.

—Isso se deu no tempo em que era aqui chefe de policia o actual ministro da marinha o Exm. Sr. barão de Cotegipe.

—E não roubaram sinão o *livro azul*, no qual se continha os nomes dos mais celebres e importantes moedeiros falsos.

—E como se operou este arrombamento é o que ainda até hoje se está por saber!

—O Sr. inspector da illuminação dirige-nos a seguinte carta, que folgamos de publicar:

«Srs. redactores do *Alabama*.—Sempre prompto em acudir aos reclamos sensatos da imprensa, informo, respondendo ao escripto de 5 de fevereiro, que a escuridão do forte de Santo Alberto é proveniente da retirada obrigada de 3 lampeões, que embaraçavam as obras do assentamento de trilhos da companhia de vehiculos. A' requerimento d'esta, o governo authorisou esse procedimento, recebendo a companhia do gaz, dos interessados, o pagamento dos combustores assim impossibilitados de exercicio.

Explicado assim o facto, como o fiz officialmente, logo que li o mesmo reclamo no *Diario*, vou hoje mesmo examinar, si é possivel, em logar tão apertado, o assentamento provisorio dos combustores retirados.

De Vv., etc.,
Cyrillo Eloy Pessoa.

—Na côrte, apezar de só um lado politico, pleitear as eleições, houverem desordens, ferimentos e mortes.

Na freguezia de Nossa Senhora do Desterro do Itamby, foi ferido com um golpe no pescoço João Francisco de Araujo.

Na freguezia de Passa-Tres foram mortas duas pessoas e uma ferida gravemente.

Em S. Paulo, houveram tambem desordens.

—Mas feliz foi a Bahia que fez na capital todos os eleitores e supplentes de uma parcialidade.

—Não se comprehende isto!

—O que?

—Não está lembrado que o marquez de Caxias declarou solemnemente que estava acabada a guerra?

—E' verdade.

—Pois agora, participando ao ministerio a sua retirada do Paraguay, diz em officio de 24 do passado—«que deixou o marechal Guilherme Xavier de Souza encarregado das forças que estão em Assumpção e lhe fez saber tudo quanto deve fazer em *relação á guerra*.»

Si a guerra está acabada, como deixa o Sr. marquez o seu substituto com instrucções *para ella*?

—Não se comprehende os *vai-vens* desta guerra!

—Noticias da *guerra*.

—Diga.

—*Jornal do Commercio* de 3 do corrente.

Entrou hontem o transporte de guerra *Annicota*, com 219 doentes do exercito e 9 paraguayos prisioneiros.

«As ultimas folhas que traz de Montevideu são de 24 do passado.

«Nellas não encontrámos noticia alguma do Paraguay; sabemos, porém, por cartas, que a 18 chegaram a Humaitá no vapor *Princeza* o almirante visconde de Inhaúma e o chefe de divisão Alvim, que desciam para Montevidéo, tendo-se aggravado os soffrimentos do primeiro.

«A 17 tinha morrido em Humaitá o brigadeiro Gurjão.

«O visconde do Herval continuava a padecer do seu ferimento, e dizia-se que embarcaria no transporte *Presidente* para o Rio-Grande do Sul, fallando-se tambem da proxima retirada do visconde de Itaparica.

«Ficava com o commando do exercito o marechal de campo Guilherme Xavier de Souza, tendo-se o marquez de Caxias retirado para Montevidéo, onde chegou na manhan de 24. S. Ex. descia no *Guaporé*, que em viagem abalroou com o *Lima e Silva*, sendo tão forte o encontro que aquelle vapor perdeu o garupés, quebrou a caixa de rodas de bombordo e foi encalhar na barranca, donde embaldo tentou safá-lo o *Lima e Silva*. Tendo-se partido todos os viradores sem nada se conseguir, o Sr. marquez passou-se para bordo deste ultimo vapor, e nelle acabou de descer. Tendo encontrado perto de Martim Garcia o transporte *S. José*, ordenou-lhe que voltasse em conserva.

Chegando a Montevidéo ás 9 1/2 horas da manhã o Sr. Marquez foi immediatamente visitado pelas autoridades brazileiras, chefe da estação naval, coronel commandante militar, chefe da repartição fiscal, membros da legação e outros funccionarios. Ao meio dia desembarcou e foi alojar-se no *Hotel Oriental*. S. Ex. retirou-se por doente, e dizem-nos que tencionava voltar a esta côrte no transporte S. José.

Jornal de 4.

«Entrou hontem o *Arno* com datas de Montevideu de 28 e 29 do passado.

«São um tanto vagas as noticias que encontramos do Paraguay. Parece que os al-

liados preparavam uma expedição para sahir em perseguição de Lopez; não se sabia, porem, ao certo, onde este se achava, nem a gente que trazia comsigo.

«Para Matto-Grosso tinham subido mais algumas forças brasileiras, diz se, porem, que um dos vapores para isto fretados, o *Yaguareté*, se perdêra nas Rocas, umas 60 milhas acima da Assumpção. O estado sanitario das tropas era satisfactorio.

«Os telegrammas transmittidos á ultima hora de Buenos-Ayres para o *Telegrapho Maritimo* de Montevideu dizem assim, cumprindo notar que nem sempre são seguras estas noticias:

«Depois da sahida do *Arno* chegaram dous vapores do Paraguay. Lopez está reorganisando algumas tropas em Birabibi. Dos paraguayos feitos prisioneiros na Angostura alguns têm fugido para Lopez. Os alliados preparam uma expedição para as cordilheiras. Chegou da cidade da Conceição um padre paraguayo que diz ter Lopez mandado gente para percorrer os campos, matando os habitantes que encontrasse. Diz-se que aquelle territorio está quasi deserto, e se não ouvem senão lamentos. Todas as familias estão com Lopez nas cordilheiras. O general Emilio Mitre resolveu emfim mover-se, e quando o *Venecia* sahia estava elle organisando a sua divisão expedicionaria para seguir para as cordilheiras.

«Alguns forrageadores brazileiros que andavam perto de Luque encontraram uma partida paraguya e voltaram á Assumpção a avisar os seus chefes. A saude do exercito é melhor, mas o calor é espantoso. Teem-se feito avultados pedidos de cavallos.

«Metade dos negociantes da cidade de Corrientes estava se passando para a Assumpção, onde varios inglezes ja tinham aberto officinas em que faziam bom negocio.

«O vapor americano *Kansas* estava encalhado. Os brazileiros deram um vapor para o ajudar a safar, mas nada se conseguiu.»

Diz-se que na Assumpção encontraram-se uns 200,000 couros, em parte avariados, umas 20,000 arrobas de tabaco e alguma herva mate, pouco, que appareciam muitos individuos a reclamar o seu direito de propriedade sobre estes generos.

Segundo as folhas do Rio da Prata os governos argentino e oriental iam enviar á Assumpção emissarios que de accordo com o enviado brazileiro, que se esperava, estabelecessem ali a melhor ordem de cousas que as circumstancias permittissem.

A' baroneza do Triumpho concedeu-se uma pensão annual de 5:000$ rs.

—Lê-se no *Desenove de Dezembro*, do Paraná:

«Apresentou-se hontem ao Exm Sr. presidente da provincia o cabo de esquadra da extincta companhia de cavallaria desta provincia, Joaquim José de Quadros, que segundo diz, achando-se addido ao 1° regimento de artilharia a cavallo, em Tuyuty, foi no reconhecimento de Humaitá extraviado e prisioneiro pelos paraguayos.

«Sendo levado para uma povoação muito além da Encarnação, onde se demorou em serviço uns quize dias mais ou menos, em uma noite tempestuosa logrou evadir-se, tomando o sertão que vem ter ao rio Paraguay; ahi chegando atirou-se n'agua, com auxilio de um páo que tomou como—salva-vida—, nadou mais de 24 horas pará o lado da provincia de Corrientes; demorou-se 18 dias em uma ilha deserta, cujo nome ignora, e atirando-se de novo á agua nadou por muito tempo; seguiu depois pelas cabeceiras do Aguapehy, alcançando os hervaes da fronteira de Corrientes com esta provincia.

Esteve no herval de Pedro Pagy; seguiu depois pelo sertão da fronteira e veio sahir no campo Erê, districto de Palmas, deixando o rio Iguassú á esquerda e o Uruguay á direita.

«Gastou em todo este trajecto unicamente dous mezes.»

Á PEDIDO

—Quero dar-lhe uma noticia:
Sabe que *deu-se um geral*
Enthusiasmo entr'os masc'ras,
No baile do carnaval?

—Muito bem! Esteve assim?
Sim, Sr., está direito!
Sempre contei que o *spirito*
Ali produzisse effeito.

—Um tal, caracterisado
De *Baptista* o Precursor,
C'um embrulho de *moquecas*
Foi o iniciador.

Até dama côr da noite,
Para realce se achou,
Com uma rara *constancia*
Toda quadrilha dançou.

Muitos outros mascarados
Concorreram *no geral*,
P'ra tornar o tal folguedo
Um *perfeito carnaval*.

FELICITAÇÃO

Dirigida ao Imperial Monte-Pio dos Artistas, no dia 2 de fevereiro de 1869, anniversario de sua installação, por parte do Gremio Litterario.

Senhores.—Mais uma vez aqui estamos: reconhecidos á honra de vosso convite, jubilosos de poder assistir a mais um do vossos anniversarios.

Mais uma vez eis-nos aqui a estender-vos mão amiga de irmãos, a dirigir-vos nossos emboras e nossos louvores.

Como não ser assim? Os homens e as associações costumam egualmente celebrar com religioso respeito a epocha de seu nascimento ou de sua inauguração.

Ha entretanto uma notavel differença, não menos verdadeira, se não é menos sentida.

O que é o homem? Um pouco de barro que o berço atira a um tumulo; alguns dias rapidos encadeiados entre um vagido e um estertor; um pranto que começa nos olhos da creança e acaba nos do moribundo; um suspiro que se eleva e um suspiro que se extingue.

Os dias são restrictos, as horas estão contadas e a morte inflexivel não nos concede um minuto mais além do termo fatal.

Cada passo que nos separa da aurora da vida nos aproxima do crepusculo do nada: caminho inevitavel!

Eu sei, que depois de cada crepusculo surge uma nova aurora, depois do tumulo a eternidade.

Que importa? Quando a borboleta do paraizo voa para as ethereas regiões, sua casca de lagarto que ahi fica, não é mais um homem, é um cadaver. Então o que é que foi? A alma.

Ter vivido que é pois? E' não ter mais que viver.

O presente é um traço de união entre o passado e o futuro: estreito bico dos dous seios terriveis da ampulheta do tempo: quando um se enche o outro se esvasia.

O que são por tanto os festejos com que recebe o homem cada anniversario de sua existencia? E' sua velhice o que elle canta, é sua morte o que elle celebra.

Insensato! conta os dias do berço: não é assim que os conta a fatalidade.

Que importa que morram os homens? Outros homens lhes succedem e continuam sua obra gigantesca.

Desde quando datam os hospitaes? Desde a parabola do Samaritano.

Os annos, que, passando por sobre a cabeça dos homens, as alvejam e despojam, consagram ao contrario e fortificam as instituições e as ideias.

Jehovah não fôra o Deus terrivel, si não fora eterno; Christo não seria o unigenito do Altissimo si Jupiter existisse.

Assim cada anno que se passa sobre as instituições é mais uma garantia de existencia, um poder novo de prosperidade. E depois... um anno parece pouca cousa quando o consomem a ambição, a gloria, o poder, todas essas douradas vaidades que agitam tão fortemente o coração e o cerebro dos homens para lhes deixar somente remorsos ou saudades; mas quando se passa na obra louvavel da beneficencia, em enchugar lagrimas—o sangue feito perola—um anno é mais alguma cousa do que doze mezes: é um degrau dessa escada que viu Jacob em sonhos, entre a terra e o ceu

Rapido sobe o incenso ao trono do Eterno, o Anjo da Oração é sempre bem vindo ante a presença do seu Senhor e Pai; mas a caridade é mais alguma cousa: perfume da esperança, azas da fé.—uma flor e um cherubim: balsamo da terra e lagrimas do ceu.

Um anno de charidade!... Que muitos annos assim perpassem sobre vossa instituição: não temais que envelheça.

Quando o tempo passar por ella, a sagrará com esse respeito venerando que inspiram os anciãos: hão de dizer vossos filhos: Foi uma instituição de nossos paes; e no correr das gerações, lá ao longe no futro, quando tiver decorrido tanto tempo, que nossos cadaveres sejam menos do que pó, nossos nomes menos do que sons, uns dispersos pelo vento, os outros esquecidos da memoria humana, que importa que se perca a data da instituição no seio do passado?

Como os montes elevados cobertos de neve no cimo, vós, seus fundadores, estareis afastados das vistas dos homens, por estar mais perto do ceu: nenhum pé pisará ali, porque é o monopolio dos raios do sol,

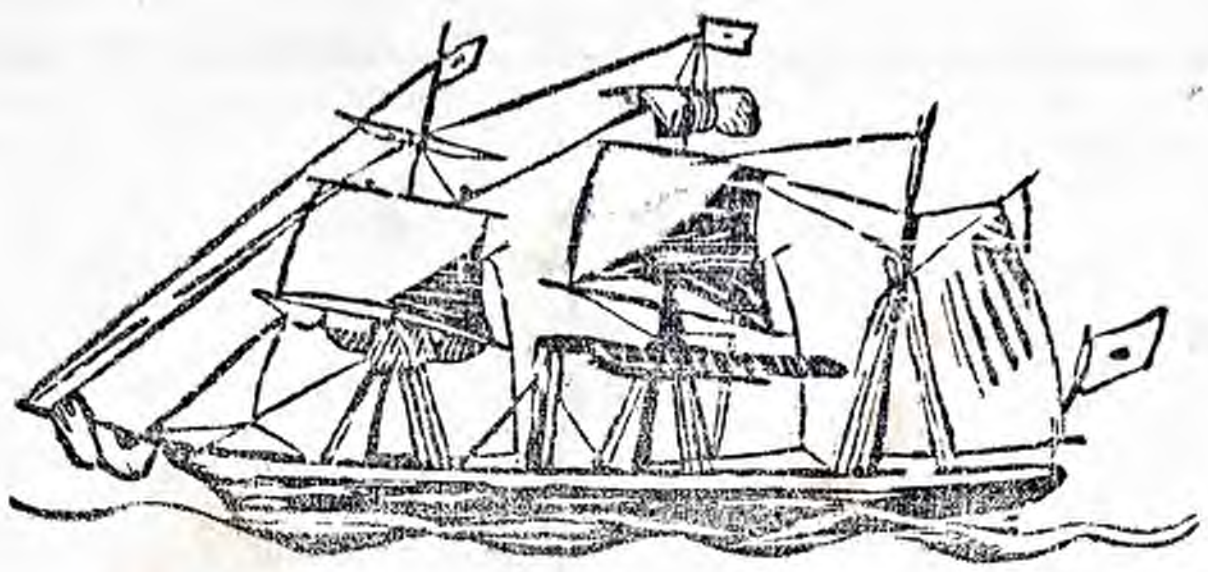
Bahia 2 de fevereiro de 1869.

B. Barreto.

Pede-se encarecidamente ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia que lance suas vistas para o logar da Cruz do Cosme, infestado por grande numero de malandros, dados a valentões e que se constituem em *administradores* das roças alheias sem authorisação de seus donos; principiando pelo *Carrinhos* e o *Daniel*.

ANNUNCIOS.

Na rua do Collegio, n.º 7, 1º andar, precisa-se uma ama de cosinha, para uma só pessoa.



O ALABAMA

Periodico critico e chisteso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VII. Serie 47.

BAHIA 16 DE FEVEREIRO DE 1869. N. 470.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. provedor da casa da Santa Misericordia, agradecendo-lhe a resolução que tomou de mandar concertar a capellinha do hospital, a qual, pelo estado arruinado e indecente em que se achava, tornava-se impropria da morada de Deus.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, pedindo-lhe que faça acabar com um casebre de pretos escravos que ha no 1.º andar da casa n. 40, á rua da Preguiça, o qual incommoda a visinhança á noite; aproveitando S. S. o ensejo para advertir ao inquilino da dita casa, a falta em que incorre alugando commodos a escravos, sem prévia licença de seus senhores.

—Eclipse na illuminação publica por tres noites.

—Ahi vem V.!

—Muitas ruas da freguezia da Sé estiveram apagadas sexta, sabbado e domingo.

No Cruzeiro, Travessa do Bispo, secretaria da policia até a ladeira de S. Francisco tudo era trevas.

—Mas a companhia não recebe pelos lampeões apagados.

—Porem o publico, que paga, soffre.

—Parece que a policia está atacada de catalepsia!

Não desperta a tão estrondosos gritos! Não ouve esta escandalosa serie de obscenidades!

—Mas que barulho é aquelle?

—Duas *mulheres do mundo*, armadas de navalhas, fazem todo este sarceiro infernal.

—E um sujeito mettido na rascada.

—Uma chama-se Andreza Grande, a outra Umbelina Casadinha.

—A's 11 horas da noite a cidade parece um ermo! Não passa uma patrulha pelo Caminho Novo do Gravatá!

—Capitão, na rua do Collegio, duas *meninas felizes* entrudaram-se por nova forma.

—Como foi?

—Ha entre ellas rivalidades por causa de certo *commendador*, dado á *leitura dos livros*, que gosta de levar tudo á escala.

—Entendo; uma especie de padre Manuel da Hora; nada vê que não cubice.

—No domingo de entrudo, os ressentimentos cresceram e as duas contendoras se desabafaram, munindo-se de grandes vasos, d'aquelles que Bocage glosou com motte, e de parte a parte aggrediram-se com o rescendente conthendo dos mesmos.

—Como não ficariam aquellas caras mascarradas!

—Foi um regalo que deram aos narizes da visinhança com tão aromatica essencia.

—Onde moram essas duas heroinas?

—No 1.º e 2.º andar do n. 23.

—Ellas realmente merecem um premio por tão importante descoberta, e eu vou encarregar ao Sr. subdelegado da Sé de confeccional-o na exposição da Correcção.

Á PEDIDO

—Sr. Demetrio Gallinha,
Tome um pouco de vergonha,
Lá na venda do Vieira
Com momices não se ponha.

Na porta encarapitado,
Põe-se V. todo dia...
Que o homem saia p'ra rua
Meu biltre está á espia?

Então, diz que na tal casa
V. costuma de entrar?
Pois olhe, não está livre
De um bom vergalho encontrar.

Ah bregeiro! As *tulipas*
Colhe do jardim alheio!...
E que o pegue o jardineiro
Um dia, não tem receio?

Muxingueiro, apronta a taca,
Que tens muito que fazer,
Do Maciel ao Demetrio
A relho tens de ir tanger.

—So aqui em Latronopolis se vê deste desaforo!

—O que foi, Sr. *dirigidor?*

—Uns diabos que não tem onde se aguentem, feitos officiaes da guarda nacional.

—E' a isso que V. S. chama desaforo?

—Pois não!

Em qualquer officina deste *trem de paz* que se entre, encontra-se um Sr. alferes, um Sr. tenente, um Sr. capitão!

Ora, p'ra o diabo!

Não me dirá para que artista quer ser official?

—Pelo amor de Deus, Sr. *Par-de-aranhas*, não diga isso.

Os homens são artistas, é verdade; mas não ha dezar para um official da guarda nacional em viver honestamente do trabalho de seus braços.

Mais vergonha acho eu nesses emproados, que não deixam as escadas de palacio.

Nesses vira-folhas de todos os credos.

Que hoje beijam as mãos de quem governa, e amanhan cospem-lhe nas costas, quando se retira.

Nessas creaturas, que se inculcam de austeras e se mostram doceis ás exigencias, por mais desarrasoadas que sejam, de quem pode.

Esses, que tendo a direcção de qualquer estabelecimento, para satisfazerem aos caprichos de quem manda, concordam na admissão de pessoas de comportamento reconhecido pessimo, e que no dia em que o idolo cahe, atiram acintosamente os protegidos do mesmo para a rua, chamando escandalo, o que até então alcunhavam de justiça.

—Tudo isso são modos de saber viver.

—Concordo; porem o artista é que não pode ser official da guarda nacional, porque pesa ao Sr. a bocca, quando tiver de dirigir-se a qualquer, chamal-o pelo seu posto.

—O peior é que V. está muito moralisador e eu não dou nada por gente pernostica.

—Então retiro-me; mas diga-me V. S. qual é mais honroso, o artista que trabalha para viver, ou o chefe que manda arrancar tres folhas de um livro para prejudicar a seu subalterno?

—O sermão ja vae cumprido e não estou mais disposto a ouvil-o.

—Sim, Sr., ja me vou e só lhe digo que feliz é o homem que pode fazer muitas figuras, e que por cada nova face que apresenta, recebe um *prasenteiro* osculo.

Lá da banda das Areias
O candomblé 'stá fervendo;
Nestes tres dias de entrudo
O tabaque está batendo.

Foram *fechar o balaio*
Que a quaresma vem ahi;
Foi carneiro, foi conquen,
Foi azeite, foi *obi*.

A Maria Velludinha,
Como mamãe do terreiro,
Para arranjar os preparos
Se largou p'ra lá primeiro.

Veio *mamãe* Ludovina
Que mora na Cachoeira,
Veio o *ogam* Ventura,
E o *papae* Manuel Pereira.

O vapor da Cachoeira
Que ultimamente chegou
Atupetado de gente
Aqui no caes aportou.

Trouxe Antonia das Gallinhas,
Trouxe a creoula Sabina,
Felismina das linguiças,
Senhorinha e Firmina.

Trouxe mais a Benedicta,
Tambem veio a Isidoria,
A Raymunda de S. Felix,
Rachel, Maria da Gloria.

Trouxe de Maragogipe
A creoula Ierothildes,

A veterana Ephigenia,
Alexandrina e Mathildes.

Trouxe Candida e Francisca,
E Ricarda, *bom recreio;*
Joaquina de S. Philippe
De passagem tambem veio.

Não ha hora de descanço;
A festança é noite e dia,
Todas cantam, todas dançam,
E mais augmenta a orgia.

Brazida é a immediata,
Stá em segundo logar,
Por isso tem de ser ella
Quem ha de no boi montar.

Toda essa rapazeada
Da *corsa* apreciadora,
Anda por lá a granel
Mettida na dubadôra.

Não ha creoula do *santo*
Que não esteja na Areia,
E muita gente abelhuda,
Embora que em tal não creia.

Não ficou *filha da casa*
Que para a festa não fosse,
Rita das vellas, Joanna,
E Leopoldina *Loucouce*.

Melania e Felicidade,
Brazilina, e Candinha,
Persiliana, e Cecilia,
Feliciana, e Martinha.

Bemvinda de S. Miguel,
Odilia, Emerenciana,
Paulina, Maria Antonia,
Josepha e Martiniana.

A Pulcheria do Moinho
Que da *cuca* faz alarde,
Por ser muito influida
Foi no sabbado de tarde.

Aproveitando o ensejo,
Diz foi *lavar a cabeça,*
O *Calombo das-ombreiras*
P'ra que mal não lhe aconteça.

A Clara de S. Miguel,
Dizem que por ser rainha,
De cambraia, prefilada,
Levou rica toalhinha.

A creoula Fabiana,
Que p'ra *Valença* navega,
Desta vez mudou de rumo,
E no *cujo* um lôgro prega.

Senhor, quem foi que metteu
Nisto o João do Relogio?
Como dança! E' mestraço;
Vou tecer-lhe um elogio.

Quem ha de matar o boi?
Inda não stá assentado;
Talvez seja o Zé Canastra
Q'é nisso experimentado.

(*Continúa.*)

—Capitão, o tenente Felisardo da Silva Paranhos é empregado publico?

—Para mim é novo.

—Pois eu o vi n'uma chapa para eleitores do Pilar, como tal.

—Desejo, talvez.

—Mas ninguem pode usar de titulo supposto.

—Faz favor de enxotar-se? A esperança tambem consola.

—Ah, e depois o tenente Felisardo é um moço..... branco e de boas qualidades.

Pode se crer na decisão de um magistrado, que, sendo juiz em 185..., na vespera de dar uma sentença, em grau de recurso, mandou uma carta a uma das partes, pedindo lhe certa quantia emprestada?

A venalidade.

(Continuação do n.º 464.)

—Aspirante, vá ao porão buscar o gallego *João*.

—Qual delles, capitão?

—Aquelle para quem mandei o *ferreiro*, fazer a *cruz*.

—Ah, o que tem bodega na *Taboa grande*.

—Aqui-qui.

—Aqui está o animal capitão.

Repare bem V. Ex. para essa caricatura da pilhagem. E' teso como um para-raio, tem o nariz achatado, orelhas de retortas, boca de sapo, olhos de polvo, testa canina.

Padece de uma ulcera chronica na perna direita, é quebrado da virilha esquerda, tem agua no escotro e a substancia miolar quasi toda hepathisada.

O gallego *João* é estupido e perverso.

Typo fiel do montanhez de Vallais, no embrutecido mariola a vida do spirito revella-se unicamente pela maldade e pelo roubo.

Na depravação de seus costumes, leva a hediondez ao auge de praguejar e maldizer-se no dia perdido, em que não commette um roubo.

Tudo lhe faz conta.

Ainda ha pouco andou por casa das authoridades por causa do um panno da costa da *Maria-Escura*, que o gavião comprara a um ratoneiro por 5$ réis, tendo elle custado a sua legitima dona 30$ réis.

Ha cerca de dous mezes, deu-se um roubo no becco dos *fabricantes de tinas*. O ladrão foi um tal *Xico grande;* limpou tudo de ouro que achou na casa e foi levar ao famigerado salteador, que comprou objectos que valiam para mais de 1:500$ réis, por 750$ réis; dinheiro que está dando as parcellas de 10$ e 20$ réis, ao miseravel gatuno que se acha na cadeia.

—Que harpya!

E a policia não dá fim a semelhante scelerato!

—A policia dessa vez mexeu-se, foi ao covil do abutre, porém tarde e as más horas; ja estava tudo agazalhado.

Si houvesse mais previdencia da parte da policia, nesse dia o indomito ladravaz seria pegado com o roubo na mão, porque o *Xico grande* esteve em sua venda desde 7 até 8 horas da manhan fazendo a transacção.

(*Continúa.*)

PROVINCIA DE GOYAZ.

DESENGANO.

Chovam embora mil cartas
Cheias de doce esperança;
Não ha de ser deputado
Augusto Ferreira França.

Goyaz inda se recorda
De sua má governança;
Não ha de ser deputado
Augusto Ferreira França.

Em Cuyabá repellido
Para Goyaz fez mudança;
Não ha de ser deputado
Augusto Ferreira França.

Nós não queremos crear
Essa engeitada creança;
Não ha de ser deputado
Augusto Ferreira França.

(*Monitor Goyano.*)

—Sr. *Antonio Bechiga*, faz favor?

—A's suas ordens.

—Chamei-o, para ver si me poderia fornecer apontamentos sobre a vida mysteriosa de um sujeito la para as bandas do Caes Dourado.

—A duvida está em eu saber quem é.

—Um desses muitos tropiantes que abundam nesta terra, o qual sem eira nem beira, e sem achar quem fie delle um ceitil, teve dinheiro para reformar a biboca.

—Nao sei quem seja.

—Um que apezar de ter um cunhado *democrata*, este nunca fez caso delle?

—Ainda não atinei.

—Um birbante que com o pouco que lhe tocou do sogro, estorou-se em pouco tempo?

—Ora dá-se!

Estou confuso!

—Ou se fazendo desentendido?

Será o amigo *refinador* quem concorre com os gastos, ou serão os continuados arranjos de *pó sacharino* que lhe fornece o *Cardeal* quando vae assaltar as alvarengas?

—Mas Sr., si eu não comprehendo á respeito de quem se trata?

—Não comprehende?

Pois eu lhe digo quem é.

E' um sujeito muito parecido com o Sr. na côr, na falla, na estatura e no traje.

Sabe agora? (*Continúa.*)

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje o 4.° numero do *Rocambole*.

VARIEDADES

RAZÃO DE CABO DE ESQUADRA.

—Um mancebo, acusado de ter querido matar seu pai, compareceu perante um tribunal. Interrogado pelo juiz ácerca do seu crime respondeu:

—Senhor, eu sou bom filho, mas entro este anno no recrutamento, e queria livrar-me como filho de viuva.

ANNUNCIOS.

PHARMACIA E DROGARIA
CAMARA'

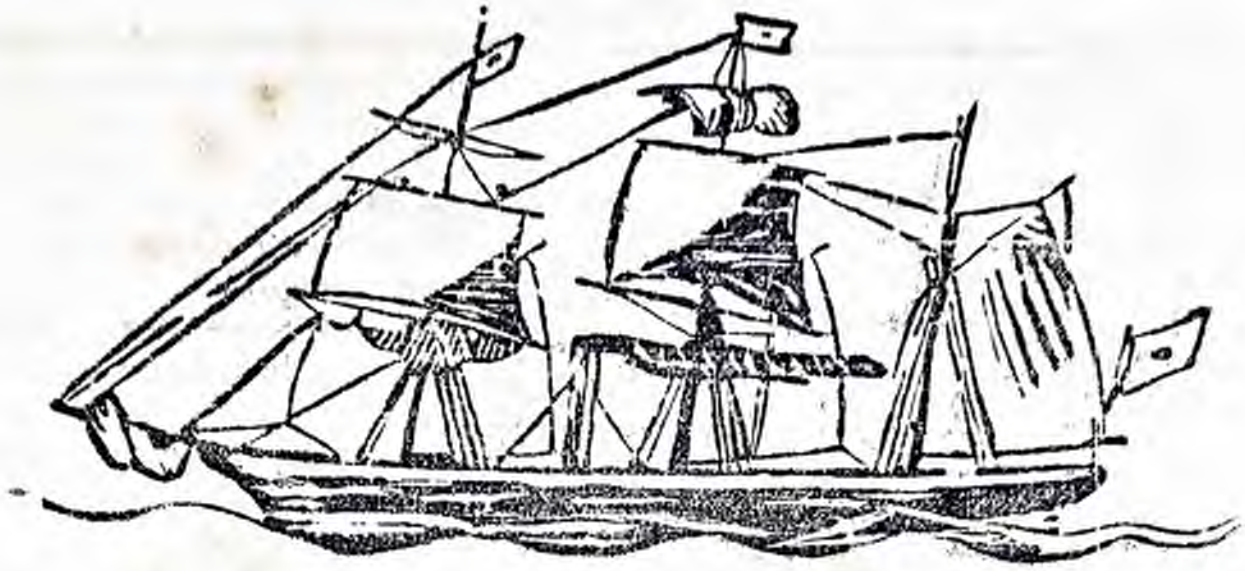
RUA DO JULIÃO, 6—H, I, J, K.

Este novo estabelecimento, montado com o maior capricho, acha-se habilitado a preparar as maiores encommendas para o que se acha em relação com importantes casas da Europa. Garante-se toda perfeição nos trabalhos e a superior qualidade das drogas.

PARA QUEM GOSTA.

Acha-se exposta a venda na loja de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, e na de charutos do Sr. Laurentino, a rua direita de Palacio, a nova modinha intitulada *A dor da Auzencia* de José Bruno Correia.

Na noite de 9 do corrente fugio uma malinha russa muito nova, e bastante ardiga, e serve tanto para cella como para cangalha, é mança que pode servir para montaria de menino; assim quem der noticia certa, ou leval-a ao Canella em casa do Sr. Luiz Pitanga, será bem recompençado.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. — Serie 48.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 18 DE FEVEREIRO DE 1869. — N. 471.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto policial, chamando sua attenção para duas cafurnas, com apparencias de botequins, por baixo da casa que foi directoria dos estudos. á estrada da Valla, onde o incessante jogo é origem de serias desordens que muito perturbam o socego publico.

Em uma dessas bibocas, houve ha noites passadas, um alarma formidavel, do qual resultou um chuveiro de garrafadas para a rua, sendo de admirar que semelhante facto. que pela immensa gritaria despertou a attenção de tanta gente, não fosse ouvido pela policia.

Para que não continúe tão prejudicial e encommodo escandalo, pede-se a S. S. providencias.

—Capitão, dá licença?

—Não estou para masso.

—Dous minutos de attenção somente.

—Pois não os exceda.

—O *trem de paz* tem uma companhia de *pequenos*.

—Isso é mais velho que azeite e vinagre.

—Faz favor de me ouvir?

Antigamente o governo dava para cada um delles uma pataca diariamente. Com essa pataca, elles comiam, bebiam, vestiam, pagavam 70$ rs. a um mestre para lhes ensinar *harmonias* e no fim do anno havia uma economia de 600$ a 700$ rs. que eram recolhidos aos cofres publicos.

Hoje que a etapa dos *pequenos* está elevada a 500 rs.; o mestre de *harmonias* é pago pelo thesouro, o vestuario é dado pelo governo e além disso os *pequenos* tem ganho no espaço de dous annos 5:000$ rs. por sua arte. Entretanto o dinheiro hoje não chega para nada!

Deve-se de generos ao negociante *Autor dos Lusiadas* tres mezes de fornecimento, ao *barão do Queimado* 300$ rs. e ao *fabricante* de *massas*, homem que não *furta do* seu proximo um real, 400$ rs. alem de um desfalque, que dizem, ha de 100$ rs.

—O que me diz a isso?

— Que o porco é filho da porca.

—Pois em outro tempo uma pataca dava para tanta cousa, e hoje que os *pequenos* por seu trabalho ganharam 5:000$ rs., além de não pagarem mestre, nem comprarem roupa, cinco tostões não chega!

—Está claro que ha minestra.

—Pode ser que não. Creio até que não haja grillo.

—Mas que diabo ha então?

—Deleixo, inepcia, falta de tino, ineptidão para administrar.

—E agora o que quer V.?

—Que uma commissão fosse examinar como anda aquillo á matroca.

—Ah, isso não é commigo; é lá com o governo que se deve entender.

—Nesta epocha, em que a simplicidade occultou-se deste mundo, levar-se preso um homem nu em pello, pelas ruas da cidade, é cousa descommunal.

—E' escandalo inaudito!

Mas V. viu isso?

—Ora se vi!

A policia prendeu hontem um homem que estava em ceroulas em sua casa, em S. Miguel.

Na rua rasgou-lhe esse unico traje, com que cobria aquillo que o pudor manda guardar, de sorte que o preso foi até a Correcção pela forma porque andava Adão e Eva no paraizo, na edade primitiva.

—Que indecencia!

—Parece que a policia quiz fazer galardão de tão immoral espectaculo; podendo levar o homem pela Estrada Nova e Campo do Barbalho, preferiu ir com elle pelas ruas populosas da Baixa dos Sapateiros, Carmo etc. desafiando a curiosidade das familias que corriam á janella despertadas pela assuada da turba.

Ha muito tempo não vejo escandalo egual!

—E o que deu origem a tão extranha scena?

—Mora na rua da Valla, ao subir a ladeira da Poeira, um rapaz, ex-cadete do exercito; os garotos apregaram-lhe a porta á noite, de maneira que de manhan, quando elle quiz sahir, não poude.

Zangado, poz-se a arremessar pedras sobre aquelles de quem desconfiava serem authores da gracinha e que iam para defronte galhofar.

—Estava doudo.

—Porem doudo vae para o hospital e não para a Correcção.

—Continúe.

—O subdelegado passou e mandou levar o homem. Eis como foi.

—Tudo isso é o menos; o mais foi o desacato á decencia e pudor publico de levarem pelas ruas de uma cidade civilisada como esta, um homem nu, á murros e trombulhões.

—Apre! Aquelle barbaro tem a figura de gente, mais as acções são de bruto!

Ha mais de duas horas a castigar atrozmente um menino!

—E que especie de castigo!

Dous carrascos a trucidarem a um tempo a victima! Um de palmatoria, outro de azorrague.

E o infeliz leva de quando em vez *varancadas* de ferro.

—Parece que o desalmado filho de Vulcano julga que está á bigorna malhando alguma barra de *ferro*.

—Nem por tanta gente agglomerada aqui ao principio da ladeira do Alvo, reprovando tão descommunal procedimento, o desnaturado *ferreiro* se aquieta!

—Capitão, sabe de mais uma?

—Agora.

—Anda por esta cidade uma mulher vestida de homem.

—De veras?

—De veras. Uma tal Antonia, moradora á rua direita de Palacio, n'um sobrado de tres andares.

—Bom!

—A rapariga, não se contenta de transformar-se á noite; sem a menor ceremonia sahe á rua de dia em trajes masculinos.

—Si ha por ahi tantos homens que podiam andar de saia, pouco admira que uma mulher queira supprir-lhes o logar.

—Venha cá, Sr. Vicente Ferreira da Trindade.

—Obedecer a V. Ex.

—O Sr. praticou uma acção relevante.

Si não fosse a sua coadjuvação, aquelle preto do major Manuel Antonio, suicidava-se hontem na ponte da companhia Bahiana.

—Fiz meu dever.

—O desgraçado enterrou sem dó o canivete em si!

—Estava hallucinado.

—Para evitar casos semelhantes vou recommendar ao carcereiro da Correcção que, quando tiver de mandar presos a qualquer destino, reviste lhe sempre os bolsos para ver si sahem armados.

—E' uma boa lembrança.

—Que endiabrado aleijado!

Bem se diz que Deus sabe por que não deu azas á cobra!

Depois de espancar horrivelmente uma mulher no Caes Dourado, trepa como um gato no telhado e de la entrincheirado, eil-o a arremessar telhas para a rua!

—Que estuporado!

—Si aquelle endemoninhado, torto dos pés, tem habilidade para tanto, o que faria si os tivesse direitos!

—O caso é que elle está dando o que fazer á policia.

Respondendo á segunda parte do appello que nos fazem os Srs. Antonio Joaquim Porphyrio Vianna e Pedro Rastelli, no *Jornal* do

hoje, temos á declarar, que essès Srs. nunca forneceram escripto algum, nem mesmo qualquer apontamento á respeito do arsenal de guerra, ou sobre qualquer individuo, para o *Alabama*.

A Redacção.

—Distribue-se hoje o 5.º numero do *Rocambole*.

Á PEDIDO

—Capitão, commettem-se em Latronopolis roubos que passam desapercebidos, ou para os quaes a acção da justiça é impotente; praticam-se injustiças execraveis; entretanto que seus authores andam de cabeça alcada afrontando a moralidade publica e escarnecendo da fraqueza e da desgraça.

Quer V. Ex. ouvir a historia de uma infame escamotage, de um roubo crasso que se acaba de praticar com uma pobre viuva?

—Porque não?

—Pois ouça.

Em 1856, mais ou menos, existiam na *enfermaria* da *sancta casa* da *compaixão* varias familias, compostas de enfermeiros casados com recolhidas da mesma *sancta casa*, que tambem ahi eram empregadas.

Essas familias viviam em commum.

Algumas dellas, ja tinham filhos em estado de casar.

Em uma noite, *Zuli Antonio Pé de Pinho*, filho, de *Jacintho Pé de Pinho*, deflorou duas moças filhas de Xico de Paula e Anselmo de Tal, companheiros de trabalho do pae do seductor.

Os dous paes, offendidos em sua honra, recorreram á authoridade e foi decidido que *Zuli* casasse com a de menor edade, uma menina de nome *Celicia Maria*, nascida no dia da *natividade*.

Zuli, era rapaz de caracter depravado, dado a deboches e de costumes corrompidos; não podia por tanto ser bom esposo, principalmente tendo sido seu consorcio contra sua vontade e somente occasionado pelas occurrencias a que deram logar sua torpe lubricidade.

Não vem ao caso narrar aqui os desgostos e afflicções que laceraram o coração de Celicia, o trato endurecido que lhe prodigalisou seu esposo, basta dizer, que depois de algum tempo de torturas e soffrimntos, o ingrato abandonou-a e retirou-se para a provincia do *Spirito Mau* e dahi transportou-se para a do *Pará la*.

A infeliz victima de sua devassidão voltou para a companhia de seu pae.

Correm os annos, e para cumulo de infortunio, Xico de Paula, o pae da desditosa e abandonada esposa, morre; ficando ella so, desamparada e sem abrigo no mundo.

(*Continúa.*)

—Capitão, conhece aquelle sujeito?

—Qual, o de barbas brancas?

—Sim.

—Não conheco.

—E' um celebre dançarino.

—Vem dar algum beneficio no theatro?

—Qual, Sr.! elle já deu um beneficio, mas foi em sua propria casa.

Não se lembra de uma comedia que houve em uma casa que era ao mesmo tempo salão de bailes e casa de educação?

—Lembro-me; por signal que os comediantes foram tres estudantes de parceria com algumas jovens.

—Pois é este sujeito o dançarino de collegio; quero dizer, que ensina a dançar.

—Aqui mesmo em Latronopolis?

—Aqui mesmo, e em collegio de meninas.

—Misericordia! pois um homem desmoralisado e impudico, que não velou pelo que tinha obrigação de zelar, antes concorreu para o mal, ainda acha quem o chame para ensinar em collegio, principalmente de meninas?

—Esses são os preferidos.

—E os directores sabem disso?

—Devem saber; mas é que estão tão cuchados de empenhos dos patricios do cujo, que não teem remedio sinão ceder.

—E' bem mau isso: eu, si tivesse, filhas tirava-as de um collegio que tivesse um mestre nestas condições; e estou certo que os paes não sabem; si soubessem não consentiriam que suas filhinhas aprendessem com um homem que perdeu a reputação e criterio.

—Era melhor que elle fosse para Cachoeira trabalhar pelo officio de alfaiate, do que estar aqui, sem pudor algum, depois de uma occurrencia tão vergonhosa, como a de que foi theatro a casa delle, e cujo principal personagem foi elle proprio.

Agora anda inculcando o filho, o proprio que contribuiu para o desfecho de tão escandaloso facto, e que é accusado de seduzir uma moça na casa do pae, em um baile do costume, com a qual foi obrigado a casar.

—Misericordia! valha-me S. *Quirino! Basta*, não me conte mais immoralidades e devassidões; diga-me só o nome do cujo.

—Eu não sei.

—Pois V. que dá sota e *bastos* de tudo, não o conhece!

—Não.

—E' preciso que o *administrador* dos estudos saiba disto, pois um homem de tal natureza e costumes, não pode ser mestre; creio que a lei da instrucção prohibe.

—Eu acho melhor que V. Ex. mande o muxingueiro dar-lhe umas quinhentas calabrotadas, e depois de metter a cara do ilheu na cloaca do navio, jogal-o no porão com dous machos aos pés.

CONVERSA DO MARINHEIRO E DO SOLDADO.

M.—Então camarada, como tem ido com a sua empreza?

S.—Muito mal; o velho não toma juizo; cada vez está peior.

M.—Pois com as calabrotadas não se emendou!

S.—Qual!

M.—Acho bom que lhe rape a cabeça e deite-lhe um caustico na nuca.

S. Estou vendo que tomo o seu concelho, e vou tratar de pegal-o para leval-o para o hospital da Misericordia para se lhe applicar a cadeira de força.

M.—V. ja ia se esquecendo de me contar mais algumas cousas que elle tem feito.

S.—Eu lhe conto uma scena muito interessante. Na terça-feira, dia da festa de S. Domingos, estando eu na venda, onde elle se põe a chocar, a moça ia sahindo em uma cadeira, quando elle vinha subindo o Maciel, foi avistando a namorada e ficou como doudo e logo acompanhou a cadeira, a ponto da moça andar acima e abaixo sem saber que fizesse para se livrar da furia.

M.—Este velho é casado, ou não?

S.—E'

M.—E como faz todas estas cousas publicamente!

S.—O velho ja perdeu a vergonha, assenta que tudo isto é agrado.

M.—Que diabo de agrado é este? Pois tomando os trastes e até a propria area, como V. me disse, que a roupa da moça está em trouxas pelo chão, por causa de 65$? Coitada!

S.—E outra cousa mais que V. não sabe. anda quebrando as vidraças e deitando barris de *cousa porca* na porta da namorada, como aconteceu quando ella morou na rua do Collegio, que o portador da encomenda errou a portae foi deitar na porta onde ha um pé de Oliveira.

M.—Então estou vendo que o tal velho é doudo e bem doudo.

S.—Agora, é que V. sabe disso? E' tão doudo que até diz que não faz caso d'autoridades.

M.—Mas este velho não tem medo de perder o logar?

S.—Qual; fica empregado em logar de carimbo, em um novo emprego creado por elle que é dos amores.

M.—Esse velho, antes pegasse em umas contas e fosse encomendar-se a Deus e deixasse de ser namorador.

S.—Mas o velho ainda diz que está com o sangue na guelra.

M.—Deixe o maluco fallar. Ia me esquecendo de lhe perguntar si elle tambem, pelas calabrotadas que eu lhe dei, deitará demanda comigo?

S.—E' bem capaz.

M.—Elle que venha para cá, que, quando o apanhar a bordo, alem das calabrotadas levará tambem um par de machos aos pés no porão do *Alabama*, a tripulação é boa para isto.

S.—La vem um velho, será elle? é elle mesmo.

M.—Coitado! ja está na idade de caducar. Mas saiamos daqui, veja a defeza que o Justino está fazendo ao carrança; «Nesta benda, camaradas, não quero que Vv. me fallem mais de meu freguez, que é exacto tudo isto que Vv. dizem; porém não me espante o meu belho dos amores e mesmo gosto de meu belho que sabe apreciar que cousas são amores.

M.—Adeus, até outro dia.

S.—Porem venha cá, V. quer comprar uma divida d'elle?

M.—De quanto é esta divida?

S—De 28$ rs.

M.—A quem elle deve?

S.—Ao Januario, no Pelourinho.

M.—Conheço muito, é o meu freguez de sapatos.

S.—Pois bem, ficamos certos.

M.—Já que V. me quer vender a divida tambem quero arrematar os trastes, e quero saber onde existem elles.

S.—Em casa d'elle, porem elle tem se servido nos bailes pastoris.

M.—Pois elle tambem faz bailes!

S.—Não, mais aluga a salla para esse fim, e por 10$000 rs.

M.—Que velho sem pejo este!

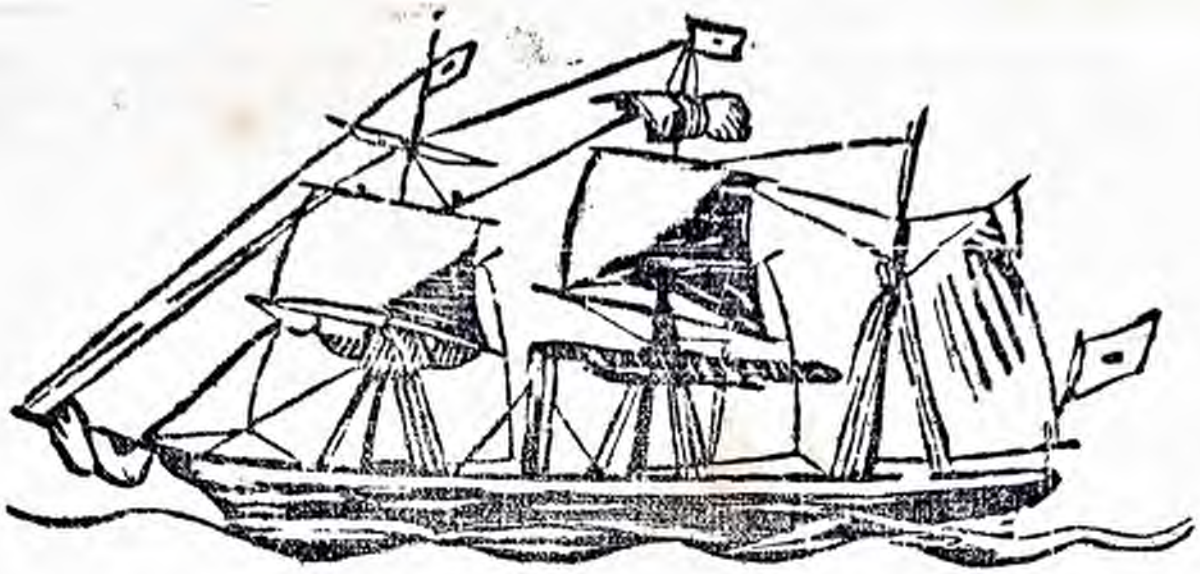
S.—Tem o descoco de appellidar-se *beija a mim* e nega que quando esteve nos *vallasques*, foi processado e quasi perde o logar do carimbo por causa dos grillos que la fez.

M.—Irra que velhaça!

Elles que indaguem. (*Continúa.*)

ANNUNCIOS.

Na Quitandinha do Capim, casa n.° 9, vende-se uma harmonica nova com oito registros proprios para egreja ou capella.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 48.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 23 DE FEVEREIRO DE 1869. Ns. 472 e 473.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, partecipando-lhe que no principio do Caminho Novo se reune á noite uma sucia de capadocios a tocar violão e fazer algazarra. Alguns da pandega, apezar de libertos, andam descalços, para não serem recrutados e entre esses existe um de mãos aleijadas somente para trabalhar; pelo que cumpre que S. S. tome acertadas providencias, afim de que sejam capturados e lhes dê o destino que a S. S. não é extranho.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Santo Antonio.—Tendo sido raptada na noite de sexta feira 19, a menor de 13 annos, Izabel, de uma casa visinha da matriz dessa freguezia, torna-se de restricta e urgente necessidade que S. S. proceda a respeito deste negocio severa e energicamente, não só pela gravidade do facto, como pelo escandalo que elle em si envolve

Consta que a menor fôra seduzida por um *ajudante de padre,* e roubada de combinação com tres *influentes* dessa freguezia, os quaes *abriram sociedade*. Foi conduzida para a rua dos Ossos e dahi, dizem, tem corrido tres freguezias, o que parece é espalhado de proposito para evitar a acção da justiça.

A' vista do que fica dito, confia-se que S. S. procederá de maneira que a lei não fique menoscabada.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, partecipando-lhe que no domingo pela manhan ouviam-se gritos de aqui-d'el-rei dentro da venda Estrella do Norte. Pede-se a S. S. que trate de syndicar do dono da referida venda, sobre o facto, porque, consta, ter sido o caixeiro da mesma que espancara á um moleque. Espera-se providencias a respeito.

—Sabe?

—Vá dizendo.

—A praça de palacio vae tornar-se uma praça modelo; o foco da civilisação da Bahia.

—Estimo muito.

—Ora faça V. ideia quando estiver assentada a *zorra* ou guindaste do Sr. Lacerda, e que ali se reunir uma chusma de africanos ganhadores, pretas a vender carurús e adoblós, lotes de burros de conducção, uma vozeria immensa, que bonito quadro não será!

—Eu logo vi que V. ia sahir-se com uma das suas!

Na verdade, o logar não é o mais proprio para aquella especie de quitanda; mas que quer? *manda quem pode.*

—Que fim levou a policia?

—Anda ahi.

—Mas ninguem a vê.

—Ahi é que está a vantagem della.

A bôa policia, é aquella que sem fazer espalhafato apparece em toda parte, e que sem se fazer sentir, prevê tudo.

—Pois é o que não se dá.

As proprias senhoras são atacadas e desfeiteadas na rua com o sol claro.

Hontem, ás 5 horas da tarde, uma moça bem trajada, foi atacada na rua dos Capitães, e espancada por um capadocio, que queria por força que ella lhe désse ouvidos.

O sujeito, um tal Lulú, santeiro do Taboão, rasgou-a, quebrou-lhe o guarda-sol, rompeu-lhe o bonet, espatifou-lhe as pulseiras e alfinetes e foi-se muito lampreiro.

—Alto lá! Quanto a isso não, que estou ao facto do caso. A moça queixou-se ao subdelegado da Sé e estou certo que elle fará o seu dever.

—Não sabia disso.

Pois vamos a esperar.

—Desabou, na quinta-feira á tarde, o trapiche de carvão de pedra, que fica fronteiro a egreja do Pilar.

—Casa velha.

—Não foi só por ser velha, acresce mais que depositaram um pezo enorme de carvão sobre o soalho, o qual fez desabar toda a casa

—Misericordia! Morreram os pretos esmagados...

—Por milagre da Providencia tinham sahido n'aquelle momento para ir a ponte para descarregar carvão.

—Valho-nos isso! Infeliz dos homens, si o Altissimo não velasse sobre elles!

—Então foi na quarta-feira apreciar os *espectros impalpaveis*, descoberta Mr. Shlosser?

—Infelizmente. Bem palpavel que foi meu cobre no bolso do tal industrioso.

—Dizem que levou uma terrivel pateada.

—Não vi nada em vista do logro que elle pregou no publico.

—Eu logo vi que ali existia cousa, desde que elle não quiz vender bilhetes de camarote de terceira ordem, torrinhas e varandas.

—E depois, o desaforo delle levantar os preços dos bilhetes.

—Mas elle não tem culpa, culpa tem a policia em consentir n'isso.

—Esses estrangeiros entendem que isso aqui é uma tapéra, onde elles podem bigodear o respeitavel publico.

—Agora quem é o causador de tudo isso?

E' o governo que, vendo este sujeito, que andou aqui e no Rio de Janeiro! tirando *calos* sem dor...

—Calo pregou elle no publico.

—..... cedeu-lhe o theatro, por um simples pedido seu, para vel-o extorquir o suor alheio.

—Si fosse um pobre artista chefe de familia, que lhe pedisse o theatro para dar um beneficio, tinha logo em sua petição o prompto despacho:—*Não tem logar*.

—Mas aqui, em minha terra, protege-se o estrangeiro com prejuizo dos nacionaes!

—Milagres de S. Lourenço!

—Então o aceio da cidade está á cargo da camara?

—Do fim do mez em diante.

—Mas creio que ha *perlenga*.

—Eu o que ouvi rosnar é que a camara pretende cobrar do povo os decantados 500 réis mensaes.

—Estréa bem, si fizer isso!

—Mesmo que é preciso um contrapezo ao gravame dos impostos de que se acha sobrecarregado este feliz povo.

—E minorar por esse meio os vexames da carestia dos generos e outras difficuldades que o acabrunham.

—Esses accendedores do gaz são chegados aos extremos. Ou tudo ou nada.

O do Terreiro, accendeu os lampeões na sexta-feira, ás 5 horas e meia da tarde!

—V. sabe si o homem queria se aviar para a procissão?

—Sr. *Cal*, *isto* não está direito!

Vmc. tirar um guarda do batalhão dos *pitús* para *alacaiar* sua familia na procissão do Senhor dos Passos!

—Sou official do corpo, estou no meu direito.

—Deixe de parxolice, rapaz, os guardas são para o serviço publico e não para andarem atraz da familia de qualquer *quidam*, por mais *cathegoria* que elle tenha.

—Na sexta feira, á noite, houve um *trun-dun-dun* no hospital.

—As irmans de charidade que brigaram?

—Deixe as *santas* mulheres, senhor.

—Não diz que houve desordem?

Então foram os doentes.

—Foi na guarda que rolou porretada a valer.

—Ah, nem me lembrava! Então os rapazes fizeram *consoada larga*?

—*Jantaram bem*, á custa de um, de quem desappareceu 5$ rs., e dahi partiu a rixa.

—Que boa gente!

—*Espirituosa*, lhe chamo eu.

—A loja da casa que serve de secretaria a o commando superior está em estado decadente.

Que porcaria!

—Tambem fazem d'ella estrebaria. Quem vae a praça deposita seu cavallo alli.

—E muita gente allivia o peso de certa necessidade.

—Ora deixe estar, que eu heide chamar a attenção do commandante superior para isso.

—Capitão, consta-me que foram roubados dez saccos de assucar do trapiche 2.º Xixi.

—E' sempre queixas de roubos de assucar! Olhe que aquelle Xixi, aquelle Xixi!...

—Nestes grilos anda gente de colarinho em pé.

Eu prometto a V. Ex fornecer-lhe todos os dados relativos aos grilos do assucar no Xixi.

—E eu prompto a recebel-os.

—Capitão, no domingo, as 11 1|2 horas da noite, um sujeito que se dizia capitao do 5.º batalhão, e que se *deleitava* no botequim do João Gualberto, *turrou* com um guarda do mesmo corpo, e deu-lhe voz de prisão.

Uma baderna de capadocios que estavam sentados nas escadinhas da egreja da Sé, tomou o partido do guarda, e este resistiu á prisão.

Accodiram algumas praças do mesmo corpo, de guarda em palacio, em soccorro de seu companheiro, protestando que morreriam aonde elle morresse.

Os soldados de policia que estavam dentro do botequim *brincando* vispora, chegam tambem.

O tal capitão, agarra o guarda á quem elle tinha dado a voz de prisão pela gola da blusa.

O guarda brada que elle lhe tinha rompido a blusa e que lhe havia pagar outra, sob pena de ir nú para a casa.

Neste paga não paga, está preso não está, seguraram no capitão, e puzeram toda roupa que elle trazia no corpo em tiras, dando-lhe um delles um pontapé e atirando-o de peitos sobre o passeio.

O pobre capitão quando levantou-se largou a correr, e os guardas e mais capadocios atraz delle a patearem-no.

—Tudo isso é occasionado pelo tal vispora, que se joga até as tantas da noite e onde muitas desordens são originadas.

—Desordens que o Sr. Dr. Pedro d'Abreu, quando foi delegado, estando ali tão perto, nunca ouviu.

—Mas é porque os taes guardas do 5.º andam tambem de costas quentes, por que depois do barulho vieram sentar-se de novo nas escadinhas, blasonando que nada lhes havia acontecer!

—Em que terra estamos nós, meu Deus! Tudo se hade ver aqui!

COUSA DURA DE SOFFRER-SE.

O pobresinho á quem coube em sorte, talvez para purgar velhos peccados, uma mulher ciumenta, dengosa, cheia de fanequitos e desejos, uma mulher finalmente, que deseja saber a razão porque o pai dos filhos recolheu-se as ave-marias, ou porque passou por esta ou aquella rua, tem um optimo purgatorio, e muito peior do que quantas tizanas por ahi existem boas de levar.

Digna de lastima é sua sorte, e bem pode chorar na cama, logar de quenturas.

Os que assim o veem, se compadecem, e ainda que lamentem sua sorte, comtudo se acalam com a lembrança de que, depois de um pouco de ciume, lá apparecem bem bons momentos...

Mas, o que é mais duro de soffrer-se e menos de digerir para os circumstantes, oh! por certo, é um menino malcreado, ou antes perdido pelas muitas vontades que lhe fazem.

Si acontece apparecer em casa uma visita, é rico ver-se o que não faz um tal yoyo Fradinho tão engraçadinho, tão spirituoso, que para não mais dizer, é capaz de afugentar mil visitas, que não uma.

A' um tal conhecemos que, por mera gracinha, ou antes passa-tempo, tanto buliu e escravatou n'um anel d'uma tafula Dona que á casa de seus paes tinha ido, que afinal arrancou o brilhante que ali estava engastado, e que, calindo, se foi sumir n'uma grêta do soalho.

—Menino! gritou d'um lado a mãi; elle escafedeu-se correndo, e apenas para justificar a bella acção digna de boas sipoadas, continuou a mãi de tal amorsinho:

—Olhe que é um ver!.. já não posso com tal traquinas!

A misera da visita, cuja ancia do coração mal se sabe com que estava, apenas riu-se; mas, que riso!

Um outro, inda mais engraçadinho, uma noite accordou n'um berreiro, á querer um canivete, que n'aquelle dia tinha visto em casa do visinho.

Chorou... chorou; e á final não houve remedio sinão o bolas do pai, sahir com boa porção do frio pelo focinho, e ir accordar o seu visinho para expor-lhe o desejo do menino que não se queria accommodar.

Haverá quem ature tal? e não é peior um

traste d'estes, do que quanta ciumenta por ahi ha?

Pois bem, á um cafageste d'estes malcreados, se lembrou seu bello pai, de mandar-nos (gratuitamente) fazer-nos uma visita!

Ja nos vimos em collicas um dia!

Entrou-nos pela sala, fazendo cabriolas, fallando, em tudo bolindo, e á final desejou umas figurinhas que viu sobre as mezas, e nós, misero paciente, não tivemos remedio sinão cumprir o desejo do yoyosinho; e inda hoje rendemos graças á Deus de haver-nos livrado de semelhante praga, que a durar-nos um dia em casa, nos traria mais estragos do que as do Egypto.

Quem tiver pois filhos *tão bem educados*, que os ature.

Que um pae sem forças para corrigir seus filhos, os soffra é justo, já que lhes causa prazer; mas que os envie para casa dos outros.. nada, nada, é bem que só desejaremos aos nossos inimigos.

P'ra lá sinhô,
Vá chorá p'ra lá.

—Os americanos são ferteis em invenções!

Aqui está uma que não deixa nada a desejar.

Melancia estupenda. — Lê-se no *Correio dos Estados-Unidos:*

«Os numerosos commensaes que jantavam á meza redonda de uma das principaes hospedarias do Brownsville (Tennessee) presenciaram um facto, que parecia incrivel, si não fosse affirmado por dez pessoas dignas de todo o credito.

«Um viajante ia partir uma melancia, mas ao metter a faca no cucurbitaceo ouviu-se um silvo agudo.

«Os circumstantes assustados, olharam uns para os outros.

«O partidor da melancia hesitou a levar ao cabo a sua obra, e pediu ao vizinho que tinha ao lado que continuasse, mas elle recusou pertinazmente encarregar-se de tão delicada operação. Finalmente incitado pelos gracejos dos assistentes, que julgavam que havia naquillo alguma illusão de ventriloco, abriu a melancia de alto abaixo e cahiu desmaiado nos braços de uma senhora, que lhe ficava ao pé, a qual teve em seguida um forte ataque de nervos.

«Havia motivo para tudo isto. O interior da melancia servia de toca a uma enorme serpente enroscada em spiral. O monstro estendeu-se pela meza fóra, *quærens quem devoret*, procurando devorar alguem. Felizmente embaraçava-lhe os movimentos a faca com que fora aberta a melancia, e que lhe ficou profundamente cravada no olho esquerdo. A esta circumstancia foi devido não haver alguma catastrophe a lastimar. Um commensal, sacrificando-se para a salvação commum, teve o arrojo de lançar mão da faca e carregar nella com toda a sua força, conseguindo assim suster a cabeça do animal.

«Os outros, tornando a si do pasmo em que estavam prestaram-lhe auxilio, uns com revolvers, outros com garfos e facas. N'um momento a serpente passou da vida para a morte. Tinha de cumprimento 24 pés e 3 polegadas e meia, o que já é uma boa estatura para uma serpente que escolheu uma melancia para morada e achou meio de se introduzir nella sem deixar na casca vistigio de arrombamento, problema que ha de dar muito que pensar aos sabios.

«Um dos nossos compatriotas, que estava á meza, quando aconteceu esta singular aventura, comprou a serpente e mandou-a empalhar para fazer della exposição em New-York.»

LA VAE VERSO

MOTTE

GLOZADO ENTRE O PADRE BUGIA E O DR. ZUMPA.

O prazer da companhia.

Doutor.—Estou fraco sem sustancia,
Vou tomar caldos de gia,
Para ver si assim comsigo
O prazer da companhia.

Leite e ovos ca p'ra mim
As cascas p'ra minha tia
Ella é velha, ja não goza
O prazer da companhia.

Padre.—Dona Anna canta modinhas,
Parece um gato que mia,
Causa somno, faz sumir-se
O prazer da companhia.

Doutor.—Nada de personalidades; gosto disto mais generico,
Nas barrigas das mulheres
E' onde a gente se cria,
Pois é nellas que consiste
O prazer da companhia.

A cachaça em outro tempo,
Bem pouca gente bebia,
Hoje muitos fazem dellas
O prazer da companhia.

Padre.—A creoula Marcellina
Por toda parte me espia;
E' cruel, não quer que eu goze
O prazer da companhia.

Mas que quer, si a tentação
Tem no corpo tal magia,

Que nella somente eu vejo
O prazer da companhia?

Não gosto da Cassiana
Por ter bunda de cutia,
Seus agrados não despertam
O prazer da companhia.

Doutor.—V. Revm. será primo do Ze Monteiro, do theatro? Tem tanta facilidade nos versos! Pois agora tome a minha

Em protesto de mulheres
De veras ninguem se fie,
Pois pertubam com ciumes
O prazer da companhia.

Padre.—Bravo! bravo! Ouça o remate:

Passei na porta da Clara
N'uma hora em que chuvia;
Fui desfructar junto della
O prazer da companhia

A ambição que andou corrida,
Um tempo (qualquer que seja)
Refugiou-se na egreja;
Foi alli bem recebida,
E' em toda acção ouvida,
E a primeira consultada.....
Vendo paga adiantada,
Ou ao menos bem segura,
Profana a acção mais pura,
Vende a cousa mais sagrada;

Eu não sei em que consiste
O que chamam branquidade!
Si na cor, si na entidade,
Ou si tem outro algum chiste,
Si monarchas nunca viste
Sabes si elles brancos são?
Os brancos em conclusão
Levam bispotes ao mar;
Por ladrõss vão a enforcar;
Onde está ser branco então?

Onde está o ser branco então?
Não busques no exterior,
Que o accidente da côr
Não é que dá distincção;
Prescruta o seu coração,
Vê si tem uma alma nobre,
Genio illustre, inda que pobre,
Acções de homens de bem;
Si nada disto elle tem,
E' negro por mais que obre.

Eu vejo um branco de bem
Dentro de uma carruagem,
Na trazeira leva um pagem
E este é branco tambem;
Não me dirá, pois, alguem
Onde está a distincção?
Ambos elles brancos são,
O de dentro e o da trazeira;
Não se dá maior asneira.....
Onde está o ser branco então?

Onde está o ser branco então?
Dentro d'alma estão os dotes;
Ha reis pretos, sacerdotes
Grandes, em toda a nação:
Mostra a prata branquidão
O ouro fusco é mais nobre;
A côr é um veu que encobre
Bons e maus; o sangue é egual;
Quem põe nelle o essencial;
E' negro por mais que obre.

E' branco o papa e o rei,
Fidalgo, duque, plebeu,
O mouro, o indio, o judeu,
O pastor que guarda a grei;
Tapuia é branco por lei;
Os carrascos brancos são;
Marquez, criado e vilão,
Mochilas e mariolas
E' branco tudo... Ora bolas!
Onde está o ser branco então?

Á PEDIDO

—Capitão, supponha V. Ex....

—Ah, ja vem com supposições?

—Sim, para depois apresentar-lhe um facto.

—Ora vá la essa bambochata.

—Supponha que em Latronopolis, como na Bahia, ha uma rua chamada de S. Francisco de Paula; que nessa rua onde ha um pé de *espinheiro* mora uma familia a quem está confiada uma moça filha das *ilhas pequenas*.

Supponha que um official da policia de Latronopolis, indo destacado para as *ilhas pequenas*, viu la a moça e gostou della;

Que, passados tempos, sabendo que a moça estava em Latronopolis em casa da dita familia, apresentou-se ahi n'um bello dia dizendo que ia, a mandado de certo Dr., pedir para que a moça fosse passar tres dias com a familia do mesmo;

Que a familia de S. Francisco de Paula, sabendo das relações que haviam entre os parentes da moça e a familia do Dr. quando esteve nas *ilhas pequenas*, annuiu, mas que, por precaução, mandasse uma preta accompanhal-a;

Que o official da policia em vez de conduzir a moça para casa do doutor, em nome do qual a tinha ido buscar, a levasse para sua casa;

Que a preta admirada disso, corresse a participar a sua senhora o occorrido.

Que em resultado descoberto a trama se viesse a saber que o official abusou torpemente do nome do doutor para seduzir a moça levando-a para sua casa;

Ora, suppondo que tudo isso fosse real, e acontecido ha tres dias, o que faria V. Ex?

—Demettia o official immediatamente.

—Mas, supponha ainda que o official era da privança do governador, e até seu *ajudante* de campo?

Ainda mais depressa o demitteria, porque o governo deve se cercar de gente moralisada.

—Ah, V. Ex. pensa assim?

—Que duvida!

—Pois eu creio que, em Latronopolis, o official que praticasse isso, em logar de censura, teria um elogio.

—Ha mysterio por aqui!

—Não lhe pareça!

—Aquelles vultos que vão e vem, depositam o quer que seja em baixo da *amoreira* plantada no alto daquella *rocha*.

—Si tivessemos algum combustivel, ainda que fosse *carvão de pedra*, fariamos uma fogueira, para ver o que era.

—Quem nos podia fornecer eram aquelles pretos da *chalupa* do *Antoniquinho* de *Mello Brandinho*.

—Mas si é de lá que os vultos vêm?

—Tem razão. Então retiremo-nos que são 11 horas e tanto e daqui a pouco é 26 de janeiro.

(Continuação.)

—Capitão, passados alguns annos surgiu a *guerra do sul* e o esposo de *Celicia* alistou-se nas fileiras de um corpo que *voluntariamente* ia defender sua *patria*.

Na refrega de um combate, cahiu mortalmente ferido e antes de expirar declarou que era casado, e pediu que entregassem o que lhe pertencia á sua esposa.

—Era o arrependimento da hora suprema.

—Na esquadra, havia um *herbolario* irmão do morto, de nome *Lefinto*.

Este escreveu ao pai dando a triste nova e pedindo á viuva procuração para poder recolher os espolios de seu marido.

A viuva de nada soube.

Um dia, porém, corria o mez de setembro de 1867, viu apparecer em sua porta o Dr. *Lonelis Filho do filho*, procurando-a com grande empenho.

O Dr. mostrou-se interessadissimo pela sorte da viuva, conversou largamente, deplorou as privações que ella soffria e concluiu promettendo tomar a si o cuidado de procurar alliviar-lhe o peso do infortunio, para o que se tornava necessario que ella lhe passasse uma procuração.

E a incauta mulher acreditou que eram sinceras essas promessas e chegou a capacitar-se que aquillo era um linitivo que se lhe deparava a seus males.

O astuto Dr. ja vinha preparado, puxou do bolso uma procuração e a ingenua senhora assignou-a.

—Que cavalheiro de industria!

—Realisando seu intento, sahiu da casa da viuva contente, vendo que seu plano de rapinagem não falhava.

Antes de sahir, porém, prometteu á viuva voltar dahi á dias para dar conta do resultado.

Essa promessa, apenas elle transpoz o limiar, foi esquecida, porque so voltou na vespera de natal.

(*Continúa.*)

—Misericordia, capitão!

—O que viu, homem?

—Olhe uma *onça*, capitão.

Fujamos!

—V. está sonhando.

—Veja ali. Tem malhas douradas que parecem *agaloadas*.

—Mas qu'é de ella?

Não a vejo.

—Repare, la barafustou por uma *fresta do trem de paz*.

—Forte manicaca!

—V. Ex. duvida?

Ha muito que eu vejo dizer que anda por estas immediações uma *onça*, e até que um *pequeno* de nome *João* levou o *buzio*.

—Vá p'ra lá, homem!

—Diga V. Ex. o que quizer, a fera entrou, e, si apanhar algum *menor* desgarrado, é capaz de *devoral-o*.

—Bobo, V. não vê que si realmente penetrasse alguma *onça no trem de paz é uma hora da noite* e os meninos estão deitados?

—Assim mesmo correm risco.

—Em sua esquentada imaginação.

Sr. *Guilherme*, *marque* mais esta em seu caderno. Este fobas do *Souza* sahindo comnosco á observações na *noite de 8*, quasi borra as ceroulas por ver um vulto que entrou no *trem de paz* e que elle julgou ser uma *onça*.

PARA DEPUTADOS PROVINCIAES NA PROXIMA ELEIÇÃO.

1 Dr. José Luiz d'Ameida Couto.

2 Dr. Antonio Euzebio Gonçalves de Almeida.

3 Dr. Pedro Antonio de Oliveira Botelho.
4 Major Antonio de Souza Vieira.
5 Dr. Gustavo Adolpho de Sá.
6 Dr. Antonio Garcia Pacheco Brandão.

Um amigo do merito.

—O *Universal* inculca-se de muito recto e faz disto:

Embirrou a semana passada com os pobres farinheiros de *Valença* por exporem a venda o seu genero em frente a ponte da *companhia* que sendo ingléza, chamam da Bahia.

—Entretanto ha muito que elle vê os homens alli nas terças feiras á vender farinha.

—Mas não olha uma porção de madeiras e cascos em frente do armazem do *Aza-Preta*;

Não vê o entulho de tijollos e madeiras que existe em frente do armazem do sujeito que tem *companhia* em *Guimarães*;

Ainda não enchergou uma immensalidade de caixões vasios e de paus em frente do armazem que vae em *progresso*;

Não vê telhas e tijollos tomando a frente do armazem do cujo que se faz de *bernardo* para passar.

Não vê o tulheiro de pedra, que está á toa em frente de um *armazem*, a qual si não se tem *furtado*, é por que não querem.

E assim por de mais.

PARA DEPUTADOS GERAES PELO 1.º DISTRICTO.

1 Dr. Pedro Eunapio Deiró.
2 Francisso Justiniano Castro Rabello.

Um conservador independente.

PARA DEPUTADOS GERAES PELO 1.º DISTRICTO.

1 Marechal de campo Alexandre Gomes de Argollo Ferrão.
2 Dr. Marcolino de Moura Albuquerque.

—Quando se quer fazer as cousas, é assim!

Nesta terra, ninguem conhece o direito nem o avesso!

A razão está sempre do lado de quem tem padrinho,

Culpado só é quem não tem protecção.

Aqui, quando se quer proteger, é cegamente; quando se quer perseguir, não se guardam considerações.

Do mais leve indicio forja-se um processo, ao passo que absolvem-se grandes e reconhecidos criminosos!

Ora attenda-se bem para o seguinte facto:

Duas mulheres, Ignez e Maria Solomé, tiveram uma altercação e foram a vias de facto.

Foi uma simples questão, accommodada no mesmo instante.

Não houve o menor ferimento; alguns arranhões apenas de parte a parte.

Maria Salomé, continuou no seu giro á praça do mercado, todo dia até á noite.

No outro dia, porém, aconselhada por alguem, metteu-se na cama, mandou applicar sangue-sugas no corpo, e inventou que estava gravemente espancada!

Não admira que a *spirituosa* cabeça de Salomé tivesse tino para tal astucia, o que pasma é que sem provas se formulasse um processo por crime inaffiançavel!

Ahi está o Sr. Bittencourt, digno supplente de subdelegado do Pilar, á presença de quem foram as rixosas e que não achando motivo de culpa, contentou-se em admoestal-as para que não continuassem a brigar. Elle que diga se viu alguma lesão ou ferimento.

Porém isso ainda não é tudo.

Que quem brigou fosse processada, va; mas que se envolva na rêde desse monstruoso processo a quem não tomou a menor parte no barulho, é cousa de pasmar.

Entretanto é o que se dá! Processa-se a quem nem no logar se achava na hora do conflicto.

Resta agora esperar pela decisão da opinião publica,

***

CHAPA POPULAR PARA DEPUTADOS PROVINCIAES PELA CAPITAL.

1 José Calisto de Oliveira.
2 João Antonio Pestana.
3 Pedro dos Martyres Rocha Genebra.
4 Francisco Baptista Correia.
5 Dr. Francisco de Azevedo Monteiro.
6 Augusto Fabio Rangel.

VARIEDADES

ADVINHAÇÃO.

Uma mãe teve uma filha,
Essa filha não nasceu;
Sendo filha, não tem mãe,
E sua mãe não morreu.

Vivem juntas, bem que ausentes,
Ambas tem a mesma edade,
Mas a filha ficou velha
E a mãe'stá na mocidade.

Só comem quando teem sede,
Só bebem quando teem fome;
Uma é de um pólo, outra é d'outro,
Ambas tem o mesmo nome.
Quando uma ri, outra chora;
Quando uma dorme, outra vela.
Sem ter filho, a filha é mãi;

E sua mãe é donzella.

No verão a mãe tem frio,
No inverno a filha abrasa;
Mas a filha, quasi gelo,
Faz a mãe ficar em brasa.

Nasceram ambas n'um dia,
E, por nova maravilha,
Deve a filha ser a mãe,
A mãe deve ser a filha.

De uma carta por um amigo remetida á nós extrahimos a seguinte noticia mandada por um sapateiro d'esta cidade a um padre em Santo Amaro, com sua orthographia propria

Padre V. não deche de vir depressa pra aproveita a maré de se imbocá im alguma muxiba de vigaro, tem havido muitas vargulas tem morrido mais vigaros di que caxorros na rua, a friguizia da Conceção da Caxuera já tem cinco pretendentes provados; e tambem a friguizia de Maragogipi esta vazia mais o povo anda dizendo que só quem hadi metê o naris là hade se padi gordo pur que mago não tem toicinho pa linguiça; voce non se esqueça roscorde a cartia de meste Joze pra sabé fala na dutrina, e vê pia a istolia, qui eu logo a proveto di mi incaxá di sancristão, i eu já sei ajudà missa o qui mi farta só he raspà a cabeça e fazê batina. Venha dipresa antes qui o fio de Sinha Xiquinha xegue: o testo pra si fazê o inzame mi dixerão qui he—Di nico vobis, pecatis meis contre me dicentis—

Seo Amigo e patriço

Mané Piaba.

—Cousta que o padre respondera:

Mané nestes dias até o meiado do mez não posso ir porque a Janinha está para ter o seu bom successo, e eu não sei como hade ser isto por que a Sussù que era sempre quem partejava está em S. Felix com uma perna quebrada.

OBJECTOS DE LUXO NA BAHIA.

O sino da cadeia.
O cruzeiro de S. Francisco.
A casa da moeda.
O forte da Lagartixa.
O canal da Jequitaia.
A artilheria do forte da Barra.
O relogio do convento de Santa Thereza.
A torre de S. Pedro novo.
A capella-mor de S. Bento.

OS COMPADRES E O BURRO.

—O' compadre, venho pedir-lhe um favor. E' emprestar-me o seu burro para ir ver as eiras, porque o meu está manco ha tres dias.

—Compadre, sinto muito não poder servil-o, pois meu sogro levou o burro esta manhan. (Ouve-se dentro zurrar o animal.)

—Seja franco; o burro está no corte, porque o ouço zurrar, compadre.

—O que eu estranho, compadre, é que dê mais credito á palavra do burro do que á minha. E' por isso que lh'o não empresto.

FOI BEM FEITA.

Um padre, rico e avarento, não sabendo onde guardaria com segurança seu dinheiro, escondeu-o em um logar da sachristia e escreveu em cima:—*Dominus est in ipso loco* (o Senhor está neste logar.) Um outro tirou d'ahi o thesouro, deixando a inscripção seguinte: *Surrexit, non est hic.* (Ressussitou; já não está aqui.)

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 6.ª folha de ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

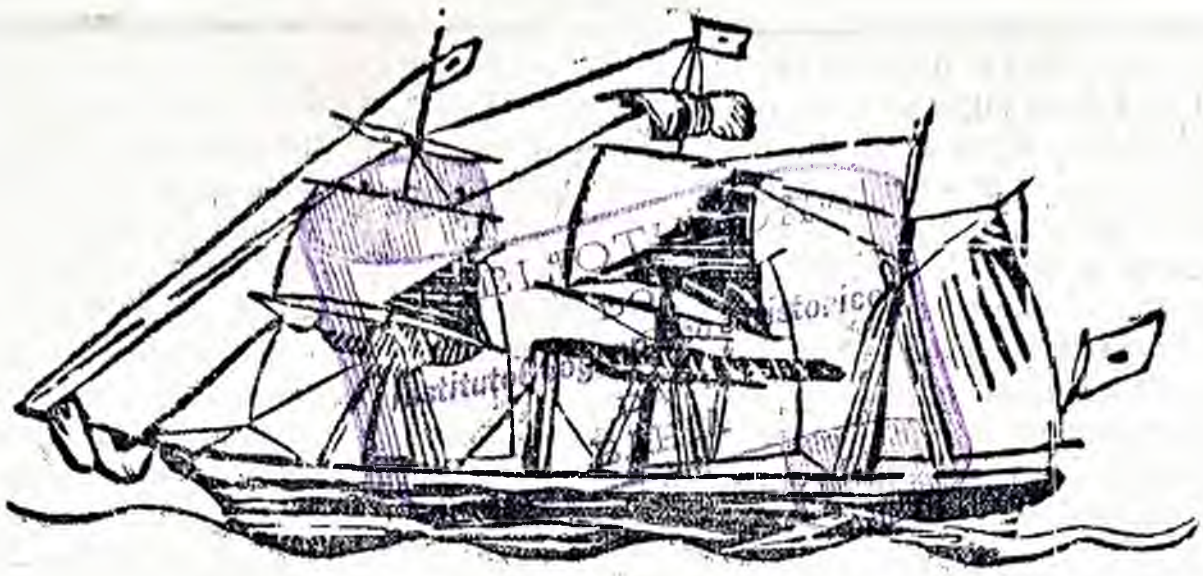
De ordem do actual conselho administrativo são convidados todos os Srs. socios effectivos para a reunião d'assembléa geral, na quarta-feira 24 do corrente, ás 6 horas da tarde, em vista de não ter comparecido numero sufficiente dos mesmos Srs. socios, no domingo 21, afim de poder ter logar a posse do novo conselho e da respectiva commissão de contas, o que se fará agora no dia acima designado com o numero que comparecer, além do de que se compõe o conselho, segundo a disposição dos estatutos. Bahia 22 de fevereiro de 1869.—*A. R. de Sant'Anna*, 1.º secretario.

Sahiu á luz a walsa SYMPATHIA e a mazurka JULIETA, por Francisco Santini, author da BORBOLETA.

Vende-se em casa do author, ladeira de S. Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do Sr. Conde, ao Rosorio; loja do Seixas, ao Pelourinho; e na Calçada, botica da esquina do becco do Godinho.

Acha-se em impressão a TOMADA DE VILLETA, grande galope.

O padre João Cancio de Andrade, authorisado pelo conselho de instrucção publica, offerece-se para ensinar as linguas latina e franceza, em qualquer collegio, ou casa particular. Para tratar á rua da Preguiça n.4, 2.º andar.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 48.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 25 DE FEVEREIRO DE 1869. N. 474.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que, tendo-se dado o facto de ter sido encontrado no Caes Dourado um preto do Sr. Moreno atrozmente espancado, bem como os instrumentos do supplicio, ficou isso *abafado* no silencio, até hoje, pelo que pede-se a S. S. que se digne dar providencias para que proceda a acção da justiça sobre o author de tanta crueldade.

—Ao Illm. Sr. inspector d'alfandega, partecipando-lhe que nos informam, de que em um navio, á carga para Montevideu, ha grande porção de assucar sem despacho; assucar esse, que tem sido ultimamente roubado em diversos trapiches, e cujos trapicheiros não se tem queixado, por estarem incursos na pena de contravenção, por depositarem o genero nas pontes, o que é prohibido pela pauta dessa repartição, preferindo elles antes soffrer o prejuizo do que pagar a multa e sujeitarem-se ao respectivo balanço. Para que não se leve a effeito a mencionada fraude com grave lesão das rendas publicas, leva se ao conhecimento de S. S., para que mande empregar toda vigilancia, afim de descobrir-se si realmente existe, em algum dos navios surtos no porto, assucar embarcado sem as formalidades legaes.

—Ao Illm. Sr. administrador da casa de prisão com trabalho, para que informe sobre o seguinte:

Si é exacto que em uma noite da semana passada, ás 9 horas, teve um forte ataque o preso Militão da Rocha Pitta, e, bradando por soccorro todos os presos, a ponto de, para chamarem attenção, tocarem apitos e fazerem grande bulha no soalho, ninguem appareceu, sinão á uma hora o 2.° enfermeiro;

Si é exacto que nem S. S., nem o seu ajudante dorme no estabelecimento;

Si é exacto que a comida dos presos é pessima e diminuta, e que o cosinheiro vende rações á aquelles que querem comer mais;

Si é exacto que nem vassoura ha para se varrer a casa;

Si é exacto que os presos que vão para o hospital de charidade, quando voltam, não encontram o que lhes pertence;

Si é exacto que ha pouco, receitando o medico agoa sedativa para um doente ás 9 horas do dia, só ás 5 da tarde foi satisfeito;

Si é exacto que, quando S. S. ahi vae, se demora ao muito duas horas, tempo em que come o seu cavallo;

Si é exacto que no tratamento e plantação de capim para o mesmo (cavallo), occupa S. S. diariamente quatro presos.

Tudo isso é apregoado pela voz publica, e para desfazer semelhantes increpações, que podem ser infundadas, cumpre que S. S. esclareça com urgencia á respeito.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.° dis-

tricto, ponderando-lhe que não sendo licito nas casas de bilhar jogar se o vispora e mais jogos prohibidos, sirva-se S. S. de acabar com a esperteza de um sujeito, que só visa o interesse do seu *eu*, e o *genio* tem de um industrioso, que anda a arranjar-se nas costas dos incautos, attenta a minestra de que usa o sobredito cujo estabelecendo um bilhar para com este pé ter toda especie de jogos, aos quaes concorrem muitos filhos-familia, que muitas vezes sahem d'ali pela manhan ao despontar a *Estrella do Oriente*.

— Ao mesmo, insistindo na reclamação a respeito de duas casas de jogo, estabelecidas nas lojas da casa onde foi directoria dos estudos, á vista das desordens que continuam a se dar ali todas as noites.

« — Esmolla para um voluntario da patria, pelo amor de Deus. »

— Tome, meu amigo; que V. é um espelho da miseria desta terra! Um voluntario da patria esmolando de porta em porta!

— Conhece este homem?

— Pois não.

Chama-se João Carlos de Souza França, embarcou desta cidade no batalhão do finado tenente coronel Mundim Pestana. Combateu nos dias 18 e 24 de maio e foi baleado na perna direita. A baixa, de que elle se accompanha para esmollar, reza tudo isso.

— Vergonha eterna para ti, paiz ingrato, que tão mal pagas os serviços dedicados de teus filhos!

Maldição, sobre ti, terra madrasta!

— Recaia toda ella sobre esse governo deshumano que galardoa o crime, recompensa o vicio e se esquece dos que servem com abenegação e desinteresse.

— Que desgraça, meu Deus!

— Entretanto, este homem, que o Sr. vê, não é um miseravel.

E' natural do Rio de Janeiro, e sobrinho do finado conselheiro Manuel José de Souza França, presidente que foi daquella provincia; é herdeiro de uma fortuna, de mais de vinte contos, que seu tutor, João Mauricio Belem, desfrueta em Nictheroby, não sei a que pretexto.

— Ao passo que elle aqui, para comer, pede pelas portas um pedaço de pão!

— Veja como são as contrariedades deste mundo!

— Ha cousas, que só com uma mão de ferro!

— Rapaz, socegue.

— Olhe que ha gente capaz de tudo!

— O que foi?

— Pois um tal *Antonio*, que tem balda de dar *coques* nos meninos, não teve a proterva de seduzir uma menina nos Coqueiros, antehontem, pela madrugada, leval-a para a Estrada das Boiadas, passar o dia com ella no matto e abandonal-a, sem saber caminho nem carreira?

— Que malvado!

— Que merece um monstro destes?

— Não me pergunte; espere para ver o que faz o subdelegado do Pilar.

— E' bem lembrada esta!

— Qual?

— Ha por exemplo incendio em uma casa, vae-se ao sineiro para tocar fogo e elle diz que tal não faz, sem ordem do subdelegado!

— Em parte é rasoavel.

— Ora, em parte! E' preciso saber si esta parte compensa o estrago que fará um incendio que podia ser atalhado em principio, reclamando promptas providencias com o toque do sino.

— V. sabe? As cousas de dizer, são faceis, e executar é que é ellas.

LA VAE VERSO

Vê-se homens nesta terra,
Noite e dia pelas ruas,
Cuidando da vida alheia
Sem repararem p'ra suas.

Vê-se andar impostorando
Vil charlatão sem criterio,
Fazendo de cousas futeis
O mais terrivel mysterio.

Vê-se o damnado agiota
Da viuva extorquindo
Tenue, mingoado recurso,
E dá desgraça sorrindo.

O sabido pharmaceutico,
Que com duas cascas d'alho
Empinge gatos por lebre,
E cebola por bugalho.

Vê-se astututo jogador,
No jogo, com tal audacia
Enganando aos inexpertos,
Com maldade e perspicacia.

Vê-se tambem mui lampreiro,
Da mais pervertida seita,
Um homem vil, um frascario,
Que á muitos a perder deita!

Ve-se outro, trapasseiro,
Com cara de *Peixe-Gallo*,
Em fomentar mil enredos,

Consiste o seu mór regallo,

Eis que chega a *certa casa*,
Um caixeiro de cobrança,
Levado por um *melcorio*
Com quem travou alliança.

Para o joguinho do monte,
Stão as cartas preparando,
Dahi a pouco o caixeiro
Está na mesa *brincando*.

Embebido no *brinquedo*,
Fica de todo esquecido,
E' de dar contas de si
Não se lembra; irreflectido!

Torra o seu e o do amo
Engolfado no vulcão
E quando não tem remedio
Conhece seu erro então.

Brada o louco: «o que fiz eu?
Perdeu-me o maldicto jogo!»
Reflectindo no descredito
A lhe queimar como fogo.

E da casa do patrão
Eis o rapaz empinado,
Soffrendo o amo um bom logro
E elle desacreditado.

A policia bem podia
Estes achaques curar,
Si um pouco mais vigilante
Si quizesse ella mostrar.

Mas a tal Sra. Dona
E' bastante preguiçosa!
So se move lentamente,
Se arrastando vagarosa!

A PEDIDO

—A moralidade publica reclama de S.Ex. o Sr. presidente da provincia o desagravo de um insulto atirado á face da sociedade, a desaffronta de um desacato ao pudor das familias.

Um empregado da provincia, da *confiança* de S. Ex., pretendeu, um dia destes, subtrahir do poder de uma honrada familia uma menina, para fins torpes, usando para isso de vis e reprovados subterfugios, com o que logrou levar a victima até o covil onde tencionava perpetrar a acção selvagem, o que, si se frustrou, foi por um desses accasos providenciaes.

S. Ex. tambem é pae de familia, e por tanto lance os olhos para isso.

O ajudante.

—V., que ja foi outr'ora,
Em *Guimarães barateiro*,
Do rebanho de Cupido
Quer arvorar-se em vaqueiro?

Que rapaz! Como é gaiato!
Na materia é muito fino?
Quer agora se encaixar
Em certa *torre* sem sino.

Mas a torre está *viuva*,
Pois que o sino lhe tiraram;
Coitadinha! não *dá horas*
Que o badallo arrebentaram.

V. quer subir na torre?
Eu sei o que vae fazer:
Vae dar beijos no retrato
Onde não lhe possam ver.

Faz bem. Acho até prudente
Que seja mais recatado;
Não beije mais o retrato
Em um balcão recostado.

Muito embora V. diga,
Quando em fervor acceso,
Que a *prenda* lhe foi as mãos
Por um famulo do teso.

Quer ouvir? De uma roseira
Do *Caes do Prata* no cume,
Cujas *rosas* bem, que murchas
Ainda exhalam perfume;

Va respirar a fragancia,
Tomar fresco na cachola,
Do contrario, nesse andar,
V. transtorna da bola.

(*Continúa.*)

—Quem conhece o ladrão e não se livra delle é porque quer ser roubado.

—E' claro como a luz do dia.

—Nesse caso estão os homens da V. O. das *Tres Pessoas*.

Sabem que tal é a boa chita do *lezador* e conservam esse refinado tratante, que, para entrar para ali, foi sob condicção de entregar as duas jarras que tinha surripiado.

—Mas não sabe que o sujeito é protegido por alguns *irmãos*, que se empenharam para la o encaixar?

—Ah! é então por isso.

Quem receia um *sapinho concho*?
Pequeno reptil que se esmaga com a ponta da botta, como ao mais asqueroso persevejo!
Ameaças o que valem, estupidarrão?
Ora bolas! Esse biltre tem cousas!

—*Sr. Guimarães*, quem era aquelle sujeito que andou na sexta-feira de Passos correndo todas as ruas da cidade enfronhado em uma capa?

—Não era um que andava pelas casas das meretrizes, e que esteve em casa de uma *pastora* de Jerusalem nas Portas do Carmo?

—E' esse mesmo.

—E' um logista que se diz *barateiro*, vendendo mais caro que os outros.

—Será um que tem loja no *corpo santificado*?

—Vá por ahi.

—Então já sei quem é. E' um gallego que tem barbas *por borra*, como dizem os capadocios.

—As pessoas, que moram e negociam no Caes Novo, são testemunhas de que na questão que houve entre Maria Salomé e Ignez, não tomaram a minima parte Lucrecia e Euphrasia. A primeira destas, nem se achava na hora do conflicto e a segunda apenas accommodou. Entretanto, são ellas involvidas n'um processo e perseguidas tenazmente, talvez para cevar odios de alguem, que induziu Maria Salomé a incluir na queixa que deu contra Ignez, os nomes das duas, que nem de leve se involveram na contenda.

Os espiritos desapaixonados veem que em todo este tecido, so houve um fim unico—o de tirar vingança mesquinha, a muito tempo entranhada.

—Sr. Moureirinha, o que fez daquelles dez saccos de po sacharino apprehendidos pelo seu guarda a 23 do passado?

—Como eram para o Paiva, deixei passar; mandei-os entregar.

—Excellente! De sorte que o senhor só tinha acção, como authoridade, para aquelles que não eram do peito!

Aos dignos Srs. Dr. delegado e subdelegado do Pilár, pede se que não deem ouvidos ás fallacias de um industrioso, que se queixa de ter sido illudido em uma casa em S. Francisco de Paula.

Esse individuo, costumava, quando vinha á cidade á ir á dita casa divertir-se com outros, jogando o solo, o écarté, a ronda, o monte, etc., e, assim como perdia, ganhava tambem.

Ultimamente, perdeu em um dia 200$ rs. entre diversas pessoas e sahiu pacificamente.

No outro dia, porem, teve a baixeza de ir queixar-se á authoridade que tinha sido roubado!

S. S. o S. subdelegado do Pilar apresentou-se na dita casa ás 5 horas da manhan, correu-a, e permitta S. S. que daqui lhe observemos, que foi um pouco excessivo, pela maneira severa com que portou-se.

Que criterio pode merecer o individuo que vae denunciar de si a authoridade aquillo que os mais procuram occultar?

Ss. Ss. devem attender que o fim que levou a esse individuo á dita casa foi o desejo de ganhar e portanto não tem direito de queixar-se.

Todos os que vão jogar é na esperança de apossar-se do alheio e não se devem queixar da adversidade da sorte.

A' vista do que fica dito, pede-se a Ss. Ss. que despeçam esse importuno que lhes vae roubar o tempo, e elle que use de seu direito dando a competente queixa contra aquelles por quem se diz estar lesado.

A razão.

—Quanto povo apinhado!

Que logar é este?

—A ladeira dos *pés de gamellas*.

—Mas o que é isto?

—Negocio de um defloramento.

—Como andam quentes!

—Um, Sr. com *ares tidos* por *mansos*, màs lascivo como um *mouro*, que, encontrando na *camara* a cunhada, defloreu-a.

—Quanto cynismo!

—E depois, dizem que para não se divulgar, prenderam a menina em um quarto incommunicavel.

—Pare ahi. Isso é um escandalo á moral.

—Mas não é segredo, porque o caso já anda pela subdelegacia do *Chaveiro do Ceu*.

—Luiza de Lignerolle. —Sob este titulo subirá a scena no sabbado 27 do corrente mez, o drama em 5 actos traducção do Sr. Mendes Leal (Antonio,) em beneficio do eximio artista dramatico, o Sr. Antonio Augusto Xavier de Macedo, o qual desempenhará o papel de Henrique de Lignerolle e sua consorte D. Antonia Joaquina de Macedo, o de Luiza de Lignerolle.

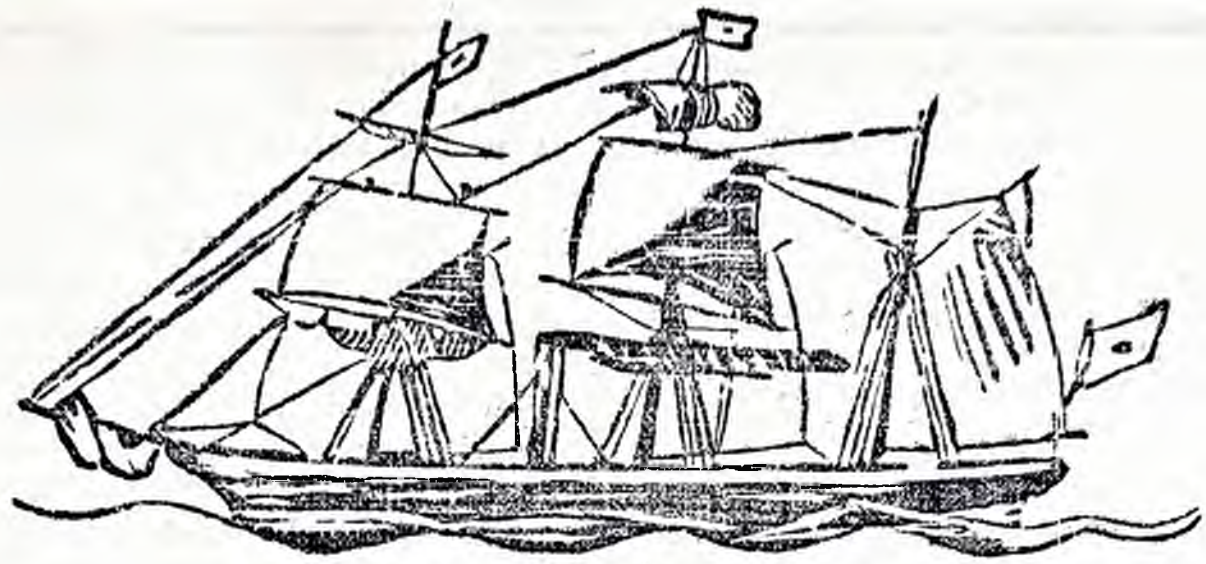
E' pois de esperar do illustrado publico desta cidade geral concurrencia, para tão sublime espetaculo.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 7.ª e 8.ª folha do ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS.

Na loja de trastes, á rua da Preguiça n. 53, de Pedro Joaquim da Costa, contrata se alguns pretos para o serviço de forno de cal, preferindo-se captivos.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 48.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 27 DE FEVEREIRO DE 1869. N. 475.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, de novo chamando sua attenção para o 1.° andar do sobrado n. 40, a rua da Preguiça, onde ha permanente ajuntamento de africanos escravos, que muito perturbam o silencio á noite, com cantarolas e danças.

—A Bahia está perdida! Está mil vezes peior que Latronopolis!

As egrejas ja servem para escondrijo de roubos!

—Quem é que lhe contou isso?

—Pois não soube que hontem ás 4 horas da tarde, apprehendeu-se na egreja do Hospicio uma porção de saccas de assucar que estavam ahi agasalhadas?

—Até agora, não.

—Misericordia! Uma cousa tão publica; que ajuntou tanto povo!

—Ignorava.

—Sua policia anda atrazada.

A melgueira descobriu-se na occasião em que sahiam 18 saccas para a rua. Encontraram-se saccas de diversas marcas.

—Está claro que descobriu-se o ladrão.

—E' provavel; mais ja se falla que a balburdia dos empenhos é tanta, que ha de abafar tudo.

—Tambem não creia nisso.

—Eu sei, eim! *Aquella cousa* costuma sempre quebrar no c...ostado do fraco.

—Esta cidade vive deserta como um cemiterio, a respeito de policia!

Os ladrões fazem o que querem!

Roubam á qualquer hora sem o menor embaraço!

—Isso é alguma que ja fizeram, que V. quer dar noticia,

—Como de facto,

Na quinta feira, amanheceu arrombada a loja de alfaiate do Sr. João, por baixo da casa onde foi directoria dos Estudos, á Estrada Nova.

—Mas ali ha duas casas onde se joga até amanhecer.

—Disso é que eu me admiro.

Entrando gente e sahindo a toda hora, os ladrões poderam abrir a porta e levar o que lhes fez conta sem serem presentidos.

—O que diz a isto, meu rico?

—E' uma arbitrariedade á Lopez.

—Não lhe pareça!

—Ainda queria mais?

Um rapazinho, um menino, conduz dois cavallos carregados de carvão. Chega a praça de palacio, onde assiste o presidente, onde está a camara, a relação, o foro etc., e um guarda de Brotas o prende, sóbe com elle ao commando superior e dahi o conduz ao

quartel da Palma com cavallos, carvão e tudo; o que é isso então?

Onde depositará o seu genero? Quem responderá por seus animaes?

—E sabe Deus, si a mãe e os irmãosinhos não estão com os olhos no caminho á espera que elle leve o producto de seu trabalho, para matarem a fome!

—E vivam as instituições livres deste paiz livre!

—Si nesta casa se tira dentes sem dor, como é que todos os dias ouvem-se ahi gritos desesperados, lamentações pungentes?

—Eu sei la!

—Ora, que qualquer biltre ha de vir para aqui bigodear com este povo de basbaques!

—O viver não é nada, o saber é que é a cousa.

—Apresenta-se um especulador, cheio de palanfrorios, os papalvos affluem e o cujo vae *limpamente* empalmando os cobres e depois safa-se rindo de tanta simplicidade.

—Ora sebo!

—Hontem houve um *ruge-ruge* no arsenal de guerra.

—Que me diz?

—E' isso.

—Mas então?

—O ajudante teve uma contenda com um tal Caldas, e ameaçou-o de metter-lhe a bengala pela bocca.

—Ola! O homem sempre mostra que é militar!

—E valentão!

Mas então, aquillo lá anda assim?

—Assim como?

—Em ares de *viva quem pode*.

—Sr. me deixe! Vm. gosta de bisbilhotar muito!

—Eu pergunto, por que sei como é severo o director e não ha de consentir que na sua repartição se jogue esgrima!

—Era bem bom, que o director, atarefado na *grande obra* de regenerar o arsenal de guerra, tivesse tempo para prever disputas entre seus subalternos!

—Como me constou que elle outro dia, só por desconfiar da fidelidade de alguns empregados, constituiu um tribunal de indagações, a que presidiu, arvorando o José Jorge em audictor, por isso é que digo.

—Eu não sei disto não.

Olhe que as más linguas dizem cousas!

Eu o que ouvi dizer foi que, despedindo a dous empregados, mandou lançar a seguinte nota—*para moralidade da repartição*.

—Nem eu sou capaz de affirmar que o Sr. Paranhos désse tal desfructe, porque sei que rectidão, zelo, observancia da lei, intelligencia, probidade, tino administrativo tem elle a abarrotar.

—O fetido que exhala o gaz desde o Pilar até o gazometro, é horrivel, insuportavel, suffocante!

—E' proveniente de despejarem as safras, para a rua em logar de encanarem-as para o mar.

—Mas a companhia não soffre uma multa?

—Que ha uma multa para isso eu sei; mas queja se a fizesse effectiva não me consta.

—E nesse deleixo vae tudo desta terra!

—E o povo pagando as favas.

—Hontem uma das diligencias do Bomfim ia dando com todos os passageiros que vinham em cima, de cabeça nas pedras.

—Mas como foi isso?

O boleeiro veio por cima do logar em que estão assentando os trilhos, o qual está mais alto, porque ainda não altearam o resto da rua, e vinha tão descuidado que a diligencia deu com a roda embaixo, ficando virada de um lado. Por milagre do Senhor do Bomfim um dos passageiros que vinha em cima não esmigalhou a cabeça nas pedras!

Si elle não é tão ligeiro no pulo, estava morto.

—Todos os dias a imprensa clama sobre a falta de cuidado dos boleeiros e nada de apparecer providencias.

—Valha-nos Deus com estas cousas!

—Que barulho é aquelle no Terreiro de Jesus.

—Quanta gente!

—Tem gente *por borra*.

—O que será aquillo?

—Vamos syndicar.

—Quem é aquelle sujeito que está sem botinas e sem palitot a pular para traz como cabrito, querendo dar cabeçadas?

—E' o celebre *Marcos Rabeca*, que está sendo escovado pelo *Joãosinho*.

—E o que deu motivo a este barulho?

—Marcos Rabeca passava pela rua Direita do Collegio e levou uma pateada de uns estudantes; elle cavaqueou e ameaçou os estudantes com pedradas; mas *Joãosinho*, que vinha ahi, disse-lhe que não fosse tolo, pois que a esta gente não se responde.

Marcos tomou esta palavra de tolo por um insulto e desafiou o outro para o Terreiro, e estão decidindo.

—Logo para o Terreiro, logar proprio dos

moleques, foi que elle escolheu para brigar com o outro!

—Mas o caso é que elle em logar de sovar, está sendo sovado pelo outro.

—E' isto o que se chama vir buscar lan e sahir tosquiado.

Ao Joãosinho escovar,
O Marcos sempre pensou;
Mas por fim o Joãosinho,
Foi que ao cujo esfregou.

Á PEDIDO

O canto daquella *pomba*
Nos *mattos*, *conta a dor*
Que soffre certo *correio*
Que leva as cartas de amor.

Si das garras de um abutre
Um gavião a roubou,
Coitada da avesinha!
De sorte não melhorou.

N'esse *desterro* em que vive
Sujeita ás garras da harpia
Nem se quer pode gozar
A *luz que aceña* do dia.

—Capitão, no tempo da fabula, houve um *menor* que era *pastor*.

O tal *pastor* era dotado de uma certa exquesitice: não levava seu rebanho a pastar pelas campinas; conduzia-o para as *areias*, ao pé dos *penhascos*.

Quando sahia, levava sua frauta, instrumento da forma do que hoje chama-se *requinta*.

Um dia, distrahido, foi mais longe do costumado, e deu n'um sitio onde havia muitos bandos de lindos *papagaios*.

O *pastor*, encantado a vista da immensa legião de aves multi-cores, puxou da sua frauta e tocou uma balada saudosa.

Um filho de Saturno, que por isso chamava-se *Saturnino*, andava desterrado por alli, e ficou *apaixonadissimo* pelos sons melodiosos que arrancava o *pastor* de sua frauta.

O *pastor* achou ameno o logar, e voltava sempre.

Saturnino, *dias* e dias passava alli a ouvir as notas que desprendiam-se da frauta do *pastor*.

Houve um dia em que o spirito mau baixou á terra em forma de corvo, e foi pousar no tecto de uma casa dedicada á colheita da uva e que hoje denominamos *alambique*.

Sabe V. Ex. que o spirito maligno é incansavel na obra da maldade.

Transformou *Saturnino* n'um monstro deforme: pés de cabra, orelhas de burro, garras de leão, cabeça de hydra, rabo de sendeiro, e deu-lhe a propriedade de carnivoro.

Saturnino *devorou* immediatamente o *pastor*.

Quando tornou a si, penalisou-se em extremo do que tinha feito.

A metempsycose, porem, tinha produzido seu effeito. O spirito do *pastor* reencarnara no corpo d'um *joven* musico do *armazem militar* da cidade onde isso se passou.

Succedeu que o *director* do *armazem* fosse ás festas de Bacchó e levasse a passeio sua musica até o sitio dos *papagaios*.

Saturnino, reconheceu immediatamente o spirito do *pastor*.

Mas as cousas tinham mudado, não podia ouvir todos os dias as melodias do *menor*, que tão agradavel lhes eram por que este era sujeito á regra militar.

Dominado por ardente paixão, empregou esforços, commetteu excesses, para ouvil-o a miudo.

O *director*, complacente, concedeu muitas vezes, que o transformado pastor fosse *satisfazer* Saturnino, mas elle não ficava satisfeito.

Andava louco, hallucinado pelas harmonias da *frauta* do *menor* e queria tel-o perto e bem perto.

Até que emfim descobriu o meio de completar seus desejos.

Naquelle tempo havia falta de *bicos* de passarinhos.

Deu ao *governo* de Jupiter *seiscentos biccos* pela baixa do *menor* musico, e alcançou-a.

E aqui termino a minha historia.

—Mas não me dirá quem lhe encommendou este sermão?

—Ninguem.

—E a moralidade da historia?

—Fica ao arbitrio de cada um tiral-a como quizer.

—Está direito! Prega V. uma horrenda massada, sem principio nem fim e fica muito lampreiro.

MOTTE.

Quem parte, parte chorando,
Quem fica, fica contente.

GLOSA

Quem come, fica arrotando,
Quem bebe, fica muafo;
Quem stá podre, tem mau bafo,
Quem parte, parte chorando.
Vivem os frades rezando;
Chouriça, é comida quente,
Amor, faz cahir o dente,
Dá beliscões, faz intriga,
Depois de encher a barriga,
Quem fica, fica contente.

—Capitão, ca está um desalmado esposo, um proximo sem charidade, um pessimo cidadão.

—D'onde trouxe esse frascario?

—Peguei o birbante junto a uns *pés de coco*; na loja que faz *um quarteirão* de casas.

Este malvado maltrata cruelmente a infeliz, que teve a má sina de unir-se a elle.

Espanca-a sem dó, injuria-a com palavras infamantes e teve a crueldade de cortar-lhe os cabellos.

—Que mono!

—Ultimamente, como visse que a soffredora senhora supportava tudo com paciencia evangelica, para desesperal-a, preparou um quarto ao pé da estrebaria, encostou o leito a manjedoura e deu-o a malfadada para seu dormitorio.

—Que coração depravado!

Muxingueiro, vae fazer o acceio da cloaca com a cara deste bruto, para ver se elle se corrige de seu mau comportamento.

—Então, meu bolas, com que a vida corre-lhe suavemente, não?

Seguro a duas amarras, não tem medo de sossobrar.

Taverna de *enxutos* e *humidos* e ao mesmo tempo trabalhando nos latões!

—Com o favor de Deus!

—Mas ha quem diga que V. não se contenta com isso só.

—E o mais o que, Sr.?

—Dizem que V. pertence á companhia da pilhagem.

—Ah, Sr., si em tal cousa eu já pensei, queira Deus que veja arder o fogo em baixo d'agoa.

—Ah tratante! Quer me illudir com juramentos hyperbolicos?

De quem foram as 4 saccas de assucar que entraram na taberna da rua dos *Taxeiros* e que desembocaram por *este vão*.

E aquellas 11 que foram recolhidas no trapiche do teu amigo a uns desoito dias?

Muxingueiro, agarra esta asemola, corta-lhe as suissas, que bem podem servir para coivara e depois passa-lhe uma untura de breu e agoa-raz na lata sem vergonha, acompanhando esta operação de 250 calabrotadas.

Ao subdelegado commendador da cidade das Cobertas, offereço este pedacinho transcripto.

«O homem que frequentes vezes se inculca por honrado e probo, dá justos motivos de suspeitar-se que não é tal ou tanto como se recommenda.»

No mais, desculpe o seu amigo e admirador,

O Caturra.

PUELICAÇÃO DRAMATICA.

Brevemente vae ser publicada uma comedia em tres actos, intitulada—

O PAR-DE-ARANHAS

OU O FALASTRÃO DEMASIADO

Recebem-se assignaturas no becco dos Bambús. ou em casa da *Onça agaloada*.

Preço de cada exemplar 500 rs.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 9.ª folha do ROCAMBOLE.

VARIEDADES

QUAL FOI O ROUBADO?

Um desconhecido apresenta-se em uma botica e faz preparar uma receita. Paga com uma moeda de cinco tostões e outra de pataca. Apenas partiu, viu o praticante que a moeda de cinco tostões era falsa. Corre atraz do comprador, e não o apanha. Volta para a pharmacia e conta ao patrão o que se passára. Depois do primeiro momento de zanga, diz-lhe:

—Mas o pataco é bom?

—Sim, senhor.

—Está certo disso?

—Certissimo.

—Ora! diz então o patrão com uma negligencia heroica, ainda nos dá um vintem de ganho.

LOGICA DE ALFAIATE.

—Diz um sapateiro a um alfaiate:

—Sabes porque chiam tanto as botas áquelle sugeito?

—Porque?

Porque ainda m'as não pagou.

—Homem, isso não é razão porque nesse caso tambem o casaco havia de chiar.

INGENUIDADE.

—Uma jovem, vendo um homem a tomar banho em trajes de Adão, disse-lhe.

—Homem, cubra-se!

Elle com galanteria respondeu:

—Um cavalheiro deve estar sempre descoberto diante de uma dama.

Typ. de Marques, Aristides e C.,

O

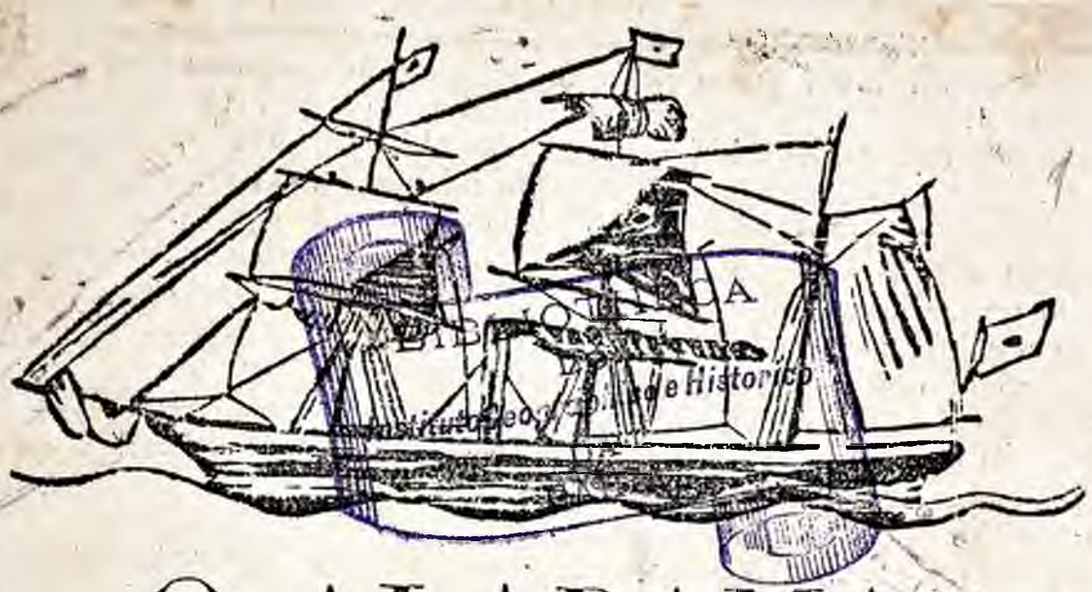
ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VI. — Serie 46.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 5 DE JANEIRO DE 1869. — N. 453.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de janeiro de 1868.

Officio á camara municipal chamando sua attenção para a maneira porque a companhia de vehiculos está fazendo o assentamento dos trilhos, que, segundo nos informam, deixam logares esburacados, como em S. Francisco de Paula, nos quaes ficam as aguas estagnadas, tornando-se isso em grave prejuizo da salubridade publica.

Em vista do que ácima fica dito, espera-se que a Illma. tome as providencias que o caso requer.

—Ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, chamando a sua paternal commiseração para o deploravel e miserando estado de uma infeliz creança, exposta da Santa Casa, dada para crear em casa de uma Srá. D. Maria, á rua de Baixo.

Corta o coração ver o estado da innocentinha creatura, a quem a desdita ja persegue desde o berço.

Engeitada por seus pais, entregue a pessoas extranhas e sem charidade, recebe a infeliz um tratamento que causa dó.

S. S., como desvellado pae de familia, se condoerá, de certo, daquella desherdada da sorte e procurará alliviar-lhe os soffrimentos.

—Como se explica isto!

O *Jornal* de sexta feira, dá o maior preço da carne para a Baixa dos Sapateiros, a desoito vintens, entretanto mando comprar e me vem carne de crusado!

—Ganancia dos cortadores.

—Porém não ha quém olhe para isso?

Ja na quarta feira um empregado do matadouro disse-me: —amanham o maior preço da carne é de quatorze vintens.

Mando ao açougue e o comprador volta com o dinheiro, por que a carne mais soffrivel estava a desoito vintens!

—Parece que os fiscaes andam de peneira nos olhos.

—Ora isto é um martyrio!

Carne além de pessima, roubada no peso e roubada no preço!

—A policia do Sr. Dr. Antero anda muito atrazada.

S. S. precisa prover-se de agentes mais activos e atilados.

—Isso é que é verdade.

—Ainda no domingo a policia fez uma diligencia baldada.

—E' o costume de sitiarem o *ponto* abandonando o *deposito*.

—S. S. devia mandar in continenti cercar a caza da preta Ephigenia, que vende pannos da Costa, e uma outra ás Portas do Carmo.

A policia devia apprehender uma negra que ás carreiras, descia a ladeira do Taboão, quando a força se apresentou.

—Que remedio. Por um ponto perde-se um par de meias.

—E agora que espantaram o bicho, adeus minha onça.

—A camara municipal dá habitação de graça; quem quizer aproveite.

—Isso para mim é novo; onde é?

—Nos açougues vasios de S. Bento.

Conservam-se abertos dia e noite á disposição de quem queira.

—Ja sei. V. quer dizer com isso que elles servem de abrigo aos vadios, que ali acoutam-se á noite para praticar toda sorte de immoralidades.

—Não. Até um official reformado do exercito escolheu um delles para seu domicilio, e ali vive em paz serena, ás vezes nú em pello.

—Olhe que V. é um inventor de *mil-idéas!*

—E' bom evitar um desastre.

—Que duvida!

—Neste caso seria prudente que mandassem arrear a hombreira da porta de uma casa, que fica fronteira a propriedade de azulejos do Sr. Costa Pinto, ao Jogo do Lourenço, cuja hombreira se acha desaprumada mais de um palmo.

Faça ideia que estrago não fará aquella enorme pedra vindo abaixo.

—Então ali que ha tantos meninos!

—Quem anda pela cidade baixa está exposto a um perigo imprevisto.

—Os *galpes* do olho-vivo?

—Não; as pisadellas dos carros de conduzir generos.

—Ah!

—O estouvamento dos caixeiros, que os empurram, de parceria com os pretos, a porfia em querer cada um que o seu carro passe ao outro, succede que muitas vezes abalroam-se em risco de machucar a quem transita.

—Principalmente nas voltas de rua.

—E' o que justamente ainda na quinta-feira ia dando-se.

—Mas eu creio que V. está perdendo seu tempo, porque realmente não sei quem deve tomar contas disso.

—Que novidade é esta?

Ha corridas na praça?

—Como está V. atrazado! Não sabe que chegaram noticias da guerra?

—Mas que ligação tem as noticias da guerra com similhante borburinho?

—E' que o presidente diverte-se; atira boletins aos punhados ao povo e ri-se de vel-o pisar uns aos outros para apanhal-os.

—Ah! o homem acha prazer em ver o povo rolando pelo chão.

—O caso não é novo.

—Sim, agora recordo-me que aqui mesmo ja vi uma scena egual, entre os meninos e os tripolantes de um barco norte-americano que aqui esteve.

—Commodidade de um, com prejuizo de muitos, não entendo.

—Nem eu.

—A casa, em que está estabelecido o hotel Central não tem commodos para isso.

—Rapaz, esta terra é de liberdade; logo que o proprietario recebe os alugueis pontualmente, está o caso decidido.

—Enganou-se; si for assim eu amanhan vou estabelecer uma fabrica de cortumes na praça.

—Mas o que tem a allegar?

—E' que a casa alem de podre, não tem os requisitos necessario; o logar em que está a cosinha e a maneira porque se acha collocado o fogão, ameaça incendio a cada hora.

—Receios vãos!

—A prova é que no dia 21 de dezembro ia ella ardendo e ainda la estão as vigas queimadas.

—E' o que entende V.?

—Que a policia deve obrigar o proprietario a reformar o fogão do seu hotel.

—Está dito.

—Desabou a parede de uma casa na Soledade, no dia 30 do proximo passado.

Ficaram debaixo das ruinas um pedreiro que a concertava e um servente.

—Penalisa-me bastante.

—Foram porem salvos, ficando o mestre da obra com um braço fracturado.

—Do mal o menor.

—Os ladrões visitaram a casa do Sr. Olegario, na Palma, e levaram tudo que poderam, no dia 1.°

Desta vez, porém, foram ladrões tementes a Deus, por que deixaram intacta uma imagem do Santo Christo ricamente apparelhada.

—Como vae minha terra!

Como vae minha chara Bahia!

Antes habitar em Latronopolis no meio de tratantes e ladrões, do que na degenerada predilecta de Cabral.

—Mas que houve?

—O que houve? Ainda m'o pergunta!

Não vê os ladrões como estão ousados?

Não vê os malfeitores como andam de cabeça alçada?

Não vê os turbulentos como campeiam impunes?

Não viu, na quinta feira, um desalmado quasi a mandar tres viventes para a outra vida?

—Como foi então a gracinha?

—Escute.

Manuel de tal, pedreiro, guarda da Sé e morador no memoravel becco do Escorrega, vendeu um paletot roubado ao Domingos, com venda á rua da Oração.

—Não é bom indicio comprar objectos duvidosos.

—O subdelegado mandou-o buscar por dous policiaes e Domingos acompanhou-os para mostrar a casa.

O bicho estava na toca e ao aperceber-se da matilha policial, armou-se de bayoneta, feriu a todos tres, sendo um gravemente, e fugiu!

—Perversa indole!

Esse Manuel ja é avesado a taes cousas. No dia da Conceição subtrahiu de um menino 10$ rs.

—Ouça mais esta:

O Sr. Manuel não sei de que, morador ao becco dos Tanoeiros, trancou cuidadosamente a sua porta e sahiu, quando voltou no sabbado, achou-a aberta, encontrando de menos nella alguns objectos de ouro no valor de 1:500$ rs.

Os visinhos dizem que viram Francisco Nogueira, vulgo *Chicão,* sahir com uma trouxa em baixo do braço, mas o rapaz diz que so si foi outro que tomou-lhe as feições emprestadas.

—Com effeito!

Desta maneira não se pode viver em tal terra.

—Outra:

Os ladrões na vespera de Natal, deram no 2º Andrade e, diz o dono, que lhe levaram 45 saccas de assucar.

—Aquelle Caes Dourado é um covil de ladrões?

—Ha quem diga que houve carambola.

—O assucar, dizem, estava escondido em uma *cova,* em baixo de uma *oliveira,* no quintal da *quitanda* do *Zézé*, que anda na *chita;* mas quem pagou o patao, foi um rapaz Domiciano.

—Pagou o justo pelo peccador.

—Eu creio mais, que por alguma que ja fosse feito.

Mais uma:

Uma menina, achou uma carteira com porção consideravel de dinheiro.

Entrou em uma venda, comprou um pão com manteiga e deu uma cedula de 100$ rs.; o vendelhão recebeu-a e deu troco de 2$ rs.!

—Boa-fe de cigano; inteireza de rato.

—E' verdade que entregou, quando se viu apertado.

—E o dono recebeu o dinheiro?

—Menos 500$ rs., que, dizem, a menina dera em uma loja, á cidade baixa, por um boneco chorão...

—Caro boneco!

—...e que o logista diz não ser com elle.

—E fez muito bem, si é assim; quem tem na mão é seu dono.

—Deixe la disso! O alheio chora seu dono.

Escute agora duas empalmações:

Anda aqui um rapaz, Castilho, da pelle do diabo; no dia de Anno Bom, não achando em quem pregasse alguma peça, e para não começar o anno em sosso, desforrou-se com o proprio tio, gatunando-lhe o relogio.

—Tubarão quando não tem o que comer, come a seus filhos:

—José Aniceto, conhecido pelo Cadete, encontrou no primeiro do anno um tabareu com 300$ rs.; á pretexto de comprar-lhe qualquer cousa, deu com elle em sua casa...

—Levar o *puto* ao *mourão*, chama-se na giria.

—Fez o jogo da *vermelhinha* e ficou com os cobres do matuto.

—Esta cidade está contaminada de larapios!

—Vamos as turbulencias.

Na vespera de Natal, um grupo de estabanados foram a um enterro na Quinta dos Lazaros.

Iam todos nos *aguaceiros*.

Capitaneava a malta um cujo que *li no* almanak ser *fiscal*.

Cometteram mil escandalos e desacatos no recinto dos mortos, profanaram com indecencias o logar sagrado e por fim espancaram o coveiro.

—Nem a habitação dos mortos escapa ao desrespeito de tão dissoluta gente!

—Na noite de 31 do p. p., uma turba de capadocios despedia-se do *anno velho* e não houve obscenidade, algazarra por mais immoral, que não praticassem nas freguezias da Sé e S. Pedro.

—E no outro dia as paredes e portas amaneceram estampadas de deshonestidades.

—Manuel Camamu, no sabbado, depois de rasgar a facha de um inspector e espancal-o, encastellou-se em casa, na freguezia de S. Pedro, de bayoneta e rewolver, e fez proezas.

Si não é a presença do chefe de policia, a cousa ia longe.

—Que damnado!

—No domingo de manhan havia uma estrondosa matinada nas Portas do Carmo.

Era uma bulha triplice; duas mulheres e um carroceiro.

Pedradas, supapadas, empurrões e palavradas, houveram a valer.

—Arre! V. hoje quer me absorver todo tempo e eu tenho mais a quem ouvir.

—Enfastiou-se? Então retiro-me.

—Não ha policia para conter os turbulentos e perturbadores do socego publico.

—Mas ha policia para fazer disturbios e commetter excessos.

—E' o que eu ia dizer, por ver o que fez a policia na quinta feira na Baixa dos Sapateiros.

Dous guardas espancavam rigorosamente um moleque da casa do Sr. Paranhos. O facto de se approximar um preto, padrinho do moleque, para indagar o que era, foi bastante para ser tambem espancado e preso. Ao passar pela porta do Sr. Paranhos, ao Maciel de Baixo, o preto barafustou pela porta a dentro. Os soldados invadiram a casa até o interior!

—Tambem um dia destes, o cabo *cabeça preta* malhava em um menino como si fosse n'um pau.

O Sr. tenente Francellino passou na occasião e reprehendeu-o. Tanto peior para o menino, por que logo que o tenente voltou as costas, o furibundo cabo redobrou de rigor.

—E quando praticam desses mal-feitos, abusam do nome dos superiores, dando-lhes a responsabilidade de taes desmandos.

—No dia 23 de dezembro do anno proximo passado, teve logar na secretaria do corpo policial a apresentação das propostas para o fornecimento de medicamentos para o hospital do respectivo corpo.

—Conte me o que houve.

—Então tenha a bondade de ouvir-me:

N'isso, como em tudo mais n'esta terra, presidiu a costumada parcialidade e injustiça!

Avalie devidamente V. o que lá se deu:

Apresentaram-se tres propostas, das quaes a primeira offerecia *gratis* o fornecimento do mez de janeiro, com o necessario vasilhame, e o abatimento de 5 °|₀ sobre os preços do formulario, relativamente aos onze mezes, restante do anno; a segunda proposta tambem offerecia o primeiro mez *gratis,* com o vasilhame, e os onze mezes com *abatimento sobre a proposta d'aquelle que por menos fizesse*.....

—Esta proposta devia ser considerada sem vigor, pois que, segundo o que havia dito o commandante, não seria aceita aquella que *não fixasse preço.*

—..... a terceira proposta offerecia 20 °|₀ de abatimento com o vasilhame *gratis.*

—E' claro que esta ultima proposta é a mais vantajosa!

—Mas porque?

—Vejamos:

Calculando-se o fornecimento em cem mil reis mensaes, 5 °|₀ em onze mezes importam em 55$ rs., que addiccionados aos 100$ rs., importancia do mez *gratis,* prefazem a quantia de 155$ rs.—eis as vantagens da primeira proposta.

—Agora vamos á terceira.

—Faça favor attender-me:

20 °|₀ em doze mezes importam em 240$ rs., dos quaes abatendo-se 155$ rs., fica de saldo para o hospital 85$ rs., confrontando-se as duas propostas, pois que a segunda deve ser considerada prejudicada, pelo motivo allegado, a de mais vantagem é a de 20 °|₀, que d'esta arte dá—*um mez as vasilhas e mais 7 1|12 °|₀ de abatimento sobre os preços do formulario.*

—Tudo isso nada quer dizer quando o patronato é cego!

—Embora soffram os cofres provinciaes, não?

—Que importa que elles enthysiquem?!

—*O' tempora ó mores!* Oh tempo das protecções!!.....

ANNUNCIOS.

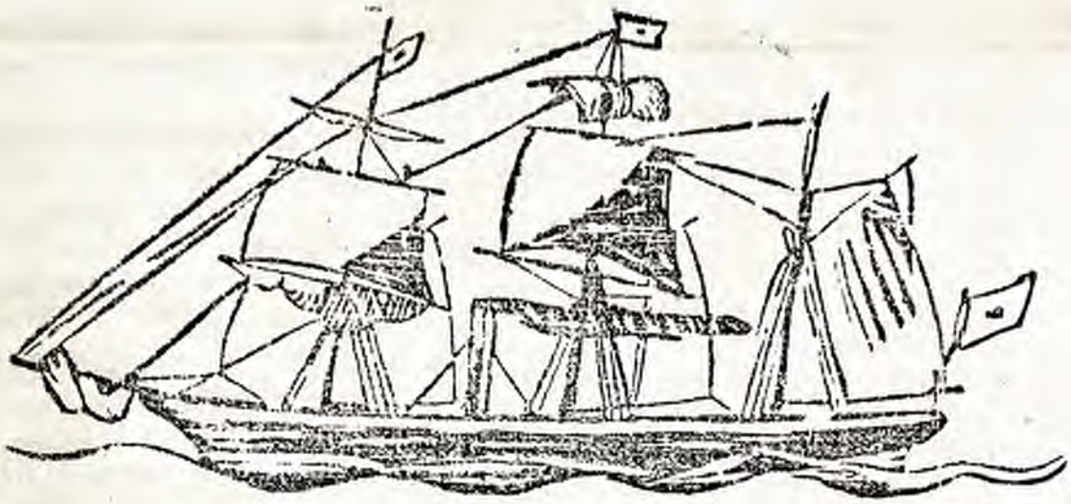
Vende-se ou aluga-se duas caixas de figuras para presepe de falla; cada caixa tem 50 figuras. Para tratar com João José Ferreira, ao Castanheda.

Pede-se a um Sr. Cardoso que vá pagar o que deve n'uma loja de sapateiros, á rua do Collegio, do contrario, na primeira occasião, verá por extenso seu nome, bem como sua morada e profissão, para que o publico o fique conhecendo bem.

VERDADEIRO CAFÉ PURO:

O muito bom e bem conhecido café moido puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n.° 9 B, e na Saúde, rua do Jôgo da do Lourenço, casa n.° 199.

Previne-se que qualquer porção comprada levará no involtorio o distico seguinte—M José de Azevedo—faltando o qual deixa de ser dos logares indicados: outro sim não se vende para taberna alguma.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao beeco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. — Serie 46.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 9 DE JANEIRO DE 1869. — N. 454.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, submettendo a sua illustrada consideração o seguinte:

No dia 9 do passado, na fazenda Pitanga do Sr. capitão Salvador Pires, Calixto Ferreira deu em Honorio Fiel de Cerqueira tamanha enxadada na cabeça, que lhe fez saltar os miolos e do que falleceu dahi a tres dias no hospital de charidade; entretanto Calixto homisiou-se em casa de seus parentes, no sitio das Areias, freguezia de Pirajá, e ahi passeia livremente a qualquer hora!

Não convindo que continúe elle a zombar da acção da lei, recorre-se ao alto criterio de S. S. para que determine a captura de semelhante criminoso e o submetta a sancção penal.

Portaria ao fiscal da freguezia da Penha, ordenando lhe que vá ao Porto do Bomfim, e mulcte a uma sucia de capadocios que tomam banhos nús, sem respeito ás familias que por ali moram. Cumpra.

—Como póz esta vibora humana as mãos da pobre criança!

—Que malvada!

—Como se chama?

—Cecilia Anna Joaquina d'Assumpção; mora na Rua do Paço.

—Ha gente de todo calibre!

—Na verdade, é preciso ter um coração de fera, para ter animo de queimar as mãos de uma creança por tal maneira.

—Amanham a sociedade Monte-Pio dos Artifices solemnisa o 36.º anniversario de sua inauguração.

—Estou sciente.

—Não se pode deixar de clamar!

—O que é que houve?

—O que houve não, o que ha.

—Mas o que é que ha?

—Falta de segurança.

—Ora! materia gasta.

—Mas os ataques á vida do proximo repetem-se espantosamente.

Ainda na vespera de rei, á noite, o Sr. Amazonas, ourives, foi atacado na estrada da Victoria por dois sujeitos, que o deitaram ao chão e emquanto um apertava-lhe o pescosso, o outro malhava-o de cacete.

—Queriam dar cabo da pelle do homem.

—De certo, si o accaso não permittte que passasse alli um homem.

—Como vae esta terra!

—O mais notavel em tudo isso é que comparecendo a patrulha deixou ir em paz os aggressores, por que, disseram os soldados, não era noite de se prender!

—Está bom! Fiquem de sobre-aviso os malfeitores, que ha noites que lhes dão immunidades pra commettor crimes.

—Pobres soldados de policia!

São obrigados a fazer milagres.

Não lhes dão o que vestir e querem que andem limpos e aceiados.

—E' uma injustiça.

—Ha praças que estão ainda para receber o fardamento de 1865.

—Entretanto si um desses se apresentar esfarrapado, hão de querer castigal-o!

—Capitão, V. Ex. conhece o *Cospe-cospe*?

—E' a primeira vez que ouço fallar nelle.

—E' um pobre de spirito, que anda nesta cidade, cujo fraco dá para *gamenho*, mas que entretanto não offende a ninguem.

—Sim; e o que teve?

—Entrou hontem em certa botica e mandou o boticario despejar-lhe quatro vintens de essencia d'alfazema n'um lenço.

O malicioso boticario em logar de cheiro despejou agoa-raz.

—Graça que cheira a malvadeza.

—Depois que o homem sahiu, conheceu o engano e voltou a reclamar.

—Como era natural; e o que fez o boticario?

—Atirou com o pobre do homem em corpo e alma sobre as pedras.

—E' tyrannia. Causar dous males a um tempo; estragar o lenço e maltratar o corpo do homem!

—Não posso presenciar taes cousas de animo socegado e por isso corri a lhe participar.

—Na verdade é reprovavel; já agora encarregue-se V. mesmo de dizer ao tal boticario que não caia n'outra, do contrario....

—Capitão, um procedimento intoleravel.

—De quem, rapaz?

—Dos presepistas.

—A razão?

—Porque vendem bilhetes publicamente com disticos para homem ou senhora, sem mais outra declaração e depois querem crear distincções estupidas.

—Qual é a distincção?

—Mulher de côr ou solteira não entra.

—Asneiras.

Supponha que eu sou casado com uma creoula, compro bilhete para mim e ella, não hei de entrar?

—Parece que a policia deve intervir nisto, para não se reproduzir o desafôro que deu-se outro dia na rua de Baixo, de expulsarem da sala duas moças, á pretexto de serem meretrizes.

—Si eram meretrizes, para que lhes venderam bilhetes?

—O caso é que os bailes pastoris, que eram destinados a applaudir o nascimento do Redemptor do mundo, transformaram-se em especulação e modo de ganhar dinheiro.

—E o Sr. arcebispo tolera que uma Imagem do Menino Deus, collocada n'uma sala, sirva de pretexto a essa ganancia e esteja exposta ás chufas dos pantomimas!

—Foi recolhida ao hospital, no dia 5 de janeiro, pela manhan, uma creoula com tres facadas que lhe dera o seu amasio, tambem creoulo, remador de saveiro.

—Em que logar se deu o facto?

—Na rua de S. Miguel. O criminoso foi immediatamente preso e vae ser processado.

—Qual o motivo que o levou a praticar similhante attentado?

—Dizem que ciumes.

A offendida, depois que se fez o corpo de delicto, retirou-se do hospital e foi curar-se em sua casa.

Ainda mais outro.

—Vamos lá.

—Nesse mesmo dia, á noite, tambem foi recolhida ao hospital uma mulher, de côr parda, á quem uma outra, tambem parda, retalhou o corpo de navalhadas, sendo algumas no rosto.

—Esse outro facto em que logar deu-se?

—Na rua do Gravatá.

—E porque praticou isso essa desalmada?

—Consta-me que por desconfiar ter a outra *conversado* com o amasio della.

O subdelegado de Sant'Anna mandou recolhel-a na correcção e vae ser tambem processada.

—Que cumpram as authoridades processantes com os seus deveres, e não se deixem levar por condescendencias.

—Que risco corri agora, capitão!

—Alguma faca aos peitos?

—Não; vi-me embaraçado com um boi.

—Ora não me aborreça.

—Acha que é graça ver-se um homem dependurado nos chifres de um furioso animal daquelles?

—Ora adeus!

—Ha cousas que parecem não valer á pena e que não devem passar por alto. A frequente conducção de bois pela cidade baixa, pode occasionar alguma desgraça; mórmente na hora em que soltam-se as escolas.

—Ahi lhe acho razão.

—Os bois embravecidos, remettem aqui e acolá, causando sustos e carreiras ao immenso povo que transita na cidade baixa.

—E que providencia acha que se deve tomar?

—Marcar-se um logar retirado para desembarque do gado.

—A lembrança não é má; si quizerem podem aproveital-a.

—E' sangue que contém aquella bacia?

—Que a mulher que vae dentro da cadeirinha leva no collo?

—Sim.

—E'.

—E sabe o que foi?

—Consta-me que é Honorata Maria da Boa Hora, moradora na Conceição da Praia, que vae á policia queixar-se de um individuo, que hontem entrou em sua casa e violentou-a a um acto de libidinagem forçado, do que resultou hemorrhagia.

—Ora, na verdade, nesta terra dão-se cousas bem singulares.

—Na vespera de Reis, á noite, houve pancadaria á valer no Rio Vermelho.

—Dizem que foi cabeça do barulho o *Anjo da meia noite*.

—Ficaram bastante maltratados um cabo e um sargento do 4.º batalhão.

—Mas que quer V., si a povoação do Rio Vermelho está entregue ás baratas!

Á PEDIDO

PERGUNTA CURIOSA.

Que distancia não correu,
Que barulho que não fez,
A balla que matar veio
O cavallo do marquez?

A espada virgem.

—Capitão, proezas do *Chico Russo*.

—Não conheço.

—Nem pode conhecer.

—Então vivorum.

—Eu lhe digo a razão.

Chico Russo foi um subdelegado, que houve em certa freguezia de fora, em outros tempos.

—Historia de eras remotas! Não me serve.

—Capitão, as proezas de *Chico Russo*, embora passadas, interessam.

—Pois continúe.

—*Chico Russo*, era desses subdelegados que se servem do cargo em proveito pessoal. Tinha uma queda inimitavel para rapina, um attractivo admiravel para o alheio.

Um dia, appareceu nos dominios de sua jurisdicção uma vacca perdida e como era *gado sem pastor*, Chico Russo chamou-a a si.

Dias depois appresentou-se o dono da vacca e o subdelegado da roça sem o menor pejo disse que a tinha comido!

—Cara dura!

—O homem instou e elle passou uma lettra.

—Teve consciencia; vontade de pagar.

—Mas de que servia tal lettra, si nenhum valor judicial tinha?

—Então foi uma escamotagem.

—Boa duvida!

Uma pessoa encontrou em sua roça um cavallo abandonado e o levou ao subdelegado para entregar a quem fosse seu dono.

Chico Russo, que apezar de bestalhão como ninguem, tem propensão para o communismo aladroado, proclamou-se immediatamente senhor do cavallo!

—Desta sorte instituiu-se herdeiro dos ausentes.

—Mas como podia apparecer o dono do animal, mandou-o trocar por outro em *Cangungurú*.

Apossou-se de um burro que não era seu, e o empregava em carregar carvão para ser vendido na cidade.

—E diz-se que a policia persegue os ladrões de cavallos, quando eu os vejo occupando cargos nella!

—Com o burro, porém, Chico Russo foi mal succedido, por que o delegado de seu tempo, logo que teve conhecimento de tão descarada tranquibernia, mandou recolher o animal ao curral do conselho.

Para outro homem que tivesse brio, isso bastaria para correcção; mas para um velhaco da ordem de *Chico Russo*, nada foi.

Eu vou a *Pirajá* e hei de estar com um velho que morou na freguezia, *onde isto se deu*, e elle me dará informações para lhe transmittir. *(Continúa.)*

—Aspirante João de Deus!

—Prompto.

—Quem é um gallego que estaciona em certa tasca, junto a um *pilar* e visinha de uma casa de *purificar* assucar?

—E' o *José das Fazendas*, capitão.

—Chame á contas esse casmurro; tem gestos de tratante.

—V. Ex. não se enganou, capitão.

Em outra terra, que não fosse Latronopolis, tal labrego seria obrigado a explicar d'onde lhe veio repentinamente tanto dinheiro.

Mas isso não é para aqui, onde os ladrões andam altaneiros e são galardoados.

—Deixe os commentos para depois; e trate do personagem que está em scena.

—*José das Fazendas*, inda ha bem pouco tempo, era um gallego breado, cujo chulé causava nauseas.

Nesse tempo ainda não tinha elle mudado o nome de *Quincas da Silva*, para o pomposo de *José* das Fazendas.

Em Latronopolis todos o conheceram mettido n'um pequeno batel, feito remeiro.

—E como adquiriu tanto dinheiro?

—*José das Fazendas* dedicou-se a transportar roubos á noite, e toda a extensão do *Caes do ouro á ribeira* que, fica alem do *penhasco*, foi theatro de suas façanhas.

—Dos mais destemidos entre os muitos deste genero de vida, levou vantagem sobre os mais, porque a fortuna ajuda aos audazes.

Em breve adquiriu nomeada espantosa.

José das Fazendas era o melhor freguez de assucar roubado que havia.

Era o fornecedor absoluto de todas as tabernas que ha no *Caes do ouro*, *Pés de Côco*, etc., que compram furtos.

Trabalhava toda noite e descansava de dia.

Mancomunado com os pretos d'alvarengas, seu negocio progrediu.

Comprou logo uma bodega no *Segura Parede* e ahi estabeleceu o centro de seus latrocinios.

Hoje, *José das Fazendas* tem dinheiro nos estabelecimentos, tem em certo trapiche grande deposito de assucar ensacado, que ninguem sabe d'onde lhe vem e exporta grande quantidade delle para o *reino*.

—Como se operam esses milagres é que não sei.

—V. Ex. ouviu em resumo a historia do aventureiro labrego; agora vou pôl-o á sua disposição.

(*Continúa.*)

—Capitão!

—Diga lá.

—A's 2 horas da tarde do dia 2 do corrente, um sugeito, por nome Canuto, caixeiro da botica do Sr Avelino, ao Cabeça, em vez de estar no mostrador, para *não se enganar nas receitas*, sahiu de seu logar, contra os interesses do amo e da decencia, para vir dar bofetadas n'uma pobre africana liberta por que esta teve o *atrevimento* de pedir á creoula sua amasia os 2$5 rs. que estava devendo!

Todo o mundo, capitão, revoltou-se contra similhante violencia, porque o tal *rapazito* foi buscar um inspector de quarteirão chamado Magarão, para com elle espancar e arrastar ainda mais a infeliz!

Um cidadão pronunciou-se contra a intervenção do um agente de policia, que bem longe de manter a ordem, veio augmentar o barulho.

Sabe do resultado? Este cidadão foi preso, tirado de sua propria casa e escoltado por 3 soldados, porque o subdelegado quiz vingar o *prestigio* do seu inspector.

—Amigo, quer saber de uma cousa?

—Diga, capitão.

—Vá para sua casa, pois que agora o Brazil chegou ao tempo do viva quem vence.

Vá para casa, repito, porque si V. fosse actualidade podia até ser assassino e não tinha nada.

VARIEDADES.

MEDIDA DE UM BURRO.

Estando alguns pedreiros para começar a fazer, em certo logar, uma pia para beberem as bestas, e não sabendo a altura que haviam de dar, aproximou-se o alcaide da terra e se inclinou, como se fosse besta, e disse:

—Façam a desta altura, que onde eu chego poderá chegar qualquer burro.

—Olá, Sr. José, disse um moleque a seu companheiro; vossê está bebado, e ha pouco disse-me que nunca bebia caxaça!

—E' verdade, respondeu o outro; mas eu lhe digo como isto aconteceu: eu nunca bebo cachaça; isto está em regra; mas todos os dias faço uma excepção. Não ha regra sem excepção!

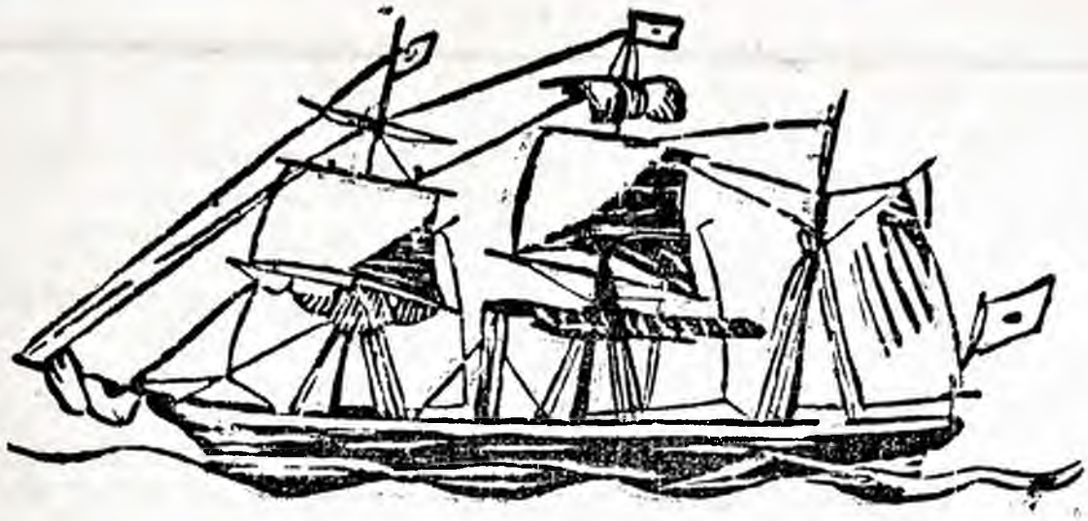
ANNUNCIOS.

Hygino Francisco da Silva, á rua do Commercio n.º 3, precisa de bons officiaes de alfaiate com especialidade de miudos; pagando bem.

Acham-se em impressão os primeiros numeros de uma publicação periodica, especialmente dedicada á traducção da obra completa de Ponson du Terrail—*Os dramas de Paris*—vulgarmente—Rocambole.

O preço será de 1$000 por serie de 15 numers, formato *in-quarto*. A empreza teve por fim adoptando essa forma de publicação, facilitar, pela commodidade, a leitura aquelles, que desejam ler a primeira composição romantica do seculo.

Assigna-se nesta typographia, nas lojas de livros da Viuva Lemos e do Dr. Martins Alves; nas boticas da Praça e do Sr. Jatobá, rua da Mizericordia; nas lojas de charutos dos Srs. Vasconcellos, na mesma rua, e Leduvdo atraz da Sé, loja de sapatos do Sr. Emygdio e na rua Direita de Palacio e na loja do Sr. Attilio.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 46.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 12 DE JANEIRO DE 1869. N. 455.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de janeiro de 1869.

Não houve expediente.

—Bem se diz que o progresso desta terra é de caranguejo.

—O que ha agora?

—Não sei si recorda-se de uma determinação da camara, para que ninguem possa edificar, sinão com vinte palmos, pelo menos, áquem do alinhamento das ruas, sendo esse espaço occupado por jardins?

—Perfeitamente; é a postura—I—que determina isso.

—Pois bem; na rua da Valla, defronte do hospital de S. Francisco, estão edificando casas em *zig-zags* e á beira da estrada, sem terem ao menos quatro palmos de distancia do passeio.

—E quem tem culpa?

—O deleixo em que deixam tudo.

—Pois si V. sabe disso, cale-se.

—Ou a policia anda de olhos vendados, ou os malfeitores são invisiveis.

—Porque diz isso?

—Porque o Manuel, pedreiro, a quem a policia anda em busca, por offender com uma bayoneta a um individuo e ao ordenança do subdelegado da Sé, andou na noite de Reis acompanhando um rancho.

—Mas si é theoria dos soldados—que nessa noite não se prende ninguem?

—Dous menores da companhia de aprendizes marinheiros estão inutilisados.

—Como?

—Um de perna fracturada e o outro lançando sangue.

—E' pena!

—Tiveram licença para sahir na noite de Reis uns 40; destes, alguns foram á Barra, lá treparam n'um muro d'onde cahiram. Eis como se deu o fracasso.

—Eu sempre previ uma desgraça destas, quando via os meninos andarem pela cidade, aos bandos, entregues a si mesmos.

—O que pretende, camarada?

—Uma esmola para enterrar a mulher que levou as navalhadas.

—A estrategia não é má! A mulher viva e bem viva no hospital, e o Sr. pedindo esmola para enterral-a!

Ora, boa *policia* temos nós!

—Ouça esta do *Pilra*, que tem graça.

—Que sujeito é esse?

—Um individuo, cujo meio de vida conhecido é tirar *missas pedidas*.

—Pode seguir.

—Na quinta-feira ultima, andava elle pela Calçada do Bomfim na sua exploração.

A colheita estava bem adiantada, quando

elle foi pedir em uma casa, onde, por accaso, esbarrou-se com uma mulher que já lhe tinha dado esmola outro dia.

«Uma missa pedida para o Senhor do Bomfim, que acaba de me restituir a vida, disse elle.»

«Mas, senhor, hoje fazem justamente oito dias, que eu lhe dei esmola na cidade para o mesmo fim, observou a mulher.»

O sujeito sem embaraçar-se, replicou com admiravel sangue-frio:

«O que, senhora? Essa missa já eu mandei dizer na sexta-feira passada. Agora peço por uma forte *recahida* que tive.»

—Bem feita!

—A mulher ficou de bocca aberta e *Pilra* safou-se muito lampreiro para a cidade a desfructar o fructo de sua especulação d'aquelle dia.

—Parece que esta terra se remonta aos tempos de selvageria!

A cada canto facadas, cutiladas, espancamentos.

Raro é o dia em que não se tem a registrar um caso destes.

—Ainda a 29 do proximo passado o creoulo Damião, escravo de uma freira, esfaqueou, na freguezia de Sant'Anna, a Miguel, tambem creoulo e escravo, e pôz-se no *piso*.

—Não sei isto em que dará.

—Teve logar no domingo, como noticiamos, na sociedade Monte-Pio dos Artifices, a solemnisação do 36.º anniversario de sua installação.

O acto esteve muito concorrido.

Presidiu a sessão o Sr. Dr. chefe de policia, por não ter comparecido S. Ex. o Sr. presidente da provincia.

Foram lá representadas pelas suas commissões as seguintes associações:

Sociedades philarmonicas — Terpsychore, Campesina e Minerva; sociedades beneficentes — Monte-Pio da Bahia, dos Artistas e Desvalidos.

—Disseram-me que o chefe de policia deu um *não apoiado*, na occasião em que fallava o relator da commissão do Monte-Pio da Bahia?

—E' verdade. O relator dessa commissão disse que os artistas de que se compõe a sociedade são nobres por sua moralidade e costumes, embora sejam os artistas olhados pela classe dos aristocratas com indifferentismo e desprezo, e que só se lembram delles na occasião em que precisam do seu voto para galgarem o poder, calcando-os depois debaixo das plantas!.....

—E á que veio esse *não apoiado* do chefe de policia?

—E' porque elle tambem se considera na classe dos aristocratas.

—Ah!... Eu não sabia que o chefe de policia tambem era aristocrata.....

—Assim deu elle mesmo á entender com o seu *não apoiado*.

—Ora estes boleeiros são sempre o diabo.

—Que fizeram?

—Um delles, no sabbado á noite, conduzia o carro com tamanho arranco, que o commandante das armas, que vinha do lado opposto, não se poude desviar e ficou gravemente maltratado.

—Por mais que se clame, é debalde.

—Agora, como a offensa foi ao commandante das armas, pessoa qualificada, talvez apareçam providencias.

—Chegou mais um portador de noticias.

E' o paquete francez *Danube*.

O exercito brasileiro cobriu-se de gloria nos dias 21 e 22 do passado, no ataque das posições paraguayas da Angostura e Lomba-Valentina.

Os detalhes em seguida são tirados da correspondencia de Buenos-Ayres para o *Jornal do Commercio*:

«No dia 21 ás duas horas da madrugada é que principiou pelo bombardeio da esquadra o ataque ás posições inimigas, e comquanto sejam muito incompletos os dados sobre a forma em que elle teve logar, direi o que se sabe, prompto a rectificar depois os erros em que tiver incorrido.

«Os tres corpos brasileiros tomaram posição formando como um semi-circulo irregular em frente da linha paraguaya, todavia o ataque sério devia ser primeiro contra o centro della, afim de cortar e abrir passo ao exercito argentino que ficava além; e logo contra a Lomba-Valentina, de modo a encerrar o inimigo na Angostura de onde não escaparia um homem.

«Pelas duas horas da tarde foi que o ataque se formalisou.

«Nossa artilharia rompendo um fogo vivissimo, foi de egual forma respondido. Ao mesmo tempo as columnas do ataque avançavam contra o reducto paraguayo do centro e sua primeira trincheira.

«O inimigo defendia-se com tenacidade, mas as tropas brasileiras estavam possuidas de um indisivel enthusiasmo. Si alguma v a metralha as abalava, ou fazia recuar, al voltavam logo com novo ardor; e aos batalhões que por soffrerem muitas perdas s

movian, vinham outros substituil-os.

«A soberba cavallaria rio-grandense tomara tambem uma parte muito importante, por vezes conseguiu approximar-se das trincheiras, tendo tambem de recuar, menos por desanimo dos homens, do que pelo pavor que se apossava dos cavallos ás descargas da cavallaria e infantaria inimiga.

«Assim se manteve o combate durante quatro horas; eram ja grandes as perdas do exercito brasileiro, quando chegou a divisão do brigadeiro Menna Barretto á tomar um reducto e a primeira trincheira inimiga. Ahi cahiram em nosso poder alguns canhões, mas a numerosa força de infantaria que tinha defendido essa trincheira, como movida por uma mola, recolheu-se subita e instantaneamente á segunda trincheira.

«Não o fez, sem embargo, tão rapidamente, que não perdesse muitos centos de homens o que junto a mais de 2,000 homens que deixou mortos ou feridos na mesma trincheira elevaram sua perda a 2,500 homens ou mais.

«Toda a noite de 21 para 22 não se interrompeu o fogo de artilharia, e tambem de infantaria, sendo evidentemente a idéa do marquez que o inimigo não tivesse um só momento de descanso, pois no dia seguinte pretendia levar-lhe um ataque decisivo.

«Tambem as tropas brasileiras substituiam-se por divisões, ou brigadas para tomarem algum alimento e breves momentos de descanso, cuidando logo de promptificar seu armamento e munições.

«No dia 22, apenas amanheceu, o fogo rompeu furibundo, parte contra Angostura, e mais ainda contra os fortes reductos da Lomba, onde constava que estava Lopez com o maior numero de forças que lhe restavam e um crescido numero de canhões em duas trincheiras quasi parallelas.

«Sendo, pois, este o centro de resistencia, contra elle dirigiu-se um ataque, no meu pensar o mais formidavel da presente guerra.

«Só na primeira trincheira tinha o inimigo 45 canhões, e uns 2,500 homens de infantaria, augmentando-se extraordinariamente a força dessa posição pelo facto de ser dominante, como deixa ver seu nome de *lomba*, isto é, collina que se ergue *ex-abrupto* sobre um terreno geralmente plano.

«Nossa artilharia sendo, como não podia deixar de ser, inferior em numero e em calibre á do inimigo, fez contra elle desde pela manhan um fogo incessante, mas era a infantaria e por algum dos pontos a cavallaria, que tinham de sustentar o combate quanto fosse necessario até vencer uma trincheira artilhada com 45 canhões e apoiada por outra ainda mais poderosa e elevada!

«Pelos dous pontos, que pareciam menos inaccessiveis, avançaram á principio nossas columnas de ataque e cada passo que davam custava lhes um cento de homens. E' que o fogo dos paraguayos era infernal e o terreno inteiramente desfavoravel para os assaltantes.

«Mas o soldado brasileiro reune á sua intrepidez uma qualidade não menos apreciavel, que é a agilidade; e em combates como o da Lomba-Valentina, é decisiva.

«Foi assim que depois de algumas horas de fogo tão vivo, «que parecia, diz-me alguem, uma só descarga de artilharia e infantaria mesclada»; chegou nossa columna da frente á trincheira paraguaya, e conseguiu tomal-a.

«Porém o inimigo fazendo-se forte sobre a segunda trincheira carregou com todo o peso de suas forças e obrigou os nossos a retirarem-se.

«Avançaram novas columnas brazileiras, e por segunda vez a trincheira cahiu em seu poder; novo avalanche de paraguayos cahe sobre elles, e tem ainda de ceder.

«Repete-se o facto por terceira vez, por quarta vez, e acaso nunca se viu egual encarniçamento entre assaltantes e assaltados uns para tomar, e outros para reconquistar a trincheira.

«Dez horas durava essa peleja homerica, e milhares de combatentes mortos nivelavam quasi o fosso e trincheira com o terreno adjacente. Nossos batalhões estavam desfeitos, e havia alguns que tinham apenas em pé a força de duas companhias. Porem era um duello á morte, e cumpria vencer.

«A quinta vez que nossos valentes soldados tomáram a trincheira, tinha-se apossado delles tanto ardimento, que foi em vão o inimigo empregar esforços sobrehumanos para a recobrar.

«Não era mais a fogo de canhão e de infantaria que se pelejava, era á baioneta, á lança, á espada, á faca; foi preciso que os paraguayos morressem ou fugissem, e morreram muitos mais do que fugiram.

«Um brado de victoria échoou então por todo o exercito: a trincheira paraguaya com seus 40 canhões estava em nosso poder, e 2,000 cadaveres do inimigo, armamento, munições, bandeiras, nada haviam salvado os fugitivos.

«Tinha nos custado a victoria 3,000 homens fóra de combate, mas era uma victoria esplendida, decisiva, final de uma guerra de tres annos.

«Si fosse humanamente possivel que soldados de carne e osso, depois de brigarem 30 horas sem comer e sem dormir, emprehendessem um novo combate, acaso o marquez teria incontinenti ordenado o ataque formal á segunda trincheira paraguaya; mas além daquella impossibilidade, sobrevindo a noite, houve que suspender em parte, ao menos, a operação.

«Digo em parte, porque toda a noite de 22 para 23 não descontinuou o fogo mesmo de infantaria contra as posições do inimigo e na manhan do ultimo desses dias elle tinha-se vigorisado por tal fórma que em poucas horas devia decidir-se o pleito.

«Nesse dia (23) deviam tomar uma parte séria no combate as forças argentinas, por não poderem mais de extenuadas e dizimadas algumas divisões brazileiras.

«Alguns batalhões nossos, que estavam com essas forças, dous ou tres que guardavam a estrada do Chaco, já agora inutil, e quanta força houvesse disponivel em Humaitá, tinham sido chamadas ao exercito, e esses dous a tres mil brazileiros, além dos 5,000 argentinos, que é de quanto consta o exercito do general Gely, entrando de fresco constituiam um reforço excessivo para o que restava fazer.

«O vapor *Alvaro Gomes,* que, sahindo das Palmas no dia 23 á tarde, foi que trouxe as ultimas noticias que acabo de dar, deixou a guerra nesta disposição.

«Em Angostura uma guarnição de 500 homens era o que restava, além de uns 30 canhões, todos, ou quasi todos, de grosso calibre. A esquadra de encouraçados pela parte do rio, e uma forte divisão brasileira pela de terra, cercavam essa posição, e a hostilisavam por tal maneira, que a todo momento contava-se com vel-a cahir em nosso poder.

.....

«No que eu seria interminavel si quizesse dizer tudo hoje, é na apreciação da heroicidade do exercito brasileiro. So o mez de dezembro encerra factos bastantes para uma epopéa,

---

Proclamação do marquez de Caxias.

«Camaradas! O inimigo vencido por nós na ponte Itosoró e no arroio Ivahy, nos espera na Lomba-Valentina com o resto do seu exercito: marchemos contra elle e nesta batalha teremos findado nossas fadigas e privações.

«O Deus dos exercitos está comnosco! Eia! marchemos ao combate, que a victoria é certa, porque o general e amigo que vos guia, até hoje não foi vencido.—*Marquez de Caxias.*»

Á PEDIDO

—Malfadado paiz!

Que terra, meu Deus!

—O que tem V., homem?

—Capitão, todos os que nasceram nes[te] torrão devem cobrir o rosto de vergonha!

—Mas então o que ha? Não esteja a imp[a]cientar-me.

—Veja V. Ex., veja a nação inteira, o g[o]verno do paiz como remunera os serviços h[e]roicos de seus filhos.

O imperial marinheiro, conhecido nes[ta] terra por *Mil-ideias,* distinguiu-se por t[oda] forma em Paysandú, praticou actos de v[a]lia tão denodados, que mereceu as divis[as] de official do exercito e o habito da Rosa.

Depois reformaram-no e mandaram-no p[a]ra sua provincia.

Aqui chegando, não se apresentou ao com[m]andante das armas e ficou por isso impos[s]ibilitado de receber seu soldo, reduzindo-s[e] a lastimavel estado de miseria, em quanto se[u] dinheiro accumulava-se no thesouro.

Reduzido a não ter onde abrigar-se, é d[o]loroso dizer-se, mas cumpre que se regist[re] o infeliz viu-se na pungente necessidade [de] adoptar como pouso um dos açougues aba[n]donados pela camara, em S. Bento!

Dormindo sobre a terra pura, adquir[iu] uma terrivel molestia, a paralysia.

Levado para o hospital de charidade, f[oi] recusado por ser militar e ter o seu hospit[al] privativo.

Requereu ao governo para tratar-se nell[e] e foi indeferido por não ter dinheiro par[a] pagar as despezas!.....

—Amarga decepção para os servidor[es] dedicados do paiz!

—Entretanto que a nação nada perdia co[m] o tratamento de *Mil-ideias,* porque seu sol[do] lá está retido no thesouro!

—Decida agora si ha garantia em servir [o] paiz com distincção.

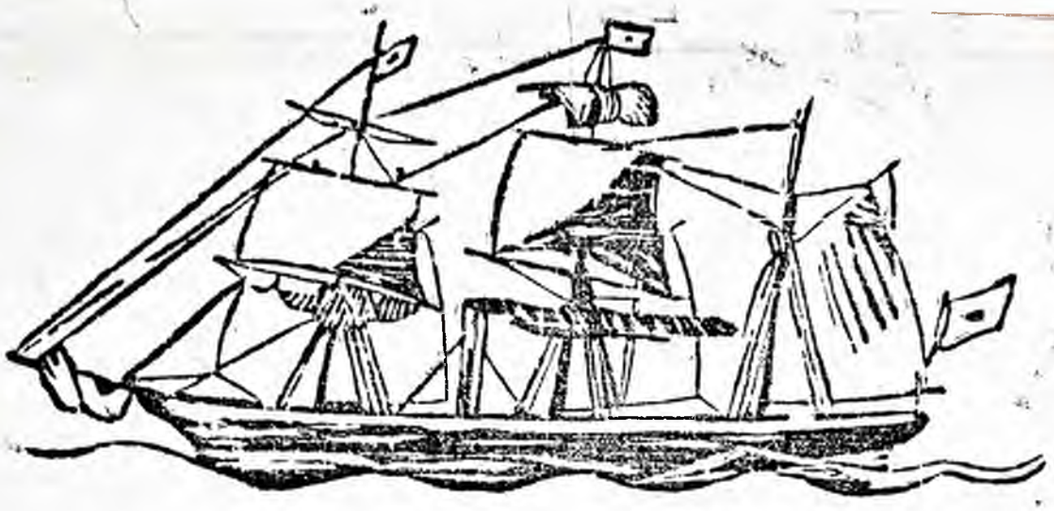
—Capitão, acabam de me dizer que afin[al] á exforços do Sr. commandante das arma[s] houve ordem para o *Mil-ideias* entrar para [a] enfermaria militar.

—Antes tarde do que nunca.

—Porem que elle preferiu continuar n[o] hospital da charidade publica.

ANNUNCIOS.

Hygino Francisco da Silva, á rua do Com[mer]cio n.° 3, preciza de bons oficiaes de [al]faiate com especialidade de miudos; pag[a] do bem.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 46.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 12 DE JANEIRO DE 1869. N. 456.

O ALABAMA.

Publicamos hoje duas folhas com a mesma data.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de janeiro de 1869.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que execute a postura n. 30, que prohibe degraus e escadas lançadas para a rua, em relação ao dono do predio n. ao becco das Campellas. Cumpra.

—Os boleeiros já legislam nesta terra!

—Cassuada.

—Crearam um tributo indirecto.

—*Gorgêta* não é tributo; dá quem quer.

—E quem vae a um enterro que não dá a tal *gorgêta* está exposto ás malcreações e insulto dessa *polida* gente.

—Bagatella! Um mil réis não tira a camisa de ningem.

—E' verdade!..

Além de tantas contrariedades que affligem um pobre vivente nesta terra, ainda ha de estar sujeito a uma importuna em posição dos boleeiros!

—Não se pode dar maior irreverencia do que ha nos bailes pastoris.

—Ora historias!

—E' o que lhe digo.

Nos bailes pastoris, transformados em representações theatraes, dão-se toda casta de desacatos!

A Imagem do Filho da Virgem collocada em um presepe serve de pretexto a toda sorte de desrespeito!

Ali dança-se a quadrilha, fuma-se, namora-se em grande escalla, dizem-se graças bem pesadas, os rapazes passeiando com as moças pelo braço dirigem-se amabilidades, dão-se palmas, bate-se com os pés, assovia-se, um applaude a pastora que lhe agrada, outro reprova, e por fim de contas, de vez em quando, apparece uma desvença, onde pelo menos ha alguns empurrões.

—São esses abusos que desacreditam a nossa religião ante as outras.

—Desde que os bailes pastoris deixaram de ser um divertimento innocente para ser um negocio, que se devia prohibir a presença do Deus Menino á essa festança burlesca.

—E S. Ex. o Sr. arcebispo não vê ou não sabe disto!

—S. Ex., cujo zelo pastoral, se mostra tão solicito em dispensar aos seus diocesanos a abstinencia da carne na quaresma, dispensa que estou bem convencido, os reis teriam o cuidado de tomal-a por suas mãos, não se lembra de cortar abusos desta ordem!

—Ora que só ha de vir morar nestas lojas

do Coquêjo, ao Caminho Novo, gente sambista!

E' uma interminavel algazarra quasi todas as noites!

—Entretanto, ha uma postura que prohibe o lundú fóra de horas!

— Continuação das noticias do Sul.

—Diga.

—Attenção.

A' 24, achando-se Lopez encerrado no seu ultimo entrincheiramento na Lomba-Valentina, o marquez de Caxias lhe mandou intimar rendição para poupar inutil derramamento de sangue.

A intimação foi esta:

«Acampamento em frente a Lomba-Valentina, 24 de dezembro de 1868, ás 6 horas da manhan.—A' S. Ex. o Sr. marechal Francisco Solano Lopez, presidente da republica do Paraguay e general em chefe do seu exercito.

«Os abaixo assignados, generaes em chefe dos exercitos alliados, e representantes armados por seus governos na guerra a que as suas nações fóram provocadas por V. Ex., entendem cumprir um dever que a religião, a humanidade e a civilisação lhes impoem intimando em nome dellas a V. Ex. para que, dentro do prazo de 12 horas, contadas do momento em que a presente nota lhe fôr entregue, e sem que se suspendam durante ellas as hostilidades, deponha as armas, terminando assim esta já tão prolongada luta.

«Sabem os abaixo assignados quaes são os recursos de que pode V. Ex. dispôr hoje, tanto em relação ás forças das tres armas, como a respeito de munições.

«E' natural que V. Ex. pela sua parte conheça a força numerica dos exercitos alliados, seus recursos de todo o genero e a facilidade que sempre tem para fazer que sejam elles permanentes.

«O sangue derramado na ponte Itororó e no arroio Avahy devia haver persuadido V. Ex. a poupar as vidas dos seus soldados no dia 21 do corrente, não os forçando a uma resistencia inutil. Sobre a cabeça de V. Ex. deve cahir todo esse sangue, assim como o que tiver de correr ainda, si V. Ex. julgar que o seu capricho deve ser superior á salvação do que resta do povo da republica do Paraguay.

«Si a obstinação cega e inexplicavel fôr considerada por V. Ex. preferivel a milhares de vidas que ainda se podem poupar, os abaixo assignados responsabilisam a pessoa de V. Ex. perante a republica do Paraguay, as nações que elles representam e o mundo civilisado pelo sangue que vae correr a jorros e pelas desgraças que vão augmentar as que já pesam sobre este paiz.

«A resposta de V. Ex. servirá de governo aos abaixo assignados, que a tomarão como negativa si no fim do prazo marcado não tiverem recebido qualquer resposta á presente nota.—*Marquez de Caxias.—J. A. Gelly y Obes.—Henrique Castro.*»

Respondeu Lopez nos seguintes termos:

«Quartel general em Piquisiri, 24 de dezembro de 1868, ás 3 horas da tarde.

«O marechal presidente da republica do Paraguay devera talvez dispensar-se de dar uma resposta escripta a Ss. Exs. os Srs. generaes em chefe dos exercitos alliados na luta com a nação a que preside, pelo tom e linguagem desusada e inconveniente á honra militar e á magistratura suprema, com que Vv. Exs. julgaram chegada a opportunidade de fazer-me a intimação de depôr as armas no termo de 12 horas, para terminar assim uma luta prolongada, ameaçando lançar sobre a minha cabeça o sangue ja derramado e que ainda tem de derramar-se, se não me prestasse á deposição das armas, responsabilisando a minha pessoa perante a minha patria, as nações que Vv. Exs. representam e o mundo civilisado; comtudo quero impôr-me o dever de fazel-o, rendendo assim holocauste a esse mesmo sangue generosamente vertido por parte dos mues e dos que os combatem assim como ao sentimento de religião, humanidade e civilisação que Vv. Exs. invocam na sua intimação.

«Estes mesmos sentimentos são precisamente os que me hão movido ha mais de dous annos para sobrepôr-me a toda descortezia official com que tem sido tratado nesta guerra o exercito da minha patria. Procurava então em Yatayti-Corá em uma conferencia com o Exm. Sr general em chefe dos exercitos alliados e presidente da republica Argentina, brigadeiro general D. Bartholomeu Mitre, a reconciliação de quatro estados soberanos da America do Sul, que ja tinham principiado a destruir se de uma maneira notavel, e sem embargo a minha iniciativa, o meu afanoso empenho não encontrou outra reposta senão o desprezo e o silencio por parte dos governos alliados e novas e sangrentas batalhas por parte de seus representantes armados, como Vv. Exs. se qualificam.

«Desde então vi mais clara a tendencia da guerra dos alliados sobre a existencia da republica do Paraguay, e, deplorando o sangue vertido em tantos annos de luta, entendi dever calar-me, e, pondo a sorte de minha patria e seus generosos filhos na mão do Deus das nações, combati os seus inimigos com a

lidade e consciencia com que o tenho feito, e estou ainda disposto a continuar combatendo até que esse mesmo Deus e nossas armas decidam da sorte definitiva da causa.

«Vv. Exs. julgam dever communicar-me o conhecimento que têm dos recursos de que actualmente posso dispôr, julgando que eu tambem posso saber qual a força numerica do exercito alliado e seus recursos, que crescem de dia em dia.

«Não tenho conhecimento disso; mas tenho a experiencia de quatro annos, de que a força numerica e esses recursos nunca impuzeram á abnegação e bravura do soldado paraguayo, que se bate com resolução do cidadão honrado e do christão que quer uma sepultura em sua patria antes do que a ver humilhada.

«Vv. Exs. julgaram dever recordar-me que o sangue derramado em Itororó e Avahy deveria ter-me determinado a evitar o que correu no dia 21 do corrente; mas Vv. Exs. esqueceram-se sem duvida, que esses mesmos actos poderiam de ante mão provar quão certo é o que acabo de ponderar sobre a abnegação de meus compatriotas, e que cada gotta de sangue que cahe em terra é uma nova obrigação contrahida pelos que vivem. E perante um exemplo semelhante minha pobre cabeça poderá curvar-se perante a ameaça tão pouco cavalheiresca, permitta-se-me que o diga, com que Vv. Exs. julgaram dever intimar-me? Vv. Exs. não têm o direito de accusar-me perante a republica do Paraguay, por que defendia-a, defendo-a e continuarei a defendel a.

«Ella me impõe esse dever, e eu me orgulho de cumpril-o até á ultima extremidade, e demais, legando á historia meus actos, so a meu Deus devo contas. E, si ainda tem de correr sangue, Deus tomará contas áquelle sobre quem pese a verdadeira responsabilidade.

»Eu pela minha parte estou ainda agora disposto a tratar da conclusão da guerra sobre bases egualmente honrosas, mas não estou resolvido a ouvir uma intimação para depor as armas.

»Assim a meu turno, convidando a Vv. Exs. a tratar da paz, creio cumprir um dever imperioso para com a religião, a humanidade e a civilisação por um lado, e pór outro o que devo ao brado unisono que acabo de ouvir dos meus generaes, chefes, officiaes e soldados, aos quaes communiquei a intimação de Vv. Exs., e o que devo tambem a minha propria honra e ao meu proprio nome.

«Peço a Vv. Ex. desculpem não citar eu a data e hora da notificação, não a tendo á vista, mas foi recebida nas minhas linhas ás 7 e um quarto desta manhan.

»Deus guarde a Vv. Exs. muitos annos.

«A Ss. Exs. os Srs. marechal marquez de Caxias, coronel major D. Henrique Castro e brigadeiro general D. Júan A. Gelly y Obes.

«Acampamento na Lomba Cumbarity, 25 de dezembro de 1868.—*Francisco S. Lopez.*»

Então na manhan de 25 os canhões alliados romperam vivissimo fogo contra o reducto inimigo, causando-lhe grandes estragos. Uma força inimiga de 400 homens escolhidos tentou romper o cerco, talvez em procura do caminho por onde Lopez fugisse, mas foi batida e rechaçada. A 26 uma chuva torrencial obstou a um assalto; deu-se este, porém, no dia 27, tomando-se toda a trincheira e a casa de Lopez que estava no centro.

»Todo o material que alli havia, 70 e tantas peças de artilharia e uns 2,000 prisioneiros cahiram em nosso poder. Poucos escaparam, e entre esses Lopez; os fugitivos eram porém, perseguidos de perto por entre os bosques, e havia esperança de apanhal-os.

Em todo o caso ficou alli anniquillado o poder de Lopez, e com elle se considerava terminada a guerra. Os navios de madeira subiam e desciam livremente o rio.

Á PEDIDO

OS LENHADORES.

(Encosta d'uma montanha. Collocados em grandes distancias, os lenhadores fallam-se por meio de porta vozes.)

O paiz é uma floresta,
Onde cortam lenhadores,
Que fazem feixes de lenha
P'ra mandarem aos dictadores;
Que lenhadores tão guapos!
Que garbo, que galhardia!
Cortem de noite e de dia!
Avante! avante! senhores!...

Bota aquelle pau abaixo,
O' lenhador lá do *Norte*;
Toma tento no machado,
Olha bem não vire o córte!
Dá-lhe ahi, procura o geito,
Faz com que caia de lado,
Arreda! já 'stá cortado!
Bravo! Bravo! o pau é forte.

Agora; tira-lhe os galhos,
Nada de galhos aqui;
Quem os quer leve p'ra casa
E, guarde-os só para si;
E' bom; não tarda o inverno,
Que promette ser intenso

Olha, meu charo Lourenço,
Toma estes galhos p'ra ti.

—Este sim que é bom angico!
Madeira de lei!—Pudera!
Para que não dê lhe o bicho,
Se corta na primavera.
—O teu machado está cego!
—Quem fallou?—Foi Muritiba.
—Rapaz, corta a sapaíba;
Muritiba *distempera*.

Agora essa baraúna
Lá perto do *mar d'Hespanha;*
Dêm lhe de geito, meus filhos,
Que essa madeira tem manha.
E' ouca? Tem mel de abelha?
Deitem-lhe a bocca ao cortiço;
Chupem, chupem que por isso
Não nos *descem da montanha*.

—Que matto é esse, meu filho?
—Ah! meu amo, é *pau Brazil*.
—Calluda que é contrabando;
Cortem de manso e subtil.
Pau Brazil! que bello achado!
Nossa fortuna está feita,
Oh! que *fonte de receita!*
Corta, corta meu gentil.

—Que tropa de lenhadores
Temos nós por nossa conta?
D'esta tão grande floresta
Não escapa uma só ponta.
Por toda parte o machado
Falla, que é gosto ouvil-o.
E' pau? *Por isso ou aquillo,*
Abaixo! que o caso affronta.

—Dez milhões de boas toras
Já deram elles por terra.
E cortam, qual mais ligeiro
Na lenha o machado aferra!
Isto sim que é boa gente!
Cortem, cortem, meus amigos,
Como quem corta inimigos
Em tempos de crua guerra.

—Quem é que faz derrubada
D'aquelle *itapicurú?*
Lourenço, toma cuidado;
Tu tens aza de urubú!
Mette a *cunha* para a frente,
Olha o machado que escapa
Que raiz! Como solapa!
Poem as raizes á nú....

—Vamos mais logo p'ra cima,
Lá p'ra o *norte* da floresta;
Dizem que ha d'esse lado
Cada tronco que é uma festa!
Ahi faremos escolha
De que houver de mais *duro*
Para que para o futuro
Ninguem nos enrugue a testa.

O Freitas, Cicero, amigos,
A mais, mais, venha, venha!
Quem *subir* depois de nós,
Si não achar, *lá se avenha!*
Corta, corta, sem descanso,
Que essa madeira 'inda é pouca
Lenha a pedir por bocca!
Nunca é de mais—lenha, lenha!

Original americano.

O *Antonio*, que não é mais da *Viuva*, presta-se a servir de testemunhas em qualquer processo, com tanto que lhe paguem.

Dando-se-lhe as instrucções com antecedencia, bem entendido.

Quem quizer o procure no *Descobertos*, a qualquer hora do dia.

Preço fixo 2$ rs. por cada juramento.

—Sr., que mau costume tem Vm.!
—Cala a bocca, rapariga.
—Apalpando a gente quando passa!
—Não te encafifes por isso.
—Vê essa se diz alguma cousa.
—Vá apalpar sua mãe.
—Negra! Atrevida! Sirvam de testimunha que esta negra me offendeu.
—E lá se vae a Balbina para o chilindró, porque não quiz sujeitar-se a prova!
—Ha homens que tem graças de sendeiro.
—Assim como a daquelle cujo que anda feito *boto* mergulhando em terra.

Poderá ser authoridade policial, um individuo contra o qual ha na repartição da policia uma queixa, já antiga, por furto de carvão de pedra, roubado da lanxa do Sr. O. L. C., queixa essa dada pelo superintendente de uma companhia ingleza com o nome desta terra? *O Moreirinha.*

VARIEDADES.

ECONOMIA DE PONTOS.

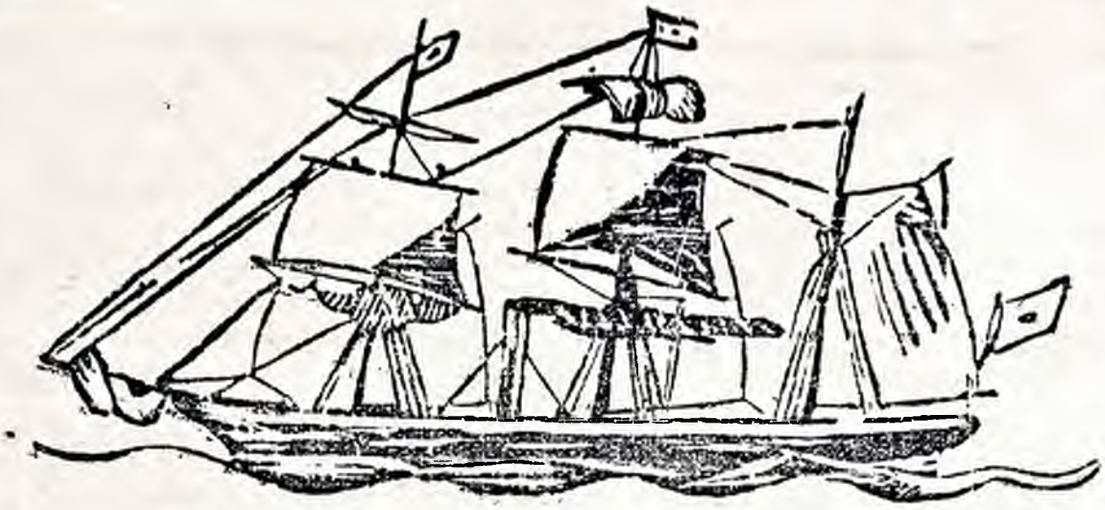
—Tem muitas transacções a sua casa commercial? perguntara um negociante hespanhol a um negociante holandez.

—Innumeras.

—A que chama innumeras?

—Olhe! para lhe dar idéia da nossa correspondencia, basta que lhe diga que no meu escriptorio gasta-se por anno cem libras, só em tinta d'escrever.

—Ora o que é isso? respondeu o hespanhol com o maior sangue-frio. Meu amigo, eu comecei a economisar por anno cento e cincoenta libras desde que ordenei aos meus escreventes que não pozessem os pontos nos ii.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao beco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 46.
Preço d'assignatura—45 rs. por serie de 10 numeros, ou 55 rs. por 6 series.

BAHIA 16 DE JANEIRO DE 1869. N. 457.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias, que evitem no domingo proximo, em que terá logar a festa do Senhor do Bomfim, qualquer sinistro, dos que se costumam dar todos os annos, nos vapores da companhia Bahiana. O que espera-se.

—Ao mesmo, enviando-lhe uma representação de diversos moradores do becco da Carne Secca, ácerca do perigo a que estão expostos de serem victimas de uma hora para outra de um incendio, proveniente da maneira porque está collocado o fogão á vapor do hotel Central, que á qualquer descuido, dá fogo as vigas do andar superior, pela curta distancia em que se acha das mesmas, sendo que no dia 21 do passado o caso ia se tornando serio.

A' vista do que, pede-se a S. S. providencias para que o proprietario do mencionado hotel remova o tal fogão para posição mais conveniente.

—A Illma. gerencia da companhia de Vehiculos Economicos, prevenindo-a de que o publico está sendo muito mal servido, quanto aos transportes da linha do Bomfim.

No dia da lavagem havia no ponto do Caes Dourado reunidas mais de 60 pessoas á espera de conducção, sem que apparecesse uma gondola por espaço de uma hora, razão que obrigou a muitos passageiros a seguirem á pé! Alem disso, o pessimo estado dos animaes e das diligencias é outra causa de encommodo e sobre-saltos para o publico, não só pela longa demora que se dá nas viagens, proveniente da magreza e debilidade dos burros, como pelos desarranjos que se dão á cada passo nos carros.

Na quarta feira uma diligencia carregada, quebrou as rodas e na quinta repetiu-se o mesmo caso com outra, e só por milagre não teve de se lamentar alguma desgraça, ficando apenas offendido um passageiro.

Por tudo isto, espera-se do zelo com que essa empreza deseja servir ao publico providencias á respeito.

Portaria ao fiscal do curato da Sé, ordenando-lhe que vá ao proprietario do sobrado n. 11, á rua Direita do Collegio, e intime-lhe que mande concertar o cano do dito sobrado, que se acha, ha muitos dias, arrebentado, exhalando um terrivel fetido que encommoda a visinhança, principalmente quando o sol esquenta. Cumpra.

—Sempre a ter o que se dizer á respeito dos carros e boleeiros!

Quando não é a impericia e estouvamento destes, é o dezazo de quem os administra, que dá causa a successos desagradaveis.

—E parece que em tal assumpto vamos de mal a peior.

—Em um dos dias da semana passada, uma familia ingleza que ia n'um carro de aluguel pela Rua do Passo, foi victima de um grave encommodo.

As rodas trazeiras do carro largaram-se, e toda a familia levou enorme queda, ficando maltratadas duas meninas.

—Cousas desta terra. Ha de um homem pagar dinheiro, ser mal servido e em cima estar exposto a perigos!

—Capitão, uma anedocta que tem seu sal.

—Conte-a.

—O Sr. D... foi á caça e disse á sua mulher que passaria dous dias fóra.

«Dous dias! exclama a esposa, meu Deus, que demora!»

Emfim, um beijo do marido a acalma e este parte.

Apenas o marido tinha transposto o limiar da casa, que a boa da esposa manda a creada com uma carta chamar a um mancebo. Este não se fez esperar e foi depressa procurar a Sra. D...

No meio da alegria em que se achavam estes dois ultimos, batem na porta; a creada foi ver quem era.

«O Sr. D... grita ella com voz forte, para que sua ama se prevenisse.

«Ahi está meu marido, exclama afflicta a *casta* esposa.

«Escondei-vos aqui.

«Onde? diz o mancebo.

«Neste guarda-vestidos.

O Sr. D... entra zangado, dizendo que perdeu o trem de ferro, e que sua viagem ficará para o outro dia.

Quando a Sra. D... olha para o guarda-vestidos veio-lhe uma idéa subita.

Simula um ataque nervoso. O marido pega no chapeu e vae depressa chamar o medico.

Durante esta ausencia a Sra. D... abre o guarda-vestidos, o mancebo sahe, e empura-se.

O marido volta e diz que não encontrou o medico.

«Já não é preciso, meu charo, diz a esposa, a crise passou.

«Isso esperava eu já, chara amiga, disse o *fleugmatico* marido, porque vi a doença descer pela escada.

—Coitado... é dos taes... que calam e consentem.

—Aqui tem V. Ex. o progresso do seculo.

—Na correspondencia de Humaytá para o *Jornal do Commercio* encontra-se o seguinte:

«No dia 6 de novembro foram espingardeados os dous reus de crime de morte, ambos pertencentes ao 25 batalhão de voluntarios, Francisco de Sant'Anna Lima e soldado do 41 de voluntarios Manuel Luiz Pereira. Foi um acto horroroso e barbaro. Assisti pela primeira vez em minha vida a esse espectaculo selvagem, que a justiça humana rodeia de tanta ostentação e apparato.

«Parece que até os elementos protestavam contra aquella execução. Desde ao amanhecer do dia uma tormenta acompanhada de copiosa chuva cahia sobre essa praça. As ordens, porém, estavam dadas. A execução devia ser feita ás 8 horas da manhan. A ordem do dia mandava comparecer *todos os corpos da guarnição em sua maior força, inclusive empregados, camaradas e bagageiros, afim de assistirem na fórma da lei a execução.*

«Um dos condenados á morte era um doente de rheumatismo. Foi carregado em uma padiola por quatro companheiros. Era um espectaculo doloroso e pungente.

«Um homem deitado, com o Crucifixo nas mãos, agarrado sobre o coração, tendo a seu lado o ministro da religião do Calvario, era transportado por quatro companheiros de armas para o ponto onde devia ser espingardeado. Após esse, caminhava o outro com um Crucifixo nas mãos, ao lado de outro padre, para o mesmo ponto. A chuva, que não cessava, ensopou condemnados, padres, concurso e o cartuxame.

«Quando os dous miseraveis se sentaram nas duas cadeiras fataes, quando os sacerdotes terminaram sua sagrada missão, quando se deu a voz de *fogo*, houve uma scena horrivel: todos os corações se confrangeram e se despedaçaram. Os tiros falharam pela maior parte. Cahiram as duas victimas apenas feridas. O doente ficou no chão semi-morto, o outro, o reu Manuel Luiz Pereira, levantou-se e poz-se de pé, olhou para o companheiro que jazia no chão, passou a mão pelo face no logar em que tinha sido ligeiramente ferido, bradou indignado: —*Matem-me de uma vez!*...

«Novas ordens são dadas: outro piquete chega, dá-se de novo a voz do *fogo*. Ouvem-se os tiros, apenas um acerta no infeliz justiçado. Elle se levanta outra vez, põe a mão sobre a ferida, que era na coxa esquerda, e de pé, no maior auge de desesperação, pronuncia palavras de desesperação e de raiva. Aquella alma soffria o maior dos martyrios.

«Nóte-se que esse homem não tinha querido que se lhe vendassem os olhos. Mostrava de principio a fim a maior valentia e cordura para a execução que ia soffrer.

«Frustrada aquella segunda tentativa, dão-

se novas ordens, vem novo piquete, novas armas, e postam-se mais proximos ainda do desgraçado. Então elle pede licença ao official para dar a ordem e diz: «*Camaradas, façam a pontaria aqui:*» e com um rapido movimento fixou o dedo pollegar da mão direi- sobre o coração.

«Ao estampido dos novos tiros cahiu então para não levantar-se mais. Afinal estava morto, descansava por fim.

«Começa scena nova, igualmente mortificante, egualmente barbara.

«E' o tiro de honra, é o tiro que se dá no ouvido. Dous a dous se approximam os soldados: ouvem-se os estalos das espoletas mas os tiros não se ouvem. A chuva inutilisara a polvora do ouvido das espingardas. Afinal duas foram mais felizes, dispararam. Ainda não bastava. Ha então scena nova. E' o medico que vae reconhecer si os justiçados estão mortos.

«Que doloroso martyrio para o sacerdote da vida e da saude! Fiel a seu dever o medico declara que um dos justiçados, o primeiro que cahira, o infeliz doente, que talvez não se pudera levantar, não estava morto. Novas ordens para os tiros de honra que falham ainda duas vezes.

«Terminou por fim esse espetaculo sem nome, que a justiça humana chama *execução*.

«Declaro que não vi ainda nada tão horroso como aquillo foi. Em nome da civilisação e da humanidade protesto contra esse apparato selvagem e barbaro, que ainda se mantém nas leis militares do Brazil.

«Si é preciso matar, matem; mas sem esta ostentação selvagem.»

—Que horror!

E se pratica isto em nome de S. M. o imperador do Brazil, que á 8 de janeiro de 1867 houve por bem perdoar a duzentos galés perpetuos de Fernando de Noronha, entre os quaes assassinos de vinte e duas mortes, parricidas horriveis, para irem defender a honra do Brazil no Paraguay!

Á PEDIDO

—Capitão, este labrego ha muito que devia estar no fundo do mar.

—Que besta é essa?

—Um dos mais astutos ladrões que pisam em Latronopolis.

Sua vida é um tecido de ladroeiras.

—A cara do bruto está indicando.

—Freguez de quanto ratoneiro ha nesta terra, é em sua tasca que vão dar fundo todas as escamotagens e ladroeiras que se praticam nesta cidade.

Compra todos os furtos que lhe appareçam, por metade do seu valor.

E os larapios preferem sua freguezia, porque elle é seguro e discreto.

Aquillo que cahiu em suas mãos está no fundo do oceano.

—E' preciso acabar com elle.

—Este selvagem porém tem um dote apreciavel. Não desampara os seus comparsas nas horas de aperto.

Quando algum cahe nas garras da policia, elle visita-o, fornece-lhe dinheiro e protege-o.

—A conveniencia é delle.

Quem é este animal?

—Chama-se *João*, capitão.

—*João*, bem; maximgueiro, vê ahi um *ferreiro* que prepare uma *cruz*.

De que antro aportou similhante peste a esta plaga?

—De *Guimarães*.

—E estabeleceu-se?

—Na rua da *Taboa-grande*.

E' ahi que o indomito labravaz tem uma bodega que serve de ponto aos gatunos.

E' dotado de tino inexprimivel para tranquibernias.

Não se aperta com qualquer cousa.

Um dia subia a ladeira da *Taboa-grande* um preto conduzindo um barril de manteiga roubado.

Um inspector de quarteirão deu sobre elle.

Este vendo-se acuado, largou o barril e correu.

O atrevido gallego teve a incrivel ousadia de ir reclamar a manteiga como sua.

Mas não era a manteiga que elle foi reclamar ao agente d'authoridade, porque sabia que elle não lh'a dava, foi apenas assumptar a marca do barril.

Immediatamente desceu á cidade baixa, comprou um barril egual de manteiga, mandou-o levar pela ladeira do Pilar para um deposito que tem, e apresentou-se ao subdelegado exigindo a manteiga apprehendida como sua e dando o dono do armazem onde tinha comprado como prova.

—Que ladrão subtil, que astucia!

—Cousa notavel!

O facto tinha se dado á uma hora e o ladrão comprou a manteiga ás tres, mas sem embargo ficou com dous barrís de manteiga pelo preço de um.

(Continúa.)

Ao Illm. Sr. provedor da Misericordia, pede-se providencias acerca dos terrenos pertencentes á mesma na nova rua da Independencia.

Consta que tres individuos pretendem ahi

edificar estribarias para burros, o que se acontecer irá desmerecer o valor e importancia da rua, uma das melhores da freguezia de Sant'Anna.

Em uma rua de tal ordem só se deve aforar terrenos a quem queira edificar predios que concorram para o aformoseamento da rua e não para se levantar telheiros que sirvam de morada a burros.

Espera-se a attenção de quem compete para o que fica exposto.

—Capitão, vou lhe contar uma historia.

—Não sendo da carochinha pode desembuchar.

—Então lá vae.

—*Correia*, fez seu testamento deixando todos os seus escravos forros, e isto o podia fazer sem prejudicar a sua mulher, visto que tinha sua terça para dispôr della como lhe conviesse.

Mas a viuva, depois que elle expirou, consumia o testamento para não dar carta de liberdade aos ditos escravos, dizendo que elles tinham ficado para a acompanhar até a sua morte.....

—Esta historia está parecendo com a do *Santos?*

—Faz-me V. Ex. o favor de ouvir sem dar os seus apartes?

—Pois não; pode continuar.

—.....Por morte da viuva, um tal Domingos arvorou-se em testamenteiro e fez tudo quanto quiz.....

—Arvorou-se de testamenteiro e herdeiro de um testamento que elle mesmo arranjou.

—....captivando a aquelles escravos que a viuva tinha deixado libertos.

—Esse sugeito de quem V. falla, que se constituiu herdeiro e testamenteiro da viuva, chama-se *Joaquim* e não *Domingos*.

—Si V. Ex. sabe a historia, eu não continuo.

—Pode continuar; são apenas pequenas observações que lhe faço.

—Mas eu estou contando-a da forma por que me contou o *Alves*.

—Prosiga.

—*Domingos*, mandou prender a Manuel, a quem elle considerava seu escravo, e offereceu-o para o serviço do exercito, e como elle fosse julgado incapaz para tal serviço na inspecção, foi de novo agarrado e mettido na casa de *cachorros*.

Ora, pergunto eu, quando um senhor offerece um escravo para o exercito, antes delle jurar bandeira não deve estar com sua carta de liberdade?

—Assim parece.

—Logo *Domingos* offerecendo Manuel para o exercito ainda tem sobre elle o direito de senhor?

—Eu sei; nesta terra tudo se vê.

—Pois bem: como tudo se vê nesta terra, eu tambem prometto a V. Ex. contar-lhe a historia da vida desse celebre gallego!

—E me ha de encontrar prompto para ouvil-o.

—*Au revoir*.

ANNUNCIOS.

Sahiu á luz a valsa SYMPATHIA e a mazurka JULIETA, por Francisco Santini, author da BORBOLETA.

Vende-se em casa do author, ladeira de S. Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do Sr. Conde, ao Rosario; loja do Seixas, rua Nova do Commercio; botica do Carlos, ao Pelourinho; e na Calçada, botica da esquina do becco do Godinho.

Acha-se em impressão a TOMADA DE VILLETA, grande galope.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e bem conhecido café moído puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n.° 9 B, e na Saúde, rua do Jôgo do Lourenço, casa n.° 190.

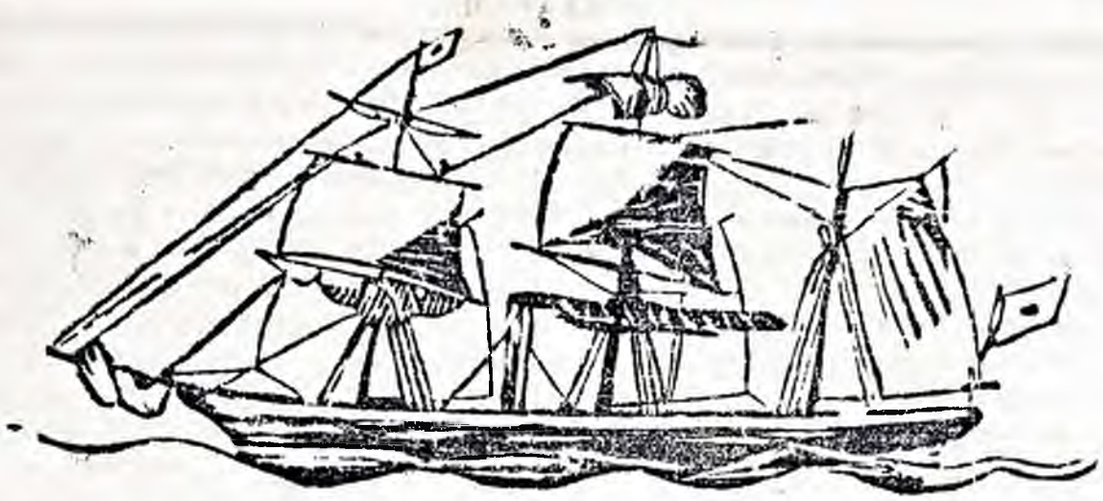
Previne-se que qualquer porção comprada levará no involtorio o distico seguinte—M. José de Azevedo—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados: outro sim não se vende para taberna alguma.

Acham-se em impressão os primeiros numeros de uma publicação periodica, especialmente dedicada á traducção da obra completa de Ponson du Terrail—*Os dramas de Paris*—vulgarmente—Rocambole.

O preço será de 1$000 por serie de 15 numeros, formato *in-quarto*. A empreza teve por fim adoptando essa forma de publicação, facilitar, pela commodidade, a leitura áquelles, que desejam ler a primeira composição romantica do seculo.

Assigna-se nesta typographia, nas lojas de livros da Viuva Lemos e do Dr. Martins Alves; nas boticas da Praça e do Sr. Jatobá, rua da Misericordia; nas lojas de charutos dos Srs. Vasconcellos, na mesma rua, e Leduvdo atraz da Sé, loja de sapatos do Sr. Emygdio, na rua Direita de Palacio na loja do Sr. Alipio e no hotel Bahiano.

Hygino Francisco da Silva, á rua do Commercio n.° 3, preciza de bons officiaes alfaiates, com especialidade de miudos; pagando bem.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 46.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 20 DE JANEIRO DE 1869. N. 458.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, prevenindo o de que espalha-se o boato de que no domingo ultimo foi violentamente recolhida ao hospital de charidade, como douda, uma senhora em seu perfeito juizo, e immediatamente encarcerada na *casinha escura*, onde se mettem os furiosos, com o fim de verem si, por tal meio, conseguem alterar-lhe as faculdades. Diz se que a referida senhora viera illudida em uma cadeira até a porta do hospital e ahi fôra agarrada, e accrescenta-se que de proposito escolhera-se o domingo, dia em que na cidade, vasia de povo não se tornaria o facto notorio; pelo que, pede-se a S. S. a mais severa syndicancia sobre o caso, e as providencias que cousa de tanta gravidade exige.

—Vê aquelle sujeito?

—Qual?

—O que vae na bolea deste carro, que passou?

—O que tem? E' o boleeiro. Não vê o traje?

—Enganou-se. E' o guarda nacional do 5.° batalhão, aquartellado, Sotero, que hoje, arvorado em boleeiro, está conduzindo passageiros para o Bomfim.

—V. está gracejando.

—Gracejando não; vá amanhan, segunda feira, ao quartel da Palma, que ha vel-o envergando a farda de guarda nacional.

—Mas, rapaz, os boleeiros não são guardas nacionaes.

—Isso é que não lhe estou perguntando.

—Emfim, va lá; como dizem que nesta terra a lei é vontade de quem pode.....

—O Correio parece mais uma senzala do que outra cousa.

—Não diga, os empregados são pessoas urbanas, no geral.

—Eu não fallo dos empregados.

—Ah!

—Fallo de meia duzia de rapazes estouvados, que vão para ali, nos dias de chegada de vapor, fazer assuada e insultar os que la vão a negocio.

—Prova de má educação.

—V. conhece o ordenança do inspector da saude?

—Muito. E' um velho soldado de policia.

—Que por sua edade e comportamento merece respeito e consideração.

—E' verdade.

—Pois outro dia no correio levou petelecos e empurrões de uma sucia de malandrins que lá se achava.

—Incivilidade, grosseria.

—E outros muitos desaforos que se dão encampellam chapeus, deitam rabos, ce

botões do palctot, e fazem um berreiro infernal.

—Ao passo que alli ha uma guarda cujo fim é manter a ordem!

—Capitão, acabo de presenciar uma scena revoltante.

—O que foi, homem de Deus?

—Quatro soldados de policia que levavam uma douda para a correcção.

—Ora cebolorum! Que influencia pode ter uma pena correccional em quem é destituindo de razão!

Ha gente que tem lembranças!

—Mas dizem que esta terra não tem logar mais proprio para os doudos do que a cadeia.

—Em quanto os larapios, os malfeitores, os ebrios e vagabundos, vagam pelas ruas!

—Cada soldado segurava em um braço ou perna da infeliz e a cada grito della, a cada contorsão, enfureciam se e davam lhe solavancos horriveis; cada um puxava brutalmente para seu lado, como si aquillo fosse borracha, que dá de si, e a miseranda no meio de tão inauditos tratos ia toda descomposta!

—Que selvageria, meu Deus!

—A vista de tão repugnante quadro, horrorisado, retirei-me daquelle logar com o rosto coberto de vergonha.

—Ha dinheiro para tanta sinecura, para tanta ladroeira, so não ha para um asylo á probeza e para uma casa de alienados!

—Não se dá maior desaforo!

Pois estes dous moleques boleeiros da gondola *Snoown*, desde que sahiram do Caes Dourado a darem mangoaladas nos pretos, meninos e velhos, que vão encontrando, sem distincção, em risco da ponta do mangual ferir um olho de qualquer!

—E tambem de um dos offendidos mimosear aos passageiros com uma boa pedrada.

—Mas si são quatro passageiros mesmo quem os instiga a tal gracinha.

—Quatro insolentes malcreados, que vem a praticar quanta bregeirada ha; ultrajando as familias com accionados e dicterios, dando *encapellações* com os cabos dos guardas-sol e fazendo outras muitas maroteiras.

—E que por fim tem o atrevimento de insultarem e apuparem a uma honesta senhora por que vae vestida de balão!

—Estupidos! Não respeitam as familias dos outros para terem direito a serem as suas respeitadas!

—Não creia que quem teve educação pratique isto. E' comportamento de gente creada com *farpellas*.

—E este safado judeu com ares de *alcalin* sobresahe a todos no relaxado e devasso procedimento.

—Na noite de sabbado, no baile pastoril do Sr. Azevedo, na rua do Tijollo, quando representava se o baile—*Liberdade*, um moço academico recitou uma sublime poesia a liberdade, a qual foi enthusiasticamente applaudida.

—E esses applausos foram secundados de freneticos vivas que deram os spectadores ás ideias liberaes!

—No dia 16 um Sr. Antonio de Freitas tentou reduzir á escravidão um pardinho que trouxe do Pará para seu creado, e não o podendo fazer sem um titulo que provasse como o dito pardinho era seu escravo, tratou de justificar com testemunhas, e se prestaram á isso, mediante a quantia de 5$ rs. que lhes deu o tal Freitas, os celebres Pedro Cicero Baldaia, João Carvalho d'Araujo e Theodoro José do Couto.

—E si não fosse o official de justiça Pedro d'Alcantara Gusmão e o distincto advogado Emygdio Joaquim dos Santos o infeliz pardinho era sempre reduzido a escravidão.

—O magano está por conseguinte incurso no art. 179 do codigo criminal.

—E tambem no art. 301 do mesmo codigo, por haver usado de nome supposto e titulos que não tem, por quanto ora dizia que era *major* da guarda nacional e ora que era *doutor*, afim de effectuar a venda do infeliz pardinho.

—Tambem estão incursos no art. 169 os individuos que serviram de testemunhas.

—Cumpre agora que as autoridades, em nome da santa causa da liberdade, desaggravem a lei tão vilmente ultrajada.

—Esperemos.

—Capitão, communicam-me o seguinte:

O Sr. Pimentel, cobrador da *Bahia Illustrada*, foi á cidade de Valença cobrar as assignaturas da mesma gazeta, e indo cobrar, no sabbado 9, do portuguez Mariano Vinhas 3$ rs. de 6 numeros que elle devia, este se negou a pagar. O Sr. Pimentel para evitar questões exigiu as gazetas.

O portuguez Vinhas trouxe-as todas sujas, pelo que não quiz o Sr. Pimentel recebel-as.

Pois si não quer leval-as, deixe-as ahi, mas eu não pago, disse Vinhas, e foi dando as costas ao Sr. Pimentel.

Essa maneira do Sr. proceder dando-me o c... como resposta, prova a educação que recebeu em sua terra, disse Pimentel.

Nisto entra um moço prudente e aconselha

a Vinhas que pague os 3$ rs., cujo conselho foi por elle abraçado.

No dia immediato, domingo, teve o Sr. Pimentel de ir muito cedo á Cajahiba receber dinheiro dos assignantes, e chegando em um logar deserto foi recebido por Vinhas com duas terriveis cacetadas sobre a cabeça, que por milagre de Deus não está hoje morto.

O Sr. Pimentel dirigiu-se *in-continenti* á authoridade, mas essa disse que elle tomasse testemunhas para proceder contra Vinhas.

Ora, o Sr. Pimentel que não havia de ficar em Valença para esse fim, veio na segunda feira 11 para o seio de sua familia, e desistiu de qualquer acção que contra o portuguez Vinhas podia intentar.

— Ha factos que não se commentam, entregam-se á apreciação do publico.

LA VAE VERSO

A lavagem do Bomfim,
Prazer da rapazeada,
Por mais que se diga della,
Por demais nunca é cantada.

Resume em si tantos gosos,
Expande tanto prazer,
Que, si se morre de gosto,
Bem pode fazer morrer.

Entre os prazeres da vida
Desfructados na Bahia,
Tem logar de distincção
O folguedo deste dia.

O homem fica tão brando
Como cêra posta ao sol,
O coração pinoteia,
O juizo é um caracol.

Quem não gosta da um pagode
Que tantos quindins encerra,
Perdeu o gosto da vida,
Ou não nasceu nesta terra.

Pois haverá quem resista
Do desejo á tentação,
De ver como a natureza
Creou tanta perfeição?

O accendedor do gaz,
Inda mal não tem soado
As quatro da madrugada,
Tem o serviço acabado.

O açougueiro com pressa,
Para acabar o trabalho,
Deixa de roubar no peso
Só para fechar o talho.

Té o homem da limpeza
Que anda varrendo a rua,
Muito antes da meia noite
Tem findo a tarefa sua.

O seboso vendelhão
Fecha a taverna este dia,
E junto co'a *companheira*
Se largam para a folia.

O caixeiro do commercio
Pede licença ao patrão.
Enfronha o paletot branco
E lá vae para a funcção.

A crioulinha dengosa,
De balainho arrumado,
De vassoura atravessada,
Vae fazendo um requebrado.

A faceira mulatinha,
Mimosa como alfinim,
Vae de saia arregaçada
Caminhando p'ra o Bomfim.

Muita gente neste dia
Sem agoa em casa ficou,
Pois que a negra do barril
Para o Bomfim se largou.

O proprio empregado publico
Neste dia falta ao ponto,
E para encontrar a gondola
Vae correndo como tonto.

O austero sacerdote
Com ar mui grave e sisudo,
Vae atraz de uma creoula
Cuja pelle é um velludo.

De olhos cravados no chão
Vae o padre lazarista;
Julgaes aquillo real?
Mentira! E' um hypocrita.

Pois que olhando de revez,
O *jacobeu* refalsado,
Das pernas d'uma mulata
Admira o torneado.

Até um certo beato,
Que amanhece no templo
De braços em estação;
Da turba segue o exemplo.

E' que, apezar de beato,
Como os mais, tem coração;
Segue a *certa visinha,*
Que é a sua tentação.

O marido que seis mezes
Não faz, morreu-lhe a mulher,
Mesmo vestido de preto
Vae metter sua colher.

O soldado neste dia
Esquecido do castigo,
Engana o sentinella
E foge pelo postigo.

Cousa incrivel! O agiota
Cuja sordidez não cança,

Aferrolha o thesouro;
Vae assistir a festança.

Quando o dia vem rompendo,
Tudo já está no Bomfim!
Já ha gente *estropiada*,
Deitada sobre o capim.

E eu encarapitado
Sobre o magestoso adro,
Vou contemplando enlevado
Tão apreciavel quadro.

Vejo o Sr. Zé Canastra,
Reformado em coronel,
Que por ser mui precatado
Traz ás costas seu farnel.

Alem stão duas creoulas
Pelos gestos muito amaveis,
Henriqueta e Bernardina,
Amigas inseparaveis.

Maria que dá *prazeres*,
A quem certo trapicheiro
Amara com grande ardor,
Desde o tempo de caixeiro.

Até o velho Macedo
Que anda arrastando os pés
Vejo mettido no meio
De creoulas, umas dez.

Com a saia *enguindada*,
Um balaio com comida,
Procurando o Cassiano,
Vejo Helena n'uma lida.

Oh, que famosa vassoura
Traz o Joaquim Tamanqueiro!
Roliça, grossa, enfeitada;
Custou-lhe bem bom dinheiro.

Um grupo que ali está
E' Pupù, Maria Ignez,
Falta só Alexandrina
Que não veio desta vez.

Vejo ali o *Zé Menino*,
O rapaz do papa-vento,
Em seu soberbo corsel,
Olhando sério e attento.

Aquelle grupo de homens
Que vejo em ar de romagem,
E' a seita progressista
Que tambem veio a lavagem.

Logo que eu vejo a Thomasia,
A Mafalda anda ahi...
Vem um pouco mais atraz;
Já avistei-a d'aqui.

Os diabos das creoulas
Affectam uns taes *me-deixes*,
Que faz a rapazeada
A seus pés cahir aos feixes.

E aquelle que não sente
A alma cheia d'alegria,
E' qual caxorro de roça;
Lambe a..... mão, bebe agoa fria.

Posto diga ser *sabido*,
Aquelle *padre*, se engana,
Vejam como está rendido
Pela Maria Joanna.

Lá foram mudar de roupa,
No botequim da Anastacia,
Salomé e Benedicta,
Gertrudes, Ritta e Ignacia.

Bravo! Miguel Peixe gallo.....
Logo vi que não faltava,
A demora foi emquanto
N'um freguez lôgro pregava.

São sete horas e meia,
Vae começar a lavagem;
O bombo já deu signal
P'ra chegar a *sarandagem*. (*Continúa.*)

Á PEDIDO

AO ILLM. SR. JOSÉ FERREIRA CARDOSO,

Declara o abaixo assignado que nunca escreveu para gazeta e muito principalmente sobre a vida particular de ninguem e que quando tivesse habilitações para isso não seria por meios torpes, nem sob a capa do anonymo; portanto, julga ter respondido ás allusões e suspeitas mal cabidas de S. m.

Agora quanto ás bravatas desejava que me dissesse onde é seu cemiterio, para que no caso de que ellas me possam dizer respeito eu saiba onde me deva recolher.

R. M.

ANNUNCIOS.

BAILE PASTORIL.

BENEFICIO DE MANUEL COSME,

HOJE 20 DE JANEIRO.

Casa n.º 20, na rua direita de Palacio.

N'esta typographia compra-se o n.º 152 do *Alabama* de 1864 e 421 de 1868.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e bem conhecido café moído puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, e na Saúde, rua do Jôgo do Lourenço, casa n.º 199.

Previne-se que qualquer porção comprada levará no involtorio o distico seguinte—M. José de Azevedo—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados: outro sim não se vende para taberna alguma.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 46.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 22 DE JANEIRO DE 1869. N. 459.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de janeiro de 1869.

Não houve expediente.

—A repartição da policia não tem um medico?

—Que ganha 150$ réis mensaes.

—Mas o que faz o medico da policia?

—Inspecciona recrutas.

—Ora pipocas!

Os recrutas não são inspeccionados na policia.

—Então não sei lhe responder.

—E' um cravo! Pagar-se 150$ réis a um homem para não fazer nada!

—Entretanto, quando tem de se fazer um corpo de delicto andam a rogar aos medicos, tendo a policia um seu privativo.

—Não ha muito que no hospital deixou de se proceder a um, por falta de facultativo.

—As cousas desta terra andam todas de *costas*.

—Hontem, 20, estando a senhora do Sr. Tito Rangel, morador aos Afflictos, ao escurecer, no seu quintal tomando fresco, recebeu uma pedra quadrangular sobre as costas que lhe atiraram, a qual lhe fez dous terriveis ferimentos.

—Insubordinação de algum menino malcreado da visinhança.

—Diz a senhora Rangel que a pedra foi atirada do quintal de uns portuguezes que moram na casa contigua.

—Então talvez houvesse ahi algum proposito?

—Não lhe sei responder.

—Não se acata mais o pudor das familias!

O leito virginal, o thalamo conjugal é atrozmente profanado pelos agentes do poder!

No Piauhy, entram em uma casa e levantam as saias das senhoras!

No Ceará, vão ao leito de uma senhora revolver-lhe as roupas do parto!

Em Campo Largo, provincia de S. Paulo, invadem o domicilio respeitavel de uma viuva e vão apalpar o collo de castas virgens!

Leiam e horrorisem-se:

«INFAMIAS OFFICIAES.—As furias infernaes desenvolvem por toda a parte o mesmo systema de ataques contra o pudor das familias. Miseraveis!...

Ouçamos o *Amigo do Povo*, jornal do Piauhy, em sua singela narração:

«*Saiba o paiz.*—Si por acaso o imperador tiver conhecimento do que se passou em casa de Renovato Pereira de Moraes, no dia 31 do mez proximo findo, no logar Sapucaia, a 10 legoas desta cidade, *póde ser que se lembre* de interrogar fleugmaticamente ao seus ministros:

—O que achas, Alencar, será verdade aquelle facto que dizem ter se dado a *meu mandado* em Therezina?

—Aquillo é um romance, imperial senhor!

—O que te parece, barão de Muritiba?

—E' uma estrategia da opposição, senhor!

—Parambos, o que pensas?

—Uma diplomacia jornalistica, *el supremo!*

—Eu penso que sim: é realmente um *romance* sem graça,—uma *estrategia* sem arte, —um grosseiro recurso *diplomatico* das taes gazetas...Nem si quer vale a pena que se falle em taes bagatellas... Mudemos de conversa: como vai a rainha de Hesapanha?.....

E o facto, ligeiramente indagado, por hypothese, lá na corte; o facto que o autor do *Guarany*, quereria que fosse um simples romance, é aliás uma realidade que envergonharia uma época menos corrompida e um povo menos servil. Eis o quadro, apenas esboçado por quem não entende de pinturas:

«A'qui d'el-rei que me levantam a sáia!»

—E' o rei mesmo—quem manda fazer isso!

«Olhe, Sr. José da Silva, como é que faz isto com minha filha: apparecem-lhe as pernas até os joelhos!» Disse o pae de Speridiana de Jezus.

—Esteja preso, Sr. Renovato: a culpa é mesmo sua! Para que mandou esconder seu filho entre as saias de suas tres filhas?

—«Alem de violarem minha pobre casa, desde pela madrugada; alem de offenderem o pudor de minha consternada familia; alem de recrutarem meu filho, que nem ainda tem buço de barba;—em cima de tudo isso dão-me voz de prisão; quanta violencia, meu Deus!...

—Não quero saber disso, meu toleirão; marchemos para a casa do capitão Joaquim Candido.

E lá se vão dez homens escoltando Renovato e seu filho Laurindo...

Maria Vieira, mulher do velho preso e mãe do moço recrutado—fica na sua triste morada, muda e quêda, com o desespero no coração, mil cuidados no pensamento, e abundantes lagrimas nos olhos quasi embaciados!

As *tres* moças, que lembrariam as *graças* si fossem ricas e aristocraticas,—jaziam n'um canto da desolada casa, exhalando suspiros do coração (as filhas do povo tambem o têm!) e alem disso ainda envergonhadas da estranha scena que ha pouco tinha sido ali praticada *em nome do rei!*...

« *Sagrada sabedoria*
—D'el-rei nosso senhor;
« *Deus te pague essa harmonia,*
—Teu regimen corruptor!»

« Os imperiaes caudilhos na provincia do Ceará.—Leiam todos os pais de familia, todos os homens honestos deste miseravel paiz a seguinte noticia, transcripta do *Cearense:*

« No dia 6 de Outubro falleceu na villa de Sant'Anna a Exm. Sra. D. Isabel Cysne de Maria, pertencente a uma familia importante daquella villa, sobrinha do parocho desta capital, Rev. Miguel Francisco da Frota e do tenente-coronel Manuel Joaquim de Souza Vasconcellos, deputados provinciaes.

« Essa respeitavel senhora succumbiu ás violencias das autoridades policiaes e do recrutador de Sant'Anna, alferes José Martiniano Peixoto de *Alencar*. A historia de seus soffrimentos é horrorosa, como foi narrada na assembléa provincial pelo distincto deputado Dr. José Thomé. E' um dos episodios mais tetricos da conquista de Santa Anna.

« D. Isabel tinha dado a luz havia pouco, quando foi um dia sorprehendida por uma escolta desenfreada de policiaes, que iam em busca de *seu marido* o Sr. Antonio José Cisne, *para recrutal-o.*

« Como era bem natural, recebeu um choque profundo. Seu pai procurou conter os esbirros, porém debalde, elles varejam tudo e finalmente aproximam-se da cama da doente e (horror!) erguem-lhe os lençóes!!! .... D. Izabel é acommettida de uma syncope. Ao tornar a si estava abrasando-se em febre.

« Appareceu logo o delirio.

« Cortava os corações dos que a viam naquelles transes dolorosos!

« Em seus dilirios exclamava, assombrada —tirem esses soldados daqui; tragam-me meu pobre marido que o arrastaram.... que prenderam... os soldados me querem matar.... tirem de junto de mim.... Eram as unicas palavras que proferia.

« Que afflições, que transes mortaes!

« A febre entretanto recrudecia, e os delirios eram frequentes, até que afinal succumbiu! Sua darradeira palavra foi ainda.... os soldados...

Agora em S. Paulo.....

«Foram mais varejadas as casas de mais quatro cidadãos, e com tal desacato que em casa de Manuel Estevam de Oliveira, chefe de uma familia honesta e honrada levaram a ousadia a apalpar o collo de sua mulher, e descubrir suas filhas já moças para se verificar se eram homens!

« Em casa da viuva pobre e honesta Maria Penteado, cujo filho mais velho marchou, ha tempo, para o Paraguay; restando-lho apenas o ultimo ainda de menor edade, e seu unico amparo e de sua filha já moça, sem respeitarem e condoerem-se das lagrimas d'essa infeliz mãe, bateram em sua presença na face da filha, gracejando!»

LA VAE VERSO

Rapazeada de gosto,
Vinde agora admirar,
Prendas que a natureza
Se esmerilhou em crear,

Muita preciosidade,
Que anda bem *resguardada*,
Apparece neste dia
Para ser apreciada.

Fora de si, deslumbrado,
O homem todo se baba,
E qual caxorrinho dogue
Na funçonata se enraba.

Diga o aquelle magistrado
De chapeusinho de palha,
Que onde vê uma mulata
O seu barco logo encalha.

Arrenego! Tentação.....
O' santo breve da marca!
N'uma nau coubessem todas
Sendo eu piloto da barca.

O proprio Fr. Soledade,
Com a santidade toda,
Si vem um anno a lavagem
Nunca mais perdia a boda

Bello! Como se requebra
A cabrinha Theodora,
Com seu pucaro a cabeça....
Vae ao chafariz agora.

Na mão empunham bem grossas
Vassouras; de marroquim
Os cabos tendo enfeitados,
A Valeria e o Joaquim

Maria, o *pote virou*
De volta do chafariz,
Não podendo comprar outro
Do seu destino maldiz

Bem me disse o preto *Augusto*,
Que tem talho n'uma esquina,
Que ca havia encontrar me
Com a mulata *Joaquina*.

Pois quem havia dizer..
Que o Dr. *Arca-minha*,
Esquecendo a posição
P'ra tal *lufa-lufa* vinha!

Venha manso, *professor*,
Não tome as cousas em grosso,
Veja os garotos que bradam—
Carrapato, larga o osso!

Eiml o *José das Fazendas*,
Este gallego rançoso,
Tambem veio! E' que assucar
Não roubou hoje; manhoso!

Ora, aquelle *barateiro*
Que de *Guimarães* chegou,
Na baderna das creoulas
Como o taful embocou!

Como a Maria Felippa
Apezar do corpanzil,
Vae saltando em desfilada
Que me parece um fuzil!

Eis ali a Calombó,
Creoula de Santo Amaro;
Lembro-me de um *peregrino*
Sempre que p'ra ella encaro.

A companhia do gaz
Em barafunda ficou,
Porque um nosso *patricio*
Parece que se *enxolou*.

Mestre Marcos insofrido
Stá de bumba á cabeça
A espera que a tropilha
Ao porto da lenha desça.

Caminhando para o porto;
La se vae toda baderna,
Ferve o lundú; cada qual
Vae fazendo sua perna.

A sympathica Henriqueta
Com sua meliflua voz,
Entoa um samba que diz—
«*Viva quem gosta de nós*;

«*Quem nos dá saia de chita*
«*Prefilada de retroz*,
«*E' signal que nos quer bem*....
«*Viva quem gosta de nós*.

«*Liga de cor solferina*,
«*Com debuxado de ilhoz*,
«*Põe a gente mui faceira*....
«*Viva quem gosta de nós*.

Toda turba respondia
A essa gostosa chula;
Uma dança, outra toca,
Outra sapateia e pula.

Té um velho *poderoso*
Sumiticão de uma figa,
Ao ver a tal brincadeira
O coração lhe formiga.

No meio da turba multa,
Adelaide, mui gamenha,
Atado em laço de fita
Traz lindo feixe de lenha.

Bemvinda e Feliciana,
Coaracy e Emilia,
Chrispiniana e Candinha,
Felicidade e Cecilia;

Pucham tão bem a fieira
Que a todos causam inveja;

O *Todo lindo* que as vê,
Vem p'ra o meio, deixa a egreja.

O padre que por *castigo*,
O espinho de uma *rosa*,
Feriu-lhe a *testa*; no samba
Tem pericia espantosa,

Tambem outro sacerdote
Que uma *rosa* traz no peito,
Mettido entre as creoulas
No lundù tem muito geito,

Muito bem! O Quinquim Lopes,
Qual um macaco enfezado,
Por mais que queira não pode
Soltar um sapateado.

Pois não me ia esquecendo
Da nossa amavel Constança,
Perna certa todo anno,
Desta gostosa folgança?

Mas ella que é camarada,
Creio não se zangaria,
De um anno ser esquecida
De entrar na tafularia.

Mais este velho *Massada*
O que veio ca fazer?
Sem duvida, os estudantes
Deixou hoje sem comer.

Agarrado a uma viola,
Eil-o, o homem abaixadinho.
Que chamam *Caspite Domine*;
No botequim do Candinho,

O coronel Tranquillinho
A lavagem tambem veio,
Vae cantando, seu *dondon*
D'umas creoulas no meio.

Ah, maganão! Para isso
Não tem *vozes* na cabeça!....
Va vender sua pomada
A outro que o não conheça.

Com tres caminhos que dão
Têm a lenha carregado,
Mesmo porque este anno
O volume foi mingoado.

Agora, atraz da egreja
O samba está arrojando,
O zabumba da Chapada
A toada está soltando.

E eu me vou retirando
Que o sol está muito quente;
Quem tomar o seu pifão
Que va dormir e se aguente.

—Soube o que aconteceu?
—Não.
—Houve uma facada na ladeira da Soledade ás 4 horas da manhan.
—Que diabo! Agora por qualquer da cá aquella palha é uma facada, uma cacetada etc.
—Esta terra não vae bem.

—Hontem a companhia de Vehiculos fez uma experiencia nos seus trilhos de ferro.
—E foi bem?
—Perfeitamente.
—E' o que serve.
—Não ia sendo muito bem, porque na Calçada quasi esmaga um homem.
—E' do que eu tenho medo, porque se não houver muita prudencia, terá de se lamentar muitas desgraças.
—O principio está mostrando.

—Pelo becco do Gelú tem havido o diabo! Hontem um Sr. *Quinquim* brigou com a *dulcinéa*, n'um samba, e esta desandou-lhe uma quartinha que partiu o olho de um rapaz que passava.
—Dizem que a cachaça de Itapagipe é mais forte que dos outros logares.

VARIEDADES.

COMO SE DESCOBRE UM LADRÃO.

Um inglez que tinha uma fabrica de assucar, achando-se um dia roubado em uma somma consideravel, ajuntou os negros e disse-lhes:

Meus amigos, estou roubado, e a grande serpente, apparecendo-me á noite passada, disse-me que o ladrão teria neste momento uma pena de papagaio na ponta do nariz.

O culpado sem refletir no que fazia, levou immediatamente a mão ao nariz.

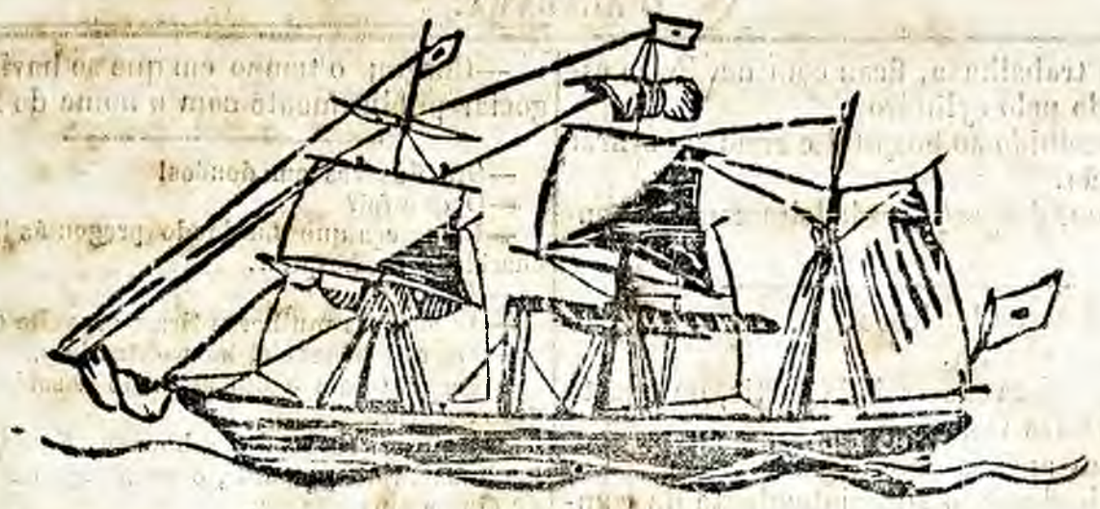
Foste tu, que me roubaste, disse-lhe o senhor. A grande serpente acaba de m'o revelar. Da-me cá o meu dinheiro.

ANNUNCIOS.

Sahiu á luz a walsa SYMPATHIA e a mazurka JULIETA, por Francisco Santini, author da BORBOLETA.

Vende-se em casa do author, ladeira de S. Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do Sr. Conde, ao Rosario; loja do Seixas, rua Nova do Commercio; botica do Carlos, ao Pelourinho; e na Calçada, botica da esquina do becco do Godinho.

Acha-se em impressão a TOMADA DE VILLETA, grande galope.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 47.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 23 DE JANEIRO DE 1869. Ns. 460 e 461.

O ALABAMA.

Hoje termina a serie 46 do *Alabama* e começa a 47.

A falta absoluta que ha de papel no mercado, obriga-nos a publicar a folha em papel fora do commum, sem com tudo diminuir-lhe o formato.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. provedor da casa da santa mizericordia, reclamando contra o abuso das irmans de charidade de trancarem a entrada do hospital das 7 as 9 horas da noite, horas em que vão se *recrear* no jardim; de sorte que, si nessa occasião chegar um enfermo perigoso, ficará privado de soccorros, até que as *pias* irmans por suas altas recreações queiram, porque nem que se brade por el-rei de França abrem as portas!

Não ha muito deu-se o seguinte:

Entrou para o hospital um escravo do commendador José de Barros, com duas formidaveis garrafadas; as irmans mandaram chamar apressadamente o medico da casa, o Sr. Dr. Guimarães; este acudiu immediatamente, mas ao chegar, achou a porta fechada; bateu a não poder mais, por espaço de hora e meia; e vendo que ninguem lhe respondia, retirou-se desesperado, ficando o preto sem curativo até o dia seguinte!

Si as irmans de charidade foram que mandaram chamar o medico e sabiam que elle, como era de obrigação, havia de ir, não deviam trancar a porta e pol-o á espera como pagem de escada, além do grave inconveniente que podia resultar ao doente por falta de tratamento.

Para que não continue tal abuso, pede-se a S. S. que se digne fazer ver ás taes irmans que quando forem *tomar* o seu *recreio*, não se tranquem, pois que aquella casa não é propriedade dellas.

—Sr. *Universal*, quem lhe deu licença para fazer esta cerca?

—Eu sou de casa, a licença é dispensavel.

—De casa é rato, mas róe a roupa.

E o Sr. a fazer de frade da companhia!

—Mais palmo, menos palmo não faz differença.

—Ora isto!

O que vale é que a *gente nova* que entrou não ha de pactuar com suas espertezas. Não é como a *antiga* que marcou um dia para vistoria e esse dia nunca chegou.

—Venho dar-lhe uma nova contristadora.

—Mau.

—O Sr. Braudão maquinista do *Jornal da Bahia*, indo hoje pela madrugada fazer um pequeno reparo na maquina, na occasião em

que esta trabalhava, ficou com um braço esmigalhado pelo cylindro.

Foi recolhido ao hospital e creio vae soffrer amputação.

—E' uma desgraça verdadeiramente lamentavel.

—Uma scena burlesca.

—Quero ouvil-a.

—A gondola das seis ia partir, na quarta feira, do Caes Dourado.

Haviam apenas dous logares.

Dous inglezes, o superintendente da companhia do Gaz e outro, entraram na diligencia e sentaram-se nos logares vazios.

Chega o cocheiro e diz-lhes—os logares são de assignantes.

—E isso é bem mau; o lucro da companhia está na maior concurrencia.

—Os inglezes permanecem mudos.

O Guanaes, adverte-lhes de novo, e os inglezes respondem—mim não intende portugues.

Chegam os donos dos assentos, que são dous portuguezes, o Sr. Gabriel e outro, e achando-os tomados, tomam a deliberação de fazerem a viagem nos collos dos inglezes e vão se sentar sobre elles.

—E o resultado?

—O resultado é que depois de uma perlenga, que ia cheirando a socco, os inglezes decidiram-se a sahir.

—A companhia deve procurar evitar esses conflictos, não só facilitando os transportes, já que tomaram a si tal encargo, como acabando com privilegios.

—E' justo; mesmo que quem se embarca, é por que tem precisão.

—Estourou a bomba.

—Misericordia!

—E os estilhaços foram cahir la perto do gazometro.

—Que estrago.

—O projectil, consta, arrebatou um rapaz *patricio* nosso, que desappareceu.

—Que catastrophe!

—Os prejuizos causados foram algumas folhas de livros arrancados, contas borradas e outras perdidas.

—Estas colubrinas de *cincoenta e duas* tem uma força!

—Continúa o desrespeito nos bailes pastoris.

E o Sr. arcebispo não dá providencias.

No União, á rua de Baixo, consta, tem havido assuadas, vaias, etc.

—E tudo isso em louvor e na presença do Menino Deus!

—Chegou o tempo em que se havia de negociar publicameute com o nome do Senhor

---

—Ora fiae-vos em doudos!

—O que foi?

—Uma peça que um doudo pregou ás irmans de charidade no hospital.

—Refira.

—As *piedosas* mulheres tiram proveito com tudo.

—Em seu beneficio, bom entendido.

—Perguntaram a um alienado si sabia fazer alguma cousa.

Sou pintor, respondeu o homem. Compraram tintas, mandaram preparar, e encarregaram o homem de pintar uma parede.

Nos dous dias primeiros a cousa andou bem; o doudo desempenhou a tarefa maravilhosamente. No terceiro, porém, apertou-lhe a lua e elle *zuniu* com panellas e pinceis sobre a parede mascarrando o que tinha feito.

—E' o que se chama borrar a pintura.

—Tambem aquellas charidosas são tão aproveitadeiras! Obrigam os doentes da santa casa a trabalhar!

—A obra de tres semanas punham o mentecapto de nome Mathias, todo dia ao rigor do sol, limpando um immundo pateo.

—Ellas podem, estão em seu direito.

LA VAE VERSO

MOTTE

No jardim deste teu peito
Fiz a minha habitação,
Com a minha propria mão
Eu plantei o amor perfeito.

GLOSA.

Ora da-se; que loucura!
Uma velha desdentada
Quer ser minha namorada
P'ra fazer minha ventura!
Penteada a creatura
Anda com tanto tregeito
Qu'é um mono com effeito;
Encontrei-a em certo dia,
Quero um lugar, me dizia,
No jardim deste teu peito.

Admirado de ver
A cuja namoradeira,
Fallando desta maneira,
Nada lhe quiz responder;
Ella tornou-me a dizer
E' seu o meu coração
Tenho-lhe muita affeição,
Oh não sei como lhe conte,
De sua casa defronte
Fiz a minha habitação.

A bruxa tornei a olhar;
Cara de gente não tinha,
Mas em fim será rainha,
Si ella tiver a fartar
Os melões com que comprar;

Fiquei n'uma colisão,
Por fim tive occasião,
Lindas flores offertei-lhe
E um ramalhete dei-lhe
Com a minha propria mão.

Depois no seguinte dia
Recebo della um bilhete,
« Meu bem o seu ramalhete
« Causou-me muita alegria,
« Quero a sua companhia,
« Porem com dinheiro e geito
« Fica sempre firme um peito,»
Queria a bruxa dinheiro,
N'outra que tem mealheiro
Eu plantei o amor perfeito.

CONFISSÃO E TESTAMENTO.

Declaro antes de tudo
Que sou christão baptisado;
Nunca puz os pés na egreja,
Eis o meu maior peccado.

De annos tenho quareuta,
Duas vezes fui casado,
Vivi sempre em mancebia,
Respeitei o meu estado.

Nunca o alheio fisguei
A não ser o da nação,
Mas, quem furta o que é de todos
Não tem nome de ladrão.

Quando eu era empregado
Sempre tirei meu quinhão,
E por isso quasi alcanço
Um diploma de barão.

Enganei, menti ao povo
Nos dias da eleição,
Comprei votos, rasguei listas,
Caballei com viração.

Tomei sempre por cautella,
O partido do mais forte;
Adulei, menti de veras,
Pois subir era o meu norte.

Em negocio de perigo,
Quando via o povo irado,
Blasphemando enraivecido
De cacete alevantado.

Gostei sempre de gazetas,
Escrevia p'ra jornaes,
Cantei em heroicos versos
A quem tinha cabedaes.

Era amigo de convites
P'ra jantar em casa alheia;
De noite ia ás visitas
Em casa onde havia ceia.

Fui sempre amigo de todos...
N. rua, seda macia;
Em casa, trazia a cara
Enfarruscada e sombria.

Minha mulher, boa joia,
Deixo a quem tiver dinheiro,
E' zelosa, muito activa,
Mas quente como um braseiro.

Peço, pois ao meu herdeiro,
Que não seja moleirão,
Sempre é bom de vez em quando
Dar-lhe alguma correcção.

Deixo á policia, que dorme,
Minha catana e bordão,
Ao menos para livrar-se
Dos ladrões de profissão.

O meu occulo de theatro
A' commissão hygienal,
Pedindo-lhe que accompanhe
Quando for meu funeral.

O occulo é para mirar
As mazellas da Bahia,
Os monturos pelas ruas,
Bons focos de epidemia.

Minha lingoa embalsamada
Deixo á certo deputado,
Que em quanto foi a assemblea
Esteve sempre calado.

Minha cabeça ao governo
Para sempre andar com tino;
Regula como um relogio,
Ou qual badalo de sino.

Lhe peço que dó do povo
Tenha; dê-lhe carne e pão;
Que o povo quando tem fome
E' feroz como um leão.

A' camara que entrou de novo,
Deixo uma pa virada,
Para limpar os monturos
Desta terra emporcalhada.

Á PEDIDO

—Ora esta está mesmo de eterna memoria!

—O que é?

—Um Sr. Alfredo de Andrade Paes Barretto, involvido na compra de um menino forro, diz hoje no *Jornal da Bahia*—«que o Sr. Dr. chefe de policia, que sabe de seus *honrosos precedentes*, a que familia pertence, que é casado, lavrador e *proprietario de dous engenhos*, intendeu que devia retel-o para indagações policiaes.»

—Louvor em bocca propria é vituperio.

—Quem gaba a noiva é a sogra.

Eu desconfio muito de virtudes apregoadas.

—Ninguem contesta que o Sr. Paes Bar-

retto possa estar neste negocio liso como um velludo; mas o que não sei é, si ha familias privilegiadas diante da lei.

—O ser filho do sol e neto da lua não impede á authoridade de cumprir o seu dever.

—Assim, quer o Sr. Paes Barretto que só quem não fôr rico esteja sujeito á sancção legal.

—Ora bolas!

Não estou para ouvir desfructes.

—Ora isto não é de authoridade!

Na audiencia fumando e bebendo cerveja.

—E' preciso attender ao immenso calor que faz esta freguezia, produzido pelo mormaço que vem do mar.

—O que, Sr.! Isso é *motivo*.

Nem siquer tem a lembrança de mandar tirar essa tulha de garrafas de debaixo da meza!

Boas authoridades temos nós!

—Valha-nos a Virgem do *Pilar* com ellas.

O REI DE BARALHO.

Com este titulo remettem-nos os seguintes versos, que dizem ser traducção de uma poesia chineza. Completamente ignorante da litteratura da China, aqui damos os taes versos, por simples attenção a quem no-los remetteu. Si os leitores não os entenderem, contentem-se comnosco, que soffremos a mesma desgraça.

Eis os versos chinezes:

Nosso rei é o mais rico do mundo!
Possue terras, immensos thesouros;
Tem até os cabellos *dourados*...
Bem se pode chamar—*rei de ouros*.

Nosso rei.... é um rei *specimen!*
Tem ideias que são *bem achadas!*
E' *valente* (não'sahe do imperio)
Pelo que só lhe chamam—*de espadas*.

Nosso rei é *bomzinho*. Repelle
Os instinctos perservos e máus;
Mas ás vezes dá surras no reino...
E portanto será—*rei de páus!*

Quando sahe a passeio, é cercado
De um immenso cortejo, de tropas,
Que parece ter medo de tudo...
Nosso rei... ora sebo!—é *de copas*.

E governa *tão bem* o rei nosso,
Que o *seu* reino não dá-lhe *trobalho;*
Mesmo assim, os vadios exclamam:
«Nosso rei é um *rei de baralho!*»

Boudha.

(Continuação do n. 457.)

—Capitão, aqui está o gallego *João*. O *ferreiro* ja fez a *cruz* para ornar o cachaço deste bruto, vindo do *Guimarães*.

Quer agora V. Ex. saber o principio da vida deste salteador?

Eu lhe conto.

Metteu-se um dia em um bote. foi a um barco de carne secca e comprou uma porção de arrobas de carne com a firma falsa de um negociante.

A ladroeira, como era natnral, descobriu-se, o ladrão foi preso e teve de expiar na Correcção por um bom par de mezes, o crime de estellionato.

Sahido da cadeia, o que não era a primeira vez, começou a namoricar-se com a preta Ephigenia.

V. Ex. sabe a ligação, a cordialiade que ha entre gallego e africano.

Ephigenia era amazia de um preto ganhador.

Esse preto, tinha ha pouco commettido um grande roubo em certo escriptorio de fazendas.

As fazendas roubadas estavam na maior parte reduzidas a dinheiro, e o *bolo* guardado em mão de Ephigenia.

A policia varejou a casa do africano e encontrou uns restos de fazenda.

Convencido da authoria do crime, o negro levado a casa da authoridade, precipitou-se de uma janella e morreu.

—E a negra não foi presa?

—Não.

—Então não era cumplice?

—Era. Mas como provar, si viviam separados, ella na Cruz do Paschoal e elle nas escadinhas da *Taboa-grande?*

—Ah, em Latronopolis tambem ha ruas com taes nomes!

Continue.

—Morto o preto, o gallego João apossou-se do dinheiro que existia na mão da negra, comprou a taverna que possue na *Taboa-grande* e ahi estabeleceu-se no seu *giro*.

Dahi em diante o negocio correu-lhe prospero.

Ephigenia é o seu braço direito, a sua intermediaria com a alluvião de africanos que andam pelos trapiches e escriptorios.

José Caveira, é o seu agente, o seu commissario, que se encarrega de dar sahida a certos generos, mediante uma porcentagem.

—E quem é esse *José Caveira?*

—Um inspector de quarteirão, compadre do bruto e que o protege.

Tem tambem uma biboca e ahi é que se vendem as miudezas roubadas.

—Excellente a gente d'authoridade!

—Sentado em uma tripeça fora do balcão,

João espera pelos freguezes que ahi vão dar fundo.

Antes das quatro da madrugada ja está de porta aberta.

Não ha muito que comprou 500 chapeus do Chile a 2$ rs. e vendeu-os a um sujeito da rua do Commercio, a 5$ rs., o qual os exportou para o centro.

Elle mesmo anda a farejar onde se pode dar algum assalto e indica aos ratoneiros.

Dotado de rara astucia, elle proprio, é quem dá o plano, muitas vezes, para certas emprezas.

(Continúa.)

—Muito pode o oiro sobre certas consciencias!...

Veja o publico como um miseravel comprado por quatro vintens se desdiz.

Compare suas palavras de hoje com as de outr'ora.

Interesse Publico de 9 de janeiro de 1869.

.....

« A questão é esta: —O Sr. Barão de Cotigipe, no senado censurou o governo liberal pelo excesso d'essas comutações então decretadas; hoje o gabinete, de que faz parte o Sr. Cotegipe, decreta as mesmas commutações.

Logo?

Logo é que, não sendo, segundo o *Diario*, muito affecto à pratica de semelhantes actos o HONRADO ministro da marinha, e proseguindo elles como d'antes por actos do gabinete de que é um ORNAMENTO o Sr. Cotegipe—é preciso que taes decretos se inspirem de maneira muito directa na alta sabedoria e nobres instinctos do poder moderador. »

Genio do Brasil de 11 de março de 1854.

OS SRS. WANDERLEY E CHICHORRO, A MOEDA FALSA E O JORNAL DA BAHIA.

Todos se recordaram de que quando o Sr. Moutinho varejou a casa do moedeiro falso Candido Ribeiro foram achados instrumentos, materiaes, moeda falsa, prompta, e por acabar, communicações de muitos de seus comparsas, um livro onde tinha sua escripturação regular, com os proprios nomes de seus socios, com as quantias que a cada um tinha remettido, com os contingentes que de cada um tinha recebido, etc., etc.: á este livro se deu o nome de borrador ou copiador, e o proprio Sr. Moutinho disse á muita gente, e a mim, que todos os portuguezes do commercio, á excepção de 4 até 6, estavam lançados nesse livro, acompanhando á este lançamento communicações que davam toda a prova do crime. Criminosos, não os havia brasileiros. Acresceu a isto que no dia immediato estando o Sr. Moutinho em palacio com o Sr. Martins, então presidente, repetira o que acabo de dizer perante muita gente, que ainda hoje vive; e então pedia ao Sr. Martins que mandasse examinar todos os instrumentos, materiaes, dinheiro falso e papeis, para se dar começo ao processo, lembrando que devia ser feito pelo chefe de policia, por ter conhecimento da legislação, para que o processo fosse livre de nullidades:—mal sabia nessa occasião o Sr. Moutinho que o chefe de policia, então o Sr. Wanderley, estava morrendo por ter nas unhas toda essa ninhada, e o processo! Assim verificou-se.

Tudo isto foi remettido ao Sr. Wanderley, e tudo foi consumido pelo Sr. Wanderley, que teve a sem-vergonha de mandar dizer ao Sr. Dr. Goes, presidente do jury, que exigiu o borrador e mais papeis—que tal borrador não havia, e que apenas tinha a capa. Oh! sem-vergonha nunca vista!! oh! impudencia das impudencias!!

E' este mesmo Sr. Wanderley que está hoje na cadeira da presidencia mandando insultar os brasileiros de moedeiros falsos, por um brasileiro, que não póde fallar em moeda falsa !—Não é assim, Sr. Rocha?

Em que parte do mundo se atreveria um chefe de policia a praticar um acto tão torpe e infame, sem punição, e antes ter por premio a administração de uma provincia, se não no Brazil, imperio?!..

Antes de se dar fim ao processo Candido Ribeiro não foi encarregado um portuguez de procurar a seus patricios compromettidos, exigindo delles 60 contos de reis para acalmar tudo?—e não arranjou esse dinheiro em dous dias?—e depois o mesmo portuguez não exigio maior quantia a perfazer 100 contos de rs.? e repugnando alguns dar repetidas sommas não se retiraram para Portugal dizendo que com a quantia exigida elles fariam a viagem, e la se divertiriam?

Interesse Publico.

.....

« Logo pois resulta de tudo isso que, mesmo quando podesse haver, que felizmente não ha, alguma rasão fundada para as acerbas accusações que actualmente dirige, sem cessar, a opposição à pessoa do imperador, nem por isso fôra menos vardadeiro que o Brasil possue a MAGNA VANTAGEM de ter á frente do seu governo um PRINCIPE CLEMENTE—e sabe a opposição que a clemencia, de harmonia com ajustiça, é a mais sublime de todas as virtudes do throno.

Julgem d'ahi com quam fria e perversa ingratidão procedem para com a pessoa do soberano, ultrajando-o covarde, aquelles que ainda hontem se lhe rojavam as plantas.

Que a razão publica os conheça e julgue! »

Genio do Brasil de 6 e 20 de fevereiro de 1854

Afora tudo isto—esses homens elevados a tão importante cathegoria—rodeiam ao monarcha de seducções—enchem-no de orgulho —com lingoagem mentirosa desterram a verdade do throno, cercando-o de ficções politicas —affagam-no e *endeosam-no* com genuflexões servis, finalmente dominam-o; e por isso é que o nosso bom povo diz que o Sr. D. Pedro é *uma figura de papellão!*

E na verdade ESCRAVO coroado, parece temer-se dos ministros que lhe roubam o sceptro, e apenas lhe deixam uma coroa enlameada!»

«Feita a *independencia*, o imperador desterrou os principaes patriotas brasileiros, cercou de portuguezes o throno, montou officialmente toda a administração com pessoal portuguez—a *independencia* reduzia-se a termos uma Lisboa no Rio de Janeiro, em vez de a termos em Portugal.

O imperador teve o inevitavel fim dos reis ingratos, perjuros e tyrannos—a nacionalidade exterminou-o, o vento da revolução varreu-o da face desta terra que infeccionara.

O reinado de seu filho está patente—todos lhe veem uma só differença: é essa enorme *nuvem densa de nojosa corrupção* em que jaz envolto o paiz.»

Interesse Publico.

.....

«Evidentemente não—a menos que vos não pareça possivel e preferivel realisal-o por meios excepcionaes e revolucionarios, na turbulencia e desenfreio das paixões, à luz sinistra dos archotes da guerra civil.

Genio do Brasil.

Finalmente, acaso é moral e phisicamente impossivel que n'uma bella manhan, como a do 1.º de dezembro de 1640, amanheça em armas o povo brasileiro, unido n'um feixe, altivo como um gigante, proclamando e decretando irrevocavelmente a *morte da monarchia* e da influencia portugueza—e acabando por exterminar de suas praias todos os Migueis de Vasconcellos e todo esse tropel de ingratos forasteiros, que tem presos nas mãos infames o commercio e todas as riquezas desta terra riquissima, cujos naturaes morrem de miseria?

—Digam agora o Sr. D. Pedro 2.º e o Sr. Cotegipe com que bons olhos verão o seu thuriferario de hoje, que delles já disse tão boas perolas, aconselhando até ao povo a esperar um na ponta das bayonetas.

Nesta terra ha um gallego
Chamado Antonio Gago;
Da taca do muxingueiro
Merece bem o afago.

Sua lingoa viperina,
Peior que a de Satanaz,
Para não mais deprimir
Só fervida em puro gaz.

Alem de taes predicados
E' de mais vil seductor,
Tenras donzellas illude
Esse bruto malfeitor.

Como sou amigo dos homens de merito, apresento esta lista para eleitores, na proxima eleição na freguezia de S. Pedro:

CHAPA POPULAR PARA ELEITORES DE S. PEDRO.

1 Dez. Luiz Antonio Barboza de Almeida.
2 Dr. Antonio José Pereira de Albuquerque.
3 Vigario Dr. Raymundo José de Mattos.
4 Dr. Francisco de Azevedo Monteiro.
5 Dez. Henrique Jorge Rebello.
6 Capitão Elpidio da Silva Baraúna.
7 Symphronio Olympio de Britto.
8 Dr. Augusto Cesar de Carvalho Menezes.
9 Dr. Joaquim Tiburcio Ferreira Gomes.
10 Justiniano Anselmo da Cruz.
11 Dr. Luiz José da Costa.
12 Thomaz Teixeira da Cunha.
13 Major Antonio Ferreira de Barros.
14 Eduardo da Silva Baraúna.
15 Dr. Francisco Marcellino Gesteira.
16 Dr. Francisco A. Filgueiras Sobrinho.
17 Dr. João José Barboza de Oliveira.
18 Dr. Manuel Caetano de Oliveira Passos.
19 João Pedro Rodrigues Chaves.
20 Camillo de Lellis Masson.
21 Manuel Francisco da Silva.
22 Coronel Alexandre F. Maia Bittencourt.
23 Dr. Eloy Martins de Souza.
24 Dr. Jeronymo Sodré Pereira.

Um amigo do povo liberal genuino.

AOS QUE CONCORRERAM

Para a renovação da egreja da Piedade offerece um devoto.

Parabem—povo christão,
Parabem;—não morre a fé;
O povo que a ella abraça,
Vivirá sempre de pé.

Columna eterna do templo,
Da terra ao ceu ella vae;
Quem de tal força se ampara

Resiste a tudo, não cahe.

La floreia o sanctuario
Que a devoção renovou;
D'elle reluz nà parede
Quem deu e quem trabalhou.

Trabalho, esportulas, fôram
Da fé o fructo subido;
Quem de Deus ampara o templo,
De Deus ha de ser querido.

Naquelle sublime alcaçar
Eil-a—Sua Mãe fulgúra;
Entre o bello, a que Elle alçou-se
Raia d'Ella a formosura.

Invocada qual Senhora
Divina da—Piedade,—
Ampare aos, que serviram,
Ouça a triste humanidade.

LAMENTAÇÕES DO AFRICANO.

Quando eu estava na minha terra
Era mui ditoso, era feliz,
Hoje sou mui desgraçado,
Pois o destino assim o quiz.

Estava então na minha infancia,
Durante o dia só brincava,
Á noite minha boa mãizinha
Lindas historias me contava.

Suavemente eu adormecia
Assim embalado docemente,
No seu macio e bello collo
Meus sonhos eram do innocente.

Quando pela manhan despertava
Corria no prado entre as flores
Á caça das borboletas e colibris,
Que eram os meus lindos amores.

Si me magoava quando cahia,
Minha boa mãe me estreitava,
Prodigalisando mil carinhos,
Em meus labios beijos pousava.

De minha boa e querida mãe
Eu era o seu querido mimo;
Deixei ella pobre, coitadinha,
Sem protecção, sem arrimo.

Hoje sou humilde captivo
De um fero e atroz senhor,
Que me açoita cruelmente,
Sem piedade e sem temor.

Perdoae, meu Deus, aos verdugos
Que me reduziram á escravidão;
Compaixão para esses miseraveis,
Fascinados por infima ambição.

Livre eu sou por natureza,
Nasci na livre terra africana;
Não devo pois ser captivo,
Assim ordena a lei humana.

.....

Ergueu-se depois e se aproximou
De um abysmo mui profundo,
Despenhou-se nelle, coitado,
Dizendo adeus á vida, ao mundo.

L. S. C.

VARIEDADES.

SENTENÇA PROFEBIDA POR UM JUIZ DE UMA DAS VILLAS DA PROVINCIA.

O supplicante não deveria preparar-se a exercer uma industria sem que se informasse: 1.º, do que a legislação do paiz tem estabelecido para o seu livre exercicio, pelo principio bem sabido de que *quem não tem peito não toma mandiga*. De mais, aquelles que dormem, diz Fenelon, a lei não favorece. A vista do que julgo que tal petição está no caso de merecer meu indeferimento. Quanto ao advogado que fez esta petição, e que tanto falla em justiça e equidade, tenho a recommendar-lhe: em 1.º logar, que não aceite causas por sua natureza perdidas; em 2.º, que nunca invoque em seus arrasoados entidades chimericas. Depois de passar este sabão ao advogado é tambem de rigorosa e indispensavel justiça que, usando dos direitos que as leis me concedem, e sobre tudo o nosso pacto fundamental, que tambem *passe uma lavagem* ao procurador desta causa, nesse padre de costumes reprovados, que esquecido da dignidade do sacerdocio a que foi elevado, e da importancia de sua missão sobre a terra, se dá ao officio de procurador de causas e de chicanas e tem levado a sua pouca vergonha e despejo ao que ha de mais sagrado a ponto tal que requer quotidianamente mandados de penhora, multas e outras quejandas, contra infelizes paes de familias, a quem a imperiosa lei da necessidade (a que cegamente obedecem) obriga a esmolar o pão da miseria á caridade publica. Portanto, assim advirtidas, partes e procuradores, o escrivão dê cumprimento a esta, publicando e intimando as partes, e condemno a parte requerente nas custas, que poderá havel-as do seu bello procurador.

O REI CUMPLICE.

Entrando Luiz XIV um dia de manhan em uma das salas particulares, encontrou um individuo que, em cima de uma escada de mão, estava despregando um rico relogio de parede. O rei julgando que era alguma pessoa do serviço do palacio, e vendo que a escada podia resvalar, aproximou-se e segurou-a em quanto o homem despregou o relogio, e depois seguiu o seu caminho de passeio.

Passados algumas horas veio o mordomo

participar ao rei que tinha desapparecido de uma das salas um magnifico relogio, e que provavelmente teriam furtado.

—Não digaes isso a pessoa alguma, respondeu o rei, eu mesmo fui cumplice; pois segurei a escada em quanto o ladrão se demorava a despregal-o.

QUE CALCULISTA!

Certo estudante, a quem pela sua pouca applicação estavam os lentes reprehendendo constantemente, apresentou-se a exame.

O professor que mais aversão lhe tinha, sabendo quão atrasado elle estava nas mathematicas, perguntou-lhe ironicamente:

—Poderia o Sr. sommar quantidades homogeneas e heterogeneas?

—Sim, senhor, respondeu.

A esta resposta o professor, acalorado, perguntou:

—Qual é então o resultado que tira sommando, por exemplo, 6 libras de canella, 18 de cacau e 4 de assucar?

—Chocolate, respondeu fleugmaticamente o interpelado.

DICCIONARIO PANTAGRUELICO.

Aba:—parte da casaca, que serve de guarnição aos chapeus.

Barata:—insecto nojento, que não encarece a fazenda.

Cavallo:—animal importante, que os pedreiros não dispensam.

Camara:—diarrhéa complicada com alcovas e embarcações.

Conde:—titulo de grandeza, que se acha registrado no livro das *quarenta folhas*:

Destempero:—desarranjo de barriga, a que chamam desproposito.

Espora:—flôr estimada, cujas rozetas são flagellos dos cavallos.

Felicidade:—nome propio de mulher, que nunca perde no jogo.

Gato:—peça de ferro, que corre atraz dos ratos.

Historia:—narração veridica de successos, misturada com mentiras.

Instrumento:—alfange ou punhal, que serve de prova nos processos.

Junco:—embarcação chineza, envolvida em esteiras.

K:—letra grega representante do numero 20.

Lima:—fructo apreciado, mas que ataca o ferro.

Macaco:—animal que serve para cravar estacas.

Nora:—machina hydraulica, que tem mãi por cortezia.

Olho:—orgão da vista que se entra no sol.

Papagaio:—ave parladeira, que no ar se sustenta sem azas.

Pasta:—cartapacio de menino levar a escola, que tambem serve aos alfaiates para acolchoar casacas.

Pupilla:—menina do olho, debaixo de tutela.

Quina:—casca amargosa, que se encontra no canto das ruas.

Rei:—soberano, que joga no trinta e um.

Romana:—mulher que não nasceu em Roma.

Salva:—peça de vidro ou metal que se poem de infusão.

Tijollo;—material de barro com que os namorados fazem seu engodo amatorio.

Unha:—excrescencia membranosa no canto do olho que se apara com thesoura ou canivete.

Viola:—instrumento de corda que os boticarios tocam dentro de um boião.

Xa':—arvore-rei.

Y:—gancho ou forquilha que figura no alphabeto.

Zanga:—especie de moinho da antiphatia do auctor do Diccionario pantagruelico.

VALENTE!

Estão um defronte do outro, dous sugeitos para se baterem em duello a florete. Um delles, que se vê obrigado a arriscar a vida, não sabemos por que bagatella, no momento em que seu adversario se prepara á aggressão, diz-lhe:

—Não se convencionou que, para ficar bem illibada a nossa honra, um de nós ha de ficar no sitio do duello?

—E' verdade.

—Pois então fique o senhor, porque eu retiro-me.

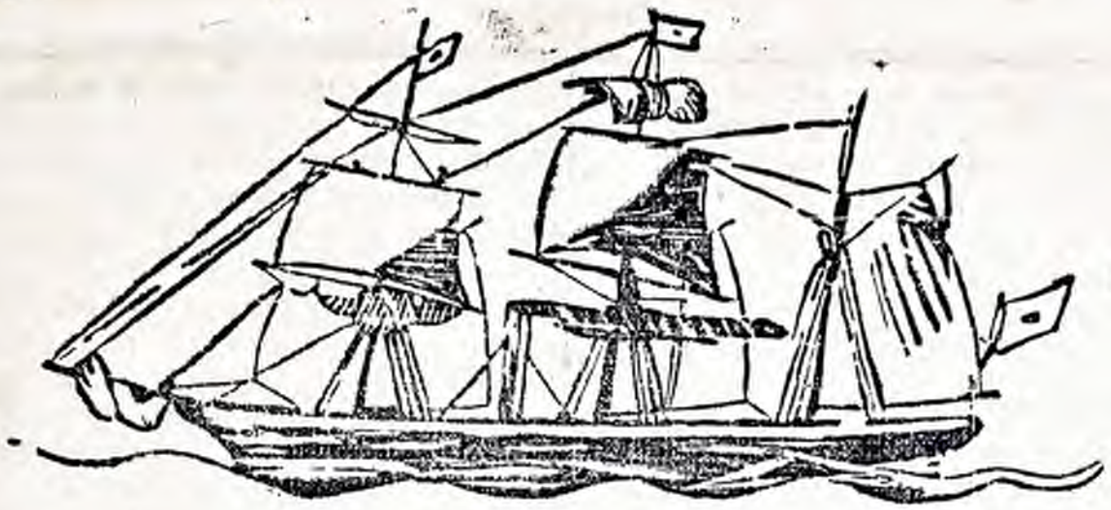
E retirou-se deixando estupefacto o adversario.

Jorge I., quando viajava, pagava sempre muito caro tudo quanto comia nas hospedarias onde se demorava; deliberou não parar em mais nenhuma; mas um dia enquanto mudavam os cavallos em Alkiermer, pediu na pousada, que lhe arranjassem tres ovos frescos. Quando foi pagar perguntou quanto era, e o estalajadeiro lhe respondeu que duzentos florins.

—Duzentos florins! exclamou Jorge. Por força que são aqui muito raros os ovos.

—Não é de ovos que aqui ha falta, o que apparece pouco são os reis.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 47.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 27 DE JANEIRO DE 1869. N. 462.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que na ladeira do Quebra-bunda, estrada do Rio Vermelho, apparecem á noite vultos que investem sobre as ganhadeiras de peixe para roubal-as.

Na sexta-feira, foi atacado um preto por tres sujeitos, os quaes tomaram lhe o que levava. Em vista do que, pede-se a S. S. se digne tomar providencias á respeito.

—Ao mesmo, chamando sua attenção, para um hotel á Calçada n. 106. onde nos informam ha constantemente jogos prohibidos, ao qual concorrem caixeiros, filhos familias, e até uma authoridade policial, que em uma noite bem proxima perdeu 400$ rs.

—Ao Illm. Sr. inspector da fazenda provincial, communicando-lhe que no hotel á Calçada n. 106, ha dous bilhares, onde se joga noite e dia, sem que o proprietario tenha pago o respectivo imposto, e como seja isso uma extorsão á fazenda, leva-se ao conhecimento de S. S. para providenciar como achar justo.

—Ao Illm. Sr. provedor da casa da Santa Misericordia, apresentando-lhe a seguinte observação, para, no caso de S. S. achar justa, tomal-a em consideração:

Ao passo que no hospital se fazem obras custosas, como ainda no sabbado concluiu-se uma apparatosa sala para autopsia dos cadaveres, é de admirar que a capella onde estão expostas as Imagens da Santissima Virgem da Piedade e do Senhor do Bomfim, pareçam mais um logar immundo do que outra cousa.

Quando chove, a capella fica alagada e ameaça vir á baixo a cada hora.

Certos do spirito de religiosidade que adorna a S. S., espera-se que S. S. attenderá promptamente ao que fica dito, ou que ao menos, a continuar, por decencia do culto, mande retirar as Santas Imagens dé tão improprio logar.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, reclamando contra o inqualificavel procedimento de uma frota de moleques que se reune todas as noites e nos domingos de dia, no Sodré, atirando pedras, perseguindo aos velhos e mendigos, e proferindo palavras torpes e obscenas.

S. S., a quem está confiada a policia dessa freguezia, de certo não se esquivará de tomar em consideração a presente reclamação em bem da moralidade publica.

—Que diabo de sarceiro é aquelle?

—Foi um roubo.

—Arre, com tanto ladrão!

—Dizem que o moleque Zacharias escravo de um Sr. Cerqueira, á ladeira do Desterro,

bateu as azas, voou, com a lata onde guardava dinheiro. Manuel José dos Santos, com taverna á rua da Poeira, em quanto este foi ao canteiro encher uma garrafa de vinho que o moleque fôra comprar.

—Por estrategia?

—Parece.

—Olhe que os ladrões não dormem.

—Muita cousa vae pela cathedral que o Sr. arcebispo não sabe.

—Ou si sabe, deixa passar.

—Tambem pode ser.

—Está, que no domingo ultimo, os fieis cançaram de esperar por missa no collegio e não appareceu um so conego para celebrar o officio divino.

—E depois clamam contra a indifferença religiosa, quando são os primeiros a dar o mau exemplo.

—E ficam hoje os assignantes de Santo Antonio á gagoza! Não lêem a folha.

—A razão?

—O postilhão está inutilisado.

—Succedeu-lhe algum desastre?

—Passou na sexta feira, pelo Maciel de Baixo e um preto doudo da casa n.º 52, deu-lhe tão formidavel pedrada que o pôz troncho de uma perna.

—Tambem so nesta terra se vê disto!

Ter-se um doudo furioso solto a fazer mal a quem passa!

—Ja outro dia estava elle a atirar tudo que havia em casa para a rua.

—Como vão as irmans de caridade?

—Passam excellentemente.

Não ha mal que lhes venha.

—Não é isso que lhe pergunto. Como vão á respeito de abusos e excessos? Já se corrigiram?

—Mais depressa o mar seccará.

As mulheres são omnipotentes e não ha forças que as faça domar.

Enraizaram o seu dominio no hospital de tal forma, que não ha poder que as abale.

E por isso riem e zombam das justas censuras que lhe são feitas.

A subserviencia ali impera. Pergunte-se em presença de uma dellas a qualquer empregado, si está contente e satisfeito, que immediatamente responderá que sim; embora tenha convicção que mente á sua consciencia.

—E' que todos precisam de viver, e sabem por experiencia, que o odio das *candidas* irmans é implacavel e seu poder absoluto.

—E ai daquelle que incorrer em suas iras, ou sobre que pelo menos pese a mais leve suspeita.

—E a essas mulheres vingativas, rancorosas, chamam pacientes, soffredoras, charidosas!

—Aponte-se um abuso qualquer praticado no hospital, trate-se de syndical-o, e todos os empregados á uma voz responderão que tal não se deu!

—Porque todos temem o poder das irmans de charidade.

—Um dia destes, disse-se que as irmans mandaram chamar o medico interno para medicar um enfermo perigoso e esquecidas, foram se recrear no seu sumptuoso jardim, deixando o medico fóra, o qual bateu a desesperar e retirou-se.

—Lembro-me disso.

—Consta que o Sr. provedor procurando informar-se do facto, lhe disseram os empregados que tal cousa era inexacta!

—Mas ahi está o medico para declarar por sua honra si o caso se deu ou não.

—Si o Sr. provedor quer saber si as irmans trancam o hospital em quanto vão passar o tempo em seu bello e aprazivel jardim, appareça ali inesperadamente uma noite, para se desenganar.

—O que vale é que ha escandalos que não podem occultar, porque todos veem.

Por exemplo: ha quem tenha o arrojo de negar que as irmans de charidade, não mandam os doudos, como si fossem seus escravos, acompanhados por um servente, carregar areia e conchas das praias do Mont-serrate, para aformosearem o seu jardim?

—O que é um risco; uma chusma de doudos pela rua.

—Serão capazes de negar que as irmans de charidade, levadas por desmarcada avareza, negoceiam e criam uma immensidade de porcos, dentro do hospital, infringindo as leis municipaes e prejudicando a hygiene?

Se animarão a negar, que com as irmans de charidade se fazem gastos extraordinarios, luxuosos; que ellas tem uma excellente casa, contingua ao hospital, onde passam as noites *commodamente*, casa essa ornada de custosa mobilia envernisada, ao passo que, no tempo que as brasileiras eram empregadas no hospital, os commodos que lhes davam eram humidos aposentos por baixo das enfermarias, as quaes quando se lavavam alagavam-se e enlameavam-se?

Não será isto uma preferencia odiosa?

Não será verdade, que as irmans de charidade não curam no hospital molestias venereas, mesmo ás pessoas do seu sexo e que obrigam, como que por despreso, as moças brasileiras a esse mister?

Não será verdade, que uma dessas moças já respresentou a respeito ao Sr. provedor uma vez?

Por ventura serão mais castas, mais pudibundas essas estrangeiras do que as nossas patricias?

Quando por ahi propala a voz publica que uma tal irman Izabel, que houve no hospital, mantinha, ali dentro, relações illicitas com um Mr. François, e que quando sahia á noite para o serviço das rondas, ia se soccar no quarto do mesmo, sendo muitas vezes pegada á mão, até que por seus escandalos foi chamada pelo instituto á França?

E' nisto que se cifra a castidade das irmans?

E' ahi que está a moralidade do hospital?

—Isso é um escarneo, uma irrisão.

—Ouça agora si os estrangeiros são ou não tratados com mais distincção do que os nacionaes no hospital de charidade.

Um empregado do *Jornal da Bahia*, teve a infelicidade de perder um braço e acha-se em tratamento na santa casa.

Seus collegas foram-no visitar. Sabe-se que o artista tem horas certas de entrar para o trabalho e a hora de que dispunham era de manhan.

As *charidosas* não consentiram que entrassem, ao passo que franqueavam a entrada a uns estrangeiros que iam ver um patricio!

(Continúa.)

—Viu-se em papos de aranha, eim meu rapaz?

—Ora deixe-me. Estou todo arrebentado.

Maldicto boi! Fez-me do corpo pineu.

—E parece que queria com as patas cavar lhe um buraco no estomago.

Para outra vez entre no matadouro com cuidado.

—O que me parece é que deve haver muita cautella com os bois bravos no curral, para não acontecer a outro o que me succedeu.

—São cousas que ninguem pode prever.

—Do mau agouro vae o começo deste anno!

Quasi todo dia uma desgraça!

—Ainda ante-hontem, 24, á noite; do 2.º andar da casa n. 29, á rua da Misericordia, um rapaz de nome João Frederico, vulgo Pernambuco, precipitou-se na rua e deu alma ao Creador.

—E na noite de 25, queria dar fim a vida o Sr. João Gualberto de Souza Pimentel, morador á rua dos Caldereiros, dependurando-se em uma corda.

Felizmente escapou.

—Deus se amercie de todos.

Á PEDIDO

Por quatro contos de réis
Faz-se a justiça *esticar*...
Essa boa!... Que pechincha
Ir á *Praia* mariscar.

Dous contos para o escrivão,
Oh, que boa pepineira!
Agora, tempo de festa,
Pode haver melhor melgueira?

Precipicio & Cunha.

—Charo subdelegado, faz favor?

—Ao dispor de V. Ex.

—Pesa sobre V. uma grave accusação.

—O que será?

—São tantas ellas que V. não atina!

Pois eu lhe digo.

E' nada menos do que isto:

Dizem que na sua freguezia fôra preso um ladrão de cavallos.

Os cavallos eram sete; conta mesmo de ladrão..... como V. não ignora.

—Irra!

—Ouça callado.

Dizem mais que V. *transigiu*; isto é: que o ladrão foi-se em paz, levando comsigo dous cavallos, e ficaram cinco em seu poder.

—Santa Virgem do *Pilar*, que falsidade!

Os cavallos estão depositados no engenho do *Ermo*.

—Espere lá um pouco, não se antecipe.

Em logar de V. mandar os cavallos para o curral municipal e annunciar para apparecerem seus donos, entregou-os a um seu amigo *Sabido*, no engenho do *Ermo*.

Esses cavallos são alugados para bandos e passeios e os cobres V. chucha.

Agora veja o que tem a dizer em seu favor.

—Eu.... eu..... nem sei o que hei de dizer.

—Confessa o crime.

Ora um subdelegado da sua ordem so atado sobre dura *rocha* a um pé de *amoreira*, gosando da afabilidade do muxingueiro.

—Capitão, uma historia.

—Vamos com ella.

—Passou-se na *cidade do trafego*.

Em uma casa, edificada n'uma *rua* ainda *nova*, habitava o 3.º e 4.º pavimentos um velho maior de seus sessenta, filho das margens do rheno.

Essa propriedade pertencia ao negociante *Xico Xavita Racha-lenha*.

Alguem pretendeu a casa, onde habitava o velho *Iesen*, e a instancias desse alguem, *Racha-lenha* moveu-lhe um pleito de despejo; certo da promessa que lhe fez o pretendente.

que *faria* todo possivel e metteria até *cunhas* para vencer.

Era uma sem razão, porque o velho estava em dia nos seus pagamentos e por isso o pleito não produziu o desejado effeito.

Em uma noite, porem, a penultima de um mez dos que seguem *depois de setembro*, o inoffensivo velho é atacado em sua casa barbaramente espancado e deixado por morto!

A noite é propicia aos malfeitores, e no meio das trevas é que o sicario realisa seus planos tenebrosos e ensopa as mãos no sangue de suas victimas.

Foi pois á noite que os assassinos de *Iesen* intentaram roubar lhe a vida.

O velho entrara da rua e depois de fechar sua porta com pesada tranca, deitou-se.

E' preciso notar que estava só, porque sua familia se achava em outra casa na rua que pertence ás *Princezas* para onde tencionava mudar-se.

Mal tinha passado pelo *primeiro somno*, quando acordou sobresaltado pelos passos que ouvia no 4.°,andar que estava cuidadosamente fechado.

Para verificar que não estava enganado. toma um candieiro e vai ao pavimento superior; ahi encontra uma porta que tinha sido pregada aberta, e pressente que dentro havia gente.

Atemorisado, desce, veste-se e quer sahir para pedir soccorro.

Um vulto o accompanha e no ultimo degrau fere-o cruelmente na nuca, estendendo-o sobre o lagedo atordoado.

Por uma restea de luz, que do lampeão fronteiro a casa se projectava pela fresta da porta de sahida, e que vinha bater no rosto livido do sicario, conheceu o velho que o seu aggressor era o proprio sujeito que disse *faria* empenho e meteria *cunha* para despejal-o da casa.

Quando entenderam que estava consummada a sinistra obra de requintada malvadez, carregaram o velho e o foram deitar banhado em sangue, em um leito que não era o seu.

Foi o resultado, a vendicta infame e covarde, de uma altercação que dias antes tivera *Iesen* com seu aggressor.

(Continúa).

CHAPA POPULAR E ARTISTICA DO CURATO DA SE.

Angelo José Ferreira Coelho, negocio.
Arnaldo Gentil Ibirapitanga, emp. publico.
Antonio Adolfo Marques Porto, negocio.
Antonio Francisco Lopes, artista.
Francisco Xavier d'Oliveira, artista.
Guilherme Augusto Fonseca Lima, emp. pub.
Hygino Rodrigues Sanches Palmeira, artista.
Alferes Horacio José de Lemos, artista.
Ignacio Miguel da Costa Nunes.
João Emygdio da Silva Lima, artista.
João Alves Vieira, empregado publico.
João Francisco Coelho Flores, artista.
João Luiz Pereira da Silva, negocio.
João Pereira dos Santos, artista.
Joaquim José dos Santos Maia, artista.
Joaquim Cornelio de Sant'Anna Torres, art.
José Thomaz d'Aquino, artista.
José dos Reis Herculano, artista.
José Porciano Ribeiro Carnaúba, artista.
José Marcellino Madureira, artista.
José Maria Franco, artista.
Lazaro Antonio de Jesus, artista.
Marciano Antonio da Silva e Oliveira, prof.
Marcolino Rodrigues Sanches, artista.
Paulo Manuel Coitinho, artista.
Silvestre José Pereira, negocio.
Alferes Sebastião Alves Pessoa, negocio.
Severo José do Nascimento, artista.
Silvestre José de Miranda.
Salvino d'Araujo Farias, caixeiro.
Tranquilino Teixeira da Silva Biquíba, art.

VARIEDADES.

FAMILIA DE SUICIDAS.

Contam folhas francezas que appareceu enforcado um velho de setenta annos na sua casa na rua de la Roquette, em Paris. Sobre uma mesa achou-se um papel com a seguinte declaração: «Não se culpe ninguem pela minha morte. Enforco-me voluntariamente por que não podia deixar de fazêl-o. Assim tem acontecido em toda minha familia. Meu avô degollou-se com uma navalha; meu pae, despedaçou a cabeça com um tiro de pistola e do mesmo modo succumbiu meu filho mais velho. A minha filha Margarida, afogou-se no rio ha dous annos e eu obedeço á fatalidade que pesa sobre minha familia ha mais de cem annos.»

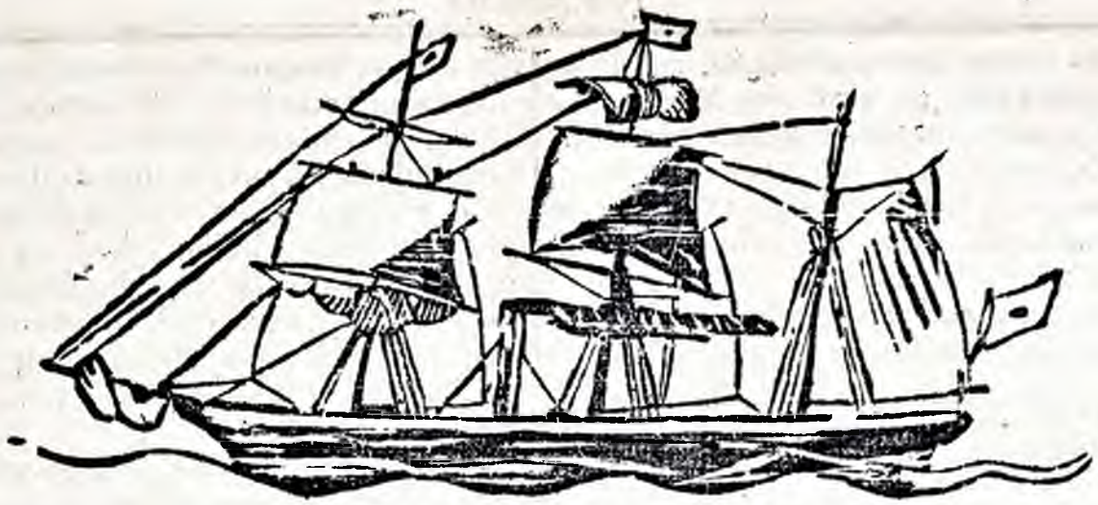
ANNUNCIOS.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e bem conhecido café moído puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n.° 9 B, e na Saúde, rua do Jôgo do Lourenço, casa n.° 199.

Previne-se que qualquer porção comprada levará no involtorio o distico seguinte—M. José de Azevedo—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados: outro sim não se vende para taberna alguma.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 47.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 29 DE JANEIRO DE 1869. N. 463.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que ao Gravatá, em casa do Sr. Ernesto musico, ha uma negrinha que faz compaixão ver! Está com o corpo todo cicatrizado, porque apanha desde que apparece a luz do dia até á noite.

Um carrasco, que nessa casa mora, não tendo mais logar onde lhe applique as pancadas, inventou dar-lhe bastonadas e bôlos nos pés, e isso por diversas vezes ao dia, encommodando bastante a visinhança com tal acto de barbaridade e selvageria. Em vista pois do que acima fica exposto, esperamos que S. S. tome, por amor á humanidade, as providencias que o caso requer.

—A' meza da veneravel ordem das *Tres pessoas*, prevenindo-a para que tome bem sentido com certo meninorio, que foi se estabelecer com loja de rolos com pavios pelas suas visinhanças.

O tio *lezador* e o sobrinho tão perto do tio não pode dar bom resultado, a julgar pelos precedentes do Caes Dourado.

—Ora nonoroques!

O Bernardo é um homem
Que ninguem sabe entender;
Diz que não come cosido,
Assado não quer comer.

—Vire folha.

Approvou-se a proposta de Brotas?

—Assim dizem.

—Então o presidente ja mudou de opinião; não espera mais pela reforma da guarda nacional.

—Agora mesmo é moderação e justiça para harmonia dos brasileiros.

—Ah, cara dura!

—Pois não ha quem veja isto!

E' maneira esta de se demolir uma propriedade?

Enormes pedregulhos a saltarem com risco imminente da vida de quem passa!

—E esta maldicta poeirada a suffocar a todos!

—O proprietario diz que não pode prohibir, porque a obra é de empreitada!

—Bem! Adiantem os pedreiros, embora matem alguem!

—E V. não acabou de fallar, la desabou metade da parede, espedaçando os andaimes, quebrando as vidraças da visinhança e atirando tudo ao chão.

—Foi milagre não passar alguem agora.

—N'uma rua como esta do Collegio! Grande deleixo.

—São uns ingratos estes conservadores!

—Que razão tem V. para dizer isso?

—E' por que elles devem a victoria alcan-

cada nas urnas do curato da Sé, a 7 de setembro de 1868, ao professor Marciano, e não se lembraram delle para incluil-o na chapa eleitoral!

—Mas quem lhe disse que o triumpho em 7 de setembro foi devido a esse distincto conservador?

—Elle que diz a quem queira ouvir.

—Ora elle que vá catar pulgas.

—Temos noticias do sul.

Lê-se no *Jornal do Commercio*.

«Entrou hontem do Rio da Prata o paquete francez *Aunis* com folhas de Buenos-Ayres e Montevideu até 14 e 15 do corrente.

«No dia 5 o grosso dos exercitos alliados entrou na Assumpção, d'onde na vespera já tinha partido uma expedição por agua para Matto Grosso, afim de restabelecer as communicações com aquella provincia.

«O Sr. marquez de-Caxias apropriou para quarteis e hospitaes todos os edificios publicos da capital paraguaya, ordenando, porem, que se respeitasse religiosamente a propriedade particular. No empenho de manter a ordem e inspirar confiança aos vencidos, organisou-se ali um corpo especial de policia. Com effeito, as familias principiavam a recolher-se a seus lares, e á sombra das armas alliadas sentiam-se seguras e tranquillas.

«Em Serro Leon somente mulheres, crianças e gente inerme foi encontrada. Ia ella voltando á Assumpção, e a noticia do bom agasalho que encontrava da parte dos alliados não tardaria a produzir, espalhando-se ao longe, os seus naturaes effeitos sobre o que restava do povo paraguayo.

«Lopez desapparecera sem deixar vestigios; ao menos ninguem sabia indicar o rumo que levara, e muito menos o ponto em que se achava. Ora, mal se podendo suppôr que estivesse elle em qualquer parte com forças organisadas, sem que logo corresse a noticia, parecia altamente fundada a presumpção geral de que se houvesse escapado para a Bolivia, ou que errante e fugitivo se conservasse occulto, espreitando occasião de passar-se para bordo de algum navio estrangeiro.

«Causa horror a narração das atrocidades commettidas nos ultimos momentos pela féra paraguaya, que parecia empenhada em não deixar após si folego vivo no desgraçado paiz que via prestes a escapar-lhes das garras. Esta narração, em parte ó feita pelos prisioneiros, em parte consta de documentos que o governo argentino estava colleccionando para fazel-os correr mundo impressos em varias linguas.

«Parece realmente que Lopez não deixou vivo um só homem de alguma importancia politica ou pecuniaria. Os desta ultima qualidade, fossem nacionaes ou estrangeiros, eram immolados para se lhes confiscar a fortuna, e esse thesouro que se diz entregue a uma canhoneira italiana não era provavelmente senão o fructo da expoliação e do roubo. Estas mesmas atrocidades offerecem mais uma veheménte probabilidade de que nas Lombas Valentinas deu Lopez tudo por acabado.

«Um telegramma de Buenos-Ayres annuncia que o governo argentino dirigira ao representante da Italia uma nota, dizendo-lhe que, emquanto os seus compatriotas eram espingardeados e roubados, os agentes italianos no Paraguay somente cuidavam em salvar os bens do dictador.

—

Buenos-Ayres 15 de janeiro de 1869.

.....

«Devo aqui referir um episodio. O coronel paraguayo Martinez, que capitulou na peninsula, não tinha acreditado o que se lhe dizia dos tratos dados á sua esposa e duas ternas filhas. Agora, porém, colhendo a evidencia do facto, ficou como louco de dôr e de raiva.

«Foi á egreja das Mercês, e lá prestou o juramento solemne de tirar a vida a Lopez onde quer que o podesse achar, fosse dentro ou fóra de seu paiz, na frente de seu exercito, ou sobre o leito de moribundo.

«Em seguida embarcou-se para o Paraguay; pedira ao marquez um, dez, cem homens, os que quizer confiar á sua lealdade (que leal deve ser, pois é um bravo), e dará caça ao tyranno por através de matos e brenhas.

«Este facto causou sensação, como tudo que se refere ás crueldades de Lopez.

«Desde ante-hontem tive eu noticia, por pessoa vinda do exercito, que o intrepido barão do Triumpho, tendo sido accommettido de uma febre perniciosa, e descuidando-a para desempenhar o encargo de perseguir a Lopez, tinha sentido aggravar sua molestia, a ponto de se conservarem poucas esperanças de o salvar.

«Agora mesmo dizem-me que outra pessoa chegada hoje accrescenta que o heróe do Pilar, do Jacaré e do Avahy tinha já succumbido!

«Será isto um accrescimo por inducção daquella primeira noticia ou terá o imperio, e sobretudo a provincia do Rio-Grande, de chorar mais uma illustre victima?

«Não posso sabê-lo, mas por todos os meios a meu alcance averiguarei si é falso

o boato para o desmentir na primeira occasião.

—Já que estamos aqui reunidos, vamos palestrar um pouco.

—Mas sobre o que havemos nós palestrar?

—Sobre as extravagancias de nossas jovens.

—Peço a palavra.

—Tome-a.

—Si o negocio principia com pulhas, eu tambem arrumo a minha.

—Vamos lá, meu charo palestrador, V. Ex. tem a palavra.

—Então vou principar a errar, com ar de deputado caipora.

Sr. presidente, não posso deixar de metter a catana em um uso extravagante e barbaro da nossas jovens.

Quero fallar dessas imprensas dos corpos de que a moda obriga as nossas jovens a uzarem, desses cylindros de ferro a que chamam *espartilhos*. que lhes faz os corpos phthysicos, para as fazer delicadas.

.....

Uma menina que pretende ser delicada, alem da vontade da natureza, molda a sua figura em um apertado espartilho.

—V. Ex. dá licença para um aparte?

—Pois não.

—Ha aqui um coronel reformado, que quando se apresentava na frente do batalhão, era todo espartilhado.

—Conheço muito, é o coronel *canastra*, que fazia isso afim de ficar geitoso e diminuir a formidavel *giba*; e tambem pintava os bigodes para parecer moço.

Mas deixando, Sr. presidente, de parte o *canastra*, passo ás jovens senhoras.

O que acontece ás senhoras, por causa deste uso?

Ninguem sabe.

Acontece a respiração apressada ou custosa, palpitações do coração; circulação do sangue opprimida e por tanta debilidade dos orgãos; inflexão da espinha dorsal e desarranjo da economia interna; digestão penosa; e de tudo isto affecções pulmonares, e por fim uma phthysica: eis aqui os effeitos e os inconvenientes dos espartilhos demasiadamente apertados.

Mas muitas senhoras tem os seios grandes e entendem diminuil-os.

—Pois eu estimarei bastante si me casar com uma mulher nestas circumstancias; por que faço economia no traveceiro.

Cumpre-me todavia declarar que não pleteio senão contra os espartilhos demasiadamente apertados, sem desconhecer as vantagens desta parte do vestuario para dar ao corpo um ar engraçado, impedil-o de contrahir o habito de posturas defeituosas, e supprir de alguma forma em uma menina os exercicios gymnasticos, que lhe são extranhos.

Seja-me permittido declarar com as maneiras mais polidas e respeitosas que possa empregar-se com o bello sexo, que as mulheres estão em um perfeito erro quando imaginam augmentar suas graças naturaes, dando ao seu talhe uma inflexibilidade, e ao mesmo tempo uma apparencia fragil e penosa de ver se.

Belleza e saude são duas qualidades intimamente unidas. Uma cintura excessivamente delicada faz disparidade com o resto do corpo: a dura compressão das barbas da baleia e das folhas de aço que impedem o desembaraço, e a agilidade de movimento que dão expressão e graça; porque a vida e o sentimento estão comprimidos sob estas armaduras immoveis e inflexiveis, e apenas se manifestam por um movimento maquinal e constrangido, similhante ao de um automato que se move por meio de força estranha.

Não é uma crueldade comprimir entre duas talas o corpo terno de uma creança, quando a natureza o quer desenvolver e dar lhe as formas graciosas da perfeição? desarranjar sua tenra maquina só para que tenha uma cintura da moda? E não são as mães responsaveis pela vida que dão aos seus filhinhos, e não receiam arruinar-lhes a saude ainda antes de nascerem?

Ellas empregam seus mais bellos annos em os alimentar a seu seio, em os acalentar no berço, em lhes dar extremosos cuidados; condemnam-se á penosos sacrificios para preencherem os seus deveres maternaes; mas poderão resgatar-lhes o vicio de constituição, que lhes fizeram contrahir nos primeiros dias de sua existencia? poderão restituir-lhe a saude que lhes fizeram perder em sua infancia?

Julgo ter demonstrado a insufficiencia e perniciosidade dos espartilhos, segundo um artigo do *Archivo Popular*, que tenho ás mãos.

—Muito bem, muito bem!

Não havendo mais quem peça a palavra, está encerrada a discussão.

Á PEDIDO

(*Continuação do n. antecedente.*)

—Vem concluir sua historia?

—Si V. Ex. permitte.

—Prosiga.

—Quando amanheceu, os famulos de *Iesen* o foram encontrar prostrado em um leito, sem sentidos, inundado em sangue.

Os vestigios do crime eram patentes. A' entrada da casa, um grande lago de sangue denunciava que n'aquelle logar se havia perpetrado um crime atroz, uma dessas barbaridades que horrorisam.

A noticia espalhou-se de subito como um relampago pela *cidade do trafego* e todos, á uma voz, apontaram como author de tão nefando attentado o tal sujeito que *faria* por metter *cunhas*, tendo por cumplice seu socio, um gallego que é mesmo um *precipicio*.

A justiça compareceu, e procedeu a investigações que levaram á evidencia a perversidade dos dous malvados; mas, capitão, a balança da justiça de Latronopolis, não costuma pender para o lado onde ha maior prova de razão, e sim para aquelle onde ha mais poder e dinheiro.

Na consciencia dos juizes pesa mais o ouro que o direito.

—Salvando sempre as honrosas excepções.

—Está claro.

E receiando isso, foi que a consternada filha de *Iesen* hesitou em pedir a severa execução da lei sobre a cabeça dos assassinos de seu pae.

Sabia ella, que o patronato podia tudo nesta terra pervertida.

Ha juizes que, quando não cedem ao dinheiro, cedem aos pedidos.

Que muitos delles, embora tendo bons desejos, não podem obrar de consciencia limpa, pela dependencia em que vivem.

O jogo, o luxo desordenado, a influencia das saias, a ambição, o desenfreamento de paixões *pouco honestas*, são outros tantos agentes poderosos, que concorrem para a venalidade dos magistrados.

E por sobre tudo isso a ignorancia, o peior de todos os males n'um juiz.

—Felizmente, a regra não é geral.

—Por ventura pode-se lá crer na honestidade de um juiz que julga uns autos de mais de 300 folhas, em menos de 24 horas?

—Não!

—Prevendo estas contrariedades, a familia de *Iesen*, ainda uma vez, hesitou em pedir á justiça do desaggravo contra o inaudito e selvagem attentado que acabavam de commetter na pessoa de seu chefe.

A festa porém, estava na porta e os esbirros da justiça, neste tempo gostam de tirar o ventre da miseria e passar a tripa forra.

Melhor ensejo não se lhe podia deparar

A formina promettia ser gorda, e quer de um lado ou do outro, podiam *comer* bastante.

Um delles, pois, foi encarregado de persuadir a filha do velho, que entrasse em questão, por que as provas eram irrefragaveis; e o proprio *julgador* asseverou-lhe que seu juizo *estava formado* e que a condemnação dos malfeitores era inevitavel.

Acalentada por tão enganadora esperança, teve a ingenuidade de denunciar os dous faccinoras como authores das violencias feitas em seu pae e sentou-os no tamborete dos culpados.

Os inquiritos provaram de sobejo que eram elles os sinistros authores de tão execrando acto de perversidade.

E quando todos esperavam que a justiça cahisse inflexivel sobre a cabeça dos precitos da lei, viu-se com geral sorpreza que elles foram *livres de pena e culpa*, e na opinião do julgador tidos pelas mais innocentes creaturas deste mundo de Deus.

—E o que obrou tão extranha metharmophose?

—A voz do povo sempre infallivel, que nunca erra, tirou logo a illação de que a justiça fôra comprado.

E na partilha o juiz teve 4:000$ réis, o escrivão 2:000$ rs.!.....

.....

—Miseravel Latronopolis! Depravada terra!

—A authoridade corrupta, que tão miseravelmente se deixou comprar, deu como sahida á sua abominavel sentença o ser o velho amigo do vinho e a ter n'um accesso de embriaguez, commettido espontaneamente em si as violencias.

—*Proh pudor!*

—E o raposo do escrivão, sabido com o *Pedro mal-as-artes*, que agenciou toda essa meada de bandalheiras, lambeu os dedos com o gordo manjelorum.....

ANNUNCIOS.

COLLEGIO ONZE DE JUNHO

A' RUA DAS LARANGEIRAS.

Abre as suas aulas no dia 1.º de fevereiro proximo futuro.

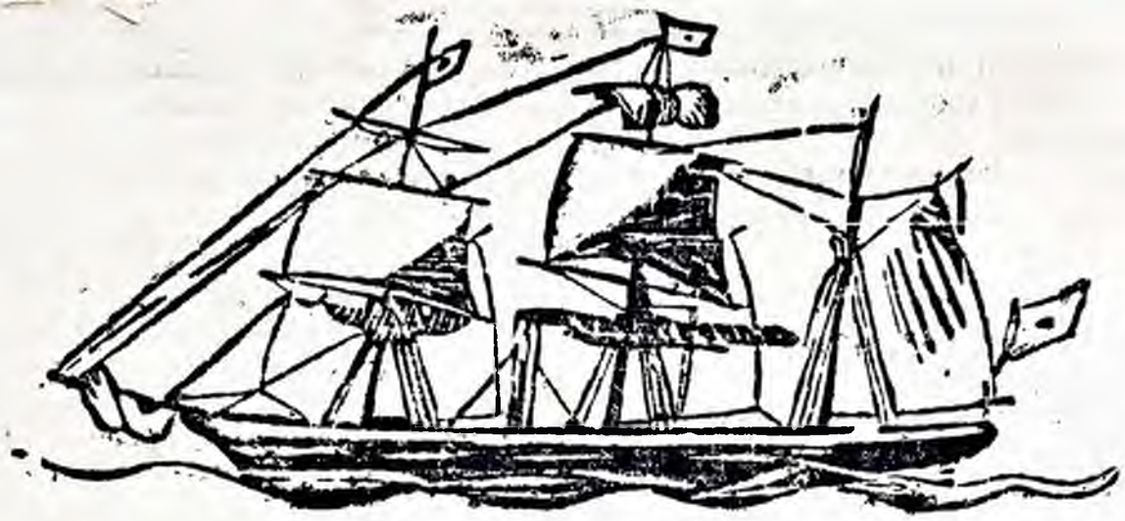
O director.—F. A. de Freitas.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

O muito bom e bem conhecido café moído puro, continua-se a vender na rua dos Ourives, loja n.º 9 B, e na Saúde, rua do Jôgo de Lourenço, casa n.º 199.

Previne-se que qualquer porção comprada levará no involtorio o distico seguinte—M. José de Azevedo—faltando o qual, deixa de ser dos logares indicados: outro sim não se vende para taberna alguma.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 47.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 30 DE JANEIRO DE 1869. N. 464.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de janeiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande despejar umas importunas aranhas que assentaram de estabelecer fabrica de bambinellas no corpo da guarda de sua secretaria; e outro-sim que sirva-se de dar suas ordens para que a referida guarda não continue á permanecer á noite em trevas como até agora.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que acabe com o insupportavel ajuntamento de moleques na ladeira da Saude em uma venda que faz quina para o largo do mesmo nome. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que procure o dono da padaria ao becco do *Bento-Padre*, e previna-o de que, a continuar o intoleravel escandalo que se dá em sua casa, onde uma tropilha de capadocios, de sucia com o caixeiro, não só praticam immoralidades, a ponto do referido caixeiro apresentar-se no balcão em ceroulas, sem camisa; como provocam e maltratam tanto aos vjsinhos como a quem passa, terá o amuxingueiro de ir até lá corrigir aquella indisciplinada caterva. Cumpra.

—Aquelles cinco sujeitos algemados e acorrentados pelo pescosso, parece que são destinados ao Paraguay, onde ainda chegam a tempo de levar a liberdade e civilisação áquella horda de barbaros.

—Enganou-se; são sentenciados e recrutas vindos de Caetité, que acabam de saltar do vapor de Cachoeira.

—Isto é uma irrisão!

O Brazil, que para civilisar o Paraguay toma dinheiro emprestado e derrama a jorros o sangue de seus filhos, acorrenta homens pelo pescosso, como si fossem brutos, e os expõe em espectaculo desde a cidade baixa até á secretaria da policia da Bahia!

—E' muito escarnecer!

—Não sei com quem me deva entender.

—Menos eu.

—A capella de Santa Barbara não está muito segura.

—O remedio é cada um andar por lá com cuidado.

—O que determina, meu rico?

—Venho dizer-lhe uma cousa.

—Pois falle.

—Os negocios da companhia não andam muito correntes.

—Mas o que ha?

—Falla-se em subtracções, certas escamotages á noite no deposito, materiaes desapparecidos e outras cousas.

—Mas a *companhia* não é *bahiana?*

—E'.

—Pois eu aqui só providencio sobre o que

se passa em Latronopolis; quanto á Bahia, isso é lá a quem compete, e neste caso procure o director.

—Vou entender-me com elle e pedir-lhe que mande proceder á um balanço para ver certas cousinhas.

—Vae amanhan ao Bomfim?

—Tenciono.

—Creio que não perde seu tempo.

A festa de S. Gonçalo, consta, é feita com um esplendor nunca visto.

A fertil cabeça do Fausto tem inventado tudo quanto é possivel para realçar aquella funcção.

—Lá nos encontraremos.

LA VAE VERSO

Como é triste ver-se aqui
Sem terem em que cuidar,
Mil devassos e vadios
Pelas ruas a vagar!...
Não poderá a policia
Com tal praga acabar?

Ver ahi certos meninos
Com lingoa de palmo e meio
Intrigarem todo mundo
Sem ter o menor receio;
Quando bem podiam dar
Ao Paraguay um passeio.

Nos hoteis, por toda parte,
Encontra-se um borrachão,
Todo entregue a *malandrice*
E dado á vil corrupção;
Em tudo s'introduzindo
Como maligno zangão!

O caixeiro embonecado,
O bello havana fumando,
O amo quasi quebrado
Vive a todos praguejando,
Emquanto o experto rapaz
Vae na gaveta lhe dando.

O fiscal, pouco se dá
Do que vae e do que vem;
Vive *em paz* c'os taberneiros;
Não faz mal; isso o que tem?
Tudo dá em bagatella,
Marcha a cousa muito bem.

O petit-maître namora
Bem escandalosamente;
Prega calotes a quem
Lhe fia casualmente!
Muda a rua logo que
O logista o apouquente.

Vae tudo á mil maravilhas;
Quem aqui feliz não é?
O povo vive repleto;
E dizem que tem até
Justiça e moderação
Tanta, a dar com o pé!

DOUS BEBADOS POLITICOS.

NA VESPERA DA ELEIÇÃO.

Em um barril vasio na taverna,
Sentado está o Chico carraspana;
Fumando de dez-reis um mau charuto,
Dos melhores fumados na semana.

N'uns saccos de farinha, d'outro lado,
Deitado á vontade o Zé-preguiça,
Immundo personagem de gravata,
O mais baixo empregado da justiça.

Não é nem mais nem menos que um meirinho,
O typo mais notavel deste mundo,
Espertalhão agente das chicanas
Experimentado em ver do copo o fundo.

Não lhe cede a palma o bom do Chico,
E' seu rival no copo, não recua.
Passa a vida folgada, bebe e dorme,
E sonha que á cavallo pega a lua.

—O' lá, meu rapasolas, mais cachaça,
Que inda resta no bolso uma pataca;
E viva o voto livre! Que amanhan
Ou vencer liberaes, ou temos faca.

Assim bradava o Chico-Carraspana,
Que por alguns vintens ia votar,
O borracho que tem por patria a venda,
E o nojento balcão por seu altar.

O Zé-preguiça ergueu-se, poz-se serio,
E disse assim c'um ar atterador;
«Põe p'ra mim um vintem só de *canninha*,
«*Que eu bem sei o que é ser conservador*.

O Chico ja de copo, ouvindo isto,
Pergunta-lhe zangado:—o que é que diz?
Por sua vez pergunta-lhe o meirinho
«Perdeu V. por ca o seu nariz?

—*Amode* que V. virou casaca?
«Vejam lá quem falla.... quem nada vai!
—E tu que és, meu Zé? um troca tintas;
«V. bem sabe que sou official.....

—.... De justiça... Ora bolas! não és nada!
«E tu és vagabundo, és beberrão....
—No copo tu não falles; és parceiro,
Tambem alastras bem o teu porão.

E dê mais, calá a bocca; do contrario,
A' cabeça me sobe já o vinho....
«Assim cambaleando o que é que fazes?
—Arrumo-te este copo no focinho.

«Si tu és *gente*, atira, que eu te mostro

«Si a minha *posição* não vale nada,
Mas nisso o taverneiro se interpõe
E põe a freguezia em debandada.

. . . . . .

E amanhan os *dois* votantes
De partidos contrarios, é verdade,
Si verão na cadeia *conservados*,
E gosando da *grade a liberdade*.

Á PEDIDO

—Dá-se homem mais cynico do que este *Leandro!*

—Um carrança de mais de 60 annos!

—Entendeu de fazer neste *porto* do *Mau fim* quanta extravagancia lhe vem á cabeça!

—E pratica suas loucuras de janellas escancaradas!

—Até os dedos ja entram na ordem de certo *instrumento* para fazer experiencias.....

—Ah, velho *lanzeiro!* Tu fazes experiencias com os dedos e eu quizera fazer-te com um bom vergalho..... nas costas.

ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA,

O Morreirinha, subdelegado do *Segura Parede* não pode continuar a ser authoridade:

1.º—Porque está vivendo da subdelegacia.

2.º—Porque é dotado de pessima indole e ser notorio que é mau pae de familia.

3.º—Porque vive aferrado ao jogo como é publicamente sabido.

4.º—Porque dá-se ao uso immoderado de bebidas, a ponto de na propria sala de suas audiencias, ver-se amontoadas garrafas de spirito.

5.º—Porque entregou um cavallo roubado, mediante 50$ réis que lhe deram.

6.º—Porque é conhecido por comprador de carvão de pedra roubado.

7.º—Porque é apontado como protector de certos individuos que vivem de trampolinas no mar e dos quaes recebe meias annatas.

8.º—Porque por sua crassa ignorancia, commette desatinos e arbitrariedades.

9.º—Porque anda pelas *rampas* á beira-mar vendo onde ha ganancia para se armar.

10.º—Porque quando não está em seu estado normal pratica violencias e attentados contra a propriedade alheia.

Exemplo: tres viventes irracionaes que ha pouco foram para o fundo do mar.

ATTENÇÃO.

O abaixo assignado declara que não estando nas circumstancias de ser eleitor por esta parochia, agradece a quem quer que teve a lembrança de involver seu humilde nome na chapa que *ex-vi* no periodico *Alabama* n. 462, porque não deseja ser de nenhum modo alvo de caprichos desta ordem, pois vivendo mui parcamente, crê que só se lembraram de seu nome para tal fim, apenas para o arredar da consideração de seus verdadeiros amigos.

Bahia 29 de janeiro de 1869.

Marcolino Rodrigues Sanches.

—Que prevenção! Que cuidado!

Anteçipa-se até o caso de morte!

—Assim fazem os musicos e armadores nas casas onde ha enfermos.

—Bem me disse não sei quem, que a missão do juiz não é julgar!...

(Continuação do n. 461.)

—Entre os episodios da vida de pilhagem do gallego *João,* com bodega á rua da *Taboa grande*, o seguinte é um dos mais notaveis:

De um escriptorio bretão foram furtadas algumas peças de certa fazenda que tinha vindo especialmente para aquella casa.

Os homens da terra da fumaça e da cerveja annunciaram e prometteram larga recompensa a quem descobrisse onde parava o furto.

E' escusado dizer que quem *agazalhou* a fazenda foi o gallego *João.*

Todos o estão advinhando que foi elle; o infallivel arrecadador de ladroeiras, o intrepido capitão da quadrilha de larapios latronopolitanos.

Comprou por uma ninharia á um preto seu freguez e vendeu immediatamente a um logista de fazendas da sua rua, natural de *Magalhães,* lucrando na transacção boa centena de mil réis.

—Mas escute: o logista devia ter escrupulos, comprando fazendas a um taberneiro.

—E' o que V. Ex. julga! O gallego tem labias e astucias para enganar ao proprio Christo, si acaso viesse ao mundo.

Disse ao inadvertido logista que tinha recebido taes fazendas em pagamento de uma divida.

—Assim, qualquer cahe.

—O annuncio dos *godêmes* despertou a avidez dos especuladores, que se pozeram á cata de descobrir onde paravam as fazendas, para ganharem a esportula promettida.

Tanto viraram, tanto mexeram, que foram dar com ellas na *Taboa-grande,* na loja do logista de *Magalhães.*

D'ahi á meia hora a policia estava na porta do homem e as fazendas apprehendidas.

O astuto gallego correu immediatamente a prevenir ao homem de *Magalhães* que não declarasse a quem tinha comprado as fazendas,

que elle entraria com dous terços do prejuizo.

Incauto que foi o tal logista, que ainda acreditou na maranha do trapaceiro.

E' verdade que aonde se apapha o furto, ahi está o ladrão, porem a declaração ao menos podia atrapalhar o refinado ladravaz.

—O diabo sempre ajuda aos seus.

—O logista obstinou-se em não declarar quem lhe vendera a fazenda e acarretou sobre si inteira a responsabilidade.

Mas emfim.... arranjou-se a negociada e com 2:400$ rs. com que o logista entrou serenou a tempestade.

Tocava por tanto ao subtil gallego cahir com 1:600$ rs., isto é, dous terços do prejuizo, segundo elle promettera.

O logista nunca viu tal dinheiro: a principio pedia espera de hoje, amanhan e assim foi correndo tempo.

Um dia porem, disse com inacreditavel cynismo, que nada devia, por que elle vendia carne de sertão e cachaça e não fazendas.

—Que ave de rapina!

(*Continua*).

CHAPA POPULAR E ARTISTICA DO CURATO DA SÉ.

Angelo José Ferreira Coelho, negocio.
Arnaldo Gentil Ibirapitanga, emp. pub.
Marcolino Rodrigues Sanches, art.
Francisco Xavier d'Oliveira, art.
Antonio Francisco Lopes, art.
Marciano Antonio da Silva e Oliveira, prof.
João Emygdio da Silva Lima, art.
João Alves Vieira, emp. pub.
João Francisco Coelho Flores, art.
João Luiz Pereira da Silva, neg.
Guilherme Augusto da Fonseca Lima, emp. p.
José Porciano Ribeiro Carnauba, art.
José Maria Franco, art.
Lazaro Antonio de Jesus, art.
Paulo Manuel Coitinho, art.
Silvestre José Pereira, neg.
Tenente Sebastião Alves Pessoa, neg.
Severo José do Nascimento, art.
João Pereira dos Santos, art.
Tranquilino Teixeira da Silva Biquiba, art.
Manuel Pedro da Costa Nunes, art.
Albino Augusto de Magalhães Castro, emp. p.
Protasio Apolonio Trigueiro, emp. pub.
Francisco Emilio Pereira Rocha, emp. pub.
Antonio Eliseu do Sacramento Paranhos, emp.
Hygino Rodrigues Sanches Palmeira, art.
Francisco Borges de Barros, emp. pub.
Paulino Feliciano Castilho, emp. pub.
Alferes, Horacio José de Lemos, art.
Astolfo Francisco de Andrade, emp. pub.
José dos Reis Herculano, art.

VARIEDADES

CIVILISAÇAO DE PORTUGAL.

Annuncios mandados fixar na porta da capella de Linda-Velha, freguezia de Carnavedo em 1845 pelo professor regio de primeiras letras.

1.º ANNUNCIO.

(Vae com a propria ortographia.)

«O Professor Regio desta Freguesia por Mercê da Nossa Augustas Rainha, que Deus Guarde, Faz saber aos Respeitaveis Senhores deste lugar que na aula de mencionado se tem exercitado um Discipulo o qual seu Mestre e incontrastável para podér insinar as Primeiras Lettras e tambem goza de saber, e poder insinar a Lingoa Francesa, motivo porque o dito Professor o offerece aquelas meninas que se quiserem aproveitar de apprehenderem, em suas casas a ler, escrever, e a lingoa hoje dia de de moda, por cujo motivo todas as Pessoas que se quiserem habilitar para o indicado fim poderão tratar com o Regente da Eschola sobre o objecto exposto. Emquanto á recompença do incomodo que se deve retribuir o sugeito indicado essa será bem limitada, que não excederá quantia disproporcionada antes vantajosa a fim de ser util á mocidade Feminina desta Freguesia.

O servo, Professor....

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Tendo de ser solemnisado no dia 2 de fevereiro proximo futuro o 16º anniversario desta imperial sociedade, o conselho administrativo convida á todos os Srs. socios effectivos para que se dignem comparecer ás 9 horas da manhan na sala da mesma sociedade, afim do assistirem á missa que se tem de celebrar; e bem assim aos Srs. socios honoraries, para mais abrilhantarem o acto da sessão magna, que deve ter logar ás 11 horas; e findo este, seguir-se-ha a eleição para os novos funccionarios.

Bahia e sala das sessões do conselho da imperial sociedade Monte-Pio dos Artistas 24 de janeiro de 1869.—Presidente, *Firmino Thomaz d'Aquino*.—Vice-presidente, *Francisco Leonardo da Conceição*.—1.º Secretario, *Aristides Ricardo de Sant'Anna*.—2º Secretario, *José Duarte dos Santos Bahia*.—Thesoureiro, *Vicente Ferreira de Campos*.—Recebedor, *José Fernandes Alves Badaró*.—Archivista, *José Antonio Bispo de Florença*.—Visitadores, *Balbino Francisco dos Anjos e José Acylino Nepomuceno*.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I. G. H. B.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 53

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 2 DE JULHO DE 1869. N. 522.

O ALABAMA.

Dous de Julho de 1869, é o 48.° anniversario do dia em que uma phalange de bravos entrou triumphante pela capital de S. Salvador.

Nesse dia glorioso, deixou o Brasil de ser colonia portugueza e tornou-se nação americana.

Que tempos heroicos não foram aquelles!

E temos nós correspondido ao heroismo e sacrificio daquella geração?

Os males e o soffrer da patria que nos respondam.

Porem, na memoria do passado e na esperança do futuro, achamos consolação.

E' impossivel que dure por muito tempo o dominio dos bastardos ingratos, que, esquecidos do dever, não zelam tão sagrado patrimonio.

Sim; a degeneração marcha a seu ultimo termo.

E nem pode deixar de assim ser.

Este continente, livre desde selvagem, sel-o-ha ainda mais á luz da civilisação.

Não ha estorvo, e nem pode haver turbação contra a torrente que por natureza segue sempre uma sociedade nova, e, por assim dizer, ainda virgem, como virgens são nossas florestas. Si estas são de não calculadas esperanças para a industria. aquella, pelo mesmo modo, o é para a liberdade.

Que importa que os homens de hoje tentem contra as instituições, abatam direitos, perturbem o seu exercicio, disperdicem as rendas publicas, levantem o incendio da guerra, e produzam outros muitos males?!

O gigante adormece... mas, quando acorda, levanta-se sem sentir a falta de sangue que lhe tiraram os insectos, e caminha... e caminha sempre por sua viagem de seculos.

Apenas quem escrever a historia lançará em algumas paginas tristes traços do que se passar agora.

A' luz do dia Dous de Julho. tu, memoria dos venerandos vultos da independencia, e tu, esperança das gerações futuras, vinde alentar aos abatidos fieis, que muitas vezes, no desespero do presente, julgam tudo perdido, sem descobrir recurso de salvação.

Salve, Dia Dous de Julho! que nos trazes estas recordações e estas esperanças como força para afrontarmos as intemperies deste tempo de calamidades!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.° de julho de 1869.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus,

ordenando-lhe que se dirija á ladeira do Baluarte n. 54 e traga recambiada para bordo uma creoula que ha ahi, afim de que por algum tempo tenham descanço as pelles de dous pobres crioulinhos, nos quaes entende ella que deve nutrir seu diabolico genio de dar pancada. Cumpra.

—Capitão, dizem que ha grande falta de dinheiro nos cofres publicos.

—E' de suppor.

—Quem vae trocar ou receber qualquer quantia, toma um valle que de nada serve.

—Mas então que diabo é isto?

O governo não tem dinheiro e faz desperdicios!

—Como?

—Manda aquartellar a guarda nacional em pezo, fazendo uma despeza sem necessidade!

—Eu creio que é só em quanto passa o Dous de Julho.

—Receios da sonhada revolução, sem duvida.

—Julgo que sim.

—Si é por isso, pode elle bater á outra porta, porque as bichas não pegam.

—Santa Virgem; que crime execrando!

—Aconteceu alguma desgraça?

—Que horror, capitão!

Vê aquelle rapaz escoltado pela policia?

—Um guarda do 4.º batalhão.

—E' um monstro da especie humana.

—O rosto não o denuncia; parece uma creança.

Commetteu elle algum assassinato?

—Cousa mais estupenda.

—O que podia ser então?

—Cohabitava no proprio leito da mãe, la para a Estrada das Boiadas.

—E como se soube disso?

—Denuncia á policia; esta poz-se alerta e, na segunda feira demadrugada, colheu-o mesmo em estado incestuoso.

—Cousas que me custam a encasquetar!

A policia que não dá cavaco do que vae alto dia, pelas ruas, tomando conhecimento do que se passa de portas a dentro, e que não é da sua conta!

—E' um peccado abominavel, capitão, deve ser punido.

—Rapaz, isso é negocio de consciencia, pertence ao espiritual; a policia so pune crimes.

Escute.

Eu não duvido nada que o rapaz tivesse tão hedionda balda; a natureza humana é congenita do mal. Porém quem nos diz que isso não foi algum *arranjo* que lhe quizeram fazer?

Ao menos, como V. conta parece. Esse interesse da policia em expedir agentes seus para ir espreital-o, a facilidade com que estes poderam penetrar, de noite, em casa, para irem pegal-o a mão, o facto de haver testemunha de vista, tudo isso parece uma pilheria.

—Eu não sei, capitão, o caso é que ha quem jure que viu.

—Por isso não, tambem houve quem jurasse o seguinte caso:

«O padre Fernandes da Costa, prior que foi de Trancoso, de idade de 62 annos, foi sentenciado a ser degradado de suas ordens e arrastado pelas ruas publicas aos rabos de quatro cavallos; esquartejado seu corpo e posto aos quartos, cabeça e mãos em differentes districtos, pelo crime de que foi arguido e que elle mesmo não contrariou; sendo accusado de ter cohabitado com 29 afilhadas, tendo dellas 97 filhas e 37 filhos; de 5 irmans teve 18 filhos e filhas; de 9 comadres 38 filhas e 18 filhos; de 7 amas teve 29 filhas e 13 filhos; de 6 cunhadas teve 5 filhas e 2 filhos; de 2 escravas teve 21 filhas e 7 filhos; de uma tia chamada Anna da Cunha teve 3 filhos: e da propria mãe 3 filhas. Total 299 filhos sendo do sexo feminino 214, e do masculino 85, concebidos de 55 mulheres!!!

—Capitão, fui assistir, como me incumbiu, a festa anniversaria da inauguração do Asylo dos expostos, no Campo da Pólvora.

—Então vá me dizendo.

—Satisfez me o aceio e boa ordem.

Houve chrisma para 26 orphans, depois da missa: O Sr. arcebispo foi quem administrou o Sacramento.

—Apreciou a exposição?

—Estava primorosa e prova adiantamento.

O Sr. Figueiredo Leite, provedor da Santa Casa, é incansavel pelo engrandecimento daquelle estabelecimento.

—Assim não fosse elle tão apologista das irmans de charidade.

—Gostou do bando?

—Não lhe achei a menor graça.

—Está comigo.

—D'onde vem tão esbafórido, meu rapaz?

—Da Lapinha.

—Bispou alguma cousa?

—A policia acampada lá.

Extraordinario apparato, o chefe commanda o acampamento; a sociedade Rossini, que ensaiava perto d'ali para tocar no dia 2, foi mandada dispersar.

—Pôrque será tanta cousa?

—Receios de que o povo vá buscar os carros para fazer a noite do 1.º de julho.

—E esta gente a dar-lhe!

—Querem por força um pé de cantiga.

—Poem a cidade debaixo de armas, desembarcam as forças de mar que ficam para a primeira voz, do arsenal de marinha, distribuem municão pelos batalhões de *confiança*, e mandam cercar de tropa o deposito dos carros triumphaes:

—E todo esse apparato para um dia em que cessam as dissenções politicas, e os bahianos só se lembram de festejar os feitos heroicos de seus antepassados.

—O que vale é que, façam o que fizerem, não acham motivo.

—Ha muito não vejo tanto foguete como este anno, nas noites de S. João e S. Pedro.

—E as consequencias foram bem funestas.

Um moço academico, estudante do 1.º anno de pharmacia, de nome J. Emigdio Peixoto, foi victima de tão pernicioso brinquedo.

—Queimou-se?

—Morreu.

Uma espada (foguete) estourou-lhe na barriga e roubou-lhe a existencia.

—Causa pena!

—Tambem uma moça, que passava pela rua do Sodré, ficou queimada em lastimavel estado; as faiscas de um *bidejo* atearam-se-lhe aos vestidos e foi polvora.

E si não é um taberneiro que arrancou-lhe os restos da roupa, morreria na rua.

A offendida foi carregada em braços e está de cama.

—Para que manda então a policia encher columnas de gazetas com editaes, si não são executados?

Parecem uma fanfarronada!

—E quer V. que seja d'outra sorte, quando os que devem cumpril-os são os proprios a trangredil-os, ou por si ou por condescencias?

Sabe o que fizeram com o subdelegado do Pilar?

—Não.

—Tomaram-lhe o chapeu e atiraram dentro de uma fogueira que havia defronte do hotel March, na Calçada.

—Que graça pesada!

—E assim como isto muitas cousas que por ahi se deram.

—Esta policia si não é judia, tem raça.

Illude o publico dizendo que tem expedido terminantes ordens prohibindo os perniciosos brinquedos de entrudo e S. João e quando vê a gente exposta ao perigo, ri-se a escangalhar!

—Pateta é quem lhe dá credito ás palavras.

—Appareceu a *Opinião Publica*, gazeta conservadora.

Sahiu dos prelos do Sr. França Guerra.

—Adianta alguma cousa?

—Nada pela palavra.

Apenas uma defeza ao inspector do arsenal de marinha, cuja honestidade ninguem se lembrou de contestar.

—Sobre o que versa?

—A respeito da demissão do machinista brasileiro do vapor *Moema* e entrada de um estrangeiro para tal logar, o qual, ao tempo que era machinista do vapor, percebia 4$ rs. pela officina de machinas no arsenal.

—Nega isso, então?

—Confirma.

Diz que o homem era apontado porque o contracto dependia de approvação do governo.

—E' uma accusação formal que faz ao empregado fiscal, encarregado do pagamento, o qual tem obrigação de ver a quem paga.

—O inculcado defensor esqueceu-se do essencial, que era a ameaça que fez o estrangeiro de propor uma acção para lhe darem 7:000$000 de prejuizo e a recusa de pagar os 3 por cento ao estado, e limitou a defeza em dizer que o maquinista brasileiro era inapto.

—Ha defezas que prejudicam mais do que a accusação.

O Sr. inspector estou que dispensaria de bom grado tal defeza, si a visse em tempo.

—Mesmo que ninguem duvida da sua probidade.

A PEDIDO

—Capitão, ja se pode ir ao Bomfim.

A empreza dos Vehiculos, compenetrada da tarefa de que se incumbiu, não poupa esforços e despezas no interesse de bem servir ao publico.

—Nisso é que está a base de sua prosperidade.

—Hoje, quem dá um passeio áquelle aprasivel sitio, é transportado commodamente; já não está exposto aos desagradaveis e prejudiciaes tombos das antigas gondolas.

—Na verdade era um martyrio.

—E depois, o preço convida a concurrencia.

—E quanto mais modico poder ser elle, melhor será.

Estou certo de que, si a companhia podesse reduzir o preço das viagens em relação aos dos vapores da Companhia Bahiana, teria notavel preferencia.

—Meu caro, venho narrar-lhe um grande abuso á moralidade publica!

—Siga o carro!

—Existe uma viuva de um tenente, moradora na rua de Santa [illegible]

qual entretem relações *d'amisade* com um tenente de policia.

— m que está ahi o abuso á moralidade publica?

– Quer me ouvir?

—Pois não.

—Este tenente mora na rua que faz *poeira* e é casado.

—Como chama-se?

—J. J.

—Ora *pecêgos*, está V. com iniciaes.

—Ouça:

A viuva conversa todas as noites com o tenente na janella do Ignacio Capio, presenteam-se, e ja até os visinhos me garantem *certa cousa*, que eu não posso dizer.

—Mas V. não disse que elle é casado?

—E'; mas diz á mulher que está de estado e vae.....

—Oh! oh! oh! Que cynico!

—Quando está no quartel, ella enfeita-se e elle senta-se no portão para de la revel-a.

Elle diz a isto que, não embarga dever para comprar fiado, embora seja casado tem um coração amante.

—Para sua esposa!

—E tambem para ella, com quem elle promette casar-se!

—Que diabo de angù é este? V. não diz que elle é casado, homem de Deus!

—Sim.

—E como promette casar-se com á viuva.

—Provavelmente, por morte da mulher.

—Que horror! Já conta que a mulher morra primeiro do que elle.

Pergunta-se a *Tibeiro Berges de Figo enredo*, quanto recebeu em moeda sonante do inspector do trafego da *estrada de pau* para vir de *Alagoas pequena* depor com *verdade* na questão do tonel esmigalhado na ponte da *Jeticaia*.

Foi somente pela passagem na *1.ª ordem* ou para adquirir direito a rehaver aquellas 40 arrobas de charque deterioradas?

O tenente de cesto.

—Capitão, faz-me um favor?

—Qual é elle?

—Mandar intimar certas beatas da rua das Larangeiras que não encommodem a visinhança com os seus interminaveis e descompassados garganteados até 3 horas da madrugada.

—Amigo, cada um em sua casa tem liberdade para fazer o que lhe vier á cabeça.

—Sem prejuizo dos mais.

Pois essas tartarugas, rezando baixo, não servem a Deus da mesma maneira?

—Mas si nisso é que está o choro?

—Não é o cantarolar que agrada a Deus e sim a pureza do coração, o pensamento elevado até elle.

Do que serve o rumor das vozes, quando o coração se distrahe em cousas mundanas?

—Ao menos não estão praticando malversações em quanto estão em tal pratica.

—E' o que pensa V. Ex.

Quantas thesouradas não levará a pelle do proximo de entremeio com os bemditos?

E depois, toda noite, sem dar tregoas ao somno dos visinhos?

—V. como encommodado dirija-se a ellas e veja se consegue tornarem-se mais moderadas em sua ardente devoção.

ANNUNCIOS

PROCLAMAÇÃO.

Brasileiros! organisa-se um regimento patriotico, intitulado—DUQUE DE CAXIAS, afim de acompanhar os carros triumphaes á Lapinha, emblemas da nossa Independencia, e para cujo fim são convidados todos áquelles brasileiros que reconhecem os feitos heroicos do bravo do nosso exercito, o Exm. Sr. duque de Caxias, que tão denodadamente distinguiu-se no Paraguay!!

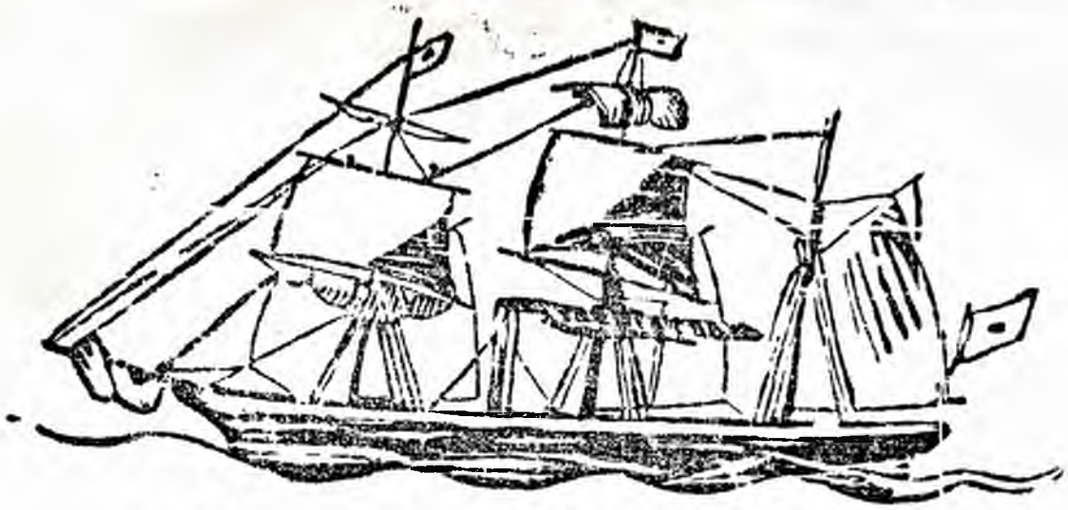
Este regimento irá uniformisado de branco e formar-se ha, ás 2 horas da tarde do dia 5, na Praça Dous de Julho, onde tomará uma fita, distinctivo do mesmo. Bahia 1.º de julho de 1869 —*De. Francisco d'Azevedo Monteiro*, commandante.

CORPORAÇÃO LYCEISTA

São convidados os Srs. Lyceistas e alumnos dos diversos collegios estabelecidos nesta capital, que quizerem se aggregar áquella corporação, que se dignem comparecer no dia 5 do corrente, ás 2 horas da tarde, no largo da Palma; afim de encorporados seguirem até á Praça de Palacio para o accompanhamento dos carros triumphaes á Lapinha. —*Franklim Cezar da Silva Lima*, director.

CONVITE PATRIOTICO.

Brazileiros! organisa-se um Batalhão patriotico intitulado IMPERADOR, afim de marchar á Lapinha acompanhando os carros Triumphantes—emblemas da nossa immortal Independencia!—por tanto convida-se e espera-se as vossas presenças (especialmente as dos patrioticos parochianos da freguezia do Santa Anna) para comparecerem ao largo da Saude, ás 2 horas da tarde do dia 5 de julho, onde se formará uma companhia que unir-se-ha á aquelle patriotico batalhão. —*Eduardo Pereira Mandacarú*, commandante.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. — Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. — Serie 53

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 7 DE JULHO DE 1869. — N. 523.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de julho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, reclamando contra o estabelecimento de uma fabrica de vellas de carnaúba, no becco dos Calafates, pelo grave inconveniente que traz á saude publica.

—Ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, partecipando-lhe que, depois dos *batoques* que andaram pespegando no boeiro do gazometro, augmentou a rachadura do mesmo mais oito palmos, como poderá S. S. verificar, si entender.

Nada adiantaram os remendos com que procuraram atamancar as enormes fendas do referido boeiro, por que, sendo feita a obra com cimento, logo que recebeu o calor do fogo estalou, e prolongou-se a brecha.

As tranquetas de ferro passadas em redor do mesmo, nenhuma segurança affiançam, e embora alguns profissionaes acreditem que o desabamento pode retardar-se, não é bom fiar, visto que elle pode vir a ser mais prematuro do que se espera.

Em vista do que, espera-se que S. S., procurando evitar mais uma calamidade, empregue os meios a seu alcance para que a companhia seja obrigada a fazer uma obra completa e segura a qual ponha fora de perigo a vida de tanta gente.

Portaria á irmandade do Rozario dos Quinze Mysterios, perguntando-lhe si tenciona fazer do corpo da egreja deposito de lixo.

Si essa irmandade não tem dinheiro para mandar limpar a immensa ciscalhada e montes de caliça que entupem a egreja, deve recorrer á caridade dos fieis, com tanto que a casa de Deus não continue em tão immundo estado de porcaria e indecencia. Cumpra.

—Sabe onde é o cemiterio dos bois?

—Ignoro.

—Então saiba que é na ladeira que do Rio das Tripas vae para o Barbalho.

— Isso é seu, moço.

Até hoje ainda não ouvi dizer que ahi se enterrasse boi.

—E é isso o peior, porque, si se enterrasse, os pacientes moradores não estariam expostos a aturar a horrivel fedentina que exhala tanto osso, tanta caveira em putrefação.

—Ha logar proprio.

—Porem as pretas fateiras não attendem a razões; assentaram, por conveniencia propria, de fazerem dali deposito de ossos e porcarias.

—Incuria dos fiscaes.

—Entretanto, quem mora la, paga os mesmos impostos que quem mora dentro da cidade sem ter as mesmas vantagens!

—Capitão, entre os successos lastimaveis da noite de S. João, quero contar-lhe mais um.

—Diga.

—Ia para a Calçada um moço com sua irman. Levava nos bolsos diversas sortes de foguetes. No Pilar, soltaram um buscapé, cujas faiscas, por admiravel coincidencia, entraram-lhe nos bolsos.

—Que aperto!

—O fogo incendiou-se e o homem ficou horrivelmente queimado.

—E a policia o que fazia, que não prendeu o delinquente?

—Tinha publicado o seu edital e descançava.

—Capitão, acabo de ser logrado.

—Por quem, meu amigo?

—Por um espertalhão.

Comprehenda V. Ex. que me achava em uma reunião; um dos circumstantes queixou-se de lhe ter desapparecido o chapeu. Corro á nossa casa, que é perto, e trago-lhe um em bom estado, supposto que usado.

O sujeito, momentos depois, chega-se a mim e diz-me que tendo de ir á rua visinha á casa de uma familia, eu lhe desse o meu chapeu por ser melhor, em quanto voltava.

Caio na esparrella e adeus chapeu; o sujeito perdeu o caminho para voltar.

—Eis aqui uma escamotagem superior a quanta faz o Mr. Lejounard no theatro.

—Um trabalho *limpo*.

—Provavelmente o sujeito é desconhecido.

—Eu o conheço, mais quero esperar trez dias, antes de me ir queixar á policia.

—Pois va esperando.

—Não ha maior flagello do que ir actualmente á repartição do sello!

—E' um desespero!

—Quanto prejuizo, quanto atrazo, quanto inconveniente!

—E' o diabo!

Entra-se alli as vezes as 10 horas e sahe-se as duas e tres da tarde.

—E o governo, de braços cruzados, vê com indifferença o clamor geral que se levanta, sem procurar attenuar o mal!

—Meu caro, o povo só é para pagar impostos, dar seus filhos para a guerra e fazer toda casta de sacrificio, quanto ao mais, soffra quem soffrer.

—E para cumulo de martyrio, o infeliz que cahe naquelle purgatorio tem de lutar de mais com a condescendencia dos empregados.

—E' onde ia eu bater..

—Eu, por exemplo, vou soltar uma letra que hei de impreterivelmente reformar hoje; peço, rogo, e não sou attendido; entretanto, entra um *amigo* ou alguem de posição com o mesmo fim e é instantaneamente despachado.

—E o resultado é que V. que foi muito cedo, vae para o *ponto e protesto*, ao passo que o *affeiçoado* que chegou muito tarde é aviado, e nada perde.

—Tal qual.

—A culpa é unica de quem governa, que sanaria tudo isso creando mais uma secção, ou augmentando o numero dos empregados.

—Os quaes, de mais a mais, sendo de carne e osso, tem necessidade de vez em quando de largar o trabalho para comer doce, se espreguiçarem, tomar fresco etc. etc.

—A policia atracou-se com o batalhão de Brotas.

—Dizem que houve sangue?

—Houve.

—Porque seria?

—Foi um tafal que fez um grilo em Cachoeira e enxotou-se para cá. Homisiou-se no convento de S. Francisco.

—Ainda uma vez o convento como refugio da ociosidade e da preguiça!

—...e assentou praça no 5.º batlhão, porque a guarda nacional, como sabe, é a salvaguarda dos reus de policia.

—Si houvesse responsabilidade para o commandante que admitisse nas fileiras de seu batalhão individuo que não estivesse devidamente qualificado, não se dariam destes factos.

—A policia andava em busca do marreco e filou-o na segunda feira.

Correu a noticia no quartel da Palma; e os valentes *pitús* deliberaram libertar o companheiro das unhas dos *morcegos*.

Foram para os fundos do quartel e quando os cujos passavam, cahiram sobre elles de unhas e dentes.

Houve bayonetada por *cima do tempo*. A policia sahiu toda do quartel e os proprios commandantes se acharam envolvidos na rascada.

—Que bonito quadro!

—Mas como ambos são batalhões, em quem o governo confia para manter a ordem, deixe que va..

—Em um discurso do senador Silveira Lobo, lê-se o seguinte sobre esbanjamentos dos dinheiros publicos:

«Asseveram informantes que merecem toda a fé que o vapor *Presidente*, o qual depois das batalhas de Itororó e Lomas Valentinas era empregado no transporte de feridos para os hospitaes de Humaitá, chegando a Assumpção no dia 20 de Janeiro tivera ordem do Sr. barão da Passagem para receber quatro cavallos e quatro mullas do general em chefe, afim de conduzil-as a Montevidéo, onde chegou no dia 28; que esses animaes foram passados para o

vapor *Guaporé*, que seguiu para o porto do Rio de Janeiro, onde chegou no dia 8 de fevereiro, entregando no arsenal de marinha os referidos animaes, que haviam custado a quantia correspondente ao frete do mesmo vapor, isto é, 14:000$ mensalmente, alem do despendio de perto de 200 toneladas de ervão, gasto na viagem. Informam tambem que o vapor *S. José* estava para mister identico á ordem do general em chefe.

Sendo isto exacto, faltou-se ao zelo e caridade para com os soldados feridos, que receberiam grande beneficio sendo transportados aos hospitaes, muito principalmente quando o vapor *Presidente* não trouxe um só dos feridos, nem objecto *algum de carga*.

A asseveração das pessoas dignas de toda a fé, que acaba de referir se pode ser enfraquecida por documentos authenticos que apresentar o governo, como, por exemplo, roteiro dos commandantes desses dous vapores.»

—Capitão, aprecie este annuncio.

—Que gazeta é esta?

—E' o *Jornal da Bahia*, do dia 2 de julho.

—Leia.

«—MOREIRA IRMÃO & C.

Vendem os seguintes artigos:

Brins da Russia de diversas marcas, para velas de navios.

Canhamaço n.º 6, 1.ª qualidade.

Cimento em barricas de 13 arrobas 1.ª qualidade.

Breu muito alvo em barricas.

Latas com tinta preta e branca.

Cerveja de diversas marcas em barricas.

Polvora ingleza em barris e latas.

Formas de ferro para purgar assucar.

Assignado.—*Luiz José Monteiro*, coronel commandante das armas.—Conforme *Calixto José Ferreira*, alferes ajudante de ordens interino.»

—Cá... cá... cá... cá!

—De que rir-se V. Exa?

Talvez seja alguma lei creada pelos conservadores, mandando que o commandante das armas assigne os annuncios commerciaes, com o competente *conforme* do seu ajudante de ordens!

—Ora *flores*!

Á PEDIDO

—Viu a levada dos carros triumphaes?

—Que duvida!

—Quaes dos dous batalhões patrioticos V. achou em melhor ordem, o *Argollo* ou o *Caxias*?

—Homem, eu achei que o *Caxias* ia com mais ordem.

—Já sei que V. é conservador, falla apaixonado.

—Porque?

—Porque para mim o batalhão *Argollo* foi mais luzido que o *Caxias*, e depois levou em sua frente a philarmonica Campesina.

—Sim, Sr.; mas o que é verdade, e fora de ideia politica, é que o batalhão *Caxias* marchou que não parecia um batalhão patriotico e sim um batalhão militar.

—Ora deixe-me, pelo amor de Deus! Um batalhão composto dos menores do arsenal de guerra; um batalhão ao que o commandante do 8.º da guarda nacional andou pedindo aos seus guardas, que tinham paletots brancos, que se encorporassem, não havia de marchar com todas as etiquetas militares? Só uma paixão cega como a sua desconhece isso!

—V. o que me está parecendo é um liberal exaltado.

—Não tenho côr politica, *mio caro!*

—Então mudemos de conversa.

—Acho justo!

Da festa do Dous de Julho
Lhe dou parte, capitão,
Vou lhe contar o que vi,
Q' assisti toda a função.

No palanque do Terreiro,
Não sei si foi bem, ou mal,
Só havia a côr *vermelha*
Na corôa imperial.

Entrei pela cathedral
Para assistir ao sermão,
E depois de o ter ouvido
Ver o resto da função.

Quem prega? Ali me disseram
Ser o conego Villasboas,
E' bom orador, portanto
Vamos ouvir cousas boas.

Porem, capitão, do que
Si havia o padre lembrar?
Dos *santarrões* jesuitas
Que nos querem governar.

E bradou contra a politica
Que os mandou exterminar!...
Que eram homens necessarios
Dignos de se aproveitar.

Quer o governo dos padres,
O tal padre sem razão,
Quer renovar neste tempo
A *bemdita* inquisição.

Por isso, certo doutor,
Que junto de mim se achava,
Me disse, «—indo visital-o,
Um caustico eu lhe pregava.»

Ao padre santo, é verdade,
Elle imita desta sorte,
Que com toda *santidade*
Condemna á pena de morte.

Mas deixemos o sermão,

Que foi da theocracia,
Vamos contar o que vimos
Neste grande immortal dia.

Me ia esquecendo dizer-lhe:
Na lista dos directores
Um só nome é liberal,
E os mais conservadores.

A minha alma se expandiu
De prazer na intensidade
Quando vi oito meninas
Recebendo a liberdade.

Honra á aquelle que assim fez,
E' distincto brasileiro;
Foram oito gerações
Libertas do captiveiro.

No palanque do Terreiro
O presidente entregou
A' carta á uma creança,
Que o *Minerva* libertou.

Não foi só esta creança
A' quem esse batalhão
Humanamente arrancou
Do jugo da escravidão!

Já uma outra elle tinha
Livrado do captiveiro,
E assim lavando a MANCHA
Do ☞IMPERIO DO CRUZEIRO!!

Se chama livre, é verdade,
A brasileira nação,
Mas tantos filhos possue
Gemendo na escravidão!!

Vejam isto os que governam,
Attendam para tal mal,
Lancem fora o captiveiro
Desta terra de Cabral.

Que só assim poderemos
Nação livre nos chamar,
E entre as outras nações
Nosso logar occupar.

Findo o *Te-Deum,* de foguetes
Umas cem duzias tocou-se,
Deram-se algumas catastrophes,
Algum caso lamentou-se.

Vi, ao lado do palanque,
De Brotas o batalhão,
Com o *espirito* fervendo
Deitar um homem no chão.

Mataram o seu cavallo,
E quasi matam o *cujo;*
E' por isso que de festas
E eu sempre calado fujo.

Capitão, termino aqui,
Irei a illuminação,
E minuciosamente
Lhe contarei a função.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. subdelegado da Sé, para o procedimento de um tal *Luiz Farofa* morador á rua da Larangeira.

Sem se lembrar do que habita entre familias, faz da casa onde mora um alcouce onde nada do que é honesto se respeita.

As scenas da mais desavergonhada crapula são postas em pratica ás cancaras, e os visinhos mais proximos veem-se na necessidade de trazerem suas familias reconcentradas para não testemunharem tantos escandalos.

—Onde está tua basofia
Si apanhastes como boi?
Falla, capitão *Mentira,*
Me diz isso como foi?

Bravatas de valentia
Não andas a impingir,
Como gritavas chorando
Que te fossem acudir?

O rapaz deitou-te ao chão
Como ao um cacho de bananas,
Pisou-te a cara aos pés
Poz-te os beiços em pantanas.

E depois muito lampreiro,
Nisto quanto és safado!
Disseste em casa que destes,
Quando fostes esmurrado.

O Monteiro.

—Capitão, grande novidade.

—Que ha?

—O administrador do correio quiz prender o ajudante de ordens do commando das armas.

—Por que?

—Por ter recebido jornaes da côrte e estar lendo em quanto esperava o expediente para o general, e até ameaçou de botal-o para fora da repartição.

—E que respondeu o ajudante?

—Repelliu-o como era de seu dever.

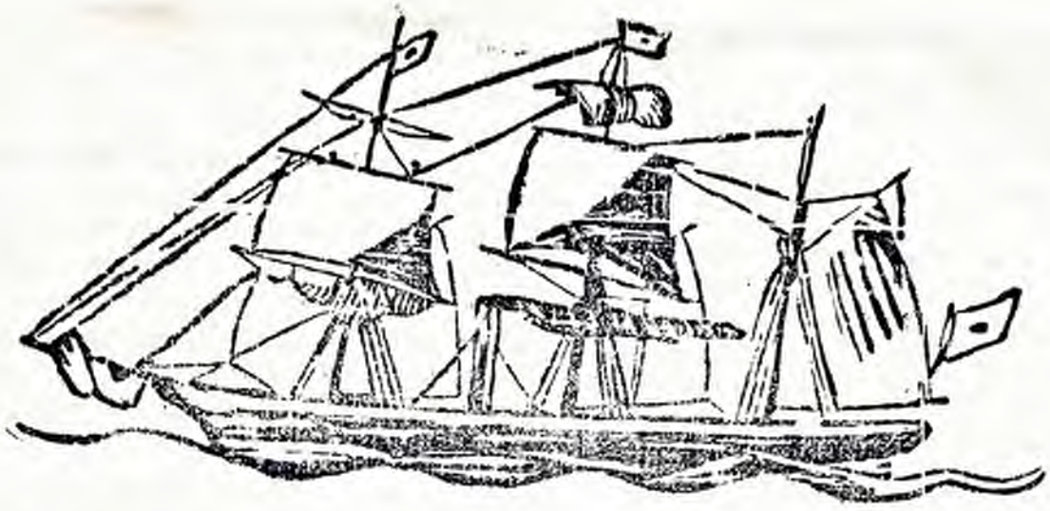
—Muito se vê! Julgava sem duvida ser algum sargento da marinha que la vae receber o expediente para o commandante, e elle bota para fora da repartição.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a folha 58 e 59 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Na roça a ladeira do Rio das Tripas, propriedade do Sr, coronel Pedroso, precisa-se de um feitor, preferindo se homem idoso; na mesma achará com quem tratar, das 5 da manhan as 9, e de 4 da tarde em diante.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 53
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 10 DE JULHO DE 1869. N. 524.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de julho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que a audacia dos larapios nesta terra é tanta que, no becco do Mocotó, dous individuos, crioulos, aggridem á pessoas que tem a imprudencia de por ali transitar depois de 10 horas da noite, facto este que se tem dado com pretas e que na quinta feira repetiu-se com um individuo, empregado publico, que teve necessidade de passar por semelhante caminho; e como tal becco esteja, por assim dizer, no centro da cidade, pede-se a S. S. a presença de uma patrulha nelle, ou qualquer providencia que intimide os referidos larapios.

—A' direcção do acceio da cidade, para que mande duas ou tres carroças e os competentes trabalhadores limpar a enorme montureira, agglomerada no armazem por baixo do commando superior, apresentando depois a conta a quem competir.

—A ordem natural das cousas nesta terra anda sempre invertida!

Nas outras partes quem mantém a ordem é a força publica, aqui os homens se aproveitam da farda para fazer barulho.

—Dizem a isso que não embarga dever para comprar fiado.

—Ha uma intriga entre certos batalhões da guarda nacional e a policia, que não sei mesmo entender.

—Fizeram sarceiro?

—Na terça feira ás 11 horas da noite, a patrulha do Taboão apanhou do 8.º como trinta.

Os tabareus estavam estuporados, desarmaram a policia, espancaram-na e fizeram o diabo.

—E as authoridades onde estavam?

—Quaes authoridades; os homens de sinhô barão dão lá fé de authoridades?

—Não diga.

—Eu sei que pintaram a manta e não vejo nada.

Subdelegado, inspectores, e toda a malta policial não foram capazes de contel-os.

—Isso é o diabo; assim vamos muito mal.

—Capitão, a commissão dos festejos de Dous de Julho de Brotas tem a honra de participar a V. Ex. que é no domingo 11 que festeja-se n'essa freguezia o immortal DOUS DE JULHO.

A commissão pede a V. Ex. que communique isso a todos os patriotas que quizerem tomar parte no festim; assim como que o programma dos festejos será publicado no sabbado 10 do corrente.

—Estou sciente; vou mandar noticiar ao respeitavel povo bahiano.

—Dê me suas ordens, capitão.

—«Uma esmola para a festa de Nossa Senhora da Boa-Morte, erecta na capella da Barroquinha!»

—Já começam vossês abalroando a gente no meio da rua, de salva na mão, pedindo esmolas para a festa de Nossa Senhora da Boa Morte. Muito boas saias hão de fazer para esse dia á custa dos fieis devotos!

—Isso não é comigo, meu senhor, é com algumas excepções, com minhas companheiras, que, em logar de recolherem todo o dinheiro arrecadado das esmolas, recolhem metade, ficando o resto para se apresentarem bonitas n'esse dia.

—Tome lá; V. parece uma rapariga séria, e fique incumbida, neste caso, de dar-me parte das que não recolherem todo o dinheiro arrecadado.

—Sim, meu senhor!

Nossa Senhora da Boa Morte é que lhe há de pagar.

—*Amen!*

—Isto parece esperteza!

—Direito, direito; quem engana o outro é judeu.

—Alem de ficàrem com o dinheiro que tiram aos pobres soldados de policia, á pretexto de fardamento, inventam agora uma despeza para sobrecarregar os homens.

—O dinheiro do soldado dá para tudo.

—Ora, que culpa tem os miseros que seus bonets pela antiguidade adquirissem a côr de rato de cloaca, para serem obrigados a forral-os de branco?

—Quem encommendou o sermão que o pague.

—Ha soldado que tem fardamento vencido desde o anno de 1866 e não lh'o dão.

—E depois n'um bello dia, que o governo entende, lança mão dos homens manda-os para o sul, e fica-lhes com o que custou seu suor.

—E ha quem diga que o governo é serio nos seus tratos.

—Essa historia de capotes da policia, parece um enigma.

Todo soldo desconta-se dinheiro para capote, correm dous, tres, quatro annos e nada de capote apparecer!

—De duas uma; ou ha mamadeira no caso, ou a provincia é mais do que uma refinada caloteira, por que se apossa do que não é seu.

—Capitão, escute isto que é bom.

—Isto o que rapaz?

—N'um telegramma dirigido pelo conde d'Eu ao chefe da esquadra, no Paraguay, conclue assim S. A.:

«*A maior parte do armamento que o inimigo tem, foi por elle mandado apanhar no campo de batalha de Lombas Valentina.*»

—Rapaz, eu li o telegramma, mas não vi isso.

—Pois não; o *Jornal do Commercio* publicou e a *Reforma*.

—Mas o *Diario Official* não.

—E' porque o governo, mandando publicar o telegramma no *Diario Official*, ordenou que se supprimisse aquelle trecho, afim de evitar a censura que continha ao duque de Caxias.

—Mas aqui de duas uma: ou o governo põe o principe de mentiroso, negando o que elle disse; ou está ardilosamente enganando ao paiz.

—Eu sei lá, heim!

—Pois um alarma deste e não apparece um soldado!

—E' um francez e um brasileiro que se estão *estrafegando*.

—Copos atirados, gritos d'aqui d'el-rei, cabeças quebradas, toques de apito e a policia não ouve!

—Ora, si isto se dá aqui no largo do Theatro no botequim do *Indigena*, faça ideia o que não será em um logar remoto!

—Bella industria!

Só assim se pode comer gallinha gorda!

—De que maneira?

—Como fazem os gatunos.

Andam agora de escada, infestando os quintaes que deitam para a Estrada Nova:

Está que na terça feira rasparam-se com todas as que haviam no quintal de uma casa ao beco da Ordem Terceira.

—Fazem muito bem; contam com a benevolencia da policia.

—Ora deixe-me; a policia tem tanto o que fazer!

—Capitão, o creoulinho dos Mares do qual a africana, sua senhora, mettera a mão dentro da panella de carurú, do que ja as folhas diarias deram noticia, deu-lhe o tetano, e falleceu hontem á tarde no hospital de charidade onde se achava!

—Compete ás authoridades cumprirem o seu dever, desaggravando a lei com a punição dessa deshumana, para exemplo dos barbaros senhores.

—Capitão, ainda um facto praticado pelo infeliz archivista da sociedade Monte-Pio dos Artifices.

—Ainda mais?

Atraz do apedrejado correm as pedras!
O' que ha então?

—Ha cerca de cinco annos fez o archivista da sociedade Monte-Pio dos Artifices hypotheca pela quantia de 500$ rs. de uma propriedade pertencente a uma senhora que mora atraz dos quarteis da Palma, em nome da mesma senhora.

Depois, tomando mais dinheiro por conta da casa, que fôra avaliada em 2:000$ rs., elevou a hypotheca, com os premios, a mais de 1:700$ rs.

A sociedade, tratando de cobrar os premios retardados, dirigiu á senhora um officio, convidando-a a satisfazer os premios e resgatar a hypotheca; tendo voto nesta decisão archivista, como membro do conselho, e encarregou-se de ser o portador de tal officio, que sendo encontrado intacto em casa delle archivista, pela policia em varejo, fez suspeitar de que o retardamento do pagamento provinha delle; e tratando-se de indagar da dita senhora, declarara ella não ter dado autorisação para hypothecar-se sua casa, que apenas deu uma procuração a elle archivista para poder alugal-a; e que, precisando de 100$ rs. para concertos na casa, elle encarregou se de os arranjar, bastando, segundo disse, apresentar os documentos probatorios do dominio e posse da propriedade; e que foi unicamente esses 100$ rs. que delle recebeu, e por conta dos quaes ja deu 20$ rs., e sempre pagou os premios por intermedio delle.

Esta pobre senhora velha, em cuja casa foi elle creado, não sabe ler nem escrever; foi por isso facil o abuso, que, logo que lhe chegou ao conhecimento, cobriu-se em lagrimas!

—Que cavalheiro de industrial! Ha homens de quem se deve ter dó, e nessas condições está este infeliz!

Porque maneira recompensou essa vibora o bem que dessa desventurada senhora recebera!!

—E aqui, capitão, convem exclamar:

«Meu Deus, compadecei-vos desse disfortunado!»

—Sim; sua sorte é digna de lastima!

—Capitão, si a assembléa provincial da Bahia mostrou-se estacionaria ante a generosa ideia da abolição da escravatura, não o fizeram assim as de outras de suas irmans.

Em Santa Catharina, Pernambuco e S. Paulo votaram-se cifras para coadjuvar a extirpação de tão pernicioso cancro social.

—Os tempos vão se approximando, a opinião nacional se illustra, e o grande thema liberal, a base da reforma, seu primeiro, seu mais glorioso passo ahi vem chegando, ahi chega com o impeto irresistivel dos factos providenciaes, das determinações inabalaveis do destino.

—E' assim que eu entendo o patriotismo!

O passo dado no caminho do progresso pela patriotica assembléa de S. Paulo, é curto; mas adianta muito; o diminuto grão semeado no terreno da liberdade, ha de fructificar e produzir beneficos resultados.

—A emancipação do trabalho já não é só uma aspiração e um preceito christão; é um compromisso nacional, uma obrigação, uma divida social, e não ha mais forças hoje para resistir-lhe.

—Aprecie V. Ex. o projecto apresentado na assembléa de S. Paulo pelo illustrado Dr. Oliveira Braga.

«Art. 1.º Fica o governo autorisado a dispender annualmente até a quantia de 20:000$ para compra de escravos de dous a quatro annos de idade, que serão desde logo declarados livres.

«Art. 2.º As compras de cada um escravo para o fim declarado no artigo antecedente não poderão exceder de 400$ rs., preferindo-se sempre que for possivel as do sexo feminino.

«Art. 3.º Estas compras serão isentas de todos e quaesquer direitos provinciaes,

«Art. 4.º Dentro da verba acima declarada fica o governo autorisado a dispender o que for mister para contratar com as casas publicas de caridade, ou com quem melhores garantias offerecer, a creação daquelles menores libertos, que os senhores de suas mães não se quizerem prestar a crear com obrigação de serviço até aos 21 annos completos.

«Art. 5.º Afim de que os escravos do interior possam gozar dos beneficios da presente lei, o governo se informará do juiz de orphãos dos termos, ou da pessoa que lhe parecer, sobre os escravos existentes nas localidades em condições de serem libertados, e verificada a existencia de quota, determinará a compra.

«Art. 6.º Ficam revogadas as disposições em contrario.—S. R.—Paço da assembléa, aos 10 de junho de 1869—*Oliveira Braga.—Monteiro de Godoy.—Rodrigues da Silva.—Paula Ferreira.—Bento de Paula Souza.—Aguiar e Castro.—B Ferreira Coelho.—Furquim.—Aguiar Witaker.—Penteado.—Tito de Mattos.—C. Andrade.—Aguirra.—Silva Barros.—Paes de Barros.—J. de Andrade.*»

—A ideia é boa, mas a realisação della é que é a cousa.

Á PEDIDO

ARSENAL DE GUERRA.

I.

Não é nosso proposito accusar ao Sr. tenente coronel Paranhos, nem acarretar-lhe dissabores.

As injustiças, porem, que presenciamos, as tropelias de cada instante, o desmantellamento, o desáso porque vae dirigida uma importante repartição, arranca-nos neste momento um brado que deve ir repercutir ante

os Srs. ministros da guerra e presidente da provincia.

O que admira que no Paraguay um despota pratique os actos de mais requintada atrocidade e violencia, quando na Bahia, terra illustrada, tendo a sua frente um governo moralisado e justo, vê-se a mais stulta prepotencia ferindo a lei, opprimindo os subordinados e commettendo toda sorte de desvarios?

Ha quatro para cinco mezes que esta cidade tem conhecimento do *labyrintho* em que se acha o arsenal de guerra desta provincia.

Difficil é de certo conhecer a origem de tanto *disturbio*.

Curiosos, como temos consciencia de ser, temos minuciosamente acompanhado o movimento daquella casa e por elle chegamos a convicção de que é impossivel ter ella uma marcha regular tendo a testa de sua direcção um chefe, que levianamente e por mal entendida susceptibilidade, malbarateia a honestidade de seus subordinados, querendo só e unicamente passar por honrado.

Para emprehender e levar a effeito tão recommendavel tarefa, é de indeclinavel necessidade plantar a desharmonia, gallardoar a bajulação, animar a desconfiança, estabelecer a delação, semear a discordia e dar ouvidos á calumnia; com taes elementos, uma repartição que devia ter por norma a regularidade e boa ordem do serviço, converte-se em foco de intrigas, proprias de bastidores de theatro, ou ainda mais de praça de mercado: dando em resultado perseguição e oppressão aos desaffectos.

Tudo isso era previsto, desde que o Sr. tenente coronel Paranhos, abandonando a respeitavel cadeira de chefe, ia se sentar entre seus sobordinados em inconvenientes e improductivas dissenções, convertendo até a sua sala de expediente em tribunal de devassa ou inquisitorial.

Com que fim queria S. S. saber o nome de quem fornecia apontamentos do que ia pela sua repartição?

A sua posição de chefe de uma repartição dava-lhe por ventura direito de interrogar as consciencias alheias?

Abstemo-nos hoje de aventar reflexões; havemos de continuar com estas toscas linhas, onde pretendemos mostrar á luz da evidencia, que o Sr. tenente coronel Paranhos, aliás muito honrado, não tem a aptidão e tino conveniente para dirigir uma repartição importante como é o arsenal de guerra.

Epaminondas.

Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé pede-se que tome conhecimento do que vae por um sorvedouro estabelecido á Praça de Palacio, cujo proprietario illudindo a attenção da policia, com o disfarce de um bilhar, reune immensidade de pessoas, á custa das quaes se vae locupletando com o artificioso jogo da *roletta* que dura ali sempre até a madrugada, havendo constantemente *turras* entre os parceiros, do que resulta não poucas vezes andarem aos murros e perturbarem o socego com palavras que são pouco honestas.

REQUERIMENTO CURIOSO.

Illustrissimu sinhô adelegado na pulisa nanciona—Diz Agustinho Manco do esprito Santo, criado de V. S. e da mais ilustri famia que ao mesmo tempo requé e pede, pede a V. S. que mande que o capitam Lulu pague o sevado, digo o porco, que fallando com pouco insino andava ambulando nas mata do cujo subredito capitam Lulu que este le atira com um tiro de porva e bala e o dito sevado pan morre. Não é porque o orador faça caso dessas coisas, que outras malhores tem elle levado, que inda o meis paçado perdeu sua mujé que morreu di parto, mais é para que este tratante conhesa e areconhesa o suco de homem que não atura bobaje de outro—E. R. M.

SONETO.

Pelas chammas de amor todo abrazado
Certo dia se viu pobre sandeu!
E nos laços cahindo do hymineu,
Para sempre ficou todo *enroscado!*

Mas ai, desse infeliz, do desgraçado!
Mil formas foi tomando qual Protheu;
Quando de si (ja tarde) accordo deu
Em boi se viu metamorphoseado!

Que figura galante vamos ter,
Silencio, não façamos alarido,
Que a cousa é bem curiosa de se ver!

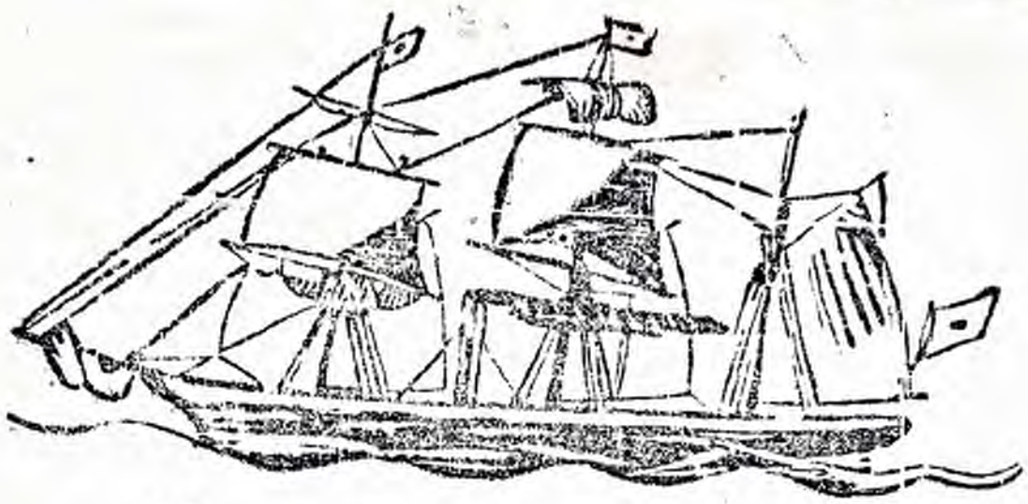
E' um homem-boi? Não, é um marido
Que não viu em sua testa retorcer
Um famoso par de buxo—retorcido!

ANNUNCIOS

GALVANISADOR.

No segundo andar n. 13, a rua Direita do Commercio, prepara-se qualquer obra de doirado ou prateado, e concerta-se qualquer peça de oiro ou prata, tudo por preços commodos e a contento dos freguezes.—*Francisco Xavier de Sant'Anna.*

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 53
Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 14 DE JULHO DE 1869. Ns. 525 e 526.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de julho de 1869.

Officio ao Illm. medico do matadouro, dizendo-lhe que, no caso de ser de sua competencia, sirva-se de providenciar para que não continue no mister de talhador um individuo, nos talhos de S. Bento, affectado de lepra, e com o corpo coberto de ulceras contagiosas, o qual, com as mesmas mãos com que serve os freguezes, leva a coçar e limpar o pus que constantemente lhe escorre das cancerosas chagas. A pessoa de quem se trata, chama-se, segundo nos informam, Inocencio.

—Os prisioneiros paraguayos que aqui se acham, noticia o *Jornal* e o *Diario*, dirigiram uma petição ao governo, para lhes permittir que se reunam ás forças alliadas, afim de concorrerem tambem para que sua patria seja libertada do tyranno que a opprime.

—Só visto, que dito eu não acredito.

—Esta gente pensa que os mais ainda comem araras!

Os prisioneiros paraguayos, aqui, que quando ouvem pronunciar o simples nome *del supremo* descobrem-se respeitosamente, fazendo petições para irem guerrear Lopez!

—E' o mesmo que deixar de comer doce, para chupar rolete.

Os paraguayos tão commodamente ca, indo se expor aos perigos da guerra contra sua patria!

—Que o *Jornal* dê tal noticia, transeat; mas o *Diario!...*

—Que tal o Dous de Julho de Brotas?

—Menos mal; a funcção esteve boa; houveram poucas desordens e muito povo.

—Assim é que serve.

—A policia não deitou a cabeça lá.

—Consta que houve ordem terminante.

—Pusillanimidade, inepcia.

Então a authoridade não tem força moral para fazer-se respeitar?

Qual é o acto publico em que a policia não deve comparecer, prudente, moderada, vigilante e precavida?

—Mas com a gente de Brotas não quer graças.

—Então respeitou?

Si não fosse com o batalhão de *yô Dudú*, talvez que houvesse occasião para a policia mostrar a força de sua energia.

—E até para entrever alguma revolução no enthusiasmo do povo.

—Capitão, foi apresentado na camara municipal, em sessão de 9 de julho, pelo Dr. Eloy José Jorge o seguinte:

«Proponho que esta camara ordene a todos os fiscaes, que não consintam que nos açougues permaneçam nas cova[illegible]s das ba-

lanças os pezos fora das horas das pezadas.»

—Será uma boa medida, si os fiscaes cumprirem com os seus deveres, não se deixando levar pelas mensalidades que, dizem, recebem dos donos dos talhos.

—Em todo caso, acho que a medida do Sr. Dr. Eloy deve chegar ao conhecimento do povo, e que o imitem os mais vereadores, trabalhando em favor deste povo, sempre lesado nos pezos e medidas!

—Concordo.

—Capitão, o paternal governo, que nos rege, será capaz de cogitar novos generos de impostos para flagellar o povo, alem desses que vieram de chofre esmagar a população?

—Ora si é! V. hade ver, logo que o povo, que é muito facil de acostumar, se habituar com os actuaes, que chuveiro de novos impostos vem pezar sobre elle!

Cada cidadão, por exemplo, ainda poderá pagar por cada telha da casa em que morar, 120 rs. annuaes, por serem ellas objecto de luxo, pois que Diogenes, segundo a tradicção, morava dentro de uma pipa, e as pipas não tem telhado, e tinha alem disso a vantagem de escolher o logar onde lhe conviesse para sua residencia, com o pequeno trabalho de rolar a pipa para onde bem lhe parecesse.

Por cada copo de vidro ou cristal se pagará 500 rs., porque todos podem beber em cuia.

—E si o imposto se estender até as cuias?

—Neste caso, beba-se como os animaes, que não têm copo, nem cuia, e entretanto não morrem de sêde.

O que usar de chapeu de sol, em tempo de chuva, poderá pagar 500 rs., toda vez que for encontrado, porque não deve estragar na chuva aquillo que é feito para o sol.

O que usar de oculos sem ser doutor, poderá pagar o sextuplo do valor dos oculos, excepto os que provarem que usam delles por impostura.

O que fizer uso de pennas de áço, pagará por cada cento 2$ rs., visto poderem todos escrever com pennas de ganço, pato, ou pirú, sem correr o risco de consumir em tal genero uma parte de sua fortuna, pois que ja tivemos o exemplo de se ter gasto em certa secretaria d'estado *vinte contos de réis* de pennas em um anno!.....

—Safa! com tanto consumir de pennas!

E' pena que os taes consumidores não fossem consumir os ossos na casa de correcção.

—E como estas ha outras muitas especies de tributos, de que o governo pode ainda lançar mão para sobrecarregar o povo e fazer dinheiro.....

—O consolo que me resta é que a mim elles hão de lançar uma figa, só si for n'um monte de chinellos velhos que possuo, porque outra cousa não encontram.

—Apresentou-se, hontem 12, na policia uma mulher horrivelmente maltractada queixando-se de um individuo que a pozera n'aquelle estado.

Diz ella que tomara tal deliberação em razão de recorrer ao subdelegado e não encontrar justiça.

—Onde mora?

—No Engenho da Conceição.

—Será feliz, si não for elle algum *filho da fortuna*, porque si for, *babau!*

—O que ha á respeito das *charidades* de ca?

—Nada, por ora.

—Pois as de Pernambuco estão se vendo em papos de aranha.

O deputado Lopes Machado ás tem apertado.

Na assemblea apresentou este projecto:

«A assemblea provincial de Pernambuco resolve:

«Art. 1.° Fica prohibida nesta provincia a congregação dos padres da companhia de Jesus, com o titulo de Santo Ignacio de Loyolla.

«Art. 2.° Fica egualmente prohibida na provincia a congregação dos padres lazaristas e outra qualquer de padres estrangeiros; exceptuam-se os missionarios da Ordem de S. Francisco sob a invocação de Nossa Senhora da Penha.

«Art. 3.° Revogam-se etc.

«Paço d'assemblea etc etc.—*Lopes Machado—Amaral e Mello.*»

—Bravo.

—Lopes Machado, signatario do projecto, diz a *Reforma*, é um pernambucano conhecido pelo vigor dos seus talentos e por sua dedicação á causa da liberdade; não é dos moços da assemblea, mas falla com os explendores da imaginação dos moços.

Escute uma parte do bello discurso com que elle fundamentou o seu projecto:

«*O Sr. Lopes Machado.*—Sr. presidente, em 1528 partiu da Hespanha para Paris um homem de 36 annos de idade, que tinha sido pagem de Fernando V. e assistido ao cerco de Pamplona. Esse homem, nutrindo um nobre pensamento, procurava alargar a esphera de seus conhecimentos, estudando ali humanidades.

«Mais tarde encontrou no collegio de Santa Barbara seis jovens de grande talento, seis corações enthusiastas, que o cercavam cheios

de admiração, e o acompanharam depois em todos os lances da sua vida.

«Aquelle homem chamava se Ignacio de Loyola, e estes: Pedro Lefevre, Jacob Laynez, Affonso Salmeron, Rodrigo de Azevedo, Nicolau Bobadella e Francisco Xavier.

«Em Montmartre, fizeram uma pequena conferencia, entraram á noute no templo, e á frouxa luz da lampada juraram, pondo as mãos sobre a Imagem de Jesus Crucificado, obediencia a Ignacio de Loyola, á quem acabavam de eleger chefe.

«Em tudo isso havia alguma cousa de mysterioso, porque nada mais transpirou. Seguiu-se áquella singela eleição o mais profundo silencio, todos ficaram immoveis, parecendo escutar e reflectir. Afinal sahiram do templo como tinham nelle penetrado, e apenas o mestre disse: dentro de 2 annos, contados dia por dia, ver-nos-hemos em Veneza, na escadaria de S. roMas.

«Todos se inclinaram sem proferir palavra, e retiraram-se. Ignacio de Loyola desejava conhecer talvez até onde podia chegar a obediencia ao principio de authoridade, e avaliar a sinceridade de tão solemne juramento.

«São passados dous annos, e aos primeiros arrebóes da manhan salta de uma gondola na praça de S. Marcos um homem de fronte espaçosa, cheia de rugas e faces descarnadas. Procura com olhar curioso descobrir alguem que o devia esperar, mas ninguem ahi está. Não desanima, e indifferente ao que vê, encaminha-se para a basilica, senta-se nas soleiras do vestibulo e espera, absorto em reflexões.

«Duas horas depois apparece-lhe Laynez, depois Salmeron, d'ahi a pouco outro, mais tarde outro, mais tarde outro, e finalmente todos. Estava sendo cumprido, senhores, o juramento de Montmartre, e satisfeita com religiosa pontualidade a ordem do mestre, que para ahi os convocara. A sociedade de Jesus nascia nas escadas de S. Marcos.

«Dez annos mais tarde, Paulo III, pontifice nobre e rico, e que apezar de incorruptivel, segundo se lê na historia da origem da inquisição em Portugal de A. Herculano, não duvidou promover ao cardinalato dous netos seus de 15 annos de idade, reconhece e confirma aquella sociedade pela bula *Bimini militantis ecclesiæ* de 21 de setembro de 1540.

«Da Italia, da França, de Portugal e da Hespanha corre a mocidade a alistar-se nessa milicia medicante. O despreso dos bens terrenos pelas conquistas das almas, o ceu e não a terra, eram o grande pensamento de Loyola.

«Francisco Xavier foi para a India, Lefevre e Bobadella para o centro do protestantismo, Rodrigo de Azevedo procurou Portugal e Laynez a Italia.

«O primeiro pela palavra e pelo exemplo submette 52 reinos aos estandartes da cruz, e consumido pelas fadigas e pela febre morre em uma caverna abandonada, tendo a terra por leito. Este, senhores, é S. Francisco Xavier, o grande apostolo dos indios.

«Bobadella e Lefevre combatem denodadamente na Allemanha e na Suissa as doutrinas reformadoras de Martinho Luthero e de Calvino.

«O ultimo apresenta-se com Salmeron no concilio Tridentino, e ahi são ambos admirados pelos seus talentos e illustração.

«A sociedade de Jesus, estendendo-se por toda a parte cercada de prestigio, parece querer abraçar e levar ao coração o mundo inteiro.

«O seu santo fundador, porem, é chamado ao ceu, e de repente emmudece a voz que evangelisa, desapparece o exemplo que edifica; a sociedade pára, esterilisa-se e logo depois retrocede.

«Sim, senhores, Laynez assumindo o generalato, cega-o o poder do mando, os ouropeis do mundo exterior. Reforma o estatuto passando um traço negro em tudo quanto havia de exemplar, para introduzir novidades contrarias ao espirito christão; d'ahi por diante a rectidão e a singeleza de coração foram trocadas pela astucia e pelo artificio. A sociedade de Jesus tinha desapparecido com o seu fundador.

«Exceptuae S. Francisco de Borja, e não vereis sinão Aguavivas e Godofredos. Os reis embaixo, sobre os reis os papas, e sobre os papas o jesuita; mas o jesuita sem a campa e o Crucifixo de Xavier, de punhal em uma manga e de veneno na outra.

«Aguaviva depois de reduzir a instituição de S. Ignacio á materialidade da obediencia e de convertel-a em policia secreta, quer governar o mundo, não como um rei sinão como um tyranno.

«O principe de Orange cahe aos golpes do punhal de Gerard Pazzi que tenta assassinar Izabel de Inglaterra, e se diz mandatario dos jesuitas; Henrique III expira fulminado pelo ferro traiçoeiro de Clemente, Henrique IV finalmente succumbe ás mãos de Ravaillac!

«A agua tofana devasta por outro lado, substitue o punhal, quando este é impossivel!

«O Paraguay cahe presa dos jesuitas que o invadem e barbarisam; vós sabeis, senhores, quanto sangue brasileiro se tem derramado, quanto tem custado á nossa patria estremecida chamar esse povo desgraçado ao seio da civilisação.

«A propria inquisição que lhes quer embargar o passo, recúa de medo e se submette! Então o mundo se converte em uma ardente fornalha, os gritos das victimas atroam os ares e a christandade cobre-se de luto!

«A espionagem installada por todos os cantos, os confissionarios convertidos em instrumento de delação, augmentam a confusão e o terror: deste estado surge uma nova religião: a religião do fanatismo, do despotismo, a religião dos jesuitas!

«Basta, disse aquelle Divino Cordeiro que veio ao mundo ensinar-nos o perdão e o amor do proximo; e á sua voz apparece nesta terra de Santa Cruz um novo David, que mais tarde e com um so golpe acaba com todos esses inimigos da sociedade e da religião.

«Esse David, esse homem predestinado, foi Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal, que quando a historia ja não o apresentasse como um dos seus maiores vultos pela vastidão do engenho e energia de caracter, bastava somente o acto de 3 de setembro de 1759 para ser venerado pela posteridade agradecida..

(*Muitos apoiados no salão e nas galerias.*)

«O santo padre Clemente XIV não deixou ficar isolada a iniciativa de Pombal, declarou supprimida e abolida perpetuamente a sociedade de Jesus por contraria aos fins da sua primitiva instituição, expedindo á bulla *Dominus ac Redemptor noster* de 21 de julho de 1773. Clemente XIV, invocando o auxilio do Divino Espirito, accrescentava que ninguem, fosse qual fosse a sua authoridade, poderia em tempo algum restabellecer aquella sociedade..

«Ia cessar por uma vez, senhores, o escandalo de se ver christãos em luta de affrontas reciprocas, injuriando-se mutuamente e se degladiando no seio da propria egreja:

«Pio VII, porem, receiando o fim de Clemente XIV que expirou no meio das agonias do veneno jesuita, restaura aquella fatal companhia em 1814; mas o acto de Pombal não foi revogado pela bulla de Pio VII; elle continua a vigorar em Portugal e no Brasil; os jesuitas não podem por isso reapparecer em Pernambuco. (*Muitos apoiados.*)

«A bulla de Pio VII não foi reconhecida pelo poder competente; e o facto de continuar o estado na posse dos bens daquella sociedade, consequencia do acto de 3 de setembro, mostra claramente que elle está em vigor, e que os jesuitas não podem impunemente conspirar contra o paiz, nem contra as suas liberaes instituições (*estrondosos apoiados das galerias.*) Não obstante, senhores, elles ahi andam na conquista dos pulpitos e dos confissionarios, encartando se no ensino e barbarisando o povo. (*Muito bem.*)»

A peroração do discurso, cujo exordio acabamos de transcrever, foi proferido com a seguinte energia debaixo de applausos:

«Senhores, nesta cidade ha jesuitas, em communidade diz o seu superior, individualmente attesta-o toda a população: é preciso uma providencia que acabe com este escandalo. (*Muitos apoiados, muito bem, applausos das galerias.*)

«Esses homens ensinam publicamente sem a menor fiscalisação do governo (*apoiados.*) dizem dos pulpitos o que lhes parece contra as leis do estado sem a minima responsabilidade, e dos confissionarios... ah! senhores, ja se vulgarisa que tentam contra o principio da familia! (*Apoiados.*)

«Alguma cousa cumpre fazer. E' mister que este povo saiba, que aquelle que se corresponde por palavras ou por escripto com o jesuita incorre em graves pennas, attendendo os motivos de ordem publica que aconselharam a decretação e publicação daquella lei. Arredemos Pernambuco, emquanto é tempo, da perniciosa influencia dos jesuitas, que ahi vão atando as mãos dos executores da lei, e preparando a geração que surge para a conquista do despotismo e da inquisição. (*Muito bem, applausos nas galerias.*)

«Si alguem ainda ha que pretenda dar como revogada a mais sabia providencia, o mais efficaz beneficio que de Portugal nos veio, tratemos na conformidade das nossas attribuições de pôr um antemural á propaganda jesuitica.

«Temos sacerdotes brasileiros, virtuosos e instruidos para nos levar ao caminho da salvação; em geral o nosso clero cumpre bem os deveres do seu santo ministerio; nobilite-se, eduque-se o clero se não está bem instruido, mas não venham jesuitas barbarisar Pernambuco como barbarisaram o Paraguay.» (*Numerosos apoiados no salão e nas galerias.*)

Á PEDIDO

—Pobres animaes, não sei como se aguentam em pé!

Os comilões devoram-lhe todo o sustento!

—Vá para o diabo com a pulha.

Com que ha sêr humano que tem o extravagante gosto de saborear o alimento dos cavallos?

—V. está obtuso.

—Então não comprehendo.

—Não é a substancia mas sim a essencia que engolem.

—Seja mais claro.

—Do que isto so azeite.

Figure-se que V. é incumbido de dar comida a certo numero de quadrupedes, para o que recebe um tanto, mas vae a quem lhe vende o genero e diz que quer só metade da porção.

—Hum! agora estou entrando na cousa.

—Pois ainda não me expliquei bem.

Supponha que V. mette o cacete no cobre do *fornecimento* e fica em apertos, por que o fornecedor *as escuras* não anda; o que fazer?

—Em taes apuros, só uma concordata, um desconto mensal, diminuição na quantidade da remessa.

—Justamente; é o que se dá:

Os pobres irracionaes comem por metade.

—E como não fallam....

—Além disso, algum amigo tem ampla faculdade de mandar seu bichinho engordar na *meza* commum cavallar.

—Supponha mesmo que apparece algum para a *trato;* recebe-se.

—Sim, eim? V. se fazendo de rôla, quando anda mais adiantado do que eu!

Não é a minha custa, que ha de receber *instrucção* do que se passa, meu *caçador* de novidades!

POESIA

RECITADA NA NOITE DE 5 DE JULHO, POR OCCASIÃO DA LEVADA DOS CARROS TRIUMPHAES.

Vêde, oh! povo! a magestade
Do nosso patrio poema!..
Amparando a liberdade,
No Brasil não ha quem trema!
Firmado em livre doutrina,
Altivo o povo, se ergue!..
Q'importa que alguem enchergue
Sedicção no enthusiasmo?!
O mundo nos olha pasmo,
Dizendo:—patriotismo!—

Vêde, oh povo! a differença!
Entre nós a confiança
Borbulha da nossa crença!
Ali, o terror avança,
Nas filas dos timoratos!
Aqui, cidadãos pacatos,
Solfejam hymnos de gloria!
Ali, projectam victoria...
Em sonhos da phantasia!

Nescios! si o povo quizesse
Macular o seu brazão,
Que importava que viesse,
Fuzil, espada, e canhão?
O povo, é como a tormenta,
Quando no espaço rebenta,
Ninguem a manda parar!
Quando a voz do povo troa!
Que valem sceptos e crôa?
Ah!.....
Mas nós somos monarchistas,
E dos rebeldes nas listas,
Não podemos figurar!

Quando o povo tem á frente
Homens livres, como temos,
Quando estes nutrem fé,
Como a fé, que aqui nós vemos
O throno está garantido,
O rei é sempre querido,
Por que o povo soberano,
Altivo, soberbo, ufano,
Quer, adora as tradicções!
Detesta, sim! aos truões,
Que calcam os seus direitos!

Povo! a nossa bandeira,
Por um livre foi guardada!
Agora vae ser levada
Em honra da nossa gloria!
Amanhan, quando a historia
Este facto registrar,
Hade o mundo admirar,
Nosso valor e socego!..
Os nescios, que tenham medo..
O povo não, por que é rei
E nada pode temer!

Mostremos pelo exemplo
Que na terra de Cabral,
O povo, não fere ao povo,
Por que o povo é—liberal.—

D. Augusto.

—Os camaristas passam na rua dos Capitães?

—Porque não?

—Então não veem qual o encanamento das aguas que fez o Sr. Sigisnando Leite, na casa que reedificou, comprada ao Sr. Manoel Galeão?

—Isso é negocio de pouca monta.

—Não tanto, porque traz grande incommodo aos moradores d'ali, e como V. é da politica actual, peço o seu valimento, afim de que este proprietario seja obrigado a ir reparar quanto antes esse mal que está causando.

A prova do allegado está no estado em que se acha constantemente a rua, no testemunho, da visinhança, e na solleira da porteira do quintal, na qual, sendo de pedras, se fez um rego para mais facilmente correrem as aguas.

Enfim, conto-lhe o facto, e por seu intermedio espero as providencias.

Eu conheci certa freira
Que morava n'uma toca;
O tatú tem rabo fino,
Taquari não é taboca.

Tem macete o fogueteiro,
E usa tambem de broca,
Todo serrote tem dentes,
Taquari não é taboca.

Milho secco dá cangica,
Secco torrado é pipoca,
Casaca de barro é sella,
Taquari não é taboca.

Peixe redondo é arraia,
E comprido é sororoca,
Gallinha sem rabo é sura,
Taquari não é taboca.

Homem pequeno é cathurra,
Fumo amarrado é manoca,
Colchão de penna é macio,
Taquari não é taboca.

Casa rica é palacete,
Sendo de pobre é biboca,
O boi mora no curral,
Taquari não é taboca.

Cada terra tem seu uso,
Cada fuso sua roca,
Camarão grande é pitú,
Taquari não é taboca.

—Capitão, fiz uma descoberta importante.

—Provavelmente, a quadratura do circulo.

—O' gentes, capitão! Nada de brincadeira, o caso é serio.

—E V., meu patola, não me esteja a *aporrinhar* a paciencia.

Si quer dizer alguma cousa não demore.

—Que pressa! nem que estivessemos corridos da justiça!

—Rapaz, não se torne enfadonho.

—V. Ex. não sabe?

A policia do Sr. Assis tem agentes secretos, que, disfarcados, se introduzem pelas casas de familia para ver o que se passa.

—Logo eu vi que V. vinha com um disparate!

—Quer me ouvir?

—Diga.

—A policia andava toda assustada com medo da phantasiada revolução, que tinha de arrebentar por dous de julho e expediu seus agentes por toda a parte a cata de novidades.

—Isso não tem paridade com o caso.

—Ora si tem!

Escute e veja.

No dia Dous de Julho estive em uma reunião em casa do ourives M. R. da C., onde apresentou-se um individuo de compridas barbas, espessos bigodes, com ares simplorios de *Lulu*; eu, porem, que não como angá, desconfiei logo do melro, e assentei que tudo aquillo era affectado.

—E soube quem era o sujeito?

—Um espião de policia disfarçado.

O tal *Lulu* era um individuo consummado *Pedro-mal-as-artes*, um gallo velho com famaças de *pinto*, que ahi anda.

—Ja sei.

—Logo que o ouvi fallar conheci-o.

E depois, elle encarregou-se de denunciar-se a si mesmo.

Houve um brinde, onde alguem censurou os desvarios da policia e o lorpa, em logar de ouvir e calar, poz-se como um possesso a defendel-a.

—E' mesmo a gente que a policia pode encontrar; parva como ella.

—O sujeito bafava como uma baleia quando recebe o arpão, blaterou, gritou e quiz até prender; chamou os brasileiros de anarchistas e disse que, si não fosse o tino do chefe de policia, o archote da revolução áquella hora estaria incendiando tudo!

—Que patifão!

E dono da casa tolerou tudo isso?

—Eu quiz advertil-o.

Mas, para evitar algum desaguisado, calei-me.

—O fim era esse; provocar, para ter motivo.

—Mas não acha que é um desaforo, um esbirro introduzir-se no meio de uma familia, tresmudado para devassar o que se passa?

—Pois não.

E depois disso digam la que a policia do Dr. Assis não é atilada!

MOTTE

Sôpa, mingau, vatapá,
Não se mastiga, escorrega.

GLOZA.

E' balda de gente má,
Gostar de comida ralla,
Botar na meza, na sala,
Sôpa, mingau, vatapá;
Quem é tollo come ingá,
A gente sem vista é cega,
O visco de jaca pega,
Tabaco é chifre torrado,
Beijos de moça e mellado
Não se mastiga, escorrega.

—Capitão, té que finalmente o *Mellorio* tomou um puxo, porem, como a montanha da fabula, deu á luz um ridiculo ratinho, e foi mesmo puxo de *pastor pasmado*; pelo que pôde sem o menor receio alimpar a mão na parede...

—Homem, pois então o *Mellorio* estava pejado?..

—Ora, meu capitão, não me interrompa, pois eu estou na veia da pujança; e nem queira ainda mais ridicularisar a esse *marreco*; por que, ainda que os homens parissem, o *Mellorio* não estava mais na idade de conceber, embora alardeie que não se troca por nenhum rapaz; e assim permitta, que continúe. O *Mellorio*, tendo pedido vista, para sustentar suas celebres declarações, e isto em virtude de ter um dos herdeiros apresentado razões, ou impugnações, ou antes um formal desmentido a esse tropel de falsidades, elle, com o seu silencio classificou de exactas e de justas taes impugnações, e apenas limitou-se a sustentar tres pontos, unicos sem duvida que elle considera serem os verdadeiros, e a isso é que chamam partidas de leão, e paradas de sendeiro, porque miseravelmente ficou, como sempre, com cara de palhaço.

—Rapaz abrevie, pois eu estou ancioso por saber quaes foram os tres pontos, e como se desenvolveu o *Mellorio* em tal sustentação.

—Admiravelmente, meu capitão, e foi da forma seguinte. Diz que não mencionou os ganhos de uma escrava do casal, porque ella costuma embriagar-se, e por conseguinte nada faz, e que elle aguenta com suas moafas, entretanto que a mencionada escrava, alem de empregar-se no seu serviço, tem sido encontrada pelas ruas desta cidade, guiando a um homem cego, o qual lhe paga os dias ou semanas.

Apresenta um interessante volume, digno de ir para a exposição, e vem a ser—um ridiculo papel, a que elle chama doação, ou patrimonio feito a um *tal fradeco frei Fifina*, afim deste poder desfradar-se, quando, por lei, os *frades* não podem acceitar beneficio algum, e para desfradar-se não necessitam de patrimonio, visto ja terem ordens, alem de que esse papel é nullo, por que diz a lei que as mulheres não podem doar qantia maior a cento e oitenta mil rs., sem que procedam a indispensavel insinuação; entretanto que a doação em questão é do valor de dous contos e quatrocentos mil rs.; logo, faltando essa clausula em direito, claro fica, que esse papel é nullo, e só pode servir para *guardanapo* de *frei Fifina*:

Ora, esse *fradeco*, em uma carta que escreveu a semana passada, diz, que sempre desprezou, e despreza esse papel, visto como nunca se utilizou de favor algum dos herdeiros, e nem das migalhas do casal, entretanto que, como quem não quer a cousa, introduz na mão do *Mellorio* o tal volume, a ver si pegavam as bichas; fazendo o *frei Fifina* mesmo de capadocio, adoptando o seu chulo, e burlesco dictado—a mode cousa que não quero,.... estou querendo.....

—Rapaz, essa doação é das de cajuleorum, si por um lado causa riso, por ver toda essa miseravel tramoia, pelo outro causa nôjo, e revolta ver tanto cynismo e tanta esperteza:

(*Continúa.*)

QUEM DIZ—NÃO SEI—DIZ QUE SIM.

Joanninha, eu quero um beijo;
Como o de hontem, tal qual;
Tens medo de dar-me o beijo?
Um beijo só não faz mal.

D'aquelle que hontem me deste,
Gostei tanto!... oh! si gostei!...
O que nós ambos sentimos
Nem tu sabes, nem eu sei.

Ta coraste? isso é verdade,
Dize la? Tambem corei;
Não respondes?... és maldosa...
Não fui eu que te ensinei.

Quando teus labios, tão meigos,
Eu senti nos meus roçar...
Que emoção terna e suave
Fez de amor meu peito arfar!...

Descrever-t'a eu desejara,
E não posso tal fazer;
Mas dando-te outro beijinho
Poderás comprehender?

Queres fazer a exp'riencia,
Joanninha, meu amor?
Falla, dize, anda depressa,
Não tens do que ter temor.

—Não sei—me dizes, e a furto,
Olhas Joaninha, p'ra mim?...
Ah! comprehendo o teu mysterio:
Quem—diz não sei—diz que sim.

VARIEDADES

APRECIAÇÕES JORNALISTICAS.

As damas tomam por tarifa do merito jornalistico os folhetins e as noticias diversas.

Os politicos d'agua doce querem noticias estrangeiras.

Os pretendentes a jornalistas, logares de deputados, ministros, etc., só gostam de polemicas.

As velhas feias gostam das partes da policia, e noticias de mortes violentas, para poderem chorar.

Os mancebos vadios querem longas gazetilhas.

As donas de casa leem os annuncios,
As raparigas decoram os romances e os ar-

tigos sobre modas, e calculam os espectaculos.

Os poetas e namorados não olham para periodicos que não tragam versos.

Os agricultores olham para os preços correntes, em que não acreditam.

Os militares querem por extenso os boletics das batalhas, ainda que sejam na China.

GENEROS QUE NÃO SE PODE TER POR CAUSA DOS EMPRESTIMOS.

Cavallo de estrebaria
Chapeu de sol
Livros de historia
Violão
Apparelho doirado de chá
Cedulas miudas

DESAPONTAMENTOS.

Estar-se com a dispensa vazia e chegarem vizitas á casa.

Estar um homem gabando-se de que dá e assigna esmolas para tudo, e chegar uma subscripção á porta para certo acto de charidade, para o que a gente já não se póde recusar, avista do que acaba de conversar.

—

Dizer a um homem de fóra que nada se deve, e chegar um caxeiro de cobranças á porta e dizer:

—Meu amo manda-lhe dizer que si o Sr. não lhe pagar até amanhan manda-lhe citar.

—

Estar-se na *jogatina* em certa noute; no dia seguinte passear-se com certo figurão, e n'esse acto chegar um individno esfarrapado e bebado e dizer-nos:

—Olá *Fulano*, hoje não váes a *banca?* Eu lá te espero para me pagares aquelle cobre da sóta....—

UM MODELO DE ELOQUENCIA SAGRADA.

Eis um excerpto do sermão, que a cerca da promessa do Messias, pregou em França o celebre e afamado *Menot*, que alli floresceu ha mais de 350 annos; vamos a elle que é engraçado: «Deus, diz elle, tinha *ab œterno* determinado a encarnação, e a salvação do genero humano, mas queria que grandes personagens, taes como os santos padres, lh'a pedissem. Adão, Enos, Mathusalem, Lamech, e Noé depois de terem inultimente sollicitado lembraram-se de lhe mandar embaixadores. O primeiro foi Moysés, o segundo David, o terceiro Isaias, e ó ultimo a Egreja: estes embaixadores sendo tão mal succedidos como os patriarchas, julgaram acertado deputar-lhe mulheres.

Madama Eva foi a primeira que se apresentou, a qual Deus respondeu: *Eva, tu pecaste e não és digna de meu filho.* Depois madama Sara que disse: *oh! Deus ajuda-me.* Deus respondeu: *tu tornaste-te indigna pela incredulidade que mostraste quando asseguvei que serias mãe de Isaac.* A terceira foi madama Rebecca. Deus lhe disse: *tu lesaste enormemente Esaú em beneficio de Jacob.* A quarta madama Judith, a quem Deus disse *tu assassinaste.* A quinta, madama Esther, a quem elle disse: *tu tens sido muito casquilha, perdias muito tempo a enfeitar-te para agradar a Assuero.* Em fim, foi enviada a creada da camara (*chanbriére*) de 14 annos de edade, a qual com os olhos no chão e toda envergonhada se ajoelhou e lhe disse depois: *que o meu bem amado venha ao meu jardim para comer os seus pomos*; o jardim era o ventre original. Ora o filho tendo ouvido estas palavras, disse a seu pae: *meu pae desde a minha mocidade amei, esta quero-a ter por mãe.* No mesmo instante chama Deus a Gabriel, e lhe diz: *Vae depressa a Nazareth a casa de Maria, e entrega-lhe da minha parte esta carta.* E o filho accrescentou: *dize-lhe da minha parte que a escolhi para minha mãe. Assegura lhe,* diz depois o Espirito-Santo, *que eu habitarei nella, entrega-lhe tambem esta carta da minha parte.*»

Era de um auditorio ficar de bocca aberta.

Os sermões d'este franciscano são ainda hoje procurados pelos amadores, pela mistura barbara que nelles se faz do serio e do comico, do sagrado e do burlesco.

COUSAS QUE MAIS AFFLIGEM NO RECONCAVO.

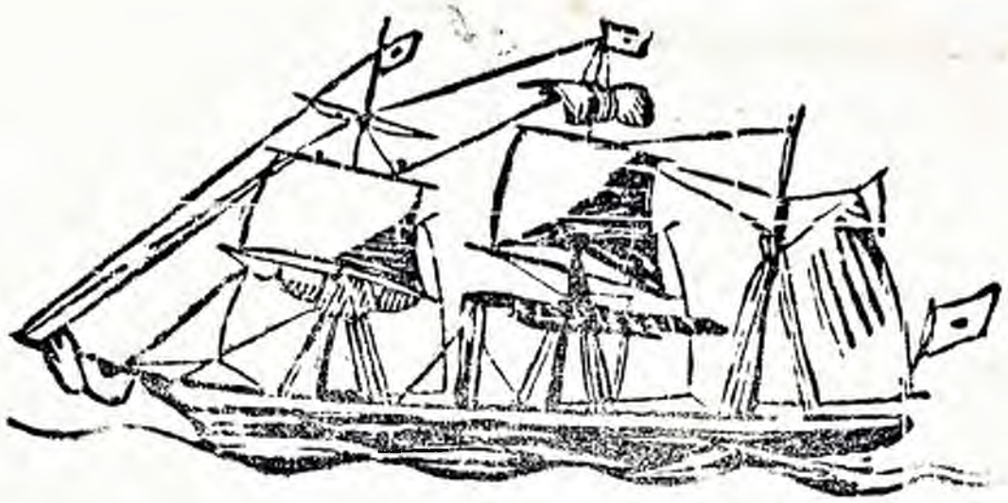
Rios sem pontes,
Cavallos refugadores,
Conversa de tabareu estupido,
Desembarque com mosquitos,
Maus visinhos,
Enterro em dia de chuva.

COUSAS QUE FAZEM CHORAR

Separação de amigo verdadeiro,
Morte de parente pobre,
Saudade de namorado,
Raiva suffocada,
Honra denegrida,
Dor de dentes forte.

ANNUNCIOS

Pede se ao Sr. Silvestre Ribeiro Lima o favor de ir a loja n.º 10—B, á rua Direita do Collegio, para tractar negocio de seu interesse.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 53**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 17 DE JULHO DE 1869. Ns. 527.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de julho de 1869.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande limpar os canos á ladeira do Alvo, e rua do Gravatá, os quaes, em vista das porcarias que nelles despejam os moradores dessas ruas, exhalam terrivel e insuportavel fedentina, o que muito concorre para o prejuizo da salubridade publica.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que tome debaixo de suas vistas uma malta de estripulentos vadios que estacciona na ladeira das Hortas a perseguir quem passa e perturbar o socego dos moradores com desabrida e immoral algazarra. Cumpra.

—Ao fiscal da Conceição da Praia, ordenando-lhe que se dirija a um portuguez de nome Domingos, com loja de ferreiro á rua da Preguiça, e faça-o retirar umas barras de ferro que o mesmo tem depositadas no meio da rua, empatando o transito publico. Cumpra.

—O vapor *Paulo Affonso*, sahido daqui na sexta-feira passada, ia dando com os focinhos em cima das pedras.

—Como?

—Inadvertencia ou descuido do capitão, perdeu a derrota do Morro, e tomou o rumo de Jequiriçá, indo direito encarapitar-se sobre os recifes.

—Porém felizmente nada acconteceu, signal de que o perigo foi presentido a tempo de evitar-se.

—Por um accaso.

—E, de agora em diante, é provavel que haja mais vigilancia e cuidado.

—Capitão, a policia é cega ou faz se?

—Eu sei, meu bom amigo.

—Como é que não vê o inaudito escandalo que se dá no theatro?

—Ao que se refere?

—Ao despejo com que o caixeiro da empreza *cambeia* publicamente nas noites de espectaculo.

—Pensei que era outra cousa; bagatella!

—Ha occasiões em que não se encontra um só bilhete no ponto da vendagem, ao passo que estão todos em mão do Christiniano que os vende por mais do preço.

—São cousas.

—Mas V. Ex ha de concordar comigo.

—Em que?

—O emprezario não concorda com semelhante tramoia com prejuiso seu.

—E' claro,

—Por consequencia..... etc., etc.

—Capitão, vi agora praticar-se um acto de inqualificavel perversidade.

—Em que logar?

—Na venda *Estrella do Oriente*.

—Sei, é no largo de S. Bento.

O que aconteceu?

—Vaga por essas ruas um pobre idiota, crioulo, que não offende a ninguem.

O caixeiro da taverna mandou-o subir por uma escada de mão, e quando o infeliz chegou a altura das prateleiras, puchou-a, atirando-o sisudo ao chão!

— Que malvadez!...

—Esta torpe acção foi applaudida com estrepitosa gargalhada da pandega de tropiantes que fazem da venda seu pouso.

O infeliz esteve mais de cinco minutos estendido no chão sem se poder mover, e depois de levantado, ainda levou muito tempo para recobrar o uso da falla.

—E' um procedimento negro, que reclama inexoravel punição; mas o que quer que lhe faça?

—Apenas que leve ao conhecimento do chefe de policia, o qual, justiça lhe seja feita, em taes casos tem procedido sempre energicamente.

—Pois bem, vou cuidar nisso.

—Ha cousas que não valem a pena e entretanto massam uma pessoa!

—Uma dellas qual é?

—A mania em que déram os Srs. boticarios de carimbarem as receitas alheias,

—Não percebo.

—O senhor vae com uma receita a qualquer botica saber simplesmente o preço do remedio; o pharmaceutico em vez de lhe dizer o custo, escreve-o na receita.

—Pois V. não sabe porque é?

—Sei que é uma especie de especulação; pretende-se com isso impossibilitar que em outra botica se avie por menos.

—Eis ahi.

—Porem é um abuso; mormente quando os boticarios, comprando todos as drogas pelo mesmo preço e pagando os mesmos direitos, um pede 6$000 rs. pelo mesmo que outro ja pediu 2$500 rs.

—Na verdade é uma cousa inconcebivel!

—O' amigo!

—Prompto.

—V. de que batalhão é?

—Do 8.°

—Então, vão fazer fardamento novo?

—Quem disse isso?

—Eu, que suppuz.

—Enganou-se.

—Pode ser.

Mas como vi um seu companheiro dizer que havia ordem para se descontar um tanto no soldo de cada guarda, julguei.

—O desconto houve, para o que ignoro.

—Bem; queira desculpar.

—Não tem de que, senhor.

—Falleceu, no dia 9, o alumno do collegio Atheneu, filho do bravo capitão dos zuavos João Francisco Barbosa.

—Ja tive sciencia. O seu enterro foi feito com toda a decencia, pelo correspondente de seu pae o Sr. coronel Carvalhal. A missa em suffragio de sua alma foi celebrada na egreja do Rosario de João Pereira, no dia 15 do corrente.

—De minha parte dou os pezames ao seu distincto pae.

—Tambem eu.

—Capitão, está desoccupado?

—Para que?

—Para ouvir a sarabanda que o *Tribuno* passa nas irmans de charidade.

—Diga.

—Lá vae:

Deixemo-nos de historias---o instituto de S. Vicente de Paula, obrigando a voto biennal, alenta a prostituição das irmans de charidade: em «regra» é recolhimento para as velhas que não podem mais ganhar com a prostituição e se convertem---e para as moças meio para abandonarem as familias e teram liberdade de andar com seu chapeu e com o Christo indecentemente pendurado a cintura para fazerem fortuna até se habilitarem, deixarem a ordem e se estabelecerem.

..... e é com essas mulheres que traficam em nome de Christo, que pretendem menoscabar e insultar as brasileiras, das quaes podemos dizer que as peiores são melhores do que todas as irmans de charidade.

Sim, as brasileiras não prestam, porque não encobrem sua maldade com a chapeleta da caridade, nem mettem o Christo entre as pernas; em quanto que muitas irmans de charidade encobrem sua devassidão com aquelles habitos, e nós sabemos que o --- habito não faz o monge.

.....

E' brasileiro insultar a honra e aptidão das brasileiras, para exaltar o merecimento de umas mulheres que vem por ahi além, trazendo amarrado ao cós da saia um lazzarista!

Grande desgraça é a nossa! As miseraveis mendigas de Paris, as trapeiras, as convertidas; apenas se apresentam aqui de chapeleta, são superiores ás brasileiras!

Fallam de Portugal. Os portuguezes não soffreram o dominio dessas estrangeiras aventureiras, e sem se importarem com o governo as foram embarcando e estão muitos satisfeitos com a caridade das portuguezas; so aqui brasileiros indignos degradam as nossas patricias para elevarem umas farpellas como são quasi todas as charidades, que vem procurar fortuna neste desgraçado Brasil.....

—Apre! assim está forte de mais!

—Quem se pode haver em tal dubadoura!
Um a fazer, outro a desmanchar!
Ninguem sabe a quantas anda.

—O que ha?

—O subdelegado do 2.° districto de Santo Antonio concedeu licença, assignada por si, para haver candomblé no districto de sua jurisdição; um agente da repartição da policia recebeu *um tanto* para arranjal-a; o chefe de policia manda cercar o *zungú* e prender os que lá estavam!

—Assim é o chefe desmoralisando a authoridade subalterna.

Si o subdelegado não tem attribuição para dar licença, exorbita de sua authoridade e deve ser demittido, e si tem, não deve ser assim desprestigiado.

—Eu sou contra os candomblés, mas entendo que não é com surpresas que se deve prohibil-os.

—Houve má fé uma vez que a reunião foi com o consenso da legitima authoridade, e de mais a mais se pagou dinheiro.

—Os soldados fizeram um saque tremendo.

Arrombaram arcas e bahús de diversas casas e pilharam anneis, correntes, argollas, coraes, dinheiro e tudo que encontraram, e o que não era de *aproveitar* estragaram.

Um soldado recebeu 50$ rs. para soltar uma presa.

—Está direito; assim é que é fazer serviço.

—Em abono da verdade é preciso dizer que alguns portaram-se bem.

—Si eu merecesse a honra de ser attendido pelo chefe, pedia-lhe que se dirigisse aos subdelegados para não continuarem a dar licenças para candomblés.

—Lê-se na *Opinião Nacional* de Pernambuco:

«Dous de Julho.—Os filhos da Bahia, aqui residentes, celebraram nesse dia a festa patriotica e humanitaria de sua sociedade emancipadora: dezenove crianças foram alforriadas.

Semelhantes actos enunciam-se e não se commentam: na sua enunciação está o seu elogio.»

—Os infelizes doentes da Santa Casa são tratados com incrivel deshumanidade!

—Não é sem razão que muitos enfermos, aliás indigentes, mostram decidida repugnancia em tratar-se naquelle estabelecimento e preferem morrer ao desamparo.

—As irmans de charidade são a perfeita antithese do nome com que se encapam.

Mulheres endurecidas, de coração obsecado, não aninham nos peitos o menor sentimento de compaixão! Tratam os desgraçados a quem as garras da miseria e do infortunio arremessou ao leito da charidade publica, como si fossem animaes immundos.

Não ha desvello, não ha charidade.

Indoceis e altivas, só cuidam de si e os infelizes expiram quasi abandonados.

—A missão de charidade dessas estrangeiras orgulhosas, consiste n'uma cousa—o ganho.

—Insensiveis aos soffrimentos do proximo, ellas passam indifferentes pelo leito da agonia, sem ministrarem um conforto, sem dispensarem uma consolação; balsamo efficaz, que mitiga as dores da humanidade e alenta aos que gemem a supportar com resignação as dores que os tortura!

—São crueis e ambiciosas.

Verdadeira irman de charidade lá está nos campos do sul, uma bahiana illustre (a irman do Sr. Manuel Jeronymo) em uma missão santa e sublime.

Compare-se os rasgos de abenegação e charidade daquelle coração generoso, da alma singela e para e sem pretenções com o que praticam aqui as appellidadas filhas de S. Vicente de Paula e decida-se.

—A comida que se dá aos desgraçados causa asco.

—So encarar a infeliz moça que a reparte, basta para causar nauseas.

E' uma filha da casa; atacada de uma molestia permanente e repugnante.

A' gosma que constantemente lhe espuma da bocca, cahe nos pratos da comida que ella divide.

E' facto que pode ser verificado por quem quizer.

—Um pobre doente flagellado de dores, aborrecido, enfastiado, como poderá tragar tão nojenta porcaria?

—Até nisso são tyrannas; obrigar uma moça doente a trabalhar!

—Eu desejava, si podesse, ouvir do Sr. provedor da Santa Casa, si tamanho abuso é praticado com conhecimento seu.

—As irmans de charidade fazem tudo quanto querem.

—Parece que a Santa Casa não está em circumstancias tão criticas que não possa pagar a um servente aceiado e limpo que distribúa o alimento com os infelizes que se veem na necessidade de recorrer a charidade da Santa Casa.

A PEDIDO

ESCUTEM.

Eu tenho por visinha uma menina,
Que leva dia e noite na janella,
Armando os alçapões do matrimonio,
P'ra ver si eu caio um dia na esparrella!

Inda hontem me disse que morria

Por ver-me tão esquivo a seu agrado,
E me offertou tremendo e envergonhada
Um bollo dos chamados—bom bocado.

Chuchei-o com afan! Eu sou damnado
Por doces que me dão as namoradas,
Não ha coisa melhor, enche-se a pança
Debaixo de prazer e gargalhadas!

Sempre a tarde me espera; eu a saúdo
Tirando-lhe o chapeu por gratidão,
Pois é ella que a roupa do rapaz
Engoma, sem custar-me um so tostão.

Eu quero muito a moça e não concedo
Que a tirem deste peito que hoje é seu;
Si um outro não casar com a tal pequena
Por Deus, juro com fé... então nem eu.

—Mulher *judia*!

—E' uma furia!

—Espanca a misera pardinha, que por infelicidade é sua escrava, que faz lastima!

—Não ha dia em que a coitadinha não seja battida deshumanamente.

—E a sem razão do castigo!

—Si o marido fosse vivo, talvez não lhe causasse tanto zelo quanto o amante.

—E' praticando tanta atrocidade que entende observar a lei do Senhor Deus de Israel!

—Qual! Aquillo é uma fera com forma humana que veio se entocar na *rua Direita*.

—Oh! que *za*... adona!

—.... *Augure* má semelhante vibora!

Mulher velha de capona
Tudo que apanha reboca,
Cana picada é rolete,
Taquari não é taboca.

Todo deputado estupido
N'assemblea se apoca,
Açafrão não é p'ra boi,
Taquari não é taboca.

O engenho faz assucar,
Rapadura a engenhoca,
No convento faz-se doce,
Taquari não é taboca.

Mulher velha não consente
Que lhe chamem corcoroca,
Gallo capado é capão,
Taquari não é taboca.

Casa que muitos governa,
Anda tudo a matroca,
Do ovo nasce a gallinha,
Taquari não é taboca.

Tartaruga e jacaré,
Põe em terra, no mar choca,
Bem-te-vi vê, mais não falla,
Taquari não é taboca.

Eu vi uma rêde armada
Nas pernas da murissoca,
Todo gallé traz corrente,
Taquari não é taboca.

REMESSA.

Certo burro grenado,
Que enche as bochexas de vento,
Diz dos sabios ser portento.
Ora esta?...
Uma cousa que não presta,
Nascido não sei aonde,
E da Ribeira!...
Que so é grande em asneira,
E no verbo—maleriação,
Que diz ser um valentão
E sem rival!...
Prendam bem esse animal,
Que se encarta entre gente boa,
Sendo cousa e não pessoa,
N'esta terra!...
Com os seus berros ninguem se aterra,
Levem nos aos empurrões,
E sugem-lhe bem os botões
Da tal farda!...
Cheguem ao nariz mustarda,
E certo de que não é gente
Imprimam-lhe um ferro quente,
Marquem bem o burro!...
Não se importem com o urro
Que diz .. metam-lhe esporadas,
Ponham lhe silhas riscadas
E bridas de ferro!...

No par de aranhas.

VARIEDADES

SUBSTITUIÇÃO ORIGINAL

Um alfaiate foi condemnado a ser enforcado.

Era n'uma aldêa da Normandia.

Os habitantes foram em deputação ter com o juiz.

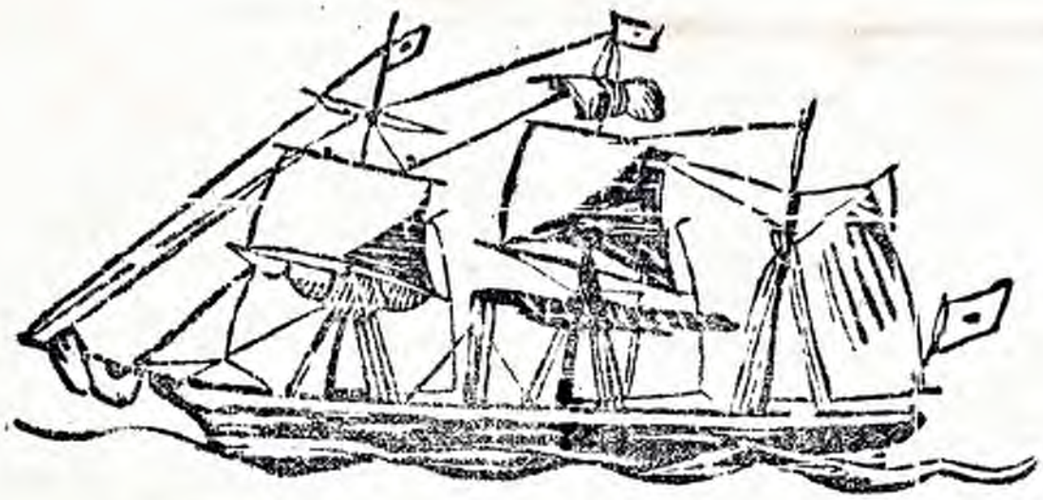
—O que querem? perguntou-lhes este.

—Oh! senhor juiz, disseram elles, si o nosso alfaite é enforcado, faz-nos isso um grande transtorno; porque so o temos a elle. Ora como nós temos dois carpinteiros de carros, escolha o senhor juiz um delles e enforque-o, em logar do alfaiate; comtanto que fique um, é o que basta.

O luxo destroe as fortunas, e deprava os costumes.

O herdeiro do rico arma a casa de luto, e o coração de gala.

Quando o capricho é teimoso, não cede a razão.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VII. Serie 53

BAHIA 21 DE JULHO DE 1869. N. 528.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de julho de 1869.

Portaria ao fiscal da freguezia da Conceição da Praia, ordenando-lhe que se dirija á casa do portuguez Domingos, á rua da Preguiça, e depois de examinar o estado de immundicia em que se acha o pateo de sua referida casa, pespegue-lhe com a competente multa, afim de que seja mais aceiado e a visinhança não seja incommodada com a fedentina que exhala o mencionado pateo. Cumpra.

—A farinha, estes dias, tem chegado a um preço exorbitante.

—E vae subindo cada vez a mais.

—Ao passo que, dizem, ha extraordinaria quantidade della agglomerada em depositos.

—A gana dos atravessadores abarca todo genero que apparece e faz delle um monopolio odioso, produzindo a carestia.

—Gente sem alma!

Destestavel ganho, a custa das lagrimas da pobreza!

—Entretanto, quem deve procurar evitar semelhante calamidade, nem se mexe.

—Agora, si o povo ja tão torturado e flagellado, levado pelo desespero, tomar uma medida extrema, aqui d'elrei!

—Capitão, o Sr. Eusebio é um rapaz, ourives, que, achando pouco lucrativo o officio, adoptou industria mais rendosa.

—Cada qual procura suas melhoras.

—A Sra. Clara Maria Ritta, creoula, velha, metteu-se nos pannos de ver a Deus e foi assistir a uma festa de egreja; na volta, encheu os olhos ao rapaz o ouro que a mesma trazia, sobre si, e entendeu que em suas mãos, aquelles trastes, teriam melhor uso, do que no pescoço da velha e foi por isso que accompanhou-a até sua morada a rua dos Genipapeiros, procurando entralaçar relações com ella.

No outro dia abdicava o officio de ourives e faltava ao ensaio de musico de batalhão, para entrar de pintor em uma obra na visinhança da velha, officio que só exerceu meio dia, em quanto bispou que a mesma se dirigindo á venda proxima, deixou a chave na porta e elle poude penetrar no domicilio alheio, abrir a arca e pôr as unhas nos almejados objectos.

—Este faria honra em ser discipulo de Rocambole.

—Ha de vir a ser um genio, si continuar.

—E a mulher perdeu o que era seu?

—Ora essa!

Quem tem na mão é seu dono!

—Sr. immediato!

—Prompto.

—Pegue nesta *Opinião Liberal* e leia-me este artigo sobre os impostos, que quero apreciar.

—Obedeço, capitão.

«O paiz arqueja sob o pezo de novos e crescentes impostos!

Como o camello do deserto, a cujo dorso deitaram carga superior, o commercio ahi jaz abatido, definhando debaixo da carga esmagadora que o governo lhe vae lançando gradualmente.

A industria, esse simulacro de industria, é suffocado pela ferrea mão do fisco, apenas tentava ensaiar-se no paiz.

As profissões honestas e confessaveis ficaram convertidas em pretextos para extorsões fiscaes.

Nem uma dependencia do commercio, por mais ridicula que seja; nem uma industria por mais mesquinha; nem uma profissão por menos lucrativa, escapou a rêde do governo.

—Falta-nos pagar o ar que respiramos e pelo mesmo preço d'agoa que bebemos.

—E, assim, todos os habitantes deste desgraçado paiz, em marcha fatal e accelarada para a miseria, maldizem o trabalho que se lhes torna maldito e sempre esteril, renegam o suor que se lhes converte em penalidade.

—No Brazil não ha trabalho que prospere, nem economias que garantam o pão da familia. Tudo é pouco para a voracidade do fisco.

—E o homem que vive do trabalho honesto, nunca passa de um jornaleiro do thesouro, um eterno tributario do funccionalismo.

Gozam as indulgencias do fisco apenas os gatunos, os agentes da policia e as meretrizes.

—Até esses venerandos mutilados, que ahi chegam dos campos da batalha, pagam impostos, sem duvida porque não se fizeram pasto dos vermes paraguayos.

—E tudo isto porque, e para que, santo Deus!?

—Porque arrastam este paiz amordaçado para os horrores da miseria e da bancarrota;

Porque um capricho louco e impotente pretende conseguir a satisfação de uma velleidade, com o sacrificio de duas nações!!

Os echos do sul murmuram-nos tristes novas dessa guerra desastrosa.

O inimigo *vencido e fugitivo* reage; a situação é desanimadora.

A guerra, portanto, promette ainda longo tempo de duração.

—E a continuação dessa guerra, os juros da divida publica sempre crescente; as continuas romessas de metal para o estrangeiro; os esbanjamentos, as propinas, etc., serão outros tantos motivos para a decretação de mais impostos ainda!

—E queris saber em que se gasta o sangue assim arrancado das veias da nação?

Em corromper a imprensa estrangeira assim da Europa, como da America;

Em comprar por enormes sommas, corrompidos representantes estrangeiros, que escrevam para seus paizes, bajulações e miserias em favor do comprador;

Em satisfazer lesivos contractos de fornecimentos;

Em pagar desperdicios e fraudes;

Em pagar juros da inepta operação dos *bonds*.

Em fazer, finalmente, eleições dos filhotes e distribuir-lhes lucrativas prebendas!

—Até onde irá a paciencia deste povo?!...

—Capitão, foi ao theatro no sabbado, apreciar a *Luccia?*

—Fui.

—Eu logo vi que V. Exa., apologista como é da companhia lyrica, não perdia.

—Dizem que houve lá uma grande pateada, e que chamaram o Marinangeli a scena.

—E' verdade. Cortaram aquelle dueto da dama e do tenor do final do 2.° acto, e os espectadores entenderam que deviam cantar e fizeram um barulho tal, até que cantaram o dueto.

—Muito bem,

—Alguns rapazes da platéa cantaram, em coro, o dueto e um delles serviu de regente.

—Bravo! Não vê que esses carcamanos vem aqui mangar com o respeitavel publico, é bem feito que *levem destas*!

—Capitão, não me dirá uma cousa?

—Si souber.

—Que utilidade ha nesse burlesco apparato, nessa ostentação parva que todos os dias se vê nesta terra?

A casa do cidadão cercada a pretexto de prisão da guarda nacional?

—Um meio compressor, uma medida de arrocho.

—Por uma simples falta da guarda nacional, sitia-se a casa do cidadão inerme, como si fôra de um criminoso, leva-se o terror ao seio de sua familia; quando a lei dá os meios para punir as faltas!

—E' um systema inqualificavel; um absurdo.

—Parece mesmo que ha gosto em empregar este luxo de força, porque, de ordinario, cercam-se as portas de individuos que andam nas ruas a todo instante sem serem presos.

—E' um ponto que deve merecer a attenção do Sr. commandante superior.

Elle que tem cortado tantos excessos deve acabar com mais este.

—Que duvida!

Si o individuo é remisso ao serviço, seja seu nome remettido a policia, a qual tem obrigação de prendel-o.

—E estou certo que apezar da repugnancia que inspira o pesado serviço da guarda nacional, ninguem deixará de se apresentar no batalhão a se expor para ser recrutado.

—A guarda nacional é um flegello em tudo e por tudo.

Alem dos meios precarios de subsistencia que encontra o artista, ainda ser constrangido a um destacamento por tempo indeterminado, e a pagar imposto da casa onde mora, do sal que compra, do azeite, da farinha, da cebola, e do bacalhau com 450 rs., que ganha por dia!

—E' um inferno! Antes viver na Turquia Asiatica.

—A Sra. Maria do Soccorro, moradora ao becco do Escorrega, provou hontem que não é de graças.

E' mulherzinha que tem em sua casa um afiado punhal, por causa das duvidas.

O crioulo José Maximiano dos Reis, indo a sua casa provocal-a, dizem, dera-lhe duas bofetadas, recebendo em troco duas punhaladas da formidavel heroina.

O Sr. capitão policiador da cidade poz immediatamente cerco ao becco e o actual subdelegado da Se, com a promptidão costumada appareceu no logar. Depois dos interrogatorios usuaes, foram recolhidos o offendido ao hospital, a aggressora a prisão.

—A moralidade, a ordem publica, lucravam com a suppressão de tal becco.

—Qual! o que se sente alli é falta da acção policial.

Á PEDIDO

—Capitão conhece o *Palerma*?

—Ignoro.

—Um pobre diabo que tem sido tudo nesta vida.

—E' signal de mau indicio; praga de todo tratante em nada ter presistencia.

—Primeiro foi *aviador* d'alfandega, onde arrumou dellas e dellas na gente do commercio; por fim, inteiramente desacreditado, foi arrumar-se de cortador de boi nos *altos* dos sapateiros.

Apezar dos muitos roubos que fazia aos freguezes, a vida não lhe quadrou, e a força de muito lamber os pés de um certo camarista foi encaixado n'um gaz de fiscalisador.

O pobre diabo alem do mais, tem uma aduella de menos e quando lhe apertam as caseiras dá por paus e por pedras.

N'um desses accessos a lastimavel creatura commetteu desatinos increditaveis no districto dos *penhascos*, no dia 13.

—A culpa tem quem approvou um maluco para tal logar.

—No dia 14, queria deitar a *calçada* da rua abaixo; saltou balcões de tabernas e invadiu o interior como si estivsse em sua casa; deu gritos e berros como si fallasse com escravos seus.

—Muito pode a paixão partidaria!

—Capitão, o que me atraz aqui é pedir-lhe que mande agarrar esse insensato e o remetta para algum hospicio de alienados.

—O porão do navio não lhe agrada?

—Ora si!

—Pois então é para onde hade ir o meiro.

—Pega aquelle marujo.

—E' capitão.

—Que tem isso? Agarra a besta.

.....

Quem és?

Como te chamas?

—O *Xico* e sou um *durão*.

—Sejas até o diabo que te carregue em corpo e alma.

—No frigir dos ovos é que se vê a manteiga.

—Ah, vens para aqui com basofia?!

Muxingueiro, dá uma amostra do panno a este insolente.

—Perdão, capitão, prometto portar-me humildemente.

—Ora, dize-me como é que, em logar de procurares o adiantamento da companhia, promoves o seu atrazo?

—De que maneira, Sr.?

—Com os teus modos de arrieiro, pela maneira porque tratas a quem vae de passagem.

Lembras-te do que praticastes com um *viajeiro*, no dia 5, na cidade *Industrial*?

Aquillo é maneira de tratar a quem paga seu dinheiro?

Falla, tinhoso.

—Ille veio queixar-se? ha de se haver commigo.

—Não terás tempo para isso, porque o muxingueiro te fará a conta.

Além de que, vae-se reclamar á companhia para que sejas tangido, pelo gravissimo incommodo que causas aos *viajeiros*, muitos dos quaes nem na meza se sentam, pelo nojo que causa tua presença.

E na verdade è para admirar-se como é que uma empreza de tal ordem conserva em contacto com a concurrencia publica, um empregado em adiantado estado de thysica, que, quando abre a bocca, especie de cloaca de

quartel, é para despejar golfadas e golfadas de materia, que transtorna o estomago mais seguro; uma creatura asquerosa e deforme em quem a lepra e a tinha se denunciam pelos carcomidos sulcos que lhe assignalam as pruridas carnes.

—Que carga, me faz V. Ex., capitão, nem o vapor *Paulo Affonso* a supporta tão pesada!

—Si a companhia presar seus interesses, por dupla razão te mandará enxotar, não so pela nauseabunda presença, como pela maneira stolida e insolente com que te portas.

Fica ahi para um canto, que breve serás chamado á falla.

O MEU SOFFRER.

Não é verdade que possa-se bem escrever, quando se soffre.
(CHATEAUBRIAND.)

A soffrer vivo eu desde a infancia
Os revezes da sorte terrivel!...
Si eu contar meu soffrer a alguem
Não me crê... julga ser impossivel.

Desd'a hora em que a luz me foi dada,
—So tormentos, martyrios sem fim
Foi-me escripto no livro do fado;
Te punhal foi erguido p'ra mim!....

Pois que ao som do primeiro vagido
Meu, a cholera *d'alguem* despertou;
E, p'ra o quarto, co'o punhal na dextra,
Furioso, qual louco, marchou!

Mas... hesita, por ver-se tolhido
Do delicto atroz praticar,
Por que viu meu irmão de joelhos,
A seus pés abraçado a chorar!...

Oh! que hora fatal foi aquella!!
Oh! que dia aziago em que eu vim
N'este mundo a soffrer taes torturas...
E, hoje, oh mãe, nem te lembras de mim!..

N'uma caixa envolvido em uns pannos,
Me pozeram a trote p'ra rua;
Na cabeça d'uma preta velha,
Fui levado, sem ver sol nem lua.

E, em rua bem pouco distante,
Felizmente me deram abrigo,
Duas pobres mulheres sem meios...
Que inda hoje uma vive comigo.

Esta, então, desvellada por mim,

Incumbiu-se de uma ama alugar;
Pois que a ingrata que me deu á luz,
Não podia ir me amamentar.

Jamais della um carinho gozei!...
Jamais della a benção recebi!
E, somente a mulher que criou-me
Foi a mãe que aqui conheci.

E por pobre ser esta, não pode
Me valer no meu arduo soffrer...
So em prantos mitiga-me a dor,
Sem poder o meu mal fenecer!...

Mas... a cruel que me deu á luz,
Como vive? mui folgadamente...
Desfrutando seus bens com os outros
Filhos seus e irmãos meus, verdadeiros.

Sem ter pena do meu soffrimento,
Que eu carpindo vou na solidão,
Desterrado dos lares paternos
Sem ao menos ter sua benção!

Oh!... é fera, mais fera que as feras,
Que a natura no mundo formou,
Pois so ama ao seu *tigre querido*...
E a mim? so me repudiou...

E' por isso que eu vivo soffrendo!!...
E' por issoque eu vivo exilado!
Sem ao menos ter sua benção!!
Sem ter —ouro— p'ra ser RESPEITADO.

Desde o dia dezoito de agosto (*)
Que eu supporto os revezes da sorte!
Que eu no mundo vivo a revelia,
Qual um naufrago sem sul e sem norte.

16 de julho de 1869.

J. Lauro de Azesedo.

(*) Do anno de 1834.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a folha 65 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

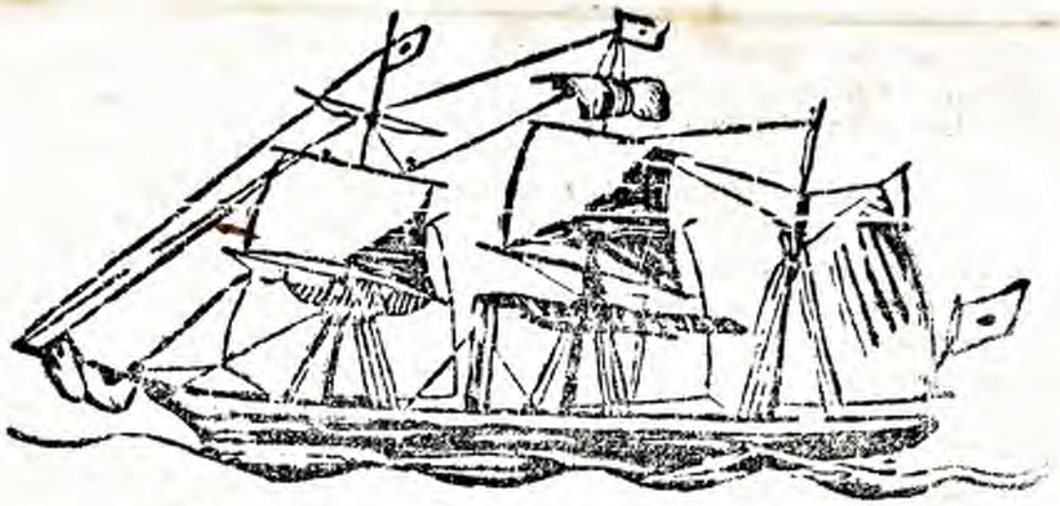
Pede se a um capitão do batalhão 12 de guarda nacional, que appareceça na rua Direita de Palacio, em casa do Vicente, alfaiate, para negocio de seu interesse.

Quem precisar de uma senhora para o serviço interior de uma casa de pequena familia, procure a rua dos Capitães n. 65.

A viuva de Vicente Joaquim de Araujo Ribeiro, continúa com a sua fabrica de armação, sendo hoje a sua residencia no beco do Açouguinho. A mesma encarrega-se de qualquer armação festiva ou funebre, mastros, cera e tudo mais que preciso for: assim como obriga-se a fazer qualquer armação de enterro, offerecendo a da missa gratis, sendo correspondente ao enterro, e recebendo d'esta ultima so o importe das despezas.

Vende-se caixões em madeiras, e forrados de todos os tamanhos, no beco do Açouguinho n.º 59.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 53
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 24 DE JULHO DE 1869. N. 529.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de julho de 1869.

Officio á administração do aceio da cidade, advertindo-a de que ha muito tempo não passa um carro da limpeza pela ladeira da Oração, motivo porque está a mesma assumindo as proporções de uma estensa monturei ra; pelo que torna-se de rigorosa necessidade que trate de remediar isso.

—No domingo 25 do corrente, terá logar a inauguração da sociedade beneficente *Fraternidade Sergipana*, na casa da philarmonica Terpsychore.

Antes do acto da inauguração, celebrar-se-ha na egreja Cathedral uma missa solemne em acção de graças, á protectora da sociedade, a Immaculada Senhora da Conceição.

—Estou sciente; ja fui officialmente convidado para assistir o acto.

— O patriotico povo de Itapagipe festeja amanhan o memoravel Dous de Julho.

—Em quanto existir um bahiano, onde quer que elle se ache, o dia de gloria para a Bahia hade ser sempre celebrado.

—Amanhan, quando despontar a aurora, dourando com seus raios refulgentes o horisonte, e, reflectir-se sobre os magestosos oiteiros e floridas campinas que semi-cercam a aprasivel enseada, quando o sopro das auras da manhan despertarem o mar dormente, o povo itapagipano se levantará coberto de enthusiasmo para entoar um cantico á liberdade, commemorando as gratas e indeleveis recordações que traz a lembrança de Dous de Julho a todo coração bahiano.

—E que no decorrer do tempo volverá sempre immorredouro e cheio de galas, como soem ser os dias em que um povo conquista a sua independencia e liberdade.

—Por mais que tentem os tyrannos trucidar a liberdade, ella ha de reviver sempre no peito deste povo d'America, cujo sol ardente abrilhanta a imaginação de seus filhos e nutre em seu seio os mais elevados sentimentos.

— Não se algema o leão sem arriscar-se a vel-o despedaçar os ferros.

—Nem ha jaulas que clausurem um povo embalado pelas brizas do equador, aquecido pelo sol dos tropicos e amparado pela religião do Martyr libertador do genero humano.

—A festa do Dous de Julho em Itapagipe deve ser brilhantissima.

A facilidade de transporte por meio dos Vehiculos Economicos affiançam a concurrencia.

A amenidade do sitio garantem um dia de distracção.

—O povo da capital deve pois ir abrilhantar aquelle festim patriotico.

—Que balda má desta gente!

Contradizem a verdade conhecida por tal!

—São dos taes que pretendem tapar o sol com uma peneira.

—Outro dia, tratando-se de uma *batota,* no arsenal de marinha, um sujeito sahiu-se na *Opinião Publica* com uma *lenga-lenga* a respeito de honra e probidade, sermão que não sei quem lhe encommendou.

—Tambem o prego não entrou sem estopa, ercia.

—Quando é agora, o *Diario da Bahia* confirma que o inglez Jayme Taylor, recebendo ordenado como maquinista do vapor *Moema,* era ao mesmo tempo apontado na officina de maquinas com 4$ rs. diarios.

—Uma pequena mamata; não era isso que levava a boia ao fundo.

—E accrescenta que o Sr. inspector teve de entrar para os cofres com 400$ rs. em razão de dar o que não podia, isto é, por exceder-se de suas attribuições.

—E que mais quer V.?

Commetteu uma illegalidade, reparou-a; está tudo acabado.

—Está direito!

E como isso, é tudo mais.

Á PEDIDO

—Capitão, não sabe?

—O que é, homem ?

—O director do *trem* de *paz* está atacado de indomavel furor.

—Va de retro.... abernuncio.... cruz!

—Não se assuste, capitão.

O homem está accommettido de furor, mas que furor?

Um furor justo, louvavel, meritorio...

—Que susto me fez V.!

—Furor economico, zelo excessivo pelos dinheiros publicos.

—Ah!... é uma mania como qualquer outra.

—E para dar provas de suas boas intenções, começou por metter o cutello em consideravel numero de trabalhadores e alguns operarios.

—Antes ou depois da publicação do nós abaixo assignado a seu favor?

—Antes.

—Está bom; por que, si fosse depois era motivo para os linguarudos dizerem que foi porque os demittidos não quizeram assignar.

—São alguns paes de familia, que ficaram sem pão, mas isso não desmerece o zelo que o homem mostra pela economia dos dinheiros publicos.

—Que canalha é este?

—Capitão, este maldito sarará é um maldizente. uma lingoa viperina, que tomou a si o encargo de diffamar duas moças de irreprehensivel comportamento.

A falta dellas é não acceitarem as crantonhas amatorias da azemola.

—Qual é seu nome?

—Amelio, capitão.

—E do que vive?

—De ser creado do negociante *Catilembra.*

—Safado! O tempo que ha de escovar as botas de seu amo, gasta em encher de pernas as ruas do Pilar!

—E não vê V. Ex. um volumaço que lhe cresce nos bolços?

—Sim; o que é?

—Pente e sebo com que vive de continuo a desembaraçar as encarapinhadas teas d'aranha que lhe avultam na cabeça.

—A companhia de Vehiculos possue excellentes escovas para isso; la se dará elle melhor.

—Isso quanto antes, capitão; não é justo que os nomes das pobres moças andem feito pratinho, na bocca deste biltre.

Mas, antes disso queria pedir-lhe uma cousa.

—Qual é?

—Que mandasse pôr a limpo a genealogia um pouco *turva* do casmurro.

—Encarregue-se.

—E' preciso mandar á Estaneia.

—Pois va leval-o aos Vehiculos economico, sonde se lhe applicará na rebelde cabelleira, uma das infalliveis escovas com que se amaciam ali a pelle dos collegas; e do mais trataremos depois.

—Sr. *José*....

—Acabo de chegar *de Nazareth.*

—E vem se estabellecer no Pilar?

—Com o favor de Deus.

—Em uma immunda cocheira!

—Agrada-me bastante.

—Pagando por ella um aluguel exorbitante!

—Que remedio.

—Pois olhe; si eu fosse authoridade policial, tinha contas com V.

—Pode me dizer a razão?

—E' obvia.

V. com familia numerosa, morando n'uma casa commoda, abandonal-a, para vir se metter n'um covil nojento, é mysterio.

—São cousas.

—A cousa é esta: a cocheira communica para o mar, com facilidade, alta noite, desembarca-se qualquer *grilo* e lahi para a bodega que V. montou defronte, é um apice.

—O Sr. tem uma penetração!...

—O seu plano é colossal.

Em seis mezes, um anno quando muito, terá adquirido uma fortuna menos mal, como tantos outros que ahi andam.

—E' preciso fazer pela vida.

—Pois, meu velhaquete, não sabes com quem fallavas; daqui mesmo seguirás para bordo do *Alabama*, e de lá serás remettido a policia para te tomar debaixo de suas vistas.

(*Continúa.*)

CONVITE.

Os jovens da rua dos Artistas, ou becco do Funil, no Barbalho, convidam o publico d'esta capital a tomar parte nos festejos do glorioso Dia Dous de Julho, que costumam fazer no dia 25 do corrente sempre com grande pompa.

Nenhum brasileiro, por certo, se recusará accudir a tão patriotico chamado.

As glorias patrias mais uma vez vão ser rememoradas, os brazões nacionaes mais uma vez tem de ser cantados e glorificados!

A mocidade cheia de si, convida o povo a tomar parte no banquete nacional, afim de ficar sciente de que um povo de heroes, tem por dever sustentar as glorias de seus paes, assim como supportar ou chorar as miserias da patria!

Avante, pois, bahianos, ao Barbalho!

Ahi tambem jaz enterrada a ossada dos nossos libertadores, aquelle campo tambem banhou-se no sangue nos livres!

O AMOR CONSULAR PARDALESCO OU O DEVASSO GALLEGO PIGMEU.

SCENA I.

....

—Minha senhora, eis-me á seus pés, eu lhe posso fazer feliz, porque muito tenho adquirido na terra das arvores das patacas!

—Senhor, eu sou uma mulher casada e o senhor tambem é casado.

Ah! quem sabe á essa hora que scena estará se passando em sua casa! Assim como o senhor quer que eu seja infiel a meu marido, outro quererá que sua esposa tambem o seja para o senhor.

—Oh!... Nem pensar n'isso é bom, minha senhora!

Quem é que ousará a isso? Si alguem se attrevesse a fazer a corte a minha mulher, eu.... eu....

—O que fazia o senhor consul?

—Matal-o-ia, e.....

—Basta, senhor consul, mudemos de conversa.

—Sim, mudemos de conversa.

Minha senhora, amo-a, amo-a muito! Consinta que beije essas delicadas mãos!

—Ai.... O senhor é um insolente!

—Desculpe, minha senhora; amo-a, e por tanto ....

—E por tanto, o senhor é um refinadissimo pardal.

—Serei tudo quanto quizer; mas deixe-me beijal-a... e....

—Ui.... Atrevido! ousas assim abusar da fraqueza de uma mulher?

—.....

—Ahi vem gente, silencio!

SCENA II.

—Pá... pá... pá... pá...

—Quem está?

—Sou eu.

—Eu quem?

—O caixeiro que vem avisar a senhora *Barata* para o ensaio.

—Oh! o senhor pode entrar e sentar-se, mas ella não lhe pode fallar, porque está dormindo.

—O senhor é creado da senhora *Barata*?

—Creado! Eu sou o consul dos *gallegos*, interino dos *lazaronis* e dos *estados que se unem*.

—E' um homem grande o senhor!

Não tome por offensa chamal-o grande, quando è um pigmeu.

—Não... não. Mas já que nos entendemos, diga que a senhora *Barata* está doente e não pode ir ao ensaio.

—A' suas ordens, senhor,
Agora vou cantarolar
Uma cousinha bonita
P'ra *Barata* apreciar:

«A *Barata* está em casa
«Com o consul á se *divertir*,
«Julgando o ensaio encommodo,
«Prefere antes ir *dormir*!

«Tralará, tralará,
«Tambem sua santa Eva
«Côrte aos maganos fará?
«Tralará, tralará,
A *Barata* está *dormindo*,
«Qui... qui... qui.. cá... cá... cá...»

VARIEDADES

O REI DO PONTO.

Mithridates, Rei do *Ponto*, fez celebre o seu nome pelas batalhas que deu a favor de *Sinalefa*, regente do reino das *Reticencias* o contra o Imperador K Grego, *estomacal* inimigo daquella rainha.

Originou-se a protecção do rei do *Ponto*,

do amor que consagrava á *Virgula*, filha unica da sua protegida, o herdeira do throno das *Reticencias*, throno que por direito de legitimidade lhe pertencia; mas que K Grego, sem outros titulos mais do que os da ambição, procurava usurpar.

Corria pois o anno de *pataca e meia* (480), haviam-se já passado seis luas que *Sinalefa* não era inquietada por seu inimigo, quando no vigesimo quarto dia do mez em que o sol entra em Léo, foi ella de repente acommettida por K Grego, que veio de novo pôr o reino das *Reticencias* em estado de conflagração!..

A' paz succede a guerra: o alarma sôa, todos, emfim, pegam em armas para oppor forte resistencia a K Grego, que ja se achava as *janellas* da cidade!..

Neste entretanto o rei do *Ponto*, que acabava de *finalisar uma oração*, ao saber do successo, corre com um grande numero de tropas a proteger *Sinalefa*. Por felicidade, chega a tempo, e travando luta com K Grego o põe fora do combate. O imperador logo que se via perdido, tirou as botas e fugiu vergonhosamente com o seu exercito composto na maior parte de *Dithongos*, que, apesar de serem soldados valentes, tiveram de ceder o campo as soberbas *Divisões* do rei do *Ponto*, parte das quaes eram commandadas pelo general *Til*, que nesta peleja muito se destinguia.

Victoria!.. Victoria!.. São os gritos que soam de toda a parte!

O rei do *Ponto* é levado em triumpho pelas ruas da cidade, e entra na côrte das *Reticencias* acompanhado de grande numero de povo! Homens, mulheres e meninos soltam vivas enthusiastico prazer.

Sinalefa recebe o heroe em palacio, e n'um transporte de alegria, apresentando-o a *Virgula*, exclamou com uma voz cujo *Accento agudo* manifestava a commoção de que se achava possuida e o desejo que tinha de que fosse ouvida por toda a côrte: — Eis aqui, ó minha filha, o salvador do teu throno, curva-te e agradece-lhe..

—Que fazeis, Sra.?.. disse-lhe Mithridates com uma voz cujo *Accento grave* revelava o abalo. que nesse momento soffrera su'alma: eu não fiz mais do que o meu dever... sim... porque amo a vossa filha e,.. prescindindo de etiquetas vans peço-vos a sua mão; si consentirdes, *Virgula* será minha esposa.

Sinalefa, no maior auge de prazer, não pôde pronunciar palavra; lagrimas de contamento correram de seus olhos: ellas declararam o seu consentimento

A alegria foi geral, tanto que a côrte em peso nessa occasião dirigio-se a comprimentar os tres soberanos. As baronesas *A, E, I, O, U, Y*, aias do *Virgula*, foram as primeiras, seguindo-se logo as filalgas *B, C, D, F, G, H, J, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, X, Z*; depois das quaes, foram os officiaes generaes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, faltando sómente o almirante *Cifrão* e sua senhora *Cifra*, que não estavam presentes; aquelle por se achar doente de um calcanhar, e esta de hiemorroidos.

Virgula agradeceu todos os cumprimentos, sorrindo-se sempre, e olhando de vez em quando para sua mãe e para o rei do *Ponto*.

. . . . . .

Quinze dias depois, a 8 do mez em que o sol entra em Virgo, celebrava se na egreja dos frades *Asteriscos* um casamento. O templo achava-se apinhado de immenso povo.

Finda a ceremonia, viu-se sahir o par ditoso, seguido de um acompanhamento nunca visto! Os desposados iam entre *Parenthesis* de uma côrte numerosissima composta de *Interrogações* e *Apices*, ás fulgos da primeira nobreza; o bispo das *Admirações* ia ao lado do rei do *Ponto:* numeroso concurso de homens, mulheres e meninos precediam a côrte.

Da egreja ao palacio de *Sinalefa* via-se uma thêa *ad hoc* feita para dar passagem aos noivos.

A' ceremonia não compareceu *Sinalefa* por achar-se doente de um tico doloroso na venta esquerda; mas anciosa os esperava em palacio; logo, porem, que chegaram, *Sinalefa* ao avistal-os, corre a elles banhada em lagrimas de prazer, e esquecendo-se da gravidade do acto e das formalidades da realeza, e só dando ouvidos aos ternos sentimentos de mãe, gritou: —Vinde a meus braços, *Ponto e Virgula!*..

E cahiu desmaiada n'um *Accento circumflexo*, que se achava perto do *Sup'riôr* do convento de S. Fidelis da Boa Morte.

Os circumstantes correram a soccorrel-a.

. . . . . .

. . . . . .

No anno seguinte, 19 do mez em que o sol se exalta em Capricornio, annunciava-se ao povo o nascimento de *Dous Pontos:* eram dous principes gemeos, fructos do amor de *Ponto e Virgula!*

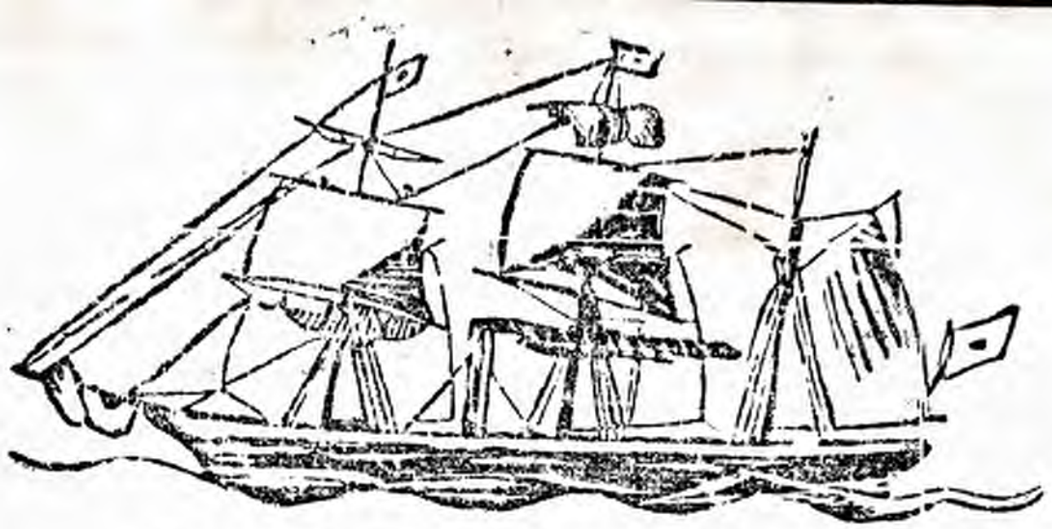
E acabou-se a historia: entrou por uma porta, sahiu por outra, mas la el-rei meu senhor, que contem outra.

L. de J. Antonio.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 66 e 67 do—ROCAMBOLE.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 3ª
Preço d'assignatura — 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 28 DE JULHO DE 1869. Ns. 530 e 531.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de julho de 1869.

Officio á Illma. camara municipal, observando-lhe a crueldade com que procede para com seus municipes, principalmente com os cegos e aleijados, consentindo aberto um enorme buraco na baixa da ladeira dos Perdões; semelhante crueldade attinge ao requinte, em consequencia de conservarem a superficie do referido buraco coberta de terra, de sorte que desapercebidamente pisa-se naquella especie de fosso e vae-se medir-lhe o abysmo sem querer.

Espera-se que a Illma. se mostrará pressurosa em acabar com semelhante inconveniente.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de pólicia, communicando-lhe que de alguns moradores da rua Nova do Commercio chegam-nos a queixa de que, no 3.º andar da casa n.º 22, uma mulher, de côr parda, é rigorosamente espancada por um africano á mandado de seu senhor. Pede-se a S. S. que mande examinar si com effeito essa infeliz é maltratada com o rigorismo que se diz, e no caso de ser, dê as providencias a seu alcance.

—Mulheres sem charidade são as irmans de charidade!

—Affectando uma humildade ridicula, cruzam as ruas de olhos fitos no chão, com um grosso rosario dependurado, murmurando sempre por entre os dentes *um não sei que* com ares de oração.

—*Babugens* da sociedade europea, refugos que o mundo abandona, enfronham se n'um habito, que encobre muita cousa, e transportam-se a estas plagas lançando olhares vesgos de inveja, ardentes pela fome canina de ouro, sobre este pobre Brasil, onde vão plantando o dominio da estupidez e da superstição.

—Assim como a agoa estagnada e podre apresenta uma superficie calma e pacifica, tambem ellas encobrem com riso singelo, com a candidez do rosto, as ideias sinistras que lhe refervem na mente.

—Entretanto transponha alguem o recinto desse simulacro chamado hospital de charidade, dirigido pelas irmans de charidade, e pasme ante o quadro de horrores e miserias que se lhe deparará aos olhos.

Penetre na cosinha dos doentes e verá quanta deshumanidade, quanta porcaria. Um mesquinho pedaço de pessima carne cheia de nervos, passada no fogo, é o que se chama mantinhas alli; metade de uma gallinha coberta de penugem a ferver n'um caldeirão com agoa e sal para caldos de substancia, as tripas dessa gallinha misturadas com moxibas de carne, é ensopado;.... pergunte que folhas são umas que resecam ao sol, e lhe hão de responder que são as folhas do chá de hontem, para o chá de amanhan!

Deixe essas miserias, vá ás enfermarias, chegue aos leitos dos enfermos, observe-lhes os olhares moribundos, sonde-lhes o bater do coração e verá que a morte se approxima. E o desditoso enfermo expira abandonado, sem que uma *caridosa* mulher lhe accenda uma vella, sem que lhe mostre um Crucifixo, sem que lhe diga uma palavra de consolação ao menos.

—Como se profana a religião e a charidade!

Como se zomba assim da humanidade!

—Do que serve a sumptuosa ostentação que apresentam no dia da visita franqueada ao publico, si no hospital de charidade morre-se á mingoa, morre-se de horror, morre-se assombrado?

—Para que o acceio do soalho, si um colchão immundo, emmaterado, serve para dez e doze doentes; si o espolio do que fallece é sordidamente approveitado?

—Como tratam as irmans de charidade aos infelizes doudos?

Obrigando os a duros e pesados trabalhos, flagellando com martyrisantes castigos aos que nas horas de accessos se negam ao jugo do trabalho.

Isto é charidade? Isto é humanidade?

—Ainda na sexta feira, eram 5 horas, dous desgraçados destes eram obrigados a carregar pelas ruas uma pesada grade de ferro que lhes enterrava o pescoço no corpo.

—E chamam a essas mulheres piedosas, boas, benignas, pacientes!

—Pode haver maior crueldade do que obrigar a um doente, em convalescença, a grosseiros e insuportaveis trabalhos?

—Não, de certo.

—Entretanto estas mulheres que isso praticam passam por charidosas e santas.

«—Esmola para Nossa Senhora de.....

«—Traz a licença?

«—Quem é o senhor?

«—Sou o fiscal.

«—Ah, o senhor é o fiscal?.... Mas eu não trago licença.

«—Não traz? Deixe la ver a bolça das esmolas.

«—Tem pouco.

«—Tudo serve. Venha para cá isso. E' a mulcta por não trazer licença. Agora vá se arranjar.»

—Observou aquelle passo?

—Todo.

—Ora diga-me: qual será o especulador que se recusará a dar um tanto ao fiscal com tanto que elle o deixe desembaraçado?...

—Capitão, conhece o actual subdelegado da freguezia da Penha?

—A razão porque me faz esta pergunta?

—Porque julgava que elle distribuo justiça com egualdade, e não fosse, como é, parcial e arbitrario.

—Eu estou convencido do contrario, pelo que faço lhe justiça, quer no caracter de authoridade, quer no caracter de homem de bem.

—Então, vou lhe orientar do que passou-se no domingo á noite no palanque de Itapagipe.

—Vamos com isso.

—O subdelegado deu ordem ao sentinella do palanque que não deixasse subir pessoa alguma, sinão depois que se desencerrasse a effigie de S. M. o imperador; mas quando via algum amigo, correligionario politico, mandava que o sentinella lhe franqueasse a entrada.

—De maneira que era franqueada a entrada aos do seu creado e vedada para os que não o são?

Pois olhe eu fazia uma ideia muito favoravel á elle como authoridade; mas em vista disto fico descrendo do tal subdelegado.

—Isto é para V. Ex. ver o quanto pode a prepotencia!

—Oh! meu Deus! Creia-se nos politicos de minha terra!

—Capitão, não sabe nada a respeito do resultado do desfalque do cofre Monte-Pio dos Artifices?

—Sei que a sociedade nomeou uma commissão de inquerito, e que esta concluiu o parecer que deu pedindo que se exonerasse os oito membros do conselho, suspendesse o presidente, e sollicitasse do governo da provincia a demissão delle, escolhendo o governo um outro para presidil-a, dentre os que fossem novamente eleitos.

—E a sociedade approvou o parecer da commissão?

—Approvou, elegendo logo nove membros para o novo conselho, e ja foi para o governo o officio sollicitando a demissão do presidente e pedindo a nomeação do outro d'entre os novos eleitos.

—E o governo ja tomou alguma providencia a respeito?

—Qual; o officio foi desde terça-feira, 20, e até hoje nada.

—De sorte que a sociedade está entregue ás *baratas*.

—Si esteve entregue ao *rato*, não faz mal que agora fique ás baratas!

—Me parece que o governo primeiro está

lendo os estatutos, estudando, para poder obrar.

—E a *obra* será mais cheirosa, *coma* V. saberá.

—Ja V. Ex. vem com pilherias!

—Mas, que quer; é necessario o sal para a comida ter graça.

Ao menos, quando V. chegar em casa ja tem sal para temperar sua panella.

—Xó! Temos conversado, o negocio ja passa á pulha!

—Bem empulhado que ficou o cofre do Monte-Pio.

—O bispo de Roma, por intermedio do seu vigario geral, acaba de fazer reviver as disposições canonicas de Pio V. e Bento XIII, pelas quaes devem os medicos abandonar, sob pena de excommunhão maior, o enfermo que depois de tres dias da molestia não chamar confessor.

—E' a intolerancia religiosa descarnada.

—O fanatismo clerical comprimindo as consciencias para devassar-lhe os segredos.

—Abandonar no leito da dor o enfermo que em tres dias não patentear suas faltas a um padre!

—Que muitas vezes sahe dalli e vae propalal as.

—E o Sr. arcebispo, para maior gloria de Deus devia mandar pôr tambem em execução aqui a seguinte medida da Constituição do Arcebispado, sob n.° 160.

« Como muitas vezes a enfermidade do corpo « procede de estar a alma enferma com o peccado (como se prova das palavras que Christo « Senhor Nosso disse ao paralitico) conformando-« nos com a disposição do direito e constituição do « Papa o santo Pio V. mandamos a todos os medi-« cos e cirurgiões e ainda barbeiros que curam os « enfermos nas freguezias onde não ha medicos, « *sob pena de cinco cruzados para as obras pias e* « *meirinho geral*, e das mais penas de direito, que « indo visitar algum enfermo (não sendo a doença « leve) *antes que lhe appliquem medicina para o* « *corpo*, tratem primeiro da medicina da alma, « admoestando a todos a que logo se confessem, « *declarando lhes que se assim o não fizerem*, os « NAÕ PODEM VISITAR E CURAR, por lhes estar pro-« hibido por direito e por esta Constituição, de tal « sorte que entendam que esta admoestação se lhe « faz por bem da saude da alma e do corpo; e no se-« gundo dia os tornarão admoestar; *e si ao terceiro* « *lhes não constar que estão confessados*, OS NAÕ VI-« SITEM MAIS, SOB AS MESMAS PENAS.»

—E teriamos de ver doentes abandonados por todos os medicos.

—E a inquisição plantada no seio das familias!

—Ah hypocritas! phariseus!

—Capitão, o dia 25 assignalou-se por um facto cujos resultados em prol do aperfeiçoamento humano deve provocar os applausos dos corações generosos, como ideia civilisadora, propria deste seculo de illustração e progresso.

—Quer fallar da *Fraternidade Sergipana*, não?

—Sim, Sr. Assistiu?

—Pois não.

«Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei,» é a doutrina sublime ensinada pelo Divino Legislador que a *Fraternidade Sergipana* se propõe a realisar.

—E possa ella cumpril-a isempta de tropeços e embaraços.

—Ora isto!

Um accontecimento que devia inspirar commiseração, serve antes de galhofa!

—E' a depravação que lavra!

—Ver um pobre homem, velho, alquebrado pela molestia, estendido no chão, sem se poder levantar e em logar de soccorrel-o, rir-se do mal que lhe acconteceu!... em vez de perseguir o causador do damno, applaudil-o, só desta terra!

—E os proprios agentes da força publica, são os que reprehensivelmente assim praticam!

—Aquelle homem chama-se Cypriano Francisco Guimarães, é official de justiça do tribunal do commercio, está ás portas da morte, como vê, é mais um cadaver que outra cousa; só a necessidade o obriga a sahir á rua, doente como está.

—Si a policia prohibisse os cavallos desferrados, para montaria dentro da cidade, estava elle livre de levar tamanho tombo daquelle desasado cavalleiro e ficar espichado na calçada, com o corpo contuso e moido.

—E para augmentar a afflicção ao afflicto servir ainda de risota aos ordenanças de palacio.

—Capitão, ouça que blasphemia:

«*Salve o dia 2 de julho de 1823!*

«*Salve o dia 16 de julho de 1868!*

«*Quem poderá dizer qual destes dous dias é mais caro aos brasileiros?*»

—Que heresia, meu Deus!

Quem disse isto?

—O *Jornal da Bahia* de sabbado, em uma correspondencia dos Lençóes.

—A que cegueira conduz a paixão partidaria o homem!

—Capitão, li agora um facto na *Gazette des Tribunaux*, de Paris que arrepiou-me.

—Pavoroso?

—Demais.

—Repita.

—Um official da Romania, filho de um sacerdote da religião grega, que ha quatro annos não tinha visto seus paes, obteve ultimamente uma licença, que resolveu gosar entre sua familia.

Na viagem, parou n'uma estalagem, cujo proprietario, sabendo que elle desejava passar a noite em sua casa, dissuadiu-o disso, dizendo-lhe que, si soubessem que um estrangeiro dormia na estalagem, onde geralmente ninguem se hospedava de noute, não deixarião os salteadores, muito numerosos no paiz, de fazer das suas.

O joven official hesitou algum tempo; mas fiando-se no seu rewolver e na sua espada, ficou. Alem d'isso, pensou elle, si o paiz está assim enfestado de ladrões, quer parta, quer fique, corro os mesmos perigos. Deram-lhe uma sala que dizia para o campo; embarricou-se o melhor que pôde, deitou-se vestido na cama e adormeceu promptamente.

Alta noute, o official despertou. Alguem tentava arrombar a porta da sua sala. Saltou da cama, armou-se com a espada e o rewolver, e esperou. A fechadura resistiu. Uma das pessoas que estava de fora passou a mão por um buraco da porta para desandar a chave. Mas o official, brandindo a sua espada, cortou esta mão de um so golpe. Este contra-tempo desanimou os malfeitores que se retiraram. O official, receiando que elles voltassem em maior numero e convencido da cumplicidade do estalajadeiro, saltou pela janella, montou no seu cavallo que foi buscar a cavallariça e affastou-se a todo o galope; levando, comtudo, a mão cortada do bandido.

No dia seguinte chegou á casa de seu pae, que achou na cama e doente; tinha-se ferido gravemente na mão disse elle, e fôra preciso amputal-a. O official quiz ver o braço do pae, e qual não foi o seu horror quando verificou que a mão que tinha cortado e trazido comsigo era a de seu pae! Sem dizer palavra, lançou a mão sobre a cama d'este; este comprehendeu que a quem quizera roubar e assassinar na noute antecedente era seu proprio filho; mas comprehendeu tambem que elle sabia tudo.

Desde então só teve um pensamento: matar o filho. Muito fraco para realisar só este abominavel projecto, ordenou á sua mulher sobre a qual tinha grande ascendente que o ajudasse. O crime foi combinado para a noute seguinte.

Felizmente, uma filha d'estes dous monstros, que contava apenas sete annos, avisou seu irmão, que fugiu.

O oficial foi descobrir tudo a justiça, e tanto o sacerdote como sua mulher foram presos.

Á PEDIDO

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Enseba bem o teu calabrote, que tens hoje o que fazer.

—Estou sempre prevenido, capitão.

—Vae te pôr na ladeira dos *papa-ratos*, á espera de um birbante, especie de yaya *Mariquinhas*, sujeito que anda envolvido em re-edificações.

—Parece-me que o estou vendo; mas no caso que eu não accerte, pedirei ao administrador das obras do Sr. Adães informações.

—E' bem lembrado. Ha de conhecel-o, visto que labuta na mesma vida.

—Mas sim, logo que eu o aviste, o que devo fazer?

—Esperar que elle comece em sua desavergonhada mania de querer namorar a todas as moças da rua.

—Que bregeiro! Quer abarcar o mundo.

—Não se contenta com uma aparvalhada moça, que lhe assiste as estupidas momices bestiaes; quer levar de fio a pavio a rua inteira com escandalos e depravações.

—Ha de se haver comigo.

—E' na hora em que elle cynicamente se pozer a offerecer beijos e abraços, que deves de improviso apparecer e metter-lhe em cheio a taca na cara para tomar brio. E si o bruto recalcitrar, tral-o-has para bordo e lhe applicarás um confortavel clyster de abobora.

—Deixe estar, capitão, V. Ex. ha de ver como eu executo a cousa.

—Capitão, V. ex. tem certos collegas que não merecem a honra de o serem.

—Eu o creio; mas, alguma nova gentileza?

—Não é nova, pois ella data de algum tempo e, o que é mais, por ser muito repetida, urge que V. Ex. applique-lhe o correctivo.

—Resuma isso, não gosto dos prologos.

—Sou um negociante, que tem a infelicidade de embarcar constantemente no *barco sem velas* que é commandado por um capitão que, á todo custo, quer passar por *durão*; tenho soffrido e visto os mais passageiros, que não são do peito, soffrer toda casta de desaforos praticados por esse bruto que, pela sua grosseria e brutalidade, já foi uma vez despedido por seus amos.

—Mas, emfim, o que faz elle?

—Esbarra os carregadores; até tem ameaçado collocar no *portaló* dous marinheiros de páu de vassoura para tosar aquelles que dão lucro á seus amos.

—Esse bruto será das mattas de *Valença* ou das fragoas da cachoeira de *Paulo Affonso*?

—Ignoro, capitão.

—Bem; isso é o menos; vou entender me com o inglez, que dirige os trabalhos da companhia; elle é mui delicado e cavalheiro; hade dar providencias.

—Assim o espero, capitão; e ficar-lhe-ha muito obrigado este

Infeliz carregador.

CONVERSA ENTRE TREZ.

«Não sou capitão do matto,
«Para prender quilombola,
Disse o duque timorato;
Largou tudo e deu a solla.

Diz o sogro ao genro agora!
«Vae ser capitão do matto;
«Si o Paraguay te namora;
«Serás general de facto.

Vae, meu filho, a fama tua
Do tigre a furia esmoreça,

«Manda o Solano á tabúa,
«Põe a corôa na cabeça!

«O Paraguay hoje em dia,
«Conquistado com dinheiro,
«Representa — monarchia,
«Ouro e sangue brasileiro.

«O Brazil é de Bragança,
«Por direito de conquista,
«Por conta de tua herança,
«Dou-te o Paraguay á vista:

«Montevideu, Buenos-Ayres,
«Nada têm á ver com isto,
«Nem pode mostrar pezares,
«Serás feliz — está visto.

O poro por sua vez,
Vendo o ajuste entre os divinos,
Exclama com candidez,
«Meu Deus! Quantos desatinos!

«Interferencia no Prata!!
«E feitas por estes trez!!
«Só no inferno se desata
«Foi o diabo que a fez.

SEVERO.

(*Continuação*)

—De pouco se admira meu capitão; veja agora o terceiro ponto que é de chupêta, e capaz de por o queixo a banda, de qualquer que tenha o queixo duro.

O *Mellorio* para subtrahir-se á pena de subregados diz que não avaliou um escravo, por que seu cunhado, Sr. do dito escravo, dizia, que elle era forro, ou que o havia de forrar, concluindo d'ahi o *Mellorio*, que tendo morrido o cunhado, o escravo deverá ser considerado forro, e acrescenta, que todos os herdeiros do casal tinham disso sciencia.

—Ora meu capitão, não quer ver o diabo como é sujo, e o *Mellorio* como é triste? por que sem a menor cerimonia irroga um facto criminoso a seus dous cunhados, que *são membros* de sua *tripça, ou firma social*, por que, si elles sabiam que esse escravo era forro, não deviam propor que se vendesse um homem livre, instando para que, em beneficio do casal, se vendesse esse escravo ao governo para o exercito.

—Muito bem meu rapaz, tenho gostado de ouvil-o, e si o tal escravo, conforme diz o *Mellorio*, é forro, nada ha mais simples do que elle apresentar a sua carta de liberdade, e não o fazendo — adeus minhas encommendas — pois que não passa isso de mais uma esperteza do *Mellorio*.

—Sim Sr., meu capitão, apoiado, apoiadissimo.

Sem duvida V. Exa. hade estar admirado de eu chamar o *frade da mão furada frei Fifina*, pois isso não é meu; assim elle era conhecido, e tratado em uma terra aonde esteve, sem duvida por algum acto de *moralidade por elle praticado* com alguma *Fifina*; e quanto ao odio que me tem o Sr. *Mellorio*, é por que eu tive a franqueza de lhe narrar o *facto da filha, e da viuva*, que como ja lhe disse, me foi contado pela *D. Anna*, e pela *Candinha*, e como elle gosta somente de ouvir historias alegres, que peça ao—P..... *Agostinho*, que lhe conte aquella *da onça que todas as noites lambia a ovelha, ou a do capão de pintos que deixava o morcego* chupar o sangue da franga, representando o triste papel de— Mandú de bom acomodar, que pega na cabra, p'ra outro mamar ....agora, si a zanga é por lhe ter posto á calva á mostra, eu lhe aconselho um bom remedio, e vem a ser que procure o *cabellereiro Castrinho* que lhe faça alguma *cabelleira*, como aquellas que *elle costuma pentear*, e então o *Mellorio com essa cabelleira, penteada pelo cabellereiro Castrinho*, representará de moço, e ficará ainda mais querido de sua *Dulcinea*, por ver que o *Mellorio* é dotado de *bom genio*, e de bom coração, dando dinheiro a ganhar a um artista nacional.

Meu capitão, sabe que mais? isto hoje ja vae cheirando a massada, por tanto está fechada a sessão.

(*Continua.*)

O MUNDO E A ADULAÇÃO.

(FOLHAS CAHIDAS.)

Dizem que o mundo é gostoso
P'ra quem n'elle come bem,
Outros dizem que não tem
Gosto nenhum saboroso;
Eu consulto ao destitoso
Para não ser caloteiro,
Mas aconselho-o ligeiro
Para ser adulador...
Do contrario é jogador,
E' mau por não ter dinheiro.

Eu não sei onde ha então
Tanta bondade e grandeza,
Quando a propria natureza
Não dá tanta distincção,
O que digo, com razão,
Sem ter conselho de alguem,
—E' que, a não adular bem,
—Deve *tinir* a algibeira;—
Do contrario é uma asneira,
Nada goza sem vintem.

A's vezes vemos um pobre,
Que é branco por qualidade,
E' feliz por ter bondade,
Mas negro por não ser nobre!
No bolso não tem o *cobre*
Que o illustre mesmo um *tico*;
Todos o chamão de mico

Por ser feio de feição...
Será isso a distincção
Que lhe dão por não ser rico?!

Porque é que em ricas salas,
Em grandiosos salões,
Se encontra mil figurões
Que trajam do luxo as galas?
Será no calor das fallas
Toda verdade fallada?
Será tambem confirmada
Toda a amizade em grandeza?
Vejam bem! é a RIQUEZA
Que se torna festejada!...

E' verdade! E' a riqueza
Que mais se ergue á ambição.
E' á ella, aos pés ao chão,
Que cahe a triste pobreza...
Mas com cruenta aspereza
Ergue o braço o potentado,
Que orgulhoso em seu brado
Diz:—Irmão, nada hoje tenho,—
E só com soberbo empenho,
Festeja o cofre doirado!

Será isso a distincção,
Que a natureza concede
Ao Job que triste pede,
Ao rico estendendo a mão?
Será isso ter brazão?
(Ter uma gloria sem dó!!)
Vendo o pobre, triste, e só,
Implorar com paciencia!?
Té que a mão da Omnipotencia
Reduza a riqueza em pó?!!

Isto, é que é ser bondoso?
Ter bom peito e coração?
Quando é máo pela ambição,
Sendo ente ambicioso?!
Oh! mundo mau, enganoso!
Só queres—ADULAÇÃO!—
O ricaço em seu salão
Só festeja á homens nobres...
Porém, morrem ricos, pobres,
Eis a geral distincção.

Oh! mundo de enganos cheio!
Oh! mundo de mil delirios!
Oh! theatro de martyrios!
Oh! palco de falso enleio!
Ja não se affaga em teu seio
O pobre por condicção!
Tu só és a habitação
De quem tem cofres doirados...
E ai! daquelles coitados,
Que não teem adulação.

Tancredo.

QUE DESFRUCTAVEL!

«Ella não devia se casar com elle por ser mulato e ter o cabello de *sararà*, e sim comigo que sou branco, bonito e tenho cabello bom como ninguem!»

Assim, dizia um tolo, que por algum tempo andou dando desfructes nas Portas do Carmo, depois no monturo de S. Francisco, e não obstante todas estas zumbaias, a moça pregou-lhe a taboca pelos seguintes motivos:

1.º por ser um improvisado academico, quando deixava o logar de cascabulho chronico.

2.º por ser mulato ensuado e filho de traz da porta da rua.

3.º por fazer o mesmo que tambor faz á soldado.

4.º por andar diffamando um academico, em virtude deste repellir o pelintra namorador nas escadas d'um sobrado, etc., etc., etc.

Continue a passar na porta de quem dará a ler no seguinte numero as parvoices do cosinheiro gigante.

Villaça.

O AMOR CONSULAR PARDALESCO OU O DEVASSO GALLEGO PIGMEU.

(Continuação do n.º 529.)

SCENA III.

....

—Sou uma mulher infeliz, sou a mais desgraçada das esposas!

Oh! meu Deus! com que cara eu hei de apresentar-me aos olhos de meu marido!...

—Dá licença, minha senhora?

—Pode entrar, senhor consul.

—Vejo-a tão encommodada, accaso alguem ousaria offendel-a?

— Offender-me! Quem será capaz de offender á uma fraca mulher como eu, distante de seu marido, de seus paes e de sua patria!

—Talvez que algum insolente, não podendo...

—Oh! oh! basta, senhor consul.

—Mas, o que tem, meu anjo, diga; aqui estou a seus pés.

—Levante-se, senhor. E' uma covardia no homem pôr-se de joelhos diante de uma mulher; os joelhos dos homens independentes e honrados só se devem curvar a Deus, isto é, d'aquelles homens que não seduzem mulheres, d'aquelles homens que, vellando por sua honra não contribuem para que a dos outros seja mareada!

—Não sei o que quer dizer este calendario de palavras! Não comprehendo!

— Mas entende?

—Peior.

—Pois bem; ja que não me entende, vou me fazer entendida. Depois d'aquella hora infernal...

—Não... não; hora feliz, hora em que completamos nosso amor...

—...senti uma nuvem passar-me pela vista. Ja comprehende?

—E' que a senhora está...

—...prestes a ser mãe, mãe de um filho incasto!, filho do crime, senhor consul! Entende agora?

—Que ouço, meu Deus!...

—E como, senhor consul, hei de apresentar-me diante d'aquelle a quem despezei?

—Fique aqui na terra da arvore das patacas, terra onde se *aninham* todas as *aves* de arribação e deixe seu marido. Olhe, elle estimará bastante por se ver livre do *fardo*!

—Ja sou *fardo*, senhor consul! Com mais razão o senhor me chamará de *fardo*, si annuir ao seu pedido, tornando-me, como ja sou, sua amante, porque meu marido, nunca pronunciará semelhante palavra!

O senhor tem razão de assim o dizer, porque eu sou uma mulher desgraçada, uma esposa infiel, uma esposa adultera, uma... amaldiçoada!....

—E essa! Eu um homem casado, com uma mulher desmaiada em meus braços!

Acudam... acudam... senhora *Barata*, senhora *Barata*!

Si entra agora alguma pessoa e me encontrar nesta scena, ha de ser bonito!...

Senhora *Barata*, minha querida *Baratinha*!

SCENA IV.

—Olé! O consul com a *Barata* desmaiada nos braços! E essa...

—Oh! diabo! Ahi tem gente.

—Então, *mio caro signor*, está representando alguma comedia?

—Retire-se bruto!

—Bruto é elle, grandississimo gallego, maroto d'uma figa....

—Que queres aqui?

—Venho avisar a senhora *Barata* para ir ao ensaio, não sabe que eu sou o caixeiro do theatro?

—Qual theatro?

—Do theatro de *Latronopolis*, e não por certo d'esse ridiculo theatro que estás aqui á representar, abusando da fraqueza d'essa mulher, á quem fizestes esquecer os sagrados deveres de fidelidade conjugal, em logar de vellares por tua honra, que alguns de teus *intimos* procura marear....

—Insolente!

—Ah! pensas então que eu não sei de tudo; pensas que não estava ahi na porta e não te vi desde que aqui entrastes; que não sei que ella está prestes a ser mãe? Estás enganado comigo *gallegorum*.....

—Ai! senhor consul que é isto, quem é que está ahi a fallar tanto?

—E' o imprudente caixeiro do theatro que veio avisal-a para o ensaio.

—Sou eu, minha senhora, que tenho a *honra* de trocar algumas palavras com esse attrevido consul.....

—Tenha paciencia, eu não posso ir ao ensaio, porque estou doente. Este senhor consul....

—.... é o pae de seu filho, minha senhora! Adeus.

Adeus, gallego attrevido,
Que eu te hei de ensinar,
Quando encontrar te na rua,
Tocarei p'ra tu dansar!....

VARIEDADES

Uma menina perguntou a sua mãi o que significava a palavra hermaphrodita, ao que esta respondeu que significava nem bonita nem feia.

Um dia que um joven, que a namorava, lhe dizia que era muito linda, ella lhe respondeu: «Senhor, vós sois muito lisongeiro; eu vos certifico que não sou mais que uma hermaphrodita.»

Um sujeito, requestando uma rapariga muito simples e ingenua, e julgando-a por isso facil de enganar, lhe armou repetidos laços sem nada poder obter della. Por fim resolveu esposal-a, e no dia do noivado, depois de voltarem da egreja, lhe disse na presença de todos os convidados: «Devo dar um testemunho publico da sua virtude. Declaro que me resolvi a casar com a senhora porque, tendo feito tantas diligencias, achei-a sempre firme em defender a sua honra.»

—Podera não! lhe respondeu ella com toda ingenuidade; já dois me tinham enganado, e tão tolla era eu que cahisse na terceira!»

Dizia um sabio que havia tres especies de casamentos: 1.º o de Deus; 2.º do diabo; e o 3.º da morte. O casamento de Deus é o do homem moço com a mulher moça; o do diabo é o da mulher velha com o homem moço; o da morte, é o da mulher moça com homem velho.

Um sujeito escrevendo á sua amante dizia. «Ah! ingrata! com esta que vos escrevo conto tres, e só tenho recebido resposta de duas!

—E considerava-se mal correspondido!...

CARTA DE UM SOLDADO A UMA SRA QUE IDOLATRAVA.

Querida Sra.

Antes de vos fazer as minhas declarações de guerra amatoria, devo formar a companhia de minhas idéas, servindo de serrafila o meu pensamento, e colocar-me na fileira supra-numeraria em ordem de marcha, com papel, pennas, tinta, canivetes, obrêas, etc., para o fim de poder manobrar na vossa encantadôra presença. Sabeis Sra. que a rapidez dos movimentos de amor, depende dos flancos piões das expressões: assim nada espereis de um recruta do batalhão de Cupido.

O prêt de vosso rosto me atormenta a cada instante, e si não fosse violar os artigos de guerra de vossa caza, desrespeitar a sentinella de vosso corredor e escalar as muralhas do vosso jardim, podendo ser punido com duzentas pranchadas de cacête de vosso Pai, e fuzilamento de vosso desprezo, eu já teria procurado desapertar-me, indo á secretaria de vossa salla pedir-vos que despacheis o meu requerimento. Perfilando as armas da candura, cruzando-as sobre meu peito, mettendo a espolêta da verdade, carregando-as com o cartuxo do affecto e ballas do carinho, esperava dar-vos uma descarga á queima-roupa de declaração d'amor; mas a corneta do respeito manda cessar o fôgo do atrevimento com que queria pedir licença para residir, por algum tempo, no xadrez de vosso peito: pode ser que o poder moderador de vossos olhos perdôe a primeira deserção do meu acanhamento, e assim desde já apresento armas a vossa bondade; pois se tal não acontecesse pediria passagem para o cemiterio, ainda mesmo perdendo o fardamento vencido de vosso agrado. Peço-vos que na promoção de vossas boas gráças me contempleis como um cabo de esquadra de vossa boquinha, preferindo mesmo aos mais antigos. Estou prompto no aquartelamento da desventura, deitado na tarimba da esperança a cumprir todas as vossas ordens, e marchas forçadas dos vossos caprichos, representando porem contra o detalhe de vosso desdem em que me nomeardes para camarada d'algum dos vossos ex-namorados, pois alem de me não tocar por escala da dignidade, é seriço que me augmenta a etape da semvergonha. Levo á frente armas do silencio e só debandarei com a vossa resposta: «Observação...» A ronda de visita que faço todas as noites na vossa rua dará lugar a que a ordenança de vosso muleque receba o santo de meus recados e me dê a senha das vossas lembranças, isto no cazo de se effectuar a mudança da guarda de vossa amizade, para a praça de meu coração. sem o que talvez seja curta a correa que apertará o malote de nosso hymeneu!

Seu fiel constante,

Benedicto—Soldado.

DESAPONTAMENTOS.

Escorregar-se n'uma casca de banana e dar-se um tombo defronte de moças bonitas, que se riem da *graça*.

——

Entrar-se n'um baile e ser recebido por estrondosa gargalhada de homens e mulheres, para tal combinadas.

——

Dois sujeitos passeando.

Um d'elles vê uma senhora na janella:

—Que linda pequena!.. Que olhos, que bocca! Parece que a conheço! Vou lhe mandar um billetinho.

—Aquella moça é minha mulher....

——

Estar um sujeito n'uma fazenda gaba d.-se que falla francez, inglez, etc., sem nada saber, e chegar um francez com um realejo.

Pedir o dono da casa ao *gabóla* para conversar com o estrangeiro, e elle ter de ficar com cara d'asno.

——

Puchar-se o lenço á vista de moças e sahir da algibeira uma meia suja de lama da viagem.

ANNUNCIOS

PUBLICAÇÃO CURIOSA.

Brevemente sahirá á luz e nitidamente impresso, o drama original em quatro actos e dous quadros, que tem por titulo

AS ESPERTEZAS DE UM GENRO
OU O CYNISMO DE UM FRADE

PERSONAGENS

Mellorio—Velho libidinoso e matreiro.

Mr. Randolfe—Individuo de duas caras e negociante de commercio a retalho.

D. Anna Contrez—Viuva requestada e ao depois trahida.

D. Candida Contrez—Filha da dita, e sua rival.

Fr. Fifina—Sacerdote immoral e egoista; conselheiro particular do Mellorio, e de Mr. Randolfe; e confessor da viuva, e de sua filha.

D. Antonio de Mancebo—Bispo de exemplar virtude, e eminente saber.

Um escrivão, um official de justiça e alguns religiosos franciscanos, benedictinos, e carmelitas.

OBSERVAÇÕES.

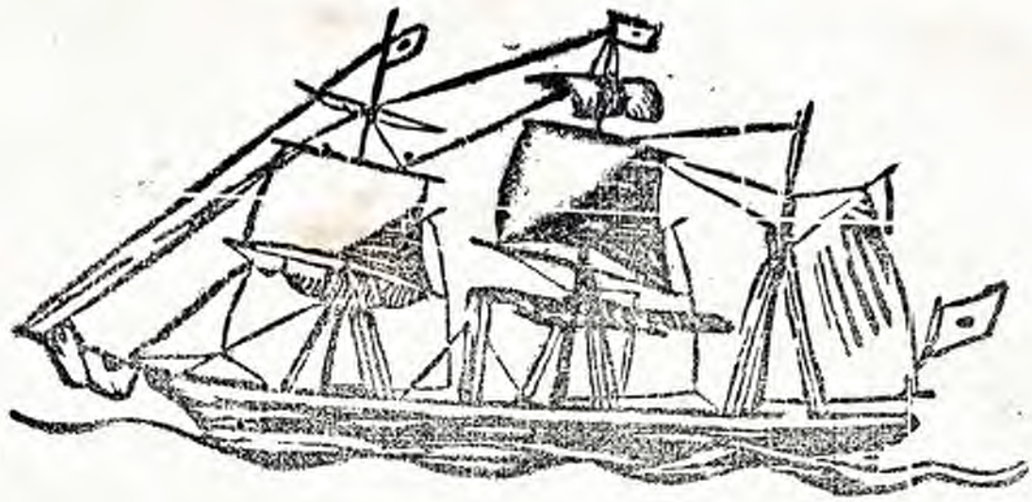
A scena passa se na capital de Latronopolis, a excepção do segundo acto, que se passa na provincia das Borrachas.

Para brilhantismo do primeiro quadro, Fr. Fifina apparecerá, fradescamente caracterisado, e em um de seus bem elaborados discursos, alardeará de ser principe dos *maçons*, e para que o acreditem, mostrará a todos seu diploma, e as insignias de sua loja.

Para egualmente enriquecer o segundo quadro com uma vista de moralidade, se apresentará carregando uma creança, que affaga, e acaricia com beijocas, que é o seo luxo dominante, ao passo que com o seu guarda-sol, cobre a uma filha da noite, a quem accompanha para seu lupanar.

O preço das assignaturas será—*ad libitum* —para os amigos, conhecidos e freguezes, e gratis para os pobres.

Escriptorio das Bandalheiras e traficancias 25 de junho de 1869.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 34
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 31 DE JULHO DE 1869. N. 532

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de julho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe em aditamento ao officio a S. S. dirigido, em data de 27, que a mulher de cor parda, que consta ser rigorosamente castigada por um africano á mandado de seu senhor, é segundo dizem, capturado negociante de escravos Baptista Leão, o qual, evidentemente é quem manda proceder ao mencionado castigo. Levando-se semelhante esclarecimento ao conhecimento de S. S., tem-se em vista orienta-lo de sorte que chegue ao descobrimento da verdade nas providencias que tomar.

Portaria ao fiscal de S. Pedro, dizendo-lhe que na rua de Baixo, casa n. 53, mora um ferreiro, o qual tem em seu quintal quatro famosos capados em contravenção á postura 99, e insuportavel encommodo da visinhança; razão porque torna-se preciso que va até ali impor ao dito ferreiro a mulcta em que tem incorrido. Cumpra.

—Que alarma é aquelle no Forum?

—E tanta gente a entrar por elle a dentro para ver o que é.

—O que será?

—Eu sei, eim! Quem sabe se ja não é algum testamento falsificado, alguns autos sumidos, ou queimados, sem haver incendio?

—Acho bom irmos ver.

—Que dia é hoje?

—Quarta-feira, 28 de julho.

—Entremos.

—Oh, amigo, que diabo é isso, tanta gente aqui dentro a gritar!

—Vê esta pobre preta velha?

—Sim; o que ha?

—Esta preta está em praça; pela avaliação de 200$ rs., deram mais 100$ rs. sobre a avaliação e ella cobriu o lance com 1$ rs. para sua liberdade; mas aquelle senhor deu mais 100$ rs. sobre o lance de 1$ rs., dizendo particularmente que tinha necessidade de se vingar com a preta.

—Como chama-se elle?

—João Climaco Martins da Costa.

—E quem é o juiz?

—E' o Dr. Filgueiras Sobrinho.

—Como decidiu?

—Mandou que se tomasse todos os lances, menos do Sr. Climaco que quer a preta para vingar-se, porque houveram pessoas que isso juraram.

—E não era de esperar outra cousa de um juiz liberal, como o Dr. Filgueiras!

—Mas é uma miseria deste paiz que se diz livre, e que o homem com o dinheiro vae comprar a seu semelhante, em hasta publica, como se compra um cavallo, um boi, e alardea que quer compral-o para desabafar mesquinhas paixões!

Oh! ja é tempo de se acabar com a escravatura!

O Brazil não pode ser verdadeiramente livre em quanto tiver filhos escravos, e a hora de sua inteira liberdade ja soa!...

—Capitão, ha uma classe de gente com a qual é preciso andar alerta.

—Qual é ella?

—A dos boticarios

—Não lhe pareça.

—Fazem das suas e vão passando molle-mente.

Com rarissimas excepções, praticam uma especulação, que pode ter funestos resultados alguma vez.

—Diga qual é.

—A substituição de uma droga por outra, nas receitas.

Vae uma receita para a botica; o boticario não tem certa substancia para avial-a; mas como não quer deixar sahir os cobres, encaixa outra que se pareça e não faça mal, mas que não produz o mesmo effeito contra a molestia.

—E' preciso ter callejada a consciencia para obrar tão de má fé.

—O caso é que elles praticam, sem se importarem com o detrimento que causam á saude e à algibeira do proximo.

—Ao menos deviam se lembrar das contas que hão de dar na outra vida.

—Entrou o vapor do Sul e V. não me da noticias?

—Na verdade são ellas muito interessantes.

—Vamos a ouvil-as.

—Parece que o proprio *Jornal do Commercio*, gosta as vezes de atirar a sardinha com a mão do gato.

Eis o que diz na ultima data:

«Transporte bonifacio.—Entrou hontem este transporte, sahido a 16 da Assumpção, donde não traz noticias de importancia. Os *factos capitaes* são banquetes alli e revistas em Pirayú, como se verá das cartas que principiamos a publicar. Continuava a *presumir-se* proximo um movimento de exercito; experimentavam-se, porém, serias difficuldades no abastecimento de viveres.»

—E assim iremos, Adão, até que chegue o verão.

—Capitão, V. Exa. lê o *Diario?*

—Todos os dias.

—Viu em um dos numeros anteriores a noticia de um abuso que se dá no arsenal de marinha?

—Não me recordo.

—De dous operarios, João Baptista Alpoim, ferreiro, e Antonio Bernardes de Jesus, carpinteiro, que ha oito mezes, ganham cada um 2$500 rs., diarios sem pôrem os pés na officina?

—Lembro-me agora; por que?

—O que diz a isso V. Exa?

—O que quer que eu diga?

Si quem tem obrigação de justificar-se metteu a viola no sacco, eu agora é que hei de arvorar-me em palmatoria do mundo?

—Capitão, tenho visto cousas nesta terra que bem posso dizer

«So me resta ver agora
«Para traz correr um rio,
«Arder vela sem pavio,
«A lua tomar tabaco,
«E o sol tremendo com frio.»

—E o que viu agora de novo V.?

—No arsenal, de guerra uma portaria do director prohibindo que qualquer empregado possa requerer ao governo qualquer cousa sem ser por seu intermedio.

—Prova de que o homem é militar completo.

—Mas aquillo não é um batalhão que elle esteja commandando, nem os empregados do arsenal são soldados para se sujeitarem ao regulamento do conde de Lippe.

—O que fazer, si o homem como militar gosta das cousas pelo systema de farda?

O que eu lamento é este nosso governo, que não sabe aproveitar as vocações. Veja si o Sr. Paranhos está no Paraguay, como não andava aquillo direito como uma linha!

—Até Lopez pode ser que ja estivesse preso pelo toutiço.

HOMENS QUE SABEM VIVER.

Os pelotiqueiros e chimicos mais afamados do mundo, não sabem tantas girias, como esta classe de homens, que tem o titulo de —*homens que sabem viver*.

O homem que sabe viver, é uma creatura feita de cêra, e por isso se amolda a tudo; chora quando quer, ri-se sem vontade, e, para ganhar affeição dos tollos, estuda profundamente o caracter de cada um, para conhecer-lhe o fraco e elogial-o. Si o homem que sabe viver vai á casa de algum enthusiasta, que arrota de fidalgo, e se nutre da cathegoria que gosa, ahi temos o chimico, inchando a barriga do dono da casa com excellencias; si falla com sugeito que aspira ver seu nome elogiado em publico, ahi temos uma dedicatoria de poesias ou alguma traducção; si o sugeito a quem elle pretende desfructar, se

regos ja de ter filhos bonitos, o homem que sabe viver carrega a criança nascida do mesmo dia, e diz cheio de prazer—*que viveza de olhos, é o retrato de V. S.!! O narizinho, e a testa é tal e qual o da Exma. Sra.*

Si ouve poesias ou algum escripto de sugeito mettido a sabixão, diz logo,—hade me fazer o obsequio de me dar uma copia desta sua obra, qu achei muitissimo boa, na minha opinião.e

O homem que sabe viver, elogia tudo quanto pertence a pessoa, a quem quer pregar o calote.

Offerece-se espontaneamente para fazer serviços a casa, e ser comprador; nas primeiras compras, mostra-se muito diligente, traz tudo bom e barato; porem ao depois, vai chupando nas commissões o valor de tudo, por dobrado, e ao mesmo tempo aconselhando sempre ecconomia; si lhe apresentam alguma coisa já comprada, elle sempre sabe onde ha melhor, e mais em conta. Ora, isto no tempo presente se chama homem que sabe viver, mas eu direi sempre que se deve chamar velhaco, adulador, que se aproveita destas magicas, para fazer meio de vida, porem meio de vida ridiculo e miseravel.

Tambem outros especuladores, que sabem viver, armam algum arrendamento de propriedade, principalmente de menores, fazem uns reboques, e bem-feitorias, de vista, e no apuro do negocio, apresentam um saldo a favor espantoso, tudo com vistas de lhe cahir a casa nas unhas.

Outro, apresenta-se como homem muito deligente, e poupador de despezas para funcções, com o olho em algum baile que estão para dar; com suas conversas alcança a direcção da festa, fala muito, figura-se muito cançado, e no fim até zangado, dizendo que faz juramento de ser a ultima, porrque lhe deu grande prejuizo de dinheiro, e ainda em cima os patifes hão de fallar; mas o certo é, que o maganão armou-se com os cobres, e, além desse proveito que tirou, quer que lhe agradeçam a fadiga.

Tambem é receita de saber viver dar jantares, e funcções para agradar os tollos e pedir abonações e dinheiro emprestado, porque ordinariamente os homens de barriga cheia, e electrisados dos copos de vinho, annuem aos pedidos do dono da casa; e é tambem uma bella receitinha de saber viver fallar a todos com ar muito risonho e adocicado, para parecer homem de muita affabilidade, embora tenha o veneno no coração.

Pelo que fica dito, já se pode ver que é uma classe muito numerosa a dos *homens que sabem viver*, e quem vive n'esta Bahia de *raridades*, não deve ignorar, que ha por ahi sugeitinho, que com um ordenado de 200$ ou 300$000 rs. e as vezes sem lucro nenhum *visivel*, apresenta-se muito aceiado, sustensa cavallo, frequenta theatro, dá chás, a familia traja sedas e velludos, e como? *Homens que sabem viver.*

Á PEDIDO

Previne-se a Sra. Ritta *veste defunto*, que não continue com a sua malvadez, em matar a criação de seus visinhos, quando não, iremos mais adiante.

Illm. Sr. capitão do *Alabama*.—Partecipo a V. S., que, na noite do dia 26 de julho de 1869, indo o abaixo assignado na padaria ou loja de massas da ladeira da Praça, que fica por cima do becco do Escorrega, cheguei e pedi meia libra de biscoutos, uma quarta de caffé, dous vintens de assucar, e dois vintens de chá, puchei por dous mil reis e dei ao caxeiro, que tão pequeno, ja tem tão boas manhas, e elle me deu 760 rs. de troco e menos os dez tostões e eu distrahido não me lembrei de exigil-os; e sahi quando ja ia pela rua dos Capitães, foi que me recordei, e voltando a pedir o meu troco em regra, sunegaram que eu não tinha dado 2$ rs. e ficaram com os meus dez tostões.

Vê que gente, Sr. capitão?

Bahia 27 de julho de 1869.—*Marcos Luiz da Boa-Morte.*

VARIEDADES

ROMANCE TENEBROSO.

I.

—Era noite!

Mas uma noite tempestuosa!

A abobada celeste parecia querer-se despenhar sobre a terra.

O ribombar da trovoada amedrontava os mais scepticos corações.

Os relampagos, que de instante a instante fuzilavam, pareciam querer tornar de fogo a atmosphera!

A chuva que desabava das nuvens era em tanta quantidade que podia se dizer um segundo diluvio; deixava innundadas as ruas da capital.

As torrentes que dos telhados se lançavam furiosas sobre as mais agoas, assemelhavam-se no rugido, ao bramir do oceano.

O vento sibilava por entre as frestas das portas e janellas com uma força descommunal.

Era emfim uma noite de tempestade.

Na torre da cathedral acabavam de soar doze pancadas, que, qual o echo que no monte repercute, se fizeram ouvir.

A' fraca luz que os lampeões, n'aquelle tempo illuminados por azeite, de si expurgavam, via-se que atravessava o largo do..... um homem embuçado com um capote.

Não se importava com a chuva que cahia, por que se lançava sobre as aguas, como se andasse por um ameno passeio.

Chegando ao caes, lançou um olhar em torno de si e apoz exclamou:

—José! José!

—Prompto; respondeu um outro homem, que se achava encostado a uma porta.

—Não faltaste, disse o primeiro, reconheço que tens palavra.

A sorte parece querer favorecer-me; partamos.

Mas vendo que o outro não se movia, disse?

—Hesitas? Tens medo!...

—Não, Sr., por mim não; por que nunca soube o que era temer; mas....

—Mas, o que?

—Tenho mulher e filhos que sem mim definharão á mingoa.

—Tudo preveni; tua mulher e filhos ficarão abrigados das insidias humanas. Partamos.

José ficou immovel.

—Que temes mais? disse o embuçado.

—As ondas encapellam-se com tanta furia; n'um fragil batel, seremos tragados por ellas.

—Tens medo de morrer?

—A vida é tão boa!....

O embuçado soltou uma gargalhada de desespero e retorquiu:

—A vida é uma chimera com que nos embalamos; uma illusão fantastica que nada significa; os dous dias que habitamos nesta vida de tormentos não são mais do que um sonho, cuja realidade è a sepultura.

O ente que tem amor á vida é um ente desprezivel, que não tem inteiro conhecimento de si mesmo.

Vês esses potentados que se curvam servilmente a seus menores desejos, vivendo n'uma indolencia propria do fausto e das grandezas que os rodeiam; desprezando todos aquelles que a tyrannica fortuna lançou no lodaçal da miseria, julgando-se melhores e superiores a todos os outros homens; deslembrando-se dos deveres para que Deus os lançou na terra?

Vês esse soberbo avarento, a quem o amor ás riquezas faz esquecer todos os prazeres deste mundo, que não descança, que não dorme, o quando o faz, por momentos, não vê em sonhos si não cofres recheados de ouro e medita no meio de amontoal-o, seja embora a custa da ruina de viuvas e de innocentes orphãos, que depois esmolam pelas portas um pedaço de pão para mitigar sua fome? Pois um dia a morte com suas fauces descarnadas hade descarregar-lhe a fouce sem dó nem piedade e então adeus criados, adeus palacios, adeus ouro, adeus sonhos mentirosas!

—Assim será, mais eu preso muito a vida.

—Si tinhas medo para que vieste? pára que me illudiste com teu animo de fanfarrão? Queres dinheiro? Terás quanto farte a tua cubiça. Si escapares ficarás vivendo na opulencia e se finares tua familia gozará as delicias desta vida, que tanto presas.

Vês este punhal?

E abrindo o capote mostrou-lhe o punhal, que reflectiu á baça luz dos candeeiros.

— Com elle aqui te deixarei morto, Escolhe: ou a vida, no seio da abundancia ou a morte neste mesmo logar.

José reflectiu um momento, depois disse:

—Partamos!... Não era so o receio que tinha por mim; receiava tambem alguma cousa por vós; mas emfim, vamos.

Dizendo o que, approximou-se das escadas, e desatando um cabo a que estava preso um bote introduziram-se dentro com bastante defficuldade.

—Para ondes quereis ir? perguntou José.

—Para a.....

E partiram.

(Continua.)

CHARADA.

E's de ferro? Qual!.. sou de pedra.
E's cumprida?... Qual!! sou redonda.
Ja sei que não posso decifrar.—1
Tens alegrias?... Qual!.. Eu tenho pennas.
E's quadrupede?.. Qual!... tenho dous pés.
Ja sei, que não posso advinhar—2.

CONCEITO.

Não me abandones, ingrato,
Não sejas assim traidor,
Recompensa os meus extremos,
Recompensa o meu amor.

Um magistrado parcial é um homem perigosissimo, um inimigo publico, ou antes um monstro na sociedade.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 68 e 69 do—ROCAMBOLE.

O

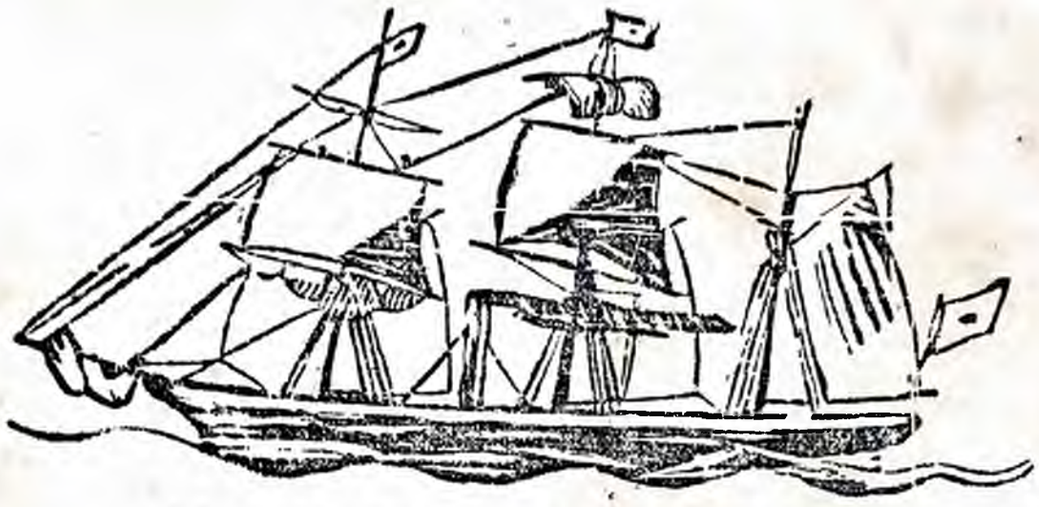
ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 52**

Preço da assignatura — 1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 2 DE JUNHO DE 1869. — N. 512.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1 de junho de 1869.

Não houve expediente.

—O invicto general Osorio marchou de novo para a guerra!

—Gloria a elle, o benemerito do exercito!

—Prestando tão eminente serviço a seu paiz, o illustre rio grandense faz um sacrificio enorme de sua saude.

—Entretanto ainda não são passados tres mezes que o governo com a maior ingratidão mandou riscar seu nome da lista triplice, negando-lhe o direito de representar no parlamento a sua provincia natal!

—E' um exemplo de raro civismo!

—Nobreza d'alma! Rasgo de stoica abnegação!

—Honra ao legendario Osorio!

—Sobre a saude do bravo general, diz o *Jornal do Commercio:*

«Escreve pessoa competente:

«O visconde continua muito enfermo e so o seu patriotismo podia movêl-o a voltar ja aos campos de batalha. Ainda conserva a mandibula fracturada e mesmo na vespera do embarque sahiram duas esquirolas, que prefazem ja vinte e tantas, perto de trinta.

Todavia, penso que é possivel a consolidação pelos simples esforços do organismo e de um tratamento methodico; mas tambem é possivel que os ossos se necrosem e então sera necessaria uma operação seria como a da rescisão das porções do osso necrosado.»

—Deus que vela pelos grandes homens, ha de permittir que elle volte são e incolume, salvando sua patria.

—Hontem, pelas 4 horas da tarde, em uma casa no Cabeça, uma senhora pisava differentes preparações chimicas em um pilão de ferro, para foguetes, e estas inflammaram-se, ficando ella com as duas mãos esmigalhadas e a cara toda chamuscada.

—Infeliz!

—Veio para o hospital e o Sr. Dr. Caldas, amputou-lhe a mão direita, por estar mais perigosa.

—E correrá perigo a sua vida?

—Diz o medico que sim.

—Coitada! Deus se amercie della.

—Como é que n'uma rua como esta se pratica isto!

—Pergunte á policia.

—A rua do Collegio onde habita tanta familia!

—Badernas da noite de sabbado.

—Não se pode dar maior desaforo!

Dous ou tres espadanchins aproveitam-se da escuridão da noite, apedrejam as vidraças de uma *filha da noite*, trepam pelos andaimes da casa immediata que se está edificando, penetram pelas janellas no 1.º andar, esbofeteam a moradora, e fazem um *perluvio* tamanho que accorda toda visinhança em sobresalto!

—Estão de cabeça enchada!

—E depois de ultrajarem a moral publica com uma torrente de obscenidades, depois de desacatarem o pudor das familias com quanto nome injurioso e deshonesto ha, e de fazerem a mais hedionda e indecente assuada, parece que vão dar treguas ás esquentadas cabeças, por que cessou o barulho.

—E a policia nem deu accordo de si!

—Tire agora as consequencias: si os turbulentos podem, á seu salvo, trepar por andaimes, invadir casas, debaixo de uma algazarra dos diabos, n'uma das ruas mais publicas da cidade, o que não farão os ladrões, mais prudentes e prevenidos do que estes?

—V. está fallando; ouça...

—Temos cousa deste lado.

—O sarceiro é mesmo na rua da secretaria da policia, onde ha um destacamento.

—Vamos ver.

—E' um grupo de estabanados, que, á pedradas, accommette a casa do professor Manuel Maria, a quem os garotos chamam o *Quiabo duro*.

—Aqui não se contentam de quebrar as rotulas do pobre homem: insultam-no, e injuriam-lhe a familia.

—Pobres senhoras expostas aos ditos picantes e ignominiosos de meia duzia de bigorrilhas!

—A que estado chegaram as cousas nesta terra! Nem as familias podem ja descançar no lar domestico em horas mortas.

—E isto nas barbas da policia, a dois passos de um destacamento!

—Começou na terça-feira, na egreja matriz de Sant'Anna, as trezenas de Santo Antonio.

—Estou sciente.

—Aprecie isto:

«O—sabio—ministro do thesouro acaba de annunciar officialmente ao paiz a existencia de um—defict—de *dez mil e tantos contos* no orçamento do proximo exercicio, o qual é indispensavel prover pela creação de—novos impostos.—

«De que natureza serão os novos impostos, e sobre que ordem de interesses ou fontes de produção—imporá—a situação governamental para prover aquelle—deficit—extraordinario?

«Não é facil dizel-o sensatamente

«Naturalmente os novos impostos tocarão o pessoal do paiz.

«Cada pessoa que se casar terá de pagar um imposto!

«Cada casal que tiver um filho outro imposto!

«Quem tiver um creado, um imposto especial, e a quantidade de ar que for aspirada assim como o numero de palavras que se houver de pronunciar, tudo será cotado no novo systema de impostos!

«Não resta duvida que esta situação é uma maravilha de virtude, moralidade e fecundidade governamental: ella ha de engrandecer e illustrar este reinado, o mais sabio de que a historia tem lembrança ou memoria!

—Excellente meio de fazer justiça!

—Tornando-se juiz e parte?

—E executor ao mesmo tempo.

—Mas assim, sem direito, sem razão?

—Que tem lá isso?

—Nem diga tal.

Pois ha quem possa approvar semelhant proceder deste inspector, aqui no Taboão?

Chamar um preto para vender-lhe um barril d'agua e porque este entra primeiro em outra casa, tomar isso por uma grande affronta!

—Susceptibilidade tola.

—E não se contentando de espancal-o excessivamente, passar a facha a tiracollo e o mandar para a correcção!

—Mas V. não quer que os agentes d'authoridade sirvam ao menos para se desabafar?

LA VAE VERSO

MOTTE

Da pelle de um bem-te-v
O bibio fez um tambor,
Para ter com que rufar
Na porta de seu amor.

GLOSA.

Ia nas *mattas do Pambú*
Encontrei a um *macaco*,
Offerecendo tabaco
A seu compadre *teiú*;
Mais adiante um *tatú*
—De prazer não stava em si,—
Ajustava com um *quatí*
Para fazer-lhe um gibão,
Um collete, e um calção
Da pelle de um bem-te-vi.

Agora ando occupado,
Diz o *quatí* de repente,
Pois na *eleição* presente
Espero ser deputado;
Pelo que tenho gastado,
E por ser conservador
Devo sahir eleitor;
Si comsigo, oh! que folia,
Para applaudir este dia
O bibio fez um tambor.

Brada o *tatú* mui zangado:
Tôlo! deste engano fuja,
Vá chupar mel de coruja,
Qu' ha de ser taboqueado;
Sou candidato approvado;
Sua chapa heide furar,
A minha hade triumphar;
Disista da pretenção,
Tome a vaquêta na mão
Para ter com que rufar.

Em boas mettido estou,
Adeus minhas pretenções,
Leve o diabo eleições,
Mais quem tal cousa inventou;
Assim o *quatí* fallou,
—Possuido de furor—
Si taboqueado eu for,
De raiva abrasado, e cego,
Vou cantar o arrenego
Na porta de seu amor.

***

Á PEDIDO

—Esta taberna parece mais uma possilga, um cortiço de *lambisgueiras*, um valha-couto de bargantes e malandros do que uma casa de negocio.

—A policia já prohibiu os ajuntamentos nas vendas.

—Isso seria o menos, si quem passasse á noite Atraz da Sé não fosse obrigado a presenciar os *passos feios* que se dão por uma porta travessa sem a menor cerimonia. A sucia sahe da venda e vem para o corredor da loja fazer nella exposição de quadros que não estão em harmonia com a castidade.

—De noite só?

De dia tanto pinta o caixeiro como o amo. Do balcão a *baixolearem* as compradeiras, e a fazerem mil indecencias.

—Ninguem acreditaria ao ver os ares de *seraphim* que affecta!

—Outro dia quasi matam um menino.

—E' preciso pôr um termo a tudo isso.

—O muxingueiro é o remedio salutar para isso.

—Pois bem; vou recommendar-lhe que tome a sua conta semelhante pandega.

—Rapaz, aquelle cujo ja pagou o sacco de farinha ao pobre homem?

—Nem sombra!

—Que salteador! E' assim que torna-se um gallego destes millionario em pouco tempo!

—Eis-me prompto, capitão, para continuar com a historia do *Mellorio;* porem antes de entrar no amago do inventario da sogra, do qual é elle muito alto e muito poderoso inventariante, devo dar lhe alguns esclarecimentos para melhor poder apreciar do quanto é capaz semelhante tabareuzinho.

—Vamos com isso, pois hoje estou de pachorra, e o muxingueiro está doudo por trancafiar esse *Mellorio* no porão, e dar-lhe uma lecção em regra.

—Muito bem, isso mesmo é o que eu desejo. O inventario do sogro, *Mellorio* que era o conselheiro apostolico, o piloto dessa barca de traficancias, deu-o por findo, declarando que o mais ficaria para a sobre partilha, a qual cahiu em exercicios findos, por já se terem passado vinte e tantos annos, sem que mais nunca nisso se fallasse, mesmo porque *Mellorio* dizia, que nada mais havia para sobre partilha, porque os titulos das dividas caducaram, os trastes quebraram-se, os armarios e guarda-louças desmancharam se, os pratinhos do uso da casa os ratos roeram, e os ourinhos os gatos lamberam e as más linguas dizem—valha em tudo a verdade—que a sobre partilha foi feita de portas a portas, entre *Mellorio*, e seus dous cunhados.

—Fizeram elles muito bem, comprehenderam admiravelmente o preceito dos capadocios—*beatus est* quem possue, quem tem na mão é seu dono.

—Capitão, assumpte mais esse bocadinho: um dos taes cunhados de *Mellorio* mudou de provincia, e depois de alguns annos, la morreu solteiro, sem testamento, e sem deixar filhos, tendo deixado em poder da mãe um escravo; claro fica que a ella ficou pertencendo o escravo, por ser a legitima herdeira de seu filho, e tanto isso era legal, que, depois da morte da sogra do *Mellorio,* o outro cunhado deste; com o tal frade da mão furada, aconselharam, que em beneficio do casal se vendesse esse escravo ao governo para o exercito; pois sabe o que fez o infame do *Mellorio?* Avaliando tudo que a sogra deixou para o respectivo inventario, não avaliou o referido escravo.

—Homem, V. sabe, eu tomara ver o fim desse intrincado drama.

—Pois então, capitão, aprecie mais essa lasquinha. *Mellorio,* para remunerar os propheticos conselhos do tal fradeco, ou para recompensar as generosidades prodigalisadas em sua casa pelo sobredito cujo, conforme este mesmo blasona, diz que existe um papel sujo passado a mais de treze annos, o qual, sendo por todos os titulos nullo e propriamente papel sujo, por lhe faltarem todas as formulas de direito, quer agora ver se pegam as bichas, querendo denominar a esse

papellucho de doação ou patrimonio do tal fradeco, a ver si d'ahi lhe resulta alguma mamata; porem está enganado, porque esse papel ha de ser devidamente apreciado, e elles hão de ficar com cara de lacaios.

Eu quero tambem que V. Ex. aprecie o procedimento, e caracter do outro cunhado do *Mellorio*, o espertalhão do tal Sr. *Randolfe*, de quem tenho magnificos factos para narrar-lhe relativamente a esse inventario, e então ficará admirado de ver quanta retratação, e quanta falta de cumprimento de palavra, e promessa desse meninorio.

—Homem, lembrei-me agora que tenho de dar ordem para a balldeação do navio, portanto venha amanhan mais cedo para conversarmos.

—Pois bem, amanhan aqui me terá prompto para continuar a desembaraçar essa meiada, em que se acham involvidos, *Mellorio*, seu cunhado, e o tal fradeco. (*Continúa.*)

AO SR. SUBDELEGADO DO PILAR.

Prevaleço-me da imprensa para pedir a S. S. que, melhor se informando das leis de seu paiz, haja de sustar a ordem de prisão decretada contra Manuel Desiderio, visto que, si S. S. syndicar do facto que lhe serve de pretexto, conhecerá que elle não se acha involvido em culpabilidade alguma, e por tanto não pode ser constrangido a uma prisão illegal por factos que não praticou, pelos quaes, ainda quando fossem verdadeiros, não poderia o mesmo ser preso em face do aviso do ministerio da justiça de 2 de janeiro de 1865, uma vez que não existe queixa ou denuncia da parte que se diz prejudicada.

A imputação de alguns inimigos de Manuel Desiderio não deve produzir effeito no animo de S. S. para precipitadamente ordenar sua prisão, sem que elle fosse encontrado em flagrante, tornando-se assim S. S. echo dos caprichos de pequeninos inimigos que procuram desabafo a todo transe.

Publicando o alludido aviso, tenho em vista mostrar ao Illm. Sr. subdelegado a illegalidade da ordem de prisão lançada contra Manuel Desiderio, sem que este para isso desse causa.

Um dos requisitos mais necessarios na authoridade é ser prudente, circumspecto, e não se deixar levar por informações levianas e sem criterio, em vista do que espera-se que S. S., reconsiderando o seu acto, ponha os olhos somente na lei.

O inimigo do arbitrio.

—

«Rio de Janeiro.—Ministerio da justiça 2 de janeiro de 1865.

Illm. e Exm. Sr. —Sendo necessario evitar e cohibir os abusos contra a liberdade individual, praticados ja por prisões preventivas fora dos casos que a lei permitte, ja aggravando-se as prisões com a demora das formações da culpa, ou dos processos para concessão das fianças, manda S. M. o Imperador, que V. Ex. recommende a todas as authoridades policiaes, e criminaes d'esta provincia, que somente pode decretar prisões antes de culpa formada em actos de flagrante delicto, e contra os individuos indiciados em crimes inaffiançaveis como é expresso no § 8.°, art. 179 da Const., arts. 131, 175 do Cod. do Proc. Crim., art. 111 do Reg. 120 de 31 de janeiro de 1842. As prisões pelo motivo vago de indagações policiaes são manifestamente illegaes, e mesmo os presos em flagrante delicto, somente serão recolhidos a prisão, ou n'ellas conservados, nos casos specificados no art. 133 do Cod. do Proc. Crim., cuja observancia, assim como a do art. 132. V. Ex, tambem recommendará, que a disposição do art. 175 do mesmo cod. sendo facultativa, e dependente do criterio da authoridade competente para ordenar a prisão, aquella só deve decretar quando pelas provas ou indicios que colher, convencer-se de que o individuo praticou um crime inaffiançavel, não bastando para isso a simples apresentação de queixa ou denuncia por crime inaffiançavel, ordena o mesmo Augusto Senhor, que V. Ex. faça responsabilisar as authoridades, que não cumprirem quanto aqui se recommenda, e que para facil inspecção determine V. Ex. as referidas authoridades que lhe enviem no principio de cada mez um mappa de todas as prisões que tiverem decretado no mez anterior. D. G. a V. Ex.—*Francisco José Furtado*.—Sr. presidente da provincia de...

DECLARAÇÃO

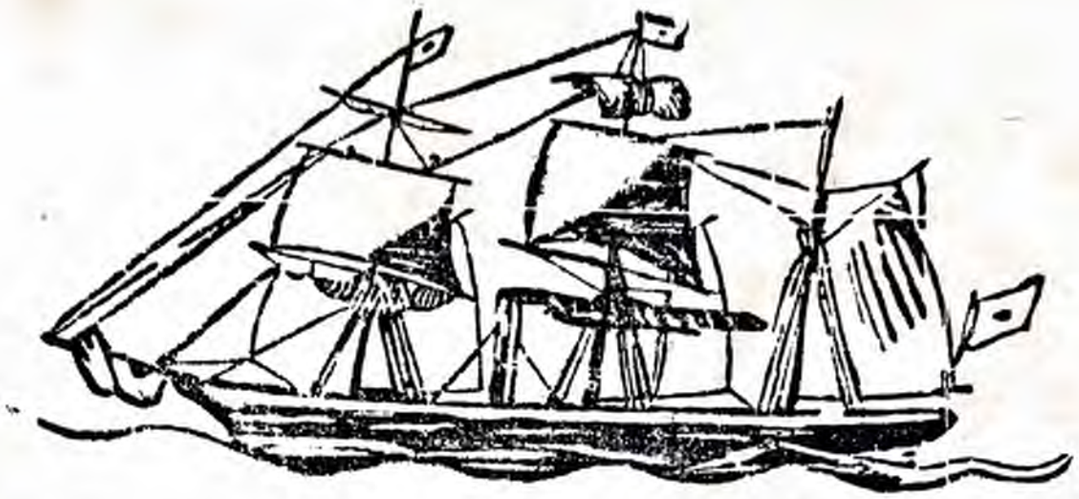
A empreza da publicação do *Rocambole* tem o prazer de annunciar ao publico que os taes sete volumes annunciados á venda abrangem apenas a primeira parte dos Dramas de Paaiz, pele preço de 10$500, parte que nós mesmos publicamos por menos 5$ rs., pois que estamos a terminal-a.

—

Distribuiu-se hontem as folhas 45.ª e 46.ª do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

O professor Adelino da Silva Oliveira declara que mudou a sua aula de primeiras lettras para rua dos Algibebes n.° 9.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 52

Preço á assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 5 DE JUNHO DE 1869. N. 513.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de junho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguesia de Sant'Anna, pedindo-lhe que empregue meios, afim de fazer dispersar uma sucia de moleques que se reune todas as noites na porta da egreja matriz, na occasião em que ahi se celebra as trezenas de Santo Antonio, á pintarem o *piriúta*. Espera-se providencias.

—A sociedade dos Veteranos da Independencia acaba de offerecer ao professor Francisco Alvares dos Santos o diploma de seu socio honorario.

—Foi bem merecido; o professor Alvares dos Santos é um patriota ás direitas.

—Uma distincção destas honra mais do que quanta condecoração anda ahi pelo peito de muito tratante.

—Quanta consternação, meu Deus!

—O que aconteceu, homem?

—Que quadro horroroso!

Quatro envenenamentos n'uma casa!

—Santo Deus! Em que logar?

—Na Rua do Paço, em casa do Sr. Antonio José de Castro.

Uma preta que vendeu, enganada, mandioca por aipim.

—Que lastima!

—Duas creanças já expiraram e duas estão para isso.

—Que fatalidade!

Deus queira confortar o desolado pae em tão apertado transe.

—Em tudo ha de apparecer a maldicta politica.

Alguns cidadãos entenderam crear um regimento intitulado—*Regimento Argollo*—sem ideia politica alguma, e deitaram uma subscripção na loja do Sr. Alipio, á rua Direita de Palacio, na qual se acham assignados homens da politica conservadora e liberal.

—Mas o que tem isso; o que quer V. com essa sua catilinaria?

—Eu me explico.

Alguns conservadores, entendendo que ahi ha ideia politica, pretendem tambem crear um regimento denominado—*Duque de Caxias*.

—Já ouví um conservador fallar nisso, e me convidou para esse regimento, que tem de se formar no largo Dous de Julho.

—E V. Ex. acceitou o convite?

—Eu? Pois eu vou lá me envolver em um regimento que tem o nome do *grande valentão* do Paraguay? Era preciso que eu fosse um asno.

—O que elles estão procurando é uma desharmonia para a noite do dia 5 de julho.

—E' o que me está parecendo.

Diabo leve estes politicos de borra! Elles são causadores do atrazo do Brasil!

—Capitão, ouça o barão de S. Lourenço, passando uma sarabanda no duque de Caxias, que disse que o que restava fazer da guerra era missão de capitão do matto.

—Estou attento.

—Veja:

SENADO

Sessão em 22 de maio.

Presidencia do Sr. visconde de Abaeté.

O Sr. Barão de S. Lourenço.—.....

.....

«Ora, quando nossas tropas tem uma missão desta ordem, *não é licito dizer-se* que a campanha está reduzida ás condições de guerra de capitães do matto (*apoiados dos Srs. Paranaguá e Zacharias*,) não é isso o que nosso exercito está fazendo; a campanha actual tem por fim, e grande fim, assegurar o fructo de nosso triumpho (*apoiados dos mesmos senhores*,) prevenir que nossas victorias não sejam inutilisadas, como podem ser, até por algum descuido. A campanha actual, pois, é tão honrosa como a anterior.»

—A accusação não pode ser mais formal, nem partir de melhor fonte.

—Por la se avenham.

—A assembléa provincial de Pernambuco acaba de dar uma prova de elevada animação ao principio de nacionalidade.

—E' o que serve.

—Approvou no dia 18 do passado, em segunda discussão um projecto, que só permitte serem empregados nos estabelecimentos da Santa Casa, brasileiras e brasileiros natos.

—Bravo! Isso é que chama-se acrysolado patriotismo!

Que differença da assembléa desta provincia que está a esgotar os dous mezes em puerilidades; cada deputado a lançar recriminações ao governo deixando o bem-estar do povo a parte.

Qual foi o projecto de utilidade que apresentaram? Concessões de loterias, aposentadorias e discursos acintosos.

—Tem apparecido graves accusações contra as intituladas irmans de charidade que lá, como aqui são a mesma cousa.

—Isto é, um fardo mofado, uma edicção barata do jesuitismo.

—Uma folha exprime-se assim a respeito:

«Consta terem sahido da casa dos expostos, meninas pardas e pretas para criadas, e que ahi andam indecentemente pelas ruas, como captivas.

Em um quarto escuro, esteve uma menina de 7 annos, quasi morta á fome, por ter faltado o respeito a superiora, e me dizem que o Sr. Pireti a conservou n'este estado para não perder, a tal superiora, a força moral.

As expostas são muitissimo maltratadas, a ração porca e miseravel, que lhes dão as irmans de caridade, não chega para se alimentarem em tanto um irmão da Santa Casa fiscalisando, em quanto que achou para alimento das expostas, em um dia de preceito, bacalhau, e umas pernas de carangueijo, indo á dispensa, encontrou magnificas cavalas, doce, queijo de todas as qualidades, e muito vinho, para tratamento das irmans de caridade, e doces de todas as qualidades, tanto nacionaes como estrangeiros, conservas, o quanto regalo se poderia apetecer.

E' para isto que se expelle d'essas casas as brazileiras?

Não procuremos saber o que fazem as irmans de caridade aqui. Digam-me, vem de França buscar-se brasileiras para as obras de charidade que la se praticam? é possivel soffrer-se o insulto de meia duzia de velhacos, que fazem melhor suas obras com os estrangeiros, e que não confiam nos brasileiros; insulto que offende a honestidade, moralidade, recato, e aptidão de nossas patricias?

—Muito bem! E' preciso enxotar essas vestaes dos boulevards.

Do *Diario do Povo* transcrevemos os versos, que os soldados cantam em Assumpção nas horas de recreio.

São estes:

Quem chegou até a Assumpção
Acabou a sua missão!
Si o Lopez ficou no paiz
Foi porque o marquez o quiz!
Quem marchar pr'a Crodilheira
Faz uma grande asneira!

Pobre gente, que, descontente e desesperada da sua sorte, ja faz da *bulha*, *chacota*.

—Si no Brazil se procedesse assim, o peculato não seria a norma de muito empregado publico; a venalidade e o suborno não andaria tão em moda.

—Que razão tem para dizer isso?

—Faço estas reflexões ao ler este trecho da correspondencia de Londres, para o *Jornal do Commercio*:

«—Teve logar ultimamente o julgamento perante o jury de dous empregados do almirantado accusados de terem recebido dinheiro de um negociante afim de preferil-o no fornecimento de madeiras para um dos nossos arsenaes. Provado o crime, foram condemnados.»

—Meu charo, isso é la na Inglaterra, paiz de excentrecidades; aqui passa-se a mão pela cabeça do empregado corrupto e acaricia-se-o até; o serventuario honesto morre na obscuridade.

Á PEDIDO

—Um logista, muito tratante, sendo visinho de um outro que não usava das suas tricas, causava-lhe isto terrivel encommodo, e procurava por todos os meios logral-o, ja arrancando-lhe os freguezes, ou desacreditando-lhe os generos.

Um dia, chegou á loja do modesto negociante uma preta a procurar botinas para creanças, e de feito levou uma caixa dellas

para escolher; porem não sendo a dita preta quem voltasse com as botinas e a importancia de um par que ficou por engano, o portador foi entregar na loja do tal *esperto*.

Este encaixou um par dos alcaides que tinha para vender, e filou os cobres do par de botinas vendidas e com todo descaro foi entregar a caixa de botinas na loja de seu visinho, dizendo que por engano levaram na sua e que a preta dissera que as botinas não serviam!

—Quanto desfaçamento!

—O logista lesado, que ja conhecia a boa rolha do visinho, tratou de averiguar o caso e chegou ao conhecimento da tratantice, pondo tudo em pratos limpos.

—E o sugeito ficou com a cara maior do que a de um cavallo!

—O que para elle vale tanto como um copo de doce.

Quem não tem vergonha todo mundo é seu.

Pede-se ao marôto, ilhéu, (espião de policia) que caide na sua taberna, afim de tirar a subsistencia para sua familia, e poder dar conta de si aos credores, (*ainda que ja seja proprietario*) e não se metta com tanto interesse na vida alheia, (quem tem rabo não se assenta) nem introduza tanto o nariz no *O* do subdelegado do districto dos Mares, que pode o seu narigão, de alguma vez, sahir com as ventas tão cheias que morra asphyxiado.

Trata de ti, meu seboso, que é preciso: não faças do teu balcão, á noite, recreio da familia; fecha tua venda ás *nove* horas como fazem os outros que não são aduladores, e finalmente, bruto, malvado, não battas no teu filho a miudo, a ponto de deixal-o descadeirado, nem em tua esposa com um feixe de lenha, como fizeste na penultima semana, cujo resultado foi abortar no dia seguinte.

Rosa do Monturo.

AO PUBLICO.

Tendo o coronel Domingos Rodrigues Seixas levado em sua companhia para a côrte o pardinho Eloy, despachando-o cavillosamente na repartição da policia como seu escravo, quando elle se acha mantenido em sua liberdade por despacho do juizo municipal da primeira vara desta cidade, previne-se disto ao publico desta provincia e da côrte, para que ninguem contracte a compra do dito menor, visto como sua mãe está disputando a favor de sua liberdade com o coronel Lourenço de Souza Marques, que á pretende reduzir a escravidão.

Ignora-se a forma miraculosa por que conseguiu o coronel Domingos Rodrigues Seixas, justificar na policia o dominio do referido menor e obter o seu despacho para fora da provincia; o que é certo é que, achando-se elle em companhia de sua mãe, desappareceu de uma noite para o dia e foi *precipitadamente* despachado como escravo e embarcado.

Prevenindo-se ao publico para que não caia na esparrela de fazer uma compra evidentemente nulla, tem-se tambem em mira invocar a salutar attenção do digno Dr. chefe de policia para semelhante facto.

—O' sôr cara de cholera morbus, está satisfeito?

—De que? Porque?

—Conseguiu o seu intento...

—Estou tão fora!...

—Não comprehende?!

Bem diz o adagio—que quem dá se esquece.

Mas si eu não dei em ninguem, senhor.

—Ora, vou lhe contar uma historia, para ver se cahe em si.

Nesta Latronopolis ha um ente, verdadeira figura de espantalho, cor de cêra do Santo Sepulchro, um typo, que, ao encaral-o, inspira tedio e asco. Seu talhe é o de um deforme esqueleto; assemelha-se a um fugitivo da colonia do padre Varella.

Traja sobre-casaca abotoada, calças brancas ou de ganga e guarda-sol debaixo do braço.

E' sua predilecção aspirar a brisa embalsamada da *praia*.

Ao vel-o de penna atsaz da orelha, acredita-se que *é um escrivão*.

Não sei si é a preguiça que habita nelle, ou elle *habita na preguiça*.

Tem entranhas de cão damnado; malfazejo como um sicario.

Da bocca de cancella escancarada, so vomita bilis e improperios contra todos os caracteres.

O individuo de quem trato apaixonou-se perdidamente por uma deidade cor de cobre, a qual, si lhe dá attenção, é para sugar-lhe os cobres, mesmo que a sua edade não lhe permite obter mais.

Paiorra venitente, vive a fazer *arrelias* com a volavel rapariga, e coitado do vivente, de quem elle desconfie de que por accaso levantou os olhos para ella.

O pobre é victima do mais entranhavel odio, e o hypocrita põe-se de *tuela* á espreitar occasião, em que possa exercer uma vingança cobarde e occulta, tirando a sardinha com a mão do gato.

Condescendendo com os caprichos e imposições da inconstante Dalcinéa, entende que

deve voltar seu rancor para aquelles contra quem seu desordenado zelo infunde suspeitas.

Preste-me bem attenção, porque é aqui que a historia entra em seu periodo interessante.

Foi recrutado, á pretexto de mau comportamento, um rapaz, homem que, apezar de viver na cidade, tem habitos *silvestres*.

Si elle era bem ou mau comportado, não importa.

O que lhe posso affiançar é que o tal pae de egoas, dominado por vil e baixo resentimento que lhe gerava o mais nojento ciume, achou que era azado o ensejo de tirar uma vingança infame, que elle aspirava ha muito tempo, e descartar-se daquelle que elle julgava perturbar-lhe a inteira posse de sua deusa.

Foi ao chefe de policia, fez a mais negra descripção da conducta do rapaz. fel o chefe da quadrilha do vivo, disse que era o mais perfeito ladrão de gazua, que em sua casa tinha escadas de cordas, caponas e todos os utensis necessarios aos larapios. Intercedeu, pediu, rogou; empenhou o valimento de seu irmão que então andava no *estrangeiro* feito *ministro*, e afinal conseguiu que o homem fosse para o sul, não lhe valendo, o ser filho unico de viuva e sustentar sua mãe, o ser sargento da guarda nacional e prompto, a requisição dos seus commandantes, a inspecção emfim de saude. (*Continúa*).

VARIEDADES

EPIGRAMMAS.

A' UM CANTADOR.

«Tua mulher morreu hoje,
E tu andas a cantar?
—Hoje canto por dinheiro,
Para poder a enterrar.—

A' FILHA DE UM ESCREVENTE.

«Teu pae por dinheiro escreve
De dia aos advogados,
Tu escreves noite e dia
—Gratis— para os namorados.

Certa senhora acostumou um filho a nunca ser contrariado em desejo algum por extravagante que fosse, de maneira que o malcriadinho era uma furia contra qualquer que lhe negasse uma cousa. Estando um dia essa senhora em boa companhia de visitas, ouviu no proximo jardim os brados raivosos do filho que repetia em gritos:

—Quero ella! Quero ella!

A mãi corre ao jardim, rompe em injurias contra o criado—á esta hora, tratante, negaste alguma cousa a meu filho; que desaforo!... dê-lhe ja o que elle quer.

Nisto chega o marido e mais companhia e perguntaram: Que é isto? O que foi? Que aconteceu? O criado respondeu calmo: Senhoras, o menino viu a lua dentro d'agua deste balde, quer por força que eu pegue a lua e que lh'a dê.—Todos dispararam a rir, mas a mai ficou tão corrida e envergonhada que dahi por diante mudou de systema em tal criação de filhos.

CHARADAS TIBURCIANAS.

O cavallo côr de ganga (2) da filha de minha filha (2) vae na bocca da espingarda.

—

Nota (1) que decide a sorte no jogo (2) e faz sentinella.

—

Aqui (1) depressa (1) dá uma fructa.

—

A mulher que não é boa (1) agarra com cinco dedos (1) n'uma boa fructa.

—

Pé de animal (2) que levanta caça (1) serve para comprar os melões.

ANNUNCIOS

AULA DOUS DE JULHO.

Este novo estabelecimento de educação, preparado com todo esmero, pelo seu proprietario o professor Adelino da Silva e Oliveira, acha-se mudado para a freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, e funcciona na casa n. 9, á rua dos Algibebes; onde foi a eschola do finado professor Paula Amor, e tambem do Sr. Ladislau.

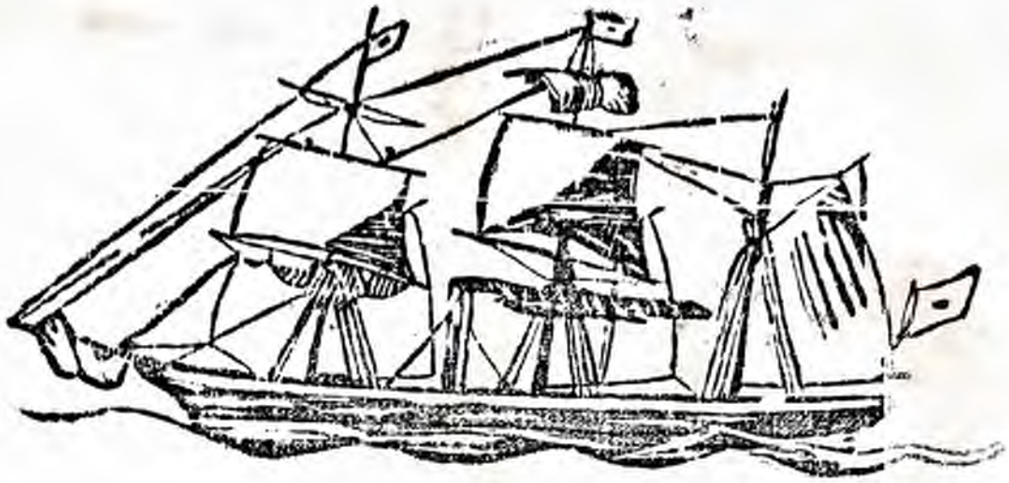
Ahi ensinar-se-ha primeiras lettras e dansa (por ora), e alem destas aulas haverá á noite um curso da lingua franceza, principiando do 1 de junho.

Para o ensino primario, o mesmo professor tem adoptado o 1.° e 2.° livros de leitura do Dr. Abilio, director do Gymnazio-Bahiano, a Constituição politica do imperio, e o desenho linear de sua composição.

O ensino primario será feito em uma só sessão, das 8 horas da manhan ás 2 e 1/2 da tarde.

Cosme Damião de Santa Rosa, convida a seus amigos e aos do fallecido Estevão José Chrispim do Rosario a assistirem a missa que pelo repouso eterno do mesmo se ha de celebrar segunda feira 7 do corrente na egreja matriz de Sant'Anna.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 52
Preço á assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 9 DE JUNHO DE 1869. Ns. 514 e 515.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de junho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado inspector do theatro, pedindo-lhe que, por seu intermedio, seja advertido o emprezario da companhia lyrica, a ver si é possivel arredal-o da ridicula economia de conservar o theatro em trevas até depois de sete horas nas noites de espectaculo.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, dando-lhe sciencia da vida desregrada que levam duas *centopeias* á rua de Baixo n. 16, alcunhadas por *Mariquinhas e Chiquinha*, as quaes transviadas de todas as regras de decencia, praticam actos revoltantes e indecorosos, como na noite de sabbado em que sem respeito a moral proferiam as mais obscenas palavras. E' de justiça que S. S. as faça conter.

Portaria ao muxingueiro Evaristo, ordenando-lhe que, munindo-se de um sortimento das suas infalliveis bollas, saia pelas ruas desta cidade a administral as á multidão de cães que atormentam ao publico. Cumpra.

—Estas missas pedidas.....

—São uma especulação inventadas pela ociosidade.

—Um meio de vida, muito em moda actualmente, adoptado pelos vadios.

—E sanccionado pelos nossos padres!

—Que dahi fruem interesses; é uma especie de ganha-pão para elles.

—Tão intolerantes que são, entretanto que animam, pelo exemplo, uma industria torpe!

Jesus Christo, que generosamente derramou seu sangue para libertar a humanidade, é collocado debaixo de um ponto de vista vil e interesseiro!

Por uma garrafa de azeite ou uma vela de libra faz apparecer objectos perdidos, por uma missa pedida cura qualquer molestia!

—O Senhor das Misericordias que perdoa os peccados do mundo, recebendo dadivas para fazer milagres!

—E ha até quem leve a hediondez de fazer promessas para que o amante arrufado volte, para a realisação de um casamento etc.!

—E os padres vão approvando e até propagando essas ideias em seu proveito; e recebendo o producto das promessas.

—O resultado é que, si um ou outro, em boa-fé, tira missa pedida para *pagar* a Deus, por intermedio do padre que chupa os cobres, o milagre que lhe fez, uma alluvião de espertos faz disso meio de vida, illudindo a charidade publica!

—Nas quintas feiras sobe de ponto; uma chusma de pedintes, machos e femeas, abalroam o publico com as missas pedidas para o Senhor do Bomfim.

—Ainda dado que o Ser Supremo fosse tão avaro que vendesse milagres, ou sou de opinião que so devia prometter quem tivesse para dar, e não prometter para depois andar atropellando os outros.

—Uma vez que quem tem obrigação fecha os olhos ao escandalo, olhando so para o lucro que resulta, resta pedir a policia que tome á sua conta essa immensidade de pedintes que cruzam as ruas de pratinho na mão, a tirar missas pedidas.

—Ora veja:

O governo brasileiro que pouco se lhe dá com a instrucção de seus patricios, que a difficulta mesmo, creando pesados impostos, impossibilitando assim que quem é pobre, se matricule em qualquer aula de instrucção secundaria.....

—Tem muita razão.

—..... que deixa immensas de nossas povoações centraes sem a educação primaria; tem a fertil lembrança de crear escolas de primeiras letras para os prisioneiros paraguayos.

—E' muito bom isso!

—O que lucra o governo que os prisioneiros paraguayos saibam ler, quando elles, finda a guerra, necessariamente voltarão a seu paiz?

—E que não voltem.

—E isso quando nossos infelizes patricios Ja são tratados como cães; quando brasileiros de consideração, escravos no Paraguay, são votados a pesados e ignominiosos trabalhos; são açoitados; aqui manda-se ensinar a ler aos paraguayos prisioneiros, sobrecarregando o povo com essa despeza mais!

—Que vergonha! que miseria!

—E o que é mais, o Sr. D. Pedro 2.º anima essas escolas com sua presença!

Ouça o *Jornal do Commercio* e cubra o rosto de pejo:

«Visitas imperiaes.—S. M. o imperador, acompanhado de seus semanarios, visitou hontem a escola militar da Praia Vermelha; assistiu ás lições das aulas preparatorias de mathematica e de portuguez *e da escola de primeiras letras dos prisioneiros paraguayos...*»

—Entretanto a provincia do Piauhy e outras não tem uma aula de instrucção secundaria!

—Foi a assembléa no sabbado?

—Fui; tomei assento nas galerias.

—O que houve por lá de importante?

—Homem, o que vi de mais foi o Dr. Freire debruçar-se na meza e pôr-se a dar apartes, e como o presidente d'assembléa o advertisse que elle não podia dar apartes da meza, que fosse para as bancadas, elle respondeu asporamente ao presidente.

—E este não o chamou a ordem?

—Chamou-o, dizendo que esperava que não o obrigasse á fazer com que elle mandasse ler o regimento interno.

—«Que me importa com o regimento, respondeu o Dr. Freire.»

—«Não me faça usar dos poderes que me confere o regimento da casa, pois que V. Ex deve ter um caracter *digno* de representante que é da provincia, disse o presidente.

—«*Indigno* é elle! A palavra *indigno*, torna-se digna de seu caracter, retorquiu o Freire.

—«Attenção! attenção!

«Chamo á ordem o nobre deputado, disse com força o presidente.»

—O Dr. Freire não teve razão, por que isso é um proceder improprio de um representante da provincia.

—Apoiado!

—Capitão, um meio facil dos proprietarios cobrarem de seus inquilinios os alugueis de suas propriedades!

—Temos cousa! Qual é elle?

—E' uma lição que acaba de dar o Sr. Correia com padaria a Estrada Nova.

O Sr. Correia tem uma casinha velha, verdadeira arapuca, junto ao becco do Ferrão que alugou a uns ferreiros, e como estes lhe estivessem devendo alugueis, na sexta-feira, indo cobral-os, e os sujeitos não tendo para pagar, agarrou nos pés direitos da *droga*, e deu com parte della em baixo.

—Safa! Nem o Nicolo dos Dramas de Paris tem tanta força!

—Os ferreiros correram carregando toda ferramenta e foram se refugiar no Paraguay.

—Já Lopez não é tão mau como se diz, que consentiu aos ferreiros ficarem em seus dominios trabalhando!

—Não é o Paraguay, o paiz governado pelo despota Lopez, é um logarejo mesmo na Estrada Nova, onde o Sr. Para-assù fez uma porção de casinhas, que se denomina assim.

—Ora vá elle!

—Ora entenda-se os politicos desta terra

O centro liberal composto de senadores aconselhou ao povo que não tomasse parte nas eleições.

O conselho de abstenção fundava-se no argumento de que no estado de compressão a que a dictadura arrastou o paiz, era improficuo e até perigoso entrar no pleito.

O povo abandonou as urnas.

—Entretanto agora são os proprios sena-

dores que vão com suas presenças sanccionar os actos da dictadura!

—Ainda depois de vencidos na sessão de 17 do passado, em que o governo deixou bem patente a impotencia dos senadores dissidentes para arrancar-lhes qualquer reforma, continuam elles com suas presenças a reconhecer e legalisar os actos de prepotencia da dictadura!

—E creia o povo em tal gente!

—Capitão, um barulho na ladeira do Carmo.

—Em que dia?

—Hontem, 7.

—Quem fez o barulho?

—O portuguez Vicente Ferreira, que deu terriveis pauladas em sua mulher.

—Um marido que exemplifica sua chara metade! «Que nos importa isso?

A policia que tome conhecimento do facto.

—O barão de S. Lourenço este anno deve estar impagavel!

—Ja principiou no senado com as suas anecdotas e historias *bernardas*. no que é insigne.

Começou fazendo rir aos senadores e povo das galerias com a historia que contou, de que *chorou* muito quando foi receber na ponte de Riachuelo, o general Argollo, á quem disse elle, ter creado de —pequenino—sendo depois o seu perceptor, etc, etc.

—Ora esta!

Quem perguntaria ao nobre barão por tal historia?

—Que quer V.? E' preciso que haja sempre um que divirta os outros.

—V. Ex. foi a assembléa assistir o discurso do Dr. Silva e Almeida?

—Fui; fiquei enthusiasmado pela maneira porque elle orou.

—Então faça-lhe um elogio?

—Não precisa; o nome do distincto orador faz todo seu elogio!

—Dizem que distribuiram pelas galerias uns pasquins contra o honrado orador, e que lhe deram alguns assovios.

—Ah! isto partiu de uns *capachos* conservadores que lá estavam de proposito para fazerem anarchia; no entanto que o governo mandou uma força maior que a do costume para assembléa, suppondo haver algum barulho; mas, felizmente, si houve anarchia foi tramada pelos seus proprios *rabo-levas*.

—Consta que o Dr. Zama protestou contra o procedimento do governo, de ter mandado maior força sem requisição da meza.

—E fez muito bem em protestar.

—Mas em resultado, o povo o que ganhou?

—Nada, como sempre.

—Sobre a impopularidade desta guerra com que ha cinco annos flagella a este pobre povo, o governo do Sr. Pedro 2º, diz a *Opinião Nactonal:*

«Cada dia mais que decorre vae a guerra do Paraguay despindo o caracter nacional que se lhe emprestara, para revelar o caracter pessoal que lhe deu origem.

«E' sabido que Lopez pai, querendo constituir para seu filho F. Solano uma monarchia no Paraguay, com acordo previo e especial agrado do Sr. D. Pedro II. sentira mais a necessidade, para divinisal-o entre os *divinos*, de uma ALLIANÇA com a familia imperial.

»Lopez tinha, como tem, todos os predicados de um tyranno; faltava-lhe somente a consagração do sangue real.

«E o Sr. D. Pedro II, que tanto afagava e que era o apoio da nova monarchia paraguaya, foi tambem escolhido para contribuir com o sangue que, no conceito do guarany, devia dar-lhe a sancção da purpura.

«Lopez não queria ser imperador como Faustino Soluque; mas como Napoleão I, commetteria um repudio para aparentar-se com a casa d'Austria.

«E a coroa paraguaya, divinisada por essa alliança de familia, seria tambem, no caso de luta com as republicas, inevitavelmente sustentada pelas armas brasileiras.

«Offerecendo a sua proposta, Lopez evita a confusão dos dous imperios.

«Mas a logica do futuro rei guarany foi tomada como uma grande affronta pelo visinho protector.

«A nota respectiva, ja então no governo de Solano Lopez, não teve ao menos as honras de uma resposta qualquer, até que cançado de esperar, o enviado paraguayo regressou sorrateiramente para o seu paiz.

«Feridos profundamente, o imperio pela insolencia de Lopez e Lopez pelo despreso do imperador, ateou lhes o mais vivo odio latente e reciproco.

«Lopez que se armara cuidadosamente para inaugurar a monarchia paraguaya absorvendo territorios visinhos (eis porque o Brazil nunca se preveniu contra esse extraordinario armamento!) desde então premeditou vingar-se.

«Nesta situação... Falle por nós o confidente familiar do Sr. D. Pedro II, o celebrino Sr. general Webb.

Nesta situação:

«O novo presidente nomeado para Matto-Grosso, o Sr. Campos, teve de tomar o vapor *Marquez de Olinda* e seguir para o seu destino. Tendo forçosamente de passar pela Assumpção, capital do Paraguay, cujo governo estava em relações de amisade com o Brazil, e onde residia um de seus ministros devidamente acreditado, o *Imperador entregou-lhe uma carta autographa dirigida ao presidente Lopez, partecipando lhe em termos muito amigaveis e como acto de cortezia, que tencionava casar a princeza imperial e sua irman*
a—PRINCEZA LEOPOLDINA.—»

«Era a primeira resposta que recebia Lopez ao seu pedido de casamento!

«Estava cheia a medida! A explosão foi rapida!...

«Continue o Sr. Webb:

.....

e que em consequencia disso, declarava que desde aquelle momento, o Paraguay estava em pé de guerra com o Brazil que o vapor *Marquez de Olinda* ficava tido como presa, o presidente Campos e todos que se achavam a bordo seriam como prisioneiros de guerra. O vapor foi incontinenti e o presidente Campos feito prisioneiro e remettido para o interior: desde essa epocha até hoje, quasi tres annos, nada se sabe delle, nem o destino que teve.»

Apreciando nesta parte com o seu reconhecido talento a decantada nota do Sr. Webb, o prestimoso collega do *Diario Fluminense* opina do seguinte modo:

«Estas revelações do Sr. Webb, feitas assim ao paiz inteiro nas collunas do *Jornal do Commercio* teem por fim fazer saber que—o facto da communicação do casamento das princezas em termos de cortezia, foi o motivo estrondoso de estrondosa explosão das iras do presidente Lopez contra o Brazil, e dos seus actos immediatos de hostilidade!

.....

«Algum acto de Lopez, do qual só o imperador teria então sciencia, entendente com os casamentos, e de que nunca dera conhecimento ao paiz, não considerado, e respondido directa e francamente, provocára a guerra com o Paraguy!»

O caracter pessoal dessa malfadada guerra ainda mais se denuncia desde que o imperador confiou-a a seu proprio genro.

Conscio da affronta feita ao chefe da divindade brasilica, o Sr. conde d'Eu se vingará e vingal-o-ha certamente melhor do que o seu ajudante de campo.

Uma correspondencia de Montevideu accrescenta:

«Na mobilia encontrada na alfandega de Buenos-Ayres, pertencente ao dictador do Paraguay, mas dirigida á Mme. Lynch, a qual foi posta em leilão nesta semana, achou-se o molde em gesso de uma corôa imperial, que tem dado logar á muitas conjecturas.

«Suppõe-se ter sido encommendada por Lopez para mandar preparar para elle a coroa que pensava cingir quando realizasse o seu projecto de dominação no Rio da Prata.»

LA VAE VERSO

O QUE E' A POLICIA?

Ando tonto e atrapalhado
C'um problema endiabrado;
Mas de interesse geral.
Dae-me, ó sabios da escriptura,
De uma tal magicatura
A resolução cabal.
Quero o valor deste—X—!
No Brasil onde se diz
Que o systema é liberal,
O que é a policia?
Grandes doutores,
Legisladores,
E vós, senhores
Governadores,
Resolvei-me este problema,
Respondei-me sem malicia,
No nosso systema
O que é a policia?

E' bicho que tem de seu
Mais braços que Briareu;
Mais pernas que a centopeia;
Um nariz digno de estudo,
Pois é nariz que *cheira tudo*,
E que em tudo latrapeia;
Tem mais olhos que um mosquito...
Sendo alem do que está dito,
Aranha de immensa teia,
Eis a policia!...
Grandes doutores,
Legisladores,
E vós, senhores
Governadores
Resolvei-me este problema,
Respondei-me sem malicia,
No nosso systema
O que é a policia?

Delegados e inspectores,
Pedestres e agarradores,
Seus braços e pernas são;
E esse exercito chibante,
Forma a teia em que ella ovante,
Envolve toda a nação;
E é dos seus olhos sem fim,
Cada olho um beleguim,

Um disfarçado espião;
Oh, que policia!
Grandes doutores,
Legisladores,
E vós, senhores
Governadores
Resolvei-me este problema,
Respondei-me sem malicia,
No nosso systema,
O que é a policia?

Sustento que é cousa feia;
Sem tratar da vida alheia,
Que a policia hoje em dia,
Na politica enterra o dente,
No civel tem força ingente,
Nas eleições faz folia,
No municipal penetra,
Na imprensa, tal... et cet'ra
Ostenta soberania...
Oh, que policia!
Grandes doutores,
Legisladores,
E vós, senhores
Governadores
Resolvei-me este problema,
Respondei-me sem malicia
No nosso systema
O que é a policia?

Doceira como ella só;
Em fazer um pan-de-ló,
Não a egúala ninguem, não!
E faz gosto ver a arte
Com que ás fatias reparte
Pela gente de feição!
Por isso, em geral conceito,
Ella é com todo o direito
Mestra da conciliação.
Oh, que policia!
Grandes doutores,
Legisladores,
E vós, senhores
Governadores
Resolvei-me este problema,
Respondei-me sem malicia
No nosso systema
O que é a policia?

E ainda com poderes tantos,
Apezar de taes encantos,
Que a põe ácima da lei,
O que a policia tem feito,
Do nosso povo em proveito?
Palavra, que pouco sei,
Dorme sempre e tão ferrada
Que é raro vel a acordada,
Si alguem grita aqui d'el-rei!
Oh, que policia!
Grandes doutores,
Legisladores,
E vos, senhores
Governadores
Resolvei-me este problema,
Respondei me sem malicia,
No nosso systema
O que é a policia?

Que indolente tinha sido,
Que quasi sempre dormido,
Tenha para nosso mal,
Que a policia ande á tôa,
Que não seja, má nem boa,
Que a liberdade é fatal,
Digam lá o que disserem; —
Seja tudo o que quizerem
Mas não é constitucional,
Esta policia!
Grandes doutores,
Legisladores,
E vòs, senhores
Governadores
Resolvei-me este problema
Respondei-me sem malicia,
No nosso systema,
O que é a policia?

(*Extr.*)

Á PEDIDO

—Diz o *Radical Paulistano:*

«Licção approveitavel.—Pensa o Sr. D. Pedro 2.º que não se deve fazer a paz com o Paraguay sem *depor* Lopez. S. M. pensa bem, quando o mal vem de cima é necessario *depor* o *chefe*.

Decoremos esta licção.»

—Capitão, que pepineira!

—Ja vem V.?

—Não, capitão, este mundo é para quem sabe viver; quem é tolo anda sempre com a pelle na barriga.

—Homem, não me esteja a martelar a paciencia; si tem o que dizer desembuche.

—Quer saber de uma nova?

—Diga.

—Appareceu um sujeito que vota ogerisa aos quebrados.

—Não entendo.

—Um cujo que só paga conta redonda; as fracções chama a sua folha.

—Costumes do Sul.

—Mas nós estamos em Latronopolis.

—Ao passo que o homem faz de conta que está lá!

—Neste caso é preciso que a *policia* ande alerta com o cujo.

—O melhor é os prejudicados reclamarem.

—Bem bello! Só si V. Ex. não soubesse o que é uma insubordinação.

—Mas então o que é elle?

— Chefe da *companhia da frente*.

—E' a primeira vez que ouço fallar nella.

—Quando eu digo que a *policia* de V. Ex. está atrazada...

—Quer saber, não me masse; vá se queixar ao Almeida do trem.

—Ou ao Barboza dos *permanentes* que é o mesmo.

—Sr. *Moreirinha*, que acção triste!

—O que foi, Sr.?

—Pois V. tão deslavadamente armou-se com os *vinte bagos*?

—Quaes vinte bagos?

—Aquelles do *processo verbal*, do arrombamento do homem das *pelles grossas*, lá para a *moenda da Conceição*.

—Recordo-me; mas o que ha?

—O que ha é que os dous estrangeiros da *estrada de pau* prestaram-se a *decidir* de graça e o Sr. arrumou na conta vinte bagos para elles e *chulou-os*.

—Que novidade!

Si se prestaram de graça foi em obsequio a mim; e eu guardando o que lhes tocava, não fiz nada de mais.

—Com que desembaraço diz V. isto!

Para a incorruptibilidade de quem quer ter *authoridade* para julgar os mais, a prova não pode ser mais cabal!

—O que quer dizer semelhante ajuntamento?

—São soldados do 8.º, que costumam vir aqui para a rua do Tijollo, tomar suas *ponchadas* de *cajuleorum*, mas logo que *sinha Lili* entra na brincadeira, começam a provocar.

—Trocam as bolas; elles que deviam apaziguar, tornam-se os perturbadores!

—Ora está! E' isto que V. está vendo!

Este tal *João Grande* quer pular o balcão daquella venda para rachar o dono e quebrar tudo quanto ha dentro della.

—O peior é elle estar a desconceituar o nome do barão de Passé, dizendo que nada lhe acontecerá, pois que tem elle por si, como si o barão fosse patrono de turbulentos e desordeiros.

—No Paraguay a se precisar de gente valente e ella a abundar tanto por aqui!

—Meu charo, *professor*.....

—Viva!

—Tenho gostado de o ver.

Depois que assentou praça no regimento de Cupido, procede á noite ao mais severo recrutamento.

—Exigencias naturaes; tributo á que a gente não se pode esquivar.

—Mas então que carreira foi aquella?

—Ora deixe-me.

—O *professor* entrou *so* p'ra tomar *ares* naquella loja....

—Phantasiei que estava no *Barbalho*.

—Porem ao dono da casa pareceu ouvir rumor de duas sombras.

—Quando desceu com o cacete ja eu andava longe.

—Mas para um homem no seu caso, uma carreira, uma assuada, uma vaia dos capotes, pode abalar-lhe o conceito.

—Ora adeus!... todos são de carne e osso.

—Guardando as conveniencias, procedendo em certos actos com reserva.

—Historias! O que está, está, o mais gastou-se.

—Que impudente e safado!

Querer que lhe fiem, por serdes vós quem sois!

—Com quem é isso?

—Com aquelle cara estanhada, de sobrecasaca ensebada e bonet agaloado.

—Parece ser *pharmaceutico*.

—Entretanto anda se intitulando de capitão *Barbosa!*

—Mas então o que fez elle?

—Foi a uma mulher na rua da *Cathedral* e exigiu que lhe fiasse um alqueire de farinha e como esta se recusasse, disse todo assomado:

«—Pois, V. tem receio de fiar um alqueire de farinha a um homem de minha posição!

«—Não posso, meu senhor; o dono não me deu ordem.

«—Não conhece o capitão Barbosa?

«—Não senhor.

«—Bom, deixe estar.

No outro dia voltou o cynico.

«—Então ja se informou quem sou eu? Está disposta a me fiar a farinha?

«—Ja disse, que não posso, meu senhor.

«—Não pode! Pois conte com um inimigo! V. desfeiteou-me! Tenho amigos e posição e hei de lhe fazer todo mal.

«—Faça o que Vm. quizer.»

—Que tratante! Queria por meio de ameaças arrancar o genero da pobre mulher!

—E dizem que a gente do olho vivo é só quem anda roubando carteira!

—E que os salteadores são somente os que vão para a estrada!

—Safa!

Isto assim é de mais!

—Assentam aquellas duas creaturas que estão n'um ermo onde ninguem os vê!

—Como o gato sahe para a rua, os ratos fazem o que querem.

—O maldicto *cascabulho* encosta-se quotidianamente a janella desde dez da manhan até as duas da tarde!

—E ahi apertam-se mãos, dão se beijocas, beliscões, apalpam-se os seios e quanta patifaria ha!

—Si eu não visse, não acreditava! Tenho conhecido muita gente arrojada, mas para afrontar o pudor como aquelles dois, ainda não!

—E' preciso pedir ao muxingueiro do *Alabama*, que passe na ladeira do *Tiro*, bem perto da *Doença* e tome nota nesta *casa*.

—*Noventa e oito* vezes no dia que elle passe, ha de ver este feio spectaculo.

—E que a vergalhadas tanja este biltre que vive a perverter uma moça, a qual, por seu procedimento dá motivo a que sua reputação seja pouco acatada.

—E antes de tudo, é preciso fazer respeitar a moralidade publica!

EPIGRAMMAS.

A' UM MEDICO.

«Meu douctor, seu tio o chama....
Elle morre, ande ligeiro....
—Eu a curar só me apresso.
Quando a cura é por dinheiro.

A' UM PAROCHO USURARIO

«Porque tanta choradeira?
Porque um homem morreu?
Tomara sempre defunctos,
Pois com isso engordo eu!!...

—A's suas ordens, capitão, si bem que me dissesse hontem, que viesse hoje mais cedo para conversarmos, não me foi isso possivel, pelo que prevaleço-me do proverbio que diz—mais vale a quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga—feito pois esse exordio, entremos na tal *miscellanea*.

—Rapaz, V. estava bom para ser pregador de sermões, embora fosse desses de *meia cara*, que pelos seus *desregramentos* cahisse no desagrado de seu respeitavel bispo, embora finalmente fosse desertor de sua freguezia, porque tudo quanto V. quer dizer, começa por um preambulo, por um exordio que lhe serve de thema.

—São cousas, capitão, deixemos isso de parte, e entremos na materia.

Logo depois da morte da sogra do *Mellorio*, veio a essa cidade seu cunhado *Randolfe;* e então conversando com um herdeiro desse casal disse em presença de algumas pessoas, que *Mellorio* muito devia ao casal, porem que por equidade não se devia fallar nisso, pois que elle estava reduzido aos ultimos apuros, e que não tinha com que pagar, e o proprio filho do *Mellorio* asseverou tambem de ser seu pae devedor ao casal; entretanto que na conta por elle apresentada para o inventario figura como credor.

Disse mais o tal *Randolfe*, que elle tambem muito devia ao casal, e que por desencargo de sua consciencia ia desistir da herança que lhe podesse tocar, e que o funeral de sua mãe tinha sido feito somente por elle, porque assim o devia de praticar, pelo que não se devia fallar em taes despezas no inventario. Mas sabe no que resultou toda essa affectada sinceridade, de combinação com *Mellorio*, e com a *approvação evangelica do tal Fradeco*, a quem já tinha passado procuração bastante para desistencia da pequena herança? Vergonhosamente retrata-se, constituindo-se com direito ao que lhe possa tocar em partilha, e para quasi saldar o muito que devia ao casal, segundo elle mesmo confessou, apresenta uma conta propriamente de *grão-capitão;* admittindo nella as despezas por elle feitas com o funeral da propria mãe, e mais as despezas com o funeral de uma irman, fallecida ha immensos annos, e sem o menor documento comprobatorio, e isto para contrabalançar com a conta apresentada pelo *Mellorio*, a respeito do funeral da outra irman, e finalmente para augmentar as cifras de sua conta, diz o *Randolfe*—que deu mais ao *Mellorio* sem documentos e por quatro vezes a diminuta quantia de quatrocentos e quarenta e tantos mil réis, e todas essas gentilezas praticou para constituir-se apenas devedor do casal da diminuta quantia de trezentos e tantos mil réis.

—Homem, V. sabe, esses homens mamaram *sangue de camaleão*, pois a cada momento mudam de cores, ou então querem mangar com o publico, suppondo que os meritissimos, rectos e probos Dr. juiz de orphãos, e Dr. curador geral dos orphãos, hão de fechar os olhos a todas essas *esperiezas*.

—E' verdade, capitão, elles la sabem, no que se fiam, entretanto que não receiam, que V. Ex. mande o muxingueiro ajustar essas contas com elles, e o que mais me admira, é ver a sem cerimonia e *innocencia* do tal Sr. *Mellorio*, o qual alem de subnegar o escravo, na celebre declaração por elle apresentada, não faz menção dos ganhos da escrava, nem dos alugueis recebidos de uma das casas, dizendo, que depois da morte da sogra,

o tal *fradeco* é quem os tem mamado, e isto por sua alta recreação, pois que direito algum lhe assiste para assim praticar, e menos ao *Mellorio* para nisso consentir, salvo se entra nas meias anatas, pois o tempo não está para graças, e estamos na epocha do *venha a nós*.

—Rapaz, diga-me por favor, V. hoje ainda tem mais que desembuchar?

—Capitão, paciencia, eu acabo ja; não posso terminar, sem lhe pedir um conselho e vem a ser. O que devo fazer para o inimigo não me entrar no corpo, pois o tal *fradeco* diz que me hade amaldiçoar, e eu tenho muito medo dos espiritos malignos, e muito mais dos espiritos desse *fradeco?*

(Continúa.)

VARIEDADES

ENIGMA.

Com dous escravos eguaes
Andamos toda estação,
Sua origem e nação
Descendem dos cabedaes;
Elles differem dos mais
Pelos cortes e figuras
Nossas plantas são seguras,
E suas boccas aquecem
Pelo rôsto se conhecem
O não serem creaturas.

DESENGANO..

Passando um rei do Oriente por uma serra onde ermava um Derviche penitente, deu com elle todo attento a contemplar uma caveira.

—Que fazes ahi, servo de Deus? perguntou o principe.

—Procuro já ha muitos dias, respondeu o santão, ver si posso descobrir si esta caveira pertencia á monarcha ou a mendigo.

SABBADO E DOMINGO.

Quero, e não queres; quererás e não quererei. Esta maxima, ao que parece, é d'um philosopho arabe, e deriva-se da seguinte historia:

Um judeu e um christão conversavam juntos, e em boa amisade, a borda d'um poço.

Cahiu o judeu dentro do poço sem muito perigo, porque tinha pouquissima agua, e o christão correu logo a procurar uma escada para o tirar.

Chega com ella e dispunha-se a collocal-a, quando de dentro lhe gritou o judeu:

—Olá, amigo, não tenhas trabalho, porque não subo pela tua escada; é hoje sabbado.

Ficou pois o resto do dia, e durante toda a noite que se seguiu, dentro do poço, e bem refrescado d'agua, e no outro dia de manhan indo o seu camarada saber como elle se achava, gritou-lhe de dentro o judeu:

—Uma escada em nome de Deus, traz uma escada.

—O ceu me defenda de tal, amigo: é hoje domingo e não se trabalha, respondeu o christão.

LIÇÃO A UM FATUO.

Luiz XI de França, para dar a mão ao commercio e levantal-o do abatimento em que jazia, sentava muitas vezes a sua meza os negociantes mais distinctos, e mais illustrados do reino. Um dia, certo negociante, desvanecido e incitado por semelhante distincção, pediu ao rei que lhe désse carta de nobreza. Luiz XI concedeu-lh'a immediatamente, mas nunca mais o sentou á sua meza. Mostrou-se o novo fidalgo admirado d'esta differença; e, em certa occasião em que se encontrou com o rei, manifestou-lhe o seu pesar.

—Ide, senhor gentil homem! respondeu-lhe Luiz XI; quando eu vos fazia sentar á minha meza, via em vós o primeiro da vossa condição; hoje, que sois o ultimo d'aquella a que desejastes subir, faria uma injuria aos outros nobres si vos estimasse tanto como a elles.

Luiz XI passava por um tyranno; mas, digam-nos, que philosopho levou mais longe a justa apreciação dos homens e das coisas?

CHARADAS TIBURCIANAS.

Roupa de beata (2) no jardim (2) faz tinta.

—

Sem companhia (1) na musica (1) deita-se quem quer descançar.

—

Cabeça pellada (2) corre sem parar (2) aos pés de Christo.

—

Excrescencia dos pés (2) no alphabeto (1) desespera os credores.

—

O principio e fim do homem (1) sendo lettra grega (2) anda sempre a sonbar.

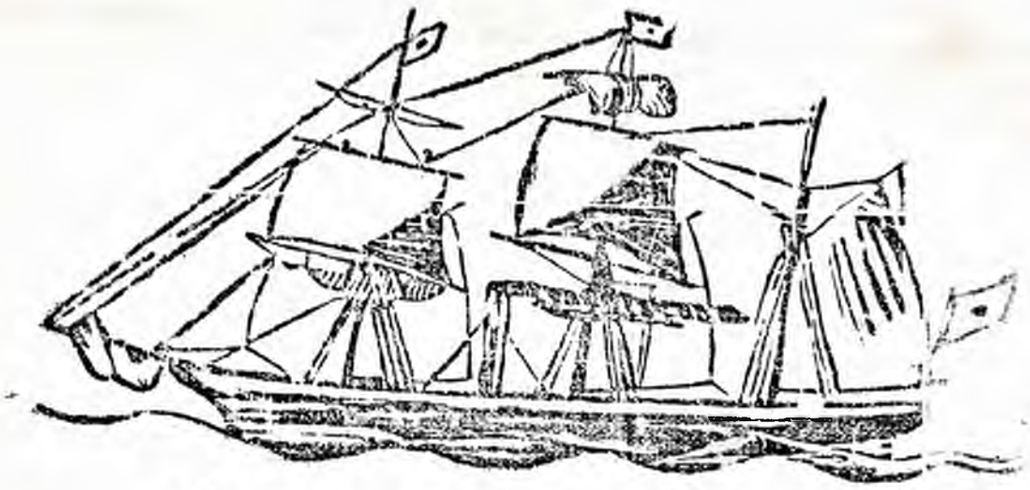
—

A explicação das charadas do numero antecedente é—*Bayoneta; Soldado; Cajá; Mamão; Palacão.*

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a folha 49.ª do—ROCAMBOLE.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 52
Preço á assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 12 DE JUNHO DE 1869. N. 516.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de junho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, communicando-lhe que as mulheres da rua de Baixo n.° 16, em logar de melhorarem de vida, tornam-se cada vez mais dissolutas, e dizem publicamente que assim praticam por que contam com a impunidade por ser S. S. do numero de seus *frequentadores*, aleivosia, que, S. S. comprehende, muito deprecia o seu caracter de authoridade.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, requisitando-lhe uma medida energica que faça conter nos justos limites da decencia ás moradoras do 2.° andar do sobrado n.° , Atraz da Sé, as quaes além da vida irregular que trilham, levam a afouteza á ridicularisar e apupar senhoras respeitaveis que passam; facto este que amiudadamente se dá e ainda na quarta-feira ultima se reproduziu com uma senhora que pela sua edade devia infundir algum respeito a taes *filhas de Jesuralem*; á vista do que, de S. S. espera-se prompto correctivo.

—Ao mesmo, observando-lhe que, tendo se plantado arvores no Terreiro para commodidade publica, com grande trabalho e despeza, não é razoavel que os meninos e moleques estejam a esfolhal-as e estragal-as com pedradas, para tirarem as fructinhas das mesmas, em vista do que, pede-se a S. S. que todas as tardes, hora em que se fecham as escolas, mande para ahi dous guardas afim de dispersar os referidos meninos.

—Ao Illm. Sr. engenheiro fiscal da estrada de ferro.—Constando ao commando deste navio que o inspector do trafego mandou, no domingo, 6, dous passes de 1.ª classe para dous individuos de Alagoinhas virem jurar a favor da estrada, em uma questão com um tal Barreto; e como seja isso contrario ao regulamento dessa estrada, sirva-se S. S. de syndicar do facto, e dar as providencias que o caso urge.

Portaria ao fiscal de Sant'Anna, lembrando-lhe o cumprimento de seus deveres em relação ao largo da Saude, reduzido actualmente a solta de gado, pastagem de carneiros e porcos e creação de patos e gallinhas. Cumpra.

—A assemblea provincial estes dias esteve tumultuaria.

—Depois da moção do Silva e Almeida.

—A immunidade da tribuna tem sido desacatada; os deputados insultados.

—Si se fosse a avaliar pelas demonstrações partidas das galerias, de certo que mui triste ideia se devia fazer da civilisação deste povo!

—Homens sem criterio, verdadeiras excrescencias da sociedade, cobertos de vicios e até crimes, de um passado negro, vão para ali dar assuada e atirar traques de massa nos representantes da provincia!

—Si os deputados não cumpriram bem sua missão, si mentiram ao mandato da provincia, si esqueceram-se do povo, para tratarem de interesses pessoaes; si as paixões politicas cegou-os a ponto de converterem a tribuna em arena de desabafos e despeitos, punaos o povo não os reelegendo; mas não vão os beleguins insultal-os.

—E o que é para admirar é a policia, que em outras epochas tem se mostrado tão rigorosa naquelle recinto, estivesse impassivel a todos esses desmandos e os soldados applaudissem com riso a tão deponente scena!

E até alguns a paisano fizessem coro com os anarchistas!

—E o que é mais vergonhoso é que portuguezes fossem tomar parte na assuada!

—E o partido que se diz da ordem, no poder, fermentando tão hediondo quadro!

—Não sou apologista da assembléa de 68 a 69, sei que ella não se conservou na verdadeira altura em que devia, que não curou dos interesses do povo, que decretou onerosos impostos, que deixou mesmo passar alguma bisca; porem revolta ver que os agentes da policia andassem arrebanhando meia duzia de miseraveis para irem fazer desordem, e insultar os eleitos da provincia no legitimo direito do uso da palavra.

—Com semelhante desenfreamento onde iremos parar? Aberto o exemplo, quaes serão as consequencias?

—O pobre povo brasileiro, é quem paga as favas.

E adeus.

—Venha ca. Vamos dar um bravo ao Zama pelo discurso patriotico que pronunciou no encerramento da presente sessão.

—Pois va feito.

—Capitão, ja soube do incendio que ia havendo?

—Onde?

—No hospital da Santa Casa.

—Para mim é novo

—Então escute.

Não sei si ja lhe disse que o enfermeiro dos doidos, um rapaz brasileiro, desempregou-so e que em seu logar foi admittido um francez.

—Estou certo,

—Bem: esse estrangeiro de costumes depravados e caracter excessivamente dissoluto, dá-se ao uso immoderado da embriaguez, e nesse estado trucidava os infelizes entes cegos da razão com castigos inauditos.

Na quinta feira, no maior auge da bebedeira, espancou brutalmente a um desgraçado doido de tal sorte, que as proprias irmans de charidade acharam demasiado o castigo.

Não como correcção, mas para curtir a borracheira, *François* foi trancado na rouparia.

Vendo-se retido, o endemoninhado francez bateu como desesperado, quebrou tudo e como não lhe abriram, lançou mão de uma caixa de phosphoro que trazia, e atacou fogo a immensidade de roupa suja que ha no deposito.

—Que desasado!

—O incendio estava bem adiantado quando deram por elle; os doentes foram postos em trabalho, abriu-se o chafariz e depois de muito trabalho conseguiram dominal-o.

—Está moralidade dos estrangeiros, em beneficio dos quaes se arranca o pão aos brasileiros!

Eis a ordem, a disciplina que reina no hospital depois que os estrangeiros femeas e machos fizeram delle seu patrimonio!

—Para que o facto não se divulgasse, porque o *ditecto François* deve continuar empregado no hospital, não quizeram que o Collegio desse signal de incendio.

—Estão no seu direito!

—E o empregado do hosoital, que fallar na rua sobre o incendio, será deitado para fora.

O enfermo que tratar delle será posto a pão e agoa e preso no quarto escuro—è a ameaça.

—Si fosse um brasileiro sahia de lá amarrado, era logo processado por incendiario, ou, quando nada, remettido ao chefe de policia para ter praça na primeira linha e recommendado como homem perigoso e de costumes pervertidos.

—Não ha policia nesta terra?

—Ha.

—Não ha!

—Não ha como, pois si ha o chefe della?

—E' uma cabeça sem corpo.

—Pois V. chama cabeça sem corpo, quando ha delegados, subdelegados, inspectores de quarteirão e um batalhão de policia, de que é commandante o Sr. major Marinho?

—Mas com tudo eu ainda sustento que não ha policia.

—Concordarei, si me disser primeiro a razão que tem para isso.

—Ante-hontem (8) no Areial de Cima, ás 2 horas da madrugada, pouco mais ou menos, duas mulheres esbofetiaram-se terrivelmente, e depois da encarniçada luta de bofetadas, retiram-se e foram para suas casas, armaram-se de navalhas e vieram para medirem as armas, o que não realisaram por apparecer um homem, como mandado pela Providencia, que as apartou, acompanhsndo uma dellas a sua morada.

Agora diga-me, si ha policia, como V. diz, de que serve ella?

—Respondam-lhe os homens da *ordem*!

—Em quanto o governo brasileiro onera os cofres com a despeza de mandar ensinar a ler os paraguayos e dá-lhes commodidades e recreios, veja nossos patricios prisioneiros no Paragnay o que passam.

São extractos do relatorio do major Cunha Mattos, commandante do 4º de artilharia, que esteve prisioneiro.

Eu não quero que o governo, assemelhan-

do se a Lopez, trate aos paraguayos com tanta crueldade; porem tambem nem tanto nem tão pouco.

«No dia 19 foram recolhidos a guarda proxima ao meu aposento diversos brasileiros, orientaes, e argentinos, prisioneiros e passados, os quaes depois de aceitados, eram engrilhados e levados a presença dos fiscaes e ahi muitas veses de novo aceitados. Eu ignorava o porque daquella barbara scena que se passava a minha vista e que com outros se reproduziu nos dias vinte e vinte um e seguintes. Entre esses martyres vi praças de meu corpo, que difficilmente foram por mim reconhecidas, pois achavam-se completamente desfigurados pelos trabalhos, fome e maus tratos que recebiam.

A vinte e um o capitão João Pedro foi encontrado pelos paraguayos ja fora das linhas de Curupaity e dahi levado outra vez a Maioria.

Engrilhado e conduzido a guarda de que fallei, nella permaneceu por alguns dias o infeliz capitão com a face voltada para o nascente durante a manhã e para o poente durante a tarde!

.....

O triste espectaculo por mim presenciado durante alguns dias, e assim os soffrimentos physicos e moraes que me acabrunhavam, deram logar a que me fosse abatendo, sobrevindo-me em principios de dezembro uma forte diarrhea de sangue, que ao terceiro dia poz-me em estado tal de fraqueza que eu não me podia levantar.

Fui remettido então para o hospital, sempre debaixo de guarda, alem de uma espia que me acomponhava constantemente; alli encontrei, mercê de Deus, o humano Dr. William Stuart, que tendo cuidado de mim com todo o desvelo, comquanto não me pudesse curar, salvou-me a vida, transformando a enfermidade em uma disenteria simples, que mais tarde pareceu-me chronica, e que finalmente desappareceu sem o uso de nenhum remedio, e não tendo mais do que o ceu para casa, a pelle para coberta, agua fria e carne sem sal para alimento!

No hospital tive informação de que no numero dos prisioneiros fuzilados estava o alferes de cavallaria brasileira Machado, que antes de ser executado protestou em altas vozes contra o procedimento iniquo do tyranno, que mandava tirar-lhe a vida por uma simples suspeita, quando não estava provado o crime de que era accusado.

.....

Vi-me coberto de piolhos, persevejos, moquiranas e quanto insecto asqueroso se encontra sempre em edificios onde ha uma accumulação de pessoas superior a sua lotação, não podendo por esse e ainda mais por mil motivos conservar-se o seu interior se quer mal limpo.

Enfermidades de todas as especies grassavam no calabouço. O cholera ahi fazia estragos; a bexe, e muitas vezes a sede, diminuia o numero dos habitantes daquella infernal prisão.

Officiaes de envolta com soldados, obrigados pela necessidade quasi que ao communismo, homens de todas as classes e considerações, ladrões, assassinos, desertores, tal era o circulo de que então me vi rodeado.

.....

Falleceu tambem alli o venerado consul brasileiro Barbosa, que me referia ter sido conservado exposto ao tempo por espaço de trez annos, não recebendo do estado mais do que carne sem sal e agua.

O consul Barbosa, assim como os demais brasileiros de cuja sorte fui testemunha occular, entregou a alma a Deus com a maior tranquillidade, comquanto não fosse de costume fornecer-se aos moribundos os soccorros espirituaes em uso na egreja catholica.

.....

Fui conservado exposto ao tempo por alguns dias, assistindo ao fallecimento do 2º tenente Campos, que, como os demais prisioneiros, morreu sem soccorro al-

.....

Eu havia perdido as esperanças de viver, desde que todos os recursos me faltavam. Então não tinha eu mesmo roupa mais do que uma velha camisa de algodão e um poncho de ão e côco, que coberto dos inevitaveis piolhos, para quem achava-se nas minhas circumstancias, servia mais de martyrio do que de coberta.

.....

CARTA AO MILAGROSO PADRE SANTO ANTONIO.

MEU QUERIDO PADRE SANTO ANTONIO.

Calcanhar do Mundo, 12 de junho de 1869.

Saúde, Senhor, é desnecessario appetecer-vos porque a tendes em completa perfeição, pois ca pela terra não consta que os Santos adoeçam, e, nem que no ceu hajam hospitaes; dinheiro tambem não, porque, não só professaes pobreza pelas vossas virtudes, como vos é inutil esse genero na presença do Omnipotente, onde os bens são dados gratuitamente, a quem os merece; e por conseguinte que vos devo desejar? A graça de Deos que é o anzol de oiro, com que se pescam os saborosos peixes do Paraiso celeste, para serem comidos com tranquilidade d'alma.

Senhor, por vossa bondade perdoae a confiança que tomo de vos importunar com esta carta. O motivo é urgente, e como neste valle de logros a peste tem sido geral, ja não ha quem a cure; os medicos são os mais atacados, e por conseguinte eu vos rogo que ou mandeis de lá um habil, ou alias alguma dóse de elixir ante-bandalho, para se dar aos doentes que são immensos. Esta terrivel enfermidade que tem o titulo de — *Surripia-morbus* — tem contaminado a quasi todos, inflamando o estomago do povo apresentando uma sede *metallitra*, e uma febre intermitente safada. Appareceram ultimamente uns doentes com grandes manchas pelo corpo em figuras de papeis pintados, uns cor de roza, e outros esverdinhados com debuxos miudos; outro doente aqui á tempos teve uma grangrena tão grande na casaca que lhe cahiu a aba com 260 tumores; encontram-se pelas ruas homens que d'antes eram muito magros, e hoje estão enormes com hydropesias tão dinheirosas que nem se podem arrastar, cada um delles tem dentro da barriga mais de doze mil canadas de agua de cobre: os proprios medicos que deviam cuidar da saude publica, são os mais achacados, sentem uma tal esfallação na algibeira, que pedem caldos de sustancia, e os pobres doentes que dependem delles não tem outro remedio senão darem; estamos a espera de ver os cyrurgiões-mores da do hospital da Praça o que fazem; mas

disem que a maldita doença até ja atacou por la!! Meu Santo Antonio, valei-nos por caridade, senão desta vez tudo se acaba, ide vós em pessoa pedir ao Senhor Padre Eterno que tenha pena de nós; eu vos rogo pelo vosso dia 13 de junho, dia do vosso festejo, pela vossa trezena, pela vossa coroa, pela vossa infinita misericordia, misericordia.

Uma Vossa amante e humilde creatura.

(*Extr.*)

Á PEDIDO

Sr. redactor.—Foi V. illudido e o publico com a publicação de um artigo em seu periodico de 5 do corrente.

O pardinho Eloy, que foi para o Rio de Janeiro em companhia do coronel Seixas, era escravo do coronel Lourenço de Souza Marques, que o houve por legitima de sua mulher no inventario do capitão Luiz Evaristo de Cerqueira Campos.

Um *quidam* de nome Herculano Dantas, que vive amasiado com uma escrava do dito coronel e que allega ser ella forra, não obstante ter tido sempre sentenças em contrario, e accordãos do superior tribunal da relação, requereu tambem mandado de manutenção para o dito pardinho, mas o coronel Lourenço destruiu essa urdidura e obteve contramandado, em virtude do que não só foi preso o dito Eloy, como muitos outros escravos, que estavam nas mesmas condições.

Esteja, portanto, o publico prevenido contra os ataques dos cães que depois de ladrarem a lua, pretendem morder aos que vão seu caminho sem delles dar fé.

Um que sabe.

(*Continuação do n.º 512.*)

—Esteja attento, e veja pelo fio deste trama infame, si conhece a perversa creatura, que, sem pejo, praticou a mas vil e negra acção.

Ha entes de indole tão maligna, corações dotados de tanta ferocidade, á quem nem o pungente soffrimento da desgraça, nem as lagrimas da orphandade, nem a desolação da viuvez são capazes de arrancar um sentimento de compaixão.!

Almas de marmore, impassiveis, assistem a dor e consternação alheia!

Corações frios ante quem o acerbo spectada dor alheia os recreia!

Vasados no crysol da perversidade, ha homens, que sentem a alma transbordar-lhe de infernal jubilo, quando acham meio de aggravar os males dos outros.

Tal é o homem infernal a quem retrato.

A inconsolavel e desamparada mãe do rapaz recrutado, sabendo quem era o author de sua desgraça, por ter seu filho incorrido em suas iras, foi lançar-se-lhe aos pés, implorando-lhe que não lh'o tirasse, pois elle era seu unico arrimo, o apoio da velhice della, pobre viuva, a quem um pedaço de papel escripto, chamado lei deste paiz, dizia que tinha nelle um amparo na falta de seu marido.

A fera porem não se commoveu. Com o maior sangue frio respondeu:

«Mulher, veio muito tarde; agora elle ha de embarcar.».

Com o coração amargurado, sem esperança, sahiu da casa da vibora a infeliz mãe e viu com os olhos arrasados de lagrimas, e o coração partido de dor seu filho embarcar como recruta!...

Neste paiz, a lei é uma palavra morta, em relação aos direitos do pobre e desamparado, e por isso é que o homem de habitos *silvestres* foi recrutado, somente em homenagem ao capricho immoral de um carrança lascivo e sensual.

Porque os malfeitores, os larapios, os reus de policia pululam aqui em Latronopolis, sem que a policia tenha a lembrança de recrutal-os; e admittindo que elle tivesse todos esses senões, não é com recrutamento que se punem crimes e delictos; visto que a lei tem em si os meios de reprimil-os.

Mas, como era preciso satisfazer aos ciumes do irmão do ministro, foi recrutado o homem que, pelo simples facto de ser filho unico de viuva e sustentar sua mãe, estava isempto.

(*Continúa.*)

ANNUNCIOS

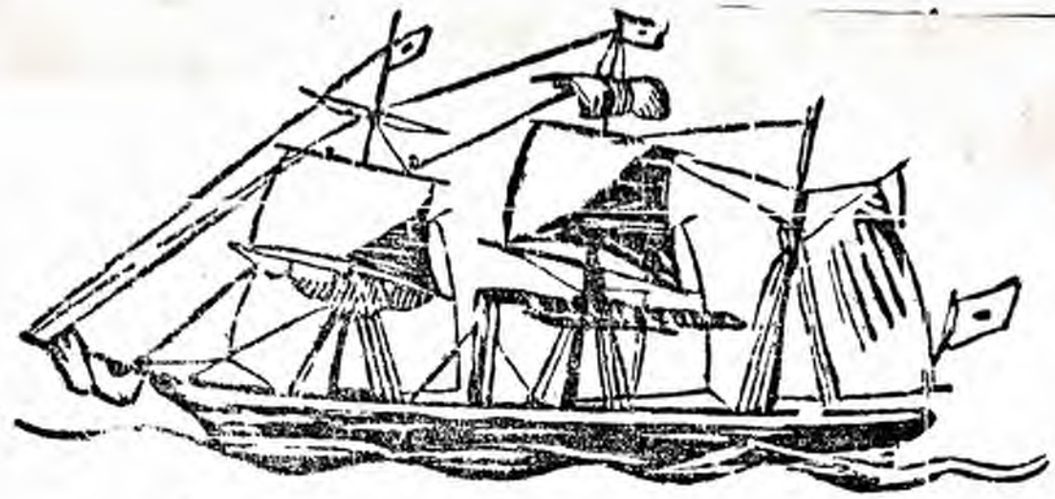
AOS DEVOTOS DE SANTO ANTONIO.

O abaixo assignado, escrivão da devoção do Glorioso Santo Antonio da matriz de Sant'Anna, tem a honra de parteeipar a todos os fieis e com especialidade aos que fazem parte desta devoção, que a festa do mesmo Santo, terá logar no dia 13 do corrente mez com toda a pompa e magnificencia: pregará ao Evangelho o Rvd. padre mestre pregador imperial frei Antonio da Virgem Maria Itaparica, e a noite na trezena o padre mestre Procopio José Rufino. Na vespera haverá illuminação e um balão ás 9 horas, e no dia terminará o festejo com um pequeno e lindo fogo de artificio.

Bahia 10 de junho de 1869.

Tiburcio Nunes da Silva Freire.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 52**
Preço a assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 17 DE JUNHO DE 1869. Ns. 517 e 518.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de junho de 1869.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que lance suas vistas para o estado da rua de Baixo, que está quasi intransitavel, principalmente em um tempo chuvoso como o em que estamos.

Que ideia fará o estrangeiro, vendo uma das nossas principaes ruas, como é ella, reduzida a um completo lamaçal?

Si a Illma. não pode mandar calçal-a de novo, em vista de se acharem seus cofres desfalcados, ao menos mande tomar-lhes os buracos, fazendo assim um beneficio ás pessoas que se veem obrigadas a nadar por dentro da lama i spera-se ser attentido.

(A' mesma, no mesmo sentido, sobre a rua do Tinguí e ladeira da Palma.)

Portaria ao fiscal do curato da Sé, ordenando-lhe que dirija-se ao sobrado n.º 11, ao Canto de João de Freitas, e depois de examinar o estado de immundicia em que se acha o pateo desse sobrado, pespegue nos moradores delle a competente multa, afim de que sejam acciados, e não prejudiquem com essa falta sua saude e a de seus visinhos. Cumpra.

—Que terra, meu Deus!

Onde ja se viu uma terra como esta!

—O que ha?

—Passei agora pelo bêcco do Ferrão e tomei um formidavel banho d'agoa podre que me atiraram de uma casa.

—Vá se queixar a policia.

—A policia não dá cavaco com essas cousas!

—Capitão, o Sr. L. C. Silva Lisboa acaba de obsequiar-nos com um folheto intitulado —*O Inspirado e o Abraço fraternal das nações*, o qual é dedicado ao amigo do Sr. Lisboa, o Dr. Frederico Marinho d'Araujo.

—Mande agradecer-lhe a delicadeza.

—Bom regalo tem os moradores desta raa!

—Arrenego!

Levar constantemente a soffrer uma fedentina desta!

—E não querem que haja febres, pestes, catharros, etc.

—Admira como é que na rua da Saude se deixa perenemente tão immundo charco, cujo tijuco exhala nauseabundo e pestilencial fetido!

—E a paciencia com que os moradores aturam um mal tão prejudicial á sua saude.

—Si hão de clamar no deserto, soffrem resignados.

—Capitão, gostei de ver o Portella no ultimo dia de sessão d'assembléa provincial.

—O que fez?

—Disse que era conservador, mas que amanhan podia ser liberal, *taes fossem as circumstancias*.

—Ora essa! E quem duvida?

—Em todo caso em tempo de calor é bom que a gente se va sangrando na veia da saude.

—A assemblea provincial de Pernambuco, este anno, tem se mostrado digna representante do povo que a elegeu.

—Ja approvou em 3.ª discussão o projecto para so poderem ser empregado nos estabelecimentos pios brasileiros natos.

O illustrado Dr. Maximiano Lopes Machado em um discurso monumental, patenteou abusos e escandalos das irmans de charidade que parecem incriveis.

—Discutia-se tambem um projecto authorisando o governo a dispender 20:000$ rs., com alforrias de creanças.

A tal respeito diz o *Jornal do Recife* de 3 do corrente:

«Na assembléa provincial discutia-se hontem o projecto de lei que autorisa o governo a dispender a quantia de vinte contos de réis, em alforrias de crianças.

Fallava o Sr. Dr. Pedro de Araujo Beltrão, deputado pelo terceiro districto, em favor deste projecto, e approveitando o ensejo da discussão, declarou que seu pae, elle, seus irmãos e mais parentes, por mutuo accordo, conforme documento assignado que exhibiu e leu, consideram livres a todos os filhos que suas escravas possam ter de agora em diante.

Tão magnanima acção não precisa de commentarios, para ser devidamente apreciada: accrescentaremos somente que a familia do Sr. Beltrão, sendo numerosa e abastada, possue numero avultado de escravos, o que dá ainda mais valor á resolução tomada.

Como era de esperar, a assembléa recebeu com applauso esta declaração, e, a pedido do Sr. Dr. Ayres Gama, foi ella consignada na acta com menção honrosa.

Por nossa vez aqui tambem a consignamos, fazendo votos para que tenha numerosos imitadores na provincia e por todo o imperio.

Certos de que assim ha de succeder, alegra-nos sobre modo a idéa de que a iniciativa de tão magnanima acção partiu do seio de uma familia pernambucana.»

—Que sobresaltos não teve aquella familia!

—E nem era para menos.

—Escapou por felicidade.

—Podia ficar toda esmagada debaixo das rodas do outro carro.

—E' preciso confessar que houve falta de cuidado.

—E grande.

—Não posso comprehender como é que se manda para a rua um carro em tal estado.

—Na carreira em que vinham todos tres, o do meio largou as rodas e os passageiros foram ao chão.

—Foi bom ser aqui na rua da Misericordia, si é em alguma ladeira.

—Eu entendo que certas empresas devem ser muito pichosas, não só por interesse de seu credito, como para evitar um sinistro da ordem do que se ia dando.

—E que a policia compete tambem inspeccional-as, afim de que o povo não esteja exposto a perigos muitas vezes irremediaveis.

OS ADULADORES.

Vamos aventurar alguns desconchavados pensamentos que por certo não hão de agradar a muita gente, porem não nos dirigindo directamente a ninguem não pode haver motivo de queixa.

Ha espalhada pela superficie da terra uma familia tão numerosa, que em qualquer canto do mundo se encontram immensos membros della. Desde a côrte até á mais remota villa, desde essa remota villa até o mais deserto sertão, ahi estão os membros dessa familia com o mesmo typo, a mesma linguagem, a mesma religião!

E' a familia dos aduladores.

Tem havido convulsões politicas que fazem estremecer o mundo! Tem corrido rios de sangue, tem se ceifado milhões de vidas tudo para melhorar a sorte dos humanos, tudo emfim em nome da liberdade!... entretanto quando cessam esses cataclismas o povo está em peiores circumstancias do que estava, porque mais se observa o servilismo nos homens e por consequencia mais escravidão!!!

E que proveito se tira da adulação? Receber as vezes algumas migalhas (quando recebe) dos predilectos da fortuna e ser tratado como escravo!...

Entretanto, introduziu-se de tal maneira esse vicio execravel, que os homens de fortuna já se acostumaram a se corresponder com o povo somente por meio da adulação; do contrario não pode haver communicação entre elles.

Tem chegado a tal ponto essa baixeza miseravel que o vicio ja não é vicio, a infamia ja não é infamia quando essas qualidades estão reunidas no individuo que tem fortuna.

Ainda hontem ahi andava um ente despresivel, objecto do maior desprezo. Pois bem, com um proceder infame metteu-se em traficancias e a fortuna que sempre faz asneiras, protegeu-o de tal modo que em pouco tempo ahi o temos cheio de riquezas. Vêde agora a mudança rapida que se opera, aquelles que ainda hontem tanto despresavam e até abhorreciam esse individuo, são os mesmos que hoje o adulam descaradamente e lhe fazem os maiores elogios.

E não ha meio termo: tendo dinheiro ou cousa que o valha, embora seja um monstro, é bello; tem todos os attrativos e encantos: não tendo dinheiro, seja embora um anjo, é objecto de desprezo e até de odio! E' horrivel.

O homem. que ainda não está corrompido, quando observa estas cousas, sente tal nojo que o seu desejo é fugir deste mundo de tantas mizerias... Falla-se tanto em civilisação, progresso e liberdade: entretanto so se vê adulação e servilismo, que tudo quer dizer escravidão. Si a civilisação e progresso consistem na grande somma da adulação que se tem desenvolvido, então temos muita civilisação, muito progresso e muita liberdade; mas, si essas vantagens que fazem a felicidade dos povos vem a ser os individuos comprehenderem seus direitos e deveres, e ter a independencia propria de cidadãos livres, oh! então, ai de nós! não temos dado um passo do tempo do despotismo!...

Não temos inveja de riquezas, nem temos desesperação da pobreza, porque conhecemos assaz este mundo o que é e o que vale. O que nos revolta, e como a nós a muitas pessoas, é vermos o desprezo que se vota á virtude qunado ella se acha no coração do homem pobre, de maneira que, com esta doutrina infernal, está se ensinando os homens a serem ladrões para adquirirem bens, porque em LUZINDO alguma cousa, ninguem quer saber d'onde veio,—o essencial é luzir...

Com esta doutrina horrivel o que tem conseguido é obrigar os homens ao suicidio por que muitas pessoas vendo o FUROR com que se festeja a riqueza e o desprezo revoltante que se vota á pobreza, quando não podem obter aquella, recorrem á pistola, ao veneno ou a outro qualquer meio de acabar a vida: Eis contra o que fazemos nossas queixas.

LA VAE VERSO

Carta do capitão do «Alabama,» a seu correspondente na corte—o Patusco.

Amigo e charo Patusco, —
Ha bem tempo decorrido,
Q'uma minha, p'ra regalo,
V. não tem recebido.

Mas agora, atarracal-o
La vou com esta de estuêha,
Que talvez por mui cumprida
Lhe pareça alguma bucha.

Ahi nessa Babylonia,
Me diga, que vida leva?
Como vão todos de casa,
Inclusive a Santa Eva?

Tambem V. esquecido
Mostrou-se por uma vez!
No periodo de um anno
Nem si quer uma me fez!

Cheguei até a pensar,
Por andar tudo apertado,
Que tivesse V. sido
P'ra guerra designado.

Nem algum signal no ceu
Poderia apparecer,
Si na epocha actual
Viesse isso a accontecer.

Pois que casados com filhos
D'aqui tem seguido aos centos,
Aleijados e decrepitos,
E ficado os turbulentos.

Mas, chegando aqui o Braz,
Não pensei mais desta sorte;
Pela via delle soube
Que V., stá bom e forte.

Por tanto, ponha-se attento,
Porque la vae obra grossa;
Receio que enfastiar-lhe,
Pelo tamanho, esta possa.

Accenda, pois, sem demora,
As caldeiras da attenção,
E da curiosidade,
Deite lenha no fogão;

Que la vae com casca e tudo
Uma penca de noticias,
Que lhe hão de dar no gotto,
E mergulhal-o em delicias.

Porem, antes que me esqueça,
Quero ja lhe perguntar:
Com que o Jequitinhonha
Vae á Roma passeiar?

E' muito certo o ditado
Que diz—«ah, mundo! ah, mundo!
Em ti quem não sabe *andar*
Tropeça e vae logo ao fundo.»

Ese capacite que é
Verdade não contestada,
—*Saber viver*—é que é tudo,
Que o viver não é nada.

Feliz d'aquelle vivente,
Que ás costas traz a maromba,
Dançando na corda bamba
Para onde o vento tomba.

Mas deixemos o visconde,
Fraindo em amplo socego,
Por conta da tal missão
O que lhe deram de *achego*.

Vamos ao que ha por ca...
Sentido! Ponha-se alerta,
Que ha pedacinhos que põe
Um homem de bocca aberta.

Quem diria, meu Patusco,
Que a assembléa da Bahia
N'um theatro de paixões
Se transformaria um dia?

Pois converteu-se em theatro,
Onde os espectadores
Jogavam traques de massa,
E outros deitavam flores.

Homens cobertos de manchas,
Dizem, *por alguem* mandados,
Foram para as galerias
Dar—fomas—nos deputados.

Si convença que um abuso,
Outro abuso ha de chamar:
Quem boa cama fizer
Nella se hade deitar.

Em prol do povo, que soffre,
Não deixaram nada feito,
Por que o tempo foi pouco
P'ra dar largas ao despeito.

Na tribuna, em discursos,
Cada qual mais sobre-salie,
Porem não é com palavras
Que o povo ao açougue vae.

Que val palavra pomposa,
Si não produz o effeito?
Si não minoram-se males
A que o povo 'stá sujeito?

Elle quer é instrucção,
Ao trabalho incentivo,
Respeito aos seus direitos,
Aos impostos linitivo.

—Houve, no encerramento,
Patriotismo de sobra;
Vivas, congratulações,
Bass, coroando a obra.

Ninguem falle neste mundo,
Porque quem fallou pagou...
Recorda-se V. quando
O Itaborahy aqui passou?

Foi chrysmado de politica
Feita com a mão na taça,
Um banquete que lhe deram
Onde ferveu a vinhaça.

Mas, por fallar nesse homem,
Veio-me ao pensamento
Perguntar-lhe alguma cousa
Do actual orçamento.

Como é que, sendo o visconde
O Messias financeiro,
Quer atirar o paiz
N'um fatal despenhadeiro?

Olhe que o tal orçamento,
Me creia que fallo serio,
E' o mais exorbitante
Que tenho visto no imperio.

Nem no anno em que se fez
Esquadra para o Brasil,
A despeza elevou-se
De contos a tantos mil.

Pois o homem salvador
Deu tamanha pichotada?
Valendo-se do pretexto
Da guerra não estar findada?

Mas é frivolo o pretexto,
Despido de fundamento,
Dizer que a guerra absorve
Tão crescido rendimento.

Quando o exercito era maior
Nunca tanto se gastou,
Agora que decresceu
E' que a despeza augmentou?

Tambem munições de guerra
Não é preciso comprar,
Por que na campanha ha tanta
Que até se manda voltar.

A esquadra é notorio
Que tambem diminuiu,
Pois que parte dos navios
Para a côrte ja seguiu.

Si os gastos diminuem
Para que tanto dinheiro?
Por que pesados tributos
Si lança ao paiz inteiro?

Mas falle sem prevenção,
Não parece um desperdicio?!...
De quem tanto promettia
Pois é esse o beneficio?

Porem entre nós existe
Com mais amplas proporções,
Uma guerra que manter—
A guerra das eleições.

E, em quanto o povo geme,
Cercado de mil regalos
O Sr. D. Pedro assiste
A' corrida de cavallos!...

(*Continúa.*)

Á PEDIDO

—Capitão, recorro á protecção de V. Ex.
—Em nada lhe pode servir.
—Muito, capitão.
—Si V. entende, diga o que quer.
—Estou privado de ganhar a vida.
—Como? Quem lhe tolhe?
—O Sr. Paulo Pereira Monteiro.
—V. está enganado.
—Creia-me.
—Um homem dotado de espirito de associação, emprehendedor e fundador de empre-

zas, e portanto amigo do trabalho, pode lá querer impedir a um pobre os meios de ganhar a vida!

—Eu lhe explico.

Sou um pobre carroceiro, e moro na Calçada. Comprehende V. Ex. que, tendo elle, como director da companhia de Vehiculos, mandado tapar a rua de um lado e outro priva-me de exercer o meio de vida com que subsisto.

—Que embrulhada fez V.! Não vê que é por uma necessidade?

—Não concordo. Si a companhia não tem as silipas promptas para assentar, para que está a impedir o transito?

—Meu rico, soffra que o mal não é duradouro.

—Entretanto irei me sustentando da graça de Deus!

—Tambem serve!

Quando estou junto de moças,
De desejos não escapo;
Rapaz namorado é tollo,
Marido de gia é sapo

As beatas de capona
Embrulham tudo n'um trapo,
Casca de vacca é chicote
Marido de gia é sapo.

Vinho velho e engarrafado
Guardo todo e não destapo,
Garrafa quadrada é frasco,
Marido do gia é sapo.

Panno comprido é lençol,
Pequenino é guardanapo;
Calça pequena é ceroula,
Marido de gia é sapo.

Thesoureiro é bom officio;
E' pechincha de encher papo;
Velhaco de casa é rato,
Marido de gia é sapo.

—Capitão, ai!... ai!... quem me acode!... quem me soccorre!... não sei o que tenho!... não sei o que sinto!... me valha, meu capitão! mande o muxingueiro que me passe nas ondas, e que em seguida me leve ao hospicio dos Barbadinhos, a ver si elles me benzem, aliás já sei que morro: ai!... ai!... quem me acode!...

—O que é isto, rapaz? o que é que V. tem, que está tão pallido, tremendo e com os olhos espantados?

—Meu capitão de minh'alma, o que ha de ser? São os meus peccados, foi o tal *Fradeco da mão furada* que me excommungou, e que excommunhão forte, meu capitão!

Dizem-me que o tal *Fradeco* me excommungou logo que acabou de jantar; pelo que cahiu sobre mim essa maldicta excommunhão, toda impregnada de *certos vapores*, de que o tal *Fradeco* se achava enthusiasmado, e a que elle chama—*suas sombras negras*—reduzindo-me a esse estado em que V. Ex. me vê; de sorte que, si eu fosse algum *sacerdote*, punha-me no risco de quando fosse celebrar o santo sacrificio da missa, e no acto de levantar o calix, de vel-o cahir de minhas mãos, si não tivesse o soccorro de *algum leigo*, que me ajudasse a missa. Ah! meu capitão, eu estou muito afflicto e muito atemorisado; pois, meu capitão, sem que nem para que, attrahi sobre mim a odiosidade da *triplice alliança inventarial*.

—Homem, tome este copo d'agua, beba, tranquillise-se, e então me conte a causa de tamanha odiosidade e no que pode essa *triplice alliança* prejudical-o, quando *seus membros* são os que devem tapar as caras.

—Pois é para ver, meu capitão, as cousas de nossa terra são assim mesmo; o tal *Fradeco* excommungou-me, e diz que, não podendo se desabafar comigo, nem mostrar-me para quanto presta seu punhal e sua pistola, que vae mandar buscar no trapiche de *cima* um *peito-largo* para estrangular-me!

Miseremini mei, miseremini mei!

Mellorio, pragueja-me a qualquer hora, e diz que me ha de *descarregar o catatau*, essa tremenda *durindana*, com que elle rondava la fora, no tempo das antigas ordenanças, (a que os capadocios appellidaram de mãos por baixo) de cuja *intrepida phalange* elle era *valoroso cabo de esquadra!!!.. Beatus venter qui te portavit*.

O *Randolfe* vocifera contra mim e diz que me ha de metter no sacco, ou enfardar-me, conforme costumam fazer com o assucar e fumo os negociantes do commercio a retalho!... *Fiat voluntas tua!*... e todas essas bravatas, porque eu tive a ousadia de em presença de V. Ex., pôr a calva á mostra dos tres marrecos.

Olhe, capitão, o tal *Mellorio* obra somente em proveito delle quando está reunido em triplice alliança, porque, tendo-lhe morrido um cunhado, que foi membro de sua alliança no inventario do sogro, elle que, por milagre de Deus anda a dous pés, recrutou o *Frade da mão furada*, para occupar essa vaga, quando esse animal amphibio está privado de entrar em certas searas; porem o *Mellorio* o convenceu, promettendo-lhe de recompensa um papel sujo por muitos titulos illegaes, e passado ha mais de treze annos, e o *Fradeco* que diz *que sabe um bocado de poetica*—tende

no longo espaço de treze annos despresado esse papel sujo, agarrou agora na moxiba, e depois da morte da mãe começou, como quem não queria a cousa, a mamar os alugueis de uma casa, segundo affirma o *Mellorio*.

—Rapaz, custa-me a crer certas cousas; como é que um *fradeco* blazona de ter *punhal e pistola*, e de mandar vir *peitos-largos*? como é que o outro diz que ha de *assentar o catatau*, ou a sua *furibunda durindana*? e como finalmente o outro ameaça de ensacar e de enfardar? e não tem elles receio de que a authoridade ecclesiastica, e a policia se envolva nesse negocio?

E' muito desafôro... porem eu lhe vejo cada vez mais tremulo, portanto va para sua casa, tranquillize-se, tome seus refrescos, e banhos frios, e deixe esse negocio por minha conta, pois basta que elle ja se acha no dominio do publico, com especialidade do meritissimo Sr. Dr. juiz de orphãos, que ja deve de estar ao facto do quanto é capaz semelhante firma social...

(Continúa).

O MUNDO A'S AVESSAS.

E' maluco—todo o bacharel
Qu'em politica mui prompto não entra,
Si no palco social, com cynismo,
Papel torpe elle não representa.

E' maluco—é p'ra sempre o diabo,
Si pretende nacionalisar
O commercio a retalho!... as industrias,
E ás artes si quer animar!...

E' maluco—quem bellas filhinhas
Tem, não pondo-as em um internato
P'ra fazer-lhes exames em tudo
La algum director mui gaiato...

E' maluco—si é medico e não faz
Ao enfermo a molestia augmentar,
Não fazendo d'ahi *sua roça*,
Para o cobre do pobre chupar.

E' maluco—e é mau boticario
Si a aviar vai qualquer receita
E em logar dessas drogas mui caras,
Muito boa *agoa pura* não deita.

E' maluco—qualquer sacerdote,
Que chamado a qualquer hora, sae
P'ra confessar e dar Sacramentos
Aos enfermos, si mui prompto vae.

E' maluco—todo vendelhão,
Que não deita mistura no vinho,
P'ra tornar-lhe maior a porção
E render-lhe mais algum cobrinho.

E' maluco—si acaso não tem
Amisade com os taes fiscaes...
Si não dá lhes de boa vontade
Os effeitos dos tratos mensaes.

E' maluco—qualquer director
D'um bancario estabelecimento,
Si no cofre não faz um bom furo,
E não tira-lhe *cento por cento*...

E' maluco—si é negociante,
E na porta não diz—*Barateiro!*...
E si ao povo não vende *a palavra*
De Cambrone, por banha de cheiro

E' maluco—si até da Europa,
Elle não manda vir dinheiro
Para os trocos miudos fazer,
E com cambio!... trocal-o, matreiro.

E' maluco—si no fim do mez,
Ao caixeiro elle paga o ordenado...
Si no fim d'alguns mezes, na rua
Não o põe por *ladrão* infamado.

E' maluco—si acaso não vae
A' Europa dar o seu passeio...
Si de lá, *etiquetas*, não traz,
De *charutos*... *té um Christo cheio*.

E' maluco—si ao vender fiado
Não debita dobrada quantia
No diario borrador ou caixa
P'ra mostrar-se fallido algum dia.

(Continúa.)

—Capitão, ha muito que uma corrente aspira pelo pé deste jandaia.

—Que figura repulsiva traz V.! O animal tem um bojo!...

—E onde vê é official da guarda nacional, subdelegado, e mercurio de um barão.

—E o diabo que o carregue para as profundas.

—Tem boas artes, este tratante.

Si tivesse de se chrysmar, eu o aconselharia que mudasse o nome para *João*.

—E então como se chama?

—*Leoncio*.

—Hum!... Mora...

—Ao pé de um *ribeiro* em terras do *Sanxo*.

—Sei eu la onde é!

—*Passe* V. Exa. pelos dominios do tal barão, que lhe fallei, que é ahi.

—Tanto peior, si eu ignoro quem é.

Vamos adiantar. Então este bruto, semelhança de bolo mal-amassado, é....?

—Um refinado escamoteador, um falsificador superfino, um defraudador de orphãos.

Falleceu D. *Janinha* e elle fabricou um testamento falso, consumindo o verdadeiro, pelo que veio a ficar na miseria uma pobre orphan herdeira.

Consumiu cartas de alforria, reduzindo a

escravidão pessoas, que, pela vontade da testadora, eram livres.

Gamou em certo tempo um boi de um homem chamado Luiz, morador no *Engenho Decepito*, cujo boi ja ia com destino n'um barco, quando foi apprehendido por um inspector.

—Na verdade tem todos os predicados para ser authoridade desta Latronopolis infame.

—Houve mudança politica e o inspector, que era simples cumpridor de ordens, teve de pagar caro. Foi mettido em prisão pelo facto de arrancar das mãos do larapio o boi que não era seu.

(Continua.)

O INCENDIO DO CUME

(Continuação do n.º 499.)

Mas vendo atêar-se o fógo,
Fugitiva, ella então corre
Do *mau cheiro* da *resina*,
Que o tição no *cume* escorre.

Pelo fumo asphyxiada,
Tomou ella tal esfrêga,
Que, p'ra mais não respiral-o,
O nariz no *cume* prêga.

P'ra no *cume* não cheirar
Mais tal fumo, ella tapou
As ventas co'uma pitada,
Que ella no *cume* tomou.

(Continúa.)

Gratifica-se com duas tabernas na freguezia da Sé, a quem descobrir o ratoneiro que, n'um incendio, que houve, ha dias, na cidade baixa, surripiou dous sabiás, dos quaes já vendeu um por 12$ rs.

O ladrão da irmandade de S. Benedicto de Maragogipe.

EPIGRAMMAS.

A' MULHER DE UM ARMADÓR.

«Arma egrejas por dinheiro
O teu esposo querido;
Tu armas gratuitamente
A testa de teu marido.

A' FILHA DE UM CARNICEIRO.

«No açougue de teu pae
Carne aos freguezes se fia;
Tu porém a carne daes
Sem precizar freguezia.

—Capitão, sou de V. Ex....
—Obrigado, amigo.
O que ha de novo?

—Trago á presença de V. Ex. uma firma importante, um devasso, um tabareu estupido, nascido nas brenhas do sertão de Sergipe, que, por desgraça de nossa terra, veio aprender a curar, e é tão ruim cousa que está ha trez annos, e ainda não passou do primeiro.

—Oh, Sr. tabareu, quem é V., donde veio, como se chama?

Não falla, não responde, não sabe que posso fazel-o fallar á força da taca do muxingueiro?

—Capitão, não precisa perguntar quem é, olhe para o todo d'elle, para a cara deslavada, e verá V. Ex. que é a estupidez e o cynismo personificado, é a escoria da nobre corporação que enxovalha, melhor seria que o pae, alias probo e trabalhador, o tivesse de enchada na mão, do que mandal-o estudar.

—A razão porque V. está tão insultado com essa cousa ruim?

—Eu lhe conto tudo, capitão.

Esta peste, não sei como, poude trazer comsigo da ilha do Jesus Bom uma pobre moça, e levou-a para uma casa á rua Xixi freguezia do Pilar, casa essa habitada por gente da laia d'elle, e ahi leva dias e noites sem se importar com o estudo, e a pobre moça aperriada passa uma vida cheia de amargura, a ponto de ser espancada, alem dos nomes injuriosos que este bruto vomita contra a desditosa; si a moça chega á janella e olha para alguem, ainda mesmo sendo conhecido, elle, ou por si, ou por arenga da gente ordinaria que ha em casa, maltrata-a, injuria-a, chama-a por nomes que a decencia manda calar. Ja chegou a ponto de chamar a mãe da moça alcoviteira; promette chicote a quem olha para ella, emfim, Sr. capitão, tem lhe dado tão bom trato que ella ja chegou a escarrar sangue, e está se definhando em pé.

A vista pois do que acabo de expor á V. Ex., posso ou não estar insultado com esto estupido tabareu?

—Quero ja saber o nome do relapso, e tambem o nome do pae para lhe mandar dizer que é melhor metter tal estupido na enchada do que consentir que esteja esperdiçando seu dinheiro.

—Capitão, o nome do pae não lhe sei dizer, do estupido disseram-me chamar-se *Xicó* de tal *Vieira*, porem V. Ex. poderá saber com facilidade mandando perguntar ao correspondente.

—Pois bem; vou mandar saber. Muxingueiro toma a teu cuidado esta peste, até minha segunda ordem.

Abraços, abraços,
Que mal nos farão,

Si Deus nos deus braços
Foi essa a razão.

Que mal faz um beijo,
Que apenas eu dou?
O beijo sumiu-se,
O gosto ficou.

VARIEDADES

ENIGMA.

Por natura coroado
Com aspecto de sultão,
E' valente campeão
Sempre de esporas armado;
De damas mil rodeado,
Passear tem por costume,
Sem haver nelle ciume
Serve a todas igualmente.
Canta airoso, e mui contente,
Sem fazer um so queixume.

O padre Moliére era um homem simples e pobre, estranho a tudo, á excepção dos seus trabalhos litterarios sobre o systema de Descartes: não tinha domestico algum; e no inverno, por falta de lenha para se aquecer, trabalhava na cama, embrulhado o melhor que podia no seu facto. Uma manhan sentiu bater á porta.

—Quem está lá? perguntou elle.

—Abri, lhe responderam.

Elle puchou um cordel, que da cabeceira da cama ia prender no fecho da porta, e esta se abriu.

O padre, sem levantar os olhos do que estava escrevendo, perguntou:

—Quem é, e o que pretende?

—Quero dinheiro.

—Dinheiro?!

—Sim, dinheiro e depressa.

—Ah! já entendo: então o Sr. é um ladrão?

—Seja, ou não seja, preciso de dinheiro.

—De certo? precisa?... pois então procure ahi.

E o padre acenou com a cabeça para designar-lhe uma perna dos seus calções, que tinha deitados á roda do pescoço para se aquecer.

O ladrão metteu a mão no bolço dos calções, e depois de remecher bem, disse:

—Cá não ha dinheiro!

—De certo que não: mas ha lá uma chave.

—Esta?

—Justamente, essa. Ora vá abrir aquella gaveta da papeleira.

O ladrão metteu a chave n'outra.

—Não é ahi, não é ahi, lhe diz o padre: ahi estão os meus papeis; não mecha que m'os desarranja... com a fortuna! já lhe disse que ahi só estão os meus papeis! Na outra gaveta de lá na outra é que está o dinheiro.

—Elle cá está.

—Pois bem tire-o, feche a gaveta, e dê cá a chave.

O ladrão tendo metido na algibeira todo o dinheiro que achou, retirou-se appressadamente.

—Senhor ladrão, lhe grita o padre, feche a porta para si...

—Então este cão não me deixa a porta aberta!.... Não tenho remedio senão levantar-me com o frio que faz! Excommungado ladrão!

E o pobre saltou da cama embrulhou-se nos cobertores, vai fechar a porta e torna para cama a continuar o seu trabalho, sem pensar talvez que não tinha um vintem para comprar um pão para o almoço!

DEFFINIÇÕES

EXTRAHIDAS DO DICCIONARIO DO PADRE GIBOIA.

Amor—Queixa do peito que, tratada pela homoeopathia, degenera em hydropesia, e pela allopathia em dyarrhea incuravel.

Casamento—Duas nações inimigas atadas uma a outra servindo de mutuo verdugo, ou para servirem de verdugo uma a outra.

Governo constituicional—Descoberta a mais feliz para o genero humano, por ser aquella em que um terço da nação trabalha para sustentar as outras duas terças partes com o appellido de empregados publicos.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA 15.

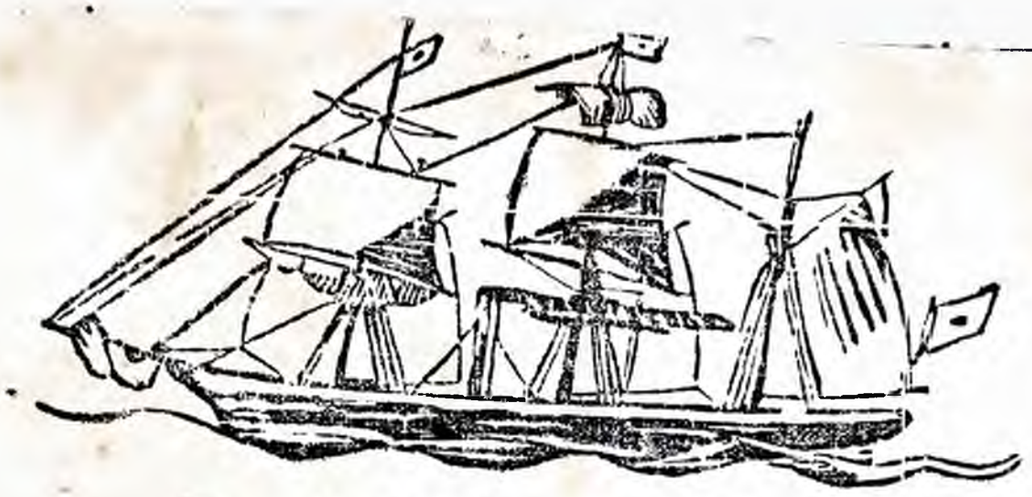
França—em... ds., vap. *Extremadura*, de... ts., eq. 30, cap. *F.*, carga 400 *mimosas* ás *charidosas* para seu uso, passageiras irmans *charitativas*, vindas para a Casa da Santa Mizericordia.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 52 e 53 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

O thesoureiro actual da irmandade de S. Benedicto, convida em geral aos irmãos e devotos para concorrerem com as suas esmollas para o brilhantismo da festa do presente anno, que terá logar domingo 20 do corrente. Consistorio da irmandade, 14 de junho de 1869.—*Manuel Friandes.*



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço á assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VII. **Serie 52**

BAHIA 19 DE JUNHO DE 1869. N. 519.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de junho de 1869.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que, pelo menos, mande tapar as grandes boccas de lobo da rua dos Adobes, na qual passam os carros triumphaes no dia Dous de Julho, e como se approxime esse dia, é de urgente necessidade que isso se faça *in continenti*. Espera-se.

—Ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, dando-lhe sciencia da informação que nos remettem, de que nas Mercez, casa immediata á do Sr. Lobo, existe uma desventurada menina, exposta da Santa Casa, que vive como escrava, sujeita a rigorosos e continuados castigos, mal comida, mal vestida e mal dormida, obrigada a trabalhos superiores a suas forças. Reconhecendo-se em S. S. eminentes qualidades de amparo aos infelizes e amor ao proximo, confia-se que, obtendo esclarecimentos á respeito, arrancará a innocente das mãos de seus algozes.

—Capitão, eu não acreditava que houvessem brasileiros tão degenerados, que fizessem causa commum com os inimigos de sua patria.

—De tudo ha bom e mau.

—Lendo o relatorio que fez o major Cunha Mattos, de quando esteve prisioneiro dos paraguayos, deparei que houve um brasileiro, miseravel transfuga, passado para o inimigo, que era o algoz dos seus patricios.

—Tem ahi a mão?

—Vou ler;

No numero de presos e prisioneiros achava-se o passado do exercito tenente Simplicio Luiz. Devo declarar que não creio que Simplicio fosse tenente do exercito, mas simples cadete, segundo informações que tenho, de alguns dos corpos de Pernambuco.

Esse passado, tendo-se incumbido, como capataz, de dirigir os prisioneiros brasileiros, proporcionou-lhes sempre os maiores vexames, concorrendo para a morte de muitos, aconselhando aos que carregavam outros que os afogassem em banhados, gritando emfim muitas vezes em altas vozes—mata esse negro,—e açoutando-os quando pelo seu estado de fraqueza não podiam caminhar.

Simplicio ja havia causado em Passo-Pocu muitissimos damnos aos nossos compatriotas. Tendo aprendido a fallar o guarany, servia de interpetre; como tal, e com fim de insinuar-se no espirito de Lopez, compromettia a todos a quem ouvia.

Intrigante, infame, esse miseravel brasileiro havia conseguido de Lopez o uso da espada e um emprego de segunda ordem, recebendo soldo as poucas vezes que se fazia pagamento no exercito. Ao passar-se para o inimigo, Simplicio apresentou-se com uma gorra de argentino, com os distinctivos de primeiro tenente e declarando pertencer a arma de cavallaria; como tal foi recebido no exercito paraguayo, onde usava dos distinctivos daquella arma e posto.

—Dá licença, capitão?

—Entre. Quem é o Sr.?

—O thesoureiro da irmandade de S. Benedicto.

—Determina alguma cousa?

—Venho communicar-lhe que amanhan, domingo, celebrar-se-ha com extraordinaria

pompa a festa do mesmo Santo no convento de S. Francisco.

—Fico inteirado.

—A' noite, para divertimento da rapazeada, queimar-se-ha um lindo fogo de planta ás 10 horas.

—Sim, Sr., vou mandar annunciar tudo isso para convidar a concarrencia.

—Que frade!

Sem respeito ao caracter sacerdotal, jogando o gamão na botica do Carlos!

—E' carmelita.

—Pouco importa saber o que é elle.

O que devia, era ser mais recatado e não estar assim depreciando a classe, com os dados na mão em uma casa publica!

O PRAZER DE UMA PALESTRA.

Os gostos n'este mundo são relativos. Tantos são os viventes que emperram n'este turbilhão de teteias a que chamam vida, quantos são os gostos. Cada um pensa de seu modo, e de seu modo vai obrando.

Um, acha prazer, e prazer maior da vida, accordar logo pela manhan com a gerobita as voltas, a beijar a bocca da rapariga—D. Botija; embora a *caninha* lhe transtorne a saude, e o degrade na presença da sociedade. O bebado a quem o filho chamava para ver a maneira porque tratavam á um outro em publico, se poz a chorar considerando o prazer de que não iria aquelle possuido.

Outro, sem temer as apoplexias, sem cuidar de nada, gasta quanto tem em metter nas tripas bons petiscos, e empanturrar-se de excellentes manjares.

Esta, inda que bonita moça, namorada, e com pretenções a casamento, gosta de um pedaço de fumo, e com elle anda agarrada o dia inteiro e conserva-o na bocca como se fora uma corneta de bom tamanho.

Aquella, velha presumida, dá o cavaco por cheirar o murrão de candeia, com quanto seja o difluente mais terrivel que se pode imaginar.

Um, levanta-se pela madrugada, e passa por bem casado.

Outro, leva a mulher a cacete e pancadaria, e accorda ao meio dia.

São gostos, e todos acham n'isso prazer, e gritam quando si os reprehende:—que tem as gentes com os gostos meus?

E' d'aqui pois que eu tiro rasões para dizer, que não ha cousa mais prazenteira, e capaz de fazer formiguinhas correndo pelo espinhaço á baixo, como o praser de uma palestra,

Oh! que gosto! nada ha que se possa comparar com isto.

Palestra, quer dizer, reunião de quatro ou cinco ou mais pessoas, que se ajuntam para darem a taramella, tratarem dos interesses do paiz, e fallarem da vida alheia, que é o cidrão da moda.

Si a palestra é de rapazes, então apparece envolvida em risos e pilherias, e embrulhada em nuvens de fumo dos bons e amaveis charutos.

Si é de velhos, não pode existir sem uns suspirinhos de vez em quando, dedicados por elles aos prazeres da mocidade, que agora reprovam, por não poderem gozar.

Si é de raparigas, a palestra é temperada de sal da maledicencia, e nada escapa dos defeitos alheios; como sejam, por exemplo! das anquinhas de D. Ximenes, a falta de cabellos de D. Henriqueta, os namoros da filha de fulano, e as cartas de namoro das filhas de sicrano. Tudo sahe a campo e nada escapa.

Si finalmente é de velhas, é misturada de baba e rabuge, ralhos e ranho de tabaco. Versa sobre papellões, ajudas, refrescos, ventosidades e parteiras.

N'ella se analysa sem rebuço o velho e o novo; acha-se o sal das pilherias e lembranças esquisitas, e é um verdadeiro prazer, um verdadeiro gosto.

—De que vive fulano? diz um.

—Eu sei! responde outro, e logo um terceiro vai dizendo:

—Não sei o que faz, mas nada lhe falta, tem boas casacas, bons colletes, e tudo de melhor.

—Ouvi dizer que tem uma viuva que o estima.

—Pode ser; mas duvido.

—Namora aquella menina lá da C.

—Que diz? Tambem é tão namoradeira...

—Ja repararam vocês que ella tem quatro dentes postiços?

—Ja viram que tem uma queimadura no braço, e por isso nunca anda de vestido de manga curta?

—Não, não; respondem todos em côro.

—E a irman?

—Oh! esta sim. Que olhos de rapariga! Gosto muito dos olhos azues.

—Tens bom gosto.

—O que ella tem de bom, são as mãos. Meu Deos! que mãos bem feitas!

—Qual, não sejam tollos, a primeira menina da Bahia é aquella la da rua de F.

—Qual?

—Aquella que tem o irmão empregado la em baixo? Dizem que namora.

—Si namora! Inda hontem la estava o Florencio a conversar na janella.

—Que diz? ja não me admiro que ella tanto se ria como o primo franciscano.

—Bello. Quem se namora com frades, não sei o que pertende. E' becco sem sahida.

D'esta maneira, cortando aqui e acola, thesourada para uma banda e para outra, se vai passando o tempo na palestra dos rapazes. Não ha monotonia, so alegria, so.

Amo, gosto da palestra e viva a palestra!

LA VAE VERSO

VERSOS DO TUDO-TUDO, DO POETA D'AGUA FRIA.

Tudo bonito é bem feito,
Tudo que é gordo agazalha,
Tudo que fura é verruma,
Tudo que raspa é navalha.

Tudo que morre é defunto,
Tudo de lombo é gostoso,
Tudo que é roto é mulambo,
Tudo engraçado é jocoso.

Tudo redondo é boceta,
Tudo furado é buraco,
Tudo cumprido é canudo,
Tudo moido é tabaco.

Tudo que lambe tem lingua,
Tudo que anda tem perna,
Tudo que furta é ladrão,
Tudo que vende é taverna.

Tudo de becca é ministro,
Tudo de farda é soldado,
Tudo que bebe é xupista,
Tudo que morde é damnado.

Tudo que fura tem ponta,
Tudo que é panno é toalha,
Tudo que é rico é divino,
Tudo que é pobre é canalha.

Tudo que cheira é gostozo,,
Tudo que fede enfastia,
Tudo que é pote é vazilha,
Tudo que é vella é bugia.

Tudo que geme é doente,
Tudo que ronca é trovão,
Tudo que bate é martello,
Tudo que engorda é capão.

Tudo que dança é macaco,
Tudo que gira é morcêgo,
Tudo que corta é cutello,
Tudo que grita é gallego.

Tudo que pare é mulher,
Tudo que mija é menino,
Tudo que toca é badallo,
Tudo que é molle é pepino.

MOTTE

A creança quer mamar.

GLOZA

A defunta minha avó,
Mulher de grande exp'riencia
Tudo de conveniencia
Desejava p'ra si so—
Tijollo moido é pó—
O macho com femea é par,
Peixe se pesca no mar,
Ferro de gancho é anzol,
Velhacada é caracol
A creança quer mamar.

Á PEDIDO

—Andou na quarta-feira a noite um homem e uma moça correndo atraz delle e elle virando beccos e ruas, afim de livrar-se della.

Pessoas que estavam em uma loja na rua do Collegio os acompanharam; desceram a ladeira do Aljube e pararam na esquina da rua do Tijolo e ahi apreciaram o seguinte dialogo entre elles:

«—E' ali naquelle sobrado de tres andares; vá-se embora!

«—Como eu hei de entrar agora?

«—Não sei, va-se embora!

«—Pois eu hei de andar sosinha pelas ruas?

«—Não quéro saber de nada!

«—Ah! meu Deus! E assim é que são os homens.»

—Um dos circumstantes ouvindo isto, e vendo a moça em pranto, que chamou attenção de muita gente, perguntou-lhe o que tinha, respondendo-lhe em tom grosseiro o tal sujeito: *—não é nada!*

Depois seguiram pela rua do Saldanha; mas sempre as pessoas os acompanhando. Chegando a rua do Bispo, um delles foi a secretaria da policiá e indagou do sargento commandante da guarda, si o Dr. chefe dê policia estava ahi? Este respondeu que sim.

Então pediu dous guardas, declarou que elle era o juiz de paz da Conceição da Praia.

Sendo-lhe concedido os dous guardas, foi em busca do sujeito que então seguia a passos largos com a moça, e encontrando-os na Baixa dos Sapateiros, os fez voltar para fallar com o Dr. chefe; o sujeito quiz resistir; mas depois vendo que a resistencia era inutil, obedeceu á intimação, e voltou.

Nessa volta, porém, o referido juiz de paz da Conceição da Praia perguntou de novo ao sargento, si estava ahi o chefe de policia, e foi respondido pelo mesmo que sim.

Mas, quando elle bateu e perguntou pelo

chefe de policia, disseram que tinha sahido.

Indagando do sargento a morada do delegado, ou do subdelegado, elle não lhe soube responder.

—E a que horas se deu este facto?

—A's 7 1|2 horas.

—Pois, posso lhe garantir que nessa occasião o Sr. Dr. chefe andava passeando em um rico carro.

—E passeia a authoridade em quanto della se carece!!

—Não sei; mas podiam ter ido ao delegado.

—Tambem o delegado podia ter sahido e dizer depois—*porque não foi ao subdelegado!*

—Neste caso, este tambem tinha o recurso de mandar ao inspector de quarteirão.

—E o que fez o tal juiz de paz da Conceição?

—Interrogou, em minha presença, na de um empregado do *Diario*, e do commandante da guarda da secretaria, ao sugeito.

—E o que declarou este?

—Disse ser capitão, e chamar-se Constantino; ter trazido a referida moça do sul; morar na freguezia de Santo Antonio, em uma casa do Dr. Albergaria; e que ella estava chorando, em vista delle ter sahido com ella para ver uma casa, e como no caminho um moço batesse com o braço nella, elle a queria fazer voltar sosinha para casa?

—Talvez seja mesmo amasia delle, e a choradeira della fosse proveniente de ciumada.

—Fosse lá o que fosse: o facto é que houve razão para o chouro, que não foi nem descoberta, nem providenciada.

—Isto é para uma policia que não a do Dr. Cicero d'Assis.

CHARADA.

Filho de Dœmogorgon
Sou, e da flauta inventor;
Presido somente o campo,
O rebanho e o pastor.—1

Piedade e compaixão.
Em mim sempre has de encontrar—1
Si me deitas mais um til,
Certo reptil has de achar.—1

CONCEITO

Co'uma boceta infeliz,
Fui, por Jupiter, mandada
A' terra... e, por Prometheu,
Ella fôra recusada...

Mas, tomando-a Epimethéo,
D'uma indiscreta maneira
Abriu-a, e innundaram,
Os males a terra inteira.

J. L. de Azevedo.

VARIEDADES

REGRAS DE TARIFA.

Não ha candidato que em tempos de eleição não trate a todos com agrado.

Não ha aprendiz de padre, que não elogie o bispo.

Não ha commandante da guarda nacional que não seja valente para os arrumamentos.

Não ha medico, por mais ordinario, que não diga que tem doentes.

Não ha moça, por mais feia, que não diga que engeitou casamento.

Não vem artista da Europa que não diga que foi por motivo politico.

Não ha senhor de engenho sem proa de fidalgo.

Não ha caxeiro de cobrança que não ande estafado.

NOVISSIMAS REGRAS INFALLIVEIS.

Não ha caxeiro de escriptorio que não gaste ao menos papel de pezo com as namoradas.

Não ha padre velho, por mais estupido, que não seja padre mestre.

Não ha preto barbeiro que não negocie em sanguesugas.

Ia um pobre labrego á cavallo, a cavalgadura sacudiu-o e ficou estatelado no chão, doendo-se muito dos hombros e da espadua,

Acudiram-lhe, levaram-no para a casa que elle indicou, e chamaram-lhe um facultativo.

—Onde é que vosmecê levou as pancadas, pergun'ou o cirurgico; foi na dorsal, ou nas homoplatas?

—Não senhor, respondeu o paciente, soltando um ai dolorido, foi no meio da ponte Segovia.

BOA REPLICA A UM INSOLENTE

Certo fidalgo, vendo um dia Descartes n'uma casa de pasto commendo á regalada, lhe disse:

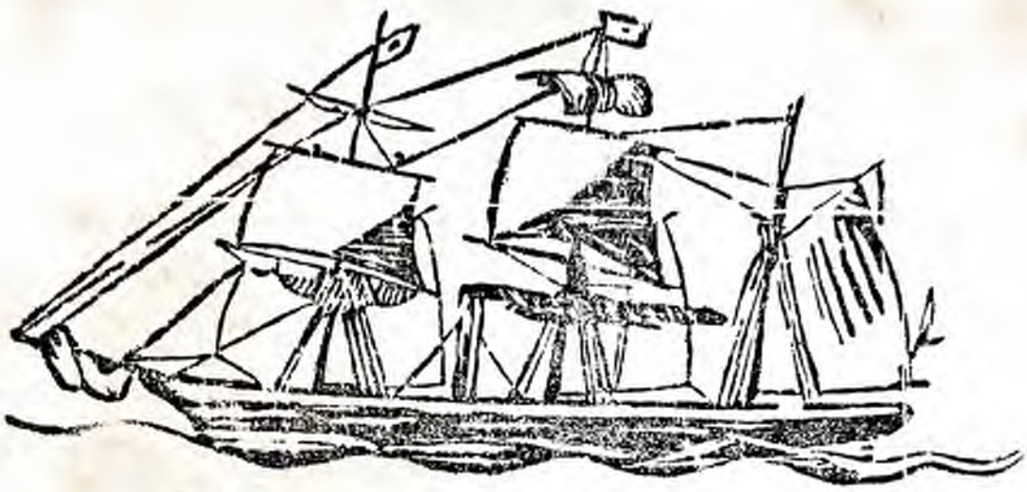
—Então que é isso, meu amigo, pois tambem os philosophos gastam o seu dinheiro em acepipes?

—Esta não é má, respondeu Descartes, acaso v. exc. julga que a natureza só produziu coisas boas para os ignorantes?

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a folha 54 do—ROCAMBOLE.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 52
Preço á assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 23 DE JUNHO DE 1869. N. 520.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de junho de 1869.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que, em cumprimento ás ordens da policia, vá desmanchar o ajuntamento de moleques na taberna n. 1, ao Cruzeiro de S. Francisco. Cumpra.

—Ao Sr. Paranhos, prevenindo-o de que, si um seu caixeiro continuar a assustar os moradores do Maciel de baixo e becco do Ferrão, com tiros de pistola que dá do terraço de sua propriedade, se dará disso sciencia á policia para que tome medidas preventivas.

—Só pelos seiscentos milheiros de demonios!

Arre!

—O que tem, meu amigo?

—Não me falle que estou vexado.

Acabo de sahir desta infernal repartição do sello onde estive retido quatro horas de relogio!

—O governo entende assim!

Assenta que deve lucrar sem dispender.

—Causando, as vezes, prejuizos irreparaveis.

Tem-se um negocio de grande importancia, emprega se toda actividade para concluil-o, chega-se na repartição do sello e fica-se esbarrado.

—E' uma barreira que se antepõe aos interesses das partes. Assentava-lhe melhor o nome de casa de detenção, do que repartição do sello.

—Como é que augmenta-se o trabalho e conserva-se o mesmo numero de empregados!

Não se pode dar mais inqualificavel mesquinharia.

—Entretanto o rendimento daquella casa excede dez vezes a despeza.

—E o governo não tem animo de nomear tres ou quatro praticantes para coadjuvar o serviço!

—Em que se importa o governo que o publico seja prejudicado?

Corra os cobres, é o que serve.

—So muita pobresa, extrema miseria, pode levar uma mãe a atirar aos cães o cadaver de seu filhinho.

—As vezes são mães obsecadas, que não comprehendem a sublimidade de tal nome.

Fique certo que a charidade publica não está de todo extincta nesta terra.

—Não contesto; o que é verdade é que deixaram estes innocentes gemeos em um caixão de sabão na portaria do S. Francisco, hoje sabbado.

—Deshumanidade! brutalidade!

Para enterrar dous anginhos sempre ha almas generosas que concorram com um obolo de charidade.

—Felizmente não ficaram insepultos; o subdelegado da freguezia ja deu providencias.

—Capitão, o Sr. Marinangeli foi roubado.

—Aonde?

—Elle está hospedado no hotel Folleville...

—Sei disso.

—... deixou dentro de uma commoda a quantia de 3:400$000 rs. e sahiu. Na volta abriu a porta, foi a commoda e achou-se em *branco!*

—Mas como se explica isso?

—Provavelmente foi obra de gente de dentro do hotel.

—Quando se deu esse roubo?

—Elle deu por falta do dinheiro no sabbado de manhan.

—E o que fez?

—Queixou-se a policia.

—Elle que não trate de arranjar outros, e espere que a policia descubra o ladrão.

—Pode descobrir.

—Mas isto é para outra policia que não a da Bahia.

—Foi a procissão de S. Benedicto, no domingo?

—Não fui de proposito; mas vinha passando, até ignorando que houvesse procissão, já ao escurecer, quando a vi na rua. Tambem só andou pelo Cruzeiro e recolheu-se logo.

Agora, notei uma cousa!

—Qual?

—Os moradores do Cruzeiro vendo uma procissão, á noite, na rua, com o Santissimo Sacramento acompanhando, e não deitarem illuminação em suas janellas!

—Será porque S. Benedicto seja preto?

—Não; mas si foi por isso, porque a gente de minha terra tem muitas.... S. Benedicto foi um preto que, por suas boas obras e virtudes, Deus o collocou no meio dos bem-aventurados! E em todo caso ia o Sacramento, deviam deitar illuminação!

—Homem que importa-lhe que os outros sejam irreligiosos, cada um responde por si.

—Basta!

—Ouviu dizer alguma cousa da Cruz do Cosme?

—Não.

—Contaram-me que um creado do engenheiro Pessoa de Barros, que andava em rixa com o feitor do mesmo, apanhando este dormindo, partira-lhe o craneo com uma estaca.

—Cousa de proximo?

—No domingo demadrugada.

—E' um crime que revella a indole perversa de quem o praticou e que a lei deve punir severamente.

—A egreja da Sé, está reduzida a pombal!

—Quem foi que lhe disse isso?

—Eu, que vi uma roosca em uma das janellas das que ficam em frente a rua Direita da Mizericordia, por onde sahem e entram os pombos.

—Como vae esta terra, que até já criam pombos dentro do templo sagrado!

—Noticia fresca, capitão.

—Diga.

—Sabe que por insinuação da policia está se formando um batalhão patriotico?

—Patriotismo na policia! E' enxerto que não gréla.

—Tem por fim percorrer as ruas da cidade, dando vivas ao partido dominante, a situação actual, nos dias da festa do memoravel Dous de Julho.

—Politica no caso.

—Sahirá da freguezia do Pilar, é encarregado de organisal-o o Sr. Luiz Pedro de Araujo Pinto.

—Oh!... oh!...

—Na copia do requerimento em que esse Sr. pede ao chefe de policia permissão para crear o batalhão, diz que é para apoiar o governo, em contraposição a certos brasileiros degenerados, mal intencionados e desordeiros que hostilisam e desacreditam a um governo tão bom e tão honrado como este.

—E o chefe despachou?

—De certo.

—Pois elle que tem a seu cargo manter a ordem, obrara com mais acerto, aconselhando ao Sr. Luiz Pedro que deixasse de se metter em remedios quentes.

Não é bom fomentar rivalidades; para festejar o Dous de Julho, não ha côr politica.

—Valha-me Deus! Si estou a lhe dizer que a ideia é da policia, que é sob os auspicios della que se forma o batalhão!

—Ah! sim... já nem me lembrava.

—O que lhe garanto é que o Luiz Pedro é capaz de arranjar a cousa.

—Ora... até de mais.

—Capitão, Latronopolis está contaminada; é preciso expurgal-a dos tratantes; dar um córte nos escandalos.

—Rapaz, V. bem vê, eu não me poupo.

—Mas nem todos os escandalos chegam ao seu conhecimento; talvez não saiba de mais um.

—Mas posso saber agora; o ponto é que me diga.

— V. Ex. sabe que neste porto ha um pequeno vapor.

—Sim; o *Rival de Paraguassú*.

—Tinha elle machinista nacional que ganhava 150$rs, mensaes, este porem incorreu nas iras de quem manda no mar e foi expulso.

—E o cavallo marinho ficou sem machinista.

—Não, Sr., contrataram um individuo da terra das batatas por 250$ rs. mensaes.

—Economia da epocha, entendo. .

—O *godeme* não quiz metter a mão em combuca segurou-se, fazendo um contracto por tres annos.

Submettido elle ao *secretario das cousas do mar*, não foi approvado, por ser exorbitante a quantia e o tal vapor que aqui para nós, tem custado uma fabulosa somma a esta terra de patetas...

— Com o que se tem dispendido comprava-se quatro vapores de alto porte.

—Como dizia, o ministro não approvou o contracto, porque o vapor sempre está encalhado, de nada serve, sinão para passeios e não precisa de machinista tão caro quando ha quem sirva por menos.

—E' muito justo.

—Mas o contracto estava feito, e quem o fez não queria ficar com cara de lacaio.

Para arranjar as cousas sabe de que expediente serviram-se?

—Conclua

—O feliz estrangeiro foi apontado na officina de machinas do *trem do mar* com 4$ rs., diarios.

—Que chelpa!

Ganha no mar e em terra ao mesmo tempo!

—Mas isso não é um escandalo?

—Um verdadeiro escandalo.

—Pois ha de estar a se escoar constantemente o suor do povo em tudo quanto é esbanjamento?

—E a nação a pagar as favas que o asno come!

—Dorme a policia.

—Mas velam os ladrões.

—Veja um espelho.

Aquelle soldado, em pleno dia, ás 10 horas de hoje 22, com o bonet cahido para uma banda, a cabeça pendida, aferrado em pesado somno, na porta do Café Restaurant, ao largo de S. Bento, mais adiante, na entrada da rua de Baixo; dous moleques, arrebatam doces de uma caixinha e largam-se.

—E outros atiram pedras pela rampa abaixo.

—Que triste copia dá a policia de si, quando seus agentes dormitam pela rua!

O QUE FAZ ANDAR A RODA A CABEÇA DAS MULHERES.

—O que é mais leve que o fumo? pergunta-se por ahi, e todos respondem.

—A chamma.

—O que mais leve que a chamma? retrucam.

—O vento.

—O que mais leve que o vento? ainda tornam.

—A cabeça da mulher. E alem d'ella mais nada.

E na verdade, razão tem os que assim pensam, não devendo as mulheres se enfezarem d'isto, pois que são as proprias que se incumbem de provar esta verdade. Coitadas! deixam andar a roda a cabeça por cousas que as vezes faz nojo, e collocam a sua felicidade e ventura, na posse de objectos irrisorios. Coitadas! tão cheias sempre de si, são as primeiras que dão argumentos aos maldizentes, como nós, para fazermos-lhes a póda.

—Yaya Quininha está doida, diz uma negra de caixinha, que tem entrada na casa. Não come, não bebe, não cose, chora todo dia pela manhan. suspira cem vezes no dia, dá ais, anda amarella, ja não abre o seu piano, emfim, ja não é a mesma, ninguem a conhece,

E isso porque?

O que faz assim andar a roda a cabeça da pobre yaya Quininha?

Pois vou lhe dizer; passava pela rua de yaya Quininha, um tamanhão narigudo, feio, desdentado, e que podia ser agarrado como desertor do cemiterio. Que importa que mostre paixão se é tão esquisito? Que vale que ande bem vestido, si nada ganha, é um cavalleiro de industria? Mas, contra gostos não ha disputas; mulher não casa com o grilo por não conhecer o macho; e yaya Quininha, que é uma moça bonita, bem coradinha, bem feita e mimosa, e alem d'isso filha de um lavrador rico, somente porque o tal papellão lhe fallou em casamento, quer cazar com elle, e já disse ao pae que si não casar, morre infallivelmente; (o que dizem todas, ainda que já temos visto muitas com quem os paes se entesam, que, nem cazam, nem morrem.)

Ora, não haverá aqui argumentos fortes contra a leveza de cabeça das mulheres?

Sim, e tres vezes sim.

D. Honorata, é mulher de certo empregado publico que a trata muito bem, e ella tambem sempre andou muito direito. Mas de certo tempo para ca, depois que tomou amisade com certa senhora, tem-se tornado impertinente, furiosa, desesperada, respondona e até não querendo dormir com seu marido no mesmo leito. E' toda outra.

Por que será?

O que faz assim andar a roda a cabeça de D. Honorata?

Pois vou lhe dizer:—quer que o pobre marido, nestes tempos de carnes caras, e elle que apenas ganha seus quatrocentos mil reis, a leve ao theatro, aos bailes, aos soireés; quer que lhe dê bons vestidos de seda, boas mantas, luvas e etc.

O infeliz empregado recusa, por que não ha de furtar, e n'este caso, eis que a Sra. D. Honorata por conselhos da amiga, torna-se outra, e fica levada do demo, e mesmo necessitada de uma untura de sipó de rego bem grosso.

Ora, não se poderá á vista do exposto, affirmar que nada ha mais leve do que a cabeça das mulheres?

Sim, trez vezes sim.

E que frioleiras não trazem em confusão a cabeça das moças, tias, casadas, e velhas? As moças andam sempre pensando na bonéca, nos bigodes do namorado, na cartinha da vespera, e no lencinho da camarada todo de ponto de marca.

As tias vivem n'uma continuada afflicção, e desesperadas por verem que nem uma só carapeba segura no anzol casamenteiro.

As casadas só cuidam como hão de enganar o marido, e ter occasiões de passeio e patuscas.

Nos bilros, fumo para mascar, na vida alheia, e no seu tempo de moça que recordam saudosas, pensam dia e noite as velhas.

E não será tudo isto frioleira, leveza de cabeça?

E que me dizem dos objectos de seu apreço? São sempre umas sedas, umas rendas, umas ninharias, que parece foram deixadas no mundo para encher o armazem vasio da cabeça das mulheres; e levam este seu apreço á um tal ponto, que os romanos, vendo que por mais ricos e opulentos que fossem os paes e maridos, não podiam com a carga, nem podiam satisfazer ao capricho de suas mulheres e filhas, apresentaram uma lei contra o luxo e vaidade.

Razão, pois, de sobejo teve aquelle que apresentou a cabeça da mulher como a cousa mais leve do mundo.

Pura verdade! Verdade sem replica!

O que faz andar a roda a cabeça das mulheres, são sempre ninharias, bagatellas, e futilidades.

Cousas de mulher!... cousas de mulher!...

Á PEDIDO

—Capitão, tudo está mudado; até já se faz procissão depois do Te-deum!

E' cousa mesmo de quem é.

Gente pesada como *prego*.

—Meu rico, si queria cousa melhor, fizesse.

—V. Ex. julga assim?

Ali ha casa de maribondo, onde ninguem pode metter o bico.

Os sujeitinhos agarraram-se á muxiba como ôstra ao rochedo.

Parece mesmo negocio de *armação*.

—V. está despeitado.

—Eu não.

Até defendi o escrivão, por ver umas beatas de capona dizerem que o escrivão não lançou a joia de certos consultores.

—Não creia.

—O que é exacto é que muita gente, quando se mette em irmandade, não trata mais de outra cousa; e suas familias passam soffrivelmente.

—Menos os irmãos de S. Benedicto.

—Mas concorde que, si a cousa é boa, deve passar por todos.

—Em resultado, qual é seu pensamento?

—Que se deve acabar com a panellinha de Manuel Friandes, Damião Lisboa, Manuel Pedro, Francisco d'Almeida e comittante caterva.

—O Marinangeli deve estar desapontado.

—Tem razão para isso?

—De sobra; pois o Lajournad não teve força para prestidigital-o?

—Explique-se.

—O homem quiz entender-se com o emprezario da companhia italiana para dar algumas noites no theatro, mas este oppôz formal recusa.

O governo, porem, entendeu por modo diverso, e o incomparavel Marinangeli ficou sem mel e cabaço.

—Quem tudo lo quer, tudo lo perde.

—E digam que o Lajournad não é um prestidigitador portentoso!

VARIEDADES

MAXIMA QUESTIONAVEL.

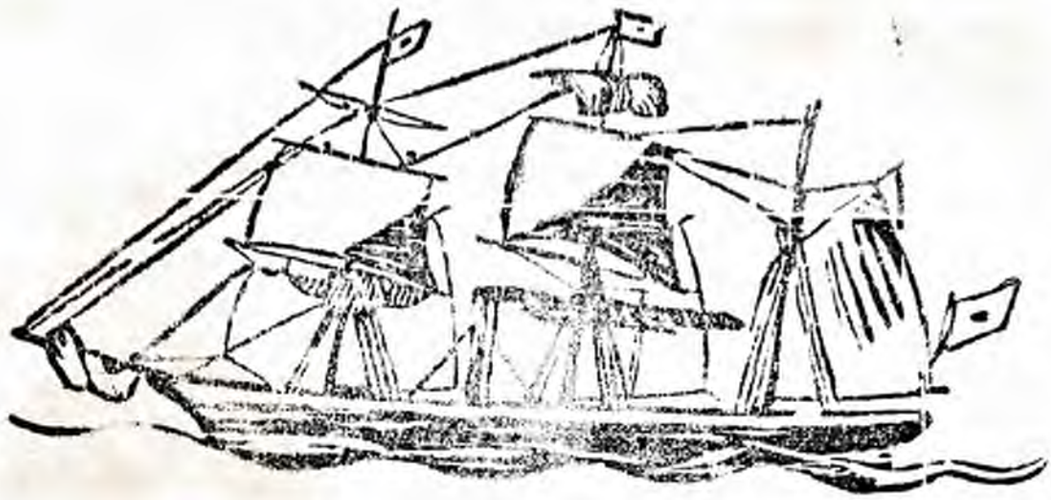
Dizia em certa roda um credor diante do seu devedor, marralheiro como poucos:

—Quem paga o que deve, fica rico. Sempre ouvi esta sentença e é verdade.

—Historia! atalhou o outro, são balelas que os credores espalham.

—Eu por mim, insistiu o primeiro, não sei como um homem que deve pode dormir.

—O que eu não sei, triplicou o segundo, é como pode dormir um homem a quem se deve!



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. **Serie 53**
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço da assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 26 DE JUNHO DE 1869. N. 521.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de junho de 1869.

Não houve expediente.

—Capitão, capitão, capitão!

—O que tem rapaz?

—Ai... ai... ai! Estou cançado!

—O que houve?

—Lá se foram as economias dos pobres artistas, o pão de suas viuvas, de suas mães, de suas filhas e de suas irmans!

—Entendo, mas não comprehendo.

—Lá foi roubado o cofre do Monte-Pio dos Artifices sem haver arrombamento!

—Jesus!...

Ainda não se descobriu o *rato?*

—Já se sabe quem é, é um infeliz de quem se deve ter dó; é o archivista da sociedade, o Sr. Manuel Olympio.

—Emquanto anda o desfalque?

—Em mais de cinco contos de réis, segundo presumo: um conto e quatrocentos em moeda papel, e o mais em objectos de ouro e prata que estavam hypothecados á sociedade, e que agora ella, pelo seu credito, ha de pagar a seus donos!

—Não foi preso o indigitado?

—Foi preso e já confessou ter sido o author do desfalque dos objectos, negando porem ter tirado o dinheiro, assim como haver empenhado esses objectos ao Dr. Dormund; mas o Dr. diz que os objectos que elle havia empenhado já foram resgatados!

—Eu acho que a policia devia ter dado busca em casa do Dr. Dormund, porque eu o ouvi conversando e dizendo que havia ahi nesse negocio uma cousa que ninguem lhe arrancaria; mesmo porque seu irmão o trahiu, pois era elle o unico que sabia desse segredo!

—O que será?

—Ignoro.

—Pobres clavicularios, que vão pagar a fava que o asno comeu!

—Esperemos pelas providencias da policia.

—E devemos esperar, pois confio muito na actividade e energia dos Srs. Drs. Cicero d'Assis e Americo de Souza Gomes.

—Capitão, disseram-me.

—O que?

—Que a V. O. 3.ª de S. Francisco é obrigada a dar no dia de Santa Izabel, 100$ rs., a cada uma de sete meninas pobres, que nesse dia se cazem.

—Creio que sim; parece-me que ha um legado neste sentido.

—Mas que tal legado não é cumprido litteralmente, ou antes que a vontade do doador é sophismada em toda a extensão da palavra.

—Como assim?

—Que esse dinheiro é dividido com filhas de pessoas que estão mais no caso de dar, do que de receber esmola.

—Quer dizer que é repartido por meio de protecção ou affeição.

—Accertou.

Por exemplo, este anno ja estão designadas as pessoas que hão de receber os dotes e entre ellas ha filhas de proprietarios, de empregados publicos com ordenado vantajoso etc.

—Pois olhe, eu tenho a Mesa da O. 3.ª por muito escrupulosa.

—Para sel-o, devia annunciar com tempo, convidando as meninas pobres que estivessem para casar a se apresentarem com os competentes documentos, provando que estavam no caso de receber o dote e destas que se apresentassem tirar sete á sorte.

—Eu tambem sou desta opinião.

—Mas logo que a Mesa aponta á dedo quem deve ter direito ao dote, não procede com justiça; contraria a vontade de quem deu seu dinheiro para um fim util e de alto alcance moral para a sociedade.

—Parece que lhe assiste muita razão no que diz, mas o que quer, si este mundo é todo assim?

—Os meninos da Candinha bradam.

—O que?

—Historias phantasticas, contos da meia noite.

—Balda de gente que se mette na vida alheia.

—Andam agora a espalhar uma historia, inteiramente destituida de fundamento.

—A respeito de que?

—De um pretendido escandalo no arsenal de marinha.

—Que falso! Uma repartição onde a moralidade anda ao *atá*, onde ha economia para dar e emprestar!

—Por isso mesmo é que V. deve ouvir a historia. Para ver como são ferinos estes malignos meninos da Candinha.

—Abra lá a bocca.

—E' o que dizem, ouça:

Veio do Sul um rapaz brasileiro.

Tinha servido na esquadra e foi contuso no peito, razão porque foi dispensado do serviço.

Julgando-se com direito a alguma remuneração, embora por meio de seu trabalho, contractou-se como primeiro machinista do vapor *Moema*, com a mensalidade de 150$ rs.

—A remuneração por serviços de campanha morre desde que quem os prestou torna-se inutil.

A gratidão do governo fica perdida no campo.

—Isto é, no Brasil!

Não sei por que frivolidade, o homem foi despedido.

Chamaram um inglez da companhia Baliena para supprir-lhe o logar,

O *biff* exigiu 250$ rs. por mez.

Ora, os vaporos desarmados, em cuja classe é tido o *Moema*, porque não navega em alto mar, não podem ter machinistas de tal preço.

Para arranjar as cousas, o inglez foi admittido com o ordenado de 150$ rs. mensaes, quantia destinada pela verba para isso, e apontado na officina de machinas com 4$ rs. diarios, com o nome supposto de James Tawel.

—Qual, homem de Deus! Pois si um aviso do ministerio da marinha manda que contractos com estrangeiros sejam feitos directamente com o governo, como é que iam lá abusar?...

—V. sabe que eu apenas estou contando o que dizem os meninos da Candinha.

Mamando os 4$ rs. diarios, o *invisivel* Sr. James Tawel, recebeu o pagamento de 1 a 10 e de 11 a 20 do mez.

—Si eu entretivesse relações com o inspector da thesouraria, pedia-lhe por favor, que me mostrasse as folhas, para examinal-as si com effeito nellas haviam o tal nome phosphorico de James Tawel.

—Que impertinencia! Si V. continua a me interromper, levo com a historia até amanhan.

O inglez recebeu, como dizia, os dous pagamentos de 1 a 10 e 11 a 20 do mez, mas no terceiro, que era o fim do mez, tendo de se fazer a reducção dos 3 por centos, que pagam os empregados publicos, tirou o pé do caminho e disse que não pagava, porque era estrangeiro.

O inspector quiz despedil-o.

Porem o experto inglezito disse—aqui ou dente ou queixo, ou eu continuo sem dar nada, ou proponho uma acção de indemnisação para me pagarem 7:000$ rs. de prejuizos, segundo o contracto que fiz.

Não havia remedio sinão comer ou verter.

Depois de muitas *perlengas* trataram de *amaciar* o filho da terra dos nevoeiros, que estava rijo em seu proposito.

—E em conclusão?

—Em conclusão, o feliz estrangeiro recebeu 400$ rs. para rescindir o contracto, e assignar outro em harmonia com as leis do paiz e seu nome foi riscado da folha.

—Que gente! Como inventam uma historia destas, que, si fosse verdadeira, compromettia a tanta gente!

—Para V. ver!

E não querem crer quando se diz que os meninos da Candinha não dormem!

Á PEDIDO

(Continuação do n.º 516.)

—Julgo que me tenho explicado sufficientemente a respeito do patife, author de tão negra covardia.

Do homem abjecto o vil, que não se pejou de ir á policia denunciar de um rapaz em furibundo ciume por uma marafona, inventando mil perfidias e *patranhas*.

—*Patranhas!...* é o meu nome, senhor.

—Mas, em parte, reflectindo bem, não admira que elle praticasse assim, nesta terra excepcional, onde ha authoridades que mandam prender os homens para apossar-se das amasias destes, e outras que fazem dos ordenanças *mercurios* e mandam buscar por *ordem* as mulheres para irem ás suas casas, e até ha quem leve a *sollicitude* de ir á porta de alguma, saber si certa pessoa, que com ella teve uma rixa, continua a contender.

Nesta terra, pois, onde o homem de classe mediana, o maior mal que pode ter contra si é ter em sua companhia mulher vistosa e bonita, por que ou ha de condescender de *cara alegre* em certas cousas, sujeitando-se ao *rigor da dura sorte*, ou ha de soffrer; nesta terra onde ha authoridades, que levam o cynismo ao auge de escrever bilhetes ameaçando aquellas, que não se querem sujeitar á sua lasciva exigencia, prova que possuo em meu poder, por que um desses bilhetes pararam em minhas mãos; o que admira que um miseravel quidam, dominado por ciume apatetado e ridiculo, va a policia denunciar daquelle a quem vota odio?

Mas isso fica de parte.

Eu so quero lhe fazer conhecer quem é o tal safado, ja que V., meu innocentaço, finge não conhecel-o.

Vou mais narrar-lhe um episodio da vida torpe do tal mamão ensoado, e veja si pode ser susceptivel de verniz a cara do velho infame que se dá a taes debiques.

Era no mez de setembro.

Como na Bahia, em Latronopolis pleteiavam-se eleições do municipio.

N'uma noite, o adro da egreja da primeira communa estava atopetado de povo, que vellava, afim de que não fosse profanado o recato dessa virgem regateira, chamada urna eleitoral.

Comia-se carurú e tocava-se violão; costume da terra. A indole deste povo bonanchão, é tal, que aos actos mais graves e serios accompanha sempre o folguedo.

O bruxo luxurioso, si bem que de uma communa *debaixo*, perto da *praia*, foi passear na primeira, e entrou no botequim de umas creoulas para tomar cerveja.

A endiabrada cabrinha, que faz delle seu panno de alimpar tigella, vinha nas pisadas do mono, e arrancou-o da tasca.

Foi com elle andando, mui pacificamente, contentando-se apenas de ir mimoscando-o com certos nomes immundos a que elle ja está habituado a ouvir.

Mas, tudo que chegou bem defronte da porta da egreja, onde a agglomeração de povo era immensa, mais ligeira que um gato, safou-lhe o chapeu de sol e com elle poz-lhe a cara em pantanas.

O povo acudiu, e quiz prender a insolente e desvairada que além da acção descommedida que praticava, atordoava os ares com palavras obscenas e mil improperios que lançava sobre o paciente veado humano.

Mas, sabe o que fez o *toleirão?*

Disse que a não prendessem, porque era uma tola e por não ter juizo é que fazia aquillo.

E deu o braço a messalina de quitanda e la se foi com ella pela ladeira da *Prisão dos padres* abaixo.

(*Continua.*)

—O fiscal geral foi mulctado.

—De verdade?

—Tão duro como osso.

Assentou de fazer uma cerca sem licença, em contravenção a postura n.º 24. e foi fisgado na ratoeira.

—Pois até elle!

—O homem não contava com a presença do fiscal de Santo Antonio, por ser dia de domingo e por isso entendeu que podia abusar.

—E agora?

Com que direito pode o fiscal geral mulctar aos particulares, si elle é o primeiro a infringir as posturas municipaes?

—Capitão, que resposta se deve dar a um bebado que nos insulta?

—Mandal-o cosinhar a bebedeira.

—Então acertei; foi justamente o que fiz.

—O bebado insolente merece mais desprezo que o cão; este si nos ladra, podemos enxotal-o com a bengala, o ebrio si nos insulta, nem tal importancia se lhe deve dar.

A gente vae passando seu caminho, deixando-o espojar-se na lama.

—Outro dia passei pela rua d'Ajuda e parei a ver o festejo de Santo Antonio, que se fazia em uma venda.

Um portuguez, ou antes escoria desse nome, conhecido la para a Estrada Nova, por *Joaquim Piloto*, bebado de não se aguentar, dirigiu-se para mim e dirigiu-me os mais torpes e ascarosos insultos, sem que eu lhe tivesse dado a menor causa.

Revesti-me de prudencia, e soffri do mamarrote as consequencias do producto do alambique.

Mas o que me revoltou, foi ver um Sr.

Bacellar, que ja andou no sul, por estar *chupando caldo* do portuguez, puchar de um canivete e tentar offender-me.

E a não ser as pessoas presentes, desapercebido como eu estava, talvez fosse victima daquelle desalmado.

—Mas então com que fim vem o senhor me contar isso?

—Pedir-lhe uma providencia.

—O tal Joaquim Piloto é habituado a tomar monas?

—Constantemente.

—Pois bem; a primeira vez que for encontrado, o Custodio lhe dará um leito onde muito bem se curte as bebedeiras.

Quanto ao Bacellar, deixe o cumprir seu fado.

PERGUNTA CURIOSA.

Deseja-se saber si o Dr. Jayme Dormund pagou os direitos da lei para dar dinheiros á premios sobre penhores.

O rato do cofre e a uzura do medico.

—Que insolencia!

Desacatar a uma senhora!

—E' aquella sucia de moleques que se ajunta na porta do Sr. Dantas, á esquina do becco do Açouguinho.

—São os famulos ou escravos da casa que reune a caterva ali. Não respeitam a ninguem.

—E até a pobre senhora, que vae honestamente com sua mãe, vê se exposta ás *chufas* e *ditos graciosos* de gente tão pifia!

—Ah! policia desta terra! So se importa com o que não é de sua conta!

—Ah, por V. fallar nisso lembrou-me; parece que muito breve tenho de lhe contar a tal respeito um caso muito importante.

—Bom dia, capitão.

—Viva, meu amigo. D'onde vem tão cansado?

—Das Pedreiras; subi duas encommodas ladeiras, estou extenuado.

—Ha novidade por lá?

—Apenas o que sei, é que houve a semana passada um grande alarma entre certa moça da villa de *Gengibirra,* uma parenta desta e a visinha do 2.º andar, do qual resultou ouvir-se em altas vozes palavras daquellas, que sò costumam proferir as filhas do becco do Grello, sem o menor vislumbre de respeito e consideração ás familias ali moradoras.

—E sabe a razão que levou-as a isso?

—Disseram-me que por causa de um padre, que a noite frequenta a segunda representante deste drama.

—Amigo, me informe isso melhor?

—Não sei mais nada, capitão, quem lhe poderá contar minuciosamente é o *Bexiga,* e depois de ouvil-o, dê as necessarias providencias, afim de que ellas se corrijam de tal procedimento reprovado pela sociedade e contrario as leis que nos regem.

Dê me suas ordens, capitão.

—*Adio.*

PERGUNTA INNOCENTE.

—Dizem que o novo regulamento do *Trem do mar* tira o pão a alguns empregados, supprimindo os logares.

—E ficará o rato velho do *Trem do Mar?*

O Lusitano.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a folha 56 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

CORPORAÇÃO LYCEISTA.

Convidam se aos Srs. lyceistas e alumnos dos diversos collegios estabellecidos nesta cidade, que desejarem se aggregar áquella corporação para brilhantismo dos festejos do memoravel Dous de Julho, que se dignem comparecer amanhan ás 8 horas do dia, no largo da Palma; d'onde marcharão encorporados para a Cathedral; afim de assistirem a sagração da bandeira d'aquella corporação, da qual acceitou ser padrinho, por dedicação patriotica, o Exm. Sr. brigadeiro Carvalhal, e ao discurso analogo a essa solemnidade, feito pelo reverendo padre mestre pregador imperial Fr. Carneiro da Cunha, que tambem de bom grado se prestou, inspirado nos sentimentos de patriotismo.

Finda esta cerimonia a corporação irá cumprimentar em sua residencia (si estiver nesta cidade) ao Exm. Sr. marechal Argollo, uma das glorias do exercito brasileiro, e em seguida dará um passeio militar até o ponto da dispersão. O director.—*Francklin Cesar da Silva Lima.*

No dia 23 perdeu-se, das Portas da Ribeira ás Portas do antigo Celleiro, um relogio de prata dourada tendo, alem do numero, que é 15,572, os seguintes signaes: «quatro pedras finas, meio patente;» e o relogio estava preso a uma cadeia de prata.

Quem tiver encontrado estes objectos e quizer entregal-os no hospital de marinha, á Joviniano Soares Parente, será generosamente gratificado.

O

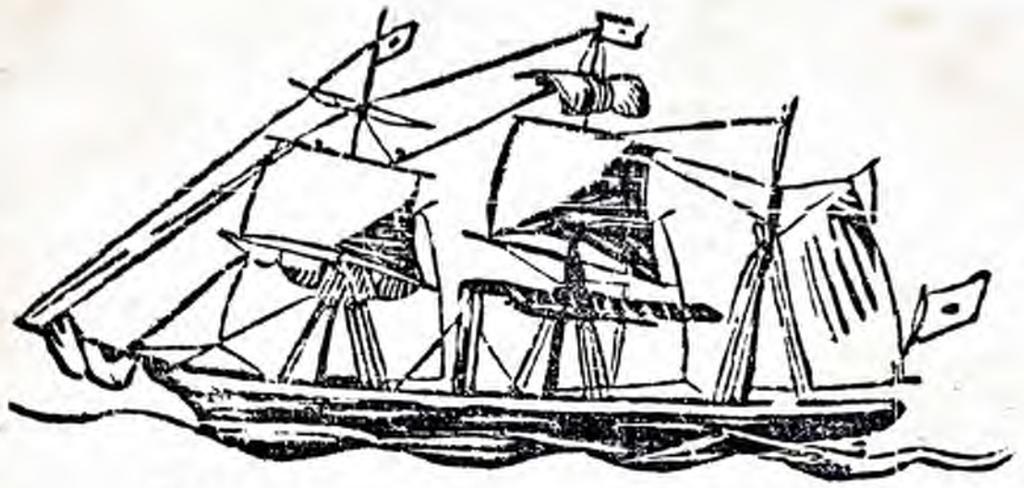
ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 50**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 1 DE MAIO DE 1869. N. 499.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que está verificado que o individuo que desce, á noite, pelo lampeão de um sobrado ás Portas do Carmo, é um sujeito de nome Lourenço, morador no 1.º andar da casa n. 20, o qual salta para a saccada da casa immediata, em cuja parede está assentado o lampeão e por ahi desce. O proceder desse individuo é summamente reprehensivel, em vista d'isso espera-se que S. S. se digne infligir-lhe o conveniente correctivo.

—Ao Illm. Sr. thesoureiro do Senhor do Bomfim, para que expeça suas ordens ao zelador da egreja, afim de que não consinta que os corredores da mesma continuem a ser aposento de cabras e carneiros.

—Capitão, que horrivel catastrophe!

—A da praça do mercado?

—E' verdade.

—A desidia, a incuria, o deleixo, a inercia dos que nos governam, são a causa de tão lamentavel desgraça.

— Eu o creio.

—Si conservassem a guarda, que ali havia, o incendio seria presentido a tempo de dominal-o.

—Um logar como a praça do mercado, onde a segurança de propriedade e a ordem reclamam constantemente a presença da força publica, nem de noite, tinha uma patrulha!

—E os roubos, os arrombamentos, repetiam-se ali espantosamente!

—E o incendio veio coroar a obra!

—E hoje lutam na miseria honestos e laboriosos individuos, que d'ali tiravam os meios de subsistencia!

—E' porque os poucos brasileiros; que ali se davam ao commercio de cabotagem, devem ir cavar minhocas!

—Quem pode contar-se seguro nas ruas desta cidade, quando nas praças se serram arvores, como no Terreiro, e no mercado a policia, que deve velar, só da com um incendio quando elle tem assumido proporções inextinguiveis!

—E para caso de tanta gravidade, como são os incendios, ainda não houve quem se lembrasse de crear a mais leve medida preventiva.

—Ha negação completa nos governos desta terra para o bem commum.

—Maldicta economia para o que é de utilidade publica!

—O governo, seja qual for seu matiz, que inventa sinecuras, que estuda propinas para mimosear, com os dinheiros publicos, a seus afilhados, ainda não teve a minima complacencia de crear um serviço para as occasiões de incendio, serviço, que, embora não fosse completo, ao menos fosse regular.

—Que esquecimento para um perigo que ataca a todos!

—Ha qualquer incendio, e quando as egrejas dão signal, já elle vae em meio caminho, porque os sineiros, embora avisados, negam-se a dar os toques sem ordem expressa dos subdelegados. Quando sahem as bombas, já elle tem attingido proporções descommunaes e irreparaveis.

—Nem pode ser d'outra sorte.

Primeiro que um homem, que mora, por exemplo, em Nazareth, accorde, vista-se e vá até o arsenal de guerra ou mesmo o de marinha, vae longo tempo e o fogo não espera.

—Depois, a confusão, a desordem, os roubos que ha em taes emergencias.

—Como se deu ultimamente, onde os *arranjadores* de taes occasiões fizeram mais estragos que o fogo.

—Ha gente que vae de proposito para se *armar* em taes occasiões.

—No incendio de quarta-feira, o fogo ardia de tal sorte que as labaredas subiam até a cidade alta e nem uma providencia appareceu!

—E' sempre assim.

Quando o mal se torna irremediavel é que apparecem pelas ruas os galopes de cavallos!

—E com tantas desgraças que se dão, tantas calamidades que accarretam, tantas vidas que se tem perdido, em occasiões destas, nada moveu ainda os *paternaes* corações daquelles que fazem a felicidade desta terra.

—Accrescente, aliás tão prodigos em gastar em outras cousas!

—Foi encontrado, ante-hontem, o cadaver de uma creancinha, branca, na porta da matriz de S. Pedro, ás 9 horas da noite, envolvido em uns pannos velhos.

—Que mãe deshumana seria esta, que jogou o cadaver de seu filhinho á porta de um templo?

—Em que terra estamos!

E pode muito bem ser que ahi esteja encoberto um crime.

—Quem sabe si o filho não serviu de despique ao ciume da mãe?

—Compete á policia syndicar disso.

—Soube o que aconteceu?

—Não.

—Uma desgraça no arsenal de guerra.

—Ainda não ouvi fallar,

—Nem convem.

—Mas o que foi?

—Pouca cousa; um menor que ficou com um braço de menos, afóra o mais.

—Coitadinho!

—Entendem que desvelar creanças é deixal-as fazer tudo que lhes vem á cabeça; eis o resultado.

—Não me explicará como se deu esse fracasso.

—Dous menores brincavam com *pecinhas*, na terça feira, fazendo pontaria um sobre o outro, a peça disparou e feriu ao menor Pedro Faustino que está em perigo.

—Que fatalidade!

—Note que o successo se deu ao pé do 2.º armazem, onde ha uma immensa quantidade de polvora, cartuchos embalados e de festim, logar que é prohibido fumar-se e andar-se com fogo.

—E consentiam que dous meninos estivessem a disparar tiros!

—Capitão, o menor do arsenal de guerra sobre quem conversamos hontem acaba de expirar!

—Que brinquedo desastroso.

—E' para V. Ex. ver como anda aquillo por lá.

—Nesta terra, quem tem razão vae preso.

—E apanha.

—Não diga brincando.

—Ora! si eu vejo a cada momento!

Exemplo: na quarta feira, o preto Gregorio foi *bumbado* redondamente por um açougueiro, na Baixa dos Sapateiros, porque insistiu em reclamar contra a lesão que fizera este n'um peso de carne.

—E esta!

—O valentão, depois que moqueou o corpo do preto bem moqueado, chamou quatro guardas nacionaes, seus conhecidos, e mandou-o preso á ordem do chefe de policia!

—Pois está como são as cousas! N'um logar de tanta concurrencia, nem um fiscal, nem um policia.

—Para que?... Veja o que fazia o ordenança do subdelegado, um pouco mais adiante, no Pelourinho, prendia e espancava á panno de refle uma mulher livre, Francisca Romana, que, por morar no reconcavo, ignorava que é prohibido arrear carrego e descançar nos passeios das ruas.

—Este comprehende a vida; procurava cousa que *deixe*.

—Uma publicação no *Jornal* diz que o *Alabama* mentiu quando disse—*o incendio começou ás 3 horas, e as authoridades appareceram depois de extincto elle; como é costume.*

—Então é mentira!

O *M* do *Jornal* pode negar que o fogo foi extincto pelos moradores da circumvisinhança,

e que as authoridades compareceram depois de tudo acabado!

Pois ahi está o proprio Dr. Eloy para attestar a veracidade do que noticiamos.

Mentiroso é o *M* do *Jornal* por negar a verdade, tão mentiroso que até se revela pela assignatura que adoptou.

—E com que cynismo vem elle querendo desmentir um facto presenciado por diversas pessoas!

—Deve servir bem a quem lhe paga, está no seu direito; mas não negue a verdade.

—O que realmente não pude entender foi uma mixordia de *pae* e *filho* que trouxe o tal *lambe* pratos.

—Talvez que em outra epocha elle não dissesse assim.

A PEDIDO

—Novidades, capitão.

—Vá dizendo.

—No dia da invenção da Santa Cruz, reune-se o *cabido* dos *eremitas abençoados* para escolher o novo patriarcha, que ha de governar a *casa*.

—Que mais?

—A sinagoga está em movimento estes dias; a rusga, a intriga baniram a paz e fraternidade do aposento monastico.

A caballa predomina.

A desmareada ambição de um, que quer a todo transe empolgar o bastão, traz tudo *bacafusado*.

—Quem é elle?

— Um jesuita damnado, malvado como um inquisidor, devasso como um Borgia, que troca a roqueta pelo punhal, que converte as feitorias da *casa* em serralhos, e deflora candidas raparigas de 12 e 14 annos, que surra os escravos para apossar-se das mulheres, emfim, um ente inutil que vive para comer e crear a barriga.

—Appelle para o criterio dos que hão de fazer a escolha.

—Elle espera ser *geral* a repulsa que ha de encontrar, mas pretende atirar a *cal* da intriga com a *mão* da hypocrisia nos olhos dos *definidores* de sua conducta e illudil-os.

—Espere pelo resultado..

Chama se a attenção do Illm. Sr. subdelegado do Pilar para o inqualificavel procedimento de um dos seus inspectores, procedimento revoltante por ser o de *amar o* alheio, abusando indignamente do cargo que occupa para extorquil-o:

Posta-se esse aventureiro á noite, no Caes Novo, á pista dos roubos de assucar e algodão que desembarcam das alvarengas, o que seria muito louvavel, si fosse praticado com boa intenção; porem aquillo não passa de um meio de vida que o tal illustrioso adoptou.

Os objectos são apprehendidos, mais passam a pertencer ao esperto inspector e são conduzidos para certa biboca pelas immediações da *rua dos Caldereiros*, pertencente a um irmão e consocio do cujo: individuo desta laia não merece confiança para ser agente de authoridade, e por isso, adverte-se a S. S. que abra os olhos com elle.

O INCENDIO DO CUME.

Da montanha lá no *cume*
Eu dormia n'uma tarde;
Atacam fogo no mato
De repente o *cume* arde!

Desperto: vejo Marilia
Trabalhando com seu fole;
Com tal força assopra ella
Que o mato do *cume* bole.

Ingrata! Que fazes tu?
Fazer damno p'ra que serve?
Não notas que o *cume* treme?
Não sentes que o *cume* ferve?

A cruel não me responde:
Um tição no *cume* crava,
O fumo do *cume* surge
Nos roncos que o *cume* dava.

(*Continúa.*)

—Consta que o director do arsenal de guerra está tirando uma devassa.

—Sobre o que?

—Sobre o procedimento do seu ajudante.

—Alguma suspeita que pesa sobre elle?

—Dizem que o homem, descendente legitimo da tribu dos *goytacazes*, soffre accessos de *antropophagismo*.

—A melhor cura conhecida hoje para tal molestia, é alimpar os monturos.

—Ora, o director, desvellado e paternal como é, parece que quer se capacitar do facto para livrar os menores do perigo a que estão expostos, em contacto com elle.

—Deixe la disso. Eu creio mais que os accessos que elle tem são *vertigens;* influencia dos *espiritos exaltados* sobre os corpos debeis.

—Mas o homem tem pedaços!

Domingo atrazado, o director estava ausente, o homem tomou por divertimento mandar pelo empregado Vieira castigar a alguns meninos duas e tres vezes, ao passo que *cobria* a outros de caricias e affagos, que faziam admirar.

—Ora são cousas! E' que uns merecem mais do que outros.

(Continuação.)

— Neste meu pungente trabalho, subi em cima de uma *pedreira*, na Cova da Onça, e ahi fiquei immovel, cogitando os meios de empolgar algum cousa.

Como eu não tinha dinheiro, descarei-me e tornei-me um filante consummado; comia, bebia, fumava sem ter dinheiro e muitas vezes na tal *pedreira* achei cobres para o bolso.

Vagava eu assim, á mercê do destino, quando me appareceu uma aragem de bonança, que foi o preludio do porto da abastança que hoje desfructo.

Hoje, que me cercam de considerações aquelles mesmos que, em certo tempo, me olharam com despreso; porque, creia realmente V. Ex., o homem sem dinheiro, parece ser mal visto dos proprios irracionaes. E é preciso que o homem se faça descarado, porque esta viscera que nós temos, chamado estomago, não tem lei com pessoa alguma; porem estas reflexões não se entendem comigo que de natureza tenho propensão para o cynismo.

Vamos porem á história de minha vida.

Alguem se lembrou de metter-me na devoção de uma irmandade, o que foi para mim o prenuncio da felicidade.

Dotado de atilada experiencia, manhoso como raposa, eu fui me insinuando pouco a pouco, affectando grande interesse pelo engrandecimento da devoção, perdia dias e dias em proveito della; dias que, seja dito de passagem, eu não tinha em que empregar, visto que á nenhuma occupação me dava.

Desta minha fervorosa assiduidade, deste meu inculcado desejo pela prosperidade da irmandade, resultou que cheguei a captar a confiança de todos os irmãos e por fim galguei o cargo de thesoureiro.

A minha nomeação não deixou de dar o que fallar a alguns dos mais escabriados, que extranharam a escolha de um verdadeiro *pé-leve* como era eu, para cargo tão importante; meu simulado procedimento, porem, era o melhor argumento contra os fundados receios daquelles, que se oppunham a minha nomeação.

Principiei por instituir uma bolsa de esmollas e chamei para esse encargo um sujeito com quem *eu me entendia*.

Os tempos de então não eram como os de hoje, em que parece querer desapparecer o spirito religioso. Naquelle tempo havia muita gente fanatica e credula, que julgava que, dando seu vintem para a festa da Immaculada Virgem de..., obtinha o perdão de alguma obra mal praticada e que com esmolas e velas de libra se comprava de Deus a reparação da extorsão feita ao orphão e á viuva, o salario roubado ao artista, a perseguição ao innocente, etc.

Mais como dizia, persuadidos por má fé de que Deus se media pela bitola dos juizes ca da terra, que vendem a justiça, as esmollas choviam, os cobres pingavam e o sacco se enchia, e quando o esmoller voltava á noite a bolsa vinha repleta.

Eu então lembrava-me daquella passagem da Biblia, de Labão com Jacob a respeito das ovelhas e fazia com o dinheiro da Santa a mesma cousa. (*Continúa.*)

Pede-se ao Sr. Marinangeli, emprezario da companhia lyrica que, para arredar de sobre si suspeitas, de que tem parte no cambio dos bilhetes, mande expol-os todos á venda na porta do theatro e não vinte á trinta como costuma.

VARIEDADES

BIGODE.

A proposito de bigodes:

Um jornal estrangeiro estabelece os seguintes dados phisionomicos como outros tantos axiomas Lavaterianos:

«O bigode preto e rallo mostra um coração sensivel ás doçuras do amor.

«Castanho, é indicio de bons sentimentos.

«Louro, revela espirito voluvel e difficil de contentar.

«Descuidado, crescendo ao acaso, inculca pouco apego á exsistencia, exagerado espiritualismo, ou acumulação de cuidados e negocios.

«Aparado, é signal infallivel de espirito acanhado, caracter secco e pretencioso, e de supino máo gosto.»

Agora não vão os leitores porem-se a pintar de preto e a rarear o bigode a poder de pinça!

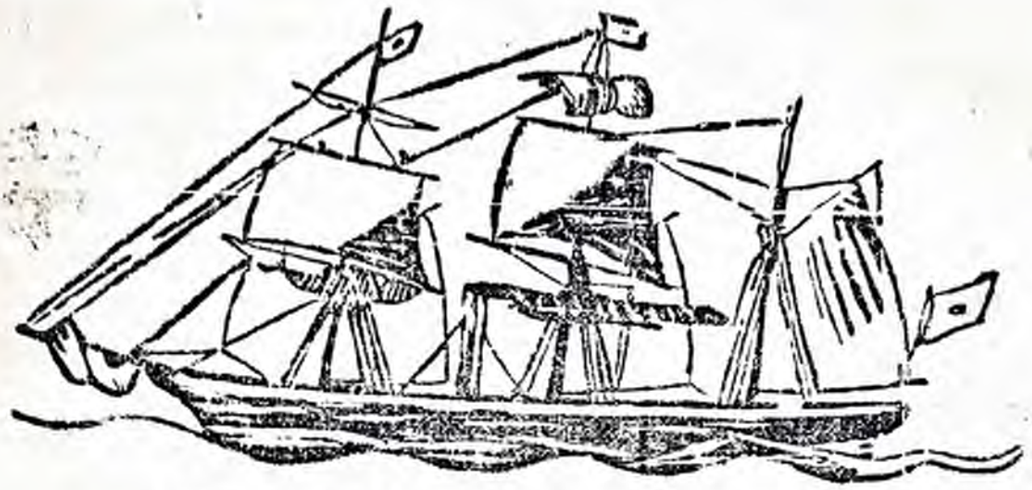
O jornal que traduzimos não passa por ser um evangelho, e.....aqui estamos nós para provar que com bigode louro se póde ser modelo de constancia e bonhomia.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 33.ª folha do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Nesta typographia ou na loja do Sr. Manuel do Carmo Moreira Junior, á rua Direita do Collegio, se dirá quem precisa de um hortaleiro.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 50
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 4 DE MAIO DE 1869. N. 500.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que mande examinar o boceiro do gazometro, o qual apresenta uma enorme rachadura pela base, e cuja fenda torna-se mui saliente pelo lado da Mangueira. Pode muito bem ser que semelhante rachadura não passe do reboco, porem a dura experiencia do que ja alli acconteceu, reclama de S. S. tão justa medida.

—Ao Illm. Sr. provedor da casa da Santa Misericordia, insistindo pela retirada do distico—*deposito dos cadaveres*—existente no alto da capellinha do hospital, por ser aquillo um logro que se faz á credulidade dos vivos e um falso testemunho que se levanta aos mortos, pois que ali não é que se depositam os cadaveres.

Na intima convicção de que S. S. detesta a mentira, espera-se que será solicito em prevenir que não se continue a trucidar a verdade, com tanto alarde, n'uma casa de charidade, cujo supremo governo pertence a S. S.

—Camarada, sabe me dizer o que foi isto?

—Um sinistro.

—Isso estou eu vendo pelo individuo que vae carregado, e lavado em sangue, e pelo povo que o acompanha.

—Nesse caso era escusado me perguntar.

—Não, homem, o que eu desejava saber era a natureza do successo.

—Isso agora é outra cousa.

O individuo chama-se Basilio Ferreira de Carvalho, é saveirista, estava trabalhando em um guindaste, ao Caes Novo, e por descuido de um companheiro, a manivella rachou-lhe o craneo.

Agora, bem vê, são 6 horas, e levam-no para o hospital.

—E não creia-se em certas cousas! O homem julgou que adiantava, quebrando o preceito do Senhor, que manda guardar os domingos e atrasou-se todo.

—Capitão, ainda estou estupefacto com um acontecimento que se deu sexta feira.

—De que maneira?

—Caminhava uma mulher pela rua da Lapa, boa, forte, com passos firmes e seguros. De repente tombou para um lado da rua, encostou-se á uma porta, não fez o menor movimento, e conservou-se quieta; quando chegaram para vel-a era um cadaver!

—E' assim o nada desta vida! Bruxoleante candeia que ao menor sôpro se apaga.

—Assim mesmo ha tanta vaidade, tanta presumpção!

—Já ouviu fallar em casos de febre amarella?

—Nem Deus tal permitta.

—Pois eu já.

Dizem que depois que os marinheiros do *Guiscard* entraram para o hospital de charidade, tem-se dado lá diversos casos.

Não sei si foi quarta ou quinta feira, que falleceram 5 pessoas.

—Que necessidade havia de irem os marinheiros para o hospital, si ha um lazareto proprio?

—Cousas da terra.

—Quem sabe si V. não está mal informado?

—Pode ser.

Mas asseveraram-me que os medicos até já prohibiram que os colchões e camas dos que morrem fossem aproveitados, e ordenaram a separação dos atacados de febre dos demais doentes.

—E' o que nos faltava, para cumulo de infortunio.

—Um facto triste a registrar.

—Peza-me isso bastante.

—Afogou-se hoje, no Caes Dourado, o menor Philomeno, filho do official de justiça Xavier.

—Sei quem era: uma pobre creança idiota.

—Esse mesmo. Indo banhar-se afogou-se.

—Endoudeceu um soldado de policia.

—Quando, homem?

—Agora mesmo; eu o vi pela Estrada Nova, á correr atirando pedras.

—E uma chusma de moleques atraz?

—Exactamente.

—Olhe que V. é um basbaque!

Vê o guarda Francisco de Paula, *emborrachado* a correr desvairadamente, e a fazer diabruras e diz que é doudice!

—Advinhasse la eu!

—Ja fez um sarceiro no botequim do Candinho e dahi é que sahiu *pintando*.

—Não e nada; é um agente da força publica, que merece ser policiado, em logar de policiar.

—Hontem ás cinco horás da tarde, no Terreiro, teve logar a cerimonia da ascenção do symbolo despertador dos festejos do memoravel dia Dous de Julho.
Concorreu immenso povo.
Tocaram tres bandas de musica marcial,
Os vivas foram dados pelo Sr. barão de Sauhipe.

—Que diabo de esquivança tem a policia em se fazer vista, onde sua presença torna-se necessaria!

—Está sempre invisivel.

—Para capturar negros fugidos, coadjuvar os fiscaes á multarem ganhadeiras de peixe, auxiliar os meirinhos na apprehensão de bens, os soldados estão sempre promptos, afora disso não.

—São cousas que rendem.

Ha dias, tres soldados de policia tiveram o arrojo de, accompanhados por uma mulher, cercarem, a seu arbitrio, a casa de uma familia, na rua do Bacalhau, cujo chefe está ausente, á pretexto de ahi se acoutar um escravo fugido.

—Ao passo que nas ruas espanca-se publicamente, brada-se por soccorro e a policia é surda!

—Pode-se até matar.

—No sabbado um grupo de seis a oito individuos espancou com viração a uma rapariga, que senta-se na ladeira da Prata para vender doce, depois de lhe haverem saqueado a caixinha.

—Isto vae n'uma miseria!

—O que valeu á perseguida foi passar os individuos Leopoldino e Vicente de tal, que á toque de apitos conseguiram afugental-os.

—Cada um que faça por ser bom cavalleiro, por que quem se fiar no auxilio da policia n'um aperto, ha de apanhar como boi.

—Capitão, trago a seu conhecimento um facto que horrorisa, uma deshumanidade que ultrapassa os limites da ferocidade, e para o qual, si eu podesse, chamaria a attenção do Sr. provedor da Santa Casa, e até lhe pediria que se dignasse explicar como é que em um estabelecimento de charidade, se pratica tamanha selvageria, propria somente de feras.

—Siga o barco; de preambulos ja basta.

—Ouça e pasme de tanta crueza:

Corroida pela syphilis, existia no hospital de charidade, em um leito da enfermaria Assumpção 1.ª, uma dessas desgraçadas, que a sociedade despreza; e que entretanto lhe compra os gozos materiaes com obulo da infamias: soffria de uma ferida.

No domingo, 25 do passado, a *africana* Juvencia, servente do hospital, querendo tiral-a do leito para leval-a ao salão de Santa Clara, afim de dar-lhe um banho, segurou tão grosseira e brutalmente naquelle corpo doído, que a infeliz pediu supplicante que a segurasse com mais brandura, pois que d'aquelle modo, lhe avivava as dores.

A servente, que segue o exemplo de suas amas, e não sabe o que é ter paciencia com o proximo, não fez caso dos lamentos da infeliz, a qual redobrou de supplicas e gemidos, ao passo que lhe augmentavam as magoadas dores com o modo tosco e achambocado com que a deshumana servente a ia levando.

A inclemente servente, impaciente com os gemidos da soffredora victima, assomada em ira, atirou-a ao chão e arrastou-a pelos braços para a gamella do banho!

—Malvadeza inaudita!

—A infeliz, não podendo supportar tão martyrisante trato, rompeu em pungentes e acerbos gritos: Uma irman de charidade que ouviu, veio á enfermaria, e informada do que era, mandou que deitassem a doente na cama, ja que não queria ir para o banho.

Dahi a duas horas, si tanto, a infeliz era victima da gangrena e fazia termo para morrer.

A irman de charidade, vendo as extorsões da agonia da morte, disse que era manha e mandou a ferina serventa bater na moribunda que expirou nas mãos de seus algozes!

—Custa a crer!

—O facto deu-se ás 3 horas da tarde de domingo 25 do p. p., hora das visitas no hospital e foi presenciado por muitos visitantes.

—Que canibalismo!

—Não se admire.

Que se importam essas mulheres com o soffrer do proximo, quando continuam a passar vida folgada e regalada?

—São bem parodiadas com ellas os seguintes versos:

« ... que lhes importa.
« A miseria, o desgosto, a magoa, a infamia,
« A dor dos outros, si *ellas* tem comsigo—
« Riquezas, risos, regalias, honras,
« Prestigio, nomes, adoracões, incensos?!

—Digam os apologistas destas mulheres, si ellas são verdugos ou anjos, mostrem onde está a clemencia, o amor do proximo, a charidade dellas, praticando, atrocidades da ordem desta.

—Anjos!....

« São demonios com mascara divina!

Á PEDIDO

—Capitão, um creado de V. Ex.

—Quem é V.?

—Um trabalhador da repartição *aduaneira*.

—Ja é o segundo que de lá me vem massar.

—Não, capitão, eu venho somente restabelecer o facto alterado pelo homem de *capa atraz*.

—Quem é este *capa atraz?*

—E' o *Xico boi*.

—Estou na mesma.

—E' aquelle, á quem ha tempos passados, V. Ex. chrismou de *Xico vacca*, por julgar que, nem de *boi* merece as honras.

—Ah! sim, lembra-me agora, é um animalejo da freguezia dos *sanhaços*, á quem em pleno dia cuspiram na cara...

—Justamente! Dizem até que foi um parente delle.

—...e elle com a *prudencia da vacca* deixou a vingança para o pleito eleitoral, onde *derrubou completamente* o seu adversario.

—Va por ahi.

—O que ha então á cerca dessa *cara d'assento?*

—O *capa atraz* veio com uma historia do *Jornal*, ou de convite á uns homens que quizessem trabalhar na *aduana*.

—Sim, e que, mandando-se *tomar fresco* por quinze dias ao *capa atraz*, *atraz* d'elle mandou-se admitir *de preferencia quem tivesse netos, sobrinhas e afilhadas!*

—*Fresco* devia elle tomar para sempre, esse insubordinado, que por seu mau procedimento e relaxação no serviço em que pretendia admittir um *bando* de *sanhaços*, em vez de homens, foi castigado, em logar de ser por quinze mezes, de machos aos pés dentro do porão, apenas com a suspensão de quinze dias

—E que mais?

—No decorrer o castigo, induzio o *Xico vacca* aos seus *parceiros* para não comparecerem ao serviço, e assim comprometter o *seu substituto*, que, apezar de tudo, sahiu-se galhardamente, *recebeu, deu, arrumou*, e até mesmo satisfez as entregas de volumes que a relaxação do *Xico vacca* tinha retardado pelo empachamento da casa, e escondimento das marcas dos volumes.

—E para que escondia elle as marcas dos volumes?

—Sem duvida para encarecer o serviço, e fazer juz a alguma gratificação dos proprietarios.

—Oh! sendo certo, é infame procedimento.

—Si é certo não sei, mas o *bicho* tem cara para tudo.

—Que mais ha?

—Depois d'isso, por se ter de despedir os que se prestaram a não comparecer para comprometter o *substituto*, e diminuir o valor da accusação que lhe podia fazer o *inspeccionador*, fez-se então esse annuncio, e foram so admittidos quatro homens á quem o *capa atraz*, trazendo *as netas, sobrinhas e afilhadas* á pulha, deixou-lhes *as filhas*.

—Isso ja foi muito favor.

—Mas si o *inspeccionador* precisasse *d'essas fructas*, estou certo que o *capa atraz*, que é tão prestimoso, e que tem geito para creado de servir, se encarregaria de lh'as levar á casa.

—Oh! isso seria cynismo demasiado!

—Qual; o *Francisco* caixeiro do *José*, que mora no *monte (oiteiro) de carvalho*, tem se *servido* d'elle por muitas vezes.

—Sendo assim, por que não guindaram a mais tempo esse *traste*, á quem já deviam ter sacudido para o olho da rua?

—E' porque o *inspeccionador*, em cujos actos se revela o fino trato do distincto cavalheiro, homem bondoso, compassivo e illustrado, pretendendo transmittir costumes sociaes á esse bruto, a quem por misericordia queria educar, esperou vel-o aproveitar as lecções que se lhe dava; porem, como se convencesse de que tal bruto era indomavel, começou, para domestical-o, suspendendo-o no *guincho* do proprio *autro*, onde esse animalejo quer ser *cousa*.

—Está bem; acabe com isso, do contrario V. não é hoje apontado.

—E' verdade, capitão, não posso mais demorar-me que já se vae fazendo tarde, eu hei de voltar, e então, concluindo, lhe narrarei factos espantosos.

—Pois bem, até a volta.

Sr. Redactor.—Indo na sexta-feira e minha senhora ouvir missa no Bomfim, indaguei do caixeiro da Companhia de Vehiculos si havia gondolas depois da missa do Senhor do Bomfim; este respondeu-me que dessa hora em diante haveria de meia em meia hora.

Acabada a missa, vim com minha senhora para o ponto das gondolas, e nessa occasião sahia uma para a cidade e estavam mais duas cheias.

Neste caso o que fazer?

Esperei ate ao meio dia, quando chegou uma gondola da cidade, na qual entrei e minha senhora.

De momento encheu-se a gondola; então appareceu o Sr. coronel Nicolau Carneiro, um dos directores da Companhia, procurando logar para dous amigos seus. Perguntou ao caixeiro quem não tinha comprado bilhete; este indigitou-me.

Em vista d'isso tirei a importancia dos bilhetes e dei ao caixeiro; mas o Sr. coronel Carneiro, ordenou que me retirasse.

Observei-lhe que estava ali desde 10 horas, á espera de gondola.

Disse-me que, não tendo eu comprado bilhete, devia retirar-me.

Retorqui-lhe dizendo—que não sabia, que os bilhetes eram comprados antes de entrar-se na gondola, suppondo ainda ser como d'antes, e como actualmente, que vinha o caixeiro vendel-os áquellas pessoas que estavam dentro.

A' estas palavras, Sr. redactor, o Sr. coronel Carneiro respondeu-me com maneiras asperas, das que elle costuma mimosear aos passageiros, e que ainda não achou um que lhe soubesse repellir energicamente, dizendo-me que eu mandava em minha casa e ali mandava elle, e por conseguinte me retirasse, si não quizesse passar por uma desfeita.

Obedeci a ordem do futuro *barão da Machambomba* e sahi de dentro da gondola, porque ia acompanhado por minha senhora, e quiz evitar um conflicto.

Peço, Sr. redactor, á publicação destas linhas para que o publico aprecie as maneiras *delicadas* porque o Sr. coronel Carneiro trata os passageiros; e com isso V. penhorará mais ao seu leitor

Melchiades José Garcia.

Bahia 1 de maio de 1869.

VARIEDADES

RESULTADO DO JOGO.

A condessa de Arraceli conta esta triste historia em uma certa carta escripta de Baden:

« Voltando de um passeio campestre para casa, passamos por diante de uma singela cruz de madeira coberta com grinaldas de flores.

« — Que é isto? perguntei aos homens que me acompanhavam.

« Elles fizeram o signal da cruz e foram continuando o seu caminho.

« Mais adiante vi uma joven pallida, vestida de branco, com os cabellos em desordem. Andava a apanhar flores.

« — Quem é? perguntei tambem.

« — Ah! respondeam os meus companheiros, é uma so a historia desta mulher e daquella cruz que viu. Ha um anno vieram aqui dous esposos; ostentava ainda frescas e louçans as flores da sua corôa de desposada; elle mostarva o coração ainda abrasada pelo primeiro fogo do amor. Eram como os amantes de Victor Hugo: dous dedos da mesma mão, duas almas em um só corpo. O jogo da roleta attrahiu o esposo; o exemplo dado pelas mulheres ricas moveu a esposa a queimar incenso ante as aras do luxo desordenado.

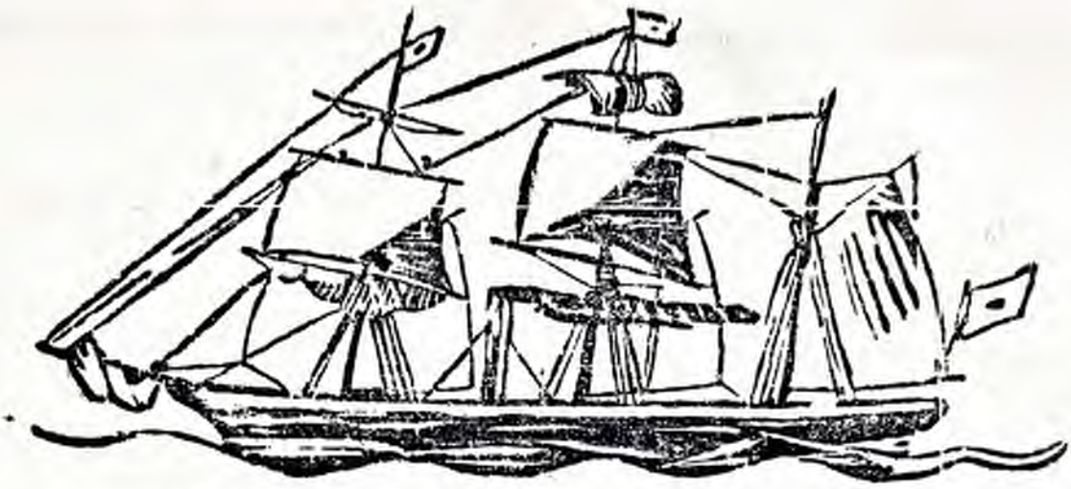
« Elle jogou e perdeu quasi tudo o que tinha; ella desbaratou o resto. *A cruz* cobre o cadaver de um suicida; a mulher que cobre com flores essa cruz está louca! »

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 34.ª folha do—ROCAMBOLE.

ANNUNCOS

João Luiz das Virgens & Friandes, continuam encarregar-se de obras de pedreiro e carapina, (suas profisiões) podendo ser procurados nas casas de suas residencias, este á rua da Independencia, freguezia de Santa-Anna e aquelle, a rua do Alvo, casa n. 61, na mesma freguezia.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 51**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 6 DE MAIO DE 1869. N. 501.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que, por baixo da secretaria do commando superior, ha um cubiculo, onde todas as noites representam-se scenas da mais requintada immoralidade, cujos actores são individuos que ahi se reunem para isso. Ha poucos dias, houve um berreiro formidavel, occasionado por haver uma certa «heroina» ido la buscar o seu «Adonis» e encontral-o repartindo caricias com outra nympha. E como semelhante escandalo não deve continuar, recorre-se á intervenção da authoridade de S. S.

--Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, enviando-lhe a queixa que nos fazem contra o incorrigivel procedimento de duas mulheres, ambas de nome Maria, moradoras ao becco dos Coqueiros, junto á rocinha do finado capitão Cabocolo, casa n. 6, para que S. S., attendendo, dê as necessarias providencias.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que passe a indagar quem foram os malfazejos que escavacaram o becco do Mocotó, a ponto de impossibilitar por elle o transito de cavalleiros, e depois de bem informado os conduza á presença do Dr. chefe de policia, afim de lhes dar o justo premio de tão benefica obra, como a que praticaram. Cumpra.

—Ja que V. Ex. costuma me escutar com benevolencia, ouça.

—O que ha ainda?

—E' mais uma tyrannia praticada pelas irmans de caridade, com os infelizes doentes do hospital.

—Diga.

—A comida aos desgraçados enfermos é atirada bruscamente, e passado um pequeno espaço retiram-se os pratos, sem se importarem com quem comeu ou deixou de comer.

—Mas a razão?

—A razão é por que as irmans de caridade tem immediato interesse de que fique bastante sobra de comida, *pois com ella cevam a manada de porcos que cream dentro do hospital.*

—Quanta iniquidade!

—Eis o desvello, a paciencia destas santarronas senhoras.

—Si quem está são aborrece, ás vezes, uma ou outra comida, que fará um doente martyrisado de dores, acabrunhado de repugnante fastio?

—Si a missão dellas é serem compassivas, resignadas, indulgentes, tolerantes, porque não se chegam aos leitos desses entes sofredores, não os consolam, não os aconselham a tomarem o alimento, não lhes facilitam um ou outro que mais lhes agrade ao paladar; por que não mandam demorar a comida a aquelles que não tem vontade na occasião, para quando lhes apparecer o appetite?

—Querem que todos sejam obrigados a ter vontade de comer na mesma hora!

—Mas é porque isso faz conta á sua insaciavel sordidez: sobrando bem comida, podem engordar os seus porcos, graças a condescencia do Sr. Dr. inspector da saude.

—Eu so queria ter gosto de ouvir o Sr. provedor a este respeito.

—Ha mais de oito dias que se acha aposentado o professor do curato da Sé e

ainda não se nomeou um outro para o logar.

—Que quer V., si o director diz que anda atrapalhado com os empenhos?

—E os meninos reunem-se na porta do palacio do arcebispo a pintarem o *peruta*, a darem pedradas e a gritarem pelas portas, porque os paes não sabem que a eschola está feichada e os manda para ella.

—Entretanto que a instrucção em todo caso é quem soffre.

—O governo pouco cavaco dá com a instrucção, tomara elle que todo o povo seja estupido.

—Tem rasão. Quando o povo é *cego* o governo faz o que quer.

—Que duvida; em terra de *cegos* que tem *olho* é rei.

—Capitão, aprecie o seguinte facto, passado na villa da Batalha, provincia do Piauhy:

«Falleceu um pobre homem de nome Joaquim Soares, deixando mulher e filhos, entre os quaes existem menores: possuia apenas umas 4 ou 5 rezes 1 ou 2 animaes. *A justiça* cahiu em casa da pobre viuva e atemorisando-a—obrigou-a a fazer inventario: o resultado foi que a esses herdeiros veio a tocar 7$000 reis, a cada um; ao escrivão porem, coube 3 rezes e ao juiz não sei quanto! Inventariou-se até uma casa coberta e tapada de palha, distante da villa 5 legoas, e um cano de espingarda avaliado por 3$000 reis, que tocou a um orphãosinho!!!

—Quanta sollicitude por amor da justiça!

—Agora ouça este outro passado no Rio Grande do Norte:

«Sabemos por pessoa fidedigna, ultimamente chegada da comarca do Assú, que o subdelegado de policia do districto de S. Anna de Mattos, Antonio Getulio Souto, acaba de commetter no exercicio de sua autoridade um facto barbaro e atroz, um attentado horroroso, raro nos annaes do crime, e unico nesta provincia. Ei-lo:--Na ultima quinzena do mez findo, essa autoridade, por si propria e por outrem, fez castigar a um rapaz, de quinze annos talvez, com grande numero de calabrotadas e cento e dezenove palmatoadas, dez duzias de bolos, menos um, pelo simples facto de haver tirado dous a quatro cocôs do do sitio do Rvd. vigario!.

«Dias depois, (dous a tres) as mãos do menor, em misero estado, eram atacadas pela gangrena, em consequencia da qual, dizem, resultou-lhe immediatamente a morte! Facto barbaro, e crueldade sem nome, crime horrendo! Acto de tão requintada perversidade, praticado por uma autoridade contra um cidadão, jámais tinhamos visto.

—E' preciso que appareçam destes factos, para retratar bem ao vivo a situação desgraçada em que vivemos.

—Capitão, acaba de suicidar-se com um tiro de pistola, que deu debaixo do queixo, o capitão Honorio Belluino de Souza. Veio para o hospital da Misericordia, onde expirou, ás 3 horas da tarde!

—Que motivo o obrigou a praticar semelhante attentado contra as leis divinas e sociaes?

—Credores *implacaveis!*

—Coitado! Deus se compadeça de sua alma!

—Aquelle Paraguay é a terra dos mysterios!

O Sr. duque de Caxias, em uma participação ao governo, disse que viu o corpo do vice-presidente Sanchez na valla dos executados no horrendo morticinio de S. Fernando. E agora lá está o vice presidente Sanchez, vivo e forte, em Pirabibué, despachando *las cosas del gobierno*.

— Imbecil! V. não sabe que os mortos do Paraguay ressuscitam?

—E esta?

O capucinho Fr. Fidelis ouviu de confissão e recebeu o ultimo suspiro do general Caballero, cuja carteira trouxe e entregou, ao então marquez de Caxias, no dia 11 de dezembro.

Entretanto, agora o general Caballero acha-se em Ascurra, commandando a vanguarda inimiga, com perfeita e excellente saude, e de vez em quando, mimoseando-nos com uma surpreza!

Ora bolas, com tanta mentira.

—Então V. o que quer? Pois não ha de o paternal governo, ir entretendo este povo de basbaques com algumas novellas?

—E é preciso fazer mais um reparo.

—Qual é?

—Ninguem falla mais daquelle façanhoso coronel paraguayo Martinez, que jurou em Buenos-Ayres, com tanto espalhafato, ir vingar a consorte, que Lopez açoutara, perseguindo-o sem tregoas nem descanço.

—Espere para mais dia menos dia ouvir dizer que o coronel Martinez desappareceu e que nem elle jurou cousa nenhuma e nem a mulher foi morta.

—A proposito, sabe alguma cousa da guerra?

—Pouca.

O exercito marchara para Luque. Falta de cavalhada. Pedido ao general Portinho de 1000 cavallos, e 2500 muares. Havia carencia de alimentos. Os soldados não tinham o que vestir; compravam roupa a sua custa. Em todo o exercito não havia uma unica calça de panno!

Segundo uma correspondencia de Assumpção as forças alliadas compõe-se de

Brasileiros	22,000
Argentinos	5,600
Orientaes	600
	28,200

Uma carta dá noticia de terem desapparecido de Corrientes, n'uma noite, todos os piões

e serventes paraguayos, que a tolerancia dos alliados relaxara da condição de prisioneiros, para que podessem ganhar sua vida. Dos de Angostura, diz a dita correspondencia o mesmo; de maneira que de tal arte não é admiração que o vencido de Lombas Valentinas tivesse ja, a hora d'esta, mais dos 7,000 homens, que as ultimas noticias lhe attribuiam.

O facto é, que foi ao vencido a quem coube a gloria de dar primeiro signaes de vida, mandando uma força interromper o trabalho de nossos pontoneiros no dia 10 do p. p., duas leguas longe de Luque, pouco mais ou menos.

Parece que o general Guilherme tinha idéa de avançar sobre o marechal Lopez pela via ferrea de Villa-Rica, mandando proceder por isso aos reparos na ponte do arroio Juquery que o inimigo destruira. Os paraguayos souberam-n'o, e mandaram uma força com duas peças de artilharia volante pela estrada de ferro; porém, nossos piquetes receberam-n'os galhardamente, fugindo o inimigo da mesma maneira por que veio, desde que viu o 13, de cavallaria correr a escape para atulhar as rails na sua retaguarda, e capturar assim a machina e os tres ou quatro carros que arrastava. Elogia-se a presteza com que esses homens aguerridos pulavam dos wagons, e assestavam as peças avançando, e a não menor rapidez com que embarcaram novamente estas, e fugiram á toda a força da locomotiva, deixando um morto, levando os seus feridos, e burlando a temeraria diligencia da cavallaria rio-grandense, que depois de ter assaltado baluartes e trincheiras, se preparava a continuar as tradições do heroico Andrade Neves, atravessando os seus cavallos diante das locomotivas para lhes tomar o passo, deixando-se esmagar pelo tremendo engenho.

Assim devia ser: n'esta luta de gigantes aos paraguayos, abordando a peito nu nossos encouraçados, deviam corresponder os rio-grandenses atirando-se como amoucos as locomotivas para as capturar, ou tombal-as sobre os seus cadaveres.

—Capitão, torna-se necessario que V. Ex. lance de novo suas vistas para a rua do Sodré, freguezia de S. Pedro Velho.

—Então o que ha de novo por lá?

—E' materia velha, porém que cada dia toma maiores proporções. Quero fallar de uma infinidade de casas, que ha nessa rua, as quaes, sendo occupadas somente por africanos de ambos os sexos, são uns verdadeiros quilombos. Os proprietarios dessas casas, tendo somente em vista o prompto recebimento dos alugueis, pouco se importam que suas propriedades fiquem estragadas, e que a visinhança seja incommodada.

Um africano aluga uma casa, e é preferido a qualquer nacional, que a pretende; reduz as salas, quartos e cosinha a pequenos cubiculos, divididos por taboas, esteiras, e até mesmo por cobertas, e da noite para o dia estão todos esses casebres occupados.

O negro que aluga a casa, alem de lucrar cento por cento na especulação, se constitue chefe do quilombo.

Nessas casas da rua do Sodré, além das altercações e desordens, fervem constantemente os tabaques, as danças e as gritarias que se prolongam até alta noite, com grande incommodo da visinhança, que tambem se ressente do nauseabundo cheiro que exhalam os fatos, e sangueira dos differentes animaes immolados em sacrificio; durando essas festanças quatro, seis, e oito dias seguidos; ora á pretexto, segundo dizem elles, do Santo ter ido para a guerra, ora porque voltou da guerra, ora porque morreu uma *filha da casa*, e ora porque é serviço grande, que precisa fazer-se; e de contrapezo para mais divertimento das familias da visinhança, os negros de noite se assentam nas sacadas, nas portas das ruas, e nas janellas nús, e apenas embrulhados em lençoes ou cobertas.

—Homem, isso é terrivel, porque não se dirige á policia, ou ás authoridades locaes?

—A policia dorme, e eu tenho medo de acordal-a; as authoridades locaes cochilam, e eu tenho receio de assustal-as.

—Então queixe-se ao seu vigario.

—Não senhor, é com V. Ex. o meu negocio, porque nessa rua do Sodré parece que está enterrada caveira de barro.

—Pois ainda ha mais alguma cousa?

—E' que as familias estão privadas de chegarem em suas janellas por causa de um petulante malandro, verdadeiro reu de policia, que anda á qualquer hora do dia ou da noite, enchendo de pernas a rua, contendendo e dizendo chalaças a quantas moças avista nas janellas, fazendo paradas, e accionados pouco decentes, e, para descançar dessas suas infames conquistas; existe nessa mesma rua na lojinha de um sobrado, uma biboca de marcineiros, onde elle permanece constantemente.

—E quem é esse sobre dito cujo?

—Consta-me, que é devoto de *S. Marcos*, e appellidam-no *Rabeca*; e que, em vez de procurar meios honestos de viver, ao contrario, occupa-se em desacreditar as familias, pelo que ja por algumas vezes, se lhe tem ajustado a roupa, e consta-me finalmente que esse sevandija possue uma lingua devassa, e que uma de suas maiores gentilezas é gostar de morder o cartucho, pelo que dizem—valha a

verdade—ja teve o arrojo de assentar uma *rabecada* em seu proprio pae.

—Basta até ahi, eu tomarei esse biltre a minha conta, e mandarei arrastal-o aqui pelo muxingeiro, afim de lhe mandar estanhar a deslavada cara, e aparar-lhe a ponta da viperina lingua.

Á PEDIDO

—Sr. velhaça, V. é a sensualiadade em pessoa!

Si continua a não respeitar a decencia, força-me a tomar uma providencia energica a seu respeito.

—Por *Santa Anna* não me encommode.

—Por *Santa Anna* mesmo lhe digo que o mandarei a um *torneiro* para metter-lhe a cara no torno, si não se emendar.

—Respeite a minha edade.

—Do que vale a edade a um velho sem pudor!

O que V. precisa é um reforçado clyster de buxa, para moderar-lhe a incontinencia.

—Tanto mal não faço eu.

—Mas o um velho gaiteiro, deshonesto e impudente.

—Outros dão mais escandalos

—Mais do que V.?

Por sua descaração a *Joanna salta o balcão* da quitanda toda a noite.

—Estou vendo que querem me prohibir de passar no Cruzeiro.

—Quem ha de lhe prohibir, ha de ser o muxingueiro com a taca.

Tem la termo andar V. a dar espectaculos, ridicularisando-se a si, servindo de *bobo* e offendendo a moralidade publica?

—Meu defeito é gostar de saborear *malacas*.

—Saia-se velho de um dardo, antes que mande o muxingueiro começar a tomal-o a sua conta.

(*Continúa.*)

—V. passou, domingo passado, á noite, pela rua Direita?

—Por que pergunta?

—Via uma reunião familiar que ahi havia?

—Vi e gostei; estava em boa ordem.

—Pois n'um grupo de gente *mais ou menos* que se ajuntou na rua, não se attreveu um João Chrysostomo a dizer que uns dous dos que la se achavam eram escravos?

—Não faça caso.

Quem tem sua bocca falla.

—Mas que interesse ha em querer aboccanhar os mais, quando todos que ahi se achavam estão muito distantes de semelhante rebutalho; por que ao menos nenhum delles foi ainda encontrado accompanhando uma senhora, ou segurando-lhe nas cortinas da cadeira?

—Ah, isso é a senhora da mãe delle.

—Sabe por que é tudo isso? Despeito por não se lhe querer dar a importancia de admittil-o na reunião.

—Si V. sabe disso, para que falla?

—Porem si esse bestalhão ha de se intrometter com o que lhe não compete, não é melhor que va cuidar no seu interminavel estudo, que ha mais de oito annos o conheço nelle, sem ver nunca o resultado?

—Chama-se empatar o logar aos que tem habilitações.

—E' o diabo quem não se conhece. Si elle tivesse consciencia de si, não andaria a dar gasto ás livrarias, havia de ver que na bolea de um carro fazia melhor figura.

Pede-se ao Illm. Sr. capitão do porto que, depois de informar-se do capataz do Caes Novo quaes são os dois saveiristas que se empregam á noite em conduzir roubos das alvarengas para terra, dê destino a semelhantes flagellos da propriedade alheia.

Um prejudicado.

—Está vendo aquelle alarma de moleques, ali no largo da *luxuria*, defronte d'aquella venda?

—Estou. E' um sujeito que me parece espião e mais quatro soldados de policia, munidos de chibatas, que estão escovando o pello de todos os moleques que vão passando.

—Nem V. conhece as authoridades de sua terra! Aquelle sujeito que lhe parece espião é o subdelegado da freguezia do *Chaveiro do Ceu*, que todas as noites sahe com quatro soldados de policia, e se põe aqui a tozar os moleques.

—*Barros*, V. quer chicanar comigo? Pois um subdelegado vae la se pôr, defronte de uma taverna, com quatro soldados, a dar chibatadas nos moleques, eu posso lá crer isso!

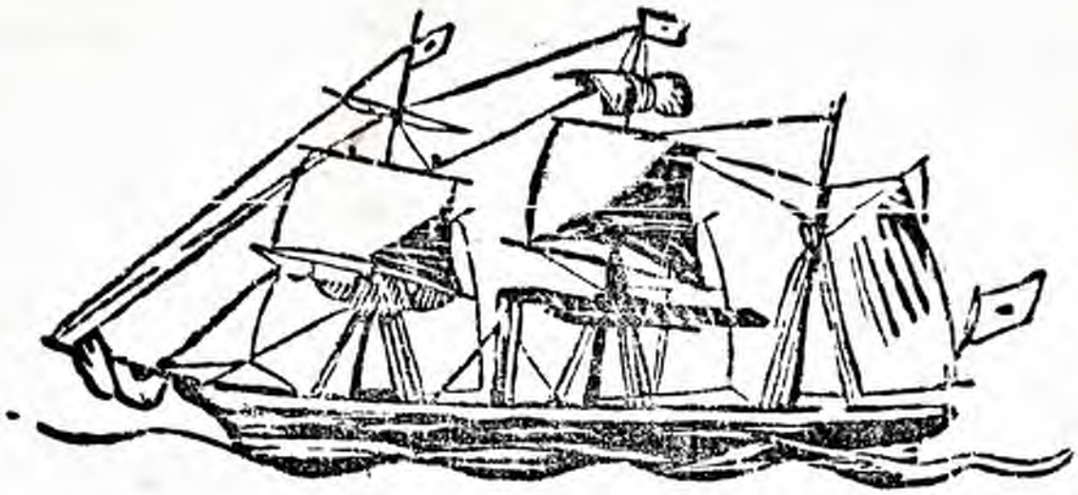
—Ora, o que é, que não ha de ver-se em sua terra?

—Com effeito! Os subdelegados, até ja fazem de soldados de policia!

Tenho visto!

Tenho meu annel de ouro
Cercado de pedraria,
Em cima tem um batoque
Que fiz na *marceneria*.

E' um annel delicado,
E' uma prenda adorada,
No dia do meu casorio
Quero dar a minha amada.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 31**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 8 DE MAIO DE 1869. N. 502.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe severa correcção para os desregramentos de uma obstinada meretriz, conhecida por Lulu-cerveja, moradora á rua de Palacio, a qual, sem guardar o menor decoro as familias da visinhança, profere palavras as mais immoraes.

Essa « lamparina, » tem ido, diversas vezes, á presença da authoridade, pela irregularidade de sua vida, porém, na volta, continúa nos seus escandalos, cada vez mais desenfreada!

Espera-se que S. S. proceda de modo que ella se corrija de sua depravada vida.

---Ao mesmo, recommendando-lhe muita attenção para o decantado becco do Escorrega, foco de muito vadio e mulher dissoluta. Domingo, á noite, houve samba estrondoso, que terminou, como era infallivel, por sarceiro.

Jacyntha e Maria, duas sambistas, ciumaram e as garrafadas choveram: tocou-se apito, mas a patrulha chegou depois do aguaceiro desfeito, e isso mesmo por que a foram buscar na Praça.

S. S., em quem se folga de reconhecer actividade, providenciará como for justo.

---Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, despertando sua attenção para os interminaveis alarmas do « Paraguay, » sobre-sahindo entre elles o que houve domingo, á noite, por occasião de um samba: é verdade que o ordenança de S. S. appareceu na occasião, mas foi obrigado por um cabo do batalhão 11o a metter o refle na bainha e a ficar sem apito e escovinha. Este confiicto podia ter resultados desastrosos, porque o proprietario daquella furna, armado de uma enchada, pretendia,á enchadadas, apasiguar o barulho, quando assim mais o atoava.

Confia-se na boa vontade do S. S. que de certo estenderá a sua acção policial áquelle antro e refugio de desordeiros.

---Ao Illm. Sr. director do arsenal de guerra, para que informe si é exacte que S. S. está fazendo dispendiosas obras na arrecadação desse arsenal, gastando na divisão da mesma perto de 2:000$000 rs. com a factura de monstruosos armarios, e no caso de assim ser, para que declare com que authorisação procede a tão exorbitante despeza.

—Quando o mundo inteiro condemna a pena de morte; quando os legisladores tratam de risca-la de seus codigos, somente o Santo Padre, o chefe visivel da Egreja catholica, apostolica, romana, se mostra inflexivel!

—O ministro do Senhor das misericordias!

—Foram condemnados á morte dous homens, por crimes politicos, Azane e Lizzi; alguem intercedeu ao papa pela commutação da penna e *S. Santidade* respondeu que «este pe« dido implica, entre outros *perigos*, consa« grar um principio *immoral*, que tende a es« tabelecer uma especie de impunidade para « os crimes politicos! »

—E este homem é o chefe da christandade, o Vigario de Christo na terra, o sacerdote de paz e charidade!

—Condemnar á morte por crimes politicos!.... nem na Hespanha!

—Capitão, os brasileiros são faltos de aptidão para tudo.

—E' bom que V. tenha bocca para depreciar seus patricios.

—A prova é que eu vejo todos os dias a

crescida importação de estrangeiros para exercer os misteres mais insignificantes da vida.

—Isso é uma mania chamada *estrangeirismo* que grassa na nossa sociedade; não que os brasileiros não sejam dotados de penetração e intelligencia para tudo.

—Do commercio, dos cargos publicos e particulares, dos estabelecimentos pios, das artes, industrias e profissões, de tudo vae se apossando o estrangeiro, em quanto o brasileiro pobre, ou ha de dar em vadio, ou sentar praça, ultimo recurso que lhe resta.

—O culpado quem é?

—Veja si eu tenho ou não rasão.

Vagou o logar de enfermeiro dos doudos no hospital de charidade, pela retirada do respectivo.

Julga que chamaram algum brasileiro para substituil-o? Enganou-se: foram buscar um francez.

—Aquelle hospital de charidade ha de se tornar um *estabelecimento francez* na Bahia.

—Por ventura não haveria na Bahia um rapaz honesto e amante do trabalho, que quizesse se empregar?

Mesmo entre os serventes daquella casa não haverá algum que merecesse accesso?

—Mas V. quer ser a palmatoria do mundo?

—Deus me livre.

—Então deixe correr o barco.

—Quer ouvir um caso?

—Si vale a pena....

—Tem seu chiste.

Quem me contou, disse que passou-se ha poucos dias.

—Pois diga lá.

—Um certo spiritista enthusiasta, e excellente medium, é casado com uma linda mulher.

Ha dias comprou um bello chale de cachemira franceza com que brindou sua esposa; mas a filha de Eva disse que preferiria uma cachemira da India.

—Não tem nada de innocente.

—Um *intimo*, para *agradar* a fiel consorte, fez substituição, trocou a cachemira franceza por uma da India e collocou-a sobre o leito dos fieis esposos, depois do que disse ao seu *parceiro*:

«O meu amigo devia magnetisar o chale francez, talvez que o seu fluido o possa metamorphosear em chale da India.»

Foi dito e feito, o paspalhão poz-se a executar os seus melhores tregeitos e momices, no fim do que, a mulher, que, como é facil de suppor, estava a par da traficancia, corre ao leito.... e que milagre! tinha-se realisado a metamorphose!

—E o marido?

—Está mais spiritista do que nunca.

—Pobre cabeça, que aguenta *semelhante peso* de tamanha *caraminhola!*

LA VAE VERSO

MISCELLANEA RECREATIVA.

Menina namoradeira
Só na janella pregada,
Para os amantes faceira,
Para os paes sempre enfadada,
Julgando a costura asneira,
—Merece palmatoada.

Mulher, que tem seu marido
Sem ser muito recatada,
A's lisonjas dando ouvido,
Sem se importar que é casada,
Não tendo muito sentido,
—Merece ser despresada.

Casado, que *com motivo*,
Deixa a mulher mal guardada,
Que põe nos olhos um *crivo*,
Sabendo que é namorada,
Já que não tem *olho vivo*,
—Merece palmatoada.

Mulher janota e exigente,
De *saia balão* armada,
Que quer pós, escova e pente,
Velludos, fitas, pomada,
Cuidando só do presente,
—Merece palmatoada.

Homem já velho e solteiro,
Com fortuna bem ganhada,
Que vai casar mui lampreiro,
Com mocinha ajanotada,
Perdendo a paz e o dinheiro
—Merece palmatoada.

Namorado criançola,
Sempre com luva calçada,
Que, feito mesmo um pachola,
Traz a luneta assestada,
Sem ter juizo na bolla,
—Merece palmatoada.

Caixeirinho inda no viço,
Ou já de barba rapada,
Que é mui leve de toitiço,
Sò mettido em patuscada,
Que namora e tem derriço,
—Merece palmatoada.

Mestre escola em pasmatoria,
Sem gramatica estudada,
Sem sciencia e sem memoria,
Sem moral, sem valer nada,
Em vez de ter palmatoria,
—Merece palmatoada.

Namorado de *chupeta*,
Que só chupita massada,
Que feito mesmo um pateta . . .

Engolle da namorada
Trinta mil e uma peta
—Merece palmatoada
Aquelle, que antes que *quebre,*
Põe a casa hypothecada;
Que por dinheiro tem febre,
E na *quebra* mal *quebraba*
Inpinge gato por lebre,
—Merece palmatoada.
Rabulista, que com *gana*
Vive da gente *enganada,*
Que armando muita chicana,
Não perde o *tempo* ou *passada*
Contra os incautos que engana,
—Merece uma arrochada.
Roubador de honra alheia,
Que com seus crimes engorda,
Tendo sempre a bolsa cheia;
Que não lh' importa a cadêa
Dos abysmos sempre á borda;
—Que merece?—boa corda.
Velhaco, que, sem receio,
Pede quantia emprestada,
Com riso de galanteio;
E depois de farto e cheio,
Diz ao creder: *Não ha nada,*
—Que merece?—bordoada.
Vadio, que passa a vida
Feito mesmo um mandrião,
Sempre co' a bolsa escorrida,
Que o trabalho o intimida,
Mastigando alheio pão,
—Que merece?—correção.
Assassino, mal-feitor,
Do sangue alheio vampiro,
Sem compaixão, sem horror,
Sem da victima ter dó,
No seu ultimo suspiro,
—Que merece?—bom sipó.
Patriota por cynismo,
Que falla da patria amada
Por falso patriotismo,
E com cara *descarada*
Nega a pia do baptismo,
—Que merece?—bofetada.
Juiz, de vara na mão,
Que, na roça tendo alçada,
Derroga a constituição;
Que sem causa bem julgada
Não é juiz, é papão,
—Que merece?—uma tacada.
Boticario, que arma a *têa*
Com o doutor á calada,
E cuja pharmacopéa
Torna a morte declarada,
Ficando co' a bolsa cheia;
—Que merece?—chicotada.
Ministro, que faz programma
De salvar a patria amada,
Cujos projectos são lama
Depois da *pasta* empalmada,
Sem se importar da má fama,
—Merece cassuletada.
Escrivão, que guarda os *feitos*
Entre a sua papelada,
Q' acha nos *outros* defeitos
E arranja uma embrulhada,
Ganhando *de mais* nos pleitos
—Que merece?—uma tacada.
Caloteiro por officio,
Com vestimenta asseiada,
A qual tomou no commercio
Ao logista, fiada,
Já por luxo e já por vicio,
—Que merece?—outra tacada.
Taverneiro, que por vêso
Traz a medida encurtada,
Que, escapando de ser preso,
Coutinúa na *assada*,
Roubando tambem no peso,
—Que merece?—bordoada.
Poeta d'agua salgada,
Que, sem saber dar um motte,
Julga ter musa engraçada,
E em suja versalhada
As regras vae pondo a trote;
—Que merece?—calabrote.
Empresario de *patotas*
Que faz grande *mascarada*,
Que é *publico* tratante,
Que tem fortuna roubada,
Da viuva e dos orphãos,
—Que merece?—mais tacada.

Braz Tizana.

Á PEDIDO

Quem precisar de um vaqueiro chefe, pastor de vaccas, procure em Itapagipe, que achará com quem se contracte por qualquer preço.

O vaccinador.

—Capitão, aqui estou.

—Para que?

—Para cumprir a palavra que lhe dei de voltar para concluir a historia do *Xico boi.*

—Veja em que fica; si é *Xico boi* ou *Xico vacca.*

—Pois bem, capitão, como o bicho tem mais de *vacca* que de *boi*, chamal-o-hemos *Xico vacca.*

—De accordo; siga o carro.

—Esperei que *esse vacca* me passasse pela porta para trazel-o á sua presença, capitão.

—Para que festa?

—Para fazel-o ouvir, bem amarrado ao mastro grande, o que lhe prometti contar.

—Mas como elle não veio, conte sempre, que lhe farei saber tudo.

—Pois bem; lá vae:

Suspenso o bicho, como disse, no *guincho* do proprio *antro*, deu tantos urros e pernadas, que, sendo de um vulto pesado e informe, conseguiu afrouxar a corrente e com o maior desfaçamento *arrastou-se* até a sala onde estava a verdadeira *inspecção* que, indignada de tanta safadez, mandou-o enxotar.

—*Tangido* devia ter sido elle.

—Porem, capitão, isso não admira; porque, quem olha para a cara d'elle, advinha logo a concentração de muita descaração, mentira, intriga, tratantice, etc, etc, etc.

—Oh! homem, não enfie mais que isso já dá a conta.

—Pois não, capitão!...

Ora ouça V. Exa:

Em certa eleição, entendeu esse bruto de fazer frente ao governo; e, no distribuir as chapas, ou listas, enfiou uma nas mãos do velho pae, a quem por isso fez a mais horrivel das desfeitas que se pode imaginar; por que, chegando o pae a urna para votar, o *vacca*, approximando-se d'elle, tirou lhe a lista das mãos e deu-lhe outra dizendo—que bem *podia ser que o tivesse* trocado, e não queria duvidas para o seu triumpho!

—Oh! isso é horrivel!

—E' horrivel; mas creia V. Exa. que é verdade pura o que lhe estou contando.

Por essas investidas pedantescas, o governo deportou-o para o terra da *maranha grande*; e o larapio, filho desta *Latronopolis*, tomou a *ajuda* que se costuma dar, como *custas*, aos deportados, e *impinou-se* com ella.

—Então commetteu elle um furto?

—Eu sei; creio que mais alguma cousa, por commetter abuso de confiança.

—Bem; e que mais ha?

—Para encerrar hoje a narração, basta dizer-lhe que esse bruto, não querendo circumscrever se ás ordens e obediencia, inculcando valimento, promettia a todos da sua freguezia um *logarzinho* no *antro*; e como se demorasse no cumprimento da promessa, foi um dia, na rua direita dos *sanhaços*, *abalroado* mesmo pela *proa*, por um dos pretendentes, que lhe disse o que Mafoma não disse do toucinho, e elle, com a humildade de bicho pisado, dava mil satisfações, com pasmo dos espectadores, que o admiravam.

—E quem o vê com similhante cara levantada, pensa que ahi ha magestade.

—So si é dos moleques, capitão. Aquillo é um odre cheio do vento que lhe introduziram e mais nada.

—Desta forma, meu amigo, toma-me V. o tempo, com os contos de similhante *sandeu!*

—Não; capitão; por hoje basta.

Agora não volto ca, sem que o bicho appareça, porque quero arrastal-o á sua presença, afim de que V. Ex., fazendo-o suspender no mastro grande, o exponha visivel e descaradamente, aos olhos do publico.

São horas de eu ir responder a ponto, adeus, capitão.

—Va-se com Deus, meu massante.

Reduso a canna a rolete
Junto a minha farinheira;
Sou um grande em traficancias,
Em medicina toupeira.

Já fui deputado burro;
E dentro d'esta cidade
Demittido fui, por ser
Sevandija auctoridade.

O escamoteador do virus.

—Capitão, os trabalhadores da *aduana* reuniram-se, na quinta-feira, em uma venda que fica fronteira a mesma, e beberam vinho e caxaça em regosijo do *inspecionador* já ter passado a inspecçao para o seu ajudante e ter de se ir embora no dia 16 do corrente para o Rio.

—Dizem, tambem que preparam foguetes e bombas para tocarem quando elle embarcar.

—E' verdade.

—Mas, tudo isso não é sinão tramado pelo *Xico-vacca*, por haver o ex-*inspeccionador* interino o suspendido por não cumprir os seus deveres de *capa atraz*.

—Essas cousas são proprias, do caracter de um homem, que toma uma cusparada na cara e não repelle.

—Menino, está me parecendo que ja lhe vi no *trem de paz?*

—Não se enganou.

—Porem agora ja não está lá.

—Informaram-lhe mal, Sr.

—Nesse caso, o que faz V. aqui pelas *Areias* deste *penhasco*, á mangalaça?

—Sou do numero daquelles que o director tira para seu serviço.

—Que tal! Agora é que sei que a nação tem obrigação de dar creados a seus servuntuarios!

ANNUNCIOS

GALVANISADOR.

No segundo andar n. 13, á rua Direita do Commercio, prepara-se qualquer obra de dourado ou prateado, e concerta-se qualquer peça de oiro ou prata, tudo por preços commodos e a contento dos freguezes.—*Francisco Xavier de Sant'Anna.*

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 51**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 11 DE MAIO DE 1869. N. 503.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de maio de 1869.

Officio á Ilma. camara municipal, levando ao seu conhecimento que se está reedificando um sobradinho, a rua Direita do Collegio, fóra do alinhamento um palmo, em vista do que pede-se providencias a respeito.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, no domingo 2, o escravo Cypriano entrou em casa da creoula Lima, que fôra sua amasia, moradora na Barroquinha n.º 1, e, despeitado pela obstinada repulsa da mesma, em continuar a entreter relações com elle, lançou-lhe uma chocolateira com agoa que estava á ferver, desfigurando-a horrivelmente.

O criminoso foi preso, mas na respectiva subdelegacia, *arranjou-se* uma combinação em que o senhor do mesmo se obrigava a dar á offendida dois mil reis diarios até o seu restabellecimento, obrigação que foi apenas cumprida durante quatro dias.

O alto criterio de S. S. avaliará da legalidade de tal obrigação.

Parece que, sendo a offendida pessoa desvallida e ignorante, o subdelegado não devia admittir semelhante combinação, muito mais quando ja se diz que foi ella feita debaixo de pressão, por se persuadir a mesma em juizo que *nenhum partido tiraria*, por ser pobre e não ter dinheiro para gastar.

O caso é que ella continúa a soffrer, podendo vir a aggravar-se lhe os soffrimentos pelo estado de inchação em que tem o rosto, e por se acharem molestados os ouvidos onde a agoa penetrou; em quanto que o malfeitor, sem punição, está authorisado a perpatrar attentado mais grave pela impunidade em que ficou.

Pede-se por tanto a S. S. em nome da lei, que, se informando do occorrido e ouvindo ao respectivo subdelegado si procedeu a corpo de delicto, dê as providencias que o caso pede.

—Ao mesmo, levando ao seu conhecimento que na noite de 8 do corrente foi barbaramente espancada Maria Tertuliana de Carvalho, moradora ao Caes Dourado, por Francisca de Macedo e Rosalina de tal.

A paciente acha-se em lastimavel estado, apresentando diversas contusões pelo corpo e enormes brechas na cabeça, provenientes de garrafadas que levou.

E' extremamente sensivel a falta de segurança que existe nesta cidade. A offendida, que foi espancada desde 9 e meia horas ate uma da noite, bradou constantemente por soccorro, sem que apparecesse ninguem em seu favor; visto como a freguezia se achava acephala, estando o subdelegado no Bom-gosto e os quarteirões disprovidos de inspectores.

Na noite de 9, repetiu-se a mesma scena no sobrado n. 93, em que mora Maria Francisca da Conceição, a quem um marinheir

com um punhal intentava offender. Esta porem foi mais feliz, porque o povo invadindo a casa a livrou das mãos do seu aggressor.

De S. S. espera-se promptas e energicas medidas, que ponham termo a tão anormal estado de cousas.

—Uma noticia de interesse para a Bahia.

—Para mim é novidade.

—Então não sabe que a companhia de Vehiculos no dia 12 do corrente franquea á concurrencia publica a viação dos trilhos urbanos?

—Ah, sim!...

—Nós que nos desvellamos pelo progresso desta terra, não podemos deixar de nos congratular com a companhia pela realisação de tão util melhoramento.

—Assim se desvelle ella em cumprir o que tem promettido ao publico.

—Entraram hontem á noite para o hospital dous homens feridos.

—Quem eram?

—Thomé Francisco dos Santos, com um formidavel rombo no pescoço proveniente de um tiro, e João Ignacio da Silva com uma orelha decepada, por uma cutilada de facão.

—Brigaram?

—Não; informaram-me que penetraram em uma roça ao Engenho Velho, onde foram recebidos por aquella forma.

—Imprudencias! Quem foi o aggressor?

—Falla-se n'um filho do procurador Chuvas.

—Tambem ouvi dizer que nas praias do Unhão encontrou-se o cadaver de um pardo.

—Ha dias bem aziagos!

—Aquella gente está *envenenada!*

Parece que querem se acabar!

—Questões de jogo.

—Que diz, homem! No *Passo da Patria* tambem se joga?

—Que innocencia! Pois não sabe que ahi ha bilhar?

—Sei.

—E então? Atraz da vella grande ferra-se o traquete.

—Tem razão. Mas admira que a policia da Bahia, que, para bem dizer, consiste do largo de S. Bento ao do Terreiro, agora desapparecesse.

—E' preciso ser consequente: muito espalhafato quando não é preciso e ausencia absoluta quando é necessario.

—O Vieira, empregado no arsenal de guerra, chamou a um empregado da typographia, na venda do Albino, e promettendo-lhe certa quantia e quatro garrafas de vinho, si lhe descobrisse quem fornecia apontamentos sobre aquella repartição para o *Alabama*.

—Com que fim?

—Sem duvida para prestar serviço ao director.

—Ora isso! Pois o Vieira se metteu nessa!

Elle, que em qualquer parte, á vista seja de quem fôr, tem tratado do que vae pelo arsenal de guerra!

—Quiz ver si assim se punha fora da rascada.

—Pois elle que deixe-se disso, que a cousa pode-lhe sahir ás avessas; quem tem *culpa no cartorio*, não falla.

—E não queira medir a todos por si, julgando que os empregados da typographia são susceptiveis de se corromper.

—Noticias do Rio da Prata.

—Vamos a ellas.

—Rio de Janeiro, 5 de maio.

«Pelo vapor inglez *Keppler*, entrado hontem do Rio da Prata, recebemos folhas até 27 do pasado.

«Segundo ellas, as ultimas noticias de Assumpção eram de 21 e resumem-se no seguinte. O 1.º corpo de exercito estava reservado ao visconde de Herval e era interinamente commandado pelo marechal Guilherme, o 2.º corpo estava confiado ao tenente-general Polydoro; o coronel Vasco Alves commandava a vanguarda. S. A. o Sr. conde d'Eu desenvolvia grande actividade e ficava ultimamente do outro lado do Yuquery com as avançadas. Esperava se a conclusão da ponte sobre este rio para o exercito se pôr em marcha, tendo já chegado á Assumpção uma locomotiva para serviço da estrada de ferro. Para Buenos-Ayres tinham-se feito urgentes encommendas de cavallos e forragens. Fortificava-se a villa do Rosario, ultimamente occupada por uma força expedicionaria, como é sabido, e o chefe de esquadra Elisiario preparava-se para ir ao alto Paraná.

«Tal é a substancia dos telegrammas transmittidos de Buenos-Ayres para Montevideu, e cuja exactidão não podemos assegurar. Muito menos asseguraremos dous factos que o *Telegrapho Maritimo*, de Montevideu, refere sob o titulo *Noticias da Guerra*, mormente sendo a referida folha a primeira a declarar que carecem elles de ser confirmados. O primeiro facto é terem os paraguayos, descendo em canoas o Tebiquary, abordado, tomado e levado comsigo um pequeno vapor dos fornecedores do exercito que ali se occupava em passar gado de uma margem para a outra e

naquella occasião rebocava uma chata, que foi mettida a pique. Esta occurrencia, ainda quando fosse veridica, nenhum desar imporaria nem para o nosso exercito, nem para a armada, pois que o vaporzinho lhes não pertencia, mas mostraria constantemente ameaçada a extensa linha de communicações, que carecemos de manter aberta e guardada para abastecimento das tropas. A ter sido inventada, como parece, foi-o certamente neste ultimo intuito.

«O segundo facto é ter sido sorprendida e em parte morta ou aprisionada, alguma gente que, desembarcando dos encouraçados perto do Rosario, dormia em terra tranquillamente, depois de ter explorado os arredores.

«Falla-se ainda de ter sido arrebatada por um esquadrão paraguayo a cavalhada de uma força nossa que acampava além do Yaquery, mas este facto está desmentido pela sua mesma data, pois diz-se occorrido a 12, em que nada se diz a este respeito.»

—

As ultimas noticiás do Poraguay constam dos seguintes telegrammas do nosso ministro em Buenos-Ayres para o governo imperial.

«Quartel-general em Luque, 10 de abril de 1869. No Potino Cué, a duas leguas do Juquery, deu-se um encontro entre uma descoberta nossa de 30 homens do corpo do coronel Manoel Lucas de Souza, e 40 lanceiros inimigos. Foram estes completamente derrotados deixando em nosso poder nove cavallos encilhados. Não tivemos um só ferido a lamentar, e os do inimigo conseguiram escapar para o mato. Chegaram 400 cavallos, quantidade insignificante em relação á necessidade. Chegou o vapor *Paysandú*, do Rosario, onde fôra levar alfalfa, e onde não se dera novidade até o dia 18.»

«Luque, 22 de Abril de 1869. Depois do pequeno encontro em Patino Cué, não se deu mais novidade. Pelos passados consta que Lopez ainda tem 8,500 homens. Os vapores que levavam os cavallos e a locomotiva estão encalhados.»

LA VAE VERSO

MOTTE

GLOZADO ENTRE O PADRE AVÔ DE CHRISTO, O TENENTE BIQUIBA, E O DR. PORRADA.

Banana não tem bagasso.

Tenente—Na rua anda um petit-maitre
Que no trajar é palhaço,
Não ha servidor sem tampa
Banana não tem bagasso.

Resto de pão é farello,
De capim chamam retraço,
Requeijão não tem caroço,
Banana não tem bagasso.

Dr.—Espere lá, Sr. official; agora sou eu que monto guarda no Parnaso

Rapaz com dinheiro, em França,
Nos vicios fica devasso,
Quem o manda não tem juizo,
Banana não tem bagasso.

Uns dão saltos repentinos,
Outros vão marcando passo,
Ninguem trepa sem ter treta,
Banana não tem bagasso.

Padre—Bravo, bravo, V. S. tem muito talento; com effeito aquella academia de Olinda tem *despejado* grandes doutores.

Certos flatos de mulheres
Chamam todos embaraço,
Arruda cheirada é boa,
Banana não tem bagasso.

Um velhaco, um trapaceiro,
Em pouco tempo é ricasso,
Ganhar sem vergonha é facil
Banana não tem bagasso.

Tenente—Alto frente, Sr. padre
Certo tempo aqui roubou-se
De papel grande xumasso,
Quem stá de posse? Caltida,
Banana não tem bagasso.

Dr.—Ah, Vocês querem trazer a cousa para o terreno da responsabilidade? Adeus que me retiro.

Padre—E tambem eu; por que é contrario aos preceitos da religião a murmuração.

Á PEDIDO

—E' intoleravel a pouca vergonha com que o escravo Ventura, do Sr. Salustiano, ás Portas do Carmo, desrespeita o decoro e pudor publico!

Sem nenhuma attenção para o grande numero de familias que por ali habitam, e que ás tardes chegam ás janellas, esse insolente pratica os actos mais descortezes e indecentes que se podem imaginar!

Ao Sr. subdelegado da Sé, que tantas provas tem dado de querer bem servir o cargo que dignamente lhe está confiado, pede-se que faça admoestar ao Sr. desse audacioso escravo para que o cohiba em seu desordenado procedimento.

—

—Já viu o namoro escandaloso que ha no largo da *Solidão* na casa *numero quarenta e dous ás avesas?*

—Va dizendo logo o que temos.

—Pois não sabe?
—Não sei nada.
—O *Emygdio* não lhe disse?
—Não masse, diga o que ha a respeito.
—Ainda não viu uma mocinha, que fica todos os dias na janella desde 7 horas da manhan até as 9, e de tarde desde das 3 ate as 9 da noite, namorando escandalosamente ao *Pires;* que se põe cynicamente com momices e trejeitos?
—Mas que lhe importa isso?
—E' que o bigorrilha está assim pervertendo a pobre mocinha, que pode ser para o futuro uma excellente mãe de familia.
—Parece que V tem paixão pela moça?
—Quem, eu? eu não.
—Então que tem V com isso? ao pae della compete vellar sobre sua moralidade.
—Mas é.....
—*Caluda!* Ali vem o *Eduardo* e eu não quero que elle me veja conversando aqui.
—Porém o que tem que elle nos veja aqui conversando?
—V quer muito cumprimento.
Adio, mio caro amico.

—Conhece quem vae ali?
—O director do *trem de paz*.
—Um homem inteiramente honrado.
—Tão honrado, que utilisa-se do que não lhe pertence.
—V. é o primeiro que diz isto.
—Porque não gosto de ver imposturas.
—Oh, que lingoa!
—Julga então que é probidade lançar mão de um saveiro do Estado, distrahir cinco ou seis trabalhadores, e mandar conduzir alguem de sua familia para aqui ou acolá?
—Mas o homem não faz isto.
—V. anda atrazado; informe-se melhor.
—Si V. me dissesse que no *trem do mar* possue saveiros, bem; mas o de *paz!* Só si é para navegar em secco.
—Tem a de ferro.
—Está bem; basta.

SONETO.

Adeus, ó patria, minha, ó Santo-Antonio,
Vou a *raça cruzar* no Maranhão,
Sei que vou sentir falta de mamão,
Mas embora, vivirei como um *laponio* (1)

Por vingança mesquinha d'um demonio.
Vou o Lopo deixar, deixar Leitão,
Não chores, meu Jambeiro, meu irmão!
Pois ainda eu espero ser *bolonio* (2)

O trilho da politica é mui vasto,
Pode ser que algum dia eu seja *Zote*, (3)
E então comereis comigo ao *pasto*.

A' ti Justiniano, p'ra teu cóte
Darte-hei uma *funda forte em basto*,
Pois ministro serei, que sou garrote.

(Do *Alabama* de 12 de novembro de 1864.)

(1) Como um sujeito da Lapinha, que não chupa nada.
(2) «Bahiano,» isto é pretende voltar para Bahia.

MOTTE

Com mulher sem ter dinheiro
Ninguem deve se casar.

GLOSA.

Ante'star um anno inteiro
Na cama com dor n'um braço,
Do que ir cahir no laço
Com mulher sem ter dinheiro;
Pois alem de vir primeiro
Filhinhos para educar,
Vem molestias p'ra tratar,
E outros milhões de *nicas*
Que até mesmo com as ricas
Ninguem deve se casar.

J. Lauro.

(3) Isto è, sabio e feliz.

ANNUNCIOS

AO PUBLICO.

LINHA DO BOMFIM.

Na quarta-feira, 12 do corrente, será aberta á concurrencia publica a linha de ferro que vae dos Coqueiros á baixa do Bomfim, em consequencia do que ficam supprimidas desde hoje as diligencias que trabalhavam nessa linha, por termos necessidade de remover alguns obstaculos que o serviço das mesmas diligencias até hoje impossibilitara.

Publicaremos nos seguintes jornaes os horarios, preços e mais disposições provisorias do novo serviço.

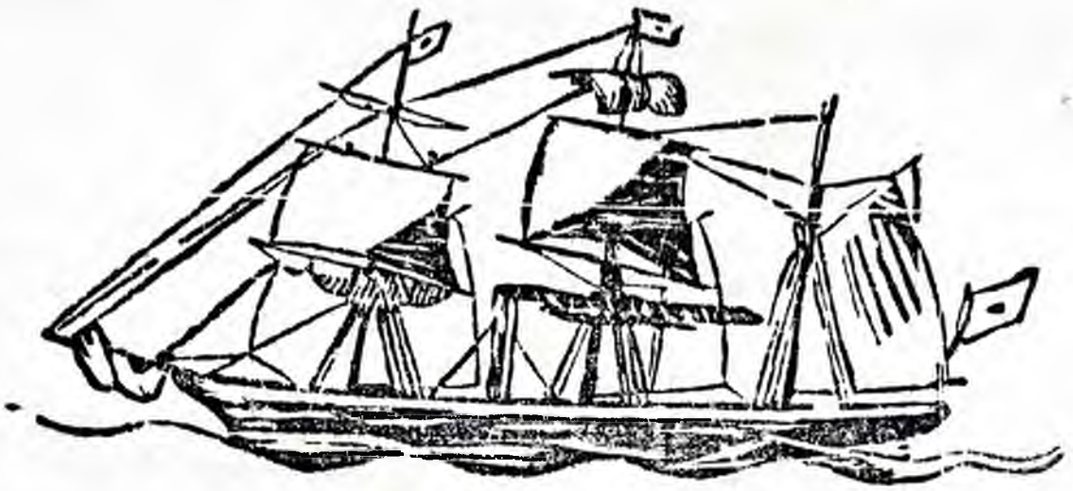
Bahia 9 de maio de 1869.

Os gerentes,—*Monteiro, Carneiro e Azevedo.*

Offerece-se para administrador de algum engenho ou fazenda pelo reconcavo desta provincia, um homem de idade 48 annos; para tratar no escriptorio de Sr. consul do Perú.—*Custodio Moureira de Souza.*

GALVANISADOR.

No segundo andar n. 13, á rua Direita do Commercio, prepara-se qualquer obra de doirado ou prateado, e concerta-se qualquer peça de oiro ou prata, tudo por preços commodos e a contento dos freguezes.—*Francisco Xavier de Sant'Anna.*



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 51**

Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 13 DE MAIO DE 1869. — N. 504.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, depois da meia noite, tem sido visto, por pessoas que transitam pela estrada do Sangradouro, um vulto todo de preto e encapotado, postado no espaço que medeia entre a propriedade do cidadão J. Gabriel de Gouveia e a do capitão Jeronymo Felisberto.

No sabbado, seria uma hora, dirigia-se para sua morada o Sr. Francisco da Cunha Bacellar e percebendo que semelhante vulto, ao vel-o approximar-se, abaixava-se, perguntou-lhe quem era; não obtendo resposta, encaminhou-se para elle, na persuasão de que seria, talvez, um seu moleque, que sahisse á noite escondido; o vulto porem disse-lhe—*senhor, siga seu caminho, que não é com o Sr.*

Este facto, asseverado pelo proprio Sr. Bacellar, vem corroborar ao que tem affirmado outras pessoas sobre a apparição do mencionado vulto em tal logar, pelo que pede-se a S. S., que tantas provas tem dado de actividade e energia no desempenho do seu cargo, uma providencia á respeito.

—A' direcção da companhia de Vehiculos, pedindo que ponha cobro em uns molequinhos, que ahi trabalham, que á noite mettem-se na cocheira do lado de terra, na rua de Baixo, comendo canna, e atirando os bagaços sobre quem passa. Si, porém, reclama-se, elles dizem—*perdoe que não vi*—e depois que o individuo segue largam-se em gargalhadas.

Em vista do que acima fica exposto, espera-se providencias.

Portaria ao fiscal da freguezia da Sé, ordenando-lhe, pela segunda vez, que se dirija aos sobrados numeros 19, 21 e 25 e depois de examinar o estado de immundicie em que se acham os pateos dos mesmos, multe aos moradores dos referidos sobrados, afim de que não os conservem em tal porcaria, com grave prejuizo da salubridade. Cumpra.

—Ao thesoureiro da irmandade de S. Vicente Ferrer, para que immediatamente dê conta da estampa de prata e bolsa do Santo, que ha mais de quatro annos carregou do convento de S. Francisco, sem ao menos declarar, até hoje, o destino que lhes deu; assim como que entregue todos os objectos da irmandade existentes em seu poder, dos quaes por maneira nenhuma se quer desapegar, sob pena de incorrer na culpa de desobediencia, que lhe será imposta pelo muxingueiro. Cumpra.

—O governo deste paiz quer matar os brasileiros á fome!

—Longe vá o seu agouro.

—Uma immensidade de cidadãos vae ficar sem pão para si e suas familias!

—Homem, varra da lembrança ideias tão atterradoras.

—Espera menos? O governo, aniquillando as industrias, suffocando as profissões, matando as artes, com os malvados impostos, vae tirar os meios de subsistencia a grande numero de paes de familias, que ficam sem trabalho.

—Deus fará o melhor.

—Pois ja não está vendo a amostra do panno? Uma infinidade de operarios tem sido despedidos das officinas, cujos proprietarios julgam que assim diminuem a pesada quota do imposto, que têm de pagar.

Ajuiza quantas pequenas fabricas se hão de fechar por não poderem resistir á exorbitancia de tão iniquo tributo?

—Appellemos para a Providencia.

—Parece que a Providencia desvia os olhos deste desgraçado povo, em quem pesam calamidades sobre calamidades.

Não ha attribulação porque não tenhamos passado!

—E tudo isso á pretexto de sustentar uma guerra improficua e interminavel!

—Veja si não ha de fechar as portas o dono de uma pequena loja de charutos a quem impozeram o pagamento da pesada taxa de 138$ rs?

—Ha recurso.

—Recurso! está bem aviado quem contar com elle.

Diga-me si ha recurso tambem para isso: conheço um rapaz de rara habilidade para a esculptura e ja muito adiantado na aprendizagem. Em virtude dos novos impostos, o mestre entendeu que devia despedil-o; tem corrido immensidade de officinas a pedir trabalho e nenhuma lh'o quer dar.

—O remedio está nas mãos do povo.

—E o povo ha de curvar o pescoço como o camello deante de seu senhor para receber a carga.

—Seja feita a vontade de Cesar!

—Pagará pelo vendelhão, pelo logista, pelo charuteiro, pelo proprietario, e por todos.

—E bemaventurado é o povo, porque teve fome de justiça e foi saciado.

—Pois na Bahia, uma terra civilisado, consente se semelhante ultraje á decencia?!...

—E' uma vergonha!

—Uma mulher semi nua, a transitar pelas ruas mais pspulosas da cidade!

—E' escrava de uma mulher.

—Mas quem é essa senhora, que não se envergonha de mandar para a rua uma creatura, sua semelhante, ao menos no sexo, com as carnes de fora, cobrindo apenas o corpo com um fragmento de saia, dividido em quatro tiras, embrulhada n'um mulambo?

So não lhe vê as formas sexuaes quem não quer.

—Parece que desde que a desgraçada enfronhou aquelles trapos, nunca mais os tirou do corpo.

—Eu ja não estou na deshumanidade e desleixo da senhora; admiro o descuido de quem deve velar pelo decoro publico, que ainda não teve olhos para ver a indecencia e porcaria do traje desta miseravel creatura, que corre toda cidade vendendo agoa, e a quem os moleques appelidam de *maxambomba*.

—Estes *pretinhos* do *rosario* tambem fazem a boa!

Não sei quem será mais velho: a guerra do Paraguay, ou a obra que estão fazendo na capella-mor.

—Faltas de recurso.

—Não é com essas.

O caxorro toma medida no osso, antes de engolil-o.

—Mas agora, o que fazer?

—Ao menos mandem arrancar os andaimes infincados na egreja, que podem crear raizes e grelar.

—Os candomblés nestes dias estão no seu auge!

—Admira a condescendencia da policia em permittil-os.

—Mas que quer, si elles deixam uns 16$ a 20$ rs. para quem obtem as licenças, que são sempre os proprios agentes policiaes?

—E que não são tão gulosos como isso, para comerem só.

—A indifferença com que o nosso respeitavel prelado olha para elles, é que admira.

—Não posso comprehender como é que catholicos romanos vão sacrificar bodes, gallinhas e carneiros, a ridiculas figuras de pau, e S. Ex. Revma. com sua palavra evangelica ao menos não pulverisa essas infracções dos preceitos da religião de Jesus Christo, advertindo os filhos da egreja, confiados a seus cuidados, dos erros perniciosos em que se aferram.

—Arripiam as immoralidades e escandalos praticados nesses antros de depravação: os penosos castigos corporaes ás provelytas, que inflingem as regras da seita, a subversão dos preceitos da salubridade, como, por exemplo, a obrigação de beberem sangue de animaes na occasião do sacrificio, a desordenada lascivia dos chefes, tudo se pratica impunemente.

—Si o Sr Dr. chefe de policia tivesse quem lhe explicasse como é revoltante o que se passa n'um candomblé, as scenas de torpeza que se dão na *casinha de segredo*, de certo empregaria toda a força de vontade para exterminal-os.

—Estes dias tem havido candomblé nas Campinas; quinta feira e domingo na Quinta das Beatas; e agora, está fervendo na Cruz do Cosme, por alma de uma mulher, a *Totonia Faleira*. Entre outras scenas burlescas, deu-se neste o seguinte: Uma das filiadas, de nome Lucrecia, commetteu uma falta e foi condemnada a uma especie de castigo que consiste em estar de joelhos por longo tempo, beijar a mão e pés de todas, e depois deitar-se de bruços para que toda a confraria passe por cima della trez vezes dançando!

—Quanta barbaria!

—Ora eu sou de opinião que todos tenham o direito de fazer o que entender, com tanto que respondam por seus actos; mas não posso concordar que aquelles, a quem está confiada a direcção da sociedade, consintam, fechem os olhos á tanta perversão de costumes, a tantos desvios da moralidade, e tantas profanações da religião por excellencia.

MOÇAS! MOÇAS!

Que extravagante titulo de artigo!

E com tudo é este o dito favorito de quanta velhaça ou mesmo mãe pachorrenta, que soffre em casa da tal fazenda, á quem chamam Moça. No meio das cabelleiras que a tal gente lhes vae arrumando, vão tambem ellas, como si deitadas estivessem em macio travesseiro de foufas pennas, exclamando com a maior fleugma possivel—Moças! moças!

A bella yayá Lucinda se requebra fagueira com um delicado da visinhança; já lhe ha mesmo enviado seus cabellinhos, e, sem presumir mal algum, porque o innocente sem igual lhe prometteu fallar na escada; o facto se realisa.... mas, eis sinão quando, a mãe descobre a traficancia.

—«Que está fazendo, menina?» pergunta toda raivosa, e espivitando-se.

—«Nada, senhora, vim ver o gato.

A velha arrefece o seu furor, e apenas se contenta em pronunciar por entre os dentes:

—Ah! moças! moças!

Uma outra fez uma travessura de vulto; deu que fallar; isto foi o diabo, merecia bem uma punição; mas, á final considerado o caso, depois de muita observação sobre a mocidade, e costumes, inda tudo volta ao antigo estado, duas ou tres sacudidellas de cabeça, e bom ditto de—moças! moças!

Finalmente, parecem estas duas palavras a grande panacéa com qne sabem relevar todos os desmandos das filhas, essas mãesinhas indulgentes, e que veem, sem se admirarem, nem fazerem a menor pergunta, as amaveis filhas vestirem custosas gallas que não compraram, filós, chamalottes, rendas, e fittas, como si, a semelhança do maná do deserto, lhes cahissem do céu.

Mas, a final, perguntaremos nós, que diráõ estas mãos quando a sua rica yayá lhes desapparecer do caza, evaporando-se como levo fumaça?

Oh! inda d'esta vez clamaráõ—Moças! ah! moças! moças!

Mais do um pensamento nos acode n'este momento; supra porém a intrepertação dos leitores. Afora—moças! moças! temos tambem—mulheres! mulheres! para uso dos velhos casquilhos, quando lhes formam ellas algum toucado, ou lhes esgotam a bolça, em paga do sua tollice. Com pouco se contentam os taes aparvalhados. Temos a de—meninos! meninos! para uso dos mestres apupalos, quando, por se não darem a respeito, soffrem as carêtas de seus discipulos; o assim como estes muitos outros ditos, que bem viriam ao caso. Ficaráõ para outra vez, e por esta, recebam as senhoras mães este lembrête, para não serem tão faceis e simplices, á vista das travessuras das suas Lucindas, e Mariquinhas.

Á PEDIDO

—Capitão, existe nesta cidade certo melcorio, que, inculcando-se de simplorio, é ao contrario uma boa ave de rapina, e tão desalmado que pouco se lhe dá de prejudicar os filhos, comtanto que isso reverta em seu proveito; portanto faz-se preciso que V. Ex. o mande vir á sua presença, e depois de passar-lhe uma limpa em regra, proceda a minuciosas indagações, e isto feito, o remetta aos meritissimos Srs. Drs. juiz de orphãos, e curador geral dos mesmos, afim de que tomem delle conhecimento.

—Homem, explique-se, pois, pelo pouco que tem dito, infiro que nesse negocio anda defraudação de menores e de orphãos, e sendo assim, conte comigo, e com a imparcial justiça dessas duas authoridades, que estão encarregadas de velar pelo bem estar desses infelizes.

—Pois bem, começarei a vomitar parte do muito que tenho no estomago.

Esse salafrario, desde o inventario do sogro, que começou a assentar a mão nas suas falcatruas; e agora no inventario da sogra quer emendar o fio de suas gentilezas, e de mãos dadas com outro melcorio lá de fora, e coadjuva-lo por um frade da mão furada, que tambem quer entrar na rasca, estão trabalhando somente em seus proveitos, querendo passar a piassava nos mais, e em vez de devedores, como são, desse casal, se apresentam como credores, sem se lembrarem que no casal ha menores.

—Na verdade, esse negocio é digno de serias attenções; portanto diga-me o nome desse troca-tintas, e no que se occupa, ou pelo menos os signaes caracteristicos, para o muxingueiro poder dar com elle.

—Eu ignoro no que se occupa; sendo certo que todos os dias desce para a cidade baixa, e eu sempre o encontro girando a bola pela Praça do Commercio: sua estatura é regular, magro em extremo, traja como um ratão, a cara assemelha-se a coalheira, pois tem nella mais pregas que chaminés em Roma, seu andar é vagaroso e distrahido, pelo que muitas

pessoas lhe chamam *pastor pasmado*, terá sessenta annos de edade, o que não obstante diz que não se troca por nenhum rapaz, e para corroborar seu dito, anda de noite pelo chafariz da praça da *Compaixão*, comporteando e agarrando as *bellezas de Guiné*, que, segundo elle diz, são as suas deusas.

—A' vista de semelhantes informações, esse individuo não me é extranho; vamos portanto a saber o seu nome.

—Por ora não sei; porem hoje mesmo me obrigo a relatal-o, porque, em sahindo d'aqui, vou direito á *rua das contas em que se reza*, e perguntarei ao *Antonio*, que é muito amigo do *José*, e que moram no fundo do *Mello*.

Olhe, capitão, a primeira cousa que deve syndicar seja á respeito da venda de uma casa, que ha annos se fez, e em que cofre se acham recolhidos os quinhões de dous menores, ou com que authorisação foram elles esbanjados; entretanto, fique certo, que eu prometto pôr a calva á mostra desses marrecos, afim de ficarem por todos conhecidos.

(*Continúa.*)

PIPAROTE.

CARRO QUE CHIA NA LAMA E NÃO HA DE CHIAR NA HISTORIA.

Decantando a grande fama
Do Caxias valentão,
Podre encenso lança á chamma
Do governo a vil facção,

Ronceiro carro na lama,
Responde lhe a opinião
Dos teus ficarás na cama
Ca—chias, na historia,—não.

Ouçam uma nova
Não é cousa van,
Saibam que o Umbellino
Está feito *Ogan*.

Fez-se a ciremonia
Em casa da *Bella*,
Pela Ludovina
Chefe da *panella*.

Foi no dia 11;
Fiquem bem sciente,
Que tomou o grau,
Pagou a patente.

Doze raparigas,
De joelhos todas,
Em quanto a *mamãe*
Fazia mil rodas.

VARIEDADES

ORAÇÃO DOS CAAYGNAS.

Homem de palha, que és nosso administrador-mór; profanado seja teu prestigio: venha a nós tua prerogativa: seja feita a nossa vontade no Paraguay como aqui: tua mão da-nos cada dia a lamber: perdoa-nos nossos roubos, assim como nós perdoamos a nossos subladrões. Não nos demitte: mas livra-nos da ira do povo.

OS DOUS COLLEGAS.

Havia em Genebra um latoeiro bastante lido, e grande devoto de Voltaire, o qual se achava então na sua quinta das Delicias. Desejou o pobre artifice conhecer pessoalmente o philosopho; e, sem mais recommendações, nem introductores, foi procural-o. Os criados, vendo que era um viandante pedestre, mal trajado, e que nem siquer lhes sabia dizer o que pretendia, negaram-lhe a entrada. O homem insistiu, elles teimaram, a altercação subiu de ponto, até que o escriptor a ouviu, e chegou á janella para saber por si a causa de tamanha algazarra.

—Vocemecê quem é, e que deseja? perguntou elle ao forasteiro.

—Desejo, lhe respondeu este, conhecer o meu collega, o Sr. Voltaire: sou um latoeiro de Genebra.

—Meu collega!...

—Seu collega, ou tanto monta: o senhor trabalha para alumiar os espiritos, e eu faço lanternas.

O philosopho gostou do dito, e recebeu optimamente o seu collaborador na diffusão das luzes.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 37.ª folha do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

João Luiz das Virgens & Friandes, continuam a encarregar-se de obras de pedreiro e carapina, (suas profissões) podendo ser procurados nas casas de suas residencias, este á rua da Independencia, freguezia de Santa-Anna e aquelle, a rua do Alvo, casa n. 61, na mesma freguezia.

Na rua da Preguiça n. 11 2º andar precisa-se de uma ama.

Na loja do Tabyra precisa-se fallar com o S. João Martins da Costa, que foi caixeiro do Hotel das nações para negocio que não ignora.

Nesta typographia ou na loja do Sr. Manuel do Carmo Moreira Junior, á rua Direita do Collegio, se dirá quem precisa de um hortaleiro.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 51**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 15 DE MAIO DE 1869. N. 505.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que existe em casa de Letto Jorge dos Santos, morador no caminho do Jacaré, freguezia de Santo Antonio, uma pardinha de 10 á 12 annos de edade, de nome Joanna, filha da Ipojuca, a qual, segundo consta, tem o corpo todo cheio de sevicias, provenientes de ser barbaramente castigada todos os dias, achando-se em tal estado que causa lastima!

Pede-se à S. S., que por mais de uma vez tem attendido aos reclamos da imprensa, fazendo corrigir abusos por ella apontados, que syndique da veracidade deste facto, e em nome da lei e da civilisação dê um exemplo de humanidade a favor da infeliz. Espera-se providencias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um beberrote de nome Paulo Nobrega, que vive á noite mettido em uma venda á rua Direita do Collegio.

Esse mamarrote é casado e vive fora da mulher, e quando se embriaga insulta aos moradores daquella rua, proferindo palavras offensivas á moral publica.

Em vista do que fica exposto, espera-se de S. S., tão desvellado como se tem mostrado pela moralidade dessa freguezia, um correctivo para similhante insolente.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, para que vá dispersar um ajuntamento de vadios que se reune na venda 61, á ladeira do Genipapeiro, afim de que as familias da visinhança fiquem alliviadas de tanta pouca-vergonha que ahi fazem, assim como muitas pessoas que passam, livres de ser apupadas. Cumpra.

—Ao fiscal da Sé, dizendo-lhe que, tendo o commando deste navio baixado-lhe, em data de 13 do corrente, uma portaria, pela segunda vez, ordenando-lhe que fosse examinar o estado de immundicie em que se acham os pateos dos sobrados numeros 19, 21 e 25, e havendo o escripturario omittido o nome da rua, para que não haja embaraços, fique sciente que é na rua Direita do Collegio. Cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Moradores do becco das Hostias, queixando-se do pernicioso encommodo que lhes causa o canno que da casa 251 despeja para a rua, a qual se acha transformada em putrida lagoa.—Vão os reclamantes soffrendo com paciencia, visto que é impossivel abalar a indolencia da camara municipal.

—No domingo terá logar a festa de Senhor dos Passos dos Humildes, em sua capella na rua do Tingui.

—E' de esperar grande concurrencia de fieis, na festividade d'Aquelle que nos libertou da escravidão do demonio.

—Vou dar-lhe uma noticia, que não garanto, por não estar bem informado.

—Cousas em duvida, não me serve.

—E' bom sempre registrar, pela natureza do facto.

—Ja que lhe deu a pertinacia para isso, falle.

—Ouvi, ha pouco, um sujeito dizendo que hontem o Sr. Mathias Moreira Sampaio foi atacado,em pleno dia, por um larapio na Estrada Nova.

—E' cousa que pode ser muito bem, sem causar admiração, á vista do abandono em que vae esta boa terra.

—A natureza tem seus caprichos. Parece que as vezes se aprazem abortar algum monstro para vergonha da especie humana.

Vou ler um pedacinho para V. ver de quanta maldade é capaz a perversidade humana.

—Que folha é essa?

—A *Revista Commercial* de Santos.

—Bom, leia.

—«Na noite de 6 do mez passado, no logar denominado Toque-toque-pequeno, termo de S. Sebastião, José Pereira da Costa Simões feriu com uma fouce a sua avó, velha de 70 annos, que o creára desde tenra edade.

«A offendida está mal, e seria assassinada sinão a soccorresse outro neto, que recebeu segundo golpe quando a carregava nos braços.

«No corpo de delicto declararam os peritos ser grave o ferimento, e ter a paciente uma coxa completamente quebrada.

«O criminoso está preso, e contra elle o delegado de policia instaurou o processo.»

—Que governo deshumano é o deste paiz!

—E malvado.

—Friamente assassina a industria e as artes, e atira as classes laboriosas na mais desesperada indigencia!

—Em quanto elles, os parasitas deste imperio, regorgitam de commodidades, e passeiam impavidos em ostentosas carruagens, sem dar fé do homem trabalhador, que se extorce na miseria na encrusilhada da rua, por falta de recursos.

—Do que serve ser honesto e trabalhador nesta terra, onde o governo,com mão perversa, trança as portas do trabalho, e aponta a estrada, o roubo, a mandriice ao brasileiro?

—Pura e amarga verdade!

—Veja um exemplo:

Atraz da Sé ha uma pequena loja de massa, cujo dono não tem de fundo o valor de 20$ rs., entretanto foi arbitrada em 30$ rs. de imposto!

Da-se maior iniquidade!

—Os lançadores não tem culpa, executam a lei.

—Nem os estou criminando. O mal vem de quem baixou esse desproporcional regulamento, para execução da lei, ja em si insupportavel.

—Erga-se o povo, reflicta e compenetre-se do que vale, e tudo será remediado!

Á PEDIDO

—Como vae aquelle sujeito montado á cavallo por dentro do cemiterio!

E as patas do cavallo cheias de *barro,* e elle com a cabeça altiva como se fosse um *rei!*

Que terra meu Deus! Ja não se respeita a morada dos mortos; já suas cinzas são revolvidas por patas de cavallos!

—Eu entendo que, quando se transpuzer os umbraes de um cemiterio, deve ser de chapeu na mão, porque se deve respeitar a morada dos finados!

—Capitão, macaco não olha p'ra seu rabo.

—Falle com o visinho.

—Pois o *Moreirinha* sub-renegado do *Segura Parede*, que actualmente vive disto, não acaba de suspender o A...; propalando que assim o fez, por não lhe constar que tenha elle meio de vida conhecido?

—Quer que o chame á ordem, não?

—Sem duvida.

—Muxingueiro, vae a rua *calçada*, becco das *Tabocas*, e dize ao *Moreirinha* que esta tripolação está pouco satisfeita com seu procedimento, assim como que sem demora declare do que está vivendo ha dois annos.

—Capitão, a bella chita de quem V. Ex. me falla, mora no *Mau-Gosto* e não no becco das *Tabocas*.

—Mas não sahe dahi, agarrado como ostra ao rochedo, desempenhando optimamente o papel de *azeteiro* junto de certa *deidade equivoca*.

—Comprehendo, vou ja cumprir as ordens.

—Que modelo de authoridade!

—Que tratante, capitão!

—Marcos Rabeca, um sevandija de primeira plaina, fez uma publicação no *Jornal,* defendendo-se e assignou um *pae de familia*.

Para conhecer quem é tal canalha, basta recorrer aos archivos da delegacia, ou con-

sultar os diversos subdelegados das freguezias da Sé e Sant'Anna.

Marcos Rabeca é turbulento, capadocio e larapio.

Deu uma bofetada em seu pae uma facada em um individuo, no Caminho Novo; na rua do Carro entrou, sem consentimento do dono, em certa casa, onde havia um casamento, quebrou pratos, trastes, vidros e vidraças das janellas; entra em casa das meretrizes e bifa-lhes o que acha desgarrado.

O Sr. capitão Jovino que diga, quando esteve na subdelegacia da Sé, quantas queixas recebeu a este respeito.

Insulta as familias em suas janellas.

Por seu incorrigivel procedimento tem sido recrutado immensas vezes.

E um biltre destes tem a ousadia de levantar a cabeça na imprensa, com a capa de um pae de familia!

Si realmente houvesse um pae de familia que tomasse a si *defender* a *innocencia* de Marcos Rabeca, podia leval-o para casa.

O MUNDO AS AVESSAS.

Hoje 'stamos no sec'lo das luzes,
E no qual vemos tudo mudado!...
Me parece que o mundo ás avessas
Tambem 'stá para sempre virado.

O que claro era outr'ora, hoje escuro
Nós aqui vemos ser diariamente;
Vemos—vicio---ser hoje--virtude,
Ser---moral---tudo que era indecente.

Probidade, vergonha, honradez...
Chama-se hoje formal---maluquice---
São virtudes, somente o cynismo,
Latrocinio e a vil tratantice!...

Os ladrões, vis, bandalhos,... d'outr'ora
Impudicos, ralés, descarados....
São na época actual conhecidos
Por---honestos, briosos e honrados.

Actualmente so é respeitado
Quem, aqui, muito dinheiro tem!
E---maluco---somente se chama
A um pobre, si é homem de bem.

E' maluco—quem, actualmente,
Nunca soube, nem sabe adular,
E' maluco, mui bobo, mui tolo....
Si não soube, ou não sabe roubar;

E' maluco, e zombando vão delle
O tratante, o ladrão, trapaceiro...
O bandalho que vive adulando,
Por ser cynico e alcoviteiro.

E' maluco---tambem si não tem
Sodomitica vida actual....
Pervertendo a infantil mocidade,
Desprezando uma *lei natural*.

E' maluco, si nunca serviu
Algum dia de *coelho p'ra onça*,
O comer....ou si nunca cahiu
Nesta infame e fatal *geringonça*.

(*Continúa.*)

—*Ma tia* seria V., meu tratante, si fosse mulher e tivesse sobrinhos.

—Felizmente sou homem.

Mas por que diz isso?

—Pela excessiva gana que o domina, para subtrahir o alheio.

—Que lembrança!

—E' o que lhe digo.

Tanto que até seis dias de serviço do preto Bernardo lhe faz conta.

Que unhas damnadas tem V! Que consciencia de borracha!

—Quem é Bernardo nesta vida? á excepção do S. Lourenço, não conheço outro.

—Bernardo é o preto do *lanchão* de transporte de generos de onde é V. caixeiro e a quem caloteou.

—*Calva-arenga!*

—Meu rapaz, deixe de velhacaria, pague ao preto.

—Pois heide pagar a um negro attrevido, que insultou-me na porta do armazem no 9, ao Caes do Ouro?

—Por casa de sua trapaça.

—Pois elle que vá cobrar de seu attrevimento.

—Aconselho-lhe que pague.

—Não estou disposto.

—Olhe o resultado...

—Não conto.

—Então quer ver ná rua a sua chronica?

—Isto não; é duro. A minha chronica, não está no caso de apparecer em publico.

—Nesse caso resolva-se; ou paga ou soffre.

(*Continúa.*)

MOTTE.

Minha Velha Briolanja
E' a ostra de meu peito.

GLOSA.

Tem peitinhos de laranja;
Lingoa de acaçá de leite,
Beiços de bobó de azeite,
Minha Velha Briolanja.
Tem as bochechas de canjas,
Seus olhos são de confeito;
O seu corpinho bemfeito,
E' meu lombo e é meu bife;
E' pôlvo de meu recife,
E' a ostra de meo peito.

OUTRA.

Si ella um quitute arranja,
Faz a gente se babar,
Tem cousa que faz chorar
Minha Velha Briolanja,
Quer na cidade, ou na granja
O seu amor é perfeito,
Eu vivo bem satisfeito
Porque essa tentação,
No inverno ou no verão,
E' a ostra de meu peito.

* * *

São convidados os irmãos de S. Benecdicto, que tomaram salvas para tirar esmollas, a irem recolhel-as e juntamente o quantum que obtiveram.

A commissão dos festejos de Dous de Julho de Brotas convida a todos os seus socios, e bem assim aos habitantes d'esta capital, para assistirem a implantação do pau despertador, que terá logar no domingo, 23 do corrente, pelas 3 horas da tarde no largo de Brotas.

A commissão espera que não se neguem a dar esse passeio, que tem por fim abrilhantar o acto. Bahia 17 de maio de 1869.

Felisberto Nery de Sampaio,
Antonio do Espirito Santo Araujo Lima,
Anselmo Borges da Silva,
João Braz Neponuceno,
José Germano de Santa Anna,
Agripino Braz Neponuceno.
Antonio Nunes dos Reis.

VARIEDADES

MULHER DE BRIO.

O tribunal de Vaucluse julgou ultimamente uma moça accusada de ter assassinado seu seductor. Leonia Cordenier, fôra seduzida por um moço de nome Feliciano Barbier.

Este promettera lhe casamento, mas, sabendo que ella se achava gravida, recusou cumprir sua promessa.

Esta recusa excitou seus sentimentos de vingança, e uma noite armada com uma pistola esperou-o na escada de sua casa e no momento em que Feliciano descia, atirou sobre elle, que cahiu morto.

A accusada se limitou a dizer para sua defeza que seduzida, e abandonada quizera vingar sua honra na vida de seu seductor.

O tribunal a absolveu.

REGRAS INFALLIVEIS DOS MEDICOS MODERNOS.

1°—Medico que não acha doentes para curar, mette se em politica e caballa nas eleições.

2°—Medico que não ganha para comer, adopta a homœopattia e fica beato de repente.

3°—Medico que quer passar por muito zelador de sua saude, não toma chá de noite, em sua casa, por que estraga a vida.

4°—Medico que anda na rua de cara enfarruscada e falla muito pouco, é grande professor.

5°—Medico intilligente, quando come qualquer fructa, bota o bagasso fora para não causar apoplexia no estomago.

(Extr.)

CHARADAS TIBURCIANAS.

Nota (1) que engana menino (2) amolla facas.

—

Lettra, (1) cujo officio é ler (2) faz deputados.

—

Nota, (1) que faz como o peixe (2) limpa peças.

—

Rio (2) que fia (2) pode ser de Archimedes.

—

Avistei (1) uma lettra (1) e uma nota (1) correndo do caçador.

—

Lettra (1) de homem pequeno (3) pertence a mulher.

—

Preposição (1) que sopra (2) é asylo da preguiça.

—

Caminhe (1) na preposição (1) que faz boa viagem.

—

Inscripção de tumulo (1) e pronome (1) que dá bom cheiro no jardim.

—

Esta morada (2) aqui (1) foi feita por bom alfaiate.

—

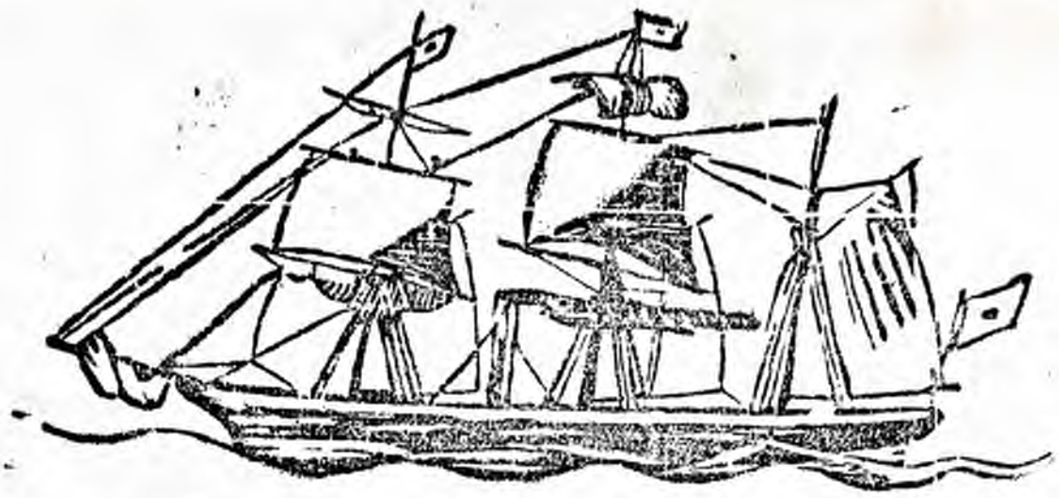
A vibração do sino (1) amarra (1) mas repara as forças e esquece as fadigas.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 38.ª e 39.ª folhas do —ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Na loja do Tabyra precisa-se fallar com o S. João Martins da Costa, que foi caixeiro do Hotel das nações, para negocio que não ignora.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. **Serie 31**

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço á assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 19 DE MAIO DE 1869. N. 506.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, communicando-lhe que a illuminação na Barra principia sempre depois das 7 horas e meia, o que torna-se da parte da respectiva companhia uma falta gravissima do compromisso que tem; em vista do que, recorre-se a S.S. como o competente para providenciar á respeito.

—Capitão, vivam os amigos da liberdade!

—Vivô!

—Sabe a razão do meu enthusiasmo?

—Sei que V. é fanatico pela causa da liberdade, e por isso applaude aos que rendem culto ás suas ideias.

—Pois está enganado; ha mais alguma cousa que me faz agora pulsar o coração de jubilo e enthusiasmo, e me arranca de novo este brado de—Vivam os amigos da liberdade!

—Homem, conte-me o motivo de tanto exaltamento.

—Saiba que no Rio Grande do Sul, a sociedade maçonica *Acacia,* possuida de philantropicos sentimentos, acaba de fundar, com as suas cinco lojas filiaes, uma sociedade abolicionista da escravatura.

—E' sublime e humanitario.

—O fundo de emancipação será exclusivamente empregado na alforria de mulheres escravas, cuja edade regulem de 8 a 25 annos, diz o art. 6.° dos seus estatutos.

—E' uma idéa elevada e magnifica!

Estancar, pela libertação da mulher escrava, as fontes fataes da escravatura, elevando o fructo de seu ventre, pela liberdade deste, a mais altos destinos, a mais elevado caracter.

—Entretanto, si o exemplo se propagasse; si a maçoneria seguisse a iniciativa da loja rio-grandense!

—Realisaria um magnifico exemplo de confraternidade e christianismo, sem muito sacrificio, sem extraordinario esforço!

—Honra á sociedade *Acacia,* por tão bello, e Deus permitta que fecundo exemplo.

—Venda-me um bilhete para o espectaculo de hoje.

—Não ha mais.

—Como?! Si neste momento o Sr. abre o escriptorio!

—Nada mais natural,

—Por onde desappareceram então elles, si eu sou o primeiro a chegar para comprar?

—Acabaram-se.

—Ora hade estar este publico feito *pau de mexer besta*, a ser bigodeado por quanto melquetrefe ha por ahi!

Isto é mais que zombar! Annunciar que nos dias de espectaculo ha bilhetes á venda na

porta do theatro, venho as 9 horas da manhan e se me diz que não ha mais!

—Nos sabbados a concurrencia é maior.

—Ora Sr., veja si eu tenho—T—na testa!

A não pretender Vm. que elles fossem comprados por *espiritos invisiveis*, é impossivel dar uma sahida rasoavel, porque, depois que aqui estou, ainda não encostou vivente, com excepção minha. Entretanto quando cheguei o Sr. não tinha aberto o escriptorio.

—Mal de muitos consolo é; não é o Sr. so que passará pela decepção.

—Está direito; quem acha encaixa.

—Capitão, de duas uma: certas authoridades ou assentam de cassuar com seus superiores, ou a cada momento dão evidente prova de deleixo e incuria no cumprimento de seus deveres.

—Eu opto pela segunda parte.

—Com impertubavel desplante, são capazes de negar luz ao sol.

—Chamam de inexactos a quem lhes lembra a observancia de suas obrigações, elles que invertem a verdade sem a menor cerimonia.

—Sem se lhes dar de comprometter a seus chefes, que acreditam em suas palavras.

—Mudemos de conversa. Sabe o que disse o subdelegado de Santo Antonio?

—Não.

—Teve a ingenuidade de affirmar ao chefe de policia que no seu districto *não consta* que haja ou houvesse candomblé!

—Ambiguidade na affirmativa; prova de que o subdelegado ignora o que se passa em sua freguezia; diz que *não lhe consta*, mas não nega que possa ter havido candomblés.

—Pois pode affirmar ao Sr. subdelegado que ha, e tem havido candomblés.

Si S. S. ignora, saiba.

—Pois é a mim que quer dizer?

Para não ir muito longe, basta lembrar o que houve no becco dos Chinellos, ha mezes de um mez.

—Justamente.

—Por sete noites houve o que os africanos chamam *segun*, por alma de uma parda que negociava em fatos, conhecida por *Totonia Fateira*.

—E no setimo dia ferveu a orgia desde sete horas da manhan até 6 da tarde.

—Mas o subdelegado, *talvez*, por não estar ao facto dessas bagatellas, affiança ao chefe de policia que *não lhe consta* que haja ou tenha havido candomblé!

—E depois mandam dessas bambochatas para o *Jornal*, como si tivessem feito uma grande conquista!

—Essa gente não quer se desenganar de que não vivemos em terra de cegos.

Á PEDIDO

VERSOS CAHIDOS DO BOLSO DE UM CONSERVADOR.

No Brazil, o homem livre
Vive sempre aos trambulhões,
Quem não quer ser troca-tintas
Vae p'ra o rol dos toleirões

Viva o jogo da maromba,
Que dá força e animação,
E o governo absoluto
Que dirige esta nação.

A verdade do systema
É' saber especular,
Quem prefere o catonismo
Nunca sabe calcular.

Viva a patria e chova-arroz,
Haja cobre e petisqueira,
Viva a gente barriguda
Que so crê na pepineira.

Quem quizer pasteis de nata
Corra cá p'ra esta bandeira,
Tudo cobre—é uma barraca,
Que não tem uma goteira.

Quem for tolo não me siga,
Não queira pensar comigo,
Ao depois não se arrependa
Na hora de algum perigo.

(Continuação do n. 504)

—Capitão, eis-me prompto, para dar-lhe conta das minuciosas pesquizas a que procedi, relativamente ao tal melcorio, inventariante absoluto da sogra, e ex-zelador do inventario do sogro. Colhi todas as informações de que necessitava, porem, para isso obter, foi preciso andar como um cavallo, e suar como um burro.

—Homem, cada um anda e sua como quem é, portanto desembuche.

—Capitão, de hoje em diante, esse quidam será entre nós conhecido pelo appellido de *Mellorio*, porque o seu verdadeiro nome deve ser estampado em lettras gôrdas e no logar competente. Estou já informado de toda chronica desse tabareuzinho, assim como de ser elle *matreiro como uma rapoza, e esperto como um rato.*

—Abrevie a sua historia, pois eu hoje tenho muito que fazer.

—Sim, Sr., porem antes de começar pelos inventarios, devo informar-lhe do que era elle antes de casar-se nessa casa, e d'onde

por sua propria conveniencia, nunca mais arredou pé, e mesmo antes disso, devo contar-lhe uma das *façanhas e gentilezas do tal Sr. Mellorio*.

Ha poucos annos, achando-se o *Mellorio* já viuvo, introduziu-se de amizade em casa de uma viuva, que tinha uma filha moça; em pouco tempo estava elle amasiado com a viuva, e quando esta deu accordo de si, elle estava tambem com a filha!!!... A viuva renunciando semelhante *communismo*, e horrorisada por tal facto, alem de ferida em seu amor proprio, privou o ingresao do tal *Mellorio* em sua casa, lançando para rua a *filha*, e mudou de terra para não ser testemunha do fim de semelhante drama, pois sabe que fez o *Mellorio?*... sem a menor cerimonia deu com a moça em casa morando com as filhas.

—E' um bom exemplo de moralidade que elle dá ás filhas.

—Capitão, note que em tudo isso deve valer a verdade, porque no mundo acho, no mundo deixo, porque quem me contou o caso da viuva foi a *D. Anna*, e quem me contou o caso da filha, foi a *Candinha*.

Capitão, capitão, chegue aqui de pressa capitão, corra capitão.

—O que é isso V. está doudo?

Não senhor, V. Exa. está vendo aquelle homem, que vai passando ali fumando, de chapeu de palha preta, paletot de alpaca da mesma cor, calça e collete de fazenda de cor duvidosa, com passos vagarosos, e tendo as mãos traçadas nas costas?...

—Vejo sim, e o que ha de novo sobre elle?...

—E' o grande *Mellorio*, e eu vou seguir-lhe a pista, a ver si completo o que me falla.

(Continúa.)

—Capitão, aqui estou eu,
E trago novas fresquinhas;
Noticias de um candomblé,
Onde vi boas cousinhas.

Saiba, sem tirar nem pôr,
Que a funcção da Ludovina,
Que se fez na Cruz do Cosme,
Esteve cousa superfina.

Como sei que nessas partes
Cada um vae como pode,
Montei-me na *mula russa*,
E segui para o pagode.

Mas a sestrosa da *mula*
Me poz logo arreliado,
Desviando-se da estrada,
A entrar pelo *roçado!*

Ainda stá muito atrazado
Este povo da Bahia!
Acreditando em *ventura*
E tudo que é bruxaria!

Crêr, que as almas dos que morrem
Deixem a mansão final,
P'ra vir comer carurú
N'uma horrenda bachanal!

Deixemos isso de parte,
Que não é de grande monta,
Tornemos á vacca fria,
Vamos ao que nos faz conta.

Chegando ao Pau-miudo,
Do Almeida fui a roça,
La dei com toda canalha
Em uma extensa palhoça

Tinha gente da Bahia,
Multidão de Cachoeira,
Tropilha de Sant'Amaro,
E uma chusma da Feira.

Quando eu me approximei,
Estavam comendo *amalá* (1)
E entoavam um hymno
Em graça e louvor de *Oiá* (2)

Antes porem que me estenda
Em fazer-lhe a narração,
Quero lhe dizer os nomes,
De toda a tripolação:

Simoa, Eleodora,
De S. Felix a Agripina,
Maria Emygdia, Custodia,
E a *pequena* Tranquillina.

Alexandrina. por quem
Eu sei que o Joaquim Ossud
Nutre tanta sympathia,
Que é capaz de dar-lhe tudo.

De lá da rua do Fogo
Do Nhozinho a Senhorinha
Com seu barrete vermelho;
E Martha, filha de Pascoinha.

Clara, Josepha das Pinhas,
Folô de Rachel, Febronca
A Maria de Ventura,
Honorata e Symphronia.

Maria do *Garapau*
Ignez de Belem, Rofina
Do Eleuterio do barco,
Com Maria Carolina.

Do Antonio Xavier
Maria Zoião captiva,
Clara Maria das *Contas*,
Damiana, Primitiva. *(Continúa.)*

—Capitão, V. Ex. esteve hontem n'assembléa?

(1) Comida feita com hervas e azeite, misturada em bolas de inhame.
(2) A mulher do «santo» maior--«Soubô».

—Estive nas galerias, que é o logar do povo.

—O que viu de mais notavel?

—Foi o Dr. Freire pedir a palavra pela ordem, para requerer que se mandasse acertar o relogio da casa que estava atrazado meia hora.

—Eu estou vendo o dia em que elles pedem a palavra e requerem para se mandar lavar os *doutores*.

—Tudo se ha de ver ali.

—Eu não sei quem não é para as cousas para que se mette.

Recompensa-se com o discurso do Sr. Dr. J. E. F. de Carvalho, ricamente encadernado, á quem glozar o seguinte

MOTTE:

Por querer fazer discurso,
Ficou com cara de asno.

Sr. redactor.—No dia 27 de abril compareceu á barra do tribunal do jury a creoula Ignez Maria das Dores, accusada pelo imaginario crime de ferimentos graves feitos em Maria Salomé; porém, á despeito da encarniçada perseguição que contra ella moveu um celeberrimo *Tololó*, por meio de seus protectores, foi toda essa monstruosa e repugnante trama anniquillada, graças á rectidão de consciencia dos dignos julgadores, que assim desfizeram os planos de odienta e miseravel vingança, com que se pretendia opprimir a uma fraca mulher, por motivos, talvez, bem ignobeis.

Honra á respeitavel instituição do jury, taboa de salvação para o desvallido que se vê nas garras da prepotencia!

Do depoimento das treze testemunhas, que compareceram, resultou evidentemente que todo esse processo não era mais que um negro tecido, perversamente engendrado, para nelle se involver a accusada, levando-se a malignidade ao auge de mandarem tirar ventosas e applicar sanguesugas, na supposta offendida, para assim fazer crer que ella estava gravemente molestada.

Queira, Sr. redactor, publicar estas linhas, para sciencia do publico.

A Barcaça do Brocó.

VARIEDADES

Theramenes, um dos trinta tyrannos de Athenas, estando á meza com alguns de seus amigos, a casa abateu sobre os convidados; elle foi o unico que evitou a morte. Admirando cada um a sua felicidade, retirou-se mui triste, exclamando comsigo: «O' fortuna! a que desgraça me reservas tu pois?» Foi condemnado á morte passado algum tempo.

Um certo sujeito, para fins que lhe convinham, pediu a um facultativo que lhe passasse uma certidão de doente, quando elle se achava de perfeita saude. O condescendente e facil esculapio promptamente annuiu, e passou uma certidão em que o figurava quasi impossibilitado de mover-se. Recebida a certidão, metteu o sujeito um embrulhinho na mão do facultativo, e retirou-se. No dia seguinte encontrando-se ambos, lhe diz o facultativo:

—Olhe, senhor, que os dous cruzados novos que hontem me dêu são ambos falsos.

—Não tem de que se queixar, respondeu o sujeito: a paga foi da mesma natureza que a obra.

Um sugeito que padecia de dôr de pedra; adquiriu a molestia da gotta e dando parte d'isto a um amigo que o visitava, lhe respondeu este mui sisudamente:

—Estimo muito, e lhe dou disso os parabens.

—Como! replicou o doente espantado do cumprimento.

—Não tem duvida, respondeu o outro; sempre ouvi dizer que gota a gota se desfaz a pedra; e desse modo se verá V. livre da pedra por virtude da gota.

CHARADA TIBURCIANA.

Avistei (1) uma lettra (1) na musica (1) tocando lundú.

XPLICAÇÃO DAS CHARADAS DO N. ANTECEDENTE.

1. Rebollo; 2. Eleitor; 3. Canada; 4. Parafuso; 5. Veado; 6. Femenina; 7. Convento; 8. Vapor; 9. Jasmim; 10. Casaca; 11. Somno.

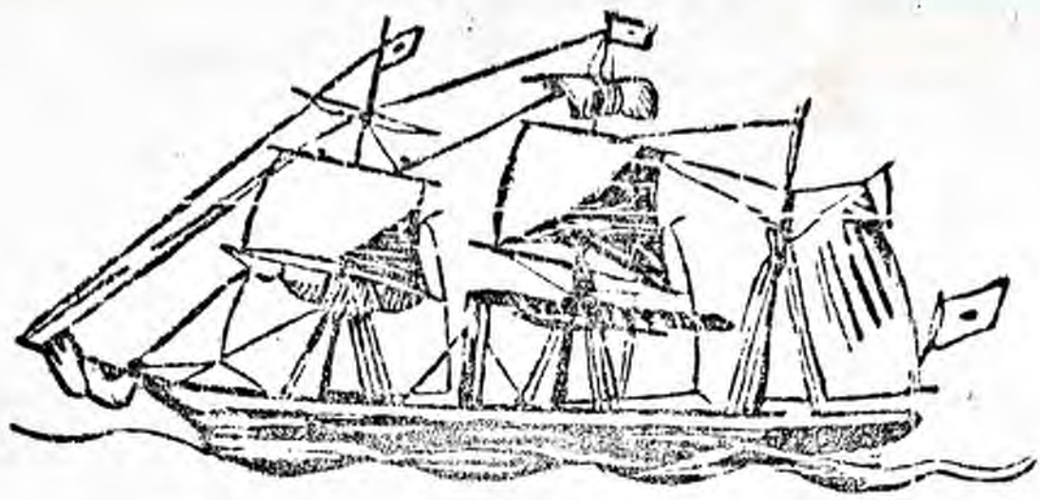
ANNUNCIOS

Na rua Direita do Collegio, n.º 7, 2.º andar, precisa-se de uma ama de cosinha.

Na rua do Pão-de-ló n.º 25 1.º andar preciza-se alugar uma negra captiva que saiba cosinhar, paga-se bem agradando.

Na loja do Tabyra precisa-se fallar com o S. João Martins da Costa, que foi caixeiro do Hotel das nações, para negocio que não ignora.

Nesta typographia ou na loja do Sr. Manuel do Carmo Moreira Junior, á rua Direita do Collegio, se dirá quem precisa de um hortaleiro.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 51**

Preço á assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 21 DE MAIO DE 1869. Ns. 507 e 508.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que no sobrado n.º á rua da Laranjeira, occupado por africanos, ha todas as noites matinada e algazarra, propria de semelhante gente.

Na quarta feira á noite, era ahi espancada uma preta, a qual bradava inutilmente por soccorro. Recorre-se a S. S. pedindo que tão importunos moradores sejam obrigados a portarem-se como se deve morar entre familias, o que espera-se.

—Ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, ponderando-lhe que sendo nas noites de inverno que mais se precisa de boa claridade nas ruas, é justamente quando tem ella diminuido sensivelmente degrau, a ponto de tornar-se peior do que no tempo em que era feita á azeite. Em vista do que pede-se a S. S. que tome medidas afim de remover semelhante inconveniente.

—Ao mesmo, fazendo-lhe ver a maneira tardia com que é feita a illuminação na rua do Castanheda, succedendo muitas noites que ás sete horas e tres quartos esteja ella em trevas. Conta-se com a intervenção de S. S. para que cesse semelhante falta.

—Ai!.... ai!... Quem me acode!... Estou morto!...

—Dê cá a mão, amigo, levante-se.

—Não posso; tenho esta perna desconjuntada!... Ui!... ui!... morro!...

—Pobre homem, coitado! Privado da vista, veio despenhar-se neste maldito buraco!

—Atraz dos apedrejados, correm as pedras.

—E não ha quem se importe do infortunio do povo!

Tantos olhos que tem a camara, ainda não houve um que enchergasse este tremendo buraco, capaz de sepultar um homem, na ladeira do Genipapeiro!

—A pobreza está mais alliviada.

Estes dias tem havido carne de dous vintens.

—Mas que carne, meu amigo!

E' verdadeira carniça; poderoso auxiliar para a dysenteria e o catharro.

—O caso é que se vende.

—O que não admira; admiração é ver a impassibilidade com que os fiscaes assistem se empestear o povo!

—Sabe que estou para lhe dizer uma cousa ha muitos dias?

—Qual é?

—A surpreza que me causou ver a policia fora de sua habitual pachorra.

—Como?

—Pelo movimento em que andou na noite

do assassinato do norte-americano Steaven.

—Fez sua obrigação.

—Nem tanto.

Eu fiquei pasmado. Pareceu-me ser suspeita de alguma insurreição. Carreiras e mais carreiras, cavallos á galope, as authoridades aceleradas, archotes pela rua e um espalhafato nunca visto. Até eu fui reconhecido por um sujeito no becco do Viva Jesus!

—V. não vê que o homem era estrangeiro, e não é la das melhores cousas duvidas com os Estados-Unidos.

—Eu creio que foi isso mesmo. Parece que o Sr. Assis ja previa o desaguisado entre o barão de Cotegipe e o ministro americano e não qùeria aggravar a situação.

—Desde domingo até terça feira, houve um *samba* nos Coqueiros, que encommodou a todo o mundo, menos ao subdelegado, inspectores e patrulhas.

—Para que falla em subdelegados?

—Por que, são inviolaveis?

—Para amanhan ver um desmentido no *Jornal?*

—Não dê o cavaco. Cego é o que não vê.

Elles não fazem mais do que se desconceituarem com isso.

—V. recebeu jornaes pelo *Cruzeiro do Sul*?

—Alguns.

—O que ha?

—No dia 11, o famoso harmonisador e equilibrista deste imperio, passou revista aos seus *voluntarios,* e deu-lhes o seu costumado benedicite.

Sobre a emancipação servil nem pitada!

—Desillusão para alguns imbecis que ainda acreditavam em sapatos de defunto.

—Entretanto, ao passo que o ministro americano dirigia uma nota ameaçadora e insultuosa ao governo imperial, o Sr. D. Pedra 2.º dizia na camara dos deputados:

«São amigaveis as relações do imperio com os governos das nações estrangeiras, excepto o do Paraguay, onde tem proseguido, com honra e gloria para o Brasil e para nossos alliados, a guerra a que nos provocou o presidente Lopez.»

Depois continua sobre a guerra:

«A constancia e heroismo dos voluntarios da patria, da guarda nacional, do exercito e da armada, tem triumphado de todos os obstaculos oppostos, ja pelo terreno, ja pelas fortificações do inimigo.»

. . . . . .

«Contrista-me profundamente a morte de tantos brasileiros: entre elles sobre-sahem alguns de nossos mais distinctos officiaes.....»

—Martyres obscuros desta longa guerra, mães que lá perdestes vossos filhos, filhas que chorães vossos paes, viuvas desoladas, irmans sem abrigo, orphans desamparadas, dae-vos por consoladas e beijae reverente a mão do imperador do Brazil, que em sua *divina* manificencia contristou-se com a morte de tantos brasileiros!

—«As rendas publicas, continua o excelso monarcha, tem tido incremento, que permitte confiar nas forças productivas do Brazil.

—Por isso mesmo é que nos mandam acabrunhar com impostos, assassinam a industria e querem acabar com as artes e officios.

—Terminado o chavão do estylo, o mais sabio e philantropico dos monarchas do mundo, retirou-se do meio dos seus fieis crentes pela mesma maneira porque entrara.

—Estava feita a felicidade do povo, que pode esquecer o nó das cordas, o arrocho das algemas, o opprobrio do tronco, o martyrio da cruz, e emfim o tiro de espingarda, porque Cezar deu um ar de sua graça.

Quanto a guerra que o Sr. Caxias deu por finda, continùa.

«No dia 25 tornou a haver um pequeno conflicto nas immediações de «Patinho Cué,» além de Luque. Coube naquelle dia a costumada descoberta ao 5º corpo de caçadores á cavallo, cujas avançadas, acommettidas repentinamente por uma força de infantaria paraguya, sahida de uma mata, soffrêram uma descarga que matou quatro praças e ferio um capitão e um soldado; rompêram os nossos valentemente a linha inimiga, causando-lhe varios mortos e feridos, e retiráram-se não tendo ordem de occupar a ponte de Patinho Cué nem de passar além della

Uma expedição ao mando do bravo Jeronymo Gonsalves, composta dos monitores *Piauhy, Ceará e Santa Catharina* e mais tres lanchas a vapor, foi a mandada a 18 do p. ao arroio Manduvirá, a qual penetrou por elle acima umas 60 leguas.

Vou ler lhe a parte mais interessante da correspondencia do *Jornal do Commercio:*

«*Esquadra brasileira na Assumpção, 1 de maio de 1869.*

«A esquadra acaba de praticar um desses commettimentos de tanta ousadia, que bem patenteia que somos descendentes daquelle povo de heroes, que poz pé invencivel, na Asia, como na Africa e America; e por uma coincidencia notavel, o chefe da expedição, de que vamos dar noticia, é commandante do *Colombo*, e filho da primogenita de Cabral.

. . . . . .

«Começou a viagem pela madrugada: passou-se todo o Manduvirá, costeou-se parte da grande lagôa de Aguaracaty, entrou-se no arroio-Hondo e dahi no Mbutuy, que, através de mil difficuldades, nos deixou chegar em face da villa de Caraguatahy, onde justamente tem sua massa central a cordilheira de Caaguazu! «Estava, pois, devassado o abrigo da fera sanguinaria que tem o nome Lopez.»

«A esquadra brazileira fez fluctuar suas

bandeiras no coração mesmo do Paraguay!

«Levamos seis dias a chegar ali, por que não conheciamos um palmo do caminho que trilhavamos através de mil difficuldades, n'um riacho estreito e de pouco fundo, coberto de mato por ambos os lados. Mas vimos que desde o segundo dia de viagem eramos seguidos por terra por forças de cavallaria, e a noite cuidadosamente vigiados.

«Quando chegamos em frente a villa, tendo os monitores parado por não haver fundo para a navegação, avistamos atravez o arvoredo de uma volta do riacho os 3 vapores paraguayos postos a secco, adornados sobre a terra. Gonçalves quiz desembarcar e ir incendial-os, mas subito surgiu das matas um regimento de cavallaria, e formando em meio circulo, occupou a nossa vanguarda, emquanto outro executava a mesma manobra pela nossa retaguarda, e auxiliado por força de infantaria. Não tinhamos levado força para desembarque, e porque ninguem suppunha que estivessem tão longe os ditos vapores, havia Gonçalves mandado pedir mantimentos e carvão para continuar a derrota, e para isso despachara duas lanchas, diminuindo portanto a nossa gente.

«Assim mesmo embarcou elle na lanchinha que conservara comsigo e buscou nella aproximar-se dos vapores inimigos. Nem para a propria lanchinha havia agua! E Gonçalves voltou ao monitor, desesperado desta contrariedade.

«Os inimigos não se moviam.

«Então, com uma calma nobre, todos os officiaes vendo que baixavam consideravelmente as aguas dos rios, deliberaram almoçar a vista do inimigo e fazer saltar os monitores antes do que entregal-os ao inimigo.

«Todos sabem que os monitores são de 120 pés de longo sobre 28 de largura, e que a peça, as machinas e uma pequena coberta occupam a cavidade e que em cima existe no meio uma torre de pouquissima elevação. Tal navio semelha, pois, uma jangada; bom instrumento de guerra, não tem accommodações algumas; almoçou-se, pois, ás 2 horas da tarde no convez, em face do inimigo, sorpreso de tanto sangue-frio. Findo o almoço, e içado o signal de combate, si fossemos aggredidos, levantou-se ferro, e caminhamos de pôpa aguas abaixo, pois o maximo da largura desses riachos quasi todos é de 12 braças, e o minimo de 7. A proporção que caminhavamos ouviamos distinctamente multiplicados, e repetidos golpes de machado. Os paraguayos nos seguiam; por vezes de noite, quando fundeavamos, tentaram abordar-nos. Fizemos fogo de metralha e de fuzilaria: elles recuaram.

«Cortaram-nos a retaguarda pelo rio, disse Gonsalves, e estou afflicto por não saber si embaraçaram a sahida das lanchas. Estas, porem tinham partido a buscar carvão, e nós continuamos a derrota, por isso o inimigo preferiu-nos como presa maior. Ora, pelo que estavamos descortinando desse paiz, tão pouco estudado e conhecido, estavamos por traz do acampamento de Lopez mesmo, viamos os campos do seu gado, viamos parte de sua gente, e todo o terreno plano largo, que fica entre o Rosario e Santo Estanislau e Caraguataby, Tobaty, Caacupé e Escurya até talvez o Paraguay!

«Proseguindo, encontramos de ambas as margens cortadas grossas arvores, e por espaço de cinco braças consecutivas, a fim de entupir o rio e prender-nos.

«Era o trabalho de uma noite executado por muitos paraguayos.

«Passamos a tempo e salvos, porque os interrompemos de madrugada.

«N'outro ponto encontramos enormes vigas atadas umas ás outras com fortes guascas, e trincheiras em ambas as margens.

«Rompemos o caminho, e ainda passamos. E sempre a ouvir golpes de machado!

«Mas, no terceiro ponto, n'uma volta do rio, encontramos os trabalhos todos concluidos, a que prova que elles começaram de baixo para cima, á proporção que nos viam subir o rio, e ahi, apercebendo-se de nosso regresso o tempo, concentraram 1,200 homens, artilharia, boas trincheiras em ambas as margens, torpedos em numero de 3, dos quaes um com cinco arrobas de polvora e uma bala ôca, enorme, vigas, canôas, arvores entupindo o rio, correntes de ferro, cordas passadas em quatro voltas, e até carros de bois! As lanchinhas felizmente ja tinham passado. Quando chegamos a esse ponto, que se chama o Passo de Tabaty, rompeu vivissimo fogo de artilharia e fuzilaria de ambas as margens de tão estreito riacho, e 200 homens decididos tentaram abordar os nossos navios. Foi um porfioso combate que durou 5 horas, e houve uma mortandade horrivel de paraguayos!

«Os monitores ancoraram mesmo em frente do inimigo á queima-roupa, e emquanto um metralhava uma das margens, os dous outros metralhavam a outra.

«Não descrevo o combate. Imagine-o quem puder. Basta dizer que o enthusiasmo dos brasileiros era tal que se batiam aos gritos de «viva a nação brasileira, viva o Imperador, viva D. Pedro II, viva a esquadra,» e a fuzilaria nutrida e a artilharia aterravam o inimigo. Muito mais de 100 paraguayos (os da abordagem que traziam afiadissimas facas para nos degolar) f[illegible]

mo. Ferimos muitos, outros cahiram em nosso poder, e entre elles um ajudante de campo de Lopez, de nome Hernandes, um major que expirou pouco depois, um alferes, etc.

«Rompemos os obstaculos todos, cortamos correntes e cabos, e viemos ancorar perto da 1.ª divivisão, onde o chefe Victorio Lomba nos esperava ancioso.

«Foi tal o combate e tal a importancia que Lopez ligava á posse ou destruição dos monitores, que lhe devassaram a sua cordilheira, que o ajudante de campo, nosso prisioneiro, nos revelou que o commandante da força paraguaya fôra preso por ordem de Lopez, furioso por nos ver passar aguas abaixo no ponto um pouco acima daquelle em que combatemos!

«Ah! era um punhado de bravos brasileiros que ali defendiam a bandeira, a honra nacional. O proprio medico, Dr. Oliveira Coitinho, tomou uma espingarda e bateu-se; passando com aquelle vagar que lhe é proprio, de ré á prôa e vice-versa, a peito descoberto, e onde melhor pontaria podia fazer. E por que quasi toda a viagem os paraguayos o viram de binoculo a observar, parece que lhe tinham vontade, pois que as balas zuniam a seu lado e duas elle apanhou que se despedaçaram no costado do navio, e de ricochete bateram-lhe. Os commandantes mesmo na occasião do combate, o cumprimentaram com seus bonés, ao que elle respondeu e continuou a fazer fogo.

«Conserve o paiz os nomes dos valentes brasileiros desta arrojada expedição, cujas consequencias para a guerra são de muito grande alcance, como demonstrarei pelo proximo paquete.

«Vae partir o paquete, e por isso aqui faço pausa, referindo que Lopez, segundo affirma o seu ajudante de campo, tem (9,000) nove mil homens em armas!»

—Leu a noticia que deu o *Jornal da Bahia*, do dia 18 do corrente, ácerca da menor Joanna?

—Não; o que diz ella?

—Diz—a policia verificou que esta menor, de quem ha dias tratou o *Alabama*, não estava seviciada; mas, entretanto, mandou-a para o poder de pessoa capaz, a quem mostrou a mesma menor desejo de acompanhar.

—Ora, si a menor não tinha sevicias e era bem tratada na casa do Sr. Letto, para que a policia retirou-a de lá?

—E sendo assim a menor não mostraria desejos de ir para a companhia de uma pessoa capaz, como diz o *Jornal*, sem declinar o nome d'essa pessoa.

—E' melhor que diga:—Com effeito, a menor Joanna estava cheia de sevicias, e por isso foi retirada pela policia da casa do Sr. Letto; mas convem occultar todo isso, por que esse homem é irmão do escrivão de paz do 1.º districto de Santo Antonio.

Essa é que é a verdade!

O Sr. Letto empenhou-se e por causa dos empenhos tudo ficou abafado.

—Por força; quem tem padrinho não morre pagão.

—Novo incendio na Praça do mercado!

Hontem ás 11 horas da noite as egrejas davam signal de fogo; felizmente foi logo abafado.

—Essas reproducções vão dando o que pensar.

—A policia que ande alerta.

—Emquanto o Sr. D. Pedro 2.º, fallando aos representantes da nação, esquece-se de uma questão de vital alcance para este paiz, questão que elle mesmo pareceu mostrar-se vivamente interessado por ella, empenhando sua palavra, ante diversas sociedades estrangeiras, a patriotica sociedade Limeirense inicia um projecto para abolição da escravatura e consulta a opinião do senador Nabuco á respeito.

—Tem ahi á mão?

—Fil-o.

—Leia para eu ouvir.

—Ouça:

PROJECTO

PARA A EXTINCÇÃO DO ELEMENTO SERVIL NO IMPERIO DO BRAZIL.

Art. 1.º Do dia 1 de janeiro de 1880 em diante o ventre escravo será declarado livre em todo o imperio do Brazil.

Art. 2.º Do dia 1 de janeiro de 1901 em diante será proclamada a liberdade geral dos escravos no imperio.

Art. 3.º Os poderes competentes farão baixar as leis e regulamentos necessarios para a realisação desta emancipação, sob as seguintes bases:

§ 1.º O governo mandará desde ja abrir em todos os municipios a matricula dos escravos existentes com a declaração do nome, sexo, idade, estado, cor, officio, e sob que titulo de dominio é possuido cada um. Esta matricula se repetirá todos os annos na mesma época.

§ 2.º A lista municipal das matriculas será remettida aos juizes de direito das respectivas comarcas, que formarão em resumo um mappa estatistico, e enviarão ao presidente da provincia.

§ 3.º Aberta a referida matricula nos municipios, cada proprietario é obrigado a exhibir uma relação de seus escravos com as declarações do § 1.º

§ 4.º O escravo que não for dado á matricula, por culpa ou malicia de seu proprietario, *ipso facto*, será considerado livre.

§ 5.º O proprietario no acto da entrega da relação dos seus escravos para a matricula, receberá em troca um conhecimento ou nota declarativa do nome, idade, estado, sexo, naturalidade, cor, officio, e sob que titulos são possuidos. Este conhecimento será rubricado pelo agente e escrivão da repartição municipal encarregada da matricula, e servirá de titulo legal de propriedade d'ahi em diante.

Art. 4º. O governo creará estabelecimentos agricolas e industriaes para receber o fructo do ventre livre.

§ 1.º Os nascidos depois de 1879 serão criados e alimentados pelos proprietarios até a idade de 8 annos, idade esta em que serão recolhidos para os ditos estabelecimentos, recebendo em troca uma apolice do governo do valor de 500$ de 6% ao anno, e nascidos de 1890 em diante devem ser recolhidos em 1901 a estabelecimentos de caridade mediante indemnisação proporcional.

§ 2.º As crianças recolhidas para estes estabelecimentos serão conservadas na aprendisagem e nos labores proprios da sua idade, até completarem 13 annos, e então seus serviços contratados por conta dos mesmos estabelecimentos, e assim servirão até perfazerem a idade de 21 annos, idade em que poderão trabalhar no que lhes convier como homens livres que são.

§ 3.º Os escravos que não forem apresentados á matricula na forma do art. 3.º, embora considerados livres pela força do § 4.º do mesmo artigo, serão apprehendidos, e recolhidos aos mencionados estabelecimentos, e ahi trabalharão sob contrato até o dia 1 de janeiro de 1901, épocha em que seguirão a carreira que lhes convier.

Art. 5.º Encerrada a matricula, toda e qualquer transferencia de dominio de escravos será nulla, desde que se não faça acompanhar de prova authentica de matricula ou do conhecimento de que falla o § 5.º do art. 3.º

Art. 6.º Todos os proprietarios de escravos são obrigados a participar dentro em 30 dias á agencia municipal da matricula o obito e o nascimento dos seus escravos.

§ 1.º Os que incorrerem em falta perderão o direito de propriedade sobre o escravo nascido e a indemnisação de que trata o § 1.º do art. 4.º, se for recolhida aos estabelecimentos do governo mesmo os de caridades. No caso de morte não fazendo a participação de que trata o artigo precedente será o proprietario responsabilisado perante os tribunaes do paiz.

§ 2.º O proprietario que dando parte do nascimento de um escravo mostrar que o libertou na pia baptismal, poderá gozar dos seus serviços até a idade de 15 annos, sendo porem, obrigado a mandar-lhe ensinar a ler, escrever e contar.

Art. 7.º No dia 1 de janeiro de 1901 todos os proprietarios levarão ás repartições respectivas o conhecimento ou documento legal que prove a existencia de escravos que ainda possuem e pelos seus valores terão uma indemnisação proporcional.

§ 1.º Para esta indemnisação se procederá a uma avaliação em que seja representado o interesse particular por um louvado de sua escolha, e o da fazenda pelo seu respectivo fiscal, ou seus delegados, com recursos aos chefes das thesourarias ou seus agentes.

§ 2º Servirá de base para ditas avaliações a idade e o sexo, e attendendo-se ao valor actual, para conhecimento do que o governo mandará formar uma tabella do termo medio pelo qual foram vendidos no anno de 1888.

§ 3º Para creação de fundos para esta indemnisação será levantado, desde já, um imposto de 3$ por cabeça de escravo. A somma arrecadada será recolhida para bancos territoriaes. os quaes se encarregarão da referida indemnisação, e só poderão fazer emprestimos a lavoura directaménte.

§ 4º O governo por seus regulamentos garantirá e resguardará o interesse desses bancos, estatuindo sobre o modo e condição do emprestimo, e favorecendo as necessidades da lavoura.

Art. 8º Será promulgada uma lei sobre o trabalho livre com juizes especiaes, processo verbal e summarissimo, gratis, onde fiquem claras e definidas as obrigações de locador e locatario, derrogando-se as duas leis de 1830 e 1837. que por obscuras e não interpretadas têm tornado da sua execução um cahos para ás partes que litigam e um labyrintho para os jurisconsultos que as compulsam.

§ 1º Abrir-se-ha uma matricula em a qual se inscreverão todos os trabalhadorer livres, sem propriedade, com declaração do nome, sexo, idade, cor, nacionalidade e emprego que tem. Na occasião da matricula receberão uma papeleta, sendo obrigados a vir declarar a matricula qualquer mudança de estado, e de emprego.

§ 2º Os que incorrerem em falta, serão mul-

tados em ₰ ou coagidos a pagar esta multa pelo valor do trabalho em obras publicas.

§ 3° Na mesma repartição desta matricula haverá um livro de registro onde serão registrados todos os contratos dos trabalhadores livres. Sem este registro os contratos serão nullos.

§ 4° Os juizes especiaes do trabalho livre julgarão sem demora, dando a sua decisão na mesma audiencia do processo. Não haverá embargos nestas causas, nem mesmo os á execução. Haverà appellação para os juizes de direito que tambem decidirão em termo breve.

§ 5°. De seis em seis mezes se reunirá um jury em cada municipio, composto de dous cidadãos chãos e abonados do logar, e o juiz especial do trabalho livre, onde poderão ser apresentados os contratos de trabalho livre, afim de serem examinados áquelles a respeito dos quaes algumas das partes se julgue lesada.

O jury fará com que os contratos lesivos sejam corrigidos e emendados na forma da lei. Os dous cidadãos membros do jury darão o seu voto a respeito, e o juiz especial presidente do jury terá o seu voto de qualidade.

O presidente lançará nos contratos o seu visto, que será rubricado pelos tres membros do jury.

Desta decisão não haverá recurso algum. —S. R.

Limeira, sala das sessões da sociedade Democratica Constitucional Limeirense, 10 de janeiro de 1869.

Á PEDIDO

O JOGO.

Gentes da orelha da sota,
Não se queiram enfadar;
Não vos venho deprimir,
Mas sim do jogo fallar.

O jogo nesta cidade,
E' continuo na verdade,
Nelle entram espertalhões,
E homens de probidade.

Uns o tem por distracção,
Uns por lucrativo officio;
Por isso ou aquillo jogam,
Ainda com sacrificio.

—Despreza familia e honra
Todo o homem jogador:
Perde todo o sentimento
Até fica bebedor.

Atira-se irreflectido
Em enorme despenhadeiro;
Perde a saude o brio
E tambem o seu dinheiro.

Da familia se aborrece,
O homem que é jogador;
E torna-se preguiçoso
Si era trabalhador.

Quem se assenta p'ra jogar,
Isto é, p'ra perder dinheiro,
E' um louco que se atira
Em um abysmo verdadeiro.

Eu tambem gostei do jogo,
Delle sou mui conhecido,
Na roletta e no monte,
Bons cobres tenho perdido.

Me acho pois habilitado
Para do jogo fallar,
Por que muito tenho jogado
E nunca pude ganhar.

Barro Preto.

AO HONRADO SR. DR. DR. CHEFE DE POLICIA,

Recorre-se pedindo-lhe escrupulosa attenção para o seguinte que nos informam:

O creoulo Benedicto Belchior dos Reis, acha-se illegalmente detido na Correcção, desde 31 de julho do anno passado, sem haver commettido crime, nem existir nota de culpa contra elle.

Tem dirigido 13 requerimentos a S. S. sem que nenhum delles tenha podido chegar ao seu conhecimento.

Foi escravo de Victorino do Amaral Botelho, o qual adoecendo, deu-lhe faculdade, bem como a outros escravos, para agenciar dinheiro para sua liberdade. Benedicto tomou a Henrique Pinto de Novaes 640₰ rs., sob condicção de pagar-lhe 740₰ rs., com os quaes recebeu de seu senhor a carta de emancipação, carta que se acha em poder de uma parda de nome Lucinda, que a retem como garantia de uma divida de 50₰ rs., de que é credora de Benedicto.

Succedeu porem que tornando-se elle omisso em seu debito para com Pinto de Novaes, a quem so deu 99₰800 rs., por conta, este o mandou prender e o conserva como seu escravo.

Pretendendo-se forçal-o a ir para S. Thomé de Paripe trabalhar em um engenho, como se recusasse foi algemado e seviciado.

Si essas informações são exactas, é semelhante facto uma requintada oppressão e atroz constrangimento da liberdade individual, e violação flagrante das leis do paiz, e um insulto a sociedade, razão por que leva-se ao conhecimento de S. S. pedindo que

se digne de mandar ventilal-o de maneira que de qualquer forma não continue aquelle ina soffrer n'uma masmorra.

O brado da humanidade.

—Si o Sr. thesoureiro da pia irmandade dos Corações de Jesus e Maria, erecta nos Quinze Mysterios, ja recolheu algum dinheiro, lembre-se dos pregadores, no dividendo que fizer.

Temos por diversas vezes estampado nestas columnas factos praticados pelo *Moreirinha*, os quaes provam exuberantemente que elle não tem aptidão para ser authoridade policial, visto que não pode infundir conceito, destituido com é de criterio, e por demais conhecido, na freguezia onde exerce o cargo, por prevaricador relapso, concussionario e venal.

Surprehende, e por mais tratos que se dê ao juizo, é impossivel descobrir a razão de ser, a conveniencia que ha em conservar-se como authoridade um homem desconceituado n'uma freguezia, onde ha caracteres circumspectos, intelligentes, honestos e moralisados, que podiam desempenhar tão importante cargo sem enlameal-o.

Porem... são cousas da epocha.

O MUNDO AS AVESSAS.

(*Continuação.*)

E' maluco—si nunca nas casas
D'alguns grandes, vae para *lamber*
La *os pratos*... por bajulação,
Para assim uma posição ter...

E' maluco—si acaso não leva,
A um baile ou festim, a mulher,
Ou as filhas...p'ra alguem desfructal-as
La *em tudo*...que mui bem quizer.

E' maluco—si acaso não joga
Com infamia e com vil bandalheira,
Si, por *magica* ou escamotagem?
Tratantice...não faz ladroeira.

E' maluco—si não anda a moda,
Mui gamenho e mui bem penteado
Si não traz um relogio e luneta...
Seja embora fiado, emprestado...

E' maluco—si em casa não faz
Sempre um baile, presepe, ou funcção,
E' maluco si a caso não sabe
Cantar chulas, tocar violão...

E' maluco—é chamado idiota,
Quem, de autores os mais illustrados,
Não publica, em seu nome, uns escriptos
Sem vergonha de os dar, plagiados.

E' maluco—todo aquelle que
Não costuma calotes pregar,
Aos logistas e aos sapateiros...
Para sempre mui gamenho andar

E' maluco—todo redactor
Que não ousa fazer falso artigo
Contra quem não merece... e a verdade
Não occulta em favor d'um amigo.

(*Continúa.*)

VARIEDADES

COPIA FIEL DE UMA CARTA MANDADA POR UM NAMORADO A SUA NAMORADA.

Alto encanto do Nume do meu mavioso coração.

Sem que eu possa ter na doce ideia, lembrança alguma do mais rancoroso, e desaforado desejo, pego n'esta para te faser conhecedora do afogado amor que brandamente possuiste meu efervecente peito, que palpita a todo instante por ti, qual bole dentro da barriga da mãi o innocente fecto que ainda não nasceu, por isso que a tua angelidade se transforma em ternura como a bonança do tempo de repente èm horrivel tempestade, e assim teus olhos sedentos espancam a perfeição da minha alma que só tem alimento quando através de tua belleza peregrina revela um doce, e inefavel agrado—Não deseja atirar-me em tão elevado Polo para cahir, como é certo, em tão discontente emisferio; por quanto o meu todo que seduz a mais inabalavel rocha, não pode esperar de tua candura, mais do que uma recente dedicatoria,—sem todavia eu querer offender ao ten melindroso acatamento em exceder no topico de minhas paixões o quanto é dado, a quem podera de perto reconhecer a prenhez de teu pensamento de virtudes, e estipulações.—O meu estado de saude, que com um teu desenrolamento, póde melhorar, é o mais cheio de investigações, e estas produzidas d'um olhar que tu desmoronastes sobre as partes do meu corpo as mais sensiveis.—Eia pois minha Adorada fantasia, recebe um beijo dado pela bocca figurada d'este papel como se propria recebesse da minha e se por analogia tiveres iguaes congratulações espero que seremos os mais felizes no imperio de Cupido.

Teu amante simpatico.

Já sabes quem.

UM LARAPIO HABIL.

Dous sujeitos Ernesto G. e Luiz B., conversavam ha dias em casa de um cabelleleiro onde se estavam penteando.

—Então, sompre venceste a tua demanda? perguntou Ernesto.

—Felizmente, respondeu Luiz B.; recebi hontem os meus mil e quinhentas francos.

—Hoje então é dia grande, gasta-se como rei, não é isso?

—Não estou resolvido. Tenho o meu dinheiro na gaveta da minha secretaria, e amanhã vou empregal-o em acções.

—Compra-as antes ja hoje.

—Hoje não posso, porque tenho muito que fazer, mas amanhan sem falta pela manhan logo.

Emquanto elles conversavam, assim acabou de barbear-se um sujeito, que se retirou, levando o chapeu de Luiz B. Suppoz-se que isto fosse um engano innocente, porque o chapeu deixado pelo desconhecido era novo. Emquanto ao tamanho era igual ao outro e serviu na cabeça de Luiz B.

A' noute, quando este se recolheu, encontrou a secretaria arrombada e os seus 1,500 francos de menos.

No dia seguinte, como não gostasse da fórma do chapéu que lhe deixára o desconhecido de casa do cabelleleiro, foi Luiz B. a casa do seu chapelleiro para encommendar um chapeu novo. Soube então ahi que no dia anterior se apresentara na chapelaria um sujeito com o chapéu d'elle, dizendo que o tinha trazido por equivoco, d'um café onde estava muita gente, não lhe sendo possivel reconhecer ahi a quem elle pertencesse, tendo elle tomado em consequencia d'isso a deliberação de procurar o chapelleiro, o qual poderia por ventura conhecer o dono do chapeu, o que fizera. O chapelleiro tinha reconhecido o chapeu e ensinado ao individuo a casa do seu dono, o predio, o andar e a situação da parte do quarto que elle habitava.

Luiz B. lembrou-se então que pelo chapeu do desconhecido poderia tambem vir a conhecel-o pelo mesmo processo que elle empregára. Examinára immediatamente o fundo do chapeu que havia sido deixado em casa do chapelleiro. Lembrança inutil o chapeu do desconhecido não tinha o nome do fabricante.

Um sujeito todas as vezes que se ia confessar, dava na vespera uma grande massada na mulher. Perguntando-lhe um visinho a razão disto, respondeu: «E' para me forrar ao incommodo de fazer exame de consciencia; porque ella tem então o cuidado de me lembrar todas as minhas maldades.»

Um uzurario estava em artigos de morte. O seu confessor o exhortava ao arrependimento de seus peccados, e para fazer a sua exhortação mais pathetica, lhe apresenta um Santo Christo. O moribundo considerou-o fixamente, de modo que o confessor, julgando-o tocado de devoção, lh'o entregou nas mãos. «Pouco vale, diz o doente restituindo-lh'o; não posso emprestar sobre elle mais que meia moeda.

El-Rei D. Affonso I, de Napoles, sabendo que um criado seu dizia muito mal d'elle, fez-lhe tantas mercês, que elle se viu obrigado a dizer das suas obras mil louvores. Avisado o rei disto, disse: «Folgo de que esteja na minha mão dizerem bem de mim os meus inimigos.»

MAGISTRADO POBRO.

O desembargador João Gomes de Campos passou sempre por um dos mais probos magistrados brasileiros.

Um dia apresentou se em sua casa a marqueza de.. com uma carta de empenho afim de que elle lhe fosse favoravel em certa pretenção.

—Ah! Exma. Sra., disse elle, tende a bondade de abrir-me aquella gaveta.

A marqueza abriu a gaveta que estava cheia de cartas.

—O que vêdes Exma.?

—Cartas, muitas cartas, dirigidas a V. S. e todas lacradas, disse admirada a marqueza.

—Pois fazei-me o favor de botar tambem esta lá.

—Oh! Sr. desembargador!...

—Tende paciencia; tenho feito isto aos pobres e não posso ser mais generoso para com ricos. Lerei os autos e de accordo com a lei, que é melhor carta de empenho, decidirei a vossa causa.

A marqueza sahiu pouco satisfeita para dias depois chorar a perda da sua pretenção, pois o voto do desembargador lhe foi adverso.

PERGUNTA.

Qual é o meio de achar a quaresma curta? perguntava um individuo a outro.

—E' pedir dinheiro emprestado na quarta feira de cinza para o pagar na Pascoa, respondeu este.

CHARADAS TIRBUCIANAS.

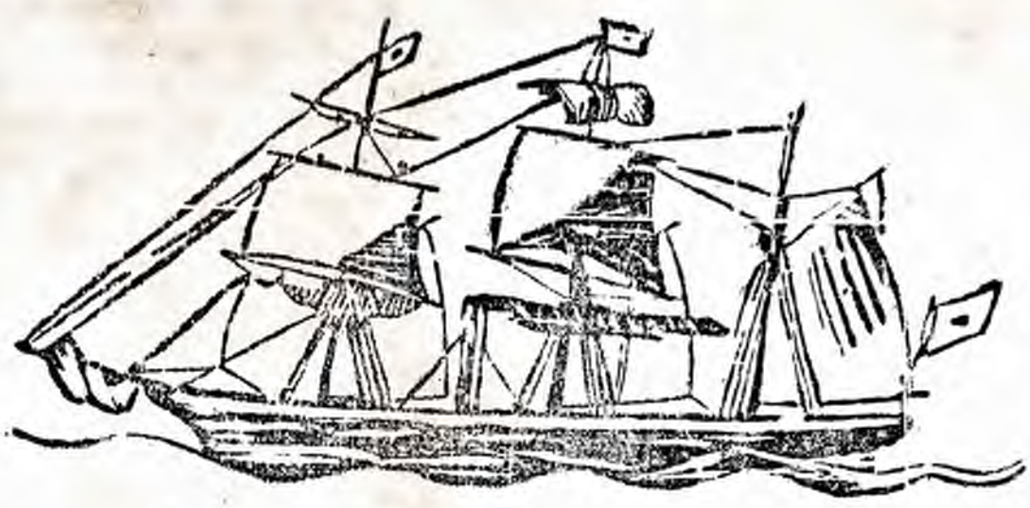
1.ª—Grita o pinto (2) pellado (1) sendo o mais completo instrumento de musica.

2.ª—O que tempera a comida (1) sendo letra (1) serve para receber visitas.

3.ª—Cobrindo a casa (2) de musica (1) cubro a casa.

A charada do numero antecedente é—Violla.

Typ. de Marques, Aristides & C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 51**

Preço á assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 26 DE MAIO DE 1869. — N. 509.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, submettendo á sua apreciação a informação que nos fazem de que o allemão Luiz, estabellecido com fabrica de carros nos fundos do trapiche Julião, acha-se soffrendo de *elephantiasis*, em estado ja mui adiantado, e como o contacto das pesoas atacadas de semelhante mal seja reputado de perniciosos resultados para a salubridade, recorre-se a S. S. para que se digne mandar proceder a um exame medico no referido individuo, e o faça recolher ao logar destinado aos que soffrem de tal molestia.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.º districto, participando-lhe que consta que o africano Pedro, morador á Travessa da rua da Larangeira, becco da Ordem Terceira, castiga por maneira descommunal a sua escrava de nome Esperança, a qual, para prova dos maus tratos de que é victima, traz as costas retalhadas pelo constante latego do senhor.

Em nome da humanidade e da civilisação da epocha, pede-se a S. S., que tanto se tem mostrado interessar pela observancia da lei, e tão a peito costuma tomar o direito e a causa do fraco, se digne mandar ir á sua presença a referida escrava, afim de chegar ao conhecimento da verdade.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, dizendo-lhe que, tendo desabado no dia 16 o telheiro do sobrado n. 40, á rua da Preguiça, cumpre que S. S. tome medidas preventivas á respeito, uma vez que o mencionado sobrado, arruinado como está, com as chuvas da presente estação, pode vir abaixo e causar alguma desgraça. O que espera-se.

—Quer ouvir noticias do Sul?
—Chegou vapor?
—Não; são do *Tycho Brahe*.
—Já estão *passadas;* mas diga sempre.
—Leio o *Diario Fluminense*.

«As noticias que temos d'ali são más. As nossas forças são insufficientes e mal providas de tudo para poderem operar activamente contra o inimigo, a que agora ja se attribue forças superiores a 8,000 homens!

«Aguardava-se a conclusão da ponte do Yuquery para a marcha do exercito.

«O pessoal deste, isto é por nossa conta, não é superior a 15,000 homens, e talvez não chegue a tantos!!

«Começam a dar-se os pequeninos recontros de forças inimigas com as nossas. As marchas do exercito estão adiadas e dependentes de soluções por parte do governo á questões feitas por S. A. sobre a natureza das operações a emprehender contra o inimigo, e recursos deste. Tinham os vapores, conducto-

res de cavalhada e locomotiva para o caminho de ferro, encalhado!

«A fatalidade parece posar sobre nós nesta guerra, insensatamente dirigida sempre.

«O exercito está por pagar de seus soldos *onze mezes*, communicam-nos!! Entretanto daqui se afirma ter-se sempre enviado as sommas necessarias para os pagamentos de soldo!

«O que é então feito desse dinheiro, em mão de quem pára, e que providencias se dá para verificar-se toda a verdade?

«A situação de S. A. em presença das miserias que encontrou no exercito é essencialmente critica..

«Reconhece elle agora, e não o occulta, a gravidade que lhe resulta da sua *commissão forçada.*»

—O governo vive illudindo o paiz!

—Faça pausa; não quero discussões politicas aqui.

—Por quem é, capitão, deixe-me tagarellar um pouco.

Recorda-se V. Ex. do decreto que nomeou o conde d'Eu para general em chefe das forças em operações contra o Paraguay?

—Sim, por que?

—Dava-se como motivo a falta absoluta de outro general distincto para *dirigir o acabamento* da guerra....

—E' verdade.

—Mas o Sr. conde d'Eu chegando ao exercito da-lhe nova organisação, e nomea ao legendario Ozorio para o commando do 1.º corpo, fazendo crer ao exercito que o invicto general volta breve ao Paraguay.

Não será isso desconceituar o nobre general e mesmo prejudicar a sua melhor vontade e patriotismo de voltar ao exercito?

Pois elle, o chefe idolatrado e estremecido, sobre tudo das forças do sul, não seria *distincto* para *dirigir o acabamento* da guerra, a ponto do governo ver-se na necessidade de preterir e comprometter as *altas razões de Estado*, nomeando o Sr. conde d'Eu, e agora serve para commandar o 1.º corpo de exercito?

—Homem, eu creio que isso não passa de uma trica, uma especulação que jogam com o nome do bravo general, para entreter a tropa com esperanças illusorias e animal-a nas novas operações contra o inimigo.

—Mas assim é uma ignominia que pratica o governo.

—O venerando Ozorio, consta que acha-se absolutamente impedido de voltar ao theatro da guerra pelo grave estado de saude, e até falla-se na sua ida á côrte, aconselhada por seus medicos.

—Si o governo contava com a possibilidade de poder o general Ozorio apresentar-se de novo no exercito, do qual aquelle heroe é o idolo, commetteu um erro gravissimo, denotou a maior falta do senso, nomeando o Sr. conde d'Eu, compromettendo as *altas razões de Estado.*

—Nada mais justo.

—Entretanto illude-se indecorosa e levianamente o povo com mentiras de caracter official, e que o nobre principe esposo da herdeira do throno é constrangido a firmar com seu nome!

—Veja a sollicitude e humanidade do nosso governo.

E' um bravo que morreu á mingoa, esquecido, despresado, abandonado, recebendo, por esmola de uma corporação estrangeira, o chão da sepultura, no solo que era seu, que elle regou com seu sangue defendendo-o.

«AS MEMORIAS DE UM BRAVO:—Sobre esta epigraphe lê-se no *Jornal do Commercio*, de Porto Alegre, a seguinte noticia:

«Sepultou-se ante-hontem, *á expensas da sociedade portugueza de Beneficencia*, o voluntario da patria Luiz de Vargas, que, no memoravel ataque de S. Borja, salvou a bandeira do 1º batalhão, pelo que foi condecorado com o *habito do Cruzeiro.*

«O governo pesou-lhe aquelle importante serviço, deu-lhe uma condecoração, mas *deixou-o morrer na indigencia, victima dos padecimentos, que adquiriu em campanha!*

«Deixemos ao menos nós seus patricios, estas poucas palavras como tributo á sua memoria.

«Não nos é dado fazer mais.

«Fazer commentarios á esta eloquente noticia seria diminuir-lhe o merecimento. Basta que á beira do tumulo de heróe mendigo, levantemos um—viva ao Sr. D. Pedro II!»

—Antes ser subdito do sultão da Turquia, do que ter o nome de cidadão brasileiro!

—Não diga isso, rapaz; V. está hallucinado.

—Eu prefiro semelhante estado a este despotismo disfarçado, a essa tyrannia encoberta com que nos opprimem.

Do que serve dizer se que ha garantias para o cidadão, si não passa tudo de parolla?

O que eu vejo são tributos, vexames, compressão, illegalidades; a prepotencia no seu auge; a violencia e o arbitrio de cabeça alçada; o direito individual esmagado, a prerogativa do cidadão dilacerada.

—V. vae longe em sua lamentação.

—Pois quando me lembro, que eu de pobre artista, pago de aluguel de uma casa um pre-

co fabuloso, que Deus sabe como posso matar a fome da numerosa familia, com os generos caros como estão, que levo tres mezes aquartellado e fico individado, e ainda sou obrigado a perder mais um dia, sem necessidade, por causa do maldicto serviço da guarda nacional!

Um dia, que para mim vale um mez, pois fico compromettido com uma obra que tinha de dar em dia aprasado!

—E que serviço é esse? Algum destacamento?

—Não, Sr., fui avisado pelo sargento para hoje ir accompanhar o enterro de um guarda da companhia que falleceu; sob penna.... ja sabe.

—Mas vae porque quer; não é serviço obrigatorio; a lei não manda.

—Ora! si eu estou a lhe dizer!...

—Comprehendo agora, si faltar vae preso: Quanto despotismo!

Como se constrange a vontade livre do cidadão!

Onde ja se viu obrigar alguem para accompanhar enterros!

—Onde vê não parece nada; roubam-me um dia de trabalho, arrancam-me 2$ rs: do bolso, e tiram o pão da bocca de meus pobre filhinhos!

—E depois fallam em nome da lei, elles que tão sem pudor ferem a lei!

—O Sr. sabe? conversas não adubam sopa; vou tratar de limpar o armamento, e cumprir o que me ordenam para a cousa não ser peior.

—Pobre homem; tem muita razão; ainda si dissesse que o batalhão delle, que é o de Sant'Anna, estava aquartellado, bem!

Á PEDIDO

—Cada um dá o que tem.

—E não é a mais obrigado.

—Estou dizendo isto pelo que acabo de ver praticar por um tal Cafezeiro, com certo passageiro dos Vehiculos Economicos.

—O que foi?

—Uma acção estupida e baixa, um proceder grosseiro e revoltante, um desacato a pessoa de um cidadão pacifico, uma desconsideração a immensidade de pessoas respeitaveis que vinham na gondola, um acto que, quando muito, faria honra a um moleque de cosinha.

—Acabe com isso.

—Em duas palavras.

Uma pessoa que foi a Montserrate, na volta, ignorando o que a companhia tem estabelecido entendeu, que podia embarcar em qualquer logar.

—E' desculpavel; estando os trilhos entregues á concurrencia publica ha poucos dias, não é possivel que todos saibam das regras estatuidas.

—E nem todo mundo lê jornaes.

Mas ouça:

O passageiro, ao atravessar a locomotiva em Roma, approximou-se e poz o pé na escada para entrar, ao que bradou lhe com voz de feitor de engenho o tal *Café*:

« So pode embarcar no ponto! »

E mal o insciente passageiro ia lhe perguntar onde era o ponto, ja elle mettia-lhe as mãos e atirava-o na calçada!

—E' bem mau isso!

Uma empreza que aspira servir bem e captar a confiança publica, deve servir-se com empregados prudentes, zelosos e polidos, e não com gente que va procurar conflictos.

—Com uma simples advertencia prevenia tudo, sem ser preciso praticar acção tão inqualificavel.

—Entretanto o pobre homem alem de perder o seu dinheiro, foi desfeiteado e ficou desapontado no meio de tanta gente.

—Resta agora que os Srs. gerentes previnam a não reproducção de taes scenas.

—Capitão, acabaram com a canalisação do rio Camorogipe, de Brotas ao rio Vermelho.

—Então está no seu antigo estado, não?

—E' verdade

—Porque acabaram com ella?

—Porque alguns propietarios d'ali, que tem plantações de capim, quebraram tudo, afim de esgotarem as aguas que ficam empossada nas suas plantações.

—O que admira é como a authoridade do logar consentiu semelhante cousa.

—Mas que quer si ella tambem é interessada?

—Tudo se hade ver nesta terra. Cada um procura sua conveniencia, embora com soffrimento do povo.

—A camara que tome ás medidas necessarias.

Chama-se attenção a camara que lança as vistas, da Agua de meninos até S. Francisco de Paula, a lama que conversá constantemente, que não se pode transitar senão em cima dos Trilhos, se vier algum Wagões como tem acontecido, não ha remedio sinão lançar-se a lama para não ser machucado. Assim entenderão os Senhores desta terra os Directores da Companhia Vihiculos Economicos.

Um Queixoso. (*)

(*) O author deste á pedido recommendou que fosso publicado como estava escripto.

—Capitão, ouvi hontem á noite em uma conversação de conservadores, que o Dr. Pedro Caetano, delegado do 1.º districto, vae ser nomeado juiz de direito, e que será nomeado para a delegacia o Sr. Dr. Altino Rodrigues Pimenta.

—E a quem nomearão para a subdelegacia da Sé, em logar do Dr. Altino?

—Disseram que ao Sr. Francisco Leonardo da Conceição.

—E' uma *boa*... escolha.

—Capitão, um caso que revolta.

—Queira contar.

—O Dr. Baptista dos Anjos, indo ao convento de S. Francisco encontrou lá um rapaz pardo, que tinha sido escravo do convento, de nome João Florentino, de quem se agradou.

Esse rapaz, o convento libertou pela quantia de seiscentos mil réis, que elle offereceu para gozar de sua liberdade.

—Conte logo o caso, e deixe-se de floreios.

—Não estou floreiando. Para V. Ex. avaliar o facto, é necessario que o ouça de seu principio.

—Prosiga.

—Tendo o Dr. Baptista se agradado do rapaz, chamou-o para seu creado, proposta que foi acceita.

Ora, como a natureza humana é fraca, succedeu que uma das famulas da casa inspirasse ao rapaz sympathia, ou mais alguma cousa; sem comtudo dar escandalo, nem desrespeitar a casa de seu *bemfazejo* amo.

A senhora do Dr., não sei porque, embirrou e fez com que o marido mandasse a rapariga para o Rio Grande do Sul, vendida.

Depois, entendeu ella que devia tambem deitar para fora de casa o rapaz, o que obteve de seu marido.

Mas ainda não ficou somente ahi a cousa.

O rapaz empregou-se n'alfandega, feito trabalhador; mas não estava satisfeita a vingança.

—E foi recrutado, não é?

—E' verdade. O homem foi ao chefe de policia e disse que o rapaz tentava contra sua vida. O chefe mandou chamar o pobre coitado n'alfandega e o recrutou.

O guardião empenhou-se pelo rapaz, pediu, rogou e não foi attendido; o capitão Camillo, do batalhão da Sé, a cuja companhia elle pertencia, requisitou-o, por ser até um guarda prompto, e não foi tambem attendida a sua requisição!

Cahiu doente o rapaz de rheumatismo, em estado de não se poder mover; mas ainda assim seguiu no domingo, 16, porque havia ordem para elle embarcar, embora fosse carregado n'uma padiola!

—Com effeito! Grande accusação fez o Dr. ao pobre homem, que as authoridades saltaram por cima de tudo, só para ver o infeliz marchar para o matadouro do Paraguay.

—E isto não é nada. Os medicos o julgaram na inspecção incapaz do serviço da guerra!

—Oh! oh! Pois o Dr. Baptista dos Anjos que já está no ultimo quartel da vida, por pequeninos caprichos de sua mulher, tornou-se em carrasco do seu proximo! Um medico que devia ser humanitario!

—Faltou á verdade perante a sociedade e perante Deus, constituindo-se accusador de um homem, que não lhe tinha o menor odio, somente para satisfazer a vontade de sua mulher!

E um homem desses não se lembra de que ha de apresentar-se um dia perante, Deus a quem elle não poderá enganar!

E um homem desses não pensa nos castigos eternos!...

Perdoai-lhe meu Deus, elle não soube o que fez!

Sr. João Vieira, guarda da 2.ª divisão dos menores do arsenal de guerra, responda, ja que é tão audacioso, si é verdade o magnetismo do relogio do Sr. Firmino, dono da casa de charutos na rua Direita de Palacio, o qual foi empenhado por 10$ rs.

A ser verdade, o Sr. director Paranhos não deve consentir empregado com tão boas qualidades, á vista do procedimento que tem tido para com outros que não são dotados dellas.

O calumniador.

VARIEDADES

CHARADAS TIBURCIANAS.

Come a creança (2) e come o cavallo (2) na gaiolla.

—

Na cabeça das velhas (2) martyriso (1) o paraiso das moças.

—

Avistei (1) um pronome (1) na base de um homem (1) correndo entre montes e rochas (2) de que Deus me livre.

AMAR QUE TEMPO E'?

Perguntavam a um escholar que se examinava em grammatica:

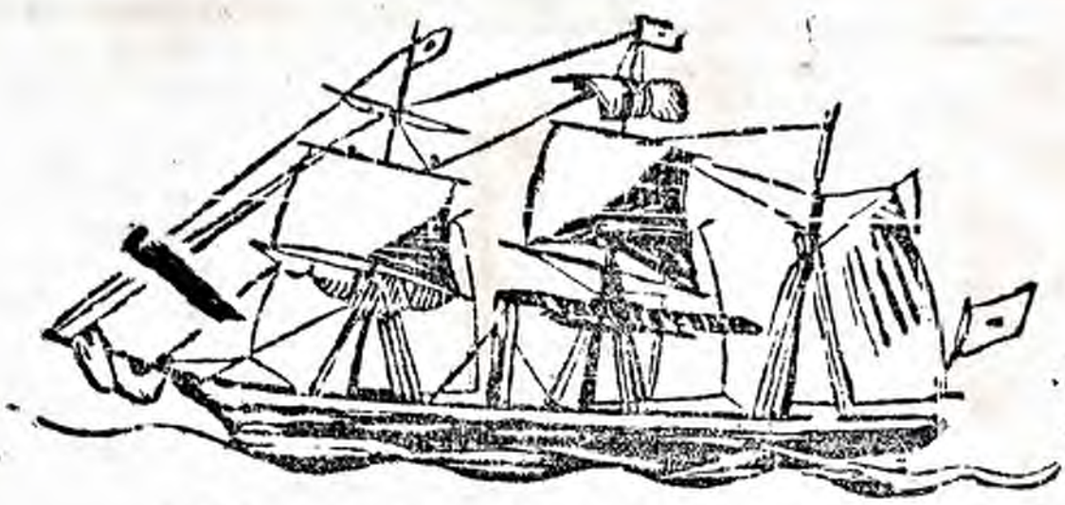
—Sabe as conjugações dos verbos?

—Sei sim, senhor.

—Muito bem; que tempo é *amar*?

—Tempo perdido, respondeu promptamente o examinando.

Talvez dissesse a verdade.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 52
Preço á assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 29 DE MAIO DE 1869. Ns. 510 e 511.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santa Anna, dizendo-lhe que torna-se de urgente necessidade acabar com uma jogatina pertencente a um tal Santos, no becco do Mocotó, uma vez que os *parceiros* que la vão são todos gente da pá virada que pela menor duvida está *travando* e pondo a rua em alarma.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, communicando-lhe que, na quarta feira 25, defronte da fonte do Xixi, houve cacetada por *borra* e facas fora, proveniente de rixa travada na casa de jogo de um tal Cypriano, sendo de admirar que o infernal alarido que fizeram os contendores não fosse capaz de despertar um unico agente da authoridade e da força publica! Para evitar casos tão desagradaveis, cumpre que S. S. mande ir á sua presença o dito Cypriano e admoeste-o para que não continue com semelhante germen de continuadas desordens.

—Ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, participando lhe que causa risco transitar á noite pela rua da Mangueira, freguezia do Sant'Anna, porque, além de estar ella actualmente convertida em atoleiros, permanece constantemente em trevas, devido ao descuido do accendedor; motivo por que pede-se a S. S. tome serias providencias á respeito.

Portaria ao Sr. emprezario do theatro, dizendo-lhe que a severidade de sua economia não deve estender se ao ponto de conservar o theatro em trevas até depois das sete horas da noite.

—Vejam só isto!

—O que é?

—Como se vende ao povo semelhante lazeira!... uma perfeita carniça!

—E' intoleravel!

—O povo o que devia fazer era leval-a de presente a quem tem culpa de que se esteja a metter-lhe na barriga semelhante peste.

—A policia anda desenfreada!

—Ella que deve ser um elemento de ordem?

—Para V. ver. Os soldados vivem a promover disturbios, a atacar a propriedade alheia; a commetter quanto desmando ha.

—E são os mantenedores da ordem!

—Sem commentario, ouça o seguinte facto e julgue:

Domingo, 23, o açougue de José Firmino de Oliveira, á Baixa dos Sapateiros, foi assaltado por uma escolta de policia, composta do cabo Evaristo e quatro praças mais, sendo uma dellas o soldado Gabriel de Amorim e Silva, as quaes, por calculado proposito, pediram duas libras de carne e á pretexto de que ella estava podre, lançaram mão de toda

que existia no talho e atiraram ao chão, findo o que estenderam-se em linha na porta do mencionado açougue, á impedir que o povo entrasse nelle para comprar!.

—E' um acto de ousadia e immoderação!

—Ouça até o fim.

José Firmino, correu immediatamente até o chefe de policia a quem expoz o insulto que acabava de soffrer, o attentado gravissimo que contra sua propriedade se tinha perpetrado, e quando esperava que a insolencia dos turbulentos, apadrinhados com a farda de policia, encontrasse um paradeiro, na austera severidade da authoridade superior, viu, cheio de pasmo, reproduzir-se o acto de revoltante vandalismo contra sua casa de negocio!

Na quarta feira, a mesma escolta, commandada ja por outro cabo, foi de novo atacal-o e commetter os mesmos excessos de devastação!

—So de proposito!

—Eu quero dar de barato que a carne fosse má, que estivesse mesmo podre, por que ao povo se vende carne podre sem escrupulo, mas por ventura são os soldados de policia os competentes a tomar conta disso?

A municipalidade não tem os seus agentes?

—A continuar em essas investidas contra o direito e propriedade, onde iremos parar?

—Pois os soldados de policia devem se tornar em bandos de flibusteiros a aggredir a segurança e a propriedade alheia?

—Meu charo, convença-se, nesta terra a policia é tudo: o mais infimo esbirro dispõe a seu bel-prazer da liberdade, propriedade e até da vida do cidadão.

—E elles, cuja é missão garantir, são os primeiros a dar o exemplo da pilhagem e do saque. Muito bem!

—V. conhece o Santos?

—Um, cujo estado normal é estar sempre *chumbado*.

—Esse mesmo.

—O que fez?

Na quinta feira, *xilrado* a não poder se aguentar, andava com um soldado de policia, atraz de si, a commetter mil desatinos: espancando mulheres, prendendo meninos, batendo em portas, etc.

—Muito bem vae a policia desta terra, quando um desalmado daquelles, ja dispõe da força publica!

—Confiar um soldado a semelhante desvairado, é o mesmo que entregar um sacco de pedras a um doido furioso.

—Mais doido do que elle, é quem o authorisou.

—Em quanto que muita vez, para um caso grave, reclama-se o auxilio da força publica e ella nega-se.

—Ao passo que Santos questiona com Julio Feijoada, em uma venda, vae ao destamento da policia com a maior facilidade, toma uma praça para prender ao seu contendor, que se escama, e depois sahe com ella, a praticar quanta loucura ha.

—Um sujeito trepado na columna do gaz.

Aqui no Terreiro dão-se boas cousas; ja outro dia serraram uma arvore.

Ao menos agora que ha patrulha por causa do palanque, devia haver mais vigilancia.

—Mas V. não vê que o individuo que está trepado é justamente um soldado de policia?

Ah! agora é que estou reparando.

O homem é dotado de genio prestativo; subiu para dar fogo áquelle grupo que quer accender os charutos.

—E como nao acerta para fechar o lampeão, bate com o refle.

—Hoje não é terça feira?

—Até agora, que está dando meia noite.

—Pois tome nota de mais essa.

—Notavel incoherencia!

—O que ha?

—Cousas deste mundo!

Emquanto Pio IX, o ministro de um Deus de paz e amor, o chefe da religião d'Aquelle que expirou no Calvario para remir os homens, assigna sentenças de morte contra Mongoni e outros compromettidos politicos; o lutherano rei da Suecia, Carlos XV, nega-se a assignar uma sentença de morte pronunciada contra uma mulher envenenadora por um tribunal do paiz!

—Que differença!

—O rei declarou nessa occasião que, para o futuro não terá logar nenhuma execução capital no seu reino, e que, si a pena de morte não está nelle abolida de direito, quer que o seja de facto.

—Agora, pergunto eu; qual dos dois cumprem a doutrina do Homem Deus, prégada na terra; o *Santo Padre* que não sabe perdoar á fragilidade humana, ou o rei protestante que comprehende que não é licito punir um crime commettendo outro crime?

—E eu, para não ser fulminado por alguma *excommunhão maior*, nada lhe respondo.

—A seguinte carta de amores é muito fresquinha, segundo se vê pela data, e muito divertida pela franqueza do *amolador*:

«hoje 24 de maio de 1869

«Eu desejo fallar com Voçe as 7 horas da

noite não areparo o eu saver o seu nome.

mando perguntar-se vonce no Dumingo receveu um pandenlo desejo saver da resposta deste esCrito quero que me mande um cavelo para encastoar em uma figa para mandar mesmo para la.—*J. A. de F.* um seu grido do coração Marocas do ceu.»

—Esta cartinha ao menos tem o cunho da novidade; o tal cujo quiz logo da primeira vez que escreveu fallar as 7 horas e deixou no rol do esquecimento o velho e usual modo de assignar—*O mesmo*.

—Eu faço ideia que rescendente almiscar de chalé não deixaria nas mãos da moça a carta do seboso taberneiro.

—Fomos obsequiados com um excellente trabalho artistico, obra do distincto artista José Lauro d'Azevedo, o qual acha-se nesta typographia a disposição das pessoas que o quizerem admirar.

Agradecemos ao Sr. Lauro a sua offerta.

O SECULO DAS LUZES, E A CIVILISAÇÃO DOS MODERNOS.

Nas gazetas, nos livros, nas tribunas, nos salões, nas sociedades particulares, não se ouve sinão a estufada bazofia e soberba com que dizem os impostores da moda--estamos no seculo das luzes, estamos no apuro da civilisação!!! Mas pergunta-se a taes enthusiastas em que consistem essas luzes? Em repetir com trocas de palavras o que outros ja disseram, em copiar do francez e dizer que é invenção, em intopir um folheto de palavras, e fazer um rodeio de meia legua para andar dois passos, nestes pasteis modernos, que se chamam romances, onde ha uma cascaria immensa de folhado de eloquencia prolixa, e apenas se acha dentro uma oitava de substancia, ou carne para alimentar o estomago da sciencia. As luzes deste seculo tem clareado os vicios, e escurecido as virtudes, o que antigamente se chamava malvadez, hoje se intitula heroismo, ou cavalheirismo; o amante procurava vencer com mimos, com ternura, com docilidade, hoje ao contrario é com pirraças, com traições e por fim com polvora e bella; o theatro era a escola de moral, hoje é a aula de corrupção, representavam-se as virtudes das mulheres briosas e honestas, mas isso está substituido com as patifarias das Lucrecias Borgias e outras que taes! Que bellas luzes para illuminarem as cabeças das moças do tempo!!!

As luzes do tempo tem infundido um espirito de velhacaria quasi em todas as classes--o commercio tudo vende podre e falsificado;--as artes tem retrogadado, a lavoura tem diminuido, apenas tem crescido a ladroeira, e os vicios em geral.

Grandes descobertas, dizem as luzes modernas, grandes invenções tem se feito; mas quaes são ellas? Substituir papel falso por oiro verdadeiro.

O proprio vapor, essa invenção tão decantada, não sei si a despeza que faz e vigilancia que exige, compensam o proveito que resulta da presteza e diligencia.

A medicina, que sem duvida é a sciencia mais util aos homens; ainda fluctua n'um completo mar de enganos, um sustenta que tudo são inflammações, outro que tudo são humores, e la esgota o doente com purgantes até pol-o óco; outro vem com homœopathia curar com pingos d'agua, e outro virá breve que queira curar tudo com particulas de vento. E os doentes continuando, os defuntos sem conta! Ondo está então a utilidade de tal medicina?!!!

Em encher as algibeiras dos medicos.

Na escuridão dos seculos passados, em quanto não tinha aparocido esta lua cheia da sabedoria, os homens estupidos daquelle tempo faziam obras tão solidas, e tão fortes que duram ainda perfeitas até hoje; ao contrario no presente tudo é fraco, tudo ridiculo, a casa é tão mal edificada, que em quanto se preparam as paredes, e a cumieira, ja os alicerces estão alluidos e fracos, porque a cal é indigna, o pedreiro trabalha enganando, e o mestre que hoje serve de architeto, então nem prestava para servente. As mulheres, em quanto crianças ou moças, eram criadas ao pé da almofada para cozerem, e socegarem o espirito, hoje incostam-se a janella para verem os macacos petimetres que passam botando a luneta, e por isso vemos guapas mães de familia que sabem lançar, tocar, desenhar, bordar, rabiscar, politicar etc. etc. e só não entendem de criar os filhos, e nem de tomar um ponto de meia, porque isto são trabalhos enjoativos que só usavam as velhas do tempo xôco em que se resava o terço; as senhoritas da epoca só querem se occupar em ler suas novellas, assistirem aos suarés, tomarem banhos salgados pela festa, e algumas fazerem certas vadiações bem amargas para o dono da caza.

Porem isto não se pode criminar, porque estamos no tempo da liberdade, e esta palavra presentemente é um breve para cada hum fazer o que quizer.

Á PEDIDO

Esta noite toda inteira
Com certa cousa sonhei,
Julguei estar desfructando
Uma cousa que eu ca sei.

Com moças não quero graças,
Ja dellas me retirei,
Ellas so querem da gente,
Uma cousa que eu ca sei.

De rapazes petit-maitres
Comportas não ouvirei,
Elles so querem pregar
Uma cousa que eu ca sei.

Com os empregados publicos
Jamais eu contenderei,
Pois elles dizem com berros
Uma cousa que eu ca sei.

Dos padrecos mandriões
Conselhos não tomarei,
Suas doutrinas propagam
Uma cousa que eu ca sei.

—O fiscal geral só tem olhos para ver certas cousas.

—O que lhe faz conta, quer V. dizer.

—Isso é que é verdade. Cousa que renda; la quanto a bagatellas o homem não dá por ellas..

Ora por exemplo, um dia destes foi infundadamente multar em 20$ rs. um proprietario que está edificando uma casa na rua do Bangala, mas passou pelo Guadalupe, e não sentiu abalo ao ver o immundo estado da bocca de lobo que ha na subida da ladeira da Palma, onde a excrescencia ja tomou posse de metade da rua.

—Pois a fedentina não foi capaz de despertar-lhe o faro?

—Nem isso; o homem anda absorvido em cousas que *interessam* mais.

—E o povo que vá soffrendo e a saude publica perigando!

Está direito!

—O' amigo, V. por aqui? Como vae?

—Massado.

—Isso é mau.

—Homem, V. saberá dizer-me onde poderei encontrar o afferidor de pezos e medidas?

—No seu escriptorio.

—La ja tenho ido eu quatro vezes debalde.

—Tinha negocio com elle?

—Queria afferir uns pezos; entretanto ando sempre desencontrado do homem!

—E arriscado a uma multa...

—E' verdade, por que não hei de parar o meu negocio; ao passo que o fiscal não quer saber de quem é a negligencia. Notando que so em ganhador ja gastei 2$ rs.

—Mas não ha um tempo certo para as afferições?

—Para os que ja estão estabelecidos; porem eu que abri o negocio agora, não havia de ter pezos afferidos de prevenção.

—Tem razão, neste caso resigne-se com a vontade de quem pode.

—Capitão, sem mais preambulos venho hoje perante V. Exa. levantar a outra ponta da capa, que encobre a hediondez dos actos do tal *Mellorio* afim de apresental-o em espectaculo ao respeitavel publico.

—Faz muito bem em não vir com preambulos, por que, alem de ser inimigo de prolixidades, não estou hoje para massadas..

—Vá feito e sem preambulos. O *Mellorio* era um pobre tabareusinho, que appareceu nesta cidade na qualidade de simples caixeirinho, e não sei por que principio começou a frequentar, não a casa de um respeitavel ancião, que foi honrado commerciante desta praça, e sim as lojas do sobrado em que morava o dito ancião, e onde tinha creação de vaccas de leite, si bem que affirmam algumas pessoas que o *Mellorio* ia comprar sua meia medida de leite, sendo certo que elle praticava todas as baixezas, para agradar ao velho, ja catando os carrapatos dos garrotes, e ja lavando as tetas das vaccas; e quando entendeu, que tinha captado a benevolencia e affeição do velho, um dia contou-lhe a historia de sua vida, e disse-lhe que seria feliz si elle lhe desse a mão da *filha* mais velha em casamento, afim de que elle podesse estar sempre a seu lado, ajudal-o em seu trabalho, cumprindo assim com os deveres de um bom filho; o ancião que já lhe tinha alguma sympathia, e que tinha quatro filhas moças, disse-lhe que consultaria a filha, e lhe daria a resposta; e em poucos mezes estava o *Mellorio* casado, morando com o sogro, e serrando á direita e á esquerda.

—Nisto deu elle provas de que era macaco velho, porque quem é tolo para si pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue.

—Passados annos, morreu o velho, e então já era tempo do *Mellorio* levantar a cabeça, e pôr em pratica suas gentilezas; tratou logo de captar a benevolencia e confiança da velha sogra, agarrando-se a ella como ôstra ao rochedo, bem como o havia praticado com o fallecido sogro, e, isto feito, chamou a si os dous cunhados, asseverando-lhes que elle podia fazer tudo no inventario em proveito delles trez, visto como o juiz de orphãos, que então se achava na vara, era seu patricio, seu compadre e seu amigo, quando aliás devia dizer de quem elle era despresivel adulador, e miseravel capacho (não fallo nas duas cunhadas, porque ellas representavam o papel de innocentes ovelhinhas, sujeitando-se ao querer do cunhado, e dos dous irmãos) o certo é, que esses trez meninorios pucharam brazas para suas sardinhas, como quem não queria a cousa; e assim havia de acontecer, porque a pobre velha assignava os papeis, que elles lhe apresentavam, e um outro herdeiro que havia no casal: e que podia se oppôr sobranceiro a essas miserias e infamias, nunca se apresentou pugnando pelos seus interesses, deixando assim o campo livre para toda casta de esperteza; e ao bel-prazer dos trez concluiu-se o inventario, tocando ao *Mellorio* a melhor das casas terreas, além de ficar com todos os papeis de dividas, de que agora diz que nada se cobrou, porque taes papeis caducaram.

—Homem, elle que diz, é que é verdade, e não tendo-se cobrado hão de existir esses documentos de dividas, pois elle sendo tão vivo não os havia de inutilisar.

Passados annos, o *Mellorio* constituiu se feitor do immenso quintal; ou pequena rocinha do sobrado, e vendia tudo quanto ella produzia, até mesmo folhas de bananeiras, e então orgulhoso dizia a todos—com esses lucros por mim agenciados é que se fazem as despezas diarias.

—Fazia elle muito bem, isso é o que se chama um no papo, e outro no sacco. Deus ajude a quem trabalha.....

—E eu peço a Deus que me não desampare, e que nunca me ajude com o alheio.

Como ia dizendo, passados alguns annos

morreu a mulher do *Mellorio*, porem elle sempre agarrado ao costado da pobre sogra, e eu não sei com que ordem, d'ahi ha annos, vendeu uma casa para pôr no peito o seu quinhão, e o de um filhinho de quem herdou, e eu estou doudo por saber onde se acham recolhidos os quinhões das duas filhas menores, e si o tal *papa-engole* tambem roeu esses dous biscoutos.

Capitão, eu estou um pouco cançado, portanto deixemos para amanhan a metralha grossa, que é a morte e inventario da sogra, as contas apresentadas por elle e pelo cunhado, e a celebre declaração.

(*Continúa.*)

Exm. Sr. capitão do *Alabama*.—Diz a inquilina de uma casa que, achando-se o proprietario ausente, a ella compete pugnar pelos interesses do mesmo.

Estando a se concertar uma casinha em Nossa Senhora d'Ajuda e como ninguem ignora, não podendo essa casa ser mais larga no alto que na base em que foi edificada, sendo um defeito, que de nenhuma maneira pode ser tolerado por ferir o direito de propriedade alheia, espera se que S. Ex. por seu despacho ordene ao dono da obra que faça retirar a ponta da teça que deitou para cima da parede da casa do meu proprietario, assim como que rectifique tudo mais que não estiver em ordem, sendo para mais garantia obrigado a levantar sua parede a altura conveniente, não lhe sendo penoso, por ser bastante rico, e mostrar com isto que não estamos ainda no tempo do communismo:

P. a V. Ex. deferimento favoravel afim de não haver replica que faça reviver factos ja esquecidos:

E. R. M.

—

Remettido ao engenheiro da camara para dar as ordens necessarias, afim de evitar polemicas.

SONETO

Feito a um petit-maitre, mui pedante, que suppõe namorar uma moça bonita, a qual nem de manhan cedo, quando accorda, se lembra delle.

Ora quem gostará daquelle tollo,
Quem será a pateta tão pastrana,
Que não veja que delle so emana,
Disparate de casco sem miollo?

E inda teima com garbo o tal carollo!
Quem me dera ja podre uma banana,
Para do asno, que tanto trapo empana,
No nariz lhe fazer um grande bollo.

Impostor, papellão, nescio farçola,
Vae procurar ao menos teus parentes,
Não gosa sedas, quem nasceu p'ra sola.

Hade a moça te pôr tres ovos quentes,
Hade pôr-te a corôa na caxolla,
Das flores animaes que fazem pentes.

—Capitão, ainda volto sobre o facto do desventurado João Florentino.

—E eu estou prompto para ouvil-o.

—O commandante do batalhão participou o occorrido ao Exm. marechal commandante superior, e foi pessoalmente ao presidente, que era o Sr. S. Lourenço, pedir a soltura do guarda de seu commando.

Quer saber agora V. Ex. a resposta que lhe deu o presidente?

Ouça:

« Que não podia soltal-o, porque não era possivel deixar de servir ao seu amigo o Sr. Dr. Baptista dos Anjos, com quanto conhecesse ser um capricho delle; mas havia de servil-o, pois ja lhe tinha promettido. »

—Oh! oh! oh! E' de mais.

—Uma pessoa interessada, requereu ao presidente a soltura do infeliz Florentino, e teve o seguinte despacho:

« Em vista da informação do chefe de policia, não tem logar. »

Indo para o Rio o Sr. S. Lourenço, deixou-o recommendado ao seu successor, que não podia deixar de servil-o.

—Escandalo dos escandalos!

—O commandante superior, em vista da requisição do commandante do batalhão, officiou ao governo requisitando o guarda, e teve em resposta que ja havia embarcado.

—Como é que, por caprichos, como reconheceu o proprio presidente, desconhece-se os direitos de um homem, salta-se por cima de todas as considerações, calca-se a lei, com tanto que se satisfaça pequeninas paixões de amigos!

—Tem razão, capitão; isto é um escandalo; porem escandalo este que deve ficar registrado, não n'essas folhas politicas que, si hoje censuram o governo que está, amanhan elogiam o que sobe; mas na gazeta de V. Ex. que censura a qualquer, seja de que politica for, quando elles calcam as leis e escurecem os direitos do fraco, e que só os elogia, quando tornam-se d'isso merecedores.

—E' que eu sou do povo, e advogarei sempre a sua causa; bradarei sempre contra o

grando, quando pretender esmagar o pequeno e fraco!

—Bravo! bravo! Muito bem!

O MUNDO AS AVESSAS.

(*Continuação.*)

E' maluco—qualquer empregado,
Em exercicio de suas funções,
Si das partes não ousa exigir
Premios sempre com imposições.

E' maluco—todo advogado,
Tendo a causa d'um pobre cliente,
Si vendel-a não vai a contraria
Parte, prompta e mui cynicamente.

E' maluco—qualquer escrivão,
Quando a troco de grosso dinheiro
Não inverte de um processo os autos,
Com seus digos,.... sagaz e ligeiro.

E' maluco—quem por testemunha
A jurar é chamado, e la vae
Fielmente dizer o que viu...
A favor.... mesmo até de seu pae.

E' maluco—si acaso é politico,
E não usa mudar sempre a côr..
Si não é hoje liberal, ligueiro....
E amanhan puro conservador.

E' maluco—tambem o ministro
Que engrandece somente o paiz,
Si fazendo-lhe mil beneficios
Nunca cuida em roubar-lhe um so triz.

E' maluco—sendo deputado,
Si projectos mui bons apresenta;
Em favor do paiz e do povo
Sem crear-lhes uma lei cruenta.

(*Continúa.*)

VARIEDADES

O GALE'.

Sou um reu;—minha desdita
Na fronte me poz escripta
A maldição!
Fui castigado de um Deus
P'ra assim viver entr'os reus,
La na prisão.

Quando raia o almo dia,
Vejo tambem o meu guia
Co'a cara feia;
Me ordena com ligeireza,
Que eu faça bem a limpeza
Da cadeia.

Sou um ente malfadado,
Que o fel ha todo esgotado
Da desgraça;
Co'as sujas costas tão nuas
Passeio assim pelas ruas
E na praça.

De corrente atada ao pé,
Eis o viver do galé
Na calceta;
Minha vida é de horrores
Supporto mil dissabores
Na grilheta!

E, p'ra maior dos castigos
Fogem de mim os amigos
Do passado;
Me olham so com desprezo,
Caso não fazem do preso
Desgraçado.

Morro de fome—os malvados,
Estes tyrannos soldados
Tão cruentos;
Não ha p'ra mim piedade,
So vejo ferocidade
E tormentos.

Não tenho mais energia;
Esta masmorra tão fria
M'ha de matar;
Venha antes a guilhotina,
Nessa machina ferina
Quero expirar.

Mas, entr'os arcanos da dor
Tenh'eu fé no Redemptor,
Na salvação!
Creio no ceu.... no infinito!
Que importa ser eu proscripto?
Sou um christão.

CASAMENTO DESFEITO.

Estava um sujeito para se casar com a viuva d'um boticario; mas no dia da bôda apresentou-se a noiva na igreja com a cara tão cheia de carmim e alvaiade, e o corpo exhalando tantos aromas, que no momento em que o cura perguntou ao noivo se queria D. Fulana por sua esposa, o noivo respondeu que não.

—Pois então o que viemos a qui fazer? retorquiu o cura. Não tinha V. S. dito antes que se queria casar com ella?

—Isso é verdade; mas eu quero casar com a boticaria, e não com a botica.

FATALIDADE.

Communicam-nos de Milão, diz um jornal, o facto seguinte, que deverá servir de escarmento a todo o que troca ouro e prata por papel:

Um pobre mecanico chegou da America a Veneza, sua terra natal, depois de uma residencia de muitos annos na America, onde a-

juntara com muito trabalho o difficuldades 16:000$ em ouro.

Teve a malfadada idéa de trocar esse ouro em notas, pelo que recebeu do agio 2:000$ pouco mais ou menos.

Entrando em casa e indo despir-se deixou em cima da mesa esse dinheiro. Um menino que se achava ahi brincando pegou no dinheiro, sem que dessem por isso, e lançou-o ao fogo.

Quando o pobre mecanico conheceu o aniquillamento de sua fortuna, teve um tal accesso de furor, que dando um grande pontapé no innocente causador d'esse infortunio, matou-o instantaneamente.

Esse desgraçado, depois de ter visto em um momento esvaecerem todos os seus dourados sonhos futuros, acha-se hoje, de mais a mais, reu de policia.

ALMA PENADA

(LENDA POPULAR.)

—Dizem, vóvó, que a noutinha
Alem suspenço no ar,
Vê-se um medonho phantasma
Que faz a gente espantar...?
E, quando algum viandante
Pernouta nesse caminho.
Elle pede um Padre-Nosso
Ao seu ouvido baixinho...

—Credo em cruz! Ave Maria!
Ai meu Deus, que tentação!
Não fallés, minha netinha,
Não falles tão alto não.
Aquella sombra terrivel,
Que cresce, cresce no ar,
E' uma alma penada,
Longe dos ceos a vagar.
Não falles, que tenho medo
D'o que sei te referir;
Ai tenho passado noutes
Sem mesmo poder dormir,
Porem, si queres que conte,
Rezemos rezemos ambas
A nossa Salve Rainha!

.....

«Ha dez annos que morreu.
(Foi o cura quem contou)
Um homem tão renegado,
Que nunca se confessou.
Era o maldito oppulento
Tão cheio de presumpção,
Que recusou uns bentinhos
Da Virgem da Conceição.

«Só queria nos Domingos
Aos cercados conversar,
E quando o cura passava,
Não ia-lhe as mãos beijar.
Porem afinal morrendo,
Como morre uma preguiça,
Não deixou quatro patacas
Para dizer-se uma missa.

«Quando aquelle excommungado
A' sepultura baixou,
Chovia tanto que a chuva
Toda a cidade inundou.
E parecia que o *demo*
Nas azas dos furações
Era quem vibrava os raios,
Quem despedia os trovões.»

—Porem vóvó que fazermos
Para apagar-lhe o delicto?
—«Netinha quatro rozarios
Rezar depois de um Bemdicto.
Mas não é só isso, o bom cura,
Com pena do tal demonio,
Pede esmolas de dez missas
Aos servos de Santo Antonio.»

—Vóvó depois o phantasma
Não volta perdido, não?
«—Menina o padre me disse
Que pode ainda ter perdão.»
Então, vóvo, meus pombinhos.
Eu vou na praça vender,
«—Vae que os rosarios não bastão
P'ra tanto ao ceu merecer.»

Adeus! adeus! vae na guarda
Da cruz do Nosso Senhor,
Que eu vou p'ra o meu oratorio,
Cantar com todo o fervor.
Gallo preto, se a capella
Não fosse perto d'aqui,
Eu não deixara que um passo
Se desse agora por ti.

Juro que amanhã tres missas
Hei de ouvir com devoção,
E dar o dinheiro ao cura,
Tudo por tua intenção.
Mas em quanto vae á feira
E volta a minha netinha,
Pelo signal... Credo em Cruz,
Bemdicto... Salve Rainha!

Mello Moraes Filho.

DUAS SERPENTES E UM GATO.

O Messager Algerein conta o seguinte:

«Deu-se no deposito das *messageries impériales*, em Stora, um facto curioso. Um grande caixão contendo duas serpentes mandadas de Batua ao encarregado do jardim zoologico de Marselha, tinha sido deixado no deposito. Um gato curioso, que por alli passou, ignorando a especie de habitantes do caixão, metteu-se nelle. Mal entrára o pobre

bicho, quando os dous reptis se atiraram a elle. Vendo-o bem morto, trataram de traga-lo.

Uma das serpentes tentava engolir o gato pela cabeça emquanto a outra procurava fazer o mesmo pelo lado da cauda.

Está averiguado pelos zoologistas que quando uma serpente procura comer um objecto de certo tamanho, tal é a conformação de seu dentes que lhe não é possivel mais deixa-lo.

Succedeu, pois, que as duas serpentes se encontraram cara a cara; a operação ficou então suspensa, e essa posição extraordinaria veio a concluir-se de um modo bem curioso.

Por fim uma das serpentes fez um esforço desesperado, conseguiu engolir a cabeça da outra, mas ficou suffocada.

Para provar-se este facto conservaram-se em alcool as duas serpentes.

Os administradores do jardim zoologico de Marselha estão demandando a companhia das *messageries* por ter deixado as duas serpentes morrerem, e ao mesmo tempo o dono do gato pediu que ao menos se lhe desse a pelle deste, como um objecto de curiosidade.

ESCAPAR A' CRITICA PELA MERCÊ.

Um máu poeta levou a Pilon um volumoso caderno de versos, pedindo-lhe que os os examinasse, e marcasse com uma cruzinha aquelles que carecessem de correcção. Poucos dias depois, restituindo-lhe Piron o manuscripto, exclamou o autor muito ufano: — Que! nem uma só cruz!—Não, senhor, replicou Piron; pois julguei que fizesse da sua obra um cemiterio.

HORROR A' CALVA.

Um janota, todo presumido da abundancia e formosura do seu cabello, procurava todos os modos de fazer com que lhe reparassem nelle.

N'uma sociedade de senhoras, em que, por acaso, se fallou de calvas,—eu, exclamou elle, si chegasse a ter a desgraça de me ver um dia careca, arrancava os cabellos de desesperação!

PENSAMEETOS.

E' de si proprio contrario
Quem aceita ser depositario.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 44.ª folha do—RO-CAMBOLE.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO.

São convidados todos os Srs. Lyceistas a comparecerem no domingo, ás 4 horas da tarde, na rua do Tira-Chapeu, casa n. 3; afim de tratar-se da organisação do batalhão patriotico Lyceista.

SANTO ANTONIO ALEM DO CARMO.

A meza administrativa da irmandade de Santo Antonio além do Carmo, convida aos seus carissimos irmãos e mais devotos para no dia 30 do corrente ás 9 horas da manhan assistirem a benção da Imagem do Glorioso Padre Santo Antonio em sua matriz, e a missa que na mesma occasião se hade celebrar.

A Imagem ficará exposta a veneração no corpo da egreja até as 8 horas da noite.

Bahia 24 de maio de 1869.

O escrivão—*Antonio Aurelio da Costa.*

O Sr Ernesto José Duarte, pintor e sargento do batalhão de S. Pedro, tem uma carta na rua do Corpo Santo, loja n.º 78.

Fugiu da provincia das *Borrachas*, um *cavallo russo* o qual nesta cidade foi de *sella*, e n'aquella provincia andou de cangalhas, e occupava-se na conducção de bebidas alcoolicas; pelo que esvae-se das mãos, em consequencia de lhe ter aggravado o seu nervoso, o forte aroma dos mencionados liquidos, esse animalejo é *alto, conserva se* em *boas carnes*, terá meio seculo de edade, pois não ha recordação do tempo em que egualou, seu rinchar é affectado pelo que torna-se descompassado, e é tão manhoso, que, quando a carga é de mais, treme como se estivesse com sezões, e urina-se por si, como si soffresse de diabetis: ja foi visto pastando na horta do convento de S. Francisco, e ultimamente na cidade de Santo Amaro, por junto das casas de alambiques, sem duvida attrahido pelo cheiro que essas casas exhallam.

Quem o descobrir, pode leval-o pelo cabresto a entregal-o nesta cidade ao *Mellozo*, nos Tamarindeiros da Praça do Commercio, ou em Santo Amaro ao *Randólfe* nas immediações do trapiche de Cima, e por qualquer dos dous será generosamentegratificado com o volume ricamente encadernado do sublime romance que tem por titulo—*A verdadeira doação, ou o legitimo patrimonio de um Frade.*

Na rua Direita do Collegio, n.º 7, 2.º andar, precisa-se de uma ama de cosinha.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O

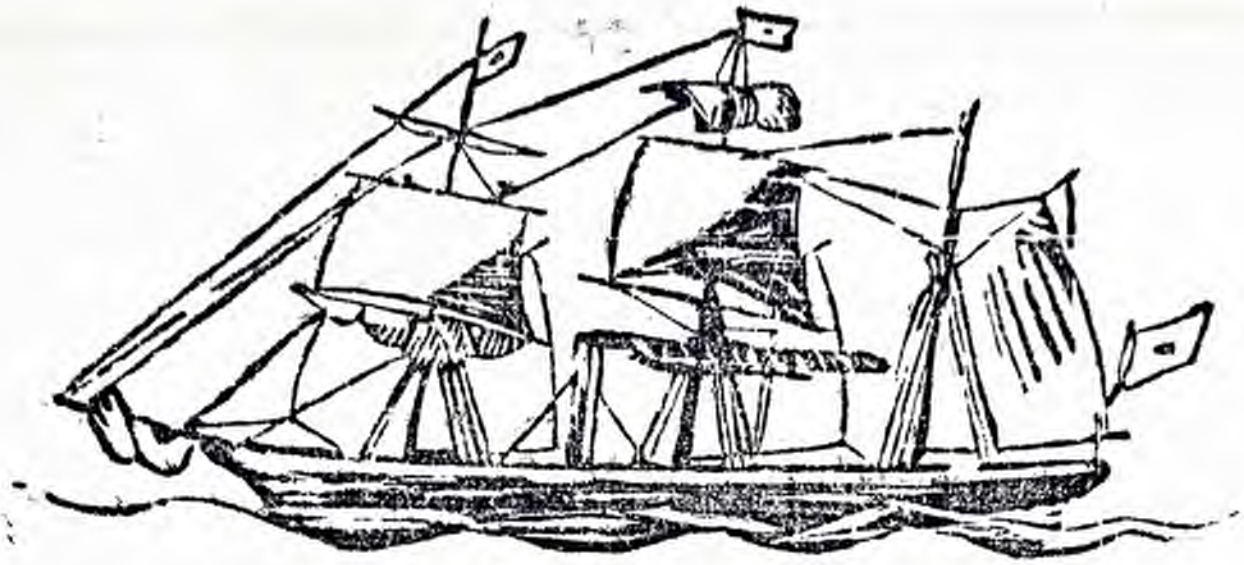
ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 48

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 3 DE MARÇO DE 1869. N. 476.

O ALABAMA.

Hoje que os governos monopolisam as recompensas do merito, hoje que o governo é tudo, e o *ministerio é o estado*, o cidadão benemerito, o patriota dedicado, quasi sempre, si não morre comendo o pão da charidade publica, arrasta pelo menos uma vida de privações, muita vez trabalhando com o unico braço, que as ballas respeitaram, para sustentar numerosa familia.

O povo, eminentemente generoso; o povo, de cujo seio sahem esses bravos, tem um unico meio, um unico recurso para esbofetear esses governos ingratos,—esse meio, esse recurso é entregar a defeza dos interesses da cidade áquelle mesmo que illustrou-se na deffeza dos interesses da patria.

O marechal Argollo, o bahiano intrepido, o bravo por excellencia, la volta do sul ferido, coberto de cicatrizes—recebidas em deffeza da bandeira nacional, o povo, os seus compatriotas apresentam-no candidato á deputação geral, querendo assim elevar nos seus hombros, como outr'ora os francos faziam aos seus heroes, a nossa primeira espada, o triumphador do Chaco, o terror dos paraguayos.

E porque se oppoem os conservadores á eleição do marechal visconde de Itaparica?

Nem ao menos pode esse partido politico guerrear-o como adversario nas ideias e, por tanto, o calculo mesquinho, a personalidade ridicula são a unica razão de ser d'essa opposição anti-patriotica.

O marechal Argollo é conservador, não é candidato de partido algum, por que é o candidato da patria, da gratidão e do reconhecimento do povo e contra esses sentimentos — ouçam-nos bem os illustrados membros do corpo eleitoral—não podem prevalecer as conveniencias pessoaes!...

Comparem-se os serviços dos outros candidatos com os do valente militar—pezem-se na balança da opinião publica dous ou quatro discursos futeis, que nada produziram em beneficio do paiz, e depois as batalhas, os combates, os assaltos, e a honra nacional vingada por entre o troar dos canhões, o sibillar das ballas e o retinir dos ferros sanguinolentos...

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de março de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que tome em consideração um ajuntamento de moleques, que ha todas as tardes no adro de S. Pedro dos clerigos, os quaes, capitaneados por um Florencio, escravo do pedreiro Benvindo, atropellam a quem passa com vaias e pedradas.

Espera-se do reconhecido zelo de S. S. pelo serviço publico uma medida correctiva para semelhante falta de respeito.

—Então vae a missa conservadora?

—Oh! ja ha rito conservador para se celebrar missa?

—A missa que os artistas conservadores mandam dizer, homem.

—Quando é?

—Domingo, no Bomfim, em *tenção* do marquez de Caxias.

—Ah! Hade ser um pagode de estouro.

Eu hei de apparecer; mesmo que quero conhecer quem são os conservadores artistas desta terra.

—As badernas, no sabbado á noite, estiveram *quentes!*

—A noite era propria.

—Em quanto a policia dormia, os estabanados velavam.

—E faziam das suas.

—Que duvida!

Um grupo de *estrovengados*, deu um *benificio* na porta da creoula Maria Athanazia, á rua do Bispo, e arrancaram-lhe a grade da porta.

—Alli perto do destacamento?

—Quasi defronte, tres casas de differença; e a guarda parece que estava surda e o sentinella cego!

—Mais os pobre soldados sustentam-se em dormir; não lhes pagam o soldo; andam mortos á fome.

—Na rua do Paço, pozeram as vidraças da casa do cidadão José Maria em migalhas.

—En'um caso destes é que, as vezes, accontece muita cousa.

Esses capadocios andam sempre armados; um homem, assim ultrajado, perde a prudencia, sahe para a rua e o resultado é uma desgraça a lamentar.

—No Maciel de Baixo pintaram *Simão* na porta de uma creoula chamada Rosa das Vellas.

Nem só maltrataram a mulher, como encommodaram a visinhança.

—A policia não tem força, não pode fazer nada.

—E' uma desculpa banal!

Si ella ao menos tivesse tres ou quatro agentes bons, no outro dia podia saber os nomes dos turbulentos e fisgal-os um a um.

—Como vae aquelle homem lavado em sangue! O que seria?

—Questões de jogo, no becco do Jogo.

—Nas Mercês?

—Sim.

O Antonio Cabocolinho, guarda nacional de S. Pedro, teve uma duvida com elle e quasi tira-lhe o tampo da cabeça.

—A policia não quer estender sua acção até as casas de jogo, por isso hade se dar destes casos.

—O ferido chama-se Erano; vae agora para o hospital militar para ser tratado.

—E o Cabocolinho, vocu?

—Ha que seculos!

—Homem, vejo dizer certas cousas a respeito do theatro.

—Que vae pessimamente?

—Justo.

—A empreza entregue á mãos inhabeis e que nenhuma confiança inspiram?

—E' verdade.

—Os verdadeiros artistas excluidos, em quanto uma porção de gralhas coaxam no decadente palco, massando o respeitavel publico com quatro e seis beneficios annuaes?

—Isso mesmo.

—A arte dramatica, outr'ora tão floresceute na Bahia, em progressivo decrescimento pela especulação de meia duzia, que se apatrocinam com a indifferença do governo?

—Tal qual!

—E' pena! mais não ha remedio.

—Si eu fallasse com o chefe de policia lhe diria—Sr. Dr., atire para fora do templo de Thalia esses phariseus. E' tempo de quaresma e Deus e a população lhe levarão em conta tão util medida.

—Hoje até os sermões de quaresma são o signal dos *rendez-vous de amor*. Ha sugeitinhos que desejariam elles eternamente.

—E' supposição sua. Quem vae ao sermão vae contricto com Deus.

—O Sr. foi á Misericordia domingo?

—Não.

—Ah! Por isso.

—Já sei que viu alguma cousa?

—De certo.

—Então diga.

—Nada mais, nada menos do que isto:

Uma jovem, encantadoramente loura, de olhos languidos e que tem a arte de dar-se uns ares de innocencia dos mais naturaes, trocava uns olhares com certo mancebo que se achava á sua direita, apezar de um pouco mais distante estar seu marido com grande attenção a escutar o sermão. Não sei si foi hallucinação de minha parte, porque ambos pareciam orar, mas eu julgo haver sorprehendido uns trocados de olhos, e uns apertos de mãos no borburinho da sahida, que me fizeram presentir uma certa intelligencia entre elles.

—E vão ver que cega confiança não tem

esse pobre esposo na exterior virtude de sua cara metade!

—Hontem reuniu-se o collegio eleitoral, que tem de eleger os dous deputados da capital, em sessão preparatoria.

—E' verdade. E o Lima Barbosa entornou o caldo.

—Como?

—Ora está! V. veio dar a noticia ignorando os pormenores.

Quando chamavam os eleitores do Pilar, para elegerem o presidente da meza, o maldicto maluco emprenhou a urna com uma lista.

—Ficou nulla, portanto a eleição.

—Pelo contrario, bem valida.

—E então?

—Um dos mezarios remexeu, procurou... procurou e tirou uma lista dizendo—é esta!

—E' direito .. naquelle sanctuario do voto livre, ha tanta homogeneidade, tanta uniformidade no pensar que a primeira vista se reconhece quem não é do gremio.

Á PEDIDO

«—Pague meu dinheiro, ladrão!

Hoje não te largo, gallego, ou tu me pagas o meu trabalho, ou vamos juntos para a casa de correcção.»

—Que é aquillo, *Sr. Guimarães*?

—Aquelle sujeito mandou o pobre artista que vae fallando fazer-lhe uma obra em sua loja, e agora não quer pagar-lhe.

—Quem é elle?

—E' um barbaças que tem loja no *corpo sanctificado*.

—Um que vende *barato*.

—E' este mesmo. Antes não fosse tão *barateiro*, e pagasse o suor de quem trabalha.

—Eu só sei dizer que assim é que se enriquece depressa.

—E' verdade. Ainda outro dia saltou aqui esse gallego com uma grosseira caixa de pinho, e ja hoje é negociante.

—Não sabe como se fazem estes milágres?

—Moeda falsa!... moeda falsa!...!!!

CONVERSA DO MARINHEIRO E O SOLDADO.

M.—Camarada, o que ha de novo?

S.—O que ha de novo, é que o velho tem dado o cavacão com a nossa conversa, e consta-me que elle nos quer responder.

M.—Elle que venha, que eu estou prompto á ouvil-o.

S.—E eu tambem, porque então lhe contarei uma historia de uma certa *arara* furadeira de parede.

M.—Que *arara* é essa?

S.—E' uma *arará* chamada *beija a mim* do matto dos *Vallasques*. Em algum tempo ja houve uma destas no Maciel de Cima, parede e meia ao conselheiro J. F. A.

M.—Ja sei que a tal historia não é boa.

S.—Assim parece.

M.—Porem, conte-me.

S.—Pergunte a elle como foi, e si elle não contar, então em outra occasião lhe contarei.

M.—V. só tinha isto para dizer?

S.—Não; temos uma citação que o velho ha poucos dias mandou fazer pelo official Albino.

M.—Qual foi?

S.—Para que a moça em 24 horas pagasse duzentos mil reis.

M.—Ainda elle quer dinheiro, sem ostrastes irem á praça? Estou vendo que o tal velho constituiu-se herdeiro da pobre moça.

S.—Isto não é ser herdeiro, é outra cousa que eu ca sei.

M.—Serão uns papeis com que sempre a noite o encontro na venda, parecendo um meirinho, com uma casaca de rabo de curió, e um chapeu de sol quebrado debaixo do braço?

Não parece um empregado publico!

S.—Aquelles papeis que V. vê são todos tendentes á apaixonada.

M.—E a noite tambem elle cita?

S.—Não, vae mostrar a sua malvadeza.

M.—Ora me deixe com semelhante velho sem pejo.

S.—E' preciso dizer-lhe que não se esqueça da divida do finado major Bastos.

—E' uma miseria esta companhia de vehiculos!

Os cavallos estão morrendo á fome.

—E chegam até a cahirem de cançados.

Na segunda-feira ia um enterro para a Quinta e os carros pararam mais de quatro vezes no caminho.

—Eu vi isto. Ora, eram os tirantes que arrebentavam; ora, eram os cavallos que mettiam os pés por dentro das correias, e por fim foi um cavallo do carro mortuario que cahiu exhausto de forças, gastando os boleeiros mais de meia hora para levantarem o phthysico animal.

—Ora borra para esta companhia.

—Amigo Sabino, sabes de uma cousa?

—Dize lá tu, que eu não advinho...

—Vou deitar *Mademoiselle Triangulo* no *Alabama*.

—*Mademoiselle Triangulo!* que diabo de nome é esse? é russo, hebreu ou chaldaico?

—Homem o nome não sei; mas a dona descende de uma guiné.

E' tua visinha do lado esquerdo, a minha *vis à vis* do n. 10.

—Mas que mal te fez essa infeliz?

—Sabe mais da minha vida, que o reverendo com quem me confessasse hoje pela manhan; e não contente com saber, anda diffamando a mim e a outras pessoas, só para dar que fazer a sua lingua de vibora.

—Bom! vamos adiante.

—Ella com umas negrinhas, suas eguaes, cortam-me na pelle que é um nunca acabar.

E porque? porque eu não quiz namoral-a —que gata! essa ex-namorada ao H. N. que vingou-se do sacrificio horrivel de fazer-lhe a côrte filando os pratos em que ella mandou-lhe o ultimo presente.

—Bom moleque!

—Bom? Pois hei de ainda ser melhor. Juro que toda a sua vida esse mono, essa cara de ran de pau podre, ha de lembrar-se de mim!

Até logo.

PARA O IM. E EXM. SR. PRESIDENTE LER, E PROVIDENCIAR A RESPEITO.

Sr. Redactor.—Continuando ainda o reprovado procedimento do Sr. capitão Fortunato Pereira Gallo, na comarca de Ilheus, pedimos-lhe que transcreva no seu conceituado jornal o que a seu respeito temos provas.

Ilheus 26 de fevereiro de 1869.

Veritas.

AO EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA.

Pergunta-se si pode ser conservado no batalhão n. 81 da guarda nacional da comarca de Ilheus o capitão Fortunato Pereira Gallo, eliminado do jury por ebrio, alem de pezar sobre elle muitos factos de grande alcance, como seja um assassinato na villa de S. Francisco, de que, segundo a voz publica, elle foi o autor; e cujo processo dizem ainda existir. Muito recommendamos este Sr. capitão ao Sr. Dr. chefe de policia.

O sentinella.

(Do *Diario da Bahia* de 17 de maio de 1864.)

(Jornal da Bahia.)

—Capitão, V. Ex. hoje não pode accusar-me de frouxidão.

Fiz uma boa colheita.

— Veremos.

—Aqui trago um typo excepcional de ladroeira, um cartaz da tratantice, um painel da falcatrua, um retabulo do cynismo.

—Que rolha!

—O nomo deste milhafre é uma perfeita antithese de sua identidade. Chama-se *Manuel Preguiça*, quando é mais ligeiro que uma lebre para o surripio e mais astuto que a raposa na sagacidade.

Sua vida é um mexido de aventuras que fazem honra ao mais fino e subtil empalmador.

Gallego de origem, como V. Ex. vê, é alto e tem bom costado para a taca do muxingueiro, e as espessas suissas, especie de piassava, que lhe povoam a estanhada chocolateira, podem muito bem ser arrancadas a tenaz e aproveitadas em cordas de amarrar boccas de saccos d'assucar.

Este gallego era um miseravel, pobre como Job; entretanto em menos de dous annos enriqueceu!

Fez uma viagem á Europa e quando para la partiu, ja deixou nos estabelecimentos 10:000$ rs.

Dez contos de reis, capitão, ganhos em dous annos, em uma taverna ao *Caes do Ouro*, a qual, tendo de ir a praça, foi balanceada e tinha em generos o valor de 600$ rs!

Mas quer V. Ex. saber como elle os ganhou? eu lhe contarei ao depois.

Voltando da Europa, não quiz mais taverna; deitou uma quitandola. Nesse cubiculo tem amoatoado uma fortuna espantosa.

A' quitanda de Manoel Preguiça era bem assentada o nome de *tasca do assalto*.

—Diga a razão.

—Aporta em Latronopolis qualquer navio; os marinheiros esbarram alli; entram bons e com dinheiro; la o vinho e mais alguma cousa os embebeda a ponto de adormecerem, quando acordam, estão despojados do que levaram.

Mas isso nada val em comparação ao mais que *Manuel Preguiça* tem feito para accumular tanto dinheiro, uma fortuna de 70 a 80 contos.

Preste-me V. Ex. attenção, e ficará estupefacto de ouvir quanta patranha, quanto roubo, quanta malicia tem este alarve praticado.

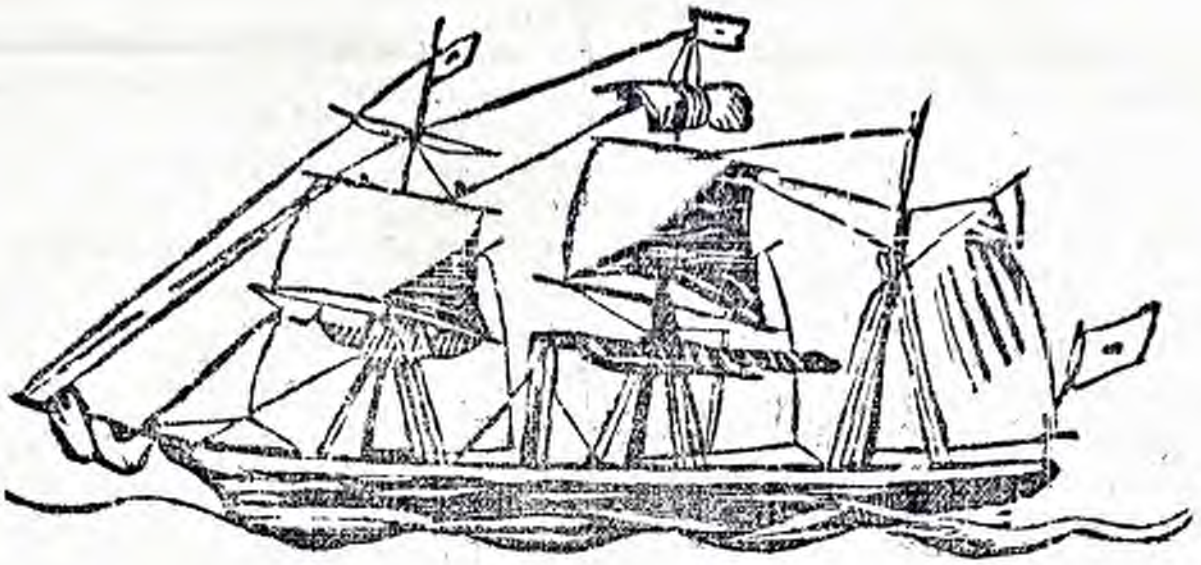
(Continúa.)

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as 10.ª e 11.ª folhas do ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS.

Quem quizer uma senhora viuva, capaz para serviço de casa, ou para zelar meninos, procure na ladeira da Misericordia n. 8.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 48.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 6 DE MARÇO DE 1869. N. 477.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de março de 1869.

Portaria ao aspirante-pedestre João de Deus, ordenando-lhe que passe a verificar a procedencia de 10 a 12 toneladas de carvão de pedra que existem em certa roça, cobertas com esteiras velhas, debaixo de uma *amoreira*, ao pé de uma *rocha*. Cumpra.

—Ao fiscal de Brotas, ordenando-lhe que se dirija ao Acupe, e passe a verificar si uma casa que se está ali edificando, fora do alinhamento, é com licença da camara, e não sendo, passe a impôr a competente multa ao proprietario. No caso de não querer ir á pé, pode montar no cavallo do fiscal geral, a quem tomará emprestado. Cumpra.

—Lê-se na *Opinião Liberal:*

«Gradação de estima.—O Sr. D. Pedro II visitou em *pessoa* ao visconde de Itaparica, *mandou* escrever ao visconde de Inhaúma e ao marquez de Caxias nem visitou nem mandou escrever.

«Entretanto todos tres chegaram doentes e o ultimo era general em chefe!»

—Encontrou-se terça-feira arrojado as praias do Pilar, junto ao trapiche do Fragoso, um preto morto.

—Precipitou-se de um sotão da 1.ª Prensa, cahiu sobre a ponte e rolou para o mar, é o que dizem.

—Que motivo teria elle para isso, meu Deus?

—Era louco. Estava preso!

—Tambem é grande indiscripção!

Conservar-se um doudo em um sotão preso.

—São destes factos, que a policia não perde nada, tornando-se minuciosa.

—Ora não vale a pena. Duas palhetadas e meia decide o negocio.

O medico observa o cadaver, declara que a morte foi por effeito de asphyxia e o corpo de delicto está completo.

—E muitas vezes.....

—Apre!

Tintura de cantharida, digitalis, scilla, uma onça de cada uma, repetida tres vezes, e

Poção atrophica de Magendie, repetida uma vez, pelo exorbitante preço de 8$ rs.!!!

—O freguez é bom, vamos a elle.

—Assim tambem não, safa!

—Não imponha preço na fazenda alheia.

—Nem tambem queira enriquecer a vapor.

—Ante-hontem, quarta-feira, a população desta cidade via estupefacta dous homens fardados de uniforme de policia, algemados, no meio de uma escolta!

—Que mal fizeram aquelles homens, que horrendo crime commetteram?

—Disseram-me que eram guardas de policia desertores.

—So por isso!

—Chamam-se Paulo José de Souza e José Celestino. Vieram accorrentados e algemados da cidade dos Lençoes.

Dizem que estes dous desgraçados foram victimas de martyrios corporaes, que nada deixam a invejar ás torturas da inquisição.

Um delles, consta, está quasi cego, em consequencia de uma certa untura que lhe applicaram nos olhos.

—E' muito canibalismo!

—O alferes José Giraldes de Aragão que os conduziu, está preso.

—E não deve ficar nisto. E' preciso punir os trangressores da lei, é preciso verificar os motivos que tiveram aquelles infelizes para desertar.

Sejam punidos pela falta que commetteram, mas tambem seja punido quem exorbitou de seus deveres; quem praticou barbaridades.

—Mas si os homens se apresentaram espontamente fiados no indulto imperial, que perdoava a deserção simples?

—Anda mais essa! alem da crueldade, uma infamia, uma quebra da promessa imperial!

—Camboatá é que suja agua; alma ruim é que faz visagem.

Veja quem havia de insultar ao conego Rodrigo, na tribuna sagrada!

—Rebutalhos de conservadores, gente *de encher numero*, eleitores que antes de entrar para a egreja, estavam na venda do Francisco *matando o bicho*.

—Que gente desenfreada! Nem a casa de Deus respeitaram!

—Quando o desacato vae até o templo, mal anda a cousa.

—Insensatos, esqueceram-se do logar aonde estavam, e somente se lembraram do desejo servil de prestar serviços a quem so se lembra delles nas occasiões de trepar.

—Estupidos, dão uma intrepretação odiosa ás palavras do orador sagrado e convertem o Templo do Senhor em lupanar!

—Mas coitados! é preciso perdoar aos obtusos, elles obraram maquinalmente.

—E' hoje o beneficio da insigne actriz A. J. de Macedo.

—O que leva ella á scena?

—*A Nova Castro*, *Laço de Fitas* e depois seguir-se-ha a estréa do artista pernambucano—Antonio Monteiro Vianna, que executará na sua maravilhosa clarinetta uma fantazia sobre motivo da opera *Somnambula*, por Ernesto Cavallini.

A actriz espera a protecção do respeitavel publico bahiano.

—E hade tel-a, porque os bahianos nunca recusaram coadjuvar á todos aquelles que recorrem a elles.

LA VAE' VERSO

A mulher desde o principio
Para o homem se formou;
Foi para as noites de frio
Capote que Deus mandou.

Ja o nosso pae Adão,
Por achar que era preciso,
Requereu mulher a Dens
P'ra viver no paraiso.

Passavam lá mui contente,
Sem bailes, dansas de pés,
Faziam suas funcções
Com beijos e cafunés.

Em vez de terem sorvetes,
Queimadinhos em papeis,
Tinham da fertil natura
Bellas uvas moscateis.

Em vez de ouvir contradansas
E instrumentos assoprados,
Ouviam dos passarinhos
Ternos e doces trinados.

Nem um, nem outro aprendeu
Latim, francez, allemão,
Fallavam só entre si
Linguagem do coração.

Não eram então precisos
Recibos e nem clarezas,
Andava a riqueza, o ouro
Tudo por baixo das mezas.

E si accaso urgente fosse
Contar de uma especie nova,
Eva de cór calculava,
Adão lhe tirava a prova.

E assim nunca entre elles
Houve demanda ou contenda,
Não precisavam ministros
Nem de casas de fazenda.

Mas deixemos em tal caso
Adão que ja está rançoso,
Fallemos do casamento
Que é pratinho saboroso.

O pae de familia honrado
E que tem circumspecção,
Quando entra em qualquer parte
Merece graduação.

Não conta este regosijo
Mesquinho e nescio solteiro,

Acaba comsigo mesmo
Qual torcida em candieiro.

So almas ferozes, brutas,
Insensiveis, sem ternura,
Podem negar que o consorcio
Não produz grande doçura.

Bem sei que mulheres ha
Que ninguem pode com ellas;
Mas essas, que vão p'ra rua
Suciar com as cadellas.

E' a mulher e o homem
A rolha e o garrafão,
Que quando a rolha não serve
Culpa é della, delle não.

Casamento de affeição
E' bello e suave estado,
Dá mais sustancia que um caldo,
E' mais doce que o mellado.

Dirão que o solteiro pode
Mil recreios desfructar,
Mas a fonte d'onde emanam
Tem peijo de declarar.

Quasi sempre está trahido
De phantastica illusão,
Não tem garantia alguma,
Que lhe affirme a duração.

Quando se julga seguro
Para mais e mais gozar,
Supporta cruel ciume
Vendo outro em seu logar.

O solteiro inda de edade,
Por mais serio enganador,
Os paes de-familia o julgam
Astuto especulador.

Os prazeres clandestinos
Não adopta quem tem sizo,
So trazem desgostos, raiva,
Molestias e prejuizos.

Entretanto que o casado,
Se encontra adversidade,
Tem sempre a seu favor
As leis da sociedade.

Quando o homem vem da rua,
De zangas apouquentado,
Desfructa junto da bella
As delicias do agrado.

O pae de familia morre,
Porém morre consolado
Com seus filhinhos a roda
Sinceramente chorado.

Á PEDIDO

E' preciso ter grande ousadia, ou muito cynismo para se ousar vir ante a opinião publica contradizer factos que estão na consciencia de todos!

Maria Salomé, foi publica e atrozmente espancada pelas creoulas Iguez, Euphrasia e Lucrecia, e estaria talvez hoje no outro mundo á não serem a pericia, desvello e charidade do Sr. conselheiro Dr. Magalhães.

Pelo corpo de delicto e exame de sanidade verificou-se que a infeliz Salomé estava gravemente offendida.

Sua vida correu perigo por mais de 20 dias, e dous mezes foram poucos para convalescer.

Entretanto, ha quem tenha o incrivel arrojo de apresentar-se na imprensa contradizendo a fé do respeitavel facultativo e a verdade do corpo de delicto!

Mas contradizer como? Com palavras banaes e sem provas.

O chamado processo que se fez, mandou em paz as delinquentes. Para honra porem da magistratura bahiana, o Sr. Dr. juiz de direito da 1.ª vara reformou o despacho de pronuncia. Aqui d'el-rei!

Os protectores das criminosas assanharam-se e por fas e por nefas procuram obter a reforma desse respeitavel despacho.

Mas enganam-se. Para isso procuram colorir o facto com côres menos carregadas.

O integerrimo juiz, porem, acostumado a só olhar para a lei, confirmará a sua luminosa sentença e o crime não zombará da acção da justiça.

Isto confia. *A verdade.*

—Venha ca, Sr. devasso!

—Com quem falla?

—E' com V. mesmo, Sr. capetão.

—Prompto, que ordena?

—Contas da sua velha biographia.

—Não me conhece? não sabe que sou capitão da guarda cidadan e que na comarca das *ilhas pequenas* sou uma das primeiras pessoas?

—Sei de tudo isso e por tal motivo é que quero lhe chamar á contas dos seus feitos.

—Não devo nada.

—Alto lá, diga-me o seu nome.

—Chamo-me *Afortunado;* habito em baixo de um pé de *Pereira* onde não canta o *gallo.*

—E' isso mesmo; seu estado, edade, profissão, e filiação?

—Filho de paes incognitos; profissão de arranjo, edade de 40 á 45 annos, estado amasiado.

—Adiante mais algum parente, que possue ou pessoa a quem tenha feito sua pilhagem.

—Tenho uma *roseira*, e da pilhagem um *macaco.*

—Vire folha.

—Mau vae o negocio.

—Não se assuste, meu descarado, que temos obra grande.

—Pessimo.

—Chegue aos primeiros pontos.

—Prompto em respondel-os.

—E' capitão da guarda cidadan por falta de homens; e talvez que em seus commandados, o tambor que é o peior cargo, seja seu superior, ao contrario estava, com o ferro no pé.

—Não me insulte.

—Infame! ouzas fallar em insulto! Tu que és o insulto da sociedade e que vives em continuadas bebedeiras, e ladroeiras? Quero conta d'aquelles cinco escravos que trouxestes, da D. Roseira Galinho, para o pagamento do Macaco nesta cidade.

—Meu querido, capitão isto é falso.

—Oh! ja sou teu querido capitão? Não foi no hiate *Antonio Santo* que tú e elles vieram.

—Misericordia, estou perdido.

—Agora estaes enganado vamos a resposta.

— Sr. capitão, tenho lhe respondido, porem me dispense por hoje de responder-lhe a isso.

—Faço-te a vontade. Muxingueiro, pega n'este devasso, e o prende com dois machos aos pés até a minha segunda ordem.

—Caminhe sô capitão do canto, ande sô larapio.

(Continúa.)

—Oh! *bella jardineira,* como tem passado?

—Aqui socada na rua das *filhas do rei.*

—Então que novidade traz por ahi?

—Apenas uma.

—Vá dizendo.

—Ha um hotel aqui, cujo caixeiro é um labrego de nome Manuel, o qual comprou uma occasião um sacco de farinha em mão de um pobre homem que negocia neste genero, por nove mil réis; mas quando teve de pagar embirrou o labrego, e não quiz dar sinão sete mil réis.

—Porem o homem foi bôbo, eu no caso delle empregava os meios judiciaes.

—Não ha meios judiciaes nesta terra, onde a justiça é movida pelo dinheiro.

Mas não ficou ahi a cousa, ainda foi mais adiante.

Passado tempos, o negociante de farinhas chegou de fora, e sabe o gallego que elle tinha trazido excellentes farinhas, mandou-o chamar e propôz-lhe a compra de dous saccos, convencionando em pagar-lhe cada um por nove mil e quinhentos réis, mas depois de ter gasto um e já principiado a gastar o outro, foi o homem cobrar o seu dinheiro, e teve em resposta do maroto que não lhe pagava sinão por sete mil e quinhentos.

O homem resolveu a levar o sacco que elle principiou a bolir, e pediu o dinheiro do outro que o tratante gallego havia gasto; mas este disse que não pagava sinão aquillo que elle quizesse, e não estivesse com muitas articulações, sinão o havia correr a cacete pelas escadas do hotel.

—Que desaforo de maroto!

Agora o sujeito fez mal em ter-se fiado no maroto, quando já tinha sido victima de um logro.

—O homem, coitado, queria vender seu genero e então julgou que o Vasconcellos já sabia da ladroeira do maroto e que o tinha reprehendido.

—E elle porque não conta o que lhe succedeu ao capitão do *Alabama*, afim de ver si mette o *gallegorum* no porão do navio de machos aos pés?

—Eu vou aconselhal-o para fazer isso.

—Então, charo Estevão, estás chispando? Compras roubos e não queres que se falle!

O que dizes sobre aquelles tres saccos de assucar agazalhados na quarta feira?

Não andes a dar por paus e por pedras, minha azemola, a querer saber quem te põe a calva á mostra, pois não o conseguirás.

Na rua dos *Tacheiros* és o bodegueiro madrugador. As tres horas ja estás de tasca aberta, á espera da colheita.

E o *Alexandresinho* que compra os gamados, gosta bem disso.

Continúa, continúa, meu rapina, que no dia em que menos esperares serás filado, e muita gente terá o gosto de ver esse cavaignac de bode, chamuscado á facho de agua raz.

A visinhança.

—A redacção dos *Defunctos* declara que mudou-se para a rua da *Independencia*.

—Ha contrastes bem caprichosos nesta vida!

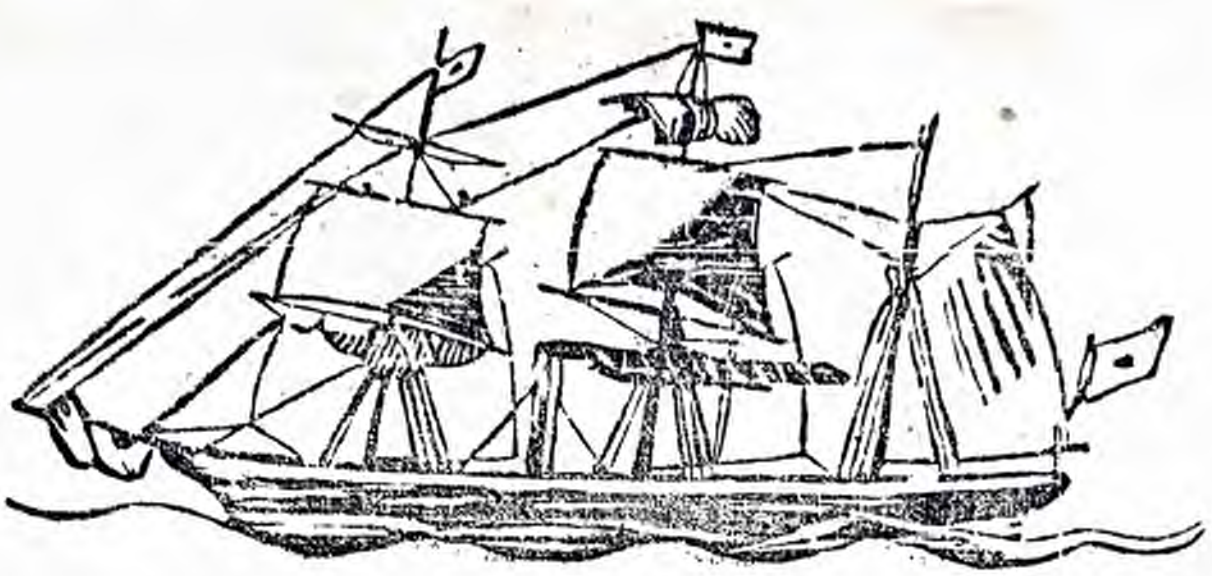
DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 12.ª folha do ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS.

A rua do Bom-Gosto da Calçada, n.º 7, se dirá quem compra prata, ouro, e tambem dá dinheiro sobre hypothecas de qualquer especie.

José Antonio de Souza Severo.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 48.
Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 9 DE MARÇO DE 1869. N. 478.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de março de 1869.

Officio á Illma. camara municipal, fazendo-lhe ver o pessimo estado em que se acha a rua do Areial de Baixo, na qual ha um sem numero de brocas e buracos, onde quem transita leva de continuo a esbarrar-se em risco de ir de ventas ao chão. Espera-se que a Illma. se resolverá a dar mostras de si.

—Ao Illm. Sr. Dr. juiz de capella, participando-lhe que communicam-nos que a meza da devoção do Senhor do Bomfim pretende vender á sociedade portugueza Deseseis de Setembro uma porção de terreno, em que se acham edificadas duas casas pertencentes ao mesmo Senhor.

Parece que a dita meza não pode realisar semelhante venda, segundo a verba testamentaria do doador dessas casas. Convem pois que S. S. fique de sobre-aviso afim de que semelhante venda não se effectue, pois consta que essa sociedade emprega exforços para tal compra, porque quer aformosear o seu hospital, com grave prejuizo do Senhor do Bomfim; tudo isso é devido, avançando-se, a querer o thesoureiro servir a amigos seus. Em vista pois do que acima fica dito, espera-se de S. S. providencias.

—Com mil diabos! Como pode viver um pobre nesta terra!

Compro quatro libras de carne, e o cortador safa-me logo tres quartas! Ora ajunte-se a isso a porção de ossos que elle arruma, e veja-se o que fica para tanta gente, como eu tenho, comer.

—Assim é melhor do que na estrada.

—Olhe o Sr. que todos os cortadores roubam no pezo, mas como este não.

—Quem é elle?

—O do talho 62.

—Onde é?

—Na Soledade.

—Mas é tão longe!

E o fiscal não ha de estar a se estafar.

—Mesmo que estou que, embora elle lá fosse, a sorte dos pacientes compradores não melhoraria.

—Capitão, certas cousas so vistas.

—Que ditas não se acreditam.

—E' verdade.

—Mas então que viu por ahi V. que lhe causou tanto espanto?

—Pois ha de crer V. Ex. que nesta cidade ja ha logares calçados com ossos e caveiras de gente?

—Suma-se, que não estou para aturar pêtas.

—Capitão, eu vi! O adro da egreja de Santo Antonio da Mouraria está calçado de ossos e caveiras.

—Valha me Deus, com semelhante gente! Rapaz, em algum tempo enterrou-se cadaveres da parte de fora do templo. Com as escavações que tem se feito apparecem agora os ossos.

—Mas então é uma profanação, um desrespeito, deixarem ali tantos restos humanos expostos ao tempo.

—Isso agora é outra cousa.

—Vamos de mal a peior!

As familias não são somente encommodadas pela assuada deshonesta dos capadocios, são tambem desrespeitadas e assustadas no lar domestico.

—Diga isso ao Sr. Dr. chefe de policia.

—No sabbado á noite, uma malta, que andava batendo pelas portas, zuniu tremenda pedrada, para o quarto de dormir do Sr. Teixeira de Freitas, á rua do Bacalhau, a qual esmigalhou as vidraças e foi cahir perto da cama.

Por um triz o homem não é victima da malevolencia de tão desastrada gente.

—Mas isso é que se chama perversidade! Não se contentam da algazarra que fazem, vão ainda perturbar o repouso das familias com risco de causar-lhes graves prejuizos!

—Eu não sei a policia porque não obriga essa gente que vaga á noite sem destino, a recolher-se.

—Mas como? Neste paiz de liberdade?

—Liberdade mal entendida para umas cousas e para outras tanta arbitrariedade.

—Sabe de mais uma?

—Diga V. agora.

—Outro barulho no arsenal de guerra.

—Que diabo! A gente daquella casa anda com o demo no costado!

Uma repartição publica onde deve haver ordem e respeito feito uma casa de espadanchins!

—O mestre da musica andou com as mãos pelo chão com um discipulo.

—Inda mais essa! Uma insubordinação.

—O discipulo, que é um tal *Pastor* desobedeceu ao mestre, este quiz castigal-o, mas o menor reminou-se e o resultado é que jogaram os soccos.

—Como vae aquillo!

—A bondade do coração do director.....

—Meu rico, para taes cargos não se exige corações bonanchões e sim quem saiba cumprir deveres.

Si o director reconhece em si impossibilidade por seu genio benigno, para fazer manter a ordem e moralidade do estabelecimento, peça sua demissão, para vir quem melhor desempenhe.

Isso é que eu entendo.

—Bem dizem que o diabo tem duas capas.

Aquelle magano tanto fez até que cahiu na gamada.

—Não é o Joaquim que tem venda no Taboão?

—E' elle mesmo.

Vinha do mar com uma porção de saccas de assucar, *arranjadas* nas alvarengas, quando os milhafres policiaes deram-lhe o grude.

E agora vae passar o resto da noite na Correcção.

—A cousa ha de se arranjar.

—Olhe que o pote tanto vae á fonte até que la fica. O homem tem feito muitas.

—E' a melhor recommendação que elle tem a seu favór. Sou capaz de apostar que segunda-feira está na rua.

—Veremos.

—Foi preso um sujeito dentro da matriz da Conceição, ja soube?

—Quando?

—No domingo. Em quanto celebrava-se missa a que assistia a companhia de aprendizes, o cujo passava revista na sachristia e ia arrumando todas as vellas que podia. Na occasião de levantar ferro, foi pilhado.

—Ja sei que não perdeu a missa dos artistas conservadores.

—Fui ver.

—Va dizendo.

—Foi a todas as luzes. Muita foguetaria, petisqueira etc.

—Muitos artistas...

—Que eu conhecesse, tres; salvo si alguns bachareis, e empregados publicos, que la estavam, adoptaram agora a profissão de artistas.

—Então os artistas não compareceram?

—Não.

—Que rapaseada estragada! Fizeram tanta despeza para faltarem a boda!

—Homem, quer que lhe diga? Me parece que o nome dos artistas entrou na tal missa como Pilatos no credo.

—Lê-se no *Diario Fluminense*:

«Tem se espalhado, não sabemos com que fundo de verdade que, estando S. M. o imperador ante-hontem no arsenal, na occasião do desembarque do Sr. Inhaúma, muito proximo ao logar deste desembarque, retirara-se para visitar as officinas do mesmo arsenal.

Isso sem duvida não passará de boato inconveniente; entretanto a quem interessar a historia, poderá liquidal-a em honra das..... —glorias e regosijos officiaes.

—Quer ouvir um caso acontecido um destes dias?

—Diga.

—O Sr. Z... é um marido bem apessoado, e dotado de excellentes qualidades physicas; e de mais a mais apreciador das damas de *meio mundo*.

Ha poucos dias, a esposa do Sr. Z... recebe uma carta anonyma indicando-lhe o logar, onde ella poderia surprehender seu esposo em flagrante.

Ella dirige-se ao logar e acha-se em frente de uma *menina feliz*.

Ia principiar a fazer recriminações; a outra porem detendo-a, diz:

«—Não se dê, senhora, ao dissabor de dar spectaculos aqui, pois seu marido ha dous mezes não me frequenta; elle agora mesmo deve estar aqui ao pé, em casa de uma moça da mesma vida que a minha.»

Interpretação cordeal! Ellas vão ambas e descobrem o esposo infiel em estado de quem vae *maganear* no meio de um enxame de formosuras impuras.

As duas novas amigas precipitam se sobre o voluvel, e a mulher legitima administra em seu incasto esposo uma correcção daquellas que se costuma dar a uma creança.

Depois disso a ciumenta esposa retirou-se arrufada para casa de seus paes.

—O que quer V.? Os costumes do seculo são estes. A civilisação moderna admitte destes casos que se passam na actualidade.

A PALAVRA DOUTOR.

Esta palavra têm lata ou restricta acepção, segundo a opinião em que cada um a toma, quer a tome litteral ou verbalmente, quer scientificamente, pois discordam muitos em sua verdadeira etimologia, ou technologia; e por isso tambem nós vamos metter o nosso bedelho, ou o nosso nariz no *mare magnum* das opiniões desencontradas dos authores, e dos modernos sabichões da epocha, ou epica, segundo o estillo ou phraseado capadoçal, e diremos o que entendemos em nossa caxola, o que é ella, e o que ella valle.

Doutor, segundo definem os lexicografos da lingua, é o que recebeu o maior gráu academico, o ensinador, o mestre.

Veremos, pois, si com o nosso fraquinho e mirrado entendimento, entramos na panella do nosso desejo, e no abismo insondavel de nossa vontade, com a franqueza ou som-cerimonia, que em certos e determinados casos soem ser dados.

Vamos mais longe do que desejamos, penetremos estes museus imperfeitos de formaturas de nosso paiz; investiguemos os fructos que elles tem dado, os homens instruidos ou ensinadores que tem apparecido, e então convecer-nos-hemos, que taes receptaculos de instrucção não são sinão meros passatempos estundaes, e ferias prolongadas pela estupidez, e pela calaçaria.

Quantos bachareis dignos do nome sahem das academias? Muito poucos. E de estupidos quantas enxurradas não vemos nós todos os annos mijarem estes estabelecimentos, uns que não sabem nem escrever o portuguez, outros pessimos orthographicos, muitos idiotas, e finalmente uma classe toda proletaria para perdimento do paiz?!

Sahem esses pobres lorpas formados por empenhos; que fazem elles logo ou seus papalvos pais? Mandam-os para o vicio da corte, e lá á custa de muitas baixezas e de muitas indignidades, arranjam um logar de magistratura, e para elle vão. Triste povo, que tem de soffrer um stulto, que é peior mil vezes que quantas camadas de sarnas perseguem ao leproso! Tira a justiça á um, tira a vida á outro, perverte o innocente, sacrifica o seu voto á alguem, e torna-se um instrumento cego para fins bem indecorosos!

Estes exemplos todos os dias, e a cada momento ahi vão acontecendo, somente por serem os juizes idiotas.

Si elles consultassem bem sua vocação, talvez muito bons sapateiros fossem, melhores alfaiates haviam de ser, e seus paes não teriam dissabor.

Não se desenganam certos homens, que nem todos são para tudo, e que o estudar não é pentear macacos; é preciso muito queimar pestanas, não dormir, e não ter tempo de seu. Porem agora que vemos o estudante frequentador de sociedades, em bailes continuados, sempre distrahido, poderemos esperar no fim do tempo por um homem instruido? Pelo contrario, teremos um charlatão consummado.

Os doutores que vemos hoje são moços que bem dançam a polka, que bem sabem fazer um agrado, que desatarraxam meia dazia de palavras estudadas, que fallam em muitos authores, sem nenhum ter lido, que fallam desenterialmente sobre coisas tão finas, que nem lhes passaram pelos beiços.

Que diremos tambem dos taes senhores esculapios em nome? Muitas cousas:

Meninos que, ainda fedendo a fralda a mijo, segundo dizia certa velha rabugenta, e vadios que querem ser alguma coisa, hão de dar por força com os burros n'agua.

O escandalo que se nota nas approvações de semelhantes lorpas, é o patronato decidido com que elles são approvados, alem do grande mal que vêm fazer estas pestes á so-

ciedade. Quanta responsabilidade não pesa a uma corporação scientifica, por semelhante modo de proceder! Estes doutores, segundo a opinião de S. João Chrisostomo, são como os olhos d'alma escurecidos, ou como quem peleja ás escuras: não sabem fazer differença dos amigos, ou de quem lhes quer mal.

Taes são os estupidos doutores que não conhecem o terreno que pizam, e afoitos querem entrar nelle. Mas o que acontece? Encontrarem muitos tropeços.

Ha doutores que fazem vergonha á si e aos estabelecimentos onde foram formados; porque muito custa-se a acreditar que um homem, por mais estupido que seja, ne n ao menos o espaço de 5 ou 6 annos lhe baste para aprender alguma cousa! A pouca temperança, e comedimento das academias tem sido cauza de que fiquem semelhantes homens perdidos, e pezados ao estado.

Não vemos pelas ruas sinão verdadeiras caricaturas de doutores, que somente são conhecidos pelos oculos fixos, que são hoje moda, pelas calças apertadinhas, e grandes guedelhas que lhes cobrem a ensebada golla grimpada da casaca.

São estes os signaes caracteristicos para serem conhecidos.

Faltam-nos hoje, com saudade o dizemos, um Nicolau, para zurrir estes lampreias, ou José Daniel da Costa para satyrisal-os.

Basta que já é massada, e a materia é choca, pois que tanta obra se faz nos doutores, que ja não se pode discursar mais.

Á PEDIDO

Sr. redactor.—No *Alabama* n. 477, algum interessado, diz em uma mixordia que publicou, que admirou-se de ver o cynismo com que os protectores das creoulas Lucrecia e Euphrasia vieram á imprensa contestar o corpo de delicto feito pelo Sr. conselheiro Dr. Magalhães, na creoula Maria Salomé.

O tal sugeito perdeu seu tempo, porque tão miseravel intriga não pega.

Entretanto, fique sabendo o author desse mixtiforio, que maior cynismo é o daquelles, que sem pejo procuram illudir a opinião publica, negando a verdade dos factos, com o unico fim de fazer parecer a sua protegida Maria Salomé uma pomba sem fel, ou um manso cordeiro entregue ás garras dos lobos; quando é o contrario.

Por ventura, quem será o protegido, quem é arrastado aos tribunaes, processado, com ordem de ser preso, perseguido, ou quem move toda essa perseguição, quem tem meios para recorrer da decisão dos juizes tres vezes successivamente? O simples bom senso o está dizendo.

O plano de intriga para com o digno facultativo, foi bem estudado, mas não surdiu o desejado effeito.

Ninguem lembrou-se de pôr em duvida a reputação scientifica de tão respeitavel medico; do que se tratou foi de uma cousa muito differente: que não tendo Lucrecia nem Euphrasia tomado parte na questão entre Ignez e Maria Salomé, fossem entretanto processadas com aquella.

E disso aproveitou-se alguma alma baixa, sem duvida, para fazer um trama calumnioso, procurando involver pessoas respeitaveis em semelhante tecido.

A voz da razão.

—Moço faz favor?

—O que quer?

—Não sabe que cheguei da Costa d'Africa, no cutter *Eduardo* de que sou piloto?

—Agora, e que mais?

—Se não se zanga, lhe vou dizer que sou *carnivoro*.

—Ora bollas, bata em outra porta, meu caro.

—Ah, vira lobis-homem.

—Pode ser.

—Pois é com o cadete *Ciri-Tinga*.

—Parece mais camarão que *sirí*.

—Não zombe, pois estive no Paraguay e sou condecorado.

—Ah! já sei; o Sr. é o mesmo que para seduzir os innocentes tem o ardil de dizer «que é vindo do Paraguay, recem-vindo da Africa, que traz encommendas fabulosas, presentes imaginarios. Si é com isso que quer attrahir-me, enganou-se; e demais, eu, para ser mastigado, tenho a carne muito crespa.

ATTENÇÃO.

Pede-se a bem da moralidade e decôro publico a certas moças moradoras na Lapa, que portem se serias e não deem desfructes, dando abraços nos seus apaixonados, principalmente com um certo caixeiro, e um inferior do corpo de policia, e com o C. Alpegico.

O lograd o.

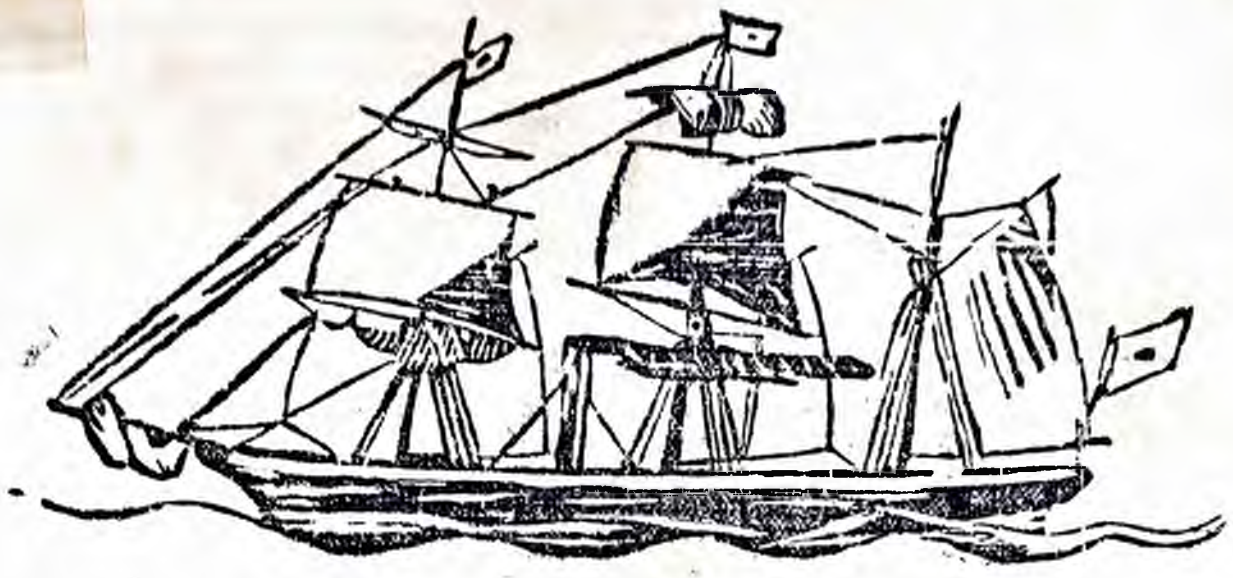
DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 13.ª folha do ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS.

Acha-se em impressão a TOMADA DE VILLETA, grande galope.

Typ. de Marques, Aristides & C.,



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 48.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 12 DE MARÇO DE 1869. Ns. 479 e 480.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de março de 1869.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, chamando mui seriamente sua attenção para o estado de exacerbamento que, nos affirmam, existe no arsenal de guerra, onde ha constantes recriminações e hostilidades entre a corporação de que se compõe aquelle estabelecimento, a ponto de haver quem leve para ali gente armada. Semelhante estado de cousas, a ser exacto, muito depõe contra a moralidade de uma repartição publica, pelo que espera-se, que S. Ex. dê providencias que façam serenar os animos e chame cada um ao cumprimento de seus deveres, restabelecendo a harmonia e respeito reciproco que devem reinar n'uma estação publica.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, recommendando-lhe toda attenção para um tal *José Caveira*, cujas proezas no Taboão retumbam por toda a parte. Não convindo que esse *denodado* continúe em seus *extraordinarios feitos*, espera-se que S. S. estenda sobre elle suas policiaes vistas.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, para que tome debaixo de suas vistas a um celeberrimo sugeito de nome *João*, que, dizem, veio *da Matta* para essa freguezia, onde tornou-se o mais ousado velhaco na pilhagem do assucar que se dá constantemente ahi. Agora mesmo é elle indigitado como intermediario do assucar roubado e ha dias encontrado na egreja do Hospicio, e que na occasião de transferido ao seu freguez especial, o *José das Fazendas*, foi apprehendido em parte, estando a outra ja em porto franco. Cumpre aproveitar o ensejo para prevenir a S.S. de que, por occasião da apprehensão do mencionado roubo, a voz publica propalou certos factos desairosos, que se deram, sem sciencia talvez de S. S., para que o tal *José das Fazendas* não ficasse mal, o que, tudo isso, deve S.S. tomar em consideração.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que, sem demora, dirija-se á nova ponte da estrada de ferro, ao Caes Novo, e faça effectiva a multa da segunda parte da postura n. 52, caso seja exacto o que se diz, de que os pesos ali não tem a afferição legal. Cumpra.

(Em egual sentido ao trapiche da mesma na Jequitaia.)

—Estes Srs. compositores de vez em quando empastellam tudo!

—Distracções.

—E' preciso serem mais cuidadosos, para não escreverem que os ossos e caveiras que alastram o adro da matriz de *Santo Antonio alem do Carmo*, era em Santo Antonio da Mouraria.

—Officiaes *torrados*!

Morre um guarda do batalhão delles no quartel, mettem o corpo na *patusca* e mandam lhe dar cinco tiros!

—Si elles não tem *p'ra ferir*....

—Genipapo de *moleta*, si não podem não se mettam..

Não era pezo de dez arrobas, cinco tostões que cada um desse para comprar um caixão.

— Ou então fizessem o enterro como se faz em *Brotas*, sem espalhafato de descargas..

—Oh, que alarma no Taboão!

—E' o Antonio *Espalha-sujo* que quer enforcar a *camarada*.

—O' damnado!

—O homem está *triscando* e *lambendo*, na phrase dos garotos.

—Me parece mais que está com o *pé queimado*.

—E a policia está tão entretida, que ainda não veio acabar com esta infernal algazarra que rola desde as nove horas e meia até as duas da noite!

—O gran-sacerdote do spiritismo por aqui!

Provavelmente anda fazendo côrte a alguma *dama* do Caes Dourado.

—Enganou-se redondamente. O homem vem a experiencias spiriticas, e a *experimentada* é a uma linda morena de 19 annos.

—Como acham!

Vão ver que o pae é algum basbaque.

—Tanto é, que admitte em sua casa semelhante harpya.

E gasta o dinheirinho que tem, porque encasquetou-se-lhe que a filha é excellente *medium*.

—O tal *pés de espalha-lama* tem geito para encartar-se.

—E a menina está tão ageitada que logo que ouve bater á porta cahe em extase!

—Papalvo! Elle mesmo carrega lenha para se queimar e depois quando o mal for irremediavel, queixe-se ao *Paiva*.

—Que menino! Ainda creança e ja com a mão assentada!

—O que fez?

—Sangrou a madrasta por não encontrar o pae.

—Onde foi isso?

—Na rua das Larangeiras, na terça-feira.

Um rapazito de 19 annos, por nome Bento Gomes, a quem o pae corrigiu com algumas cipoadas, arrefestelou-se e muniu-se de uma faca para aggredil-o; não o encontrando, desabafou-se com a madrasta.

—Malvadinho!

—Effeitos de má educação.

De um menino creado ao *la se avenha*, lavando cavallos na Preguiça, o que devia esperar-se?

—Bem diz o adagio que quem mal cria para si é.

—O que faz tanto povo apinhado na porta desta venda ao Taboão, as duas horas da tarde?

—Approxime-se que verá!

—Um menino estendido no chão!

Foi algum ataque?

—Um tal Lopes, inspector de quarteirão, deu-lhe tamanha cassuletada que o estendeu sem sentidos.

—Como se faz isto n'uma creança! Foi preso?

—A' ordem do chefe de policia.

—Mas si é o Lopes, que tem loja ali no principio da ladeira, la vem solto e livre.

—E' elle mesmo.

—Homem, este Taboão vae ás mil maravilhas! Entra-se na casa alheia, dá-se pancada e fica a cousa em nada!

—Como se chama esta terra?

—Cidade de S. Salvador, Bahia de Todos Santos.

—Dir-se-hia pelos habitos e costumes, que estamos na Costa de Africa!

Morre uma mulher no becco do Açouguinho, nascida neste torrão, educada nos preceitos da religião christan, catholica, apostolica romana e os suffragios que lhe fazem no septimo dia, é uma infernal assuada de tabaques e vozerias accompanhadas de danças extravagantes, e tudo quanto a superstição e ignorancia pode inventar!

—Mas o capitão Braga ja foi á porta dizer que tocassem mais baixinho!

—Que tocassem mais baixinho... isso parece um escarneo.

—E amanhan vão ver aquella corja de mulheres, pardas e creoulas, nascidas no paiz, baptisadas e confessadas, professando a religião de Christo, que agora se entregam a tão repulsivas e desordenadas praticas, em um templo com hypocrita devoção a baterem nos peitos!

—Entretanto a egreja catholica tão cheia de preconceitos que lança anathemas a torto e direito, até por opiniões politicas, que não consente que um protestante tenha sepultura em logar sagrado, que leva a intolerancia ao ponto de se oppor, por meio das irmans de charidade a que se guardasse no deposito do hospital o corpo de um moço, suisso, que se suicidou no Rio de Janeiro, até o dia seguinte,

não tem forças para stygmatisar tão hediondo abuso!

—E o Sr. arcebispo que profliga o spiritismo, cujas praticas, ao menos, não são tão ás cancaras, tolera aquella immoralidade!

—E a policia permitte tão repugnante escandalo!

—Traz noticias da Calçada?

—Brigaram duas mulheres.

—Que noticia dá V.!

—Não vale a pena registrar. Sem duvida foi alguma descompostura com que se mimoscaram; todos sabem que a lingoa é a arma favorita da mulher.

—Pode ser; menos desta vez, porque as escolhidas para o duello foram as de *Santo Estevam*.

—E feriram-se?

—Ora si!

A amazia do Sr. Jesuino, pintor, deu na do Sr. Arouca, tambem pintor, tamanha tijollada que fez o mellado descer.

—Ah, foi barulho por causa de *broxas e pinceis*.

—A offendida ficou grave e foi recolhida ao hospital, a aggressora empinou-se.

—Está bom; o negocio foi mais serio do que eu julgava.

—Pobre rapaz, coitado! Que desastre!

—O que foi?

—A gondola emborcou perto do arsenal e os passageiros ficaram uns de cabeça quebrada, outros machucados; porem aquelle foi o mais prejudicado; quiz saltar e partiu o braço.

—Ha dias pessimos!

—O de hontem 10 foi um delles.

Em uma pastellaria á Estrada da Valla houve um desaguisado, em que correu sangue.

—Uma questão entre o caixeiro e um freguez.

—E na gondola esta desgraça!

—Além do preço exagerado porque se compra presentemente a carne, ainda em cima vem roubada no pezo.

Mandei comprar cinco libras de carne e veio faltando uma libra; no entanto que custou-me ao exhuberante preço de 360 rs. cada libra.

—Que ladroeira!

Está porque antigamente não enterravam os carneceiros no logar sagrado.

Que gente sem consciencia!

—O diabo os carregue para o seu infernal reino.

—*Amen*.

O MODO DE VIDA.

Uma das principaes bases do credito de qualquer homem na sociedade, era antigamente o modo de vido de que se subsistia. Com emprego licito e um trabalho honesto adquiria credito entre os seus semelhantes, ganhava o conceito das authoridades, era respeitado dos mais velhos, e era util ao paiz: hoje, porém que o sacco do juizo anda virado ao avesso, tudo se considera modo de vida. Si se encontra em um circulo vinte homens, só de cinco é que se sabe o meio de vida, dos outros quinze uns vivem por enigmas, outros acham dinheiros mysteriosos, e outros fazem despezas por magica. O certo é que todos vivem; uns trabalhando, outros intrigando, outros roubando, outros illudindo unicamente, o assim todos vivem, todos gozam, todos passam, e todos são cidadãos. O bandalho, e o honrado, ambos saem de casa, os penteados são julgados homens de bem na sociedade, e eis em que consistem os mysterios deste mundo, os quaes de dia em dia vão crescendo, e de hora em hora vão apparecendo em nova especie. A cada canto se encontram ricos improvisados, proprietarios feitos á vapôr, e capitalistas de sopro; e qual è a raiz quadrada de tudo isto? A pouca vergonha dos homens, que desejam só lucrar para satisfazer seus vicios, sem attenderem aos meios que empregam.

Veem-se especuladores por este mundo de meu Deus, muito, lordes e muito enfeitados a custa dos escravos que tem furtado, outros esbanjando contos de rèis, e desfructando meza lauta a custa da infame ladroeira de papel falso, e outros finalmente vendendo a justiça, reduzindo á miseria a orphandade, e calcando aos pés as leis da humanidade: e tudo por que? Por que os homens da epocha presente tem fechado os olhos á religião, e tem se esquecido da morte; cevados no crime e na perversidade, já lhes não faz móssa e vêr a desgraça dos seus semelhantes. Com a ufania da estupidez marcham sobre o erro como si fosse pela estrada da virtude; quanto mais lucram, tanto mais vão extorquindo, mais invenciveis se julgam: mas oh! homens indiscretos! quando menos pensardes, o diabo que até agora vos protege, de repente vos desamparará, e acabareis essa existencia atribulada devorados no fogo dos remorsos; sahireis deste mundo, deixando aos vivantes uma fama triste e horroroza.

TRANSCRIPÇÃO.

O REDIVIVO.

Dorme o batalhador!... porque choral-o?
Armas em funeral!—silencio, oh braves!
Que a dôr não o disperte!
Tão só... tão grande... sob a terra inerte!
A' patria além... partido o coração...
Saudade immensa... e immensa solidão!...

Não o dispertem! elle dorme agora,
Embalado nos braços da metralha,
Ao trom da artilharia:
Por lençol—a bandeira: em terra fria
Tem por leito—os tropheus; por travesseiro
Tem o canhão no somno derradeiro!

Sorrindo adormeceu—a espada em punho!—
A imaginar, sonhando ouvir no espaço
O clarim da investida!
A' cabeceira—a morte; agradecida
—Aos pés—a gloria; e ao lado ajoelhada
—A patria, pobre mãe desventurada!

Segura as redeas do corsel sem dono
Formosura sinistra—olhar infindo!—

E' a deusa da guerra!
Mede os espaços, os fins da serra...
Quer dispertal-o... treme... o passo é incerto...
Estende a mão e aponta p'ra o deserto!

Quando elle adormeceu, na mente insana
Homericas visões lhe appareceram!
Olhou fito o seu norte...
Eu sou a eternidade, disse á morte,
Do meu ginete o pé a terra abala,
Quando eu caminho—a viração nem falla!

E que ternas visões!? na marcha ousada
Para saudal-o os mortos levantavam-se,
Tocavam as cornetas,
As peças disparavam nas carretas;
E ao cabo do caminho a doce paz
Lhe preparava os arcos triumphaes!

Elle via, qual mar tempestuoso,
Ondas revoltas umas apoz outras,
Da audaz cavallaria
As cargas que a victoria presidia;
E, salvando a galope a immensidade,
Dizia a morte:—eu sou a eternidade!

As montanhas se abatem quando eu passo;
O rio inclina o dorso e me saúda,
Si me apeio em caminho!
O meu cavallo é aguia, o ceu é ninho;
A fome, a peste, a chuva em veus de fumo
São meus soldados, guiam-me no rumo!

E que eternas visões—em vasto immenso,
A narina incendida, o peito arfando,
O ginete parava!
Eis a voragem!... lá no fundo a lava
Que entornam os vulcões da artilharia
E um exercito de mortos que se erguia!

Depois nuvem de fogo... uns sons tremendos...
Um estalar de ossos... ais... mil pragas...
Uma orchiestra infernal!
N'um mar de sangue o sol como fanal!
Os tambores rufando... armas quebradas...
Bandeiras rôtas... retintim de espadas!

Um trovejar sem fim... um largo incendio...
Mas, elle á frente no corcel fitando
O infinito—seu norte,
Dizia á eternidade: eu sou a morte,
Meu cavallo é o destino, o ceu mortalha,
Meu braço é raio, o coração muralha!

Ao ver-me tremulante as palmas dobra
A palmeira; estreitam-se os banhados:
O arroio nem transborda;
No firmamento azul o sol acorda!
Quem é, pergunta a noite á ventania,
Este archanjo de luz e poesia?

E' da floresta o rei, exclama o vento:
E' o spectro do sol, affirma a estrella:
Das aguas o senhor,
Murmura o rio um cantico de amor;
E a tempestade diz, meu cavalleiro,
Tens por corcel as azas do pampeiro!

. . . . . .
. . . . . .

E corre, e corre... ao cabo da carreira
Immenso boqueirão... fosso sem bordas...
Tranca-lhe o espaço a cruz,
Embaixo a densa treva... o cimo é luz!
Basta, lhe brada a voz da immensidade,
A morte foi teu guia á eternidade!

. . . . . .
. . . . . .

Armas em continencia!—é um morto vivo!
Eil-o que passa agora, erguido ao alto
No esquife da victoria!
O Brazil o saúda, e tu, historia,
Um poema de luz de novo escreves!
Soldados, cortejae Andrade Neves!

Á PEDIDO

—Capitão, trago-lhe uns apontamentos.

—Vejamos.

—Um official dos *permanentes* possuia um cavallo e por economia tinha-o no quartel, comendo a gramma da nação.

Foi a certa diligencia e deixou o cavallo ahi.

Um collega, precisando de dinheiro, lançou mão do bicho alheio e o poz nos cobres.

—Tratantada no caso.

—Ora, eu não sei si o quartel dos *permanentes* é *aquella cousa* da Joanna, onde todos podem mexer, o caso é, que o intruso vendedor, quando dispoz do animal, que não era seu, deu permissão ao comprador para continuar a tel-o na estrebaria do quartel, como si os cofres comprassem capim para quem quizer engordar seu cavallo.

—Vão ver que o sujeito ja fez isso de trêta.

—Vamos adiante.

O comprador, não previu que laranja madura na estrada ou é azeda, ou tem marí-bondo.

Que era muita felicidade, comprando cavallo achar sustento de graça para elle.

—*Tibi.*

—O verdadeiro dono do bichinho chegou de fora e sem saber da tramoia vendeu-o a quem bem quiz, e quando o primeiro comprador foi ao quartel vel-o achou-se com os beiços com que mamou.

—Isso é uma trapaceria ignobil.

—O barato sahe caro.

—E como se arranjou a cousa?

—Accommodou-se o negocio e ficou tudo

em segredo como se estivesse sepultado em uma *cova*.

—Ora querem que esta Latronopolis ande direito, quando os principaes pelotiqueiros, os membros de maior escalla do olho-vivo, intervem na *policia* della!

O ATTENTADO CONTRA O DR. PEDRO MONIZ.

Disse-nos o Sr. Dr. Leão Velloso no *Diario* que fazia ponto na questão de *perjurio*.»

Sentimos haver incommodado S. S., nunca foi nossa intenção.

Mas si a doutrina de S. S. é a *immoralidade* em permanencia.....

Quer vel-o, meu Dr?

Consequencias praticas da doutrina do Sr. Dr. Leão Velloso: «*Não ha perjurio na formação da culpa.*»

Entre nós avultam *especulações* de toda ordem.

Amanhan se pode abrir nos diversos pontos d'esta cidade novos *estabelecimentos*, escrevendo á luz do dia nos seus retabulos:

«*Novo genero de industria.*»

«*Testemunhas falsas para a formação da culpa.*»

«*Preço fixo* $.»

Nem o promotor publico, nem a policia, tem que se intrometter com isso, porque «*não ha perjurio na formação da culpa.*»

Pela formação da culpa—vai-se á pronuncia:

São effeitos da pronuncia:

1.° A prisão.

2.° A suspenção do exercicio dos direitos politicos.

Cinco testemunhas a 5$000, 25$000 rs.

Temos portanto, que com 25$ rs. *de testemunhas falsas*, por ex., pode-se processar a humanidade inteira, prendel-a, ou suspendel-a, do exercicio dos direitos politicos.

E' o *Evangelho* pregado pelo Sr. Dr. Leão Velloso.

«Mas a penalidade do crime de perjurio?»

A companhia do *olho vivo* escapa, quanto mais os *viveiros* de testemunhas falsas!

Basta affixar nos corredores dos novos *estabelecimentos* de perjurio:

«*Instrucções a que se refere o exercicio d'esta industria:*»

«Os nossos costumes judiciaes quasi sempre dispensam a audição das testemunhas perante o jury»

«As testemunhas que notificadas deixam de ahi comparecer não soffrem effectivamente penalidade alguma.»

«Em todo o caso *por prudencia* é melhor não comparecer o *industrioso*, quando notificado para o jury.»

«Si absolutamente tivesse de soffrer penalidade seria por crime de *desobediencia*, penalidade que não tem comparação com a do perjurio.»

«Si accontecer que seja agarrada e conduzida debaixo de vara e não tiver por onde safar-se, basta o *ligeiro incommodo* de retractar-se perante o jury.»

«A testemunha pode ganhar duplamente; recebe de um para *jurar falso*; recebe de outro para *retractar-se*.»

«Para tudo isso não é myster segredo; pode fazer-se a *transacção* na mesma mesa do conselho dos jurados, com tanto que seja antes da occasião de *dar o novo depoimento*.»

«Os *industriosos* podem contar com a certeza do lucro, porque logo o *empalmam*; e com a efficacia da doutrina de direito, porque —*na formação da culpa não ha perjurio*.»

Com taes *instrucções* e mais alguma *sagacidade* da testemunha, pode ella viver vida folgada e milagrosa no *licito exercicio de perjurio;* e a liberdade civil e politica do cidadão entregue aos calculos da corrupção e mercancia dos *prostibulos!*

E si a testemunha que jurou *falso* na formação da culpa, fallecer antes da occasião de depôr no jury?

Onde a occasião da retractação?

O seu depoimento não fará carga?

Ainda mais.

Si uma testemunha pode retractar-se; duas, tres, todas o podem fazer, quer para a absolvição, quer para a condemnação.

Não ha perjurio na formação da culpa.

Saibam todos os accusados, portanto, que para sophysmar qualquer processo, ou evitar qualquer pena, bastará por *dinheiro* ou *amigos* obter essa *retractação*.

Elles ficarão livres, e as testemunhas não soffrerão, porque na formação da culpa não ha perjurio.

Eis algumas das consequencias praticas da doutrina do Sr. Dr. Leão Velloso.

E' a *corrupção* erigida em principio.

E' a *prostituição* da honra e do dever sanccionada pelo apparato legal.

Sujeitem-se ás suas consequencias.

Ainda entre os povos os mais barbaros a idéa de um Ente sobre-natural os prendia em seus desvarios.

A revolução franceza baqueou de sua sublimidade, diz um escriptor, desde que ousou quebrar a crença em um *Deus*, substituindo-o pelo culto ridiculo á effigie da *Rasão*.

Restava ao Sr. Dr. Leão Velloso a gloria de iniciar entre nós o apostolado do *perjurio*.

Finda logo esta historia, pois os ladrões de tua egualha, não me dão tempo para descançar.

— Capitão, por quem é, V. Ex. perdoe-me.

—Has de sel-o, depois que fores para os infernos.

—Meu Deus, ajudae-me. Logo que eu fugi de S. Francisco da villa, foi que dei principio á minha pilhagem.

—Qual a razão de retirar-te d'esse logar?

—Foi, segundo diz o povo, um assassinato que mandei fazer em um pobre homem.

—Bom! bebado, ladrão e assassino! E neste gosto esperas perdão!...

—Meu capitão, foi o accaso que isto me fez commetter; porem Deus mais soffreu por nós.

—E não tens remorsos dos roubos, e da morte que fizestes nestas tres creaturas?

—Capitão, o roubo não, a morte fiquei um pouco assim; porquanto os cobres foram para ficar no logar de um presente que fiz.

—E qual foi esse presente?

—Foi quando eu quiz ser designado capitão commandante do regimento *nove vezes oito*.

—E para isto precisou tanto?

—E' verdade; quiz aproveitar quando aqui veio o governador visitar esta villa.

—E' por isto, scelerato, que tu estás desenfreado a commetter tudo quanto é acto reprovado pela sociedade?

—Capitão, faço isso para dar expansão ao meu diabolico genio.

—Estou sciente e satisfeito de ouvir-te; agora vou providenciar como entender.

—Capitão, de novo peço a V. Ex. perdão.

—Has de ser attendido.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Toma conta deste capetão, porem vê que elle tem a seu favor tudo que é reprovado pelos homens: é bebado, ladrão, e assassino, e por isso mette-lhe em um beneficio dos teus.

Tira-lhe o bonet e raspa-lhe a cabeça, tira-lhe o fardão e dá-lhe o barril; tira lhe as esporas e passa-lhe a calceta, findo o que farás o exercicio de novenas; dando-lhe de primor cem tacadas na cara, deixando a ultima para o sabbado de alleluia ás 10 1/2 horas, que será o nosso divertimento.

—Chega, ladrão!

—Ai, ai, ai, ai, ai, ai, não se pode ser ladrão n'esta maldicta terra.

(*Continúa.*)

—Capitão, este safado inculca-se de inspector, sem ser.

—Para que?

—Para commetter bandalheiras e logros. E' um malandro, completo reu de policia, sem occupação licita.

Quando não está nas escamotages, descança á sombra de um *salgueiro*.

—O muxingueiro dar-lhe-ha occupação.

—Tudo faz conta ao ralé; é olho-vivo de baixa esphera.

Hontem, com a maior descaração, roubou a um tabareu, na porta da venda do Joaquim Torres, quatro maços de fios de ticum.

—Que miseravel! O que se ha de fazer com um diabo destes?

—Eu lhe digo: mande V. Ex. pôr-lhe um —L—na testa, para que fique bem conhecido dos pobres tabareus, a quem tanto tem enganado.

—Pois seja feito.

AGRADECIMENTO.

A' EXMA. SRA. D. C.

Não esperei que sendo S. Ex. tão bem educada, tivesse a *urbanidade* de mimosear-me com o *delicado* epitheto de sem-vergonha, no ultimo dia de entrudo; por ter dirigido uma laranginha a uma das pessoas que estavam junto de S. Ex., por isso permitta-me que cordealmente lhe agradeça tão polidas expressões cahidas de seus labios.

—Sr. *Joaquim*, componha-se!

—Estou no meu trabalho, Sr.

—Mas repare, que é preciso acatar a decencia. O Sr. sentado em uma tripeça á porta da rua, cobrindo o corpo apenas com uma tanga esfarrapada!

—Quem não quizer ver, feche os olhos.

—Enganou-se meu quidam. Tem imperioso dever de respeitar o pudor das familias.

—Aqui no Taboão ha tão poucas...

—Muxingueiro, toma bem nota no n.º 35 da porta deste sapateiro. Si a primeira vez que por aqui passares, o encontrares em tão immoral traje, mete-lhe a taca sem dó!

—Capitão, na *moenda* da *ilha* existe um individuo que não tem nada de *innocente*.

—Ignoro quem seja.

—Um estuporado, verdadeiro espadanchim, um rusguento dos seiscentos, que vive a fomentar rixas com todos.

—O muxingueiro anda á cata dessa laia de gente.

—Um endemoninhado, que tomou a si a malevola tarefa de dar cabo dos bois alheios a chuço e lança.

Um turbulento que compra desordens, e vae ameaçar os pacificos visinhos em suas

proprias casas, acompanhado do inseparavel peito-largo, um faccionoroso de tão feia catadura como elle.

Uma especie de ave de rapina que dá conta da creação alheia.

Um perigoso, que para fazer mal, foi de proposito ao *riacho* da *Janinha*, matar uma vitella da D. Alexandrina.

—Uma creatura detestavel emfim, flagello dos visinhos, um tremedal sem fundo de malversações, não é isso?

—Justamente.

Um desalmado scelerato sobre quem pesa o stygma de haver assassinado um homem, cujas provas dormem nos cartorios o somno do esquecimento?

—Tudo isso ha de reviver, e o delinquente ha de ser punido. Tenha um pouco de paciencia em quanto se dão as providencias para ser agarrado o sevandija..

PROVINCIA DE GOYAZ.

DESENGANO.

Lá se vae aproximando
O dia d'uma eleição,
Que será de vida ou morte
A' brasileira nação.

Goyanos, caros patricios,
Não vos deixeis illudir,
Si o França fôr deputado
Muito temos que sentir.

O França não é goyano
Nem sincero brazileiro;
Quer pescar em aguas turvas
Esse pobre aventureiro!

Nesta presente eleição
Ha de ao abaixo assignado,
Ter a gloria de dizer:—
França não é deputado.

O BOI.

(*Monitor Goyano.*)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

Breve será publicado o romance ornado de caricaturas.

O CAVALHEIRO DA' BOMBA.

Ou ás escamotages da casa do Desterro.

Assigna se em casa do Doria.

Está nos prelos e sahirá á luz por todos estes quinze dias a comedia em 3 actos ornada de canto intituldaa,

O FALLASTRÃO INDISCRETO.

OU ÁS LEVIANDADES DO PAR-DE-ARANHAE.

Denominação dos actos.

1.°—Batadas do director.

2.°—O rancho de reis.

3.°—A vaidade estupida.

Recebem-se assignaturas no becco dos Bambús, ou em casa da *Onça agaloada*, ao preço de 500 rs., o exemplar.

VARIEDADES

GENEROS QUE MAIS SE ENCONTRAM NOS BAILES.

	VIRTUDES CONTRA
1.° Lisonja	Sinceridade.
2.° Impostura	Educação.
3.° Calote	Probidade.
4.° Intriga	Circumspecção.
5.° Namoro	Honestidade.
6.° Cabelleira	Cautella.
7.° Descaração	Vergonha.

Um advogado, que advogava a demanda de uma criança de quatro annos, levou-a para a sala do juizo. Durante a sua falla tinha a criança nos braços, apresentava-a aos juizes, e não fazía senão citar passagens cheias de expressões tocantes.

A criança chorava, e as lagrimas que acompanhavam a falla do advogado não deixavam de commover o auditorio. O advogado da parte contraria, a quem uma tal disposição de espirito dos assistentes não fazia bôa conta, perguntou a criança porque chorava? «Porque me dão biliscões» respondeu está a chorar.—Os juizes soltaram grandes risadas, e o advogado da criança perdeu a causa.

RESPOSTA A TEMPO.

— Dialogo a uma temperatura de 38 gras:

—Repito-te que és um mau esposo, cada vez te acho mais frio!

—Por amor de Deus, mulher, não digas disparates. Pois se ha tres ou quatro dias suo camarinhas!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 14.ª e 15.ª folhas do ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS.

ATTENÇAO.

Pede-se ao Sr. Olegario Castilho que vá á venda na rua da Valla n. 68, para negocio de seu interesse.

Acha-se em impressão a TOMADA DE VILLETA, grande galope.

O ultimo laço que prende o homem ao dever—o *juramento*—eil-o despedaçado em nome da lei.

Mais tarde se assentarão, e chorarão sobre as ruinas da Babylonia.

VINDICIUS.

(Do *Jornal da Bahia.*)

Eu tenho por visinha uma creoula
Tão guapa como um frade franciscano,
De olhos requebrados, ar dengoso
De alvo calcanhar e pé bahiano.

Eu tenho, ai, eu tenho uma visinha,
Engraçada, feiticeira, caprichosa,
Braços roliços, lisos qual velludo,
Cadeiras chatas e cintura airosa.

Canta ella como canta o papagaio,
Forte a voz que parece um rabecão,
Oh! que a tal creoulinha mata a gente,
Tem olhos vivos como o fogo de um tição.

Veste quatro e cinco anaguas de uma vez
E fica grossa como um papo de perú,
Olha p'ra gente com o beiço arrebitado
E anda sempre cheirando a carurú.

Veste saia, põe um torço na cabeça
Traça o panno como um manto de rainha,
Fica airosa, fica bella, fica linda,
Matando tudo a boa creoulinha.

Oh! é guapa, é taful, toca viola,
Bebe cotréa, dansa e tem navalha,
Que quando irada, semelhando as furias
De um golpe a cara de quem quer retalha.

Ai, meu Deus! o andar da rapariga
Como cordas me prenderam ja esta alma,
Este fogo que me queima cá por dentro
Não se apaga, não se finda, não se acalma.

Eu tenho, ai, eu tenho uma visinha,
Por quem morro, cada dia, cada hora,
Mas a ingrata quando os cobres não encherga
Fecha a porta me despede e vae-se embora.

UM PEDIDO JUSTO.

Pede-se ao Exm. Sr. barão de S. Lourenço presidente da provincia que, por equidade, mande collocar alguns combustores de gaz á ladeira que sóbe da Quinta dos Lazaros para a Cruz do Cosme, visto ser este logar bastante habitado e prestar-se ao transito tanto de dia como de noite de toda a gente moradôra d'aquelles arredores;

Quando da casa da Quinta até ao alto do cemiterio tem trese combustores de n.os 1190 a 1201 que nenhum serviço prestam, porque depois das 6 horas da tarde, horas em que se termina os enterramentos, mais ninguem ali vae, parece de muito maior razão que a ladeira de que se falla, deve ser dotada de alguns combustores.

Espera-se que, S. Ex. sollicito com se tem mostrado pelo bem publico, não se recusará attender a este tão justo pedido.

Alguns moradores do logar.

Uma estrada aberta ha muitos annos á servidão publica, e que muito frequentada era por se tornar mais perto a quem ia com enterros da cidade para o cemiterio da Quinta dos Lazaros, podia ser feixada por assim convir á interesses de um particular?...

Os Srs. presidente da camara, provedor da Quinta e Hospital dos Lazaros, e engenheiro Lourenço Eloy Pessoa de Barros que respondam.

(Continuação.)

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Solta e traz á minha presença o capitão larapio.

. . . . . .

—Eis o devasso, capitão. Estava a cacarejar como *gallo*.

—Quero solução dos cinco escravos que trouxestes.

—Respondo já a V. Ex. Os cinco escravos eram meus trabalhadores e não furtados como querem os meus adversarios dizer.

—E a trabalhadores alugados se occulta?

—Não, Sr., porem eu...

—Falla verdade, bruto!

—Tendo eu feito minha pilhagem nestes escravos, julguei que a policia de V. Ex. não tomasse disso conhecimento, mas foi quando o diabo desmanchou-me.

—O diabo és tu em figura.

—Como dizia, não entreguei os escravos, e fiquei certo de os pagar o mais breve possivel, o que não fiz por falta de tempo.

—Sim... passa adiante.

—Porem agora o vou fazer.

—E o negocio do *mané da ilha da Encarnação?*

—Isso eu ignoro, meu capitão.

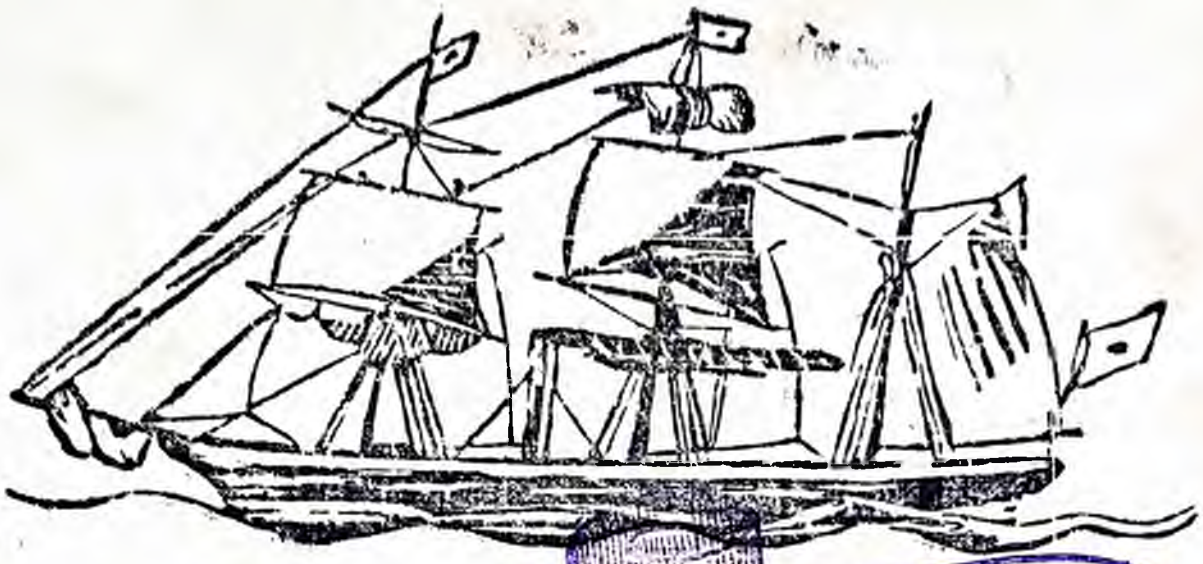
—Pois vou lembrar-te: conheces o *Pitta & cravo?*

—Ouço fallar n'esses homens.

—E que negociada foi uma que á força de um rewolver fizestes; forçando-os a assignar um papel em branco, e dous mezes depois chamaste-te credor da quantia de dous contecos?

—Ah, meu Deus! Quem tanto espia minha vida? desta vez sou victima.

—Victimas estão sendo aquelles a quem tens enganado e deturpado, rapina!



BIBLIOTHECA
Instituto Geographico Historico
BAHIA

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao beeco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 49**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 16 DE MARÇO DE 1869. N. 481.

O ALABAMA.

Começa hoje a serie 49 do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de março de 1869.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia.—Havendo entre os menores do arsenal de guerra grande numero delles que chegaram á edade de passar para a companhia de operarios militares, leva-se isso ao conhecimento de S. Ex. para que se sirva de ordenar a transferencia dos mesmos para a referida companhia, como manda a lei, afim de que não se continue a fazer indevidamente com os mesmos uma despeza pela verba destinada aos ditos menores.

—Ao Illm. Sr. director do arsenal de guerra, para que informe si é exacto que S. S. creára nesse arsenal um logar de costureira, a qual percebe mensalmente 40$ rs., somente para *remendar* a roupa dos menores e, no caso de ser assim, quem é essa mulher e com que authorisação faz S. S. semelhante despeza.

—Estes padres a ridicularisarem os santos exercicios do culto catholico!

—Elles mesmos dão os maus exemplos.

—Principiaram a novena de S. José, no Collegio, primeiro e segundo dia e no terceiro babau!... Nem padres nem nada! E os fieis, que estavam na egreja á espera, sahiram desapontados, para se fechar as portas.

—E' assim que elles edificam o povo!

Agora ou hão de alterar o kalendario ou fazerem duas novenas n'um dia.

—Capitão, uma mulher desalmada consentiu em atirar fora o fructo de suas entranhas.

—Agora?

—No domingo passado.

Uma mãe desnaturada não tremeu ao lançar mão sem piedade da innocentinha creatura e ir abandonal-a aos cães e aos porcos, em baixo de um tamarindeiro no fundo do quintal da propriedade chamada *Casa grande*, perto da Ribeira de Itapagipe.

—Corações obsecados! As feras ao menos são extremosas para com aquelles a quem dão á luz do dia.

—Eu não sei si é lei da Providencia que os filhos sejam responsaveis pelas faltas dos paes.

—Em resultado, o que foi feito da coitadinha?

—Os vagidos do inculpado recem-nascido, que não commoveram, talvez, o frio coração de quem lhe deu o ser, acharam echo nas almas bemfazejas dos moradores que quizeram tomar a si a creação do desditoso, alguem, porem julgou mais acertado mandal-o para a casa dos expostos.

—E Deus velará por elle.

—Dizem que foi deflorada uma menor.

—E' moda hoje.

—Mas sabe quem é author de tão revoltante acção?

—Não.

—Um padre, um vigario. Nisso é que está o escandalo.

—E' daqui?

—De uma *villa* de fora. Encontrou a creança n'um *prado* e forçou-a a satisfazer sua desordenada incontinencia.

—O pastor transformou-se em lobo.

—Ahi está como elles edificam!

Este que tinha apparencias de querer conduzir o rebanho confiado á sua guarda ao *prospero* caminho da felicidade eterna, pratica disto. Uma acção torpe que um *ferreiro* se envergonharia de praticar!

—São cousas, *Souza*.

—Uma preta enforcada ha quatro dias sem ninguem dar por ella, si não são os urubús.

—Em que logar?

—Na fazenda Tororó.

Chamava-se Thereza; era escrava do Vianna vidraceiro.

—Ao que se attribue, sabe?

—Ignoro; até nem corpo de delicto se poude fazer em razão do estado de putrefacção em que estava o cadaver.

—Estou consternado, capitão!

—O que lhe aconteceu, meu amigo?

—Presenciei uma scena que me penalisou bastante.

—Conte-me; quero accompanhal-o no sentimento.

—A irman do Sr. José Ferreira de Miranda, senhora adoentada, ao receber a noticia que seu irmão, o qual era o seu unico arrimo, fôra suspenso do emprego que o occupava no arsenal de guerra, teve um ataque, e quando tornou a si estava louca!...

—Que calamidade!

—São fructos que vão produzindo o estado de anarchia que reina naquella repartição.

—O Sr. alferes da policia José Placido de Guimarães Cova faz uma reclamação contra a interpretação que deram acerca do facto de um official da policia latronopolitana que vendeu um cavallo alheio.

—Não era preciso; S. S. é bastante conhecido.

A palavra *cova* em gripho quiz apenas indicar o patronato com que abafou-se esta *negociada*.

E depois, o caso se deu com a policia de Látronopolis e não com a da Bahia.

—Mas o Sr. alferes diz que na policia da Bahia deu-se um caso egual a este.

—Coincidencia fatal!

Para que não façam supposições ambiguas, fique declarado que o cavallo em questão pertencia a um capitão da policia de Latronopolis chamado *Xico Mario* e que quem praticou a esperteza foi um tal que á tempos raptou uma menina e depois ausentou-se para a *corte-imperial*.

—Pois sim; desta forma ninguem continuará a fazer juizos maus sobre a reputação do Sr. alferes Cova.

—Continuam os arrombamentos dos trapiches.

—E' mal sem cura.

—Arrombaram o trapiche de Soledade e levaram 18 saccos de assucar.

—A freguezia do Pilar está contaminada de ladrões.

—E a policia impotente para acabar com elles.

—O presidente está na *quebradeira*.

—Quem lhe contou? Um homem que dá partidas!

—Por isso mesmo.

Os musicos, no dia 12, ficaram agoando. Trabalharam a noite inteira *em secco*.

—Economia.

—Mesquinharia.

—A companhia do *olho-vivo* trabalha admiravelmente!

Na quinta feira appareceu na rua do Saboeiro, em casa da parda Brasilia, um vulto desta companhia levando a ella amostras de umas chitas, dizendo que as tinha para vender e se queria compral-as, inculcando-se de caixeiro de escriptorio.

Tratou o tal *industrioso olho-vivo* de massar muito a mulher, a qual, depois de muita massada, tendo o que fazer no interior da casa, pediu licença ao ficticio caixeiro e levantou-se deixando-o na sala e voltando momentos depois não o encontrou.

Teve depois de ir á gaveta de um pequeno toucador ver duas braças de coral e não as encontrou, porque já as tinha levado o tal *vulto proeminente da decantada companhia do olho-vivo*.

—E' preciso muito sentido nesta companhia, a policia deve andar sempre na pista della.

—Agora, principalmente, que se approxima a Paschoa e elles querem passar vida folgada e milagrosa.

—Os ladrões andaram passeiando, no domingo á noite, no telhado da casa do Sr. Vallasques á rua da Oração, freguezia da Sé.

—E' bom registrar estes factos, a ver si disperta quem tem obrigação de velar pela segurança individual e de propriedade.

—Oh, que diabo!

So a patrulha não se encommoda com este infernal berreiro!

—Passou pelo beceo do Açougüinho e nem caso!

—Tres endiabradas meretrizes, depois de se embriagarem em um botequim á Estrada Nova, em companhia de alguns adoradores de *bellezas impuras*, vem para casa ao Maciel de baixo nº 53-G, á uma hora da noite, e parecem querer deitar a casa abaixo, batendo com os pés e atirando os trastes, accompanhando ás obras com palavras immundas.

—E a um deu a bebedeira para querer atirar uma das *heroinas* pela saccada.

—Muitas familias accordaram sobre-saltadas.

—Felizmente serenou a matinada. O vinho está produzindo effeito. Os campeões lançam o que tinham no buxo.

—E depois irão dormir provavelmente.

—Foi espancada na Baixa dos Sapateiros uma escrava do Sr. Manuel Ignacio de Souza Menezes.

—Dizem que por uma escrava do Sr. Guilherme Munford, á mandado da mulher deste.

—Rixas de visinhança.

—Eu la disso não sei. Si trago o facto é para mostrar o atrazo em que vae esta terra.

Uma rapariga fraca, doente, é aggredida por outra forte, robusta, corpulenta, que atira-a ao chão, rasga-lhe a roupa e a põe em estado indecente. Uma chusma de spectadores presenceiam o facto e impassiveis saboreiam tão deponente scena, como si fossem dous gallos que estivessem a brigar.

—E a policia?

—*Niclis.*

—Eis como entende a policia que se faz serviço em regra:

Cercou, na sexta-feira, a casa do africano Benedicto, á freguezia de S. Pedro, rua do Duarte, para prender duas mulheres ahi moradoras, que haviam brigado, e apezar do pobre preto dono da casa nada ter com isso, arrombaram-lhe o quarto e deram-lhe a cahir!

Onde ja se viu isso?

—E' sempre assim. Quando não pratica desatinos, dá desfructes.

No domingo, brigava uma negra de empadas com um sujeito, por causa de duas patacas na porta de S. Francisco. A policia chegou e foi dando bordoadas, em logar de prendel-os; o povo reuniu-se; apupou os soldados.

O homem tomou para um lado e á negra para outro; e os cujos ficaram como *cabra-cega procura quem lo deu.*

—Faz medo andar de noite na rua.

—Tem receio dos ladrões? Por isso não; elles andam ahi com o sol bem alto.

—Por causa da enormidade de cães que vagam sem dono, á investir sobre a gente.

—O Evaristo está ahi para dar cabo delles.

—Mas eu não vejo.

—Nem é preciso.

—Porém o publico está sujeito a soffrer. Hontem foi mordido um menino no Terreiro, e com o calor que reina actualmente, ha risco de accontecer cousa mais grave.

—Em todo caso, si quer, vá á policia pedir providencias.

Á PEDIDO

—Quem é aquella mulher, que entrou na *capella* de *S. Bernardo?*

—Ignoro.

—Vem sempre todas as noites acompanhada de um soldado de cavallaria.

—Que horas são estas?

—Dez. São as horas em que ella costuma vir, e entra sempre pela porta principal da *capella.*

—Eu supponho que deve ser alguma *devota de S. Lourenço* que vem fazer *penitencias.*

—E grandes *penitencias* faz ella!

—E' verdade! Quando acaba o seu acto *penitencial* é de madrugada!

—Va ver que barulho é um na porta do *Estevão* a rua dos Caldereiros.

—Não é nada. Apenas algumas arrobas de carne secca que iam paulatinamente de um armazem para a venda de certo taful, cuja mania de fazer fortuna é comprando *generos baratos.*

—E para comprar barato, é preciso ser roubado.

—Aqui-qui!

—O *Pereira* que sabe destas cousas, poz-se na moita e agarrou o conductor ao passar pela porta do *Estevão.*

—Sabe-se quem era o comprador?

—Ainda que si soubesse! Esta gente anda sempre *cunhada*, e encouraçada.

Sr. redactor.—Lendo em os numeros 479 e 480 do seu conceituado periodico, de 12 do

corrente, uma algaravia—*á pedido*—garatujada por um miseravel, que, relatando um facto que se deu no quartel de policia, em vez de dar a sua authoria ao official que o praticou, e que todo corpo policial sabe e muita gente não ignora quem é; entendeu dever-me molestar, terminando *os seus apontamentos* com dizer—que tudo ficou em segredo como si estivesse sepultado em uma *cova;* escrevendo a palavra *cova* em italico. Eu, sendo official d'aquelle corpo, e tendo o appellido de Cova, entendi, que devia provocar a quem quer que, como o sicario, que se occulta nas trevas, acobertado com a mascara do anonymo, entende que deve deturpar a honra alheia, tisnando-a com o immundo carvão da calumnia. Epois, neste proposito, Sr. redactor, desafio, e provoco soberanamente a esse vilão para que, si tem um vislumbre de honra, se apresente descoberto, e diga si esse negocio repassado de miserias teve a minima relação attinente a mim, cuja humilde pessoa tendo por timbre zelar a sua reputação e esforçar-se no fiel cumprimento dos seus deveres, não se quer de certo medir pela bitola d'esses entes ignobeis e miseravelmente tacanhos, cuja vida, sendo uma verdadeira ulcera moral. manifesta-se todos os dias da guerreotypada em seus actos de ignominia essencialmeute crapulosos.

Rogo-lhe, portanto, Sr. redactor, para desafronta de minha dignidade e reputação de homem publico, unicos bens que possuo, e que jamais deixarei que impunemente sejam atacados, a impressão destas linhas.

Bahia 13 de março de 1869.

José Placido de Guimarães Cova, alferes.

EPIGRAMMA.

Adoecendo da lingua
O *Paranhos*, mandou chamar,
Um doutor seu conhecido
Acostumado ao curar.

O doutor examinando
A lingua de seu doente;
Disse a este—vou ver ferros
Para cortal-a bem rente.

Que uma lingoa como a sua,
E' ao mundo mais fatal
Que um copo de veneno,
Que um buido punhal. *Trem de paz.*

João da Silva Arouca, declara que o barulho entre sua amasia e a de seu compadre Jesuino Francisco de Mattos Alhambra, não foi por causa de brochas e pinceis, e sim pelo que passa a expor.

O annunciante tomou uma obra de pintura fora da cidade, para a qual levou seu compadre Jesuino á trabalhar.

Por commum accordo ficaram juntas as duas mulheres. Na volta porem veio encontral-as em desavença. O annunciante tratou de retirar-se incontinente; na occasião porém de o fazer, a amasia de Jesuino, qual furiosa tarasca, depois de cobrir de mil improperios a ambos furiosa lançou mãos de tijollos soltos que haviam na salla e os foi arremessando, fazendo diversos ferimentos e contusões no annunciante e sua companheira; ficando esta gravemente ferida.

O Sr. subdelegado compareceu á chamado do annunciante, mas entendeu que devia mandal-o preso, em satisfação ao publico (?!...) dizem.

Esteve preso cinco dias, no fim dos quaes foi solto, apresentando-se-lhe uma conta de 18$ rs., de despezas do processo a ex-officio que se lhe ia instaurar.

Foi o que se passou e que o annunciante publica para rectificação da verdade.

CHULA DE UM APRECIADOR.

Eu conheço uma creoula
Que é dengosa e requebrada,
Que quando revira os olhos
Põe minha alma espedaçada.

Quem quizer ver o que é bom
Venha ver cá na Bahia:
Ha creoulas feiticeiras
Cheias de galanteria.

São frescas e bellas,
Quero ser por ellas
Bem pisado,
Bem torcido,
Bem chupado,
Bem lambido.

Disse um padre mestre
Que isto é bom bocado,
Que regala a gente
E não é peccado.

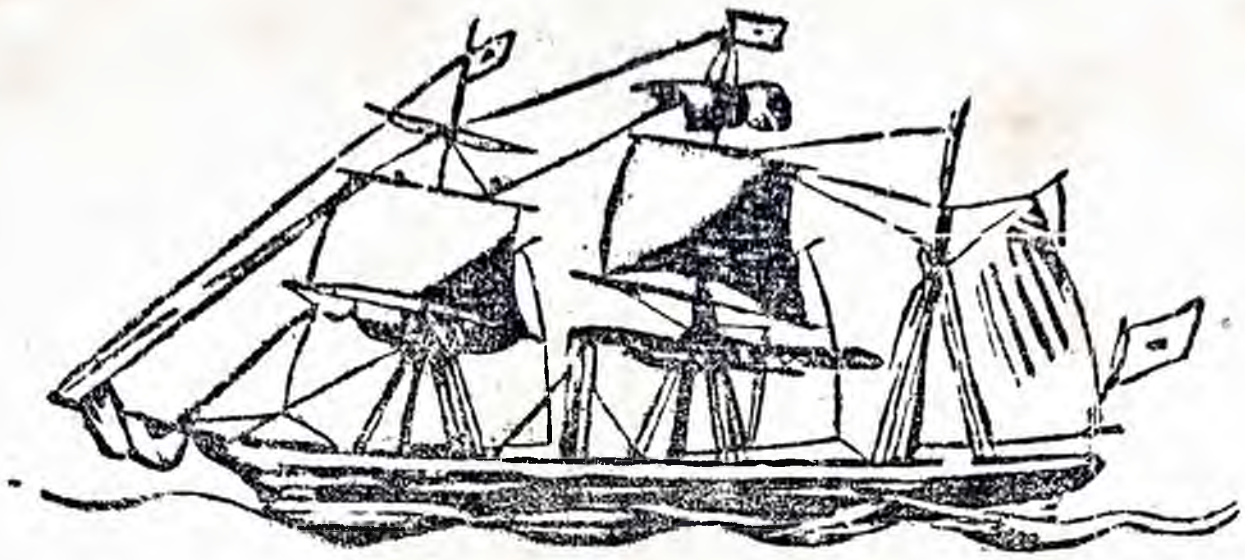
Tem feições encantadoras,
E uns dentes preciosos,
Tem crescidos sobre o collo
Doces fructos saborosos.

Quando ellas passeiam,
Tem certo rebollo,
Que touteia a gente,
Ataca o miollo.

São frescas e bellas,
Quero ser por ellas.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 16.ª e 17.ª folhas do ROCAMBOLE.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 49.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 19 DE MARÇO DE 1869. Ns. 482 e 483.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de março de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que, na noite de 14 para 15 do corrente, foi raptada da casa de sua bisavó a africana Felisberta Coelho, moradora á rua dos Capitães, por um creoulo barbeiro de nome Olavo, que ha no largo do Theatro, Amalia Maria da Fé, parda, menor de 17 annos. Consta que o subdelegado ja tem sciencia do facto; mas como ignora-se as providencias que tem havido a respeito, pede-se a S. S., confiado no seu caracter justiceiro, que tome as medidas que julgar conveniente para o desagravo da lei e da moralidade.

—Capitão, acaba de dar-se um desses factos que reclamam toda energia da authoridade.

—Diga qual foi.

—Hontem, 17, foi raptada da rua da Laranjeira, freguezia da Sé, uma creança de 11 annos.

Consta que fôra estuprada e acha-se no 2.º andar de um sobrado, ao Guindaste dos Padres, por cima do escriptorio do Sr. Balens, supponho.

—Estou certo que as authoridades, a quem compete velar pela moralidade publica, procurarão desafrontar a lei.

—Que horás são?

—Duas da tarde.

—Acaba de morrer um homem desastrosamente.

—De que maneira, meu Deus?

—Precipitou-se do 2º andar da casa n.º 59, á ladeira da Fonte dos Padres.

—Que loucura!

—Era um velho, creoulo, maior de 60 annos; tinha accessos de alienação; achava-se só em casa.

—Deus lhe dê o repouso eterno.

—Que terra, santo Deus!

Um moribundo á expirar na rua e ninguem se comprdece delle!

—E tão perto da santa casa!

—Cahiu aqui ao sahir do Terreiro, ás 4 horas da tarde e ás 8 da noite, ainda ninguem o soccorreu.

—A gente do olho-vivo não dorme!

Presentiram hontem, 17, que o dono do armazem por baixo da Recreativa sahira com 3:000$ rs. e á noite, munidos de escadas, foram dar na casa do homem.

Ao ouvirem porém os passos da patrulha, que se approximava, largaram-se.

—Ora esta companhia do gaz bigodeia completamente com o publico!

Faz pasmar!

—Arre! Já cança fallar!

—A ladeira da rua da Oração tem um unico lampeão, o de n. 823 que é acceso constantemente ás 7 horas e meia.

—E' muito zombar!

—E o povo, que paga para tudo, soffre paciente mais esta logração.

—E por fim, quando se falla, os taes Srs. accendedores ficam todos amuados e vão tomar satisfações aos empregados da officina.

—Este collegio anda ás mil maravilhas!

No tempo de quaresma é de obrigação haver duas missas por dia, e na terça-feira não houve côro, nem missas; na quarta houve apenas uma missa.

—Eu estou que o arcebispo ignora esse deleixo, que vae pela sua cathedral.

—Então, neste caso, é bom levar-se ao conhecimento de S. Ex. Revma. para que appareça alguma providencia a respeito e não estejam os cobres dos cofres publicos sendo inutilmente esbanjados.

—Acho bom!

—Afogou-se no dique uma rapariga de 25 annos, escrava do Sr. Teixeira.

—Diz o *Jornal da Bahia* que, pelo exame a que se procedeu, conheceu-se que não havia lesão no corpo.

—Entretanto, o que lhe affianço é que ella não se atirou ao dique pelo simples desejo de acabar com a vida.

—Proezas da companhia do olho-vivo.

O celebre Tranquillino, que ainda ha pouco andou pelos telhados da cidade baixa, surripiou hontem á tarde algumas libras sterlinas de um estrangeiro. Quando foi preso, fez bravuras; resistiu e quiz dar pancada.

—São audazes de mais!

—A impunidade, com que essa gente está acostumada a ver passar suas façanhas, cada vez mais os anima.

—O regulamento militar soffreu alteração?

—Não sei disso, não.

—Sei-o eu.

—Innovações de sua cabeça.

—Ora va ouvindo:

Um soldado delinque; trancam-no em quarto escuro á pão e agoa, por um, dous, tres, quatro dias, conforme o delicto; é do regulamento?

—Um abuso que se dê em Latronopolis não é regra. V. não sabe que aqui tudo é ao inverso das mais partes?

—Está onde vae o meu engano. Julguei que aqui, como em toda parte, se observava á risca a lei.

—Olhe que Vv. são uns *caçadores* de novidades sem assumpto; matando seu *cavallo* por tão pouco!

—Hoje ha procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos na capella do Boqueirão.

—Deve haver grande concurrencia de fieis.

—As creoulas e beatas de capona não é preciso convidar. Ellas não farão sentir suas presenças.

CARTA

DE SAUDAÇÃO AOS SAPIENTISSIMOS LENTES DA IMPERIAL ESCHOLA DE MEDICINA, DESTA CIDADE.

Allopaticos senhores.

E' mister que no principio d'este anno vos dirija uma saudação em louvor dos grandes beneficios que tendes prestado á humanidade em geral, e em particular aos vigarios, e armadores do nosso paiz; vós mereceis os titulos de patriarchas da nação, em virtude dos serviços que tendes prestado em apresentar todos os annos tão habeis doutores, feitos nessa academia; em um tal progresso, é de esperar que em pouco tempo a morte, combatida por esta legião de doutores, desappareça inteiramente do seio da terra, e então, por esta forma, acabadas as molestias mortaes, vos empregareis unicamente em arrancar dentes, partejar mulheres, cortar umbigos etc., etc. As boticas tornar-se-hão cazas de conversa e recreio, e os hospitaes fabricas de saude.

E' com tudo digno de observar-se, e com lastima, que tendo a medicina chegado aos xifres da perfeição, ainda se não descubrissem remedios efficazes para curar certas molestias que tão prejudiciaes se tornam na sociedade e que talvez vos tenhaes esquecido de classifical-as, e taes são as seguintes:

No sexo feminino costuma apparecer uma doença, (muito vulgar no nosso paiz,) e é assas prejudicial, que vem a ser--a Cazamentitis intença--doença muito forte, que ataca a certas moças com grande irritação de nervos, de sorte que entram a gritar, a se prague, jarem e só correndo para as janellas.

Outra molestia temos observado que apparece vulgarmente nos rapazes que vão á Europa, e tambem em alguns officiaes de marinha, talvez por tomarem ares de diversos climas: é chamada esta molestia.--Parolites aguda--o doente que a soffre tem sempre comsigo uma secura de contar pêtas nas sociedades ás senhoras, apresenta muita facilidade em fazer promessas, mas de repente varia com a febre, e nada cumpre. Os doentes de parolites devem ser curados com as unturas de cêbo, e um siringatorio de xurrio. Na França, esta molestia é quasi geral nos bailes e reuniões de côrte, e quasi sempre accompanha a este mal outra enfermidade que padecem os petimetres chamada--macaquitis-pelintra,--desta ultima temos entre nós alguns doentes bem achacados, os quaes gastam continuamente muitas pomadas e linimentos aromaticos da botica do Alipio.

Eis aqui pois, senhores, quanto posso nesta occasião communicar-vos do resultado de minhas observações, recommendando-vos que tenhaes em vista as referidas molestias que presentemente affligem a nossos concidadãos.

(*Extr.*)

CORRESPONDENCIA PARTICULAR DO *ALABAMA*.

PARIZ 25 DE FEVEREIRO DE 1869.

Desde que aqui cheguei, não me tem sido possivel escrever-lhe em consequencia da molestia de que vim soffrendo e que ainda me persegue, si bem que menos apurada.

Desejava descrever-lhe tudo que ha de notavel nesta Babylonia moderna, para V. abysmar-se, porém a pressa, com que faço esta, não me dá logar e apenas lhe direi a respeito duas palavrinhas.

Ao saltar no caes, que é todo de bronze e cheio de arcadas de metal do Principe, não sei como não enlouqueci de admiração; ao depois fui vendo as ruas calçadas de aljofares; as casas com portas de marfim; janellas de vidro de grau, que ao olhar-se para ellas, parecia esconder-se a gente por dentro; as feixaduras galvanisadas de ouro, as paredes de um colorido celeste, o telhado todo de pães de assucar das colonias americanas; emfim, não encontrava senão soldados granadeiros, marechaes do imperio, senadores, duques, magistrados, homens de corte, etc., etc. Isto quanto aos homens. Divertimentos dos mais caros e exquisitos a cada canto, como fossem: gatos pulando para o ar; realejos tocados por macacos da Africa; cabritos dançando cancan; cachorros empinando arraia, e outros muitos semelhantes.

Quando me entranhei pelo centro da côrte, espantei-me dos palacios maravilhosos e mais que tudo de um que tem de extensão 15 mil braças; esse edificio contém 4000 janellas, 500 portas e em cada uma um soldado de sentinella; me parece, meu charo, que si eu ahi entrara, certamente não sahira mais.

Ja tenho aqui encontrado muitos dos nossos patricios, principalmente doutores em medicina, que vieram se rebocar porque foram tão mal construidos, que, si tão depressa aqui não chegam, se demoliriam. Aqui, me disseram elles, é que viemos conhecer um pouco de medicina, pois que até então nada sabiamos, apezar de que não havemos de queimar muito as pestanas, porque basta que la na Bahia tenhamos a fama de que visitamos as academias de França para sermos muito sabios.

Si V. aqui estivesse e visse como lordeia um desses nossos patricios, que, quando ahi chegam, alardeam de fidalgos e de sabios, ficava de bocca aberta!

Passando a outro assumpto, consta que ultimamente, n'uma escavação que se fizera no Egypto, fôra encontrada a caveira e toda ossada do nosso pae Adão, ainda com alguns nêrvos e resto de pelle nos calcanhares e que tinha um grande callo procedido da enorme tamanca com que andava no paraizo. O esqueleto foi conhecido pela grande cabeça, a qual, sendo apresentada á eschola de medicina de Milão, reconheceu-se unanimemente que, segundo os principios de Lavater e Gall, não pódia pertencer a outro, que não fosse o pae do genero humano: tinha a bocca de simplorio, indicava ter possuido um grande nariz, porque ainda se achavam os vestigios das volumosas ventas que formavam duas cavidades, nas quaes ainda se divisavam restos de tabaco de pó, de que fazia uso; a bocca ainda conservava os dentes limados, o que mostrava que os aguçou para poder roer o fructo prohibido, e é para admirar que, achando-se todos os ossos, apenas se deu por falta de uma costella, que se suppõe ter sido a que lhe foi tirada para a formação de Eva.

Aqui páro, que o paquete vae fechar a mala; no seguinte lhe contarei boas cousinhas do que ha por cá.

No mais creia que sou sem perigo
Correspondente e amigo
Manuel de camisola
Que usa sapatos sem sola.

LA VAE VERSO

Ver com cara deslavada
Passeiar um reu na praça,
E' progresso desta terra
E' luxo, é belleza, é graça.

Contar, com vivo interesse,
As grandezas que outro passa,
E' prazer de alguns poetas
E' luxo, é belleza, é graça.

Pode um ladrão ser barão,
Mas no povo não desfaça;
Que o ser fidalgo hoje em dia
E' luxo, é belleza, é graça.

Certo Dr. guarda os livros
Para sustento da traça,
Um burro de carga é sabio;
E' luxo, é belleza, é graça.

Ser hoje rico é ser grande,
O ser pobre é so desgraça;
Pregar calotes é moda,
E' luxo, é belleza, é graça.

Um Dr. p'ra diarrhea
Deu purgante de potassa;
Mandar os outros p'ra cova
E' luxo, é belleza, é graça.

Estudante ao pé de moças
Sempre diz sua chalaça;
Andem la, que todos gostam,
E' luxo, é belleza, é graça.

TRANSCRIPÇÃO.

LITTERATURA.

Frei Bastos.

A' ordem Seraphica de S. Francisco da provincia da Bahia pertence a gloria de ter por filho o padre-mestre pregador regio Fr. Francisco Xavier de Santa Rita Bastos, que nasceu na cidade de Maragogipe da mesma provincia, morreu no anno de 1846 na cidade da Bahia e jaz sepultado no claustro do convento de sua ordem.

Fr. Francisco Xavier de Santa Rita Bastos foi um dos maiores oradores sagrados do seu tempo.

Era eloquentissimo em seus sermões e por sua vasta erudição e facundia conseguia prender a attenção do auditorio, que nunca se enfastiava de o ouvir, antes, pelo contrario, sempre o escutava com attenção e prazer. Por mais grandiosa e solemne que fosse a festividade, o padre mestre Frei Bastos não hesitava em acceitar o sermão, qualquer que elle fosse, ainda que entre a solemnidade e o convite medeassem poucas horas. Tinha uma memoria prodigiosa e para comprova-lo citaremos este facto:

Para uma festa de Nossa Senhora do Rosario, da baixa dos Sapateiros, foi elle rogado a orar ao Evangelho, e ao *Te-Deum* devia orar o vigario da Saubara. Na vespera da festa, o orador do *Te-Deum* veio ao convento de S. Francisco, leu a Fr. Bastos o sermão que pretendia pregar, e, perguntando sua opinião, elle respondeu que o achava excellente. Chega o dia da festa, sobe Fr. Bastos ao pulpito, e prega *ipsis verbis* o sermão que ouvira ler ao vigario, orador do *Te-Deum*; este ficou desapontado, e procurou-o dizendo: então, Sr. padre-mestre, V. C. pregou o meu sermão, e o que hei de eu fazer agora?

E' verdade, Sr. vigario, que preguei o seu sermão, eu não lhe disse que o achava excellente? agora o Sr. vigario pregue o meu, aqui o tem! O vigario encavacou e Fr. Bastos subiu de novo ao pulpito e orou ao *Te-Deum*. Não foi o spirito de ganancia que o induziu a fazer isso, e sim o desejo de ostentar profunda erudição e memoria.

Garantimos a veracidade do facto que acabamos de narrar, que altamente comprova a memoria feliz e prodigiosa do famoso athleta da tribuna sagrada.

Fr. Francisco Xavier de Santa Rita Bastos era não só um orador sagrado de notavel merecimento, como poeta, que tocava ao sublime e ao baixo. Escreveu um poema dedicado ás chagas de S. Francisco, que, na opinião das pessoas que tiveram a fortuna de o ler e que eram competentes na materia, confessam ser uma producção soberba. O Dr. Manuel Jose Cardoso Junior encarregou-se de o mandar imprimir em Coimbra, levou-o e perdeu-o infelizmente.

Si como orador sagrado e como poeta, Fr. Bastos tocava ao sublime, e grangeava o epiteto do Bossuet brasileo; como homem, embrenhava-se e perdia-se no lodaçal dos vicios.

.....

O jogo era sua paixão favorita.

Um dia estava elle jogando uma partida em dia da festa do glorioso padre S. Francisco, orago do convento de sua ordem, festa que era feita com arrojada pompa, e na qual pontificava o arcebispo D. Fr. Vicente da Soledade.

Era elle o orador ao Evangelho; eis que o chamam para subir ao pulpito. Pega precipitadamente no baralho de cartas e esconde-o na manga do habito. Sobe ao altar, recebe a benção do arcebispo, que era o celebrante, e surge no pulpito. Diz o thema e começava o exordio, quando a um accionado derrama-se o baralho de cartas no meio do auditorio. O successo e o espanto foi geral.

Elle não se perturba, pára por curtos momentos, e com a maior calma chama por um menino que se achava junto ao tapa-vento e que teria, quando muito, 6 annos de idade, ordena-lhe que apanhe as cartas, e á proporção que as fosse levantando dissesse em voz alta o nome d'ellas. O menino obedece, e a proporção que apanhava dizia: — az de ouros, rei de páus, valete de espadas, dama de copas, e assim por deante até a ultima; mandou depois que as contasse e perguntando se estavam certas, o menino respondeu pela affirmativa. Ajoelhe-se e rese o credo; o menino não sabia resar.

Fr. Bastos alça os vôos da eloquencia, e faz sobre os vicios e a educação religiosa da mocidade o mais estupendo sermão, arrancando applausos do luzido auditorio, que o escutava, e que ancioso aguardava o resultado daquella scena, cujo desfeixo não podiam prevêr.

Ainda outro facto: achando-se no convento de Pernambuco, subtrahiu algumas alfaias valiosas, e, vendo-se perseguido pelos religiosos, fugiu para a côrte em companhia de uma cabocla, afim de implorar de El-rei o perdão de seu crime.

Achava-se um dia sentado na botica do Carmo, apparece-lhe um sujeito, e o convida para pregar em uma explendida solemnidade que nesse mesmo dia e quasi na mesma hora teria logar na capella real, porque, havendo adoecido repentinamente o orador, nenhum

outro se queria prestar a substituil-o por falta de tempo para o estudo; Fr. Bastos acceita o convite, tomando por condição somente o perdão do crime em que se achava incurso. A pessoa que o convidara, gozando na côrte da maior consideração e prestigio, garantiu-lhe o perdão e o levou comsigo. Entre o convite e o sermão medearam apenas 3 horas.

A capella real do Rio de Janeiro estava completamente cheia. El-rei, a côrte e tudo quanto havia de grande, não faltou. Eis que apparece no pulpito o padre-mestre Fr. Bastos, o Bossuet brasileo, saúda a El-rei e faz um bello sermão em que a eloquencia sagrada tocou ao sublime.

El-rei perdoa-lhe e o nomeia pregador regio, honra esta, a que naquelles tempos se ligava a mais alta importancia; era o brasão do talento oratorio, porque só delle gosava quem fosse orador sagrado de extensa nomeada; por quanto, pregador regio, era synonimo de orador!... Para Fr. Bastos foi de grande valor esta nomeação, porque o allíviou do carcere do convento, onde vivia a maxima parte da vida, pelo seu desregramento.

Vamos ainda referir um facto que altamente comprova a memoria e o talento de Fr. Bastos. O arcebispo da Bahia, antecessor do finado marquez de Santa Cruz, possuia uma obra volumosa e de raro merecimento, escripta em francez; emprestou-a a Fr. Bastos, elle leu-a, e tendo pouca cautela, perdeu o precioso livro.

O arcebispo pedia-lhe o livro com instancia, sem que Fr. Bastos o podesse dar por que o não tinha, até que afinal vendo-se tão perseguido pelo prelado, entregou-lhe a obra em manuscripto, pelo seu proprio punho, escripta de memoria.

Fr. Bastos, durante sua vida, pregou com geral applauso na sua provincia, onde ainda hoje é seu nome lembrado com saudade. Em uma festa em que devia orar na villa de Jacobina, antes de subir ao pulpito, apanhou um ar que o tornou paralitico; assim mesmo dictava sermões, e vendia-os a quatro mil reis.

Á PEDIDO

AHI VEM.

Toquem adufos, tambores,
Toquem caixas, charamellas,
Ponham colchas nas janellas,
Preparem arcos, andores,
Cubram as ruas de flores,
Que não tarda o general,
Esse rei dos brigadores,
De Marte o *invicto* rival!

Lopez foi p'ra serranias,
Refazer-se da derrota,
Sem exercito, sem frota,
Entre ancias, entre agonias.
Volta as costas ao Caxias!
—*A guerra está terminada*!
Vão raiar mais bellos dias,
Nesta terra malfadada!

Salve, oh! genio da victoria!
Salve, oh! rei d'evacuações!
Fizestes pasmo ás nações;
Espantaste a propria historia;
Erguestes padrões de gloria,
Nesses paúes tenebrosos,
Fundos negros horrorosos,
Que eterna deixa memoria!

Nossos soldados valentes,
Nossos valentes guerreiros,
Esses bravos brasileiros,
De outros bravos descendentes;
Esses guerreiros ingentes,
Nada são, ecomparados,
Aos teus feitos transcendentes,
Ficam de todo offuscados!

Bravo dos bravos, valente
De antes quebrar que torcer,
De *antes voltar que morrer*,
Ahi volta alegre, contente,
Apressado e deligente,
Em busca do patrio ninho,
..... e mais gente,
Para não voltar sosinho.

Toquem adufos, tambores,
Toquem caixas, charamellas,
Ponham colchas nas janellas,
Preparem arcos, andores,
Cubram as ruas de flores,
Que não tarda o general,
Esse rei dos brigadores,
De Marte o *invicto* rival!

X. P. T. O.

(Da *Opinião Liberal.*)

—Capitão, ás suas ordens.

—Não estou para ouvil-o; pode retirar-se.

—Seja um pouco paciente, capitão.

—O que pretende?

—Fallar-lhe do *Par-de-aranhas*.

—Seja em poucas palavras; ja me aborrece ouvir fallar de tão enjoativa creatura.

—V. Ex. perfeitamente sabe que o pau, que nasce torto, tarde ou nunca se indireita. *Par-de-aranhas*, logo na infancia, mostrou o que havia ser no futuro.—Camello como trinta!

Por isso não me admira, quando o vejo a dar por paus e por pedras, e a razão é, que quem foi mau estudante de mathematicas, nunca será bom engenheiro.

Ora, é sabido que o tal homemzarrão foi reprovado duas vezes nesse ramo; tanto que não poude seguir, como pretendia, a carreira da armada, e por *misericordiam Dei* encartou-se na engenharia...

—N'um engenho precisava estar elle tangendo burros.

—E até hoje ignora-se onde poude arranjar a carta, e mesmo duvido que a possa apresentar.

—E' verdade que ha por ahi homens, que não andam á quatro pés, por misericordia divina. Elle pode muito bem entrar no numero destes.

—O caso é que, filaucioso como elle, ninguem.

Eu o julgo capaz de tudo.

—Não exagere.

—Pois ha que fiar n'um homem que se serve do reposteiro para intrigar miseravelmente a seus subordinados com o governo?

Um homem, que, por bibocas e botequins, anda a depor dos mais, inculcando-se somente de honrado; um homem, que abre a repartição á noite, para mostrar a extranhos a correspondencia official reservada, afim de arrogar grande privança e influencia?

Ora adeus!

O que julga V. Ex. do caracter de tão mesquinha creatura?

—Julgo que V. é um massante, que me vem tomar o tempo com bugiarias.

—Vamos á *Quinta das Devotas*?

—Fazer?

—Ha pagode.

—Não sou de pagodes.

—E' cousa de apreciar-se. Um candomblé.

—Ainda peior! Não quero vir ajoujado.

—Não se assuste; a policia é de casa.

—De casa é rato, meu rico.

—Quer dizer que estamos garantidos.

—Ou eu não lhe entendo, ou V. não se quer fazer entendido.

—Mais claro? O dono da casa é do *seio*.

—Da policia ou do candomblé?

—Uma e outra cousa.

—Ora, sempre é policia a de Latronopolis que se involve em candomblé!...

—Até gente de galão.

—Está direito!...

Mas eu não quero, ao transpor a porteira, ser agarrado; não vou lá.

—Não se entra por porteira; é por uma porta pequena.

—Uma *portella*.

—Justo.

—Com tudo vá só, que eu cá me fico.

—Então, adeus.

—Divirta-se.

—Ora, para o que havia de dar a estonteada cabeça do *Par-de-aranhas*!

—Tambem V.?

—Porque não?

—Pois olhe; a pelle do pobre homem não é roupa de francez, para cada um tasquinhar seu pedacinho.

—Mas é pau de mocher besta.

A tal cabeça, como dizia, é o terreno mais fertil para produzir asneiras.

Benza-te Deus!... Toma figão!

—Cóitado! Um cão damnado, todos a elle!

—Não lhe pareça; as vezes a possessa creatura tem accessos de hydrophobo.

Mas não esteja V. Ex. a se penalisar por quem não tem pena de ninguem.

—Senhor, entre na materia, e não me esteja a empatar.

—Vou entrar.

Pois o homem não entendeu na sua fermentada cachola, de a seu arbitrio reformar o regulamento do *trem de paz*?

—Qual! deixe la disso! Elle não é capaz de infringir o regulamento.

—E então, como creou um logar de enfermeira que cura os *pequenos* até 18 annos, quando não ha disposição para isso no regulamento?

—Peta sua! Os estatuos mandam que os *pequenos* desta edade se tratem fora do *trem de paz*; isto é, no hospital militar.

—Mas elle não faz caso de estatutos; diz que tem carta branca.

—Caxias 2.º!... podia ir para o Paraguay commandar o exercito na falta do primeiro.

—E' um gosto ver a tal enfermeira: especie de irman de charidade, com seu galhinho de arruda na mão. Si V. Ex. a visse ficava de queixo cahido.

—Va bugiar!

—O caso é que, ha pouco, mandou ella um *pequeno*, que tinha uma chaga na perna, ceiar com os anjos.

O remedio favorito da tal curujona é folhas de larangeira da terra e vinte gottas de laudano.

—Está boa esta! Com isto lembrou-me agora de uma velha, feia, magra e lanzuda, chamada tia Maria, do romance o *Sargento de Milicia*, publicado no Rio de Janeiro.

—Capacita se agora que elle é capaz de virar aquelle *trem de paz* de pernas ao ar, á despeito do regulamento?

—Não quero saber de nada, quero tão somente que empine-se. Até ao depois.

—V. que é um fura-bolo, será capaz de descobrir uma cousa?

—Vejamos.

—Quero que me descubra por onde anda um labrego, que acaba de desgraçar uma rapariga brasileira, creoula, que cahiu na reverendissima asneira de ir atraz das comportas do tal mariola.

—Pelos indicios, é bem possivel.

—E' um machacaz, cujo faro presentiu que a rapariga tinha vendido uma casinha e estava com o dinheiro em ser. Entrou a fazer-lhe roda e tanto *cantou* que cahiu de dentro. Por meio de argucias, conseguiu que a incauta deixasse a casa onde morava e fosse habitar na da sogra delle, á rua das *plantas cheirosas*.

—Então é casado?

—Viuvo.

—E a sogra consentiu?

—Podera não! A sogra, uma perfeita *abelha mestra*, consummada *onze-lettras*, experiente veterana do antigo Caes Dourado, adextrada a despojar os marinheiros, que lhe cahiam nas unhas, do que levavam, no tempo das viagens da Costa, concordou, com vistas de tirar algum resultado tambem.

—Prosiga.

—O labrego, que só tinha em mira arrancar da rapariga os cobrinhos, foi a engabelando, até que, certa noite, apanhando-a dormindo, saiou-lhe as chaves d'arca e roubou-lhe 1:000$ rs.

Elle, que nem o que vestir tinha, pois que as calças com que andava eram de uma lavadeira, a qual comprando uma libra de sabão a deixara em penhor e nunca mais foi buscal-as, quando o bruto era caixeiro de uma venda do *Maciel*, comprou logo uma casinhola de taipas, lá para o fim da *Estrada Velha* e surtiu uma vendola de *enxutos* e *humidos*.

Quando a rapariga conheceu que estava roubada, e isto já passado mais de mez, bradou mais que o preto do leite; o gallego porém, fertil em astucias, soube illudil-a e acalmal-a, dizendo que aquillo era para elles mesmos, e como ella visse que braço cortado não tem remedio accommodou-se.

Tirou-a da casa da sogra e levou-a para a tal baiúca da *Estrada Velha;* porem, como lá a maltratasse insolitamente com pancadas, a rapariga levantou acampamento, e veio para o *Paço da rua*.

O gallego era uma sombra sinistra, que accompanhava a creoula onde ia; viu que a *mina* não estava de todo explorada e que o osso ainda tinha o que roer; era preciso concluir.

Beirou, beirou, cantou, chorou, illudiu, fez mil juras e, como mulher assemelha-se ao besouro, cedeu.

Apezar de já andar um pouco escabriada com o larapio, foi se deixando levar por suas palavrinhas doces, até que na segunda-feira ultima, elle apanhando-a de geito, deu lhe segunda vez na arca e levou todo o ourinho.

—Que sevandija! que ladrão!

—Tenho aqui a lista do que o ladravaz roubou.

Um rozario, cruz e borla de ouro, com 26 e meia oitavas, um crucifixo com 11 oitavas e tres quartos, 1 par de pulseiras de conchas de ouro massiço, 4 varas de colar, 2 varas de cordão, 1 transelim de filigrana e caixa de relogio.

—Armou-se completamente.

Si ao menos se podesse prevenir aos ourives!

—Tão tolo não é elle para ir offerecer agora.

O que è preciso é descobril-o.

—Mas como?

—Não lhe disse que tem uma biboca na *Estrada Velha?*

—Si fosse na Estrada Nova, o *Dionisio* que tem venda lá me daria novas delle.

—Frequenta casas de jogo.

—Ah! então o *José* que tambem é apreciador da cousa, me poderá informar.

—E é inseparavel de um *carneiro*.

Estes esclarecimentos parecem sufficientes, com o tino que V. tem, para descobril-o.

—Vamos a ver; não ha de ser por falta de diligencia que o seboso ladrão ficará impune.

—Cá está o Sr. *José;* ha muito que andava em busca sua.

—A razão, porque me dá essa honra?

—Para me dar noticias do *Zephirino*.

—Oh! esse maganão metteu-se la para o *Caes Dourado* em companhia do *Alves*, que tem feito as todas.

—Faço ideia.

Então continúa na pilhagem?

—Como nunca!

Diziam que o *Motta* era o maior tratante, o mais safado cynico, o velhaco mais relapso, o fraudulento mais sem-vergonha, o ladrão mais astuto; porem, diante deste proeminente vulto da bandalheira, fica muito aquem.

E' o primeiro.

No Caes Dourado, chamam-no o *ratazana universal*.

—E' um titulo que honra.

—Isso é em razão delle se occupar em todos os ramos da industaia surripiante.

Rouba, engana, illude, trapaceia, subtrahe, falsifica.

Os mais da quadrilha tem um ramo especial, elle é cosmopolita de tudo quanto é de empalmar.

Emprega á artimanha, o dolo, a fraude, o subterfugio.

Seria um famoso bandoleiro, si podesse transportar-se aos Abruzzos.

—Eu, quando lhe perguntei pela harpya, é porque ando á pista delle; queria saber o que foi feito da bengala de unicorne de um *benigno* rapaz.

—Ah, sabe disso?

A bengala, que custou a seu dono 80$ rs., comprou-a o salteador a um moleque por 10$ rs., e sem ser isso, tem mais outras cousinhas boas.

Por exemplo: alguns objectos de ouro da viuva do *Cara de todos os bichos*, que elle empenhou por uma tutemeia e depois deu-se de roubado para ficar com elles; o relogio patente do João Saveirista; os castiçaes de pra...

—Espera lá; não precisa correr; vamos por partes. Primeiro a bengala de unicorne.

(Continúa.)

—Bom dia, capitão.

—Pretendia alguma cousa?

—Como sei que V. Ex. anda em cata dos tratantes e gosta de conhecel-os, venho indicar-lhe mais um.

—Estou a seu dispor.

—Um homem que diz ser *popular*,, com loja de farrapos na *cidade do negocio*, e que affecta mansidão e paciencia de um *cordeiro*, enganou com dolo e má fé a mulher de um carroceiro.

—De que maneira?

—Vendendo-lhe um córte de chita pôdre como cisco, por fazenda boa.

—Reclamasse a troca.

—O marido foi; mas o bandalho, com incrivel cynismo, respondeu que nada tinha com isso, porque quem tem seus olhos bem vê e quem se engana é porque quer; que vendeu e estava vendido.

—E' ladroeira calva.

—O pobre carroceiro, pediu, rogou, expoz suas circumstancias, más a nada attendeu o embrutecido farrapista e só dizia—não quero saber, o cobre já está cá.

—Nada adiantam essas trampolinas.

—Dissuadido de nada alcançar, lá se foi o carroceiro com o pedaço de mulambo, praguejando o systema de lojas abertas á noite, com a mira de vender gatos por lebre.

—V. já me disse que isso se deu na *cidade do negocio*, agora a rua?

—Defronte do *Mor* que tem *gado*, na rua de *Santa Illustre*.

—Vou mandar applicar-lhe tres duzias de calabrotadas na bitacula, para que este tratante não continue a illudir aos imbecís com a sua especulação de casa aberta até 10 horas da noite.

—Nesta terra veem-se cousas!

A policia em vez de corrigir, é *corrigida*.

E que correcção!

—Como foi então isso?

—Um soldado de policia que apanhou como um boi, hoje 18, ás quatro horas da tarde, no Taboão.

—E elle estava de mãos atadas?

—Além do homem estar um pouco *toldado*, eram quatro sobre elle.

—Estes policias ás vezes são tão imprudentes!

—Com tudo.

Deram-lhe tanto, que deitou sangue.

—Arre! Assim tambem foi de mais!

—E o melhor é que não foram presos.

—Mas são conhecidos.

—E estabelecidos no logar.

—Não se afflija que estão *seguros*.

—Não sei a utilidade que ha de uma patrulha na praça do mercado.

—Afugentar os ladrões.

—Mas, si ella, permanecendo cega e surda, não os encherga nem ouve?

Que haja policia ou não, os roubos ali se dão constantemente.

Um dia destes, amanheceu arrombada a barraca da creoula Sophia.

Os ladrões tiveram tempo para levar duas arrobas de toucinho, cento e tantas melancias, verduras e outras cousas mais.

—E' admiravel!

—Entretanto, si ha de haver ali uma força, que de nada serve, é melhor retiral-a, porque, ao menos, cada um terá o cuidado de vigiar o que é seu.

ANNUNCIOS.

A rua do Bom-Gosto da Calçada, n.º 7, se dirá quem compra prata, ouro, e tambem dá dinheiro sobre hypothecas de qualquer especie.

Sahiu á luz a walsa SYMPATHIA e a mazurka JULIETA, por Francisco Santini, author da BORBOLETA.

Vende-se em casa do author, ladeira de S. Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do Sr. Conde, ao Rosario; loja do Seixas, ao Pelourinho; e na Calçada, botica da esquina do becco do Godinho.

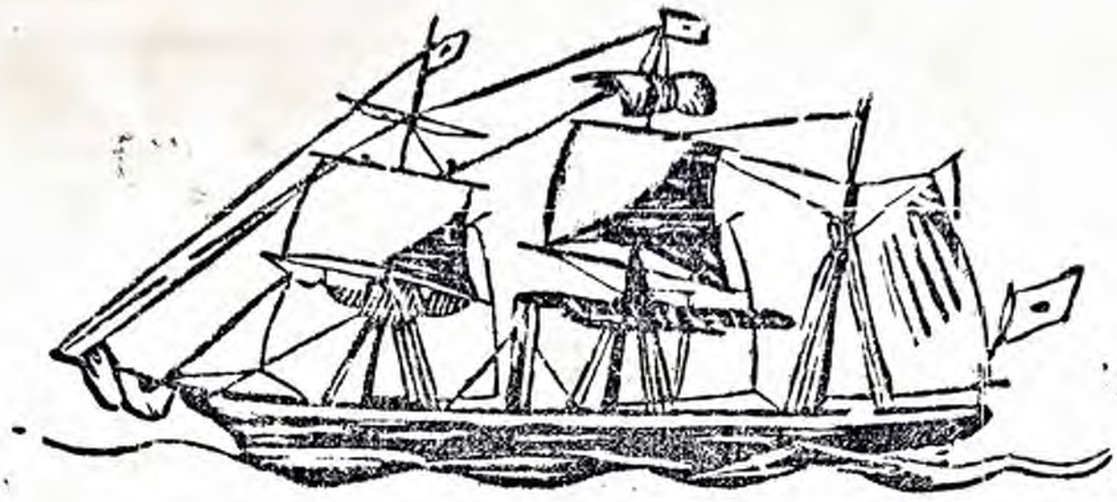
ATTENÇÃO

RUA DA LARANGEIRA N. 21.

Bandeiras de todas as nações; signaes de Mariath, Filele de cores,

Vende-se por preço commodo.

Distribue-se hoje a 18.ª folha do — ROCAMBOLE.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 49.**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 25 DE MARÇO DE 1869. Ns. 484 e 485.

O ALABAMA.

O HORTO DE GETHSEMANI.

I.

Eram chegados os tempos; iam realisar-se as prophecias: na ampulheta do destino estava a cahir o derradeiro grão de areia; Jesus Christo ia padecer.

O sangue do Cordeiro de Deus ia apagar os peccados do mundo e prestes estava a soar a hora da redempção da humanidade.

Estremecia o inferno em seus fundamentos, vendo que lhe ia escapar a presa que tinha segura; e os anjos do ceu reclinavam as frontes para a terra afim de assistirem ao espectaculo magestoso e terrivel que se ia passar.

Era uma luta immensa, gigantesca, como nunca haviam os seculos presenceado: era a luta do inferno contra o ceu, da mentira contra a verdade, das paixões desencadeadas contra a moral do Evangelho, contra a cruz e os martyrios.....

Era a luta de Satanaz o maldito, que ousara no começo dos seculos erguer-se contra o Eterno, e que agora se apresentava a travar batalha contra o Christo, seu unigenito.

Era a luta da soberba contra a humildade, das paixões contra a virtude, dos prazeres contra a dor, da morte contra a vida.

Quem vencerá?

II.

Era noite.

Em companhia de Pedro, Thiago e João sahiu Jesus para o Horto de Gethsemani.

Era ali que costumava orar. A' sós, longe do turbilhão do mundo, do bulicio dos homens, embalado pelo sussurro da palmeira e pelo murmurar suave do Cedron, que corria manso e tranquillo no fundo do valle de Josaphat, era ali que o espirito desprendendo-se da materia elevava-se ás regiões do ceu; que o pensamento do filho unia-se ao pensamento do pai; era ali finalmente que na oração fervorosa cobrava alentos para a obra immensa qne viera realisar.

Serena e tranquilla ia a lua em meio do ceu, prateando as arvores docemente agitadas pela brisa da noite, nem uma nuvem si quer, empanava a limpidez d'aquelle ceu diaphano; e a voz da natureza, n'aquella hora solemne, parecia uentoar ma prece, uma oração ao ceu.

E Christo deixando os apostolos no valle e recommendando-lhes que velassem e orassem para não cahirem em tentação, adiantou-se só por entre as arvores que formavam o Horto.

Então a tristeza se lhe apoderou d'alma. De joelhos, com a fronte reclinada nas mãos, que de pensamentos lhe não perpassaram pela mente?

N'aquella alma tão grande como a immensidade, n'aquelle coração tão cheio de amor pelo homem, vivo era o combate que se travava. Os horrores da paixão, o terror da morte, o tedio, o abatimento, a prostração d'elle se apoderaram.

A natureza humana parecia recuar na luta; enorme era o pezo que sobre ella recahia...

Como em um immenso espelho via o Filho do Homem desenrolar-se ante seus olhos todo o quadro das iniquidades humanas; todos os crimes commettidos desde o peccado de Adão e de Caim até o derradeiro crime no terminar dos seculos. E todo o sangue derramado no decorrer dos tempos, e todos os fratricidios, e todos os sacrilegios e todas as abominações e todos os odios e todas as calumnias e toda essa serie de perversidades e de horrores, tudo isto se lhe afigurava na mente, como outros tantos espectros terriveis e assustadores.

Echoavam lhe aos ouvidos os gritos das victimas, o vociferar dos algozes, o estrepito das orgias, as gargalhadas dos impios, as imprecações e blasphemias dos reprobos...; e de tudo isto era elle o responsavel ante seu pai, carregaria com todas essas enormidades, seria a victima expiatoria de todos esses crimes, porque sem que seu sangue corresse não seria resgatado o homem.

Mas era horrivel tudo isto; estava lhe eminente a morte alguns minutos mais... é seria preso como um malfeitor, escarnecido pela turba, insultado pelos phariseus, negado pelos discipulos; despedaçar-lhe-hiam o corpo, traspassar-lhe-hiam o peito, pregal-o-hiam na cruz!

E era tão poderosa essa impressão, e eram tão vivas essas imagens, que lhe passavam constantemente ante os olhos, que prestes a natureza a succumbir, gottejando-lhe do corpo suor copioso de sangue, com o semblante pallido e os labios convulsivos, do intimo do peito o Filho do Homem soltou este grito supremo de agonia, como a explosão do abatimento, como o dilacerar pungente da dor.

—Pai! Pai! E' horrivel o que soffro nesta hora solemne; enormes são os peccados do homem; é pesada a cruz que tenho a supportar; não posso; lançae para bem longe de meus labios este calix de amargura... mas si para que a humanidade se salve é mister que eu morra, faça-se então a vossa vontade e corra o meu sangue para resgatar o mundo...

E o Eterno compadecido mandou que um Seraphim do ceo lhe fosse retemperar as forças e animar na luta.

E christo aceitou a cruz e a humanidade foi salva.

(*Ext.*)

CONSUMMATUM EST!

Filhos de Christo, consummou-se agora
o horrendo crime d'Israel na cruz!
Trémula se abre a terra! o sol descora!
a igreja chora, que morreu Jesus!
Levanta o soterrado a lousa dura!
de templo augusto se espedaça o veo!
noite completa negrejou na altura!
densa negrura nos esconde o céu!

Cumpriram se as profecias!
entre affronta e agonias
troou da morte o pregão!
Compungida a natureza
vestio do luto a tristeza!
parou d'assambro o Jordão.
Rei, pobre, escravo, pranteia!
lava-te em prantos, Judeia!
chora, perdida Sião!

Quem deu luz a vossos olhos
por que visseis os escolhos
da vida, olhae... já não vê!..
Quem deu agua á rocha dura,
sustento á raça perjura,
que sempre, sempre descrê,
morreu no Calvario exangue,
para vos lavar com sangue
as nodoas de vossa fé!

Nem o canto d'Isaias,
nem a dor de Joremias,
te lembrou, Jerusalem!
nem foste pedir conselho
ás aguas do Mar-Vermelho,
nem ás ruas de Solem,
nem ás torpes Madianitas,
nem aos falsos Gabaonitas,
nem ao sangue de Sichem!

Não te serviram de guia
as pedras de Samaria,
o castigo de Coré,
a Arca santa da alliança,
a soberana pujança
do braço de Josué,
nem Dalila, a má serpente,
nem a serena corrente
da fonte de Bersabé!

Pois de Saul a inclemencia,
de David a penitencia,
de Salomão o saber,
d'Asalão as concubinas,
do Templo as vastas ruinas,
os magros olhos d'Esther,
não te arrancaram a venda
da tua cegueira horrenda?
não te fizeram tremer?!...

Tantos annos de tormentos,
tantos ficis monumentos
na terra como nos céus,
não dizem que o Nazareno,
tão forte, e sabio, e sereno,
era o Messias dos teus?
Pergunta ao fiel Caleb,
pergunta a sarça do Horeb,

pergunta si ello era um Deus!

D'Isaac pergunta á esposa,
pergunta á Lia chorosa,
pergunta á casta Rachel,
pergunta á formosa Dina,
ante a qual um rei se inclina!
ouve as filhas de Raguel,
ouve Débora aguerrida!
pergunta o prego homicida
da forte, heroica Jahel!

De Moysés pergunta á vara,
pergunta ás penas de Sara,
e aos mil desprezos d'Agar!
vae de Geth ás sepulturas,
vae do Thabor ás alturas,
vae a Tharé perguntar!
vê Chanaan, vê o Egypto!
e has de achar seu nome escripto
no céu, na terra, e no mar!

Que breve são esquecidos
os Lazaros resurgidos
da ingrata Jerusalem!
allivios de tantas penas!
vosso amor, ó Magdalena!
os pastores de Bethlem!
e essa estrella peregrina
que o berço de Deus ensina
aos Magos que adorar vem!

Ai! tu perdeste a memoria
das profecias, da historia,
madrasta sem coração!
mas, de sangue salpicados,
serão teus aridos prados
espelho de maldição!
teus montes não terão selvas;
teus plainos—flores, nem relvas,
Clethal, esteril Sião!

Como d'arbustos damninhos,
colherás somente espinhos
das rosas de Jerichó!
verão seculos inteiros
em toda a terra estrangeiros
os maus filhos de Jacob!
embora ao ceo, que te esmaga,
peça perdão cada chaga
do manso, divino Job!

Ai de ti! que penitencia
poderá ganhar clemencia
para o teu povo, Israel?
Idolatra, má, perjura—
desde Putiphar, a impura,
desde corrupta Babel!
altiva ingrata, descrente—
desde o Horeb e a sarça ardente,
de sempre a sempre, e cruel!

Um sepulchro dilatado
nas ondas do mar anciado
abysma o Egypto oppressor!
De Hemor culpada a cidade
paga em sangue a castidade
d'uma virgem do Senhor!
Nas faldas o monte santo
custa um crime longo pranto,
muito sangue, e muita dor!

Pelo ultrage dos Levitas,
o crime dos Benjamitas
faz o espanto de Judá!
De Babylonia a torpeza
cresce e reina em torno a meza:
junto a meza a morte está!
Tu... mais que todas perdida,
a tua sorte, decida,
que sorte horrenda será?!

.....
.....

Perdoa, Christo, se uma dor mundana
vem fallar de castigos neste dia!
Tu bebeste por toda a humanidade
o calix da agonia!

No tristonho jardim das Oliveiras
(tu só velavas, tudo o mais dormia!)
eu vi-te aproximar dos labios tremulos
o calix da agonia!

O amargoso do fel te lacerava
fibra por fibra! a dor te consumia!
e lavaste com prantos mais amargos
o calix da agonia!

Pois quem se vinga? O homem! Deus.. perdoa.
Só a vontade humana se entibia
da morte nos umbraes; só Deus aceita
o calix da agonia!

Nós somos d'Israel filhos impuros,
cego á luz do sol em pleno dia!
Tarde a venda caia, mais tarde o pranto
pela tua agonia!

Senhor! tu que lançastes olhos bondosos
ao discipulo vil que te vendia,
oh! salva os desterrados filhos d'Eva
pela tua agonia!

.....
.....

Na eminencia do Calvario
morreu de Deus o cordeiro!
e o soluço derradeiro
foi o perdão de Jesus!
Treme em seus eixos a terra,
que nos parece tamanha,
e é fraquissima peanha
para suster Deus e a cruz!

D'uma dor sem semelhante
a triste Mãe traspassada,
cai na terra ensanguentada,

e ao pé da cruz se abraçou?

Nos olhos tem tal angustia,
nos labios tanta meiguice.
que o anjo que disse
—*Ave Maria*—chorou!

.....
.....

Tudo está concluido,
Segundo vos, profetas de Sião!
O verbo eil-o cumprido:—
Os prodigios! o crime!... a redempção!

Thomaz Ribeiro.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de março de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.° districto policial, participando-lhe a installação de uma nova combuca de *recreios licitos* na ladeira da Palma, cujo distinctivo é serem as portas de *pinho*.

—Ao mesmo, communicando-lhe que nos informam que no bilhar do Sr. Motta, á rua das Flores, o que menos se joga é o bilhar, sendo para notar que a concurrencia de rapazes é extraordinaria, principalmente á noite, ignorando-se entretanto em que gastam ali o tempo até altas horas, o que espera-se que S. S. com suas perspicazes vistas descubrirá.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, scientificando-lhe que a queixa dos moradores do Caminho Novo é geral, contra o incorrigivel procedimento de uma tal Ignacia e outras moradoras do decantado becco do Oratorio, tornando absolutamente impossivel que possa morar gente honesta em tal rua, a não querer ser testemunha das mais revoltantes e escandalosas scenas.

Espera-se que S. S., com sua reconhecida actividade, dê um ar de sua graça sobre o dito becco, afim de ver si taes heroinas tornam-se mais commedidas.

—Veja la Vm. como se ata.

—O subdelegado da Rua do Paço explica ao chefe de policia o facto das pancadas no soldado de policia, no Taboão, por maneira differente da noticia que Vm. deu.

—E o que diz?

—Que o soldado estava embriagado a provocar desordens, e foi desarmado pelo inspector de quarteirão, por se lançar a um homem, a quem rasgara.

—E a respeito do espancamento?

—Não toca nisso.

—Fossem quaes fossem os processos, o que não soffre contestação é que o soldado foi batido acremente, atirado ao chão e pisado como se amassa barro.

E' impossivel negar o que tanta gente viu.

—Então não sei intender isso.

—Ora, moço!

—O que viu de mais?

—Vm., um homem que gosa de consideração, que occupa um logar publico, sentado á porta de uma chara Dulcinéa, acolhendo-a nos braços!

—Não quer dizer nada.

—E o pudor não lhe cora as faces ao clarão do astro brilhante, nesta rua tão publica, passando tantas familias!

—Nada de carrancismo. A vida é gozar.

—Nem se importa com a *mãe de filhos* e os meninos que deixou em casa entregues ao rigor da *dura sorte*!

—Historia!

—E' assim! Está o Sr. escandalosamente a offender o decoro publico, publique-lhe o *Alabama* o nome, que ha de bradar logo que é um pasquim que atassalha a vida privada.

—Capitão dá licença que faça uma menção honrosa?

—A respeito?

—Da maneira energica por que se tem portado e da actividade que tem desenvolvido o subdelegado da Sé na questão de defloramento de uma menor.

—Quem censura faltas, tem o dever de applaudir o restricto cumprimento da lei,

—Eu, como folgo quando vejo a authoridade, sobranceira ás condescendencias, proseguir em sua missão, é que me lembrei disso.

—Com tudo, não é bom elogiar muito.

—Isto vae muito bem!

Domingo, foram espancados dous rapazes por oito sujeitos que se emborrachavam em uma casa ao becco do Rosario pelo simples facto de reagirem aquelles, com termos commedidos, contra uma destemperada vaia que lhe derem estes!

—A impunidade acaricia o crime. Esses campeões são os mesmos que, ha mezes, na estrada da Victoria, aggrediram ao Sr. Amazonas, e de certo o matariam si não passasse um homem na occasião.

—São factos estes que os devem tornar mui recommendaveis ao Illm. Sr. Dr. Assis.

—No sabbado, o vapor «S. Francisco» que seguia para Santo Amaro, quando entrou no rio metteu a proa nos mangues.

—O capitão quiz experimentar si o vapor navegava em terra como no mar.

—E levou-se seguramente um quarto de hora a safar o bicho da lama.

—Que descuido!

—Sagacidade da companhia do *olho-vivo!*

Um destes dias um membro dessa companhia foi á botica do Sr. Euclides Pires Caldas e mandou aviar uma receita de differentes drogas, dizendo que era para embarcar no dia immediato no vapor da estrada de ferro. Ora o Sr. Euclides tratou de encaixotar todas as drogas que elle pediu, no dia em que o sujeito disse que ia fazer a viagem, vae a botica dizendo que ainda lhe faltava uma funda, e não tendo o Sr. Euclides fundas, mandou á pharmacia do Sr. Lino com uma ordem sua para tomar lá uma funda que lhe

agradasse. Elle escolheu uma de valor de seis mil reis e trouxe fielmente, e sahiu.

Momentos depois voltou elle com um papel na mão, que a primeira vista parecia uma nota de cem mil reis, e perguntou ao Sr. Caldas se lhe podia trocar cem mil reis, pois que elle precisava para ir tomar uma cadeira em mão de um marcineiro, a qual tinha de levar para fora, e precisava de seis mil reis para pagal-o. O Sr. Caldas cahiu na esparrelha de dar-lhe os seis mil reis. O homem sahiu e até hoje elle espera, com todas as drogas encaixotadas, que elle volte para ir buscal-as.

—Olhe que esta companhia do *olho-vivo* trabalha maravilhosamente!

Por essa não esperava o Sr. Euclides!

—E' preciso que os pharmaceuticos tomem cuidado com o *olho-vivo*, mesmo, porque elles trabalham de peneira.

Á PEDIDO

—Não sei como se classifica isso!

—O que?

—Foi remettido pelo correio uma carta para uma senhora em Santo Amaro, e a esta carta accompanhavam alguns objectos. Um empregado do correio levou-a á proprietaria do engenho Pantaleão, segundo diz elle, por que os nomes se parecem; e esta recebeu a carta e leu-a, viu que não era para ella e não a mandou devolver, nem mesmo, ja que a sua curiosidade chegou até o ponto de abril-a, procurou a senhora á quem era a carta dirigida!

—E' um crime de estelionato!

—Acho bom que peça pela imprensa a esta senhora o favor de fechar a carta, remettel-a pelo correio á esta typographia.

—E' prudente!

—Capitão ouça este facto.

Christovam Lopes da Silva, morador a estrada Dous de Julho, cidadão honesto e morigerado, maior de 60 annos, chefe de familia, estava pacificamente em sua casa, no dia 17 ás 5 horas da tarde, quando viu com surpreza a mesma cercada por numerosa escolta de policia e o Sr. capitão Braga dar-lhe voz de preso como forçado evadido das galés!

O homem ficou pasmado! Morador alli ha tanto tempo, tão conhecido, não sabia a que attribuir tão extranho acontecimento a não ser algum equivoco.

Por intervenção do supplente da subdelegacia, Belcino, visinho do inculcado criminoso, ficou elle para se apresentar no outro dia na policia, onde o Sr. Dr. chefe de policia conhecendo o homem innocente, o mandou embora.

—E então, a razão porque o mandaram prender?

—Depois é que se soube que, por uma falsa denuncia dada por um tal *Barbosa heobolario*, que cosinha drogas no *trem do mar*, o mais refinado caloteiro, o maior tratante e sem-vergonha que anda no meio da gente.

—Em todo o caso, é notavel a ingenuidade com que a policia acceita a denuncia de qualquer quidam, sem o tornar responsavel por seus effeitos, encommodando assim e deixando pairar suspeitas sobre um cidadão honesto e laborioso.

Eu não digo que a authoridade não aceite qualquer indicação de onde existe algum crime; mas proceda com descripção, obrigue o denunciante a garantir, ao menos com sua assignatura, a denuncia.

—O tal bisbocria, conhecido pelo trapaceiro maior desta terra, despeitado, porque, ha tempos, alguem não quiz arriscar sua vida, para salvar a de um menino, *parente chegado* do *cambaceiro*, querendo tirar vingança de algum dos moradores do logar, foi denunciar do homem como fugido das galés!

Porque não olha esse miseravel para si com um rabo maior que o mundo inteiro!

Nas galés devia elle estar pela subtração de certos ingredientes, subtrahidos de uma repartição e vendidos a particulares por muito menos de seu valor.

Os roubos da enfermaria dos marinheiros, em certo tempo, podiam mandar tambem alguem para as galés.

—O homem foi bolir em casa velha.

—Para aquilatar o caracter desse desgraçado basta o seguinte:

Um dia apresentou-so ao vendelhão Seraphim, pediu que lhe queria fallar em particular; o homem levou-o a sua salla; lá teve a baixeza de ajoelhar-se aos pés do homem pedindo-lhe que lhe fiasse para matar a fome da familia.

—Mentira! era para encher a pança da amasia; com a familia ella nada se importa.

—O homem commoveu-se e entrou a lhe fiar; quando chegou a 300$ rs. fez ponto. Depois de cançar de mandar pedir seu dinheiro, foi em pessoa ao *trem do mar* pedir-lh'o.

Pasme agora de ouvir o que aquelle homem sem verniz disse a seu credor—*V. quer receber por cada 100$ rs. 10$ rs.?*

Senhor *Babosa* tem animo de fazer tal proposta?

« *Ah, não quer?* replicou elle, *pois então use de seus direitos.* »

—Que protervo! que alma ignobil!

—Por ahi ajuize quem foi o denunciante.

Tudo aqui vae em progresso!

Dá-se pancada na rua
De noite, e mesmo de dia!.....
A hedionda tyrannia
Co'o despotismo pactua!
A razão já não tem preço.....
Tudo aqui vae em progresso!

Aquelle, que tem razão,
Que è na rua ferido,
Logo arrastado, e punido
E' mettido na prisão!
Por isso não ha processo.....
Tudo aqui vae em progresso!

Si accaso o maltratado
Ergue a voz, e solta um grito—
Quero um corpo de delicto,
Quero ser desabafado—
Soffre mais por este excesso.....
Tudo aqui vae em progresso!

O negociante honrado
Já não gosa liberdade!
De sua propriedade
Sabe, pelo cós agarrado!
Só porque (segredo eu peço)
Tudo aqui vae em progresso!

O cabra—réu de policia—
Anda armado, e faz prisão;
E' porque tem protecção,
Se diz ter honra, e pericia!
E' da justiça o aveço...
Tudo aqui vae em progresso!

Alta noite é varejada
A casa do cidadão,
Porque a Constituição
Para o pobre não é nada!
Ninguem sabe o que eu padeço...
Tudo aqui vae em progresso!

Em compacta escuridão,
Entre donzellas deitadas,
Mãos castas, e adextradas
Vão escolher um varão!
Provas disto não carço...
Tudo aqui vae em progresso!

Caluda, povo de parvos,
Nem uma palavra mais...
Não è castigo de pais;
E' de senhores á escravos!...
Vou cantando em prosa e verso:
Tudo aqui vae em progresso!

(*Commercia.*)

Consta que o Illm. Sr. Dr. chefe de policia mandou prender um sujeito de nome Pedro, que se inculcava de agente secreto da policia para fazer ganancias. Era impossivel que S. S., severo como é, no cumprimento de suas obrigações, não desse tão acertado passo ao saber das proezas de semelhante espertalhão.

Unido a alguns inspectores de quarteirão, prendem á ordem de S. S. e soltam depois por sua conta e risco, logo que dahi lhe *rendá* alguma cousa; apprehendem roubos de assucar, fumo, e algodão das mãos dos pretos, chamam a si e vão vender pelas vendas.

Confia-se que S. S. fará acabar com a industria desses novos agentes do olho vivo.

A espia do Pitar.

PROVINCIA DE GOYAZ.

DESENGANO.

Si queres ser deputado,
Não contes com voto meu;
Cada qual procure ser
Pela terra onde nasceu.

Para nossos representantes,
Goyaz tem filhos queridos;
Não deseja os parasitas
Que se fazem offerecidos.

Para todo e qualquer cargo
Temos bello pessoal;
Não precisamos do França
Com seu ar capadoçal.

Só nos resta um logar vago
E querendo está promptinho
Na falta do velho Freitas
Venha servir de meirinho.

O BOI.

(Do *Monitor Goyano*)

AO PUBLICO.

Ha dias, foi preso o sachristão do Hospicio por ter sido encontrado com tres saccos de assucar roubados. Os Srs. Soledade e Rocha, administradores do trapiche Xixi, não deram o menor cavaco, quando deviam dar toda consideração para o facto do assucar guardado na egreja, por que talvez dahi chegassem ao descobrimento do roubo que dizem ter soffrido, por cruzarem os braços, sem duvida para se esquivarem, como por ahi se diz, de soffrerem o balanço da respectiva repartição, como é de direito em taes casos, e tambem por que o tal sachristão, desprevenido de meios, so poderia pagar os prejuizos com seu corpo, o que não convinha.

Agora; porém, apresentam-se esses dous senhores em tenaz perseguição aos portuguezes Cardias e Travassos, que não foram encontrados com o assucar furtado, dando-se com razão para isso o ter o primeiro delles dinheiro em estabelecimentos e apparecerem recibos de vendas de assucar firmados com o nome do segundo, quando nem ao menos elle sabe ler!

Santo Deus, que illação!

Em auxilio de tão desabrida perseguição, conseguiram os dignos administradores, um semulacro de corpo de delicto, vinte dias depois que se disseram roubados, e quando o bom senso vê que ja não era mais possivel que existisse arrombamento. Desse corpo de delicto fez se uma poderosa alavanca contra a liberdade dos dous soffredores, procurando-se sophisticamente razão de ser no artigo 269 do codigo criminal, para constrangel-os a uma prisão com detrimento de suas liberdades individuaes e interesses pesssoaes a capricho do poderio!

E' de esperar, pois, que as authoridades, collocadas á cima de caprichos anões, façam a devida justiça, e, então, em tempo competente, se mostrará factos cuja responsabilidade não honrará muito a seus authores.

A voz da razão.

VARIEDADES

VERDADES PURAS SOBRE O HOMEM.

Si o homem tem por costume
Muitas moças namorar,
E' perfeito catavento
Não quer casar.

Si elle encostado á janella,
Com mil promessas de amor,
Quer provar fidelidade
E' seductor.

Si elle a todas as mulheres
Offerta seu coração,
Dando-se sempre a desfructe
E' paspalhão.

Si o homem tem a mania
De em qualquer reunião
Querer ser conquistador,
E' toleirão.

Si elle passa a noite inteira
Encostada a uma esquina
A espera das namoradas;
E' lamparina.

Si ao ver qualquer mulher
Fica todo apaixonado
Mesmo sem ser attendido
E' desmiolado.

Si procura p'ra casar
Uma velha com dinheiro,
Ainda mesma desdentada
E' financeiro.

Si o homem se apresenta
Da moda em todo rigor
Sem ter officio, nem ganhos
E' empalmador.

Si elle junto das mulheres,
Leva quasi toda vida
A fazer seus rapa-pés
E' torcida.

Si por causa de um baile
Tudo elle larga de mão,
Até mesmo seus deveres
E' mandrião.

Si o homem na politica
Stá sempre a mudar de vista,
Para ter maiores lucros
E' chupista.

Si, sem guardar condicções,
Elle até quer ser amavel
Entre as mulheres casadas,
E' miseravel,

Si passeia o dia inteiro
Bem vestido e bem chibante,
Fumando finos charutos,
E' filante.

Si logo á primeira vista,
A' mulher vae confessar,
Um ardente e puro amor,
Quer enganar.

Si elle além de casado,
Tambem tem a sua amante
Com quem gasta os cobrinhos
E' petulante.

Si por ella esquece a esposa
Sendo até desfeiteado
Em uma vida privada
E' descarado.

Si para ostentar grandeza
Aos olhos do mundo inteiro,
Deve a todos os amigos
E' caloteiro.

Si com tormentos, ciumes,
Da pobre mulher dá cabo,
Não é por certo um homem.
E' o diabo.

A. Pinheiro Junior.

CONTAS JUSTAS.

—Gretry, que foi o Rossini do seu tempo (Deus nos perdoe ainda assim a blasphemia,) ia uma vez pela rua tão abstracto com uma aria nova que levava na ideia que, sem reparar, bateu com a bengala, que levava em ar de batuta a marcar compasso, na vidraça d'um logista e quebrou-lhe um vidro.

—Tenha paciencia.

—Pague-m'o; são dous francos e meio, lhe disse o negociante.

O maestro pacha por uma peça de cinco francos e entrega-lh'a dizendo-lhe:

—Não me falle á mão que estou pensando

cá n'uma coisa; troque e dê-me a demasia.

—Não tenho troco, mas vou buscar ali defronte, espere um instantinho.

—Não posso demorar-me, mas é o mesmo, arranja-se a coisa d'outro modo.

Quebra-lhe outro vidro e vai seguindo pacificamente o seu caminho.

A VIDA CONSIDERADA COMO UM WAGON.

Um medico que cahe doente é tão ridiculo, quanto a mim, como o empregado do caminho de ferro que não apanha o comboi a tempo; e para continuar a comparação, no caminho de ferro da vida, a morte é um descarrilhamento; o casamento o abalroamento de dous wagons; o somno a passagem do tunel; o destino é o machinista, que não vemos, mas que nos conduz ao nosso destino.

QUANTO SE PODE ATRAZAR UM RELOGIO.

—Quantas horas são no seu infallivel? perguntava a um dos parceiros, um jogador que perdia sempre.

—O meu retarda duas horas certas, respondeu o outro: o seu quantas diz?

—O meu está tambem retardado.

—Quanto?

—Tres mezes; em casa do meu usurario!

ORAÇÃO DE UM MARINHEIRO.

Quando a esquadra britanica, debaixo do commando de lord Nelson, se dispunha a atacar as esquadras combinadas em frente de Trafalgar, indo um primeiro tenente de uma das naus examinar si todos estavam a seus postos, deu com um dos artilheiros de joelhos ao lado da peça. Excitando a sua admiração o terror em um marinheiro inglez e movido de curiosidade, perguntou-lhe si tinha medo.

—Medo! não, respondeu o marujo; mas estava pedindo a Deus que os tiros do inimigo fossem distribuidos na mesma proporção do dinheiro das presas; o maior quinhão para os officiaes.

O RELOGIO DO SOL.

—Rapaz, vae ao quintal ver no relogio do sol que horas são! dizia ao seu criado um bebado estremunhado, acordado d'um somno de quartorze horas.

—Não se vê la nada, é noite, está escuro como um prego.

—Forte burro! não podes levar a candeia?

Um gallego, indo a Lisboa para servir, acomodou-se em uma casa, entrando no ajuste que o amo se obrigasse a vestil-o. Na manhan seguinte era ja muito tarde sem o gallego apparecer; e indo o amo procural-o no quarto, e achando-o ainda na cama, o reprehendeu por ser tão preguisoso. «Ha tres horas, lhe respondeu elle, que estou esperando por sua mercê, que me viesse vestir, por que esse foi o meu ajuste.»

UMA PERGUNTINHA.

—A um certo sugeito que queria passar por sabichão e que dizia, fallava cinco linguas, fez-lhe uma vez um criado a seguinte pergunta:

—Meu ama, arazão porque Deus nos dando dous olhos e dous ouvidos só nos concedeu uma lingua?

—Ora acudiu o *quidam* és um tolo, foi para que se ouvisse muito, se visse mais e se fallasse pouco.

—Perdão, meu amo, respondeu o criado, então V. contraria a vontade de Deus fallando cinco linguas!

—Estás enganado, repetiu o *cujo,* sou versado na sciencia das linguas!

—Seja lá como for, concluíu o criado, V. sabe muito, porque muito falla, ao passo que eu calado digo tudo!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 19.ª e 20.ª folhas de—ROCAMBOLE.

ANNUNCOS

Sahiu á luz a walsa SYMPATHIA e a mazurka JULIETA, por Francisco Santini, author da BORBOLETA.

Vende-se em casa do author, ladeira de S. Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do Sr. Conde, ao Rosorio; loja do Seixas, ao Pelourinho; e na Calçada, botica da esquina do becco do Godinho.

ATTENÇÃO

RUA DA LARANGEIRA N. 21.

Bandeiras de todas as nações; signaes de Mariath, Filele de cores,

Vende-se por preço commodo.

A rua do Bom-Gosto da Calçada, n.º 7, se dirá quem compra prata, ouro, e tambem dá dinheiro sobre hypothecas de qualquer especie.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. — Serie 49.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 31 DE MARÇO DE 1869. — Ns. 486 e 487.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de março de 1869.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe, que em consideração a um boato que grassa, mande syndicar si existe na companhia de caçadores á cavallo um furriel preso, ha dez dias, macerado á jejum, como punição, pela falta que se lhe attribue de dous pares de calças desapparecidos da reserva da mesma companhia; o que, a ser exacto, é um castigo novo e não previsto na legislação militar; e portanto encorre em merecida reprehensão quem o inflinge; pelo que espera-se que S. Ex. dará a devida attenção ao caso.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que acabam de communicar-nos ter um portuguez aberto uma casa de jogo, lá para o Caquende, onde ha todas as noites barulhos e desordens, o que, segundo dizem, encommoda bastante a visinhança. Espera-se de S. S. providencias a respeito.

—Ao Illm Sr. subdelegado da Sé, reclamando lhe providencias contra o habitual e inveterado systema de vida do meirinho João Garibaldi com sua amasia, os quaes levam até duas e tres horas da noite em porfiada rusga, não só encommodando a visinhança com a vozeria que fazem, como offendendo a decencia com os termos deshonestos com que se mimoseam. Espera-se que S. S. empregue a efficacia de sua authoridade, para que o Sr. João Garibaldi não continúe a reduzir o becco do Arcebispo ás proporções do antigo becco do Grelo.

—Noticias do sul.

—Vamos á ellas.

—O Sr. marquez de Caxias foi elevado a duque, não das Evacuações, como diziam, mas do mesmo titulo do seu marquezado.

Lê-se no *Jornal do Commercio:*

«S. Ex. o Sr. duque de Caxias obteve do governo a dispensa que pedira do commando em chefe de todas as forças em operações contra o dictador do Paraguay, por não lhe permittir o estado de sua saude regressar ao exercito.

«Receiando-se que, por egual motivo, o Sr. general Guilherme Xavier de Souza não possa continuar no commando interino do exercito, e achando-se infelizmente tambem impedidos outros distinctos generaes, resolveu o governo imperial nomear a S. A o Sr. marechal de exercito conde d'Eu para o referido commando em chefe.

«Apezar dos desejos manifestados de não encarregar-se desta commissão nas actuaes circumstancias, Sua Alteza, comprehendendo a extensão do dever militar e a conveniencia da unidade do commando das forças de terra e navaes, e animado ao mesmo tempo do

nobre sentimento de prestar ao Brazil o relevantissimo serviço de accelorar a terminação da guerra, deixou de reluctar, e vae partir brevemente para tomar o posto que lhe foi confiado.

«Sendo puramente militar esta commissão, Sua Alteza nenhuma ingerencia terá nos ajustes diplomaticos que possam celebrar-se entre as potencias belligerantes.»

—Cessaram finalmente as altas razões de Estado, e lá vae o Sr. conde d'Eu assumir o commando do exercito.

—Com que olhos verão as republicas d'America um principe dentro d'Assumpção, commandando um forte exercito?

—Parece que a occasião foi a mais inconveniente.

—Entretanto quem authorisaria o Sr. Caxias a dar por finda a guerra, mandando regressar parte da esquadra á côrte, dispensando os chefes militares e empinando-se elle proprio, quando o governo acaba de dar um desmentido solemne á sua ordem do dia, nomeando o conde d'Eu para *accelerar* e *terminar* a guerra?

—E' claro que pelo § 9 art. 102, cap. 2.º da constituição, elle não o podia fazer sem instrucções do governo, muito mais quando se diz que uma carta do punho do Sr. Itaborahy o authorisava a isso.

—Entenda-se lá tal embrulhada, o governo declarou no *Diario Official* em seguida a ordem do dia do generalissimo, que a guerra não estava finda, signal que não approvou sua conducta.

—O caso é que elle acaba de ser remunerado com o titulo de duque, alem da medalha de *bravura*, em recompensa de abandonar seu posto.

—O que parece certo, é que as cousas no Rio da Prata, complicam-se.

Aprecie este pedacinho e convençam-se:

«A *Tribuna* de Montevideu, cujas revelações têm algum peso, pois a folha é de Bustamante, ministro do governo, observa:

«A guerra do Paraguay nenhum incidente offerece digno de consignar-se. Lopez mantem-se ainda no interior; dão-se-lhe cinco ou sete mil homens, e atribuem-se-lhe projectos a respeito dos quaes é impossivel obter informações seguras. O *que é fóra de toda duvida é gozar elle das sympathias dos Estados-Unidos, apezar da occupação da capital e de toda a margem do rio pelas forças alliadas.* Além disto acha-se a alliança tambem um pouco abalada *depois da tomada da Assumpção*, pois parece que a Republica Argentina recusa nomear um ministro extraordinario, como fez a Republica Oriental, para, de accordo com o ministro brazileiro Paranhos, occupar-se da reorganisação do Paraguay. Já temos, pois, desintelligencia *entre os alliados*, mas não se lhe conhece o motivo.»

Diz a correspondencia de Montevideu para o *Jornal do Commercio* em data de 14:

«Do Paraguay nada ha mais recente.—Organisam-se nossas forças para marchar ao interior em busca de Lopez, e—continua ainda em Assumpção o Sr. conselheiro Paranhos.

. . . . . .

«Ha quem pense que o Sr. Sarmiento procede assim de accordo com os Estados-Unidos, e com a idéa de—debilitar o Brasil para realisar o plano de incorporação do Paraguay e do Estado Oriental á Confederação.—*Falla-se no armamento de Martim Garcia, no recebimento de armas dos Estados-Unidos, e em outros alarmantes preparativos.*»

. . . . . .

«Entretanto—é bom não desprezar certos indicios e ter bem presente que o—*projecto de organisação dos Estados-Unidos do Prata é a menina dos olhos dos argentinos de todos* os—*partidos!!*»

A mesma folha ainda publica o seguinte:

«PREPAROS BELLICOS DOS ARGENTINOS.—Chegou hontem ao nosso porto o vapor *Saturno* com bandeira ingleza, consignado ao consul argentino, e com direcção a Montevideu. Houve quem visse neste navio um dos encommendados pelo governo argentino, para constituir uma esquadra no rio da Prata. E' provavel que o boato seja contestado, mas entretanto cumpre que o governo ande vigilante, pois pessoas bem informadas asseguram que fez-se effectivamente uma encommenda de 12 vasos de guerra, pela maior parte monitores, além de pedidos de espingardas Chassepot, artilharia raiada, e grande cópia de munições bellicas.

Diante desta situação, é preciso adoptar uma politica clara e precisa. Nada de theorias especulativas, de diplomacia de pannos quentes,

Ou reforce-se a esquadra com monitores novos, e o exercito com 10 ou 12.000 homens, remettidos com a maior presteza para a Assumpção, occupando se tambem as bocas do Prata, e nesse caso incorpore-se o Paragnay ao Imperio, já que tantos sacrificios de gente e dinheiro nos tem custado;

Ou então, entre-se em um accordo com o governo do Paraguay, dando-lhe garantias de existencia contra as pretenções de seus visinhos, o que limitará nossos sacrificios á occupação de alguns pontos, e á conservação da esquadra encouraçada n'aquelle paiz. Todos os nossos recursos se concentrarão em seguida n'uma espectativa armada.

Isto é exequivel e duradouro; todas as mais combinações são planos especulativos e poeticos.—*Um do povo.*»

—Deus queira arredar nuvens tão negras que se condensam em redor do horisonte brasileiro.

—Mudemos de assumpto.

«Attentado gravissimo. — O Sr. general marquez de Caxias em nada differe do despota do Paraguay.

Solano Lopez é barbaro e canibal, porque faz fuzilar officiaes e agentes que suspeitava de *traidores*.

E o que deve dizer-se do Sr. marquez de Caxias, que, segundo noticias fidedignas, mandou degolar quasi um batalhão inteiro por haver recuado em um combate?

Vejam os leitores o que á este respeito diz o *Ypiranga* de S. Paulo:

«Sabe-se que quando aqui chegaram as noticias dos ataques de Itosoró, Villeta e Lombas Valentinas, mais de uma pessoa teve noticia vaga de um acto de grande barbaridade attribuido ao generalissimo Sr. marquez de Caxias, e que a verificar-se, não é só acto de barbaridade, é um attentado sem nome perante as leis divinas e humanas, e de que os annaes de uma guerra não dão noticia de egual praticado.

Esse acto era a—*degola de um batalhão inteiro nosso,* ordenada pelo Sr. Caxias, pelo motivo de haver esse batalhão recuado na acção.

Não acreditamos nessa noticia *vaga* que então circulou a respeito; agora, porem, em carta de Palmas, de data de 29 de dezembro, e de quem serve no exercito, e escreve na legião da familia com ingenuidade que não admitte a mentira e muito menos a calumnia odiosa, vemos nós confirmado aquelle inqualificavel attentado, sendo que outros cavalheiros teem tido confirmação egual á que nos referimos!

Essa confirmação é concebida nestes termos:

«O Sr. *Caxias tem-se portado como um barbaro para seus companheiros:* no dia deste combate, (o em que foi ferido o brigadeiro Pedra e os generaes Argollo, Osorio, etc.) *mandou degolar quasi um batalhão inteiro por se ter retirado do inimigo!!*»

—E' um acto atroz este! Um batalhão tem officiaes que o dirigem na acção; si elle se retira e não encontra correctivo, os responsaveis são os que o dirigem. A punição extraordinaria e violenta, deve limitar-se aos cabeças; nunca aos soldados, machinas que seguem sempre o exemplo dos chefes.

A *degola* de um batalhão em tal caso é um crime atroz, que merece severa reparação e attrahe contra o seu autor necessariamente o odio de seus camaradas, e espalha o desgosto no seio de um corpo de exercito.

—Quer ouvir agora a leitura de uma carta publicada na *Reforma?*

—Leia.

«—Republica do Paraguay.—De uma carta d'ali escripta extrahimos o seguinte:

«Achou-se no palacio de Lopez (em Assumpção) correspondencias do celeberrimo Paulino, que já está preso, e nessa carta contava todo o estado do nosso exercito, os movimentos que haviam pelo Brazil, ordens do dia do marquez de Caxias, officios, e tudo que se passava no quartel-general!

«Acharam-se tambem diversas malas que vinham da côrte e não se sabe como ahi foram parar: consta que tambem estão cumplices diversos empregados da secretaria do Rio de Janeiro. Veja que escandalo!»

—La para as bandas da Pituba, um sujeitinho brigou com a amasia, na quarta-feira de trevas, e arrumou-lhe o catatau de veras, fazendo-lhe umas tres feridas que pode mandal-a para a sepultura.

—Que paixão desesperada!

—Porém o que é mais admiravel nesta tragedia é, que a offendida no acto de ser conduzida para o hospital de charidade, ajoelhou-se e pediu que não prendessem o rapaz!

—Ella la sabe as rasões que teve para isso.

—Ousadia como a da gente do olho-vivo, não ha!

Na quarta-feira, um estrangeiro comprava na praça do mercado e tinha na mão 35$ rs. para pagar as despezas. Um menino, aprendiz marinheiro, conhecido pelo *Cagacebinho,* arrebatou-lhe o dinheiro e voou.

—E' desertor de bordo, ha um anno seguramente.

—Não é mais; no sabbado d'alleluia o Sr. capitão Braga prendeu-o em uma casa em S. Miguel.

—Ao menos, por estes dias estamos livres deste.

—Capitão veja como são as cousas do mundo.

—São como devem ser.

—O anno passado, houve quem quizesse levar no theatro um espectaculo sacro no sabbado de Ramos; o delegado impediu e consultou a S. Ex. Revm. o qual approvou o acto da authoridade policial. Em consequencia disto o *Jornal* desse dia, (1 de abril) publicou a seguinte noticia:

« Consulta.—O Sr. delegado do 1.° districto,

tendo já impedido que no dia de hoje, houvesse espectaculo no Theatro de S. João, á requerimento da Companhia Dramatica, entendeu dever consultar á S. Ex. Rvm. o qual prestou a mais viva opposição a semelhante pretenção da companhia.

Louvores a S. Ex. Rvm., que n'estes como em todos os demais pontos, sabe comprehender a sua missão de bispo, opinando contra a introducção de uma nova pratica, que vae de encontro com os principios sãos e tradiccionaes da nossa religião. Concedendo que no dia de hoje vespera do 1.º Officio da Paixão Sagrada de Jesus Christo que a Igreja celebra. houvesse espectaculo publico, com ares de divertimento, seria alimentar-se futuras pretenções e mais alem, ja o sabbado de Ramos não bastaria, e seria preciso, para força da concessão, entrar-se pela Semana Santa. »

—Recordo-me.

—Este anno, as cousas mudaram-se; houve espectaculo no sabbado de Ramos, á despeito, dizem, não só de viva opposição de S. Ex. Rvm., como de ir em pessoa o respeitavel prelado reclamar contra o governo. Entretanto o *Jornal* metteu a viola no sacco e não tugiu nem mugiu!

—Ja ouviu fallar no *trun-dun-dun* que houve na casa de prisão com trabalho?

—Dizem que um recluso munido de compasso aggredira a um empregado, fazendo-lhe diversos ferimentos.

—E parece que a cousa está em mortorio.

—Creio que até nenhum dos empregados superiores estavam na casa.

—E' balda antiga, dizem.

—Aquella casa de prisão com trabalho como que tem caveira de burro, quanto mais geito lhe querem dar, parece que fica peior!

—O acto da procissão do enterro do Senhor este anno esteve solemne. Compareceram quasi todas as authoridades.

—A guarda nacional apresentou-se luzida.

—Accompanharam oito batalhões, entre os quaes a sombra do batalhão de S. Pedro.

—Aquillo é que é gosto de commandar batalhão!

—A procissão dos fogareus, na Quinta-feira Santa, é um quadro vivo do atraso em que vae esta terra!

—Isto é cousa ja repetida.

—Parece que o spirito de religiosidade na Bahia consiste na turba de mulheres, que ataviam-se e vão encher a egreja, reparando umas as outras com que foram vestidas, murmurando da que levou de menos este anno, uma pulseira ou o rozario de ouro, que dizem, estar empenhado em casa do usurario.

—Tal qual.

—E' preciso ver, para fazer ideia das irreverencias, desacatos, e profanações praticados na procisaão de Quinta-feira Santa!

—Era melhor supprimil-a, ja que não podem fazer manter a decencia e respeito a tão solemne acto.

—Uma malta de cacetistas e moleques cativos, cujos senhores, tornam-se merecedores de grave censura pela culposa liberdade que lhes dão em dias semelhantes, commettem os actos mais descommunaes e torpes que se podem imaginar.

—Este anno os escravos do Sr. barão do Catú, um de nome Feliciano do Sr Lobo, alguns da companhia de Vehiculos e outros que não pude distinguir, foram quem primaram.

De cacetinhos enfiados ao braço, fizeram as todas.

Ao entrar a procissão em S. Francisco, deram bordoadas a torto e a direito. Foi um alarido infernal; senhoras desmaiadas, pessoas feridas e entre estas um rapaz de nome Candido com uma brecha enorme.

—E quando a força publica para manter a ordem, usou das armas que trazia, bradaram que a policia puchava armas contra o povo, como si o cidadão pacifico fosse aquelle que vae para uma procissão de cacete de libra e meia fazer desordens.

—E a audacia dos desordeiros chegou ao ponto de tomarem das mãos da policia um delles que foi preso.

—Mas que policia, coitada! Tres gatos, pode-se dizer.

—Encostado ao umbral de uma das portas do convento um velho devasso *carteava* escandalosamente uma rapariga e depois traçou-lhe o braço por cima do pescoço e seguiu para as bandas do monturo.

—Tão feliz, que os moleques não deram por elle.

—Por mais diligencias que fizesse para saber o nome desse immoral, não pude conseguir.

—O olho-vivo fez proezas: arrancaram argollas lascando as orelhas das donas, cortaram pulseiras e cadeia a torquez, safaram carteiras dos bolsos, etc., etc. Era uma queixa geral.

—Dentro da Misericordia. duas mulheres esbofetearam-se como duas cadellas furibundas, por causa de logar.

—Ora, o estrangeiro que estiver de parte presenciando todas essas scenas, irá fazendo de nós juizo bem deploravel!

—As irmans de charidade são de briga.

—Ai! ai!

—Não é todo homem que vae no bojo dellas.

—V. é uma creatura maligna! Para que quer calumniar as santas mulheres?

—Pois não sabe o que fez a irman Maria, sabbado, no hospital?

—Não.

—Nada menos que um guarda de Brotas medir os degraus da escada que vae para a prisão, em rolo.

—Esta é do seu peito! Pois entre mulheres mansas como cordeiro, ha quem faça isto!

—O rapaz demorou-se um pouco na rua e quando chegou, a porta ja estava fechada. A paciente senhora, zangada pelo incommodo que teve de abrir a porta, ralhou; o rapaz não sei o que respondeu, que a encolerisou a ponto de esbarral-o e elle ir contar os degraus sem querer.

—Está direito: em cordura, mansidão e paciencia, as taes senhoras estão sós; ninguem as eguala!

—Até hoje não se soube quem era a pessoa que se suicidou, quarta-feira passada, na margem do dique!

—Como que este negocio envolve algum mysterio! Vejo tudo tão calado!

—A policia que é tão atilada ja devia ter descoberto quem era esse infeliz que tão desastradamente deu cabo de seus dias.

—Mas o povo diz tanta consa; até ja ouvi fallar n'um duello.

—Assim como as causas que o levou a tão desesperado termo.

—Capitão, vi um facto sabbado que maravilhou-me.

—Qual foi elle?

—Seriam nove horas e meia da noite, quando abriu-se a portaria dos franciscanos para dar entrada a um grupo de nove moças sosinhas, e fechou-se immediatamente a porta. A taes horas o que iriam lá fázer essas senhoras?

—Tomar logar com cedo para a missa.

—Não é possivel; a egreja estava as escuras, e V. Ex. sabe que moças tem muito medo d'almas do outro mundo, para ficarem n'um templo sem luz, mormente sem a companhia de algum homem.

—Então o que suppõe?

—Eu nada. Vi-as entrar, para onde foram não sei.

—E' o resultado dos privilégios mal entendidos. A casa de Deus não tem logares reservados, e os Srs. frades fazem mal de abrir a sua porta á noite pára admittirem mulheres.

—Hoje é o dia da communhão das educandas da Casa da Providencia.

—E Vm. veio aqui para murmurar.

—Vim presenciar o acto.

—Julguei que vinha para fazer côro com aquelles maldizentes que estão ali a um canto, uma vez e outra a tasquinharem na excessiva economia das irmans de charidade de darem um unico vea para todas ás meninas se confessarem.

—Eu tambem achei mesquinho, mas abstive-me de fallar; porem como ja houve mais quem notasse.....

—Gente que em tudo se intromette, e não pode estar meia hora sem bater com a lingoa nos dentes.

—No dia 8, falleceu em Pernambuco o distincto general Abreu e Lima.

O bispo daquella diocese negou sepultura em logar sagrado aos restos do illustre finado, em consequencia do que foi sepultado no cemiterio inglez.

O *Liberal* exprime-se assim á respeito:

«Tem-se recebido com extr anheza o facto de S.Ex. o Sr. bispo diocesano prohibir que o cemiterio publico recebesse o corpo inanimado do illustre pernambucano. E' uma excepção injustificavel e por demais injusta.

. . . . . .

«O general Abreu e Lima durante os ultimos dias da sua enfermidade, extasiava-se em contemplar uma imagem do Senhor Crucificado, que tinha defronte do leito e dizia---Aquelle é meu Deus!---Declarou que não queria pompa no enterro, que o depositassem no cemiterio, e apenas lhe mandassem fazer uma encommendação resada. Consta que a mesma cousa dispoz em seu testamento nuncupativo.

«Um homem que assim procede e que ao dar o ultimo suspiro, pede com toda a humildade e recolhimento uma «encommendação resada» por sua alma, não apagou aos olhos severos do catholicismo qualquer desvio que por ventura tivesse em sua vida passada? Não deu provas de christão e catholico? O perdão e a caridade ja não são virtudes do christianismo?

«Parece-nos que o illustre finado foi fiel e constante á crença e fe que ensina a egreja: muitos padres que ahi imposturam de santos, por causa da elevada posição que occupam, não mostram tão viva fé em Deus, como o venerando general.

«Resta que se lance a excommunhão ao grande numero de concurrentes, cada qual mais distincto, que accompanharam o feretro ao ultimo jazigo.

«O odio e a injustiça dos homens procuram denegrir e infamar a memoria do literato insigne e do patriota virtuoso. Deus, porém, o hade glorificar nas alturas com a bemaventurança eterna que lhe reserva.

A *Ideia Liberal* conclue um artigo dizendo:

«Era justo, quando na terra sagrada descansam os restos de pagãos, idolatras, suicidas e um dia descansarão os restos de hypocritas, malvados pelas leis divinas e humanas, assassinos, perturbadores da paz conjugal, calumniadores, devem ser sepultados nas areias da praia os homens que sempre se recommendaram pela pratica de virtudes as mais subidas, pela fe a mais viva nos verdadeiros principios e pelos mais relevantes serviços ás letras, á patria, á humanidade e á liberdade.»

A *Opinião Nacional* diz:

«Foi sepultado ás onze horas da manhan do dia nove do corrente, no cemiterio inglez, em consequen-

cia da ordem terminante do Exm. Revm. Sr. D. Francisco Cordoso Ayres, bispo desta diocese, um dos nossos mais illustres patricios.

«Depois dos justiçados em 1817 e 24, cremos que é a primeira recusa que aqui se faz de sepultura em chão catholico!

«Estava isto reservado a um pernambucano illustre por mais de um titulo, varão estimavel por suas virtudes dentro e fora do paiz!

«E porque? e por quem? Santo Dous!

«O pai não teve sepultura catholica, porque foi justiçado na Bahia; o filho....

«Santo Deus! No seculo desenove quando estão sendo chamados os dissidentes ao concilio!

«O Sr. bispo diocesano, depois da sua posse, não fallou aos seus diocesanos, sem duvida por que ja não é verdade o dito de S. Paulo «fides ex auditu;« mas acaba de fallar eloquentemente para os olhos!

«Todos viram o general Abreu e Lima sendo conduzido ao cemiterio protestante.

«Descance em paz o general Abreu e Lima.

«O Deus das misericordias não faz distincções de cemiterios. Uma so é a terra que nos ha de comsumir a todos.

«Que historia tão pouco edificante poder-se-hia contar ! ! »

O *Jornal do Recife* de 15 diz:

«Contra o fanatismo e intolerancia religiosa, que nega sepultura no cemiterio publico aos restos mortaes de uma creatura humana, e em favor da liberdade de consciencia, deu hontem a população desta capital o mais solemne protesto.

«Convidada para ir ao cemiterio inglez visitar a sepultura do general Abreu e Lima, por ser o setimo dia do seu fallecimento, aceitou pressurosa o convite, e ás 7 horas da manhan um concurso numeroso de pessoas nacionaes e estrangeiras e de todos os credos politicos e classe social achou-se ali reunidas.

«Não podendo ter logar acto algum religioso do rito a que pertencia o finado, que nunca se apartou do seio da religião em que nascera, a ceremonia consistiu apenas em alguns discursos pronunciados junto ao seu tumulo.

«Oraram entre outras pessoas os Srs. Dr. João Franklin da Silveira Tavora e Antonio de Vasconcellos Menezes de Drumond.»

LA VAE VERSO

Eis-aqui, meu capitão,
A colheita deste anno,
Os Judas que recrutei,
Com arduo trabalho, insano,

Vem ahi uma enfiada
De typos de toda casta;
Um specimen completo
Uma collecção bem vasta.

Todo sabbado d'alleluia,
Por essas ruas andei,
E tudo que foi tratante
Para Judas agarrei.

Vê? Da caterva do fôro
Meirinhos, tabelliães,
Requerentes preguiçosos,
Indolentes escrivães.

Eis um grupo interessante
De alguns juizes venaes
Que n'um balcão de mercancia
Convertem os tribunaes

Juntos, na mesma fileira,
Por não terem consciencia,
Procuradores que as partes
Reduzem a indigencia.

Ao pé, avaliadores
Que com safada impudencia,
Marcam o valor das cousas
Conforme a *conveniencia*.

Veja esta galeria!
E' so de bachareis burros,
Nos quaes o que estudaram
Não poude entrar nem a murros.

A gentalha que os precede,
Compõe-se de advogados,
Que com falsidade trazem
Os clientes enganados.

Com elles, fazem parelha
Aquelles que são cavallos;
Que n'uma curta demanda
Gastam largos intervallos.

Após, os advogados.
Veja estes trapacistas,
Que vivem so de chicanas;
Renitentes desmandistas.

Aprecie este enxame
D'ignobeis salafrarios:
São corvos d'especie humana,
Desalmados usurarios.

Este bando que ahi stá,
Não conhece pelos termos?
São armadores vorazes
Que agouram aos enfermos.

A sucia que vem atraz,
São padres sem charidade,
Que com seus exemplos torpes
Deslustram a christandade.

Aquelle que está na ponta,
E' um celebre vigario,
Que seduziu uma moça
Mesmo no confissionario.

O que fica immediato
E' um padre avarento,
Que dá dinheiro á juros
De seis e sete por cento.

Não podiam escapar
No grande recrutamento
Estes frades, que as noites
Passam fora do convento.

Agora os medicos que
Por excessiva avidez,
Não praticam charidade
Em sua vida uma vez.

Os outros são os estupidos
Que sem responsabilidade,
Vão mandando as creaturas
Habitar na eternidade.

Este fedor de chulé
Que o está encommodando,
São sebosos taverneiros
Que agora estão chegando.

Aquelle, rouba no peso,
O outro, mistura o vinho,
Este, enxarca a carne n'agua
E deita sal no toucinho.

Ora dá-se! Pois julgava
Que escapavam os fiscaes,
Que recebem nas tavernas
Os cinco mil reis mensaes?

Aqui estão vereadores
Deleixados, corrompidos
Que recebem seus presentes
De paios, vinho e vestidos.

Eis estas authoridades
Cuja balda é conhecida:
Fazem dos cargos que occupam
Ganancia e meio de vida.

Conhece aquelles marrecos
Que á um canto ali estão?
São os senhores padeiros
Que o peso roubam no pão.

Tambem a estes melcorios,
Não pude deixar em paz;
São rapazes distrahidos
Accendedores do gaz.

Aqui estão os açougueiros,
Os abutres da pobreza,
Sejam taes Judas queimados
Em fogueira bem accesa.

N'um grupo so englobados
Os sapateiros tratantes,
Os alfaiates velhacos
Marcineiros tropiantes.

Assoprando os massaricos,
Eis ali por sua vez,
Os ourives que o ouro
Vão empenhar do freguez.

Oh, que respeitavel grupo
Defronte do qual estamos!
São caixeiros que as gavetas
Vasculejam de seus amos.

Repare bem deste lado
Os vultos que ali estão,
Estou quasi apostando
Que não conhece quem são.

São sujeitos que em patranha
Ninguem os ganha em pericia:
Negociantes quebrados
Por dolo, fraude e malicia.

Veja aquelle velhaça;
E dextro na artimanha,
Ha pouco fez um *gongolo*
Com um bilhete da Hespanha.

Este cujo que está vendo
E' um sabidão de marca,
Praticou certa esperteza
Na direcção de uma *arca*.

Metteu lettras sem valor
Tirou dinheiro corrente;
Ora diga, capitão,
Não é uma de patente?

Aquelle cujo *barbudo*
Em *Guimarães*, barateiro
Ja trocou muito *papel*
Falso, pelo verdadeiro.

La está o *Jabiraca*
Oh, que firma respeitavel!
Deve ser, quando queimado,
Um Judas mui deleitavel.

Na rua que faz *preguiça*,
Como uma pipa rolando,
Vi o *Manuel Paparote*
E fui logo o recrutando.

Veja este pianista
Que se chama *Va-cellar;*
Sellado precisa elle
A muito tempo andar.

Sabe que animal é este?
Não sabe? pois saiba agora;
E o tal Antonio Gago,
Que nos *Pés de Cruzes* mora.

O bicho estava á porta
Qual calango, a aquentar sol,
Eu que andava á sua cata
Fui chamando-o p'ra meu rol.

Este de barbas inglezas
E' o Julio Feijoada;
Que quando toma genebra
Anda fazendo rascada.

Si, trouxe o Marcos Rabeca
Este malandro d'um dardo;
Foi para ficarmos livres
De tão importuno fardo.

Attenda para este mono
De asquerosa catadura,
E' *Yoyo Feio* chamado.....
Que horrenda creatura!

Uma pausa por agora,
E' preciso descançar;
A baderna de mulheres
P'ra depois pode ficar.

Á PEDIDO

—Que desembaraço de moças! Nem por ser hoje Sexta feira Santa, portam-se com mais recato na janella.

—Quaes?

—Estas da casa 27, aqui defronte do convento do Carmo.

—Ah!...

—Não parecem moças de dentro de casa! O que se importam ellas que os mais saiam com o seu chapeu de copa alta, para estarem na janella a chacotearem como tagarellas?

—Isso é proprio de tarascas.

—Fosse eu um estabanado e puxasse pela lingua cantando-lhes os mandamentos; ai que as familias vivem expostas aos insultos dos capadocios que enchem as ruas!

—Tudo no mundo é assim.

PERGUNTAS INNOCENTES AO SR. FISCAL GERAL.

Porque o Sr. fiscal geral não se importa, que nos açougues, seja vendida por mais do preço annunciado, a carne verde roubada sempre no peso, sempre ordinaria e ordinariamente pessima?!

Porque não multa as ganhadeiras, que vendem peixe podre e fazem do mercado foco de immundice?!

Porque não multa muitas casas de negocios, que faz nojo n'ellas se entrar?!

Porque persegue so e exclusivamente os donos de padarias, obrigando-os á vender pão por um preço, e peso que lhes dará prejuizo, principalmente agora que custa uma barrica de farinha de trigo 32$ e 33$ rs?!

Estão somente os donos de paderias sujeitos á multas e não os de outras casas de negocios?!

A camara municipal deve provindenciar sobre o que se acaba de tratar.

Um padecente.

VARIEDADES

TRES MULHERES.

Conta o *Correio dos Estados-Unidos,* que um medico americano raptou uma das suas doentes e casou com ella. Accusado de trigamia pelos parentes da raptada, defendeu-se do modo seguinte: « Casei tres vezes. O meu primeiro casamento era valido. O segundo é nullo, porque foi contrahido durante a vida de minha primeira mulher. Mas o terceiro é muito legal, visto que minha primeira mulher já morreu e a segunda não é minha mulher legalmente. » O tribunal não achou nenhum vicio nesta argumentação.

Aconselhando um sujeito a um seu amigo que estava para fazer uma impressão de um livro, que o imprimisse em papel muito grosso; o amigo lhe perguntou, para que lhe dava aquelle conselho? A que o outro respondeu: para acudir mais ao pezo quando se vender aos confeiteiros para embrulhar assucar, o que é a mo*r*te dos livros presentemente.

AMOR CONJUGAL.

Ha maridos que sabem, em todas as circumstancias, fazer justiça ás qualidades de suas mulheres.

Uma mulher, tendo sido accusada de ter propinado veneno a outra pessoa, e vendo-se a ponto de ser condemnada, supplicou que fosse ouvido seu marido como testemunha de defeza: deferiram a este requerimento, e o nosso homem foi declarar com a maior sinceridade que a melhor prova da não culpabilidade de sua mulher, era o estar elle ainda vivo: «Estou persuadido, disse elle, que se minha mulher tivesse a menor disposição para envenenar, fosse quem fosse, teria principiado por mim, que ella detesta com todas as veras d'alma ha uns bons dez annos.»

Este testemunho fez rir o juiz, os jurados, e todo o auditorio; e a mulher foi posta em liberdade.

ANNUNCOS

ATTENÇAÕ.

Na noite de 27 do corrente, arrombaram pelo quintal e penetraram na casa em que lecciona o professor primario Adelino da Silva e Oliveira, ao largo de Nazareth. Os ladrões levaram 215$ rs. em dinheiro, uma imagem do Crucificado guarnecida de prata e um estojo com as iniciaes—A. S. O.—Gratifica-se a quem der noticia ou prender os ladrões.

Quem quizer uma senhora viuva, capaz para serviço de casa, ou para zelar meninos, procure no becco do Cruzeiro, n.° 8.

O abaixo assignado faz sciente ao respeitavel publico, com bastante pezar, porem forçado por imperiosas circumstancias, que d'ora em diante não tem parentesco nem relações com o Sr. Geminiano Manoel dos Santos Vital com loja de louça á rua dos Algibebes.

Bahia 26 de março de 1869.

Livio Vital.

O

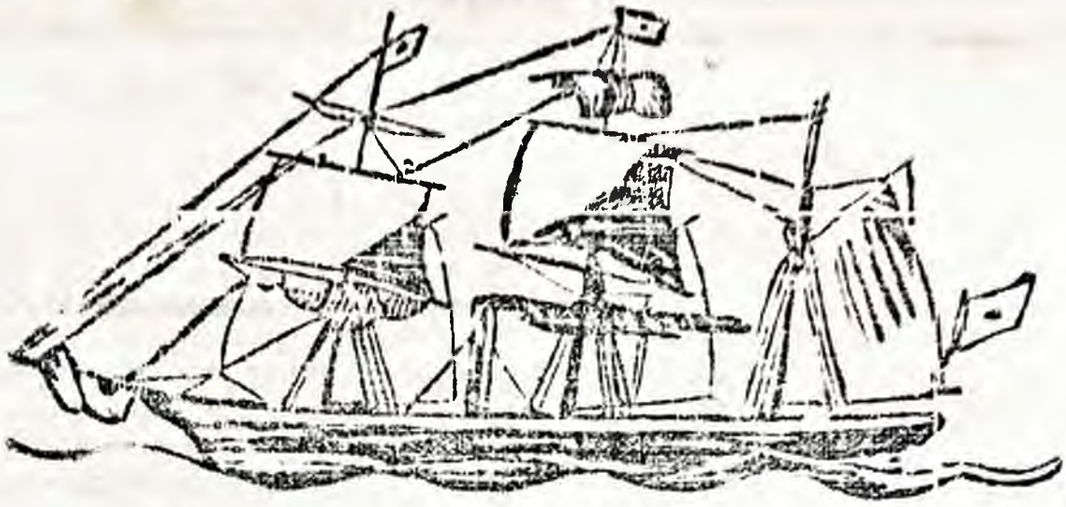
ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 38

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 3 DE NOVEMBRO DE 1869. N. 571.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de novembro de 1869.

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo, expondo-lhe o estado de completo desmoronamento em que se acha, abandonada em um mandiocal, a capella da Conceição Velha, na Feira da Conceição, e pedindo-lhe que, em acatamento á decencia do culto divino, mande retirar as Sagradas Imagens de tão improprio e despresivel logar, que mais se assemelha a um pardieiro immundo do que a um templo consagrado á Rainha do Universo. O que espera-se.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Santo Antonio, pedindo-lhe que lance suas vistas para um grupo de meninos-moleques que se ajuntam todos os dias, no largo da Cruz do Paschoal, á jogarem pião, acompanhando essa jogatina um chuveiro de palavras obscenas que proferem, sem o menor respeito á moral publica, sobresahindo entre elles um de nome Antonio, de edade de 15 annos mais ou menos. Em vista do que acima fica dito, espera-se que S. S. dê providencias, que façam cessar esse ultraje ao decoro das familias que por ali moram.

—E' isto que se chama um paiz livre?! Uma terra onde se surra gente livre!

—Entretanto quer levar a civilisação e a liberdade ao Paraguay!

—Irrisão insolente!

Um paiz onde qualquer está exposto á sanha brutal de qualquer malvado arvorado em authoridade!

—Por fallar nisso escute:

Um Sr. Horacio Ribeiro Soares, delegado de policia, em Juremenha, no Piauhy, mandou agarrar Manuel Moreira Gomes, homem livre, calmar-lhe 500 açoites, e não ficando satisfeito, para mais saciar seu genio, elle proprio retalhou-lhe as nadegas a navalha!

—Que hyena!

—O pobre homem, depois do martyrio tornou-se idiota: a qualquer cousa que lhe perguntem, responde « não sei »

O chefe de policia, passados 70 dias, mandou buscar a victima e sujeitou-a a um exame de sanidade, em sua presença; sendo pelos peritos, Drs. Constantino Moura e Simplicio de Souza, encontrados evidentes vestigios do crime nas visiveis sevicias e até ulceras resultantes da sevicias.

—E' claro que o monstro não ficou *ensosso?*

—Foi punido com a demissão do logar.

—Muito bem! Isso é que se chama desafrontar a lei!

—A officina photographica do Sr. Sorensen acaba de tirar o retrato da infeliz victima do energumeno Horacio Ribeiro Soares e expol-o ao publico.

—Capitão, chegamos a uma epocha de aper-

feiçoamento tal, que a acção da justiça torna-se dispensavel por inutil.

—V. falla serio ou graceja?

—Eu entendo que o melhor systema de arranjar as cousas, é cada um applical-a por suas mãos.

—Que theoria absurda!

—Dá minha opinião é o Sr. Leocadio José de Britto.

—Não metta o nome do homem em semelhante disparate.

—Da licença que eu prove?

—Falle.

O Sr. Leocadio José de Britto alugou a loja de uma sua propriedade, ao becco do Motta, a uma mulher, que pelo geito não era lá muito pontual nos pagamentos.

—Porém deu fiador?

—Deu.

—Então estava garantida.

—Ora o que fez o Sr. Leocadio? Na sexta-feira, em occasião que a locataria não estava, chamou por um carpina e mandou pregar-lhe as portas; de sorte que, voltando ella á noite, achou-se esbarrada e teve de dormir ao relento fazendo da rua cama e das nuvens cobertor.

Então é meio mais abreviado do que recorrer a justiça ou não?

—Rapaz, apezar do conceito que V. me merece, eu acho duro que o homem praticasse tal, sabendo que na terra ha quem nos governe, mormente sendo isso uma crueldade, e ser elle tido por decidido protector de orphans e donzellas.

—Mas a mulher não é orphan nem donzella, nem tem filhas moças.

—Com tudo.

—Além de queda couce!

Por quebra de tanta calamidade por que passamos, vem um pavoroso incendio reduzir á cinzas dous importantes predios commerciaes, causando ao ja tão decadente commercio desta praça gravissimos embaraços.

—Os quaes vão todos reverter sobre o povo.

—Pasma que em uma provincia desta ordem olhem com tão pouco caso para um objecto de tanto gravidade como são os incendios!

—Na hora do parto é que chamam a parteira.

—A falta de promptas e acertadas providencias tem sido causa de incalculaveis prejuizos!

—Do que serve comparecerem as bombas, si uma hora depois estão inactivas por falta d'agoa?

—E si as proprias bombas são umas perfeitas *bombas?*

—Sem medo de errar pode se affirmar que na Bahia o incendio que não for visto na occasião em que com qualquer balde d'agoa possa ser dominado, tambem depois é impossivel: o predio ha de ser reduzido a cinzas.

Não ha exemplo nesta terra de um incendio em que a acção do elemento destruidor fosse paralysada em meio, pelos recursos empregados

—E como, si não ha ordem, si não ha regularidade por falta de meios?

Nos incendios o que ha é muitos a mandar e ninguem a entender; desordens, confusão e muito roubo.

—Neste de domingo, os proprios sentinellas escondiam objectos por todos os logares.

—E houve tanta anarchia que até ouvi dizer que o chefe de policia teve um bate-barba com o Sr. Silva Reis.

—No sabbado á noite, la para Agoas de Meninos, dous socios de uma venda jogaram as cristas sahindo um delles ferido com uma compassada.

O motivo da perlenga foi ter um dos socios desapprovado a compra que fez o outro de um *grilo*.

—Isto é porque o dono descobriu a *massada*.

—Até a data parece que a policia não tem conhecimento do facto.

—Foi a Cotegipe?

—Quando, domingo?

—Está bem visto.

—Fui.

—Então dê-me novas.

—O passeio foi bom, a não contar com algumas desaguisados na volta pela *exaltação* dos spiritos.

—Isso é inevitavel.

—Certa gente em todo o logar gosta de mostrar o que é. Si não fossem as boas maneiras do Sr. Bloen, teriamos talvez de lamentar scenas desagradaveis.

Houveram imprudentes que queriam vir do lado de fora, expondo assim suas proprias vidas.

Outros entenderam invadir os trens destinados ás familias e irem ali *sambando* e praticando desenvolturas. A um mais pertinaz ouvi dizer no meio das senhoras—*«eu cá não respeito brancas, só adopto minhas negras.»*

—Delicadeza garotal.

—Sobre-sahiu na desenvoltura um individuo cujo semblante nada tem de *peregrino*.

O encarregado da meza parece que por previdencia tratou della 15 dias antes. Entre

outras peças havia um celebre carneiro assado, que, atirando-se aos urubús, não se fazia nada de mais.

—Que mais?

—Um incendio que poude atalhar-se em tempo, proveniente de uma ponta de charuto atirada por um gracioso n'uma casca de bagaço.

—Nesses logares deve haver sempre uma força respeitavel para manter a boa ordem.

—Deixemos isso de parte, quero lhe contar o episodio mais burlesco da viagem, ao menos que eu presenciasse.

—Estou attento.

—Na volta, entrei em um wagon de segunda classe, onde achava-se o Sr. Gouveia com sua familia e, ao pé desta, uma mulher, de côr parda, bem trajada. Pouco depois, accompanhada por um homem, chegou certa dama, com ares de sultana, a qual teve repugnancia de assentar se no carro em que ia uma mulher parda e encarando-a desdenhosamente ordenou-lhe que fosse para outro logar.

—Que descoco!

—Estabeleceu-se o seguinte dialogo entre a parda e a branca:

«—Vá para outro logar, que quero me sentar.

«—Mas onde hei de ir?

«—Não se assunta? Não vê sua qualidade?

«—Minha senhora, eu paguei dous mil reis pela passagem, tanto como a senhora e vou ao pé desta familia que me faz o favor.

«—Negra! atrevida! Reconhece teu logar.

«—Nasci forra; na sua cosinha não tem da minha eguala

«—E' muito mau não haver separações. Ir uma senhora branca envolvida no meio destas desavergonhadas negras! E sujeita a ouvir desaforos.»

A cousa ia adiante, si algumas pessoas não aconselhassem a rapariga a tomar outro assento.

—Que sem razão!

—Sr., só visto; foi um desfructe completo; um debique para os passageiros, que em geral olhavam com escarneo para tão desmarcado orgulho.

—Ter desprezo de assentar-se ao pé de uma mulher por ser parda!

—O que se quer nos logares publicos, é moralidade, honestidade; dado isso, os direitos são eguaes.

—V. procurou saber quem era ella?

—Disseram-me que era um senhora que tinha irmãos em *Geremoabo*, mas que ella residia actualmente nas *Umburanas*.

—Quanto fofice!

—Vem a morte e vae tudo para debaixo da terra.

—E depois vão lá conhecer qual foi o branco, o azul, o preto.

—Fogo! lá tocam os sinos!
Em duas casas pegou!
—Vossê de que se admira,
Si o Martins já chegou?

—O Sr. Theotonio de Souza Mendes, vice-presidente do Piauhy, é um homem desabusado!

—Como assim?

—O homem teve o displante de apresentar-se n'um baile que lhe offereceu o capitão de policia João Seraphim da Silva, na noite de 24 de setembro, 35° anniversario da morte de Pedro 1°, dia que, sabe-se o Brasil põe as armas em funeral.

—Na verdade, foi um *sacrilegio* imperdoavel. Um aulico não guardar a memoria do pae de seu amo!

—Descalçaram a ladeira de Nazareth.

—E as pedras costumam sahir á noite para dar seu giro.

—Mas o peior é que não voltam para seus logares.

—Entendem que as traquinadas dos meninos são bagatella.

—E as cabeças quebradas, pernas deslocadas, olhos vasados, provam constantemente o contrario.

—Como na sexta feira, em que uma recua delles largaram a eschola, foram nadar na Preguiça e la se ficou um no fundo.

—E assim mesmo, uma desgraça desta não ha de despertar o deleixo dos paes a indoleucia da policia!

Á PEDIDO

O MINISTERIO VERMELHO.

Ja se viu um ministerio,
Como este, *conservador*?...
Que personagens que o formam!
Que figuras de primor!
Não é mister que de todos
Aqui se faça menção;
Mas delles quatro merecem
Mui particular attenção.
Vae primeiro D. Erasmo,
O publicista do rei,
O ministro de Lusbella,
O sacerdote da grei.
Romancista e litterato
Da tribu de guarany,
Veio unir-se mui contente
Ao velho Itaborahy.

Depois de ter defendido
Direitos da *magestade,*
A escravidão preconisa
Em affronta á liberdade.
Ja foi liberal de polpa,
Agora se diz *vermelho;*
Mas, que monta? eil-o mettido
Do grande rei no conselho.
Tem provado que não presta
Para tão alta missão;
Si em lettras val, no direito
E' fôfo parlapatão.
Tem geito para ministro
Por que é palaciano;
Nem mais se exige na côrte
Do Cezar americano.
O D. Antão do fomento
Que liberal foi outr'ora,
De sua pasta os negocios
Cada vez mais empeiora.
Negativa intelligencia
Possue, ninguem lhe contesta;
Mas p'ra os seus proprios arranjos
Vae mostrando quanto presta.
Tem faro d'agricultura,
Pareçe bem um roceiro;
Com taes quilates ahi temos
Um ministro brasileiro.
O moço do imperio é nobre,
Tem heraldicos brasões;
—Ninguem lhe bula na farda,
Em seus doirados galões.—
Quer dar quinau nos mais velhos,
Quer primar entre os irmãos;
Julga-se o mais respeitavel
D'entre os socios cortezãos.
Outr'ora o papel moeda
Combatia, furioso;
Hoje o acceita sem receio
Com semblante gracioso.
Que boa gente que vela
A' proa da nau do Estado!
Que sublime gabinete!
Que ministerio elevado!
Quando fallo dos farçantes
Desta nova baccanhal,
Exceptuo o Cotegipe
Que tem merito real.
O bom do patrão velhusco,
O patrão-mor da fazenda,
E' certamente um predigio,
Um ministro de encommenda!
Ha muito que se apregoa
O grande Itaborahy,
Nas lingoas vivas, nas mortas,
E até na lingoa de tupy.
De financeiro eminente
Tinha immensa nomeada;
Mas toda sua sabença
E' perfeita patacoada,
E a prova está nos seus feitos...
Que miseria no paiz!
Como vae tudo á matroca!
Pobre nação infeliz!
Com taes ministros, guiados
Por tão sabio *palinuro,*
Quem pode prever accaso
Qual seja o nosso futuro?!

VARIEDADES

AO SR. MINISTRO DO IMPERIO.

Os senhores da *conserva,*
São valentes *monarchistas,*
E os homens da liberdade
Verdadeiros *anarchistas!*
Querem reformas! que asneira!
Pois a nação brasileira
Precisa de alguma cousa
Tendo no seu ministerio
Um homem grave e tão serio
Como o Paulino de Souza?

AO DA JUSTIÇA.

O ministro romancista,
Outr'ora tão liberal,
Hoje mudou de politica,
Teve razão, não fez mal;
Eu não maldigo o seu nome;
Coitado! elle tinha fome
Quando romances fazia;
Guarany e Viuvinha
Não *compram* carne e farinha
P'ra se comer todo dia.

Dizia o chefe de policia a um mendigo fi-lado na vespera;

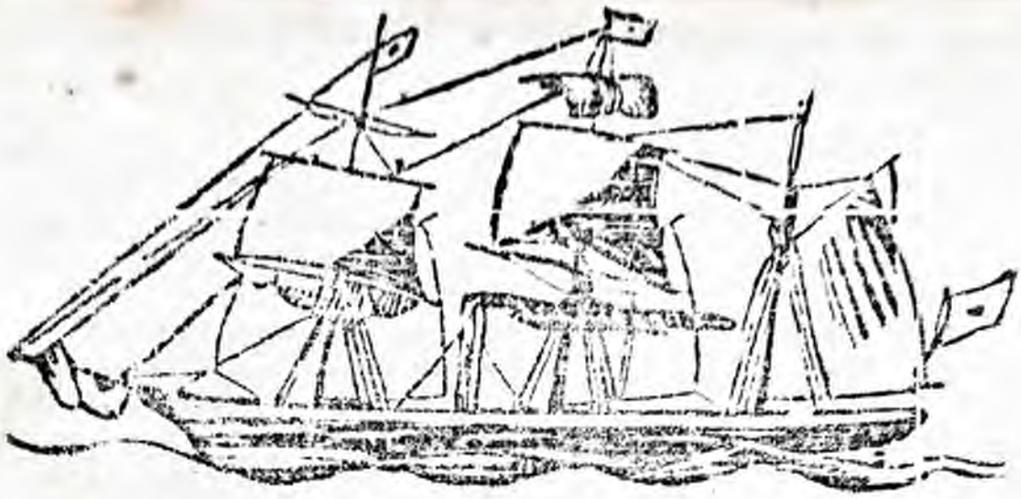
—Então não tem domicilio certo?

—Tenho, Exm. Durmo sempre no mesmo degrau da egreja da Candelaria.

ANNUNCIOS

Fugiu da casa do Sr. José Antonio Pitanga, morador ao Mar-Grande, sua escrava Maria, africana, levando vestida camisa de algodãosinho, e saia de *yay de ouro*; tem a falta de um dente e uma veia rota. Consta que se acha nesta cidade, quem a pegar e levar ao Sr. capitão Jacintho Muniz Barretto ou ao Mar-Grande a seu senhor, será generosamente gratificado.

Vende-se tres frentes de casas, em terreno proprio, á rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, juntas á casa do Sr. Valentim, funileiro. Trata-se com o procurador Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em seu cartorio, á rua Direita da Mizericordia, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 38
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 6 DE NOVEMBRO DE 1869. Ns. 572 e 573.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de novembro de 1869.

Portaria ao Sr. administrador do hospital dos Lazaros, para que informe si pertence a esse hospital, como asseveram, um individuo atacado de elephantiasis, o qual tem sido encontrado na rua da Valla, alem do arco, fazendo compras, e dirigindo-se depois pelo caminho que vae ter ao hospital; pelo que, no caso de assim ser, deve ter S. m. por muito recommendado não consentir que semelhante abuso vá adeante. Cumpra.

—Ao fiscal da freguezia de Santo Antonio, ordenando-lhe que se dirija á casa de certa fateira, á Cruz do Paschoal, e examine o estado de immundicie em que se acha o cano da mencionada casa, o qual desagua na rua, o que muito encommoda os moradores d'aquella localidade, privando-os até de chegar ás janellas, em vista do pestilento cheiro que exhala o referido cano, e pespegue-lhe depois do exame a competente multa. Cumpra.

—Chegou o vapor do sul.

Vamos dar em resumo um extracto do que ha mais importante.

«Desde o pharol da Barra até o Rio de Janeiro, as localidades continuam a conservar a mesma posição no mappa do Brazil, isto é, continuam a estar ao sul da Bahia.

«Os negocios politicos caminham sem novidade, havendo entretanto as seguintes importantes noticias, que vão, sem duvida, surprehender o leitor:

«A camara dos deputados, na opinião geral, continua a ser considerada temporaria e o senado vitalicio.

«D. Pedro II, continúa no throno, e, a vista disto, é ainda nossa imperatriz a Sra. D. Thereza Christina.

«S. M. o imperador continua *felizmente no uso de suas faculdades intellectuaes*.

«Tem visitado, segundo o seu *louvavel e patriotico costume*, os arsenaes e hospitaes.

»Almoça e janta com bastante disposição para honra e gloria deste imperio.

«O conde d'Eu, está na guerra, e o duque de Saxe, em viagem; embora desta noticia se possa concluir que a princeza Leopoldina passeia pela Europa, não se conclua tambem que a princeza imperial está no Paraguay. Não, S. A. está em S. Christovam e dos jornaes não consta que soffra encommodo algum.

«Continuam no poder os mesmos ministros, de que tivemos noticias pelo vapor passado, pelo que, pode-se dizer, não cahiu ainda o ministerio de 16 de julho.

«Ficou definitivamente considerado o dia em que encerraram-se as camaras, que tinha findado a primeira sessão da presente legislatura.

«Era questão resolvida que o incessante appoio que o actual gabinete recebeu na camara dos deputados, com grande contentamento dos conservadores e decidida tristeza dos progressistas, historicos e mais familia opposicionista, foi devido á unanimedade da mesma camara; ao menos não se poude assignalar outra causa.

«Tambem reconheceu-se pela forte opposição que houve no senado, que naquella casa havia divergencia de ideias.

«Os pasteleiros da rua do Ouvidor mostravam-se possuidos de saudades pelos nossos digníssimos, por causa dos gastos que estes lhes faziam nas empadas; si bem que outros nutrissem mais saudades por alguns cobrinhos que com os ditos seguiram para as provincias.

—As noticias da guerra são as que se seguem:

«O Brazil continua em guerra com o Paraguay.

«Espera-se por um combate decisivo; por conseguencia, ha de gastar-se alguma polvora e morrer alguma gente.

«Si nossos soldados passaram fome alguns dias, é signal evidente que não tiveram o que comer.

«Semelhante crise alimenticia, toda independente da *boa vontade* dos nossos fornecedores, cessou, como era de prever, logo que appareceu com que encher a barriga.

«O Sr. conselheiro Paranhos, para alliviar um pouco o pesado e gravoso encargo com que lutavam os fornecedores, arrecadou (por bom dinheiro, ja se sabe) toda a sardinha de Nantes que havia em Assumpção, e mandou-a para os soldados, reconhecendo-se por tal occasião serem ellas o mais nutriente e economico alimento para um exercito em marchas fatigantes; por não ser preciso comer muito em vista da sêde que provoca, e os nossos soldados acharem onde fartar a barriga d'agoa nos immensos charcos e pantanos que banham o Paraguay.

«Diz se que o governo não tendo o que fazer com um restante de dinheiro que existia nos cofres, emprestou 700:000$ ao governicho paraguayo, como recompensa dos sacrificios que por nós tem elle feito.

«Dizem pela imprensa, na tribuna, por toda a parte, emfim, que, logo que se acabe a guerra, a guerra está acabada.»

—Nada mais, a excepção de *outras* novidades.

—Ora deixe-me, não ouvi missa no dia de finados!

—Por que não quiz, ou então não passa de um herege.

—Não; foi á missa na egreja d'Ajuda com minha familia; lá já havia muitas familias á espera, e tudo ficou d'agora no bico!

—Mas como, não houve missa?

—O capellão mandou dizer, depois de se tornar esperado muito tempo, que ia celebrar uma missa para o chefe de policia que lhe tinha mandado pedir n'aquelle momento, por isso deixava de ir celebrar e podiam fechar a egreja!

—*Manda quem pode!*

Em primeiro logar está o chefe de policia!

—Ante hontem, ás 9 horas e meia da noite, estava na Recreativa o negociante portuguez Manuel Ferreira da Costa, socio da casa commercial Ferreira & Irmãos, jogando *solo* e caiu morto.

—De que proveio-lhe tão repentina morte?

—Dizem os facultativos que de um aneurysma que soffria, ha muito, na aorta abdominal!

—Deus se compadeça de sua alma!

—Os padres lazaristas vão para o pulpito blasphemar contra a imprensa.

—Inimigos da luz, odeiam a publicidade, por que não querem ver patentes, a hediondez de seus feitos, o epilogo de sua crapula e devassidão.

—Assim lhes convem: querem o embrutecimento do povo, para melhor plantar-lhe no animo o fanatismo e a superstição.

—E' de balde; podem ladrar como quizerem; a imprensa caminhará segura em sua marcha de aperfeiçoamento social.

—Um desses falsos apostolos, na provincia de Minas, do pulpito, praguejou contra a imprensa deste modo:

«Nenhuma *utilidade* se encontra na imprensa: ella tem sido e ha de ser o motor da *discordia* e da *intriga*. *Maldicta seja a liberdade* da imprensa, que tudo e todos perverte: no outro tempo não se via isto.

«Todos corriam para a casa do Senhor onde escutavam felizes pelas nossas praticas á fé christã.

«E, demais, que invento ha na imprensa? Que de bom se pode colher della?

«Obra do *acaso*, como o foi a *telegraphia*, o *vapor* e a *photographia*, só prestam para a especulação dos homens e offensa a Deus (.....) Os reis são pequenos ao pé de nós; si se ainda os respeitamos hoje, é pelo que elles *tem de divino*.

«O que valem esses *miseraveis* com os peitos ornados de *veneras*, si não vem aqui ouvir *a palavra de Deus?!* ...»

—Ah, viperina lingua, o que precisava, sei eu.

—No meio de tão repugnantes sandices, o choro de uma creança *interrompeu o orador*, o qual ficou irritado e exclamou:

«Não queremos aqui crianças de 1 até 7 annos, que só servem para encommodar; pela segunda vez o repetimos.

«Parece que só estão habituados a obedecer á força de *bolas e taquára*!...

—*Credo quia absurdum*!

Infeliz *Guthemberg!* Os desastrados lazaristas até querem roubar-te o teu portentoso invento: querem roubar te a tua gloria, e o que é ainda mais iniquo, o facho divino e civilisador espalhado por todo o orbe—*a imprensa.*»

—Veja que bello pedaço:

«PRESIDENCIA DA PROVINCIA.

«*Requerimento despachado em 30 de outubro de 1869.*

«N, 119.—Coronel José Joaquim Chaves; recorrendo do despacho da thesouraria provincial, no proposito de querer que o supplicante pague meia siza de escravos menores de 12 annos, embora destinados ao serviço de lavoura, visto ja ter sido informado o requerimento pela respectiva thesouraria.«—Procede a rasão do recorrente não devendo ser obrigado a pagar o imposto provincial de meia siza pela compra de algans escravos menores que com seus paes adquirira para o serviço da lavoura, industria exclusiva do mesmo recorrente, ainda com a circumstancia de terem sido taes escravos de seu casal, dados a seu genro, para elle voltando por morte d'este; circumstancia que tira toda duvida sobre o destino dos mesmos escravos sempre empregados na lavoura.

A menoridade de alguns dos comprados não prejudica o favor da lei não só porque nas fabricas agricolas se aproveita o serviço dos mesmos menores, como por que a legislação teve em vista tanto o destino de braços para a lavoura, como facilitar o trabalho livre nas outras industrias, onde é elle mais de prompto realisavel. N'este sentido por tanto se reforme a decisão da thesouraria provincial attendendo-se á reclamação do comprador.»

—Si mais mundo houvera la chegára!

S. Ex desta vez foi ao fundo do balu de sua profeciencia administrativa.

—No acanhado espaço de um despacho, não é possivel contar com mais precisão a historia da procedencia e posse dos escravos de uma familia, a successão de herança, entrar em detalhes sobre a agricultura, analysar a legislação, e desenvolver ideas a respeito do trabalho livre!

—Capitão, tenho observado uma cousa.

—Que cousa?

—Em certos dias, reparo que na repartição da policia, pela madrugada, entram alguns homens de mãos vasias e sahem apetrechados com grandes embrulhos debaixo dos braços.

—Está por que dizem que V. não dorme de noite para espiar a vida alheia.

—Mas, o que será?

—São gazetas, rapaz.

—Hon! a repartição transformou-se em typographia?

—Quem de tudo quer saber nada se lhe diz.

—Porem eu pergunto por que a *opinião publica* é unanime em acreditar, que a missão da policia é muito diversa.

—Tambem entra em suas attribuições entreter a polemica para esclarecer os factos.

—Excellentemente bom!

Defendendo uns e accusando outros, é força reconhecer o subido grau de imparcialidade que é mister para proceder assim!

—Ouvi dizer que no sobrado 61, n'Agoa de Meninos, ha uma mulher que come dinheiro aos papalvos com brucharias de advinhação e melhoramento de sorte.

—Pode ser muito bem.

Mas quem pode dar perfeita informação é a policia que remexe isso tudo.

O DEVER.

Vamos tratar do verbo dever, que tem tantos sectarios, e uma irmandade immensa, onde é juiz vitalicio o Dr. Calote—e juiza de devoção a Sra. D. Demanda das Velhacarias.

Os Srs. de engenho, estes lordes de estufada cathegoria em geral são irmãos confrades do dever e entendem que o dever é até uma belleza, e, fados na extensão de terras que têm, vão tomando dinheiros e formando debitos até o infinito, e si o credor aperta com elles, ahi temos ameaça de bocamarte; e quando menos metem se no matto que ninguem póe olho nelles; si o credor falla em cobrar quatro, ou seis contos de reis, respondem elles de papo cheio—isto é uma bagatella, que pago para a safra com meia duzia de caixas, e taes caixas nunca apparecem; porque as que fazem são poucas para comer, e dar a carne seeca podre aos miseros escravos, que vivem estalando de fome.

Ah! e quantos estão por ahi em propriedades que não são suas e que as devem a herdeiros menores, a viuvas que andam mendingando o pão, só porque esses devedores sem brio são surdos aos reclamos dos credores?!..

Antigamente, no tempo em que passeava por este mundo a Sra. D. Justiça de braço dado com a D. Vergonha, e que negociavam com a suá amiga Boa Fé, o devedor era sugeito ao credor; porem hoje em dia, ao contrario, o creder é captivo do deveder, porque tem de ouvir descompostura de boca calada.

O homem que deve, si tem pundonor, dorme sobre-saltado, e não tem a liberdade de retirar-se quando quizer, do logar onde se acha.

Muitas mentiras se ouvem niste de dever, a cada canto arrota um impostor que lhe devem tantos contos de reis. Antonio deve-lhe vinte, João quarenta, Francisco doze, e desta sorte apresenta um rol infinito, mas nunca diz quanto elle deve, e nem quer que se falle nisso; e como querem que

haja boa ordem nos negocios e conveniencia reciproca, si todos querem cobrar, e não querem pagar?!

Em summa o dever é coiza tão má que diz o proverbio portuguez que—quem deve a Deus paga ao Diabo.

Disse.

LA VAE VERSO.

VERDADES PURAS.

—Ora pois!... ja la perdeu-se
De outubro o dia fatal,
Em que os mares cresceriam,
E as ondas celebrariam
Do Brasil o funeral.

Mas não acabam-se os dias
De torpeza e corrupção,
De asneiras e bestidades,
De tartufos e de frades,
Neste bom paiz christão.

Que quadra de maravilhas,
De cousas que fazem rir!...
Incha o mar... e treme a terra...
Sobre os negocios da guerra
Continua-se a mentir.

MOTTE.

São desgraças do Brasil
Um patriotismo fofo,
Leis em parola, preguiça,
Ferrugem, formiga e mofo.

GLOZA.

Falta de senso e verniz,
Muita abundancia de frade,
Luiz onze e seus compadres
Governando este paiz...
Qual que berra, e que se diz
Mais liberal, mais servil...
Nas ruas bobos aos mil;
Por cima de tudo a guerra,
São lepras da nossa terra,
São desgraças do Brasil.

E dá-se accaso o portento
Que o miolo mais trabuque,
Do que ver Caxias duque
E Osorio no esquecimento?!
Na imprensa e no parlamento
Palavreado balofo,
Os deputados de côfo
Pescando os seus camarões;
Só se vê nos figurões
Um patriotismo fôfo.

Sinistro sobre sinistro,
E' o que vem por ahi—
Luciola e *Guarany*
Titulos p'ra ser ministro;
Ah!... pelas chagas de Christo
Deixem de tanta cubiça!
Toda gloria se esperdiça
Do Brazil,—não é pilheria;—
E afinal só ha miseria.
Leis em parola, preguiça.

Pedantismo e ignorancia
Desfructe e sem saboria,
Bestidade e fidalguia,
De que ha grande abundancia;
Caracteres sem constancia,
Que a traça róe como estofo...
E tudo que acaba em—ôfo—
Como clubs, directorios,
Discurseiras, palanfrorios,
Ferrugem, formiga e mofo.

Hamlet.

O CATACLYSMA.

O mez de outubro findou-se,
O cataclysma não houve;
Acabar com este mundo,
Ainda a Deus não aprouve.

Foi um sonho do pedante,
Que tal peta nos pregou;
Mas é que tal historieta
Muita gente acreditou.

Essas velhas e beatas
Com seus rosarios na mão,
Chorando, diziam todas
Não morro sem confissão.

Insensatos! não conhecem
Aquillo que está-se vendo;
Que este mundo só se acaba
P'ra aquelles que vão morrendo.

E que maior cataclysma
Queremos nós supportar
Que vermos a *nau* do estado
Prestes a se *sossobrar*?

O paiz em banca-rota,
Com uma divida immensa,
Cuidam só com augmental-a,
Em solvel-a ninguem pensa!

Uma guerra sem ter fim,
Tantas vidas acabando,
E *honrados* fornecedores
Cada vez mais ir mamando.

Oh! cataclysma infernal
E' este que nós soffremos!
Tantos homens mutilados,
Tantas desgraças que vemos.

Aquelle supplica esmola,
P'ra de fome não morrer,
Pois noventa reis de soldo
Não chega p'ra se viver.

Foi pela patria bater-se,
Voltou do sul mutilado,
Expoz-se, mas não morreu;
Veio bem *recompensado*.

Entretanto o paraguayo,
Que é nosso prisioneiro,
Recebe soldo e etapa
E não lhe falta dinheiro'!!

Cataclysma é o governo
Novos impostos creando,
E este povo cordeiro
Calado se sujeitando.

Cataclysma é ser escravo
Quem nasce neste paiz,
Sendo filho do captiveiro,
Independente se diz.

Cataclysma é a politica
Só de males causadora,
Que tudo vae desmontando
E sempre ameaçadora.

Cataclysma é o Martins,
Que assim que aqui chegou
Trouxe logo um grande incendio
Que duas casas levou!

E o assucar do incendio
Querem a gente vender;
Isto sim, é cataclysma,
Para aquelle que o comer!

Por que, dizem, tem verdete,
Pode ao povo envenenar;
E' um grande cataclysma,
Pois nos poderá matar!

Preciso, pois, ja se torna,
Da policia providencia,
Afim de que este povo
Se livre d'uma imprudencia!

Cataclysma é o juiz,
Que vende uma sentença;
Cataclysma é o escriptor
Que prostitue a imprensa!

Cataclysma é um homem
Que para poder viver
Soffre d'um burro, um estupido
Sem nada poder dizer.

Cataclysma é o caxeiro,
Com o amo á rascar;
E' o mundo que as avessas
Parece se vai virar!

Cataclysma são ladrões,
Que entre nós avultam tantos;
Do *olho-vivo* a companhia
Envolta em mysterios santos.

Cataclysma são os frades
Em tudo perniciosos,
Cobertos de mil maldades,
Refalsados e dolosos.

Cataclysma é a mulher,
Que sendo mulher casada,
Faz vida de prostituta,
E não attende p'ra nada.

Cataclysma são as beatas,
Que dos frades confessadas,
Vão seduzir as mulheres
Ou solteiras ou casadas.

Cataclysma são os medicos,
Que nas casas vão curar
E lá deixam um menino
P'ra terem em que cuidar.

Cataclysma é o luxo
Que reina nesta cidade,
E p'ra muitos é o vicio
Da negra occiosidade.

Cataclysma é a carestia
Dos generos alimenticios,
Sem que tenhamos um meio
Que nos tire esse supplicio.

E' destas innundações
Que devemos receiar,
E nunca do cataclysma,
Por que não hade chegar.

Por que Deus querendo acaso
Com o seu mundo a cabar,
Não ha de mandar dizer
Que o mundo vae se findar.

Salvo si algum spirita
Conversou com a Divindade,
E lá do alto dos ceus
Nos trouxe esta novidade!

O aspirante.

Á PEDIDO

—A justiça tem caprichos inconcebiveis.

—Olha para todos de olhos fechados. Não destingue ninguem.

—Deveras? Então decifre-me isto:

Theodoro José do Couto e João de Carvalho e Araujo, commetteram egual crime, isto é, juraram textualmente que um menino forro era captivo.

O jury da capital da Bahia absolveu a um e condemnou a outro no grau minimo das penas do art. 179 do Cod. Crim.!

—E' que ha a circumstancia de um ser pae de familia e outro não.

—Bem achado! Esta é sua. Por semelhante theoria os paes de familia estão de salvo-conducto á conduzirem-se na sociedade pela maneira que lhes vier á cabeça.

—Pois então explique como quizer.

—Eu só vejo uma cousa, que é provar o grau de coherencia e a força de penetração juridica do jury da capital da Bahia.

—Faça favor, Sr. *pae d'Egoas.*

—Pois não, Sr. aspirante, estou sempre prompto a obedecel-o.

—Dispenso o servilismo.

Com que como vae isso?
—Como um pobre *fiscal*.
—Então é esse o novo uniforme?
Paletot russo e bonet?
—Vm. repara em mim?

E o fiscal geral? A camara não ordenou que todos usassem de sobre-casaca azul e bonet e como elle não sahe do seu classico fraque e canudo do Florida, ao passo que manna de ordenado 1:200$ rs.?

—Mas a camara que cala, é signal que consente.

—Isso é mais velho que azeite e vinagre.

E até parece que anda surda, não ouve é cega que não vê, nem lê, umas bombas á queima-roupa que o *Interesse Publico* tem arrumado no tal homem.

—Pois eu o tomo a minha conta, que o heide fazer mudar de facto e chegar ao rego.

—Chega á falla, *Alexandrino*!
Continúas a roubar?
—Que pergunta!... eu deixarei
Si o mundo se acabar.

—Com que descaro este infame
Faz gaibo da ladroeira!...
—Ora da-se! essa é boa....
Roubar é alguma asneira?

—Pois infame é cousa boa
Arrebatar o alheio?
—Que m'importa! o que quero
E' trazer o bolso cheio.

—Mas não te morde o remorso,
Não te doe a consciencia?
—Não guardar o que é dos outros
Isso sim, é que é demencia.

—E um ladrão desta ordem!
Passa por homem de bem!
—Bello sermão de moral!
Bravo! o Sr. canta bem.

Não ha nada mais rendoso
Que o officio de ladrão;
Si eu roubar e for feliz
Posso um dia ser barão.

Rouba o testamenteiro,
O coronel, o tambor,
O creado rouba o amo,
Eu roubo do lavrador,

—Parece que este bandido
Quando a mãe o expremeu,
O diabo o privilegio
De ladrão lhe concedeu.

No *pilar* onde se apoia
Este gran salteador,
Si achar desgarrado roúba
Té do sol o resplendor.

—Vem ca, olho-vivo.
—Todos me chamam *Neco*.
—Não repliques, enferrujado, do contrario vou ja daqui te lavrando.
—Mas o que me quer, Sr. maxingueiro?
—Levar-te ao capitão.
—Que fiz eu para ir á presença do capitão do *Alabama*?
—Nada; apenas és um fini-simo tratante.

Além dos quarenta mil reis que empalmaste ao incauto caixeiro, acabo de saber agora de uma outra proeza tua.

—Qual será dellas?
—São tantas assim!

A de que se trata é esta:

Com palanfrorios illudistes a uma creoulinha menor, filha de certo africano, e conseguistes com tuas labias que ella roubasse o pae para te dar.

A imbecil deixou-se levar pelas comportas aladroadas que lhe pregavas, e acceitou a chave falsa que lhe destes, com a qual abria o bahu do pae e tirava o que havia dentro e te dava para esbanjares em orgias libidinosas.

—Bem vê que não roubei.
—E' o mesmo.

Não roubastes directamente ao pae, isto é, não fostes de punhal em punho atacal-o; mas, roubastes a filha enganando-a que o dinheiro era para ajuntar e comprar uma casa e que depois te casarias com ella.

Quando o africano sentiu-se roubado e quiz tomar pé, praticastes outro facto ainda mais revoltante.

Soubestes incutir terror á incauta rapariga fazendo-lhe crer que si ella continuasse em casa seria victima de rigores do pae, e ella, inexperiente, acreditou-te e tu a raptastes.

Isso te convinha para ficares á coberto, receiando que ella declarasse ao pai o ladravaz que a fizera cumplice do roubo.

Depois de roubares ao pae o dinheiro, roubastes á filha a honra, abandonando-a por fim com um filho no ventre.

Sabes ja a *bella* acção pela qual vaes responder ao capitão?

—Pois então, deixe-me fechar o *trapiche*.
—Segue, caboleté; o *Gomes* que feche.
—Porem esse serviço me toca.
—Metto-te a taca no focinho, si refugas.

La tem o *Manoel* e o *Ferreira* que podem muito bem fazer as tuas vezes.

Valha-me o SS. *Sacramento*! O que não dirá *meu amo* quando o *Amaro* lhe contar isso?

—Que tu és um fino ratoneiro.

—Uma historia de carochas:
—Ora vamos la.

—Era uma dessas noites medonhas, em que a natureza parece revoltada; zunia o vento, ribombava o trovão, a chuva despenhava-se em torrentes; a terra parecia coberta com a capa negra do filho das trevas.

Alma de gesso, estava em seu gabinete.

—Quem era *Alma de gesso*?

—Depois saberá.

—Recostado em um velho bofete, achava-se entregue á mais apurada meditação.

—Em que pensava pois elle?

—Forjava planos para conseguir riquezas.

Para elle os preconceitos passados, presentes e futuros ficavam de parte; o que queria era conseguir seu fim; muito embora, fosse mister não recuar ante os meios mais criminosos.

De repente, passou a mão esguia e cadaverica pela fronte e de um salto se achou em pé no centro do gabinete.

Naquelle cerebro incubado de ambição e maldade acabava de surgir uma ideia.

« Oh! minha feliz estrella, disse elle, eu te agradeço, illuminaste-me esta mente escaldada pela avidez e cobiça! Sim hei de ser rico a todo transe, custe o que custar. Abandonarei á desgraça aquelle que se puzer em meu caminho para estorvar meus passos. Si for preciso, renegarei o proprio Deus; tornar-me-hei em hypocrita si isso se tornar necessario a meus calculos. A traição, o perjurio, o estellionato, a humilhação, o veneno ou o punhal entrarão em meu plano.

« O que quero é ouro; venha como vier.»

Alma de gesso que andava envolvido no *commercio*, illudiu, traficou, mentiu, roubou, falsificou, mas chegou a seus fins.

E havia uma mulher que chorava lagrimas de sangue rodeada dos filhinhos, em quanto elle ria-se por que era rico e poderoso.

(Continua.)

Pedem-nos a publicação da seguinte:

DESPEDIDA DE UM GRATO AMIGO.

Manoel Cyrino Alz.° e Sua Familia, tendo de retirar-se diffinitivamente desta Cidade para seu citio da Prainha no Municipio do Bethelem do Discalvado, Distrito da Freg.ª de Santa Rita do Passaquatro; Cuja, affabilidade, Cavalleiros abitantes, proverbial hospitalidade, os atrahirão, e não podendo despedirem pessoalmente de todos Seus amigos por cauza justa, mais não podem deixar depedir aimprença desta Cidade affelis oportunidade de protestarem toda amenecidão de Seus Sollennes reconhecimentos, eproffunda gratidão, ao muito que de obzequios e atenções, tiverão a felecidade de dever aos hospitaleiros habitantes desta Cidade, entre os quaes viverão cinco annos; e cozidamente pedem disculpa de algumas faltas que involuntariamente tivecem cometido; Gratos portanto aoobzequiosa Cordialidade de Seus amigos dequem com verdadeira Saudade se despedem, e Solennemente agradessem tantos favores, offrecem Seus poucos prestimos e muita vontade, deque possão dispor em toda e qualquer lugar de suas residencias. A Deus meus bons amigos. Itu 30 de agosto de 1869.

Manoel Cyrino Alves.

E Sua m^er.

D. Delphina Maria de Jezus.

—Charas senhoras:

Desculpem, si as encommodo.

Porem notem, que o mesmo direito que assiste a Vms. de permanecerem em suas janellas, tenho eu de andar tarde na rua.

Com tanto que não perturbo o socego nem escandalise a moral.

Dizem as senhoras, que agora não podem mover uma palha, nem estarem a seu gosto, pela minha assiduidade em passar na rua.

Quem dará mostras de mais curiosidade?

Um homem que pacificamente transita por uma rua e tem necessidade de parar alguns minutos, na esquina, á espera de um companheiro, ou moças que passando por pudicas e recatadas conservam se entretanto nas janellas até que horas da noite?

Fazendo o que?

O que não é de minha conta.

Assim como tambem não tem nada as senhoras que eu passe e torne a passar as vezes que me approuver.

Agora, si minha presença lhes causa *algum estorvo*, o remedio que eu vejo é soffrerem.

Por tanto, espero que não continuem a dar fé da humilde pessoa deste seu creado.

D. Zezé.

VARIEDADES

O CAIXEIRO DA LOJA DE FERRAGENS

O caixeiro da loja de ferragens vae dar que fazer á minha *delicada penna*.

Pouco ou nada tenho a dizer a respeito.

E para que os leitores não fiquem em um completo jejum, e como toda a *variação deleite*, ahi vão estes versos.

LAGRIMAS.

Que insipido viver!... Comprou meu amo,
Mais de thesouras mil enferrujadas,
E só para me dar grandes massadas,
Ordenou que as limpasse com cuidado.

Minha existencia sem prazer disfructo
As *esperanças*—estão quasi extinctas;

Só barricas de *breu*, *pregos* e *tintas*,
Deante de meus olhos nunca sahem...

Ty ranna sorte—para que - severa
A minh'alma crueis dôres outorgas?
O meu negocio—será sempre drogas
Oleo, broxas, pinceis, e ferramentas?

Agarrado ao balcão, qual uma estatua
P'ra os canarios—alpiste heide vender;
E para augmentar mais meu soffrer,
Tambem linhaça, e de mostarda os grãos!

Não de certo! agua molle no rochedo
Tanto batendo vae, que até *o fura*,
Não tardará que o dia da ventura,
Disponte para mim, risonho e bello.

Esta poesia não poderia ter o cunho de perfeição.

Porque entre *serras*, *enxós*, *limas* (sem ser as fructas) papel de embrulho, panellas de ferro, não pode o poeta desprender as azas da sua imaginação.

O caixeiro da loja de ferragens, leitores, representa um papel muito particular perante a sociedade.

Elle fornece ao carpinteiro e ao pintôr, os instrumentos necessarios para as suas obras.

Certo sujeito encommendou umas botas a um sapateiro; quando este as tinha ja feito levou-as ao freguez, o qual calçou-as para ver si estavam boas; deu alguns passos com ellas, e perguntou a uns amigos que ahi se achavam, si ellas lhe estavam apertadas. Perguntou-lhe um delles, si os pés lhe doiam, respondeu o freguez que os tinha a estalar com dores; então (disseram os amigos) estãs boas, e largas, fique com ellas; e desataram as gargalhadas.

EPIGRAMMAS.

A UM TABAREU.

Pés no chão, calçado ao hombro,
Andava vilão ruim,
Diz, cortando o pé com um vidro,
De que livrei meu botim!...

EPITAPHIO NA SEPULTURA DE UM CONTADOR.

Nesta triste sepultura,
Reposa um contador,
Que nunca errou na conta,
Que não fosse á seu favor

A IDADE CANONICA.

Um bispo fez uma viagem de inspecção a sua diocese e viu duas raparigas em casa de um ecclesiastico; este lh'as apresentou como as suas governantes.

— Mas, meu querido irmão, disse o bispo, que vejo eu aqui? Estas raparigas tem 20 annos quando muito, e V. Rvm. deve saber que as leis canonicas ordenam que as mulheres empregadas em casa dos sacerdotes tenham ao menos 40 annos. Nunca leu esta lei?

— Li-a, eminentissimo senhor, mas parece-me que não pequei contra ella: em vez de uma governante de 40 annos, tomei duas de 20 annos cada uma, e por conseguinte não errei a conta!

Um pregador, em quinta-feira de Endoenças de tarde, principiou o sermão dizendo: «Faz hoje annos que os Judeus jogaram a arrenegada com Christo Senhor Nosso. Judas jogou uma sotta, Pilatos atravessou com o basto, Christo Redemptor, não tendo outra carta mais que o ás de cópas, mamou um codilho de cinco mil e tantos açoites.»

ANNUNCIOS

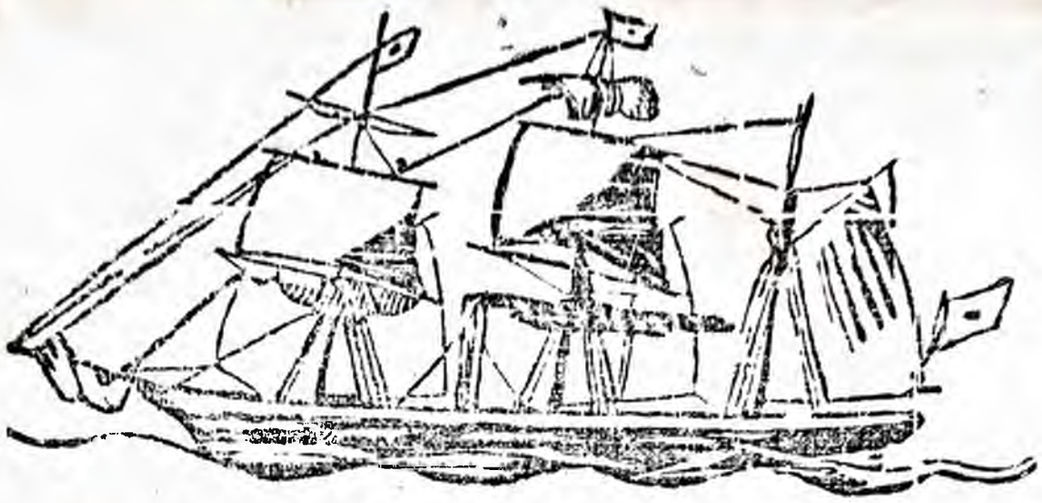
Vende-se tres frentes de casas, em terreno proprio, á rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, juntas á casa do Sr. Valentim, funileiro. Trata-se com o procurador Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em seu cartorio, á rua Direita da Mizericordia, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde.

O fabricante dos bolaxões que se vendiam no doposito da—Vivandeira—declara que deixou de fornecel-os para o dito deposito, passando d'ora em diante para á rua das Flores, deposito do Sr. Olimpio; para o canto de João de Freitas, venda do Sr Rangel; e para o armazem Mercurio, por baixo da Recreativa.

ATTENÇÃO, RAPAZEADA.

Aproveitem, que está se queimando no deposito de charutos de Augusto Bodrigues Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.º 51, o seguinte: charutos finos de bons fabricantes, cigarros de diversas qualidades, fumo picado, bolsas de borracha, mortalhas, palhas de milho, cachimbos cobertos e descobertos, ponteiras para charutos e cigarros, phosphoros de segurança do melhor author em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas para candeeiros de gaz, folhinhas de Laemmert para 1870, diversas miudezas e tudo o mais que se encontrará no dito deposito á vontade dos bons amigos e freguezes, sendo bem servidos em toda e qualquer qualidade destes generos.

Typ. de Marques, Aristides



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 58**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 9 DE NOVEMBRO DE 1869. N. 574.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de novembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que na casa n.° 19, á ladeira da Oração, a senhora de um Sr. Barcellos, logista, tem a sem-razão de querer que uma menina de cinco annos execute com perfeição difficeis trabalhos de agulha, e sendo obvio que em tal edade a inteligencia não pode ter o possivel desenvolvimento e comprehensão, torna-se a innocente victima de excessivos castigos, o que sem contestação é uma barbaridade; e para que não continue tão reprovavel proceder, espera-se que S.S., por meio de sua authoridade, admoeste a referida senhora a proceder mais brandamente com aquella creança.

—As casas de jogo não merecem a attenção de quem tem obrigação de vellar pela boa ordem desta terra, e vão produzindo seus funestos effeitos!

A perdição, a deshonra, a infamia, o suicidio, dão-se a cada hoa.

—Quer ouvir minha opinião?

—Diga.

—Não me consta que se leve ninguem pelo braço para jogar, e por tanto quem conhece o perigo e se mette nelle é por que quer.

—E' o que V. pensa!

Emprega-se as seducções, os convites, os jantares, os enganos, o dolo, e dado o primeiro passo no abysmo, é custoso recuar.

—A maldicta *forra*, é quem mata os papalvos.

—O resultado é que o homem, embebido no jogo, quando acaba de perder o que é seu, lança mão dos meios, por mais ignobeis e criminosos que sejam para adquirir dinheiro, com que va saciar a gana desses maldictos harpyas que estão de fauces escancaradas á espera do incauto.

—Por fallar nisso, nos Afflictos houve jogo por cima do tempo.

—A' proposito delle mesmo é que eu fallo.

Um moço, encarregado de receber certa quantia na thesouraria, em logar de ir entregal-o a seu dono, foi para os Afflictos.

Primeiro jogou na banca de um Sr. Osorio, onde, depois de perder dinheiro a sorte o favoreceu e elle recuperou-o com differença de 2$ rs., que alguem lhe deu para inteirar.

O risco que correra, não o escarmentou, e o damnado vicio ainda o arrastou para outra banca, a de um, Sr. Rangel, empregado *particular*, segundo consta, onde engolphado, só conheceu o mal que praticara, quando acabou de perder o alheio.

—Gente audaz!

Jogam com individuos, que elles sabem que não tem meios de vida por onde possam dispor das quantias que perdem!

—Sabe qual foi o desfecho?

O dono do dinheiro queixou-se á policia, e no outro dia o tresloucado foi preso publicamente com o laubeu infamante de haver subtrahido o alheio.

Não seria melhor ter-se prevenido tão ignominiosa consequencia do jogo?

—Pois não!

Mas em conclusão é isso tambem no fervor com que hoje se festeja o culto divino.

Eis o que se chama uma festa religiosa com pompa; onde as galas se fazem sentir no exterior, pelo deboche, a crapula, a libidinagem.

—Até as praticas da religião se prestam para a desmoralisação da epocha.

—Não se pode morar nas Portas do Carmo!

—Por que não pode?

—Por causa de um surrador de couros que ha na loja do sobrado n.º 71, o qual, para poder amacial-os, mette-os dentro de azeite de peixe fervendo, de maneira que é uma fedentina de causar nauseas, á ponto de chegar o estomago da gente á doer!

—Isso não deve ser muito salutar! Não sei como consentem em uma rua d'aquella!

O inspector da saude publica não tem passado por ahi?

—Por que faz-me esta pergunta?

—E' que eu desejo saber si é hygienica aquella fedentina!

—Seja ou não, o que eu sei é que vou me mudar; não estou para aturar semelhante fedor!

—Eu acho bom que, antes de mudar-se, primeiramente ouça a opinião do digno inspector da saude publica á respeito e então á quem competir dar providencias, que as dê.

—Decididamente matam aquella mulher.

—Mas que quer? São soldados de policia, estão no seu louvavel direito.

—Não tem geito!...

Quando aqui no Terreiro, á vista de tanta gente, fazem isso, pelo caminho, até na Correcção, o que não será!

—E fazem com authorisação do chefe de policia.

—E' impossivel!

—V. não viu o guarda que chegou por ultimo, bradar que senhor *doutor* mandava ver quem estava fazendo opposição?

—Porem dizem que os bebados não tem imputação.

Entretanto uma mulher embriagada é esbofeteada, chibatada, amassada a panno de relle e atirada em corpo e alma no chão na noite de sexta feira, no largo do Terreiro de Jesus!...

Não se commenta.

—E agora porque horrendo crime!

—Porque a bebedice deu lhe para não querer acompanhar os soldados á prisão.

—Felizmente mais de cincoenta pessoas presenceiam e revoltam-se contra tão deshumano e criminoso procedimento da policia da Bahia.

—Capitão, soube de uma agora que me fez calafrios.

—O que foi?

—O Sr. Henrique, musico do corpo policial, acabando de almoçar café, sentia dores agudas, vertigens, os musculos das mãos contrahirem-se e estas arrochadas.

—O que seria?

—Ignoro.

—Por acaso serão effeitos do assucar café com verdete que estão vendendo?

—Deus é que sabe.

Eu não duvido de nada aqui onde as cousas se fazem com tanta facilidade.

—Nunca vi terra mais fertil de acontecimentos singulares!

Dão-se cousas incriveis!

Acabam de me dar uma informação que me fez cahir o queixo.

—Vamos a ver.

—Por espaço de um mez, esteve preso na Correcção o africano livre Honorato, sem que sua prisão fosse decretada por authoridade alguma.

—Mas o carcereiro não recebe preso nenhum sem ordem d'authoridade.

—O preso foi recolhido por suppostaordem do chefe de policia, porém nem elle deu tal ordem nem teve sciencia della, sinão depois de um mez; é o que consta

—O lá! E' extraordinario!

—Por um accaso, o chefe de policia viu o nome do preto no rol dos presos e mandou soltal-o.

—E o responsavel de tamanha arbitrariedade?

—Sabe-se lá quem foi!

—Isso é cousa que convinha ventilar.

—Para que? Talvez fossem os anjos.

—Capitão, quer ouvir uma atrocidade de Lopez?

—Do Paraguay?

—De onde ha de ser?

—Admirou-se? por cá ha muitos Lopez.

—E' a *Voz da Patria*, folha de Corrientes, quem conta:

—«Nossa irman Cármen Moreno, uma das captivas correntinas, nos refere a seguinte barbaridade praticada por Lopez.

«Uma senhora teve que reprehender severamente á uma sua criada por assumptos de serviço interior de sua casa. Esta, por uma vingança iniqua foi dizer á Lopez que sua ama estava se preparando occultamente para passar-se ás linhas do exercito alliado.

«No dia seguinte que deu-se este facto, Lopez ordenou que todas as mulheres se reunissem em uma praça publica, as quaes formando um quadrado, nelle tiveram logar as scenas mais deshumanas que registram os annaes dos crimes.

«A senhora calumniada por sua criada era ainda joven, de lindissimas feições, de fina educação e muito estimada no logar de seu nascimento.

«Lopez ordenou que se lhe pozessem grilhões, não lhe permittindo ao menos dispor cousa alguma antes de sua prisão.

«Uma vez disposto o quadrado, fizeram comparecer essa infeliz victima presa por grossas correntes e a collocaram no meio da praça, deitada no chão e cercada de sentinellas. Nessa occasião ahi compareceu o tyranno que recorrendo a linha das mulheres disse em voz alta:

«—Ha aqui entre vós uma paraguaya que possa compadecer-se desta trahidora á sua patria?

«—Nenhuma, senhor! foi a resposta de todas aquellas infelizes.

«Poucos momentos depois de um profundo silencio se apresentaram os verdugos em derredor da victima, e cada um com o ferro fratricida de suas lanças principiaram a exercer sobre a desgraçada uma morte lenta, porem a mais cruel e horrivel que se tem visto em tempos de barbaria.

«Durante a execursão foram as mulheres que compunham o quadrado fiscalisadas por agentes que tinham ordens terminantes de observar si alguma dellas dava demonstração de uma reprovação.»

—Homem, a procedencia da noticia é um pouco suspeita; e portanto eu fico suspenso; porque só um monstro pratica tamanha atrocidade.

—Capitão, como é isto?

—O que é?

—Sexta feira, tendo ido ao Bomfim, demorei-me la até 6 horas; occasião em que deliberando-me a voltar fui ao ponto das gondolas, para transportar me.

Ahi disseram-me que não havia mais trem para a cidade, pelo que resignei-me. com alguns camaradas, a fazer a viagem no cavallo das pernas.

Mas, qual não foi o meu desapontamento, ao ver, tres minutos depois, o encarregado das diligencias annunciar em ar de pregão, que o Sr. tenente Calasans tinha fretado uma diligencia por 2$ rs. e que quem quizesse fosse tratar com elle!

—Mas o que ha de mais nisso?

—Então a empreza não commette uma irregularidade cedendo seus direitos a um particular para negociar com o publico?

Não é má fé consentir que se altere o preço das passagens sem annuncio previo?

A empreza que annuncia cada viagem a 250 rs., não commette uma falta consentindo que um particular as venda a 2$ rs?

—Estou certo que elle não deitou corda ao pescoço de ninguem.

—Ora pelo amor de Deus!

Por isso é que as cousas desta terra vão todas por agua abaixo!

Ainda mais:

Si ha uma tabella que marca o numero de viagens, as horas de partida, como é que é ella abusivamente alterada em proveito de terceiro?

—Mas V. mesmo não diz que são cousas desta terra?

—E' verdade, porem si se largar de mão é peior.

—Então o que quer?

—Que a honrada gerencia da empreza procure cercear esses abusos que muito a desprestigiam.

—Eu faço muito conceito desses cavalheiros que a compõe; vamos ver o que elles fazem.

—Ora que hão de andar esses soldados de policia *caçando* balha na rua!

—Andam policiando.

—O ordenança do delegado, no sabbado, entendeu que devia passar por entre dous homens, que conversavam sobre o passeio, na porta do forum, e esbarrou um de sorte a quasi atiral o ao chão.

—E é assim que muitas vezes se origina um conflicto, que ao depois elles appellidam de resistencia á força publica.

Á PEDIDO

—Capitão, o *Agostinho* viu-se em calças pardas!

—O *Silva* ja me contou, e disse ter ouvido do *Paranhos*!

—E neste caso, dispensa-me de contar-lhe?

—Não; desejo ouvil-o tambem.

—V. Exa. ja o entregou ao despreso, não?

—Ora, que me importa áquelle gaiteiro, áquelle mau marido! Aquillo é a vergonha do irmão!

—La vae:

Entraram em casa da amasia, na tal *ladeira* onde tem um pé de *gameleira*, uns meirinhos para tiral-a de casa como escrava.

Agostinho, vendo que lá se ia sua *cabrocha*, sua querida *Ursasina*, como escrava fugida, andou de dentro para fóra, desde 7 horas da manhan, e por tanto parece que, abandonando o lar da familia, lá pernoitou, e por fim assignou um deposito por ella..

Despresou a repartição, e levou todo o dia no forum a tratar dos *seus papeis*.

—Esta rapariga é forra, eu sei disso! Elle é um canalha, um cousa ruim, um caloteiro que não quer pagar a quem deve, afim de ter dinheiro para gastar com ella; mas neste ponto elle tem rasão.

—Elle blatera que ha de escrever e escangalhar a authoridade que mandou executar e a que expediu o mandado!

—Está no seu direito!

Agora o que eu não sei é, si a authoridade tem culpa, porque ella tem o direito salvo de proceder judicialmente contra o seu supposto senhor!

—Esperemos pelo desenlace da historia!

O CUME DA SERRA.

Em tempo d'inverno frio
No *cume* nasce a roseira
Os botões no *cume* crescem,
E a rosa do *cume* cheira.

Quando o vento sopra rijo
As plantas do *cume* estragam
As rosas do *cume* arrancam;
E as chuvas o *cume* alagam!

Vem cupido cuidadoso.
De novo o *cume* endireita;
No *cume* deita sementes
As bordas do *cume* enfeita.

De novo o *cume* rebentam,
As flores do *cume* sahem,
Ao sopro da ventania,
As rosas do *cume* cahem.

ADVERTENCIA.

Pede-se a Sra. S.... branco que reprima um pouco a sua viperina lingua, quando fallar de quem a conhece e pode pintar-lhe a chronica na cara.

VARIEDADES

O SONHO.

Foi no domingo que eu detei-me em meu sophá fumando um cigarro; meu sophá é uma velha marqueza, herança que me deixou minha avó.

Ora, com este confortavel deleite, peguei no somno, eu não sei mesmo si eu peguei no somno, ou o somno me pegou; e entrei a sonhar.

Mas o que pensam os leitores que eu sonhei?

Pensam talvez que sonhei com alguma panella de ouro que estivesse enterrada e que eu a desenterrasse?

Pois não, corações! isto queria eu achar!

Mas não foi com este *rei* do mundo que eu sonhei!

Sabem com o que sonhei? Sonhei que o mundo estava para se acabar, e quando sonhava isto, um destabanado que passou, deu me uma pancada na testa, gritando:

«—*Levanta bruto!*»

Accordo, dou comigo na rua Direita da Mizericordia, deitado na porta da pastelaria do Marcolino!

Fiquei espantado de semelhante cousa, e disse comigo:—como é que eu deitei-me em meu sophá para dormir e agora acho-me aqui?

Era que eu tinha me embriagado no domingo á tarde e cahi na porta do pasteleiro, e so dei acordo de mim na segunda feira pela manhan.

Mas si eu havia de levantar-me logo, fui ainda ficar sentado no passeio e um insolente passou e metteu-me os pés!

—Digo-lhe:

—Que mal lhe fiz eu,
Si não offendo a ninguem.

Sabe o que me havia elle responder?

—Cala-te bruto.

O cataclysma ahi vem!

Levanto a cabeça e vejo um homem velho de oculos, montado á cavallo e com dous soldados atraz tambem montados!

Na verdade, o tal velho tinha-me mesmo uma cara de cataclysma!

Tratei logo de levantar-me fazendo cruz na bocca e me recommendei ao Sr. *S. Lourenço* para que possa cahir na sua graça!

DECLARAÇÃO

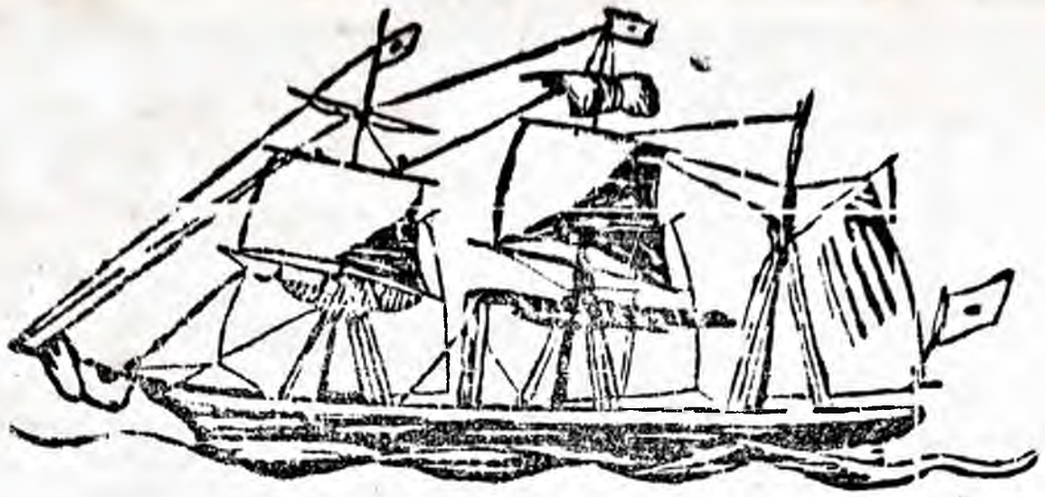
Distribue-se hoje as folhas 122 e 123 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 58**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 13 DE NOVEMBRO DE 1869. Ns. 575 e 576.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de novembro de 1869.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, ou a quem competir, pedindo que lance suas vistas para a relaxação com que se portam os destacamentos que vão para a casa de prizão com trabalho, não só na forma por que fazem o serviço, como por andarem dando tiros de espingarda, a titulo de passarinharem, o que muito encommoda aos moradores d'aquelle logar; e até mesmo pelo risco que correm as pessoas que por ahi transitam.

Em vista pois das razões apresentadas á cima, espera-se providencias.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—Achando-se os arredores da Cruz do Cosme infestados de turbulentos, vadios, reus de policia, desertores e até criminosos, seria de summa utilidade que S. S. para alli mandasse uma patrulha reforçada de cavallaria que policiasse aquelle lado do suburbio da cidade, afim de fazer manter o socego publico.

—Ao mesmo, recorrendo a S. S. contra o insolito procedimento do guarda do chafariz do Terreiro, ha pouco removido do da Piedade, o qual por espirito de ganancia estabeleceu mulctas de um e dous vintens sobre as pretas que derramam agoa no acto de encher o barril, as que demoram se com elle depois de cheio dentro do chafariz, as que lavam os pés, e outras cousas que sugeriu a imaginação fertil de tal especulador. Esse individuo apprehende os barris e não consente que saiam sem que a mulcta seja paga, pelo que ha clamor geral.

E' uma sem razão desse homem, a qual só tem justificação no proveito que tira, o querer que se abra uma torneira sem esperdiçar um pouco d'agoa; assim como é muito natural que quem vae a fonte lave os pés e os braços; e não é essa ridicularia que farão os tanques do Queimado seccar.

A companhia ja teve sciencia do pessimo procedimento de seu empregado, mais não deu fé e até parece que galardoou-o removendo-o para melhor chafariz; em vista do que recorre-se a S. S. como garante da ordem publica, afim de evitar qualquer desagradavel conflicto, que infallivelmente se dará, si a intervenção da authoridade de S. S. não chamar aquelle individuo a ordem; o que espera-se contando-se com a boa vontade com que S. S. costuma attender as reclamações do serviço publico.

—Ao mesmo, communicando-lhe que Manuel Cyriaco, o assassino do infeliz Martiniano Pires da França, vaga pelos mattos da Cruz do Cosme, trazendo em sobre-salto os moradores da circumvisinhança, muitos dos quaes o tem encontrado; sendo tal o terror que tem infundido que muitos delle dados a lavoura, não se animam a ir a suas roças. Pede-se a

S. S. providencias para a captura do criminoso.

—Oh! causa lastima ver-se o estado d'aquella rapariga!

Os beiços arrebentados, a cara disforme d'aquella maneira e o corpo todo seviciado!

Que horror!

E' tristissima a sorte do escravo!

—Quem é a senhora d'aquella miseranda?

—E' escrava de uma tal D. Rosa, *comadre* do vigario Boaventura, moradora na freguezia do Pilar.

—E a policia não vê o estado desta desgraçada rapariga?

—Já veio queixar-se ao chefe de policia e pedir-lhe que não queria mais servir a senhora D. Rosa.

O chefe mandou chamar o *compadre* da dita senhora; elle prometteu-lhe vendel-a; mas, para constar, entregou á um corrector de escravos e depois mandou a buscar, applicando-lhe, pela audacia de ter vindo queixar-se, os mais babaros e cruentos castigos!

—Que deshumano!

E é um ministro de Deus!...

A rapariga, pelos horriveis castigos que continua á receber, no auge de desespero, foi ter com o delegado, visto como pelo chefe de policia não tinha achado allivio para os seus tormentos. Porem este sendo amigo intimo do vigario, mandou-a para a casa de sua senhora, e ella continua á ser martyrisada!

—Oh! é terrivel a sorte desta desgraçada; é necessario que o Sr. chefe de policia não se deixe levar por amisades e por caprichos politicos; e confia-se, que, sendo S. S. justiceiro e recto, como se tem mostrado em prol da causa do opprimido, fechando os olhos a tudo mais, dará as providencias precisas minorando assim a sorte da desventurada!

—Espera-se!

—Annuncia-se um passeio pela via ferrea a Piripiri.

—Em que dia?

—Domingo 21 do corrente

E' promovido por diversas philarmonicas em favor da sociedade libertadora Sete de Setembro.

—O fim é nobre e louvavel.

—E reconhecendo isso é que o superintendente da estrada philantropicamente cedeu gratuitamente os trens.

—A' vista de tão desinteressado passo, estou certo que a empreza de Vehiculos não ha de querer ficar atraz.

Para facilitar a concurrencia, sem duvida diminuirá o preço das viagens.

—E desta sorte o publico concorrerá para uma obra meritoria, ao passo que terá um dia de recreio e desenfado.

—Capitão, aqui tem.

—O que é isso?

—Uma reclamação do Sr. Custodio Ferreira d'Oliveira, administrador da Correcção.

Passo a lel-a:

«Sr. redactor do *Alabama*.—Vendo hontem no seu periodico n.º 574, um escripto no qual se lê que esteve preso na cadeia da Correcção o africano livre Honorato, sem que sua prisão fosse decretada por authoridade alguma, venho a imprensa declarar-lhe que o seu informante parece nutrir má vontade contra essa redacção, ou não passa de um mentiroso ou refinado pomadista dos muitos que infestam esta cidade, visto que o africano de que se trata foi recolhido á esta cadeia com ordem escripta da authoridade que decretou a prisão. Desejo, Sr. redactor, que sirva-lhe isto de sobre-aviso para não se levar por informações de quem quer que seja, sem que tenham o cunho da veracidade.

Bahia e cadeia da Correcção, 10 de novembro de 1869,

Sou. Sr. redactor,—Patricio etc.—*Custodio F. d'Oliveira*, administrador carcereiro.»

—Sem duvidar da palavra authorisada do Sr. Custodio, é minha opinião que a informação que nos deram ainda está de pé.

Disseram-nos que um homem tinha sido preso á ordem do chefe de policia e que depois de trinta dias o chefe não tinha conhecimento de semelhante prisão. Isso é que se torna preciso destruir.

E de passagem seja permittido perguntar: o individuo esteve preso trinta dias com as formulas que a lei prescreve?

Teve nota de culpa? foi processado?

Quanto á ordem escripta da authoridade decretando a prisão do africano, a boa-fé do Sr. Custodio podia muito bem ser illaqueada nesta terra onde se vê tanta cousa.

Ainda ha pouco, em negocio de importancia mais grave, a firma do Dr. Cassimiro de Madureira foi falsificada.

—Capitão, venho lhe pedir um favor.

—Não sendo dinheiro ou cousa que o valha, pode dizer!

—Não é isso que lhe quero pedir.

—Então diga logo; o que é?

—Quero pedir-lhe para recommendar o concerto do distincto violinista bahiano Adelelmo Francisco do Nascimento, no theatro de S. João, concedido pelo presidente da provincia.

—Em que dia é?

—Na segunda feira 15 do corrente.

—Bem; vou mandar recommendal-o ao distincto povo bahiano, que sempre mostra o quanto é phylantropico, para todos que a elle recorrem; estou certo que ha de haver grande concurrencia, em vista da noite divertida que elle offerece aos seus patricios.

—Algums membros do partido liberal combinaram se em mandar celebrar por alma do fallecido senador do imperio Theophilo Benedicto Ottoni um officio funebre, no dia 17 do corrente, pelas 9 horas da manhan, na egreja matriz de S. Pedro, trigesimo dia de seu passamento; e para cujo fim convidam á todas as pessoas que os quizerem acompanhar nesse acto religioso.

—Foi uma grande perda para o Brazil a morte de tão benemerito cidadão, cujas virtudes civicas e particulares tanto o elevaram na escala social, quanto honraram a nossa patria!!

Mas o que se ha de dizer a respeito desse vulto proeminente?

—Não precisa mais que pronunciar o seu nome, para fazer-lhe todo elogio!!!.....

—Derramemos uma lagrima de dor e de saudade sobre o tumulo desse cidadão que a morte nos roubou, deixando um vacuo difficil de ser preenchido, e façamos votos ao Altissimo para que o recompense com as glorias eternas!!!

—Isto é que se chama cassuar com o pobre!

Este governo além de cruel, recreia-se em zombar dos infelizes.

Ora veja isto:

«MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA GUERRA.

«Rio de Janeiro em 26 de outubro de 1869—Illm. e Exm. Sr.—Para que se possa resolver acerca do requerimento em que Maria Joaquina de Santa Anna, residente na villa de S. Sebastião de Marahú, nessa Provincia, pede uma pensão, allegando que seu filho o 2. sargento do 32 corpo de voluntarios da patria, Antonio da Silva Porto, falleceu no combate de 22 de setembro do 1866; convem que V. Ex. exija da peticionaria e remetta a esta secretaria de estado, em original, os documentos seguintes: folha corrida, certidão de baptismo de seu filho, certidão dos assentamentos de praça do mesmo inferior, justificação de que falleceu em estado de solteiro e que a alimentava, certidões das secretarias de estado do Imperio e da guerra, declarando as mercês que tem tido, ou que nenhuma lhe ha sido concedida, e finalmente certidão de que nada percebe pelos cofres publicos. Deus guarde a V. Ex.—Barão de Muritiba. Sr. presidente da provincia da Bahia.

—Na verdade isto so dado *com o pae dos santos*!

Va uma mulher, pobre como Job, morando la nas brenhas, tirar certidões das secretarias da guerra e do imperio, para receber uma ninharia!

—Si ella tivesse dinheiro para isso, estou que não estenderia a mão a este desconhecido governo para pedir-lhe uma migalha.

—Pessoas que dispõe de recurso custam a obter uma certidão e muitas vezes perdem seus papeis que enviam para a corte, quanto mais uma misera sertaneja.

—Quando foi para assentar praça, não precisou essa alluvião de documentos, agora para dar uma esmolla a pobre mãe cream mil difficuldades.

—E' assim que a patria remunera aos seus verdadeiros servidores!

—E faz muito bem os que governam em crear taes obstaculos; arredando os que tem direito, fica maior quinhão para os seus.

—Em outro paiz, um governo patriota se contentaria com uma certidão do vigario, um attestado da authoridade do logar; aqui não, é o que se vê.

—Para derramar sangue é o povo; para usufruir as commodidades as pensões, são elles.

—Fazem bem, aproveitem.

—Que tempos, meu Deus, que tempos!

—Esta epocha é o symbolo da corrupção.

—O desmantellamento social, a fé trahida, a virtude calcada, o merito menos-prezado, é o que se vê!

—E por cima de tudo isso, os interesses pessoaes, os gozos materiaes, proclamado em thermometro das consciencias.

—Tudo está pervertido!

A má fé e o embuste converteram-se em evangelho da sociedade.

—Aquelles que se deviam amar mutuamente em guerra desabrida, o pastor em luta com as ovelhas.

—Não atalhando o que V. vae dizendo, a proposito:

Eu outro dia, confessando-me declarei ao padre que tinha uma pequena demanda e este severamente admoestou-me para que acabasse com ella, por que a chicana era contra os preceitos de Jesus Christo.

—Elles dizem isso.

—Mas não passaram muitos dias, e eu leio no *Jornal*:

«TRIBUNAL DA RELAÇÃO.—Provedoria.—Ag-

gravante, a irmandade do Senhor da Cruz da Palma; aggravado, o Exm. Sr. arcebispo conde de S. Salvador.—Negou-se provimento.»

—Eu li tambem.

—Indagando, soube que era uma disputa que havia entre essa corporação religiosa e o prelado pela posse de propriedades.

—Hade ser isso.

—Achei uma cousa assim de costas acima. O ministro d'Aquelle cujo reino não é deste mundo chicanando pela posse de bons terrenos!

—Capitão, tenho sabido muitos segredos da vida alheia.

Estou ao facto de cousinhas que muita gente não pensa.

—E' uma acção que nada tem de louvavel; especular a intimidade dos negocios dos outros.

—Porém eu sei sem querer.

—Eis o que é mais maravilhoso!

—Attenda V. Ex. que eu tenho uma freguezia de doces, e que essa freguezia é nem mais nem menos, a escrava de certo director de um estabelecimento de credito, o qual por *economia* lança mão das cartas que recebe e as dá inteiras a sua escrava para embrulhar doce.

—E desta sorte está V. de posse de negocios que seus donos tem para si resguardados pela inviolabilidade do sigillo.

— Tal qual; sei de muita gente que anda de curral apertado, e entretanto todos jurarão que seus negocios são os mais desembaraçados do mundo; tenho lido muito pedido de misericordia, muita supplica, muita humilhação.

—Pois eu acho bem reprovavel tal procedimento.

—Qual, o meu?

—Não; de quem assim levianamente divulga os segredos dos outros. E' uma falta de delicadeza para com aquelles que, em confidencia, dão a conhecer suas criticas cicunstancias.

—A audacia dos larapios é de pasmar!

Que elles tendo consciencia de que uma casa não tem gente, a vão arrombar é muito natural; mas que levem o arrojo a arrombar e penetrar onde sabem que seus donos estão ahi, e façam uma limpa geral, é trabalho muito fino.

—Eu penso do mesmo modo.

—Os ladrões na noite de 10 entraram em casa do Sr. Gameleira, no caminho do Matatu, abriram diversas portas, roubaram tudo e pozeram-se ao fresco sem serem presentidos!

—Si eu acreditasse em feitiço dizia que todos esses ratoneiros usavam delle.

—Capitão, eis um bonito elogio feito por deputado da assembleia provincial de Minas, o Sr. Ignancio Martins, ao general Osorio:

«Caxias nada pode ser sem o governo; Osorio ha de ser sempre o astro brilhante que illumina as glorias da patria (*apoiados*). Osorio é o bravo dos bravos, o bravo até a temeridade; Osorio é heróe, heróe verdadeiro, heróe historico, que na phrase de um escriptor ja attingiu as raias do sublime; Osorio é o general de enexcedivel heroismo, disse o Sr. Conde d'Eu. (Muito bem). Osorio é o homem de merito entre os mais distinctos; Osorio é o primeiro e o mais valente general da America do Sul; finalmente, senhores, Osorio ha de ser sempre o legendario Osorio (Muito bem, muito bem).

—Capitão, sobre o assassinato do inspector Martiniano Pires da Franca, commettido por Manoel Cyriaco, no sitio das Areias, obtive estas informações:

Um Sr. Claudemiro de tal, morador em uma roça no mesmo logar desfeiteara ha algum tempo a Manoel Cyriaco, por causa de uma moça deste, do que resultou elle dizer que não retiraria para fóra sem exercer uma vingança.

Claudemiro sabendo disto, em vez de procurar os tramites legaes, dando uma queixa com testemunha, contentou-se em contar o occorrido ao inspector fallecido; este prometteu vingal-o (porque disseram-me são muito *poderosos* alguns inspectores d'ali, entre os quaes sobre sahe um certo *gajão* de nobre *descendencia* do Thomé Moleque) e na tarde de segunda feira, 8 do corrente, sabendo que Cyriaco tinha estado com outros no largo da Cruz do Cosme em uma venda, preparou-se e mais tres companheiros armados para o prender; deste conflicto resultou o assassinato.

—O policial Monção é dos peccados!

—Em achando monção, faz das suas.

—Arromba portas de mulheres para deitar para fora quem está dentro; de patrulha prende os negros e exige quatro vintens e meia pataca, etc.

—E eu não sei seus superiores como ainda não souberam.

—Hontem, 11, subia a ladeira do Carmo e vendo uma moça na janella, encostou, e em termos claros fez-lhe certa proposição onde as regras do pudor não entrava como condição.

—Sem duvida entendeu que por ser em loja não morava gente honesta.

—O irmão da mesma, guarda nacional aquartellado, advertiu-o que sua irman não era dessas que elle procurava; mas Monção em logar de aceitar o conselho, *arreminou-se;* quiz prender e dar pancada.

Apasigou-se o sarceiro; ja ninguem delle

se lembrava, quando o brioso policial, mais *exaltado* talvez, dirigiu-se para a Correcção e á frente da guarda foi desafiar o irmão da insultada que alli estava de serviço!

—São umas perolas esses agentes da força publica!

—Não ha religião que tolere mais abusos do que a catholica, apostolica romana.

—Eu não sei si é pela ganancia dos padres, ou por que é.

—Cobrem de ridiculo a egreja de Jesus Christo, essa egreja que considera como impedimento ao sacerdocio o ser physicamente defeituoso ou muito feio, afim de evitar o ridiculo; entretanto que consente individuos maltrapilhos, exhalando vapores oriundos de immundice e cachaça, pelas ruas da cidade com uma estampa fazendo meio de vida.

—E outras muitas sacrilegas e porcas especulações em affronta a pureza do catholicismo.

—Veja até onde chega a sordidez.

Os jornaes da côrte publicaram o seguinte annuncio, que o bispo daquella diocese em sua missão pastoral não se occupou em estigmatisar:

«CATACLYSMA.

« As pessoas que se quizerem livrar da « formidavel catastrophe que está a chegar, « devem procurar Nossa Senhora da Conceição Apparecida, que ja fez muitos milagres « no Brasil, e a qual se venera na sua capella da cidade de Guaratinguetá. Troca-se « a imagem por 1$ rs cada uma na rua de « S. José, n.° 28, loja.»

—Livrar-se da formidavel castatrophe por 1$ rs., é barato!

—E' consentindo dessas que elles são o sal da terra e luz do mundo!

—A companhia do olho-vivo está muito estendida.

—E cada vez se propaga mais.

—Ha nella porem uma classe mais perigosa do que quanto *golpista* ha.

—Qual é?

—A das testemunhas falsas.

—Ah é verdade.

—Ajunta-se na porta do forum um bando de corvos a farejar quem tem questões e por tres mil reis, deitam um homem no inferno.

—Entre estes prima um celebre Sr. Vital.

—Oh, o Sr. Vital é um homem universal, não perde boda nem funcção, nestes casos.

—Brigam dous individuos e certos sujeitos apresentam-se para jurar como foi; ha uma questão de dividas e as mesmas caras a jurar o trato como se fez; um homem vem de detraz do ceu e quer vender um escravo, os mesmissimos sujeitos vão jurar a posse e dominio!

Arre! assim é demais!

—Assim, quem quizer fazer mal a outro, não tem mais do que chegar na porta do forum com 12$ ou 15$ rs e *está prompto*.

—Me parece que está na alçada dos juizes mandar enchotar essa canalha da porta do templo de Themis.

—E até recusal-os, pois não è possivel que semelhantes homens estejam ao facto de quasi todas as transacções, tratos, questões que se dão.

—Pode vencer, mais no conceito publico a parte que apresenta como suas testemunhas semelhante gente, pleteia uma causa má.

—O diabo tanto as arma que até um dia dá com a grampiola abaixo.

O exemplo do Theodoro Josè do Couto e João de Carvalho Araujo, que por egual motivo estão com os ossos no chilindró não os escarmentam, lá virá um dia em que mettam o rabo na ratoeira.

—O feliz inglez James Taylor, o machinista do encantado vapor *Moema*, construido para o recreio dos presidentes, requereu isempção dos direitos de 3 por cento sobre seus vencimentos e foi attendido!

—E até se lhe mandou indemnisar de todos os atrazados!

—Está direito; imposto so é para o empregado nacional.

—Eu não crimino o inglez; a culpa tem quem desceu a assignar um contracto illegal e oneroso com elle.

—Prejudicando a um filho do paiz.

—E aos cofres; por que paga-se ao inglez o duplo do que se pagava ao brasileiro, que tinha acabado de servir na guerra.

—E ainda se sujeitaram as imposições que elle quiz.

—Por isso é que *elle* altaneiro ameaçou com uma acção de perdas e damnos quando quizeram descontar-lhe a porcentagem.

—Muita patota ha nesta terra! O machinista de um vapor ganhava ordenado a bordo e salario como artista do arsenal de marinha!

—Pobre povo! sugam-te o sangue e com elle praticam quanta bandalheira ha!

—Em resumo: em tudo que o homem quizer hão de concordar com receio de suas ameaças.

—Até o presidente da provincia cedeu as exigencios do altivo inglez e o poz fora da acção da lei; como si o dinheiro que elle recebe não fosse da nação e portanto sujeito ao desconto do imposto.

—Eu si fosso elles mandava-os até carregar..... agua n'um cesto.

Á PEDIDO

—Venha cá, Sr. maganão.

Então, como foi a respeito de sebo?

—Deixe-me, homem; nem fallar nisso é bom. Eu estava comendo com muito gosto, porem no meio engasguei me e si não chamo por S. *Braz*, a cousa estava ruim.

O que valeu é que o hòmem teve pena e não quiz me fazer mal.

Não sabe elle que no mesmo dia estava eu tratando com um moleque da casa para me trazer uma chave do logar em que fica o genero para mandar fazer outra egual, afim de se poder tirar com mais facilidade não so o sebo como outras cousas que ja era de costume, bem como sabão, aguardente, etc.

—Pois meu tratante, não continue, que ao passar no *ribeiro* pode cahir; lembre-se que seu *socio* veio de lá ensopado com um *pinto*.

—Mais, Sr. capitão, eu mudo de caminho; venho sempre pelo trilho do *Castro*.

—Então, continue, que sua taberna ha de ir por *agua* abaixo, como si fosse de *meninos*.

—*Não me masse*.

—Amassado precisa ser V. para não ser tão capadocio.

—Si havia de ser eu, antes fosse o *não me masse*.

—De que inferno sahiu V. hoje com este maldicto *não me masse*?

—V. é que não percebe.

Não me masse é um negociante quebrado, convertido em monopolista, na cidade de Nazareth, o qual atravessa toda farinha que vem ao mercado para depois impor o preço que quer.

—Quem é esse bruto?

—Um ambicioso desmarcado, um egoista que quer abarcar o mundo com as pernas.

—Pois elle que não se agente, que ha de ter o prazer do muxingeiro ir fazer-lhe uma visita.

—Capitão, dá-me um pouco de attenção?

—Toda quanto quizer.

—O Sr. Camillo Lopes Villas-boas, é um bom *vivant*, desses que entendem que devem tomar estado, sem contarem com achego algum.

Uma moça, que vivia feliz na companhia de sua mãe e seu irmão, acreditando nas apparencias, persuadiu-se que o Sr. Villas-boas era um homem a quem ella podia unir seu destino.

E casou-se.

Braço cortado não tem remedio.

Espancada, maltratada, morta a fome, retirou-se para a casa de sua *mãe* com uma filhinha. Ahi adoeceu de um pontapé que lhe dera o mal-casado e morreu de uma aposthema.

Ficou a menina entregue a sua avó, sem que o desalmado pae se lembrasse que era morta ou viva. Agora, porem, na quarta feira, 3 do corrente, pelas nove horas da manhan, Camillo accompanhado do subdelegado da Victoria entra em casa de indefeza mulher e ar ranca-lhe a neta dos braços, sem mais preambulos!

—Rapaz, o homem como pae, tem todo direito de reclamar sua filha.

Pelo que V. diz eu apenas o que acho é um excesso d'authoridade da parte do subdelegado, por que semelhante caso, em minha opinião, é todo da competencia do juiz de orphãos e a policia nada tinha que fazer nelle.

—Para ahi mesmo é que eu ia.

—Suas reflexões são inuteis; hoje ninguem se entende; cada um faz o que lhe dicta a cabeça.

—Que novidade foi uma dada no quartel do *Tororó*?

—Já não sabe?—são desmandos e deleixo que quasi sempre passam impunes.

E que quem procura evital-os é que fica mal.

—Justamente e julgo foi o que se deu com um honrado fiscal da municipalidade por ir ali multar por inexactidão nos pezos e balanças onde se peza capim; tanto que ouvi dizer ter sido o fiscal suspenso, a multa relaxada, e dizem, que ainda continua a pezada do capim na mesma balança sem fiel, e os pezos são de pedras!

—Bom! são progressos; e por que continua tal escandalo?!

—Por ser secreto aquelle quartel, como disse, S. Ex. servindo de presidente (illustrissimamente fallando) e como o seu nome seja do *pai da pobreza vindo do monteiro*, ja vê que devè ter equidade com os seus confrades.

—Bem... conheço-o perfeitamente, e creio que por esse serviço e pelos das fontes onde se vê gravado o nome de *Chiquinho, mas, jus terá a um logar nas bancadas da assembleia provincial da cidade de Latronopolis*.

—Capitão, cha-me a attenção dos fornecedores de capim do quartel em questão. para que não aceitem reclamações, pois a balança que lá existe não é para verificar a pezada do tal capim, e sim para dividil-o pelas praças (animaes) como dizem os officiaes.

—Mas capitão, louva ou não o procedimento fiscal?

—Pergunto tambem a' illustrissima—porque eu, muito e muito louvo-o, tanto que direi: continue o probo Sr. Paderno, que ser-lhe-ha feita a divida justiça, embora uma só andorinha não faça verão.

—Ao ver a audacia de certa gente, descrê-se que nesta terra haja policia.

—Pois ella ahi anda bem activa e precavida.

—O arrojo com que os ladrões de toda especie assaltam a fortuna alheia, os sub meios cavilosos, os subterfugios, que empregam em seus planos para arrancar o álheio, a face das authoridades e a impossibilidade em que estas se conservam, é realmente de pasmar.

Incrivel pasmaceira se apodera daquelles que são incumbidos de executar a lei e o espirito perplexo vacilla sem saber a que attribua tanta desidia; si ao deleixo ou a connivencia.

—E' por que tres vezes nove são vinte sete; quem matou o cão foi o Baeta.

—O jogo, que é terminantemente prohibido pela lei, ostenta-se garbosamente entre nós; não se faz mysterio.

Por espaço de trinta dias, nos Afflictos, jogou-se descaradamente, as cancaras, na face da policia; naquelle campo, sob a capa de uma festa consagrada ao culto de Deus, reinou a mais hedionda bacchanal; os sentimentos religiosos deste povo foram traduzidos pela orgia e apotheose ao vicio.

—Moralidade da epocha.

—Robou-se, brigou-se, empalmou-se e a policia dormiu!

—E viva a patria! quem ganhou, ganhou! quem perdeu, perdeu.

—Que a policia, quando trata de uma vingança eleitoral, não tão prompta em invadir sem escrupulo, alta noite, a casa do pacifico cidadão, se arreceie de ir perturbar em suas empalmações isso que se chama *roda alta*, com a desculpa de ser casa particular, pode passar; mas que consentisse que um individuo fosse para os Afflictos armar um barracão e ahi, aos olhos de um publico moralisado, assentasse o estendal do vicio, convergindo para elle a mocidade inexperiente, não se pode comprehender.

—Isso é pela cartilha velha; o jogo hoje denota civilisação.

—E para cumulo de immoralidade, que a policia consentisse aquella horda de espertos encantonados no seu antro de perdição, com um individuo á porta para obstar a entrada aos *entendidos na materia*, que lhes podiam servir de estorvo, ao *depennar* os incautos.

E' muita depravação!

—De tolos que eram elles.

Mas dizem que o dono desse tremedal de nada arreceia por ser *janizaro* da situação; e dos que mais se déstinguiram nos traques atirados das galerias da assembléa provincial.

—Ainda hoje e manhan, ultimo dias da festa, haverá jogo em louvor ao Senhor dos Afflictos e a Virgem Mãe de Deus do Parto.

—E é provavel que continue; quem o impede?

—E vós, ó mocidade, não ide entregar vosso dinheiro a esses abutres que vos querem depenar. Olhae com asco e despreso para elles.

Olhae pára aquella meza em torno da qual se agrupam individuos de todas as cataduras, com soberano desdem. Vêde alem occupando a cabeceira a *fraude*, o *roubo*, a *ambição*. Com que sorriso satanico ouvem aquellas viboras o tinir do ouro parado sobre uma carta; com que gargalhada infernal applaudem a fraude e o sortilegio com que o *banqueiro* se apodera do dinheiro do inexperiente! Vêde bem, o que ha de diabolico em tudo isto.

E quereis saber onde foi havido esse ouro, esses bilhetes do thesouro, que giram sem cessar das mãos deste para aquelle, e que voarão como por encanto para as algibeiras desses monstros de nova especie?

Foi tirado ao lar paterno as occultas com chave falsa; foi havido das mãos do agiota, a juro desproporcionado e terrivel; foi obtido por uma falsificação de firma apresentada a desconto; foi roubado á mulher honrada, á filha virtuosa, á irman honesta, que em casa mendigam o pão quotidiano no labor incessante da agulha e do trabalho que não deshonra.

Eis d'onde provém todo esse ouro:

Vêde aquelle joven que chora o dinheiro que perdeu, e do qual tem de dar contas no dia seguinte. Aquelle outro que vae mendigar uma pequena quantia do proprio que lhe ganhou grossa somma, para poder mitigar a fome no dia seguinte.....

—E tudo isso no centro de uma sociedade com fóros de civilisada!

Em face das authoridades!.....

—Fujam os incautos, desses lupanares hediondos, ja que a policia não se importa.... Fujam; envenena o ar que ahi respira-se: fujam, que a deshonra e a infamia são inevitaveis.

O INCENDIO DO CUME.

Tu, Marilia, és vingativa,
Porque agora ao *cume* vens,
Si o matto do *cume* abrásas,
Com o odio ao *cume* tens?

E's cruel; mais eu te juro
Que Cupido ao *cume* vae,
E que logo pressuroso
O fogo do *cume* sahe.

Eil-o ali; fujamos todos.
A setta no *cume* crava,
Bem longe escutou se o echo
Dos berros que o *cume* dava.

Eil-o ali! sorri contente,
O fumo do *cume* espalha,
C'um machado o *cume* corta,
As chammas do *cume* atalha.

Traz na mão grande seringa
N' um esguicho o *cume* allaga,
Oh! prodigio! n'ums instante
O fogo do *cume* apaga.

Rocambole.

VARIEDADES

VEJAM QUE AUTHORIDADE POLICIAL.

Lê-se no *Cearence* de 20 abril do corrente anno o seguinte officio:

«Illm, Sr.—Subdelegacia da Serra de S. Pedro, 9 de dezembro de 1868.

«Fais vergonha mandar dois recurutas morando eu em um districto de tanta gente porém este povo parece que advinha fiz touda delegencia afim de mandar mais porém não pode obter este gosto ficando V. S. certo que fico delegenciando os recurutas são os seguintes Antonio Agostinho e Antonio Pereira de Alencar, *gente adversarios do nosso partido* são bons e sadios; Antonio Pereira de Alencar deu uma *facadinha* porém eu *perduei* pois elle disse que se lhe *perdua-se* elle hia para recuruta e eu *perduei*. Deus guarde a V. S. *João Evangelista do Espirito-Santo.*»

Um joven principe, tendo frio na caça, disse ao seu governador: «Dai-me o meu manto.

—Meu principe, disse este os homens de vosso nascimento nunca se devem expressar na primeira pessoa, como os de uma ordem inferior. Quando fallam de si mesmos, servem-se sempre no do plural. Por consequencia era preciso dizer: «Dai-nos o nosso manto.»

Aguns dias depois, n'um violento accesso de dôr de dentes, o principe lastimava-se com vivacidade; porém lembrando-se da lecção que tinha recebido, exclamou:

—«Ah! o nosso dente! o nosso dente!

—O meu certamante não me faz soffrer, disse o governador.

—Bem vejo, replicou o augusto discipulo, que o manto è para nós, e o mal para mim.

Um religioso de certo convento foi pregar dia de Santo Antonio; e depois de ter elogiado muito o Santo, ainda não contente do que tinha dito, disse: «Amados ouvintes, tenho ainda a fazer-vos uma reflexão, tendes vós acaso ja visto, ou ainda podeis ver uma cabra no cimo de um outeiro espalhando caganitas para aqui, caganitas para alli, caganitas para acolá? Pois attendei e sabei: os milagres de Santo Antonio, ainda são mais bastos, e mais multiplicados.»

Conta-se:

Um cura de aldeia, muito apreciador de carne de porco, adoeceu gravemente e quasi que faz viagem para o outro mundo.

Restabelecido afinal, disseram-lhe que o uso de carne de porco é que tinha occasionado mal tão grave. O Rvm. pensou no caso e um dia em que pregava as suas ovelhas, disse-lhes:

—Sabeis quaes são os inimigos d'alma?.. Eu vol-o digo, são: mundo, diabo e carne de porco.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 124 e 125 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

Vende-se tres frentes de casas, em terreno proprio, á rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, juntas á casa do Sr. Valentim, funileiro. Trata-se com o procurador Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em seu cartorio, á rua Direita da Mizericordia, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde.

O fabricante dos bolaxões que se vendiam no doposito da—Vivandeira—declara que deixou de fornecel-os para o dito deposito, passando d'ora em diante para á rua das Flores, deposito do Sr. Olimpio; para o canto de João de Freitas, venda do Sr Rangel; e para o armazem Mercurio, por baixo da Recreativa.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 58**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 17 DE NOVEMBRO DE 1869. N. 577.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de novembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que o famoso *Brim de listra* está fazendo proezas na Armação, sem que até hoje, apezar das reclamações, se tenha dado providencias para alliviar a população de semelhante flagello. Esse malfeitor, além de atacar as ganhadeiras para roubar, leva o criminoso arrojo a querer forçal-as a satisfazerem-lhe os carnaes appetites.

Ha poucos dias, vinha um Sr. Hilario empregado no arsenal de marinha com tres senhoras, uma dasquaes gravida, a qual por, seu estado, caminhava um pouco mais atrazada. Ao passarem pelo logar denominado Valla, sahiu-lhe o sicario em frente; porém ao avistar mais de uma pessoa, correu.

Em consequencia do susto e de uma queda, a senhora começou a deitar copioso sangue até dentro da cidade, onde abortou.

Cumpre observar que na Armação não ha segurança, até por que a autoridade policial fica muito distante do local, e por tanto sua acção é improficua; havendo apenas um creoulo, analphabeto, que serve de inspector de quarteirão.

A vista do que, renova-se a S. S. o pedido de providencias para a captura de um individuo que trâz todos por alli aterrados.

—E' uma lastima a falta de moralidade que sente-se nesta terra!

—E' preciso andar-se de olhos fechados para não presenciar tanta obscenidade!

—V. está se admirando! quanto mais se visse o que eu vi no sabbado.

—O que podia ser mais do que esse aecervo de indecencias de toda especie que a cada passo patenteia-se pelas ruas da cidade?

—Ora!

No sabbado, eu vi com estes olhos, que a terra fria ha de comer, um homem, nù em pello, andar pela Calçada e Bom-gosto.

—De dia?

—Com o sol em pino.

—Que escandalo!

—E ninguem lhe foi ás mãos, apezar de todos admirarem o painel.

Entrou na padaria do Chamusca, e la esteve quebrou duas prateleiras; depois sahiu, arrebatou de um homem o guarda-sol e seguiu viagem cobrindo a cabeça e deixando *tudo mais* á vista.

—São destas cousas que parecem incriveis.

—Foi cousa que só os cegos não viram.

—Está que a policia sem ser cega não viu; pois que não havia de consentir tamanha deshonestidade.

—E' que ella é uma fructa rara que não se vê em toda a parte.

—Mas por fim que destino teve o homem nù?

—Eu tinha mais o que fazer; deixei-o la

provocando a estupefacção geral, obrigando as janellas das casas a fecharem se o não sei do resultado.

—Isto não tem cabimento!

E' um procedimento iniquo!

—O' lá, V. por aqui?

—Deixe me; estou seriamente indignado.

Si sei não passava por Detraz do muro das freiras.

—Tere algum encommodo?

—Não deixei de ter.

Vê aquella casa que fica defronte do pedaço de muro cahido?

—Sim.

—Quem mora nella?

—Não conheço.

—Pois dalli acabam de praticar a acção mais malevola que dar se pode.

—Posso saber o que foi?

—Si pode!

Passava um menino com uma caixa de comida, e d'alli uns *creanços tamanhões*, por divertimento, *estumaram* um caxorro sobre elle.

O feroz animal, um caxorro preto de colleira ao pescoço, investiu, atirou o menino ao chão, quebrou lhe os pratos e mordeu-o em diversos logares, inclusive o rosto.

—Que gente mal-inclinada!

—Porem o que mais me indignou foi ver que uma mulher, querendo livrar a victima das garras do feroz animal, atirasse lhe duas pedras e um homem sahisse tomando as dores pelo caxorro!

—Está direito!

Elle que apoia a seu caxorro e a seus filhos ou o quer que sejam, é por ser tão bom como elles!

—E' o diabo! Sahe um homem no domingo para disfarçar as fadigas da vida e encontra logo uma contrariedade destas.

—E' verdade; só um santo pode ver impassivel tamanha prova de perversidade.

—Vivem os homens a se trucidar mutuamente por qualquer dá cá aquella palha!

—Pela minima cousa fazem uma bixa de sete cabeças, e quaes lobos encarniçados querem se devorar.

—Pela mais simples divergencia vão á vias de facto e cada qual procura tirar a existencia de seu semelhante, como si a vida do proximo fosse uma cousa de pouca valia.

—A ignorancia do povo tambem concorre para essas scenas de ferocidade que depõe contra os instinctos de humanidade.

—Está que na freguezia de Santo Antonio, segundo districto, deu-se, ha poucos dias uma dupla desgraça sem carencia, por que ambos os contendores tinham o recurso na lei.

—Mas o que foi?

—Dous homens que cutilaram-se.

—O motivo?

—Um delles tinha uma plantação de cannas, e o filho do outro, seu visinho, gostava de ir a ellas de quando em vez. Um dia, o plantador pegou o boliçoso em seu quintal e castigou o um tanto asperamente. O pae deste armou-se de espada, foi á porta do visinho desafial-o, o qual saltou para a rua com a sua durindana, e pegaram-se.

Não foi nada não, ficaram de parte a parte, cutilados e um quasi com a mão decepada.

—E' um gosto bem reprovavel. querer tirar aquillo que não se pode dar.

—Aquelles homens estão com o diabo na pelle!

—Eu creio que elles tem outra cousa na cabeça.

—A noite é propria, o sabbado faz-se notavel pelo infallivel mocotó á meia noite e por *estas badernas*, quase todas em honra de Baccho.

—Mas é preciso que estejam muito esquentados aquelles espiritos, para estarem seis individuos á cavallo, em furioso galope a subir e descer pelo adro da egreja da Sé!

—E depois largam-se com estrepitosa vosseria por ahi a fora, voltando logo após.

—E' uma temeridade estar a subir e descer tantos degraus á cavallo.

—E acho que é uma falta de respeito. Pois na porta da egreja é que acharam para fazer sua orgia?

—Que da policia que nã vê isto? Gritos desabridos incommodando o sucego e ultrajando a decencia, patas de cavallo no atrio sagrado de uma egreja?

—Quer saber á policia onde está? Descança das *assisadas* fadigas do dia, dorme o somno da *innocencia*.

—Assim tambem o padre ralha!

Nem por ser no coração da cidade, na porta da primeira freguezia!

—Este povo quer imitar os abyssinios que adoram o sol quando nasce e o apedrejam quando está para recolher-se!

—Mas ao que vem isso?

—E' que o povo, que tanto applaudiu ao Sr. Carlos, director do Circo Olimpico, rasgou no domingo, o panno do barracão e deu-lhe uma pateada.

—Não foi o povo que rasgou o panno, lhe informaram mal, foi um paraguayo!

—Mas o povo achou bonito, tanto que o apoiou, por ter assim procedido.

—V. não deve classificar de povo meia duzia de capadocios que lá estiveram fazendo anarchia! A arvore, por muito bons e saborosos fructos que dê, lá vem no meio um amargoso, por conseguinte não se deve classificar os capadocios como povo.

—Acceito a emenda!

—Estes padres!

—O que tem os padres?

—Já estão ajustando missas para o dia de Nossa Senhora da Conceição.

—Estão no seu direito.

—Então estão no seu direito de impor preço ás missas que teem de celebrar?

—Oh, meu amigo, o medico põe o preço em suas visitas, o bacharel em seu trabalho, assim como o marcineiro, o calafate, o pedreiro, etc., etc.

—Mas o padre deve receber pelos actos religiosos que celebrar aquillo que se lhe der como uma esmola!

—Eim? Ja se lá foi esse tempo, meu charo! Cada um no seu officio.

—Porem artista nenhum pede exorbitancia pelas suas obras, como pede um padre por uma missa.

—Cinco mil reis por uma missa não é exorbitancia.

—Hun? cinco mil reis?

Pois eu fui contractar uma missa com um padre para o dia da Conceição, e disse-lhe que dava vinte mil reis, e elle regeitou, dizendo que ja tinha engeitado quarenta!

—Safa! Bem mal fiz eu em não ter me ordenado!

Que *mangelorum*!

—E como hão de elles sustentar trez e quatro *comadres* si não fizerem assim?

—Mas é um desaforo negociarem desta maneira, servindo-se para isso do nome de Deus!

—No tempo da inquisição era peior: elles serviam-se do nome de Deus para matarem o proximo.

—E era uma *lei santa*!

Perdão para elles, meu Deus, não sabem o que fazem!

—Dá-se brinquedo mais estupido?

—Do que qual?

—Dous guardas de artilharia que, na sexta feira á noite, munidos de uma cumprida rêde andavam a laçar a gente pela rua.

—Uma gracinha bem pesada.

—Punha-se um n'uma extremidade da rua e outro na outra, e depois largavam a correr.

—O commandante deve indagar e punir.

—Si elle for a punir, tem de *corregir* muitos desmandos no seu batalhão.

—Que acção brutal!

—Na verdade é uma dsshumanidade.

Esbofetear e espancar por aquella maneira a um pobre cego!

Sejam quaes forem os motivos, nada authorisa a proceder desta forma com um ente cujo estado inspira compaixão.

—O motivo é bem frivolo.

Um dos filhos deste damnado, persegue constantemente ao pobre cego e este desesperado bateu com a chibata e succedeu que pegasse no menino.

—Ora essa! Cria seus filhos malcreados e quer que se os soffra!

Quem é esse valentão?

—E' um portuguez de nome Seraphim, appellidado o paraguayo pela predilecção que vota a este povo contra o Brasil.

Mora aqui mesmo na ladeira da Mizericordia, onde acaba de proceder tão vilmente; o cego chama-se Silvestre.

—Em outro paiz, um acto deste, dado as 2 horas, em logar tão publico, não ficaria impune; porém aqui o desgraçado é quem fica com os beiços quebrados.

Á PEDIDO

—Ora ouçam esta do *Agostinho:*

O *cabeça da policia* mandou chamar a sua presença a amasia do gaiteiro; mas, quando chegou o ordenança, elle estava em casa della vestindo-se. Logo que o ordenança fez a intimação, elle ficou veixado e disse: —*diga ao Dr. que eu vou me entender com elle.*

Um amigo seu que estava ahi n'essa occasião, disse-lhe que aquillo não parecia bem, ir elle a presença da authoridade por parte da sua *pecora* Ursulina, visto como era um homem casado.

Sabe o que havia de responder, com o maior cynismo?

«Não faz mal; *o cabeça da policia* tambem vem aqui nesta casa junto *conversar* com uma creoulinha que ahi tem!»

—E' então, meu charo, si não fosse elle dizer isso, V. não sabia que o *cabeça da policia* era *irmão de S. Benedicto?*

—Ora vá *bugiar!*

—Capitão, quem é a tal S.... branco de que trata o n. 574?

—E que te importa isso?

—Nada, capitão, quizera saber si é uma sujeita cá do meu conhecimento, moradora na Calçada.

—Ja te disse que nada te importa isso.

—Mas, capitão, essa sujeita (si é a que penso) ja morou na rua direita da freguezia dos Sanhaços; é uma vibora que appellida as cunhadas por nomes injuriosos, e diz que o casamento de qualquer d'ellas trará em resultado serem o que ella é e foi.

—E quem te deu semelhantes informações?

– Ora, eu tenho um *correio* que vem de *Santo Ignacio* e passa por *Gouveia*, que traz-me todas essas noticias.

—Safa-te d'aqui; que começo a crer-te um advinhão.

Manuel de Jesus Pinto, vendo um annuncio no *Jornal da Bahia*, em que seu ex-socio Braz Ribeiro de Castro diz que dissolvera amigavelmente a sociedade que com o mesmo tivera em uma taverna n'Agoa de Meninos, vem por sua vez declarar que não foi tão amigavelmente, como diz seu socio; visto que, tendo o annunciante trabalhado nove mezes, sahiu com prejuizo, por ter no balanço o passivo da casa entrado pelo capital; cousa extraordinariamente singular em uma casa de molhados que vendia para cima de um conto de reis por mez!

Aproveita a occasião para fazer publico que em nada lhe dizem respeito certas publicações, de que ultimamente a imprensa tem se occupado, a respeito de compras de sebo roubado, ignorando egualmente a quem ellas se referem. Bahia 13 de novembro de 1869. —*Manuel de Jesus Pinto.*

CHAMAMOS A ATTENÇÃO DO EXM. SR. COMMANDANTE SUPERIOR, E EXM. SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA.

No domingo 7 do corrente, tendo de dar o 1° batalhão de artilharia uma guarda de honra para o funeral de um tenente reformado do exercito, teve ordem o capitão Santos Pereira, do capitão mandante, para que a guarda marchasse com 30 praças e para isso deu ao mesmo capitão que estava de estado 90 cartuxos.

As 3 horas chegaram as praças que tinham sido avisadas, e apresentaram-se umas quarentas e tantas, dando ordem o official de estado ao 1° tenente Elizeu, commandante da força, que marchasse tão somente com 30 praças, que era a ordem que tinha e o cartuxame para tres descargas.

Respondeu este desrespeitosamente, que não marchava sinão com 40 praças, pois era a ordem que tinha do mandante; travou-se grande insubordinação entre as praças; o tenente Affonso e o capitão Reis, os quaes estando a paisano foram fardar-se e armar-se; houveram trocas de fallas bastante acres e doestos insultuosos e a maior falta de respeito, a ponto do official de estado recolher-se ao estado, e a guarda sahir com toda a força presente; depois do que o tenente Affonso foi ao estado e ahi dirigiu palavras azedas ao capitão Santos Pereira; este vendo-se desrespeitado sahiu fora do estado para repellir e a não ser a prudencia de um capitão, homem de respeito e indole pacifica que deitou agoa na fervura, a cousa ia adeante.

Ha quem diga que a falta de energia no capitão mandante dá origem a tudo isso; principalmente na ausencia do commandante que tem deixado de ir ao quartel desde sexta feira.

Na volta da guarda, houve outro motim peior; chegando a insubordinação a darem vivas e morras e havendo até espadas e baionetas fora. A final o official de estado vendo-se desprestigiado cedeu.

A noite houve samba, cantatas de Reis, pedradas pelas portas etc.

Alguns officiaes concorrem para o exemplo de tão pessimo estado de cousas, havendo até quem se apresente em cerdulas no quartel.

No dia 9, depois da meia noite, houve samba, pratos e palmas até de madrugada, e o subdelegado que mora no fundo do mesmo quartel pode affirmar a exactidão disso.

Semelhante estado de anarchia deve cessar e é o que espera-se de Ss. Exs.

VARIEDADES

PRESENTE A UM PROCURADOR.

Ocardeal Dubois tinha um procurador assaz conhecido por suas ladroeiras que lhe fazia na administração dos seus bens. No primeiro de janeiro veio o procurador dar os bons annos a Sua Eminencia, e esperando receber o brinde com que o cardeal costumava galardoar aos seus servidores, ouviu da sua boca o seguinte cumprimento:—Sr. procurador, faço-lhe presente de tudo que me tem roubado.

DECLARAÇÃO

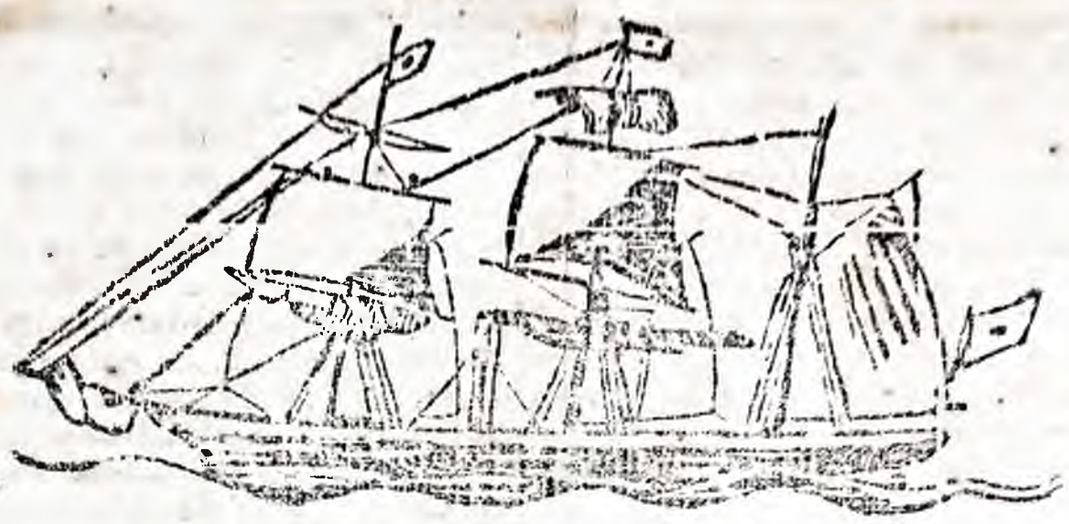
Distribue-se hoje as folhas 126 e 127 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

AMA DE LEITE.

Quem precisar de uma dirija-se á agencia do *Diario da Bahia*, que achará com quem tratar.

Vende-se um piano de armario, na Calçada do Bomfim, casa n° 15.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno III. Serie 38

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 20 DE NOVEMBRO DE 1869. N. 578 e 579.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de novembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia participando-lhe que, no Becco dos Bambús, á Calçada do Bomfim, freguezia do Pilar, apparecem todas as noites pedradas para cima dos telhados, o que traz os moradores d'ali em sobresalto, sem se saber quem seja o engraçado que assim procede. Pede-se a S. S. que empregue os meios precisos para descobrir o individuo, que se diverte em causar sustos ás familias moradoras ali, e talvez encontre n'elle um optimo recruta para o nosso exercito.

—Ao mesmo, insistindo em reclamar a presença de uma força no 2º districto da freguezia de Santo Antonio, em vista do estado de nenhuma segurança em que se acham aquelles logares.

Na tarde de 16 do corrente, o inspector de quarteirão João Peixoto, (desta vez foi um agente da authoridade), armado de um facão accommetteu a seu proprio irmão Antonio de tal e fez lhe diversos ferimentos.

O facto acconteceu nas Areias, logar em que, dias antes, foi assassinado Martiniano Pires da Franca.

A vista do que, confia-se que S. S., reconhecendo a conveniencia do podido, attende-lo-ha.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do curato da Sé, chamando sua attenção para uma escrava do Sr. Barauna, morador á rua dos Capitães, de nome Germana, a qual, segundo informam os moradores d'ali, profere em altas vozes palavras obscenas, ultrajando assim a moralidade publica, e isto e todos os dias, provavelmente quando seu senhor não está em casa. Espera-se de S. S. providencias.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe a execução da postura municipal n.º 121, em relação ao morador da casa 71 ás Portas do Carmo, (o numero está apagado) junto a botica do Andrade, o qual infringe a disposição da referida postura curtindo peiles em azeite, de cuja mephitica exhalação a visinhança sente os perniciosos effeitos. Cumpra.

—Capitão, na segunda feira, festejar-se-ha, com toda pompa e solemnidade do costume, a virgem e martyr gloriosa Santa Cecilia, erecta no convento dos religiosos franciscanos, padroeira da corporação musical.

—Fico sciente.

—Luta-se com mil difficuldades!

—O povo nesta terra vive cercado de embaraços.

—Vae-se á repartição do sello ou ao correio, gasta-se dois cruzados em sellos, puxa-se por uma cedula de 1$ rs., moeda do governo, e o empregado responde—*não tenho troco.*

—E vá um pobre por ahi em busca de cobre si quer ser aviado.

—Entretanto, não sei o destino que se dá á immensidade de cobre que entra para taes repartições ás parcellas de tustão, dous tustões, pataca etc.

—Parece que ha proposito em atropellar o povo.

—Assim é outro desaforo.

O governo concede aos bancos faculdade para a emissão de papel moeda, authorisa a circulação do mesmo; e ao mesmo tempo prohibe que nas repartições publicas seja elle recebido!

Ha poucos dias, eu, que não sabia disto, passei por uma decepção..

Fui á meza de rendas com uma cedula de 25$ rs. do Banco da Bahia, e depois de estar aviado, no acto de pagar, passei pelo dissabor de ficarem meus papeis penhorados por não ter outro dinheiro!

—Nunca vi governo mais incoherente e desarrasoado!

—Si não é ventade de massacrar o povo, anda nisso alguma trapaçaria.

—E' justo; de outra sorte não se pode conceber como é que o governo authorisa o curso de notas dos bancos e ao mesmo tempo se recusa a recebel as!

—A camara municipal é *conservadora*?

—E' cousa que não soffre contestação.

—Meu charo, quem conserva não destroe.

—Tira me de boa duvida.

—Assim, a camara authorisando o estrago das bemfeitorias municipaes, perde a essencia de *conservadora*.

—Agora aponte-me o que foi que já viu ella mandar destruir.

—Ora essa!

Quer acabar com as arvores do Terreiro, plantadas com tanto trabalho e despeza.

—V. vae desencavar cousas!

—A troco de 4$ rs., concede que os botequineiros armem suas barracas, mettendo as arvores ao meio.

V. deve lembrar-se que nos Afflictos, uma frondosa e antiquissima gameleira ardeu por egual motivo.

—E' exacto.

—Quando não haja incendio, concorde que em uma bodega destinada a apromptar moquecadas, carurús, vatapás e frigideiras, o contacto do fogo, deve causar grave damno a uma arvore em cujo pé esteja estabelecido o fogão.

—Tem carradas de razão.

—Alem do fogo, ha outras muitas cousas que podem prejudicar o arvoredo.

—Os *pifões*, por exemplo.

—Na terça-feira, os officiaes de uma fragata franceza de transporte, que se acha em nosso porto, vieram para terra e alugaram um carro, dos que estacionam no largo do Theatro, por dez mil reis.

Passearam uma tarde, inteira, e quando saltaram não quizeram pagar mais que tres mil réis.

O boleeiro exigiu a quantia pela qual tinham elles ajustado o carro; mas não quizeram dar e o ameaçaram com uma bofetada. Depois appareceu o major Miranda que a muito custo os accommodou, ficando o boleeiro sem ser pago.

—Esses insolentes, dizem, andam até dizendo graças ás moças que elles veem pelas janellas, sem saberem o estado dellas!

—Mas vão para a França os officiaes da marinha brasileira praticar o mesmo para verem o que resulta.

—No entanto, si o povo, desesperado com esses insolentes, fizer uma de doido, ou os imitar em sua estupidez, a França ha de querer logo uma satisfação do Brasil.

—Isto não resta duvida que é para comer dinheiro do Brasil.

—Entretanto é bom pedir ao Sr. consul da França que lance suas vistas para a maneira por que se tem portado aqui os officiciaes da armada de sua nação, visto que a França é uma nação poderosa e o Brasil uma nação fraca.

Eu espero de S. S. providencias que façam cessar esse abuso de seus compatriotas.

—Até os meirinhoss andam pela cidade baixa fazendo *gamados*.

—E' tempo de festa; cada um quer se armar.

—Hontem 18, tres officiaes de justiça, para *arranjar* dinheiro, pozeram em execução o seguinte plano:

Apresentaram se á creoula *Antonia das vellas* com um papel, dizendo-lhe que iam sequestrar-lhe uma escrava por causa de cento e tantos mil reis, que devia de alugueis á municipalidade.

—Como ideiam!...

—Mas que, si ella lhes desse 20$ rs., elles fariam a vista gorda.

—A creoula remexeu os bolsos e só encontrou 9$ rs., e, certos de que *antes pouco do que nada,* os gaviões da justiça contentaram se com o que havia e alli mesmo fizeram o dividendo.

O caso, por mais que elles se esforçassem para passar desapercebido; reuniu gente, e alguem lembrou-se de pedir o mandado para ver; o que lhes fez perder o modo de andar.

Depois, consta, apparecendo os Srs. ca-

pitão João Carvalho e Malaquias José dos Reis, os meirinhos sapateiaram e fizeram *norte*.

—Levando os cobres da rapariga?

—Isso é velho.

—Ah! larapios!

Veja si um gatuno destes, achando 5$ rs., não passa quantas certidões falsas quizerem.

—Anda na companhia do olho-vivo um sugeito que tem feito proezas.

—Quem é elle?

—Um Machado, portuguez, *diz* que *foi* caxeiro do hotel Figueiredo.

—E mais o que?

—Tenho ouvido contar delle façanhas admiraveis.

No proprio hotel Figuerdo tirou do dedo de um homem um annel, na cidade baixa de um hotel as bollas do bilhar, na Praça dous pares de botinas, de um sujeito 5$ rs., de um preto 10$ rs. e outras cousas.

—Tambem é só de quem V. se occupa; miseraveis gatunos que andam empalmando ridicularias. Dê-me noticias dos ladrões aristocratas, dos ngociantes fraudulentos, dos magistrados venaes, das authoridades concussionarias; estes são dez vezes mais perniciosos á sociedade do que essa rabugem que anda ahi a cata de matar a fome; muitas vezes, pela falta de meios de vida.

—Não diga isso, capitão, não ha privação por maior que seja, que authorise o homem a ser tratante.

—Venha ca, amigo.

—Prompto, Sr. *fiscal*.

—Mostre-me sua licença.

—Aqui tem.

Fui á *mesa* onde se recebem as *rendas* e paguei os direitos.

—Esta licença é para uma carroça.

—Sim, Sr.

—E Vm. tem duas. Está por tanto multado.

—Eu so tenho uma carroça, Sr.

—Não creio. Minha mulher affiança-me que lhe tem visto passar com duas.

—Acho impossivel; eu passo por Nazareth e não sei como o Sr., não *morando ahi*, ella pode ver-me.

—Deixemos de reluctancias; caia com 10$ rs.

—Como, si eu não os tenho?

—Está bom; eu por ter pena de V. faço a cousa por metade. Venha 5$ rs.

—Não tenho real, Sr.

—Homem, concorde commigo, veja se arranja ao menos 4$ rs.

—Não tenho.

—Venha ca, eu não quero que me chame malvado; va buscar 3$ rs., e soma-se.

Acho assim melhor do que soffrer.

—E esta! ha de um homem dar dinheiro sem querer!

Tomei os 3$ rs.

—Pode ir em paz.

—.....

—Que tal!

Si aquelle homem estava incurso em infracção, o fiscal tinha obrigação de executar a lei restrictamente; e si não estava, commetteu uma bandalheira extorquindo-lhe 3$ rs.

—Mesmo que não pode reformar a lei, reduzindo as muletas.

—Mas o que não ha de se ver nesta degenerada Latronopolis?

—Talvez V. outro dia não fizsse reparo.

—Em que?

—Na occasião em que um pobre cego era deshumanamente esbofeteado na ladeira da Misericordia pelo portuguez paraguayo Seraphim, passava o Sr. Farias, empregado da policia.

—Não vi.

Mas que lembrança foi essa?

—Nada; é que as vezes é bom referir certas bagatellas.

—Na instrucção publica, não pode haver specimem mais significativo.

—O que é isso?

—Um attestado.

—De quem?

—E' um inspector parochial da instrucção publica que attesta o requerimento de um professor.

—Vamos ver la isso.

—Admire!

Attesto affirmativamente. S. Braz 10 de novembro de 1869.—Manoel Victorino de S. Anna.—Inspector Parochial.

—Que portento!

—O *Penedense* publica o attestado, e observa á respeito o seguinte:

«Como é que se propõe para inspector parochial um cidadão que não sabe escrever a sua lingua? Desta maneira é que se pretende reformar a instrucção ja tão viciada e defeituosa?

A PEDIDO

—Maxingueiro?

—Prompto, capitão.

—Que novidades temos?

—Nenhuma; so na volta de um passeio que

foi dar ao Bomfim, encontrei a S.... branco na janella, dizendo a uma de suas intimas que se não importava de ter sahido no *Alabama*, por quanto as pessoas para se tornarem celebres e importantes devem provar d'esse delicioso bocadinho.

Soube mais que a Sim Sim tem feito ás todas com o perfumado e odorifero *Ferreiro*, etc.

Mais minuciosamente darei ao capitão outros detalhes a proporção que os for colhendo.

SONETO.

(IMITAÇÃO.)

Deus me pede do tempo estreita conta;
E' forçoso dar conta a Deus do tempo;
Mas quem gastou sem conta tanto tempo
Como dará, sem tempo, tanta conta?

Para fazer, a tempo, a minha conta,
Dado me foi, por conta, muito tempo;
Mas não cuidei na conta, foi-se o tempo,
Eis-me agora sem tempo, eis-me sem conta!...

—O' vos, que tendes tempo, sem ter conta,
Não o gasteis, sem conta, em passa-tempo;
Cuidae, em quanto ha tempo, em terdes conta!

Ah! si quem isto conta, do seu tempo,
Houvesse feito a tempo apreço e conta,
Não chorara, sem conta, o não ter tempo!

DISTURBIOS!

Será certo que, no Bomfim, em o dia 14 do corrente, dentro do vehiculo ou no ponto, por occasião da partida de um carro, houve grande dispusta, entre passageiros e agentes da empreza; da qual resultou forte salsicirada, de murros, canelões e pontapés; andando tambem nas envoltas o Sr. Baldoino, que só, teve a coragem de receber o choque da abordagem, por ter logo no começo do conflicto, fugido o valente commandante?!

Sendo assim, teremos ja á registrar até esta data dous factos, sobrevindos neste mez a empregados da empreza dos vehiculos, e seremos obrigados a enumerar todos quantos demais se derem, para ser tomado em conta corrente por quem competir, sendo de mor-conveniencia, para se pouparem a taes admoestações, adoptar o louvavel parecer que lhes prestou, no *Jornal da Bahia* de 9 do corrente —o espectador— quando tratando das imprûdencias dos conductores de gondolas, carros, e damnosos effeitos provenientes delles, fez menção do negociante austriaco Stael, que escapou de ser estrangulado por uma gondola, na estrada da Victoria, do que resultou perder o cavallo de sua montaria.

—Capitão, muito tenho que lhe contar.

—O que é, muxinguciro?

—Ora V. Ex. ja não soube o que aconteceu em dias da semana passada?

—Não.

—Pois ouça: dizem que a marojada das Portas da Ribeira e Caes Dourado, são os grandes alarmistas; porem vi ha dias uns molecques da samaritana Chapadista descompor e injuriar a uns musicos do corpo de policia, os quaes tinham ido a um enterro no cemiterio da Quinta, e no regresso deu-se o conflicto; a ponto de ameaçal-os com pontapés, e cabeçadas.

—O que fizeram os musicos?

—Nada, por que iam desarmados; porem dois que vinham muito atraz e armados chegaram em defeza aos companheiros e ustraram do armamento. A ousadia, que lhes dá á panthera de sua senhora, tem dado logar a que elles pratiquem desacatos desta ordem.

—Que desaforo!

—Ella deu petição de queixa ao Sr. Dr. chefe de policia por intermedio do *quiabo duro;* foi a queixa entregue ao subdelegado de Sant'Anna para por elle ser averiguado o facto.

—Pois bem; traz me a tal *Chapadista*, para lhe mandar passar uma sarabanda e obrigal-a a não dar tanto apoio ao attrevimento de seus escravos, pondo-os de costas quentes a insultar todo mundo.

Qual a razão de só serem reprovados em uma academia os estudantes de um certo anno?

Será por que somente os lentes desse anno saibam cumprir seu dever?

Dizem que não; pois que é até um dos annos em que os estudantes menos aproveitam, por que havendo uma materia toda de observação, o respectivo professor não sabe mesmo armar o microscopio, e a prova é que, quando tem de fallar nelle (por que de uzar não é capaz) manda pedir a um estrangeiro, estranho á academia, para lhe fazer o favor de armar, dando logar com isso a ser ridicularisado pelos seus alumnos.

Os percevejos de minha filha.

—Ouça um *passo* de um homem honrado.

No dia primeiro de novembro, seriam 10 horas e meia da noite, de uma loja, bem conhecida pelo grandioso retrato estampado na frente da mesma, o qual foi tirado em *Guimarães*, por um retratista *barateiro*, sahiram oito ganhadores conduzindo dois monstruosos caixões:

—*Corpo Santo* de Deus! o que irá dentro?

—Fazendas.

Accompanhei os ganhadores até certa *rua* onde vi *fogo* na entrada de um beco, e para onde foram levados os caixões. Dahi ha pouco appareceu-me certo cujo o qual ficou transtornado vendo que eu tinha presenciado tudo.

E sarapantado, como uma galinha choca quando sahe do ninho, poz-se a andar de um para outro lado procurando disfarçar a atrapalhação que lhe causou minha presença.

Então eu indignado bradei-lhe:

—O' descarado, para que queres essas barbas de bufalo, que te chegam ao umbigo?

E' para te tornares mais conhecido?

Enches a bocca de homem honrado e acabas de pôr em pratica uma ladroeira.

Não te lembras que ja fizestes o mesmo no *Rio*, onde roubastes perto de oito contos de reis?

Mas, toma sentido; aqui a cousa talvez te saia mais cara.

Põe a bom recato aquelles tres bahús de fazendas que mandastes para certa casa nas Portas do Carmo; vê aquelle caixão depositado na ladeira de *Santa Theté*.

Tua escripturação foi emendada para concordar com a bandalheira que fizestes; figuraste devedores que nunca existiram.

Olha ladravaz: o alheio chora sem dono; e tu queres passar a tripa forra usurpando e roubando, has de ter o castigo destinado aos ladrões.

Julgas que has de vender aquellas fazendas que mandastes para fora surrateiramente? As providencias vão ser tomadas.

(*Continúa.*)

—Que endemoninhadas perûas!

O fiscal não vê isto.

—Pois si elle é da *casa!*

—Então é por isso que a tal *Feliz menina* quer enxertar a ladeira do Aljube de plantas exoticas que vegetam a beira da praia?

—E note que a casa tem despejo, mais para não gastarem 5$ rs em concertar o cano, que entupiram, fazem da rua cloaca.

—Sr. fiscal, advirta as suas conhecidas do n.19, que não continuem a atormentar os narizes da visinhança, fazendo da rua um pantano de excrescencias.

—Nesta casa de banhos ha vistas de cosmorama?

Parece que ha *marmota*!

—Pergunte áquelle velho gaiteiro que é o dono.

—Está em seu direito em recrear-se.

O que é intoleravel é que a comitiva assome a porta da spelunca representando scenas que possam molestar a castidade.

—Pois é o que se deu ainda no sabbado.

E não contentes, passaram a pistolaria onde puzeram em exposição *certa prenda* paraense. Ostentavam grande empenho em que todos a admirassem; tanto assim que quem passava e não olhava era chamado para ver.

—Creio que por uma graça destas ia dando-se um desaguizado; entre uma mulher e os taes destabanados.

—E' verdade, e ia-se tornando o caso serio porque o filho da dita, quando soube, veio tomar as dores pela mãe.

—Ora estes *moços* da *tida* si querem dar *seus beneficios* por que não dão ás occultas;

Vão para dentro do banho ja que o inimigo real velho, dono delle, pactua com a patifaria.

—Capitão, venho queixar-me de uma *especulação* de que sou victima, assim como outros muitos companheiros.

—Estou prompto a escutal-o.

—Queixo me de uma extorsão ao direito que tem cada um sobre sua propriedade.

—Pode dizer sem rebuço.

—Sou da classe da lavoura, e como em Latronopolis não ha estrada de ferro, remetto o producto de minha cultura para a capital pela estrada de pau.

—Presto lhe inteira attenção.

—Mas o que faz chefe de um certo *ponto*?

Querendo favorecer a um trapicheiro seu amigo, por cujos lucros *se interessa*, deita contra-marca nos envoltorios dos generos e os faz seguir para o *primeiro trapiche do norte*, que em outras eras foi do *Xixi*, contrafazendo desta maneira a vontade dos donos.

—Qual o ponto em que se dá o dolo?

—Estou por saber; o que é exacto é que os generos não chegam á capital com o endereço que lhes dão seus donos.

—Assim nada se pode fazer.

—Eu vou á *Pojuca* a um amigo que soffre do mesmo damno, que talvez ja tenha descoberto e industrioso.

—Pois quando souber, volte.

Pede-se ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar que lance suas vistas para a escandalosa jogatina que ha de noite em uma biboca de n.º 17, defronte do ponto das gondolas.

Do Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna espera-se providencias que ponham termo ás turbulencias commettidas por uma sucia de capoeiras que fazem do largo da Saude ponto de suas façanhas. Entre estes torna-se recommendavel o pardo Luiz, escravo, por andar sempre armado de punhal, que mostra por

garbo para inculcar valentia; seguindo-se-lhe um tal Benedicto, Possidonio, o Dativo.

Sr. Redactor.—Havendo quem me attribua a authoria dos escriptos que a respeito do batalhão de artilharia foram publicados no *Alabama* n. 577, digne-se a bem da verdade e para confundir miseraveis que querem envolver-me n'uma intriga odiosa, com o fim de acarretar sobre mim a animadversão da corporação daquelle batalhão, se concorri directa ou indirectamente para tal publicação.

Bahia 19 de novembro de 1869.

Sou, etc.—*Joaquim Cassiano Hypolito.*

Affirmamos que não.

A Redacção.

—Capitão, ha um quartel em Latronopolis que transformou-se em um alcouce de orgias e depravações.

—Que está me dizendo?

E' o que lhe digo.

O deboche e a crapula mudaram-se para alli.

Reina a insubordinação e o insulto aos superiores.

—Isso é relaxação; falta de força moral nos mesmos.

—Supponha V. Ex. que ha officiaes que quando estão de estado fazem mil diabruras. Isto é, reunem a pandega e conservam-se como Adão e Eva no estado de innocencia, commettendo as acções mas desregradas.

Os guardas e tambores que são da *cuca* associam-se a rosquilha, e como si todos *fossem uns* em posição, comem, bebem e praticam os mais revoltantes escandalos.

Ao estoro da cerveja e ás libações do Figueira, dão-se actos que escandalisam o pejo e o pudor.

—Assim não pode haver respeito nem disciplina.

—E' o que succede; os guardas só obedecem a certos officiaes; os outros são desrespeitados.

A immoralidade vae a este ponto:

Estabeleceram uma *graça grosseira*, cuja pratica é fazer um accionado pouco decente e dar certo assovio ao mesmo tempo.

Outro dia dizia um official:

«Qual de Vv. é capaz de ir *galar* o commandante?

«Eu, respondeu Miguel, que é um guarda pimpão, e caminhou impavidamente, passou pelas costas do commandante fez a gesticulação, deu o assobio correspondente e foi-se muito uphano.

—Isto é deponente n'uma corporação onde o respeito é a primeira condição.

—Miguel tem peito como *caranguejo*!

Vendo a noiva do commandante na janella, uma respeitavel senhora, disse-lhe:

«Adeus, o' prima, o primo mandou lembrança.»

—E' grande attrevimento; não por ser a noiva do commandante; mas pelo acatamento a que toda senhora tem direito.

—E' para V. Ex. ver nesta pervertida Latronopolis como vae tudo.

Porém Miguel não sahiu muito bem desta. Pagou com juros a insolencia.

—Eu creio que só um parque de *artilharia* em cada boeca de rua, indireitava isto.

VARIEDADES

RECITATIVO.

OFFERECIDO AOS GUARDAS DE POLICIA POR UM SEU COLLEGA.

Eu sou policia, pelas ruas vago
De espada á cinta, por não ter emprego;
E os bregeiros quando vou passando
Dizem rosnando:—«sahe daqui morcego.»

Quando de dia, vou rondar as praças,
Ouço chalaças, para mais de um cento;
Nada respondo, fico mudo e quedo,
Não por ter medo:—é regulamento.

De noite fujo de passar por baixo
De algum sobrado que tiver saccada;
Porque bem pode vir qualquer gaiato,
Ou mesmo um gato, dar-me uma mijada.

Quando nas noites de luar ameno,
Cahe o sereno sobre o denso veu,
Uma saudade que conservo antiga,
Então me obriga a contemplar o ceu.

Depois, cansado de trocar as pernas,
Procuro um canto para me encostar;
E' justamente quando vejo ao longe
Um certo monge que me vem rondar.

E assim andando pelas ruas vago,
E tão mal pago de um serviço forte,
Com cara alegre, vou cumprindo o fado,
Que destinado tem a minha sorte.

Atè que um dia deixarei o masso,
Dando abraço na minha Felicia!
Então capote, cinturão, espada,
De cambalhada ficam na policia.

Embora o povo com desdem, malicia,
Chame o policia de ralé, canalha,
Não se faz caso do fallar dos loucos,
Ouvidos moucos, nunca dando palha.

Por tanto eu peço com pureza d'alma,
Bastante calma, com os taes paisanos,

Porque nem todos podem ser polidos
E attrevidos são menos urbanos.

Eu não consinto que me rasgue a farda,
Embora parda, que se chama blusa,
Neste momento minha espada puxo,
Metto-a no bucho de qualquer cazuza!

Adeus, collegas, não reparem nisso,
Que por feitiço vou viver errante,
Até que um dia eu seja lembrado
Mesmo rasgado por algum rondante.

E' PARA RIR.

Os grandes homens são para as grandes intelligencias, e por isso dizia Francisco Manuel que poetas por poetas fossem lidos.

Um preto tractava de um cavallo, e quando foi um dia adoeceu o bom animal.

O Sr. chamou um alveitar e o digno doutor olhou, viu e examinou o quadrupede sem dizer palavra e receitando o que se devia fazer, retirou-se.

O cavallo restabeleceu-se com as suas prescripções, e eis por sua vez o negro de cama.

Chama o senhor um medico de nomeada, o qual começa a interrogar ao preto o que não sente e a fazer-lhe mil pergontas.

O preto, a exemplo do cavallo a nada respondia.

—Então, paisinho, diz-lhe o senhor, não tens bocca?

Não sabes responder?

—Senhor, exclama o negro enfermo, este medico não está bom; não presta; não sabe nada; não faz senão perguntar; meu senhor chame o que curou o barro, esse sim, olha e vê logo o que a gente tem e não precisa o doente ensinar a elle!

O medico riu-se e aconselhou ao seu cliente que com effeito approveitasse o conselho e chamasse o alveitar.

DESEJOS.

(LUNDU)

Si eu fôra um gatinho
De pello mimoso,
Unhinha comprida,
Miar magestoso;
Quizera miar
La dentro do vão
E a unha passar
Em teu coração,

Si eu fôra um cachorro
Pellado, tinhoso,
Quizera ladrar
Em teu seio mimoso;
E nesse cantinho,
Nas chammas arder,
Procurando as pontinhas
Para ellas lamber.

Si eu fôra um macaco,
Jocoso, chibante,
Quizera no cepo
Viver delirante,
Comendo—comidas
De tua mãozinha,
De olhos fitados
Em tua bouquinha.

Si eu fôra um rafinho,
De dente aguçado,
Quizera em teu peito.
Fazer um piccado
E nas noites chuvosas
Subir a caminha
A roer os atilhos
Da tua meinha.

Si eu fora um mosquito
De muito veneno
Quizera picar-te
No rosto sereno...
E quando teus labios
Quizessem cuspir,
Labendo-lhes, á roda
Me punha a zumbir.

Si eu fora uma pulga
Outra cousa seria
Mordia, coçava,
De noite e de dia,
Quizera a escada
Subir, faceirona,
Da sala mimosa,
Em uma capona.

Mais eu não sou gato,
Cachorro, macaco,
Nem cousa que ao menos
Pareça com rato.
Mosquito, nem pulga...
Da vida esquecido,
Das jovens chamado
Por triste lambido.

Sou homem que choro
Meus dias de amor,
Passados out'ora,
Da fresca ao calor;
Sou homem que vivo
Pizando no barro...
Comendo *pipocas*,
Fumando cigarro.

O rei deve ser como o sol, que brilha para todos, mas não deve ser como o sol, que se deixa eclipsar por aquelles a quem allumia.

A policia deve ser vigilante como o gallo,

que dá o alarma continuamente, mas não deve ser como o gallo, que se recolhe logo ao anoitecer.

O empregado publico deve ser como o *kagado*, sempre mettido comsigo mesmo, mas não deve ser cômo o *kagado*, que tendo pernas tortas, quer andar de botas.

O padre deve ser como o louva-deus, sempre soltado de mãos postas para o ceu; mas não deve ser como o louva deus, que, se torna ridiculo como os seus movimentos caricatos.

O militar deve ser como o leão, entre os fortes, e generoso entre os pequenos; mas não deve ser como o leão, que sacia a sua sêde no sangue dos seus inimigos.

UM PRETO E O SEU SENHOR.

—Meu senhor, eu vou comprar capim.

—Não precisa, rapaz, que eu hoje vou jantar fora.

TESTAMENTO DE UM ADVOGADO.

Um advogado legou toda a sua fortuna a um hospital de doudos. No seu testamento dizia: «Recebi-a dos doudos, e dou-a outra vez aos doudos.»

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 128 e 129 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

A mezá da devoção da SS. Virgem da Conceição, protectora dos artistas, que se venera na egreja do convento de S. Francisco, convoca aos Srs. artistas, e devotos, que como juizes de devoção eleitos na anterior festividade, segundo a publicação pelo orador ao Evangelho, queiram remetter seus donativos ao thesoureiro o Sr. Baldoino dos Santos e Oliveira, em sua residencia, afim de que se possa deliberar a religiosa festividade, que terá logar no domingo 12 de dezembro. O escrivão.—*Mariano José de Araujo Santos.*

ATTENÇÃO, RAPAZEADA.

Aproveitem, que está se queimando no deposito de charutos de Augusto Rodrigues Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.º 51, o seguinte: charutos finos de bons fabricantes, cigarros de diversas qualidades, fumo picado, bolsas de borracha, mortalhas, palhas de milho, cachimbos cobertos e descobertos, ponteiras para charutos e cigarros, phosphoros de segurança do melhor author- em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas para candieiros de gaz, folhinhas de Lemmert para 1870, diversas miudezas e tudo o mais que se encontrará no dito deposito á vontade dos bons amigos e freguezes, sendo bem servidos em toda e qualquer qualidade destes generos.

Vende-se tres frentes de casas, em terreno proprio, á rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, juntas á casa do Sr. Valentim, funileiro. Trata-se com o procurador Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em seu cartorio, á rua Direita da Mizericordia, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde.

O fabricante dos bolaxões que se vendiam no deposito da—Vivandeira—declara que deixou de fornecel-os para o dito deposito, passando d'ora em diante para á rua das Flores, deposito do Sr. Olimpio; para o canto de João de Freitas, venda do Sr Rangel; e para o armazem Mercurio, por baixo da Recreativa.

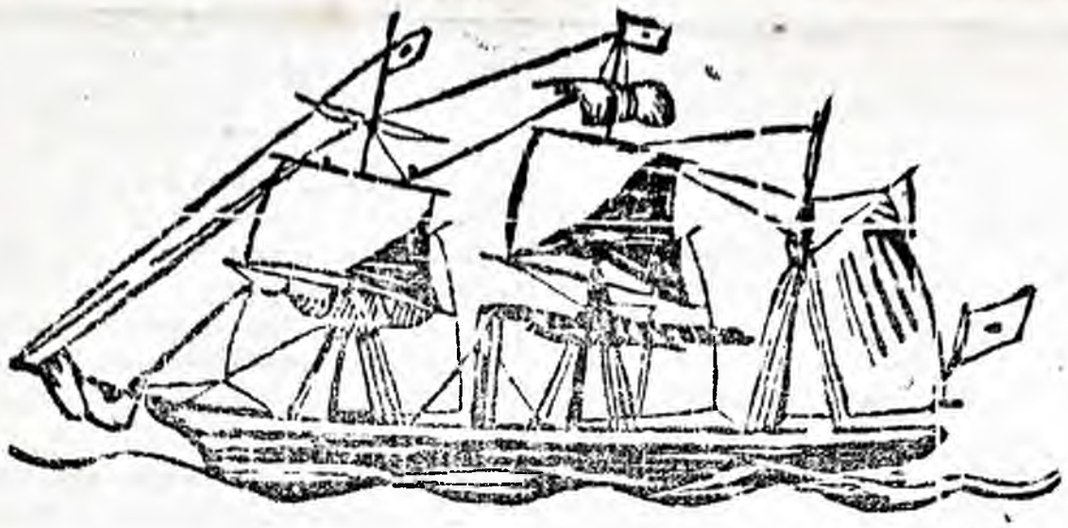
MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

PUBLICAÇAO CURIOSA.

Em consequencia do programma ja annunciado, o drama original em quatro actos, e dous quadros, e que tem por titulo.—*As espertezas de um genro, ou o cynismo de um frade,* vae brevemente ser dado á luz da publicidade, tendo por appendice a transcripção de todos os artigos publicados, e que dizem respeito a tres personagens do referido drama; e em seguida será publicada uma certidão e dous attestados de duas distinctas authoridades da provincia das Borrachas, relativamente aos actos de *moralidade de um frade da mão furada*, a causa de sua demissão de certo logar que occupava, e o motivo de deserção de um parocho da freguezia que lhe foi confiada, e mais tres interessantes, e valiosos documentos comprobatorios do *criterio, sinceridade, e firmeza de palavra* de mais dous personagens do mencionado drama. Portanto Srs. curiosos, e amantes da novidade, preparae-vos para correr ao encontro desse drama de nova especie, mesmo por que o preço convida, e é o seguinte, ad libitum para os interessados, amigos, e cariosos, e gratis para os pobres.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 38

Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 24 DE NOVEMBRO DE 1869. N. 580.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de novembro de 1869.

Officio ao Illlm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que continuam os disturturbios no segundo districto da freguezia de Santo Antonio.

No dia 18, pelas 7 horas da tarde, Roberto de tal, pardo, roceiro, armado de formidavel faca, pretendeu matar a Querino de tal, tambem pardo, maritimo, na rua Direita da Cruz do Cosme.

Semelhante estado de cousas é mais que sufficiente para reclamar de S. S. uma salutar providencia.

Portaria ao fiscal de Sant'Anna, ordenando-lhe que intime ao Sr. Lisboa, a quem o vulgo chama *macaco*, para que quanto antes metta para dentro o seu cano, ou esgotador, o qual innunda a rua e difficulta o transito publico; e no caso que elle recalcitre deverá immediatamente fechar-lhe a casa de banhos da rua Atraz do muro das freiras. Cumpra.

—Assaz deponente é o spectaculo que apresenta o pauperismo nesta terra!

—E' a miseria no seio da abundancia.

—Nos passeios das ruas, nas praças. nos adros das egrejas uma alluvião de mendigos, maltrapilhos, imundos, seminús, affrontam a decencia e a moralidade e desdizem da civilisação deste paiz!

—Tanto dinheiro que se tem tirado para a pobreza e ella ahi anda pelas ruas encapando a occiosidade e a preguiça!

—E' triste ver esta terra com a qual a natureza foi tão prodiga, dando-lhe um clima benigno, um solo uberrimo, individuos moços e possantes estendendo a mão a charidade publica!

—Si o governo que devia dar impulso, permanece inerte; si não ha medidas restrictivas, contra a mandriice e especulação.

—E' vergonhoso, para uma terra que quer ter foros de adiantada, ver nas quintas-feiras a malta de pedintes que abalroam as casas de familias á tirar missas pedidas!

—Mas repugnante é ver nos sabbados em fileiras pobres aos quatro e cinco á pegarem no pau um do outro e um na frente guiando-os em direcção ao palacio do arcebispo.

—E quantos fingindos cegos não irão ahi!

—Não ha quem se importe com a decencia publica!

Causa asco a maneira deshonesta por que taes individuos percorrem as ruas.

—Ha um, crioulo idiota, dos que pernoitam no chamado asylo, que é o mais expressivo escarneo ao pudor publico.

Traja camisa e calça de ganga azul, porem de uma maneira, que é o mesmo que si estivesse nú.

De algumas casas ja se lhe tem mandado cobrir as partes do pejo, mas parece que o

maluco tem a mania de *andar a fresca*, por que alguns minutos depois hão de vel-o no mesmo estado.

—Ha tambem uma creoula de nome Lucia, a qual, embora não seja mendingante, o estado de soffrimento em que se acham suas faculdades, obrigam-na a representar scenas iguaes.

As vezes sahe da ladeira da Gameleira em fraldas de camisa e vae até o Areial e Sodré; outras vaga um dia inteiro pelas margens do dique núa em pello, com um carrego, ou uma bacia de roupa á cabeça; outras vae para o Gravatá, despe-se, mette a roupa na lama, depois estende a e permanece todo santo dia naquelle estado!

No domingo passava pelo Sodré o Sr. mandante de policia, em occasião em que a desgraçada cobrindo as carnes apenas com um trapo de saia, era tenazmente perseguida por uma malta de moleques.

S. S. parou, observou e seguiu seu caminho.

—E não ha quem se peje de tão hediondo painel.

— E' um jogo de empurra.

Passa o policia e vae adiante por que aquillo não é do serviço; o agente secreto, segue seu caminho por que vae a uma deligencia urgente; o inspector de quarteirão ignora si tal cousa é de sua attribuição, até que chega o estrangeiro e pasma ante tanta relaxação.

—Dizem que esta cidade vae muito adiantada e eu não vejo.

—Desconjuro!

Só si é progresso de caranguejo.

—O que eu vejo é a camara municipal que tem obrigação de promover o aformoseamento da capital reduzindo-a a *feira de aldea*.

—Ja V. quer sahir-se com uma das suas.

—Para ganhar meia duzia de vintens consente que, no Terreiro, uma das primeiras praças, se armem extravagantes e ridiculas barracas de esteiras e pedaços de panno, cousa que não é mais para este tempo.

—Homem, V. diz a verdade.

Eu não sei mesmo como a camara concorda com aquillo.

—Concorda por que recebe dinheiro; embora fique patente o atrazo em que vamos.

—Que dê licença para armar botequins no campo dos Afflictos ou no largo do Bomfim, é natural; mas que por quatro mil reis permitta que no meio da praça, se arvorem sordidas bodegas de trapos, para vender cachaça e garapa, e cujos donos, depois que acaba a festa, nem si quer tapam os buracos que fizeram na rua, é querer mesmo equiparal-a as condic ões de miseravel alcoiola.

—Será serio, capitão?

—De que trata?

—Que a camara municipal quer matar o povo asphyxiado.

—Ora vá elle.

—V. Ex. diz isso por que não mora no Bom Gosto da Calçada.

—E si morasse, o que tinha?

—Havia de passar seus transes.

—Diga o porque?

—Porque a camara mandou despejar pó de carvão de pedra sobre toda rua para com elle fazer o atterro da mesma.

—Com effeito a lembrança faz recordar saudades do Murta Patatiba.

—Como as obras da camara principiam e não acabam, ficou o pó do carvão de pedra a suffocar os moradores, principalmente quando venta.

—Deve ser um flagello.

—Deita-se a mesa e os pratos ficam cobertos de poeira, os trastes estragam-se por mais saccudidelas que se lhes dê, e os pobres filhos de Christo são obrigados a tragar pelos gorgomilhos tão hygienico preservativo da saude.

—Soffram; mais soffreu Deus por nosso amor.

—O melhor é que, dizem os bocorios, a camara com tão salutar *beneficio* que fez ao povo, não gastou para menos de 1:000 rs.

—Os larapios andam quente!

—Que quer? tempo de festa!

—Apanharam que o Dr. Americo de Souza Marques, morador á rua da Poeira, tinha ido com sua familia para o Bomfim, arrombaram a porta dos fundos da casa e levaram tudo quanto encontraram.

—Dizem que carregaram até uma casaca que um irmão do Dr. Americo tinha feito para a sustentação de these.

—E' verdade; mas os ladrões tiraram-lhe do gosto de vestil-a.

—O boccado não é para quem o faz.

E o que faz a policia a isto?

—Dorme o somno da indolencia.

Na segunda-feira, lá esteve o Dr. delegado e procedeu a corpo de delicto no arrombamento.

—Quando se deu o facto?

—No domingo á noite.

—E é assim violado o asylo do cidadão pelos ratoneiros!

Em que terra estamos!

—Na portaria dos franciscanos deitaram uma creança morta, no domingo.

—E estes remetteram-na para a subdelegacia.

—Aquelles filhos do pae da pobreza entendem que com isso tem descarregado suas consciencias e cumprido a obra de mizericordia—*dar sepultura aos mortos*.

—Si uma pobre mulher foi deitar seu filhinho fora, é porque não teve meios para sepultal-o.

—Não concordo; isto denota deshumanidade, embrutecimento d'alma.

—Mas o que fazer uma misera mulher sem eira nem beira?

—Tem a charidade publica; recorra a authoridade policial, ao parocho de sua freguezia.

—Tudo isso dito é bem bonito, realisal-o é que é a cousa.

—Seja como for; a constante repetição desses factos denota a depravação de costumes, a falta de religião, a ignorancia do povo.

—Capitão, V. Ex. foi a estrada de ferro no domingo?

—Fui.

—Então não soube de uma catastrophe que houve por cá.

—Em que parte?

—Na ladeira da Praça.

—Como se deu?

—Um escravo do casal do finado Dr. Joaquim Botelho, na occasião em que era castigado por sua senhora, atirou-se da janella abaixo, em estado quasi de nudez, e partiu um braço.

—Coitado!

Triste sorte é a do escravo.

—As philarmonicas Euterpe, Campesina, Terpsycore, Rossini e Orphesina, realisaram o passeio annunciado a Periperi, pela via-ferrea, em beneficio da sociedade Libertadora Sete de Setembro?

—O passeio, foi muito concorrido!

—Nem era de esperar outra cousa, em vista do fim para que é destinado o seu producto.

—Gostei de ver a bôa ordem com que se portaram as philarmonicas.

—Houveram bebedeiras!

—E muita jogatina!

—E' verdade; não havia um canto onde não se encontrasse jogo.

—E vieram muitos sujeitos com as algibeiras abanando.

—Deixemos isso de parte e cumprimentemos as pessoas que ainda uma vez concorreram com o seu obulo, para a sacrosanta causa da liberdade!

—No domingo á noite, ouviram se gritos d'aqui-del-rei, da loja n.º 33 em S. Miguel.

—O que seria?

—Era Manuel de tal, que pedia soccorro, afim de se livrar das garras de João Gregorio, que, segundo disse o inspector de quarteirão, queria matal-o com uma thesoura.

—E porque?

—João Gregorio *jantou bem* junto com Manuel, e depois de um encommodo samba que fizeram, foram jogar.

Ora, tendo Manuel ganho o dinheiro de Gregorio, este entendeu tomal-o, e como elle não quizesse entregar, queria matal-o.

O subdelegado sabendo do facto dirigiu-se a mencionada loja e conseguiu prender Manuel, sendo pegado horas depois Gregorio que metteu-se em um sobrado que se está reedificando junto da referida loja.

—Foram effeitos da cachaça e das cartas.

—E que se podia hoje lastimar uma desgraça.

—E' verdade!

A policia deve tomar medidas energicas sobre o jogo.

—Mas, por fallarmos em jogo, abriu-se uma nova casa deste divertimento, na ladeira da Gameleira, onde se joga até de manhan. Dizem que ha noites em que reina n'esse foco destruidor das algibeiras da humanidade barulho e confusão, pelo que chamarei a attenção do Sr. Dr. chefe de policia, em quem confio muito, para esta casa de ladroeira.

—Capitão, com a devida venia.

—Ha alguma novidade?

—Um caso que presenciei no sabbado depois de meia noite.

—Exponha.

—Na esquina da botica do Rodrigues conversavam os Srs. Pimentel e Amazonas com uma mulher de nome Umbellina, moradora ahi.

Appareceu um marinheiro estrangeiro e pretendeu abraçal-a: os rapazes procuraram impedil-o e o bruto sem mais *satisfas* puxou um rewolver e apontou sobre elles.

Eu que estava de parte toquei apito o que fel-o talvez mudar de resolução.

—E vieram soldados para prendel-o?

—Nem pitada.

—Conheceu a que nação pertencia o marujo?

—Não pude.

Vi apenas que fallava o portuguez si bem que bastante cerrado.

—E' de balde que se clama todos os dias

sobre os marinheiros estrangeiros andarem armados em terra; ninguem se importa.

—E quando quizerem tomar sentido hade ser tarde e a más horas.

—O que lhe digo é que va algum marinheiro daqui para a Europa e não ande direito como uma linha para ver o que lhe resulta.

Á PEDIDO

—Desaquartellou o batalhão de artilharia.

—E' mais velho que azeite e vinagre.

—Passou revista de mostra no domingo.

—Tambem é sabido.

—O commandante faltou.

—Prova evidente de que não poude ir.

—Mas dizem que foi ao passeio de Piripiri.

—Signal que quiz divertir-se.

—Alto lá; nem tanto nem tão pouco.

Primeiro a obrigação; depois a devoção.

Por falta mais justificavel o Fortunato foi ao chilindró.

Pede-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia que tome debaixo de suas vistas a Francisco Nogueira da Silva, conhecido por *Xição*, o qual em todo mundo quer fazer e acontecer; dirigindo a muitas pessoas ameaças e insultos.

E' preciso que esse fanfarrão conheça que ha uma lei que regula o procedimento de todos e autoridades que a executam austera e imparcialmente.

O muxingueiro do *Alabama* participa a certo estrangeiro que mora no largo sem piedade, que não continue a deixar certos bocorios conversar em suas janellas, sob pena de contar-se o que se tem presenciado com o Sr. Gabriel e mais alguns.

Um visinho moralisado.

—Como estão aquelles officiaes!

—Estão todos na *graça de Deus*.

—Irra! que dubadoura!

O major na direita e o capitão da esquerda é quem dá a voz!

—São dous a mandar.

—E o moço do *pimpilio* com o capitão-*Fafa* batendo bocca como duas regateiras.

—Guardião fora, frades agora; o maioral foi passeiar, os rapazes soltaram as mangas.

—Parece que aquella gente vae em *procissão* solemne cortejar a intemperança.

—E levam o peso de uma carga de *artilharia* na cabeça.

Vejam que patifaria na travessa da Larangeira.

Uma certa gomadeira por seu amante ter *constancia* e querer se fazer santo, pois é muito pontual, deixou-lhe por despedida seu primoroso retrato; a mercenaria logo que elle deu as costas foi com o retrato para a janella fazer gallhofa com as visinhas.

Muxingueixo, quando for ao correio do norte, veja se encontra de um que diz ser academico correspondencia para a sua amazia Felismina, a qual por ser relaxada diz isso ser.

Arre! bem feito! para ella tomar brio.

—Capitão, ainda escapou-me uma cousa.

—Dise.

—A S... branco foi a Periperi, lá esteve a derreter-se com quantos via, assim mesmo com aquelles olhos ensapucados—e o pateta do marido a dissimular todas essas cousas; aquillo tambem é uma miseria capitão, uma cousa nojenta.

—Cala-te, que és muito fallador e isso pode algum prejuiso traser-te.

—Não é tanto assim, capitão; quando se falla a verdade não ha que temer: não está muito fora de nossa memoria o celebre caso de uma noite em que elle tomou uma bofetada do seu f,.. por estar fora de horas conversando com ella.

—Oh! isto é muito.

Não faz mal, está pagando o que tem feito,

—Honorio hontem andou fazendo o diabo.

—Foi o chefe de policia quem mandou.

—Para que ha de ser maldizente?

—Então não foi elle quem deu licença para o rapaz *arejar*?

—Mas não para beber e *pintar*.

A culpa foi dos guardas que o accompanharam por serem *condescendentes*.

—Mais condescendente me parece S. Ex. o Sr. Dr. Assis porque lembra-se de seus agentes na adversidade.

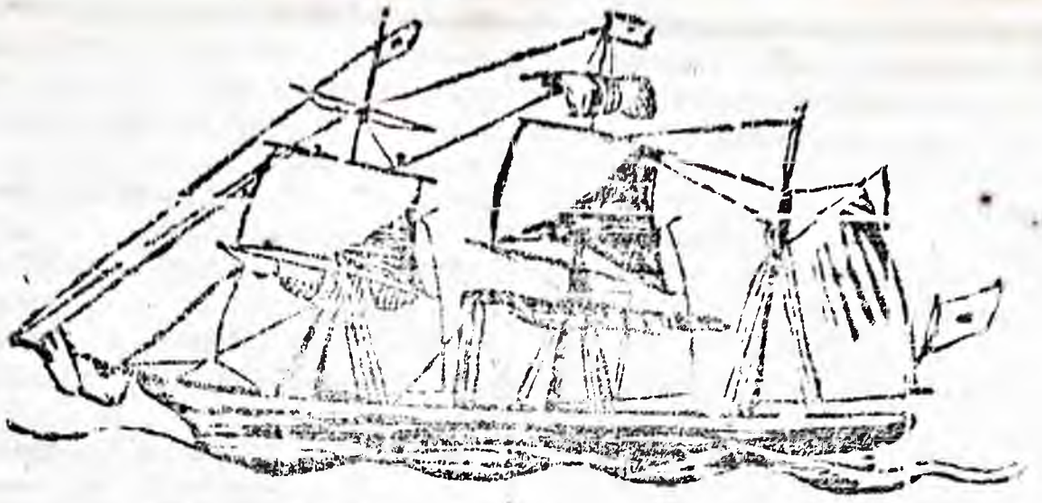
DECLARAÇÃO

Em consequencia de ter adoecido o respectivo postilhão, foi retardada a entrega do *Alabama* de sabbado nas freguezias de Santa Anna e S. Pedro.

ANNUNCIOS

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moido puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude. Na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 39
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 27 DE NOVEMBRO DE 1869. N. 581.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de novembro de 1869.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe esclarecimentos sobre o facto de ter sido chibatado na terça-feira um soldado de policia, por um official, dentro do proprio quartel.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o seguinte artigo publicado no *Diario* de 19 do corrente:

«Em agosto do corrente anno, e no vapor que percorre mensalmente os portos do sul desta provincia, embarcou-se para Cannavieiras uma senhora bastante moça, para quem se tirou passaporte com o nome mudado. Esta *fraude* que por si só constitue um crime, foi ainda aggravada pelas circunstancias seguintes:—aquella infeliz pertencia a uma familia respeitavel a quem o author de todo este *drama* occultou seu pensamento e seus *intentos,* e remettendo-a para ali com *falso nome* inteiramente desacompanhada, ficou munido com uma licença, em razão da qual recebia da thesouraria provincial *certos vencimentos* que pertenciam a mesma infeliz, que *morreu* na villa de Cannavieiras ha muito mais de um mez O author de todo este enredo sinistro é, entretanto, bem moço ainda! é estudante de medicina que acabou de prestar exame do 5° anno e chama-se João Gualberto Ferreira Santos Reis. Sr. Dr. chefe de policia procura-se com toda a confiança o desagravo por meio da justiça e pede-se vingança de tão execrando facto.—*A Sombra de D. Carolina.*»

Como semelhante denuncia importa grave accusação, espera-se que S. S. não deixará de fazer averiguar todas as circunstancias deste drama. O individuo se acha na cidade e preciso se torna que S. S. dê toda a actividade a este negocio afim de que a innocencia ou o crime fique patente para desagravo da justiça publica.

Portaria ao fiscal da Sé, lembrando-lhe a execução da postura n.° 34, que é infringida pela moradora do sobrado n.° 1, Atraz da Sé, a qual traz constantemente sobre os parapeitos das janellas immensidades de quartinhas e maringos. Cumpra.

—Sob o titulo a *mulher morta no convento do Desterro.* o *Jornal*, por mandado da policia, publica uma carta do Sr. Dr. José de Goes, medico do convento, contestando esse facto.

—E addiciona mais o interrogatorio feito a Maria Iguez, a supposta *mulher morta.*

—Está tudo muito em ordem.

Mas o Sr. chefe de policia tenha um pouco de paciencia.

Como a nossa policia é alguma cousa mais minuciosa e atilada que a de S. S., talvez que ainda, e breve, lhe contemos o negocio pelo miudo.

Por agora fique apenas registrado a sin-

gularidade com que uma mulher, habitante de uma casa e portanto sabendo todos os recantos della, se precipita de uma janella, em dia claro, julgando sahir pela porta!

—Isto cheira a arranjo.

«Diz se que o governo geral teve communicação de S. A. o Sr. conde d'Eu, enviada do Paraguay, onde se acha, de que—do *arsenal de guerra se haviam desencaminhado mil armas importantes,* (espingardas) *e que poderia dellas ter noticia o governo fazendo alguma diligencia á rua da Saude em uma casa de numero que fôra indicada!*

«Consta-nos mais que se verificando por parte do governo a diligencia, as armas foram encontradas!

«Poderá o governo imperial mandar declarar pelo seu *Diario Official,* si este facto é tão inexacto como declarou ser o do—*emprestimo* ao *governo d'Assumpção?*

«Nós aguardamos as declarações do governo, que nos *parecem necessarias.*»

—Esta terra é uma miscellanea de podriqueiras.

—As ruas nadam em porcaria.

—Os lugares destinados ao commercio de generos alimenticios servem tambem de deposito de immundice e despejo de esterquilinios.

—Sirva de exemplo os açougues de S. Bento.

— A praia da Preguiça, que serve de principal mercado do peixe, serve egualmente para despejo do acceio da cidade.

Os carroceiros da limpeza, vão ali despejar seus carros repletos de animaes mortos, e materias putridas.

Não é tão hygienico isso n'um logar onde a população inteira vae supprir-se de um dos principaes generos de alimentação?

—E julga V. que è este o unico mal?

Nos dias de sexta e sabbado muitas vidas correm perigo.

Os beccos são estreitissimos; a immensidadade de carroças que vão e vem abalroam-se e o povo é estropeado a cada passo.

—Hontem o Sr. José Antonio Gomes da Cruz, com venda a rua da Larangeira; quasi é esmagado por uma carroça. Para livrar-se, teve de ir de encontro ao cepo em que uma ganhadeira cortava peixe, em tão mal occasião que o sangue dos mesmos lavou-lhe a cara, roupas e tudo.

—Assim mesmo foi melhor vir para casa emporcalhado, do que carregado por causa de um sinistro mais deploravel.

—O melhor é cada um caprichar mais no cumprimento do seus deveres e quem tem obrigação procurar remover o mal.

—O presidente de Goyaz classificando os *generos de lavoura* que deviam pagar impostos, especificou os seguintes em um regulamento.

« Art. 110 são *generos de lavoura* e como taes sugeitos ao imposto:

« Assucar.
« Raspadura.
« Farinha de milho
« Dita de mandioca
« Arroz
« Feijão.
« *Gallinhas*
« *Porcos em pé.*
« *Carne de porco fresca ou salgada.*
« *Queijos.*
« *Manteiga.*
« *Requeijão.*
« & & &.

—Então ja não me admira de ouvir outro dia um capadocio dizer que dos liquidos o que mais gostava era o inhame.

—E eu quando li, lembrei-me de um sargento que fazendo a nomenclatura da companhia por abecedario, perguntou «ha ahi mais alguem da lettra—J—?» ao que um soldado respondeu: «eu Sr., que me chamo *Laurencio.*»

—Capitão, V. Ex. largou de mão as irmans de charidade?

—Estou a espera de apontamentos.

—Então quero fornecer-lhe um.

—Venha.

—Na enfermaria de S. Fernando, um doente tendo adormecido, succedeu que por um movimento, a camisola em que estava enfronhado se suspendesse um pouco e elle ficasse descomposto.

Atravessando uma charidosa pela enfermaria, ao ver o homem descoberto estacou; chamou outro doente e mandou que compuzesse a seu companheiro.

—Fez o que devia.

—Ninguem dirá o contrario?

Porem estar dormindo e descobrir-se, constitue criminalidade.

—De certo que não.

—Pois o pobre do homem, ficou naquelle dia sem jantar por castigo por ter sido a causa da pudibunda mulher olhar para uma causa *tão estranha* para ella.

—Charidade de Satanaz.

—O pobre foi acremente accusado pela indulgente mulher.

«Esse homem não está bem comportado. esse homem é terrivel, esse homem não pratica

cousa boa, dizia ella sem nunca apontar o grande crime que elle commettera.

—Ah, refinada hypocrita!

No quarteirão de Breda, em Paris, talvez não fosses tão escrupulosa.

—Esta noite houve um rapto.

—Em que logar?

—No becco do Açouginho.

Manuel dos Anjos, musico de batalhão, raptou a menor Veridiana, filha de Helena de tal.

—Ultimamente o *Jornal da Bahia* tem noticiado diversos factos de roubos e attentados á segurança de propriedade.

—E tambem vem sempre recheiado de annuncios a respeito.

—Ainda hontem trouxe o caso de um arrombamento na rua das Princezas.

—Prova encontestavel do desenfreiamento dos ladrões.

—Mas o que a folha official tem se esquecido de publicar são as cautellas que tem tomado a policia para reprimir a audacia dos larapios.

—*Appareceu* um esqueleto humano em mattos da freguezia de Brotas.

—Mas *pelo exame* a que se procedeu reconheceu se ser de *gente preta*, o que faz *presumir* ser de uma crioula de maior edade douda, a qual entranhando-se no matto....

—Que previdencia policial!

Pois aos doudos se deixa obrar livremente?

—Deixe acabar meu recado.

Suppõe se que a mulher entrando no matto succumbiu de um ataque ou mordedura de cobra.

—E em supposições e presumpções arranjou-se o negocio.

—Que pode não ser nada e tambem ser muita cousa.

—Si em caso de tal gravidade, a cousa é explicada com tanta facilidade, eu sou de opinião que a acção policial é de todo desnecessaria nesta parte do globo.

Á PEDIDO

—Capitão, quero dar meu pedacinho.

—Diga o assumpto.

—Sobre o tal corpo insubordinado.

—Procure cousa nova; caldo refervido não agrada.

—E' favor, capitão.

—Pois diga lá.

—Um pataqueiro de nome *Agiprio* pintou a manta; o commandante mandou prendel-o e elle desobedeceu; puchou a baioneta e resistiu; ninguem se atreveu a por lhe a mão.

—Os maus exemplos dão estes fructos.

—Um guarda, *Augusto pequeno*, esbofeteou o cabo da ultima companhia; foi expulso por emproado.

O capitão *Manesinho* ficou muito agastado com o *Sr. Mano* por que remetteu Miguel, a menina de seus olhos, a flor do seu *ajuntamento*.

O Affonsinho protesta que retira-se, porque na sua opinião foi uma desfeita que soffreu.

O Lyseu é mula de medico; faz como rato, morde e assopra.

O maioral está estomagado com a gente de bordo.

—Historias, rapaz; o homem sabe discriminar as cousas e sabe o mal d'onde lhe vae.

—Mas entende que é falta imperdoavel acceitar piquetas em relação a sua alta individualidade.

—Ah, então tenha paciencia.

—Capitão, venho fazer-lhe um pedido.

—Si estiver ao meu alcance conte commigo.

—E' o seguinte: tendo um pobre, porém honesto artista, de nome Paulo, carpinteiro, ajustado de empreitada umas portas com o mestre de uma das obras do Sr. *Lardeça*, ao Garcia, cujo mestre quando vê o *mar* em *baque* põe se a rezar a S. *Marcos*, depois da obra feita não quiz o dito pagar.

—Brada ao ceu não pagar o jornal a quem trabalho.

—Demais a mais, o tal mestre anda gabando-se de que finda a obra do Sr. Lardeça, terá dinheiro para comer um anno sem trabalhar, a custa do suor do pobre Paulo e de outros artistas que o mesmo tem pregado logro.

—Porém em que quer que lhe sirva?

—Que recommende este negocio ao Sr. Lardeça não so para elle saber as qualidades de seu esperto mestre, como tambem ver si por seu intermedio obriga-o a satisfazer ao pobre Paulo, uma vez que as mencionadas portas foram para sua obra.

—A S..: branco é incansavel nas suas proezas.

—Como assim?

—Tem reduzido os maridos até a espancarem suas mulheres; não faz muito tempo que o cunhado do Mano Espinha deu um desses espectaculos.

—Oh! Sr., isso tambem é muito! mas deixe estar que hei de fazel-a rabiar e hei de por em pratos limpos todo esse negocio e tambem da parentella, como seja a M.... com o gracioso, a Sim sim com o Ferreiro, a E... com o pipia-cêga, a L... com Possi et reliqua.

—V. tem ido a sala de dança ao Cruzeiro de S. Francisco?

—Não.

—Pois quero lhe contar um caso que se deu na sociedade do Clemente mestre sala, dos namoros que tenho apreciado; o namoro do *Ne-nen*.

—Quem lhe disse isto foi Xico, o sobrinho do Carvalho, que por intermedio da *pilota*, pode obter este passa-tempo; porem a Custodia prometteu-mê acabar com esse namoro escandaloso.

—Bem faz o Felississimo que não é destas cousas, só cuida em vender sua louça, e as 6 horas da tarde ir para a rua do Bispo, porem é por que o amo pode contar ao *Trimitivo*.

Sr. redactor.—Publicando o *Alabama* uma noticia de que tres officiaes de justiça foram a cidade baixa e por meios cavillosos procuraram extorquir dinheiro de uma mulher, sem que lhes declarasse os nomes, vem recahir a pecha, na duvida de quaes seriam, sobre a classe inteira, e por isso lhes peço que para resalvar o credito dos mais se sirva de publicar que os officiaes que assim praticaram foram Leopoldino, Guabiraba e outro.

Sou etc. *Um official de justiça.*

—Será serio, capitão? que anda por aqui pelo Bomfim, a passeiar um empregado sem licença?

—Não creio Sr. Vicentinho!

—Pois quando for pelas bandas de lá pergunte ao Domingos que dá seus topes o certo disto, si a obteve de seu chefe, ou do governo; até a volta.

O bonecrinho Lopez.

O muxingeiro do *Alabama* pede ao Sr. 10$ (contos) não continue a desmoralisar certa familia moradora ao portador sem piedade; tanto mais andando encapotado como a bem pouco foi encontrado, sob pena de provar da ensebada taca para versi assim deixará de ser tollo e impostor, gabando-se do que não possue. *O espião.*

—Capitão?

—O que dé de novo?

—Eu não sabia que faltava ver mais uma.

—Qual?

—Os soldados de policia atacando os caminhantes.

—Custa a crer.

—Eu não sei dizer outra cousa.

Na quinta feira, uma familia que fôra a Nossa Senhora das Candeias, chegando aqui ás 10 horas, desembarcou.

Vinham uma senhora, uma menina e duas mulheres de côr, trazendo cada uma das ultimas um balaio da Costa e sobre este uma pequena trouxa.

Na encrusilhada entre o Taboão e Caminho Novo, sahiram na frente dous soldados: um ficou impassivel; o outro tomou os balaios, remexeu-os, revolveu as trouxas, e como nada podesse *abiscoitar*, por se approximar um homem, passou a intearsgar de onde vinham, para onde iam, e onde moravam.

—Entretanto os roubos passam a toda hora na cabeça dos pretos e são vendidos pelas tavernas onde elles vivem socados, tomando *pileques* e recebendo gorgeta.

—E não se vê logo pelo peso e tamanho que uma trouxa pequena não admitte *contrabando*, como elles disseram?

—E mesmo pelas pessoas que iam.

O que elles procuravam ora outra cousa.

VARIEDADES

O jornalista deve ser como a lagarta que vive das folhas; mais não deve ser como a lagarta que so produz seda.

O sabio deve ser como a curuja, que passa em vigilias suas noites; mas não deve ser curuja que so prediz agouros

ANNUNCIOS

LEILÃO.

Terça-feira 30 do corrente as 11 horas em ponto no escriptorio Monte-Soccorro as Portas do Carmo n. 42.

H. de Meirelles fará leilão no dia e horas á cima marcado no escriptorio MONTE SOCCORRO, as Portas do Carmo, n. 42, de diversas joias que garantem cautellas vencidas; sendo admissivel reforma ou resgate das mesmas até o dia do leilão.

CAO PERDIDO.

Perdeu-se no dia 17 do corrente, do Pilar ao Caes Dourado, uma caxorrinha pequena, branca, com os cabellos dos pés e do focinho aparados, responde ao nome de Violetta; quem a tiver achado e quizer restituir, dirija-se ao trapiche Primeiro Andrade aonde será gratificado.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 56**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 2 DE OUTUBRO DE 1869. — N. 557 e 558.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 1 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, dando-lhe sciencia de que, no sitio Agoa Cumprida, nas Armações, dous individuos de má catadura atacam as mulheres e lhes tomam o que levam. Suppõe-se que um delles é escravo de uma tal Chapadista, nesta cidade. Violentaram uma mulher maior de 50 annos, levando-a para o matto, e conservaram-na até escurecer, sahindo ella dahi maltratadissima pela resistencia que oppoz aos brutaes desejos desses malvados. Um delles escondeu-se em casa de uma mulher, no caminho de Itapoan, e, á noite, pretendeu forçal-a, o que não conseguiu, porque esta revestiu-se de coragem e gritou. Pede-se a S. S. um correctivo para taes malfeitores.

—Capitão, tome esta que é de um religioso capuchinho!

—*Psio!*

—V. Ex. quer ouvir-me?

—Que duvida!

—E' um facto repugnante que praticou, no dia 28 á tarde, frei Justino, dentro mesmo do hospicio da Piedade.

—Ora vejamos.

—Um estudante....

—Temos trapalhada, estudante e frade.

—.... disse uma pilheria a uma beata, e frei Justino é *protector* da dita beata, puchou por um punhal, á vista de todos para sangral-o!

—Bravo! bonito exemplo de um ministro da religião christan!

Reprovo o estudante ter pilheriado com a beata; mas tambem não posso deixar de censurar o procedimento d'esse religioso puchar por um punhal e ameaçar á uma creança!

—E' horrivel!

—Vou officiar a S. Ex. o Sr. arcebispo, participando-lhe o procedimento irregular d'esse frade, ministro da religião de Christo!

—Neste caso, convém tambem pedir a S. Revm. providencias para os taes religiosos, afim de que não spiritualisem-se, para não dizerem asneiras no pulpito, como um, ainha pouco, quando pregava no mez de Maria; asneiras essas que provocaram o riso aos ouvintes; assim como, que chame á ordem o frei Peregrino, para que não abuse do pulpito para insultar as pessoas suas desaffectas, debaixo da capa da hypocrisia! Estes factos, capitão foram presenciados por muitas pessoas de criterio.

—Pedirei, certo de que S. Ex. Revm. dará as providencias necessarias.

—Falleceu hontem, depois de uma longa enfermidade, o capitão Jovino Cezar da Silva, o qual se ha de sepultar hoje.

O capitão Jovino exerceu com dignidade o

cargos de subdelegado e juiz de paz do curato da Sé, foi muitas vezes eleitor.

Gosou sempre de immensa sympathia de seus comparochianos.

—Deus lhe dê o reino da gloria para o descanço de sua alma!

—Essa gente do olho-vivo dispõe de uma fertilidade de ciladas inexhaurivel!

—E ha sempre incautos que lhes caia na armadilha.

—O policial Antonio Leonidio da Purificação (é preciso notar que não ha incompatibilidade em ser guarda de policia e soldado do olho-vivo) foi no sabbado a uma venda, na ladeira de S. Miguel, e aproveitando a ausencia do amo, arvorou-se em fiscal e multou em 30$ rs. ao caixeiro, inexperiente menino, sem nenhuma pratica de tarberna; amedrontando-o com prisão si immediatamente não cahisse com os trinta paus.

—E o menino atemorisado escorregou com os cobres?

—Ora si!

—Ora ahi temos um policia modelo!

—E como havemos de ter garantia si os larapios estão dentro mesmo da policia?

— Agoteira do sobrado n.° 15, ao Maciel de Baixo, está se largando.

De quando em vez desloca-se um pedaço lá de cima e vem sobre a rua.

Quem transitar por ali guarde a cabeça.

—Capitão, contaram-me este caso:

O menino Venceslau Francisco de Lima, achando-se orphão, procurou a protecção de alguem; esse alguem entregou-o ao proprietario de uma padaria na freguezia de Santa Anna.

O trabalho que deram ao desamparado orphão é andar de pés descalços, com um grande balaio á cabeça vendendo pão.

—Em outro paiz não é desdouro; mas aqui, onde existe o vicio da escravatura, repugna ao homem livre o desempenho de certos mistéres.

E' um prejuizo de classe que o tempo ha de extirpar.

—Encontrando o menino quem lhe dê trabalho menos pesado e despresivel, quer retirar-se, mas o padeiro pretende obrigal-o a ficar e ameaça-o que ou ha de continuar em sua casa ou ha de ir para bordo.

—E' querer opprimir a vontade alheia.

—E para intimidar o pobre rapaz, serve-se da authoridade local, a qual, ao que parece, se presta a representar em tão odiosa comedia.

—Pois neste paiz de ampla liberdade, tambem se constrange o individuo a servir a quem não lhe faz conta?

—E intimida-se com bordo de fragata.

—Mas o menino pelo que V. diz é de boa indole e trabalhador?

—De tão boa indole, que o pouco que ganha reparte com a irmanzinha na casa da mestra.

—Então cebolorum.

—Mas V. Ex. não sabe que quando se quer commetter arbitrios se escurece tudo?

—Sim, nós temos authoridades para as quaes o fraco não tem o direito por mais valiosa que seja a rasão que assista a seu favor, ao passo que para servir aos grandes e protegidos salta por cima de tudo.

Com tudo, é bom sempre esperar para ver si ha authoridade que se anime a obrigar um menino livre a andar de pés no chão, mercando pão com um balaio á cabeça.

—O voluntario da patria, espancado e ferido, dentro do hospital da Santa Caza, por um estrangeiro protegido das irmans de charidade, ainda soffre das offensas que recebeu; entretanto esse estrangeiro continua impunemente a commetter insolencias dentro do hospital!

—Nem si quer por moralidade do estabelecimento o expulsaram dalli para fora!

—Como! si o homem é do seio das castas e piedosas mulheres?!

—Veja uma arte do diabo, si é que o demonio tem poder em um logar sagrado.

—Ha demonios baptisados que mexem por toda parte.

—Então é isso.

Na quarta-feira entraram no convento de S. Francisco, para ir buscar hosteas, dous rapazitos, sachristães da Conceição da Praia.

Momentos depois que ali estiveram, uma grande salva de prata moveu-se do logar onde permanecia e por mais que a procurassem no convento, foi impossivel encontral-a.

—Mas quem a tirou, o capeta?

—Não digo que foi elle, mas *alguem* por artes delle.

—Capitão, os senhores não pagam taxa de seus escravos?

—De certo, que sim.

—Mas eu conheço um que ha 12 annos não paga.

—Quem é elle?

—O hespanhol Gregorio, mascate, morador ao caes Dourado, senhor do preto Innocencio, que corta carne em S. Bento.

E' verdade, que o escravo vive como forro, mais é geralmente sabido que elle paga semana e quando se atraza, nestas o senhor se apresenta ameaçando-o de mandar prendel-o.

—Não se consuma; vou officiar a quem compete para ventilar isso.

—As irmans de charidade tem luxos!

—São modestas porque andam de cabeça baixa.

—Uma dellas possue para seu regalo, um carneirinho. Feliz animal! goza o que muita gente não acha.

Tem uma creada a sua disposição; uma mulher empregada exclusivamente em tratar delle!

—Boa gente! Até pastores para seus animaes a Santa Casa tem obrigação de lhes dar.

—A pobre convalescente, leva todo o dia ao rigor do sol, atraz do mimoso bichinho com que se deleita a contricta filha de S. Vicentente de Paula, para que nada lhe aconteça.

—E digam que nisso não ha desmarcada ostentação de luxo, e digam que a humildede dellas não é refinada hypocrisia?

—Tanto ladrão nesta terra e a forca vasia!

—Eu os conheço todos, porem calo minha bocca por que não quero pagar injuria.

—Pois eu não.

Quando vejo essas fortunas amontoadas, cuja origem é o suor do pobre, a penuria da viuva, a lagrima do orphão, brado logo—eis ahi o fructo do latrocinio, da falta de consciencia, da velhacaria.

—E elles ouvem, escarnecem e vão seguindo impavidamente.

—Mas diga-me o que adianta a um homem, que ja possue immensa fortuna adquirida por meios torpes e indecentes extorquir de um pobre 6$ rs.?

—O geito do cachimbo faz a bocca torta.

—Supponha que um artista laborioso, a custa de insuperaveis economias, ajunta 6$ rs. e vae com elles comprar um bilhete de rifa a ver si por meio do accaso melhora de sorte; e encontra um ladrão sem alma que lhe vende um bilhete de rifa de *outra terra* ja corrido.

—O bandido que vae para estrada esperar o caminhante é menos malvado.

—E quando quem pratica assim não precisa porque tem accumulado grande riqueza; quando se acha mais para lá do que para cá, proximo a ir dar contas a Deus e que com o maior cynismo diz equelle a quem arrancou os mingoados 6$ rs. «va se queixar até ao diabo, o bilhete está vendido»?

—E' que elle ja conta que o diabo o espera de ferro em braza na porta do inferno, para lhe marcar o distinctivo dos ladrões, que é um *calombo* na *ombreira*.

—Que differença ha entre um ministro de estado e um mendigo?

—E' que o ministro recebe ordens e o mendigo esmollas.

—Enganou-se.

E' que si ao mendigo falta muitas vezes dinheiro para se manter, ao ministro falta sempre patriotismo para realisar os melhoramentos do paiz.

—Os frades da Piedade, quando pregavam no mez de Maria, censuravam se cospir no chão da egreja, e então diziam que cada um em suas casas tinham seus cospidores, afim de não cospirem no chão, por que razão na egreja, na casa de Deus, haviam de cospir, sendo um logar sagrado?

—Está direito; eu tambem reprovo cospirem dentro do templo, por que entendo que é uma falta de respeito á um logar sagrado!

—Tambem eu; mas vamos ao caso.

Uma mulher, que estava de ventre *solto*, vendo que o *aguaceiro* era forte, procurava sahir da egreja; mas muito povo, ella salta aqui, salta ali, e por fim despejou o *negocio*.

—Em que aperto estava ella, coitada!

Veio um frade com uma vassoura e uma porção de cal, para limpar o logar e um estudante por pilheria, disse:—vossês não fallam por que se cospe no chão, veja agora essa horrivel *cusparada* que largou esta beata!

—Que patife!

—O religioso avançou para elle de vassoura, que si não fosse o capitão Braga acommodar o negocio, teria graves consequencias!

—Certas pilherias não são boas!

—Mas o religioso deveria tambem ser mais prudente!

—Que duvida!

—Hoje ha candomblé com estrondo na rua do Carro, em festejo a S. Cosme e S. Damião.

—A policia, que deu licença, deve comparecer ao festim.

Si não fôr para cahir na roda, ao menos para saborear seu pratinho de *efó* e *farú*.

—Esta policia tem uma queda para os candomblés!

—Permitte-os, por ordem sua, dentro da cidade e manda apprehendel-os nos arrabaldes!

—A policia da Bahia é uma barafunda inextricavel.

Os agentes do Sr. Assis fazem do um argueiro um cavalleiro e deixam passar uma baleia por xangó.

—Na quarta feira á noite havia um forte *perry* na rua da Larangeira; os contendores eram em numero crescido.

Appareceram seis soldados de policia que assistiram á scena tumultuosa de braços cruzados e depois retiraram-se, a despeito do Sr. Fortunato de Freitas, 1.° supplente da freguezia, lhes recommendar que ficassem, visto que o barulho tendia a augmentar.

No outro dia o ordenança do Sr. major Marinho dava uma prova de excessiva actividade policial n'um caso bem simples.

—Na propria loja do Sr. major Marinho dão-se bons casos, quando ahi se reunem os moleques.

—O Sr. Assis que tão brilhante vae se mostrando na *opinião publica*; *redigindo-a*, naõ, dirigindo-a com tanto acerto, deve olhar para essas inconsequencias.

UMA TRANSCRIPÇÃO DE ARROMBA.

Julgâmos fazer bem a humanidade transcrevendo da «Marmota na Corte,» a seguinte idea, mas...si obramos mal, perdão, leitora; trabalhava-mos para vós na maior boa fe que ter-se pode.

Existem por ahi immensas moças desejosas de se casarem, e por serem ignorados seus nomes, dotes e mais circumstancias, deixam de effectuar seus intentos, com prejuizo da população e dos paes que as sustentam até mais idade, acabando afinal por ficarem servindo de tias e aggregadas em casa dos parentes, o que de modo nenhum condiz com as leis de humanidade e civilisação a que temos chegado neste seculos das luzes; lembro, portanto, que se estabeleça, no logar mais publico e central desta cidade, um escriptorio, ou casa de corretagem, onde se noticiem os nomes, moradas e mais condições das moças solteiras e viuvas que desejarem cazar: cada uma das senhoras pretendentes mandará sua informação circumstanciada da idade que suppõe ter, quanto possue de dote, as habilidades e prendas que tem, as condições com que deseja casar, e as circumstancias do noivo que procura, declarando ao mesmo tempo debaixo de juramento aos Santos Evangelhos, os defeitos occultos que tiver. Por exemplo: dentes postiços, lobinhos, verrugas, impigens, etc., etc., etc., para evitar que a todo o tempo hajam arrependimentos. O corretor so receberá, na occasiao de se effectuar o casamento, dez por cento do dote das ricas e um e meio das pobres; fica «ad libitum» dos contractantes darem mais si quizerem, conforme as vantagens reciprocas do contracto.

No fim de anno, «id est» no dia de S. Silvestre, o corretor fará um leilão de liquidação de todas as velhas de mais de cincoenta annos, que tiverem achado pretendentes, o arrematante ficará sugeito a pagar porcentagem na proposição da idade da velha, tendo tambem obrigado a conduzil-a, dentro em vinte e quatro horas, no estado em que se achar, devendo examinal-a antes de dar o seu lanço, porque depois de leval-a não se admittem reclamações.

Com este estabelecimento, aliás muito facil e de pouco capital, se evitaria que muitos paes fizessem as penosas despezas que continuamente fazem de vestidos de seda, e mais ornatos de luxo, para levarem as filhas aos bailes só com a intenção de serem vistas para acharem casamento; e tambem as moças teriam socego, e não estariam na continuada lida de levarem horas inteiras a fazer penitencia, com o que muitas vezes acontece apanharem defluxos, e febres, que as poem magras e feias, e então ainda mais custoso é e acharem quem as queira.

A PEDIDO

AJUDA DE CUSTO AOS BISPOS QUE FOREM AO CONCILIO EM ROMA.

IV.

OS BISPOS QUE DEVEM TER AJUDA DE CUSTO PARA IREM AO CONCILIO.

Parece que o concilio terá logar apezar de se ter feito crer que talvez fosse adiado. Vamos apresentar o que se diz a respeito dos preparativos materiaes conforme as ultimas noticias.

«Fazem-se em Roma grandes preparativos para o concilio, o qual se reunirá na basilica de S. Pedro e não na de S. João de Latrão, onde era costume reunirem-se os concilios. *Os discursos serão em latim.* Os estenographos serão seminaristas de differentes nações por causa da differente maneira como o latim é pronunciado em diversos paizes. Suppõe-se que antes do fim de outubro estarão reunidos em Roma mais de 600 bispos. *Muitos dos bispos serão mudos ouvintes porque não sabem fallar latim, embora o entendam, e alguns do oriente nem chegam a entendel-o.*

Alguns dos governos da Allemanha tem-se preoccupado ácerca do resultado do concilio, vogando n'alguns a idéa de ali não deixar ir os seus bispos, ou de declararem antes que *não acceitam a infallibilidade do papa,* si acaso o concilio a proclamar. Parece que o governo francez tem tratado com o da Austria a este respeito. Mas a opinião do Sr. de Beust é que da parte dos governos deve haver a mais completa abstenção.»

«Segundo escrevem de Roma, Pio IX dirigiu-se a S. Pedro para examinar os preparativos do concilio na parte direita do edificio.

Os quatro architectos da basilica, os Srs. Vespigani, Sarti, Martinucci e Bomini, os intendentes dos palacios pontificaes e da casa do papa, o Sr. Spagna, o economo da administração da fabrica de S. Pedro, o Sr. Theodoli, acompanharam sua santidade n'aquella visita. Algumas modificações que não serão provavelmente as ultimas foram introduzidas no plano primitivo. Terá quartoze ordens de cadeiras, em amphitheatros, e não onze.

A ordem mais elevada alcançará a altura de um primeiro andar ordinario. Cada um dos bispos terá deante de si um escarrador e uma estante.

Uma secção transversavel do anphitheatro ja estava preparada.

Para melhor se calcular a capacidade do espaço destinado á cada um dos bispos, Pio IX fez assentar duas pessoas de uma notavel corpolencia, os Srs. Spagna e Theodoli, estando este ultimo revestido de batina, como hão de estar os bispos em algumas sessões do concilio.

Para que as vozes se não percam ou confundam no meio da abobada, haverá um grande tubo acustico de um extremo ao outro. As arcadas que poem em communicação a abobada com as duas capellas, uma das quaes dá entrada á grande nave, são fechadas por meio de tabiques. No tabique da entrada haverá differentes janellas em symetria como as do frontispicio, sendo os intervallos ornados de retratos dos papas que tem celebrado concilios ecumenicos.»

Quanto a parte esseneial, isto é, o assumpto sobre o qual se tem o concilio de occupar, não se sabe: suspeita-se, que se occupe da infallibilidade do papa, de governo temporal do papa. Ora, si estas fossem as principaes causas do concilio, era inutil tal reunião debaixo do ponto de vista theologico e politico, porque, rejeitada a infallibilidade dos concilios, so *infallivel* é o papa. Quanto ao governo temporal, perdeu sua razão de ser desde que a opinião nacional repelliu o throno e sceptro papal por incompativel com as funcções do governo espiritual.

Um dos bellos talentos desta terra, Castro Alves, dizia em seus versos inspirados:

«*Quebre-se o sceptro do papa,*
«*Faça-se delle uma cruz...*

Dada, porem, a hypothese que o concilio se fosse occupar da disciplina e reforma do clero e de outras questões sociaes de acordo com o progreseo do mundo, sem ferir a fé primitiva, quaes serião os bispos que la deviam se achar?

Nós entendemos que a todo o bispo assiste o direito e dever de ir ao concilio, principalmente si elle deve ser ecumenico, porquanto a egreja do Oriente e do Occidente ahi devem estar representadas, formando um so corpo e uma voz unica, como succedeu no concilio de Florença, o que não teve logar no de Trento.

Ora, sendo ecumenico o futuro concilio, qual será o bispo que irá actualmente a Roma que não va com o fim de assistir tão importante reunião que se pode dar?

Entretanto dizia o Sr. Junqueira, que apresentava um «projecto pelo qual se concede aos reverendos bispos que forem á cidade eterna cumprir o dever de assistir ao sagrado concilio ecumenico uma ajuda de custo.»

Ainda são suas proprias palavras:

«Quando considero que uma *ajuda de custo*, desta ordem, dada aos *bispos pobres* do Brasil, é apenas uma pequena migalha cahida da meza desses fornecedores felizes do exercito, quando eu considero que esta pequena despeza vale menos do que seu relevo de mais, um relevo de menos que o capricho de seu constructor possa fazer na popa cinzelada de um de nossos navios encouraçados, não hesito em decretar com meu voto uma quantia que ajudará os bispos pobres e pobres porque são virtuosos a encaminharem-se para a corte de Roma e alli assistirem a esse concilio.»

Mais adiante acrescentou que era «uma occasião azada para o Brasil se fazer representar naquelle concilio não so pelos bispos illustrados que possuimos, mas até por um embaixador.»

De modo que, devem ter ajuda de custo:

Os bispos que forem a Roma cumprir o dever de assistir o concilio, porem que forem pobres, e pobres por que são virtuosos e de entre estes o Brasil pode se fazer representar pelos bispos illustrados que possuimos:

Logo, não devem ter ajuda de custo:

Primeiro, aquelles que não forem a Roma cumprir o dever de assistir o concilio.

Segundo, os que forem ricos.

Terceiro os que forem pobres e não forem pobres por virtude.

Quarto, não poderá representar o Brasil aquelles que não forem illustrados. Não podemos de modo algum admittir taes restricções ou condições que o auctor do projecto apresentou, por quanto não ha bispo catholico que indo agora a Roma, não va por causa de assistir o concilio, por quanto todos os bispos do imperio são pobres e são virtuosos porque todos cumprem, o decreto XXXIII da Dieta de Ratisbona (1528) que recommenda «aos prelados e a todos os padres o cuidado dos pobres.» Quando mesmo algum bispo fosse achado não dar esmolas pelas prizões, pelas Igrejas e a porta de seu palacio, se podia por ventura dizer que elle não tinha o cuidado dos pobres?

Por certo que não.

Para não ir mais adiante citaremos um so exemplo.

Sabe-se que D. Jozé, bispo resignatario do Pará não dava esmolas, mas o que se encontrou depois de sua partida? Um cofre com boa porção de dinheiro que elle chamava «para os pobres.»

Logo, este bispo cumpria seu dever, não obstante não fazer alarde dando esmolas publicamente.

Teria elle em mente fundar um azylo ou outra qualquer obra pia?

Nós entendemos, que, provada a utilidade do concilio, todo bispo do Imperio deve ter ajuda de custo, quer sejasimplesmente pobre e não somente os pobres por que são virtuosos.

E em que consiste essa virtude? em dar esmolas de modo que a mão esquerda saiba o que a direita faz?

Nos parece que segundo a lettra do Evangelho semelhante modo de proceder não é virtuoso porquanto o Divino Mestre disse:

«Quando deres esmola, não faças tocar a trombeta diante de ti, como praticam os hypocritas nas synagogas e nas ruas para serem honrados dos homens: em verdade vos digo que elles ja receberam a sua recompensa; mas quando deres esmola, não saiba a tua esquerda, o que faz a tua direita.» (S. Math cap. VI. v 2, 3.)

Se dizendo que devem ter ajuda de custo os bispos pobres e pobres por que são virtuosos, segue-se que os bispos ricos não a terão? E quaes são os bispos ricos? Aquelles que tem bem de raiz ou os que tem mitra rendosa?

Quer uma quer outra são hypotheses gratuitas; e quando um bispo fosse rico, que tinha isso?

Por ventura não tem subsidio e a juda de custo o deputado que é rico, o presidente e o senador abastados?

Ora si é verdade que a nossa constituição incumbiu a todos os altos poderes do paiz o dever de velarem para que esta religião não soffra a menor quebra da pureza» porque quando se trata talvez de reformar a infallibilidade papal e de «altos interesses religiosos», quando se declara que devemos «rodear a religião do Estado com todo o brilhantismo, com todo o fulgor», se hade estabelecer uma linha divisoria entre bispos que vão cumprir o dever, os pobres virtuosos e os illustrados que possuimos?

Não será isto mesmo confirmar a proposição de que «a religião catholica é combatida por tantas maneiras differentes»?

Si o governo tratasse de dar ajuda de custo sob as bazes que o auctor do projecto apresentou, por certo que praticaria uma grande injustiça e daria logar a grandes reclamações por parte de todo e qualquer cidadão que quizesse na tribuna ou na imprensa expender sua opinião com franqueza.

Não ha justiça, portanto, nem fundamento em se querer distinguir e saber os bispos que vão a Roma por cumprir dever, os que são pobres e pobres por que são virtuosos e finalmente os que são illustrados.

O que é essencial com effeito é que o bispo saiba fallar ou quando menos entender o latim, porquanto o cumprimento do dever, ser pobre por virtude e o ser illustrado, ao menos nas cousas theologicas, são condições sem as quaes se não pode fazer ideia de um bispo.

Conceber que existe um bispo sem esses predicados, è accusar o poder que o nomeou e aquelles que o conservam.

Saber fallar o latim é indispensavel por que consta que os discursos serão em latim com quanto se diga que «muitos dos bispos serão mudos ouvintes por que não sabem fallar latim embora o entendam e alguns do Oriente nem chegam a entendel-o».

Si é licito que vão ao concilio bispos que não chegam a entender latim, parece que é muito justo que so tenham assento os que o entendem.

Os nossos bispos não fallam latim, mas todos o entendem e alguns mesmo presumem fallal-o.

No concilio de Trento, não sabemos si se adoptou o latim, mas affirmamos que o sermão de abertura solemne do concilio foi feito nessa lingua por Cornelio Masso, bispo de Bitonto.

Ora comprehende-se que não sabendo-se latim é andar-se as cegas em tão importante reunião, só si depois de engrolado o hymno «Veni, creator spiritus» todos ficarem sabios e podendo fallar em qualquer lingua como se fossem verdadeiros illuminados, fazendo ouvir a palavra inspirada por bocca infallivel; mas em tal infallibilidade, palavra inspirada do concilio, ninguem crê, nem mesmo o papa que reserva para si, como mais sabio ou mais inspirado, o direito de approvar ou regeitar com infallibilidade o que o concilio tiver determinado.

Si um concilio notando defeitos profundos da côrte de Roma, e bastante ousado, quizesse reformar, no ponto de vista da disciplina ecclesiastica, sua missão principal, legislaria em vão, porquanto suppondo o papa que o Tridentino fosse talvez com olhos profanos olhar para sua grande côrte, dizia em suas instrucções a esse concilio:

«Si houver alguma questão relativa a côrte de Roma é bom ouvir os prelados, não para satisfazel-os no concilio, mas para disso informar ao soberano pontifice que applicará os remedios convenientes.»

Não estando provada a utilidade do concilio nem theologica, nem politicamente, e pelo contrario havendo suspeitas de que se occupe da questão romana no sentido da conservação do governo temporal do papa, havendo motivos para crer-se que o concilio

proclame a infallibilidade do papa, decisão que alguns governos catholicos da Allemanha já declararam não acceitar ou lá não mandar seus bispos, o que motivou o papa dizer que o concilio talvez fosse adiado; havendo certeza de não se «obter a solução dessa questão relativa a casamentos mixtos, bem como de outras questões que interessam vivamente ao nosso estado social» como sejam o casamento civil que se prende á nossa colonisação e o celibato clerical, verdadeiro cancro quer considerado sob o ponto de vista hygienico como em relação á moral publica, por que «o celibato é um estado prejudicial á conservação da saude, quer guardando o homem continencia absoluta, quer atirando-se aos prazeres da libertinagem; o celibato foi sempre tido pela sociedade de todos os tempos, por um mal, haja vista o como era olhado pelos spartanos, romanos, judeus e outros povos cultos da antiguidade;» si não ha promettimento e muito menos esperanças de se obter as soluções de questões que interessam tão de perto a vida social, podemos perguntar si não era mais prudente saber-se do motivo do concilio?

So assim o governo ficaria habilitado a julgar si é ou não de seu dever dar ajuda de custo aos bispos e conhecer si é «uma occasião *azada* para o Brasil se fazer representar naquelle concilio.»

Em nosso humilde pensar ha *desazo* não so pelas razões expostas como ainda pelo *jesuitismo* que se vai tornando saliente em todo imperio, com quanto ao nosso governo assista o direito de approvar ou regeitar as decisões do concilio, fundando-se no paragrapho XIV do art. 102 e cap. II da constituição do imperio.

Mas em todo o caso haveria inutilmente um relevo de mais na pôpa de um de nossos navios encouraçados, não seria aproveitada «uma *pequena migalha* cahida da meza desses fornecedores felizes do exercito» e por fim teria inutilmente cahido mais uma *gotta de agua* no grande *oceano da despeza*.

(Continua.)

—Capitão, os navios mercantes surtos neste porto fazem o rancho em dinheiro.

—E' praxe antiquissima.

—Que o Sr. capitão Barbado, da barca *Aurora* entendeu alterar no dia 27 de setembro, indo fazel-o no Joaquim da Estacada.

—Ah, elle lá sabe a *conveniencia* que *achou* para fazer isso.

—Abriu-se nova combuca.

—Onde?

—Na ladeira da Gamelleira.

—Isso é bom para *moralidade da Bahia*.

—E que meninos! Tem cada bixo de côco!

—Si a panellinha não se quebrar ha de dar bom resultado.

—Si não atirarem os cacos aos *muttos*.

Sr. Reactor.—No auge da indignação soubemos que o Sr. vice-consul de Portugal, indo um subdito de sua nação pedir-lhe seu passaporte para uma das provincias, fôra pelo Sr. vice-consul insultado, em consequencia de ter reclamado contra a quantia de 16$ rs. que elle lhe pedira. Por ventura, o Sr. vice consul estará no caso de multar qualquer pessoa? Por ventura o Sr. vice-consul, tendo esse seu compatriota o seu passaporte no archivo, não poderá dar-lh'o, sabendo que esse seu compatriota é necessitado?

Na verdade ha casos, que causam horror!

Não teremos uma lei que dá garantia a todos os estrangeiros de poder seguir para qualquer parte do imperio com o competente passaporte dado a expensas de sua nação, sendo elle necessitado? Responda Sr. vice consul!..

E' necessario o Sr. ver que não estamos n'um paiz de barbaros, e que estes estrangeiros estão sob a bandeira brasileira e protegidos pelas leis do paiz. Continuaremos no caso de novoe acontecimentos.

Um que presenciou.

—Lê-se no *The Brazelean Worl:*

ASSIM MESMO E' QUE SE FAZ.

—Na sessão de 4 do passado, entrando em discussão a redacção do art. 31 dos addittivos ao orçamento relativo ao auxilio concedido á Chorographia Historica do Dr. Mello Moraes, o Sr. Cruz Machado levantou questao sobre a redacção na qual via equivoco. Fallaram mais alguns deputados, e o Sr. Mello Moraes, prevendo algum tamanduá por causa da sua obra, levantou-se frenetico, e no meio de uma larga exposição, deixou resaltar o seguinte importante resumo: «Não quero favores ou esmolas da commissão nem do governo; o que quero è o cumprimento da lei. Vejo gastar-se o dinheiro do povo improficuamente. Hei de mostrar a resenha das «sommas» «extraordinarias» que sem proveito da nação se tem despendido no Brasil. Agora mesmo, por exemplo, se quer mandar vir coolyes (a raça mais infame do littoral da China, idolatra, preguiçosa, que se contracta até para levar chicote) para a nossa agricultura. Hei de mostrar a camara pela voz da nação, em que se gasta o dinheiro dos cofres publicos. De juros estamos pagando 51,000:000$000. Hei de, repito, dizer a camara como, e em que se gasta o dinheiro do povo. Renuncio o favor. Acima de conservador sou brazileiro.» Foi agua na fervura. Ninguem mais fallou, e approvaram unanimente a redacção.

E' de crer que os membros da casa, aterrados pela ameaça do Sr. Mello Moraes, murmurassem—ahi esta para que o governo deixou este demagogo vir aqui---mas tambem o Sr. Mello Moraes diria com seus botões---com que gente estou mettido!

VARIEDADES

O CAXEIRO DE BOTEQUIM.

O caxeiro de botequim está em contacto com todo o *bicho careta*.

Desde o romper da aurora, até o toque de recolher, e algumas vezes, até alta noite, quando ha *espetaculo*, ou função perto da casa, serve os amigos que o honram com a sua presença, com delicadeza e urbanidade.

Café e *sorvetes*,
Doces, limonadas,
Petiscos gostosos,
E bellas torradas.

Tudo offerece contente
Ao freguez, para agradar,
Porque assim delle é que pode
Os cobrinhos *chupitar*

Tenho notado que uma *chavena* de café tomada com um calix de *cognac*, é uma excellente bebida, que, de um instante para outro torna um *moleirão* mais forte do que um *Hercules*.

O caixeiro de botequim é um homem caridoso porque da de *comer a quem tem fome* e de *beber a quem tem sêde*.

Ora por este unico motivo deve elle, perante a sociedade, ser bastante respeitado.

Não julguem que é brincadeira,
Bem serio fallando estou,
O neto de minha'avó
Nunca a verdade faltou.

Portanto desejo que a especie caixeiral, sobre que agora escrevo, seja tratada com a consideração que merece, sem que com isso se lhe preste favor algum.

CONHECIMENTO DE SI PROPRIO.

Um individuo, que desejava comprar um bom macho de sella, estava em ajuste com dois que pertenciam a differentes pessoas: ambas que tinham vontade de ser preferidas, faziam todo o possivel para vendel-os.

Um dos dois depois de haver gabado muito o seu animal, e ja fatigado de contar a historia das habilidades delle, concluiu dizendo ao comprador:

—Emfim meu charo, burro por burro, me prefira a mim!

Vaidade—De uma antiga obra que temos a vista, extrahimos os seguintes titulos dados ao imperador da Turquia por seus humildes vassalos. Nada mais pode haver que guarde mais vaidade do que a que taes titulos encerram; e que provam ou uma submissão de escravo da parte do povo ou uma arrogancia propria de um governo menos civilisado que o da Turquia devia ser.

Os titulos são: senhor dos senhores, soberano dominador na Arabica, na Persia e na Grecia; rei dos reis; glorioso, grande e invencivel, e sempre victorioso imperador de Constantinopla, distribuidor das corôas dos maiores principes da terra; soberano senhor de dous mares; de todos os paizes adjacentes; senhor do Oriente e do Occidente; protector das sagradas e augustas cidades Méca e Medina; e de outros *infinitos* paizes, reinos, e imperios.

A posteridade necessariamente condemnará tamanha vaidade, a não ser que como Alp Arslan, monarcha persa, tenham todos os imperadores da Turquia de se mostrarem humildes ao baixar á sepultura.

Alp Arslan quiz que sobre seu tumulo fosse gravado o seguinte epitaphio:—Vós todos que tendes visto a grandeza de Alp Arslan elevada até os céus, vinde á Merú, e a vereis sepultada sob o pó.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 102 e 103 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Pede-se a pessoa que *bifou*, no sabbado, o chapeu de sol do subdelegado da Conceição da Praia, deixando em troca um ordinario e velho, o favor de o ir restituir, visto ser muito conhecido o tal escamoteador, para não passar pelo dissabor de ir parar na cadeia.

O ordenança.

Quem precisar de uma senhora para serviço de uma casa de pequena familia ou para zelar meninos, dirija-se ao Largo do Terreiro, casa n.º 27.

MONTE SOCCORRO.

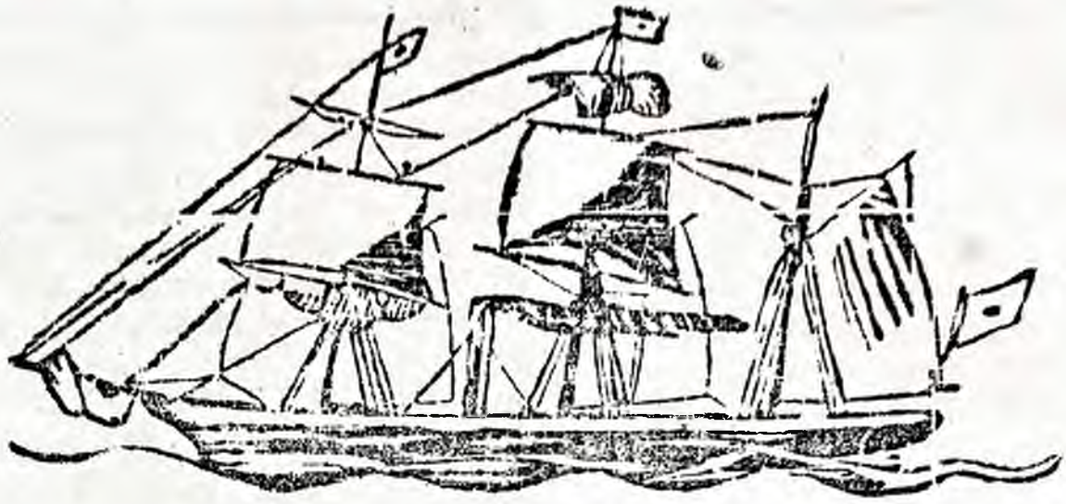
EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

Ná rua do fogo n. 26 precisa-se fallar com o Sr. Manuel Salvador Gomes para negocio de seu interesse.

Roga-se ao Sr. Luiz Augusto Muniz que venha a rua do Tijollo n.º 16 a negocio que não ignora.

Typ. de Marques, Aristides



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 56**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 6 DE OUTUBRO DE 1869. N. 559.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, recommendando-lhe muito um tal José Russo, socio de um celebre *Manuel,* conhecido pelo *pinto* da *oliveira*, os quaes, segundo consta, andam envolvido em uma negociada, que os pode muito bem levar á cadeia, motivo pelo qual outro consocio, o Domingos do Ribeiro, recciando as consequencias ja se poz o fresco.

—Capitão, venho pedir a V. Ex. que recommende o beneficio da artista dramatica a Exma. Sra. D. Julia Carlota d'Azevedo.

—Quando é?

—Quarta feira 6 do corrente.

—O que vae á scena?

—*A filha do Lavrador*, drama em 5 actos, applaudido nos theatros onde tem sido representado.

—Que mais?

—Seguir-se-ha pelo artista José Victorino, a interessante scena-comica ornada de musica e intitulada:

O Sr. Simplicio na Bahia.

—Só?

—Terminará o espectaculo com a espirituosa comedia em que tomam parte a beneficiada e mais collegas, denominada:

Maricota, ou os effeitos da educação.

—E' um excellente divertimento.

Vou recommendar; certo de que será muito concorrido, em vista do merito artistico da Exma. Sra. D. Julia, e da philantropia que caracterisa o povo bahiano.

—Em que differe um negociante de um barbeiro?

—Confesso minha impossibillidade de responder-lhe.

—Pois eu lhe explico.

O barbeiro corta os cabellos a quem o procura e o negociante tira coro e cabello a quem se fia em suas palavras.

—Capitão, temos um engano.

—Aponte qual é.

—O policial que arvorado em fiscal subtrahiu de um taverneiro 30$ rs., não foi o guarda Antonio Leonidio da Purificação.

—Mas então qual foi?

—Foi o guarda Leonidio Alves Pinheiro.

—Sempre destes descuidos em prejuizo de terceiro!

—Mas que quer, si o discreto agente encarregado de velar pela segurança publica teve a sagaz prevenção de disfarçar-se com o nome do companheiro?

—Travessura dos moleques.

—Significa indolencia da policia.

—Hontem, 4, na porta de S. Francisco fizeram um rombo na cabeça do individuo João

de Araujo França, o qual teve por unica reparação ir á botica do Sr. Barata e de la ao hospital da Santa Cusa, tomar ponto na brecha.

—E domingo, no Carmo, na occasião da festa, um menino foi gravemente offendido por uma garrafada com que outro lhe brindou.

—E como são cousas de meninos e moleques, a policia vai deixando passar.

«—Si *piar* mais uma vez, segue daqui preso.

«—O senhor está fallando sem base. Por que ha de me prender?

«—Prendo-o por provocante,

«—A sua narração está errada. O Sr. não me viu provocar.

«—Adeus! não articule outra vez, senão segue.

«Quer brigar com o outro a força.

«—Sr. guarda, falle cousa que se comprehenda.

«—Não seja tolo, cale-se.

«—Não é com *mateoria* que me convence. Ha de me levar pelos seus justos cabaes.

«—Não diga mais nada, patife!»

—Sabe o que é isto!

—Não.

—Era uma altercação entre um guarda de policia e dous individuos a meia noite de domingo. Atraz da Sé.

—E' assim que elles accommodam as desordens.

—Sr. Immediato!

—Prompto.

—Mande cumprimentar a redacção da *Esperança*, periodico scientifico e litterario dos alumnos do Collegio Dous de Dezembro, e assim agradecer-lhes a obsequiosa remessa do 1.° numero.

—Estou sciente, capitão.

—Psio... psio... psio!...

Capitão... capitão... capitão!

—O que quer, rapaz!

—E' uma carta que acabo de achar no Largo do Theatro.

—Lêa.

—Pois la vae:

« Minha Querida *M.*—Vou responder tuas presadas cartas, tendo deixado de o faser por que primeiro queria ter certeza do que vou expor. Mora na loja do sobradinho junto a tua casa, uma creoula que se dá muito commigo e dá-me a caza uma noite para eu fallar contigo indo ella dormir em caza de uma camarada. Julgo que risco nenhum corre em tu passares de uma para outra caza a uma ou duas horas da noite, pois maior risco corre fallarmos na janella. A creoula não sabe a pessoa que desejo fallar, por isso não tenha receio.

« Agora que tudo está facil e que pretendo conhecer se tu me amas como dises ou me exfementida. Responda amanhan sem falta, e volte ou rasgue esta carta. Mande a resposta por aquella rapariga que me tem dado recados teos.

« Adeos meu bem

« Acceite o coração de teu amante. »

—Que maganão!

Á PEDIDO

—Capitão, vou navegar no mar do *amor!*

—E não tem susto de naufragar neste vasto *oceano?*

—Não, tenho certeza de encontrar *porto.*

—Olhe que não vae naufragar entre os *escolhos* da *infidilidade* e da *vaidade.*

– Não importa. Terei por *porto* a mulher, por *bussola* o seu coração.

—E se houver alguma cerração no mar e o navio *sossobrar?*

—Não sossobra, resistirei á tempestade e irei em busca de outro porto, o porto d'amisade!

—No *mar* do *amor* tem naufragado muitos *navios* e eu tenho meus queixumes contra este ingrato *oceano.*

—Pois eu tenho convicção de encontrar um dos dous portos, embora appareça tempestade.

Bôa *viagem*, meu amigo..

. . . . . .

«E' sobre esta *navegação* de que mais ou menos se queixa toda a humanidade, que vamos rabiscar algumas linhas. Não pretendemos dizer cousas novas, porem repetir aquillo que todos sentem— *o amor da mulher.*

Eis ahi o ponto, de dous mysterios—amor e mulher!

Quem ha ahi que o possa decifrar?

Nasce a mulher e começa logo a amar, a mãe, depois ama o pae, e quando chega a certa edade começa a amar ás suas bonecas. Vae crescendo e tem amor as suas camaradas, de maneira que, quando chega á edade em que seu coração entra a pulsar com o amor *gostoso*, ja está cançado e estragado com tanto amor: mas em fim deve ligar-se a um homem que ha de ser todo seu cuidado, com quem deve viver, como Deus com os anjos: amarram-se e parece que ninguem pode desatal-os; mas qual! o coração que ja está affeito a estas mudanças de amor, quer variar, porque a variedade deleita, e la se vae por *agoa abaixo*, a

fidelidade conjugal, como se foi o amor das bonecas, das camaradas, etc., etc., etc.

E não será isto um dos adiantamentos do progresso?

Nunca vimos, como hoje, *torcer-se* os laços de união conjugal por divertimento, e divertidos ficam os maridos por luxo, por moda e por vaidade.

A proposito nos lembramos d'aquelle ditado que bem applicação tem a esta nossa terra:—«*Pelo sim pelo não, tome seu chapellão.*»

E qual será a causa de tanta immoralidade?

A occiosidade!

Si uma mulher tivesse sempre em que pensar; si tivesse que fazer dentro de sua casa, não lhe restava tempo para empregal-o em namoro.

Uma mulher, a quem o marido não dá em que occupar-se, procura, e quasi sempre o mais facil que encontra é *agrinaldar lhe* a cabeça.

Ora, não são preciso grandes estudos para se saber que ente é a mulher, mais astucioso do que a serpente, sempre fazendo das suas; e os pobres maridos, crendo na sua innocencia, e se revoltando muitas vezes contra quem lhe atira uma ou outra indirecta!

Mas isto hoje é moda; quem não tem muitos apaixonados não é do grande tom, e sujeitos ha que, conhecendo o fraco de algumas, sabendo que madame de Stael dizia:—Si os homens conhecessem certos momentos da mulher, nenhuma era... ai... ai... ai...—atiram-se a conquistal-as e sempre vencem, porque elles repetem com *Cezar de Bazan:*

«Ainda com risco de vida
«Viva a causa prohibida.

E nós diremos, viva o progresso da immoralidade, que é o unico real, e de que não nos fallou Pelletan!

Ora pois, meu bestalhão,
Continúas no namoro!
Não temes que te prespeguem
Na testa um bom ovo gôro?

Manuel, não sejas tão tollo,
Como o *José* descarado,
Vae lavar o corpo sujo
P'ra então seres namorado.

Teme o que ao *Azevedo*
Por safado, aconteceu;
Chupar na cara sem brio
Taca ensopada em breu.

Desce do lá do sobrado
Vem cuidar na obrigação
Antes que o amo *moreno*
Te enxote a caxação.

Mede a tua condição,
Que não passa de um cão vil,
E para o terceiro andar
Não faças tregeitos mil.

Por que lá no *Caes de Ouro*,
Todo mundo enjoado
Está, por tantos escandalos
De tão bobo namorado.

—Capitão, tenho que dar-lhe uma noticia, colhida no club Calçadense, onde se descobrem boas bandalheiras.

—E o que espera?

—No dia 18 do passado...

—Entre parenthesis, sua noticia ja creou bolor.

—Pela gravidade do caso ainda serve.

No dia 18 do passado um *fidalgo improvisado* surrou a um menor livre, seu creado, e deu-lhe com um ferro á cabeça que o prostrou sem sentidos; em tal estado ainda teve a crueldade de pizal-o com os pés.

—Mas que horrendo crime commetteu o pobre menino?

—Não sei; mas a dar credito á versão que corria, os motivos foram bem ignobeis.

Ouça o resto:

Depois de saciar seu genio iracundo, mandou por um policial conduzir o menino para o *trem do mar* para ter praça na companhia dos *pequenos,* recommendando ao commandante que o castigasse por ser elle de má indole.

—Ora esta terra é do viva quem vence!

—Accrescentavam os conversantes que o tal sujeito tem entranhas felinas, tanto que ha pouco martyrisou horrivelmente a um escravo, a quem depois de surrada applicou sal nas nadegas.

—São cousas com que a policia não se abala.

Diz logo que são invenções.

—O tal *fidalgo* é um renegado que no tempo da independencia pegou em armas contra sua patria.

—Basta-lhe isso para ter tudo mau comsigo.

Vejam que patifaria
Vae aqui por esta rua!...
O decoro á tabúa
Ha muito foi atirado
Pelo Demetrio Gallinha,
Que se inculca seductor,
E sustenta o corruptor
Um namoro escancarado.

Pois ha de um filho de Deus
Sahir p'ra cuidar na vida,
E uma besta attrevida,

Ha de o estar atraiçoando!...
Logo que o vê pelas costa
A retaguarda lhe corta
E mui pouco se lhe importa
Do escandalo que vae dando!

Viva Jesus! Este becco
Tem boas cousas de ver!
Pois logo ao amanhecer
O namoro está rolando!
Naquella casa, a decencia
Do seu pedestal descahe,
Pois logo que o dono sahe
O patife vae entrando.

—Capitão, não é uma nem duas vezes que as authoridade desta terra se deixam possuir de tanto zelo pelo desempenho de suas attribuições, que cahem no excesso e no abuso.

—Quando a intenção não é diversa....

—Ora ouça V. Ex. um caso, e depois reflicta, si o direito de propriedade aqui não está a mercê de quem quer que seja.

O portuguez Antonio Ribeiro, despedindo-se de caxeiro de uma venda ao Rosario, chamou um ganhador para conduzir-lhe o bahú; cujo ganhador desencaminhou-se com o carrego sem dizer para onde ia.

O portuguez, ás cabeçadas, andou agarrando todos os ganhadores sem accertar com o que lhe havia roubado e por fim pegou-se com o africano Pedro, batendo o pé que fôra elle o conductor de seu bahú; mas esse preto empregado na tinturaria Boucher, passara alli o dia inteiro, e indo ao quintal rachar um pouco de lenha, dera profundo golpe de machado no pé e só a noite se retirara, manquejando, para casa de seu senhor; é claro que com um golpe que impedia de andar apressado, era impossivel poder subtrahir-se á vista de uma pessoa que o acompanhava.

—Muito justo.

—Mas da d'aqui, dá de acolá, o caso é que o preto está preso, a ordem do subdelegado de Sant'Anna, ha 6 dias, sem a minima prova.

—E o senhor soffrendo o prejuizo do fructo de sua propriedade.

—Além do mais; despezas com comidas e o perigo de uma hora para outra aggravar-se-lhe o ferimento.

—Eu não sei mesmo entender como são as cousas aqui! Em uma exige-se as formalidades maiores, em outras procede-se sem a menor cunho de legalidade.

VARIEDADES

Uma mãe que havia alguns annos vivia ausente d'um filho, tendo noticia do logar em que elle havia fixado a sua residencia escreveu-lhe a seguinte carta:

« Meu filho.—Ha mais de tres annos que
« não tenho noticias tuas, nem sei se és mor-
« to ou vivo; portanto se és morto manda-m'o
« dizer para não continuar a escrever-te. »

O CERTIFICADO.

Um lavrador sendo sorteado jurado, e não podendo comparecer á sessão do jury por estar atacado de uma forte diarrhea, pediu a alguns amigos que tambem iam para o jury que entregassem a carta que dava para o juiz de direito, e certificassem-no sobre o seu conteúdo. O juiz de direito recebeu a carta e leu o seguinte:

« Illm. Sr.—Não posso comparecer á presente sessão do jury por estar muito atacado de uma forte *diarrhéa*, o que os Srs. jurados meus companheiros *podem ella provar*.... »

EPIGRAMMAS.

CONFISSÃO.

Confessando-se um sugeito,
Accusou-se de um peccado
Pelo qual, ha muito tempo,
Se julgava condemnado.

« Meu padre, dizia elle,
« —Eu sou um homem *honrado*.
« Mas tenho uma prima em casa,
« Com quem vivo amancebado.

« —Eu te absolvo, meu filho,
« Então respondeu-lhe o padre,
« Si peccas com tua prima,
« Pecco com minha comadre. »

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 104 e 105 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

O cobrador d'esta folha dirá quem prepara com toda perfeição e gosto dôces para casamentos e bailes por preço modico.

Brevemente achar-se-há impressa a linda Valsa *A primeira espada* dedicada ao Exm. Sr. Visconde de Itaparica,

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 37
Preço d'assignatura — 4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 9 DE OUTUBRO DE 1869. Ns. 560 e 561.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. conego director geral dos estudos.—Constando que a directora do collegio francez, á Victoria, costuma castigar as meninas de maneira desabrida, dando-lhes ate bofetadas (!!!), como acconteceu ha poucos dias com uma; sirva-se S. S. de indagar si isso é exacto, e a ser, fará reprehendel-a e estranhar tão insolita e aviltante maneira de castigar.

Espera-se que S. S. tomará o exposto em consideração e procurará corrigir tão grosseiro e pouco compativel comportamento de uma perceptora da infancia.

—Aqui está um modo rapido de resolver questões.

Quarta feira, seriam cinco horas da tarde, um individuo, preparado de grossa beriba, entrou na marcenaria do Sr. Pedro d'Alcantara, a rua de Baixo e aproveitando-se da ausencia dos operarios, foi sobre homem feio e forte.

Deu lhe com unhas e dentes a ponto de quasi decepar-lhe um dedo.

—Houve motivo?

—Andavam em questão sobre o pagamento do uma mobilia.

E' escusado dizer que este novo systema de pagar dividas passou-se sem que a policia tomasse conhecimento delle.

—E para que? Tomara ella tempo para outras cousas.

—Agora, depois do caso passado, é que o subdelegado anda em busca do criminoso.

—E' preciso que elle seja um pedaço d'asno para depois da acção que praticou não se pôr em guarda.

—Capitão, as authoridades desta terra dormem ou o que fazem?

—Eu sei la, rapaz!

—Aqui quem pode mais é quem manda. Quem tem mais força, prende, amarra, e espanca, á sua vontade.

Ora contaram-me um caso que por si só basta, para provar a egualdade de direitos que ha neste paiz.

—Conte-me, que quero ouvir.

—Os jornaes annunciaram que quem levasse um pardo, fugido de casa de seus senhores, ao negociante Catilina receberia certa recompensa pecuniaria.

—Quasi nunca leio annuncios; por isso não me recordo.

—Isso foi bastante, para que um tal Paixão, carapina, morador ás Pitangueiras, vendo entrar na venda do Manuel, ao mesmo sitio, o pardo João José Gualberto, trabalhador na roça do Dr. Sanches, á estrada do Brotas, entendesse que esse era o escravo fugido, e reunindo seis a sete *collegas* prendessem o

pobre homem e o amarrassem de mãos para traz, debaixo de pancadas, para submettel-o a violencia com que era tratado.

Amarrado o homem, foi conduzido a casa de Paixão, e ahi lançado sobre um estrado, de barriga para cima, e ligado com cordas, de maneira a não se poder mover!

—Queriam-no bem seguro para não fugir.

—De certo.

Em tão penoso estado passou elle a noite e parte do dia, até a hora em que approuve a Paixão, acompanhado de dous comparsas, leval-o a loja do Sr. Catilina, o qual reconheceu não ser aquelle o escravo ausente de casa de seus senhores.

Foi então que voltaram esses *denodados* e foram apresentar a victima de sua gana ao subdelegado de Brotas, o qual por quebra mandou-o trancafiar na Correcção para averiguações sobre a sua verdadeira condicção.

—Alem de queda couce!

—Na policia, ao terceiro dia de oppressão, foi João Gualberto solto.

—E neste paiz, onde se diz que a lei nivela os direitos de todos, meia duzia de especuladores prendem um homem livre, amarram-no, flagellam-no!

—E no reinado de justiça e moderação os authores de tão insolito attentado permanecem impunes!

—O cemiterio do Campo Santo está convertido em bordel.

—O que está V. dizendo?

—Os capadocios vão para lá debochar nas noites de lua.

Levantam o portão que está estragado e introduzem-se no jardim da cidade dos mortos.

—Nem o respeito ao tumulo guardam!

—Ao som de violão e de modinhas libertinas vão trepudiar sobre as sepulturas e perturbar o somno daquelles que dormem na paz do Senhor.

—Como está tudo pervertido!

—A policia, se me não engana, tem dever de fazer respeitar o asylo augusto onde repousam os que se foram desta vida.

—Que duvida!

—Neste caso, si ha quem abuse é por que ella quer.

—Capitão, V. Ex, foi ao beneficio da Sra. D. Julia?

—Fui; esteve um excellente divertimento.

A Sra. D. Julia d'Azevedo, no papel de Joanna, *a filha do lavrador*, desempenhou maravilhosamente, arrancando do publico freneticos applausos.

A beneficiada, todas as vezes que apparecia em scena era coberta de flores pelos spectadores.

Duas innocentes jovens, a corôaram em scena, com uma importante coroa de ouro, cravejada de brilhantes, no valor de réis 1:250$000.

—Não foi coroada a belleza da mulher, como costumam fazer, foi coroado o merito da artista.

—Na comedia a *Maricota*, ainda deixou a Sra. D. Julia se conhecer o seu merito.

—Mas, dizem, distribuiram uns versos, com tarjas pretas, ridicularisando a beneficiada?

—E' verdade; são cousas de quem não aprecia o talento, e sim a belleza. Deixemos os cães morderem-se, e felicitemos a insigne actriz pelo seu apreciavel talento.

—Capitão, as queixas contra as repartições do correio são immensas.

—Eu tambem tenho soffrido; todos os dias tenho reclamações; ao passo que constantemente deixo de receber jornaes e correspondencias que me são remettidas.

Outras vezes vem os numeros incompletos.

Não sei d'onde é a falta.

Ainda no ultimo vapor, tive esta reclamação do *The Brazilian World*:

«Não temos recebido *Alabama*, porem temos razões para saber que elle nos tem vindo.»

A razão é porque ha muitos individuos que gostam de folhas jocosas e as subtrahem na confusão, quando chegam os vapores. Talvez se evite este mal, vindo a folha endereçada a uma pessoa em vez de vir á redacção. Portanto, si lhes não for encommodo, remetta-as com endereço ao Sr. A. R. M., presentemente encarregado da correspondencia do *The Brazilian*.»

A *Voz da Religião*, queixa-se assim:

«Ha bem longo tempo que não recebemos um só numero de seu jornal. Teria desapparecido da arena jornalistica?

«Não receberia a carta que a V. dirigiu o seu, etc?»

O *Conservador*, de Sergipe, diz-nos que não recebeu do numero 547 para cá!

O *Artista*, do Maranhão, tambem reclama.

Entretanto as remessas são feitas pontualmente!

E do mesmo mal de que se queixam soffremos nós tambem.

—E ninguem pode saber de onde vem a falta; si daqui, si de lá.

—E' uma caveira de burro que anda enterrada neste negocio.

—Quarta feira, 13, a noite, o publico bahiano vae ter algumas horas de agradavel passatempo nesta epocha tão falto de distração.

— O que ha?

—Um divertido e variado espectaculo no theatro.

— Ah, serve.

—E' em beneficio do sympathico artista Eduardo Alvares.

Pelo que está annunciado deve ser uma noite deleitavel.

Arrebatadoras composições executadas pela orchestra, como a *Tomada do Alabama*, de Farias Machado; *Elisinha*. de Manoel Thomé e outras.

A representação de um bello drama, uma spiritnosa scena comica e uma engraçada comedia ornada de musica, é o resumo do aprazivel divertimento com que pretende o beneficiado entreter o publico.

—E confie elle que a proverbial benevolencia com que este publico costuma acolher os que a elle recorre, ha de se manisfestar a seu favor.

—Sr. *Alexandrezinho*, V. com um rabo tão cumprido, anda a se fazer de rolla?

Quem se importa, asno de um dardo, que V. não leia o *Alabama*?

O *Alabama* precisa de ser lido por V., quando ha tanta gente honesta que o honra?

P'ra tratantes e larapios de sua eguala tem a tacca do muxingueiro.

V. é um refinado olho-vivo, porque do olho-vivo não são somente os miseraveis que andam *gamando*.

Tambem os ha da sua marca, que encafurnado nessa immunda biboca leva a comprar roubos de assucar e algodão e depois de enfardal-os á seu geito, deita-lhe esta:

C. M. L.
para
A. M. L.

e manda vender pelas vendas.

Diz V., meu pedaço de carcavista que não faz caso do que diz o *Alabama*, sobre os roubos que se dão no Pilar; tem razão, esta é a terra da impunidade dos ladrões.

Mas veremos como se arranja quando a cousa lhe tocar por casa.

Escapa, é verdade, á punição legal, mas a opinião publica fica conhecendo um tratante de mais.

Ha de se lhe agradecer as *mimosas* palavras com que tem brindado a quem não se lembra de V.

Até breve.

DOS QUE FURTAM COM UNHAS VISIVEIS.

Rara é a unha, ou nenhuma ha, que não procure fazer-se invisivil, para que não a apanhem com o furto nas mãos, e a agarrem melhor do que ella agarrou a presa. Mas ha algumas, que por mais invisiveis que se façam, sempre são descobertas e que por mais luvas de desculpas que lhes calceis não pode o juizo aquietar-se, e está sempre latindo e gritando: *Latet anguis in herba:* aqui ha harpias.

Entrei hoje em casa de um homem que conheci hontem pagem safado de um ministro opulento; vejo-lhe colgaduras e quadros, escriptorios e cadeiras, bambinellas ás janellas, e papagaios em gaiolas de marfim, espelhos de crystal na sala, relogios de madreperola, e outras alfaias, como não as tem o rei da China, e fico pasmado sem saber quem me diga de onde veio tudo isto! E digo cá commigo; *quien cabras no tiene, y cabritos viende, de donde le viene?*

Este homem não foi á India, nem achou thesouro, por que si o achasse, a justiça do rei havia de levar pelo menos a ametade d'elle. Então isto é thesouro encantado, e si querem a prova, direi o que dizem todos; que este homem è um grandissimo ladrão: perdoem-me a sua ausencia; e isso está clarissimo e manifesto n'estes effeitos, nem ha mister de mais devassa.

Em minha casa vivo trancado, porque quem não se tranca no dia de hoje, não vive seguro, e quando a policia parece que anda dormindo, pois não dá fé nem d'aquillo que quem está de olhos fechados e trancados vê.

Vejo que anda a cavallo com dous lacaios aquelle empregado, que não tem de ordenado mais que oitenta mil reis; sei que anda em coche, outro e sua mulher, sem terem de ordenado, nem de renda, quando muito, até seiscentos mil reis. Elles não trazem navios no mar, nem tem bens patrimoniaes na terra; nem possuem os pavões de Juno em casa, que lhes ponham ovos de ouro!

Pois que é isto?

São unhas visiveis, e bem se mostram em seus effeitos, e em outros que calo.

LA VAE VERSO.

A ENGOMMADEIRA.

Eu sou pobre engommadeira,
Suando ganho o vintem...
Chamam-me os moços—formosa,
E os velhos querem-me bem.
Ai não é graça!
Os velhos querem-me bem.

Não moro em rico palacio...
A riqueza quem me deu?
Mas, sorriso entre os ferros,
Deus do Céu me concedeu.
Ai não é graça!
Deus do Céu me concedeu..

Mas, entre os ferros amigos,
Os ferros do meu labor;
Estes, sim, me dão ventura;
Receio os ferros de amor.
Ai não é graça!
Receio os ferros de amor..

Sem elles, lido contente,
Entre cantigas sem fim;
Que me importa o mais da vida?
Si feliz sou mesmo assim?
Ai não é graça!
Si feliz sou mesmo assim?

Cedo acordo e no engommado
Logo a roupa eu vou molhar,
Armo a corda no terreiro,
Para estendel a a enchugar;
Ai não é graça!
Para estendel-a a enchugar.

E os feros no fogareiro,
Qu'está cheio de carvão,
Forro a meza, e almoço e logo
Uma calça por tostão.
Ai não é graça,
Uma calça por tostão.

Mas que calça engomadinha!
Lustrosa e alva a brilhar,
Nem uma dobra, um cisquinho,
Meu rosto posso mirar.
Ai não e graça,
Meu rosto posso mirar.

E assento a mão no trabalho,
Suando ganho o vintem,
Ao freguez um ditosinho,
Nunca dei mais a ninguem.
Ai não é graça!
Nunca dei mais a ninguem..

Como a calça tão lustrosa,
A camisa tambem vai,
Ao moço torna ditoso,
Suspiros paixões e ai.
Ai não é graça!
Suspiros, paixões e ai.

Que as meninas endoidecem
Quando virem o meu freguez,
E com tudo, por tão pouco
Quantos gosos muita vez.
Ai não é graça!
Quantos gozos muita vez.

Trez vintens essa camisa,
Pois é caro, meu senhor?
Roupa assim encanta as moças;
Tres vintens lhe custa amor.
Ai não é graça!
Tres vintens lhe custa amor.

Meu Jésus, que ferro quente,
Quasi a camisa-tostou,
Vou esfrial-o depressa,
Neste duro paletôt;
Ai não é graça!
Neste duro paletôt.

E entretanto a engommadeira,
Que sabe tanto agradar,
Sempre esquecida e mal paga,
Si o freguez sabe pagar!
Ai não é graça!
Si o freguez sabe pagar.

A PEDIDO

—Capitão, esta companhia do Queimado tem celebridades!

—Como assim?

—Não sei a razão por que fornecendo agua aos hoteis e á fabrica de chapeus aos Coqueiros, recusa-se a fazel-o ás padarias.

—E' que entende que aquelles necessitam mais que estas.

—Pois é um erro; no caso em que estão uns está outros; ou antes as padarias tem precisão mais urgente que os hoteis, visto que fornecem um genero de primeira necessidade para o publico em geral, ao passo que poucos comem em hotel.

E depois os hoteis com quatro, seis, ou oito barris, estão abastecidos, em quanto que não acontece assim com as padarias, que vêem-se na necessidade de distrahir os trabalhadores em carregar agoa, o que produz immenso estorvo.

Quanto a fabrica de chapeus, nem é preciso fallar.

—Não é por ahi que eu vou.

Entendo que todos tem egual direito; todos fizeram despeza com o encanamento das pennas, e que a companhia com tal preferencia estabelece privilegios odiosos.

Si ha agoa, sejam todos providos della.

Uns não são filhos de Deus e outros do diabo, o dinheiro de um vale tanto como o de outro.

—Mas como aqui só não se faz o que não se quer, é que se vê disto.

—Que homem mau!

Mata os escravos a pancada!

—Dizem que elle é *major*.

—Ja deu tanta pancada n'uma escrava que dahi ha quatro dias morreu.

—E a uma outra, parda, poz em petição de miseria.

Esta foi mais feliz, por que houve quem tivesse commiseração della e fizesse uma subscripção a seu favor.

— O que admira é como essa fera humana não tem uma ripremenda, sendo patentes seu malevelos feitos.

—Agora é um pobre pardo a victima de seu rigor.

—Apresentou-se na policia e foi mandado para a correcção.

—E fica nisso.

—Na *rua* onde ha um *hospicio* ninguem ignora o que é semelhante monstro.

—Basta dizer que compron uma roça, sem necessidade, somente para surrar os escravos.

—O tal *major* tem entranhas de tigre!

—Contou-me o *Nunes* que outro dia entrou em casa as 10 horas e ja elle dava pancada no infeliz; aborrecido sahiu, voltou as onze e meia e ainda o malfadado soffria o brutal castigo que lhe infringia o desapiedado senhor.

—Assim tambem é de mais.

—Não sei certa gente que não tem genio de ter escravos, para que os possue!

—E os desamparados, coitadinhos, soffrem abandonados tão crueis rigores sem haver quem se lembre de proteger o escravo contra a barbaridade do senhor sem alma!

—Capitão, entrou na cachola de um tarugo taverneiro do *Xico-xico* que devia assentar praça no batalhão de Cupido, e eil-o a dirigir destas cartas a certa mocinha da visinhança.

Tenho uma collecção de taes epistolas impregnadas de ranço de manteiga e morrinha de bacalhau, que irei apresentando a V. Ex.

—

Ah! minha cara filha! Cumpre-me o dizer-lhe: Eu fui o mais infeliz dos homens, em a amar, não sinto só o amortecimento do jenio mas vêjo que a alma seme sêca, e que se me extingue o fogo da vida: e como se pode chamar vida, aquela que sessubmerge em um mar de tristeza! não vejo paçar um só dia, que me esclareça com um só raio de gloria! nem que me alegre com amais ligeira ilazão! dias á que deixo de lhe olhar, para ver se o meu pobre coração, tem allivio; e meu peito magoado respira, a grandes impressões em que luta constantemente.

Ah! minha filha, por vosso amôr, meus olhos se vestiu de lagrimas! o meu coração, jeme de dor! meu espirito fica sem sentidos! e meu corpo sem forças! Eu preciso muito de ter com você uma entre vista a viva voz. Oh! como é doloroso viver entre vãs esperanças!.

Minha muito cri la filha! a muito tempo que V. não metem dado o prazer de vêr letra sua, quando ella me é endereçada, dô-lhe beijos, e junto ao meu coração abraça-lo, e dizendo é o baiga-me que me aleiva um pouco de tantas angustias que sôfro por vós!! Sim por vos!!.....

Vosso pae, e marido
Francisco.

—Capitão, o grande *Mellorio* tem se visto em papos d'aranha, ou como se costuma dizer da sala para a cozinha, e isto por não poder levar o boccado á bocca, ou por outra por ver prestes escapar-lhe das unhas a preza que elle considerava filada.

—Então o que aconteceu? conte-me isso em termos intelligiveis e abreviados.

—Não foi nada, meu capitão, porem mesmo esse pouco bastou para pôr o *Mellorio* desapontado, e de rabo entre as pernas, como si tivesse engolido alguma bola das que se atiram aos cães, e isto porque o meretissimo Dr. juiz de orphãos, attendendo ás justas allegações de um dos herdeiros, e ao judicioso parecer do integerrimo Dr. curador geral dos orphãos, mandou que o *Mellorio* satisfizesse essas legaes e razoaveis exigencias, sob pena de ser lançado fóra de inventariante, etc.

—Ah! sim ja percebo, o *Mellorio* se persuadia, de que ainda estava n'aquelle bom tempo do inventario do sogro, em que elle deu as cartas, e amassou tudo a seu geito, por contar com o favoretismo do juiz que era seu compadre e protector, e por isso fechou os olhos a tudo? pois enganou-se redondamente, porque o actual Dr. juiz de orphãos não se move a empenhos, e nem a compadresços, e so tem por norma de suas acções a moralidade, a justiça, e a lei, pelo que tem captado a estima e consideração geral, e da mesma tempera é o circumspecto Dr. curador geral dos orphãos.

—Muito bem, apoiado, apoiadissimo; porem, V. Ex. esqueceu-se de fallar na sobre partilha que, segundo dizem, foi feita particularmente, e detraz da porta pelo *Mellorio* e seus dous cunhados, e o certo é que a vintee tantos annos nunca mais se fallou nisso, e os outros herdeiros mamaram no dedo; entretanto que elle, ajuntando uma certidão, quer agora ser pago de uma quantia que ficou para elle receber na sobre-partilha, esquecido de que elle mesmo foi quem a fez, e com usura se cobrou pelas suas proprias mãos.... vamos adiante.

O *Mellorio* vendo-se atrapalhado da vida com o despacho do recto juiz, e querendo ver se ainda pode alongar o inventario da sogra, que a mais de um anno com tricas e nicas

atrapalha e demora, e isto por se achar de posse dos poucos bens deixados, apezar de não ser herdeiro do casal, pedin vista..... Deus lh'a queira conceder, pois em verdade a peôr cegueira é a d'aquelle que não quer ver o que é justo e honesto, e ao contrario se encherga o que lhe faz conta, embora seja desmascarado e reconhecida a sua esperteza.

Vamos agora ver com o que se sahe o senhor *Mellorio*, e quaes as razões de cabo de esquadra por elle de novo apresentadas.

—Rapaz, segundo dizem as beatas de capena—*a alma ruim é que faz visagens*—portanto ponha-se alerta para me relatar tudo, pois eu tenho grande empenho de ver o desfeiche dessa ridicula pantomima.

(Continúa.

—Capitão, escute esta.

Ha nesta cidade uma beata tão fanatica que manda fechar as janellas em dia de sol, para que, diz ella, não lhe entre em casa cousa que seja maxa.

—Tem de se haver só com as femeas.

—A' excepção de um reverendo fradeco, seu confessor, que tem entrada franca a qualquer hora.

—O la, *Morerinha*, assunte-se!

Para que cospe p'ra o ar, si pode o cuspo lhe vir ao rosto?

Esteja a bolir em casa de maribondo e depois arrenegue da hora em que nasceu.

Lembre-se de que o menos que se pode contar da vida de um certo ex-subdelegado é a subtração dos autos de um processo de certo superintendente de uma estrada de pau.

Quer ouvil-a?

Continue.

A VOZ DO ESCRAVO.

« Sorri-me o gozo no porvir eterno!
« Aspiro a morte para erguer-me aos ceus!»

(P. CALDAS.)

Escravo, soffro meus grilhões tyrannos!
Crueis enganos de brutal senhor!
Soffro o rigor d'um viver austero,
E nada espero que m'abrande a dôr!...

Roubado á força de meu lar querido,
Eu fui vendido por cobiça insana!
Maldita gana de voraz riqueza,
Triste fraqueza de ambição humana!

Africa, farta de sublime encanto,
Eu te amei tanto com amor sincero!
Hoje em vão quero desfructar-te um pouco;
Mas ah!... sou louco, meu senhor é féro!

Cruel martyrio de sinistra sorte!
Que dôr tão forte m'avasalla o ser!
Antes morrer, que viver penando,
Suspiros dando, sem allivio ter!

Solta-me, oh! fado deste jugo atróz,
Que tão feroz m'acabrunha a vida!
E' triste a lida do viver captivo,
Em fogo vivo de ventura infida.

A vida passo desditosa e feia,
Dura é a cadeia, que me deu a sorte!
Seu pêso é forte,—meu viver é féro
Só allivio espero encontrar na morte!

Ariovilo.

VARIEDADES

POR CAUSA DE UMA MULHER.

HISTORIA DAS INFELICIDADES DO SR. GABRIEL, ESCRIPTA POR ELLE.

Era eu um dos moços que tinha a felicidade de gozar de um bom conceito: era tido como serio e maneiroso.

Minhas attenções com as mulheres, minhas tendencias para ellas, me haviam dado o credito de um verdadeiro homem de sala.

D'ahi provieram as minhas infelicidades!

A tal tendencia foi o meu mau fado.

Eis o caso:

Uma noite senti-me tomado de aborrecimento; estava, na phraze ingleza, atacado do *spleen*; sahi a dar um passeio.

Ia certa rua abaixo, com passo lento, saborcando um soffrivel charuto, quando vi passar por mim, ligeira como uma corsa, uma menina toda sacudida, pisando como a mais *chique* parizicnse. Tentou-me o desejo de ver-lhe a *faxada* e apressei o passo.

Estava ja emparelhado com ella, quando abalroei um cego. Este irrita-se, ergue do seu bordão e atira-me uma paulada.

Para evital-a, dou um salto, piso no vestido da menina, e quasi que despreguei-lhe a saia do corpo. Desconcertado com isto, volto-me para articular uma desculpa, e vou de encontro a um preto que trazia á cabeça um *barril*, o qual entornou-se.

Então a menina, com certo arrebatamento, agarrou com uma mão na saia do vestido, e com a outra levou o lenço ao nariz e dizendo—ainda mais esta,—seguiu aceleradamente o seu caminho, accompanhada do seu cavalleiro, que resmungava improperios contra mim.

O meu furor foi tal, que atirei-me ao preto do *barril*, levando-o de encontro a parede e partindo-lhe a cabeça.

O preto pede soccorro, um inspector de quarteirão acode e da-me voz de prisão.

Para evitar a resistencia, que é um crime perante o codigo, tentei fugir e mettí-me por uma loja a dentro.

O inspector agarrou-se a aba do meu paletot, e eu, para escarpar-lhe, saltei por sobre o balcão, do que resultou bater com a cabeça no candieiro de gaz, fazendo-o em pedaços

A este desastre acudiu tambem um caixeiro, agarrou-me para pagar o lustre.

Foi um reforço ao inspector e a minha prisão effectuou-se.

Não tive outro remedio sinão pagar o damno feito á loja, e ir para o calabouço da policia.

Lá foi que me vi.

Estava com a testa ferida, o paletot desabado e as calças emporcalhadas!.... cahi em grande prostração de animo, e ficaria toda a noite a lastimar minha desdita, si as pulgas não me dessem um assalto nunca visto.

Procurei defender-me, mais não era possivel, ellas mordiam-me desesperadamente; estavam esfaimadas,

Persuadi me então que me haviam posto naquelle logar por engano, e que ali não era prisão de gente, era prisão de pulgas. Comecei a gritar e fazer barulho na grade, até que me appareceu o official de estado

—Senhor, dê-me outra prisão, que aqui não amanhecerei; as pulgas comem me vivo.

—Esta é a melhor prisão que aqui ha, é a prisão das mulheres; foi por isto que lh'a destinei, vendo que o senhor era um *moço limpo*.....

Não tive mais o que dizer, desde que. apezar de estar todo *sujo*, me tratava como moço *limpo* e resignei-me.

Mas, ah! que noite cruel a que passei..... Não fechei os olhos. A ferida da testa me ardia, as calças cheiravam horrivelmente, e eu pensava na moça e coçava ás pulgas!

Que triste situação!

Entretanto scismava..... mulher e pulgas!

Amanheceu o dia e tive ordem de soltura.

Estava uma figura detestavel! Ferido, *sujo* e de paletot *suro!* Tudo isto..... *por causa de uma mulher!*

(O CARETA.)

(Continua.)

Uma senhora dava o seguinte recado a um de seus filhos que ia á cidade fazer certas compras.

—Meu filho, não te esqueças de comprar um rabixo de solla dobrada *para mim*, que o *meu*, teu irmão arrebentou-o outro dia.

Ia-se para a sala do jantar em certa casa, e como um caxorrinho tivesse sujado na sala disse a dona da casa de repente:

—O' F. limpa alli o que fez o *Joly* para se jantar.

Um sugeito perguntou a outro que tinha sido membro do jury em certa villa:

—Sabe-me dizer, Sr. F., que sentença teve o meu compadre Ambrosio?

—Foi sentenciado a galés perpetuas *por toda a vida*; mas o juiz *pellou*.

OS MONOSYLLABOS.

Quando reflicto no Creador e em todas as suas obras, reconheço que tudo quanto ha de grande, de admiravel e de maravilhoso, se exprime por palavras de uma só syllaba.

Procuro a origem de tudo e tudo repete o monosyllabo—DEUS!

No principio da creação disse elle—faça-se a *luz*, e a luz que tanto tem dado que pensar aos physicos, é um monosyllabo.

Olho para esse elemento em que mais se ostenta a Magestade Divina, e uma só syllaba o exprime—*mar*.

Levanto a cabeça, vejo o centro luminoso, desse systema planetario, e chama-se—*sol*.

Admiro o enfeite da terra, e é a—*flor*.

Penso no homem e reconheço que sua origem foi o—*pó*—e que duas cousas distinctas constituem n'elle um—*ser*—diverso dos outros seres, que formam aquillo que os philosophos chamam o—*eu*.

Considero que esse ser pensa e que seus pensamentos exprimem se por um monosyllabo—*voz*—e que um—*sim*—basta para fazel-o ditoso.

Considero-o physicamente e toda sua defeza está nos monosyllabos—*mão e pé*, que elle vive e que o principal elemento de sua vida é o—*ar*.

Procuro quaes os entes mais charos neste mundo e ainda encontro os monosyllabos—*pae e mãe*.

Vendo o homem cercado sempre de afflicções e tormentos, volto-me para a religião e ella me aponta o—*ceu*—como descanço de suas fadigas.

Procuro então estudar essa religião, e vejo ainda a—*cruz*—labaro precioso da liberdade universal.

Sigo adiante e encontro a—*fé*—primeira das virtudes theologaes.

Busco um modelo de paciencia, e encontro—*Job*.

Quero viver como devo, e a sociedade me aponta que me cumpre ter diante dos olhos dous monossyllabos—DEUS E LEI!!...

TRADUCÇÃO AO PE DA LETTRA.

Tinha-se por muito santa e nutria a presumpção de não commetter um unico peccado, uma menina muito bem educada. Um dia zangou-se e levou-a a tentação a fallar no

diabo, mas foi tão grande o desgosto que por isso sentiu, que chorou até a noite. Consolava-a então uma tia, mulher ja de edade, dizendo-lhe:

—Não te afflijas, menina, bem vês que todos somos peccadores, não pode haver ninguem que não commetta o seu erro, e senão veja-se aquelle verso do *miserere* que diz *tibi soli peccavi*,—o sol tambem peccou.

O filho.—Porque é que todas as comedias acabam em casamentos?

O pae.—Porque com o casamento principia a tragedia.

EPIGRAMMAS.

PARA AJUDAR A MORRER.

Um pobre infeliz doente
Estava p'ra fallecer,
Chamem um padre, disseram,
Para ajudal o a morrer.

Um medico é melhor,
Accode logo um sugeito,
Eu vou depressa chamal o,
Vossês verão o effeito.

A CONTA DE REPARTIR.

Pregava certo orador
De Deus a sabedoria,
Um sugeito que escutava
De vez em quando sorria.

Até que zangado disse:
« Mentiras não quero ouvir
« Sabe tudo, mas não sabe
« A conta de repartir.

Um homem casado maltratava sua mulher, apezar de ser ella um cumulo de virtudes, e d'um genio brando. Ou porque a sua derradeira hora fosse chegada, ou por effeito dos maus tratos e desgostos que soffria deu alma ao Creador.

Indo um amigo d'aquelle homem cruel dar-lhe os pesames pela perda que acabava de soffrer, accrescentou:

—Meu charo, console-se com a sorte de sua esposa, porque era uma santa creatura, e está no céu.

—Si para lá foi, a mim o deve, respondeu o marido.

N'um vehiculo muito incommodo, que ia para Versailhes, achava-se um militar sentado ao lado de um obeso cozinheiro. Sentindo-se molestado o militar, pela proximidade em que estava de tão gordo personagem, resolveu livrar-se d'elle; para o que, pôz-se a fazer horriveis contorsões,

—Que tendes? perguntou-lhe o cozinheiro.

—Nada, disse o militar.

Poucos minutos depois recomeçam as contorsões.

—Mas que tendes vós? perguntou de novo o cozinheiro, a quem incommodavam os movimentos desordenados de seu vizinho.

—Não vos assusteis, disse o militar, o meu mal ainda está em principio, por isso não correis perigo algum.

—Qual é o vosso mal? perguntou o outro assustado.

—Fui mordido á dias por um cachorro damnado, e como me receitaram um remedio que só poderei achar em Versailhes, por isso é que aqui vou tão incommodado.

O obeso companheiro não acabou de ouvir a explicação do militar. Pretextando preferir o exercicio a pe ao de carro apeou-se, deixando assim muito a seu gosto o avisado militar, que ficou rindo-se do seu estratagema.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 106 e 107 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA.

Innocencia Maria da Conceição declara que, tendo entregado seu filho Ludgero Alves da Silva ao Sr. Marcellino Dyonizio Dias, que negocia em miudezas em Santa Barbara, succede agora que esse Sr. não lhe sabe dar noticias do referido menino, pelo que recorre a S. S. pedindo providencias.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

Vende-se uma lancha grande em bom estado: quem a pretender dirija-se a esta typographia.

VERDADEIRO CAFE PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moido puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 15 á ladeira da Saude. Na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 57
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 13 DE OUTUBRO DE 1869. N. 562.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de outubro de 1869.

Officio á Illma. camara municipal.—Existindo na esquina que da ladeira da Praça sobe para os Sete Candeeiros, um buraco ou bocca de lobo cheio de immundicie, não só prejudicial á saude publica como perigoso a quem transita por alli, que com qualquer descuido pode ficar de pernas quebradas, principalmente á noite, em que a luz dos nossos economicos lampeões conservam a cidade em perfeita escuridão; convém que essa Illma., quanto antes, mande tapar o mencionado buraco, que so serve para dar prejuizo.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe o seguinte estupendo facto, para que S. S. se sirva de tomal-o em consideração.

Foram recolhidas á cadeia da Correcção, como escravas, e penhoradas para pagamento de dividas, Raymunda e Theodora, uma nascida de ventre livre e a outra libertada na pia baptismal, e dessa cadeia levadas na terça-feira para a casa de um meirinho á Estrada Nova, d'onde serão remettidas para a cidade de Nazareth por despacho do juizo especial do Commercio.

As infelizes, por mais que reclamem contra a violencia de que são victimas, como são desvalidas, a seus brados não encontram echo apezar de muita gente affirmar ser verdade o que ellas dizem, inclusive a propria mulher que creou uma dellas; e desta sorte os annaes do crime terão de registrar mais um facto audacioso, si a acção de S. S., como integro magistrado e executor da lei, não se fizer sentir energica e perspicaz nesta negociada, em que se pretende escravisar quem é livre.

Faltava nesta terra mandar-se prender a gente livre para cobrar dividas de terceiro!

Em nome dos direitos do fraco, em nome da lei que se pretende tão torpemente ferir, espera-se que S. S. proceda neste negocio como em muitos outros tem feito.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Passo, reclamando medidas preventivas para que não continúe a ser offendida a decencia publica, e ao mesmo tempo evite algum caso triste, que pode vir a acontecer, entre os garotos e um vigario, que ha tempos, enganado, assassinou o sachristão, julgando matar um hospede que tinha em sua casa.

Succede que esse sacerdote, tendo expiado a punição que a lei lhe impoz, acha-se residindo á ladeira do Carmo, onde os maldictos capadocios o vão provocar, com chufas, exprobando-lhe a acção má que praticou, e elle tresvairado deita pela bocca a fora um montão de improperios e palavras asquerosas, o que dá a semelhante espectaculo um caracter verdadeiramente immoral e indigno de ser representado n'uma terra civilisada, ja pelo desacato ao pudor das familias, ja pelo descredito que resulta á religião d'a-

quellas immundas palavras cahidas da bocca de um seu ministro transviado.

Na noite de quarta-feira passado, foi um escandalo completo, não só pelas palavras, como por pretender elle, armado, sahir á rua para brigar. Por tudo isso é de crer que S. S. ache justa a reclamação que se lhe faz.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que passe a intimar a V. O. 3. do Carmo para que ja e ja mande concertar o cano do sobrado 119, ao Pilar, arrebentado ha mais de anno, e causando notavel damno ao publico com o diluvio de excresções com que inunda a rua. Cumpra.

—Fructos da escravidão....

—...amargam como fel.

—Sexta feira ultima, deu-se á existencia, atirando-se no dique, um infeliz escravo da Sra. viuva Pinheiro.

—Então com esse são dous escravos dessa senhora que ultimamente acabam de morte desastrada?

—Supponho.

O desgraçado andava foragido e occulto, por entre as capoeiras, nas immediações do dique, presentindo gente, e persuadindo-se de que o vinham prender, largou-se a correr, atirou-se n'agua, submergiu-se para só apparecer cadaver no dia seguinte.

—E' uma victima dessa barbara e ferrenha instituição legada por nossos ante-passados.

—Quando se extirpará esse cancro que a cada hora faz sentir seus perneciosos effeitos?

—A nossa sociedade em vez de caminhar na senda do progresso e da moralidade, vae cada vez mais, a passos largos, para o lodaçal da corrupção, da crapula e da devassidão!

—Haja vista o spirito motejador, a falta de respeito, dessa sucia de rapazes mal creados, que se apresentam nos templos de maneira tão indecente!

—Estas noites, no Carmo, tem se dado os maiores escandalos!

—Está por que os frades capuchinhos *turravam*.

—Agglomerados nas portas lateraes, beliscam as moças que entram, pronunciam palavras improprias do logar e portam se descortez e inconvenientemente.

—Ali mesmo, sem respeitarem conveniencias, analysam a que é mais bonita, a mais bem vestida, nomeiam os namorados de cada uma, a carta que fulano escreveu a esta ou aquella, narram episodios burlescos, entrevistas de fundo de quintal, etc.

—E muitas vezes o chefe da familia que accompanhou-a a egreja e está ali, é obrigado a ouvir de cara alegre cousas, que lhe dizem respeito, e que não desejava ouvir.

—Como no domingo, em que ia havendo um desaguisado, pela bestialidade de dous toleirões, que cassuavam do molde do vestido de uma moça, cujo pae estava a pé delles.

—Isso só denota incivilidade, grosseria.

—De maneira que hoje a egreja está rebaixada por essa gente a uma casa de *magamagem* e lascidão.

—E os actos divinos são considerados como um ensejo a entre-vistas amorosas!

—Tornemos ao Carmo.

A cousa lá é muito calva; a immoralidade soprepuja; ja que se não lhe pode por um freio, ao menos mande quem pode fechar as duas portas lateraes, acabando assim com a *maminha* daquella corja de irreverentes.

—Dizer que nesta cidade ha garantia de vida é negar a luz do sol.

—E tolo será quem acredite; os sicarios passeiam ao meio dia em pino.

—E a impunidade, em que ficam os malfeitores, dá-lhes mais azo aos instinctos perversos.

No sabbado, o Sr. Justo Ariani, atacado por um marinheiro da armada imperial, armado com um formidavel cannivete, viu-se entre a vida e a morte.

O facto passou se na rua d'Alfandega; entretanto o offensor depois de sua bravata, teve tempo de ir até o arsenal...

—...onde ha uma guarda.

—.....embarcar-se n'um bote, e ir socegadamente para bordo de seu navio.

—E só desta sorte viviremos no melhor dos mundos possivel.

—Lê-se no *Progresso* da Cachoeira:

«HOMENAGEM AO MERITO.

Na sessão da camara municipal desta cidade, de 14 do corrente, resolveu-se, á requerimento dos Srs. Dr. Sampaio e capitão Trajano, levar ao throno de S. M. I. uma petição de graça implorando uma pensão para a viuva e quatro filhos do Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, ha pouco fallecido na capital.

Ainda estão bem vivas na nossa lembrança as scenas de horror que esta infeliz cidade testemunhou no infausto anno de 1855, quando a «cholera-morbus» epidemica ceifava diariamente vidas caras e preciosas. Pois bem; foi nesse tempo que o Dr. Botelho, com uma coragem de espantar, prestou á nossa população servicos medicos do maior alcance.

Prestando homenagem ao merito do distincto facultativo, a camara municipal da Cachoeira lhe offereceu uma medalha significativa de sua gratidão, logo depois de haver cessado o flagello que elle combatera com tamanha intrepidez; e é pelo mesmo motivo que ella agora reclama do governo imperial uma pensão para a viuva e os quatro filhos do Dr. Botelho, que, como todos os homens caritativos, morreu sem legar á sua familia bens de fortuna.

—Como vão as cousas nesta terra!

A Sra. Emiliana Moreira, moradora no freguezia da rua do Passo, travou intimas relações com o inspector do quarteirão Victor de Assis, e sentiram entre si tal força de attracção que combinaram em habitar debaixo do mesmo teeto, comerem no mesmo prato, e servirem-se de um só leito.

Como sello dessa alliança, a Sra. Emiliana foi brindada com seis cadeiras pelo apaixonado inspector.

Mas eis que não ha gostos perfeitos nesta vida e aquelles dois, que viviam em tão perfeita paz, desaviram-se um dia e o Sr. Victor entendeu que devia rehaver suas cadeiras.

A Sra. Emiliana foi chamada á conciliação no juizo de paz da freguezia e teve contra si um mandado de penhora. Sendo de mais a mais mettida na Correcção.

—Bonito!

—Ora, no domingo, 10 de outubro, deste anno do graça, em quanto a mulher se achava cantando de gaiolla, foram á sua casa, arrombaram-lhe a porta, e tiraram-lhe não so as seis cadeiras como tudo mais que existia, o que foi levado por um perdigueiro da justiça, não sei para onde: o que é certo é que não foi para o deposito publico.

—Pois nos domingos o fôro trabalha?

—Trabalhe ou não, o caso se deu; a casa da mulher foi arrombada e despojada o que havia dentro.

—E ella em cima preza?

—Que duvida!

—Isso é rico!

—E diga que o inspector de quarteirão não é cousa!

—Em certos logares, bem entendido.

LA VAE VERSO.

O CATACLYSMA.

Terminou o mez de setembro,
E disseram que ao quinto dia
De outubro, cá no Brazil
Um cataclysma haveria.

Outros diziam que o mundo,
N'esse dia ia se acabar,
E que nós, um outro mundo,
Juntos iamos habitar.

Assim correu o boato
Que a muita gente assustou,
Dizem que alguma capona
De medo até se borrou.

Oh! que pagode!
Oh! que folia!
Morermos todos
Em um só dia.

Morriam os lazaristas
E as irmans de charidade,
Ficando livre da praga,
A nossa heroica cidade.

Ora essa!
Quem diria,
Que todos morriam
Em um só dia?

Mas, si eu pilho o *mio caro,*
Que tal historia sonhou,
Dava lhe uma sapeca,
Pelo susto que causou.

Morrer assim os typographos,
E os redactores tambem,
Certos de que não ficava
Neste mundo mais ninguem!

A *Bahia Illustrada,*
Para conta costa iria,
E a gazeta *Alabama,*
Somente cá ficaria!

E então seus redactores,
Muito haviam de ganhar,
Pois ficariam sosinhos
No mundo a negociar...

Ora essa!
Quem diria?
La se ia o *Jornal;*
E o *Diario da Bahia!*

La se iam os ministros,
E tambem os senadores,
Assim como os taes pedantes
A quem chamamos doutores!

La se iam os usurarios
Que roubam o suor dos pobres,
E atraz delles seguiria
A classe dos homens nobres.

La se ia o *amico Santorum,*
Esse havia de ir veixado,
Por ter de ir prestar contas,
Dos *baratos* que ha tirado.

La se iam os fidalgos,
Assim como os ladrões;
E atraz um regimento,
Composto só de barões!

La iam os frades todos,
Os vigarios e mais padres,
Levavam logo comsigo
As suas charas comadres,

Mas, somente em darem guias,
Os padres enriqueciam,
Ao chegar ao outro mundo
Que fortuna não teriam?

La se iam os juizes,
Procuradores, escrivães;

La se iam os moirinhos
E tambem os sachristães.

La se ia a relação
Com seus dezembargadores,
Tambem la se ia a camara
Com os seus vereadores.

La iam os alfaiates,
Os carapinas e pedreiros;
La se iam os calafates,
E tambem os sapateiros.

La se ia essa gente,
Que anda de pescoço tezo;
La iam os carniceiros,
Que o povo roubam no pezo.

La se iam de um momento
Todos os cabelleleiros,
Atraz delles, de balança,
Os rapinas taverneiros!

Oh! que pagode,
Oh! que folia,
Morriam os grandes
Em um só dia!

La iam todos os reis,
Os homens grandes da terra,
E então é que no mundo,
Não haveria mais guerra.

Pelo que vejo, tambem iam
As moças namoradeiras!
Que invenção fecticia,
Que ideias frioleiras!

Ora essa!
Que loucura;
Acabava-se assim
Tantos feitos de natura!

Ah! si eu pego o pedante,
Com a sua astrologia,
Mostrava-lhe que jamais,
Sustos taes eu rasparia!

A PEDIDO

—Este homem sahiu da cadeia, ha poucos dias, e ja anda pintando o diabo!

—Foi processado por furto de gallinhas.

—Parece que é apaixonado pela especie.

Hontem, quinta-feira, deu-lhe o appetite de comer ovos e uma pobre quitandeira da Baixa dos Sapateiros ficou sem elles, a despeito dos meios empregados pelo inspector Brandão para rehavel-os.

—E ja hoje vem a uma venda, aqui no Taboão, e chama a sua folha uma caixa de charutos.

—O Sr. Lourenço Ricardo de Almeida é um colosso em seu genero!

Gadanha e faz rascada!

—Não é debalde que a natureza o fez coxo.

—Capitão, deitar fora um objecto para apanhal-o depois avariado, é ser forpa.

—De certo; mas a que vem isso?

—Foi o que acconteceu a um saveirista da escada de ferro; que foi buscar por novo, o que despresara por velho.

—Ora ahi temos V. a se intrometter nos negocios alheios!

—Pois si o homem desprezou a planta e foi de novo aproveital-a quando ja estava em fructo n'outro terreno?

—Por S. *Alexandre* acabe com esse embroglio.

—De vagar, de vagar, o homem é cunhado do *Xambique* e elle pode não gostar.

—Pois então, mande-o remar até a *marinha*, na ilha de maré, por que esses ilheus tem manha como burro.

VARIEDADES

E' POR ISSO MESMO.

—Meu caro amigo, peçolhe-um grande obsequio!

Tenha a bondade de me emprestar cinco mil reis?

—Ora essa! E' a primeira vez que vejo o senhor! Não o conheço!

—E' por isso mesmo que lhe peço este obsequio. Os que me conhecem não me emprestam nada!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 108 e 109 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

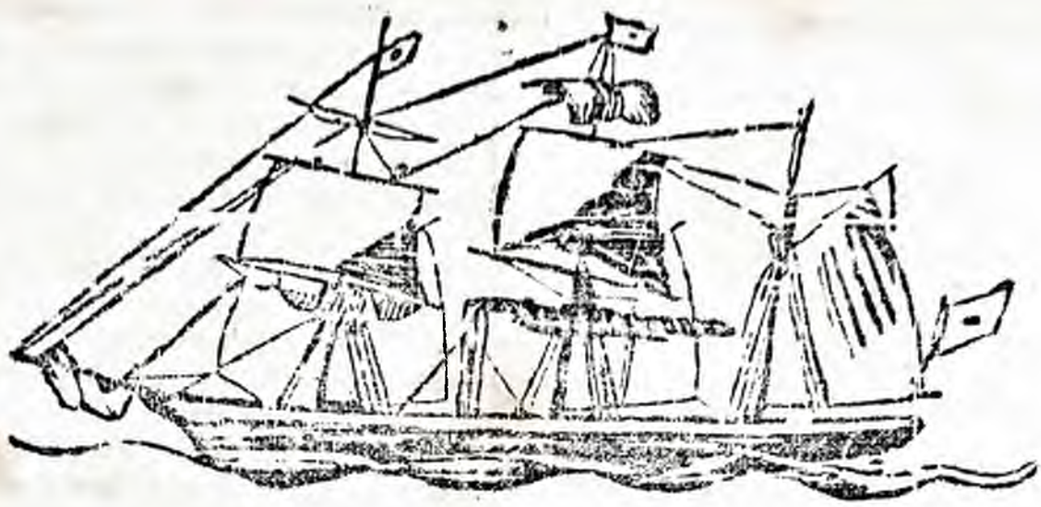
O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moido puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude. Na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

Roga-se ao Sr. Luiz Augusto Muniz que venha á rua do Tijollo n.º 16 a negocio que não ignora.

Typ. de Marques, Aristides



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 57
Preço d'assignatura—4$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 16 DE OUTUBRO DE 1869. Ns. 563 e 564.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr Dr. chefe de policia, communicando-lhe que Joanna Maria da Silva, mulher indigente e sem amparo, queixa-se de que José Pinto Fontes Junior illudira com promessas de casamento e deflorara sua filha Maria Rosa Dias, menor de 16 annos, e, com quanto o delinquente negue o crime, existem para proval-o immensas cartas do proprio punho daquelle, escriptas á offendida, nas quaes a convida para fugir da casa materna, assegurando-lhe que já tem casa alugada; pedindo-lhe entrevistas e até tratando da propria deshonra da moça. Além d'isso diversas pessoas, que costumavam descer do andar superior, muitas madrugadas os encontrou na escada.

Ora, não é justo que seja lançada á prostituição uma incauta menina que cahiu nas ciladas de um seductor, embora o pae deste, por ser portuguez e ter algumas pataeas, diga que seu filho não é para cazar com uma mulata; como si os pardos que vão á Portugual fizessem voto de castidade, ou as portuguezas que vem para o Brazil perdessem o dom da fecundidade.

Cumpre observar que nesta terra ha o pessimo costume de, quando dá-se um facto desta ordem, e que nota-se alguma tibieza nas providencias, interpretar-se que a authoridade cede a empenhos, e é o que no presente andam ja os maldizentes a propalar; portanto, e mesmo por ser a mãe da offendida desvallida, espera-se que S. S. tomará a si causa tão justa.

—E' asneira pedir-se providencias n'esta terra porque ellas nunca apparecem!

—Isto chama-se clamar no deserto.

—E' mesmo clamar no deserto, tem razão de assim dizer!

—Mas que motivo ha para V. estar tão queixoso?

—E' que, não obstante as diversas portarias que tem baixado o commando deste *navio,* ordenando ao fiscal da Sé que dirija-se ao sobrado n. 11 ao Canto do João de Freitas, e examine o estado de immundicie em que se acha o pateo desse sobrado, ainda elle não se dignou de fazel-o; e no entanto que a visinhança é a soffredora!

—Si estivesse no nariz do fiscal a folentina, elle ja teria pespegado com a multa, por ser o soffredor; mas, como não são as suas ventas as perfumadas com tão pestelento cheiro, não dá cavaco.

De quem é a propriedade?

—E' da Mizericordia.

—Então dirija-se ao mordomo das propriedades e peça-lhe que mande fazer despejo no mencionado sobrado, pois que a visinhança não está disposta a tolerar todos os dias semelhante *aroma!*

—Lembrou bem; é ao mordomo das propriedades da Santa Casa, á quem me devo dirigir, certo de que desapparecerá o mal!

—O vigario da Sé teve seu presente.

—Ora, esses padres gozam muita cousa boa

—Mas o mimo não foi dos mais apetecíveis.

O corpo de um anginho que lhe deixaram na loja.

—E por que fizeram isso?

—Contaram-me assim:

Um sujeito apresentou-se ao cura pedindo-lhe uma guia para certa mulher, indigente, poder enterrar um filho.

Mas o cura vendo o cujo trajado a gosto, desconfiou da maranha e disse-lhe que elle não estava no caso de pedir guia por esmolla, e negou-a.

A mulher, despeitada, deitou-lhe a trouxa na porta.

—Tudo isso vae de uma cousa: si a religião catholica é a adoptada pelo Estado, si não se pode exercer certos cargos sem ser catholico, por que não ha de a nação pagar aos padres seu trabalho para evitar esses escandalos?

Não acha que é ridiculo um padre receber dos fieis quatro vintens por uma confissão, vender uma sepultura por sete mil reis, uma absolvição para entrar no ceu por tantos e quantos?

—De certo.

—Pois está!

—Capitão, estou hoje angustiado; passei uma noite atribulada.

—Soffreu algum transtorno?

—Tive um sonho tremendo; que abalou-me o spirito, e por mais que queira dissipar as impressões pavorosas que me ficaram, torna-se-me impossivel.

—Conte-me isso, pode ser que lhe sirva de distracção.

—Eu achava-me transportado a um arrabalde; havia uma ladeira; no alto, erguia-se o emblema da *cruz;* mas alem, existia um monumento, na cupola da qual, *dous gemeos,* dominavam a cidade.

Um correr de casas se tinha edificado na ladeira, e no quintal de uma dellas, não sei como, estava eu installado.

Passeiava... de repente, de uma touceira de bananeiras, sahiram vagidos de creança recem-nascida; procurei-a, para acalental-a, e nada encontrei.

Fiquei atonito.

Entrei a reflectir e suppuz que talvez meus ouvidos fossem victimas de um engano.

Prosegui meu passeio e o echo de novo repetiu um lamento fragil, mas desta vez mais distincto.

Decidi-me a procural-o a todo transe; quando presenti uma visão que me dizia:

«O choro que ouves, é de um innocente, victima do mais nefando crime. Sua mãe, para passar por casta, consentiu que elle se consummasse!

Enganada no tempo da gestação, não contava que o parto sobreviesse tão cedo, e, uma noite, sem esperar, deu á luz o innocente que só gozou a luz da vida um momento.

Seu proprio pae foi seu carrasco; enterrou-o vivo! . . . . . .

Hoje esse homem, casado, habita no mesmo lar com sua esposa e sua concubina...

E os vagidos que acabas de ouvir, estão pedindo vingança contra o duplo assassino.»

Desappareceu a visão e eu fiquei atterrado; um suor frio corria-me pela fronte.

Nisso cantou o gallo e eu virando-me de um lado, acordei; estava em minha cama.

Porem até agora que me acabrunha o pensamento a lembrança do horrivel sonho, sem que eu possa banil-o.

—São exaltações do espirito; logo passam.

Nem é possivel que realmente se desse um caso tão medonho.

—La isso não, podia acontecer; o mundo tem muita cousa que passa desapercebido.

—Tudo se vem a saber.

—Mas neste caso?

—As paredes tem ouvidos.

—Concordo; mas o monstro que praticasse, por precaução, logo que ouvisse rosnar, removeria os indicios.

—A justiça de Deus não dorme.

—Venha cá *Agostinho.*

—Prompto.

—Porque não quer pagar os recibos que deve de sua assignatura do *Alabama?*

—E' porque sahiu uma publicação contra o *Paranhos.*

—Mas o *Silva* me disse que V. dissera que não paga?

—Eu não era capaz de dizer isso.

—Disse, porque o cobrador confirmou que V. não quer pagar, e dá como rasão o ter sahido o *Paranhos.*

—Já que sabe, assevero-lhe que disse.

—Sabe por que V. não paga?

—Sim.

—E' porque é um grande caloteiro, um tratante; um esposo desnaturado, que deixa sua mulher passando necessidades em casa para socar-se com uma infame meretriz na ladeira da Gameleira; e para esse luxo é preciso calotear a tudo e a todos, para poder

ter dinheiro, afim de poder satisfazer a gula dessa meretriz que soca a quantos homens ha dentro de casa em sua ausencia, meu capão!

—Hum! Por essa agora não esperava eu; é preciso safar-me.

Temos conversado, adeus!

—Venha cá!

Oh! muxingueiro!

—Aqui estou!

—Conduz este tratante para o porão, que tens que conversar com elle.

—Siga-me, devasso!

—Ora essa!

(Continua.)

O AMOR E O INVERNO.

Ha entre o amor e o inverno uma influencia tão intima, que um parece depender do outro, de tal sorte que mais vida adquire o amor no inverno, que em qualquer outra estação.

A maneira de certas molestias que se exacerbam e se desenvolvem mais com as mudanças da temperatura, o amor toma tambem durante a estação fria um incremento extraordinario; resultando disto muitos prejuizos e perigos para os amantes, e beneficio e estratagema para as amadas.

Mas, para que não digam que isto é isolado de provas, passemos a apresentar as rasões.

Ha muito tempo, estava a Bahia calma e livre do tumulto do povo, os paes de familia no mais completo socego, e os amantes na maior harmonia em suas entrevistas; começou porem o tempo do frio, e só se ouvia resmungar:

—A filha de fulano sahiu de casa.

—Beltrão furtou uma menina bella.

—Esta noite viu-se um rapaz pular um muro.

—Ao amanhecer hontem encontrou-se uma moça perdida na rua a gritar:

«Gentes ca dê Manesinho? vocês querem ver que me deixou aqui?»

Finalmente não havia capona (que a maneira da barata se mete atraz da porta por ouvir o que se passa) que não soubesse de um ou outro desacato de amor.

Foi o inverno tornando-se maisforte, e uma porção de rapazes foram agarrados para casar, e segundo dizem, presos todos em flagrante delicto.

N'um so dia, tres foram victimas do *cruel amor*; depois mais cinco, e assim por deante o numero tem crescido de modo, que ja por ahi contam entre tortos e feridos 119 machos, e 218 femeas; prque tem accontecido que alguns tem sido agarrados com tres e quatro.

E imaginem que desarranjo não vem a um pobre rapaz *innocente, que muitas vezes foi apenas encommendar umas camisas*, o ver-se entre tres o quatro desesperadas por casar! As meninas, que tem sido encontradas, dizem que estão muito *chorosas*, que as lagrimas lhes saltam e correm até as pernas, e apenas sentem consolo quando se lembram do dia do casamento: queixam-se amargamente do inverno, como causa de suas infelicidades!

Os rapazes julgam-se perdidos, porque muitos estavam compromettidos com outras. Finalmente grandes foram os desarranjos provindos do amor exacerbado pelo frio. Cumpre porém notar que, com quanto traga elle muitos encommodos, offerece a vantagem de se casar muita menina desesperançada e triste e obrigar a esses toleirões que se mettem a namoradores a supportar uma maleredra a ralhar em casa, e a trabalhar para sustentar uma trôxa.

LA VAE VERSO.

CARTA

do capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte o—Patusco.

Meu Patusco.—Entre as cousas
Neste mundo apetecidas,
Lhe desejo as algibeiras
De dinheiro bem fornidas.

Pois p'ra gozar esta vida
E' elle o essencial:
Ter saude sem dinheiro
E' tomar caldo sem sal.

Perde o modo de andar,
Caminha cambaleando,
O vivente que se vê
Com os bolsos abanando.

Sabe a bocca a ferros velhos,
Anda a gente na pimenta,
O mundo torna se insipido
E a razão se apoquenta.

Dssmanchador de impossiveis,
Tu és, bem licto dinheiro...
P'ra resolver qualquer duvida
E's o melhor conselheiro.

—A sua dona da casa,
Me diga, como ha passado?
Inda soffre toda lua
Daquelle mal costumado?

Si o Dr. Carlos Viard,
Por suas bandas andasse,
O soffrer da pobre velha
Era provavel cessasse

Pois o homem é um portento
Para a cura de senhoras;
Fazendo-as *mudar de ares*,
Sentem sensiveis melhoras.

—Gié, gié, pôu, pôu, pôu!
La vae uma de espantar:
Por cá ja nós temos casa
P'r' os doudos agasalhar.

E para isso o governo
Na Boa-vista comprou,
Um soberbo edificio
Que ás *charidades* doou.

Apezar de que, 'stou certo,
Ha de ficar pela rua
Muitos cujos que deviam
Ter alli casa por sua.

Acredite; por seus feitos,
Meninorios ahi ha,
Que, á se fazer justiça,
Teriam entrada lá.

Vejo aqui tanto sujeito
Que se diz lido e corrido,
Praticando actos taes
Proprios de um doudo varrido...

Mas, em resumo do caso;
As irmans de charidade
São quem lucram no negocio
Por terem mais a herdade.

E farão um dinheirão
Em aboboras e quiabos,
Gilós, maxixes, bringellas,
Couves, alfaces e nabos.

E Deus permitta que eu minta,
Porém quem viver verá,
Muito doudo na enchada
Dos que forem para la.

Pretendo, si ellas plantarem,
Por um de meus disparates,
Mandar-lhes umas sementes
De meus famosos tumates.

—A policia desta terra
'Stá fazendo brilhatura:
E' qual barbeiro approvado
Que sangra até as escuras.

A' não ser um outro caso
De algum espancamento
Feito de dia na rua;
Tudo marcha a bom contento.

Ou mesmo algum individuo,
Que, contra sua vontade,
E' amarrado com cordas
Aqui dentro da cidade.

Ou então algum policia,
Mas isso é feito com geito,
Que faz uma escamotagem,
Tudo mais anda direito.

Nem vale a pena fallar
De alguma facadhsinha,
Que *por accaso* se dá,
Por ser cousa comesinha.

E ha tanta segurança
Que V. não avalia!
Prova: as casas de negocios
Ficam abertas de dia...

E nem por isso se queixam
De facto algum abusivo,
Salvo uma ou outra peça
Que lhes prega o olho vivo.

Que a policia é activa
Não pode ser contestado,
Pois não precisa correr
P'ra pegar quem 'stá deitado.

E embora atarefada
Desse arduo trabalho, insano,
Mascarada em *Saraiva*,
Vae respondendo a *Trajano*.

Alguns a quem a resposta
Não fez muito bom cabello,
Dizem que p'ra *bambochata*
Serve ella de modello.

—No principio deste mez
Andou tudo em alvoroço;
Com a nova do cataclysma
Que vinha fazer destroço.

E vi muita gente andar
Da sala para a cosinha,
Suppondo que este mundo
Ao termo chegado tinha.

A ideia do exterminio
Produziu grande alarido,
Cada qual julgava ser
Por uma forma ferido.

Diziam uns que um diluvio,
Esta terra innundando,
Pelas ruas da cidade
Haviamos de andar boiando.

Outros, que terrivel incendio
Poria tudo abrazado,
Reduzindo nossos corpos
A laia de peixe assado.

Que loucura! Este mundo,
Como queiram que se meixa,
Eu creio que so se acaba
Para aquelle que o deixa.

E que maior cataclysma
Do que estamos soffrendo?
Carne cara e mal pesada
Que nós estamos commendo?

O dinheiro tão vasqueiro,
E tudo por alto preço....
A industria e a lavoura
Correndo para o regresso!

Hoje o aluguel de uma casa
Da bolsa estica os cordeis,
Paga-se de um cochicholo
Quinze e desesseis mil reis.

Os onerosos impostos
Nossa pobreza assolando...
Ao seu peso insuportavel
As arte'stão esmagando.

A guerra calamitosa,
Que a cinco annos devasta
Este povo desolado,
Ainda não deu co'o basta.

A' vista da turva côr,
Que este quadro reveste,
Pode V. concluir
Que, si ha castigo, é este.

—Um agente da policia,
Mas vestido de casaca,
Andou espalhando ha pouco
Um papel chamado—*Zaca*.

Traz allusões desairosas
A um certo estadista,
Que eu creio que em talento
Mil legoas do author dista.

Dahi vê-se que a tal dono
Não tem esses apertuchos,
Pois que manda seus agentes
Destribuir papeluchos.

Ha nisso dificuldade,
Muito seria, a resolver:
E é como o promotor
Neste caso se ha de haver.

Uma vez que os taes papeis,
Por maneira clandestina,
Dos prelos d'onde sahiram
Não dizem a officina:

—Tenho gostado de ver,
Nos longos arrazoados,
Como dos males da patria
Curam nossos deputados.

Doestos e mais doestos,
Perlengas e mais perlengas,
E o povo sem lucrar
Nada, com taes estrovengas:

O tal Sr. Benjamim
Tem uma lingua bem solta;
Larga cada uma leria
Em mil sarcamos envolta ..

E que me diz de um discurso,
Que fez, segundo me lembro,
O Alencar Araripe
A vinte e seis de setembro?

Que phrasedo polido
Resume n'aquella peça!
Que de *amabilidades*
Aos contrarios arremessa!

Tambem eu não sei dizer
A senhora opposição,
Que beneficio nos faz
Com tanta protellação.

A não ser que o resultado
De tanta prorogação,
E' trazer mais prejuizo,
A esta exausta nação.

E o povo, o pobre povo,
Triste delle, coitadinho,
Vae sendo mystificado
E soffrendo caladinho?

—O Guimarães Barateiro
Muita gente assegura
Que precisa de uma funda
P'ra aguentar a *quebradura*.

(Continua.)

MULHERES.

destestable, du dernier
déstestable, ce qu'on appelle
destestable! . . .

* * *

Não me fallem de mulheres,
Gentesinha detestavel,
Que occulta sob olhos languidos
Quanto é mau com riso affavel!

Tudo nellas é fingido,
Tudo, tudo é apparencia...
Pois amal-as?.. *vade retro*!
Que loucura—que demencia!

Ca p'ra mim—creiam que é serio—
Ca p'ra mim não valem nada!
Aborreço-as; moças, velhas,
Todas são uma cambada.

Curiosas, exigentes,
No miolo exiguidade,
São das modas manequim,
Com as molas da vaidade.

A côr, que nas faces trazem
E' aréia da botica;
São todas pó e perfume,
Balôfas, cheias de nica.

Nos meneios, com cahidos,
Ao vel-as pela cidade,
Pergunto se uns entes taes
Pertencem á humanidade.

Odeio-as!—tomara vel-as
De mim bem longe, distante;
Fingidas, querem trazer-nos
Enfiados a um barbante.

Ora qual!—commigo perdem
O seu tempo, queridinhas:
Oh! conheço-vos!—vós todas
Sois umas mentirosinhas!

As vossas formas são falsas...
Vossas pernas sem barrigas...
Por baixo de saias mil
Quasi sempre sois lombrigas!

Nas praças toma-larguras,
Em casa sois esqueletos,
Esses corpos são estacas,
E os bracinhos uns espetos!...

Ah! conheço vos, mulheres,
Furias, furias de vaidade!
E por tal, sabei-o, viboras,
Dil o hei á humanidade.

Hei-de assoalhar no mundo
Quanto sei de vos, vadias!
Gritarei:—São o diabo!
Arreda com taes harpias!

Vocês solteiras sois tolas,
Casadas, nada valeis,
Viuvas -- Deos vos perdôe—
Pomada só nos vendeis.

Irra, comvosco, portanto!
Para mim não valeis nada!
Vou espalhar pela terra
Que vôs sois uma cambada!

M. P. P.

CATHECISMO POETICO E MORAL.

PRIMEIRA LECÇÃO.

Eis aqui, fieis leitores
Nossa primeira lecção,
Que a verdade traz comsigo
Dando logo a explicação.

Não repareis que as palavras
São d'um rapaz sem sciencia;
Sentimentos de noss'alma,
Não precisam de eloquencia.

Esteja embora o mundo inteiro
So de crimes tão confuso,
Faltas, defeitos do tempo,
Não devem passar por uso.

Si um homem por ser malvado,
Tem prazer no damno alheio,
Breve soffre egual desgraça,
Sem saber de onde lhe veio.

Tudo rege neste mundo
A mão de Deus poderosa,
Faz da fortuna pobreza,
E a desgraça venturosa.

Valente ou fraco,
Ou rico ou pobre,
Plebeu ou nobre,
Ninguem se afasta;
Tudo se arrasta
A sepultura...
A' foice dura
Tudo é sugeito;
Tal o preceito
Que poz natura.

Vive damnado o usurario
P'ra ajuntar thesouros grossos,
Morre de fome e so leva
A triste pelle e os ossos,
Que almas de burro
Que infame raça,
Tendo fortuna
Gozam desgraça.
Outros se arvora'em valentes,
Espancam, matam sem do,
Sem verem que em pouco tempo
Stão reduzidos a po.
E por essas valentias
Tem do inferno as agonias.
Outro sem lei, sem caracter,
Nas ladroeiras se enfronha,
Sem se lembrar que supporta
Fama que lhe faz vergonha.

Mas esta fructa,
P'ra certa gente,
Ja não existe,
Nem dá semente.

Se julga a lei como crime
O roubar, matar a gente,
Um Deus julga criminoso
A quem tal crime consente.
Mas dizem impios
Q'isto é chalaça,
Que Deus não sabe
Do que se passa.
Pobres coitados
Stão enganados,
Apenas buscam
Tomar tabaco;
Sem mais embargos
Vão p'ra o buraco.

A PEDIDO

—Meu capitão, venho contar-lhe um pedacinho do meu sermão; desculpe-me a demora.

—Estou prompto para ouvil-o; mais antes de tudo dê-me novas do nosso director pastoril.

—Capitão, este homem não sei delle, por que desde que metteu-se nos trinta paus da pobre velha, nunca mais o Sangradouro o viu.

—Pobre velha!

Nunca mais verá seus trinta paus.

—Ja cansou de escrever-lhe e mandar immensidade de recados, porem nada move o coração de pedra dura, a querer de despegar-se do alheio.

—E a mulher soffrendo de necessidades!

Sabe Deus que uso deu elle a tal dinheiro.

—Foi para dar principio aos ensaios da pepineira pastoril que começaram a 4 do passado.

—Tem geito para rapina.

—Mas bem feito lhe seja a ella.

E' para pagar a lingua.

—Então é linguaruda?

—Pois não teve o descoco de dizer que o noivo de sua filha pretendia desfazer o casa-

morto por haver se engraçado de uma innocente de 6 annos?

—E' doida.

—E' verdade que si essa menina estivesse em estado de casar, não desdouraria a quem com ella se unisse, visto que não tem cartas em notas, e nem outros precedentes que podem desabonar.

—Lá isso são frioleiras; vá adiante.

—Está bom, capitão, eu volto depois para acabar.

—Da licença capitão?

—Pode entrar!

—Desejo fallar á V. Ex.

—Quem é o Sr?

—Eu sou accionista da companhia de Vehiculos Economicos.

—Determina alguma cousa.

—Quero pedir a V. Ex. um favor.

—Diga, o que quer?

—E' contar á V. Ex. que os gerentes da companhia deixam entrar para os wagons os seus parentes e amigos e escravos, sem terem bilhetes, e querem trazer a conta certa de passageiros, de maneira que fica cheio como um ovo, em estado de ninguem se poder mecher.

—Mas que quer que lhe faça?

—Que V. Ex. clame contra este abuso!

—Está bem aviado; nesta terra se clama contra um abuso, e elle continua no mesmo pé.

—Desculpe encommodal-o, capitão.

—Adeus!

—Sr. mauxingueiro, faz favor?

—Vou com pressa, meu amigo.

—Olhe, é que cousa que lhe serve.

—Pois diga, diga e avie-se.

—Ha na escada de ferro um bruto que é a vergonha das ilhas, sevandija ao ultimo ponto, descarado, ralé, immundo.

—Mas então o que pretende?

—Que o Sr. lhe dê 500 calabrotadas para ver se toma brio.

E si elle bradar pelo seu favorito S. *Alexandre*, não faça caso, continue.

Depois, por castigo, mande-o ficar de joelhos na *marinha* perto da *ilha* onde bate a *maré* na porta do *Innocencio*.

Porque o animal, manhoso e velhaco, quer passar por *ingenuo*, pretendendo ter a prerogativa de S. José, que foi pae putativo de Jesus nascido do ventre puro da Virgem sem conhecer varão.

—Então, o homem acredita que o *milagre* operou-se por obra do Spirito Santo?

—E ninguem o tira disso.

—Bom, sua alma sua palavra.

—E o Sr. sabe que o ilheu é como barro, quando emperreia n'um logar, só faca o faz mover.

—Deixe estar, não se consumma.

—Capitão, uma parole.

Tem passeado pela rua do *Fesso*?

—Ignoro onde é.

—Na estrada *velha*.

—Ah; as vezes.

—Tem conversado com alguns pedreiros da muralha que o governo mandou fazer?

—Não.

—Pois converse que ha de saber que muitos estão por cobrar seus salarios, entretanto que o governo nada deve, tanto que alguns despediram-se por que não estavam para trabalhar para o bispo, e foram admittidos outros que igoravam a mixordia.

E que me diz sobre a medida dos palmos?

—Ha dente de coelho?

—Oh, isso tem que se lhe diga.

Consta que a thesouraria tem pago palmos de obra por fazer, isso por que o *mathematico* se fia nas contas que lhe apresentam.

—Olhe que V. é uma lingoa!

—Eu sou Aleixo, no mundo acho, no mundo deixo.

E com esta me vou, que ainda tenho de fallar com o *Antonio* que a esta hora deve estar com o *Aquino*, visto que nos sabbados só se pode pôr olho nelle no trapiche *Gaspar*.

MOTTE.

Eu vi um homem fumando
Um charuto de dez varas.

GLOZA.

Eu vi um gato pintando,
Uma gallinha a ladrar,
Um caxorro a conversar,
Eu vi um homem fumando.
N'uma hora fui a Fernando.
Vi um homem com seis caras,
E la vi cousas bem raras;
Porem ja me hia esquecendo,
Vi certo burro roendo
Um charuto de dez varas.

AO CORPO ELEITORAL.

Aproximando-se a eleição para deputados provinciaes venho vos apresentar seis conservadores influentes e distinctos para representarem a provincia na futura legislatura.

Os Srs.

1. João Antonio Pestana.
2. Pedro dos Martyres da Rocha Gandavo.
3. Francisco Baptista Correia.

4. Francisco Joaquim de Souza Pimentel.
5. José Alexandre Ribeiro.
5. Manoel João Pereira de Andrade.

Um eleitor do povo.

—Capião, aqui tem outra carta do jamanta taverneiro do Xixi.

—

Minha cara filha do coração. — Toda a noite passei no labarintho de cuidados respeito a minha filha! pois quis-me parçer quando fichei aponta, que estava encomodada, más não sei, se por falta de saude, ou se é paixão de amôres? Ah! minha filha! paixão de amôres é a piôr paixão que pode aver! é uma lima que corta mais no coração da creatura do que no proprio férro! Eu que o diga! no tempo que eu amava o quanto Deos âma a todos nós; e ainda hoje amo, e palesso não sei por quem.... por quem?!...

Deste seu pae e marido.

PARA DEPUTADOS PROVINCIAES

Os Srs.
1. Visconde de Itaparica.
2. Barão de Sauhype.
3. Dr. José Luiz de Almeiada Couto.
4. Major Antonio de Souza Vieira.
5. Dr. Antonio Eusebio G. de Almeida.
6. Dr. Pedro Antonio de Oliveira Botelho.

Um eleitor conservador, porem amigo dos homens de merito.

VARIEDADES

ASSENTOS PAROCHIAES NO SECULO XVI.

AOS i i j (3) dias do mez de Janeiro da presente éra eu Johã Velho cura bautizey hua filha de bento afonso e ana rodrigues por nome chamada lianor, padrinhos e madrinha manuell de liã e afonso rodrigues e catharina mealha e lianor de Vera.

Este é o 1º assento do:—*livro dos bautisados* de santo amtam da hera de mil e quinhentos e trimta e cimquo anos de que he cura Joham Velho. —

—Que laconismo, nem o cura assignou!!

Termo de casamento.—Aos 22 dias do mes de Novembro de 1589 annos recebeu o padre rector a porta desta igreja de Santo Antam a face do povo por marido e molher a Adriam roize filho de pero afonso e de Joana lourenço naturais desta cidade da freguezia da See com Ines lopes viuua filha de lopo fernandes e de maria lopes naturaes desta cidade da freguezia de Sancto Antam forão testemunhas Antonio martinz, francisco roiz, manoel fernandes, João nunes, manoel roiz peres, catorina alves e outra gente e o assignou.

(So assignou o reitor)—*Machado.*

Termo de obito.—Aos 8 dias do mez de Julho de 1590 falleceu Andre Johão homem trabalhador que disserão ser natural de Bringel está enterrado no adro desta igreja de Santo Antão, o não testou quiapauperrimus, e foi sacramentado.—*Machado.*

RAZAO MUITO FORTE.

Um janota, que nem se quer sabia ler, mas que a todo custo queria campar em publico por instruido, em havendo opera nova em S. Carlos, comprava o *libretto*, e não tirava os olhos d'elle, ostentosamente repotreado na platea superior. O nosso amigo T. de C., que por acaso tinha estado algumas vezes na cadeira ao pé da d'elle, reparando que o pobre folheto estava sempre de pernas para o ar, não se poude conter uma vez que lhe não perguntasse:

—Porque razão prefere o senhor ler as paginas as avessas?

—E' porque eu, senhor doutor, sou canhoto: ficou me isto d'um unheiro que tive na mão direita quando era pequeno.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 110 e 111 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Roga-se ao Sr. da Fidelidade nos diga onde achara 12 contos de reis, que até pouco tempos teve-os em mão do Sr. T... ao premio de 8 por cento ao anno! continuaremos, no caso de não explicar.

Vende-se uma lancha grande em bom estado: quem a pretender dirija-se a esta typographia.

O cobrador d'esta folha dirá quem prepara com toda perfeição e gosto dôces para casamentos e bailes por preço modico.

TERNA SAUDADE

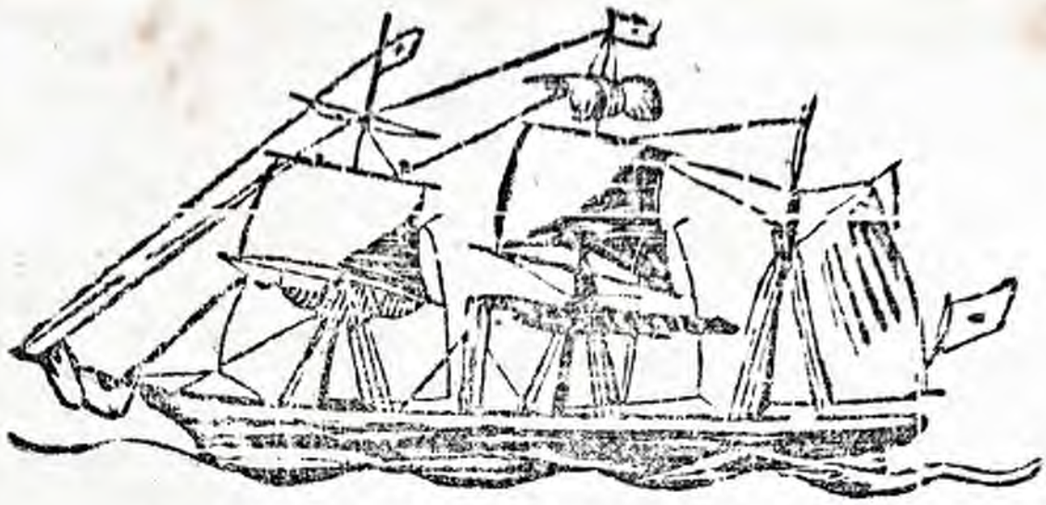
RECITATIVO.

Composto por Francisco Santini.

Vende-se em casa do author á ladeira de S. Roque n.º 9., á Barroquinha, loja do Sr. João Manoel de Seixas Junior, e Copistaria de Manoel Joaquim de Araujo, ladeira do Taboão.

AMA.

Quem precisar de uma senhora idosa para tomar conta da regencia de uma casa de familia, dirija-se a esta typographia que se indicará uma.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 37
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 20 DE OUTUBRO DE 1869. N. 565.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que nos communicam que a africana Marcolina, moradora ao Desterro, ha poucos dias, commetteu a barbaridade de queimar uma mão de uma creança sua afilhada, a qual está em risco de ficar aleijada, facto que se leva ao conhecimento de S. S., para, no caso de ser exacto, não ficar impune.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um individuo de nome João, esmoler, mais conhecido pelo *Pilra*, o qual, depois de especular com todos os santos de que se compõe a corte celestial, com o fruto da ganancia embebeda-se e dá para gritar pelas ruas nomes obscenos, fingindo-se maluco. Em homenagem á decencia, espera-se de S. S. uma providencia a respeito.

—Capitão, ha pouco tempo, nesta cidáde, commetteu-se um assassinato atroz.

—Aonde?

—No convento do Desterro.

—O' homem. Alli! no sanctuario da paz de spirito, da caridade e do amor do proximo!

—E' verdade; as esposas do Senhor de mansidão e bondade, foram as authoras de um crime nefando e horroroso.

—Mas, de que maneira?

—Uma serva, victima de brutaes e insupportaveis castigos, não podendo resistir á crueldade dos tormentos que a faziam soffrer, na occasião em que era deshumanamente espancada, lançou-se de uma alta janella, com tanta violencia, que cahindo sobre um braço, este enterrou se-lhe pelos vasios!

Um facultativo foi chamado, o qual não conseguiu arrancal-o de onde tinha enterrado, tamanho foi o baque.

A desgraçada só durou uma noite.

Nem a authoridade civil nem a ecclesiastica tomaram conhecimento. O crime ficou em mortorio.

—E o medico?

—Calou se.

—E' um silencio indesculpavel.

—E' a santidade que vae pelo claustro!

Porque a vida exemplar, a sanctificação do spirito, entendem, está em metter-se n'uma cella e vestir-se com um habito e viver isolado, no centro da communhão social, como si no ambito de uma cella, debaixo de um habito, não se possa esconder a perversidade, os maus instinctos!

—E estes factos tenebrosos como passam desapercebidos da acção da lei!

—Estes dias tem sido ferteis em desgraças.

—Será influencia do cataclysma?

—Sexta feira, um rapaz, passava pela rua do Collegio, e repentinamente cahiu es-

trebuchando, victima de um violento ataque.

Sabbado, um individuo foi gravemente offendido na rua da Valla, pela marrada de um boi bravo, pertencente, dizem, ao Sr. Azevedo.

— E' bem imprudente o systema de conduzir-se bois-brabos por entre a população.

Preso por duas cordas frouxas, vae o furioso animal arremettendo contra quem passa, causando sustos, carreiras e esbarrões.

— Justamente; assim nos referem este.

No mesmo dia, falleceu repentinamente o carpinteiro Themoteo Felix da Guia, nas Portas da Ribeira.

Domingo, deu-se uma deploravel desgraça entre dois rapazes, camaradas, dignos ambos de compaixão.

Gracejavam levianamente com uma garrucha, que suppunham descarregada, fazendo pontaria um sobre o outro, e infelizmente a arma disparou, ferindo mortalmente a um delles que durou pouco mais de 24 horas.

—E' consternador!

—Um moço, de nome Reis, morador na Calçada, entretinha-se com o tenente Calasans, no exercicio de manejo d'arma, no Campo do Barbalho, onde mora este: o primeiro com um pau e o segundo com uma espada; a consequencia do desastrado brinquedo foi receber o Sr. Reis um formidavel golpe sobre o olho direito, que o poz em estado serio.

No hotel do Globo, um Sr. Cabral, de Nazareth, foi fulminado por uma congestão cerebral!

—Dizem que tambem houve um outro na freguezia de Sant'Anna,

—E pelo rumo em que vão as cousas parece que a presente semana emendou com a passada em desastres!

—Melhor sorte lhe dê Deus.

—Logo na segunda feira, um moleque, protocolista do procurador Mello, para provar que era *bom copo*, bebeu sosinho em uma venda ás Portas do Carmo, uma garrafa de vinho; horas depois, embriaguez ou loucura, fez estrepolias do largo de S. Bento á rua do Collegio, atirando pretas ao chão, encapellando os transeuntes, e por fim embaraçando por casa do *Bota de Prata*, e quebrando-lhe os moveis.

Dous moços estudantes, em pleno dia, no Rosario de João Pereira, andaram com as mãos pelo chão, esbofetearam-se, rasgaram-se, e os moleques applaudiram aquella provas de applicação á scieneia.

—Deus queira que as cousas fiquem ahi e que o resto da semana termine pacificamente.

—Não faltam visionarios que achem a causa desses terremotos na approximação de algum ser maligno que se avisinha de nós.

—Algum genio de *tempestade*.

—Sem duvida.

—Cruz! Elle que va para onde não canta gallo nem gallinha.

—E o correio a recalcitrar em dar aos jornaes destino differente d'aquelle para onde são enviados!

—Levam descaminho.

—E' uma birra dos diabos!

—Manda-se para o correio um masso de gazetas, paga se um tanto de sello, e ellas quasi nunca chegam ao logar para onde são mandadas!

—Deleixo ou subtracção, das duas uma.

—De maneira que tem-se prejuizos das folhas e da importancia dos sellos.

—E chovem as reclamações.

—Remette-se constantemente folha ao *Estandarte*, entretanto elle diz isto:

«Tendo nós remettido o *Estandarte* e não recebendo, a dois para tres mezes, o *Alabama*, julgamos que a redacção não queria mais a troca.

Havendo nesta provincia muitos comprovincianos illustres, tinhamos o prazer de que fosse lido o *Alabama*.»

—Endemoninhados moleques!

Quebraram a cabeça do velho *Massadá*.

—Onde e quando foi isso?

—Sexta feira, na porta do hotel Figueredo.

O pobre velho, lavado em sangue, ficou muito tempo atirado na rua, sem ninguem o soccorrer.

—E digam que não ha liberdade de acção nesta terra; si os proprios moleques praticam tudo que lhes dicta o seu malevolo genio!

—La isso é verdade; si fosse no sertão, onde *se arrastam até tenentes coroneis, ha muito tempo* que elles teriam tido correcção.

—Sirva-se do dito e entregue a seu dono.

—Quem sabe si algum dia eu serei chefe de policia para adoptal-o como meu....

—Ora, não seja desfructavel, meu *quidam*.

LA VAE VERSO.

MULHERES.

VERSOS RIMADOS COM AS MESMAS CONSOANTES DOS DO—M. P. P.—DO «ALABAMA» DO DIA 17 DO CORRENTE; EM DEFEZA DAS MULHERES.

Comment peut-on être tyran des femmes?!!!

* *

Quem me dera mil *mulheres!*
Quem não ama é *detestavel*,

Ah! meu Deus — que *olhares languidos*
Da mulher em tudo *affavel!*

Nada *n'ellas é fingido*
Detestam, sim, a *apparencia*,
Não *amal-as?*—*Vade retro*
Hei-de amal-as té *demencia*.

Amo sim,—*creiam que é serio*—
Com furor, paixão.—*E' nada?*
Amo á todas, *moça e velha*
Ga p'ra mim não ha *cambada*.

Bellas sim, não *exigentes*,
Nada têm de *exiguidade*,
Bemfeitas, não *manequim*,
Fogem todas *da vaidade*.

O'carmim que as *faces trazem*
Não se acha na *botica*,
Das flores teem o *perfume*,
Faceiras, porem sem *nica*.

São anjos do ceu *cahidos*,
São as flores da *cidade*,
São anjinhos *entes taes*,
São o bem da *humanidade*.

Adoro-as e quero *vel-as*
De mim perto, não *distante*,
Seus mimos sabem *trazer-nos*
Macios como um *barbante*.

Vocês, meninas me *perdem*,
Com seus mimos, *queridinhas*;
Venham abraçar-me *todas*,
Não sejam *mentirosinhas*.

Bellas *formas* teem—não *falsas*,
Nas *pernas*—oh que *barrigas!*
E' preciso ter dez *mil*
Para achar duas *lombrigas*.

Nas cadeiras—que *larguras!*
Nada tendes de *esqueletos*,
Mente quem vos chama *estacas*,
Quero sempre taes *espetos*.

O vosso cantor, *mulheres*,
Serei, sim, tenho *vaidade*,
Inda que n'ataquem *viboras*
Que descreem da *humanidade*.

Os primores sois do *mundo*,
Saltae, meninas *vadias*,
Abraçae-me, oh! *diabo!*
Não sejaes crueis *harpias*.

Nem as casadas são *tolas!*
Solteiras... tudo *valeis*
Viuvas, Deus me *perdoe*,
Nossos corações *rendeis*.

Amo a vós todas, *portanto*,
Como vós pr'a mim n'ha *nada*,
Sois os feitiços da *terra*,
Só as nymphas sois *cambada*!

Á PEDIDO

—Arre! safa!

Que homem damnado é o tal *major*!

—Mas conte-me, quem é esse *quidam?*

—Dizem que veio das margens do S. Francisco, onde quizeram *amaciar-lhe* o pello, pelas proezas que fez por lá.

—Quizera conhecer esse *Thenardier*.

—E' um animal *sui-generis*; tem parte de rapoza, de tigre e de jumento; quem o vir pelas ruas de cabeça baixa, a olhar para o chão: quem o encontrar todos os domingos na missa na Piedade, ha de dizer—que santo homem!

—Eis a rapoza!

—Mas quem o vir enfurecido dentro de casa a castigar barbara e cruelmente os escravos, e á vomitar injurias sobre as pessoas de quem não gosta, ha de dizer que é um tigre.

—Um tigre mascarado de rapoza!

—Tambem é o velho mais immoral que eu conheço; deante da familia; e de pessoas de fora, profere indecencias as mais asquerosas.

—Que lingua de *Zé-Nunes*!

—A mania desse individuo é farejar amizades; procura-as com muito empenho para dentro em pouco *escoceal as*.

—E' um mentecapto!

—Sem duvida! Tambem não pára em parte alguma desde que veio de muda para esta cidade; agora vai se para uma roça, no *campo* onde fabrica-se *polvora*, que comprou; afim de surrar os escravos a sua vontade, segundo elle mesmo declara.

—Que barbaro!

—Já mandou fazer um troncó, e azorragues, em quantidade, para esse fim.

—Compete á policia ter em vista semelhante féra.

O NAMORADO.

—Fora bobo! fora bobo!

Fiau! fiau! fiau!

—Com quem é isso?

—E' com um bipede, caixeiro de um homem que não é *moreno*.

E' peior que uma besta, por que esta acode á espora e o safado com a taca do muxinguelro no lombo, por quatro vezes, continua na safação.

—Chega a fálla bruto;

Não sejas tolo,
Não sejas besta,
Vê que a barbella
Te ha de ser crespa.

Não te mettas bruto,

Na *limeira* a trepar:
Pode acontecer
O dono te encontrar.

Andas a inculcar-te
O que não podes ser;
Lord sem dinheiro
Qual! não pode haver.

Não queiras que a liminha
Por tua causa venha a perder
O fructo que de Deus
Feliz a ha de fazer.

La da janella do becco
Do Caes Dourado tambem,
Sempre fazendo acenos
Sem receio de ninguem.

Diz-me lá, ó pés de pato,
Cousa ruim, renegado?
Para que fostes bulir
Com as filhas de um finado?

Pois não reparas que estás
Ja muito compromettido.
Deus queira que desta vez
Não saias de mau partido.

Ou pensas que é o mesmo
Que a senhora das *panellas*,
A quem infame enganaste,
E agora te gabas della?

Quem sabe disto é o *Manuel?*
E o *José* sabe tambem,
E alem do *Azevedo*,
Inda sabe mais alguem.

—Capitão, capitão!
—O que é rapaz?
—Venho trazer á presença de V. Ex. este sendeiro.
—Quem é elle?
—Um Thomaz do *café feito* no largo de Riachuelo.

Este infame tem uma lingua mordaz e mais afiada que uma navalha. O tempo que ha de cuidar no seu reles negocio emprega em cortar na vida dos mais, não havendo para elle excepção honrosa e deconhecendo que haja honestidade em ninguem.

—Chega para ca, cousa immunda.
—Ah! Sr. capitão, eu juro não continuar.
—Muxingueiro, por esta vez um par de maxos e gargalheira ao pescoço: si o miseravel continuar não é preciso te dizer o que has de fazer.

SONETO

Velho gaiteiro, *Nunes* miseravel,
Major moleque-mór dos birimbaús,
Reprime a lingua, ó chefe dos maraús,
Não offendas a moral tão respeitavel.

Barbaro senhor, caduco detestavel,
Ah! não queiras nos outros dar quinau,
Pois é crivel que todos sejam maus
E tu somente o bom, ó impecavel?

Si com toda a visinhança estás brigado,
Si tens á todo o mundo a guerra aberto,
E's tu logicamente o condemnado;

Socega, deixa estar, velho indiscreto,
Que no orco has de viver mais socegado
Com Cerbero, Caron, Megéra, e Alecto.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 112 e 113 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO, RAPAZEADA.

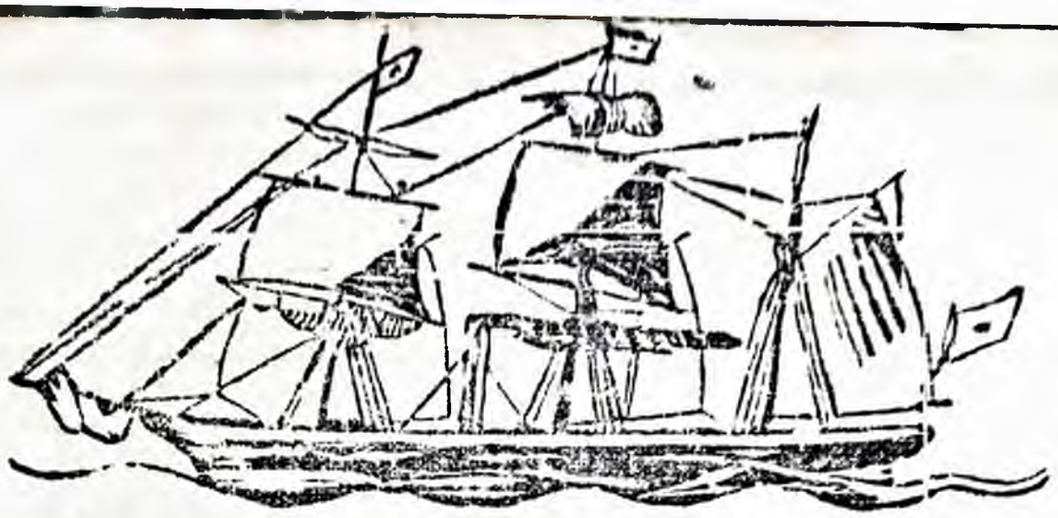
Aproveitem, que está se queimando no deposito de charutos de Augusto Bodrigues Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.º 51, o seguinte: charutos finos de bons fabricantes, cigarros de diversas qualidades, fumo picado, colchas de borracha, mortalhas, palhas de milho, cachimbos cobertos e descobertos, ponteiras para charutos e cigarros, phosphoros de segurança do melhor author em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas para candeeiros de gaz, folhinhas de Laemmert, diversas miudezas e tudo o mais que se encontrará no dito deposito á vontade dos bons amigos e freguezes, sendo bem servidos em toda e qualquer qualidade destes generos.

Na noite de 16 do corrente roubaram do abaixo assignado, em sua casa ao Maciel de Cima, n.º 8, uma relogio cilindro n.º 14,172,—18,262, caixa de prata galvanisada com cadeia e sinete de ouro, e uma pedra encarnada; uma Imagem de Nossa Senhora da Conceição, com corôa de prata, uma capella de ouro, um chapeu do Chile, e uma bocêta de massa; o mesmo gratifica com a quantia de 40$000 a quem der noticia dos objectos nos talhos ns. 1 e 2 em S. Bento, ou em sua casa. Bahia 17 de setembro de 1869 —*Libonio Assis de Sant'Anna.*

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; 'tambem compra prata, ouro e joias.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

Anno VII. Serie 57

BAHIA 23 DE OUTUBRO DE 1869. Ns. 566 e 567.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, consultando-o si o contracto celebrado com o governo não estabelece que o superintendente da companhia do Gaz seja um engenheiro e, no caso affirmativo, ponderando-lhe que está o referido contracto sendo quebrado, em consequencia de se achar, ha cerca de tres mezes, exercendo as funcções de superintendente o guarda-livros da mesma companhia?

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que, por conta da municipalidade, mande proceder á extincção da perniciosa bocca de lobo existente na Praça dos Veteranos, esquina da rua da Valla, uma vez que o fiscal parcial, occupado em cousas de *mais interesse*, não tem tempo para obstar que fique aquelle logar reduzido a foco de podridões pelo continuado despejo que ali fazem, ameaçando assim a saude publica. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando lhe que, por conta do respectivo proprietario, mande ja e ja arrear o forro da saccada do sobrado n.° 7, á travessa do becco do Arcebispo, o qual está para cada hora vir abaixo, podendo semelhante queda dar algum resultado desastroso. Cumpra.

—Que caiporismo pegou nesta semana!

O pedaço de uma casa desabou sobre duas pobres mulheres deixando-as *enterteladas*.

No fogo da Piedade, houveram cacetadas, facadas, etc., sobre-sahindo no brinquedo um sargento municipal.

Na ponte da Companhia Bahiana um policial esbofeteou uma pobre mulher, puchou o fandango e fez as todas.

Na rua da Mizericordia houve um perluvio dos peccados; encommodou até o chefe da segurança publica.

—Agora, em remate, ouça uma menos má:

Chegou da côrte o Sr. Francisco Gonçalves Martins, barão de S. Lourenço, e presidente desta provincia.

E foi recebido com foguetes, musicas, vapores embandeirados etc.

—Mais esta!

Eu a tratar de cousas desagradaveis e V. me dá uma noticia tão differente...

—Capitão, amanhan haverá um grande concerto no passeio publico, ás 4 horas da tarde, promovido pela sociedade philarmonica *Luzo-Brasileira*—Minerva,—generosamente coadjuvada pelas bandas de musica dos collegios S. João e Gymnasio,—em beneficio da sociedade libertadora Sete de Setembro.

—E consiste o divertimento somente nisso?

—Não. O prestimoso director do circo Olympico Brasileiro, em homenagem á grande causa da liberdade, presta-se a fazer exe-

cutar, pelos melhores artistas de sua companhia, diversos jogos gymnasticos, sobresahindo o do equilibrio da escada japoneza.

—E' um bello divertimento!

—E é de esperar grande concurrencia, em vista do phylantropico fim a que é destinado o producto deste concerto.

—Capitão, quer ver em que deleixo, em que abandono vae a ordem publica nesta terra?

—Vejamos.

—Eu lhe digo.

Na quarta feira exhibiu-se publicamente nesta cidade, em uma das ruas mais populosas, um escandalo revoltante, em affronta ao decoro publico e honestidade das familias.

Foi nada menos do que um individuo desde as oito horas e meia da noite, na rua da Misericordia, a insistir em altos gritos pela entrega de sua amazia que dizia retida em casa do Sr. Manuel Correia Garcia.

E fazia certos commentarios com expressões em que as regras da pudicicia eram inteiramente violadas.

Todos os que passavam ouviam e viam aquelle requinte de immoralidade; mas os agentes de policia estavam não sei onde mettidos, que por alli um só não transitou, para fazer conter aquella enxorrada de indecencias.

Com effeito, pouco mais de dez horas, isto é, duas horas depois de tão repugnante alarido, sahiu a mulher de casa do cidadão Correia Garcia, a qual, segundo consta, fôra para ali levada pelo proprio reclamante.

Travou-se então renhida contenda entre este e aquella.

Elle a querer que a mulher o seguisse e esta negando-se obstinadamente; dahi proveio a lucta; o povo que enchia a rua, prendeu-o; elle resistiu tenazmente.

Em tudo isso, caso extraordinario que despertou a attenção de cerca de mil pessoas! uma so praça de policia não apparecia, apezar dos estrepitosos toques de apito que cruzavam as ruas e beccos das immediações!

A presença da força se fez sentir somente quando alguem lembrou-se de correr ao destacamento da repartição da policia.

—Vae ás mil maravilhas!

—Ora diga-me, si esta terra não estivesse entregue ás baratas, não se teria evitado tanto escandalo, chamando aquelle individuo á ordem, logo que começou a fazer seu berreiro?

Como é que n'uma rua, que, por assim dizer, constitue o transito geral de parte da cidade, não houve um agente da força publica que ouvisse os gritos de um homem por espaço de duas horas?

—E n'uma noite em que houve spectaculo no theatro!

—Aqui era bem cabido trazer a recordação do Sr. delegado um certo facto, dado ha tempos, em que S. S. mostrou tão *subida solicitude*.

—Vamos ao fim.

—O individuo, motor de todo disturbio é um agente da força publica, disfarçado.

—Vae bem a segurança com gente tão pacifica.

Com a presença do Dr. chefe de policia, accommodou-se e o Sr. tenente Pedreira França, offerecendo-lhe o braço, conduziu-o a prisão, dignando-se o Sr. Dr. Antero accompanhal-o até a Baixa dos Sapateiros.

—Está direito; foi como devia.

—Em uma das lojas maçonicas desta cidade deu-se um caso que tem seu sal.

—Conte-m'o.

—Certo vendelhão, pé de boi, assentou praça de maçon. Tendo de passar pelas provas rituaes, taparam-lhe os olhos e elle saltou despenhadeiros, precipitou-se sobre espadas e viajou todo o globo.

Provada a coragem do aprendiz, bradou o encarregado da ceremonia:

« —Tirem-lhe a *venda*.

O *massa bruta* porem, não entendendo o sentido de taes palavras, gritou assustado:

« —Isso não; façam-me tudo o que quizerem, menos tirarem-me a *venda*, que é do que eu vivo e o unico bem que possuo.»

—Que lorpa! Julgava que a venda que lhe queriam tirar era a casa de negocio e não a que lhe cerrava os olhos?

—Na quarta feira, ás 9 horas da noite, uma mulher parda, amasia de um creoulo, segundo disse, foi esperal-o que sahisse do theatro para leval-o para a casa, e com uma navalha palmeada. Depois de o insultar muito de negro, atrevido etc., etc., ao que elle acovardou-se, o fez seguir deante della.

—E a policia, não viu isso?

—Ora, a policia! Um soldado que se achava ahi, em logar de acommodar a destabanada, ria-se e dizia:—*bonita comedia*!

—Veja como procede a policia desta terra; e no entanto podia o diabo tentar a mulher e ella a cutilar o amasio.

—Era então quando a policia tomaria as providencias, quando se lamentasse a desgraça do infeliz!

—E é assim a policia da Bahia! Em logar de evitar o synistro, espera primeiro que elle se dê.

—Fortes cousas!

A POBREZA

Antes pobre conformado
Do que rico amargurado.

Fallam tão mal da pobreza!! Tem chegado a ambição de ser rico neste tempo a tal ponto, que se toma por injuria chamar pobre a qualquer homem. A moça mais ordinaria torce o nariz si um pobre a vai pedir em casamento. Tem se tornado infelizmente a pobreza synonimo de infamia, e a riqueza synonimo de virtude; o pobre é plebeu, é canalha, e o rico é fidalgo, é tudo. A balança do merecimento que n'outros tempos pezava os homens na sociedade, ja não existe; quebrou as cordas com as arrobas que lhe puzeram de patifaria, de sorte que presentemente regulam se os individuos no mercado do conceito pelo volume, e não pelo pezo especifico, e por isso vemos a cada passo um burro ter mais importancia que um sabio, com tanto que elle leve albordes cheios de dinheiro. O homem sizudo, magro de fortuna, vale muito menos que o bandalho gordo da algibeira; porém isto é em quanto ca n'este mundo, porque no outro la temos a balança de S. Miguel que peza tudo com exactidão.

E desejam todos gozar o nome de ricos como epitheto glorioso, ainda que na realidade não o sejam! A prova é que grande porção de homens mentem quando se indaga os seus lucros: o caixeiro esse para se ficar na duvida nunca diz quanto ganha; o senhor de engenho diz que faz quatro mil pães de assucar quando faz quatrocentos, que tem duzentos negros de enchada quando bota no serviço trinta ou quarenta; o negociante diz que tem correspondencia para todas as partes do mundo, e entretanto chegam duzias de navios e elle não recebe uma só carta; o medico diz que a sua clinica lhe rende quatro a seis contos de réis por anno, e vá se ver o livro dos seus assentos que tem feito apenas dezoito ou vinte visitas por anno!

E para que tudo isto?! Para com esta impostura ser admirado como rico.

Pois, á vista de todos estes fingimentos, ouçam os Srs. leitores a franqueza com que lhes vou fallar: ha sete annos que vivo escrevendo e não tenho de meu mais do que sessenta e dous mil e quinhentos, e isto mesmo em dividas quasi incobraveis.

Ora, os meus bens ou mobilia consistem em duas cadeiras de palhinha rotas, e uma gamella de banho que está vazando por uma raxadura; e assim mesmo não me entristeço de ser pobre, porque vejo por essas ruas muita gente boa a pedir esmola, e além disto não devo nada a ninguem.

E consideremos bem que muitas vezes o ser pobre é melhor do que possuir certas riquezas que ahi andam invejadas pelos tolos.

De que serve gozarem da fama de ricos alguns sujeitos que ahi se aprezentam com fortunas adquiridas por meio de roubos, moeda falsa, testamentos falsos, etc.? si possuem o dinheiro, e de dia o gastam, quando vão á noite descançar na cama estão ralados de remorsos.

Que conta faz ter uma loja muito aparatosa, devendo mais do que a importancia que existe dentro d'ella?! Porém a alguns faz conta dando-se por quebrados alardeadamente.

Todos os meios se estudam de ostentar riqueza no publico; uns entendem que dão provas de ricos sahindo montados em cavallos ajaezados de prata, outros em trazer os filhos ainda crianças vestidos com muito luxo, outros em mandar a mulher á missa levando ao lado da cadeira negras lacaias cheias de cordões de ouro e relicarios no pescôço, outros em trazer como painel de amostra dentro da algibera umas quatro moedas de ouro, e uns seis patacões para puchar diante de gente nas reuniões; e por esta fórma ninguem quer ter nem de longe a morrinha da pobreza quando aliás a pobreza, tem comsigo muitas circunstancias uteis á vida, por exemplo: o pobre está livre dos cuidados que vexam a homem rico e ambicioso; o pobre humilha-se com mais facilidade do que o rico, os pobres em geral são amigos mais verdadeiros, e parentes, mais sinceros uns dos outros, e para prova observa-se que, quando, em uma familia rica, um filho se quer casar com alguma moça que não seja tambem rica, e seja embora muito civilisada, os pais logo prohibem, e para aterrarem o rapaz ameaçam com a desherdação!!! E tudo para que?! Para ficarem os bens para os parentes. e não haverem filhos que herdem.

O pobre dorme sua noite socegado sem se lembrar de lettras a vencer, sem sustos de navios que espera, etc. etc.

Nota-se que, entre a gente pobre, o amor é mais terno e mais sincero, porque vivem afastados da illusão, das pompas do ouro, dos aduladores, das lisonjas, etc., etc. Os ricos em geral tem entre si uma fôfa aristocracia, e enchem-se tanto de vaidade que desejam formar entre si uma maçonaria só de ricos bem como os Srs. de engenho que se tratam uns aos outros por primos; mas quando algum d'esses primos tem falta de dinheiro ou soffre penhora, não ha primo que o valha; outros ricos, para indirectamente sustentarem uma cathegoria entre sua familia, quando em ausencia fallam em algum parente dizem, por exemplo: o meu irmão o Sr. coronel fuão, o meu cunhado o Sr. barão de tal; e o que é

isto? Impostura e muita somma de soberba.

Em conclusão, direi que, si Deos me quizer tornar rico, não engeito a proposta; mas tambem não me amofino por ser pobre, em quanto elle me concede o favor de conservar-me com saude e boa vontade de comer, porque o rico, ainda tendo os mais preciosos manjares do mundo, só hade comer a maior quantidade que cabe na barriga de um homem e do tamanho da minha e os ha de saborear so quando tiver fome e boa disposição, e quanto ao bom bocado de apreciar as bellas, ha por ahi muita menina pobre e bonita, que eu posso pedir para viver comigo, e dançarmos o fandango amoroso.

Á PEDIDO

—Capitão, V. Ex. admitte algumas considerações?

—Si são justas e discretas, venham.

—Pois lá vão.

Porque dorme a policia em quanto a tranquillidade de algumas familias periga?

Será casual ou proposital esse somno?

Para que nos serve uma policia, que, devendo ser a primeira interessada na tranquillidade, é a que mais despreza os deveres que tem a cumprir?

Infeliz terra onde as autoridades policiaes são sophismas pomposos, acompanhados de ordenanças: mais que não sabem cumprir as obrigações de seu cargo!

Estará a policia de olhos vendados?

Porque não lança ella os olhos para a multidão de casas de jogo que ha nesta cidade?

Por que não faz a policia sentir o rigor da lei sobre esses transgressores della, poupando a muitas mães as lagrimas que mais tarde terão de derramar, á muitos chefes de familias amargos dissabores que terão de curtir?

Por ventura a policia ignora os casos funestos que constantemente se dão, consequencia immediata das casas de jogo?

Basta de tão deleixado si não criminoso lethargo; ao menos por amor da humanidade, supprima a policia a alluvião dessas casas de perdição.

Do jogo ao crime a distancia é muito curta; pois bem, previna-se o crime; é melhor do que punil-o.

—Meu amigo V. pregou um bonito sermão, porem, creio que não acha quem lhe assista.

—Capitão, ouça esta que é digna de sua attenção!

—Vejamos.

—O Sr. Ildefonso Lopes da Cunha arrematou dous talhos, um em S. Bento e outro em Santa Barbara.

Mas, depois, o Sr. Ildefonso não gostou do talho de S. Bento e rescindiu da arrematação, obrigando-se, em todo o caso, a pagar o prejuizo que por ventura podesse haver, e assignando com os seus fiadores, na camara, o termo de contracto de aluguel por um anno do talho n.º 12 de Santa Barbara; pagou immediatamente um quartel, do que tem elle recibo da camara.

—Deixemos de preambulos e cheguemos ao caso.

—Não estou preambulando; é necessario contar-lhe o principio da historia para poder chegar ao seu fim!

—Sim, vamos logo ao fim della.

—No *Jornal da Bahia*, de quinta-feira, vem um annuncio da camara municipal declarando em hastea publica o referido talho!

—Mas a camara não pode fazer isso, porque o Sr. Ildefonso ja arrematou o talho, ja assignou o termo de contrato e ja pagou um quartel, do que tem recibo.

—Eu acho que elle pode protestar.

—Isso é que é tolice!

Nem que elle faça mil protestos, os taes vereadores farão aquillo que entenderem.

—Porem nós não estamos no Paraguay!

—Cale a bocca, bobo, que os homens estão *regenerando* o paiz!

—O homem do chafariz da Piedade descobriu uma mina.

A' cada preta, que ao encher o barril, deixa entornar uma ninharia d'agua, impõe uma multa que é recolhida ao cofre de seu bolso.

—E si a preta não tem para pagar?

—Penhora-lhe o barril.

—Boa minestra.

—Bagatella. O que ha de mais é as pretas andarem com sentido para não esperdiçarem agua.

Pede-se ao Illm. Sr. inspector do arsenal de marinha para que mande concertar o bicame do seu palacio que, alem de ensopar os caminhantes, ameaça eminente risco de despregar algum pedaço sobre a cabeça de quem por alli passa.

—Sr. *Lombo de moxiba*, o que é isso?

Si tem sua cabeça molle para que bebe tanto?

—Sr. *Henriques*, não me venha encafifar!

—Pois V. põe-se na *porrinheira* para insultar aos mais e andar batendo pelas portas com gritos tão deshonestos?

—E o Sr. é um *correio* de novidades!

—Ora emende-se.

Pede-se ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, que mande metter na gaiola da Correcção uma *pomba*, que bem pode ser curuja por andar á noite batendo pelas portas das casas da rua da Lapa; assim como tres sujeitos de nomes Joaquim, Mesquita e Gomes, os quaes na companhia da tal tarasca, dão pasto á depravada conducta de que são dotados.

O CANTO DA ESCRAVA.

Oh, pobre escrava, trabalha,
Trabalha em todo rigor,
Si não queres o chicote
De teu barbaro senhor.

Atiça tua candeia,
E' noite, tem paciencia,
Olha a tarefa, não queiras
De teu senhor a violencia.

Deixa que corra o suor
Desse corpo tão cançado,
Trabalha, escrava, trabalha,
Não maldigas o teu fado.

La nas terras d'alem mar,
Nasceste livre, é verdade,
Porem a ambição roubou
Tua doce liberdade.

Trabalha, escrava, trabalha,
No somno não vás pegar,
Nas horas que todos dormem,
Teu dormir é trabalhar.

Neste afflictivo passar,
Pede a Deus consolação;
Invoca sempre o seu nome
Na tua attribulação.

Elle, que o mundo governa,
Bem sabe teu soffrimento;
Pode mudar tua sorte,
Se lhe approuver, n'um momento

J. A. da Cunha.

—Capitão, trago este pervertido a sua presença.

—Quem é elle?

—Um mal casado que abandona a familia, para viver em companhia das meretrizes.

—Mas isso o que lhe importa a V.??

—Amor com amor se paga.

Si esse tratante não tivesse a lingua tão solta, estava livre que agora houvesse quem lhe descobrisse os podres.

Mas o detractor falla de Deus e do mundo, e nem poupa ao proprio compadre, que o aguentou sete annos como si fôra seu proprio pae. Sem fallar no Torres, a quem elle custou uma horrenda buxa e contra quem hoje diz cobras e largatos.

—Mas quem lhe deu procuração para V. tomar as dores dos mais?

—E' que tambem sou ferido.

O linguarudo, no tempo em que ha de pensar no papel triste que representa na casa 55, ao *Caminho Velho*, anda a se lembrar de mim, que vivo no meu canto.

—Lance ao desprezo que é melhor.

—Capitão, é preciso corrigir este *guingó*.

—Pois marque-lhe a pena.

—Por S. *Francisco*! Eu entendo que o *Alexandrino* amarrado a um pé de *carvalho*, tomando no lombo 50 do muxingueiro, ha de se emendar.

—Pois seja feita a sua vontade.

SONETO.

Com Cupido sahi ao desafio,
Por elle mesmo sendo provocado:
Queixando-se de mim por desprezado,
Por que zombo de amor, de amor me rio.

Tomo um bordão, um canivete afio,
Unicas armas em que vou fiado;
Cupido de mil settas vem armado,
Mas não me fez temer, não desconfio.

Chegado de brigar ao tempo certo,
Dispara-me uma setta sem receio;
Dou-lhe as costas; e ligeiro me desperto.

Com um pau dei lhe nas azas, desasei-o;
Aturdido no chão cahe de mim perto.
Apanhei-o no chão; que fiz? capei-o.

—*Alexandresinho!*

Vem cá flibusteiro!

Armazem de descaração, deposito de bandalheiras, cabide de ladroeiras, mostrador de pouca vergonha.

Anda safado, que chegou a tua vez,

«Cabeça de cação, feições de mono,
«Pernas de urubú, cara de burro,
«Barriga de moco, unhas de abutre,
«E' teu fiel retrato, vil casmurro.

Chega, moderno Lucas.

Ladrões ha tão sagazes, que tem a habilidade de se fazerem passar por homens de bem.

Mas esse predicado não o possues.

Roubas com o maior desfaçamento que se pode imaginar.

E, insolente, andas de cabeça erguida no meio da gente honesta, blasonando!

Extraordinario contraste! Tu, um larapio de primeira plana, a alma do *Cobrinha Verde* encarnada no corpo do *Alexandrino*, tens boca para detractar de quem está tão longe de ti como o sol da terra!

Que miseria! Um ladrão voraz, que tem fo-

me canina, para devorar roubos, ousa fallar de quem poem os pés, onde elle nunca porá os focinhos!

Mas sabes, por que é isso, infame?

E' pela santa paz que nesta terra concedem aos malvados e salteadores.

Do contrario, ha muito estarias expiando teus altos feitos em alguma penitenciaria, quando não estivesses, á maneira de papagaio, com um barril ás costas; por que esse é o premio dos que vivem dos arrombamentos, das delapidações etc.

—Mas eu não fiz nada disso.

—Então foi a gram pata que te pôz o author daquelle roubo de assucar do armazem do *Generis* e que foi parar em mão do *Dominice*, o *anno* passado.

E que me dizes das saccas de algodão, içados á corda pelo fundo da casa de João Coxo, teu consocio, morador ao becco do Segura Parede?

Negas isso?

Não é verdade que na casa desse harpya existe assentado um moitão por onde sobem a noite as rapinagens que fazes e que d'ahi são conduzidas para tua immunda tasca?

Tambem não és unha e carne com o João da Matta, em cuja casa deposita-se o assucar bifado, para dahi lhes dares destino por *treitinha*?

Não és o freguez mais pontual com que conta o Estevão na compra das ladroagens?

Falla, bruto!

Como não ser assim para sustentares o luxo enigmatico que tens?

Não tens negocio conhecido que te garanta rendimento vantajoso.

Sahes de casa as dez horas e te recolhes as duas e meia, reservando o mais a *fazer* para a noite, e como tens dinheiro para passares opiparamente, trajar com luxo em excesso, a não ser o fructo das ladroeiras?

Este enigma só o pode decifar o *Pinto Mané de Oliveira* ou *Zé-Russo*, teu agente nos ataques á fazenda alheia.

—E o Domingos.

—Tu mesmo lembras; esse, pelas muitas que fez, poz-se ao fresco, e o campo ficou entregue aos dous *Pinto Mané* e *Zé-Russo*, que são agora os que te fornecem.

(*Continua.*)

VARIEDADES

A UMA NOITE DE LUAR.

Como a lua está bonita
Com seu zuavo de chita,
Comendo um naco de queijo?
Está tão bella e formosa
Como a mais fragrante rosa
Que se ostenta lá no brejo!

O seu coque é bem galante,
Tambem usa de turbante,
Imitando as negras minas;
Salve! mão da inspiração,
Com teu garboso gibão,
A todo mundo fascinas!

Trazes teu lindo cabello
Preto, preto e tão bello,
Pelos hombros a cahir;
Uzas tambem chapellinho
E o teu rosto bonitinho
Me faz com gosto sorrir.

Não queiras a singeleza,
Anda na moda, á franceza,
Passeiando na amplidão;
Essa moda não é boa,
Sê parisiense leoa,
E todos te adorarão.

A duqueza de Berry, filha do duque d'Orleans, regente, morreu com vinte e quatro annos. Quando se lhe representava que os banquetes, as vigilias e os prazeres immoderados, poderiam abreviar a sua vida, ella respondeu:

—«Pois bem! *curta e boa.*»

POR CAUSA DE OUTRA MULHER.

HISTORIA DAS INFELICIDADES DO SR. GABRIEL ESCRIPTAS POR ELLE.

Apenas vi-me solto, tomei um carro e recolhi-me á casa.

A contrariedade do meu espirito tinha tomado proporções demasiadas; eu estava invergonhado de tudo, e principalmente de mim.

Seria capaz de dar um tiro em quem me fallasse em mulheres e pulgas.

Estive muito tempo a pensar no caso, e uma resolução heroica accudiu-me ao espirito—detestar as mulheres, e fugir dellas como o diabo foge da cruz.

Esta resolução trouxe-me a quietação d'animo, e tratei de almoçar. Nunca comi com melhor apetite.

E' o que acontece sempre que a gente toma uma resolução inabalavel.

Depois do almoço, vesti-me, e sahi a dar um passeio para assentar bem no meu espirito a tal resolução.

Era um dia de domingo. Eu percorria as ruas, sem destino e de cabeça baixa para não ver as mulheres que estivessem á janella, porque todas ellas são *janelleiras*.

Assim tinha andado ja bastante, sem haver nenhum incidente, o que me satisfazia a ponto de dizer commigo—não ha nada como

uma resolução! Mas... *á sorte deste mundo é mal segura.*

Passava eu por uma egreja, quando ouço dizer:

—Como vai o Sr. Gabriel distrahido!.... Falle com a gente não seja ingrato.

Quiz correr, vacillei.... A voz era tão assucarada e tão minha conhecida, que, contra minha vontade, voltei-me. Vi uma moça de minhas relações que sahia da missa com seu pai.

Estava tão bella, com um olhar tão languido....

Veio-me logo a idea de fazer pazes com as mulheres, unicamente para estar bem com ella.

E então ia a cumprimental-a de modo amavel..... ao mesmo tempo que ella, fixando-me um olhar, accrescentou estas fataes palavras:

—Creia, o Sr. não cahiu do meu conceito; o que lhe aconteceu hontem, pode acontecer a todos.

Subiu-me logo o sangue a cabeça. Ella ja sabia o meu *successo*! Que vergonha!

Não pude ser senhor de mim, deitei a correr loucamente rua afora. Pouco adiante encontro-me com uma preta que trazia a cabeça um taboleiro de ovos, e vamos ambos redondamente ao chão. Ergo-me com ligeireza, mas a preta agarra-se-me a uma perna, eu caio de novo, e sou obrigado a dar-lhe, para o seu tabaco, um formidavel sôco.

Foi de bom resultado o expediente, e eu pude continuar a minha carreira. A negra seguiu-me, e tambem uma molecagem infernal, a dar-me assovios!

Para logo reunem-se soldados e um inspector de quarteirão (raça que não morre!) e sem custo sou agarrado.

O inspector trata de inquirir-me sobre o que havia, e, eu no maior atordoamento, so respondia—*por causa de outra mulher.*

—Está doudo, dizia o inspector, e um grupo de *circumstantes* que se havia reunido, porque curiosos não faltam, repetia—está doudo!

Isto me encolerisou, e comecei a maltratar de palavras o inspector e seus acolitos.

Foi o meu maior erro. A convicção de que eu estava doudo ficou de pedra e cal, e, sem apello nem aggravo, levaram-me para a *misericordia.*

Misericordia foi o que não achei ali!

Acalmado um pouco, procurei convencer o regente de que não era doudo, e lhe referi todo o occorrido. O desalmado ouvia-me com um certo ar de bondade, que me capacitei seria mandado embora; mas assim não aconteceu. Chamou o enfermeiro, e disse-lhe:

—Está agora no intervallo lucido, rape lhe a cabeça e ponha-o logo na camisola.

Foi tal a resistencia que fiz a execução desta ordem, que todos acreditaram, que, de feito, eu estava doudo, e a camisola envolver-me e a cabeça ficou-me lisa como um queijo!....

Depois desta operação, estando occupados todos os cubiculos dos homens, trancafiaram-me n'um destinado a mulheres.

Vi-me então perdido, e quasi endoudeço de veras.

Bem sabia a sorte que me a guardava....

Apenas puz o pé no cubiculo, as pulgas sahiram-me ao encontro. Nem ao menos eu podia defender-me de taes inimigas, estava de mãos presas!

Lembrei-me de deitar-me no chão, e rolar de um lado para outro, a ver si as esmagava ou afastava-as; assim o fiz. Maz qual! quanto mais eu *rolava* mais as malditas me mordiam!

Assim passei a noite em claro, fazendo de cylindro de engenho a rodar no mesmo logar para moer pulgas!

Pela manhan quando minha familia me reclamou, e eu fui solto, estava com o corpo completamente moido, tinha me moido a mim em vez de moer as pulgas!

Cheguei a casa no mais deploravel estado, de cabeça raspada, e sem os meus negros e crespos cabellos.

Que desgraça!

Por causa de outra mulher.

(*Continua.*)

(O CARETA.)

EPIGRAMMAS.

A UM PORTUGUEZ QUE TINHA OS PÉS EM EXTREMO FEDORETNOS.

Que mau cheiro, isso é terrivel...
Pois é novo o meu calçado!...
O fedor que está sentindo
E' do chulé abafado.

RESPOSTA A PERGUNTA DE UM SOVINA.

Para não perder mais lenços
Amigo, que hei de fazer?
—Assôe o nariz nos dêdos,
Que está livre de os perder.

Nas guerras contra a Prussia, alguns lanceiros francezes passaram junto d'um saloio que trabalhava no campo.

—Bravo! Bravo! lhes gritaram elles. Faz muito bem de semear para nós acharmos uma boa colheita na volta!

—Oxalá que fosse para vocês, respondeu o saloio. Estou semeando canhamo para fazer com elle cordas.

O JOGO EM SEXTA-FEIRA SANTA.

A um filho, que havia jogado e perdido em sexta-feira santa quanto dinheiro levava na algibeira, quando sahiu de casa, dizia a mãe ralhando-lhe:

—Como não havia de acontecer-te isso, mau christão, jogando n'um dia tão santo como o de hoje?

—Ora diga-me la, mamãe, respondeu-lhe o perdulario, acaso o que me ganhou jogava em dia de Paschoa?

Uma menina muito elegante e muito bonita estava para casar com um homem ja velho. Indo a noiva de carruagem para a egreja, o cocheiro repetiu-lhe muitas vezes:

—Eu chamo-me José! Meu nome é José!

Sahindo da egreja depois do casamento, a noiva perguntou ao cocheiro a razão por que elle insistia em lhe repitir o nome.

—Eu queria, respondeu o cocheiro, que V. Ex. sempre se lembrasse delle para não dizer algum dia: «Foi o diabo que me levou a este casamento!»

Um vendelhão veio á casa de um advogado offerecer lhe uns oculos. O advogado quiz zombar d'elle; pegou nos oculos, pôl-os no nariz, e, olhando para o vendelhão durante algum tempo, disse:

—Oh, homem! seus oculos não prestam para nada. Olhando com elles não vejo senão um ladrão!

O vendelhão, que não era pateta, admirou-se do caso.

—Tenha a bondade de me deixar vêr! disse elle.

O advogado deu-lhe os oculos. O vendelhão encaixou-os no nariz, e, olhando para o advogado, exclamou:

—E' verdade! olhando eu por estes oculos tambem vejo um ladrão!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 114 e 115 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

ANUNNCIO MONSTRO.

Vende-se um relogio de patente sueco com quinze ponteiros, além dos que marcam as horas, minutos e segundos; o primeiro aponta os retratos de todos os papas que tem havido em Roma; o segundo os de todos os bispos que tem tido o Brasil; o terceiro os dos padres que se tem metido em revoluções contra o governo; o quarto os dos empregados publicos que tem roubado a nação; o quinto os dos ministros que tem enganado o imperador; o sexto o dos soldados que tem desertado e roubado o armamento da nação; o setimo os de todos os desembargadores que tem dado sentença por dinheiro; o oitavo os de todos os machinistas que tem apparecido em Londres; o nono os de todos os pintores que tem na Italia; o decimo o de todos os padeiros que roubam o pão e vendem bolaxa podre ao povo; o decimo primeiro os dos velhacos que roubam aos outros ou ficam com o que os outros lhe dão para guardar; o decimo segundo os de todos os doutores estupidos que tem parido as academias; o decimo terceiro os de todos os caixeiros que tem roubado os amos; o decimo quarto, os de todas as moças que tem levado tabóca; o decimo quinto os dos negociantes que tem quebrado phantasticamente; e os de todos os assassinos que não tem morrido enforcado e nem soffrido cousa alguma. Todos estes retratos são apontados pelos respectivos ponteiros, a proporção que os outros marcam as horas. Este relogio monstro se acha a vista de todo mundo no beco do Anga n.° 1014.

Previne-se aos senhores agentes do Matadouro publico que, não se podendo cortar carne si não á serrote e faca, segundo a postura da camara, fica sujeto quem não tiver dentes a roer os ossos com as gengivas.

O clamor dos cortadores.

O fabricante dos bolaxões que se vendiam no doposito da—Vivandeira—declara que deixou de fornecel-os para o dito deposito, passando d'ora em diante para rua das Flores, deposito do Sr. Olimpio; para o canto de João de Freitas, venda do Sr Rangel; e para o armazem Mercurio, por baixo da Recreativa.

Na noite de 16 do corrente, roubaram do abaixo assignado, em sua casa ao Maciel de Cima, n.° 8, um relogio cilindro n.° 14,172,—18,262, caixa de prata galvanisada com cadeia e sinete de ouro, e uma pedra encarnada; uma Imagem de Nossa Senhora da Conceição, com corôa de prata, uma capella de ouro, um chapeu do Chile, e uma bocêta de massa; o mesmo gratifica com a quantia de 40$000 a quem der noticia dos objectos nos talhos ns. 1 e 2 em S. Bento, ou em sua casa. Bahia 17 de setembro de 1869 —*Libonio Assis de Sant'Anna.*

Quem precisar de uma senhora idosa para tomar conta da regencia de uma casa de familia, dirija-se a esta typographia que se indicará uma.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao beceo do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. Serie 57

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 27 DE OUTUBRO DE 1869. Ns. 568

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que reune-se uma sucia de capadocios na Fonte das Pedras, os quaes, alem da algazarra que fazem, proferem palavras offensivas á moral publica, o que muito encommoda aos moradores d'ali. Em vista pois do exposto, espera-se providencias que façam cessar esse ultraje á moralidade!

—Capitão, acabo de saber de um meio *industrioso* de que se serviu certo individuo para adquirir dinheiro.

—Vão ver que é alguma estrategema, alguma alicantina.

—Escute.

Um Sr. Manuel Ferreira do Sacramento, empregado no trapiche Gomes, segundo me consta, abalroou certo caxeiro, e offereceu-se para intervir e conseguir retirar certas publicações que contra o mesmo, disse elle, estavam sendo publicadas no *Alabama*, inculcando que tinha grande privança com os redactores.

Sendo acceito o offerecimento, voltou dahi a pouco o Sr. Manuel Ferreira do Sacramento ao timorato caixeiro, e disse-lhe que fallando aos redactores, estes exigiam 40$000 rs, para cessarem as publicações; quantia que immediatamente recebeu e mui laampreiramente fez-se de vella.

—E como descobriu V. isso?

—Por bocca do proprio caixeiro,

—E' preciso ser muito audaz para abusar assim!

—Especula-se por toda forma!

—Mas emfim... como o mundo está coalhado de tratantes de toda a laia....

—E dizem que não ha industria em nosso paiz!

—A industria aqui trabalha admiravelmente!

Em um dos ultimos spectaculos, um industrioso imitou á penna um ingresso do theatro, que parecia-se com o ingresso impresso!

—Ante-hontem, consta, o Sr. Carlos, director do circo Olympico, trouxe ao chefe de policia mais de cem bilhetes de ingresso falsificados.

—Ja ouvi dizer isso; disseram que é feito á lapis, e uma obra muito bem feita!

Mas para que veio elle ao chefe de policia?

—Pedir providencias.

—Elle que tenha mais precauções d'ora em deante, por que esses que ja viram o circo *á lapis*, hão de ver *á creon*, si elle não tomar sentido.

—Cordura policial.

Domingo, na porta do Passeio Publico, um soldado de policia, com a folha de seu espa

dagão deu tão pequenas *lamboradas* em um aprendiz marinheiro, que este foi obrigado a patinhar pelo chão, e o sangue acudiu-lhe aos labios em borbotão.

—E' o caracterisco de tal gente; excesso ou deleixo.

—Alguem que reprovou o procedimento pouco moderado do policial, foi pelo mesmo insultado e ameaçado, á pretexto de que queria entorpecer o cumprimento de seus deveres.

—São umas *joias* estes soldados de policia.

—Na ultima sexta-feira, quem passava pelo Sangradouro via dependurado a uma arvore um africano, que achando talvez longa a existencia, entendeu de abrevial-a.

—Livre ou escravo?

—Não sei.

—Vá ver que foi algum desgraçado a quem o peso insupportavel do captiveiro obrigou a procurar no suicidio descanço para seu soffrer.

— Capitão, aprecie a força de talento de um lente da Faculdade de Medicina.

—Diga.

—Explicando o filho de Hypocrates aos seus estudantes, disse:

«*Meus senhores, comecemos hoje por repetir aquillo que não dissemos hontem!*»

—Oh! um professor da faculdade!

—Sim, um lente!

—Essa é de *cajú banana!*

—O ex-cadete Francisco Ayres da Silva quiz comer trutas a bragas enxutas e sahiu-lhe caro.

—De ordinario accontece assim.

—Esteve no sabbado em casa de umas raparigas, á ladeira da Gameleira, e quando quiz se retirar, não tendo dinheiro para pagar a estada, foi escarraçado por uma roda de navalhas.

O ex-militar, acostumado a não virar cara á ferro e fogo, desta vez viu-se obrigado a bater bandeira aos assaltos das temiveis centopeias, e entendeu que o meio mais abreviado de por-se livre das endemonhinhadas era atirar-se por uma janella abaixo levando uma queda que o conserva em lençóes de vinho.

—Não é das melhores cousas; um deleite passageiro, que custa uns trinta dias de cama.

—Capitão, o *Nacional*, de Buenos-Ayres, folha que, segundo se diz, é subvencionada pelo governo brasileiro mensalmente com 30 onças, faz do Brasil o seguinte juizo.

Apreciem os brasileiros a ideia que delles faz uma gazeta que é mantida á custa dos impostos com que são sobrecarregados:

—Leia.

«—Veem-se as formosas costas do Brasil e chegando ao pitoresco porto do Rio de Janeiro, *mais virginal* que o de Constantinopla e Napoles, admira-se o homem do poder daquella exuberante natureza, derramando as mãos cheias todos os thesouro do seu seio; naquelle risonho panorama de verdor e fecundidade germinam como por encanto as mais raras e delicadas flôres: os mais ricos e olorosos fructos, as mais perigrinas e matisadas aves, as mais exquisitas madeiras e a mais esplendida e virginal vegetação.

Tudo sorri, vivifica e falla desconhecida e mysteriosamente á alma.

Porem, apezar de ser a capital de um dilatado e riquissimo imperio; o que admira-se alli puramente é so a obra da natureza, porque nada all item feito seus *afeminados* e *amulatados habitantes*.

Não tem em seu sangue a pureza da ráça dos Camões e Magalhães, nem a de seus fundadores os Sousas e Alvares: nem pouca a *nobreza e bravura dos seus negros escravos*, nem tiveram um espartano entre seus miseraveis caudilhos. *E' uma nação sui generis; cobarde, traidora, desgraçada, rachitica e degenerada pelos mais torpes vicios: nem é branca nem negra, sinão como toda a cobardé ousadia e vileza de sua amulatada e prostituida linhagem, até o extremo de gozar mais com suas negras escravas, do que com as mulheres de sua cor.*

O brasileiro, finalmente, é em relação a outro homem de qualquer nação, o que é o pequeno nico para o grande orangotango.»

—E é para pagar descomposturas dessa ordem que o povo brasileiro definha sob o peso de crescentes impostos!!...

—Todo o paiz deve ler e meditar sobre isto, afim de saborear mais esse fructo da politica bragantina no Rio da Prata.

—Capitão, ha agentes de policia que precisam de ser policiados.

—Agora é que sabe disso?

—Veja o que se deu outro dia.

Um cabo de esquadra, na ponte da Companhia Bahiana, dirigia suas graças para uma creoula, as quaes não eram por ella attendidas.

O galanteador não se limitou á palavras, foi á obras; com mão boliçosa violou o corpo da mulher.

V. Ex. não ignora minhas patricias como são arrebatidas.

A mulher encordoou com a graça e repelliu o Adonis de farda com um tremendo *sacalão*.

O homem enfureceu-se, esbofeteou a mulher, pachou do relho e queria picar tudo.

—Ora isso: uma cousa que elle mesmo provocou.

—Julgue por ahi V. Ex. da moralidade de tal gente. Um homem que é mandado á um logar para manter a boa ordem, é o proprio que vae crear conflictos, commettendo immoralidades.

—Capitão, foi sempre ao concerto no Passeio Publico?

—Fui.

—Amigo da liberdade como é V. Ex. ja se vê que não podia deixar de concorrer tambem com o seu obulo.

—Obrigado!

—Esteve muito concorrido, não?

—Houve alguma concurrencia.

—Quanto rendeu, sabe?

—Consta que dous contos e setenta mil reis, sujeitos á despeza de quatrocentos e cincoenta mil reis, que gastaram na preparação dos barracões, luzes, etc. etc...

—Muito bem! muito bem!

Sempre os bahianos mostram o quanto são nobres e phylantropicos!

—Porem houve uma cousa que eu notei bastante.

—O que foi?

—Houveram sujeitos que deram *envelloppes* com pedaços de papeis sujos, e outros com dez reis dentro!

—Oh! isto não partiu senão de gente canalha e pequenina, que não deve ter o honroso titulo de brasileiro e nem tão pouco o de filho da heroica Bahia!

—Sim, deixemos essa raça de vermes, e cumprimentemos aos corações bemfazejos e liberaes. que foram ao Passeio somente com o unico fim de contribuirem com o seu obulo para a causa da LIBERDADE!

—Já no solo brasileiro
A liberdade reluz,
E foi por ella que Christo,
Pregado morreu na Cruz!

Parabens aos brasileiros!
E a toda humanidade,
Pois ja raiou no Brazil,
O santo sol da liberdade!

—Viva a religião christan! Viva a liberdade!

—Capitão, domingo fizeram oito dias que pela freguezia da rua do Passo, das duas para tres horas da noite, andava um homem com um bahu á cabeça e uma mulher.

—Ora ahi vem V. com suas *novidades velhas*!

—E' só para justificar que aqui não ha vigigancia; não ha segurança; pode-se espancar, matar, roubar e ir andando.

—Ja está mais que provado isso.

—Só o facto de andar a taes horas um individuo com um bahu á cabeça devia despertar desconfianças nos agentes da segurança publica.

—Si ella os tivesse.

—Accrescia que a mulher recusava-se a accompanhar o individuo e pedia socorro, e que este a ameaçava.

—Ora! Faz-se outras cousas de dia; quanto mais isso la pela rua da Valla, baixa dos Sapateiros, ladeira do Carmo, etc.

—Houve quem passando e tendo suspeitas, se desse ao trabalho de procurar uma patrulha da Cruz do Paschoal ao Terreiro; mais qual patrulhas!

—Era o que faltava!

A policia andar na rua fora de horas em risco de constipar se!

—Capitão, ha dias o *Alabama* não tratou da morte de uma mulher, de que as freiras do Desterro foram causadoras?

—E' exacto; por que?

—Em que ficou?

—Em nada.

Ouvi dizer que, indagando-se, disseram que era falso; que a mulher fôra vendida.

—Falso é isso; por que o caso é verdadeiro. O que tem é que foi succedido ha alguns mezes; pela semana santa.

—Casos passados; não existem provas.

—Ora si as ha!

Muitos moradores da rua da Poeira, cujos quintaes deitam para o lado do convento viram a queda e ouviram os gemidos entre-cortados da miseranda, que precipitou-se do segundo andar do convento.

Quizesse a policia e a verdade havia de apparecer.

—Mas, si ella não quer?

—Então deixe que va.

—O *Barão da Saude* fez proezas no domingo.

—Quem é o barão da Saude?

—Um moleque pimpão, ereravo da viuva João Diogo.

—V. tem cousas!

—Fez proezas da ladeira da Saude á baixa dos Sapateiros.

Deu pancada, insultou; disse obscenidades, assustou as familias, fez quanto quiz.

—Dessas noticias, limpe a mão á parede quando as tiver; a não ser que sirva ella para

uma grinalda a ajuntar á coroa d'actualidade policial desta terra.

—Quanto sangue!
O que foi isto?
—Brinquedo dos meninos.
—Bom brinquedo, que causa damno!
—Esta preta chama-se Felicidade, vende aqui na Baixa dos Sapateiros; o sangue que vê é o effeito de uma espoleta que ainda lhe está encravada no corpo.
—E causou tanto estrago!
—Podera não!
—D'onde atiraram?
—Da porta da loja do Falcão.
—Estes meninos! Esta policia!

A PEDIDO

E' chegada ao porto de *Lapazinha*, na villa dos *Sanhaços*, a barca Santo *Antonio*, a tripolação vem fazendo preces a S. *Leopoldo*, por vir o vaso de *Santos* carregado de caxaça e zurrapa, mas tudo baldeado; tambem veio um capitão reformado, que, por embriaguez ja foi preso pelos inspectores de quarteirão, em virtude de lhe dar a *mamadeira* para proferir palavras offensivas á moralidade publica.

Esse incorrigivel acha-se contra todas as regras do justo e do honesto exercendo um logar de confiança, talvez por ser ignorado seu torpe proceder.

Continue, si quizer ver o rabo de cutia assobiar.

Um habitante da terra dos Sanhaços.

Era um doutor namorado, (supponha-se que lente de uma faculdade de medicina) que voltando dos campos do sul, inflammado d'amor, escreve a uma joven uma collecção de palavras insultuosas accompanhadas de ameaças.

Seduzia a moça para que fosse para casa de uma tal D. Maria e que, si o não fizesse, elle espalharia por toda a parte que ja a havia gosado a sete annos!

Que vergonha meu Deus!

A moça, porem, tinha um cunhado. Um dia o doutor o encontra e arremeça-se a elle de chicote em punho dizendo ser elle amante da moça! Depois ameaça-o com a morte!

Accrescenta, porem, que tem medo da imprensa e da policia!

Que cynico!

Tem, finalmente, medo da policia e dos jornaes, porque se lembra das mulheres que tem descazado, das virgens que tem estuprado, do que tem abusado, favorecido pelo seu magisterio, não poupando nem sua propria prima recentemente cazada, quando a quiz seduzir.

Que cynico!!

Entretanto ainda ha quem o deixe entrar como medico em sua casa, quem admitta um tal furioso no sejo de sua familia!!!

Querem saber quem é elle? Peguem-se com o Santo *Xas-sei*, que logo lhe fará o milagre.

O sino do Bomfim.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 116 e 117 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

José Antonio de Souza Severo pede ao Sr. Francisco José de Mattos Ferreira de Lucena Filho o favor de apparecer-lhe no Bom-gosto da Calçada n.° 7, para negocio.

D. Sabina Lucinda de Magalhães e Luiz Sabino dos Santos, mãe e irmão do fallecido Martiniano Lucindo de Britto Santos, fallecido no dia 23 do corrente, na ilha de Maré, vem do alto da imprensa agradecer a todos os habitantes da mesma ilha o modo espontaneo com que se prestaram ao enterramento do mesmo finado; e pelo presente patenteam o seu semp-terno reconhecimento.

Bahia 25 de outubro de 1869.

Detteff Karrp agradece a todas as pessoas que acompanharam até a sepultura o cadaver de seu sobrinho e afilhado Antonio Pereira da Silva Barreiros, e tambem a todos que compareceram á missa do setimo dia mostrando por este meio a sua gratidão.

Previne-se aos senhores agentes do Matadouro publico que, não se podendo cortar carne si não á serrote e faca, segundo a postura da camara, fica sujeto quem não tiver dentes a roer os ossos com as gengivas.

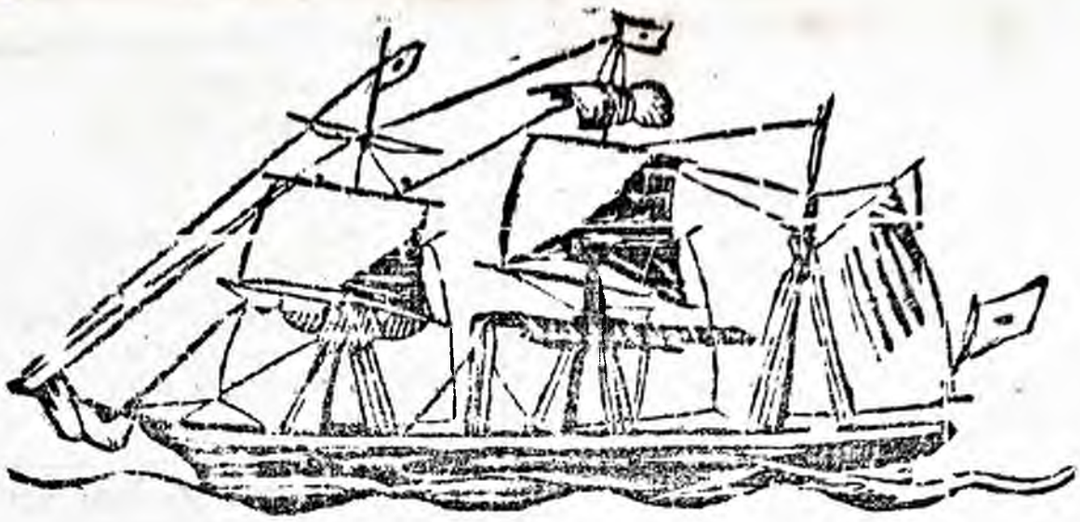
O clamor dos cortadores.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

Quem precisar de uma senhora idosa para tomar conta da regencia de uma casa de familia, dirija-se a esta typographia que se indicará uma.



O ALABAMA

Periodico critico e chisteso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 57
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 30 DE OUTUBRO DE 1869. Ns. 569 e 570.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo permissão para ponderar-lhe que será obra de humanidade si S. S. mandar dar conveniente destino a uma desditosa mulher, de cor alva, que anda por essas ruas em estado verdadeiramente deploravel.

Semi-nua, quasi sempre embriagada, cahida pelas ruas, dormindo pelas calçadas e até no monturo de S. Francisco; essa desgraçada representa o quadro mais miseravel a que pode attingir a humanidade, tornando-se elle mais compugente em attenção ao sexo da misera. Espera-se que S. S., que sobre ser o executor da lei é christão, se condoa de tanta infelicidade.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo lhe a dispersão de uma caterva de rapazitos que todas as noites vão para o adro do Collegio dar copia fiel da educação que recebem de seus paes, chasqueando com quem passa, e proferindo em alta voz termos obscenos. Espera-se que S. S. mande dar a semelhantes malcreados logar mais proprio para suas immoralidades.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, para que veja si consegue acabar com a sucia de vadios, que faz aposento na roça chamada do padre Sá, ao largo da Saude, e dahi debanda-se pelos quintaes em guerra declarada com as gallinhas alheias. Espera-se de S. S. uma providencia, em prol do bom andamento policial de sua freguezia.

—V. raptou a menina, *capitão*?

—Eu não.

—Não esconda que ja se sabe.

—Deus me livre! é um proceder indigno de meu caracter.

—Ahi é que está seu engano.

Por V. ser mesmo da *policia* é que tem direito de seduzir e prostituir.

Então por ventura ha de cançar seu cavallo de balde?

—A companhia do Gaz está illaqueando o governo.

—Tem provas?

—So quem for cego não vê.

—Ora diga.

—O contracto com o governo estipula que logo que a illuminação publica passasse de 2,000 bicos, o preço de cada um seria 195 rs, e não 200 rs.

—Sei disso.

—Pois sabe o que faz a companhia?

Como dahi lhe provém a reducção de uns 15:000$ rs., usou da innocente esperteza de diminuir sensivelmente a força da luz, e até estabeleceu uma muleta de 100 rs. por cada lampeão que tiver mais um bocadinho de luz.

—De maneira que quando era a 200 rs. economisava se mais do que agora?

—De certo.

Ha ruas, que, apezar de illuminadas, parecem conservar se em perfeita escuridão; principalmente nas encrusilhadas em que não ha lampeões nas esquinas.

—O governo tem bastantes olhos para ver; si se deixa lesar é porque quer.

—Mas quem soffre é o povo que paga e é mal servido.

—Os soldados de policia são os proprios a violar as ordens.

—E depois querem prender e levar tudo a panno de espada.

—Segunda-feira, eu estava tomando fresco n adro do Bomfim e vi dous vultos dentro do chafariz.

Fui observar; eram dous policiaes, que, á maneira de Adão e Eva, estavam se refrescando.

—A que horas?

—Alta noite.

—Ora, então não faz mal.

—Mas não sabe que é prohido?

—Pode ser para quem quizer, menos para a policia que executa as ordens.

—Quando eu avisto uma carruagem estou com o credo na bocca.

—Os carros em mão dos boleeiros são um risco perenne para quem anda na rua.

—Todos os dias se dão casos fataes.

—E hão de dar-se.

—Segunda feira, um imprudente boleeiro, no largo de S. Bento, atirou ao chão uma mulher e seguiu sua viagem; quinta feira um, ao dobrar a rua do Bispo, ia esmagando outra mulher.

—E vae-se clamando no deserto; por que eu creio que se acha um impossivel tomar qualquer medida que isempte o publico de tão imminente perigo.

—Então, já foi ao circo Olimpico?

—Fui uma vez e sahi de lá para nunca mais voltar!

—Qual a razão?

—A razão é por que meia duzia de capadocios que lá vão, pateam a tudo e á todos sem respeito algum; proferem as palavras mais obscenas que imaginar-se pode! Ali é a moralidade desacatada e ultrajada por essa gente que em toda parte mostra a sua educação de terreiro!

—E no entanto que o director anuncia camarotes proprios para familias.

—Só levará sua familia lá quem estiver doudo, ou quem não souber a falta de respeito ao decoro, que rola ali!

—A policia o que faz?

—Ora a policia!

A policia não da cavaco com essas miserias! Outro dia, dizem, entrou um sujeito e deram-lhe uma pateada; elle olha para o delegado, este estava rindo-se, voltou-se para o lado d'onde sahiu a pateada e deu um *figão*!

—Muito bem!

—O Lalaú Cerveja estava assentado na platéa, e o sujeito que estava na ordem superior desabotoou as calças e mijou-lhe na cabeça!

—Que desmoralisação!

—E como estes muitos factos que eu sei, mas que enfadonho se tornam relatados!

—E os taes cambistas que andam por lá?

—Esses salteadores das algibeiras do povo, essa raça vil de sanguesugas da humanidade!

Ai! ai! ai!

Elles ali impoem da mesma sorte que o salteador que espera o viandante na estrada, e exige-lhe a bolsa ou a vida! Exigem dous ou tres mil reis por um bilhete que compram por dez tustões, ou deixar de ver a representação!

—E a policia não vê nada d'isso, dorme o somno do indifferentismo!

—Dizem que, na quinta-feira, indo um sujeito reclamar este desaforo ao Sr. Carlos, director da companhia, e fazendo-lhe ver que corria o boato de que elle era connivente no cambio, este indignado pela injustiça que lhe faziam, fez uma falla ao publico, dizendo que não tinha culpa do que faziam esses especuladores, esses salteadores das algibeiras dos espectadores, mas que ia tomar providencias afim de cessar semelhante abuzo!

—Hum! Foi uma de cachupelêta para os taes cambistas!

Agora tambem é preciso que a policia tome providencias, que facam cessar as pateadas a que fica exposto um homem serio que ahi vá se divertir.

CLASSIFICAÇÃO DOS MARIDOS.

O negocio de ser marido não é tão simples como por ahi se julga.

Ha por ahi sujeitinhos que, em tendo quatro cabellos na cara, e achando-se empregados de continuo de qualquer repartição, ou guarda d'alfandega, ficam logo tão cheios de si e empavonados, que sem mais em nada cuidar, se atrevem a subir as escadas alheias para pedir mulher para casar. Parece que não pensam.

Não seria por certo filha minha que a taes pingados eu desse. O negocio do matrimonio não é por ahi arroz cosido que não ha quem

não saiba fazer, ou banana, que é fructa de todo o tempo. Tem seu chiste, e encerra muito mysterio; por isso o ser marido é cousa grande e de consideração.

Ha porém muitas classes de maridos, e muitos d'estes que não valem uma pitada de rapé em cornimboque de velho.

Classifiquemos.

Ha maridos bons, e que comprehendem seu officio. Estes cuidam da vida, regulam suas despezas, dão educação aos filhos, não fogem do trabalho, não desejam ver sua mulher com trastes, cuja origem não conhecem, e se exforçam para que lhes não falte o necessario. O ser marido assim, tem que se lhe diga, e não é para qualquer; e maridos d'estes apparecem presentemente tão raros como as moedas de ouro. São elles tambem os unicos que merecem o nome de maridos, que tudo mais é phantasmagoria marital!

Alem d'estes, ha maridos patuscos, que sem se importarem com o necessario para casa, e nem que o aluguel d'ella se esteja vencendo, e que a lavadeira ja não queira fiar, saheim de casa, e levam em pagodes dias e noites, noites e dias, e quando voltam para casa, nem inquirem da mulher por que maneira se passou, e o que se comeu.

Estes, não sei porque capricho da sorte, quasi sempre encontram mulheres virtuosas, honradas, e boas, que são martyres de seus deboxes.

Ha maridos jogadores, que regulam a casa pela bussola da jogatina. Hoje que têm felicidade na banca, a mulher apparece coberta de sedas, e filós, rendas e adereços, nada lhe falta. Amanhan, que apparece a *vasadeira*, vae se tudo pelos ares, e são capazes de deixar a mulher embrulhada n'uma coberta, para vender e jogar a importancia de seus vestidos.

Ha maridos de raça desesperada, e estes são os peiores; porque levam o negocio debaixo da tempestade do cacete, e d'esta maneira arrumam todas as questões, e acabam todas as necessidades da familia.

Outros ha de bom humor, e excellente estomago, que vão vivendo funccionando dentro de casa da melhor maneira que podem, sem darem cavaco com os negocios particulares da mulher.

Que se importam elles com as desgraças alheias, se passam bem? Que tem que perguntar a sua mulher, onde comprou tal vestido, e com que dinheiro, quando ella se apresenta com elle, e *tem suas vendas na rua, e suas agencias?*

E' uma optima classe de maridos, e muito gostam d'elles certas mulheres; a ponto que ja vi uma mandando dizer uma missa para que Deus lhe desse um marido que não quizesse esmerilhar tudo.

Ha maridos embirrantes e tolos, que tem ciumes da mulher quando não deviam ter, e são francos de mais quando não o deviam ser. Não querem que a mulher receba ninguem em sua ausencia de casa, e não falle nem com um pobre que va pedir esmolla na escada, e com tudo vão com ella aos presepes do natal, e ás festas dos conventos.

Emfim a classificação dos maridos é tão grande e vae a um ponto tal, que, para ser feita de uma vez, jamais se acabaria: por isso fica aqui, e o mais supram os leitores.

LA VAE VERSO.

CARTA

do capitão do «Alabama» a sea correspondente na corte o—Patusco.

(Continuação.)

—Vi outro dia no circo
Um padre de bom nariz;
Tinha ares cabisbaixos,
Parecia de *Pariz*.

Si elle *era lazarista*,
Isso agora é que não sei;
Mas creia que o vi no circo
E ao pé delle me assentei.

Isso é um pau pelo olho!...
Pois o homem por ser frade,
Os deleites deste mundo
Tambem desfructar não hade?

Ora si! Tanto é verdade,
Q'isso em nada desabona;
Que até ja vae ao theatro
Um padre com sua *dona*.

Porque não? De carne e osso,
Como são tod'os mortaes,
O padre não é privado
Dos sentidos corporaes.

Si o padre tem sentidos,
Ninguem o pode privar
De ver, ouvir e cheirar,
De gostar e de apalpar.

Ahi o que acho mau,
E não posso desculpar,
E' somente alguns que gostam
De lamber e de chupar.

Tudo mais são frioleiras,
Exigencias caruchosas,
A propria egreja hoje quer
Suas cousas bem ruidosas.

Hoje até para uma festa,
O annuncio que se faz

Convidando aos fieis,
Tem estylos de cartaz.

Não fique V. pensando
Que eu me expresso em demasia,
Si não quer ficar em duvida
Leia o *Jornal da Bahia*

Que nelle apreciará
Galhofices infinitas
No programma de uma festa
Dos terceiros carmelitas.

Leia, e diga, si outra cousa
V. ja viu neste mundo
Que mais cheire a patacoada;
Quer na forma, quer no fundo.

Mas que quer? é de spirito
Deste seculo soberano,
Misturar n'uma argamassa
O divino e o profano.

Ao lado do Evangelho
Uma feira, um botequim!
Ao Sacrificio incruento
Segue logo o arlequim.

O que se quer é, que o povo
Compareça na funcção,
Para admirar as luzes,
As telas, a armação.

Ouvir musica, bater,
E dar palmas ao balão
Quando sobe; ir á feira;
Mas não fazer oração.

Uma cousa no programma
Me causou grande *arrelia*,
Foi a salla p'ra senhoras
Inda *mesmo* de familia.

E' enigma intrincado
Que não pude decifrar;
Uma salla primorosa
Para moças preparar;

E dizer: *inda mesmo* de familia..
Nella serão recebidas;
E' signal que alli seriam
Co' *outras gentes* envolvidas.

—Ja sei que o nosso adorado
Deu sueta aos deputados;
Os quaes de felicitar-nos
Voltaram extenuados.

A *falla* que deu co'o basta
Não sei si foi mui fiel,
Dizendo que neste imperio
A paz andou a granel.

Será paz inalteravel
Dos Lençóes o reboliço,
Onde do povo, que soffre,
Correu sangue em desperdiço?

Safa! que caraminhola!
E' para subir na serra!

Si é paz o que la houve,
Eu mil vezes quero a guerra.

Está por que o teú,
Um dia, aborrecido,
Para não ouvir parolas,
Metteu um tôco no ouvido.

—Será para bem da patria
As indirectas mordazes
Que vejo de parte a parte
Entre *Vaublanc* e *Decazes?*

Qual! isto é cassuada!...
Não é com rivalidades
Que elles hão de dar impulso
A' publica prosperidade.

Nunca ninguem me disse isso!
Para mim é caso novo,
Que os arrufos dos ministros
Façam beneficio ao povo.

Mas é claro como azeite...
Tudo isso é sacrificio,
Que fazem, sem interesse,
Do paiz em beneficio.

—Cá chegou o S. Lourenço;
E, ao que diz o *Jornal*,
Teve uma recepção,
Como inda não houve egual.

O *interesse* que *foi*
Do nosso amavel Guedes,
Pelas agoas do *Jornal*
Foi armando *suas redes*.

Até affirmou que o povo,
Para prova de conceito,
Tomou o homem nos braços
Como criança de peito.

Não eu que lhe inveje a sorte!
Um corpo velho e cançado,
Ha de ficar bem moido
Por todo um povo abraçado.

O que é verdade se diz:
Foguetes houve por borra;
Vivas por cima do tempo
E bem gente na *pitorra*.

E até os maldizentes,
Linguarudos, velhaquetes,
Espalharam que n'alfandega
Si guardou muitos foguetes.

Essa é uma daquellas
Que não posso acreditar;
Pois só por causa de um homem
Tanta cousa se arriscar?

Muita gente por aqui,
Vejo de cara trombuda,
So por que de presidente
O homem não teve muda.

Por minha parte, não sigo
A opinião que o repelle:

Si ha de vir outro peior,
Antes quero mesmo ello.

(*Continua.*)

A PROSTITUTA.

Não tenho ninguem no mundo
P'ra condoer-se de mim!
P'ra comer, vendo meu corpo;
E' duro viver assim!

Do meio da gente honesta,
Eu triste sou repellida,
Sou mercadora da honra
Tenho horror á minha vida!...

E' preciso pentear-me,
Vestir-me bem p'ra agradar,
E com estes artificios
O pão da vida ganhar.

Estou bella, agora vou
Nas faces deitar carmim,
Para enganar os rapazes
Quando sorriem p'ra mim.

Cada um tem seu negocio...
Eu com a honra negocio;
Os meios para ir vivendo
E' assim que eu agencio.

Mulher infame me chamam,
E são mulheres tambem...
Que não reparam ao menos
As voltas, que o mundo tem.

A dura necessidade
Me obriga a honra vender;
Si não vendel-a, amanhan
Eu não terei que comer.

Mas quem, por vaidade, mancha
O thalano conjugal,
Mais prostituta que eu
Não vê que a mim é egual?

Egual, não, que não o é;
Me obriga a necessidade;
Ao passo que ellas o fazem
So por luxo e por vaidade.

Batem na escada; quem é?...
Um moço vindo de fora;
Manda-o entrar! muito bem
Seja vindo em boa hora.

Vamos, a noite passou se...
E foi-se o moço embora,
Meu Deus, pequei para comer,
E fico sem nada agora?

De minha tão triste sorte;
Acabae nefando mal;
Antes que os dias eu findè
Sobre um leito no hospital.

Á PEDIDO

—Venha ca, *Innocencio!*

—O que determina, capitão?

—Ora diga-me, para que V. ha de deshonrar assim as cans de seu velho pae?

—Ja o *Manuel* veio contar alguma cousa a V. Ex.

—Está enganado, eu podia lhe fazer mal, mas não quero, tenho pena de seu pobre pae.

—Mas o que fiz eu para V. Ex. me fazer mal e si m'o não faz, é porque tem penna de meu pae?

—Não o quero envergonhar, va-se embora!

—Não me envergonha; eu lhe peço, que por *Sant'Anna*, m'o diga!

—Na verdade, ja não pode haver vergonha em uma cara tão estanhada como a sua!

—Oh! é de mais!

—Para que V. anda industriosamente cobrando recibos de uma loja de onde ja não é mais caixeiro?

—E' uma falsidade, capitão.

—Tambem será falso que V. foi a uma venda, ao Terreiro, e por meio de sua industria tomou um queijo e uma lata de *cracknel*?

—Oh!... oh!... oh!... cale-se, capitão, por quem é, eu lhe peço!

Prometto a V. Ex. que me emendarei!

—E se não emendar-se?

—V. Ex. faça o que entender.

—Eu o apontarei ao Sr. Dr. chefe de policia, como um cavalleiro de industria!

—Sim!... sim!... Mas cale-se, eu lh'o peço!

—Calar-me-hei, certo de sua conversão.

—Capitão, venho, pedir-lhe um favor.

—Pode dizer.

—E' para V. Ex. mandar seu muxingueiro ao açougue do *macho-leve*, á *alta* dos Sapateiros, metter a taca nesse e imbusteiro e intimal-o para que não traga mais do curral carnes podres para impingir ao povo; pondo á porta um negro velho a berrar e atanazar os compradores a entrarem em tão nojento logar, que causa nausea pela fedentina que exhala.

E depois diz muito cheio de si: ganhei hoje nove, dez ou doze mil réis, gabando-se como faz o *deputado geral de Santa Barbara*.

—*Yaya*, ouvi dizer que V. está para casar com o *Neco*?

—E' verdade.

—Mas o *Juca* tambem não a pediu?

—E' exacto.

—E V. não deu o sim?

—Exactissimo.

—Mas como se explica isso?

—Olhe, é muito facil; si não me casar com o *Neco*, caso-me com o *Juca* e se não me casar com o *Juca*, caso-me com o *Neco*.

—E tambem pode ficar sem boi nem vacca.

—Isso não é mais do que aventurar-se; é o mesmo que comprar um bilhete para ver o que a sorte dá.

—Bravo! Que moça espirituosa!

—Capitão....

—O que ha?

—Um sujeito teve uma desordem com outro que sahiu com as ventas tão esmurradas que jorravam sangue como as bicas do Queimado...

—E o que tenho eu com isso?... vem V. massar-me com cousas que não adiantam.

—Espere capitão... é que o sujeito, tendo apanhado, anda gabando-se que deu; julgando que lhe darão credito como da vez, que elle gabou-se que tinha corrido atraz do cunhado de refle em punho, e que o tinha feito correr até a estrada por onde passam os bois.

—Oh! que valentão, pois bem; si elle continuar, faça-o vir á minha presença, pois para estes eu tenho destino.

—Estou sciente, capitão.

NÃO SOMOS NADA.

Do que vale nesta vida
A vaidade, a presumpção?
Ter dinheiro, ou ser marquez,
Si a morte co'um pescossão,
Tudo acaba de uma vez?!...

Vêde a mulher orgulhosa,
Toda ufana por ser bella,
Ind'hontem formando intrigas
Contra esta e contra aquella
Hoje morta de bexigas!!...

Vêde o sordido usurario
Adorando o que roubara!.....
Eis da-lhe uma dor de umbigo,
Torce o corpo, franze a cara,
E cahe morto por castigo!!...,

Vêde intrepido guerreiro,
Que mil noites debellou!
Coitado.... soou-lhe a hora...
C'uma espinha se engasgou,
Morreu!... e um verme o devora!!...

Infeliz condicção da especie humana!...
E a vista deste quadro que revella...
Ficamos as escuras... Boa noite;
Acabou-se tambem a minha vella.

—Capitão, a lei para todos não é a mesma?

—Ao menos é o que dizem.

—Mas eu vejo tanta desegualdade!

—Nem tudo é como se quer.

—Vejo, por exemplo, José Pereira dos Santos, com casa de pasto e botequim no Cano Dourado, n. 70, ha mais de seis annos, sem pagar até hoje um ceitil de direitos, ao passo que outros são acoxados de impostos!

—Mas o homem não tem distico na porta.

—Si for por isso, estão bem aviadas as rendas publicas!

O rotulo não é que o priva de vender café, refrescos, dar hospedagem e comida ás tripulações dos navios.

V. Ex. sabe que o simples facto de vender caffé o sujeita a pagar 50$ rs de direitos.

—E' verdade.

—Então concorde que até hoje a fazenda tem sido lograda e a boa fé dos lançadores illaqueada.

—E V. agora quer fazer este mal ao pobre homem, denunciando-o!

—Maior mal causa elle aos que vivem do mesmo giro, porque não paga impostos e pode assim vender por menos que os outros que pagam.

—Nisso tem razão.

—E depois é uma fraude subtrahir-se á contribuição que a lei exige para o augmento das rendas publicas.

—Ja ouvi; ha de ser attendido em tempo opportuno.

—Bom dia, capitão.

—Ja por aqui tão cedo, meu rico!

—Capitão, tenho urgencia de pedir-lhe uma explicação.

—Que massada não será!

—Massada? Uma pergunta curiosa.

—Ora diga la.

—A alfandega dá despachos para desembarque de madrugada?

—Si a'gum maluco se sahisse com semelhante disparate, eu não me admiraria, mas V.!

—Pois, si eu vi no dia 27 ás quatro horas da madrugada?

—Viu o que?

Desembarcar-se na *Agua dos Pequenos*, uma porção de barricas de sebo do Rio Grande!

—Eu creio que V. sonha accordado.

—O cujo, que as estava recebendo, parecia atarantado, como quem tem uma espinha atravessada na garganta, e implora por *S. Braz;* e so tornou á calma habitual quando viu o genero seguir pela beira do *ribeiro* que ali ha, e ser depositado na porta de um *Castro*, o qual estava ja a espera do *grilo* em companhia de um *pinto* para servir de signal.

Então poz-se a batter palmas bradando:—

não ha melhor negocio do que comprar sebo a 45 rs. arroba e vendel-o ao Martins a 8$!

—Onde mora o tal Castro?

—N'uma bodega, por cima da qual tem pintado um pé de *pinheiro* distinctivo de que usa o proprietario.

—Sim, Sr. meu *corujão da meia noite para o dia*; o negocio é serio; é preciso dar conhecimento delle ao inspector d'alfandega para mandar syndicar da tal ratonice.

E' chegada ao porto de *Lapazinha*, na villa dos *Sanhaços*, a barca Santo *Antonio*, a tripulação vem fazendo preces a *S. Lopo*, por vir o vaso de *Santos* carregado de caxaça e zurrapa, mas tudo baldeado; tambem veio um capitão reformado, que, por embriaguez ja foi preso pelos inspectores de quarteirão, em virtude de lhe dar a *mamadeira* para proferir palavras offensivas á moralidade publica.

Esse incorrigivel acha-se contra todas as regras do justo e do honesto exercendo um logar de confiança, talvez por ser ignorado seu torpe proceder.

Continue, si quizer ver o rabo de cutia assobiar.

Um habitante da terra dos Sanhaços.

UMA PERGUNTA.

A razão por que o Sr. commandante do 3° batalhão não informa os requerimentos que estão em seu poder, pedindo passagem de guardas?

NOTICIA NECHROLOGICA.

No dia 27 do corrente mez e anno, entregou alma a S. Lazaro, o irmão dos *doas olhos de vidros*.

O desgraçado perecia á fome; comeu as bollas, morreu.

Os irmãos não deitaram lucto, por ser elle bastardo.

Apenas o *José*, chegado a pouco á *Bahia*, vindo de *Guimarães*, bradou possesso que se conhecesse o assassino de seu irmão dava uma facada e uma bofetada.

Pobre mercurio!

—Capitão, a seguinte fabula pode ter applicação a algum sevandijasinho, Robert Macaire em miniatura, que ande ahi pelo commercio fazendo escamotagens.

—Quer que mande publical-a?

—Sim, senhor.

—Conte que está servido.

FABULA.

Certo *leão* em extremos apuros,
A um *cordeiro* pediu protecção;
O manso *cordeiro*, com fins sinistros,
Pressuroso fingiu acenar-lhe ao *leão*.

O nescio *leão* em corpo e alma,
Foi devorado pelo *cordeiro*,
Depois do que, este todo ufano,
Assim exclama muito prazenteiro:

« N'outros tempos um carnivoro lobo,
« Por ser mais forte, engolia meu irmão,
« Maior proeza cometti eu agora,
« No rei dos animaes—o Leão.—»

E' preciso pois estar precavido,
Com tão esperto e sagaz *cordeiro*,
Para não succeder como ao *leão*,
Ou como succedeu ao nosso dinheiro.

VARIEDADES

O NEGOCIANTE BAPTISANDO O FILHO.

Um negociante levava um filho a baptisar, e quando, na presença de todos os convidados, o parocho perguntou o nome do pai da criança, o nosso homem costumado ás formulas commercias, respondeu promptamente!

Pedro da Silva etc Comp.

CARTAS OFFICIAES AMOROSAS.

(Correio Mercantil)

CARTA I.

Minha querida Margarida.—Desde o primeiro dia em que te vi, senti minha alma perdida nas sensações *multicores*, que desenharam-se na *téla* do meu coração: desde então tenho vivido feliz sempre com o *pincel* na mão e retratando-te á cada momento com as mais finas *cores* de minha *officina*; olha, o *verdete* da minha memoria com o *carmim* da dor descrevem á cada instante a esperança de possuir-te, e o *vermelho* de teus labios *cor de rosa*.

A *alvaiade* das minhas idéas, com o *oleo* da imaginação, juntos com o *secante* do meu fogo, figuram o teu semblante *alvo*, tão *alvo*, sempre *alvo*, meu Deus, como a *testada* de um sobrado *pintado* de novo.

Sonho constantemente com o *roxo terra* do teu despreso, e sinto na tua indifferença a confusão de todas as *tintas* da minha *officina*, bem como a *borradella* de todos os meus pensamentos.

Olha, Margarida, si tu me amares, verás quanto pode o *desenho* do amor, e a constancia que te farei em quanto vivermos *pintado*, na mais bella harmonia de um amor bem *acabado*.

Acceita a *mistura* das intenções do teu Pantaleão *pintor*, e peço-te, pelo *amarello* do teu pai, não te esqueças de mim, sem custar *dinheiro*.

CARTA II.

.....

Querido Pantaleão.—Recebi a tua carta *labyrintica* em que com o melhor *tecido* mostraste os *pontos cheios* da amisade *fina* que consagras a tua pobre *costureira*, fizeste uma cella *tarefa* desse sentimento que se chama amor; *desenrolaste o novello* das affeições e enfiaste pela *agulha* da paixão o *retroz* da mais *grossa* esperança de me possuirdes...

Juro-te, Pantaleão, que a tua imagem guardada no meu *dedal*, estará sempre em cima de minha *machina* para ver-te..

Não penses que a *thesoura* do desprezo me fará esquecer-te: a tua Margarida não será tão ingrata que te *fure* com o *alfinete* da indiferença, será mais facil tu dares um *nó cego* no amor, do que eu quebrar a *linha* da sympathia que te dedico... juro-te, finalmente, que no *bordado* do meu coração escreverei teu nome com a melhor *linha de marca*, esperando pelo dia em que unidos por uma *fita de coz*, juremos ser firmes como dous *carreteis*...

Tua costureira, *Margarida*.

EPIGRAMMA.

OUÇO-A DE CONFISSÃO.

Com um frade se recreava
Certa dama conhecida,
Quando lhe batem na porta,
—Ai de mim!.., estou perdida!

—Fique quieta, senhora,
Não tenha receio, não,
Que direi a seu marido,
Que a ouço de confissão!

UMA SCENA COLLEGIAL.

Certo sugeito tendo hido buscar sua filha em um collegio de irmans de charidade, reparou que a collegial se esquecera do chapeu de sol e lhe ordenou que fosse buscal-o.

—Ah! papa, disse ingenuamente a criança, o padre está lá em cima comendo doce com as irmans, e quando elle chega ninguem pode ir lá, não.

—O Sr. tem um bonito sitio.

—Homem, é verdade, mais hoje está todo reduzido a plantação de capim.

—E para que planta somente capim?

—Oh! senhor! E' do capim que como eu e que comem minhas cunhadas, e olhe que ainda vae capim para sua tia.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 118 e 119 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

José Antonio de Souza Severo pede ao Sr. Francisco José de Mattos Ferreira de Lacerda Filho o favor de apparecer-lhe no Bom-gosto da Calçada n.º 7, para negocio.

Detteff Karrp agradece a todas as pessoas que acompanharam até a sepultura o cadaver de seu sobrinho e afilhado Antonio Pereira da Silva Barreiros, e tambem a todos que compareceram á missa do setimo dia mostrando por este meio a sua gratidão.

Vende-se tres frentes de casas, em terreno proprio, á rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, juntas a casa do Sr. Valentim, funileiro. Trata-se com o procurador Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em seu cartorio, a rua Direita da Mizericordia, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde.

Roga-se a um 2.º tenente do batalhão de artilharia que, quanto antes, venha á casa de negocio n. 1, ao largo do Theatro para tratar de negocio que não ignora, advertindo-se-lhe que no caso de não o fazer será o seu nome publicado por extenso.

Ubaldo Ramos Menezes.

MONTE SOCCORRO.

EMPRÉSTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

Quem precisar de uma senhora idosa para tomar conta da regencia de uma casa de familia, dirija-se a esta typographia que se indicará uma.

ATTENÇÃO, RAPAZEADA.

Aproveitem, que está se queimando no deposito de charutos de Augusto Rodrigues Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.º 51, o seguinte: charutos finos de bons fabricantes, cigarros de diversas qualidades, fumo picado, bolsas de borracha, mortalhas, palhas de milho, cachimbos cobertos e descobertos, ponteiras para charutos e cigarros, phosphoros de segurança do melhor author em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas para candeeiros de gaz, folhinhas de Laemmert para 1870, diversas miudezas e tudo o mais que se encontrará no dito deposito a vontade dos bons amigos e freguezes, sendo bem servi- dos em toda e qualquer qualidade destes generos.

O

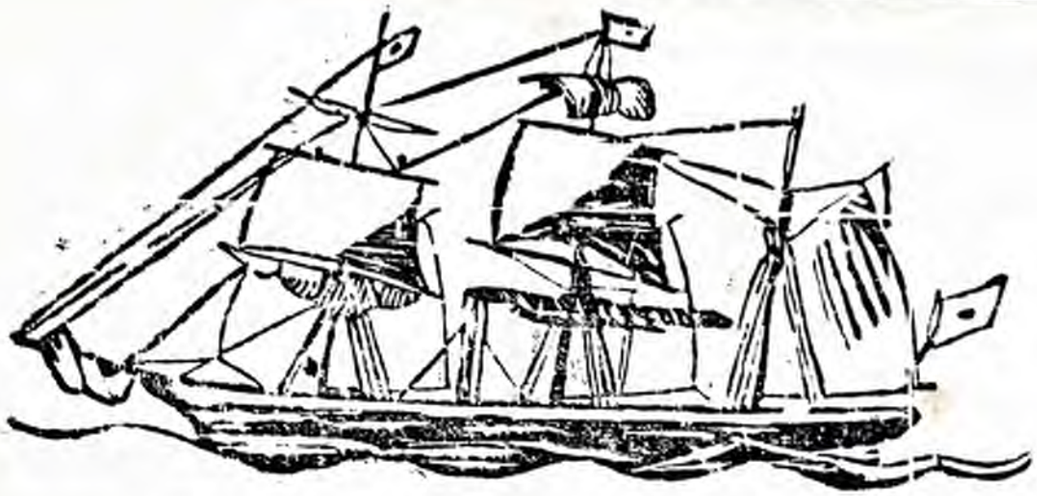
ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. — Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. — Serie 35

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 4 DE SETEMBRO DE 1869. — Ns. 546 e 547.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias, no sentido de evitar algum caso funesto, para que seja recolhido ao logar conveniente um africano, doudo, varrido, que existe na rua da Poeira, em uma casa defronte do Dr. Navarro.

Nos accessos de furor atira pedras para a rua, em risco de offender a quem desprevenido não se poder livrar d'ellas.

No dia 31, corria nú em pello pela rua, escapando nessa occasião de morrer um guarda que tentou prendel-o e sobre que arremessou formidavel pedrada.

Espera-se que S. S. proceda neste caso, como tem procedido em outros, a respeito de reclamações que lhe são feitas, o que é de justiça se lhe reconheça.

—Ao mesmo, pedindo o concurso de sua authoridade para a punição do seductor que ha dias desencabeçou e roubou uma menina da casa de uma franceza modista, ao Terreiro.

E, si bem que haja quem affirme que o mal-feitor seja becco sem sahida, por ser casado, esta condicção não isempta da punição da lei; portanto espera-se justiça.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que se dê ao trabalho de ir convencer-se com seus olhos do immundo estado em que se acha o quintal da casa n.° 27, á rua dos Capitães, o que, na actual estação, é optima pechincha para quem mora nas immediações. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe, pela segunda vez, que, assim esta receba, dirija-se ao Canto de João de Freitas, sobrado n.° 11, e depois de examinar o estado em que se acha o pateo do mencionado sobrado, pespegue nos moradores á competente mulcta, para que sejam mais aceiados. Cumpra.

—Ao Sr. Nunes, morador nas Pedreiras, ordenando-lhe que sem demora trate de concertar o seu pestilento cano, o qual frequentemente está arrebentando e alastrando a rua de substancias incompativeis com a salubridade publica. Cumpra.

—Os paraguayos ja elegeram seu novo governo provisorio.

—Aquillo está um sapato para dous pés.

Lopez não foi ainda deposto e continua a ser o chefe legitimo do paiz para as nações estrangeiras.

—Mas fallemos serio.

Houve tanta expressão de vontade nacional em tal acto, como aquella com que o povo brasileiro elegeu ultimamente os seus representantes.

—Eis a prova:

«CAMARA DOS DEPUTADOS.

«O Sr. Ferreira d'Aguiar.—(*referindo-se á guerra do Paraguay*) Imagine-se, como me

lembra o meu nobre amigo de deputação e de districto, que organisado o governo, é eleito Lopez? Será por ventura isto impossivel?

«O Sr. ministro da marinha, ri-se.

«O Sr. Ferreira d'Aguiar.—Porque não? V. Ex. ri-se?

«Um Sr. deputado.—*Pois havemos de eleger.*»

—Quer mais claro?

—Do que isso so azeite.

—Um deputado, que deve ser grato ao ministerio por lhe dar um assento na camara, foi quem disse no parlamento brasileiro que o governo do seu paiz ia fazer eleições no Paraguay.

—Capitão, recommendar precaução e prudencia á Companhia de Vehiculos será hostilisal-a?

—De certo que não.

—Então bem.

Em vista de alguns casos desagradaveis que se tem dado, desejo que a empreza me ouça para evitar a reproducção delles.

Ha pouco foi esmagado um cavallo de carga, nos Coqueiros; a semana passada uma mulher foi atirada ao chão e ficou maltratadissima e na noite da festa da Boa-Morte o Sr. Mattos escapou de morrer pelo abalroamento de duas diligencias.

- Só?

—Nada mais.

—Então viva.

—Capitão, estive em Maragogipe.

—Na funcção de S. Bartholomeu?

—E' verdade.

—O pagode é divertido.

Trouxe algum detalhe interessante?

—Diversos; mas ouça este por ora.

Dous rapazes travaram uma desavença que foi logo accommodada.

Depois, entrou a festa; os padres estavam no altar, quando apparece repentinamente um velho, assomado, armado de cacete, a quem ouvi dar o alcunha de *subdelegado*, o qual sem mais preambulo foi mettendo o pau em cheio em um dos rapazes.

—Estava louco ou ebrio?

—Nada disso.

—Como então?!

—Era o pae do outro que ia tomar despique pelo filho.

—Que velho tolo!

—O Roldão caricato, assanhado como uma cobra na muda, bradava—quem se *picar* encoste!

—Eu faço ideia do alarido que reinou.

—Até um musico da capital levou uma porretada no braço, indo desapartar.

—E como o cujo *era o subdelegado* não tinha quem o prendesse.

—Tinha o appellido de subdelegado, comprehenda.

—Isso mesmo; bem vê que um collega não prende a outro.

—Quem mora nesta casa?

—Não sei.

—Tome nota do numero.

—22.

—Bem.

—Como chama-se isto aqui?

—Atraz da Sé.

Mas o que pretende fazer?

— Queixar-me ás authoridades.

—Esqueça-se disso.

—Nem por sonho me diga tal cousa!

Despejam-me pela cara esta horrenda bacia d'agoa ante-aromatica, e hei de soffrer resignado.

—E' tempo baldado. Antes vá para casa ensaboar-se e tirar a morrinha deste fedorento banho.

—Ora forte desgraça! Estar um homem exposto a semelhante contra tempo e não encontrar reparação!

—A fonte dos Baris não é publica?

—E'.

—Mas como é que o *Laderça* está cobrando tres vintens diarios de cada lavadeira e um vintem por barril d'agoa?

—Atraz da vella grande ferra-se o traquete.

Com a crise do Queimado, muita gente tem feito o que pode.

—Ora, que sempre hade haver quem especule com as calamidades publicas!

Mas que quer? Quem acha pau faz colhér!

—Da-se padre mais frascario?

—Padre no theatro! onde está elle?

—Admira! pois não o reconheceu pelo porte?

Repare para aquelle salafrario que impudentemente passeia nos corredores com uma *lambisqueira* pelo braço.

—Já vi.

—E' um sacerdote relapso; um ministro denegerado da religião christan, que vem afrontar a moralidade n'um logar deste com uma marafona.

—V. é intolerante!

Pois o homem por ser *padre* não pode acompanhar a sua *Marcia no* theatro?

—Ha gente incorrigivel!

Não ha muito aquelle cynico foi suspenso das ordens por seu indecente comportamento.

—Inexplicavel mysterio!

A uns morrem as vaccas, a outras parem bois.

—Como se explica isso?

—Faltaram as aguas do Queimado, ao passo que as fontes dos particulares tiveram sempre em abundancia.

—Notando-se que a concurrencia augmentou.

—A companhia do Queimado, apertada por uma secca, que veio so para ella, fecha seus chafarizes; os donos de roça tem agua a abarrotar para vender!

—Que o diga o Sr. delegado o dinheirão que tem feito, com a improvisada secca do Queimado.

—Capitão, as ruas desta cidade, foram testemunhas no sabbado passado de um espectaculo altamente deponente para o espirito de civilisação da epocha e que fazia ao mesmo tempo doer o coração.

—Vejamos o que tanto o impressionou.

—Era um rapaz atormentado pela mao esmagadora de terrivel molestia, conduzido, ou melhor, arrastado pelos pés e mãos por quatro brutaes africanos que o levavam ao hospital de charidade.

As partes do corpo que o pejo manda resguardar eram indecentemente expostas ás vistas pudicas das familias que concorriam ás janellas.

—Qual o motivo de uma scena tão extranha?

—O infeliz padece de estupor, e apezar do subdelegado attestar que elle era indigente, as irmans de charidade, negaram-lhe, por mais de uma vez, a entrada no hospital; os arcos da cadeia são o aposento de quem não tem onde ficar e o desgraçado foi transportado para ali, onde se lamentava em altos gritos.

—E como os arcos da cadeia são na Praça, não convinha que desse na vista semelhante quadro.

—Tal qual; por isso mandaram quatro africanos agarral-o como um fardo e atiral-o á porta do hospital.

—Pois não entrou?

—Qual! esteve exposto ao rigor do sol desde uma hora até ás cinco da tarde.

—E sempre o nome excelso da charidade antepondo-se ao atrevimento e crueldade dessa horda de aventureiras!

—Outra scena commovedora.

A joven Maria Antonia dos Anjos foi educanda do Asylo do Campo da Pólvora; seu pae la deitou-a.

Fallecendo este, ficou orphan, e foi mandada para creada das irmans de charidade do hospital. Dali sahiu, para o poder de um irmão, o qual adoecendo e sem meios, foi de novo entregal-a á Meza da Mizericordia, e esta no desempenho de sua missão beneficente, recambiou-a de novo para o hospital.

Quando a malfadada menina transpoz o alpendre da Santa Casa, dominada pelo terror que infunde na victima o carrasco, lastimava-se a cortar o coração, e recusava entrar naquella casa onde reina a hypocrisia, a ma fé e até a.....

—Que o diga a irman Izabel.

—A coitadinha banhada em pranto pedia que lhe mandassem para qualquer parte, menos para ali.

Alguns moços academicos commovidos foram ao chefe de policia expor-lhe o que se passava.

—E' barbaro, é deshumano, obrigar uma menina, na juventude dos annos, a ir habitar n'um hospital, para tratar de molestias contagiosas, para ser enfermeira de doentes cujas molestias offendem o casto pudor de sua virgindade.

—Molestias, que as irmans de charidade, muitas das quaes ja lidaram nesse mundo de loucuras, onde ellas são adqueridas, se obstinam a não encarar.

—Grande miseria!

—Para que então se paga a serventes, para que enchem as irmans de charidade de dinheiro, si ha necessidade de coagir uma pudibunda menina a ir trabalhar no hospital, onde, pela sua pouca edade, pode adquerir uma molestia que lhe absorva a existencia?

Para que essa injustificavel e porca economia, que se eleva ao ponto de, adoecendo o porteiro, lançarem mão de um louco para exercer tal commissão?

—Dizem que a menina tem momentos de alienação.

—Tanto peior; porque o quadro de miserias e horrores proprio de taes estabelecimentos, a mortificação do corpo pelo infatigavel e repugnante trabalho, e acabranhamento dos sentidos pelo isolamento, muito influirão para se lhe aggravar o mal.

—Porem o que é mais para admirar é ver o ar sereno, o riso jesuitico, com que as irmans de charidade praticam tanta malvadeza!

Tendo sempre nos cantos dos labios um sorriso sinistro, com laivos de humildade, sem olhar para ninguem, essas mulheres são capazes de tudo.

—Complemento dos jesuitas, essas mulheres que trazem o coração mais negro que o habito de que se vestem, levam a ousadia a quererem forçar as consciencias alheias!

Ha de provar suas iras o empregado do hospital, que nos domingos não for se ajoelhar na capella onde ellas ouvem missa, embora com o coração abstrahido.

—O que ellas exigem é a posição cabisbaixa, a contricção do hypocrita.

—E levam o arrojo a intimar aos empregados para que se confessem!

—Com refalsada beatitude inculcam-se de sobrias e moderadas, quando são intemperantes e descommedidas.

—O refeitorio das irmans da charidade é um logar que não é dado aos profanos devassar.

—Querem passar por parcas e abstinentes.

E' preciso que não hajam testimunhas dos regalos que gozam, dos excessos a que se entregam na meza dos deleites que fruem.

—E em quanto ellas saboream deliciosas accepipes, em quanto excitam a natureza com variados manjares e exquisitos vinhos, os doentes da Santa Casa estendem as mãos esfaimados por um pedaço de pão ordinario.

—E' por isso que uma no Rio de Janeiro dizia que nestas terras intertropicaes não se dava a mesma frieza da Europa e por isso.... dava-se o caso de muitas se perverterem.

—Só uma fera é capaz de tanta barbaridade!

—Quem fez tão crueis sevicias naquelle pobre menino?

—O proprio pae, um thug morador ás Pedreiras.

—Que perverso!

—O chefe de policia mandou recolhel-o ao hospital de charidade e instaurar processo ao delinquente.

—E' bom, é bom. O tempo dos carrascos ja passou.

—48 horas um cadaver impedido de sepultar-se!

—A religião christan manda enterrar os mortos, e a salubridade publica interessa-se vivamente pela inhumação dos corpos.

—Falleceu na ladeira da Preguiça uma mulher, pobre como Job, e ficou todo este tempo em casa, e mais ficaria si a policia não interviesse!

—Pois queriam que o corpo apodrecesse em casa?

—Si o vigario, ou quem suas vezes faz, que sem duvida será algum padre *sabido*, recusava se obstinadamente a dar a guia de graça!

—As ganhadeiras, ao menos, fiam aos freguezes, quando não tem dinheiro.

—O piedoso sacerdote da religião do Deus de bondade, affirmava segundo lhe constava que a fallecida tinha porção de dinheiro embrulhada em uma meia.

—E achou-se?

—Qual, Sr! O subdelegado deu-se ao trabalho de remecher as troxas da velha e só achou trapos para o carro da limpeza.

—Está visto que tal dinheiro não passou da imaginação interesseira do padre.

—Um pretexto para não vender a guia sem dinheiro.

—E' triste que um ministro da egreja mascateie assim passaportes para o cemiterio.

—Diz o *Publicador* que o juiz municipal e de orphãos da Chapada, no Maranhão, o bacharel Manuel Leocadio de Lima ia ser responsabilisado como iniciado no crime de introduzir moeda falsa na circulação.

—Si é exacto, em boas mãos estava entregue a execução da lei.

—Que diabo de homem este!

—Isto é culpa do caixeiro que deixou entrar para o wagon um homem embriagado! Não ha nada que faça este diabo metter a cabeça para dentro; estou vendo a hora que elle arrebenta-a em uma parede.

—Ora, pois eu, hoje sexta-feira, havia de vir ao Bomfim para me encommodar com este imprudente bebado!

—E no emtanto que é um guarda do batalhão 110, e está destacado na casa de prisão com trabalho.

—Torna-se preciso pedir á companhia de Vehiculos providencias a esse respeito, afim de que não venha a lastimar-se alguma desgraça.

—Capitão?

—O que temos?

—A policia está incumbida de propagar a prostituição?

—Rapaz, eu creio que V. está soffrendo da cachola.

—Porque, capitão?

—Semelhante pergunta é de quem tem a bola transtornada.

—Mas o que quer que lhe diga? Eu vejo os defloramentos agora andarem pelos subdelegados de policia.

—Soube de mais algum?

—Ouça o que me informaram:

A pardinha Roza, de 15 annos de edade, filha de Maria Augusta, passando pela porta do subdelegado supplente da ilha de Maré, Domingos Jacintho, este chamou-a á pretexto de dar um recado para seu pae, e recado foi este que *fez-lhe a charidade*.

—Bom rapaz!

—Creio que ja é madurão e viuvo.

—E' a mesma cousa.

—E para remate de moralidade o facto foi precedido de circumstancias violentas.

—Então a menina foi forçada bruscamente?

—E' o que dizem, valha a verdade.

—Como vae isto á galope!

Até agora os subelegados limitavam-se a exercer *inteira jurisdicção* nas raparigas de seus districtos, isto é, mandava-as buscar por ordem, ou quando iam presas chamava-as á suas presenças para *admoestal-as*, na occasião de soltal-as, quando iam presas, agora a cousa é mais fina, seduzem, ou violentam as donzellas!

—Venha cá, quero passar-lhe um esfusiote

—O que ha a meu respeito?

—Quando trouxer suas neticias, seja mais escrupuloso.

—Commetti alguma incorrecção, por accaso?

—Disse-me que o *Gordinho* que tinha deflorado duas moças irmans era o que commercia em trapos, quando não é.

O devasso de quem se trata, é um *Gordinho* que anda lá para as *mattas do Precursor*, um satyro que faz alarde da sua depravação.

—Não vè que ambos andam para o mesmo lado? equivoquei-me.

—E põe-me na necessidade de fazer esta rectificação, alias espontanea, por que não gosto de ver ninguem carregar com o que não fez.

Á PEDIDO

—Capitão, tenho um caso galante.

—Alguma massada horrenda e fera.

—V. Ex. dirá depois.

—Pois queira aviar-se, Sr. impertinente.

—Nesta terra qualquer *pexibeque* que empolga um cargo, se julga authorisado a praticar quanto desvario lhe vem á cabeça.

—Mau vai o principio.

—Antes de tudo, diga-me, o corredor de um sobrado é porta de venda?

—Não, senhor.

—Não pensa assim o alferes *Peixe do mar*.

O Braga condoendo-se da penuria de um homem que não tinha onde dormir, deu-lhe o corredor da propriedade onde tem venda para se arranchar.

Succede que este abre a porta de noite para ourinar, o alferes apparece na occasião, e só por isso depois de muita bravata, dá voz de preso e mulcta o vendelhão.

—Chama-se a isso pagar o mal que não fez.

—O vendelhão para não ser preso, escarrou com dez mil reis que o alferes recebeu muito lampreiramente.

—Não tem cabimento semelhante procedimento.

—Ao passo que passam carros e carretas de contrabando, motivo principal porque elle foi mandado para ali.

—Por forma nenhuma os agentes da força publica devem cometter excesso e atropellos.

—Malfada freguezia do *Segura Parede*! anda sempre para peior!

Julgava-se que a presença da força publica ia conter as cousas em seus limites, e foi quando tornou-se peor.

—Capitão, capitão, capitão!

V. Exa faz favor?

—O que determina?

—Constando que a camara quer dar a preferencia das barracas de Santa Barra a quem mais vantagem offerecer, e como eu fui um dos prejudicados no incendio, que ali houve, e tenho continuado a pagar pontualmente o aluguel depois do incendio, venho pedir a V. Ex. que interceda pela minha causa e dos meus infelizes companheiros.

—E' impossivel que a camara consinta que outros arrematem aquellas barracas, a não serem os prejudicados no incendio, embora haja quem offereça maiores vantagens, visto como ella deve dár a preferencia a elles, que foram victimas do incendio, ao menos, para resarcirem o prejuizo que tiveram; é o qne parece de justiça.

—Em todo caso, é bom V. Exa intervir sempre nesse negocio.

—Pois bem; vou officiar a Illma. neste sentido.

—Muito obrigado, capitão

Bittencourt, não te trepes,
Meu *farofa* no *pilar*,
Pois o menos que te custa
E' la da *rocha* pular.

Não vás atraz das parollas,
Que prega o peixe-*marinho*,
Que quer ser cousa por ser
Do commandante sobrinho.

Por Santo *Antonio* te digo,
Mono, cara de ressaca;
Emenda-te ou o muxingeiro.
Te ha de sovar de taca.

E se a *Felizmenina*
Continuar com intrigas,
Alcives e mexericos,

Origem de tantas brigas;

O menos que soffrerá
E' ter pregada a janella,
Onde da vida dos outros
Vive dando a taramella.

O' que gente enredadeira,
Tão coberta de malicia!...
Insultam e vão queixar-se
Ao alferes da policia!

Offerecendo *bananas*,
Que bem podiam servir
P'ra as meninas que gulosas
Precisam de se nutrir.

Olha lá, ó Bittencourtt,
Ouve bem o que te digo,
Deixa de insultos, sinão
O muxingeiro é comtigo.

—Então, maganão, como vae isso?

—Soffrivelmente.

—O negocio dos *canarios* vae correndo?

—Difficilmente. Faço mais nas *borboletas*. Isso mesmo é preciso agora mudar de *matiz*.

—Quando vae para Valença?

—Pretendo breve.

—E a respeito daquella linda *perdiz* que lhe cahiu no laço?

—Isso é segredo, que não quero que se saiba. Minha *cara ahi* por fora é uma cousa, ca na cidade é outra.

—V. tem geito para tudo!

—E si não obtiver algum passaporte espontaneo para Fernando, muito cedo ha de me ver feito cousa.

—Não se assuste, quem lhe podia encommodar é cega; não vê.

Assim não continue V. a trepar no *monte* para perder o que tem ganho.

AJUDA DE CUSTOS AOS BISPOS QUE FOREM AO CONCILIO EM ROMA.

II.

DEVER DO ESTADO MANDAR OS BISPOS A' ROMA.

A religião do Christo não é uma religião de pompa e de orgulho. A pobresa e a humildade são suas vestes exteriores; seu principal fundamento é a piedade.

O divino Rabbi respondendo ao espirito das trevas que lhe apontava de cima do monte a pompa e o imperio do mundo, disse «Meo reino não é deste mundo.»

Quando S. Pedro foi a Roma, si é verdadeira a historia, não foi senão como pobre e humilde; a fumaça da aristocrácia lhe não passou pela mente.

Entretanto, dizia o Sr. Junqueira, fallando de seu projecto «que interessa ao maior esplendor da religião do Estado—por entender que o facto que se vae passar em Roma não pode ser indifferente a um paiz catholico como este—por entender que devemos rodeiar a religião do estado com todo o brilhantismo, com todo o fulgor.»

O christianismo para fulgurar, para se apresentar com todo esplendor não precisa de donativos e de dinheiro.

Elle brilha e fulgura pela pureza de suas doutrinas, pela razão justa que preside o encandeamento de seus principios; e nem precisa que dedos mundanos lhe acrescentem uma só palavra no corpo de seus dogmas fundamentaes. E tanto o christianismo não precisa de luxo para fulgurar que elle tem antes por fundamento principal Christo pregado na humilde cruz do que sua entrada festival em Jerusalem, porque nesta elle calca aos pés o brilhantismo do mundo, mas alli elle se eleva pela humildade.

Christo, tanto desprezou o fulgor e a pompa que um dia seus discipulos lhe mostrando o brilhantismo ou a fabrica de seu suberbo templo, elle disse escandilisado: «Vêde s tudo isto? Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada» (S. Math. cap. XXIV. v. 2.)

Eis a que fica reduzido o prestigio e o brilhantismo e mais a pomp e fulgor!

Vejamos a questão por outra face.

A nossa Constituição em seu art. 5.º declara que «A religião catholica apostolica romana continuará a ser a religião do Imperio», mas tambem declara que «todas as outras religiões se aõ permittidas com seu culto domestico.»

Alem disso, o Cod. Crim. em seu art. 191 pune ao que «perseguir por motivo de religião ao que respeitar a do Estado e não offender a moral publica» e tolerante; tambem pune em seu art. 277 ao que «abuzar ou zombar de *qualquer culto* estabelecido no Imperio».

Ora consagrada e admittida uma religião do Estado, vamos indagar segundo o espirito de nossas leis si a constituição «incumbiu a todos os altos poderes do paiz o dever de velarem para que esta religião jamais soffra a menor quebra na pureza».

Negamos absolutamente esta preposição.

Ella parte do erroneo principio de que a egreja é livre no Estado livre, com quanto neste ponto cedesse um pouco de seu ultramontarismo ou como melhor nome haja, dizendo «que a doutrina que consagra a egreja livre no Estado livre não pode hoje ser adoptada por nós na accepção que se lhe quer dar.»

Entretanto cumpria declarar que no Brasil o Estado é livre, mas a egreja não o é.

Vaimos ás provas:

A Constituição em seu paragrapho XIV e art. 102 diz que é da attribuição do poder executivo «Conceder ou negar o Beneplacito aos decretos dos concilios e lettras apostolicas e quaesquer outras constituições ecclesiasticas,» tendo por base não quebra na pureza, mas opposição á constituição.

Ora tudo que se oppõe á constituição é nocivo ao Estado ou á utilidade publica, logo a concessão ou negação do Beneplacito tem por base a utilidade publica e não quebra na pureza.

E' ainda debaixo do ponto de vista da utilidade publica que o Sr. Pimenta Bueno encara esta questão em sua obra—Direito Publico Brasileiro—e § 5.º secç. 4.ª das attr. do poder executivo em relação ao poder espiritual, dizendo «por que na respectiva constituição, bulla ou decisão pode por ventura o legislador e ecclesiastico incluir algum *principio nocivo ao Estado.*»

D'onde se conclue que entre nós a egreja não é livre e seus representantes são considerados empregados publicos recebendo ordenado dos cofres do Estado e por isso nosso governo tem expedido provisões, avisos e decretos todas as vezes que os altos funccionarios do clero se querem inculcar independentes da acção do governo e somente sujeitos a Roma: Assim a provisão de 23 de agosto de 1824 declara que o bispo se ausentando de sua diocese sem licença, a Sé é considerada vaga.

Por aviso de 4 de junho de 1832 se extranhou ao arcebispo da Bahia por não dar certos esclarecimentos á presidencia e se ordena a esta que o fizesse responsabilisar.

Pelo decreto n.º 1911 de 28 de março de 1857 se estabelece o recurso á coroa das suspensões judiciaes e extrajudiciaes impostas pelos prelados aos clerigos.

Em fim o aviso do ministerio do imperio de 29 de janeiro de 1866 declarou que os bispos não podem deixar suas dioceses sem licença previa do governo imperial.

Portanto do que temos dito se conclue que «a nossa Constituição consagrando no art. 5.º como religião do estado a Catholica Apostolica Romana, incumbiu aos altos poderes do paiz (*não*) o dever de velarem para que que esta religião jamais soffra a menor quebra na pureza» mas sim que ella não va de encontro á utilidade publica ou que seja nociva ao estado; e por isso o poder executivo pode negar beneplacito ás decisões dos concilios, julgar das lettras apostolicas, não consentir que o bispo saia de sua diocese e até reintregar as ordens aos clerigos dellas suspensos *ex informata conscientia* pelos seus prelados.

Logo ao poder executivo cumpre conhecer do programma desse concilio e ver pelas questões que tem de tratar, si elle interessa ou não, si elle é ou não nocivo ao estado.

Por isso não concordamos com as razões apresentadas principalmente quando se diz:

«E' mister que n'uma occasião solemne como esta, em que se trata de rodear o summo pontifice de todo o esplendor e respeito, nós não estejamos economisando um auxilio de meia duzia de contos de reis.»

Valha-nos a *cruz de S. Gregorio!* Como se confunde a religião com o papa!

Todos os povos catholicos respeitam e veneram o papa, mas não querem papa com o brilhantismo de realeza, acabando de dizer a grande missa e indo assignar um decreto de pena de morte.

A humanidade treme de horror todas as vezes que em Roma ás ordens do papa cahe ao chão a cabeça de um culpado politico.

Victor Hugo que outr'ora havia louvado a eleição de Pio IX á tiara pontificia recuou assombrado adiante do espectaculo das torturas e do sangue derramado em Roma por causa do sceptro que lhe escapa da mão.

De que valeu isso?

Morreram muitas victimas, sim, mas do pó regado pelo sangue dos novos Gracchos, surgiram novos Marios para confundir o ultra-montanismo emperrado, que em vão pretende trazer o homem feixado num circulo de ferro e ameaçado pelas fogueiras da inquisição.

Ora quem não sabe que o concilio é o mesmo por causa das questões de Roma, porque o papa insiste em querer ser tambem rei, contra a opinião de toda Italia?

Quererá levantar uma *cruzada* contra a Italia para lhe estender os seus dominios? La se foram os tempos do *sic volco, sic jubeo?*

Hoje cada homem tem o direito de pensar e resolver por si mesmo adiante do tribunal insuspeito de sua consciencia que deve depor as armas; e em tal cruzada não derramar uma so gotta de sangue.

(Continúa.)

—Os orgulhosos serão abatidos.

—Disse o Divino Mestre.

—Por isso o *Par-de-aranhas* ficou com cara de lacaio.

—E' verdade, mandou desafiar os *permanentes* para baterem-se com os seus *pequenos* e passou por tremenda decepção.

—Perdeu o modo de andar.

—Eu não sei mesmo quando aquella creatura hade ter um pouco de senso.

—Quanto mais velho fica, mais patadas dá.

—Capitão, o desencadeiamento de acções indignas, que pratica uma sucia de sugeitos, precisam de severa corrigenda.

—Onde moram?

—Em um segundo andar.

—A rua? homem.

—*Misericordia*! é preciso dizer tudo?

—E então como se ha de saber?

—Não basta o numero?

—Va la, diga.

—O numero é 4.

Em continua guerra com a decencia, esses cujos parecem mais que foram adequados a viver no campo á lei da natureza do que circulados por familias honestas.

—E com isso dão triste ideia da moralidade de quem lhes deu educação.

—Um homem, de mais de 80 annos, morador na rua Direita, distribuidor do *Diario*, foi, ha poucos momentos, apupado e maltratado por aquella canalhada.

—Já sei, é casa de estudante.

—Tem estudantes no rancho, mas ali encontra-se todo bixo careta.

—Homem em tal caso vou lembrar á policia para ver se aproveita algum.

VARIEDADES

DIALOGOS MUI FAMILIARES.

—O' Sr. F., como tem passado?

—Muito bem, obrigado.

—O Sr. hoje vem n'um bonito animal.

—E' verdade. Este é o burro de meu tio. O meu está com uma broca na mão.

—Diga-me uma cousa, Sr. F., seu pae tem a bésta de sua mãe em casa ou emprestou-a a alguem?

—Meu pae emprestou ella hontem a meu tio José.

—O Sr. na verdade cavalga bem!

—Ao menos me dizem todos que nas carreiras que eu dei hontem, nenhum dos outros cavallos me accompanhava, sinão em grande distancia.

—Sr. E... quer que o sirva d'uma fatia de queijo de Minas ou do reino?

—Nem d'um, nem d'outro, minha senhora.

—Então o Sr. não gosta de queijo?

—Para fallar francamente nunca fui apaixonado por esse *doce*.

—Então sirva se de bananas.

Um sujeito que fallava mui apressado, ao retirar-se d'uma reunião, disse:

—Com licença meus senhores, vou ao barbeiro *cortar* a barba e *fazer* o cabello.

Em uma cidade da provincia do Rio de Janeiro, n'uma tosca taberna, lia-se o seguinte:

Dá-se comida e pasto

Tanto para passageiros como animaes.

Um sujeito encontrando um amigo seu, a quem a tempo via andar muito triste e melancolico, perguntou-lhe com instancia o motivo que em tal estado o trazia.—«E' um mal, lhe respondeu o amigo suspirando, que ha de ser a causa da minha morte.

—E qual?

—A infidelidade de minha mulher.

—Oh! isso é mal de que ninguem morre, e do qual muitos vivem.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

ATTENÇAO.

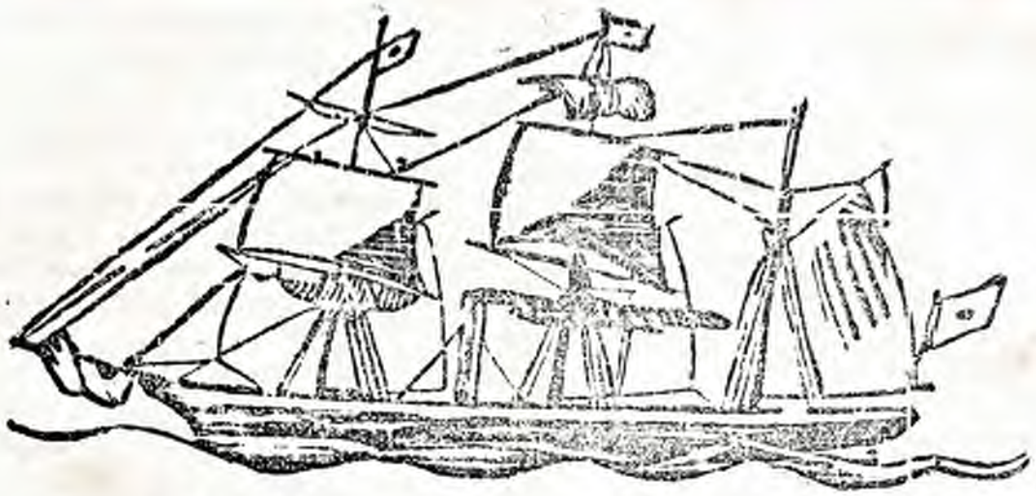
Vende-se uma taverna com todos os utencilios, armação muito nova e com bons commodos, á rua do Tijollo n.° 10 B: quem pretender, dirija-se á mesma venda que achará com quem tratar.

Quem tiver um banlandrau da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, em bom estado, que queira vendel-o, dirija se a esta typographia que se dirá quem compra.

VERDADEIRO CAFÈ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moido puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude, na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

Pede-se aos devedores da Estrella do Oriente que venhão pagar o que devem no prazo de oito dias sob pena de verem os seus nomes por extenso nas folhas publicas.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. — Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. — Serie 55

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA — 7 DE SETEMBRO DE 1869. — N. 548.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, prevenindo-o de que os garotos vão para o mez de Maria, em S. Francisco, munidos de cartas de alfinetes, e se divertem em pregar as caponas das beatas, e os vestidos das senhoras, alem de fazerem da porta do templo um lupanar de deboche e assuada, pelo que se torna de necessidade que S. S. ponha a policia no encalço de semelhantes *debandados*.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que, antes que venham sobre a cabeça de algum desamparado da sorte, mande arrear, por conta de quem pertencer, dous paus, de um arco que se armou na Lapinha, por occasião do Dous de Julho, os quaes estão para cahir a cada momento, em razão dos tombos que levam, quando por ahi passam as boiadas. Cumpra.

—Hoje terá logar, no salão da camara municipal, a inauguração da sociedade—LIBERTADORA SETE DE SETEMBRO.—

—Deus proteja esta philantropica associação, cujo fim é apagar a nodoa que mancha o Brazil entre as nações civilisadas!....

—O' rapaz?

—Prompto.

—Sabes a differença que ha entre a justiça e a policia?

—Ignoro.

—Imbecil, é que a justiça não vê, por que tem os olhos vendados, e a policia por que os venda quando lhe faz conta.

—A cruzada emancipadora vae creando adeptos por toda parte!

—Por mais que carregue a sua escopeta o Sr. barão de Cotegipe, chore como chorar o Sr. barão de Muritiba, os tempos se approximam, a opinião nacional se illustra e o grande thema liberal, a base da reforma, seu primeiro, seu mais glorioso passo, ahi vem chegando.

—O *Sapucahy*, folha que se imprime em Campanha, Minas, publica:

« PHILANTROPIA.

«O nosso distincto amigo e correligionario, o Sr. capitão Manvel Dias de Avelar, por uma inspiração de verdadeira e caridosa philantropia, acaba de tomar a nobre e muito louvavel resolução de libertar «todos os seus escravos» que attingirem á idade de quarenta annos, com excepção apenas dos criminosos e viciosos incorrigiveis que se tornarem assim indignos de sua alta beneficencia.

Honra e louvores ao nosso benemerito amigo que assim conquista novos titulos á consideração e estima de seus concidadãos!

O acto que acaba de praticar o honrado fazendeiro o negociante o Sr. capitão Manuel Dias de Avelar, não carece encomios nem commentarios.

Basta referil-o para chamar sobre seu autor os ardentes louvores da opinião esclarecida.

Os exemplos de philantropia avultam no merecí-

mento, ao passo que os assoam no numero o são dados na sombra da modestia.»

—E o *Echo do Sul*, do Rio Grande, diz:

« 22 ESCRAVOS LIVRES.

«O Sr. Gustavo Julius Guntor, residente em Londres, e representado na provincia do Maranhão por seu bastante procurador o negociante Martinus Hoyer, deu, a 22 do abril proximo passado, liberdade a 22 de seus escravos de ambos os sexos. Tão bella acção deve ter a mais extensa publicidade.»

—Vivam os verdadeiros amigos da liberdade!

—Capitão, V. Exa. toma-me um bilhete de beneficio?

—Beneficio de quem?

—Do sympathico contra-regra do theatro José Maria.

—O que vae a scena?

—O drama em 5 actos, producção do eximio poeta portuguez—Mendes Leal:

PEDRO

SEM MAIS NADA.

—Que mais?

—Terminará o espectaculo com a espirituosa e muito applaudida comedia em 1 acto, ornada de musica:

MORRER PARA TER DINHEIRO

—Em que dia é esse beneficio?

—Na terça-feira 14 do corrente. V. Exa. podia tambem fazer o obsequio de recomendal-o ao respeitavel publico.

—Será attendido; mesmo por que o beneficiado, tem se tornado digno da sympathia do publico, pelo que é de esperar que o seu beneficio seja bastante concorrido.

—Capitão, consta que ha grande barulho no thesouro, com o recolhimento das notas de cinco mil réis.

—Porque?

—Porque ainda não se recolheu todas, e ha de mais da quantidade emittida, mil e tantos contos de reis.

—Safa!

—E' impossivel que ahi n'esse meio não ande moeda falsa, á ser verdadeiro este boato!

—O certo é que ainda, das recolhidas, nenhuma foi regeitada por falsa.

—Então alguma mão, semelhante a que fabricou para o governo, fabricou para si, ou para alguem.

—Tambem não digo isso, digo antes que são tão verdadeiras quanto as do thesouro, tanto que circulou e estão sendo recolhidas da mesma sorte que as emittidas pelo governo!

—Oh! é um facto virgem, recolher-se maior porção do que a emittida?!...

—Mas que quer V. Ex.?

Ha tantas fortunas mysteriosa neste mundo, que eu fico embasbacado, vendo certos homens da noite para o dia tornarem-se milionarios.

—Na verdade só se pode adquirir fortuna por tres maneiras.

—Quaes são ellas?

—Ou por meio de sorte, ou de herança, ou de roubo!

—Meu charo, V. não deve sahir destes principios:

«Quem rouba pouco é ladrão.

«Quem rouba muito é barão!»

—O *Guará* trouxe noticias da guerra.

—Quaes são ellas?

—Ouça um resumo:

No dia 16 o 1.º corpo do exercito brasileiro, ao mando do general José Luiz de Menna Barretto, por se achar de cama o invicto Osorio, ao sahir de uma comprida picada que leva de Caacupéa varze a de Campo Grande, encontrou o inimigo, em numero de 6,000 a 7,000 formado em linha de batalha para lhe embaraçar o passo. Commandava-o Caballero; aquelle celebre que ja foi dado por morto.

Travou-se renhida lucta.

O fogo tornou-se intenso; a artilharia jogava de um lado e de outro com egual vigor e as bombas encruzavam em todos os sentidos, pondo em risco a vida do principe.

O general Pedra fez prodigios de valor; uma lançada alcança-lhe a gravata e o atira n'agua onde esteve para se afogar. Chegou a correr no exercito que tinha morrido.

—Os 20 homens do capitão do matto tem se reproduzido espantosamente!

Elle que apresentou 7,000 homens ás eventualidades de uma acção, é claro que pelo menos tinha outros tantos de reserva.

—Era meio dia e os paraguayos defendiam o passo com tenacidade.

O general em chefe tendo á mão a brigada do coronel Hypolyto fel-a passar um arroio e tomar de flanco o inimigo; empenha tambem no combate o seu piquete.

Então apresenta-se o bravo Pedra de espada em punho, ja torta pelo trabalho e depois de tranquilisar aos que julgavam de sua morte, some-se de novo pelo fumo da metralha.

Neste tempo a resistencia foi affrouxando, o inimigo começou a lutar em pequenos grupos o a debandar-se.

Caballero foge, deixando o cavallo ajaezado de prata.

Nossa gente batalhou em espaço maior de uma legoa.

Para mais de 2,000 mortos inimigos, 700 prisioneiros entre esses o major Godoy e tenente coronel Anêdo.

40 carretas conduzindo *quantidade prodigiosa* de munições, os bahús do vice-presidente Sanchez, mais de 20:000$, 23 boccas de fogo, bandeiras, etc., foram os tropheus.

As 2 horas tinha terminado a acção começada em Campo Grande e acabada em Pendoti.

Lopez foge para os Hervaes com 4,000 homens e 42 boccas de fogo.

—Safa! va forjar peças para o diabo!

Eu creio que todos os arsenaes brazileiros em um anno não fundem 40 peças!

E com que suavidade não transportaria elle esse pesado trem?

—O principe foi aos hospitaes de sangue visitar e consolar os feridos dessa gloriosa luta.

Nossas perdas não passam, em rigor, de 300 homens.

—Nesta parte permitta que ponha de quarentena sua noticia.

—Minha não, dos correspondentes do *Jornal do Commercio*.

—Eu não posso conceber que o inimigo entrincheirado, occupando posições estrategicas formidaveis, fossos inaccessiveis, nós, os assaltantes em condições inferiores de terreno, marchando á peito descoberto, tenhamos perdas tão diminutas em relação as do inimigo, e isto quando a artilharia *jogava de um lado e do outro com egual vigor*.

Salvo, si V. quer admittir que os brasileiros são encoraçados.

—A 18 deu-se segundo feito de armas.

O inimigo foi destroçado em Caraguatahy.

Foi tomada de assalto uma bateria com 12 peças e 1,600 homens da guarnição.

—Eu creio que no dia em que a mãe de Lopez o deu á luz, fez algum pacto com o demo!

O maldicto em condições desesperadas, fugitivo mal quisto dos seus, ainda tem praças fortes para resistir!

—O inimigo teve mais de 1,000 homens mortos. 120 prisioneiros e 200 feridos.

Queimou os navios que tinha no Manduvirá.

De nossa parte 200 homens fora de combate.

Aprisionou se a bagagem de Linch.

—La isso é de grande interesse para a terminação da guerra.

—Continua a perseguir-se Lopez: para isso subira uma esquadrilha ao Manduvirá para evitar que escapulisse por Miranda e Corumbá para a Bolivia.

Deu-se conhecimento ao barão de Melgaço presidente da Matto Grosso, recommendando-lhe que tome as providencias que puder para evitar a fuga por esse lado, ou ao menos impedir algum insulto ás nossas povoações.

Um inglez prisioneiro assegura que no acampamento de Lopez tem morrido para cima de *cem mil* pessoas de fome.

—Acho exagerado; mesmo que ainda ha pouco se dizia que havia extraordinaria quantidade de mantimento.

—Entraram em Assumpção uns 300 prisioneiros dos tomados nos combates que horrorisavam.

Dous terços desses infelizes eram creanças de 14 annos e velhos de 60, quasi nús, magros e tão fracos que com difficuldade caminhavam.

—Muito benefico deve ser o clima brasileiro aos paraguayos!

—Por que?

—Por que os faz remoçar. No exercito de Lopez são velhos e creanças, chegando aqui tornam-se rapagões. Ainda não vi um prisioneiro paraguayo que não fosse robusto e moço!

—O mais admiravel é que elles, que desfallecem a fome, tenham força para empunhar uma arma e luctar encarniçadamente.

—Tudo isso é muito bom; assim não escapasse Lopez ainda esta vez.

—Dizem que desta vez a culpa foi do general E. Mitre, que demorou-se em executar pela sua parte o plano combinado. Tendo com o brigadeiro José Auto de subir com uma columna de 5,000 brasileiros e 4,000 argentinos aos Altos até Atirá para cortar o inimigo por Tabati e Barrero Grande, demorou-se na marcha 4 dias, tempo sufficiente para Lopez ser prevenido e precaver-se.

Entretanto, ouça os nossos *fieis* alliados, os argentinos, o juizo favoravel que fazem de nós.

E' do *Nacional* e da *Tribuna*, orgãos do presidente e do ministro dos estrangeiros Marianno Varella.

.....

« Vendo os brasileiros este facil triumpho dos dous batalhões (Santa Fé e Rosario), pediu o general Auto Guimarães para tomar o desfiladeiro. Tocou ao 18 de voluntarios este serviço, sahiu mui garboso das fileiras, porem apenas acabava de desapparecer entranhando-se no passo, quando retrogradou delle, perseguido por um *punhado* de paraguayos. Havia uma confusão grande, e quem sabe o que teria succedido, si felizmente não se dirigisse ao ponto de perigo o 4.° de linha e o regimento Cordoba, que immediatamente

se atiraram ao inimigo, e restabeleceram a ordem.

« *O terror que se tinha apoderado dos brasileiros era espantoso.* Não baixam suas perdas de 60 homens, entre elles dous capitães. Julga-se tambem que os paraguayos levavaram alguns brasileiros, pois ao toque de alvorada quando o coronel Azala fez a descoberta sobre a bateria que dominava o desfiladeiro, foram vistos alguns paraguayos com o uniforme brasileiro.»

—E' para V. se acapacitar dos bons olhos com que nos veem esses hespanholitos.

—O Brazil que entrou para a alliança com um formidavel exercito e poderosa esquadra, que tem exhaurido todos os seus recursos nesta malfadada guerra, é chasqueado por uma republiqueta que entrou com 8,000 homens que logo desceram a 5,000.

Á PEDIDO

O Motta fez uma casa
La na rua do Collegio
Por uma invenção moderna
Delle só o privilegio.

A invenção é, que estando
As paredes rebocadas,
Vai tratando de alugar
Sem lhe deitar as saccadas.

Sr. Motta, o seu systema
E' systema de forreta,
Deite sacadas na casa,
Ande, mecha-se, sôr pezeta

—Mas como hei de isto fazer.
Si o malvado ferreiro,
Poz-me a grade em quarentena
Por não-lhe levar dinheiro?

Venho aos seus pes lhe pedir pelo amor do Santissimo Sacramento que basta de tanto me desprezar ja tenho sufrido tanto seos desprezos por cauza de outros que só querem lhe disfrutar e gózar a V. eu disprezado de V. sendo eu o primeiro homem que V. conheceo que lhe amou sempre lhe quiz muito bem não tenho feito o que V. quer he por cauza disto eu pudia lhe dar tudo que V. me pede porem não tenho animo vendo outro lhe gozando como eu sei de alguem que lhe goza déixe-se disto lembre-se de mim que eu sou capaz de lhe fazer tudo que V. quizer não se emporte eu ter pessoa em caza eu tenho he por necessidade que he para me servir no momento que V. não quizer que eu tenha eu mando tudo se embora eu tenho lhe escrito tantas vezes e V. não me dar resposta quando todos lhe não quizem mais he que V. a de se lembrar de mim, não penco V. quem esta como V. a de ficar toda vida a de ter fim mande-me resposta se quer continuar minha amizade me escreva para eu ficar siente eu sei do tudo que V. tem feito tudo que se passa eu sei de boas couzas emfim ade ter fim faça como quizer me respouda seo

Guilherme.

ATTENÇÃO.

O abaixo assignado decclara que, tendo sido multado em consequencia do Sr alferes João Carneiro Marinho de Sá ter encontrado a porta de sua taverna aberta depois de 9 horas, pagou a multa de 10$ rs. ao Sr. fiscal Antonio Luiz de Mello, por ordem do Sr. subdelegado da freguezia do Pilar, cuja quantia se acha o recibo do mesmo em poder do abaixo asssignado.

Bahia 6 de setembro de 1869.

Antonio José da Silva Braga.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 88 e 89 do—ROÇAMBOLE.

ANNUNCIOS

TERNA SAUDADE

RECITATIVO

Composto por Francisco Santini.

Vende se em casa do author á ladeira de S. Roque n.º 9., á Barroquinha, loja do Sr. João Manoel de Seixas Junior, e Copistaria de Manoel Joaquim de Araujo, ladeira do Taboão.

Nesta typographia vende-se um prelo de páu em bom estado.

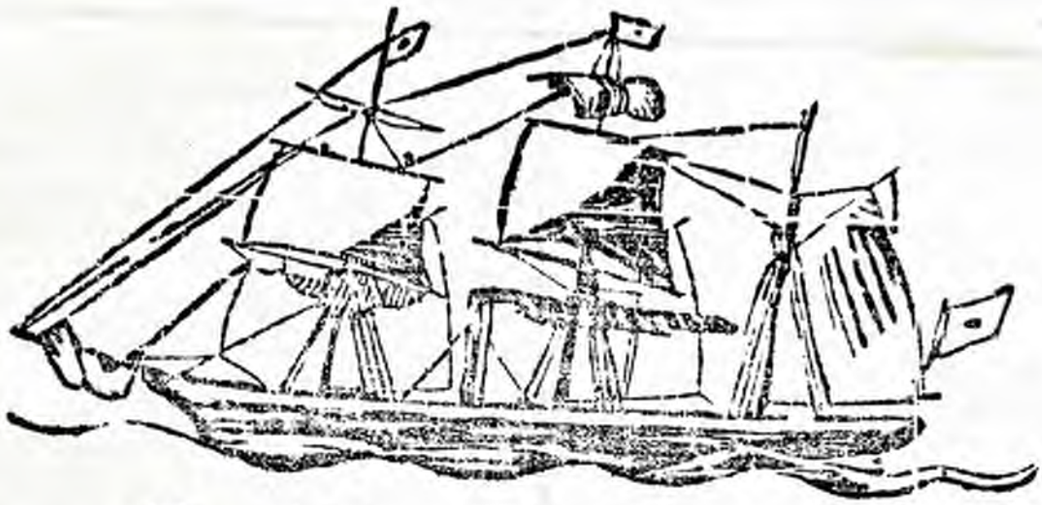
MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

Vende-se uma taverna com todos os utencilios, armação muito nova e com bons commodos, á rua do Tijollo n.º 10 B: quem pretender, dirija-se á mesma venda que achará com quem tratar.

Quem tiver um banlandrau da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, em bom estado, que queira vendel-o, dirija-se a esta typographia que se dirá quem compra.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 55**
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 11 DE SETEMBRO DE 1869. N. 549.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, recommendando-lhe a mais severa regularidade e completa execução da lei, no processo do portuguez Vicente Ferreira, que feriu gravemente com uma pedra a Gabriel da Silva e Oliveira, o qual se acha em tratamento no hospital, uma vez que se propala que o criminoso conta com a protecção de alguem para a impunidade do crime; e com quanto semelhante boato tenha formal desmentido na honestidade de S. S., com tudo leva-se ao seu conhecimento para que tenha sciencia do que se anda espalhando.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que, si por accaso encontrar o fiscal da Sé, extranhe-lhe a sua excessiva benevolencia para com os donos de talhos, consentindo em S. Bento a vendagem da carne até depois das 6 horas da tarde; afim de que o mesmo declare as *razões* que tem para tal procedimento. Cumpra.

—Fogo! fogo!

—Onde será?

—Seis badaladas. Rua do Passo.

—A Misericordia deu tres.

—Não sei qual foi a egreja que deu cinco agora. . .

—Que confusão!

—Meu amigo V. que vem de lá, onde é o fogo?

—No Taboão; em uma venda.

—E' um grande risco.

—Não ha perigo. A venda estava em caverna. O peior é que não ha agoa; os chafarizes estão trancados.

—Isso é que é zombar!

A companhia do Queimado, faltando a cada passo á seus compromissos, e o governo mantendo um previlegio que ella ja perdeu ha muito tempo!

—E continuará a infringir o contracto, e ninguem lhe irá as mãos.

—Sabe a causa do incendio?

—Não sei lhe dizer, porque tenho ouvido contar uma historia tão mal contada, que não me pode entrar no casco.

—O seguro que se avenha lá com elle.

—Qual a differença que existe entre um deputado e um cão?

—E' que um cão tem mais fidelidade a seu senhor, do que um deputado ao paiz que o constituiu seu representante.

—Nada; ha differença mais saliente.

—Qual é?

—E' que se existem alguns cães que latem muito e mordem pouco; ha muitos deputados que fallam muito e nada dizem que aproveite o paiz.

—Salva sempre as honrosas excepções.

—Capitão um acto de philantropia, que acaba de praticar o portuguez José Alves Dias.

—Conte lá isso.

— Um escravo do casal do Dr. Antonio José Alves, de nome Eliseu, pardo, foi levado a hasta publica afim de ser vendido, e estava avaliado em sete centos mil reis. Aconselharam ao escravo que lançasse mil reis sobre sua avaliação, o que elle o fez.

Porem não tendo o dinheiro para entrar, trabalhava e pagava semanas; não quizeram estar por isso os herdeiros, entenderam que elle havia de ir para casa ou dar-lhes o valor, e não tendo o escravo dinheiro, mandaram agarral-o, afim de desfeiteal-o.

O portuguez Dias, que estava no Forum, vendo aquelle alarma, metteu a mão na carteira e deu os sete centos mil reis, para que o escravo gozasse de sua liberdade e não fosse desfeiteado como queriam seus senhores.

—Em que dia succedeu isto?

—No dia 6 do corrente.

Pelo que V. Ex. quer fazer algum elogio a esse philantropico portuguez?

—Não. Que maior elogio se lhe pode fazer do que pronunciar o seu nome, o nome desse distincto portuguez, amigo da santa causa da liberdade!?

—Propaganda emancipadora.

—O que ha a registrar?

—Uma acção meritoria.

—Diga.

— A assembléa provincial do Amazonas, na lei de orçamento, votou um credito para a manumissão de escravos, fixando o preço de cada um sem distincção de sexo, nem idade em 1:000$000 rs.

O presidente da provincia ja deu providencias para que essa disposição legislativa tenha execução, e publicou as instrucções que vou ler.

—A medida da assembléa é generosa: mais receio que não seja completa, por que ninguem quererá receber 1:000$ rs. por um escravo que vale 1:500$000 rs.

—Isso fica a philantropia de cada um.

Vou ler as disposições:

«O presidente da provincia, para execução do art. 7 da lei n. 434 de 19 de maio ultimo, resolve que se observe as seguintes instrucções:

Art. 1. Logo que a repartição da policia remetter a estatistica, que ja se lhe exigiu, dos escravos existentes nesta provincia, o secretario do governo extrahirá della uma lista nominal de todas as escravas de 12 a 18 annos de edade, declarando em seguimento de cada uma, o nome do respectivo senhor.

Art. 2. Feita assim a lista, será convocado pelo presidente um conselho que se comporá do chefe de policia, vigario geral, commandante das armas, commandante superior, juiz de direito da capital, presidente da assembléa provincial, da camara municipal e um negociante matriculado, para em dia, que será previamente annunciado pelos periodicos, tirar á sorte dez cedulas de uma urna que conterá tantas, quantos forem os nomes das escravas inscriptas na lista de que trata o artigo primeiro.

Art. 3. O conselho será presidido pelo presidente da provincia; funccionará em uma das salas do palacio, ou em outro qualquer local, que para isso for designado.

Art. 4. As cedulas serão numeradas; e, a proporção que forem extrahidas, por duas meninas menores de nove annos, em sessão do conselho, o presidente annunciará em voz alta o numero que contiver a cedula, e o secretario do governo marcará o nome da escrava correspondente ao numero da cedula.

Art. 5. Finda a extracção das dez cedulas, será a lista nominal das escravas sorteadas para a manumissão publicada e inscripta integralmente na acta que se deverá lavrar narrando o processo seguido.

Art. 6. A acta será assignada pelo presidente da provincia e por todos os membros do conselho e publicada nos periodicos.

Art. 7. O secretario do governo se dirigirá officialmente a cada um dos senhores das dez escravas sorteadas, communicando-lhes o favor da sorte, e instando para que lhe remettam a carta de manummissão, afim de lhes ser paga a quantia affixada na lei pela escrava, si elles a quizerem receber. Palacio em Manaus 16 de julho de 1869.—*João Wilkens de Mattos.*»

—Capitão, aprecie uma da companhia do *olho-vivo*.

—Um rapaz foi ao convento de S. Francisco e pediu lá a um frade para arranjar um logar ali, pois elle não tinha onde estar. O frade que precisava de um creado, consultou-o si elle o queria ser.

O *tratantorum* beijou a mão do reverendo, ajoelhou-se aos seus pés, emfim faltavam-lhe as maneiras de agradecer lhe o beneficio que lhe havia feito.

Nesse interim, dizem ao frade, que um outro frade o mandava chamar. Elle sahe da cella, deixando o rapaz que acabava de tomar para creado e um relogio dependurado.

Quando voltou achou a porta da cella encostada, e não encontrou nem creado, nem relogio.

—Bem feita peça.

—E o frade não conhece o tal creado, não sabe como se chama?

—Qual, foi um homem que lhe appareceu assim, sem haver conhecimento.

—E por que elle não foi queixar-se ápolicia?

—Foi, contou o facto todo ao chefe de policia; mas o chefe disse-lhe que não sabendo elle do nome e nem lhe sendo conhecido o individuo, que não podia dar providencia alguma, concluindo admirando-se do frade ter cahido em semelhante laço, e finalisou rindo-se!

—Não descobre uma policia como a da Bahia, mas, si fosse uma outra policia, eu mostraria ao Sr. Dr. Cicero si descobria ou não.

—Teve logar, como noticiamos, a inauguração da sociedade—LIBERTADORA SETE DE SETEMBRO—no salão da camara municipal, no dia 7 do corrente, ás 2 horas da tarde.

Foi installada com pompa e solemnidade esta philantropica associação.

Inscreveram-se grande numero de socios, subindo o seu numero a 244.

Felicitaram a sociedade, por meio de suas commissões, as sociedades—Medico-pharmaceutica, Conservatorio Dramatico, Gremio Litterario, Humanitaria abolicionista da escravatura, Beneficente Italiana e a corporação academica.

Enthusiasticos discursos foram proferidos pelos relatores das commissões.

Além desses, proferiram tambem discursos analogos ao assumpto, os Srs. Drs. Abilio, Lourenço e Izaac, sendo recitada uma bella poesia pelo academico Pedro Moreira.

O Sr. Dr. Abilio ao concluir o seu discurso, entregou a carta de liberdade a seu escravo Francisco, creoulo, de 37 annos de edade.

O Sr. José Maria Henriques Ferreira e sua senhora libertaram tres crias; o Sr. Dr. Garcez libertou uma e disse ter mais tres para libertal-as no dia da inauguração da sociedade Humanitaria abolicionista.

Uma menina branca, menor, escrava do Sr. José Ricardo Moreira, apresentou se com uma subscripção, e o Sr. Dr. Innocencio obteve dentre os socios 160$000 rs. que entregou ao thesoureiro para tratar da liberdade dessa infeliz creança.

—Ja li nas folhas diarias a noticia, mas fiquei assim pensando em um pedacinho que vi na noticia do *Jornal da Bahia*, quando trata d'essa menina.

—Aonde?

—Lêa aqui:

« Essa infeliz merece a liberdade independente de paga. »

—Mas ao que vem isso?

—Desejava que o *Jornal* me declarasse si é por ser branca que merece a liberdade independente de paga?

—E' porque o *Jornal* entende que somente os escravos de côr preta devem comprar a liberdade!

—Mudemos de conversa e façamos votos á Deus pela prosperidade da sociedade *Libertadora Sete de Setembro!*

Á PEDIDO

—Immediato!

—Prompto.

—Vês um ponto escuro no horisonte?

—E' barco de vella capitão.

—Aproar. Chame a falla.

—Que vaso é este?

—O patacho *Caraby*.

—De onde vem, para, onde vae; que bandeira leva?

—Vem de *Oliveira*, vae para *Coimbra*, traz bandeira de Saltealopolis.

—Que carga leva?

—Mil cousas.

Trago, por exemplo, alguns massos de *etiquetas* em ser, estão novinhas, sahidas do forno; ainda não foram servidas; outros generos de origem suspeitosas, e entre elles 19 saccos de excellente algodão.

Oh! creia-me de boa vontade, foram adquiridos por um meio engenhoso.

Só eu e o Domingos do *escaler*, somos capaz de tanta audacia!

E' verdade; o Bazilio do *lanchão* não fica atraz.

—Mas que diabo de embrulhada está semelhante casmurro a dizer que eu não percebo?

Explica-te selvagem, antes que te mande pôr a tratos.

—Mas, si eu contar, fico compromettido; o negocio ja anda divulgado; si bem que meu nome esteja encoberto.

—Aspirante, traz lá o muxingueiro para tirar o fastio a lingoa deste bruto.

—Não é preciso, capitão, vou explicar tudo. Quer V. Exa. que principie pelo caso do algodão, não?

—Sim, quero.

—Pois escute-me.

(*Continúa.*)

—Capitão, novidade.

—Venha.

—A *fortuna* passando pela rua *torta* do *Negocio* por acaso viu uma antiga loja de modas *parisienses* em estado de *quebradeira;* parou e fitou n'ella suas vistas para ahi fixar sua nôva estabilidade e como lhe confessasse o seu novo locatario que precisava de ouro para ser feliz, rasgou a pellicula do seu thesouro de *figas* e o tornou ditoso. Este, constituindo se instrumento caprichoso da deusa fabulosa, esqueceu-se logo do tempo em que *mercou* dedaes e botões, e trata hoje de affrontar o pundunor de pessoas morigeradas como presenciamos na noite do domingo p. p., na pasteleria do *Marco Tino* á Estrada Velha

—De veras!

—Por cousa mui insignificante ficou furioso e armando-se de taco de billhar quiz dar em pessoas inofensivas e até jactou-se *que não precisava de dinheiro quem muito tinha.*

—Que cynico, si suppoem elle que os me-

ninos da *Candinha* dormem; engano perfeito! Meu rico, seu dinheiro so serve para tapar formigueiro *oxeiu?*

—Capitão?!

—Va dizendo.

—V. Ex. conhece um tal Braga?

—Isso é o mesmo que procurar agulha em palheiro.

—V. Ex. me responde cousa muito differente.

—Ha tantos Braga nesta cidade. que menos que fôra bastava.

—Tem razão, capitão. Com licença, vou ler o nome todo: Antonio Braga José da Silva.

—Sei quem é; um taverneiro do Caes do Ouro.

O que teve?

—E' que tenho uns documentos á respeito desse cujo, que o retratam exuberantemente.

—Sobre o que?

—Vou ler um para V. Ex. ouvir:

«Illm. Sr. subdelegado do 1.º districto da freguezia de .....—F..., a bem de seu direito, precisa que V. S. por seu respeitavel despacho mande que o administrador carcereiro da cadeia da Correcção lhe dê por certidão o dia, mez, anno e motivo porque esteve o portuguez Antonio Braga José da Silva, preso na sobredita cadeia; pelo que

P. a V. S. differimento. —E. R. M.

—

DESPACHO.

Como requer. Bahia e subdelegacia da freguezia de ....., etc.

—

Custodio Ferreira de Oliveira, administrador carcereiro da Correcção, etc.

Certifico que revendo o livro ..... de entradas e sahidas de presos livres d'esta cadeia, nelle, a f. ... ., se acha o assento seguinte:

Antonio Braga José da Silva, portuguez, recolhido em ..... do mez de.... de mil oito centos e sessenta e cinco, á ordem do subdelegado do Pilar, para indagações, *por ser encontrado*—com objectos furtados—zinco e assucar. Recolhido com portaria do mesmo subdelegado. E por ser verdade, passei a presente, que vae por mim feita e extrahida do proprio livro a que me reporto. Bahia e cadeia da Correcção, etc. Eu Custodio Ferreira de Oliveira, administrador carcereiro a escrevi.—*Custodio Ferreira de Oliveira.*»

—Isso não passa de obra de algum desafecto do homem que quer enxovalhal-o.

Sem interesse ninguem anda revolvendo cousas passadas.

—Não é isso, capitão.

—O que é então?

—Não parece cousa do diabo? Este facto tem completa paridade com o que, ha poucos dias, depoz na presença de V. Ex. um labrego a cerca de certo ladravaz, comprador de roubos que foi preso por comprar zinco e assucar; o sobredito cujo que a patrulha obrigou a carregar a carne roubada na cabeça até á Correcção.

—Sim, parece; mas o Braga não é disso; até me custa a crer a veracidade do seu documento.

—Mas, noto que está legalisado; tem o signal publico.

—O que tem la isso?

—Nada. Eu apenas o que faço é mostral-os a V. Ex.

Deixe por tanto ler um outro documento, que ainda é mais gostoso.

E' um negocio de algodão.

—Faça pausa; deixe isso para mais logo; agora temos cousa de mais urgencia que aviar.

(*Continúa.*)

—Capitão, ha um certo saveirista do caes da Cal, que é um verdadeiro flagello da lavoura e do commercio.

—Como?

—Constituiu-se o agente condactor dos roubos nas alvarengas.

—Si lhe doe alguma cousa, reclame aos Srs. capitão do porto e chefe de policia.

—E' incrivel o arrojo com que atraca a qualquer hora para desovar a pilhagem.

—Ja lhe disse a quem deve recorrer.

—Os repetidos desfalques que sente a companhia Bahiana em fumo, café e algodão, a elle mais que a ninguem deve agradecer.

—Ella que se previna.

—Ha poucos dias foi preso, por ir até ao quadro sem licença, o que é prohibido. Ia á *pescaria*.

—E depois da prisão?

—Continúa a roubar como d'antes.

—Sabe-lhe o nome?

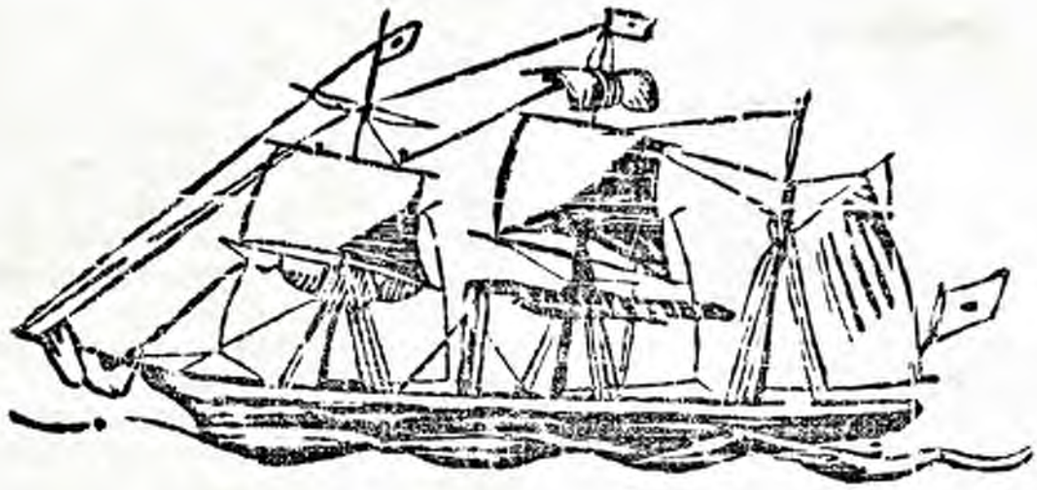
—Esqueci-me. Mas posso ir perguntar ao *Manoel Francisco Marques*, que é de lá tambem.

—Pois va e volte, para ver o que havemos de fazer.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 90 e 91 do—ROCAMBOLE.

Typ. de Marques, Aristides



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 56
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 16 DE SETEMBRO DE 1869. Ns. 550 e 551.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe um pouco de benevola attenção para o seguinte facto, que nos revellaram, o qual, pelas circumstancias de que é revestido, desperta graves suspeitas:

Ha cerca de mais de mez, foi surprehendido pela visinhança um homem, morador aos Coqueiros, que, cavando a montanha que lhe fica pelos fundos, desenterrara uma ossada. Perguntado o que era aquillo, respondeu que eram os ossos de um parente que trouxera da Quinta, e que enterrara no quintal por não estarem ainda bem limpos da carne; depois foi visto, pelas frestas do andar superior, ferver esses ossos e laval-os.

O buraco procedente da escavação ainda existe.

Accrescentam os moradores que semelhante homem é de maus precedentes, que sua mulher ja se apresentou na policia em lastimavel estado e que, por concordata arranjada pelo delegado de então, foi assentado que ella deixasse a companhia do marido; que tinha um sobrinho, em sua companhia, o qual desappareceu da noite para o dia sem ninguem saber para onde foi. Por tudo isso, espera-se que S. S., com o tino que o distingue, empregue o maior desvelo com o fim de chegar a conhecer si ha neste negocio algum crime mysterioso, como ha quem affiance.

—Ao Illm. Sr. administrador da meza de rendas provinciaes, para que dê as precisas providencias afim de que seja lançada a taverna n. 23, aos Coqueiros, cujo dono vae *mocando* sem pagar os respectivos direitos de espiritos fortes.

—Um dos maiores flagellos que opprime o cidadão brasileiro é a guarda nacional.

—Concordo muito.

—O batalhão 110 deu destacamento para o Engenho da Conceição; la estão os pobres homens desterrados ha quarenta dias, sem que um só fosse ainda mudado!

—E' vexame inquisitorial.

—Clama aos ceus e a terra!

Ver-se um homem segregado de sua familia por mais de quarenta dias, lembrar-se de que não pode ir repartir o mingoado soldo com ella, que talvez esteja a braços com a penuria, é realmente consternador.

—Até nas cousas mais comesinhas, veja V. a justiça desta terra.

—De certo, do contrario o pezo do serviço seria reservado e não não recahiria somente naquelles infelizes.

—Como andam as cousas desencontradas!

Na ladeira da Prata um molecote racha a cabeça de outro, e os circunstantes ficam de

bocca aberta por verem a impassibilidade com que um soldado presenceia o caso; na Fonte das Pedras, o policial Roberto, em irascivel exaltação, quer com o seu chamfalho decepar a cabeça de um taverneiro!

—Scenas do domingo.

—Mas que enorme desproporção!

N'um a inactividade personificada, n'outro a turbulencia em seu auge.

—Dous typos que podem caracterisar os agentes da força publica nesta terra.

—Exactissimo; quando não provocam, consentem.

—E' outros fazem mais alguma cousa.....

—Capitão, veja o que se chama ser *charitativo e humano!*

—Ja sei que vem contar-me algum rasgo de charidade, praticado por algum padre.

—E' verdade; vou tratar do coadjutor da freguezia da Conceição da Praia.

—Vejamos.

—Hontem (14) morreu Daniel Pereira da Silva, homem pobre, e que, ha tres mezes, estava doente em cima de uma cama.

Appareceu ao subdelegado um rapaz e pediu-lhe guia para o cemiterio.

Conhecendo elle o finado, que morava nas Portas da Ribeira, deu um attestado de sua pobreza, para que se lhe désse sepultura.

O Sr. padre Sabino Pinheiro de Souza, apezar d'isso, negou-se a dar a guia, exigindo dez mil reis por dizer que o homem, tendo um filho, não era pobre.

Um Sr. Estolano foi á sua casa e disse-lhe que *ou dava á guia ou deixava de ser padre,* e elle então respondeu:—para *servil o* dou a guia, mas não vou encommendar o corpo, o que realmente cumpriu, porque se ausentou, sendo preciso que vigario mandasse pedir por favor ao capellão do arsenal para ir fazer essa solemnidade pela manhan.

—Um facto como esse não se commenta, entrega-se descarnadamente á appreciação do publico!

—E eu chamo a attenção de S. Ex. Revm., para semelhante acto praticado por um ministro da egreja christan, que esque-se que é obra de mizericordia sepultar os mortos.

—O que significa isto?

—São scenas da escravidão.

—Mas quem são aqui os escravos?

—Repare quem pode ser.

—Por ventura serão estes tres esqueletos ambulantes?

—Elles mesmos.

São escravos da nação que vão á avaliação.

—Isto é ridiculo e irrisorio!

Um pobre velho conhecido pelo *Massada,* maior de 70 annos, que vive de esmola nesta cidade, *zambeta* das duas pernas, sem mais um dente na bocca, avaliado por 50$ rs.

Uma preta nas mesmas condições por 40$ rs. e uma outra por 100$ rs.

—E onde vê, hão de ser vendidos em pregão publico.

—Si houver quem queira levar defuntos para casa.

—Mas que desgraça!

Esta nação que quer ir libertar e civilisar o povo paraguayo, porque não liberta primeiro seus filhos? ¿Porque não civilisa antes a si?

—Macaco não olha p'ra seu rabo.

—Será politico, moral e humano, levar á praça creaturas decrepitas que vivem da charidade publica?

Forte miseria, meu Deus!

—E dizem que o Paraguay é uma nação de barbaros!

—Morreu o Mello Patacho.

—Deus lhe dê o Céu.

—Entretanto os bocorios andam por ahi a dizer tanta cousa, que, si se fosse a dar credito...

—Homem, empine-se; até V. quer se fazer echo de boatos infundados?

—Onde está a differença de um chefe de estabelocimento official para um rato?

—E' o que chefe mora n'um palacio e o rato n'um buraco.

—Engana-se.

—Então, não sei.

—O rato róe as escondidas do gato, e o chefe faz as suas bandalheiras nas barbas do ministerio, que o nomeia.

—Os presos perpetuos da cadeia da Conceição quizeram amotinar-se.

Havia um plano de insurreição, que era assassinar a força publica e alguns empregados, que lhes podessem pôr obstaculo na evasão.

—E como se descobriu?

—Por denuncia de um sentenciado á prisão temporaria, que, sendo convidado á entrar na conspiração, foi descobril-a.

—Só de doudos!

Pois não viam que ali ha uma força respeitavel para os conter?

—Que força, senhor?

—O destacamento.

—Ora me deixe!

O destacamento é de 40 praças para guardar 209 presos; dos 40 soldados, só 23 tinham espingardas e das 23 espingardas *so-*

mente nove tinham feixos; não haviam espoletas; a polvora, ou antes o carvão que ha no cunhete, não pega fogo, de podre, pois que conta uns sete annos de edade.

A sublevação devia arrebentar quando sahissem para a fachina.

—Era uma carnificina.

—Aquelles homens, que ja estão perdidos, e que não recuariam ante qualquer meio para desfazerem-se dos ferros que os prendem o que não fariam?

—Mas isso denota relaxação.

—Pelas almas!

Os presos envergaram os varões dos cubiculos de maneira a poderem entrar e sahir á vontade, e á noite passeavam nos corredores.

Debaixo de algumas tarimbas haviam buracos, para esconderem armamento.

—E como passam estas cousas desapercebidas!

—Hoje com as providencias tomadas não ha tanto risco.

Os forçados á prisão para sempre não sahem mais em grupo para a fachina, não vão á missa, nem ao passeio.

—Mas continúa a polvora podre e o destacamento desarmado?

—Que duvida.

—Está direito!

—Capitão, leia isto.

—O que é?

—Documentos que provocam os beneficios que as irmans de charidade vieram fazer a esta terra.

—Quero ouvir.

—E' de um jornal de Pernambuco, o qual não foi contestado.

«PERGUNTA INNOCENTE.

Onde anda o jesuita frei Bento?

Porque sahiu elle tão precipitadamente d'esta cidade?

O que é feito da *sua confessada* a irman Dorotéa, pertencente a um collegio de educação que ha no convento da Soledade?

Será verdade, que indo algumas *confessadas* desse jesuita ao Sr. bispo queixarem-se de as ter elle deflorado, o prelado o aconselhara a deixar precipitadamente esta cidade?

Para onde foi o jesuita Cassia levando em sua companhia uma *irman de charidade*?

Quem ficou sendo o director espiritual do Sr. bispo?

Porque o provedor Pireti não manda para o hospital dos lazaros as irmans de charidade? porque não as manda para a casa dos alienados em Olinda? Será porque não ha ali que desfructar, nem defraudar?

Onde está a orphan Feliciana, que se diz ter sido raptada por um medico da Santa Casa? será para estes passatempos que se tem nos estabelecimentos a cargo da Santa Casa as *irmans de charidade*?

Porque esse desprezo pela opinião, de modo que não dão a menor satisfação ás accusações, que se fazem? será na verdade porque a junta da Santa Casa tenha privilegio para prevaricar?

.....

A PEDIDO

—Capitão, quero contar-lhe uma historia, que acabam de contar-me.

—E o que faz?

—Tenho receios de contal-a, porque ainda não estou bem informado.

—Em todo caso quero sempre que m'a conte.

—Então la vai *ipsis verbis* como contaram-me:

Um afilhado do capitão Justino, que tem loja de bahús, pretendeu, não sei si ainda insiste em sua pretenção, entrar para a philarmonica *Rossini*, e sendo lá apresentada a sua proposta foi regeitada.

O padrinho, encontrando-se com um dos membros da direcção, perguntou-lhe a razão pela qual não quizeram acceitar seu afilhado, pois que pelo seu procedimento esse era exemplar, e portanto estava surprehendido de semelhante regeição.

Mas que havia de responder o tal director?

—Que era por ser pobre, provavelmente?

—Não advinhou. Disse que era por que o afilhado do capitão Justino é mulato!

—Que tolice!

Ja foi-se o tempo em que os homens se distinguiam pelas cores; mas hoje os homens só dintinguem-se pela intelligencia e virtude, a não ser uma burla o que diz a nossa constituição!

E o que respondeu o capião Justino a esse disparate?

—Respondeu com a irrisão.

—E na verdade é irrisorio isto

Olhe que bobos!

Fiau! fiau! fiau!....

—Sr. C... tire a peneira dos olhos e veja ao pé de si uma serpente que o morde no coração, que parece dar-lhe beijos, e si quizer as provas, procure em mão de um dos seus caixeiros que serve de *mercurio*.

O sobrinho de minha tia.

—Capitão, diga-me uma cousa.

—Si estiver ao meu alcance.

—Qual dos dous attributos prefere dar V. Ex. á policia; a imbecilidade, ou o deleixo?

—Nem um nem outro.

—Ahi vem V. Ex. com pannos quentes!

—Mas si eu vejo o chefe mostrar boa vontade á respeito do que lhe reclamam?

—Então anda muito atrazado em novidades.

—Os agentes de que se cerca é que são pessimos; e ate alguns de precedentes torpissimos.

—Eu não sei si é das calças ou dos fundilhos; o caso é que vão se dando dellas e dellas.

—Apresenta alguma nova?

—Ahi vae.

Em certa noite, ha pouco, entrou em um desses sorvedouros da fortuna alheia um rapaz, caixeiro de casa estrangeira, com 1:00$ rs. que seus amos lhe confiaram para pagamento de despachos n'alfandega.

Jogou e perdeu o alheio.

Um *meninorio*, desses que gostam de ver o *fundo* ao *parceiro* ganhou-lhe o ultimo vintem.

—Entendo, desses a quem bastaria ter *um olho* para enchergar por dous.

—Houve então uma scena de punhaes e pistolas, uma lucta horrivel e desesperada, entre o que perdeu para arrebatar o dinheiro, e os que ganharam para conserval-o; depois seguiu-se outra de aviltante humilhação: pedidos, rogativas, choros, soluços e designio de suicidio.

—Mau vicio; leva o homem a todos os crimes.

—Não pense V. Ex. que o *depennado* seja nenhum innocente; e que fosse ali levado sem consciencia do abysmo aberto diante de si; pelo contrario é *mandigueirão*; a ambição do ganho é que o levou a tal casa, onde elle era um dos assiduos frequentadores.

—Visto isso, não ha motio de queixa.

—Mas, não será ainda tempo da policia volver os olhos para esses antros de perdição; não será tempo de cauterisar essa chaga contagiosa que vae levando a miseria a tantas familias, a perdição a tantos filhos, a deshonra a tanta gente?

—Tem razão; a policia deve voltar as vistas para esses focos de depravação e immoralidade social; onde os homens, levados de selvagem avidez, se encaram mutuamente como ferozes salteadores, prestes a assaltarem uns aos outros.

—Não ha muito, nesta cidade, foi na policia, creio, do Sr. Assis, um pobre moço, de nome Rogerio, suicidou-se levado pelas terriveis consequencias do jogo.

Quantas ignominias, quantas indignidades, quantas infamias, quantos crimes não se estão todos os dias dando aqui, por causa do maldicto jogo?

—Ha poucos dias, no largo de S. Bento, houve grande barulhada.

—Pois é o que o Sr. Dr. chefe de policia deve prever, si quer ter o nome de energico, activo, deligente e perspicaz.

E é preciso dizer a V. Ex. que não lhe reconhecerei estes predicados, si elle se limitar a estender a sua acção ás pequenas *combucas*, deixando em paz as grandes *tocas*.

—Em resultado, o sugeito obteve o dinheiro?

—Obteve, mais com que condicções?

Navegando á vento fresco,
Pelo mar das *Tranpolinas*,
Seguia a barca *Farofa*
Com carga de *alicantinas*.

Na altura das *Trapaças*,
De repente o vento acocha,
Surge terrivel pampeiro,
Eis vae batter n'uma *rocha*.

As vagas da tranquibernia
Battem co'a barca ao rochedo:
Clama então por Santo *Antonio*
A tripolação com medo.

Pela proa do navio,
Demandando o arrecife,
Vem um brigue navegando—
O *Bittencourt patife*.—

O brigue seguia o rumo
Da ilha da Ratonice,
Onde ia receber
Aguada de tratantice.

Porem, arrastado pela
Correnteza do cynismo,
Ia direito encalhar
Nos baixios do cynismo.

E' quando um peixe-*marinho*,
Apparece repentino,
E vem arredar o brigue
Daquelle fatal destino.

Então foi que uma barcaça
Avistaram navegando,
Era a *Felizmenina*,
Q' andava *insultos* pescando.

—Conhece o *Burra das almas*?

—*O pão de tres qualidades*?

—Elle mesmo.

—*Vamos ver o que Deus faz*.

O que ha com elle?

—Pretendo imitar o *Torres* pregoeiro de leilões, e metteu-se a divertido.

—Sim, eim?

—Arvorou-se em author de uma graça pesada e incivil.

—Em que consiste?

—Em soltar, á vista de quem for, dez, doze, vinte e trinta *bufas*.

A' noite senta-se em uma porta defronte do seu pouso e começa na bella acção, julgando, sem duvida, que todos estão o applaudindo.

—Pois elle que ande direito, si não quer ser *calafetado* com o formidavel instrumento do muxingueiro.

—Não precisa; basta envial-o á empreza dos vehiculos, que lhes mande fornecer uma das *infalliveis* agulhas, proprias para coser quem *anda roto*.... da lingua.

AJUDA DE CUSTO AOS BISPOS QUE FOREM AO CONCILIO EM ROMA.

III.

UTILIDADE DA IDA DOS BISPOS AO CONCILIO E ATE' DE UM EMBAIXADOR.

Ha com effeito grandes e importantissimas questões, das quaes o concilio se devia ocupar, afim de satisfazer as grandes e urgentes necessidades apontadas pela razão social.

Essas questões constituem, é verdade, uma necessidade palpitante do mundo catholico e de algumas dellas tratou em seu folheto o general Menabrea.

Isto motivou dizer-se que no futuro concilio «se tem de tratar de questões que interessam vivamente a religião e de questões que interessam tambem ao estado temporal.»

Isto não é exacto, nem ha motivos para tal suspeita, por quanto as noticias ultimas de Roma protestam contra, por isso que o papa não recuará um só passo de seu ultramontanismo nem cederá um só de seus pretendidos direitos.

Ora não é a religião em seu fundamento que precisa de ser discutida, mas sim a disciplina só pelo que diz respeito ás conveniencias sociaes.

Tres são as grandes questões apontadas pela conveniencia publica:—extinção do poder temporal do papa,—extinção do forçado celibato clerical, e—reconhecimento do cazamento civil.

A primeira, quando não fosse uma necessidade sentida em toda a christandade, bastava que a Italia assim o quizesse, por quanto o throno pertence ao povo e este pode dar a quem muito bem lhe apraz e tambem esmagal-o quando lhe não merece mais confiança.

A segunda tem a historia dos Levitas contra si; não é razão o ter Christo entrado em Jerusalem montado em um (anon) burro virgem; tem a experiencia de mais de trezentos annos que não procede a razão de que «é mais bonito que o padre da christandade seja virgem» porquanto a virgindade do corpo não constitue innocencia.

Os philosophos mais profundos, os moralistas mais graves como Aimé, sustentam que «sem casamento não é possivel civilisação.» Alexandre Dumas, ainda ha pouco, dizia ao mundo do alto do romance historico: «Aos padres o que sobre tudo falta para cumprirem a sua missão fraternal e consoladora é, que não tendo sido nunca nem paes nem maridos, não tendo nunca perdido nem uma espoza querida, nem um filho adorado, não sabem a lingua terrestre que deve fallar aos orphãos de coração.» No concilio de Nicea um frade de nome Pamphanucio sustentou de um modo prophetico que o celibato forçado era um onus que o clero não poderia supportar.

A historia da egreja do Occidente tem provado isto mesmo.

Quanto ao casamento civil, é uma questão que se prende vivamente ao nosso estado social pelo que diz respeito á colonisação.

O clero considera o casamento civil como puro concubinato; e este modo de considerar não pode deixar de ser nocivo ao Estado.

O nosso governo como *bispo do exterior* que é, pode muito bem decidir por si mesmo independente de concilio e sem que por tanto se lhe possa lançar em rosto o famoso estribilho: «*non est major defectus quam potestatis.*»

A respeito do casamento mixto, eis o que em seu decreto 1° resolveu o concilio de Baltimor: «E' prohibido de novo o casamento mixto; si houver necesidade de alguma vez tolerar, ordena-se que se exija como condição indispensavel que os filhos sejam educados na religião catholica.

«Os padres que assistirem a estes casamentos não devem estar ahi revestidos de ornamento algum sagrado.» Esta é uma disposição que vae de encontro ás leis do Imperio por que fere a liberdade de consciencia, e deve ser considerada conter disposição ou principio nocivo ao Estado.

Quando prevalecesse a razão *defectus potestatis*, porventura papa, clero, povo e rei se tem sempre sujeitado á s decisões dos concilios?

A historia nos vai dizer:

O concilio de Bale funccionou de 1431 á 1443: O papa Eugenio IV não se sujeitou a deliberação deste concilio; alias ecumenico, que por um decreto declarou que «o concilio ecumenico é superior ao papa».

Eugenio chamou seus partidarios para Ferrara e em 1438, apellidou de «corpo acephalo» o concilio de Bale e este chamou aos reunidos em Ferrara: «conventiculo schismatico.»

Ha divergencia entre os autores em dizerem por qual destes dous concilios falla a egreja. Será pelo corpo acephalo ou pelo conventiculo schismatico?

Todos os estados catholicos não se tem sujeitado ao canon II do concilio de Lemerick da sessão de 6 de agosto de 1453 què determina que «nem um clerigo poderá ser citado a comparecer ante um juiz secular para uma causa, seja criminal ou civil».

No tempo do ministerio dos Andradas (1822) quando José Bonifacio em sua portaria de 23 de outubro dizia que era necessario «descobrir os perversos e esmagar seus contrarios» por ventura depois, frei Francisco Sampaio não foi chamado a policia a fim de depor contra os supposlos inimigos do governo?

Ha pouco um franciscano não foi chamado a policia a depor o que sabia quando um tal Filadelpho de Freitas intentou, no *Forum*, vender um menor nascido livre e que, si escapou de ser vendido, tambem se deve aos esforços de um pres ante advogado e ainda das mndidas acertadas da policia?

Um bispo mesmo em uma das provincias do norte não officiou á policia pedindo a condemnação de um individuo? A christandade não tem cumprido o 6.º canon do concilio de Tribur (895) « Os christãos devem ter horror ao costume que se introduziu de se pagar sepultura: é vender isto terra aos mortos.»

Agora vamos apresentar o povo se rebellando contra um acto do papa e outro concilio sanccionando a rebellião popular.

No concilio de Roma (897) o papa Eugenio VI desenterra o cadaver de Formoso, bispo do Porto, e o faz condemnar; corta-lhe a cabeça, e tres dedos e o lança no Rio Tyber: o povo se levanta, prende a Eugenio e o carrega de ferros e o estrangula no carcere.

No segninte anno (898), o papa João IX reune em Roma outro concilio e condemna o que se passou no concilio anterior.

Na Austria, agora mesmo, a authoridade policial sabendo que, em um convento, uma freira se achava presa n'um carcere ha vinte annos, fez immediatamente a abbadessa vir a sua presença.

O povo sabendo deste systema inquisitorial tem pedido energicamente a extinção dos conventos.

Povos mui catholicos não tem até hoje cumprido o canon XIX do concilio de Aranda (1473) assim concebido:

«E' prohibido representar comedias ou outros espectaculos; fazer mascaradas, recitar canções e fazer discursos profanos nas egrejas.»

Quanto aos discursos profanos só agora se começa a prohibir o que sempre se permittia.

E que discursos profanos são esses? Os discursos feitos por occasisão da missa de corpo presente, e do officio do setimo dia ou no cemiterio por occasião de se feixar um tumulo.

Nós consideramos taes discursos sagrados e bem sagrados.

No valle do Amazonas deu-se um facto bem triste. Em Manáos o Sr. Tenreiro Aranha professor de geographia e historia no lyceu daquella capital mandou celebrar um officio pelo eterno descanço do bravo general Gurjão morto em consequencia do ferimento que recebeu no Itosoró.

Na occasião em que o Sr. Tenreiro Aranha, amigo dedicado da familia Gurjão, fazia o elogio do distincto general que tanto se assignalou na guerra do Paraguay, um padre jesuita lhe veio arrancar o discurso da mão, do que resultou, dentro do templo, uma confusão ainda mais pela chuva de insultos que o padre derigiu ao S. Tenreiro Aranha, moço pacifico e moderado.

Voltando á prohibição do clero figurar em processo civil ou crime, diremos que bem sabemos que o sacerdote christão tem uma missão de paz e que o espirito fica satisfeito vendo um bispo na monumental obra de Victor Hugo – Os Miseraveis—com charidade evangelica fallando de João Valjean, do que vingativo como um papa-rei assignando um decreto de pena de morte.

Esse canon bem como este outro do concilio de Trisinge (can. 5.º):

«E' prohibido sob pena de excommunhão levar os clericos ante juizes seculares.»

São decisões que na frase do Sr. Pimenta Bueno devem ser consideradas conterem principio nocivo ao estado.

E assim quando um facto crime ou civel se der e neste figurar um membro do clero, quer como testemunha, quer como accusado, a autoridade competente não pode deixar de se haver com elle, seja frade, bispo ou padre.

O que é verdade é que a autoridade fica excomungada e declarada infame pelo 4.º canon do concilio de Nimes (1096) «Aquelle que tiver a temeridade de prender a um bispo, abbade, ou padre, será excomungado e declarado infame.»

A classe medica não escapou á legislação dos concilios.

O de Salerno (1484) em seu canon IX obrigou que os medicos façam confessar seus doentes.

Fernando de Bourbon, entrando em Roma depois da retirada de Championnet, de accordo com o papa, publicou um decreto em cujo 7.º artigo se lê:

«Todo o medico ou cirurgião chamado por um judeu, deve primeiro convertel-o; si o doente não quizer converter-se, deve o medico abandonal-o sem lhe prestar soccorros; indo contra esta determinação, expõe-se o medico a todo o rigor do santo officio.»

Que prova de charidade!

Parece um artigo do *alcorão*.

Voltemos a outra ordem de ideas.

O concilio Tridentino, tão falllado e até chrismado de ecumenico sem ser, adoptando-se a opinião sensata do abbade Peltier, foi o que fez definitivamente passar a questão do celibato forçado.

Por isso não concordamos quando se fallando do Tridentino se diz «este concilio do qual dimanavam tão grandes beneficios para a christandade» por quanto na solução de tão grande questão foi elle de encontro á medicina, á philosophia e á propria religião.

Quando faltassem outras razões bastava dizer-se que o matrimonio é um sacramento como disse Christo e que por tanto não pode manchar a quem o recebe.

Arão foi casado (Exodo cap. VI v. 23) S. Pedro, chefe do apostolado tambem o foi (S. Math cap. VIII v. 14.)

Quanto á necessidade da presença de um embaixador, se pode dizer que, si elle for leigo, laico ou profano, não sei qual dos tres termos agradará mais, em todo o caso o leitor deixe passar, prova contra os nossos bispos que serão no concilio legitimos representantes do imperio.

Si o embaixador for clerigo, não se atreverá a propor cousas *mundanas*.

Ao lermos que o Tridentino «teve o assenso, o apoio, o patrocinio de todos os reis catholicos e de todos os estados catholicos» lembrou-nos por exemplo que os embaixadores do rei de Portugal foram tres frades dominicanos, entre os quaes o famoso Oleostro.

Nós, é certo, não temos dominicanos (*inquisidores*); mas temos lazaristas (*jesuitas*) que podem muito bem substituil-os.

Comparando-se as exposições universaes com os concilios, provavelmente os *geraes e ecumenicos*, se disse: «Pela razão de estarmos sempre representados nesses congressos europeus, nessas grandes reuniões de *civilisação*, porque agora que se trata da reunião mais importante e mais respeitavel que se pode dar, haveimos de recuar, porque hesitamos deante de meia duzia de contos de reis que é uma gotta de agua neste immenso oceano de despeza?»

Posta de parte a censura indirecta aos que tem mandado commissarios ou representantes ás exposições universaes, que significam *civilisação* (sublinhada), isto é, atraso ou regresso, se diz que um concilio é reunião «mais respeitavel que se pode dar» porque?

Será pelos individuos, pela missão ou pelos resultados? Pela primeira razão e pela ultima, pode haver grande divergencia de opiniões; quanto pela missão nada pode se dizer, por isso que so se sabe o que o concilio tem de tratar quando, depois de todas as cerimonias do estylo, os legados do papa leem a bulla e dias as instrucções respectivas.

A parte final do trecho citado dá logar a uma proporção directa em que meia duzia de contos está para o occeano de despeza, assim como uma gotta de agua está para o occeano real.

Ora isto faz em ordem inversa recordar o sophisma do celebre philosopho que pretendeu sustentar que a falta de um cabello não fazendo calva, se podia assim arrancar todos os cabellos de uma cabeça sem com tudo ficar ella calva.

Largas considerações poderiamos fazer a respeito da *gotta de agua*, em relação principalmente aos pesados impostos de que se acha o povo sobrecarregado, si não fosse o querermos limitar mais e mais esta questão.

Todavia observaremos que uma gotta de agua seria sufficiente para transbordar o copo do abbade Blanchet, que annunciava a exclusão do doutor Zeb, esse famoso «*tête sibien faite*» quando pretendeu um assento na academia dos silenciosos.

(*Continúa.*)

—Até o Sr. *Manuel* havia de voltar do Paraguay, com astucias de *Berthollo*, para augmentar o rol do olho-vivo!

—Deixe o homem, que é remador.

—Empalmador lhe chamo eu.

Quem tem seu mau costume não perde.

O tratante foi para o sul por passador de contrabando, e voltou mais adextrado do que antes.

—E' que quanto mais se vive mais se aprende

E elle que nasceu para larapio hade cumprir sua sina.

—Meu charo, eu so lhe digo é que, si aquelle *caes* não fosse feito de pedra e *cal* ja tinha desmoronado com tanta ladroeira.

—Quem é aquelle beberrão?

—Um diabo que anda mascateando tudo quanto é alcaide e refugo.

Deu-lhe a bebedeira para querer que todos lhe dêem charutos.

—E brigar com todos!

—Força da cachaça.

—Não se pode tolerar um bebado insolente!

—Mais daqui da rua da Misericordia, onde elle está pintando, ao destacamento, é perto. E' mandal-o atirar la para cosinhar até de manhan.

Quando accordar está bom.

VARIEDADES

TEM GRAÇA

Um velho achacado, que apresentou-se n'uma egreja para casar com uma joven de 14 annos, vendo que o cura continuava distrahido sem prestar attenção a sua pessoa, disse-lhe:

—Sr. cura, parece-me que estou esperando.

—Cavalheiro, lhe replicou cortezmente o cura, se vós procuraes a pia baptismal, dae mais alguns passos e dareis com ella.

—Como se entende? replicou o octogenario, eu venho casar-me.

—Queira o Sr. então desculpar-me, lhe disse o cura, eu julgava que vinha baptisar esta menina.

Um pobre camponez, cégo d'um olho, querendo comprar alguns alqueires de milho, foi ao mercado da cidade, e disse ao filho que viesse com elle, e trouxesse um sacco grande. Ajustando o milho, lhe respondeu o vendedor:

—Está hoje muito caro, cada alqueire lhe hade custar um olho da cara.

O rapaz olhando então para o pai, lhe disse:

—Então escusado era trazer um sacco tão grande, porque não pode Vm. comprar mais que um alqueire.

Conrado III. imperador, sitiava Weinsberg na Alemanha. Este duque, que fôra um dos do partido opposto a eleição de Conrado, estava com a sua esposa encerrada nesta cidade; sustentou o sitio com um valor heroico, e somente cedeu á força.

O Imperador, escandalisado, queria por tudo a fogo e a sangue; comtudo exceptuou as mulheres, e lhes permittiu de sahir, e levar tudo o que tivessem de mais precioso.

A esposa do duque se aproveitou logo desta licença para salvar os dias de seu marido. Ella carregou com elle aos hombros. Todas as mulheres da cidade fizeram outro tanto, e o imperador as viu sahir assim carregadas, com a duqueza a sua frente. Elle não pôde conter-se, e cedendo á admiração que isso lhe causava, perdoou aos homens em favor das mulheres.

DECLARAÇÃO

AOS SRS. ASSIGNANTES DO *ROCAMBOLE*.

Distribue se hoje o 2º e 3º numeros da setima serie.

Adverte-se áquelles senhores que se tem mostrado remissos em seus pagamentos, que não continuarão a recebel-o, si accaso até o 6º numero, seus debitos não estiverem solvidos; visto como a despeza com tal publicação sendo extraordinaria, torna-se indeclinavel contar com a pontualidade dos que gostam de ler.

A presente declaração é dirigida indistinctamente a todos os remissos, e por tanto não ha razão de resentimento, da parte dos que se julgam com direito a certas deferencias.

ANNUNCIOS

O guarda do corpo policial Manuel Antonio de Oliveira, é chamado para pagar 3$560 rs. de generos que tomou fiado na venda á ladeira de S. Francisco; pede-se ao Illm. Sr. commandante que, para moralidade do seu corpo, admoeste o referido guarda a cumprir semelhante onus.

Na Conceição do Boqueirão casa nº 27 precisa-se fallar com os Srs. Francisco Felix de Souza velho, e Francisco Isidoro de Araujo para tratar de negocio que elles não ignoram.

Roga-se ao Sr. Luiz Aogusto Muniz que venha a rua do Tijollo nº 16 a negocio que não ignora.

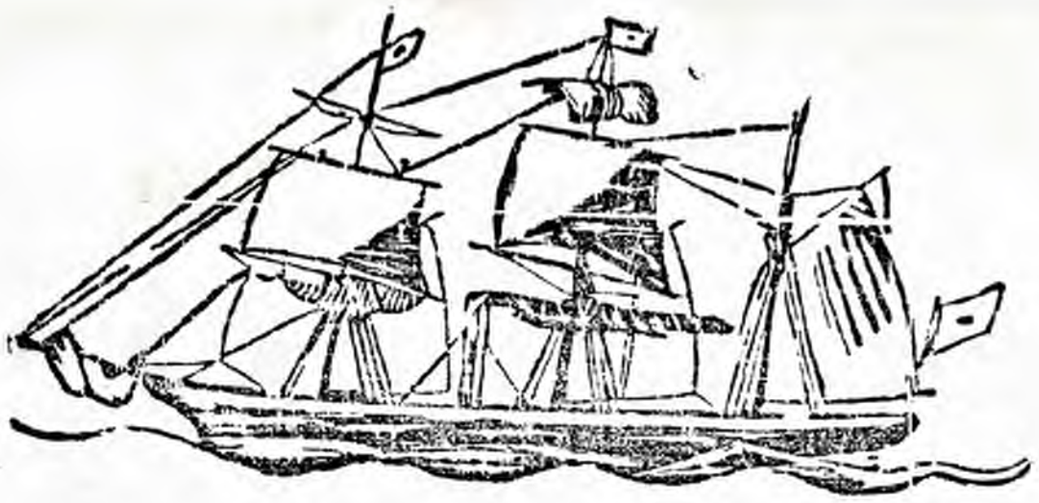
MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

Vende-se uma taverna com todos os utencilios, armação muito nova e com bons commodos, á rua do Tijollo n.º 10 B: quem pretender, dirija-se á mesma venda que achará com quem tratar.

Quem tiver um banlandrau da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, em bom estado, que queira vendel-o, dirija-se a esta typographia que se dirá quem compra.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 56

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 18 DE SETEMBRO DE 1869. Ns. 552.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 17 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. inspector da thesouraria da fazenda, communicando-lhe que nos partecipam que, tendo fallecido no Paraguay, ha dous annos, Pedro Alexandrino e Candido José Imbú, que marcharam daqui no corpo de policia, contiuuam a serem pagas as consignações pelos mesmos deixadas nesta cidade; o que convém que S. S. mande verificar no interesse da fazenda publica.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Prdro, pedindo que mande chamar á sua presença os africanos que moram no Sudré, no 49, para syndicar de uns gritos atterradores que houveram n'essa casa, na sexta feira, pelas 6 horas da manhan.

Espera-se ser attendido.

Portaria ao fiscal da Sé, para que informe si tem alguma contemplação com os moradores do 1.° andar da casa *primeira*, á rua do Saboeiro, visto que á respeito dellas se mostra omisso no cumprimento de seus deveres, pouco se lhe dando de que os moradores da visinhança soffram com os continuados despejos de materias fecaes que das janellas fazem para o pateo. Cumpra.

—Capitão, uma noticia de enthusiasmar.

—Venha com ella.

—Reuniram se hontem (16) nos salões do Sr. coronel Carvalhal 76 socios da Sociedade Humanitaria Abolocionista, para elegerem a sua direcção permanente, a qual ficou assim composta:

Presidente—Dr. Antonio Ferreira Garcez.

1.° *Vice presidente*—Dr. J. L. de A. Couto.

2.° *Vice-presidente*—Austrecliano Francisco Coelho.

1.° *Secretario*—Joaquim Cassiano Hypolito.

2.° *Secretario*—João Pinto Barretto.

Thesoureiro—Luiz Pereira de Carvalho.

Directores—Dr. Salustiano F. Souto; coronel Joaquim A. S. Carvalhal; Antonio Policarpo Araponga; Dr. Antonio Garcia Pacheco Brandão; José A. Barauna; Calixto Gomes da Cunha; Dr. Pedro Antonio de Oliveira Botelho.

—Mais um passo dado no caminho da civilisação.

—A hora do despertar vae batendo no relogio do spirito nacional; a madrugada da emancipação servil vae assomando com suas chammas douradas; é o santo momento da esperança.

—O governo deserta á causa da emancipação!

Elle que se inculca como o civilisador, o mestre, o magistrado do paiz, acaba de renegar, na falla do throno, a justiça, a verdade e a civilisação!

—E o povo, por si, vae hasteando a bandeira da liberdade, a veneranda bandeira da egualdade e fraternidade.

—O evangelho que é o codigo dos povos, proclama todos os homens eguaes e irmãos.

—E a consciencia e honestidade nacional, hade saccudir a ignominia que lhe peza na fronte e conferir ao escravo seu direito de homem e ao homem os foros de cidadão.

—Sem ser preciso appellar para os meios, que, no principio deste reinado, o Sr. Limpo de Abreu, hoje visconde de Abaeté, acconselhava aos escravos, no seu jornal o *Parlamentar:*

«*Escravos, levantai-vos!*»

—Bem hajam aquelles que voltam os olhos para esta santa cruzada, por que amam a justiça e servem a verdade.

—Qual seria o *distincto sacerdote* a quem o *Alabama* feriu tão desapiedadamente, segundo diz uma publicação do *Jornal?*

—A não ser um padre que teve o desembaraço de apresentar-se no theatro de braço com uma mulher delambida, não vejo outro.

—E a elle é que o tal *pae de familia* chama *um ministro do Senhor de conducta illibada e inoffensiva!*

—Olhe, que pae de familia!

—Si elle acha isso moral, que leve o tal sacerdote para dar lecções em sua casa.

—Si ha uma verdade em tal publicação, é na assignatura.

Os padres, na verdade, tambem são paes de familia e aquillo não é arte sinão do proprio salabardote.

—Capitão, ainda volto ao padre Sabino.

—Ainda negação de sepultura para os mortos, não?

—Sim, excellentissimo.

—O cabo F... é homem pobre e sem recursos; morreu lhe um filhinho e elle foi ao coadjutor da freguezia da Conceição, o decantado padre Sabino Pinheiro de Sousa, para dar-lhe guia, afim de sepultal-o.

O padre negou-se, dizendo que fosse tirar esmolas, si não tinha dinheiro, si era pobre.

O homem foi ao subdelegado e este indignado com o proceder do padre fechou dez mil reis em uma carta e mandou trazer-lhe, dizendo-lhe que se não pagasse aquella quantia a guia, lhe mandasse dizer quanto faltava!

O coadjutor tirou quatro mil reis e mandou um recibo, um documento escripto em que elle confessa ter recebido do subdelegado a quantia de quatro mil reis, que elle deu-lhe pela guia para poder ser sepultado o filho do cabo F...

—Que tal são os padres!

—Ha dias, dizem, falleceu um homem e levou mais de tres dias dentro de casa, so por que o *humanitario e charitativo* padre Sabino entendeu não dar guia!

—Mas o vigario não sabe d'essas cousas?

—O vigario vive atrapalhado na directoria dos estudos!

—Si o coadjutor faz tudo isso, é porque o vigario consente, ha connivencia entre elles, que é para a freguezia render bastante.

Tambem o Sr. conego Pereira quer abarcar o mundo com as pernas, vigario e director dos estudos.

—Isto chama-se querer mel e cabaço!

—Mas voltando ao assumpto, é um desaforo os vigarios negociarem com os mortos, vendendo pedaços de terra para sepultal-os. Não lhes bastam os rendimentos dos baptisados e casamentos?

—E que deixam bastante!

—E a prova está em terem elles duas e tres *comadres*, e n'isso se gasta bastante, eu que o diga.

—Deixemos as *comadres* dos vigarios e vamos ao que serve.

—E' verdade. Ainda mais uma vez devemos pedir a S. Ex. Revm. providencias para a deshumanidade praticada pelos ministros da religião christan!

—Sim, em nome d'Aquelle que morreu pregado na Cruz, para nos salvar, espera-se que S. Exa. Revm. tomará medidas que ponham cobro a semelhantes abusos.

—Esperemos!...

—Que gente barbara!

—Isto é ante-christão e falto de charidade.

—Nem que o corpo da pobre negrinha fosse de ferro!

—E' uma hora, duas da noite, a infeliz ha de estar de pé!

—E ainda bem não se gritou por Josepha, ja o relho lhe canta no lombo!

—Não reparam semelhantes feras que, apezar de ter cor preta, é uma nossa semelhante!

—Não data de hoje o seu martyrio. Desde que o Sr. Ernesto Rabeca morava no Gravatá, ja a desgraçada era victima dos tormentos que a faziam soffrer seus verdugos.

—Eram tão crueis, que nem comida lhe davam. A visinhança penalisada é quem fazia essa obra de charidade.

—Até lhe davam dinheiro, por que a senhora mandava-a para a rua com meia duzia de traficancias vender pela hora da morte e queria que ella trouxesse jantar para casa, vendesse ou não vendesse.

—Dessa vez tanto se clamou que a infeliz foi levada á presença d'authoridade e mandada para o hospital, para se curar das atrocidades de seus algozes; mais ficou nisto.

—Muita gente na rua das *Bengalas* diz que é um flagello accordar alta noite com os gritos supplicantes da desgraçada.

—E' evidente que ella deve ter no corpo as marcas do castigo; e por tanto, quem cumpre, que faça seu dever.

—A policia procedeu á busca em casa do portuguez José de Albuquerque Lisboa, morador aos Coqueiros a respeito do negocio de uma ossada humana.

—E o que colheu?

—Consta que declarara ser verdade ter trazido do cemiterio a ossada de um homem, cuja viuva lhe pedira para ir buscal-a; mas que conservando os ossos ainda bastante carne, os enterrara no quintal, até que a terra fizesse de todo seu dever.

—Não duvido; não duvido.

Mas é preciso notar que isso é em desabono do administrador do cemiterio.

Não se podem abrir as sepulturas, sinão depois de dous annos, e este tempo é sufficiente de mais para decompor um cadaver.

—E' contra a hygiene publica trazer para casa ossos humanos com restos de carne.

—Deria ser bem penosa ao olfacto do Sr. José de Albuquerque semelhante tarefa!

—Mas, em todo esse negocio, ha gravissima profanação; enterrar-se clandestinamente os restos de um christão em logar profano!

—Va com vista ao Sr. arcebispo.

Elle que fulmina com pena de excommunhão aquelles que conservam ossos de finados em casa.

—Ninguem sabe para o que nasceu! Até depois de morto se passa certos transes!

—Isso são cousas que cumpre á policia averiguar.

—Oral... A policia em negocios serios se ha sempre com certo desaso.

Eu não sou capaz de aventurar qualquer juizo em desabono do Sr. José de Albuquerque Lisboa, mas parece-me que a policia em um negocio como o de se desenterrar de um quintal os ossos de uma creatura, procederia com bastante criterio chamando immediatamente á sua presença o author de tal acto e interrogando-o antes de *deixal o tomar folego*.

—Veja o que diz o *Jornal* a respeito de uns restos humanos desenterrados do quintal de uma casa aos Coqueiros:

«Hontem mesmo verificou a policia, a tal respeito o seguinte:

«O homem denunciado é José de Albuquerque Lisboa. Este, haverá mais de um anno, foi encarregado por D. Umbelina Martins de Andrade de desenterrar, com a necessaria venia do Exm. Sr. arcebispo, os ossos de seu marido Bernardino Martins de Andrade, que se sepultara *no convento de S. Francisco*, afim de preparal os para uma urna, que devia ser depositada na egreja da Santissima Trindade.»

—Mas a que tempo cessaram as inhumações nos templos?

—Seguramente ha 14 annos.

—Pelo amor de Deus! E' tempo de sobra para a terra consumir quanta carne haja.

—Porem o Sr. Bernardino Martins de Andrade não morreu ha tanto tempo; pode haver 4 para 5 annos; lembra-me bem.

—Então é clarissimo que os religiosos franciscanos commetteram uma violação flagrante sepultando-o na egreja.

—Mas quaes foram as indagações a que procedeu a policia?

Por ventura andou como devia?

—As indagações, resumiram-se ao que consta; no Sr. capitão Braga ouvir a José de Albuquerque; depois fazer um espalhafato assombrando as pessoas que podiam fornecer esclarecimentos; muito tempo, depois, o portuguez veio á policia, sahiu no mesmo instante e nada mais.

—Não é assim que se procede nestes casos.

—Parece que o bom senso ha de rir-se com esta noticia do *Jornal*.

Ninguem accusou o Sr. José de Albuquerque; apenas se preveniu a authoridade pela singularidade do caso.

Para que então essa defeza emprestada?

—Diz que o acto foi praticado com licença do Sr. arcebispo.

Mas o Sr. arcebispo não podia authorisar a remoção dos ossos de um catholico de um logar sagrado para um quintal immundo.

—Felizmente foi mais uma occasião para o Sr. Albuquerque provar que é um homem de boas notas.

—Ja uma vez elle provou no jury, com toda evidencia, a pureza de sua innocencia, na imputação de assassinato do brasileiro Cunha, morto com uma pedrada, no processo que lhe instaurou o Sr. Costa Valier.

A PEDIDO

(Continuação da abordagem ao brigue *Carahy*.)

—Os 36 saccos de algodão...

—Então, ladrão, agora são ja 33 saccos? Não dissestes a principio que eram 19?

—Perdão, capitão, foi equivoco, as arrobas é que eram 19.

—Desde ja te provino que não mintas outra vez, salteador, por que mando o muxin-

gueiro te arear esta deslavada chocolateira a força de calabrote.

—Como dizia, os 36 saccos estavam no *lanchão* do Bazilio, meu freguez certo.

Capitão, entre parenthesis, este Bazilio tem dado profundos golpes na *companhia*.

E' por que ella é ingleza, si fosse *bahiana*, creia, ja tinha quebrado.

—Falla o que tens de dizer e deixa de proza, ladrão infame.

—O algodão era para ser depositado no *armazen* das *cinco imprensas*; porém antes que para la fosse, fizemos-lhe a poda.

Cada um tirou seu pedaço, porque, em abono da verdade, não sou eu só o ladrão de assucar, algodão e fumo; a minha parte foi a que comprei ao Domingos, a quem mandei que fosse deitar n'um barco da terra que festeja a S. Bartholomeu, e cujo mestre é da *cuca;* quero dizer, com qualquer *gorgeta*, presta-se a auxiliar estes arranjos.

E' uma minestra optima, de minha invenção, que poucos sabem.

Compra-se o furto á noite; o saveirista vae deposital-o n'um barco da carreira do reconcavo, para isso prevenido, de manhan atraca a qualquer trapiche, desembarca, as vezes nas barbas do proprio roubado e todos comem a pilula sem dar por ella.

(Continua.)

—*José*, chegado de *Guimarães* a esta extensa *Bahia*, parece um *frango capado* fazendo roda ás *pirúas* n'um poleiro de *taboa grande*.

E apezar de ser capão, quer passar por gallo de briga, e campar de valentão, com todos tirando palha.

—Quando o burro é manhoso espora nelle.

Mettam-o n'uma capoeira immunda, forrada de trapos e retalhos e a dependurem na porta n.° 17 B, C, que elle ha de se emendar.

—O' Domingos?

—O Sr. sabe o meu nome?

—Ora essa!

Ainda remas no Caes do ouro?

—Sim, Sr.

—Ainda és socio do Avintes?

—Como sabe tanta cousa?

—Sei até que eras tu o conductor dos roubos de assucar para a fabrica do *bode pequeno*.

—Este homem advinha!

—Tanto, que durante o processo do *Cadiar* estivestes sempre occulto.

—Misericordia! Desta vez estou filado.

—Isso ja passou.

Trata-se de cousa mais fina.

—O que será, meu Deus!

—Tu bem deves saber.

Vê la o que fizeste ultimamente, e que ia te sahindo caro.

—Ha tantas cousas, que eu não me lembro.

—Vê se te lembras de 34 saccos de algodão subtrahidos do *lanchão B?*

Vê se te recordas de uma noite, em que lançaram fogo ao mesmo lanchão?

Pois ouve, e prepara-te para te haveres com o muxingeiro.

(Continúa.)

ANNUNCIOS

Julio Antonio de Azevedo,
Por alcunha o Feijoada,
Achando-se aborrecido
De uma vida tão cançada,

Como seja vender fumo,
Doces velhos, rapadura,
Tabaco de po mofado,
Cousa que ninguem procura,

Candeeiros para gaz,
Gengebirra de seis mezes,
E outros muitos alcaides
Que escabriam os freguezes,

Estando pois convencido,
Que nada adianta nisso,
Resolveu-se a abrir
Uma casa de feitiço.

Aonde dará ventura,
Advinhará tambem,
Assim como hade o diabo
Tirar do corpo d'alguem.

Quem quizer pois procural-o,
Pode de hoje em deante
No becco do Arcebispo,
Onde mora o annunciante.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

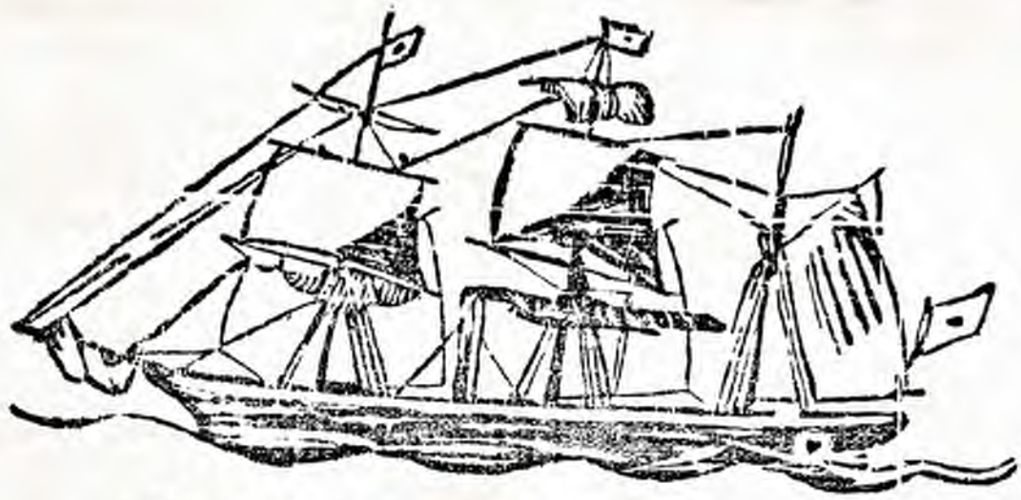
O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

TER NA SAUDADE

RECITATIVO

Composto por Francisco Santiai.

Vende-se em casa do author á ladeira de S. Roque n.° 9., á Barroquinha, loja do Sr. João Manoel de Seixas Junior, e Copistaria de Manoel Joaquim de Araujo, ladeira do Taboão.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII. Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. **Serie 56**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 23 DE SETEMBRO DE 1869. Ns. 553 e 554.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 22 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, chamando sua attenção para certo saveirista do Caes Dourado, que não *é portuguez*, á respeito do qual versam criminosas informações, como o de andar depois de meia noite, munido de um rewolver, assaltando os trapiches e alvarengas, de uma das quaes, ainda ha pouco, roubou 34 saccos de algodão. Dizem que esse milhafre viaja sempre para o Cabrito, onde costuma ir desovar. E' de crer que S. S. com muita facilidade descobrirá tal salteador, o qual é incansavel em suas correrias maritimas, não reservadoo nem os *domingos* para descanso.

—Capitão, si a religião christan é a mais santa, é tambem a que admitte mais abusos.

—Sabe o mal de onde nasce?

E' daquelles que são incumbidos de administral-a.

—Repare V. Ex. para aquillo.

—E' uma Imagem do Crucificado, que, de mistura com outros objectos, vae estendida n'um taboleiro na cabeça de um ganhador.

—Para uma festa em S. Pedro.

Acha V. Ex. isso decente?

—Pelo contrario é uma impiedade, uma irreverencia.

—Qualquer individuo de posição mais elevada, quando sahe á rua é cercado de mil etiquetas e considerações; a Effigie do Senhor dos senhores, é deitada na cabeça de um ganhador, como si fosse uma sacca de farinha ou barrica de bacalhau, e mandada conduzir de envolta com lanternas e tocheiros!

—Semelhante falta de escrupulo planta a incredulidade e amortece a fé no povo.

—Não é por que na matriz de S. Pedro faltem Imagens de Jesus Christo que aquella é levada para lá; mas vae servir de ornato como objecto de luxo.

—Porque este mundo é das apparencias.

—Ha outros muitos abusos a que dão origem a cubiça dos padres, ingerindo no povo a superstição e fanatismo para tirarem lucro.

—Benzem, por exemplo, uma chusma de rosarios, bentinhos, e orações e entregam a uma mulher sordida, que os engloba com agulhas, dedaes, pentes e ganchos, e vão se introduzindo no seio das familias desempenhando ao mesmo tempo o officio de mercurio.

—Regateam como vis ganhadeiras o preço de uma missa, o suffragio de um morto, e muitas vezes faltam ao primeiro com quem ajustam, por que acham quem lhe pague mais.

—E' por isso que não ha respeito nos templos, e a iniquidade lavra espantosamente; o exemplo vem delles; o povo vê a degeneração em que os ministros da religião a deixam cahir e torna-se irreligioso.

—Sempre é bom pôr de parte os bons sacerdotes, moralisados, desinteressados o desapegados das fallacias mundanas, os quaes honram sua classe.

—Capitão, si a actual municipalidade da capital da Bahia, inspirada de nobre patriotismo e sincero amor ao espirito nacional, quer dar uma prova disso, a occasião se approxima.

—Quando?

—Na preferencia que tem de dar aos locatarios das barracas de Santa Barbara.

Ha muitos nacionaes que não podem negociar alli, por se verem embaraçados com a guerra tenaz que lhes move os africanos.

—Ha africanos como o João Savari que tem 6 e 8 barracas por sua conta.

—E dão por ellas um preço elevadissimo, preterindo assim aos nacionaes de poderem competir com elles.

—Preço que elles tiram das costas do povo

—Portanto, a camara pode dar um passo louvavel, dando preferencia aos nacionaes que se quizerem dedicar ao commercio de cabotagem, medida de subido alcance; para cuja realisação, a camara municipal, não deve somente olhar para o que mais der, por que, si por um lado perder alguns mil reis, por outro terá feito um beneficio, dado incentivo ao trabalho, creado um estimulo ao espirito de nacionalidade e grangeado o reconhecimento de muita gente.

—Na camara ha cavalheiros que amam de veras sua terra, e que se hão de lembrar de seus patricios.

Não faça caso do que andam dizendo.

—As irmans de caridade plantam a immoralidade, a anarchia e a desordem e authorisam até o crime no hospital de caridade.

Admittiram um estrangeiro insolente que se emprega em lavar roupa dentro do estabelecimento.

—E' preciso que os bahianos abram os olhos.

Até essa pequena industria querem essas mulheres roubar ás nossas patricias!

Até para lavar roupa ja os estrangeiros acham emprego no hospital da Casa da Santa Misericordia da Bahia.

—Authorisado pelas irmans de caridade, esse estrangeiro praticava mil excessos no hospital.

Soberbo e audacioso, tratava os brasileiros a quem o infortunio conduz áquella casa como si fossem cães!

Muitas vezes os espancou.

Hontem, 21, achava-se elle lavando roupa, e um doente, um voluntario da patria, que voltou ferido do sul, exhalando de sêde, porque no hospital se mata os doentes á sêde, foi tirar um pouco d'agoa; imperdoavel crime que foi punido pelo desalmado estrangeiro com um formidavel cacete nas costas do pobre voluntario, que ha pouco derramou seu sangue pela honra deste paiz, que tão mal lhe recompensa os serviços.

Vendo o sangue jorrar aos borbotões de sua cabeça, o infeliz voluntario da patria se foi queixar ás irmans de charidade, e essas jesuitas refalsadas o receberam com riso chacoteador e approvaram a torpe acção de seu *malungo*.

Assim desfeiteado e não encontrando reparação, poude n'um momento de distracção subtrahir-se e dirigiu-se á repartição da policia.

As irmans de charidade presentiram e mostraram-se na porta do hospital assanhadas, furiosas, contra aquelle homem que ousava ir pedir justiça e queixar-se do que se passa naquelle secreto e tenebroso esconderijo.

Os serventes sahiram em chusma e prenderam o homem a tombos e assim o conduziram.

Foi um facto que muita gente presenciou no Terreiro.

Tiveram o cynismo essas mulheres de dizer publicamente que o homem era um doudo!

E de facto foi elle immediatamente encarcerado com os doudos.

Si ainda não lavaram, pode quem quizer ir ver o sangue que derramou o infeliz coaglado na calçada.

—E ficou impune o malvado?

—Graças a um moço academico, que suppomos foi á policia, fez-se corpo de delicto.

—O que esperam mais ver dessas mulheres?

Si ha ainda quem se illuda com ellas, é porque não quer descerrar os olhos.

—São mulheres de paz e amor, charitativas para com o proximo e não se compadecem á vista de um homem injustamente espancado e ferido!

—E antes cheias de odio procuram esconder o crime, e maltratar a victima!

—Ellas não querem que seus actos se devassem, si o mais impenetravel segredo é a norma de sua vida.

E aquelle homem incorreu no imperdoavel crime de mostrar-se na rua banhado em seu sangue.

—Mas é preciso que haja quem lhes ponha

um paradeiro aos escandalos, do contrario, um dia.... talvez seja muito tarde.

—Quando ha de haver nesta terra um asylo de mendigos para evitar tão vergonhoso espectaculo?

—Tanto dinheiro que se esbanja; tanto que dão ás irmans de charidade e para os pobres nada!

—Antes lhe tiram.

—A falta de uma casa para os pobres alimenta a ociosidade.

Si ha quem peça por precisão, muitos pedem por vicio.

—Nada melhor do que andar pedinchando, e no fim do dia ter 3 ou 4 patacas sem trabalho.

—Ao passo que, si houvesse um logar onde fossem obrigados a permanecer, se iriam para ahi os verdadeiros mendigos.

—E se evitaria esta scena immoral e deponente de uma alluvião de pobres pelos adros e portas do templo, onde praticam tudo.

—Como agora mesmo se apresenta a nossos olhos.

—E de todos que estão presenciando.

—Na portaria de S. Francisco a mendiga Izabel a brigar com o seu *velho*, por cinmada.

—E como se lembram de seu tempo!

As palavras obscenas, as recriminações injuriosas, sahem em jorros das boccas daquelles dous cangalhos.

—São quadros da Bahia, incontestaveis indicios da civilisação desta terra.

—Ninguem pode desenterrar ossos, e trasladal-os, *mormente para logar profano*, sem licença do prelado; esta disposição é muito restricta, por que nem se permitte sem licença tirar os ossos de uma para outra egreja, nem mesmo em uma egreja de uma para outra sepultura.

Quem o fizer incorre em excommunhão, e o parocho que consentir incorre em excommunhão maior *ipso facto*.

—E' preceito da constituição synodal n.° 851.

—Ora, o Sr. arcebispo não podia conceder licença ao portuguez José de Albuquerque Lisboa, para enterrar em seu quintal os ossos de Bernardino Martins de Andrade.

—Logo é claro que está elle incurso em pena de excommunhão.

—O Sr. vigario do Pilar o dirá.

—Os asseclas da situação dizem que o governo transferira a partida do *Cruzeiro do Sul* para o dia 24, para que os deputados não fossem se esgueirando.

—Assim estão os representantes da nação com ares de meninos de eschola, que precisam de vigilancia para não *gasearem*.

—V. foi, na sexta-feira, ao mez de Maria no convento da Piedade?

—Não.

—Pois não sabe o que perdeu.

—O que houve?

—Um frade que entrou para o convento, levado pelo braço do Sr Araujo, ebrio como uma cabra.

—Homem, isto havia de ser bom, conte-me o que se passou.

—Neste estado, veio elle para o corpo da egreja; e como os rapazes entraram a rir, quiz tirar o habito e desafiou-os para brigar.

—Bonito exemplo! E quando se censura um frade desses pelos seus desvios, é logo ameaçado com a pena de excommunhão!

—Excommungado é o padre que se aparta das regras e preceitos christaos!

—Apoiado!

—Na sexta-feira, depois da novena, nas Mercez, um moleque arrebatou da mão de uma negrinha, que acompanhava um menino, um par de botões de ouro e largou-se a correr.

—E não tomaram o furto?

—Os guardas de policia correram atraz, mas não o poderam pegar, o moleque corria mais que estes.

—A policia d'aqui não tem substancia para correr.

—E a prova é que o moleque, aprendiz da companhia do *olho vivo*, escapulia das garras della.

—Mas que quer, si o que os soldados ganham não chega para elles tomarem vinho do porto velho!

—Bem vinho que bebem elles, mas é que a policia d'aqui de minha terra assemelha-se á *preguiça*, o contrario das outras policias, que são da especie do *cão*, farejam quando querem descobrir os delinquentes!...

—Olhe que V. tem lembranças!...

—Que diabo de ajuntamento é aquelle ali na Praça de Palacio, defronte da guarda?

—São os inglezes que estão brincando aos soccos e as cacetadas, e um delles levou um horrivel socco na boca do estomago, que o levou ao chão e arrebentou lhe o *beque de proa!*

—Hoje é domingo, elles estão alegres.

—E nem um soldado de policia para acabar semelhante brinquedo estupido d'aquelles perros!

—E nem ao menos a guarda se move para

dispersal-os, assim como os moleques que tambem aproveitam o ensejo para darem suas pedradas.

—E isto na Praça, onde está o palacio da primeira authoridade da provincia!

—Todos vem para aqui tomar sua *sopa;* até estes *bifes*, estes marinheiros de navios mercantis, desrespeitam á tudo e a todos!

—Pobre Bahia!

—Diga-me si isto é justiça e moderação.

Francisco Xavier Clarião foi praça de cavallaria e marchou para a guerra; obtendo baixa, voltou a sua provincia.

Mestre pedreiro, foi trabalhar nos Lençoes, onde o tenente do corpo de policia Barbosa, delegado e commandante da força alli, recrutou-o; o homem apresentou a sua escusa do serviço militar, que de nada lhe valeu, pois foi mettido no calabouço por espaço de um mez, findo os quaes, marchou com outros, para esta cidade, algemado, gastando 14 penosos dias de viagem.

—E chegando aqui?

—Foi solto, graças ao caracter justiceiro do commandante das armas.

—Então, o que mais quer?

—Pois é assim?!

E o prejuizo que soffreu o pobre homem em seus interesses, as privações por que passou, o constrangimento em sua liberdade, a fadiga de uma viagem, o aviltamento das algemas, como si fosse um criminoso?

So uma authoridade atrabiliaria e violenta, indigna de confiança, commette tamanha arbitrariedade contra a liberdade e direitos individuaes.

Arrancar ao labor de seu trabalho um cidadão que ja prestou á patria o contingente de serviço que ella lhe exigia, enclausural-o em immunda masmorra, por 30 dias, algemal-o e obrigal-o a uma marcha forçada de 80 leguas, como recruta; e tudo isso quando esse homem tem um papel que diz que elle nada mais tem com o exercito, porque ja prestou o serviço que lhe tocava!

Do que serve então descançar-se na garantia de um direito, si os malsins do governo podem rásgal-o a hora que lhes convenha?

—E no fim de contas dizem que somos um povo livre!

—Alem de que, com isso, o tenente Barbosa deu profunda facada nos cofres, ja tão magros.

—Tambem?

—Francisco Xavier, á vista da sua baixa, não servia para recruta, mas o tenente Barbosa caprixosamente conservou-o como tal, e por tanto ganhando soldo do estado. E de facto recebeu duas quinzenas, porem chegando aqui foi solto e por tanto esse dinheiro esperdiçado; quem perdeu foram os cofres; quem soffreu foi o suor do povo.

—São desmanlos imperdoaveis; mas o governo não tem culpa dos excessos dos subalternos.

—Não diga semelhante blasphemia.

Onde está então a moralidade do governo, si não responsabilisa os seus serventes que abusam em seu nome, que valem-se da authoridade de que os revestiu, para atropellar o povo?

Porém quer ouvir o resto?

Eu não sei de quem é o logro; e até acho o tenente Barbosa incapaz de pratical-o; mas o caso é que o pret de Francisco Xavier e seus companheiros recrutas ia completo, mas elles não recebiam integralmente o soldo.

—Isso só se pode averiguar interrogando aos recrutas.

—Si as travessuras dos moleques são coasa tão diminuta, que não merece a attenção da policia, bem vezes ellas tem funestissimo desfecho.

—Está que no domingo quasi dá-se um caso bem fatal.

Os moleques perseguiam, á pedradas, um preto velho, na rua do Bangala, uma pedra varou pela janella do Sr. Chaves, e foi empregar-se na mão do mesmo, o qual, por felicidade teve tempo de desviar-se um pouco, de sorte a não soffrer todo o effeito da pedrada.

—A despeito do persico e obstinado antagonismo do governo á causa da emancipação servil, a vontade nacional vae se pronunciando.

—So neste paiz se dá o facto de governarem ministros em declarada reluctancia ás aspirações da opinião publica.

—A manifestação nas provincias falla eloquentemente.

—Agora mesms eis uma prova evidente.

O Sr. Dr. João Garcez dos Santos em uma carta ao presidente da sociedade Libertadora Sete de Setembro, acaba de declarar livres os ventres de suas escravas no seguinte trecho:

«Para o seu progresso, e prova de meus reaes sentimentos, resolvo fazer effectiva a libardade do ventre de minhas escravas, dando na qualidade de padrinho de todos os seus filhos na pia do baptismo religioso o baptismo da liberdade civil; com o compromisso de os tratar e zelar até a edade de vinte annos.»

—Magnifico!

O christianismo não tem por missão nivellar para baixo a sociedade, mas do nivel-a para cima.

O captivo negro e maltrapilho e o impe-

rador sagrado, tem ambos a mesmo origem e fim.

—Capitão, V. Ex. concede que eu dirija ao Dr. Garcez um cordeal cumprimento e voto de homenagem á philantropia de suas ideas á respeito do trabalho livre?

—Com summo gosto.

—Bom; não era de esperar outra cousa de V. Ex.

—Quem é aquella rapariga que ali vae carregando um grande taboleiro de vendas?

—E' escrava da viuva D. Anna Joaquina Ferreira Dias; chama-se Chrispiniana.

—No entanto que os *bocorios* dizem que ella é forra e tem até a carta passada em notas, desde a vida do Joaquim Ferreira Dias, marido da Sra. D. Joaquina.

—Olhe que talvez V. esteja enganado com essa rapariga, pode ser que não seja d'essa de quem fallam os *bocorios*.

—Onde mora a tal viuva?

—Mora ali para o forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar.

As vezes dizem cousas que são mentirosas!

—Pelo sim, pelo não, será bom que o Sr. Dr. chefe de policia syndique o facto, afim de ver se ha n'ella algum fundo de verdade, fazendo, á ser real, a infeliz Chrispiniana entrar no gozo de sua liberdade!

—Sim, e é de esperar que o Sr. Dr. Cicero d'Assis, segundo o seu caracter de authoridade energica e justiceira, empregará os meios precisos para o descobrimento da verdade, mostrando-se assim em pró da causa da infeliz!

—Esperemos!

Á PEDIDO

—Capitão, no dia 17, um Gregorio, que tem loja de miudezas na rua Direita de Palacio, sahiu com um amigo á passeiar pela Estrada Nova, e encontrou uma moça, á quem elle dirigira uma graça, e esta se requebrando os acompanhou.

Chegando em certa altura, a moça os largou e tomou para um lado da estrada onde se achava um sujeito embuçado em um capote.

O Gregorio, por gracêjo, disse:

«Pois V. deixa dous homens de bem por um embuçado?»

Dito isto, continuou em seu passeio, quando ja muito distante do logar, se lhe apresentou o musico de policia de nome Fernandes, e deu-lhe voz de prisão.

Surprehendido o homem com a voz de prisão, perguntou-lhe porque rasão ia preso, e o musico respondeu que por o ter chamado—*morcêgo*.

—Mas elle se entregou a prisão?

—Entregou-se, e ainda massou-se em andar a baixo e acima em procura da patrulha para o conduzir, até que o subdelegado da Sé os encontrando e syndicando o facto, o mandou embora.

—Ainda ha gente muito pateta! Ora si eu, n'um caso deste, não fazia logo o musico cheirar *rosas*....

—Eu só lhe sei dizer que ha cousas nesta terra de fazer cahir o queixo!

—Fóra bobo! Fóra namorado sal-preso!

Fiau! fiau!

Prrhut! prrhut!

—Em quem será esta horrenda vaia?

—Naquelle pedaço d'asno, caixeiro do armazem, que vive a namorar a menina do primeiro andar defronte.

—Então esse lorpa não tem em que se occupe?

—Deixa a obrigação do amo e põe-se na porta do *armazem* em risco de ficar *moreno* com o calor do sol, para fazer pestanejos.

—Que toleirão!

—O *Manuel* que mora em S. *José*, e que sempre está aqui no Caes do Ouro com o *Azevedo*, é que tem apreciado bons pedacinhos do tal biltre.

—E' preciso fazer ver ao amo para o chamar á ordem, porque o publico não está para aturar disfructes de um pateta.

PARA S. EX. O SR. DR. CHEFE DE POLICIA, E O PUBLICO SENSATO DESTA CAPITAL, LEREM E JULGAREM.

Senhores redactores.—Deparando em seu digno periodico o *Alabama*, com o officio dirigido em 15 do corrente ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, e publicado em 16 neste mesmo periodico, em que VV. sob falsas informações dadas por meus figadaes inimigos, pedem a aquella authoridade para syndicar sob os factos ahi narrados, e não querendo, que sobre minha cabeça recahio qualquer suspeita, quanto mais a pratica de actos criminosos, rogo encarecidamente a VV. publiquem no seu conceituado periodico a minha defeza, pois a verdade pura é a seguinte:

Esses ossos, de que se tracta, são do finado Bernardino Martins d'Andrade, que foram tirados da Quinta dos Lazaros, aonde fôra sepultado em carneiro da V. O. 3.ª de S. Francisco, mediante licença de S. Ex. Rvm.ª como melhor comprova o documento em primeiro logar, á pedido de D. Umbelina Martins

de Andrade, encarregando-me ella como viuva d'aquelle finado, a exhumação desses ossos, afim de serem trasladados para a egreja da O. 3.ª da SS. Trindade; mas accontecendo que depois da exhumação, exhalassem mau cheiro, e não estivessem capazes para serem lavados e limpos, trouxe-os para casa, e enterrei-os no quintal, para desenterra los depois de alguns dias, e com mais facilidade lava-los e limpal-os.

O que exactamente fiz, depositando-os n'aquella O. 3.ª onde existem.

D'aqui se vê. que esses ossos não pertencem a parente meu, como falsa e aleivosamente lhes informaram esses meus detractores, sequiosos por me verem curvado a novos trabalhos.

Quanto ao desapparecimento de meu sobrinho Joaquim de Pinna Albuquerque, de que tambem me fazem carga, o documento em segundo logar exhuberantemente prova, que elle retirou-se desta cidade para Lisboa, a tractar de sua saude.

E quanto á minha mulher, que, mal aconselhada por seus proprios parentes, deixou a minha companhia, nada digo; porque a honra me faz calar, e nem mesmo a ninguem é permittido devassar o interior das casas particulares, quanto mais leval-o ao alto da imprensa, cuja instituição foi unicamente para moralisar, e não desmoralisar a sociedade, como infelizmente accontece hoje no seculo das luzes.

De tudo, quanto tenho expendido, verão VV. que em vez de ser criminoso, sou innocente; e por isso espero ser julgado, como fôr de razão e justiça.

Bahia 21 de setembro de 1869.

José de Albuquerque Lisboa.

—

DOCUMENTOS.

Illm. Sr. ministro da Veneravel O. 3.ª de S. Francisco.—José de Albuquerque Lisboa precisa que V. S. lhe mande passar por certidão o despacho que teve desta Illma. Meza, para extrahir os ossos do finado irmão Bernardino Martins de Andrade, para serem collocados na O. 3. da SS. Trindade, por tanto

P. a V. S. lhe defira na forma seguinte.—E. R. Mce.—Bahia 17 de setembro de 1869. —*José de Albuquerque Lisboa.*

Passe. Bahia 17 de setembro de 1869.—*Maltez*, ministro.

Manuel Pinheiro de Sousa, secretario actual desta Veneravel O. 3. de S. Francisco.

Certifico que, dos livros a meu cargo nesta secretaria, consta do livro decimo primeiro de obitos a *f.* 273, haver fallecido o irmão desta V. O. Bernardino Martins de Andrade, no dia cinco de janeiro de 1866, e sendo o cadaver encommendado na egreja da mesma O., foi sepultado no cemiterio de santa Izabel, no carneiro n.º 56.

Em 19 de abril de 1868, requerendo á Meza a viuva do dito irmão, D. Umbelina Martins de Andrade, pedindo permissão para extrahir os ossos de seu marido, para deposital-os na egreja da V. O. 3. da SS. Trindade e isto por licença de S. Ex. Revm. teve por despacho—Como requer. logo que complete dous annos e meio, como exige a lei em vigor; como tudo consta do livro 1. de despachos a f. 190 verso.

E' o que consta dos livros á meu cargo, aos quaes me reporto. Bahia e secretaria da V. O. 3 de S. Francisco 17 de setembro de 1869. O secretario.—*Manuel Pinheiro de Souza.*

—

Illm. Sr. presidente da real sociedade de Benificencia Dezeseis de Setembro.—José de Albuquerque Lisboa, precisa a bem de seu direito que V. S. lhe mande passar por certidão o que constar a respeito do socio desta real sociedade, Joaquim de Pinna Albuquerque na sua sahida para Lisboa, no brigue portuquez *Vencedor* em 9 de junho de 1864.

P. a V. S. defirimento.—E. R. M.—Bahia 20 de setembro de 1869.—*José de Albuquerque Lisboa.*

Ao secretario para mandar certificar não havendo inconveniente. Bahia 20 de setembro de 1869.—O presidente, *Costa Pinto.*

Não havendo inconveniente, passe o Sr. escripturario a certidão pedida. Bahia 20 de setembro de 1869.—O secretario, *Manuel Ferreira Barbosa.*

Em cumprimento do despacho supra, revendo os documentos do archivo desta real sociedade, consta da acta da sesão do conselho directorio, em 27 de abril de 1864, o seguinte: o socio Joaquim de Pinna Albuquerque, requereu para se lhe ministrarem meios em vista de seu melindroso estado de saude, para retirar-se para Portugal em navio de vela; foram encarregados os membros Henrique e Carvalho Bastos, para decidirem sobre a quantia que lhe deve ser suprida attendendo não so ao seu estado como as suas precisões. Documento n.º 106.

Illm. Sr. presidente e mais membros da sociedade de Benificencia 16 de Setembro. Joaquim de Penna e Albuquerque achando-se gravemente doente e exhausto de meios para poder effectuar uma viagem a Portugal, que os facultativos lhe mandam fazer; vem valer-se desta beneficente sociedade para que haja de pestar-lhe os soccorros que precisa

e pagar-lhe a passagem para o Porto, no primeiro navio de vella que d'aqui sahir.—D.G. de a VV. SS. por muitos annos.—Bahia 26 de abril de 1864.—Joaquim de Pinna Albuquerque.

Despacho.

Aos Srs. Henrique José Fernando e José da Cunha Carvalho Bastos.

Decizão da commissão.

Alem da passagem que está justa por cento e quarenta mil reis, entendemos que deve dar-se mais ao supplicante cincoenta mil reis, para seus arranjos de viagem e desembarque.—Bahia 30 de maio de 1864.—*Henrique José Fernandes, José da Cunha Carvalho Bastos.*

Recibo do capitão do navio.

Recibi do Sr. presidente e mais membros da sociedade de Beneficencia Dezeseis de Setembro a quantia de cento e quarenta mil reis pela passagem do socio Joaquim de Penna Albuquerque, afim de ser conduzido a Portugal no brigue portuguez *Vencedor*.—Bahia 30 de maio.—*José Joaquim da Roza.*

O que certifico que copiei fielmente dos documentos originaes. Bahia 21 de setembro de 1869.—*José Joaquim de Miranda, escripturario.*

Jovino Antonio, africano liberto, morador na freguezia do Pilar, vale-se da imprensa para protestar perante o publico e o Sr. Dr. chefe de policia, contra qualquer aggressão que soffra em sua pessoa; e declara que o unico desafecto com que conta é o Sr. Antonio Pedro da Silva, com quem acabou de ter uma questão ao juizo municipal da 3.ª vara. Bahia 21 de setembro de 1869.

—O mez de Maria no Bomfim tem sido muito consorrido.

—Andei por la uma noite.

—Rapazeada por *riba do tempo*.

—Bem vê que onde ha moças, elles andam aos enxames.

—Mas que escandalo!

—Não deixei de reparar; o namoro rola sem reserva.

—Não olham para Deus. Os rapazes ficam embebidos nas moças e estas enlevadas nelles.

—Escandalo egual só da N. N. recebendo cartas dentro do templo sagrado, de um taful que tem a cara *brochada* e do *Julio*.

Pede-se ao Sr. Bahia, subdelegado de Brotas, que declare o motivo porque conservou preso, por 24 horas, ao portuguez Manuel Ferro, morador ao Castro Neves, o qual, vendo-se roubado em suas creações, fôra se queixar a S. S., que não providenciou, e sendo dahi ha pouco chamado pelo ordenança para ir á sua presença, no caminho foi, a falsa fé, levado para a Correcção, d'onde sahiu por pedido de um outro portuguez com venda ao Caquende; e fez que com que o referido Manuel se madasse para a freguezia de Santa Anna?

—Capitão, V. Ex. como mais entendido do que eu explique-me.

—O que?

—Si ha abuso d'authoridade neste facto.

O africano Joaquim, pae de terreiro n'uma *Chacara das Devotas* arrombou a casa de uma pobre mulher de nome Joanna Maria, arrancou a fechadura, substituiu-a por outra de que se apossou, assim como de tudo que ella possuia, pelo motivo de se achar ella devendo as rendas da terra e ter sahido á negocio.

Recorreu a authoridade competente, mas sua queixa foi abafada; reclamou de novo e sua petição não foi attendida.

Ora, dizem as más linguas que o africano tem grande privança com a authoridade; que, quando quer bater o candomblè mimosea-o com presentes no valor de cem a duzentos mil reis, além dos intervallos, uma vez por outra; que, além disso a tal authoridade é cego apologista do *santo vulum*, apresentando-se com sua familia quando ha brinquedo, e que por essas razões a pobre mulher não obteve justiça e o africano ficou fanfando.

—Mas quem é essa authoridade?

—E' um subdelegado.

—De que logar.

—Daqui.

—Daqui de onde?

—O *subdelegado* é daqui da *Bahia* mesmo, capitão.

—Valha-te a Mãe de Deus das Brotas, com semelhante cabeça.

Uma provincia com tantos subdelegados, como esta, va eu advinhar.

—Ora, capitão, quer mais claro...

—Tome um conselho!

Retire-se que eu não estou disposto agora a advinhar.

—Capitão!

—O que quer?

—Venho desabafar-me um pouco com V. Ex. contando-lhe as proezas de uma depravada meretriz e de seu azeteiro.

—Vamos la com esse masso.

—Si V. Ex. acha que o venho massar, retiro-me!

—Não, fique e desabafe-se.

—O *Luiz*, que tem relações do parentesco com o *Maximiano*, o que tem servido de *cunha* para muita gente..,

—Será um que mora na *ladeira* onde se plantou uma *gameleira*?

—E' esse mesmo.

—.....vendo suas irmans sempre insultadas pela cabra Ursulina, procurou o major côr de *barro*, que é o subdelegado da freguezia do *Chaveiro do Ceo* e queixou-se a elle.

O subdelegado depois de ouvir o Luiz, prometteu-lhe que iria á casa d'ella indagar o facto e providenciar.

Como porem continuassem os insultos, voltou a elle o Luiz e renovou a sua queixa; e foi então que o subdelegado mandou o *cabo* do primeiro quarteirão, a patrulha e o seu ordenança a casa da cuja, que se dignou fallar a todos de dentro do quarto, onde se achava o seu azeteiro.

—Mas V. ainda não me disse o nome desse azeteiro?

—V. Ex. conhece o *Agostinho*?

—O primo do *Silva*, não é isso?

—Não sei si é primo delle.

—Não é um que entretem relações de amisade com o *Paranhos*?

—*Aquiqui*.

—Conheço-o muito; vamos adiante.

—Pois bem: esse *caponejador*, tomando as dores pela sua *dulcinea*, ameaçou céus e terra, por não serem as oito horas da noite, horas proprias da authoridade mandar em casa de um *cidadão*!

—Note V. Ex, que a cása é da meretriz de quem é elle, como ja disse, *caponejador*.

No dia 15 de agosto, depois das cinco horas da tarde, descia pela ladeira para a casa aos bofetões com a sua querida *amparina*, o que foi presenciado por muita gente e pelos visinhos.

—Vou mandar buscar esses dous personagens modelos da *moralidade*, para entreter o rigoroso *infano* do muxingueiro.

—Será verdade, que, aqui ha tempos, tendo de ir á praça uma apropriedade do Sacramento da Sé, fôra arrematada um dia antes do annunciado.

— Responda quem souber.

VARIEDADES

Em uma assembléa legislativa, n'um dia de sessão um pouco tumultuosa, queixava-se um deputado, dizendo:

—E' notavel a falta de ordem! Ninguem se pode entender na sala; não se ouve nada; até ja tenho votado tres vezes sem saber sobre que.

Certo escrivão, que havia sido official de milicia, tinha ja dado baixa do serviço. Mas ignorando isso um individuo, que trazia um negocio no seu cartorio, julgou acertado presental-o com uma espada. O homem considerando o mimo, disse para o pretendente: —«Meu amigo, si quer fazer vaza, puche por ouros, porque eu ja renunciei ás espadas.»

TRANSCRIPÇÃO

Da carta original que um prior do Carnaxide escreveu ao marquez de Marialva, D. Diogo de Menezes, dando-lhe os pezames pela morte de seu pae, e cujo theor é o seguinte:

Exm. Sr.—Que o senhor seu pae é morto, não ha duvida certa; Deus queira, que não seja cousa de cuidado. Sinto muito, tudo o que Deus ordena, mas sempre o diabo leva, quem a gente mais estima. O melhor de tudo é não nos mettermos nos juizos de Deus.

De V. Ex., capellão humilde servo,

Fr. Prior de Carnaxide.

P. S. Não lembro a V. Ex., que seu pae me dava um cavallo da casa real, porque estou certo, que em quanto V. Ex. viver, terei cavallo em que me monte.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 96 e 97 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO.

Roga-se a todos os senhores que tiverem debitos vencidos no escriptorio—MONTE-SOCCORRO—queiram vir reformal-os ou resgatarem seus penhores, do contrario serão vendidos em leilão.

VERDADEIRO CAFÈ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moido puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude, na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 56**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 25 DE SETEMBRO DE 1869. N. 555.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 24 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, pedindo permissão para lembrar-lhe que muito soffre a saude publica com uma fabrica de vellas de carnaùba, no Pilar, estabelecida ao pé da casa do vigario; e sendo que S. S. ache justa a remoção da mesma, pede se-lhe que promova os meios para que isso se effectue.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna, partecipando-lhe que os moradores do sobrado contiguo á capella do Senhor dos Passos dos Humildes, atiram agua podre e outras porcarias pelas janellas para cima do telhado da dita capella.

Ora sendo, isto, no entender de qualquer catholico, ante-religioso, leva-se ao conhecimento de S. S. para proceder como julgar conveniente.

—Esmola para S. Cosme e S. Damião é o que se ouve estes dias na bocca das mulheres da rua.

—Umas pedem por superstição, outras por especulação.

—Por todo becco se encontra uma creoula requebrada, ou uma beata delambida atracada com uma boceta ou um tabolleirinho no qual vão duas figurinhas, objectos de sua devoção.

—Mas uma devoção phanatica, estupida e grosseira.

—Quiabo; azeite, toucinho, tudo serve; porque, acreditam ellas, os taes santinhos comem.

—E esses abusos vão degenerando o culto.

—E o clero vê isso e cala-se.

Os vigarios que tem obrigação de vellarem por suas ovelhas, as deixam desgarradas em tão grosseiro erro.

—E' que depois do *batucajé*, do carurú e da gallinha no azeite para os santos comerem, fica sempre alguma cousa para uma missa.

—O interesse dos padres tem substituido as formulas, pelos principios, as exterioridades cheias de pompas arrebatadoras pelas regras de fé.

—E é por isso, que a Virgem Maria, mulher bemdita, é adorada, venerada e sanctificada debaixo de muitos appellidos, sendo com uns mais milagrosa que com outros.

—Mas si os padres, que tem obrigação de instruir ao povo, o deixa cahir na idolatria de acreditarem que duas figuras de pau são capazes de tragar qualquer alimento, ao menos a policia tenha mão nessa sucia de pedintes que andam por ahi especulando com S. Cosme e Damião.

—Em que consiste a differença de uma cobra para um homem politico?

—Não posso atinar.

—E' porque a cobra muda de pelle uma

vez no anno e o homem politico muda de ideia a cada momento.

—Capitão, o Paraguay tambem tem suas heroinas que defendem o solo natal, tanto como os homens:

—Não ha nada de admirar.

—Pelo menos conta o correspondente do *Jornal do Commercio,* o seguinte:

—Por fallar nesta parte do bello sexo americano, declararei que nos combates de Peribebuy e Barreiro-guassu combateram tambem com garrafas e pedra contra nós. Um dos officiaes brazileiros teve o rosto cortado por uma garrafada em Peribebuy. Em Sapucahy ou Sapucaia, como outros dizem, foi encontrada uma mulher «Tenenta,» de espada a cinta. Se não se encontram entre as paraguayas nenhuma Carlota Corday, ha muitas Joannas d'Arc.

—Capitão, houve um lamentavel desastre no exercito.

—Algum revez contra nós?

—Um caso de commover a todos os corações humanos.

Ouça como se deu:

« Em Humaitá, no dia 20 do corrente, houve um desastre. Tratavam de arrumar umas granadas carregadas alguns de nossos soldados. Ao attrito de uma com outra granada de fricção, ou pela fatal ponta de charuto, houve uma terrivel explosão, que matou instantaneamente todos os soldados que se achavam naquelle trabalho. Como não ficou viva nem uma testemunha do acontecimento, não se sabe o motivo que foi a verdadeira causa da explosão. Um estilhaço de bomba, que foi ao longe, feriu um soldado que se achava na porta do deposito de munições.

Á PEDIDO

—Capitão, vou lhe contar uma proeza de certo delegado.

—Em bons *lençoes* se vai V. metter!

Bolir com gente de policia.

—Eu ca não tenho considerações com tratantes, pertença elle á qualquer gerarchia ou classe.

E creio que V. Ex. é de meus principios.

—Não ha duvida.

—Então sem mais preambulos.

Havia no logar aonde se deu este facto um homem laborioso, o qual, a força de um trabalho honesto, adquiriu suas patacas.

Chamavam-no o *João Pretinho*, devido talvez á cor morena ou fusca que tinha.

Possuia uma venda bem sortida e negociava em *pedras*.

—*Preciosas*?

—Isso é que não lhe sei dizer.

Um dia o delegado tirou-se de seus cuidados e encaminhou-se para a venda do pacifico homem, a quem deu a voz de prisão.

Este ficou estupefacto por não saber o que dava causa a ser preso.

Preso o homem fechou sua venda, de onde apenas teve tempo de tirar 350$ rs , e o delegado apossou-se das chaves da casa do homem.

—Para guardal-a melhor.

—V. Ex. vai ver.

Dous dias depois de homem estar trancafiado na enxovia foram-lhe entregue as chaves.

—Excellente!

—Averiguadas as cousas, o homem não tinha crime e foi solto, mais voltando para sua casa achou-a em arvore secca!

—O tal delegado é um typo de inapreciavel honestidade.

Si isto não se desse em Latronopolis, si na Bahia houvesse um homem assim ninguem mais azado para o governo lançar para ir conter aquelles desastrados revoltosos da Chapada, por que com aquella gente so um destes.

—Capitão, V. Ex. fallou no Marques de saveiro, e esqueceu-se do Raphael.

—Quem é elle?

—Um cavalleiro de industria que se intitula inspector de quarteirão para garantir os roubos que o Marques conduz.

—Vou mandar recommendal-o á attenção policial para ser filado na primeira estrepolia que fizer.

Um bobo, um tolo, um pedante,
Um refinado camello,
Nascido p'ra carregar
Pesada carga no pello;

Si ha de cuidar em fazer
O serviço do patrão,
Metteu-se a namorar
Co'a maior descaração.

Na rua do Caes do Ouro
Da porta, de um *armazem*,
Cujo dono é *moreno*,
E' que se aprecia bem.

O bruto faz gatimanhas,
Faz acenos, macaquices,
Pede beijos, dá abraços,
E outras que taes tolices

Eu não sei seu nome todo,
Que não pode ser *Mané*,
Dizem que é *Azevedo*,
Porem antes tem *Zezé*.

Sr. redactor.—Lendo, no *Alabama* de hontem, uma declaração do preto africano, liberto, Jovino Antonio, morador na freguezia do Pilar, chamando a attenção do publico, e do Sr. Dr. chefe de policia contra mim, por me suppor author de aggressões contra sua pessoa, ou por me suppor tentar fazer-

lhas, em razão de uma questão que commigo tivera perante o Sr. Dr. juiz municipal da 3. vara d'esta cidade; cumpre-me desde já declarar, que protesto contra semelhante insinuação odiosa ao meu caracter e dignidade, pois que pelos meus habitos pacificios e de trabalho, sou incapaz de qualquer offensa, ou aggressão contra qualquer individuo.

Antonio Pedro da Silva.

FORA JESUITA.

CANÇÃO POPULAR.

(*Para ser cantada na musica da canção final —Ohé! ohé! ohé!—da «Noite de Carnaval.»*

Que homens negros e sinistros
São aquelles que ali vêm?
De Loyla são ministros,
Do demonio irmãos tambem!
Ohé! ohé! ohé!
Todo o povo grita:
— Fóra jesuita!

Entre o povo,—christão velho,—
Vem pregar doutrinas más!
Querem vêr, á pêa e relho,
Ir a patria para traz.
Ohé! ohé! ohé!
Todo o povo grita:
—Fóra jesuita!

Nos vestidos e nos gestos
Affectar sabem virtude!
Que tartufos manifestos!
A apparencia sempre illude.
Ohé! ohé! ohé!
Todo o povo grita:
—Fora jesuitas!

De seus peitos entrem dentro,
Que hão de vêr o que ha por lá!
A alma delles sempre é centro
De paixões que o demo dá!
Ohé! ohé! ohé!
Todo o povo grita:
—Fora jesuita:

Urubús de terra estranha,
Vem em busca de carniça:
Negro bando que se assanha
Por ouvir fallar em missa!
Ohé! ohé! ohé!
Todo o povo grita:
—Fora jesuita!

Que cambada de marrecos!
Pega nelles pr'a capar!
Vam-se embora os taes padrecos,-
Que hão de todos se calar!
Ohé! ohé! ohé!
Todo o povo grita·
—Fora jesuita!

Abril de 69. *J. Valjean.*

—O Mariquinhas caxeiro do *Adão* continúa a dar-se a desfructe na rua dos Gattos e rua do Tijollo.

Esse macaco de cheiro dá espetaculo desde ás 8 horas da manhan até as 6 da tarde.

Dessa hora em diante muda de ponto e vae se dar a petisco na rua *Torta do Paço*. D'uma loja de *cigarros* n.° 39, põe-se a *bolir* com uma pardinha do 2.° andar do sobrado de azulejos.

—Ah! biltre, sí o dono da casa um dia te dá uma corra de mangoal.

—Ou um clyster de abobora:

—Gallego Joaquim toma sentido.

Vae surtindo a tua venda de Taboão com os continuados roubos que a cada hora recebes pela porta da rua dos Droguistas e não te mettas com quem se não lembra de ti.

Refreia essa viperina lingua.

Olha, que quem deve a Deus paga ao diabo.

E' a ultima advertencia que se te faz.

Sr. capitão.—A 14 do passado chegou ao sangradouro as dez horas da noite, o tal director pastoril para dar principio ao pagode; desta vez não levou bandurra e sim taboca rachada; lá é quefoi pedir um violão ao dito cujo a quem ja tinha pedido no dia 8 e para agradal-o cantou uma modinha. Depois de uma pequena disputa, começou a pandega; e diversas sandes appareceram a presentes e auzentes, até mesmo áquelle que por todos é *escurraçado*. O tal director avançou sobre uma frigideira, que foi um acabar de miseria; nunca se viu cousa assim; depois do que o valente guerreiro foi atacado de uma somnolencia que só deu accordo de si na hora do lundu. Muitos discursos. Um celebre voluntario tomou tão formidavel borracheira que nada respeitava. Emfim reservando um guarda que la estava e as meninas, tudo ficou baleado; e o resto do sermão fica para outra vez.

O Cumieira.

SONETO.

Eu vi certa yaya n'uma janella,
Dengoza, tão faceira e tão galante,
Que logo sem querer no mesmo instante,
Captivo me tornei todo por ella.

Fui logo declarando e sem cautella,
Que era honra p'ra mim ser seu amante,
E ella respondeu muito chibante;
« Va se embora dahi, Sr. tagarella. »

Rallou por muito tempo: até que emfim
A fina e doce mão deixou beijar
Somente p'ra se vêr livre de mim.

Tomara eu sempre destas encontrar,
Que embora tudo meu acheu ruim,
Um beijo por desprezo queira dar.

—Lê-se na *America do Sul*.

Os Srs. ministros da fazenda e justiça apregoam-se typos de probidade em materia de dinheiros publicos; e, apezar de solidarios os ministros de um ministerio em assumptos de moralidade intendentes com os dinheiros do thesouro, procuram descartar-se da responsabilidade que lhes possa caber com os escandolos do ministerio da *industria e artes*.

Pois bem: para que esses Srs. se possam mostrar, graças a algum acto de energia, de facto, inimigos da prevaricação ou *roubo dos dinheiros do Estado*, provocamos á que façam proceder como de direito e criminalmente for, contra *um quartel-mestre* de um certo batalhão de voluntarios, (o 40°) que extraviou o producto de um *pret* de mez do anno de 1868, no valor *insignificante de* DOZE CONTOS DE RÉIS!

Desse *pret* estão ainda desembolçadas as praças respectivas; e tendo na épocha do extravio o tal quartel-mestre dito haver perdido o dinheiro que *estava guardado*, por occasião, *não sabemos de que conflicto* com o inimigo, *desappareceu*.

Nesse tempo inculcou-se que o homem havia sido *tomado pelos paraguayos, e succumbido*.

Deixou-se esquecer a historia, e como o homem tinha protecção, *por tabella*, do commando em chefe de então, (era o Sr. duque de Caxias!) não se fallou mais no negocio, e os pobres martyres soldados ficaram sem o seu dinheiro.

Entretanto a verdade é: que o tal quartel-mestre perdeu esse dinheiro *no jogo*, com *alguns empregados da pagadoria*, e tendo por algum tempo se occultado para fazer esquecer a historia, está agora em Montevideu fazendo proezas.

O Sr. ministro da guerra deve saber desta historia; e si a ignorar, peça informações ao Sr. de Caxias ou antes ao digno commandante em chefe do exercito actualmente que ha de tel-as completas.

Terão os Srs. ministros actuaes *coragem* de bolir com *esta casa de marimbondos!?*

Por hoje terminamos; mas naturalmente volveremos á especie, que é mais importante do que poderá parecer!

ATTENÇÃO.

Pergunta innocente:
Com que direito o juiz *Valete de Copas*, se anima a involver-se no intimo das familias do seu termo..., trazendo assim o descredito de gente muito superior?

Em outra occasião explicará isso o

Ilheu.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 98 e 99 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

SOCIEDADE HUMANITARIA ABOLOCIONISTA.

De ordem do concelho convido aos Srs. socios e mais pessoas que queiram inscrever-se, a comparecerem, domingo 26 do corrente, as 10 horas da manhan, na sala das sessões da sociedade, em casa do Sr. coronel Carvalhal, á Praça dos Veteranos da Independencia, afim de assistirem a inauguração da mesma sociedade. Bahia 24 de setembro de 1869.—O 1.° secretrario, *Joaquim Cassiano Hypolito*.

Quem precisar de uma senhora para serviço de uma casa de pequena familia ou para zelar meninos, dirija-se ao Largo do Terreiro, casa n.° 27.

TRAÇOS E SOMBRAS

OU PEQUENO ESBOÇO DAS BELLEZAS DA BAHIA.

Poema satyrico por um pintor brasileiro.

Primeiro quadro.

Acha-se a venda, pelo preço de mil reis cada exemplar, em casa dos Srs:

Catilina, á rua Nova do Commercio n. 11.
F. Queirolo, idem idem, n. 21.
Firmino, rua direita de Palacio n. 39.
Laurentino, idem idem, n. 41.
Ludovico, Atraz da Sé n. 16.

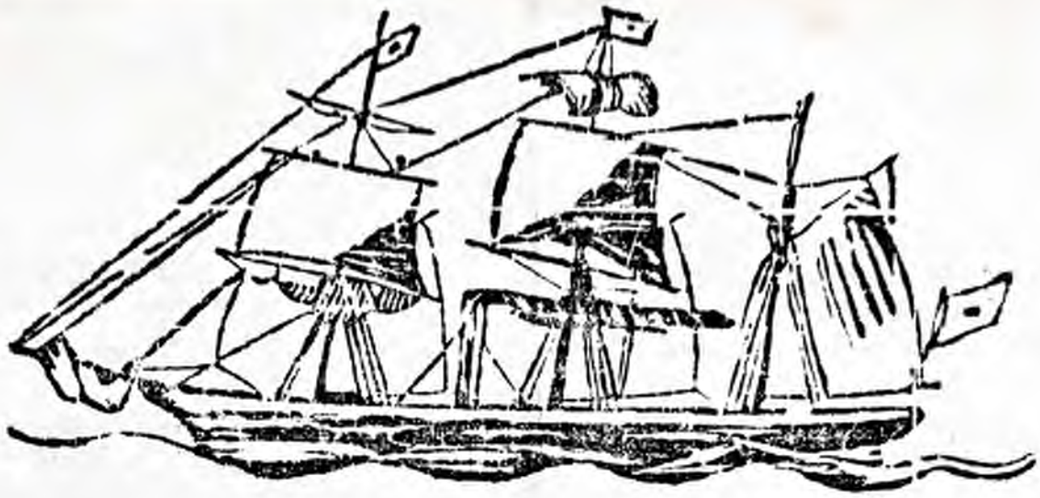
MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.° 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.° 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

ATTENÇAO.

Roga-se a todos os senhores que tiverem debitos vencidos no escriptorio—MONTE-SOCCORRO—queiram vir reformal-os ou resgatarem seus penhores, do contrario serão vendidos em leilão.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VII. **Serie 36**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 29 DE SETEMBRO DE 1869. N. 556.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 28 de setembro de 1869.

Não houve expediente.

—Capitão, no domingo teve logar, como noticiaram as gazetas desta cidade, a inauguração da sociedade Humanitaria Abolicionista, em casa do Sr. coronel Carvalhal.

O acto esteve solemne e concorrido.

Foram ali representadas por suas commissões as sociedades libertadora Sete de Setembro, Beneficente Italiana, Campezina, Terpsycore e Istituto Litterario de Minerva.

A sociedade Beneficente Italiana libertou uma creoulinha de 3 annos de edade, de nome Corina, em nome da sociedade Humanitaria Abolicionista.

O Sr. Austricliano Francisco Coelho, membro da direcção da sociedade Humanitaria Abolicionista, offereceu-se para encarregar-se da educação desta criança.

—Honra a essa associação de estrangeiros, que comprehendendo o quanto é sublime e santo a liberdade, contribuiu tambem com sua pedra para o alicerce do magestoso edificio que se está levantando.

—Foi apresentado um menino, remettido de Cachoeira ao Sr. coronel Carvalhal, com 71$000 que tinha obtido la para sua liberdade; o mesmo Sr. correu a bolsa de charidade em seu favor e obteve d'entre os socios 53$000; o Sr. Dr. José Luiz d'Almeida Couto contribuiu com 37$000, e como não prefizesse a quantia de 200$, valor que pedia a senhora da creança por sua liberdade, uma Exma. filha do Sr. Carvalhal prefez esta quantia dando 39$000.

Além d'essas duas alforrias, o Sr. Franklin Cezar da Silva Lima apresentou uma menina, em favor da liberdade da qual havia agenciado 120$, pedindo o concurso da sociedade, afim de que ella, á seus dignos esforços, prefizesse a quantia de 300$, requerida pelo senhor da mesma, ao que accedeu a sociedade, cotisando-se immediatamente entre seus socios, e compromettendo-se a dar-lhe a liberdade.

—Estou enthusiasmado!

—Appareceu lá uma rapariga com duas meninas, gémeas, de 8 mezes de edade, com um papel na mão, contendo o seguinte:

«D. Polydora Clodoalda Grave de Menezes quer pelas duas crias, Maria Cosma e Maria Damiana, filhas de sua escrava Alexandrina, 200$ por cada uma, se tiver logar agora a liberdade dellas, e 500$ por ambas se isto houver de effectuar-se para o anno vindouro. Bahia 26 de setembro de 1869.—*Polydora Clodoalda Grave de Menezes.*»

—Oh! isto revolta! Como se impõe preço, e com condições tão exigentes, pela liberdade de duas crianças; como se merca deja assim com a carne humana?!

Escandalo!!!

A maldição dos Ceus caia sobre a cabeça d'esses senhores vis mercenarios!

—A sociedade despachou a pretenção da Sra. D. Clodoalda da seguinte maneira:

«Não pode ter logar pela exorbitancia da quantia pedida.»

—Perdi o meu enthusiasmo vendo a imposição interesseira d'essa senhora!

—Ora deixemos de parte a acção pouco louvavel della, e façamos votos á Aquelle que morreu na Cruz para nos libertar do captiveiro do demonio, pela a prosperidade e engrandecimento de tão nobre e phylantropica associação!

—Vivam os distinctos obreiros do santo edificio da liberdade!!!

—Viva! viva! viva!!

—Capitão, na segunda-feira, no mez de Maria em S. Francisco, umas moças andaram ás bordoadas.

—Porque?

—Por causa de logar.

Entraram ellas acompanhadas de uma senhora ja de edade e queriam que as outras que estavam assentadas lhes désem o logar em que se achavam, afim de sentarem-se; e como essas não quizessem ceder, ellas sentaram-se-lhes no collo e então ahi pegaram-se.

A velha que as acompanhava foi se metter em assentar-se tambem no collo de uma, esta metteu-lhe as mãos e a jogou sobre as grades, ficando ella com o *bique de prôa* bem convidado.

—Que taraseas! nem ao templo respeitam!

—Mas ellas nas desordens, diziam:

«Vossês como são moças de frade, entendem que devem ter o primeiro logar na egreja, não? Pois estão enganadas, a egreja é de todos!»

—Que escandalo dentro de um templo!

—Si não fosse isso eu não sabia que ellas eram moças de frade!

—Brigam as comadres, descobrem-se os compadres.

—Capitão, vi ha poucos dias um painel, que é preciso o homem ter uma pedra em logar de coração para não se condoer.

—Em que logar?

—Na subdelegacia da Conceição da Praia.

—O que poderia ser?

—Uma mulher, de cerca de 55 a 60 annos, com as costas horrivelmente retalhadas e as carnes em quasi estado de putrefacção.

Dito não se crê: só visto para se fazer ideia do doloroso estado da mizera captiva.

—Deve ser uma hyena o senhor dessa desgraçada.

—Dizem que é um homem cujo nome é a antitheso perfeita do seu genio cannibal, pois não sabe ser *clemente* ante a fragilidade humana, quanto mais *perdoar* aos que erram.

—E vão ver que ha de ser tido por um homem virtuoso e honrado, ante esta sociedade polluta.

—Apezar dos flagicios, dos acoites, das costas escorrendo sangue, a sorte desta miseranda, informam-me, é menos acerba, do que a de outra desgraçada, que vive garroteada em um tronco, trucidada, martyrisada, e perecendo á mingoa no meio de atrozes tormentos.

—Nisto é que eu queria ver a bondade da policia; era em descobrir esses crimes horriveis que se escondem debaixo dos tectos, apadrinhados pelos nomes dos que os praticam; queria vel-a ir a essas tocas arrancar as presas ás garras dos tigres sedentos de crueldades; que quanto ao mais, é historia.

—Capitão!

—O que pretende?

—Quer ouvir como o governo do Sr. D. Pedro 2.º trata aquelles que derramaram seu sangue em defeza deste paiz, que cortaram seu futuro, que se inutilisaram para sempre.

—Diga.

—Pois cuça e admire.

«Pedro Alexandrino de Lima, ex-praça do 1.º batalhão de infantaria, foi gravemente ferido na tomada de Itapirú, perdendo um braço, e ficando aleijado de outro. Foi reformado com 2$700 mensaes e seguiu para sua provincia (Pernambuco).

—*Dous mil e setecentos mensaes;* quatro vintens e dez reis por dia, que fartura!...

—«Não podendo subsistir com tão miseravel quantia, resolveu irá côrte requerer uma pensão. Para esse fim pediu á presidencia e commando das armas de sua provincia uma passagem e foi-lhe negada!

Lima, dotado de força de vontade, resolveu vir por terra, e pondo em pratica seu projecto, acaba de chegar a côrte, tendo gasto seis mezes na viagem! Por todo o caminho, esse homem, que invalidou-se no serviço da patria, foi esmolando a caridade publica!

Chegado a côrte, apresentou-se ao quartel general do exercito e foi inspeccionado. Esse infeliz pretendia ir sabbado implorar a protecção de S. M. o Imperador.»

—Eis como se recompensa nesta nação os serviços daquelles que por ella tudo sacrificam.

—Este facto, não é mais do que um dos innumeros, que todos os os dias estamos pre-

senciando, e de que *provavelmente* S. M., o rei mais *liberal* e *illustrado* do mundo, deve ter conhecimento.

—E' uma iniquidade destes malditos arroceiros!

Carregam os animaes com pezo superior as suas forças; o que alem de ser uma crueldade para com os bichos, é um perigo imminente para a gente.

—Incuria, deleixo; de quem não sei.

—Na quinta feira, queria um destes nefandos tangedores, que um lazarento burro subisse a ladeira do Caminho Novo, esmagado ao pezo de enormes e compridas vigas. O animal estava exhausto e as varancadas ja não produziam effeito nas laceradas carnes.

O furioso carroceiro vomitava terriveis imprecações contra o pobre animal, o qual fustigado pelo pau que lhe batia no lombo, fez um supremo exforço para mover-se; não podendo resistir ao extraordinario peso da carga, foi por este levado de rastos e as vigas foram de encontro ao balcão da loja de José Bento da Silva, ao Caes Dourado, esmigalhando-o, e quasi matando uma menina de 5 annos!

—Que graça!

—A menina estaria na eternidade, a não ser um homem que poude atiral-a para o fundo da loja, e o Sr. José Bento ficou com o prejuizo e rapou o susto.

—E estas cousas passam nesta terra como si fossem nada, e as providencias não apparecem!

—A policia larga de mão os moleques, e elles pintam a manta.

—Bagatellas, que não estão na altura dos attributos policiaes.

—Por isso mesmo é que no sabbado um delles deixou o outro sisudo no chão com uma pedrada.

—Aonde foi isso?

—No Cruzeiro.

—Ah, ahi mesmo, ha poucos dias, quebraram as vidraças do conego Brandão.

—Entretanto não sei o que fazem dous ou tres soldados de continuo a escorar as arvores do Terreiro.

—Si a policia se involvesse nestas futilidades, ao depois não se veria atrapalhada na cata de certos criminosos.

—Mas a pesada matrona cuida de cousas mais graves e serias.

—Nem assim!

—O que está V. dizendo?

—Digo que nem por ter o fiscal provado a imprudencia daquelles moradores, houve correcção.

—A casa é a de numero 7?

—E'.

—E os moradores?

—São os do segundo andar.

Não é nada, passava o fiscal Paderna, um destes dias aqui pela rua de D. José, e daquellas alturas atiraram-lhe uma capavira em que ficou mergulhado até o pescoço.

—Havia de ser um espectaculo grotesco.

—Na sexta-feira, foram duas senhoras: veio sobre ellas uma quartinha, que por felicidade foi lhes batter de lado.

—Que gente sem cuidado!

—No sabbado atiraram uma porção de vidros quebrados, que foram de encontro as saccadas do batineiro, e dahi saltaram sobre um moço que passava.

—Será habito dessa gente viver na chanfornada?

—E' o que parece.

—Mas que quer, o fiscal, que primeiro tomou obra, deixou passar, entenderam que agracinha tinha apoio.

—O primeiro não foi elle; o costume é antigo, esses casos são os mais recentes.

—Com tudo; si elle fizesse seu dever, não continuavam.

A PEDIDO

—Ora, ha cousas que decidamente são enigmaticas!

O Sr. José Felippe, é um homem, cujo meio de vida conhecido, até certo tempo, era ser inspector de quarteirão.

Hoje, o Sr. José Felippe não tem tumba nem samba.

Entretanto, o Sr. José Felippe, apresenta-se pelos trapiches e armazem a offerecer assucar de Nazareth, a 1$500 rs. a arroba.

—A não ser na terra das facilidades, o Sr. José Felippe seria obrigado a declarar a procedencia de onde obteve o genero.

—Themoteo, minha senhora anda muito assustada; tu ja entregaste a carta ao sobrinho, que ella mandou?

—Não, Manuel, eu perdi!

—Pois olha a carta foi parar no *Alabama*, e dizem que vae ser publicada, afim de que todos avaliem o procedimento de minha senhora.

—Estou perdido, o que ha de ser de mim?

—Por meu senhor velho, não, que é do *bom genio*, não dá cavaco, cochila, cochila e põe-se a dormir.

—Themoteo, é muito feio a maneira por

que minha senhora se porta na janella, de noite, fora de horas, porque embora seja com seu sobrinho, todavia as más linguas não querem saber d'isso!

—Manuel, cale a bocca, eu não quero ser surrado!

—Olhe que bobo; acabou se o *pelourinho*, antigamente sim, que um escravo, sem mais nem menos, só porque queria seu senhor, *por qualquer dá cá aquella palha,* era surrado.

(Continuação da abordagem ao brigue *Carahy*.)

—O saveirista Domingos, si bem eu o mandei, melhor o executou.

Remou em direitura ao barco de Maragogipe, que lhe indiquei, e cujo mestre ja estava a espera, e n'um apice o algodão passou do saveiro para o tal barco.

A noite não tinha sido das peiores; a negociada estava arranjada; o que faltava era o menos.

De manfan, muito cedinho, fui para baixo.

Cheguei n'um *trapiche*, propriedade de uma *serva* do Senhor, verdadeira *serva* que passa as noites em continuas orações em certa *capella*.

—Si isso não vem ao caso, para que narras, abutre?

—Perdão, eu continúo.

Pedi ao caixeiro que chamasse um saveirista e mandasse deitar o algodão em terra.

O caixeiro, em boa fé, chamou o sub-capataz e lhe ordenou que trouxesse de bordo do barco tal, 19 saccos de algodão destinados ao trapiche.

Desembarcado o algodão, deu-se ao homem por seu trabalho, uma pataca, quantia que elle achou pouca, e, em quanto regateiava com o caixeiro, para que este lhe désse mais alguma cousa, eu que até esse momento estivera occulto. não me podendo conter, appareci, perguntando-lhe o que mais queria, por tão pouco trabalho.

Foi ahi que me trahi.

O saveirista, presentindo eu que tinha parte no algodão, tirou logo a evidencia de que andava ali alguma escamotagem, algum roubo.

E' assim que o nome de certos homens parecem ligados a certos predicados.

De tal forma tenho adquirido uma tal celebridade rapinatica, que aonde appareço, os que me conhecem julgam andar ahi associado algum plano de latrocinio, de espionagem, de fraude, de extorsão.

Na verdade não é para menos; eu o reconheço.

Quem tem visto em Latronopolis os meus *altos* e *baixos*, as minhas metamorphoses da noite para o dia, as minhas *tranquibernias*, tem razão para suppor que aonde vou me accompanha o dolo e o engano, a gatunice e a tratantada.

Mas os *ganchos* que eu faço são muito diminutos, á vista de tanto colosso de ladroeira que campa por ahi impune e passa invisivelmente.

O que é, por exemplo, um pequeno masso de etiquetas de *dez* côres, que levo em minhas excursões para distribuir, quando ha ahi quem os tenha volumosissimos?

Isso não e cousa que leve á boia o fundo, nem faz cahir a *tripeça*.

E depois, eu tenho o cuidado, de escolhel-as bem novinhas que é para agradar aos freguezes.

Está que, ha tres viagens, não tenho levado supprimento, por andar um pouco espantado.

Mas logo que a cousa esqueça, continuarei.

—Ladrão indomito, conclues ou não a tramoia do algodão?

—Ja.

—O maldicto saveirista deitou a bocca no mundo; neste entretinimento o *lanchão* descarregou nas *cinco imprensas* e na pesada, faltaram com effeito as 36 arrobas, de que immediatamente deu-se parte a companhia.

(Continua.)

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 100 e 101 do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Pede-se a pessoa que *bifou*, no sabbado, o chapeu de sol do subdelegado da Conceição da Praia, deixando em troca um ordinario e velho, o favor de o ir restituir, visto ser muito conhecido o tal escamoteador, para não passar pelo dissabor de ir parar na cadeia.

O ordenança.

Quem precisar de uma senhora para serviço de uma casa de pequena familia ou para zelar meninos, dirija-se ao Largo do Terreiro, casa n.º 27.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORISAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soccorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª SABBADO 2 DE ABRIL. N. 628.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de abril de 1870.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, communicando-lhe que um paraguayo, cujo nome ignora-se, e que consta ser empregado na enfermaria militar, transita constantemente por esta cidade armado de rewolver, e apezar de ser elle pouco escrupuloso em occultal-o, parece que a pelicia ainda não teve conhecimento de tal cousa.

Espera-se entretanto que S. Ex. dê suas ordens para que seja desarmado esse individuo, que, se achando debaixo das condições de prisioneiro de guerra, não pode assim manifestamente infringir as leis do paiz.

—O diabo tanto boliu no nariz da mãe, que entortou-o por uma vez.

—A que vem isto agora?

—Tanta terra cavaram, que lá desabou o muro da roça do Sr. João Alves Matheus, á ladeira de Nazareth.

—Em que dia?

—Na quarta-feira.

Por poucas, fica abafada em baixo da terra uma preta que passava.

—Era o peior de tudo.

—O resto do muro ameaça imminente desmoronamento. Portanto quem passar, cautela, si não quizer ser esmagado.

—Tambem os fiscaes, benza-os Deus!

Não enchergam nada que cause prejuizo ao publico, para participar a camara!

—Os carroceiros da policia continuam a receber dinheiro do povo para tomar cisco.

—Olhe que o Malhado já desmentiu outro dia esse boato.

—Os moradores da rua de Baixo que digam si até o dia 31 pagaram ou não tres vintens por cada cesto de cisco ao que varre lá. Para quem são os cobres, é o que eu não sei.

—O que vale é que ahi está o Sr. Antonio Joaquim Cardoso de Castro ás voltas com o aceio da cidade para pôr estas cousas em ordem.

—Capitão, triste cousa é ser escravo!

Na quarta-feira o Sr. Ovidio da Lancha deu em um seu escravo, no caes d'Agua de Meninos, de uma maneira barbara e deshumana.

O escravo acha-se com o corpo em deploravel estado e de uma maneira disforme!

—Como se chama esse escravo?

—Cypriano.

—E' horrivel, realmente, a sorte do captivo. Eu acho bom que V. dirija-se ao Sr. Dr. chefe de policia, e peça-lhe que, em nome da humanidade soffredora, mande vir á sua presença o infeliz preto, fazendo pezar sobre seu barbaro senhor as penas da lei!

—Por ahi estou que nada se arranja, o homem é conservador.

—Julgo que o Sr. Dr. Assis, no cumprimento da lei, não se deixa levar por paixão politica.

—Tambem faço-lhe justiça no caracter de authoridade recta e cumpridora dos seus deveres; mas é que hoje em dia nada se faz sem a maldicta politica na frente.

—Pois dirija-se a elle, certo de que hão de apparecer as providencias que o caso urge.

—Ora pelo amor de Deus!

Isto é de quem não tem juizo.

—O que é?

—O ajudante do 40 tirar a farda para lutar com os soldados.

—No meio da rua?

—E' verdade; no campo do Barbalho.

—E' mesmo querer expor se a ser desprestigiado.

—Hoje, quinta-feira, os homens não se consideram mais soldados, porque já tiveram baixa. Receberam soldo e foram jogar em baixo de uma arvore; o ajudante viu, reprehendeu-os e elles obedeceram; mas logo que o homem virou as costas continuaram no

[illegible] qui tan cazaro.

malfadado vicio; o ajudante viu de novo, vem sobre elles enfurecido, e menos commedido em palavras, põe a uma das praças de filho da p..., o soldado paga lhe a fineza em termos ainda mais acres, acabando por dizer-lhe que dali em diante são eguaes e ha de repellir como homem qualquer ultraje que delle receba, porque não estão mais no sul.

Ouvindo isto, o ajudante tem a imprudencia de tirar a farda para brigar como homem com o soldado, no meio do campo, e os companheiros deste tomam parte na liça fazendo do pobre official barata em terreiro de gallinha.

—Os introitos são estes; o desfecho veremos depois.

—Em todo caso, um official circumspecto, que quizesse manter sua dignidade e conservar o respeito que lhe é devido por seus subalternos, não se metteria em semelhante alhada.

—São cousas que eu não posso deixar de fallar.

—V. o que quer é ter motivo.

—No cabido não ha um conego capaz de pregar um sermão?

—Tantos delles; o Rodrigo, o Muniz e outros.

—Então como no dia de se guardar a bandeira do 40 não houve um que se prestasse?

—V. sabe disso?

—Vi um conego estranho, o qual não subiu ao pulpito, fazendo uma falla.

—Creio que foi o deão que incumbiu-o disso, para não encommodar os collegas do cabido.

—Eu não sei si enchergue n'isso uma desconsideração para com o Revd. cabido.

—Acho melhor que V. metta essa lingua na bocca e não se envolva n'aquillo que não lhe compete.

—Capitão, tenho um facto especial.

—Abra a bocca e falle.

—Mariquinhas, da Estancia, é uma rapariga, cuja sina, parece, foi marcada com o ferrete do infortunio desde o berço.

Orphan, foi creada aos trambulhões em uma casa, da qual foi atirada ás garras da prostituição.

Completa vagabunda, de noite anda errante sem pousada.

Um Sr. Joaquim Bastos, branco, morador ao Paraguay, exigiu da rapariga a satisfação de certos desejos carnaes, porem esta, apezar da vida dissoluta que leva, achou no homem, não sei o que de repulsivo, que repelliu-o.

Depois de varias tentativas frustradas, despeitado protestou vingar-se,

Uma noite, em que uma mulher egualmente moradora do Paraguay, por commiseração, deu-lhe dormida, o formidavel colosso arrombou a janella, pulou dentro e, depois de luctar em vão, puchou de uma pêa e tanto deu na dona da casa como em sua hospede.

Esta, quando viu que a sova era de mais, precipitou-se da janella e estrepou-se em uma porção de pregos, do que está bem mal de um pé.

—Pois ha de se fazer á força o que o coração não pede!

—Ora, um facto destes, praticado dentro da cidade, quer dizer bem claro que pode se surrar e matar nella á vontade.

—Não ha duvida nenhuma.

—Ao passo que o Sr. Joaquim Bastos, homem de costumes pouco licitos, ha muito que offerece á policia uma boa acquisição.

—O Sr. Antonio Joaquim Cardoso de Castro contractou o serviço do aceio da cidade.

—Que seja muito feliz.

—Ainda não se sabe sobre que bases nem em que condições, porque o contracto está em segredo, por ora.

—Capitão, quero contar a V. Ex. um caso que acabam de informar-me.

—E me encontra prompto a ouvil-o.

—Então lá vae, tal qual a informação que me deram.

—Siga o carro.

—O portuguez Francisco José da Rocha Sobrinho, morador na freguezia da Conceição da Praia, tem em seu poder uma rapariga de nome Julia, liberta; em um desses dias, tendo-a chamado para actos lascivos, como recebesse da mencionada rapariga recusa, elle a espancou horrivelmente, á ponto de deixal-a quasi cega de um olho, do qual ainda acha-se a referida rapariga doente.

—E' barbaro!

V. o que pretende fazer?

—O que já fiz, participar a V. Ex.

—Pois eu entendo que, alem da participação que me fez, deve se dirigir ao Sr. Dr. chefe de policia e pedir que, depois de syndicar da veracidade desta informação que lhe deram, dê as providencias necessarias para desaggravo da moralidade e da lei, tão atrozmente ultrajada por esse homem.

—Entre a madre superiora das Mercez e o conego Villas-boas travou-se uma questão gravissima.

—Que deve ser plenamente esclarecida,

porque entende-se com uma classe, a qual deve ser escoimada de toda suspeita.

—Entretanto, até agora, a cousa está em pedidos ao publico de suspensões de juizos.

—De duas uma: ou a superiora das Ursulinas, tomando caracter improprio de uma virgem do Senhor, pacifica e alheia ao bolicio do mundo, apresenta-se como uma maldizente a desvirtuar um sacerdote respeitavel e moralisado, lançando-lhe maculas e defeitos em sua vida de ministro de Christo; ou o conego Villas-boas é um padre indigno do ministerio que exerce por seu desregramento, por seus actos reprovados, por sua dissolução, pela desobediencia que planta em uma communidade religiosa, pela corrupção que semeia no seio de uma corporação de castas virgens.

—Em ambos os casos é um escandalo para a egreja, praticado por aquelles que são obrigados a dar os bons exemplos.

—O caso é que eu já ouvi dizer que trata-se de fazer um arranjo, uma accommodação satisfactoria a ambas as partes.

—Agora já não é possivel. A moralidade de ambas as partes, e mais que tudo a pureza da religião christan, que não deve aninhar em seu seio filhos pervertidos, exige uma solução.

—Veremos.

—A dignidade do Sr. conego Villas-boas brada-lhe por uma justificação, o seu papel de ministro da mais santa das religiões impõe-lh'o.

—E' verdade que ha cousas que só de proposito.

A coincidencia deste rompimento com o boato espalhado dias antes, de que do convento das Mercez desapparecera uma serva. sem que ninguem soubesse para onde foi, dá ensejo a certos commentos dos maldizentes.

—Não é isso só.

V. sabe que as linguas ferinas não perdem occasião de depreciar os caracteres regidos e honestos.

Já não faltam detractores que andem rumorejando por ahi que o Sr. conego passeiava no convento de chambre como um patriarcha no meio da familia e que até lá tomava banhos!

E quem se livra das más linguas?

—Quem tiver criterio dará o devido desconto a isso.

—Deus me livre de que os falladores queiram arrumar a catana na minha pelle; os amigos de novidades dizem logo—*voz do povo, voz de Deus.*

—A minha opinião é que quem tem sobre seus hombros a disciplina da egreja, deve severa e energicamente procurar descobrir a verdade neste negocio, para que fiquem desmascaradas a impostura e hypocrisia, estejam ellas aonde estiverem.

—Capitão, aprecie esta poesia feita por um coronel na campanha do Paraguay.

Ao jabá. (1)

Já cantei a *rapadura*
No meu tempo de desgraça,
Tambem versos á *caxaça*
Fiz em éra de ventura;
Creio que da lyra minha
Tambem uns sons á farinha
Votei n'um soneto ja:
Hoje, co'a mão na barriga
(Que a tanto desejo obriga...)
Um canto eu ergo ao *jabá*.

Elle tem sido esquecido
Nos hymnos da minha terra,
E a seus serviços na guerra
Quem é que tem attendido?
Os proprios fornecedores,
Que auférem lucros maiores
Quasi á custa d'elle so;
Deixam-n'o triste, atirado,
Dos *porões* no chão molhado,
Nos galpões envolto em pó.

Vede-o, coitado! parece
O trapo que ao mendicante
Cobre quando ao viandante
Dirige de esmola a prece,
Mas, ah! quando vem a fome
E a constancia vai, se some,
Fraqueando ante esse mal,
O *jabá* ganha importancia
E aos espiritos em ancia
Semelha um manto real.

Não, não ha, não ha na terra
Melhor, mais certo alimento,
Que possa o fornecimento
Nos proporcionar na guerra!
E' melhor que a carne verde
Pois, nos mattos não se perde
Disparado, como a rez;
E' melhor que o peixe incerto,
Ao anzol furtando esperto
A—isca, de cada vez.

Do acampamento inimiga,
Dês que o exercito avança,
A caça aos ares se lança
E lá bem longe se abriga;
Extractum carnis... pomada
Por um patusco inventada,

(1) Assim denominam os soldados o *xarque*.

Para a barriga *embromar*:
Por lei, nesta concurrencia
O *jabá* tem *precendencia*
Na vida do militar.

O *jabá* para *churrasco*
Não serve; mas, gordo assado,
Como presunto offertado
No *campo*, não faz fiasco,
A vantagem tem immensa
De que sempre o sal dispensa
E apraz-se em fogo qualquer;
Nas longas marchas forçadas
Por selvas, morros, picadas
Ditoso quem o tiver!

Sem custo leva o soldado,
Do *jabá* grossas fatias
Em rações p'ra muitos dias,
No *bornal* ao hombro alçado,
Para as longiquas emprezas;
E para as promptas sorprezas
Qual o alimento melhor?
Não se atraza uma victoria
Com elle e vae se da gloria
Na estrada a todo o vapor!

Em mais d'um acampamento,
O *jabá* vendo, o soldado
Maldisse todo zangado
O esperto fornecimento:
Em tempo feliz foi isso:
Havia feijão, chouriços,
Pão, vinho, doce a fartar;
No *commercio* as sterlinas
N'essas mil cousas divinas
Se faziam transformar.

Mas, de Lopez a campanha
No deserto é proseguida;
Finda essa—*de Lopez vida*
Com que saudade tamanha!
A tropa, então, desmaiando
Ante a fome, recordando
A sua injustiça está:
Em seus sonhos vê mesquinha
Entre nuvens de farinha
Brilhar ovante o *jabá*!

N'aquelle transe horroroso
Não bastam altas palmeiras,
Nem magras hervas rasteiras:
Ella invoca o ceu piedoso,
Lembra que em remota idade
Com maná—a divindade
Salvou o faminto hebreu,
E—*mitra*—sysma o soldado
Que esse maná decantado
Foi o *jabá* que choveu.

Por falta d'elle recuaram
De Matto-Grosso os valentes,
Quando,—nobres imprudentes,
No Paraguay se internaram;
Mas, aqui brada o tyranno,
Vendo o brasileiro ufano
Prestes a alcançal-o ja:
«Maldicto quem o soccorre!
Pois, si á fome elle não morre
E' por causa do *jabá*!»

O *jabá*, nosso patricio,
Tem jús a louros aos centos
E nos solemnes momentos
Guarda-velha do municio,
Si parece um trapo feio
E' da penuria no meio
Bello qual manto real;
Do Rio Grande é riqueza,
Ao Ceará da grandeza,
Ao Brasil faz immortal!

Acampamento e praça do Rosario, 1.º de dezembro de 1869.

D.

A PEDIDO

—E' um proceder irregular d'aquelles sapateiros que trabalham na loja defronte da porta do Calundú, na rua Direita de Palacio!

—Assuadas, barulhos e as vezes pateam as pessoas que pacificamente por ali passam.

—Ainda não vi gente mais insubordinada!

—São terriveis os taes sapateiros!

—Eu acho bom qeu a policia lance suas vistas para elles.

—Tambem eu.

—Nada de convocação para a assemblea geral do *Monte Pio da Bahia*!

Para quando querem deixar?

La se vae á garra o artigo 12 dos estatutos.

—Entretanto, circulam por ahi certos boatos que incutem bem desanimadoras apprehensões.

ANNUNCIOS.

O Sr. F. T. é convidado a ir a venda do Terreiro, quina da rua do Collegio, resgatar um relogio que ahi tem ha mais de dous annos, como garante de uma divida de 7$ rs. Certo de que, apezar do referido relogio, pelo seu estado, não ter o valor da divida, será com tudo vendido para pagamento da mesma. Como esse Sr. F. T., apezar de chamado vocalmente, por diversas vezes, nenhuma solução tem dado, faz-se este annuncio.

Nesta typographia precisa-se de um distribuidor (typographo).

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª QUARTA-FEIRA 6 DE ABRIL. Ns. 629—630.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de abril de 1870.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia.—Constando que, desde 7 de maio de 1868, sahiram dos cofres publicos 190$ rs. para concerto da casa que serve de prisão na freguezia da Encarnação, e como até hoje taes reparos não tenham sido feitos, é de summa conveniencia, no caso de ser exacto, que S. Ex. mande syndicar em mão de quem existe tal dinheiro, e ordene que seja recolhido á fazenda publica, por se achar ahi mais bem guardado do que em mãos particulares. O que espera-se.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que faça recolher ao deposito das obras publicas umas pedras de extraordinario tamanho, que, ha mais de tres mezes, se acham na rua das Campellas, em contravenção da postura 41, sem que seu dono as remova d'ahi. Cumpra.

—Que limpeza porca é uma que se está fazendo nas ruas?

—Eu sei, meu Sr.!

—Confirma-se o rifão—atraz de mim virá, quem bom me fará.

Diziam que a empreza Costa Guimarães não prestava, e eu vejo agora a cousa peior dez vezes.

—Pois olhe, o emprezario, cuja actividade o presidente affirma conhecer, é habilitadissimo.

—Nem eu contesto.

Mas vejo que em cada canto de rua está se erguendo um monturo.

—Isso é por que os carroceiros dizem que não tem ordem de apanhar cisco que deitam das casas.

—Ora bem bello!

Então qual é o trabalho pelo qual se dá os 44:000$ rs., tirados das costas do povo?

—O povo despeja o cisco de noite, os carroceiros teimam em não apanhal-o, e as ruas tornam-se mais sujas do que estavam.

—Si o emprezario não é obrigado a apanhar o cisco despejado das casas, por que não publicam o contracto, para esclarecer a população e prevenil-a de que não deve fazer despejo na rua?

—Pelo contracto, o emprezario é obrigado a limpar as ruas tres vezes na semana tão somente. Qualquer pessoa que for encontrada deitando cisco na rua é preza ou paga uns tantos e quantos de mulcta. E' o que tenho ouvido.

—Eis uma fatia que não é das menos confortaveis!

Sahir duas ou tres vezes na semana, com meia duzia de carros, andar por algumas ruas apanhando immundices e no fim do anno venham 44:000$ rs!

E com que direito querem prender o povo sem primeiro advertil-o da infracção que commette?

Disseram: a limpeza vae se estabelecer de novo. Todos acreditaram que era como d'antes, porque ninguem sabe dos tratos particulares entre o presidente, o chefe de policia e o emprezario.

—As ruas causam nojo e vergonha.

O Terreiro, uma das principaes praças, está immundo.

Regorgitam os montes de lixo aqui e acolá; animaes mortos, colchões velhos, etc.

Nem as folhas que cahem das arvores apanham.

—No pé de uma dellas, graças ás irmans de charidade, está se formando um tulheiro d'esterquilinio, que, em breve, poderá encobrir um homem.

—So se varre tres ou quatro ruas, o mais ainda não viu a cara do carroceiro.

—Essas mesmas são pessimamente; ficam como si não tivessem levado vassoura.

—Si no principio, em que tudo são flores, o negocio vae assim, não sei no fim, o que será.

—Neste caso, manda a justiça que se diga: a policia com seus 2:000$ rs., mensaes fez muito mais.

—Não faz mal, isto é para provar que aqui vae-se de mal a peior.

—Domingo, duas crioulas, por motivos de ciumo tiveram uma questão, na Praça, sahindo uma dellas, escrava do procurador Chagas, com uma formidavel navalhada.

A aggressora chama-se Elisiana Maria da Conceição e a offendida Julia Maria da Conceição.

—A questão Villas-boas terminou.

—Antes assim. Qual o desfecho?

—O que era de esperar.

Favoravel ao conego.

—Eu já previa.

—A madre regente declarou pela imprensa que, quando disse—que o padre confessava as freiras de noite, conservava a egreja aberta fora de horas, plantava a desobediencia na communidade, e commettia desacatos e insubordinações, alguns que não se *podiam exprimir,* não foi porque nada disso se désse, mas porque a illudiram.

—Descarregou a consciencia. Gosto disso.

—O que não se pode negar é a contristadora verdade de que nos claustros das Mercez não podia haver fiel observancia dos preceitos e regras que a religião impõe áquella ordem.

—Como assim?

—A administração de uma corporação religiosa entregue á uma superiora que se deixa levar por informações cavilosas, que assigna papeis calumniosos sem os ler, papeis que denunciavam factos de que ella devia ter pleno conhecimento, por serem passados dentro de uma casa sujeita á sua regencia, não dá indicio de bom governo.

Para dirigir uma corporação tão importante devia-se escolher pessoa, que, pelo menos, não assignasse papeis sem ler.

—Estou certo de que leu o em que se desdisse, e quem escreve uma retractação daquellas não é tão ingenua como isso.

—Foi o Spirito Santo que veio illuminar-lhe a razão, sem duvida, para que não continuasse a soffrer em sua reputação um sacerdote, reflexo de austeridade, morigeração e virtudes.

—Eu lhe creio.

—E foi tão forte a *pressão* que lhe pesou na consciencia, desde que conheceu que era victima de um mexerico, *que arrancou* de si aquella retratação e mandou-a para o *Diario* ás dez horas da noite.

—A's dez?... Então as freiras se correspondem com o mundo á essas horas?

—Foi quando encontrei o portador que ia esbaforido para a typographia publical-o.

—Este mundo está virado! Antigamente, muito antes disso, no claustro era tudo silencio.

—Por esse lado desculpe; tratava-se de desfazer um enredo, de lavar uma mancha que injustamente nodoava uma boa reputação.

—E o Sr. conego Villas-boas está na verdade justificado de uma maneira brilhante, gloriosa, invejavel! Nunca um credito abalado foi melhormente rehabilitado.

—Eu lhe creio, meu rapaz.

—Não é como essas justificações graciosas, ou impostas por meio de pressão. Não Sr., a della foi expontanea, foi a voz de uma serva de Deus, que assim como foi facil em se deixar illudir e assignar papeis sem ler, com a mesma facilidade, conhecendo o engano em que cahira, correu pressurosa a declarar a verdade,

—Está direito. V. sabe a historia do teú?

—Só não ficou bem liquidada uma cousa para credito do convento das Mercez.

—Qual foi?

—Espalharam o boato de que desse convento desapparecera uma serva, filha da ilha de Maré, e que ninguem sabia como, nem para onde foi.

—Fallou-se muito nisso.

—Entretanto, guardaram silencio e ninguem disse si era mentira ou verdade.

—Sahiu á luz uma revista quinzenal sob o titulo *Ensaios*.

Dedica-se á litteratura.

Fazemos votos para que prosperem os esforços de tão esperançosas intelligencias.

—O *Jornal* publicou o termo do contracto do accio da cidade.

A tal respeito não ha mais que censurar.

—O empresario principiou logo por infringir o art. 12.

Eu tenho visto os carros até 2 horas da tarde apanhando cisco, em ruas bem transitadas como a da policia.

—Que mamata! 500 rs. a 1$ rs. mensaes, obrigatorios, de cada casa, e mais 44:000$ rs. annuaes para sahir tres vezes na semana, com o numero de carros que quizer, a apanhar pedrinhas e tijollos.

—E ainda mais a quebrinha de transportar objectos do governo!

—Quando se quer proteger é assim.

—Capitão, o desacato praticado domingo na matriz de Santo Antonio, é abominavel!

—Pergunte-me si eu sei o que é.

—Ainda não teve noticia?

—Até o presente ignoro.

—Eu lho conto.

O padre Sabino ia pregar; um sujeito seu desaffecto, não sei *por que razão*, esperou-o junto ao pulpito e ahi dirigiu-lhe palavras torpes e insultuosas, levando a petulancia de querer arrastal-o da cadeira evangelica. O padre poude livrar-se e fechar a porta. Então o desalmado collocando-se em frente do pulpito, no meio da egreja, dirigiu ao ministro do Senhor os mais obscenos gestos e acionados e as palavras mais immundas que podem sahir de uma bocca pervertida. As familias ficaram horrorisadas.

—Que horrendo sacrilegio, meu Deus!

—Esse energumeno fingiu-se ebrio, ou embriagou-se de proposito para realisar sua nefanda irreverencia.

—As vezes tambem aquelles, que, para exemplo, deviam collocar-se ácima das sizanias do mundo, são os proprios que concorrem para taes scenas de revoltante escandalo.

—Mas um impio destes nem o recinto sagrado respeita? Não ha tanto logar para desabafar rancores?

Um sacerdote revestido dos hábitos sagrados não é um homem, é um apostolo de Jesus Christo; deve sempre infundir respeito.

—Mas V. Ex. não sabe o que pode a ignorancia de mãos dadas com a perversidade?

—Grande numero de cidadãos, apologistas do Sr. conselheiro Saraiva, foram cumprimental-o domingo, na Pojuca, pelo desenlace da guerra.

Houve muita festa para festa, rematando aquella manifestação pelo acto philantropico de serem libertadas dez pessoas.

—Bravo, tres vezes!

Esse facto magnanimo por si so resume o pensamento patriotico que dominou em semelhante demonstração.

—Capitão, ouça esta:

Na terça-feira, 29 de março, Thomé Pereira de Mello Folha foi á assemblea assistir, das galerias ás discussões, e quando se retirou encontrou na rua Direita da Misericordia o capitão Braga, que o chamou para dizer-lhe que o Sr. Dr. chefe de policia o mandava chamar.

Folha, obediente como é ás authoridades, dirigiu-se á policia e o Sr. Dr. chefe de policia mandou-o recolher ao quartel de policia a sua ordem, sem lhe dizer a razão que motivava a prisão.

No dia immediato, porem, veio Folha, á pedido de alguns amigos do chefe, de novo, á presença da authoridade, que lhe declarou ter sido preso por constar ao presidente d'assemblea provincial, que elle estava das galerias elogiando o discurso do deputado Zama, membro da opposição; mandou-o embora dizendo que não cahisse em outra, pois havia de lhe custar caro.

Folha é um homem proprietario, casado, carregado de filhos, morador na freguezia da Penha, votou contra o chefe do partido conservador d'aquella freguezia, o Sr. Dr. Freire de Carvalho, presidente d'assemblea provincial.

Factos ha, capitão, que não se deve commentar e sim entregar descarnados a appreciação do publico!

—Sim; o publico que apprecie as reacções do partido conservador.

—Muita gente foi domingo ao Collegio e voltou com agoa no bicco.

—Não houve missa?

—Nada. Pratica, côro, tudo ficou no tinteiro.

—E os ministros da religião, que se dizem os guia da humanidade, os directores espirituaes, os exemplificadores das boas obras, são os primeiros a faltarem constantemente com seus deveres!

—Ali na cathedral anda tudo de costas acima.

Os conegos faltam, faltam os padres, faltam os seminaristas, faltam os moços do côro e faltam os musicos.

—Si, quando o arcebispo estava ahi, tudo andava em dubadoura, quanto mais agora!

—Capitão, dá-se attentado mais selvagem?

—O que ha?

—O estabelecimento do *Voluntario do Norte*, que se publica em Mamanguape, provincia da Parahyba, foi perversamente arrombado e destruido, as duas horas da madrugada de 9 de março.

—Todos os homens honestos devem cobrir o rosto de horror por tão insolita brutalidade.

—Ouça o que dizem a respeito os redactores do *Voluntario*:

«Os sicarios, filhos legitimos do infame governo que rege o desacreditado imperio da Santa Cruz, acabam de consummar seus intentos; nosso prelo acaba de ser victima de sua sanha e furor.

«Acabam os seus sectarios nesta cidade, os apregoados ordeiros, contra-revolucionarios, defensores perpetuos de todas as infamias e patotas, do dar uma brilhante copia de si.

«Nossos parabens, senhores, muito agra-

decidos por nos terem poupado a existencia.

«As duas horas e meia da madrugada do dia de hoje, dormiam no andar terreo do edificio onde se acha o prelo, um aprendiz, e um moço filho de um nosso visinho, quando foram surprendidos, cada um por 4 sicarios que pondo-lhes os punhaes e pistolas sobre os peitos lhes impuzeram silencio, e em quanto esses, forçados a mudez, se conservavam quietos, um grupo de 12 a 16 subiu as escadas, tratou de inutilisar o prelo. Conseguiram quebrar o tympano, tympanilho, frasquete e desmantellar o braço do prelo; feito o que, tiraram o pezo, encheram saccos de typos, componidores e objectos miudos, e carregados com esse roubo evadiram-se.

«Quando os moços, livres dos punhaes e pistolas, correram a dar aviso e acudimos, era tarde, ja não restava do crime senão os vestigios,—um buraco debaixo do batente de uma janella, por onde entraram esses vis ladrões e assassinos; e typos e outros objectos deixados pela estrada por onde se evadiram na direcção de Engenho Guarita.

«Das quatro para as cinco horas da madrugada levamos o facto ao conhecimento do Dr. promotor publico e delegado de policia, que por formula protestou providencias; e são 12 horas do dia e ainda não deu copia de si!!!

«Não estranhamos isso, nem esperamos repressão ao crime de que acabamos de ser victimas.

«Os assassinos de Anna Paquinha e seu filho, acham-se impunes, todos os mais de que temos feito menção vivem como d'antes, Cruzes, Bernardos, etc. O presidente e chefe de policia são surdos ás continuadas queixas e ja cremos que continuarão a ser surdos para tudo quanto se der nesta provincia e principalmente nesta cidade—desde o simples furto de cavallos, até os mais barbaros assassinatos de mulheres e crianças.

«Não seremos portanto nós tão felizes que chamemos sua alta attenção sobre o vil e infame crime de que acabamos de ser victimas em nossa propriedade.

«Nosso intento presentemente é o seguinte:

«Fazermos scientes aos nossos assignantes qual o motivo porque o *Voluntario do Norte*, sahirá por esses dous mezes, seguramente, em acanhado formato; vae ser extrahido a escova em quanto reparamos o prelo e mandamos ver typos; roubaram-nos uma fonte nova.

«Protestar perante o mundo contra os selvagens assassinos e ladrões de Mamanguape, tão covardes que,na impossibilidade de offenderem nossas pessoas, attentam contra a materia inerte e sob as trevas da noite.

«Protestar contra esse governo inepto e corrupto, que, vivendo da corrupção e da violencia, louco, tenta abafar a voz da IMPRENSA, que lhe bate na corroida consciencia, quaes os martellos de Plutão, no craneo dos condemnados.

«Fazer sciente á população mamanguapense, que um dos conhecidos nesse grupo de sicarios roubadores é um irmão do 5.º annista José Luiz Peixoto de Vasconcellos, conhecido por—Nôsinho—segundo o testemunho de um dos moços, que se achava no edificio na occasião do ataque.

«Declarar a esses miseraveis ladrões e assassinos; que o meio unico de fazerem callar o *Voluntario do Norte*, é assassinarem os seus redactores.

«Mamanguape 9 de março de 1870.

«*José Campêllo de Albuquerque Galvão*,
«*João Rodolpho Vellozo de Azevedo.*»

A PEDIDO

—Disse o *Diario da Bahia*, ha dias, a respeito do facto de ter sido Modesto vendido para o exercito depois de castigado com 500 açoites, que não estava bem averiguado si mentiu um carcereiro, ou *illudiu-se* um medico honradissimo e intelligente.

A morte de Modesto em um dos hospitaes da côrte, onde, por inexplicavêl coincidencia se achava o mesmo medico que o examinou na secretaria da policia, veio estorvar o esclarecimento da verdade em toda sua plenitude.

Mas nem por isso o publico sensato ficou privado de formar seu juizo, analysando os seguintes documentos publicados na imprensa diaria, pelo carcereiro, a quem se refere.

—Vejamos.

Sr. Redactor.—O publico deve recordar-se da questão, que outr'ora occupou a imprensa e a tribuna da assemblea provincial —sobre o facto de ter sido vendido para o exercito o escravo Modesto.

Pretenderam, que não havia sido castigado o referido escravo, e que da mesma sorte não lhe havia sido imposto—o ferro em cruz—de conformidade com a sentença.

Demonstrei por 12 documentos, inclusive os interrogatorios havidos na repartição da policia, que, de minha parte, como carcereiro, havia sido cumprida a penalidade da sentença, deixando á cada um—conjecturar como se teria effectuado a compra apezar da inspecção.

Por ultimo submetto ao criterio publico—o aviso infra do ministerio da marinha—que vem corroborar—ou antes evidenciar quanto ja ficou provado.

A morte superveniente do mesmo escravo estorvou as pesquizas ordenadas no alludido aviso, mas não obstante o juizo do publico tem onde repousar para avaliar a moralidade de todo este negocio.

Bahia e cadêa da Correcção 11 de março de 1870.

Custodio Ferreira d'Oliveira, administrador carcereiro.

—

Em cumprimento do despacho retro, certifico que o aviso, de que trata o supplicante é do theor seguinte:

Secção 2.ª—Ministerio dos negocios da marinha.—Rio de Janeiro 7 de abril de 1868. —Illm. e Exm. Sr.—Respondendo ao officio de V. Ex n.º 814 de março ultimo, relativamente ao liberto Modesto Manuel do Bomfim, tenho á declarar a V. Ex. que, segundo a *inspecção de saude, á que se procedera ultimamente no Rio da Prata,* onde o dito liberto está com praça no batalhão naval, verificou-se apresentar elle *diversas cicatrizes nas regiões lombares e gluteas,* sendo que nesta data expeço, com urgencia, ordem, para que se proceda a nova inspecção na qual se devera declarar, si taes cicatrizes revelam a applicação de 500 açoites, e, no caso affirmativo, si anterior ou posterior ao mez de janeiro, interrogado o referido liberto a semelhante respeito.

Recommendo entretanto a V. Ex. que, por sua parte, dê as necessarias providencias, e mande proceder às mais minuciosas indagações sobre esse facto, afim de chegar-se ao descobrimento da verdade.

Deus guarde a V. Ex.—*Affonso Celso de Assis Figueiredo.*—Sr. presidente da provincia da Bahia. E para constar onde convier, esta se passou na secretaria da presidencia da provincia da Bahia aos 2 de março de 1870, e eu Joaquim José de Faria a escrevi.—E eu *João José de Moura Magalhães*, servindo de secretario, a fiz escrever e subscrevi e assignei.

—Capitão, tive esta noite um sonho atrapalhado.

—Agitações do spirito.

—Sonhei que estava em um bellissimo *engenho.*

—E' bom sonho; cannas e mellado, interpreta-se por alguma aventura melliflua.

—Depois, não sei como, achei-me transportado para baixo de um frondoso pé de *cajazeira.*

—Variedades exquisitas de quem sonha.

Passar de um logar que dá ideias adocicadas, para o pé de uma arvore de fructos agros.

Depois?

—Depois, capitão, só vi horrores, trevas.

Eu conservo apenas lembrança confusa do que era, mas essa lembrança mesmo me aterra e me faz eriçar os cabellos.

Era um horrivel spectaculo de sangue, uma scena de confusão e horror. Homens, cujas armas, em vez de serem de ferro, eram de couro.

—Que extravagancia!

—No meio de tamanha confusão, acordei com dores de cabeça e vim contar a V. Ex. o sonho para não *ser certo.*

—V. conhece o tenente Cardoso?

—Qual delles?

—O da policia.

—Sei quem é. Porque?

—Si é exacto tudo que dizem delle, deve ser um moço de genio bem assomado.

—Nem tudo que se falla é certo.

—Accusam-no de que trata os soldados por uma maneira desabrida, como si fossem escravos seus.

—O commandante o que faz?

—Dizem que, por qualquer dá cá aquella palha, está espancando os homens.

—Quem sabe si não é intriga?

—Que no dia 25 de março, o batalhão marchando para a parada, dera no meio da rua pannos de espada no soldado José Estevão dos Santos.

—Isto só faz um incivil.

—Que nesse mesmo dia, no Terreiro, estando o batalhão em descanço, dera com os copos da espada nos peitos do soldado Geraldo Bispo d'Almeida.

—Então o homem é de briga.

—Que ainda nesse dia dera soccos no soldado da 3.ª companhia, João Barboza de Barcellos.

—Safa! Só si elle estava de *calundú* em tal dia.

Mas o tenente Cardoso parece ter habitos pacificos.

—*Dizem.* Mas eu que não gosto que quem é mais forte massacre o mais fraco, desejava que o commandante ventilasse isso.

Assim ficava provado, ou que o tenente Cardozo por seu genio irado não serve para official de policia, ou confundidos esses mentirosos que andam levantando calumnias.

Sr. redactor.—Tendo sido publicado no *Alabama* de 31 do passado um escripto em que se deu noticia que em certa casa houve grande *sarceiro* proveniente de uma jogatina, de que resultaram até facadas, dando logar á intervir o Sr. Dr. delegado, e sendo exageradas e menos exactas taes asserções, cor-

re-nos o dever de restabelecer a verdade do facto.

Estavam, é verdade, na casa a que se referiu a noticia certos amigos, em limitadissimo numero, divertindo se em jogo de mero entretimmento familiar e licito, quando entrou um sugeito impoliticamente, exigindo que se mudasse a especie de jogo para outro, em que elle procurava nutrir seus habitos viciosos.

Oppondo-se o dono da casa, e os que ali se divertiam, a esses desejos reprovados, exacerbou-se o homem, e imprudentemente foi desenvolvendo um sem numero de provocações que obrigaram aquelle a enxotal-o d'ali, como mereceu.

Chegado á rua, onde ainda blaterava, foi quando appareceu o Sr. Dr. delegado, á quem tinham ido denunciar falsidades certos genios riehosos, intrigantes, e pouco prudentes. De feito o Sr. Dr delegado com as maneiras civis e cavalheirosas que o caraterisam indagando e inquerindo sobre o facto e da verdade, muito outra que não aquella que lhe haviam desenhado *certos malsins farejadores* de desordens por pescarem em aguas turvas, mas que por esta vez erraram o alvo, por quanto ficou conhecida plenamente a verdade.

Foi assim que vieram ao *Alabama* inverter certas respostas compromettedoras da authoridade do digno Sr. Dr. chefe de policia, respostas que não disse, e nem cogitara, e appella para o testimunho das pessoas sensatas.

Respeitando, pois, como nos cumpre ao publico juizo, escrevemos estas linhas em satisfação á verdade do facto, occorrido na dita casa, e como desmentido solemne a genios intrigantes.

Bahia 3 de abril de 1870.

* * *

Chama-se attenção dos socios do Monte-Pio que não é da Bahia para o cynismo com que a actual direcção continúa a não querer convocar os mesmos para a assemblea geral a que é obrigada, em vista da disposição terminante dos mesmos estatutos que está de frente sendo ferido.

Um eliminado.

—Capitão, aprecie uma circular modelo, é de um alferes commandante de uma companhia da guarda nacional.

«Q.^{el} do commando interino da 3.ª companhia da Sessão do Batalhão n.º... da G. N., 13 de janeiro de 1869.

«Espessa as terminantes ordens para que a forsa desta Comp^{nia} preste-se a guarda de honra na Processão de S. Sebastiam que deve ter logar no dia 20 do cor.^{e} devendo se apresentarem na polta do Capp.^{m} recommendando todo asseio até o armamento.

«Pela 2.ª vez torno a pedir-lhe que remeta qt.^{o} antes a relasão que compete a forsa desta companhia do postos que occoapam:

«Ordeno a V. que no dia 16 preste 2 praças Sob minha disposição pelas Oito ora da manhã a que Cumpra.

Deus garde a Vm. Ignacio de Salles Braga Alferes Commandante interino.

Illm. Sr. Justiniano Laiola Pereira 1.º Sargento da 3.ª Companhia.

Motte

O furto é cousa mui boa
Para bem poder viver.
O que naõ sabe furtar
Nunca pode enriquecer.

GLOZA.

Os pedantes escriptores,
Que nos fallam em virtudes,
Ou são espiritos rudes,
Ou solemnes impostores:
D'espertos disfructadores
Toda a terra se povôa;
Quem pois de pilhar s'eseôa
Não tem um pensar profundo,
Que para gosar do mundo
O furto é cousa mui boa.

Do que nos serve a existencia
Cercada de privações,
Ao passo que mil ladrões
Vão gozando á competencia?
Quem nos prega a paciencia
Não sabe o que é discorrer,
Nem ouvido deve ser,
Por qu'arte da ladroeira
E' de todas a primeira
Para bem poder viver.

Da fortuna maltractado,
Sempre mettido em apuros,
Passando momentos duros,
Desgostoso, e amargurado:
De mil prazeres privado
Todo o dia a calcular,
A poupar e mourejar,
Sempre a braços co'a desgraça,
Assim triste vida passa,
O que naõ sabe furtar.

Pelo contrario, o ladrão,
Que furtou muito e depressa,
De ter gosto nunca cessa,
Tem respeitos, e attenção.
A riqueza é o mór brazão,
Que no mundo pode haver

Cada um cuide em s'encher,
Que assim a experiencia ensina,
Que o tollo, que não rapina,
Nunca pode enriquecer.

(*Carapuceiro.*)

VARIEDADES.

Resposta de um judeu.

Alguem quiz fazer escarneo de um judeu, e contou á companhia, onde ambos estavam, que na Inglaterra todos queriam exterminar a raça hebraica e que enforcavam sempre um judeu ao lado de um burro.

—Santo Deus! disse o judeu, que não era tolo, folgo muito de estarmos ambos aqui e e não em Inglaterra...

Sinceridade de um condemnado ás galés.

O duque de Ossuna, vice-rei de Napoles, foi em certo dia de festa ao arsenal onde estavam os presos das galés, para exercer o direito que tinha de dar neste dia a liberdade á um forçado. Começou a interrogar um por um, e todos lhe protestavam que estavam ali por testemunhos falsos, e que eram innocentes. Um unico confessou ingenuamente o crime, porque havia sido condemnado.

—Ponham já d'aqui para fora este homem, disse o duque para o inspector dos presos; não quero que com o seu mau exemplo perverta tantos innocentes.

D'este modo premiou a sinceridade d'este e reprehendeu a hypocrisia dos outros.

Boa desculpa.

Uma senhora que tinha casado havia pouco tempo, viu seu marido voltar para a casa, e, approximando-se d'elle pé ante pé por detraz, deu-lhe um beijo inesperado. O marido admirado d'isto voltou-se e disse com muito mau humor:

—Ora, deixe-se disso; estas brincadeiras não sãb convenientes!

—Perdôa, meu caro marido, disse a mulher embaraçada, não sabia que eras tu!

A justificação.

Um tabellião casara-se, havia muito tempo, com uma rapariga muito moça e bonita, mas cuja origem era uma duvida para todos. Finalmente espalhou-se o boato que o tabellião tinha tirado sua mulher de um convento e que ella antes do casamento fôra freira. A mulher, ouvindo este boato, zangou-se muito e insistiu com o marido que desmentisse tal cousa e a justificasse publicamente.

—Minha menina, disse o tabellião, o melhor meio para acabar com estes boatos é calar-se!

Mas a mulher era de uma opinião differente, e emquanto o marido estava occupado no seu escriptorio, escreveu a seguinte justificação, que mandou inserir nos principaes periodicos da cidade:

«Tendo-se espalhado a noticia que eu fui freira e que fugi de um convento, declaro aqui publicamente que nunca fiz votos de castidade.—N. N.

O tabellião, lendo esta declaração, teve uma ictericia.

A nova prisão.

O chefe de policia.—Estou muito satisfeito, a casa é bonita e os quartos são excellentes, é a melhor prisão que jamais vi.

O carcereiro.—Sim, senhor, é muito boa, talvez boa de mais para ladrões e vagabundos. Seria excellente para V. Ex. e para gente fina.

Bocage e Tolentino.

—Estes dous poetas notaveis e contemporaneos nunca nas suas obras fallaram um do outro. E' uma particularidade que espanta, e parece dar a entender que foram um ao outro completamente indifferentes. Assevera com tudo o Sr. José Feliciano de Castilho que por duas vezes se travou entre elles um pacifico duello poetico.

Uma occasião, estando Bocage pensativo e encostado á porta d'uma loja, chegou-se-lhe Nicolau Tolentino ao ouvido, e disse-lhe:

Elmano, a lyra divina
Porque razão emmudece?

Bocage acudiu logo de prompto:

Porque mais calla no mundo
Quem mais o mundo conhece.

Voltou Nicolau Tolentino:

Que tens achado no mundo
Que mais assombro te faça?

Resposta immediata de Bocage:

Um poeta com ventura,
Um toleirão com desgraça.

Ambos tinham pés enormes e um ao outro vibraram os seguintes epigrammas. Disse Bocage do pé de Tolentino:

Si o Padre Santo tivesse
Um pé tão longo e tão mau,

Podera mesmo de Roma,
Dar beija-pé em Macáu.

Disse Tolentino dos sapatos de Bocage:

Eram tres juntas de bois,
E d'aquelles mais selectos,
A puchar pelos sapatos
E os sapatos quietos.

Tendo morrido uma senhora, o seu inconsolavel marido, derramando copiosas lagrimas, mandou dobrar todos os sinos e dar esta triste noticia a seus amigos e parentes. A' noite estando elle guardando sua cara metade, que jazia estendida sobre uma esteira, tendo aos lados quatro grandes castiçaes de pau com velas accesas, eis que ella senta-se repentinamente, dando um forte suspiro:

—Ai Jesus!

—Que é isto la? exclamou o marido sobresaltado.

—Acordei, disse a pobre mulher, e sonhava tantas cousas feias...

—Acordou! como! Pois a senhora não morreu?

—Eu estava dormindo...

—Qual dormindo! a senhora morreu, estava morta, e muito bem morta, tanto que já mandei dobrar os sinos, e partecipar aos amigos...

—Mas o senhor está vendo que estou viva e san...

—Viva! viva e san! interrompeu o marido. Oh! sempre a senhora ha de andar de encontro a tudo que eu faço; até depois de morta! Quer agora deixar-me mentiroso? quer que eu appareça amanhan com cara de cão? tenha paciencia...

E arrumou-lhe com um dos castiçaes na cabeça.

A pobre mulher não acordou mais.

Exhumação d'um cadaver.

Entrei n'um cemiterio, era de tarde,
Que triste quadro ante os olhos vi!
O pranto ardente que fugiu dos olhos
Nas minhas faces deslizar senti:

Coveiro exqualido, revolvia a terra,
Myrrada e dura, d'uma campa uzada,
Parei de subito, e irritado vendo
Mecher-se um corpo na final morada

Cheguei-me perto commovido e triste
Por esse quadro que ante os olhos tinha,
Tudo era triste ...o soluçar,—a brisa
D'altos cyprestes, na ramagem vinha.

Cheguei-me perto, e o coveiro immundo
Sem perceber-me com vigor trabalha;
—Chega ao caixão—e vae dentro á cova
P'ra do morto rasgar fria mortalha.

E rasga-a...e a ossada negra
Do pobre morto eu divisei inteira;
Brancos cabellos, que não desfez a terra,
Inda lhe cobrem a negra caveira.

Em quanto eu triste comtemplava a ossada,
Unico indicio que d'um mortal restava,
O coveiro exqualido com a mão immunda
Osso por osso no caixão juntava.

Ao comtemplar aquelle quadro funebre
O meu joelho eu senti curvar,
Cahi prostado sobre a fria terra
Desfeito em pranto e sem poder fallar.

.....

Tudo se finda! E na mudez dos tumulos
Glorias, vaidades e soberba—é nada
Tudo se acaba quando chega a morte,
Tudo se finda n'uma negra ossada!

B. D. Gil Junior.

ANNUNCIOS.

PHOTOGRAPHIA NACIONAL

DE

REIS & C.ª

Fazem sciente ao respeitavel publico, e aos seus freguezes e amigos, que resolveram provisoriamente, fazer cada duzia de suas photographias em cartões de visitas a 6$000 bem como reduzir em todas de maiores tamanhos. Seus trabalhos continuarão a ser garantidos e a contento dos retratados.

Quem tiver e quizer dispor de uma maquina de fabricar azeite de mamona dirija-se a esta typographia.

No trapiche 2.° Andrade precisa se de uma ama para cosinha, prefere-se captiva.

Na loja de Cassiano Cardoso Brum, na rua Formosa, se dirá quem vende capim a 160 rs. a arroba, em qualquer porção, mandando deitar na porta do comprador.

Vende-se tres frentes de casas, em terreno proprio, sitas a rua Nova do Queimado. Quem pretender dirija-se ao escriptorio do Sr. Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, ou a esta typographia.

Nesta typographia precisa se de um distribuidor (typographo).

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 64.ª SABBADO 9 DE ABRIL. N. 651.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de abril de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que na Armação existe um individuo de nome Antonio João que soffre de loucura, o qual, quando tem accessos de furor, entra por dentro das casas armado de faca, com que sempre anda, e aggride as pessoas, procurando feril-as, escapando ha dias de ser victima sua propria mãe. Todos vivem sobresaltados e são obrigados a terem summa cautela, afim de que elle em qualquer momento de descuido não invada uma casa e commetta qualquer desgraça.

Espera-se que S. S. expeça ordens ao respectivo subdelegado no sentido de fazer desapparecer um perigo que tantos sustos causa.

—Ao Sr. emprezario do aceio da cidade, congratulando-o pelo admiravel e espantoso aceio que se observa nas ruas desta cidade, depois que a limpeza da mesma passou a seu cargo, a ponto de andar a gente abalroando com os carros da limpeza, que chegam a embaraçar o transito publico, pelo que torna-se credor de elogios por ter posto os monturos em termos de se poder até dormir sobre elles.

Entretanto, faz-se preciso que S. m. procure augmentar a respectiva consignação, por que a actual é muito pequena, em comparação ao arduo trabalho que tem havido e ha de haver; mesmo que não é possivel que meia duzia de carros e outros tantos varredores ganhem, somente a ridicula quantia de rs. 44:000$ por anno, quando podem ganhar muito mais.

—Quando chegou a Assumpção a noticia da morte de Lopez, a população miuda consternou-se e mostrou grande sentimento.

As mulheres correram para as egrejas e de joelhos soluçavam.

Uma paraguaya, amasiada com um official brasileiro, apenas soube da noticia, abandonou o, e mandou-lhe dizer que o filho que ella tinha no ventre não havia de viver.

—Já li esses pormenores no *Jornal do Commercio*, aos quaes precedem o seguinte trecho:

«Os sentimentos com que a população paraguaya recebeu a noticia da morte de Lopez foram mui diversos e curiosos. Uns exultaram de prazer; a maior parte conservou-se indifferente; outros manifestaram grande *desgosto e em publico derramaram lagrimas.*

—Phenomeno admiravel! Lopez, esse malvado que mandava surrar sua propria mãe, enraizou tanta sympathia no coração do povo paraguayo, que ainda depois de morto, quando já nada podia, lhe arrancava sinceras demonstrações de dedicação!

—Capitão, escute uma engenhosa embaçadella.

—Tem-me aqui a seu dispor.

—João da cêra, assim conhecido, por negociar neste genero, tem loja na rua do Julião.

Em um dia desta semana, entrou-lhe em casa um individuo bem trajado, trazendo em baixo do braço um embrulho e um moleque atraz de si.

Pediu seis vellas de libra e mandou que o moleque as levasse em casa, para ver si eram daquellas que a senhora queria, emquanto elle ficava á espera na loja.

Foi se o moleque com as vellas e ficaram o dono e o freguez.

As tres horas, chegou o jantar de João da cêra, e o nosso amavel cavalheiro fez-lhe a honra de sentar-se a sua meza.

Nada do moleque voltar.

O industrioso fingindo-se inquieto pela demora, disse para o homem das vellas:

«Que tardança! não sei si aconteceu alguma cousa ao moleque. Deixe o Sr. aqui estes dous pares de botinas, que eu vou vel-o e já volto.»

O homem, em boa fé, guardou o embrulho e deixou ir em paz o habil espertalhão.

Quando cançou de esperar, foi abrir o embrulho e deu com dous pares de botinas em tal estado que no monturo ha melhores.

—Bem estudado logro!

—João da cêra em logar de arrenegar-se, commenta o caso rindo, por passar elle por um dos homens mais prevenidos, e encontrar na edade de 70 annos, pela primeira vez, um cavalheiro de industria que o cinzasse.

—A meza da Misericordia está muito economica!

—Até Nossa Senhora deixou ás escuras.

—Eu quizera saber si tão insignificante despeza é que podia quebrar a irmandade.

—Toda vida foi costume illuminar-se á noite a Imagem da Virgem collocada na fachada da egreja. Agora acabaram com isso.

—Tanta restricção nos gastos; só com as irmans de charidade não se poupa despeza.

—Vá ver o que é aquillo na ladeira da Praça.

– Bagatella; o cabo dos botins altos estava jogando capoeira com um camarada e o brinquedo virou barulho.

—Por tão pouco quer degollar tudo?

—Effervescencia do spirito; segunda feira, de manhan, talvez elle não se lembre mais o que fez hoje domingo.

—Isto assim na rua dá mau conceito de um agente da segurança publica.

—O emprezario da limpeza da cidade quer que os particulares varram as ruas que elle se contractou a aceiar, e para isso fez publicar a postura municipal 35.

—Não sei como elle não quer logo que lhe chova o maná do ceu pela bocca a dentro.

—Magnifico contracto foi este, de quantos se tem celebrado neste recanto do orbe terraqueo!

—Na verdade, é uma fatia que não engasga; 44:000$ rs., para fazer quasi nada.

—A não serem os riachos e sargetas que é obrigado alimpar.

—Onde sonhou elle ou quem redigiu no tal contracto esses riachos?

Eu não vejo nenhum que abranja os limites do aceio.

O unico, um pedaço do rio das Tripas, adiante da rua das Flores, permanece no mesmo estado de immundicie: lá estão animaes em decomposição, materias putrefactas exhalando miasmas.

—Riachos ha dentro da cidade, creados pelo deleixo, e elle não os limpa.

Na travessa da ladeira da Poeira e Genipapeiro as aguas pluviaes estagnadas e o esgoto dos canos formaram uma lagoa; na rua do Tijollo e ladeira do Saboeiro, as aguas servidas despejadas para a rua empoçaram e quando o sol esquenta é uma fedentina impossivel de supportar-se; as ruas dos Marchantes e Quitandinha vivem alastradas de tijuco que verte dos fundos dos quintaes; a do Castanheda o mesmo; atraz da Sé, em frente das casas 28 e 30 as pedras da calçada estão cobertas de uma camada de lodo negro, proveniente de materias fecaes dissolvidas em agua, que se despeja constantemente; a dos Carvões em Santo Antonio é quasi um pantano, e muitas outras.

—Desta maneira eu fazia o serviço com muito gosto, por metade.

—Os carroceiros passam pelos monticulos de lixo, acumulados na rua, e vão andando; os caixeiros fazem distincção delle. Veem um boccado de cisco e dizem—este é de taberna, não se apanha; mais adiante—este é de quitanda, deixe ahi; e as ruas ficam peiores que de antes.

—A esse respeito vi um conflicto, na quinta feira, com um taberneiro da rua da Sé.

—Toda actividade no serviço está em amanhecer todos os dias cinco carros na praça de palacio, em quanto as demais ruas ficam a ver navios.

—E que mais? Não está ali quem deu a gorgeta? Quanto ao resto, não ha a quem dar satisfação.

Caia o povo com os cobres e dê-se por contente, porque em outras epochas nunca gosou deste beneficio, sem que por isso se reputasse infeliz.

—Que capricho nescio!

Como se fallou da demora nos pagamentos dos operarios do arsenal de marinha, de proposito retardou-se a feria desta vez.

No dia 7 ainda os homens não estavam pagos.

—Faltava apenas tres dias para se vencer outra dezena.

—E' verdade, e elles que se fossem sustentando com a graça de Deus.

—Na terça-feira, ás 9 1|2 horas da noite, ouviram-se gritos de *aqui del-rei* e gemidos pungentes, que despertaram aos moradores da ladeira da Praça.

Os gritos d'aqui-del-rei sahiam do becco do Escorrega.

Dous individuos, que passavam, pararam defronte do becco e presenciaram que eram gritos de mulher que apanhava horrivelmente.

Um delles desceu até a praça dos Veteranos, apitou por muito tempo e depois de muito apitar, appareceu a patrulha do districto de Sant'Anna, que acompanhada de um tenente da guarda nacional, desceu o becco.

Depois compareceram mais seis soldados de policia.

O povo começava a apinhar se.

Correu o boato no quartel da Palma que havia barulho da policia com um guarda do 5.°, e os guardas do 5.° em grandes grupos corriam para o becco do Escorrega.

Ameaçava *tempestade*.....

Um paizano foi ao theatro chamar o subdelegado, comparecendo este as 11 horas da noite acompanhado do capitão Braga.

—Mas quem é que levava as pancadas e gritava aqui-del-rei?

—Não tenha pressa em saber, eu chegarei lá.

Com a chegada do subdelegado, o povo ficou ancioso pelo desfecho da historia; este mandou chamar o individuo que dava as pancadas, e appareceu um invalido da patria, declarando que era elle quem castigava a uma irman mais moça, a pedido da amasia; interrogada uma rapariga que élle trouxe dizendo ser a tal sua irman, esta declarou ter sido n'ella que elle dera as pancadas, e que gritou *aqui-del-rei* e dissera que das pancadas ja deitava sangue pela bocca, por que quiz gritar.

O subdelegado então, voltando-se para o povo, perguntou o que fazia tanta gente ali apinhada.

O tal invalido, diante da authoridade, respondeu—*isto so eu com uma chibata para fazer voar tudo.*

Um capitão da guarda nacional que ali estava repelliu o dito do invalido, reprovando tamanha audacia na presença da authoridade, pelo que houveram trocas de palavras entre o subdelegado e o mencionado capitão.

—Mas....

—.... ficou o invalido impune, tendo dado bastantes chibatadas, encommodado aos moradores da circumvisinhança e mesmo á toda a policia, porque até o delegado compareceu; porem depois do sarcciro accommodado.

—São cousas de minha terra; o invalido podia até ter morto a irman!

—E quem sabe si a rapariga interrogada era a irman delle?

—Ah! isso é que competia a authoridade averiguar; mas não quiz descer o becco.

A PEDIDO

—*Segundinho,* sabes o que é *especulação?*

—Sei.

—Então dize lá.

—Especulação, é por exemplo, um pae de familia levar para casa um rapaz inexperiente, reduzil-o ao miseravel estado de não poder sahir á rua, por se apossar de tudo o que lhe pertencia: fato, relogio, botinas, etc., e por fim inventar uma farça ridicula para impingir um *fardo avariado.*

—Acertastes.

—V. não me perguntou sem motivo.

—O motivo, foi porque vi um pobre tinhoso, maculado de pechas, enchendo a bocca de especuladores, por mandado de um *bom-senhor.*

—Talvez elle se referisse a certo ex-escrevente de cartorio que abusava do estado valetudinario do escrivão, e subtrahia os autos de importancia. para depois exigir quantias despropositadas pelas buscas.

—Sim, isso foi no tempo do *Rebello.*

—Eu desejava pedir um favor ao Sr. Dr. chefe de policia.

—Porque não pede, quem lhe pega?

O que é que V. deseja pedir-lhe?

—E' que elle lance suas vistas para um tal Antonio, morador á rua dos Marchantes, filho de um Custodio, carapina, o qual é um verdadeiro reu de policia.

Vive sempre espancando as pretas, deitando os carregos dellas no chão, provocando desordens com todo mundo, etc.

—Eu estou certo de que o Sr. Dr. chefe de policia, amigo como é do socego e tranquillidade publica, tomará as providencias necessarias para correctivo deste destabanado.

Quadras

arranjadas por certa creoula, em uma ceia que deu em applauso á chegada do seu voluntario.

Já o gato nesta casa
Não faz cama no fogão,
E nem um vintem de angú
Eu agora almoço, não!

De bobó de azeite a preta
Despedi a freguezia,
Que dois vintens p'ra jantar
Eu comprava todo dia.

A panella em minha casa
Stava emborcada á seis mezes,
Os ratos nella fizeram
Seus ninhos por muitas vezes.

Mesmo para tomar banho,
Eu agua não aquentava,
Me lavava de supapo
Quando disso precisava.

Mas tudo muda no mundo;
Minha sorte! minha sorte!
Pode fallar quem quizer,
Stá bem livre que eu m'importe.

Nos domingos é mocotó,

Feijoada ás quintas-feira,
Sexta e sabbado, já sabo,
Carurú e frigideira.

No jantar, carne de porco,
Arroz, lombo, carne frita,
Gallinha de molho pardo,
Que petisqueira exquisita!

Cerveja, isso não se falla,
Vinho do Porto, a granel,
Queijo fresco, marmellada,
Biscoitos de craknel.

O rapaz tem mesmo gosto,
De me ver abarrotar;
Os homens fallam com raiva,
Mulheres por invejar.

Quatro pannos de quarenta,
Me comprou n'uma semana,
Uma becca e saia preta,
Pulseiras de filagrana.

Rosario, que as contas tem
Grossura de um nicorí,
Argollas de diamantes
Tão soberbas nunca vi.

O que tenho eu la com isso,
Que o rapaz seja *carrasco*,
Si me compra de uma vez
Vinte lenços de damasco?

De tafetá foram doze;
Não fallo em saias de chita
Que são mais de quatro duzias,
E cada qual mais bonita.

E so para enfeite dellas,
Mandei buscar la em baixo,
Mais de cem peças de liga,
Outras tantas de xutaixo.

Minha sorte! minha sorte!
Eu andava arrebentada;
O voluntario me poz
De *moleta* concertada.

E quanta *cabeça inchada*
Por meu respeito não anda;
Quanta paixão apertou
Agora p'ra minha banda.

Eu so vivo indagando
Onde ha festa de egreja,
Quero ir como meu *semeste*
Para que a gente me veja.

Dizem minhas camaradas,
Não sei si por terem magoas,
Que eu tendo muitas saias
Tenho mui poucas anaguas.

Tudo ha de encher os olhos
As taes minhas companheiras!
Querem so que a gente viva
Como ellas nas quebradeiras,

Minha sorte! minha sorte!
Cada um com seu condão;
A sorte quem dá é Deus;
Ninguem pode mudar não.

—Muxingueiro!
—Prompto.
—Acompanha aquella cadeira.
—Sahiu da casa da *Yaya de ouro*.
—Faz o que te mando e deixa de observações.
—Ora vamos; são seis horas da manhan e já começam as aventuras em Latronopolis.

Não ha remedio, acompanhemos a tal cadeira.

Dobrou o becco das *Romoas,* seguiu pela rua do *Prelado,* entrou na portaria.

Bem, vou dar conta da missão.

Capitão, observei.

—Para onde foi?

—Entrou na porta do recolhimento seraphico.

—Ha de ser algum santo varão que levou a noite em vigilia e mortificações, arredado do mundo.

—Os filhos daquella casa são o espelho da virtude; a *flor* das *santas* obras.

—V. Ex. tem um *tino* para tirar qualquer illação!

Pois este maldito padre
Fazer do claustro serralho!
As mulheres do Senhor
Ir descasando o bandalho!

Mas elle é tão crapuloso
Porque esta *villa* é *boa;*
Que consente um tal devasso
De batina e de coroa.

Já sinto.

Adverte-se a certos estudantes que *tem a graça* de confundirem gallinhas por coelhos, em suas continuas caçadas, que se continuarem a permanecer em tão prejudicial engano, se dirá ao publico quem são os moços que tem tão bellos dotes.

VARIEDADES.

Dizia certa maman:

—Muito desejava eu casar a minha filha Joanna com alguem que fizesse carreira.

—Case-a com um galgo, responde-lhe um cavalheiro.

ANNUNCIOS.

No becco dos Calafates n. 18, ha uma pessoa que se aluga para ama secca.

Anno 8.º — BAHIA. — 1876.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 64.ª — TERÇA-FEIRA 12 DE ABRIL. — N. 632.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de abril de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, para que mande dispersar o ajuntamento de travessos moleques que se reunem todas as tardes na estrada da Barroquinha, mormente aos domingos.

Alem da desavergonhada insolencia com que ultrajam a decencia, apedrejam os pretos que passam com carrego, atirando-lhes o que levam ao chão, e perseguindo aos velhos e mendigos.

Ha dias apuparam um guarda do 5.º batalhão, appellidando-o de *pitú*, e este, correndo atraz de um delles, o vararia com a baioneta, a não ser um sargento do mesmo batalhão; um pobre velho de nome Mangabeira foi tambem mettido n'um circulo e acabaram-lhe com o chapeu á encapellações e o homem, o desforço que tirou, foi proferir um montão de obscenidades; no domingo 20 do passado, um commerciante foi quem tirou uma crioulinha das unhas desses endemoninhados; tambem um crioulo, Luiz, escravo dos Arianis, livrou um velho de ser espancado por elles.

São immensas as malversações praticadas por essa cafila maligna, cujos paes e senhores com criminosa tolerancia lhe dão azo para tanto.

Espera-se por tanto, que S. S. não consinta que continúe o publico a soffrer.

—Cahiu outro pedaço do muro da roça de João Alves Matheus, á ladeira de Nazareth, no sabbado. O resto está para cada hora.

—Deus queira que não acconteça nada.

—Parece incrivel tanta incuria!

Um muro desaprumado, e ninguem se lembra do imminente risco que correm as vidas dos transeuntes!

—Capitão, uma lembrança.

—Que não pareça esquecimento.

—E' para uma medida de indeclinavel necessidade.

—Qual é ella?

—O estabelecimento de visitas sanitarias obrigatorias para essas casas onde se dá *pousada aos peregrinos*.

Deve haver policia medica para essas *casas de tolerancia*.

—V. está caducando.

Pois lembrou-se disso nesta terra onde não se cuida de cousas mais palpitantes?

—Todos os dias, molestias de caracter vergonhoso vão assolando a juventude, e vão ceifando victimas na flor da edade!

Muitos conseguem escapar ás garras da morte, mas ficam em tão lamentavel estado que a vida para elles deve ser um longo desespero.

Si, como alguns pretendem, ha males necessarios, trate-se ao menos de attenuar, quanto for possivel, os seus desastrosos effeitos.

—Fallou como um deputado da minoria. Mas sua lembrança, supposto que não seja má, pecca por ser irrealisavel entre nós.

—No sabbado, ás 2 horas da tarde, ia uma mulher pelo Terreiro, e foi accommetida de um ataque de congestão.

Ella pedia que lhe levantassem; dous individuos que passavam foram para levantal-a; mas ja ella não tinha forças.

Nessa occasião, passava o Dr. Gesteira e perguntou o que era. Responderam-lhe que era um ataque de congestão, e elle continuou seu caminho, deixando a pobre mulher estorcendo-se nas vascas da agonia extrema.

—E onde está a humanidade do medico?

Aonde está a charidade jurada?

—Não sei; o que sei é que a pobre mulher perdeu logo o uso da falla e ficou estendida no largo do Terreiro: uns diziam que estava embriagada; outros, faltos de humanidade, chacoteavam do estado da infeliz mulher, e outros contristavam-se de presenciar aquella scena.

Zirimão di êre é qui tan cazaro.

Assim levou a desventurada até que a levaram para o hospital, onde lhe foram applicados os soccorros medicos.

—Fica profundamente contristado quem, percorrendo as ruas desta capital, vê como a licenciosidade de costumes ergue o collo e pavonêa-se publicamente sem experimentar a menor repressão.

Em fronte ás casas de educação, veem-se em certos quarteirões, casas—que de modo algum são asylos da virtude.

—Vê-se o cancro social da escravidão, muito mais hediondo pela circumstancia aggravante de senhores sem humanidade, que atiram para a rua creanças de nove, dez, onze annos a se prostituirem.

—Ouvem-se os ditos os mais obscenos, practicam-se os gestos os mais indecentes com tanta desenvoltura e tão impunemente que faz pasmar tão pouco cuidado pela moralidade publica!

—As expressões indecorosas, os gestos desenvoltos e os torpes actos são testemunhados por quantos passam por certas ruas desta cidade.

—As visinhanças dessas casâs de *costumes sociaes,* proximas aos collegios de educação, é mal que deve se fazer cessar quanto antes.

—Devem ser de perniciosissimas consequencias estas scenas de gangrena moral.

—E emquanto, com sciencia de todos, recentemente, uma megera põe em almoeda o pudor de uma creança, a authoridade fecha os olhos e dorme o somno da indifferença!

—Cumpre pôr cobro a semelhantes desmandos.

Cumpre reprimir severamente esses escandalos. Não se deve consentir nesse trafico infame da virgindade de infelizes creaturas, actualmente tão em moda nesta terra.

—Missionarias da depravação tomam por pupillas desamparadas orphans, para depois commerciarem com a sua honestidade.

Estes factos são publicos e notorios.

—Passam-se á vista de todos.

—E sem embargo, essas propagadoras da prostituição continuam impavidas ostentando sua classica devassidão e são *frequentadas* (quem o diria!) por *homens serios*, quando deviam estar encarceradas na correcção!

—Desde quarta feira, conserva-se Atraz da Sé uma porção de lixo; batatas e cebolas podres e outros residuos de generos de taberna. Uma alluvião de insectos farejam áquellas materias corrompidas.

—Estão purificando o ar.

—O caixeiro da empreza não quer que o carroceiro apanhe, por que é lixo de taverna; o vendelhão proximo exige que prove que foi elle quem deitou-o na rua.

E neste conflicto a rua é quem permanece immunda.

—As cousas desta terra tem o que se lhe diga!

—E o calor da atmosphera, a viciação do ar, as condiçõca hygienicas, o aformoseamento e aceio das ruas, que suspendam seus effeitos, por que o cisco que ali está desprendendo um fetido incommodo é de taverna e o emprezario não tem obrigação de tiral-o!

—Ha males que vem para bem; mas este bem veio para mal.

Em quanto não havia contracto, as ruas não eram deposito de immundices e agora é o que se vê.

—A policia entende que é innocente brinquedo essas rivalidades de *bairrismo*?

—Creio que não.

—Então não viu hontem a batalha campal que se deu no Campo da Polvora.

—Houve disso?

—Os moleques de Santo Antonio vieram uniformisados de gorro azul, com bandeira, atacar os do bairro de Sant'Anna.

Até dous marinheiros tomaram parte na peleja.

O combate tornou-se serio. Os combatentes tornaram se renhidos, dando-se muita cabeça quebrada e ferimentos e por fim a perda da bandeira do bairro de Santo Antonio foi o resultado da lucta.

—Si bem que a policia não tenha tempo para envolver-se em taes trivialidades, com tudo me parece que deve ser mais precavida para outra vez.

—As commissões que arrecadaram dinheiro para os festejos do fim da guerra estão mudas e quedas.

—Menos a de S. Pedro.

—Foi a unica que deu explicações. Por que não a imitam as outras?

—*Veremos*, como dizia o cego.

—No Rio de Janeiro aventa-se uma questão que põe a descoberto toda violencia do despotismo clerical.

E' mais um escandalo para a egreja.

—Va me contando esse enredo.

—Trata-se da nullidade do voto de uma religiosa do convento d'Ajuda, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, que foi forçada a professar clandestinamente de portas fechadas e sem as solemnidades e regras

da egreja e do temporal em 1862, tempo em que estavam abolidas pelo governo as taes profissões.

—Desde 1855 que são prohibidas.

—E agora querem obrigal-a a permanecer no cumprimento do voto que fez sem consciencia e illegalmente.

—Como se cumpre um voto que não nasceu da espontaneidade da vontade?

Um voto arrancado pela coacção?

E' tyrannia querer forçar-se a seguir uma vocação que a natureza contraría.

—Ouça a opinião do illustrado Sr. Dr. J. Tito Nabuco de Araujo, a respeito:

«Jesus-Christo, todo amor e charidade, luz e esperança, fé e conforto, quer as flores puras no tabernaculo, quer a doçura nas almas, a paz nos olhos; não converterá jamais o brilho de sua casa na escuridão da masmorra, o esplendor do christianismo em tortura infernal, não quer o fel na alma da esposa, nem o odio no seu olhar; não aceitará nunca assim os psalmos santos, os canticos sagrados da cruz e do Evangelho, soltos pela voz que soluça e não pelo espirito que ora.

«Não, Deus maldiria do semelhante voto, anathematisaria semelhante sacrilegio!

«Quer as nuvens roseas do ceu na sua casa, não quer as côres negras do inferno.»

—São inspiradas verdades.

—A religiosa ameaça suicidar-se, si continuarem a torturar-lhe a liberdade e a consciencia.

—E, «si sua alma se perder, aquelles que a opprimem e violentam, que respondam perante o tribunal de Deus...,. por que serão condemnados aquelles que opprimem as mãos que se não elevam no voto perpetuo voluntariamente.»

—Attendei!

No Paraguay, onde Lopez exerceu as maiores barbarias, ainda houve choro pela sua morte!

—E' para ver; ainda no seculo XIX um povo escravisado por um despota tyranno, soffrendo as mais ferrenhas crueldades, leva o seu fanatismo ao ponto de lamentar em soluços a perda de seu perseguidor!!

—Quando o regosijo devia ser geral por se verem livres de um monstro que pela mais leve falta mandava arrancar a cabeça á um ente humano, que sua propria mãe era victima de sua atrocidade, ainda ha lagrimas sobre o seu cadaver?

—E qual será a causa disto?

—*A perniciosa educaçao jesuitica* que teve aquelle desgraçado povo, o qual, sentado á sombra do erro, tudo ignorava e so sabia a superstição religiosa; por isso acreditavam que os que morriam no combate, iam apparecer na Assumpção, conforme lhes pregava o fanatico bispo; e tudo isto no seculo das luzes.

E' para admirar!

—E' para admirar sim, que o jesuitismo na sua sede de governar, de restabelecer o governo theocratico, envolva a religião nas trevas do erro, e seu unico anhelo seja a *ignorancia* dos povos e o *fanatismo religioso.*

—Mas eu me admiro do Paraguay quando devera admirar-me do Brasil, e principalmente da Bahia, onde estou.

Por ventura o que são as irmans de charidade si não jesuitas, ou instrumentos cegos do jesuitismo, que surrateiramente vão se apoderando da educação da mocidade?

Brasileiros, estaes cegos, não vêdes o mal que fazeis, suppondo praticar o bem, como aquelle homem, da fabula que apanhou uma cobra regelada e aquecendo-a no seio, foi victima da sua mordidella?!!

(*Continúa.*)

A PEDIDO

Ilheus, 31 de março de 1870.

Sr. redactor.—Em seu periodico de 12 de fevereiro ultimo, publicou V. um artigo, com o titulo—*o mundo é de quem mais ganha*—descrevendo os baldões do celebre *D. Quixote,* existente na cachoeira desta villa, conhecido pelo appellido de *visconde de Itabuna,* e com aquella publicação suppunhamos ver conter-se as continuas malversações exercidas actualmente neste malfadado theatro de impunidades, como porém ellas continuem desenfreadas, pela suprema tolerancia e dictatorial sancção do mau fado, aqui reinante; para mais corroborar quanto se disse n'aquelle artigo, muito serviço prestará V. em publicar o que passamos á referir-lhe, para que chegando ao conhecimento do probo Sr. Dr. juiz municipal e orphãos, Joaquim Pereira da Silva Lobo, providencie como é de lei, ja que o direito desta infeliz terra é todo semelhante ao do tyranno Lopez.

Existe nesta desventurada villa de Ilheus, um valetudinario ancião, maior de 90 annos, de nome Florencio Pericôto, o qual é possuidor de uma boa fazenda de cacaus, na cachoeira de Itabuna, que bem vale de 8 a 10 contos de réis; e como alguem astuciosamente se tenha apossado desta propriedade com a simples promessa de dar em troca uma muito velha e arruinada casa de pouco valor, na villa, tresentos mil réis em dinheiro, e umas vinte braças de terra inculta, não tendo o indicado e já decrepito velho, até esta data nada recebido, de tão ignominioso e lesivo trato, espera-se que a citada authoridade, *que não é do numero das que recebem insinuações e se dei-*

ram predominar por assessor, fará merecida justiça ao desvalido velho que mencionamos.

Justus.

Communica-se ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar que o celebre José Russo, decantado membro da companhia da pilhagem do Caes Dourado, tem frequentemente em sua casa grande numero de estrangeiros, dando comida e dormida, sem communicar á policia os nomes desses individuos, e entre elles consta haver desertores; e como tal procedimento, alem de ser contrario ás leis, recae tambem em prejuizo das rendas publicas, espera-se da actividade e zelo com que S. S. costuma exercer as attribuições de seu cargo, providencias que façam cessar semelhantes abusos.

—Que barulho comprado!

—O que é?

—Um sujeito, de nome José Domingues, que entrou ás 8 horas da noite, de domingo na venda do cidadão Manuel Joaquim Gonsalves, á rua dos Carvões, para dar-lhe com uma pedra.

—Sem mais nem mais?

—Disse que o homem em certo tempo offendera a sua sogra.

—Que pretexto!

—O homem estava fazendo pela vida e não quiz brigar; o turbulento, ufano por isso, provocou-o o quanto poude com insultos.

—O trabalho como procura o homem!

—Confiado em que as authoridades são para fazer respeitar a ordem e garantir a propriedade e segurança individual, deu voz de prisão ao desordeiro, chamou o ordenança da subdelegacia e disse-lhe que conduzisse-o á presença da authoridade, que elle iria queixar-se.

O subdelegado porem entendeu que não valia a pena mandar para a cadeia um espadachim que vae provocar os mais em sua casa, e soltou-o mesmo dos assentos do campo de Santo Antonio, onde estava se refrescando.

—E' claro que não achou fundamento para uma prisão.

—Mas si Domingues, audaz pela impunidade, voltar para aggredir o vendelhão, quem será responsavel por qualquer resultado?

—Ver-se-ha depois.

—Xinhá capitão, iô vem dizer um côsa a vossuncê.

—Dize o que queres, pae.

—Xicuta, xinhá capitão; ni *curá* de boio, que ja ta *véio*, tem um muié que nan ta menino, cara di elle ta *mellado*, qui ta fazendo namoramento de xicaração cum home que pranta *pé* de café.

—Pae, tu que te importas com negocio de branco?

—Mai, xinhá capitão, esse muié tan fazendo consumição para min senhora. Marido de xinhá non suncega ni casa, pruquê esse muié tan mandaro chamar *ouibó* tora hora. Manda recado que vai fallá cum êre de noite ni protão. Manda dizer xingamento a min senhora.

—Negro, vae-te embora; não te envolve nisso.

—Ah, xinhá capitão, iô ta de coração angusseado.

Dia que esse muié vai nim presepe, ficou ni casa de ouibô pra jantá. Xinhô ta deitaro, ta rumindo de dia, proquê predê noite; muié entra ni quarto, vai boli cum xinhô; gente turo di casa que viu ta fallando; muié diz que foi pintá cara de xinhô.

Esse assim nan tam bom.

E' por esse que xinhá Zequié que tem *pé de pinho* já larigou elle.

Esse diabo tan feito tentação di gente casaro.

—Negro, empina-te, que não te quero mais ouvir.

—Tanbon, xinhá capitão, iô logo vem.

(*Continúa.*)

VARIEDADES.

Semelhança:

As moças parecem-se com as pimentas, porque tem o mesmo ardor, e porque coram de vergonha assim como a pimenta de calor; com os papagaios de papel, porque são volateis e espartilhadas como elles; com o gelo, porque ao *apertal-as, derretem se* em lagrimas; com uma tesoura, porque *cortam* da vida de outrem do mesmo modo que a thesoura corta qualquer panno; com um cóvo cheio de peixinhos, porque os coks apanham todas as pulgas; com um correio, porque sabem de tudo quanto é noticia; com um foguete, porque elevam-se tanto quando elogiam que ferem e offendem ao *ar* da susceptibilidade; com as obreias, porque andam na bocca de todo o mundo... só?... para pôr fim á tanta verdade, com um relogio, porque guiam sempre os homens, que *infelizmente* as acreditam.

ANNUNCIOS.

Roga-se ao Sr. Grato da Silveira Bastos Varella queira comparecer na loja n. 9, ao Taboão, a tratar de negocio urgentissimo, que o mesmo Sr. não ignora. Bahia 2 de março de 1870.

Anno 8.º
Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 64.ª QUINTA-FEIRA 14 DE ABRIL. N. 633.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de abril de 1870.

Acto.—Em commemoração a Sacratissima Paixão do Redemptor, cujos mysterios a egreja celebra nestes dias, o capitão do *Alabama* tem por conveniente alliviar da inexoravel taca do muxingueiro aos ladrões, tratantes, devassos, jesuitas, hypocritas, prevaricadores, corruptos e corruptores, afim de ver si estes, compungidos dos seus enormes erros e vicios, contemplando na immensuravel bondade d'Aquelle que padeceu tantos martyrios para erguer a humanidade da queda do primeiro homem, arrependem-se de seus crimes.

Estão, por tanto, suspensas as execuções de bordo, durante estes dous dias; ficando porém certos aquelles que não se emendarem, e persistirem incorrigiveis, que serão prezos no sabbado d'Alleluia, para serem definitivamente queimados como Judas, para o que está authorisado o aspirante João de Deus a proceder a severo recrutamento.

Está conforme. O immediato—*Lima Barbosa*.

Consummatum est.

I.

Desanove seculos ja la vão, ó Christo, depois que no patibulo da Cruz te sacrificaste pelos peccados do mundo.

Desanove seculos, depois que um povo inteiro em grita, esse povo a quem vinhas salvar, e a quem chamavas irmão, pedia o teu sangue e te votava á morte.

E quem eras tu? Que crime infando havias commettido para que assim tão barbaras se ostentassem as turbas?

Reu de morte te proclamam... que delicto foi o teu?

Levaste o punhal assassino ao seio das victimas, incendiastes as cidades, pregaste o exterminio e a morte?

Oh! não; foste bom e santo; amparaste o desvalido e o orphão; déste pão aos que morriam de fome; curaste aquelles que a molestia atormentava; déste movimento aos paralyticos; restituiste a vista aos cegos, a falla aos mudos e ressuscitaste aquelles que ja haviam sido riscados do livro dos vivos!

Pregaste a paz e a concordia entre os homens, e déste-lhes remedio para todas as dores, consolação para todas as maguas, balsamo para as feridas pungentes do coração.

Legaste-nos essa santa e suave virtude tão do ceu, que é irman da fé e da esperança, e que se chama—charidade—, ensinaste o homem a amar o homem, e mostraste-nos que todos somos irmãos, por sermos filhos do mesmo pae, que está nos ceus.

E aos pobres que não tinham pão, e aos desgraçados a quem a sorte maltratava, e a todos os que gemiam e que soffriam, disseste, ó Christo, estas palavras tão doces, tão suaves, tão consoladoras, como é consolador o orvalho do ceu em noite calma de estio:

«Bemaventurados os que choram, por que serão consolados.

«Bemaventurados os que usam de misericordia, por que alcançarão misericordia.»

Que crime então commetteste, ó Christo?

Perdoaste á Magdalena, cuja alma se havia purificado na pyra ardente do remorso, cujos olhos haviam derramado abundantes lagrimas de arrependimento e de dor; perdoaste-lhe por que, atirando para longe de si as sedas e ouropeis com que fascinara o mundo, e as taças cinzeladas que serviam nas orgias, cobrira-se de cinza e rasgara as carnes no apertar do cilicio.

Perdoaste á adultera, que ouvira a voz do seductor n'um momento de hallucinação e de delirio; mas cujo arrependimento foi tão grande, cujo remorso foi tão dilacerante, como enorme fôra o delicto em que cahira; perdoaste-lhe por que lhe leste no coração, por que teus olhos lhe penetraram n'alma, por que a viste purificada pela dor que a atormentava.

Que crime, pois, foi o teu?

II.

Os homens condemnaram-te a ti que os amavas tanto; e trahiu-te um discipulo, renegou-te o outro, e abandonaram-te todos, quando acabavas de dar-lhes a prova maior do amor que lhes votavas, quando com elles acabavas de compartir o teu corpo e o teu sangue!

III.

Como te foram horriveis aquellas horas de dolorosa agonia passadas no jardim das Oliveiras, no horto de Gethsemani!

Bella e suave ia a lua em meio daquelle ceu oriental, tão diaphano, tão ceruleo, e por entre as arvores que esmaltavam o valle, branda e perfumada susurrava a aragem que te ia agitar os cabellos, cahidos sobre os hombros.

Ali perto, embalados pelo murmurio da torrente do Cedron, dormiam os discipulos que havias levado para velarem comtigo.

Em frente, um pouco ao longe, parecia descansar a cidade dos labores do dia, aquella cidade ingrata, que apedrejava aos prophetas, e cuja sorte pranteaste um dia; e o susurro e o bolicio que de lá vinham te chegavam aos ouvidos como um echo de maldição e de morte.

Era solemne o momento, era solemne o logar; approximava se a hora tremenda do sacrificio, e o traidor ahi vinha acompanhado dos que deviam prender-te como um malfeitor e um assassino.

E curvaste os joelhos em terra, e inclinaste a fronte para o chão, e teus olhos cerraram-se, e teus labios murmuraram palavras de desalento, e teu pensamento aterrou-se ante o espectaculo horrivel que em breve presenciariam abysmados o ceu e a terra.

E, como n'um immenso painel, viste desenrolarem-se adiante de ti, e passarem uns após outros, como visões sinistras em noite de delirio, todos os crimes de que a humanidade se constituira ré, desde o crime de Caim o fratricida até ao de Judas o traidor.

Viste todas as atrocidades, todas as abominações, todos os sacrilegios e escandalos; viste o punhal do parricida, o veneno da adultera, o ferro buido do ingrato, a espada do tyranno; viste tudo de quanto é capaz o homem no requinte da perversidade.

E de tudo isto serias a victima expiatoria; supportarias o peso de tantas enormidades, sorverias até ás fezes esse calix tão amargo, soffrerias o martyrio affrontoso da cruz, as vociferações do povo, a negação de Pedro, os improperios das turbas, o escarneo de Herodes, a flagellação do pretorio, a corôa de espinhos, a condemnação de Pilatos, a subida do Calvario, a crucifixão, a zombaria do mau ladrão, os insultos da soldadesca, a esponja embebida em fel e vinagre, e sobretudo a dor muda, concentrada, dilacerante d'Aquella que tanto te amava e a quem nem se quer fôra dado naquella hora extrema de agonia o recurso das lagrimas que consolam, desabafo salutar nas magoas do coração.

Era horrivel tudo isto; era intensa a ancia que te pungia, ó Christo; gotas de sangue te porejavam do rosto e regavam a terra; vacillastes por um momento, o sacrificio era immenso, a natureza humana fraqueava, ergueste para o céu os olhos embaciados pelo sangue e teus labios reabertos murmuraram estas palavras de prostração e desalento:

«E' horrivel, muito horrivel o que soffro, meu pae! E' esmagador o peso da cruz que assumi; affastae de mim este calix, affastae-o para bem longe... mas, si é mister que eu morra para que a humanidade se salve, regue o meu sangue a terra, apague elle os peccados do mundo e faça-se a vossa e não a minha vontade!»

IV.

Consummatum est!

Foram as derradeiras palavras que teus labios proferiram quando ja sem sangue deixaste pender a fronte e nas mãos do Eterno entregaste o espirito.

Era o grito supremo da victoria, soltado ainda no campo do combate; era o canto do triumpho, o hymno sublime do guerreiro, após as difficuldades da luta.

Consummatum est! Era o ranger das cadêas que estouravam, o pranto de alegria de captivos que se libertavam; era o respirar da aurora da redempção, após quatro mil annos de doloroso captiveiro.

Era o grito de—coragem—atirado ao naufrago que se debate nas vagas; era o bulir dos remos do batel salvador á vista da praia hospitaleira,

Era o despontar do novo dia por entre a cerração, que a luz vae espancando; era o irradiar de um sol brilhante, após a escuridão de noite procellosa

Consummatum est! Era como o brado de morte, o grito de rebate soltado em campo de inimigos, que julgavam segura a preza; era a voz de Deus abençoando; era o perdão cahido dos labios de seu Filho unigenito era o rugir do inferno nas profundidades; dos abysmos!

Consummatum est!

Abençoado sejas tu, ó Christo, por toda a eternidade!

(*Extr.*)

O Martyr do Golgotha.

I

Quem é Este que até perdôa peccados?
(EVANG. DE S. LUCAS, CAP. 7.)

Do ceu á terra um prodigio,
Um Deus, um Homem desceu,
Curvaram-se reis e povos,
Toda a Judéa tremeu,
E na cruz, então maldita,
Um sangue puro correu.

Quem é, perguntam as turbas,
Será mandado dos ceus?
Da lei os sabios respondem:
—E' crime, embuste, judeus,
De Maria, o pobre filho,
Dizer-se filho de Deus.

No entanto, maravilhas,
Milagres se succediam,
Falla aos mudos, vista aos cegos;
Té os mortos resurgiam,
Ante a voz humilde e pura
D'aquelle a quem desmentiam.

Eil-o ali na sinagoga,
A' todos falla de pé;
Da lei lhe ce cam doutores,
Sem saber quem elle é,
E lhe fazem mil perguntas,
Mil perguntas de má fé.

A' todos Jesus responde,
Com acerto e humildade:
Sua linguagem celeste,
Filha pura da verdade,
Vence as perguntas iniquas,
Vís tentames da maldade.

Mesmo assim, não desanimam
Aquelles homens, coitados!
Sobre o carro da malicia,
Por seus erros carregados,
Proseguem, loucos, vaidosos,
Vestindo enormes peccados.

Jesus lhes brada «—sentido,
Inda é tempo—recuae;
E o ceu eu vos prometto,
Em Nome de Deus meu Pae;
— Ai! daquelle a quem a vida,
No vil peccado se esvae.»

Oh! miseria indefinivel!
Do peccado enorme effeito,
Da qual podendo ser livre,
Quer ser o homem sujeito,
Abandonando a virtude,
Do crime no infame leito!

.....

II

Hontem livre, e hoje preso,
Carregando enorme cruz,
Na Jerusalem ingrata,
Lá segue o Christo Jesus...

Vêde-o... Caminha tranquillo,
Por essas compridas ruas,
Ornadas só de malicia,
D'humanidade tão nuas!

Onde estão os seus discipulos,
E tantos mais que salvou?
Os mortos a quem deu vida,
Os leprosos que sarou?

Onde os cegos, que hoje veem
A luz da noite e do dia?
Onde os surdos, que hoje ouvem
Os pobres a quem valia?

Todos fugiram, só restam,
Bem poucos, que firmes são,
No entanto o sangue, que corre.
E' de todos—Salvação!...

Santo Messias, Deus vero,
Filho de Deus, meu Jesus,
Si eu não tivera peccados,
Levar-vos quizera a Cruz.

Mas a Cruz de meus peccados
Mais vos peza que o madeiro
Que carregaes tão humilde;
P'ra salvar o mundo inteiro.

Algozes, parae um pouco;
Não vêdes que vem Maria,
Mãe afflicta, que procura
Seu fanal, sua alegria?

Crueis, ouvi—Ella pede,
P'ra inda o Filho beijar...
—Corações de pedra e bronze,
Porque o haveis de negar?!

Oh! vinde, vinde, Senhora,
Correi, depressa correi...
—Estes homens nada ouvem,
São ermos de fé, de lei.

«Meu Deus, meu Jesus querido,
Filho de meu Coração»,
Brada afflicta a Mãe Divina,
De rastos vendo-o no chão.

E, entre a dôr mais pungente,
A virgem se expressa assim:
«—Eu sou Mãe—este é meu Filho,
«Tende, oh! tende dó de mim.»

«Esperae um curto instante,
«Attendei aos rogos meus,
«Vae morrer Jesus meu Filho;
«Eu quero dizer-lhe adeus...»

Tudo inutil!... nada ouviram
Tão maldosos corações!...
—E lá se vae Jesus-Christo,
Cruelmente aos empurrões!...

---

1 Zirimão di êre é qui tan cazaro.

Mesmo assim, (forma sublime
Do materno coração)
Maria alcança seu Filho...
Oh!... que quadro! que afflicção!

O que Ella disse não pode
Humana penna escrever;
Avalie-o quem fôr mãe
Vendo seu filho soffrer.

E Christo, divo cordeiro,
Os olhos prende nos seus,
Tão firme e tão paciente,
Como assim sabe ser Deus.

Depois a Virgem Maria,
A'quella frota seguiu;
E como o Filho querido,
Para a Cruz se dirigiu.

E por entre as vozerias,
Lá segue o nosso Jesus;
Eil-o, emfim, chegado ao Golgotha,
E já pregado na Cruz.

Ali, constante e humilde,
O calix, alfim, libou,
E por seus proprios algozes,
Ao Deus Pae Elle invocou.

E assim, o Deus, o Christo,
Por nós tormentos soffreu,
E p'ra salvar-nos, humanos,
Na Cruz constante morreu.

João Ribeiro de Carvalho.

—Os ataques de congestão repetidos, tão frequentemente, infundem algum susto.

—Os medicos que aconselhem algum preservativo.

—Terça feira, um homem de côr preta, caminhava pela ladeira do Taboão: De repente, cambaleou e cahiu. Quando correram para levantal-o pegavam em um cadaver!

—Eis o que é o homem!....

VARIEDADES.

Explicação de algumas ceremonias da Semana Santa.

Quinta-feira santa.—A denudação dos altares symbolisa a denudação das vestiduras, que os judeus fizeram a Christo no Calvario, antes de o pregarem na Cruz.

O lava-pés.—Symbolisa os maravilhosos effeitos de toda a nossa Redempção; o levantar-se o Senhor da mesa significa o sahir do seio do Eterno Pae; despir as vestiduras denota o humilhar-se; cingir-se com a toalha, significa a forma humana que tomou; lançar agua na bacia, denota o sangue que derramou do seu Santissimo Corpo; lavar e limpar os pés aos discipulos, significa o perdão e purificação dos peccados que alcançamos pela paixão de Christo; tornar depois a tomar as vestiduras e sentar-se outra vez á meza, symbolisa que ressuscitando Christo em carne gloriosa, descançou sentando-se á direita do Eterno Pae; finalmente ensinar aos discipulos depois do lavatorio, significa a vinda do Espirito Santo, que lhes mandou, para de todo os aperfeiçoar e fortalecer.

Sexta-feira da paixão.—Em quanto se adora a Cruz, se canta os improperios nas duas linguas latina e grega, e não se fazem mensão da hebraica, do que os judeus negaram a Christo e foram reprovados. Não se diz Agnus Dei, por que não se deve exteriormente invocar o que na representação está morto.

O sacerdote communga em silencio e com o mesmo silencio se retira do altar, para mostrar o luto e dor de que está coberta a egreja neste dia.

Sabbado santo.—Antes de se começar os officios deste dia, se apagam todas as luzes da egreja e se accendem depois com lume novo, significando a lei e testamento velho, que pela morte de Christo se extinguiram; e pelo novo lume se symbolisa a lei de Jesus Christo.

A benção do Cirio Paseal, significa a gloria e a ressurreição de Christo.

O Cirio acceso significa que nos guia no deserto deste mundo, para a terra da Bemaventurança. A vella triangular que se accende, é em honra da SS. Trindade, de que Jesus Christo nos deu luz. Accender-se o Cirio com luz da vella triangular é para nos dar a entender que a Ressurreição de Christo foi obra das tres pessoas divinas; e o lume denota a alma que outra vez se unia ao corpo e se revestiu com gloriosa luz da humanidade. As cinco pinhas de incenso, significam as cinco chagas de Christo recebidas na Cruz.

Tudo na egreja catholica é mysterio; mas tudo tem uma significação sublime dos grandes mysterios de nossa Redempção.

Um pregador.

Um pregador disse n'um sermão:

—Meus caros ouvintes, admirae a força de Sansão, o qual com uma queixada de jumento passou mil Philisteus ao fio de espada.

A confissão.

Um padre, querendo confessar a um roceiro, disse-lhe:

—Accuse-se, irmão.

—Accuse-me V. Revma., respondeu elle, que eu me defenderei.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º — BAHIA. — 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 64.ª — TERÇA-FEIRA 19 DE ABRIL. — N. 634.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de abril de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, reclamando contra a flagrante violação da primeira parte do art. 3.º do contracto do aceio da cidade, pela empreza do mesmo.

A travessa da Ordem 3.ª, nas ventas mesmo da empreza, acha-se em pernicioso estado de infecção.

Uma infinidade de animaes mortos em decomposição, um oceano de excrescencia e extraordinaria agglomeração de materias esterquilinias acham-se ali pesteando o ar, e predispondo as causas para uma epidemia, sem que o emprezario se dê ao trabalho de remover taes objectos, como é de sua obrigação e para isso ganha.

Nem ao menos ha a escapatoria de ser semelhante logar habitado, para desculpar-se com os moradores.

Espera-se que S. S., por interesse á salubridade publica, advirta ao referido emprezario a que seja mais pontual no cumprimento d'aquillo á que se comprometteu.

—Acudam aquelle rapazinho que cahiu estendido.

—E dizem que o cavallo por dar um coice não se corta a perna!

—Não é a perna do cavallo que merece ser cortada; o desasado conductor é que devia ir para o chilindró.

Quem conduz um animal daquelles não se põe a esbravejal-o com mangoaladas.

—Mas quem o prenderá aqui na Barroquinha?

—Visto isso, o offendido que soffra calado.

—E leve para casa, talvez, a origem de uma aposthema que o deite na cova.

—Para este o sabbado d'alleluia não foi de muitos bons auspicios.

—Sempre que eu subo este pedaço da ladeira do Taboão é com o credo na bocca, prevendo um caso destes.

—Estes carroceiros são uns barbaros! Como é que um pobre burro, á força de pau e mangoal, ha de aguentar tão descommedida carga, nesta ingreme ladeira, com um sol de rachar!

—E a policia esquecida da lotação dos carros de todo genero!

—O resultado é este.

O animal extenuado, não poude resistir e la foi arrastado descambar pela ribanceira.

—Si por acaso passasse algum infeliz vivente, que ficasse esmigalhado, para depois lamentar-se o successo.

—Que negocio tem o emprezario do cisco com o chefe de policia?

—Lhe interessa saber?

—Na segunda feira, muito cedo, antes das 6 da manhan, mandava elle por um caixeiro dizer a S. S. que, si podesse sahir, chegasse lá.

—Referencia a negocios da limpeza, sem duvida.

—Mas o emprezario é que deve procurar o chefe de policia, ou a authoridade é que deve acudir ao chamado do emprezario?

—Homem, entre amigos não ha ceremonia.

—Os Srs. ministros de pernas encarnadas são renitentes!

Domingo de paschoa fizeram sinalepha e deixou de haver missa no Collegio.

—Houve.

—Não houve.

—Disseram uma missa resada.

—A obrigação nesses dias é de celebrar-se missa cantada, omissão que se deu por falta de numero.

E como os exemplos maus são contagiosos, nem orgão teve nesse dia, quanto mais musica.

—Andaram todos no alteio.

—Cada um procurando suas conveniencias.

—Conclusão: os funccionarios da egreja

Zirimão di êre á qui tan cazaro.

primaz são frouxos no cumprimento de suas obrigações.

—Ao menos dão a entender.

—Consente uma rectificação?

—Va.

—No domingo 3 celebrou-se missa, e por equivoco dissemos que não; o que faltou foi sermão e a musica.

—Sim senhor, fico inteirado.

—Estamos na semana santa.

—Hoje ja é quarta feira de trevas.

—Os padres não pregam que este tempo é consagrado á abstinencia, penitencia, á contricção dos peccados?

—E ordenam a temperança nos appetites mundanos.

—Si fosse eu, que, no dia de hoje, sahisse de uma casa daquella ordem, quando fosse me confessar com este padre, elle havia de me reprehender asperamente, dizendo que commetti grave peccado, impor-me pezada pena e até, talvez, me levantar do confissionario.

—Querem que ouçamos os seus conselhos e não imitemos os seus exemplos.

—No emtanto, elle, ministro da religião que nestes dias commemora o mais santo dos mysterios, dorme em uma casa, onde a castidade é uma blasphemia, e sahe muito fresco pela manhan com os habitos ecclesiasticos.

Nem si quer mudou de traje!

—Sabe si dormiu?

—Sim, é provavel que levasse acordado.

Mas quem sahe ás 4 horas da madrugada de uma casa, é claro que nella passou a noite.

—Rezando, talvez.

—Ahi está um bello pedaço que podia enfeitar as columnas da *Chronica Religiosa*, que conta tantas sanctidades.

—E o povo, *mirando* estes exemplos, hade sem duvida edificar-se.

—Ha quem diga que o emprezario da limpeza não prestou a fiança dos 10:000$ rs., do artigo 27 do contracto.

—Não é cousa de espantar.

—Ora, assim é mesmo um contracto de compadre!

—Uns saborosos pasteis de nata para debicar á vontade.

—O chefe de policia toma todos os dias um bom pedaço do *Jornal da Bahia* com um edital marcando a ruas em que a limpeza deve estar concluida as 10 horas. Como de prevenção nessas é que eu vejo carros até meio dia e uma hora da tarde!

—Mesmo que é nellas que resume se o accio da cidade; as mais não tem a honra de ver um carro da actual feliz empreza.

—Como que parece que foram apontadas a dedo!

—Do largo de Santo Antonio ao do Theatro, o transito é feito por um cordão de ruas invariavelmente; são destas que se occupa a empreza; as mais ficam esquecidas.

—As ruas dos Ossos e Oração, da freguezia da Sé, estão nauseabundas.

—As de S. Pedro, uma das mais bellas freguezias da cidade, causam lastima.

—O art. 3.º do contracto diz que a empreza tem obrigação de remover pedrinhas, telhas e tijollos quebrados. No terreiro, ao pé de uma arvore, existe, ha mais de 12 dias, uma porção de tijollos, e os carros passam por elles todos os dias!

—Eu achava melhor que mettessem o dinheiro nas algibeiras do homem, sem elle fazer nada; ja que o povo é condemnado a exhaurir seu suor para encher quanta barriga anda por ahi com fome e soldar quanta quebradeira ha.

—As *embaçadellas* são melhores.

—Sim, para, no fim de contas, se apregoar que domina a epocha da economia, da regeneração e da moralidade!

—O que lê V.?

—Uma correspondencia de Lisboa.

—Ah.

—E agora mesmo estou apreciando o caso de um sacerdote, o qual, pelo geito, devia ser o typo da charidade.

—Diga.

—«Em Alpedrinha, (Beira) falleceu o padre José Peixoto, na edade de 103 annos. Estava bem conservado e sem alteração nas faculdades intellectuaes. Senhor de alguns contos de reis, mas insignemente avarento, ralhou com a criada, na *vespera da morte*, por comprar pão de trigo em logar de pão de centeio.»

—Este era dos taes que, si se comprasse a morte, preferiria morrer a apartar-se dos seus thesouros.

(*Continuação do n. 652.*)

—Dissemos, na terça-feira 11 do corrente, que a *perniciosa educação jesuitica* era a causa unica de tanta superstição, de tão barbaro despotismo que Lopez exercia no Paraguay e sempre amado, sempre querido pelos mesmos a quem trucidava.

—E quem ousará contestar-lhe?

—Quem não vê a reverencia com que um paraguayo se descobre para pronunciar o nomo do *el-supremo*, como si pronunciasse o nome de Deus?

—E porque?

—Porque desde a infancia a *fradaria* educou-o nesses subservientes principios.

A ideia predominante delles é estabelecer o governo theocratico, e por isso ensinam que um rei é Deus sobre a terra, e que acima dos padres ninguem, pois são ministros de Deus.

—Hypocritas! refalsados impostores! Que importa a hypocrisia, si a cada momento a mascara cae e apparece a deslavada cara affrontando a moralidade publica pelas praças e ruas, como se tem visto!

—Ja é tempo de abrir os olhos ao clarão da verdade!

O jesuitismo, como a hydra de Lerna, tem milhares de cabeças, que renascem, é necessario pois milhares de pennas para derrotal-o!

Cinzas venerandas do marquez de Pombal, reanimae-vos! vinde ver a seara do jesuitismo como florece entre nós! Mas, não, dormi em paz vosso somno!

Genuense ensina que os homens tudo quanto são devem á educação que tiveram.

O que será um povo educado na superstição religiosa, que quer, que impõe a ignorancia de tudo?

—Não é religião o que nos ensinam, é uma cousa que os padres sabem, que torcem a seu geito, somente com o fim de satisfazerem insidiosos desejos: isto que dissemos havemos proval-o nos ulteriores escriptos.

O homem é um animal racional, religioso, na frase propria de um de nossos padres, é da natureza humana a religião; mas não o fanatismo, não a superstição plantada adrede no coração da mocidade e principalmente do sexo fragil, n'aquellas que tem de serem mães, que tem de educarem seus filhos, dando-lhes a beber, com o leite, falsas doutrinas.

—Por que os nossos padres não pregam a charidade, rainha de todas as virtudes, o amor de Deus e do proximo, o perdão das offensas, etc., e pelo contrario do alto do pulpito descrevem a Deus ardendo em raivas, vibrando raios, com fogo nos olhos, nos ouvidos, como si fosse *cabra-cabriola*?

Um Deus manso, um Deus bom, como elle mesmo disse—*Dixit a me, quia mitis sum et humilis corde....*

—Ou é por ignorancia, no que não cremos, ou por calculo, para aterrar e amedrontar as pobres mulheres, e assim conseguirem seus fins!

(*Continúa.*)

A PEDIDO

—Capitão, que caracter tem um individuo que, sendo devedor, esquiva-se a pagar uma divida contrahida, e sendo instado para desembaraçar-se desse encargo, responde muito lepido:

« Eu não pago, porque o senhor não pode « provar que eu lhe sou devedor. Não julgue « ser por falta de dinheiro; olhe, dinheiro eu « tenho. »

E tira do bolso recheiada carteira e mostra.

—Um individuo assim põe a toda evidencia que é destituido de sentimento de brio e honra.

A bem da humanidade.

Era bem justa a creação de uma lei, que mandasse a thesouraria provincial pagar ao perito nomeado pelo procurador fiscal da fazenda para os inventarios, em que a mesma tem interesse de sellos, e não os inventariantes, que muitas vezes pagam quantias avultadas de avaliações, estado, caminho, condicções etc ao referido avaliador, sem que elle tenha ido ao logar por poupar-se ao trabalho de sua longitude, mas que, entretanto, se julga com direito a exigir do inventariante, e sem remissão nem aggravo é pago, sobrecarregando muitas vezes estas despezas um casal que tem orphãos.

Ora, o regulamento dos bens de auzentes manda que, para as avaliações de predios dos mesmos bens, si nomeem os lançadores da recebedoria, e porque nas avaliações, em que a thesouraria provincial tem interesse de preço subido, não ha de nomear os seus lançadores da decima urbana? Nada mais natural; pelo menos poupa a despeza do avaliador particular, e ninguem mais habilitado do que o lançador da decima: ou então recorra-se á administração das obras publicas, como se costuma fazer nas desapropriações, vistorias etc., em que a fazenda provincial tem parte, e não seja essa nomeação de perito exclusivamente feita a um protegido, como meio subsidiario, com a capa de interesse da fazenda.

São muitos os vexames do povo: sejam cerceados os abusos, para que não haja tantas queixas.

Ja findou-se Lopez o tyranno,
Sangue humano derramou, malvado;
Acabou como acaba o bandido,
Que ferido ainda corre apressado.

E assim terminou cruel guerra,
Que esta terra tanto maltratou,
E o Brasil revestido de gloria
Na historia o seu nome gravou.

Pelo Deus das victorias guiado
Um soldado feliz o matou.

Zirimão di êre á qui tan cazaro.

Animado por doce esperança,
Com a lança seu peito rasgou.

Parabem ao distincto guerreiro,
Que altaneiro conservou-se lá,
Nos seus planos de guerra gigante,
Triumphante voltará p'ra cá!

E' a elle que pertence a gloria
Da victoria com valor ganhar,
E o principe excelso que temos,
Teve a gloria da guerra findar!

Estampido terrivel não sôa,
Ja não troa medonho canhão,
So se ouve cantar prasenteiros
Os guerreiros da brava nação!

Eia pois brasileiros, agora,
Nesta hora de tanta alegria,
Uma prece ao SENHOR por aquelles
Sem os quaes resurgiu este dia!

Sr. *immediato* dos *permanentes*, quando tiver occasião de estar com os seus *inferiores* na casa das *determinações*, para o detalhe do serviço, porte-se mais commedidamente.

Lembre-se que a urbanidade e delicadeza são predicados inseparaveis do homem bem educado, e que todo aquelle que se affasta dessas regras, denuncia a educação pouco esmerada que teve.

Os epithetos de burro, estupido e outras grosseiras descortezias, que lança a seus subordinados em face, são labeus que recahem sobre si mesmo, porque o homem cortez nunca abusa de posição mais elevada para, sem nenhuma generosidade, injuriar immerecidamente os que lhe estão inferiores.

Mire-se no espelho de collegas seus em graduação, que tratam os que lhe estão abaixo com affabilidade e sabem manter o prestigio de seus cargos.

Um dos offendidos.

—O *Diario da Bahia,* noticiando o sentido passamento do Dr. Pereira de Albuquerque, chamou-o de *liberal decidido.*

—Si os liberaes decididos são do quilate do finado Dr. Pereira de Albuquerque, perdida vae a causa desse partido.

Epigramma.

Estando um grupo de trez,
Um estudante, um caixeiro
E um artista, então este
Diz em tom mui zombeteiro:

—Antigamente, os demonios,
Dos padres tinham temor;
—Mesmo que é pellas que resume se o ac-nome de Deus?

Mas hoje se congratulam
Com amigavel fervor!...

A tal ponto que, indo um dia
Certo bispo reverente
Em viagem para o *ceu,*
Ferra-Braz deu-lhe um presente,

Presente que la no *ceu*
Do *Deus* obtem perdão
Para a culpa mais terrivel
Da humana geração!..

.....
.....

O que, pois, mais me admira
E' depois de ao *ceu* chegar,
Um papelinho tão leve,
Quinhentas libras pezar!!!

Porem infeliz daquelle
Que acaso *Braz* se chamar;
Pois si lhe cahir nas unhas,
Ferra-Braz ha de o *ferrar!*!!

VARIEDADES.

Dous sujeitos que se encontram n'um omnibus, levam toda a viagem a conversar sobre os maus costumes e a pessima indole dos habitantes de uma de nossas cidades do interior.

—Não gosto, ajunta um delles, não gosto de semelhante gente, pois um celebre capitão Francisco Antonio que lá ha...

—E' meu tio, diz o outro simplesmente.

—Pois, Sr., accrescenta o primeiro, é muito boa pessoa! Um excellente homem, na verdade.

Christovão Lopes era pouco abastado: pedindo-se-lhe um dia esmola para o azeite de Santo Antonio, respondeu:

—Que se deite ás escuras, que assim faço eu.

ANNUNCIOS.

MONTE SOCCORRO.

Avisa-se a todas as pessoas que tem debitos vencidos no Monte Soccorro, queiram vir reformar ou resgatar seus penhores; do contrario serão vendidos no dia 27 deste mez de abril.

Na rua do Julião venda n.° 35, precisa-se de uma ama de leite.

Na rua do Collegio n.° 7, precisa-se de uma ama de cosinha.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 64.ª SEXTA-FEIRA 22 DE ABRIL. Ns. 635—636.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de abril de 1870.

Não houve expediente.

—A empreza do Queimado não recebe as novas moedas de vintem e dez réis.

—E' que faz-lhe conta accumular o cobre para vender a quatro por cento.

—E' cousa odiosa o monopolio.

—Me parece que a interferencia policial é bem cabida; porque não deve ser uma empreza favorecida pelo governo, a primeira que esteja a depreciar o dinheiro do paiz e difficultando o meio circulante.

—A empreza é rica e poderosa, ha de fazer tudo quanto quizer.

—V. que lê gazetas, me diga, o que está feito o Chico Diabo?

—Que matou ao Lopez?

—Sim.

—Cabo d'ordens, não sabe?

—Pois sendo a morte de Lopez considerada como um feito heroico, uma gloria para o Brazil, o author desse feito tão decantado nada mereceu?

—Rapaz, cale sua bocca. Foi sempre ordem do mundo os pequenos escorarem os grandes.

—Entretanto, si na morte de Lopez houvesse alguma parte odiosa, haviam de descarregal-a sobre os hombros do valente cabo.

—A Bahia que se inculca de philantropica e charitativa, procede barbara e deshumanamente para com infelizes creaturas cegas da razão.

Os miseraveis doudos são atirados sem compaixão nos ergastulos immundos da cadeia da Correcção!

E' a mais clamorosa falta de humanidade, concorrer para a desgraça de nossos semelhantes.

Os desditosos, acabrunhados n'uma prisão estreita, sem refrigerio, sem distracção, em logar de melhorarem, tornam-se furiosos e incuraveis!

—Está um ponto em que eu não posso criminar ao chefe de policia.

S. S. tem o dever de prevenir que os doudos commettam desvarios pelas ruas e, na falta de logar mais proprio, lança mão da Correcção.

—La mesmo pode haver qualquer desgraça de uma hora para outra, pela agglomeração de doudos com gente san.

Uma faca desgarrada, uma pedra. Entre os doudos mesmos, qualquer descuido á noite, quando todos durmam, um que se levante e commetta qualquer attentado, porque, supponho, sobre elles não ha vigilancia.

O infeliz José Nogueira, coitado, recolhido áquelle inferno, peiorou e está doudo varrido.

—E o asylo de S. João que nem se falla nelle!

—Em tudo que é de utilidade para esta terra, ha de se metter o rabo do diabo e impedir a sua realisação. Os maldictos caprichos são causa da paralisação de tão importante obra.

—E os nossos legisladores provinciaes discutem interesses particulares e questões de rivalidades locaes, esquecidos do bem de sua terra!

—E da côrte, a Bahia só é lembrada, para enviar-lhe suas rendas ou mandar deputados que appoiem o governo que estiver de cima!

—Consta que o Sr. mandante da policia reuniu os sargentos do batalhão e exigiu saber qual delles mandou fazer publicações no *Alabama* contra S. S.

E como todos respondessem negativamente, ordenou que queria uma justificação geral.

—Ah, por isso é que um sargento procurou-me e disse-me que no dia immediato trariam um abaixo assignado pa[illegible] eu declarar si algum delles escrevera cont[illegible] mandante.

—V. o que respondeu?

[illegible]ra no C[illegible]

Zirimão di êre á qui tan cazaro.

—Que não estava disposto a declarar. Replicou-me elle que em tal caso chamariam a folha a juizo.

—E' o unico procedimento legal.

—Mas o que tem o mandante da policia com as publicações do *Alabama* para se escandalisar com ellas?

—Eu não creio que S. S. cahisse em tamanho disparate, nem que abusasse do poder de superior para impôr a subordinados justificações que não vem ao caso da disciplina do corpo.

—Sem duvida os inferiores *enchergaram cousa* á proposito e querem prestar este serviço agradavel a seu chefe.

—Ha de ser isso.

—Porque, á lhe-fallar com franqueza, ainda não sei qual é a publicação a que se referem, nem em que numero foi feita.

—Elles que declarem para se saber qual foi a que deu na ferida.

—Dizem que tambem por egual motivo foi preso o alferes José Giraldes.

—Historias!

Então era estar doudamente a dar por paus e por pedras e patentear grave despeito da parte do Sr. mandante, a quem julgo incapaz de tanto.

—Os soldados de policia andam ás ordens da empreza do cisco.

—Bemaventurada é ella que achou graça diante de seus bemfeitores.

—Emquanto os turbulentos e quebradores de vidraças andam á noite fazendo algazarras, os crimes se reproduzem, a moral é desacatada, o pudor das familias insultado, o cidadão apupado pela malta de moleques que infestam as ruas, a companhia do olho-vivo desenfreiada, os ladrões mostram-se audaciosos e as casas amanhecem arrombadas, os incendios se multiplicam e a desculpa que se dá é que não ha força sufficiente para reprimir taes attentados; ha soldados de policia á disposição da empreza do cisco para andarem embuçados pelos beccos!

—A tal pepineira vem custar mais cara a provincia do que se pensa.

—Tudo isso para favorecer a um homem e converter as ruas em depositos de esterqueiras!

—Capitão, estou enthusiasmado!

—Porque?

—Leia esta noticia.

—Que gazeta é esta?

—E' a *Refor*[illegible]dal.

—Diga o q[illegible]rtista[illegible]ue diz a noticia.

—Constitu[illegible] tom[illegible]a côrte, no dia 20 de [illegible]gamente

Dos padres tinham temor:

—Mesmo que é nellas que resume se o ac-

março, uma sociedade intitulada **Emancipadora do elemento servil**, tendo por capital VINTE E QUATRO MIL CONTOS DE RÉIS, e tem por bases:

Respeitar o direito de propriedade, pagando aos senhores o importe da libertação dos escravos;

Não onerar os cofres publicos com a indemnisação das alforrias dos escravos:

Principiar a manumissão pelas mulheres;

Encarregar-se da amamentação e creação dos recem-nascidos, educação e instrucção dos menores, fundando para isso estabelecimentos apropriados;

Completar a emancipação de todos os escravos em todo imperio no maximo praso de 32 annos;

Obrigar os libertos ao trabalho para indemnisação do custo de suas liberdades!

—Muito bem! muito bem!

—Os estatutos desta sociedade foram sujeitos á approvação do governo imperial.

—A Providencia vele pela santa causa da liberdade.

—Capitão, um monstro de especie humana, desflorou cinco filhas.

Até uma de cinco annos foi victima do incestuoso bruto!

—Onde foi isso?

—Na Republica Argentina. O author desse attentado, que causa opprobrio á especie humana, é um allemão por nome Julio Frederico Olton Osterrich. O tribunal condemnou-o a 8 annos de presidio.

—Uma bagatella para tão horroroso crime.

—Bem diz a phrenologia que ha creaturas que assemelham-se a brutos e animaes.

—Ante-hontem, na ladeira que do Campo Grande vae dar na fonte do forte de S. Pedro, em uma casa de fogueteiro, incendiaram-se os fogos que haviam dentro de casa, ficando duas senhoras queimadas.

Parte do predio foi devorado pelas chammas!

—Mas as egrejas não deram signal de incendio?

—Si minto, minto pela bocca do sargento do 5.º destacado na fortaleza de S. Pedro.

—Na quarta-feira ás 4 horas da tarde, um inglez deu um socco em um rapazinho brasileiro, que arrebentou-lhe a cara.

—Onde foi isso?

—Na cidade baixa, na rua das Princezas.

O inglez entrou pelo armazem do Sr. Ship Chandler, e depois sahiu no meio de uma sucia de inglezes.

nome de Deus?

Algumas pessoas presentes exigiam a prisão do tal *biff*; mas não havia soldado algum que se atrevesse a dar-lho a voz de prisão.

Appareceu por fim um soldado de policia que o agarrou, recebendo um socco de um dos *biffs* que com elle vinham; o soldado desenvencilhou-se do socco, retribuindo este mimo com uma refada que deu na mão do tal inglez, conseguindo, depois de muito lutar e ajudado de algumas praças do 5.º batalhão, leval-o preso.

—Capitão, decida si isto é ingenuidade, ou instincto de perversidade.

—Diga.

—Em Mamanguape, (Parahyba) uma menina de 10 annos de edade, matou o irmãosinho de 2 annos em açoites.

A *joven assassina* é de tamanho tal, que em quanto o juiz formava o processo ella *dormia no collo da mãe*.

—Homem, diz o adagio que o espinho que tem de picar, de pequeno mostra a ponta.

—Ora mais esta!

Soffra-se em cima do mais, os insultos dos carroceiros do cisco!

—Não estão authorisados para tanto.

—Estejam ou não, não guardam consideração ao publico, e dirigem para muitas casas palavras mais porcas do que o esterquilinio que conduzem.

O ponto está que estejam de venetas e encontrem lixo defronte de alguma casa.

—E' desaforo.

Si elles não podem saber si da casa que desacatam é que se despejou o cisco, como insultam?

—Ha dias eu passava pela rua Direita e um delles vibrava para um sobrado palavras que não só injuriavam os moradores como escandalisavam a moralidade publica.

E' verdade que não havia ninguem á janella.

—Está direito; não basta que se arranque ao povo para saciar quanta harpya por ahi anda, ha de ainda pagar para ser injuriado!

—Boa tarefa tem estes homens.

—Os soldados de policia?

—Elles mesmos.

Vivem a aggarrar todo o preto que *lhes parece* ser escravo fugido.

—A cousa rende.

—Mas causa encommodo.

Logo que sabem que a gazeta annunciou algum escravo fugido, vão pegando a torto e a direito: pessoas livres, escravos que vão á mandado de seus senhores; e depois tornam-se rabugentos e pertinazes para soltal-os.

—E' com gana na gratificação promettida.

—E' verdade que a necessidade tem cara do herege. Si os homens fossem pagos de seus soldos e fardamento vencido em dia, talvez elles cuidassem mais no que lhes compete do que em pegar negros fugidos.

—Creio nisso

—Na quarta feira, quatro soldados prenderam um crioulinho livre, por que, diziam, parecia-se com um que estava annunciado.

Appareceu o mestre do supposto escravo fugido, um sapateiro ás Portas do Carmo, reclamando-o, e ainda assim os homens duvidaram e recalcitraram em entregar o discipulo.

—Deixar escapar assim, a gorgeta que julgavam segura, é duro.

—Tal pendenga durou até 6 horas da tarde.

—Essas praças deviam estar de serviço.

—E' provavel.

—Si se pedisse o auxilio dellas para qualquer caso de ordem publica, negavam-se; mas para se arvorarem em capitães do matto estão promptos.

—Não é de hoje que ouço dizer que a policia desta terra a serventia que tem é de capturar pretos fugidos.

—Antes chamassem empreza da porcaria, do que do aceio da cidade, a isso que por ahi anda.

—Era mais bem cabido, na verdade.

—Fazem tres dias que na ladeira de S. Miguel, esquina da Ordem 3.ª, em logar que não pertence a nenhuma habitação, estão dous formidaveis ourinoes e uma bacia de rosto, alem de extraordinaria porção de limões podres, bagaços e cascos de caranguejo materia de facil putrefacção.

Pois é assim que se come o dinheiro do povo?

—Por fallar em ladeira de S. Miguel, é bom accrescentar que existe la um grande buraco entulhado com esterquilino.

—E' assim que cumpre aquillo a que se obrigou aquelle, cuja *reconhecida actividade* a presidencia apressou-se a dar testemunho!

—Capitão, ha dous dias dous sertanejos de localidades differentes, encontraram-se na Praça do Commercio e poseram-se a encarecer os males da secca e estragos causados pelo ardor do sol, no centro.

Pesquei algumas palavras que passo a relatar.

Dizia um:

«Conheço uma senhora no Coité, que man-

dou comprar ovos para o jantar o por descuido deixou-os alguns momentos ao sol; quando voltou a procural-os achou meia duzia de pintos, comendo umas couves que estavam proximas.

Os ovos chocaram com o calor. »

—Bem excogitada!

—Sem deixal-o tomar folego, acudiu o outro:

«Senhor, si Deus não tiver misericordia, morre tudo abrasado no sertão.

«Na estrada de Santo Antonio das Queimadas, encontrei quatro ferreiros malhando em uma chapa de ferro; aproveitavam o sol para seu trabalho, poupando assim o carvão da forja.

—Upa! admira que os ferreiros não ficas sem encruados!

—O primeiro, não querendo ficar por baixo, atirou mais esta ao seu interlocutor:

«No sitio onde moro, uma mulher lavadeira estendeu uma pouca de roupa a enxugar ao sol. Quando foi apanhal-a, achou apenas cinzas. Tinha sido devorada pelas chammas produzidas por aquelle astro.»

—Podia accrescentar que na fonte, onde lavava a tal lavadeira, os peixes sahiram d'agoa desesperados com o calor que sentiam.

—Os dous abalisados novellistas continuaram a primar nas suas exagerações, porem eu mais nada pude ouvir e retirei-me.

A PEDIDO

—Um Sr. Salvador Borges de Barros, fez proezas no Bom-gosto da Calçada, quinta feira santa de noite.

—O dia era improprio.

—Indo com más intenções, a casa de seu sogro João de Deus Pereira de Queiroz, este que ja lhe sabe das baldas, amedrontado, trancou-se.

Pretendeu então arrombar a porta por meio de violencia e a cada forte pancada que dava dirigia uma tremenda ameaça.

Alguns visinhos sahiram e procuraram accommodal-o.

O velho, vendo gente em seu auxilio, animou-se a abrir a janella. Salvador, ligeiro como um gato, galgou o peitoril e agarrou na cabeça do sogro, a quem esmurrou de veras.

A muito custo tiraram-no dali, sendo preso e entregue ao inspector de quarteirão, que o soltou, depois de muita reluctancia.

O subdelegado, sabendo do facto no outro dia, exigiu a presença de Salvador, o qual apresentou-se; porem o subdelegado disse que não era Judas, para prender em sexta feira da Paixão, e que apparecesse no sabbado. No sabbado, mandou-o embora.

Entre o vulgo corre que Salvador tem *pedra de tocar*, e que é devido a efficacia deste talisman que tem conseguido a seducção de muitas moças.

– Quem sabe si não foi elle quem o protegeu em mais essa que fez, mudando repentinamente a opinião da authoridade a seu respeito?

Noticia necrologica.

Fiat lux.

Mais uma vida tombou ao sopro da morte!... Mais um coração vergou á força do destino!... Mais um espirito subiu ao seio do Eterno!!!...

Lucidio de Souza Mascarenhas, dotado de uma intelligencia fertil, e de uma irrecusavel tendencia para o saber, procurou em seus primeiros annos cultivar as letras. Mas, tal foi a fatalidade do seu destino, que a morte, cruel como soe ser, roubou inesperadamente a vida de seu desditoso pae.

Orphão, sem arrimo e sem futuro, ao despenhar-se de dôr na miseria e na desgraça, Lucidio de Souza Mascarenhas desenhava-se unicamente no bem que lhe restava, em sua infeliz mãe! Procurar o allivio della, mitigar-lhe os soffrimentos, garantir-lhe o porvir foi um acto seu de momento.

Elle, pois, precisava de uma arte, para o seu futuro viver e dos seus; e como base segura de sua independencia, encontrou-a na feitura sublime de Guttemberg.

Ahi, em 1825, epocha de sua aprendisagem, Lucidio de Souza Mascarenhas desenvolveu-se com o talento e a aptidão superiores á sua edade: seus trabalhos foram admirados e remunerado o seu merecimento.

Convinha, pois, que sua mãe e seus parentes, desditosos até então pelo infortunio, fossem chamados ao seio de uma nova familia; e elle tornou-se o protector de todos, como seu chefe natural. E' que a providente mão de Deus, no seu inexcedivel juizo, sella os destinos da humanidade!...

Assim, caminhava Lucidio de Souza Mascarenhas, neste peregrinar da vida sobre a terra, quando, em 1836 e em subsequentes annos, novas vantagens e novos meios mais seguros lhes são offerecidos na administração de differentes typographias desta cidade.

Seu merito permittiu-lhe essa escolha; e sua aptidão, seu zelo, sua dedicação e sua fidelidade se manifestaram ainda uma vez de maneira admiravel.

E não são só essas qualidades, e esses tra-

—Mesmo que é pellas que resume se o ac-nome de Deus?

balhos os do que elle se occupava e distinguia; occupava-se tambem em cultivar a sua intelligencia, então abafada pelo sôpro da desventura:—a sua penna já se deslisava sobre o papel e as suas idéas e locubrações já se transmittiam á publicidade.

Foi mais um filho de Guttemberg que, como outros, se distinguiu na honestidade dos seus actos, e na decencia das suas opiniões. Elle, pois, não queria que o seu nome transpirasse, nem que os seus escriptos fossem conhecidos.

Diga-o ainda ha pouco a memoravel descripção funebre, que ao passamento de um seu collega d'arte fez elle! As côres com que o pintou, o desenho de que se serviu, o pincel e a téla em que meneou o seu trabalho, foram outras tantas inspirações da natureza apaixonada pela dôr e reverberada pelo sentimentalismo d'alma.

Tanta era a candidez de seu coração!

Dotado Lucidio de Souza Mascarenhas de uma constituição solida e robusta, o seu physico apenas se faria sentir por leves e passageiros incommodos, até que a morte infausta roubou sua carinhosa mãe.

Essa perda notavel, para um filho que tanto a idolatrava, tornou-o de subito sombrio e taciturno. Desde então o desventurado julgou-se com direito á um novo apoio, e conseguintemente á novos affectos ao seu coração; visto como, dest'arte, seria menos sensivel o seu soffrimento.

Eis pois, Lucidio de Souza Mascarenhas com familia, e de um caracter superior ás suas forças, pelo grande numero de seus filhos.

A sorte, porem, cega em seu destino, com o volver dos tempos, se lhe tornou avara; e a molestia, apoderando-se do seu espirito alquebrado pelas fadigas e pelo cansaço, de que era victima, visto como a sua edade não permittira-lhe jamais tanto trabalho e tanto desgosto, o fez succumbir repentinamente no dia 29 do corrente á uma morte cruel e desoladora..

Seus filhos ficaram á mercê de Deus, pelo legado de sua pobreza; como á mercê de Deus foi seu corpo, ainda que decentemente levado á morada eterna.

Eis o fim da peregrinação humana e dos gosos da vida ao descambar na morte!!!...

Derramemos uma lagrima de saudade sobre o seu ataúde, e imploremos ao Altissimo o perdão de suas penas.

Bahia 31 de março de 1870.

F. T. A.

O captivo.

Captivo, que sina infame,
Curvou-te a fronte negrenta;
Que agonia cruenta
Tu sentes em teu viver;
Que fado austero te guia
Na senda da crueldade,
Nas terras da liberdade
Tu vives para soffrer!

Envolto em trevas, sombrio
Com a mão calosa limpando
O suor que gottejando
Vae espalhar-se no chão;
Ente bastardo da sorte,
Espera altivo, não tremas,
Vão quebrar-se essas algemas
Da fatal escravidão!

Não mais verás, pobre negro,
Teu triste pai lategado,
E teu filho separado
Pelo destino fatal;
Livre fez-te a natureza
Mas a maldade do mundo
Em um abysmo profundo
Deu-te o martyrio mortal!

Escravo, nome que avilta
Uma nação que se ufana
De ser livre, americana,
Dotada de tanta luz;
Escravo, nome que avilta
Um paiz de tanto brilho,
Que ainda vê seu proprio filho
No captiveiro da cruz!

Mais um alento, captivo,
Nutre ainda uma esperança;
Teu filho, pobre creança.
Não soltará tantos ais,
Em breve o paiz gigante
Cedendo a humanidade
Ha de bradar liberdade
No centro dos palmeiraes!

Liberdade, o grito altivo
Sôe então do sul ao norte,
Como sentença de morte
Ao oppressor do irmão;
Liberdade, o doce nome,
Que encerra em si mil poemas,
E quebra as duras algemas
Da cruel escravidão!

Ergue essa fronte, captivo,
Contempla o sol que hoje brilha
Na cama de tua filha,
Que é captiva como és;
Amanhan o sol de novo
Talvez te encontre altaneiro
Dizendo: sou brasileiro,
Quebro as algemas dos pés!

Não mais da surra o chicote
Esse tão vil instrumento,
Que tolda o entendimento
Do triste que não tem luz;
Não mais a sina de ferro
A maior aviltação
De ser exposto em leilão
Na terra da Santa Cruz.

A. C. Azevedo Coimbra.

—Capitão, ha um certo *beef* em Latropolis, que está enriquecendo á custa da empreza na qual é empregado.

—Este mundo está coalhado de velhacos; descubra la mais essa brejeirice.

—A empreza emprega na confecção do seu trabalho certa materia prima e vende o refugo a particulares para outros misteres, da mesma sorte que a companhia do gaz vende o cok, a moinha para queimar caieras, etc.

A empreza porem so vende porções certas.

—Assim tambem é a companhia do gaz, so vende 3, 6, 9, 12, toneladas de cok.

—O que faz o espertalhão?

Si vende 4 arrobas do tal genero, lança nos livros 3, se vende 8 vão 6 para os assentos assim por diante.

Os excedentes, vão lhe cahindo no bolso e assim está amontoando capitaes.

—Porem não ha outros empregados que descubram a ladroeira?

—V. Ex. sabe que quem come so se engasga. Ha mais quem entre na rascada.

—E como V *bispou* isso?

—Eu lhe digo.

(*Continúa.*)

—Rapazeada, alerta!

Madame Garibaldina está dando espectaculos recreativos na ladeira de S. Bento. Correram pressurosos a desfructar este entretenimento de nova especie, que consiste em bellas vistas de cosmorama.

Ella, e suas quatro companheiras são insignes na sua arte e para commodo da mocidade apreciadora, transferiram-se do beco dos Barbeiros.

Durante toda a quaresma esta companhia trabalhou com applauso da rapazeada e no sabbado de alleluia, houve alem do mais dança de corda, desempenhada por madame Garibaldina e o palhaço Freitinhas.

A cachaça.

Cantem outros trovadores
Mil encomios, mil louvores,
Com bem graça
A' belleza, qu'eu sem arte
Vou cantar de minha parte
A cachaça.

Dizer que so a ventura,
Pode vir da formosura,
E' chalaça,
Porque muita gente boa
Bebe, até que fique á proa,
A cachaça.

A mulher tem attractivos;
E a que tem olhos vivos
Te embaça;
Mas não faz embasbacar
Como faz até cegar
A cachaça.

A riqueza tem delicias
Que são reaes ou ficticias
Por que passa;
Mas tambem as mais das vezes
Não se apega so por mezes
A cachaça.

Si consultarmos a historia,
Veremos por sua gloria
Que devassa,
Quanto genio o mundo encerra
Vencendo tudo na guerra
A cachaça.

O sabio no gabinete,
O nobre no palacete
(Boa raça!)
Alentos novos recebem
Quando provam, quando bebem
A cachaça.

Alexandre o gran guerreiro,
Que venceu o mundo inteiro,
Por pirraça;
Ao bom Cleto seu matou
No dia em que mais tomou
A cachaça.

Catão, o grande Catão,
O severo cidadão
Que na praça,
Fallando, a todos venceu,
Emquanto vivo bebeu
A cachaça.

Até mesmo na Bahia,
Aquelle que se dizia
Ter bem graça,
No sermão improvisado,
Bebia como damnado
A cachaça.

Lá no Pindo a poesia
Atraz della, ai! quem diria,
Anda á caça,

Pois Boccage o bom poeta
Bebia como patéta
A cachaça.

O deus Baccho folgasão,
Por emblema em sua mão,
Tinha a taça;
E a Jove de mansinho
Dava, fingindo ser vinho,
A cachaça.

Si, bebendo, um deus não erra,
Eu não vejo cá na terra
Que mal faça:
Com razão pois, bebe o pobre,
Bebe o rico, bebe o nobre
A cachaça.

Ignacio de Barros Leite.

Mote.

Não quero, yaya, não quero
O amor que não é meu.

GLOSA.

Quando afflicto considero
Que tenho grande rival,
Te digo que amor tal
Não quero, yaya, não quero.
Não me dirás que sou fero:
Que a repulsa t'offendeu:
Pois encontraste um Protéu
Que tu sabe supportar
Bem como eu sei desprezar
O amor que não é meu.

VARIEDADES.

N'um jantar dado pelo presidente dos Estados-Unidos, conta um jornal inglez, um dos convivas, britanico, fez o seguinte brinde:

—Bebo a saude das senhoras de ambos os hemisferios!

Outro britanico já muito inspirado por libações repetidas, levanta-se logo e propõe este brinde:

—E eu bebo a saude de ambos os hemisferios de todas as senhoras.

Escusado é dizer que este brinde foi enthusiasticamente applaudido.

Eis um caso raro nos annaes da medicina.

Uma mulher endoidecera em consequencia dos desgostos que lhe dava o marido. Este morreu victima dos seus excessos. A noticia fez subitamente recuperar a razão a sua mulher.

Lição util.

Um mendigo e um carreteiro foram uma vez a presença do juiz.

—Sr. juiz, exclamou o mendigo, estava eu deitado na estrada, sem fazer mal a ninguem; creio mesmo que, para matar o tempo, ia adormecer, quando sem mais nem menos este homem, que passava por ali por desgraça minha, lançou-se sobre mim e, sacudindo-me como um desesperado, quiz constranger-me a levantar e a caminhar. Ora isto não me fazia conta, porque eu queria dormir.

Deixa-me estar quieto, lhe disse eu, não bulo comtigo; vae-te embora.

Ah! tu não queres levantar-te, me respondeu; ah! tu não queres andar; ah! tu és bruto! heim? Pois vamos ver! E sem mais tirte nem guarte foi levantando o chicote, e assentou-me umas poucas de lambadas como si eu fosse seu cavallo, ou seu burro.

—E' verdade a accusação, disse o juiz ao carreteiro, que este homem te fez?

—Não posso dizer que não, respondeu o carreteiro.

—Que razão tivestes para maltratares este homem?

—Nenhuma outra, disse o carreteiro, senão o seu proprio interesse.

—Encontrei este desgraçado deitado sobre os trilhos da estrada de ferro.

Disse então commigo:

Si eu o deixar ali, a locomotiva que não tarda a passar virá sobre elle, e o esmigalhará. Procurei decidil-o a mover-se, e a transportar-se mais para longe. Não quiz. Estou bem aqui, respondeu-me elle.—Procurei levantal-o, não pude, porque resistia, e era pesado.—Então, atirei-lhe tres ou quatro vergalhadas boas, e eu dizia: elle me ha de agradecer mais tarde quando ficar de todo despertado. A ponta do meu chicote lhe fará em todo o caso menos mal do que a passagem do trem sobre o corpo.

—Vós sois ingrato, disse o juiz ao queixoso; em vez de accusal-o, deveis mostrar-vos agradecido a este homem, porque si não fôra elle, não saberias que é mais facil matar-se a si do que—matar o tempo.

O homem a quem eram dirigidas estas sabias palavras, não estava em estado de comprehendel-as.

Era um vagabundo da peior especie; daquelles que não tem eira nem beira, e que se não envergonham de viver mendigando sobre a terra fecunda, por terem horror ao trabalho.

Emquanto o juiz fallava dormia o bruto a somno solto. Foi preciso que o mandassem para a prisão.

Os preguiçosos, são como este miseravel que pretendia dormir sobre o trilho da estrada de ferro.

No caminho da vida, aquelle que não án-

1 Zirimão di êre é qui tan cazaro.

dar ficará esmagado pela grande locomotiva humana; e muito feliz será elle si a Providencia lhe enviar algum distribuidor do boas chicotadas para arrancal-o do seu lethargo, isto é, da sua morte.

Neste mundo é preciso, ou caminhar, ou morrer.

O movimento é a condição, a prova, a razão da vida.

Um cavalheiro pisou n'um baile o pé de outro cavalheiro, que tinha as pernas muito magrinhas. Este zangou-se e disse:

—Vm. pensa que eu furtei as minhas pernas?

—Não, Sr., si fosse assim Vm. teria escolhido outro par muito melhor!

Uma casa de seccos e molhados, annuncia que vende batatas inglezas a 5$ rs. o quintal.

—Um quintal de batatas por 5$ rs.! exclama um roceiro, ouvindo ler o annuncio. Oh! não ha nada mais barato!

Deixa o seu favorito leitor, monta no seu burrinho e vem para a côrte.

—O' lá, Sr., quero ver um quintal de batatas.

—Aqui estão, freguez.

—São do quintal?

—Sim, Sr., vendem-se ao quintal.

—Pois vamos ver o quintal.

O caixeiro arma a balança e começa a pesar as batatas.

—Moço, diz o roceiro, não é isso; o Sr. annunciou um quintal de batatas, e eu quero ver a sua plantação com terra e tudo.

Riu-se então o caixeiro e explicou ao homem da roça analphabeto que os seus quintaes não passavam de arrobas.

Innocencia.

Estando certa mulher a rezar com o filho, que pouco mais tinha de quatro annos, disse-lhe:

—Ergue as mãos e pede a Deus que nos dê pão.

Respondeu immediatamente a creança:

—Pois Elle é padeiro?

Compareceu perante um jury da primeira instancia um cigano accusado de haver roubado um jumento.

—Não é verdade, senhor, disse o reu, o jumento me roubou a mim, pois foi elle que me levou.

Fabula.

Certo gato de taberna
Tinha fama de aceiado,
E não consta que comesse
Mais do que rato apanhado.

Vendo o gato um figurão
Tão limpinho e tão formoso
Quer comsigo possuil-o
E deu-lhe em casa repouso.

Andava o gato a procura
Por toda casa de um rato;
Pois coitado! só lhe davam
Azeite doce n'um prato.

Provou, achou que o azeite
Tinha um gosto delicado,
E foi tal a sua gana
Que se tornou lambusado!

MORALIDADE.

Eu conheço muita gente
Que deste adagio se escusa:
«Quem nunca comeu azeite
«Quando come se lambuza.»

Ingenuidade.

Certo roceiro pouco conhecedor dos usos e costumes da côrte, achando-se hospedado em uma casa commercial daquella cidade, foi assistir á representação do *Vinte e nove* no theatro de S. Pedro, e vindo fora, em um dos intervallos, dirigiu-se a uma das esquinas para ourinar, quando, passando um *cambista,* perguntou-lhe, mostrando um cartão:

—Não quer uma cadeira?

O roceiro não vendo a cadeira em que fallava o cambista, com ar desconfiado, respondeu:

—Não Sr., obrigado, eu mijo bem de pé.

A geographia.

Certa senhora muito espevitada gabava-se de ter viajado muito.

—Então V. Ex, ha de conhecer muito bem a geographia? lhe perguntou um dos ouvintes.

—Tambem é a unica terra a que me falta ir, respondeu ella, mas para o verão lá tenciono achar-me.

ANNUNCIOS.

MONTE SOCCORRO.

Avisa-se a todas as pessoas que tem debitos vencidos no Monte Soccorro, queiram vir reformar ou resgatar seus penhores; do contrario serão vendidos no dia 27 deste mez de abril.

Roga-se ao Sr. Grato da Silveira Bastos Varella queira comparecer na loja n. 9, ao Taboão, a tratar de negocio urgentissimo, que o mesmo Sr. não ignora. Bahia 2 de março de 1870.

—Mesmo que á noite

Anno 8.º BAHIA. 1876.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 64.ª TERÇA-FEIRA 26 DE ABRIL. N. 637.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de abril de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, pedindo-lhe que seja recolhido á companhia de aprendizes ou a qualquer outro estabelecimento publico, o menor Eduardo, pardo-escuro, de 9 annos mais ou menos, aggregado do Sr. major reformado Pontes.

Esse desventurado orphão que pode vir a ser um cidadão util á sua patria, nenhuma educação recebe, vive porco e sujo e vendendo bonecos de engonço e mais quinquilharias, como escravo, e faminto esmolando comida pelas casas onde o chamam para comprar.

Consta que quando não vende, ou por successo quebra algum dos taes bonecos, é rigorosamente espancado.

Tão valiosas razões são mais que sufficientes a mover a compaixão de S. S. a favor desse infeliz menino.

—Capitão, cousa nova na Bahia.

—O que será?

—O Santissimo Sacramento á carro.

—Não estou disposto a gracejos.

—Caso presenciado por mim, é gracejo?

—Quando viu V. isso?

—Segunda-feira atrasada.

Adoeceu a mulher de um ricasso e tendo de sacramentar-se, mandou dizer ao vigario que não queria acompanhamento de gente em sua casa.

O caridoso pastor fez-lhe a vontade e foi levar o Sagrado Viatico á enferma n'um carro.

—A maneira na verdade, é mais commoda e está admittida em muitas partes; mas uma vez que aqui não é costume, parece condescendencia para com o rico, quando não a ha com o pobre.

—Eu entendo que a egreja não deve crear distincção.

—Oral Mesmo em Roma, quem pode, alcança tanta graça do successor de S. *Pedro*.

—A subdelegacia da Conceição da Praia remetteu para o hospital da Santa Casa o cadaver de uma mulher parda-escura, asphyxiada por immersão!

Consta que foi apanhada por um saveirista.

—A causa?

—E' o que estou por saber.

—Bonito!

Quem pode, pode.

—Não chalace com um caso destes.

Uma escolta de policia commandada pelo cabo Tourinho, assistir impassivel a que se espanque sem piedade um homem mutilado!

—Elle terá la suas razões para não intervir.

—O *Mão forte,* coitado, privado de um braço, levou bordoadas de fazer dó.

O bom do portuguèz está de veras *exaltado*.

—E' o Chico da praça.

—E por isso na praça fez tão bonita graça.

—E' assim que as vezes pega um *turun-dun-dun*. Si passa agora um *capenga* e julga que o espancado é dos seus, ahi estava o *tempo formado*.

—Ha uma qualidade de gente estouvada e imprudente que pela pouca vigilancia que ha sobre ella, põe em risco todos os dias a vida de muita gente.

—Sou capaz de dizer qual é.

—Pois diga.

—São os boleeiros.

—Acertou.

Ainda sexta feira de noite eu vi quasi uma desgraça.

Desfillava um carro tão encostado por um dos lados da rua da Mizericordia, que um homem, procurando desviar-se delle, ao galgar o passeio a aba do paletot embaraçou-se na roda. Sua felicidade foi cahir sobre o passeio, porque teve so o prejuizo de rasgar o seu saco e algumas leves machucadelas.

—Na rua do Collegio existe um tremebundo buraco, no qual muita gente tem corrido o risco de um fatal successo.

—E' uma armadilha para quebrar pernas.

—O Dr. inglez, escapou de ficar em baixo da caleça, uma destas noites.

Um cego precipitou-se.

O Dr. Almeida Couto, passando á cavallo no domingo, foi inadvertidamente com o animal sobre o sorvedouro com grave perigo.

De um carro a quatro, que passou na manhan de domingo, foi ao fundo um dos burros, ficando entre as rodas do carro e este suspenso sobre o abysmo em risco de emborcar e sobresaltando a familia que ia dentro.

A familia do Sr. Herpen correu grande risco na noite de sabbado, embaraçada entre um carro e o sinistro buraco, ficando maltratado o mesmo senhor.

Alem dos saltos mortaes que muita gente inapercebidamente tem dado, as quedas, os beiços quebrados, etc.

—N'uma rua tão transitada, admira!

—Mas admira o dizer-se que o inspector das obras municipaes teve sciencia no mesmo dia em que a terra abateu e até hoje não se moveu.

O *Jornal da Bahia* diz que o serviço da limpeza é feito, *termo medio,* com 35 carroças.

—Pois não, coração!

Sabbado da mãe de Deus, sahiram somente 17.

—Nem a actual empreza deitou ainda para a rua mais de 25 carros

—E *cá dê* mais p'ra ferir?

Para puchar mais do que esses, so si for com cavallinhos de judeu.

—Na noite de quinta feira retumbavam estrepitosos gritos pelo Barroquinha.

—De onde provinham?

– Era um Sr. Raymundo, que exemplava uma de suas *caseiras*. Porem além de fazer a operação á luz das estrellas, fel-o de maneira tão desalmada, que a Sra. Andrelina, moradora ao Tira-chapeu, ficou fora do serviço activo por alguns dias.

—Quem quer bem dá pancada. O ser na rua é que foi mau.

—A policia com tudo entendeu não ser caso este de sua intervenção.

—«O' mestre? O que está fazendo? Não be que não é das casas?! So se apanha do io da rua.»

-Que homem é aquelle?

—Não conhece?

—Não.

—Nem pelos oculos?

—Si o conhecesse não lhe perguntava.

—Não sabe que é o governador de Latronopolis?

—Ah, por isso está na janella do paço.

—V. parece um tabareu.

—E elle tem alguma cousa que o limpador de ruas receba palha das casas?

—Zelo pela fiel observancia do tracto.

—Muito feliz deve ser a empreza que o proprio governador da terra toma a si advogar-lhe os interesses.

(*Continuação do n.º 634.*)

. . . . . .

—«Os sacerdotes catholicos sendo, desde seculos, em maior parte, antes simples agentes do dominio papal e meros empregados de uma administração hierarchica e politica, do que pregadores da verdade evangelica e apostolos da primeira fé christan,—apresentam uma vocação antes para negociarem com gado, ou traficarem na praça *et urbe et foro,* com apolices, com acções dos bancos; praticam o desconto das lettras de cambio; exercem usura com os emprestimos; intrigam nas eleições; semeam discordias entre os partidos; fomentam contendas e lutas politicas; e, em geral, fazem de si um instrumento para os fortes contra os fracos. Negociam com festas e, fóra dellas, com as missas, discursos sagrados, procissões, casamentos, divorcios, enterros, etc., etc., do que para o zelo e missão evangelica; do que para ser apostolo da verdade evangelica; do que para apresentar-se como *exemplo e modelo* do amor do proximo e do amor de Deus, *não de palavra nem de lingua, mas de obra.*

Bem poucos acham-se hoje no sacerdocio com a consciencia da sublime missão, que o apostolo designou pelas palavras seguintes:

«Tu porem falla o que convém a san doutrina..... *Faze-te a ti mesmo um exemplo de boas obras em tudo,* na doutrina, na integridade e na gravidade.

«As tuas palavras sejam sans, irreprehensiveis, para que os nossos adversarios se envergonhem, não tendo que dizer de ti mal algum.....

«*Ensinai aos irmãos* que, renunciando a impiedade e as paixões mundanas, vivam neste seculo sobria, justa e piamente; aguardando a esperança bem aventurada e a vinda gloriosa do Salvador Nosso Jesus Christo, que se deu a si mesmo por nós outros....., para nos purificar para si, como povo agradavel e seguidor de boas obras.

—Mesmo que é pellas que resume se o ac-lnome de Deus!

«Fugi das questões importinentes, das disputas o das contestações inuteis e vans.

«*Sede o exemplo dos fieis na conversação, no modo de tratar com o proximo, na caridade, na fé e na castidade....*

«Porque assim fazendo, *tu te salvarás tanto a ti mesmo como os irmãos que te ouvem....*»

Dizei aos ricos: «As vossas riquezas apodrecerão.... o vosso ouro e a vossa prata se enferrujarão; e a ferrugem delles dará testimunho contra vós.....

«Ajuntastes para vós um thesouro de ira, lá para os dias ultimos. Sabei que o jornal que vós retivestes dos trabalhadores, que ceifaram os vossos campos, clama; e que os seus gritos subirão até os ouvidos do Senhor...

«Tendes vivido em delicias sobre a terra, e em dissolução haveis cevado os vossos corações para o dia do sacrificio...

«*Condemnastes e matastes os justos, sem que elles vos resistissem...*»

—Oliveiro Maillard, com plena razão exclamou em um dos seus discursos sagrados:

«Os padres vendiam os sacramentos e as cousas sagradas; os monges violando o seu voto e os regulamentos monasticos, simulavam occupar-se com longas orações para roubar os bens das pobres viuvas sob o pretexto de fazer livrar almas dos defuntos do Purgatorio.

«Os ecclesiasticos vivendo em desordem e sacrilegio, consumiam os rendimentos da egreja, consagrados e destinados para boas obras, na companhia de cortezanas.

«As mães vendiam as suas filhas aos prelados e dignitarios da egreja, para ganhar o dote!.....

«O povo ignorante, imitando os maus exemplos que se apresentavam de toda a parte pelo sacerdocio, ficou pervertido e abandonou todo o culto e perdeu toda a susceptibilidade para a piedade...

«A luxuria penetrou até os sanctuarios das igrejas.

«A pudicicia acha-se supplantada pela voluptuosidade e paixão immunda dos padres...»

—«Burnet, disse, ter visto o extracto de uma parte do processo verbal concernente a visita de 144 casas religiosas..... que continham infamias mais fortes que tudo quanto podesse ser commettido em Sodoma!»

«—Henri Etienne apresenta o processo verbal da visita dos conventos feita por ordem de Henrique VIII, no mesmo gosto.»

—Eis o triste quadro da moral e religião no seculo XVI.

(*Continúa.*)

A PEDIDO

—Mariquinhas Garibaldina foi corrida do becco dos *Cortadores de barbas*.

—Está agora estabelecida na ladeira dos frades bentos.

—A rapariga so gostava de *sardinhas*. Os visinhos representaram contra a insupportavel marisia; foi obrigada a mudar-se.

—Não agora, que o Judeu e o *Bilharinho* tomaram a menina sob sua protecção; tudo mudou de figura.

—O *Bilharinho*, esse diz que dá com o basta, porque não está para aturar as impertinencias da rabugenta velha, mãe da cuja, a quem chrisma de *patacho velleiro*.

—Isso é que ha de ser peior; terei pena de ver a pobre creatura abandonada e exposta á penuria de novo.

—Si o Judeu não cahir na quebradeira o vapor da Garibaldina continuará a navegar das 6 da manhan ás 12 da noite.

(*Continúa*).

—Maria Elisa, quem te morreu?

—Ninguem.

—E como estás de luto?

—E' para satisfazer ao desejo de uma pessoa.

—Ora vae á tabúa, rapariga. Pois com luto é que se cumprem desejos?

—Que dirá si V. soubesse do mais. Peça a *Manuel Camillo* que lhe conte, o que houve na missa por alma do parente do *Costa Cardoso*.

—Xinhá capitão, tan iô.

—Some-te negro, não me venhas mais importunar.

—Paxienxa, xinhá capitão; iô vem fazê desabafamento nim pêtto, coração de iô qué rebentá de zangamento.

Si iô não fará p'ra xinhá ouvi, iô pode sitourar.

—Pois hei de aturar até um selvagem deste?

Dize o que queres, pae.

—Esse muié de cara *mellada*, tan fazeno xicaração cada vei mai.

Esse home qui *pranta pé de café*, qué fazê canzamento qui tem *ouô* munto muié damnada tan fazendo trapaiação p'ra êre.

—Negro, não me disseste que o homem era casado?

—Xinhá capitão qui nan tendê panlavra qui iô fallou.

Iô tan negro buro, nan falla denreto p' branco tende.

Zirimão di êre é qui tan cazaro.

—Mas negro, isto são negocios para te envolveres nelles?

—Ah, xinhá capitão, esse muié tan virano cabeça de oibô.

Muié predido qui xinhá Zequié ja bontou êre ni passo, pruquê nan pressa.

—Negro, vae-te embora; tenho mais o que fazer.

—Deixan-ta, xinhá capitão, iô vrota ni outro dia.

Pede-se ao Illm. Sr. inspector da *aduaneira* que dê as providencias necessarias, afim de que o seu ajudante, em logar de occupar todo tempo em ler jornaes, dê o expediente, ficando assim as partes servidas em seus negocios e livres da falta de delicadeza de que usa o mencionado ajudante.

Isto dá brados.

Chamamos a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para o facto praticado no dia 23 por dois pardinhos que dizem pertencer a casa do Sr. major Souza Vieira; não foi mais nem menos que o rapto de uma criancinha de 2 annos, que não sabemos o motivo justificavel que levou a esses vadios, sem temor a policia e a seus senhores, commetterem semelhante violencia, pondo em sobre-salto todas as pessoas de casa, isto em pleno dia, á rua d'Ajuda, á vista de pessoas da visinhança!

Havemos de averiguar este negocio. Entretanto a authoridade deve trazer em vista a esses reus de policia, que já vão dando uma boa prova de si.

—Os musicos do batalhão *duble-quadra* desculpam-se de não pagarem a quem devem por que tambem não lhes pagam ha dez mezes.

—Duvido; o barão não é homem de fiados.

—Já uma outra vez a musica andou bem atrazada.

—Mas dizem que o barão só quer musica quando aquartella; o mais é birra do mestre.

—Outros dizem que elle recebeu os cobres e está fazendo uma casa no Tororó.

Pergunta-se ao secretario interino do Monte Pio da Bahia a razão porque quando fez o annuncio, em nome da direcção, para a convocação da assembléa geral, não attendeu ao art. 13 dos estatutos? Será tambem isso alguma.....

Paiota.

Consta-nos, por informação de pessoa que merece confiança, que um desses dias atrozmente trucidado o menor de 9 annos, nome Pedro, cria de Izidro Domingues Joaquim de Castro, hoje no Rio de Janeiro, pelo mestre pedreiro Friandes, que pelo simples motivo de fugas da casa d'esse barbaro mestre, o castigara com o cabo de chicote de cavallo, fazendo diversas contusões no corpo da criança; e não satisfeito essa fera com o primeiro castigo, que por si so bastaria para sua punição, metteu-o n'uma camizola de aniagem, amarrando-o por baixo dos braços e pendurando sobre um pau, a maneira de judas, e ahi permaneceu durante uma noite!

A mãe do infeliz menino sabendo foi buscal-o, hontem, levou-o a casa do Sr. Dr. José Pereira de Souza e a do Sr. Soares, na Munganga, e depois a do Sr. Dr. Thomé Affonso de Moura, que o está medicando.

Consta tambem que se dirigiu a policia; mas não sabemos quaes as providencias que dera o Sr. Dr. chefe de policia.

—Muita gente tem o costume quando tocam os sinos de collocar-se no adro dos templos; mas não sabem em que se mettem.

—Hontem tocavam o sino grande de S. Francisco e despencou duas enormes cunhas que por poucas não rapou umas doze pessoas que tetavam reunidas.

VARIEDADES.

MOTTE.

Quem tem falta de dinheiro
Passa vida de cachorro.

GLOSA.

Na testa traga um letreiro,
Como rolhas de cortiça;
So se occupe em ouvir missa
Quem tem falta de dinheiro:
Escusa ter mealheiro;
Traz a cabeça sem gorro;
E' captivo e nunca forro;
Não tem meias nem sapatos:
E catando carrapatos
Passa vida de cachorro.

Laconismo.

Certo roceiro escreveu a outro amigo da cidade, para que lhe dissesse o que mais se via presentemente na côrte, o qual respondeu em uma carta com o laconismo seguinte:

—Narizes.

Um fazendeiro fazendo o seu testamento disse:

—Não tenho nada, devo a toda gente, deixo o resto aos pobres.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º — BAHIA. — 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 64.ª — SEXTA-FEIRA 29 DE ABRIL. — Ns. 638—639.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de abril de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—Constando que o subdelegado de S. Pedro conserva preso na Correcção á sua ordem um homem de nome Tito, ha mais de 12 dias, sem nota constitucional, sirva-se S. S. de estranhar-lhe tamanha infracção de lei.

—Continúa o emprezario do aceio a flautear com o chefe de policia.

S. S. cança-se em dizer por um edital que ás dez horas quer certas ruas limpas. O feliz mortal nem caso!

Nellas mesmo é que os seus carroceiros empandeiam até as duas da tarde.

—Si elle até quer fazer do chefe não sei o que, mandando por seus caixeiros chamal-o.

—Andam estas praças addidas aos invalidos peiores do que mendigos!

Rôtas, esfarrapadas e descalças.

—Si elles não recebem fardamento.

—Ao passo que o governo, ha mais de tres annos, aproveita-se delles para o serviço das fortalezas.

—Que vergonha para uma nação que reduz os seus defensores as condições de infimo negro de cesto!

—O general passando revista ás fortalezas, encontrou um verdadeiro entremez de roça ou bando á pé.

Apresentaram-se soldados de pés no chão: uns em mangas de camisa e chapeu de palha e outros com o cinturão por cima do paletot.

—Consta que um official chamando-lhe a attenção para quadro tão degradante á classe, S. Ex. respondera—que deixasse as cousas melhorarem.

—Esperar que chova p'ra cavar minhoca.

—Ha dias deu-se um burlesco equivoco.

Caminhava um soldado, quando chegou-se a elle um individuo e consultou-o si queria ganhar, por conduzir um carrego.

A razão de ser assim confundido com um preto de canto, foi a maneira porque ia trajado, levar, á mandado, um officio ao Mont-Serrat: descalço, em mangas de camisa e de chapeu desabado.

—Que miseria! Humilha se assim uma classe distincta!

—O brioso militar sentiu-se do engano e mostrou ao individuo o officio de que era portador, para significar-lhe que não era um cangueiro.

—Si os invalidos estão no caso de servir, assiste-lhes tambem o direito de receberem fardamento, ao menos, para não estarem sendo o ludibrio de uma classe inteira.

—Capitão, dizem que em certa casa de educação praticou-se um facto odiento e criminoso.

—Algum castigo demasiado, talvez.

—Não; o estupro de uma menina de 13 á 14 annos.

—Isto é negocio grave; si não tem informações fundadas, advirto-lhe que cale-se.

—Conta-se que aconteceu proximamente; na semana finda. Nomeia-se a offendida, cujo pae habita fora da capital e tudo ignora.

—Quem sabe si não é alguma versão falsa inventada de proposito?

—Dizem mais, que no dia que precedeu a noite do crime, espalhou-se em todo collegio e dahi transpirou para a rua.

—E' um caso que affecta a todo pae de familia.

—Abstenho-me de emittir qualquer juizo á respeito; mas creio que o Sr. director dos estudos nada perderia se empregasse o possivel esforço para descobrir a verdade de um facto que já anda na bocca do tanta gente.

—Sem ter qualquer baso, é impossivel.

—Não ha nada occulto sobre a terra. Assim como as internas contaram as externas e estas contaram em casa, muitas dellas sem

saber o que contavam, tambem pode se descobrir.

—Não se pode dormir na ladeira da Praça com esta mulher douda!

—Agora os doidos ou vagam pelas ruas incommodando o publico, ou vão trancafiados para a Correcção.

—E o hospital de charidade é tão sem charidade que não os recebe!

—Embora os que lá existem sejam diminutissimos e os logares sejam de sobra.

—A infeliz creatura não prega olhos de noite nem deixa os mais dormir com os seus brados de justiça e fortes pancadas que dá na cabeça, caminhando ao destino.

—E' uma creoula baixa?

—E'.

—Um dia destes cobriu-se de lama e enfeitou-se com cascas e folhas.

—Não sei em que consiste o spirito de charidade desta terra.

—Em mandar buscar mulheres abanadas, de grossos rosarios enveronicados.

—Capitão, eu passando no sabbado, ás 6 horas, pela Cova da Onça, vi um lazzaritta por dentro da vidraça de uma das janellas da casa do SS. Coração de Jesus.

—O que tem isso? O homem é de casa.

—Mas não se diz que os estylos da egreja vedam a entrada dos machos nos aposentos das femeas?

—Não importa; o homem é irmão da charidade, pode ter communicação com as irmans, sem correr risco.

—Dizem que o emprezario do aceio da cidade vae pedir á assemblea para elevar-lhe a subvenção a 60:000$ rs.

—Ouvi dizer até que os papeis ja estão promptos.

—E ha de alcançar, embora para outras cousas se diga que não ha dinheiro.

—O homem, faz como rapoza quando quer pegar ganhamú, vae mettendo o rabo divagarinho no buraco. Molle, molle, elle ha de ir encaixando suas biscas.

—Mesmo que não se deve esperdiçar uma actividade daquellas, reconhecida pelo proprio presidente.

—Uma das causas que concorrem poderosamente para desprestigiar a religião catholica são as esmolas.

—E' ridiculo entre nós.

—Apadrinhados com esta ou aquella devoção, sahe para a rua uma malta de vadios e ebrios a fazer um verdadeiro meio de vida.

—E' um ramo de negocio soberbo; os santos têm bocca mas não fallam.

—Por credito da religião não se devia consentir que homens bebados, rotos, de chinellos, com uma capa que mais parece um farrapo, andassem arrancando do povo á pretexto de despezas indispensaveis ao culto divino.

—Vá com vista a policia.

—Nunca vi santo comer quiabo, nem giló e elles o exigem das ganhadeiras.

—E de quanto desrespeito e profanação não é objecto a estampa com que especulam?

Entram nas tabernas e embebedam-se; muitos cabem para um lado e o santo para o outro. Em casa serve de brinco aos filhos. Eu conheço um que, certo dia, não tendo dinheiro para o almoço empenhou-a na venda.

—Um destes dias, um velho que tira esmollas para Nossa Senhora das Dores, ia bebado como uma cabra aos tombos e balanços. Atraz da Sé cahiu.

—Não sei os poderes da egreja tão escrupulosos na disciplina della, como toleram tamanha immoralidade!

—Podera não! O resto que fica das monas, é applicado em despezas de missas, novenas, sermões, etc., misteres que so os padres desempenham.

—Capitão, informam-me de que no dia 20 o Sr. tenente Reis da policia, dera espadeiradas e até bofetadas no guarda da 3.ª companhia José da Costa Pinto.

Esse guarda esteve preso no calabouço, e foi, segundo informam, remettido para a tropa de linha!

—A ser exacta sua informação convem, a quem compete, providenciar; dar as providencias necessarias, afim de que não se reproduzam todos os dias d'esses abuzos!

—O conselho da sociedade Monte-Pio dos Artifices, em sessão de 27 do corrente, approvou a proposta de um membro do mesmo conselho que propoz para socios protectores da referida associação os Exms. Srs. barão de Péreira Marinho e commendador José Lopes da Silva Lima.

—Houve, na segunda-feira, um conflicto entre os guardas do 5.º batalhão e os de policia.

Quando a noticia chegou ao quartel da Palma, um tenente do 5.º marchou com 20 praças para o logar do conflicto, afim de desarmar os guardas de policia, do que resultou sahir ferido um soldado do 5.º

—Aonde foi isso?

—Mesmo ahi é pelas que resume se o co-nome de Deus.

—Na ladeira da Gameleira.

—Estes guardas do 5.º!...

—Mas que quer V. Ex. si elles tem costas quentes?

—Quero que, se tomem as providencias precisas, para a reprimenda de taes abuzos continuados.

—Capitão, um patusco da freguezia de Santo Antonio, ouvindo dizer que aquella freguezia era o ninho dos capadocios, fez-lhe a defeza dizendo:

«Srs., uma freguezia que encerra em si parte das obras de misericordia, não pode ser o que se diz.»

Todos quizeram ouvir quaes eram essas obras e elle fez a enumeração seguinte:

Dá de comer a quem tem fome. E' do matadouro que sahe a carne para abastecer a cidade.

Dá de beber a quem tem sede. A empreza do Queimado fornece agua á cidade inteira.

Veste aos nús. Tem a fabrica de tecidos.

Castiga aos que erram na casa da Correcção.

Perdoa as injurias pelo amor de Deus. O recolhimento dos Perdões é o abrigo das desillusões do mundo.

—Ora, isso mesmo é de capadocio.

—Mas a lembrança não deixa de ser exquisita.

Dinheiro sem dinheiro.

—O que é o dinheiro?

—O dinheiro?

—Sim.

—O *dinheiro* é um guizo que Deus pendurou ao pescoço dos homens insignificantes, para que elles se não percam na creação, assim como um bom pastor pendurara uma campainha no pescoço do carneiro imbecil, para que elle se não perca na floresta, ou para que, quando se perca, possa ser encontrado. Ou ainda melhor, creio ter achado definição mais exacta:

O *dinheiro* é uma bola que Deus pendurou ao pescoço dos homens insignificantes para que elles se não percam na creação, assim como um estalajadeiro cuidadoso prende uma bala de chumbo a uma certa chave... indispensavel em certos casos para abrir... certas portas.

Estas portas ficariam fechadas, si não houvessem para as abrir chaves-especiaes.

O *dinheiro* é um algarismo que não tem valor sinão pelos zeros que por si mesmo se vem alinhar atraz delle.

O *dinheiro* é um tacão de bota de que usam os homens pequenos: augmentando o tacão conseguem elles fazer crer que são de estatura alta. E' verdade que só os tolos se enganam tão grosseiramente e, isso mesmo, por que elles o medem pela sua bitola.

O *dinheiro* é uma indemnidade que dá Deus a certas pessoas com a condição expressa que nunca saberão o que é espirito, talento ou genio.

O *dinheiro* são lagrimas de ouro que o destino cega e que o destino chora sobre as miserias humanas tendo por engano abraçado pelo pescoço algum usurario. O usurario apara com ambas as mãos aquellas lagrimas preciosas e as guarda na sua algibeira.

O *dinheiro* é um acento grave sobre um—e mudo.

O *dinheiro* é o puxador da campainha do coração. Muitas vezes porem só existe o puxador e o cordão. Um de meus amigos diz que neste caso falta a campainha; eu digo que o que falta é o coração.

O *dinheiro* é a taboleta que se põe na porta de certas casas de banco, ou de outras, com o cuidado egoista de escrever-se por baixo:—A mendicidade é interdicta neste departamento.

O *dinheiro* é a mysteriosa definição de um ser que define o seu—eu—assim: Si eu fosse o que eu tenho, *eu não seria* o que *eu sou*.

Mas agora qual é a definição destas duas palavras:—*sem dinheiro?*

Sem dinheiro é aquillo de que estão cheias todas as algibeiras vasias.

Sem dinheiro é o alibi de um ser que deve testemunhar a outros, que não a nós, que existe veridicamente.

Sem dinheiro é um soffrimento incessante por uma perpetua obstrucção da fortuna.

Sem dinheiro é o secreto convite da natureza a fazer dividas, ordem desapiedada por elle prescripta de não pagal-as.

Sem dinheiro é irresistivel inclinação de nossa bolsa para a melancolia, em consequencia de um amor desgraçado por um objecto ao qual não pode attingir.

Sem dinheiro é um espirro que dura sessenta annos, durante os quaes, todo mundo nos diz *Dominus tecum,* sem que ninguem nos empreste um lenço.

Sem dinheiro é um estribilho que o povo canta em alta voz, emquanto o nobre menos franco, contenta-se de murmural-o por entre os dentes.

Sem dinheiro é uma ligeira dôr de cabeça nos grandes senhores, uma febre intermittente nos fidalgos, uma apoplexia nos negociantes, uma molestia de estomago no povo.

Sem dinheiro é ter cataractas nas pontas dos dentes.

Meu Deus! o que é um homem *sem dinheiro?*

E' uma anecdota repisada—um prato requentado—um texto sem melodia—uma folhinha do anno passado—um cachorrinho perdido sem promessa de alviçaras a quem o achar.

Sem dinheiro nenhum reinante pode reinar, nenhum ministro ministrar, nenhum pintor pintar, nenhum lavrador lavrar, nenhum poeta cantar.

Perdão, enganamo nos; é justamente quando não tem dinheiro que os poetas cantam, mas porque cantam? porque cantando ganham dinheiro.

—Capitão, ouça este caso:

Um padre, que nada entendia de theologia, foi confessar uma senhora casada, e entre as accusações que ella fez de seus peccados, disse que tinha adulterado tres vezes.

«—Oh! filha; pois tu adulteraste tres vezes! disse o padre.

«—Sim, Sr. padre, sim; disse ella, sou criminosa.

O padre não sabia que pena deveria dar a adultera; mas lembrando-se de que na sachristia tinha um sacerdote, conhecedor da theologia, disse que ella esperasse de joelhos junto ao confissionario, até que elle voltasse. Aconselhando-se sobre a pena que devia dar a mulher, o sacerdote disse-lhe que a mandasse fazer seis jejuns e rezar seis rosarios.

No dia immediato, vem uma outra mulher confessar-se com o mesmo padre, e accusa-se de ter adulterado uma vez.

O padre faz um espanto horrivel e poz-se a pensar na pena que devia impor-lhe.

Desta vez não teve elle o recurso da primeira, porque não havia na sachristia padre algum com quem elle se aconselhasse.

—Mas ahi não havia mais o que pensar, é dividir as penas em tres partes e dar-lhe a terça parte da pena da outra para cumprir!

—Porem o padre não fez isto.

—E que pena deu lhe, então?

—Mandou que a mulher adulterasse mais duas vezes e voltasse, para então elle impor a pena que ella devia cumprir.

—Oh! isso é horrivel!

—Não; isto é completa ignorancia de theologia.

—Dá-se portuguez mais ralé?

Que cousa safada!

—O relaxado não dorme de noite; em companhia de mais dois eguaes a elle, leva a perturbar o silencio publico, com palavrões obscenos, atroadores gritos e immoraes assuadas.

—As duas horas da noite de 26, queria deitar abaixo a porta da casa n. 20, á rua do Collegio; deu pedradas; bateu; proferiu deshonestidades sem conta; porem não podendo conseguir o que intentava, foi buscar trampa e lambusou a porta toda.

—A patrulha estava bem perto, no Terreiro.

—Dizem que essa escoria da illustre nação portugueza, chama-se *Jose*.

—Outros o chamam *Pereira*.

—Nem é *José*, nem é *Pereira;* é *Vianna*.

—Ora sebo! Vianna não é nome proprio.

—Não faz mal errar-lhe o nome. O que convem é a policia ter cuidado com tal bugre, que sendo accendedor de gaz, foi expulso em virtude de rapina e tem contra si aberto um processo por crime de estellionato.

—A poesia que abaixo publicamos é do Sr. Achilles Porto Alegre, e por elle recitada no theatro da capital do Rio-Grande do Sul, por occasião dos festejos pela terminação da guerra:

AO CABO DE ESQUADRA

Chico Diabo.

O tyranno cahiu, rojou por terra!...
Do Nero paraguayo a tumba encerra
O terrivel despojo;
Ali, oh! nenhum pranto de conforto
Em seu livido corpo, exangue, morto,
Nem um pranto de nojo!

Só maldições! Os gestos iracundos
De rancores febris, odios profundos,
Só tufões de vingança!
Ali, não foi um homem que tombara,
Sim a fera que nunca saciara
Nos campos da matança!

Aquidaban, o mundo a ti se dobra,
Escolho d'um naufragio em que sossobra
Um rei de tyrannia;
Que em sangue mergulhou seu proprio berço,
E n'um lago de sangue vê-se immerso
Na final agonia.

Quem o fere, porem? Quem calca altivo
O genio do assassino á morte esquivo
Em tanto desacato?
Quem o verga com rosto sobranceiro?
Quem? A historia o diz: Foi um lanceiro
Um obscuro mulato,

Sim, um pobre mulato, que hoje lega
Immarcessivel nome a quem renega
A côr que traz no rosto;
Duas vezes foi heroe, que vinga os évos,
E faz-se respeitar dos seus coevos
Da gloria no alto posto.

—Chico Diabo—o chamam. Eis um nome
Estanho por ventura, mas renome
Que ao tempo sobrenada;

—Mesmo dita a palavra que resume se o co-nome de Deus?

A liberdade tira seus soldados,
Não entre o resplendor de ricos fados;
Quasi sempre do nada.

Irrisão do destino na vaidade
Que levanta soberba a humanidade
Em tantas jerarchias!
Quem hoje sua sorte não quizera?
E quem por egualal-o até não dera
Fructos de muitos dias?

Em Taquary, dizei-nos, quem pensava
Que o filho que partia, a si voltava
A' luz de eterna gloria?
Ninguem. Pobre mulato.. tanto basta
E Taquary agora olvida a casta
Nas laureas da victoria.

Em Aquidaban, Camara na arena
Escrevia com o gladio a ultima scena
D'um drama glorioso;
E elle—Chico Diabo—sublimava,
O Camara valente pois salvava
D'um rewolver doloso.

Meu lanceiro, um abraço pelos filhos
De meu charo Rio Grande, que esses trilhos
Dão afan sobrehumano ..
Rio Grande, uma coroa de civismo
Para esse vingador do despotismo
No Nero americano.

Tudo morre.

O morrer é lei que ordenou um Deus!
—Morrem as flores definhando ao sol:
Toldam-se as nuvens —morrem lá nos ceus,
Morre o dia a sumir-se no arrebol.

Morre o rei co'explendor da magestade!
Morre o brilho do regio pavimento;
Morre o joven na flor da mocidade,
Morre a estrella no azul do firmamento.

Morre o papa, o bispo e o vigario,
Morrem todos, que a morte nunca falha;
—Morre o ermitão—o pobre boticario,
Vestem todos assim uma mortalha.

Morre a planta que existe sobre a terra,
O tronco adusto da viçosa matta,
A arvore annosa da espaçosa serra,
O nescio, o rico, o grande diplomata.

Morre de amores a mulher solteira,
De côr morena e lindo penteado:
—Morre a menina loura e bem faceira
De pé pequeno e corpo delicado.

Morre o padre soberbo—tão farçola,
Que vaidoso pratica só delirios;—
—Morre o pobre que na calçada rola
Curtindo dôres—a soffrer martyrios.

Morre o artista de saber immenso:
—Morrem astros que gyram no horisonte;
Morre o animal no calor intenso,
Morrem, seccam as aguas lá do monte.

Na batalha cruel e bem ferina
Morre o audaz soldado que é valente!
—Morre o doutor formado em medecina
Assim vejo morrer immensa gente.

Morre o sordido estupido banqueiro
Que timbrava de ser um avarento!...
Morre no mar o nauta aventureiro
Que o porto ia buscar a salvamento.

Morrer é lei que manda a natureza:
Medite a gente com saber profundo...
Cesse a vaidade, o luxo e a grandeza
Porque nada é duravel neste mundo.

A. Carneiro da Silva Braga.

A PEDIDO

— Sr. Ovidio, não se dá mais crassa ladroeira.

Porém si não fosse assim, um miseravel soldado de policia não havia de estar hoje soberbo e arrogante capitalista, dando partidas, embora a azemola nem assignar seu nome nos convites saiba; commissão essa de que encarrega sua senhora.

Extorquir artificiosamente de um pobre artista o suor, é iniquidade; é não ter consciencia.

O homem lhe devia, é verdade; mas V. servir-se da evasiva de mandar fazer uma obra e cobrar por suas mãos juros de 10$ rs. a 2 por cento...

Quem não deve neste mundo?

Tão prompto não é V. nos seus pagamentos, sendo rico.

Porque não paga os doces que comeu ao Marcolino, ha cinco annos?

Não faz mal; quem tem suas baldas más não as perde. Coma o dinheiro que ha de se acabar; mas fique certo de que a riqueza adquirida por meio de alicantinas da mesma forma se evapora.

A barcaça *Garibaldina*, chegada da ilha das *Sardinhas,* entrou neste porto desarvorada e acha-se com o maquinismo em concerto e não pode por ora receber carga.

O consignatario, porem, tem posto á disposição dos passageiros um *veleiro patacho.*

Para tratar das 6 ás 12 do dia, na ladeira do Santo contra os bichos peçonhentos.

—Os *melodiosos permanentes* tem uma caixa mysteriosa.

—Algum viveiro de ratos.

—Ninguem sabe o destino que leva o que se lhe despeja dentro. Para dividir com os

homens não é, que pelo erario é que são pagos, para lhes dar o que vestir tambem não.

—Talvez seja para comprar gaitas e folles.

—Tambem não, que elles compram á sua custa.

—Então que diabo fazem com o *melsum*?

—E' enigma. O certo é que os homens quando vão tocar em qualquer divertimento ficam sem a terça parte do producto e em outros não enchergam real.

—Ora queira Deus que em tal *cancaburada* não ande alguma *patota*.

—*Manuel*, aonde vaes agora?

—Ao *Camillo*, discutir um pouco as durezas do tempo.

—Então passa em casa do *Costa* e diz-lhe que seu compadre *Cardoso* está mudado d'agoa para o vinho.

Informa-lhe que o homem o menos que faz é sahir na segunda feira e tomar casa no domingo.

Que a mão caridosa que com o fructo de seu trabalho o ajudou quando elle andava cahe-aqui, cahe-acolá, recebe hoje o mais ingrato pago.

—Aguas passadas.

—Estou que o compadre o ha de aconselhar que se emende, porem si elle for incorrigivel o muxingueiro do *Alabama* está ahi.

—Capitão, uma historia.

—Quero ouvil-a.

—Era no anno de 1865. Si não me falha a memoria.

Dominava a politica progressista:

—Politica filha do despeito, do orgulho e da ambição! Especie de regimento indigena das Indias orientaes inglezas, composto de homens de todas as castas, de todas as latitudes, de todas as religiões! Liga sem bandeira e sem programma; verdadeiro valha-couto de *transfugas* de todos os partidos!

—O governo, depois de haver mandado cassar a organisação dos voluntarios da patria, ideia nobre, iniciada por um gabinete patriotico, somente em acinte e despeitos inconfessaveis á esse gabinete, viu-se na dura contingencia de recorrer aos designados da guarda nacional, e a appellar para essa mesma medida que havia reprovado.

O enthusiasmo porem estava amortecido no coração do povo.

Os mutilados que voltavam da guerra, dormiam pelos adros das egrejas e lagedo das calçadas e estendiam a mão á charidade publica para não perecerem de fome.

Foi preciso formar voluntarios á corda, caçados á cachorro.

—Ao passo que os malvados e peitos-largos eram isemptos.

—A compressão foi espantosa e o povo gemia debaixo do arrocho.

Os que se dizia *correrem voluntariamente* á engrossar nossas fileiras no sul, desembarcavam dos vapores da companhia bahiana ou entravam pelos suburbios com os pulsos arrochados.

O embarque desses bravos que iam levantar bem alto o nome brasileiro nas ingratas selvas guaranys, eram escoltados á bayoneta calada e em horas taciturnas por logares pouco habitado. Não era mais debaixo de flores e foguetes aos applausos da população inteira, como d'antes.

—Exerceu-se tambem muita vingança.

—Vinganças vis e mesquinhas para fins ignobeis!

Antigas rixas, odios concentrados, tiveram expansão n'aquella epocha. O fraco era victima da prepotencia do forte.

Transigiu-se com a virgindade, com a fidelidade da casada, com a honestidade da viuva, e fez-se jogo de todos os meios.

Homens disformes e defeituosos foram sacrificados a rancores particulares.

E quando o governo tinha conhecimento dessas malversações de seus agentes, calava a bocca!

E quando os que se interessavam pelo opprimido ia lhe pedir justiça dizia com irónico sorriso—*sou pedra*!

—Deixe fazer-lhe uma advertencia:

Com tanta divagação, sua historia vae estender-se muito,

—Começo ja.

No centro, quando as authoridades estão em divergencia com o senhorio do logar, o pobre vê-se em critica situação: si vota com o proprietario é recrutado; si não vota este manda lhe deitar a casa abaixo e queimar-lhe as plantações.

Formava-se em Cachoeira um batalhão.

Alem de S. Gonçalo dos Campos, cousa de legua e meia, ha um logarejo, cujos habitantes, por infelicidade, moravam em terrenos, propriedade de pessoa do desagrado do poder por ter nas eleições se pronunciado em sentido opposto.

Para punir o imperdoavel crime fez-se uma leva geral.

Na limpa foi incluido um homem casado com dous filhos.

Sua mulher, verdadeiro typo de esposa, com um filhinho nos braços e outro atado as costas acompanhou a sorte de seu marido.

(Continúa.)

—Capitão, uma noticia....

—Ja vens com tuas asneiras?

—Não são asneiras, o caso é real.

—Pois então despeja la isso.

—Uma filha de Jesus....

—Mau; é gente que se deve guardar respeito.

—Ouça, capitão, uma filha de Jesus, parenta do *tio Adoro*, zangada por se ter deitado á mostra a calva de um *bom pastor*, que, em logar de pastorar a suas ovelhas, queria fazer-se de *lobo* ou *onça* e pelas *mercez* de Deus, sendo descoberto o iman de modo que o *pastor* da *boas villas* dos farinheiros não pôde mais continuar a pastorar ahi, tratou tambem *a cuja* supradicta de mudar de residencia, procurando a *solidão* perto de uma *pequena lapa*, para la gosar da vista do pombo roxo.

—Arre!... Disseste tanta cousa e quasi fico em jejum.

—Qual jejum, capitão! V. Ex. nunca ouviu fallar de *um pastor* enxotado do aprisco, por querer abuzar das atribuições e obrigações que se lhe confiara para com as ovelhas a seu cargo?

—Tu tens lembranças que não se podem aturar.

—Pois, capitão, *qui potest capere capiat,* eu cá me vou para o porão esperar, de calabrote encebado, a esse hypocrita pastor que tanto se inculca de santo. Valha-me São *Jacintho* com V. Ex.....

—Vae-te.....

A terminação da guerra do Paraguay.

Rasga-se a terra ao bramido
D'artilharia estridente,
Gigantes de espesso fumo
Desfilam em nossa frente.

Um cataclisma de fogo
De turvo ceu se desprende,
Concerto infernal de balas
Todo orbe comprehende.

Rebentam rios de sangue;
Detonam fortes canhões;
Exterminam-se fileiras
De innumeros batalhões.

A natureza desmaia
Ao triste quadro da guerra;
O sol se offusca no espaço;
Em seus eixos tremo a terra!

O dia sumiu-se nas azas da noite,
Relincham no campo fogosos corseis,
Espectros se aninham por junto os destroços
De bombas, granadas, que juncam-lhe os pés.

Labora o incendio nos lados imigos,
Estruge o ribombo de horrenda explosão;
Carretas, obuzes, pedaços de corpos,
A polvora inflammada, levanta do chão.

A bala sibila na coma das mattas;
E esta hecatombe um juizo final;
Os silvos dos ventos os nomes declinam
De Camara, Gastão, Triumpho e Herval.

E aos fortes estouros do ferreo canhão,
Das quilhas que cortam torrentes de espuma,
Tambem por seu turno os feitos proclamam
Dos bravos Maurity, Silveira, Inhaúma.

E esta bravura dos filhos da terra,
Paixões não afagam de ingrato estrangeiro,
Que viu nos triumphos de nossas phalanges
Victorias cantadas ao som do dinheiro.

Que val Riachuelo, Mercedes, Cuevas,
Si os zoilos não vimos batterem-se lá?
Que val a passagem dos nossos navios
Por sobre mil bombas do forte Humaitá?

Que val desse grupo de immensos heroes
Os feitos, qu'aos evos da fama conduz?
E que pela patria seu sangue vertendo
Morreram contentes á sombra da cruz?

Malditos aquelles que negam coragem
A tantos soldados em guerra primeira;
Morreu dos francezes o rei das batalhas
P'ra quem nossa gente seria a primeira.

Brazil, não te importes com esses protervos,
Que cegos motejam por seres bem novo,
David ainda imberbe bateu a um gigante,
Que immerso no susto trazia o seu povo!

.....

Sublime teu collo, valente Brazil,
Que os brios da patria vingaste co'a espada,
Pergunta-te o mundo—que resta fazer
P'ra seres um bravo?—Respondes mais nada.

José Virgilio R. de Azevedo.

—Capitão, o subdelegado dos *candieiros*, ou dos *araçás* não quer deixar a vara, está agarrado a ella como ostra ao rochedo.

—Perde muito a policia em não fazer com que o dito subdelegado passe a vara para o commendador, immediato deste navio, Lima Barbosa, visto como o mesmo commendador ja prestou o competente juramento.

—A tripolação folga muito com a nomeação do immediato para o referido cargo, apezar de que o *sabe tudo* não pertence á classe dos *pedreiros livres*, como o nosso cr.·. ir.·. Lima Barbosa.

Soneto tragico.

Cruel! feroz! perjura! impia Bernarda,
Que zombaste dos meus extremos ternos!

Que me fizeste arder em mil infernos!
Que me deste a tragar fel e mostarda!

Fera, a minha vingança pouco tarda!
Tardará, quando muito, dois invernos!...
Dar-te tormentos mil não posso eternos,
Mas hei de te frigir como uma sarda!

Sim! não penses, perversa, que se zomba
De quem por seu valor e audacia summa,
Pode ser capataz de qualquer bomba!

Vingança! o peito meu de raiva fuma!...
Vou matar-te!... e depois, de ponta romba,
Cravo em meu coração uma verruma!

José Ignacio de Araujo.

VARIEDADES.

Carta

achada no repertorio de um caloiro estudante de medicina apaixonado.

Meu anjo auriforme.—Sentir o azul *diaphano* de teus olhos, exercer *acção chimica* sobre minha alma, contemplar teu rosto corado pelo *calorico* do amor, que *incandescente reage* sobre a *retorta* do *coração* nas *ebulições* do *apparelho circulatorio;* respirar o *oxigenio* do amor que se *desprende* de tua bocca *harmoniosamente chimica;* eis a *vida* rachiticamente cynica de teu amante *alotropico*. Meu *cerebro* se agita nas *cavidades* da *abobada craneana* e nas *circumvoluções* amanteticas rasga os *seios* da *dura-mater!*

Oh anjo *lymphatico!* imprimam teus *olhos* um terno movimento sobre a *arcada orbitaria,* que tuas pupillas se encontrem com as minhas e logo quaes *polos* de uma *pilha galvanica—vitro-resinosa* e direito *elemento electro positivo* fará transmittir a serenidade ao *cerebro* por meio do *nervo optico,* que com seus *congeneres* são os telegraphos da *vida animal;* e o sinistro *elemento electro-negativo enastomosando* meu *sangue* com teu *systema venoso* acalmará as *pulsações do coraçãc,* que *palpita* infrene no centro dà *caixa thoracica,* rasga o *pericardio* e ameaça produzir a *luxação* da *articulação atlo-axodiana.*

Energico e poderoso *medicamento* trará a *economia* um riso *muco-granuloso* de teus *labios phosphorosamente vermelha.*

Escuta, sympathica feitura de minha alma, o *diagnostico* resumido deste *mal,* que já vae se tornando *chronico,* e que as *ondas sonoras* do *ar hygrometrico* atravessando o *conducto auditivo,* levem ao *tympano* um sim ao seio de minha alma, e conserve assim a *vida chimico-anatho-physica* de teu amante

Calouro.

Jejum de abbade.

Certo prelado almoçava,
Quando chegou outro abbade:
Off'rece um, recusa o outro;
E o porque diz em verdade:
«*Almocei já duas vezes*»;
Torna este: «Isso é commum;
Almoce tres.» «*Não, não posso,*
Que hoje é dia de jejum.»

Visconde da Pedra-Branca.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo convido os Srs. socios a se reunirem em assembléa geral ordinaria, domingo 1.º de maio, ás 10 horas da manhan, afim de ser-lhes presente o relatorio e o parecer da commissão de contas do trimestre findo. Bahia 27 de abril de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hippólyto.*

Attenção.

Junto á loja do Sr. major Benjamim, á rua Direita da Misericordia, defronte do Forum, casa n. 21, encontrar-se-ha, das 9 horas da manhan ás 2 da tarde, um moço habilitado á fazer qualquer escripta de advogado, ou cartorio.

A venda na Palma, n. 2, pede aos Srs. inferiores do 4.º batalhão que com ella tem debitos, que os venham saldar, do contrario serão chamados de novo, publicando-se os seus nomes; e alem da grande demora que tem tido offerece mais oito dias para isso. Bahia 26 de abril de 1870.

Attenção.

O Sr. café sem doce, proprietario da casa dos martyrios, na rua dos desgostos, freguezia da penitencia, precisa fallar com o Sr. chá desinxabido com bolacha, afim de tratar de negocios de estrada.

O interessado.

PHOTOGRAPHIA NACIONAL

DE

REIS & C.ª

Fazem sciente ao respeitavel publico, e aos seus freguezes e amigos, que resolveram provisoriamente, fazer cada duzia de suas photographias em cartões de visitas a 6$000 bem como reduzir em todas de maiores tamanhos. Seus trabalhos continuarão a ser garantidos e a contento dos retratados.

—Meninos, eu vos direi onde resume se o ex-nome de Deus.

O
ALABAMA

1869
A
1870

I.C.H.B.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª TERÇA-FEIRA 2 DE AGOSTO. N. 677.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numero; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de agosto de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, pedindo-lhe que, quando não seja por outro motivo, ao menos por obra de humanidade, mande tapar o tremendo buraco, que ha dias está aberto na ladeira da Poeira, ameaçando engolir qualquer infeliz cego, que por sua má sina por ali passe, ou mesmo a algum insciente cavalleiro, de noite, o que não será cousa impossivel com a pessima illuminação que temos.

—Capitão, trata-se de um grave attentado.

—Qual é elle?

—Reduzir a escravidão pessoa livre.

—E' um crime perante Deus e a sociedade.

—Que a lei deve punir severamente.

—Que duvida; vamos ao facto.

—Dizem que o africano Aarão pretende chamar ou chamou ao captiveiro dous filhos da preta livre Luiza.

—Com que direito?

—Luiza foi forra com condições em 1857, e a carta de sua emancipação foi registrada em notas ha cousa de quatro annos. Depois da data em que foi forra, teve dous filhos que Aarão tem mandado matricular como seus escravos.

—O Dr. chefe de policia ja teria conhecimento do caso?

—Creio que sim.

—Então não lhe dê cuidados; S. S. sabe cumprir com seu dever.

—V. é capaz de dizer a quantos mezes está na rua das Veronicas um perigoso alçapão armado á espera de uma victima?

—A mais de anno.

—Muito deleixo ha nesta terra!

—Não ha um fiscal, um agente municipal que veja aquillo!

—Deixam um profundo buraco no meio da rua e a pedra que o cobre, em falso, de sorte que quem não souber, ou por descaido pisar nella, terá de ir ao abysmo.

—Eu não sei si a camara tem indole perversa, como que prepara desastres para o povo!

—E' pouco caso, despreso pelo commodo publico.

Nem ao menos é cousa que demande despezas; um servente em menos de duas horas colloca a pedra em seu logar e evita um sinistro.

—Oh! que horrivel fetido!

—E' isso que V. vê, não se pode passar aqui por detraz da egreja da Sé, que não se respire este nauseabundo cheiro de ourina podre!

Fazem da parede do templo cloaca ourinatoria!

—Isto até é uma falta de respeito ourinar-se sobre a parede da egreja.....

—Homem, aprecie isto que é cousa nova.

Um guarda de policia seguro por um paisano.

—E' o caixeiro da venda.

E diga-se que o carro não anda adiante dos bois!

—Os dous guardas de policia que accompanham o forçado entraram na venda; o crioulo que tem uma pinha de cabellos brancos, mandou deitar cachaça que offereceu ao companheiro e ao preso.

Depois de tomarem o *codorio* sahiram, declarando o que mandou vir que não pagava; o caixeiro pula o balcão, agarra-o e quer ir com elle á policia.

—E' justamente isso; agora o galé, para pôr termo a questão, pucha do seu bolso dinheiro e paga pelo soldado.

—Cousa notavel; este individuo chama-se Prudente e pratica taes imprudencias.

—E' bem feio procedimento este; si obrasse obrigado pela fome, teria desculpa; mas para satisfazer um vicio pernicioso!

—No domingo, ás 3 horas da madrugada, deram as egrejas signal de incendio, que se manifestou na Preguiça, ao becco denominado do Gelo, no escriptorio do Sr. João Both.

O incendio já tinha tomado algumas proporções; mas, graças aos promptos soccorros dos moradores da circumvisinhança, foi extincto.

Compareceram ao logar do incendio algumas bombas e as authoridades policiaes quando elle já estava quasi extincto.

—E' sempre assim.

—Felizmente não tivemos desgraça alguma a lamentar.

As missas do domingo.

E' bello e gostoso, ver a devoção das minhas patricias.

Que pressa, que afan em se apromptarem no dia de domingo para irem a missa!

Que escrupulos de consciencia, que medo de peccar, si o pobre pai, que neste caso não é sinão um pau de cabelleira, diz que não pode leval-as a egreja, ficam assanhadas, ficam piores que uma jararaca e antes quereriam um beliscão bem forte, do que semelhante calamidade. Faltar a missa?! Oh! que crime, que peccado!

Mas, o espertalhão traquejado n'estas e outras das amabillissimas yayás, pois são ellas sem contradição os bichos mais matreiros que ha, acreditará na devoção d'ellas? Penso que não, porque o desejo e pontualidade na missa tem outro fim.

São seis horas da manhan; e ja no quarto das filhas do Sr. Francisco Antonio, se penteiam as moças, se desdobram os vestidos pretos, e se pucha toda a vasta collecção de pomadas, cosmetiques, banhas e oleos.

A negrinha que as serve anda n'um sarilho de dentro para fóra e de fora para dentro. Uma quer agua para o rosto, outra que lhe aperte o collête, esta que limpe o sapato, aquella que lhe ate o cabello.

O pobre pai ja está a boa hora preparado, e paciente passeia na sala, esperando..... esperando....

Duas horas ja decorreram, e inda a cousa não está ultimada. As ditas brigaram entre si por causa do pente umas dez vezes, voltaram as boas e riem se. Querem saber como irão bem, e perguntam-se umas as outras:—esta flor está conforme? que diz você, vou de lenço ou mantelete?

N'esta consulta lá se vão outras duas estiradas horas; e as yayás apenas, chegaram a se por de anaguas, isto é, sete ou oito bem cheias de goma e duras, pois é da moda.

Mas... agora é que é o ver. A pobre negra do quarto está de joelhos, faz força, e nada de novo. O vestido está com a maneira aberta um palmo, e é necessario que elle se aperte, inda que uma costella se quebre.

Muitas vezes em taes afflicções, ja vimos algumas mandarem chamar á toda gente de casa para apertar o vestido. E' da moda que a moça se aperte á não poder respirar. Uma sei eu que ja anda toda torta e meia corcunda por causa do vestido.

Depois de muito suar, e muita raiva das sinhás, concluiu-se a apertação dos vestidos: estão todas que parecem umas bonecas de engonsos. Nas anquinhas, á laia de gondolas, sentados dois homens iriam muito a seu gósto.

Inda vae-se ao espelho uma porção de vezes; inda se remeche no cabello, se prega um alfinete, se indireita uma flor.

Sahem do quarto, o velho respira. Mas inda alguma volta ao quarto porque se esqueceu do leque ou das luvas.

Sahem emfim. São onze horas; é a missa do grande tom; a ella so vai a rapazeada amavel e as yayás da moda.

Ora, quem pode lá ouvir uma missa antes das onze! Tinha que ver!

A missa das onze na Piedade é o rendez-vous das raparigas, e a missa da devoção de certos meninorios que não perdem vaza.

Então as yayas, aos pinotinhos, batendo com os leques nas mãos, como si fossem distrahidas, no seu caminho vão reparando o effeito que produzem.

A negrinha fraldilqueira que seguiu sua senhora, estende o tapete lá em certo logar, e n'elle, depois das competentes mesuras, se ajoelham as illustrissimas.

Meu Deus! que santinhas! Estão de livro aberto, tão seriasinhas que compungem. Quem as vir, so si tiver muito má lingua é que será capaz de dizer alguma coisa.

Que devoção!

Apezar, porem, de não haverem ainda levantado os olhos, ja cada uma descobriu o seu Adonis, ja lhe deu trez ou quatro olhadelhas de ferir, e até ja partecipou a irman que está junto o defeito que descobriu na moça que lhe fica em frente. Tem dentes postiços, e penteia o cabello com sebo de Hollanda.

Assim se passa a missa, e no final nem ao menos sabem a cor do veu do calix.

Ao sahir da egreja, vão todas se remexendo, cortezias para um lado, cortezias para outro; olhar romantico para aquelle caixeiro namorador que na folga que teve da loja no domingo passado, lhe passou pela porta dez-

oito vezes; olhar symbolico para outro que lhe promette casamento jurando com os dedos na bocca; olhar enternecido para outro com quem está brigada, emfim, coisas e coisas....

E viva a devoção da missa das onze, das yayás da moda.

Já que fallamos em missa, classifiquemol-as.

A missa de demadrugada, é das beatas que sempre tem fome canina de missas; que não sahem de seu capote; é das moças do paes rabugentos; e dos velhos e velhas; é uma missa desenxabida e triste.

A missa das seis horas, é massativa, e so serve para os estudantes dos collegios, para os caixeiros, que ainda tem de ir abrir a loja ou algum que ja veio tarde para a de demadrugada.

A missa das oitos horas, é a missa das mães de familias arranjadeiras de suas casas, e d'aquelles que inda ouvem missa sem almoçar.

A missa das nove é a dos frades e freiras, recolhidas e clerigos. Esta missa é amada das beatas que são capazes de brigar as tapenas, disputando sobre a voz de um tal frei.

A missa das dez, é para os professores e homens de certa ordem.

A missa das onze, é a missa do tom, da moda, e muito em voga, porque quatro ou cinco moças das assignantes d'ella, tem ali fisgado marido.

Quem não ouve missa das onze horas na Piedade não é da moda. Está decidido.

A PEDIDO

—Que é aquillo ali na rua dos Ourives?

—E' o lançamento do imposto sobre industrias.

—Mas é preciso aquelle fallatorio?

—São alguns ourives que reclamam seus direitos, por não ter o lançador distribuido justiça equitativamente com todos.

Uns que vivem unicamente de seu trabalho, mas que tem uma pequena taboleta, onde recolhem as obras por elles mesmos fabricadas, que não estão sujeitos a lei, pois ella é bem clara, são lançados para pagar um imposto exorbitante ao passo que áquelles que estão sujeitos ao imposto são dispensados d'elle, á titulo de viverem de seu trabalho, como, por exemplo o Sr. Eduardo que tem uma bonita e sortida taboleta, recheiada de ricas joias.

—Mas o que quer V.?

O Sr. Eduardo é proprietario; é rico negogociante e o lançador dos impostos mora em uma propriedade delle; e está, segundo dizem, atrazado nos alugueis.

—Tem razão; hoje é quinta-feira 28 de julho, está proximo o fim do mez.

—E então; tudo é assim em minha terra!

—Ainda com tudo isso eu entendo que se deve fazer justiça, visto como a lei é egual para todos, quer castigando, quer protegendo.

—Deve ser assim, mas infelizente não o é!

Motte

Todo o jardim tem flores,
Não ha nympha sem amante;
Toda aquella que é formosa
E' dura e inconstante.

GLOZA.

Todo o monte tem cume,
Toda a arvore tem raiz,
Todo o tendeiro tem giz,
Todo o amante tem ciume,
Todo a flor tem perfume,
Todo o doente tem dores,
Todo o reu tem deffensores,
Todo o poço tem fundo,
Assim se compoem o mundo
Todo o jardim tem flores.

Toda a chuva faz lama,
Todo o sabio tem memoria,
Todo o reino tem sua historia,
Tudo o que arde faz chama,
Todo o bom vinho tem fama.
Todo o fiel é constante,
Todo o vadio é tractante,
Todo o ouro tem sua liga,
Todo o bixo tem barriga,
Não ha nympha sem amante.

Todo o rei tem conselheiro,
Todo o semblante tem fronte,
Todo o ribeiro tem fonte,
Toda a moeda é dinheiro,
Todo o esperto é matreiro,
Toda a flor é viçosa,
Todo o motte tem glosa,
Toda a abelha tem ferrão
Faz prender o coração.
Toda aquella que é formosa.

Todo o doce é gostoso,
Toda a ginja tem caroço,
Todo o patrão tem seu moço,
Todo o verniz é oleoso,
Todo o velho é baboso,
Todo o metal é sonante,
Todo o moço deliranto
Ama a bella criadinha,
Toda a menina lindinha
E' dura e inconstante.

Na freguezia de Grotas tambem vão festejar o acabamento da guerra.

Meia duzia de intimos, na *influencia* de um almoço na casa do coronel, lembraram-se de arvorarem-se em duas commissões para obterem donativos. Mas o coronel, que não cahe de cavallo magro, deixando-se ficar em casa, pôz a procissão na rua, fazendo o principal papel o vigario da freguezia, que não trepidou em prestar mais este serviço ao amigo.

Ha de haver zabumba, foguetes e os competentes *cumquibus* para o Revd., que em logar de prestar-se a cousas uteis na freguezia, como seja o melhoramento do cemiterio que, segundo dizem, serve de pasto para o seu cavallo, anda pedindo dinheiro, prevenindo logo que isso não prejudica a sua devoção de Nossa Senhora das mulheres que *estão para parir*. Terá elle esperança de algum dia dar á luz alguma creança?

Ao egregio e distincto capitão do Alabama.

Meu nobre commandante, si merece
Um pobre general, vossa attenção,
Eu vos peço, senhor, que uma escorva
Mandeis passar no biltre do *Janjão*.

Commandante, o devasso cachaceiro
Si continùa la no *alambique*
Pretende unicamente o que possue
O pobre do papá, metter a pique.

Eu posso garantir-vos que vagando
Pelas ruas, as noites elle passa;
O velho é rabugento, porem elle
A força de artimanhas o embaça.

Indagae dos senhores das *negrinhas*
Das immediações deste Bomfim,
Quem é esse peralta e libertino,
E todos vos dirão tambem assim.

Mandae portanto, ó capitão sublime,
Esfregar o tratante a calabrote,
Pela vossa maruja denodada,
E metter-lhe a carranca em um bispote.

O general Allan Kardec.

Movimento do porto.

Entrou desarvorado e com avaria grossa o patacho nacional D. *Jacintho,* de 36 a 40 toneladas de lotação, vindo de *Villas-más,* capitão F. *de Jesus,* com carregamento de cynismo, seducções, malvadezas, faltas de consciencia, etc., para *provisões* e o mais preciso aos reparos das *descambalorias* e avarias do mesmo: trata-se com os consignatarios *P. de Campos* & C.—freguezia do Mamão.

Abraço hybrido.

Um dia padre e monarcha
Abraçaram se na terra;
Um delles gerou a fome
O outro gerou a guerra.

Fatal ao povo esse abraço
Foi aos demonios tão terno,
Que fundiu-se uma coroa
Nas officinas do inferno.

E as legiões coroadas,
Sahindo do negro abysmo,
Arremessam sobre os povos
O throno e o jesuitismo.

VARIEDADES.

Analogia.

«Entre Eliza e a pimenta
Acho tanto semelhança,
Que quando a moça me tenta,
Vem-me a pimenta á lembrança.

Si a donzella se agonia,
Da fructa assume o rubor;
E p'ra mais analogia
Tem ambas o mesmo ardor.

Quer que uma e outra excite
No destino alterações;
A pimenta—no appetite,
Eliza—nos corações.

Afinal, si mais se attenta,
Tanto accordo se divisa,
Que como Eliza é pimenta,
Tambem a pimenta é Eliza.»

Ferreira Leal.

Pensamentos moraes.

O maneta é o verdadeiro typo da caridade, porque não pode retirar com uma das mãos o que deu com a outra.

Ha duas cousas que se não podem olhar fixamente—o sol e a morte.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo convido aos Srs. socios a reunirem-se em assembléa geral, na quarta-feira 3 do corrente, ás 6 horas da tarde, afim de discutirem os relatorios do 1.º e 2.º trimestre, e os pareceres da commissão de contas. Bahia 1.º de agosto de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hippólyto.*

Quem tiver vista curta ou padecer molestias d'olhos, va morar na Boa-Vista.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª SABBADO 6 DE AGOSTO. N. 678.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de agosto de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, requisitando-lhe a presença de dous guardas policiaes, pelo menos, no passeio publico, afim de evitar os actos de malversação que ali pratica uma malta de rapazes vadios e malcreados, que torna aquelle logar de recreio e distracção inaccessivel ás familias que não querem presenciar tanta pouca vergonha e expôr-se a uma vaia.

E um destes dias levaram a audacia ao ponto de apedrejar o guarda que ahi ha, ancião octogenario, o qual, ao menos por sua edade, devia ser respeitado por aquella cafila.

—Capitão, uma bella acção digna de ser registrada.

—E o que faz?

—Espero o seu consenso.

—Não é preciso consultar-me sempre que tiver de mencionar acções louvaveis.

—Pois ahi vae.

João Maria d'Azevedo, ex-voluntario da patria e filho de uma mulher escrava, tendo voltado da campanha e recebido de soldo e gratificação 460$ rs., tanto que recebeu esta quantia correu com ella a libertar sua mãe.

—Onde foi isso?

—No Rio de Janeiro. O *Diario do Rio* publicou o facto.

—Pois João Maria d'Azevedo é um filho reconhecido, um homem de sentimentos nobres, uma alma elevada; ao contrario de muitos fidalgos degenerados que não só envergonham-se de pronunciar o nome de sua mãe, como levam a abjecção á esconder e negar aquella que lhe deu o ser.

—Não se pode transitar á noite pela rua do Carro.

—E' verdade. Uma rua com tantos buracos, e alem disso sem illuminação.

—E no emtanto, as propriedades nella edificadas estão sujeitas á decimas urbanas.

—Publicou-se o 2.º numero do *Prenuncio*, pertencente ao mez de julho; traz excellentes artigos, escolhidos e variados.

—Capitão, o José Maria, contra-regra do theatro S. João, vae dar um beneficio. no qual offerece um bello divertimento ao respeitavel publico desta cidade.

—Em que dia?

—Na terça-feira 9 do corrente.

—O que leva elle á scena?

—O apparatoso e muito applaudido drama em 5 actos—*Simão, o velho cabo de esquadra.*

—Sómente?

—E a espirituosa comedia em 1 acto, pela primeira vez representada—*Sim ou não.*

—Que mais?

—A musica de policia, por obsequio do seu distincto commandante, tocará, durante o espectaculo, em um dos salões, escolhidas peças do seu repertorio.

O theatro estará nesse dia interior e exteriormente todo illuminado á gaz.

—Bem; vou pedir ao respeitavel publico sua protecção para este beneficio, visto o José Maria ter direito á uma enchente redonda, pela sympathia que goza.

—Está se matando cachorros.

—Boa medida; os animaes são immoraes em demasia, alem de uma serie de perigos a que o publico está exposto com tantos cães pelas ruas.

—Mas do que serve? Evitam um mal, causando outro maior ou pelo menos egual.

—Até disso V. tem o que dizer! Pois não é util extinguir a matilha de cães que investem sobre a gente?

—Seria, si a empreza do cisco fosse mais cuidadosa. Porem, matar os cachorros para deixal-os apodrecer na rua, é peor; ainda hontem eu vi um na rua da Larangeira.

—Já tiraram.

—Porque o subdelegado mandou; em muitas ruas os animaes permanecem dous e mais dias em estado de putrefacção.

—Arre! V. é difficil de contentar; não admitte a menor discrepancia!

—Diabo levara as pressas.

—E' inimiga da perfeição.

—E causa sempre transtornos; ás vezes irremediaveis.

—Não se estenda, diga o que quer dizer.

—Quero fallar do pouco cuidado que ha nas boticas; ha uma dellas, que pela avidez de vender muito, os caixeiros andam sempre atarantados, e dahi tem-se dado enganos bem funestos.

—Houve algum agora?

—Contaram-me que o medico assistente do Sr. José Ferreira da Silva receitou-lhe uma cataplasma, a qual indo aviar-se, succedeu que na botica, por equivoco, arrumaram-lhe com uma substancia venenosa, que levou o homem ás portas da morte.

—Sempre estão se dando casos desses; já um homem morreu envenenado por lhe darem sal de azeda em uma botica.

Sabe qual foi a botica?

—Não estou bem certo, mas creio que foi a dos Srs. Dias Lima.

—Estas faltas de cuidado provam o pouco caso em que se tem a vida humana, olhando-se somente para o lucro que pode deixar o maior numero de receitas que se aviem mais depressa.

—Os carros da limpeza não vão ao forte de S. Pedro?

—E para que?

—Para apanhar a grande porção de cisco que estão ajuntando ao pé do passeio publico.

—Ora cuide n'outra cousa.

—O destacamento do Caes Dourado tem-se tornado celebre pelos factos turbulentos que pratica.

No domingo dera de rachar n'um homem.

—Prova os habitos pacificos de nossa policia.

—Um guarda conhecido por Alvarenga faz garbo em só conduzir presos á *cabeçadas*.

—E' mesmo a gente que se precisa para ali.

—Dizem que nem a presença de um official do corpo foi capaz de conter os impetos daquella gente ordeira.

—Consta que uma Sra. D. Maria, moradora á rua de Baixo, tem em seu poder uma menina sua afilhada, em quem, no domingo, deu tanta pancada pela cara, com uma tamanca, que lhe pôz as faces em estado deforme.

—Eu não sei o que aproveitam essas brutalidades.

—Como se espanca assim um homem livre! Que uso barbaro e estupido!

—E' soldado; está debaixo do regulamento.

—Mas por ser soldado, perde a dignidade de homem?

E hoje o castigo corporal no exercito é feito debaixo de certas formalidades, não como está fazendo este official que vem para guarda de palacio, dando no pobre homem por todo caminho.

—Deprecia a sua classe, ultrajando um membro della publicamente.

—E' torpe, é degradante, é barbaro, é deshumano tal procedimento; é não respeitar o publico, aviltando assim um homem que veste a farda de defensor da nação.

Um senhor não castiga seu escravo no meio da rua.

—Si o commandante das armas souber, estou que ha de chamar esse official ao cumprimento de seus deveres.

—Capitão, uma desgraça a lamentar-se.

—O que houve?

—Ha em Santo Antonio da Mouraria uma casa onde reunem-se alguns estudantes para estudos gymnasticos. Um delles, parente do finado commendador Tiberio de Moncorvo e Lima, trepando-se em um trapezio na altura de 20 palmos, veio de lá abaixo, resultando da queda quebrar a espinha dorsal.

—Jesus! Misericordia! Morreu?

—Não; mas os medicos não garantem a sua vida e dizem que a não morrer vem a ficar paralytico.

—Quando se deu este facto?

—Na quarta-feira 3 do corrente.

—Coitado! Deus que tenha piedade d'elle.

A origem da mulher.

Tudo era calos. O Omnipotente
Sem esforço, com calma, sem afan,
Creou o mundo—desd'a pedra ao homem—
Sem concelhos tomar com—Pelletan—

Depoz o homem no paraizo terreal e disse-lhe:

«*A' minha imagem*
«*E semelhança feito*
«Sem defeito, sem senão,
«Vê, quanto te cerca e mira,
E admira!
«Tudo, que vês, é teu

E, sob o ceu,
«Faço-te rei da creação.»

Depois o pensamento infinito do Eterno gemeu: Fim!

Este gemido repercutiu por toda a creação e com mais força no cerebro

De Lucifer que, n'esse tempo,
Não tinha cornos nem rabo,
Nem patas bifidas;
Satanaz não se chamava
Nem *sujo*, *cão tinhoso*, nem diabo.

Engorgitaram se-lhe as arterias do pescoço. Duplo fogo fugiu lhe das retinas. Riu se. Monologou assim:

A tua obra pode estar perfeita, *mas não concluida*!

Em seguida transforma-se em ar. Gira em torno do solio do Eterno; rouba um raio: prende-o pela cauda e precipita-se nas escuridões do Tartaro.

A acção do anjo rebelde não foi desconhecida ao Incognito.

Ali chegando, toma um pouco de betume mais negro que a noite e volta. Achando-se a pallida luz das estrellas, formulou á semelhança da do homem, uma imagem, ampliando umas e modificando outras partes. Prompta a imagem, espelhou se nas aguas azougadas de uma fonte, e examinou-se e murmurou:—Bem!

Em seguida deu ao rosto da sua obra as apparencias do seu proprio rosto e tornou a monologar:—*Até tu* cederás ao meu trabalho, quanto mais *esse miseravel* que ali se acha. E lançou um olhar colerico para o rei da Creação.

E esse olhar refulgiu até no mais pequenino atomo do Orco.

Depois o anjo orgulhoso colheu no Edem as candidas petalas de um lyrio e com ellas acapellou toda a imagem estampando-lhe, como hoje pela prensa copiadora, a côr dos lyrios. No rosto e nos labios a viva côr das rozas. Com a côr da noite, para contraste, tingiu lhe os olhos e os cabellos.

Isto por fóra.—O interior achava-se ainda vasio.

Com a palma da mão fez Lucifer na parte anterior do craneo da sua estatua, isto é, da arcada dos olhos para o alto da cabeça,—*uma depressão*.

Correu com os olhos o Eden. Parou-os no tigre e para a cabeça da imagem transportou-lhe a indole.

Apanhou uma serpente e enroscou-a no logar do coração, a guisa de uma mola de relogio.

Na canna do figado aninhou-lhe um crocodilo. No estomago uma ema.

Na expressão dos olhos estampou o olhar de um sapo. Na postura do rosto a innocencia de uma rola.

O anjo vaidoso mirou a sua obra e pensou: «*Falta-te o fim!*»

Abriu-lhe a bocca. Nos d'ella collou os seus proprios labios e bafejou-a com força.

Foi este bafejo saturado de orgulho e vaidade.

Immediatamente a imagem moveu-se, respirou, olhou, andou e fallou. Lucifer imprimiu-lhe então ao som da voz a melodia de uma flauta tocada alta noite á beira do mar, sobre um rochedo em uma praia deserta, na hora de uma tempestade. Esquecia dizer que o anjo rebelde, de um gato arrancou as unhas e embainhou-as nos dedos rosados da sua imagem.

Prompta esta, pegou-a Lucifer pela mão, ou talvez pelo punho para não ser arranhado, e foi depol-a no Eden, junto do homem que dormia placidamente á sombra, é provavel, de uma frondosa mangueira. O resto sabe-se.

Chamam-na sol, lua, doce mel, flor,
Da creação a prima, excelsa maravilha,
Cofre de mimos, graças, de ventura e amor;
Mas do diabo a mulher é sempre filha.

24 de abril de 1870.

OBERON.
(*Estudante.*)

A PEDIDO

—Capitão, V. Ex. conhece uma cara que não toma côr?

—Conheço muito, porque?

—Eu lhe conto.

—O *Pae David* importou de Nantes um tecelão de estôpa (birbante que quer ter fumaças de engenheiro) o qual no logar que não é *Queimado*, metteu-se nos mysterios d'*Eleusis*..... para não deixar só *Eleusinies* divertir-se, elle passou a requestar sua escrava..... Luiza.

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Prepara-te para ir ao Caes Dourado.

—O que devo fazer, capitão?

—Trazer aqui um Sebastião Alves, socio de um hotel que ahi ha.

—Conheço-o; em um quarto de hora estou de volta.

.....

—Capitão, aqui está o maganão.

—Sr. Sebastião dizem que o Sr. faz do seu hotel um lupanar?

—E' falso.

—E' falso, diz o Sr. Como explica então um facto immoral que se deu uma noite destas, uma berrada que houve?

—Ignoro tudo.

—Então não foi em sua casa, que por arranjo seu, aboletou-se um vendelhão de nome Manuel, seu amigo, com certa dulcinéa e ahi tencionou passar a noite; mas vendo a dona da casa do dito vendelhão que elle passava das horas, apresentou-se de navalha, fazendo com que Manuel se escondesse em baixo de uma cama e a rapariga se despenhasse pela escada abaixo?

—Não ha tal.

—Veja bem o que diz.

—Affirmo.

—Então no seu hotel não houve alarma, gritos d'aqui d'el-rei, descomposturas, e palavradas?

—Nego tudo.

—Veja la no que se mette, eu vou mandar isto pelo mundo, e si acaso for exacto, isto é, si o Sr. faltou a verdade, este rapaz que o foi chamar tem que se haver com o Sr.

Homens sem juizo.

Parodia á—Homens sem vintem,—que tambem é parodia á poesia de origem hespanhola—Almas sem amor.

Si um *janota* vês á tarde,
Dependurado á janella,
Da casa em que mora a bella
Até mostrar ar de riso:
Ai! amigo, não lhe dês palha,
Não toques o impertinente,
Pois quer seja ou não *demente*
E' um homem sem juizo!

Si, nas noutes de novenas,
Encontras de papelão
Algum *boneco ratão,*
De cabello muito lizo:
Ai! não falles, *Aristharco,*
Deixa o pobre passeante,
Pois alem de ser *pedante*
E' um homem sem juizo!

Si um sujeitinho *galante,*
De frak e calças a *estoque*
Vês, coitadinho! a *reboque*
Denotando pouco sizo:
Ai! amigo, *empurra* a vara,
Pois o janota d'agora,
Quer tenha ou não *catimplora*
E' um homem sem juizo!

Si vês, parado a um canto,
Um caixeiro de cobranças
Qual um *heroe* de finanças
Redondinho como um guizo,
A fallar em *cambio*, em alhos,
Em cebolas, em azeite:
Mette sem dó o cacete—
E' um homem sem juizo!

B.

VARIEDADES.

Cousas inuteis.

Mulher velha e doente.
Gato cego.
Agulha sem fundo.
Foguete atacado.
Chinello rôto.
Padre estupido.
Negociante usurario.
Colchão de defunto.
Campanhia rachada.
Amigo sem prestimo.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De conformidade com o disposto no art. 37 dos estatutos convido aos Srs. socios, de ordem do conselho administrativo, a reunirem-se em assembléa geral, no domingo 7 do corrente, ás 10 horas da manhan, afim de discutirem os relatorios do 1.º e 2.º trimestre, e os parecceres da commissão de contas. Bahia 4 d'agosto de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito.*

AMA DE LEITE.

Nesta typographia se dirá quem precisa de uma, sendo sadia e de bons costumes.

O abaixo assignado gratifica generosamente aquem prender, ou der noticia certa do logar onde se acha o seu escravo João, nação ussá, estatura regular, 50 annos de idade, que fugiu no dia 24 do mez passado, levando vestido camisa e calça de algodão da fabrica, e uma trouxa com roupa de homem; costuma trabalhar de servente de obras de pedreiro, e de enxada em roça; veio a pouco de Itaparica, onde morava. O annunciante protesta uzar com todo rigor da lei contra quem o tiver acoitado. Pode ser procurado em sua casa n.º 35, a ladeira da Misericordia. Bahia 1.º de agosto de 1870.

José Arvellos Bottas.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª QUARTA-FEIRA 10 DE AGOSTO. N. 679.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de agosto de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo que mande concertar ou demolir as casas de sua propriedade, sitas á ladeira da Misericordia, as quaes são occupadas por tendas de ferreiros, pois ameaçam desabar em razão de seu estado de ruina.

A Illma. que é tão prompta em mandar demolir as propriedades de particulares, quando não querem reedifical-as, agora que o raio cahiu-lhe em casa, deve cumprir o seu dever, afim de que não se tenha de lastimar alguma desgraça. Espera-se ser attendido.

—Ao Exm Sr. commandante das armas, reclamando contra o repugnante costume de alguns officiaes do batalhão, que se acha de guarnição á esta cidade, os quaes espancam publicamente os soldados, procedimento que, alem de desairoso e aviltante á classe militar, é incivil e desatencioso para com o publico. No dia 5 o official da guarda de palacio deu excessivamente em um soldado; na Corrécção, em dia subsequente, deu-se o mesmo caso; pelo que espera-se de S. Ex. terminantes ordens que façam cessar a repetição de tão censuravel abuso.

—A ideia da emancipação servil progride. A semente lançada no solo vae fructificando prodigiosamente.

—Como está V. enthusiasmado!

—O commandante do vapor *Santa Cruz* da companhia Bahiana é um philantropo.

—V. que o diz, é que tem motivos.

—Não leu no *Diario* o que fez elle?

—Não.

—Em viagem dos Ilheus, alforriou, coadjuvado pelos passageiros, uma mulatinha de 4 annos, escrava do Sr. Joaquim Pereira da Silva Lobo por 126$ rs.

—Bella acção!

—Mas não é isso que me leva a tecer elogios ao commandante do *Santa Cruz*.

—Então por que é.

—Tenho ca minhas razões.

—Não pode dizel-as?

—Posso.

O Sr. Maltez possue uma escrava branca; uma menina que lhe carrega os filhos na rua. Si elle é sinceramente enthusiasta pela abolição do elemento servil, a ponto de promover a liberdade dos escravos alheios, pode muito bem dar uma prova desse nobre sentimento não consentindo que por mais tempo pese o jugo do captiveiro sobre aquella infeliz menina, sua escrava.

— De certo.

—Eis porque digo que o homem é um philantropo.

—Com tudo não é bom se anteeipar. Deixe os foguetes para depois que a procissão sahir.

Eu vejo muita gente por ahi que so faz cortezia com chapeu alheio.

—Não é nada, perde assim sem mais nem menos um homem a existencia; fica uma familia sem amparo.

O Sr. José Ferreira da Silva, morador ao Caes Dourado, falleceu no sabbado, dizem, victima de um engano.

Mandou preparar n'uma botica um remedio e, por falta de cuidado dos caixeiros, trocaram as substancias, o que deu causa a sua morte, debaixo de horriveis soffrimentos.

—Em outra parte já isso estaria em pratos limpos e a responsabilidade pesando sobre quem fosse culpado; porque a vida de um homem não é a vida de uma formiga.

—Os innumeros casos fataes, que se dão repetidamente, occasionados pela incuria e deleixo dos boticarios, já ha muito que devia ter despertado a quem deve velar pela vida do povo!

—Em Santo Antonio além do Carmo, alguns mal-intencionados dão-se a tarefa de

andar escrevendo torpezas e obscenidades sobre as portas de certas casas.

—Que infames!

—O subdelegado já colheu dous e mandou-os tomar fresco na casa de cachorro.

—E' preciso que não fique nisso; a lei deve se fazer sentir em toda a sua acção sobre as cabeças dos delinquentes, afim de que as familias não continuem a ser atrozmente injuriadas.

—Brevemente não se poderá transitar nesta rua.

—E' o becco do Curiaxito.

—A quantidade de cisco promette obstruir o transito.

—O que eu não sei é como no centro da cidade, na primeira freguezia se deixa este foco de immundicie.

—Junto dos açougues, nas immediações de um mercado publico.

—Aqui ha de tudo: animaes mortos, colchões velhos, roupas porcas, lixo a dar com o basta.

—E o povo paga 44:000$ rs. para a limpeza da cidade!

—Que numero de pessoas assistiram a festa macarronica?

—Diz a *Reforma* que, povo propriamente, isto é, cidadãos sem sangue azul—trinta pessoas;

Fidalgos azues—quarenta e tantos;

Ministros, sobrinhos e negros—duzentos e seis;

Membros do corpo legislativo e conselheiros de estado—nove;

Uma brigada;

Alguns urbanos disfarçados;

Outros sem disfarce algum;

Cincoenta aguadeiros e outros tantos ganhadores de cesto.

—Foi uma festa de estrondo!

—Não houve no domingo, segundo foi annunciada, a reunião da assembléa geral da sociedade *Monte-Pio dos Artifices*, por não se ter reunido o numero de socios designado no art. 37 dos estatutos; pelo que o conselho resolveu que só se convocasse a assembléa quando estiver vencido o 3.º trimestre, para então submetter-se á approvação os relatorios dos trimestres já decorridos, visto a grande despeza de que é sobrecarregada a sociedade com publicações de annuncios de convocações.

—Capitão, estimei bastante encontrar V. Ex. por esses bairros, para lhe mostrar um requerimento que um sujeito deitou no nicho de Santo Antonio da portaria da Piedade.

—Ora vamos lá com isso.

—Estire-se V. Ex. um pouco que o lê todo, porque no acto do *cujo* deital-o, o papel abrir-se, ficando o lado escripto voltado para fora.

—Leia V. que eu ouvirei.

—«Eu, Cosme, vos peço, afim de alcançardes do Senhor Menino que tendes nos braços, que todos os templos desta cidade tenham sinos.....

—Pelo que vejo este sujeito é aspirante a sineiro.

—Não me interrompa, faz favor?

—Os apartes são permittidos.

—Ora ouça o final da petição que é o mais importante.

—Pode continuar.

—«..... e que até o fim do corrente mez me receba em matrimonio em uma das egrejas desta capital, pois já não posso opprimir a natureza, e quero a minha disposição siquer uma mulher.

«Agosto de 1870.»

—Que patife! De maneira que elle deseja mais de uma mulher, e no caso que isso não possa ser, pede que Santo Antonio lhe conceda ao menos uma!

E' impossivel que este sujeito não seja zote.

—As irmans de charidade cegaram um homem.

—Como?

—Um doente da clinica do Dr. Pires Caldas. Por ignorancia applicaram no homem um remedio differente daquelle que o habil facultativo receitara e o resultado foi o infeliz ficar privado da vista.

—E' de lamentar-se!

—Eis em que dá a indesculpavel tolerancia de consentirem que essas mulheres inhabilitadas como são, exerçam illegalmente a pharmacia no hospital de charidade.

—Mulheres que, na França, a maior parte dellas, habitantes do quarteirão de Breda e outras quando muito, creadas de alguma actriz, sem a menor applicação scientifica, chegam aqui e se arrojam até a praticar uma sciencia que a lei manda que ninguem possa se dar á ella sem primeiro dedicar se a tres annos de estudos especiaes, a fora os preparatorios!

—E todos sabem, veem e calam-se!

—Si aquelles que estudam e são laureados por uma academia erram, o que não succederá com mulheres sem habilitações e que, cansadas das alternativas mundanas, se recolhem ao instituto de S. Vicente, onde se trata mais de rezas do que de estudos scientificos?!

—O caso é que ha medicos que receitam para ellas manipularem; que ha uma policia medica que vê esse menoscabo á lei do paiz, esse perigo para a vida humana e cala-se!

—Que de incalculaveis e fataes acontecimentos não podem resultar de exercerem as irmans de charidade a profissão pharmaceutica sem estarem competentemente habilitadas?!

—Acham pouco que ellas tão despoticamente disponham por tantos meios dos destinos daquella casa legada pelo espirito de beneficencia ao soccorro da desgraça, e de onde se fizeram senhoras absolutas, que ainda é preciso lhes entregar tantas vidas á sua impericia e ignorancia?

—Entraram com bom pé nesta terra semelhantes mulheres!

A ellas não ha nada que se lhes não conceda. Não ha deferencias a que não tenham jús.

—Mudaram a essencia do hospital de charidade para uma casa de apparato, para sucursal de seus interesses.

As dores e os soffrimentos da humanidade ali passam indifferentes.

—Entre-se no hospital da misericordia, olhe-se para o chão e o envernisado do soalho deslumbrará. Chegue-se a qualquer leito e não é preciso perguntar ao infeliz que o occupa a quantos dias tem no corpo a camisa, por que o asco e repugnancia que inspiram responderão. Ha doentes de cirurgia que vestem uma camisola vinte dias e um mez!

O medico receita; muitas vezes dois ou tres dias depois é que o doente toma o remedio, á pretexto de faltar isto ou aquillo; isto quando toma.

Si pelo aborrecimento da molestia o enfermo enfastiou se de carne cosida ou gallinha e o medico lhe prescreve na dieta carne assada, não dão, porque, dizem, não se hade fazer carne assada para um so!

—Commettem mil absurdos, enxotam, quando lhes apraz, os infelizes enfermos, dão toda sorte de regalias a seus patricios que entram no hospital, em quanto os nacionaes são tratados como despresiveis cães e para cumulo de tudo, matam o povo praticando contra a lei uma sciencia para a qual não estão preparadas.

LÁ VAE VERSO

Paradoxos baptismaes.

Ha quem teime que os nomes tem logica
E que encerram verdade infallivel,
«Eu sustento que mil nomes proprios,
São improprios o mais que é possivel!»

Sem passar dos amigos mais intimos,
E do exame da propria familia,
Vou expor as razões que produzem
Contra os nomes a minha quisilia!

Tenho um primo que sempre foi pobre,
Sempre léso e gottoso sem cura!..
Pois não tendo nem corpo, nem alma,
Inda em cima se chama—VENTURA!

E a panthera com quem fui casado,
Sem embargo da minha paciencia,
Tinha dias que até me ia ao pello...
E ousava chamar-se—PRUDENCIA!!!

Meu padrinho—juiz d'alta fama,
Fino engenho, talento robusto!
Quando a *parte não* larga bons *cruzios*,
Do direito faz torto, e é—JUSTO!

Minha tia, que as leis não tributa,
E' COLETA!... e *coleta* pesada!
Minha avó quem nem mais se levanta,
Sem tugir, nem mugir, é—BERNADA!!!

Sei d'um homem que tendo até mortes,
E' CLEMENTE!.. em logar de ser NERO;
E sei d'outro—piegas convicto,
Que apezar de banana, é—SEVERO!

Minha sogra, viuva tres vezes,
E matrona de grande exp'riencia,
Tendo jus a já ser jubilada,
Continúa a chamar-se—INNOCENCIA!

A sobrinha do meu boticario,
Ha dois dias sahida da infancia,
Tem ja tido quarenta namoros,
P'ra melhor comprovar que é—CONSTANÇA!

Meu irmão chucha quinze ordenados;
E' da gloria, e das bellas bem quisto;
Si entra em sortes—tem sempre melgueira...
E com tudo o patife é—CALIXTO!!!

Sei tambem d'uma preta que é—BRANCA!
E o que é mais!.. porem devo dizel-o!..
Um anão eu conheço que é—MAXIMO!..
E um distincto doutor que é—CAMELLO!!!

Eis aqui porque a marca do fardo
E' razão que ninguem fé consagre!
Eu em vendo—BOM VINHO—n'um distico,
Não vacillo—ja sei que é—VINAGRE!

Joaquim Augusto de Oliveira.

A PEDIDO

—Capitão, a epocha é dos homens de pernas vermelhas.

—Mas como se entende isto?

—Eu me explico. Ha um interrogatorio na freguezia do *Segura Parede* de uma moça menor defforada, a qual declarou que fôra um *senhor prebendado* quem lhe fez a charidade.

—Que immoralidade!

—Escuta mais. Prometteu dar-lhe casa, dinheiro, *mundos e fundos,* e a menina, pobre coitadinha, cahiu no laço.

—E' uma offensa a moral que deve ser punida.

—Que duvida; e o caso está bem serio, porque a defforada já foi levada á presença do Dr. chefe de policia, o qual parece não estar disposto a deixar o crime impune.

—Ou tudo isso será calumnia, homem?

—Não, capitão, juro-lhe pelo *Cruzeiro de S. Francisco* em como o caso é verdadeiro.

—E são estes os ministros de uma religião santa e pura!...

(*Continúa.*)

A festa macarronica.

TRECHO DA CANTATA DE FIORITO.

«Muritiba! Muritiba!
«Tu não vês que o pobre imperio
«Stá mesmo na pindahyba,
«Não vale o peso que tem?
«Como, pois, o ministerio
«De dez réis de mel coado,
«Inda commette o peccado
«De nos pedir um vintem?

Duas pretas de ganho invadindo o barracão.

A do taboleiro de bananas.—Uê!... blanco não sabe fazê côsa denreto.

A do taboleiro de quiabos.—Uá! E cuma nosso entra aqui sem biêta e só por orde de sordado?

(Entra uma troça de garotos e derruba o taboleiro de bananas.)

A dona das sobreditas.—Passa fora!

Os permanentes ajuntam as bananas; mettem no bolso algumas, comem as outras e lançam as cascas no centro do barracão.

Cessa o *Te-Deum* e sahe o Sr. Itapagipe.

O general escorregando n'uma casca de bananas.—Viva o barracão!

Motte,

Politica e agiotagem,
São industrias no Brazil.

GLOZA.

Neste paiz a voragem,
Que bem nota o estrangeiro,
E' egoismo, captiveiro,
Politica e agiotagem...
Nelle só tem homenagem
O despota, tyranno vil...
Que possuir contos mil!...
Pois despotismo, cynismo,
O orgulho e egoismo,
São industrias no Brasil.

VARIEDADES.

Achava-se um homem de consideração gravemente enfermo e mui gravado de dividas; veio o confessor, a quem elle consternado disse:

—Si Deus me quizesse dar vida até eu pagar as minhas dividas, que consolação não teria a minha alma!

O confessor enternecido para animar lhe responde:

—E' natural que Deus lhe prolongue a vida para um tão santo fim.

O doente então, como respirando, exclama:

—Ah! meu padre, si isto é assim, eu creio que vou ser immortal.

Si é verdade não sei.

Li, ha tempos, que o chefe dos Mormons, Brighan-Young, era senhor de 185 mulheres!

Teve 245 filhos dos quaes vivos só existiam 243!

Que exercito para povoar agora o Paraguay!

Resposta cathegorica.

Um côxo encontrando um corcunda disse-lhe para escarnecer da sua giba:

—Então não trazes nada de novo nessa moxila?

Respondeu o corcunda:

—Tu è que deves saber as novidades, pois andas sempre de uma banda para outra.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado gratifica generosamente a quem prender, ou der noticia certa do logar onde se acha o seu escravo João, nação ussá, estatura regular, 50 annos de idade, que fugiu no dia 24 do mez passado, levando vestido camisa e calça de algodão da fabrica, e uma trouxa com roupa de homem; costuma trabalhar de servente de obras de pedreiro, e de enxada em roça; veio ha pouco de Itaparica, onde morava. O annunciante protesta uzar com todo rigor da lei contra quem o tiver acoitado. Pode ser procurado em sua casa n.º 35, a ladeira da Misericordia. Bahia 1.º de agosto de 1870.

José Arvellos Bottas.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.ª SABBADO 13 DE AGOSTO. Ns. 680—681.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de agosto de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que no dia 10 do corrente no mercado de Santa Barbara o açougueiro Lino espancou atrozmente a uma mulher, esbofeteando-a, atirando-a ao chão e calcando-a debaixo do pés, pelo motivo, segundo diz a offendida, de lhe ter o offensor vendido libra e meia de carne por duas libras e ter ella reclamado contra a fraude.

E' extraordinario que, n'uma cidade como esta, se pratique nas praças publicas impunemente e sem o menor obstaculo, factos de semelhante ordem!... pelo que leva-se ao conhecimento de S. S., na certeza de que fará recahir sobre o delinquente os effeitos da lei.

—O que o traz por aqui, meu charo?

—Um facto estupendo a communicar a V Ex.

—Diga o que sente.

—Domingos José Martins, dominado de libidinoso appetite, entendeu que devia estrupar uma criança de 4 para 5 annos!

—Arre, que bruto!

—Esse heroe habita na Estrada, na rocinha do finado Barros. Segunda feira á noite, entrou no aposento de uma creoula, tambem ali moradora, a qual havia sahido; encontrando a criança so, apagou a candeia e poz em execução seu abominavel projecto!

Aos gritos da innocente acudiu gente que o encontrou forcejando para realisar seu nefando intento.

—Que perverso! que besta humana!

—A abjecta creatura, vendo frustrados seus brutaes desejos, teve o cynismo de declarar que entrara ali somente em procura de *uma sécca* para comer!

—Ora pode se dar mais abjecção, mais malvadez na especie humana!...

—O guloso comedor de seccas se acha entregue aos cuidados do Sr. Dr. chefe de policia, que, quando nada, pode mandal-o engrossar as fileiras do 14.

—Capitão, nós vivemos no meio de brutos ou entre creaturas humanas?

—Consulte sua propria consciencia.

—Mas eu vejo cousas que me fazem vacillar.

Cahe um homem n'uma praça publica, inanimado, sem dar signal de vida, e depois estrebucha em horriveis contorsões, debate-se sobre a lama, uma immensa turba presenceia o doloroso espetaculo e ninguem o soccorre!

Não parece uma terra de christãos!

—Hoje por mim, amanhan por ti.

—Como é que se dando um caso destes ao pé de uma guarda e alguem indo pedir ao commandante que consinta para ali transportar-se o infeliz, o humano official responde que deixe *levar o diabo*, que em negocio de paisano soldado não se mette?

—Mas isso aconteceu ou é ficção de sua imaginação?

—A pura realidade; succedeu na quarta feira ás 5 horas, com um homem que subiu a ladeira do Pau da bandeira sem dar signal de incommodo, ao chegar a Praça, de repente, volteou sobre si e cahiu.

—Mas absolutamente ninguem o soccorreu?

—Depois de algum espaço, algumas pessoas penalisadas o levaram para os arcos da camara, onde lhe prestaram alguns cuidados, que o fizeram tornar a si, até que chegou o subdelegado e o mandou conduzir ao Campo da Polvora, onde mora.

—Ja V. por ahi vê que o amor do proximo não está de todo arrefecido, como diz, que ainda existe nesta terra spirito de charidade e almas bem fazejas, que se condoem do soffrimento de seus semelhantes, assim como temos authoridades que acodem prestes aos reclamos de ordem publica.

—O desditoso a quem as irmans de charidade roubaram a luz dos olhos, por estupidez

ou deleixo, chama-se Gaudencio Coelho, é official de funileiro, morador na freguezia de Brotas.

—E, agora privado dos meios de subsistencia, terá de mendigar para viver!...

—Consta que o facultativo receitara atropina e ellas arrumaram com acido sulphurico nas pupillas do homem.

—Que desgraça!

—E continuam a ser pharmaceuticas, com estes exemplos e os que não se sabe!

—Capitão, um facto, que todos devem lamentar, occorreu ante-hontem á noite.

—Alguma desgraça?

—Verdadeiramente uma desgraça.

—A mão perversa de um escravo procurou encurtar os dias do Dr. P. A. Moreira Villa-boim, propinando lhe veneno no chá.

—E ainda ha quem não deseje ver extincto esse cancro da escravidão!

—A escravidão é um perigo imminente para a sociedade, um facto repugnante e incompativel com a civilisação dos povos.

—De todo coração penalisado, faço votos para que a vida do illustre magistrado saia salva da catastrophe por que acaba de passar.

—Veja até onde vae o desmarcado orgulho das irmans de charidade.

No hospital ha um empregado que serve de escripturario e escreve os pedidos daquillo que o estabelecimento precisa.

Succedeu que adoecesse repentinamente e, por esse motivo, não havendo naquelle dia quem escrevesse, foram os doentes condemnados a ficar sem carne no outro dia, porque as irmans de charidade, em sua vaidosa susceptibilidade, entenderam que se rebaixavam escrevendo ellas o pedido!...

—Que desabalada altivez!

Preferir ver uma immensidade de infelizes a estalar de fome á escrever duas linhas em um papel!

—E essas mulheres, levadas por presumpçosa bazofia, alardeiam ter por missão praticar na terra as virtudes ensinadas por um Deus, que em sua humildade lavou os pés dos indigentes e chagados, quando ellas, para não terem um pequeno trabalho, concorrem para augmentar o soffrimento de tantos infelizes desherdados da sorte.

Eram 5 da tarde e não se havia dado providencias para que no outro dia houvesse carne para os doentes, nem as charitativas irmans de charidade com isso se abalavam. Quiz a Providencia que um mordomo soubesse do que se passava e mandasse seu filho fazer as vezes de escripturario, para que no dia seguinte os doentes, alem de seus padecimentos, não soffressem as torturas da fome.

—E os apologistas das taes mulheres as alcunham de humildes e puras, quando nisso só se vê a soberba de Satanaz!

—Como não ha de a gente do olho-vivo andar desassombrada, si os auxiliares da policia pactúam com os ladrões!

—Homem, V. as vezes sahe-se com cada uma bem dura de crer-se!

Si não fosse a confiança que lhe tenho, dizia que é um refinado mentiroso.

—Eu nunca fallei tanta verdade..

—E' preciso que explique-se.

—*Vapor*, é um rato na extensão da palavra, um larapio audacioso e astuto, o agente-corrector da famigerada companhia do olho-vivo.

Por meio de cavillações, levou uma africana que possuia 800$ rs., para libertar um filho, ao Maciel, á morada de Cypriana, creoula, que dá sua casa para traficancias e jogos fraudulentos.

A' espera da preza já se achavam ahi reunidos, fazendo parte da licita companhia um agente secreto da policia do Illm. Sr. Dr. Antero de Assis.

A preta foi despojada de 450$ rs., não por meio dos taes jogos dolosos, mas arrancados violentamente, e o agente da policia que com sua assistencia legalisou essa louvavel empalmação teve 30$ rs. de *estia*.

—Acho que lhe deram pouco.

—Haria mais com quem dividir.

—Foi o peor, porque o homem tambem é vivente e tem barriga como qualquer outro.

—Estes officiaes do 14 são amigos de dar pancada!

Na terça-feira o commandante da guarda de palacio esmurrou o soldado que estava de sentinella na porta do Calundú, as 5 horas da tarde, chamando-o negro e descarado!

—Eu acho isso tão feio!

—Unicamente por que o pobre homem estava de costas para a rua.

—Não sei com que direito commettem tamanha infracção dos regulamentos militares.

—E' verdade que no batalhão ha soldados de procedimento pessimo.

Andam alguns sempre ebrios e jogam até nas ruas; a noite fazem das escadinhas da camara ou dos assentos do pau da bandeira banca de jogo.

—Mas não é por meios tão improprios que se pune, nem é para corrigir essas faltas que elles espancam os soldados em qualquer logar.

—Meu amigo, o que quer que lhe faça?

Diz o Sr. que o homem era pobre como Job; morreu e não tinha real para enterrar se. Vm. por obra de compaixão foi ao vigario expoz-lhe isso mesmo, pediu, rogou, para que elle dispensasse os direitos parochiaes, o digno pastor de almas não quiz estar por isso, exigiu 10$ rs; estava no seu direito; é deste ramo de negocio que elle vive.

—Mas é falta de charidade christan; as obras de Misericordia mandam dar sepultura aos mortos.

—E a barriga meu charo?

—Mas capitão, o padre impoz o preço de 10$ rs. e poz-se duro sem abater um real, sabendo que o morto nada tinha e que por esmola é que o iam enterrar.

—O caso é que não ficou em casa.

—E' verdade; mas Deus é que sabe o sacrificio que eu e alguns camaradas fizemos para enterrar ao malfadado José Joaquim do Sacramento.

—O Sr. queixa-se da avareza do padre, este allega em seu favor o direito que lhe assiste e a necessidade que tem de manter a si e a meia duzia de comadres e afilhados que por piedade sustenta, não sei quem tem razão.

—*Nossa Senhora da Conceição* da Praia por ser a mais milagrosa, dê razão a quem tiver.

—E va-se bem consolado.

—Na quinta-feira a crioula Epiphania, ganhadeira de peixe, foi ferida gravemente na Barra, por uma outra creoula que arremessou-lhe com uma porcellana sobre o rosto, do que resultou abater-lhe a parte esquerda do labio superior.

Dizem uns que dera causa motivos de ciumada e a offendida que fôra cobrar dinheiro de peixe, que fiara, ao amasio da offensora e esta julgando que ella o procurava para negocios de outra ordem lhe arremessara o prato.

—Quantos convites se fizeram, Sr. ministro da guerra? perguntou S. M. ao barão de Muritiba.

—8,000.

—Mas como está o templo vasio?

—*Não sei, senhor.*

—Para que aquelle circulo de soldados ali ao derredor do barracão?

—*Para prohibir a invasão da canalha.*

—Mande retiral-os e franqueie o templo a todos que quizerem entrar.

Dito e feito.

As sentinellas sahiram de seus postos. Os aulicos desceram á praça, e poucos instantes depois estava o barracão pleno, não de fardas bordadas, calças azues; mas paletots pardos; mangas de camizas, pretas minas, taboleiros de bananas, troça de gallegos, *et magna comitante caterva.*

E aquelles convites eram intransferiveis, e aquellas galas recommendadas, e aquellas entradas e sahidas privilegiadas pelos ares, desapparecidas como o fumo dos foguetes.

O que valeu foi a brevidade do Te-Deum; mas durante esses pequenos quartos de hora o espirito de sua magestade imperial devia ter soffrido intimas e dolorosas agonias.

.....

—E assim despenderam se 200:000$ rs., alem de egual quantia sahida dos eventuaes do nosso orçamento!

Noticias do ceu.

Quando Saint-Beuve, agora, depois de morto e enterrado, chegou ao outro mundo, rodeiou-o logo, como era de esperar, uma chusma de curiosos, que desejavam saber noticias frescas do que se passava por ca.

—Saint-Beuve, oh! Saint-Beuve, bradavam-lhe amigos e inimigos, indifferentes e desconhecidos, o que trazes de novo?.....

E depois de bem scientes dos movimentos politicos, passou um defunto mais bem informado, a interrogal-o sobre os negocios da egreja desta maneira.

.....

—E o concilio?

—No concilio ha de se discutir, segundo creio, a questão do *patrimonio de S: Pedro.*

O porteiro do ceu, de chaves em punho, não dava attenção á palestra; mas, ouvindo o seu nome, levantou a cabeça.

—Que é lá isso? perguntou elle.

Saint-Beuve comprimentou.

—Estava fallando do patrimonio de S. Pedro.

—Então eu agora tenho patrimonio?

—E dinheiro tambem, segundo parece, tornou Saint-Beuve sorrindo-se. Eu tenho ouvido fallar no *dinheiro de S. Pedro.*

O apostolo ergueu-se indignado.

—Dinheiro de S. Pedro! Saiba o senhor, que entrou no ceu, nem eu sei como, que eu nunca tive nem mealheiro. O meu dinheiro era o dinheiro dos pobres O ouro que me passasse pelas mãos, transformava-se em allivio dos miseros e dos enfermos. Dinheiro de S. Pedro! Então lá na terra ja não se leem as minhas epistolas? Não disse eu aos pastores das almas, na epistola I. capitulo V. versiculo II: Apascentae o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado delle, não por força; mas espontaneamente segundo Deus: nem *por amor de lucro vergonhoso*; mas de boa vontade? E ha quem me atire com dinhei-

ro ás faces!... E o patrimonio do S. Pedro! isso o que vem a ser?

—Vem a ser Roma e os estados da egreja, Sr. S. Pedro, que os vossos successores possuem.

—Ah! os meus successores apanharam a herança de Nero, e chamam-lhe patrimonio meu? Muito bem! já me confundem com a besta do Apocalypse! Saiba que o meu patrimonio não foi nunca sinão o bordão do peregrino, e a cruz do glorioso martyrio. Nunca tive de meu no mundo sinão os sete palmos de terra em que me enterraram o corpo. Não conquistei os estados; mas conquistei as almas com a palavra de vida, e foi essa a herança que leguei aos meus successores. Quando eu residi na capital do imperio, Roma e o Capitolio, o Colysseu e o Fôro eram o patrimonio dos Cezares; mas as almas redimidas pelo Evangelho, consoladas pela minha voz, illuminadas pelo clarão do Golgotha, purificadas pela fé, espelhos immaculados em que se reflectia o ceu, eram o patrimonio do humilde pescador. O que chamaes estados da egreja era patrimonio de Nero, o doce imperio das almas o patrimonio de S. Pedro.

—Senhor S. Pedro, socegue!

—Nada! Eu quero deslindar isso. Vou já d'aqui ao concilio.

—Eu não desejo dar-lhe conselhos, acudiu Saint-Beuve, mas no seu caso não ia.

—Porque?

—Porque pode soffrer alguma desfeita.

—Eu!!!

—Vossa santidade mesmo. Ora diga me, está disposto a votar a infallibilidade do papa?

—A infallibilidade do papa! Que novo atrevimento é esse?

—Queira vossa santidade responder.

— O que! Então eu, S. Pedro, que não me tenho na conta dos peiores santos que por cá existem, tão pouco infallivel fui que reneguei Christo tres vezes antes de cantar o gallo, e os meus successores querem julgar-se melhor do que eu! A fraqueza humana fez com que eu renegasse o meu divino mestre, e elles teem a audacia de se imaginarem tão fortes que nem uma so vez o reneguem! Ai, Deus do ceu, introduziu-se na egreja o orgulho de Satanaz! Vou ao concilio, não ha remedio.

—Não vá, acudiram todos em côro de afflicção, não vá que o poem fora como herege.

A isto é que S. Pedro não resistiu, largou as chaves, largou o posto, com grave risco de entrar no ceu, ou o padre Claret, ou Luiz Veuillot, e foi a correr lançar-se aos pés de Christo.

—Senhor, disse elle; como a egreja está que eu corro perigo de ser considerado herege!

—Tambem eu, meu pobre S. Pedro, respondeu Christo sorrindo-se. Porque eu disse: bem aventurados os pacificos, e o papa tem soldados; porque eu disse que um rico difficultosamente entrará no reino do ceu, e o Vaticano é opulento; porque eu disse: si alguem te ferir na face direita, offerece-lhe tambem a outra, e a historia da egreja, que tem na primeira pagina o Calvario, tem na derradeira Mentaná; porque eu disse: bem aventurados os misericordiosos, e o papa condemna a morte. Já vês pois, que a minha doutrina é considerada falsa. Eu trouxe liberdade ao mundo, e a egreja divorcia-se da liberdade; eu fui a mansidão e o amor, e na egreja a violencia impera; eu repelli todos os reinos da terra, e o meu vigario é rei. Ai! S. Pedro, nos tempos da primitiva egreja estava o mundo profano sepultado nas trevas da devassidão e do erro, e era do fundo das catacumbas christans que surgia a luz serena a illumimar as almas; das catacumbas brotou a cathedral radiosa, mas corrompeu-se cá fora, e, em quanto no mundo continúa, a minha luz, a luz da verdade, a esclarecer os corações e os espiritos, é no templo em que dizem adorar-me que se refugia a sombra.

E uma lagrima deslisou pela face augusta de Christo; caindo, ficou suspensa na abobada azulada, e logo uma nova estrella se accendeu nos paramos celestes.

Ai! não será essa infelizmente a alampada do concilio.

Pinheiro Chagas.

LÁ VAE VERSO

Porque será?

Mas que muito, si ha gente e gente grave.
Que em seus olhos não vê nem uma trave?
BOCAGE.—Fabulas.

Porque será que os poetas,
Si não todos, grande parte,
Só fazem versos por arte,
Com lamurias indiscretas?

—E' porque são uns patetas,
Sem instrucção nem talento,
E como sem sentimento,
Dizem que nasce a poesia,
Porque ella os não auxilia,
Recorrem ao fingimento.

Porque será que os doutores,
A' cabeceira do enfermo,

Discursos fazem som termo,
Com termos atroadores?

—E' porque são impostores,
Porque a sciencia é impostura;
E é mister que a creatura,
Que os chama, nunca os entenda,
Do contrario foge a renda,
Morre a fama, antes da cura.

Porque será que as gazetas,
Tendo espias vigilantes,
So dão aos seus assignantes,
A engulir duras petas?

—E' porque são taboletas
Onde illudo a falsidade,
E se occultando a verdade,
Lucra sempre o lisongeiro,
Mentindo ganham dinheiro
Em nome da LIBERDADE.

Porque será que valente
Em tempo de paz se mostra,
O militar que se prostra
Quando o inimigo presente?

—Porque em rapido incidente
Pode affectar desafogo,
Sem nada arriscar no jogo,
Que em vez de fogo dá fumo;
E as balas que andam sem rumo,
Em vez de fumo, teem fogo.

Porque será que os taludos,
Do commercio na carreira,
Sempre são na maroteira
Mais felizes que os miudos?

—Porque passam por sisudos
Entre os mais negociantes,
Que suppondo-os importantes,
Dão mais e seguram menos,
E so temem dos pequenos,
Que sempre julgam tratantes.

Porque será que ao governo
Subindo, os ambiciosos,
De projectos fabulosos
Teem sempre cheio o caderno?

Porque um sentimento interno
Ao dolo e fraude os instiga,
E como tarde os castiga
Negra pagina da historia,
Teem o dinheiro por gloria,
Tendo por patria a barriga.

F. X. de N.

(*Continúa.*)

A PEDIDO

—Capitão, venho fazer a V. Ex. uma reclamação.

—Em que sentido?

—V. Ex. foi victima de uma engano, que so espiritos prevenidos lhe poderia pregar e na boa fé a estampou no seu conceituado periodico de quarta-feira 10 de agosto.

—De que se trata?

—Trata-se de uma publicação relativa a alforria de uma mulatinha de quatro annos de edade, escrava do Sr. Joaquim Pereira da Silva Lobo, a qual foi liberta no vapor *Santa Cruz*, em viagem para os Illheus.

—Então não é exacta essa noticia?

—A noticia é toda exacta, mas foi desvirtuada neste periodo:

«O Sr. Maltez possue uma escrava branca; uma menina que lhe carrega os filhos na rua. Si elle é sinceramente enthusiasta pela abolição do elemento servil, a ponto de promover a liberdade dos escravos alheios, pode muito bem dar uma prova desse nobre sentimento não consentindo que por mais tempo pese o jugo do captiveiro sobre aquella infeliz menina, sua escrava.»

Ora, o Sr. Maltez é casado; mas não tem filhos, nem legitimos, nem mesmo naturaes; assim como não possue escravos pretos, quanto mais brancos!

Agora que elle é amigo da emancipação servil, é e tem orgulho em o ser, é verdade.

Elle não costuma fazer cortezia com o chapeu alheio, quando as faz, é com o seu.

—Bem: vou mandar syndicar da veracidade deste facto.

De um padre a concupiscencia,
Quanto barulho tem feito,
Vejam os homens sensatos
Da corrupção o effeito.

Mercez de *Deus* despresaram,
Procuraram um *desterro*.
P'ra dominar com mais força
Vaidoso poder do erro.

Não convèm por forma alguma
Ser mais o *procurador*
Um herege, que ha de ver
Gozar-se os mimos de amor.

Ajuntou-se uma trindade,
Composta de bons varões,
Ou para melhor dizer
A trindade dos *barrões*.

O abutre teve a palavra,
E se aclamou vencedor,
E disse ao *pombinho*: vivam
Os nossos planos de amor.

Eu tenho duas pombinhas,
São irmans, mas não faz mal,
Quero que gozes tambem
De uma sorte a minha egual.

Concupiscentes senhores,
Nos somos de todo o mundo,
Tudo faremos por tanto
Com saber o mais profundo.

Suspendam-se as abbadessas
Que ousarem recalcitrar,
Haja o diabo nos *campos*,
Pombinho ha de triumphar.

E os *campos* cheios de espinhos
Começaram a ferir,
Porem os homens sensatos
Com vil desprezo a sorrir.

Eis ao que está reduzida
A nossa religião,
A um vasto *campo* de orgias
Onde se ceva a paixão.

—*Eleusinies*, gostava *metter o deboche* no pagode, ora este era magnifico e quem conseguia *metter dentro*, queria continuar.... as vistas dos altares eram mudadas; mas *Eleusinies* não deixava o adonis de Luiza gozar do incenço *branco*; ora quem tinha costume de esfregar *estopa*, estava satisfeitissimo com a catinga de quem no fim de algum tempo deu a luz á mulatinha *Engracia*.

—*Eleusinies* vendo a semilhança do *birbante com Engracia*, teve um accesso de raiva e pellou *com agua quente* a cabeça de sua escrava Luiza.

(*Continúa.*)

Illm. Sr.

Tenho a honra, senhor, de dar-vos parte
De que a vinte e oito do corrente,
O commando assumi da *Salamandra*,
Curveta mui galharda e mui valente.

E portanto acceitae deste marujo
A promessa de ser-vos dedicado
Em tudo o que estiver ao seu alcance,
O' capitão excelso e denodado.

O meu immediato é o *Pereira*,
O *Carvalho*, é o bicho da cozinha,
Tenho por commissario o *Zé-Roberto*,
E o—*aquillo* mór—é o *Mainha*.

Tenho cincoenta e quatro marinheiros,
Dous patrões, dous comitres, dous tambores,
Seis artilheiros, duas baterias,
Cinco botes e treze remadores.

Tenho ainda um porão bem aceiado
Para prisão de certo *alambiqueiro*,
Tenho bons cabos e amarras grossas
Para dar boas surras no *bregeiro*.

Tenho tudo, porem do vosso auxilio
Careço, como as flores do rocio,
Pois bem sabeis que um novo marinheiro,
Não deve assim entrar em qualquer rio.

E' tudo quanto tenho a declarar-vos,
O resto ficará para mais tarde,
Valente e denodado marinheiro,
E capitão sublime a quem—Deus guarde.

Latronopolis e bordo da *Salamandra* em 29 de julho de 1870.—Illm. Sr. capitão commandante do *Alabama*.—*Franglis Miz*, capitão de mar e guerra.

Horror! infamia! cynismo!

E' a decifração que pode ter o urdido trama do malfadado botequim denominado—*Café do Club*, ao largo do Theatro.

Quem poderia prever jamais que um moço, a quem um amigo dedicado lhe prestou innumeraveis favores, como bem poucos o negarão, fosse o proprio que, abusando da *imprudencia* de tanta protecção, cynicamente tramasse, e sua mãe, a venda supposta ou fantastica do mesmo botequim, para com isso escaparem artificiosamente á perseguição dos credores da mesma casa.

Onde já se viu um pae que não authorisou seu filho a entrar em transacções querer dispor daquillo que reputa do dominio delle, adquirido por meio de giro commercial!

Só na Bahia; mas aqui temos juizes rectos que sabem distribuir justiça a quem direito tem; porem as vistas deste trama, entre filho e mãe, foi tão somente para darem a queda no *negro* (palavras textuaes) que, ha quatro para cinco annos, tomou sobre sua protecção a um ingrato.

Não importa; alguem por cuja causa se se commette todas essas urdiduras, dia virá que como outros terá arrependimento de ter conhecido tão boa raça.

A pessoa que ora é victimada ainda espera ter occasião de matar a fome aos que tão negramente lhe pagaram os beneficios.

Estes tem tanta consciencia do papel que estão representando que, ainda na quinta-feira, no forum, perante um auditorio de pessoas conceituadas, disse o Sr. O. S. Bandeira ser a venda deste botequim toda fantastica, por ter visto no domingo anterior, na casa da residencia da mãe e filho, dizerem que havia 1:000$ rs. para se gastar com a sustentação da venda simulada do botequim, caso o *negro* reagisse.

Muito bem!..... isto é quanto basta para provar-se melhor os embargos que estão sendo sustentados pelo juizo da 1.ª vara, até que possamos entrar no amago de toda esta ladroeira.

O victima.

A' Francina.

EU QUIZERA.

P'ra calçar o lindo pé
Do mimoso cherubim,
Eu quizera ser sapato
Ser sapato de setim.

E quando a briza do prado
Lhe afaga a face louçan,
Eu quizera ser a briza
Ser a brisa da manhan.

Si uma rosa lhe orna as tranças
Tão negras como nankim,
Quem me dera ser a rosa,
Ser a rosa do jardim!

Eu quizera ser romance
Para por ella ser lido,
Quizera ser o babado
Babado de seu vestido.

Quizera ser agulheiro,
E liga quizera ser,
Ou alfinete ou agulha,
Agulha d'ella coser....

Tudo quanto ella deseja,
Tudo quanto ella procura,
No jardim, no *toilette*
Ou seu cesto de costura.

Tudo quanto ella deseja
Si eu fosse rei lhe daria;
Gloria, amor, honra, riquazas
A' seus pés collocaria.

Os seus menores desejos
Quizera satisfazer;
Adoral-a toda a vida,
E satisfeito morrer.....

Mas ah! que não sou sapato,
Nem sou a brisa fagueira!
Sou um triste enfeiticado
Por tamanha feiticeira!

Não sou rosa, nem romance,
Nem babado de vestido;
Sou louco, cego de amor,
Em phantasma convertido!

Não posso ser agulheiro,
Nunca em liga me hei de ver;
Sou espectro, sou vizão,
O que sou... nem sei dizer!

Ser alfinete é impossivel,
Agulha nunca serei;
Minha sentença está dada,
Penando sempre estarei!

M. A. Pereira.

VARIEDADES.

Nem tudo que luz... é prata.

A seguinte historia, referida pela *Liberte*, si não é verdadeira, no que não nos metteremos, tem por certo o merito de aviso aos credulos para que não tomem levianamente as cousas como ellas na apparencia se lhes mostram.

Ha cousa de quinze dias, conta aquelle jornal, um desconhecido pediu hospitalidade n'um casal dos arredores de Bagnolet. Deram-lh'a. Passadas algumas horas, accordou parecendo seriamente incommodado, e em razão disso teve de ficar no casal durante quasi uma semana. Achando-se finalmente restabelecido, informou a seu hospedeiro de que durante a sua doença sonhara tres noutes consecutivas que em certo barrocal, não longe da casa, e debaixo de uma especie de rochedo, tinha descoberto uma panella de barro contendo grande quantidade de dinheiro.

O dono, do casal, velho e credulo, arregalou os olhos de sorpreza e cubiça, com a idéa de que tinha tão perto de si um thesouro de tal ordem.

Passado pouco, caminhando ambos na direcção do barrocal, trouxe outra vez o desconhecido á collecção o seu sonho. O dono do casal propoz então uma busca immediata, para satisfazerem a sua curiosidade; a proposta foi aceita e metteram mãos á obra.

Com grande espanto de ambos, encontraram com effeito um vaso de grés cheio de dinheiro, contendo 900$ réis em moedas de prata. Transportaram-o em segredo para o casal e concordaram em repartir fraternalmente aquella somma entre ambos.

No dia seguinte ao desta descoberta, dispondo-se o desconhecido a deixar o seu bemfeitor, como se queixasse do incommodo que lhe causaria o transporte de uma somma tão pezada, propoz-lhe o dono do casal trocar-lhe a prata em papel e com effeito recebeu o desconhecido a sua parte em notas. Alguns dias depois da sua partida, o dono do casal fez outra descoberta: as moedas de prata dos 900$ réis eram falsas.

E não era sonho. O homem estava bem accordado quando descobriu que tinha sido victima de um refinado ladrão.

A galinha cega.

Uma galinha foi atacada de gota serena: em vão consultou um famoso frango oculista, que a poz peior; porque esses charlatães, que correm o mundo ensinando remedios para tudo, são verdadeiramente embaixadores da morte: em palavreado ninguem os excede, e se chegam a curar, é como por causalidade. O certo é, que a nossa galinha ficou cega; e assim andava de dia e de noite as tontas, e ás loucas esgravatando a terra; porem de balde

assim fazia pela vida; porque um capão com vista de lince, e sempre alerta de mansinho a seguia passo a passo aproveitando-se do trabalho da miseravel ceguinha. Em vão acertava esta de esgravatar na melhor esterqueira; quantos bixinhos descobria, tantos lh'os papava o pressuroso tolineiro. Qual será a moralidade desta fabula? O capão vigilante faz a figura dos mandões e o pobre povo quasi sempre é a gallinha, que esgravata, descobre, trabalha, e não vê grão.

Sermão do inverno.

Na primeira dominga desta quaresma um bom cura de uma das cercanias de Paris, pregando contra a immoralidade das suas ovelhas, disse-lhes:—este longo inverno, que não quer deixar-nos é a consequencia da vossa pouca religião, e dos peccados a que todos os dias vos entregaes etc. Depois, ameaçando-os com augmento de neve e de gelo, *accrescentou*: depois da morte sereis mettidos n'um mar de gelo onde vossa alma soffrerá tormentos eternos.

Acabado o sermão, um amigo seu perguntando-lhe em que livro tinha achado aquella versão de castigos, o bom do padre respondeu-lhe: com este frio de rachar, como poderia eu atemorisar aquelles peccadores, se lhes fallasse em fogo ardente?

Certo bacharel que havia sido advogado de um negociante, indo visital-o por ter sabido que elle estava rigorosamente enfermo, entrando no quarto aproximou-se-lhe do leito e disse-lhe com voz terna:

—Então, Sr. fulano, como se acha?

—Como Vm. vê, lhe responde o enfermo; quasi a finar.

—E Vm. conhece-me?

—Conheço, sim senhor. Vm. é um fino ladrão que me roubou.

—Meu amigo, lembre-se que está prestes a ir dar contas a Deus, que neste momento não se deve levantar falsos testemunhos.

—Por esse motivo, é que eu so quero dizer a verdade.

Horrivel penitencia!

SONETO.

Disse um porteiro ao papa—Aqui chegado
E' um homem, senhor, de mui má vida,
Traidor, ladrão, heretico, homicida,
Que seus irmãos e pai ha degolado.

O Santo Sacramento ha profanado,
A um bispo a morte deu, e escondida
Peçonha deu a um papa na comida,
Por um vil interesse subornado.

Santas reliquias arrojou ao fogo,
E de tudo faz mofa!... Não é crivel
Poder-se perdoar tanta insolencia!

Si esse monstro é solteiro, caso logo,
O santo padre diz: pois impossivel
E' dar-lhe maior mal por penitencia!

Um dia entrou n'uma das lojas do Rocio, afim de fazer compras, uma das primeiras bailarinas de S. Carlos. Achava-se na loja um sujeito que, apenas a viu, collocou apressado a luneta no nariz, e começou a mirar a bailarina dos pés até á cabeça. Mademoiselle F. fatigada de tão longo exame, voltou-se rapidamente para elle, e perguntou-lhe de uma maneira bastante sacudida:

—V. S. nunca me viu?

—De graça é a primeira vez, replicou immediatamente o sujeito, continuando o exame.

Cortezia.

Certo sujeito que se tinha na conta de muito polido escreveu no fim de uma carta que dirigiu a pessoa de ceremonia, o seguinte:

—V. Ex. desculpará por eu lhe escrever em mangas de camisa.

ANNUNCIOS.

Rapazeada amante do Café do Club, a elle!... a elle!...

Pinto, João, & C., novos proprietarios do estabelecimento citado, não pouparam exforços para hoje, noite do beneficio do sympathico José Maria, offerecer-vos bons vinhos, excellentes comidas e afamados charutos, á preço muitissimo rasoavel ou quasi de graça; mesmo porque a vista do engenhoso negocio que fizeram na compra do botequim não podem sinão apresentar este programma.

O victima.

O abaixo assignado gratifica generosamente a quem prender, ou der noticia certa do logar onde se acha o seu escravo João, nação ussá, estatura regular, 50 annos de idade, que fugiu no dia 24 do mez passado, levando vestido camisa e calça de algodão da fabrica, e uma trouxa com roupa de homem; costuma trabalhar de servente de obras de pedreiro, e de enxada em roça; veio ha pouco de Itaparica, onde morava. O annunciante protesta uzar com todo rigor da lei contra quem o tiver acoitado. Pode ser procurado em sua casa n.º 35, a ladeira da Misericordia. Bahia 1.º de agosto de 1870.

José Arvellos Bottas.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.ª QUINTA FEIRA 18 DE AGOSTO. N. 682.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de agosto de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo lhe providencias contra a immoral assuada e continuados alarmas que fazem os tambores da guarda nacional na Praça de Palacio, os quaes tendo dali se afugentado por algum tempo, voltaram de novo a fazer daquelle logar domicilio e foco de bandalheiras.

—Aquillo é castigo ou atrocidade?

—Causa horror!...

—Um vivente batido á macete!

—Si o homem fosse *caldereiro* eu diria que confunde o corpo do miseravel escravo com alguma chapa de cobre.

—E' preciso ser muito barbaro!

—Entretanto diz o *Joaquim* que aqui na rua do Julião passa por um homem muito humano.

—A prova nós estamos vendo hoje quinta feira 11 do corrente.

—Capitão, ouça o que vae por esta terra.

Uma crioula que existe no collegio Bomfim, foi escrava ou é do Sr. Angelo de Andrade, passando por S. Francisco de Paula a vender caixinha, de uma casa a chamaram.

Appareceu-lhe na dita casa um individuo que começou a ajustar um objecto e neste tempo entrou um outro; em seguida bateram á porta. O dono da casa foi ver quem era, e o recem-vindo perguntou se queriam comprar bilhetes da loteria.

—Quando corre? interrogou um.

—Ja.

—Pois entre.

O sujeito entrou, puxou por tres cartas e poz-se a fazer a escamotagem da *vermelhinha*, casando entre elles dinheiro que ora perdia o dono dos bilhetes, ora os compradores. Estes chamaram a crioula para levantar por elles a carta, que devia ganhar, e convidaram-na para associar-se.

Como vissem que ella de forma nenhuma cahia no logro, por timidez ou desconfiança, insistiram dizendo que iam tirar uma sorte interessados com ella, que devia ter boa cabeça; casaram certa quantia e levantaram a carta que perdia; e então exigiram que ella entrasse com metade do prejuizo. Recusando-se a mulher, tomaram-lhe brutalmente seis mil réis, todo dinheiro que trazia, e um jarro!

—Que bandidos!

—A crioula contando o que lhe succedera, ouviu de uma companheira que nessa casa lhe arrancaram duas peças de madastro pela mesma maneira.

—Como vae isto!

—Dizem que não ficam nestes dous os casos de sceleratez; que muitas pretas ganhadeiras são para ali attrahidas e roubadas

—Essas quadrilhas de larapios espalhadas por diversos logares da cidade, os frequentes audaciosos factos por ellas praticados, revellam claramente o pouco temor que lhes inspiram as vistas policiaes e mostram ao mesmo tempo o estado de segurança com que se pode contar nesta terra!

—Até o burro do Sr. Jorge ha de incommodar o publico!

—O que vem a dizer isso?

—Acceita um conselho? Não passe por junto de burros com barris d'agoa ás costas, porque o burro do Jorge é um destes e pode lhe acontecer mal.

—Quem é esse Jorge, e o que tem o burro delle?

—E' um individuo que mora na Lapinha; mata porco e negocia em vender agua; possue um burro que emprega nesse giro, puxado por um preto. O burro em presentindo gente passar ao pé delle escoucêa, e muitas pessoas tem sido offendidas gravemente pelas patas do maleficio bicho.

—Mas esse homem obra mal. Sabe que seu animal tem tão damnosa manha, porque o

deixa andar por uma cidade tão transitada como esta?

—E' um verdadeiro perigo.

Quando o conductor vae despejar agoa em qualquer casa, as pessoas que passam na rua pelo lado em que elle está parado, si ja não estão precavidas são victimas.

Entre os muitos offendidos, o Sr. João Caetano Martins, ha pouco levou um formidavel couce que o poz bem mal.

—Eu não sei como se tolera isto n'uma cidade tão populosa!

Um burro brabo parado sobre os passeios a desconjunctar pernas e fracturar costellas de quem transita!

—Já estou cançado de ouvir queixas contra o destacamento do Caes Dourado.

—Não sei o que lhe diga.

—Faliam que os soldados commettem mil violencias, mil desatinos.

—Não é por ousadia que lhes dê o seu digno commandante.

—Dizem que um dia destes espancaram brutalmente a um escravo do Dr. Pereira de Souza, para obrigarem-no a fazer a limpeza do quartel em occasião que o preto ia á mandado de seu senhor, e depois de constrangel-o a fazer semelhante serviço não lhe quizeram pagar o trabalho; que prenderam a um estrangeiro, amarraram-no com cordas e assim o conduziram publicamente; que prenderam ao portuguez João Cardoso e o maltrataram bruscamente, por cujo motivo pende reclamação do respectivo consul; que ha pouco deu-se um facto de repugnante libidinagem dentro do quartel com uma rapariga; que a praça de nome José Antonio, a poucos dias desembainhara o refle e desafiara o caixeiro de uma venda para brigar; que apprehenderam n'um saveiro um contrabando de carne do sertão e dividiram entre si, com excepção do soldado de nome Vidreira, unico que porta-se diversamente do proceder de seus companheiros, e outras muitas cousas.

—E' justamente uma policia que em vez de policiar, carece de ser policiada.

—E eu entendo que aquillo que não serve deita-se fora; si hão de estar ali para perturbar a ordem é mais conveniente retiral-os.

—Capitão, no dia 4 do corrente deu-se um facto criminoso que não deve ficar impune.

—As authoridades que cumpram seu dever.

—O menor Elpidio Nonato Soares indo pela rua dos Droguistas, ao passar na loja Caldeirão 37, bolio em um masso de juncos, que estava sob a porta.

Isso bastou para que um caixeiro portuguez da mesma, de nome João, sahisse e esbofeteasse a criança, e a atirasse em corpo sobre a calçada, do que lhe resultaram diversos ferimentos e contusões graves.

Um irmão do offendido teve a prudencia de ir à loja saber o motivo que dera causa a semelhante proceder. Em logar de uma explicação á sua pacifica exigencia, recebeu os epithetos de negro, atrevido, cafre, etc.

Feito o corpo de delicto, deu-se andamento aos tramites legaes.

—Pois então o que quer mais? Deixe o resto por conta de quem executa a lei.

—A crença popular augura o mez de agosto, como fatidico de funestos acontecimentos.

—Na verdade tem se dado factos!

—Bem desastrosos!

No dia 16 um sargento de policia, na rua dos Capitães, quiz mandar a Sra. Maria Roza, mulher de cor parda, filha do Sr. Felisgunde, para a outra vida com uma tremenda estocada na côxa.

—Horas más.

—Nesse dia mesmo, cahiu do segundo andar de um sobrado á baixa dos Sapateiros uma creança. Felizmente não morreu.

—Dizem que tambem precipitou-se uma rapariga, de um sobrado ás Mercez.

—O carcereiro da Correcção foi victima da indole perversa de um preso que com um compasso fez-lhe um grave ferimento.

—Eu ouvi contar que os soldados da guarda tiveram grande culpa desse lamentavel successo, por que lhes mandando o carcereiro que prendessem o homem, ficaram immoveis e ainda depois lhes advertindo que o mesmo estava armado permaneceram no estado de immobilidade, apezar de estaremcom os refles desembainhados e ainda depois do attentado consummado, não se animaram a prender o criminoso e se seis minutos depois é que elle expontaneamente sahiu da prisão em que estava.

—Alem desses outros, muitos factos tem se dado neste aziago mez, alguns ja registrados e outros por apontar.

—Eu não creio nisso; as cousas so se dão quando tem de accontecer.

—E' de admirar o indifferentismo com que os medicos passam por junto de uma creatura que tem a infelicidade de ter um ataque no meio da rua!

—Vão de encontro ao juramento que prestam na occasião de tomar o grau.

—E' verdade; nessa occasião juram elles exercer a medicina com *honra e humanidade!*

Quer ver qual a humanidade delles?

Na terça-feira, uma preta, já de meia edade, teve um ataque e cahiu no largo do Theatro; acudiu muito povo em roda da infeliz preta, passaram nessa occasião diversos medicos e nenhum dignou-se chegar.

—Que deshumanos!.....

A PEDIDO

A *commandita* Pinto, João & C. vae perdendo o impeto com que entrou a defender a mais porca *velhacada* que até hoje se tem visto, mesmo que, de taes *illibados caracteres* não podia sahir obra mais perfeita, ao passo que o terreno da peleja vae sendo palmo e pollegalmente disputado pelos que allegam seu direito.

Que importa a vociferação dos adeptos de Pinto *cattête,* uma vez que elle não se acha no goso do *uti possidetis*, afim de tomar parte directa no preito que se move contra o *petintra* mais audacioso desta terra?..... Deixai-os fallar que é mal de muita gente bôa.

Não tem faltado jurisconsultos de *botequins* que não tenham formado seu juizo em prol de tão escandalosa bandalheira, a verem si o tal *cattête* cae no laço; porem este que não é *tolo,* ou por outra tão *besta* como muitos o pensam, vae retardando seus passos e poupando seus cobres, até que se offereça occasião azada do cantar do *gallo,* ao meio dia em ponto, na propria casa da viuva *honesta,* si é que já não cantou em hora que fosse por nós presenciada.

Meu Deus! porque vós não repartistes o pudor em partes eguaes por todos os vossos amados filhos?!,.. acaso aquelles não serão dignos de melhor sorte?

Soneto

Offerecido a Ioyo Janjão.

O gosto inda hei de ter, ó meu bregeiro,
De coser-te o costado a ponta-pés;
Hei de mostrar-te emfim que nada és
Desgraçado e perverso alambiqueiro.

Quanto ao moral—és menos que um sendeiro
No physico—teus olhos e bem vês;
Na *borracha*, és um rei de sariguês,
Estupido e safado cachaceiro.

De todo este Bomfim és o canalha,
Mais canalha, mais torpe e mais sandeu
Que pode conceber-se entre a gentalha.

E como o enxovalhar-se é gosto teu,
Ja te vou preparar nova metralha.
—*Cabra cega procura quem te deu.*

Moina.

Uma viuva que em logar de respeitar as cinzas do seu marido, *diverte-se* com uma sucia de rapazes solteiros e mal casados em sua propria casa, está no caso de ser pensionista de um Monte-Pio!.....

So na Bahia.

VARIEDADES.

O Sr. Arthur Borboleta.

SCENAS DE COSTUMES.

Juca Borboleta era casado.

Ao lado de sua esposa, respeitavel matrona de seus cincoenta annos, mas que ficava querendo mal á quem lhe chamava de velha, e de um filho de 18 annos, bom rapaz, mas muito presumido do seu nada, passava elle uma vida folgada e sem cuidados.

Era Juca Borboleta um pobre pedreiro, que fazia das noites dias para trazer o filho aceiado, e dar-lhe uma educação apropriada, de modo que para o futuro não fosse o rapaz obrigado a pegar em ferramentas para viver.

Si o pobre homem não realisou o seu intento a culpa não foi delle.

Sahia o pae pela manhan, logo ao romper do dia, para o seu trabalho, que era um pouco distante de casa, emquanto a mãe, já erguida, ia preparar o café que trazia á cama do filho, que para nós fica chamando-se Arthur Pereira, por antonomasia Arthur Borboleta.

Lá pelas 8 horas erguia-se o preguiçoso, tomava os livros e dizia que ia para a aula do mosteiro de S. Bento, onde o pae o tinha matriculado, mas é do nosso dever declarar que a verdadeira aula era o bilhar; e quando baldo ao naipe, á falta de bilhar ia admirar o magestoso panorama da nossa bahia, trocando pernas pelo passeio publico.

Voltava de 2 a 3 horas da tarde, jantava, dormia, e á tarde, depois de vestir a roupa engommada que a mãe preparava para a aula, ia, ostentando *pince-nez*, trocar pernas pelas ruas á procura de namoro.

E as moças não desgostavam delle.

E os homens serios diziam: bom filho e bom rapaz!...

Um dia o pae descobriu (sem consultar o magnetismo) que o Sr. Arthur Borboleta o enganava, e que de estudos não queria saber; como não era homem para meias medidas em materia de desaforo, o Sr. Juca Borboleta fez o filho entrar em um sarilho de bengala, que ao pobre rapaz não agradou muito.

Cumpriu deveras o seu dever de pae, e isto porque era pedreiro e pobre; si fosse rico ou *soi disant* fal-o-hia casar-se, attendendo a que

solteiro não amava os livros, depois procuraria fazel-o seguir o caminho das letras.

Até então julgava-se que o casamento si não impossibilitava, ao menos muito contribuia para que a intelligencia não so desenvolvesse em materia de estudos, mas o progresso que inventou a polvora, a imprensa, os embalsamentos e... as archibancadas de 5$ rs., tambem não deixou morrer a invenção de fazer casar o rapaz que não quer estudar.

Chegada a roupa ao corpo do nosso Borboleta Junior tomou elle um pouco de brio, e aprendeu então o caminho do mosteiro.

Com effeito, no fim do anno o nosso rapaz fez um exame soffrivel de francez, latim e arithmetica, na instrucção publica, tendo elle de seu *motu proprio* feito se acompanhar de uns cartões de visitas que a maledicencia em taes casos chama—cartas de empenho.

De todas as partes choviam os parabens ao filho e ao pae por tão fausto motivo; o Juca pensava que o filho já era doutor e inchava como a ran da fabula aos parabens, e o Arthur muito presumido, entendia que ao seu talento e aos seus estudos, e não aos cartões de visitas, é que deveu as approvações que obteve; dali succedeu que o pae se tornou um palerma para o filho, e este um desfructavel para os collegas e amigos.

Succedeu nesta epocha que o filho do Borboleta (que não era oriundo de chrysalida) apaixonou-se por uma gentil morena, linda como os amores, que elle encontrara no largo de Sant'Anna, em uma noite de fogo.

Ora todos nós, leitores, já fomos moços, já gozamos portanto dessas noites infindas de prazer, em que tudo parece agradar aos velhos, ás velhas, ás solteironas, ás crianças, ás doceiras, á todos emfim, mas em que aos rapazes só ha uma cousa que agrada—as moças.

Divisar ao longe um vestido azul, e *cachenez* solferino, as suas côres predilectas, correr, dando encontrões aqui, pisando callos ali, esbarrando em um taboleiro de doce lá, até que extenuado estamos proximos á diva... mais um passo, ella volta-se... oh! ceus! não é ella!...

Que porção de tempo perdido!

Nisto é em que consiste o prazer dos rapazes em noutes de fogo.

Eu fui assim no meu tempo, e provavelmente os leitores tambem o foram, porque eu tenho mais medo hoje de um velho sonso, do que de um rapaz pandego, e tenho razão em avançar esta proposição, porque os rapazes de outro tempo (os velhos de hoje) não iam para os bilhares e depositos de cerveja atordoarem-se e fazerem depois uma triste figura, como vejo que hoje accontece; em compensação iam para as salas jogar espirito com as damas, fazendo das salas campo de batalha, procurando agradar com graça, sem se fazerem desengraçados.

E o nosso Arthur?

Estava apaixonado o pobre rapaz; a morena chamava se Sinhá, nome mimoso com que era tratada em casa, para metter figas ao padrinho que ao baptisal-a fez com que o padre lhe désse o prosaico nome de Emilia.

Sinhá era filha de um taverneiro (é melhor dizer negociante) possuidor de vinte acções do banco commercial.

Não sabia o rapaz em que têa se envolvera, porque, si realmente amara o seu ideal, o casamento era muito difficil porque um negociante nos casos do pae de Sinhá, em a nossa terra é mais nobre do que um filho do celeste imperio, descendente da dynastia dos In.

E como alliar semelhante nobreza com um pedreiro?

E' bem verdade que elle podia allegar que seu pae, trabalhando com a esquadria, o triangulo, a escala, o compasso, etc., na vida real, não podia ser inferior á muitos nobres que o fazem na vida ideal, mas a explicação podia ser inteiramente confusa para o negociante. como estou certo que muitos dos leitores não a comprehenderão.

Não desanimou... digo mal, para desanimar é a preciso que reflectisse, e é planta exotica namorado que reflecte; não cuidando sinão do seu amor, ja os livros iam á garra, porquanto Arthur só cuidava de passar pela porta da menina, desde que amanhecia até que anoutecia.

A visinhança murmurava... mas sabe lá a visinhança o que é o amor aos desoito annos?

(*Continua.*)

Desabafo de uma victima das sogras.

(*A' sua mulher.*)

Nossa casa é um paraizo,
Tu a Eva innocente,
Eu Adão sem maldade,
E tua mãe a serpente.

A mulher.

Perguntado o philosopho Secundo pelo imperador Adriano, que cousa era a mulher, respondeu:

—A mulher é o naufragio do homem, tempestade da casa, estorvo do descanço, captiveiro da vida, damno de cada dia, leôa que afaga, perigo enfeitado, animal malicioso e mal necessario.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.ª SABBADO 20 DE AGOSTO. Ns. 683—684.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beceo do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de agosto de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que na Estrada Nova, casas do Sr. Eugenio, contiguas a rocinha do finado Barros, mora a crioula Ermelinda, a qual tem em seu poder uma menina orphan de nome Maria, a quem trata sem commiseração inflingindo-lhe castigos reprovados pelas leis da humanidade.

As vezes a infeliz é mettida em um sacco, outras vezes é exposta na porteira da rocinha com uma disforme mascara no rosto, ao ludibrio e escarneo dos moleques, outras é constrangida a permanecer sobre um banco tendo uma perna suspensa e um braço elevado, ficando nêste doloroso estado por longo espaço de tempo, e todas essas mortificações são sempre acompanhadas de pancada.

Alem disso essa mulher constituiu-se tutora da menor, porque tendo a mãe desta fallecido em sua casa, ella chamou a si o que lhe pertencia, e faltando-lhe as precisas habilitações para se encarregar da educação de uma criança, espera-se que S S., depois de verificado o que fica dito, se dignará mandar entregal-a a uma pessoa que lhe dê melhor tratamento.

—Capitão, não é só na côrte e em Minas que os voluntarios da patria de volta do campo da honra são amarrados como escravos fugidos; tambem na Bahia, um bravo que defendeu com gloria a dignidade deste paiz, é preso, amarrado e perseguido.

—Era o que faltava!

—Simão, crioulo, é natural de Maragogipe; foi escravo de um tal Manuel Anselmo, que o cedeu por divida, ao coronel Tintas, de Nazareth. Residia nesta cidade e dava-se a profissão de cosinheiro.

Rompendo a guerra do Paraguay, Simão foi alistar-se no batalhão Princeza Leopoldina, com o nome de José Felix.

Durante o tempo da organisação do batalhão, andou publicamente nesta cidade com a farda de voluntario; ninguem se lembrou de apontar sua condição de captivo, nem o governo de então teve escrupulo em acceital-o nas fileiras dos defensores da patria, sem primeiro reconhecer sua identidade.

O batalhão marchou para a guerra e José Felix foi um heroe, como o foram em sua totalidade os homens de côr preta, filhos desta terra patria dos Santa Eufrasidas, Bigodes, Fernandes d'O', Manuel Gonsalves, coronel Neves e outros.

Estou por obter a sua fé de officio e hei de lhe apresentar.

Terminada a guerra, José Felix regressou a Bahia, fazendo parte do 40º de voluntarios. Dissolvido este batalhão, procurou um meio de vida, empregando-se como cosinheiro de um vapor que se acha em concerto em Itapagipe.

Na segunda feira 16 do corrente, um individuo accompanhado de outros e munido de cordas prendeu Simão, no vapor, amarrou-o e neste estado aviltante ficou aquelle que acabava de concorrer, derramando seu sangue, para elevar este paiz á altura de uma grande nação, até que chegando o subdelegado da Penha, mandou tirar-lhe as cordas!

E' preciso dizer que o individuo que assim praticava, nenhum titulo apresentou que provasse o direito que tinha para algemar a um homem, de cujos serviços a nação tanto se utilisou.

Exigindo o subdelegado provas do captiveiro de Simão, o encarregado da captura pediu que elle ficasse retido na subdelegacia por alguns dias até a exhibição de documentos; mas o preso reclamou que queria vir para a prisão publica, e assim deferiu a authoridade.

Escoltado Simão ao chegar a baixa dos Sapateiros, conseguiu evadir se das mãos dos que o conduziam e a não ser isso, á esta hora estaria gemendo entre os negrores da immundicie de um carcere!

—Mas qual é a sorte que espera o desgraçado bravo da patria?

Hoje ou amanhan será indubitavelmente preso, encarcerado, torturado talvez, vendido e o iatego infamante do senhor lhe compensará a desobediencia de ir defender os brios ultrajados da nação e essa ingrata patria verá tudo isso indifferente!

Que conceito merece aos olhos das nações cultas um paiz onde se dão factos desta ordem?!...

—No Rio de Janeiro o chefe de policia expediu aos seus subalternos uma circular afim de evitar essas scenas de vilipendio nacional, si ao menos o daqui o quizesse imitar.....

—Capitão, estou com o espirito conturbado.

—O que o afflige?

—A impressão que me causou uma catastrophe.

—Este mez tem sido abundante de desgraças.

—O Sr. J. Gabriel de Gouveia, tendo mandado na quarta-feira atear fogo a uma pedreira que está quebrando ao Sangradouro, falhou a explosão.

Parecendo lhe que a humidade da polvora era a causa de não se ter ella inflammado, ordenou a um escravo que fosse esgaravatar a broca feita na dita pedreira. Estando em semelhante trabalho um estampido horrivel se fez ouvir e o infeliz foi arremessado a uma distancia consideravel, perdendo uma mão e encravando-se-lhe uma pedra na testa. Está em perigo.

—Faz pena!

—Um moleque que acompanhava o Sr. Gouveia foi tambem ferido, alem de outras pessoas levemente offendidas.

—A constante repetição de tão tristes successos não serve de escarmento para haver mais cautela em tão perigoso trabalho!

—Eu não sei mesmo como qualifique a imprevidencia com que se permitte que em qualquer logar se quebrem pedras á tiros de polvora!

Ali no Sangradouro, á beira de uma estrada em que passa gente a toda hora, dão-se tiros a cada passo!

—Deu-se mais uma desgraça.

—Isso vae a se acabar!

—No dia 16 precipitou se de um sobrado uma infeliz rapariga; dizem que está mal.

—Em que logar foi isso?

—Nas Mercez.

—Ah, ja ouvir fallar.

—E' escrava da casa dos Bandeiras.

—O que a levaria a querer acabar com a vida?

—Isso não sei; quem lhe pode dizer é o subdelegado de S. Pedro, que la esteve.

—*Talvez* briga com alguma parceira.

—*Havia* de ser isso mesmo.

—Temos um policia tão dorminhoca que não vê o que se passa de noite por mais zoada que se faça!

—Os malandros pintam a seu salvo sem serem encommodados.

—Quem na noite de domingo, na rua do Tingui, não despertou ao retinir dos vidros esmigalhados das janellas de algumas casas que uma malta de capadocios andou apedrejando?

—Forte desaforo!

—Não obstante a estrepitosa algazarra com que se praticava este acto de requintada insolencia, os que devem velar pelo socego publico não despertaram!

—E desta sorte nem nas horas mortas, o repouso das familias está isempto de ser perturbado por uma horda de turbulentos.

—Capitão, communicaram-me que o provedor da Santa Casa da Misericordia officiou a irman de charidade, directora do asylo do Campo da Polvora, para ir buscar duas recolhidas que estavam em casa do Sr. Vicente Costa, e a cujo serviços se achavam alugadas.

—A razão?

—Dizem que foi porque o Sr. Vicente castigara as mocinhas com bollos.

—Eu logo previ que a tal medida tomada pela mesa da Santa Casa, relativamente o aluguel de serviços das expostas, havia de dar em desagradavel resultado.

—O meu communicante disse mais que ao chegarem as irmans de charidade que foram buscar as moças, o Sr. Vicente, irritado, ainda deu-lhes puchavões de orelhas e bofetadas!

—Que desaforo! A policia deve, a ser exacta esta informação, tomar alguma providencia sobre este ultraje feito pelo Sr. Vicente a duas fracas senhoras.

—A eschola de meninas da freguezia do Pilar está acephala ha muitos dias; a professora desappareceu; ninguem sabe que fim levou.

—Ha de andar se divertindo; logo volta.

—Onde está a liberdade de acção do individuo á vista deste e de outros factos?

—O que aconteceu?

—Até os soldados de policia julgam-se authorisados a obrigar a vontade do cidadão!

Na noite de 17 do corrente, praças do destacamento do Caes Dourado agarraram um homem livre, crioulo, e quizeram que elle fosse despejar ao mar trampa do quartel; o homem recusou-se pelo que foi desabridamente espancado á vista de numerosas pessoas.

—Entretanto esses homens foram para ali mandados afim de manter a ordem!

—Quantos sinistros estes dias!

—Mais algum?

—E bem pungente. Uma criancinha que cahiu dos braços de sua mãe, de um sobrado ao dobrar a ladeira do Taboão.

—Em que dia?

—Hontem 19; a mulher conversava para defronte e descuidou-se; a criança fez um movimento e escapuliu-lhe das mãos.

—Ja na terça-feira da baixa dos Sapateiros cahiu uma criança de um sobrado.

—A causa desses fataes successos é, as mais das vezes, o descuido e a facilidade com que se pega em uma criança.

—Capitão, eu tive uma lembrança.

—Será cousa de utilidade?

—Eu pretendo passar este anno a festa no Bomfim; acho-me em apuros e lembrei-me de requerer ao governo um beneficio no theatro para com seu producto ter dinheiro com que supra as despezas.

—Muito bem!

Quer então ser parasita das algibeiras do publico que deve lhe dar dinheiro para seus vicios e pagodes.

Cuide n'outro officio.

—Eu não faço mais do que imitar a muita gente.

So se concede beneficios a pessoas indigentes e necessitadas; e isso mesmo é preciso que esses motivos provenham de causas resultantes por serviços ao paiz, ou então a notabilidade artisticas; ora V. não prestou serviços de ordem publica, nem é artista; por tanto o povo não deve manter pansudos.

—E como eu vejo sujeitos sãos e robustos obterem dous e tres beneficios, fazendo disso um meio de ter dinheiro?

—E' especulação tão reprovavel como outra qualquer de egual natureza; é uma esmola que o sujeito sem estar no caso de pedil-a, implora á generosidade publica e depois de obtel-a vae esbanjal-a em luxo e ociosidade.

—O caso é que pedem e lhe concedem sem se indagar o fim e por tanto, eu que não sou mais feio do que elles, parece que tenho egual direito.

—E' exacto; e talvez com mais facilidade alcance do que muito mutilado que por ahi anda, do que a viuva de algum pobre servidor do paiz que com os filhinhos perecem á mingoa.

—A epocha é disso.

Os exemplos ahi estão se vendo.

—Capitão, o inspector de quarteirão, cujo nome vae abaixo, indo avisar um individuo para o serviço das *rondas á vapor,* que actualmente se fazem, não o encontrando em casa deixou-lhe o seguinte curioso aviso:

«Ordem Do Snr. Cube de le gado, Avi zár Aos meus Rizidentes do quaterão 11 Para Ciprestar em ao çer viço da rezeva. Por escala toca Ao Snr. Car va lho a S P. a 7oras

Ynes peçtor do mes mo

Ce çiliano Ribeiro d'Mattos.»

—Eu sou de opinião que o Sr. Mattos obrava com juizo propondo uma acção de restituição ao mestre que lhe ensinou as primeiras lettras, si é que esse Sr. não frequentou as escolas aos domingos e dias santos.

—Dizem que as irmans de charidade da ladeira do Alvo castigaram asperamente a uma educanda, porque escrevendo a seus paes queixara-se de mau trato.

—Pode ser e pode não ser.

—E prohibiram debaixo de severas penas que as meninas se dirigissem a seus paes sem que a correspondencia fosse revistada ou ditada por ellas.

—Entra nos planos do jesuitismo; o pensamento manietado, o livre uso da vontade tolhido.

—Mas me diga que inconveniente pode resultar das expressões que uma filha possa dirigir a seu pae, que seja preciso essa medida compressora, essa estupida espionagem, essa devassa no sigillo da confidencia familiar?

—Si as educandas são bem tratadas deixem que ellas o revelem espontaneamente.

—Para que impedir a livre manifestação dos affectos naturaes com phrases impostas e adequadas?

—Para que? Porque as irmans de charidade, alem do mais, querem passar pelas regeneradoras da educação, pelas reformadoras dos costumes nesta terra!

—Esta gente da policia gosta muito de lambança!

Na noite de quarta-feira a patrulha prendeu

um taverneiro á ordem do chefe de policia por vender depois do toque de recolher.

Os soldados pozeram-se pertinazes. Hora depois os soldados petiscavam queijo e bebiam vinho na mesma taverna.

De manhan o homem abriu sua porta e continuou no giro de seu negocio.

Isto foi no Caminho Novo do Gravatá.

—Capitão, eu desejo conversar um pouco com V. Ex. relativamente a casa da santa Misericordia.

—E eu prompto a ouvil-o.

—A santa casa estava devendo quantia superior a cem conto de reis, pelo que lançou mão de certos meios, como fosse deitar para fora as recolhidas de maior edade, afim de ver se podia alliviar-se da enorme divida com que se achava.

—E como de facto ja está com quasi toda ella paga, pela actividade e zelo do procurador Malaquias, que tem conseguido cobrar muitos alugueis de inquilinos atrazados!

—Sabe d'isso, não?

Pois bem: a mesa actual, em logar de fazer reducção nas despezas, pois o Sr. commendador Figueiredo Leite, deitou as recolhidas para rua, dizem, que por economia, influiu para que fosse aposentado o Sr. Rangel, porque pretende, e ja tem levado algumas cousas a effeito, augmentar o pessoal da secretaria da santa casa, com mais dous amanuenses, um porteiro e um contador com o ordenado de tres contos de reis, cujo logar está destinado para o Sr. Rangel, razão pela qual esse Sr. se aposentou.

—Por força; agora vae elle ter mel e cabaço.

—Mas até então a receita da Misericordia não contrabalançava com a despeza, pelo que elles lançaram mão de medidas que o bem e reflectido senso publico reprovou, hoje para se arranjar os afilhados, vai augmentar-se a secretaria, quando os empregados que lá tem são sufficientes para o trabalho da escripturação do estabelecimento!

Ora havendo na santa casa empregados intelligentes, como por exemplo o Sr. Fortunato de Freitas, porque razão a Misericordia que se julga hoje em boas circumstancias, não ha de augmentar os ordenados desses empregados, em logar de influir para a aposentadoria de um moço que estava empregado, afim de lhe dar a gorda quantia de TRES CONTOS DE REIS!

—Quem tem padrinho; não morre pagão!

—E no entanto, que as pobres recolhidas, para as quaes foi creado aquelle estabelecimento, prometteram 300$ rs. e jogaram-nas para a rua e, ainda o anno passado na interina administração do Sr. Dr. Mendes, a mesa deliberou contractar os serviços das que ficaram com familias que delles se quizessem utilisar, porque não havia dinheiro para manter a tantas moças, diziam os mesarios; mas este anno ja ha dinheiro para se crear uma secretaria luxuosa com fim somente de se proteger a afilhados!

Isto clama aos ceus!

—Rapaz, esperar não é desesperar.

Vejamos como elles arranjam este par de botas!

—Esperemos!

—E' na verdade lamentavel a educação que certos paes dão á seus filhos!

Mal vão elles attingindo o estado de adolescencia, arregimentam-se nas fileiras dos peralvilhos, dispondo de uma liberdade sem limites e, completamente emancipados da obediencia filial, surgem por essas ruas, dando por seu proceder bem triste idéa da conducta de seus paes.

—Nossa capital, de certo tempo a esta parte, se tem celebrisado tristemente em exemplos taes.

—O que deve esperar de seu filho um pae que o consente vagar pelas ruas até uma e duas horas da madrugada só, ou em companhia de outros, incommodando com uma berraria infernal e palavras obscenas a população que dorme, sem respeitar as leis do decoro?

—Um futuro cheio de torpezas e manchado de vicios.

—Ainda não é tudo.

No templo do Senhor vão disputar entre si a palma da immoralidade com o maior escandalo á presença de Deus!

—Causa espanto!

—Pergunte se ao pae de um desses libertinos si sabe por onde andou seu filho durante a noite e elle responderá que esteve se divertindo.

—Entretanto o dissoluto visitou os lupanares, engolphou-se na orgia, embriagou-se, gastou dinheiro que não tinha, andou pelas ruas amotinando o socego publico e recolheu-se as quatro horas da manhan.

—Athletas da devassidão, sem applicação alguma proveitosa ou conhecida, competem no trajar com os que dispõe de fortuna, sem que os proprios paes tenham sciencia de onde partem esses recursos, cuja procedencia é so bastante para lhes marcar o grau de corrupção, procedencia talvez mais degradante ainda do que se trouxesse sua origem do jogo... Do jogo, essa peste endemica que

dizima todos os atomos da dignidade propria.

De onde vem esse dinheiro que tão galhardamente contam em sua carteira?

Como houveram esses relogios, correntões e teteias, com que se adornam, si nada possuem, e nenhum negocio ou emprego tem?

—Mysterio infame!

—Alimentados em tão *commodo,* como reprehensivel modo de vida, insuportaveis se lhes tornam as asperezas do trabalho, e a reforma dos costumes; o crime ou o suicidio é o termo final desse tropel de vicios oriundos da má educação.

– E não reflectem os paes que sua criminosa aquiescencia aos erros e desregramentos dos filhos são outras tantas letras á premio que só se resgatam á peso de dissabores e lagrimas!.....

Não pareça que desconhecemos as excepções; porem a ninguem pode restar duvida da existencia do crescido numero de peraltas, ociosos e libertinos espalhados pela superficie desta cidade, os quaes se reünem á vontade desde o logar mais profano até o mais sagrado impunemente.

LÁ VAE VERSO

Porque será?

Mas que muito, si ha gente e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave?

BOCAGE.—Fabulas.

(*Continuação dos ns. 680—681.*)

Porque será que os juizes
Jogam com pau de dous bicos,
Dando liberdade aos ricos,
Condemnando aos infelizes?

—E' por que andam de narizes,
Sempre as ordens da opulencia;
E como é surda a consciencia
Aos brados da natureza,
Não consentem que a pobreza
Possa andar junto a innocencia.

Porque será que os opulentos,
Da terra no pó creados,
Tendo thesouros guardados,
Criam fama de avarentos?

—Porque de merito isentos
Sem terem n'alma a nobreza,
Devendo tudo a riqueza,
Por quem são engrandecidos,
Julgam cinco reis perdidos
Um desfalque na grandeza.

Por que será que os pobres,
Na juventude ciganos,
No espaço de poucos annos
Se tornam ricos e nobres?

— E' porque sabem que os cobres
Os gosos dão, e os asseios;
E de negra ambição cheios,
D'honra e brio separados,
Aos fins caminham, ousados,
Sem ter escolha nos meios.

Porque será que morgados,
Com fumaças de fidalgos
Em vez de livros teem galgos?
Em vez d'honra, antepassados?

—Porque no monte creados,
Longe da sciencia e d'arte,
Sugeitando a bacamarte,
Os brutos aos seus caprichos
Porque são reis entre os bichos,
Cuidam sel-o em toda a parte.

Porque será que os alvares,
D'aqui longe enriquecidos,
A patria restituidos,
Pretendem ser titulares?

— E' porque temem desares,
Quando alguem por nome os chame,
E querem, contra o vexame
D'um passado escandaloso,
Oppor um titulo honroso,
Que escureça um nome infame.

(*Continúa.*)

F. X. de N.

A PEDIDO

—Capitão, ja soube que a *commandita* do engenho *cattête* pretende moer a nova safra no costado da pobre victima por causa dos carregamentos do navio, a conta propria?

—E elles ignoram que a bordo ha porão, par de machos, verga, calabrote &?

—Não... Mas si elles levarem a effeito os planos de que fazem alarde?

—Não creia, pois quem quer dar não promette, e demais vou mandal-os buscar a minha presença para um pequeno ajuste de contas.

—Pois elles lhe devem.

—Vae ver. Maxingueiro vae a rua do Pan-de-ló e tira o *Pinto* ainda que a gallinha te dê alguma *bicada*, lá tem *frangos* e *gallos* feitos, mas não importa.

.....

—Aqui o tem capitão.

Olá meu *amiguinho* com quê então está mettido em altas cavallarias!

—Não tem sido por minha vontade, capitão, pois até agora tenho jogado so *espada preta*.

—Pois vamos a *esgrima* ... cubra-se.

—Estou coberto.

—Esteve no Paraguay, estou informado, havia de conhecer lá o alferes *Baptista* de saudosa memoria e o tenente João Francisco.

—Estou ferido, capitão.

Levante-se que este golpe não foi mortal. Com que então passa V. aqui por *senhor de engenho* na roda dos paletas, e com esta parvai gozando bem *boas cousinhas*.

—E' falso, capitao, nunca tive engenho.

—Quer um conselho?...

Não queira chegar ao auge de ficar sem cobres e sem amigos; a *boa gente* com quem V. está mettido é capaz de roubar o sol antes de nascer não por elles que são completamente ignorantes, porem por causa do *dunguinha* que passa vida *boccagiana* e V. cumprindo que seja sua missão diga *imagens mundanas fugite*.

Ouviu?

A escrava.

Eu sou leprosa estendida
Nas lages do frio chão:
Ninguem que passa—esse corpo
Levanta, me dando a mão:
E antes me cravam todos
Espinhos no coração.

Choro... Mas minhas lagrimas
Cahem geladas no chão:
Ellas—maldictas—não fazem
Pulsar nenhum coração,
Nem tristes se quer despertam
Sorrisos de compaixão!

Nos cardos d'um mundo egoista
Meus lindos pés eu sangrei:
Co'as bagas d'um pranto intenso
O pó da terra eu banhei;
Aos lategos do agro supplicio
Eu quasi... quasi expirei!

E foi assim... Certo dia
Ao tronco d'arv're me ataram...
Não sei o mais; so—desperta—
Vi que meus filhos choravam,
Que minhas formas esbeltas
Os ventos livres beijavam...

E sou mulher... E consagro
Intimo culto ao pudor:
E' o meu talisman divino,
E o meu thesouro de amor:
E' o astro da minha vida,
Da minha existencia a flor.

Emtanto, ceus, que *senhoras*
Sem alma, e sem coração,
Sacerdotisas infames
Da vil prostituição,
Queimam incensos constante
Nas aras da corrupção.

E *ellas* lançam-me um riso
Ironico sempre—ao revez:—
Ellas que ao ouro, e ao *goso*
Dobram a cerviz tanta vez...
E o mundo todo se curva
P'ra assim lhe beijar os pés!

«Tu és escrava»... Alta noite
Diz me-o a mesma solidão.
E diz-me o mocho em seu canto
Que enluta-me o coração;
E' voz do inferno que eu ouço
Dos ares na alta amplidão.

E sou bella... E' minha alma
Sacrario so de affeições...
So com o olhar eu domino
As turbas e as multidões;
Elles—captivam-me o corpo,
E eu—captivo os corações,

.....

Deus, porque sobre a fronte
D'essa infeliz geração,
Cahir fizeste incendidos
Teus raios de maldição?
Suspende... Dos pobres filhos
Oh! tende, Pai, compáixão!

.....

Antes cadaver... Ao menos
Não sentiria amargores:
Talvez que mão piedosa
De quem soffresse essas dores,
No meu sepulchro espalhasse
Pugilo de lindas flores.

A. A. Milton.

Como eu te amo.

Eu te amo como o leão ama o deserto,
Como a pata ama a lagoa,
Como o allemão ama a broa,
Como o remo ama a canoa,
Como a ceroula ama o cós,
Como o cordão ama o ilhós,
Como o cão ama o torresmo,
Como o tatú ama o buraco,
Como a banana o macaco,
Como ao sangue o carrapato,
Como o pé ama o sapato,
Como eu mesmo amo a mim,
Como o burro ama o capim.

VARIEDADES.

O Sr. Arthur Borboleta.

SCENAS DE COSTUMES.

(*Continuação do n. 682.*)

Uma noute estava Emilia *posta em socego*,

janella, com a face encostada á palma da mão, sonhando um futuro ditoso ao lado do Borboleta Junior, quando sentiu que lhe pegavam na mão; sobresaltou-se e ia gritar quando uma voz terna, amante, lhe murmurou aos ouvidos:

—Sou eu, meu anjo, eu que te amo e enlouqueço; em que pensavas?

Já veem os leitores que o rapaz não era pêcco para a cousa, e que mostrava alguma pratica na governação do estado—amor.

—Ah! é o senhor... vá se embora, maman pode chegar.

—Pois ella vindo eu vou, mas deixa dizer-te uma e muitas vezes que te amo, e morro si não caso comtigo! Dize-me, tu me amas?...

Ella, a sonsa, abaixou os olhos, e murmurou muito devagar:

—Ainda o pergunta?

Eu tenho muito medo das moças que abaixam os olhos com *pruderie*, quando affirmam o que ellas não sentem, ou que pelo menos sentem como illusão.

—Emilia, venha tomar chá, gritou a mãe dentro da sala, junto á porta.

—Adeus!

—Adeus!

E voltando para retirar se, Arthur deu uma boa cabeçada no peito de um sujeito que, de pé, como um espectro estava perto da janella.

O nosso heroe nem murmurou uma desculpa e ia escafedendo-se, permittam o termo escholar, quando o espectro segurando-lhe por um braço lhe perguntou com voz de trovão:

—O que fazia o Sr. aqui?

—Eu, murmurou o misero namorado, nada... perguntava á uma senhora si esta rua ia dar direito á praia.

—Ah! desculpe-me, pareceu-me ver outra cousa.

—Nada, não Sr.; boa noite.

—Boa noite!

Arthur retirou-se, e o pae de Emilia, o classico negociante, pois era elle, entrou em casa.

Perguntaria elle á filha o que fazia com um sujeito á janella?

Não sei, mas é facto que os namorados nunca mais conversaram juntos.

O Sr. Arthur ficou inconsolavel, mas como era borboleta, logo esqueceu a mimosa sinhá, e foi adejar ao redor de outras flores. Lembrou-se de pousar nas mimosas faces da Sra. Mariquinhas que era um verdadeiro pancadão, mas que tambem era fructa prohibida.

Como se haveria neste transe não o sabia elle; a moça não era feia, nem arisca, gostava do *donaire* do rapaz, e de seus palavreados entercalados de exemplos francezes da grammatica de Sevene, e sentenças de La Rochefaulcaud, tirados da litteratura de Daux e Rausmalen.

Morava a Sra. Mariquinhas em uma casinha de porta e janella, á rua de... (esqueceu-me agora o nome da rua, mas isto não vem ao caso) vivia ella com sua mãe que era viuva de um pobre carpinteiro; ajudava-a no serviço da casa, especialmente em costuras do arsenal, d'onde tiravam a sua subsistencia.

Não era feia, ao menos para mim, que acho todas as moças bonitas, não o era, e o Sr. Arthur, pensando como eu, lá foi arrastar a sua aza, mostrando a Sra. Mariquinhas que elle não lhe desagradava.

Mas por infelicidade, a moça tinha um primo machinista, que entendia lá para si, não sei com que fundamento, que todas as primas são *de jure* dos primos, e que notando os continuos passeios do Sr. Arthur, já trazia os olhos e a ponta do nariz como um pimentão.

Ora, não ha cousa que mais enlouqueça uma boa cabeça do que seja o ciume, e o tal primo era ciumento como... como eu quando era rapaz, e lá no seu espirito apoucado passou a idéa de esfregar a roupa ao corpo do Sr. Borboleta Junior.

Era má a lembrança; tão má que estou certo que a victima não lhe agradecia, mas si o primo machinista pensava que era esse o melhor meio de se ver livre de um rival, o que fazer?

Faz-me este facto recordar um outro que se dava nessa mesma época.

Um pae tinha uma filha, cuja fortuna esbanjava; um rapaz a namora e pede-a em casamento; o pae recusa e alta noite procura o rapaz e quer metter-lhe o chicote; baldado o intento, manda em outra occasião dar-lhe um tiro; falhando o alvo, mudou de tactica, consentiu emfim no casamento, que com effeito se realisou, mas com outro neophyto, ainda imberbe e inexperiente em materia de mulheres.

Discutido e bem debatido na idéa do joven machinista, o projecto de uma sova de pau no lombo do Sr. Arthur, adormeceu elle, sonhando com os anjos, com Deus, e creio mesmo que com a policia ou a ronda da reserva.

Continuava o Sr. Arthur os seus estudos, então já alumno de uma academia.

Já fallava em physica e chimica; ainda mesmo que fosse por ouvir dizer, porquanto os seus collegas diziam (talvez por espirito de classe) que o que mais elle sabia era delinear uma bola á quatro tabellas.

Mas tudo neste mundo tem suas compensações, e o Sr. Arthur que pertencia á este

mundo tambem tinha as suas, não amava a academia, mas amava a Sra. Mariquinhas; para elle isto valia muito mais.

O Sr. Julio Borboleta não pensaria do mesmo modo, mas o pobre velho vivia no mundo da lua, e para elle tambem chegou o dia das compensações.

Um dia, dia nefasto nos annaes da vida do pobre Borboleta! o mestre da obra em que elle trabalhava perguntou-lhe si o filho não era alumno da academi a, e á resposta affirmativa do Juca, disse-lhe:

—Pois elle deve saber desenhar; tenho aqui este esboço de uma planta que preciso arranjada com limpeza; você mande-o desenhar com aceio, que eu o gratificarei pelo trabalho.

O pobre Borboleta não coube na pelle de contente, vendo o conceito em que o seu estimado Arthur era tido pelo mestre, e provavelmente pelos conhecidos e amigos do mestre, e quem sabe?.....

Que honraria para tão pobres marquezes!

O homem veio voando para casa, logo que deu Ave-Maria. Embarafustando pela porta á dentro, foi gritando pelo filho:

—Arthur! Arthur!

Qual Arthur!

Nessa occasião estava elle rondando a porta da Sra. Mariquinhas esperando que escurecesse mais para dar-lhe uma beijoca debaixo de todas as formalidades amorosas.

O pae esperou-o até ás 9 horas da noute, até que se resolveu a dar descanço ao pobre corpo, cançado do trabalho.

No dia seguinte, acorda-se o Juca muito cedo e vae procurar o filho que roncava como uma peça raiada em dia de combate, estendido em uma marqueza na sala de jantar.

—Olá, Sr. preguiça, até que horas se dorme nesta casa?

A' tão brusca interpellação, o nosso rapagão abriu um olho, depois o outro, até que conhecendo o pae exclamou:

—Ora, papae, vem o Sr. me acordar no melhor de meu somno!...

—Escuta, disse-lhe o pae, tu já sabes desenhar muito?

—Desenhar? qual! ainda agora estou principiando.

—Então este tempo todo que andaste no estudo... lá nessa eschola...

—As mathematicas não se aprendem em um dia.

—Sim, mas o desenho... Olha, vès isto? perguntou-lhe o pae mostrando-lhe o esboço que o mestre lhe dera, podes desenhar esta cousa com limpeza?

(*Continua.*)

Quadrada ao domingo...

O Internacional de Londres refere o seguinte disparate:

A scena passa-se n'um collegio.

Ao approximar-se o dia dos exames, fez o professor recapitular os discipulos as lições aprendidas durante o anno.

Quando chegou á geographia, disse-lhes elle:

—Uma das primeiras perguntas que lhes hão de fazer é esta. «Qual é a forma da terra?» Si, por acaso, se esquecerem do que hão de responder, voltem se para o meu lado. Hei de ter na mão a minha caixa de rapé para lhes lembrar que a forma do globo é redonda.

(E' preciso notar que este mestre-eschola usava nos dias de semana uma caixa de rapé do feitio de um ovo, e que ao domingo a substituia por uma quadrada, toda cheia de esmaltes.)

Chega o dia do exame e o examinador faz a um dos discipulos a tal pergunta: «Qual é a forma da terra?» Perturba-se o interrogado, não sabe o que ha de responder, mas lembra-se logo do avizo do mestre e volta-se para elle, que leva immediatamente a mão a caixa de rapé.

—A terra, respondeu então o examinando, posto momentaneamente em confusão, pela pergunta, a terra é quadrada ao domingo e redonda nos outros dias da semana.

Verdade.

Perguntando certo sujeito a um homem de que vivia, respondeu:

—Si Vm. me perguntasse de que morro, eu lhe responderia que de fome.

Epigramma.

«Não vejo *fulano* ha tempo,
«Não sabes que fim levou?...
«'Stá doente? —Não! «Morreu?
—Peior do que isso... casou.

ANNUNCIOS.

Rapazeada!

Um sarapatel preparado por maneira nunca vista se dá hoje de graça aos concurrentes do café e vispora da rua do Julião n.º 18, o qual mudou de nome e chama-se agora—Casa de pasto club da rapazeada.

Venham todos saborear essa gostosa petisqueira que de mais a mais não tem o menor resaibo de azinhavre.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.ª QUARTA FEIRA 24 DE AGOSTO. N. 685.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de agosto de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, dizendo-lhe que não pode ser para fins licitos que se reunem todas as noites, em uma casa velha, ao terminar da rua da Poeira, diversos individuos, os quaes, algumas vezes por disconcordancia, sem duvida, suscitada na practica do fim para que se ajuntam, alteram as vozes de forma a serem ouvidos por quem passa na rua, pelo que torna-se conveniente que S. S. procure saber o que faz aquella companhia nocturna, e a faça dispersar logo que reconheça que se dá a qualquer fim illegal.

—Capitão, eu nutri sempre boas intenções a respeito da policia, embora por aqui ella durma soffrivelmente e não queira se intrometter em negocios serios.

—No que faz muito bem; para mim a primeira qualidade de qualquer delegado de policia é a *prudencia*.

—Mas as vezes sou forçado a fazer meus reparos, por ver a demasiada complacencia com que olha para certos factos.

Ora, dizem por ahi rasgadamente, que uma fragil e desventurada creatura, a quem o doce nome da liberdade não é dado invocar, não podendo resistir aos dolorosos supplicios com que era atormentada, por um acto de desespero quiz dar cabo da existencia.

A miseranda escrava, preferia assim, uma morte breve, ao lento martyrio que diariamente lhe fazia soffrer a mão possante de robusto africano, a quem seu algoz ordenava que lhe flagellasse o corpo.

—Opprobrio da humanidade!

—O facto foi publico; a infeliz atirando-se de uma eminencia foi bater com o corpo no solo, semi-morta, á vista de uma multidão de curiosos, a quem o accontecimento attrahira.

O baque não a matou, mais deixou a em estado que sua existencia pode de uma hora para outra succumbir.

E a senhora policia na sua impassivel serenidade, não procurou saber como foi isso, não mandou proceder ao indispensavel corpo de delicto!

O facto de attentar contra sua vida, uma pessoa, que pela sua condição de escrava deve dar o que pensar, mereceu tanta attenção, como si se tratasse da existencia de um passarinho!

Que interesse pode despertar a sorte de uma misera captiva, uma desgraçada privada da sua parte na herança commum!

—Apenas a authoridade local appareceu, muito depois, mais para *accommodar* do que para ventilar.

—Formalidades.

—Eu sei que sou mais que ineompetente para formular juizos sobre a marcha que segue a policia em seus negocios, mas sou obrigado a dizer que muitas vezes por indolencia sua a impunidade é authorisada.

Si a illustrissima recorrer aos seus assentos, ha de achar nelle um caso de uma certa mulher livre, encarcerada em um quarto, levando bolos e á jejum de pão e agua, facto de que teve sciencia e verificou, mas foi logo embrulhado na *bandeira* da condescendencia.

—Quando eu digo que esta terra está entregue as beratas, ninguem quer acreditar.

—Mas o que acconteceu?

—No domingo, á meia noite, pouco mais ou menos, um sujeito de côr parda espancava horrivelmente a uma mulher cabra na rua doBacalhau, acompanhando as pancadas de termos immoraes e obscenos.

A rapariga pedia-lhe, debaixo de pungentes gemidos, que a perdoasse, mas o fero coração do carrasco não se commovia!

Depois de muitas bordoadas passou um sujeito que acommodou a rascada; porem ainda assim continuou elle nos termos obscenos, e ufano da peleja, dizia:

«—Vae agora para casa de Sophia, dize a

aquelles *machos* que lá estão que eu acabo de te dar bastanto e si elles quizerem que venham tomar satisfação d'isso!»

Com todo este barulho não compareceu um so guarda nem nenhum outro agente de policia!

—Capitão, no sabbado das 11 para as 12 horas da noite, houve na rua da Lama pancadaria á valer.

—Quem foi o paciente?

—O official de justiça José Joaquim de Sant'Anna, o qual se acha gravemente doente.

—E quem foi o agente d'esse attentado?

—O alferes Gil do 5.° batalhão da guarda nacional.

—E porque razão practicou tão feio acto?

—Dizem que por ter Sant'Anna dirigido algumas palavras amorosas á sua amasia.

O subdelegado de S. Pedro foi hontem a casa do Sr. Gil e prendeu-o, mas depois vendo que o não podia fazer, visto como não o havia encontrado em flagrante, mandou-o pôr em liberdade

—Sant'Anna toca e canta modinhas, por conseguinte isto não foi sinão divido ás consequencias do *violão*.

—Por fora muitos babados, por dentro mulambos só.

—Ja V. vem com historias?

—Não; é que mandaram aceiar a frente da casa da moeda para a chegada do conde e condessa d'Eu, e deixaram o lado da rua Direita e da ladeira da Misericordia em completo estado de porcaria.

—Mas suas altezas vão lá olhar para os lados da casa da moeda!

—Nesse caso, estando limpo o frontispicio está tudo aceiado, não?

—Justamente.

—Então representa o mesmo que uma mulher de vestido de seda, cara limpa e..., *sim-senhor* sujo?

—Ora vá elle!

—Capitão, sabe o que se deu comigo no portão da praça de Riachuelo?

—Não.

—Estava eu conversando com um irmão meu, relativamente ao melhoramento que fizeram na mencionada praça, quando se approxima um gallego e diz:

«—Aqui na Valia não se pode fazeri melhoramento, porque o *Alavama* se põe logo a censurari.

Nesta praça todos os domingos daba-se uma prenda á quem compraba um vilhete, e o *Alavama* rodiculisou e desmoralisou muitas familias!»

—Esse gallego, provavelmente, ignorava que V. é tambem da tripolação.

—E' de suppor.

—Em que dia se deu isso?

—No domingo, pelas 4 horas da tarde mais ou menos.

—Que atrevidão! Si houve censura e desmoralisação nas publicações que sahiram no *Alabama*, elle que se queixe dos que as mandaram, que foram n'este caso os culpados.

—V. não sabe o nome d'esse gallego?

—Não, mas posso indagar.

—Pois é um grande favor, porque eu quero mandar o muxingueiro esfregar-lhe a lingua para não andar fallando aéreamente aquillo que ignora!

—Capitão, V. Ex. não podia passar em occasião mais adequada.

—Aqui pelos Algibebes?

—E' verdade.

—O que ha?

—Escute.

—Parece que ouço pranto.

—E' o solaçar de uma creança.

—Está soffrendo?

—E' victima do genio mau de uma senhora villoa; uma mulher barbara, uma *pimenta* na indole.

—M ltrata-a?

—Desapiedadamente.

—Porem que mal fez essa creança?

—Porque sente a ausencia da mãe que está na Correcção.

—Deus piedoso! E' uma crueldade!

—A preta ja não podendo soffrer rigorosos castigos, fugiu e foi para a Correcção; o escravinho indo á rua comprar não sei o que, quebrou um prato; a dura senhora deulhe a escolher ou outro prato ou uma surra.

—Por tão pouco!

—Atemorisado, largou-se para onde estava a mãe; de la veio recambiado e depois de severo e excessivo castigo, está aferrolhado n'um quarto desde terça ou quarta feira passada! Toda a vez que chora e chama pela mãe, apanha rigorosamente.

O pobresinho está como desvairado. A visinhança clama.

—Deus não se serve disto!....

Pois nem a tenra edade da victima move a compaixão dessa senhora!...

—So coração de fera!.... querer abafar a voz da natureza, querer rasgar os vinculos do sangue, privando um filho de ter saudade de sua mãe!..

—E um filho que, atterrado pela enormida-

de das cruezas com que é tratado, chama em seu soccorro aquella que elle entende ser a a unica que lhe pode acudir.

—Quem não se enternece ao pranto de uma creança não é accessivel a mais nenhum sentimento de humanidade.

Adeus, eu vou d'aqui entender-me com quem pode fazer minorar os soffrimentos a esse miserando pariá.

—Que destino foi esse rapaz?

—Capitão, venho dar-lhe informações.

—A respeito de que?

—O chefe de policia incumbiu ao subdelegado da Rua do Paço de syndicar o facto de ter a cabra Ermelinda em seu poder uma orphanzinha a quem maltracta.

—E o que foi feito?

—O subdelegado mandou chamal-a á sua presença, mas ella escondeu-se.

—Disseram-me que não sahe á rua; soffre de morphea.

—Primeiro aproveitaram-se da evasiva que a Ermelinda de que tratava a ordem do chefe de policia era creoula, e, a chamada sendo cabra, não era ella; não prevalecendo, porem, semelhante argucia, apresentou-se ao subdelegado uma irman da cuja e declarou ser verdade que amordaçavam a creança, em razão de ter ella o vicio de comer terra.

—A desculpa é que está de papa terra.

—E que o facto de exporem-na ao ludibrio e irrisão dos moleques era para envergonhal-a á ver si se emendava.

—Não é com rigores que se corrige; isso não faz mais do que habitual-a a perder o brio.

—O subdelegado teria feito uma obra de charidade remettendo aquella pobre orphan para qualquer pio estabelecimento, por que, realmente, a tal mulher não está no caso de encarregar-se da educação de uma creança, não so pelo seu estado physico como moral.

—Capitão, dá licença para um retoque?

—Não ha a menor duvida.

—O voluntario Simão, preso nesta cidade como captivo do coronel Tintas, assentou praça no batalhão commandado pelo coronel Domingos Rodrigues Seixas, em dezembro de 1865, com o nome de José Pinto de Carvalho, fez a campanha do Paraguay e voltou á esta cidade no 40, commandado pelo brigadeiro Faria Rocha; teve baixa em março de 1870.

—Tem mais alguma cousa a dizer?

—Nada; eu apenas queria reparar essas omissões que escaparam.

—Então, vá-se com Deus.

—Parece maldicção!

Não ha uma vez que os *bonds* dos Trilhos Urbanos passem pela rua do Rosario de João Pereira que não saiam fora dos trilhos!

—Estou que isto é defeito do assentamento.

—Não sei, sei que os prejudicados são os passageiros que levam mais de uma hora d'aqui que deitem os *bonds* no logar.

—Que diabo é aquillo?

Tanta gente correndo para o caes junto ao ponte dos vapores da companhia Bahiana, e aquella gritalhada tamanha.

—E' um preto que quiz matar um rato e na precipitação que correu atraz do animal cahiu ao mar.

—Porem não lhe succedeu nada?

—Absolutamente.

—Como hoje ainda é 23 de agosto, por isso fiz esta pergunta.

—Segunda-feira andou um inglez nú pela cidade de baixa.

—Traria alguma faca n'algibeira?

— E' serio; o homem da terra das batatas. girando n'uma athmosphera verdadeiramente alcoolica, phantasiou remontar-se aos tempos em que a humanidade não era maliciosa; sem o menor embaraço alliviou-se dos trajes que lhe resguardava o corpo aos olhos do pudor, e, novo Adão, eil-o a fazer desde Santa Barbara á rua Nova do Commercio seu paraiso terreal!

—Bebedeiras que não servem.

—De todos os remedios applicados para lhe fazer curtir a mona, o mais efficaz foi uma dose de socos que lhe applicaram que o chamou logo ao estado habitual.

—As irmans de charidade deitaram para a rua o porteiro do hospital da Santa Casa; um pobre e honrado chefe de familia, empregado ali ha 7 annos!

—Isso mesmo é virtude; expor á fome uma familia inteira!

—Os meios de que se servem as irmans de charidade para descartarem-se de tudo quanto é nacional, empregado no hospital, é o mais baixo e indigno possivel.

Hypocritas, não usam de franqueza. Adoptam os expedientes capciosos, as tricas, ora pondo em prova a dignidadedo individuo com imposições desarrosoadas, ora pretendendo forçal-o a contrafazer-se em seus habitos e costumes, afim de que elles se vejam na dura alternativa de retirarem-se ou sujeitarem-se á uma condicção humilhante.

—Que plano diabolico!

—As irmans de charidade ouviram por

muitas vezes o homem manifestar o temor que lhe infundiam os doudos. Guardaram semelhante declaração para a occasião azada.

Um dia destes, foi chamado á presença das *bondosas* mulheres, e estas lhe declararam que d'aquella data passava elle a accumular as funcções de porteiro e enfermeiro dos doudos! Foi o mesmo que enxotal-o para a rua!

—Dous cargos incompativeis: o porteiro ou bem havia de estar á noite á porta do hospital para abril-a quando batesse algum doente em perigo, ou bem havia de estar velando ao lado dos doudos. Salvo si o homem tivesse o dom de dividir-se.

—O Romualdo, é um homem velho, debil, doente, cego de um olho, e, como, e como tal, impossibilitado de desempenhar as funcções de enfermeiro dos doudos, que deve ser um individuo robusto e possante.

—E' exacto.

—Mas quer saber a causa do malevolo e calculado proceder das irmans de charidade para com o pobre homem?

O porteiro do hospital incorreu em grave culpa para com ellas, culpa que era preciso punir irrevogavelmente.

—O que seria?

—Ha dias, publicou-se que os doentes quasi ficam sem carne, por não haver quem escrevesse o pedido; aquelle homem era o portador que a ia buscar no curral e nesse dia tomou-a em confiança ao Sr. Azevedo.

As irmans entenderam que ninguem, a não ser elle, podia relatar aquelle facto, e dessa hora juraram, em seu despeitado rancor, vingar-se da innocente victima. Dias depois o homem era forçado a demittir-se!

— E por mera suspeita priva-se um homem dos meios de subsistencia, e expõe-se toda uma familia á miseria! Como são puras as irmans de charidade!

—Pasme porém do cumulo de hypocrisia! A irman de charidade encarregada de lhe impor a nova resolução, quando o mandou chamar estava na capella; quando elle chegou encontrou-a de joelhos.... Tinha acabado de receber o Santissimo Sacramento... porque as irmans de charidade confessam-se uma vez na semana e commungam todos os dias!

Foi causando um mal, que ella curvada ante o tribunal da penitencia, agradecia ao Deus de misericordia a graça de dar seu corpo a comer na hostia consagrada,

—E desta forma vão ellas pouco a pouco extinguindo do hospital os empregados brasileiros! Dos antigos só resta o Sr. Anselmo.

—E esse que vá esperando a sorte que lhe aguarda. Porque as irmans de charidade na sua admiravel pureza de sentimentos são capazes de tudo.

VARIEDADES.

Petição e despacho.

Estando preso em S. João d'El-rei, pelo crime de furto, certo individuo que por alcunha era conhecido—Busca-Vida—este fez o seguinte requerimento ao ouvidor da comarca:

O Busca-Vida está preso,
Senhor, mandai-o soltar.
Que elle solto busca a vida,
E preso como ha de buscar?

O ouvidor, que de perto o conhecia indeferiu-lhe o requerimento desta forma:

Si o Busca-Vida está preso,
Preso deixe-se ficar,
Que na cadeia não furta
E solto pode furtar.

Ricardo Alexandre C. Farias.

Um homem previdente.

Um medico da nova escola vivia só em casa, lá para o bairro d'Alfama, tendo apenas um gallego que fazia os recados.

Um dia quiz sahir de Lisboa, para ir passar algum tempo ao campo; mas, lembrando-se que, durante a sua ausencia, podia a humanidade reclamar os seus cuidados pôz na porta da rua este aviso;

« Eu vou passar uns dias fóra, deixo para me substituir, o meu amigo F...—Si alguem vier de noute procurar-me e não podér ler este aviso bata á porta do visinho defronte, que é o meu sapateiro, e peça-lhe uma candêa que elle promptamente a emprestará para os fins convenientes.

Epigramma.

Queixando-se um cardeal ao papa Leão X de que Miguel Angelo o tinha representado n'um quadro que figurava o inferno, recebeu a seguinte resposta:

—Si Miguel Angelo vos tivesse posto no purgatorio, poderia eu tirar-vos de lá; porem, foi no inferno, e bem sabeis que o meu poder não chega tão longe.

Não é fabula.

Ha pouco falleceu um negociante da praça de Lisboa que tinha no seu escriptorio um regulamento em que se lia o seguinte:

Regulamento escripturial para a classe caixeiril.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.ª DOMINGO 28 DE AGOSTO. Ns. 686—687.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numero; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. - Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de agosto de 1870.

Officio á camara municipal, advertindo-a do damno que podem causar dois buracos que existem, um no final da ladeira da Misericordia e outro por baixo dos arcos do mesmo nome, sendo este ultimo de immenso perigo por se achar a calçada toda solapada e ameaçar abater-se á qualquer hora.

Para que não se diga que essa Illma. só cuida em arranjar aos parentes e afilhados esquecendo-se do resto de seus municipes, espera-se que quanto antes mande proceder aos respectivos concertos.

—Capitão, sabe de uma?

—V. dirá.

—A chegada do conde d'Eu fez a presidencia andar da sala para a cosinha.

—E' de veras isso?

—Por causa de colchas.

Não sei si teve vergonha de apresentar as *relés* colchas que costumam adornar as janellas de palacio, ou si ellas não chegavam para todas, o caso e que andou a bater aqui e acolá pedindo sem achar quem lh'as quizesse emprestar.

—Não diga isso que parece miseria!

—Mandou pedir na Conceição da Praia e á Meza deu com um solemne não, salvo si S. Ex. se quizesse sujeitar á condição de pedil-as officialmente.

—Mas eu vi colchas nas janellas de palacio.

—Como se arranjou não sei.

—E' a Bahia imitando as mulheres garridas, que tomam emprestados os adornos alheios para se apresentarem enfeitadas.

—E eu acho uma louca vaidade essa, querer ostentar luxo sem poder. Quem não tem deve resignar-se a se accomodar com o que é seu.

—Va ao hospital de charidade pasmar de um quadro de horror!

Va ver a quanto pode chegar a perversidade humana!

—V. me assusta!

—Va ver um infeliz escravo vindo do Inhampube, surrado, com as carnes estrafegadas, as nadegas apparecendo os ossos; um verdadeiro martyr.

—A quem pertence?

—Dizem ser escravo do Sr. Manuel Centino de Carvalho!

—Justiça de Deus!. . condoei vos dos desgraçados!

—Eu não creio em abusões, sinão diria que um spirito maligno accompanha aos recreios e passa-tempos imperiaes.

Trata-se de festas reaes ha sempre uma desgraça.

O rei faz annos e la vôa o braço de um pobre artilheiro, a medicina tem de amputar uma perna, um vivente fica com o craneo esmigalhado; ou então uma familia desolada lamenta a perda de seu chefe, guarda nacional, que foi á parada e lá apanhou uma maligna de que vem a morrer ao cabo de oito dias.

—Todos esses casos são exactos, é verdade, mas não creia ser por isso ou aquillo que se deram; foi a força cega do accaso.

—Até com a chegada do Sr. conde d'Eu a esta terra ia havendo uma morte desastrosa.

—Houve disso?

—O ordenança do chefe de policia ia matando um homem.

—Logo o ordenança do chefe de policia?

—Corria impetuosamente n'um cavallo, eu não sei porque motivo de utilidade publica. Um homem que sahia do becco do Arcebispo não teve tempo de esquivar-se; o cavallo foi sobre elle, atirou-o de peitos ao chão, passou-lhe as patas sobre o corpo e partiu-lhe a cabeça. O furibundo cavalleiro proseguiu em seu desembestado gallope deixando o homem estendido na calçada de onde o conduziram á botica do Sr. Brediur.

— Nem por ser ordenança do chefe de policia sabe que é prohibido correr a galope, mormente n'um dia em que a concurrencia do povo dobrou na rua!

—Nesses dias ha proposito de ostentar apparato.

—Nem ao menos o homem ia a serviço; accompanhava o carro vasio do chefe de policia.

—V. sabe o Tororó.

—Ora essa!

—Por conseguinte não ignora que na sua demarcação ha um quartel.

—O da Mouraria.

— Tambem sabe que ali existe uma vertente que suppre parte da população de agua potavel.

—E' exacto.

—E que nas proximidades, actualmente, edificam-se muitas habitações.

—Tal e qual.

—Alem de que, não se pode dizer que o local está fora do centro da cidade.

—Ao contrario pertence á uma das freguezias centraes, á de S. Pedro.

— Pois é ahi que actualmente se faz o despejo de tudo quanto é podridão da cidade.

— O' gentes! Parece incrivel.

—Não, Sr , não é incrivel. Estão atterrando o Tororó com o lixo, as impurezas, a excrescencia que os carros da limpeza apanham pela cidade.

—E o proprietario consente?

—O Sr. João do Tororó, agente do Sr. Lacerda, é quem manda deitar e o Sr. Antoninho do cisco, que vê cahir-lhe a sopa no mel, fica gostando pelo corpo.

—E a saude do povo, o bem publico, devem soffrer pelo interesse de um particular?

—Isso é que eu desejava perguntar ao chefe de policia.

—Si com esse abuso não ha risco para salubridade publica, tambem pode elle estabelecer ali um deposito de polvora, montar uma fabrica de curtume, queimar oleo, etc.

—De certo.

—Andou hontem o conde d'Eu por esta cidade; eram 11 horas e os carroceiros da limpeza não se tinham aviado nas ruas por onde tinham de passar o principe e sua mulher! por exemplo a rua do Collegio.

—Por fallar nisso aquelle pedacinho das Portas da Ribeira á rua d'Alfandega estava impagavel para se transitar a pé!

— Não que eu entenda que por ser elle principe tenha mais direito aos commodos publicos que qualquer outro cidadão, mas logo que se tractava de receber um hospede illustre devia haver todo cuidado para que a recepção fosse condigna e não ficasse patente o nosso estado de atrazo, e o Sr. Antoninho do cisco sabia muito bem que o principe saltava nesta terra, e podia tomar suas medidas em tempo.

—A companhia de Vehiculos mandou na sexta-feira tres bonds para conduzir a egreja do Bomfim suas altezas imperiaes e sua comitiva, mas somente foram precisos dous.

Ficando porem um bond vasio, entenderam alguns capadocios que deviam invadil-o e seguir nelle a poder da força.

—E conseguiram os seus intentos?

—Não, porque safaram o bond fora do trilho!

—Que insubordinação!

—Depois de até quebrarem o transporte compareceu a policia e os obrigou a sahir.

—Não passemos por aqui! E' uma rua impossivel.

—Como impossivel?

—Por causa da camara municipal.

Conserva ante-hygienicamente abertos todos estes açougues arruinados para recepção de lixo e immundicie.

As varejeiras que brotam da excrecescencia apinham-se sobre a carne dependurada nos talhos, e do meio dia em diante os vermes passeiam livremente sobre o genero alimenticio!

Em seu zumbido aquelles insectos parecem dizer:

«Nós te agradecemos, ó camara municipal! Tua bondade creou-nos aqui um perenne viveiro, onde estamos a coberto das vistas da empreza do aceio da cidade, flauteando as condições da salubridade publica.

«O ceu te abençoe e te conserve cega como agora por um milhão de seculos!»

—Pois então ja que ha isso, saiamos deste logar! não passemos pelos talhos de S. Bento. Está muito municipal de mais!

—Mas não se esqueça de conservar o lenço ao nariz.

—A policia armada no dia 26 tomou a si a tarefa de andar fazendo disturbios.

—E' uma bem curiosa!

—Um sargento das ordens da presidencia *enfeitou-se* no ultimo furo e começou suas façanhas indo provocar com o sentinella das armas da guarda de palacio; insultou, ameaçou o paciente soldado que só fazia advertil-o que se retirasse.

—Que cachaça imprudente!

—Um paisano quiz desvial-o da desvairada senda em que ia, mas teve em recompensa um cardume de injurias.

Dali seguiu pela rua da Misericordia comprando bulha, porem todos a quem se dirigia, conhecendo-lhe o estado, davam-lhe caminho.

Atraz da Sé entrou em uma venda e esbofeteou um menino; sahindo dali agarrou o sachristão da Sé e desfeiteiou o futuro papa-hostias de uma maneira criminosissima; depois do que, apedrejou a sachristia da egreja, onde se tinha refugiado o offendido; não contente voltou tres ou quatro vezes á sua procura.

De desatino em desatino foi até a Baixa dos Sapateiros onde pôz tudo em alarma; deu pancada, atirou pedras, fez o diabo; eram 7 horas, e uma força de seu corpo não tinha conseguido prendel-o; foi preciso ir segundo reforço de gente para leval-o.

— Si estivesse ebrio não faria tanto barulho.

—Nas Portas da Ribeira houve tambem um sarceiro, provocado por um policial e teria consequencias funestas, a não ser a prudencia e moderação do patrão-mór. Basta dizer que envolveram-se dous batalhões da guarda nacional pelo lado do policia e a marinhagem do outro, ficando um destes com uma cutilada.

—Isto é prova que nós andamos ao inverso em tudo; a policia em logar de accommodar, é a primeira a perturbar a ordem.

—«Cambada *misarave!*... Quando estavam com o nariz nas *poias* não se queixavam. E' *mior* que apanhem e comam... Parece que esta *canaia* não lava nem o c...»

—Quem zangou este homem?

—E' o carroceiro do Pilar que descompõe o povo.

Altercou ali com um portuguez que queria deitar cisco na carroça, deu ao homem noticias da velha mãe, e agora está brindando o publico com aquellas mimosas flores da sua rethorica de invectivas e ultrajes.

—Mas é um desaforo! Insultar assim com tanta insolencia! Não repara esse desavergonhado arreeiro que, englobando a todos nessa serie de injuriosos vituperios, vão muitas familias no meio?

—Parece que são insinuados; toda questão é porque o povo não quer pagar os cubiçados 500 rs. mensaes.

—Si alguem infringe alguma disposição do contracto, chamem os fiscaes, recorram ao subdelegado, porem não se authorise a um insolente, muitas vezes um moleque captivo, a insultar a todos em geral.

—E' a recompensa que recebe o povo que com seu suor concorre para sustentar essa comedia chamada limpeza da cidade.

—E esta terra tolera á custa de seus recursos uma empreza que, em logar de beneficios, só pode trazer males á população, creando focos pestilenciaes em seu seio, e que em cima as fezes de seus agentes são authorisadas a insultar o povo!

—Dizem que o governo deve 5 mezes de soldo ás praças do 14 de linha e não lhes quer pagar.

—Injustiça que brada aos ceus!

Ha dinheiro para esbanjar em templos de papelão e não chega para pagar áquelles que calados supportam a fome, a nudez, as intemperies, os perigos, em defeza da nação!

—O orçamento talhado em largas fatias é dividido pelos sanguesugas das rendas publicas, emquanto o soldado coberto de cicatrizes, soffre fome, porque uma ninharia que ganha, não lhe pagam!

—E exigem que elles andem limpos e aceiados!

—Pobres homens!...em uma terra extranha, longe de suas familias, paguem a lavadeira, a engomadeira, comprem os preparos exigidos pelo uniforme, sem dinheiro!

— E' o mesmo que lhes apontar a estrada e dizer-lhes que nos dias de folga vão esperar o transeunte, ou então que postem-se pelos alpendres a estender a mão á charidade publica.

—Em quanto as ruas da cidade estão porcas e sujas, os carroceiros da limpeza brigam de bando!

— O que é brigar de bando?

—E' como fizeram segunda-feira em Santa Barbara.

Um delles vae acotovellar um inglez que passa medindo os planos e altos de nossas calçadas; o cujo leva a mal este gracejo e arma um murro; em troca tem uma cabeçada que o estende a fio comprido.

—Um socco inglez é poeira diante da cabeçada dos nossos capoeiras.

—Levanta-se, põe-se nú em pello para brigar; atraca-se com o carroceiro, mas os companheiros deste cahem furiosamente de taca sobre o homem que, quando não poude mais supportar a mela, largou-se a correr n'aquelle estado, apresentando um quadro pouco agradavel aos olhos da castidade.

— Parece que aqui a decencia vae se habituando a essas vistas de indecencia pela frequencia com que ellas são expostas nas ruas.

—Está o que fazem os carroceiros, deixam as ruas immundas e agglomeram-se pelos

arcos de Santa Barbara a fazer desordem e provocar scenas contrarias á honestidade.

—O governo da provincia teve uma inspiração louvavel.

—Qual foi?

—A escolha do Sr. commandante superior J. V. da Silva Carvalhal para director geral dos indios.

—Tem razão; a nomeação faz honra.

—Infatigavel no bom desempenho de tudo quanto se encarrega, dotado de rara actividade e desvello, o Sr. Carvalhal ha de corresponder dignamente á confiança nelle deposi tada.

—Hoje ha festejo em Brotas pela terminação da guerra.

—A freguezia de Brotas é muito patriota; distingue-se sempre nas demonstrações publicas.

—Vae pregar o Rev. Fr. Carneiro, ornamento distincto da tribuna sagrada.

—Eu que vou á essa funcção patriotica, hei de reservar alguns momentos de regosijo exterior para ir ao templo ouvir a voz eloquente do orador sagrado.

—E como o Sr. seja muita gente.

—Que sucia devoradora!

Sentaram-se na meza e deixaram-na em arvore secca!

—Ha gente que só vae a certos actos com sentido nos pirões. Apresenta-se unicamente para comer!

—Comer muito, ainda tem um passe; mas estragar, encher os bolsos!...

—E' para V. ver que no meio da gente chamada classificada ha muita cousa ralé.

—Que ideia ficará fazendo quem nunca tinha vindo á esta terra e presenciou como se portou certa gente no almoço dado ao principe!

—Capitão, na quarta-feira ouvi em certa parte um official do 14 dizer que tinha castigado um soldado a fazer sentinella por espaço de nove horas, isto é desde as 10 horas da noite até as 7 da manhan.

—Não foi castigo, foi rigor, flagello, mortificação, crueldade; uma violação da lei militar.

—Alguem que ja serviu, perguntou lhe si estava authorisado para fazer tal.

Respondeu que não; mas que o soldado ficara mais satisfeito do que si o tivesse prendido e désse parte no quartel.

—Como fazem do soldado uma machina ambulante, não duvido que elle, desconhecendo seu direito, sujeite se pela prepotencia da superioridade, a ser victima dessas arbitrariedades. Mas que o Sr. official commetteu uma falta reprehensivel, não ha duvida.

—De maneira que, para punir uma falta cahiu em outra maior, violando o regulamento militar.

—Mas essa falta tem seu lado de bondade castigando illegalmente o soldado, quiz o official allivial-o de pena maior no quartel.

—Abusos é o diabo! Todos tem obrigação de respeitar o que a lei estatuiu; si as cousas forem assim á vontade de cada um, bem triste será a condicção do soldado pela sua posição inferior, á mercê dos caprichos do official.

—Mas ahi está o Sr. commandante das armas para fazer observar strictamente a lei; elle que faça punir o soldado quando delinquir, mas tambem que não consinta que estejam sujeitos á violencias desarrasoadas.

—Então entregou os recibos?

—Sim, Sr.

—E o que disse elle?

—Acceitou-os lampreiramente.

—E' preciso ter a cara muito dura!

Assignar, sem ninguem lhe pedir, uma folha; nunca pagar e dizer ao cobrador depois deste lhe procurar por diversas vezes—*como está me importunando, não pago!*

Manda-se lhe por desfeita offerecer os recibos e elle acceita deslavadamente, como se recebesse um prato de doce!

—E ainda o Sr teve a ingenuidade de deixar decorrer seis mezes, julgando que nesse tempo elle se envergonhasse!

Aquelle *tenente* é o *rei* dos caloteiros.

—A *policia* se fosse mais minuciosa tinha muito tropiante para agarrar!

Espinho que tem de picar de pequeno traz a ponta

Um rifão da antiguidade, tem sempre de seu lado a experiencia, Os nossos maiores não eram tão bôbos como nós; elles davam mais attenção ás cousas, e por conseguinte decidiam-nas muito melhor que nós, e o caso é que andava tudo muito acertado. Nada mais verdadeiro! o espinho que nasce rombudo, o cavallo que nasce para cangalha, é asneira, nem o espinho sendo grande hade ter ponta, nem o cavallo levará sella.

Chega um menino á idade de ir para escholla: então todos os dias pela manhan é uma campanha grande, chora, esperneia pelo chão, esconde-se, rompe as cartas, e faz quanta diabrura ha para não sahir de casa: outro, porem, é o que anda atraz dos paes para despa-

chal-o cedo, e o ir para classe é uma alegria para elle.

Vê-se uma rapariga, sem que ninguem a ensine, sem mesmo ver ninguem namorar, só porque espinho que hade picar traz ponta, recebendo até uma educação religiosa, logo que chega aos treze annos já não ha quem possa com ella; anda espartilhada e lepida a todas as horas do dia, namora por artes de Mr. Robert, tanto aperta o olho esquerdo como o direito, tudo lhe faz conveniencia, uma vez que seja bicho homem, traz enredados a mais de meia duzia, e namora pelas janellas do quintal aos visinhos, pelas dos lados da casa diz adeus e finge gatimanhas para alguma cabeça de homem, que apparece em janella longe, pelas das ruas não se falla, recebe cartas, falla na escada, e mostra toda esta habilidade sem mestre: porque? é espinho de ponta, vem picando de principio.

Admittem-se varios caixeiros n'uma casa; tem lá um de olho vivo, que não dispensa nunca o augmento de quatro vintens que lhe ficam na algibeira, quando paga ganhadores; que vem chorando um dia dizer ao amo que perdeu o dinheiro da cobrança, e elle lhe desconte no ordenado que é de cincoenta mil reis e elle perdeu sessenta: que se não esquece de deixar cahir atraz do contador alguns cobres, aos quaes faz que não vê, e que procura solicito quando fica sosinho no escriptorio. Em que collegio desenvolveu-se assim o rapaz? é que o espinho trouxe ponta, não o formou a natureza rombudo.

N'uma repartição são immensos os empregados; mas um desde o dia que tomou posse do logar, sabe inventar mentiras para sahir antes da hora, sabe fugir, e approveitar-se das occasiões, em que os superiores estão em sessão para correr ao archivo e ahi fumar, e finalmente não ha estrategia que não conheça; que diabrura é esta? E' um espinho de ponta finissima.

O moço que, ha de ir á estrada, principia em casa na bolsa do pae, o qual vê o vicio do filho, e a disposição terrivel que manifesta e chama rapaziada, ao furto que elle fez. A aguia que hade subir aos ceus da sabedoria, procura remontar-se desde que sahe do ninho: Miguel Angelo, Napoleão, o Padre Vieira, Rubens, Bemvenuto e outros de todas as classes e condições, mostraram que eram espinhos pontudos desde os primeiros annos de sua vida. E' desenganar que cada um em sua natureza traz o germem de seus vicios, as suas disposições virtuosas: a educação pode, é verdade, muitas vezes fazer com que o espinho rombudo, fique alguma cousa pontudo, mas nunca que fure como o que nasceo com ponta.

LÁ VAE VERSO

Porque será?

Mas que muito, si ha gente e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave?

BOCAGE.—Fabulas.

(Continuação dos ns. 683—684.)

Porque será que os soldados,
Na educação tarimbeiros,
São da revolta os primeiros,
Sendo, as vezes, pouco ousados?

—E' porque são premiados,
Seguindo quem os commanda,
E, assim, vencem a demanda,
Sem serem ás leis sujeitos,
Quando, si andassem direitos,
Nunca andariam de banda.

Porque será que os rapazes,
A quem só aponta o buço,
Namoram, ja sem rebuço,
E são de tudo capazes?

—Porque os paes, pouco sagazes
Chamando ao vicio energia,
Não dão aos filhos um guia,
Vendo-os da vida na aurora,
Porque não pensam, agora,
Que levam couce, algum dia.

Porque será que janotas,
Sem riqueza, e sem officio,
Fazem continuo exercicio
Com reis, valetes, e sotas?

—Porque, no mais, idiotas,
Teem da má sorte receio,
E porque o mundo está cheio
De vicios, em toda a gente,
Julgam commodo, e decente,
Viver do suor alheio.

Porque será que alguns padres,
Sendo heroes na hypocrisia,
Teem, em cada freguezia
Uma porção de commadres?

—E' porque, sendo compadres,
Podem, qual rato em celleiro,
Mettendo, com modo arteiro
Na casa alheia o focinho,
Levar agua ao seu moinho,
Sem pagar o aguadeiro...

Porque será que estudantes,
Sem talento, e preguiçosos,
Ganham titulos honrosos,
E elogios retumbantes?

—E' porque são uns pedantes,
Com dinheiro na algibeira;
E conhecendo a maneira
Como se brilha entre a gente,
Julgam que é sufficiente
Serem formados... na asneira.

(*Continúa.*)

F. X. de N.

A PEDIDO

—Capitão, os milagres da nossa *Eleusinies* são multiplices!

—Não entendo.

—Eu me explico: ainda não divulgamos os principaes feitos das *bandas sem Soledade, ladeira que não tem alvo, estrada sem valla,* e vimos pedir-lhe um parenthesis para contar-lhe que *Initnas* a muito tempo canta de gallo, a ponto de passar dias e noites, o que não é segredo para *Beaupreau* que tem sua *Bretanha em Santo Amaro, onde vai refrezar* aguas em quanto que abrem-lhe *regos* na casa que não tem freiras, nem fonte de *pedras*, onde quando voltou ultimamente assistiu o beijo que por despedida dava *Initnas* em *Eleusinies! Bene trovato*! tem bom estomago o tal birbante, do contrario não seria o proprio a *convidar* quem lhe faça *bezerros*, dos quaes quer ser *touro* por ser dono do *curral*. Homem o que esperava Vmc. de quem *principia o* dia *tomando* quatro vintens de *cachaça* e entrar na venda a cada passo, prevalecendo-se do seu estado *alcoolizado* para maltratar a todos. Comprehendo agora porque *Eleusinies* abor-rece o birbante abjecto que de baixo do mesmo tecto, tem, *não Cereja*, mas sua escrava *Luiza*.

—Capitão, chamo a sua attenção para o Caes de S. João, que se acha indigno de ser transitado; está completamente uma quintanda não sei porque acabaram com as immoraes barracas, porque vive elle tão ou mais atopetado que d'antes.

Sei que isto é materia velha e um mal que se está tornando chronico, porem não posso deixar de procurar sua valiosa intervenção, afim de ver cumpridas as posturas 41 e T. que é para o estrangeiro quando aqui saltar no dito caes, não julgar (á primeira vista) ser esta infeliz cidade alguma possessão da Costa d'Africa.

Muito folguei quando soube que o honrado fiscal Paderne entrando no exercicio da fiscalização da freguezia da Conceição no corrente mez de agosto procurou pôr execução áquellas posturas, que ha muito eram lettra morta.

Soube que a ousadia de certo advogado (intruso) chegou ao ponto de requerer a conservação das taes negras no Caes em questão, e que esse requerimento custou não menos de 40$ bagos, porem a illustrissima deu-lhe com o indeferido e não deixou passar a patota —mas um certo presidente-vice, que veio de lá do *monteiro* agasalhou por tal forma o edital que manda removel-as para outro logar, que até hoje não tem visto sol nem lua, entorpecendo por conseguinte a boa marcha do serviço publico e desmoralisando o incansavel fiscal; quererá talvez S. S. que as pretinhas á custa das aboboras e inhames mande no citado Caes eternisar o seu nome como fez nas fontes publicas S. S.?

Soube mais que a illustrissima autorisou ao mesmo fiscal a servir-se de policia para coadjuval-a.

Devo á illustrissima dar os meus parabens pela acertada escolha do Sr. Paderne, homem probo, activo e fiel fiscalisador: oxalá que assim fossem os mais, tanto que o Dr. Rocha em secção o elogiou.

Sinto ignorar todo o nome do Sr. Paderne, sinão o puzesse para conhecimento de toda municipalidade, e os seus importantes serviços serão reconhecidos e muito bem acceitos.

Um que transita no Commercio.

—Capitão?

—Diga-se.

—Temos contrabando.

—Para que lado?

—No becco onde se respira *só ares* tepidos.

—Quem são os contrabandistas?

—E'—N. N.—*lalú* e o cara brochada.

Não

Não ha vida sem martyrio,
Soffreres sem ter queixumes;
Campinas sem borboletas,
Amores sem ter ciumes...

Não ha rozas sem espinhos
Donzellas sem ter amores;
Amores sem ter carinhos
Nem borboletas sem flores...

Bellezas sem ter magia,
Magia sem ter primores;
Nem mares sem ardentia
Estrellas sem ter fulgores...

Floresta sem passarinhos
Não ha briza sem cicio;
Regatos sem peixesinhos,
Nem fonte sem murmurio..

Não ha vida sem martyrio,
Soffrores sem ter queixumes;
Campinas sem borboletas
Amores sem ter ciumes.

L. S.

—Capitão, uma acção digna de ser registrada.

—E o que faz?

—Espero o seu consenso.

—Não precisa consultar-me sempre que tiver de mencionar acções louvaveis.

—Por ahi vae.

—Mande-me prevenir pelo muxingueiro ao *Camêlo das Maçans* que o nome C... não compete ao offendido.

—Mas quem é V?

—O *moço branco*.

—Será attendido.

—Capitão, venho pedir a V. Ex. um favor?

—De favores ando eu cheio; mas emfim diga lá o que quer.

—Ha em *Santo Antonio dos Mouros* uma moça que se põe escandalosamente na janella á dar beijos e abraços por accenos para os aprendizes do *Santo Chico*.

Alguns ha que reprovam este procedimento; mas outros, completamente pandegos, acceitam os taes abraços e beijos accenosos, de maneira a não poder as senhoras que por ali moram chegar em suas janellas.

—Então é este o favor que me veio pedir?

—Sim, vim rogar a V. Ex. para inserir nas columnas de seu periodico este ultraje feito á moral e á decencia.

—Será attendido.

Amor e ciume

PERGUNTA

Que parentesco chegado
Tem amor com o ciume ?

RESPOSTA DO PASTOR EGREGIO

Estes irmãos desiguaes
Ambos de Venus nasceram,
E tyrannos se fizeram
Do imperio de seus pais.

Nasceu de Vulcano cego
O ciume; logo então
Tomou a cargo este irmão
A quem nunca deu socego.

E parecia acertado
Que um filho que tal parece,
Da formosura nascesse
E d'um pae desconfiado.

Ambos nascem juntamente
E vivem fazendo damno:
Um com redes de Vulcano,
Outro com seu fogo ardente.

Seguem differente fim,
E vivem sempre em perigo,
Cada um do outro inimigo
E acompanham sempre assim.

Mostre por prova melhor,
Quem ao contrario presume;
Si viu amor sem ciume,
Ou ciume sem amor.

Dialogo

Entre o Mané Jungunça, Tia Cotta, e seu sobrinho Quinquim.

Mané J.—Ora Tia Cotta você que está fazendo? não é melhor fazer-mos alguns versinhos; dê lá um motte, Quimquim...

Quimquim—Como é que Vm. quer metter-me em funduras; mas como quer la vae, não me faça desconfiar, já oviu?... lá vae lá vae, escute.

O namorador da taberna

Mané J.—Bravo Quimquim, então que disse; o menino é bom; escute eu faço primeiro

E' jocoso e mui galante
Andar estirando a perna,
Todo dengue e derretido
O namorador da taberna.

Tia Cotta—Ora Sr Mané, isto é um desaforo, como se insulta d'esta maneira os homens? agora tome lá esta

Vá depressa no fogão
Accender esta lanterna,
Para ver as onze horas
O namorador da taberna.

Quimquim—Ora Titia, está Vm. com lanterna acceza de dia? lá vae a minha que é de muito effeito.

Veja lá minha titia,
Aquella mocinha terna;
Olhando de quando em quando
O namorador da taberna.

Mané J.—Que bobos, ora vivam! não fizeram nada, tome agora duas de uma vez:

Si quer saber de quem fallo
Tome banhos na cisterna,
Que lá talvez achará
O namorador da taberna.

Certa menina teve
Julgo da parte materna,
Uma herança que gastou
O namorador da taberna,

Tia Cotta—Alto lá, maganão, não é você só que faz... eu estou com a bocca na botija a mais de duas horas, tome esta.

Quando estou na camarinha
Sinto grande dor interna,
Logo me vem a lembrança
O *namorador da taberna*

Jurou constante amisade,
Amisade sempi-terna,
A sua querida amante
O namorador da taberna.

Quimquim—Ora viva! eu só fiz uma, e Vms. fizeram trez e quatro,... minha tia, e Sr. Mané quando tomam rapé, ficam todos de musa afinada, vou-me embora, adeus.

Mané J.—Como vae-se embora, tome esta para seus azeites.

Desconfiou o Quimquim
Sahiu todo empavesado,
Porque não podia ser
Da taberna o namorado.

Adeus tia Cotta, até outra occasião, são horas de ceiar, para outra vez temos cousa melhor; adeus.

Ao Illm. Sr. Dr. Romualdo A. de Seixas pelos seus proprios conseantes.

SONETO.

O papa rei, que tanto *edificara*
Um rebanho de lobos tem na *egreja,*
Contra crimes politicos *dardeja*
Raios de morte com maldade *rara.*

Agora que infallivel *proclamara*
O ser humano!! Rispido *esbraveja,*
So a mentira em torno a si *adeja,*
O erro conheceu que o *inspirava!*

Oanathema cahiu sobre *Sião*
Um homem infallivel *consagrado!!..*
Do inferno subiu a *inspiração.*

No Vaticano emfim foi *declarado*
Por erronea, fallivel *expressão*
Que *hade ser* infallivel o *papado.*

* *

VARIEDADES.

Respostas

Dadas por Thales de Meleto, primeiro sabio da Grecia.

Qual é a cousa mais bella?
O Universo, porque é obra de Deus.
A mais vasta?
O espaço, porque contém tudo.
A mais forte?
A necessidade, que de tudo triumpha.
A mais difficil?
Conhecer a si mesmo.
A mais facil?
Dar conselhos.
O mais raro?
Um tyranno que chega a velhice.
Que differença ha entre a vida e a morte?
Nenhuma, porque é tudo igual.
O que nos poderá consolar na desgraça?
A vista de um inimigo mais desgraçado do que nós.
O que é preciso para se gozar uma vida sem mancha?
Não praticar o que se censura nos outros.
O que é preciso para ser feliz?
Um corpo são, uma fortuna solida, e um espirito esclarecido.

Casamento a vapor.

Um senhor Chabannet, natural de Lavallois Perrete, *inventou* o seguinte caso matrimonial, que não deixará de ser exemplo a futuros maridos.

N'uma semana destruiu um *mundo* que muita gente não construe em muitos annos.

Domingo, forão publicados os banhos—
—Segunda-feira, contrahiram-se os esponsaes —Terça feira, celebrou-se o casamento — Quarta-feira, baptisou-se um filho do casamento —Quinta-feira, administraram-se os sacramentos á mãe —Sexta-feira, morreu ella —Sabbado foi enterrada —Domingo, finalmente, o noivo afflicto e inconsolavel, offerecia o seu coração e a sua mão d'esposo á uma amiga particular da defunta!

ANNUNCIOS.

O tenente Aprigio da Fonseca Galvão, por parte de seu irmão cego o Dr. Aprigio da Fonseca Galvão, o qual se acha as portas da morte, previne a todas as pessoas que assignar uma subscripção em favor daquelle Dr. não entreguem quantia alguma ao creoulo Verissimo, que servia de guia do mesmo, pois que deixou de sel-o e anda fraudulentamente especulando recebendo dinheiros em mão do referido Dr., para o que chama a attenção do Illm. Sr. Dr chefe de policia.

Alguns companheiros do finado alferes Esiquiel José Cardozo, mandam celebrar no dia 30 do corrente agosto, no convento de S. Francisco, missa com memento pela alma do mesmo.

Milho secco a 2$600 vende-se no 2.º Gomes, n. 35 a rua dos Caldeireiros.

Typ. de Marques, Aristides & C.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª DOMINGO 4 DE DEZEMBRO. Ns. 723—724.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 3 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, reclamando contra o illegal procedimento da empreza do aceio da cidade, que de seu motu proprio lança sobre a população contribuições vexatorias, cobrando de cada ganhadeira do Pelourinho um vintem diario, e por intermedio de um seu agente usa de ameaças com aquellas que reclamam contra a injustiça de tão illegitimo imposto.

Esse abuso praticado, ha tantos mezes, tem sido um manancial, uma têta abundante, que muito deve ter regalado á referida empreza; o que cumpre fazer cessar por que alem de importuno e oneroso ao povo, compromette, por sua illegalidade, á S. S., debaixo de cuja inspecção está o serviço da mesma.

—Fui hoje á ponte da companhia bahiana e testemunhei um espectaculo que agradou-me.

—Pode-se saber o que é?

—Vim mesmo communicar-lhe.

Uma menina de 10 a 12 annos, parda, que está ali exposta para se libertar.

—E' bem acertada a lembrança.

—Ideia dos farinheiros de Valença, segundo me disseram, e debaixo da protecção das raparigas que vão ali mercadejar em negocio de cabotagem.

—Estou certissimo que um exito feliz ha de coroar os desejos desses homens?

Qual será o passageiro que recusará um obulo para a liberdade de uma menina, quando esse obulo pedido é acompanhado dos *me-deixes*, que sabe empregar a creoula bahiana?!

—Honra pois aos rudes, mas nobres farinheiros de Valença pelo philantropico pensamento, que iniciaram.

—Jesus! Mizericordia!

—O que tem V.?

—Foram aquelles meninos filhos do francez Pipo, morador na ladeira da Gamboa, que cegaram um olho do irmão do Sr. Miguel Lealy, morador no Campo Grande.

—Como, meu amigo?

—Os filhos de Pipo teem o costume de brincar com espingardas dando tiros de polvora-secca; em uma d'essas occasiões passando o irmão do Sr. Miguel, a espoleta saltou-lhe no olho e o vasou immediatamente.

—Que brincadeira!

—Falla-se por ahi em uma mysteriosa questão entre a republica do Perú e o imperio do Brazil; o que diz a respeito?

—Nada; visto como o governo entende que o povo não precisa saber de guerra, sinão depois d'ella declarada.

—O que for ha de soar.

—Sentido com os cães.

—Não diga brincando.

As pessoas, que tiverem de transitar por certas ruas e praças d'esta cidade, devem procurar livrar-se dos dentes d'estes animaes, que por ahi passeiam á toda hora da noite.

—Eu que previno é porque ainda hontem vi um memino de pouco máis de 7 annos ser mordido por um d'elles no Terreiro.

—Na sexta-feira inaugurou-se a sociedade União e Industria, que se propõe a fazer o serviço da conducção de mercadorias da cidade baixa por meio de braços livres.

A's duas horas da tarde partiram da praça de Riachuelo dous carros bem enfeitados puchados por 40 a 50 homens-livres; foram ao palacio da presidencia, onde S. Exc. dirigiu-lhes palavras de animação; dahi seguiram para a casa do Sr. José Alvares do Amaral, onde lavrou-se a acta da inauguração; findo o que, foram até o Pilar e dahi em direcção percorreram os diversos caes.

—Deus abençoe a ideia do trabalho livre.

—Vê aquelle crioulo que vai preso?

—Perfeitamente.

—Deu uma facada n'um soldado.

—Quando?

—Hoje mesmo quinta-feira.

—Com que destino estava o bruto!

—E' escravo de uma tal Maria Clara ao Caminho Novo.

—A senhora de um outro molecote que aqui ha tempos andou pelos telhados?

—Essa mesma.

—Que boa gente possue ella!

—Atirou-se primeiro ao mar, no Caes Dourado; salvo das ondas puchou de uma faca que trazia e cravou no soldado.

—Tem más entranhas.

Apezar disso, si foi condemnavel o procedimento que teve esse homem, levado talvez pelo desespero e hallucinado, muito mais inqualificavel se torna agora o dos agentes da força publica, espancando-o tão barbaramente e querendo até feril-o com a ponta do refle, quando elle não resiste mais!

—E' tão censuravel que o cabo, que os acompanha, reprehendeu-os.

—A natureza humana é susceptivel de actos tão repugnantes, que só de recordal-os arripiam as carnes.

—V. não falla assim debalde.

—Horrorisado por um acontecimento que revela toda perversão da indole de uma creatura.

—Partecipe me.

—A cabra Leopoldina, moradora ao Taboão do Caminho Novo, casa n. 49, teve na sexta-feira uma desavença com outra mulher, de nome Izabel, por causa de um cachorro, e andaram ás trouxadas. Momentos depois apanhando desgarrada uma criancinha de peito, filha de sua antagonista, deu-lhe uma tremenda bofetada! A tenra creatura cahiu estatelada!

—Um ente que é capaz de tamanha malvadeza, é uma fera com forma humana.

—Esse tigre é amasia do crioulo Angelo, que está sendo processado por crime de roubo.

—Appareceu na subdelegacia da Sé o Sr. Leopoldino José da Motta, pardo, sapateiro, morador na ladeira de Sant'Anna, e declarou ter sido elle, quem deshonrara a menor Rosa Francisca de Jesus, que se achava em poder do Sr. Cunha marcineiro, a quem attribuiam o referido defloramento.

—Força de consciencia! Caso raro e bem digno de memoria. O boi entregar o pescoço á canga!

—Elle que o disse é porque tem certeza de que foi elle mesmo. Estou que não quererá assignar de cruz em negocio tão melindroso.

—Continúe.

—Feita a declaração, accrescentou que queria reparar a falta, casando-se.

—Está direito.

—Porem a mãe oppõe-se, e quer que o Sr. Cunha deposite uma quantia em algum estabelecimento e que a menina fique solteira.

—Bello! que mãe..... Mas como é isso?

Depois da declaração do sapateiro, o marcineiro não fica fora da rascada?

—E' um angú de carôço, que so elles entendem.

A mãe recalcitra que Cunha, e não outro, deflorou sua filha, tendo sido antes amasio della mãe; este confessa que teve relações com a menor, é verdade, mas que nada lhe deve, e que dar-lhe-ha um dote, casando-se ella, por lhe ter amor de pai.

—Como é compadecido o rouxinol!

—Anda em tudo isso uma bandalheira, para a qual é preciso a policia abrir os olhos.

Os tratantes e ladrões especulam em tudo. Certos de que esse dito Cunha (que aqui para nós, dizem, que é bom menino) possue alguma cousa, estão em campo e dispostos a explorar a mina. Querem negociar com a honra da menina e para isso servem-se da ignorancia e credulidade da mãe, fazendo-a concorrer para a prostituição de sua filha.

Dous individuos foram a Cunha e exigiram-lhe 300$ rs. para fazerem com que a mãe não pozesse impecilhos ao casamento com Leopoldino, estes 300$ rs. seriam dados ou em dinheiro, ou em uma lettra datada 15 dias antes do acontecimento, e no caso de recusa, tres testemunhas estão promptas a depôr que viram Cunha insinuando por meio de promessas a Leopoldino para que fosse declarar em juizo ser o author do defloramento, afim de que elle Cunha ficasse isempto do crime?

—Até com a infelicidade de uma joven se especula! Uma cousa que deve interessar a sociedade inteira, porque quem hoje não é pae de familia, amanhan pode sel-o, serve de pretexto a abominaveis mercancias!...

—Por isso é que eu digo que a policia devia se pôr activa e pesquizar até onde chegassem as suas attribuições, toda esta negociada, a ver se podia cortar as azas aos tratantes, que andam farejando a ver se pilham alguma cousa. Do contrario o resultado ha de ser ou a extorsão do alheio por tão criminosos meios, ou a perdição de uma moça, que pode ter melhor futuro.

—E a mãe da offendida cega e illudida em tudo isso!

—Dizem que ella tem um procurador; mas estou que elle mesmo não *sabe,* nem está a par de todo esse enredo.

—Mas V. que é um descobridor de mel de pau está em dia com tudo, tin-tin-tin por tin-tin tin.

—Meu charo, é bom a gente se dar com todos; si eu não me désse com a tia Felisarda não pescava essa meada.

—Por onde andará a policia?

—A' esta hora repousa; quem anda á meia noite é zumbi.

—Somente os alarmistas não teem somno!

Veja dous individuos unicos que sarceiro são capazes de fazer!

—Hoje, quinta-feira, na rua Direita de Palacio, a principal da cidade, defronte do Passo da Patria!

—Contam com certeza de que ninguem os virá estorvar.

—Depõe muito da vigilancia policial e dos costumes? do povo uma terra, onde se entra pela casa de uma mulher, embora de vida ampla, quebra-se, dá-se pancadas, perturba-se o recolhimento domestico e sahe-se livremente!

—Neste negocio do defloramento no hotel anda segredo de abelha.

—Eu creio que muita indulgencia.

—O accusado em conversa deu a entender que pessoa altamente collocada fôra quem gozara muito antes a nata, que elle não passava de um accessorio, uma segunda edicção, que a mãe estava em dia com tudo isto, que o motivo da cousa accommodar-se é porque não convém mexel-a para não comprometter o nome de tal pessoa.

—O *Jornal* bem disse que a mãe da menor podia melhor informar.

—São coincidencias...

—O que é fora de duvida é, que o facto simplesmente de carregar-se uma menina de 13 annos incompletos para um hotel, facto accompanhado da circumstancia do emprego de bebidas, como geralmente se diz, é bastante para depor contra a moralidade de qualquer individuo, quanto mais de um empregado publico, casado e que exerce o professorado.

—Entretanto a policia colheu-o em flagrante e soltou-o immediatamente, contentando-se com meras informações.

—Está porque eu creio que anda S. Patrocinio mettido no meio.

—Continúa em seu emprego, passeiando livremente e ensinando.

—Meu charo, este mundo é para quem deve ser.

—Ora eu não comprehendo o systema policial desta terra.

—Pois faça por isso.

—Vejo em tudo uma balburdia, um transtorno daquillo que deve ser.

Ha dias, na quarta feira, supponho eu, tres meninos andavam por diversas ruas com grandes papeis abertos, contendo desenhos obscenos, allegorias da mais depravada indecencia e recitavam em vozes claras e sonoras os disticos torpes, que por baixo dos mesmos haviam.

Alguns policiaes no Terreiro viram aquelles paineis offensivos ao pudor, tomaram das jovens mãos, miraram, applaudiram e tornaram a entregar-lhes tamanha affronta á honestidade para irem elles por ahi fora em sua exposição.

—Acharam graça.

—Na quinta-feira á noite os agentes da ordem são os proprios que fazem desordem. Prendem um homem atraz dos Quarteis e dão-lhe refadas dos ceus á terra, quebram-lhe a cabeça a pretexto de dizerem que é *capoeira!* Nem a presença e admoestações de um official de seu corpo foram capazes de moderar o ardor marcial de tão brava gente!

—São cousas, meu charo. Si este mundo anda ás avessas, não são elles que hão de viral-o ás direitas.

—Meninos venham para a continuação da lição.

Sr. Tiburro, analyse-me isto:

«Tiburro amou a estupidez, visto que sancionou o acto de um quadrupede em Vianna.»

O que é Tiburro?

—E' o verbo.

—Adiante.

—E' o sujeito de amou; amou é o verbo amar, falla na terceira pessoa do singular do preterito perfeito do indicativo.

—Basta,

—Está ouvindo, meu camello?

Chegue as mãos para os bollos!

—Ai... ui..., meu professor!

Tanto V., como seu companheiro Vicente, são dous camellos, estupidos no todo da expressão!

A estupidez o que é?

Não responde?

Adiante.

—E' o complemento de amou.

Venha para os bollos quadrupede.

—Meu professor, pelo amor de Deus!

—Em Vianna, o que é?

—E' complemento circumstancial de estupidez?

—Eim? o que diz, camello?

Adiante.

—E' complemento circumstancial de logar.

—Está ouvindo, azemola?

Sanccionou o que é?

—E'... é.... é.... é....

Vamos com isso? Não responde?

Adiante.

—E' o verbo sanccionar, falla na terceira pessoa do singular do preterito perfeito do indicativo, o sujeito é Tiburro, que claramente se entende.

—Venha para cá, burro, o nome bem lhe demonstra a especie! Pá.... pá... pá... pá...!

—Mi.,.. meu professor já não posso mais.

—Cala-te, besta!

—O que é acto?

—E'.... é... é...

—....é a brutalidade, meu *burricopolis*.

Adiante.

—E' um complemento.

—Venha, besta! Pá ... pá... pá... pá....

—Quadrupede o que é?

—E' um complemento de acto.

—Visto que, o que é?

E' um.... um...

—.... um cynico!

Adiante.

—E' uma conjuncção explicativa.

—Esta ouvindo, bruto? Pá.... pá.... pá... pá!,...

—Meu professor de minha alma, por quem é!

Que canalha!

O burro que nasceu para cangalha, é asneira que não supporta sella.

Oh! que menino dos diabos!

E massa-se com um burro d'este.
O pobre do professor,
Logo em vez d'elle ter carga,
Tem diploma de doutor!

Agora nós, Sr. Vicente.

«Xiquinho amou á uma mulher de raça mourisca chamada Rosa.»

—Primeiramente diga-me, o que é Xiquinho?

E' Francisco.

—Bom, minha besta!

Adiante.

—E' o sujeito; amou é o verbo amar, quem ama, ama a alguem, ou á alguma cousa

—Ouvio, meu burro!

A quem amou Xiquinho?

—Ao verbo amar.

—Bravo.

Adiante.

—A uma mulher chamada Rosa, complemento de amou.

—Venha para a palmatoria, meu *camellorum*!

—Ai.... ui...., meu professor!

—Ora deixe-se d'isso, meu fidalgo, dê cá suas delicadas mãos! Como são tão maciasinhas!

E' impossivel que V. não tenha feito alguma *bobage*, eim?

De raça mourisca, o que é?

E' complemento de Xiquinho.

Olé! Adiante.

E' um complemento circumstancial de logar.

—Ouviu!

Xiquinho o que é?

Não quer responder?

Adiante.

—E' um substantivo diminuitivo de Xico.

E o que é Xico?

—Xico é um nome familiar, porque são conhecidos os individuos, que teem o nome de Francisco.

—Está entendendo, meu jumento?

O que é mourisca?

Tambem não sabe, minha besta?

Adiante.

—Mourisca é um adjectivo; isto é um nome gentilico, que mostra a nação ou patria, de onde decende Rosa.

—Chegue as mãos, meu *bestialogico* fidalguinho.

—Meu professorzinho, basta!

—Ah! Safa!

Que massada!
Não estou para aturar,
E depois um burro d'este
Se manda bacharelar!

Em logar de pergaminho
Ter na mão este sendeiro,
Lucrava mais se tivesse
A colher de bom pedreiro·

Sentem se, a lição continuará.

—Capitão, receba estas informações, que lhe mandaram.

No dia 23 do p. p., foi preso em sua morada pelo subdelegado de Sant'Anna o portuguez José Alves Dias, por queixa que contra o mesmo dera o allemão Carlos Frederico Heim, por ter aquelle na noite de 21 raptado sua filha menor de 15 annos por nome Luiza, moradora na fabrica Modêlo. Procedendo-se incontinente ao interrogatorio do accusado, este declarou achar-se a dita menor na Munganga, em casa de uma crioula de nome Maria, sua comadre, d'onde foi retirada immediatamente, chegando á casa do subdelegado ás 10 horas da noite.

O offensor instou para que o subdelegado interrogasse na mesma hora a offendida, com o que não concordou este, marcando o dia immediato ás 4 horas da tarde, em virtude de chegar a offendida fatigada pela distancia do caminho e vir alem disso acompanhada por dous amigos do offensor, os quaes provavelmente a podiam ter coagido e ameaçado no caminho.

Em seguida fez o subdelegado recolher á correcção o accusado, sendo a menor depositada em casa do capitão Reis, chefe de familia.

No seguinte dia pelas 4 horas da tarde apezar da grande chuva, a subdelegacia, e mesmo a rua, encheu-se de espectadores; e compareceram dous advogados em defeza do réu; estando presente a offendida, á primeira pergunta que lhe fez a authoridade declarou que queria fallar a vista do offensor, pelo que foi este chamado.

Deu-se principio ao interrogatorio o qual por si é bastante para provar que foi o accusado o auctor do rapto, e que seus fins eram tão somente satisfazer seus intentos e abandonal a, como já com outras tem praticado, segundo o depoimento de uma testemunha e voz geral.

E' de lastimar que o illustrado Sr. conego Rodrigo, sacerdote que por seu caracter faz honra á classe á que pertence, se encarregasse da defeza de uma causa que é contra a moral, contra a religião, e contra a civilisação, sendo elle um ministro do altar.

Concluido o interrogatorio da menor e de mais 5 testemunhas, as quaes depozeram contra o accusado, e entre estas um amigo d'este que em toda questão jogou com espada de dous gumes; o Sr. conego Rodrigo pedio a soltura do accusado, ao que respondeu o juiz que a bem da moralidade, e garantido pela lei, não o podia fazer, que assignasse o accusado um termo pelo qual se obrigasse a casar dentro de alguns dias, ao que negou-se o mesmo.

Depois do que o procurador Malaquias, que se achava presente, declarou ao accusado que de sua parte pedia-lhe que assignasse o dito termo a bem da moral e a bem de uma familia pobre, porém honesta, que ficaria coberta de vergonha si essa falta não fosse reparada; o accusado ainda negou-se, e o mesmo procurador lhe declarou que esperava que o subdelegado continuaria a proceder como até alli, e que no momento em que os autos sahissem da alçada d'este, elle tomaria conta, concorrendo com seus passos e com sua pequena fortuna para que triumphasse a causa do fraco.

Depois um amigo do accusado declarou ao subdelegado que este estava disposto a casar-se com a offendida, si o pai da mesma, que se achava presente, lhe pedisse para o fazer, ao que respondeu o subdelegado que não podia constranger nem aconselhar um pae a pedir ao raptor de sua filha a reparação de um delicto, quando elle pela lei era obrigado a fazel-o, e que estando a policia inteirada do facto, a unica reparação era o casamento; ou na mesmo occasião, ou assignando o termo para poder ser solto. Depois de numerosos pedidos, já por parte do digno advogado Augusto Santos e por alguns amigos do accusado, este resolveu-se a assignar o termo para garantia da policia, em o qual declarou casar-se dentro de 30 dias, considerando-se desde ja como reu confesso e sujeitando-se ás disposições do art. 227 do cod. crim.

Assim pois triumphou a moral e uma jovem bella e digna de melhor sorte, vai em poucos dias receber a benção nupcial; concorrendo para tão louvavel desenlace o tino e criterio com que se houve o actual subdelegado de Sant'Anna.

A PEDIDO

—Joga-se nesta cidade com um furor desmedido!

O jogo tornou-se um passa tempo, uma necessidade, um meio de vida, um negocio.

Desde a immunda bodega até o splendido salão, por todas as ruas da cidade, ha um desses antros de perdição, alimentados pelo vicio, a ociosidade e a inexperiencia.

De todos esses lupanares, porem, cumpre chamar a attenção da policia para um sorvedouro installado nas eminencias de um sobrado mais alto que um *pinheiro,* ao Maciel de Cima, pelas perniciosas consequencias que pode trazer.

Ahi vão caixeiros, filhos de negociantes, empregados publicos e até officiaes de policia e mais uns tres espertalhões, aos quaes o dono da casa deu entrada para ir empalmando dos incautos e cavando-lhes a ruina e o descredito.

Um militar que tem sob sua responsabilidade grandes quantias, tem feito ahi avultados prejuizos, e ainda de quinta para sexta feira perdeu 500$ rs.

Não se tem visto tantos moços desapparecerem da noite para o dia afim de evitarem a vergonha que lhes causou o desvario do jogo, outros vagando sem conceito e sem credito.

Porque não trata a policia de evitar a repetição d'esses males?

Mandú Abelha arde.

Tudo na actualidade
Anda fóra de seu eixo;
Eu fico de mão no queixo
Com tanta celebridade,
Porque á fallar verdade,
Em tudo eu accezo acho
Das innovações o facho;
Bernardina minha sorte
Tomando arrogante porte
Depois que *desceu p'ra baixo.*

Consta que o patacho nacional D. *Jacintho* de *trinta e seis a quarenta* toneladas de lotação, encalhou sobre os rochedos do Rio de Janeiro, com todo o carregamento de *pretenções licitas, seducções, presentes das Villas-más* e alguns continhos de réis, dos quaes (dizem) poderá ter salva alguma parte, por milagre *de Jesus.*

Que desgosto para a familia Theadoréa!!!...

Que desgosto para a classe das pernas de lan carmezin *e outras* que usam, durante as quaes contribuiram com seu cobre (*coitadas...*) para a breve sahida do *patacho avariado* que se destinava a perseguir a quem nada tinha com suas avarias, e nem com o *mel da coruja*.....

Que fim levaria a *caxinha de ouro,* a qual fôra despresada por pontapés que deram os honradissimos, probos e conscienciosos *calafates, a quem queriam com o ouro obrigar a reparar as avarias do patacho,* que, deixando de seguir o verdadeiro rumo, fôra de beque *á praia*, por seguir um caminho *irregular* e differente da *verdadeira regra*?!!!

Será *aquillo la* algum *pombal de mirante,* onde se torce o pescoço ás pompas *e se as chupa*???.....

Certo que não.

Portanto, *qui potest capere, capit.*

—Capitão, venho lhe pedir para deitar uma errata.

—Vá logo dizendo.

—Na 3.ª pagina, 1.ª columna, no artigo que começa;—*Meninos venham dar lição*, na 33.ª linha, onde diz:—Quantas syllabas tem Francisco, diga-se—*Francisquinho, etc.*

Na 35.ª linha onde diz—pois tantas syllabas tem Francisco etc., diga se—*Francisquinho, etc.*

—Entenda-se lá com o escripturario.

(*Continuação do logista.*)

«Tan-tan-tan!» bateu elle.

E parecendo-lhe ter ouvido uma voz tão doce como *assucar-candi,* perguntando-lhe quem era, o logista apaixonado responde—«Sou eu...» aflautando a voz.

«—Eu quem?»

A modo que lhe interrogaram de dentro, com a maior ternura; sendo aliás um gatinho que miara, muito a proposito.

«—Eu... *genio!*»

Cinco minutos depois o intrepido logista vendo que nem lhe mandavam entrar, nem lhe apparecia alguem,—resolveu-se a penetrar na casa alheia, sem expresso consentimento da dona. Assim a modo de quem dispunha-se a furtar *pratos,* empurrou a porta e entrou ousadamente, achando-se lá dentro inteiramente ás escuras.

«—Eia, sús» disse comsigo o aventureiro, soltando um terno suspiro mais intimo do seu peito amoroso.

Aqui começa uma scena comica e phantasmagorica em extremo.

O homem do amoniaco e da triaga, agora trescalando os mais exquisitos perfumes, começou a alisar o ar do quarto escuro, com ambos os braços; parecendo assim um pedreiro duplice, a embocar ou rebocar paredes, tendo por colheres as palmas das mãos abertas...

Os passos, que dava pela pequena sala ou vão do tugurio em que se achava, eram tão frequentes como os de um dextro jogador de espada.

O gatinho que miara quando o logista fallara da parte de fora, achava-se ali n'um canto, ora seguindo com os olhinhos afogueados aquelle pedreiro de nova especie, ou aquelle interessante jogador de florete.

O gatinho apavorando-se um pouco com aquella estranha apparição, soltou de novo um *miau,* com a sua voz a mais meiga.

O logista correndo para o rumo d'aquella *maviosa voz,* vae dizendo baixinho e todo derretido:

«—Aqui está o teu genio, meu amorsinho!»

Por um triz porem que não ficou esmagado o pobre bichano pelas patas do desalmado Cupido que, em compensação ao mal que esteve a causar, esmurrou as ventas na porta que dava entrada para o derradeiro vão do tugurio: esta abre-se então estrepitosamente, em consequencia do violento impulso que recebera.

Sem ter pensado nisso, entrou, pois, o logista no segundo quarto; onde, sem mais demora, tratou de certificar si o beque delle não havia sido de todo escalavrado.

Sciente de que não ficara desnarigado, começou de novo a rebocar o ar com as suas

colheres de pedreiro do demonio, colheres que tem a forma de meias estrellas, com cinco raios deseguaes cada uma.

Aproximando-se de um dos cantos, foi de encontro a um pote que estava n'uma pequenina cantareira, com um lençol por cima: ahi, com verdadeiro transporte, foi abraçando a vaporosa imagem, e imprimindo um frenetico beijo sobre a *caneca* que estava em cima do testo, a qual arrepelada por tão viva demonstração de amor, arrojou-se ao chão, rolando como uma pequena pipa chocalheira: «*Foi se embora—foi-se embora—foi se embora*» parecia dizer a arengueira folha de flandres, como um papagaio travesso, desses encapetados.

Então o logista retira-se todo confuso e cada vez a dar mais suspiros.

A dez braças da casa da velha Khanesch encontra o miseravel a uma pobre mulher que estava assentada á porta de sua casinhola de mesquinha apparencia. Parando, e tornando a examinar si o beque estava muito arruinado, deu as boas noutes a visinha da formosa Hermininia e em seguida perguntou si d'ali (e apontou com o dedo) d'aquelle tugurio, aonde tinha elle ido, para dar *uma esmola* (!) porventura se teria mudado uma pobre velha que tinha uma galante netinha, de quem era *padrinho*.

«—E' verdade, respondeu a visinha; hoje pelas 4 horas da tarde a minha amiga Khanesch e a perola deste bairro pozeram-se a caminho para a Cachemira.

«—P'ra *cache*!... Ai! ai! » disse em voz lastimosa, que se lhe prendia as fauces, o desventurado logista, que logo deu de marcha: mas tropeçando um pouco adiante, cahiu tão desastradamente que as pernas ficaram-lhe engrasadas de tal sorte que tomaram ellas a apparencia de uma ancora.

Por acaso, nessa occasião passou felizmente um capadocio a quem elle pediu para levalo a sua casa, na rua *Grande*, casa de lapislazuli, que o pagaria bem.

O capadocio agarra o zambro e o vae levando a tombos, mas como elle se lastimasse muito com as dores, trepou-o ás costas como *Maria madeira* e lá se foi com o fardo.

Chegando em frente da casa, extenuado arreia a carga. Nesse entretanto, passava a ronda que policiava o quarteirão aonde estava o capadocio com a sua ancora humana atirada ao chão.

«—Oh, camarada, o que fazes com isso ahi, entulhando a rua?

«—E' o dono desta casa magnifica, na frente da qual acabo de chegar estafado, por tel-o trazido ás costas...

«—E' cego ou aleijado?

«—Creio que uma e outra cousa.

«—Sou uma *aguia* para enxergar, e tenho pernas boas como qualquer » interrompeu o logista.

«—Então, porque é que vem ás costas, meu menino barbado?

«—Tratem-me com respeito, *sós* bandalhos.

«—Iça a ancora, marinheiro, gritaram os da ronda, temos por suspeito o vosso traste, que nos parece contrabando grosso. Iça a ancora e faça-se de vela em pôpa para a cadeia!» bradaram repetidamente os soldados, entre zangados e zombeteiros.

«—Não sejam atrevidos, esbirros, olhem que eu son *potencia*, e quando visita-me sou peior que um caustico.»

Os soldados investem contra a ancora. Um delles accrescenta por fim de contas:

« — Ah, *sôr* pernas de cangalhas, já conheceu que não pode dizer-nos desaforos?... Ora vejamos si essa sumptuosa crosta pertence a tão vil marisco. Vamos, bate na porta.

O capadocio pega n'aquelle *kirie-eleison* vivo e o approxima da entrada principal do seu palacete, delle cambaio.

O logista dá tres pancadas no portão soberbo e immediatamente, como por encanto, o armenio apparece no limiar.

O logista pága então ao capadocio, dá uma gorgêta a cada soldado e os despede; ordenando por fim ao seu creado que o conduza para dentro do palacio. Feito isto—tranca-se o portão e o amo é levado em braços para a sua alcova.

Deitado em sua cama e cerradas as cortinas, tratou de conciliar o somno, que mostrou-se rebelde até pela madrugada. Apenas fechou as palpebras, logo viu em sonhos a formosa fugitiva no caminho da *cidade de felicidade*.

Quando acordou já tarde, quasi ao meio dia, achou-se hypocondriaco, cheio de infinitas saudades e, alem de tudo, estava ainda com as pernas em forma de—X.

Mandou o logista chamar um habil cirurgião para vir *desentaramelar-lhe* as gambias; operação difficilima e perigosa, que só pode concluir-se no fim de tres dias, sendo amarrados dous cabos nos mocotós, puchados por quatro homens.

(*Continúa.*)

—Por deliberação da presidencia d'esta provincia, ouvido o engenheiro director das obras publicas, e em virtude de reclamações feitas pela imprensa, foi intimado o empreiteiro José dos Santos Malhado afim de que tirasse o entulho para a obra que está fazendo

na casa penitenciaria do engenho da Conceição na montanha que fica á S. O. da ladeira, visto como ficando esta como a montanha em que outr'ora se tirava o entulho igualmente proxima á obra que se está fazendo, deveria de preferencia ser o entulho preciso tirado da ladeira; porquanto, d'este modo, conseguia-se o duplo fim de obter-se entulho perto (conveniencia unicamente do empreiteiro) e ao mesmo tempo alargar-se, alinhar-se, e diminuir-se o declive da referida ladeira, conforme foi de parecer tambem o engenheiro director das obras publicas.

Continuando, porem, o referido empreiteiro a tirar o entulho no logar em que outr'ora tirava, sem que para isso obtivesse concessão alguma da presidencia, pedimos á S. Ex. o Sr. presidente e aos Srs. camaristas que se dignem de ir pessoalmente examinar aquella obra afim de coagir o empreiteiro a fazel-a conforme se julgou conveniente e de utilidade publica, já que por negligencia ou condescendencia de quem compete, se fazem quasi todas as obras, fóra das condicções dos contractos.

Do Exm. Sr. barão de S. Lourenço, pois, como o administrador d'esta provincia que mais se tem dedicado aos seus melhoramentos materiaes, esperamos as providencias necessarias para que, não só esta, como as mais obras se façam regularmente e conforme as necessidades reclamam.

Com a presente reclamação só temos por fim evitar os abusos.

VARIEDADES.

Questões enigmaticas.

Pergunta.—O que é que vae da Fonte Nova ao Rio Vermelho sem se mecher nem andar?

Resposta.—A estrada Dous de Julho,

P.—O que é que se põe na meza, que se corta e não se come?

R.—Um baralho de cartas.

P.—O que é Deus nunca viu nem hade vêr?

R.—Seu semelhante.

P.—Que differença existe entre Salomão e Rothscild?

R.—Salomão foi rei dos judeus e Rothscild é o judeu dos reis.

P.—Quando é que as mulheres fallam menos?

R.—No mez de fevereiro que tem menos dias que os outros.

Queixas de uma moça.

Eu não sei porque desgraça
Vivo sempre perseguida,
Em qualquer parte que esteja
Soffro um *becco sem sahida.*

Dá-me vontade
De me esconder,
E nunca mais
Apparecer,...

Vou ao baile divertir-me
Fico logo aborrecida,
Quando me toca por par
Algum *becco sem sahida.*

Vindo algum d'estes
Me convidar
Quasi lhe digo
Já tenho par.

Si n'algum jogo de prendas
Eu estou bem entretida,
Quasi sempre me aborrece
Algum *becco sem sahida.*

Sendo a sentença
De abraçar,
Ha de algum becco
Por mim chamar.

A's vezes èstou em casa,
Satisfeita, distrahida,
Batem palmas; quem será?
E' um *becco sem sahida.*

Largo de tudo
Finjo dormir,
Te que o massante
Queira sahir.

Ja me vae isto cançando...
Viver assim não é vida,
Tomara tambem em breve
Eu ser *becco sem sahida.*

Assim somente,
Descançarei.
E contra os *beccos*
Não ralharei.

ANNUNCIOS.

—Abriu-se um novo café ao largo do Theatro por baixo da *Recreativa.*

—Que tal é?

—Em gosto e aceio rivalisa com os melhores da Bahia.

—Pois então hei de visital o na primeira occasião que la passar.....

—Pode-o fazer sem escrupulo, bem como qualquer pessoa que se der a tratamento.

Fugiu da casa do general Muniz Tavares, seu escravo crioulo de nome Pedro: quem o prender conduza a casa de seu senhor, que será recompensado de seu trabalho.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª QUARTA-FEIRA 7 DE DEZEMBRO. N. 725.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

A Conceição pura e immaculada de Maria virgem.

Amanhan é o anniversario admiravel e glorioso da religião e da patria;—da religião applaudindo e venerando a privilegiadissima Creatura, a mulher incorruptivel que a terra, em desaffronta d'outra mulher, mudando a doença em saude e o que mais é a morte em vida, reconciliou e uniu ao ceu, sendo ella Mãe do Messias promettido, do redemptor da peccadora humanidade, nunca perdendo uma so das suas incalculaveis prerogativas e immunidades de Virgem; da patria, crendo n'uma Entidade suprema, della esperando graças e beneficios, recorrendo á uma intercessão efficaz e proficua, porque preponderante e generosa sempre, commemorando e garantindo aquillo que fez, e que fará, coherente e grata, apezar das desconfianças e vertigens que dão-se e veem-se a cada passo, em todo instante, approvando e como que difundindo seu procedimento antigo, sua immutavel resolução, porque o patrocinio anhelado e pedido tem sido—na paz e na guerra,—qualquer que seja o tempo,—embora, sujeito ás contingencias e mudanças da natureza humana, fraca e vertiginosa,—sim, porque aquelle patrocinio tem sido presidido e acompanhado pela fé e pela rasão, crendo e deliberando, para a morte de qualquer ser vida venturosa, no dia em que o espirito deste ou d'aquelle, de todos, separar-se do corpo, não difficil então a terra de justificar se para com o ceu, sendo a Conceição pura e Immaculada de Maria-Virgem causa fertil desses effeitos,—ella na religião, abrangendo a tudo, no universo, a base e a porta da redempção humana, a epocha de ser concebida a creatura salvação e gloria,—na patria, designando um logar, uma porção grande de terra, designando a terra feliz, por circumstancias, de chamar-se logo, remotamente da Cruz, e de estar sempre o imperio do Brasil sob o amparo da Virgem Mãe, de Maria Santissima, cuja Conceição, pura e immaculada é sua padroeira,—paiz feliz por isso,—onde o homem pode, pela Conceição, conter-se, equilibrar-se,—pela Cruz, arrepender-se, salvar-se.

E porque o dia de amanhan é, além de commemorativo, despertador de tudo isso, é o dia alicerce do catholicismo, da doutrina, do amor e do perdão, do temor de Deus e da charidade para com o proximo, dia de nossa Mãe commum, que a todos os filhos extremosa e dedicadamente ama e protege, dia em que a graça debellou e venceu o peccado; a terra correspondendo-se com o ceu, festejemol-o com attenção e devoção, com prazer e enthusiasmo, porque elle assim o merece, dia epocha de todas as misericordias e de todas as maravilhas, dia de piedade e de heroismo, destinando a mulher singular para Virgem-Mãe e Mãe tanto de Deus quanto de todos os homens.

Para todo mundo a Conceição precedeu á Cruz, só o imperio do Brazil fazendo excepção, porque n'elle a Cruz foi anterior á Conceição, terra da Cruz chamado quando encontrado por accaso, nunca por calculo descoberto, região vasta, magnifica, sublime, maravilhosa em tudo dos tres reinos naturaes, que depois collocou-se sob os auspicios e influencias, privilegios e grandezas da Conceição!

Sobre a Conceição e a Cruz poderamos muito fallar, discorrer, embora sem muitos cabedaes de intelligencia e nas columnas de um jornal pequeno; dizendo o que é todo o Brasil, norte e sul comparativamente e sua côrte; está tudo, aquelle e aquelle outro, simplesmente nada!... tudo valendo a côrte, onde um santo, como padroeiro da cidade tem triduo de luminarias e salvas, e de salvas daplas!... e a Conceição recebendo unicamente e muito do Brasil, uma salva em esta ou aquella, não completa, porque não geral illuminação!!...

Mas para que desabafos e melindres, susceptibilidades e magoas, ante a Cruz e ante a Conceição?... fiquem aqui apenas, com pe-

na, pelo correr da penna, escriptas estas palavras, curvando-nos ante a excellencia do assumpto e solemnidade de amanhan,—com a seguinte—simples—e cordial saudação, cada qual fazendo o que pode e mais o que deve.

Sêde dia, como sois, cofre e thesouro, de riqueza e de fortuna para todos, não de moeda, de paciencia e resignação, de fé e de charidade.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 6 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que a segurança individual e de propriedade vae mal nesta capital, pois que nas estradas ataca-se de dia aos viandantes e rouba se.

A estrada Dous de Julho incute receio de transitar-se, em consequencia das repetidas aggressões que ali se teem dado.

Ha seis dias, dous individuos sahidos de um velho pardieiro que ha no logar chamado Moinho, agarraram uma mulher e tomaram-lhe tudo que levava.

Reconhecendo-se que sendo muitas e variadas as attribuições da repartição a seu cargo, não pode S. S. estar á par de todos os acontecimentos e por isso impossivel é prover a tudo de momento; mas reconhecendo tambem que S. S. tem mostrado zelo pelo serviço publico, espera-se que será solicito em providenciar sobre tão importante objecto.

—Ao mesmo, no sentido de obter alguma medida que faça cessar o incommodo que todas as madrugadas soffrem os moradores da rua do Soccorro e adjacentes, na freguezia de Brotas, visto como o respectivo fiscal parecendo deslembrado de suas obrigações, consente que um individuo faça desse logar matadouro de porcos, matando-os aos cinco e seis diariamente, o que gravemente incommoda, não só pela hora em que é praticado, com o insupportavel grunhido de taes animaes, como pela suffocante fumaceira e nauseabunda catinga no acto de serem pellados os mesmos.

Esse dito individuo tem mais um formidavel cão, que com o seu interminavel ladrar nocturno é outro inimigo do repouso dos habitantes, e quando solto, investe e morde, escapando um dia destes de ser mordida uma filha do Sr. Pedro Luiz de Mattos em sua propria porta.

Pede-se á S. S. que expeça ao subdelegado competente as convenientes ordens, afim de que cesse um tal vexame.

Portaria ao fiscal geral, dizendo-lhe que, consta, no Rio Vermelho, 2.º districto de Brotas, haver quem venda carne de rez, que não é morta no matadouro, do que resultou que em um dia da semana finda compraram os moradores carne gangrenada, por ser de um boi que tinha morrido por effeito de uma estocada que levara. Para que o sujeito que assim fez não continúe, cumpre que S. m. nos sabbados para domingo se dirija a aquelle logar a averiguar. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que consulte á camara municipal si foi por condescendencia sua que o proprietario da casa n.º 6 á travessa da ladeira das Hortas, abriu para a rua um cano de agoas servidas, quando concertou a dita propriedade, e a não ter sido por benevolencia de algum camarista que elle procedeu assim, (porque nesse caso manda quem pode) cumpre que S. m. sem demora proceda á respeito, de accordo com as posturas municipaes. Cumpra.

—Ao fiscal da Sé.—Sendo de presumir que seja S. m. artificialmente miope, recommenda-se-lhe que exija da camara uma verba para compra de *pince-nez*, afim de que possa ver o imminente risco de uma formidavel taboa, que está por dependuras a vir abaixo dos altos do sobrado n. 69, ás Portas do Carmo, e certo de que ha perigo communique á camara para providenciar. Cumpra.

—Capar bodes é trabalho que avilte?

—Estou que não, si bem que a tarefa pareça um tanto agreste.

—Então porque é que os moleques para atanasar um pobre homem, morador defronte do Carmo, lançam-lhe o baldão de *capa-bodes?*

O infeliz vê se acuado! E' de noite, é de dia, a porta de sua morada é assaltada de pedradas!

—Isso acontece pela falta de correcção; do contrario não se veria um pae de familia exposto ao ludibrio da canalha.

—Um velho, coitado, que sahe de manhan para o seu trabalho de santeiro e volta á tarde para o meio de sua familia.

—Entretanto, si um dia elle não podendo mais soffrer, commetter um attentado, hão de criminal-o!

—Soube de uma desgraça acontecida no forte de S. Pedro?

—Até esta data, não.

—No sabbado, um soldado tendo de ser castigado, na occasião de ser tirado do xadrez para soffrer a pena, apunhalou o sargento que o foi buscar.

—Não será isso uma prova convincente de que o excessivo rigor usado nesse batalhão nada aproveita á disciplina?

—Dizem, mas eu não affirmo, que depois de ter o soldado commettido o crime, foi sempre castigado, o que é contra a lei militar.

—Como dizem que o soldado está fora da lei, é provavel que para esse desgraçado não houvesse lei.

—Eu não sei o que mais admire aqui, capitão, si a subtileza ou o arrojo.

—De que se trata?

—De um roubo.

—Ora nisso não ha mais que admirar.

—Eu fallo pela finura dos ladrões.

O padre João Cancio de Andrade sahiu no domingo á noite de sua morada, á rua d'Ajuda, mas sua familia ficou no interior da casa.

Houve ladrão tão agil que abriu, sem ser presentido, a sala, e levou-lhe tudo que poude accommodar: ouro, prata e roupa.

—Não sendo assim, não daria prova da maestria no officio.

—O padre Manuel Felix Teixeira que se achava hospedado em casa de seu collega, tambem soffreu a perda de um trancelim e um par de chinellos de trança.

—E agora procurem o homem da capa preta.

—Esta vida é um perfeito engano; passa-se della á eternidade n'um sopro.

—A vida é fraca luz,
Que um tenue sopro apaga.

—Em presença da morte não ha força, vigor e mocidade, que resistam.

Fui no domingo ao passeio de Itaparica; aportando o vapor, appareceu um canoeiro que se encarregou de desembarcar os passageiros: homem robusto, e que, quem lhe olhasse as feições, diria que vendia carradas de saude. Dez minutos depois estava estendido, morto!

—Que fatalidade!

—A vista de tão triste espectaculo enluctou-se-me o coração e pensando no nada deste mundo, não tive mais prazer algum.

—A viagem de recreio á Itaparica foi cheia de accidentes desagradaveis.

—Isso é o que não serve; em tal caso antes ficar em casa.

—Muita licença, muita falta de respeito ás familias, muita mona e muita desordem; mesa mesquinha e mal-servida; e assim mesmo tirando-se o melhor para pessoas reservadas. Eu roi um osso de porco e paguei 2$ rs.

—Capitão, veja como vae esta terra ás mil maravilhas.

No sabbado, no caminho d'Areia em Itapagipe, passava uma preta com oito mil réis dentro de um balaio; sahiu sobre ella um crioulo e carregou-lhe balaio e dinheiro!

—Mas que quer? Quem se expõe a passar por aquelle caminho deserto, á certa hora da noite, é para isso mesmo.

—Está enganado V. Ex., o facto deu-se ás 8 horas do dia!

—Oh! os ladrões já nem respeitam a luz meridiana!

—Amanheceu hontem de baraço ao pescoço, dependurado em uma loja da rua do Saboeiro, o africano Salvador, ganhador, que sentava-se no canto de S. Domingos.

—Não pode haver proposito mais louco e desenxabido do que esse de dar cabo da existencia.

—Mormente em uma idade avançada como a do enforcado, o qual pouco tempo mais poderia viver.

—E' bom fazer circular esta noticia.

—Basta estar em sua bocca.

—No sabbado á noite foi levado um moço á casa de uma meretriz, n'uma loja do Sr. capitão Ovidio, á rua dos Saboeiros, e ahi o *enthusiasmaram* com bebidas, depois do que convidaram-no para jogar e ganharam-lhe uma quantia que não era sua, do que resultou ausentar-se o mesmo da casa em que estava empregado.

—O' lá da policia, prestae ouvidos, e vêde que tirada a causa, cessa o effeito.

—Capitão, venho-lhe communicar um caso que testemunhei no domingo pela manhan.

—Estou ás suas ordens.

—No domingo, seriam seis horas da manhan mais ou menos, vi um pardo dirigir-se para um riacho, que ha perto da estrada de ferro, no Engenho da Conceição, e pôz-se a lavar a cabeça.

Depois, vi chegar um preto com um barril que veio carregar agoa e dizer:—*Sinhô, abre terra pra sangue fica dentro di elle.*

Agente encarregado da policia de V. Ex., fui *in continenti* examinar onde era que estava o sangue de que fallava o preto, e vi que a cabeça do pardo estava com uma formidavel brecha, de duas pollegadas talvez.

Tratei immediatamente de interrogal-o, e elle disse-me que passando no sabbado á noite por detraz da casa de prisão com trabalho, sahiram sobre elle quatro homens e deram-lhe muitas cacetadas, resultando-lhe ficar

com aquella horrivel brecha na cabeça, o tendo ido queixar-se ao inspector, afim de levar o facto ao conhecimento do subdelegado, este o aconselhara que deixasse-se disso, e fosse tratar-se da ferida que tinha na cabeça, pois o subdelegado nestes casos nada poderia fazer.

—E esta! Que lhe parece este conselho?

—Nada digo sobre isto, apenas como cumpridor de minhas obrigações e agente fiel da policia de V. Ex., venho trazer ao seu conhecimento este facto, do qual o subdelegado da freguezia já tem sciencia.

—Ha factos que melhor é não commental-os; e neste sentido eu o entrego ao Sr. Dr. chefe de policia, que procurará descobrir a ponta do fio desta meada, pelos meios a seu alcance.

A PEDIDO

—Venha cá, Sr. Tiburro!

—Prompto, meu professor.

—O que é que V. vae fazer todas as noites em casa de uma viuva, moradora na rua do Chefe?

—Vou *conversar* com ella, meu professor.

—Por isso é que V., meu devasso, nunca dá a lição sabida, eim, meu safadinho?

—Não é não, meu professor, eu vou lá sempre ás 9 para as 10 horas da noite, e volto ás 11 horas e ás vezes meia noite,

—Mas que *gritos* e *xiados* são aquelles com que V. se põe na casa da *entretecida* viuva, que chega ao ponto de incommodar o morador do primeiro andar?

—E' quando estou jogando *pião* com ella, meu professor.

—Que menino dos diabos! até de noite este traquina vae jogar *pião,* e põe-se a *xiar* quando o *pião dansa,* que incommoda o morador do primeiro andar, de maneira a não deixal-o dormir.

—Mas, senhor mestre, o que tem isso?

—Ainda m'o pergunta, descarado!

Olhe que ainda não vi cousinha mais sem vergonha, mais relachada, mais safada do que este menino!

Teu nome ha de ficar registrado no mappa *mundi,* não como um sabio, mas como o primeiro camello do seculo!

Vae-te sentar, descarado!

—Si eu sei, deixava-me ficar em casa.

—E eu.

—Julgava que o passeio á Itaparica proporcionava um recreio, uma distracção, que era uma funcção seria, á que as familias podiam concorrer.

—Nessa persuasão é que eu trouxe a minha.

—Entretanto venho encontrar uma especie de deboche, uma classeria intoleravel.

—Quando nada os encarregados deviam advertir a aquelle moço que não seja tão licencioso.

—E' verdade! Sentado no collo de uma meretriz côr de ebano, no meio de tantas senhoras.

—E que maneiras, que tregeitos indecentes!

—E' o quanto se pode fazer garbo e *esmero* de ludibriar a decencia!

Errata.

No numero 723—724, onde diz:—*e outros* que usam, durante os quaes contribuirão etc., lêa-se *e outras* que usam de durante, (fazenda) os quaes contribuiram etc.

ANNUNCIOS.

Escravo fugido.

Fugiu do abaixo assignado no dia 13 de abril do corrente anno. o seu escravo de nome Luiz, côr cabra, idade vinte cinco annos, officio carreiro, tendo os signaes seguintes:—cabeça redonda, cabello carapinhado, testudo e tem na testa, junto a entrada, um signal de golpe, nariz chato, barba por baixo do queixo, nunca teve bigode; tem no peito um calombo cabelludo não muito fechado, altura regular, corpo cheio, pernas arqueadas. pés grandes, pouco falla e com má pronuncia. Quem o apprehender e leval-o na fazenda Pinguella, na freguezia de Nossa Senhora dos Campinhos, terá 70$000 rs. de gratificação.

Felisberto Mendes de Moura.

Festa religiosa.

No proximo domingo 11 do corrente, terá logar na egreja do convento de S Francisco a solemnidade da Santissima Virgem da Conceição, Protectora dos Artistas, havendo festa, Te-Deum, palanque na vespera e dia, illuminação a gaz, balões, fogos artificiaes, etc. A meza convoca aos senhores artistas á coadjuvarem para tão religioso fim.

Haverá amanhan, 8 do corrente ás 7 horas, uma missa á Nossa Senhora da Conceição na egreja de S. Pedro dos clerigos á mandado de um devoto.

Fugiu da casa do general Muniz Tavares, seu escravo crioulo de nome Pedro: quem o prender conduza á casa de seu senhor, que será recompensado de seu trabalho.

Anno 8.º — BAHIA. — 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª — SABBADO 10 DE DEZEMBRO. — Ns. 726—727.

Publica-se na typographia do Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*. 9 de dezembro de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande examinar os pezos de matadouro publico, visto como nas pezadas da carne sahida para os talhos, encontra-se sempre diminuição de cinco, seis, oito e nove libras em um boi, o que torna-se por fim de contas em prejuizo do povo, que é sempre o soffredor. Espera-se ser attendido.

—Ao Exm. Sr. commandante das armas, levando ao seu conhecimento a seguinte informação que nos fazem, á qual, a ser exacta, é por demais descommunal, attentatoria dos preceitos militares e deponente da classe, e portanto reclama exemplar reparação.

No dia 6 do corrente, foi castigado a pranchadas o soldado Sabino José de Sant'Anna, estando de sentinella na guarda da Correcção, pelo alferes Queiroz.

Accrescenta o informante, que o facto foi notorio, por se ter passado á vista do carcereiro e dos presos, declarando o dito official que podia até surral-o, pois estava authorisado.

Sendo certo que todas as vezes que se ultrapassa a orbita da lei, tem-se commettido um delicto, é evidente que, a ser verdade, incorreu o dito official em culpavel infracção do codigo militar.

Portanto, da equidade de S. Ex. é de esperar o que fôr de justiça.

—Nestas funcções de egreja cheias de patacoadas, ha sempre desaguisados.

—O esplendor devia consistir unicamente no culto interior; tudo mais é *presepada*.

Esses arlequins, palanques, danças de corda, fogos de vistas, em nada augmentam a fé; essas fileiras de botequins servem apenas para atear a orgia

—Eu não sei a egreja para que admitte em suas ceremonias esses espectaculos burlescos e extravagantes, que servem unicamente para prender a attenção da turba em um sentimento profano, na hora em que com a mente voltada para Deus, devia render-lhe graças!

—E a massa agglomera-se infrene ás portas do templo e ahi commette escandalos e profanações!

Não ha respeito; os dicterios, as cantarolas, os sambas da parte de fora; em quanto dentro o levita ungido entôa canticos ao Altissimo!

—Veja o exemplo aqui na Conceição: quanta immoralidade, quanta desordem, quanta pancada!

—Os que deviam garantir a ordem, provocam; a policia é que espanca o povo.

—O novo chefe de policia entrou com má cabeça. Quanto alarma!

—Neste logar tão apertado as familias levam esbarrões, as creanças são pisadas, ha muita confusão, tudo causado pelos agentes da força publica!

—E depois que se toca o fogo ainda se vae postar na ladeira da Conceição provocando!

—Policia..... nem sombra.

—Entretanto esta algazarra infernal, esta lucta desesperada de oito a dez homens curtidos pela orgia de uma noute inteira, hallucinados pelas bebidas alchoolicas, este atroar de imprecações, este estrepitoso sibilar de toques de apitos, as familias sobresaltadas pelas janellas é a policia não chega, nem ouve!...

—Eu vinha no Terreiro e já ouvia.

—A's quatro horas da madrugada esta scena tumultuaria, ha mais de uma hora!

—E na porta de uma authoridade; por aqui mora o promotor publico!

—E o que mais é, um individuo de facha, o que quer dizer que é inspector de quarteirão, envolvido na lucta!...

—A *exaltação*, em que elle está, dá para isso mesmo.

—Esta policia não tem consciencia de seus deveres!

—As casas do mocotó e vispora, meu cha-

ro, abertas até 3 e 4 horas da manhan, hão de dar nisso mesmo.

Admittem farpellas nessas tascas, as quaes com o jogo são origem da maior parte das desordens.

De manhan procure um desses chamados botequins para tomar um café, que estão fechados. A' qualquer hora do dia procure qualquer comida que não encontrará. Essas bodegas são abertas especialmente para jogo e devassidão.

—Veja o resultado: atiraram com o irmão do tal inspector sobre as pedras e o homem levou mais de um quarto de hora immovel; só quando o julgaram morto foi que a clarque dispersou-se.

—Para se safarem não estão bebados.

—O homem não morreu, mas está com uma formidavel brecha na cabeça, diversas contusões e um ferimento na mão.

— E viva a policia desta terra!

—Ha novissimas instrucções para o regimen militar?

—Não me consta.

—Supponho que sim.

—Pode ser.

—E estas conferem ás mulheres dos officiaes as honras que teem seus maridos.

—Ahi vem V.!

—Pois si eu vi, na sexta-feira, a senhora de um tenente ter arma perfilada da guarda que passava na rua do Collegio!

—Isso são deferencias de collegas, rapaz; attenções que se retribuem de parte á parte.

—Está bom, não sabia disso.

—Quanta diabrura temos hoje visto!

—A noite é propria.

—Na rua do Tijollo seis individuos pagodeam á luz do gaz; a sucia parece satisfeita; mas de repente tolda-se uma nuvem e acaba-se a funcção em borrasca.

—Pobres violões! foram que pagaram. Sem nenhuma culpa terem, foram esmigalhados mutuamente nas caras dos pagodistas!

—Na noite de quarta-feira espancaram um homem desabridamente.

—Em que logar?

—No Caes Dourado.

—Conheceu os aggressores?

—Duas praças do destacamento.

—E' mesmo quem podia ser.

—O que me causou extranheza foi ouvir o paciente dizer por vezes,—estou preso, levem-me; mas não me espanquem; por onde conclui que elle nenhuma opposição fazia.

—Não vê, que a policia quando quer dar bordoada, attende a razões!

—V. já leu o interrogatorio feito ao Sr. Lycurgo Leonidas Martins Moscoso, á sua irman e á menor deflorada?

—Ainda não.

—Oh! que peça! Leia que acha muito que apreciar.

—Bom, deixe para depois, agora não ha tempo a perder.

—Oh, que diabo de matinada! E' mais de meia noite e não se pode socegar.

—São as abelhas deste cortiço defronte da Misericosdia que estão assanhadas.

—Engana-se; é uma mulher que quer cobrar de um homem certa divida não prevista pela legislação, e por isso julga-se competente para ser juiz em causa propria, tomando-lhe o chapeu.

—Está no seu direito; assim não causasse tanto incommodo com a assuada immoral que faz.

—V. não sabe que é vespera da Conceição, noite em que todos se *alegram?*

—A policia que viva triste.

—Moço, tire o chapeu; não se faça especial.

Passando o Santissimo Sacramento, e o Sr. todo impertigado n'uma janella do forum, de chapeu á cabeça!

N'esta terra de catholicos romanos, em cuja religião foi Vm. educado, não adorar ao Sagrado Viatico, é grande impiedade, uma profanação e fazer disso ostentação, si não é sacrelegio, é ignorancia.

Ainda dado que Vm. tivesse abjurado, não podia desrespeitar a religião do Estado.

—Cada um é juiz de sua consciencia.

— Porém o publico não gosta de ver celebreiras.

Eu achava melhor que o Sr. pegasse n'um *seixo* e batesse nos peitos em signal de contricção.

—Isso é si fosse seu *filho* para tomar conselhos seus.

—Felippe é um creoulo fabricante de pasteis, e talvez por isso, entendeu que devia um dia destes fazer pastel de uma preta sua *companheira*.

—Que graça!

—Ignora-se a razão que teve ella para andar esquiva de seu *osso,* e, ou fosse magoado pela ausencia, ou sentido pela falta que lhe fazia ella, na coadjuvação da vendagem dos pasteis, Felippe deliberou que devia infli-

gir-lhe uma *cossa* por andar desnorteada.

Dando-lhe mel pelos beiços, conseguiu leval-a a um cubiculo á rua dos Capitães, onde já tinha á mão corda, mordaça, chicote e preparado um formidavel molho de pimentas. Amordaçada a fugitiva beldade, começou o escandalisado amante a sacudir-lhe do corpo a poeira de uma maneira brutal.

O accaso muitas vezes tem frustrado a perpetração de muitos crimes, e alguem que bateu á porta, veio impedir a Felippe de não executar completamente seu designio.

Fez se corpo de delicto, porque as offensas são graves, e no outro dia sendo preso, quando voltava do theatro da vendagem de pasteis, resistiu, desarmou a policia, e..... bateu azas.

Dizem que esse campeão é escravo do tenente coronel Botelho.

—Está decidido que o Felippe é digno de alguma fumegação, que lhe arrefeça o genio fogoso.

—Quem tem sua familia, que leva a estes logares não tem juizo.

—Isto é, n'uma terra como a nossa.

—Alem da ousadia e petulancia de certos moços, ainda vão aquelles meninos mal-creados para o terrasso da Conceição e de la arremessam bolas de barro amassadas com o mijo sobre as senhoras emporcalhando-lhes os vestidos!

—Falta de educação e de correção publica.

—Sabe que escapei de morrer?

—Razão evidente de que sua hora não foi chegada.

—Mas vi a morte nos olhos na terça feira.

—Tambem é cousa que não lhe creio, a senhora parca não concede a ninguem o gosto de lhe mirar o rosto, invisivel como é.

—O caso é que por um tris o pobre de meu corpo não serve de trilho para passar o com boy da via ferrea.

—Quer dizer que escapou de um sinistro?

—Isso.

O trem descia de Alagoinhas e desencarrilhou no Parafuso; pedia soccorro para a Jequitaia, donde partiu um carro levando uma machina sob a direcção do cabo de tronco Richard Tiplady. Em caminho, teve este signal para retroceder por não ser mas preciso o soccorro; o homem porem entendeu de continuar, e ao chegar a uma curva que ha, abalroou com o trem que vinha, cahindo tres pessoas ao chão que ficaram contusas e bastante maltratadas.

—Nesse caso foi impericia do engenheiro.

—A desgraça não foi irreparavel, porque o engenheiro do trem que descia empregou todos os esforços para fazer recuar, quanto poude, o com:boy.

Quanto ao que foi em soccorro, estando vasio e podendo mas facilmente desviar-se, não o fez.

—De sorte que o soccorro tornou-se em perigo.

—Birras que compromettem a vida alheia.

Dizem que sir Richard não é engenheiro, não é nada; e que chegando á esta terra entendia tanto de engenharia como eu, que para aqui veio em mister muito differente.

—La isso deixe por conta da companhia.

—O que não convém é que a vida do publico continue exposta a perigos.

—Ah, isso é verdade.

—Pois nesse sentido é que eu fallo.

—Capitão, venho-lhe contar o que vi.

—Sim, Sr.

—São scenas nocturnas.

—Serve.

—Nas noites de sabbados e vesperas de dia santo, ja sabe V. Ex., que a rapazeada gosta de folgar.

—São as noites de sarceiros; continúe.

—No Terreiro, alguns sujeitos davam expansão a seus peitos, cantarolando.

O cabo do destacamento da repartição da policia, assentou que aquelle garganteado era um obstaculo ao repouso e foi intimal-os para que fizessem pausa.

—Ora, tanta cousa por ahi que incommoda á noite, e elles não prohibem.

—Com geito tudo se faz, mais o cabo quiz ir logo ás do cabo; pelas maneiras agras e insolentes que usou foi *torrado*.

E' verdade que não tinha consciencia do que dizia, o que em cabeças que melhor pensassem, seria rasão para evitar um conflicto com aquelle desvairado agente da força publica.

Tornando-se o caso feio, o Sr. capitão João Virgilio procurou com prudencia accommodar as partes; o cabo porém desattendeu-o e insultou-o com palavras injuriosas.

Um mais imprudente do grupo dirigiu uma ameaça e o policial desambainhando o refe, foi sovando não so aquelles com que contendia, como a quem na occasião passava; feriu diveras pessoas e em cada costado que descansava a sua espada, era um queda certeira.

Perseguido a pedras, correu, e ao entrar do becco das Moroas foi preso e desarmado; mas os companheiros que vinham em seu auxilio, deram-lhe outra arma, com a qual o homem fez bravatas.

Levado para o destacamento em vez de ser desarmado e preso; consentiu o sargento que ficasse com a arma e que por tres ou quatro vezes sahisse á rua e investisse contra o povo, e que pela janella do destacamento desse cutiladas em uma das quaes dobrou a espada ao meio; esta acção era acompanhada de doestos e imprecações offensivas a quantos presenciavam o facto.

—E' muito affrontar a opinião!

—Foi um acontecimento que poderia ter consequencias muito graves pela imbecilidade do sargento, consentindo que o cabo, possesso como estava, sahisse á rua muitas vezes brandindo a espada, tirando fogo das pedras, indo á janella de uma casa muitos passos distantes e rasgasse a farda e atirasse com as divisas no chão.

—Tudo isso, alem do mais, constitue muita falta de respeito, relaxação no serviço.

—Os soldados em logar de procurar accommodar seu companheiro, mais o insuflavam, ajudando-o a descompar o povo de malandros, réus de policia, ladrões e filhos da p....

E como um desatino é origem de outro desatino, um grupo de desasisados e imprudentes prorompeu em morras, e invectivas aggressivas ao ex-chefe de policia, o qual realmente não o merece.

—Procedimento altamente censuravel, so por si bastante para envergonhar uma popu lação inteira.

—O que é muito reparavel, é em todo este barulho, que durou mas de duas horas, o não comparecimento de uma authoridade!

O ordenança do chefe de policia em logar de ia chamal-o onde estava....deixou-se ficar alli.

E' verdade que tudo tem seu prestimo, e a não ser elle o cabo não se desfaria da arma com a qual parecia disposto a fazer alguma *borrada*.

O official da ronda quando alli chegou, foi muito tarde.

—Bom agente da força publica é o cabo!

Eu com quanto nenhuma relação mantenha com ex-chefe de policia, magoa-me bastante, que fosse immerecidamente aggredido.

—Entre os feridos posso mencionar o Sr. Salustiano Souto de Miranda e um sargento da Sé de nome Gregrorio.

A PEDIDO

—A despeito das considerações publicadas no numero atrasado tem continuado o jogo, com um furor inexcedivel.

—Na tal casa do Maciel?

—Lá mesmo.

—Aquella casa é um germen de perdição. E' um abysmo onde insensivelmente se estão precipitando moços, que a não ser a cegueira do jogo, tudo mais lhes augura um porvir lisongeiro.

As casas de jogo são em sua essencia perigosas pela ruina que causam, mas nessas os effeitos devem se produzir com mais celeridade e devem ser mais sensiveis e amargas as consequencias, em virtude da qualidade de gente que a frequenta.

São cegos e inexperientes moços que não veem diante dos olhos o precipicio, para o qual fatalmente os arrasta a paixão do jogo!

Attribuem á eventualidade da sorte (o que ainda assim é imprudente arriscar) as avultadas quantias que perdem, quando ellas lhe são extorquidas por meio de dolos. que a esperteza sabe urdir para apanhar os incautos.

Ha alguns mezes appareceu nessa casa um sujeito com suas cartas a geito, e teve tão *boa* ventura, que em dous mezes poude arrecadar uns 5:000$ rs. dos patinhos, e se enxotar logo que os mesmos foram advertidos.

Cessou por algum tempo o ardor da jogatina, que agora reduplicou.

E ali jogam como banqueiros e capitalistas!

Para dar ideia basta dizer que no dia 2 de dezembro começou o *fado* ás 6 horas da tarde, ás 8 já um dos *felizes* (que são 3 ou 4) apreciava o spectaculo no theatro com 480$ rs. de lucro.

Reflicta a policia em seu criterio, si convem a continuação de um sorvedouro de tal ordem.

—Capitão, vou contar-lhe um segredo; mas não quero que passe dos seus assignantes.

—Pode dizer, que eu lhe prometto que não ha de passar.

—No dia 2 de dezembro, um negro africano, escravo de um moço rico, morador em uma rua que não está *calçada,* deu muitos sopapos no ordenança de um homem que já andou por esses *mares*, e hoje é subdelegado; tomou lhe o refle e quasi o mata.

—E que fez o subdelegado?

—Soltou o preto no dia seguinte.

—Pois isso acontecido n'uma rua publica, apezar de não *ser calçada,* devia ser notorio, e não negocio de segredo.

—Ah, capitão, si não guarda, eu deixo de contar o resto.

—Vamos adiante.

—O subdelegado tem razão, porque não quer contendas com o senhor do preto que é *basto* de dinheiro e *basto* de recursos.

—Então porque o senhor é basto de dinheiro e de recursos, o subdelegado não processou o preto?

—Eu não sei si foi essa a razão, mas me parece.

—Pois meu charo, eu vou levar ao conhecimento do chefe.

—Capitão, tenha paciencia, porque o pobre do soldado ja passou seus tormentos na occasião da desordem e quasi que o senhor do preto o esmaga pelo atrevimento de ter prendido seu escravo.

—Muito bem!.... então o senhor foi contra o soldado?

—Ainda pergunta,meu capitão, reprehendeu severa e publicamente e até o prendeu.

—Bello! além de paciente, aperriado!...São cousas que não devem ficar encobertas; vou levar ao dominio publico.

—Pois bem, capitão, não conto mais; faço ponto ahi.

—Faça o que quizer.

Sombra e Tempestade.

A brisa passando mansamente por certa rua, ouviu o seguinte dialogo:

Sombra—Que horas marca o tempo?

Tempestade—Quando despenhei-me das alturas. faziam duas horas nos relogios de terra, salvo uma ou outra alteração.

Sombra—A quem encontraste?

Tempestade—Um encapotado de nome *Reque*... e tu?

Sombra.—Eu? desci com o descambar do sol; já quando os viventes zangados com a côr sombria tratavam de repousar, sahi a dar um passeio por uma alameda *atravessada* de *castanheiros* e encontrei-me com uma lanterna sem projecção, trazendo por luz amortecida a esphera..... *ão!*

O leitor quer o conceito?

Dê tratos ao juizo.

As auras.

Sr. Paulo alfaiate.—Você que se interessou tanto por sua inculcada prima e futura comadre, (este seu compadresco tem o que se lhe diga!) como a abandona agora nos apertos em que está?

Porque não manda ao seu corretor Miguel Peixe-gallo que vá ver o homem *grande* de S. Domingos para livral-a da gangorra em que por sua causa está mettida?

Que famosa trempe! Você, Miguel Peixe-gallo, homem de S. Domingos e a cuja feito a panella.

Bem feito! Si ella não ouvisse suas prozas, agora não pagaria as favas e V. fresquinho.

—Xinhá capitão, iô tan hi.

—Enxota-te, ave agoureira; hoje não posso soffrer-te.

—Dua paravra, iô vae mimbora.

—Pois avia-te e some-te.

—Iêsse bessa de Juan Crimacoria, lingoa di êre tan fiada cuma navaia; anda farando ni nome di gente qui nan tan fazendo patifaria cuma êre; precisa muxinguêro mettê taca ni sicarado.

—Deixa o cão ladrar; não faças caso, rapaz.

—Iêsse consa peió di quê monturo onde bota cissico, nan pode fará di gente qui nan tá cuma iêre.

—Deixa-o, preto; o sevandija quer nutrir o genio.

—Juan Crimacoria tem turo defeito, capitão; iêsse é homem pruquê véte craça.

—Pae, não me importunes; o peior é dares importancia a um alquilé que a não merece.

—Si êsse bandaia lembra di defunto Lui Gome, di Saude, não tem gosso pra abre bocca e fará de ninguem.

—Mas o que foi, pae?

—Consa de vregonha, capitão.

—Falla!

—Bocca di negro tan pesando pra dizê.

—Diz o que foi.

—Cossume qui êre tem di tempo di mininо, minino criado ni passo atôa, cuma fio de muié fadissa; gossa de brincá cum cobra viva; iêre já tá marimanjão, de vinte anno vae brincá cum cobra de Lui Gome de Saude...

—Como é isso, pae; então esse Luiz Gomes criava cobras?

—Ouve.

Cobra moridê iêre, quando sicarado sente dô, sahe gritando; mãe di patife quando viu sangue tan corendo bota bocca ni mundo.

Turo ni Saude sabe di esse.

Angora iêsse sem vregonha, iêsse caxoro gozo, iêsse bôra di pipa, qué fará de vida aeia.

—Preto, acaba com isso.

—Iô tan gravado munto cum iêsse mureque; iô qué desabafá meu pento pra sueegá; quando capitão tan cum vagá iô vem.

—Vae, vae, que eu quero te ver pelas costas.

O *Xixi* que amou a uma dama vinda de Alcacer-quibir, por conseguinte *de* nação *moura; Rosa* de nome, (mais claro do que isto so azeite) é um individuo de sentimentos rasteiros.

Um ciganinho (mistura de cigano com moura, que raça não sahirá!) que *habitando em* uma brenha d'onde *brota* certo rio, ahi vive como todos os de sua raça do latrocinio de cavallos e outras quejandas gentilezas.

Um lambe-pratos de certo magistrado; a quem leva á baixeza ao ponto de limpar-lhe o az de copas em certos actos vitaes.

Um safadinho que vive na mais sensual crapula com uma barregan (sendo casado) dando escandalo pelos actos dissolutos que pratica.

Uma infimo que apregoa honradez estando coberto de maculas, tão cheio de manchas, como uma peça de fazenda avariada por agoa salgada.

Um linguarudo que falla de Deus e do mundo, e que se mostra todo offendido quando se lhe diz a verdade dos seus feitos.

Um pedante que quer inculcar virtude e honestidade, elle o vicio e a luxuria em pessoa.

Um branco sujo que chama aos homens de côr de negros e bodes, elle que a não ser uma mão bem-feitora, talvez ainda hoje andasse pelas estradas na vida errante do gajão, aos bandos, laçando os bois e cavallos alheios, industria que si hoje exerce é mui surrateira e paulatinamente, acobertando-se ainda em cima com o nome de homem honrado.

Um.... um.... diabos o carregue para as profundas do inferno.

(Continúa)

Pede-se ao Sr. Dr. Gustavo Adolpho de Sá que declare qual o pharmaceutico responsavel pelos medicamentos preparados em sua Pharmacia—Popular.

O pharmaceutico desempregado.

VARIEDADES.

As mulheres feias.

Ha por este mundo ainda muita gente ruim que falla contra a mulher feia. E no entanto a mulher feia é o maior thesouro de que se possa ufanar o genero humano. O ciume, o zelo, o amar, esses tres inimigos roedores do nosso espirito e da nossa tranquilidade, desapparecem espavoridos perante a mulher feia. O marido da mulher feia é quasi sempre homem alegre, rubicundo, gordo e amigo do proximo. O marido da mulher bonita é desconfiado, magro, inquieto, nervoso e malcreado quasi sempre.

Fulano de tal, possuidor de uma senhora habitualmente feia, vai a todos os bailes, comparece em todas as reuniões, ri-se em altas vozes, conversa com todo o mundo, satyrisa a seu bello prazer a sociedade em geral, dansa, come de todas as bandejas meia duzia do bolos, discute politica, pavonêa-se ao espelho e é o ultimo a abandonar os salões do baile terminado.

O marido da mulher bella pouco dança, come pouco, não tira os olhos do logar onde está a mulher escolhida do seu coração, franze o sobr'olho quando ella dansa com alguem, passeia agitado pelas salas, e finalmente depois da terceira quadrilha pretexta uma enxaqueca e põe-se ao fresco sem mais ceremonia.

Antes de entrar no salão do baile não se esquece da recommendação habitual:

—Não danses muito que não te fica bem, amor. E a respeito de walsas e polkas nem fallar nisso é bom. Nada de polkas nem walsas, vê lá!

O consorte da mulher feia é mais generoso:

—Dansa, meu bem, dansa á vontade. Olha, é hygienico até! Faze de conta que estaes solteira; não te importes comigo. Diverte te, minha flor, diverte-te até não poderes mais!

Perguntae ao marido de uma senhora bonita:

—Como vae a excellentissima?

Elle responderá seccamente:

—Sem novidade, obrigado.

E nada mais!

O marido da mulher feia dirá logo, depois de vinte sorrisos amaveis:

—Está boa, agradecido! Então? Não apparece mais por aquella choupana? Estará mal comnosco? Minha mulher queixa-se de que o senhor é o maior ingrato deste mundo. Appareça, appareça!

A mulher feia é uma necessidade social, uma necessidade urgentissima como a agoa, o sol, o dinheiro, o alimento emfim!

Passeia-se com uma mulher feia, ninguem repara, ninguem falla, ninguem olha mesmo.

De-se o braço á uma mulher bonita e o alarma persegue-nos de uma maneira irresistivel:

—Quem será ella?

—Pois fulano casou-se ja?

—E' noiva, de certo!

—Ou prima!

—Formosos olhos!

—E que pés! Dous prodigios de miniatura!

—Feliz patife!

—Aquelle ladrão sempre teve gosto, valha a verdade.

—Amanhan vou perguntar-lhe, onde descavou elle aquella sereia.

E no dia seguinte não faltam visitas, não faltam importunos que nos caiam em cima, armados de um arsenal de perguntas, á que somos forçados a responder de qualquer maneira.

Ora isso é simplesmente horroroso.

A mulher feia é virtuosa em extremo. Dá-se com affinco ao trabalho da agulha, trata com interesse da roupa do marido, lê as *Horas Marianas*, apparece pouco á janella, é boa mãe de familia, não tem caprichos nem vaidade e faz consistir toda a sua ventura em aprender receitas de doces e elevar ao ultimo grau de apuro a confecção de um bife de grelha ou de um ensopado de feijão fradinho!

A mulher bonita não sahe do *toilette*, quebra seis espelhos por semana, faz o marido assignar todos os jornaes de modas, não prega um botão de punho, estropia Verdi e Bellini, sem dar satisfacções á critica musical, dá pouca importaacia aos filhos si os tem, aprende todas as lingoas sem attender ás regras de nenhuma, desconhece a existencia da agulha, vai a todos os theatros e bailes, onde esbanja sem piedade a fortuna do casal, e finalmente considera-se feliz apenas quando a modista traz-lhe o vestido do baile e o marido o bilhete do camarote para o espectaculo da noite!

A vaidade que é um vicio perfumado, mas um vicio sempre, foi creada exclusivamente para a mulher formosa. E é entre as garras dessa vaidade eterna, que a honra desapparece com uma velocidade atroz.

A mulher feia é quasi sempre sadia, robusta e fresca. A mulher bonita é nervosa, phrenetica, doente. Si não houvessem no mundo mulheres bonitas, para morrer de fome era basante ter-se um diploma de medico.

(*Continúa.*)

A honra.

Alexandre Dumas (o pai) pergunta em um dos seus romances: —«que é a honra?...»

E responde immediatamente: —«a honra é a honra.»

Eis ahi uma definição que para alguns será clara como dia, e para outros, escura como as trevas.

No Rio de Janeiro, que é a unica cidade que conheço no mundo, a idéa da *honra* é geralmente comprehendida e explicada de modo muito mais preciso e a não admittir duvidas.

E' uma *honra* mais de convenção do que outra qualquer, e excellente e admiravel, é mesmo até milagrosa; porque pode-se ser homem *honrado* apezar de muitas deshouras.

* * *

Passem pela *Praça do Commercio* e olhem bem para aquelle sugeito, a quem todos fazem barretadas de chapeu quasi a roçar pela terra.

—Que honradissimo homem!...dizem todos á uma voz.

Em que consiste a honra d'aquelle *honradissimo*?....

E' cousa simples: elle paga as suas letras no dia do vencimento, e logo que lh'as apresentam, e é *firma* que ainda não falhou, nem ha receio que falhe.

Entretanto o *honradissimo* pode ser casado e escandalosamente adultero, pode ser seductor e ter deixado na miseria, ou atirado nos abysmos da prostituição tres ou quatro moças pobres por elle enganadas, pode ser mau filho, ou mau irmão, ou falso amigo, ingrato ao protector que o *fez gente*, usurario feroz, ou outra qualquer innocencia d'essas,...

Que importa isso?...tem dinheiro, cumpre o seu dever, pagando sempre á boca do cofre.

E' um homem honradissimo.

E vão lá pôr-lhe embargos á fama de honra!...

* * *

O illustre e exm. conselheiro Fuão de Tal, titular ou não—que si ainda o não é ha de selo, e se ja o é, bom proveito lhe faça o titulo —o exm., foi ministro, e sahiu do ministerio com dividas ou sem ellas e em todo caso com justissimo credito de não ter negociado com a *pasta* em seu proprio interesse, de não haver augmentado, e antes sendo publico que perdera em seus cabedaes durante o ministerio.

—Que ministro honrado!....dizem.

E todavia elle calcou aos pés a constituição, e sophismou e infringiu todas as leis.

Demittiu empregados honestos e os fez substituir nos empregos por capangas eleitoraes sem consciencias nem capacidade.

Creou despezas inuteis para pagar serviços de partido.

Arranjou os parentes sacrificando os direitos e o merecimento de estranhos.

Economisou gotas d'agua e esbanjou rios de dinheiro.

Fez muito bem aos seus amigos e afilhados, e muito mal á nação.

Mentiu ao povo, mentio ás camaras, mentiu á corôa.

Oh!... mas ninguem é capaz de dizer que para qualquer meio publico ou secreto elle desviasse da fazenda publica um so real para si.

Portanto.....

Que *ministro honrado*!!! que *Catão*!!!

* * *

Assim pois que é—*honra*?.....

Honra é simplesmente o *brio da bolsa* em pagar e não tomar, senão conforme o dever.

Honra é cousa concernente á bolsa, que se guarda no bolso e como o bolso fica por fóra e por cima do coração, *honra* é cuidado es-

crupuloso nos negocios da vida, e não é sentimento que se aninha no coração e que d'ali presida e dirija todas as relações moraes do homem com os outros homens.

E' por isso que ha tanta gente sem *honra* com fama de honrada.

Mas a sociedade que semêa assim, que fructos colherá em breve futuro?..

Para acabar depressa.

Uma mulher, que vendia sardinhas na rua, foi ao theatro um dia em que a entrada era gratis para o povo.

Emquanto os cantores cantaram cada um por sua vez, mostrou-se muito satisfeita; mas, ao ouvir o primeiro côro, gritou para a scena:

—Então, como hoje não se paga, cantam todos juntos para acabar mais de pressa!

Certos homens bons.

Ha por esse mundo *certas bondades de coração*, que estão pouco mais ou menos no caso da *honra* de que acabo de fallar.

Haja vista o senhor Thomaz.

O senhor Thomaz é prepotente, desalmado e genio de furia; quando deseja, manda, e, senão lhe obedecem, dá pancada; ousado, vicioso e corrompido, lança a desordem no seio das familias: tem lingoa viperina, e despedaça reputações; é um demonio pelo mal que faz; mas ás vezes *chora compadecido* das desgraças á que *outros maus* reduzem pobres victimas, e tambem ás vezes empresta por acaso sem juros a alguns protegidos dinheiro que recolheu com usura de infelizes a quem pôz em miseria.

Ah!... o senhor Thomaz tem mau genio e faz loucuras e desacatos de espantar; mas no fundo—que bondade de coração ....

* *
*

O senhor Simplicio é ainda melhor.

Mãos largas até ali! dinheiro a todos, a amigos, a conhecidos, e a desconhecidos! Basta-lhe vêr uma cara de lamuria para abrir a bolsa....

Veste os outros e anda roto....

Engorda os outros e emmagrece a familia.

Não se lembra dos proprios filhos, porque não lhe sobra o tempo que emprega em cuidar nos dos outros.

Como ouve louvar a sua *bondade de coração*, vive rindo para todos.

Entretanto o senhor Simplicio, não tendo bastante dinheiro para tão grandes obras, põe em contribuição os amigos ricos, e incommoda meio mundo para dar pão e panno a vadios.

Torna-se protector de criminosos.

Não distingue o vicio da virtude.

Priva muitas vezes o verdadeiro pobre da esmola que desperdiça com o ocioso e tratante.

Morre, deixando sua viuva em miseria, e seus filhos sem educação nem futuro.

Mas...—*que bom coração tinha elle!*....

Não duvido; tinha porém um *bom coração muito tolo*, e que por muito tolo não soube fazer o bem, e fez sem o querer grande mal.

Um medico jogador.

M. B***, que é uma das glorias da medicina actual, é tambem um jogador desenfreado.

Um dia achando-se em uma casa de jogo, foi chamado para ir ver um doente.

M. B*** apalpou-lhe o pulso, e tirando o relogio da algibeira, poz-se a contar em meia voz as pulsações, com os olhos pregados no mostrador:

—Um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito...

E parou aqui, continuando depois:

— Nove, dez... dama, valete e **rei**!

O doente riu-se, e M. B*** salvou-o!

ANNUNCIOS.

Festa religiosa.

No proximo domingo 11 do corrente, terá logar na egreja do convento de S Francisco a solemnidade da Santissima Virgem da Conceição, Protectora dos Artistas, havendo festa, Te-Deum, palanque na vespera e dia, illuminação a gaz, balões, fogos artificiaes, etc. A meza convoca aos senhores artistas a coadjuvarem para tão religioso fim.

Escravo fugido.

Fugiu do abaixo assignado no dia 13 de abril do corrente anno, o seu escravo de nome Luiz, côr cabra, idade vinte cinco annos, officio carreiro, tendo os signaes seguintes:—cabeça redonda, cabello carapinhado, testudo e tem na testa, junto a entrada, um signal de golpe, nariz chato, barba por baixo do queixo, nunca teve bigode; tem no peito um calombo cabelludo não muito fechado, altura regular, corpo cheio, pernas arqueadas, pés grandes, pouco falla e com má pronuncia. Quem o apprehender e leval-o na fazenda Pinguella, na freguezia de Nossa Senhora dos Campinhos, terá 70$000 rs. de gratificação.

Felisberto Mendes de Moura.

Typ. de Marques, Aristides & C.ª

OMBA 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª TERÇA-FEIRA 13 DE DEZEMBRO. N. 728.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 12 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia da Conceição da Praia, pedindo-lhe que lance suas vistas sobre uma sucia de peralvilhos, que estão sempre reunidos em uma sobre-loja, por cima de um torneiro, na ladeira da Conceição, os quaes pateiam á torto e a direito, fazem algazarras e assuadas, atiram cacos, pedras e cascas de bananas sobre as pessoas que por ali transitam.

Em vista do exposto acima, espera-se que S. S. empregue os meios a seu alcance afim de cessar semelhante abuso.

—A' gerencia da companhia de Vehiculos, para mandar tirar a grande porção de areia existente ao lado do desvio que ultimamente fez da Roda da Fortuna á botica, bem como assentar as pedras que arrancaram.

Isso recommenda-se-lhe á bem da geral commodidade, porque com este sol abrasador, é um flagello transitar-se por alli e nem mesmo se pode estar á janella em razão do vento impellir a poeira sobre os olhos e gorgomilos do paciente publico. Espera-se que essa digna gerencia se dará pressa em attender ao reclamo e conveniencia publica.

—No dia de Nossa Senhora da Conceição sahiu á luz o 1.º numero da *União e Industria*, jornal que se dedica a causa da mesma sociedade.

—Causa nobre, util e patriotica.

—A Immaculada Virgem em sua excelsa bondade, queira espargir seu manto de graças sobre aquelles obreiros do trabalho livre.

—A União e Industria por qualquer lado que se encare annuncia-se fecunda de proficuos resultados.

—Veio acabar com certos preconceitos da nossa sociedade. O homem livre tinha desar de carregar um objecto para si; a fundação da União e Industria desvaneceu esse mal-entendido escrupulo.

Veio dar trabalho a centenares de braços desocupados; grande numero de voluntarios que crusavam as ruas sem achar occupação, encontraram nella meio de ganhar a vida.

O commercio lucra immensamente; as transacções facilitam-se, o dinheiro gira mais; o africano vestia umas ceroulas e camisolas feitas de sacco de aninhagem, que lhe davam gratis nos escriptorios. O nacional fará gasto á loja de fazendas para vestir-se e a sua familia; irá ao armazem e ao mercado prover-se de generos alimenticios; em quanto o africano so tratava de accumular moeda e meia pataca lhe era sufficiente para passar um dia.

O nacional irá morar em uma casa onde a nação possa cobrar o imposto pessoal, ao passo que o africano habitava nos casebres e subterraneos. Dará consummo aos productos da arte e industria, em quanto o africano morando em um calogi forrado de esteiras, nem uma tripeça para se sentar comprava. E mais que tudo isso, a União e Industria veio emancipar o trabalho.

—Agora o que se torna essencialmente preciso nessa corporação, é a assuidade, a constancia, a união e a fé; adquirir por precedentes de immaculada probidade a confiança da opinião publica.

—E ter muito em vista que no seu seio não se vá introduzir algum industrioso, algum membro do olho vivo que os desacredite; este ponto exige muita cautella e vigilancia.

No mais Deus fará progredir a União e Industria, como tem protegido todos os esforços uteis da humanidade.

—Hoje, ás 6 horas da tarde, continua a discussão do projecto de estatutos da Associação Typographica Bahiana. A reunião é no collegio Tres de Fevereiro, ao becco do Aguinho.

—Capitão, trago-lhe uma nova que causa apertos no coração.

—Vs. me faz gerar calafrios!

—Consinta que exponha o que sei pelo miúdo.

No Uruguay, districto dos Mares, mora um Sr. Caldeira, filho de uma mulher mentecapta ou louca.

Requereu elle para mettel-a na Correcção (!) visto que a Mizericordia não a recebia.

—Mizericordia sem mizericordia, para com os pobres de espirito.

—O filho metteu a mãe na Correcção e passados dias, foi buscal-a.

Metteu-a em casa, deitou um pouco de carne, farinha, um pote com agoa, trancou a porta e ausentou se.

—Aferrolhada por aferrolhada, antes na Correcção.

—Isso a 9 do passado. No dia 27 teve noticia o inspector Epiphanio de que ha desoito dias existia uma mulher reclusa sem ver sol nem lua, abandonada pelo filho. Communicou ao subdelegado, o qual em sua companhia foi ao logar; e ahi a mulher recusou-se a abrir a porta. Algumas pessoas que presencearam, como os Srs. Seabra e Miguel, proprietarios do logar, foram de opinião que a porta fosse arrombada; o subdelegado porem entendeu o contrario, dizendo que ia mandar procurar Caldeira para syndicar e providenciar.

Decorreram dias; nem Caldeira apareceu, nem as providencias.

No dia 5 do corrente os visinhos desconfiaram, por não a ouvirem fallar ha muitos dias, como era de costume; destelhada a casa, encontraram-na morta ja em estado de putrefação e roida pelos ratos!

—Que morte desastrosa! Encerrada entre quatro paredes; abandonada de seu proprio filho!....

Ainda á tardinha é que compareceu o subdelegado e fez corpo de delicto.

—Pereceu á falta de cuidado; desprezada, esquecida, como se esquece qualquer objecto que se atira a um canto!... Um pote d'agua para vinte e tantos dias, sem ar, sem luz!... misera mãe!... desnaturado filho!...

—Houve falta de deliberação da parte da authoridade.

—O que resta agora é pedir a Deus a luz da bemaventurança para a infeliz, ja que n'este mundo foi tão malfadada.

—Quando n'esta terra haverá um asylo para alienados?.....

—Capitão, está porque V. Ex. me chama de fallador.

—Eu seique é seu mal.

—Ha abusos de especie tal que não se pode ver e calar.

—Então nutra seu genio.

—Capitão, a religião catholica sendo pura e santa, é tambem a religião onde se vê mais abusos e especulações sordidas.

Christo expelliu os mercadores do templo, mas hoje mercadejam com seu nome até pelas tabernas!

—Onde pretende metter sua colher?

—O descredito áreligião já não vem unicamente dessa chusma de esfarrapadas mulheres traficando em seu augusto nome com bentinhos e rosarios, nem dessa alluvião de pedintes maltrapilhos, que com uma opa esmulambada, andam ebrios, pelas quitandas, arrecadando quiabos e gilós, toucinho e bananas como esmola para a festa do santo, com o qual se apadrinham; nem tambem são as missas pedidas, cujo producto os padres recebem, fazendo do Senhor Deus de munificencia e bondade interesseiro. Ha especulação ainda mais revoltante e deponente.

—Homem, não se estenda tanto; diga ao que vem, em termos breves.

—V. Ex. costuma passar na rua Direita de Palacio?

—Quasi sempre.

—Admira!

—Porque?

—Por não ter feito reparo.

—Em que?

—Em uma taverna, na esquina da travessa d'Ajuda, onde estão expostos á venda uma infinidade de registos de todo o regimento de santos da côrte celestial, assim como do Crucificado e de Maria Santissima! Os registos estão pendurados como se fossem outro qualquer genero.

Não será isso degradante a pureza e divindade da religião catholica?

Jesus-Christo, cujo reino não é deste mundo, nunca sanccionou essas mercancias ascorosas.

Em uma taverna! No meio das resteas de sebollas, de mistura com vassouras de palha, englobados com paios e chouriças, o retrato de um Deus de grandeza exposto vilmente á venda!

—E depois queixam-se da indifferença dos tempos, da impiedade da epocha!

—Qual é a missão do clero, artifice do evangelho, si não conduzir-nos pelo caminho que leva á patria celeste?

—E o que assim não fizer será chamado pequeno nessa verdadeira patria.

«—Vós sois o sal da terra, disse Jesus á seus discipulos. E si o sal perder a sua força com que outra cousa se ha de salgar? Para nenhuma outra cousa fica servindo sinão para se lançar fora e ser pisado dos homens.

«Vós sois a luz do mundo.

«Não pode esconder-se uma cidade, que está situada sobre o monte; nem os que accendem uma luzerna-a mettem debaixo do alqueire; mas poem-na sobre o candieiro, afim de que ella dê luz a todos os que estão na casa.

«Assim luza a vossa luz diante dos homens, que elles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pae, que está nos ceus. (S. Math. cap. 5:)

Mas o clero esquece sua missão sublime e não falla em nome de Deus a palavra que é luz que illumina, apoio que fortifica o espirito e a vida, como Deus de quem dimana, guiando assim á fonte pura da verdade, aquelles que andam buscando as sombras enganosas dos falsos bens desta vida!

—*A corrupção nasce de cima,* disse uma nossa sumidade politica.

—No Rio Grande do Sul, o venerando bispo prohibiu na sua diocese a vendagem de orações de Nossa Senhora Apparecida, Prodigiosa e outras especulações com que a ganancia illudia a credulidade do povo; porque não ha de o Revm. Sr. conde de S. Salvador fazer outro tanto aqui? Para que tolera o immoral espectaculo de n'uma taverna negociar-se com os retratos de Jesus-Christo e sua Santissima Mãe, havendo immensidade delles á mostra como si fossem queijos de prato ou sardinhas de Nantes?

—Deixe estar que S. Ex. Revma. em seu zelo pastoral, ha de attender a suas modestas reflexões.

—Que novidades ha?

—De nada sei.

—Acabam de me dizer que houve explosão no machinismo á vapor dos Vehiculos Economicos.

—Será uma desgraça lamentavel.

—Agora mesmo me informaram que voou a caldeira, dous carrós se espedaçaram e alguns ferimentos.

—Ao menos permitta Deus que não haja a lamentar alguma vida.

—Capitão, no dia 6 houve barulho na rua da Pocita.

Sabe o que foi?

—V. é quem pode me informar.

—Mora nessa rua um italiano, homem pobre, que tem uma filhinha de 11 para 12 annos.

Um desalmado, vendo que elle tinha sahido, passou por uma casa vasia na visinhança, foi a do italiano e agarrou a menina abrupto para fins libidinosos. Não respeitou a mãe da mesma, e por meio da força conseguiria levar a effeito sua perversidade, si não fosse a intervenção de muitas pessoas que acudiram com os gritos.

—Que gana de damnado! Estou vendo que não foi preso?

—Dizem que não.

—Assim mesmo devia ser.

—Capitão, é sabido que na polluta Latronopolis está quasi a realisar-se uma transação immoralissima.

E' nada menos do que innocentar-se um criminoso.

O preço da partida é 1:000$ rs.

Dizem que o pretendente conta obter excellentes resultados fiado na sua boa estrella por ter nascido em vespera de S. *João* na cidade de *Guimarães,* dia bem augurado pela carthonomancia; tanto que o homem habitando na *Taboa-grande* as aguas sempre lhe correram prosperas.

—Não ha que admirar nem extranhar n'uma terra onde vê se *estrupadores* de tenras virgens, serem considerados innocentes e honrados.

—Com tudo, fiquem todos de sobre-aviso, quando a realidade vier attestar a inculcada incorruptibilidade de certa gente que se arroga os foros de austera e justiceira.

—Capitão, eu quero lhe contar um facto que se deu no domingo em casa de uma senhora viuva, moradora ao Rosario de Itapagipe, porém tenho receio que V. Ex. não me queira ouvir.

—Si eu presto attenção a outras pessoas, quanto mais a V., dedicado e fiel agente de minha policia secreta n'aquella localidade.

—Muito obrigado, capitão.

—Pode contar o seu caso, que eu o apreciarei.

—O Sr. Jenipapeiro processou uma rapariga de nome Luiza, cujo motivo ignoro, e triumphou no processo. A rapariga vendo-se condemnada, occultou-se, afim de não ser agarrada e mettida na Correção.

Ora, essa rapariga entretem relações com D. Josepha Symphronia do Nascimento, senhora viuva e que tem sabido respeitar as cinzas de seu marido.

O Sr. Jenipapeiro, tendo d'isso conhecimento concebeu a idea de que a rapariga estava acoitada em casa d'essa senhora.

No domingo, elle acompanhado de dous officiaes de justiça, do ordenança do subdelegado e um guarda nacional, invadiram a casa da pobre viuva para correrem-na; remecheram em todos os cantos, até por dentro das arcas e bahús.

—Era algum *alfinete* que procuravam, provavelmente.

Mas o subdelegado, ou o inspector de quarteirão, assistiu este acto?

—Não; é ahi que está o escandalo!

Depois que deram a busca, foi que, vendo o erro em que haviam cahido, mandaram chamar então o subdelegado.

—Oh! terra das arbitrariedades!

VARIEDADES.

As mulheres feias.

(*Continuação dos ns. 726—727.*)

A mulher feia recorre pouco ás drogas e esculapios. A mulher bonita está ás voltas sempre com o xarope de fedegoso e com as pastilhas de *nafe d'Arabia*! Pode se dizer sem medo de errar, que a mulher bonita é o faniquito posto em acção!

O marido da mulher feia volta para casa á noite cantarolando, pinoteando, sorrindo, na certeza de que o chá o espera quente e as torradas bem feitas.

O marido da mulher bonita anda de vagar, espreitando tudo, tremulo, receioso e julgando ver a todo o momento uma sombra mysteriosa á porta da casa.

Todo o bilhete que encontra no chão todo fragmento de papel, apanha-o com cautella e vai a um canto lêl-o, decifral-o, advinhal-o, cuidando ter em suas mãos alguma prova de infidelidade conjugal.

Se encontra a mulher alegre:

—Quem esteve aqui hoje? pergunta franzindo a testa.

—O Izidro só!

—Izidro! Disseste Izidro? De que Izidro me fallas?

—Oh! homem, o criado do teu amigo Santos que veio trazer o livro que lhe emprestaste ante-hontem.

—Ah!

Desfranze-se-lhe a testa, beija a mulher e vai á meza do chá.

—Como está frio este chá, minha filha!

—Pois queria que estivesse ardendo como si sahisse do fogo n'este momento?

—Não, mas....

—Vamos, vamos tome seu cha e venha acompanhar-me a casa da Sinhá Oliveira que me está esperando desde as seis horas da tarde.

E lá vai o infeliz fatigado e aborrecido depois da chavena desenxabida cumprir as ordens da caprichosa, que já brada pela demora de alguns minutos.

O marido da mulher feia engole tranquil- [illegible] excellente chá da India, mastiga umas torradas e uns biscoutos deliciosos, torna a enfiar o paletot, e sahe á rua novamente sem dizer, mesmo á infeliz o que vai fazer, á que horas volta ou se dormirá fóra essa noute.

A mulher bonita possue o dom fatal de trazer o homem atrellado a seu carro victorioso como uma victima ou como um parvo. A feia prega azas nos pés dos mais valentes! Não ha quem suporte uma mulher feia por mais de oito minutos; é cousa de metter medo deveras; antes uma peça de artilheria fazendo fogo a valer!

Eva a primeira belleza do mundo foi a primeira peccadora tambem. Cornelia, a virtuosissima mãe dos Gracchos foi a cara mais tenebrosa do seu tempo. A mulher feia é inconquistavel como Malakoff. Porque?

Por defender-se muito? Qual!

Porque ninguem atreve-se a atacal-a!

A pezar porem de todos os perigos e tentações que a formosura provoca, a mulher bonita será sempre a colleccionadora de todos *fracs* e bigodes do globo. Quem resiste aos olhos formosos, humidos e cheios de venturas indisiveis?

Quem fecha os ouvidos a uma voz piedosa e meiga que desliza com um beijo por entre dous labios vermelhos e tremulos?

Isso é que é a ventura, isso é que é a felicidade, isso é que é a primavera e o amor!

Theophilo Gautier diz que o governo devêra fazer baixar um decreto ordenando que as mulheres bonitas apparecessem á janella uma vez por semana ao menos, *para que o povo não perdesse o gosto do bello.*

A mulher bonita é um dos mais interessantes espetaculos com que mimoseou-nos a Providencia. A mulher feia tem a virtude da rocha; a mulher bonita possue a virtude da formosura.

Em conclusão: a mulher feia é necessária, concordo; mas a mulher bonita? a mulher bonita é imprescindivel!

L. Guimarães Junior.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

O conselho administrativo declara aos seus associados que, em virtude de affluencia de trabalhos, deixa de commemorar o 38.º anniversario da fundação desta sociedade no dia 18 do corrente, como dispõe o art. 35 dos estatutos, ficando transferido para o dia 8 de janeiro de 1871. Bahia 11 de dezembro de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito*,

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª SABBADO 17 DE DEZEMBRO. Ns. 729—750.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 16 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando lhe que nos pedem para que seja despertada a attenção de S. S. para uma casa de jogo, conhecida pela indicação dos *Mata-porcos*, á Estrada das Boiadas, na qual casa se ajuntam alguns espertos para jogar com os matutos que ahi vão ter, a maioria dos quaes sendo leigos no officio, voltam para suas moradas com uma mão adiante e outra atraz, deixando nas mãos da tal *rodinha* o producto de todo negocio que fazem.

Espera-se que S. S. expeça as convenientes ordens á respeito.

—Não sou intolerante; mas não posso ver sem que fique indignado, um padre atirar-se aos lupanares, esquecendo-se assim de que é ministro de Deus!

—Apoiado!

—Os homens não se convertem com declamações; é preciso exemplos, razões, moderação.

«Facho collocado sobre o candieiro da egreja para luzir aos olhos de todos», é o padre quem mais pode e quem mais deve fazer em bem da sociedade.

—Adopto suas ideias.

—Declamações vagas não são razões, é mister luz, methodo e concisão para trabalhar na vinha do Senhor.

—V. hoje lembrou se dos padres?

—Porque na verdade contrista ver um padre esquecido de sua missão sagrada praticar actos improprios do caracter sacerdotal.

—Outros vão mais adiante; por suas obras desacreditam os principios e doutrinas estabelecidas pela egreja.

—Já agora citarei um exemplo á tal respeito:

Certo dia o accaso levou-me a um *hospital bellico*.

Não me lembra agora onde.

Eu contava ficar *afflicto* com as scenas de dores e afflicções proprias do logar, mas nunca suppuz que a impiedade estivesse asylada em tal recinto.

Havia um moribundo.

Estava á sua cabeceira um padre.

Mas de que forma?

O ministro sagrado que nessa hora solemne era o interprete entre Deus e aquelle espirito prestes a desprender-se do barro, reclinado em uma cadeira, ouvia o moribundo de confissão, fumando um charuto!...

—Que exemplo! que moralidade sacerdotal!

—O apostolo do evangelho, que tinha ido alli derramar o balsamo da fé e da contrição nas feridas d'alma, ouvia com indifferença as palavras daquelle homem mais para a morte do que para a vida!....

E o fumo de seu charuto subia em *zig-zag* por sobre o leito onde a morte pousava!

—Como calumniam elles a moral divina de Jesus Christo!

—Não pude continuar encarar aquelle quadro. Alguem que notou minha surpreza asseverou-me que o espectaculo era mil vezes repetido.

—Pois o Sr. Dr. chefe de policia não sabe, não tem noticia disso?

—O que é homem? Modere-se.

—Continúa a empreza do accio a cobrar um vintem diario de cada ganhadeira!

E' uma subtracção inqualificavel, um dolo, uma fraude que commette, porque o contracto não a authorisa para isso.

—Assim, é.

—E o que mais detestavel torna este procedimento, é que os agentes praticam violencias. Entornam com os pés as gamellas das quitandeiras que fazem duvida em pagar.

—A empreza pode fazer tudo impunemente; tem uma mão invisivel que a protege.

—Entre tantos impecilios com que lucta um vivente d'esta terra, ainda a policia, por meio de seus agentes, a crear mais tropeços!

—Isso é bom!

—Uma pessoa manda seu escravo á rua; é caso urgente, trata-se por exemplo, de chamar um medico para acudir a um enfermo, ir á botica com pressa, etc. O escravo sahe, e la se fica. Quando volta é tarde e á más horas.

Indagado o motivo da demora, esteve preso; e só depois que foi levado á casa do Sr. fulano dos anzóes, o qual annunciou ter um escravo fugido e que aquelle declarou não ser esse o seu escravo, é que o soltam!

—Nada mais irregular e atropellador.

—Pois é como fazem os agentes de policia. Andam á mira quando os jornaes annunciam escravos fugidos; com sentido na gratificação promettida, vão pegando a torto e direito todos aquelles que lhe parecem o escravo annunciado.

Embora o escravo declare quem é seu senhor, á que mandado vae, não é solto sem primeiro ser levado á presença do quem annunciou que tem um escravo fugido e que dá 50$ rs. a quem o levar.

—Que massada!

—Muitas vezes acontece serem presas pessoas livres; somente porque o agente de policia leu nos jornaes que desappareceu a escrava fulana, levando saia ou panno d'esta ou d'aquella côr, e como o traje de que usa a pessoa é parecido, venha Vm. p'ra cá e leve duas e tres horas retida.

—E' uma violencia inqualificavel! Deve se acabar com isso.

—Quem pode é o Sr. Dr. chefe de policia que não deve consentir tão excessiva arbitrariedade.

—A Estrada da Valla tão comprida, e todos os dias a maldita tribusana d'estes carros que conduzem carne, a atormentar os ouvidos da gente. no centro da cidade!

—Realmente incommodam, quando passam de enfieira.

—E os conductores!

Immundos e nauseabundos, com uma roupa que é sangue só!

Parece mais curial, com a decencia e civilisação, que esses homens com as roupas ensopadas de sangue transitassem com suas carroças pela Estrada.

—E os que forem para o Cabeça? para a cidade baixa?

—Onde não ha el-rei o perde; com a differença de que remedeava-se o mal em parte.

—Como é que este soldado de policia foi prender e ficou preso?

—Si fizesse como o cachorro que antes de engolir o osso toma medida, não lhe acontecia tal.

—Pelo menos além de retido e desarmado não era alvo de chufas e dicterios.

—Si o vendelhão quebrou a cabeça de um homem, parece-me que o soldado cumpria sua obrigação dando-lhe voz de preso e guarnecendo a sahida; mas quiz exceder se, saltou o balcão e o resultado é ficar prisioneiro e desarmado.

—Está o que é ir buscar lan e sahir tosqueado!

—Que pitada! Não e lá das mais agradaveis de sorver um agente da força publica!

Vêr-se obrigado á estar a disposição de um taberneiro.

—O que vale é ser á noite e aqui na Estrada Nova, no fundo da rua das Flores.

—Com tudo; amanhan quinta-feira o caso está espalhado.

—Raro é o dia em que não apparece uma queixa contra o destacamento de policia no Caes Dourado.

—Está que no dia 11 espancaram muito a um portuguez, maritimo, de nome Augusto.

—Ha sempre d'esses abusos.

—Disseram que o motivo foi o mais futil do mundo; porque o homem passou fumando ao pé de um e succedeu encostar o charuto levemente na farda.

—D'esta maneira não serve; estão alli aquelles agentes da ordem feito o germen da desordem.

—Hontem (15) á tarde vinha em um dos *bonds* dos Trilhos Urbanos um dos caixeiros do armazem por baixo do hotel Figueiredo.

Ao sahir da rua de Baixo, o caixeiro pediu ao caixeiro do *bond* para deixal-o saltar; mas este não querendo mandar parar elle entendeu que devia saltar e levou uma formidavel queda, resultando ficar com dous grandes golpes sobre a côxa.

—Uma mãe está privada de ver seus filhos?

—A' não ser por grave attentado contra a lei natural, não.

—Pois eu sei de uma que deu com os ossos na cadeia.

—Por procurar seus filhos!

—Sim.

—Creio por V. dizer.

—A mulher tem duas filhas em uma casa ao Porto do Mau-fim; constando-lhe que na casa faziam d'ellas basculho; que serviam de escravas de mandados e andavam na rua esfarrapadas e espancadas; foi ver com os seus

olhos si o que lhe diziam era verdade, para tomar suas filhas.

O dono da casa negou-lhe esse direito; isto é, não consentiu que visse as meninas e em cima mandou por seu filho, inspector, prender a mulher!

—Foi presa por ter razão; está direito!

—E sem ter a quem se queixar da injustiça, á não ser aos *seixos* da praia.

—O *carangueijo* da companhia de Vehiculos já está trabalhando.

—Não disseram que elle tinha arrebentado o *casco*?

—E' verdade; houve uma explosão; mas já o *encascaram* de novo.

—Deus queira que não tenhamos alguma desgraça a lamentar; aquelle vapor é muito susceptivel de explosões.

—Vá deitar sua bocca na maré!

—Eu por sim ou por não, não quero embarcar-me mais n'elle.

—Ora vá catar pulgas, senhor propheta de borra.

—Borra V. ha de ver mais logo.

—Muita gente tem cahido em um enorme buraco que existe aberto na rua de S. Raymundo.

—Quando quem tem vista cahe, quanto mais quem não tiver.

—Os Srs. camaristas andam tão preoccupados com os arrufos caseiros!

Do contrario seria bom pedir-lhes que mandassem tapar um precipicio do qual Ss. Ss. mesmos não estão isemptos, n'um momento de descuido.

—Levar pancada e ser preso é o diabo!

—Ainda que fossem o aggressor e o aggredido, passaremos.

—Quem mais grita dizem que tem mais rasão.

—Mas essa altercação na loja de cambios do Thomaz da Costa Passos ja não tinha terminado?

—Já o homem havia se retirado.

—Porque voltou então?

—Dizem que o mandaram chamar de novo, á algum pretexto, e quando chegou esmurram-lhe o beque com força e vontade.

—E vae preso de cara quebrada.

—Como o Sr. está vendo.

—Ora, isto praticado assim hoje quarta-feira, podem dar o nome que quizerem menos o de rectidão.

—Capitão, se me quer ouvir, contarei a historia de um padre.

—Por que não?

—E' um padre que tem planos horriveis, os quaes esforça-se por levar sempre á execução. Mas, quando no seu caminhar para o escandalo, no seu passo avançado para o crime e para a immoralidade, depara um obstaculo, que não pode de momento vencer, pensaes acaso que elle foge da luta?... Não, elle corre á igreja e lá no tabernaculo do Altissimo, alguma vez na tribuna sagrada, e outras no confissionario, converte em poste, onde affixa as mais torpes injurias em face das familias.

E desse modo o homem encarregado de pregar a fé, de ensinar a religião de Christo e de explicar a palavra do evangelho, é o primeiro a matar a fé, a desalentar a crença e anniquilar o espirito religioso! O orgão da charidade, da resignação, e da piedade, convertido em echo do odio, da paixão e do rancor!

Entre os diversos factos de sua vida escabrosa, trarei apenas dous, os quaes reputo da maior gravidade.

G..., moça solteira e reconhecidamente honesta, ajoelha-se no confissionario.... elle é o seu confessor. Antes de tudo pergunta-lhe—onde mora, como se chama e quem são seus paes?—

G....., que em sua innocencia não sabia medir o alcance medonho de taes perguntas. responde a tudo, e diz ingenuamente—*que ja não tem pae, que apenas resta-lhe sua mãe, uma pobre velha que todos os dias trabalha para viver com ella honradamente*. Esta declaração desperta no sacerdote todos os instinctos da perversidade. O monstro comprehendeu que sua empreza era facil.... Não hesitou; deixa cahir a mascara horrenda da hypocrisia, mostra-se tal qual é, e pergunta a essa pobre virgem, quasi que só no mundo, *si lhe concede uma entrevista á noite!*

G.... estremece de horror e não tem animo de articular uma so palavra, ergue-se do confissionario, triste e abatida e retira-se em silencio.

O que significava aquelle silencio? Era a luta do pudor contra os ataques brutaes da incontinencia, da immoralidade personificada n'aquelle monstro!

Era um protesto solemne erguido em nome da innocencia contra tanta perversidade, envolta nas dobras do vestido do sacerdote!

Era uma supplica humilde, mas fervente, que vinha subir bem alto, esperando que dessa altura baixasse o remedio.

Mas o silencio passou com o silencio, ninguem o intendeu; a supplica passou desapercebida, ninguem a ouviu!....

—Verificado qualquer escandalo, certa a immoralidade, devem ser batidos de frente quaesquer que sejam as roupagens que os cubram. Esse padre que assim pratica é indigno e abjecto.

—Mas isso não é crear a indiferença, não é para fazer descrer d'aquelles que devem edificar com seus exemplos?

(*Continúa.*)

—Que papel é esse?

—Mandaram-lhe entregar.

—Veja o que diz.

—E' a resenha de um acontecimento em Brotas.

—Ah!

—Trata de um preto de nome Thomaz a quem espancaram e fizeram uma grande brecha na cabeça, o qual querendo ir queixar-se ao chefe de policia, não consentiram.

—Pois estamos nesse tempo?

—Eu não sei. O preto esteve guardado; á noite obrigaram-no á mudar de roupa, pois a que tinha no corpo estava ensanguentada, e o enviaram para a prisão. E' o que está aqui escripto.

—Parece um caso incrivel!

—Assim como diz tambem que foi um perú a causa de tudo.

O preto declarou que tinha comprado o perú na cidade; mas o inspector João Cancio e mais um tal Cosme affirmaram que era furtado.

—Pureza de consciencia. Restituiram ao dono, sem duvida.

—O preto achou duro que seu bichinho passasse a outras mãos e reclamou, por isso o esbordoaram.

—Capitão! Capitão!

—O que determina, meu amigo?

—Quero que V. Ex. por quem é me dê alguma cousa, pelo amor de Deus, com que possa matar a fome de minha familia.

—Oh! pois o senhor tão moço e ja se dedicando a pedir esmola! Vá trabalhar vadio!

—Capitão, V. Ex. é por demais deshumano!

Eu nunca recusei o trabalho e gosto de trabalhar; mas de que serve trabalhar quando o meu suor de semanas inteiras é para pagar mulctas!

—Pagar mulctas?

Eu não o comprehendo.

—Pois eu explico a V. Ex.

—Eu ancioso já por ouvil-o, porque pode ser que descubra algum remedio para allivial-lhe a dôr.

—Sabe V. Ex. que n'esta terra é custoso se achar um emprego; mas eu tendo perdido minha mãe e depois meu pae, e me vendo com duas irmans para sustentar, achando-me sem meios para isso, porque quando morreu meu pae eu era aprendiz de machinista e nada ganhava; não querendo pedir esmola para não soffrer que si me dissesse, o que disse-me V.Ex.—*vá trabalhar vadio*, procurei um meio de ganhar o pão para mim e minhas innocentes irmans.

Luctei muito! luctei com muitas difficuldades, apezar de que não escolhia trabalho; tudo me servia!

—Louvo-lhe o sentimento.

O homem que quer ganhar o pão com honra e dignidade, assim pratica.

—Por fim depois de muito luctar, obtive por intermedio de um moço que se condoeu de minha sorte, um logar de limpador de *bonds* na companhia de Vehiculos.

Ora, o logar pouco me rendia, em relação ao trabalho.

Era obrigado a responder um ponto forçado ás 5 horas da manhan e a trabalhar, quando assim entendiam os gerentes da companhia, até as tantas da noite, pela diaria de mil reis!

—Oh! oh! oh!....

—Como a necessidade tem cara de herege, me sujeitei a tudo isso, e só Deus o sabe com que martyrio, porque occasiões haviam em que eu ia almoçar ás 10 horas da noite.

O meu trabalho não se limitava somente em limpar os *bonds*, não, tambem ia carregar madeira, barro, pedra, etc, etc.

Já vê V. Ex. que eu não sou d'esses homens que recusam o trabalho e portanto não sou um vadio, segundo V. Ex. tractou me.

—E' verdade, eu fui injusto para com V.; mas prosiga que me vai agradando sua historia.

—Davam-me os *bonds* para limpar e eu limpava-os.

Depois, vinha o ajudante do administrador examinar, e se encontrava, supponha-se, um latão com uma pequena enbaçadella, deitava-me o dia abaixo. Mas eu que precisava de trabalhar, supportava calado, e no outro dia ia tomar fiado para minhas despezas, afim de não roer beira de penico!

No dia immediato procurava elle um outro motivo e me pespegava outra mulcta, assim como nos outros meus companheiros de trabalho.

E como não ser assim, si o ordenado que elle ganha é das mulctas que faz?

Ora, isto sempre, todos os dias, todas as horas, eu desesperado retirei-me, porque nos sabbados vinha sem um vintem para remediar minha familia.

—Não ha um regulamento á que o trabalhador está sujeito, que determine as muletas á que estão obrigados, no caso de faltas de cumprimento de deveres?

—Não somos obrigado a regulamento algum, o é ahi o maior escandalo da companhia!

Pedro porque deixou ficar dentro de um *bonds* um grão de milho, é muletado, supponha, em 1$; Paulo por egual falta, é muletado em 500 rs.; João tendo commettido a falta de deixar uma embaçadella em um latão, deita se-lhe a semana inteira abaixo!

—Oh! isto clama os ceus! Chama-se arrancar o suor á quem trabalha!

—Aqui estão os—*Apontamentos historicos sobre a abolição da escravatura no Brazil.*

E' um trabalho digno de ser lido, producção da illustrada intelligencia do Sr. padre Dr. Romualdo Maria de Seixas Barroso.

—Agradeça a lembrança que teve o distincto sacerdote de distinguir-nos com a offerta de um exemplar.

—A decadencia moral infiltra se nos poros deste corpo social!

Ha uma queda irresistivel para o mal, uma vertigem contagiosa para a perversão.

Todos os dias ha a registrar um facto criminoso no centro da população!

Um dia destes foi um assassinato no becco do Grelo, hontem (15) uma facada no becco do Escorrega!

—Esses beccos!....

—Por cerca de dez horas, André, escravo, cujo senhorio é para as bandas de Santo Antonio além do Carmo, deu uma facada em uma perna de Olegario Leoni das Virgens, por ciumes de uma tal Libania e poz-se em fuga.

—Pesa grave responsabilidade sobre essos senhores que consentem seus escravos vagando alta noite.

—O ferido foi curado no hospital. O subdelegado da Sé é credor de louvores pela maneira por que procedeu.

—Como está enfesado aquelle homem!

—E' o Guabiraba, official de justiça.

—Soffreria algum desacato?

—Elle é quem pode dizer.

—Pois vá indagar que eu fico aqui.

.....

—Diz elle que indo áquella casa fazer uma intimação, bateu e appareceu uma senhora a quem perguntou:

«O Sr. E... está em casa, minha senhora?

«Não; queria alguma cousa?

«Ha tres dias que o procuro na cidade baixa e não me é possivel encontral-o.

«Quem é o senhor?

«Sou um official de justiça; venho intimal o.»

Acabando de pronunciar estas palavras, ouviu rebolico lá por dentro; era o tal individuo que embrulhado em uma coberta aproximou-se e agarrou a pobre moça pela garganta, querendo suffocal-a, si Guabiraba não brada.

—Faça pausa ahi. Antes que digam que estamos tratando de vidas privadas.

— Isso é acção que não se pratica, capitão. E' um procedimento feio, abominavel.

Vida privada, diz V. Ex.? Pois uma lamuria desta que todos estão ouvindo na rua da Independencia é vida privada?

O caso é que si não são os gritos do official de justiça, elle era capaz de suffocar a moça.

—Ouça. Vamos adiante em busca de cousas que interessem mais.

—Esta terra parece que caminha para completa dissolução de costumes!

Não ha respeito, não ha moralidade!

As badernas á noite commettem tudo que é de mais abjecto e reprovavel: roubos, attentados, algazarras, motins!...

E até aquillo que é de utilidade publica não se poupa!

Não ha policia que contenha taes desmandos!

Se dá mostras de si alguma vez é acompanhada de um cortejo de violencias e arbitrariedades. E' apenas quando se trata de satisfazer um capricho, exercer uma vingança.

—V. hoje veio forte.

—Estou massado desde hontem (15) á noite.

—O motivo?

—Por ver a sem vergonha com que andava um individuo a atirar pedras nos lampeões de gaz livremente.

O desastrado parece que contava com a surdez da policia para sua malignidade.

Um lampeão assentado na parede da Se ficou esmigalhado.

Tempo que gastam as senhoras na visita de suas amigas.

Aprompta se uma familia para ir visitar outra familia; escolhe-se o padecente que ha de ir na sua companhia feito guarda-damas, que não ha certamente martyrio maior para um homem, do que ter que fazer estas sahidas nocturnas. Falla-se na ida desde o jantar, lavam-se, enxugam-se, engomam-se os trastinhos que hão de figurar na tafularia. Uma toma a passagem ao chale, que lhe veio estrompado d'um emprestimo, outra muda a

guarnição do vestido, outra faz tratos ao chapelinho que o põe uma miseria, para vir a ser alguma cousa, a criada lavou a louça, varreu e esfregou mais cedo que nos outros dias, porque ha de acompanhar o ranchinho, e cada uma lidando no que tem á seu cargo, voou a tarde, e ainda ficou muita cousa por fazer. Dão as Trindades, appareceu o Monsieur, que ha de ser o infeliz companheiro de todo o rancho, porem ainda tudo está muito atrazado; volta para aqui, volta para alli, uma procura o que não acha, outra não acha o que poz n'aquelle logar; as filhas vão compor a mãe, e depois, de noite, e noite bem fechada, é que o rancho se põe em ordem, e vae á vela tomamdo a rua toda. Ouve-se por todo o caminho:

—*Meu Melindre,* dê cá o braço.

—*Minha desinquietação,* dê me o braço a mim.

—*Meu tudo,* dê o braço a minha mãe.

—*Meu nó cego,* dê o braço a mana Joanna.

—*Meu feitiço,* antes leve a Thereza que vae tropega. Ai! que lá cahiu a tia.

—Não gritem, vão de vagar, responde a mãe dorida dos callos.

E certamente não é tão grande no ar o motim das gralhas, como é o labyrintho que fazem estas corujas; ninguem sabe como nestes lances póde um homem sem ser Briareo repartir os unicos dous braços que tem para tanta parte; ora chegou-se com effeito a casa das amigas, bate-se a porta, chegam outras á janella, ouve-se dentro:

—Violante, traze luzes.

—Vicencia, abre a porta.

Entra o rancho pela sala, e vem o mundo abaixo com o motim que faz a trovoada dos beijos; uma, pergunta pela saude, outra, pela molestia; uma quer saber logo alli em pé lá uma historia que lhe succedeu a semana passada, a outra d'acolá mesmo em pé quer depor a razão porque está mal com esta, e com aquella; e é tal a papagueadura antes de se sentarem, que o miseravel homem que a tudo preside, ja remette para o desconto de seus peccados aquella grande penitencia. Depois de uma hora passada, que tanto se gasta nos taes cumprimentos, é que olharam para elle dizendo-lhe—O senhor póde se sentar, e estar á sua vontade; mas elle pela boca pequena diz lá comsigo, que as leve a fortuna mais a politica que teem.

As que vão de fóra já põe de cautela as de casa, que se não podem demorar sinão até ás nove horas, porque a mãe tem muito medo de andar de noite; conta d'alli outra, que o outro dia quando foram a casa de D. Felismina, que fazia um escuro muito grande, e que a tia botara a correr adiante do rancho com medo de um vulto que estava ao virár da esquina, de sorte que o mano Antonio, que anda na aula, cuidando que a tinham insultado poxou do ponhal, e foi direito ao vulto, e achou-se com um burro de aguadeiro com cangalhas e barris, que estava prezo a uma porta; movem-se outras questões, vem o chá a dar uma lavagem aos buchos vasios, porque já alli tem vomitado tudo quanto traziam, com as murmurações, escolha de modas, ciumes de amisades, e com os segredinhos (apartes, que nós não comprehendemos sinão tambem aqui se poriam); mais uma historia, mais outra historia, eis que a mãe dá estas vozes—Meninas ponham-se em pé que são horas—parece que deve entrar alma nova no acompanhador do ranchinho, mas não succede assim; fervem os beijos em caixão, os abraços não tem conta, uma torna atraz para dizer um peccado velho; a outra tem mais uma reconciliação com o seu bem querer; a outra quer ver o molde do cabeção de certo vestido, outra vem lhe mostar o bordado que fizera em uma saia; a outra quer já saber em que loja se vendem aquellas lans, esta quer ajustar o dia em que se hão de tornar a ver; aquella inda tem de ir lá dentro beijar o Manuelinho que está no berço; e o pobre padecente em pé, de chapeu na mão dando ao diabo a visita; finalmente prepararam-se para visita toda a tarde, sahiram ás seis, chegaram a casa das amigas ás sete, levantaram-se para se despedirem ás nove, desceram pela escada ás onze; e ainda pelo caminho algumas disseram mal a sua vida por lhes ter esquecido certas cousinhas, que inda lá tinham que dizer.

A PEDIDO

O facto dado no dia 6, á rua da Poeira, e que foi publicado no dia 13 de dezembro, se acha alterado. O caso se deu entre crianças da visinhaça que tem por costume as tardes se reunirem para passar tempo innocente proprio da juventude.

No dia 6 estavam tres meninos e mais dous irmãos da filha do italiano. Jogavam então *traques* e a menina com medo correu e fechou-se; os meninos então quizeram abrir a porta e foi isto sem duvida que fez alguma pessoa suppor que uma outra scena alli se dava, quando não passava de simples e innocente entretenimento.

Previne-se a um sujeitinho, que ha pouco tempo fez uma *quebradura* na villa de Sergipe, que não se faça de tolo, nem queira impostu-

rar á vista de quem bem o conhece. Seja mais bem procedido quando entrar em casa de familia; não se tenha em conta de azeteiro, porque do contrario terá de soffrer em S. *Francisco*, um castigo com que se usa castigar aos azeiteiros na villa do *Ramiro*.

Hontem era mercador matriculado, hoje é caxeiro de mangas arregaçadas!

Olhe, que o tempo de vender-se par de luvas e chapeus de castor já la se foi. Portanto não seja tolo, nem bocorio; pardo desfarçado, branco da capella.

Sr. amigo, passe bonito e emende-se.

Attenção.

Na noite de quarta-feira, por volta de 8 horas, appareceu na taverna do portuguez Cosme Ribeiro da Cunha, a rua das Flores o individuo Manuel Eleuterio de Jesus, mostrando-se resentido e queixando-se de que o dito portuguez tivesse propalado de que elle lhe era devedor.

Tendo o portuguez lhe asseverado que a ninguem communicara semelhante causa, si bem que lhe parecesse pela demora, que elle se esquecera da divida.

Eleuterio não acceitou a desculpa, e levantando o braço deu uma bofetada no portuguez, a qual foi correspondida por outra.

Sahiu o individuo e pouco depois appareceu a patrulha, a qual dando voz de preso ao portuguez injuriou-o acremente, com palavras offensivas.

Não se oppondo a prisão, pediu alguns instantes em quanto mudava de traje.

Os soldados porem não quizeram attender e um d'elles de nome Manuel Antonio da Cruz levou a imprudencia á invadir a venda, saltando o balcão, o que deu em resultado, depois de alguma lucta, ser desarmado.

Durante uma hora durou este conflicto havendo ja agglomeradas para mais de tresentas pessoas sem que apparecesse uma so autho ridade.

Afinal compareceu um inspector de quarteirão que conduziu o soldado e o taverneiro á presença do subdelegado onde foram ambos soltos.

O desatino e irregular procedimento dos agentes da força publica vão causando de dia em dia casos serios e desagradaveis e dando origem a disturbios que podem alguma vez ter consequencias tristes.

«—Negros..... mulatos de m....»

—Quaes os negros e mulatos de m.... que aquelle sujeito que alli vae descendo a ladeira da Conceição tanto descompõe?

—E' uma descompostura que elle está passando nos homens do *Alabama*.

—Quem é elle?

—E' um safado cigano, ladrão de cavallo; um miseravel *mouriano*, que não gosta de cheirar *rosa*, por causa dos espinhos; um cynico a quem o *Xico* odeia mortalmente, por ter tido a audacia de metter o chicote do cavallo em uma rapariga livre, e chegou o seu arrojo ao ponto de dizer que era uma negra bebada, quando ella é até uma mulher casada.

—Vou contar ao capitão para mandar o muxingueiro metter-lhe a lingua dentro da cloaca do navio.

—E' asneira; não ha mais nada que faça o pudor chegar ás faces d'aquelle safado!

—E' cigano, basta.

Cigano não tem direito,
Cigano não tem nação,
Cigano vive furtando,
Cigano morre ladrão.

A guarda nacional.

Neste tempo de reformas,
Em que as cousas correm mal,
Que não fique no tinteiro
Nossa guarda nacional.

Porque, dizendo a verdade,
A tal cousa, meus amigos,
Parece na nossa terra
Uma sucia de mendigos.

Da roça qualquer matuto,
Que não tem renda legal,
E' logo qualificado
Como guarda nacional.

Chega o dia da revista
Em que tem de se fardar,
Vê-se o homem em apuros
Sem sapatos p'ra calçar.

E tambem si os não consegue
N'um chinello mette o pé,
Indo ás vezes com chapeu
Pela falta do bonet.

Mas si lá não comparece
Delle nunca se tem dó;
E por isso sem remedio
Vae parar no chilindró.

Deixa a roça abandonada,
Perde todo seu feijão,
Fica o pobre sem recurso
E a familia sem pão.

Si o patricio não tem meios
Com que possa se fardar,
A lei por certo não manda
Que o façam qualificar.

E d'aqui começa o mal
D'uma boa instituição,
Que assim torta como vae
E' vergonha p'ra nação.

—Aprende o barbeiro novo nas barbas do tolo.

A companhia de Vehiculos entende que deve amansar seus burros á custa do paciente publico.

Na sexta feira encaraptaram o diabo de um burro brabo a um carro em que estavam embarcadas de passagem muitas senhoras.

Dizia um dos directores que era para amansal-o e acostumal-o!

O carro largou do Bomfim ás 11 horas, chegou á cidade muito depois de uma.

O burro fez proezas na viagem!

Atirou uma creança ao chão e pizou-a!

Muitos passageiros que haviam tomada passagem até o caminho, foram obrigados a vir até a cidade por que o conductor não quiz parar nos pontos, dizendo que o burro não consentia.

O indomavel animal vinha atado a um comprido cabresto, puchado por um batedor e dous individuos de aguilhada o afferroavam, o que o fazia penotear, e sahir fora do trilho sobresaltando a quem vinha no carro.

—A companhia quando tiver seus burros brabos, que amanse de outra sorte.

Pede-se ao Sr. Dr. chefe de policia providencia sobre uma casa de jogo na rua do Gravatá, no segundo becco, onde ha vaccas, na qual são victimas da tal brincadeira muitos filhos-familia. ¡Espera-se ser attendido.

VARIEDADES.

Um individuo indo confessar-se, o seu confessor deo-lhe por penitencia que rezasse dous credos.

— Não posso, dice o penitente.

— Porque ?

— Porque sei só um.

ANNUNCIOS.

A meza actual da Devoção da SS. Virgem Immaculada da Conceição, que se venera na rua do Bangala, faz sciente aos carissimos irmãos e devotos que a missa da mesma Virgem será celebrada domingo 18 do corrente ás 9 horas, na matriz de Sant'Anna. A mesma meza espera que os seus carissimos irmãos e devotos, queiram comparecer á hora acima marcada, para maior brilhantismo do acto; assim como tambem partecipa que haverá na vespera illuminação, e no domingo fogo de planta.

No hotel Oito de Outubro, ao Caes Dourado n. 91, continúa-se a receber assignantes para fornecimento de comida por mez, e por modico preço. Ratificamos que não acceitamos de qualquer negociante da praça quantia adiantada.

Todos os sabbados haverá mocotó gratis, e feijoada nas quinta feiras de meio dia ás 4 horas.

O preço da collecção do vispora é a 200 rs.

Concorram todos ao nosso estabelecimento, que serão tratados com a urbanidade do costume.—*Macedo* & C.

Attenção.

Roga-se ao Sr. M. da C. Esp....., o favor de ir ao Taboão, loja n. 4, levar as fazendas que, em 20 de setembro de 1869, levou, em confiança, para amostra, ou o seu importe; isto no prazo de oito dias, findo os quaes verá seu nome por extenso estampado neste periodico. para se tornar mais conhecido!...

Bahia 13 de dezembro de 1870.

O abaixo assignado declara que essa pessoa que diz ser o abaixo assignado detractor do Sr. Manuel José Pereira da Cunha, não é capaz de se apresentar respondendo por este jornal, afim de provar, sob pena de ser um infame calumniador; pois o abaixo assignado tem educação e não paga favor com ingratidão.

Bahia 14 de dezembro de 1870.—*Lívio Manuel dos Santos Vital.*

Escravo fugido.

Fugiu do abaixo assignado no dia 13 de abril do corrente anno, o seu escravo de nome Luiz, côr cabra, idade vinte cinco annos, officio carreiro, tendo os signaes seguintes:—cabeça redonda, cabello carapinhado, testudo e tem na testa, junto a entrada, um signal de golpe, nariz chato, barba por baixo do queixo, nunca teve bigode; tem no peito um calombo cabelludo não muito fechado, altura regular, corpo cheio, pernas arqueadas, pés grandes, pouco falla e com má pronuncia. Quem o aprehender e leval-o na fazenda Pinguella, na freguezia de Nossa Senhora dos Campinhos, terá 70$000 rs. de gratificação.

Felisberto Mendes de Moura.

Vende-se.

Um habito da ordem 3ª. de S. Domingos já uzado; quem pretender dirija-se á loja contigua a bibliotheca publica.

Aluga-se uma pessoa forra ou captiva, que entenda de serviço de lavoura, (prefere se captiva) á tratar na rua Direita de Santo Antonio Além do Carmo, n. 35.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 74.ª QUARTA-FEIRA 21 DE DEZEMBRO. N. 731.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Hoje começa a serie 74 do *Alabama*.

Os senhores assignantes que se acham atrazados queiram ter a bondade de solverem os seus debitos, lembrando-se de que é tempo de festa e cada um precisa comprar seus cajús.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 20 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, para que faça conter nos justos limites da decencia e moralidade um grupo de sujeitos que se ajuntam no largo da Piedade, á porta da propriedade da viuva Lopes, e ahi encafifam quem passa com chocarrices e zombarias, improprias de pessoas de pouca educação. Além disso fazem do passeio um lago de mijo para quando passam as senhoras emporcalharem os vestidos e disso terem elles do que rir E' de esperar que S. S. os faça admoestar para que não continuem tão irregularmente.

—Percorre essas ruas, um preto, cego, que pode ter seus 70 annos; traz o corpo ja vergado.

Uma mulher egualmente preta, de cerca de 20 a 25 annos, é seu guia.

Esmola á charidade publica.

Em um dia da semana finda entrou em certa loja á cidade baixa e pediu que o favorecessem pelo amor de Deus.

Ao receber a esmola, alguem chasqueando, disse-lhe que elle tendo por guia uma mulher moça, era sem duvida sua concubina.

A rapariga porem respondeu que era seu parceiro.

Esta resposta causou admiração.

Perguntando-se de quem eram escravos, responderam que do Sr. Pedroso.

—Do Sr. Pedroso!!!....

—Todos ficaram pasmos e de bocca aberta.

—Homem, isso não passa de um ardil dos taes esmolleres, para moverem a compaixão publica.

O Sr. Pedroso é incapaz de especulação tão pouco airosa.

—Espere que eu la vou ter. E' preciso chamar a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para o facto. Si esses dous pretos são escravos, devem ser entregues a seu senhor o qual não deve consentir na continuação de tal meio de vida, e si não são, devem ser punidos para não andarem abusando e desacreditando o nome de um capitalista honrado, da ordem do Sr. Pedroso, que não está no caso de mandar seus escravos pedir esmolas.

—Estes vultos que embarafustam por aqui a dentro toda noite, irão fazer penitencia?

—Vão visitar o zelador.

—Valha-me *Nossa Senhora das Barrocas*!

O homem não se farta de fazer do corredor da egreja um museu de creação de gallinhas. A' noite ainda admitte animaes de especie mais perigosa.

—Dar pousada aos peregrinos é obra de mizericordia.

—Mas essas peregrinas, filhas de Jerusalem, são de um contagio tal, que impestam o logar aonde pouzam.

—O *Diario* teceu um elogio ao commandante do 14.º em uma das semanas anteriores.

—Tem feito mais de um.

—Porque no dia dos annos do imperador deu vinho, queijo e doce aos soldados como prova de affecto que consagra a seus subordinados.

E por isso foi chrismado de generoso, humano e philantropico.

—E V. nega?

—Nem por pensamento.

—Pensei.

—Mas eu gosto de ver esses rasgos feitos por outra forma, porque comida de um dia não é que engorda ninguem.

O dia dos annos do imperador foi um dia

grande, e é claro que aquelle feito devia dar na vista, e tanto deu que o *Diario* publicou, si é que não lhe mandaram.

Mas veja agora o contraste.

Com estes dias chuvosos, sahe do forte de S. Pedro um forçado levando ás costas um sacco encardido cheio de pão, e vae debaixo de todo aguaceiro até á Correcção, cidade baixa, etc.

Ora diga me de que serviu comer doce no dia 2 de dezembro, para agora estar comendo pão delido em agoa de chuva com café frio, homens que tem de passar uma noite sujeitos ao frio e a chuva?

—E' o caso da Maria borralheira.

– Que beneficio faz metter no estomago um emplastro tão repugnante?

A hygiene authorisará um tal meio de alimentação?

Pois olhe, eu achava mais humano que o pão que mandam aos homens nas guardas fosse acondicionado em uma vasilha mais aceiada e que a chuva não ensopasse.

—No Portão da Misericordia ha um grande buraco proveniente do cano que arrebentou.

—Já aborrece fallar nisso.

—E' que todos os dias ha ali um successo. Um dia destes, um menino, discipulo do sapateiro Felippe, descia apressado, foi com as pernas no tal sorvedouro, cahiu e quebrou os beiços.

—Não podia ser peior?

—E para evitar caso mais grave é preciso bradar até ver si alguem desperta.

—Dizem que os encommodados são quem se mudam, mais eu penso de vice-versa. Entendo que quem encommoda aos outros deve ser obrigado a cohibir-se.

—Assim é que é direito.

—N'este caso está o dono de uma casa de vispora ao becco do Viva-Jesus, o qual, estabelecendo o seu *commercio* em um sobrado, encommoda duplamente a visinhança. Além dos motins e turbulencias vozerias e algazarras que se suscitam na pratica do tal divertimento, ha de mais, constante matinada de arrastamento de cadeiras, bancos virados, o que em altas horas da noite é um pinhão.

—Mas não paga direitos?

—O que eu não sei é com que direito se permitte a semelhante casta de gente encommodar ao publico.

Ainda as outras casas se apadrinham com a escapotoria de botequim, café, etc., mas ahi nada disso ha; salvo algum joguinho de cartas lá pelas tantas da noite.

—O que quer? não permittem em cada canto da cidade um d'esses germens de corrupção, com tanto que pague 50$ rs?

—No sabbado foi furibundamente espancado no Caes Dourado o velho portuguez José Maria.

Em consequencia das contusões que recebeu foi recolhido ao hospital da Misericordia, mas não consta que o aggressor fosse preso, apezar do facto passar-se a dous passos do destacamento.

—São provas mais que superabundantes do invejavel estado de segurança individual que gozamos.

—No sabbado, seriam nove horas e meia da noite, em uma das portas da egreja de S. Domingos commettia-se uma inversão aos preceitos da natureza, uma profanação a santidade do logar e um insulto a decencia e honestidade publica.

—Quanta cousa!

—O autor de procedimento tão torpe é execravel era um guarda de policia.

Foi cousa que muita gente viu.

—Quinta-feira ha no theatro de S. João, um bello e variado divertimento.

—Cousas e lousas, não?

—E' em beneficio do sympathico artista Eduardo de Abreu Contreiras.

—Estou sciente, V. como se interessa por elle recommende o a protecção do publico, afim de que sendo bem acolhido, possa o rapaz ter com que passe com sua familia uma festa descansada e possa nutrir seu genio jovial.

—Capitão,

O dinheiro por si só sôa mais alto
Do que a propria razão do innocente.

—O que vem a dizer isso?

—Estou dizendo que o dinheiro é o mais poderoso e efficaz agente para dissolver qualquer difficuldade.

Grandes e pequenos se submettem a sua influencia, e sua razão é a mais convencivel de todas.

O dinheiro faz crer naquillo que se descrê: faz mudar de opinião com uma rapidez espantosa.

—E' um demonio tentador; mas no meio da torrente corruptora ha muitas almas fortes que resistem a enxurrada; é preciso fazer justiça.

—Ora veja V. Ex. como vae isso.

Na noite de 7 de dezembro houve travada na venda de um tal José Argolinhas, ao Caes Dourado.

Antonio Rabada, quigilou-se com Manuel Theodosio e moqueou-lhe o costado com toda viração; quebrou-lhe a cara, atirou-o sobre as pedras e fez-lhe do corpo tapete. Acudiu a força publica e como era de prever, Antonio Rabada foi preso.

Mas, capitão, o poderoso influxo de seis mil réis foi bastante para fazer convencer que tudo quanto praticou Antonio Rabada, não passava de factos communs e innocentes na ordem da vida, e por isso o mandaram em santa paz.

—E V. traz isso como grande novidade! Censura o pequeno desvio commettido por um ente obscuro e não vê os ladrões de alta escala roubando escandalosamente!

Vê a pequena fistula que borbulha e não encherga as chagas gangrenosas que corroem o corpo desta sociedade polluta!

Aquillo que o agente de policia praticou, não passou de uma *gorgêta,* ao passo que os ladrões audazes estão ahi a engolpharem-se nos cofres publicos, a locupletarem-se com o minguado recurso do orphão e da viuva, a arrancarem o sangue do povo.

– Está bom, capitão; V. Ex. está hoje para moralisar, retiro-me; mas vou certo que aquillo foi um abuso.

—Que graça estupida!

—E' todas as noites esta pesada pilheria.

Reunem-se aqui na rua da Madragôa uma sucia de capadocios, e quando passam os *bonds* atiram punhados d'areia para dentro.

—Mas que quer si não ha policia na freguezia da Penha, para conter a estes insolentes?

—Ferias dadas, escola acabada!....

Hontem deu-se ferias na materia *civigiologica forense,* conservando-se somente aberta a aula da materia *criminologica,* para a qual não ha ferias.

—Vae a humanidade descançar por esses quarenta dias!

—Que diabo de alarma é aquelle alli na rua dos Caldereiros, na casa de pasto do Silvestre?

—Ha de ser, talvez, consequencias do jogo do vispora!

—Engana-se!

Atraz da vela grande ferra-se o traquête.

Aquillo são consequencias do jogo de cartas; pelo que já sahiu lá de dentro um sujeito de *bitacula* quebrada!

—E logo deixaram este barulho para hoje, sabbado de Nossa Senhora.

Que gente são os taes jogadores!

—O melhor de tudo isso, é que com todos esses gritos, sopapadas e cacêtadas, a policia ainda nem se abalou!

—Meu charo, por sim ou por não, eu vou me escafedendo, antes que venha por ahi algum estilhaço.

A PEDIDO

—O Dr. Antero no cargo de chefe de policia, prestou serviços á causa publica; isso é innegavel.

—Exactissimo.

—Si algumas vezes ultrapassou os limites que a lei lhe prescrevia, si commetteu este ou aquelle excesso de authoridade, foi sempre no interesse da politica que domina.

—Verdade pura.

—Mas agora, sem ser á seu pedido, atiram com o homem lá para Goyaz!

—Em cathegoria mais elevada, bem entendido.

—Eu não tenho para mim que fosse remuneração de serviços, quando tenho visto presidentes de provincia, como o do Maranhão, removidos para chefe de policia da Bahia.

—Talvez por interesses politicos.

—Fosse lá pelo que fosse, não vejo prova de apreço em tal mudança. E' o mesmo que tirar quem está comendo doce e mandal-o chupar roletes. Dizer que um correligionario exerceu com tino e á contento um cargo importante, em uma provincia de primeira ordem e desterral-o lá para os confins, para uma provincia sem importancia, é incoherencia.

—E que conclue d'ahi?

—Que apezar dos pezares o homem desmereceu da graça e que eu no caso delle não acceitava o logar.

—Homem, em que ficou o negocio do soldado que saltou o balcão da venda na rua das Flores?

—Já não se falla mais nisso.

—Assim mesmo eu vi o caso bem feio.

—Ah, si não é a prudencia e maneiras do inspector de quarteirão Antonio José Guimarães a cousa ia longe.

—E' verdade; o homem portou-se com tino e bom senso, nas providencias que deu.

—Capitão, pode alguem, ainda que seja procurador, ou comandante de guarda, insultar algum reu, preso?

—Não: o promotor ou accusador só podem accusar em termos vehementes, mas comedidos, e o commandante da guarda só pode impedir a fuga sempre tendo em vista as re-

gras da legalidade e principalmente da humanidade.

—Pois o pobre Antonio Joaquim (que chamam Manuel Joaquim) foi ante-hontem (15) insultado e injuriado na Correcção pelo procurador Queiroz e commandante Duarte!

Isto é possivel, capitão?

—E' que o procurador Queiroz não é procurador de outros, *é procurador por si* e o commandante Duarte tomou 4$ do preso e não quer pagar!

—São bellezas da Bahia!

—Cale-se!

—Será isto espirito de equidade?

Com uma madrugada tão chuvosa, deixar sem trabalho para mais de trinta operarios, pela differença de cinco minutos!

Isto não é equidade, cheira mais a iniquidade, logo que a espada da justiça não corta pelo meio. Os machinistas são apontados, ao passo que os ferreiros, carpinas, etc, que chegam ao mesmo tempo, ficam de fora do portão!

—Cousas do *trem do mar*.

—E d'esta sorte immensos pais de familia, sem o trabalho de um dia para manter suas mulheres e filhos.

—Não sei para que tão severa restricção, tão compressora pontualidade!

Uma falta que se remediava mandando os homens trabalharem mais cinco minutos para pagarem a differença.

—V. pensa que quem está no seu commodo se lembra das necessidades que passam os mais?

—Tira-se um dia ao artista, porque chega cinco minutos mais tarde á hora do trabalho, e isto causa-lhe uma diffrença incalculavel; entretanto não se olha para tanta gente que ganha o dinheiro da nação sem trabalhar em repetidas licenças!

—O tresloucamento e imprudencia dos agentes da força publica, é muitas vezes motivo de casos desagradaveis e até de conflictos graves.

Nas occasiões em que é preciso toda moderação e prudencia, é que elles tomam uma attitude provocadora.

Muitas vezes apuram a paciencia mais pacifica a ponto de obrigal-a a praticar excessos.

—Isso é verdade.

—Ora ouça um caso.

O Sr. Fructuoso Rodrigues de Magalhães, morador na freguezia de Santo Antonio, é estivador; no sabbado esteve trabalhando no vapor inglez e saltou para a terra ás 10 horas da noite.

Sabe-se que é um trabalho que exige grande numero de braços e por isso as vezes tem elle necessidade de embarcar-se com trinta e quarenta serventes, numero que não podendo encontrar todo em pessoas livres completa com escravos.

No sabbado pois, subia elle pela ladeira do Carmo, com quatro individuos, tres livres e um escravo, o qual ia levar á casa de seu senhor. Defronte da Ordem 3.ª dois soldados, tomaram-lhes á frente e perguntaram-lhes o que faziam. O homem explicou-lhes donde vinham e o destino que levavam.

Os soldados não se deram por satisfeitos e passaram a interrogar a cada individuo de per si. Ao saberem que um era escravo, prenderam-no.

O Sr. Fructuoso pediu-lhes que não prendessem o homem, pois que vinha cançado de trabalho, e que si duvidava de suas palavras o accompanhassem a morada do senhor do escravo.

A' tão prudente observação teve o homem um estripitoso—cale se— e uma ameaça de que seria tambem preso si fallasse.

—Ora isso!

—Foi o escravo preso pelo cós e os mais o acompanharam. Ao chegar um pouco adiante da Cruz do Paschoal, o Sr. Fructuoso batteu á porta de sua morada com alguma vehemencia para que de dentro ouvissem; mas um dos soldados tomando aquillo como affronta, gritou—«*Você está batendo com força, sôr patife?*»

—Como se insulta!

—Diga-me, isto é procedimento? Não é mesmo proposito de fazer conflicto?

—E como é que esses soldados estando de serviço na Rua do Paço, foram até Santo Antonio?

—Pois elles respeitam a nada?

Quem é que não conhece trabalhadores do mar, e quando houvessem duvidas custava verificar se?

Entretanto si não encontram um homem de prudencia como o Sr. Fructuoso, tantos insultos e desvarios eram motivo mais que sufficiente para um desaguisado.

ANNUNCIOS.

Vende-se um habito da ordem 3ª. de S. Domingos já uzado; quem pretender dirija-se á loja contigua a bibliotheca publica.

Aluga-se uma pessoa forra ou captiva, que entenda de serviço de lavoura, (prefere-se captiva) á tratar na rua Direita de Santo Antonio Além do Carmo, n. 35.

Anno 8.º — BAHIA. — 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª — SABBADO 24 DE DEZEMBRO. — Ns. 732—733.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Nascimento de Christo.

Quatro mil annos haviam-se já decorrido depois da creação, quando uma ideia vaga começou a inquietar os espiritos—a prestes apparição de um Redemptor.

A tradição, á semelhança do rio, que, tendo uma só nascente, lança as suas aguas por differentes paizes, derramara essa verdade por entre todos os povos. Porem, á medida que ella recuava-se da fonte limpida onde tomara o seu curso, turvava se com os mythos da fabula e envolvia-se no manto do erro. E' por isso que não se pode dizer que os dogmas capitaes da religião christan, foram desconhecidos pelos homens do paganismo.

O erro é filho da verdade, no fundo das religiões absurdas que faziam do homem—um Deus, por entre adorações degradantes, que rendiam á Divindade, havia alguma cousa que deixava transparecer ainda as ideias reveladas primitivamente.

Depois da queda do homem, Deus, cuja bondade infinita não pode desamparal-o, prometteu lhe de enviar seu Filho para remil-o do captiveiro do peccado. Mas, para que o homem conhecesse o alcance de sua extremada clemencia, elle não permittiu que a realisação dessa promessa se cumprisse, senão depois que reconhecessemos a insufficiencia de nossas forças e a necessidade do auxilio divino para conseguir o fim á que nos propomos.

Passado que foi o tempo decretado pelo Omnipotente para que se operasse o grande mysterio da Redempção, a humanidade inteira voltou os olhos para o logar, onde os prophetas apontaram o berço do Deus-homem.

Tudo estava providencialmente preparado para a vinda do Christo, e a Aguia, que voara triumphante pelo mundo de então, se contemplava com orgulho do alto do Capitolio. A paz reinava por toda parte, quando, pelo anno de 753 da fundação de Roma, 14 annos antes da morte de Augusto, Jesus-Christo nasceu em uma aldeia da Judea. Este facto tão grandioso e que passou quasi desapercebido no imperio romano, mudou a face desse imperio e mais tarde a do mundo inteiro.

Curvemo-nos respeitosos e submissos, rendamos uma homenagem de amor á suprema bondade de Deus, que, compadecido da nossa miseria, dignou-se escolher uma mulher para mãe sua.

Ouçamos as notas de contentamento que se desprendem dos ceus, e aquellas que se levantam do seio da terra. Hosanna, cantaram os anjos, que atravessaram o espaço para admirar o quadro sublime, que, na manhan de 25 de dezembro, se representou no presepe de Bethlém. Hosanna, repetiram os pastores, que, offuscados pela nuvem de fogo que cobriu o berço do Filho de Maria, ahi vieram entoar seus hymnos de louvor. Hosanna, disseram os Magos do Oriente quando, obedecendo á voz das tradicções, acompanharam a fulgida estrella, que lhes ensinou o logar onde nascera o Esperado das Nações.

O nascimento de Jesus-Christo prophetisado por Jacob, 1700 annos mais ou menos antes da éra christan, foi mais annunciado pelos prophetas cujo numero sobe a 17, não fazendo fallar David, Salomão e os outros inspirados pelo Espirito-Santo. E nem se pense que foram prophecias vagas, que só podem ser applicadas ao Christo, com soccorro de uma interpretação forçada, não, factos os mais leves, tudo foi detalhadamente previsto.

E porventura não será este um acontecimento, que deixa impresso um caracter divino naquelle que fôra annunciado como sendo Jesus-Christo?

Não será ainda uma prova da sua divindade, a vida miraculosa que Elle levou sobre a terra, por espaço de trinta e tres annos?

O nascimento da egreja no meio de um mar tempestuoso de sangue, que corria das feridas de tantos martyres, que cahiam sob o gume da espada dos imperadores romanos?

Si assim fallam não só os factos que precederam e acompanharam a vinda de Christo, como aquelles que tiveram logar depois de

sua ascenção, é claro que, a voz rouquenha da incredulidade, ha de quebrar-se de encontro á luz lampejante da verdade, como se quebram as vagas do mar, quando se topam nos rochedos alcantilados.

Não, a divindade do Christo ha de sempre permanecer gravada nas intelligencias doutrinadas pela egreja, e o coração catholico jamais deixará levar-se pelos desvarios de alguns homens singulares.

Quando mesmo o racionalismo cathequise grande parte da sociedade, está ainda alguma cousa de mais poderoso, um obstaculo invencivel que nullifica completamente a acção das ideias, que aggridem o seculo 19, com o fim de supplantar a egreja, são as palavras de Jesus-Christo, promettendo-lhe a duração até o fim dos seculos,—*usque at consummationem sæculi*.

A egreja que, no dizer de S. Paulo, é a columna e o firmamento da verdade, é no Evangelho figurada pela barca de Pedro, que fluctúa, mas não afunda.

Clamem embora os espiritos fortes, que nós continuaremos a offerecer myrrha e incenso a áquelle de quem foi dito, quando se baptisou nas aguas do Jordão:—Este é o meu Filho bem amado em quem ponho toda minha complacencia.

O Filho de Bethlém, hoje adorado no seu natalicio, é o mesmo Deus feito homem. A verdadeira critica se ufana em proclamar bem alto a sua divindade.

E nem devemos receiar o attaque, qnando o estandarte das fileiras é aquelle mesmo que, na batalha de Magencio, levou Constantino ao triumpho.

Pela fé do Crucificado, que nos abriu as portas da vida com o sacrificio da cruz, o nosso sangue deve humedecer a terra.

Alegremos-nos, hoje, para mais tarde chorarmos sobre um tumulo santo.

Gloria in excelsis Deo!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 23 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que seja entregue ao juiz de orphãos, para lhe dar destino conveniente, um menino de cor branca, de nome Antonio, sem pae nem mãe, o qual transita por estas ruas no mais lastimavel e despresivel estado; roto, sujo e descalço, a transportar uma enorme caixa de comidas do Campo da Polvora para o becco do Garapa.

Espera-se de S. S. esta obra de humanidade e justiça.

—Capitão, escute um acontecimento singular.

—Seja laconico.

—Antonio, servente de pedreiro, estava encostado ao balcão de uma venda ao Cabeça, fazendo algumas compras, terça feira á noite.

Por uma das portas surgiu uma mulher a qual foi ante-pé vendar os olhos de Antonio com as mãos.

Suppondo este ser gracejo de pessoa conhecida, voltou-se dizendo—«que graça é essa» —mas nesse acto, entrava por outra porta um sugeito, que foi a um canto onde havia lenha, safou uma acha e descarregou sobre Antonio, o qual teve tempo de aparar a bordoada com a mão, do que lhe resultou uma grande rachadura na palma da mesma.

O sugeito desfechou segunda porretada e largou-se a correr, assim como a mulher, deixando todos attonitos e surprezos.

O mais admiravel de toda essa comedia é que Antonio não conhece quem lhe deu nem a cumplice deste, e accrescenta que não tem motivos a que attribua a procedencia da aggressão.

—Esta na verdade é celebre! Leva um homem tres ou quatro chavascadas sem saber d'onde lhe vem a encommenda!

—O dia de quarta-feira ultima não surgiu de muito bom agouro para o Sr. João Borges, mestre de obras.

—Como assim?

—Atravessando por sobre uma viga do 2.° andar de um sobrado, que está concertando, á cidade baixa, levou uma grande queda que lhe occasionou grave encommodo.

—E' de causar penna.

—São alternativas do accaso. Muitas vezes o homem laborioso procurando a vida vae buscar a morte.

—Porque a *Chronica Religiosa* não verbera com suas luzes, o facto desabonador de em uma taverna estarem expostos á venda immensidade de registros de todos os santos que povoam o ceu e até de Nossa Senhora?

Achará decente aquelle spectaculo patente aos olhos de todos?

—Decente ou não decente o caso é que o orgão do catholicismo nesta terra está de viola no sacco e não diz pitada.

—Ao passo que para outras cousas tanto zelo, tanta intolerancia!

—Capitão, deram-me uma noticia para lhe transmittir.

—Vejamos.

—Terça-feira, o sentenciado Pedro Izidoro,

deu uma punhalada no cabo Manuel Pedro. Ambos eram do serviço do commandante da fortaleza do Barbalho.

—Admira que um facto desta ordem seja V. a primeira pessoa que ouço fallar n'elle.

—Outras cousas passam ahi desapercebidas.

—Si é exacto, o homem é dos taes que entendem que estar na porta do inferno como dentro é a mesma cousa.

—As cousas como vão, assustam. Ataca-se a vida e a propriedade alheia com audacia de espantar!

—Dito então por V., ainda torna-se o caso mais feio.

—Pois os factos constantes não estão demonstrando?

Ainda na quarta-feira, no ancoradouro, perto de um caes, foi invadida uma lancha, por oito individuos, os quaes deixaram por morto um dos dous marinheiros que a tripolavam, escravo de um cunhado do Sr. Antonio Raymundo. E o bonito é que ninguem viu, nem sabe quem são os sujeitos.

—E' como serve.

—Uma das especialidades sobre que a policia deve exercer incansavel e severa vigilancia, são os mercados publicos.

—Porque são elles o logar onde de ordinario se agglomera a gente da peior classe, e servem de ponto commum de reunião a toda especie de gente.

—A policia deve estender suas vistas não só quanto ao aceio e salubridade, como á manutenção da ordem, e respeito e acatamento á decencia que deve haver nesses centros de concurrencia.

—Isso está fora de duvida.

—Mas aqui acontece o contrario.

Nos mercados pratica-se tudo quanto ha de desregrado sem que a policia dê fé disso.

A moral e o decoro são deixados á mercê de indoles tão desencontradas.

A ordem é ludibriada.

Os mercados são focos de depravação e desenvoltura.

O mercado de Santa Barbara que á noite devia ficar fechado, conserva-se aberto e ahi passam-se scenas de impudor.

—A proposito, deixe-lhe contar uma.

Não ha muitas noites, um cortador de carne conseguiu admittir ahi uma mulher de côr parda, para fins pouco honestos. Estando já apalavrado com alguns da laia, estes occultaram-se até que a mulher penetrasse no logar destinado e depois, a um signal convencionado, appareceram e obrigaram-na a um acto torpe.

—Desaforo!

—Muitos factos reprovados se dão ali contra os quaes não seria debalde si a digna authoridade policial do logar quizesse lançar suas vistas.

—Entre as rezes destinadas no matadouro para consummo publico, são mortas diariamente muitas vaccas em adiantado estado de prenhez.

—Na terça-feira eu sei que mataram-se seis.

—A carne desses animaes em condição tal, não pode ser de saudavel alimentação; porque é evidente que no tempo da gravidez o animal não está no seu estado normal de saude.

—E depois pelo lado economico é um disperdicio; matar-se duas rezes para aproveitar somente uma, visto como uma postura municipal prohibe restrictamente a vendagem de fetos e abortos. E até é crueldade tirar a vida de um ser sem utilidade ou necessidade.

—E quem nos diz que essa postura é observada?

—Em todo caso, eu, si podesse, chamaria a attenção do digno medico do curral para o facto; elle se achasse rasoavel que fizesse o que estivesse a seu alcance.

—Falleceu hontem de febres thyphicas, o typographo Domingos Francelino da Silva, e sepulta-se hoje pelas 8 horas do dia, no cemiterio da Quinta dos Lazaros.

—E' mais um filho de Guttemberg que a morte nos rouba!

—Deus dê a sua alma o descanço eterno.

—Eu si me désse com o Exm. commandante das armas fazia-lhe uma pergunta.

Em que sentido?

—Si n'um quartel, como o da companhia de caçadores á cavallo, pode um empregado paisano emprestar dinheiros aos pobres soldados, com o exorbitante juro de 20 %.

—Parece que o regulamento do conde de Lipp, em um dos seus artigos, prohibe semelhante negociata com os soldados.

—No caso que isso vá de encontro ao regulamento militar, vou pedir a S. Ex. o Sr. commandante dãs armas, para que dê suas providencias, afim de fazer cessar semelhante extorsão, pois a ambição do tal agiota chega ao ponto de que, na occasião do pagamento do soldo, os soldados não são senhores de um real, pois tudo é pouco para saciar a sua sêde de ouro!

—Uma vez que cautela e caldo de gallinha nunca fez mal a ninguem, não é fora de pro-

posito desde já chamar a attenção das authoridades para os multiplicados ranchos de reis que estão em ensaios, formados na maior parte de escravos e mulheres vadias.

E como pelos olhos se conhece quem tem lombrigas, ou o que tem de ser traz força, desde já elles vão dando prova do que prometem vir a ser.

Até agora o rancho de reis era um ajuntamento de familias ou mesmo de pessoas diversas, reunidas na vespera do dia 6 de janeiro, que sahiam pacificamente a divertir-se em certas e determinadas casas.

Hoje constituiram-se em ramo de negocio, em meio de vida, e levam nesse gyro lucrativo 15 e 20 dias e começam a preparar-se tres mezes antes!

Do meio das fezes surge um bando de aves agoureiras que invadem as casas onde nenhum conhecimento tem, e aquellas que se mostram dispostas a não recebel-as tem como retribuição o insulto.

A freguezia da Sé é a que mais promette fornecer este anno, essa nova moda de entrar na casa alheia. Ha n'ella immensos ranchos de reis em ensaio, e em cada um d'elles ja tem havido seu disturbio, seu desaguisado.

Na segunda-feira era mais de um hora da noite houve punhaes fora, cacetes, alarido, etc., na travessa do Cruzeiro, consequencia de ciumadas, em um desses divertimentos.

Si o povo tem o direito de divertir-se, a authoridade tem tambem obrigação de velar pela ordem e de fazer conter aquelles que por seus precedentes se tornam carecedores das vistas policiaes.

Portanto, nada mais razoavel do que prevenir a authoridade desde já.

—Valha-me Christo com essa gente da policia armada.

—V. tambem tomou os pobres homens á sua conta!

—Pois si parecem incorrigiveis!

A noite passada jogavam dois debaixo de uma das arvores do Terreiro.

—Quando, homem?

—Hontem 22, pelas 10 horas da noite.

E ouça mais o que se deu.

Havia grande barulho no becco do Viva-Jesus. Gritos, ameaças, descomposturas, nomes sujos. Era um sujeito que desafiava a um seu visinho. Este ultimo foi ao Terreiro chamar a patrulha para prender a seu contendor.

Os soldados prometteram-lhe que iriam e fariam *uma prisão bem feita,* porém que elle lhes havia de dar 4$ rs. e mais o que beber.

Isso eu vi e ouvi, ninguem me contou.

O sujeito resmungou e elles pegaram-se em 3$ rs.

—Então elle é de venda para dar bebidas?

—E'.

—E cahiria com os cobres?

—Não affirmo, mas é provavel; por que seguiram juntos e eu que não queria ser visto nem conhecido, retirei-me.

—Boa policia... incomparavel gente!

A PEDIDO

—Capitão, um *padre* de *batina e de gravata*, todo *afflicto*, só a dar satisfacções.

—Inda isto não é nada.

Fuma quando confessa, e anda todo em *esperanças*....

—Como?

—De batina de chita, camisa verde, e gravata a *Rocambole*.

—Isto é escandalo!

E' preciso, Sr. *padre ver isso*; allias os sachristães confundir-se-hão com os clerigos!

—Os doutorandos já não fazem mais becca. Tornam-se legado hereditario, que vai se transmittindo de geração em geração!

—E' prudente: pois agora ter de fazer-se um facto para um dia só?

Conselho a uma moça queixosa.

(*Veja-se o Alabama, ns. 723-724.*)

Tenha paciencia irman,
Tome um conselho prudente,
P'ra não viver tão queixosa
E ser mais condescendente.

Não tenha medo,
Pois, em me ouvir;
Queira commigo
Bem reflectir.

Si a sua queixa s'encerra
Contra os *beccos sem sahida,*
Tambem das *estradas* queixe-se
Por *dar tabocas* compridas.

Com quanto em tudo
Haja excepções;
Sempre em *estradas*
Vemos *ladrões*!...

Quando *a policia* de amor
Um cerco pretende dar,
Si é n'um *becco sem sahida,*
Segurança ha de encontrar

Mas nas *estradas*
Onde ha barrocas...
Voltam os soldados
Cheios de *brocas*...

Tambem na parte hygienca
Que mais devemos olhar,
Vê-se em *beccos sem sahida*
Tudo muito limpo andar.

Mas nas *estradas*
Sempre ha *cavallos*,
Mullas... pastando
Nos intervallos.

Logo, em *becco sem sahida*,
Morar-se não é desdouro
Pois muita gente o prefere,
Mormente, si n'elle ha *ouro*.

Assim, menina,
P'ra que se queixa?
E contra os *beccos*
P'ra que se vêxa?

Becco sem sahida é bom,
Creio-a disso convencida!
Si não é, p'ra que quer ser
Tambem *becco sem sahida*?

E' só p'ra ter
Como penhor
Em *certa casa*
Um *morador*?...

Bahia 12 de Dezembro de 1870.

Um becco sem sahida.

—Capitão, ouça esta:

O preto Joaquim, *gumbônde* (gran-sacerdote) de um dos *terreiros* que ha na Quinta das Beatas, desde o dia da Hora que tinha agazalhado na casinha algumas raparigas.

Entre as neophitas ha uma que é filha do barbeiro *Joaquim Nenem*, com tenda ao Gravatá.

Ali ninguem tinha permissão de entrar sinão o *papae*.

A *gunçó* do terreiro (mulher do sacerdote) um dia em que amanheceu de cabeça virada e foi communicar a authoridade que *pae Joaquim* passava vida de Lopes com as raparigas, pelo que teve o prodigioso oraculo do fithicismo de ir ao chilindró embora por pouco tempo.

—Admira como ha gente que não só se preste como até confie suas filhas de negros brutos e viciosos!

—Veja a cegueira e a superstição até onde conduz.

—Aquelle amigo que passou agora está bastante zangado.

—Porque?

—Por o terem botado no *Alabama*.

—Ora, isso não é nada; diga lhe que se entretenha aos domingos nos baixos do Maciel.

—E la serve de entretinimento?

—Sim, porque todos os domingos e dias santos o vejo ahi.

—Pois isso não assenta nelle que ja foi mercador matriculado e hoje é caxeiro matriculado. Si V. passar pela ilha de *S. Francisco* junto ao porto do *Ramiro*, gostará de ver aquillo.

—Pois diga ao amigo que não se faça de bobo, azeiteiro; porque elle faz figura de palhaço. Si o Sr. verga *motta* soubesse, não o consentiria na casa de educação. Porem o sujeitinho é fino, tem manhas de frade.

A tua benção.

No mundo qual orphão errante hoje vivo,
Somente, carpindo tua ingratidão!..
Pois tu nunca um dia quizeste me dar
Ao menos d'esmola
A tua benção.

Eu soffro torturas e mil dissabores,
No correr dos annos em dura afflicção!
Mas tu vives quêda fruindo delicias
C'o *aquelles* que gosam
A tua benção!

De mim não te lembras nem soffre teu peito,
De minha desgraça a menor commoção....
Peior que um estranho, porque nem ao menos
Nunca me lançaste
A tua benção!

Crerão que um vivente exista no mundo,
Que dando-lhe Deus alma e coração,
Deixe um filho seu soffrer mil torturas,
Sem ao menos dar-lhe
A tua benção?

Tu deves lembrar-te que Deus infinito,
Um dia essas contas tomar-te-ha, então!
Portanto despreza tão vis preconceitos
Dá me em quanto viva
A tua benção.

Bahia 23 de outubro de 1870.

José Lauro de Azevedo.

—Capitão, venho me apresentar com *festa*.

—Apé ou a cavallo....

—Não senhor, por meio de palavras

—Falle...

—Os proprietarios do café ao largo do Theatro, na esperença de augmentar o numero de freguezes, promettem conservar aberta a noite inteira a sua casa de negocio aonde o publico encontrará tudo, excepto duas cousas...

—Quaes são ellas?

—Tenho medo, capitão...

—Diga...

—*Mocotó e vispora*....

—Apoiado, continúe.

Desejos.

Ah! quem me dera
Tivesse a sina
De ser a relva
D'esta campina
Nas tardes quentes
Teria a dita
Q'em mim deitasses,
Mimosa Annita!
Ah! quem me dera
Ser doce brisa;
Eu refrescára
Tua camisa!
Ah! quem me dera
Ser brando ar
Para essa boca
Me respirar!
Agua bem pura
Quizera ser
Para em meu banho
Te receber
E fina, e branda
Toalha rara
Depois do banho
Eu t'enchugára.
A flôr que nasce
No teu jardim
Tu me colheras,
Meu serafim;
Teu lindo seio
Iria vêr,
Lá escondido
Feliz morrer!
Ser teu espelho
Quizera Annita,
A tua imagem
Q'é tão bonita
Reproduzira
Com singeleza,
E a esbelta graça
Rindo á belleza
Eu refletira
Teu terno olhar
Que faz meu peito
D'amor pular;
Esses teus gestos
Tão naturaes
Quindins-requebros
D'amor signaes!
Ah! s'eu podesse
Ir á teu lar
Sobre teu leito
Meigo pairar,
Qual d'aureo sonho
Linda visão
Eu encantara
Teu coração!
Ah! s'eu tivesse
A felicidade
D'uma mentira
Fazer verdade!
Não tenho culpa
D'isto que sou
Ambicioso
Deus me formou.
Pois eu quizera
Emfim, Annita,
Porq'és amavel,
Porq'és bonita
Ter previlegio
De tudo ser
Só para em tudo
Dar-te prazer.

Olinda, setembro de 1836.

Dr. João Salomé Queiroga.

—Capitão, o Sr. Silvestre Moreira dos Santos, veio no *Diario* de sexta-feira, dizendo que a redacção do *Alabama* tinha sido mal informada sobre a noticia que deu das desavenças havidas em sua casa de pasto a rua dos Caldereiros, no sabbado 17 do corrente, motivadas por jogos de cartas.

—Ora, o Sr. Silvestre que vá catar pulgas, pois fui eu proprio testemunha do barulho.

—E depois, n'esta casa de pasto quasi sempre ha suas desordens, proveniente do jogo de *ponto-maior*!

—Sobre o barulho de sabbado, appellou para os moradores d'aquella rua, que foram testemunhas do grande susurro que reinou dentro de sua casa.

VARIEDADES.

O natal.

Et Verbum factum est.

I

E' noite medonha e negra
Nos campos que o rio alegra,
Denominado Jordão!
Quem o rio não conhece,
Que escutou a santa prece
Dos prophetas de Sião?.....

Caminhando noite e dia
Vai o esposo de Maria,
Vai Maria!..... Aonde irão,
Por tão longa noite e frio,
A horas taes, junto ao rio
Denominado Jordão?!

Da cidade, a horas mortas,
Não se abriram nunca as portas
A ninguem!
—Eis, de novo, os dous viandantes
A caminho, e não distantes
De Bethlem!

.....

E nessa noite nascera
No presepe uma criança!
Divulgar quem ella era,
Quem era a luz eterna e mansa
Da verdade,
Quem sonhára?!—quem dissera
Que vinda era a esperança,
A caridade?!

.....

II

Em Roma reinava Augusto,
No mundo Roma é que impera
Só!
Que imperio não houve adusto
Que não fôsse 'nessa éra
Pó!

De Numancia, de Carthago
Não vêdes ainda o fumo,
Não?
Não ouvís o grito aziago
De mil nações que, sem rumo,
Vão?

De mil escravos que Roma
Nos ferros, presos, convulsos
Tem?
Mas os ferros com que doma
Não vês que, após, aos seus pulsos
Vem?

Sim, Roma por seus escravos
Os povos da terra tem;
Porem a Roma dos bravos
Escravisada é tambem!

Os seus heroes já são mortos,
Deixando os povos absortos,
Que a sua espada venceu,
Morreram grandes, na lucta;
Mas, hoje, a grei prostituta
Até seu nome esqueceu!

Nem de Mario, nem de Bruto
Aquellas vozes escuto.....
E Catão?!
Esse povo alevantado,
Essas iras do senado
Onde estão?!

Imprecando o céu e o mundo,
Onde o Gracco moribundo?!
Onde as leis,
Que um povo sabio promulga,
Quando um povo sabio julga
Mas que os reis?!

Serra perdida a lucta
Que o velho mundo travou,
Porque a raça dissoluta
De Roma s'escravisou?!
A luz nascida em Athenas
Um meteoro que, apenas
Mal brilhou, adormeceu,
Porque, sobre o Capitolio.
Um Cezar, erguendo o solio,
Diz que o mundo é servo seu?!

III

E Roma dormia,
Sonhando alegria
Nos ocios da paz!
Folgava nos ferros,
Banhada nos erros
Que o vicio lhe traz!

O luxo e as artes,
Por todas as partes,
Estendem seu véu!
Nos circos, nas praças,
Mil gentes devassas
Blasphemam do ceu!

Do mundo os senhores
Tornados cantores
De orgias tão vans!
E os membros já lassos
Em torpes abraços
De vís cortezans!

E os ébrios cantares,
E erguidos altares
Ao vicio e prazer!
E as noites de Roma,
Da antiga Sodoma
Lembrando o viver!.....

IV

O' Roma, Roma, acorda
Do teu vil delirar!
Do abysmo estás a borda,
Onde has de baquear!

De Babylonia os muros,
De Memphis, de Ninive,
Tambem eram seguros;
E, hoje, nada vive!

Não te vale o ser grande,
Tambem Thebas cresceu!
Um sôpro que Deus mande,
E tudo pereceu!

O' Roma, cautella,
Qu'eu sinto a procella
Sinistra surgir!
Tu mandas nos povos,
Mas outros mais novos
Lá vejo surgir!

O' Roma, não durmas,
Que, ás ondas, as turmas
Já veem a brotar!
Lá surgem mais hordas,
E tu não acordas
Do teu repousar!

Lá vejo abatidos
Mil templos erguidos,
Mil altos padrões!
Lá vem novo bando,
No rosto deixando
De cinzas montões!

Lá dão mais um passo.....
E o povo devasso
Que ri no prazer!
Que só ama o sangue
Da victima exangue
No circo a morrer!

Lá chegam vencendo,
Talando, fendendo
Teus rôtos broquéis!
Calcando em seu carro
Teus deuses de barro,
Teus templos e leis!

E o velho senado
Cahindo abraçado
Co'a crença pagan!
E mais nova crença
Lavrando a sentença
De Roma ancian!

V

O! quem foi que o velho mundo
Assim lançou no profundo
Abysmo de sangue e dó?!
Quem levanta um mundo novo,
E faz nascer outro povo
Do antigo povo no pó?!

E' elle, o filho do pobre,
Nascido, agora, em Bethlem;
Um Deus por parte mais nobre,
Mas homem por nosso bem!

Nasceu em cabana rude,
Para os homens ensinar,
Que, aonde existe a virtude,
Ordena Deus que se mude
Um presepe num altar!

Nasceu de geração pobre,
Para dizer e mostrar,
Que, aonde existe alma nobre,
A lei de Deus á descobre,
Para a fazer levantar!

Nasceu do povo dos servos,
Para bem alto clamar,
O' grandes, para dizer-vos,
Que, quando maus e protervos,
Vos faz um sopro tombar!

Vestiu-se do pó da vida,
Para tornal-a remida
Da antiga culpa de Adão!
Soffreu injurias atrozes,
Para pagar aos algozes
Co'a sancta lei do perdão!

Desfez imperios potentes,
Para dar aos descendentes
Dos potentados de então
Um testemunho, uma jura,
Que pode mais a doçura
Dos homens no coração,
Do que as algemas, os ferros
De falsas leis, cujos erros
Lhes cavam a perdição!

VI

Do velho mundo, das passadas glorias
Que resta agora só?
Epitaphios de um tumulo e memorias,
Que tudo mais é pó!

Dos seus templos e leis já nada resta
Do seu velho esplendor!
A lei que, agora, rege, a lei é esta,
E' lei de eterno amor!

Amai-vos uns aos outros, disse Christo,
Nascido, hoje, em Bethlem,
Povos, cumprí a lei, que fóra d'isto
Não ha gloria sem bem!

Ver os homens, o mundo em guerra eterna
Não vos abale a fé;
Que a lei por Deus mandada é lei superna
E ficará de pé!

Cada dia que volve é passo novo
Para o supremo fim;
Quem sabe porque transito o seu povo
Elle conduz assim!

No futuro descrer é impio crime,
E' duvidar de um Deus,
Que, a despeito do mundo, a lei sublime
Fará cumprir dos ceus!

F. E. C. C.

ANNUNCIOS.

A meza actual da devoção de Nossa Senhora da Conceição, que se venera no Moinho, faz sciente aos seus charissimos irmãos e devotos que a missa da mesma Senhora será celebrada domingo 25 do corrente ás 9 horas da manhan, na egreja de Nossa Senhora da Victoria: a mesma meza espera, para mais brilhantismo o comparecimento de todos os seus devotos e irmãos nas horas acima marcadas; assim tambem faz sciente ao publico que no dia haverá illuminação, maquinas e leilão. Bahia 22 de dezembro de 1870.

A meza actual da devoção da SS. Virgem Immaculada Conceição, que se venera na Ribeira de Itapagipe, faz sciente aos devotos que a missa da mesma Virgem será celebrada no domingo 25 do corrente as 9 horas da manhan com toda solemnidade tocando durante a missa a distincta Philarmonica Flora; ás 4 horas da tarde sahirá em procissão a Virgem Immaculada Conceição sendo o acto accompanhado pelas Exmas. Sras. A mesma meza espera a concurrencia das Exmas. Sras. para maior brilhantismo do acto, haverá na vespera illuminação.

O proprietario da loja n. 51 ao entrar n rua de Baixo de S. Bento roga a todos que tem conta na mesma a virem saldal-a até o dia 1.° de janeiro vindouro, do contrario verão seus nomes nas columnas de diversos jornaes.

Attenção.

Um empregado, como diz, da *illustre* dos *avariadores*, F. P. C. A., queira satisfazer quanto antes aos seus credores, e muito particularmente á aquelles que trabalharam para S. S., se não quer ver todo este negocio em pratos limpos.

Pede-se ao tenente *Tristonho*, o qual no *quartel é mestre*, o favor de vir ao logar da *Cruz* grande, do *Santo Seraphico*, n.° 15 pagar a quantia de 24$460 rs., importancia dos doces que se comeu no brode de seu casorio.

Roga-se ao Sr. M. da C. Esp....., o favor de ir ao Taboão, loja n. 4, levar as fazendas que, em 20 de setembro de 1869, levou, em confiança, para amostra, ou o seu importe: isto no prazo de oito dias, findo os quaes verá seu nome por extenso estampado neste periodico, para se tornar mais conhecido!...

Bahia 13 de dezembro de 1870.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.° BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª QUINTA-FEIRA 29 DE DEZEMBRO. Ns. 734—755.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—4$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 28 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que, segundo consta, Eleshão Manuel da Boa-Morte, morador no Rio Vermelho, no logar denominado Cangira, freguezia da Victoria, raptou a menor Lourença, de edade de 14 annos, filha adoptiva de Catharina d'Oliveira Dias, moradora na circumvisinhança do raptor, e está com ella livremente dentro de casa.

A' ser exacto, convem que S. S. dê as providencias necessarias.

Portaria ao fiscal da Penha, ordenando-lhe que advirta ao Sr. Burgos, morador á Roda da Fortuna, para que tenha preso o seu cachorro, afim de que não continue a morder quem passa, como succedeu a um inglez empregado na fundição da Jequitaia, na noite de 24. Cumpra.

—Capitão, V. Ex. já soube que os cocheiros da companhia de Vehiculos, não quizeram trabalhar no sabbado 24, allegando que não era possivel trabalhar-se noite e dia por quarenta mil reis mensaes e sujeitos a multas?

—Acho razão, estão no seu direito.

—Não vê! A policia obrigou-os a trabalhar.

—Como? Elles não estão no seu direito?

—Attenda V. Ex. para a nota que acabo de receber do agente da policia secreta:

«No sabbado 24 do corrente os cocheiros do Bomfim não quizeram trabalhar, allegando que não era possivel continuarem na companhia, visto que, ganhando 40$ rs. mensaes, no fim do mez recebiam 16 e 20$ rs., sendo o resto descontado em muletas, sem sciencia d'elles.

«Em logar dos gerentes ouvil-os e attenderem as suas rasões, chamaram o capitão Braga, e este obrigou-os a trabalhar, e em companhia de um dos gerentes forçou portas, declarando o capitão Braga que, aquelle que não fosse para o trabalho, seria mandado para a cadeia. Assim atemorisados estão trabalhando, apezar das muletas que soffrem!»

—E a policia pode obrigar um homem livre a trabalhar por um preço que não lhe convem? e a policia pode forçar portas para tirar um homem só pelo simples facto de não querer trabalhar em uma companhia, onde não ha regulamento que sujeite o trabalhador, e que sem sciencia delle, é no fim da semana descontado de seu salario uma certa quantia que lá entendem, a titulo de muletas e por faltas que não commetteram?

—Nesta terra tudo se ha de ver!.....

—A Umbellina foi roubada.

—Que Umbellina?

—Uma que chamam a *russa*.

—*Caça* lhe assentava mais.

—A mulher sahiu para a missa do gallo na noite de natal, deixando a creada em casa.

Esta admittiu um meliante, o qual perguntou lhe si ja tinha comido pasteis e ella dizendo que não, deu-lhe meia pataca para que os fosse comprar. Pasteis foram estes, que lhe deu tempo para ir ao oratorio despojar uma imagem de Nossa Senhora de sua corôa de ouro, uns cordões do pescoço do Menino Deus, o cajado de Santo Antonio, e depois passar ao quarto de dormir, onde d'uma caixinha limpou todo ouro que havia e poz-se ao largo.

—Assim, quizera o tal sujeito achar sempre a quem pagar pasteis.

—Ha nomes que não assentam nas pessoas.

O soldado Innocencio está nesse caso. Elle, cujo nome indica um composto de lhaneza e simplicidade, tem um genio de dragão; e para prova no dia 27, cutilou a um velho de 80 annos de nome Felippe da Silva, no Engenho da Conceição.

—Sem razão?

—Pelo facto de uma rapariga, de seu co-

nhecimento, cuja mãe e avó moram com Felippe, recolher-se a casa deste.

—Por tão pouco!

—Em quanto a policia obriga a homens livres trabalharem a força, dous individuos se estrafegam aqui em Itapagipe sem que ella appareça.

No domingo, um individuo de nome Joaquim foi atrozmente insultado e injuriado por um outro de nome Constantino. Este, alem dos insultos, deu uma formidavel cacetada sobre a maçan do rosto d'elle, no lado esquerdo, fazendo-lhe uma horrivel brecha.

Joaquim vendo-se ferido, e sem arma alguma para repellir a offensa physica que havia recebido, dá de mão á uma pedra e arremessa-a sobre Constantino, fazendo-lhe tambem uma brecha na cabeça!

—Por esquecimento, a familia do Sr. Fonseca, morador ao Areial, deixou por fechar uma das janellas de sua casa, sem prevêr que uns visinhos de defronte andavam de observação.

La pelas tantas a janella serviu de ingresso para elles penetrarem na casa alheia e irem procurar o que não tinham guardado. Como é tempo de Natal, acharam que uma imagem do Deus Menino com todos os seus apparelhos tinha alguma serventia é por isso levaram e mais duas jarras que estavam n'um quarto onde dormia uma senhora e algum dinheiro.

Parece que o subdelegado de S. Pedro, trata de inquietal os.

—E que seja bem sucedido.

—Ha gente que procura a desgraça por suas mãos. Sabem o perigo que corre o desembarcar-se de um *bond* em transito e nem por isso se emendam.

—Perigo que todos os dias se converte em desgraças.

—Dizem que no sabbado um rapaz indo saltar de um trem dos Vehiculos em occasião em que este ia em toda velocidade foi de esbarro as pedras, do que ficou gravemente maltratado, lançando sangue immediatamente.

—Ainda esta não ha de servir de escarmento.

—Atraz de adiantar um ou dous minutos, é quando atrazam muitas vezes immensidades de dias que levam na cama.

—E quando, não batem a cassuleta é bom.

—Capitão, uma prevenção.

—Qual é?

—Si andar á noite tarde e observar algum vulto de farda, tenha receio, não passe ao pé.

—Ora essa! pois si a força publica espalhada á noite é para garantir a vida e propriedade.

—Mas é que os ladrões agora usam de uma nova. Vestem-se de farda para fazerem das suas.

—Ah, tem disso!

—Eu lhe digo.

O inglez James Hunter empregado na companhia Bahiana, sahiu da Boa Viagem na madrugada de quinta-feira e ao chegar antes d'Agoa de Meninos, foi atacado por dous individuos disfarçados em policiaes, os quaes lhe tomaram o relogio, o dinheiro que trazia e o espancaram de uma forma que ficou cama.

—Ora que ladrões do diabo! Alem de fazerem suas gentilezas, ainda desacreditando a policia.

—No dia de Reis S. Ex. Revm. administrará na matriz da Penha o Sacramento da confirmação.

—Inteirado!

—Boa peça pregaram os frades do Carmo na noite do Nascimento.

—De verdade?

—Abriram a egreja, accenderam as velas, como um chamariz para o povo entrar, e depois que o templo estava bem atopetado, mandaram apagar tudo e fechar as portas, dizendo que não havia religioso para celebrar.

—Isso parece chalaça!

E os frades aonde estavam?

—Tinham ido dizer missas por outras partes.

—Diz bem; nessa noite ellas costumam render alguma cousa.

—E fie-se a gente em frades!

—Ou então digam que o interesse não está antes de tudo.

—Bem fez o Sr. arcebispo no Collegio mandando descontar um dia naquelles que abandonaram suas obrigações para ir ganhar dinheiro por ahi.

Quando S. Ex. Revm. entrou na cathedral encontrou todos, mas d'ahi a pedaço o respeitavel prelado achava-se quasi só; foram desapparecendo um por um.

—Pozeram se no *pulo*.

—Passava Francino de Souza Guimarães, no domingo, pela venda n.º 51, no Rosario de Itapagipe, quando de dentro da venda jogaram uma pedra em um pobre preto velho.

a qual desviando-se da direcção em que foi atirada, veio sobre a cabeça de Francino e quebrou-a.

—Tudo isto é devido a falta que ha de policia na freguezia da Penha!

— Uma moça que está em casa de seus pais, não é lá objecto tão diminuto, que qualquer possa metter no bolso e carregar com elle.

—Isso é verdade.

—Portanto eu não sei que razão ha para dizer-se—fulano furtou uma moça de casa—quando ella mesmo é que sahe com seus pés.

—Seduzida, enganada, muitas vezes.

—Isso sim; mas não digam como andam a dizer agora que na noite de natal, foi roubada uma moça de 15 annos do 3.º andar da casa n.º 18, á rua do Julião, por um sujeito cujos principios *moraes* andam a *passos* largos, e que até agora nada se tem feito, muito embora se saiba que o objecto roubado está guardado nos fundos de um escriptorio a dous passos d'alli.

Ora, para safar um fardo tão pesado das alturas de um 3.º andar, á não ser com previo consentimento de quem o guarda, é cousa que demanda muita subtileza e agilidade.

—O peior é que o objecto é de natureza tal, que uma vez roubado não pode voltar para o poder de seus donos no estado em que sahiu

—Isso quer dizer que quem o subtrahe deve ser obrigado a reparar perdas e damnos.

—Que duvida.

—Na segunda-feira foi recolhido a casa de Correcção o cocheiro Leonardo, por presumirem os gerentes da companhia de Vehiculos ter sido elle o cabeça da revolução havida no sabbado, n'aquella companhia.

—Bravo! bonito! muito bem!....

—Houve a festa do Moinho no domingo.

—V. sabe o que é a festa do Moinho?

—Uma devoção particular que em certo dia solemnisa a Immaculada Conceição.

—O pretexto é esse; creio mesmo que a intenção dos que a dirjem seja pia e religiosa; mas o que se dá é outra cousa.

A festa do Moinho é uma bachanal de todos os annos, um foco de desordens, uma folia orgiaca.

E' a agglomeração da sensualidade, da incontinencia, do desregramento, do vicio, fora das vistas da policia.

—A policia é myope que não vê de perto, nem de longe.

—Admira que ella que deve andar á par das cousas d'esta terra, não saiba que ainda não houve anno desde que ha a chamada festa do Moinho, que la não houvessem desordens, pancadaria.

—Então acha que deve ser prohibida?

—Não; n'esta terra onde todos são responsaveis por seus actos, não se pode estorvar ninguem de divertir-se como entenda; mas a policia que vê sahir para um logar retirado, essa alluvião de gente de todo calibre, deve ser previdente e achar-se tambem no pagode para conter os excessos, evitar os crimes.

Este anno o que não houve?

A companhia do olho vivo la se foi acampar.

A cada passo, ou por motivo de jogos, ou por causa de mulheres, ou por excesso de bebidas, ou por qualquer cousa, havia uma faca fora, uma cacetada, sem que a policia de nada disso soubesse.

Dous sujeitos *golpistas* sentados á beira da ladeira do Quebra-bunda, faziam a advinhação das *vermelinhas* á espreita de algum incauto.

Passou um cavalleiro e elles o chamaram, pedindo-lhe para segurar o dinheiro de uma aposta que tinham feito, e que so entregasse ao que ganhasse; para a segunda vez ja foi elle quem teve de levantar a carta, e para a terceira estava dentro da dança deixando 100$rs e o relogio em poder dos dous industriosos,

—São da pelle!

—Si para o anno que vem, houver festa do Moinho,, a policia que seja mais precatada para não haver o que houve neste anno.

—Dizem que no xadrez do forte de S. Pedro houveram ferimentos.

—Si sabe, diga.

—Um soldado do 14 que se achava ahi detido, por aquillo que os mais não fizeram, tendo entrado com algum excesso pela *giribita,* entendeu que devia applaudir o nascimento do Redemptor beliscando a pelle de um seu companheiro com um instrumento furante.

Na duvida do logar mais adequado para sua operação, foi fazendo experiencias em varias partes do corpo do outro, até que entendeu que as devia separar.

—Tambem si elle na prisão não achasse cachaça para beber e ferro para furar, estava livre que nada disso fizesse.

—As folhas diarias já deram noticia de um deploravel sinistro que se deu no dique, dia de natal.

—A morte de duas creaturas afogadas.

—O que não sabe-se é, si a policia deu alguma consideração a certos boatos com que andam commentando esse desastroso acontecimento.

—Capitão tenho susto.

—De que?

—De entrar nos *bonds* da companhia de Vehiculos puchados á vapor.

Parece que minha prophecia se vae a realisar.

—Credo, cruz! Vá deitar sua bocca aonde morreu a primeira baleia.

Houve mais alguma explosão no *caranguejo?*

—Ora si houve; ainda m'o pergunta?

—Mas quando?

—Na quarta-feira (21) estouraram os vidros e, si não fosse a Providencia Divina, teriamos de lamentar varias desgraças; na quinta-feira (22) voou pelos ares a *chapelêta* que cobre o vapor, e iam sendo victimas o machinista e os passageiros; no domingo soffreu uma outra avaria, tendo sido feito o resto das viagens para Itapagipe á burros!

—Como nesta terra em quanto não ha uma desgraça não se toma medidas preventivas, por isso não peço ao Sr. Dr. chefe de policia que mande examinar o estado do vapor e dar as providencias necessarias, evitando assim uma eminente desgraça, visto o possimo *encascamento* do referido *caranguejo*.

—Que malignidade!

Si essa perversa travessura fosse praticada por um menino ainda ainda, mas por um homem tamanho!

—O que ha?

—Vê aquella preta?

—Chamam-lhe a *Fon-fon-fon*.

—Pois sim; daquelle sobrado aqui ao becco do Açouguinho, um sujeito despejou-lhe um copo d'agua por judiaria. Como a preta fallasse, elle perguntou si queria ver atirar-lhe o copo tambem; tendo ella respondido que atirasse, o homem fez lhe a vontade. Foi milagre cahir nas costas e esmigalhar se nas pedras.

—Qual! quem pratica um acto destes não está em seu juizo.

—Que genio turbulento é o dos habitantes do Paraguay!

—Ha novas complicações?

—Ellas surgem a cada hora; são permanentes.

—Ah, julguei que era cousa recente.

—No dia de natal houve o diabo; duas mulheres, duas furias de navalha em punho a aggredirem-se; uma berreira, um *va-va-va* dos diabos.

Mas de que Paraguay falla V.?

—Do Paraguay á Estrada Nova.

—Ora sebo!

—O inspector de quarteirão tem interesse em que more tal laia de gente, que lhe dá gasto na cachaça da biboca que tem; o proprietario convem-lhe, porque não encontra outra especie de moradores que lhe habite os casebres; a policia esquece-se do logar, e o resultado é que ali é o acampamento da desordem e do vicio.

—Embarca-se uma mulher nos Vehiculos Economicos; leva uma saia embrulhada e deposita no collo; o caixeiro cobra-lhe pela ella o preço de uma passagem!

—E' arrancar; é uma exigencia desarrasoada.

—Pois eu vi isso no sabbado. Segunda-feira um sujeito comprou no Bomfim um peixe que trazia na mão enrolado em um papel; pagou tambem pela conducção do mesmo uma passagem.

—São cousas fora de termo.

—Eu tinha para mim que os Vehiculos eram exclusivamente para o transito de passageiros.

—Creio que sim.

—Mas desta forma não. Ainda um dia destes eu vi a Sra. D. Ignacia Carneiro mandar transportar um bahú de folha, pelo que pagou frete.

—Nesse caso si a companhia já está resolvida a conduzir carga, é preciso annunciar; porque eu quando tiver meu capadinho, minha capoeira de gallinha, alguma manta de carne do sertão, lá vou tambem.

A PEDIDO

Alguem, talvez por indisposições pessoaes, foi communicar a imparcial redacção do *Alabama* que em um sobrado ao becco do Viva-Jesus, havia jogos de cartas, e que ahi praticava-se grande barulho e algazarra com o que era incommodada a visinhança fora de horas.

Não ha tal.

Sem duvida, alguem para desconceituar o dono da referida casa, lançou mão deste meio para illaquear a boa-fé da illustre redacção asseverando-lhe uma falsidade.

Na dita casa não ha jogo de cartas, nem o barulho que se diz; reune-se ahi apenas seis ou oito pessoas a entreterem-se no jogo de vispora e pode muito bem ser que se

arranje uma cadeira, mas disso não resulta barulho que encommode a visinhança.

Tambem não é exacto que hajam fallatorios, porque todos que ahi vão são pessoas de bom comportamento.

Por tanto quem por malignidade pretendeu forjar esse enredo, fique certo de que perdeu seu tempo, porque a mentira se desmascara facilmente.

Um sonho.

Era meia noite, ness'hora triste.
Quando a coruja tristes pios dava;
Quando sonhando parecia me ver
Uma visão que junto a mim estava!

Que hora triste p'ra mim afflictiva!
Que horror, q'aperto, então eu passava!
Porque fallava, e ninguem me ouvia,
Mas como ouvir-me, si eu não fallava!?.

Que sonho feio! Oh que scena triste
Eu presenciei como accordado!!...
Eu via a morte, por que via um homem
Sem forma humana para mim fitado!

Ouço um pranto, accordo, assustado!...
Quem era? meu filho que então chorava,
Porque um rato de grandeza enorme
Subiu na cama, e por nos passava!!...

—Muxingueiro, vê aquelle gallego?

—Sim, Sr.

—Agarra-o e mette-lhe a bitacula na cloaca; *atravessa* na frente delle para que não fique á *coberto* e suma-se.

—Já, capitão.

Levo o grumette *José* para me auxiliar; e nem que o bruto metta forte *cunha* feita por habil *ferreiro,* ha de escapar do castigo.

—Pois bem.

E' preciso corrigir aquelle sevandija.

—Fez alguma tramoia, capitão?

—Uma insolencia; sexta-feira teve o desaforo de mandar comprar um junco e publicamente cortar de chibata um menino seu caixeiro, escolhendo a cara do mesmo para ahi mais exercer seu indigno procedimento.

—Que gallego infame!

Agora ha de tambem se haver commigo.

—O sobrinho do vereador Correia Garcia tiraria certidão de edade e folha corrida para poder exercer o logar de aferidor?

O voluntario preterido.

Ao capitão do *Alabama*
Vou hoje cumprimentar,
Boas festas e bons annos
Com muito prazer lhe dar.

Desempenhe sempre assim
A sua nobre missão,
Zurzindo o crime atrevido,
Que merece punição.

Mil annos tenha de vida,
Meu querido capitão,
Todas as felicidades
Deseja meu coração.

Affronte a ira perversa
Dessa sucia de malvados,
Que fazem todos os crimes
Mas não querem ser fallados.

O magistrado corrupto
Que da lei algoz tem sido,
Por desprezivel, venal
Seja ao menos conhecido.

O devasso papa-hostias,
Padre somente no nome,
Que uma licção de moral
Para seu proveito tome.

Inexperiente donzella,
Que só vive namorando,
Para ser mais recatada
Seus conselhos va tomando.

Abeata da viuva,
Que sem ao menos ser rica,
Por um olho sempre chora
E pelo outro replica.

Que aprenda a ser mais honesta,
Repare no seu papel,
Si hoje tem mel nos beiços
Amanham lhe darão fel.

Todos pois que se aproveitem
De sua boa licção,
Que hão de lhe agradecer
Rasgado o veu da illusão.

Aonde existir o crime
Continúe a descobrir
Capitão, a humanidade
Seja seu timbre servir.

Faça ir aos tribunaes
Dá honra o usurpador,
Para que não fique impune
Sugando os favos d'amor.

Os ladrões, os caloteiros,
Sejão zurzidos tambem.
Emfim, oh meu capitão,
Não poupe quem vicios tem.

Para que todas conheçam,
A' mostra ponha a verdade,
E terá dos homens serios
A mais sincera amizade.

Não se esqueça um só instante
Da maldita fradaria,
Que nas mulheres dos outros
Só cuidam de noite e dia.

As mulheres de capona,
Onze lettras refinadas,
Com seu confessor matreiro,
Sejam tambem fulminadas.

E assim obrando sempre,
De todas bençãos terá,
E gravado em nossos peitos
O seu nome ficará.

Um anno novo de vida
Deus lhe dê com seus favores,
Livrando-lhe, capitão,
Dos inimigos furores

VARIEDADES.

Flores precoces.

Emilia tem onze annos, lindo *coque, anquinhas* tremulantes, pretenções de moça, affectação de malicia: é discipula de Luiza, sua irman sete annos mais velha.

Leandro adorou Luiza e brincava com Emilia, como se brinca com uma menina.

A historia passava-se em um dia de festiva reunião em uma chacara proxima da cidade.

Era a primeira vez que Leandro via Luiza, e ainda não tinha sido apresentado á sua familia.

Os dous jovens olhavam-se de longe e Leandro jogava de tabella, trazendo a menina Emilia em lisongeiro cerco de elogios, á sua faceirice e á sua lindeza, e divertia-se com os momos da vaidosa aprendiz de loureira.

D. Emilia, ora fugitiva, ora junto de Leandro, hia tomando o brinquedo á serio.

Si Leandro lhe havia beijado a mão, gabado os seus olhos, a sua cintura, e dançado com ella uma valsa!...

Passeavam no jardim e elle lhe dava o braço, elle que havia rido muito, ouvindo-a suspirar....

Estavam os dous á distancia de todos os outros da sociedade.

Leandro colheu um lindo—*amor-perfeito*,—olhando ternamente para Luiza, que nesse momento tambem o olhava com igual ternura.

Logo depois disse a Emilia:

—A senhora parece amar muito á sua irman.....

—Muito.

—Faça-lhe pois uma fineza... quero admirar a sua graça: tome este *amor perfeito*, e quando passarmos junto de sua irman, estenda o braço, e lh'o ponha no peito.

A menina fez um movimento de desagrado; mas immediatamente sorriu-se e disse:

—Pois bem; mas... ensine-me... ponha o senhor o *amor perfeito* no meu peito.

Leandro obedeceu a menina, e levou-a a passar por diante de Luiza.

Mas Emilia passou, e nem se quer deu idéa do que promettera fazer.

—Então?... então?... disse-lhe Leandro, voltando de novo com ella.

Em frente de Luiza, Emilia pôz a mão na flor, fingio querer tira-la, e não conseguiu-a, e logo que se afastou alguns passos, murmurou com affectada ternura:

—Não posso... é impossivel....

—Porque?.....

—Porque o seu *amor perfeito* já está com raizes profundas no meu coração.

Cama musical.

Um dos objectos que figura na *Exposição Universal* de Londres, é uma cama, feita por um machinista de Praga, a qual principia a tocar um pedaço d'alguma opera, tão depressa alguem se mette dentro d'ella, e assim continúa até que se adormeça. Tem na cabeceira um relogio; pondo certo ponteiro na hora a que o dono se quer levantar, chegada ella, principia a cama a tocar um andante de Verdi, com acompanhamento de tambor e timbales, capaz de acordar um morto. E' pois ao mesmo tempo narcotico e despertador.

O Ex....

Diz a *Revolução de Setembro* que um padre Vicente Alcubero, natural de Catalayud, jesuita expulso com outros por Carlos III, e refugiado em França, ao dizerem-lhe «adeus ex-jesuita» respondeu com o seguinte soneto:

Não me chameis o ex, por charidade,
Depois que o acceitou a Convenção;
Deve á França a Europa a invenção,
E foi seu primo fructo a ex-piedade.

Seguiu-se ex-rei, ex-rainha, ex-sociedade,
Ex-papa, ex-cura, ex-culto, ex-devoção,
Ex-frade ex-monje, ex-templo, ex-religião,
Ex-throno, ex-altar, ex-christandade.

Olha: si o EX que tu me chamas hoje,
Um EX fatal para a França foi:
Outro menos fatal buscando vou.

E de encontral-o tenho viva fé;
Pois me parece que escutando estou
Ex-Pariz, ex-nação, EX-LIBERTÉ.

Contra os ladrões.

Conta o *Correio de Marcelle* que um habitante do Var, proprietario de umas terras insuladas no cantão de Lergues, fez passar uma má noite a um bando de malfeitores. O meio foi um pouco engenhoso.

«Esperando uma visita nocturna de amigos do alheio, que ha algum tempo andavam inquietando o cantão, lembrou-se de um processo que deu resultados singulares.

«Dispoz sobre o aparador da salla de jantar, uma bella collecção de garrafas cheias e lacradas. Cada uma d'essas garrafas era uma armadilha, porque o excellente vinho que continha estava saturado de uma preparação immediatamente laxante e em algumas havia um poderoso narcotico.

»Um creado da lavoura, de quem seu amo suspeitava que estava filiado em uma pequena quadrilha de ladrões, introduziu cinco de seus camaradas, arrombando um postigo de uma janella.

«Os seis tunantes viram logo as garrafas e trataram de enchugal-as. Ahi se assentaram elles de redor de uma mesa, abrem as garrafas e bebem o liquido traçoeiro. Apodera-se logo de dous uma forte e irresistivel vontade de dormir, estendem-se no sobrado, e roncam na melhor paz de espirito.

As garrafas laxantes tinham sido ao mesmo tempo despejada pelos outros quatro, que sentem de repente violentas dores de estomago. O liquido laxante operava energicamente. Saltam os quatro pela janella fóra e deixam ficar os outros dous, que provavelmente sonhavam deliciosamente com o producto do roubo.

«Estes foram encontrados no estado em que os pozera a bebida, e denunciaram os seus cumplices, que ainda foram aggarrados na lastimosa situação a que os reduzira o preparado laxante. «

Boa penitencia.

—Uma mulher, confessando-se a S. Felippe Nery, accusou-se do costume de fazer maledicencias contra o proximo (fallar mal da vida alheia). Este grande santo lhe disse: «Por penitencia, vós ireis á praça do mercado comprar uma gallinha; rodeareis a cidade de Roma espalhando-lhe as pennas n'esse circuito e lançando-as ao vento; depois vireis concluir a confissão.» Apezar de exquisita a penitencia, a mulher a cumpriu fielmente; e voltou aos pés do santo confessor, sentado no tribunal sagrado da penitencia. O santo disse á penitente: «Agora fareis o mesmo caminho, gyrando em torno da cidade para ajuntar todas as pennas da mesma ave que derramastes de todos os lados, e juntareis todas sem deixar nenhuma.»

A penitente exclamou: «Meu pae, vós me mandaes cousa impossivel. Nunca poderei ajuntar todas as pennas.—Que! disse o santo, vós retalhastes a reputação do vosso proximo, lançando-a aos ventos por toda a parte em que passastes, e como poderei agora restituil-a inteira? Não vêdes que se torna impossivel a reparação de vossos peccados?»

Meus amores.

Ah! coitados, meu Deus, abortaram
No começo da vida, inda em flor;
Meus amores gentis se sumiram
Como nuvens de tenue vapor.

Como o orvalho nas ramas cahido
Se evapora do sol aos ardores,
Como a nevoa nos ares morrendo,
Vi sumirem se assim meus amores.

Uma noite... eu me achava massado
N'um terrivel, fatal *caiporismo*,
E sorvia na rêde espichado
Duros tragos mortaes de *scynismo*.

Mas depois levantei-me, vesti-me,
Fui á rua p'ra ver as meninas;
Era sabbado a noute, com esta
Completavam-se as tres sabbatinas.

Torço aqui, torço alli, pelos beccos,
Pelas ruas vaguei da cidade;
Moças feias, *canhões*, bruxas velhas
Só eu vi por desgraça, é verdade!

A final já me dava os diabos
N'uma rua co' as ventas fui dar;
Nove horas os sinos batiam,
Vinha a lua surgindo a brilhar.

N'uma casa sosinha á janella
Lindo anginho me olhava a surrir,
Era um lyrio nos prados aberto,
Uma estrella nos céos a fulgir.

Tropecei; dei topadas nas pedras,
Os sentidos e a *bola* perdi;
Tão formosa, tão linda menina
N'este mundo de Deus nunca vi.

Fui ao fim da calçada enlevado,
Demorei-me algum tempo e voltei;
Encontrando a menina no *ponto*,
« Esperava por mim »cá pensei.

Vacillavão-me as pernas, tremia,
Tinha tosse, cossava o nariz;
Em que *assados* me vi! e no entanto
Em namoros não era aprendiz!

Essa noute, confesso, exaltado
Um instante não pude dormir;
Em barulho fervia a cachola,
Que prodigios não faz um sorrir!

No outro dia domingo a tardinha
A menina de novo foi ver;
Tinha a mente de sonhos pejada,
Um vulcão dentro o peito a me arder.

Ao passar, a menina travessa,
Ao dizer-lhe meu anjo baixinho,
Toda irada fingiu-se e me disse:
« Vá seguindo, senhor, seu caminho! »

Outro dia passei, e ainda ouviu-me:
«Minha flor, meu anjinho, meu bem;»
Já sorrindo voltou-se e me disse:
«Não sou anjo, nem flor de ninguem.»

A final destruida a esquivança,
Certa noute por ella passava,
E notei que das mãos côr de neve
Um cravinho gentil se escapava.

Todo louco de amor, arroubado.
Na calçada o cravinho apanhei,
E orgulhoso entesando a gravata,
«Stá pegado o namôro» pensei.

De ora em diante a menina constante
Me esperava de noute á janella,
E eu passava soberbo e arrogante
Aos sorrisos formosos da bella.

Esqueci-me do mundo, de tudo.
Adeus, livros; adeus, sabbatina;
Minha vida, minha alma, meu mundo,
Concentrei n'esse olhar da menina.

Só de mim se occupava a bel lade;
Se um rapaz lhe lançava a luneta,
Tinha em paga de sua ousadia
Pelos beiços terrivel carêta.

Mas um dia, não sei que desastre!
Lá passando, de mim se escondeu;
Eu chamei-a, chamei a mil vezes,
Nem sequer uma vez respondeu!

«Stá acabado o namoro, eu dizia,
«Oh! que sorte maldita, que fado!
«Eis cahidos meus grandes *castellos!*
«Eis desfeitos meos sonhos dourados!»

Nunca mais a perjura esperou-me,
Era embalde que eu vê la buscava;
Se ia vê-la, com a agua no bico,
Qual de casa sahira voltava.

N'uma casa depois encontrando-a,
Da tal cuja a sorrir-me cheguei,
E lhe disse: «a senhora deixou-me....
«E o motivo, confesso, não sei...»

«Eu só busco casar, respondeu me,
«Não podia soffrer tanta espera;
«E se amor por amar não entendo,
«Platonismo, meu caro, é chimera.

«Platonismo é loucura, é poesia,
«De poesia viver, eu não sei;
«Já julgava o senhor quinto annista,
«O namoro por isso acceitei.

E hoje em quanto folgando ditoso
Passo a vida em completa alegria,
A menina, contando os janeiros,
Vai ficando, coitada! p'ra tia!

Durval de Meneses Fraga.

ANNUNCIOS.

O CAFÉ

LES DEUX AMIS

AO LARGO DO THEATRO

VENDE:

Vinho fino.
Ditto Bordeaux, Figueira e Porto.
Extrait de Absinthe.
Bitter e Vermouth.
Calda de cajú e groselle.
Agoa: Americana e Seltz.
Genebra aromathisada.
Vinho Champanhe.
Cerveja ingleza e nacional.
Agoa de Felippe.
Licores finos.
Vellas de spermacet.
Conservas e ervilhas portuguezas.
Charutos de fabricantes da provincia.
Chocolate fino
Biscoitos inglezes.
Cigarros do Rio de Janeiro,
Molho inglez.
Phosphoros de cera e segurança.
Cartas russas e francezas.
Carteiras de segredo.
Papel e enveloppes.
E diversos artigos de miudezas por metade do seu valor para liquidar.

No Coberto Grande, loja n. 55, aluga-se para a festa, vende-se ou permuta se, uma casa excellente na povoação de S. Thomé de Paripe.

No domingo 1° de janeiro, terá logar no Cruzeiro de S. Francisco a solemnidade da Santissima Virgem da Conceição, protectora das familias, havendo missa no convento de S. Francisco, illuminação na vespera e dia, ballões aerostaticos, fogo de planta, etc. A mesa convoca a todos os irmãos á coadjuvarem para tão religioso fim.

Mudança.

Joaquim Piroga de Freitas, relojoeiro, á rua direita de Palacio, mudou a sua casa de trabalho para defronte, na antiga loja que foi do Borel.

O proprietario da loja n. 51 ao entrar na rua de Baixo de S. Bento roga a todos, que tem conta na mesma a virem saldal-a até o dia 1.° de janeiro vindouro, do contrario verão seus nomes nas columnas de diversos jornaes.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª SABBADO 31 DE DEZEMBRO. N. 736.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

A Circumcisão do Senhor.

Ainda sôam as mysticas harmonias do instrumento sagrado, as flôres embellezam o altar do Deus vivo, e no recinto do sanctuario parece ouvir-se a saudação que o anjo dirigiu aos pastores de *Gueder*, annunciando-lhes o nascimento do Redemptor do mundo:—*Gloria a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens de boa vontade.*

A santa egreja veste-se amanhan de purpura rodea-se de luz e corôa-se de flôres, para solemnisar o augusto mysterio da Circumcisão do Senhor.

As orações elevam-se até o ceu nas azas da harmonia e no fumo do incenso, que embalsama a atmosphera, buscando região das nuvens.

Em todos os corações renasce a fé, de todos os labios ouvem-se hymnos A'quelle que os ceus e a terra louvam sem cessar.

Foi em Bethlém, a *Metropole do Mundo*, como lhe chama o Nazianzeno, que se deu o facto mais estupendo, que, ha 19 seculos a humanidade commemora.

Foi nesse pequeno ambito, hoje entregue ao esquecimento dos homens, que raiou a aurora da redempção humana.

Alli desceram os anjos a adorar o Messias, ha tantos seculos promettido; para alli se encaminharam os pastores a testemunhar o grande acontecimento, que lhes annunciára o mensageiro divino; alli, finalmente, eclypsou-se o brilho da estrella que guiára os Magos do Oriente, vindos á gloriosa lapinha para depôr suas offerendas aos pés do Salvador.

Do alto do Sinay, por entre raios e trovões, teve logar o começo da lei velha; a lei nova foi promulgada nos amenos campos de Bethlem, no meio de esplendores e ao som dos canticos celestiaes.

E' com justo motivo que a santa egreja, fazendo vibrar a voz do bronze catholico, convida os fieis a render graças ao Altissimo por tão fausto acontecimento.

O natalicio do Salvador foi o annuncio da paz, a promessa da redempção, o prognostico da felicidade, a aurora da vida eterna.

Com elle nasceu a esperança, acrysolou-se a fé, sanctificou-se o martyrio, abriram-se para sempre as portas do ceu aos homens de boa vontade, que na terra celebram as glorias de Deus.

O nascimento do Filho do Eterno foi festejado no ceu e na terra, pelos anjos e pelos homens.

A lapinha de Bethlem, guardada pelos cherubins, illuminada pelas estrellas, a despedir jorros de luz pelas fendas de seus antigos muros, foi o sacrario onde a Divindade, reclinada em um berço de palha, se fez adorar pelos anjos, pelos Magos, pelos pastores, pelos homens e pelos proprios irracionaes.

A noite desdobrou seu manto pospontado de estrellas sobre o immenso scenario da creação, as arvores vestiram-se de flores, os passaros, saltando de ramo em ramo, acordaram os échos com dulcissimos accordos; do solo rebentaram fios de agua crystallina; e os animaes, as plantas, os rios, os valles, e tudo quanto vive e cresce, e se multiplica, saudou o sol da vida, que despontava no ceu de Bethlem, á hora em que os anjos da manhan desfolham rosas no horizonte, e com uma chave de ouro abrem as portas do firmamento ao rei do dia.

Não tardou, porém que o soffrimento, partilha da humanidade, viesse ao encontro d'Aquelle, que se encarnara no seio da Virgem, para remir as culpas dos homens e pregar do alto do Golgotha a mais sublime das maximas:—*Amai-vos uns aos outros.*

Decorridos apenas oito dias depois do nascimento do Salvador e dos estupendos milagres que assombraram o mundo, em virtude do preceito que Deus havia imposto a Abrahão, para que ao oitavo dia circumcisasse a todos os meninos, em signal de alliança, preceito este que foi posteriormente consagrado na lei de Moysés; a Santa Virgem conduziu o menino ao templo, e ahi deu-se cumprimento á lei, no meio das lagrimas derra-

madas por Aquelle, que, pela vez primeira, vertia o seu precioso sangue.

O dia 1°. de janeiro, escolhido pelos gentios para a celebração dos seus abominaveis cultos, é por este motivo venerado pelos christãos como o dia em que a terra foi purificada com o sangue do Cordeiro Immaculado, assignalando por isso o começo de uma éra no correr dos seculos.

Segundo o costume dominante entre os hebreus e em obediencia ás ordens que de Deus havia recebido Abranhão, foi posto ao Menino o nome de Jesus, como fôra revelado por um anjo, ser da vontade do Eterno Pai.

A humilde gruta de Bethlém foi o sanctuario augusto onde celebrou-se o mais glorioso successo, que o mundo tem testemunhado.

A gruta foi o monte sagrado d'onde o Filho do Eterno se mostrou em todo o esplendor de sua gloria e magestade; e a mangedoura, o throno escolhido por Aquelle que vinha curar o paralytico, resuscitar o Lazaro, converter a Magdalena, multiplicar os pães, applacar as tempestades, dar vista aos cégos, e perdoar aos seus algozes. *Nesciunt quod faciunt.*

Nascendo em um presepe, reclinando-se em um berço de palha, recebendo as primeiras adorações de humildes pastores, o Filho de Deus quiz mostrar-nos que a virtude, a importancia e a popularidade não consistem em ter-se nascido debaixo de aureos tectos, em ter-se reclinado em magnificos berços.

Os bens da fortuna desapparecem ao menor sopro da adversidade. Os falsos amigos fogem espavoridos logo que o infortunio dá-nos o seu mais apertado abraço. O que fica é somente a intelligencia, o caracter, o merito real que o homem possue.

Durante a sua vida, o Filho de Deus nunca se acercou senão dos pobres e das crianças. —*Deixai que as crianças se approximem de mim,* dizia o Divino Mestre, com a doçura que embellezava sua palavra. *Sinite parvulos venire ad me.*

Era o povo que o seguia á montanha e aos logares desertos para escutar suas maximas.

Era o povo que queria escolhel o para rei.

Era o povo que estendia seus vestidos e lançava palmas deante delle, exclamando: — *Hosanna ao filho de David!*

Eram os escribas e phariseus que se escandalisavam por causa dos doentes que Elle curava nos sabbados.

Eram os escribas e phariseus que o interrogavam insidiosamente e lhe armavam laços para o prender.

Eram os escribas e phariseus que o chamavam de homem inclinado ás iguarias e dado aos prazeres.

Eram os escribas e phariseus que o tratavam de blasphemo e sedicioso, que se ligaram para o fazer morrer, que o crucificaram sobre o Calvario entre dous ladrões!

Eram os escribas, os phariseus, os doutores da lei, o rei Herodes e seus cortezãos, o governador ramano e os principes dos sacerdotes.

Oxalá que a humildade, de que o Filho de Deus se revestiu nos principaes actos de sua vida, desde o seu nascimento até á sua morte, nos sirva de incentivo para a pratica do bem, e aproveite principalmente aquelles, que, collocados nas grimpas sociaes ou favorecidos pela fortuna, olham os filhos do povo com asco e não lhes dispensam, as mais das vezes, si não o rigor, o d sprezo e a compaixão.

Que o Homem Deus se compadeça desses montões de orgulho, e dê lhes tempo de se arrependerem dos seus peccados nesta vida, para alcançarem a bemaventurança eterna na outra.

A. M. dos Reis.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 30 de dezembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio, communicando-lhe que na sua freguezia certos paes pouco se importando com a educação dos filhos, com criminoso desmazelo, os abandonam a ociosidade e ao vicio: cumpre portanto que a authoridade tome a iniciativa de tolher-lhe os passos na senda perniciosa á que se encaminham.

Esses meninos, sem occupação nem ensino, gozando de illimitada liberdade, dão-se frequentemente ao jogo do buzio, para o que se reunem no campo do Barbalho e suas proximidades, e como para jogar, é preciso ter dinheiro, comprehende S. S. os meios de que lançarão mão para obtel o.

Alem de que, do jogo passam sempre a disturbios e algazarras.

Ainda um dia destes falleceu por ali um individuo conhecido pelo *Navalha:* emquanto em cima os parentes pranteavam, na propria loja do fallecido jogavam esses noviços do vicio, fazendo vozeria incommodativa.

A' vista pois do exposto, julgue S. S. si é ou não de razão a reclamação que se faz.

—No hospital de charidade dá-se notavel desproporção entre a maneira porque são tratados os doentes nacionaes e os estrangeiros.

—Especialmente os francezes.

—Ha uma desegualdade odiosa.

Os estrangeiros gozam de todos os commodos, refrigerios, cuidados e desvellos.

Para os nacionaes ha a mais decidida indifferença, o mais pronunciado abandono, toda falta de contemplação e condescendencia.

Não se diga que tudo isso são allegações banaes.

Vejamos uma amostra do panno.

Existe no hospital da Mizericordia doente uma familia inteira, estrangeira.

—E' extraordinario que a enfermidade atacasse de uma vez pae, mãe e filhos!

—Pode-se dizer que é uma familia pensionista da Santa Casa.

Essa familia frue immensas regalias.

O doente nacional é obrigado a permanecer pregado no leito, não lhe é permittido transpor o liminar da enfermaria, e nem ao menos lhe consentem o lenitivo de fallar a seus parentes, sinão em certos e determinados dias; o marido não pode ver a mulher, a mãe não pode ver o filho.

A familia estrangeira de que tratamos, apezar de se achar no hospital a titulo de doente, habita no mesmo quarto, dorme no mesmo leito, tem logar appropriado para espairecer e recrear-se, dão-lhe a faculdade de todas as manhaas ir se sentar debaixo das arvores do Terreiro para tomar fresco.

Agora digam, si as irmans de charidade não tem premeditado proposito no systema de tratar os enfermos nacionaes e os estrangeiros?

Digam, si neste procedimento dellas não ha clara e visivel differença em relação aos estrangeiros e nacionaes?

Por ventura o regimem d'aquella casa estabelecerá essas contemplações essas preferencias?

—Oh, que santas, que puras, que angelicas creaturas são as irmans de charidade!

—Si a camara municipal curasse do interesse de seus municipes, teria muito em vista o transito das carroças pelas ladeiras.

—Bagatellas.

—Bagatella essa que muita vez é causa de serios transtornos.

A constante subida e descida de carroças pelo mesmo caminho, a precipitação e pouco cuidado dos conductores, a pesada cárga, são cousas que põe em risco os viandantes.

E além de tudo isso ha um outro inconveniente que, sem parecer, causa damnos.

—Qual é?

—Quando a carroca tem de descer qualquer ladeira, atravessam um pau em uma das rodas, no sentido de diminuir a força de rotação e conter a velocidade, mas esse pau é tão cumprido que sua extremidade offende grande numero de vezes a quem passa.

Em uma rua estreita, encontrando-se duas carroças, por mais que uma pessoa procure esquivar-se, a ponta do tal pau lhe virá tocar.

Digo isso, porque ainda um dia destes, na ladeira do Taboão, vi um homem levar forte encontroada, perder o equilibrio e cahir, ficando bem maltratado.

—Sim, tem razão; porem a camara tem mais o que fazer para andar se occupando dessas minudencias.

—Na quinta-feira, o vapor da companhia de Vehiculos, na viagem de Itapagipe para o Bomfim, quebrou o machinismo.

—E ficou no meio do caminho, sendo preciso ser empurrado á braços até o barracão.

—V. Ex. já sabe?

—Por informação de um de nossos agentes secretos.

—Mas não sabe, que o foguista no acto de empurral-o precipitou-se pelo monte de areia abaixo e foi parar no Travasso dentro da lama.

—O meu informante tratou tambem desta circumstancia na sua nota secreta.

—Aquelle vapor da companhia de Vehiculos..... Deus queira que eu minta.

—Dizem que as condições hygienicas da enfermaria militar são más.

Ha falta de regularidade e aceio no serviço, os doentes vivem feito sardinhas em tijella, a febre amarella dizima.

Consta que até de pratos ha escassez.

—E que contribue poderosamente para o desenvolvimento da molestia a excavação da baixa dos Afflictos, nos fundos da roça de D. Antonia. As aguas pluviaes que affluem para ali e ficam empoçadas, a montureira creada pela limpeza da cidade, são agentes de força extraordinaria que concorrem para augmentar o mal.

—A salubridade publica é um dos ramos do serviço publico que mais deve occupar a attenção do governo; si elle quizer bem pode, sem difficuldade, remover as causas de um mal que pode affectar a uma população inteira.

—Me explique o que vem a ser isso.

—Pouca cousa. A moradora desta loja é uma pobre mulher do povo.

Deve dous mezes de aluguel, por conta dos quaes já deu 30$ rs. O proprietario porem, valendo-se da sua ignorancia, tirou se hoje de seus cuidados, entrou-lhe em casa, e mandou

deitar-lhe os cacos na rua, trancou a porta e metteu a chave n'algibeira.

—Que absurdo! que violencia! quê illegalidade!

—E diz em tom de alardo, que fez-lhe muito favor; podia mandar penhorar-lhe os trastes.

—Ficando a pobresinha sem saber onde se abrigue; vendo o que é seu atirado no meio da rua!

Ora bollas!

—Que quer; cada um manda no que é seu.

—Não assim brutalmente; a lei proporciona os meios.

—O que é certo é que ella está na rua.

—Esta terra vae ás mil maravilhas!

Que rua é esta?

—Chama-se o becco do Motta.

—Quem é o proprietario?

—Isso não sei; mas deve ser bem *f'roz*.

—Amanhau ha *matança* no Moinho.

Vão sacrificar um boi á Mãe d'Agoa.

Si a policia ainda tem em lembrança as scenas de domingo passado, tome suas medidas.

A PEDIDO

Ao subdelegado de Sant'Anna foi dada queixa contra o individuo Paulo Pedro da Silva, por crime de injurias verbaes.

Dos precedentes de inteireza e rectidão que tem revelado S. S. no exercicio de seu cargo, precedentes até aqui não desmentidos, espera-se o cumprimento da lei e nada mais.

—Capitão, trago-lhe uma grande noticia.

—Vá desembuchando,

—Existe n'esta cidade um individuo que se tem tornado o verdugo dos seus patricios.

—Quem é elle?

—E' um *cosinheiro* transformado em louceiro.

—Mas o que tem feito elle?

—Exigiu de um negociante brasileiro e liberal, que despedisse o seu guarda-livros por não o haver tratado com a dignidade do posto que occupa.

Depois exigiu de *certo* director de vehiculos que fosse demettido um caixeiro, por lhe haver feito em publico uma observação.

—E foram despedidos os caixeiros?

—Creio que foram.

—No emtanto clamam contra o governo por não dar logar aos voluntarios da patria.

—Kapaz, a epocha, é de quem mais baju!a!

—E quem não tiver padrinhos, ha de ser adulador, capacho e mesmo cynico, isto é se quizer viver.

—Ahi vou eu!

—No boi, que tem sua pelle grossa!

—Não, ha de ser no coronel *verdade*.

—O Sr. *Garoupinha* é um homem cujas façanhas valem bem a pena de serem commemoradas!

E' um portentoso collosso, cujo timbre consiste em fazer transmittir a sua fama de *geração* em *geração*.

Devassemo-lhe pois um pouco os predicados.

Casou-se em uma ilha.

Ora, o mundo inteiro sabe que toda *ilha* é cercada de *maré*.

—Essa observação aqui não vem ao caso.

—Não vem; mas eu sou minucioso.

—Prosiga.

—O Sr. *Garoupinha* tem a balda de em um banquete gostar de provar de todos os pratos; defeito este, que não se estende só as regiões estomacaes; é um glutão de todo genero e especie.

—Sua historia vae ficar muito comprida.

—Resumirei.

Garoupinha levando suas tendencias de abarcar o mundo com as pernas ao mais subido apuro, constitue-se uma especie de *rio cheio* ou *sapo da terra*.

—Isso é um nunca acabar!

—Despacho já.

Quando o Sr. *Garoupinha* tomou estado, sua mulher possuia tres irmans.

—Aonde quer chegar?

—Eu lhe digo.

(Continúa.)

ANNUNCIOS.

No domingo 1° de janeiro, terá logar no Cruzeiro de S. Francisco a solemnidade da Santissima Virgem da Conceição, protectora das familias, havendo missa no convento de S. Francisco, illuminação na vespera e dia, balões aerostaticos, fogo de planta, etc. A mesa convoca a todos os irmãos á coadjuvarem para tão religioso fim.

No Coberto Grande, loja n. 55, aluga-se para a festa, vende-se ou permuta-se, uma casa excellente na povoação de S. Thomé de Paripe.

Joaquim Piroga de Freitas, relojoeiro, á rua direita de Palacio, mudou a sua casa de trabalho para defronte, na antiga loja que foi do Borel.

Desejo com preferencia a sua prosperidade.

Aborreço a todo o governo, o systema oppressor.

Detesto o arbitrio, a corrupção, a fraude, a violencia, a immoralidade, seja praticada por quem for.

Não sou partidario de *figuras*, sou dos principios bons e sãos.

Amo a honra, a honestidade, e a moralidade, exercida por quem for.

Amo ao governo que cuida, o se disvella, pela prosperidade, e gloria geral, pela vida, e propriedade de todos, que se une com os brasileiros, garantindo-os e protegendo os como um pai de familia, que olha para todos, conforme seus meritos, tenha o governo os nome que tiver, por que isto executado será o governo do ceu.

Aborreço a tudo, e a todos que são oppostos a isto.

Acato a energia com polidez no desempenho de deveres e regras de honestidade: cada um deve cumprir seus deveres sem ultrapassar os limites das leis, á decencia e bons termos.

Sou opposto á perseguição e mau trato, por causa de politica. Quem governa deve ter o menor numero possivel de desafectos e inimigos, por que, o contrario disto prova que governa mal, e com parcialidade. Este é o governo do inferno.

Tive por certa menina,
Uma paixão desigual,
Que escapou de dar commigo
Dos doudos no hospital.

Porém agora,
Deu coração,
Poz na oração
Pònto final.

Amei com pontos e virgulas,
Divisões e reticencias...
Tiradas as consequencias
Tudo era artificial.

Porém agora
Meu coração
Poz na oração
Ponto final.

O que ella por mim fazia,
Fazia a outros tambem.
Não ter amor a ninguem
E! seu timbre natural.

Porém agora,
Meu coração,
Poz na oração
Ponto final.

(*Extr.*)

AO ILLM SR. DR. CHEFE DE POLICIA,

No dia 4 do corrente andavam pela rua do Fortinho quatro praças da diligencia do Sr. capitão Braga, accompanhados pelo proeminente olho vivo Aniceto Moreno, com o fim de prenderem a Manuel Desiderio.

Admira que o Illm. Sr. capitão Braga consinta que praças sob seu commando sejam entregues a homens da qualidade de Aniceto, conhecido por toda esta cidade por um dos mais audazes larapios

Manuel Desiderio hoje procura viver honestamente: comprou uma canôa, redes etc., e dá-se á vida da pescaria, para manter-se e á sua familia.

Talvez dahi venha a mal-querença, por não querer elle pactuar com a vida agitada e de assaltos de Aniceto e outros, e então raivoso vae denuncial-o ao Sr. capitão Braga com o fim de perseguil-o.

A prova é que a policia não tem tido conhecimento nem queixa de facto algum praticado actualmente por Manuel Desiderio; tanto mais que a policia tem sido ultimamente rigorosa com elle processando-o ultimamente por factos praticados por outros e trazendo-o o Sr. subdelegado do Pilar em severa vigilancia.

Uma prisão, por tanto, como a que se pretende fazer a Desiderio, sem motivo, é alem de arbitraria, um vexame á liberdade individual, e a lei não deve ser um brinco em mãos de qualquer belleguim que entenda denunciar de quem quer que seja, sem provas.

S. S. em quem se folga de reconhecer que, assim como é severo e implacavel para punir desvios e faltas, tambem é justo para reparar injustiças, de certo fará suspender a perseguição que Aniceto, apoiado pelos agentes da força publica, move a seu inimigo.

—Não sei o que fez o *Pedra marmore*, que a policia andava ás carreiras com elle pela rua da Poeira, no sabbado.

—E foi preso?

—Em S. Miguel.

—Algum *gamado*, sem duvida.

—E' provavel.

—Dizem que é um dos mais insignes agentes da companhia, conhecido na giria pelo nome de *tapea*.

—Agora que o Sr Dr. chefe de policia o tem filado, seria bom que lhe desse qualquer destino, pois que elle é moço e robusto.

VARIEDADES

UMA CONSOLAÇÃO A TEMPO.

Um moço muito esturdio de um navio, estando a limpar á borda da amurada, um bu-

le de prata pertencente ao capitão, deixou-o, sem querer, escapar da mão, e cahir ao mar.

Correu logo a camara do commandante, e disse-lhe:

—Commandante, pode se dizer que uma cousa está perdida, quando se sabe com a maior certeza onde ella pára?

—De certo que não.

—Bravo! então não tenha cuidado no seu bule: está no fundo do mar.

O QUADRO DE UM DOIDO.

Um alienado julgando-se grande pintor, procurava provar que o era effectivamente, e a todos mostrava o seu quadro da Passagem do mar Vermelho.

Era uma tela branca sem o minimo traço.

—Mas onde está o mar Vermelho? perguntavam os visitantes.

—Afastou-se á voz de Moyzés.

—E os hebreus?

—Já passaram.

—E os Egypcios?

—Ainda não vieram.

Quantos artistas não ha por este mundo que muito desejariamos que pintassem sempre quadros assim!

Um meu amigo, casado, me havia convidado para uma viagem a uma de suas fazendas. Estavamos em dezembro.

Encontrando-me com elle, disse-lhe:

—Quando partes?

—Amanhan; prepara-te que te vou buscar.

—E tua mulher tambem vae?

—Deus me defenda... pois si é uma viagem de recreio!...

—Meu senhor, uma esmola por charidade; eu sou orphão.

—Oh! não trago dinheiro, meu pequeno.

—Dez reis ao menos, meu senhor, ainda hoje não comi, e nem tenho pae nem mãe.

—Sim, coitadinho... Mas, que officio é o de teu pae?

—E' pedreiro, meu senhor.

—Ah, velhaquinho, e me dissestes que eras orphão!

—Foi elle quem me ensinou.

CLARAS, MORENAS E TRIGUEIRAS.

—Em sua primeira idade a mulher é a primavera; mas, em geral, a mulher clara é o inverno, a morena o estio, a trigueira o outomno.

A clara é a neve, a morena o calor natural, a trigueira o fogo.

A clara é agradavel, a morena graciosa, a trigueira engraçada.

A clara é formosa, a morena bonita, a trigueira bella.

A clara tem feitiço, a morena graças, a trigueira attractivos.

A clara é a poesia, a morena a doçura, a trigueira bondade.

A clara causa o desejo, da admiração, a morena o da possessão, a trigueir o do agrado.

A clara tem os olhos azues, a morena castanhos, a trigueira negros.

O coração da clara move-se, o da morena bate, o da trigueira oscilla.

A clara usa de coquetismo, a morena coquetaria, a trigueira de donairi.

O amor da clara commove, o da morena subjuga, o da trigueira enamora.

UMA FIGURA DE PEDRA.

Um bebado, sahindo de casa, ao entrar em uma praça viu uma grande figura de pedra, e cuidando ser um homem, tira da espada e dá-lhe uma tão forte cutilada que fez sahir faiscas. Ah! velhaco, disse o bebado recuando, você traz armas de fogo!

Si aqui houvessem estatuas de pedra quantas faiscas não haveriam!...

ANNUNCOS

O senhor que mandou imprimir com extraordinaria pressa uns recibos, para a tinturaria da rua de Baixo e que entretanto ha mais de 15 dias e esqueceu-se de vir buscal-os, queira fazel-o que estão promptos.

PARA OS APAIXONADOS DO BIXO.

Vende-se um cavallo muito habilidoso: á tratar com o Izaac, marcineiro, ás Portas do Carmo.

ATTENÇÃO

RUA DA LARANGEIRA N. 21.

Bandeiras de todas as nações; signaes de Mariath, Filele de cores,

Vende-se por preço commodo.

A rua do Bom-Gosto da Calçada, n. 27 se dirá quem compra prata, ouro, e tambem dá dinheiro sobre hypothecas de quaquer especie.

O padre João Cancio de Andrade, authorisado pelo conselho de instrucção publica, offerece-se para ensinar as linguas latina e franceza, em qualquer collegio, ou casa particular. Para tratar á rua da Preguiça n. 40. 2.° andar.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.

Anno 8.º BAHIA. 1876.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 6.ª QUARTA-FEIRA 2 DE FEVEREIRO. N. 605.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.
ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1 de fevereiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia participando-lhe que, no dia 26, ás 5 horas da manhan, na ilha de Maré, foi esfaqueada a escrava Maria, de dominio de Maria Marcellina, na occasião em que abria a porta de casa de sua senhora.

O assassino que se achava de espreita com fim premeditado, chama-se José Maria e é escravo de Domingos Jacinto Lopes. Até hoje não foi preso, nem se tem providenciado sobre sua captura, quando assegura-se que elle está mesmo dentro da ilha.

A' vista do exposto, espera-se que S. S. expeça terminantes ordens para a prisão do criminoso.

—No cemiterio do Bom Jesus esteve um corpo atirado dous dias sem sepultura.

—Dizem que foi uma mulher escrava, que o senhor mandou enrolar em um panno grosso, enfiar em um pau, e atirar no cemiterio sem guia, sem nada.

—Então o administrador teve carradas de razão em não querer dar sepultura ao cadaver sem a intervenção da authoridade.

—E demais...

—O que ha mais?

—Rolam ahi certos boatos sobre uma pobre escrava que succumbiu á força de castigos.....

—Ah, si nós tivessemos o que verdadeiramente se chama policia, essas e outras não ficariam em mortorio.

—Capitão, corre um boato bem digno da policia se occupar com elle.

—Sobre o que?

—E' nada menos do que dizerem que, o farinheiro d'uma tulha na Praça, o caixeiro d'uma venda, no mesmo logar, e mais dous individuos, persuadiram uma rapariga, moradora no portão da casa grande da Praça, a se prestar a fins libidinosos, figurando no convite apenas um individuo, e depois os quatro reunidos violentaram-na com excesses que a deixaram maltratadissima.

—O serviço da guarda nacional actualmente está sendo horrivelmente pezado.

—E' um inferno!

Não sei os pobres homens como se podem ter em pé!

A guarda do correio levou sete dias sem ser mudada!

—Isso tem maneira?

Pois o corpo humano não cansa?

Como pode levar um homem sete dias e seis noites a fazer sentinella de quatro em quatro horas? Terá por ventura responsabilidade, si, dominado pelo cansaço, deixar um preso fugir, ou outra qualquer cousa?

—A guarda de palacio tem levado tres dias de *mofo,* a dos Afflictos quatro e da Correcção quatro.

—No batalhão de Santa'Anna, tem se dado casos de extremo rigor com os guardas.

Um homem faltou ao quartel e por isso foi mettido no xadrez; do xadrez tiraram-no para a guarda e la o deixaram noventa e seis horas; isto é, fez 16 sentinellas, ou esteve a pé firme 32 horas; no dia em que rendeu-se a guarda, mal entrou ella no quartel, antes mesmo de debandar, o pobre homem, extenuado, morto de somno, lavado de suor, foi de novo atirado ao calabouço.

—Ora isto é reduzir o cidadão brasileiro á condição mais triste do que a do negro de engenho, que sahe do tronco e vae para a palha da canna, voltando desta para seu supplicio.

—Um homem que sahe de uma guarda, onde esteve quatro dias, precisa infallivelmente de acceiar-se, banhar-se, mudar de roupa.

Entretanto a recompensa que lhe dão é encerral-o em uma enxovia!

—Quando não lhe consentiram tratar de

alimentar o corpo quanto mais do accial-o.

—Não sei até que apuros querem levar a paciencia do povo com tanta oppressão.

—O dinheiro arrancado a este povo so serve para desperdicios!

Deram ao Sr. Chamusca, na Mangueira, 1:200$ rs. para elle entoxicar os moradores do Bom-gosto.

—Outros dizem que 2:000$ rs.

—Não ha nada como ter padrinho!

—Esses felizes alcançam até que o governo lhes pague para envenenar o povo.

—A companhia do Gaz costuma mandar atirar na praia a cinzalha que lhe fica nas fornalhas.

O homem entendeu que devia tirar algum proveito dalli; offereceu-se ao governo para fazer uma bonita calçada na rua do Bom gosto, com a tal cinzalha, por um systema seu.

—A proposta, dizem, fallava em uma camada de areia, uma de barro e uma de moinha de carvão de pedra, isto é, o residuo que sahe das retortas.

—Qual moinha, senhor! Esta, vende a empreza a 9$ rs. a tonelada aos caieiros e não é tão tola para dar ao Sr. Chamusca de graça. Cinzalha, sim, porque ainda livra a empreza do trabalho de mandal-a atirar na praia da Jequitaia.

Mas escute o fim.

O Sr. Chamusca recebeu os cobres, chulou-os e semeiou a rua de cinzalha com que está prejudicando a vida dos moradores do Bom-gosto.

E' uma queixa de todos os lados.

Os pratos, os moveis, a comida, vivem cobertos de poeira, a qual entra imperceptivelmente pelos gorgomilhos da gente.

—E ali que passam sempre boiadas, carros, cavallos carregados.

—E' o diabo quando desembarca o gado da estrada de ferro e passa ali.

A cavallaria do Rio Grande, em marcha forçada, não levanta mais poeira.

—Mas o caso é que o Sr. Chamusca teve os cobres e quem lh'os deu a comer não trata de verificar que obra fez elle.

—Isso é que é de veras.

—Então viva a patria e morram os patifes.

—Que diabo tem a patrulha hoje?

—Aquillo é força de bebida.

—Não pode ser outra cousa.

Si passa uma preta com alguma trouxa, os soldados a fazem arriar e passam revista, a titulo de ordens recebidas do subdelegado.

—Agora embirraram com as tavernas, ainda são 8 horas da noite e querem que os taverneiros fechem suas casas.

—E' justamente o que diz V., é força de bebida.

—Ora, hoje domingo 30, V. o que quer?

—E coube logo por sorte virem estes policias patrulharem na freguezia de Sant'Anna...

—Que policiaes tem a Bahia!

—Sr. inspector, de duas uma: ou espanque a mulher como particular, ou prenda-a como authoridade.

—Ha de ser uma cousa e outra.

—Ora isto é justiça da Rua do Paço.

—E scenas do Taboão, depois do fogo de S. Gonçalo.

—Capitão, no domingo á noite houve um grande sarceiro na rua Direita da Misericordia, na lojinha n. 3—A, onde mora uma rapariga *feliz*.

—Já me contaram isso; houveram garrafadas *por cima do tempo*.

Dizem que foi um tal tenente Barboza, que, tendo comprado uma *costura* em mão da rapariga, não lhe quiz depois pagar, dando-lhe em cima uma bofetada.

—E ella arremessou sobre elle a sua *artilharia* de garrafas.

—Que duvida! serviu-se das armas que tinha em casa.

—O que admira é que o barulho, levando um tempo immenso, não atrahisse um só agente de policia!

—Eu só sei dizer que, si não é o povo que accommodou a cousa, o negocio iria adiante.

—Quantas palavras immoraes proferiu a tal messalina!

—E a policia esteve ensurdecida a tudo isto!

—E' inegavel que isto é uma terra do viva quem vence!

—Capitão, venho dar-lhe uma noticia.

—Vamos lá com isso.

—Na segunda-feira, ás 9 horas da noite, ouvi toque de apitos para os lados do theatro, e encaminhei-me para o logar.

Havia muita gente reunida no principio da rua de Baixo.

«—Está presa a mulher, á ordem do subdelegado, dizia um criançola, que me informaram ser inspector de quarteirão.»

«—Não vae prosa, isto é desaforo, clamava o povo.»

Continuavam a tocar apitos, e nem um soldado de policia apparecia.

Por fim deliberou o povo que a mulher

fosse levada á presença do subdelegado, mas, ao chegar ao becco de Maria Paz appareceu um soldado de policia e o inspector entregou-lhe a mulher para leval-a á Correcção.

Travou se ahi um conflicto e a mulher desappareceu das vistas do soldado e do inspector, sendo este pateado depois pela turba que o cercava, porque esta reconhecia que a prisão era feita sem fundamento algum.

—Como se chama a mulher?

—Josepha, mas é conhecida por *Pata-choca*.

—E o inspector porque prendeu-a?

—Por tel-a convidado para ir em casa delle; mas como ella regeitasse o convite e elle instasse, deu-lhe uma bofetada.

—Então foi por isso?

—Sim.

—Quem se expõe a amar, se expõe a padecer.

—Agora o que admira é que levou-se a apitar desde 9 horas até ás 10 e não appareceu a patrulha do districto.

—E não é isto só; admira mais que um inspector de quarteirão, que deve ser o primeiro a fazer manter a boa ordem, seja o primeiro a provocar desordens. Para que dirigiu elle graças á mulher?

—Depois, indo ella de costas quentes, por que levava o seu capão junto, um tal Salvino.

—Tanto melhor!

—O certo é que, depois de toda a palhaçada, o inspector procurava a casa onde a mulher havia entrado, estando ella em uma casa defronte mesmo do inspector e do ajuntamento.

—Mas V. não sabe que a policia desta terra, alem de ser surda, é cega?

—E' o que me parece.

—Estas authoridades policiaes arbitrarias e despoticas, só servem para perseguir os pequenos.

—Principalmente quando não se podem desabafar com os grandes.

—Abusam da lei impiamente, infringem-n'a, praticam mil desvarios, tornam-se carrascos da liberdade individual, e tudo sem responsabilidade!

—Ahi é que está o mal.

—Dizem que o delegado do Pombal recrutou quatro creanças, a mais velha das quaes tem 14 annos, e trabalha para alimentar o pae sobre uma cama, e remetteu-os para a capital.

—Mas com que fundamento?

—Capricho unicamente.

O chefe de policia achou tanta sem razão, que reprovou o acto do seu subalterno e immediatamente mandou restituir a liberdade aos recrutados.

—Honra lhe seja feita nesta parte.

E' o que me faz sympathisar com aquelle homem.

—Porem o delegado do Pombal, com seu procedimento illegal, causou dous prejuizos, que em outro paiz, onde se respeitasse a opinião publica, onde as instituições fossem uma verdade, onde o povo tivesse o direito de saber em que vae o seu suor, elle seria arrastado a indemnisar.

Oneron os cofres publicos com uma despeza inutil com o transporte de recrutas que a lei isenta do recrutamento; e causou grave detrimento ás familias das victimas, pondo pobres senhoras na dura alternativa de transporem cumpridas legoas em uma penosa viagem, cheia de fadigas, para acompanharem seus filhos.

—E as despezas de torna-viagem? Os desmanchos que soffrem suas propriedades, suas lavouras, em quanto estão ausentes?

—E tudo isso se dá em um paiz constitucional e todo esse cortejo de arbitrariedades e infracções é praticado em nome da lei!

—E dizem que o Paraguay é um paiz infeliz!

A PEDIDO

—Dá licença, Sr. capitão?

—Pois não, meu charo.

Temos alguma cousa nova?

—Muitas e boas.

Mas, antes de tudo, diga-me: como se houve o negociante dos defuntos com o muxingueiro?

—O muxingueiro executou maravilhosamente a commissão.

—Porém aquillo é cousa muito ruim e nunca sentiu o rubor do pejo assomar-lhe ás faces; aquella cara de burro amuado não córa.

Mas eu, meu capitão, hei de dar-lhe meia duzia de sapecas boas.

Este biltre, quando ainda burrinho, quero dizer, mocinho, era levado pelo finado pae como prato em leilão, a fazer e desfazer casamentos, porque, dizia elle, só o havia de casar com filha do sol e neta da lua, ate que a final o jumentinho humano, dominado por insaciavel gana de devorar uns sessenta conticulos de uma orfan la para a *Ma-viagem*, arranjou este par de botas, e eis o casmurro casado.

Porem note, capitão, que elle, antes de casar, não reparou nem sua familia e parentes, que a orphan não era de sua qualidade e só depois de embolsar os conticulos é que viu isso, e então toca o bruto e toda sua afidal-

gada parentella a maltractar e desprezar aquella cuja fortuna estava elle desfructando.

Pobre orphan! que transes passou na vida, que continuo viver de lagrimas não foi o seu, que lh'o fazia verter o monstro a cada passo!

Muitas vezes a vi com o rosto desbotado, acabrunhada de pezares, lamentando seu destino cruel, muitas vezes a fui encontrar banhada em pranto, lastimando-se da maneira grosseira porque era tratada por aquelle que casou com seu dinheiro.

A morte é a bemaventurança dos desgraçados.

A infeliz, a quem a posse de alguns bens da fortuna fizera desditosa, descançou desta vida.

Desse desastrado consorcio teve o monstro tres filhos; um morreu; restam o mais velho e o mais moço. Pois este pae desnaturado não faz caso dos pobres orphãosinhos, e os trata como si fossem engeitados.

Tem feito no inventario de sua mulher as maiores ladroeiras; cousas que fazem pasmar de horror. Si a extorção fosse feita a estranhos, não admiraria; mas a seus proprios filhos, é horrivel!

Capitão, é uma obra de charidade chamar a attenção do *juiz dos filhos sem paes* para a sorte daquelles infelizes meninos.

O abutre ja devorou o casal do pae, o que mais logo lhe contarei, e agora cava a desgraça de seus filhos; pois a propria casa onde mora está passada a um rico negociante, seu compadre, por não pequena quantia.

Tudo isso para nutrir a fofice de seu genio perdulario; ou para enterrar na voracidade do jogo.

—E como aquelle tratante arrota tanto de homem de bem!

Muxingueiro, arma-te com a taca, vae segunda vez ao becco d'*agoa com mel*, senta-te em baixo do pé de *carvalho*, espera pelo tratante e traze-m'o.

—O'é! Hoje temos dança de rato; decididamente cuspo na cara do safadinho.

—E eu, meu capitão, ca voltarei para continuar a narração e então é que V. Ex. ha de pasmar. (*Continúa.*)

Roga-se ao Illm. Sr. chefe do *trem do mar*, muito conhecido pela sua probidade, honestidade e boas qualidades, que se condôa dos pobres pequenos, não consentindo que o homem que nunca foi, nem é *leal* a ninguem, o qual sempre andou em procura de *granja*, para saborear os bons fructos que a terra produz, não os persiga com a sua vara de ferro, só propria para marinheiros que estão debaixo do regulamento do conde de Lippe.

Que isto por cá é differente de bordo de um navio, que aqui trabalham homens livres para sustentar suas familias com honestidade e honradez.

Que em vez de estender uma rigorosa fiscalisação a elles, a estenda á alguns grandes que a todo instante embarcam biscas e fazem patotas de grande escala.

Que isto não é um certo navio *aduaneiro* que commandou, aonde fez suas patotas nas compras dos generos, que lhe eram encarregadas.

Que se deixe de ser tão rigoroso, que seja mais humano para com o seu semelhante.

Si não se corrigir, nem arrepiar da carreira que já abraçou, então nos encontraremos outra vez na Jaqueira, aonde fico a sua espera no meu escaler.

O patrão da Januaria.

Amigo *Zé-Zef.*—Por intermedio do *Alavama* recevi a tua, e por essa mesma bia te mando esta.

Apezar de seres fraco cunsilheiro, concordo que sou um vruto, um animali de marca grande, mas quanto a arripiar carreira na compra de alguns arranjos que me appareçam, isso não, não posso resistir, porque já estou muito abesado a traficancia, que adoptei para meio de bida.

Olha primeiro para ti; tu tens sobre mim a bantagem de teres a vodega á veira de cinco trapiches, emquanto que eu só tenho um em frente de meus olhos besgos.

Alem disso eu moro do lado de terra, e tu á vorda d'auga, com alçapão em casa.

E' berdade que compro algum assucar, algodão, fumo, e outras miranças; tu compras tudo isso, e de mais a mais as rações dos pretos do 2.º trapiche do nome da nossa rua.

E' certo que com esses pretos mora o encarregado de os bigiar, mas, coitado, anda sempre na vota, como eu, e por isso está já com o orgão bisual tão estragado que nada bê, o que é uma fortuna para ti, pois que são elles os teus melhores freguezes.

Olha *Zé*, bamos aproveitando emquanto não nos armam por ahi algum prucesso, por que a cousa já é muito calba, e as aturidades hão de tomar isto em considração.

Eu cá tenho o meu officio de chapleiro, e tu? ah sim, tu boltas para a estrada do curralinho.

O negocio dos dous ternos de pezos já está descoberto.

Teu cullega e amigo

Chêtas.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 61.ª TERÇA-FEIRA 8 DE FEVEREIRO. N. 606.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.
ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de fevereiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, pedindo-lhe providencias para que cesse o spectaculo de andar pelas ruas uma menina, exposta, atraz das irmans de charidade, carregando na cabeça cestos e trouxas para o hospital.

Não é crivel que a Santa Casa, com o grande rendimento que tem, precise que uma menina livre seja obrigada a trabalhos, que, pelos habitos do paiz, são destinados a escravos ou a quem livremente quer carregar para si.

Si as meninas de côr branca não são empregadas em tal serviço, é estranhavel que as irmans de charidade lancem mão desta, por ser de côr preta e andem com ella atraz de si, como si fosse sua escrava, a carregar fardos, cestos de fructas, e acepipes para sua meza. Espera-se portanto da rectidão de S. S. que este abuso desappareça.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que, por conta do respectivo proprietario, faça arrear quanto antes os andaimes de uma casa, ao principio da ladeira da Misericordia, os quaes, por gastos e podres estão cahindo aos pedaços e podem prejudicar a vida de alguem, transitada como é essa ladeira.

Esses andaimes, que estão assentados a mais de anno, são de uma obra a cargo de Antonio de Aquino Gaspar, parada a egual tempo; o que se observa para pleno conhecimento de S. m. Cumpra.

—Ha tres dias que passo na rua das Campellas e vejo este armazem de trapos e cangacés entulhando a rua.

Parece que tres carros da limpeza são poucos para conduzir tanto *cacareco*.

—Sabe o que foi?

A neta desta pobre velha, tendo de mudar-se e não querendo leval-a comsigo atirou-a no meio da rua com toda esta traquitanda!

—Ingratidão sem quilate para com sua mãe, duas vezes!

—Por isso é que ha tres dias vê o senhor este quadro edificante no meio de uma rua transitada, dentro desta civilisada cidade.

—Eu não sei de tanta cousa que se passa nesta terra, como a policia não vê nada!

—O que houve de mais?

—Uma mulher que foi espancada brutalmente no Maciel de Cima, casa n. 7-A; gritou por el-rei de França e ninguem lhe acudiu.

—Quando?

—Quarta-feira; fazem oito dias e ainda está gravemente offendida, com a cara partida e o corpo todo amassado.

—Sabe-se quem deu?

—Ciumadas do amasio.

—Ora, não vale a pena; são questões domesticas que ficam em nada.

—E' que a mulher podia ou pode morrer, sem que a policia se *dê a cheirar*.

—A rapariga que foi forçada em uma tulha na Praça, recebeu 20$ rs.

—Preço, sem duvida, porque se prestou a acção degradante.

—Não; recebeu-os para, si por accaso a authoridade tomasse conhecimento do facto, ella negar tudo e declarar que o que se passou foi com seu amplo consentimento

E assim succedeu.

—Sua alma sua palma.

—Diz o *Jornal* que o delegado do Pombal não recrutou á menores, e sim que enviou cinco delles que *julgou abandonados* e no caso de gozarem da protecção do aviso do ministerio da marinha, de 7 de dezembro do anno p. p.

—Ora esta gente a querer fazer dos mais *menino do cego*!

Pois as mães desses menores que se abalaram de tantas legoas para virem a secretaria da policia reclamar seus filhos, não se apre-

sentaram primeiro ao delegado do Pombal fazendo egual reclamação?

E porque não lhes entregou elle seus filhos?

—De duas uma: ou supina ignorancia em interpretar a letra do aviso, ou decidido capricho em infringir a lei.

—As irmans de charidade estão contaminando a Bahia inteira!

—Olhe que V. não deixa essas charidosissimas senhoras socegar!

—Por força; não posso ver se arrancar assim o pão da bocca de minhas patricias para dar-se a mulheres estrangeiras.

Agora esperam um cardume d'essas hypocritissimas senhoras para irem tomar conta da administração do hospital de Mizericordia da cidade de Santo Amaro.

—Hum!

—Então; acha bom ellas invadirem assim todas as casas pias?

—Ellas não tem culpa; culpa tem quem as manda buscar!

—Mas deixe estar que a hora da punição será tremenda!

—A lei em mão de certas authoridades, torna-se uma maquina infernal de odio e vinganças.

Estribados nella cevam seus caprichos e de seus amigos.

—O povo não encontra justiça quando se trata de servir a amigos, ou correligionarios politicos.

Escurece-se a razão e o direito.

—E bem raros nos tempos de hoje são os magistrados que podem livremente metter as mãos em suas consciencias.

A maior parte das vezes o juiz não é venal; mas para servir a um amigo, a um sectario politico, torce a razão e o direito e deixa de reparar uma injustiça, de revindicar um direito torpemente extorquido pela prepotência, somente porque lh'o pedem esses amigos!

—E quantas vezes não tem a toga veneranda do preposto da lei, que devia ser inexoravel com o crime, animado sua reproducção, absolvendo um criminoso por condescendencias e affeições?

Quantas vezes o fraco, que vae procurar na lei a reparação de um aggravo, de uma extorsão, de uma iniquidade, não sahe de cabeça baixa com a decepção no coração, em quanto a impunidade se mostra altiva e altaneira?

—Quem sabe,si agora mesmo, algum caso desta ordem não se estará passando, no solio augusto de Themis, onde as conveniencias humanas deviam de ficar de parte?

—E V., meu moralista, cale-se, que o mundo para ser mundo ha de ser assim.

—Capitão, o Sr. Rufino José Travassos, com loja de bahús, pede que se declare que o Travassos de que falla uma publicação no *Alabama* n. 603—604, sobre o José Argolinha, não é elle.

—Não é preciso. Todo mundo pela leitura concebe que Travassos é um individuo saveirista.

—O Sr. tenente Barboza, do corpo policial, faz egual reclamação a respeito da identidade de nome entre elle e o individuo que brigou na rua da Misericordia com uma meretriz; facto que foi publicado.

—Seja satisfeito.

O individuo que na noite de 30 do passado brigou com a moradora da casa n. 3—A, á rua da Misericordia, é um Barboza, charuteiro, que se inculca de tenente de voluntarios.

Creio que assim fica satisfeita a susceptibilidade do Sr. tenente Barboza a tal respeito.

—Os soldados de policia estão nas condições de usar de tanga; não lhes dão o que vestir.

—O caso é que elles não andam núa.

—Porque compram fardamento á sua custa do mingoada soldo.

—Ha pouco coseu-se muita farda e muita calça na policia.

—Do que serve, si não dividem?

Aquillo é só para constar. Devem aos soldados os fardamentos de 1868, 1869 e 1870.

Ha soldados que desde que sentaram praça não tiveram uma peça de roupa.

—Nem o fardamento de recruta?

—Nem isso. Vestem-se á sua custa.

E como os bonets ja estão cor de rato pellado, ainda obrigam os homens á uma despeza de 2$ rs. com duas capas brancas para cobrir os bonets; isto é, duas, para mudar uma quando estiver suja.

—E' o diabo! ha dinheiro para tanta *muginja* e só não ha para o que é de necessidade.

Agora mesmo o presidente acaba de cortar uma fatiasinha dos cofres geraes para o Sr. Rocha Lima, mandando-o commandar uma fortaleza desarmada e que já teve baixa.

—Assim nunca ha de se ter uma policia boa, e os soldados por força hão de dar em *grileiros*.

A PEDIDO

Accio da cidade.

1.

A camara municipal acaba de submetter a approvação do governo um projecto provisorio para o accio da cidade.

Sem melhorar o onus que pesa sobre os cofres da provincia, torna se o serviço mais improficuo e precario.

Si, actualmente, com 66 carroças e 6 agentes fiscaes, destribuidos pelas freguezias, para inspeccionarem o trabalho dos carroceiros, o serviço não é perfeito, como o poderá ser diminuindo-se o numero de carroças e sem a devida inspecção, visto que dous inspectores são insufficientes para percorrer todo perimetro da cidade e providenciar a urgencias momentaneas?

As multas nenhuma efficacia produzirão, porque os arrematantes procurarão pretextos para dellas se alliviar; ja soccorrendo-se a evasiva de que as ruas são emporcalhadas depois de varridas; ja procurando outras desculpas com que se possam subtrahir as referidas multas.

Por sua parte o governo, que parece predominado da caprichosa birra, de arrancar das mãos actuaes a limpeza da cidade, embora vá ella cahir em outras inaptas e inhabilitadas, insinúa a camara a que lance sobre as classes pobres um tributo de 500 rs. mensaes.

S. Ex. mede as condições da pobreza pelas suas.

Encarando-se isoladamente, 500 rs. não é nada; mas para este povo que ja paga imposto pessoal, que é cossado pela guarda nacional, cujo pesado serviço lhe subtrahe o tempo que deve ganhar o necessario á vida; nesta epocha em que, pelos enormissimos direitos, os generos de primeira necessidade estão carissimos e outros escassearam do mercado, como a manteiga ingleza, a cebolla, etc., 500 rs. é uma contribuição onerosissima e forçada.

Podem pagar aquelles que tem facilidade de prover-se e aos seus nos empregos publicos; o povo não.

Si o serviço como é actualmente feito não satisfaz as exigencias publicas, ao menos delle tem resultado alguns melhoramentos e ja não se vê na freguezia da Sé os enormes montes de esterquilinio como havia em frente a egreja d'Ajuda, becco do Curiaxito, rua da Larangeira, travessa da Ordem 3ª, Pau da Baudeira e outras.

Que para obter-se um serviço mais ou menos regular, não é demasiada a quantia actualmente dispendida, prova-a a opinião emittida pela camara municipal e a falta de concurrencia, ha tres annos, em que está em hasta publica o serviço do accio da cidade. O que transluz em tudo isso, por mais que o queiram disfarçar, é que ha decidido proposito em desconsiderar transactas administrações nullificando seus actos.

Suspender o serviço da limpeza, como ameaçou o governo, em seu officio de 5 de janeiro a camara municipal, é arriscar a saude publica, nesta estação em que grassam febres perniciosas; porque as montureiras surgirão por encanto em cada canto de rua, em cada becco.

E' verdade que o presidente declarou estar resolvido a fazer observar as posturas municipaes, por intermedio da policia.

Porem perde seu tempo e não conseguirá mais do que crear conflictos.

Toda vigilancia da policia não será capaz de extinguir a porcaria das ruas.

Além disso, o povo habituado ao actual systema de despejo do lixo, ha de custar muito a se desarraigar delle, e teremos a policia em constante lucta com a população, sem resultado benefico, porque a policia da Bahia, diminuta como é, imprevidente, deleixada, não poderá impedir em todos os pontos da cidade que se despeje cisco.

Uma patrulha que estiver no Terreiro não poderá prohibir que se faça despejo na rua dos Capitães, etc.

O que se seguirá é que a policia terá muitas vezes de impor multas áquelles que não infringiram as posturas municipaes.

Nada mais facil do que o individuo sahir com uma trouxa de cisco e deixal-a em frente á casa de outro, e no dia immediato ver se a policia em lucta, querendo condemnar o innocente.

Estas linhas diatdas unicamente no interesse do povo, unico soffredor, se estenderão a mais algumas considerações sobre o assumpto.

—Capitão, vou lhe contar o que por ahi vae de bom.

—Diga e não perca tempo.

— Na rua dos Carvoeiros, freguezia da Sé, loja n. 19—A, mora a africana de nome Felicidade, a qual tem uma sobrinha, crioula, de nome Anastacia.

Anastacia, tem em sua companhia uma crianeinha de 5 a 6 annos, de nome Constança, orfan de pae e mãe, e pagan, a qual soffre de Anastacia os mais crueis tractos, sendo até queimada a tição pelo corpo, pelos peitos e até nos labios.

Ha um mez passado, chegando essa criança á porta da rua, foi vista por alguem, que despertando-lhe a compaixão e curiosidade interrogou-a e ella respondeu que aquillo era feito por sua mãe com um tição de fogo. D'ahi até hoje, ficou Constança recolhida á cosinha sem mais sahir á porta, e perguntando-se por ella, respondem que não está.

—E o chefe de policia saberá disso?

—Qual! Si elle soubesse o caso tomaria outro geito.

—E era a felicidade da infeliz orfan desvallida e pagan.

—Moça, o que quer a estas horas?

Não pode subir.

—Sr. sentinella, deixe-me entrar; eu não sou pessoa estranha. S. Ex. conhece-me bem de perto.

—Mas S. Ex. não dá audiencia ás 11 horas da noite.

—Eu não vim a audiencia, vim a *conferencia*.

—Seja como for, não pode entrar.

—Que gritos são estes ahi na porta?

—Uma mulher desconhecida, que quer entrar, Sr.

—Sou eu, Exm.

—E porque não sobe?

—O sentinella não quer.

—Então isso é de sua conta? Como é que quer prohibir que a moça entre?

Quem o authorisou a ingerir-se nos negocios de minha familia?

—Mas, senhor, esta moça... eu sei bem ella quem é... e sei perfeitamente que não é da familia de V. Ex... por isso é que me oppuz que a estas horas penetrasse no paço.

—Cale-se, insolente; que posso o mandar já prender.

—Eu sei que V. Ex. pode mais; porque V. Ex. é Thomé de Souza desta terra, e eu sou um pobre guarda do 3.°

—Sr. cara de ladeira da Soledade, V. não é um homem casado, com edade sufficiente para conhecer o que lhe está bem?

Como é que está sempre em casa da viuva que recebe do Monte-Pio dos Artistas o cobrinho que lhe toca, e que está prestes a perdel-o por sua causa, logo que o sociedade o saiba?

Sr. redactor.—Lendo no *Alabama* de quarta-feira 2 do corrente, a noticia de que no cemiterio do Bom-Jesus, estivera por dous dias, insepulto o cadaver de uma mulher escrava, corre-me o dever, na qualidade de administrador do dito cemiterio, de rectificar a noticia e explicar o facto como se deu.

No dia 13 de janeiro, trouxeram ao cemiterio, envolvido em uma rêde, um cadaver, sem que estivessem preenchidas certas formalidades que o regulamento do mesmo exige.

Mandei sobrestar a inhumação do corpo, até que fossem cumpridas as referidas formalidades; satisfeitas ellas, procedeu-se immediatamente ao enterramento, sem que a isso medeiasse, ao muito, mais que o espaço de 4 horas.

Da guia do Rev. parocho consta ser uma preta de 70 annos, escrava, fallecida de inflammação interna.

Sou, Sr. redactor

De V.

Hermenigildo Pereira d'Almeida, administrador do cemiterio do Bom Jesus.

VARIEDADES.

Motte.

Amor de frade faz medo
Fujam delle a desfillada

GLOZA.

Sim, tu vives no enredo
Do ciume devorante,
Por isso dizes a amante
Amor de frade faz medo
Confessa, amigo, (em segredo)
Algum te subiu a escada?
Deixou-te a fronte elevada
Semelhante ao marroaz?
Tens rasão, grita rapaz—
Fujam delle a desfillada

Innocencia.

Estando certa mulher a rezar com o filho, que pouco mais tinha de quatro annos, disse-lhe:

—Ergue as mãos e pede a Deus que nos dê pão.

Respondeu immediatamente a creança:

—Pois elle é padeiro?

Recurso desesperado.

Demittido um empregado publico, principiou a dizer por toda a parte que se o não reintegrassem, brevemente lhe morreria muita gente nas mãos. Perguntando-lhe o chefe de policia o que entendia por aquella ameaça, respondeu:

—Eu não ameaço ninguem; o que digo é que se me não dão outra vez o meu emprego, vou estudar medecina.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SÉRIE 61.ª SABBADO 12 DE FEVEREIRO. Ns. 607—608.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.
ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de fevereiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que, no becco das Hostias, freguezia de Sant'Anna, mora Clara de tal, parda-escura, a qual tem em sua companhia uma menina.

Acontecendo, no dia 9, que a referida menina, por descuido ou accaso, quebrasse uma frigideira, foi atrozmente espancada pela tal Clara, a qual, não contente com o excessivo castigo, que acabara de applicar, lançou mão de uma acha de lenha e fez enorme brecha no craneo da pobre creança.

Si as obras de misericordia permittem castigar os que erram, ninguem tambem está legalmente authorisado a converter-se em carrasco da humanidade e muito menos de uma creança.

Levando-se ao conhecimento de S. S. reclamações desta ordem, que podiam ser feitas ás authoridades subalternas, é na confiança de que S. S. não contemporisa com abusos taes, e portanto espera-se a justiça que o caso requer.

—Ao Illm. Sr. director geral da instrucção publica, extranhando que, terminando as ferias do ensino primario a 8 de janeiro, ainda no dia 5 de fevereiro estivesse fechada a aula primaria para o sexo feminino na cidade da Cachoeira, ignorando-se si nesta data ja cessou semelhante omissão, ou si aindá continúa, o que cumpre que S. S. verifique e, no caso de continuar, faça immediatamente seguir a respectiva professora para seu destino.

—Dizem que na Mangueira, freguezia de Sant'Anna, em casa do barão do Rio Vermelho, ha dous cavallos, que, a certo signal, avançam sobre as pessoas.

—Credo!

—E que os creados do nobre fidalgo divertem-se em lançar os fogosos animaes sobre pretos, creanças, e mais alguem.

E' verdade, que logo que elles partem, os fazem retroceder por outro signal.

—Cruz!

Bom divertimento que causa sustos, carreiras e quedas.

—O Sr. Cosme Damião de Santa Rosa podia morrer na segunda feira.

—Boa duvida! Para morrer basta estar vivo.

—Eu fallo de uma desgraça.

—Ah, isso é caso differente.

—Sujeitos, que andavam passarinhando na estrada de Brotas, deram um tiro, cujos caroços de chumbo vieram cahir-lhe nas pernas.

—Ha uma postura que prohibe.

—O haver ha; mas não se executa.

—Então é cada um pedir a Deus que o livre das más occasiões.

—Capitão, teve noticia de um facto acontecido, ha dias, em S. José, freguezia de Santo Antonio?

—Não.

—Foi surrada a creoula liberta Perpetua, conhecida por *Perpetua grande*, que foi escrava do Sr. Piapitinga, á Cruz do Cosme.

—Quem praticou tão bella acção?

—Filippe, trabalhador no curral, tambem liberto, e que foi da casa do Sr. Tito Mello.

—O tempo está para isso; cada um desabafa-se por suas mãos.

—As serventes do hospital da Santa casa são verdadeiras creadas de servir das irmans de charidade.

—Eu creio que são assalariadas para o serviço puramente do estabelecimento; aceio da casa, tratamento dos enfermos, etc.

—Porém as irmans de charidade aproveitam-se dellas para seus afazeres particulares.

Além de serem constantemente distrahidas em compras e mandados; quando chegam os

vapores da Europa convertem-se em ganhadores do canto.

Hontem, 8, com a chegada do *Amazone*, as serventes do hospital levaram carregando pacotes e bahús para serem embarcados, accompanhadas por duas charidosas.

—E' um abuso inqualificavel.

Então essas mulheres, que desfructam da Santa Casa gordos vencimentos, estão no caso de ainda se locupletarem com o serviço dos empregados?

—E' um roubo.

Si querem ter creados para seus negocios, porque não os alugam?

—Está como ellas zelam os interesses da Misericordia.

—A culpada é a Meza, que consente este desaforo e outros muitos a favor de taes mulheres, porque são estrangeiras.

—Entretanto tem-se cortado tudo que é dos brasileiros ganhar um vintem n'aquelle estabelecimento!

—E o dinheiro não chega para nada!

—Tudo soffreu córte.

Antigamente havia uma collegiada de 6 a 8 padres, rezava-se côro todos os dias, nos domingos missa cantada; hoje acabou-se com tudo e reduziram a dois capellães.

No hospital a economia chega ao ponto de dar-se agoa de ração aos doentes, e so para o luxo desordenado, para as extorções que fazem as irmans de charidade em seu beneficio, não se olha!

—Ora que os malvados sempre hão de ter protecção!

—O que foi que acconteceu?

—Angelo piloto é um perverso do diabo, um larapio atrevido; ha mil factos delle na policia e nas subdelegacias diversas.

Pois, um individuo desta ordem foi preso ha dias com uma arma prohibida e em logar de ter a punição da lei, achou logo protecção e foi solto.

—Onde foi preso?

—Creio que na Rua do Paço.

—São o diabo essas condescendencias, quando se tem de cumprir a lei.

—A semana passada, deu-se, na Estrada Nova, um facto criminoso, que attesta que ninguem pode contar com a acção da justiça quando aggredido.

—O que houve?

—Isto mais ou menos:

Antonio d'Argollo, operario pintor, casado, entrou em uma casa de banhos, onde, depois de banhar-se, deu dez tustões ao feitor para cobrar-se de tres vintens: este por não ter cobre, guardou-os e disse que viesse receber o troco no outro dia, argumentado que não se ia tomar banho com dinheiro inteiro; ao passo que Argollo pretendia que fossem a uma venda proxima trocar a cedula, ao que retorquia o feitor que não podia deixar seus afazeres para ir trocar dinheiro, nem confiava que Argollo fosse só, porque podia empinar-se.

O desfecho da questão foi receber Argollo uma facada sobre as virilhas.

—E o aggressor não foi preso?

—Qual, senhor!

—Em que altura deu-se o facto?

—Adeante do Manoel dos Papagaios.

—Estes homens entendem que por qualquer nada devem se trucidar!

—E a impunidade em que vae o crime, cada vez mais o authorisa.

—As casas de pasto, entre nós, são daquelles objectos que reclamam séria vigilancia dos que são obrigados a velar pela saude publica.

—Sim, Sr., é pura verdade.

—Quasi em todas ellas, com bem poucas excepções, as cosinhas, vasilhas, e mais pertences culinarios são focos de porcaria.

—Não ha muito tempo que, entrando em uma casa destas, a qual passa por uma das de primeira ordem, depois de me ter servido, pedi a conta.

O pedante do caixeiro saccou um lapis do bolso, fez a conta dentro de um prato e depois apagou-a com o dedo que havia molhado com a saliva da bocca. Isto repugnou-me!

Assentei-me a um canto para descançar a comida e d'ahi a pouco entrou outro freguez, que foi servido no mesmo prato que ha pouco havia levado dedadas de cuspo!

—Um amigo disse-me que, em uma casa de pasto, onde havia uma preta serve-te, esta, sempre que lhe pediam um prato com pressa, por abreviatura, limpava-o na saia.

Felizmente esta fechou-se.

—Tambem eu sei de uma onde ha um preto velho cheio de bostellas e feridas, empregado em catar arroz, feijão, legume e, talvez, mais algum serviço.

—Porem isso passa como si fôra cousa que nenhum prejuizo causasse ao povo!

—Os fiscaes não enchergam nada!

—Ora diga-me, haverá pessoa alguma que tenha senso commum, que compre para comer, doces, cangicas, jacas, mongunzás, bolinhos e outras porcarias que se vendem pelas ruas desta boa terra, na cabeça de negros e negras bichentos, cheios de polía, feias e nojentas que causam asco? Algumas ha que

alem da figura indigna trazem no taboleiro uma toalha nauseabunda e fedoronta, com que, em casa de seus senhores, se limpa mãos de garôpa. A's vezes, estas mercadoras de taboleiro trajam roupa immunda e farrapenta, por entre os buracos da qual se deixa ver um formidavel formigueiro, uma pustula, uma chaga repugnante, de onde cahe pelos lados aquelle *precioso licor* que ellas uma hora por outra limpam com a mesma mão que pegam no objecto que estão vendendo!

—Tudo isso devemos á incuria dos nossos *diligentes* fiscaes, que só se occupam com as tavernas, porque é cousa *que deixa*.

A PEDIDO

—Capitão, venho contar-lhe uma cousa.

—Não sendo negocio massante, estou ao seu dispor.

—E' um facto que V. Ex. estimará muito saber.

—Então nada de perder tempo.

—Ora lá vae:

Era thesoureiro do Senhor Bom Jesus do Bomfim, no tempo da independencia, um portuguez, o qual, na entrada do exercito pacificador, ajuntou todas as alfaias da capella e fugiu para Portugal levando-as comsigo.

Depois de estar em seu paiz, mandou de lá uma conta para a meza pagar-lhe, dizendo que o Senhor do Bomfim ainda lhe tinha ficado devendo!

—O Senhor do Bomfim deve á todos os thesoureiros; ainda não vi sahir de lá um devendo a Elle.

—Tambem não sei como elles arranjam essa bola!

Em vista d'esse facto, como em todas ás nações ha homens tratantes, assim como ha honrados; os distinctos portuguezes Joaquim José d'Oliveira, Francisco Antonio Rodrigues Vianna e outros, mandaram vir da Europa, a sua custa, novas alfaias para a egreja, e em meza deliberaram que poderia ser thesoureiro do Senhor do Bomfim qualquer individuo que professasse a religião catholica, menos os de nacionalidade portugueza; disso se lavrou acta e se tem até hoje observado, tanto mais quando essa deliberação partiu desses distinctos portuguezes, em 1823.

Agora, porem, que se poude encartar na meza da devoção do Senhor do Bomfim o Sr. commendador Sampaio Vianna, brasileiro, requereu para que se inutilisasse essa acta porque n'ella via-se apenas a reacção de antigas datas, afim de que tivessem alli entrada os portuguezes.

—E passou o requerimento?

—Não; o Sr. João Ferreira Vianna Lima, oppoz-se a que passasse esse requerimento e pelo que retirou-se.

Ficou adiado depois de alguma discussão; mas é de presumir que passe.

—O Sr. Sampaio Vianna entende encaixar na thesouraria ao Sr. Oliveira, dos chafarizes, e outros portuguezes, seus amigos, porque as vistas delles são de encartarem-se na devoção e comprarem, para deitarem a baixo, as casas chamadas dos romeiros, afim de aformosearem o seu hospital.

—Não o podem fazer, porque aquellas casas não podem ser vendidas, nem alugadas, porque o individuo que as legou ao Senhor do Bomfim, foi somente para descanço dos romeiros, com a clausula de, si se as alugasse, ou tentasse vendel-as, ficarem pertencendo á Santa Casa da Mizericordia.

—Elles hão de entrar para a devoção; hão de comprar as casas, deitarem a baixo e ninguem lhes ha de ir ás mãos!...

—Ora si hão!....

—Basta ja haver um brasileiro na devoção que se interessa por isso.

—Mas que brasileiro? Um brasileiro condecorado com uma commenda portugueza, que não deixa de ser um commendador portuguez de bigode pintado!

—Bico! ☞ Esperemos!

O mundo é de quem mais ganha

No logar chamado Cachoeira de Itabuna, da villa dos Ilheus, ha um personagem que, apenas ha 11 ou 12 annos passados, era um cavalheiro de tristissima figura, um D. Quixote a pé, que andava de jaquetinha rasa, sem calças de entradas largas e uma pantalona com negação de funda, e assim occupava o posto de official de justiça.

Hoje esse biltre traja de lord, roupa fina, pisa firme e emproado a terra, dizendo com seus botões: agora, sim, ninguem pode commigo! fanfurrice que lhe valeu o appellido de *visconde de Itabuna*.

E d'onde vem tanta mudança?

Tem o nosso heroe a balda de intrometter-se em todas as questões, grandes e pequenas, de qualquer estofa; atiça as partes, e, depois de accesa a paixão do litigio, toma o partido de quem mais vantagem offerece.

Avultam as despezas e o pobre ligitante, quer ganhe, quer perca a causa, nunca mais se livra das garras de tal sangue suga. Vem os enganos de conta, está entendido sempre em seu favor, e tal é a multiplicidade dellas, que esse *Sans-culotte* d'outr'ora, é hoje dono de 4 ou 5 fazendas de cacau; umas compradas, outras tomadas por divida, senhor do

seis escravos em casa, e outros tres hypothecados!

Nomeado official da guarda nacional, se jactava de que tinha braços de ferro e espada de aço fino para defender a patria; mas, ao romper da guerra do Paraguay, a durindana ficou na bainha, e o nosso patriota, so lembrado de seus achaques antigos, requereu passagem para a reserva, no quartel da saude, com medo da marcha.

Roga-se a esse personagem, dê de mão a seu inveterado vicio, siga um rumo mais honrado com a vista em Deus, e a mão na consciencia, si não quer ver o seu nome em lettra redonda, em frente de provas e documentos.

Memento mori.

Cincoenta mil patacões
Do Paranhos foram ao fundo;
Uns com tanto, outros sem nada!...
Desegualdades do mundo.

Feliz missão diplomatica
Do ministro brasileiro;
Deu jantares, passou bem
E ajuntou tanto dinheiro!

E ao Brasil o que coube
Depois que a guerra venceu?
Teve as botas de Lopez
Para ornar o seu museu.

Lopez é endiabrado!
Tem astucia e tem ardil;
Fica com duzentos homens
Manda degolar a mil!

Não se riam, acreditem,
Julgam que isso é pomada?
Enganam-se, o caso é serio;
Eu não sou de cassuada.

Nem o instincto da vida
Nesta gente teve acção,
Tanto assim que o maior num'ro
Cedeu á menor fracção.

Não supponham que Lopez
Seja um basbaque ou demente,
Que precisando de tropa
Mande matar sua gente.

O homem tem o condão
De alguma fada amiga,
Que faz surgir por encantos
Soldados como formiga.

Não viram logo depois
Quanta força appareceu?
Commandada por Romero,
E Gomez que lhe precedeu?

Pallissadas e trincheiras
Nossa gente ir tomar,
Mas por falta de comida
Não poder mais avançar?

Agora o ponto da guerra
E' feito na Conceição,
Onde está o conde d'Eu
A frente da expedição..

Quer passar o rio Apa,
E seguir por Espadilla,
A'trazeira do inimigo,
Para ver si a Lopez filla.

Q'ou é preso em Curuguaty
Pelas tropas brasileiras,
Ou foge p'ra descançar
Nas brenhas das Cordilheiras.

Mas já surge um obstaculo,
E' que não ha cavalhada,
E pode mais uma vez
Dar tudo em palhaçada.

E' preciso que me dirija ao governador do *trem do mar* para livral-o de cahir nos laços que lhe arma a traiçoeira mão do *desleal tacão* que lhe está preparando de ante-mão uma queda horrivel, estrondosa e certa, para depois melhor rir e melhor saciar a sua malvadez.

E' preciso que eu, que fui bem tratado sempre por elle, o tire das grandes difficuldades que o cercam e que o rodeiam, não consentindo que um homem tão bom sossobre e naufrague antes de tempo nos duros cachopos da nihilidade e da nullidade, não cumprindo a missão tão honrosa que lhe foi confiada pelo governo, qual é a de administrar este trem com medidas sabias, energicas e prudentes que suavisem as chagas que abriu esta guerra tão cruenta com que ainda estamos a braços, a qual fez apparecer esta crise medonha que vae produzindo tantos males com os quaes teremos de lutar por muitos annos.

O pobre e os pequenos não podem viver mais n'este bello paiz; porque lhes faltam os meios necessarios para fazel-o. Como pois se lhes quer tirar o pão, o sustento de seus filhos somente porque acodem ao ponto um, dois, trez, quatro e cinco minutos mais tarde, tirando-se-lhes o unico recurso que ainda lhes resta, trancando-se-lhes a porta d'este trem?

A lembrança de semelhante medida em uma crise d'estas só podia sahir da cachola malvada de um *barbas de arame,* homem terrivel, que, trazendo sempre nos labios um riso sardonico, um riso de Satanaz, guarda no fundo do coração as fezes da malvadez com que sempre se alimentaram os sous antepassados, um dos quaes ordenou que se lan-

cassem homens vivos nas ardentes chammas de um grande incendio que consumiu lindos e bellos edificios de cidadãos notaveis d'esta capital na revolução de 1837!

Não tocarei por ora n'outros pontos mais salientes da vida d'esse homem terrivel, d'esse impostor que se julga um grande personagem, que não tem a menor compaixão de ninguem, que desconhece as leis preciosas da sociedade, que trata com o mais rigoroso cynismo sua familia, levando tudo a calabrote, como si estivesse no convéz de algum navio.

Fuja d'elle, Sr. governador, não se deixe insinuar, nem governar-se por elle, não se confie n'elle porque ja disse a bordo de um navio em presença de muita gente—«aqui não commandam Carlotas dos joanetes—» e não satisfeito de ter dito isto, disse mais, ha bem pouco tempo—«não hei de ser eu que hei de procurar o governador, elle é que me ha de procurar, porque é uma completa nullidade».

Cuidado n'esse *barbas de arame* que lhe está preparando um completo fiasco!

Volto outra vez para meu escaler, ficando a espera do *barbas de arame* para lhe perguntar por certas notas de muita curiosidade e chocarrice que tem nas suas quadernetas sobre as quaes depois fallarei.

O patrão da Januaria.

—A baderna da Saude, que entrou na pastellaria da rua do Tijollo, uma destas noites, e levou, *por graça,* uma toalha, va restituil-a, para que não sejamos forçados a descrever certos feitos da mesma pandega, estampando nome por nome de cada um.

O proprietario.

Um artigo, que sahiu n'este periodico, do dia 22 de janeiro, sob numeros 600 a 601 a respeito de certos escandalos praticados no Tororó por uma mulher por antonamasia *Bella,* não se entende com Izabel Joaquina Garcia, moradora no mesmo logar; Porem sim com Izabel Maria do Espirito Santo, conhecida por Izabelinha.

Manifesto contrasenso.

A decantada colonia nacional de Commandatuba, no relatorio da presidencia do Exm. Sr. Azambuja em 1868 «já então muito florescente, produzia 800 arrobas de cacau, muita farinha, feijão, milho, arroz, mamona, etc.»

No relatorio da presidencia do Exm. Sr. barão de S. Lourenço, em março de 1869, «disse estar tão elevado o engrandecimento da colonia que tinha prestado carregamentos de diversos generos para 10 barcos, etc.»

Agora finalmente, pela exposição do juiz de direito, que está feitorisando a dita colonia se conhece «que só foram empregados na exportação dos productos da colonia dous barcos—*Conceição Feliz* e *Horas Vagas*!...»

Onde pois estão os 8 barcos para completar o numero dos 10, referidos pela presidencia em seu relatorio?

Provavelmente esses 8 barcos seguiram para outro porto carregados de cacau!

Muito illudida é a boa fé do governo; o governo que se faz cego e surdo, para não ver e nem ouvir a verdade!

Pessoa fidedigna, que esteve em ultimo na colonia e em Una, nos refere que muitos colonos estão botando novos roçados nas mattas devolutas do estado, em um logar chamado Poço, no rio de Una e fundos da mesma colonia, cerca de tres a quatro leguas; outros colonos tem-se mudado para a cachoeira da villa de Ilheus, e alguns estão pescando em jangadas na barra da mesma villa, e que finalmente os colonos vivem em completa liberdade andando por onde bem querem e lhes parece.

E pela santa fé e cega credulidade dê-se um conto de réis mais, por honra da historia ou da firma colonial, e Una que continue no abandono de nem um real ter para reparo de sua egreja que tanto reclama.

A verdade.

No primeiro andar do sobrado n. 23, á rua da Misericordia, moram umas meretrizes, que a noite, sem o menor cuidado, despejam *aromaticas* bacias d'agua para a rua, e quando molham alguem fazem *chiada* galhofa.

Na noite de 8, depois de darem um *perfumado* banho n'um pobre vivente, desculparam-se dizendo que atiraram agua para o meio da rua e não sobre o passeio.

O que admira é que, tendo todas as casas por ali pateo e despejo, essas farpellas atirem agua na rua, talvez pela preguiça de irem até a cosinha e, com mais presteza, aviarem-se para o seu commercio.

Mas, si os fiscaes fossem um pouco mais zelosos, o publico não estaria sujeito ao pouco cuidado dessas heroinas da noite.

—Capitão, no *mercado de prendas* dos homens de commenda deram-se cousinhas.....

—Onde é isso?

—No largo do *riacho Elo.*

—V. foi?

—Por isso é que estou lhe contando o que vi.

—Mas então?

—Aquillo não passa de uma fôfa e vaidosa ostentação, para se mostrar fitas no *peito*, na maior parte immerecidamente adquiridas.

Muito namoro, muito escandalo, muita bajulação e muito pedantismo.

—O mundo se compõe desses prejuizos.

—A impostura em seu auge, a malcreação e grosseria, proprias de certas educações, que por mais que se queiram encobrir com os ouropeis da fortuna, hão de sempre patentear, a origem de que dimanam, e até a má fé imperando n'aquelle recinto de impostura.

—Eu não sei como,em um logar onde todos contribuem, se dão dessas cousas que V. diz.

—O que é sinão má fé, subtrahir-se de uns para dar a outros?

No tal *mercado de prendas*, deram-se factos revoltantes.

Chegaram a substituir numeros correspondentes e premios superiores para servir-se ás *pessoas do peito*.

Foi assim que, quem tinha direito a um lindo par de jarros, coube-lhe uma insignificante gaita e outro uma *Maria Beú*.

—Acho ridiculo.

—Eu tive asco e nojo do que vi se praticar.

Não creio na civilisação da epocha que permitte certas liberdades... onde o galanteio invade as raias da depravação. Semelhante civilisação desenha todos os visos da corrupção e mostra eloquentemente que o vicio tem grande ascendencia na sociedade actual.

—Basta, basta, meu charo; si não lhe agradou a cousa, não volte.

—E aquelles que tiverem senso devem fazer outro tanto para não prestar seu contingente pecuniario afim de alimentar tolos e presumpçosas vaidades de ostentação de *commendas*.

Aceio da cidade.

II.

Analysando-se a avolumada correspondencia official trocada entre a camara municipal da capital e o governo da provincia em relação á questão da limpeza da cidade, vê-se que nenhuma medida de utilidade tem resultado em beneficio da população.

Apenas em todo esse estirado cortejo de banal expediente, encontra-se de um lado dissimuladas reprehensões e censuras, do outro surdo descontentamento e recriminações, e de ambos, increpações á situação que precedeu a actual.

Engenhoso systema de reparar o mal!

Vossos antecessores trilharam caminho errado, e vós, que sois os regeneradores, contentai-vos como lançar-lhes em rosto suas faltas sem praticamente promoverdes o bem!

O governo conhece que o serviço da limpeza é imperfeito e dispendioso e não procura pôr em pratica uma medida, iniciar uma ideia que melhore as condições más por que é elle feito!

Gasta o tempo em discorrer sobre assumptos alheios e tratando da limpeza da cidade, divaga sobre a lavoura e o estado das estradas!

Si o aceio da cidade, hoje imprescindivel, não só pelas condições da salubridade publica, como pelo aformoseamento da cidade, pode ser feito por maneira menos dispendiosa aos cofres e mais satisfactoria ás necessidades publicas, ou ao menos egualmente a que actualmente se faz, porque não lança mão o governo dos meios de que dispõe e não o torna em realidade?

O governo, porem troca palavras com a camara, lança censura ás administrações transactas e não faz nada.

Por sua parte a camara formula um projecto que, si algum merito tém, é o da creação de alguns logares onde possam encartar-se mais uns dous ou tres enxertos.

O serviço da limpeza é pessimo e caro; e pretende se remediar o damno, creando cousa peior!

A que estado, por exemplo, ficariam reduzidas as ruas da freguezia de Santo Antonio varridas uma vez por mez; continuando o despejo do cisco diariamente, porque os habitantes não teriam o dom de advinhar o dia do mez em que o carroceiro se dignasse de ir visital-os?

E concedendo mesmo, que as principaes ruas fossem varridas diariamente, tres carroças seriam sufficientes?

Si hoje 14 carros são mais que diminutos para a cidade baixa, reduzidos a 10 o que será?

O governo falla em um ensaio que se deve fazer, mais realmente parece que todos estão em jejum sobre esse ensaio, que elle não diz qual é.

E conclue, que, si a perfeição do serviço soffrer, a população se deve resignar porque é para seu bem!

Isto é incomparavel na verdade!

O povo que se resigne com tudo que for vexame, porque soffre para seu bem!

Si ha ahi quem ache bem-estar no soffrimento, levante as mãos para o ceu e bemdiga o governo da Bahia.

—Capitão, não sabe o que houve na freguezia do Pirajá?

—Diga.

—Mataram com um tiro a um rapaz de 17 para 18 annos, pouco alem da Campina; foi geralmente por ali sentida a morte delle por ter boa indole e ser prestimoso: chamava-se Odilio.

Não se sabe a que attribuir esta desgraça, porque não tinha desharmonia e era de habitos pacificos. Deixou uma mãe inconsolavel por ser filho unico e seu arrimo.

Si elle com tão bons predicados, ou por engano, ou directamente o mataram, mal está o Sr. Cotia Brandão, proprietario da Campina, que me consta, foi ameaçado de morte.

—Homem, esse moço não é mau, porque será?

—Disseram-me que, demandando como está, ao pae Thomaz, do candomblé, rendeiro delle, a cafila azevichada está para engolil-o, e que ultimamente, dia de reis, um (gente boa e da cidade, lá mesmo, no Terreiro, porque é da gemma) propondo-lhe acommodação, concluiu dizendo, que a não se acommodar elle morreria.

—E o que disse o Sr. Cotia?

—Que quando menino, tinha medo de gente velha, porem nunca teve de caretas.

—Porem dizem que elle não quer candomblé ali?

—Homem, pelo contrario, a mim disse elle que batam até feder, com tanto que paguem a renda e que não exorbita, que são 20$ rs. por tarefa quanto leva a qualquer outro; porem que Thomaz desde 1847 pagava aos antecessores de sua mulher 10$ rs. por um mare-magnum de terras, e ultimamente sua mulher elevou a 15 (isto em vosse) porque o preto regula-se por um arrendamento diuturno, e fracturado, por não cumprir as condições estipuladas, e elle que não é molle quer pôr as cousas a seu geito e diz que é seu dono e põe o preço.

—Dizem mais que quer tomar as tres casas do preto.

—Mentira, hemem, são duas, porque o mesmo arrendamento só o authorisou a fazer uma, ficando para o possessorio das terras quaesquer outras bemfeitorias que não sejam legumes, etc.

—Então acho-lhe razão de sobra; porem que o preto, tendo sido de certa casa, tem protecção gratis de advogado, que é apologista acerrimo do candomblé.

—Ora bolas! que tem isto? o Sr. Cotia não é mané assa-ovo, ha de serrar sempre do alto; porque impera sempre a razão, certo de que eu sou do partido delle pelo simples facto de ver este candomblé de menos, porque é miseria que se veja tanta gente pervertida nesta bandalheira, e mais lamentavel ainda ver se gente fina no meio.

— Acabem elles da maneira que for, porem matarem não admitto.

—Qual matar, homem; o moço não é passarinho, é Cotia; e Cotia é mais custoso de matar-se do que passarinho.

—Sempre é bom que o Sr. Dr. chefe de policia tenha isto em consideração para evitar um futuro sinistro a um pae de familia, porque os negros, alem de insubordinados, dizem que tem desmedida protecção de lá mesmo, e V. bem sabe o que é authoridade da roça para ter esta gente miuda por si.

—Isto é verdade; porem o Sr. Dr. chefe de policia está avisado, e o Sr. Cotia não deixará de ir á sua fazenda por causa de feiticeiros.

Namoros encadernados.

O exemplo que em casa
La uma vez penetrara,
Não o quero reproduzir,
Não quero ser namorado.

E por quem?
Por um pedante,
Que a todo mundo
Diz-se estudante?

Qual o estudo
Deste casmurro,
Que só estuda
Para ser burro?

Ainda estuda,
Qual o cão damnado,
P'ra ver si um dia,
E' approvado.

Cuide no estudo,
Largue o namoro,
Não queira fazer
Vez de cachorro.

Lá no Cabral,
Está abandonado,
Pois a *Lulú*,
Não quer namorado.

(*Continua.*)

VARIEDADES.

Carta

QUE O HABITANTE DE CERTA VILLA DO INTERIOR, DIRIGIU A UM COMPADRE NA CIDADE.

Compadre e amigo.—Partecipo-lhe que a sua comadre *Ursa* deu á luz um rapagão, gordo como o capado de tia Michaela.

Hoje estou aqui na villa por que vim partecipar a Sôr vigario desse parto, e, de uma cajadada mato tres coelhos. Ajusto o dia para

o *bautisado*, compro umas *encommendas* e escrevo a *mecê* na venda do seu *Chico Baptista*, que, me deu uma *foia* de *papé* com uma penna de ferro. No meu tempo, compadre, se escrevia com penna de ganso—até me lembro que *Mecê* escrevia com uma de perú, daquelle peru que deu ao *Doto José*. Que doutô era aquelle! Mandava a gente tomá um *raloá* e depois comê feijoada! Ah! que destemperamento de barriga teve a defunta *Chica dos Quarteis* com essa receita.

Coitada da *véia*, tánto andou do quarto para a cosinha, até que afinal foi para a sepultura que nesse tempo era na egreja, e não como hoje que se enterra nos cemiterios onde muita gente entra *pros* mattos delles e sahe abotoando as calças.

Mas, como ia dizendo compadre, o *mio* vae bem; mas compadre si tivermos *veronico* do meiado de janeiro, ai do nosso povo! Nem gallinha, nem capado, nem *rossa*; tudo leva a *pancana*.

Hontem, compadre, chegaram uns *policias*, soldados do governo, que vieram prender a *reculutas*. Ja prenderam dois aqui na Villa e um la no sitio do *Mané Arves* e meu compadre *fio* da *véa* Thereza Pituba tambem me contou que o *Zé das Egoas* lhe disse que o *Mané Zamba* lhe tinha dito que o *arferes guaiú* lhe contara que um mocinho muito espivitado tomou esfrega de *alho* no *costado*. Ah, compadre, foi bom vir estes policias soldados do governo porque andavam uns vultos vestidos de *muié* para fazer o sargento correr, segundo me disse o *Qinqas da loje*, que lhe tinha dito o *Sramento do Gambá*.

Compadre, na villa ha muita fazenda, mas os *vendedor* carrega na mão para ficar rico depressa. Aquelle *picote* que *Mecê* comprava pra seu *Totonho* e mano *Luiz* por trese vintem, está agora por duas pataca, e, me disse o mocinho da venda, que é por *favô*.

Esta está bem comprida, compadre; caluda, por causa da *pacotia*, que é uma *muié* que veio morar por ora aqui e que esfola tudo.

Nada mais tenho a dizer, por ser de

Mecê.

Ja sabe.

De bom a melhor.

Dous caçadores contavam suas proezas e aventuras de caçada, e um querendo maravilhar o outro, disse lhe:

—Já vi uma lebre que não havia cachorro que a podesse alcançar, porque além dos quatro pés naturaes que tinha, tinha outros nas costas, de modo que quando cançava uns, voltava-se e corria com os outros!

—Ora! tenho caçado muitas d'essas lebres; respondeu o outro, imperturbavel.

—E como? diz-lhe o outro.

—Atando dous cães—costas com costas.

Uma menina tão boa como ingenua, era extremamente apaixonada pela manteiga. Um dia disse ella: não tenho tanta pena de Adão por ter sido expulso do paraiso como por ser privado de comer manteiga.

—Como privado?

—Pois elle não foi condemnado a comer o pão com o *suor do seu rosto?*

—Porque é que Adão e Eva foram expulsos do Paraizo? perguntou um padre aos seus chathecisantes.

Uma pohre rapariga respondeu:

—Porque não podiam pagar a renda da casa.

A pobresinha fallava por experiencia.

Ouvir as duas partes.

Costumava Alexandre Magno, quando alguem se lhe queixava, tapar um dos ouvidos, e perguntando-se-lhe a causa respondia:

—Guardo este para ouvir a parte contraria.

ANNUNCIOS.

Ha dous mezes que desapoareceu da rua da Oração, n.º 4, um cachorrinho, felpudo, todo branco, que acode pelo nome de l'*Amour*. Ja foi visto e o Sr. que o tem escondido queira ir entregal-o, si não quer ver seu nome por inteiro neste jornal.

Quem quizer comprar um burro pequeno, bom de sella, dirija-se á ladeira de Sant'Anna n.º 9 que achará com quem tratar, das 6 ás 9 horas da manhan, ou das 3 as 6 da tarde.

Vende-se

requissimas palmas e capellas para anjo mortuario, na loja de Libanio José d'Almeida a rua Direita do Collegio n º 33—A.

O mesmo declara ao publico que nada deve nesta praça e nem fora della, sendo morador e proprietario na rua direita da Cruz do Cosme.

Vende-se a venda á rua do Fogo, 39, em Itapagipe; a tratar na Ribeira do mesmo logar n. 67.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, com aula primaria ao largo da matriz de S. Pedro Velho, participa aos paes de familia que ja se acha leccionando desde o dia 10 do corrente.

Bahia 11 de janeiro de 1870.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 6.ª QUARTA-FEIRA 16 DE FEVEREIRO. N. 609.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de fevereiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, chamando sua attenção para um incorrigivel moleque que, pela ousadia que lhe dá sua senhora, uma tal D. Eudoxia, á rua de Baixo, pratica nessa rua quanta casta de diabrura e insolencia ha.

—Na egreja da Piedade ha agora á apreciação do vulgo um objecto bem curioso.

—Nova giboia no pescoço de alguma moça?

—Uma cadeira em cujo assento estão gravados os passos da paixão do Redemptor e no centro uma cruz.

—Para que fim?

—E' o assento de uma senhora.

—O que, homem?

—Um sujeito, rico, mandou fazer essa cadeira para quando sua mulher for ao templo do Altissimo ter onde descançar.

—Luxo, vaidade, profanação, sacrilegio!

—O caso é que o homem mostrou desejos que a primorosa obra ficasse na egreja, em exposição, á admiração publica, e os frades mostraram certos escrupulos; porem..... mediante uma esmola concederam.

—Que tal! os ministros de Christo são os proprios que apagam a fé e amortecem a crença no coração do povo, a troco de um sordido ganho.

—E quem diria?

A bunda de uma peccadora sobre o symbolo augusto da regeneração da humanidade!

—Dizem que a secca no centro está terrivel.

—E que tem produzido deploraveis resultados.

—As victimas do horrivel flagello cahem pelas estradas extenuadas e succumbem.

A cada passo encontram-se mulheres e creanças arquejantes.

—O governo tem enviado soccorros.

—Mas como são elles distribuidos?

Tenho ouvido dizer que, com raras excepções, os encarregados seguem o adagio de —Matheus, primeiro aos teus.

Seus escravos tambem soffrem os rigores da fome; são viventes e portanto devem ser os primeiro soccorridos.

—E' verdade que eu vi, por occasião da ultima secca, se abrir em Santo Amaro muitas casas de negocio.

—Alem de que, os soccorros enviados, não podem fazer face a crise medonha e pavorosa que assola as populações do interior, ha muito quem especule com as desgraças publicas.

—E' verdade que muitos não praticam isso; porem...

—Si a illustre commissão de soccorros podesse prever esses abusos, que se dizem, seria bom.

—Capitão, avalie a barbaridade e crueza deste procedimento.

—O que será mesmo, meu Deus?

—O delegado do termo da União, provincia do Piauhy, capitão Clemente de Souza Fortes, possue dous escravos, Evaristo e Romualdo, aos quaes mandou ferrar com ferro em brasa, imprimindo na testa de um a palavra *escravo* e na de outro a palavra *captivo*, para no caso de fugirem serem conhecidos.

—Passa de barbaridade!

E' uma acção de monstro!

—E é authoridade policial!

—Onde descobriria elle que o ferro na testa dos escravos é castigo permittido pelas leis do paiz?

—Deixou hontem, 14, o commando das armas desta provincia, o Sr. coronel Luiz José Monteiro.

Caracter recto e justiceiro, o Sr. coronel Monteiro, é dotado de coração bemfazejo.

No importante cargo que desempenhou, nunca se esqueceu de valer aos infelizes [illegible]

quanto lhe permittiam os deveres de seu cargo.

Acostumados a distinguir somente áquelles que se recommendam pelas virtudes sociaes, d'áqui rendemos uma homenagem ao merito do Sr. coronel Monteiro.

—Vae em progressão crescente o apparecimento de casas de jogo de vispora nesta cidade.

—Que a industria é lucrativa para os empresarios, indica-o exuberantemente o desenvolvimento dado a este *honesto* meio de vida.

—Entretanto soffre a moralidade, soffre o socego publico com a conservação dessas casas.

—Porem o governo que precisa de dinheiro, não se pejou de convertel-as em receitas da renda publica.

—E' a corrupção sobrepujando por todos os poros da sociedade!

—Quando se disser que tres guardas do batalhão de Brotas, no domingo á noite, andaram roubando, hão de dizer que é mentira.

—Que venham dizer a mim que os ti arrebatar doces da caixinha da Sussú, na rua do Collegio, e correrem; chegarem na venda do Albino e praticarem a mesma acção.

—Como é que a guarda nacional ha de merecer consideração, composta como está de semelhante gente!

—Na segunda feira amanheceu em nosso porto o vapor francez *Aunis,* vindo dos portos do Sul.

—Isso é velho; e foi fazer quarentena, por causa das febres amarella que estão agora grassando na côrte.

—Dizem que veio n'esse vapor muitos passageiros atacados d'essa epidemia, os quaes estão no hospital da Santa Casa, e que o provedor os quer mandar para o pavimento por cima do forum, e que ja o mandou aceiar?

—Ignoro; o que sei com certeza é que o vapor amanheceu, e ja era mais de duas horas da tarde, e andava um empregado da secretaria do governo procurando o inspector da saude publica, e não havia possibilidade de encontral o!

—Ora, tambem V. é muito rigorista! O homem estava primeiro deixando sahir o ar impestado do vapor para então ir.

—Havia de ser isso.

Lá vae verso.

Quem anda pelas boticas
Vive só de pregar séca,
Quem traz chinó penteado
Não tem cabello é careca.

Sugeito sem ceremonia
Recebe *os outros em cueca,*
Homem velho *engallicado*
Não tem cabello é careca.

Quem joga sendo infeliz
Sempre anda mui furreca,
Quem a cabeça caustica
Não tem cabello é careca.

O sovina, o usurario,
Não tem chic'ra, tem caneca,
O velho que é presumpçoso
Não tem cabello é careca.

As moças usam de chale,
As creoulas trazem becca,
Velho que usa de turbante
Não tem cabello é careca.

O caçador commodista
Não mata senão marreca,
Velha de touca é coruja,
Não tem cabello é careca.

Toca a moça o seu piano,
Toda orchestra tem rabeca,
Quem anda de carapuça
Não tem cabello é careca.

A PEDIDO

—Estou admirado!

—De que?

—Lêa V. Ex. esta declaração publicada no *Jornal da Bahia,* de domingo 13 do corrente.

—«Não é exacto o trecho do *Alabama* de «hoje noticiando que me oppuz a um *requerimento* em que se pedia a derogação de «uma antiga acta da capella do Senhor do «Bomfim, por quanto semelhante requerimento não foi apresentado, nem se tratou de «tal assumpto na sessão a que assisti em 2 «do corrente para a eleição de mesarios, e «conforme foi deliberado na de 22 de janeiro. «Bahia 12 de fevereiro de 1870.—*J. Ferreira «Lima.*»

—Esta agora é que é uma de *cachupeleta*... Pois o senhor vem me illudir com suas historias falsas?

—Capitão, não ha falsidade na historia que lhe contei; ha algumas inexactidões que eu estava para rectificar.

—Então o que é que ha de inexacto?

—E' que não foi aprosentado *requerimento* pedindo que se inutilisasse a acta, que prohibe ser portuguez thesoureiro do Senhor do Bomfim; mas esse pedido foi feito *verbalmente* pelo Sr. Sampaio Vianna, e apello para a honra e probidade de todos os mesarios que estavam presentes, que digam si é ou não exacto o facto que sahiu escripto no *Alabama,*

somente com a pequena alteração de que, em vez do pedido ser feito por escripto, o foi verbalmente.

O publico que avalie o escripto do Sr. João Ferreira Lima e faça a devida justiça; que julgue de que lado está a falta de verdade, si do lado do author da publicação que sahiu no *Alabama*, ou do Sr. Ferreira Lima.

Aqui está uma outra inexactidão que sahiu na mesma publicação quando falla relativamente as casas dos romeiros:

«..... o individuo que as legou «ao Senhor do Bomfim, foi somente para «descanço dos romeiros, com a clausula de «que, si as alugassem, ou tentassem vendel-as, «ficarem pertencendo á Santa Casa da Miseri-«cordia.»

Em logar porem de se dizer—ficarem pertencendo a Santa Casa da Misericordia, diga-se—em algum dos casos á cima referidos, ficarão pertencendo a Nossa Senhora da Penha. Estão pois as inexactidões! Essa é que é a verdade; mas em todo caso o publico faça o seu juizo, e V. Ex. castigue-me, si vê que mereço ser castigado!

—Mas o que ainda desejo saber é si o Sr tabellião João Ferreira Lima, achava-se ahi na occasião em que d'isso se tratou?

—Responda a propria consciencia do Sr. Ferreira Lima!.....

—Ora escutem:

D. Francisca, velha de uns cincoenta e tantos, e que tem seis filhas á casar, dizia um dia destes á sua contemporanea D. Mafalda, que está nas mesmas circumstancias:

«—Ora Você não me dirá, D. Mafalda, o que é que vão fazer tantos rapazes em casa de D. Izabel? Será *por via* das filhas?... Você já viu *caxorrada* maior?...

«—Ah!... ah!... ah!... porque ha de ser mulher?... E o pae e a mãe são tão safados, que nem se importam... Eu aguentava aquillo na minha casa?... Duvido muito!»

—Porem eu que ouvi esta conversa disse comigo:

Em casa de D. Francisca e D. Mafalda, ha muito mais *caxorrada* que em casa de D. Izabel; porem é regra infallivel que macaco não olha p'ra seu rabo.

—Capitão, trago a presença de V. Ex. este heroe, o qual, pelas alicantinas que pratica diariamente, adquiriu o distinctivo do taverneiro mais ladrão que existe entre os *Xixis*.

Este novo *José* do Telhado, de sociedade com o *Zepherino*, teve a sagacidade de emprovisar uma taverna com garrafas vazias e potes velhos para com facilidade recolher os extraordinarios roubos de algodão, assucar e fumo, trazidos pelos negros dos trapixes 1.º e 2.º do nome da rua onde esta ave de rapina está aposentado.

—Pois elle negocia com escravos?

—Ora... com elles é que se fazem bons arranjos. Além do assucar e do algodão, vendem tambem as raçõ s de carne e farinha que recebem nos domingos.

—E o que comem durante a semana?

—Os pacotes que desovam duas vezes por dia dá para tudo.

—A authoridade do districto não sabe disto?

Não ha uma força publica no logar!

—Pelo amor de Deus, nem me falle nisso.

Aquelles soldados estão alli como si não existissem; em outro logar talvez prestassem melhor serviço.

Quanto a authoridade, apezar de ser a freguezia, onde mais frequentes são os roubos, vive sempre na concha da santa indolencia. Nunca se viu tanta inercia! Por suas barbas passam os saccos, pacotes e latas prenhes de furto e ella nem se meche!

—E o trapicheiro?

—O encarregado das descargas e arrumação anda sempre no pifão.

—E' um acabar de miseria!

Assim vae-se tudo a matroca.

A voz da escravidão.

Sois irmãos todos, todos tendes alma
Pelo Senhor creada;
O maior neste mundo
E' sempre o mais pequeno, o que mais soffre
Porque delle será o eterno throno.

J. Andrade Corvo.

Entes barbaros, crueis, que gloriae-vos
Em constante espancar aos infelizes,
Sem que a dor dilacere o vosso peito
Ao ver nas costas suas cicatrizes;

O' vós, que deshumanos açoitaes
A um infeliz, como vós creado;
Que sente como vós, que tem um'alma,
Que como vós na forma é egualado;

Que como vós, tem sangue, nervos, veias,
Que como vós, possue um coração,
Que sabe sentir males, sentir dores,
E para o bem sabe ter inclinação;

Onde vossa doçura, onde existe
Esse sublime dom da charidade,
Si a uma creatura semelhante
A vós, trataes com rigor e crueldade?

Em que mostraes humanos sentimentos?
Em que mostraes de Deus santo temor?
E' provando que sois crueis algozes?
Vos tornando a imagem [illegible]

E, por terdes comprado um infeliz,
Vos é dado o direito de feril-o?
Vos é dado o poder de trucidal-o,
Sem quererdes ao menos antes ouvil-o?

Onde existe a bondade e paciencia,
Que a vossos escravos ministraes?
Será em castigal-os brutalmente?
Vós que a supplica do misero despresaes?

De que milhões de crimes sois origem,
Com o vosso proceder inclemente!
Somente p'ra escapar a vossa ira
Eil-o o escravo ante o mundo delinquente!

. . . . . .
. . . . . .

Ao longe soa um nome—liberdade! ..
No horisonte começa a despontar
Da regeneração a aurora;
Em breve a manhan ha de raiar.

—Capitão, *Mané Pipia-céga* vae cazar.

—Ora essa é boa, e que tenho eu com isso?

—Mas, capitão, *Pipia-cega* ganha 30$ rs. por mez, logar de caixeiro que de um dia para outro pode ser despedido; está no caso de sustentar mulher com luxo?

—E é de nossa conta que elle se caze ou não?

—Porem elle antes de pedir a mocinha e obtel-a, disse que tinha mundos e fundos.

—E quem é essa tola que se deixou levar por este quidam?

—E' a grande Emilia, cuja familia tem tido questões com a gente de bordo do *Alabama*.

—Está bom a culpa é só della, porque elle fez sua diligencia.

—Pois bem, capitão, depois do cazamento que é n'um sabbado deste mez, eu lhe contarei cousas havidas na Feira de Sant'Anna.

—Reserve o mais para outra vez.

VARIEDADES.

Criados cartazes.

Ha algum tempo, circulavam nas ruas de New-York, os criados de hospedaria e casas de cerveja com uma folha impressa nas costas. Approximae-vos e vereis a explicação: a fôlha é um jornal de annuncios, que, mediante retribuição, se lhes prèga nas costas.

A lembrança é engenhosa; mas o officio não deixa de ter seus perigos. Si o annuncio de um inventor, ou de um industrial cahir debaixo dos olhos de um concurrente e esquentar-lhe a bilis, quem o paga são as costas do pobre criado-cartaz.

Que intelligencia!

Certo desembargador do nosso conhecimento fazendo o elogio de uma chacara que possuia, exclamou:

—Ella é magnifica e rende-me bastante; só o capim alimenta minha familia.

Novidades.

Filho de negro é moleque,
Nariz cumprido é beque,
Fumo moido é tabaco,
O pote quebrado é caco,
Filho de porco é leitão,
Queijo grande é requeijão.

A vida.

O soldado quer o pret,
O major quer canuções,
A policia quer ladrões,
O escrivão quer demandas.
Os sargentos querem bandas,
O barão quer ser visconde,
O conde quer ser marquez;
Tudo em fim é entremez,
Onde o povo é so comparça;
Chega a morte acaba a farça.

ANNUNCIOS.

Sociedade Humanitaria Abolicionista.

Sexta-feira 18 do corrente, ás 6 horas da tarde, ha sessão do conselho director, em casa do Sr. coronel Carvalhal, á Praça dos Veteranos da Independencia. Bahia 15 de fevereiro de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim C. Hippólyto*.

Roga-se ao senhor empregado publico que mora no andar debaixo de uma das casas, á rua do Tijolo, que venha quanto antes na loja n. 9, sita ao Taboão, afim de pagar os alugueis que ficou devendo, sob pena de não o fazendo, publicar-se seu nome por extenso. Bahia 9 de fevereiro de 1870.

Quem quizer comprar um burro pequeno, bom de sella, dirija-se á ladeira de Sant'Anna, n.º 9, que achará com quem tratar, das 6 ás 9 horas da manhan, ou das 3 as 6 da tarde.

Venda da rua da Valla n. 68.

Pede-se a dous empregados da estrada de ferro, e a certo empregado publico, que venham resgatar seus bilhetes, si não querem ver seus nomes por extenso neste jornal, no prazo de 8 dias, á contar da data desta publicação. Bahia 15 de fevereiro de 1870.

Anno 8.º BAHIA. 1876.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 62.ª SABBADO 19 DE FEVEREIRO. Ns. 610—611.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de fevereiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, dizendo-lhe que nos informam que nesse districto transita um preto maniaco, appellidado *Quibungo,* escravo do Sr. Caria, que tem o sestro de arremessar pedras sempre que vê creanças; e, podendo dahi resultarem tristes successos, cumpre que S. S. no caso de ser real, tome as devidas cautellas.

—Estas mulheres *charidosas* fazem tudo quanto querem no hospital da Santa Casa!

—Eu sempre julguei que com a entrada do Dr. Mendes a sorte dos doentes melhorasse.

—Illudiu-se; as cousas vão pelo mesmo caminho.

Deus sabe quantos doentes morrem pelo mau tratamento e falta de cuidado.

—Mesmo que o tempo das serventes é pouco para empregar-se nos negocios e mandados dessas mulheres.

—O mingau, que se dá aos doentes graves, é comprado nas portas de vendas, do que vendem as pretas africanas.

—Mingau de milho azedo e rapadura, ou de tapioca com coco!

—De manhan, sahe a servente Joanna, com um enorme taboleiro, cheio de pratos de folha, a prover-se desse confortativo alimento para saudes debeis e estomagos estragados.

—E vão ver a quanto não orça a despeza com taes mingaus.

—Muitos doentes morrem mais pelo resguardo do que pela molestia.

As doentes, que tomam qualquer remedio, por mais forte que seja este, não tem remedio sinão irem, expostas ao tempo, á latrina, onde pela sua inconveniente collocação a ventilação encana-se na caixa da mesma, resultando que as referidas doentes recebam sobre o ventre todo o ar humido que dali se escôa.

—O que custa collocar-ce um ourinol ao pé do leito da doente que toma um purgante?

—Nada; mas as charidades não querem.

—Entretanto são apregoadas como zelosas, charitativas e unicas capazes de administrar estabelecimentos taes!

—Valha-nos isso.

—O que temos?

—«O *cid idão* José Bernardo de Sant'Anna, que, na noite de 22 do proximo passado feriu—*á*—Antonio Victorino de Argollo, na estrada da Valla, da freguezia de Brotas, foi preso immediatamente e acha-se na Correcção respondendo a processo» disse o *Jornal da Bahia.*

—Mas a que vem a palavra cidadão sublinhada?

—Isso é meu. E' só para que não passe sem reparo a notavel imparcialidade com que o *Jornal* informa a seus leitores as occurrencias que se dão.

—Rapaz, o homem é um homem, e o gato é um bicho.

José Bernardo, embora levantasse mão homicida sobre seu semelhante, é sempre um cidadão; em quanto Antonio Victorino não passa de um pobre diabo sem os predicados para aquelle qualificativo.

—Gosto do *Jornal* porque descobre essas distincções.

—Ora veja si o brasileiro tem que invejar a sorte do paraguayo.

—Já vem com seus estampaforios?

—Desaquartellou o batalhão de Sant'Anna.

—Vire folha; foi no dia 15.

—No acto de debandar, um guarda chegou-se ao commandante e pediu-lhe licença para requerer passagem para outro batalhão.

—E elle tem restricta obrigação de conceder.

—Pois não!

«Está preso; desarmem este homem e recolham» foi a licença que deu o commandante.

—Não tem cabimento!

—E o cidadão, que, com sacrificio de seus interesses e soffrimento de sua familia, acabava de prestar serviços á causa publica, em logar de ir para sua casa descançar, para reentrar em seu trabalho, afim de resarcir os atrazos que soffreu no quartel, é lançado em uma masmorra como paga de seus serviços!

—O chefe de policia não é o encarregado da segurança publica?

—E'.

—Não tem obrigação de velar pelo acatamento ao pudor publico, o respeito a honestidade das familias?

—Tem.

—Pois eu desejava pedir-lhe providencias contra o reprehensivel procedimento de officiaes da marinha franceza, pertencentes a um vaso surto neste porto.

—A *Circé*. Mas o que fazem?

—As familias estão expostas a grosseiros insultos.

A' noite, onde elles veem moças á janella, invadem a casa, sem indagarem a qualidade de gente que ahi mora.

Na noite de 15, muitas familias foram encommodadas nas ruas de S. Pedro, Collegio e Atraz da Sé.

—Está o que não tinha a tripolação dos navios russos que aqui estiveram.

—Eu queria pedir á S. S. providencias não só por amor da decencia, como para evitar algum conflicto que possa resultar.

—Não tem mais que dirigir-se á repartição e procurar o homem.

—Já se deu o caso de haver algum dia que não houvesse missa no Bomfim?

—Não.

—Já.

—Quando?

—Na terça-feira 15 do corrente, e ficou muita gente lograda.

—Mas eu vi o capellão de lá, o padre mestre frei Matheus, na sachristia, perguntando por certo dezembargador, o qual tem authorisação para vender um terreno que o frei Matheus tenciona comprar.

—Pois bem; como disseram a elle que de certa hora em deante não o encontrava em casa e elle vendo que ja se ia tornando tarde, deixou de celebrar e veio para cidade tratar da compra do terreno.

—E logrou aos ficis, que se achavam no templo para ouvirem missa?

—Elles, que se contentassem com fazer suas orações.

—Capitão, venho pedir a V. Ex. para rectificar a noticia que sahiu no *Alabama* n. 609, de quarta-feira 16 do corrente.

—Que noticia?

—A do vapor francez *Aunis*, vindo do sul, na qual foi V. Ex. mal informado.

—Então faça favor informar-me melhor.

—O capitão do vapor morreu no Rio de Janeiro de febre amarella; ficaram la atacados dessa molestia seis passageiros, e veio a bordo do vapor um.

Chegando o vapor em nosso porto, e o inspector da saude do porto indo fazer a visita, viu que o vapor trazia *carta suja*, e examinando o doente, reconheceu estar atacado da febre amarella. Neste sentido officiou ao presidente da provincia.

O presidente então officiou ao Dr. inspector da suade publica, pedindo-lhe que fosse a bordo e providenciasse como o caso urgisse. Indo a bordo o inspector da saude publica, reconheceu que de facto o doente que vinha no vapor estava soffrendo de febre amarella, pelo que teve o vapor ficar de observação ou quarentena; mas não é da attribuição delle esse serviço, e sim do inspector da saude do porto.

Logo não ha nada a censurar-se por não ter o empregado da secretaria do governo o encontrado de prompto.

—A Deus o que é de Deus, a Cezar o que é de Cezar!

—Quanto aos doentes da febre amarella vindos para o hospital, é inexacto; porque o doente que estava a bordo do vapor, morreu poucas horas depois do vapor fundeado e seu cadaver foi lançado em alto-mar.

E' verdade que se mandou aceiar o pavimento por cima do forum; mas é uma prevenção que o provedor da Santa Casa entendeu tomar, para no caso que aconteça reapparecer aqui a epidemia, do que Deus nos livre!

—Fico inteirado.

—A policia pode invadir a casa alheia á noite?

—Pelo direito, não.

—Pois, na quinta-feira de noite, pelas 7 horas, dous soldados do destacamento da repartição da policia, acompanhados de um individuo, entraram em uma casa e fizeram proezas.

—Em que logar?

—Na travessa do Cruzeiro, mesmo na visinhança do commandante do corpo.

Penetraram no 1.º andar da casa n. 8—A, emque mora uma africana, casada, e arrastaram-na para a rua, pelo crime de ser locadora

da loja em que mora a creoula Jesuina, que tivera uma troca de palavras com um visinho.

—Isso parece cassuada.

—Creia; a africana, apezar de velha, foi arrastada pelos braços até a rua; por muitos pedidos de pessoas da visinhança, concederam que ella fosse mudar de roupa, sujeitando-se uma das visinhas a ficar presa por ella, emquanto mudava de traje.

Nesse espaço, appareceu Jesuina e então os *bravos* voltaram contra ella suas iras, esquecendo-se da africana; Jesuina foi esbofeteada, quebraram-lhe nas costas um chapeu de sol, e depois conduzida ao destacamento, de onde o subdelegado, tendo noticia, a mandou pôr em liberdade no mesmo momento.

—E creiam, á vista destas violencias que impunemente se dão, que neste paiz se respeita tanto as regalias do grande como as do pequeno!

—A charidade nesta terra só é manifestada por ostentações estrondosas.

Actos que por seu ruido despertem a attenção do vulgo, praticados em publico, e que dê motivo a que o nome do individuo circule na imprensa.

—A prova ahi está com a ideia da emancipação.

Liberta-se uma cria, escreve-se uma carta á direcção da sociedade libertadora n'outro, dia a imprensa entrega o facto ao dominio publico e o homem que passava por vil como carne de cabra, converte-se em philantropo, improvisado...

—Mas ninguem se lembra de ir soccorrer modestamente a indigencia.

Ninguem vae ao albergue do infortunio compadecer-se da misera creancinha que chora com fome.

Ninguem se lembra de levar um conforto á desamparada donzella para que ella, forçada pela miseria, não seja obrigada a mitigar a fome por troco de sua capella virginal.

—Um quadro destes via-se ha poucos dias.

Uma pobre mulher, emigrada do sertão, em um corredor defronte da repartição da policia com um filhinho nos braços...

Sem cama, sem roupa, sem alimento; dormindo sobre as pedras, e isso mesmo porque uma charidosa mulher, tão pobre como ella, a chamou para ali.

Compungia ver a infeliz sem alento, no ardor do seu amor maternal, conchegando o filhinho ao seio e entregando-lhe os exhaustos peitos em quanto ella abatida de fraqueza, estava a desfallecer.....

—Consternal

—Fosse aquella desditosa á porta de um potentado e teria um—*Deus nos favoreça.*

—Do que valem essas dadivas pomposas si o superfluo do rico não mitiga a penuria, dos indigentes?

Si os andrajos do mendigo protestam contra os ouropeis dos potentados?

Do que serve tanta vaidade, tanto luxo, a par de tanta pobreza, tanta humilhação?

—Capitão, o Sr. Guilherme Nunes da Costa, muito digno subdelegado da villa do Teixeira, na Parahyba, dirigiu ao delegado do Sidoró, provincia do Rio-Grande do Norte, o seguinte officio que pode servir de modelo:

«Illm. Senhor.—Como nico a V. S. que sai desta subdelegacia, Pedro Correia da Silva morador nesta Delegacia que vai thomar a benção a seu pai, este, que vai esta morando neste Termo, desde 1865, em casa do Sr. ..... e tem bonnis costumes.

«O qual, depois de Vr a familha, e tomar a bença; a seus Pais volta a esta subdelegacia, recommendo á Protecção de V. S. pois durante a sua estada, se portar bem.

«Deos Guarde a V. S, subdelegacia da villa do Teixeira, 8 de maio de 1869.

«Illm. Sr. Delegado de Policia, da comarca de Sidoró da Provincia do Rio Grande do Norte.

«O subdelegado—*Guilherme Nunes da Costa.*»

—Cumpre saber, que Guilherme é a primeira influencia vermelha no Teixeira, exerce ali a profissão de advogado conceituado para com os seus, sendo que é esta circumstancia que faz tornar seu officio mais digno de admiração.

—Consta que o subdelegado de Santo Antonio interrogara *Perpetua grande*, sobre o facto de ser surrada pelo amazio, e que esta negara tudo.

—Por isso não.

Tambem na freguezia da Sé, uma mulher, brutalmente espancada pelo *cambondo*, sendo chamada á presença da authoridade, disse que nada soffrera, apezar de ainda ter no rosto cicatrizes, resultantes das pancadas. Entretanto toda a visinhança ouviu, e o barbeiro que a sangrou e tirou ventosas está vivo e são.

—Consta tambem que o Sr. subdelegado censurara o *Alabama*, pela facilidade com que recebe certas noticias.

E' preciso dizer que, a não ser de pessoa que mereça pleno credito, não se recebem informações que não estejam bem averiguadas e quando ha duvidas nunca se affirma, ou não se publica.

A imprensa, provenindo sempre que ha suspeita de que commetteu-se um crime, exerce um dever. A' authoridade cumpre verificar da veracidade do facto.

—Entraram no hotel Bahiano uns rapazes, e pozeram-se a gracejar.

Em uma meza visinha estava assentado um portuguez alimentando-se.

Um dos rapazes disse para os outros:

«—Qual de vossês quer uma fortuna?

«—Diga, responderam todos.

«—Uma moça, que está em casa com o titulo de donzella; mas que ja tem um filhinho; porem tem uma propriedade, uma escrava e dous contos de reis.»

O portuguez ouvindo isso, remechcu-se logo e ficou olhando para o rapaz que isso havia dito.

Os rapazes estiveram no hotel, comeram e iam-se retirar, quando o portuguez chegou-se para o tal gaiato e pediu-lhe uma palavra.

«—Senhori, disse o portuguez, bossa senhoria me arranja esta felicidade? eu quero me cazar.

«—E' gracejo respondeu o rapaz; eu estava pilheriando com os meus companheiros, senhor; não conheço moça alguma que esteja nestas condições.»

—Este prefere o dinheiro á honra!

—As loterias são um verdadeiro jogo de azar, e o jogo, de todos os vicios, é o mais prejudicial e ruinoso.

—O homem dado ao vicio do jogo, principia quasi sempre arriscando a medo insignificantes quantias; si acontece ganhar no principio, entende poder fazer do jogo sua profissão e esquece-se de todo e qualquer genero de trabalho honesto. Dorme de dia para jogar de noite; mais tarde, porem, elle vê fugir-lhe os lucros, e após dos lucros o seu capital e fortuna.

Si começa a sua carreira perdendo, exaspera-se e maldiz o momento em que se metteu no jogo; mas na esperança, sempre enganadora, de recuperar o perdido, prosegue com mais affouteza, até se arruinar de todo.

—O jogador pobre e falto de recursos, principia por calotear emquanto pode, acabando por ladrão e muitas vezes por assassino; o rico entretem-se por mais tempo, emquanto tem que vender, e si é casado nem poupa as joias da mulher e das filhas, até que se veja reduzido á miseria, seguindo então o mesmo caminho do pobre.

—E', portanto, o jogo um dos vicios que estraga a saude, o credito e a fortuna; e que degenerando em crime, leva algumas vezes o vicioso ao cadafalso, depois de haver commettido grandes atrocidades, e de muito ter encommodado a justiça.

Contra o jogo, pois, se deveriam promulgar leis severas, com a mais vigilante fiscalisação da policia; moralisando-se por este lado a sociedade, por tantos modos hoje corrompida.

—Mas como a promulgação dessas leis e dessa vigilancia, quando é da parte do governo que nasce o incentivo ao jogo com a concessão de muitas dezenas de loterias extrahidas todos os annos?

As loterias constituem um verdadeiro jogo publico, em que muitos perdem e poucos ganham; e esses mesmos ganhadores do accaso quando lhe bate a escassa fortuna á porta, já tem pela maior parte perdido mais do que recebem.

Figuremos um baralho de 3,000 cartas; em as quaes se contam apenas 48 com premios, muitos delles insignificantes; 810 que não dão lucro nem prejuizo e 2150 que perdem sem recurso.

Cada uma dessas cartas custa aos jogadores 6$ rs., si escapam das mãos dos cambistas; temos portanto que em cada loteria ha um prejuizo nada menos de 12:900$ rs. que vae se arrancando insensivelmente ao povo, já arraigado no vicio desse jogo de loterias.

—E para que as loterias sejam bem caracterisadas verdadeiras casas de jogo, até o governo tira o *barato* dos premios de 1:000$ rs. para cima!

—Deste modo os que perdem não tem de quem reclamar os prejuizos, no entretanto os que ganham ficam sujeitos a uma contribuição!

As loterias tem sido toleradas em quasi todas as nações cultas, para acudir a uma ou outra necessidade urgente; mas de modo que nem se tornam vexatorias, nem provocam o vicio.

Entre nós as loterias são concedidas para concerto de obras publicas, de egrejas, de hospitaes, para sociedades particulares, para sustentação de emprezas dramaticas e outras muitas cousas, para as quaes só deviam concorrer as pessoas que podessem, por meio de associações ou subscripções e nunca o povo em geral, que vae pouco a pouco empobrecendo com os milhares de contos de réis que todos os annos despende, na esperança fementida, que degenera em ruina e miseria.

Fôra para desejar que o governo se compenetrasse do mal que resulta de tantas e tão repetidas loterias, e acabasse com essa praga, que tanto assola e vicia a população.

Mas trata-se de uma questão de utilidade

publica; isso basta para que se lhe não dê ouvidos. A epocha dos melhoramentos ainda não é chegada.

A PEDIDO

Capitão, passeei muito,
O que vi lhe vou contar,
Sinto não ter eloquencia
Para o que sinto expressar.

Saudades, que tenho n'alma,
Dos bellos dias passados,
Dias nos quaes se gosou
Instantes afortunados.

Na festa de S. Gonçalo
Eu fui contente ao Bomfim,
E depois arrependido
Bem triste de lá eu vim.

Na procissão da bandeira,
Eu gostei da patuscada,
Mas não do comportamento
Da nossa rapazeada.

E' por isso que as senhoras
Ja não vão á procissão,
E apreciam de fora,
Esta lusida funcção,

A festa não esteve má,
Foi uma festa *faustosa*,
Sem encontrar um esposo
Vi muita gente chorosa.

Umas ja ficando tias,
Mesmo assim com esperança;
Fazem bem, pois neste mundo
Quem espera sempre alcança.

Fogo, maquinas aos centos,
Subiam por estes ares,
E a musica da policia
Me distrahiu de pezares.

Entre o sorriso das bellas,
Que animavam o festim,
Passou-se depressa a noite
La no adro do Bomfim.

Quando saudoso revia
Dessa festa o lindo espelho,
Eis que chegou a funcção
Do bello Rio Vermelho.

Capitão, não é lisonja,
Perdeu o Fausto a influencia,
Admirei-me de ver
Do povo a grande afluencia.

Com chuva, que o ceu mandava,
Por entre o barro e a lama,
Muita gente caminhou;
A tanto se expõe quem ama.

Nymphas do Rio Vermelho,
Eu vos quizera pintar,
Faltam-me tinta e pincel
P'r'ao vivo vos retratar

Quanta belleza que eu vi
La na praia passeando,
A quanto peito captivo
O fogo de amor queimando!

Vi receber-se com pompa,
E com foguetes do ar,
Um distincto liberal
Que la foi p'ra passear.

Mas eu que não sou politico
Não deixei de reparar;
Cada um ca neste mundo
Tem seu modo de agradar.

Vi um homem sobre a corda
Dançando não, mas tremendo
E o povo aquelle quadro
Apreciar não querendo.

Boa esteve a cavalhada,
Da musica ao bello som,
Muito agradou na verdade
A gente do grande tom.

Pela noite houve leilão,
E bastante concorrido,
Era bonito de ver-se,
Estava um jardim florido.

Quando da musica ao som
Bellezas se apreciavam
E de vel-as radiantes
Os meus olhos se fartavam;

Vem a lua apparecendo,
E com ciumes ficou
E a chuva por vingança
La das nuvens despejou.

De repente toca o fogo,
Feito de todas as cores,
Em que um habil artista
Mostrou da arte os primores.

No segundo dia houve
Um theatrinho tambem,
Em que o *Bento dos pontinhos*
Representou muito bem.

Outro foi, não menos mal,
Demonstando a cerração,
A terrivel tempestade,
O medonho furacão.

Eu, capitão, que sentado
Estive n'um jangada,
Vendo o mar surgindo ao longe,
Vendo a onda encapellada;

Admirei com effeito
A terrivel discripção,

E o homem qu'em Deus não crê
Já tem perdido a razão.

Sant'Anna, porem, não quiz
Entristecer tanta gente,
Cessa a chuva, nasce a lua
Muda o tempo de repente.

Afinal houve presepe,
E o mundo Deus formou,
Mas creio, no mesmo dia,
Esse mundo se acabou.

Vi os anginhos descerem
E Abel p'ra o ceu levarem,
Ouvi demonios berrando
E a Caim carregarem.

Mas a fallar a verdade
Esse presepe é *fiusa*,
Na cidade é irrisorio,
So no matto é que se usa.

Viu-se no Rio Vermelho,
Quadro bello encantador,
A lua no ceu sorrindo
Só nos fallando de amor.

A sua luz prateada
Derramava seu fulgor
Por sobre nevados collos,
Que inveja causam a amor.

Com alvo lenço na cabeça,
Para impedir o sereno,
Estavam as bellas nymphas
De semblante sempre ameno.

Foi uma noite de rosas,
De toda felicidade;
Mas as rosas tem espinhos,
São espinhos a saudade.

Ja São Gonçalo não caza,
E' do povo brincadeira,
Agora quem quer cazar,
Sant'Anna é a cazamenteira.

No seu dia tres senhoras
Pedidas p'ra casamento;
Os festejos a Sant'Anna
Não cessem pois um momento.

Sr. *Joaquim Conde d'Eu*, cuidado com o Biquiba, pois esse maldito paraguayo quer dar cabo do menino. A creança, levando soccos desse machacaz, todas as manhans, pode vir a crear alguma molestia incognita e quando se der pela cousa é tarde.

—Sr. capitão, dá licença?

—Entre. Sei que traz cousa nova.

—Venho trazer um accrescimo ao manifesto da carga daquelle tratante.

—Pode desabafar; ficando certo que o muxingueiro está a sua disposição.

—Fui ao sitio cujo o caminho é mau, porem tem *bom o fim*, assistir a abertura da *caixa*, somente para lhe contar e então lá vi o negociante dos defuntos com sua gana faminta a contar os cobres.

Deram-se scenas vergonhosas; cada qual agarrado ao cós do velhaco clamando pela importancia de seu trabalho. O discipulo de Vulcano, o homem que clarêa as ruas, o apregador de cortinados, o homem do esguicho, e até o lenhador, pareciam cães a um osso, em cima da atarantada besta, por causa de seus dinheiros, pois que todos receiavam que a harpya battesse as azas e voasse.

Dentro da caixa encontrou se uma historia e *dous contos*. A historia era uma especie de relatorio arranjado pelo vampiro, onde queria fazer crer que havia um *vacuo* de trinta contecos.

—Estou vendo que breve abrem a fallencia ao santo, com tanta divida!

—Quando deviam abril-a a esse larapio negociante dos defuntos que tudo quanto empalma, seu ou alheio, vae despejar á noite no voltarête no *Club Calçadino*!

—Ha cousas nesta terra! Um velhaquete, que não paga a seus credores cá deste mundo, tem dinheiro para adiantar aos habitantes da côrte celestial e representa um extraordinario debito em vinte *contos* e tantas parolas! alem de uma *quitação* descontada na caixa que não quer *sociedade* no *commerçio*!

—Ora rapariga, pois V. com um cabrito por dentro da egreja?

—E' de meu amo.

—Quem é seu amo?

—E' meu senhor cura, vou deital-o no passeio para pastar.

—Isto só se vê na egreja da Sé!

—Capitão, vamos acabar a nossa historia do *Pipia-cega*?

—O que? O resultado da Feira de Santa Anna?

—Não, capitão, outra cousa.

—Pois vamos com ella.

—Conforme lhe disse, elle vae casar-se, mas agora ouça o mais serio. Encommendou uma mobilia para seu casamento por certa quantia, e estando ella em casa da noiva, o marcineiro presenciou, que não obtinha os cobres, apezar de ja estar ha tempos, e foi ter com a noiva dizendo-lhe que vinha buscar a mobilia, porque precisava de ser repassada: ella fielmente a entregou, e o marcineiro ficou com ella, desconfiando do calote.

—Isto é pilheria sua.

—E a cama, meu capitão? Ahi é que está o

melhor. O marcineiro que ó *calculado*, não a quiz entregar por que ainda lhe faltavam 115 rs.

—Pois um homem destes está no caso de sacrificar a pessoa com quem vai unir-se?

—E' porque é descarado, e ha um outro sujeito *amarello* que vira *lobishomem* que tambem se quer casar com Julinha.

—Não me conte mais bestidades de *Pipiacega*.

—Agora escute o resto. Quando elle quer tomar café em casa da futura, manda na padaria comprar dez reis de café e dez reis de assucar, e manda a futura para apromptar para elle.

—Isto é negocio da vida alheia; so quero saber o que houve na Feira de Sant'Anna.

—Em outro dia, capitão.

—Capitão, estive em Nossa Senhora das Candeias, capella filial á freguezia do Soccorro.

—O que observou V. por lá?

— No dia 2 de fevereiro, em que se festeja a excelsa Senhora, houve a missa que se costuma celebrar todos os annos, com uma concurrencia de mais de 5,000 pessoas.

Todo campo ficou coberto de improvisadas barracas, occupadas por familias e devotos que acodem a adorar a Santissima Virgem.

—E' muito venerada a Mãe de Deus sob a invocação das Candeias.

—Causa porem lastima o estado de ruina e desabamento em que está a egreja; apenas está em pé a sachristia onde se celebra o officio divino.

—Pois a quota das esmolas com que concorrem os fieis é extraordinaria.

De toda a parte o povo que affluе para render culto á Immaculada Mãe do Redemptor, deposita seu obulo mais ou menos.

—La foi que soube que nos tribunaes move-se um pleito entre os Srs. Miguel de Teive e Argollo e Francisco Ribeiro Guimarães Lopes, proprietarios ricos, que disputam o senhorio da capella.

—Eu entendo que a generosidade e desinteresse desses cavalheiros devia leval-os a ceder a capella ao publico, pois não são 150 ou 200 braças de terra em que se acham collocadas aquellas ruinas de egreja, que augmentarão os bens de proprietarios que possuem grandes sismarias.

—Até porque, uma vez que a egreja é franqueada á veneração do publico e recebe auxilio e donativos do povo, parece que deve cessar o dominio particular.

—Si elles derem esse passo de louvavel desinteresse, a capella se reedificará de momento, porque ha muito quem se preste e queira contribuir. Pouco será preciso dispender com operarios, conductores de materiaes, etc; que o povo a tudo se presta em louvor da Ineffavel Senhora.

Os poderes competentes nomearão um administrador ou fabriqueiro, affiançado, que prestará contas; instituir-se-ha uma devoção para promover o brilhantismo do culto e assim o spirito religioso augmentará e o splendor das praticas augustas da religião adquirirá novos brilhos e os Srs. Teive e Argollo e Ribeiro Lopes terão mais uma occasião para dar provas de sua abnegação e cavalheirismo.

—Ou quando nada, façam uma concordata amigavel e tomem sobre si a reedificação da capella, para o que não será preciso gastarem do seu, pois o subido numero de esmollas e donativos que se recebe todos os annos dá de sobra.

Aceio da cidade.

III.

O *Diario*, occupando se da questão do aceio da cidade, emittiu uma inexactidão.

Não foi o Sr. Dez. Leitão da Cunha quem rescindiu o contracto do aceio da cidade; semelhante acto teve logar na administração do Sr. Dr. Pedro Leão Velloso.

Foi tambem este senhor quem mandou avaliar os trens e materiaes da empreza, e pôr em hasta publica o serviço.

Rescindido o contracto e posto em arrematação, não appareceu quem se propozesse a elle e continuou a ser feito sob a administração da empreza, livre por esse facto de qualquer onus ou obrigação.

Isempta de mulctas, a que pelo contracto era sujeita, com a cessação deste, a empreza nem por isso se descuidou de empregar esforços e actividade, quanto lhe permittiam seus recursos, para o bom desempenho do serviço.

No campo do Barbalho, por exemplo, haviam crescidos matagaes de mamoneiras, onde se acoitavam criminosos, que á bocca da noite atacavam os viandantes, e até deu-se o caso de ser assassinada uma mulher; devido á empreza hoje aquelle campo está limpo e não apresenta semelhante inconveniente.

Na rua do Bangala, o capim e a herva vegetavam a ponto de servir aquelle logar de pastagem de animaes.

Si não houvesse zelo e boa vontade da parte da empreza, livre como estava de qualquer compromisso obrigatorio, deixaria de parte essa tarefa para somente tratar das ruas mais

populosas e principaes e até reduziria seu pessoal, auferindo assim maiores vantagens pecuniarias.

Motte.

Em servir e dar dinheiro
E' que o pobre é cidadão.

GLOZA.

Neste paiz brasileiro
Vive o pobre a revelia,
Pois que só tem *garantia*
Em servir e dar dinheiro!
Porem ao rico altaneiro,
Por ter ouro e posição,
Ninguem lhe faz coacção,
Antes rendem-lhe oblações...
Só nas vesperas d'eleições
E' que o pobre é cidadão.

VARIEDADES.

Resposta feliz.

Querendo uma senhora metter para freira a uma sua filha, muito feia e aleijada, lhe dizia para a convencer:

—Olha, tu és horrenda para casares, ninguem te ha de querer; assim é melhor que eu te dê a Deus.

—O' minha mãe, accrescentou ella, Vmc. não se envergonha de lhe fazer um presente tão feio?

Uma mulher para dous.

A' um juiz de New York se apresentaram dous homens pedindo a posse de uma dançarina, com quem ambos allegaram ter casado um no Paraguay e outro em S. Petersburgo.

O Juiz proferiu a seguinte sentença:

«Não póde ter logar o processo em quanto ambos os reclamantes não justificarem que estão em seu juizo perfeito, e que não intentaram esta cauza por falta de juizo.

Será serio?

O peixe cahe no anzol,
O homem nasce innocente,
O pobre não vale nada,
Dinheiro ennobrece a gente;
Bacalhau é peixe secco,
Moleque joga peão,
Bacurau canta de noite,
Meirinho faz citação.

E' moda fumar charuto;
Soldado joga pacau,
De feijão se faz tutú,
De gomma se faz mingau;
Macaco se chama nico,
De trapo se faz papel,
De fumo se faz tabaco,
Somente abelha faz mel.

Semana tem sete dias,
Doze mezes tem o anno,
Sapato se faz de couro,
De palha se faz abano;
Borracha vem do Pará,
De Minas vem queijo molle,
De peixe se faz moqueca,
Com doudos nunca se bolle.

ANNUNCIOS.

Vende-se

requissimas palmas e capellas para anjo mortuario, na loja de Libanio José d'Almeida a rua Direita do Collegio n ° 33—A.

O mesmo declara ao publico que nada deve nesta praça e nem fora della, sendo morador e proprietario na rua direita da Cruz do Cosme.

Na loja de calçados á rua Direita da Mizericordia, n.° 17, vende-se boas formas francezas para calçados, a 2,500 rs. o par, riquissimas botinas para homens, meninos e senhoras, todas as qualidades de aviamentos para sapateiros e saborosos charutos e cigarros, dos melhores fabricantes, para os apreciadores.

c

Roga-se ao senhor empregado publico que mora no andar debaixo de uma das casas, á rua do Tijolo, que venha quanto antes na loja n. 9, sita ao Taboão, afim de pagar os alugueis que ficou devendo, sob pena de não o fazendo, publicar-se seu nome por extenso. Bahia 9 de fevereiro de 1870.

Quem quizer comprar um burro pequeno, bom de sella, dirija-se á ladeira de Sant'Anna, n.° 9, que achará com quem tratar, das 6 ás 9 horas da manhan, ou das 3 as 6 da tarde.

Luiz d'Oliveira Vasconcellos, com loja de calçados á rua Direita da Mizericordia, pede a todos que se acham atrazados nessa loja em seus debitos, o favor de solvel-os quanto antes, si não quizerem ver seus nomes publicados.

Venda da rua da Valla n. 68.

Pede-se a dous empregados da estrada de ferro, e a certo empregado publico, que venham resgatar seus bilhetes, si não querem ver seus nomes por extenso neste jornal, no prazo de 8 dias, á contar da data desta publicação. Bahia 15 de fevereiro de 1870.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 62.ª QUARTA-FEIRA 23 DE FEVEREIRO. N. 612.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de fevereiro de 1870.

Não houve expediente.

—Não acho isto bom.

—E' até muito perigoso.

—Com tamanha agglomeração de povo, estes cavalleiros, no Terreiro, estarem pinoteando.....

—Faça pausa; quem pinoteia são os cavallos e não os cavalleiros.

—Está entendido,

Mas não é risco trazerem cavallos bravos, que se espantam, quando toca-se o tracafio de bombas e sobem os foguetes?

—Dizem que é para acostumal-os.

—Onde ha creanças e senhoras?

—Si a cousa fosse má, não estava no meio o ajudante dos *pitús* ensinando o seu bucephalo.

—Pois eu entendo que é das cousas que a policia devia prever: o transito de carros, e o ensino de cavallos, onde ha ajuntamentos.

Agora mesmo aquelles amansadores de cavallos iam pisando uma senhora na ladeira de S. Francisco.

—Mesmo que ha aqui na cidade dois sujeitos habeis para esse ensino.

—A cabra Clara, que rachou a cabeça da menina, soffreu alguma cousa?

—Si não nada.

—Logo vi. Ella é uma rapariga vistosa e agradavel; é até mesmo um pouco *liberal;* gosta de servir a quem lhe occupa, e n'esta epocha, a gente prestimosa gosa de muitas deferencias.

—Eu tenho ouvido dizer que esta especie de gente actualmente é indulgenciada...

—A Bernardina que o diga...

—Bico; não espante.

—Mas, voltando ao caso da menina, eu ouvi o academico Macedo, que a curou, dizer que o ferimento era gravissimo.

—Entretanto, Clara, depois que o praticou, andou pagodeando no Rio Vermelho.

—Reforma ou revolução, bradam os homens do centro liberal.

—Aqui na Bahia é dispensavel, os costumes estão de todo reformados.

—E ha liberdade ampla.

—No fallar, no trajar, no andar, no proceder.

—Os doudos e mentecaptos, principalmente, tem plena faculdade de andarem como queiram.

—Antigamente, quem via, todas as manhans, uma preta maluca, escrava que foi da casa do finado Marcolino Maia, assentada na porta da cathedral, núa, tendo apenas um farrapo de panno pela cintura e trazendo um caixão atravancado de podridões e esterquilinios? ou transitando por toda a cidade neste estado?

—E Belmiro Jacaré, que, no sabbado, andou pela cidade baixa, quasi nù, mostrando em alto dia aquillo que a castidade recusa-se de ver?

—E essas scenas são vistas como cousas mui cõmmuns. Ninguem mais se encommoda com ellas.

—Já não ha desvello pelo pudor publico.

—Sabe dizer-me si a meza de Santa Cecilia ja tomou posse?

—Não.

—Porque?

—Dizem que porque ha um desfalque na irmandade e por isso os novos eleitos não querem empossar-se dos seus logares.

—Em vista d'isso, eu vou ao capitão do *Alabama* pedir-lhe providencias a esse respeito, porque sou irmão e por conseguinte um dos prejudicados na historia.

—Não; dirija-se ao juiz do capella que é a quem compete providenciar.

—Oh! não se pode morar aqui na rua d'Ajuda! Que inferno!

—Toda noite é isto que V. está vendo, no

entanto a typographia do *Diario* defronte e ainda não censurou.

Os tambores da guarda nacional vão aprender nos campos a maneira de rufarem; mas os aprendizes de caixas da philarmonica Minerva aprendem aqui mesmo na casa da sociedade, com grave encommodo dos moradores visinhos.

– E levam até ás tantas da noite a rufarem as caixas, de sorte que parece cousa que se está no inferno!

—Diabo os carregue!

—Tambem só nesta terra se vê disto!

—Desde sexta-feira é apedrejada uma padaria na rua de Baixo, á noite.

—Inimizades talvez.

—E' o que eu supponho. As armas de Santo Estevam chovem pela frente e por detraz. No sabbado esmigalharam as vidraças, e fuaram o telhado.

—E' uma peça de pôr o proprietario tonto.

—A policia prendeu um moleque, mas não descobriu cousa alguma.

TRANSCRIPÇÃO.

CORRESPONDENCIA DO «JORNAL DO COMMERCIO.»

Rosario, 2 de fevereiro de 1870.

Embarcam amanhan os primeiros batalhões de voluntarios da patria, que se retiram do Paraguay.

Cinco annos de incessante luta, cinco annos de honra, é a divisa nobremente ganha por esses lidadores, que vão procurar os lares, não de cansaço, pois que a elle nunca cederam, mas porque a sua missão está concluida. O passado desses corpos, a fé de officio dessas bandeiras, é brilhante: todo o exercito a conhece. O 40 e o 53 batalharam dia e noite á luz da publicidade; nunca se mostraram somenos aos mais valentes. O 17 trabalhou em Matto-Grosso em esphera menos esclarecida; lutou, para assim dizer, na escuridão, mas nem por isso seus esforços merecem menos attenção. Faça-se a luz no seio dos mares e ver-se-ha o horror dos combates que em silencio travam os monstros marinhos.

O 17 de voluntarios da patria é batalhão todo composto de mineiros. Formou se por occasião do maior enthusiasmo no Brazil em 1865, e recebeu a nata das cidades de Minas-Geraes. O seu pessoal era magnifico, sua disciplina, desde os primeiros dias da creação, invejavel, graças ao espirito que lhe infundira o commandante, o tenente-coronel de commissão Enéas Galvão. De Ouro Preto marchou para Uberaba em maio de 1865, em julho reunia-se ás forças expedicionarias para Matto-Grosso, em dezembro chegou ao Cochim, atravessou os pantanos de Miranda, nelles deixou innumeros companheiros, ganhou Nioac, e afinal foi levado ao Apa, completando 364 leguas de marcha.

Invadiu o Paraguay, regou a ingrata terra com o sangue de 50 camaradas, retrocedeu até o Aquidanana e foi chamado a Cuiabá, onde por algum tempo poude descançar, vendo atraz de si 524 leguas medidas, durante 2 annos e mezes, á sola de pé. Em 1869 o batalhão teve ordem de descer para Assumpção; ahi chegou no mez de agosto e poz-se logo a caminhar. Foi a Villa-Rica, voltou para Pirayú e dahi a Angustura e Humaitá, onde espera conducção para ir ter ao Rio de Janeiro e á cidade de Ouro-Preto.

Nesse ponto fecharão um circulo immenso, cuja circumferencia se estende pelo interior de um grande continente e de parte de um oceano. E' pelo circulo que os antigos representavam a eternidade.

Estes homens caminharam uma eternidade. E durante essa eternidade quantos horrores?! A fome no Cochim, em que só houve carne escassa durante muitos mezes, a fome do Rio-Negro, em que nem carne havia e disputavam-se côcos ás aráras; a fome da retirada, em que se comiam cardos, quando os havia, em que se matavam quatro rezes para 2,000 pessoas; as bexigas em Minas, a paralysia no Tabôco, que roubou perto de 300 vidas; a cholera nos campos de Miranda, que devorou700 e muitos homens; os combates de 8, 9 e 11 de maio de 1867 e tiroteios incessantes até 29 daquelle mez em que só se contava com o valor do peito e a protecção de Deus; o incendio dos campos; a sêde; os paúes; a nudez; tudo, emfim!

O 17 foi o batalhão-tenacidade. Não tinha o arrojo do 21 paulista, mas possuia essa resignação immensa que se firma no dever e não dobra a serviz ante calamidade alguma.

O 17 de voluntarios fez juz á admiração de seu paiz. No tempo em que a gente de Matto Grosso cobria-se de farrapos, causava alegria o cuidado que desses frangalhos tinha aquello batalhão. As blusas, as calças eram rotas, mas limpas. Sahiam os soldados dos charcos para buscarem agua um pouco pura e lavarem suas roupas.

A banda de musica era excellente: todos em Minas tem vocação pela divina arte. E' a patria do padre Mauricio, cujas missas o celebre Newkomm tanto applaudia. Essa musica fez echoar o sertão com as mais bellas inspirações dos grandes mestres. Durante a

retirada ainda entoava hymnos guerreiros; depois calou-se; os musicos morreram uns de bala, outros de cholera, os instrumentos perderam-se. A ultima vez que tocaram foi junto ao ribeirão das Cruzes.

O batalhão chegou a ter 900 praças. Seus officiaes eram todos distinctos. O major Vicente, o capitão Juca Duarte, popular entre todos, morreram de paralysia, este em Miranda, aquelle no Tabôco. Juca Borges, valente, incansavel, hoje o commandante do corpo; Ercok, que foi capitão aos 17 annos: Vianna, Tobias, Raymundo Monteiro, que é ainda alferes de commissão, apezar de nove lançaços recebidos no peito, e muitos outros guiavam os soldados, ora para romper o circulo de inimigos ou de fogo no campo, ora para se metter nos alagadiços. Si não nos falha a memoria, o batalhão quando voltou do Apa tinha pouco mais de 200 homens, inclusive os officiaes.

Investigue-se a historia da expedição de Matto-Grosso: ella é grandiosa.

Volvamo-nos agora para a luz.

Os batalhões 40 e 53 de voluntarios se esforçaram sempre juntos: entraram em fogo pela primeira vez no dia 2 de maio de 1866 Quem foi o padrinho delles no baptismo de sangue assigna hoje a ordem do dia de despedida. O marechal Victorino levou-os á peleja. e, soldado veterano, estremeceu de orgulho, ao ver aquelles soldados bisonhos.

No dia 24 de maio, na grande batalha de Osorio, o 40 e o 53 estiveram soberbos. No dia 16 de julho, nessa luta tremenda ferida pelo inclyto Polydoro, ainda se acharam nos pontos de maiores apuros. Fizeram parte um da 1.ª divisão de infantaria, o outro da 6.ª, e durante sete mezes de bombardeio seguido sustentaram o flanco esquerdo da frente de Tuyuty, acampados nas linhas. A marcha de Tuyú-Cué, a de Paré-Cué a Palmas, as batalhas de dezembro de 1868, as de agosto de 1869, foram successos presenciados por esses batalhões, que poderão, como os soldados de Napoleão, dizer—ahi estive.

Os commandantes dos batalhões ns. 40 e 53 são os bravos coroneis Faria Rocha e Barros Vasconcellos, este de Pernambuco, aquelle da Bahia. Hoje despedem-se elles do seus companheiros e abraçam aquelles homens de quem foram ajudados ou a quem soccorreram tantas vezes em momentos supremos.

Levam um recado—saudar por todos nós as plagas do nosso Brazil!

A PEDIDO

—Capitão, leu o *Jornal da Bahia* de hontem?

—Li; mas o que ha?

—Não viu um escripto do João Alves Pereira de Vasconcellos em que se defendia da denuncia que deram ao subdelegado de Santo Antonio de que elle queria apedrejar a casa de uma familia?

—Sim; falla n'uns Gouveias.

—Não acha isso uma baixeza da parte dos calumniadores que se constituiram gratuitos inimigos do rapaz para desconsideral-o e andam inventando historias?

—E' verdade.

—Dizem até que no dia 19 do corrente, em que houve um casamento na familia, a porta da casa esteve com um piquete.

—Talvez prevenção por causa das duvidas.

—Os intrigantes são sempre covardes.

Foi bom o subdelegado ir, porque podiam esses desaffectos do rapaz, de proposito, apedrejarem á casa para lançarem a culpa sobre elle; eu tenho visto muita cousa.

—E' o que não duvido. Assim foi bom fazer-se o casamento á *militar*.

—Capitão, venho lhe contar.

—Negocios da vida alheia?

—Uma descoberta que fiz.

—Diga p'ra ver.

—Nos *permanentes,* ha um official, cuja dona da casa, é *vudunça feita* do terreiro do africano Ze Rolavo, na Quinta das *Devotas,* e *carrega* (adora) a *O'xalá,* que em lingoa africana significa *santo* mais velho (Padre Eterno).

Outro dia, veio o santo na cabeça da seguidora das crenças africanas, o qual, predisse ao cujo que elle estava para ser demittido brevemente e que, para o não ser, havia de lhe dar um *abou* (carneiro), meia canada de *épu* (azeite), dous *acucó* (gallos), um *kessé* (papagaio da costa), *obis*, *colla*, *atás* e *orobôs*, doze de cada um, para fazer um *ebó* (cumprimento de preceito para alcançar qualquer graça) com o que não so arredaria o mal que lhe estava imminente, como passaria a capitão.

O credulo melro, mais que depressa comprou tudo e la foi levar ao industrioso *gombono* (chefe da seita).

Elle mesmo foi o sacrificador que immolou o carneiro, de cujo sangue bebeu algumas gottas; depois seguiu-se a ceremonia burlesca do *forican-abou*, que consiste em dar leves marradas na cabeça do animal morto, em quanto o preto engrola certas palavras.

Depois do *von-siçá* (sacrificio), seguiu-se uma especie de dança chamada *bonadué* e o nosso official muito ancho enfeitado de *gés* (contas) tomou conta do *nacucu cuim* (taba-

que) o começou a bater desmesuradamente, em quanto as *filhas da casa*, em desenvoltas e extravagantes posturas, dançavam.

—Até os homens mettidos nestas patifarias!

Eu não sei como si tem duas crenças.

Acreditam na religião catholica, e rendem cultos a grosseiras superstições transportadas d'Africa; fructo da importação daquelles povos para nosso paiz.

—E o mais singular é por ser um official de *permanentes*.

—Quem é esse visionario, homem?

—E' um cuja casa não tem porta, tem *portella*.

—Onde mora?

—No *declive* da fonte de *pau*.

—Ah, ja sei quem é. Faz bem de andar se agarrando pelas paredes. Esse magano, de mais a mais, gosta de seduzir meninas e enganal-as.

—Como os candomblés em Latronopolis se hão de extinguir, si os mesmos que são obrigados a perseguil-os vão se soccar nelles?

—E o governo que não remunera um homem com tão boas prendas!

—Capitão?

—Eim.

—Eu quizera saber si o alferes Antonio Joaquim de Sá, do 5.º batalhão, destacado no Engenho da Conceição, manda na fazenda alheia.

—E' cousa que lhe interessa?

—Curiosidade somente.

—Então não se importe.

—Mas eu queria saber si elle tem authoridade para agarrar um menino, tomar-lhe um feixe de cannas, que o mesmo conduz á mandado de seu pae, e dar-lhe meia pataca? Isto no sabbado.

—Si fosse no domingo, eu poderia responder.

—No domingo, não, que andou elle passeiando á cavallo pela Calçada.

—Então abandonou o posto?

—Elle que o diga.

—Homem, V. falla cousas...

—Capitão, ha agora um tal Sr. Barbosa, que é o Olympio Regis moderno.

Chanforneiro, provocante e turbulento.

—Onde mora esse energumeno?

—E' caixeiro de uma loja de charutos por baixo do Renaldy, á rua Direita de Palacio.

—Já sei onde é.

—De mais, tem a graciosa habilidade de inculcar-se tenente de voluntarios, e muitos o comem por tal.

Por toda parte faz *perluvios* esse *valadario* nocturno.

—Ainda ha poucos dias, fez um sarceiro na casa de umas *atrapalhadas* á rua da Misericordia.

—Macreação não é valentia, mas o Sr. Barbosa entende que bebedeira é atrevimento, e finge se monado quando quer tornar-se insolente.

Sexta-feira, elle e um José Augusto, espancavam a um inerme mutilado da guerra, que encontraram descançando no passeio da rua.

—Que brutalidade!

—Um rapaz que passava, procurou arredal-os desta má acção; porem, não sendo attendido e sendo tambem de *briga, calçou o pé*.

Um moço da visinhança, casado, livreiro, sahiu para apasiguar a contenda.

E Barbosa, em logar de accommodar-se, conspirou-se contra este: não houve asquerosidade e insulto que não lançasse sobre o livreiro e a honestidade de sua mulher. Isto, em vozes de atroar.

—Falta de policia.

—Essa dona appareceu e prendeu o turbulento á ordem do chefe; mas soltou-o immediatamente, pelo facto de elle dizer que era tenente.

—E conserva-se um homem desta qualidade no meio da gente pacifica e ordeira!

—Elle tem feito tantas que menos que fôra bastava.

—E continuará emquanto lhe consentirem.

Roga-se a certo gallego, caixeiro de um armazem do caes das Amarras, que não falle tanto da vida alheia; do contrario passará pela decepção de ver seu nome nas columnas deste jornal. *O Zé da mulata.*

VARIEDADES.

Cousas que não falham.

Pega a lavadeira na roupa,
A costureira na agulha,
Os rapazes fazem bulha,
E o cão entra na toca;
Os dentes nascem na bocca,
As piteiras nos vallados,
Os pretos levam recados,
Os oleiros fazem potes,
Os alfaiates capotes,
Amantes fazem agrados.

ANNUNCIOS.

Nesta typographia precisa-se de um distribuidor (typographo).

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 62.ª SABBADO 26 DE FEVEREIRO. Ns. 613—614.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de fevereiro de 1870.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, dando-lhe sciencia do irregular comportamento das praças invalidas destacadas no Barbalho, as quaes sahem pelo campo em trajes indecentes, embriagam-se constantemente, travam rixa uns com os outros e insultam-se de parte a parte com palavras injuriosas e obscenas, sendo raro delles o que não anda armado de punhal ou rewolver. Espera-se que S. Ex. providencie de maneira a cessar taes inconvenientes.

—Ao Illm. Sr. mordomo das obras da Casa Santa Misericordia, pedindo-lhe que mande engastar a bica do sobrado n. 20, ao Maciel de Baixo, pela razão de que, em havendo alguma chuva, fica a rua enlameada em consequencia da caliça e barro de que está ella cheia, proveniente do concerto que se está fazendo na propriedade immediata

Espera-se ser attendido.

—Não sei do que serve haver soldados de policia pelas ruas, si elles não comprehendem suas obrigações.

—Que por toda cidade se commettam desacatos, é para lastimar a falta da força publica; mas aqui no Terreiro, onde ha sempre duas patrulhas, não tem cabimento aquillo.

—Todos os dias é semelhante escandalo!

A's 5 horas da tarde, senta-se aquella rapariguita na porta da egreja á espera que o amasio saia do hospital, e ali, como se estivessem onde ninguem os visse, praticam o que o Sr. está vendo.

Braço passado por cima do outro, perna trançada, e quanta obscenidade se pode praticar.

—E os soldados encostados nas arvores como estafermas!

—Talvez quem não tenha visto ache isto exagerado; mas que o digam as familias que moram de lado da egreja do Collegio.

—E o chefe de policia se duvidar que indague do seu agente Vicente, que tambem já viu.

—Capitão, aqui está uma informação que trouxeram a V. Ex.

—Abra e leia.

—Eis o contheúdo:

O fiscal geral encontrando hontem, 21, n'um talho ao Cabeça, vendendo-se carne depois da hora marcada, mulctou ao carniceiro e apprehendeu a carne, a qual mandou deitar ao mar por um ganhador, acompanhado do guarda municipal Manuel do Sacramento Dantas.

Este, chegando as Pedreiras, dividiu parte da carne com alguns conhecidos, e a melhor levou para sua casa, pagando pela tornaviagem 80 rs. ao ganhador.

—Não é bicha de sete cabeças.

A carne virada que se lança ao mar é comida pelos peixes; os peixes vem ao mercado para abastecimento da população. logo pode-se tornar prejudicial á saude publica; e por tanto o previdente auxiliar da policia municipal assentou que dava melhor destino em seu buxo a uma cousa que podia ser nociva a todos.

—Quando sahiu a *Chronica Religiosa* a sua redacção remetteu-nos o primeiro numero; em retribuição enviamos-lhe tambem o *Alabama*.

No 4.º ou 5.º uumero porem formalisou-se e bruscamente interrompeu a troca, estamagada por simples palavras que dissemos a proposito de haver aquella folha publicado que a egreja de Brescia contou trinta e um bispos santos, com interrupção de um que morreu de morte subita *por ter tido a temeridade de enterrar* o corpo de um homem mau em logar sagrado.

—E V. Ex. faz caso disso?

—Eu!

São bondades de que não me importo.

—Pois então deixe a pequenhez da acção com quem a praticou.

—Si registro o facto é apenas para que se aprecie a fatuidade de certos fôfos orgulhos, a egoistica presumpção de certas improvisadas balofas capacidades, acobertadas por uma simples casca de noz, a altiva jactancia de quem quer para si o dom da inviolabilidade, porque V. tem visto, aqui mesmo, o jornalismo em exaltada polemica, sem que se suspendam esta pratica de permuta.

—A tolice é irman da presumpção.

—Pela troca não damos cavaco, porque o *Alabama*, em sua humildade, tem a honra de se corresponder com os mais notaveis orgãos da imprensa, não só do imperio como tambem da Europa, e no genero religioso recebe a *Estrella do Sul*, a *Imprensa Evangelica*, a *Voz do Christão*, a *Cruz*, a *Fé*, a *Consciencia Livre*, a *Estrella do Norte* e a *Voz da Religião*, folhas estas que a *Chronica Religiosa* está muito distante dellas em illustração.

—Capitão, como sei que V. Ex. foi, é, e sempre será em prol da causa dos infelizes, venho pedir-lhe que clame em favor dos doentes do hospital dos Lazaros.

—O que ha a respeito delles?

—Acabam de communicar-me o seguinte: «Os enfermos daquelle hospital são maltratados, vivem mortos a fome, presos n'um quarto escuro, passando o dia (quando presos) sem almoço, sem jantar, sem ceia, fecha-se-lhes ás 4 horas da tarde a porta da enfermaria; tira-se-lhes a dieta que dá o doutor; os doentes são espancados, como dizem, succedeu a Valentim e ameaçados de chicote, etc.»

—Tudo isso, si é exacto, acontece porque S. Ex. o Sr. barão de S. Lourenço ignora, pois si houvesse chegado ao seu conhecimento elle teria dado as necessarias providencias; mas eu vou communicar-lhe em nome dos infelizes que soffrem.

—Ca... pi... tão..., ca... pi... tão....

—O que tem, homem?

—Eu... vi... vi...

—Viu o que? falle.

—... um phantasma!

—Aonde?

—Ali na rua do Pão-deló.

—De que especie é esse phantasma?

—Elle apparece á gente em figura de um homem alto, barbado!

—Cá... cá... cá... cá...

—De que ri-se V. Ex.?

—Porque julguei que os tolos ja se tinham acabado; mas elles ainda existem.

O que V. chama phantasma, é o namorado de uma moça que mora por aquellas immediações, em uma loja, que leva rondando até fora de horas, afim de fallar com a sua namorada.

—O que diz V. Ex.? Pois levei uma carreira até aqui, suppondo ser alma do outro mundo!

—Não creia n'isso, meu pateta, o spirito que vae não torna, salvo os evocados pela associação spiritica.

—E essa! Que vergonha!!

—A festa do Senhor do Bomfim este anno esteve brilhante.

—Menos na parte do palanque, cujo auctor pode limpar a mão á parede.

—Porem tudo mais foi excellente.

A armação foi prima; o artista que a desempenhou esmerou-se e apresentou cousa digna; a musica esteve sublime.

—Assim não fossem tantos capadocios desrespeitar o templo com seus namoros.

—Então, meu patusco, já está preparado para o carnaval?

—Dos pés a cabeça, capitão.

—Eu sei que V. não perde a folia.

—E este anno que o folguedo está com uma pompa extraordinaria.

—Faz bem; a rapazeada emquanto está no seu tempo deve se divertir.

—Não ha distracções: são tres noites por tanto que vou desfructar no theatro de S. João.

—Divirta-se, divirta-se.

Em tudo tem entrado a moda.

E' innegavel, que as posições, os geitos, e movimentos do nosso corpo concorrem grandemente para nos tornar agradaveis, ou fastidiosos, graves ou burlescos, importantes ou ridiculos; e d'aqui a necessidade de formar bons habitos nas moças desde os seus primeiros annos.

Meninos e meninas avesam-se a metter os pés para dentro, e ficam com andar de papagaios e suias.

Quantas moças ha por ahi, que pisam com tanta força, que parecem quererem botar tudo abaixo!

Outras não sabem andar senão remeneando-se, como se estivessem dançando o velho lundú chorado.

Outras pelo contrario tem um passinho tão miudo, tão egual e ao mesmo tempo tão apressado, que parecem umas rolinhas passeando no areal.

Uns trazem sempre a cabeça a uma banda,

outros tão empinada para traz, que parece estão engolindo espetos.

Este traz sempre os hombros tão levantados, que assemelha-se a um frango molhado; aquelle, quando anda, parece quer voar, porque tem os braços abertos, como azas de passaro.

Aquelle outro, si falla, é gesticulando, e manuteando, que parece um energumeno.

D. Emilia, alias bem parecida, está sempre a fazer carêtas, ja piscando com os olhos, ja mordendo os labios, ja fungando, como quem toma esturro.

D. Ritinha, é galante, mas adoptou o habito de trazer sempre os braços com os cotovellos pregados nas costellas, e as mãos molemente penduradas, assim pelo modo por que a galinha põe as pernas, quando a sustentam pelas azas.

Agora o grande tom nas senhoras é a frente inclinada para diante, assim a modo de quem quer romper um grande concurso de povo, e as ancas pelo contrario bem proeminentes, como de pessoa que sobe uma ladeira ingreme, e tal é principalmente a mimosa posição das quadrilhas.

Sugeito ha com tal geito no andar, que parece que vae por ahi dando umbigadas. Outros, porem, apresentam-se tão tesos, e empertigados, que parecem feitos de madeira.

Porque D. Chiquinha que não é mal parecida, ha de franzir a testa, e por-se tão carrancuda, que parece, anda zangada com todo mundo?

Porque D. Mariquinhas, que alias tem bons olhos, sempre os dardeja de revez, assemelhando-se ao porco, que fortemente caminha para o roçado?

D. Tété tomou o vêzo de arregalar os seus de maneira, que parece que: fazer medo a gente.

Estes e outros defeitos procedem ordinariamente de denguice e demasiado apuro; alguns, porem, ha provenientes do deleixo, e grosseria, e não são menos dignos de censura.

D. Totonia não anda verdadeiramente, chacoteia.

D. Janoca encolhe os hombros, como quem está dizendo—que me importa?—, e atira os braços de maneira, que parece que os quer botar fora.

D. Loló marcha tão dura, e arrogante, remeneia-se com tal força, que faz tremer todo o assoalho.

E o que se não observa a respeito das risadas?

Sugeito ha, que em vez de rir, orneja tal qual um burro, e tanto manuteia, taes pernadas dá, que nessas occasiões é incommodo o estar ao pé delle.

Alguns, pelo contrario, querem inculcar-se por inalteravelmente serios, suffocam o riso e parecem pombos arrulando, ou apenas o vão soltando aos bocadinhos, e vem a assemelhar-se aos fracos relinchos de cavallo.

Outros quando riem com gosto fazem mil carantonhas, dão patadas, atiram-se por cima de cadeiras e canapés, dão gritos, urros e gemidos que parecem loucos furiosos.—Conheci um destes, que em se rindo cuspia e espancava a quantos lhe ficavam de redor.

No bello sexo ha risada singella e risada dobrada; ha riso solto, e riso de carretilha; ha riso de tiple, e riso de tenor, e em algumas encontra-se riso de voz de baixo. Umas quando riem escancaram disformemente a bocca, o que é muito feio, mormente si as sugeitas tem maus dentes: outras pelo contrario tendo presumpção de bocca pequenina, encolhem os labios de maneira que o riso lhes sahe coado, e quasi como um assobio.

Risada singella é a que vae como cantada no mesmo diapasão; a dobrada porem salta á terceira, á quinta, á sexta e á oitava. Riso solto é no mesmo tom, com cadencias desligadas, como v. g. o canto-chão: riso carretilha muda de tons, vae aos saltinhos, e as vezes compõe-se de fuzas e semifuzas. O riso de tiple é agudo e forte; o de tenor é em meia voz e doce; o baixo é grosso, rouquenho e ouco.

Até ha pessoa que estando a rir, todo o mundo julga que chora, e se lamenta á força de açoites que lhe estão dando; e outras chegam a ganir tal qual um cãozinho com pulgas.

Nada ha que escape á jurisdição das modas. Até as cortezias, e mezuras lhe estão subordinadas.

Antigamente em um homem inclinando mais ou menos o corpo para diante igualmente, tinha feito a sua cortezia segundo a qualidade, posição, ou jerarchia da pessoa a quem cumprimentava.

A senhora fazia a sua mezura, erguendo um pouco os vestidos com os dedos de um e outro lado, e abaixando-se nesta posição mais ou menos conforme á pessoa, a quem dirigia.

Hoje a moda tem adoptado outros geitos.

O homem deve cortejar com a cabeça á banda, os peitos bem atirados para diante, como gallo brigando e as ancas e pernas, que fiquem bem para traz.

A mezura da senhora consiste em puchar para diante o pescoço, e logo tornal-o a traz á maneira da gallinha, quando quer engolir

uma cobrinha, a cabeça um tanto inclinada para o lado esquerdo (por ser o do coração), as ancas, ja se sabe, bem estufadas; e tudo é feito, dando um pequeno passo para a frente.

Parece, que todas estas cousas são indifferentes; mas ellas concorrem para nos tornar agradaveis ou desagradaveis na sociedade; e por isso cumpre, que ponhamos algum cuidado em corrigir as faltas, que por ventura tenhamos a este respeito.

A PEDIDO

Oh! quanta cousinha boa
Estês olhos não tem visto
Por esse mundo de Christo
Onde tenho andado átôa?
Mas antes que o verme rôa
Este corpo já cansado,
Hei de deixar publicado
Meu quaderno de memorias;
Não são contos nem historias,
São versos de pé quebrado.

Dirá agora o leitor,
O que temos nós com isto?
Guarde lá o que tem visto,
Não nos *masse* por favor...
Porem, meu charo senhor,
Tende alguma paciencia,
Desculpae a impertinencia
De um pobre vate atrevido,
Que tambem já tem soffrido
Dos burros muita insolencia.

Um dia no meu caminho
Eu fui acotovellado
Por um peralta adamado
De luneta no focinho;
Encolhi-me n'um cantinho,
Deixei-o passar á frente
Com seu ar impertinente
E chicotinho na mão:
Este bicho era um *leão,*
Mas nunca devorou gente.

As pernas movia á custo
Na calça muito estreitinha;
Um *sacco* justo lhe vinha
Aos quadris morrer de susto:
Fazia-lhe sombra ao busto
Uma juba ou cabelleira:
Trazia a mão na algibeira;
Tinha os bigodes torcidos,
Os botins muito polidos
E nem vintem na carteira.

Não completei a pintura,
Falta ainda um bocadinho:
Era um alvo chapelinho
No cume da coma escura;
Que verso! que prosa dura!
Gritará muito sugeito
Ao ver o sublime effeito
Da minha cacofonia;
O que gritar tem fatia...
Verão que traz flor no peito...

Si o tafúl vê na janella
Alguma moça bonita,
Elle o focinho arrebita,
E não tira os olhos della;
Mas si a timida gazella
(Moça fina de salão)
Foge logo do balcão
Para mostrar que não quer...
Diz o tafúl—é mulher!
Mostrou que fiz-lhe impressão.

Segue o nosso carcavista
Para a cidade de baixo
E si põe a palestrar
Na porta de algum lojista,
Lá, com visos de impostor,
Olha os pobres caminhantes,
Mas si moças elegantes
Passam junto do Narciso,
Eil-o já com um sorriso
Forjando ditos galantes.

Si conhece uma franceza
Elle lhe diz: *bon soir,*
Mas si ella toca a fallar,
Eil-o já co'a lingua presa;
Só responde na incerteza,
Oui... c'est vrai... eu entendo...
Tres bien... eu comprehendo...
Je vais faire encore un tour...
Madame... adieu... bon jour...
Quelle nuit... está chovendo.

Vive o tafúl na illusão,
Que a mulher basta avistal-o
Para querel-o e amal-o
Com violenta paixão:
Tanto pode a presumpção
Em cabeça sem miolo!
Deixemos-lhe este consolo
Em quanto a realidade
Ao tafúl não persuade
Que elle faz papel de tolo.

P. A.

—O padre Cruz resuscitou.
—Onde o viu?
—Vae ali a imagem delle.
—O que, homem!

Não tem paridade. O outro era moreno e aquelle *formigão* tem a côr de cera desbotada.

—Si não tem semelhança na figura, o imita perfeitamente no desordenado impudor, na desenfreada sensualidade, na immoderada incontinencia.

Desconjuro!

Nunca vi formigão mais desregrado.

—V. me parece prevenido.

—Aquillo é porco immundo com pretenções de *onça*, é a aberração do honesto, a personificação da impudencia.

E' pena que não exista Sodoma para nella ir habitar aquelle bugre.

—Que mal lhe fez o homem para estar tão agastado contra elle?

—E' porque V. não sabe que joia é.

Aquelle relaxado perverte a infancia para maus e ignominiosos caminhos.

Ha de vel-o sempre rodeado de creanças a quem illude com presentinhos e dadivas, para melhor encarreal-os no degradante vicio de que é o protogonista.

—V. está fazendo uma carga demasiada.

—Quando eu lhe expuzer os factos desse fardo de dissolução, estreiados nas *Cannas* do *Vieira,* transmittidos sacrilegamente para debaixo das abobadas sagradas de um templo e actualmente representados com incrivel protervia n'uma rua *calçada*, V. se convencerá que aquelle *aprendiz* de *celebrante* quando galgar a *ordem* a que aspira, será o escarneo vivo da moral.

—Pelo seu dizer o homem é o receptaculo de todas as manchas!

Nem tem a pureza de *S. Francisco*, nem a castidade de *S. José*.

—E' a *correia* que prende todos os vicios á *alameda* da depravação.

E V. vae ver.

(*Continúa.*)

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

A impunidade dos traficantes da freguezia das *cinco badaladas* armou-lhes agora o braço para descarregarem sobre crianças, e logo contra homens. E' o caso.

Ha 20 dias, o muito recommendavel *Zé Zeferino,* prevalecendo-se da superioridade de forças, e por emboscada, á noite, na bodega do não menos recommendavel *Chêtas,* quebrou, com um pau, a cabeça de um crioulinho de 12 annos, filho de africanos libertos; fez-se corpo de delicto, houve queixa, e foi o *amavel* chamado a subdelegacia, onde confessou o crime; e vendo que o negocio ia-se tornando serio, escreveu um bilhete, que mandou pelo ordenança (que é mais delle do que do subdelegado), ao *primo caboré,* e este apresentando-se perorou e orou com tanta eloquencia, que o subdelegado ficou maravilhado de tão fortes e valiosas razões, mandando em paz o *innocente*.

Esta impunidade deu logar a que um atrevidissimo moleque do mesmo. *Zé Zeferino* se julgasse authorisado a arremessar um *pausinho* e quebrasse a cabeça de um menino branco de 6 annos, na tarde de 21 do corrente.

Um filho do subdelegado, que mora defronte, levou nos braços o menino lavado em sangue; o subdelegado tomou o encommodo de ir á tasca do tal *Zé,* olhou para o offensor e disse que, havia poucos dias, tinha pessoa d'ali quebrado a cabeça de outro menino, e... mais nada...

Escravo e senhor lá estão fazendo novas proezas.

Permitta, Sr. Dr., que diga d'aqui: viva o *Zé Zeferino* e a policia da minha freguezia.

Aceio da cidade.

IV.

Por acto datado de 21 do corrente, resolveu o governo da provincia suspender, do 1.º de março em diante, o serviço do aceio da cidade, á cargo do ex-emprezario major José Antonio da Costa Guimarães, encarregando a policia de providenciar sobre a limpeza das ruas e aceio das casas, para o que authorisou-a a dispender até 2:000$ réis mensaes.

Embora o acto do governo não o declare, parece natural que fica restringida a pratica a que estava habituada a população de depositar o cisco nas portas para ser apanhado pelos carroceiros, pela manhan.

Nesta terra, onde é tão resumida a circulação da imprensa, onde o indifferentismo pelo jornalismo é tal, que, mesmo muitos que podem, não assignam gazetas, a medida por precipitada, vem crear tropeços e vexames no povo.

As classes pobres e ignorantes, a multidão de africanos que habitam na cidade são alheios aos movimentos da publicidade, e na ignorancia da subita transformação terão de infringir as leis municipaes e incorrer em uma mulcta immerecida.

D'ahi os conflictos e imprudencias; as arbitrariedades e tropelias.

Tambem o acto não explica os logares em que se deverá fazer o despejo do cisco, e é outra duvida com que terá de luctar a população, emquanto a policia não tomar a deliberação de declaral-o.

A razão em que se baseou o governo para suspender o aceio das ruas, allegando a avultada despeza que pesava sobre os cofres, não procede, porque nenhum particular, nem a camara municipal se julgaram habilitados a fazer o serviço por menos; e o povo de quem se exhaure os impostos tem direito a exigir essa commodidade, embora incompleta, mas de que lhe resultava alguma economia.

E' clamorosa injustiça na quadra calamitosa que se atravessa, sobrecarregar o povo com mais esse gravame de despeza, sem entretanto allivial-o de algum ramo dos onerosos tributos que paga.

Esses 80:000$ rs. que se diminuem na despeza publica serão applicados em algum melhoramento ou commodidade?

De certo que não.

Entretanto que o povo continuará a pagar os mesmos enormissimos impostos que lhe arrancam directa e indirectamente; accrescendo mais um addendo com a despeza de conductores do lixo.

Será condição de hygiene publica promover à agglomeração, dentro de casa, de lixo e corpos sujeitos a putrefacção, porque a pobreza que não pode pagar todos os dias a um conductor para lançar semelhantes materias fora, se verá na necessidade de ajuntal-as para economisar despeza?

Nas casas da freguezia da Sé, pela maior parte humidas, baixas, apertadas, sem respiração, sem quintaes, nessas moradas sub terraneas, tão communs nella, onde o ar é viciado pelas emanações das commuas no interior das habitações não será um perigo para a saude?

Taes inconvenientes o governo parece querer obviar, quando em seu officio a camara municipal diz que a população sempre passou sem este conforto de poucos annos, sem com tudo se julgar infeliz.

De sorte que nunca se deve promover uma ideia de utilidade ou melhoramento, porque o povo estava acostumado a passar sem ella!

Muito bem! Tambem até certa épocha não havia cholera, febre amarella e outras epidemias.

A policia, pobre insensata, entra em tudo isso como Pilatos no Credo.

Salta aos olhos que nada poderá fazer; e a experiencia o vae mostrar.

Dispondo de pessoal diminutissimo, como o ha de empregar na vigilancia do aceio desta extensa cidade?

Os vadios, os turbulentos, os perturbadores do socego, regorgitam pelas ruas e a policia não os pode conter por falta de força.

As tavernas vivem atulhadas de reus de policia que nellas passam os dias, são pontos de reuniões de moleques e negros captivos que ahi praticam assuadas e immoralidades e a policia não os pode dispersar por falta de gente.

A' noite, as ruas mais populosas estão desertas de soldados e povoadas de desordeiros e desrespeitadores da decencia; as casas de meretrizes, no meio das familias, são lupanares de impudicas e estrepitosas orgias, ahi grita-se, dão-se desordens, insulta-se ao pudor, e a policia desculpa-se ainda com a falta de força para reprimir esses excessos e escandalos que atacam a ordem e moralidade publica.

Entretanto vae fazer o milagre de policiar toda esta cidade e vedar que se emporcalhem as ruas, com meia duzia de policiaes!

O art. 3.º do referido acto, denuncia uma inepcia.

O chefe de policia é authorisado a dispender até 2:000$ rs. mensalmente para fazer retirar das ruas e praças os depositos de immundicies, promovendo o processo de seus authores e responsaveis.

Mas como poderá a policia descobrir os infractores que tenham depositado immundicies nas praças ou distante das portas de casas?

Por meio de seus agentes?

Porem sendo assim, deverão elles prender immediatamente o infractor no acto de deitar o lixo e não consentir que o despejem na rua, e neste caso torna-se dispensavel a despeza.

Preces

Que devemos fazer todos os dias ao deitarmo-nos á noite, e ao levantar-nos da cama pela manhan.

Livrae-nos, Senhor,
Da vinda das irmans de charidade,
Das suas insidias,
Das suas argucias,
De sua dominação,
De sua confissão,
De sua instrucção,
De todas as suas palavras,
De todas as suas obras,
De todos os seus gestos,
De todos os seus conselhos,
De todos os seus juizos,
De todas as suas cogitações,
De todos os seus contagios,
De todos os seus males,
E condemnae para as profundas dos infernos a todos os jezuitas de sotaina e de casaca, que são verdadeiros anti-christos.

Amen Jesus.

Aconselha-se ao homem do *trem do mar* que não trate as partes e aos seus subalternos como se trata a marinheiros de bordo de algum navio, atirando papeis e tinteiros, por que elles não são escravos de ninguem, são pessoas livres que trabalham para viver honestamente na sociedade.

Repare que elles tem brio e vergonha, e que hão de repellir qualquer grosseria que se lhes faça.

Si tem raiva, furor e frenesi, por não satisfazer o seu gosto e os seus apetites, empregue-os na sua Carlota do joanete que deve soffrel-os. O trem não se governa assim.

O offendido.

Sr. Redactor.—Quem lhe forneceu a noticia do padre Matheus não ter celebrado missa no Bomfim na terça-feira, 15, foi mal fundado.

E' verdade que elle não celebrou lá, e sim na capella dos Mares por alma do finado Emilio Costa; mas assim praticando não commetteu falta, porque só é obrigado a celebrar no Bomfim nas sextas, sabbados e domingos.

Conheço ha muito o padre Matheus e sei que em materia de deveres elle é exactissimo. Fiz parte da meza quando elle foi capellão dos Mares e tive occasião de apreciar o que aqui assevero, que não é só por mim reconhecido. Portanto peço-lhe a inserção destas linhas por amor da justiça.

Um morador dos Mares.

—Ah! charo Dr., aproveite, aproveite.

E' muito bom ser-se authoridade para desfructar certas cousinhas.....

Ha nada como se receber uma queixa, mandar que volte ás 3 horas, quando a repartição já está fechada, e..... bico.....

Eim, maganão?

Isso é que é vida!

—Capitão, quero trasmittir-lhe uma informação que me deram.

—Pois diga.

—José Fernandes da Vigna, portuguez, marinheiro da barca *Humildade*, ha quatro mezes que não era pago de suas mensalidades.

De volta de uma viagem a um dos portos da provincia, creio que de Cannavieiras, pediu alguma cousa por conta de seu salario, e a paga que lhe deu o capitão Francisco Rodrigues da Nova, foi espancal-o desapiedadamente partindo-lhe um braço.

Vigna queixou-se ao consul portuguez, o qual á vista do estado do offendido, mandou-o recolher ao hospital da Santa Casa, fazer corpo de delicto e prometteu-lhe promover a acção da justiça contra o criminoso.

Nessa esperança esteve Vigna se tratando no hospital, das offensas que recebeu, mas quando restabeleceu-se viu que tudo se achava em fogo morto, e nada se fizera.

Procurando o consul, este mandou-o a fava, ordenando-lhe que não insistisse do contrario iria para bordo da corveta, e se désse por satisfeito em perder somente o salario que tinha ganho, pois estava orientado das razões que teve o capitão para espancal-o, razões que achava muito justas.

—Tudo isso é uma fabula; o consul portuguez é pequeno no tamanho, mas na alma pode se comparar a uma pyramide em altura, e amante da justiça ha de ser como elle.

—V. Ex. é de minha opinião; e por eu não acreditar mesmo é que vim lhe contar essa caraminhola que me quizeram pregar.

—Pois então, pelas almas, não me roube o tempo.

—Capitão, venho lhe contar uma cousa.

—Adeus; ja V. vem com suas massadas.

—Não, capitão, são factos que V. Ex. gostará de saber.

—Então não perca tempo.

—Trata-se de certos namoros escandalosos, la para as bandas do Cabral, entre uma tola e um pateta que diz ser estudante.

O capitão talvez os conheça porque tanto um como outro ja tem tido questões com a gente de bordo.

—Ja sei, é *Lulu* com o seu estudante.

—*Aqui qui.*

—Continue.

—Ora, o tal asno, ia todas as tardes para defronte da cuja e ahi eram conversas amorosas e acenos, etc., porem, ou porque os meninos da Candinha tomassem conta, ou por outro motivo qualquer, o nosso homem pateta largou o ponto e foi-se fazer marcante de umas obras que se está fazendo ao pé da cuja e mudou as entrevistas para o fundo do quintal e ahi *toca-felix*. Julgavam-se seguros, mas eu que lhes ando á pista, quando vi que o tal pedante alem das entrevistas do fundo do quintal, ainda vinha rondar a porta feito caxorro, fai-me logo apoderando delle.

—Então onde o deixaste?

—Espere capitão; elle tanto me pediu por S. *Eduardo*, que eu não tive outro geito sinão prometter ao *Ramos* que por esta vez o deixava, mas se continuasse lhe mettia a pulitana daquelle naipe.

—E a moça?

—Esta parece me que será bom intimidal-a para que se deixe de desfructes.

—Muxingueiro?

—Prompto.

—Vae até o Cabral fazer um reconhecimento.

—Ja vou, capitão.

(*Continúa.*)

Senhor redactor.—Amante como sou de estudos paleographicos, deparei no meio de uma papelada velha com uma receita, que,

já por sua linguagem garrafalmente singela e rude, merece a appreciação dos amantes de antiguidades, tanto mais que, bem pensado, este «spécimen» pharmaceutico póde dar motivo a profundas meditações da parte dos entendidos em materia medica e pharmaceutica, porque o desconhecido Hippocrates receita para molestia tambem não conhecida.

Atirado o problema á appreciação dos entendidos em medecina, mormente os «curiosos,» isto é, os «experientes,» é provavel que breve vejamos a pharmacopéa enriquecida com mais um «recipe,» o que, quando menos, será mais uma gota de balsamo pingada nas dôres physicas que affligem a humanidade. Nessa esperança é que peço a inserção desta receita; si assim não practicasse, eternos remorsos me pungiriam a alma. Peço que seja publicada em sua barbara originalidade.

Seu constante, etc.
Giuseppe Picciolo.

RECEITA PARA A SRA. D. ....

«Raparã pr.º a cabeça anavalha e apricara panos molhados em sumos de Jmcajhão misturado Com igual Quantidade de Leite depeito eaplicados em pãnos molhados mornos etomara 2 Sangrias nos peis e nos Braços tomara 4 d.as na Ve alta do Braço e tomara Outras 4 d.as nas Costas das Mãos 2 em cada Costa de Mão=Tûdo isto fara odepois de tomar 2 Vomitorio epaçados 8 dias Continuara Com—orremedio apontado a Simaençe tempo hira tomando Bãnhos de Agua Mõrno estando nobanho hõra emeia—tomara 80 Bãnhos 2 p.r dias etomados os bãnhos —Bebera 50 pirollas abeçor bentes e ãntacidas e contra febrilles no ça de herua Cidreira q.ta de uma oi.ta demãnhão—eanoite e a Cabadas ellas—Bebera 2 mezes—Leite de BuriCa mûgido da quelle istante em qd.es de hum martêllo the meio quartilho—Comendo Sempre Comeres face dezis tituo e a Cabados de tomar os remedios me dara parte para õ no ço gouerno—Com es te Reme deo hâde ficar me lhor Com o fauor de Deos»

VARIEDADES.

Annuncios

Como prova da importancia que teem todos os meios quantos se empregam para propagar os annuncios, traduzimos o seguinte epitaphio, que se lê em um sepulchro, que existe em um dos cemiterios de Nova-York:

«Aqui jaz V. H. S., que se suicidou com um rewolver. A sua morte foi instantanea. O rewolver era da fabrica de Colt, systema antigo. Para casos como este, é a melhor arma que se póde empregar.»

A viuva recebeu uma somma em dinheiro, por consentir que no tumulo de seu marido se inscrevesse o indicado epitaphio.

ANNUNCIOS.

Sociedade Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo convido aos Srs. socios a reunirem-se em assembléa geral, domingo 27 do corrente, ás 10 horas da manhan, afim de discutirem o relatorio e o parecer da commissão de contas do anno findo. Bahia 23 de fevereiro de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hippolyto*.

Vende-se a venda á rua do Fogo, 39, em Itapagipe; a tratar na Ribeira do mesmo logar n. 67.

Manuel Friandes, mestre de obras de pedreiro, declara a seus freguezes e amigos que está morando no becco das Hostias, 190, onde pode ser procurado para qualquer trabalho de sua profissão.

Luiz d'Oliveira Vasconcellos, com loja de calçados á rua Direita da Mizericordia, pede a todos que se acham atrazados nessa loja em seus debitos, o favor de solvel-os quanto antes, si não quizerem ver seus nomes publicados.

Bailes mascarados.

NO THEATRO DE S. JOÃO.

sabbado, domingo e terça-feira.

Ricos e pobres, chegae-vos
A' folgança e alegria;
Do carnaval delirante
Bate á porta o grande dia.

Tudo o que honver de elegante,
De confortavel a pança,
Encontrarão os convivas
Nos intervallos da dança.

Lauta meza, vinhos finos,
E tudo com profusão,
Hão de realçar o brilho
De tão magna funcção.

Avante, rapazeada!
O pagode vos convida;
Com dois *bicos* gozareis
Bellos momentos na vida.

Nesta typographia precisa-se de um distribuidor (typographo).

O

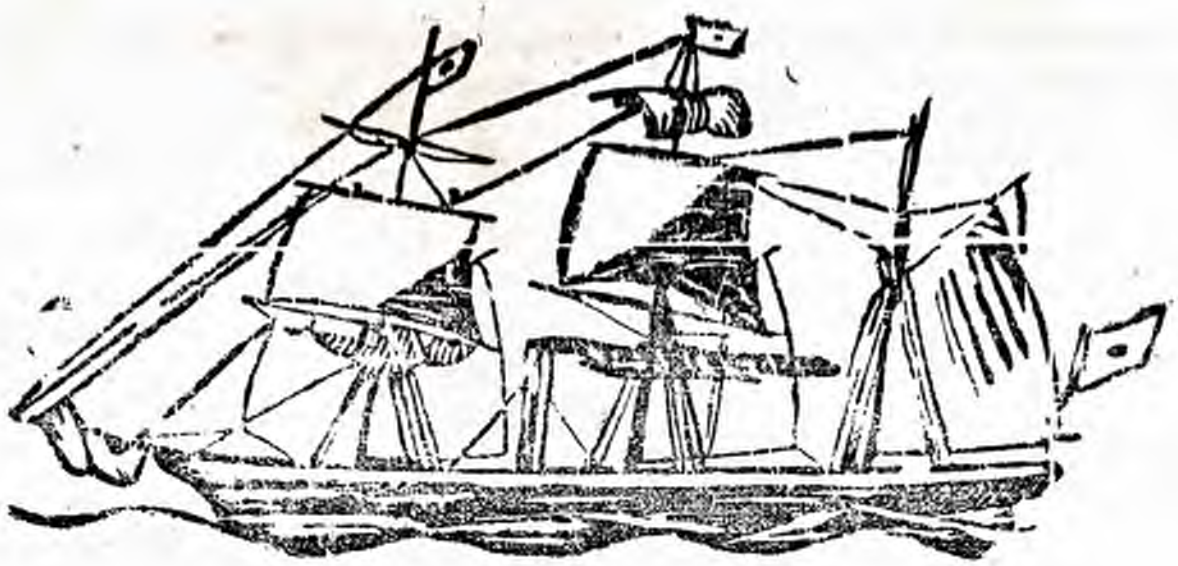
ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VIII. Serie 60

Preco d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 9 DE JANEIRO DE 1870. N. 596.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de janeiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, ponderando-lhe que visto, ser considerado perigoso a conservação de doentes de mal dos lazaros no centro da população, sirva-se S. S. de empregar os meios que lhe faculta a lei, para que seja conduzido ao respectivo hospital um individuo em completo estado de elephantiasis, morador á rua do Bispo, n.º 4.

Semelhante medida exige urgencia, pela circumstancia de querer esse individuo, segundo nos informam, transmittir a seus filhos o mal que soffre, dando-lhes a comida mastigada da bocca e outras cousas, dizendo que, tendo elle de morrer daquelle mal, quer que os seus tambem padeçam delle.

—Ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, chamando sua attenção para o desprezivel estado em que vive uma infeliz menina, orphan, de nome Joanna, parda, de oito annos de edade, a qual, em poder de um Sr. Jacintho, morador á ladeira de S. Bento, tem a sorte da mais desgraçada escrava: vive suja, maltratada, espancada, e anda pelas ruas em compras e mandados. Além dos maus tratos que passa, andando por quitandas e açougues, em breve estará prostituida, si S. S., como magistrado recto, não a fizer recolher a um estabelecimento ou a uma casa de familia, que lhe dê melhor tratamento.

—Este anno está me parecendo que não teremos vapores pelas festas do Bomfim.

—Quem lhe contou?

Tão tolla não é a companhia para deixar passar tão gorda vasa.

—Mas eu não lhe vejo geito. A companhia está inhabilitada.

—Lhe parece assim?

—A ponte está deterioradissima; as madeiras podres; ha grandes buracos provenientes da lenha que dalli se tira para o fogo.

E' um risco expor o povo em tal armadilha.

—Talvez mandem reparal-a.

—Não ha mais tempo.

E da forma em que está pode haver uma catastrophe.

—Quem tiver receio não se embarque.

—Motivo para a companhia' de Vehiculos carregar a mão e pôr o preço das passagens pela hora da morte.

—Capitão?

—Diga o que sente.

—A cousa é de sentir-se.

—Pois falle.

—Falla-se que o fardamento do corpo policial para o anno de 69 vai ser encommendado na Europa?

—Não lhe sei responder.

—Desgraçada terra, capitão!

Em quanto o estrangeiro desvella-se para engrandecer o solo natal, desonvolver a industria, aperfeiçoar o trabalho e animar as classes laboriosas, no Brasil, na Bahia, pelo contrario, pretende-se arrancar a miseras familias um tenue meio de ganhar a vida!

—E de quem é tal lembrança?

—A lembrança, dizem, é do commandante do corpo.

—Não é possivel.

O major Marinho ama seus patricios, o major Marinho tem bom coração, e não quererá, por certo, concorrer para o mal de tantas familias pobres, que se arremedeiam com aquellas costuras.

—Muitas familias pobres, diz V. Ex. bem, acham naquelle licito meio de vida com que attenuar suas necessidades.

Vou provar com um exemplo:

Uma senhora devia tres mezes de casa ao proprietario e este quiz executal-a; mas a mulher chegou-se a elle e disse-lhe:

« Sr. A. P. M. não me desfeteie, que eu brevemente lhe pago; estou cosendo aquellas 50 calças do corpo policial e com a importancia dellas pago lhe os 36$000 rs. O proprietario, vendo a boa vontade da pobre mulher, mandou suspender a execução e no fim dos tres mezes foi embolsado.

—Na Europa não se cósem calças e fardas melhor do que aqui, e por tanto acho incrivel que se pratique tamanha tyrannia.

—E sabe V. Ex. com quem se deu o caso que acabei de contar?

Com a viuva de um homem que, em presença do Sr. major Marinho, deu a vida defendendo a patria nos campos maldictos do Paraguay.

—Dispa-se de vãos temores. Apezar da pouca animação que se dá ás artes e industrias do paiz; eu estou certo de que nem o digno commandante, nem o governo, terão semelhante ideia, para aggravar a ja tão precaria sorte de tantas familias desamparadas.

—V. dá-me uma palavra?

—Desculpe-me; tenho pressa; vou á Calçada e quero aproveitar o fresco da manhan.

—Então vae a pé?

—Si Deus quizer.

—Olhe, já agora quero dar-lhe um conselho; não passe pelos trilhos.

—Pelo risco de ser esmagado?

—Qual! por outra cousa; os gerentes mandam metter o chicote em quem passa por cima delles.

—Por cima de quem?

—V. está doudo; aqui não é o Pyauhy onde se surra gente forra.

—Ora esta!

Terça-feira, o João Ignacio mandou lavrar de chicote a um pobre homem, e elle mesmo moqueou-lhe a cara de bordoadas.

— Sem motivo?

—Não ha motivo que authorise a chicotear um homem livre.

—Mas emfim, as vezes...

—O homem puchava uma carroça, e não tendo por onde passar, por estar a rua impedida com obras da empreza, passou sobre os trilhos; isto foi no Noviciado.

—Ora meu Deus, quem é pobre é caxorro!

—E o que admira é que façam isso certos homens...

—Não é possivel que a sociedade se vá assim golpeando com a impunidade de factos, que ferem profundamente os costumes e as leis mais nobres da natureza.

—Capitão, communicam-nos que, na villa de S. Francisco, estão grassando camaras de sangue e febres com caracter epidemico e se tem dado muitos casos de mortes repentinas.

—Neste caso, dirija-se ao Sr. barão de S. Lourenço; elle que syndique da veracidade da communicação que lhe fizeram, e, a ser exacto, mande para lá os soccorros que a sciencia medica aconselhar, afim de atenuar os soffrimentos dos habitantes d'aquella localidade.

—Deus que lance seus olhos misericordiosos para aquelle povo!

—O que ha na policia? Vejo tanto povo agglomerado na porta.

—E' um processo que ha na delegacia.

—Sabe de quem é?

—E' uma queixa por injuria que dá a familia Ramos contra um individuo.

—Que Ramos são? Os que espancaram o saveirista Gustavo?

—Sim; accusam o individuo que tirou o offendido das mãos de seus aggressores.

—Como é este mundo!

Homens que desrespeitam a lei, são os mesmos que se atrevem a ir procurar na lei desabafo ás suas vinganças!...

—Por praticar uma acção de humanidade ja se pretende nesta terra metter um homem na cadeia!

—E elle que não aguente os cordeis, que está bem arranjado.

—Pode-se dizer que o paraizo terrestre mudou-se para a Bahia, e voltámos ao tempo da innocencia.

—Porque razão?

—Estamos em epocha de simplicidade:

Tanto que se olha para um homem nú na rua como cousa muito habitual.

—Cousas de doudo. E' um infeliz crioulo, que foi soldado e serviu nos pedestres.

A Casa da Santa Misericordia expulsou-o e elle anda nesse deploravel estado.

—Porem quasi sempre é assim e ninguem dá cavaco com isso.

Quarta feira esteve assentado nas Portas do Carmo em completa controversia com o pudor; de uma casa é que lhe mandaram um pedaço de panno, que amarrou pela cintura. Sexta feira tirou as calças e a camisa e desceu pela ladeira do Aljube, seguiu pela rua do Tijollo e subiu a ladeira deste nome.

—O que me admira é dizer-se que nesta terra ha muita charidade.

—Porem não é este só.

Outro dia o professor *Bananinha*, nos Perdões, ás duas horas da tarde, arreou as calças, e em altas vozes convidava a que viessem admirar a prodigalidade da natureza. E ao mesmo tempo lamentava a falta de uma *mão charidosa* que lhe desse lenitivo a *seu soffrer*.

—Este, alem de maluco, *aperta-se*.

—Meu charo, o que posso lhe assegurar é que, si aos doudos se dá tão ampla liberdade, não é de admirar quando em publico se presencear alguma pratica daquellas que o pudor pede seja feita ás occultas.

—Capitão, como V. Ex. é dedicado amante da liberdade e decidido defensor da causa dos opprimido, venho lhe dar conhecimento de um facto.

—Sobre o que versa?

—Sobre duas raparigas que, dizem, sendo livres, foram vendidas.

—Para isso, conte commigo.

—Eu não garanto; são informações que me deram; porem entendo que são casos que devem ser ventilados e bem esclarecidos.

—Que duvida.

—Eis o caso:

Um africano, retirando se para Africa, deixou á africana Felicidade, uma escrava coartada em sua liberdade por 400$ rs.. com declaração de que o fructo do ventre da mesma seria livre. A escrava teve duas filhas, Sabina e Innocencia, as quaes foram baptisadas em Sant'Anna como escravas. A pretendida senhora, porem, arrolou-as sempre como livres e nunca matriculou-as nem pagou a devida taxa.

Succedeu que, em 1868, uma das raparigas reagindo por seu direito de livre, deu motivo a que Felicidade mandasse pelo procurador João Cadete matricular-as como suas escravas; cuja matricula acha-se viciada por apresentar uma differença de dous annos com a certidão do baptismo das mesmas; accrescendo que a africana não tem documento por onde prove que pagou taxa dessas escravas dos annos anteriores a 68.

Ultimamente, pretendendo as raparigas descartar-se do jugo da inculcada senhora, foram vendidas para fora da terra; e a africana, ou seu procurador, despertados por alguem, trata de ver si adquire nova certidão de baptismo e alguns documentos com que possa, illudindo as vistas da lei, allegar direito de propriedade sobre ellas.

—Acabou?

—Agora. Pode ser que tudo isso seja inexacto; mas tambem pode ser real. Tem se visto muita cousa e não custa nada verificar-se; mesmo que a cousa está fallada por muita gente e tantas boccas em cima é signal de que ha o que quer que seja.

—O competente para isso é o chefe de policia: vou ver si faço chegar ao seu conhecimento e pedir-lhe providencias.

Á PEDIDO

—José Felippe e José Alves de Nazareth foram presos no Caes Dourado, implicados na conducção de assucar roubado: o comprador é um tal Alexandrezinho; o *gamado* ia, dizem, para o trapiche do Amaro.

—Ja está tudo arranjado; os rapazes estão na rua.

—E esta! A policia deita os bofes pela bocca e quando pega os agentes do olho vivo manda-as em paz!

—Si ostê tien tanto de carnolla como tien de parolla e penolla, ostê está o passaro melhor deste mundo, disse o hespanhol, ao papagaio que fallava.

A policia só faz espalhafato.

Certa menina sympathica,
Parecendo mesmo bella,
Faz *tijollo* co'um sujeito
De janella p'ra janella.

Parecem dous macaquinhos,
Nos acenos, nas posturas;
Mas por um tanto indiscretos
A moral soffre torturas.

Por ser isso muito ás cancaras,
Não é preciso dizer;
Mesmo que o cujo é casado,
Quem quizer que vá saber.

—Si á authoridade corre o dever de velar pela moralidade e fazer respeitar o decoro

publico, chama-se a attenção do Illm. Sr. subdelegado da Sé para o licencioso comportamento dos moradores do sobrado n.º 7, a rua d'Ajuda. Espera-se de S. S. uma medida que tenda a evitar qualquer conflicto provocado pelo irregular procedimento de tão irreflectidos moços.

MOTTE.

Pagode sem bebedeira
Não é cousa de rapazes.

GLOZA.

O meu bem em certa feira,
Em que comigo se achava,
Disse que não adoptava
Pagode sem bebedeira.
Reprendendo-a da asneira
Lhe disse: «Marcia que fazes?»
Ella então fazendo as pazes
Respondeu-me com carinho:
Gentes, pagode sem vinho
Não é cousa de rapazes.

VARIEDADES

Iudo certo ecclesiastico de jornada, chegou em um domingo a uma pequena villa, e quiz dizer missa, para o que procurou um padre para se reconciliar,o que fez;porém ficou admirado quando viu que o confessor não sabia absolver, o que o obrigou a indagar, e soube que o confessor era posto alli pelo verdadeiro parocho, para este ter descanso. O bom ecclesiastico procurou o parocho e disse lhe, que a consciencia o obrigava a declarar-lhe a ignorancia de confessar e que tal ignorancia era muito prejudicial ao bem das almas daquelles povos: ao que o parocho lhe respondeu:

—Que quer Vm? não acho outro q' me venha servir porém tenho dito aquelle salvagem:

«Padre, você não sabe deitar a absolvição, não a deite; confesse-os somente, e depois mande-os para mim, que eu os 'absolverei. Pois senhor, nem isto tenho podido conseguir delle.»

A MOÇA COM DOUS AMANTES.

Certo joven, tendo de separar-se de uma menina que ternamente amava, para ir fazer uma viagem, na vespera da partida foi despedir-se della e da familia. Depois de protestos de fidelidade, de parte a parte, juramentos, lagrimas, e tudo mais que é natural nestas occasiões, pediu-lhe o amante que lhe deixasse cortar um annel de seus cabellos,para a ter sempre na sua lembrança. A moça consentiu gostoza, mas quando o amante foi cortar-lhe um dos anneis do lado esquerdo ella [illegible] dizendo:

—Olhe, corte do lado direito, por que dahi ja eu deixei cortar outro, para o mesmo fim a fulano, seu companheiro de viagem: o amante fica sobresaltado com tal reposta e lhe diz:

—Que, senhora! pois vós entretendes outro amor que não seja o meu?!... e ainda m'o declarais?

—Não tendes que arguir-me... respondeu a moça com todo o sangue frio; julgais acaso que o meu amor seja de menos valor que as letras dos negociantes, para que vá em primeira e segunda via?!...

O amante não poude deixar de soltar uma gargalhada, ouvindo semelhante resposta, e retirou-se deixando o cabello em poder de sua dona dizendo-lhe:

—Minha senhora, estimarei que seja feliz em sua especulação da sua letra de risco.

LOGOGRIPHO

Tem só cinco letras,
E' facil de mais,
Olhai, meus leitores,
Se m'o decifraes.

Na meza vereis 1-3-5-4-2
Sou roubo cruel, 3-5-1-4-2
Do panno sou morte,
Sou vida ao papel 4-3-5-1-2

E' verbo que mostra
Qualquer decisão, 2 1-4-5-3
E' verbo de encontro! 4-2-1 5-3
De mãi é condão, 1-5-3-4 2

No campo da guerra,
E mesmo na paz 4-3-2-1-5
E o todo, o conceito,
Nas casas verás.

A. A.

EPIGRAMMA.

A UMA VELHA PRESUMIDA DE SER MOÇA.

Vertigem, somno, hemorrhoidas,
Gafeira, ventosidade,
São flores, são attributos
Das moças de sua edade.

DECLARAÇÃO

Destribue-se com o numero de hoje a folhinha do periodico *Alabama*.

ANNUNCIOS

Na rua d'Ajuda n. 18, 1.º andar, ha uma pessoa que se deseja alugar para tratar de crianças e engomar.

O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Anno VIII. **Serie 60**

Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 12 DE JANEIRO DE 1870. N. 597.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de janeiro de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, exhortando-a para que mande concertar o cano da ladeira da Praça, esquina para a ladeira das Veronicas, em cujo logar existe um grande buraco, reduzido a despejo publico, o que causa dous males; a infecta exhalação que desprende e as continuadas torcidellas de tornozellos, sahindo alem disso os pacientes com as pernas ensopadas de trampa.

Espera-se da Illma. este favor.

—Diga-me só que ideia não ficarão fazendo estes estrangeiros da civilisação e moralidade desta terra!

—Tristissima.

—A' chegada dos vapores, esse alluvião de mendigos invade os caes e mal o estrangeiro, que pela primeira vez aporta a estas plagas, pisa em terra, vê se cercado por todos os lados de pedintes, que esfaimados estendem-lhe as mãos.

—Os homens ficam estupefactos sem comprehenderem a significação de tão burlesca e repugnante scena.

—Um paiz tão novo, tão rico e tão coberto de vicios!

—Deve estar bem decadente o paiz cujos seus naturaes saúdam os que chegam pedindo uma esmola!

—O suor do povo vae-se em tantos disperdicios e não se cria um asylo, quando não seja por compaixão á miseria, para evitar tão degradante spectaculo aos olhos estranhos.

—E o emigrante recusa a estabelecer-se em um paiz onde vê tanta pobreza e vae procurar solo mais feliz.

—Lembrei-me agora de uma cousa.

—O que foi?

—O destino que deram aos dinheiros que se tirou para festejar o fim da guerra.

—Si não gastaram, deve estar ahi.

—Não fallam mais nisso!

Cahiria em *exercicios findos?*

—Foi um imposto que se cobrou ao povo.

—Falla-se na vinda dos batalhões, e é bom que os que teem esses cobres em seu poder deem um ar de sua graça.

—Pois o presidente precisava lá de fazer isso!

—Fez, capitão.

—E' pomada sua.

—Acredite.

—Não está nesse caso.

Mandar chamar um ferreiro para lhe endireitar uma fechadura e depois não querer pagar!

—Valeu-se do pretexto de que o homem lhe fallou com o chapeu na cabeça.

—Elle sabe que não é o SS. Sacramento que não se pode adorar coberto.

—Isso foi o menos; o mais foi a descompostura de negro e atrevido que passou no obscuro artista.

—Empine-se, que eu não creio.

Um homem de senso dispensa essas bugiarias e desculpa a falta de um artista rude, commettida, talvez, distrahido com o trabalho; não faz isso que V. diz.

—Fez elle e em cima não pagou.

—Quem não paga é caloteiro.

—Sim, Sr., concordo.

—Pois então, deixe-me em paz.

—Capitão, eu queria fazer uma supplica á corporação medica?

—E por que não faz?

O que é que pretende dessa distincta corporação?

—Queria que os membros della, que prestam um juramento de humanidade, se quotisassem e com o que arranjassem entre si soccorressem ao Dr. Fonseca Galvão, que se acha cego e mendiga o pão da charidade publica!

A corporação musical, aliás composta de artistas pobres, reune-se, quando algum de seus companheiros cahe na indigencia, e o socorrem, não o deixando assim mendigar pelas ruas o pão da charidade!

—E por que os medicos, uma classe de homens illustrados, não os hade imitar?

—Estou certo que elles attenderão ao seu pedido!

—Esperemos!

—Os padeiros não fazem caso da postura da camara, ou a camara não se importa de os fazer observar.

—E' verdade; os pães não tem o pezo legal.

Um pão de dous vintens que deve ter uma quarta, deitando-se na balança, peza muito menos; e alem disso é fabricado com pessima e intragavel farinha.

—Mas elles dão como desculpa a carestia da farinha e que por isso não podem fazer com o pezo que marca a postura municipal.

—Neste caso augmentem o preço e não diminuam no peso.

—A camara é a competente para tomar providencias á respeito, ella que providencie.

—Va esperando pelas providencias, ella pouco se importa com os soffrimentos do povo!

—Capitão, ouça um passo das irmans de charidade.

—Estou ouvindo.

—Tendo ido, ha poucos dias, uma pessoa á ladeira do Alvo, ver umas obras de agulha que encommendara, uma charidosa travou conversação.

Depois de fazer o apanagio de um montão de virtudes, capaz de carregar dez navios, e enumerar muitos serviços que faziam a esta terra, instruindo a este povo de rusticos, tratando de creanças e enfermos, disse que parte dos bahianos eram muito ingratos pela injusta apreciação que dellas faziam e pela falta de gratidão para com ellas que vieram regenerar a educação da infancia femenil...

—Vangloria, no caso.

—... e que *desinteressadamente* ensinavam tudo que sabiam.

—Deus nos livre d'isso.

—E accrescentou que a imprensa era demasiadamente mal-intencionada para com ellas, principalmente uma *folhinha* chamada *Alabama*; porem que um dia haviam de se desenganar.

E a proposito, contou:

Que Pedro José de Castro escrevera muito contra ellas; porem que depois, cahindo em si, um dia se lhes apresentou dizendo que estava arrependido da injustiça que lhes fizera e das injurias que lhes assacara, pois estava convencido da pureza de suas intenções, vinha lhes pedir perdão; e que um mez depois disso, Pedro José de Castro cahia morto á facadas... Foi o dedo de Deus, disse ella.....

—Visto isso, vaticina ella a mesma sorte ao *Alabama?* Ora nonoroques!

—Como são vingativas!

De sorte que, emquanto Pedro José de Castro praticou o mal, calumniou-as, offendeu-as, injuriou-as, a Justiça Divina não o fulminou; no dia em que, conhecendo o erro, arrependeu-se e procurou reparal-o, o dedo de Deus se revela pela mão de um assassino!

—Que stulta presumpção!

O dedo de Deus se revelando pela morte de Pedro José de Castro por haver offendido ás irmans de charidade!

Sebo para ellas.

—Como sabem ellas perdoar!

—Como seguem ellas a doutrina da imagem d'Aquelle que trazem pendurado á cintura e cujo cofre de ineffaveis graças está sempre aberto para o perdão de todos, que verdadeiramente contrictos se mostram de seue erros!

—A charidosa concluiu sua historia dizendo que a mulher de Pedro José de Castro morreu, e que hoje uma filha que deixou, existe em poder dellas, recebendo uma educação, sendo pensada, e que no seio dellas, acha um abrigo, um amparo.

—Por ventura é por amor de fazer bem que

assim obram? Vieram da França desinteressadamente para aqui?

Mas veja que daninha satisfação do mal alheio!

Quanto orgulho vae no spirito dessas mulheres!

Um dia houve um homem que, dizem ellas, as offendeu; pelas vicissitudes do mundo a filha deste homem teve de cahir debaixo do dominio dellas e ellas contam isso com vangloriosa satisfação!

—Onde está o merito desta acção, si ella é feita com ostentação e si as irmans de charidade contam com vaidade a todo mundo, que visita o collegio, este rasgo que appellidam de generosidade, por ser praticado com a filha de um homem que as ultrajou?

—O dedo de Deus!... disse ella.

O dedo de Deus a respeito dellas ainda não se revellou.

Ha de sel-o no dia em que forem banidas as causadoras de centenas de brasileiras andarem prostituidas, arrastadas pela fome, vendendo o corpo para viver... lutando com a miseria e a enfermidade; tantas perdidas que enchem os cortiços, quando podiam ser outras tantas mães de familias honestas e laboriosas; jovens brasileiras, que foram atiradas ao lodaçal do vicio por mãos despiedadas, a quem em breve a syphilis devora as carnes, como a crapula lhes roera a alma e morrem blasphemando da Providencia.

O dedo de Deus se ha de revellar, quando, um dia, os rendimentos da Santa Casa deixarem de ser patrimonio das congregadas de S. Vicente de Paula.

As irmans de charidade absorvem parte do patrimonio da Misericordia.

E si não é assim, a Meza, por sua probidade, que publique as despezas que faz com essas mulheres.

São mulheres parcas que para sua dispensa, pedem seis queijos por mez.

—E são sobrias e modestas!

—Exigem um barril de vinho; manda-se-lhe um barril de vinho do que no commercio se chama bom; e ellas recambiam-no dizendo que não bebem daquillo e estipulam que querem vinho de 80$ rs. ao barril!..,

São mulheres modestas, dedicadas ao serviço de Deus, que,dizem, passam dias em retiro, e que se entregam a prazeres mundanos,aos excessos das mezas, e, por cumulo de humildade, festejam annos com luxo e apparato gastando só de peixe 25$ rs., despezas que sahem do rendimento da Misericordia

—E os doentes comem carniça; e tem um caneco d'agua por noite!

E no asylo do Campo da Polvora uma ama de leite amamenta sete creanças!

—E acobertam esses gozos materiaes, que fruem, essas delicias da vida, com a hypocrita austeridade de uma vida contemplativa, com o veu de calculado sigillo; tanto que não ha um empregado nacional, por mais confiança que nelle depositem, que já fosse capaz de presenciar o menor acto da vida dessas mulheres, principalmente no que diz respeito á meza.

—Que de esbanjamentos, que despezas excessivas não se faz no asylo, ao passo que as educandas comem bacalhau com arroz e são obrigadas á carregar os ourinoes com excrescencias para a latrina.

—O Sr. Dr. Mendes da Costa Correia, que se acha na administração da Santa Casa, que abra os olhos com tantos abusos dessas mulheres, acabe com esse luxo de princezas que ellas ostentam particularmente, em quanto na rua andam de cabeça baixa e vestidas com um borel de grosso panno; lance os olhos para a enorme despeza feitas por ellas; condoa-se da sorte dos desgraçados doentes da Santa Casa e sobre tudo lembre-se dessas infelizes moças que andam por ahi sem abrigo, sem asylo, destituidas de recursos, com a mesquinha esmola de 8$ rs. por mez, esmola que, apezar de ridicula, assim mesmo não é a todos que dão.

—Como andam os ladrões!

—São capazes de roubar o menino Deus dos braços de Santo Antonio.

—Até as guardas não escapam!

—E' verdade, roubaram a dos Afflictos.

— Foram-se 70 cartuchos do cunhete.

—São cousas que parecem incriveis.

—Capitão, estes enganos não são bons.

— O que é?

—Escute:

«No districto de Santa Cruz, termo de S. Francisco, José Correia matou com duas facadas na semana passada um seu filho menor de 8 annos. O facto segundo consta, deu-se da seguinte maneira:

José Correia ao chegar á casa, percebeu que alguem se achava deitado em uma rede com sua amasia.

Sem mais exame, nem o menor ruido, e cego pela paixão do ciume que o devorava e impellia a uma vingança decisiva, aproxima-se da rêde e descarrega duas facadas que atravessam a misera creança e ferem a sua infeliz mãi. Quando o assassino ouviu o grito da creança é que conheceu que as victimas eram seu proprio filho e sua amasia.

A creança morreu poucas horas depois.

O que ha de horroso n'isso, é o dizer-se

que esse miseravel é amasiado com a propria irman. Assassinou elle por tanto o seu filho e sobrinho!

E' horrivel! Essa fera foi felizmente preso e acha-se na cadeia.»

Á PEDIDO

Eia sús! Alerta todos!
O' lá, turbas badernistas;
Immensa rapazeada,
Das saias apologistas;

Amanhan é a lavagem
Da egreja do Bomfim;
Correi todos, não falteis,
A um tão chulo festim.

A lavagem do Bomfim!
O dia de grau-folia!
O pagode de mais chiste
Que se faz nesta Bahia!

De cada qual a algibeira
Que bem recheiada esteja,
Que as creoulas no Bomfim
Gostam de tomar cerveja.

La verão o João de Deus,
Nosso amavel aspirante,
Dirigindo a maganagem,
Todo gameinho e chibante.

Mestre Marcos teve ordem
Para avisar sua gente,
E de bombo na cabeça
Do samba marchar na frente.

O Paranhos, na folia
Metterá sua colher,
Ha de levar seus meninos,
Não em trajes de mulher.

Ha muita cousinha nova
P'ra quem gosta apreciar....
Prodigios da natureza
Vão alli admirar.

De creoulas na cidade
Não fique uma só de *infusa*;
A que não for á lavagem
Hade passar por *fiusa*.

—V. saberá me dizer uma cousa?

—Talvez.

—Em que deu o negocio dos paletots roubados pelo larapio do *linha* nos *ares?*

—Ora em que havia de ficar!

Na impunidade do ladrão.

—Que sempre o diabo ha de ajudar aos seus!

—Uma peste que devia estar em uma penitenciaria para descanso da propriedade alheia!

—Pois si o safado olho vivo teve a inaudita coragem de dizer ao chefe de policia que não tinha vendido ao honesto artista o paletot roubado; quando antes declarara ao dono do roubo que o vendera, e que até o comprador não tendo todo dinheiro, lhe deixara uma cadeia em penhor!

—De maneira que está ali na *Taboa grande* estabelecido um sorvedouro do alheio!

Tudo, que a rapinagem empolga, corre para ali e *linha* nos *ares* vae arrecadando pelo barato para revender!

—Aquelle engolle-roubos está n'uma verdadeira mina!

Nada melhor do que comprar por dous e vender por dez.

—Não adianta nada.

O ladrão ha de roubar, roubar a fartar e por fim de contas o diabo ha de lhe carregar tudo, até a alma.

—La quanto á alma é cousa que elle pouco cavaco dá; ha muito que vendeu-a a Satanaz.

—Eu me contentava mais si o visse de calceta ao pé, com um barril ás costas, como expiação de tantos extorsões que tem feito.

—Mas quem deve velar não vela.

—Porem ha uma potestade terrestre que não tem commiseração com tratantes e ladrões.

—Quem é ella?

—O muxingeiro do *Alabama*.

—Então recorramos á sua benefica intervenção.

—Está dito.

(*Continua.*)

—Ah, carcamano, em que estado pozestes as costas do pobre doido!

—Quem é aquelle malvado?

—Um lazzaroni que não esquenta logar; um dia anda de realejo e macaco, outro dia mette se n'uma tasca; agora tem uma biboca na rua de D. José.

—Cortou o doudo a chicote!

Na terra delle ja estava na cadeia; mas aqui!

—Porem como o chefe de policia ja mandou o doudo para a Correcção, creio que tão cedo elle não o acha para maltratal-o.

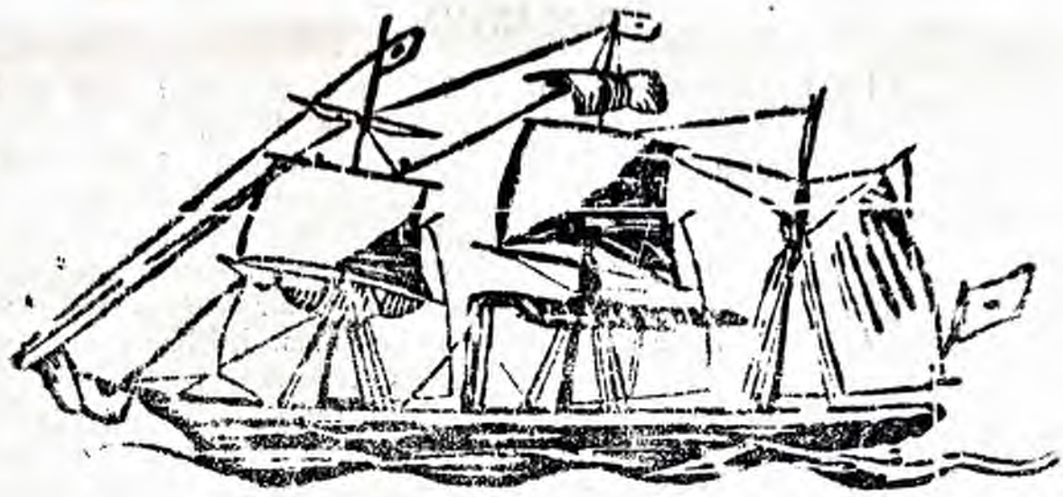
—O logogripho do numero antecedente é —*porta*.

ANNUNCIOS

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, com aula primaria ao largo da matriz de S. Pedro Velho, participa aos paes de familia que ja se acha leccionando desde o dia 10 do corrente.

Bahia 11 de janeiro de 1870.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VIII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 60
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 15 DE JANEIRO DE 1870. N. 598.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de janeiro de 1870.

Portaria ao fiscal do Pilar, para que responda, si tem algum compromisso com a padaria do Chamusca, á esquina do Bom-gosto, visto não constar que ja impozesse qualquer mulcta a seu proprietario, apezar da mesquinhez com que são pezados os pães da supradita padaria e do clamor popular. Cumpra.

—Capitão, disseram-me que o vigario da Victoria foi causa de ficar um corpo sem sepultura por espaço de dous dias.

—E' manifesta contradicção á charidade parochial.

—Manoel Rodrigues Alves, conhecido por Manoel Roque, pobre pescador, maior de 50 annos, falleceu no dia 4 de janeiro as 6 horas da manhan, e no outro dia, as 5 horas da tarde, seu cadaver estava em casa, por que o vigario entendeu que devia pôr embaraços a que fosse sepultado!

—E' horrivel!

—Recorrendo-se ao vigario para attestar a pobreza do homem, elle negou-se a principio e por fim deu um attestado phosphorico —«*attesto que é pobre, não que eu sabia, mas por que me dizem que o é*»

—E os vigarios não devem conhecer seus parochianos?

—A Santa Casa, á vista da má vontade do vigario, não quiz sepultar o homem e elle ficou de infusão dous dias até que o subdelegado mandou o sepultar.

Na occasião do sahimento, o corpo estava em completa dissolução e exhalava um fetido insuportavel.

—Vivem estes padres a desacreditar a religião catholica com essas e outras!

—Quando é um rico que morre, elles vão para á porta do defunto, caminham atraz do caixão a cantarolar preces e encommendações.

—De maneira que, si as orações levassem a alma ao ceu, não havia homem rico que fosse para o inferno.

Para um pobre negam um simples attestado!

—O serviço dos trilhos urbanos ainda não está como é para desejar.

Ha inconvenientes que precisam serem removidos.

—Os gerentes esforçam-se para isso, parece.

—Um delles, e que reclama séria attenção, é a observancia da lotação dos carros: admittem maior numero de passageiros, o que traz o inconveniente de serem estes obrigados a descer dos carros nas subidas de declives; como constantemente aconteceu no dia da lavagem, quando chegavam ao Canto da Cruz.

Outro inconveniente é a falta de cuidado na partida dos carros e a imprudencia dos bo-

leceiros: na quinta-feira houveram diversos abalroamentos e n'um delles a lança de um vehiculo varou sobre outro e por poucas não se tem de lastimar algum caso.

E' preciso olhar para essas cousas.

Depois, a justiça deve começar por casa. Como é que, sendo prohibido fumar se, um dos gerentes é o proprio a infringir e depsis quer dar gritos nos mais?

—Como a conversação é sobre carros, diga-me: é certo que um carro pisou uma mulher?

—Isso foi no adro; passou sobre as pernas de uma parda e offendeu mais a uma africana.

- E' tambem um descuido imperdoavel da policia consentir que onde ha agglomeração de povo as carruagens transitem pelo meio.

—Quando os empregados dos vapores da Companhia Bahiana roubam uns aos outros, quanto mais si poderem pilhar alguma cousa dos passageiros!

—Ja vem com suas historias?

—Não é historia, é um caso que deu-se na quarta-feira, no vapor *S. Francisco*, para o qual chamo a attenção do gerente da Companhia.

—Ora conte-o.

—O vapor *S. Francisco* não foi na terça-feira para Santo Amaro, e sim para Valença afim de trazer a carga que o que anda para lá não poude trazer.

E' empregado do vapor S. *Francisco* um pobre rapaz, orphão de pae e mãe e que tem duas irmans, para as quaes contribue elle, do pequeno ordenado que ali tem, com alguma cousa para a subsistencia dellas.

—E' uma acção louvavel esta que elle pratica.

—Pois bem; esse rapaz perdeu, ha poucos mezes, o pae, o qual deixou uma plantação de cannas que elle vendeu, no domingo, para com esse dinheiro pagar as despezas feitas com o enterramento delle.

Foram burlados os seus planos!

As cannas foram vendidas por 45$000 rs., os quaes elle depositou dentro de uma arca, para, quando voltasse a Santo Amaro, pagar as despezas feitas com o enterro.

Fatalidade! Um dos seus companheiros viu elle depositar o dinheiro na arca, e, apanhando-o descuidado, roubou!

—Atraz dos apedrejados correm as pedras!

E o que fez o capitão do vapor?

—Disse, segundo me consta, que ia dar parte na companhia.

- E acho bom que a Companhia syndique de quem foi o larapio, e demitta-o do vapor, porque assim como elle não respeitou o direito [illegible] será dos passageiros, si por ventura achar alguma cousa desgarrada.

—E é por isso que todos os dias ouvimos queixas de roubos de bahús, de arcas e de muitas outras cousas.

—Agora, eu faço justiça ao caracter do capitão do vapor *S Francisco*, é um homem honrado; mas infelizmente trabalha com homens viciosos e usurarios!

Mas que remedio tem elle si nós estamos em uma epocha de corrupção? Si elle deitar para fora um, porque é larapio, entra outro peior!

—Neste caso.....

—... é deixar o mundo marchar como vae marchando!

A PEDIDO

—Capitão, estou aqui meditando nas contrariedades da vida, nas miserias do mundo.

—Assim faz quem não tem o que fazer.

—Este mundo é um theatro, cujo scenario é bem extravagante!

Os actores invertem os papeis...

O leproso moral, coberto de maculas e podriqueiras, transita impavidamente e passa por benemerito da sociedade; o ladrão faz questão de sua honestidade, o assassino vê retumbar seus sentimentos humanitarios e o estellionatario é cercado de consideraçõos pela inteireza de sua probidade.

Ao passo que a virtude, occulta no veu da obscuridade, passa desapercebida, os caracteres puros são olhados com desdem e o bom senso escarnecido.

—O mundo é das apparencias, meu amigo; feliz do que sabe fingir se.

Hoje tudo cifra-se na questão de dinheiro.

Tudo faz se por ostentação....

Olhe para os nossos ricos.

Nada desses actos verdadeiramente generosos, porque profundamente moraes, são sem estrepito..... Onde a viuva honesta e digna, que ja encontrou a mão *realmente* generosa de um rico? Onde o talentoso orphão ou filho do pobre achou a mão desinteressada do rico, que se sentisse feliz em *fazer jorrar as agoas do rochedo?* Onde os hospitaes? Onde as casas de educação e amparo á pobreza?

—Grandes criminosos, que deviam expiar nas galés os males causados á sociedade, inculcam se de probos e o mundo lhes dá seu beneplacito!

Aqui é o contrabandista que se levanta a titular; ali o moedeiro falso que acaba em philantropo, á custa do muito que furtou: este é um juiz venal que trocou a honra da viuva e da orphan pelo preço de uma joia custosa, ou de uma gorda *molhadura*; aquelle

ó o politico, *judas moderno*, que pela calumnia fere os mais sagrados direitos do seu semelhante para obter do governo uma graça, quasi sempre a posso de um osso ja enlameado pelo muito que ha rojado no charco, levado aos dentes de cães famintos, como elle, e mais que elle abjectos.

—E' o egoismo que tudo isso determina; a ambição, a torpe ambição, esse fructo do inferno plantado por Satan no coração do homem, que tantos males produz.

—E' assim que muitas vezes a honestidade humilde, porem pura, é obrigada a ceder o passo ao ladrão, ao prevaricador, ao incendiario; é assim que o potentado de origem illegitima vem insultuosamente manchar a jaqueta limpa do operario!

Tremenda miseria!

Fatal desgraça!

—São as apparencias que enganam, meu rico.

Roubar nas trevas para dar esmolas ao meio dia!

Ser bandido na sombra e prodigo em plena luz! Ser demonio á face da noite que tudo cala, e ser anjo á face do dia que nada esconde!

Eis os predicados para ser bom, virtuoso e justo.

—Empolgar mil e dar um; eis a grande algebra dos usurpadores de fortunas, dos commerciantes fraudalentos. Ser ave de rapina e mascarar-se de rola; eis o engenhoso systema das feras sociaes. Ser lobo transformado em pastor, eis o que são os salteadores de casaca.

—Mas, meu charo, o mal é incuravel; essas chagas tornaram-se chronicas por que são de longa data.

Deixe fallar; desde que o mundo é mundo houveram tratantes e ladrões.

Não são passados muitos dias, que eu, ao desarrumar um empoeirado armario, dei com um alfarrabio antiquissimo, o qual contava uma historia horrivel.

E' um facto inverosimil, porem horrivel e que prova a avidez e a ambição ao que pode arrastar um homem, que, entretanto, pode andar de cara limpa no meio de todos.

—Ja agora, visto estar-mos sem ter o que fazer, pode relatar-m'o?

—Com summo gosto.

Pela virgem da *Annunciação*! E' uma historia maritima, bem tenebrosa, passada ha mais de cem annos, cujo principal heroe chamava-se *Lucido*.

E' preciso antes de todo explicar-lhe que *Lucido* era um homem bastante excentrico; por exemplo tinha um *pinto* ao qual chamava *marques*.

(*Continua.*)

—Capitão, venho muito cansado.

—Donde vem tão suado?

—Chego agora mesmo de Itapagipe e presenciei coisas que me arrepiaram os cabellos.

—Então o que foi que viu?

—Vi yaya-zinha de barriga muito crescida, vi tambem um certo cujo purente della.

—Bravo, isso está interessante; conte-me pelo miudo.

—Não sei, meu capitão, lhe dizer a rua onde eu vi este facto, uns chamam rua direita, outros chamam dos carvões o que é certo é que o negocio está bem claro á vista de todos.

—E alguem lhe contou isto?

Foi o moço *Antoninho* cunhado de *Tilio* irmão do *Texeira*.

—Não conheço essa peça; porem mando o muxingueiro que conduza-o á minha presença.

—Sim, Sr. capitão, o que faz pena é que ainda temos de ver uma criança innocente quando nascer ir para a Misericordia, e tudo isto devido a um cunhado.

—Que quer que lhe faça? não pude prevenir o mal, porem puno o delinquente.

—Ora chupa, devasso!

Era o que tu andavas procurando.

Quem com muitas pedras bole uma lhe dá na cabeça.

—Foi alguma novidade?

—Pois não soube?

—Não.

—Então V. andando aqui pelo *Guindaste dos Padres*, não ouviu dizer que o bacharel *Louva Deus de faveira* acaba de levar uma mella de taca!

—Estou alheio a esse movimento correccional.

E até se quer que lhe diga estou por saber quem seja o tal *Louva Deus de faveira*.

—Está V. bem aviado, lidando com os patifes sem os conhecer, meu *Antonio!*

—Um individuo conheci com esse appellido, mas chamava-se *Telles de Carvalhal*, e isso foi a muito tempo.

—Não, esse de quem trato é *bacharel*.

—Então é outro, não conheço.

—Pois não tem ouvido fallar de um desfaçado birbante, que vive a vituperar da honra alheia, um gabola sem pudor que faz garbo em desacreditar a honestidade das familias, um patife, cujo maior prazer é ultrajar a honra das casadas com sua viperina lingoa?

—Estou alheio a quem seja.

—E' porque você não vae a *Santo Amaro*: la ha muito quem saiba.

Porem o que V. ha de dizer não é isso; o safado, com um rabo de vara e meia, é o primeiro a tratar da vida intima dos mais. Tem irmans que não deixam casar solteiros pelo-

malha, e nem negam agoa a pinto; e si não namoram ao carrapato é por não saberem qual é o macho.

—Lá isso não nos importa; tratemos do que diz respeito ao marreco.

Então esse improvisado *conquistador* apanhou?

—Como um boi ladrão.

—E o que fez?

—Correu.

—Publicamente, homem?

—Ora está!

—Que poltrão, que covarde!

—E note que estava munido de uma chibata.

—E' balda de todo detractor; muita força na lingoa e fraqueza no espirito.

—O que garanto-lhe é que elle foi bem convidado.

—Foi uma lecção que lhe deve aproveitar para não cahir em outra.

—Eu persuado-me de que não, por ser esta a segunda em que elle chupa taes *lamboradas*.

Quer-se saber quem é um celebre caturra de *Fabrica*, conhecido no commercio por Antonio pequeno?

E' este atrevido um petiço fogoso com fumaças de rico, que procura introduzir-se nas casas de familias de consideração, á titulo de muita amisade, promettendo casamento, etc., para ao depois desacreditat-as, como tem feito com diversas, por cuja razão anda enxotado; bradamos—alerta! aqui para o Cabral.

Voltaremos, contando a historia do SOTSAB.

—Capitão, dá licença?

—Entre, e diga o que quer, e não me masse.

—Uma couza nova.

—Si não é velha.

—Disseram-me hontem que ha agora um meio bom de vida.

—Qual é?

—Um homem, que dizem ser do commermercio, e se achando arrebentado não do corpo, e sim das algibeiras, está atravessando enterros e missas do septimo dia para dar a certo armador, mediante uma gorgeta de vinte por cento do valor da obra.

—E' falso isso.

—Ora, capitão, por S. Francisco!

—V. anda sempre com invenções, levantando calumnias aos outros.

—Não é calumnia, capitão, por que quem me disse foi o Souza.

—O Souza é outro calumniador como V.

—Capitão como V. Ex. não acredita no Souza, quem me confirmou ser isso exacto foi o Carvalho.

—Acredito agora por ser o Carvalho *homem de bem*.

SENHOR BEATO.

Ja que o immundo maroto do Antonio e seus nojentos companheiros da orgia da noite de 22 do passado, procuram vil e torpemente calumniar a pessoas que com elles não se medem, attribuindo a essas pessoas a publicação da bachanal da referida noite de 22, em que o maroto do Antonio festejava alcoolica e jogatinalmente o seu natalicio, á sombra de um *pinheiro;* festejo, que foi inaugurado com assaltos gavetaes; ja que essa corja, dizemos, tem o arrojo de lançar das asquerosas boccas insultos e doestos contra pessoas intoiramente alheias ao infame e negro procedimento que tiveram, proprio unicamente de caterva tão baixa, força é que taes bandalhos tenham a devida reprimenda.

E por tanto Vm., Sr. Beato, prepare-se para ser o mensageiro que ha de transmittir a cada um dessa cafila uma remessa na qual irão de sobre-carga certas gentilezas com que se supre as orgias da bebedeira e inseparavel ronda, cousas estas que muito devem agradar ao Sr. mano.

(*Continúa.*)

VARIEDADES

A mãi de familia deve ser previdente como a formiga, que ajunta de verão para o inverno; mas não deve ser como a formiga acarretadeira de tudo quanto ha para sua casa.

—

A viuva deve ser como a rola que se mostra saudosa de seu amante; mas não deve ser como a rola, á lastimar-se sempre e importunamente aqui e alli, encommodando a totos que ouvem os seus tristes gemidos.

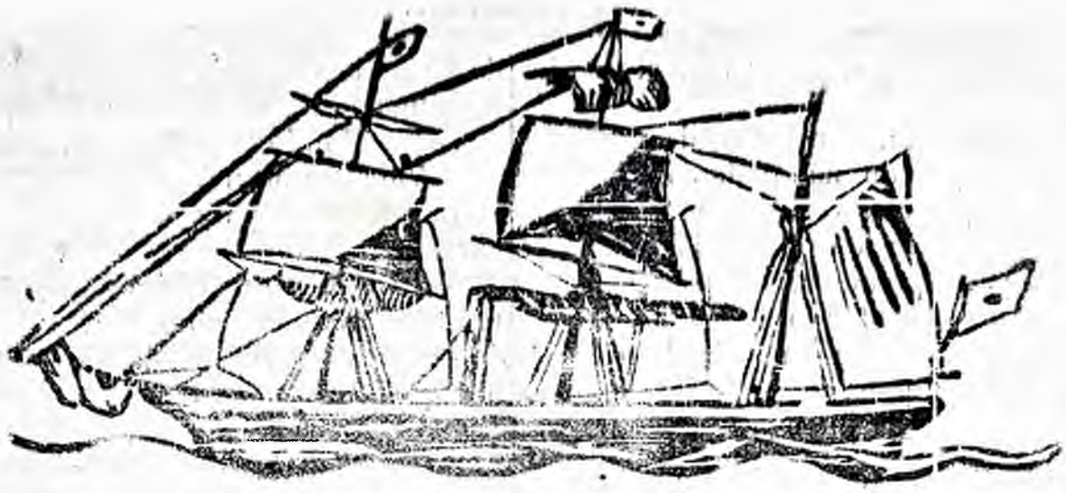
ANNUNCIOS

COLLEGIO ONZE DE JUNHO.

Este Collegio, fundado a 11 de junho de 1868, á rua das Larangeiras, sob a direcção de Fortunato A de Freitas, professor da lingua franceza e de escripturação mercantil, licenciado pelo conselho superior de instrucção publica,—abriu no dia 7 do corrente as aulas de primeiras letras, latim, francez e escripturação mercantil.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, com aula primaria ao largo da matriz de S. Pedro Velho, participa aos paes de familia que ja se acha leccionando desde o dia 10 do corrente.

Bahia 11 de janeiro de 1870.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Anno VIII. Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17. Serie 60
Preço d'assignatura—1$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5$ rs. por 6 series.

BAHIA 19 DE JANEIRO DE 1870. N. 599.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de janeiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que, na madrugada de 16 do corrente, o cabo do destacamento do Caes Dourado aprisionou um saveiro com quatro saccas de assucar, grande porção de massos de arcos de ferro e uma immensidade de saccos vasios, e collocou dous guardas no referido saveiro. Ao amanhecer, porém, o saveiro havia desapparecido e do roubo nem vestigios existia! Desconfia-se que um afamado magico de nome *Ze-gordo*, fizera com *cincoenta paus-zinhos* um sortilegio, que empanou as vistas dos agentes da força e poude o saveiro pôr-se ao largo.

E como ao aprisionamento presenceassem Luiz Vieira, Sebastião Alves de Lima, João Cardoso dos Santos, Manuel Ribeiro e outros, leva-se ao conhecimento de S. S. para mandar syndicar como foi essa estrategia.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que procure o marcineiro Norberto, no Pau da Bandeira, e advirta-lhe que a visinhança tem amargas queixas de uma pandega de dissolutos que costuma reunir-se em sua tenda, onde, sem se acatar a decencia, pratica-se com estrondo actos immoraes e reprovados, no que muito se distingue um desasado conhecido por *chupa dedo*. No caso porem de continuar, deverá conduzil-o a bordo deste navio para se lhe applicar o necessario correctivo. Cumpra.

—Esta cidade está entregue a doidos!

—Rapaz, que dislate é esse?

—As irmans de charidade expulsam os doidos para fora da Santa Casa e elles tomam conta das ruas!

E V. o que tem com isso?

—Nada; mas é que elles andam fazendo cousas mesmo de quem não tem juizo.

Sexta feira, o Sr. Pinto de Bulhões, advogado, sahiu do seu escriptorio, ás 5 horas, e chegando defronte da botica do Rodrigues, Atraz da Sé, sem esperar, um doido agarrou-o, quiz abraçal-o e deu com o homem de costas sobre as pedras.

—Que graça! Corpolento como é, devia ficar bem maltratado!

—Nem poude se levantar. Foi preciso earregal-o.

—Mas como doido não sabe o que faz, em resumo, o homem foi quem soffreu?

—Isso é que é exacto.

Ha um tambem, creoulo, que dá atracações nas pretas no Terreiro, para lhes pedir esmola.

Chora, pede, implora, põe as mãos, e quando nada consegue, descompõe o espanca.

As pretas andam escabreadas e logo que o veem, correm.

—E' cravo na verdade andar uma pessoa

na rua sujeito a essas venetas; mas si não ha remedio?

—Não ha remedio, por ser aqui.

—O animal quando não pode com a carga arreia; é o que *por certos motivos* está fazendo a Misericordia; a casa da Boa Vista está em *preparativos* para quando Deus quizer.

Assim vamos aguentando.

—Sim, la quanto a uma pedrada que se leve, uma cabeça quebrada não vale apena.

—Ha 15 dias é flagellado n'um tronco um pobre homem sem crime.

Isto é horrivel!

—Onde está elle?

—Na Correcção; chama-se Julião.

—Ora vá elle! E' um maluco que incommoda a gente na rua.

—Mas então é uma barbaridade martyrisar assim a um desgraçado sem culpa.

—Entenda-se esta!

V. clama pelos desvarios que os doidos praticam na rua e agora brada por que se prende um delles!

—A cadeia não se fez para doidos. E' preciso não ter humanidade, para em um pavoroso carcere, atormentar um nosso semelhante, pobre de razão, cujo mal se aggravará com o terror das torturas.

E' preciso comprehender que o tronco e os flagellos não são mais deste tempo.

—Mas que quer; aqui mette-se os doidos na cadeia e deixa-se os assassinos na rua.

—Dizem que roubaram uma venda no Castanheda.

—E que foram soldados de policia.

—E que o dono apercebendo os ladrões em casa bradara e a patrulha accudira.

—Mas como lobo não come lobo, os ratos de gaveta encontraram nos agentes da segurança publica um auxiliar para a evasão.

—Capitão, o governo precisa de gaiollas?

—So si for para engaiollar a probidade de certa gente afim de não fugir..

—Então é isso; por que no trem de guerra occupa-se um homem em fabrical-as.

—Ha de ser nas horas vagas.

—Muito vagas devem ser as horas em que elle não se dá a esse trabalho, pois sempre que entro na dita repartição encontro o cujo atarefado.

—*Atraz da vela* grande *ferra-se* o traquete.

Assim é que se começa.

—Sobre o que falla?

—Os trilhos urbanos da Victoria deitou mel pela bocca do publico dizendo que o preço de suas viagens seria sempre inalteravel, quer domingo, quer dia santo.

—Mas domingo ja levantou a 400 rs.

—Valeu-se de uma escapatoria de viagens extraordinarios para vender os bilhetes mais caros.

—Meu rico, quem vê a mim, vê a meu mano; tudo mais são pomadas.

—E nós vamos engulindo quanta pillula nos querem empurrar.

—O que dizia aquelle sujeito?

—Que o Sr. Guimarães da limpeza, (o mais alto) na rua da Imperatriz, em Itapagipe, metteu o chicote em um tal Amorim que estava assentado em sua porta.

—Foi alguma provocancia.

—E depois declarou que se enganara; que a sova era para outro; mas por ser de noite, equivocou-se.

São enganos que não servem.

—Mas o que me custou a crer, foi dizer elle, que o Sr. Costa Guimarães affirmara que si o offendido não queria concordar com o engano, era o mesmo; pois era conservador, e portanto não ia preso apezar da patrulha estar presente.

—Historia, quem conta um conto, accrescenta um ponto.

—Está em uso o systema do chicote.

—Até a força publica!

—O homem está ebrio; se hão de pol-o em um logar onde cosinhe a mona ou prendel-o; cinco soldados de policia, cortam-no de chibata!

—São do destacamento.

—Que maneira de policiar!

Isto é um desacato á sociedade.

—Como se commette tão inaudita violencia aqui no meio do povo, no adro do Bomfim!

—E V. cale sua bocca, si não quer pagar a fava que o asno comeu.

—A patrulha está dormindo?

—O' homem! Nem somno de S. João.

—Então tem as nadegas pregadas no adro de S. Pedro e não pode levantar-se para espalhar esta algazarra tremenda, este insulto a religião, este escandalo na porta de um templo.

—Por ali avalie-se o adiantamento desta terra.

—No adro do Collegio um realejo e violões; toca-se, pula-se desenvoltamente, berra-se, dansa-se quadrilhas, profere-se palavras immundas e a policia defronte vê e ouve tudo caladinha!

—Como foi de viagem ao Bom-fim?

—Bem; no wagon em que eu fui é que ia se dando um sinistro.

—De que forma?

—Nos Coqueiros, os burros cahiram, e o boleeiro e um passageiro foram ao chão, e arrastados pela linha ao impulso das rodas. Felizmente soffreram apenas leves contusões, por que cahiram de um lado do trilho.

—Precise o numero do carro, para não dizerem que é inexacto.

—Não sei o numero, mas o cxeiro chama-se José Antonio.

—Ouvi dizer que houveram desordens?

—Muitas; scenas reprovadissimas.

Exigiam á força conducção e outros queriam vir sem pagar. Insultaram aos directores e até quebraram as quartinhas da estação.

A corda sempre quebra pelo lado mais fraco. Ao passo que os turbulentos faziam mil diabruras impunemente, e atiravam um chuveiro de doestos a gerencia; uma pobre mulher, somente por dizer que no tempo do Ariani havia mais ordem, foi tirada do carro, depois de ter dado seus dez tustões e levada para a Correcção, onde está desde domingo até agora, terça-feira, ás 3 horas da tarde, sem nota de culpa!

—Parte do nosso povo não está preparado para certos melhoramentos e gostam de tudo por meio da anarchia.

—Pelo contrario, eu vi gente bem conceituada insuflando a desordem.

Mas em parte a companhia é culpada.

—Como?

—Si não podia satisfazer plenamente ao publico, não se compromettesse annunciando viagens depois do fogo.

—Tem razão.

—Alguns wagons viajaram á noite de pharol apagado, o que é bem mau.

—Sem duvida.

—A irregularidade das partidas deu logar a um grande conflicto na Calçada, a meia noite.

—E' o que se deve evitar.

—O carro numero 3 teve dous encontros; no segundo com o de numero 9, quando os passageiros passavam para este; a turba capadoçal invadiu o carro, ficando quem pagou de fora. Houve um sarceiro dos diabos, ferveu pancadaria, e descomposturas por mais de uma hora, pretenderam quebrar o carro, e por fim tomaram os burros do poder do boleeiro, atrelaram-nos ao vehiculo e o conductor foi coagido a seguir para a cidade.

—Ora diga-me, isto tem termo? E' mesmo para que certa gente serve, para amotinadores e servir de pé de escada.

—Falta de acção, falta de providencias.

N'um barulho tamanho etão longo, não appareceu, uma athoridade, nem um agente da empreza que podesse por si remover os obstaculos.

—Porem o que se chama verdadeiramente povo não pratica esses actos que depõe da civilisação de uma terra inteira.

—Reprovei muito uma cousa.

—Diga lá.

—Na Mangeira ia pela beira do trilho uma velha, ao tempo que vinha um carro, o guarda em vez de puxal-a, empurrou-a com um pau de sorte que cahiu dentro da linha. Si não a arrastassem tão depressa era mais uma desgraça a lamentar.

—A gerencia não se deve agastar com certas reflexões que lhe são feitas, inspiradas pelo desejo de ver consolidada a prosperidade da empreza, visto que ellas não são dictadas por má vontade e só tem por alvo o engrandecimento desta terra.

—Creio que até devem estimar.

—A companhia Bahiana trabalhou tambem.

—Mas de que sorte, meu rico Sr!

Na ponte, um empregado não deixava passar mais de quatro pessoas juntas, com medo que a velha arapuca fosse ao fundo.

—E' até onde se pode cassuar com o respeitavel.

A festa que tal?

—Este anno não foi das mais esplendidas; a orchestra muito limitada, alem de que o fogueteiro e o gaz pozeram o thesoureiro em *barbicaixo*: dinheiro na mão e aquella cousa no chão. O gaz exigiu não só a importancia deste anno como sete centos mil reis do passado, e o fogueteiro disse que:

Fiado não dava; isso não;
E si quizesse ter fogo
Lhe désse o cobre na mão.

—Pois nem pela esticada economia que fez o thesoureiro este anno, houve dinheiro? O homem até substituiu o azeite doce das alampadas, dizendo que o azeite doce estava muito caro.

—E' que para uns o *monte* brota, para outros o valle secca-se.

—A prova de que não havia *chelpa* e que no dia da festa estava elle mesmo com umas tirinhas de fita fazendo dinheiro.

E o mais fica para depois.

—No domingo, ás 11 horas da noite, estava uma pobre preta vendendo roletes no largo do Theatro; quatro capadocios deram-lhe bofetadas e jogaram-na por terra, meio por elles empregado para roubarem os rolêtes da pobre coitada!

A preta gritou aqui-d'el-rei e ninguem appareceu em seu soccorro!

—So nesta terra se vê disto!

—Na segunda feira, estando um moço assentado em um dos wagons da Companhia de Vehiculos, que partira do Bomfim para a cidade, ás 10 horas da noite, um empregado da Companhia entendeu que devia fazel-o levantar-se; mas como elle dissesse que tinha dado seu dinheiro para ir assentado, o empregado quiz dar-lhe uma bofetada, que foi repellida energicamente!

— Que desaforo!

—Depois quando se dão os conflictos elles queixam-se, sendo os proprios a provocarem.

—Ainda scenas do domingo!

—O que houve mais?

—Estavam dous homens assentados na baixa do Bomfim junto de uma porta, quando veio um carro, e o estupido boleeiro dirigiu os cavallos mesmo sobre os homens, os quaes, apenas poderam safar-se e deixaram as cadeiras que ficaram em pedaços debaixo das rodas!

—Estes boleeiros são uns malvados, e depois, provavelmente, no dia do Senhor do Bomfim, a cachaça trabalhou muito!

—E a policia descançou!

—Aqui no Bomfim as cousas andam de *vice-versa*.

O Sr. capitão Braga, prende uma mulher no wagon porque reclama seu direito; o tenente do destacamento solta um turbulento, preso á ordem do chefe de policia, por perturbar o socego.

—São controversias da epocha.

—O que iria fazer o chefe de policia na terça feira ao Bomfim?

—Dizem que foi a estação dos Vehiculos syndicar das occurrencias que se deram e estabelecer algumas providencias.

Entre outras o preço fixo das viagens e a lotação dos carros.

—Deus o ajude a sahir-se bem.

Á PEDIDO

—Nos wagons das 8 horas da manhan, da cidade para o Bomfim, no domingo, quando os passageiros iam para entrar, o Sr. João Ignacio não consentia, dizendo que tinham preferencia as senhoras.

—Eu acho rasoavel dar a primasia as senhoras.

—Não pense que eu o venho censurar por assim proceder; venho censural-o no ponto delle reter os passageiros que estavam ali, ha muito tempo, á titulo de dar primasia as senhoras, e, no entanto, quando era algum seu affeiçoado ou amigo, as senhoras deixavam de ter logar para entrar o amigo do Sr. João Ignacio.

—Isso é que eu não posso ver impassivel! Ahi está porque estando um crioulo e sua mulher dentro de um wagon, e um dos gerentes querendo dar logar á umas senhoras, de familia sua conhecida, entendeu deitar para fora o crioulo e sua mulher, dizendo-lhe:—*saia para dar logar a essas senhoras!*

Como o creoulo dissesse que ja tinha dado os bilhetes, elle mandou os restituir. O crioulo indignado, com rasão, d'aquelle proceder, rasgou os bilhetes e atirou-os sobre o gerente, porque entendeu que queriam fazer pouco caso d'elle por ser preto.

—Procedem assim desta maneira para depois exporem-se á uma desfeita desta ordem!

—Si elles assim o querem, assim o tenham!

ANNUNCIOS

A pessoa que achou um leque de sandalo do Noviciado aos Coqueiros e quizer entregar, dirija-se a esta typographia que será gratificado com 5$ rs.

Vende-se um pequeno sobrado de muito bons commodos, quintal e excellente vista de mar, sito ao becco denominado Gaspar, rua de Santa Thereza; a tratar na casa que faz quina para o mesmo becco, n. 118.

THEATRO

do becco dos homens que fazem barbas.

GRATIS E POMPOSO ESPECTACULO EM BENEFICIO DAS ACTRIZES

Adelaide e Amelia.

Tomam parte no spectaculo, em attenção as beneficiadas, os artistas Pedro Chico e Santa Ritta, insignes na mimica do namoro.

Os intervallos serão preenchidos com modinhas cantadas á violão pelo inimitavel Flor dos amores, que exhibirá pela primeira vez a sua ultima composição, intitulada—*As tabocas de Josepha.*

Depois do espectaculo será servida uma abundante ceia que tambem em obsequio as beneficiadas offerecem as madres Umbelina e Deolinda, sendo copeiro o moleque Luiz.

O emprezario padre Antonio Joaquim responsabilisa-se pelo bom adorno da casa.

Bahia e freguezia de S. Pedro, todos os dias sem horas certas dos annos de 1869 e 1870 da egira de Cupido.

Typ. de Marques, Aristides & C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 61.ª SABBADO 22 DE JANEIRO Nºs. 600—601

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.
ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de janeiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe especial attenção para o que se passa a expor:

Ha dias, apresentou-se na subdelegacia da Conceição da Praia, um individuo com uma escrava, exigindo authorisação para mandal-a castigar; porem como o castigo pretendido fosse demasiadamente excessivo, a authoridade negou tal authorisação. Consta que esse individuo dirigiu-se tambem á repartição da policia, onde fez a mesma exigencia e encontrou egual obstaculo.

Agora, corre que a misera captiva está sendo occultamente trucidada com atrocissimos tormentos, sendo surrada de quatro em quatro dias, affiançando-se que acha-se ja dilacerada e cadaverica.

Fazendo justiça ás intenções de S. S., quando se trata da causa do fraco e opprimido, espera-se que, si na verdade a infeliz é victima dos martyrios de que se diz, seu algoz não fique impune; mesmo para provar a esses *pequenos* de spirito que o dinheiro não os faz grandes a ponto de calcarem aos pés a lei.

—Ao mesmo, communicando-lhe que o menino que se diz chamar Francisco Xavier Esteves, sobre o qual se communicou a S. S., que dormia nos arcos da cadeia, tendo desapparecido por algum tempo, voltou de novo áquelle aposento e ahi continua a permanecer. Obrigado pela fome, ou porque a progressiva ascendencia do vicio sobre elle o leve a esquecer os sentimentos de dignidade humana, esse infeliz é o alvo sobre o qual recahem odiosas e lubricas scenas, que não se pejam de praticar individuos de indole depravada. Em nome da humanidade, pede-se a S. S. para essa creança um destino, que lhe assegure mais honesto futuro.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, participando-lho que mora no Tororó uma mulher de nome *Bella,* amasia de um portuguez chamado José, a qual, quando está nas *agoas,* folhea um diccionario de termos obscenos, que muito incommoda ás familias que por ali moram. Pede-se a S. S. um correctivo para essa heroina.

—O chefe de policia marcou lotação para os Vehiculos ecconomicos.

—Mas não fixou os preços das passagens.

—Creio que não cabe na sua alçada; cheira a despotismo.

—Na sua opinião.

—Pois a authoridade pode la pôr preço na fazenda alheia?

Ou V. pensa que está no Paraguay?

—Cale-se que V. não sabe o qe está dizendo.

Logo que a empreza tem um previlegio que exclue a concurrencia, si o governo não for de encontro a seus excessos, está ella authorisada a impor ao povo o preço que quizer, visto que está só em campo.

Eu não digo que a companhia abuse; mas...

—Pode abusar.

—E por tanto entendo que o chefe de policia devia ter limitado um preço, alem do qual a empreza não podesse exceder-se sem previo consentimento.

—Assim dou as mãos a bollos.

—A consciencia da egreja catholica é bem elastica.

—Não blaspheme.

—Quer ver com que facilidade ella desfaz impossiveis?

Ora escute:

Lê-se na *Vida Fulminense*:

«Não ha muitos dias dirigiu-se um moço ao Revm. vigario capitular, governador do bispado, para tratar do seu casamento com uma prima.

—Não pode ser,(respondeu o reverendo sacerdote). O concilio ecumenico vai agora ven-

tilar essa questão, e em quanto não resolver a respeito, nada posso fazer.

—Mas...

—O senhor devia saber que a egreja oppõe-se a união entre primos. Julgo-me dispensado de relatar-lhe a serie de razões que tem para isso; são tantas e tão valiosas!

—Porem (insistiu o moço) fazendo eu uma esmolla...

—Ah! isso é differente. *Si der tresentos mil reis*, terá licença para casar.»

—Como não ha de haver febres com semelhantes fócos de infecção!

—Basta o cano das irmans de charidade para isso.

—O cano não é dellas, é do hospital.

—Mas ellas são as proprietarias do hospital; logo o cano lhes pertence.

—Este cano, no qual se faz despejo d'aguas putridas, materia, sangue pôdre, excrescencia e tudo mais, desagua dentro da casa que fica no recanto do Taboão e passa por um corrego aberto na dita casa e vae brotar na rua pelos orificios da parede e por uma bocca de lobo á superficie da calçada.

—Os moradores tem estomago bem forte, para verem e sentirem tanta immundicie dentro de casa.

—Parece que estão acostumados com aquelle riacho de podridão, pois nem sequer o mandam cobrir.

—No tempo de calor é um poderoso germen de molestias.

—Ora deixe estar que eu hei de ver si o fiscal geral vae até ali para olhar com seus olhos.

—Que alarma é aquelle, ali na rua Direita de Palacio?

—E' um inspector do quarteirão n. 23 do curato da Sé, que prendeu uma rapariga, que, diz elle, está fugida.

A rapariga, depois de estar presa, fugiu das mãos dos soldados e correu; estes correram atraz della e, conseguindo agarral-a, deram-lhe bordoadas, bofetadas, e romperam-lhe a roupa do corpo, deixando-a nua no meio da rua.

—Ora, a rapariga ja está em poder de dous soldados de policia, aos quaes ella não pode resistir, para que a espancam tão desapiedadamente?

—Em minha terra, a policia não faz prisões-senão debaixo de espancamento; é por uma ostentação de bravata que procede assim.

A PEDIDO

—Meu senhor, venho lançar-me aos pés de V. S.

—O que pretende?

—Que mande soltar meu filho.

—Seu filho quem é?

—Um que foi encontrado, alta noite, dentro de uma casa.

—Ah, sim.

E' uma airosa creoula, V.!

Onde mora?

—Moro *adeante do muro.*

—Sei onde é; havemos de ver.

Mas seu filho foi preso em flagrante; encontrou-se o roubo em mão delle; nada posso fazer.

—Condoa-se de mim, meu senhor.

—Mas que braços tem V., eim!

Si viesse mais cedo, lhe servia.

—Eu me comprometto a pagar o prejuizo.

—Mulher, V. commove as pedras.

E' tão bem feita!

Traga-me aqui os 42$ rs., que elle gastou, para entregar á dona, que eu o mando soltar.

Advirto-lhe que deve ser V. *em pessoa* quem me ha de trazer o dinheiro.

—Sim, senhor.

. . . . . .

—*Anecleto,* estás lord como um rato. Soltaste um *simeste* caro!

—Vou para o Bomfim. Não dá licença?

—Essa é boa!

—Mas não estavas preso?

—A velha arranjou as cousas *por maneira.*

—Vae, meu irmão, é bem bom quem tem uma mãe como a tua.

Esta funcção da lavagem
Nunca se ha de acabar;
Este anno foi soberba!
Capitão, vou lhe contar:

Como eu penso para mim
Que este mundo só se acaba
P'ra aquelles, em quem a morte
O seu cutello desaba;

Tendo dous dias de vida,
Para que consumição?
Quem quizer que viva triste...
Ca commigo, isso não.

Quem não *folga* neste mundo,
O diabo o ha de *folgar*
No outro; creio muito
Neste anexim popular.

Com a sua austeridade
Fique o ministro da egreja,
Que vende as graças do ceu
E vil lucro só almeja.

Embebidos na cobiça,
Mirando seus cabedaes,
Fiquem torpes usurarios,
Sem pensar que são mortaes.

Eu cá para outro rumo
Heide estender minha vista;
Serei sempre do pagode
Decidido apologista.

Mas pagode sem creoula
Para mim não vale nada:
E' como em noite de escuro
Rua que está apagada.

.....

Me creia, capitão, eu por creoula
Sou como rato quando vê melado;
Como a canna que passa na moenda,
Meu peito fica todo esbagaçado.

Pois si mesmo a galante creatura,
Para trazer um pobre embasbacado,
Expande certos dons proprios só della,
Que põem o coração desnorteado?

« Quando, batendo o vento nas anaguas,
« Espaneja as cambraias escondidas,
« Deixando ver aos olhos cubiçosos
« As lisas pernas de ebano luzidas;

« Um santo que a encontre ha de parar,
« E da cabeça fugir-lhe o bento sizo;
« Nervosa commoção as bragas rompe-lhe,
« E fica como Adão no paraiso.

« O bem feito dos braços hallucina
« Quando os move, perluxa, com langor;
« A bocca é lindo lirio abrindo á medo,
« Dos labios se destilla o grato odor.

« O collo é qual velludo; Venus bella
« Trocara pelo seu, de inveja morta;
« Da cintura nos quebros ha luxuria,
« Que o coração rendido não supporta.

« A cabeça envolvida em nubia trunfa,
« Os seios são dous globos a saltar;
« A voz traduz lasciva, que arrebata;
« —E' cousa de sentir, não de contar.

« Ao ver no chão tocar seu pé mimoso,
« Calçando de setim alva chinella,
« Quizera ser a terra em que ella pisa,
« Tranformal-a em colher, comer com ella.

« Mas a bocca me sabe a queijo podre,
« E o modo me faz perder de andar,
« Si passa arrufada e vai dizendo
« —*Eu arrasto a chinella p'ra lhe mangar.*»

.....

Só por ellas todo o anno,
Para que hei de mentir?
Em tendo vida e saude,
A' lavagem hei de ir.

E, si procedendo assim,
Eu sou do peccado preza;
Essa culpa não é minha,
E' da fragil natureza.

Nem creio que haja vivente,
Nessa immensa multidão,
Que se abale p'ra lavagem
Por sincera devoção.

E' mais uma patuscada
Que festa religiosa,
Todos vão por devertir-se,
Não por acção piedosa.

Qual é esse santarrão,
Que deixa de admirar
Primores que a mulatinha
Nesse dia vem mostrar?

Pois ha quem resistir possa,
Vendo a linda creatura
Com o pote na cabeça,
O panno atado á cintura?

Em requebros, em meneios,
Toda faceira e dengosa,
Levantando bem a saia
P'ra ver-se a perna mimosa?

Do Brasil a mulatinha
E' do ceu grato maná;
Sabe mais que uma talhada
De bom doce de araçá.

Eu divirjo do *Diario*,
Que quer tal boda acabada;
Por fora se faça tudo,
Agora por dentro nada.

Até por que a lavagem
Desculpa muita melgueira,
Muita, gente sem pensar,
Toma sua *cabelleira*.

Quanta gente, que não quer
Ter-se em conta de patola,
A pretexto da lavagem,
Engole caraminhola!

Até minha *cosinheira*,
Aproveitando esta vasa,
A's nove horas da noite
E' que voltou para casa.

Não quero roubar-lhe o tempo
Em divagação banal;
Entrarei ja no detalhe
Desta festa sem egual.

As seis horas da manhan
Eu me puz logo a caminho,
De um vehiculo economico
Mettido em um cantinho.

Alguns falastrões diziam
Que a fallada economia
Constava apenas no nome,
Que o mais era phantasia.

Nos Coqueiros, o caxeiro,
Me bradou—«Saia p'ra fora!
« Embora o Sr. pagasse,
« Dê logar a uma senhora!»

Dá-se maior sem razão?
Mas que havia eu de fazer?
São destes casos que o homem
Ha de comer ou verter.

Apezar da imposição
Ser bem dura de roer,
E eu ter pago, assentei
Que prudente era descer.

Ha males que vem p'ra bem;
Tem razão quem assim diz,
Pois, sahindo do wagon,
Fiz viagem mais feliz.

E' um quadro variado,
Muito bom de apreciar:
Ha typos de toda especie
Na Calçada a caminhar.

A par de uma negra'gêge
Vê-se o gordo taverneiro,
Sem saber pisar no chão,
Praguejando o sapateiro.

Vê-se o padre vagaroso,
Distrahido caminhando;
E' mentira; p'ra mulata
A' furto elle vae olhando.

Da Ribeira, uma *deidade*
Segue o breado marujo;
Com sua vassoura ao hombro
S'encontra o *Antonio sujo*.

Uma turma de creoulas,
Trazendo todas na mão
Vassouras bem enfeitadas,
Distinctivo da funcção.

Os rapazes vão de lado,
Cada um acompanhando
Seu *osso*, um *palavreado*
De vez em quando soltando.

O *piguá* vae nos balaios:
E' moqueca de chareu,
E carurú de quiabos,
Que a rapazeada deu.

Jovita, com seus pasteis,
Correndo p'ra o botequim,
O rapaz *dá para tudo*;
Eu nunca vi cousa assim!

A negra de angù de inhame,
Co' a panella atravancada
Mercando *caruruê*,
Tambem vae apressurada.

Um grupo mais sem escrupulo
Desta bella caravana
Nos Mares está chupando
Mingau da preta *tia-Anna*.

P'ra onde quer que se olhe,
E' um quadro de encantar;
Umas juntas, outras dispersas,
Outras chulas a entoar.

Eu que filho do peccado
Sou, desde quando nasci,
N'um ranxo de raparigas
Para logo me envolvi.

Alli havia cousinhas
De render o coração;
Caminhavam com requebro
Cantando—«*aqui dentro não*

Nô nô, Luiza Zoião,
Ora vejam que delicia!
Maria Paula, Josepha,
A Romualda e Felicia.

Da aprazivel jornada
Ao termo estamos emfim,
Agora vamos subir
A ladeira do Bom-fim.

E depois entrar no adro
Render a Deus homenagem;
Estão só a minha espera
P'ra começar a lavagem.

Mas antes de começar,
Hei de ir á *Rosa-aberta*,
O botequim da Anastacia
Tomar uma pinga certa.

Não se pode tolerar a damnação daquelle moleque!

—A senhora é quem lhe dá tanta ousadia.

—E' um insolente; não atravessa um menino menor do que elle pela rua, que não é de *cima*, que não espanque.

Hontem quebrou a cabeça de um.

—A Eudoxia tinha um egual, vendeu para evitar alguma cumplicação com a policia.

—Mas esta que basofia ter a protecção de um potentado chegado de *Braga*, pouco se lhe dá com a policia.

—Ella que se fie nisso, que o dia que elle cahir nas garras do policiador da cidade ha de ir, que elle queira ou não, para a Correcção.

—Frade, que immoralidade é essa?

Frade, não seja tão libertino.

Frade, V. desacredita o convento.

Pelas chagas de S. Francisco, não seja tão impudente.

Pois V. não se peja de estar na portaria com tamanho descaro?

As familias queixam-se de sua desenvoltura.

V. transpõe o espaço que medeia do convento á casa de sua apaixonada, por meio de acenos indecentes, de uma mimica crapulosa e revoltante, correspondendo se assim com ella cynicamente.

Ou pelo buraco da parede, ou pela portaria, é escandaloso o que V. faz.

Converte o burel em aljava de Cupido.

Não se farta com palavras; accompanha-as com gestos que exprimem desenfreada obscenidade.

Está porque lhe chamam Fr. *linha* nos *ares* no convento.

Para cumulo de escandalo, sua apaixonada apregoa que por lhe querer bem, da primeira syllaba de seu nome compoz o della accrescentando um—*s!*

Ora isso não presta, carissimo irmão seraphico.

Pergunta-se á administração da empreza do aceio da cidade, que razão ha para mandar lavar somente as boccas de lobo da rua do Bispo?

Será porque ellas estão perto da secretaria da policia?

(Continuação do n.º 598.)

—*Lucido*, como acabei de lhe referir, era homem inteiramente excentrico.

Um *pinto* que tinha, appelidava de *marquez*, ficando por saber-se si se referia a cognome de homem, ou si queria equiparar o seu bipede á altura de fidalguia, como prova de apreço.

—Isso faz parte da historia?

—Não, são pormenores a respeito do individuo.

—Então, dispenso; por que estou ancioso por ouvil a.

—*Lucido* era devorado por insaciavel sêde de amontoar dinheiro, e audacia não lhe faltava; porem era desses entes, cujas concepções, por mas attrevidas e bem combinadas, são presididas por aziaga estrella: e falhavam sempre. Seus planos eram pacientemente estudados, postos em acção com admiravel habilidade, corriam maravilhosamente seu curso, porem, no termo, esbarravam em algum obstaculo imprevisto e elle não conseguia colher o fructo de sua audaciosa empreza.

Por isso, andava sempre em criticas atrapalhações; apresentava-se agora commerciante, logista, o diabo; para mais logo quebrar.

Um dia, porém, sua estrella mostrou-se menos opaca no firmamento de suas alicantinas.

O fado o quiz proteger.

A barca *Annunciadeira*, carregava para o *Nicory*, cidade do Indostão.

Seu mestre, era um *sabido ferreiro* de nome *Spirito bento*, que por sabido largou o officio, para aventurar-se ás labutações do mar.

Lucido, que andava as cascas e compromettido, viu germinar-lhe no cerebro uma ideia; ideia tenebrosa, mas que lhe daria incalculaveis lucros si não gourasse.

Preparou um carregamento, metteu-o no seguro e embarcou na *Annunciadeira* com destino ao *Nicory*.

(*Continua.*)

Quem quer mamar.

Quem diz que não tem politica
E vae á egreja votar
P'ra *servir a algum amigo*;
E' mitrado, quer mamar.

Quem, de um dia para outro,
Sente a *ideia* variar,
Porque sempre melhor pensa,
E' mitrado, quer mamar.

Quem corteja ao rei e ao povo,
E ambos quer abraçar,
D'ambos dizendo-se amigo;
E' mitrado, quer mamar.

Quem de oito em oito dias,
Não deixa de commungar,
Nem perde missa aos domingos
E' mitrado, quer mamar.

Quem diz que tudo ignora,
E tudo vive a espiar,
Com ares de leva e traz;
E' mitrado, quer mamar.

Quem recusa grandes cargos,
Porque os não pode occupar,
Mas nelles mette um amigo;
E' mitrado, quer mamar.

Sujeito, que entra na egreja,
E depois de muito orar,
Oscula o cordão do frade;
E' mitrado, quer mamar.

. . . . . .

Quem diz que a mendicidade
Vae agora melhorar;
Quem tira o chapeu a todos,
E' mitrado, quer mamar.

Até eu, caros leitores,
Que apenas sei rabiscar,
Supponho que sou mitrado;
Pelo que, quero mamar.

—Capitão.

—Vem me massar?

—Não; quero que V. Ex. aprecie estes fragmentos de uma carta e depois lhe explicarei o resto.

.....

Ha dias que *elle*, sua comadre, e o infallivel adjunto, que por perder a esperança de gozar das graças da *amavel* comadre, resignou-se ao papel de medianeiro, reuniram-se em conselho, para reflectirem quem seria a pessoa que punha em relevo seus feitos desordenados.

Finalmente, cahiu o raio sobre uma pobre mulata velha, escrava da nossa comadre, a qual não foi surrada com receio de que poderia esta dizer a verdade, e então assentaram de a retirar para bem longe, onde ella não possa testemunhar as vergonhas feitas pelos nossos compadres e commadres.

Infeliz creatura que padece innocente; porem talvez seja mais feliz no seu novo captiveiro; pobre parda velha! A cada passo descomposta de nomes injuriosos, e a cada momento, como si fosse burra empacadeira, castigada de vergalho, acompanhando esta folia o predilecto compadre, homem sem pejo e ja bem conhecido pelos seus passeios na rua.....

Procuraram um celebre corrector de escravos e entregaram-lhe a misera innocente, com grandes recommendações para ser vendida para fora da terra e ainda mais com a recommendação de que em quanto não achar comprador não volte para casa.

O nosso compadre do commercio é um homem de trus! e por isso tem de deixar a nossa comadre com agoa no bico.

Ella é sempre a mesma mulher; sua porca lingoa profere as palavras mais indecorosas em vozes que só os surdos não ouvem.

De vergalho em punho é o verdugo dos escravos, fazendo coro o amavel compadre do commercio, frequentador assiduo da comadre seri-gaita.

E' muito feio o compadre do commercio fazer do caxeiro correio de Cupido, levando todo dia recados amorosos á comadre.

Este pobre moço ja vive desgostoso por se ter empregado como caxeiro e hoje ver-se feito mensageiro, cousa sabida por todos que apreciam os amores destes dous entes que não tem receio da sociedade que os vê, aprecia e julga.

.....

—Em quanto V. não me desfiar esta meada, eu fico em jejum sem saber o que ella significa.

—Isto é breve, capitão.

(*Continua.*)

O sujeito diz á *cuja*
Que a tomará por consorte;
Não embarga ser casado:
Pois a mulher'stá a morte.

A *cuja* pergunta a todos
Si a mulher stá bem mal;
Julga que morta, elle cumpre
A promessa nupcial.

Deseja-se saber do Illm. Sr. inspector d'alfandega, que motivos imperiosos actuaram em seu espirito para mandar dous conferentes a Caravellas assistir ao carregamento de azeite de peixe de uma galera ingleza, quando a praxe é ir somente um.

Certa tarde eu passeiando,
Um *petit-maître* encontrei,
E, não sendo por meu gosto,
O meu braço a elle dei.

Usava chapeu de pluma,
E nas calças dous listrões;
A meu ver, para lacaio,
Só lhe faltavam galões.

Certa menina da moda
N'uma janella nós vimos;
E a ella algumas phrases,
Ambos nós lhe dirigimos.

Para mim fez cara feia,
Para o outro se surriu;
Porque no rigor da moda
A menina não me viu.

Si é este o seculo das luzes,
Outro nome a elle dou;
Hoje so se ama roup as,
Como a menina mostrou.

Não digo que sou bonito,
Mas o outro nunca o foi;
Menina, bem enfeitado,
Creio, amarias um boi.

—Labrego, qual é teu meio de vida?

—O meu officio.

—Qual é elle?

—O mesmo que usam os sentenciados nas grades da cadeia.

—Ah, fazes *pentes?*

—Pentes, justamente.

—Sem duvida aprendestes nos ergastulos do Limoeiro, de onde te escapastes para vir augmentar o infinito numero de tratantes e ladrões de Latronopolis.

—Eu vim a esta terra por passeio; circumstancias imprevistas me obrigaram a nella permanecer.

—Com essa respostava contava eu.

Entretanto vejamos, meu illustre viajante

de porão, o inventario com que aqui saltaste.

Uma caixa de pinho,

Duas calças de ganga azul.

Uma jaquetilha de ditto, com quarenta botões,

Duas camisas de serigueira,

Uma carapuça de lan,

Dous pares de meias de linho, muito grossas,

Um par de sapatos grossos (de carroceiro),

Um flandres com assucar mascavado,

Uma colher de chifre,

Um chapeu de Braga,

Uma tigella de barro crú,

Duas libras de broa de milho,

Dous bentinhos,

Duas contas de rezar,

Uma libra de nozes,

Um par de alforjas.

Torna-se occioso esquadrinhar os primeiros passos de tua vida incerta nesta terra das patacas. Basta que te alcancemos no ponto de partida de tua improvisada riqueza.

Um dia, então simples gallego, estavas assentado em tua pequena caixa de pinho, a mala indispensavel dos judeus errantes da fortuna; a fronte gordurosa e reluzente sumia-se-te por entre as mãos calosas, assim como os pés *acholesados* desappareciam nas profundezas de dous tamancos monstruosos.

Pensavas em descobrir um meio de adquirir ouro facilmente; pensavas nesse idolo amarello, pelo qual renegaste patria e familia.

Alguma cousa passou-te rapida pelos pés, que dormiam em lodo, em quanto a cabeça pensava em ouro que tambem é outro lodo.

Estremecestes e te levantastes: um rato enorme arrastava uma chouriça.

«Por fim descobri! exclamaste, apoiando-te nos tamancos, descobri!

«O rato precisa de chouriça para viver. O homem precisa de ouro para gozar. Mas a chouriça não procura o rato; logo, o rato deve procurar a chouriça. Ora, si o ouro não procura o homem, o homem deve procurar o ouro: logo, assim como o rato achou a chouriça, o homem achará o ouro.»

Foi esse portentoso raciocinio a primeira explosão de teu espirito aventureiro.

A datar dahi, foi que teu genio incansavel não trepidou em pôr em pratica qualquer meio para fazer dinheiro.

.....

Corramos um veu e vamos encontrar-te nessa loja que hoje possues.

Em quanto affectavas um negocio decente, outro occulto te dava maiores lucros.

O escravo que roubava um garfo, uma colher de prata, ou outro objecto a seu senhor; o gatuno que surripiava cousas de valor; alguns necessitados que queriam empenhar relogios, correntes, brincos, pulseiras de ouro; vinham a ti, que compravas esses objectos por infimo preço, ou davas quantias insignificantes pelos penhores para lhe pagarem o dobro ou o triplo, e como no praso estipulado os donos não podiam resgatal-os, ficavas com elles.

Deste modo, foste ajuntando dinheiro e neste commercio de usura é que ajuntaste dinheiro e prosperastes.

Muxingueiro, estou fatigado; leva este lapuz a uma *praça* publica, amarra-o a um *tamarindeiro*, para que fique exposto ás vistas publicas, até que eu t'o mande buscar.

— Capitão, não me martirise.

—Serás castigado até *suares* gottas de sangue, bruto.

(*Continua*).

Sr. redactor.—Quasi sempre, quando os factos não são narrados com imparcial exactidão, deixam recahir o lado odioso sobre aquelles que menos o merecem.

Dizendo V. que o Sr. Guimarães mettera o chicote em um homem livre, esqueceu-se de narrar os episodios que antecederam a esse desagradavel conflicto.

O Sr. Guimarães acompanhava sua senhora e uma filinha, e parando para fallar com alguem, adiantaram se estas.

Tres individuos, desses de que ha tantos em nossa terra, dirigiram á respeitavel senhora palavras grosseiras e insultuosas, chegaram mesmo a ultrajal-a, a ponto de dous inglezes, que passavam, indignaram-se contra tão desavergonhada ousadia. Ouvindo o Sr. Guimarães dos inglezes que uma senhora estava sendo ultrajada por tres reus de policia, correu e foi encontral-os ainda na torpe acção.

Ponha-se qualquer cidadão honesto no logar do Sr. Guimarães e julgue.

Foi como se deu o facto.

Basta notar que um homem, que sahe com sua familia, não vai com intenção de brigar.

Não havia patrulha, e sim um guarda policial no logar.

Queira V. publicar estas linhas, como rectificação.

Uma testemunha.

N'uma rua, que tem *dom*, existe uma certa nympha, collocada em uma *veiga*, que deita para um *santo armario*, a qual, por ter *amor* a sua prima, renunciou a se casar para não separar-se della.

Mas a rua não tem *José*.

Movimento do porto.

ENTRADA.

Canal do *Cabral*—em diversas noites, pataxo *Antonio Pequeno;* mestre *Bastos*, carga *chapellaria*, um jumento petiço, namoros encadernados, promessas de casamentos, entrevistas, etc.

VARIEDADES.

Curiosidades grammaticaes.

Parte official do inspector do quarteirão dos Viados do districto da villa do Porto da Folha.

Illm. Sr.

Hontem, vinte seis do corrente mez as quatro horas da tarde, achou-se, em tal lugar entre folha miuda iomundo novo, o Falicido Premetivo Com uma facada, Pello o indivdio Liberatto, Francisco da Costa, Côr morena, que He Natural deste Termo Morador No citio da Copira, Com a Profiszão de q' p, ou que nada q' declarar perpetrar tal Crime de Corrido e forão testemunhas José Izidorio de Souza, Antonio Silvestre da Silva, Manoel Izidorio Ramos, Joaquim Antonio Dias, Francisco de Achis Ferreira Liandro Joze Filipe tantos Quantos anatureza do Crime exigir e hoverem.

Deus Guarde a V. S. muitos annos. 26 de Julho de 69.

O Jllm. Snr. Sobdelegad do trapu João Luis dos Santos.

Martins Joze Rodrigues.

O Jnspector do Quarteirão Viados.

Carta official.

Illm. Snr. Delegado Binidicto Suares Frêitas Mellos.

Lagôa Grande 31 de Julho de 1869.

Estimarei que esta vá achar V. S. e a toda Exma. familia na posse de hua perfeita—Saude.

O partador desta he o Sr. Manoel Joaquim di Santa Anna o qual vae a casa de VS a queixar-se a respeito de hua disgraça que susedêo em hum genro o qual velho he muito verdadêiro e Capaz: o que elle disser tudo prova. pois tendo outros em putado que o genro d'elle tinha pegado hum Cavallo de tal liberato o qual na auzencia tratava mal do ditto. e no dia 26 deste corrente se incontrarão sucedeo que o snr. Liberato dera húa facada no finado Primitivo em sima do pêito derêito que no mesmo dia deo Alma a Deus e por isso espero que VS obre de Justiça como VS Custuma pois o ditto merece Justicia que o procidemento delle Já do tras não tem sido bom que Já tem athe quirido esforçar mulheres casadas, e ditirmine como intender Com istima Sou

DE VS Am.º
Attt.º V.ºr obr.º
Pedro Francisco Jatobá.

Epigramma.

AO REVERENDO NARIZ DE CERTO REVERENDISSIMO.

Inda mais terror causara
— *Do monstro enorme*—á carêta
Si a natureza pozesse
O seu nariz no—*cumeta*.

Enigma.

E' mais ligeiro que o gato,
E' nascido no Brasil,
E' bicho de mais ardil,
Que habita o centro do matto,
De pau a pau vai a salto,
Em seus ramos se pendura,
Nelles quebra a fructa dura
Sem receio de cahir,
Si das mãos escapulir,
De prompto a cauda o segura.

ANNUNCIOS.

José Pereira de Fonseca, pede ao Sr. João de Souza Salgueiro, que se dirija ao Caes do Moreira a deslindar um negocio com o annunciante.

Manuel Friandes, mestre de obras de pedreiro, declara a seus freguezes e amigos que está morando no becco das Hostias, 190, onde pode ser procurado para qualquer trabalho de sua profissão.

Abre-se hoje o **Café do Club**, confronte ao theatro, seu proprietario não poupou esforços para apresentar ao *comité* da rapazeada bahiana, de quem espera codjuvação e bom acolhimento.

COLLEGIO ONZE DE JUNHO.

Este Collegio, fundado a 11 de junho de 1868, á rua das Larangeiras, sob a direcção de Fortunato A. de Freitas, professor da lingua franceza e de escripturação mercantil, licenciado pelo conselho superior de instrucção publica,—abriu no dia 7 do corrente as aulas de primeiras letras, latim, francez e escripturação mercantil.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1876.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 61.ª SABBADO 26 DE JANEIRO N. 602.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.
ASSIGNATURAS:—1$ rs por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de janeiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, pedindo-lhe, já que o fiscal da freguezia não vê, providencia para que cesse o indecente spectaculo de irem africanos banhar-se nús na fontinha á ladeira do Pilar, sem nenhum respeito ás familias cujas moradas dão para aquelle logar. O que espera-se.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé; pedindo-lhe que seja admoestada uma mulher appellidada *Maxambomba,* moradora na rua das Campellas afim de que modifique o habito que tem de castigar rigorosamente uma filhinha, pelo que é o publico encommodado tanto com o choro da menina como com a demasia das pancadas. Espera-se.

—Ao Illm. Sr. commandante do corpo de policia, fazendo-lhe ver que os soldados tambem fazem parte da classe necessitada; entretanto, consta que as praças destacadas no Inhambupe são obrigadas a rebater o soldo recebendo 8$ rs. por 10$ rs., o que é uma usura diabolica, tornando-se mais odiosa, por ser arrancada contra a vontade. Espera-se que S. S. syndique isso e providencie.

—Misera sorte do captivo!

Esbulhado dos direitos, que aos demais individuos confere a sociedade, onde é apenas uma excrescencia, o escravo, em casa de seu senhor, deixa de ser pessoa para ser cousa; perde os foros de homem para converter-se em besta de carga.

—Em troca de todos os direitos que a sociedade não lhe concede, apenas lhe dão, não o direito, mas a licença de queixar-se em certos e determinados casos.

—Nem isso.

Odesgraçado opprimido, que se abalança a implorar a protecção da lei contra a tyrannia que soffre, não faz mais do que assanhar a fereza de seus algozes.

—Eu entendo que o direito dos senhores tem um limite, como todas as cousas humanas

—Quer ouvir uma que se deu?

—Quero.

—Uma escrava da viuva Zagury appareceu na policia, queixando-se da deshumanidade com que sua senhora a tratava.

—Ja se fallou nisso ha tempos; dizem que é bem cruel.

—A honestissima viuva, por meio de *seu advogado*, apresentou se na repartição e queria ainda que a escrava fosse castigada na Correcção.

—Mas, o chefe consentiu?

—Não; antes aconselhou que minorassem os soffrimentos da infeliz.

—Obrou como bom christão e *etc cætera.*

. . . . . .

—Os moradores do Tira-chapeu e rua d'Ajuda andam assombrados.

—Porque?

—Alta noite são despertados pelo som de uma corrente que se arrasta, ouvem gemidos abafados, o soluçar entre-cortado de quem soffre; supplicas, o debater de um corpo, o tetrico estalido de lacerante latego.

—Será mal-assombrado?

—Eu sei.

. . . . . .

—Sabe o que fazem as irmans de charidade?

—Não.

—Na tina em que lavam os pratos dos doentes, lavam tambem os cuspidores.

—Que porcaria!

—Um doente reclamou e ellas disseram que agoa lava tudo.

—Menos a maldade de certa gente.

—Entretanto, quem julgar pelo aceio do taboado, ha de dizer que são muito limpas.

—Cousas para inglez ver.

Por fora babadaria,
Por dentro molan bo só.

—No dia 21, foi assassinado com um tiro no sitio dos Dendezeiros, adiante das Campinas, um rapaz de 18 annos, de nome Odilio.

—Que horror!

—O que é?

—Um escravo do Both, ferreiro, estuprou, na ladeira da Gamelleira, becco das Escadinhas, freguezia de S. Pedro, ha dias, uma creoulinha menor de 8 annos, filha de sua propria amasia!

Consta-me que isto está em mortorio, apezar de vontade contraria do chefe de policia, porque o subdelegado de S. Pedro é amigo intimo do tal Both.

—Quem tem padrinho não morre pagão!

—Isto é intoleravel!

—E' verdade; todas as noites vem esta preta com seu *tigre* despejal-o na bocca de lobo, ali do fundo do theatro, rescendendo uma fedentina insuportavel.

—Mas si não ha quem importe-se com essas cousas, que se ha de fazer?

—E isto não deve ser muito hygienico.

—A tal preta é de um sobrado aqui da visinhança.

—De qual?

—D'aquelle, n. 89.

—Foi cassada ao Monte-Socorro a authorisação para dar dinheiro a premio.

—Dizem que levava juros exorbitantes.

—Não duvido; mas ha outros que usurpam mais.

—E nas barbas do governo.

—Dentro das repartições.

—E não são enxotados dahi!

—Até um intimo do presidente.

—Outros transigem nos quarteis a vinte por cento.

—E não ha classe que seja mais necessitada que a do soldado.

—Ora viva! Não entendo justiça que não é feita com egualdade.

—Segunda feira a noite, houve um grave conflicto entre os invallidos da patria e a policia; ja soube?

—Ouvi fallar.

—A causa foi andarem dous invalidos ebrios provocando questões e ultrajando até senhoras que se achavam nas janellas na rua das Mercez.

Presos, e entregues á patrulha, quatro companheiros armados de facas tomaram-os do poder da policia, na Piedade.

O subdelegado appareceu e com algumas pessoas do povo foi no encalce dos turbulentos. A esse tempo surgiu pelas Mercez um grupo de mais de trinta delles armados de faca e cacete, os quaes se oppozeram á prisão dos companheiros.

De todos os lados surgiam invallidos como formiga! Tendo por fim sido preso um: os demais pretenderam atacar o quartel de policia, o que não realisaram em respeito ao general cujo quartel é defronte, indo com tudo até a Lapa.

O sarcoiro começou ás 9 horas e acabou a uma.

—Capitão, tenho um caso bem engraçado.

—Vamos com elle.

—Na limpeza da cidade, havia, ha vinte dias, um carroceiro portuguez de nome José Martins, que varria no Cabeça.

Uma madrugada estava em seu trabalho, quando appareceu-lhe certo empregado publico, notavel por sua dedicação a *uva* e dous estrangeiros mais, todos *cheios* como um ôvo.

Foram tirar palha com o carroceiro, o qual, não sendo de graças, poz os estrangeiros em fuga por meio de sua pa e ao empregado publico carregou como uma criança e deitou no carro como si fosse um cesto de lixo.

O homem estava tão toldado que adormeceu n'aquella montureira, como si festivesse em sua cama.

—Fez uma obra de charidade.

—Quando o homem accordou, era dia alto; depois de seis horas; e no macio leito de cisco tinha transitado pelo Cabeça, Sodré etc., etc.

—Assim mesmo foi preciso levar uma dose de limão pela bocca.

—Melhor seria que o carroceiro levasse até o deposito na roça do padre Pereira para vir de la cheio de *barro*.

—O empregado, por ser *bem aparentado*, exigiu a demissão do carroceiro, mas este por segurança julgou que era prudente ausentar-se por si mesmo da cocheira.

—Não serviu de nada a policia lotar os *bonds* da Companhia de Vehiculos.

—Ja V. vem com suas censuras.

—Mas são censuras bem cabidas.

—Vejamos.

—Um *bond* lotado para trinta e duas pessoas, veio, no domingo depois do fogo, com trinta e sete.

—V. é palmatoria do mundo? Deixe as cousas correr como vão.

—Mas é um escandalo!

Um moço pagou 1$ rs., por se achar incommodado, e veio sentado na escadinha do *bond*.

A companhia annunciou conducção depois do fogo, o fogo tocou-se as 10 horas, e só houve condução as 11 horas e meia.

—Porem que quer V.ll são tres directores e todos tres a mandar, ha de por força acontecer d'isso!

—Tem razão; panella que muitos mechem, ou sahe ensosso ou salgada!

—Ainda não vi mais immoralidade do que no domingo na botada do pau de S. Gonçalo!

—As moças que sahiram na procissão soffreram beliscadas e apalpadellas dos capadocios que se reuniram em roda!

—Nesta terra, meu amigo, tudo é assim debaixo de immoralidade e orgia.

—Neste caso...

—... é deixar as cousas seguirem debaixo mesmo da immoralidade e da devassidão pois aqui nesta terra o ser immoral e devasso é fausto.

A PEDIDO

—Não sei como se pode viver nesta terra; ha tanta cousa que se falla que não é verdadeira.

—Pois V. ainda ignorava isto?

—Pois não tiveram o attrevimento de fallarem de um cunhado, que aproveitou-se desse parentesco para pôl-a de pança cheia?

—E até disseram cousas que não se podiam ouvir.

—Passando eu por Itapagipe vi que tudo era falso, e até a Calu incommodou-se a ponto de fallar desabridamente contra aquelle procedimento, o que louvei bastante.

—Mas ella está em contradicção; já ouvi por bocca della fallar, que se vangloriava de estar sahindo certo, que embora as cunhadas fossem casadas tinha de vel-as no estado em que ella se acha.

—Não sei em quem acredite; mas vamos adiante.

—Esta gente, meu capitão, tem faro de cão perdigueiro, e para melhor dizer, é mulher e basta.

—Si já sabe disto para que vem aqui?

—Sr. capitão, da licença?

—Pois não, meu amigo.

—Andava sequioso para fallar-lhe. Quero pedir-lhe um favor.

—Aqui estou, pode dizer.

—Venho pedir-lhe para mandar o muxingueiro ao becco *d'agua com mel*, na loja dos defuntos, para tomar contas a certo negociante estourado; visto como estou disposto a ventilar todas as suas bandalheiras passadas e presentes, não omittindo mesmo o seu infame procedimento para com a propria familia, na rua que não é *calçada*, onde é bom conhecido; e ninguem ignora uma famosa ladroeira feita por um contra-parente seu de cumplicidade com elle, a qual foi guardada em sua casa.

—Mas para que quer Vm. saber de tudo isso?

—Para desmascarar a fofice desse biltre.

—Sua alma, sua palma.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Tu conheces o negociante dos defuntos?

—Olé, meu capitão, muito e muito. Ando com muita sêde nesse meliante. Ha algama encommenda para elle?

—Vae ao becco *d'agua com mel*, senta-te debaixo daquelle pé de *carvalho* e espera pelo tratante; quando elle chegar, tomar-lhe-has explicação a respeito de tudo quanto ouviste aqui do Sr.

—E de vez em quando posso ir logo mettendo-o em *partitura* de taca?

—Por ora não; salvo si se obstinar.

—E previna-lhe mais, Sr. muxingeiro, que elle ja acabou de negociar com os santos onde fez proesas de gadanho, as quaes todas serão postas em pratos limpos, e agora só negocia com defuntos, signal de que tambem está morto.

Que ha factos tão estupendos na sua vida devassa e corrupta que o publico ha de estremecer de pejo e horror, quando ouvir a narração delles.

(*Continua.*)

—Capitão, conhece o fiscal Pestana?

—Conheço.

—Porem isso não é motivo para que eu deixe de lhe dar parte de uma violencia que praticou.

—Até mesmo porque eu desejo ouvir.

—No dia 22, encontrando na barraca da africana Felicidade Garcia Rosa, na praça do mercado, umas melancias debaixo do toldo da barraca, muletou-a. A africana fez-lhe ver que pagaria a muleta, sem objecção, si elle impozesse egual pena ás outras ganhadeiras, que como ella, tinham melancias da mesma forma.

O fiscal trocando seu papel de discreto agente municipal, pelo de loquaz arrieiro, rompeu em uma chuva de insultuosos termos e por fim espancou a ganhadeira!

—Essa está muito crua; eu não creio que por uma simples observação se espanque ninguem.

—Pois foi; porem ainda dado mesmo que a

africana o offendesse em seu caracter fiscal, tinha elle o direito de dar bordoadas?

—Está claro que não; testemunhasse o désse queixa.

—Mas elle entendeu que, espancando uma mulher livre, zelava muito bem os interesses da municipalidade.

—Desculpe, homem; ha fiscaes que pela estreita intimidade que tem com os taverneiros, ás vezes andam com as cabeças desgovernadas... é verdade que o Pestana *não toma nada*.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia e da sociedade libertadora Sete de Setembro para ☞ o celeberrimo sujeito ☜ que trouxe do Inhambupe, para vender nesta cidade, a dous libertos menores, Maria e Justino, os quaes são nascidos de ventre livre, por ter sua mãe, de nome Maria, carta de liberdade passada em notas, com condições, como poderá ver-se no cartorio do tabellião Elesbão José de Avelar.

Espera-se que S. S. condoa se daquelles infelizes, prestes a serem privados de sua liberdade.

Os indignados.

—Capitão, tome esta.....

—Varro!

—..... noticia.

—Siga o carro.

—O Xixi ou Zé-pequeno tem fronteiro a sua casa uma familia com quem se deu e com que está presentemente desbavido, por não ter querido pagar o que deve ao chefe d'ella; e por isso, ainda em cima, para offendel-a, põe-se na janella de maneira indecente e outras cousas semelhantes.

Vezes ha que esse devasso veste uma anagua da amasia, que mora com elle mesmo em casa da familia, e assim põe-se á janella, tornando-se-lhe mais facil mostrar as moças, segundo diz elle, aquillo que ha de melhor no homem!

—Que safado! que immoral!

—Consta-me que o chefe remetteu hontem o *Alabama* ao subdelegado para informar sobre o que diz o mesmo periodico a respeito de um horroroso crime praticado pelo biltresinho.

—Assim mesmo o chefe cuidou nisto muito cedo, dando-lhe somente tempo de fazer desapparecer os vestigios do crime.

—E é tudo assim nesta terra!

—Xinhá capitão, eu vae dá uma notiça a vossuncê.

Nesse rua que se rapa cara, nim casa de home que faze quatinheiro dorado, e parece que nesse casa tambem tem crafaiate; xinhá capitão.

—Dize lá o que queres, rapaz.

—Nesse casa, xinhá capitão, tem dua mocinha que chama nim casa xinhá pequena e xinhá gôdo; esse xinhá gôdo Lon tá denreto, proque tem namoração com anani turo; anani pula muro de quintá e vae cumvreçá cum ella, e faze muito desaforamento cum ella.

—Como sabes disto?

—Xinhá capitão, eu sabe disso proque mãe della sevre de cruvitêro; pae della já tá maluco, falla de chafarizo, nan qué bebê aua delle: xinhá gôdo vê esse tudo faze que qué.

—Porem rapaz, tu não sabes que fallando assim pode te custar caro?

—Mae, xinhá capitão, eu nan pode mae vê esse coiza, esse desaforamento, anani moço que chama xinhá Piroca, e anani moço que chama xinhá Xico, cumvreça muito nesse casa, e anani xinhá Piroca pula muro pra cumvreçá cum ella e tá nim quintá cum ella; xinhá capitão, faze muito desaforamento cum ella, eu já nan pode mae vê esse coisa. Si mãe della é cruvitêro, pae della tá maluco. Eu só falla, xinhá capitão, é pra vê si esse gente toma vregoaha, proque mãe della é muito atôa, falla muito da vida areia, levanta farso, ella parece que são parenteiro de cigano, proque não oia pra rabo de elle.

—O que queres mais, filho?

—Mae um coisa, xinhá capitão, esse crafaiate que chama xinhá Aritide é muito veiaco, pregou calote em um casa que vende fêrinhe, atraz de greja de Sam Pedro véio, e nan qué pagá a home, home já quebrou; e si elle nan qué pagá, xinhá capitão, é proque é munto veiaco. Xinhá capitão, eu vae mim bora, si elle continuá eu vem dizê.

Adeu, xinhá capitão.

—Adeus, rapaz, toma sentido.

—Sim sinhô, eu já sabe, mae esse crafaiate nam preça...

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo, convido os Srs. socios a se reunirem em assembléa-geral, na tarde de quinta-feira pelas 7 da noite, para a posse dos novos funccionarios e discussão do relatorio do anno findo. Bahia 23 de janeiro de 1870.—*J. E. de Araujo*, 1.º secretario.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 61.ª SABBADO 29 DE JANEIRO N. 603—604.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.
ASSIGNATURAS:—1$ rs por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de janeiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um rapazinho de nome Carlos, perfeito peralvilho, sem officio nem beneficio, o qual, ora em uma venda ao Terreiro, ora em uma loja de sapatos, na rua do Collegio, gasta o tempo em perseguir os mendigos, provocar e insultar a quem passa Com tão bom principio, esse neophyto da ociosidade, sem occupação honesta, pode vir a tornar-se assaz prejudicial á sociedade; razão porque pede-se a S. S. se digne de mandar-lhe dar destino conveniente.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Santo Antonio, chamando sua attenção para uma sucia de moleques e capadocios que se reunem todas as noites na fonte de Santo Antonio a provocar a quem passa com palavras e gestos offensivos á moral publica, a darem com os carregos das pretas, que por alli transitam, no chão, e outras bandalheiras. Pede-se a S. S. um correctivo para esses insolentes, perturbadores do socego publico.

—Quanto povo vem subindo a ladeira de S. Francisco!

—Rodeiam uma cadeira.

—Agora é que assumptei; vem dentro uma moça que se estorce e solta gritos agudos e pungentes.

—Será douda?

—Vamos ver.

—E' uma creança; pode ter 16 annos.

—Coitada! na flor da vida e ja soffrendo tanto!

—Desce o Sr. major Marinho, commandante da policia, e pára defronte.

—Ouçamos o que diz lhe aquella mulher de capona, que segura uma das cortinas da cadeira:

«—Está vendo, Sr., é obra do alferes Portella.»

—Mas o que terá o alferes Portella com tudo isso?

—Será alguma moça que elle seduziu e enganou?

—Qual; o alferes Portella não tem comportamento tão torpe.

—Alli dizem que é uma moça que foi illudida com promessas no Inhambupe, trazida para aqui e abandonada pelo seductor, logo que conheceu que estava gravida!

—Que almas de demonio são a desses perversores da honra virginal!

—Porem si fosse o alferes....

—Não creia.

—Mesmo para não se dizer que os officiaes de policia, em grande parte, quando sahem para fora, empregam se em seduzir jovens, trazel-as para cidade e abandonal as, como se diz de alguns.

—E que são mais bravos na conquista da honra, do que na pericia militar.

—Eu entendo que por credito da moralidade do alferes Portella, e á vista do que publicamente disse aquella mulher, seria bom que este caso ficasse bem elucidado.

—Para onde levam agora a pobre desditosa?

—Para o hospital.

....

—Mas aquella casa por ser de Misericordia não recebe mais doudos, e eil-a que volta recambiada.

—O aformoseamento desta cidade, são as boccas de lobo.

Em cada canto uma vertente de sujidade!

—E a camara tapa o nariz e vai andando; os fiscaes com o aroma que lhes vem das tavernas não sentem!

—Na ladeira da Praça esquina da rua das Veronicas, está se formando uma lagoa de excrescencia.

—Ahi é o cano que está brocado.

—Atraz da Sé, quem passa demanhan, acode-lhe nauseas á bocca.

No canto do theatro, si houvesse uma com-

panhia excrementicia tiraria grandes lucros.

Na rua do Collegio os moradores respiram um ambiente impregnado de miasmas, consequencia das materias que deitam a noite os moradores da redondeza.

—São tão porcos que deixam os penicos.

—No becco do Viva Jesus é um acabar de miserias.

No Maciel de baixo, ladeira da Barroquinha, dita de Santa Thereza, Atraz da Cadeia e outras, são outros tantos focos de immundice que só servem para attestar a incuria que lavra entre nós.

—E o estrangeiro benze-se de ver tanta porcaria, tanto deleixo!

—Esta guerra do Paraguay foi um flagello horrivel.

—A guerra é a terra orvalhada de sangue humano; é o pão tirado da bocca do povo; é o imposto augmentado e o trabalho diminuido; são os encargos impostos as gerações futuras; é a desmoralisação sem freio; é a desolação das familias, é o desencadeiamento das paixões; disse Gladstone assistindo a inauguração da estatua de sir Robert Peel, em Manchster.

—As viuvas dos que morreram no Paraguay, andam na miseria luctando com a fome.

Muitas filhas desses bravos ahi estão prostituidas, porque os abutres da sociedade aproveitaram-se de sua desgraça, para transigir em nome da fome com a honra dellas.

Outras estendem a mão a charidade publica.

Outras padecem mil torturas e privações, porque o pejo lhes enrubece as faces, quando se lembram de pedir uma charidade.

—Pedir esmola é uma humilhação.

Mas porque não recorrem ao governo?

Não prometteu elle tanta cousa?

Não tem obrigação de cumprir?

—Nem que V. não soubesse as cousas desta terra!

De que serve requerer ao governo, si elle é um esquecido que so-lembra-se dos seus?

Uma viuva pobre, recorre ao governo, expõe o seu estado; para isso faz mil sacrificios, as vezes é uma senhora que não sahe á rua; pede a um, pede a outro; empenha o unico objecto de valor que seu marido deixou e depois de tantos embaraços, segue seu requerimento para o Rio, para ir dormir na pasta dos ministros.

—Quantos desses requerimentos nem o ministro abrirá.

—Eu conheço viuvas que requereram a nove, dez mezes, um anno, e até hoje nem resposta!

—E' duro! Parece até escarnecer da infelicidade.

—E ellas, coitadas! vão curtindo pungentes dissabores e afflictivas magoas, sem amparo!

—Capitão, os animaes adquiriram o uso da falla?

—Não seja bobo.

—Pois o Sr. Paranhos tem uma burra que não só é fina chupista, como tem o previlegio de subir em palacio, para fallar ao presidente.

—Não diga asneiras, rapaz, o presidente falla a burros?

—O Sr. Paranhos é quem diz em uns versos que fez para a noite de Rei:

« Minha burra bebe vinho
« Tambem bebe agoardente,
« Tambem sobe em palacio
« E *falla* ao presidente.
« Ora venha
« Si tem de vir,
« Macaco torrado
« Cheira *mendubi*.

—Pelo que vejo, essa besta do Sr. Paranhos é um prodigio!

—E elle dá para tudo... até para poeta!

—Vê que selvageria?

—Aqui no meio da rua; atraz dos quarteis.

—Sargentos do 3.º e 4.º batalhões da guarda nacional formam um quadrado, mettem dous tambores no centro a se estrafegarem como dous animaes.

—E não consentem a ninguem que os desaparte.

—Ora isso não é de homens.

—As irmans de charidade estão surdamente realisando uma obra de perversa deshumanidade e iniqua malvadez.

E' a calculada expulsão dos doudos do hospital da Santa Casa.

Para não dar na vista, vão um dia por outro atirando com um desses infelizes, á rua, de sorte que em breve o hospital ficará vasio.

—Dizem que é em despeito ao presidente por causa da questão da casa da Boa-Vista.

Dizem mais que obram authorisadas por instrucções secretas que receberam.

—Mas onde está a energia do Sr. barão de S. Lourenço que não toma uma medida suprema em favor dessa parte da humanidade soffredora? Si ha excesso desculpavel na authoridade, é n'um caso como este. Para que

ha de estar a tolerar essas piquetas de que se fazem instrumento essas mulheres?

Indague S. Ex. o numero de doudos que vagam pelas ruas, sahidos do hospital.

—Infelizes doudos! são os que pagam os arrufos.

—S. Ex., homem decidido, que desafia o botequineiro do passeio para a arena, e quer que a luta si ha de ser amanhan, seja hoje, deve oppor uma barreira, a esse acintoso proceder das irmans de charidade que tão faltas de charidade se mostram com os doudos.

—No quartel da policia sempre está se dando cousas.

—E louzas.

—Dizem que o tenente Barboza, quarta feira, praticou um acto bem mau.

—Sempre o tenente Barboza envolvido nestas alhadas!

—Estavam na eschola de recrutas; um soldado errou o passo; o tenente pisou-lhe o pé com os botins com tanta força que espirrou sangue dos cantos das unhas.

—Si fez isso, teve um proceder inqualificavel! Anio al é que dá patadas.

—Dizem que o tenente Barboza já é habituado a maltratar os soldados com soccos e bofetões.

—Mas é para ir de encontro aos excessos de seu genio irascivel que ha um commandanto no corpo.

—Na quinta feira, na occasião em que tocava a recolher, houve um sarceiro na praça de Palacio.

—A origem d'isso?

—Foi ter um moleque de nome Horacio convidado um rapaz para uma acção indecente.

O rapaz a este convite, deu-lhe uma bofetada.

—Bem feito!

—O povo ajuntou-se em roda delles; porem a musica debandou tudo. porque ao retirar-se passou pelo meio do grupo!

—Felizmente desta vez tivemos a musica para accommodar as cousas.

—Para executar a lei ha contemplações?

—Não.

—E como é que o fiscal geral entra em uma venda encontra pão roubado no peso e não multa porque o taverneiro lhe diz que esse pão é da padaria do subdelegado?

—Em que logar foi isso?

—Na freguezia de Sant'Anna.

—Tem certeza?

—De sobra. Foi até na rua do Genipapeiro.

—Mas qual é a padaria?

—A do finado Martins Torres, no Jogo do Carneiro.

—E' que o fiscal geral quiz ser condescendente com o Sr. Lino.

—Teve logar ante-hontem o acto da posse dos novos funccionarios do Monte-Pio dos Artifices, que teem de administrar os interesses sociaes da mesma, no presente anno de 1870, ficando assim composto o conselho:

Aristides Ricardo de Sant'Anna, presidente.

Leopoldo Ribeiro de Castro, vice-presidente.

Joaquim Cassiano Hyppolito, 1.° secretario.

João Evangelista d'Araujo, 2.° secretario.

José Duarte dos Santos Bahia, thesoureiro.

Eustaquio Fernandes Vieira Guimarães, recebedor.

Manuel José da Silva, archivista.

Candido Alves de Souza, visitador.

Joaquim de Carvalho Lima, idem.

A PEDIDO

—Antigamente os bailes pastoris eram um divertimento innocente; hoje não; são um auxiliar de seducção.

—E' verdade; eu ja fui apologista delles; mas agora ha muita patifaria.

—Sabbado p. p. fui ao que se faz no theatro e vim enjoadissimo...

Vi um passo da mais subida depravação.

—Namoro escandaloso?

—Mais do que isso.

Passeiando para me distrahir, fui surprehender em um corredor deserto, dous meliantes no entremez mais ridiculo.,.

Um sujeito e uma moça aos abraços...

Quando deram comigo nem poderam disfarçar, tão atarantados ficaram.

—Que cachorrada!

—E si fosse aquella torpe acção praticada por um bigorrilha, vá; mas por um *capitão*!

—Quem é elle?

—V. é *policia*?

O homem tem consciencia de que eu sai quem vi, e não quero intrigas comigo.

—Por isso nos *mattos* aonde eu moro não ha destas patifarias; quem gosta d'uma moça vae pedir ao pae para casar.

—Capitão?

—Ja me vem encommodar?

—Um empregado publico pode faltar a seu emprego, por negocio proprio?

—Não.

—Pois eu conheço um que pintou um sobrado seu de dous andares e sotão.

—Elle mesmo?

—E' verdade.

—De noite, e indo um dia sim, e outro dia não á repartição.

—Este é sumitico como carne de cabra!

—Era uma scena grotesca vel-o de noite nú da cintura para cima, de brocha na mão, trepado n'uma escada, pincelando as paredes e a mulher de candeia alluminando.

—No aproveitar é que vae o ganho; assim não faltasse a seus deveres.

—Mas n'um homem, que tem trez ou quatro propriedades grandes, é miseria.

—Onde é empregado?

—Eu vou á rua das Campellas e quando voltar lhe direi não só a repartição, como a mesa em que escreve.

—Depressa, que quero *ver isso*.

—Que mulher tàrasca!

—Por ser comadre de frade, julga que pode insultar a todos.

—Eu não sei si elle quando lhe dá o cordão a beijar, lhe aconselha tão despropositada norma de proceder.

—Uma furia destas só morando n'uma rua retirada. O becco das Hostias, por exemplo.

—La tambem ha familias que se verão atanasadas.

—Então que correctivo ha de se dar a *confessada* do reverendo *frei*...

—Só pedindo-se ao Santo que *prende o diabo* que a tome a seu cuidado.

—Ah, malicioso, eu bem entendo o que quer V. dizer com isso.

No *Alabama* de 22 do corrente, vestranhou se ao Sr. inspector d'alfandega mandar dous conferentes á Caravellas assistir o carregamento de azeite de peixe d'uma galera ingleza, quando a praxe é ir somente um.»

Si o referido Sr. inspector, soubesse das caravanas exercidas na praxe dos portos do sul da provincia, para o azeite, de que se trata, mandaria quatro conferentes, e para embarques de madeiras, mandaria o duplo, por causa de duvidas com a matilha dos gajãos, que neste monopolio querem ter o exclusivo.

—Capitão, eu conheço um *capitão* perdido por fructa prohibida.

—O diabo que lhe entenda.

—Um sujeito que gosta de babujar no prato que outro come.

—Peior está essa!

Começa por fructa e muda para prato.

—Capitão, o sujeito não é lá gavião que ande a pegar rolinhas; assemelha-se mais a uma astuta rapoza, que gosta de visitar os gallinheiros, quando o dono está ausente,

—Não me quebre a cabeça com tão inconcebivel mixordia.

—*Capitão*, por *Santa Anna*, V. Ex. não parece um homem que viajou pelos *mattos*.

—Pois eu tenho obrigação de comprehender enigmas indecifraveis?

—Ora vejam! E eu que tinha intenção de contar-lhe tambem o caso de certo cujo que vale-se da sua posição para *desterrar* a um seu *inferior* e poder a seu salvo fazer certas estrepolias.

Mas ja vejo que V. Ex. está de mau humor e calo-me.

—Deixe para depois.

—Pois eu vou á ladeira do Santo Seraphico e na volta conversaremos.

Pede-se ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, que ponha cobro, a um attrevido gallego, conhecido por *Garibaldi*, caixeiro da venda *Progresso*, Atraz da Sé.

Terça feira, á noite, de cacete e punhal, queria arrombar uma porta no becco do Arcebispo, com o que poz a visinhança em desasocego. Não é a primeira vez que esse animal selvagem pratica actos taes, tendo ja sido, por mais de uma vez, preso por seu procedimento.

—Um barulho na porta d'alfandega.

Uma mulher de navalha.

—E' a amasia do Paranhos que veio esperal o para dar-lhe.

—Que safação!

—Pobre *chifre da lenha;* não toma mais vergonha.

—Capitão, fui ao becco de *agoa com mel* e encontrei o negociante estourido, justamente, onde V. Ex. me disse, na *loja dos defuntos*.

—O que fizeste?

—Syndiquei tudo minuciosamente; exigi estreitas contas ao tratante e o obriguei a fazer uma exposição de sua vida aventureira. Tomei apontamento de tudo e venho dar-lhe parte do resultado.

O patife ficou chispando.

—Ficará para amanhan; hoje não ha tempo.

(Continúa.)

—José Argolinha, para que andas com esse ar de hypocrita, tu que és um refinado ladrão?

—Como prova?

—Foste tu quem comprou o roubo de assucar do trapiche *solidaõ* e o Travassos como guardou segredo teve 200$ rs. para comprar um saveiro.

—Este homem prescruta o intimo dos mais!

Como poude penetrar neste segredo?

—De outras proezas tuas, que nem pensas que si saiba, estou a par.

—Sr. não me queira perder.

—Vamos daqui ao capitão do *Alabama*, o flagello dos ladrões,como tu, alma damnada, e ahi ouvirás um por um todos os teus feitos; depois do que terás castigo egual as culpas.

(*Continua.*)

—Sr. *José das Fazendas* ha um enigma que quero que me explique.

—Si couber na minha intelligencia de taverneiro, com muito gosto.

—A noite, quando fecha sua venda, não ha nada; demanhan, quando a abre, ha sempre encostado ao balcão oito a dez sacos de assucar; como se entende?

— Que eu sou um homem que sei agenciar a vida.

—Ah! faz seus arranjos de noite!

—Ora, *Agostinho,* isto não é de um homem casado e que se dê a respeito para ser respeitado!

Pois V. passeiando com uma messalina hombro a hombro aqui pelo adro do Bomfim!

—Isto são alcovitices do *Paranhos;* não foi outro sinão elle que foi dizer a V. Ex. que eu estava aqui passeando com a minha querida Ursulina.

—Não foi elle quem m'o disse; mas ainda que o fosse, V. deve ver que é não concordar que um homem casado passe decepções por causa de uma devassa meretriz? Ainda si V. estivesse entre as *silvas* com ella, tinha um passe,porque emfim procurava esconder o escandalo; mas sentado aqui dentro do *wagon* para ser pateado, como o está sendo, é feio... é ridiculo!

—Mas si eu tenho paixão pela rapariga?

—Qual paixão! E ella não tem nenhuma por V.

—Como está V. Ex. enganado. No sabbado á noite, já depois de 9 horas, ella foi a casa de minha familia tirar-me, e adiante de minha mulher descompoz-me a valer!

No dia immediato, creia V. Ex., não obstante os termos offensivos e immoraes que ella lançou sobre mim, tive saudades della e me fui lançar aos seus pés.

Repellio-me!

Eu entendi fazer as pazes, já que ella não queria por maneiras doceis, debaixo de bordoada!

Ella gritou *aqui-d'el-rei*; acudiram alguns visinhos e por fim sempre a cousa terminou por fazermos as pazes.

—E com que cynismo conta V. isso, ein?

—V. Ex. diz que é cynismo, porque não imagina ao que é o homem levado quando chega a ter paixão por uma mulher.

—O que eu não imagino é o que é o homem quando chega ao requinte da descaração.

Ora adeus, temos conversado.

Amigo Chêtas.—Fui testemunha de seu estado de exaltação na quinta feira ultima, e não lhe achei razão.

Toda esta cidade sabe que a freguezia em que mais se furta é a nossa, e só o finge ignorar a authoridade local, para não se dar ao trabalho de syndicar disso com o necessario criterio; por que si assim acconteccsse, V. e seus comparsas, que armam bodegas com duzentos mil reis de capital, não encheriam tanto as bochechas de honradez.

O homem verdadeiramente honrado não se apregoa tal pelas ruas e portas de tavernas; espera que o publico o classsifique, e como tal, é justamente apontado.

Quanto aos que se inculcam, em cujo numero entra V., como abaixo explicarei, se alguma vez ouvem proferir o substantivo *tratante* ou seus equivalentes, emmudecem e deixam passar a onda: não tomam a carapuça.

Esteve V. furioso, quasi possesso, por que disseram de modo que V. ouviu, alguma cousa, que lhe desagradou.

Não teve razão, por que talvez não fosse em referencia a V; mas V. que anda aos porcos, entendeu que lhe roncava um de perto.

Tome juizo, meu lorpa, por que é um machacaz ja bastante volumoso; não insulte a ninguem, por que não pode e nem deve fazel-o, e muito menos a quem o despreza, e tem compaixão de sua ignorancia.

Não arrote valentia, por que mais valente do que V. é a lei, em virtude da qual, si não se corregir, irá tomar fresco, por algum tempo na casa de cachorro, e lá de grades a dentro se desabafará melhor.

Quando tomar o seu pifão, (o que lhe succede frequentes vezes) aconselho-lhe que va para casa descançar, e... bico.

Fique sabendo que não se insulta impunemente pessoas que se presam e não querem traficar com despresiveis borrachos.

Não apure tanto a sua honradez, que a pode pôr em risco.

Exemplo:

Que nome merece, em face da lei, um dono de tasca, que compra todas as cousas furta-

das, que lhe vão offerecer pessoas, que trabalham em alvarengas e trapiches?

Será licito a qualquer vendelhão comprar a escravos e a pessoas incompetentes assucar, algodão, fumo, em porções de 4, 8 e mais libras, a cada um dos ditos uma e duas vezes por dia, como todos presenciam, tendo o referido taverneiro consciencia de que taes generos são subtrahidos dos volumes, em que estão accondicionados?

Si a authoridade fosse activa e se apresentasse na casa em que taes objectos fossem encontrados, ás arrobas, sem que o possuidor podesse provar que os comprou a negociantes ou lavradores, para onde iria esse illegal possuidor?

Acho bom, pois, que vão vivendo como poderem todos os traficantes, em quanto não sôa a hora fatal da expiação, na qual gasta-se muitas vezes mais do que se tem podido obter por meios reprovados, como tem acontecido a muitos trapaceiros.

Conselho do collega e amigo

Zé Zef.

(Continuação dos ns. 600—601.)

Quem sentir agros pesares,
Quem soffrer d'hypocondria,
Para afugentar azares,
Vá ao Bomfim neste dia.

Vá, que terá pelo menos
Prazer para todo um mez;
Sentindo só que a lavagem
Seja no anno uma vez.

Para quem tem frouxidão,
E' antidoto efficaz;
Aos velhos de setenta annos
A força e o vigor refaz.

O marido que aturar
Mulher má, impertinente,
Deixe a tarasca esganar-se,
Siga logo incontinente:

Que embora saia de casa,
De zangas encafifado,
Em chegando aos Dendezeiros
Ha de sentir-se mudado.

A lavage' é um quitute
Adubado com doçuras,
Que se petisca com môlho
De volupias e ternuras.

Sinapismo de prazeres,
Lambedor de bem-estar,
Fino manjar de delicias,
Saboroso ao paladar.

Com dó da rapazeada,
O Senhor da Creação,
Para os desgostos da vida
Deixou-a em compensação.

Não são dous dias a vida?
Para que consumição?
Triste se veja o diabo;
Comigo não, coração.

Escutem... são sete horas...
No espaço ja retumba
De mestre Marcos patusco
O formidavel zabumba.

Quer dizer que da egreja,
O adro, escadas, cancellas,
As grades, tudo, por tudo
'Stá levando esfregadellas.

O' vós, rapazes, que tendes
Um sensivel coração;
Vinde ver a natureza
Abrir sua exposição.

Agora não ha reservas;
Cessa o dominio das saias
Abaixadas: são dispensadas
Somente as pernas cambaias.

Tambem ha no meio umas
Pernas, que são arqueadas
Como arco de barril...
Não merecem ser notadas.

Ha outras que tem a forma
D'uma taboca rachada;
São pernas de sambambaia,
Não prestam, não valem nada.

A empreza do Queimado
Pregou no povo uma peça!
Sem temer que por castigo,
Outra secca lhe aconteça.

Mas o Senhor do Bom-fim
Não fica de egreja suja:
A turba em procura d'agoa
Por ahi ja sobrepuja.

Reparem bem como vae
Alli *Manuel Paparote*,
Em caminho do Travassos
Munido de enorme pote.

Pois o Chuchu Frederico
Não teve substituto?
Eil-o: é *Joaquim Dandaranda*,
Veio render seu tributo.

Para agoa carregar
Candinha d'Atraz da Sé,
Trouxe uma mula ruça;
E' melhor que andar a pé.

Vejam Maria Joanna,
Largou-se p'r' o chafariz
Com aquelle requebrado
Q'sente-se, mas não se diz;

E um certo magistrado
Está tonto, perde o senso;
Quer affectar gravidade,
Tapando a bocca co' o lenço.

Olhem como vae faceira
A cabrocha Miquellina,
Formando um grupo de tres
Com Joaquina e Andrelina.

O capuchinho se benze
A' vista de scenas taes,
Mas diz la no coração—
E' bem bom; tomára eu mais.

Umbellina n'um *pau d'agua*
Arreiou sua fateixa:
Entoando bem gamenha:
—*Bebida branca me deixa.*—

Esta Ursula é capaz
De fazer um coração,
Fundido do rijo bronze
Reduzir-se a um mamão.

Aquelle grupo dalli
E' um grupo papa-fina;
Pupú e Maria Ignez,
Cutúm e Alexandrina.

Está porque um sabor
Eu acho na pagodeira,
De mel d'abelhas, com agua
De flores de larangeira.

A Benedicta Rebouças,
Na côrte sua viagem
Regula de uma maneira,
Que nunca falta a lavagem.

Ora, este negro *Mirate*,
Mono, com figura humana,
Para mostrar differença,
Fez vassoura de uma cana.

Veja lá, Sr. carrança,
Não m'steja a causar medo
As raparigas; empine-se
Para casa do *Macedo*.

Ignacia, que veio ao mundo
Para *desgraça da terra,*
Já não pode se lamber
Até o caminho erra.

Lá está Antonio Gago
Com a cara avermelhada,
Com uma grossa e comprida
Vassoura bem enfeitada.

Logo vi que o *Tartaruga*
Vinha fazer sua perna;
Com Ritta, Antonia das Vellas
Está mettido em baderna.

Macaria é muito mitradal...
A um e outro chamando
Para lhe pagar cerveja;
Toma o cobre e vae andando.

Aquelle ranchinho é bom:
Maria Rosa, Balbina,
Josepha, Felicidade,
Alexandrina e Justina;

Adelaide nas correntes
Traz um *patacaõ de sola*,
Que diz ser prata de lei,
Mas a minestra não cola.

Não vejo aqui uma firma;
E' o Joaquim tamanqueiro,
Que de vassoura enfeitada
E' sempre useiro e viseiro.

Vamos ver aquelle samba,
Onde está a Clementina,
Feliciana e Bemvinda,
Clothildes e Bernardina;

Brigida e Severiana,
Lydia, Folô e Simplicia,
Afra, Izabel, Damiana,
Libania, Clara e Felicia;

Maria Engracia, Izabel
Que mora lá no Cruzeiro,
Rittinha de Cachoeira
E Clara do Gallinheiro.

(*Continúa.*)

Desappareceu uma *doninha* domesticada. Quem a descobrir, ainda que seja na estrebaria de alguma *mula russa*, communique Atraz da Sé na casa *primeira* que encontrar.

SONETO.

Em saude e belleza uma caroxa.

Ha tempo em que a mulher para alviteira.
Assiste em cada noite uma funcção,
E o pobre do marido paspalhão,
Com dinheiro pagando a brincadeira.

Na porta quer dançar logo a primeira
Ou seja com pelintra ou figurão,
A todos sem pensar entrega a mão,
Promette a um bigorrilha uma tereeira.

Começa a toleirona a si esfalfar,
Com aperto a formar castellos roxos,
A cara de combuca a desbotar.

Ahi temos a mulher doente efrouxa,
Só podendo parir, mas não criar,
Em saude e belleza uma caroxa.

VARIEDADES.

A sotana milagrosa.

O Sr. C..., joven ecclesiastico muito distrahido, recolhia-se da egreja para casa de-

pois das vesperas, quando na rua do Templo chegou-se-lhe uma mendiga acompanhada de duas creanças.

—Minha pobre mulher, vindes em má occasião, disse o joven sacerdote, acabo de dar o meu ultimo soldo a um cego meu conhecido.

—Oh! Sr. padre, é impossivel, devem restar-vos alguns soldos: um homem tão caritativo como vós, não sahe á rua sem se lembrar dos pobres. Remechei sempre a algibeira, por quem sois.

Cedendo ás observações da mendiga, o bom do padre, para convencel-a da inutilidade do seu pedido, metteu a mão na algibeira da sotaina.

A não ser por um milagre da Santissima Virgem... disse elle.

E antes de acabar a phrase, sentiu entre os dedos o contacto metallico de tres moedas de 5 francos.

—Meu Deus! continuou benzendo-se, attendestes á minha supplica... Tomae senhora, accrescentou: estes 15 francos vos pertencem: a Santissima Virgem m'os enviou para vós.

Commovido pelo milagre que acabava de provocar, o Sr. C.. voltou á egreja para delle dar parte aos seus superiores: cura, vigario, diaconos, subdiaconos, inteirados da boa noticia, logo a espalharam pelo bairro todo, onde fez muita bulha este milagroso acontecimento.

Emfim, no dia em que se devia dar conta deste milagre ao arcebispo de Paris, aquelle em cuja algibeira occorrera, encontrou-se com um ecclesiastico seu amigo, que no domingo antecedente viera dizer missa na egreja a que pertencia o nosso charitativo sacerdote.

—Ora, lhe diz aquelle, si lhe assenta bem a minha sotaina, guarde-a; mas bom seria que me restituisse os 15 francos que nella se achavam.

Estava explicado o milagre.

Um ladrão introduziu-se n'um *banco* de provincia e ensacou o dinheiro que lá havia em ouro e prata.

Depois attentou n'um monte de cobre que pesaria dez arrobas e disse a meia voz:

—Sejamos conscienciosos; deixemos em paz a parte maior e carreguemos com a outra. Sabe Deus se virá por ahi depois de mim alguem mais precisado!

Enforcar por dó.

Depois de haver o juiz do tribunal de Texas (Estados Unidos) condemnado á morte um individuo por nome John-John, culpado de assassinato, julgou a proposito dirigir-lhe as seguintes palavras:

«John! O tribunal fazia tenção de retardar a vossa execução até a primavera proxima; faz porem bastante frio, e acha-se a nossa cadeia em deploravel estado. Os vidros das janellas estão todos quebrados, as chaminés deitam o fumo para dentro, e é tão grande o numero dos presos, que não podemos dar senão um cobertor a cada um. Por todas estas razões, e para abreviar quanto possivel os vossos padecimentos, decidimos que serieis enforcado amanhan, logo depois do almoço, ou a hora, que mais convier ao *sheriff* e que vos fôr mais agradavel.»

Ignoramos qual foi a hora, que mais agradou ao sentenciado, a quem, por uma refinada delicadeza, se permittia ir para o outro mundo com o estomago cheio!...

Os Estados-Unidos herdaram da Inglaterra no artigo *extravagancias*. São dignos filhos de tal mãe!

ANNUNCIOS.

ESCRAVA FUGIDA.

Fugiu uma escrava da abaixo assignada, vinda ha pouco de Santo Amaro para ser vendida, de nome Emilia, nação gêge, maior de 30 annos, baixa, nariz chato, pés e mãos pequenos; quem a achar e levar á freguezia de S. Pedro, casa n.° 9, defronte da capella, será generosamente gratificado. Bahia 28 de janeiro de 1870.—*D. Anna Matildes da Silva.*

BAILES MASCARADOS.

GRANDE EXPOSIÇÃO

DE

Mascaras e vestimentas.

Lindissimas mascaras de seda, cêra, papelão, massa e arame, tudo do mais apurado gosto; bonitos *dominós,* magnifica e vistosamente enfeitados com laços de fitas, cadaqual mais bonito, e produzindo (com especialidade de noite) o mais surprehendente effeito.

Ao Zuavo.

Vende-se

requissimas palmas e capellas para anjo mortuario, na loja de Libanio José d'Almeida a rua Direita do Collegio n.° 33—A.

O mesmo declara ao publico que nada deve nesta praça e nem fora della, sendo morador e proprietario na rua direita da Cruz do Cosme.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.ª SABBADO 2 DE JULHO. Ns. 665—666.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

O 2 de Julho de 1823.

Ha quarenta e sete annos, n'esta cidade, dava-se uma scena gloriosa, via-se um espectaculo magnifico, sendo diversos os logares de seus ensaios, e personagens em todos os actos o portuguez e o brasileiro; aquelle querendo sempre opprimir á este com engôdos e agrados, com ameaças e violencias, este julgando, e julgando muito bem, que cumpria-lhe uma só cousa, que corria lhe rigoroso e sagrado dever, resistir a todo transe, a custo da vida para morte, porque o viver do escravo, alem de desar e opprobrio, é angustia e tortura, tem um multiplo sentido, por qualquer circumstancia, martyrio, decadencia, estrebuxamento e morte!

O portuguez, acostumado a mandar e a ser obedecido por tres seculos, quatro lustros e dous annos, estranhou que em certo mez, n'um dia, por uma só hora, o brasileiro fosse surdo, ficasse indocil! E pois para logo algemas e grilhões, sêpos e correntes, tudo de perseguição e hostilidade! O brasileiro riu-se e com isso fez-lhe sentir, que a lição de 1 de dezembro de 1640, sacudido ou antes quebrado o jugo e o poder dos Philipes 2, 3, e 4 de Castella, supportado por sessenta annos, quasi sextuplamente demorada, não tinha sido perdida, para qualquer resultado, dependendo o triumpho no conflicto de força com força ou de maiores recursos ou de melhores acções, apanhando, muitas vezes, um homem carregado de aço e ferro d'um menino dextro e agil!

E não foi perdida a lição, porque o provei-to d'ella foi colhido, e manifesto existe; existe em 2 de julho de 1823, dia, sello da independencia e brasão da liberdade, retirando-se, n'aquelle dia, n'uma esquadra, pela bahia de Todos os Santos, todo o exercito lusitano, entrando n'esta capital, n'aquelle mesmo dia, todo o exercito pacificador.

E pela restauração da Bahia deu-se a emancipação do Brasil, sendo então facto consummado a desejada e controvertida independencia.

Para aquelle desideratum houveram apostolos e martyres, homens de lingua e penna, que fallavam e escreviam, e de arcabuz e estylête que atiravam e feriam!

A imprensa appareceu radiante e victoriosa no *Independente Constitucional,* combatendo o *Semanario Civico* e a *Idade de Ouro*!

Quizeram despotas e tyrannos amordaçal-a, destruil-a, quebrando e anniquilando prelos e typos!

Serrão foi um temerario e louco, julgando matar o invento de *Guttemberg,* que, forte e firme sempre, immortalisou-se, sendo a imprensa como phenix para reviver das ruinas, na frase de Chateaubriand, sangue de martyrio que é fecunda semente para constante fructo!

E a imprensa, d'esde então, ficou para confusão dos tyrannos e despotas, que preponderantes e garbosos em todos os tempos, hão de, em todos os tempos, tel-a como um duende que ha de amedrontal-os e esmagal-os sempre!

Depois de colonia, capitania, e em seguida provincia, principado, reino e imperio, tudo garantindo o 2 de julho de 1823 ao Brasil pela Bahia, a causa d'ella, sendo a d'elle, ella nunca egoista, porque patriotica, nobre, forte e heroica sempre.

« *Salve, cidade da montanha,*
« *Rainha das cidades, salve.* »

Esse cumprimento, deu-te um filho distincto, titular e poeta, esse cumprimento te é devido.

Mas que?... o que ha acontecido, depois de quarenta e seto annos? Vê-se o progresso ma-

terial, e o moral não. Ha telegraphos e vapores que encurtam as distancias dos campos e dos mares, ha estradas que se abrem, rios que se canalisam, emprezas para industrias; mas, a par d'isso, definha, pela falta de braços, da colonisação, a lavoura; o commercio é nenhum e todo estrangeiro! E sobretudo o povo é escravo, chamando-se para consolo livre, falto de todos os direitos, é perseguido, hostilisado hoje como outr'ora, senão mais, aggravado o soffrimento por ser de patricios!!...

Dia, foi isto que nos prometteste em 1823, raiaste para essa desgraça, 2 de julho? não. Um paradeiro, é preciso que se levante, e que os despotas e os tyrannos tenham de arrepiar carreira! valor não nos falta, intrepidez, bravura, heroismo, para louros e glorias, como Pirajá e Cabrito então, recentemente, no Paraguay, alem de muitos outros logares, em Tuyuty, Curuzù, Itororó, Lombas Valentinas, Peribebuby, Aquidaban!!...

Mas porque o povo não é feliz? porque os poderes do Brasil, pela Constituição sendo quatro, se reduzem á um, á um sómente, no eleitor dos ministros; estes, representantes do executivo, factores de camaras—temporaria e vitalicia—com graças e ameaças e subornos e rigores, com oppressões e torturas, e as camaras, designadas e não eleitas, instrumentos de parafuso e tarracha, com vozes poucas independentes e livres, que não podem esconjurar borrascas e ruinas, e muito menos produzir beneficios!...

Dous de Julho, tu não devias raiar, quando alumias tantas desgraças e opprobrios, quando vens encontrar a viuvez e a orphandade de muitos desvallidos, por que faltos de padrinhos, de empenhos, embora parentes de bravos e heroes, com justiça, mendigando o pão, e suas lagrimas escasseando risos, risos d'outros elevados e applaudidos, sem feitos reaes, muitos!....

Esconde-te, pois, ó dia, que a Bahia é um sudario e não paraizo, sendo essas gallas e prazeres mixtos de lucto e de dor!... todavia, por que foste um bem, foste um protesto, raia dia, e teu sol sê brilhante quando o povo na paz pode considerar o que tem e tudo emprehender para — realmente — ser livre!... neste sentido, Dous de Julho, salve, e sê bem vindo, hoje, como em 23, apasiguados os contendores, harmonisados o spirito do portuguez com o brasileiro que, carne da carne, osso do osso, com a mesma lingua e costumes, são amigos e mutuamente se prestam.

Sê, dia, talvez para o anno, na graça de Deus, o dia, como já historico, tutellar, previlegiado e benefiço, elemento de toda prosperidade e gloria, não deixando nunca em esquecimento a legião dos patriotas soldados, operarios da Independencia, e martyres da liberdade, d'essa independencia e liberdade que gozaremos e nossos filhos e netos.

Salve, Dous de Julho, uma, dez, cem, mil, um milhão de vezes, salve!

Solemnisa-se hoje um dos maiores dias de gloria nos annaes da terra de Santa Cruz.

Nossos maiores nos legaram tres epocha brilhantes:

Em 1567 elles expulsaram do Rio de Janeiro os francezes que ali iam procurar ventura, apezar da heroica resistencia e dura guerra que lhe moveram os Tamoyos.

Em 1623 os hollandezes se viram forçados adeixarem esta heroica cidade.

E em 1822 o Brazil, depois de supremo e heroico esforço, traça com o glaudio seu nome no meio das nações livres.

Nos impulsos e aspirações da liberdade, os povos são como as aguas, cuja represa um dia quebrando-se, precipitam-se como de cima de um monte para fertilisar as campinas estereis e abrasadas pelo excessivo dos raios solares. Nessa pugna ingente não ha força que lhes resista.

Pois bem, o Brazil havia crescido e se fortificado neste solo abençoado, como a planta que nasceu e cresceu bafejada pelas auras vificantes de um ceu que lhe promettia todo o vigor da seiva, que lhe offerecia dos uberrimos thesouros. Um dia quiz ser livre, quiz erigir um altar da patria para nelle adorar a liberdade: porem não lh'o permittiam interesses alheios. Então travou se uma luta gigantesca, uma pugna titanica, donde sahiu victorioso tanto braço valente.

Labatut é o busto syntetico que resume e representa ás virtudes guerreiras daquelles obreiros do progresso e benemeritos da patria.

Ao raiar deste diá todos os corações brasileiros tomados de enthusiasmo e de assombro veneram e admiraram tantos feitos heroicos e tão ricos de beneficios a gerações por ver.

Foi na Bahia, onde se representou grande parte do drama de nossa emancipação politica, tambem foi ahi, que os sinceros amigos da patria viram o desfecho desse drama tão rico de peripecias.

Não podem portanto os habitantes desta cidade heroica serem indifferentes quando a ampulheta do tempo lhe traz tão prazenteiro e ornado de tantas glorias immorredouras o dia de hoje, verdadeiro marco collocado entre duas eras, entre dous longos periodos da

historia patria. Um (1500—1823) representa o tempo da sujeição, a epocha colonial e da escravidão; o outro (1823—1870) a epocha da liberdade, tão sonhada por Tiradente e pelo harmonioso Dircêu.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de julho de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, reclamando contra o nivelamento com que virá a ficar a ladeira da Cruz do Cosme, em virtude da escavação que está fazendo um proprietario, com o que não só torna a rua defeituosa, como prejudica aos demais proprietarios, pelo que deve essa municipalidade ordenar ao respectivo fiscal que passe immediatamente a embargar a dita obra e obrigue o proprietario a reparar o transtorno que tem causado.

—A' mesma, para que mande tapar os enormes buracos que ha na ladeira do Saboeiro, freguezia da Sé.

—Esta limpeza da cidade é um completo mangelorum.

—E' arrancar as entranhas do povo para encher as algibeiras de um feliz mortal.

—Que não põe reservas a desmarcada impavidez com que escarnece da opinião.

—Parece que tem mesmo gosto em apurar a paciencia da população.

—E que por acinte zomba das justas reclamações que se fazem no interesse do publico.

—Estou me convencendo disso, porque depois que se fallou do cisco deitado na Preguiça, por pirraça vão os carros ali todos os dias fazer despejo.

—Quem tem cara dura, tem cara de pau.

—Quanta incuria, quanta inepcia, que culpavel condescendencia da parte daquelles que devem velar pelo bem publico!

Receiam que a falta de accio, isto é, que diminutas porções de cisco dispersas pelas ruas possam alterar a pureza do ar e ser origem de perniciosos males; entretanto pagam a um homem 44:000$ rs.....

—Afora o *alho*.

—..... para ajuntar pelas ruas tudo quanto é substancia immunda e corruptivel e ir agglomeral-as nas proximidades de um mercado, onde o povo ajunta-se todos os dias!

—Só por escandalosa protecção.

—Pois um pouco de palha, uma casca, atirada na rua pode arriscar a saude do povo, e o esterco em montões, os animaes apodrecendo, uma montureira enorme ao pé do mercado do peixe é que não faz mal?

—E o povo vae contribuindo forçadamente para se esbanjar com quem coopera para seu mal!

—Nem fecham a capellinha, nem tiram o cavallo do Dr. Bomfim do pateo do hospital!

—Fallar em qualquer abuso nesta terra, é peior; é quando se faz mais ostentação em repetil-o.

—As irmans de charidade, essas mulheres tão religiosas, que commungam todos os dias; que andam de cabeça baixa, resmungando orações; que instam para que os empregados do hospital se confessem, e aquelle que, d'entre elles, nos domingos, não vae se pôr de joelhos a ouvir missa na capella do hospital, cáhe na sua desaffeição; essas mulheres tão pias, tão charidosas, tão tementes a Deus, não dão cavaco que o tabernaculo consagrado ao Senhor, sirva de estribaria de cabras e cavallos!

—E o Sr. governador do arcebispado deixa passar o escandalo!

—Entre os casos desagradaveis acontecidos na noite de S. João, provenientes de fogos soltos, deu-se um digno de menção.

—E porque não o menciona?

—Jogaram, na vespera de S. João, muitos foguetes *busca-pés* na rua da Faisca.

O marechal Muniz Tavares estando na sala de sua casa, entrou um foguete e foi-lhe sobre o pescoço, ficando com o paletot e a camisa queimados, assim como tambem queimado um braço.

Depois que se viu livre das chammas da roupa que lhe ardia no corpo, chegou á janella para ver quem atirava os foguetes e reconheceu ser o inspector do quarteirão!

—Um agente da policia, sendo o primeiro a infringir as ordens de seu chefe!

De que serviu o edital da policia prohibindo os fogos soltos, si aquelles que o deviam fazer observar eram os primeiros a desrespeital-o?

—Capitão, falla-se n'um facto summamente grave.

—De que se trata?

—De um brasileiro, que, dizem, fôra açoutado na republica Oriental.

—Não será cousa de admirar da boa fé e lealdade com que nossos visinhos reconhecem os sacrificios que o Brazil por elles fez.

—O *Jornal do Commercio*, enumerando uma serie de attentados de que tem sido victimas os brasileiros n'aquella republica, refere assim:

«O primeiro, o mais estrondoso, foi o que se deu com um brasileiro de nome Leocadio

Bonnemeson, nascido de pae francez, no Rio Grande do Sul, e residente no Salto Oriental. Este homem, tinha papeleta de cidadão brasileiro. Tendo sido obrigado por Gregorio Castro, irmão do celebre general da alliança Henrique Castro, a assentar praça nas forças orientaes que marchavam agora para as operações contra Apparicio, recusou-se a isso. Debalde apresentou sua papeleta de cidadão brasileiro: foi preso e açoutado! Tendo esse facto clamoroso chegado ao conhecimento do ministro brasileiro nesta cidade, este reclamou com toda a energia e dignidade, ao governo oriental. O governo parece que não deu ao caso a importancia que merecia. O que é certo é, que depois da reclamação feita, foi de novo açoutado o mesmo brasileiro, como por acinte.

«Esse facto data de fevereiro deste anno, pois de 15 de fevereiro é a data da reclamação contra o alistamento de brasileiro.

«Agora consta-me que tendo a legação do imperio exigido a demissão do *gefe politico* que commettera esses attentados, e tendo sido para esse fim mandados officios ao Salto, o portador delles voltou com a resposta de que o assumpto só podia ser resolvido pelo general Caraballo, que se acha, não sei á quantas leguas distante, na campanha.»

—Tudo nos ha de chegar!

—Diante de tão clamorosa atrocidade, si é exacta, o pundonor nacional, tão profundamente insultado, não pode ficar impassivel.

—E o governo deve sem demora tomar uma attitude séria em tão melindroso assumpto.

—Capitão, o trecho de uma correspondencia para o *Jornal do Commercio,* narra o seguinte episodio de um aviltante ultrage feito á dignidade da nação brasileira na Bolivia.

O irmão do ministro a quem se refere, bem como o Sr. Lopes Netto, se apressaram em desmentir.

Entendo que não basta o desmentido do irmão do Sr. Dr. E. Callado e do Sr. Lopes Netto.

O governo tem obrigação de esclarecer-se do facto e informar a opinião do paiz o que ha de certo; desaggravando em todo caso a honra nacional.

«No domingo ultimo houve no palacio um banquete com que o general Molgarejo quiz obsequiar aos amigos que o foram felicitar por ser o dia de seus annos.

«Houve varios incidentes dos quaes me bastará referir um so.

«Parece que o general achava-se muito impressionado com a noticia da morte de Lopez, que havia recebido pouco antes. O facto é que em seu primeiro brinde depois de dar os agradecimentos aos concurrentes que se haviam dignado acompanhal-o nesta occasião, expressou-se pouco mais ou menos nestes termos:

«Seja-me agora permittido exprimir um sentimento pessoal. Ha pouco que se me disse que o general Lopez, vencido em um ultimo combate desigual, foi cobardemente assassinado por seus inimigos. Isso seria sellar com uma ignominia a mais ignominiosa das emprezas.

«Eu, o general Melgarejo, lamento com toda a minha alma a morte desse heroe, do soldado que soube fazer do Paraguay uma Numancia moderna. Não sei se effectivamente era um tyranno, um monstro sem exemplo, porem sei que contra elle tem havido muitas calumnias, e que foi o primeiro patriota paraguayo que defendeu sua independencia, até o sacrificio, até o heroismo. Ah! quando considero que.....

.....

«A' dor embarga a voz do general, e seus olhos se enchem de lagrimas, e não pode concluir a expressão de sua idéa.

«—Verdade é, ajuntou pouco depois, que eu sou condecorado com a gran-cruz da ordem imperial do Cruseiro do Brazil; porem protesto.»

«E ao dizer essas palavras procura no peito a medalha com a intenção determinada de despojar-se della. Porem, por desgraça, não a trazia posta naquelle momento.

«—Peço, continúa, que os que sejam amigos da causa que defendeu Lopez se ponham de pé para beber por elle um copo de vinho.»

«Todos se poem de pè, *inclusive o encarregado de negocios brasileiro Dr. Eduardo Callado, e seu secretario que se achavam presentes.*

«O presidente que notou essa anomalia, a qual não sei como qualificar, em um representante diplomatico, se dirige a elle com estas palavras: «—Pode sentar-se o senhor, isso não lhe compete.»

«—E' que eu sou amigo pessoal de Lopez, respondeu o Sr. Callado, a quem mui pouco antes se tinham ouvido palavras de felicitação pela morte do heroe, a quem todo mundo conhece como o inimigo mais encarniçado do Paraguay, e de tudo que lhe pertence. Tal procedimento não se conta, nem se explica decorosamente.»

—Si isto é verdade, eu é que me calo e não faço commentarios.

[illegible]-se diariamente [illegible]

A PEDIDO

—A cabra Manuela, moradora ao Engenho da Conceição, tem um pedaço de lingua!

—Uma navalha afiada não a ganha.

Todos os dias está em questão.

—E ja traz estudado um vocabulario de phrazes torpes e sujas para despejar sobre aquelles a quem injuria.

—E' preciso recomendal-a aos cuidados de quem pode fazel-a passar alguns dias na Correcção.

—Frade, para que anda seduzindo a moça?

—Pelo contrario, pretendo apatrocinal-a.

—*Frade*, o *patrocinio* que V. pretende dar-lhe é atiral-a na prostituição.

Pois é esse o preceito de sua ordem?

Onde está a pobreza e humildade nesta acção, tão reprovavel para qualquer homem, quanto mais para sua classe?

—Sr., minhas intenções são puras.

—Que refinada hypocrisia encobre este habito com que V. illude ao mundo!

—Seja por S. Francisco!

—Como é refalsado!

Um dia, entrou V. em uma casa onde estava de visita, com sua velha mãe, uma moça pobre, mas bella. Estendeu para ella olhos cubiçosos e sahiu dali com pensamentos lubricos e desejos sensuaes. Quando voltou para vel-a, não a encontrou mais, nem lhe disseram para onde tinha ido.

Mas o diabo em sua obra do mal, facilita os meios aos que lhe servem de instrumento. Por acaso, passando V. pelo Maciel de baixo, deu com a velha na janella de uma casa.

« —Então, é ahi que mora? foi sua pergunta.

« —E', Sr. padre, não quer entrar?

Cahiu-lhe a sopa no mel.

Desse dia em diante, frequenta V. todos os dias a casa, leva presentes, escreve cartas, da beliscões as escondidas, pede beijos e abraços.

A outra familia que mora tambem na casa tem *bufado* com o escandalo e até ja houve o plano de expulsal-o a trote, mas em attenção ao seu caracter de sacerdote, guardam algum escrupulo, como si fosse digno de respeito aquelle que não honra a classe a que pertence.

—Estou a repetir que eu so desejo apatrocinar a menina.

Frade, o *patrocinio* de S. *Antonio* precisa ella para não cahir no laço seductor que lhe arma V.

(*Continúa.*)

—A sociedade lusa de Beneficencia *Uma duzia e quatro* do mez de *Senhor da Cruz*, deliberou, contra os preceitos dos estatutos, e precedentes antigos, que a despeza da *enfermaria*, fosse feita em cada mez, por um socio opulento na qualidade de mordomo; de sorte que, quando toca a algum sumitico, que tem pena de apartar-se dos cobres anda tudo n'uma miseria!

Isso tem feito com que muitos socios se tenham despedido e até um ja annunciou pelo *jornal* que não queria ser mais socio em razão do mau tratamento que lhe deram.

—Assim como os que não forem socios terão escrupulos de entrar.

—O socio Motta João dos Santos, ao serviço de *Joaquim José ferreiro*, ao *caes de Prata*, entrou para a enfermaria e de lá sahiu com queixas tão amargas que escreveu a um dos directores, dizendo lhe que ali não passava de uma casa de regalos para os que governavam; que os socios necessitados eram maltratados e nenhum benificio recebiam, o que era o mesmo que enxotal-os da communhão.

O socio Rodrigues José Sebastião enlouquecendo, e depois de ter estado em uma casa de saude alguns dias, por que a sociedade não o quiz receber, sahiu com visiveis melhoras e então foi admittido na enfermaria, onde logo peiorou.

Pelo muito cuidado que la ha, o louco n'um bello dia, largou-se, vem á sua casa n'uma rua que não está *calçada*, espanca toda gente de casa e volta pacificamente para a enfermaria e vae deitar-se em seu leito!

Continuando o deleixo, dias depois o hallucinado conseguiu evadir-se de novo e andou pela cidade sem chapeu, descalço, e apanhou um forte aguaceiro tendo um visicatorio aberto sobre a nuca!

—O Sr. parece estar muito queixoso.

—Por ver o falseamento, o fim diverso que dão a uma instituição pia e humanitaria, a qual nas condições actuaes, pode-se bem classificar de um espelho de amostra; onde so se trata de aformoseamento e nada de beneficio.

O socio precisado para receber soccorro lucta com mil embaraços, e si não tiver padrinho morre ao desamparo.

—Como V. diz o dinheiro com que elles contribuem é o mesmo que atirar no fundo do mar.

—Isto é o diabo!... parece mais uma extorsão do que uma lei!

—O que tem, minha Sra., que está tão agoniada?

—Pois, Sr., alem da miseria em que hoje

vive o pobre, lutando com a carestia dos generos alimenticios, com a exorbitancia dos alugueis de casas, ha de vir para contra-peso esta lei iniqua, que obriga o inquilino a pagar tambem impostos em relação a casa em que mora; e, inda em cima, pagar-se multa, quando não se é pontual em satisfazer semelhante vexame?

—Tenha paciencia, minha Sra., este partido que está de cima é o *regenerador que veio salvar o paiz do abysmo que o ameaçava...* e, por isso *conserva* tão pesado tributo sobre o povo, legado que lhe deixou o seu antecessor.

—Diabo leve semelhante *regeneração,* semelhante *ordem* e semelhante systema de governar. Praticando actos que reprovou, quando estava fora dos macios coxins do poder, pois inda me recordo de ter lido no *Jornal* que o paiz daria em banca-rôta com a emissão dos trinta mil contos em moeda papel, apesar de ser feita debaixo de formalidades legaes; assim como a grande censura que se fez sobre o projecto dos impostos pessoaes, não posto em execução.

—Na verdade o que a Sra. diz é exacto.

—Me diga, Sr., quem será mais violento e arbitrario, o que fez e não usou, ou o que pôz em execução? Quem fez emissão de trinta mil contos legalmente, ou quem, despoticamente, depois de haver censurado, impôz uma emissão de quarenta mil contos?

—Si combinarmos as violencias com os numeros dos contos de réis, está provado, que mais violento é o que fez quarenta mil indevidamente, do que aquelle que fez trinta mil, legalmente.

—Sr., eu só sinto não ser homem, ou uma destas *senhorinhas* gaiatas para esfregar esta cambada no *Alabama*.

—Ora, minha Sra., pelo que vejo, Vmc. inda está no mundo da lua! Pois se persuade que a maior parte dos homens de hoje, principalmente os politicos, se importam com gazetas?! E' malhar em ferro frio. Elles trazem as caras cobertas com espessa lamina de aço, cuja tempera é semelhante a de buril, ou de bigorna, que por mais que os ferreiros lhe batam não fazem móssa; e é por essa causa que não mostram certa qualidade moral, que vulgarmente se chama—vergonha.

—Eu lhe creio, meu Sr., porque é preciso ter a alma muito calejada para atirar a patria sobre o precipicio de um sorvedouro insondavel,

—Ingratos!..... sem almas...., surdos aos soffrimentos do povo... só sabem quando estão de baixo, fazer mil promessas e censurar aos que estão de cima. Mas quãndo sobem ao poder é para arrancar o suor do pobre povo para encher as algibeiras dos adeptos queridos.

—Tenha paciencia, minha Sra., havemos de melhorar de sorte quando subir a minha gente; então desapparecerão estes despotismos, segundo as *reformas* já annunciadas.

—Ora deixe-me, Sr., todos são a mesma cousa. Sempre vivemos em esperanças e nunca vemos melhoras, cada vez vamos a peior, só nos falta pagar impostos sobre as vezes que dormimos, as vezes que comemos, as vezes que bebemos, as vezes que vamos ao penico; emfim Sr...., não me faça fallar asneiras.

—Oh minha Sra. até ver não é tarde.

Adeus, tenha um pouco de prudencia, pois está na mão do povo o melhorar de sorte.

—Capitão, estou horrorisado!

—Então o que ha?

—V. Ex. conhece o Dr *Trincu*?

—Ora sebo; pois V. ja viu algum homem chamar se *Trincu!*

—Pois não, capitão, até mora em uma rua de *terceira ordem*.

—V. está caçoando!

—Juro-lhe por S. *Francisco* que estou fallando serio.

—Então diga o que aconteceu que estou com pressa.

—Eu princio.

Defronte do tal Dr., mora uma mocinha conhecida por *Nanasi*; esta mocinha que poderá ter, quando muito, 14 annos, vive em companhia de uma crioula sua madrinha, que apesar de suas pequenas posses, trata-a sinão com luxo, com alguma decencia.

O sobredito Dr., tendo de retirar-se breve para a provincia de *Nambuperco*, onde pediu uma moça em casamento, que vai realisar agora, escreveu duas cartas a mocinha *Nanasi* mandando com a primeira 10$ rs. de *presente*, e egual quantia na segunda com a seguinte proposta pouco mais ou menos concebida nestes termos:

«Tendo de retirar-me muito breve para a provincia de *Nambuperco*, onde tenciono casar-me com uma moça que ja pedi para este fim, vou propor-lhe para V. fugir de casa de sua madrinha e ir commigo para a dita provincia; ali alugarei uma casa para V. e ficará sendo minha amante!!!!! porque como ja lhe disse vou casar-me, e so fico com V. como minha moça!!!!!»

—E esse seductor, diz V. que é formado!.....

—Em direito, sim senhor.

—Em direito, duvido, so si for em seducção; mas fique descançado pois vou mandar avisar o chefe de policia para que esteja

prompto para, si accaso der-se isso, mandar logo a bordo do vapor; assim como tambem será uma obra de caridade avisar a madrinha da menina para que esteja alerta.

—Não será bom mandar tambem um aviso para *Nambuperco*?

—Não é mau.

—Muito obrigado, capitão. Vamos ver se tiramos esta victima das garras da prostituição!

Motte

Eu vi Luciosiuho eu vi.
As pauladas la rolando.

GLOZA.

Quando a ladeira eu subi
Mancinho, como o favonio,
Na fonte de Santo Antonio
Eu vi Luciosinho ou vi.
Alem um andar senti
Para o rosal caminhando,
E de ca fiquei bispando
A ti, que por borra amavas,
Mas tu correndo deixavas
As pauladas la rolando.

Lê-se no *Diario da Bahia*.

SENTENÇA.

Vistos estes autos, etc. Reformo a sentença, fl. 54, que condemnou ao appellante Simberto Fernando Alvares Ribeiro nas penas do grau maximo do art. 237, § 3, de referencia aos arts. 230 e 236, §§ 2 e 4, do codigo criminal; em consequencia de queixa do appellado conego Dr. Jacintho Villasboas de Jesus, por injurias impressas no *Diario da Bahia*, ns. 69 e 73, de 25 e 31 de março proximo passado, á fl. 3 e 4; porquanto reconhecendo a mesma sentença, e sendo expresso no citado codigo, art. 7 §§ 2 e 3, que para dar-se a criminalidade dos autores em taes publicações é indispensavel a respectiva obrigação de responsabilidade, ou, por outra, a exhibição do escripto, por cuja obrigação se tivessem responsabilisado, vê se que nas que serviam de fundamento a referida queixa se não deu similhante formalidade, tão expressa e positivamente exigida na lei; não podendo considerar-se satisfeita pelo meio que se empregou no escripto de fl. 8 (unico assignado pelo appellante) com as palavras que se lêem em seu fecho—Obrigo-me por esta publicaçao. Era supra,—quando não se faz certo que taes palavras ou declarações fossem do appellante, e pelo contrario o que está verificado e liquido, ja pelo exame de fl. 85, já pelo certificado de fl. 78, é não so que ellas são de letra e mão differente que não do appellante, como ainda que assim fez-se calculada e dolosamente, depois ja de datado, firmado e reconhecido aquelle escripto, procurando-se o pequeno claro que mediava entre a data e assignatura do appellante para enchertar-se aquellas palavras acanhadamente; quando a serem postas, ou mandadas pôr, pelo appellante, seriam resalvadas por nova assignatura, como se faz nas entrelinhas ou addicionamento, e sem a qual de nenhuma fé ou valor juridico podia gosar; e muito menos qualificar-se de obrigação de responsabilidade, de que trata o codigo no supracitado art. 7, cuja falta nunca se daria se com abuso facil podesse ser supprida, tornando-se irrisoria a recommendada exigencia do codigo, que, sendo fundada em direito, podia sua falta ser allegada, e della aproveitar-se o appellante a todo tempo em sua defeza. Não podendo tambem prejudicar ao appellante haver o seu advogado declarado no começo do processo ser com effeito do mesmo appellante o mencionado escripto de fl. 8, que se havia impresso a fl. pois que não é na autoria do escripto, e sim na obrigação de responsabilidade pela respectiva publicação que a lei faz consistir a criminalidade, como claramente se collige das palavras do referido § 3.°—Autor que se obrigou,—e—por escripto,—como vem em apoio dessa intelligencia os §§ 1 e 2, que o precedem; em vista do que menos pode prevalecer a opinião em contrario de um ou outro escriptor, quando ha direito expresso que resolve a especie.

Por tanto, e o mais dos autos, reformando a sentença a fl., e julgando improcedente a queixa de fl., della absolvo o appellante Simberto Fernando Alvares Ribeiro, e condemno o appellado conego Dr. Jacintho Villasboas de Jesus nas custas. Bahia, 28 de junho de 1870 —*Francisco Vicente Vianna*.

VARIEDADES.

Energia de um esposo.

Um pobre trabalhador na provincia de S. Paulo, ao recolher-se para a sua casa encontrou sua chara metade em flagrante delicto de infidelidade. Com uma fleugma mais alleman do que paulista, foi ao quarto, tirou a sua faca da immensa bainha de couro que a guardava, e sem estrepito nem matinada, de um so golpe cortou o fio de duas existencias que o trahira, e o perfido que o insultara roubando-lhe um amor que elle obtivera em troca de sua liberdade e vinculado por sagrado juramento. Em acto successivo o cai-

pira foi a presença da authoridade e a si denunciou-se. Preso e mettido em processo compareceu no ribunal do jury. Ao formar-se o conselho, e tendo o reu declarado que não tinha nem queria advogado, foi lhe dada a palavra para dizer por seu direito o que tivesse a allegar.

Depois de haver recusado 12 jurados, ao findar a accusação, levantou-se o reu, e com placidez de animo, como si se tratasse de um facto muito commum e natural, começou explicando a causa de haver dado por suspeitos aos jurados que lhe não mereciam confiança. Não acrediteis, disse, que tenha contra vós má vontade, si nem vos conheço?... Ha porem, entre nós um abysmo que nos separa: vós sois solteiros, não sabeis o que é o laço do amor conjugal, entretanto que eu de mais o sei, pois que aqui estou sentado tendo sobre minha cabeça a espada da justiça. Não era possivel que esta espada, dando-me a lei o direito de arrancal-a das mãos dos que me não inspirassem confiança, eu a conservasse nas vossas, celibatarios, que não comprehendeis as amarguras que soffri quando vi o meu amor ultrajado por esses infelizes que succumbiram aos golpes de minha faca. A vós, jurados, que vos sentaes nessas cadeiras da lei, a vós que não vos é extranho o amor que um homem tem á sua mulher, porque cada um de vós tambem é como eu era—casado, pensae o que eu soffreria, e si julgardes que devo ser punido condemnae me, si não absolvei-me.

O orador, commovido, porem conservando sua habitual fleugma, sentou-se, enchugando com a grosseira mão uma lagrima, que talvez fosse a primeira que em sua vida derramasse.

O reu foi absolvido sem estrepito nem applausos. Não diz a chronica si o caipira tornou a casar, ou si vive em divorcio, exconjurando o sexo fragil.

N'uma taboleta lê-se:

Luvas de pellica de senhoras de todas as qualidades.

Maximas do amor.

O amor por interesse
Só quando lucra é que cresce.

O amor por sympathia
Cresce mais de dia em dia.

As meninas da moda.

Em um baile, encontraram-se duas das nossas moças que costumam imitar exageradamente a moda das damas do Alcasar, com vestiario muito indecente e a cara cheia de côr; chegando-se a um estrangeiro que ali estava, lhe perguntaram:

—Sr , que tal nos acha?

—Minhas Sras., respondeu o estrangeiro, eu não entendo de pintura.

Tres sexos.

Em uma casa de banhos em Paris appareceu a seguinte divisão escripta em uma tabella, na entrada principal de cada banheiro: —Sexo masculino, sexo feminino, sexo ecclesiastico.

ANNUNCIOS.

A' rapazeada.

Na casa junto á bibliotheca, franqueia-se a amavel rapazeada apreciadora do que é bom uma casa commoda e decentemente preparada, onde encontrará tudo quanto é confortavel ao paladar.

Tambem os que sabem dar apreço a uma pinga excellente poderão concorrer, por que serão servidos do que ha de mais exquisito no genero.

Os doces são preparados pela mais afamada doceira da capital.

A vista faz fé; cheguem e verão.

Quem for o dono de um casal de gansos, desapparecidos ha dias, procure nesta typographia, que se lhe dirá onde se acham; devendo pagar as despezas do presente anuncio e o tratamento dos mesmos.

Vende-se a venda com armação ou sem ella, na rua do Fogo em Itapagipe, a tratar na Ribeira, n.º 67.

Juizo municipal da 1.ª vara.

Correm praças nos dias 25 do corrente e 6 do mez de julho vindouro, a porta do Forum, pelo juizo municipal da 1.ª vara e cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, as seguintes propriedades:—uma de n.º 99, sita ao forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar, terreno proprio, que devide com as terras de Nossa Senhora da Lapinha, no valor de rs. 1:500$; outra, de n.º 121, sita ao mesmo forte, tambem em terreno proprio, com a mesma devisão, no valor de rs. 1:100$; outra, sita á rua nova do Queimado com tres frentes principiadas, em terreno tambem proprio, no valor de rs. 1:000$, as quaes são pertencentes ao casal dos fallecidos José Ricardo do Sant'Anna e D. Maria Joaquina de S. José. Bahia 20 de junho de 1870.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.ª SABBADO 9 DE JULHO. Ns. 667—668.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de julho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santa Anna, chamando sua attenção para uma quilombola, residencia de gente escrava e individuos de indole pessima, á travessa do Castanheda, onde perturba-se o socego e desacata-se a moral por maneira tão desabrida, que o clamor da visinhança é unanime.

Consta que uma vez ja S. S. dera nesse valhacouto da canalhocracia, mas que passados dias, continuaram em seus desregramentos; pelo que pede-se a S. S. que de novo os tome sob suas vistas.

—O que me diz sobre o Dous de Julho?

—Estive encommodado; pouco ou nada vi.

—Está commigo que nada apreciei.

—Sei apenas que no dia 2 fez-se a entrada triumphal dos carros accompanhados pela guarda nacional muito resumida e pelo povo, cuja concurrencia tambem foi pequena, em relação aos mais annos.

—Eu achava mais bonito quando a tropa ia de madrugada acampar na Lapinha e la tocava alvorada.

—E era.

Houve o costumado *Te-Deum,* ao qual notei falta de comparecimento de diversas authoridades, bem como de alguns membros do corpo consular; o sermão foi bom.

A' noite espectaculo no theatro e illuminação no Terreiro; pouca gente em ambas as partes; nos vivas o povo fez ouvidos de mercador.

Achei feio o modelo do palanque; a construcção tinha seus defeitos; a illuminação, apezar de abundante, não produzia effeito, pela falta de symetria; a pintura estava monotona; tinha um verde e amarello assemelhando-se ao traje de mulher tabaroa.

Pareceu-me que havia uma certa frieza, não sei si foi engano meu.

Ainda este anno reproduziu-se o deponente espectaculo das pateadas em quem ia recitar. E' um systema estupido: no dia de maior jubilo para o povo, uma parte desse povo applaude a grandeza de tal dia com vaias e chorrilhos em seus patricios, que pretendem cantar-lhe as glorias! Eu entendo que quem não gostar de uma cousa não assista, não applauda, mas tambem não maltrate.

—A authoridade competente é que deve fazer retirar do palanque algum desfructavel que va provocar hilartdade com poesias e discursos bombasticos, mas o povo nunca deve patear.

—Não diga o povo, os capadocios; a maior parte dos quaes são insufficientes para julgar do merito daquillo que reprovam.

—Uma scena grotesca que produziu grande balburdia, foi a lembrança que teve um policial de arvorar as *armas de S. Francisco,* para esconjurar dos garotos que o debicavam com assovios e trotes, pela attitude burlesca com que se apresentou no palanque.

—São engraçados!

—Um abuso intoleravel é malta de cavalleiros e carros por entre o ajuntamento de povo; nas tres noites houveram sempre pisadellas, carreiras e encontrões, quando se tocavam os foguetes.

—E' gosto imprudente; para dizer que são bons cavalleiros, esbravejam de proposito os cavallos, causando sustos as senhoras.

—Não sei o motivo porque cortaram *á franceza* a formosa cabelleira do caboclo...

—Onde vê dá para um excellente coque.

—'.... nem a razão porque substituiram uma rica bandeira que havia no carro da cabocla.

Achei inconveniente que os barracões destinados áquelles symbolos nacionaes ficassem servindo de transito pela falta de uma gradaria que os circulasse.

—Não dispensa nada, arre!

—No dia 5 foi a guardada dos carros. Demoraram o acto para muito tarde, de sorte

que os carros foram levados como quem ia corrido da justiça; não se dando attenção aos poetas que pediam para recitar, o que achei falta de consideração.

—Dizem que houve calculo com o fim de evitar que alguns vates desabafassem o peito.

—A volta, não fallando em duas cabeças quebradas e pequenas desordens, fez-se em ordem.

E aqui terminaram os festejos do Dous de Julho este anno e eu tambem tudo que sei.

—Enganou se, ainda ha no domingo em Brotas, depois no becco do Funil os meninos e em outros logares.

—Capitão, consta....

—O que consta não é certo.

—.... que um portuguez de nome José da Costa Godinho, morador á ladeira do Alvo, castigou por algumas noites, uma sua escrava, parda, de maneira fora do commum.

Dizem que no domingo apanhou até cinco horas da manhan, e na segunda-feira ate uma hora da noite.

—Assim é barbaridade.

—Não sei si *é verdade;* mas pelo sim, pelo não, seria bom ver-se isso.

—Sua opinião é aceitavel.

Ha senhores tão deshumanos!....

—O commandante da corveta *Duque de Palmella,* no dia Dous de Julho não quiz içar a bandeira brasileira no vaso portuguez.

—V. está enganado; eu não só vi o pavilhão brasileiro arvorado na corveta, como esta salvou á uma hora.

—Depois que o chefe da estação foi á bordo reclamar.

—Mas qual o motivo dessa omissão?

—Disse que ignorava.

—Acho muita innocencia. Um official da marinha portugueza ignorando um facto tão notavel da historia de seu paiz!

—Entende muita gente que deve punir faltas dos que lhe são adherentes, tornando-se carrasco de seus semelhantes.

Eu detesto atrocidades.

—Mostra que é humano.

—Estiveram agora me dizendo que na madrugada do dia 5 um individuo trancara-se em uma estrebaria e ahi castigara desapiedadamente uma criança.

—Em que paragem?

—Na Estrada Nova.

—Ora, a Estrada Nova é tão extensa.

—Ao dobrar a estrada que vae para Quinta. Dizem que negocia em animaes.

—Serve; eu vou mandar incumbir ao José Apolonio do Rego, que mora por aquellas paragens, se me descobre quem foi, e depois levarei o caso ao conhecimento do chefe de policia.

—Acaba de ser publicado um folheto intitulado o *Duque de Caxias e a guerra do Paraguay,* estudo critico e historico, pelo sexto-annista da faculdade de medicina e ex-1.º cirugião em commissão do corpo de saude do exercito em operação no Paraguay, Satyro d'Oliveira Dias.

—Já fui obsequiado pelo seu author com um exemplar desta interessante obra e agradeço-lhe a offerta.

—Hontem andava pela cidade baixa uma mulher parda, banhada em sangue, com a cabeça quebrada, e o corpo cruelmente maltratado.

—O que seria?

—Dizem que é escrava de um Dr. Cardoso e que a senhora deste foi quem a castigara tão deshumanamente.

—Parece que a humanidade em logar de aperfeiçoar-se vae se barbarisando!

Que pronunciada tendencia para a fereza! que gosto de martyrisar o proximo!....

—Desabou, pelos lados do fundo, um pedaço de parede da casa nº 1, na rua do Bispo, e o resto acha-se desaprumado e rachado.

—E' bom cuidar em evitar em tempo alguma desgraça.

—Adeus, rapaz, como vaes?

—Menos mal, e você?

—Soffrivelmente. Que novidades ha?

—De nada sei. Eu é que queria lhe perguntar para quando ficaram os festejos patrioticos.

—Quer ouvir um conselho de amigo?

—Quero.

—Não se lembre disso.

—Porem, está tão demorado!....

—Peior, não sabe que o melhor da festa é esperar por ella?

—Uma desordem tamanha, quatro pessoas feridas, tanto sangue derramado e a policia não dá novas de si!

—Aqui na rocinha do Barros ja é o fecha: o sarcoiro começou no Maciel de Cima.

—E de lá até aqui, nem um só agente policial ouviu tanto alvoroço, o retumbar dos gritos, o estrondo dos cacetes, o tinir das garrafadas!

—A creoula Semiana, moradora na hortinha do Barros, entendeu que devia accumu-

lar dous proveitos n'um sacco. A ladina rapariga desempenhou seu papel com tanta finura, que o creoulo Manuel Roque e o pardo Augusto, não suspeitavam que eram rivaes, vivendo cada qual na illusão de que era o unico que gosava os afagos da travessa dulcinèa.

—Mas o diabo que é judeu, quiz que na segunda-feira á noite se encontrassem os tres em um botequim.

Manuel Roque, de cabeça inchada, começou a pagar vinho, Augusto tomou por afronta; aquelle quebrou a cabeça de Semiana e feriu a Augusto; Honorio toma o partido desta; Augusto vae se armar e fere Manuel Roque pelas costas; os filhos de Semiana quando vêem a mãe ferida, sahem como possessos para a rua, um de bayoneta e outro de faca de ponta em punho; o inspector de quarteirão que vê o sarceiro tranca-se em casa.

—Que angusada por causa de uma mulher!

—Em assumptos de fidelidade, a creoula Semiana, é folha de patioba.

Ainda conserva sevicias das pancadas que levou a 26 do p. p., na ladeira do Carmo, dadas pelo pardo Domingos, em cuja companhia viveu muitos annos, despeitado por encontral-a em flagrante contrabando!

—Eu não sei que mal fizeram os habitantes desta cidade ao homem do cisco.

—Pelo contrario, das costas do povo sahe uma boa parcella de dinheiro que reverte ás algibeiras delle.

—Parece que o homem encarregou-se da lugubre missão de devastar a terra, predispondo as cousas para uma peste!

—O homem anda atraz de seu interesse; quer ganhar muito com pouco trabalho.

—As Quebranças, na freguezia de S. Pedro, é um verdadeiro foco de infecção.

As materias ali accumuladas quando entrarem em decomposição, hão de por força causar damno a saude publica.

—Eu só digo que quem acha encaixa; e arrenego do cachorro que lhe dão o osso e não roe.

—Capitão, este biltresinho encontrei em uma depravada experiencia.

Si Sodoma existisse, valia a pena mandar o patife para lá nutrir seu genio.

—Quem é este garrote?

—O caixeiro d'uma tulha na praça.

—Sei, uma especie de alcouce, onde não é a primeira vez que se dão scenas de libidinagem; não ha muito a subdelegacia andou as voltas por lá.

—Ahi mesmo. Este safado, mais concupiscente que um bode ocioso, encontrei a fazer um *estudo especial* de dedos, chamando para coadjuval-o na operação duas innocentes meninas, que nada entendiam do que elle pretendia executar e das quaes a maior, podia ter nove annos. Eu e o Galliza barbeiro fomos que as arredamos daquelle conluio brutal.

—Bem; vou dar-lhe a tarefa de apalpar as gallinhas de bordo.

—Nada, capitão, antes mande pelo muxingueiro amassar-lhe os pollutos dedos que se prestam a tão immoral mister.

—O emprezario do cisco está estudando os meios de, com a maior presteza e possivel perfeição, fazer o serviço á seu cargo.

—A quantas lucubrações não se terá dado elle, quantas noites de vigilias não terá passado para chegar ao cabo de tão difficil ramo dos conhecimentos humanos!

—Declara que o serviço agora principia á meia noite.

—Por isso mesmo é que ás 11 horas do dia as ruas estão immundas, quando não ficam por mais de um dia.

—Convida aos habitantes da cidade a irem alistar-se como contribuintes da *insignificante quantia* de 500 rs. mensal.

—Na verdade, é bagatella; para um artista que ganha 1$200 ou 1$600 por dia, e que paga impostos directos e indirectos; que leva tres mezes no serviço da guarda nacional, é inegavel que não é sinão nada, mais essa pequena carga de 6$000 rs. annuaes, em favor do homem predestinado em materias de lixo.

—Mas, como o fim delle é *limpar tudo*... que remedio ha sinão sujeitar mo-nos?

—Os soldados de policia podem andar armados?

—Isso é pergunta que se faça? para que tem V. dous olhos estampados na cara?

—Quem não sabe pergunta, estou que não é defeito.

—São perguntas que não se fazem.

—Mas então, diga-me, elles estão fora da acção da lei?

—V. si não é simplorio faz-se. Como si farão respeitar os agentes da força publica, si não trouxerem comsigo um meio de defeza?

—O que eu pergunto é, si podem usar de armas prohibidas.

—Ora um a fallar e dous a entender.

—Como eu vi na terça feira dous delles, que parece estavam de guarda ao palanque, entrarem em uma venda ao Terreiro e um puchar por um formidavel punhal para descascar mangas, lembrei-me de perguntar.

—Commetteu um crime como qualquer outro.

—E o mais bonito foi que quando acabaram de comer as mangas não quizeram pagar a preta.

—E' uma policia modelo esta nossa!

—O homem do cisco annuncia que está no deliberado proposito de melhorar quanto lhe for possivel o aceio da cidade.

—Ou é gracejo?

—E pede que quem presenciar qualquer falta lhe communique, para elle providenciar.

—Elle que vá enganar aos tolos.

Eu vejo se bradar ahi todos os dias contra a porcaria e os monturos que se vão augmentando na cidade.

—Os correios no Brasil não inspiram confiança; servem pessimamente.

—E' um dinheiro mal gasto, o que se da.

—Paga se e não se tem segurança; as cartas e jornaes são extraviadas.

—Ora veja: ha seguramente oito mezes que não recebiamos o *Jequinhonha* da Diamantina; agora nos escreve sua redacção dizendo que tem sido pontual na remessa e reclama por sua vez; o mesmo acontece com o *Parahyba* de Guaratinguetá e o *Estandarte* do Espirito Santo.

—E' um dos tributos peiores que o povo paga; porque, além de mal servido, é lesado.

—O Dous de Julho vae a expirar!

Já não ha mais neste dia as demonstrações patrioticas de outr'ora.

As casas não deitaram illuminação nas suas frentes, á excepção das sociedades Campesina, Monte-Pio dos Artistas, Monte-Pio dos Artifices, Desvalidos e Terpsychore, que sobre-sahiu a todas, e uma ou outra casa particular.

O theatro que antigamente era decorado com solemnidade, para o espectaculo em grande gala, que nesse dia se fazia, este anno esteve até com as luzes do saguão amortecidas.

Antigamente, ainda o anno passado, esteve no theatro uma guarda de honra; este anno, porem, foi um piquete, como costuma ir para os espectaculos communs.

O presidente da provincia chegou tarde para dar os vivas do costume, diante da effigie do imperador, e os rapazes estudantes cansados de esperal-o, entretinham-se alguns em patear a orchestra, porque entendiam que ella devia levar tocando, sem descanso, até que chegasse S Ex.

—E' tambem um proceder inconveniente dos espectadores patearem a orchestra, quando sabem que ella não pode tocar, emquanto não tocarem a sineta dentro da caixa do theatro tres vezes.

—Isto não parte dos espectadores, façamos-lhes justiça, e sim de meia duzia de capadocios, escoria da sociedade, e alguns estudantes, escoria da classe a que pertencem.

—Deixemos isso e vamos a narração do Dous de Julho.

A' uma hora foram conduzidos do pavilhão da Lapinha para a Praça do Conde d'Eu os emblemas triumphaes de nossa independencia, seguidos pelo povo, pela companhia de caçadores a cavallo, pela guarda nacional, pelo batalhão patriotico dos caixeiros e uma meia duzia de cavalleiros.

. . . . . .

Houve o *Te-Deum* do costume, ao qual assistiu as authoridades e algumas pessoas.

Findo o acto religioso, S. Ex. o Sr. vice-presidente da provincia descerrou as cortinas da effigie de S. M. o imperador e deu os vivas costumados.

A commissão dos festejos entregou tres cartas de liberdade,

—Bravo! muito bem!

—Durante as tres noites illuminou-se o palacete da Praça do Conde d'Eu.

A illuminação do palacete esteve muito clara; mas a planta da obra foi muito mal tirada e sem poesia.

Os carros triumphaes não ficaram, como era costume, na Praça da Piedade, e nem lá foram, conservaram-se na Praça do Conde d'Eu, debaixo de dous barracões para isso preparados.

—Illuminou-se mais, alem dos logares mencionados, a camara municipal, palacio da presidencia, e o do arcebispado, a eschola de medicina, o quartel-general e a secretaria da policia.

—A casa da relação e o commando superior fizeram economia nesta parte.

—No dia 5, pelas 6 horas da tarde, regressaram os emblemas de nossa emancipação politica para serem depositados na Lapinha, em seu pavilhão, tendo ido primeiro até a Piedade.

Acompanharam os emblemas os batalhões patrioticos—*Caixeiros Nacionaes, Defensores de Pirajá* e *Minerva Dous de Julho,* este batalhão, sob a direcção do distincto patriota Francisco Alvares dos Santos, ao chegar á Praça do Conde d'Eu, deu carta de liberdade á uma criança de 5 annos, mais ou menos.

—O professor Francisco Alvares dos Santos, todos os annos, por Dous de Julho, sempre pratica d'esses actos de humanidade—liberdade ao escravo!

Alguns cavalleiros e muito poucas pes-

sons acompanharam os symbolos de nossa emancipação, achei muito frio este anno o Dous de Julho!

—E como não ser assim! O povo vive carregado de impostos sobre impostos; o commercio todo estrangeiro; os artistas morrendo á miseria e a fome, devido isso ao pouco caso que o governo faz das artes; quanto aos grandesso se lembram elles do povo quando precisam do seu voto para subir ao poder; a lavoura sem animação alguma.....

E como não ser assim si o povo vive opprimido, massacrado e perseguido pelos homens poderosos!

Em que epocha foi que a funcção de Dous de Julho esteve tão fria e monotona?

So agora nesta quadra de soffrimentos e descrença!

—Mas ainda assim, ainda os grandes e os potentados querendo matar este dia de nossas glorias, nos deveremos enthusiasticamente bradar:

Viva a liberdade!
Viva o dia Dous de Julho!
Viva! viva! viva! tres vezes viva!

A PEDIDO

—Capitão, estou com V. Ex.

—Diga o que pretende, meu amigo.

—V. Ex. fustigando o vicio, censurando os abusos, condemnando a corrupção, escarnecendo da hypocrisia e pedantismo, desempenha umá alta missão de moralidade social, mas essa missão mais benefica e salutar se torna quando repara uma injustiça.

—Sou sensivelmente agradecido a tão immerecido elogio.

—Mormente, quando reparando uma injustiça, d'ahi resulta a justificação de uma reputação illibada injustamente ferida, e desvanece suspeitas sobre um caracter honesto, despeitadamente offendido.

—Os caracteres puros estão defendidos por si; não ha manchas que os maculem; a defeza delles está no proprio procedimento.

—E' assim que nos numeros 261 e 62, ou por espirito de maledicencia, ou por ignorancia do facto, vem controvertida a verdade em uma historia ahi contada.

—Qual é a historia?

—E' a de uma mulher que tinha uma filhinha, bella, espirituosa.

—Sei; mas o que ha?

—As circumstancias alteradas, com que foi narrada a tal historia, as allusões insinuantes e desfavoraveis que se fazem a um respeitavel caracter, dá motivo a que os espiritos desprevenidos que a leram, fiquem, formando um juizo bem triste dos sentimentos de honestidade, da pureza de intenções daquelle a quem se pretendeu offender.

—Continúe, que estou gostando de lhe ouvir.

—A pretendida victima dessa urdidura, não passa de um ingrato, que pagou ao seu bem-feitor, com a mais hedionda perfidia e negra ingratidão os beneficios recebidos.

Aqui está uma fiança de casa, assignada pelo bem-feitor, e o recibo do proprietario provando que elle foi quem pagou o aluguel.

Leia estes bilhetes em que o miseravel pede dinheiro emprestado; veja os termos humilissimos que usa, reflicta si é possivel a dignidade do homem rebaixar-se mais; repare para este em que escreve e manda sua infeliz senhora assignar, pedindo um cavallo emprestado para ella passeiar e avalie si esse miseravel inspira nojo ou desprezo.

—E são verdadeiros taes bilhetes? O Sr. garante?

—Posso reconhecel-os, si V. Ex. exige.

—Não precisa; conclua.

—Chorando, lastimando-se que estava sem mesada, especulou por algum tempo com a generosidade daquelle a quem depois offendeu e por fim de contas, quando viu que as fontes seccavam, inventou uma farça torpe que, para um homem que se prezasse, a ninguem mais deshonraria do que a si proprio.

Farça, que si fosse verdadeira, ninguem mais do que elle teria concorrido para sua realidade.

—Um homem assim é um compendio de miserias.

—Aqui está o inexperiente, o incauto, o illudido; aqui tem V. Ex, a victima. Um perdido que cavou torturas e tornou amargurada a vida de uma infeliz senhora: um homem sem meio de vida licito que pretende viver na sociedade nas costas dos mais e que mascara-se de victima quando não encontra quem esteja disposto a manter pançudos, não trepidando, para conseguir tal fim, de malbaratear aquillo que todo homem de brio tem de mais charo.

—Tenho lhe ouvido, e pelo que o Sr. diz acho-lhe toda razão.

—E provado que toda a historia a que me referi foi infundada e com o fim de deturpar uma reputação que está muito acima do que a quizeram pintar.

—Capitão, esta mulher queixa-se que estando em Cachoeira, dera a um empregado do vapor da Companhia Bahiana, daquella carreira, um bahuzinho contendo dous pa-

nos da Costa e uma carta com 55$ rs dentro.

—Para que fim?

—Para entregar a uma pessoa nesta cidade; mas o homem entregou o bahú menos a carta com o dinheiro que vinha dentro daquella.

—Tem provas?

—Apenas de uma senhora, que viu, quando ella entregou o bahu dizer que na carta havia dinheiro.

—Por que não vae ao capitão?

—Foi, mas elle disse que nada podia fazer.

—Nem eu.

—Não é a primeira vez que apparecem desta queixas contra o empregado dos vapores.

—O remedio que eu vejo ahi é pedir ao gerente da companhia que recommende aos capitães que não consintam que as tripolações dos vapores conduzam encommendas e cartas, por que não so prejudica a companhia que perde nos fretes, como a fazenda publica que é lesada pela falta de sello nas cartas, que vem por intermedio delles, como tambem dão-se destes factos que de alguma sorte desabonam o credito da companhia, inconvenientes que desapparecerão havendo formal prohibição de trazerem a bordo encommendas particulares.

Programma dos festejos de Dous de Julho de Brotas.

No dia 9 do corrente, depois que chegar ao largo de Brotas o batalhão patriotico—Riachuelo, sob o commando do cidadão José Fortunato da Cunha Junior, pelas 10 horas da noite desfilará o carro precedido de uma banda de musica militar a depositar-se em um elegante barração ao largo do Matatú.

No dia 10, depois da chegada do batalhão Minerva, de Pirajá, partirá o carro triumphal e o vapor *Bahia* com sua competente tripolação e acompanhado pelo 5.º batalhão da guarda nacional e diversos batalhões patrioticos, passará pela ladeira d'Oliveira, Sangradouro, rua do Castro Neves, largo das Pitangueiras em direcção ao largo de Brotas, onde se encontrará um palacete decorosamente ornado.

Ao chegar ao largo de Brotas e postado o dito batalhão descencerrarão a augusta effigie de S. M. o imperador o presidente da camara municipal, a autoridade local e tres membros da commissão dos festejos.

A' noite desse dia e nas duas seguintes haverá esplendida illuminação; e uma banda de musica militar tocará das 8 ás 10 horas da noite; haverá balões de hora em hora e diversos folguedos, bem como dansa de corda, presepes, botequins, feiras, etc.

CREDO.

Que não ha patriotismo
Nos homens da governança;
Que elles todos só querem
Encher de dinheiro a pança
Creio.

Vendo hoje, como vimos,
A crença o homem vender,
Pede a razão, a justiça,
Que só devemos ter fé
Em Deus.

Amor da patria, heroismo,
Palavras soltas a esmo,
Dellas usa o doutorinho,
O deputado e o mesmo
Padre.

No senado elle se vendo
Vitalicio senador,
Perdendo o patriotismo
Da patria perde o amor
Todo.

Aquelle que mendigava
Um voto com humildade,
No senado já se julga
Ser suprema divindade,
Poderoso.

Lá da eburnea cadeira,
Da grandeza todo ufano,
Lança os olhos ao povo
Qual monarcha soberano
Creador.

Livrar-nos só pode a morte
Do monstro falso e cruel,
Lá do throno derribando
Como fez Deus a Lusbel
Dos ceus.

Seu nome seja execrado
Por todas as gerações,
Sobr'elle chova em diluvios
Lá dos ceus as maldições
E da terra.

Qu'a liberdade tem sido
A capa da hypocrisia;
Para uma têta chuparem
Como minha avó dizia
Creio.

Os Vasconcellos, os Honorios,
E outros que taes protheus,
Fizeram dos liberaes
O mesmo que os judeus
Em Jesus Christo.

Dos estadistas famosos,
Que tem a patria gerado
Sabias leis de liberdade,
Não me lembro ter-lhe dado
Um só.

Derramar o sangue irmão
Esbanjar honras, dinheiros,
Nada val; assim o diz
Da chara patria o herdeiro
Seu filho.

Geme o povo de tributos,
Soffra o pobre amarga fome,
Que importa, si o estadista
Só deseja ter por nome
Nosso senhor.

Corra o sangue em Paraguay
Nesses combates de horror:
Defender os patrios brios
Deputado ou senador
Qual foi?

Só um caduco Caxias,
O general Sapucaia
Porque na monte já tinha
Projecto de desertor
Concebido.

Este crime que devera
Ser com justiça punido,
Com protesto de molestia
Foi do governo esquecido
Pela graça.
Meu Deus, tende compaixão
Da terra da Santa Cruz!
Lá dos ceus fazei baixar
Sobre nós a clara luz
Do Spirito Santo.
Arvorado o santo Lenho
Sobre o nosso continente,
Para ser um grande imperio,
Livre, forte, independente
Nasceu.
A' sua sombra se abrigam
Os filhos da Redempção,
A sua causa advogue
A sagrada Conceição
Da Virgem Maria.
Possam lagrimas piedosas
Dessa Virgem pura e bella,
Do filho abrandar a colera,
Que pendente aos olhos della
Padeceu.
Os brasileiros são livres,
São tambem americanos,
Como podem pois viver,
Dos mandões e dos tyrannos
Sob o poder?
Ministros e senadores,
Deputados, cortezões,
Ao ver o povo gemendo,
Tomaram todos lecções
De Poncio Pilatos.
Tributos sobre tributos,
Após da guerra estrangeira,
O povo que pertencia
A phalange brasileira
Foi crucificado.
Nosso cofre nacional
De sangue todo exhaurido
Pelos grandes, assassinos
Para ser é conduzido
Morto e sepultado.
O parricida malvado,
Que o primeiro golpe deu,
Rugindo qual uma fera,
Pelo negro crime seu
Desceu aos infernos.
Portanto tenho esperança
De que o povo acordando
Levante-se glorioso
Qual Christo resuscitando
Ao terceiro dia.
Então eu empunharei
Minha lyra altisonante,
P'ra cantar a liberdade
Que tão bella e tão brilhante
Resurgiu.
Seus inimigos crueis
De remorsos morrerão;
E seus restos guardaremos
Na tristonha habitação
Dos mortos.
Cá da terra do exilio,
O nosso amargo queixume,
Qual de um raio a rapidez
P'ra queixar-se ao sacro nume
Subiu aos ceus.
Sobr'o throno inabalavel
De pureza e santidade,
P'ra fazer justiça ao povo
A suprema divindade
Está sentado.
Ao lado esquerdo veremos,
Os grandes condecorados,
Rangendo os dentes ao ver
Os seus irmãos desprezados
A' mão direita.
A liberdade foi dada
Por um Deus no paraizo;
Querem os homens de encontro
Oppôr-se ao alto juizo
De Deus Padre.
Coitados! hão de sentir
Do Senhor o grão poder;
Tremulos de susto e de medo
Seu braço forte hão de ver
Todo Poderoso.
Si do ceu não esperamos
Um mais ditoso futuro,
Remedio p'ra nosso mal,
Tão cruel passado e duro
D'onde ha de vir?
E' Deus um pae amoroso,
E tambem recto juiz,
Deste povo a causa santa
Virá n'um dia feliz
A julgar.
Nós que como as almas santas
No purgatorio, penamos;
Resurgindo gloriosos
Talvez ainda sejamos
Os vivos.
E esses predestinados
Para serem os mandões,
Lá no inferno terão
Por companhia os dragões
E os mortos.
Qu'o Brazil inda ha de ter,
Um systema liberal,
Que estreite os sacros laços
Do spirito nacional
Creio.
Esta esperança que nutro,
Dentro do meu coração;
No berço inspirou-me em forma
De uma revelação
O Espirito Santo.
Tal é a doutrina santa
Que Jesus Christo pregou;
Para ser observada
No Evangelho deixou
A Santa Egreja.
A aquelle que nos offende
Nos manda Deus perdoar;
Perdoemos pois a todos,
Para que possam gosar
A communhão dos santos.
Si contrictos se mostrarem
De seus erros e maldades,
Conceda-lhes o nobre povo
De suas iniquidades
A remissão dos peccados.
Do erro se levantando
Novos homens liberaes,
Por seus feitos mostrarão
Que obram prodigios eguaes
A ressurreição da carne.
Assim todos reunidos
N'um só grande pensamento,
Gozaremos, como os anjos,
Gozam sobre o firmamento,
A vida eterna.
Praza a Deus que breve chegue
Esse dia que lá vem,
P'ra gosarmos liberdade
Por todos os seculos
Amen.

ALLOCUÇÃO

dirigida ao batalhão patriotico — Defensores de Pirajá — pelo seu commandante Antonio Olavo da França Guerra.

Camaradas Patriotas !... A exemplo dos de mais annos, vão ser guardados em seu Pavilhão á La pinha os Carros Triumphaes !...

Elles, são os emblemas que symbolisam os feitos de honra que obraram tantos peitos aquecidos pelo sagrado fogo do patriotismo !...

Elles, são a reliquia veneranda que representam o triumpho das armas brazileiras em defeza da sua patria !...

Elles, finalmente, são a prova a mais imponente do exforço heroico dos bravos que a custa do seu sangue derramado nos campos da batalha, por occasião da lucta que se travou entre o despotis-

mo e a Liberdade para — nos outhorgar a Independencia !...

Pirajá, Cabrito, Itapoan, Itaparica, Funil, Saubara, e Cachoeira, ahi estão para attestar !...

Camaradas Patriotas !... Os Carros Triumphaes que hoje vamos levar para a Lapinha, são um legado de honra que nos deixou os nossos maiores, ganho com muitos sacrificios.

Assim, pois, Camaradas Patriotas, com o coração repleto do mais vivo enthusiasmo e patriotismo, vamos conduzil-os ao seu deposito debaixo da maior harmonia; e, inpirados pelos festivos hymnos—cadenciosamente executados pelas musicas marciaes!...

Camaradas Patriotas !. . No trajecto que temos de fazer pelas ruas, espero—que reine a melhor ordem possivel, dando assim, cada um de vós, mais uma prova—de que sois bons brasileiros e respeitadores das glorias do maior dia da Bahia o —Dous de Julho—e, associando-vos a mim, brapemos—

Viva a Religião Apostolica Romana !
Viva a Independencia do Brazil !
Viva S. M. o Imperador !
Viva o dia—Dous de Julho !
Viva o Povo Bahiano !
Vivam os Bravos que compõem o batalhão patriotico—*Defensores de Pirajá !*

Severiano Moreira da Silva Cabé, agradece a seu irmão Joaquim Moreira Cabé o *fraternal procedimento* que para com o mesmo tem tido, os *favores* que lhe tem prodigalisado durante sua prisão e o *solicito interesse* que tem tomado no seu infortunio e adversidade, admiraveis attributos de uma alma, que ao proprio Caim causaria inveja.

Não pode deixar de reconhecer o louvavel procedimento, a nobreza de sentimentos que levou seu bondoso irmão a despedir de sua casa, alta noite, com tres filhinhos, a esposa do irmão, opprimido pelos revezes da desgraça, a qual havia procurado a casa ds seu cunhado, em virtude da distancia que a separa dos seus parentes.

Porém como Deus não desampara a ninguem, aquella que foi repellida por quem a devia acolher, encontrou generoso abrigo em estranhos: em uma camarada de infancia, em uma companheira de collegio.

Deus é grande! E o dia de amanham é inevitavel. Possa eu ainda um dia, pagar a meu *desvellado* irmão, por maneira bem diversa, tudo quanto delle tenho recebido dentro destas masmorras onde me acho.

29 de julho de 1870.

Severiano Moreira Silva Cabé.

VARIEDADES.

Dialogo entre dous rapazes.

—E' preciso procurares um meio de vida; o que pretendes fazer?

—Abrir uma casa de joias.

—Tens capitaes para isso?

—Não; mas tenho uma *gazúa*.

Carta enigmatica.

Meu *custoso dedicado*.—Não vou á *pingaagoa* presença, por ter o meu *masculino*, com uma *moita tesa* no lombo; eu quizera *conhecer-lhe divida* o favor de dizer ao seu *aqui-oitacto* que *vomite* no *isento perceptor, descanso da tumba curta* quantia que agora *cumplice gordura* e não faça *carreta de peça* de ir tão *depois do meio dia*.

Sou seu *viado*
Sinonimo Vaz Mendes.

—

TRADUCÇÃO.

Meu *charo amigo*. —Não vou á *sua* presença, por ter o meu *macho* com uma *matadura* no lombo; eu quizera *dever-lhe o favor* de dizer ao seu *caixeiro* que *lance* no *livro-mestre essa pequena* quantia que agora recebo e não faça *reparo* de ir *tão tarde*.

Sou seu *servo*
Sinonimo Vaz Mendes.
(Do *Almocreve de Petas.*)

Nosso pai de noite.

Certo vigario conduzindo o sagrado viatico, ja tarde, em uma noite chuvosa, e escura, tropeçou e esmurrou o nariz; então disse em completa raiva:—«Eu não estou todos os dias a dizer aos meus teimosos parochianos, que nosso pae de noite não presta!...

—O' mamãe, o que é um beijo?

—Ora: é uma tolice.

—Olhe: eu digo-lhe isto, porque o meu noivo está me sempre a pedir-me tolices.

ANNUNCIOS.

Attenção!

Quem tiver e quizer vender os ns. 176, 181, 182, 191, 193, 215, 243, 281, e 282 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, e o n. 16 de 1868, dirija-se a typographia Constitucional ao Ajjube, que achará com quem tractar.

Rapazeada amante do vispora! Na rua do Julião n. 18, acha-se competentemente preparada uma casa para tal fim. Bons commodos, muito aceio, excellente cafè e boa pinga. Nos sabbados mocotó gratis para quem for divertir-se. Avancem, rapazes, que quem está á é o Firmino.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.ª TERÇA-FEIRA 12 DE JULHO. N. 669.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de julho de 1870.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá incontinente á ladeira, que da Caixa d'Agua vae ter a nova estrada da baixa da Soledade, e passe a multar a quem estiver fazendo uma excavação nella, em frente á roça do cidadão Antonio de Paiva Martins, visto como sendo uma rua publica, ninguem por seu interesse e alta recreação, pode fazer excavações sem ordem da camara, sob pena, de reparando o damno causado, alem da multa, o concerto ser feito a sua custa. Cumpra.

—O festejo de Dous de Julho em Brotas, esteve bom.

No dia 9 á noite foi o carro do caboclo para as Pitangueiras onde ficou depositado em um barracão; na frente do carro seguiu um vapor de guerra engenhosamente preparado intitulado—*Bahia.*

Acompanhou o carro o batalhão patriotico Riachuelo, o qual debandou-se no meio do caminho, por causa de provocações.

No dia 10 fez-se a entrada percorrendo o carro as ruas designadas no programa dos festejos, assim como o vapor.

O carro foi puchado pelo povo e o vapor por meninos vestidos de marinheiros; acompanhavam o festim uma guarda de honra do 5.º batalhão, puchada pela muzica de policia; uma escolta da companhia de caçadores a cavallo, a cavallaria do batalhão patriotico, *Minerva Dous de Julho*, o Dr. delegado que ia mantendo a ordem e diversos cavalheiros.

O palacete estava bonitinho, e apresentava oito faces lateraes, contendo em cada uma dellas a inscripção dos logares dos feitos de nossas armas.

Ao chegar o emblema de nossa emancipação, descerrou-se a effigie do imperador e deu-se os competentes vivas.

A' noite houve illuminação, que continua por tres dias, sendo hoje o ultimo.

Do que não gostei foi de ver certos sugeitos armados de punhaes, e por parcholice puchando a vista de todos.

—E a policia o que fazia?

—Via e calava-se!

—Uma cabra morta na fonte das Pedras.

—Desde terça até sexta feira, eu vi tambem.

—Si não fosse um particular ainda la estaria.

—Ahi está a prova da proclamada actividade do homem do cisco.

—E em quanto o corrompido animal impregnava a athmosphera de um cheiro pestilencial, que a todos encommodava, dous agentes da empreza, um caixeiro e um carroceiro, em debate apurado, perto d'ali, questionavam sobre um pouco de cisco que havia na rua. O caixeiro entendia que o lixo devia ser apanhado, por ter sido despejado aquella noite, o carroceiro recusava se á pretexto de ser elle da noite de S. João por causa das palhas que continha.

—Cisco ja tem privilegio!

—Mas si era cisco de S. João, como lhe chamava o patusco carroceiro, não padece duvida que estava ali desde essa noite, o que significa que a empreza deixando a rua em estado immundo por espaço de 15 dias, desde 24 de junho a 8 de julho, deu signal da actividade que lhe conferiu o barão de S. Lourenço.

—A *Chronica Religiosa* noticia que S. Ex. o Sr. governador do arcebispado, visitou quarta feira a capella do hospital de charidade que serve de deposito dos cadaveres, e averiguou ser destituido de fundamento tudo quanto se tem feito propalar relativamente áquella capella.

—O que será que se tem feito propalar?

—So si é que a capella serve de aposento a cabras e cavallo.

—Quererá negar isso?

Pode negar que a capella fica aberta, á pretexto de entrar ar, e que no pateo onde está ella edificada deitam-se cabras a pastar?

Pode negar que todas as tardes é para ali levado um cavallo?

E não entra pelos olhos que taes animaes encontrando a porta do sanctuario aberta, penetrem nelle ao menos levados pelo instincto de se resguardarem em occasião de chuva?

Quem nega que a capella do hospital não tem sido profanada pela entrada e assistencia de animaes, pode negar tambem a luz do sol.

—Está feito deposito de cisco o logar denominado Gabriel.

—Quem lhe disse isso?

—Eu que vi lá uma montureira dos peccados.

—E' porque o emprezario do *aceio da cidade*, ainda não soube para mandar limpar.

—Vá esperando. Pois o emprezario vae la limpar lixo em um logar tão *retirado* da cidade?.....

—Veja quanta falta de humanidade.

A mesa da Santa Casa alugou duas recolhidas como serventes ou creadas n'uma casa á ladeira do Alvo.

Adoeceu uma de antrazes e foi remettida para o hospital, onde as irmans de charidade por charidade não a quizeram.

—Que crueldade! que tyramnia!

—A infeliz, que era assim esbulhada do que lhe pertencia, que era tangida por estrangeiras, da casa que tem por fim soccorrer nas enfermidades do corpo a qualquer que precise, quanto mais a uma filha do estabelecimento, foi depois recebida, nos ultimos arrancos da vida; entrou para morrer.

Falleceu dous dias depois; enrolada em trapos foi atirada na patusca e mandada para o cemiterio. Nem o capellão chamaram para encommendal-a! Nos dous dias em que esteve no hospital suas feridas não foram lavadas!

—Pois as irmans de charidade, que se fazem apregoar de tão seguidoras dos preceitos do catholicismo, deixam que por deleixo o cadaver de um christão baixe á sepultura sem os ultimos soccorros da egreja!

—Despojada do que era seu; abandonada, maltratada na casa que era sua!

—Eu sei que depois de morto o corpo, vá como for, volta ao pó de que se formou, e que tudo o mais não passa de preconceitos do mundo; tanto o potentado em soberbo mausoleu, como o miseravel na cova rasa, tornam-se em cinza, em nada; mas, logo que a sociedade [illegible] isso que se chama enterro decente, porque razão, tendo aquella recolhida, por direito incontestavel um dote, desse dinheiro não lhe fizeram o enterro, e a mandaram miseravelmente para o cemiterio, no carro commum, sem um caixão, sem uma simples mortalha?

Para quem fica o dinheiro que lhe cabia? quem se julgará com direito de constituir-se seu legitimo herdeiro? A Santa Casa?

—E' uma subtracção.

—E depois na casa em que a alugaram não estaria ella vencendo um salario?

Porque, ao menos, não lhe fizeram o enterro com aquillo que ella ganhou por seu trabalho, ja que lhe arrancaram o que lhe foi doado por uma mão bem-feitora?

—Ah, João de Mattos, como interpetram o pensamento humanitario que dictou tua pia instituição!.....

—Ouça em duas palavras um caso contado pelo *Mosquito*.

—Estou attento.

—Um substituto de delegado de policia surprehendeu em colloquio amoroso um guarda nacional da provincia do Rio de Janeiro, e julgando que tão grave attentado não deveria ficar impune, na ausencia de um correctivo qualquer que a lei fornecesse, foi o prender depois de tel-o castigado com quatro duzias de bolos!..

Cuidará quem ler, que esse facto estupendo deu se em alguma longinqua provincia do imperio, onde a lei deixa de ter acção?

Qual!

A cousa passou-se na cidade de Valença, provincia do Rio de Janeiro.

O infeliz Aragão, (é o nome da victima) soffreu com resignação as quatro duzias de bolos; e creio que nisso andou muito bem, porque debalde protestaria e reclamaria justiça.

—Nem tanto offender a moral publica.....

—Capitão, encontrei no *Monitor Campista* a seguinte descripção de um dos typos da nossa sociedade.

—Leia.

—E'

O CANTOR DE SERENATAS.

Transportemo-nos á Bahia.

E' noite. Assentada em seu throno de esmeraldas, a cidade de S. Salvador dorme descuidosa, reflectindo na superficie ondulante das aguas as palmas verdejantes do seus coqueiros, e exhalando em languido desalinho o suave perfume de suas mangueiras em flôr.

Adormeceu nos canticos da viração.

O astro dos poetas acaricia-lhe a face em

beijos de luz, e o mar embala-lhe o berço suspirando nas areias prateadas.

Que voz, porem, é aquella que vem casar-se, em doces harmonias, ao concerto da natureza?

E' a delle, o cantor de serenatas, que envia á sua Marilia, os echos sentidos do coração.

Um rapido esboço sobre este typo.

O cantor de serenatas, em geral, é um creoulo esbelto e intelligente.

Amigo em excesso das instituições livres, ostenta na cabeça, perfeitamente traçada, a *estrada da liberdade,* que divide-lhe a hirsuta como em duas porções deseguaes; uma do lado esquerdo formando uma colina, e outra do lado direito representando uma elevada montanha, de cujo cimo sahe, de ordinario, a ponta encardida de um palito indiscreto.

O chapeu mal o resguarda do sereno, calindo-lhe sobre uma das orelhas, e deixando descoberta a outra, macio ninho de um cigarro apagado.

Traja velho paletot, calças de côr duvidosa, e assenta os pés sobre vetustas chinellas de couro que já foram outr'ora botinas.

Nunca vel-o-heis só. Reune sob as janellas de sua Marilia o maior numero possivel de confidentes, que o applaudem com enthusiasmo, dizendo em altas vozes:

—Canta agora aquella do *Trovador*.

—Não; canta a outra que é mais bonita.

—Cá para mim, não ha como a da *Lilia*.

—E onde fica aquella das *Lembranças do nosso amor?*

E o creoulo, vergando a espinha dorsal, erguendo o joelho e fazendo deste ponto de apoio para o violão, começa a afinal-o; depois do que, encosta se á esquina e canta uma por uma as canções pedidas.

E' um gosto vêl-o cantar!

Quando as notas sobem, é o nariz quem se incumbe de tiral-as, procurando as regiões sideraes, e sacrificando as veias da larynge que se injectam de sangue.

Os *bravos! e muito bem!* em geral, acompanham estas situações.

Começam então os commentarios:

—Este diabo é um damnado!

—Dá aqui pantana em tudo.

—Que moleque bom!

—*Eita,* rapaz!

—*Havéra* de eu ter esta voz, que estava com a minha vida ganha!

O cantor passa de novo a afinar o instrumento, respondendo ás saudações com os seguintes rasgos de modestia:

«Qual!...

«O que!... vocês estão caçoando. Eu hoje não estou em maré. Si vocês me vissem.....

Segue a enumeração dos louros alcançados.

—Outro dia, ali em riba, em casa da Joanna.....

—Que Joanna?

—A Joanna do Barnabé, aquella que brigou com o marido, quando elle foi cantar em baixo da janella da Chica do Becco do Grêlo.

—Ah! já sei, uma que tem o nariz torto!

—Taes quaes. Pois pintei lá o padre Simão. Cantei até o diabo dizer abasta, e fui acabar a noite n'um samba, na Boa Viagem. Olhem—cantei duas vezes—*a minha Lilia morreu,* cantei—*a hora em que te não vejo,* cantei—*a alta noite,* cantei—*eae suspiro, chega aos lares,* fizeram-me repetir tres vezes—*cresce amor de dia em dia,* cantei—*tão longe de ti distante,* cantei..... cantei..... o que foi mais?... —é verdade—*Trovador, o que tens, o que soffres?*

Todas estas modinhas são enumeradas, percorrendo o narrador com o dedo grande a escala de todos os dedos das mãos.

—Vocês não fazem idéa que pagode. Havia povo assim.

(Este assim é explicado com a palma da mão direita batendo sobre a esquerda, fechada em forma de oculo.)

O cantor de serenatas é musico de orelha.

E' curioso vel-o acompanhar pela primeira vez uma modinha nova com que algum officioso da roda quer brindar os companheiros.

O officioso approxima-se, e começa a cantar a modinha em voz baixa.

—Ainda não apanhou o tom, diz um.

—E' em menor.

—Não é.

—E'.

—Ora, cante lá outra vez.

Começa de novo a modinha. O officioso cança-se e passa do canto para o assobio; arrebenta-se uma prima, o violão é de novo afinado, e soluça um preludio com um effeito de bordões, que serve, *mutatis mutandis,* para todos os acompanhamentos.

O officioso termina a modinha nova no meio de *bravos!* e é cumprimentado pelos seus numerosos amigos.

Oh vós, brasileiros degenerados, que executaes ao lado de um piano arias de Rossini e de Verdi, assassinando uma lingua que não comprehendeis, pallidos arremedos de cantores italianos; ide á Bahia, e perguntae ao capadocio como se deve cantar no Brazil.

Vossas melodias não valem uma nota afinada ao som plangente do violão, sob a redoma d'aquelle ceu crivado de estrellas, e onde a lua cheia sabe ostentar em toda a sua poesia a face prateada.

As vossas *arias buffas* escondem-se vergo-

nhosamente diante do lundú chorado, que bole com as fibras mais reconditas do coração.

O cantor de serenatas anda por força do officio sempre constipado.

Encosta-se a uma esquina as dez horas da noite, e só abandona o violão quando os gallos de seus poleiros annunciam a madrugada.

Então procura a casa, contente e satisfeito, dorme descuidoso dos lazeres da vida; dorme sobre a terra que lhe deu o ser assentando seu throno de esmeraldas, e exhalando em desalinho o languido perfume das mangueiras em flor.

A PEDIDO

—Sr. Roberto, que foi morar no Taboão, ponha cobro em sua gente com tanta descaração.

A gente da visinhança está muito descontente, por tanta palavra porca e tanto gesto indecente.

O numero 38 não—é—da *casa*.

Motte.

A carocha chucha os pintos,
Chucha amor os corações,
Todos os filhos da chucha
São refinados chuchões.

GLOZA.

No templo da chuchadeira,
P'ra ver se chuchava entrei,
Onde muitos que eu cá sei,
Tem de chuchistas cadeira;
Ali de toda maneira
Ninguem de chuchar se embucha;
Chucha as crianças a brucha,
O cobrello chucha o leite,
Chucha a coruja o azeite,
A carocha chucha os pintos.

Eu que de aguar tive medo,
Vendo todos chuchar tanto,
Que fiz? metti-me n'um canto,
E puz-me a chuchar no dedo;
Eis me diz um em segredo:
«Você, sôr pae de leitões,
«Tambem quer ser dos chuchões?
«Não faz mal, chuche com fé,
«Porque nesta casa até
«*Amor chucha os corações.*

Logo outro amigo depois,
Para chuchar me convida,
N'uma cousa retorcida
Que nasce na testa aos bois;
Eu que via serem dois,
A quem aturava a bucha,
Estive pucha, não pucha;
E como estava co'a lua,
Desafiei para a rua
Todos os filhos da chucha.

Eis que todos se ajuntaram,
E no fim de alta pendencia,
Sangue, dinheiro, paciencia,
Sem que eu visse, me chucharam,
Como a onça me deixaram,
Dizendo-me estas razões:
«Chucharam-n'o? São pensões
«De quem entra nesta roda,
«Que os tafúes todos da moda
«*São refinados chuchões.*

(*Almocreve de Petas.*)

VARIEDADES.

O clima do Rio Grande.

Um ingnorante impostor, n'um circulo de varias pessoas, gabava-se de que tinha viajado por todo o sul do Brasil; descrevia os costumes do Rio Grande; fallava nas fructas, etc.

—E qual é o clima? interrogou um dos ouvintes.

O narrador estacou, considerou um pouco... e disse por fim com aquella firmeza que é peculiar á fatuidade:

Clima, meu amigo! clima é cousa que lá não tem.

Querendo mascarar-se uma meretriz, perguntou a uma sua visinha o que faria para não ser conhecida. Respondeu-lhe a visinha:

—Vesti-vos em trajes de mulher honrada.

Um burguez á familia:

—Si não se portam muito bem não os levo domingo a ver tomar sorvetes no passeio.

ANNUNCIOS.

Attenção!

Quem tiver e quizer vender os ns. 176. 181, 182, 191, 193, 215, 243, 281, e 282 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, e o n. 16 de 1868, dirija-se a typographia Constitucional ao Aljube, que achará com quem tractar.

Pede-se a pessoa que achou no dia 10 do corrente a tarde pelas immediações da rua d'Ajuda uma cachorrinha felpuda com um signal cor de rapé junto a cauda e que accede por Açucena o favor de restituil-a n'esta typ.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª SEXTA-FEIRA 15 DE JULHO. Ns. 670—671.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de julho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, pedindo-lhe que faça dispersar os capadocios que tomam banho na fonte do Gabriel, de dia, e que quando estão se recreando com a frescura d'agua, proferem em altas vozes palavras obscenas, o que muito incommoda aos moradores d'aquella localidade.

Em vista do que fica acima dito, espera-se que S. S., por amor a moralidade publica, providenciará de maneira que faça cessar semelhante affronta á decencia e ao decoro.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio.—Constando que o matadouro publico, apezar de haver nelle um destacamento, serve de reunião á gente ociosa e turbulenta, havendo uma vez por outra desordens, como ha bem pouco, dizem, um celebre Honorato cortara a mão de outro por motivos de jogo; cumpre que S. S. empregue meios correctivos afim de varrer daquella repartição a immundicie de vadios que a infestam.

—A *Esperança,* folha do Itú, dedicada ao fanatismo clerical, conta o caso de um individuo que se achando em uma venda á beber, n'um momento de exaltação blasphemara pedindo a Deus a morte e que no mesmo momento cahira fulminado.

—Ora essa!

De maneira que para essa gente, Aquelle que levou a grandeza de sua alma ao sacrificio de derramar seu sangue por amor dos homens, é um ser cheio de ira e vingança, sem misericordia, para perdoar os desvios e fraquezas do homem!

—A justiça humana não dá imputação aos ebrios, a justiça de Deus encontra nas loucas palavras de um homem, que traz os sentidos alterados pela bebida, motivo para um reprimendo castigo!

—Para elles as gottas de sangue vertidas no Calvario não foram para remir peccados, mas para castigar com rigor levianas faltas.

—Dizem que em alguns talhos do Cabeça vende-se carne á noite.

—E' commodo á pobreza; para quem não tem por quem mande, nem pode sahir de dia, é uma vantagem e tambem para aquelles que não podem arranjar dinheiro cedo com que mandem ao açougue.

—Mas era si se vendesse carne e não carniça. Porem o que os açougueiros, authorisados pela condescendencia dos fiscaes, vendem á noite, é o que se chama *carne virada,* verdadeira lazeira, carne de boi morto na vespera, a qual neste clima quente, á essa hora, ha de estar por força corrompida.

—Um veneno que a usura e a sordidez proporcionam á população.

—Uma peste que o povo, irreflectidamente, compra á dinheiro.

—Agora procure quem tem obrigação de fazer desapparecer tamanho mal, que não apparece.

—Na quarta feira andaram as cajadadas, dentro do forum, os officiaes de justiça Guabiraba e Sant'Anna, resultando sahir Sant'Anna de cabeça quebrada.

—Foram presos?

—Não. O Umbelino, porteiro do forum, quiz prendel os, mas nessa occasião passava o delegado mandou que fossem para suas casas, aconselhando ao Sant'Anna que tratasse de curar a brecha que tinha na cabeça.

—*Bom* conselho! *optima* policia!

—E a causa dessa briga?

—Ignoro.

—Eu só sei dizer é que dentro daquello forum ainda hão de haver consequencias funestas.

—Ali ha segredos de abelha, que somente aquella gente forense é quem os sabe decifrar.

—Na terça-feira á noite terminaram os festejos do Dous de Julho de Brotas.

Depois da illuminação foi a guardada do carro, o qual veio até as Pitangueiras accompanhado de algumas pessoas e cavalleiros, sendo precedidos pela musica do 8.º batalhão.

Voltando desse trajecto, foi o carro guardado em uma casa em Brotas.

—Estou sciente.

—A respeito de desordens, provenientes de cabeças esquentadas, nenhuma houve, não?

—Somente fui testemunha de uma na ladeira do Quebra-bunda, de dous creoulos que espancavam á uma creoula horrivelmente, cujo sarceiro foi acommodado pelos musicos do 8.º batalhão.

—O Sr. resgata-me este vale?

—O que compra?

—Nada, porque tenho precisão do valor.

—Assim, não recebo; ha de comprar pelo menos meia pataca.

—Mas isso é um meio obrigatorio; não foi o Sr. quem me deu o vale hontem n'um troco de dez tostões?

—Pode muito bem ser que fosse; mas que quer agora? Não tenho cobre para lhe dar.

—Que paiz! que governo temos nós!

Nas suas barbas a especulação impondo sobre o povo uma contribuição forçada!

A circulação pejada de vales de quanta empreza, hoteis e botequins ha; a população constrangida a recebel-os, para depois ver-se na difficuldade de não ter onde trocal-os por dinheiro, porque os proprios que os emittem impõem depois a condição de só acceital-os por troca de generos!

—Meu amigo, resigne-se; mal de muitos consolo é; a praga é geral; todos soffrem; é um dinheiro inutil que se traz no bolso e não se pode gastar.

—E si de hoje para amanhan a circulação fôr abalroada por uma alluvião desses vales falsificados?

—Pois não é para isso que se deixa o suor do artista, a economia do pobre, entregues á ganancia da especulação e á voracidade dos falsificadores?

—Estou vendo que na Bahiá os festejos pela terminação da guerra dão em agua de varrella.

—Falta o principal.

—Ao passo que na côrte despenderam 200:000$000 rs.; uma especie de fatiota, arranjada entre *genros, tios* e *sobrinhos;* para a Bahia que concorre com grande somma de dinheiro para as despezas do imperio, o governo negou uma diminuta quantia que lhe foi pedida!

—O dia do beneficio é vespera da ingratidão.

Na occasião do aperto, a Bahia e o Rio Grande do Sul foram as primeiras no sacrificio de sangue; para solemnisar as glorias, consequencia desses sacrificios, a côrte e quem tem direito, a Bahia é a engeitada!

—E o dinheiro que as commissões arrecadaram por onde anda?

—Uma cousa que foi ha tanto tempo! Necessariamente esses dinheiros devem estar deteriorados, e até gastos!

—Visto isso, a Bahia que tanto se distinguiu nessa cruzada do sangue ficará em jejum?

—Até ver não é tarde.

—Tambem, pelo que nós lucramos, não sei si vale a pena applaudir.

—Pois ha de uma immensidade de vidas estar exposta a um fracasso deploravel pelo interesse de uma individualidade?

—Não é possivel.

—A pedreira que se quebra no Rio de S. Pedro é uma ameaça permanente á vida do publico; entretanto continua tão perigoso systema no mesmo theor e data.

—As cousas são já bastantes para V. desenganar-se que clama no deserto; acho melhor calar-se, que talvez approveite mais.

«—Paga minha dinheiro, veiaco!

«—*Olé, patapatá*; qué tuma fiado e non paga.

«— Ranca paletò de elle.

—Homem, aquellas pretas despregam as abas do paletot do pobre homem.

—Não sabe quem é?

—Não.

—E' o zelador dos passos do *passeio particular*.

—Ah; e a razão por que essas malditas ganhadeiras o acossam tão desalmadamente?

—O homem, para os bichinhos não morrerem á fome, sahe pelas quitandas a tomar fiado, mamão, bananas, alpista, etc., depois não tem dinheiro para pagar, entra a dobrar beccos.

As pretas hoje o tucalbaram e pegaram-no na *gamada*.

—Isso parece historia.

—E' como estou lhe dizendo.

—Mas na *despeza* da provincia ha uma verba destinada ao *passeio particular*.

—Ha.

—E o que é que se faz della?

—Pois é a mim que vem perguntar isso? O que lhe posso assegurar é que os innocen-

tes viventes de plumagem são votados á uma abstinencia forçada, a qual para ser levantada, precisa o pobre zelador andar adulando as pretas, signal do que o dinheiro é pouco, não chega para elles.

—Lê-se na *Opinião Liberal*.

«IMPORTANTE NOTICIA.—No *Journal des Consulats*, monitor internacional do commercio e da industria, de 20 de maio passado, folha que, como o seu titulo indica, parece ser inspirada nas regiões diplomaticas e officiaes da Europa, lê-se o seguinte, na sua *chronica diplomatica e consular*:

«... Falla-se como de um negocio assentado da proxima abdicação do imperador do Brasil, em favor do seu genro, o conde d'Eu, marechal do exercito brasileiro, casado com a princeza Izabel, herdeira do throno.

«O imperador Pedro II, que abdica, nasceu em 2 de dezembro de 1825, e reina desde 23 de julho de 1840; não tem descendencia masculina, e eis ahi como o filho do duque de Nemours, um Bourbon-Orleans de França vae reinar sobre quasi metade da America do sul.

«Espera-se o acontecimento no mez de outubro.

«Eis ahi como, dizemos nós por nossa vez, os divinos de cá e de lá, dispoem sem o sabermos da sorte desta chacara bragantiana, a que chamam Brasil!»

—No correio ha falta actualmente de sellos de dez reis para porte de jornaes.

—E uma folha que pague dez reis como hade ser?

—Paga um vintem.

—Isso é arrancar; para não chamar outro nome!

De sorte que quem manda constantemente para o correio, 50 a 60 maços de gazetas, tem de soffrer, de cada vez, a pequena differença de 500 rs. para mais em sua algibeira!

E' logração!

—Ainda si se pagasse e fosse bem servido, passe; mas uma repartição que não desempenha fielmente sua missão, é iniquidade.

—E assim vão arrancando baga por baga o suor do povo!

—E' uma engenhosa maneira de arrebatar o dinheiro da gente. Obrigar todos a servir-se de um objecto e arredar esse objecto do consummo, para forçar a comprar-se pelo duplo do valor!

—So no governo deste paiz se vê disto!

Lê-se na *Reforma* de Porto Alegre:

«SOLDADOS MORRENDO A FOME.—O publico vai ter diante dos olhos uma triste e vergonhosa noticia, infelizmente real, e que não poderá ser contestada.

«E' uma vergonha e uma desgraça.

«Ouça-nos o publico, ouça-nos a presidencia:

«Ha tres dias chegou a esta capital procedente do Rio Grande o hiate *Santa Cruz*: ao passar este navio em frente ás Pedras Brancas, viu o seu commandante que os soldados que ali estão destacados, de joelhos, e com as mãos postas, gritavam pedindo-lhe misericordia.

«O humano maritimo saltou em seu bote e dirigiu-se ao logar em que via aquella desoladora scena.

«Chegando ali, reconheceu logo a origem da desesperação d'aquelles pobres invalidos: —era a fome!—Um d'elles devorava um pedaço de tuna; outro estava prostrado pela falta de alimentos; outros diziam que haviam 6 dias que não tinham o que comer! ...

«Depois de ver tal scena, o commandante do *Santa Cruz* dirigiu-se para bordo e trouxe para o esfomeado destacamento fornecimento para 3 dias!

«Hoje devem acabar-se essas rações dadas pela charidade de um homem aos servidores do paiz....

«Não devemos commentar esta noticia, porque emfim somos brasileiros e ella mais nos contrista do que nos fornece ensejo para bater esta miseravel situação!....»

—Lê-se no *Correio Noticioso* da Parahyba do Norte:

«.....

«Não ha patriotismo, não ha moralidade no governo: a caridade nas regiões do poder é uma palavra sem significação, na epocha de egoismo pessoal que atravessamos; os proprios servidores do estado ainda na morte são lançados, envoltos em uma bandeira brasileira esfarrapada, á primeira praia que se encontra.

E assim deve de ser neste malfadado imperio do Brasil.....

A caridade particular olhando indignada para a caridade official, que rola envolta em uma bandeira á beira de uma praia, passa indifferente e deixa o quadro para ser contemplado por mais tempo!!....

Foram essas as reflexões que nos assaltaram ao espirito ao saber do quadro que presenciou todo o povo que teve de ir ao caes do Varadouro, por occasião da chegada do vapor do sul a 23 do passado.

Um imperial marinheiro que havia fallecido á bordo, estava lançado á praia, envolto

em uma bandeira brasileira, esfarrapada, sem que movesse a caridade official para dar sepultura ao cadaver do servidor do estado!....

Ali permaneceu por longo espaço, attestando a decadencia moral de um governo sem amor, sem patriotismo, sem caridade!!...

Ali, viu-se por algum tempo a bandeira brasileira rojada á praia, de envolta com o cadaver de um homem, até que a caridade particular estendendo os braços dêsse sepultura ao cadaver desprezado, do servidor do estado!!.....

Que exemplo doloroso aos olhos da humanidade!!.....»

A PEDIDO

—Capitão, chame a attenção dos Srs. paes de familia.

—Para o que?

—Para que tenham cuidado com os ardís do *Villas-más,* o salafrario pombinho das Mercêz.

—O que ha?

—E' que elle está em melhor pombal.

—Como?

—Eu passei no domingo atrazado, pouco mais das dez horas da manhan, por uma rua onde ha um *recolhimento* a quem quer fugir dos *raios* do *mundo*, e o vi entrar no collegio das *aprendizes* que ahi ha, administrado por um *santo* e *caridoso*.

—Iria confessar ou celebrar?

—Si elle no *convento* que goza de certas *mercêz* foi o typo da licenciosidade, o que não fará em um collegio, onde não será preciso trocar chaves e mudar fechaduras?

No collegio de educação alleman, os paes de algumas alumnas dirigiram-se á directora reclamando e conseguiram que o *Villas-más* fosse dispensado de exercer qualquer mister ali.

—Pois que façam o mesmo cá.

—Eu duvido, capitão, com aquellas mulheres, com aquellas hypocritas!

—Pois o que quer?

—Quero que mande ao Hospicio dizer áquelle pombo chôcho, que tome vergonha ou lhe mande tirar os piolhos, e mande pespegar-lhe *já* um *cinto* daquelles que se deita na barriga dos cavallos; ordenando-lhe que se quer continuar em sua profissão vá exercel a n'algum convento de frades.

—Incumba-se V. mesmo de dar ao muxinguciro estas instrucções, de minha parte.

—O que tem esta mulher; está doida?

—Não dê cavaco, que é costume.

—Fazendo tão desesperado espalhafato pela rua, com aquelle menino.

—Eu lhe conto a historia toda, pois sou visinho ha muito tempo della. Esta senhora é conhecida por *barata tonta*; mora na rua do Pão-de-ló; tem dois filhos. O mais velho emprega-se em colher fructas nas roças alheias, na occasião em que os feitores estão ausentes. Nos dias em que é mal-succedido, incommoda toda visinhança, porque disputam elle e a mãe que parecem dois regateiros; palavradas as mais vergonhosas e tristes. Quando acaba, larga-se em mangas de camisa, tamancos, chapeu ao lançante e lá vae bala. O mais moço é a mesma cousa. Logo que o dia nasce, ajunta-se com um tal *frade*, filho da viuva Guilherme e outros, e vão para as quitandas e vendas surripiar, arrebatando compras das mãos de pretas e meninos pequenos.

—E ainda não foram agarrados?

—Até hoje não.

—Pois eu tendo occasião hei de recommendal-os a attenção da policia.

—E' um beneficio que faz não só á visinhança, como áquelles dous meninos que ainda estão em tempo de ser guiados por melhor caminho.

Bellezas de nossa terra.

Maravilha em Latronopolis!
Um *pé de cajú* é padre;
Vê se nos nossos conventos
Um *coqueiro* feito frade.

Dos sacerdotes a turma
Para em tudo ser cheirosa,
Tem padre chamado *cravo,*
Tem ôutro chamado *roza,*
N'um seminario, que horror!
Até um *lobo* é reitor!

As mulheres não precisam
De *parteiras* nem *comadres,*
Porque as freiras somente
Até nos nomes tem *madres;*
Pelo que estas somente
Necessitam de *compadres*.

A cada canto se encontram
Fidalgotes impostores;
Nos hoteis acham-se ás duzias
Empavesados doutores;
Andam aos bandos na rua
De gazetas redactores;
A's tontas, ás cabeçadas
Milhares de professores.

Quem como thesoureiro da irmandade do Santissimo da freguezia do *Segura Parede*, roubou a mesma irmandade para pagar um trapiche, pode fallar da vida alheia?

Quem baldeou 20 saccos de assucar trocando o bom pelo inferior, pode fallar da vida d'alguem?

Quem cynicamente, á qualquer hora do dia, sem respeitar as leis do pudor, entra em certas casas da freguezia do Pilar, para fins crapulosos, pode criticar de pessoas que estão muito distantes delle?

Quem seduz donzellas e desinquieta casadas, pode alçar a voz para censurar o procedimento daquelles que isso não fazem?

Um luxurioso que vive em torpe desregramento, um sensual cujo habito continuo é estar a suspender as calças, exclamando:—*ai, Jesus!*—tem direito de occupar-se da vida de quem procura na sociedade taxar sua conducta por forma muito differente?

Por certo que não.

Continua, gallego bebado, escoria do teu paiz, ladravaz de marca, mau pae de familia, que muito breve te publicarei as gentilezas, principiando com o encontro que tivestes em certa casa com uma *caixa,* vindo do *Comber*.

—A musica *pataqueira* vae se dissolver?

—Não vê!

—Consta que o barãozinho dissera que não está mais para aguentar a pesada despeza de sustental-a á sua custa.

—Por agora está alliviado. Não sabe que ella está com os *corta-dendês* fazendo patacas?

—Mas dizem que os officiaes não concorrem para a gratificação.

—Historias, homem!

—Quem sabe si não é *invenção* do mestre que propala isso de proposito?

—E' provavel.

O pombinho das Mercez
Sahiu coberto de lama,
Não condemnou ao *Não berto*,
Agora chore na cama.

Queria fazer das suas,
Porem sem ninguem fallar
Quem lhe tocou nos mysterios
Devia a cadeia entrar.

Tão arrogante que andava
Por ahi a blasonar,
Que fosse la como fosse
Havia de se vingar.

E agora, meu padreco,
Ja não se desenganou,
Que ainda a moralidade
Na terra não se acabou?

Queria que todos fossem
Devassos e immoraes?.
Mettido nesta sotaina,
Julga a todos seus eguaes?

Tome um conselho prudente
Que lhe dá um camarada,
Não queira fazer-se bobo,
Coma com a bocca calada.

E nos seus projectos novos
De namorar p'ra gozar
Peça a Deus, não ache um braço
Para o pello lhe limpar.

E adeus lhe outra vez,
Meu gamenho namorado,
Que heide por de calva a mostra
O pombinho coroado.

—Ao terminar a rua da *faisca* não, da *scentelha*, contiguo a um buraco, mora um individuo empregado nas estampilhas, appellidado *besta-mia,* o qual depois de saciar seus gozos nos deleites de Baccho, em vez de descansar a sésta, esse individuo colloca em um dos parapeitos de uma de suas janellas um seboso travesseiro branco e sobre elle encosta os cotovellos, afim de atacar com palavras insultantes a quem passa pela sua porta e aos que moram na sua visinhança, assim como occupá-se das vidas privadas de todos os seus visinhos.

Ainda mais: esse empregado em logar de descansar á noite, afim de, no outro dia, desempenhar como deve, suas obrigações das estampilhas, leva das oito horas até uma e duas da noite, prescrutando o que se passa; vendo quem chega, quem entra, quem sahe, afim de no outro dia relatar, adulterando, o occorrido da noite antecedente.

Previne se a esse senhor que não continue a praticar semelhantes actos, pois que para um pae de familia é um mau exemplo que dá; alem de ser ridiculo para os seus cincoenta annos para mais e não para menos; ao contrario estará incurso na pena de um clyster de pimenta

Das sete cabaças.

—Capitão, nossas reclamações não foram attendidas.

—De que trata-se?

—Do nosso amavel immediato, o commendador João Ignacio Barboza Werneck.·. o segundo Alexandre Dumas.·. agraciado com o habito da roza e com a medalha da independencia, e empregado publico aposentado.

—Diga o que sente, deixe de parte os serviços e as condecorações do homem.

—Si trago tudo isso é para fazer ver que tendo elle todos estes predicados para occupar altos cargos, não lhe querem passar a

vara da subdelegacia da freguezia do Barracão, onde ha muito mamão, nem lhe querem tambem dar o augmento do ordenado a que tem direito,

—Dar-se-ha o caso de que elle pertença á *renda de ouro?*

—Julgo ser por isso.

—Em todo caso é bom esperar.

Motte

Que lucros tira quem ama.

GLOZA

Reina perfeito socego;
So eu por ver minha bella,
Sem ter geito nem cautella
Ando tal e qual um cego;
Vou ver um bem que me ama,
Mas emfim arma-se um trama,
Outro vejo co'a amada,
Finda tudo em bordoada;
Que lucros tira quem ama?

Na rua feito um bufão,
Estava eu embebido,
Olhando meu bem querido
A quem dei meu coração;
Mas levo tal encontrão,
Que vou me esbarrar na lama,
Então é que a minha dama
Rindo de mim pude ver;
Pergunto, quero saber
Que lucros tira quem ama?

Fui n'um muro me trepar,
Por accaso escorreguei,
A mão direita esfollei,
Inda para mais penar;
Acodem ao meu gritar;
Uma patrulha se chama
Contra mim formam tal trama,
Que sem detença nem dó,
La vou para o xilindró;
Que lucros tira quem ama?

VARIEDADES.

O frade.

O frade! Quanta idéa romanesca, quanto episodio interessante, quanta recordação dolorosa, desperta esta simples palavra! O frade é um mitho. Em torno dessa entidade, que tem atravessado os seculos coberta de bençãos e maldições, infelizmente giram ainda os destinos de alguns povos! Querido como um anjo ou temido como uma serpente, voando ou de rastos, lá vae o novo *Judeu Errante* de cidade em cidade, de nação em nação, umas vezes levando o consolo e a vida, quasi sempre conduzindo o desespero e a morte. O frade não pertence a este seculo. O clarão das fogueiras dissipou as trevas da superstição. O povo de hoje tolera quantos *christãos novos e velhos* hajam e possam haver. Hoje o frade não pode ser olhado sinão como uma curiosidade, um bonecco de mostrador, um macaco verde, que orna as prateleiras do museu universal. E' um typo que se aprecia no romance, que faz effeito no drama, que apimenta as anecdotas, que dá realce á paisagem, que aduba a palestra, mas que não pode ser tomado ao serio, porque o seu pedestal tem por base o ridiculo.

Virtuoso ou hypocrita, sabio ou ignorante, o frade não é visto com bons olhos. Sua presença entristece. A prevenção o rodeia, o temor o repelle.

A criança tem medo do frade. Diante do frade a intelligencia se retrahe, o espirito evapora-se, a vida povoa-se de sombras. Nada mais perigoso que o frade.

O frade é um contrasenso. O convento é uma contradicção. O frade instruido é perigoso, o ignorante é inutil. Meio homem, meio rapoza, todo elle compõe-se de astucia. Minar para derrubar, abater para imperar, eis o seu alvo, eis a sua divisa.

Inimigo do progresso, avesso á liberdade do ensino, contrario á tolerancia dos cultos, o frade é o carancho das sociedades modernas. O frade, essa figura tristonha atravessando as praças publicas, enche a alma de pavor, semelha o fantasma do mal, deixando após si os sulcos da desgraça. O frade é necessario para o hypocrita, é indispensavel para as beatas, mas é inutil para a sociedade. Homem feliz! come bom presunto, bebe do melhor vinho, e quando sobe ao pulpito prega o jejum, recita o cambuquira!

No dia em que desapparecer o ultimo frade, a civilisação terá dado mais um passo, a humanidade terá registrado mais um triumpho.

Phases variadas porque passa um pobre cidadão.

Cidadão—nas proximidades das eleições.

Patriota—si votou com o governo.

Rebelde—si votou contra.

Religioso—si serve continuadamente os cargos de thesoureiro e procurador das irmandades.

Estudante—si frequenta academias.

Sumitico—si não assigna subscripções.

Honrado, virtuoso e sabio—si é rico.

Numero—si cumpre sentença.

Caso—si é atacado da cholera.

Sujeito e Fulano—si delle se refere algum facto.

Meu amado ouvinte—si assiste ao sermão.
Alma—si habita uma grande cidade.
Parochiano—quando baptisa um filho.
Capanga—quando se incumbe de zelar a honra alheia.
Recruta—si o obrigam a ser soldado.
Reu—quando tem contra si um *author* que não é o de seus dias.
Phosphoro—quando responde por nome que não é seu.
Proximo—quando commette fraquezas.
Author—quando traduzem o.
Transeunte—quando vae pela rua.
Moço—quando serve em hoteis.
Assignante—quando paga o theatro por junto.
Fidalgo—quando pretende não descender de Adão e Eva.
Matuto—si nasce na roça.
Convidado—quando vae a enterro ou casamento.
Respeitavel publico—quando está no theatro ou nos leilões.
Benevolo—quando lê prologos.

Grande lansquenet politico.

Sob este titulo, publica o *Jornal do Povo*, novo orgão democratico da provincia de S. Paulo, o seguinte:

«O banqueiro (o diabo):—Está feita a banca, meus senhores.

«Conservadores e liberaes:—Corra!

«Banqueiro:—Rei e conde.

«Conservadores:—Somos *rei*, somos banca!

«Liberaes:—Somos *conde* contra a banca!

«Liberaes e conservadores:—(dirigindo-se para uma pobre rapariga pallida e phtysica e que tristemente assiste ao jogo) Não joga?

«Opinião publica:—Nada, não caio, o jogo é de patota.

«Grande rumor, a Opinião Publica é posta á ponta-pés para a rua.»

Peixes domesticados.

Diz a *Presse* de Brestes.

«Para o genio americano não ha impossiveis, e ainda hontem foi exhibida uma prova do que avançamos, pelo Sr. Robert Ilson, chegado á este porto no hiac *Canard* ha poucos dias.

O Sr. Robert Ilson encostou hontem ao caes *des Fleurs* um bote puxado por dous tritões ou toninhas domesticadas e mansas, que atreladas obedeciam a um par de redeas, como si fossem dous cavallos; seguindo a vontade do Sr. Ilson, que as fustigava com uma cana, tendo na extremidade uma ponteira ponto-aguda.

Agora só nos falta ver domesticar baleias que possam conduzir os grandes navios, e assim evitar-se os dispendios do vapor.

A mulher nos Estados-Unidos.

Do *Courrier de l'Europe* extractamos o que segue:

Em Jersey Landing, no Illinez, Estados Unidos, foi eleita Amelia Hoobs juiz de paz do seu districto, com 6 votos de maioria.

Em Washington, em todos os miuisterios ha mulheres preenchendo funcções de empregados, chefes de repartição, etc.

Em New-York acaba de fundar-se uma casa bancaria, cujos caixeiros e até o proprio director pertencem ao bello sexo.

No dia da installação appareceram para mais de quatro mil freguezes; e attenta a graça e belleza das senhoras que dirigiam o estabelecimento a affluencia augmentava mais e mais.

A megalanthropogenia ou a arte de ter filhos bonitos.

Um joven medico na Italia sustentava a sua these sobre este assumpto. Este titulo tão bello irritou os nervos do examinador, que era um professor assaz feio. O proprio examinando, porem, assemelhava-se muito mais a Vulcano que a Adão, de maneira que o lente lhe disse:

—Me parece, Sr., que seu pae não conhecia o seu segredo.

—Sem duvida, Sr. professor, respondeu o candidato, mas sobre este ponto o seu não era mais sabio.

O rei e a verdade.

Quiz um justo soberano
Da verdade o rosto ver;
Pois é cousa mui constante
Pelos paços o semblante
Descoberto ella não ter.

Com desejo mui sincero
D'exprimir-lhe o que sentia,
O justo rei ordenara
Descoberta fosse a cara
D'aquella que não mentia.

Logo a côrte em alvoroço
E confusão se levanta;
Ministros e antigos ayos,
Velhas, damas e lacaios?
Ninguem mais sorri nem canta.

Tal é o medo de ver
Da deusa austero semblante,
Que foge tudo apressado,
Deixando despovoado
Todo o paço n'um instante.

Abandonado e mui triste,
O rei assim falla a dama:
—Será verdade, princeza,
Que no mundo a realeza
Amigos só tem de fama?

— Não, lhe responde a verdade,
A bella face mostrando,
Amigos certos da corôa
Existem, porem atôa
Vivem de esmola chorando.

A cruz de honra.

Arespeito de condecorações, conta a *Patrie* o seguinte, garantindo a veracidade do facto:

Um joven official inferior distinguiu-se em uma campanha contra os arabes, e tendo recebido uma bala, passou para os invalidos, recolhendo-se a sua casa.

Sua mãe, quando tornou a vel-o, teve um violento ataque de nervos, e depois uma febre cerebral, da qual resultou ficar douda.

Sua loucura não a inhibia, porem, de reconhecer o filho, com quem conversava constantemente sobre a sua carreira militar.

E dizia a todos: «Eis-aqui meu filho, que soube combater e distinguir-se.»

Uma manhan, o *maire* da communa remetteu ao pobre amputado um masso de papeis, da parte do ministerio da guerra. Era a cruz de honra que se lhe tinha concedido.

O invalido collocando-a ao peito, apresentou-se a sua mãe que, vendo-o condecorado, soltou um grito e perdeu os sentidos.

Mas, quando tornou a si, tinha recobrado a razão.

Affirma o Almocreve de Petas, que a Lisboa chegara uma italiana muda com destino a primeira cantora do theatro do Porto; alguns surdos que a tinham ouvido affirmavam ser cousa nunca vista.

Um desembargador tinha casado uma filha com um lettrado muito instruido e grande valido d'el-rei, mas que era filho de um ferreiro. Perguntada a razão por que tinha dado sua filha a um homem tão baixo, elle respondeu:—Eu não olho d'onde elle vem, e sim para onde vae.

Indo certo cavalheiro dar os pezames a um amigo pela morte de sua mulher, depois de lhe mostrar o seu grande sentimento por esta falta, vendo que se achavam ali varios cavalheiros em roda do amigo e que todos estavam callados, levantou-se e disse:—Eu não sabia que estorvava o devertimento deste congresso.

E foi-se sem demora alguma.

ANNUNCIOS.

Attenção!

Quem tiver e quizer vender os ns 176, 181, 182, 191, 193, 215, 213, 281, e 282 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, e o n. 16 de 1868, dirija-se a typographia Constitucional ao Aljube, que achará com quem tractar.

Pede-se a pessoa que achou no dia 10 do corrente a tarde pelas immediações da rua d'Ajuda uma cachorrinha felpuda com um signal cor de rapé junto a cauda e que accode por Açucena o favor de restituil-a n'esta typ., que será bem gratificada.

Rapazeada apreciadora do café e vispora O proprietario do café e vispora da rua do Julião n. 18, faltaria a um dever de reconhecimento e gratidão, si deixasse de procurar o vehiculo da imprensa para vos agradecer a benevola concurrencia com que correspondestes ao seu convite. Continua a esperar a animação e protecção, dos amigos e conhecidos, pelo que desde já protesta seu agradecimento e offerece gratuitamente para a noite de amanhan um bemfeito e succulento mocoto.

Appareça, rapazeada, quem vos falla é o Firmino.

Criada

Precisa-se uma que saiba cosinhar e gomar, na Quintandinha do Capim, n. 8, na botica, para pequena familia.

Na rua do Collegio n. 5, 1.º andar, se dirá quem precisa de uma ama para cosinhar.

Desastre.

Domingo passado em uma reunião em que se festejava os annos de uma senhora, houve um poeta, que miseravelmente, com a força de se explicar torceu o pé a decima que repetia, a qual foi em braços para o hospital e consta que ja passou para a enfermaria dos incuraveis.

Quem quizer comprar uma horas vagas que pertencem a um Sr. Mandrião do Tal, o qual a tem possuido nos dias de sua vida, e lhe não servem para cousa alguma, vá fallar com elle a sua casa aondo o achará de manhan até as onze horas nà cama e de tarde no passeio publico a expreguiçar-se à sua vontade.

Quem for cego por falta de vista e quizer curar-se ainda que com algum custo, pregue um calote, seja citado o *peça vista*, e se lhe concederem, veja como passa com esta receita.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª TERÇA-FEIRA 19 DE JULHO. N. 672.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de julho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que faça ao mesmo tempo uma obra de humanidade e um serviço a decencia publica, mandando recolher uma preta doida que existe na ladeira da Praça e cuja dormida é na rua.

A mania da desgraçada é proferir atroadores e obscenos gritos, e phantaziando que dá em alguem, entra a bater fortemente, com o que encommoda a quem mora por ali e offende a moralidade publica. Com quanto não haja logar proprio para os infelizes destituidos de razão, com tudo espera se que S. S. procurará de alguma forma acabar com tão triste spectaculo.

—Capitão, aqui tem este ensaio dramatico em um acto, intitulado—*Um amigo perfido ou a mulher fida*, que offerece a V. Ex. o Sr. Diogenes Alberto d'Oliveira Dourado, natural desta cidade.

—Deite-o sobre a mesa para depois apreçial-o; e mande agradecer ao seu author a delicadeza que teve para commigo.

—So?

—Recommende a sua leitura ao respeitavel publico bahiano.

—Está para que essas endemoninhadas vão a egreja!

—Mostrar os pannos e ultrajar a Deus com seu prostituido procedimento.

—Quem ás vê, em qualquer dia de festa correndo apressuradas, de cadeirinha na mão, para a egreja, ha de crer que são levadas por sentimento de devoção; mentira! vão para serem vistas e procurar freguezia.

—Soube do escandalo domingo no Carmo?

—Ouvi fallar.

—Uma estabanada tarasca, altercou com as companheiras por causa de logar, e proferia em altas vozes palavras immoraes; chamava pelo diabo; insultava e injuriava.

Tanta protervia da parte daquella pervertida, provocou um pasmo geral; e um irmão foi advertil-a para que se contivesse. A assanhada centopeia desatou a lingua sobre o homem dirigindo-lhe epithetos que, so no becco do Grelo, podem ser proferidos livremente!

—Si Deus fosse vingativo, como insinuam os apostolos do fanatismo, uma endiabrada destas é que devia ser punida.

—Dous policiaes a conduziram para fora do templo, onde ella fazia retumbar o echo de sua depravada voz.

—Estaria bebeda?

—Ou damnada.

—V. é quem pode me informar de uma cousa.

—Si souber.

—E' verdade que o governador do arcebispado dirigiu um officio a abbadessa do Desterro ordenando-lhe que demittisse de procurador do convento ao Simberto, por ser herege e estar fora da graça da egreja?

—Para mim é caso virgem; mas pela minha parte declaro que faço juizo mais elevado da illustração do Exm. Sr. conego Campos.

—E eu; mas..... dizem.

—Não creia.

—E até acrescentam que a abbadessa reuniu immediatamente a communidade, a qual resolveu que semelhante ordem não fosse obedecida, e se respondesse ao governador que elle nada tinha que se metter com a administração dos bens temporaes do convento, nem a communidade estava disposta a satisfazer caprichos alheios.

—Olhe que esta questão Villas-boas tem dado logar a episodios e commentarios!....,

—Todos elles em desconceito da disciplina e moralidade da religião de que é ministro.

—Esta cidade está insipida; não ha em que a gente se distraia.

—Em compensação, a companhia do olho-vivo exhibe engenhosos trabalhos de prestedigitação.

—Isso é gente que tem pacto com o diabo; não ha quem lhe vá as mãos.

—Ao passo que elles mettem as mãos nos bolsos alheios e vão desencavar o que não guardaram.

—Com uma audacia de pasmar.

—Ouça uma gentileza.

O Sr. Anacleto Rufino, mestre da philarmonica—40 de Voluntarios, na occasião de embarcar sabbado, para Santo Amaro, teve de puchar sua carteira do bolso; um individuo, crioulo, que presenciou, o abalroou á entrada da ponte e safou 4$ rs que estavam separados.

Infelizmente, para elle, o roubado presentiu e agarrou-lhe no braço; tomou o dinheiro e por commiseração, mandou-o embora.

—Dizem que tambem outro dia um passageiro da estrada de ferro, na occasião de desembarcar achou-se sem o bahú.

—Outra.

O Sr. Eduardo Cezar de Bittencourt, morador em S. Miguel, sahindo uma madrugada destas para o banho, como é seu costume, alguem que estava a espera disso, entrou-lhe em casa e fez a limpa no que poude, levando até a tunica, de uma Imagem do Senhor dos Passos.

—A cousa não pode ser por menos.

N'um tempo critico como o presente, eu vejo nesta terra, uma alluvião de individuos, sem meio de vida conhecido, andarem com luxo, fazerem grandes gastos, sem que haja quem lhes perguntem do que vivem.

—Só os cegos não veem que a illuminação publica é pessima.

—Peior do que ella, só trevas.

—Pois a companhia do Gaz entende que é boa de mais e, por meio de multas, obriga os accendedores a reduzil-a.

—Boa maneira de ficar com o trabalho alheio!

—No mez que findou muitos accendedores soffreram multa de 5$ rs., a pretexto de conservarem luz demasiada nos lampeões.

—Que falso testemunho!

—Os pobres homens aterrados pelo receio de soffrer golpe no diminuto salario que ganham, vão diminuindo cada vez mais a intensidade da luz, até pôl-a em condições microscopicas.

—Está porque muitas ruas ficaram ás escuras na noite de sabbado; a chamma que sahe dos candieiros é tão fraca e amortecida que o mais leve sôpro da aragem a apaga.

—Eu li no *Jornal* que foi multada.

—A companhia do Gaz não sente as multas que soffre; está nas condições dos padeiros que preferem ser multados a fazer pão com peso legal; porque a quantidade de farinha que diminuem dá para pagar a pena e ainda ganham; assim é o Gaz: as sobras que lhe resultam, fazendo a illuminação amortecida, resarce o prejuizo das multas, que de mais a mais nem sempre paga e deixa lucro.

—Porem usando de uma especulação de má fé, não é sincera no contracto, commette uma fraude, uma extorsão.

—O que eu acho iniquidade é estar a arrancar dos pobres accendedores uma parte de seu suor com pretexto mal cabido.

—A maneira porque são executadas certas disposições regulamentares, fazem crer que ellas só foram creadas por escarneo ou irrisão.

—Ou para illudir aos que se julgam garantidos por ellas.

—Quem pelas horas mortas da noite, transita por algumas ruas desta terra, com foros de civilisada, e inesperadamente é regalado com um banho de liquidos pouco aromaticos, não pode deixar de ponderar na singular maneira porque é executada entre nós, aquella determinação prohibitoria do lançamento dessas preciosidades odorantes á rua.

Atravessando certos largos e ruas, vê-se á claridade da luz meridiana os campos alastrados de roupa estendida, pondo á vista de todos certas manchas que deviam ficar occultas e reflectindo-se que existem penas para as offensas á moralidade publica, fica se formando alta ideia do rigor e da restricção com que procura-se impedir a reproducção de scenas semelhantes.

Transitando-se por alguns logares da cidade e examinando-se o interessante systema de fazer despejos e aterros com immundicies, considerando-se mais que nestes sitios, por tal forma aterrados, pouco dopois construem-se casas; e attendendo-se á particularidade de terem mais tarde de ser revolvidos esses terrenos por encanamentos dos chafarizes e do gaz, não se pode deixar de entoar louvores á solicitude assim patenteada pela salubridade dos residentes nesses sitios.

E tanto mais merecidos são estes elogios quando, tendo havido ultimamente alguns casos de febre amarella, a continuação desse excellente systema de aterros pode contribuir para a persistencia dessa molestia, facultando assim a sciencia medica mais occasiões de fazer estudo sobre essa enfermidade.

Indo-se por certas ruas da cidade baixa,

nas quaes os passeios são estreitissimos, cada abalroamento nos paus collocados da parte de fora das lojas, nos quaes acham-se pendentes peças de roupa feitas, recordam immediatamente a infracção da postura municipal que prohibe o atravancamento do transito.

—Essas e outras antitheses devem convencer de sobejo que os regulamentos não passam de burla.

—Viu o barracão que o Costa, armador imperial, armou para o enterro da cunhada do barão de Pirajá?

—Vi. Não sei porque razão collocou em cima do barracão um calix.

—Notou isso?

—Sim, não sei ao que veio a collocação de um calix ali.

—Eu tambem notei nelle ter deitado uma cruz e uma bandeira sobre o barracão, collocando a bandeira superior a cruz!

—E' que entende para si que o emblema da nação deve ser collocado mais alto que o symbolo da religião que professamos.

—Esses armadores inventam cousas que só elles entendem!

—São meios de *mamarem* mais alguns cobres.

—O viver não é nada, o saber é que é a cousa.

—Neste andar em breve voltaremos a liberdade dos primitivos tempos!

—Porque diz isso?

—Pelo que vi quarta-feira á noite.

—O que foi?

—Um sujeito em baixo de uma arvore, no Terreiro, aconselhava-se com outro, sobre certos achaques que o mundo lega aquelles que não vivem moderadamente. E sem mais ceremonia arreiava as calças e, á luz da lua, mostrava ao seu conselheiro a parte soffredora.

Esta scena edificante passava-se do lado da egreja de S. Pedro, onde, como sabe, ha familias que costumam chegar á noite a janella.

—E ha quem diga que não gozamos de ampla liberdade!

—A camara municipal é surda e cega.

—O peior surdo é aquelle que não quer ouvir, o peior cego é o que não quer ver.

—Estou por isso.

Si a camara quizesse ja teria visto o estado deploravel em que se acha a rua atraz do Muro do Desterro.

—Notando que passa sempre por ali um vereador, e não sei como ja não viu os buracos que tem aquella rua, capaz de enterrar um homem.

—Si pelos logares por onde elles transitam não se importam, muito menos se importarão dos logares por onde não ha para elles precisão de passagem!

—A ladeira de Sant'Anna está peior; a ladeira do Desterro pessima; a rua do Tingui nem se falla.

—O que me diz do becco do lado da ordem Terceira de S. Francisco, conhecido pelo becco do Monturo?

—Não me falle nesse becco. Si a camara podesse respirar o *aroma* que d'ali exhala, então talvez que elle se tornasse digno de melhor sorte.

—Mas a camara vê tudo e faz que não vê; a imprensa clama contra a sua cegueira fecticia e ella mostra-se ensurdecida.

—Sr. Costa armador, me responde ao que lhe vou perguntar?

—E' dizer.

—O Sr. quando vae á casa de qualquer figurão, entra por sua sala assim calçado de esporas?

—Si eu fosse um incivil e grosseiro, um lorpa falto de educação, si me quizesse expor a uma reprimenda.

—Neste caso dá mais consideração a casa de um homem, do que a casa de Deus, porque aventura-se a entrar nesta de maneira porque não ousaria entrar naquella.

—Ora que differença!

Aqui estou no meu negocio, no meu trabalho.

—Tem razão, meu bom Sr!

Mas sabe do que vae isso?

E' porque a egreja em sua singeleza e santidade vive mais ligada do que deve ás magnificencias terrestres.

E' porque os interpretes da religião, que prega a humildade, proclama a egualdade do pó, ensinando que as grandezas do mundo, illusorias e passageiras, desapparecem ante o tumulo, dão subido apreço a esses ouropeis, a essas ostentações douradas.

—O Sr. diz cousas que eu não comprehendo.

—Pode ser; mas eu me explico.

Quando fallece um vivente, para quem a fortuna só teve bafejos prasenteiros, eu vejo a egreja catholica acceder a todos os caprichos e desejos que a vaidade dos parentes do morto suggere; eu vejo pelo passamento desse mortal, o templo do Homem-Deus cobrir-se de crepe exterior e interiormente, eu vejo o altar sagrado, onde repousa a Imagem d'Aquelle cujo throno é de eterna gloria e luz, e

ao redor de Quem resoam canticos de louvor e alegria, vestir-se de côres negras á troco do ouro.

Será porque a egreja deplore a perda de um filho?

Não; porque não mostra sentimento egual para com todos.

E demais, si o mundo da verdade é lá, não ha de que sentir, só porque um filho passa da vida de enganos para a vida eterna.

A razão é outra: é porque nesta vida, até para as instituições de origem divina, o dinheiro é o primeiro movel.

E a consequencia de tanta condescendencia com as velleidades mundanas é esse cortejo de escandalos e profanações.

Veja: os ganhadores entram e sahem fazendo um alarido infernal, gritos, confusão, blasphemias; mãos impuras pegam em um vaso sagrado para arredal-o e poder collocar em seu logar um objecto que indique algum predicado do finado; os operarios, como é inevitavel para distrahir a fadiga do trabalho, contam cada um sua aventura chistosa; d'ali sahe um dito picante, d'aqui uma chufa; o Sr. entra de esporas no templo para administrar a sua obra, ralha porque uma columna não está bem assentada, grita com um operario que se mostra vagaroso, a egreja atravancada e feito tenda de trabalho. Tudo isso é improprio de um logar santo onde nós só deviamos entrar para tributar nossa veneração e respeito.

—E agora o Sr. é que quer reformar o que vem de detraz?

—Eu! Deus me livre! reprovar aquillo que é sanccionado por aquelles, que inspirados pelo Spirito Santo, vão proclamar a infallibilidade do papa!

A PEDIDO

—Dizem que haverá tres mezes, João Baptista Valeriano foi ferido com uma facada, na freguezia de S. Pedro.

Que a authoridade competente instaurou processo, mas esse parou no meio do caminho por haver o offendido combinado em receber 150$ rs. para desistir.

—Que miseria! que abjecção!

—Porem o diabo é que aquelle que vendeu a reivindicação de um mal que soffreu, anda agora a queixar-se que está por ver o preço porque se deixou impunemente mutilar, ao passo que o offensor diz em voz clara e sonora que ha muito está pago o custo da facada que deu.

—E' que anda ahi no meio algum arranjo que elles lá sabem.

—Capitão, quem pergunta quer saber.

—O que?

—Pode um sapateiro tomar vestes ecclesiasticas e figurar de padre?

—Essa é boa! V. está doido?

—Pois eu tenho visto Tatá em diversos enterros no Campo Santo.

—A culpa não é delle; é dos padres que se hombreiam com elle, porque zelador de egreja não é padre.

—Capitão, dizem que é pela protecção do Santos que mora na rua que não é alta.

—Pois vou ordenar a esse Santos que não chame mais Tatá, e tambem a seu vizinho Soares para o aconselhar.

—Porem capitão, si elle continuar?

—Então mandarei o muxingueiro cobrir-lhe aquella careca para tomar juizo.

Os Srs. paes de familia devem pôr-se de sobre-aviso e o Sr. subdelegado de Brotas lançar suas vistas sobre uma capona beata, de nome Constança, moradora ao Castro Neves, a qual vende rosarios e bentinhos e pede esmolas.

Essa medianeira da ociosidade, desperta suspeitas, pelo costume que tem, quando entra em certas casas para tirar esmola, de indagar primeiro si o chefe da casa está ahi ou não; e si succede que esteja, ella retira-se surrateiramente e vae se pôr de espreita até vel-o sahir.

O que quererá isso dizer?

Si é para pedir esmola tanto faz que seja na vista do chefe da familia, como não.

Portanto é preciso andar alerta com essas correctoras da maldade e o Sr. subdelegado que não a perca de vista.

ANNUNCIOS.

Attenção!

Quem tiver e quizer vender os ns. 176, 181, 182, 191, 193, 215, 243, 281, e 282 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, e o n. 16 de 1868, dirija-se a typographia Constitucional ao Aljube, que achará com quem tractar.

Pede-se a pessoa, que achou no dia 10 do corrente a tarde, pelas immediações da rua d'Ajuda, uma cachorrinha felpuda com um signal cor de rapé junto a cauda e que accode por Açucena, o favor de restituil-a n'esta typ., que será bem gratificada.

Celindro

Na ladeira do Pelourinho n.° 12, vende-se um celindro de padaria em meio uzo.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª SABBADO 23 DE JULHO. Ns. 673—674.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de julho de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, dizendo-lhe que a saude dos moradores da rua da Lama corre serio perigo, originado pelo pestifero cano do sobrado n.º 9, que descendo pela parede vae despejar na rua, exhalando um ar fetido, nauseabundo e infecto, que a todos encommoda. A excrescencia que verte ja formou um corrego na rua, o qual quando chove, transforma-se em extensa lagoa, que empede aos moradores sahir ou entrar em suas casas.

Todos esses inconvenientes não so affectam a saude e commodo publico, como reduzem a rua a condição de um monturo; pelo que espera-se da Illma. beneplacita attenção.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que não consinta que um portuguez morador á ladeira dos Coqueiros, continue a fazer da travessa que da Lapa vae para a mencionada ladeira, seu armazem ou deposito de carros, pedras e diversos materiaes por ir isso de encontro a lettra da postura n.º 41, assim como que requisite o auxilio do subdelegado para que seja dispersada a caterva de moleques que encarapitam-se nos referidos carros ou sobre as pedras e fazem artes do diabo. Cumpra.

—Esta cidade está inçada de cachorros; é um nunca acabar de cachorradas.

Esta noite escapei de ser mordido por um enorme dragão destes.

—Queixe-se dos fiscaes por que nem executam a postura municipal n.º 40; nem ao menos reclamam a intercessão do Evaristo com as suas bolas.

—Parece que o padre França, capellão do arsenal de marinha, desconhece o preceito de Jesus-Christo, ordenando a seus discipulos que soffressem a perseguição, mas nunca a exercessem.

—Não seja maledicente; o padre França, sacerdote instruido, não pode ignorar a doutrina de seu Divino Mestre.

—Eu digo assim porque o homem deixa entrever arrancos de valentão, que não se casam com a condição mansa e pacifica que requer o ministerio que exerce.

Pois não sabe o que fez um dia desta semana?

Entrou em um cartorio e lá jogou as cajadadas com o filho de um tabellião.

—Talvez em defeza propria; pode ser que fosse provocado.

—Não é isso o que me dizem; o homem foi fazer uma reclamação injusta e achando o tabellião só e doente usou da força bruta para ver se conseguia o que queria.

—São factos mais para deplorar do que para commentar.

—Eu faço ideia si os moleques presenciassem aquelle espectaculo! Como não seria irrisorio ver um homem de batina esgrimindo o pugilato, sahir de paletot esbandalhado sem chapeu, e ir pedir um emprestado na loja immediata.

—Rapaz, a natureza humana é fragil; a paciencia tem limites.

—Não me venha com pannos quentes.

Eu não concordo que quem nos aconselha a paciencia e resignação, o esquecimento das offensas e o perdão das injurias, entre na casa alheia para brigar.

—Aquella mulher foi presa e não quer se entregar?

—Qual presa, senhor! Quem lhe disse que ella estava presa?

—E porque o policial dá-lhe tanta bordoada?

—A mulher é da amisade delle.

—Amisade d'aquellas só como a que o cachorro tem ao gato!

Um agente de policia, fardado e armado, espanca uma mulher publicamente, aqui na rua Direita de Palacio, e o Sr. me diz que essa

scena pouco regular, tem logar por ella ser da amisade delle!

Quem mais vive mais aprende!

—O que é o diabo é cada um aprender á sua custa.

—Eu ao menos desejava conhecer estes dous personagens, cujo systema de estreitar relações é tão exquisito.

—O soldado, dizem, chama-se Maximo e a mulher Izabel.

—Está direito!.... tenho mais esta para meu caderno, hoje quinta-feira do SS. Sacramento.

—Capitão, a cidade do Rio Grande acaba de testemunhar um facto de revoltante selvageria.

—De que especie?

—O estimavel Sr. Antonio da Cunha Silveira, redactor e proprietario do *Artista,* recebeu no dia 12 de junho uma insultuosa aggressão por ter denunciado pela imprensa factos de prevaricação do guarda-mór d'alfandega d'aquella cidade, Raymundo José Delamare.

—Um funccionario publico accusado de prevaricação no seu emprego lançando mão de meio tão condemnavel dá provas de criminalidade,

—Em logar de procurar justificar seu credito, pedindo nos tribunaes as provas das imputações desfavoraveis que lhe eram lançadas, consentiu que sua familia, composta de tres filhos do capitão de fragata Delamare e um irmão seu, fossem atacar o jornalista, que no exercicio de sua missão, levava ao conhecimento da opinião publica factos de delapidação!

—Quem não deve não teme.

—O que porem tornou-se mais inqualificavel foi o procedimento das authoridades, fechando os olhos em face de tão insolito attentado

Muito embora deixassem impunes os aggressores, ao menos, por acatamento á moralidade publica deviam coagir o empregado apontado como prevaricador a defender-se das accusações de que era alvo.

Felizmente os desvairados aggressores do Sr. Silveira não poderam consumar a emboscada que lhe armaram.

—Eis-aqui a segurança que goza o cidadão n'um paiz onde todos podem livremente emittir seu pensamento sendo responsavel por elle!

—No domingo os itapagipanos commemoram o glorioso Dous de Julho.

—Dizem que fazem este anno um festejo solemne?

—Já ouvi dizer isto.

—E' provavel que haja grande concurrencia, visto a facilidade de transporte que a companhia de Vehiculos offerece.

—Agora o que eu acho é que ella devia nesse dia conservar os preços dos dias uteis, afim de que seja maior a concurrencia.

—Si os directores quizerem bem podem fazer este rasgo de generosidade ao respeitavel publico desta cidade.

—Roubos e mais roubos!

Maldicta gente do olho-vivo!

—E' um flagello.

—Os voluntarios, coitados, foram esbulhados do pouco que ganharam á troco de sua vida, por essa praga de larapios.

—Os do 50, que saltaram á terra, são roubados. Na Preguiça, em uma casa, foi um despojado do que trazia, por meio de jogos fraudulentos, ficou sem real; por favor deram-lhe dez tostões para ir para bordo; um outro foi roubado na cidade baixa em 250$ rs.; quinta feira houve no botequim do Caboclo grande sarceiro, porque um voluntario entrando para comer, sentou-se ao pé delle um sujeito que depois se levantou; quando metteu a mão no bolso para pagar achou-o vasio!

—Nesse mesmo dia um estrangeiro queixava-se de lhe terem furtado uma porção de fazendas e dizia que ia á policia queixar-se.

—Como si a policia tivesse obrigação de saber quem o enganou. Elle que tivesse mais cuidado.

—Domingo ha o festejo de Dous de Julho dos meninos da freguezia de Santo Antonio.

—Dizem que com muito apparato.

—Hoje o carro triumphal sahe do becco dos Artistas e vae até a Cruz do Cosme; amanhan percorre as principaes ruas da freguezia.

—E' lisongeiro ver desenvolver-se tão cedo o amor pelas glorias patrias nesses peitos juvenís.

—Capitão, informam-me que o governador do arcebispado mandou uma circular para todos os conventos de freiras, prohibindo que ellas vendam em hasta publica as propriedades pertencentes aos mesmos, não obstante as terminantes ordens do governo, sem que primeiro tenham permissão do nuncio, sob pena de excommunhão.

—Pois eu si tivesse intimidade com o governador do arcebispado, perguntava-lhe a razão porque não foi excommungado o cabido, quando vendeu as suas propriedades particularmente.....

—Ora bolas!

As propriedades do cabido, segundo consta, foram vendidas ás *comadres* dos conegos, e este proceder delle não passou sinão de um acto todo *caritativo!*

—Temos uma policia, que quando não arremeda os dotes da preguiça, imita o imprevidente volatil que se deixa cahir no laço que lhe arma manhoso menino.

—Distrinche-me isso.

—E' o mesmo que dizer que nesta cidade os ratoneiros não so andam tão á vontade como ratos na dispensa de casa que tem gato lerdo, como tambem quando lhes parece caçoam com a policia.

E caçoadas que a obrigam a fazer bem triste figura!

—Faz favor de não me aborrecer? Si veio p'ra dizer alguma cousa, não esteja massando.

—O que eu quero dizer é isto:

Ha tres para quatro mezes, mais ou menos, apresentou-se nesta cidade um individuo muito conhecido nella pelos seus precedentes.

Trajava uma duzia de uniformes, cada qual mais elegante; trazia uma carteira atopetada de dinheiro; por toda parte mostrava uns papeis que dizia ser a sua nomeação d'official de descarga d'alfandega das Alagoas, que lhe dera o barão de Cotegipe e apresentava uma carta que dizia lhe-escrevera a mulher com quem se tinha casado, rico.

Appareceu mais em sua companhia uma crioulinha, de nome Cosma, que elle dizia lhe estar entregue.

Apezar das passadas travessuras do homem, motivo porque sahiu desta terra, a cousa de um anno, e de estar seu nome trocado nos papeis que mostrava, a policia não teve suspeitas, nem se deliberou a indagar onde arranjou elle a inesperada fortuna.

Dizia que viera com licença tratar de sua saude, e que estava residindo na casa de saude do Dr. Domingos Seixas.

—Porem V. vê que mau fado accompanha ao Dr. Seixas? Os ratoneiros tem uma attracção inexplicavel para a companhia do illustre facultativo. Ja o Chico Carteira com suas trêtas, conseguiu, aqui ha tempos, illudir-lhe a boa fé.

—O homem entrou a praticar das suas costumadas gentilezas, tanto que foi chamado a policia, onde, dizem, apresentou o despacho do barão de Cotegipe nomeando-o official de descarga d'alfandega de Maceió, papel que por aquella repartição foi reputado legal e o homem mandado embora em paz.

—Eu não posso acreditar em tamanha ingenuidade! Pois na policia não sabem que o barão de Cotegipe occupando a pasta da marinha, não podia assignar um despacho de emprego de fazenda?

—Eu não garanto, informaram-me; mas a policia que não teve a descripção de requisitar das Alagoas informações sobre esse individuo, não admira que tivesse essa descahida.

Se a policia soubesse ou quizesse cumprir seu dever, dado o caso que acreditasse que o homem era realmente empregado, devia informar ao governo que elle não podia exercel-o, por ter cumprido pena ignominiosa.

Continúo.

Continuou a fazer *cavallarias*, e a uns dizia que era casado e a outros que ia casar.

Um dia, foi perguntar ao sachristão da Sé, n'uma roda, si o cura ja tinha principiado a correr seus banhos.

—Bastava essa contradicção para desconfiar-se delle.

—Chega o vapor *Tocantins* á este porto e o pretendido empregado d'alfandega de Maceió, reconhecido pela policia, vae á casa da crioula Calombão, apanha todo dinheiro e ouro que ella tinha, dirige-se a agencia da companhia dos vapores brasileiros compra passagem para si com destino a Parahiba e para a crioula Cosma, sua pupilla, para Pernambuco, e faz-se de vella, deixando quem deve andar alerta com os tratantes com cara não sei de que.

—Eu deploro a sorte da pobre crioulinha que foi com elle.

—O facto de comprar passagem para a Parahyba, ao passo que para ella comprou para Pernambuco, está dizendo bem claro quaes são suas intenções a tal respeito.

—Não se pode negar que a policia foi redondamente bigodeada pelo espertalhão.

—O tino da respeitavel andou neste negocio como menino do cego.

– Agora que pegue no homem da capa preta.

—Essas bebedeiras, que dão para provocar, são perigosas.

—Descreio dellas; o homem verdadeiramente ebrio vae dormir; não se pode suster.

—Isso é quem não bebe todos os dias; o individuo affeito ao vicio habitua-se.

—Não para fazer desordem; é desculpar se com a cachaça.

—E como se explica isto?

Luiz Sardinha depois de *enfeitar-se* completamente provocou com o mutilado Manuel

Ferreira de Carvalho, dando-lhe uma bofetada que o prostrou.

O ex-voluntario conhecendo sua impotencia, pela falta de um braço, foi á casa armou-se de faca e veio introduzil-a em Sardinha, o qual depois de ferido e derramando copiosa porção de sangue, foi deitar-se como quem não tinha nada na porta da botica em Guadalupe e d'ahi á momentos roncava como um porco.

—Como estava aquella alma!

—Que atracação está dando aquella mulher no Sr. Antoninho da limpeza!

—Ha de ser reclamação; talvez a restituição do que pagou indevidamente.

—No meio da rua é uma apertação!

—Ella pede o que lhe prometteu e elle mette a mão no bolso, tira dez tostões e dá-lhe.

—Já V. vê por ahi que não pode deixar de ser uma retribuição.

—Mas que maneira de cobrar!

—Tal fosse a natureza do serviço.

—Capitão, quer ler alguma cousa sobre os festejos na côrte pelo fim da guerra?

—Estou secco.

—Pois comece pela *Comedia Social*.

«A maior novidade da semana proxima finda foi o festejo official no templo de papelão.

Nunca houve festa feita debaixo de peiores auspicios.

Na manhan do dia 10 do corrente mez, dia designado para a grande funcção, uma forte neblina esfriava o animo do curioso com vontade de ir até o campo da Acclamação ver celebrar-se a festança. Era ja nove horas, e mal se encontrava na praça um ou outro individuo, olhando admirado para as archibancadas vazias e para o circulo de soldados de linha, postados em torno da carangueijola italiana com o fim de impedir que algum profano penetrasse naquelle recinto, onde so teria de apparecer a gente de sangue mais azul.

Mais tarde vieram apparecendo alguns *coupés* que paravam diante das escadas e ficavam em frente a casa da moeda, e delles iam sahindo varios personagens de chinó e casaca dourada, e, cousa admiravel! alguns desses figurões estavam de calças brancas. O leitor deve recordar-se que, não ha muito tempo, a nossa fidalguia fez uma petição, supplicando licença de usar calças azues, por custar caro a calça branca; e ao ver aquella boa gente saltando no dia da festa por todas as considerações economicas, e não trepidar diante da despeza de uma calça bran-ca, suspeitei logo que todos elles iam ser agraciados com alguma medalha de merito festival.

Nesse meio tempo o rufar dos tambores e o toque das cornetas indicava em outra parte da praça a chegada de varios batalhões da guarda nacional. Estavam lazidos, e marchavam bem regularmente; mas, oh dor! um ou outro espectador apenas apreciava as evoluções militares. A propria molecada, tão amante da boa musica, e tão avida de espectaculos marciaes, não comparecia á festa, e parecia fazer timbre em protestar com a sua ausencia contra a despeza dos duzentos contos.

Por detraz de uma archibancada encontrei um ex-ministro da marinha, passeando taciturno, em quanto junto ao museu um brigadeiro honorario do exercito media o lagedo com passos graves.

A chegada da serenissima princeza e do principe consorte fez com que se agrupassem mais algumas pessoas defronte do templo, junto a casa da moeda. Quasi todas as janellas desse edificio estavam occupadas por familias. Tambem era o unico logar em que se notava alguma animação.

Por fim soaram os clarins, annunciando a a aproximação de suas magestades. Os archeiros formaram alas na escada, e os magnatas com andar um tanto tropego vieram descendo, e formaram outras duas alas paralellas as dos archeiros. Tive então pela primeira vez o ensejo de assistir a ceremonia do beja-mão em escada.

Começou a festa. Quem se achava no campo a alguma distancia do barracão italiano, e olhava para o interior do dito barracão, julgava-o vazio, pois o pequeno numero de personagens que lá estava ficavam encoberto pelas columnas interiores. Alguns transeuntes pensavam até que ainda não havia começado a funcçonata. As archibancadas continuavam ermas, desertas. Mandou-se então um piquete de soldados de policia para uma dellas. Os soldados collocaram-se um junto de cada poste que sustentava o tecto da armadilha.

Alguns individuos inquiriam, curiosos, se aquellas figuras immoveis, de calças vermelhas e plumas da mesma cor, estavam ali para abrilhantar o acto, ou para manter a ordem entre os bancos inteiramente vazios.

Como havia completa falta de animação em tudo, postaram perto da dita archibancada uma bomba de apagar incendio, para recordar ao povo que assim como outr'ora ardêra naquella praça um circo de touros, bem se podia desta vez fazer fogueira de uma ar-

chibancada. O povo, porem, tratou a insinuação com o mais soberano desprezo.

Afinal S. M., cujo coração compassivo é conhecido por todos, penalisado por ver o *fiasco* do ministro da guerra, ordenou que se franqueasse o templo a todos indistinctamente. O sublime anda sempre ao lado do ridiculo. Antes so podiam entrar os que tinham recebido cartão de convite. A maior parte d'estes, porem, não comparecera. Depois, entrou tudo. Pretos com samburás, sujeitos, em mangas de camisa, muita gente sem gravata, todos entraram. Um amigo meu, vendo o caracter nimiamente democratico da reunião, ficou envergonhado de ter levado luvas, e tratou de escondel-as a toda pressa nos bolsos das calças.

Mais tarde houve parada na praça de D. Pedro I. As descargas foram chochas.

A' tardinha andaram distribuindo gratis os cartões das archibancadas. Eu tambem tive um, mas lá não fui. Consta terem havido no interior do barracão algumas assuadas contra o ministro da guerra.

Do que se passou á noite posso referir alguma cousa por ter sido testemunha ocular. Prepararam quatro apparelhos de luz eletrica que produziram quasi nenhum effeito. A illuminação dos arcos que circumdavam parte do largo foi de triste apparencia, por ser bastante vasta essa parte do Campo, e por não terem accendido um grande numero dos copinhos de côres. No interior do barracão, o qual estava bem illuminado, encontrei varias rodas de meninos de collegio, jogando a cabra-cega. Todos dentro do barracão estavam de chapeu na cabeça, e muitos fumando. Em parte alguma se via uma banda de musica. De repente o povo começou a precipitar-se pelas escadas abaixo. Era uma turma de officiaes de linha, que tinham ido armados ao barracão dar morras ao barão de Muritiba! Esses officiaes, consta-me terem ido em seguida ao theatro lyrico, e depois ao largo do Paço, e ali em frente a guarda imperial prorompeu em vivas ao imperador! e morras ao ministro da guerra! Mais tarde elles voltaram de novo ao theatro lyrico, e ainda demoraram-se ahi por algum tempo.

Poucas casas illuminaram as frentes.

No dia seguinte o *Jornal do Commercio* e o *Diario do Rio* noticiaram ter estado a festa optima, a illuminação de copinhos esplendida, ter sido geral o contentamento, etc. etc.

E assim se escreve a historia!»

—Está muito bom; o que ha mais?

—Agora a *Opinião Liberal:*

«Rio 9 de julho de 1870.

Celebram-se amanhan as festas do barracão-templo.

O rei e os cortezãos e os ministros em côro, com os seus convidados especiaes, dignam-se render graças ao Todo Poderoso em nome da nação.

E' mais uma delegação, de que o povo não tem a menor consciencia.

Não importa; basta que pague as despezas e os desperdicios.

Destes certamente sentirá toda a nação o peso, e a contribuição é tão intransferivel como os convites do Sr. Muritiba.

Amanhan, pois, entre as ondas de incenso e de polvora, entre os canticos e harmonias distribuidas ás divindades deste e do outro mundo, se dissiparão as migalhas do povo.

E no dia seguinte, ao estrepito do martello destruidor, terão desaparecido os ultimos vestigios dessa regia vaidade.

Tambem, com egual rapidez, dissiparam-se as vantagens dessa guerra exterminadora.

Um brasileiro chibatado em Paysandu, proprietarios brasileiros ameaçados no Estado Oriental, foram os preludios dessa horrivel guerra.

Pois bem; depois de cinco annos de lucta sangrenta; depois do anniquillamento completo de um povo americano, chegam-nos, com os hymnos do triumpho, os gemidos de dous brasileiros barbaramente açoitados no Estado Oriental, e os clamores de compatriotas de novo ameaçados em suas fazendas!

Os partidarios da guerra pensavam ter comprado a custa de tanto sangue e vidas preciosas, o *cives romanus sum,* e as humilhações e as violencias continuam do mesmo modo.

E' que a politica do orgulho e da prepotencia nada pode produzir.

A expedição da Abyssinia não impediu os recentes massacres de inglezes na Grecia.

Mas; o que ides festejar?!

A morte de um tyranno?

Melhor fôra aguardar a morte da tyrannia.

E com Lopez certamente não se extinguiu a tyrannia do Paraguay, nem a tyrannia *mansa* do Brasil.

Festejaes, porventura, os triumphos da liberdade e da civilisação?!

Por Deus! Adiae os festejos para depois da abolição do escravo.

Festejaes o orgulho do nome brasileiro?

Voltae vos para o Estado Oriental, e vêde-o alli de novo humilhado sob o latego infame da chibata estrangeira.

Voltae-vos para Bem-posta (Minas-Geraes) e vêde o bravo voluntario da patria José Ma-

ria, condecorado com tres medalhas, com as carnes dilaceradas pelo chicote do homem que é seu senhor!

Esperae; não é preciso ir tão longe.

Dirigi-vos a casa de correcção desta capital do grande imperio triumphador; perguntae pelo bravo cabo de esquadra João Fernandes Barcellos, promovido no campo de batalha, e ahi o vereis recolhido, como bêsta sem dono, para ser arrematado por ordem do estado, que o qualificou de—bem do evénto!

Contemplai bem estes identicos quadros, e dir-nos-eis que é feito do *brilhantismo e orgulho* do nome brasileiro.

—O que festejais então?

Os actos do heroismo, a bravura dos nossos soldados, a tactica militar, o valor indomavel do exercito e armada?

Sem duvida que muito ha que admirar neste ponto.

Mas, quando de tudo isto não resulta uma so vantagem real e duradoura para a nação e para a humanidade, *stulta est gloria*.

O que, pois, ides festejar?

A vaidade, a pura vaidade do imperador, tão ephemera e dispendiosa, tão infundada e custosa ao povo, como esse templo de papelão e ouropel, coms esse fumo, essa bulha, essas vozes, que amanhã se desvanecerão no espaço.

Entretanto, em frente desse barracão, desses ouropeis, desses fardões bordados, desse immenso carnaval, de que é centro o imperador do Brasil, terá o povo occasião de profundas meditações.

O observador reconhecerá que, maior do que a sêde d'agua que devora o povo desta Roma escrava, é a sêde da ostentação régia, que mal se sacia com centenares de contos ahi malbaratados.

Elle mal comprehenderá como o homem, que rejeitou estatuas por edificios para a instrucção do seu povo, gasta do dinheiro do povo centenares de contos em pagode de sarrafos, sem que tenha até hoje creado uma só escola para os filhos do povo.

Taes são os desvellos e o amor á instrucção popular, que o sr. d. Pedro II sente por esta nação que tanto respeita e felicita.

Mas, silencio! Augusto, triumphador, precisa solemnisar a volta de Uruguayana e Peribebuy, quebrando no meio de pompas atroadoras as cadeias de alguns dos seus escravos!

De joelhos! Deixai passar a munificencia e a caridade imperial!

Que nem um passaro sinistro por ali adeje nem um ponto no espaço, nem uma lagrima do viuva, nem um só gemido deste povo oppresso, nem uma praga de guerreiro victimado, ouse perturbar as *augustaes* do velho e do moço Cezar!....

«**As augustaes do campo.**—Offerecemos a apreciação a copia fiel de um convite, sem o qual não se pode orar no templo de Cezar.

«Ao Illm. Sr....

«Convite para assistir ao Te-deum e cantata no Campo da Acclamação.—O convite é intransferivel.»

—E esta festa é nacional!.....

—Muito bem!

—Aprecie agora o *Mosquito*.

«Materia velha.—Tem logar amanhan, no campo de Sant'Anna, a grande festa governamental.

Com certeza ninguem faltará á grande apotheose bellica do Brazil.

São expressamente convidados para assistir ao grande ceremonial, não os homens de todas as cores politicas, mas os politicos de todas as cores, tanto nacionaes como estrangeiros.

O programma é o seguinte:

Grande cantata obrigada a *Ze Pereira* em *la maior*, na qual il Signore *I tabor Ahi* cantará uma aria da Traviata á mistura com trechos da musica da *grande Duqueza* do author *Bofe de vacca*.

A lettra é do mimoso e fecundo poeta *Castro Urso*, escripta expressamente para a grande funçonata e principia mais ou menos assim:

'Stá dito, então
Tarão tão tão
Corram ao Campo
D'Acclamação.
'Stá dito, então
Tarão, tão, tão
Haja barulho
Na tal funcção.
E' de columnas
O barracão
E uma dellas
Le nez do Antão.

Etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc. *et cætera*.

Haverá mosquitos por cordas.

O *Provisorio-permanente* será guarda inalteravel do *festim* e o *Balthazar* cantaré por ultimo:

Allons enfant de la patrie,
Le jour de gloire et arrive....

—Venha o resto.

—Ahi tem o *Jornal do Povo*:

As glorias de papelão

Muito bem! nada mais resta!
E' clara a situação:

D. Pedro solta o rojão,
E o povo é quem paga a festa!
Está direito! Quem protesta
Contra taes divertimentos?
Si a guerra custou tormentos,
Sangue e lagrimas ao povo,
Não vemos nada de novo
Na queimada dos duzentos!

E depois... sejamos francos,
Quem sabe assim triumphar
Tem direito de gastar!
Lá fóra bateu-se os *blancos*
Do Lopes furou-se os flancos
E o duque encheu-se de ouro:
Cá dentro o bravo rei mouro
Conduz a outro combate,
E emquanto toca a rebate
Dá um saque no thesouro!

O tempo que tudo empana,
Talvez cobrisse de pó
As glorias do Itororó
Bem como as de Uruguayana,
Por isso a mão soberana
Temendo do tempo a acção,
Mandou a congregação
Dos seus sete fogueteiros
Prégar seus feitos guerreiros
Nas folhas de papelão.

Que pena ter-se apagado
Da velha Roma pagan
O estilo! uma manhan,
O povo sobresaltado,
Ter-se hia alevantado
Ao rufar de mil tambores,
E veria os vencedores
Revestidos de couraças,
Atravessarem as praças
Em coches triumphadores!

Veria romper na frente
Com ares de espdachim
O novo Cezar-mirim;
Atraz um duque valente
Soffrendo (naturalmente)
De colicas militares,
Lembraria esses logares
Onde por mais de uma via
Obrou toda valentia
Afilando os calcanhares!

Mas já que nos tempos nossos
Tal costume não ha mais,
Festeja-se a grata paz
Que vem após os destroços,
Roendo-se até os ossos
A carne do cidadão
Oh! que bella condicção
Para um povo que começa!
Por isso vae tão depressa
Caminho da salvação!...

Mas não importa! Comtanto
Que a regia estirpe valente
(Por hypotese) sustente
As honras do throno santo,
Embora se cause espanto
Com cascatas de dinheiro,
Ao menos o mundo inteiro
Que assiste as festas de pinho
Saberá que o tal Pedrinho
Além de sabio é guerreiro!

.....
.....

Assim pois, nada é mais justo:
Emquanto o povo arrimado
Da miseria no cajado
Arrasta a vida com custo,
Emquanto o monarcha auguste
Baptista da sua gente,
Tão fria e tranquillamente,
Com hypocrita constancia
No Jordão da ignorancia
Fal a banhar-se impudente.

Ri-se a hidra assoladora
Mais cruel de dia em dia,
Como genio da anarchia
Soltando da mão traidora
Torpe seiva corruptora!
Forte, estupida illusão!
Céga de louca ambição,
Esquece que a falsa gloria
Dura tanto na memoria
Como o fragil papelão!

—Lê-se na *Opinião Liberal*:

Epigramma.

Ao senhor da fazenda um dia disse
simplorio, amigo do direito e leis:
—Excellencia, que é isso, o que é que fez,
o povo ao barracão chama tolice...—
Elle responde:—Calla-te, isto é logro,
o povo é esperto, porem eu.... sou sogro.

J.

A PEDIDO

—Muito se agita a questão eleitoral para um senador.

—Com razão.

—Porem de todos os candidatos o que menos deve merecer as honras do voto popular é o Dr. Bonifacio de Abreu.

—Porque? Não estará habilitado?

—Está por certo.

—Então?

—Mas é medico do Paço e parente de um dos ministros.

—Que tem isso?

—E' uma immoralidade.

—Como prova?

—E' facil: por quanto si ha razão de moralidade para que um presidente de provincia, o chefe de policia, o commandante das armas, o chefe da estação naval, não possam ser eleitos pelas respectivas provincias, tambem o medico do Paço ou pelo menos o ministro não faça da politica um arranjo de casa.

—Tem toda razão, porque, si os homens honestos e graves comprehenderem que a politica vai assim degenerada, todos voltarão as costas aos chefes egoistas.

—Capitão!

—O que queres?

—V. Ex. não leu no *Diario da Bahia* de 14 do corrente, uma questão sobre liberdade?

—Não. Porque?

—Pois consta-me que um tal francez, a tres annos, mandou matricular como escravas as crias Gliceria e Eliza.

—Mas quem é esse francez?

—E' um tal que se intitula engenheiro!!!

—Pois não sabia, sinão ja teria perguntado ao Dr. chefe de policia, si ja deu caça ao birbante, e mandou depositar as ingenuas que estão sendo martyrisadas por quem n'esta terra americana, quer escraviser a duas innocentes libertas e que tendo para isso recebido 200$000 rs., em 1857, para liberdade de uma, a tem até hoje como escrava.

—E' preciso averiguarmos do facto; porque n'esta epocha em que a manumissão vai em progresso, é preciso não deixar impune um crime destes.

—Moço *triguciro*....

—Eu descendo de um *castello-branco*.

—Nada importa, quando o Sr. é um tratante, um caloteiro, um velhaco.

—Não me insulte.

—E' apenas um desabafo porque ja estou desesperado de mandar o Bigodeiro a sua procura.

—Ora eu não esperava esta de Vm., Sr. *Protazio*.

—Capitão, trago a sua presença este incorrigivel cangalho, que apezar de estar no pôr do sol da vida, vergando ao peso de mais de secenta janeiros, entende fazer de sua loja de apparelhar madeiras, deposito de roubos.

Com admiravel astucia e sagacidade agasalha o que não lhe pertence.

Amigo do alheio, tem instincto de harpya.

Sendo o officio de fazer trastes daquelles cujo trabalho demanda a luz do dia, o cão traz a officina aberta por altas horas da noite, conservando-a ás escuras, para a seu salvo ir recebendo as saccas do assucar e algodão que das alvarengas são transferidas para seu cubiculo.

—Como se chama o tatú?

—Albino dos Occulos.

—Diz a cara com a careta.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Leva este ladravaz ao porão e lá applica-lhe 400 lambadas bem puchadas na deslavada cara e como ella é falta de verniz, suppre essa falta besuntando-a de alcatrão; depois pucha-lhe a viperina lingua da immunda cloaca onde se aloja, e passa-lhe duas pinceladellas de pêz a ferver.

—Eu tomo o gallego a minha conta, capitão.

(*Continúa.*)

ANNUNCIOS.

Attenção!

Quem tiver e quizer vender os ns. 181, 182, 243, e 281 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, dirija-se a typographia Constitucional ao Aljube, que achará com quem tractar.

Juizo municipal da 1.ª vara.

Correm praças nos dias 23, 27 e 30 do corrente mez, a porta do Forum, pelo juizo municipal da 1.ª vara, e cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, com a quinta parte de abatimento, as seguintes propriedades:—uma de n. 99, sita ao forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar, em terreno proprio, que devide com as terras de Nossa Senhora da Lapinha, no valor de rs. 1:500$; outra do n.º 121 sita ao mesmo forte, tambem em terreno proprio, com a mesma divisão, avaliada em rs. 1:100$; e um terreno tambem proprio, sito á rua Nova do Queimado, com tres frentes principiadas e algumas divisões, no valor de rs. 1:000$, pertencentes ao casal dos fallecidos José Ricardo de Sant'Anna e D. Maria Joaquina de S. José. Bahia 21 de julho de 1870.

Rapazeada! hoje no vispora da rua do Julião n.º 18 ha um bem feito sarapatel gratuito para os frequentadores.

Ha excellentes bebidas,
Café, vispora, dominó,
Tem um bom sarapatel
Em logar de mocotó.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª QUARTA-FEIRA 27 DE JULHO. N. 675.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de julho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que nos informam de que algumas pessoas tem sido assaltadas na estrada do Rio Vermelho, sendo na maior pretas que transitam com carregos.

Dizem que os ladrões sahem de ordinario das immediações da roça que foi do finado Dez. Neto. Espera-se que S. S. á bem da segurança individual se digne de tomar providencias á respeito.

—Capitão, propala-se que na sexta feira, em um hotel de grande nomeada, se dera um facto de rapinagem, assaz inqualificavel.

—Como foi?

—Dizem que o proprietario do tal hotel dera entrada a dous membros do olho vivo e combinara que elles propozessem as *vermelhinhas* para *folgarem* dous hospedes, levando um terço no *gamado*.

Consta que os depennados deixaram cousa de um conto e quê, tocando ao esperto proprietario uns tresentos e tantos mil reis.

—Que ladrões!

—O dono de um estabelecimento desta ordem devendo procurar acredital-o, quer no interior e quer no exterior do paiz, é o proprio que admitte em sua casa ratoneiros para saquear aquelles quê nella vão se hospedar!

—E' preciso chamar a attenção da policia para estes factos que ameaçam a segurança e propriedade individual.

—E que juizo se fará do estado desta terra, quando se souber no estrangeiro, que nas hospedarias se dá entrada a larapios para roubar aos que nellas procuram pousada.

—Os itapagipanos commemoraram, segundo noticiamos, o memoravel dia Dous de Julho.

No sabbado á noite foi o carro da cabocla para os Mares, fazendo-se no domingo, depois do meio dia, a entrada triumphal do emblema da nossa emancipação politica, acompanhado do batalhão patriotico intitulado—*Artistas Nacionaes*, de muitos cavalleiros e immensas pessoas, precedidos da musica dos menores.

O carro foi dos Mares até a Ribeira de Itapagipe, percorreu neste trajecto diversas ruas e voltou pela Madragôa, atéo largo do Carias, onde estava o palacete para a illuminação.

Desencerrou-se na occasião de sua chega da a effigie do imperador e deu-se os vivas do costume.

A' noite houve illuminação, que durou até na terça-feira e durante as tres noites de illuminação a musica dos menores tocou no palacete.

—Houveram muitas desordens?

—Algumas, provenientes do calor da fabrica de cerveja e dos alambiques, o que do prompto se accomodava.

—Valha-nos isso!

Que mais?

—A companhia de Vehiculos cassuou inteiramente com o respeitavel publico.

—Como?

—Annunciou conducção da praça de Riachuelo até a Ribeira de Itapagipe e fez fiasco.

—Então não houveram os *bonds* puchados a vapor como elles haviam annunciado?

—Houveram dous que não chegavam para transportar os passageiros que iam da cidade até Itapagipe, e alem d'isso, muitas pessoas tiveram medo de embarcar-se, porque os *bonds* saltavam fora dos trilhos, levando-se um tempo immenso a espera que os collocassem de novo.

—Em uma dessas saltadas eu escapei de ficar com a bitacula em petição de miseria, se me não aguento.

—Por essa ja esperava eu.

—Dizem tambem que elles de certa hora por diante não trouxeram mais os passageiros até a praça de Riachuelo, segundo estava annunciado, e sim até o Caes Dourado.

—E' verdade.

Pretextaram uma lança quebrada para poder impingir essa embaçadella no povo, pelo que ia havendo um grande sarceiro devido aos insultos que os caixeiros dos *bonds*, dirigiam aos passageiros, por estes reclamarem seu direito, o que foi de prompto acommodado.

—Mas tudo isso é devido á falta de ordem na companhia!

—Eu tambem sou do mesmo parecer!

—Capitão, como V. Ex. anda á cata de novidades, venho dar-lhe parte de uma que vi.

—Aceito com muito gosto, meu amigo.

—Eu não sei do lado de quem está a culpa; o caso é que no domingo quasi ha uma desgraça que se podia evitar, e que só por um desses acasos inexplicaveis não se realisou.

—Oque foi?

—Domingo ás 5 horas da tarde, mais ou menos, um *bond* no trajecto do Bomfim para a cidade, encontrou-se na Calçada com um carro puchado á quatro, no qual iam tres senhoras e um homem, ficando o carro em pedaços.

—Os passageiros soffreram?

—Felizmente um leve incommodo occasionado pelo choque e o susto.

—Assim foi bom; porque quando succede uma desgraça todos dizem coitado, mas quem tem seu mal é que geme.

—E mormente neste caso que o cocheiro do carro accusou o bolieiro do *bond* e este a aquelle.

—O Sr. Antoninho da limpeza julga que esta terra é sua propriedade, que elle pode fazer della o que quizer.

Reduziu a Estrada Nova a uma extensa estrumeira.

—Da venda das sete portas em diante ha cisco por borra.

Não se pode transitar com as moscas.

—Para as condições hygienicas desta cidade nada mais favoravel.

—Não se pode habitar nesta terra!

—Mude-se, meu rico.

—Nem tudo é como se quer. Si eu podesse ha muito que andava longe.

—Tem tanto desgosto assim?

—Em tudo e por tudo.

Uma terra onde ninguem se conta garantido do que serve viver nella?

Dizem que temos policia que garante a vida e propriedade do cidadão, mas a policia só se presta em certos casos.

Por este tire a consequencia.

Na sexta-feira á meia noite, uma pessoa que sahira de casa em procura de um medico para pessoa de sua familia, gravemente enferma, ao subir a ladeira da Praça, foi aggredida por uma cafila de dez a doze badernistas, que seguiam da Praça em immoral vozeria.

Os mais atrozes insultos lhe foram dirigidos e como nada respondesse passaram a ameaças!

—Que diabo! Sahe um homem de casa fóra de si, vexado e afflicto e vae encontrar insultos e affrontas!

—Não querendo se expor, supportou resignado, procurando desviar-se daquelles desvairados. O que porem parece incrivel é que apontando na embocadura da rua seis a oito patrulhas, que sahiam do quartel para a ronda da cidade, vissem aquelles turbulentos na sua immoral e provocadora assuada e os deixassem passar em paz, e seguir na mais desordenada berraria!

—Soffre-se muito, é verdade, mas o que se ha de fazer? Ter paciencia.

—Foi ao Dous de Julho em Itapagipe?

—E então.

—Logo vi, maganão, que V. não perde bodas.

Divirtiu-se muito, não?

—Realmente não vi nada em que me divertisse.

—O que viu la de curiosidade?

—Homem, o que eu vi que mais me prendeu a curiosidade, foi uma moça na janella, com toda claridade da luz meridiana, abraçando e beijando cynicamente um moço, que se achava na casa.

Este acto de cynismo, chamou attenção de todos quanto passavam, sem que ella e elle déssem o menor cavaco!

—Então, não é um spectaculo bonito e engenhoso?

—Sabe a astucia que usou o Manuel Joaquim para roubar a crioula Calombão?

—Quem é Manuel Joaquim, um que dizia ser official de descarga d'alfandega de Maceió?

—Esse mesmo; cassuou até com o chefe de policia; arranjou uns papeis, apresentou ao chefe e este engoliu a pilula.

—Trate do que estava tratando.

—Disse á crioula que queria dar-lhe um presente; que em S. Miguel, certa viuva tinha umas crias para vender, que o fosse esperar ahi para escolher a que lhe agradasse, que elle daria o dinheiro.

A credula mulher muito cheia de si foi ao logar indicado e vendo Manuel Joaquim não apparecer, poz-se á espera. Este tempo foi

mais que bastante para elle fazer-lhe a limpa.

—Aquelle Manuel Joaquim sempre foi de muito recurso!

—No fortinho da Lagartixa, houve um defloramento cheio de episodios burlescos.

Dizem que um Sr. Galrão foi o auctor dessa boa obra.

—Dê-me os pormenores.

—Eu vou até la colher informações, e volto a dar-lhe parte.

—Pois seja breve.

A PEDIDO

—Abarracou o batalhão dos *persevejos*.

—Lhe interessa alguma cousa?

—Nada; estou somente recordando os sambas da outra vez, as orgias, os deboches, que houveram.

—E' vontade de fallar, entendo.

—E' de admirar tambem a desinteressada dedicação do commandante pela causa publica! Esse senhor desde novembro passado mostrava decidida esquivança em apparecer e prestar-se á qualquer serviço, dando apenas um ar de sua graça na sexta feira benta e recolhendo-se logo á moita; dando com esse proceder de remisso ao cumprimento de seus deveres, mau exemplo a seus subordinados para tambem faltarem; nem no dia que sendo segundo entre nós é primeiro, se quiz prestar, para o que pediu uma licença no mez do santo dos foguetes. Mas, eis que soa a voz de abarracar, e o homem levado por insuspeito desinteresse, abandona sua inactividade, sacrifica a doce quietação e dá-se por prompto!

O commandante *maioral* mandou que abarracasse uma banda do batalhão por economia, mais o digno commandante reclamou que seu corpo não era caipora para entrar de uma banda so e garantiu que tinha 80 persevejos novos para metter; com o que conseguiu que a primeira ordem ficasse burlada.

—E os cofres gemendo.

—Nestes tempos custa-se ae ncontrar tão rara prova de patriotismo como a do preclaro commandante!

Em quanto é a secco, põe se na relva, mais logo que indica pingar alguma cousa eil-o lesto e agudo no seu posto!

Pergunta-se ao um ex-thesoureiro da irmandade do Santissimo da freguezia do *Segura Parede* qual o destino que deu ao dinheiro que recebeu de diversos irmãos para *jazigos* da mesma irmandade, o qual nunca teve solução. Não é com o dinheiro alheio que se dá lautos presentes as amarellas da casa contigua; nem são as algibeiras dos mais que devem contribuir para as despezas do *rouxo* que tanto lhe transtorna as ideias e o leva a insultar os mais.

Isto é conselho daquelle *que não é frouxo*.

Modinha

PARA SER CANTADA COM A MUSICA DA VALSA INTITULADA—OS GUARDAS DO REI.

Feliz quem um grosso cobre
Recebeu pela invencioni,
Como premio, ou *brevetè*
Do templo de papeloni!
E' feliz o macarroni,
Que gamou tanto tostoni.

O pobre povo gemendo,
Pagando vae á nacioni
Mil impostos!! p'ra gastar-se
N'um templo de papeloni!!....
Oh! que feliz lazaroni,
Que fabrica barraconi...

Mui breve serão as casas
Feitas por essa invencioni!..
Tambem farão p'ra o monarcha
Palacio de papeloni! .
P'ra o maldito lazaroni
Depennar bem a nacioni.

Até o senado, a camara,
A casa da relacioni,
E da assemblea... mui breve
Teremos de papeloni...
P'ra a pança do macarroni
S'encher com muito tostoni...

Monsieur *Thabor*, *ahi*,
Como *chefe da faccioni*,
Conserva, *doura*... ou reduz
O paiz a papeloni,
Fora, com o lazaroni,
Ganhar maior posicioni.

Si ouro em papel reduziu
Sem *formal concessioni*!!!
Como não transformará
Um *rei molle* em papeloni
Foi a *regeneracioni*
Que fez co'a sua faccioni.

Mui contrario aos alchimistas,
Com o seu *genre* o Macarroni
Reduzir querem o ouro,
Prata e cobre em papeloni..
Oh!.. que grande logracioni
Se prega n'esta nacioni....

Qual cidade de presepe,
Todos em combinacioni,
Transformarão o paiz
Todo inteiro em papeloni

Sem medo da opposicioni,
Cumprem a sua tencioni!!...

Melhor do que, actualmente,
Fizera, a luza-nacioni,
Temendo que reduzida
Tambem fosse a papeloni
Pois que a *constitucioni*
Não 'stá em execucioni

E désse a *Thabor ahi*,
Como compensacioni,
Do que tem feito ao paiz,
—A palavra de Cambroni—
Tambem fim a posicioni
De tudo quanto é ladroni.

Finalmente, disto tudo,
Bem tirada a conclusioni,
—E' porque temos um povo
E um rei de papeloni!..
Por isso que logracioni
Soffre esta, pobre nacioni,

Oui.

—Capitão, moralidade do nosso clero.

—Oh, essa é nata.

—Contaram-me que certo ecclesiastico que não occupa patente rasa na sua classe, passava todos os dias pela porta de uma linda rapariga de 15 annos, cuja perfeição de rosto o fez suppor ser alguma obra d'arte e como tal digna de figurar no seu museu de raridades.

O virtuoso sacerdote quando tinha occasião de passar em tal logar, era sempre para exercer algum dever imposto pelo seu ministerio; por exemplo: consolar aos afflictos, visitar aos encarcerados, e não sei si impressionado por taes ideias, mostrava grande interesse pela sorte da bella joven, a qual vivia na companhia de sua decrepita avó.

O astuto padre, manejando a arma poderosissima do seu ministerio, apoderou-se sem resistencia da confiança da velha e convenceu que a netta em sua companhia não estava em boa guarda.

« A sorte desta menina, me dá cuidados;
« aqui por estes logares, ha de succumbir á
« tentação do vicio. Não seria melhor met-
« tel-a em um estabelecimento pio?»

Eram as palavras do manhoso padre sempre que se dirigia a incauta velha.

Tanto cantou, que a mulher entregou-lhe a netta, como o boi entrega o pescoço ao carniceiro e o estabelecimento pio para que ella entrou, foi para a casa do padre, que immediatamente *fez-lhe uma caridade.*

Passados vinte dias foi entregar a *trouxa* á sua dona, não direita como esta lhe entregara, mas *remexida.*

—Que exemplificadores do mundo!

—A velha veio á saber que sua netta fôra violada e promette fazer escandalo em occasião em que o padre vá dizer missa.

—Ora queira Deus: ao menos sabe-se quem é o tal melro.

VARIEDADES.

Idades das mulheres e dos homens, symbolisadas por aves.

A mulher de um a dez annos é *beija-flor*: de dez a quinze *rouxinol*; de quinze a vinte *ave do paraizo;* de vinte a vinte e cinco *rôla:* de vinte e cinco a trinta *andorinha*; de trinta a quarenta *gralha*; de quarenta a cincoenta *coraja*; de cincoenta a sessenta *ema*: de sessenta em diante não é nem ave, nem mulher, nem cousa nenhuma.

O homem desde que nasce até aos dez annos é *pica-pau;* de dez a quinze *pinta-silgo;* de quinze a vinte *frango*: de vinte a trinta *faisão;* de trinta a trinta e cinco *gallo;* de trinta e cinco a quarenta *pavão real*; de quarenta a cincoenta *papagaio*; de cincoenta a sessenta *mocho*; de sessenta a setenta *arara*: de setenta a oitenta *grou*; de oitenta por diante... d'elle nos livre Deus!

ANNUNCIOS.

Attenção!

Quem tiver e quizer vender os ns. 181. 182, 243, e 281 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, dirija-se a typographia Constitucional ao Aljube, que achará com quem tractar.

Juizo municipal da 1.ª vara.

Correm praças nos dias 23, 27 e 30 do corrente mez, á porta do Forum, pelo juizo municipal da 1.ª vara, e cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, com a quinta parte de abatimento, as seguintes propriedades: —uma de n. 99, sita ao forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar, em terreno proprio, que devide com as terras de Nossa Senhora da Lapinha, no valor de rs. 1:500$; outra de n. 121 sita ao mesmo forte, tambem em terreno proprio, com a mesma divisão, avaliada em rs. 1:100$; e um terreno tambem proprio sito á rua Nova do Queimado, com tres frentes principiadas e algumas divisões, no valor de rs. 1:000$, pertencentes ao casal dos fallecidos José Ricardo de Sant'Anna e D. Maria Joaquina de S. José. Bahia 21 de julho de 1870.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª DOMINGO 31 DE JULHO. N. 676.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de julho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para os factos que constantemente se dão no matadouro publico, no qual, pelo estado de anarchia e desordem que reina, pode se dar a reproducção de deploraveis acontecimentos.

Ainda no dia 28 um tal Sr. Spiridião lançou-se com uma formidavel faca sobre o Sr. Tito Mello em razão de lhe ter este promettido chicote e, de certo, se teria consummado uma desgraça, si alguem não tivesse tido tempo de se interpor entre ambos.

Um estabelecimento da ordem do matadouro, o qual comporta individuos de todas as indoles e condições, demanda a presença de uma força respeitavel, que faça manter a ordem, e exige a adopção de medidas energicas que imponham a obdiencia e respeito as leis, medidas que, espera-se, serão por S. S. expedidas.

—A mesa da irmandade de S. Joaquim, dizendo-lhe que é preciso mandar substituir um dos sinos da egreja que se acha rachado de meio a meio, e cuja unica serventia é prestar-se muito bem a ser causa de algum desastre despencando um pedaço; e com quanto esteja a egreja, por sua situação, arredada do transito, pode o accaso permittir que aconteça em occasião que passe alguem e não estando essa irmandade, rica como é, no caso de fazer sumiticarias, deve ser quanto antes o sino mudado.

—Que gracinha!

O sargento lembrou-se do tempo de menino; empinando arraia!

—Para disfarçar o aborrecimento que causa uma guarda.

—Mas aqui na praça?!

—O que tem? V. não sabe que á noite todos os gatos são pardos.

—Porem é que amanhan 29, o facto pode estar na bocca dos linguarudos, o que não fica muito airoso a um homem de farda.

—Como se nega a verdade conhecida por tal!

—O que foi que houve?

—A *Chronica Religiosa* dizer que esta capellinha se acha no melhor estado de decencia possivel.

—Ah! sim; e que sendo ella quasi publica, quem quizer pode visital-a a qualquer hora para desenganar-se.

—E' verdade; entretanto lá estão as maldictas cabras dentro do templo!

—Agora é que o Sr. governador do arcebispado devia chegar aqui sem ser esperado.

—Para elle se acapacitar da verdade bastava que mandasse, presenciar si todos os dias entra de manhan pela porta do hospital uma manada de cabras que sahe a tarde, ou não.

—Mora uma gente na rua do Bispo, casa n.º 6, que faz do becco do Seminario uma cloaca.

—São uns estudantes do sotão.

—A qualquer hora do dia desce la das alturas volumosos papeis, contendo *flores de pé de muro*, que matisam a rua e perfumam os narizes dos moradores; além de que pelo pouco cuidado com que jogam os taes papeis muita gente tem ficado emporcalhada, acontecendo até que, hontem quinta-feira, um delles viesse esborrachar-se no costado de uma pobre mulher.

—Cousas mesmo de estudante.

—Pouco caso com que os fiscaes olham para as infracções municipaes.

—Hontem, com assistencia do Sr. Dr. delegado de policia, exhumou-se no Campo Santo o cadaver de uma mulher, que falleceu esmagada por um wagon da via-ferrea na estação da Plata-forma.

—Para que?

—Para proceder-se á corpo de delicto.

—Dous trabalhos; melhor seria que tivessem feito antes de enterral-a.

—Eu entendo tambem assim, mas como a policia não tem um medico, anda sempre como caranguejo.

—A rua do Bom-Gosto do Campo Grande é cisco só!

—De grande cousa se admira V.!

Era preciso que não visse os monturos no centro da cidade

—No Campo ha montes de retraço; grande quantidade de excrescencia de animaes, muito lixo e até um carneiro morto.

—Tudo isso fica muito a quem da proverbial actividade do Sr. Antoninho da limpeza.

—Consta que o Sr. coronel Carvalhal mandara preparar uma primorosa capella para offerecer, em sua chegada, ao bravo major Jcão Francisco Barbosa d'Oliveira, um dos denodados que d'aqui marchou no commando de uma companhia de zuavos.

A PEDIDO

—Capitão, soube de um logro que pregaram ao barão *dos Caranguejos*?

—Eu creio por V. dizer; ha quem logre a esperteza em pessoa?

—As vezes assim succede; aquelle rico *poderoso,* capaz de enganar ao diabo; foi cinzado por uma mulher.

—Conte-me isso que deve ser curioso.

—Aquelle vaso estragado pelo tempo, não é sectario da temperança, nem concorda que a natureza humana se possa submetter aos preceitos de castidade. Em suas desenfreiadas extravagancias travou relações illegitimas com uma mulher, de quem teve um filho, ao qual abandonou, desde que sua mãe o deu á luz do dia.

A mulher resignou-se a crear, como poude, o fructo de seu ventre até a edade de 7 annos.

N'um dia, de mau humor, porem vestiu o menino e levou-o ao escriptorio do barão dos Caranguejos, a quem foi encontrar absorto diante do seu idolo, a sua burra de ouro.

A mulher apresentou-lhe o menino, dizendo-lhe que ja o tinha creado até aquella edade, e que visto elle ter consciencia de que era seu pae, vinha entregar-lh'o para que lhe desse alguma educação.

O matreiro não se alterou; fingiu não comprehender as palavras da mulher; acariciou a creança; e, caminhando com ello pela mão, para junto de sua carteira, tirou de cima desta um embrulho e deu-lhe.

A mãe do filho do *poderoso* homem teve para si que aquelle cartucho continha dinheiro de ouro; mas oh, ledo e doce engano!... o rico negociante brindara sua prole; com uma pataca das moedas de vintem de novo carimbo.

—Que cadello miseravel!

—Aquelle sovina representa a estatua da miseria cercada pela da opulencia, a mesquinharia no meio da riqueza.

Não gastemos porem o tempo com o que todos ja sabem.

A mulher logo que viu a acção infima praticada por aquelle sumiticão, deliberou pregar-lhe uma peça e para isso foi se esgueirando, em quanto o pequeno brincava junto á carteira.

O *poderoso* e rico homem nem deu fé disso, tão preocupada estava sua mente com as loiras sterlinas, com lettras a cobrar, com os alugueis a receber, com as transacções de 100 por 10 a realisar.

O menino entretido, não sentiu a ausencia da mãe e ja ella estava, talvez, em casa, quando o *poderoso* negociante deu por sua falta.

—E teve de aguentar com sua trouxa.

—Qual! O desalmado teve coragem para mandar bruscamente sahir o menino.

—Que coração de homem! que espirito de malvadez! mandar embora, uma creança não acostumada a andar so pelas ruas difficultosas do commercio!

—O menino desceu as escadas muito bem, mas chegando á porta da rua, vendo-se sem saber caminho nem carreira, poz a bocca no mundo entrou a bradar.

Todos que passavam paravam para ver o que era, o ajuntamento foi engrossando; a porta do escriptorio do barão dos Caranguejos ficou inteiramente circulada; um commentava o facto, outro censurava o procedimento ignobil do ricasso usurario; daqui surdia um motejo, d'ali uma chufa; um contava uma anecdota á respeito do sumitico; outro um logro com que elle enganara alguem, mais adiante narravam uma tratada que elle commettera, como rebatera parte da herança de certo perdulario pela decima parte de seu valor e que em uma lettra de tres contos de reis augmentara—*um*—no algarismo, e um—e—na palavra tres o assim com pouco trabalho fizera de tres contos treze. E todos observavam o menino e todos o interrogavam e a todos elle respondia que era filho do barão dos Caranguejos. E o ajuntamento crescia!

O barão vendo tanta gente na porta do seu escriptorio, depois de muita reluctancia,

viu-se obrigado a mandar buscar o menino para cima e a leval-o para casa!

—Com que dor não faria. Foi somente receiando a indignação publica.

—Não está bem pregada a peça? Teve logar a semana passada.

—Quem havia de suppor que uma mulher fosse capaz de enganar a um homem tão experto?

—Sr. muxingueiro, ja que o encontrei e como o Sr. é um agente valioso do capitão do *Alabama*, não quero perder a monção.

—Vá dizendo o que ha.

— E' uma mulher que vira gato toda noite.

—Pelo que vejo estou tratando com algum visionario, desses que acreditam em mula sem cabeça.

—Eu é que não me expliquei bem, a mulher não vira gato, imita o gato na ligeireza com que salta o balcão de certa venda do becco dos Calafates.

—Nem eu nem V. temos nada com isso; cada um é senhor de suas acções.

—Mas é que a Sra. Emilia podia deixar isso p'ra mais tarde.

—Nem mais uma palavra; não estou para ouvir negocios da vida alheia.

—Capitão, ali vem um barco.

— Chame-o a falla!

.....

—De onde vem?

—Da côrte de *Latronopolis*.

—Para onde vae?

—Para ilha dos *come ciris*?

—Que carga levas?

—Toros de pinho.

—Consignado á quem?

—Ao *encommendador Paulo Montez?*

—Por quem foram mandados estes toros?

—Pelo ministro dos *marinheiros*?

—E a custa de quem foi comprada esta madeira?

—Sahiu dos arsenaes, provavelmente, mas eu so *venderei* este segredo, si V. Ex. me garantir alguma gratificação.

—Então, veio para se vender, não é assim?

—E' verdade. E' um pequeno negocio no qual vem ficar de menos nos cofres do estado a insignificante quantia de 70:000$ rs.

—E é por isso que aspiram o poder, somente para accumularem fortuna!

Bem: deixe ir em paz o barco, que eu depois mandarei syndicar deste facto.

—Cousa mais descarada, mais immunda, mais safada, do que aquelle frade, não ha!

A qualquer hora do dia, entra pela casa da moça ao Maciel de baixo e la fica horas esquecidas.

—Pobresinha della se lhe der ouvidos.

—Que typo de sacerdote! Troca a paz e santidade do claustro, pelas orgias mundanas, a gravidade do caracter ecclesiastico pelos arrebiques do seductor, e em vez das palavras do Evangelho que conforta e edifica o spirito, o genio da perdição sopra a prostituição e a deshonra nos ouvidos da incauta moça!

—Que frade polluto! Que cantraste com a pobreza e humildade que distingue os filhos d'aquelle que recebeu as chagas de Christo!

—Meu Santo *Antonio,* pelo vosso *patrocinio*, preservae a infeliz prestes a cahir nas garras de semelhante dragão.

Quartel-general do commando do exercito promotor da Bôa-ordem e Moralidade itapagipana 27 de julho de 1870.

Exm. Sr. capitão do *Alabama*.—Fiado na inexgotavel bondade, e ainda mais na franqueza que tanto distinguem á V. Ex., attreve-se ainda d'esta vez este commando a deprecar-lhe o grandissimo obsequio da publicação das inclusas estrophes como correctivo unico capaz de fazer o celeberrimo *Janjão* retroceder da senda immoral, perversa e estupida que actualmente trilha.

Reitero a V.Ex. meus protestos da mais alta estima e consideração.Deus guarde a V.Ex.

Exm. Sr. capitão commandante da curvêta a vapor *Alabama*.—*O general Allan Kardec.*

Inspirações do Bomfim.

(PRIMEIRA DÓSE.)

CHULA

improvisada por uma crioula no pifão.

Iôyo *Janjão* não se esqueça
Da promessa que me fez,
Na porta do *alambique*
Na tarde do dia trez.
Me deixe, ioyo *Janjão*,
Não quero pagodes, não.

Outro dia no *Travassos*
Eu lhe vi saltando a *cerca*;
Por uma triste *negrinha*
Ioyo *Janjão* não se perca.
Me deixe, ioyo *Janjão*,
Não quero pagodes, não.

Recorde-se bem de um facto
Havido com um tal—*Sé:*
Escolha bem os lugares
Em que deve por o pé.
Me deixe, ioyo *Janjão*,
Não quero pagodes, não.

Quando for ver as *negrinhas*,
As escondidas a noite,
Leve o *feitor-guarda-costa*
Por causa de algum açoite.
Me deixe, ioyo *Janjão*,
Não sou de pagodes, não.

Homem que não tem dinheiro
Não deve sahir de casa,
As negrinhas querem cobres
E não de perú a asa.
Me deixe, ioyo *Janjão*,
Não quero pagodes, não.

Este *Itapagipe* inteiro
Sua fama bem conhece,
Ioyo *Janjão* diz as cousas
Agora, mas logo esquece.
Me deixe, ioyo *Janjão*
Não quero pagodes, não.

Eu não recebo em *cachaça*
Meu dinheiro, ja lhe disse,
Ioyo *Janjão*, vá-se embora,
Basta de tanta tolice.
Me deixe, ioyo *Janjão*,
Não quero pagodes, não.

Já é tarde, vá-se embora,
Em quanto o *papá resona*:
Pule a *cerca* com cuidado,
Não leve alguma tapona.
Me deixe, ioyo *Janjão*,
Você não é gente, não.

Que terra é esta meu Deus,
Aonde é que nós vivemos?
Somente a immoralidade
Apadrinhada nós vemos.

Oh, que pombinho feliz,
E' das Mercez o pombinho,
Por todos é protegido,
Em toda parte faz ninho!

Vai de pombal em pombal
Suas asas sacudindo;
Zombando d'um povo todo,
So delicias vai fruindo.

Está dito; a religião
So de velhacos é capa,
E quem acaso fallar
Da excomunhão não escapa.

E' herege, excommungado,
Nem pode a vida ganhar
Quem nos defeitos dos padres
Inda de leve os tocar.

Em nome da santa egreja
Quanto querem vão fazendo;
Eis ahi vai o exemplo
Que todo o mundo está vendo.

Um padre tinha uma freira,
A quem dedicava amor,
Ella mudou de convento
P'ra servir bem ao Senhor.

Foi n'um *desterro* metter-se,
E o pombinho voou,
Té que por fim no *desterro*
O pombinho lá pouzou.

Todos os dias lá está
P'ra *gloria* do Creador,
As voltas com a rapariga
De quem se diz confessor.

Tal escandalo não vê
Quem governa a fradaria?
Meu Deus tanta corrupção
Nunca houve na Bahia.

Por isso á frades e padres,
Não pensem que isto é chalaça,
Na minha casa não quero
Nem um instante por graça.

Qu'eu não sou d'aquelles bobos,
Que em casa mettem os frades,
E sempre beijando a manga
A elles chamam compadres.

Porem p'ra isto ser mundo
E' preciso haver de tudo,
Mas com a gente coroada,
Fique certo, não me illudo.

VARIEDADES.

Hoje e amanhan.

Quando me cazei, dizia um pobre diabo a um seu amigo, amava tanto minha mulher, que o meu desejo era devoral-a com os olhos!

—E agora? perguntou o outro com extrema placidez.

— Agora... sinto do fundo d'alma não a ter devorado... com os dentes!

ANNUNCIOS.

Rufino José Travassos, constando-lhe que o Sr. Vicente Carlos Gomes propala que é seu credor, convida ao mesmo Sr. a comparecer em sua loja á rua do Julião, afim de ajustarem contas, das quaes julga o annunciante que o Sr. Vicente ainda lhe é devedor de um saldo de contas do tempo que foi seu caxeiro.

Bahia 29 de Julho de 1870.

Officiaes de sapateiros

Precisa-se na loja de calçado na rua direita do Palacio defronte da secretaria do governo

Typ. de Marques, Aristides e C.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.ª QUARTA-FEIRA 1.º DE JUNHO. N. 652.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do ollezio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de maio de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, prevenindo-a da desgraça que pode acontecer em consequencia de estar destampada uma bocca de lobo á rua da Fonte Nova de S. Miguel e existir ao pé da mesma um formidavel fojo, de sorte que na distancia de dois passos corre-se perigo de pisar no chão. No domingo se abysmaria um homem naquellas profundezas á não ser o soccorro, que lhe prestaram de uma tenda de ferreiro visinha.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, chamando sua attenção para uma troça de negrinhas depravadas que se reune em baixo dos tamarinheiros, na Praça do Commercio, onde portam-se com geral escandalo da moral e da decencia.

Portaria ao fiscal de S. Pedro, para que informe o motivo que o leva a consentir que o Sr. Antonio de Aquino Gaspar faça da rua de Santa Thereza deposito de suas carroças, impedindo assim o transito, com manifesta infracção da postura n.º 41 do codigo municipal. Cumpra.

—O homem do cisco lançou um imposto sobre as ganhadeiras.

—Authorisado por quem?

—Tem licença nas mangas.

Elle de per si legisla, sancciona e põe em execução.

—Isto é brincadeira.

—Foi cousa que eu vi, ninguem me contou.

Segunda feira, appareceu no Pelourinho um agente do accio e embeiçou de cada quitandeira dous vintens, ameaçando as que punham duvida em dar, de não poderem sentar-se na quintada.

—E' um pechinchão!

—Si a mamata continuar, é melhor que cavar diamantes, por que não dá trabalho.

A quitanda, de tarde, é frequentada por numero maior de cem ganhadeiras, a dois vintens são uns quatro mil e tantos reales que vão suavemente cahindo nos bolsiculos do feliz homem.

—Talvez não seja assim.

Pode tambem ser obra de algum esperto que pregasse uma logração nas quitandeiras e na empreza especulando em seu nome.

—*Amanan*.

—No templo sagrado resoam canticos de alegria em louvor ao Altissimo, que derramou sobre este povo o prodigio de sua inefavel graça.

—Os franciscanos primaram.

—Os humildes serão elevados.

A ordem franciscana, professando pobreza, foi a primeira nesta terra, a dar o exemplo de gratidão e reconhecimento, elevando preces ao Todo Poderoso pelo indisivel beneficio da terminação da flagelladora guerra que desolava o paiz á 5 annos.

—E' uma leeção ao governo, que parece esquecido deste indeclinavel dever.

—Hoje termina a augusta solemnidade pela commemoração dos mortos.

—Ha cousas singulares nesta vida!

—Acasos que parecem prevenção.

—Justamente. Ha tempos cortaram uma arvore no Terreiro.

—E a policia nunca soube quem foi o malfazejo.

—Agora, a que fica bem fronteira da que foi serrada, acha-se toda esfolhada, com os galhos nus, em quanto as mais arvores estão viçosas e frondosas.

—Mas ao que attribue V. isso?

—Eu não peço, nem dou explicação; tão somente observo a notavel coincidencia que se dá.

—No domingo, na Quinta das Beatas, um creoulo de nome Belchior, carpina, suici-

dou-se, tomando grande quantidade de veneno.

O suicida falleceu pela manhan e até 4 horas da tarde ainda não se tinha feito corpo de delicto.

—Qual a causa que o levou a praticar semelhante attentado?

—Consta que foi por ter castigado barbaramente uma escrava da amasia e ter de responder a um processo por esse acto de deshumanidade.

—Ahi está! praticou um acto de barbaridade e logrou a sociedade, que o quiz punir, privando-se da vida e commettendo ainda um crime para com Deus!

—E Elle que pela sua infinita bondade tenha pena de sua alma.

—Entre a rua de S. Miguel e ladeira da Poeira, na Estrada, ha um extenso tanque.

—E' um pantanal que quasi nunca secca

—A agua estagnada sujeita á acção do calor solar deve ser um poderoso incentivo a salubridade.

—E demais a mais, como a tal lagoa confina com o cano, que acha-se entupido, a gente da visinhança, depois. das dez horas, vae ali despejar seus penicos.

—E quem vê aquella rua assim alagada, não acredita que ha pouco foi calçada!

—Que ainda está se calçando.

—Capitão, venho contar-lhe um caso que se deu na sexta-feira.

—E eu prompto a ouvil-o.

—Um charuteiro de nome Dionisio foi passeiar ao Rio Vermelho e mais alguns amigos, cujos nomes ignoro, levando em sua companhia uma parda chamada Paulina.

A's 9 horas da noite, quando de lá voltavam, na esquina dos Afflictos, disse Paulina: —*eu queria saber qual foi o s..... que me chamou p....., porque dava-lhe uma punhalada.*

Um dos companheiros de Dionisio sae a frente e diz:—*foi eu, o que quer?*

Ahi Paulina saca de um canivete de mola, e deu-lhe uma canivetada sobre a omoplata. Vendo-se ferido corre atraz da aggressora de cacete e dá-lhe algumas cacetadas.

Dionisio tratou de se safar da rascada.

Os outros companheiros trataram de se pôr ao longe das garras da policia.

—A qual compareceu ao logar do conflicto?

—Não.

—E' de admirar; um barulho tamanho, onde rolou canivetadas, cacetadas, gritos de aqui-d'el-rei, e não appareceu nenhum soldado de policia!

—Não tem duvida; esta terra está entregue as *baratas*.

—O homem do cisco massa a paciencia do publico todos os dias repisando a publicação de certos artigos de seu invejavel contracto.

—Não quer duvidas.

—A proposito, permitte uma pergunta?

—Duas e tres.

—Quem tem obrigação de varrer e limpar os beccos e travessas em que não ha moradores?

—A empreza, está claro.

—Então ella é deleixada por conservar em immundo estado de porcaria a travessa por baixo do recolhimento da Misericordia.

—Um logar transitadissimo.

—E' insuportavel a fedentina que dali exhala; a excrescencia e podridão arranca nauseas; as materias em decomposição prejudicam a saude.

—E por cima está uma enfermaria para molestia epidemica e contagiosa.

—E tudo isto nada vale para quem deve se interessar pelo bem estar geral!

—Capitão, o Rufino Albergaria, como sabe V. Ex., mora no convento de S. Bento.

—E' velho isto.

—Na sexta-feira, quando entrava elle para o convento, pelo lado da horta, foi acommettido por um sujeito que refrescou-lhe o pello de chibatadas.

—E não sabe quem foi o sujeito?

—Parece-me que não.

Gritou aqui-d'el-rei e que lhe acudissem, a ponto de se ouvir os gritos da rua!

—Então e por isso que outro dia eu o encontrei acompanhado de dous guarda-costas.

—Ha de ser.

—Esta é uma das de *rebimbomaio*!

—V. foi a S. Francisco?

—Fui.

—Aposto que não reparou n'uma cousa.

—Diga qual foi.

—Os retratos estampados nos quadros representavam a todos os generaes de espada na mão, com excepção do Caxias que trazia a sua na bainha.

—Ah, é porque elle sempre zelou a honra de sua espada.

—Então é por isso que lhe chamam a espada virgem?

Olhe que ha cousas que nem de proposito.

—As irmans do charidade encafifaram com o mordomo encarregado do cemiterio e lhe moveram tão furibunda guerra, que este

viu-se obrigado a resignar o cargo para não desprestigiar-se.

—Grande poder tem estas mulheres nesta terra!

—Dizem que em consequencia de queixas dellas, o provedor dirigiu um officio ao mordomo em termos que não pactuava muito com a dignidade deste.

—Eis ahi como ellas symbolisam a paz e a concordia!

—Entrou para o logar o Lino boticario.

—Eu não pretendo negar os predicados deste senhor. Porem occupado e tão cheio de afazeres como é, duvido que elle possa desenvolver a actividade do Sr. Franco Lima.

—E será grave injustiça o não reconhecer os muitos melhoramentos promovidos no Campo Santo pelo Sr. Franco Lima.

—Mas a nada se attende, quando tem de se satisfazer caprichos das irmans de charidade.

—Capitão, indo eu outro dia á cidade baixa vi uns pretos reunidos tratando sobre a liberdade da filhinha de um delles.

Depois de discutirem quasi todos sobre o facto do senhor da preta exigir 150$ rs. por uma negrinha de mez e meio de edade, concluiram pedindo que suppliceassem do cujo um abatimento na quantia exigida pela negrinha.

Um delles que ainda nada tinha fallado disse:

—*Capitan,* eu qué fallá, eu entendeu que esse nan tán denreto, proqué eu achou pra mim qui primero deve forrá bunda de mãe di elle, pra enton forrá bunda de negrinha, di contrario mãi di elle continua pari e sempre nosso forra, forra, logo mior é forra mãe di ere primero.

—Tan denreto, tan denreto, primero forra mãe di ere, responderam os outros, apoiando o orador que acabava de occupar a tribuna.

—Foi uma idéa bonita, em frazes rusticas, pois que elle não podia exprimir-se melhor.

—Apoiado!

—Os voluntarios voltaram hontem á palacio á reclamar seus soldos.

—Dizem que não ha dinheiro.

—Foram á thesouraria e dahi retiraram-se sob a promessa de que hoje infallivelmente seriam pagos.

—Acho bom; o governo deve despachar esses homens para acabar com um espectaculo que nada tem de agradavel.

Isto de venha hoje, venha amanhan, massa na verdade.

—Mas si não ha?

—Si não ha, tome emprestado; é uma divida sagrada que deve ser paga promptamente. E' dinheiro que não foi ganho aqui paulatinamente.

—Tem razão.

—E alem disso para que estar a exacerbar os animos com essas delongas?

—Capitão, uma noite vinha eu pela praça do conde d'Eu e vi um ajuntamento de pretos e pretas conversando sobre a morte de uma preta no hospital de charidade, a qual, diziam, entrara para a Santa Casa levando 1:000$ rs. comsigo, porque não se fiou nos seus patricios para os guardar.

Segundo a conversa, quando entrou ella para o hospital, não estava a sua molestia em apurado estado de gravidade.

Ora, ali, como sabe V. Ex., quando entra qualquer individuo com dinheiro as charidosas irmans tomam, para entregar quando elle se restabelece. Assim aconteceu com a infeliz.

De momento a molestia tomou caracter grave e a desventurada morreu.

Sendo levado ao conhecimento dos parentes della o seu fallecimento, estes vieram, e como tinham sciencia de que ella entrara para o hospital com 1:000$ rs. exigiram que se lh'os entregasse, pois queriam fazer o seu enterro,

Mas, capitão, ahi é que está a cousa.

O dinheiro sumiu-se, disseram que a preta não tinha levado dinheiro algum.

—Mas isso não passa sinão de suspeitas de parceiros e parentes da africana; talvez mesmo que ella não tivesse entrado com dinheiro.

—Agora isso é que é preciso ventilar.

—Ora, ventilar uma conversa de pretos estupidos.

—Pois por serem estupidos mesmos é que muito bem se podia dar o caso, visto como tinha-se a tangente—*são estupidos, são pretos!*

—Pois V. crê que as *honradissimas* irmans de *charidade* iam lá, si tivessem tomado o dinheiro da preta para guardar, negar depois della morta?

—Mas.....

—Não ha mais nem menos. Ora vá bugiar.

A PEDIDO

—Mas a compra dos cavallos.
Quanto podia deixar?
—Não ter sempre a *má ventura.*
Desta têta p'ra mamar.

Voltaremos.

—Capitão, sabe que estou envergonhado?
—Então porque?

—Ora deixe-me, tenho até pejo do contar.
—Diga sempre, sabe que somos.....
—Os atalaias da moralidade.
—Nem mais nem menos.
—Eu creio que o facto é verdadeiro, por que não posso duvidar da ingenuidade de quem me narrou.
—Sem duvida algum titular?
—Qual!
—Deputado?
—Peior um pouco.
—*Vigario?*
—Nada, nada disso.

Foi o freguez do carvão, integerrimo africano, em quem diviso a personificação da sinceridade.

Na sexta-feira 27 do p. p., chegou-me elle á casa taciturno e tendo satisfeito o motivo de sua vinda, ia retirar-se, quando sahi-lhe ao encontro:

«—Que é isso, papae João, que tem V. hoje?

O bom do preto cobre o rosto com a callosa mão e diz-me:

«—Vregonha xinhô, vregonha só. Deixa, deixa sahi papá Juan.

E nisto dispunha-se a retirar-se, quando eu, á força de rogos, obtive delle a seguinte narrativa:

«Ni sexa fêra qui passou, iô vae pássanno ni prota di casa di xinhá siribissipo, e iô oiá pra dentro di jenella di casa qui fazê demanda di casamento e ahi tá gritaiada munto; iô pensá que é min parecêro que tá fazendo baruio ni cosinha de xinhá siribissipo; mai quando iô oia denreto, vê home que cara di êre tá cumo cara de demonho, tá maió di que *rocha* qui tá ni terra de *Vianna*. Esse home tá feito diabo qui sahe di infreno; tá cheio di macriação, dizendo desafôro a branco cumo êre. Nosso negro não dizê cousa de procaria assim, cumo êre tá dizendo; bocca di êre tá sujo qui parece monturo. O outro qui tá ouvino, tá cum paciencia; não respondê esse zavregonhado. Iô tan prêto, nam pore fará na vissa de xinhô nome feio que esse home dizê a outro. Iô dizê a mim parente di pão qui tá ahi junto: «esse insorente, merecê qui outro dá bofetara ni êre pra non sê attreviro. Por isso anani turo ni rua fara di êre; gazeta já bota podre di êre di fora; chama elle *olé;* sicarado; preverso; qui ten dua muié riman; chama êre abutre qui anda comeno pombinha di freguezia. Eu fica cum vregonha di vê esse xicaramento ni casa de siribissipo e vem miembora.

—Que horror! que immoralidade! Os homens incendiarios deviam ser sequestrados do consorcio humano para não escandalisarem a sociedade.

—Capitão, que tal a historia?

—Já disse que é horrivel, porque muito pode o orgulho, a ignorancia e o despeito.

—E' porque os *lobos* de hoje são mais cordeiros do que outra cousa; do contrario teria dado ao tal salabardote incivil e grosseiro uma lecção de civilidade e boa educação.

Gildefonso, a ciganinha
Vae nutrindo seus amores;
A paixão rasgou seu peito,
Ella lhe *sergio* as dores.

Dizem que ha em Santo Antonio
Fonte que faz espantar,
Della jorra agoa *dourada*;
Lá vae V. se banhar.

VARIEDADES.

Estudante, frade e bispo.

Certo estudante foi tomar ordens.

O bispo e um frade lhe fizeram taes perguntas que o pozeram a arder.

Afinal o bispo sahiu-se com esta:

—Quantos são os inimigos d'alma?

—São cinco, respondeu o estudante.

—Cinco? replicou o bispo, pois diga quaes são.

—Mundo, demonio, carne, vossa excellencia reverendissima e aqui o senhor frade.

ANNUNCIOS.

Cidadãos brasileiros!

Não tardando a raiar o dia anniversario da nossa emancipação politica, dia para nós de tanto jubilo e incommensuravel recordação pois que assignala feitos de verdadeiro patriotismo de nossos maiores, o abaixo assignado tenente-coronel do batalhão *Defensores de Pirajá*, encarregado de guardar no dia 5 de julho, os emblemas da nossa liberdade, fiado n'esse santo enthusiasmo, convida a todos os Srs. que receberam cartas para officiaes do dito batalhão, e a todos os artistas que lembrando-se dos que nos deram este dia, queiram comparecer em sessão, no sabbado 4 de junho as 7 horas da noite no largo do Theatro n.º 87. Fazendo ao mesmo tempo sciente, que todas as despezas serão feitas pelo batalhão, sendo os ditos officiaes obrigados no dia a trazerem sua gente e apresentarem-se uniformisados, para cujo fim são convidados á reunirem-se em sessão.

Bahia 31 de maio de 1870.

Marcellino Coelho do Amaral.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 6.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.ª SABBADO 4 DE JUNHO. Ns. 653—654.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de junho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, reclamando contra as assuadas que se dão repitadamente no passeio publico, promovidas por alguns estudantes do lyceu que vão para ali todas ás tardes com duas bandeiras.

Isso só seria desculpavel; mas o peior é o desacato á que se vêem expostas muitas familias e os apupos e vaias que muita gente recebe.

Espera-se que S. S. fará desapparecer semelhante inconveniente que priva muita gente de ir ali distrahir-se.

—Ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, pela segunda vez pedindo lhe que seja entregue a um mestre, ou recolhido a qualquer estabelecimento de educação do Estado, o menor orphão, Eduardo, que vive como creado do Sr. major Pontes, afim de que aprenda um officio, para não vir a tornar-se prejudicial e incommodo á sociedade quando, chegando a edade viril, se achar privado de um meio de vida licito, e com o espirito contaminado pela perniciosa influencia da educação abandonada e viciosa, que actualmente recebe.

Agora anda elle por Itapagipe no mais desprezivel estado. á servir como escravo, maltratado e sujo. Espera-se que S. S. a quem a lei confiou a missão de velar pela sorte dos infelizes privados do desvelo dos que lhes deram o ser, attenda as razões expostas.

—Capitão, um pombo com uma *cerva*, que prole produziria?

—Eu não sou naturalista; mas parece-me que é cousa impossivel.

—Não ha nada impossivel; a natureza obra prodigios pelas *mercês* que lhe facultou o Creador.

—Que asneira! onde ja se viu tirar geração um quadrupede com uma ave!

—Ha pouco eu li no *Jornal do Commercio* que uma cabra dera á luz um animalejo parte gente, parte cabrito.

—Carapetões, rapaz.

—Não duvido.

Mas quer V. Ex. que lhe diga? Ha phenomenos que põe um homem perplexo. V. Ex. mesmo se admiraria se visse, como eu tenho visto. todos os dias um certo passaro bisnau, o qual não é cardeal por que em logar da cabeça vermelha tem as *pernas*, adejar em torno a toca do bichinho, cahir dentro e la se deixar ficar por muito tempo.

—Isto cheira a pomada.

—V. Ex. quer ver?....

—*Já*....

—....*Sinto* que não possa ser com a presteza que quer, pois tenho o que fazer.

Mas, depois que acabar o chôro no Collegio, va me esperar no *Maciel* de cima, que eu vou lhe mostrar o logar.

—No dia 5, ás 4 horas da tarde, na rua dos Artistas, terá logar a collocação do pau annunciador dos festejos de 2 Julho, que costumam fazer ali os meninos da freguezia de Santo Antonio: pede-se o concurso do publico para que o acto se torne mais esplendido.

—Capitão, a tripolação ás vezes está despachando canastras.

—Houve alguma cousa?

—Eu disse a V. Ex. que tinha entrado para mordomo do Campo Santo o Sr. Dias Lima e a rapazeada não sei onde se lembrou de um Lino boticario para arrumar na noticia.

—Distracção, distracção.

—E' preciso que V. Ex. recommende ao encarregado da officina mais attenção.

—O barão de S. Lourenço consagrou um capitulo do seu relatorio com que largou a presidencia, a fazer a apologia do homem do cisco.

—E' bom quando se tem um pregoeiro de tão alta fama.

—S. Ex. não esperdiça vasa para proclamal-o de laborioso activo, diligente, pressuroso, agil, ligeiro, subtil etc.

E agora conferiu-lhe a patente de especial na materia, e *conhecido* como capaz de levar a effeito o serviço etc.

—E' que S. Ex. ja experimentou.

—Mas do que serve tanto esforço?

S. Ex. por um lado a pôr o homem nos cornos da lua e este por outro a desmentil-o com suas obras.

—N'uma epocha de tantas molestias e não se vê estas agoas estagnadas!

—A causa é a muita chuva que tem havido.

—Mas si são as agoas da chuva que ficam estagnadas porque não fazem esgoto?

—E que fedentina exhala!

—Que quer, si os capins apodreceram!

A quem pertence essa roça?

—Isto pertenceu ao finado conselheiro Rebouças; mas por morte delle a familia vendeu aos Arianis, e estes alugaram a companhia de Vehiculos.

—Neste caso, a quem compete providenciar que providencie, visto como o mal recahe em grave prejuizo da salubridade publica.

—Capitão, segunda-feira, um tigre humano dilacerou com açoutes as nadegas de um seu escravo, e depois applicou sobre as chagas em carne viva, pimenta moída.

—Oh! que monstro!

—Esta horrorosa atrocidade, redobra de hediondez pelo facto de ser o paciente um menor.

—A natureza devia ter horror de produzir semelhantes abortos.

—A fera escolheu a rua *sem compromisso* para theatro de sua enorme barbaridade. Chama-se *Zé de artes ferreiro,* alcunha que lhe dão por andar envolvido em papeis, dar-se ao mesmo tempo a sordida agiotagem e ter esse menino sido aprendiz daquelle officio.

—Já sei quem é a hyena.

A' subdelegacia da Sé já foi levado um seu moleque encontrado cahido em uma escada. Era um deforme esqueleto, com a pelle sobre os ossos e esta coberta de sevicias e martyrisada de queimaduras.

O subdelegado de então, amigo de contemporisações, mandou de novo pôr a victima á sanha do algoz, entregando-a, mas por observações de alguem reconsiderou e remetteu-a para o hospital para ser curado á custa do cruel senhor.

E nisso consistiram as providencias.

—E são por essas condescendencias reprovadas que a impunidade alça a cabeça e estas scenas ferozes se reproduzem.

Quanto soffre um caixeiro.

Das entidades soffredoras que existem no meio da sociedade, o caixeiro é uma das que merecem particular menção.

Coitado! Anda sempre, como lá dizem, da sala para a cosinha; e inda em cima aturando, que nem de leve se lhe agradeça o seu serviço, desde pela manhan até á noite.

E não se julgue que é só o caixeiro de venda ou de barraca de carne secca o que soffre, não: o guarda-livros e o caixa tambem tem seus momentos de amargura, seus instantes de dissabor e desgosto. Si um ou outro caixeiro passa boa vida, no geral a sua esphera é a do soffrimento.

Amanhece o dia, e emquanto o amo está bem a seu commodo deitado, já o pobre caixeiro, de maço de chaves na mão, vae de cabeça baixa em procura da loja, armazem ou escriptorio. Abre; espaneja; limpa e espera pelo amo. Mas, são oito horas e o homem não chega. Barriga de caixeiro tem sempre fome, e muito mais pela manhan. Assim, o Sr. Antonio pensa que poderá ir tomar a sua chicara de café, no botequim fronteiro. O diabo porem persegue aos caixeiros e faz com que, em quanto toma o café, lhe chegue o amo. E' cedo e a falta do caixeiro nada vale: mas os amos não entendem assim e ficam logo com uma cara enfesada e irritados, de sorte que, quando o Sr. Antonio vem apparecendo, inda mastigando um restinho do seu pão, o recebem com gritos e maus modos.

—Sr. Antonio, onde esteve?

—Fui almoçar, meu amo.

—E' a desculpa! é a desculpa! não podia esperar que eu chegasse. Desta maneira não me serve, temos o caldo entornado.

Ora, não se dá uma impertinencia egual! Certos amos julgam que em pagando um caixeiro tem feito tudo e que nenhuma deferencia devem guardar com elles, trazendo sempre a razão de que assim foram tambem tratados quando caixeiros.

O elemento dos amos está sempre na zanga. Quando chegam a loja ou escriptorio sem motivo para tal, principiam a procural o, ou a inventar um. Assim pois, sempre acham que o balcão não está bem limpo; que as carteiras estão cheias de poeira, e que em nada disso se cuidou, porque só se cuida em conversar, sem que se cumpram os deveres. Alem de tudo mais, tem sempre os caixeiros de serem reprehendidos sem motivo.

Um caixeiro natural do paiz já soffre muito: comtudo guardam os amos certas con-

templações para com elles, porque os conhecem; mas quem quizer ver o que é soffrer, que considere a um pobre caixeiro filho de outro paiz, sem conhecimentos no logar onde está. Oh! elle varre a loja e a rua em frente della; si é armazem, limpa o candieiro e o vae lavar no caes; limpa os sapatos do amo e anda de tamancos, e o que é peior de tudo, quando resmunga é chamado a contas, onde nunca tem saldo á favor, sinão recebendo-o em moeda de palmatoria, que não é por certo a mais corrente. Safa! que não é das melhores cousas.

E que me dizem de um caixeiro que resmunga quando o amo lhe diz alguma cousa? Vae logo para o olho da rua e ninguem o quer receber, porque o amo para vingar-se vae logo dizendo que o sugeito tinha moça de casa posta; tomava sorvetes; comia doces e até fumava á sua custa.

—Emfim, acabam sempre, deu-me um grande prejuizo!

Na classe dos amos ha tambem especuladores. O maior lucro no commercio é sempre no que se aspira e por isso elles querem ter caixeiros sem pagar e entram a especular.

Trazem pois as folhas cheias de annuncios de quem se quizer metter de caixeiro em sua casa: ha muita gente desempregada, sem meios de vida, e semprealguem apparece, que elle promptamente recebe.

Já se sabe que o primeiro anno é sempre gratuito. Muito bem! entra o caixeiro, trabalha e trabalha muito para agradar, mas ja no fim dos onze mezes, achou sempre o amo especulador alguma coisa para fallar, e d'ahi forma um barulho, que acaba por despedir o caixeiro, que sahe, e que o serviu de graça, por onze mezes.

Ha por ahi muito amosinho que tendo negocio a 8 annos, inda não soube o que foi pagar um caixeiro. Bella especulação! Pobre classe de caixeiro!

Ha caixeiro, que tem de procurar rendas, fitas, bicos e sapatos, para a mulher de seu amo, hade ver se encontra sapotis para ella que está de desejos e outras mil coisinhas.

Outros tem de levar os filhos de seu amo á escola e aturar que lhe vão elles ao quarto, remexer em tudo, quebrar alguma galanteria que tem etc.

Dizem muitos, que não ha coisa tão boa como seja caixeiro de inglezes. Sempre são bem pagos e tem sua casaca de festas no fim do anno.

Até certo ponto concordarei.

Mas, quando o inglez introduz na pança suas duas libras de queijo podre e suas quatro garrafas de champagolhe, quem é que lhes atura as monas? Quem lhes ouve os repelões em meia lingua? Os pobres caixeiros.

Para um caixeiro de inglez ser querido por seu amo, deve como elle enfarruscar-se á custa de grog, e á laia de funil, deixar escorrer pela gueta abaixo tudo, menos chumbo derretido. Verdade é que a paga ingleza é excellente, custa a encontrar-se um inglez amo especulador.

Inda quando o caixeiro atura o amo, tem um passe, que é elle quem lhe paga; mas quando alem do amo tem o caixeiro de aturar a mulher do amo, os filhos do amo e as suas impertinencias? Ile mais que terrivel!

E' triste sorte pois a do caixeiro. Este escripto hade ser muito bem acceito, mas não fiquem os senhores caixeiros com o bico doce pois que pretendo apresentar o inverso do quadro, e dizer tambem quanto soffrem os amos.

A PEDIDO

—Capitão, grandes novidades tem apparecido depois de nossa ultima conferencia.

—Já vem V. com suas historias.

—Lembra-se quando lhe fallei que o *Pipiacega* ia casar-se?

—Isto é tão velho, que não vem nada ao caso.

—Pois olhe, não ha quatro mezes que elle casou-se e a querida *Elimia* teve seu bom successo em 30 de maio!

—Pode muito bem ser um milagre, ha tantos phenomenos!

—O que me admira, capitão, é que a noiva do *Pipiacega* foi creada em uma casa de ensino!

—Que quer V., si a desmoralisação hoje está em moda, e o que mais me admira é que ainda hajam pais de familia que continuem a mandar suas filhas em semelhante *covil*.

—Que quer, meu capitão, si quando falleceu o *cort.-lenha*, algumas dellas ficaram em casa e as outras foram para a missa do 7.º dia, e o *Pipiacega* que encherga tanto, descobriu o milagre antes do matrimonio.

—Não me conte mais estas cousas, que são nocivas á sociedade.

—Capitão, receba noticias do padre *Maneca*.

—Ja nem me lembrava dessa peste.

—Continúa em sua vida dissoluta e debochada.

—Em toda parte ha de mostrar o que é aquelle traste nojento!

—Mau mouro nunca pode ser bom christão, capitão.

E um capadocio daquelles nunca será boa rez.

Em logar de cumprir os deveres que seu ministerio lhe impõe, tem semeado a intriga e plantado a discordia no meio do rebanho que lhe confiaram.

A crapula e a orgia são seu evangelho, o pagode e a sensualidade sua moral; a licenciosidade é o edificante exemplo que dá.

O frasco de agoardente a tira collo, as castanholas, o pandeiro, o vú e a viola são seus favoritos predilectos.

—Pela *Encarnação* da Virgem! Estes ministros da religião são quem a desacreditam!

—Si ha cousa de que menos se importa o indigno pastor, é de curar as almas entregues a seus cuidados.

Um exemplo basta:

N'um logar chamado *Mudá*, um enfermo em artigo de morte, pediu confissão; foram chamal-o e elle exigiu cavallo para ir; (note que a distancia é pequenissima) trouxeram-lhe cavallo, mas o ministro impuro regeitou dizendo que o animal estava magro e queria um cavallo digno de si.

—Um egual a elle sem duvida.

—E como não havia outro cavallo, deixou-se ficar em santo ocio e o enfermo morreu sem os sacramentos.

—E faz-se de um lobo destes um pastor!

—Uma degradação do clero, que para correcção ha muito deveria estar no porão deste navio de gargalheira ao pescoço.

(Continúa.)

Effluvios amorosos.

Ai! que paixão atrevida
No peito, se me encalhou!
Parece que o mesmo demo
No coração penetrou!

De noite, leva-me o bixo
Cá dentro a pinotear;
Que não vejo meios nem modos
D'um pouco os olhos grudar.

Paixão violenta como esta
Eu nunca tinha sentido!
E, si isto não tem um termo,
Devéras fico perdido!

E tu, Engracia, és origem
De todo o meu soffrimento;
Pois dês que te puz os olhos
Metti-te no pensamento.

Já te escrevi quatro linhas,
Co'a ponta do coração;
Em que te punha ás claras
O fogo desta paixão!

Mas tu metteste no sacco,
Bem quietinha, a viola;
Como si amor tão fogoso
Fosse um pedaço de sola.

Engracia! faz-te de cêra,
Deixa de ser pedregosa!
Verás depois, meu anjinho,
Que vida nossa ditosa!

A' beirasinha d'um lago,
N'uma cabana modesta,
Iremos, juntos, morar,
E viveremos em festa!

Com as hervinhas do monte,
E os passarinhos do matto,
Faremos finos quitutes
E viveremos barato.

Emfim, Engracia, te digo
Qu'a sorte que nos espera
O proprio rei de Marrocos
Fôra feliz si a tivera!

Decide-te, pois, oh bella,
Emquanto dura este frio...
Sinão... mando-te á fava
E mudo-me para o Rio!

Será á *juizo dos professionaes,* e por *conveniencia* ou commodidade publica que se conserva desmanchado á cinco mezes, o passeio da encosta da fortaleza de S. Pedro?

Espera-se que o S. A. de Lacerda explique isto á camara municipal e ao publico, para que se convençam de que para a companhia dos trilhos urbanos é esta a melhor forma do serviço

U

—Capitão, até hoje o nosso immediato, está em expectação.

—Qual a razão?

—Por não lhe quererem entregar a policia da freguezia do Barracão, onde ha muito mamão.

—O que queres dizer com isso?

Que sendo o nosso amavel commendador Wernech; o Alexandre Dumas bahiano.·. o prefeito de policia deve empregar a esse raro talento.·. visto elle querer assumir a vara tão somente para dar cafunés nos seus inimigos politicos e para boa policia do logar e não para viver da subdelegacia como esses insubordinados.·.

Chama-se a attenção do Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna, para que lance suas vistas para a travessa da rua do Castanheda, afim de dispersar a reunião de moleques que se ajuntam na mesma rua, offendendo a moralidade publica e juntamente a quem passa pela mesma rua. O Sr. capitão Braga policia a cidade toda menos esta rua.

—E são por essas condescendencias [illegible]

O vulto da escuridão.

Junto a uma campa isolada,
Por tristes flores cercada,
Dorme um vulto sobre o chão;
De quando em quando soluça
E a face ao peito debruça
Mostrando seu coração.

Não falla, e si alguem o chama
Levanta da dura cama
Fitando os olhos no chão;
Um echo ao longe s'escuta,
Depois co'a morte elle luta
Soltando um ai de trovão.

A brisa sacode as flores,
Levanta aos ceus seus odores,
Lançando o vulto no chão;
Depois na poeira engolphado
Ja quasi que sepultado
Pede a Deus o seu perdão.

Quem é, ninguem o sabia,
Ali so o vulto dormia
Nas noites de escuridão;
A terra toda tremia,
E, si o negro vulto estorcia,
Subia o fogo do chão.

Até que afinal um dia
Depois que tudo dormia
O negro vulto fallou:
«Fui sempre mulher perversa,
«Por Deus do mundo dispersa,
«No inferno hoje estou.

«E' aqui que tudo s'apaga,
»O diabo a ninguem afaga;
«E' um eterno penar:
«Os homens passam sorrindo,
«Vendo as mulheres se unindo,
«P'ra n'um momento queimar.

«Por toda mulher espero,
«Por isso não desespero;
«E' rara a que aqui não vem;
«Algumas por falladeiras,
«Outras por bisbilhoteiras;
«De mil escapam so cem.

«Por isso a que fôr vaidosa,
«Faceira, cheia de prosa,
«Se aprompte p'ra se queimar;
«Aqui se encontra de tudo,
«Pois neste logar tão mudo
«Hão de todas vir parar.

«Quem dera eu voltasse ao mundo,
«Embora n'um triste fundo
«Deitada n'um duro chão,
«A Deus, so a Deus adorava;
«E a propria lingua cortava
«Si elle me desse o perdão.

Assim o vulto fallava
E a fria campa baixava
Soltando um ai de trovão;
A terra toda tremia
E si o negro vulto estorcia
Subia o fogo do chão.

Por isso vejam meninas,
Formosas, bellas, traquinas,
Como é fero um tal viver;
Não sejam tão embusteiras,
Não sejam tão falladeiras,
Do contrario hão de ferver.

VARIEDADES.

O passeio ao cemiterio.

DIVAGAÇÕES DE UMA MARIPOSA.

Sombria estava a noite, e procurava eu a claridade que longe me vinha das habitações.

Figurou-se-me porem avultar uma cidade com suas torres, seus palacios e jardins, e algumas luzes a vaguearem pelas ruas. Approximei-me, achei um cemiterio: as torres e palacios eram os tumulos, as luzes os pyrilampos.

—Ah! é uma cidade de mortos, pensei eu, e não vejo aqui, ao menos, como entre os vivos, grande differença entre os filhos de Adão. Não vejo cabanas e choças, todos são alojadas em marmoreas habitações.

—Menos eu, disse um.

—E eu, disse outro.

—E eu.....

—E eu!...

A multiplicidade de vozes que da terra rasa me vinha, me atordoou. Voei para um rico mausoleu e ouvi que de dentro sahiam estas palavras:

« —Fui rico, muito rico; mas si se olhar a utilidade e ventura que tirei de minha riqueza, conclue-se que fui pobre, muito pobre.

«Era tão avaro, que me privava da menor commodidade que me podesse custar um real. Muitas vezes mal disse do Creador por ter feito o homem sujeito a tantas precisões; e achava mais prazer em supportar a fome e o frio, ao mesmo tempo que enthesourava montes de ouro, do que quando a extrema necessidade me forçava a comer um pedaço de pão, que era mister pagar depois, por que eu nunca o pagava antes, receiando morrer e ter desembolsado alguns cobres para comprar o que outrem teria depois de comer. Morri so e ás escuras; embora presentisse aproximar-se a hora do passamento, entendi que era loucura pagar a quem me visse morrer, sendo acto que não necessita testi-

munhas, e menos quiz gastar luz quando não tinha nada a fazer e estava para fechar os olhos para sempre. Quando os meus herdeiros souberam que eu estava morto, correram, mas ja não acharam tudo, por que tendo eu os arredado de mim, outros se apressaram a visitar os recantos do meu albergue.

Que dor seria ver aquella gente arrancar soalhos; quebrar gavetas; arrasar o facto que tantos annos eu havia poupado e lançar a mão ao dinheiro que toparam para o irem gastar em ninharias!....»

Mais que isso ainda faz partir o coração: a prodigalidade de meus herdeiros que á minha custa me mandaram construir este dispendioso monumento, com si eu por isso lhes devesse ficar obrigado!....

(*Continúa.*)

Origem do ditado

Mulher, relogio e cavallo
Não se confia a ninguem.

(CONTO Á ZIGUE-ZAGUE.)

Bello tempo era aquelle em que n'aldeia
Entre si, bons amigos, se fiavam
Os aldeões;
E reciprocamente se ajudavam.

Como christãos
Oh! tempo das comadres
Em que os paes eram paes e os curas padres
(E melhores compadres)
E as raparigas
Boas amigas,
Boas mães, excellentes parideiras,
E sobre a edade optimas parteiras.

Tempo que já lá vae
Das mutuas confianças!...
Naquelle tempo um pae
Deixava as filhas sós (umas crianças
De vinte annos, as vezes,
Quando um anno deitava quinze mezes),
Deixava as filhas sós... ia á ventura
Por esse mundo além,
Quem lhes fazia mal, antes do cura,
Quem?
Antes do santo cura dar de mão
A' choça do aldeão?

Tempos da boa fé! tempos patriarchaes!
Edade de ouro? Qual edade de ouro! Edade
Da humana confraternidade,
Quem se lembrava lá da vida dos metaes?

Vivia nesse tempo o sôr Miguel
Em doce regalo,
(Vida de leite e mel)
Na posse de um cavallo,
E um relogio de algibeira
Que melhor que o sol regulava
Como elle o gabava;
Quando vae, certa vez... la esquecendo,
O sôr Miguel tambem se regalava,
Com sua companheira,
(Quanta inveja me está elle mettendo!)
A senhora Marianna,
Mocetona moreninha,
O seu tanto delgadinha;
Mas... casta como Suzanna
Coitadinha!

Como dizia,
Certo dia
Ao visinho Miguel o sôr Fabricio,
Homem de muito criterio,
Tirando a juiz de paz
(Que sabe honrar *esse officio*)
Nem prasenteiro, nem serio,
Assim entre o dous e o az...
Estampa em nosso tempo não vulgar
Um verdadeiro alvar;
Foi pedir emprestado
De uma só assentada
A mulher, o relogio e o cavallo,
Não sei p'ra que funcção.
Não fez o pedido abalo
Na boa fé do aldeão
Foi-lhe o despacho lavrado
De uma pennada:
—Como requer.

Naquelle tempo sim, quizera eu pretender,
Pedir não veixa a ninguem,
De mais a mais emprestado;
—Quem pede é porque não tem;
—Quem nega é que anda empestado.
Dizia n'aldeia
A' bocca cheia.

Dias depois, Fabricio devolveu
O cavallo manco,
A mulher desfigurada,
E, sejamos francos,
E tambem menos delgada,
Segundo a voz da malicia,
Que pelos casaes correu.
Do relogio, porem, boa noticia
Nunca mais sôr Miguel recebeu.

D'onde nasceu o ditado
Que ainda hoje voga tem;
Fique-se nelle assentado,
Escusado é demonstral-o:
Mulher, relogio e cavallo
Não se confia a ninguem.

Cousas de fazer desesperar um santo.

Charuto cansa-queixo.
Mosca impertinente a pousar no nariz.
Camisa sem botão.

Trincar pedra no arroz.

Bicho de pé que apparece na noite em que não temos phosphoros.

Ouvir limar os dentes de um serrote.

Montar depois de jantar bem, um burro com trote inglez.

Espinhas de peixe em banquete de ceremonia.

Espirro em noite de rendez-vous.

Pingo de rapé quando se está escrevendo.

Somma errada que não se acerta.

Cachorro latindo sem cessar fora de horas.

Bater debalde á porta vindo do theatro.

Finalmente, questionar com sujeito teimoso que embirra em chamar linha recta a isto —

Curiosidade archeologica.

Lê-se no *Jornal do Recife*:

«Tendo a camara do Crato officiado ás camaras das villas do alto sertão de Pernambuco, convidando-as a adherir a idéa da creação de uma provincia, que abrangesse o territorio do mesmo alto sertão e o do Cariri a camara da villa Santa Maria (hoje Boa Vista) respondeu nos seguintes termos:

«Illms. Srs. presidente e mais membros da camara municipal da villa do Crato. Accusamos a recepção do officio de Vs. Ss. de 24 de outubro proximo passado, e respondemos conforme as nossas prudencias e sentimentos.

«Corroborar com a sua sancção e geral mente da assemblea geral legislativa do Imperio è *inabrogada* deliberação?! Porem sendo *perfulcada* por nossas mutuas vontades, intrepidamente e com energia?

«Scientificamos a Vs. Ss. que os nossos representantes da provincia jazem no estado sonoento, que não procuram nossas melhoras!!?

«Caso haja necessidade (como de facto) de crear-se novas cidades, seja contemplada a villa das Flores, que alem de commodidade è fructifera! annexando-se as duas villas de Cabrobó (Boa-Vista, Tacaratú, e mesmo fazenda Grande; pois temos predilecção a nossa provincia: tão linda!!! como fallada?! E ser uma das primeiras *ingidas* no solo brasileiro).

«Extranhamos por extremo Vs. Ss. *amassacrarem* o melindre dos chefes e magestrados deste contiñente!! Tratando-os de orgulhosos indolentes, immoraes!?

«Temos obrigação contrariar retrahindo de Vs. Ss. esse mau pensar de maneira que os chefes e magistrados *dejacentes* a essa (não são *perfeiçonotado*!!) porem cumprem suas obrigações; e não é das suas intenções *frangir* o pacto social entre a nação e S. M. o imperador, e não vivem *prescruidando* aos povos com sofismas enganadores!?)

«Não são atterro a irrupção que lhes não compelem *provabilicozamente*; que nestes lares nunca houve movimento extraordinarios!!... Demais a mais afirmamos a Vv. Ss.. que cumpriremos á risca a deliberação de S. M. e da Constituição.

«Deus guarde a Vs. Ss. por muitos annos.

«Imperial villa de Santa Maria em sessão le 16 de novembro de 1830.

«*Silvestre Affonso d'Assumpção*, secretario escrevi.

Antonio da Fonseca, Joaquim José da Silva, Antonio Delgado, Rufino Mendes, Manuel da Silva Torres, Gonçalo Pinto.»

Dous sujeitos attenciosos.

M. Luiz, jardineiro, morador na rua do Hospicio, entrava hontem, depois d'uma curta ausencia, em seu domicilio quando viu, com grande espanto, que a porta do seu quarto particular estava entre-aberta.

Empurrou-a; e achou-se diante d'um individuo com formas herculeas, que tinha arrombado os moveis; esvasculado as gavetas e que mettia tranquillamente em um pequeno masso todas as preciosidades que encontrava.

Este colosso dispunha-se a atirar-se ao jardineiro, quando este tirando politicamente o seu chapeu, lhe perguntou:

—Não é aqui que mora o Sr. Luiz?

—Não, senhor,—respondeu o ladrão com a mesma politica; morou aqui, com effeito, mas agora mudou-se e mora n'esta mesma rua na casa n.° 17.

M. Luiz retira-se agradecendo e saudando.

Fechou docemente a porta, tirou com cuidado a chave, e foi chamar a policia que agarrou o ladrão, na occasião, em que elle, depois de ter terminado de empacotar as joias, se dispunha a sahir.

Vicio e virtude.

Um mancebo de Tagliacozo, que estava prestes a casar-se, resolveu expulsar seu pai, de casa para fora, e encerral-o em uma pequena casa de campo, com medo que a companhia do pobre velho desagradasse a sua joven noiva. Seu pai que tinha mais de cem annos, estava longe de ter forças para poder resistir-lhe n'essas condições; elle o montou em um tilbury e o levou para a pequena casa do campo na qual devia ser encerrado.

«Meu filho, diz-lhe o velho, eu sei muito bem o que queres fazer-me; porem so te peço um favor, é de ao menos levar-me junto á meza de pedra que está no jardim.

O filho conduziu o velho pai até esse logar, e quando la chegaram, aquelle retorquio-lhe:

«—Muito bem, agora podes abandonar-me, por que foi aqui que outr'ora abandonei meu pai.

«—Ah! meu bom pai, exclamou o mancebo, se eu tiver filhos, será aqui tambem que elles me trarão para me abandonarem?

Pensando assim elle tornou a conduzir seu velho pai para Tagliacozo, deu-lhe o melhor gabinete de sua casa, e o logar mais distincto na meza do banquete, no dia de seu casamento. Deus o abençoou e elle viveu sempre respeitado por seus filhos.

Victor Rossi.

Modelo de requerimento.

Assevera-nos quem deve sabel-o que o seguinte fôra lançado na caixa da secretaria da guerra!

Senhora.—Diz Fulana de tal, Viuva que foi casada com o fallecido defuncto fulano de tal, Capitão Mor da bicha, ordenanças, ou chuços, como a *Vossa Magestade* mais conta fizer, que na vida do finado nunca a ella lhe faltou o preciso, e ao presente, pelas trapalhadas destas cousas que *Vossa Magestade* muito bem hade saber, se acha no ultimo aquartelamento da vida, sem ter nem para o seu tabaco nem para a bruxa da noute, que é o que as vezes ainda lhe custa mais que o pão; e como ella, e o seu defuncto, e todos os defunctos seus ascendentes, sempre forão vassallos mui legitimos, e lhe aborrece ver tanta miseria em sua casa,

Pede a *Vossa Magestade* seja servida mandar essa gente das cortes, ou do jury ou como é que se chama, que lhe paguem a mensalidade d'uma mesada mensal todos os mezes, que não seja menos de seis mil reis, que assim mesmo não é de mais. Assim Deos ajude a sua alma.

E. R. M.

Uma aposta fatal.

A mania dos inglezes pelas apostas foi causa recente de um tristissimo successo, acontecido em Londres.

Um maritimo subia pelo Tamisa na sua lancha, quando uma repentina refrega a foi sossobrar. O infeliz esforçava-se para chegar á margem.

Uma grande multidão se reuniu no caes e de repente empenharam-se varias apostas.

—Sabe nadar? diziam uns.

—Não, não sabe, responderam outros.

—Vae afogar-se.

—Não vae tal.

—Aposto dez libras em como se afoga.

—Dez libras, em como não.

No entretanto, dous barqueiros que tinham presenciado o acontecimento saltaram para os seus barcos e partiram da margem opposta em auxilio do infeliz. Poucas remadas mais, e alcançam-o e salvam-o; porem naquelle momento ouve-se do caes um grito geral que dizia:

—Fora! Fora! Ha aposta!

E a estas palavras sacramentaes, os barqueiros param e voltam para terra; e o infeliz afogou-se.

Epigramma.

Certo dia um pregador,
Ja na cadeira elevada,
Disse o thema; mas a peça
Ficou-lhe dentro engasgada.

Uma vez, e outra, e outra,
Na pobre testa bateu;
Mas de balde que a cachola
Nem por isso se rendeu.

Olha fixo os seus ouvintes,
Depois diz, fallando a estes:
«Senhores, eu vos lastimo...
«Que bella peça perdestes!!!»

Ignacio de Barros Leite.

ANNUNCIOS.

Cidadãos brasileiros!

Não tardando a raiar o dia anniversario da nossa emancipação politica, dia para nós de tanto jubilo e incommensuravel recordação pois que assignala feitos de verdadeiro patriotismo de nossos maiores, o abaixo assignado tenente-coronel do batalhão *Defensores de Pirajá*, encarregado de guardar no dia 5 de julho, os emblemas da nossa liberdade, fiado n'esse santo enthusiasmo, convida a todos os Srs. que receberam cartas para officiaes do dito batalhão, e a todos os artistas que lembrando-se dos que nos deram este dia, queiram comparecer em sessão, no sabbado 4 de junho as 7 horas da noite no largo do Theatro n.° 87. Fazendo ao mesmo tempo sciente, que todas as despezas serão feitas pelo batalhão, sendo os ditos officiaes obrigados no dia a trazerem sua gente e apresentarem-se uniformisados, para cujo fim são convidados á reunirem-se em sessão.

Bahia 31 de maio de 1870.

Marcellino Coelho do Amaral.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.ª QUARTA-FEIRA 8 DE JUNHO. Ns. 655—656.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; $ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional).

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de junho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Brotas, chamando sua attenção para os factos tumultuarios que se dão em uma tasca pertencente a um tal João Valente, á rua da Valla, dessa freguezia.

A' noite é frequentada por gente desordeira e de má indole e converte-se em uma arena de assuadas, motins e bebedeiras, o que dura até pela madrugada, servindo demais a valhacouto de individuos suspeitos.

No domingo ultimo houve grande motim e pancadaria nesse asylo do vicio e da ociosidade, inquietando a toda visinhança. Espera-se que S. S. lance severas vistas para semelhante foco de perturbação do socego publico.

—Tudo anda desencontrado na cathedral.

—Nunca vi caiporismo assim!

—Parece praga!

Quando vão os conegos, faltam os musicos, quando vão os musicos falta alguma cousa!

—E' como casa de ferreiro da maldição.

—Domingo, dia em que a egreja celebrou uma das mais solemnes festividades, dia em que o Salvador do mundo realisou sua promessa de enviar-nos o Spirito Santo, não houve musica no Collegio!

—Porem o que é certo é que todos os mezes sahe da thesouraria uma certa quantia para pagamento dos musicos da cathedral.

Mas como ninguem responde pelas faltas que commette, o desmazello hade continuar.

—Capitão, é notavel esta coincidencia.

—Pois diga la.

—Francisco Solano Lopez nasceu n'uma terça-feira; n'outra terça-feira subiu elle á presidencia do Paraguay, e n'outra terça-feira foi o dia de sua morte, e o que é mais, em terça-feira de entrudo e por mão do Xico Diabo.

—A Exma. Sra. D. Anna Ferreira Nery recebeu hontem a mais significativa prova de demonstração do apreço á suas virtudes.

Innumeras senhoras encorporadas, acompanhadas da corporação academica foram cumprimental-a em sua residencia.

—A mocidade sempre prompta á collocar-se a frente de qualquer idéa nobre, não podia eximir-se de tomar parte em tão merecido tributo ao merito.

—Receba a modesta e charitativa D. Anna Nery a effusão com que seus patricios feram saudal-a como laurel de seus nobres e desinteressados feitos.

—Capitão, no becco das Quebranças, casa n. 67, ha um caboclo que aluga quartos aos voluntarios da patria, com o fim de comprar-lhes o armamento.

—E elles vendem; pelo que a thesouraria geral não quer pagar-lhes o soldo.

—Ah! já sabe disso?

Mas não acha V. Ex. que a policia deve intervir nesse modo de negocio, fazendo o especulador entregar o armamento aos voluntarios, ficando estes obrigados a restituirem o dinheiro pelo qual o vendeu?

—Que duvida!

—Acção indigna!

—Tão indigna como o ente mesquinho que a está praticando.

—Quem é aquelle couza ruim?

—O *Zé menino*, não conhece?

—Para mim é prazer não conhecel-o.

Com que diabolica placidez se apraz o carrasco de amassar as faces do pobre preto com uma taboa, como si praticasse uma acção louvavel!

—Que genio malevolo!

Regozija-se como si se deleitasse com algum simples entretinimento.

—Com que riso escarnecedor vê o sangue

escorrer dos rebentados beiços do desgraçado. Com que ironica mofa ludibria dos soffrimentos da victima!

—E' preciso não ter sentimento de homem; não respeitar as leis sociaes, para fazer garbo de acção tão vil, praticada publicamente no meio da rua, nos estaleiros da *indolencia*.

—Mas V. não está vendo? Como, quem passa, pára admirado para ver este novo invento de castigo, elle encara um dos circumstantes e fingindo dirigir-se no escravo, diz:

«*Eu não so metto o chicote em negro, como em mulato.*»

—Mulato!.... mas o que quer dizer mulato?...

E para que serve um branco tolo, ignorante, uma posta de carne, que, si por alguma cousa se distingue na sociedade, é apenas por um punhado de dinheiro que possue, Deus sabe como ajuntado?

Mettorá o chicote em mulato, é verdade; mas no que tiver a desdita de ser seu escravo; pelo sensual appetite de muito branco degenerado que, relacionam-se com as escravas, tem a brutalidade de conservar os fructos de seus lascivos gozos debaixo do azorrague.

—Preto ou mulato, si elle tem para metter o chicote é pela desgraça do paiz que alimenta em seu seio a escravidão, para muito passador de moeda falsa, possuindo-os, legal-os a filhos largos, estupidos e molerendos.

—Pode ser que aquelle preto, que publicamente é chicoteado, outra no coração mais nobres sentimentos do que o branco que a cada passo despede sua mãe de casa para fora e o trata com desprezivel desdem.

—Um acontecimento sorprehendedor veio abalar o credito e sobresaltar a fortuna publica desta terra.

—Sei do que vae fallar.

—Diversos cidadãos, todos de fortuna, estão declarando pela imprensa que são victimas de uma arrojada especulação.

Com o desapparecimento de um negociante, abarrotaram na praça um enxame de letras, reputadas falsas, representando um valor subido de centenares de contos de reis.

Reina a desconfiança e a incerteza em todos os animos.

—Neste andar a cidade vae nadar n'um mar de firmas falsas.

—Ha sujeitos, cujas posses são abaixo de medianas, e se diz entretanto, que possuem sommas exorbitantes representadas nessas letras, sem declaração de onde as houveram.

—De muito credito devia gozar o tal negociante fugido para achar tanto abono!

—Dizem tambem que ha dellas algumas cujos vicios por demais grosseiros, á primeira vista d'olhos se reconhece a fraude.

—E a policia ainda não se moveu!

Por que ja não chamou os possuidores de taes lettras, para darem explicação da procedencia dellas, da legalidade com que foram transigidas, a ver si por esse fio condutor chega até o criminoso?

Não pode ser que nesse intrincado novello, haja quem figure de prejudicado, quando esteja a rir-se interiormente, esperando ganhar cento por cento na tentativa?

—Tudo é possivel nesta terra onde os ladrões são tão audaciosos.

—Si ha cousa, para a qual a policia deva seriamente convergir suas vistas, esta é uma dellas, por que a propriedade alheia não deve ficar exposta aos assaltos dos salteadores.

—E' preciso tranquillisar os animos assombrados pela afouteza e desembaraço com que os empalmadores se arrecadassam a bolsa alheia.

—Aqui, onde os testamentos e firmas falsas, as concessões e os roubos pullulam á cada canto, é preciso em nome da lei, dar um exemplo tremendo aos falsarios e falsificadores.

—Descubra-se a verdade e se pune-se o joio do trigo.

—Que desgraça, capitão.

—O que succedeu, homem de Deus?

—Hontem 6, ás 5 horas da tarde, uma das diligencias da companhia de Veiculos, em viagem do Bomfim para a cidade, passou por cima de uma preta velha, defronte do sobrado em que esteve o Hotel Brazil, na Calçada, deixando-a arquejante.

A' esta hora terá fallecido.

—Coitada! Deploro sua fatal sina e lastimo o pouco cuidado que ha continuamente da parte dos conductores e imprudencia dos transeuntes.

—A camara municipal mandou aformosear o Terreiro.

—A praça do Conde d'Eu.

—Oh isso.

—Qual é o aformoseamento?

—Os assentos collocados em roda das arvores para o povo refrescar-se.

—Eu nunca vi maior peraria. Para fazer aquillo antes nada fazer.

—Nada tambem lhe agrada!

—Visto não deitar cousa capaz, era melhor deixar como estava.

E para fincar quatro paus e pregar uma tabua em cima, trabalho que duas praças

faziam á vontade, emprega um batalhão de gente!

—Tanto, não é demasiado, que estão á muito mais de quinze dias arranjando a cousa e ainda não deram cabo.

—Capitão, estou encolerisado.

—Soffreu alguma contrariedade?

—Não; mas estou escandalisado com a falta de attenção do homem sem coração que deitou pimenta nas nadegas do escravo.

—Foi uma acção barbara.

—Mas sabe o que fez depois?

—Não.

—O moleque fugiu; uma pessoa de consideração encontrando-o no lastimavel estado em que se achava, levou-o ao senhor e pediu-lhe que não o castigasse mais.

O descortez prometteu assim fazer; mas apenas a pessoa virou as costas, agarrou o coitadinho, e como visse que elle não resistiria a novos açoites, não por compaixão, mas pelo receio de perder o valor do escravo, castigou-o cruelmente pelo corpo e faces.

—Na verdade é nojento e baixo procedimento.

—Tão indecente desattenção da parte do bruto revoltou-me.

—V. não sabe que cada um obra acção de seu nascimento?

—Eis a fé e contricção com que aquelle sujeito volta de adorar ao Senhor do Bomfim!

—Puchando por um punhal e querendo ferir e matar a todos, aqui na Calçada.

—Que sarceiro!

—Quanta gente a presenciar!

—Menos aquella que é mais necessaria nestas alhadas. A que tem obrigação de moderar os turbulentos.

—Um homem so pondo uma rua em alarma!

—Quando Deus tirou-lhe uma perna, é por que viu que elle não era boa rêz.

—Lê-se na *Opinião Liberal*.

«A' IMPRENSA BRASILEIRA.—Todos os jornaes desta cidade e das provincias, sem distincção de crenças politicas, tem applaudido e animado a propaganda civilisadora contra a escravidão.

«Não ha duvida que este procedimento faz honra ás illustradas redacções dos jornaes brasileiros.

«Todavia a imprensa, pharol que na vanguarda dos seculos espanca as trevas da barbaria, pode e deve mesmo concorrer com mais efficacia em auxilio desse bello e grandioso movimento emancipador, que vae por todo o paiz.

«Ja não queremos que combatam energicamente esse crime, de cuja tolerancia somos todos os brasileiros cumplices; basta-nos um procedimento mais prudente, indirecto e todavia de grandes resultados:

«—Basta que todos os jornaes, diarios ou periodicos, desta côrte e das provincias, recusem publicar em suas columnas vendas, arrematações, alugueis, quaesquer annuncios ou editaes tendentes á auxiliar esse horrivel commercio de carne humana, e bem assim os annuncios para apprehensão de escravos fugidos.

«Quando o legislador brasileiro cobriu a face de envergonhado e mandou que cessassem os pregões e leilões de escravos, não é a imprensa, o fanal da civilisação, que ha de empunhar o martello e repetir os brados consternadores que o pudor publico coaprimiu nos labios mercenarios do leiloeiro de escravos.

«Cesse tambem a voz da imprensa brasileira de apregoar a venda do homem pelo homem.

«Não aceite ella a comparticipação que o legislador reputou indigna no leiloeiro e no official de justiça porteiro dos auditorios.

«Ao menos, assim, já que não o somos, pareceremos civilisados aos olhos do mundo europeu, e daremos um grande passo na regeneração do paiz.

«Encaminhando este convite, a *Opinião Liberal* confia que elle será benignamente acolhido pelas illustradas e muito dignas redacções de todos os jornaes, assim da côrte, como das provincias.

—Lê-se na mesma folha:

POESIA

recitada pelo Sr. Dr. Mello Moraes Filho no dia 6 de maio por occasião das felicitações em casa da Sra. D. Anna Ferreira Nery.

Foste heroina—ao fogo das batalhas
Brilha o teu nome—eterna claridade!
Foste heroina—embora entre guerreiros,
Curva-se o genio da guerra á charidade.

Foste heroina—ao serenar de angustias
Ergueste á gloria os immortaes tropheus!
De cada lagrima que apagaste aos bravos,
Mais uma estrella se accendeu nos ceus.

Foste sublime—ao leito de agonias
Quando chegavas—se mudava a sorte...
«Ella é a morte?—» perguntava a vida,
«Ella é a vida!—» respondia a morte,

Foste sublime—dos crueis despojos
Que a luta deixa na campina extensa,

Senhora sempre, os entregaste á patria,
A' patria afflicta nessa dor immensa.

Eram soldados semi-mortos, lividos,
Que a custo erguendo-se do ensanguentado chão,
Vinham pedir-te p'r'as feridas—balsamo,
Como o infante que mendiga o pão.

E déste as graças de teus cofres, todas...
Em mil enfermos, mil soldados novos...
A' charidade p'ra que servem *titulos*,
Se tem por throno o coração dos povos?!

Foste heroina—ao serenar de angustias
Ergueste á gloria os immortaes tropheus!
De cada lagrima que apagaste aos bravos,
Mais uma estrella se accendeu nos ceus.

Quanto soffre um amo.

Quero hoje dar um alegrão aos senhores amos, para não deixar muito ufanos aos senhores caixeiros, que tanto gostaram de ver descriptos seus soffrimentos.

Um amo!... oh! coitado do amo, que engole tantas mentirosas pilulas como verdadeiras, que é bigodeado, massacrado, enfezado, e até não poucas vezes reduzido a miseria por seus caixeiros! Coitado!

O amo pode affligir-se, pode zangar-se, pode ter a necessidade mais urgente: o caixeiro nem se aballa; está, quando muito, calado para não levar algum grito, e muitas vezes lá no fundo de seu coração se está rindo das afflicções do amo, e até, vingando-se nellas de alguma offensa que tenha contra elle.

Ha entre o caixeiro e o amo uma guerra declarada: o amo pode sim gostar do caixeiro; mas o caixeiro raramente gosta do amo, pois que mais experiente, não quer que elle fume, que va ao baile de mascaras, e tenha cavallo de estribaria. Pela mesma lei, por que o moço extravagante não gosta do velho conselheiro, o caixeiro tem raiva do amo.

E tanto é assim, que no contar do dinheiro, o caixeiro nunca se engana a favor do amo; no ajustar das contas, ainda que o amo seja muito esperto, o caixeiro tem sempre saldo a favor; pois quando elle não apparece nos livros da escripturação, já está em seu bahú bem accondicionado.

E que me dizem do que soffre um amo, nas escapulas dos caixeiros? Entra um amigo do amo no escriptorio ou loja; o pobre amo se entretem n'uma conversa, e o caixeiro que não perde vaga e anda mais alerta do que uma sentinella avançada, vai se esgueirando e lá foge a comer um pastel na confeitaria, ou a jogar uma partida de bilhar.

Um dia, e em um dia em que o amo muito necessitava do seu caixeiro, lá chega uma parte de doente, e muito encommodo do caixeiro que não pode descer ao escriptorio, e que está bem fresco em alguma patuscada rindo-se do amo!

Um caixeiro é o homem mais achacado que se conhece; pois para as escapulas é necessario que padeça sempre de dores de cabeça, sangue pelo nariz, dores de dentes, e outras cousinhas que servem de desculpa a escapula.

Ha outro genero de escapulas em que o amo conhece que é embaçado; mas que não tem remedio senão roer em silencio a sua raiva.

Eil-a:

—Sr. José, vá ali no escriptorio do Wiliams, e me saiba si elle tem madapolões bons para se aviar aquella receita. Vá depressa, um pé lá, outro cá.

—Sim senhor responde o Sr. José; bota o chapeu na cabeça, e lá se vai.

O amo lhe disse que fosse depressa; mas a recommendação ficou esquecida, e o Sr. José conversa com os outros caixeiros que encontra, vai beber seu copo de refresco, diz sua pilheria, e leva boa hora primeiro que venha para a loja, onde entra muito fresco, sem dar cavaco: com tudo reparou sempre para a cara do amo, e já está de mentira prompta, no que são insignes todos os caixeiros.

—Ora, Sr. José, uma hora para ir ali! O Sr. apura-me a paciencia!

—Senhor, o escriptorio do Sr. Wiliams estava fechado, e eu tive de esperar.

—Por que não se veio embora?...

—Eu julguei que não fazia mal, e Vm. nada me disse.

E o amo não tem remedio sinão calar-se e contentar-se que o mal de muitos consolo é.

Entre os caixeiros ha uma praxe muito seguida. As suas despezas extraordinarias devem ser feitas a custa dos amos. Si o diabo lhes metteu em cabeça de ter uma moça, então deixam de entrar para a gaveta, o importe de algumas varas de algodãosinho.

Si tiveram uma tentação de jogar e perderam, então uma conta se cobra, cuja importancia o amo não vê, e cujo credor jamais é achado em casa, e passa por caloteiro. Um doce que se come na ausencia do amo, é por sua conta: uma chicara de café é inda por sua conta.

Isto são cousinhas pequenas, não fallando quando o caixeiro se deixa persuadir que deve enriquecer logo, e que seu amo bem pode contribuir para a execução de uma tal persuasão.

Para os caixeiros é um tempo precioso, aquelle em que o amo adoece.

Então ficam amos, e tiram seu ventre de miserias: si são caixeiros de loja, não ha conhecida que não tenha as suas varas de cassa, não ha parente pobre.

Si são de escriptorio, então as chaves criam ferrugem, por que elles ali não põe os pés sinão por fructa.

Da classe dos caixeiros, nenhum ha que tanto massacre o amo, como sejam os das casas de molhados.

Namoram a custa do vintem de manteiga, e da meia libra de bacalhau.

Como tem estes caixeiros gosto muito estragador e corrompido, se derretem de amores por deidades muito precisadas. Sempre é a filha de Jerusalem que lhes mora em frente, sempre é alguma cousa ruim, que lhes retribue o seu amor, a custa da meia libra de bolaxinhas americanas, do vintem de azeite de mamona para a luz.

Ora um vintem d'aqui e um dez reis d'acolá, acabam por derrotar o amo, e obriga-o a desistir do negocio, amaldiçoando o.

Pois si e armazem, venda, ou casa de molhados, cujo dono não pode estar a testa! oh! o dia em que se abrem as portas, è a vespera de se feixarem, por que o caixeiro de nada cuida, e leva os dias a trocar palavras, e aos empuchões com as freguezas que lhe vem comprar alguma cousa, e principia logo a criar galos debaixo de algum canistrel vazio de louça, e á botal-os para brigar.

Coitados dos amos! soffrem, o que ao demo esqueceu, dos caixeiros.

O bonito porém no meio de tudo isto, é ver, quando algum é lançado fora, e está desarranjado, a innocencia que proclama, os trabalhos que allega, e o que padecia de seu amo, que não reconhecia nada d'isso, e que despedindo-o, assim é que lhe pagou todos seus valiosos serviços.

Não ha caixeiro que tenha consciencia de suas agencias.

E quando o caixeiro encontra certas amas para o deffenderem das accusações dos amos?

Aqui o leitor que julgue quanto soffrerá o amo do caixeiro.

E' uma infelicidade o ter caixeiros!

Agora, entre as duas classes soffredoras, qual soffre mais?

Não quero decidir, cada qual que julgue

A PEDIDO

—Capitão?

—Que viu?

—Qual a classificação do pae, rico, que tendo dous filhos, ambos legitimados, a um dá esmerada educação, confia-lhe a direcção e uso-fructo dos seus bens, e ao outro entrega ao mais despresivel abandono, sujeitando-se o infeliz para não perecer á miseria, a trabalhar de servente de pedreiro, por que nem um officio lhe mandou ensinar?

—E' preciso saber as razões que para isso influem.

—Queixas contra a mãe.

—Então é um pae desnaturado, por que vinga-se no filho das offensas que tem da mãe.

—E depois diz que espere por sua morte para herdar.

—Está bem boa essa!

Ja elle sabe quem hade morrer primeiro.

E em quanto não morre, o filho que vá soffrendo necessidades e alimentando-se de esperanças.

—E desejando a morte de quem lhe deu o ser, unico meio de safar-se da miseria.

—Deus fez gente de todo calibre!

—O guarda do chafariz da Baixa' dos Sapateiros espancou uma rapariga.

—O motivo?

—Questões por causa d'agoa.

A rapariga foi tirar um caneco d'agoa, elle não consentiu; uma preta, do barril que tinha comprado, deu um pouco d'agoa áquella.

O homem tomou isso como affronta e desabafou-se lançando mão dos meios extremos.

—E' sem razão.

—Foi como me contaram.

E accrescentaram que as quitandeiras tomando o partido da companheira espancada, abriram a bocca em cima do homem e contaram a historia de um troco de cobre por papel todas as tardes.

—Capitão, capitão, capitão!

—O que tem, que é isso que succedeu?

—V. Ex. não sabe, não viu?

—Que historia é esta? Não viu e não sabe o que?

—O *frei Rufino* comprou um rewolver.

—Para que?

—Disse que vae desafiar para um duello um sujeito que deu-lhe umas chibatadas.

—Pois um covardo daquelle, desmoralisado da maneira porque foi pelo *Albergaria*, vae lá desafiar ninguem para duello!

—Capitão, eu o vi carregando o rewolver dentro da cella.

—Si V. o viu dentro da cella carregando o rewolver, não é então para um duello e sim para.....

—..... algum crime que elle deseja commetter.

—Sim, um *assassinato,* por exemplo, meio porque se vingam os covardes.

—Um frade *assassino*!

—Aquillo é uma *onça,* é capaz de comel-o vivo!

—*Safa*.....

—..... *do* bicho!

Quem me dera.

Quem me dera ser o espelho,
Onde vaes teu rosto ver;
O cestinho de costura
Quando á tarde vaes cozer.

Quem me dera ser o gato
De teus mimos objecto;
O papagaio inquieto
A quem daes tão meigo trato.

Que me dera ser o pente
Que teus cabellos enfeita;
Ou a voz do passarinho
Que teus ouvidos deleita!

Quem me dera ser o prato,
O garfo, a faca, a colher,
O copo onde vaes beber,
A saia, o chale, o sapato.

Em vez de ser, como dizes,
Um solitario poeta,
Quizera ser o alfinete
Que em teus vestidos se espeta.

Mas eu não sou nada disso,
O meu desejo é baldado;
Sou um lorpa desgraçado,
Um toleirão sem toutiço.

VARIEDADES.

Os jogadores.

Um jogador, tendo perdido em certa occasião, alem de outras muitas, uma avultada quantia, ao chegar a sua casa fez com carvão uma grande cruz atraz da porta de sua alcova, e jurou que, por aquelle symbolo sagrado nunca mais havia de jogar. Passou-se com effeito algum tempo sem que elle jogasse; mas pouco a pouco foi-se inclinando, e uma noite, chegando elle á casa de um seu conhecido, encontrou ali uma grande reunião de pessoas que jogavam cartas, e indo a sentar-se tambem á meza lembrou-se da cruz e do juramento que havia feito e exclamou:

—Ah! diabo! isto é horrivel!

—O que aconteceu? perguntam-lhe.

—Deixei a vela accesa atraz da porta, e vou apagal-a, até logo. Voltou a casa immediatamente, foi ao pote d'agua, e começou a lavar a porta até desfazer a cruz, fallando comsigo mesmo:—Meu Deus.... o dito por não dito; esta cruz é de carvão e não foi feita com devoção. Acabado isto, dirigiu-se novamente á casa do jogo, e sentando-se á mesa disse. «—Agora sim, estou *fresco*, posso jogar *desembaraçado*. N'essa noite perdeu elle mais que nunca.

—O' diabo, sem vergonha! exclamou elle furioso, dando-se na cabeça com toda força. Bem me disse meu compadre, que eu ja nasci com o baralho na mão, cheio de *oitos* e *noves* e que acabarei desgraçado e desconceituado.

Accusação injusta.

Pela estrada publica caminhavam dous frades em direcção a uma aldeia onde iam pregar.

Um delles montava um soberbo cavallo, ricamente ajaezado e o outro era levado por um esganiçado e lazarento sendeiro.

Questionando sobre as cousas de Deus não repararam as duas entidades fradescas n'um extenso rio que lhes ficava na frente.

—Como passar este rio? disse o *mendicante* ao seu companheiro que lá na margem d'alem ria do pobre franciscano.

—Fustigae o jumento, irmão, e assim podereis passar a salvo como eu.

O pobre frade em colicas e ancias arremettia furioso a esfollada barriga do seu burro, que a corrente pouco a pouco ia arrastando.

—Recorra ao Santo Nome de Jesus, irmão.

O franciscano sentiu faltar-lhe o burro debaixo das pernas, tremeu de raiva!...

—Nem sequer me falle em Jesus, irmão.

Sorriu-se o outro frade e aproveitou-lhe a phrase.

Chegaram finalmente ao seu destino e o filho de S. Ignacio, que a levava fisgada, foi logo direitinho ao vigario geral a recommendar-lhe o franciscano como herege, pois renegava o nome de Jesus.

Benzeu-se o santo varão, e mandou incontinenti chamar o franciscano.

—De mau christão o accusam, irmão, que renega o nome do Filho de Deus. Veja se tem alguma cousa que allegar em sua defeza?

—Nego a accusação, respondeu o mendicante, com toda a placidez de espirito.

—E' porque o irmão não se lembra que ao passar um ribeiro, onde por milagre não ficou afogado, disse que nem em Jesus lhe fallassem.

—Recordo-me perfeitamente, e tambem da razão porque o disse, quando o nome ineffavel do verbo Eterno é proferido, até os irracionaes ajoelham reverentes; e na critica po-

sição em que me achava, que seria de mim se pronunciasse o Santissimo Nome de Jesus e o jumento ajoelhasse?...

A justificação valeu e o santo varão ficou com a cara a uma banda.

Bons conselhos.

Nunca te esqueças de ti, porque os outros de ti se não lembram.

Nunca sejas tolo para ti, e do juizo para os outros.

Foge de mulheres si queres ser homem por mais tempo.

Come do melhor, para que o medico te não visite a miudo.

Come pouco se queres comer por mais vezes.

Não logres na ração a besta em que andares, porque te logras a ti, se te deixa no caminho.

Corteja a todos para seres cortejado.

Não sejas casamenteiro, porque quem casou mal, diz que mau fim tenha quem lhe fez o casamento, e quem casou bem, não te agradece.

Não jogues amiudadamente, para não perderes cinco cousas, tempo, brio, amigo dinheiro e paciencia.

Mas si jogares, não contes com o que ganhares, sem calculares o que tens perdido.

Não apalpes em casa de ferreiro, nem peças em botica bom mercadð.

A's bôdos do teu amigo vai rogado; porem aos seus contratempos vai voluntario.

(*A. P.*)

O passeio ao cemiterio.

DIVAGAÇÕES DE UMA MARIPOSA.

(*Continuação dos ns. 653—654.*)

N'outro mausoleu escutei as seguintes phrases:

«—Não fui mais feliz que esse miseravel, ainda que fui rico e não avaro.....

«Passava, é verdade, os dias a calcular aonde estariam seguros os meus dinheiros e de que maneira os poderia accrescentar; mas gastava com profusão quando era mister mostrar generosidade, ou quando se tratava dos meus prazeres. Prazeres!... não os havia para mim. A alma humana, explica Alexandre Magno chorando por não ter mais mundo para conquistar—nada do que possuimos é aquillo que nos contenta. Um homem opulento deve ser grave e imperioso; e para melhor o ser, olhava pouco para meus filhos e raras vezes os via e nunca os acaraciava: por isso me olharam elles primeiro como um estranho e como um inimigo depois, quando lhes não dava todo dinheiro que lhes era mister para corromper muitas mulheres; estafar muitos cavallos e jogar com todos os pelotiqueiros.

«Apezar do muito que me custou a educação de meus filhos, elles apenas aprenderam a bem se vestir e entrar em uma sala de baile. Isto succedeu, não por elles serem nescios; mas porque sendo eu um homem de grande riqueza e distincção, não me ficava bem olhar para a educação de meus filhos (e sim para a sua fortuna, que todos os dias augmentava) e seus mestres não olhavam para elles como a seus subordinados, porque isso seria falta de respeito a mim e aos meus; antes meus filhos conheciam que seus pedagogos e mentores eram seus dependentes. Como meus filhos tinham aprendido o trato social, quando a morte lhes fez a vontade e me levou deste mundo, elles se vestiram de luto, privaram-se quinze dias de irem aos theatros, á não ser disfarçados, e me fizeram umas solemnes exequias, á que convidaram todas as pessoas que podiam dar lustre a funcção. Amigos e inimigos, conhecidos e desconhecidos, foram rogados a alumiar-me para que me não enganasse no caminho. Mandaram meus filhos edificar-me este tumulo que os honrasse e muitas vezes ordenam a seus lacaios de virem pôr-me corôas de flores, o que estes mercenarios, rindo e dizendo chufas, cumprem á pressa, para irem vagar a outros negocios de mais monta.

Tambem em paga, são meus filhos olhados como o typo do amor filial.

(*Continúa.*)

A comprar.

Encontraram-se na mesa redonda de um hotel tres agentes viajantes de casas commerciaes.

Entabolada entre elles a conversação, disse o primeiro que agenciava vinhos, outro que procurava sedas, e o terceiro narizes.

—Narizes! exclamam todos. Como narizes?

—Nada mais simples, respondeu, onde encontro narizes que servem á nossa casa, compro-os. E agora noto, disse, voltando-se para um dos companheiros, tendes um magnifico nariz que me convem. Offereço-vos por elle 1,000 francos. Só terei direito ao vosso nariz depois da vossa morte.

Concluiu-se o negocio; o feliz possuidor do nariz recebeu os mil francos, sujeitando-se a pagar uma duzia de garrafas de champagne si se arrependesse do negocio.

Acabado o jantar, ao acenderem os charutos, o comprador do nariz chega-se ao vendedor com uma tenaz vermelha de quente, e com

a maior civilidade diz-lhe, approximando-lh'a do nariz:

—Perdoae, senhor, é estylo nosso marcarmos a mercadoria que compramos.

Comprehende-se que o negocio desmanchou-se logo, e que o dono do nariz teve de regalar os circumstantes com as 12 garrafas de Clicôt.

Um desagradavel achado.

Dous amigos passeavam no campo, e um cão os acompanhava. O dono do cão assegurava que não existia animal mais sagaz, mais esperto que o seu cão.

Dito isto, atira por entre o capim uma moeda de ouro, e volta logo á cidade visinha com seu amigo e seu cão.

—Vae, diz elle de repente:

Vamos, ligeiro! busca, busca o que perdi!

Veloz como o vento, o cão se atira fora das portas da cidade. Suas orelhas agitaram-se como si fossem azas, e breve estava no bosque; mas havia sido precedido por um alfaiate que estava em viagem.

Este, deitado sobre a relva, vira luzir a moeda, e dando graças á sua boa estrella, tratou de guardar seu thesouro.

Chega então o mensageiro, arquejando, e seu maravilhoso olfacto lhe revelou logo a morada da moeda.

Um cão estupido teria vivamente ladrado contra o alfaiate; mas este não, pensou elle comsigo:—a dissimulação é agora necessaria no mundo.

Em consequencia festeja o alfaiate, como conhecido velho; e para lhe dar um penhor de sua felicidade, lambe-lhe a mão com uma fingida ternura.

—Ah! que excellente estrella é a minha? Que bello e novo achado! exclamou o alfaiate; e acariciando o cão fez com elle pacto de amisade.

Ao pôr do sol, dirigiram-se juntos para a cidade, e comeram na estalagem, no mesmo prato.

Depois o viajante pôz-se a dormir em plena segurança, pois que o seu Jonathas ao lado de sua roupa montava guarda rigorosa.

Infeliz alfaiate! O edificio de sua confiança não repousava senão sobre a areia! Ao despontar do dia o cão roubou a calça do viajante.

Vôa, e traz para seu senhor o fructo de seu roubo. O involucro era pessimo, mas o miolo era bom, a moeda estava na algibeira da calça.

Cheio de espanto e de colera, o alfaiate atira-se fora da cama, e lembrando-se do bem que perdera, dá franca sahida as suas lagrimas.

—Ah! diz ello, essa peça é nova. Estupido que sou! confesso que até o presente eu não vira a velhacaria sinão sobre dous pés.

Mas este dia de sombria desgraça grava em meu espirito a seguinte verdade:—ande sobre dous pés, ou sobre quatro, o bajulador é um velhaco.

—A polvora, diz um sujeito em uma palestra scientifica, é de invenção moderna.

—Como, interroga outro, si já no tempo de Virgilio usavam os romanos de armas de fogo?

—Os romanos? está enganado, enganadissimo.

—Qual enganado, nem enganadissimo! pois Virgilio não diz: *Arma virumque cano?*

—E a que vem isso ao caso?

—E' que no tempo do poeta, ajunta o latinista, já se fallava de *armas de vareta e cano*, que não são senão as de fogo.

Uma descarga de gargalhadas applaudiu a nova interpretação.

Resposta torta que indirecta.

Andava uma velha muito lépida tratando de um negocio que não via caminhar, e obtendo audiencia de D. João III enviou-a este para a mesa da consciencia.

Passaram-se dias ou semanas, e o negocio emperrado não sahia do tribunal. Tornou a velha á presença do rei; requereu de novo e D. João III respondeu-lhe que já a tinha remettido para a mesa da consciencia.

—Mande vossa alteza a consciencia ao demo, que sempre está fechada! exclamou a pretendente.

El-rei gostou da boa saida da velha e disse-lhe:

—Pois filha, abramol-a! e despachou-a.

Satisfação.

Um valentão das duzias, tornou a levar umas pancadas, com que havia muito tempo o tinham ameaçado.

Agora estou contente, disse elle, pois vejo-me livre do susto.»

Epigramma.

Um tolcirão motejava
De um certo sabio que tinha
As orelhas muito grandes,
Como a homem não convinha.

«Assim mesmo—diz o sabio—
«Notai que fallo e não zurro;
«E vós zurraes, mas as tendes
«Mui pequenas para burro.»

Ignacio de Barros Leite.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.ª SABBADO 11 DE JUNHO. N. 657.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beceo do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de junho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. inspector da repartição aduaneira. afim de que advirta ao chefe da 3.ª secção, *frango creme,* para que, estando no exercicio de suas funcções não se ponha a ler jornaes, demorando assim as partes, o que nunca se deu no tempo do ex-ajudante *S. Paio V.* E como disto resulta não só prejuizo a fazenda publica, bem como graves complicações aos interesses commerciaes, espera-se que S. S. dará as devidas providencias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, participando lhe que na Jaqueira, ao *Buraco de Sinhá Anninha* vão diversos individuos com a maior cara-dura, banhar-se nús em pello, á qualquer hora do dia..

Sendo semelhante procedimento uma falta de decencia, prevista pela postura municipal n. 80, espera-se que S. S., por amor a mesma decencia, faça executar restrictamente a mencionada postura, no que diz respeito aos taes individuos.

—Assim como ha males que vem para bem, ha melhoramentos que atrazam.

—E' a lei das compensações, meu rico.

—A empreza actual do cisco em vez de beneficio causa males.

Antes della o lixo não andava amontoado pelas ruas.

—Estou gostando de lhe ouvir discorrer hoje.

—O homem do cisco não dispõe de meios, habilitações e actividade para desempenhar a tarefa de que se encarregou e tudo anda de mal a peior.

—Pois olhe; o barão de S. Lourenço que é mais authorisado que V., affirma e bate pé do contrario.

—Elle affirma com palavras, talvez por pena ou affeição ao homem, emquanto eu nego com factos.

A rua das Princezas, na cidade baixa, é a primeira.

—Incontestavelmente.

—Pois a primeira rua do commercio está em estado de porcaria, não se varre.

No largo da Conceição encostado as grades do arsenal, ha montões de lixo; a rua do Celleiro é um monturo, sem tirar nem pôr; ali podem gerar-se crocodilos e varijeiras.

Ora, á vista do conteudo, diga-me si eu fallo atôa?

—Não, não; suas palavras tem muito peso.

—Capitão, uma curta e breve historia.

—E que interesse.

—Duas velhas, muito velhas, possuiam uma casa soffrivel na qual habitavam; mantinham-se do producto de rendas que cosiam.

Um certo zangão, desses que vivem farejando onde ha viuvas que tenhão de seu, e pessoas decrepitas sem decendencia, para encartar-se, tomou o cheiro a casa das velhinhas e metteu-se a protector dellas.

Conseguiu em pouco tempo fazel-as mudar-se para uma casa de menos valor, dizendo que o aluguel, que rendia a dellas. dava para pagar a em que iam morar e ainda sobrava alguma cousa para as suas despezas.

—E' um dos mais difficeis obstaculos a vencer o coseguir fazer gente velha resolver-se a mudar da casa em que habita ha muitos annos.

—Continuou o melcorio a inculcar-se de bemfeitor das mulheres; mas o beneficio consistia em receber-lhes o aluguel da casa, cobrar-se do aluguel da em que ellas moravam e entregar o resto com alguma cousa pouco mais; fazendo assento do que dava como despeza feita por elle com o sustento das velhas, de sorte que estas em pouco lhes deviam avultada quantia.

Lançou mão da propriedade das mulheres e mandou alevantar um soberbo edificio, de que hoje é dono.

Uma das velhas morreu e a outra existe ainda, a qual continúa a ser soccorrida pelo

cujo, provando elle com isso que é uma *boa* e *compassiva alma*.

—E é por meios taes que da noite para o dia improvisam-se fortunas!... é adquirindo por esta forma se consegue accumular.

—Dizem que um sargento de policia levou uma horrivel navalhada?

—E' exacto; no dia 9.

—Como foi isso?

—A creoula Constança, moradora á ladeira do Saboeiro, na quinta feira, pela manhan, despejou um ourinol de trampa na porta de uma adversaria, diz ella que em represalia por ter recebido egual ultrage.

—Disforço injustificavel.

—O policial Osmo Pedro, passando depois, e vendo-as em contenda de palavras, prendeu Constança, que oppoz formal resistencia, a ponto de atirar o policial ao chão, tomar-lhe o bonet e pôr-se em fuga.

Dous soldados prenderam-na de novo um pouco adiante e ella continuou a resistir.

Passando nessa occasião o sargento João José de Freitas, empregado na secretaria da presidencia e vendo os companheiros de praça em taes apertos, pois que a mulher sosinha lhes fazia dar agoa pelas barbas, tomou parte no conflicto e passou a esbofetear excessivamente a Constança, a qual saccando do bolso uma navalha retalhou medonhamente a cara do sargento.

—Oh mulherzinha estabanada!

—Constança ficou tambem muito espancada e com diversas contusões provenientes das refadas que levou.

—Mas não dizem que é prohibido os soldados usarem dos refes?

—Então quer que o soldado seja espancado sem se defender?

—Porem V. disse que o sargento esbofeteou-a primeiro e, sendo ella uma mulher livre, não está no caso de receber semelhante ultrage.

—Concordo; mas primeiro atirou ella o soldado ao chão.

—Com o que o sargento não tinha que intrometter-se e, quando interviesse, devia ser por meios legaes.

—Os dous soldados quando viram o sargento ferido um correu e o outro pôz-se ao largo.

—Manicacas!

—Constança afinal foi conduzida á presença da authoridade que procedeu as formalidades da lei.

—Está isto uma embrulhada inconcebivel! Vae todo mal da maneira porque se fazem as cousas aqui.

A mulher, a principio, não tinha sido encontrada em flagrante, portanto não podia receber a voz de presa e, a dar-se, devia ser tanto a uma como a outra; logo que o policial Osmo não fez isso, não andou em regra; obrou com parcialidade.

—Sr., Constança já é conhecida por seu genio rixoso.

—Quando é provocada; eu tambem conheço-a; é uma infeliz, que, de mais a mais, não regula bem da bola.

—Diabo leve a falta de sizo que dá para ferir os outros.

O que ninguem pode negar é que praticou um crime.

—Concordo; porem com suas attenuantes.

A regra de proporção.

(Continuação do n. 298.)

Vemos lorpas bachareis viverem de assignar papeis e razões de rabulas, e muitos mesmo sem as lerem, porque não as entendem, e quasi irem á cadeia e serem suspensos, por falta de regra de proporção; porquanto, si consultassem sua vocação propria seriam melhores alfaiates e optimos sapateiros.

Vemos medicos e cirurgiões desacreditados e mal vistos, curarem todas as molestias com um unico remedio e fazerem operações extemporaneas e mal cabidas, por falta de proporção nos remedios apropriados ás molestias, e operações apostadas em certos casos.

Vemos sachristães roubarem as alfaias e mais objectos da egreja e assim andarem enganando os pios devotos, que lh'as ministram, por falta de proporção, sem terem em vista depois a vergonha e desarranjo e mais que tudo o triste epitheto de ladrão nas costas, como neste numero muita gente boa entrada tem e muito franca.

Vemos pobres militares perderem a maior parte de seus vencimentos, para locupletarem os rebatedores ou uzurarios de suas bolças e depois andarem perdidos, por falta de proporção.

Vemos prelados mal governarem suas dioceses, por entregarem-n'as de boa fé a certos bigorrilhas e bilhostres, para venderem as vigararias, e fazerem vergonhosas semonias na classe sacerdotal, para assim desacreditarem aquelles, em cujo nome se fazem estas transigencias, por falta de proporção, pois si aquelles bem pensassem, deviam tirar de si estas sangue-sugas e harpias.

Vemos homens casados consentirem suas mulheres com toda liberdade aceitarem presentes e retribuirem, sem indagarem d'onde lhes vem e vão, por falta de proporção. Os que assim obram são testas de muros, e in-

capazes de todo e qualquer vislumbre de vergonha.

Vemos filhos familias ricos gastarem desenfadernamente, para satisfazerem seus vicios e ganharem a opinião de outros seus amigos aduladores e desfructadores do seu, emquanto o tem, e ao depois os desprezarem, por os terem bem depenado, por falta de proporção.

Seria um nunca acabar, e nunca esfriar a musa, quer em prosa, quer em verso, quer em rima, quer em pés quebrados, quer em monosyllabos, si nós quizessemos nos tornar verdadeiros criticos do tempo, pois que si mais mundo houvera lá chegara, ou como Alexandre o grande que chorava pelas barbas a baixo, por lhe dizerem os geographos, que ainda havia mais mundo a conquistar, pois que tal era a sua ambição, que desejava, como pirata, tudo vencer.

Não, não prosigamos; façamos como os cossacos, que ligeiros cortavam as bridas da cavallaria do grande Napoleão, atacando-os de improviso, e depois se retiravam; assim façamos nós, temos discorrido e dito quanto convém, e é preciso.

Até mais tarde que não será longe.

A PEDIDO

—Não entre ahi, arrede-se.

—Dê licença; vou ourinar.

—Não pode.

—Então para que é que a companhia Bahiana estabeleceu esta cloaça aqui na ponte?

—Não sei; indague. O que lhe digo é que não pode ourinar.

—Está bem, fico-lhe a vontade; quando um não quer, dous não brigam.

Precisa-se saber quaes são os officiaes que foram chamados para completar o corpo de policia, por que ainda continuam os provisorios arrastando as espadas pelas ruas desta cidade, sem terem prestado serviço algum, so sim recebendo o soldo; em quanto estão de fora os que expozeram suas vidas no campo da guerra, bem como alguns do 41, que por 5 annos affrontaram a morte e as privações.

Basta.

—Sr. *Polô,* abra os olhos.

Não se faça de peteca, do contrario um meninorio com partes de *gonçalo* passa-lhe a bola.

Para exhibir uma serie de pestanejos sem rebuço, faz das suas costas *alvo,* quando as vê voltadas, o novo *Cuimar; eim,* ouviu?

Depois lhe diremos em que consiste o espectaculo.

VARIEDADES.

O passeio ao cemiterio.

DIVAGAÇÕES DE UMA MARIPOSA.

(*Continuação dos ns. 655—656.*)

Passei-me á outra campa humilde, que em vez de marmores e flores era coberta da relva dos campos. Senti que o seu morador dizia:

«—Assim como me vês desprezado e esquecido, ja fui festejado e bem quisto. Era mau cidadão; mas as minhas riquezas me faziam sombra. Meus defeitos e vicios eram apregoados por perfeições e virtudes. A' minha prodigalidade se chamava generosidade de principe; ao meu mau genio—espirituosa vivacidade; aos meus caprichos—interessantes celebreiras. No tempo dessa minha veia de prosperidade, quando os meus amigos enchiam o meu palacio, um delles fez a traducção de uns versos de Ovidio. (Creio eu, mas não o juro, pois das lettras so sabia o preciso para ler e escrever cartas de convites e de amores, e jamais occupei o meu tempo com aquillo que eu chamava sonhos de poeta.) Rime muito dos taes versos que resavam pouco mais ou pouco menos:

«A riqueza tem amigos,
«A pobreza vive so;
«Acabou-se a charidade
«Ninguem dá ponto sem nó.»

«Tive porem occasião de me arrepender da minha alegria fóra de tempo. Mas quantos Mauricios ha no mundo que se riam quando fatigados sobem a montanha, pensando no valle delicioso que os aguarda, e que chorem quando se acham nelle, lembrando-se que outras montanhas lhes será forçoso passar? Apezar disso, os Mauricios, que nunca conhecem os homens, são as mais das vezes insolentes na felicidade e pusilanimes na desgraça.

«Empobreci.... e me vi so....

«O sonho que desprezei do poeta latino, se realizou em mim. Meus defeitos se avantajaram, a proporção que o rico veu que os cobria foi cahindo.

«Vi-me pobre, vicioso, velho, doente e abandonado; e tinha a consciencia de ter gasto a minha fortuna, a minha mocidade e a minha saude para prejuizo dos outros e ainda mais para o meu!

«De todos os males, o mais custoso de soffrer são os remorsos, quando somos infelizes,

pois si o vento da prosperidado sopra, varre uma parte desses negros e tetricos vapores.

«Quando morri, ninguem se encommodou por meu respeito.

«Era um louco, diziam, que gastou o seu e o alheio. Era um homem sem costumes e sem moralidade....

«Não digo que fossem injustos para comigo, mas si a fortuna me não virasse as costas, si um rico herdeiro me succedesse, teriam usado a mesma linguagem?

(*Continúa*).

Pleito celebre.

Quasi todos se lembram, de certo, de que os jornaes americanos noticiaram ha tempo o nascimento de um homem duplo, isto é, dous homens unidos pelas costas.

Estes dous homens, ou esta dupla individualidade casou-se ultimamente com duas irmans gemeas, cuja mãe para as differençar tinha collocado uma borbulha artificial de cera no hombro esquerdo de uma dellas.

Dous mezes depois de casados, houve um fogo em casa estando todos deitados; o fogo extinguiu-se, salvando-se a muito custo as pessoas da familia.

No dia immediato, cada uma das metades da dupla individualidade buscou a outra metade do sexo opposto, e, para a conhecer, procurou o signal no braço; mas, oh! fatalidade! a borbulha de cera, havia-se derretido com o calor do fogo.

Ambos queriam ter direito á mesma mulher, por nenhum saber verdadeiramente a sua.

Finalmente a questão foi aos tribunaes, e até agora ignoramos o resultado.

Pae e filho:

—Meu filho, diz um pae, andas com más companhias; porque não procuras pessoas de bem? Olha que quem á boa arvore se chega boa sombra o cobre.

—Mas, papae, responde o sabio filho, de ruim ninho sae ás vezes bom passarinho.

Pancada de amor não dóe.

A historia que vamos referir confirma o adagio antigo que ficou escripto.

Engana-se todo aquelle que suppõe prestar um serviço á humanidade, intervindo em brigas que tenha por objecto o deus vendado. Não é debalde que o demoninho anda sempre ás contas com os seus penates, cae aqui, cae acolá.

Mirem-se neste espelho os que pensarem diversamente. O caso passou-se em Antuerpia. O leitor já vê que o amor é sempre o mesmo, na Europa como na China, na America como em toda a parte.

«Quarta-feira de manhan, nas immediações da Grande Praça, em Anvers, um individuo travou uma conversação algum tanto livre com uma camponeza. Esta enfastiada já com as declarações que lhe eram dirigidas, mimoseou o seu interlocutor com duas bofetadas tão fortes, que o fizeram cahir por terra.

Como é de costume, reuniu-se em volta muita gente; o individuo pouco fora de si com a lição que acabava de receber, estava esfregando as faces emquanto que os palradores, sempre frequentes em taes occasiões, davam á lingua, commentando o facto.

Mas eis que de repente a camponeza, talvez atacada de remorsos, toma o braço do seu adversario e condul-o a uma taberna proxima, onde lhe pagou não pequeno numero de copos. O espancado fez-lhe logo o pedido do casamento, ao que ella parece não se ter mostrado insensivel, porque ficou immediatamente estabelecido o dia para celebrar os esponsaes.»

Querem-no mais claro?

Massa de panella.

Tendo o Eterno a fantasia
De povoar o universo,
De feitio mui diverso
Creou muita bixaria.
Pôz os peixes n'agua fria,
Nos ares mil aves bellas,
Na terra sapos, gazellas,
Bicharôcos em fartura:
Mas somente a creatura
Fez da massa das panellas.

ANNUNCIOS.

FOGOS

FOGOS

FOGOS

PARA AS NOITES DE SANTO ANTONIO E DE S. JOÃO.

Grande sortimento por atacado e a retalho. feito de encommenda pelos melhores fabricantes, na bem areditada loja de João do Prado Carvalho, aos Cobertos Grandes, n. 55.

O mesmo continúa á receber toda e qualquer encommenda deste genero, bem como. de planta, rodas, etc., etc., obrigando-se a acondicionar e embarcar, si for preciso, e a mandar tocar, tanto nesta cidade como fora della.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.ª QUARTA-FEIRA 15 DE JUNHO. Ns. 658—659.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de junho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe o boato, que corre pela voz publica, de que sabbado á noite fallecera nos Mares e sepultara-se domingo no cemiterio do Bom Jesus uma moça de nome Maria, em razão de achar-se gravida, e querendo occultar esse estado, consultara uma parteira, a qual administrou-lhe uma beberagem, que, sem produzir o effeito desejado, a levou a sepultura.

Não é a primeira vez que resultam consequencias funestas pela imprevidencia com que se tolera que taes mulheres achando-se reformadas do mundo, se arvorem em curandeiras.

Neste sentido, pede-se a S. S. que mandando syndicar do facto, á ser exacto, faça pesar as penas da lei sobre a causadora, embora indirectamente, dessas duas deploraveis mortes.

—Ao mesmo, observando-lhe que é improprio do adiantamento desta terra o espectaculo por demais repugnante de achar-se o campo do Forte de S. Pedro convertido em uma vasta jogatina, onde immensidade de individuos sem occupação, installados por baixo das arvores, entregam-se a pratica desse vicio, sem respeito as leis e as authoridades. Espera-se, outro sim, que S. S. dê ordens para que haja a mais severa vigilancia sobre certas casas de proposito estabelecidas pôr ali e onde se dão todas as scenas, que a moral condemna.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um desconchavado e incommodo samba que ha á noite, em sua visinhança, no sobrado n.º 16, á rua da Ordem 3.ª, em que moram algumas creoulas. Alem da matinada e tribusana de pés, os convivas do tal *soirée de pobre,* quando sentem excesso de calor, não são muito escrupulosos em respeitar a decencia, visto que, de janellas abertas, cada um se põe á fresca, deixando ver o corpo dos pés á cabeça. A actividade e zelo de S. S. não consentirão, de certo, que semelhante orgia continue.

—Os Srs. que assignaram o *Rocambole* e não quizeram pagar, cheguem para ajustar contas.

Pois os Srs. continuam a zombar e nada de cobres?

Entendem que os pontuaes devem pagar para os Srs. ler de gauderio, embora lhes fique a pecha de caloteiros?

Ora vejam qual das duas querem: ou pagar ao Miguel e ao Maximino, que irão receber; ou lerem seus nomes em lettra redonda, por motivo que não é la muito lisongeiro.

Decidam.

Mesmo que é preciso saldar o debito em que se está para com os bons pagadores.

—Tenho ouvido dizer que para as bandas da *estrada de pau*, dão-se factos reprovados, immoraes.

—Conte-me que quero ouvil-o.

—Um delles é que na Pojuca morava um velho com tres filhas honestas, duas menores.

Um inglez, empregado na companhia, seduziu a uma, deflorou-a e depois raptou-a.

—Aposto que não *foi o guarda tronco*.

—Nem eu estou dizendo que *foi elle*.

—Algum tempo depois, o *godême* fez a mesma graça com a segunda.

Estuprou a menina em casa do pae e depois levou-a para a mesma casa onde tinha a outra irman.

—Bravo communismo!

Para ser completa a polygamia, [illegible] a ambas o mesmo leito.

—A primeira seduzida não [illegible] com a sociedade, desgostou-se [illegible] pouco tempo enlouqueceu.

—Está o resultado.

...ão de Lima.

...do theatro.

...ao parecer vai muita gente ao

—Os inglezes por ali são mais do que o presidente em palacio, e por isso o velho viu com olhos gordos suas duas filhas prostituidas, por um seductor, habitando uma so casa, sem nada ter a oppor, e antes foi compellido a tornar-se as boas com o *befesteque*, para não soffrer.

—As vezes succede assim; a victima é obrigada a beijar a mão do carrasco.

—Agora, dizem, que um outro empregado da estrada, brasileiro, entendeu que, si não foi crime o inglez deflorar duas filhas do homem, muito menos elle a terceira, e *firme no* proposito de seduzil-a, arranjou uma interina chefatura para estação perto onde mora o velho.

—*Conquistou* a menina e disse-lhe que fugisse e seguisse para Catú, onde elle a embarcaria no trem e a levaria para uma casa a *Cruz do Damião*.

A menina gramou duas leguas a pé, e chegando em Catú embarcou, mas como não ha gostos perfeitos, o pae tinha dado por falta da joia e telegraphado partecipando o occorrido ao perversor das primeiras que é hoje seu camarada.

—Pelos signaes sei quem é o magano. E' um rapaz que ja teve o atrevimento de dar um beijo em uma senhora embarcada no trem, pelo que foi suspenso; e que sendo subdelegado...

—Que laia de authoridade!

—... raptou uma menina na freguezia de Santo Antonio e depois de desfructal-a, offereceu-a a um estudante.

—Escute o resto.

O inglez é uma especie de padre *Manuel da Hora*, que tudo que vê cobiça. Em Pitanga foi ao encontro da pequena e embaraçou-lhe a viagem; mas em vez de entregar o fardo a seu pae, chamou á sua folha.

—E' por demais ambicioso; nada lhe farta.

—O chefe maior do trem suspendeu o empregado brasileiro pelo acto immoral que praticou.

—E ao inglez?

—Como é seu patricio ficou impune.

—E dizem que os inglezes são um povo amigo da justiça!

—Uma empreza com taes empregados não inspira confiança a uma senhora de transitár so pelo risco de ser ultrajada.

—Como ja aconteceu com a que o tal sujeito animou-se a beijar.

—Este é *firme no* impudor.

—Um dos officiaes ultimamente chegados, contou-me esta espirituosa anedocta.

Achava-se em tratamento em um dos hospitaes de Buenos-Ayres um soldado que fôra ferido no arroio Bellaco.

Gemendo com as dores exclamava desconsolado:

«Meu Deus! Meu Deus!»

A estas vozes, acudiu uma formosa joven, irman de charidade e lhe disse:

«Porque chamas por Deus? Diz-me o que queres delle, por que eu sou sua filha.»

Então replicou o soldado com um sorriso malicioso:

«Pedirei a Deus que me conceda a dita de ser seu genro.»

—Que massada! Ha tres dias estou impossibilitado de concluir um negocio.

—Quem lhe empata?

—Tenho um papel preso na relação ecclesiastica, por não haver quem passe uma certidão.

—Então os empregados desappareceram?

—Não sei; disseram-me que o conego Cyrillo, a quem competia passal-a, está atacado dos nervos e não ha quem o substitua.

—Que modelo de repartição publica!

—E pague se emolumentos, direitos e impostos e soffra-se impecilhos!

—Venha cá, Sr. aspirante. Vm. está um tanto insubordinado. Por onde se metteu hontem, á noite, que não compareceu á bordo?

—Desculpe-me, capitão; andei pelo Caes Dourado e descuidei-me; quando quiz embarcar o escaler tinha largado.

—Aposto que não dá nada de novo.

—Pouca cousa; uma conversa apenas.

—Cujo interesse é nenhum.

—Tem algum, pois refere-se em parte a tripolação.

—Então desembuche.

—Em casa da Chica Onça, dois sujeitos dialogavam assim:

«—O chefe de policia mandou chamar o Paiva á sua presença.

«—E recebeu-o muito zangado; mal o homem foi transpondo a porta do gabinete, gritou-lhe que tinha pessimas informações delle.

«—São intrigas do cabo do destacamento, que sendo subornado por João Cardoso, quer perseguir-me; ao passo que consente que João Cardoso pratique toda sorte de fraude, respondeu Paiva.

«—Não prova, disse o chefe.

«—Até com testemunhas, disse o Paiva.

«—Tranco-lhe as portas.

«—Authorisado com a lei, Sr. Dr., é como podo fazel-o.

«—O Sr. com quem pode contar? Com tres ou quatro amigos o com o *Alabama*; en-

tretanto o cabo aqui conta comigo, com o presidente, com o juiz municipal, com o commandante do corpo e com todas as praças do batalhão.»

—Mas V. crê que um magistrado circumspecto e grave, como é o Dr. Antero, fosse lá baratear sua dignidade de authoridade a tal ponto?

—Não.

—Então para que me vem contar conversas de bocorios que andam pescando de orelha?

Era preciso que o chefe de policia fosse um homem desasisado, uma authoridade estonteada, um caracter leviano, para se expor a jogar palavras inconvenientes com uma parte que vae á sua presença e trazer a balha o humilde *Alabama* que nenhum mal lhe faz e antes nutre desejos de ajudal-o em sua ardua tarefa.

—V. hoje causou-me serios cuidados.

—Porque?

—Julguei que tinha enlouquecido. Encontrei-o na rua de Baixo n'uma furibunda carreira que não dava assumpto a nada.

—Quer saber a causa?

A falta de regularidade que ha nas emprezas desta terra.

—Mas então?

—Os trilhos urbanos annunciam viagem a 7 e 20; levo minha familia para o largo de S. Bento, e só depois das 8 horas é que chega o vehiculo.

Vou comprar bilhetes e dizem-me que fosse compral-os na Piedade.

Ora, faça idéa em que aperto me vi; tendo o trem de partir dahi a 5 minutos!

Para voltar com a gente para casa era cravo; não tive remedio sinão largar-me na estafadora carreira em que me encontrou, para ir a Piedade e voltar em tempo.

—Tudo aqui broma. Os trilhos urbanos garantiram tanta cousa e vão pouco a pouco faltando ao que prometteram.

—Não se pode dar maior pouca vergonha, capitão.

—Que alteração é essa? modere-se.

—Ora deixe-me! assim tambem é demais.

Arrancar do povo dinheiro, para dar-se a um homem que coopera para prejudicar a salubridade, cria montureiras aqui e ali dentro da cidade, é escandalo que não se qualifica.

—E lhe doe a cabeça isso?

—Em cima tem elogios quem faz um contracto para limpar as ruas e é o primeiro a infringil-o com grave prejuizo do publico e desar nosso aos olhos do estrangeiro.

—Não seja exagerado.

—V. Ex. faz-me um favor?

Dê um passeio a Cova da Onça para ver com seus olhos.

O homem do cisco não commette um dolo fazendo dali despejo?

Um logar tão habitado, onde ha uma casa de educação, a agglomeração de materias putrefeitas, não pode trazer graves inconvenientes á saude dos moradores?

—Pode sim; mas o que eu acho impossivel é que elle faça isso.

—Si não é elle, são seus agentes, o que eu duvido; porque estes não quererão sujeitar-se a uma demissão, a uma pena.

—E em todo caso, a responsabilidade é delle, sendo exacto, porque relaxa a empreza.

—Certo e certissimo; tenho visto; não é cousa que me contassem; hontem tive a cachimonia de tomar a numeração de dois carros que despejavam lixo, quando eu passei.

—Quaes foram?

—20 e 23.

—Bom; quem falla assim sem rebuço, tem consciencia do que affirma; neste caso o Sr. chefe de policia, si não quer que digam que é comparticipe do deleixo, que tome providencias.

—Continua o Sr. Manuel Bento de Lima a mostrar que é um portento:

«Manoel Bento de Lima, Membro e Delegado da Companhia inter nacional Forence, e Luso Brasileiro do Rio de Janeiro, Cirurgião Alferes da Sessão de Batalhão n. 1 da Guarda Nacional, Juiz de Pas e Municipal Substituto interino deste Municipio, Presidente da Camara Municipal e Agente do Correio.

FAZ SABER AO RESPEITAVEL PUBLICO que, por impedimento do respectivo Juis Municipal o Alferes Antonio Antunes Maciel, se acha no exercicio deste em prego, por ser o Veriador mais Votado, da Camara; por isso que dará audiencia—Audiencia nos dias 4.ª feira de cada semana as nove horas do dia, e sendo feriado nodia imediacto, despachará emtodos os dias uteis das 8 horas damanhan até omeio dia e das 2 ate as 4 datarde.

Epara que chegue aneticia de todos e não haja ignorancia mandei publicar e afixar o presente e dital. Mato Grosso 23 de Janeiro de 1870. Eu Julião Francisco da Cunha, Tabellião e escrivão do Juizo Municipal que o escrevi.

Manuel Bento de Lima.

O passeio no largo do theatro.

Parece o comtudo do ser ao parecer vai muita cousa; parece que dirá muita gente ao

ler o titulo d'este artigo, que é elle bem pouco significativo. Assim é, porque não quizemos imitar a estas cousas que por ahi se conhecem, com rotulos mui pomposos, titulos extraordinarios, e afinal de contas, desenrolada a novidade não passa de um sabonete sem cheiro, ou d'alguma pouca de manteiga de porco com fumaças de pomada cheirosa. A modernice tem adoptado este costume; sempre muito espalhafato e poucas obras; muita illusão e nenhuma realidade.

Mas.... basta de exordio e vamos ao artigo.

Hoje é em nossa cidade um logar bem cheio de considerações o largo do theatro, ou praça de S. João.

Nos annaes dos filhos tirados á patria; na historia dos vadios, no vasto alfarrabio de suas cavallarias, merece particular menção esse largo: para elles é o balcão mais afamado, e onde vendem sempre a bom vender as suas mercadorias. Não sei por que, (elles que o digam) esse largo se tem tornado celebre.

De um lado, assentos protectores, e que pena é não terem ouvidos; do outro, longa fila de mercadoras de doce e rolettes; em frente um hotel e uma fileira de botequins e vendas, sem fallar na brisa que ahi reina sempre, o que tudo concorre para fazel-o um bom e agradavel passeio, e precioso rendez-vous de *negocios sem nome*, e pouco conhecidos.

Isto posto, considerarei com o leitor o largo e nelle passearei.

São seis horas da tarde. Ja pouco ha de luz, e o crepusculo do dia apenas mal permitte conhecer os objectos: a noite faz a passos graves a sua entrada triumphal, em presença do seu inimigo—o dia, que foge ás carreiras por invariavel regra da natureza. O largo está cheio de passeiadores; uns que procuram, outros que desejam ser procurados. N'uma e n'outra parte, em grupos, conversam, annunciam as novidades, e não poucas vezes fallam da vida alheia os passeiadores.

La estão, as portas dos botequins, outros grupos que, si não passeiam, vem até ali em busca de palestra, ou de parceiros para a contenda, onde tudo se decide no correr de uns dados, ou no baralhar de umas cartas.

Aquelle pois que passeiar por ali, se regalará de ver boas cousas e muito terá que contar.

O passeio no largo do theatro é em verdade muito agradvel, e quem o fizer com ouvido attento e curioso ouvirá cousas para composição de muitas novellas. E' de lamentar que por elle não estirasse as pernas um Paulo de Kokc, pois que ricos romances comporia elle por certo!

Ouviria n'um canto, a mulher que depois de viver muitos annos com um homem, depois de haver sido por elle levantada do pó, fugindo de sua casa, ali está a commerciar o infame commercio de seu corpo e usando de termos que revellam sua miseria.

Ouviria ao mancebo trahido pela amante, a contar com enfaze ao seu camarada, que com elle passeia pelo braço, os favores que obteve, os seus dias de felicidade.

Ouviria o negociante quebrado queixando-se sosinho das faltas que experimenta agora, e que buscou o passeio no largo, para allivio de seus pesares.

Oh! ouviria muitas cousas, pois que n'este logar se tratam muitos interesses differentes.

—Onde me heide encontrar com V. á noite? pergunta-se por ahi.

—No largo do theatro. Eu vou dar um passeio e ali lhe esperarei.

—Pois bem: olhe não falte.

D'estes rendez-vous se fazem todos os dias entre si, os gaiatos da moda, os amanteticos de boa vida, que formam d'este largo o final de seus passeios.

E não deixam elles de ter razão, pois que para maior bem, quando enfarados se acham, teem ali hoteis, onde busquem uma conversa, uma limonada, um taco para o bilhar, um charuto, ou um sofá para descançar.

E não deixam elles de ter razão, que ao redor d'este largo, a civilisação, que estuda cada voz mais os gostos da humanidade, tem collocado, como habil que é, diversos chamarises para illusão de seus sentidos, esvasiamento de sua bolça e perdição de seus sentimentos.

Depois de haver passeiado por algum tempo, depois de se haver embriagado de fresco, é bom, é sem replica muito bom, dar um ou dois passos, e poder tomar uma boa chicara de café, um bom copinho de conhac, ou uma chavena de chá com sua torrada.

Passeios como estes, são um manancial de felicidades para certa gente. Ali, o homem que não comeu todo o dia, facilmente toma uma amisade de onde lhe parte um convite para refrescar-se ou petiscar em alguma das casas destinadas para este fim. Com geito e modo, o fumante sem dinheiro, acha não só bom charuto para fumar, como até provisão d'elles para o dia seguinte. E as mais das vezes, graças a sua industria, a mulher que veio passeiar em busca de fortuna, leva com que matar a fome, e acalentar os gritos do estomago, credor que não admitte desculpas.

Ora, pergunta-se: não parecia por certo o titulo do artigo sugeito a um tal desenvolvimento?—Pois foi, e inda de muito maior po-

deria sel-o, si me não atacasse a senhora preguiça.

A PEDIDO

—Então, ainda namora muito?

—Com quem?

—Veja si quer que descubra tudo.

—Diga, não temo.

—O que V. não tem, é pudor praticando tamanha pouca vergonha, sem o menor respeito a moral publica.

—Não se importe.

—Os moradores dos *pés de laranja* bradam contra a publicidade com que V. e sua *ella* patenteiam os impulsos do coração.

—E o Sr. constituiu-se procurador delles.

—Sim, meu *academico*. Entendo que n'uma janella, não se procede tão livremente; si fosse n'um logar solitario, por detraz de alguma *moitinha,* va lá.

—Capitão, ha tempos um dos jornaes diarios de Minas, publicou um phenomeno que naquella provincia se deu de uma porca ter dado á luz um leitão semi-humano.

—E a que vem isso agora?

—Si as conchinchinas e cadellas fossem fecundas ou de natureza identica, em Latronopolis se admiraria mais um parto, filho da extravagancia humana.

—Que cousa sem pé nem cabeça!

—Não sei si tem ouvido alguem fallar de um certo cujo que, dizem os meninos do *trem de paz,* gostava dessa variação, brutal em sua essencia.

—V. sempre sahe-se com cousas!

—Si nom é vero é bem trovato, capitão.

—Novidade!

—Para dizer qualquer cousa não é preciso fazer alarma.

—O *Neptuno* abandonou seus dominios, em busca da sua *ella,* que voou como icaro e cahiu no pincaro de uma *pedreira*, onde, sempre gorda, com o seu nenê, parece disposta a gastar so oleo de *babosa* em seus negros e curtos cabellos.

—Mais vale um gosto que quatro vintens.

—Aquelle heroe é um dos muitos, si é que não mente uma ethiope beldade, que depois de si lhe apoderar a mania de *virar gato* de noite, mandou para a roda um pecurrucho.

—Linguarudo!

—Quero não dar credito ao que ella me disse, por que lingua de mulher sempre é lingua de mulher; todavia não sei a razão, porque o *Joaquim garopeiro*, deixando a cara metade em um *porto seguro*, e travando aqui relações com uma nympha do Caes do Ouro, de nome Izabelzinha, deu tão mau trato a uma sua afilhada, que lhe originou uma formidavel hydropezia, molestia que durante nove mezes atormentou e so depois deste tempo começou a declinar.

—Ah! V. hoje está para esmerilhar a vida alheia? Suma-se.

—Que gosto estrambolico.

—De quem, homem?

—Daquelle moço que trepa-se n'um pé de gonçalo alves, e põe-se a imitar o macaco nas momices, para quem está na *calçada* da rua.

—Celebreiras.

—Mas como a cousa cheira a *tijollo* e os namorados tem a propriedade de se parecerem uns com os outros, isto é, em serem patetas, merece desculpa o tal Cupido com honras de macaco.

—Com tudo é bom que faça o seu *tijollo* de maneira que não dê escandalo.

—No Rio de Janeiro os garotos cantam e assoviam a seguinte cantarola.

«Chegou o tempo feliz
Do progresso e d'invencioni;
Os templos de pedra cahem,
Levantam-se de papeloni.
São ideias do mironi
Que prepara o barroconi.

Com tinta, sarrafo e panno
Apanha-se muito tostoni;
E sobre um logar profano
O povo faça oracioni.
Mas a rir-se o lazaroni
Vai pregando logracioni.

Depois que chore a desgraça
A patria afflicta a pedir
O dinheiro dos impostos
Por ahi é qu'elle ha de ir.
E viva la protecioni
Que se deu ao macarroni.

Oui.»

—Talvez seja lembrança de algum maligno em allusão ao templo de papelão que está edificando o genro do Sr. Itaborahy.

Attenção.

Chama-se os dous moços que entraram as nove horas e um quarto do dia 2, no *Passo da Patria*, para que venham deitar o chapeu de sol no logar de onde o tiraram por *engano*, para não darem logar a que seus nomes, tão conhecidos, sejam publicados por uma ninharia, que nada adianta.

O prejudicado.

VARIEDADES.

O passeio ao cemiterio.

DIVAGAÇÕES DE UMA MARIPOSA.

(*Continuação do n. 637.*)

De outra campa dizia uma voz sentida:

«—Tu, ao menos, foste rico e feliz no mundo, e, si depois cahiste na pobreza e abandono, deveste-o a ti: mais eu, nasci no seio do infortunio, toda vida me vi a braços com elle, apezar dos meus muitos esforços, para sahir da sua tutella.

Ninguem me ajudou na minha tarefa, porque todos os que tinham vontade não tinham forças, e os que tinham estas, faltava-lhes aquella.»

Esvoacei para um elevade tumulo pensando—este ao menos não se queixará de sua vida.

«—Enganas-te, me sussurrou, ninguem com mais justo motivo solta queixumes, pela desgraçada vida que teve. O meu infortunio, por ser dourado, nem por isso deixou de ser infortunio. Fui toda a minha vida opprimido, contrariado; oppresso e illudido.

Nada me daria allivio sinão chorar e lamentar-me, mais o mundo se riria de minhas lagrimas, motejaria de meus queixumes. Assim, era obrigado a sorrir, quando desejava chorar; recebia felicitações e visitas, quando desejava estar só.

Este mesmo monumento á minha memoria me pesaria, si as cousas deste mundo me importassem ainda, porque foi levantado pela pessoa que mais dissabores me deu na vida.»

Si os ricos se lamentam, que admira que os pobres o façam? disse eu, com as minhas pequenas azas. Deus seja louvado, que me não fez um desses entes humanos, que padecem por que são loucos, por que são pobres, ou por que são muito ricos. Antes ser, como eu sou, uma humilde

Mariposa.

Soldado generoso.

Em frente d'uma estação do caminho de ferro, um pobre saltimbanco, trazendo comsigo dois filhos, tinha parado ao pé d'uma vendedeira de maçans, peras e uvas, que os pobres pequenos devoravam com os olhos.

—Eu tenho fome, pae; disse o mais pequeno.

O pae não respondeu; seu rosto se mostrava amargurado.

—Tenho muita fome, repetia o pequeno.

—Não ouve o que diz essa criança? disse um militar, que ia com licença e levava algumas provisões.

—Ouço muito bem, respondeu o pae; mas que heide fazer, si não tenho um real de meu?

Vamos a ver o que se pode fazer. E o soldado tirando o embornal, safou um grande pedaço de pão, e o deu ao saltimbanco dizendo:

—Tome, dê de comer a essas crianças. E como o pobre pae agradecesse com effusão; o digno militar acudiu logo, dizendo:

—Nada de palavras; quando um dia tiver bastante; é fazer o mesmo a quem tem fome.

O homem mais malvado.

Ultimamente entretiveram-se algumas folhas inglezas a procurar qual seria o homem mais malvado. As opiniões differiam muito, como era de esperar. Apontaremos algumas das mais originaes.

Disse o *Exchange* que o typo do malvado estava no homem que, depois de ter demorado em seu poder durante muitas horas um numero de periodicos, o reenvia com as palavras *não quero*. Esse homem, segundo o *Exchange*, seria capaz de comer o jantar de um cão cego, e de correr depois o cão a pedrada, so por ser cego.

O *Iron City* diz que faria peior do que isso, porque mandaria embora sua mulher, passada a lua de mel, escrevendo-lhe nas costas estas palavras com giz: *Não quero*.

O *Standard* é de opinião que o malvado roubaria o giz e se serviria delle para branquear a sua roupa suja, para não dar que fazer a lavadeira

Segundo o *Star* seria o maior malvado o que perseguisse um rato doente, e, depois de o ter agarrado, mandasse fazer a autopsia no cadaver do bicho para entrar na posse de um grão de trigo que elle roubara.

Pela sua parte o *Torch-light* diz que seria o miseravel que amaldiçoasse sua mãe cega, por ir mendigar um bocado de pão a sua porta, ou aquelle que desse dez reis a um filho para o mover a deitar-se sem ceia e no dia seguinte lhe pedisse dez reis pelo almoço.

Emfim, o *Banner* entende que o maior malvado seria o que vivesse folgadamente do lidado suor de seu pai decrepito, e quando o velho ja não podesse trabalhar, o mandasse para um asylo de beneficencia e vendesse depois o seu cadaver a estudantes de medicina.

Effeitos do ciume.

Era uma vez um homem casado; aconteceu que um dia fosse visital-o um amigo, e ambos encerraram-se em um gabinete para melhor tratarem em libordade de seus negocios.

A esposa do dono da casa, mulher ciumenta em extremo, ainda estava na cama; mas, ouvindo fechar-se a porta do gabinete, levantou-se, vestiu-se com uma presteza inacreditavel, e correu a escutar pelo buraco da chave o que se passava entre seu marido e a pessoa recem-chegada. Acreditou, sem duvida, que era mulher, pareceu lhe mesmo ouvir rugir a seda do vestido, e que tinha ouvido tossir a introduzida. Porem, afinal, convenceu-se de que era um proximo de calções, quem conferenciava com seu marido.

Mas, oh dôr! ouve o seguinte dialogo:

—Ainda mais dinheiro? Santo Deus, que a tal Felicidade nada tem de Santa, já me tirou do bolso cerca de 2:000$ rs!

—Pois, meu charo, console-se comigo, que a Esperança já me custa mais de cinco, e ainda nada.

Façam os meus leitores idéa como ficaria a ciosa esposa que taes palavras ouvia com a desesperação da mulher trahida.

—Ouve, continuou o da Felicidade, cuidado que minha mulher não o suspeite siquer, porque não gosta destes negocios, e lá se iria o dinheiro adiantado.

—Descansa, e quando iremos vel-as?

—Tenho grande desejo; agora mesmo si o quizeres.

—Pois vamos. Sejam ellas o que a gente deseja, é o que se quer; a minha é ouro fino.

—E a minha! ah! estou louco de contentamento.

De repente ouve-se um estrepito horrivel na porta do gabinete, que se abre, de par em par, ao impulso da força e dá entrada a uma mulher, a uma féra com os cabellos soltos, vestida machinalmente e no maior estado de exaltação possivel.

—Si passas, mato-te e mato-me tambem; exclamou a bichinha, dirigindo olhares de fogo sobre o pobre marido; e o senhor, amigo traidor, fora, fora immediatamente da minha casa.

—Porem, mulher... senhora, disseram os dous quasi a um tempo.

—Nem mais uma palavra, retorquiu ella, rangendo os dentes de raiva; nem mais uma palavra! O senhor ha de fazer-me o favor de não tornar mais á minha casa, e tu... tu... nós o veremos depois.

Quasi arrastado por um braço pela esposa em colera, o amigo desceu até a porta da rua, que cerrou-se após elle.

Não houveram forças humanas que acalmassem aquella féra.

Momentos depois, quando seu marido a viu mais tranquilla, e livre do accesso de loucura porque havia passado, lhe perguntou então:

—Ora, agora diz-me, porque foi que fizeste tanto barulho?

—Porque foi? ainda me perguntas? pensas que não ouvi tudo?

—Tudo o que?

—A tua conversa sobre Felicidade e Esperança?

—Ca, ca, ca, ca, ca...

—O senhor ainda ri-se?

—E porque me não hei de rir? Agora o verás.

E o esposo abriu a gaveta de uma secretarja, e mostrou á sua mulher, boqui-aberta, as acções das sociedades mineralogicas *Santa Felicidade* e *Esperança*.

—Meu Deus! exclama estupefacta a ciosa mulher, pois era disto que fallavam?!

E abaixou o rosto corrida de vergonha.

Aproveitar-lhe-hia a lecção?

Duvidamos.

Esta casta de bicho, rarissimas vezes se emenda.

Graças desengraçadas

com que certas moças pretendem se tornar interessantes diante das visitas.

Dar uma carreirinha quando vae buscar alguma cousa na sala de dentro. Ora, si isto é feito por uma menina de corpo elegante, vá; mas si é praticado por uma que quer ser bonita e orgulhosa, só a caxação.

Quando lhe fallam em casamento dizer logo que não quer para não deixar a companhia dos paes.

Encommendar a todos os conhecidos livros de novellas e romances modernos, para não os ler, dizendo todos os dias que a obra é muito interessante e que está anciosa de chegar ao fim para ver a conclusão do enredo.

Dar a negrinha recados na janella, para se levar a camarada da visinhança.

Esconder-se, tardar em apparecer e até fingir-se zangada, quando está em casa rapaz que a elogiou por bonita, que é para ver si com o arrufo excita maior paixão.

Fingir-se innocente e ingenua para ganhar fama de bom genio e apparecer casamento depressa.

Andar toda retorcida com tregeitos para imitar faceirices.

Importunações diabolicas.

Conversa em dia de sahida de navio.

Visita comprida á doente perigoso.

Emprestar cavallo á estudante em dia de festa.

Hospede de ceremonia por mais de tres dias.

Sogra falladeira morando em casa.
Cobrança a hora que se está jantando.
Visinho que pede fogo todos os dias.
Pobre teimoso a pedir esmola.
Serviço de guarda nacional em dia de chuva.
Freguez que tudo quer ver e nada compra.

Motte

Sou feliz por que não amo.

GTOZA.

Amei-te porque fui tolo,
Não sabia quem tu eras,
Mas agora sei de veras
Que fazes muito tijolo;
Que tenhas algum miolo
E' so o que a Deus reclamo,
Contra ti furias não chamo,
Porque em vão chamaria,
E dizer não poderia
Sou feliz por que não amo.

Perguntas e respostas.

Que elemento se inspira das flores?—Aroma.
A virtude que mais lisongeia?—Fe-licidade.
O sentimento qué mais abranda?—Doçura.
A nota de musica que mais se condemna?—Re-publica,
Aonde mais se dirige a mão para os cumprimentos?—Pala-cio.
Que luz se fabrica nas casas?—Clara-boia.
O nome de homem que junto ao artigo varia de sexo?—Luiz-a.

Cousas difficeis de se achar.

Amigo verdadeiro.
Mulher que falle pouco.
Moça que não queira casar.
Dinheiro no meio da rua.
Negro sem catinga.
Marinheiro delicado.

Cinco cousas perdem uma casa.

Hospedes.
Funcções.
Desmazelos.
Linguas compridas.
Maus visinhos.

Cousas que fazem rir.

Um sujeito endefluxado que se esquece do lenço.
Um namorado a quem o sapato aperta o calo.
Um redactor de folha diaria em dia de chegada de vapor.
Um militar de uniforme e barretina montado em um burro.
Um padre de cabelleira furada.
Uma mulher solteira, bem comportada, que aluga os fundos ou a frente da casa a homem do commercio, que não tem familia.

Perguntas.

—Qual é a bebida que tomamos pela cabeça?
—O cha-peu.
—Qual é a parte do livro que vive na arvore?
—A folha.

Certo commandante de uma companhia, querendo chasquear em seu alferes disse:
—Não sahe ninguem da forma. Olhem que tenho aqui dous olhos e um atraz que é o meu alferes.

Epigramma.

Qual é (pergunta um sujeito)
A classe mais immoral?
(Responde um outro)—No mundo
Prima bem a clerical,
Pois refiro-me ao proverbio,
Creio não ser lisongeiro,
Que *só espeto de pau*
Vê-se em casa de ferreiro.

ANNUNCIOS.

FOGOS

FOGOS

FOGOS

PARA AS NOITES DE SANTO ANTONIO E DE S. JOÃO.

Grande sortimento por atacado e a retalho, feito de encommenda pelos melhores fabricantes, na bem areditada loja de João do Prado Carvalho, aos Cobertos Grandes, n. 55.

O mesmo continúa á receber toda e qualquer encommenda deste genero, bem como de planta, rodas, etc., etc., obrigando-se a acondicionar e embarcar, si for preciso, e a mandar tocar, tanto nesta cidade como fora della.

A Manufactura popular.

defronte do Correio, precisa de officiaes de alfaiate peritos.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.ª SABBADO 18 DE JUNHO. N. 660.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de junho de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, para que mande tapar um grande buraco que ha no Maciel de cima, encostado ao passeio de um dos lados da rua, afim de evitar algum desastre.

Portaria ao fiscal de Brotas, para que intime ao Dr. Villas-boas, com roça na Madre de Deus, a observancia da postura n. 35, a qual estabelece aos proprietarios de predios rusticos a obrigação de trazerem varridas e limpas de ramagens que, impeçam o transito, a frente de suas propriedades. Cumpra.

—Si eu fosse homem que acreditasse em abusão, dizia que esta ladeira da Saude é mal fadada.

—V. dirá porque razão.

—Porque é uma ladeira que de quando em vez soffre concerto e sempre está esburacada.

—E' que talvez deem a obra a algum alfaiate para fazer.

—Não faz muito tempo que foi calçada e já tem cada barroca capaz de accommodar um homem.

—Como a camara está remendando as ruas é provavel que se lembre della.

—Não é nada, não é nada; um imprudente costume por poucas que não envia cinco ou seis pessoas para a sepultura.

—Porque forma?

—Estilhaços de uma pedreira que o Dr. Demetrio Bandeira está quebrando no Rio de S. Pedro.

—Creio que a policia já prohibiu.

—Si prohibiu não fizeram caso, porque continuam a dar tiros para a estrada, pondo em risco imminente a vida de quem passa.

—E naquelle caminho tão frequentado por causa dos enterramentos!

—Quinta-feira atacaram fogo á referida pedreira e cinco pedras voaram pelos ares e foram cahir a alguma distancia, em logar que se achavam reunidas diversas pessoas.

Uma das pedras pesava 16 libras, e está em casa do subdelegado da Victoria, duas quatro libras e duas meia libra.

O Sr. Manuel Fabricio, que se achava em sua porta, com uma criança nos braços, escapou por um tris; um dos estilhaços cahiu-lhe aos pés; a que pesa meia arroba cahiu ao pé do Sr. Leoncio Zenon de Castro e as outras entre uma mulher de nome Angelica de tal e duas lavadeiras e mais algumas pessoas.

—Viram a morte nos olhos.

—Todos os dias estão acontecendo desgraças, pela facilidade com que é feito semelhante ramo de serviço tão perigoso.

—E nada de apparecer uma prevenção.

—Aqui dentro da cidade mesmo as pedras que se quebram na montanha, vão cahir dentro d'alfandega e do arsenal e aos pés de quem anda por aquelle cordão de ruas.

—Ao menos prohiba-se tão arriscado systema nos logares perto do transito publico.

—Na rua do Julião está se demolindo um sobrado.

—Para facilitar o curso dos trilhos urbanos; é cousa muito sabida.

—Mas não sabe do desastre que houve lá na terça-feira.

—Isso não.

—Pois ouça.

Os pedreiros atiram sem cautela as pedras que vão arrancando; umas cahem dentro do edificio e outras na rua.

—N'um logar tão estreito e onde passa tanta gente!

—Diversas pessoas tem sido molestadas levemente por pedras miudas; caliça e cascalho não se falla, leva-se em cheio pelas ventas.

—Que serviço desasado!

—Na terça-feira despencaram um formidavel pedregulho que veio sobre uma preta e esmagou-lhe os pés.

—E' no que dá o pouco caso, o lá se avenha.

—Os pedreiros logo que a viram estendida por terra desappareceram.

—Si se tivesse prevenido em tempo, aconteceria isso?

—De certo que não.

—E assim é tudo mais.

—Justiça de Deus!

O bispo de Pernambuco negou sepultura ao general Abreu e Lima, a pretexto de que era dessidente, não obstante elle nas ultimas vascas da agonia extrema, na occasião em que deu o derradeiro suspiro, ter dado provas de verdadeiro christão, pois morreu abraçado com uma imagem do Crucificado!

Não obstante todas essas provas, o bispo, por vinganças mesquinhas, o que não deve existir em um ministro da religião catholica, não lhe quiz dar sepultura!

—Mas ao que vem V. agora trazer isso?

—E' que o bispo indo agora ao concilio em Roma, lá morreu, fora de sua patria e de sua diocese, em terra estrangeira, e lá se acha sepultado.

—Deus que se compadeça da sua alma.

—E devemos exclamar ainda: ☞ *perdoae-lhe, meu Deus, elle não soube o que fez!*

O que perde, e o que ganha.

Quem haverá que descrever possa com precisão o que se passa no coração d'estas duas entidades — o que perde, o que deixa ao parceiro até o ultimo vintem de sua bolça, e o que ganha, o que mette na algibeira as moedas do parceiro, cujo tinir lhe enchem de alegria?

Um leva o desespero no coração, a cabeça esquentada, as faces afogueadas, os pensamentos desencontrados de arrependimento e pesar: o outro caminha ligeiro, fazendo abortos, e liberal em extremo, rindo-se até para as pedras que tem debaixo dos pés, e phantasiando pagodes e divertimentos com um dinheiro que nada lhe custou, e que elle julga vindo do ceu.

Oh! são dous entes em tudo differentes, o que perde e o que ganha.

A senhora D. Prudencia, é uma viuva honesta, que recebe o soldo de seu marido morto em combate, cujo unico defeito é possuir um filho peralta de nome, á quem nunca teve animo de reprehender e que não tem remedio sinão empregar em seu serviço.

Chega o fim do mez e a pobre senhora manda o filho, que é seu procurador, receber o soldo necessario para sustentação da casa.

O amavel sahe e recebe: até ahi vai o negocio as mil maravilhas e não ha nada que se lhe diga.

Mas ao voltar para casa, o tal moço se lembrou de tomar um capilé em uma casa publica, e por que estas casas hoje contem capilés de todas as qualidades, acontece que veja ali um jogo, e não possa conter-se tendo na algibeira os cobres recebidos, e vai não vai, eil-os perdidos, e perdidos sem esperança de tornar a ganhal-os por isso que não tem mais vintem e os companheiros deram com o *rigorozo* basta.

Ora, quem em tal circumstancia se tiver visto, e ferido tambem for, que imagine se ha situação egual a esta; se haverá desespero maior. Como apparecer em casa? como dizer que perdeu? Isto seria o menos, por que em fim, a senhora D. Prudencia, é a prudencia em pessoa: mas a perda do dinheiro?...

O pobre sahe da casa do capilé, com mais calor do que quando entrou. Não quer conversas com ninguem, está incommunicavel e até malcriado, tudo lhe aborrece, falta-lhe o ar, e quer brigar até com os cães que encontra.

Bem vezes me tem acontecido entrar ufano no jogo e sahir com o rabo entre as pernas, como cão corrido de casa que não é a de seu dono.

A posição do que perde é sempre lamentavel: quer seja dinheiro seu, quer dos outros; em todo caso so tem difficuldades diante de si, e, si possivel fosse, dar-se a escolha, penso que ninguem haveria que quizesse collocar-se na posição do que perde.

Si porem tudo isto acontece ao que perde, ha uma muito grande differença de situação para o que ganha. Em quanto joga, ao passo que o que perde morde os beiços mudo e silencioso, elle alegre, se disfaz em bons ditos, e ri-se quando o outro atira as cartas no momento de perder.

Cada vez que ganha uma parada, acha sempre uma gracinha para dizer, uma palavrinha que dirigir ao parceiro; emfim no seu semblante está estampada, mesmo a seu pezar a alegria, em quanto que no do que perde está a perturbação, e se assemelha a um ceu carrancudo e feio em noite de borrasca; para isso ha um ditado—*Deus disse, quem ganhasse que se risse, e quem perdesse que se... mordesse.*

Ao sahir da casa de jogo é que é ver e observar o que ganha: elle que nunca deu cousa alguma as mulheres de seus amores, n'esta occasião é capaz de dar-lhes tudo.

Não custou a ganhar, e por conseguinte não lhe custa a gastar.

Elle que é o maior caloteiro de todo o mundo, si algum credor lhe apparecer n'aquelle momento, levará a conta paga. Emfim está de tão bom humor que não se zangará atè, si ao chegar em casa, encontrar a mulher nos braços de outro; contenta-se de perder ali, por que já ganhou em outra parte.

Grande é a posição do que ganha! Vai andando como si o terreno lhe faltasse, está todo absorvido, e si desse uma topada n'aquelle momento, por certo não sentiria, pois para o que ganha não ha topadas, nem pulgas, nem nada: está invulneravel e curado até de dentada de cobra.

Entre os dous logares, dê me Deus sempre o logar do que ganha. E' por certo cousa bem boa, encher a gente as algibeiras com cobres e patacas que so custaram susto: dá animo e torna a alma espansiva.

Penso que ninguem haverá que não pense da mesma maneira.

A PEDIDO

—Capitão, dizem que um certo inspector de quarteirão recebe dos africanos 2$ rs., á *titulo* não sei de que; até de uma informação para entrar para o hospital quer dinheiro.

—De onde é esse inspector?

—Não sei dizer.

—A localidade siquer.

—Ignoro tambem.

—Si V. nem ao menos sabe si o homem é d'aqui, de Nazareth, Santo Amaro, Maragogipe, *Cachoeira,* etc., para que vem dar uma noticia sobre a qual não se pode tomar conhecimento?

—Para que V. Ex. veja o olho-vivo como está estendido.

—A proposito do olho-vivo, V. conhece uma crioula que mora no becco do Açouguinho?

—Moram tantas.

—Pois procure saber qual é, depois que eu lhe contar o que fez.

—Estou attento.

—Morava na Calçada; contractou com uma senhora dali para deitarem de sociedade uma caixinha, fornecendo esta o capital e ella o trabalho e devidirem os lucros.

A senhora deu logo 100$ rs, e a esperta rapariga empinou-se para a cidade para comprar miudezas; á tarde voltou perguntando si o ganhador que ella mandara adiante ja tinha chegado.

—Bello!

—Tal ganhador nunca appareceu e a rapariga, dous dias depois, levantou surrateiramente a fateixa e veio alugar casa no becco do Açouguinho.

—Isto tambem acontece por que certas senhoras entendem que obram bem, mettendo-se em certos negocios, sem quererem que os maridos saibam.

—Conego, pois V. brigar com o vigario que lhe deu a *victoria* n'aquella importante questão?

Como é que V. disse-lhe que *nunca foi capellão de almoçar na grade?*

Por isso ouviu o que não queria, que elle nunca tinha dormido no convento, nem lá tomado banho.

E esta!?

Mas todo mundo faz justiça a sua *innocencia,* meu *pombinho corôado de pernas rôxas.*

—Que diabo faz aquelle sujeito espiando pelo buraco da fechadura daquella casa, ali na rua da Ordem Terceira do *Santo Seraphico,* e aquelles outros assentados no passeio?

—Naquella casa mora uma crioula que tem uma afilhada, a quem familiarmente chamam—*Nasinha,* a qual namora escandalosamente, affrontando a moralidade publica, pela maneira porque se corresponde com os seus adoradores.

O filho de um professor, transformado em escrevente de cartorio, vem todas as noites acompanhado de outros capadocios, com o competente violão; e, antes de principiar suas enfadonhas modinhas, que bastante encommodam aos moradores, espia primeiro pelo buraco da fechadura, dando signaes para ella saber que elle ahi se acha. Neste gosto de modinhas e bravos dos seus companheiros, leva até 3 horas e mais da madrugada.

—Bem; hei de mandar o aspirante uma noite para os agarrar e leval-os para bordo do vapor *Alabama,* afim de entreterem-se um pouco com o muxingueiro.

—O' bruto, pois tiveste a impiedade de levantar a mão para um indefeso velho, a quem os annos ja lhe fez dobrar o corpo?

Sacrilego, infame! Essa mão polluta não tremeu ao descarregar sobre um centenario.

E por que motivo, bruto?

Porque amigavelmente lhe tomaste os 60$ rs. emprestados e agora que o pobre ancião te vae pedir lhe retribues com a mais negra ingratidão.

Não has de ficar ensosso, cão.

—Capitão, attenda-me primeiro.

—E's indigno de attenção.

Muxingueiro, leva esta peste para o largo de

Nazareth, e lá da-lhe um banho de *calda* a ferver; nesse nefario que desrespeitou a velhice.

—A pedido de um amigo transcrevemos a seguinte poesia:

O opulento.

Eil-o que passa nos seus trens faustosos
Ebrio das pompas que a riqueza dá;
Lança dos olhos um olhar d'affronta,
Ligeiro roda, e nem se avista já!

Insulto, escandalo, miseria á extrema,
Que as portas bate o do infeliz, que só
Vive em penuria, se é viver a vida
Eivada sempre de martyrio e dó!

Por altas noites em salões doirados,
Se agitam danças d'um folgar sem fim;
E o rico mostra no explendor que ostenta
Ornatos proprios de um real festim!

Soam descantos, harmonias soam,
Que infiltram n'alma a languidez do amor...
E entre as folguedos que de véus se rasgam...
Colestes véus de virginal pudor!....

E as noites voam fugitivas, lêdas,
Entre as delicias que a ventura tem;
E os sons festivos que o prazer convidam,
Lá vão saudosos murmurando além.

As mesmas horas que familias gemem,
Vazando o calix d'amorgoso fel!....
A quantos crimes não arrasta a fôme
Com seus tormentos d'um pungir cruel!

A chara esposa tão ditosa outr'ora,
Entre os affagos que o amor lhe deu,
Hoje, mendiga, mal resiste á fome,
Chorando o esposo que infeliz morreu!

Triste viuva, que vivia pobre,
Luctando embalde contra a acerba dor,
Vendeu as filhas ao brilhar da infamia!
Cedeu ao crime... Santo Deus!.... que horror!

Sob as arcadas de mosteiro antigo,
Que a lua esmalta com saudosa luz,
Dous orphãosinhos—sem um tecto ao menos
A' sombra dormem do velar da cruz!

Honrado artista, sobre um leito humilde
Cahe sem alentos—que não pode mais...
Trabalha sempre na miseria immerso,
P'ra soffrer penas no porvir fataes!

Velho soldado, que ao bradar da patria
Verteu o sangue no calor da acção...
Vergonha! opprobrio! maldição eterna!
Hoje, esquecido, lá mendiga o pão!

A casta virgem á penuria cede!...
Do erro ao crime—só um passo vae!
Era hontem pura, criminosa é hoje,
Manhan, perdida, nas orgias cae!

E o rico folga nos saraus luzidos,
Sorrindo a todos c'um sorrir mordaz...
E o rico baldo aos sentimentos nobres,
Seu ouro esgota no prazer fallaz!

Só não tem ouro p'ra valer ao pobre...
Só não tem ouro p'ra calar a dor..,
Só não tem ouro p'ra salvar a virgem
Dos torpes laços d'um mentido amor!....

.....

Homens nirosos, que folgaes no luxo,
Vergae á dor, á compaixão vergae;
E os agros prantos de martyrio e sangue,
Nos bassos olhos do infeliz seccae.

Dai-lhe os sobejos d'essas mesas lautas,
Que as mais das vezes arrojaes ao chão!!
Folgae, embora, mas roubae á fome
Tantas familias que mendigam pão!....

P. Caldas.

VARIEDADES.

Noticia interessante.

Uma velha escreveu uma carta a seu filho que se achava auzente, cujo conteudo era este:

—« Meu querido, filho recebi as tuas preciosas letras, e fiquei muito satisfeita por saber da tua saude, pois outro tanto não posso eu dizer sobre o teu cãosinho perdigueiro que anda manco de um pé. »

ANNUNCIOS.

FOGOS

FOGOS

FOGOS

PARA AS NOITES DE SANTO ANTONIO E DE S. JOÃO.

Grande sortimento por atacado e a retalho, feito de encommenda pelos melhores fabricantes, na bem areditada loja de João do Prado Carvalho, aos Cobertos Grandes, n. 55.

O mesmo continúa á receber toda e qualquer encommenda deste genero, bem como de planta, rodas, etc., etc., obrigando-se a acondicionar e embarcar, si for preciso, e a mandar tocar, tanto nesta cidade como fora della.

A Manufactura popular,

defronte do Correio, precisa de officiaes de alfaiate peritos.

Typ. de Marques, Aristides e C.

ANNO 3.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.ª TERÇA-FEIRA 21 DE JUNHO. N. 661.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beeco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de junho de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe providencias sobre o estado deploravel em que se acha a rua do Carro; pois, alem da estação invernosa, desaguam nella os canos das casas da rua do Tingui, formando pantanos e riachos, que se tornam prejudiciaes a salubridade publica, arriscando os moradores com as emanações que desprendem e impossibilitando o transito, especialmente de noite, em que *fica-se com a vista offuscada pela grande claridade produzida pelos innumeros bicos de gaz que n'ella existem, em ompensação das decimas urbanas e os celebres impostos pessoaes, a que estão sugeitos os moradores e proprietarios da dita rua.* Seria mais conveniente mudar-lhe o nome para rua do mangue, do tijuco, do atoleiro etc., visto que o seu estado actual assim o indica, porque, não obstante o entulho que lhe fizeram com barro fôfo e escorregadiço, *tirado do encantado nivelamento do Campo da Polvora,* tornou-se em peior condição e impropria de uma cidade como esta.

Portanto, espera-se plenas e urgentes providencias para que se possa crer no bom desempenho das attribuições e caracter dos nove membros que tão desinteressada e cordialmente occupam um logar devido ao espontaneo voto popular.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que os moradores da ladeira da Piedade e rua d'Alegria, freguezia de S. Pedro, queixam-se de que um portuguez, feitor de uma roça sita á esquina da rua d'Alegria, á noite, quando desconfia que andam ladrões por dentro da roça, dá tiros de polvora e bala, o que, á ser exacto, pode trazer graves consequencias, visto como pode a bala ir offender a algum dos moradores visinhos que em alguma d'essas occasiões esteja no quintal de sua casa. Em vista pois do que acima fica dito, espera-se de S. S. providencias repressivas para semelhante abuso.

—Mais um defensor da patria, um bravo condecorado, agrilhoado nos ferros do captiveiro!

—Que aviltamento para o Brazil!

—Quando rompeu a guerra do Paraguay, José Maria, escravo, correu a alistar-se como voluntario, no batalhão de Minas, sob o nome de Joaquim Soares do Bomfim.

Naquella epocha, o governo tinha precisão de gente, e não procurou reconhecer a identidade de José Maria.

No Paraguay tornou-se um heroe e por sua bravura, recebeu em recompensa, tres condecorações.

—Um soldado que é condecorado tres vezes, é incontestavel que distinguiu-se.

—Terminada a campanha, o bravo José Maria, volta a patria, fazendo parte do batalhão mineiro.

Regressando a sua provincia, ao chegar em Bemposta, o voluntario, sobre cujo peito brilhavam tres habitos, mesmo com a farda militar é preso pelo cidadão Francisco Vieira Machado, como seu escravo e mettido em ferros!

—O libertador do Paraguay veio encontrar a escravidão na patria, cuja honra defendeu com seu sangue!

—E, com as medalhas no peito, será agoitado, si seu senhor assim o entender!

—O bravo condecorado, o heroe a quem o imperador, por intermedio de seu commandante abraçou, o guerreiro que recebeu vivas e flores á sua chegada, la geme em ferros, n'um tronco, como paga de seus serviços!

Oh!... que opprobrio para este paiz!

—Consta que o senhor de José Maria em attenção as condecorações e serviços de seu escravo propuzera ao ministro da guerra receber uma quantia por sua liberdade, mas que S. Ex. respondera não haver dinheiro!

—Cubra-se o Brazil de pejo!

Um senhor a quem um escravo prestasse

um serviço não se mostraria tão cruel, como esta ingrata patria para com o filho que verteu seu sangue por ella!

—Para que servem essas tres commendas com que premiaram o valor do infeliz, si com ellas no peito, elle pode amanhan ser surrado?...

—Ja não é somente o desgraçado João Fernandes Barcellos, cabo de esquadra voluntario, que tem de ser vendido como bem do evento, tem mais um companheiro de infortunio.

—No senado, o Sr. conselheiro Furtado disse a respeito destes dous factos o seguinte:

«O Sr. Furtado tenciona apresentar um requerimento pedindo informações pelo ministerio da guerra; mas não o fará si o Sr. ministro declarar si é ou não exacto que está preso para ser vendido José Fernandes Barcellos, cabo de esquadra de um batalhão de voluntarios da patria; assim como se José Maria, tambem voluntario, que assentou praça sob o nome de Joaquim Soares do Bomfim, se acha em ferros. Deseja saber si o governo tem conhecimento destes factos, e si está disposto a pedir ao corpo legislativo meios para alforriar estes dous homens, que defenderam a honra e dignidade nacional, pelo que o segundo recebeu tres condecorações por distincção.»

—Quanto grito e a policia não ouve!

—E' na rua das Vassouras.

—Espiemos o que é.

—São dous sujeitos que investem sobre uma porta, e á força de tombos, pretendem arrombal-a; uma mulher de dentro brada aqui-d'el-rei e pede que lhe acudam.

—Nem os gritos desta, nem o estrondo das pancadas e o atroar das imprecações atrozes que proferem os desalmados, tem echo bastante para despertar do lethargo quem deve ver estas cousas.

—Ella pede que lhe valham, porque o Sr. *Mandú* quer lhe acabar com o que tem em casa.

—E elles dizem que não se retiram sem completar o *beneficio* que vieram dar em casa da safada Maria.

—O tal *Mandú* é a inversão de todos os da sua especie.

—Eu juraria que os agentes da segurança publica são presas de um somno eterno.

—Dizem que nas sextas feiras á meia noite, os diabos andam soltos; parece que o spirito maligno encarnou nos corpos daquelles dous rapazes para virem perturbar o socego publico.

—A maneira barbara por que certos senhores tratam a seus escravos é mais propria de feras do que de ser humano.

—Isto é verdade.

—A escrava Benedicta, propriedade de uma tal Chapadista, appareceu na policia com o corpo retalhado, e dizem que sobre as carnes dilaceradas, applicaram um molho de pimenta.

—E' um genero de martyrio adoptado pelos tyrannos para trucidarem suas victimas.

Tambem não é a primeira vez que escravos dessa mulher se appresentam tão brutalmente tractados.

—A desgraçada ia se atirar no dique; mas houve quem visse e a obstasse.

—Dizem que tambem de um engenho do Reconcavo veio outra infeliz em egual estado.

—E a lei cochilla na protecção do fraco! E esses crimes que revoltam a humanidade marcham impunes!

—São incomprehensiveis estes agentes de policia!

—Temos obra.

—Onde ha socego fazem barulho, onde encontram desordem passam de largo.

—Defina-me esta embrulhada.

—Vá ouvindo.

Quinta feira á noite, uma mulher, uma furia antes, encostada a uma porta no recanto do theatro, fazia um sarceiro de seiscentos mil diabos.

Chegam quatro policiaes e perguntam-lhe o que fazia.

Respondeu que esperava uma mulher que estava naquella casa para quebrar-lhe a cara.

«Porque faz isso? perguntou-lhe um dos soldados.

«Porque entrou ahi para fallar com meu amigo, e a porta trancou-se, respondeu a vibora.

«Quer saber? disse outro soldado para o que indagava, vamos-nos embora.

E retiraram-se, deixando a furia em seu desvario, a berrar e a bater.

—Que tal! os mantenedores da ordem encontram uma pessoa escandalisando a moral, com intenção premeditada de provocar desordens e não a aconselham; não a fazem retirar-se do logar do conflicto!

—No Terreiro, um capoeira ourina ao pé das arvores ali plantadas, o que é prejudicial; a patrulha observa-lhe que o logar não é proprio e elle solta um vocabulario de desaforos, articula mil obscenos dixotes, falla em *talo*, pede aos soldados vasilha para ourinar e estes ouvem calados tudo e deixam o insolente ir em paz!

—Ou tudo ou nada.

—Na sexta-feira, um mutilado estava pacificamente sentado no adro de S. Domingos; a patrulha quer saber o que faz ali e tem em resposta que achava-se distrahindo; de novo

exige que se retire. O invalido não se mostra disposto a obedecer a uma sem-razão, e por isso prendem-no, espancam-no, rasgam-lhe o chapeu!

—Que absurdo!

—E si o cabo Cordeiro não apparece no logar acommodando, a cousa podia ser peior, porque o povo vendo a injustiça, principiava a tomar o partido do invalido.

—E' exacto; com pequenas excepções, a cachola dos policias desta terra anda sempre desacertada.

—No domingo festejou-se Santo Antonio na matriz alem do Carmo.

—Tambem houve festa em Sant'Anna.

—E na egreja da Mizericordia, e em Santo Antonio da Mouraria.

—De todas essas egrejas em qual houve mais sumptuosiidade?

—Em todas ellas o acto esteve solemne. Em Santo Antonio da Mouraria foi magnifico.

Pregou ao evangelho e a noite no offerecimento, o Revm. padre mestre pregador imperial, frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha.

—E que tal estiveram os sermões?

—Excellentes! o padre mestre frei Carneiro não deixou nada a desejar.

No sermão da festa, elle da tribuna sagrada tratou da espada e da Cruz, desenvolvendo um jogo philosophico, a ponto de arrancar as lagrimas aos ouvintes.

—Neste caso, torna-se credor de um elogio seu.

—Não precisa; o padre mestre frei Carneiro é bastante conhecido pelo seu talento oratorio na tribuna evangelica, e na imprensa pela sua habil penna, logo o maior elogio que se lhe pode fazer é pronunciar o seu nome!

—Na segunda-feira, na egreja de Santo Antonio dos Militares, houve uma missa funebre por alma dos bravos da patria que succumbiram nos inhospitos campos do Paraguay.

LÁ VAE VERSO

Pelo signal

FEITO POR UM SOLDADO DO EXERCITO E SUA COMADRE, NO PARAGUAY.

O Soldado—Comadre já viu o Lopez?
A Comadre—Eu nunca o cheguei a ver;
O Soldado—Eu o dou a conhecer
Pelo signal.

Do Paraguay general,
Foi um ladrão usurario,
E um grande adversario
Da Santa Cruz.

A Comadre—Santo nome de Jesus!...
Vão todos delle dar cabo;
De semelhante diabo
Livre-nos Deus!

Os malignos judeus,
Pelo que já temos visto,
Não fizeram tanto a Christo
Nosso Senhor!

O Soldado—Oh, meu Deus! e causa horror
O que a Robles succedeu; (1)
A Comadre—O que não faria esse atheu
Dos nossos?

Ah! quem lhe quebrara os ossos;
Pois nos mandou ca o vil
Mais de vinte a trinta mil
Inimigos.

O Soldado—Para evitar os perigos
Sabendo que obrava mal,
Proclamou por pastoral (2)
Em nome do Padre.

Olhe, Sra. comadre,
O pae viveu do furtar...
A Comadre—Que menos se ha de esperar
Do filho?

O Soldado—Inventou esse caudilho
Fazer crer a seus soldados,
Que são actos emanados
Do Espirito Santo.

Mas o Diabo por encanto (3)
Deu-lhe lançada tão forte
Que produziu logo a morte!!...
A Comadre—..... *Amen Jesus.*

A PEDIDO

—Como vae o sargento que levou a navalhada?

—Ignoro o seu estado.

—Ora que o diabo teco cousas!

Em que hora aziaga foi aquelle homem metter-se em semelhante rascada!

—Si elle usasse de prudencia e moderação, estaria isempto do que lhe aconteceu.

—Já tinha de acontecer.

—E foi por isso que elle desceu da casa onde estava, para esbofetear a rapariga.

—Foi uma louca imprudencia.

—O rapaz quiz se mete veja a que se casa ...ulos das *castas* virgens—

(1) General a quem um homem e uma mulhe
(2) A falla que fez o homem em cima da mulher
(3) O cabo Chico) caixão!

da namorada ou perto della e teve desejos de dar provas de militar valente; sahiu; mas vendo que ficava sujo, lançou mão do reflo de um soldado para cutilar a rapariga, a qual, emquanto o negocio era de mão,não usou da navalha; mas vendo ferro repelliu com ferro.

—Eu não desculpo o delicto de Constança; mas digo que os soldados de policia, e principalmente o sargento foram os causadores de todo este desagradavel acontecimento.

Principiou por Osmo tomar o partido da outra e acabou por o sargento querer espancar uma mulher livre.

—Este sargento sempre teve uma parte de valentão; já o vi uma noite, querer entrar á força em casa de uma mulher, amasia de um paraguayo na rua Direita; assim como em um dia de entrudo chibatar um menino livre, pardo, bem trajado, porque atirou uma laranjada para casa da namorada delle sargento.

—Bem diz o adagio que ninguem faça pouco no pouco.

Quem via aquella mulher de natureza sombria, calada, andando sempre de cabeça baixa, havia de julgar que fosse capaz de munir-se de uma navalha para praticar tamanha barulhada.

—E' que ninguem quer ser offendido, tambem a cobra quando é pisada assanha-se; eu receio mais o sonso que o bravo.

—Com a maior parte da policia desta terra, todos os dias se dariam casos taes, si todos tivessem o genio de Constança.

—Capitão, quero lhe contar uma historia.

—Não sendo massante, diga.

—Uma mulher tinha uma filhinha bella, bonita e espirituosa.

Um mestre da *escola curandeira* se encartou em casa da pobre mãe, a titulo de protector, e seduziu a moça.

Depois do abutre ter desverginado a infeliz menina, tratou de procurar um meio para reparar o mal, e, tanto andou e virou, que por fim conseguiu casal-a com um inexperiente estudante de preparatorios.

Casado o moço, descobriu o laço em que tinha cahido; mas entendeu que dali em diante não devia fazer ninho para o *pardal* deitar-se.

Ora, o abutre casou a moça com o fim de continuar no seu lascivo costume; porem achando resistencia da parte do moço, raptou-lhe [illegible]

C[illegible]res tratam a seus es[illegible]andou procurando-a de feras do que de ser hu[illegible]stro; mas o *mestre*

—Isto é verdade. [illegible] maneira que elle

—A escrava Benedicta, pr[illegible] a mãe da moça sabia o logar em que ella se achava acoutada.

—Está me parecendo esta sua historia com uma que eu ouvi contar outro dia uma mulher.

O seductor não é um cujo casado que largou a mulher?

—Eu ja ouvir dizer que elle é casado, e por ser um marido desnaturado, separou-se da mulher, mas isso não lhe posso assegurar.

—Deixemos isso de parte e vamos ao infeliz estudante.

—O estudante, quasi louco, desprezou os estudos, e foi para o reconcavo, para a casa paterna, procurar desafogo no seio de seus paes que reprovaram semelhante casamento, quando d'isso tiveram sciencia.

—E como se chama a *angelica* mãe da moça.

—Por ora não lhe posso dizer.

—E o nome do *professional?*

—Tambem é impossivel dizer-lhe agora.

—Neste caso suspenda sua historia, que eu vou até o *Bomfim*, e depois voltarei para ouvir o resto.

(Continúa.)

VARIEDADES.

Dizia uma criança de seis annos a um sujeito de barbas, em um jantar de ceremonia, a vista de grande reunião:

—O' papá, porque é que todas as noites quando se deita, deixa ficar as barbas, emquanto que a maman tira o cabello?

ANNUNCIOS.

Vende-se a venda com armação ou sem ella, na rua do Fogo em Itapagipe, a tratar na Ribeira, n.º 69.

Juizo municipal da 1.ª vara.

Correm praças nos dias 22 e 25 do corrente e 6 do mez de julho vindouro, a porta do Forum, pelo juizo municipal da 1.ª vara e cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, as seguintes propriedades:—uma de n.º 99, sita ao forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar, terreno proprio, que devide com as terras de Nossa Senhora da Lapinha, no valor de rs. 1:500$; outra, de n.º 121, sita ao mesmo forte, tambem em terreno proprio, com a mesma devisão, no valor de rs. 1:100$; outra, sita á rua nova do Queimado com tres frentes principiadas, em terreno tambem proprio, no valor de rs. 1:000$, as quaes são pertencentes ao casal dos fallecidos José Ricardo de Sant'Anna e D. Maria Joaquina de S, José, Bahia 20 de junho de 1870.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.ª QUINTA-FEIRA 23 DE JUNHO. Ns. 662—663.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de junho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, para que dê as necessarias providencias afim de acabar com a indecencia de irem meninos bastante *taludos* banharem-se nús nas praias do Caes Dourado, com grave detrimento da moral publica.

Portaria ao fiscal da Victoria, ordenando lhe terminantemente que passe a intimar ao Dr. Villas-boas, com roça na Madre de Deus, estrada do Rio Vermelho, para que in continenti mande cortar as ramagens de arvoredos de espinho que de sua propriedade deitam para a estrada, sob pena de, no caso de reluctancia, ser mulctado e fazer-se aquelle serviço á sua custa. Cumpra.

—Capitão, ha occasiões em que eu descreio de todo da civilisação e costumes desta terra.

—Serio? tem motivos para isso?

—De sobra.

—Então vá citando.

—Basta um para exemplo.

Anda nesta cidade uma rapariga italiana tocando rabeca para ganhar a vida, meio muito licito e honesto.

—E' verdade; que mais?

—Eu entendo que quem gostar, aprecie, e quem não gostar que não ouça.

—Isso é tão exacto como tres e dous são cinco.

—Mas não é assim que fazem, não somente os moleques, mas muita gente que devia pensar melhor. Apupam; apedrejam; espancam a pobre moça; rasgam-lhe os vestidos e commettem toda sorte de estupida selvageria.

Me parece que trabalhar não desdoura a ninguem, não é procedimento que incorra em reprovação.

—De certo. O trabalho é o contra-veneno do vicio. Apupar a quem pelo trabalho procura ganhar a vida, é ter a degeneração na alma; é apotheosar o vicio; tecer grinaldas a ociosidade.

—Si essa pobre menina quizesse vender o corpo, talvez achasse quem lh'o pagasse bem caro, para não ter necessidade de usar de uma industria com que ganhe dous vintens para comprar um pão.

—E' uma acção depravada maltratar quem procura ganhar a vida por um modo honesto, principalmente sendo essa pessoa uma pobre mulher.

—E a policia, que deve ser incansavel no cumprimento de suas attribuições; que deve ser visivel nas praças, nas ruas, nos beccos, ella que proteja a pobre estrangeira, quando no desempenho de seu meio de vida, fôr perseguida pelos garotos.

—A rua do Bangala está sempre cheia de cisco; parece que a limpeza por ali não passa!

—Creio que passa, mas que quer? Fizesam da rua gallinheiro e o remedio é ter ali com que sustentar a criação.

—Capitão, acaba de sahir dos prélos da typographia do *Diario da Bahia* o primeiro numero do *Prenuncio,* periodico scientifico lttterario e recreativo; publica-se mensalmente.

—Estou sciente; já fui obsequiado pelo seu principal redactor o Sr. Franklin C. da Silva Lima, com um exemplar deste importante periodico e agradeço-lhe a sua delicadeza.

—O *virginal pudor* das irmans de charidade, não tolera o contacto de gente macha com femea no hospital de charidade.

—A mãe, não pode visitar o filho, nem esposa ao esposo.

—Entretanto veja a que se reduz os pudicos escrupulos das *castas* virgens.

Morre um homem e uma mulher e eles trepam o homem em cima da mulher mesmo caixão!

—Mas ahi o vicio da carne está extincto; ão ha o que receiar.

—E' uma indecencia, uma falta de reli-ião, muito mais quando os corpos não são mortalhados, apezar de dizer se que a santa asa dá para isso tres varas de panno; apro-eitam os trapos dos que fallecem, o que dá ogar a que o cadaver va com certas partes de fora.

—Mas, homem, defuncto pobre de luxo não precisa.

—E consta que foi esse um dos motivos que obrigaram o Sr. Franco Lima a demittir-e de mordomo do cemiterio. S. m. reclamou contra a pratica immoral de ir encarapitado no mesmo caixão o cadaver de um homem e uma mulher e não foi attendido por que as charidosas não quizeram; as quaes d'ahi por diante lhe moveram mil piquetas e pirraças, a ponto do homem desgostoso, demittir-se.

—Com o que perdeu muito a santa casa.

—Homem, o mais é que approxima-se a leição da nova mesa.

—Si ao menos os eleitores se lembrassem e gente que não fosse tão cega apologista as mulheres de chapeu de abano...

—Como se consente um perigo deste!

—Em proveito de um e prejuizo de tantos.

—N'uma estrada publica tolerar-se que se açam tão profundas excavações!

—Onde, n'uma noite de escuro, quem não stiver prevenido, hade precipitar-se.

—Ou mesmo pode occultar-se qualquer malfazejo com sinistros designios.

—Que terra! Para tudo que causa damno a tolerancia!

Parece impossivel de crer-se que na estra-a do Rio Vermelho cavem-se enormes bura-os para tirar saibro!

—Quanta superstição neste povo!

Spiritismo de branco, spiritismo de preto.

—Não comprehendo.

—Quero dizer que a crença da manifesta-o dos spiritos está bastante adiantada.

—Não é nova nesta terra de christãos; an-s do Luiz Olympio introduzil-a, ja os afri-nos a praticavam.

—E hoje, quarta feira, ha sessão magna, m uma roça, para evocar a alma do *Chico apae*, gran-sacerdote do fetichismo, falle-do ha mais de 5 annos, na rua da Poeira. do quanto é crioula da *historia* está na ro-e muita gente fina tambem. A' meia noite ponto, tem de apparecer a alma do morto, a fallar com *papae* Domingos e *mamãe* riquinhas Velludinho e depois manifestar-ha aos proselytos da seita, para o que irão para um matto onde não é permittido a ne-nhum olhar para traz.

—E a ignorancia desta gente faz com que ella tenha uma fé cega em semelhantes bu-giarias!

—Tambem no Engenho Velho, no *Bogun*, ha grande candomblé no sabbado, o sacrifi-cio é de um boi.

Nas Campinas tambem ha; sahem duas *vudunças* da casinha.

—Homem, V. parece que anda mais en-fronhado nesses negocios de candomblés do que a propria policia.

—Veja o resultado da desmarcada ambi-ção das irmans de charidade.

—Estou ouvindo.

—Herculano de tal, foi ferido por uma horrenda pedrada que recebeu sobre a fron-te, no forte de S. Pedro; entrou para o hos-pital afim de tratar se; quando a ferida co-meçou a cicatrisar se, as mulheres apresen-taram-lhe uma brocha e tintas e lhe ordena-ram que fosse pintar as portas do hospital; o homem recusou-se e ellas o deitaram para fora sem estar de todo curado.

—Que ridicula impostura! Uma casa que cobra paga do favor que faz, apregoar-se que é de misericordia; que soccorre a miseria por espirito de charidade!

—E ninguem é capaz de contestar; no hospital de charidade, os doentes em conva-lescença, pagam com serviços corporaes os soccorros que receberam.

—Onde está o merito do beneficio si elle não é despido de interesse!

—Pavonada so! Disfarçada hypocrisia!

Deixe-me concluir.

O homem, enxotado do hospital, com a fe-rida ainda aberta, por que não quiz pintar portas, dahi a dous dias era victima de um abcesso e morreu!

Quem foi causa daquella morte?

—A gana interesseira das irmans de cha-ridade.

—E' assim que ellas procuram suavisar as angustias; cercar de esperança, de fé e consolações a infelicidade.

—Capitão, quero dar-lhe conhecimento de uma estrategia do olho-vivo, para que V. Ex. previna-se.

—Vamos a isso.

—Ha dias, apresentou-se no escriptorio de uma empreza á cidade baixa, certo individuo trajado ao rigor da moda, e pediu que lhe tro-cassem uma cedula de 500$ rs.

Trocado o dinheiro, quando elle o contava, reclamou a falta de 50$ rs.; quem lhe deu o

troco, duvidou, tomou o dinheiro passou-o e repassou-o de novo, e viu que na verdade faltavam 50$ rs. Ficou perplexo por ter consciencia que contara a quantia exactamente, mas vendo que o individuo não se movera, nem fizera o menor gesto, não teve remedio sinão dar-lhe 50$ rs mais.

—Talvez se enganasse realmente.

—Enganado está V. Ex.; o melro embeçou cincoenta bagos de mais.

—Mas como?

—No final verá.

Dali, o *industrioso* dirigiu-se a um estabelecimento, onde arranjou que lhe trocassem 200$ rs., e eis que apparece outra phantasiada falta de 20$ rs., que foram obrigados a dar-lhe.

Não contente com a felicidade da exploração, emprehendeu nova tentativa com um negociante, na qual ainda foi feliz arrecadando mais 20$ rs.

Passados dias, quiz o acaso, que em conversa, e pelos signaes do individuo, viessem a descobrir os lesados que tinham sido victimas de um logro.

Indaga d'aqui, indaga d'ali, souberam a morada do sujeito, e lá foram exigir o dinheiro extorquido; tambem elle não pôz duvida em entregal-o.

—Mas então esse homem é encantado, ou faz prodigios?

—E' muito simples o ardil.

O cujo anda munido com uma substancia, uma especie de pó humido; quando recebe o dinheiro, deixa-o sobre o balcão ou mesa, para não dar o que desconfiar; na contagem, vae abrindo as cedulas e estendendo uma sobre outra. Nessa occasião passa sobre uma dellas uma camada do dito pó que ja traz preparado na palma da mão, assenta outra cedula de egual valor sobre aquella e ambas ficam imperceptivelmente unidas, sem com tudo ficarem grudadas. Feita a operação, conta o dinheiro até o fim e com o maior sangue frio reclama a falta.

Elle não se mexeu; contou o dinheiro sobre a mesa, á vista de todos, quem não comerá a pilula?

O dono da loja ou estabelecimento conta, torna a recontar e dá com a falta sem nunca atinar com o roubo.

E o marreco sahe dali com aquelles tantos de mais, rindo-se do logro que pregou.

—Para mim esta é nova; quem mais vive mais aprende!...

—Esta epocha é eivada de corrupção.

—Estou por isso, meu austero moralista.

—Punge o coração do homem pensador ver a marcha desregrada da sociedade actual, a qual só fita suas vistas para o metal e para os prazeres mundanos, esquecendo-se de que ha um Deus todo poderoso, a quem se ha de prestar contas do bem e do mal que fizemos nesta vida transitoria, na qual apenas cumprimos um degredo, como filhos de Eva...

—Ao menos, assim nos ensina a *Salve Rainha.*

—Nesta epocha de confusão e desordem, vemos a cada canto meninos de 6, 8 e 10 annos fumando pelas ruas mais publicas o seu cigarro ou charuto.....

—O mais notavel é saber quem lhes dá o dinheiro, ou porque meios *honrosos* elles o adquirem.

—..... e ao passarem pelos anciãos, cujos cabellos já branquejam, largarem nos rostos destes baforadas de fumaça, como para attestarem a educação que recebem de seus paes.

—Prova que a civilisação vôa.

—Mais alem, vemos alguns meninos da mesma edade fallarem ao pae ou a mãe de chapeu na cabeça e tratal-os por você, como si ambos tivessem origem de um mesmo ventre.

—Mas quem lhe deu o direito de satyrisar os costumes?

—Alem, encontramos uma sala em que estão duas ou tres meninas de 12 a 14 annos fazendo a côrte a dous rapazolas e a mãe muito cheia de orgulho assiste a este germen de futuros desgostos!

—E V. a enfronhar-se em camisas de onze varas!

—Grande Deus!... até onde chega a vossa misericordia que não desprendeis o vosso castigo contra esses desgraçados que não sabem guiar a juventude!!!...

Não se lembrarão esses paes desnaturados, que ao unirem-se pelos laços indissoluveis, perante a Imagem do Redemptor do mundo, o sacerdote lhes explica que não devem desejar tanto riquezas para accumular para os filhos, como para os criar no amor e temor de Deus, e dar lhes uma boa educação?

Não se lembrarão que o castigo do *vicio* é *o proprio vicio,* e que por isso ha tantos exemplos de filhos espancarem os paes e até mesmo tentarem contra a existencia delles?

—Eu achava melhor que V. dissesse

Fallo—ninguem me responde
Olho—não vejo ninguem.

—Mas... as authoridades, a quem está confiada a segurança e a ordem social, cumpre velar sobre esses desregramentos publicos da sociedade.

—Ja agora deixe dar meu pedacinho.

—Tambem aquelles que são incumbidos d

educação da juventude devem desvelar-se para que em tão tenros arbustos não se vão arraigando tão perniciosos vicios.

A religião da epocha.

Ahi vão algumas linhas escriptas sobre a mais santa de todas as religiões; aquella que professamos, plantada no cimo do Golgotha pelo mais verdadeiro philosopho. E' pena que a egreja catholica se tenha tornado um theatro de immoralidades, vendo-se nella factos que merecem acres censuras.

Entremos em um de nossos templos em dia de festa; ahi encontraremos logo uma mesa onde se vendem registos... E será isso decente? Não foi Jesus Christo, quem lançou á azorrague fóra do templo, aquelles que ahi mercadejavam?

Ah, homens! sois uns ridiculos Judas!

Ridiculos, sim, por que Judas vendeu a Christo por 30 dinheiros; vós por dous ou quatro vintens o vendeis no dia de sua festa!

Começa o sacrificio da missa; o que vê-se sinão immoralidades? Sem querermos fallar das irreverencias que se praticam, dos escandalos que se dão com o mais torpe namoro, fallemos apenas de um irmão que apparece repartindo registos com pessoas escolhidas e valendo-se daquellas estampas, para o que, meu Deus?... a mão nos treme e a penna nos cahiu.

Tudo para se ver.

Ha na vida particular tão doces attractivos, tantos encantos, que não sei como pode certa gente despresal-a para viver para o mundo, somente para a ostentação que elle exige.

Na justa mediania está o prazer e na posse das commodidades da vida, acha-se o homem feliz.

Pois um par que se ama, n'uma casa onde nada falte, limpa e aceiada, gozando do termo medio nas necessidades da existencia, livres desta fantasmagoria que tanto exterior apresenta, e que nada é no interior, é gosar dos dias com sabedoria e uma perenne ventura!

E comtudo ha muita gente, que será capaz de dar um pedaço do nariz ou da orelha, comtanto que todos vejam suas acções; fallem dellas; olhem admirados para sua casa, sua mulher, seus moveis, um candieiro que comprou, o annel que tem no dedo e os botins que são gaspeados.

Que ha gente que tudo que faz é só para que se veja não se pode duvidar.

Um tal Bernardes Francisco, possue um grosso cabedal; enriqueceu ninguem sabe como, e conserva no meio de sua riqueza essa falta de gosto que acompanha sempre o homem que não teve principios. Mas, o Sr. Bernardes Francisco quer primar, quer que todos saibam que é muito rico e que pode fazer grandes cousas, inda que no particular não seja capaz de gastar dez tostões n'uma libra de queijo para sua mesa. Vem-lhe como de proposito occasião favoravel para se mostrar.

Alguem se lembrou de fazel-o juiz de uma festa, padrinho de um menino, ou possuidor de um camarote em noite de beneficio, para o qual ha muita affluencia. Que gosto para o Sr. Bernardes Francisco! Em particular, ao desenferrolhar das loiras de sua secretaria, o coração se lhe parte de dôr e está capaz de chorar; mas, não ha remedio, é para brilhar em publico, todos devem ver a sua acção e fallar no Sr. juiz que fez e aconteceu; no Sr. padrinho que assegurou a sorte de seu afilhado, ou no diletanti que abriu sua bolsa para pagar generosamente um beneficio. Não tem duvida, lá se vae dinheiro para foguetes, fogos de artificio, maquinas, etc., etc.; lá se arma a egreja toda para o baptisado e o vigario recebe suas duas moedas de esportula, e o beneficiado não fica sem seu periquito bem verde pelo camarote.

Oh! não ha genio munificente como o do Sr. Bernardes Francisco!

Ao voltar da festa, porem, onde dispendeu meia duzia de contos de réis, se enfurece e é capaz de lançar pela escada abaixo o pobre miseravel que lhe veio pedir uma esmola, quando estava sosinho em casa e que ninguem o observava. Tudo para se ver, somente para se ver.

Possuido desta mania, um conheço eu, que ao passo que compra para a mulher vestidos carissimos, e a traz como uma boneca, porque sua casa é frequentada e elle deseja fazer admirar a belleza daquella que lhe cahiu nas garras; dando porem esses caros vestidos, nega-se a lhe comprar meias e camisas, porque, diz elle, ninguem vê as meias com os vestidos compridos da moda e a camisa só elle é que sabe, pois só elle é que vê. Sua casa é preparada com muito gosto e aceio, mas sua cama não tem lençóes, porque ninguem vai no quarto. Gasta dinheiro em qualquer asneira, com tanto que lhe seja offerecida para comprar a vista de gente, e recusa receber o livro ou folheto que lhe provém da sua assignatura, porque o postilhão teve a infelicidade de trazer-lhe em occasião que estava sosinho.

Tambem sei de outro que so paga assignaturas de jornaes quando tem a sala cheia de gente.

Nas mulheres este procedimento é muito commum. Querem somente ser admiradas pelo exterior que apresentam e nada mais. Muitas conheço eu, que lavam o rosto duas e tres vezes no dia, e não limpam os ouvidos, que estão cheios de cêra, capaz de estercar duas ou tres leiras de alface.

Ha mocinha por ahi, que figura nos bailes, que falla como papagaio em tudo, e que traz a cabeça cheia de muquiranas, com que não se importa, pois que ninguem vai pesquisar a sua cabeça.

Quanta sinhá de vestido de seda por ahi anda, e por quem andam os rapazes de beiço cahido, que trazem o corpo em misero estado?

Mas.... então no principio do seculo actual, o exterior é tudo, o interior nada. Que se importam ellas, si o corpo fica escondido debaixo de tres ou quatro anagoas?

Os que obram suas acções somente para serem admirados, se conhecem facilmente. Nunca vereis a um d'estes, apeiar-se de seu carro, si o possue, ou de seu cavallo, sem dar uma ordem em voz alta ao seu criado ou escravo. Sempre o encontrareis em publico enfadado contra os seus que lhe não engommam a roupa em ordem; contra o seu charuteiro, que sendo o melhor, e lhe vendendo charutos a tustão, com tudo o engana, e lhe dá charutos maus. Emfim, não perde um so meio de se fazer notar, inda que ninguem repare, pois la em sua cabeça elle está sempre persuadido que em apparecendo em publico, estão todos a olhar para elle.

Si isto que fica exarado n'este artigo não é verdade, estamos promptos á dar as mãos as bolos.

LÁ VAE VERSO

Satiras.

(REMESSA AO «ALABAMA.»)

I.

Nem sempre um triste poeta
Pode dizer o que sente;
Si canta amor — é babão,
Si diz a verdade — mente.

Si pede á morte que venha
Acabar seu soffrimento,
Peitos ha desnaturados
Que gritam — salta jumento!

Se fere os torpes costumes
N'uma critica severa,
Dizem muitos: «Que sandeu!»
Vejam como elle exagera!

Mau mister é fazer versos,
Estou mais que convencido:
Que o fadario do poeta
E' peior que o do marido.

Si ás vezes vibrando a lyra,
Da patria celebra os feitos,
«Quer osso ou quer sinecura»
Gritam mais de dez sujeitos.

De modo que o amor da patria
Não é mais que um nome vão:
Existiu.... mas o egoismo
Matou-o no coração.

Esses combates sangrentos,
Onde o leão brasileiro
Subjuga o paraguayo,
A vista do mundo inteiro;

A bravura inexcedivel
De Osorio, marquez do Herval,
O condor rio-grandense,
Cuja gloria é immortal;

Que passando o Paraná,
Primeiro em terra pizou,
E [illegible]ente de seu piquete
De lança em punho atacou;

Os dous Machados valentes,
Um Triumpho audacioso,
Um bravo Menna Barretto,
Um Argollo valoroso;

Esse Cam'ra destimido,
Heroe de tamanha gloria,
Cujas feitos transcendentes
Vão ser gravados na historia;

Essa forte infantaria,
Os valentes artilheiros,
Os bravos leões do sul,
Temerarios cavalheiros;

Sem couraça, a peito aberto
Galgando fossos, trincheiras,
Tudo isto nada vale,
Não são glorias brasileiras?

Em summa morreu o Lopez,
E agora tudo acabado,
Dirá muito financeiro:
«Para que tanto soldado?»

E' bom deixar as fronteiras
Desguarnecidas tambem;
E' de grande economia,
Poupa-se muito vintem.

A segurança do povo
E' cousa que não importa;
Quando houver outra invasão,
Poremos tranca na porta.

Ta, ta, ta.: que enthusiasmo!
Se acalme, senhor poeta:
O que tem você com isso?
Ora, não seja pateta.

Que se importa que as finanças
Andem de canto chorado?
E que de imposto e papel
Ande o povo carregado?

E si acaso isso acontece,
Não queira saber porque:
Os homens lá, sabem muito,
Entendem mais que você.

Serão as formaes palavras
De algum velho barrigudo,
Amante de seu socego
E da pansa mais que tudo.

De modo que d'esta forma,
Illustrissimos leitores,
Ser juiz com taes mordomos
E' impossivel, senhores.

Portanto vou-me alistar
No corpo dos trovadores,
Vou cantar Analias bellas,
Minhas penas, meus amores.

II.

Em sonhos eu vi Analia,
Em branco leito dormindo,
Nos labios semi-abertos,
Um sorriso vinha abrindo.

Esses labios rubicundos,
Onde amor tem seu poder,
Eu quizera, mas não posso,
Beijal-os, depois morrer.

As tranças negras cahiam
Sobre o collo alvi-rosado,
Ondeando preguiçosas
Sobre o seio perfumado.

Mas, ah! o casto pudor
Cubriu com todo carinho
Os arcanos da belleza
Com alvo lençol de linho.

Mão formosa sujeitava
Alvejante fina tela
Sobre o seio, onde existia
A obra de Deus mais bella.

Eis se mexe.... eis surde a furto,
Apartando o branco linho,
O mais pequeno, o mais bello,
O mais galante pesinho

Diante do pé mimoso,
Não me cansava de vel-o,
Quando sahiu do lençol,
O mais lindo tornozelo.

As veias cor da violeta,
A pelle cor de jasmin
Sobre um osso aprimorado...
O que ha de mais bello emfim.

Que indecencia!.. vejam só.
Gritará, voltando a vista,
Algum hypocrita sujo,
Com visos de moralista.

Pois, senhor faça de conta
Que eu Analia nunca vi,
Nem dormindo, nem brincando,
Finalmente que eu menti.

Rio de Janeiro 5 de abril de 1870.

Gregorio Mathias.

A PEDIDO

Ao Illm. e Exm. Sr. Dez. vice-presidente da provincia

Pedindo-lhe que, durante o tempo de sua administração, não se limite a vir de sua casa para palacio dar o expediente do costume, visto como um bom administrador como parece ser S. Ex., deve ver e examinar tudo.

Si S. Ex. der um passeio até o logar denominado—Engenho da Conceição, avaliará o *talento* dos engenheiros da provincia no plano que deram para a obra da ladeira que vae ter ao Tanque, e verá o enorme angulo que descreveram, quando deve ser uma linha recta, para a perfectibilidade da referida obra.

Au revoir, Exm. Sr.

—Muxingueiro, vê si agarras aquello desastrado moleque.

—Ah, capitão, varou pela casa do Sr. Galdino de Souza Barreto a dentro. Talvez seja seu escravo.

—Nesse caso, vae prevenir ao Sr. Galdino que si aquelle desastrado é seu escravo ponha cobro á suas diabruras. Diz-lhe que o maligno moleque é o flagello das pretas e pretos velhos no Terreiro; que é um atirador de pedras, o que lhe pode trazer algum prejuizo no dia em que quebrar a cabeça de alguem.

—Vou ter com o homem, capitão e si elle não estiver de humor a reprimir as travessuras de seu moleque, eu me porei de espreita até agarral o.

—Capitão, ouça o que me contaram.

—Estou ouvindo.

—Entrou em uma loja de calçados, um modesto operario para comprar um par de botinas para criança. Depois de ajustar por 3$ rs tirou do bolso uma cedula de 10$ rs. e deu para pagamento. O logista metteu na gaveta e deu troco de 5$ rs.; o operario fez ver que tinha dado 10$ rs., mais o logista bateu pé que fôra 5$ e a nada quiz acceder, nem mesmo a rever o dinheiro para reconhecer o signal que lhe dava o operario.

—Ahi é que está a má fé, por que o enganar-se era fativel.

—E o pobre operario que leva das seis a seis no arsenal para ganhar um tenue salario, ficou sem seu dinheiro, ganho com tanto trabalho!

—E' preciso fazer assim para enriquecer; é preciso tornar-se *aguia* nas alicantinas, para adquirir *ouro*.

—Ora pois, *mister*, continúa V. na suave pepineira de vender 4 arrobas por 3, 7 por 6, 10 por 9 de *combustivel*, e vae *arrecadando* as sobras!

—Excentricidade ingleza, capitão.

—Ratonice descarada.

Bispou V. esse meio de roubar a companhia que é um nunca acabar.

—Sou homem disso, capitão.

—Rato! Vou mandal-o para a *companhia do gaz*, afim de lá o mettrem nas fornalhas á ver si o reduzem a *carvão de pedra*.

(*Continuação do n.º 661.*)

—Eis-me de volta.

Colhi na minha ida ao *Bomfim* mais alguns factos do tal *curandeiro*.

Esse abutre, no Rio Vermelho disverginou uma *candida* moça, filha a *paínada*, atirando-a depois no immundo lodaçal da prostituição.

—Eu tambem lhe ia contar esse caso; mas, ja que sabe, dispense-me de tratar delle.

—Sei d'isso, porque em caminho encontrei com a *angelica* mãe da rapariga, e um sujeito que ahi estava, disse:—*lá vae uma mãe cruel que entregou a filha a um professor da escola curandeira, o qual depois de satisfazer seus lascivos desejos, casou-a com um incauto estudante de preparatorios*.

—Infeliz mulher! exclamei eu.

—Bem feliz que é ella, respondeu elle.

Esta resposta me surprehendeu.

Elle proseguiu:

Esta mulher fazia suas *caridades* e por ser bem *caritativa*, achou, depois de bem experimentada do mundo, um homem que a desposou.

Igual sorte porem quiz ella que a filha tivesse; mas trocaram-se as bolas!

Tratei de indagar como se chama a mulher e elle me disse que não sabia, pois o que a respeito d'ella tinha colhido foi por informação da *Joanna*.

Na.... mente me vieram factos, que... *varro* taes pensamentos!

Conclua V. sua historia.

—V. Ex. ja é senhor de toda ella.

Ha apenas ahi um facto, que ainda não sabe.

—Então diga.

—O irmão da moça acha-se empregado em um hospital, cujo emprego foi arranjado pelo tal *curandeiro*.

—Esse *pardal*, esse marido desnaturado, esse *curandeiro* que não cumpre o juramento que prestou, esse miseravel seductor, não é possivel que tenha *bom fim*.

—*Hodie mihi cras tibi*!

VARIEDADES.

Um piloto vendo, que os seus passageiros tinham muito medo de certa costa por onde passava o navio, animava-os dizendo-lhes:

—Não tenham medo, porque eu conheço muito todas as pedras, que ha por aqui.

Nisto bate o navio sobre uma rocha.

—Olhem, disse elle, a sangue frio, ahi está uma dellas!

Quem depois da leitura das orações funebres de Bossuet, tiver necessidade de uma diversão, acha-a de certo nos sermões do padre Knapp, denominado o—*evangelista*—ministro baptista, cujas predicas estão hoje fazendo um effeito *de mil demonios*, nos pecadores de New-York.

Eis uma amostra do seu melhor estylo:

«—Amigos meus, vou apresentar-vos o quadro do que se passa no inferno.

«O diabo está sentado á sua carteira para receber as almas que da terra lhe mandam.

«Truz! truz! E' o carcereiro que lhe traz uma alma.

«—Quem és tu?

«—Sou Benjamin, ministro do governo confederado.

Ja ca te esperava, diz Satanaz, escrevendo-lhe o nome no livro mestre do inferno. Sou bom rapaz, e gosto de servir os que me obsequeiam. Aqui não se está muito commodamente; mas eu farei o que poder.

«Voltando-se para o carcereiro diz: «Põe o Sr. Benjamim n'um sitio onde tenha uma boa corrente de ar.

Truz! truz!—Entra um individuo que n'aquelle momento acabava de ser enforcado em Cincinnati por ter matado a sogra.

—Ora! que miseria! exclama o diabo; toma cuidado n'esse rapaz; conheço lhe a sogra; ha tres semanas que está aqui. Que velha tão desagradavel! Eu mesmo fazia gosto em lhe torcer o pescoço.

Está na celula n. 63. Ha la fresco de mais para ella. Mette o genro, e põe em frente do braseiro a velha.

«Truz!truz!—Terceira victima.

—O que fizeste?

«Ah? meu senhor, vim para aqui por ter

feito um juramento. Apenas tenho esse peccado de consciencia.

—Satanaz pula indignado. Fizeste um juramento, desgraçado! Blasphemaste o teu Creador! Comprehendia que matasses um homem; que roubasses por precisão; ou que espancasses algum credor. Isso pode ter desculpa. Mas profanares o nome do Salvador, que morreu por ti, é crime irremissivel.

«Não respondes, velhaco?

«Carcereiro enterra até ao pescoço este malvado, no sitio em que os carvões estiverem mais accesos; e assenta-lhe em cima da cabeça outro condemnado!»

Como deve ser a mulher.

Para que a mulher gose completa perfeição na sua belleza, deve ter:

Tres cousas brancas: a pelle, os dentes e as mãos.

Tres cousas negras: os olhos, as sobrancelhas e as pestanas.

Tres cousas rosadas: os labios, as faces e as unhas.

Tres cousas compridas: o talhe do corpo, as mãos e o cabello.

Tres cousas curtas: os dentes, as orelhas e os pés.

Tres cousas largas: o peito, a testa e o intervallo entre as sobrancelhas.

Tres cousas estreitas: a bocca, a cintura e a juntura dos pés.

Tres cousas grossas: os braços, as coixas e as barrigas das pernas.

Tres cousas pequenas: o seio, a cabeça e o nariz.

Nas margens do Marne, perto de St.-Maur, lê-se o seguinte, collocado no fim de um pau:

A authoridade militar
prohibe
que se afogue aqui qualquer
por imprudencia ou
accidente.

—Sargento, o que é que houve em 93, de que tanto nos fallam?

— Em 93? Ora, não sabes?

—Não.

—Houve... sim... houve... a revolução de 1830.

Um avaro escreveu uma carta a um sujeito, pondo-lhe o seguinte:

P. S.—Desculpe não ir a carta franqueada; no momento em que a deitava na caixa despregou se a estampilha e perdeu-se.

Fechou-a e enviou-a pelo correio.

Epigramma.

Ha quem diga que Malherbe,
De viagem se hospedara
Em casa de um arcebispo,
E lautamente jantara.

O prelado que pregava,
E pregava muito mal,
Quiz por força que o poeta
Fosse ouvil-o á cathedral.

Mas, moroso e bocejando,
Responde o baccho noviço:
«Perdão, senhor, desculpae:
«Eu durmo mesmo sem isso.»

ANNUNCIOS.

Vende-se a venda com armação ou sem ella, na rua do Fogo em Itapagipe, a tratar na Ribeira, n.º 69.

Juizo municipal da 1.ª vara.

Correm praças nos dias 25 do corrente e 6 do mez de julho vindouro, a porta do Forum, pelo juizo municipal da 1.ª vara e cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, as seguintes propriedades:—uma de n.º 99, sita ao forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar, terreno proprio, que devide com as terras de Nossa Senhora da Lapinha, no valor de rs. 1:500$000; outra, de n.º 121, sita ao mesmo forte, tambem em terreno proprio, com a mesma devisão, no valor de rs. 1:100$000; outra, sita á rua nova do Queimado com tres frentes principiadas, em terreno tambem proprio, no valor de rs. 1:000$000, as quaes são pertencentes ao casal dos fallecidos José Ricardo de Sant'Anna e D. Maria Joaquina de S. José. Bahia 20 de junho de 1870.

FOGOS

FOGOS

FOGOS

PARA AS NÓITES DE SANTO ANTONIO E DE S. JOÃO.

Grande sortimento por atacado e a retalho, feito de encommenda pelos melhores fabricantes, na bem acreditada loja de João do Prado Carvalho, aos Cobertos Grandes, n. 55.

O mesmo continúa á receber toda e qualquer encommenda deste genero, bem como de planta, rodas, etc., etc., obrigando-se a acondicionar e embarcar, si for preciso, e a mandar tocar, tanto nesta cidade como fora della.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.ª TERÇA-FEIRA 28 DE JUNHO. N. 664.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—15 rs. por serie de 10 numeros; 55 rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de junho de 1870.

Officio ao Exm. Sr. governador do arcebispado, expondo-lhe o estado de profanação e desacato em que trazem as irmans de charidade a capella de Nossa Senhora da Piedade edificada no hospital da santa casa.

Essas mulheres admittem á noite um cavallo, como si o fim desse pio estabelecimento fosse receber animaes á trato.

Tres cabras (bicho) que egualmente ahi pastam, invadem á qualquer hora o sanctuario do Senhor e o cavallo faz delle seu dormitorio!

Espera-se que S. Ex. tomando em consideração o pouco apreço em que as irmans de charidade tem o respeito devido ao templo de Deus, não tolere a continuação de tão escandalosa irreverencia.

—Ao Illm. Sr. provedor da casa da santa Misericordia, partecipando-lhe que o exposto de nome Bento, por descuido ou deleixo de quem o cria, rendeu-se, na quinta-feira, das verilhas, formando-se grande sacco herniario e consta que nenhum curativo lhe foi applicado, antes no dia immediato e subsequentes tem o menino sido visto a correr pelas ruas, conforme seu costume habitual.

Por obra de humanidade, pede-se a S. S. que essa pobre creança, cuja edade não pode exceder de quatro annos, seja recolhida ao estabelecimento, onde, talvez ainda seja possivel, com os recursos da medicina remediar a tamanha defomirdade, o que não acontecerá si for deixado ao abandono, vindo a tornar-se um homem inutil.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, declarando-lhe que pela falta de providencias da parte de S. S., continúa o deshonesto costume de tomar-se banho nú no *Buraco de Sinhá Anninha*.

A' vista das repetidas queixas das familias do logar, de novo insta-se com S. S. por uma medida repressiva.

—Ouça e diga-me si isto não é zombar ousadamente do bom senso publico.

—Falle, que estou ouvindo.

—Affirmam que o aceio da cidade tem por fim remover do meio della as materias susceptiveis de corrupção, que possam viciar o ar e causar incommodo ou perigo á saude publica.

—E que difficultem o transito publico; é do contracto.

—Entretanto, a Preguiça, que é centro do mercado do peixe, onde a população corre á supprir-se desse genero alimenticio, de primeira necessidade, é o logar mais proprio que o emprezario do cisco achou,, para com petulante desplante, fazer deposito de immundicies!

E' facto que não se contesta, porque todos podem ver.

Os carros da limpeza vão ali despejar tudo quanto é asqueroso e immundo; o exterquilinio já vae assumindo a altura de um outeiro.

A fedentina é insupportavel; os vermes immundos saltitam aqui e acolá; as varejeiras voam da podridão para as gamellas.

—E é um individuo que tão *fielmente* cumpre o que contractou, a quem a primeira authoridade da provincia não teve escrupulo de proclamar officialmente como o homem necessario e de reconhecida actividade para desempenhar semelhante commissão!

—Placida e serena como um mar de rosas tem corrido a eleição.

—Si todas ellas se fizessem assim, que fortunão para o povo!

—As respectivas mesas e uns dez ou doze affectos da parcialidade que domina, dão conta do recado.

—Ao menos, as vinganças, os processos, o recrutamento, ficarão para outra vez.

—Haveria algum contra-tempo no gazometro?

—Não lhe vejo geito para isso.

—Falta ainda um quarto para quatro horas e já a cidade está em trevas!

Ao menos as ruas porque temos passado.

—Pois hoje é que reparou nisso?

—V. sabe que não costumo sahir de madrugada.

—Uma cousa que ninguem estranha mais! E' apenas uma *innocente* economia que faz a companhia nas ruas mais solitarias; as mais transitadas apagam-se commumente ás quatro e tres quartos.

—Tanto faz dar na cabeça, como na cabeça lhe dar; logo que não se apague com o dia fora, o contracto é violado.

—Não ha contractos que sirvam.

—Serve tanto que o governo tem um inspector e um ajudante para fiscalisar as irregularidades da companhia.

—V. quer especular muita cousa.

—Não lhe agrada o meu dizer? Então calo-me.

—E obra com juizo.

—Em toda parte se apresenta a companhia do *olho-vivo*!

No sabbado, na egreja da Piedade, na hora em que se celebrava o officio funebre pelo finado visconde de Itaparica, um membro dessa companhia, aproveitando-se da occasião, escamoteou uma carteira do bolso do coronel Botelho; mas felizmente foi mal succedido em sua escamotagem por estar de parte um sujeito que arrancou-lhe a carteira da mão e a entregou ao coronel.

—Nem no templo sagrado esses miseraveis respeitam as algibeiras alheias!

—No domingo, 19, os soldados do destacamento do Caes Dourado deram n'um homem á matar.

Foram prender a um e como não econtraram, espancaram ao outro.

—Que boa policia!

—Na quarta feira a meia noite dous individuos que diziam serem filhos doSr. Pessoa, poeta, quizeram arrombar uma porta, na Praça.

Fizeram tão pequeno alarido que obrigou o presidente á chegar á janella para saber o que era.

—No vespera de S. João, contaram-me, deu se um caso funesto no arsenal de marinha; mas que não garanto a sua veracidade.

—Em todo caso relate-o.

—Um menor do arsenal, estava com uma garrafa cheia de polvora, quando ao se approximar um seu companheiro com um chuveiro acceso cahiu dentro da garrafa uma faisca.

—Misericordia!

—A garrafa estourou, succedendo um dos menores levar um pedaço de vidro nas verilhas, do que, dizem, morreu.

—Coitadinho!

—Um outro ficou sem dous ou tres dedos, e dous feridos levemente.

—Santo Deus! Como é que deixa-se umas crianças brincar com polvora?

—Isso, a ser exacto, comprova o amor quasi paternal que ha ali por aquellas crianciñhas.

—Quem anda pelo Rio de S. Pedro continúa a soffrer risco de vida; os tiros para quebrar pedras repetem-se sem cautella.

—O delegado ja andou por la.

—Mas parece que nada conseguiu.

—A policia, podia ao menos, impor a providencia de que, na occasião em que se tivesse de dar os tiros, se fizesse um signal para advertir a quem passasse á não se expor ao risco.

—Nunca vi tanto fogo solto como este anno.

—E eu; as ordens da policia foram burladas.

—Ora! si houveram soldados que receberam esportula para deixar *brincar*.

—Tambem outros cumpriram restrictamente seu dever.

Eu sou amigo da justiça; vi o tenente Ovidio fazer prisões com muita moderação e prudencia; o cabo Cordeiro tambem, e mais dous policiaes que não conheço; assim como um portou-se indignamente na Baixa dos Sapateiros mettendo a chibata no meio de um ajuntamento, do que resultou grave conflicto.

—O que ouviu dizer de desastres?

—Alguns.

Dizem que o capitão Faria Rocha foi offendido na cabeça por uma taboca; um foguete penetrou na casa em que estava uma senhora filha do procurador Malaquias a qual se acha pejada, causando-lhe grave encommodo e quebrando um espelho; um socio do Sr. Joaquim Matheus dos Santos, com venda em Santa Barbara, estando á conversar da parte de fora, estourou-lhe um foguete sobre uma das pernas que o poz em serio risco; na rua do Carro penetraram em duas casas, causando estragos; na Calçada quasi queima-se uma mulher; na rua do Collegio, no dia immediato, dava-se tiros de *pecinha* de uma casa, as faiscas pegaram nos vestidos de uma moça que passava e atearam-se em labaredas,

foi soccorrida; no portão da Piedade um foguete levou o peitoril da janella de uma casa e ia ganhando fogo. Isto é o menos, o mais é o que não se sabe.

—Dous divertimentos tão perniciosos e aos quaes a população está tão affeita que não se quer desarraigar delles—o entrudo e os foguetes!

«—Aqui d'el rei! estou ferido!»

—Homem, va ver que gritos são estes.

—E' o *mercurio* José Roberto, que passa, banhado em sangue, bradando que o Sr. Nascimento, musico da cathedral, lhe esborrachou a cabeça com uma formidavel porretada, na rua do Pão-de-Lot.

—Isto so de doudo.

—Ou excesso d'alegria por ser dia de S. João.

—Quem as atou que as desate; si realmente, como diz elle, o Sr. Nascimento fez isso, a policia que lhe indague que motivo teve para exceder-se tanto.

—Em todo caso é sempre um delicto que não deve passar por alto.

—No sabbado á noite, o gaz teve um desmaio; muitas ruas ficaram ás escuras e immensas casas de negocio tambem.

—Si fosse a empreza que soffresse qualquer transtorno, talvez quizesse exigir indemnisação de prejuizos; mas ella não resarce aos prejudicados as perdas, que causa com suas continuadas faltas.

—Muitas ruas da cidade estão que fazem nojo.

Por causa da noite de S. João; as fogueiras, as palhas de milho, emporcalharam-nas.

—Mas a empreza por que não limpa?

—Não pode dar vasão; não tem força sufficiente; ha ruas que ha quatro dias ainda não houve tempo para serem varridas.

—Ora ahi esta a empreza alcunhada de habilitada pelo Sr. S. Lourenço!

—V. está vendo que ella é incapaz de dar conta do trabalho ordinario, como se admira que fique abarbellada com esse extraordinario?

—Si eu fosse authoridade competente mandava fechar o portão de um becco que ha no Terreiro, entre a faculdade de medicina e a propriedade contigua.

—V. não diz nada que se aproveite. O que tem a authoridade com um portão particular?

—Eu lhe digo. Ali, á noite, é theatro de scenas deshonestas e libidinosas; serve de latrina publica; é uma esterqueira que pode adubar de estrume uma roça inteira. As irmans de charidade, depois que se deitaram bancos em redor das arvores, fizeram delle cisqueiro: lama, tijuco, tripas de gallinha, aguas pôdres, tudo ali se despeja.

—Que pechincha para a saude dos visinhos!

—E visto que os fiscaes não tem acção para multarem essas mulheres, pela porcaria que fazem, nem os soldados de policia olhos para ver quem entra ali de noite para saciar seus appetites corporaes, ao menos, trancado o portão, cessava parte do inconveniente.

—Por morte do visconde de Itaparica houve *pendenga* ecclesiastica.

—Mas elle morreu catholico, fiel aos dogmas da egreja.

—Não é disso que se trata; a cousa é muito differente.

Sendo a casa, em que falleceu o illustre general, lemitrophe das freguezias da Sé e S. Pedro, ambos os reverendos vigarios questionaram sobre o direito de contal-o no numero de seus comparochianos.

Trocaram-se notas; allegaram se razões; exhibiram-se documentos de parte a parte e por fim ficou decidido que, competia ao vigario da Sé o direito de accompanhar o corpo até a egreja da Piedade, cabendo dahi em diante ao de S. Pedro.

—Eis um facto que abona muito a sollicitude e zelo parochial.

—V. deve reflectir outra cousa; o que são as contingencias do mundo. Uns com tanto, outros sem nada.

Ao passo que para o general se apresentam dous á prestar as orações funebres, quanto soldado raso não terá ido para a valla do cemiterio sem um *requiescat in pace?*

A PEDIDO

Agradecimento.

Sendo a gratidão um dos nobres sentimentos que se aninham n'alma e se identifica de sorte a ser considerada a semi-deusa da terra, esse dever que jamais alguem o desconhece pela sublimidade de sua grandeza, ingrato seria eu, si do alto da imprensa deixasse de agradecer a todos os amigos que se dignavam frequentar o nosso café e vispora á Baixa dos Sapateiros, concorrendo assim para facilitar-me um meio licito de ganhar a vida.

E'-me preciso nesta data separar-me por força *d'alguem* da sociedade do café e vispora, ficando á cargo della o Sr. Cabé (cujo nome não se esqueça) deixando desde já com

responsabilidade nem onus da casa, tendo apenas a meação dos utencís a quem tenho em debito a quantia de 30$700, que será embolsado convenientemente.

Este agradecimento me ficará gravado no coração de todos quanto me trataram bem. Cuja attenção e urbanidade são dignas de ser eterna e indelevelmente gravadas no nome que não morre—gratidão.

Bahia 10 de junho de 1870.

Antonio Rodrigues de Macedo.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. subdelegado da Sé para o tresloucado procedimento de Joaquim Bertholdo dos Santos, inspector de quarteirão dessa subdelegacia.

Esse individuo, vale-se do cargo de agente da authoridade para praticar quanto absurdo lhe suggere á desmiolada cabeça, com o que não só desacredita aos demais prepostos da authoridade, como compromette a S. S. fazendo e desfazendo prisões em nome da subdelegacia, revistando carregos, espancando os mendigos que se asylam debaixo dos arcos da camara, e até abusando da força publica para seus tolos caprichos.

Admira a facilidade com que no destacamento da repartição da policia lhe concedem praças para seus desvarios, quando se nega a outros para casos de utilidade e serviço publico.

Espera-se de S. S. um paradeiro ao procedimento inqualificavel desse estouvado individuo que de sorte nenhuma está no caso de exercer o logar de inspector de quarteirão.

—Que diabo tem aquelle individuo?

—Está com a cabeça pesada, creio eu.

—Não creio; quem tem a cabeça pesada vae deitar-se; não dá para violar a casa alheia.

—E' o que elle fez; entrou, tirou o paletot e deitou-se.

—Carece grande animosidade!

Embarafustar por uma casa em que não se tem conhecimento e ficar renitente a ponto de quem está nella vê-se na necessidade de pedir soccorro! Que *pinhão* para o dono da casa se chega agora e encontra semelhante empreitada!

—O sugeito diz ser filho do Sr. Antonio J. S. Gouveia.

—Rapaz, eu não quero complicações.

—Si é ou si não é, não sei.

—Que pedaço d'asno!

—Ou é tolo ou come sujo.

—Os filhos malcreados a atirarem foguetes para cima dos visinhos e de quem passa, pede-se moderadamente que não façam isso, o fatuo parvo, em vez de admoestal-os, vem orgulhosamente perguntar si sabe com quem está fallando!

—Sem duvida, julga-se um segundo *Lopez*.

—Forte bestalhão!

—Querer se inculcar de *Lopez* no arrogancia, um sevandija que não passou, sem duvida, de criado de algum *dentista*!

—Si sabe com quem está fallando!...

Com um depravado que abandona a familia, por esse mundo de Deus e anda por cá sem se lembrar della, engolphado em libidinoso concubinato; com um pae *resoluto* que dá educação de quitanda aos filhos, com um tolo insolente emfim.

VARIEDADES.

Jogo.

As cartas de jogar foram introduzidas no anno de 1390, em França, para entreter o rei Carlos VI, quando cahiu em *loucura*.

O jogo é o dissipador dos bens, o sorvedouro das riquezas, o desperdicio do tempo, o escolho da innocencia, a ruina das sciencias, o inimigo das musas, o pai das querélas.

Por mais ligeiras que sejam as perdas diarias que se fazem ao jogo, ellas não deixam de avultar. São como as pequenas chuvas que, cahindo por muito tempo, vem a molhar muito.

O jogo é um pego, que não tem fundo nem praia. Desde que nelle se embarca e se perde a terra de vista, é raro que ella se torne a ver.

O jogo, assim como o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos annos.

No jogo se perdem amizades, se contrahem odios, e se passa rapidamente da paz a guerra, da innocencia ao crime.

Si se empregasse no estudo o tempo e a sagacidade que se emprega no jogo, o mundo estaria cheio de sabios.

Os dentes postiços.

Certa senhora brincava em uma reunião com uma menina muito espirituosa, quando repentinamente ella pergunta-lhe:

—A senhora é muito rica?

—Porque V. pergunta?

—Porque estou vendo sahir-lhe ouro pelos dentes.

Na estação do caminho de ferro:

Uma saloia—Um bilhete de 3.ª classe.

O empregado—Para onde?

A saloia—Que tem com isso?

Typ. de Marques, Aristides e C.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 64.ª TERÇA-FEIRA 3 DE MAIO. Ns. 640.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de maio de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, dando-lhe communicação das seguintes ruas nas quaes, pelo estado porco em que se acham, parece que ainda não viram limpeza, depois da inauguração da actual activa e habilitada empreza.

São ellas—largo do Barbalho, onde um monturo colossal está se elevando; rua da Valla, desde a quina do Caminho Novo ao estabelecimento do aceio: Este pedaço é um deposito suprido de podridões de toda especie. Pau da Bandeira, onde devia haver menos deleixo, para não ficar a presidencia de exagerada nos elogios que teceu ao homem do cisco; Ladeira da Misericordia, Becco do Curiaxito, Ladeira da Garapeira e outras muitas.

Espera-se que S. S., cuja boa vontade em cortar abusos aprecia-se, chame ao feliz donatario desta macia sinecura e o advirta da maneira leonina porque vae elle abiscoitando os cobres do povo.

—O conselho da sociedade Monte-Pio dos Artifices, em sessão de 1.º de maio, nomeou uma commissão composta dos Exm. Srs. barão de S. Lourenço, Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha e João José d'Oliveira Junqueira, para felicitarem, em nome dessa sociedade a S. M. o Imperador, pela feliz terminação da guerra contra o despota do Paraguay.

—Capitão, quer ouvir o que são certos padres e como usam elles da religião que administram?

—A respeito de padres estou bem inteirado.

—O que lhe vou contar, é tão verdade como a propria verdade e passou-se não fazem 15 dias nesta cidade.

—Para mim basta sua palavra.

—Uma mulher flagellada de terrivel molestia, que vae gastando a vida lentamente, acha-se ás portas da morte.

Um minstro do altar está á sua cabeceira. Em nome do Christo vae levar lhe os ultimos alentos do spirito e preparal-a a entrar na vida eterna.

A enferma, na confissão, declara ao padre que tem duas filhas, unico pezar que leva ao deixar este mundo.

Na pobre saleta, onde se passa esta scena de dor e consternação, está uma linda mocinha de quem o padre não tira os olhos e que, na occasião, toma por uma das filhas da doente, quando ella é sobrinha de uma companheira de morada desta.

Acabada a confissão, o sacerdote que tinha entrado naquella casa para absolver peccados, consolar afflictos e mitigar dores d'alma, em nome d'AQUELLE que veio remir o mundo, chama a menina de parte e diz-lhe:

«—Sua mãe, no estado em que está, não se levanta mais dalli. V. quer ir para minha casa? Fica com minha irman, que lhe ha de tratar divinamente. E' melhor do que estar nesta miseravel pobreza.»

A menina nada teve a responder.

—Acredite-se em padres! Creia-se em confissões.

—No outro dia, o Cupido de sotaina foi levar um corte de bonita chita para a menina fazer chambre e continúa com frequencia em sua adiantada seducção.

—Esse homem não é ministro de Deus, é enviado de Satanaz.

—Pois veja, como um cultor da vinha do Senhor, transforma-se em lagarta para estragar a seara, levando a um tempo a prostituição a uma virgem, e a perdição uma alma, visto que a enferma quando o vê entrar em casa, sente visivel horror por esse cynico; tanto que ja lhe aconselharam que se reconciliasse de novo, por que a confissão que fez, é nulla.

—Estou cançado de ouvir tanta devassidão. Diga-me por fim o nome desse corvo.

—Ha de ser depois. Por ora, si quer conhecel-o, mande uma pessoa postar-se nos *Afflictos* que ha de vel-o passar para a sua conquista amorosa.

Note que ahi é o caminho. A casa da docente não *é nos Afflictos.*

—Não é desta maneira que a religião de Jesus Christo é uma religião de charidade e amor do proximo.

—Não é com taes ministros que ella «será como o sol: luz sobre toda a terra, sem que lhe maculem o brilho os logares impuros sobre que dardeje.»

—O garfo não é somente um instrumento cuja util serventia é transmittir as regiões do paladar saborosas iguarias.

Nas mãos de qualquer cabeça inchada, torna-se uma arma perigosa.

—Mortifera até.

—Um tal Epiphanio, homem resingueiro, esquentou-se com a *camarada* e sangrou-a á garfo.

—Onde foi isso?

—No Caes Dourado.

—Como andam os homens sanguinarios!

—Todas as repartições officiaes punem as infracções de seus regulamentos por meio de penas e multas impostas por seus agentes.

—O mesmo são as emprezas publicas.

—Os poderes publicos, á quem infringe a lei, manda submetter á um processo e depois de condemnado é que se soffre.

Os carroceiros do accio, não; por suppostas infracções insultam, injuriam e ameaçam com pancadas.

—Pois elles não são os legitimos agentes do homem do cisco?

—O que varre na Estrada Nova, de S. Miguel á Baixa dos Sapateiros, apparece uma vez na semana e nesse dia solta a lingoa sobre os pacificos moradores.

O Sr. José Pedro da Silva Para-assú, cidadão honesto e proprietario, incorreu na animadversão do rixoso varredor. E como o homem é de côr preta, era todo dia chamado de negro e mimoseado com outras amenidades offensivas.

Um dia em que ouviu a maneira porque era tratado, dirigiu-se ao carroceiro e observou-lhe que sua obrigação era apanhar o cisco da rua e vendo alguem despejar, chamar o fiscal para executar as disposições municipaes.

Bocca que tal dissestes!

Teve em recompensa os epithetos de negro, filho da p...; que não cagasse mais regra, ao contrario lhe quebrava a cara, e por esse theor levou a mais nojenta descompostura que se pode ouvir.

—Isso é mesmo provocar.

—Agora no domingo, o mesmo carroceiro vae á porta do Sr. Marcolino J. da C. Pitta e diz-lhe em tom grosseiro:

«—Si o senhor deitar mais cisco na rua *mando* multal-o.

«—Mas o senhor viu-me deitar cisco?

«—Não sei; está ao pé da sua porta.

«—Por mim, pode chamar quem quizer, que eu não pago.

«—Porque? V. tem mais...., (um termo obsceno) que os outros, por ventura?

«—Chame até ao diabo que o leve.

«—Hei de chamar sua mãe, aquella p..., branco de m.....; sahe para a rua. filho da p... que te metto o cabo da vassoura pela bocca até sahir pelo c.....

E por ahi desfiou o valentão a mais hedionda catilinaria de insultos e obscenidades

—Com homens de tal indole, d'uma hora para outra pode dar-se um caso grave.

Nem todos estarão dispostos a aturar aggressivas insolencias desta ordem.

—E' preciso notar que a casa do Sr. Marcolino tem extenso quintal e por tanto não ha necessidade de deitar cisco na rua.

—E' intoleravel tamanho desaforo.

—Eu creio que o homem do cisco escolhe á mão, homens turbulentos e de pessima conducta, ou então os authorisa a offender com palavras injuriosas a população.

—Assim parece, porque si fosse um ou outro que insultasse, va; mas no geral...

—Capitão, sabe o que se deu na sexta feira com o Sr. Lourenço Devoto?

—Não.

—Quer ouvir?

—Que duvida.

—O Sr. Lourenço Devoto estava com um preto a expirar e mandou por um dos seus caixeiros chamar o vigario para ungil-o.

O vigario recebendo o chamado, respondeu que não podia ir, visto como tinha n'aquelle momento entrado da rua e estava com os calos lhe doendo muito.

O caixeiro voltou e disse isso mesmo ao amo.

—E o preto morreu?

—D'ahi ha poucos minutos deu alma ao Creador, sem que tivesse o vigario lhe administrado os soccorros espirituaes.

—E é isso que elles chamam *caridade evangelica*!

—Utopias e labyrinthos, phantasmas e chimeras, nodoas e sombras, erros e desati-

nos, charlatanismo o incoherencias, imposturas e bravatas, interesses o impunidades, são as divindades gentilicas do paganismo governamental desta boa terra do Brazil, são os idolos incensados no thuriferario do egoismo; são os sonhos que adormecem os cerebros carcomidos pela lisonja de uns, puerilismo de outros e cegueira de quasi todos os que nos legislam e representam.

—As vozes da razão, da justiça e da liberdade echoam algumas vezes no recinto parlamentar; porem o som perde-se-nas abobadas do mesmo e a luva, atirada pelo campeão da humanidade no chão da honra, só encontra espectadores frios, homens petrificados e indifferentismo universal; ninguem levanta-a, porque ninguem se quer malquistar; ninguem ataca-a porque vae de encontro a seus desejos, unico movel de uma sociedade corrompida e depravada quasi na primavera de sua existencia.

—O interesse é o movel de tudo.

—Dizem que ha voto livre entre nós.

Voto livre nunca existia, sinão em theoria e actos officiaes. Executado praticamente em toda sua plenitude, arrastaria irremissivelmente á queda do ministerio que o sustentasse. E os ministros do Brazil são bastantes *patriotas* para deixarem o ambicionado poleiro á mercê dos seus adversarios. Portanto, o voto livre é a primeira das utopias politicas, não porque em sua essencia seja irrealisavel, mas porque causaria a ruina do realisador.

—Èis outra utopia: africano livre, escravo da nação.

—Isso é uma nodoa que nos macula; o interesse que obriga a sociedade brasileira a roubar o alheio sangue e alheia liberdade.

Julgava em outro tempo o governo que concedendo a particulares os africanos *livres da nação* com a clausula de servirem uns tantos annos, afim de ficarem doutrinados na sciencia do trabalho, melhorava a condição desses entes desafortunados.

Mas qual foi o resultado da philantropia governamental?

Foi deixal-os em eterno captiveiro, por quanto africanos livres continuaram e continuam a servir como escravos, depois de esgotado o prazo da servidão, que lhes foi imposta, e quando a morte faz suas victimas entre os escravos dos possuidores, fazem elles uma troca indigna de si e da sociedade; e o africano livre substitue ao escravo fallecido, com quebra da dignidade humana, por meio de um attentado contra a liberdade individual, por abuso de força, por infracção das leis, por falta de charidade christan, por sêlo do interesse e finalmente por incuria do governo que em todo caso carrega com a responsabilidade de tão eterno crime.

—A respeito da execravel barbaridade de um thug, que no Piauhy ferrou dous homens, seus escravos, diz o *Amigo do Povo* daquella provincia:

«**Horribilissimo!**

No dia 8 deste mez, na chefatura de policia, foram judicialmente examinados os *escravos ferrados* do *philantropico* Clemente de Souza Fortes, cujo nome votamos á execração publica.

O escravo Romualdo tem na fronte estampada a palavra —*escravo*— e alem disso as orelhas furadas com vasador, como si fossem lóros de selim!!!

O escravo Evaristo tem a marca de—*captivo*—em lettras um pouco mais finas que a de seu irmão e companheiro de infortunios.

Os estigmas foram feitos com pique de agulha e pó de caco de cuia queimado: são indeleveis.

Os infelizes *escravos ferrados* são de côr parda, seccos de corpo e de rosto, pequena estatura, quasi sem barbas etc.

Um d'elles, o de nome Romualdo, acaba de ser comprado ao anthropophago, pelo coronel João do Rego Monteiro, d'esta cidade.

Pobre Brasil! Cobre o teu rosto perante a propria Cafraria!....

Até mesmo as serpentes e os tigres de tuas florestas immensas—teriam pejo de se dizerem patricias de um ferrador de creaturas humanas,—de um surrador de homens livres e de outros monstros de egual jaez.....

A cascavel e a cangussú não gostariam que as comparassem com similhantes centopeias bipedes, verdadeiros abortos da natureza.

.....

Laboulaye, Laboulaye!

Este paiz é tão fertil que produz Horacios Ribeiros e Clementes Fortes; porém, que culpa tem o solo?

Não amaldiçoeis por isso o nome brasileiro; sêde porem inexoravel—contra os esclavocratas.»

—Neste tempo em que a extincção do elemento servil tornou-se o verbo da aspiração social, pôr entraves a emancipação do escravo, que tem meios para libertar-se, é ser retrogado das leis da natureza.

—E' pretender loucamente conter a torrente irresistivel das tendencias da epocha.

—Um descendente do Ashaverus, nesta cidade, possue uma preta velha que mais se pode chamar um cangalho.

A filha desta, tendo meios, quer cumprir

um dever filial, libertando sua mãe o mandou propor ao senhor que abrisse preço da alforria.

O homem porem, verdadeiro typo de uma raça estacionaria, nega-se obstinadamente, á pretexto do que a escrava é má, fujona e ladra e que por isso ha de morrer no captiveiro. Ou se sahirá de seu poder por sua morte.

—E' uma mesmo de *judeu*.

—Note que a preta é um objecto inutil; serve apenas para vender pomadas e banha cheirosa.

—Quem é esse amigo do barbarismo?

—O Leão judeu.

—Um agiota.

—Esse mesmo.

—As authoridades estão ahi para proteger a causa da liberdade e do fraco.

Namoro.

Não me digam que sou bem voluvel
Por amar de uma vez á tres bellas;
Quem não conta no rol dos namoros
Sympathia por oito donzellas?

Si Eliza tem olhos rasgados
E os labios de fino carmim;
Mariquinhas é tão innocente!
E Rosinha olha tanto p'ra mim!

E Amelia, a priminha tão linda....
Não lhe devo querer algum bem?
E a menina que mora defronte,
Que mal faz que a namore tambem?

E a morena que passa na rua
Negros olhos p'ra mim requebrando....
Si não é por amor.... não é crime
Ir com ella um namoro travando.

E o anjinho da noite do baile
Com que tanto levamos valsando,
Não é justo que mesmo na valsa
Um beijinho lhe vamos roçando?

E demais.... cada um tem seu gosto....
Alguns gostam de rir e folgar;
O janota prefere a palestra
Ca por mim, vale mais namorar....

J. Pinto.

(*Correio Pernambucano.*)

Soneto.

Vem o homem á luz e chora logo
Entre as mãos da parteira; depois cresce,
E para o mestre vae, que as mãos lhe aquece,
E só tem o chorar por desafogo.

Depois chora o vintem, que perde ao jogo,
Mais tarde, por quem a alma lhe enlouquece;
E, si o peito da bella se arrefece,
Chora-lhe o coração, ardendo em fogo.

Chora quando padece dôr de dentes,
Quando encontra cotão só n'algibeira,
E quando perde amigos e parentes.

Chora vendo um doutor á cabeceira,
Chora por soffrer mil dôres diff'rentes
Ora sêbo p'ra tanta choradeira.

José Ignacio de Araujo.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo convido os Srs. socios a se reunirem em assembléa geral ordinaria, quarta-feira 4 do corrente, ás 6 horas da tarde, afim de ser-lhes presente o relatorio e o parecer da commissão de contas do trimestre findo. Bahia 2 de maio de 1870.—O 1.° secretario, *Joaquim Cassiano Hippólyto.*

A mesa actual da irmandade do glorioso S. Benedicto, erecto no convento dos religiosos franciscanos, partecipa ao publico e aos fieis devotos que tem de celebrar-se a festividade do mesmo Santo no dia 8 de maio, para o que convida a todos para brilhantismo da mesma solemnidade. Pregando ao evangelho o Rvm. padre mestre fr. Sepulveda.

N. B. A mesa tambem convida a todos os irmãos e devotos para assistirem a uma missa no dia 9, ás 8 horas em sufragios dos irmãos fallecidos.

Fugiu da abaixo assignada, a escrava creoula de nome Delfina, altura regular, calcanhar raxado, dedos compridos e enrugados, com falta de um dente. Quem a achar e levar á casa atraz de S. Pedro, defronte da capellinha, n. 9, será gratificado generosamente.

Felicidade Freire de Carvalho

A venda na Palma, n. 2, pede aos Srs. inferiores do 4.° batalhão que com ella tem debitos, que os venham saldar, do contrario serão chamados de novo, publicando-se os seus nomes; e alem da grande demora que tem tido offerece mais oito dias para isso. Bahia 26 de abril de 1870.

DECLARAÇÃO.

O Sr. que veio á esta redacção, fará dous mezes, com uns documentos para publicar sobre o procedimento do vigario do Passé no enterro de sua mãe D. Fulana Perpetua dos Santos, é convidado a vir restituir certos papeis que em confiança levou, dizendo que era para mostrar e combinar com seu irmão. Consta que tal senhor é empregado na camara.

Ty. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª QUINTA-FEIRA 5 DE MAIO. N. 641.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de maio de 1870.

Officio ao Exm. Sr. governador do arcebispado, reclamando contra o inqualificavel procedimento das irmans de charidade da Casa da Providencia, as quaes empregam as educandas em carregar pedras para a obra de uma capellinha que ahi se está edificando.

Na noite de 2 do corrente desciam pela ladeira do Alvo, 12 meninas carregadas de pedras, alem de algumas mulheres a quem o fanatismo encasquetou que com aquillo conseguem a remissão dos peccados, porque assim lhes tem imbuido um padre lazarita.

Um curioso procurou saber a significação de tal novidade e informaram-lhe que era penitencia imposta por um pregador lazarita.

Nesta cidade, onde os meios de conducção hoje são facillimos, não passa isso de uma sordida especulação, aproveitando-se o serviço de frageis crianças em um trabalho grosseiro e improprio do sexo; pelo que recorre-se a S Ex. para que cesse semelhante abuso.

—Estou contente per ver como o povo bahiano recebe a seus irmãos que voltam do campo da gloria.

—Ao menos compense-lhes o sacrificio, as fadigas, as privações que passaram, estas demonstsações que elles vem encontrar no seio da patria agradecida.

—A recepção do 46º de voluntarios por parte da população, foi digna dos sentimentos elevados deste povo.

—Presenciei alguma cousa.

No arsenal, o partido liberal foi em commissão cumprimentar ao intrepido general e seus valentes companheiros, dirigindo-lhe a palavra o coronel Alexandre Maia Bittencourt.

Uma scena que fez estremecer as fibras do coração e arrazar os olhos d'agoa insensivelmente, mas que é impossivel de pintar-se, occorreu na occasião em que o general respondia a saudação que lhe fôra dirigida.

Foi quando sua filha ao avistal-o arrancou um grito d'alma:—meu pae!.... e desmaiou depois de pronunciar—*viva o brigadeiro Francisco Lourenço*.

—A poesia do D. Augusto enthusiasmou-me.

—O batalhão formou em columna cerrada em frente a egreja da Conceição e d'ahi desfilou seguindo o itinerario annunciado, ao som de enthusiasticos hymnos, acclamações patrioticas, vivas e flores e estrepitos de foguetes.

Na praça formou-se em linha.

—Um incidente deploravel deu-se nessa occasião.

O brigadeiro F. Lourenço montava um fogoso animal e embaraçado para governal-o pela agglomeração de povo, foi victima de uma tremenda queda, sendo offendido no peito pelas patas do animal e ficando contuso no rosto.

—A presidencia leu a seguinte proclamação.

«Bravos comprovincianos!

«Soldados do Brazil!

«Em nome da Bahia eu vos saudo! Regressais á Bahia depois de firmado seu triumpho, depois do exterminio de um dos mais execraveis tyramnos que tem flagellado as nações. Esta terra ciosa de seus brios está satisfeita da vossa conducta, vos recebe agradecida e até com desvanecimento de contar-vos entre seus filhos.

Salvastes a honra nacional e juntastes ao baptismo do Ipyranga onde o Brazil recebeu o nome de nação o chrisma dos combates heroicos nas longinquas terras do Paraguay. Nossa patria é independente e livre!

«Homens do campo que trocastes o arado pelo fuzil, repetindo os feitos heroicos dos velhos tempos de Roma, voltae orgulhosos á mais nobre das industrias, e transmitti á vossos filhos, parentes o visinhos o sentimen-

to de patriotismo que vos seguiu na terra estrangeira; dizei-lhes que no meio dos perigos e por entre cadaveres a patria sobresahia até a familia!

«E vós Sant'amarenses, com vosso digno chefe recebei o abraço de um conterraneo que estremece ouvindo vossos feitos heroicos, que vos ama como pai, que se orgulha de haver nascido na terra que tem produzido homens notaveis pelas lettras, e espadas como as dos Cajahibas, Itaparicas e Sergys.

«Povo bahiano, qual o atheniense, sois conhecedor do verdadeiro merito, provai ainda desta vez que o apreciaes devidamente, repetindo com enthusiasmo:

»Viva a nação brasileira.
«Viva o Sr. D Pedro II.
«Vivam os voluntarios da patria
«Viva a heroica Bahia.»

Precedeu-o o Dr. João Victor de Carvalho com eloquentes palavras em nome da assemblea provincial.

Recitaram os Srs. João de Britto, e Vicente Ferreira de Souza a poezia abaixo, recolhendo-se o batalhão para o seu aquartellamento no forte de S. Pedro.

—Vivam os voluntarios da patria!

—

Soldados que nas batalhas,
Sempre invictos lutastes,
E que aos fogos das metralhas
Nunca, nunca descorastes!...
Vinde, cingidos dos louros
Que ao perpassar dos pelouros
Colhestes ante o obuz!....
Cantando hymnos de victoria,
Tivestes palmas de gloria,
Tivestes da gloria a luz!....

Vós que tivestes por norte
Não vacillar nem tremer!....
Na luta encarando a morte
Cantar victoria ou morrer!....
Não cahir ingloriamente,
Morrer, morrer nobremente,
Dando a um tyranno pavor!....
E provar que o voluntario
Da liberdade é sacrario
Erguido aos pés do Senhor!...

Vós destes a humanidade
A mais sublime lição!....
—Lutar com heroicidade,
—Dar aos vencidos perdão!...
Em quanto aos toques de alarmas,
Nas dextras ergueis as armas,
Aos imigos morte dando,
Depois ao brado—victoria—
Ieis cercados de gloria
Aos vencidos abraçando!...

Sois vós que aos fogos d'embates
Os vossos rostos crestastes
Que no calor dos combates
Junto a Ozorio lidastes!...
Ozorio, o senhor da gloria,
Cujo nome em nossa historia
Com o seu sangue gravou!....
Ozorio, o genio da guerra,
Que vingando sua terra
Como *alguem* não desertou!....

Ozorio, o filho querido
Do gigante americano!....
Guerreiro que ainda ferido
Vai abater a Solano!
Escarnece da metralha,
Faz do seu peito muralha.
Mirando o porvir, não seu,
Mas da patria que elle adora,
Qu' era de irmãos que elle chora
Porque habitam no ceu!....

Os restos d'este estandarte
Tem muito d'heroicidade!...
Dizem que em todo parte
Viverá a liberdade!....
Das grandiosas ideas
Com as pesadas cadeias,
Querem tyrannos prender,
O filho do povo é bravo,
Que brada altaneiro—escravo
Jamais, jamais devo ser!...

Vinde, vinde bravos filhos
Desta nação altaneira,
O vil poder de caudilhos
Curvou-se á nossa bandeira!...
Aguirre fugiu cobarde;
Lopez, Lopez muito tarde
Maldiz pensamento seu!
Soou a hora e exangue,
Cahiu immergido em sangue
E como fera morreu!...

Os vossos rostos traduzem
Muito, muito de heroismo!...
Co'a luz da gloria transluzem.
Morte, morte ao despotismo!...
São do Brazil os paladios,
Esses fuzis, esses gladios,
Que sustentastes nas mãos!
Sereis lembrados da historia;
E do povo na memoria,
Pois sois do povo os irmãos!

Viva S. M. o imperador.
Viva S. A. o conde d'Eu.
Viva o marquez do Herval.
Viva o visconde de Itaparica.
Viva o visconde de Pelotas.
Viva o general Paria Rocha.
Viva o barão de Sergy.
Vivam os voluntarios da patria!

—Capitão, veja que barafunda.

Um cabo de policia, João Bispo, rapta a irman de um logista na rua do Bangala.

Isto deu-se na segunda feira 25 do p. p.

—Boa policia! Desta é que serve!

—Ao lusco e fusco, o agente da segurança publica apresenta-se com uma cadeira na esquina da rua. Os pretos e a moça ja estão apalavrados e à um signal, *lepos!*.... Ella embarafusta, socca-se na cadeira e é conduzida para um tugurio no becco do Soares.

O militar, tendo bem guardado o seu thesouro, volta para espreitar o que vae pela casa do logista, onde reina o alarma. O diabo que é judeu, faz com que seja reconhecido o raptor; chama-se a authoridade e la vão em busca do objecto roubado.

—Temos barulho no becco.

—Estão nos interrogatorios.

Diz a moça:

«Eu si fiz isto, é por que não posso mais soffrer a crueldade de minha cunhada. Vejam minhas faces, meus beiços, meu corpo. Demais tenho 22 annos, e não estou mais em bom estado.

—Estava no seu direito.

Diz o policial:

«Eu si dei este passo, foi para casar.

A moça escreveu-me um *biête* que queria sahir e eu fui buscal-a.»

—Nada mais natural; entre gostos não ha disputas.

—Diz o irmão:

«Isso nunca!... Não consinto!»

—Essa é que extraordinaria!

—Diz por sua vez a authoridade:

«Mas V. não reconhece a sua condicção! Não vê que uma moça *branca* não é para casar com V.?»

—Olá!... Essa então é de cachupelêta. Magnifica maneira de executar a lei!

—Por fim de contas; o cabo é immediatamente preso, rebaixado do posto e depois desterrado, destacado lá para os confins de Judas, não pelo rapto; mas pela temeraria ousadia de querer casar com uma moça *branca;* esta é a força levada, segundo ella mesma declarou, prostituida, para casa do irmão, a supportar o jugo tyrannico da cunhada.

—Que miscellanea de abusos e arbitrariedades!

A policia praticando raptos; a authoridade fazendo seleção de cores e contrariando o desejo de dous individuos no livre exercicio de seus direitos; uma moça emancipada, violentada em sua vontade e sendo forçada a voltar para uma casa que é seu martyrio.

—E isso se dá em um paiz livre, onde todos tem o direito de obrar e pensar amplamente, sendo unicamente responsavel por seus actos.

—E ainda nessa epocha ha quem prefira ver uma mulher perdida, do que unida a um homem pardo!

Aos voluntarios da patria.

Voluntarios, erguei a fronte altiva!...
Prostrada á vossos pés geme captiva
A soberba Assumpção!
Nas torres do palacio de Solano,
Da brisa ao sopro, se desdobra ufano
O vosso pavilhão!

Qual dos ventos batida incauta rosa,
A patria, injuriada, lacrimosa
Para vós appellou....
Esquecestes o lar, familia, amores,
Pela blusa, espingarda, e algumas flores,
Si alguem vos corôou....

Quatro annos de luta e soffrimento!...
Ja vos tinha votado ao esquecimento
Vosso ingrato paiz!...
Mais valentes que vós, de mais pujança.
O mundo nunca viu, nem mesmo a França
Os teve em Austerlitz.

Na luta os mensageiros da victoria,
Sem que fosse por vós pendão de gloria
Della nunca se ergueu...
Foi ao sol de dezembro aureo diadema.
Que a fronte vos corôou, vergonha extrema
A quem vos esqueceu!...

Vossos louros nos prelios alcançados,
Foram, são, e serão sempre usurpados,
Por covardes vilões!...
Mas a historia rirá do immenso vulto,
Que empunha o sceptro de um poder stulto,
De roubados brazões!...

Vós nada mereceis mais que os salarios,
Porque vos contratastes, mercenarios
Vendidos á nação!....
Honras—para esses fabricados bravos...
Titulos—para aquelles vendelhões de escravos:
Para vós.... maldição!

Mas quando perto rugiam
De Itororó os canhões,
Os meus valentes fugiam,
Salvando assim seus brazões.

O voluntario estandarte,
Que tem por dobras a gloria,
Abre-se ao fumo de Marte,
Marca mais uma victoria.
E na batalha de onze,
Que tantos bravos *pariu*
Ao rouco bramir do bronze
Quem suas armas mediu?...

Que o diga Pedra o valente,
Que o diga o vulto imponente
Do general que não mente,
E que egoista não é; (1)
Que tem um nome na historia,
Já não precisa de gloria,
Nem é zangão de victoria,
Sem consciencia e sem fé....

De vinte e um ao lembrar-me,
Tinge-me a face o rubor:
Patria—devêra calar-me,
P'ra não ferir teu pudor:

Porem não posso, o segredo
Agora indicar sem medo,
E eu me julgo um penedo,
Se me transformo em juiz....
Jamais tamanho desdouro,
Comprou Caxias por ouro,
Quando cobriu-se de louro
Segundo a historia nos diz....

A paraguaya cohorte,
Em seus reductos guardada,
Espera o golpe de morte.
A mão tremente na espada.

Em tres columnas dispostas.
A brava força atacante.
Julgando Lopez de costas.
Caxias finge de amante....
Depois de grande demora,
Passada em crú bombardeio.
O general diz: agora.
Ide, avançae sem receio....

Trava-se a luta medonha...
Que é dos valentes de onze?
Mostrae-me onde elles estão...
Mordendo o pó da vergonha!....
Quem sabe affrontar o bronze,
Não tem direito ao galão.

Cem boccas morte vomitam!!...
Ao desdobrar de um pendão.
Ouve-se um viva ao Brasil!...
Os voluntarios se incitam.
Se lançam sobre o canhão.
Tombam valentes aos mil!!...

Olhae a esquerda de perto:
Miranda Reis foi ferido...
Surgindo d'entre a metralha,
Que vulto é aquelle, atrevido
Que avança como um leão?
Não traz bordados na gola,
E' chefe, mas de galão...
Será Francisco Lourenço,
O voluntario?... por certo.
Que outro não pode ir lá não

No centro—que immensa perda.
E' essa que os bravos choram?
Que sorte tanto deploram.
Sem reparar no canhão?
Um corpo rola por terra...
Medi-lhe bem a feição:
Rival do heroe lá da esquerda,
N'aquella fronte sombria.
Jamais se viu covardia...
E'... Leopoldo Maranhão!...

—

Caxias desnorteado.
Dá ordem p'ra retirar;
Porem, Jacintho Machado.
Opina por sustentar.

E foi assim sustentada
A valente posição,
Em que quasi vi manchada.
Nossa honra e pavilhão!...

Em vinte sete, dia só de gloria,
Todos *foram valentes,* creio eu:
Mas para se alcançar esta victoria:
Dizei-me: qual o sangue que correu?

Foi so do voluntario, que sereno
A morte cinco dias affrontou;
Mas, nada vale o sangue do pequeno!
Caxias dessa gloria se c'roou.

Formula grande lista de valentes;
Fabricados por elle e o seu *João*;
Os voluntarios surgem descontentes...
Diz elle: continúa a promoção.

Por entre os seus espalha infamemente
Que aos voluntarios premiará por fim;
E pede relações, sem pejo mente:
Meu Deus, eu nunca vi cynismo assim!!!

Declara concluida a extensa guerra.
Em que só figurou de papelão!...
N'uma quinta isolada ja se encerra.
Dizendo padecer do coração.

Espera a noite tenebrosa e escura.
E foge d'entre nós como um vilão.
A noute sempre foi guarda segura.
A quem maneja as armas da traição!!...

Assumpção, 20 de fevereiro de 1869.

Z. R.

(1) Osorio.

A PEDIDO

Enigma.

Nem moro na Conceição nem na fonte de Santo Antonio; ao curral vou todo dia: chamo-me *Gildefonso,* tambem me chamo *Dourada:* o meu primeiro perdi, o segundo vamos ver: tenho posto sou valente, mas não parto com o dente.

A decifração do enigma será dada depois.

Adeus Sr. *Ceryi.*

—Mesmo nas menas que resume se o ac-nome de Deus.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª SABBADO 7 DE MAIO. N. 642.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de maio de 1870.

Não houve expediente.

—Como receberá a Bahia a distincta heroina, modelo de virtudes, a Exma. Sra. D. Anna Justina Ferreira Nery?

—Quando a Bahia não tivesse outros titulos para seu padrão de gloria, nessa longa cruzada, nessa luta gigante de 5 annos, bastava-lhe o nome de D. Anna Ferreira Nery para ennobrecel-a.

—Verdadeira irman de charidade, typo de abnegação, alma evangelica, inspirada pelo sopro do Senhor á pratica do bem, desempenhou com estoica resignação a mais bella e mais santa das virtudes—a charidade.

—Aprendam essas estrangeiras, que gozam entre nós de todos os commodos e regalos da vida, o que é verdadeiro amor do proximo, humildade, charidade e abandono das vaidades mundanas.

—Nos hospitaes, era com um sentimento de ternura e gratidão chamada pelos soldados—a mãe dos brasileiros.

—As bahianas devem ufanar-se de chamal-a patricia.

—No dia 12 de agosto de 1865 partiu D. Anna Nery desta capital para o theatro da guerra.

—E agora que ella terminando sua missão sublime, exercida por longa data, sem ruido e sem ostentação, regressa á terra natal, é de crer que as illustres bahianas se mostrem dignas de si, preparando uma recepção áquella que por seus nobres feitos, tão alto elevou o nome da mulher.

—Capitão, venia.

—Diga-se.

—V. Ex. sabe, que o governo dando ao homem do cisco o material e utencis da antiga empreza, acceitou como garante desses valores os proprios objectos.

—Foi uma pequena galanteria, um adjutorio, com que a presidencia e a policia quizeram auxiliar o homem, cuja habilitação o *Jornal da Bahia* com antecedencia tinha preconisado, e cuja reconhecida actividade o governo affirmou.

—Consta porèm, que o homem do cisco dá destino muito differente as carroças e burros que o governo lhe fiou.

Anda carregando trens de particulares para ganhar.

—A uns morrem-lhe as vaccas, a outros parem-lhe os bois.

Este achou governo de *amigo* que se condoesse delle e lhe montasse uma empreza de carros para negociar particularmente.

—Assim eu tambem queria.

Mas, si esses materiaes se estragarem e se desencaminharem, si os burros morrerem o tal negocio de conducção de generos de particulares, de que lançará mão a provincia para haver o dinheiro que gastou?

—Do ginga da cadeia.

Mas creia seriamente, ha gente tão feliz que até os cachorros lhe põe ovos no ceu da bocca.

O homem parece ter tão boa estrella que nada lhe acontecerá.

—Os forçados fazem o despejo de palacio pela ribanceira do Pau da Bandeira á baixo.

—E' da guarda principal.

—Um dia destes lambuzaram a gradaria; um sujeito que encostou-se descuidado, emporcalhou-se todo.

—As cousas de nossa terra são assim. Os mesmos que são encarregados de executar a lei são os primeiros a concorrer para o nenhum caso della.

—Na quinta-feira houve illuminação na praça?

—Não.

—Porque? Pois não chegaram os voluntarios?

—O presidente deu ordem que só se deitasse illuminação em palacio si a camara se illuminasse.

A camara deu ordem ao porteiro que só deitasse illuminação si palacio a deitasse, ficando assim um a espera de outro e por fim não houve illuminação.

—De maneira que a camara serve de thermometro a palacio e palacio de thermometro a camara.

Está direito!...

—Eis o que se chama um homem necessario!

O Sr. Manuel Bento de Lima, no Matto-Grosso, é tudo: official da guarda nacional, presidente da camara, juiz municipal, juiz de paz e agente do correio.

Ahi vae o specimen de um edital publicado pelo especifico homem e subscripto pelo seu escrivão.

«Manuel Bento de Lima, Membro e Delegado da Companhia inter Nacional Forence e Luzo Brasileiro do Rio de Janeiro, Cirurgião Alferes da Sessão de Batalhão n. 1, Prsidente da Camara, Juis Municipal substituto e Juis de Paz deste districto &.

FAZ SABER ATODOS OS SEUS HABItantes, que conforme o artigo 295 e 296, he prohibido a qualquer pessoa onão tomar hua ocupação honesta de que possa subsistir; he prohibido omendigar, podendo trabalhar; havendo estabellesimentos de Caridade, ou havendo pessoas que os queira receber para os tratar, mediante o possivel Serviço; Ofilho deseus Pay e assim os parentes nográo mais perto de proximidade, o que he Conforme o espiricto da Lei divina e explica o Ecclesiastico, tit. 3.° Verso 15; por consequencia ninguem poderá dehora emdiante mendigar, sem licença do Juis de Paz, para entrar no Conheeimento de estar ou não no caso.

Epara que chegue a noticia de todos mandei publicar eafixar o presente Edital. Mato Grosso 24 de Janeiro de 1870. Eu Julião Francisco da Cunha, Tabellião e escrivão do Juiso de Paz, que o escrevy o

Manoel Bento de Lima.»

—Com effeito! O homem é um almanak de cargos e disparates.

—O *Herald* de New-York, á respeito das victimas que voltam do Paraguay e que transitam abandonadas pelo Rio de Janeiro, diz o seguinte:

«E' vergonhoso o estado de despreso em que se acham os invalidos, soldados e officiaes inferiores, que estão de volta do exercito. Muitos se acham reduzidos a esmolarem pelas ruas, sem obterem nada do governo, o qual tem muito que fazer para attender a essa pobre gente. Realmente, primeiro que os seus papeis subam ao ministro, elles gastam tanto tempo, são precisas tantas estampilhas de sello, tantas formalidades, e elles tem tanto de andar de uma para outra repartição, que só aquelles felizes que tem influencia, que é o tudo em negocios com as authoridades brasileiras, é que se animam a apresentar suas reclamações.»

—E o governo brasileiro não se mira neste espelho!

—Capitão, trago-lhe aqui a *Reforma*, n.° 95, para mostrar a V. Ex. um pedaço de um artigo intitulado os *escravocratas* redigido pelo Sr. J. Julio de Barros.

—Lêa.

—.....

«Um facto, porem, muito positivo, e que se tem reproduzido em varias provincias, é a obstinação de alguns presidentes em não executarem as leis que authorisam a manumissão annual de escravas adultas ou crianças.

«Alem dos casos que n'outras occasiões temos referido, apresentaram-nos agora um, que obrigou-nos a escrever estas linhas.

«O art. 5.° da lei provincial de Santa Catharina n 627 de 11 de junho de 1868 consignou uma verba para emancipação de escravas; mas o ex-presidente Dr. Araujo Lima recusou dictatorialmente dar-lhe execução.

«Os motivos que allegou para nullificar essa disposição legislativa, revelam um espirito imbuido nas falsas doutrinas dos escravocratas. Na carta de nosso correspondente, hoje publicada, está a integra do trecho, d'onde extrahimos esses motivos:

«1.° Em assumpto de tão elevada importancia era necessario proceder com *madura reflexão*.

«2.° *Sem prejuizo da liberdade* pode ser adiada a execução da mesma lei para tempos, em que um estado mais prospero das rendas da provincia autorise-a em escala mais larga.

«3.° Esse dispendio seria mais aproveitavel em *melhoramentos materiaes*.

«4.° As escravas libertadas iriam engrossar as *fileiras da prostituição*.

«5.° A *doçura* com que são tratados os escravos *equivale á liberdade*.

«Por ahi pode-se avaliar que idéa fazem da liberdade os regeneradores d'este pobre paiz. No juizo do Sr. Dr. Araujo Lima, delegado

—Mesmo [illegible] que resume se o re-nome de [illegible]

de confiança do governo imperial, é *doce e livre* a condição do homem, reduzido á cousa, sem propriedade, sem familia, sugeito ao azorrague, ao grilhão e a todos os caprichos de um senhor absoluto, que arbitrariamente o pune; o vende; o desterra e separa do pai, mãe, filhos, esposa, exactamente como faria á qualquer manada de brutos!

«A liberdade equivalente a estas *doçuras* é a escravidão mais aviltante que o mundo conhece.»

A PEDIDO

—Deu-se nesta cidade um facto de maior alcance, que até certo ponto justifica a previsão de muita gente, e os clamores que então se levantaram.

Referimo-nos á fugida de um agente consular, que desfalcou os espolios de seus compatriotas em quantia maior de 80:000$000.

A imprensa diaria, occupando-se de outros factos, tem sido, parece que de proposito, muda a este respeito.

Admira, em verdade, esse silencio, quando não ha ahi ninguem que delle não tenha conhecimento.

Nas praças, nos hoteis, nas ruas, em todos os logares emfim, a discussão deste estellionato tem sido o mote das palestras com todas as suas peripecias e horrores.

Milagrosa escapula!....

Havemos de desfiar toda essa meada para que o publico seja conhecedor de todos os promenores.

Até lá não é tarde.

O Lusitano.

—Capitão, sabe o que me traz aqui?

—V. dirá.

—Requerer-lhe um previlegio.

—Sou contrario a tal systema. O aperfeiçoamento de qualquer invento depende da sua livre applicação.

Mas enfim, diga o que pretende,

—Ao menos uma recompensa para o descobridor de um meio economico de alimentar a pobreza.

Esta gloria immorredoura cabe ao actual administrador da *casa* dos *innocentes sem trabalho.*

—Porem que economica descoberta é essa que fez elle?

—Reduzir a fructa pão queimada a café.

—Ora sebo, para tal economia que me parece *d'algibeira.*

—Dizem que a professora do Pilar, ha um mez que não dá aula.

—A escola tem sido frequentada.

—Mas as meninas vão e voltam sem estudar, por que a digna perceptora anda preocupada com os seus despesorios.

Pergunta-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia si o governo, por sua decisão, fazendo naufragar o art. 18 do regulamento da casa de prisão com trabalho, ficaram tambem sem vigor os artigos 20, 22, 24, 48 e especialmente o 71 do dito regulamento?

Estarão tambem revogados os arts. 72, 73, 74, 82, 85 e 101, tendo somente applicação o artigo 29?

Os occulos de minha avó.

Espião tão diligente,
Perspicaz, insinuante,
Que em talas ponha um amante,
Inda assim não vi um so;
O torto nariz cavalgam,
Pelo rapé perfumados,
Por fios de ouro cercados
Os occulos de minha avó.

Si converso co'a priminha,
Junto á janella em segredo,
A turba, attenta ao folguedo,
Nunca de nós se avisinha;
Mas um ruido sinistro
Ouvimos soprar nos ares,
Annuncio de agros pesares,
E erguido logo um sipó;
Ella se afasta, e, gelado,
Sem dalli sahir, eu vejo
No causador do gracejo
Os occulos de minha avó.

Si as vezes, quando em folgança,
Os velhos brincam co'as velhas,
E as memorandas scentelhas
Avisam falsa esperança,
Eu, que por ser bem menino,
No barulho nunca entro,
Vou para a sala de dentro
Co'a prima me crendo so;
Mas, qual não é a surpreza
Quando eu vejo impertigados
Sobre nós dous descançados
Os occulos de minha avó?

Si reunidos na dança,
Voltejam pares na sala,
O prazer nunca me abala
Pois nunca amei a folgança;
E apreciando entre sonhos
Pela mão da prima dado,
Junto a ella recostado
O macio pão de Lot;
Mordo a lingua antes do naco,
Sinto febre, sêde, frio

Ao ver surgir de um desvio
Os oculos de minha avó.

Para enganal-a constranjo
Serio semblante de paz,
E do canto a sós arranjo
O namoro por signaes;
Todos passam, ninguem olha;
Ou si me veem tão tristonho
Murmuram: «Oh! coitadinho,
Que cara! parece um Job!
Mas la do canto escondidos
Não perdem gesto ou lamento
Sobre o nariz macilento
Os oculos de minha avó.

Que oculos, Deus! tão sagazes....
Autor maldito que os fez!
Flagello dos bons rapazes,
Das primas negro revez;
Elles cavalgam n'um grosso,
Retorcido e carunchoso
Nariz, e por marco honroso
No meio tem sempre um nó,
E todos que o reconhecem
Nas salas soltam o adejo
Dizendo: diabo! eu vejo
Os oculos de minha avó.

Não cedem nunca ás lamurias,
Nem as queixas doloridas,
Flagello das nossas vidas,
Nunca dos netos tem dó;
Sempre de ouro cercados;
Sentindo o rapé odoro,
Apertam qualquer namoro
Os oculos de minha avó.

J. H. Gomes dos Santos.
(*Mosquito.*)

Capellão, não fique *affricto*
Com o caso da menina;
Depois de uma confissão
Desfolha-se uma bonina.

Bello vestido de chita
Recebeu a pecurrucha!
Mosca se apanha com mel;
Prosiga, que a fructa chucha.

Preconisado ministro
Da santa religião,
Que apanha tenras rolinhas
Indo dar a extrema-unccão!

Osorio

Aos bravos batalhões ns. 35, 42, e 46, desembarcados no dia 18 de abril de 1870.

Dos bravos o mais bravo, teu nome legendario,
No ronco do canhão, no estouro da metralha,
Repercute-se immenso a todos sobranceiro!
Na phalange d'heroes, es sempre o heroe primeiro!
Quem pode, como tu, dizer á tempestade:
«Mais corre o meu corsel nas nuvens da batalha»?
Quem bradar ao trovão aos raios, ao pampeiro:
«Mais podo do que vós a lança de um guerreiro!?»

Quem pode, como tu, Osorio destemido!
A's bálas e estilhaços, as lanças e ás espadas,
Bradar: «Meu peito é rocha, e vergareis primeiro
Para chegar aos pés de um bravo brasileiro!?»

Heroe dos impossiveis! indomito teu peito
Impõe respeito á morte; em vão de paraguayos
Involveu-te, sosinho! um batalhão inteiro!
Do corsel da victoria es sempre o cavalleiro!

Que pura e santa chamma o peito te incendeia!
Aos bravos retempera, aos fortes robustece,
Em vão sobre ti cahem as balas em chuveiro,
Mal sacodes do ponche as gottas do aguaceiro!

A's patas do cavallo esmaga batalhões,
Teu braço vibra a morte, os olhos raios vibram,
Agacham-se as montanhas e gela-se o esteiro
De susto quando passas, indomito lanceiro!

Nem valles nem banhados; os muros e abatizes,
Cerrados esquadrões e bronzeas baterias,
Nada pode deter teu impeto guerreiro!
Que o digam dos soldados o chefe, e o derradeiro!

A gloria é teu condão! embalde o vulto ingente
Do canhão inimigo é alvo predilecto;
Tu zombas da metralha, e ris-te do artilheiro,
Que em vão busca offuscar a estrella do cruzeiro!

Teu nome symbolisa a guerra e a victoria!
Legendario já é, sem inda ser da historia!
Em lettras de ouro e luz percorre o mundo inteiro
De brilho e gloria enchendo o nome brasileiro!!

Luiz Barbosa da Silva.
(Da *Reforma.*)

Movimento do porto.

França—pat. *Luiz,* de 32 ts., eq. 7, m. *José,* carga cynismo e patotas, á *Nha-qui* e C.

ANNUNCIOS.

Quem tiver um exemplar completo da obra em 6 volumes intitulada—Sobre artes, sciencias e officios publicada em Lisboa por João Baptista Lucio no anno de 1845—e quizer vendel-o dirija-se a Photographia Nacional de Reis e C., a rua de S. Bento n. 6, que achará ahi com quem tratar.

Attenção.

Hoje deve correr segunda praça um terreno com seis braças de frente e vinte cinco de fundo, sito a rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, pertencente aos herdeiros do fallecido José Ricardo de Santa Anna, no qual terreno ja se acham levantadas tres frentes com algumas divisões para tres propriedades, avaliado por 1:200$ rs.

Roga-se ao Sr. Grato da Silveira Bastos Varella queira comparecer na loja n. 9, ao Taboão, a tratar de negocio urgentissimo, que o mesmo Sr. não ignora. Bahia 2 de março de 1870.

Anno 8.º BAHIA. 1876.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª QUARA-FEIRA 11 DE MAIO. Ns. 643—644

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de maio de 1870.

Não houve expediente.

—Segunda-feira houve cervejada no convento de S. Francisco.

—No convento de S. Francisco?!... V. está maluco.

—La mesmo, sim. E' cousa que não possa ser? Foram os irmãos de S. Benedicto que, depois de uma missa, tomaram seu vinho e cerveja; fizeram seus brindes e petiscaram alguma cousa. As creoulas de uma banda, elles da outra.

—No corpo da egreja?

—Do lado do altar do santo. Acha nisso alguma cousa de mais?

—Entendo que certos actos são improprios da casa de Deus; actos que ainda praticados sem más intenções, mas cujo caracter basta para depreciar a religião catholica. E' preciso acabar com o uso de reduzirem a egreja a logar de orgia depois do officio divino.

—A charitativa superiora da ladeira do Alvo fez annos e distribuiu coquinhos de nicori ás meninas.

—Frugalidade, modestia, simplicidade.

—Vá atraz disso!

As meninas tiveram nicori; mas as santas mulheres que seguem a temperança, que são parcas e sobrias, regalaram-se e os seus lazarittas com visinhos superfinos, gostosas petisqueiras, que não exaltam os sentidos, nem excitam as sensações dos gozos materiaes.

—«Lê-se no *Jornal do Commercio* de 6 do corrente:

«D. Anna Nery.— Consta-nos que alguns comprovincianos desta respeitavel senhora apresentaram a idèa, que tem sido geralmente braçada, de tirar-se-lhe o retrato de corpo inteiro para collocar-se na casa da camara da cidade da Bahia, á qual vão mandar pedir a necessaria autorisação.

«Não podemos deixar de applaudir a feliz lembrança de perpetuar-se por esse modo o reconhecimento devido aos serviços humanitarios que no Paraguay, sem distinguir condições, prestou aquella illustre bahiana a todos os nossos officiaes e soldados, durante os cinco annos da guerra, o que fez que a denominassem a—mãe dos brasileiros.

«Está incumbido do trabalho o distincto artista nacional o Sr. Victor Meirelles.»

—Apresentou-se hontem na policia um desgraçado preto em estado de commover a corações de pedra.

Além das sevicias que lhe cobriam o corpo, trazia um enorme golpe, parecendo ser feito á facão.

—Ja sei que o chefe de policia mostrou para quanto presta.

—Mandou que o escravo fosse curado no hospital e entregue a seu senhor.

—Não entendo semelhante modo de administrar justiça! Com uns tanta aspereza; com outras demasiada indulgencia!

—O senhor, dizem, é o major João Pereira de Carvalho.

—Sei; o mesmo que sendo subdelegado de Brotas, se disse pela imprensa que arrastara uma escrava amarrada á cauda do cavallo desde as Pitangueiras até sua roça. Cuja escrava teve *destino*.

—Desgraçada condição do escravo!

Nem nas authoridades encontram amparo contra as atrocidades de seus algozes.

—Isto não é charidade, nem é commiseração do infortunio! E' o mais refinado embuste.

Pôr um misero doente de barril á cabeça carregando agoa, nunca foi obra de humanidade.

—No hospital de charidade é.

—No domingo, pozeram as irmans de charidade um infeliz a carregar agoa do Terreiro para a rua da Misericordia.

—E' para os atacados da febre amarella que estão por cima do forum.

—A Santa Casa, possuindo tão rendoso patrimonio, está na condição de valer-se de tão miseravel mesquinharia?

—O merito da obra perde o feitio, logo que é feito com vistas de interesse.

—Na segunda-feira esteve o mesmo infeliz a transportar pezados carregos, como camas de ferro com os competentes colxões e mais pertences e por sobre-carga uma cadeira, uma banca em cima de cada carrego.

—No aproveitar é que vae o ganho; aquellas charidosas são finorias.

—Mas isso é um abuso inqualificavel, uma especulação ridicula. Doente da santa casa nunca foi servente.

Si a esmolla que lhe fazem é pelo amor de Deus, como lhe arrancam serviços em paga do curativo que recebe?

—O exercicio corporal é util a convalescença do enfermo, não vou fora disso; mas não é um trabalho fatigante, ao ardor do sol, e de alguma sorte humilhante, ordenado com sordido calculo.

—A proposito do hospital por cima do forum, dizem que entraram cinco doentes de febre amarella para elle?

—Ignoro.

—Creio que sim; e destes cinco ja falleceram dois.

—E' outra tambem.

Pense quem quizer que não é perigoso estabellecer um hospital por cima de um logar de tanto adjunto, eu ca nutro serios receios pelos resultados.

—Que desdouro para o Brasil!

O governo desta nação reduzindo a escravidão um brasileiro defensor da honra nacional!

—Não diga semelhante cousa, que ninguem lhe acredita.

—A factos não se desmente.

—Acho impossivel!

Quando o conde d'Eu admira-se de encontrar escravos no Paraguay e pede ao governo provisorio a liberdade delles, como um «motivo de se associarem á alegria que sentia a nação» é possivel que no Brasil se pratique uma tal iniquidade?

—Pois no Brasil, um homem que derramou seu sangue pela patria, recebendo tres ferimentos, chegando ao Rio de Janeiro, é preso e vae ser vendido em hasta publica, não por que apparecesse senhorio reclamando-o, mas como bem de evento, isto é, como escravo da nação

—V. me põe pasmo!

—Quer me dar attenção?

—Falle.

—O infeliz chama-se João Fernandes Barcellos, é filho de Santa Maria da Becca do Monte, no Rio Grande do Sul, achava-se em Porto-Alegre ao serviço de um Dr. Barcellos, quando rebentou a guerra do Paraguay.

Immediatamente apresentou-se a sentar praça no 12 batalhão provisorio de cavallaria, e nelle marchou para a guerra: chegando a S. Solano foi transferido para o 4.° batalhão de caçadores a cavallo.

Fez toda a campanha, até que no ataque do Estabelecimento, depois de duas vezes ferido de balla de fuzil em uma perna, foi afinal lançado por terra, gravemente ferido no ventre por um tiro de metralha.—Cahiu ainda mordendo um cartuxo!

Em vista de tão galhardo procedimento receben *incontinenti* as divisas de cabo de esquadra.

Recolhido ao hospital, nunca poude obter completo restabelecimento. Tão graves foram os ferimentos recebidos.

Obtida sua baixa, por invalido, teve ordem de embarcar para o Brasil, ordem que foi sustada por ter perdido seu titulo de baixa e não poder apresental-o na occasião do embarque.

Mais tarde, depois do reconhecimento de Angostura, embarcou no transporte *Bonifacio* e veio para a córte, onde, ao chegar e por não trazer guia (o que aconteceu a maxima parte dos miseros que vieram da guerra) foi detido por tres dias na forteleza de Villegaignon.

Dahi seguiu para a policia, que o mandou recolher ao azilo de mendigos, onde esteve 5 dias.

Durante esse tempo esteve no *tronco*, soffreu o castigo de *açoites*, com cordas e outros, praticados nessa *humanitaria* instituição.

No fim desses 5 dias, um creoulo que é ahi empregado, lembrou-se de dizer que no anno anterior conhecera Barcellos carregando agua no chafariz da Carioca.

Por isto é novamente remettido para a policia, de onde, depois de 6 dias, foi remettido para a casa de detenção, onde jazeu por espaço de longos 7 mezes.

Em junho do anno passado foi transferido para a correcção, como *bem do evento*!!

Ahi foi Barcellos reconhecido por dois empregados, que com elle haviam militado nos campos do batalha.

O digno vedor desse estabelecimento, tendo conhecimento do facto, communicou-o á policia; pelo que foi chamado Barcellos a es-

sa repartição, de onde voltou na mesma condição.

Segunda representação do vedor conseguiu que fossem chamados á policia os dois empregados, cujo depoimento foi tomado; depois do que foi Barcellos remettido para o quartel general, onde, depois de algumas perguntas, obteve do ajudante general em resposta—«que esperasse da policia, a quem estava affecto, a solução do seu negocio.»

Voltou, porem, para a correcção ainda na mesma condição de *bem do evento*!

O processo a que está sugeito, como *bem do evento* já principiou e brevemente se tem de chamar concurrentes que lisitem sobre a avaliação desse cidadão brasileiro, que, depois de se ter inutilisado no serviço da patria, é chrismado «Antonio, creoulo» para ser vendido como escravo e dar assim uns 300 ou 400$000 rs. ao thesouro nacional!

E' um invalido, que vem do campo de batalha; ninguem contesta sua condição, ninguem o reclama, como escravo; logo, conclue a logica deste governo do Sr. D. Pedro II, é escravo do evento!!

A reproducção desse facto, que faz honra a este reinado, trará certamente uma grande verba de receita para o estado.

—Quando toda a nação quer a extincção da escravidão; quando os proprios senhores libertam gratuitamente seus escravos, o governo, a policia da côrte do Sr. D. Pedro II, o chefe abolicionista, captiva e vende em hasta publica os livres, os voluntarios da patria!

—Quando tremiam do Lopez, libertavam escravos e transigiam com os galés de Fernando de Noronha: agora indemnisam-se das humilhações, vendendo os que lá foram derrotar o espantalho!

—E o joven Cesar, o general menino Jesus, que tanto se admirou de encontrar no Paraguay *individuos dizendo-se escravos de outros*, o que nos dirá vendo o governo do seu paiz vender voluntarios da patria, laureados com 3 honrosas cicatrizes, como *bens do evento*?!!»

—De primeiro os inspectores de quarteirão usavam de um distico na porta—*justiça de paz.*

—Acabou-se disso; hoje elles são de briga.

—Ha seus conformes.

—Eu sei que prendem e dão pancada por conta e risco.

Domingo 1, um inspector tomava seus *codorios* n'uma venda ao Cabeça, em trajes caseiros: calça e camisa.

—Sempre é inspector que vae para a venda em mangas de camisa *chupar*.

—Convidou para beber a uma crioula que entrou; esta não querendo foi xingada e xingou tambem.

—E' uso do açougue: quem mal diz peior ouve.

—O inspector esquentou-se, perseguiu a mulher, invadiu lhe a casa, e com uma rasoira que encontrou, deu-lhe com viração.

A espancada correu para casa de um visinho, mas isso não lhe valeu, por que o perseguidor varou pelo domicilio alheio a dentro e foi bumbando-a; o dono da casa oppoz-se e apanhou tambem.

Por fim, foi tomar a facha e voltou no caracter de authoridade para prender aquelle de quem violara a morada e com quem acabava de se atracar.

—Não sei para que dão cargos a certos homens de copo.

—E mesmo!... Um inspector desta ordem encommoda meia duzia.

—E põe tudo quanto é desvario em *scena*.

—Capitão, a verdade é uma brilhante *luz* que embora as *trevas* da calumnia lhe queira offuscar o brilho, ella sempre resplandece!

—Ao que vem essa miscellanea de palavras?

—E' que quero pedir um favor a V. Ex. sobre o facto publicado no seu periodico, relativamente a uma casa de educação do sexo feminino, no qual foi a boa fé de V. Ex. illudida.

—Pode dizer.

—Então ha de fazer-me o obsequio de transcrever um artigo da directoria geral dos estudos publicado no *Jornal da Bahia* de quarta-feira 4 do corrente.

—Que é delle?

—Aqui o tem:

«DIRECTORIA GERAL DOS ESTUDOS 2 DE MAIO DE 1870.

«O vice-director geral dos estudos, lendo no periodico *Alabama* de sexta-feira 29 de abril p. passado o facto, de que dá noticia com relação a uma casa de educação do sexo feminino, crendo ser elle o mesmo, do que teve de occupar-se em desempenho de seu cargo, julga de seu dever declarar que é elle inteiramente destituido de verdade; por quanto, tendo, antes da publicação do *Alabama* a que allude, tido denuncia do facto, e tendo procedido, sem a menor demora, a mais prudente, escrupulosa e circumspecta investigação, obteve em resultado a convicção de que aquella casa, sua directora e mais pessoas, que se fez representar n'aquelle drama, fo-

ram victimas de uma calumnia tanto mais atroz e detestavel, quanto fere sem piedade a innocencia infantil traiçoeiramente arrastada pelo lado da ignominia.

«Tendo a disposição e a força precisa para, na orbita de suas attribuições, verberar o crime, e vingar a moralidade publica de qualquer affronta, a vice-directoria geral dos estudos não julgou de leve esta questão; e aquelle que a representava, investigando com o espirito prevenido contra os crimes denunciados, e com olhos avidos e prescrutadores, teve a felicidade de voltar ao lar domestico com o coração tranquillo pela certeza de que não houve delicto, nem possibilidade de commettel-o, e de que portanto é falso o facto denunciado n'alquelle periodico que, inserindo-o em suas columnas foi tambem victima de sua boa fé.

«*Henrique Teixeira Santos Imbassahy*, vice-director geral.»

—Capitão, o Sr. L. Guimaraens Junior, folhetinista do *Diario do Rio de Janeiro* lembrou-se de escrever a seguinte chalaça:

«A camara municipal mandou celebrar Te-Deuns; determinou felicitações a generaes; illustrou ruas com denominações celebres; projecta monumentos e afinal esqueceu-se do melhor: uma postura ordenando que de ora em diante não se diga mais—morreu o Neves,—mais sim—morreu o Lopes.

LÁ VAE VERSO

O canto de Judas.

Sou Judas, trahi a Christo,
Não tenho disso pesar;
Ha tantos Judas no mundo
Que sel-o não é desar.

Judas é o deputado
Que mercadeja a eleição,
Para ir no parlamento
Envergonhar a nação.

Judas é o magistrado
Que vende a propria justiça;
O padre que tem mulher
Apezar de dizer missa.

E' judas todo ministro
Que rasga a Constituição;
Judas é o diplomata
Que compromette a nação.

E' Judas o advogado
Qu' atraiçoa por dinheiro;
O medico que enche a bolsa,
Receitando p'ra o coveiro.

O frade que rouba a ordem
Com ares de santarrão,
Trahe a egreja, trahe o estado,
E' Judas de profissão.

E' Judas o militar
Que a patria condecorou,
E que contra o inimigo
Nunca a espada levantou.

Escriptor que vende a penna,
E' Judas, é traficante;
Judas o marido que
Deixa a mulher pela amante.

A comer pasteis de nata
Engorda o magro empregado,
E' Judas, não tenham duvida;
Quem paga o pato é o estado.

Si o vinho nos faz mal,
Levando algum tempero,
E' Judas quem falsifica-o,
E' Judas o taverneiro.

E' Judas o namorado,
Que para o dote pilhar,
D'alguma incauta menina
Anda prosas a contar.

E hei de acabar na fogueira,
Nas immundicies de um fosso,
Em quanto acabam com honras
Mil Judas de carne e osso!

Motte.

O cabo Chico Diabo
Do diabo Chico deu cabo.

GLOSA.

Fecha o cerco em Aquidaban
O nosso Camara valente,
E trava-se a lucta ingente
Logo ao romper da manhan:
Cada qual com mais afan
Procura o cruel nababo;
E fazendo menos cabo
Da vida, em lances da guerra,
Fez Lopez cahir por terra
O cabo Chico Diabo.

Fugia o monstro feroz,
E ao chegar na matta espessa,
Uma lança lhe atravessa
Soldado intrepido, veloz;
Ferido o tyramno atroz
So lhe acompanha o diabo;
Persegue o Camara o nababo.
E o mandando desarmar,
Soube que um golpe exemplar
Do diabo Chico deu cabo.

A PEDIDO

Sr. Redactor.—Lendo no seu conceituado jornal de terça-feira 26 de abril, n.º 637, que eu atrozmente trucidei o menor de nome Pedro, escravo de Izidro Domingues Joaquim de Castro, e o qual me tinha sido entregue por este para ensinar-lhe o officio de pedreiro, pelo simples motivo de fuga, soffrendo o mesmo menor diversas contusões; me apressei em requerer ao Sr. Dr. delegado do 1.º districto exame e corpo de delicto no referido menor, e bem assim o ser elle interrogado, visto não ter eu feito castigo algum no mencionado menor, tanto que do mesmo interrogatorio que abaixo se lê, vê-se que nem eu estava na obra quando se deu o facto, o qual consta-me se passou da forma seguinte:

O menor aprendia a trabalhar em um sobrado que se está edificando na rua da Independencia, e nas horas de jantar fez uma gangorra e della cahindo, molestou-se sendo os ferimentos taes que os peritos declararam que não impossibilitavam o menor do serviço nem por um dia.

Declararam tambem os medicos que as contusões foram feitas por queda e por instrumento flexivel, e que aquellas são de recente data, e estas são mais antigas.

Releva declarar que o menor me foi entregue por seu senhor, a menos de trinta dias do em que se deu o facto: do que se conclue que as cicatrizes que elle apresenta por instrumento flexivel, foram feitas pelo senhor do menor, e as de data recente pela queda.

Já vê V que a pessoa que informou-lhe, e merece-lhe confiança, apartou-se da verdade, ou tambem foi mal informado, visto declarar o menor que eu não estava na obra quando se deu o facto da queda.

Escolhi o seu mesmo jornal para publicar o corpo de delicto e o interrogatorio feito ao menor, para que seus dignos assignantes que leram a atroz calumnia contra mim irrogada, leiam tambem a verdade do facto, e deixo a estes o fazerem o conceito da pessoa que informou a V.

Sou de V. leitor.
Manuel Friandes.

Auto de exame, e corpo de delicto procedido no menor de nome Pedro, creoulo.

Aos vinte sete dias do mez de abril do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos setenta, as dez horas do dia, nesta cidade da Bahia e sala das audiencias do Dr. delegado em exercicio Americo José dos Santos, comigo escrivão abaixo nomeado, os peritos notificados os doutores em medicina Antonio Pacifico Pereira e Francisco dos Santos Pereira, o primeiro morador á freguezia da Conceição e o segundo á de Sant'Anna, e as testemunhas Pedro Luiz de Mattos, morador á freguezia de Brotas, Adão de Santa Monica de Queiroz e Silva, morador á freguezia da Sé, o juiz deferiu o juramento aos Santos Evangelhos de bem e fielmente desempenharem a sua missão declarando com verdade o que descobrirem e encontrarem, e o que em suas consciencias entenderem, e encarregou-lhes que procedessem a exame na pessoa do menor de nome Pedro, creoulo, que presente se achava e que respondessem aos quesitos seguintes:

Primeiro, se ha ferimento ou offensa physica; segundo, si é mortal; terceiro, qual o instrumento que o occasionou; quarto, si houve, ou resultou mutilação ou destruição de algum membro ou orgão; quinto, si pode haver ou resultar essa mutilação ou destruição; sexto, si pode haver ou resultar inhabilitação do membro ou orgão sem que fique elle destruido; septimo, si pode resultar alguma deformidade e qual ella seja; oitavo, si o mal resultante do ferimento ou offensa physica produz grave encommodo de saude; nono, si inhabilita do serviço por mais de trinta dias e finalmente qual o valor do damno causado.

Em consequencia passaram os peritos a fazer o exame e investigações ordenadas, e as que julgaram necessarias, concluidas as quaes declararam o seguinte:—Que pelo exame a que procederam no corpo do menor Pedro, verificaram existirem diversas contuzões do primeiro grau em differentes pontos do rosto, e dos membros, e em diversas direcções, sendo mais notaveis uma larga e pouco profunda na região malar esquerda com algumas escoriações ao redor, e uma outra alongada e dirigida obliquamente para diante e para baixo contornando o braço esquerdo na parte media. Estas contuzões se acham quasi completamente cicatrizadas e parece serem de data recente de seis a oito dias e das outras que são mais superficiaes e mais antigas, resultam apenas vestigios, pelo que respondem quanto ao primeiro quesito—Sim. Ao segundo—Não. Ao terceiro—Os ferimentos feitos, aliás, os ferimentos existentes parece terem sido produzidos por queda, e tambem, por contusão com instrumento flexivel. Ao quarto, quinto, sexto, septimo, oitavo, nono—Não, e finalmente quanto ao valor do damno causado não o arbitram porque os ferimentos são tão leves que não podem inhabilitar do serviço o paciente nem por um dia e alem disto bastam para cural-os a força

medicatriz da natureza e os cuidados hygienicos. E são estas as declarações que em suas consciencias e debaixo do juramento prestado tem a fazer. E por nada mais haver deu-se por concluido o exame ordenado e de tudo se lavrou o presente auto que vae por mim escripto, rubricado pelo juiz, e assignado pelo mesmo, peritos e testemunhas comigo escrivão Olympio José de Menezes que o fiz e escrevi do que tudo dou fé. *Americo José dos Santos.*—Dr. *Antonio Pacifico Pereira.*—Dr. *Francisco dos Santos Pereira.*—*Pedro Luiz de Mattos.*—*Adão de Santa Monica de Queiroz e Silva.*—*Olympio José de Menezes.*

———

Auto de perguntas feito ao menor de nome Pedro, creoulo.

Aos vinte sete dias do mez de abril do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta nesta cidade da Bahia, e sala das audiencias do Dr. delegado do primeiro districto Americo José dos Santos, onde eu escrivão fui vindo, ahi presente o mesmo delegado compareceu o menor de nome Pedro, creoulo, e o juiz lhe fez as perguntas seguintes:

Perguntado qual seu nome, idade, estado, filiação, naturalidade e profissão?

Respondeu charmar-se Pedro, com dez annos de idade, filho da africana Auta, natural desta cidade, aprendiz de pedreiro.

Perguntado si é forro ou captivo?

Respondeu ser captivo.

Perguntado como chama-se seu senhor?

Respondeu chamar-se Izidro Castro.

Perguntado porque sahiu da tenda?

Respondeu que por ter apanhado do contra-mestre.

Perguntado para onde dirigiu-se ao fugir da obra?

Respondeu que foi para casa de seu senhor na rua Direita de Santo Antonio, morando ahi a mãe de seu senhor.

Perguntado porque foi que o contra-mestre o castigara?

Respondeu que foi por terem feito arenga delle.

Perguntado si é exacto ter elle armado uma gangorra na obra em que trabalhava, e della cahido estando seu mestre ausente?

Respondeu negativamente.

Perguntado si seu mestre, ou contra-mestre lhe dera balsamo para beber?

Respondeu affirmativamente.

Perguntado qual a razão porque lhe dera esse balsamo?

Respondeu que por ter cahido do vigamento e que depois de cahir o contra-mestre lhe castigara.

Perguntado si seu mestre costumava castigal-o muitas vezes?

Respondeu negativamente.

Perguntado com que instrumento o castigava seu mestre?

Respondeu que com um chicote de cavallo, depois de lhe dar com o desempeno.

Perguntado ha que tempo está em poder de seu mestre?

Respondeu não saber.

E como nada mais foi perguntado nem respondido, assigna o presente auto a seu rogo por não saber ler nem escrever Saturnino Francisco da Rocha, depois de lhe ser lido e achar conforme, o qual vae tambem assignado pelo juiz e rubricado pelo mesmo do que tudo dou fé, eu Olympio José de Menezes, escrivão que o escrevi. *Americo José da Santos.*—*Saturnino Francisco da Rocha.*

———

Auto de perguntas feito a Maria Magdalena.

Aos vinte sete dias do mez de abril do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e setenta, nesta cidade da Bahia e sala das audiencias do Dr. delegado do primeiro, districto Americo José dos Santos, onde eu escrivão abaixo nomeado fui vindo, ahi presente o mesmo compareceu Maria Magdalena, e o juiz lhe fez as perguntas seguintes:

Perguntada qual seu nome, idade, estado, filiação, naturalidade e profissão?

Respondeu chamar-se Maria Magdalena, com 30 annos de idade, solteira, filha da africana Floriana, ja fallecida, natural desta cidade, vive de negociar.

Perguntada si conhece o menor de nome Pedro e a que tempo?

Respondeu que conhece o menor Pedro ha quatro annos, epocha em que foi comprado por seu senhor, morando ella interrogada com elle.

Perguntada como foi parar em sua casa esse menor?

Respondeu que no sabbado, vinte tres do corrente, não estando ella interrogada em casa na occasião em que o menor para la foi, soube ao chegar em casa, que elle ali se achava maltratado, pelo que ella interrogada ignorando a principio o seu estado reprehendeu-o suppondo ter elle fugido da tenda; mas pelas suas respostas, e verificando o seu estado, resolveu-se a leval-o a um medico para examinal-o, sendo o Dr. Thomé Affonso Paraizo Moura, o qual receitou ao menor o que entendeu preciso para seu tractamento; apezar disso trouxe-o á policia, afim de apresental-o ao Dr. chefe de policia, e que de facto apresentou o, entregando-lhe este o menor para tratar, visto

como elle recusava ir para o hospital, talvez por sua idade infantil.

Perguntada si sabe ter sido esse referido menor entregue a Manoel Friandes, mestre pedreiro para ensinar-lhe officio?

Respondeu que sabe por lhe ter dito o senhor do menor, marcando o praso de cinco annos para o ensino e responsabilidade do mestre.

Perguntada si sabe a que tempo está o menor no poder de seu mestre?

Respondeu que não pode precisar o dia nem o mez, sabendo que poucos dias antes do senhor do menor retirar-se para o Rio, foi entregue o referido menor a seu mestre.

Perguntada como se chama o senhor do menor?

Respondeu que chama-se Izidro Domingues Joaquim de Castro.

Perguntada si conhece aqui algum parente do referido Izidro, morador nesta cidade?

Respondeu que conhece a mãe do dito Izidro, que chama-se Maria Joanna e mora na rua Direita de Santo Antonio com ella interrogada.

Perguntada si o menor dissera de quem tinha apanhado?

Respondeu que o menor lhe dissera ter apanhado do contra-mestre e que seu mestre não estava presente.

Perguntada si conhece o mestre do menor, e qual o seu procedimento com os discipulos?

Respondeu negativamente.

E como nada mais foi perguntado nem respondido, assigna o presente auto a seu rogo por não saber ler nem escrever Pedro Luiz de Mattos, depois de lhe ser lido e achar conforme, o qual vae tambem assignado pelo juiz, e rubricado pelo mesmo, do que tudo dou fé eu Olympio José de Menezes, escrivão que o escrevi. *Americo José dos Santos.—Pedro Luiz de Mattos.*

Questão das Mercez.

Lê-se no *Diario da Bahia* de 7 do corrente.

«Em audiencia de hontem, foi condemnado pelo Dr. Antonio Carneiro da Rocha, juiz municipal da 3.ª vara, o reu Simberto Fernandes Alves Ribeiro a 6 mezes de prisão e multa correspondente a metade do tempo, como incurso no grau maximo do art. 237 § 3 do cod. crim., de referencia ao art. 236 §§ 2 e 4 e art. 230 do mesmo, por injurias impressas irrogadas ao conego Dr. Jacintho Villas-boas de Jesus.»

Pergunta-se ao Sr. padre que planta *rozas* com que direito apresenta-se sempre no meio dos que vem do campo com honra por que fizeram sacrificio de sangue. S. Revma. esteve aqui nas delicias de Capua e se passou por lá, foi para tomar ares, voltando logo, pois é mais agradavel o andar todo empertigadinho no *legerium*, fora do triste aspecto dos moribundos.—*O capellão e o medroso da guerra*

Maranhão.

Nessa provincia, o Dr. José da Silva Maia, no dia do fallecimento do presidente Dr. Braz Florentino Henriques de Souza assumiu as redeas da administração, na qualidade de 1.º vice-presidente, e em menos de oito dias desfez todos os actos de seu illustre e conscienciosо antecessor, desmontando a policia, bem como a instrucção publica, recahindo quasi todas as nomeações em gente da antiga *Estrella*, da qual é elle chefe; e, o que mais é, tem estendido o seu furor ao ponto de demittir empregados honestos, deixando suas familias na miseria.

Frenetica e precipitadamente demittiu o intelligente e honrado inspector do thesouro publico provincial Henrique de Britto Guilhon, que contando mais de 22 annos de bons serviços exonerara no primeiro periodo de sua administração, por inimisade pessoal, não obstante ser conservador, havendo sido depois reintegrado pelo mencionado Dr. Braz.

Este acto do Dr. Maia veio completamente desmascaral-o, bem como o da demissão do illustrado Dr. Frederico José Correia, conservador distincto, 3.º vice-presidente da provincia, do cargo de inspector da instrucção publica.

Não satisfeito com isso procura o actual vice-presidente da provincia, por meios illicitos, desfazer-se de alguns deputados provinciaes seus desaffectos, pois, segundo nos informam, estão sendo ou vão ser processados clandestinamente os Drs. Salazar, Joaquim Tito de Pinho Lima, e um dos redactores do *Constitucional* Ricardo Alves de Carvalho, afim de não poderem tomar assento no dia 3 de maio proximo vindouro, marcado para a abertura da assembléa!

Grave é hoje a situação politica da pobre provincia do Maranhão, e mais grave e melindrosa ella se tornará si for conservado em sua administração o Dr. Maia, reconhecido por todos incapaz de dirigir os seus destinos sem odios e rancores.

Elle não só debella os adversarios, como aniquila os proprios conservadores, aquelles que não o querem aceitar como chefe do partido!

D'aqui a gravidade de sua posição e a immensa responsabilidade que pesa sobre o gabinete de 16 de julho.

VARIEDADES.

Annuncio curioso.

Eis-aqui um annuncio publicado em um jornal de New-York:

«Vende-se um macaco, um gato e dois papagaios.

«Quem os pretender procure Mme. X..... rua *** n...., visto que esta senhora tendo se casado, não precisa mais destes animaes.

A *Revue des cours litteraires* publica a seguinte curiosa historia:

«Na praça onde está o convento de Jesus, em Roma, sopra o vento continuamente. Porque? Os romanos, de natural tão picaresco como os francezes, não encontram difficuldade para explicar este phenomeno.

Um dia, dizem elles, o diabo e o vento caminhavam juntos:

—Espera ahi; tenho o que fazer nesta casa: volto d'aqui a um instante.

A tal casa era exactamente o convento dos jesuitas. O diabo entrou nelle, e ainda não sahiu, e desde esse tempo está o vento á espera, todo enfurecido, na praça de Jesus.»

Os tres amigos.

Não te fies em um amigo sem o experimentares: encontram-se mais amigos nos banquetes do que na porta do carcere.

Um homem tinha tres amigos; dois dentre elles lhe eram muito charos; o terceiro lhe era indifferente, embora este lhe mostrasse sincera affeição.

Um dia, gravemente accusado, teve, posto que innocente, dê comparecer diante da justiça. Qual de vós, disse elle a seus amigos, quer acompanhar-me e depôr em meu favor? pois pesa sobre mim uma grave accusação, e o rei está irritadissimo.

O primeiro dos amigos recusou-se logo, allegando negocios que o impediam de sahir. O segundo acompanhou o accusado até a entrada do tribunal; ahi, temendo a colera do juiz, voltou.

O terceiro, com o qual pouco havia o reu contado, entrou, fallou em seu favor, e demonstrou com tanta convicção a innocencia do reu seu amigo, que o juiz o absolveu e mesmo o recompensou.

O homem tem neste mundo tres amigos: como se comportam elles na hora da morte, quando Deus o chama diante do seu tribunal?

O *dinheiro,* bom amigo do homem, deixa-o logo, e não vae com elle; *os parentes e os amigos* o acompanham até as portas do tumulo e voltam. O terceiro, em que muitas vezes não cuidou em sua vida, são suas *boas obras;* ellas somente o acompanham até o throno do juiz, ellas o precedem, fallam em seu favor, e encontram graça e misericordia.

Um cabo de esquadra queixou-se um dia ao capitão que o soldado José Pereira 2.º lhe injuriara.

—Anda cá, soldado, como injuriaste tu o cabo de esquadra?

—Meu capitão, com o devido respeito a V. S., eu não injuriei ao cabo de esquadra, disse-lhe apenas que elle era um ordinario.

—Então não é uma injuria?

—Não Sr., com o devido respeito, e passo a proval-o. Queira V. S. ter a bondade de dizer-me: os Srs. inferiores estão abaixo ou acima dos Srs. officiaes?

—Estão abaixo.

—Os cabos estão abaixo ou acima dos Srs. inferiores?

—Estão abaixo.

—Então, já vê V. S. que abaixo de inferior só está ordinario.

Perguntado certo philosopho qual era a côr que melhor assentava no rosto de uma mulher, respondeu com tanta agudeza como verdade, que a do *pudor.*

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo convido os Srs. socios a se reunirem em assembléa geral ordinaria, quarta-feira 11 do corrente, ás 6 horas da tarde, afim de ser-lhes presente o relatorio e o parecer da commissão de contas do trimestre findo. Bahia 9 de maio de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hippólyto.*

Attenção.

Hoje deve correr terceira praça um terreno com seis braças de frente e vinte cinco de fundo, sito a rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, pertencente aos herdeiros do fallecido José Ricardo de Santa Anna, no qual terreno ja se acham levantadas tres frentes com algumas divisões para tres propriedades, avaliado por 1:200$ rs.

Roga-se ao Sr. Grato da Silveira Bastos Varella queira comparecer na loja n. 9, ao Taboão, a tratar do negocio urgentissimo, que o mesmo Sr. não ignora. Bahia 2 de maio de 1870.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª DOMINGO 15 DE MAIO. N. 645.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de maio de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.º districto, communicando-lhe que nos informam que anda por esta cidade um industrioso enganando ao publico com choradeiras pedindo dinheiro para enterrar um dia o filho, outro a mulher, outro a mãe e assim vae passando a vida commodamente; espera-se que S. S. tome medidas para o correctivo de semelhante reu de policia, que, consta, chamar-se Roberto.

—A febre amarella anda beirando.

—Existem onze doentes na enfermaria por cima do forum. Os atacados são inglezes e suecos.

—Ao passo que, dizem, o governo mandando informar a inspecção de saude do porto, esta respondeu que não ha alteração!

—A inspecção da saude visita os navios peremptoriamente na occasião das entradas, ao passo que a molestia accommette dias depois de surtos no ancoradouro. Não pode portanto estar em dia com o que se passa no mar.

– O governo porque não manda abrir o lazareto do Mont-Serrat?

—Porque não quer.

—Porém é querer comprometter a saude publica; é mesmo procurar pestear a cidade, consentir no centro da população, no logar de mais crescido ajuntamennto, um foco de epidemia contagiosa.

—Não se assuste; ninguem morre na véspera.

—E eu digo que o seguro morreu de velho. Cautella nunca fez mal.

O governo crusa os braços em quanto é cedo, ao depois, si a cousa pegar, que Deus tal não permitta, como ha de ser?

—Lê se na *Opinião Liberal* de 30 do passado:

«Seja coherente, sr. conde.—Hontem na rua de Guanabara alguns escravos, em numero de 10, pouco mais ou menos, cercaram o imperador e o Sr. conde d'Eu, e pondo-se de joelhos supplicaram, dirigindo-se ao altimo:

—Meu senhor! dê-nos alforria, pelo amor de Deus, pelas alegrias do dia de hoje! Valha-nos meu senhor, etc.»

Supplica mais pungente, Sr. conde, não lhe fizeram por certo aquelles «individuos que V. A. encontrou lá no Paraguay dizendo-se escravos de outros.»

Os de lá foram attendidos pelo governicho semi-barbaro daquelle desgraçado paiz; e os de cá sel-o-hão por ventura pelo governo *civilisado e civilisador* de seu digno sogro?

A falla do throno dar-nos-ha a condigna resposta. Aguardemol-a.»

—Quando Lopez foi sorprehendido pelas nossas forças, estava ricamente vestido, com uma blusa nova e botas á Mellier novissimas, o que despertou a attenção de muitos.

—Tambem dizem que na occasião em que foi ferido montava em um cavallo baio, pertencente a cavallaria brasileira.

—O que ninguem sabe explicar é por onde recebia elle taes objectos.

—Capitão, peço a palavra.

—Tem a palavra.

—Tertuliana Ferreira Santa Rosa, é uma moça orphan, mentecapta; mas que um espertalhão illudiu ao juiz dizendo que a moça tinha chegado a sua maior edade e podia tomar conta da regencia de seus bens.

O juiz despachou o requerimento em favor da pretenção do tal esperto.

—Ah! Latronopolis!

—Essa moça esteve para casar-se com Raymundo Pinheiro; mas depois desistiu este do seu projecto, visto como conheceu loucura nella, o que prova-se com as cartas do proprio

padrinho della, hoje instituido seu procurador.

—Uma louca passando procuração! E' irrisorio isto!

—Prosiga!

—Espere V. Ex., vou primeiro munir-me dos documentos.

Au revoir!

—Este homem do cisco cassúa completamente de todos e de tudo!

—E vae comendo de gauderio o dinheiro da provincia.

—Eu realmente não comprehendo, á não ser pela mais desmarcada protecção, como se tolera que um homem se locuplete assim com o suor do povo!

—E' impossivel que o digno chefe de policia, por meio de seus agentes, não tenha noticia de tanto deleixo.

—Onde é que ja se viu dentro de uma cidade que tem uma empreza subvencionada para acciar-lhe as ruas, crear-se no centro da população um pernicioso deposito de esterco e lixo a prejudicar a salubridade!

—Aqui; onde a vida do povo é ninharia; que so se olha para o cobre que se recebe.

—O becco das Escadinhas, na ladeira da Conceição, está obstruido pela immundice ali atirada; brevemente assumirá proporções de encobrir um homem.

—O que parece inacreditavel é dizer-se que os proprios carroceiros da limpeza ali despejam.

—E' exacto; para encurtar viagens.

—Pouca vergonha!

—Tem passado na Preguiça?

—Não.

—Passe para ver a maneira por que é cumprido o contracto. Cada becco é um monturo.

—O contracto estabelece multas, por que não se impoem?

—Para que? As mulctas *virou sabão.*

—Ora sebo! Querem proteger, protejam; mais não zombem tão ás cancaras da opintão publica.

—Ora vê que diabo de coincidencia, capitão?

—Em que, homem?

—Lembra-se do passo que lhe contei do padre que indo confessar uma enferma, agradara-se na casa de uma menina a quem fez propostas de seducção?

—Lembro-me; e seduziu?

—Consta-me agora que o capellão dos Afflictos entendeu que aquillo era com elle.

—Pois a carapuça serviu-lhe?

—Não; mas diz que se deu com elle caso identico, embora com fim diverso.

—Porém nesse caso bem vê que não foi com elle e sim com o padre devasso, que abusou do sagrado ministerio que ia exercer á cabeceira de uma doente, seduzindo uma innocente, chamando-a para sua casa, procurando corrompel-a com presentes de vestidos e tornando-se renitente em querer prostituil-a.

—O capellão dos Afflictos muito afflicto, dirigiu-se ao vigario da Victoria e expoz-lhe que, aquillo que elle fez com boas intenções, as lingoas maldizentes estavam interpretando malignamente e continuou dizendo que, se propoz a menina para sahir de casa, foi puramente por obra de charidade, com pena de vel-a ficar ao desamparo; pois definitivamente a mãe morria e ella teria de ficar ao abandono na miseria; que prometteu leval-a para casa de uma familia; que o vestido que lhe deu *foi por esmola* e não com vistas libidinosas por lhe dizerem que a menina não tinha o que vestir; que não teve em vista seduzil-a mais sim *guardal-a* das garras dos libertinos que haviam de procurar pervertel-a ficando desamparada; que a ella so dirigiu palavras aconselhando para o bem e que com tal sentido é que continuou a frequentar a casa com assiduidade.

—Que santo e bem-fazejo sacerdote! Eu creio muito nesses desinteresses.

—O reverendo vigario da Victoria ouvindo a queixa do magoado capellão, encaminhou-se para os Afflictos no dia 10 e procurou a casa da enferma. Ahi entrando syndicou do facto, exigiu a presença das meninas, uma das quaes *ja não estava*, (não sei si a *tal*) e depois dirigiu se a enferma dizendo-lhe que era ella a causa de ser um sacerdote deprimido, e que por tanto devia fazer penitencia; que sendo aquelle dia de festa a S. Francisco Xavier, era muito proprio e visto não poder, por seu estado, ir á egreja, que em casa mesmo fizesse a penitencia afim de alliviar-se da culpa que sobre ella pesava por ser a causa de um ministro da egreja ser detractado.

—Porem que culpa tem a enferma, agoniada de dores, que o padre seja calumniado?

—Tirada a causa cessa o effeito; si o padre não fosse confessal-a não havia motivo para elle entrar em tal casa e dar logar a interpretações más.

—Eu que não sou vigario não penso assim; entendo que a enferma não tem culpa que os detractores maculem a obra pia do charidoso capellão que dá vestidos a tenras raparigas por commiseração.

—Que detractores, Sr.? V. Ex. não assumptou bem. Ninguem se lembrou do capellão dos Afflictos; elle propri foi que achou

analogia nos dous casos e entendeu ser com elle, quando um foi praticado com vistas lubricas, e outro guiado por espirito de beneficencia.

—Eu quando estou com minha consciencia limpa não receio.

O Sr. capellão dos Afflictos sabe muito bem que não foi elle que depois de confessar uma enferma cobiçou uma menina que julgou ser filha della, chamou-a de parte, e a convidou para sua companhia, amedrontando-a com a mórte da mãe, que no outro dia levou-lhe um corte de chita, e continuou a presenteal a e a frequentar continuamente a casa empenhado na *conquista*; que quem pratica isso é algum padre immoral, refugo de sua classe; por tanto não deve se encommodar.

—Capitão, trago-lhe aqui o *Deseseis de Julho*, gazeta publicada na côrte.

—Para que?

—Para V. Ex. apreciar este artigo, sobre o distincto e bravo capitão Antonio Cezar Tupinambá.

—Essa folha é liberal, não?

—E' conservadora; vou ler para V. Fx. ouvir.

—Não; *quero comer com minha mão mesmo*. Dê-m'a.

«UM VOLUNTARIO DA PATRIA.

«Com o 41, de que faz parte, recolhe-se á provincia da Bahia, sua terra natal, o Sr. capitão Antonio Cesar Tupinambá, cuja fé de officio só por si, constitue uma pagina da historia da encarniçada luta que por mais de cinco annos sustentou-se entre o Brasil e o Paraguay.

Alistou-se aquelle valente official no corpo de voluntarios bahianos denominado—*Princeza Leopoldina*,—em 2 de julho de 1865; sendo promovido a tenente a 3 de dezembro, seguiu para a campanha a 14 do mesmo mez e anno. Naufragando a 18 na costa do Albardão, no Rio Grande do Sul, prestou por essa occasião relevantes serviços, salvando com risco da propria vida a diversos naufragos.

Em 25 de abril de 1866, emcorporou-se ao grosso do exercito no territorio do Paraguay, tomando parte na gloriosa jornada de 24 de maio com tanta galhardia e denodo que foi louvado e agraciado por S. M. o imperador com o habito da ordem de Christo.

Em 16 e 18 de julho daquelle anno, entrou em combate e foi elogiado pelo general Flores, na ordem do dia dessa ultima data. No combate de Curupaity, dado a 22 de setembro, sendo gravemente ferido recolheu-se ao hospital de sangue, donde sahiu agraciado com o habito da Rosa, para tomar parte no combate de 24 de setembro no Estero Rojas.

Promovido a capitão, assistiu ao reconhecimento de Tuyuti quando praticou um feito digno de menção: da parte inimiga havia um ponto que os nossos chamavam-no *linhas negras*, porque o tiroteio desse lado era tão continuo como terrivel. Em uma madrugada o capitão Tupinambá, com 60 homens, atacou essa linha de atiradores, destroçando-os voltou incolume a offerecer á seu distincto comprovinciano o coronel Paranhos os despojos tomados ao inimigo.

Fez parte dos victoriosos combates de 21 de março contra as fortificações de Sauce, no sanguinolento reconhecimento das linhas de Humaytá do lado de Curupaity, nos combates diarios do Chaco de 25 de julho a 5 de agosto, dia em que se rendeu o inimigo fugitivo de Humaytá; assistiu aos reconhecimentos de Angostura; tomou não pequena parte no combate da ponte de Itororó em 6 de setembro, no de Avahy em 16 do mesmo mez, no de Lomas Valentinas e rendição de Angostura e em muitos outros que fôra longo ennumerar.

Quem assim soube cumprir com o seu dever, bem merece da patria e muito mais do logar do seu nascimento.

Estamos certos que a provincia da Bahia saberá receber condignamente o filho, que juntou mais uma corôa a seus tantos e tão invejados tropheus; e que os seus comprovicianos hão de inclinar-se á passagem desse moço e brioso capitão, que tantas e tão bôas provas deu só por si, de quanto valem os descendende Caramurú.

Pela nossa parte só nos cabe aqui, saudando de coração o distincto voluntario bahiano, desejar-lhe prospero e feliz regresso ao lar querido dos seus.»

A PEDIDO

—Os deputados geraes este anno estão com pouca vontade; muitos ainda andam por ca.

—Outros ja foram. O Dez. Innocencio Marques, os Drs. Junqueira, J. Gonçalves e Dionisio Martins, etc.

—Esse foi no *Marsilio Dias*.

—E' provavel que dispensasse a ajuda de custo.

—Porque rasão, si é de lei? Que descoco!

—Desculpe-me; eu sou bastante rustico em negocios de gabinete. Pareceu-me que fazendo a viagem n'um transporte do estado, não era preciso dinheiro para passagem.

—O que eu lhe acho é muito simplorio;

sempre é homem que vê embrulho e pensa ser moqueca.

Conheço uma gorda Anna
A quem chamam leviana,
Não sei porque;
Será porque ella namora
Dia e noite, a toda hora
A quantos vê?

Conheço uma Clara escura,
Um Angelica que jura
Não haver ceu:
E uma Serafina grossa,
Tanto que não ha quem possa
C'o peso seu.

Conheço uma Margarida
Em tudo so parecida
Com um cipó:
Uma Prudencia que o rosto
Do esposo em estado ha posto
Que causa dó.

Innocencias transviadas,
Tambem Candidas mescladas
Muitas ja vi.
Clemencias impiedosas,
Sem perfume muitas Rosas
Andam ahi.

Generosas avarentas,
Constancias namoradeiras,
Não poucas ha.
Algumas malditas Bentas
E Barbaras curandeiras
Tambem vi ja.

* * *

Motte.

Si algum dia perjurares
Descreio até da virtude.

Amar-te-hei si guardares
Constante a fé promettida;
Mas deixarei de ter vida
Si algum dia perjurares.
A uma alma vil, fementida,
Que por qualquer revez mude;
Um' alma que féra illude
A quem fiel sabe ser,
Faz-me de tudo descrer,
Descreio até da virtude.

VARIEDADES.

Civilisação em Portugal.

ANNUNCIO.

Em virtude do emanado Edictal do Nosso Felis Governo que hoje dia nos Rege; tenho a diser aos Senhores d'este lugar que em tod o Orbe Portugal não incontrarão uma Esche la com as favoraveis vantagens a utilidade d mocidade. Uma Eschola em que os meninos encontrão o serviço da mesma um cento de livros, 100 papeis com discres diversos, 20 pedras para contas, 50 Taboadas, 50 Cartilhas para os principiantes, papel e penas; tinta, e tudo o mais necessario para a perfeição das Primeiras Lettras, e uma duzia e mais de Livros Francezes, para os curiosos; d'este modo parece mais que negligencia não se utilisarem alguns dos Pais de Familia de um bem de tanta Felicidade para seus filhos, os quaes o lamentão quando chegão a idade racionavel, como succede a milhões delles nos nossos dias, que o chorão sem remedio: Por tanto corrão todos a contentar o ardente zelo de Nossa Amada Rainha, esta Santa Soberana que se tem esmerado desde que nos fez felizes com o seo reinado, não tem cessado de gritar os seos Ministros sobre a educação da Mocidade; motivo porque na Aula Regia d'este lugar se incontra hum Decreto da mesma Augasta Senhora de 1835 passado pelo seo ministro Rodrigo da Fonseca Magalhaens com todo o rigor sobre o mesmo objecto: Assim o deu a intender o Grande Philosopho Socrates no Conselho que deu para a reforma da Republica d'Athenas desfallecida do seo bom Governo mandando pôr sumo cuidado na Educação dos Meninos e accrescentamento das Escholas, intendendo que conforme o bom ensino que tem na puericia, assim obrão depois quando homens. Bem o conheceu Isaias quando pelas desordens que viu em Jerusalém exclamou dizendo: Aonde está o Lettrado, Aonde está o Mestre de Meninos, Viu o Santo Profeta que não havia n'aquella cidade nenhuma eschola para educação da puericia, e desta falta entendeu-lhe provinhão todas as desordens a Sua Republica, donde claramente se vê a grande utilidade, que se lhe segue da bôa educação, o Homem é uma fera, um Leão, faltando-lhe a educação. Nero mandou matar a propria mãy para ver as entranhas onde tinha nascido e Deos Guarde a quem o ler para tal lhe não succeder.

O Professor....
(Extr.)

Um alveitar tendo curado o cavallo de um medico, ao perguntar-lhe este quanto devia, respondeu-lhe o alveitar:

—Nada, não costumo levar dinheiro aos da minha profissão.

Ty. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª QUARTA-FEIRA 18 DE MAIO. N. 646.

Publiça-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de maio de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar um buraco na rua da Ordem Terceira de S. Francisco, o qual se acha aberto ha muitos dias, o que pode ser desastroso, quando nada a algum cego que por ali transite. Já que a Illma. tem um pedreiro que anda tapando buracos, deve ordenar-lhe que tape mais este. Espera-se ser attendido.

—As bexigas estão assolando na Casa de prisão com trabalho.

Só no domingo, a padiola da Santa Casa transportou para o hospital da mesma oito infelizes accommettidos dessa peste devastadora.

Na segunda feira vieram mais seis.

—Causa pasmo!

N'uma terra onde ha um instituto vaccinico, morrerem os presos de bexiga!

—Antes deixar cada um á mercê de seus recursos, do que impingir pêta de que ha policia para manter o socego e garantir o individuo.

A decencia e o pudor são feridos a toda hora.

O cidadão pacifico não encontra segurança para sua pessoa.

—Os agentes da força publica applaudem com revoltante indifferença os desmandos dos turbulentos.

Domingo ás 10 horas da noite, o echo de tres amotinadores enchiam o espaço dos mais obscenos termos e palavras de arrepiar o pudor. Vinham desde a praça em tão reprovavel assuada. No Terreiro, um individuo que passava, olhou intencionalmente para elles, admirado, como é muito natural, de tanta desfaçatez, tanta falta de honestidade.

—O facto é de causar extranhesa, e chama a attenção de qualquer.

—Mas note que o individuo olhou puramente para elles, não dirigiu palavra e foi seguindo seu caminho.

Só por isso, um dos estabanados voltou a perguntar-lhe porque olhava e se tinha de que admirar-se dirigindo-lhe as mais insultuosas provocações e ameaças, embora os companheiros, parecendo mais prudentes, procurassem accommodal-o.

—Dá-se que sem razão!

—Quatro soldados, dois encostados a uma arvore e dois sentados nas escadinhas de S. Pedro, ouviram com criminosa impassibilidade todo aquelle acervo de torpezas.

—Estão ali para vigiar as arvores que não fujam.

—Então a policia não tem obrigação de conter os desordeiros, e fazer com que não seja perturbado o silencio em horas mortas, com vozerias immoraes!...

—Nossa policia tem a conformação de uma preguiça.

—Nas Portas do Carmo deu-se caso egual com outro homem, que andando, proferia comsigo algumas palavras condemnando o irregular procedimento daquelles individuos.

—A policia desta terra é assim.

Ou muito deleixo e inepcia, ou muito absurdo e desatino.

—Capitão, quem se livra de uma destas?

—Diga lá, para ver se lhe dou algum remedio.

—Um estrangeiro, o Bacellar pianista e outro individuo, entram n'uma bodega ao Terreiro, e pedem o que comer.

Empinaram tres garrafas do roxo, peixada, laranjas, café, doces e mais traquinadas de mesa. Comida feita, companhia desfeita: depois de bem guarnecidas as paredes do estomago, o individuo safou-se, após elle sahiu o Bacellar e ficou o estrangeiro, muito imparcial.

O hospedeiro vendo que o cujo fallava em tudo, menos em dinheiro, apresentou-lhe a

conta; mas elle respondeu com imperturbavel fleugma:—«Sim, mas eu não tenho com que lhe pague.»

—E esta!

—Depois de entripado o petisco, o que fazer?

—Na verdade é celebre semelhante communismo com o alheio!

—E o Sr. Bacellar que anda sempre mettido em boas!

—E' preciso peito para levar a effeito uma tal gentileza!

O industrioso gauderio aproveitando um descuido escamou-se; mas teve a imprevidencia de passar pela repartição da policia, onde o destacamento deu-lhe pousada por aquella noite, em razão de vel-o acossado pelos que iam em seu seguimento.

—E' bem pernicioso o gosto de alguns montadores de cavallo andarem desembestados pelas ruas.

—A camara municipal determina uma multa para elles.

—Ninguem leva em conta as posturas da camara.

—Ou os agentes della é que são negligentes em executal-as?

—Tambem pode ser.

De qualquer forma, o caso é que ainda no domingo resultou um sinistro de tão imprudente costume. Um menino ficou debaixo das patas de um cavallo na rua de

—Coitado!

—Felizmente por ahi passava o Barros fiscal que poude prender o cavallo mas não o cavalleiro.

—Desde tres horas está este baptisado na egreja; são cinco e meia e nada de vigario; apezar de já se lhe ter ido chamar tres vezes!

Pessimo defeito é ser pobre!

—Perante Deus não ha pobreza nem riqueza; ha o homem, ha o pó.

—Mas os executores de sua lei não procedem assim. Aposto que, si fosse um rico, o vigario vinha in continenti e quando se demorasse um pouco, desfazia-se em um milhão de desculpas?

—Afinal ahi vem um padre fazer as suas vezes.

—São mais de seis horas; está escuro; eu nunca vi baptisado á noite.

—Supponho até que é vedado pelas leis ecclesiasticas; mas elles dizem que tudo isso são formalidades, cuja violação nada importa, que são formulas impostas á credulidade dos fieis para trazel-os jungidos ao fanatismo clerical.

—Elles mesmos aberram contra as instituições da egreja e depois bradam contra o espirito de incredulidade da epocha.

—A inclyta *Mãe da Mãe de Deus* queira illuminal-os, para não darem todos os dias tão maus exemplos.

—O estado anormal em que vae esta terra deve abalar ó animo do homem pacato.

Quando se appella para a faca e o punhal como arbitro de qualquer contenda, a cousa não marcha bem.

—Já está V. com apprehensões exageradas.

—Acha que não é nada aquelle estrangeiro malandro, puchar por um formidavel trinchete e encurralar a rapariga, no recanto da obra daquella casa do Adães, aqui na rua do Tijolo?

—Isso é um ou outro facto destacado, não serve de regra.

—Destacado, é que se não passam dous homens, elle podia *envial a,* e pôr-se ao fresco. E depois procurassem o homem da capa preta.

—A que nação pertence aquelle homem?

—Ignoro; anda sempre por aqui naquelles trajes a mangalaça e usa grossos tamancos.

Consta que aquella faca é sua inseparavel companheira.

—E' a qualidade de europeus que para cá vem, a borra; os morigerados e laboriosos passam por aqui e vão em busca das plagas do Prata.

—Nessa parte indague quem tem a culpa; cada um procura o que lhe faz mais conta.

—Capitão!

—O que quer?

—Quero pedir a V. Ex. para noticiar que hoje pelas 6 horas da tarde reunem-se os socios da sociedade **Monte-Pio dos Artifices** em assembléa geral, afim de discutirem o relatorio do conselho do trimestre findo e o parecer da commissão de contas.

—Estou sciente; vou mandar noticiar.

Cumpre a elles comparecerem e não deixarem aquillo assim ao abandono, dando logar a que se annuncie muitas vezes, o que é em prejuizo da sociedade, visto como em annuncios e mais annuncios de convocações, sem haver reunião, absorve o *Diario da Bahia* uma boa cifra todos os annos.

—Capitão, venho lhe dar noticia da romaria do batalhão 41 de voluntarios da patria.

—Ora vamos lá com isso.

—No sabbado ás 4 horas da tarde o batalhão desfilou do quartel do forte de S. Pedro e seguiu pelas ruas annunciadas.

Pela Calçada houveram muitos arcos, flores, foguetes, bombas, poesias, etc.

Ao entrar do adro do Bomfim havia um arco com o seguinte distico:

GRAÇAS AO SENHOR DO BOMFIM.

O batalhão acampou na baixa do Bomfim e ahi armaram algumas barracas; porem aquelles que não tinham barraca enrolaram-se em seus capotes, e ahi apreciaram a magnifica lua com os seus pallidos raios, alguns tocando violão e cantando modinhas, outros tomando seu *prego* para entreterem a noite, e muitos de baralho de cartas perdendo o que ganharam com o risco da propria vida, em defeza da patria.

A's 5 horas da manhan, a musica de policia, que os acompanhou e a do corpo, tocaram alvorada.

A's 8 horas formou-se o batalhão e ás 9 marcharam para render graças ao Deus do exercitos, por haverem regressado, cobertos de louros, ao seio de suas familias e da patria terra.

O acto da egreja esteve solemne.

Depois da missa seguiram a dous de fundo para beijar o Senhor Bom Jesus do Bomfim. Durante este acto tocaram as duas musicas.

O thesoureiro da irmandade deitou sobre o pescoço do Sr. coronel Joaquim Mauricio uma medida tendo nas pontas a effigie do Senhor do Bomfim.

Findo este acto vieram para a carneação e mataram dous bois e uma vitella, tirando cada um seu pedaço para comer com as laranjas que offereceu o Sr. Paulo Pereira Monteiro, a farinha e o vinho que deu a companhia de Vehiculos.

—Foi de tola que ella fez esta offerta?

Que numero de passageiros calcula V. que conduziu?

—Mais de tres mil.

—Hum!... O viver não é nada, o saber é que é a cousa.

—Mas vamos ao final.

A's 4 horas da tarde regressava o batalhão para a cidade, e por todas as ruas do seu trajecto foi recebido com as mais enthusiasticas ovações.

—E a respeito de desordens?

—Algumas, devidas a *fortaleza* de Baccho, que de prompto se accommodava.

—Os beccos e travessas da cidade baixa não parecem pertencer a um bairro que é o centro do commercio.

—Porque pensa assim?

—Pelo estado immundo em que estão.

—O homem do cisco não leva essas cousas em conta; vae chasqueando da condescendencia soffredora deste publico.

—Ha logares que parecem estrumeira.

—Por força hade ser assim; a empreza alem de *torrada*, anda atarefada com a conducção de objectos particulares, não pode dar vasão a tanta cousa.

Com o cobre da provincia ella conta certo; por tanto procura que outro fazer que deixe mais alguma cousa.

—*Pluribus intentus minor ad singula sensus*—quem attende a muitas cousas não dá conta de nenhuma.

—No domingo á noite, de volta do Bomfim, andaram com as mãos pelo chão, o portuguez Vieira e a parda Emerenciana no Maciel de Baixo. Aquelle ficou de cabeça partida e esta com a roupa em tiras, e perdeu todo o ouro, que, segundo dizem, regulava por umas duas libras.

Seis policiaes conduziram-na em charola para a casa de correcção.

—Que ostentação para prender uma mulher!

E o homem?

—Ficou solto.

—Ora está!... Encontra-se duas pessoas brigando, prende-se a uma e manda-se a outra embora!

—A mulher foi solta de noite mesmo, as dez horas.

—Isso é por que teve Deus de sua banda.

Despedida

Que fez uma heroina do becco do Oratorio ao seu voluntario do 40 com a chegada do 41.

Fun!... que fedor de *quarenta*
De quarenta e um que cheiro!...
Quarenta está de *moleta*,
Quarenta e um com dinheiro.

Voluntario do quarenta,
Não me entre mais aqui;
Homem que não tem dinheiro
Seu caminho é por ali.

Quer *carrasquear* agora?
Ora, isso so se vendo!...
Não acabou o dinheiro
O que fica mais fazendo?

Achou pouco mez e meio
Que levou a disfructar?
Arribe, que está *quebrado*,
Deixe quem pode gastar.

Deixe-me ver minha sorte
Com estes o que será;
Vou ao forte de S. Pedro
Algum commigo virá.

para a sorte d'esses infeli-

A PEDIDO

—Cinco annos, tres mezes e doze dias decorreram, depois que nesta cidade passava-se um spectaculo tocante e grandioso. O embarque do corpo policial, voluntario da patria para o sul.

—Foi um dia, cuja lembrança ficou eternamente gravado no coração dos bahianos e cuja gloria será immorredoura para a Bahia.

—Quadro enternecedor e sublime! Aquelles corações varonis que corriam ao reclamo da patria, se enterneciam ao sentido pranto de innumeras familias, que imploravam aos ceus a victoria para os seus.

Apoz tão longo peregrinar de fadigas insuperaveis, de privações inconcebiveis, eil-os que voltaram a terra da patria, que saudosa os esperava, e esse mesmo povo que os cobriu de flores na hora enternecedora da partida, jubiloso os recebe na mais acrisolada effusão de enthusiasmo e alegria

Partiram revestidos do mais santo patriotismo, voltaram cobertos de gloria.

Para elles as bençãos do ceu, por que souberam ser dignos da missão que tomaram sobre si.

—E essas ovações da turba, de que é alvo o bravo commandante e seus leaes companheiros de armas, deve enche-los de nobre orgulho, por que são espontaneos, e tem mais significação do que o costumeiro regio abraço transmittido para elle e seus commandados.

—Aqui fabrica-se *véstimenta* para os pés.

—E joga-se tambem.

—Divertem-se com as damas.

—Não duvido; alguma dama de taboleiro de rolletes.

—O que, homem? As damas é um jogo de tabolagem.

—Ah, percebo; e tambem o pacau, o vinte um, o monte, a bisca, etc.

—Principiam sempre por divertimento e acabam por desordem.

—Defronte do Calundú! Na rua Torta de Palacio! Ora queira Deus, a brincadeira não dê com tudo um dia no cagarrão.

—Olá, maganão, que astucia ideiou V. para cinzar seu *maioral*, eim?

—Pois não, homem; eu queria tomar uma carraspana, e o excentrico filho da terra das batatas, nada de querer me dar licença.

Usei de um ardil; fui a elle e disse-lhe que queria me confessar; o homem decidido respeitador da liberdade de consciencia, concedeu-me, sem observações dous dias, que empreguei no pagode.

—Quem foi seu mestre, meu charo?

—São sagacidades que aprendi depois que entrei para a *estrada de pau*.

—Está perito, lhe affianço.

Mas diga-me, de que *estancia* é V. *chefe*?

—Isso agora, nem que V. chore *pitangas* não lhe digo.

VARIEDADES.

Nova Castro.

Representava-se a tragedia *Nova Castro*. Ignez prostrada aos pés do rei Affonso implorava-lhe perdão. O rei permanecia inexoravel, depois, commovido, diz:

«O pae quer perdoar; o rei não pode.»

Um matuto, que pela primeira vez ia ao theatro, julgando ser tudo aquillo real, exclama da plateia:

—Perdôa, rei do inferno, sinão vou ahi e te faço em pedaços.

O actor que representava Affonso, vendo pelos gestos que o matuto estava disposto a executar o que dissera, tremendo diz a Ignez:

—E' o que te vale, estás perdoada.

Alguns da plateia bradam então:

—Isso não é da peça!

—Não importa, diz o rei, manda quem pode.

ANNUNCIOS.

Juizo municipal da 1.ª vara.

Hoje corre a ultima praça, pelo juizo da 1.ª vara, um terreno com seis braças de frente e vinte cinco de fundo, sito a rua Nova do Queimado, junto a casa do Sr. Valentim, freguezia de Santo Antonio, pertencente aos herdeiros do fallecido José Ricardo de Santa Anna, no qual terreno ja se acham levantadas tres frentes com algumas divisões para tres propriedades, avaliado por 1:200$ rs.

Attenção.

A galera *Garibaldina* sahida ultimamente da querena, acha-se em estado de fazer viagem e prompta a receber carga de qualquer qualidade, com especialidade fumo em rolo. Tambem recebe passageiros para a ilha de *Maricota*, por ter de levar a esse porto o carregamento de um velleiro patacho que se acha com agua aberta. Para tratar no becco da Taboa grande n.º 9, 2.º andar.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª SABBADO 21 DE MAIO. N. 647.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 20 de maio de 1870.

Não houve expediente.

—Quando eu digo que essa beatice que affectam as irmans de charidade, é um calculo estudado, muita gente duvida.

—Quem tem seus olhos bem vê; quem se engana é por que quer.

—Veja como zelam ellas o culto divino.

O cavallo do Dr. Bomfim vae pastar todas as tardes no quintal do hospital.

—Elle é da casa; é o escrivão da mesa.

—O quadrupede, depois de pastar a verde gramma, entra pela capella que sempre está aberta e lá se deixa ficar.

—Um logar sagrado feito estribaria!... Que profanação!

—Um dia destes o capellão indo encommendar o cadaver de um christão, esbarrou com o animal ao pé do altar!

—Menos-preço; impiedade para com a casa de Deus!

—Não está provado que as irmans de charidade, a cargo das quaes está toda administraçao do hospital, consideram que adorar e reverenciar a Jesus Christo, ser verdadeiro catholhico, consiste em andar pelas ruas de cabeça baixa e braços crusados; que o culto divino para ellas cifra-se em que todo o mundo as veja com um grosso rozario cahido pelas pernas, que no particular pouco lhes importa que o tabernaculo destinado ao Cordeiro Immaculada accommode tambem as bestas?

—O que está mais que provado é que toda a santidade que ellas inculcam; esse alarde que fazem de amor do proximo e observancia dos preceitos religiosos é um meio de giro como qualquer outro; é o—*lucri bonus odor de re qualibet*.

—Os estudantes da faculdade de medicina do Rio de Janeiro fundaram uma associação emancipadora de crianças.

—Os sexto-annistas da mesma faculdade resolveram forrar crianças com a importancia que era destinada ao luxo superfluo do dia da formatura.

—Consta que alguns dos sexto-annistas da nossa faculdade pretendem propôr para o mesmo fim a importancia de cada um destinada para aluguel de carro no dia da collação do grau.

—Esta acção, sendo realisada, honra muito aos filhos de Cós, que, despresando a pompa luxuosa, se engrandecem aos olhos da sociedade, dando mais uma prova de abnegação que tantos medicos tem dado pelo amor da liberdade e pela vida dos povos.

—Dar liberdade aos innocentes é recommendar-se aos olhos de Deus e da posteridade.

—Respondeu jury na quinta-feira o Sr. Francellino Ramos, por causa da questão do saveirista.

Foi advogado da accusação o Dr. Augusto França, o qual pediu para o accusado o maximo das penas do art. 205 do codigo criminal.

—Quem defendeu?

—O Dr. Fernandes da Cunha, em um bem e elaborado discurso de direito.

—Uma das testimunhas da accusação, disse que sabendo o Sr. Ramos que elle ia jurar, fez com que ella testemunha fosse processada por crime de injuria, pelo que levou um mez na cadeia, e concluindo disse que o *poderoso braço do ouro, pesa sempre sobre o pobre*.

—Conclua logo; o reu foi absolvido?

—Não; foi condemnado a um mez de prisão e multa correspondente.

A sessão do jury acabou as 3 horas da madrugada do dia sexta-feira.

—Safa! Veja o resultado de ser fôra para *reis*!

—Quando o gato não está em casa, os ratos fazem das suas.

—Não me falle por meta[illegible]

—Dizem que o Sr. ad[illegible]

de prisão com trabalho [illegible]

[illegible] Exs.; [illegible], chamando a attenção de Vs. Exs. para a sorte d'esses infeli-

o que dá motivo a que os empregados tenham tempo para andar pela cidade raptando moças.

—Então diga—atraz da vela grande ferra-se o traquete.

—Um empregado da casa dos presos, homem casado, raptou ha dias, uma menina de 14 annos. no Campo da Polvora.

—Bravo dizer! E' dos taes que não se farta com uma.

—Consta que veio de Sergipe recommendado ao chefe de policia, hospedou-se em sua casa e foi empregado por S. Ex.

—Então não ha novidade; ha de se fazer justiça.

—Espirito de charidade.

—Veja que não seja infectado.

—Entrou na quarta-feira as 4 horas da tarde, para a enfermaria dos doentes de febre amarella, um inglez em estado gravissimo; no outro dia as 9 horas ainda não tinha recebido o menor soccorro, tendo ja apparecido os vomitos negros.

—Este e outros factos dão a prova evidente do desvelo com que as filhas de S. Vicente de Paula desempenham a sublime missão de charidade e amor de seus semelhantes e a maneira por que é regido aquelle estabellecimento entregue a direcção de tão puras creaturas.

—O conde d'Eu mudou de nome.

—Quer vender seu peixe podre?

—V. é um homem incredulo!

—E V. um almanak de pêtas.

—Leia este cartão, com o retrato do principe, que andam vendendo pela cidade baixa.

—Deixe ver.

«D. Philippe,
conde d'Eu.»

—Si não ha dous condes d'Eu, um chamado Gastão e outro Philippe, é verdade o que eu digo.

—Foi engano, talvez da lythographia.

—Com enganos não me convence.

Parece mais uma graça pesada; pôr a cara de um e o nome de outro e mandar expor á venda.

—Deixe lá; não é pelo nome empastellado que o conde d'Eu deixará de ser conde d'Eu.

—Emfim, como dizem que é na loja do Catilina, monarchista até os cabellos, que se vendem os taes retratos ambiguos, não tomo o equivoco como alguma pilheria que quizessem fazer.

—Chegou o Granada.

—O que me diz? Ainda tira diabos?

—Foi feiticeiro e voltou charlatão.

—Adiantou alguma cousa.

—Chegou apregoando-se de doutor e so falla castelhano.

—Formar-se-hia em Jaguaripe?

—Trouxe um papelorio onde se inculca de medico, condecorado não sei com que medalha de honra do Estado Oriental e capitão daquella republica.

—Então não é mais brasileiro?

—Naturalisou-se cidadão oriental.

Por tavernas, botequins e cantos de rua anda mostrando uma folha de papel coberta de sellos e fitas, que diz ser a carta de doutor, conferida, pelo instituto homeopatha do Rio de Janeiro.

—Si fosse o burropatha era melhor.

—De experto é que anda mostrando; a turba ignara é facil e credula.

—Então decididamente temos mais um industrioso a especular com o povo?

—Si a policia não tiver contas com elle. V. Ex. sabe que Granada tanto tem de embusteiro como de audacioso.

—O trabalho é a sanctificação da vida.

—Foi o signal de rehabilitação na queda do primeiro homem.

—Hoje o trabalho é o symbolo da dignidade do homem; não é mais o scello da culpa, como na antiguidade biblica; não é o signal da escravidão, como na edade media; nem o tributo dos pariás, como concebeu Aristoteles.

—No dia em que o homem descobriu a alavanca, o parafuso, a força d'agua, foram outras tantas fadigas de que alliviou seus hombros, sobrecarregando-as na natureza.

—O hymno do trabalho eleva-se por toda a parte, e as estrophes perpetuam-se aos estrepitos das grandes descobertas.

—São as machinas que vão conseguindo pouco a pouco esta realeza do homem sobre o universo,

—Pelas machinas ganha o homem tempo á custa da força.

—Entre as muitas artes as quaes as machinas tem sido poderoso elemento de perfeição, estão a pintura e o desenho; as feições caracteriscas do individuo reproduzem-se hoje com maravilhosa presteza e exactidão por meio da photographia.

—Ja que fallamos em photographia, esse admiravel progresso da humanidade, devemos citar o estabellecimento nacional de Reis & C., nesta cidade como um dos mais completos neste genero.

—E' verdade, e até seus proprietarios, segundo dizem, diminuiram o preço de seu trabalho.

—Razão, que os faz credores da concurrencia publica.

A PEDIDO

—Capitão?

—Que desejas?

—Que me ouça.

—Podes fallar.

—Começo já. Hontem passando pela *tripeça bahiana,* ás 5 horas da tarde, apanhei algumas palavras que entre si trocavam dois sugeitos.

—Provavelmente teus conhecidos?

—Um o é perfeitamente; o outro pelo traje e maneiras julguei ser algum maritimo e como de facto não me enganei, como verá pelo que passo a relatar-lhe.

—Sempre foste muito esperto, meu commendador.

—Não tenho tanto de besta como me classificam. Peço-lhe pois, que não me interrompa, afim de não lhe massar prolongando a historia.

Cabia a vez de fallar ao meu conhecido, que. dirigindo-se ao outro, perguntou-lhe: «*Valente,* não me dirás quem é o encarniçado inimigo que fere com amiudados pasquins a direcção do gabinete lusitano de leitura?

«Sr. Augusto, si me perguntasse a manobra do navio, os nomes que se dão a todas as suas pertenças, poderia obter deste seu parente as necessarias explicações; porem fallando-me sobre gabinete, politica, eleições, etc., etc., tenho somente a responder-lhe que disso nada pesco. Comtudo, para não deixar-lhe descontente, julgo pelo meu muito fraco entender que essas mofinas não podem ser obra sinão de algum apaixonado que fosse talvez taboqueado e queira se desabafar debaixo do anonymo, invectivando a outros aquillo que só a si cabe.»

Dizendo isto, o marujo retirou-se.

—Admiro muito por ser o adulão de casaca.

—O tal meu conhecido fez um gesto colerico, tornou se rubro e seguiu o seu amigo.

—E o que concluis d'ahi, meu commendador?

—Nem mais nem menos que o seguinte: digo que aquelle que se acoberta com a capa do anonymo para infamemente ferir pessoas que lhe são em tudo superiores, não pode ser sinão algum despeitado, que fosse talvez taboqueado nessa eleição; isto é, a opinião do marinheiro Valente, unicamente accresconta ser author desses pasquins o seu amigo tão *augusto.*

—Si é verdadeiro o que suppões, eu o previno que não se arrisque a ponto de se lhe pôr a calva á mostra.

—Não pagar o suor a quem trabalha, é peccado que brada ao ceu.

—Assim estabelece a egreja nossa mãe.

—Muito mais grave deve ser a culpa daquelle que usurpa a propriedade alheia.

—Esse commette um latrocinio execravel.

—Um certo figurão *encommendado,* um marralheiro que não tem licença de andar na rua sinão em cadeira, por causa dos meirinhos que lhe andam no encalço, tomou fiado em uma venda uma garrafa de cerveja, duas pennas, uma caneta, uma libra de manteiga ingleza, com proposito de não pagar e de facto não pagou. O taverneiro desesperou de mandar procurar a diminuta importancia; vendo seus esforços baldados, escreveu um bilhete ao alto personagem, fazendo lhe sentir a demora e que nem ao menos recebia uma resposta. O homem entendeu que era offensa cada um procurar o que é seu, e mandou por dous escravos ameaçar o vendelhão.

—Por uma ninharia!

—2$680 rs. é o importe.

—Passa de miseria. No caso do vendelhão dava por perdido.

—Perdido está, que o sujeito faz destas *armações* e depois não sei o *couto* onde se mette que ninguem lhe vê a mascara.

—Capitão, o Sr. conde d'Eu encontrando no Paraguay alguns infelizes, sobre quem pesava o jugo aviltante do captiveiro, dirigiu-se ao governo provisorio daquella republica do seguinte modo:

«Illms. e Exms. Srs.—Em varios pontos do territorio d'esta republica, que tenho percorrido á frente das forças brasileiras em operação contra o dictador Lopez, por vezes tenho encontrado individuos que se dizem escravos de outros, e quantidade d'elles tem se dirigido a mim, pedindo-me que lhes conceda a liberdade, e que lhes dê verdadeiro motivo de se associarem a alegria que sente a nação paraguaya vendo-se livre do cruel governo que a opprimia.

«Conceder-lhes o que queriam fôra para mim uma grata occasião de satisfazer os sentimentos de meu coração, si o podesse; mas ao governo provisorio, á cargo de Vs. Exs. e felizmente já constituido, compete decidir todas as questões relativas á administração civil do paiz.

«O que posso fazer de melhor é dirigir-me a Vs. Exs., como o faço, chamando a attenção de Vs. Exs. para a sorte d'esses infeli-

zes no momento em que todo o Paraguay tanto se occupa da emancipação; si Vs. Exs. lhes concederem a liberdade que elles pedem, rompem solemnemente com uma instituição que infelizmente foi legada a alguns povos da livre America por seculos de despotismo e de deploravel ignorancia.

«Tomando essa resolução, que pouco influirá sobre a producção e recursos materiaes do paiz, Vs. Exs. inaugurarão dignamente um governo destinado a reparar todos os males causados por uma longa tyrannia, e a conduzir a nação paraguaya na senda d'essa civilisação que arrasta os outros povos do mundo.

«Deus guarde a Vs. Exs.—*Gastão d'Orleans.*»

—Como respondeu o governo provisorio do Paraguay a esse appello?

—Baixando no dia 2 de outubro um decreto em quatro artigos, ordenando a abolição immediata e completa da escravidão em todo o territorio da republica.

—Que contraste!

O governo do Paraguay solicito accede ao nobre e humano empenho do Sr. conde d'Eu; no Brasil, seu imperial sogro, tido por um dos mais philantropicos monarchas do mundo, bane da falla do throno a questão da emancipação servil!

—O tenente Theotonio do 4.º batalhão da guarda nacional, recebeu ordem do sou commandante para aquartellar com o 8.º

Cumpridor das ordens superiores, como é elle, foi ao quartel da Palma, onde se acha o 8.º aquartelado, afim de entender-se com o barão de Passé; mas que infelizmente não o encontrou.

Neste caso o que fazer?

Dirigiu-se ao major do corpo e expoz-lhe que se achava com sua senhora doente e por isso não podia aquartelar.

O major então pediu-lhe que fosse tomar conta do destacamento do forte de S. Pedro, que o mandaria mudar no dia immediato, visto como elle apresentava uma razão poderosa.

No dia immediato porem até o meio dia esperou o tenente pela muda e nada de apparecer.

Ora, tendo o major se compromettido mandar mudal-o, e vendo elle que não apparecia a muda, segundo a promessa do major, pediu licença ao major commandante da fortaleza para vir até o quartel da Palma, fazendo-lhe ver de que se elle não voltasse tinha desaquartelado.

Ainda foi infeliz, porque teve de se entender de novo com o major, o qual disse-lhe que estava dispensado do aquartelamento e podia ir cuidar de sua senhora.

O tenente Theotonio, escrupuloso, quiz ir ao general commandante superior, expor-lhe as razões que o obrigava a não aquartelar; mas o major disse-lhe que não precisavx, pois elle mesmo exporia ao general o facto.

Neste accordo pois veio o tenente Theotonio para o seio de sua familia.

Na quarta-feira, recebeu elle oadem do general de recolher-se preso por vinte e quatro horas!

Isto o surprehendeu!

Recolheu-se a prisão, e quando completou-se o tempo, dirigiu-se ao general para saber o motivo de sua prisão.

O general então apresentou-lhe um officio do barão, commandante do 8.º no qual dizia que elle havia desamparado o destacamento do forte de S. Pedro, e que em vista d'esse officio era que elle o tinha mandado recolher-se!

O tenente expoz então ao general o que havia-se passado entre elle o major, provando assim ter sido victima de uma cilada!

—Esta é uma de *cachupeleta*!

—Foi uma armadilha bem arranjada?

Soneto.

Menina, sois amavel como um gato,
Que, na verdade, é mui lindo bichano;
Porem com fero peito, deshumano
Um amante offendeis jamais ingrato:

Daes ao bicho a lamber o vosso prato,
A' meza o quereis ver, si não me engano;
Eu desejo um agrado, um riso humano,
E nem isso me daes, que é tão barato!

O gato vos faz mil ternas festinhas;
Adoro-vos... mas vejo que escutaes
As finezas do gato e não as minhas.

Sou o mais desditoso entre os mortaes,
Porque tenho um rival, que come espinhas,
E valem seus *miáus* mais que os meus ais.

José Ignacio de Araujo.

ANNUNCIOS.

Precisa-se fallar com o Sr. Francisco Joaquim Pereira da Costa, na loja á rua Direita do Collegio n. 33—A.

Junto á loja do Sr. major Benjamim, á rua Direita da Misericordia, defronte do Forum, casa n. 21, encontrar-se-ha, das 9 horas da manhan ás 2 da tarde, um moço habilitado a fazer qualquer escripta de advogado, ou cartorio.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª TERÇA-FEIRA 24 DE MAIO. Ns. 648—649.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de maio de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que as moradoras, da casa n.º 9 A á rua da Misericordia, procedem mal no que toca á moralidade e socego. A' noite essas *resolutas* primam em scenas de depravação e algazarra, o que não pode continuar no centro de familias; pelo que pede-se a S. S. se digne chamal-as á ordem.

—Porque motivo a policia espanca a este estrangeiro?

—E' um gauderio; entrou na pasteleria da rua da Valla, pediu o que havia de melhor, comeu e não pagou; andou aos rôlos com o caixeiro; a policia acudiu e prendeu-o; agora relucta e não quer seguir da Baixa dos Sapateiros para a Correcção.

—Provavelmente este sujeito é o mesmo que uma noite destas fez graça egual no Terreiro.

—Creio que sim.

—Pelos olhos se conhece quem tem lombrigas; o homem pelo traje denuncia os apuros da algibeira; si lhe franqueam o que pede é porque querem.

—O caixeiro declarou que sabia que elle não tinha dinheiro; mas que deu-lhe a comida de proposito para espancal-o.

—Não lhe louvo o gosto; perder o dinheiro de seu amo e arriscar-se a uma infinidade de peripecias.

—Mas para o tal estrangeiro este mundo deve ser um paraizo; na sua vida bocagiana, depois de encher a barriga sem ter dinheiro, dão-lhe sempre casa de graça para passar a noite.

—A camara é cega e surda!

Cega porque vê as cousas e faz que não vê.....

—O peior cego é aquelle que não quer ver.

—..... surda, porque não quer ouvir os reclamos da imprensa.

Ha dias, o commando deste navio expediu-lhe um officio, pedindo que mandasse concertar um buraco na rua da Ordem Terceira de S. Francisco e ella nem se abalou.

—E já um pobre cego, um destes dias, ia quebrando uma perna, si uma alma charidosa e bem formada não o salvasse do precipicio.

—Pois ahi está como são as cousas de minha terra! Que importa á camara que um cego quebre ou não a perna?

—Fique certo que emquanto não acontecer alguma desgraça, a camara não manda tapar o buraco.

—Disso sei eu.

—Aprecie mais este pedacinho sahido da portentosa cachola do Sr. Manuel Bento de Lima, homem encyclopedico no Matto-Grosso:

«Manoel Bento de Lima, Cirurgião Alferes da Sessão de Batalhão n. 1º da Guarda Nacional, Membro e Delegado das Companhias interNacional Forence do Rio de Janeiro, Presidente da Camara Juiz Municipal e Juiz de Paz deste districto, e Agente do correio

«Faço saber atodos os habitantes desta Cidade e seu districto, que de hora emdiante fica prohibido o batuque; as outras funções, como tambaques, cururúz Sapateados, os mascarados, contradanças derua e casas publicas eoutros espetaculos desta natureza, serão permetidos com Licença do Juiz de Paz pago as taxas e multas estabellecidas pelo titulo treis, 3º das Posturas, e disposições da Lei do Orçamento Municipal.

«Epara que chegue anoticia de todos, mandei lavrei eaffixei opresente Edital que será fixado nolugar do costume. Mato Grosso 12 de Janeiro de 1870.

«Eu Julião Francisco da Cunha, Escrivão interino do Juiz de Paz que o Escrevi.»

Manuel Bento de Lima.

O francezismo entre nós.

Parece incrivel, mais é verdade.

Os productos nacionaes desprestegiam-se

de dia para dia á falta de concurrencia pelo desprezo com que nós mesmos os tratamos, dando preferencia a quanta buxinganga nos vem de França.

Desde o chapeu a *Bernotón* que as senhoras usam, até as seringas com que tomamos clysteres; desde as calças á *Rocambole* até os colarinhos de papel, classica porcaria, usada durante o inverno, na França, e imitada por nós ao rigor do verão, tudo vem encaixotado, paga direitos fabulosos, e o povo bate palmas e compra por um preço exagerado aquillo que lhe custaria a terça parte si fosse manufacturado no Brazil; porem que ninguem se lembraria de usar desde que fosse producto nacional.

Ultima moda de Pariz!

No mez de junho, por exemplo, estação invernosa aqui, porem verão rigoroso lá, usamos nós, para imital-os, e mais do que nós as senhoras, as roupas mais leves e frescas possiveis, taes como as alpacas finas, as cassas e os vestidos decotados.

Mas o mez de janeiro se aproxima; o inverno começa a embranquecer de neve os montes da terra de Napoleão; os pannos pilotos começam a ter extracção, os homens usam gibões curtos e abotoados, as senhoras usam *bornous* e capas de cachemira solidamente acolchoadas.

Ultima moda de Pariz.

Usemol-a nós tambem, embora estejamos na força do calor, embora suemos por quantos póros temos!

As padarias, as lojas de cabellereiro, as tendas de alfaite e tudo que tem o titulo de *francezas* tem sempre preferencia.

Mande qualquer açougueiro pintar um boi por qualquer borrador e por cima delle colloque o pomposo titulo de—*charcuterie française* na frente do açougue e conte de certo que por mais lazeira que seja a carne, ha de ser sempre mais procurado que os outros.

Até quando queremos nós possuir o titulo de macacos?

Falta-nos um Nicolau Tôlentino, um Bocage, um Laurindo, para satyrisar este povo que não sabendo dar importancia ao que é seu, abraça a tudo quanto traz o espirito de novidade, porem da expeculação.

—Hontem ao meio dia para 1 hora da tarde, as egrejas deram signal de incendio, na freguezia de S. Pedro.

O incendio foi na rua da Lama, no sobrado n. 9, e se manifestou no sotão, por se communicar com este o bociro do fogão que se acha sujo.

—E tomou grandes proporções?

—Não; foi de prompto abafado pelos moradores da circumvisinhaça.

Quando chegou o piquete, o chefe de policia e o delegado, já elle estava extincto.

—E as bombas?

—Não appareceu nenhuma e nem foram precisas.

—Valha-nos isso.

—No sabbado á noite, um individuo de nome Firmo, que ha tempos deu uma facada em um rapaz, no Cruzeiro de S. Francisco, e que hoje inculca-se de sargento reformado de artilheria, unido a outros do mesmo jaez, deu um *beneficio* em casa de umas mulheres, na ladeira da Gameleira, o qual beneficio constou em ficarem as miseras sem terem o que vestir, por haver elle e seus cumplices lhes posto a roupa em pedaços.

—Bem; vou recommendar esse heroe ao Sr. Dr. Cicero d'Assis.

A PEDIDO

(*Continuação dos ns. 638—639.*)

—Capitão, antes tarde do que nunca.

São passados muitos dias em que principiei a contar-lhe a minha historia. Si hoje V. Ex. dispõe de algum tempo, peço licença para concluil-a.

—Sim, Sr., com muito gosto ouvirei o resto.

—Chegados os dois esposos a Cachoeira, o marido preso para voluntario da patria e a esposa desvellada que seguia-lhe o destino, representaram seus direitos.

Em vão a dedicada mulher se foi lançar aos pés de quem podia soltal-o, mostrando-lhe os dois filhinhos que ficavam sem amparo.

A resposta que obtinha é que a patria precisava de quem a defendesse.

—A patria!... Pungente ironia é essa com que se lembram na hora do perigo que a patria tambem pertence ao pequeno.

—Da Cachoeira, seguiu o homem para a capital acompanhando-o a fiel esposa.

Esforços baldados foram suas supplicas, seus rogos, suas lagrimas, para conseguir a soltura d'aquelle a quem se ligara para sempre.

Cem vezes foi ás portas de palacio, onde as mais dellas lhe era vedada a entrada e quando, vencendo mil obstaculos, conseguia chegar até aquelle que lhe devia fazer justiça, voltava cheia de dissimuladas promessas sem que nunca visse realisadas suas esperanças.

Nesse passa-tempo, com que foram empandeiando, chegou o dia do embarque e o he-

mem casado com dous filhos, marchou forçado para a guerra, levando no braço o distinctivo de voluntario da patria.

Esposa devotada, amiga extremosa, sua mulher não o abandonou. Preferiu seguil-o no infortunio a ficar entregue aos horrores da miseria, e no outro dia ser arrastada a vender a honra para alimentar os filhinhos desamparados.

Si na sua provincia não poude obter a reparação de seu direito extorquido, quanto mais no borburinho da côrte, onde tudo é movido a dinheiro ou empenhos.

Depois de ser accommettida de bexigas teve de acompanhar seu marido da côrte para a campanha.

No mar, morreu-lhe nos braços um dos filhinhos, e ella viu, com o coração partido de dôr, seu corpo ser atirado as ondas.

Chegados a Montevideu foi atacada de grave enfermidade, e atirada em um hospital.

Prolongando-se a molestia até a occasião da marcha do batalhão, seguiu este seu destino. A infeliz mulher do soldado ficou abandonada no hospital, sem recommendação, em uma terra estranha, em que não sabia caminho nem carreira e onde nem o dialecto do paiz comprehendia.

Narrar todos os transes que mais amargurados tornaram os dias dessa desventurada esposa, é impossivel.

Até ali elles tinham compartilhado juntos os revezes da desgraça.

Agora via-se só, isolada, sem amparo!

Depois de muito penar, achou uma alma compassiva que a transportou para o Brasil.

Na côrte, peregrinou seis mezes, primeiro que por charidade a transportassem para sua provincia natal.

Aportando a ella, retirou-se para a povoação de seu nascimento, onde deu se ao trabalho da lavoura, para manter-se e a seu filho.

Na esperança de ver voltar seu esposo, ella com a enchada na mão, vivia do suor de seu rosto, para que elle no regresso encontrasse intacto o thalamo nupcial.

Veio porem a calamitosa secca com suas desastrosas consequencias. A terra negou-se a produzir as sementes depositadas em seu seio, as plantações murcharam e a desolada mãe viu-se arremessada as garras de atterradora penuria.

Encaminhou-se a capital para ver se alcançava do governo uma esmola, em vista de seu estado; trouxe attestado do vigario e da authoridade policial em como era casada; mas aqui exigiram-lhe reconhecimento do firma e uma alluvião de documentos.

—Ora, uma pobre mulher que Deus sabe quanto lhe custou chegar até aqui, volte outra vez e vá reconhecer firmas!

—E a apresentar documentos que só no quartel-general da côrte podia encontrar.

Exigiram-lhe essas formalidades; mas ella nunca poude ver a cara do presidente, porque sempre lhe diziam que não estava.

Foi ao arcebispo pedir uma esmola e tambem lhe disseram que estava fora; até que desesperada retirou-se maldizendo de sua sorte.

—Tristonho quadro de miserias!

— Capitão, vim lhe contar esta historia commovido de ver a pobre mulher banhada em lagrimas narrar os azares de sua sorte.

—Pobre mulher! Arrancaram-lhe o marido, em nome da patria ultrajada; para soccorrer a esposa do filho que a defende, a patria se torna em madrasta!

—Porque é que todas as vendas da *alta dos homens que cosem sola,* fecham-se ás 9 horas, menos uma ao entrar da rua *florida?*

—Tem licença do subdelegado.

—Não é possivel; o subdelegado não pode infringir as leis municipaes, quando elle é o primeiro obrigado a fazel-as executar.

—Por isso não; a lei é a vontade de quem governa.

—Mas nesse caso não está quem é escrupuloso no cumprimento de seus deveres.

—E de mais, as eleições estão na porta; e muita gente quer ser eleitor.

—Ah, então estou calado; tempo de eleição é quando se concede muita cousa.

—Capitão, sicario não é só aquelle que lança mão do mortifero fuzil ou hervado punhal, rasga as entranhas de seu semelhante e rouba-lhe a vida.

—Cem vezes mais malvado é aquelle que, sacia a ferocidade de seu coração por meio de cruciantes torturas, e vê a sangue-frio, a victima de seu canibalismo extinguir-se lentamente.

—Assassino é tambem o homem que, destituido de humanidade, inflinge como meio de correcção, os tratos mortificantes, os castigos agonisantes, os quaes si não trazem uma morte immediata, produzem o desarranjo mental, a desorganisação do organismo e uma morte lenta e cheia de soffrimentos.

—E tambem aquelles que inventam crueldades, que revivem os tempos inquisitoriaes.

—E mais detestavel deve ser o aggressor, si a victima de sua barbaridade é fragil e indefesa.

—E' um ente execravel; uma besta-fera.

—E muitas vezes para crimes tão revoltantes, que envergonham a natureza, a acção da justiça é nulla pelas causas de que se revestem, e servem apenas para attestar a perversidade de seus authores.

—Tambem isso é exacto. Assim como muitas vezes factos criminosos tem logar pela brutalidade ou ignorancia de quem os pratica.

—Como estamos nesta conversa, quero lhe contar um facto desses, que ouvi ha dias.

Houve em outras eras nesta cidade, um mestre de obras. que recebia discipulos para ensinar.

Tinha uns vinte a trinta meninos, e quando commettiam qualquer falta, o castigo que lhes dava, era mettel-os em um tunel cheio d'agua, de sorte que o delinquente ficasse embebido até o pescoço, por algumas horas; outras vezes atava os por debaixo dos braços e suspendia-os a uma extraordinaria altura, deixando-os em tão martyrisante posição por uma hora ou mais, conforme entendia; outras, mettia-os em um sacco de aninhagem comprimindo-lhes os membros e privando-os de todo movimento.

—Isso era um carrasco da humanidade, um algoz que se regosijava em forjar tormentos.

—Um homem do commercio, muito amigo de crear *pintos,* entregou-lhe um molequinho de nove annos para aprender o officio de rebocar paredes. Disse-me quem contou o caso que chamava-se até Guilherme.

O homem ignorava o genio de tigre do mestre tanto que o protegia com empenho, arranjando-lhe obras, e dando a seu respeito lisongeiras informações.

O molequinho foi destinado pelo mestre a ir trabalhar em uma *quinta* que fica na demarcação da *cidade dos mortos*. Para la ia de manhan; ás 11 horas vinha a cidade buscar o almoço do contra mestre, voltava e de tarde regressava para casa do senhor, dando assim quatro longas viagens no dia.

—Era estafar uma criança.

—Mas tudo fosse isso.

Um dia, o contra-mestre queixou-se de uma leve culpa do discipulo, uma falta de presteza em executar certo mandado.

A hyena esperou que désse meio dia e mandou o molequinho pôr-se ao rigor do sol com uma perna firme e a outra elevada sobre uma enorme pedra; deu lhe um pau e ordenou-lhe que olhasse fixamente para o sol fazendo pontaria para o mesmo.

De relogio aberto e pêa na mão, obrigou o infeliz a permanecer naquella dolorosa posição por espaço de uma hora!

Quando o desgraçado, não podendo supportar os raios ardentes do astro abrasador, abaixava a vista era flagellado com uma tacada.

—Que fereza!

—Quer ouvir quaes foram as consequencias?

—E' para isso que lhe estou escutando.

—Quando a victima acabou do supplicio, estava como que hallucinada; cahiu desacordada e foi para casa conduzido pelos companheiros. No fim de seis dias succumbia a uma perniciosa maligna, resultado da atroz barbaridade do mestre. O senhor ignorou por mais de um mez a causa da morte de seu escravo.

—Eis um dos casos em que a justiça é impotente para punir.

Como provar a criminalidade, si os que podiam depôr, eram todos dependentes do culpado?

—Justamente.

—O nome desse inventor de crueldades deve ao menos ficar registrado. Sabe-o?

—Não, capitão. Quem contou-me esse episodio de horrores foi o *Manuel* que quando faz *frio anda* montado n'uma besta, mas não disse o nome. Tambem como *já é* caso passado, não fiz força de saber.

—Sempre era bom saber-se para ser incluido mais este no rol dos verdugos da humanidade.

Acrostico

O. D. C.

A NAÇÃO BRASILEIRA.

Fa no Sul, onde a **P**atria ultrajada,
Os seus filhos por **E**lla depoz,
Pensou pois os levar **D**e vencida
Esse povo tão bruto att**R**ovido,
Submisso a Solano, o— **O** algoz.

Pas da fera que ás **V**ezes rugia,
O seu grito tão fort**E** se ouvia
Retumbar junto a nossa **N**ação;
Bancorosos soldados **C**orreram,
Esses bravos as feras v**E**nceram,
O tyranno pendeu s**O**bre o chão!...

Por *M. Pinto Neves.*

No dia 4 do corrente entrou, no quartel da Palma, o Sr. tenente do 4.º batalhão Theotonio José de Sant'Anna para aquartelar com o 8.º batalhão, comprimentou-me, e disse nestes termos (um pouco furiozo): Sr. major, tive ordem do commando superior para aquartelar, e não sei qual o motivo porque se me manda aquartelar sem que eu fosse consultado, e é preciso sabor si eu queria aquartelar com o 8.º batalhão. Respondi que isso não era commigo; que tivesse paciencia, e que tinha um serviço para fazer que era ir

tomar conta do destacamento do forte de S. Pedro. Dizendo o Sr. tenente Theotonio que sua mulher estava doente, eu disse-lhe que fosse receber os voluntarios e que no dia seguinte o mandaria mudar.

O tenente quartel-mestre que estava um pouco distante, porem, ouvindo alguma cousa, chamou-o e disse-lhe: Collega, a razão de V. aquartelar é a seguinte: querendo o meu commandante alguns officiaes para ajudar os nossos no serviço, pediu me que lhe indicasse alguns; eu indo ao commando superior ver a lista dos officiaes, disse-me o Marques Porto: V. tem um official bom e moralisado que é o tenente Theotonio, (e que ja me pediu para aquartelar). A' essas palavras o Sr. tenente Theotonio retirou-se para o forte de S. Pedro, no dia seguinte as 10 horas (e não ao meio dia como disse o mesmo tenente) appareceu no Quartel da Palma dizendo que tinha pedido licença ao commandante da fortaleza para vir a minha prezença e dizendo que não podia continuar, ao que eu disse-lhe que podia retirar-se, que eu ia ou mandava ao commando superior dar sciencia do que havia occorrido.

O Sr. tenente Theotonio tanto abandonou o destacamento que não só eu o vi nesse mesmo dia a noite as 10 horas descer as portas do Carmo (e dizem o sargento e guardas do destacamento que elle, depois que entraram os voluntarios, sahiu do quartel e foi dormir em sua casa,) como tambem o capitão superior do dia o viu as 10 horas da noite no Pelourinho.

E' esse o cumpridor de ordens?!!

O major do 8.º batalhão.

O testamento de Lopez.

Foi encontrado na farda de Lopez um importante documento, com o nome de testamento.

Como é interessante, citamos algumas deixas do monstro.

«Odio implacavel á geração humana e desprezo á liberdade.

«Lego a D. Urquiza minha maldição, por não ter querido ajudar-me na infernal perseguição contra o Brazil.

«Aconselho aos governos inglez e americano do norte, para que enviem, como seus representantes, homens menos interesseiros e mais amantes da razão e do dever.

«Ao general Mac-Mahon 500 dollars em paga do ridiculo papel que desempenhou como meu assalariado junto do governo do Brazil.

«A Thompson, defensor de Angustura, meu desprezo e escarneo á sua valentia, pela rendição da praça que commandou, sem bater-se.

«A' minha amasia, madame Lynch, todas as torturas e soffrimentos que fiz infligir ás minhas victimas, muitas por culpa sua.

«O papel ridiculo e o opprobrio de minha morte, devo aos conselhos de Mac-Mahon e por isso reservo-lhe um logar nas fornalhas do inferno para sua pessoa.

«Deixo aos commandantes das canhoneiras italiana, franceza e ingleza partes que lhes fiquei restando das vendas de polvora, balas, fardamento e mais munições, que á pretexto de subditos, rompiam o bloqueio e me forneciam.

«O meu *chapeu armado* ao Sr. visconde de Tamandaré, como recompensa ao grande serviço que prestou-me, quando as minhas forças estavam na margem correntina, deixando-as passar livremente para o Passo da Patria.

«Minhas esporas ao general Andrea pelo augmento de uma peça de calibre 32 no meu parque de artilharia, que o Sr. general teve a bondade de consentir que, nas suas barbas, a minha gente tirasse á sangue-frio o bonito canhão raiado, e que, graças ao socego de suas linhas, poderam os meus soldados e os bois, que trabalhavam no desempenho da commissão, sahir incolumes.

«Ao general Mitre devolvo-lhe o rebenque que comigo trocou, para que se lembre que, por sua causa, ganhei muitos dias para fortificar-me em Curupaity; e que a derrota que tiveram os alliados em 22 de setembro, quando atacaram os meus entricheiramentos, foi devida a S. Ex.; agradeço-lhe tambem o ter evitado a perseguição em 24 de maio, depois do descalabro que soffri e do completo desbarato de minha força.

«Ao general Polydoro, o meu *oculo de alcance,* afim de que outra vez seja mais cordato, e não sacrifique os interesses de sua nação, por inimisades politicas. Peço a S. Ex. que o guarde como de lembrança a recusa que fez ao conde de Porto-Alegre, quando pediu-lhe forças para atacar Curupaity, logo depois da tomada de Curuzú, o que bastante concorreu para a precipitada retirada que fizeram.

«As minhas botas, ao general duque de Caxias, pelo muito ouro que espalhou no meu territorio, e ainda mais pelo acto de humanidade que praticou, fazendo retirar de *Lomas Valentinas* a força que devia cercar-me, favorecendo por esta fórma a sahida do meu carro e meu estado-maior illesos. Graças a tão magnanimo general, vivi ainda alguns mezes n'um mar de sangue e no theatro horrivel de minha carnificina,

«Meu valor e sangue-frio ao barão da Pas-

sagem, por não ter querido amarrotar o encouraçado onde tinha o seu pavilhão, logo depois da passagem de Humaitá, de encontro aos meus dous vapores, que se achavam na sua *passagem*, deixando-os passar livremente e respirar o perfume da tranquillidade.

«Este official, recommendo ao Brazil que o aproveite e o condecore com a commenda de S. Bento de Aviz.

«A' Aguirre, ex-presidente da republica Oriental, uma reprehensão pela fraqueza e falta de confiança que depositou no meu poder; entregando a cidade de Montevideu aos brasileiros, sem a menor resistencia.

«Devia ter mais pertinacia e não occupar-se em queimar tratados e pisar bandeiras, imitando as crianças que se vingam nos brinquedos, quando não podem castigar os mestres. Seu dever era esperar, como haviamos combinado até a chegada da minha tropa ao Salto.

«Ao almirante Davis, todas as propriedades arruinadas, telheiros espatifados, e as torres da egreja destruida, pela immensa coadjuvação que prestou-me, já transmittindo-me planos de ataque, ora noticiando as occurrencias dos exercitos alliados.

«E' necessario que saibam que pretendo, logo que chegar ás margens do Acheronte, dar dous abraços ao general Canabarro, pela passagem franca e occupação da cidade de Uruguayana por Estigarribia, fornecendo-lhe ainda gado e munições.

«Outro sim, que muito tenho rezado por alma do visconde de Inhauma, como o melhor christão desta epocha, pois durante o bloqueio em Humaitá, privou que se fizesse fogo para a egreja e santos da mesma. Penhorado por tanta devoção, estabeleci meus hospitaes no asylo de Deus, e ahi os conservei por muito tempo. Mais um Padre Nosso por sua alma.

«Ao general conde de Porto-Alegre meus agradecimentos pelo sustento que deu á minha tropa, quando ella o surprendeu em 3 de novembro, no acampamento em Tuyutuy.

«Louvo o bom exercitado batalhão de artilharia, e bem assim a seu digno commandante: creia-me que, presentes destes, poucos o fazem, e so de almas generosas se devem esperar.

«Ao general Argollo, as enxadas, pás e picaretas que deixou, quando abriu a maldita estrada, que tão sabiamente cortou a retaguarda das minhas forças.

«Peço ao governo do Brasil para o Estigarribia uma padaria, onde elle possa fazer o pão que o diabo amassou, pela sua fraqueza e cobardia de se render com 6,000 homens, sem dar um um só tiro.

«Ao governo de Buenos-Ayres, para conservar em completa abstinencia o hypocrita padre Duarte, pela humildade com que se apresentou ao general Cabral.

«Ao general Cabral, consagro lhe minha firmeza, para tremer menos diante dos padres, ainda mesmo medrosos como o Duarte.

«A Napoleão III. nomeio-o cavalleiro da ordem do Merito, por ter posto embaraços na partida do encouraçado *Brasil* dos portos de França para o imperio.

«Ao imperador Pedro II, dous conselhos salutares e proveitosos:—1. Que se lembre da fabula, quando os ratos queriam atar um guizo no pescoço do gato.—2. Ver para crer, como S. Thomé.

«A Portugal deixo uma espada para defender seus subditos e não acontecer o mesmo que lhe succedeu no Paraguay, deixando matar o seu consul.

«A Inglaterra, nada lego por ter jogado com pau de dous bicos, pois tanto vendeu para lá como para cá.

«Ao Brasil, as terras da republica para nellas construir depositos de guardar a grande quantidade de papel moeda que emittiu durante a guerra.

«Minha cabeça dedico ao diabo, pois ser humano algum quererá o craneo pesado pela maldade de meus crimes e perversidade dos meus actos.

«Lego finalmente o rancor das decepções á aquelles que miravam na prolongação da guerra um cavallo de batalha, para suas ambições de subirem.

«A' todos os commerciantes e fornecedores das tropas alliadas um grandiosissimo carão por não poderem mais continuar nos seus *lucros*!»

(*Commercial* do Rio Grande do Sul.)

O panorama social.

E' lastimavel, ridiculo e irrisorio o estado actual de desmoralisação e egoismo, que audaz e indevidamente impera, especialmente no pobre e infeliz Brazil!...

A cada passo se dão casos revoltantes e indignos do seculo XIX.

Tudo hoje é movido pela manivella da especulação, do interesse, do orgulho, finalmente, de tudo quanto a moral e o bom senso repudiam.

A virtude, a honra, a intelligencia e a probidade são tratadas com escarneo, com desdem e nepotismo; pois só no *ouro* se encerra toda a bondade e poder!

Si contemplamos o panorama social, nelle

vemos estampadas as scenas mais hediondas e tenebrosas e capazes de commover ao mais impedernido coração, traçadas pelas mãos do egoismo, do orgulho e corrupção, com as cores mais terriveis da palheta da deshumanidade!

N'elle vemos o potentado calcando aos pés a lei e o direito individual, metamorphoseando-os em dragões, para com garras estragadoras estrangular aos desvalidos que lhe são desaffectos, servindo-se, para complemento de suas atrocidades, de authoridades venaes e inintelligentes, como instrumentos proprios, as quaes fascinadas muitas vezes pelo aureo brilho e pela desenvoltura de um caracter maleavel mui cynica, audaz e deshumanamente se prestam com toda a aptidão!

D'outro lado vemos a viuvez e a orphandade mendigando o pão dessa tão pequena e mesquinha charidade publica; ou, então, entregando-se a hedionda prostituição, para depois, não obstante as galas e ouropeis, a propria sociedade que as desfructa, lançar-lhes em recompensa o estigma da maldicção, do opprobrio e do sarcasmo!... até que, finalmente, a decrepitude ou a syphilis impossibilitem-nas dessa tão vil e peccaminosa tarefa; deixando-as inanimadas sobre os leitos purulentos dos hospitaes, causando asco áquelles que fruiram seus afagos vendidos. quanto bellas e desfructaveis!...

Entretanto a nobreza e a aristocracia, muita vez, encerrando em seu seio a volupia acobertada com as galas e embalsamada com os faustos da grandeza e magnificencia, a sociedade, em vez de lançar-lhes o estigma da maldição, rende-lhes toda a homenagem, endeosando-as...

Sem reflectir que as nodoas depreciam mais á fina cambraia do que o tecido grosseiro; e que, no primeiro caso, a viuvez e a orphandade se arrojam ao precipicio forçadas pela necessidade e falta de arrimo; e, no segundo, quando a nobreza e aristocracia, *independentes de taes razões,* maculam a sua honra, é pela sensualidade, pela lascivia e pela depravação...

E, n'estas condicções, quaes serão as mais culpadas e dignas da maldicção?!...

E' este um quadro bem lugubre, e que, apezar das suas funereas cores, ante elle poucas almas se commovem neste seculo das luzes!...

(*Continúa.*)

Brado popular.

O povo geme isolado
N'um templo de maldição;
O direito é aviltado
Na face do cidadão;
Nunca vi tanta vileza,
Fazer homens com nobreza
Na minha terra natal...
Aqui tudo é *fidalguia*
Banhada de cobardia
Com cynismo imperial.

O pobre artista opprimido
Que custa o pão a ganhar,
Se vê de impostos cingido,
Noite e dia a trabalhar!
Oh, meu Deus! quanta agonia
Soffre o povo em calmaria
Na mais acerba afflicção.
Tenhamos valor e brio;
Rasgue-se o manto sombrio;
Venha a luz da redempção!...

Onde flutúa, em que parte,
Aqui se tem liberdade?
Esse sublime estandarte
Do seio da divindade...
Aos pés se calca a justiça,
O direito é a cobiça
Do magistrado venal;
Ser honrado é ter dinheiro;
Assim soffre o povo inteiro
Nessa miseria infernal!

Basta ja de soffrimento
Tão cheio de servilismo;
Soará breve o momento
Do tremendo cataclysmo!
Brademos á luz do dia,
Derribando a tyrannia
De *um poder* sem condição,
Tenhamos um chefe feito
P'ra clamar nosso direito
Direito de cidadão.

Avante, povo gigante!
Sejamos um povo rei;
Seja um livro de brilhantes
O livro de nossa lei!
Si temos *independencia*,
Tenhamos outra existencia
Na terra da Santa Cruz;
Si temos nome de bravos,
Não devemos ser escravos
N'um seculo de tanta luz!...

Basta de tanta miseria,
Agite-se a multidão,
O sangue de mil arterias
Clama pela redempção!
Ergamos de sul ao norte
Um brado de guerra ou morte
Contra os nossos oppressores
Seja a America inteira,
Com a nação brasileira,
Um mundo de resplandores.

J. Soares da França.

VARIEDADES.

As azeitonas.

Fallamos n'um dos *Almanaks* precedentes nas variantes que teve a historia que serviu á assumpto á fabula da leiteira de Lafontaine. Vimos que n'um livro indio se contava a mesma historia do *pot ou lait* com referencia a uma jarra de farinha, e quem n'uma comedo Gil Vicente se repetia com referencia ao póte d'azeite da Mofina Mendes. Mas uma das mais graciosas variantes, é a que serve de texto a uma comedia de Lope de Rueda —*Las Aceitunas,*

Um camponio vem para casa ceiar, depois de ter plantado umas oliveiras; começa a conversar com a mulher, e diz-lhes esta:

—D'aqui a seis ou sete annos estão as oliveiras vingadas, e têem azeitonas que ferve; eu vou apanhal-as, tu acarretal-as, e a nossa filha vai vendel-as á cidade a dois reaes castelhanos o selamin.

—Qual a dois reaes? torna elle,—a quatorze ou quinze dinheiros.

D'aqui nasce a questão. Chamamos a rapariga.

—Quanto has de pedir por selamim? pergunta-lhe elle.

—Aquillo que o papae quizer.

—Quatorze dinheiros.

—Dous reais, ouvistes? brada a mãi.

—Pois sim, mãe, dous reaes.

—Quatorze dinheiros, berra o pae,

—O que o pae quizer.

—Ah! o que o pae quizer, acode a mãe. Essera!

Zàs, tapona na rapariga. Ao barulho acode um visinho, informa-se da questão a que serve de arbitro.

—Mostre-me as azeitonas, diz elle.

— Quaes azeitonas! exclama o camponio; as oliveiras ainda hoje as plantei.

E por causa das azeitonas que haviam de nascer d'aqui a uns poucos de annos, levara a rapariga uma tareia.

Esperteza de uma hespanhola.

Ha dias apresentou-se uma senhora em uma loja de mercearia em Madrid, e fez algumas compras. No momento de pagar, declarou ter perdido o *porte-monaie.*

—Não ha duvida, minha senhora, amanhan manda-se-lhe a conta.

—Eu mesmo irei leval-a, disse um cobrador galante.

—Eatá bem; mas advirto que ja não reside na mesma casa. Tome la este bilhete.

E entregou-lhe um bilhete, indicando a morada de um medico afamado.

Sahindo da loja, foi procurar o referido medico, porque era proximo da loja, e por isso a viram entrar.

—Cavalheiro, disse ella, tenho um sobrinho completamente doudo. Imagine o doutor que elle se possuiu da mania de que é commerciante, e quando lhe parece vai a qualquer casa, e exige que lhe paguem uma conta imaginaria.—Isto ja me tem causado mil dissabores. Desejava que o doutor o examinasse por alguns dias. Amanhan mando-o aqui e é provavel que lhe peça o que pede a toda gente.

O medico ficou inteirado de que tinha a tratar um doudo.

No dia seguinte appareceu-lhe o cobrador, e este julgando-se burlado, grita, injuria e diz o diabo ao medico. Este faz prendel-o e mettendo-o em uma carruagem, manda conduzil-o ao hospital de Leganés.

Ignoramos se esteve ali muito tempo; o que sabemos é que a dama passou aquelles dias tranquilla.

Não creio.

Não creio em viuva que não sahe do toucado.

Não creio em donzella que diz não amar.

Não creio em meretriz que jura ser fiel.

Não creio em brancos que apuram á geração.

Não creio em firmeza de certas deusas.

Não creio em medico que não examina o doente.

Não creio em estudante que não comprehende o que estuda.

Não creio em poeta que so faz versos de pé quebrado.

Não creio em homem que arrota valentia.

Não creio em carcamano que vende registos.

Não creio em frade que pula os muros do convento.

Não creio em homem que blasona consciencia.

Não creio em jogador que diz jogar licitamente.

Não creio na religião de homem avarento.

Não creio em cantor que desafina na modinha.

Não creio nos amigos da epocha.

Não creio em amor de poeta.

Não creio em deputado que so diz apoiado.

Não creio em barbeiro que traz as navalhas cegas.

Não creio nas verdades de certo povo.

Não creio na rapaziada actual.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª QUINTA-FEIRA 26 DE MAIO. N. 650.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de maio de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—Tendo-se dado o facto de no dia 1.º de maio precipitar-se uma moça de uma das janellas da fabrica de tecidos, ao Engenho da Conceição, ficando em estado de grave perigo, leva-se ao conhecimento de S. S. para que mande syndicar si por acaso algum acto de oppressão a levou ao desesperado extremo de attentar contra sua propria existencia.

—Ao mesmo, communicando-lhe que os farinheiros do termo de Guerem queixam-se de violencias por parte do subdelegado Antonio Baptista dos Santos, o qual sendo encarregado da compra de farinha, por conta de certo negociante, priva-os da livre concurrencia, obrigando-os a vender-lhe todo genero que trazem ao mercado.

Dizem que tal authoridade posta-se na estrada á esperal-os e dá-lhes uma guia para um agente incumbido de arrecadar a farinha e si na volta não trazem recibo de que a entregaram são presos.

Semelhante systema de atravessamento é uma arbitrariedade contra o direito de propriedade e uma extorsão a liberdade do commercio, assaz censuravel, á ser exacto, praticado por uma authoridade; pelo que espera-se que S. S. colhendo informações dê as devidas providencias.

—Este mundo é um engano!

Si esta infeliz pensou algum dia que havia de chegar a tão deploravel estado!

—Quem é ella?

—A creoula Lucia.

—Uma que andava pelas ruas mentecapta, ha tempos?

—Sim.

Entretanto esta mulher que arqueja os derradeiros alentos da vida, atirada no meio do pasto, já teve dias prasenteiros, já foi procurada e rodeiada de muitos.

—Mas que quadro incomprehensivel!

Uma moribunda expirando ao abandono, á porta do hospital de charidade, de uma casa cujo fim é receber os enfermos indigentes, soccorrer aos desgraçados nas dôres do corpo e da alma!

—E' a charidade desta terra!

Lucia, subjugada pela molestia, cahiu na loja de uma casa á rua de Baixo, seus membros interiçaram-se não se poude mais mover, e está prestes a desprender o ultimo suspiro. O dono da casa foi ao subdelegado, que deu-lhe guia para ser recolhida ao hospital.

Porem na casa instituida para soccorrer os desgraçados, engeitaram e mandaram atiral-a nestes capins encharcados, n'um dia chuvoso como este de hoje, segunda-feira.

—Que crueza! Deixar-se morrer uma creatura de Deus, no campo, como si fosse um cão despresado!

—O medico escreveu na guia do subdelegado que, soffrendo a enferma de alienação mental, não podia ser admittida no hospital sinão por graça *especial* do provedor!

—Esta é bem achada!

De maneira que si um doudo atirar-se de um sobrado e quebrar a perna, não pode ser tratado no hospital por ser doudo!

O que tem que a infeliz seja louca para se lhe prestar uma obra de humanidade?

Deve se deixar que a molestia invadindo o corpo, corte o fio da existencia de um ser humano, porque é doudo?

—Si o hospital não é para praticar charidade não mintam.

—E' que a charidade daqui é enguiçada; para sobro-sahir é preciso ataviar-se no luxo e apparato.

—Um pobre e inoffensivo estrangeiro, que anda com o realejo ás costas para ganhar o pão, foi brutalmente espancado e roubado na praça do palacio!

—Como vae isto! Faz até medo se andar na rua.

—Uma baderna de desalmados chamou-o para tocar até meia noite e por paga o descadeiraram e roubaram.

—Não se pode commetter nada de mais selvagem.

—A's 3 horas da madrugada de segunda feira, andava o offendido em lastimavel estado a pedir soccorro.

—A quem, coitado? Os malfeitores entre nós não encontram tropeços.

—De manhan viam-se dispersos pela praça o realejo e outros objectos do offendido attestando a previdencia da policia desta terra.

—Capitão, nesta cidade se dão boas cousinhas.

—O senhor é quem sabe e quem diz.

—Ora saiba de mais uma.

—Diga la.

—No Desterro, mora um spirita e na loja do sobrado uma senhora, conhecida pelo nome caseiro de *Quina*, a qual tem uma filha moça, idiota.

Sahindo no domingo para tratar dos arranjos da vida, em sua ausencia, um escravo ou famulo do homem da manifestação dos spiritos, entrou-lhe em casa, agarrou na moça e passou-lhe uma formidavel esfrega de taca, dizendo que era preciso expellir dois diabos que a mesma tinha em si, para ficar boa.

—O mundo marcha; o progresso vae a pulos; até os escravos dos spiritas ja tiram diabo por conta e risco!

—Mas o que convém, á bem da inviolabilidade da propriedade allreia e da garantia individual, é que não continuem os spiritas e seus escravos a praticar desses favores sem encommenda.

—Leu o relatorio do Resquin?

—Li.

—O que achou?

—Que Resquin é um miseravel, um cobarde, um falsario, um renegado.

—E para mim mais do que isso.

E' um infame matreiro, que pretende captar a indulgencia dos brasileiros com declarações fallazes e capciosas.

Elle que foi o braço direito de Lopez em suas tyrannias, tão fallado nas atrocidades da fera, vem agora dizer que condemnava seu procedimento e lançar o escarro de execravel á memoria d'aquelle de quem foi vil instrumento.

—No meu pensar não passa de um ente repulsivo e abjecto.

—Quanto a certas declarações que combinam com os nossos movimentos, foi de sagaz que elle fez. Tendo conhecimento delles incluiu-os no seu depoimento para dar certo cunho de verdade no que dizia e ser acreditado. No mais é uma embaçadella que nos quer pregar.

—Mas como ama-se a traição e se aborrece ao traidor, elle ficará sendo sempre uma creatura desprezivel, um vil escravo que beijava as plantas do tyranno na prosperidade e que o escoucea depois da queda.

—Capitão, nem sempre os conventos são o asylo da paz e da virtude.

Muitas vezes entre as paredes sombrias do claustro passam-se scenas de horrores inauditos.

—Creio piamente.

—O seguinte facto o demonstra cabalmente.

«A policia de Cracovia recebeu ultimamente uma carta anonyma, em que se lhe communicava que em um claustro proximo fôra emparedada em 1848 uma freira, e pedia-se que investigasse sobre o caso. Chama-se a freira Barbara Abrik. Nasceu em 1817; entrou para o convento das Carmelitas descalças em 1841; e crá ali freira ou externa, ponto este que a justiça ainda não pôde averiguar completamente; em 1848 foi encerrada na cella, onde a authoridade acaba de encontral-a. O convento, onde ella estava encerrada, fica em um dos mais lindos arrabaldes da Cracovia, perto do Jardim Botanico, passeio predilecto da cidade. Mal sabiam os que por ali passeiavam que naquelle claustro se passava uma scena que, descripta por algum dos nossos romancistas sentimentaes, seria considerada invenção de imaginação exaltada, mas que não seria senão reproducção fiel da medonha realidade.

«A policia, apenas recebeu a denuncia, procedeu com a maior actividade para verificar a verdade. Não sei si era obrigada a recorrer ao bispo para auxilial-a nas diligencias necessarias. Sob o regimen da concordata assim devia proceder. Obtida a licença, partiu o Dr. Gebhart, representante da authoridade civil, com o reverendo prelado Dr. Spital, e chegando ao convento teve alguma difficuldade em obter ali ingresso, mas isto desappareceu com a presença do prelado e a licença do bispo. Quando o magistrado declarou á irman que os recebera que ia ali afim de ver e fallar com a freira Barbara Abrik, ella recuou attonita e respondeu que isso era impossivel. Quiz immediatamente retirar-se com outra freira, mas o Dr. Gebhart intimou-lhe, sob as penas da lei, que não désse um passo d'ali para fora sem ser em sua companhia.

«Seguidos então pelas freiras, o magistrado

e os commissarios subiram a um corredor superior, onde entre o refeitorio e as secretas mostraram-lhes a cella da freira fechada com porta dupla. Ao penetrarem na cella apresentou-lhes á vista um quadro, que mal pode ser descripto; mas que deve ser narrado para que se saiba quantos crimes podem ser commettidos sob o regimen da concordata e de regras arbitrarias, em plena irresponsabilidade. A cella tinha 7 pés de comprimento sobre 6 de largura.

«A janella fôra murada e apenas por uma estreita fenda penetrava tenue raio de luz diaria. Não se via ali nem mesa, nem cadeiras, nem cobertas que aquecessem na inclemencia do inverno. Era insupportavel o mau cheiro que dali se exhalava. Em um canto acocorada no meio de immundicies, sobre uma esteira de palha pôdre, jazia uma creatura completamente núa, meio humana, meio bruta, meio selvagem, meio louca, com o corpo immundo e sem côr distincta porque havia annos que não era lavado.

«Com aquelles membros emmagrecidos e pendentes, que mais eram ossos presos pela pelle, com as faces encovadas, com os longos cabellos desgrenhados, aquella horrivel creatura não podia ser imaginada nem por Dante, o poeta dos horrores. Aquelle medonho esqueleto de mulher, apenas avistou os commissarios, ergueu-se e pondo as mãos e chorando amargamente disse: «Estou morrendo de fome, tende piedade de mim; dae-me de comer e serei obediente.»

«O magistrado mandou immediatamente pedir ao bispo que comparecesse e este, cumpre fazer-lhe justiça, manifestou ante aquelle espectaculo a maior indignação; honra ao bispo Guleski. Mandou elle chamar a abbadessa, as freiras e o confessor do convento e lançou-lhes em rosto com a maior severidade as exprobrações merecidas pelo seu deshumano procedimento. A' miseravel abbadessa ordenou que transportassem a freira Barbara para outra cella, vestissem-a e tratassem della. Quando saiu daquelle antro immundo, a pobre creatura perguntou se voltaria de novo para a sua sepultura. A abbadessa parecia obedecer de má vontade ás ordens do bispo. Pensava, disse ella, que, poupando ao convento um escandalo, fazia acto agradavel aos olhos de Deus. O padre confessor declarou que a clausura da freira era facto sabido pelas authoridades ecclesiasticas, o que, tanto o bispo como o prelado commissario negaram com indignação; e aquelle immediatamente suspendeu do exercicio de suas funcções a abbadessa e o confessor. As freiras procuraram então desculpar-se, mas debalde. «Será este porventura, perguntou o bispo, o amor que vos ensinaram a consagrar ao vosso proximo? Esperaes chegar ao ceu por este caminho, vós, antes furias do que mulheres?» E, querendo ellas responder, o bispo bradou: «Silencio, sae da minha presença, que aqui offendeis a religião, retirae-vos.» A freira, perguntada porque razão fôra clausurada, respondeu: «Quebrei o voto de castidade.»; e accrescentou com gesto terrivel e voz medonha: «Estas freiras tambem não são puras, não são anjos.» Então voltando-se para o padre confessor bradou: «Tu és uma féra.»

«No dia seguinte a freira foi visitada pelas authoridades medicas, que declararam que a pobre creatura recobrará inteiramente a razão. Quanto á confissão por ella feita de ter quebrado os votos, parece não ser senão illusão do seu espirito. A abbadessa apenas a accusou como doida, si é que pode haver accusação por tal.

«Em seguida a freira Barbara foi recolhida a um hospicio de loucos, onde parece recobrar a vida e a saude, respirando ar puro.

«A justiça segue seu curso, mas encontra grandes obstaculos em seu caminho, e um dos maiores é a opposição que faz a authoridade ecclesiastica a que as freiras deponham. Estas apresentam-se á authoridade cobertas de espesso véu, de sorte que não se pode saber quem é que depõe. A concordata é a causa de tudo isto; mas esperemos que este facto contribúa para fazer conhecer quaes devem ser as relações do estado com a egreja.

«Algumas centenas de povo tentaram penetrar no convento com tenção de expellir delle as freiras e arrazar o edificio; a força publica teve de intervir.»

—A moralidade deste facto horrivel é que os conventos não podem deixar de estar sujeitos á inspecção inteiramente independente das authoridades civís.

—Nos Estados-Unidos o vigario é um padre que mora em humilde casa junto a sua matriz, dizendo missa todos os dias, pregando aos domingos, cuidando das almas; confessa, baptisa, visita os doentes, enterra os mortos; é julgado o pae, o amigo, o consolo dos pobres da parochia.

—E entre nós serão os vigarios assim?

A PEDIDO

—Capitão, peço-lhe que tenha commiseração de um infeliz creoulinho de 12 annos.

—O que soffre elle?

—A descommunal barbaridade de um estrangeiro, cuja nação é ao *redor do queixo*.

—Isso compete ao chefe de policia.

—Mas V. Ex. pode erguer um brado a favor da victima opprimida.

—E' possivel; porem é preciso saber ao menos onde habita o oppressor.

—Ladeira dos Affligidos, lado de terra.

A pobre creatura é castigada horrivelmente a cada passo.

A visinhança á noite é despertada com os gritos arrancados pelas torturas.

—Está bem; veremos si se faz alguma cousa em seu favor.

Motte

O cabo Chico Diabo
Do Diabo Chico deu cabo.

GLOSA.

Da guerra o termo soou
Dessa lucta tão sangrenta,
Que o brio dos brasileiros
Á mil heroes despertou;
Um a um foram com garbo
Para o Brasil colher gloria
E bradou por fim victoria
O Cabo Chico Diabo.

Travou-se leal combate,
Entre forças que lutavam,
E as hostes brasileiras
Como sempre triumpharam;
—Oh! patria mãe, vae morrer
Quem de ti fez menoscabo!
Disse um bravo, e de um so golpe
Do Diabo Chico deu cabo.

Sr. redactor.—Não pretendia voltar mais a imprensa para tratar do facto que se deu entre o tenente do 4.º batalhão Theotonio José de Sant'Anna e o major do 8.º; mas como li um artigo publicado no seu conceituado periodico, sou forçado a tornar as columnas delle, afim de dar a devida resposta a tal artigo, assignado—*o major do 8.º batalhão.*

Como já disse no *Alabama* n. 647, o tenente Theotonio recebeu ordem superior para aquartelar com o 8.º batalhão e, em cumprimento dessa ordem, dirigiu-se ao quartel da Palma para fallar ao barão commandante desse corpo; porem infelizmente não o encontrou e teve de entender-se com o major.

Ahi é que está todo o mal!

Nessa occasião, é verdade, appareceu o tenente quartel-mestre, *amigo intimo e querido* do commandante, *pelos seus bons serviços á elle prestados;* mas que nada disse a respeito do que allude o major no seu escripto publicado no *Alabama* ns. 648—649, de terça-feira 24 do corrente e, para isso provoco o capitão Marques Porto para dizer quando foi que o tenente Theotonio pediu-lhe para aquartelar com outro batalhão que não fosse o seu.

No facto de dizer o major que elle desamparou o destacamento do forte de S. Pedro, falta com a verdade, pois nega o que entre elle e o tenente Theotonio passou-se dentro do quartel da Palma, segundo o artigo publicado no *Alabama* de sabbado 21 do corrente.

O tenente Theotonio é artista; tem meio de vida; não precisa, graças á Deus, de ser pataqueiro para poder viver, e nem é como *alguem* que, para ser tenente, bajula miseravelmente á um ricaço barão, servindo-o como um *bom criado* serve a seu amo!

Os homens sensatos que façam o juizo que entenderem do occorrido entre o tenente Theotonio e o milionario major do 8.º batalhão!

Voltarei si a isso for forçado.

O sentinella do portão.

VARIEDADES.

Regras de prevenção.

Não ha militar que diga as vezes que correu de medo.

Não ha menino de escola que declare os bolos que apanhou.

Não ha negociante que explique quanto ganhou na fazenda.

Não ha estrangeiro que diga quanto possuia em sua terra.

Não ha testamenteiro que mostre o dinheiro certo que achou.

Não ha moça solteira que declare as molestias que tem e os namorados que tem tido.

Não ha medico que confesse as curas que errou.

Epigramma

A UMA VELHA NAMORADA.

Duas condições me cumpre,
Si queres meus ternos ais;
Vinte annos mostra menos,
Vinte dentes põe de mais.

Dous collegas.

Havia n'outro dia um esplendido baile em casa de certo figurão.

Chega-se um simples amanuense a um director de repartição e cumprimenta-o:

—Como vae, charo collega?

O outro sente-se offendido com aquella familiaridade e replica-lhe:

—V. sempre é um grande pedaço d'asno!

—Pois é por isso mesmo que o chamo collega!

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 66.ª SABBADO 28 DE MAIO. N. 631.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de maio de 1870.

Officio a camara municipal, para que mande tapar um buraco que existe na ladeira da Misericordia, afim de que o mesmo não vá solapando o terreno e não venha depois a exigir um concerto dispendioso, alem do perigo de algum successo desagradavel em razão do immenso transito na mesma. Espera-se.

—Sou inimigo de pêtas.

—E eu.

—A Santa Casa vende os seus carneiros a 50$ rs. Não abaixa um vintem.

—Diz que é para quem quer.

—E porque razão ha de dizer no recibo ou guia que passa, que o comprador deu 50$ rs. por esmola para obter o carneiro?

—Formalidades.

—Mas quem recebe uma esmola contenta-se com o que lhe dão e não impõe o que se lhe deve dar.

A Santa Casa não ajusta; o pedaço de terra que vende para descanço de um finado tem preço fixo; acho bem excusado usar de coloridos. Si eu fôr lá com 49$ rs. não me vende um carneiro.

Commigo não queria que dissessem que foi por esmola aquillo que me venderam bem vendido.

—Supponho que é simplesmente formula de escripturação para arredar a ideia de mercancia.

—Não ha desar em cada um transigir com o que é seu.

E é mais bonito do que certos arrogos de desinteresse phosphorico.

—Esta empreza do cisco não é susceptivel de correcção!

Cada vez se torna mais deleixada.

—A culpa é de quem lhe passa a mão pela cabeça.

—No Maciel de baixo continua uma immunda bocca de lobo a causar damno a saude dos moradores. A trampa ali tem alagado a rua.

—Na propria praça de palacio não se pode estar quando o sol esquenta; é uma fedentina insupportavel, proveniente de quatro ou cinco mijadouros que ali fizeram.

—Do lado da casa da moeda é uma lagoa.

—E o homem vae chulando os cobres e zombando da gente.

—Amanhan terá logar no convento dos religiosos franciscanos um *Te-Deum* em acção de graças, celebrado por aquelles religiosos, ao Todo Poderoso, pela feliz terminação da guerra contra o despota do Paraguay.

—Estou sciente.

—A sociedade libertadora SETE DE SETEMBRO, em regosijo pela terminação da guerra do Paraguay, entregou 43 cartas de liberdade, sendo 19 conferidas gratuitamente e 24 compradas.

Dos libertos são 15 adultos e 28 menores, sendo 10 do sexo masculino e 33 do feminino.

A sociedade despendeu com estas liberdades 6:598$ rs.

Foram proclamados socios benemeritos, de conformidade com o art. 2.º § 2.º dos estatutos, o Dr. Arsenio de Souza Marques, Ildefonso Moreira Sergio e D. Joanna Nepomuceno dos Santos.

—O acto esteve solemne.

—O Dr. Frederico Marinho d'Araujo apresentou uma menina vinda de Muritiba para ser vendida por 500$ rs., havendo já para sua liberdade 200$ rs., e implorando a philantropia dos associados e mais pessoas, correu a bolsa, recolhendo 371$ rs., sendo 50$ rs. dado pelo Sr. Felisberto Nunes Sarmento, 50$ rs. pelo barão de Pereira Marinho, 100$ rs. pelo conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas, por si e seus amigos, e 171$ rs. por contribuição dos socios e pessoas presentes.

A subscripção promovida pelo Sr. Cyrillo Eloy em beneficio do menor Aristobulo ren-

deu 206$ rs., sendo 100$ rs. dados pela sociedade maçonica ABRIGO DA HUMANIDADE. Esse infeliz é escravo do Sr. Vicente Ferreira da Cruz, subdelegado da cidade de Cachoeira, o qual exige pela sua liberdade 600$ rs!

—Cruel!

—A sociedade SETE DE SETEMBRO foi felicitada por diversas associações pias, litterarias e recreativas, por meio de suas commissões em bem elaborados e eloquentes discursos.

—E Deus que proteja os obreiros dessa santa edificação a deitarem a ultima pedra no seu philantropico e humanitario edificio—LIBERDADE AO ESCRAVO!

—Em uma casa ao Taboão estão todas as moradoras envenenadas.

—Isso é de arrepiar os cabellos! Foi accaso ou malvadez?

—Ignoro,

—Mas como se deu tão lamentavel successo?

—Uma mulher, que fôra ama da casa, conhecida por Maria Gostosa, trouxe de Itapagipe uns sirís cosidos de presente.

A's 8 horas da noite de quarta-feira, comeram delles Joanna da Costa Lima, Mauricia de tal, Mathildes e a menor Monica. A's 10 horas começaram a sentir encommodo, que foi em augmento, desenvolvendo-se ancias e dôres agudissimas. Mauricia, de maior edade, expirou no dia immediato. A uma dellas não ha esperança de salvar-se e as outras estão mal.

O chefe de policia appareceu na casa á meia noite de quinta-feira e tomou conhecimento do facto.

Parece que expediu-se precatoria para a prisão de Maria Gostosa.

—Ha um costume perigosissimo dos nossos pescadores á que elles dão pouca importancia e do qual entretanto, muitas vezes, tem resultado consequencias desastrosas. E' o de não separarem, na pescaria, o baiacú, peixe venenoso, dos demais, deixando-os no mesmo côfo por uma noite até de manhan, quando os levam ao consummo. Quem sabe si não proveio dahi o mal?

—Talvez. Creio que a policia vae mandar fazer autopsia no cadaver de Mauricia, e é provavel que chegue ao conhecimento.

—E' um facto que tem causado consternação geral.

—Capitão, venho lhe propor um caso por hypotheses.

—Eu sou mais amigo da realidade.

—Si por acaso um senhor espancar um escravo de maneira que este, em seguida, comece a lançar sangue; falleça no dia immediato e seja enterrado duas horas depois, não se pode presupor que houve assassinato?

—Sem duvida.

—Mas si o crime se der em segredo e so dias depois, nove ou dez por exemplo, transpire, o que se deve fazer para descobril-o?

—Ouvir as pessoas da familia, os parceiros do escravo, o medico que tratou-o, a botica que aviou as receitas e outras averiguações peculiares á policia.

—E' o que eu queria saber, para explicar ao *José* que me fez semelhante consulta, á proposito de uma conversa que tivemos sobre as barbaridades de um *conde*.

—E so por isso veio me pregar tamanha massada?

—A cousa *massa* mesmo.

—Pois meu *empada ria* da ingenuidade com que lhe ouvi desta vez; para outra hei de pol-o no meio da *rua* a *enfiar contas*.

—Um resuscitado *Girame* no *Diario da Bahia* tem apresentado ultimamente o nome de tres cidadãos á senatoria.

—E' por caçoada.

—Deve ser lembrança de algum *branco* de raça apurada.

—Assim é bom, para que os homens de côr vão conhecendo os democratas desta terra.

—Na quinta-feira, á noite houve um grande sarceiro na ladeira da Ordem Terceira de S. Francisco.

—Ja ouvi dizer isso; teve até faca fora.

—E dizem que os filhos do Gallinheiro estiveram envolvidos no *brinquedo*.

O barulho originou se dentro da casa de uma meretriz, parda, que ahi mora!

—E a policia não prendeu os turbulentos?

—A policia se occupa em outras cousas e não nessas *téteas*!

—Os voluntarios da patria foram hontem a palacio.

—Despedir-se do presidente?

—O que! Exigirem o pagamento de soldo que lhes devem e suas baixas.

—A cousa não é de brinquedo. Dinheiro é sangue.

—O presidente mandou dizer que estava occupado e não podia dar audiencia.

Os homens implicaram e um pouco azedos replicaram que o imperador que era o imperador, dava audiencia em qualquer dia.

S. Ex. então deitou agua na fervura respondendo que se retirassem em paz porque

no outro dia seriam pagos. Os homens se retiraram declarando que voltariam amanhan, caso não fossem pagos.

—Dizem que não é a primeira vez que pedem o que é seu.

—Ja foram ao commandante das armas tambem e nada conseguiram.

—A patrulha prendeu, na quinta-feira á noite, um escravo do capitao João Carvalho porque levava uma trouxa e ella suppoz ser algum roubo.

—O preto não resistiu a prisão, seguiu; mas chegando na porta do senhor embarafustou por dentro de casa.

A patrulha entrou atraz para agarral-o.

O capitão João Carvalho fez ver aos soldados que se retirassem, pois não podiam invadir sua casa.

Os soldados resistiram; pelo que alguns amigos do capitão João Carvalho que ali se achavam, deitaram-nos para rua por meio de força!

—Em que terra estamos, meu Deus!

—Até no hospital de charidade penetrou o olho-vivo!

—E' uma raça inextinguivel.

—Hygino Carneiro, achando-se no hospital doente, veio do reconcavo sua mãe vel-o.

Mas naquella, casa onde só se respira o aroma do pudor, é reputado grave indecencia homem fallar com mulher, embora seja mãe com filho, ou mulher com marido.

—Ali só as charidades podem ter relações com os homens.

—E' um dos absurdos plantados naquella casa pelas mulheres de chapeu de abano.

O doente não pode ter a consolação de ver sua filha, sua esposa, sua mãe.

Não permittiram pois, que a mãe de Hygino o visse.

Pegou ella em 5$ rs., fechou em uma carta e pediu que entregassem ao filho, e mais um caixão de doce. *Assulinharam* os cobres e o doce, e o rapaz só teve noticia do presente agora, que sahiu do hospital.

—A mãe não sabe a quem deu?

—A uma *irman,* que disse ser a porteira.

—A superiora teve conhecimento?

—Teve.

—O que disse?

—Que Deus era bom pae.

—Ora essa! não sabia eu que era tambem predicado das charitativas sonegarem o alheio.

—Quinta-feira houveram cabeças quebradas, facadas, muito costado amassado e muita costella fracturada.

—Aqui na cidade?

—Em um dos *terreiros* da Quinta das Beatas. O candomblé acabou em pancadaria; o proprietario da Quinta pretendeu accommodar o sarceiro, mas não o attenderam.

—Não sei a policia para que tolera esses antros de immoralidade, dos quaes a ignorancia e credulidade são sustentaculos.

—O que eu não posso conceber é a fé com que nossos patricios e patricias veneram a Jesus-Christo pregado na Cruz e rendem cultos a phantasiada *mãe d'agua,* a uma serpente, a um passaro, etc.

A PEDIDO

O pombinho das Mercez.

Minhas gentes venham ver
Um divertido entremez,
Representa de galan
O pombinho das Mercez.

Dentro de certo convento
Elle passou uma vez,
Tomou seu banho cheiroso
O pombinho das Mercez.

Mais que um sultão no serralho
Naquella casa elle fez;
Perdeu de todo o juizo
O pombinho das Mercez.

Sua Dorothea chora,
Chora, chora ha mais de um mez
Por que voou-lhe do ninho
O pombinho das Mercez.

E quer que este povo o tenha
Por innocente talvez,
O padreco e rufião,
O pombinho das Mercez.

Minha gente vejam elle,
E' um bobo de entremez;
Vem todo se sacudindo
O pombinho das Mercez?

E' gamenho namorado
O penteado freguez;
Mas deixem comer seu milho
O pombinho das Mercez.

O seu segredo trahiu,
Romana, maldicta rez;
Abusou da confissão
O pombinho das Mercez.

Musa, paremos aqui,
Ja basta por esta vez:
Fique pois bem conhecido
O pombinho das Mercez.

Dr. *J. V. J.*

A beata.

A Maria de olhos negros
Fez-se beata da Sé,
Ora á noute, resa ao dia;
Porem n'ella quem tem fé?

Si o povo concorre a egreja,
A Maria vê-se lá,
Os labios sempre calados,
Seu olhar de lá p'ra cá.

Namorados, namorados
Corram todos para a Sé,
Que a Maria de olhos negros
Fez-se beata—tem fé.

Dizem todos, si é mentira
Peccarei pelos demais;
Que em vez de rezas, do seio
Desprende sentidos ais!

Namorados, namorados
A missa á que horas é?
Corram todos que a Maria
Fez-se beata da Sé.

Na cabeça o lenço branco
Do sol quebranta o calor,
Sempre a face desmaiada
Verga o corpo de languor.

Namorados, namorados
O seu Deus, dizei, qual é?
A Maria de olhos negros
Será beata da Sé?

Falla a um, cochixa a outro,
Para todos sabe rir;
Desmaia; cora; enfranquece;
Faz n'um ai a dor se ouvir.

Namorados, namorados,
A devoção assim é?
Eu não sei, mas dizem todos:
Eis a beata da Sé.

Eu não sei e nem quebrada
Quero ver a minha fé;
Namorados a Maria
Será beata da Sé?

Desmaiada a face mostra,
Verga o corpo de languor;
No frouxo olhar tem desejos;
Mas serão pelo Senhor?

Namorados, namorados,
O seu Deus não sei qual é
Mas vos juro: por beata
Maria não vae a Sé.
1870.

J. H. G. S.
(*Extr.*)

Charadas.

Faze assim como faz quem poda a vide,—2
Faze assim como faz quem pode e tem—1
Guapa comida saborosa e bella,
Bello presente p'ra mandar-se a alguem.

Quasi todo o mendigo em mim s'arrima,—1
Em qualquer eleição comparecemos—2
De uma provincia respeitavel
Um regente ao Brasil outr'ora demos.

VARIEDADES.

A charidade.

Lançada á beira do mar,
Onde a maré vae crescendo,
Pobre creança amanhece,
De frio quasi morrendo!

No canto immundo da rua,
Pelos cães ja farejado,
Outro innocente jazia
A' morte certa votado.

O anjo da charidade
No seu regaço as tomou;
E risonho e bondadoso
A' porta santa os levou.

Uma volta de uma roda...
E uma campa que sôa...
Não mais que isto... estão salvos!...
Deus esta casa abençoa.

«Meu pae, minha mãe,
«Me abandonaram,
«Os anjos de mim
«Conta tomaram.

ANNUNCIOS.

O commandante do novo batalhão—*Defensores de Pirajá*—que tem de guardar os carros triumphaes, no dia 5 de julho, ao seu pavilhão, convida a todos os Srs. que receberam cartas para officiaes do mesmo, e aos mais cidadãos amigos deste dia a comparecerem amanhan ás 4 horas da tarde, no largo do Theatro n. 87, para tratar-se sobre o mesmo batalhão; não sendo preciso despeza alguma pelos officiaes e sim todas feitas pelo batalhão. Bahia 28 de maio de 1870.

Pede-se a um professor da *praia* na *Conceição* que queira apparecer em uma tenda de ferreiro para tratar de negocio que não ignora, pois que o dia 5 de maio ja la se foi; faz-se-lhe esta pequena lembrança afim de não tornar a esquecer-se e quando deixe de apparecer se estampará seu nome e a qualidade do negocio nesta folha, assim como a satisfação tomada no becco do Ferrão.
Bahia 17 de maio de 1870.
Joaquim Jorge Santos Maia.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I. G. H. B.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 62.ª QUARTA-FEIRA 2 DE MARÇO. N. 615.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1.º de março de 1870.

Não houve expediente.

—Está se caiando a egreja e predio contiguo da Misericordia.

—E arrancaram o vidro do nicho onde está collocada a Imagem da Virgem, no frontespicio do templo.

—Além de estar irreverentemente no meio de andaimes, cordas, baldes de cal, exposta ao desrespeito no meio do trabalho dos pedreiros, cobertos, maltrajados e proferindo o que lhes vem a bocca, a Sagrada Effigie está mascarrada de cal dos salpicos das vassouras dos trabalhadores.

—E' interessante a maneira porque se acata o culto divino aqui!

A não serem festas com foguetes, armação, fogo, botequins e illuminação, pouco importam que as Imagens andem até atiradas pelos monturos.

—Brevemente aqui estarão alguns de nossos bravos patricios de volta dessa guerra malfadada.

—E' verdade; depois de tão longa ausencia.

—Não acha justo que se deve fazer alguma cousa para recebel-os?

—Pois não. Mas eu vejo tudo tão frio!

—Era tempo, si quizessem, de desencantar-se esse dinheiro que se arrancou ao povo para festejos do acabamento da guerra. Não podia ser melhor applicado.

—E eu que cahi com meus 2$ rs.

—Si o bravo Argollo, como militar, foi cumprir um dever que lhe impunha as leis de sua classe e de volta, viu coroados os seus esforços pela gratidão publica, Faria Rocha, o cidadão desinteressado, e sem compromissos, não é menos digno de uma demonstração.

—E os nossos denodados irmãos, essa parte do povo—os soldados, não merecem?

Eu applaudo mais quando vejo galardoar-se aquelles da classe pequena, que se distinguem, do que quando as ovações recahem somente nas altas posições.

—Mas agora occorre-me uma pergunta: Voltam esses homens do sul, desarranjados, sem empregos, vem encontrar sua terra natal em uma situação critica, os meios de viver difficilimos, o que pretende fazer o governo com elles?

Os deixará tocando leques com bandurra, ou quererá que vão para a estrada?

—Ora esta sua cachola regula com a balança da Pituba que vi ha dias!

—Mas a que vem a balança da Pituba?

—São duas conchas carcomidas, sem affe-rir, onde se peza o peixe que vem ao mercado; os pesos são pedras e pedaços de ferro.

—E o fiscal respectivo não observa a postura 52?

—Indague.

—Disse-me o encarregado da pesada que, de cada libra de peixe que se vendia, tirava-se um vintem para Nossa Senhora da Luz.

Mas eu creio que Nossa Senhora da Luz, com todo poder de seu luminoso facho, não encherga taes vintens.

—Nem é preciso; basta que o juiz de capella veja.

—E o mais é que V. fez uma embrulhada, principiamos a fallar de voluntarios e acabamos com o peixe da Pituba.

—Mariquinhas da Feira, parda-escura, habitante do *Paraguay,* na Estrada Nova, recheou um frango e sahiu, no domingo, pela manhan, com outras companheiras, para ir comel-o nas margens do dique, fundos da roça do Tororó.

Pelo caminho, foram tomando *pileques* e quando chegaram ao destino estavam perfeitamente *enfeitadas*.

Deixando a matalotagem em casa de um caboclo conhecido, foram banhar-se no dique, onde Maria da Feira, por fatalidade, afogou-se.

Foram presas Maria das Neves, mais co-

... continuado de se

nhecida por *cobrinha viva,* Epiphania e outras pessoas cumplicadas no successo.

Maria da Feira nadava perfeitamente.

Sem duvida foi atacada de entorpecimento nos membros, ou accommettida de algum ataque do estupor produzido pela agitação do corpo mettido n'agoa.

O corpo de delicto, na louvavel forma do costume, nada esclarece. A policia prosegue nas costumadas averiguações.

—Dizem que os padres estão arranjando uma tabella de preços para augmentarem o valor dos labores sacerdotaes.

Uma missa simples, por exemplo, custará 1$ rs.

Todos os que adherirem serão obrigados a não fazer serviço nenhum por menos um real.

—Si assim fizerem, obram bem.

Todas as officinas e artes tem o direito de marcar o custo de sua manufactura, porque razão não ha de os padres impor preço no seu?

—E' justo; cada um no seu officio sabe o trabalho que lhe dá.

—Os adoradores de Momo estiveram fervorosos; houveram muitos mascaras e abundancia de *deidades equivocas,* tanto no theatro, como nos salões da rua de Baixo.

—Porem muita escassez de spirito, muita bebedeira e alguma desordem.

O que significa, v. g., um marinheiro de chapeu armado?

—A gente daqui, no geral, não está preparada para divertimentos taes.

Entendem que enfiando qualquer roupa e pondo uma mascara estão promptos.

—Muitos podiam até dispensal-a, porque suas caras ja são umas carêtas.

—E prevalecem se para dirigir quanto insulto ha, praticarem mil vergonheiras e desaforos, arredando assim as familias de concorrerem.

—Na rua de Baixo um Sr. Barros de Borgia, deu com chicote em um mascara, o qual, por sua vez, tirou-lhe sangue dos beiços.

—Houveram seus conflictos; no theatro deram-se diversos. Um engraçado mascara caracterisado a roceiro, ia trovando seriamente com um imprudente que o atropellava com repetidas encapellações no chapeu.

—Hoje é a ultima noite, vamos a ver o fim.

—E amanhan é o dia do arrependimento.

—O transito pela estrada do Matatú, as vezes, torna-se perigosissimo por causa...

– De ladrões?

—De dous formidaveis cães da roça do Sr. Both.

São dous animaes que só a presença delles faz gelar o sangue.

Quando apanham a grade aberta, sahem a estrada a dilacerar as pernas de quem passa.

Investem sobre todo mundo.

No domingo, um delles de côr preta, e é o menor, ia estrafegando um preto que passava.

Ouvi dizer, que o maior ja foi causa da morte de um homem.

—Ou o subdelegado, ou o fiscal da freguezia, devem advertir ao Sr. Both para que não consintam seus cães na estrada a assustar os viandantes.

—Perversa canalha!

Ah! tempo de major Soares!

—V tambem é dos taes que choram pela *edade d'ouro?*

—Para gente assim, é o que servia.

—Que gente é essa?

—Uma sucia de desalmados que, na quinta feira á noite, praticaram uma malvadeza.

—Va dizendo o que fizeram.

—Quem vae para o Taboão, logo ao dobrar, não tem uma loja baixa, a esquerda, com uma fresta na parede?

—Tem, sim.

—Mora ahi uma pobre mulher. Por inadvertencia collocou a cama por baixo da fresta, e elles tiveram a malicia de soltar pelo tal buraco uma grande pedra que cahiu sobre uma creancinha, partindo-lhe o rosto.

—Que acção brutal. Podia matar.

—Si podia!

—A desgraça quando quer perseguir um vivente vae procural-o em cima da cama.

—No sabbado, um soldado de policia, á fresca, espancou violentamente a uma mulher de cor preta, na ladeira de Sant'Anna.

Depois de batel-a bem, foi para casa, fardou-se e voltou em procura da offendida para prendel-a.

—Está em moda.

—O motivo, dizem, foi não quererer a espancada attender favoravelmente as tentativas amorosas do requestador de nova laia, o qual cançado de despresos, rompeu por um excesso de violencia.

—Os mais empregam brandura, este quer convencer á *forceori!*

—Ainda o barbaro, pernicioso, grosseiro e estupido brinquedo de entrudo!

—E' verdade; não obstante o edital da policia, o *brinquedo* esteve desesperado.

—Na rua de Baixo, os boleeiros da companhia de Vehiculos pintavam a cara de quem passava; na Praça de Palacio, os tambores da guarda nacional jogavam farinha de trigo nas pretas e raparigas que por ali transitavam, á ponto de fazer uma rapariga, que vinha com uma compoteira de sonhos, precipitar-se por terra, ficando a compoteira em migalhas; na rua dos Capitães a cousa foi desabrida; atraz da Sé, em casa de uma creoula chamada Candinha e uma outra meretriz, de nome Francelina, jogavam gamelas d'agoa para a rua sem respeitarem a pessoa alguma; na rua Direita do Collegio, em casa de Umbelina russa, molhava-se a torto e direito: nem a cadeira em que o chefe de policia costuma ir fechado, demanhan, a presidencia, foi poupa! Umbellina bradava que havia de molhar a todos, por que *quem tem padrinho não morre pagão*; na rua da Larangeira tambem brincou-se horrivelmente; um sobrinho do subdelegado andava pelas ruas com um outro, a jogar laranjadas pelas casas; na rua Direita de Palacio, as filhas do Baptista, jogaram agoa sem compaixão; na rua do Tinguí, pelas 5 horas da tarde, de domingo, uma uma moça em estado interessante, ia com um irmão pequeno para a casa de seu pae, á ladeira de Sant'Anna, um rapaz quebrou-lhe uma laranginha nas costas, pelo que foi ella accommettida de uma syncope, no meio da rua, sendo carregada á braços para a casa de um empregado do *Jornal*.

—Ceitada!

—E em outras ruas que tambem brincaram, que enfadonho será ennumeral-as!

Não sei de que serviu a policia publicar o edital prohibindo esse reprovavel brinquedo; não sei de que serviu as patrulhas de cavallaria, as patrulhas de policia, os officiaes de policia que andavam rondando as ruas, si brincaram sem o menor escrupulo ou receio das penas da postura *A*, que prohibe semelhante perniciosa brincadeira.

—Não serviu de nada, porque a Bahia é terra que quando se aferra a um vicio é custosa de desapegar-se.

—Mas os tempos, a civilisação, ha de mostrar á inconveniencia d'esse brinquedo, e elle ha de desapparecer d'entre nós!

—Só assim; mas pelo lado da policia, estamos bem aviados!

—Capitão, fomos obsequiados com o 1.º numero do *Jornal dos Caixeiros*, publicado na officina da *Bahia Illustrada*, do qual são redactores os Srs. Severiano Cardoso e Bricio Cardoso.

—Estou sciente; mande agradecer aos seus redactores a offerta que se dignou fazermos.

Aproveito o ensejo para agradecer a illustrada redacção da *Bahia Litteraria*, o obsequio de ter-nos contemplado no numero de seus apreciadores, e dirigir-lhe ao mesmo tempo um protesto de cordial animação.

A PEDIDO

Pede-se ao Sr. Dr. director geral dos estudos, para que faça cessar o abuso das licenças concedidas a professores dos suburbios, a pretexto de virem receber ordenado, o que dá logar a que elles levem oito e mais dias na capital, desculpa de que se valem os que são aqui amiudamente encontrados.

Assim como pede se que tome em consideração *certos e bem conhecidos* professores que, em logar de estarem em suas aulas, são encontrados, em horas improprias, a vagarem pelas ruas desta cidade.

—O *barbudo* que antes de vir para aqui, foi *barateiro* em *Guimarães*, levou uma xurumella de sapapadas da amasia, nas *janellas do Carmo*.

—Quando?

—Segunda-feira transacta.

O bruto foi para a Barra e lá tomou uma camueca que o poz de rastos.

Só na segunda-feira poude voltar.

A ciumenta vespa, porem, julgou que elle estava mettido n'algum cortiço.

Furibunda o esperou, e depois de moquear-lhe bem os queixos, deu de mão a uma navalha para intimidal-o; o lorpa correu para a janella e bradou aqui-del-rei. Depois conseguindo dar volta a chave da sala, correu pelas escadas a baixo soltando bufas.

—Para a cara delle e da marafona que o fez soltar.

VARIEDADES.

Edital de um fiscal.

Alonso Fortado de Noronha Pires Franco, fiscal approvado pela camara desta villa etc. etc. etc.

Faço saber aos povos de minha jurisdicção que no dia 4 deste referido mez hei de sahir em triunfo de correição, aferindo os pezos a todos, revestindo-lhes as varas e conferindo as medidas; e vejam lá o gostoso!

Artigo unico. Ficam prohibidas as excavações nas estradas, e aquelle que não tapar os buracos que lhe pertencerem cahirá na cadeia como alma no inferno.

Artigo segundo. Ninguem poderá trazer ca-

bras soltas roendo as couves dos visinho que é desaforo, e ninguem quer ver-se arrasado por estes bichos, e serão punidos somente por andarem soltas em 4$000 réis.

Artigo terceiro. Ninguem, ainda que seja o coronel Azevedo, poderá vender farinha e feijão em cuihas de oito ou nove, que é cousa de grande ladroeira, indo pelo escrivão para o rol dos culpados afóra o que escorre, que é 6$000, na forma da postura, artigo vigesimo um.

Artigo quarto. Os negros que divagarem sem bilhete de seus senhores, serão surrados depois das dez horas da noite, com açoites de bacalhau em publico e razo: pena de multa de 10$000, si não quizerem levar a dose.

Artigo quinto «finalmente.» Não ha licença para andarem nas estradas, animaes cavallares nem vacuns nem carneiruns, nem porcuns ou cabrituns e os cachoros sem coleiras chuparão bola; e será tudo morto, menos bois e cavallos, com a de 2$000 rs, no artigo surressimo.

Sexto. Todo aquelle ou aquella que botar agua no leite perderá o pote e pagará o que o concelho disser na lei da postura que vou indicar, e se não quizer lá se avenha porque eu cá tenho em casa leite muito puro.

E para constar e não virem depois dizendo —o Sr. Furtalo me enganou,—decretei o presente que será affixado no açougue.

Cumpra sem sello.

Residencia do Catimbáu.

A. F. N. F.

PUNIÇÃO TERRIVEL.

O chronista do *Monde Illustré* visitou ultimamente um hospital de alienados em Pariz, e depois de ter passado revista aos pensionistas do estabelecimento, passou diante de um pobre louco, cuja historia o guarda lhe narreu nos seguintes termos:

Este homem, lhe disse elle, entrou aqui, ha 5 annos. Empregado n'uma casa de commercio, contrahiu intimas relações de amizade com um de seus companheiros de trabalho. Um dia informou-o este que tencionava ausentar-se por alguns dias, para fazer uma viagem ao seu paiz natal. Ao mesmo tempo entregou-lhe a chave da sua habitação pedindo-lhe que fosse alli examinar, antes do seu regresso, si tudo estava em ordem.

M... actual pensionista da casa de alienados, prometteu cumprir a risca os desejos do seu amigo, o qual partiu immediatamente.

Porém, ao cabo de dous dias, um funesto pensamento assaltou a mente de M... Apertado por falta de meios, formou o projecto de abusar da confiança do ausente, para praticar um roubo, que depois lançaria as costas de ladrões desconhecidos.

Assim o pensou, assim o fez. Na mesma noite introduziu-se em casa do amigo e começou a remexer as gavetas. Nada ahi achando que lhe tentasse a cobiça, continuou as suas pesquizas, e dirigiu-se para um grande armario. Este armario, cuja porta se achava entre-aberta, abriu-se, e M... cahiu redondamente no chão, cahindo-lhe das mãos uma vela que levava accesa. O ladrão acabava de ver enforcado o cadaver d'aquelle que julgava muito longe d'alli e que havia simulado uma viagem para unicamente levar a effeito um projecto de suicidio.

Quando os visinhos acudiram, M... estava louco. Ainda o é sêl-o-ha até a hora da morte, que não pode tardar.

—Devêra ser prohibida a arte nigromantica, (dizia ha pouco uma santa devota).

—Não diga isto, senhora, (interrompeu-lhe o marido).

—Oh! o senhor é um herege! por ventura acha boa a leitura de um livro que tem um capitulo consagrado exclusivamente ao inimigo infernal, ensinando o meio de poder evocal-o?!

—V. leu esse capitulo?

—Não; e nem tão pouco o desejára!

—Eis ahi por que diz mal de quem não a offendeu! Senhora, n'esse capitulo se ensina que o meio mais facil que ha de evocar o diabo é—«contradizendo se a mulher com quem somos casados.»

—Não duvido, continuou a mulher, assim como o meio de viver como os anjos é concordar amigavelmente com tudo quanto ellas quizerem.

ANNUNCIOS.

Na loja de Cassiano Cardoso Brum, na rua Formosa, se dirá quem vende capim a 160 rs. a arroba, em qualquer porção, mandando deitar na porta do comprador.

Na venda Cuyabana, ao Taboão, precisa-se de um caixeiro que seja de bons costumes.

Luiz d'Oliveira Vasconcellos, com loja de calçados á rua Direita da Mizericordia, pede a todos que se acham atrazados nessa loja em seus debitos, o favor de solvel-os quanto antes, si não quizerem ver seus nomes publicados.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 62.ª SABBADO 5 DE MARÇO. Ns. 616—617.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de março de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, encarregado da limpeza publica, para que dê suas ordens afim de que sejam varridas as ruas por onde tem de passarem os bravos voluntarios que regressam a sua provincia. O que espera-se.

—Ao mesmo, communicando-lhe que o proprietario da loja da Lua, ao Guindaste dos Padres, está quebrando uma pedreira, dentro da mesma loja, com tiros de polvora, o que por mais de uma razão é incommodo e perigosissimo, porque a repetição dos referidos tiros pode abalar a propriedade e produzir o desabamento, alem dos continuados sobresaltos de que é accommettida a visinhança com o estampido proveniente da explosão.

Espera-se, no caso de achar S. S. justa a communicação, providencias á respeito.

—Ao Illm. Sr. commandante do corpo de policia, dizendo-lhe que, a bem da disciplina desse corpo, de que é digno commandante, deve S. S. severamente prohibir o jogo de cartas introduzido no destacamento do Caes Dourado, facto que lhe devia ter dado parte o Sr. tenente Ovidio, que, ainda ha poucos dias, prendeu duas praças do referido destacamento que encontrou jogando. E' escusado dizer a S. S. que, desse *licito divertimento*, resulta sempre questões *entre os companheiros*.

—Capitão, ainda uma palavra sobre o entrudo.

—Tem a palavra.

—No Jogo do Lourenço, casa n. 207, agarraram um menino a força para molhar, de maneira a deixal-o bastante maltratado dos tombos que lhe deram; no becco das Hostias, casa n. 251, jogavam vasos cheios d'agua sobre quem passava, sem consideração alguma.

—E o que me diz a respeito do carnaval na terça-feira?

—Oh! alguns sahiram entrudados por dentro, de uma maneira tal, que deu logar a diversos conflictos.

Chegaram a se reunirem junto do paço de S. Bento e atirarem pedras para baixo sobre quem vinha subindo.

—E não havia de ser para menos; me disseram que ás 9 horas da noite já não havia mais bebidas dentro do botequim do theatro e nem no de defronte.

—Bem; já vê que a carnavalesca gente não podia deixar de sahir debaixo dos aguaceiros das bebidas.

E por isso pintaram o *peruta*, desrespeitando a todos e a tudo e provocando conflictos.

—E a policia?

—Dormia o somno da indolencia!

—No exercito aboliram-se os castigos corporaes.

—Era uma nodoa que aviltava a farda do soldado brasileiro.

—Entretanto, no corpo policial da Bahia conserva-se um costume barbaro, atroz e degradante.

—A policia pode ser caracterisada por uma preguiça; retarda sempre o passo, em qualquer movimento.

—Mas sabe do que é que eu fallo?

—Ainda não.

—Do uso tyrannico de castigar-se os soldados publicamente, na porta do quartel, com o carrego de armas.

—Ah! é um systema deshumano e retrogrado da civilisação.

—O regulamento manda que se aceite para praças de policia homens morigerados e de boa conducta moral; o soldado que é desfeiteado á porta do quartel, com quatro, seis, ou oito armas nas costas, exposto aos olhares e escarneo do vulgo, voltando para a companhia, desprestigiado entre seus companheiros, perde os ultimos sentimentos de pundonor e torna-se incorrigivel.

—Si o homem, por seu comportamento,

não serve para agente da segurança publica, em cujo mister a lei só quer individuos de bons precedentes, seja expulso; si delinquiu puna-se pelos meus legaos; mas nunca seja aviltado em sua dignidade e depois conservado em uma corporação na qual so deve existir pessoas cuja boa conducta seja reconhecida.

—A sociedade de hoje não admitte as torturas dos anjinhos, da mordaça, da compressão dos orgãos respiratorios e tormentos de que se acobertava a tyrania.

O individuo carregado de armas soffre no physico e no moral; alem de humilhado em seus brios de homem, pode ser affectado de congestão pulmonar, desenvolvimento de aneurisma na aorta, raptura da vesicula pulmonar, etc., pelo excessivo peso das armas.

—Na manhan de segunda-feira, passando pela Mouraria, tapei o rosto para não ver um quadro tão vergonhoso.

Estava um homem d'aquelles soffrendo tão ignominiosa pena publicamente.

—Commetteria algum crime?

—Pelo que me disseram, a razão de ser assim torturado era a mais clamorosa injustiça.

—Porque era?

—Por se apresentar com o bonet sem a capa branca, que são obrigados a trazer.

—E' rigor de mais!

—Porém o que é revoltante é que não fornecem semelhante capa; as praças são obrigadas a mandar fazel as a sua custa.

—O soldado de policia que recebe um soldo, as vezes, quando tem acumulado dois; a quem não dão fardamento dois, tres annos seguidos, ser constrangido a arrancar o pão da bocca de sua familia para comprar duas ou tres capas de sobre-selentes para os bonets, afim de encobrir o estado valetudinario destes!

—E' uma arbitrariedade, uma extorsão forçada que se faz aos pobres homens.

—E é; logo que o regulamento marca qual deve ser o uniforme.

—O soldado em questão tinha somente uma capa e esta sujando-se a mandou lavar; expiou esta grande falta com seis armas no costado.

—Deve se acabar com tão barbara usança como degradante á dignidade humana e attentatoria das leis da natureza.

—Veja o que faz a impunidade.

—Mas que quer? Não está ouvindo elle dizer que faz tudo porque tem a protecção do commandante?

—E V. crê? Pois ha homem sensato que apatrocine mal-feitos?

—O caso é que o guarda nacional Sabino, sahindo da rua do Collegio, onde não consentiu que a policia effectuasse uma prisão, entrou no Castello de Bronze, á Praça, ahi pintou o *peruta*, e agora está aqui na rua de Palacio apedrejando as janellas de dous sobrados em que moram *gentes d i vida*, e proferindo uma catilinaria de improperios.

—E a policia mettida no rabo da cutia.

—Si Sabino já lhe deu amostra do panno lá adiante, o que vem ella cá buscar?

—Mas o que é intoleravel é esse escandalo, essa alluvião de obscenidades na rua mais publica da cidade.

—O rapaz hoje pôz-se na *figura*, deixe a natureza obrar.

—Capitão, uma observação.

—Faça.

—Porque é que quando entra para o hospital da Misericordia qualquer doente nacional cortam-lhe os cabellos immediatamente, caso que não se dá com os estrangeiros?

—São deferências das irmans de charidade.

—Até nisso!

—De ordinario os estrangeiros que recorrem áquelle estabelecimento pagam e não estão no caso de serem tratados como os pobres.

—Não é destes que fallo, são dos desvalidos.

—E' que as mulheres tem mais predilecção pela gente da Europa.

—Fertil torrão é este para essas lazaritas, edicção mais barata do jesuitismo. Só não fazem o que não querem!

—Não está ouvindo gritos da banda da Saude?

—E retumbantes pancadas tambem.

—Vamos ver o que será?

—Não temos nada com isso. Sahimos para ouvir missa e eu não quero perdel-a este domingo como o passado.

—E' cedo; são duas horas da madrugada; temos tempo,

—Ja que V. quer, vamos.

—E' na rua direita da Saude.

Um sujeito está apedrejando uma casa.

—E que lingoa porca tem o damnado! Profere quanto nome sujo e obsceno ha!

—Como se tolera tamanho escarneo á decencia impunemente?

—Escute: de dentro da casa uma voz feminina brada:

«Augusto, mulato do diabo, deixe-me so-

cegar, não me consumma, vá-se para os *infernos*.»

—So assim saberiamos o nome do sujeito.

—Que turbulento é o tal Sr. *Augusto*! a taes horas perturbando o repouso publico!

—O peior é que o procedimento daquelle *mellado* pode dar motivo a enganos.

Eu conheço um rapaz, empregado na meza de rendas, chamado Augusto, que mora ali na ladeira, não va quem ouve pensar que *é elle?*

—O que não se vê aqui, não se vê mais em parte alguma.

Ora onde é que se consentiria um quebrador de portas encommodando a visinhança em semelhantes horas?

—Quer saber?

A policia se quizer que venha assistir o homem a satisfazer seu genio; vamo-nos embora que

A Bahia é uma terra
Onde os papeis se trocando,
Vê-se a policia dormindo
Os desordeiros velando.

—Que diabo!

Ja tres vezes que passo aqui e levo aspersões de mijo pelo rosto!

- E' um menino vadio, do sobrado n. 19.

—De maneira que quem transita pela rua de Baixo, ha de ter a cautella de andar sempre pelo lado de terra, do contrario chegando á esquina que dá para Santa Thereza, ha de levar um banho de ourina.

—Capitão, ouça um caso, digno de figurar em scena em qualquer de nossos theatros.

—Diga.

—Domingos José Soares, portuguez, residente na ilha de Paquetá, provincia do Rio de Janeiro, sendo preso e perseguido, recorreu a protecção do seu consul, o qual o abandonou e lá ficou elle ao desamparo na masmorra.

Tempos depois, annunciaram os jornaes que Domingos José Soares tinha fallecido em uma taverna, deixando um espolio de 10:000$ rs.

E' o proprio *morto* e *vivo* quem escreve:

«Sr. redactor do *Echo*.—Como V. S. annunciou que eu tinha fallececido, declaro que fiz-me morto para ver a esperteza do meu consul.

«Collocado dentro de um caixão na ilha de Paquetá, entrou um agente do consulado, e perguntou ao dono da taverna si ali tinha fallecido Domingos José Soares, como se annunciou na côrte.

«—Oh! entre Sr., ainda o encontra no caixão, disse-lhe o dono do estabelecimento, V. S. é parente delle?

«—Não; sou agente do consulado e venho arrecadar o espolio.

«—O cadaver sem duvida?

«—Não senhor, os 10 contos que annunciou um jornal.

«—Elle não tinha vintem, nem mesmo para seu enterro; si o consul lh'o quer fazer....»

Chega-se ao caixão o agente e eu levanto-me e abraço o homem!!

Assustou-se o agente, e de tal forma, que me disse:

«—Oh! Sr. defunto; eu não lhe fiz mal algum.

«—Não me fizeste mal; mas quando te chamei para me tirares da correcção la não apparecestes. Vens aqui buscar os dez contos; e.... para espolios és prompto; para soccorreres um portuguez, fechas os olhos aos pedidos, aos rogos, e... e retira-te em boa ordem, leva que conta da ilha de Paquetá.

Domingos José Soares.»

—Boa lembrança teve o homem.

—Que desaforo! Aquelle creoulo a descompor a rapariga, com termos obscenos, e nem uma patrulha para os conduzir á casa de Correcção, afim de que elles aprendam a guardar respeito e decoro ás familias.

—Isto é sempre. Esta praça de Palacio é o foco dos immoraes e desordeiros.

Quando hoje, quinta-feira, V. está vendo isto, que dirá si V. viesse aqui em uma noite de sabbado.

—Mas tudo isso acontece em uma terra como esta, onde as authoridades não se occupam de *ninharias*!

—Si praticaes a justiça, conhecereis a verdade e pela verdade ireis a liberdade.

—E' uma maxima que todos os governos deviam aproveitar.

—Mas que nem sempre é lembrada.

Eu vejo ás vezes em dous casos identicos praticar-se diversamente.

—Quando não se está possuido de boas intenções.

—Pelo contrario.

Ninguem se diz mais possuido de melhores desejos á respeito desta terra do que o barão de S. Lourenço; entretanto ha pouco vi um acto delle que me parece a negação destes desejos, salvo si estou em erro.

—Qual foi o acto?

—Dous empregados da casa de prisão com trabalho requereram licença: um, bom, sadio, gordo; outro reconhecdamente doente de ca-

ma, magro, estresilhado; o bom teve a licença, o doente não; isto é, S. Ex. depois de discorrer largamente, disse-lhe que si a quizesse fosse se tratar dentro do estabelecimento.

—V. sabe disso ao certo?

—Li no *Jornal* e indaguei.

—Quem são elles?

—Os Srs. Victor Esmeraldo de Souza e Farias.

—O homem apezar de velho, não está caducando; si elle fez isso fundou-se em alguma razão.

—E' que todos nós somos de barro, e o barro amolga-se ao poder da..... agua.

—Capitão, veja se isto é ponta ou cabeça:

O ministro da justiça francez respondendo a um aparte do Sr. Maupas, na camara dos senadores, disse:

«..... *em politica não ha ultima palavra.*»

Na assembléa provincial, em uma das sessões preparatorias, o Sr. deputado Moura e Albuquerque, em um aparte, disse:

«Mesmo *em politica não ha ultima palavra.*»

—Ha coincidencia!...

—As boccas de lobo estão regorgitando de excrescencia, as ruas acham-se atulhadas de cisco; aqui e ali os montes de lixo.

A população continúa a fazer o despejo na rua.

—E a policia o que faz com seus agentes?

—Anda com dous caixões de sabão, arrecadando os esterquilinios das ruas.

—Com cedo está ella dando provas de sua impotencia para o desempenho de encargo que sobre si tomou.

—Não sei d'onde nasce a rixa da guarda nacional com a policia.

—Andam sempre em conflictos.

—Terça feira, a noite, houveram dois.

Um policial querendo prender um preto, dizia elle que por mandado do delegado, o guarda nacional aquartellado Sabino, oppoz-se e ordenou que tal não fizesse; e o policial estacou ante a imposição ameaçadora; depois lembrou-se do apito, e tocou; os companheiros correram, a rua do Collegio encheu-se de povo, houve grande confusão e gritaria, as familias correram assustadas á janella, ninguem se entendia, nem sabia de que provinha tamanho alarido.

Um barulho que parecia querer deitar o mundo abaixo acabou, como por encanto, com a chegada do tenente Calasans, que tomou o braço de Sabino e levou-o.

Atraz da Cadeia, a patrulha apitou pelo ronda nte, os guardas de Brotas, de guarnição em palacio, accudiram e reprehenderam-na por tocar perto da guarda.

Houve um sarceiro, puchou-se refles e baionetas; mas felizmente accommodou-se.

—E' uma *resinga* de cão com gato.

—Os Srs. commandantes das armas, superior e de batalhões, devem providenciar para a não reproducção em publico desses spectaculos de pronunciado antagonismo.

—Capitão, um appello em favor da desventura.

—Sempre que se tratar de alliviar soffrimentos, pode contar com o meu fraco concurso.

—O pedido não é a V. Ex., é ao digno provedor da santa casa.

—Porque não se dirige a elle?

—Desejo que seja feito por intervenção de V. Ex.

—Mas o que é?

—V. Ex. sabe que ninguem recorre ao hospital de charidade, sem estar verdadeiramente doente e necessitado.

—E' certo.

—Para que se ha crear obstaculos, quando qualquer doente recorre a esse estabelecimento de charidade com attestados de subdelegados, vigarios, etc?

—Rapaz, é para evitar especulações.

—Não vou fora disso; mas ha casos em que se devia dispensar estas formalidades; as vezes a demora em encontrar o subdelegado, que sahe para seu emprego, procurar o inspector de quarteirão, pode prejudicar sensivelmente ao doente; outros são de fora e não tem domicilio na capital, outros não tem quem lhe procure; as vezes é um pobre que accommettido repentinamente e que sendo soccorrido de prompto, se salvaria, mas que a demora matou-o.

—Em resumo, diga, o que é que V. quer?

—Eu entendo que sendo o hospital de charidade, devia receber qualquer pessoa que a sua porta chegasse e que o medico da casa reconhecesse estar doente.

—E os abusos?

—Repito a V. Ex. que so recorre ao hospital pessoas extremamente necessitadas e destituidas de todo recurso; quem tem qualquer abrigo, por mais diminuto, não procura o hospital.

—Principalmente depois que é elle administrado pelas charidosas.

—Assim, seria uma obra verdadeiramente humanitaria, que o Sr. provedor faria, ordenado que nesses casos se dispensasse as formalidades de attestados de pobreza, etc.

—No pedir não haja duvida, o ser attendido é que é a cousa.

—Na noite do 1.º do corrente, houve grande barulho na rua dos Caldereiros.

—Proveniente de que?

—Praças do destacamento do Caes Dourado, prenderam, as 11 horas, um invalido encontrado com uma seringa vazia, e quizeram recolhel-o ao posto do destacamento. O preso recalcitrou em não seguir para outro logar que não fosse o seu quartel.

Travou-se lucta; sendo o invalido violentamente espancado, em razão da superioridade de forças, e afinal foi arrastado desde a Fonte dos Padres até a rua dos Caldereiros. Ahi apparecendo o capitão Justino Barbosa Bahiense, extranhou aos soldados seu illegal procedimento, pelo que foi insultado, desafiado e ameaçado de soffrer o mesmo.

O povo reuniu-se e tomou parte no sarceiro.

—E' incomparavel a gente que temos para policiar a cidade! São os primeiros a promover desordens em logar de accommodal-as,

O passar das horas.

Depois que se inventou o relogio, este mecanismo, sem duvida o mais util e economico que se tem descoberto, marcaram os homens doze horas para o dia, e outras doze para a noite, e nesta conformidade pode-se dizer que o relogio apresenta ou indica 12 horas *brancas*, que são as do dia, e 12 horas *pretas*, que são as da noite.

Ora, sendo o tempo e as horas todas do mesmo tamanho e qualidade, apresentam-se differentes no nosso pensamento, por causa das diversas applicações a que estão destinadas na sociedade, e nesta consideração passemos a avaliar cada uma hora de per si, desde o principio do dia até o fim da noite.

As quatro horas, chamadas da madrugada: é a hora em que Morpheu se espreguiça e abre os olhos; é a hora em que a aurora sahe do seu palacio celeste e vem passear entre os jardins para receber as saudações das flores, suas vassallas; é a encantadora hora em que os passarinhos sahem de seus ninhos para cantarem sobre os ramos do arvoredo; é a hora em que o rouco canhão da artilharia naval avisa ao povo da cidade que é dia; é a pensativa hora em que a corneta militar chama o infeliz soldado para as fadigas da guerra; é a hora em que se baldeiam os navios; em que os frades religiosos vão ao chôro e os extravagantes saltam o muro do convento para entrarem; é a hora em que o jogador esfomeado e vicioso se recolhe á casa traspassado de vigilia e do prejuizo que teve; é a hora em que os vendelhões abrem as portas para comprarem os furtos que os escravos levam escondidos; é finalmente a hora em que os gatos descem pelos telhados depois de terem feito suas diabruras e gritarias: e é a hora em que os noivos dão os beijos ramellosos de um resto de somno poetico e saboroso!

Bate cinco horas o sino: é a hora em que o padeiro abre a casa para vender pão quente aos freguezes; é a hora em que o barqueiro levanta a vella para continuar a viagem; é a hora em que se tira o leite as vaccas; é a hora em que o bom lavrador se levanta e vai ao campo tratar do seu serviço; é a hora em que se apagam os lampeões, e em que a boa lua se recolhe; é a hora em que o pobre escravo vai á fonte buscar agua para seu senhor; é a hora em que se lavam os cavallos.

As seis horas: é a hora em que o bom estudante acorda para rever a lição que estudou á noite; é a hora em que o jardineiro almoça o seu pão e sua tigella de café, para ir ao trabalho de que vive; é a hora em que o commercio abre as portas; é a hora em que os gatinhos lavam o focinho com a munhéca, depois de a terem passado na lingua.

As sete horas: é a hora em que todas as pessoas de vida regular cuidam em se preparar para aproveitarem o dia nos trabalhos da vida; é a hora de se lavarem, se vestirem, almoçarem e sahirem; é a hora dos meninos de eschola, dos estudantes, dos caixeiros, etc.

As oito horas: é uma hora certa marcada de vespera para se fixarem negocios; é a hora em que almoçam os negociantes para depois irem ao escriptorio; é a hora em que entram a passar os procuradores de causas, e os padres de volta da missa; é a hora em que o medico vai visitar o doente rico para approveitar mais cedo a ganancia dos cobres; é a hora em que os caloteiros, para não pagarem as contas, dizem que ainda estão dormindo, ou que estão no banho.

As nove horas: é uma hora de concurrencia porque é quando sahem para a rua os empregados publicos todos, diligentes e mandriões; é a hora em que se mudam as guardas; é a hora em que o preguiçoso e o homem rico vicioso levantam-se da cama; é a hora em que a moça namoradeira chega a janella por dentro da vidraça e com o cabello apenas enrolado, para ver passar o seu Adonis, que olha para a anella e faz o saboroso cortejo do costume; é a hora, finalmente, em que o comprador vem da rua com a trapalhada de carne, temperos e seu rancho, para se fazer a cançada panella do jantar.

As dez horas: é a hora em que os chefes de

repartições e os desembargadores vão com o seu passo de boi caminhando para os tribunaes; é a hora em que o negociante vai ajustar suas compras, os juizes começam a despachar, e os empregados das repartições principiam uns a ler gazetas e outros a aparar pennas; é a hora em que entra a ferver a confusão dos despachantes d'alfandega e do consulado.

Onze horas: é a hora em que os frades jantam; é a hora em que muita gente vai *fazer as onze*; é a hora em que voltam os vendedores do pão para darem contas ao padeiro; é a hora em que vão os especuladores aos leilões para ver se encontram alguma pexincha; é a hora em que os logistas estão nas portas para chamarem e atrapalharem os matutos, encaixando as fazendas alcaides por preços dobrados; é a hora em que os diplomatas gostam de fazer certas visitas; e em que no café do Curry vão se refrescar os freguezes.

Doze horas (meio dia) é a hora da nobreza, e em que o sol, o rei dos astros, está sentado no seu throno d'ouro, dando audiencia a todo horisonte; a guarda de honra de seus raios se estende por todos os logares; é a hora em que a grande badalada avisa aos viventes, que está passada meia pagina do livro da vida, e correu metade da areia na ampulheta das horas brancas; é a hora em que se forma a guarda para tocar a corneta, que lembra ao soldado o dever de christão; é a hora em que a panella do jantar principia a espalhar o cheiro dos temperos até a sala das visitas; é a hora em que o velhaco sahe de casa, porque até então, para se ver livre dos cobradores, que estão na porta da rua, esteve escondido dizendo que estava occupado, ou que ja tinha sahido, etc., etc.; é a hora, finalmente, em que as moças trabalhadeiras largam a costura, desatacam o vestido por causa do calor, e dão suspiros por seus amores auseutes e vão comer os *torresmos* com farinha, ou fazer sopinha da olha dos guizados; e é a hora em que os meninos de escola correm para a dispença afim de comerem o pão que ficou do almoço.

E paremos aqui, porque o artigo ja está muito extenso. Os senhores leitores por agora contentem-se com estas horas, que temos descripto, ficando as da tarde para a primeira occasião opportuna que houver, que então entraremos pelas horas da noite, onde ha muita cousa boa que dizer! (*Continúa.*)

A PEDIDO

—Capitão, volto ao meu heroe da devassidão.

—O imitador do antigo padre Cruz?

—Essa rolha.

—Diga o que tem a dizer.

—Tenho a dizer, antes de começar os factos da vida dissoluta desse bargante, que, por credito da classe em que se quer elle encaixar, devia ser excluido della.

Aquelle corpo coberto de lepra moral, ha de ser a vergonha dos companheiros.

A lepra é contagiosa; o halito impuro da asquerosa serpente é bastante para infeccionar o recinto da candidez e da pureza.

Seminarista da luxuria, tem completo o curso da libidinagem; em ordem ascedente tem direito ao logar de papa do impudor.

Oh! que *papão* ha de ser!

Só visto a torpe indecencia com que se portava esse frascario, o anno passado, na egreja de *Santa Teté*, pelo mez de Maria.

Hei de contar isso pelo miudo; ha tempo de sobra.

De todo esse catalogo, porem de depravações e impudicia que formam as peripecias da vida do mais ardente sectario da sensualidade, ha um ponto que destaca-se de todos pelo horror de que se resente; por isso, deixando a ordem chronologica dessa vida de impurezas, principiarei por elle destacadamente.

E' o acto da mais impia e a escandalosa profanação, commettida no recinto sagrado do templo, dentro da egreja episcopal por esse apostolo incansavel do vicio.

Por elle verá V. Exa. que o safado nem tem a pureza de um *Francisco*, nem a castidade de um *José*: é simples *correia* que prende o vicio a *alameda* de depravação.

(*Continúa.*)

Ora essa! Quem suppunha,
Creia, estou admirado!
Não sabe o que aconteceu?
—*Mon-bom* sahiu deputado!

O caucasiano.

—Cão goso, tudo quanto ladrastes no vapor de Santo Amaro, fica sem resposta, que a não mereces, canalha.

Basta a tua triste sina, sevandija.

Sempre és homem que renegas o teu ser.

Do que serve esfregar-se-te a deslavada cara na mais immunda cloaca, si ella não é susceptivel de contrahir-se?

Olha, *Olavo*, nem o *Henriques*, nem o *Baptista*, merecem a menor importancia.

Vê si o Dr. te paga melhor o trabalho que *lhe fazes*.

Ou então, si elle ja não te remunera bem, muda de vida, vae cultivar o florido jardim de Priapo.

Requerimento modelo.

Illm° Senhor Joiz de paz.—Diz Antonio do Carmo Araujo do no de 1 venda a Rua do Castanheiro que quer xamar aheste Goizo a seu devedor Paulenio Gomes da Costa Goite para lhe pagar ACantia de onze mil sento i cincoenta réis que medeve de hefeito que comprou fiado em minha mão des quinze de Novembro de 1856 i Como não me queira pagar poriço.

Pede a V S. Mande sitar para aprimeira aOdiencia deste Joizo Com pena de Revelea i Condenação.—*Antonio do Carmo Araujo.*

—

Certeficó, eu Offeçeal de Justeçia, du Joizo, de Pas, a baixo asçegnado, q' em virtude, da pitição Supra, e seu, dispacho Sitei em súa propria pesçoa a Paulino Gomes da Costa Goite, para a Conciliaçao da lei na primeira a odiença do dia, vente e nove, do Corente, do q' ficou di tudo bem siente por todo contiudo da mesma pitição do que dou fé o referida Verdade Bahia e Freguezia de Santa Anna 27 Abril de 1857.

Gervazio Bazilio do Bomfim.

—Capitão.

—Va dizendo o que pretende.

—Tendo os operarios do arsenal de guerra promovido entre elles uma subscripção para os festejos que pretendiam fazer quando terminada a guerra: consta que o Sr. Soares como encarregado dos ditos festejos vai realizal o com a chegada dos bravos voluntarios da patria, coadjuvando para isto o chefe da repartição.

—Muito bem, estou sciente.

—Capitão, venho lhe pedir um obsequio.

—Sendo cousa que possa ser, está servido.

—E' de mandar publicar esta cartinha.

—Qual é seu contheudo?

—Eu leio:

M....—Saude e felicidade é o que te desejo. Recebi a tua adorada cartinha, e vejo nella as tuas espressões; M... Desde o momento em que da' hia saistes cessou todo o meo praser; minha alma vaga por esta solidão, pois para quem ama verdadeiramente todo o logar onde não existe o objecto amado é uma solidão, sem achar um linitivo a dor; tudo me recorda a tua imagem, trazendo-me ao pensamento o nosso appartamento, fazendo assim mais cruel o meo penar; quem sabe se nesta hora em que ti escrevo si ainda pensas em mim, Oh', pensamento cruel!!!

Perdoa o meo deliro quizera não existir acabar de padecer mais o destino manda o contrario forçoso é obedecer-lhe; M... como naquelle mesmo dia que recebi a tua Cartinha meo Tio veio me buscar, eu não pude responder-te em rasão de ir sedo, fes somente aquelle pequeno bilethe para ti deser, que hia para la, e lá esteve quatro dias e não me apareseestes nem o menos uma vez para praser meu, então desejo saber a razão, que nem no Domingo la fostes, se assim fallo é porque me prometeste de lá ir senão la não hia pois foi pello teo respeito, M... da' gora em diante é que conhecerei si me amas verdadeiramente, assim como dises que saspiras pella minha presençia, ja não tem mostrado assim, como disses em tão poucos dias pois hontem a noite foi que tive o praser de verte que não esperava, felesmente vou chegando a janella e foi te vendo, pois M... se tu subestes a tua ausencia quanto para min me tem sido cruel, me julgava feles, porque sabia que crendo tu em meo amor que me amarás, com firmesa, M... vou na madrugada de segunda feira eu vou ouvir lá nas quinta uma missa por alma de uma conhecida, di lá vou para casa de minha vó, se V. vai mande me dizer que eu então fico para voltar na quarta feira então me escreva, athé sabbado para eu saber, pois domingo estou ainda aqui, espero ansiosamente novas tuas, e se ja estaes empregado apesar que talves que não seja mereçedora de saber dos teos negocios Adeos Recebes o Coração Saudoso

Desta que te ama ferme e
lial athé a morte
amesma.

N. B. não repare alguns erros pois ja é muito tarde e não me é possivel serte mais estencia adeos.

—E' uma carta de namoro; entretimento da mocidade; forja de casamento; nada interessa.

—Esta carta cahiu da mão da negrinha que a levava; é de uma menina muito conhecida, e eu queria pôr o sujeito no *aço* com a publicação della.

—Pois seja feita a sua vontade, com tanto que não volte cá com massada egual.

Saudades do Rio Vermelho.

Saudade, aguçado espinho,
Que sangra no coração,
Não matas, porem dás vida,
Para maior affliçio.

Saudade, sombra implacavel,
Não me deixas um momento,
Como a sombra segue ao corpo,
Me segues p'ra meu tormento.

Saudade, lento veneno,
Que os dias vae consumindo,

Os teus effeitos eu sinto
Até no leito dormindo.

Saudade, si nasce a aurora
Com ella vem teu martirio,
Saudade, si o sol se põe
Cresce a dor no seu delirio.

Saudade, de ti me falla
A onda crespa do mar,
Quando vem rolando ao longe
Na praia se espreguiçar.

Saudade, si o passarinho
Ouço acaso gorgear,
Escuto sempre dizer-me
Teu nome no seu cantar.

Saudade, si vejo a lua
No ceu de anil passeando,
Correm-me lagrimas tristes
Saudades me torturando.

Saudade, és irman da morte,
Mais que ella, és vingadora,
De uma vez acaba a morte
Esta vida soffredora.

Saudade, tu me maltratas,
Mas eu fim te hei de dar,
Junto a ella para sempre
Saudade, te hei de matar.

* * *

VARIEDADES.

Será milagre?

Conta um jornal que no dia 17 de junho chovera peixes na freguezia dos Cedros, na ilha do Fayal.

O peixe, diz o jornal, era meúdo e em grande quantidade e muito fresquinho e parecia ser do genero a que os pescadores chamão aguilhão.

Parece-nos isto uma galga com intentos de aguilhoada á surperstição.

Contam ás historias que tem chovido muitas cousas; naturalmente vem da lua ou do sol. Aquillo foi obra de grande terremoto que houve la por cima, e arrojou os peixes a este nosso planeta.

As mais veridicas historias tem referido destes casos portentosos; qualquer dia ahi nos annunciam que chovem homens; o que não será para admirar, si la nas alturas houver algum cataclisma. O que ha de ser feito dos habitadores dos planetas? Vem de escantilhão até a terra; isto é tão certo como que os aguilhões choveram na freguezia dos Cedros, da ilha do Fayal.

A noticia é incompleta, porque não diz si os moradores daquella freguezia comeram os peixes. Os judeus alimentaram-se com o maná, não admirará que os fayalenses tenham provado os milagrosos peixinhos chovidos na freguezia dos Cedros.

Ainda os ha!

Um idiota estava para casar com uma das moças do tom da côrte.

Alguns invejosos para dispreceitual-o lamentavam em sua presença que a moça casasse com um homem que tanto roncava de noite.

—Isso é inveja, acudiu o idiota, nunca tive esse defeito.

—Como o sabe? perguntou a moça.

—Fiz uma experiencia, respondeu aquelle, passei uma noite sem dormir e não ronquei.

Um pae, reprehendia uma vez ao filho por se individar constantemente.

—Mas, papae, disse-lhe o filho, a culpa é dos meus credores, porque si em vez de me emprestarem, me déssem, já eu não devia nada a ninguem.

Dous grandes politicos disputavam. Um era acerrimo democrata, e disse:

—Si passar em revista os nossos homens mais celebres tanto nas armas como nas lettras, verá que todos elles *sahiram do povo*.

—O que prova, tornou-lhe o aristocrata, que si elles ahi se déssem bem, de lá não sahiriam.

ANNUNCIOS.

Sociedade Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo, e de conformidade com o disposto no art. 37 dos estatutos, convido os Srs. socios a reunirem-se em assembléa geral, domingo 6 do corrente, ás 10 horas da manhan, afim de discutirem o relatorio e o parecer da commissão de contas do anno findo, visto não haver tido logar no domingo 27 do passado por falta de numero. Bahia 2 de março de 1870. O 1.º secretario—*Joaquim Cassiano Hipolyto.*

Na loja de Cassiano Cardoso Brum, na rua Formosa, se dirá quem vende capim a 160 rs. a arroba, em qualquer porção, mandando deitar na porta do comprador.

Na venda Cuyabana, ao Taboão. precisa-se de um caixeiro que seja de bons costumes.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 62.ª QUARTA-FEIRA 8 DE MARÇO. N. 618.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de março de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que Jesuina de tal, moradora em S. José de cima, freguezia de Santo Antonio, amasia de Luiz, liberto, que pertenceu a casa do Sr. Britto, e empregado no curral, perpetrou na terça-feira, o seguinte criminoso acto:

Admoestando a um filho de nome João, para que não sahisse á rua a brincar entrudo, este em contravenção ás suas ordens sahiu e foi preso pela policia. Jesuina arrebatou o filho das mãos dos soldados, levou-o para casa e n'um accesso de ira deu de mão a uma faca e deu-lhe uma facada na cabeça, a qual resvalando, arrancou parte do côro cabelludo.

Vendo o filho banhado em sangue, esta mãe não se enterneceu, ella que ao vel-o em poder da policia, como uma leôa foi tomal-o de seu poder.

Levou o menino para o quintal e arrochou-lhe os braços com cordas de sedenho ensopadas em agua, preso a um mamoeiro, onde permaneceria até esvair-se, si uma visinha não viesse em seu soccorro.

S. S. tomará as providencios que achar conveniente.

Assevera-se a realidade do facto.

—Capitão, estou atterrado.

—O que foi que o pôz nesse estado?

—Um facto do mais execrando sacrilegio, que o delirio humano pode pôr em pratica.

—Conte-me o que ha.

—Na rua do Collegio, uma mulher conhecida por *Bella,* vivo em *intima camaradagem* com uma outra.

No domingo beberam muito; á noite, *Bella,* embriagada dos sentidos pelo vinho e da alma pelo vicio, querendo entregar-se a excessos de seu incontinente genio, convidou para isso sua companheira, que excusou-se dizendo que não estava disposta.

Primeiro usou de palavras brandas e affectuosas, caricias e affagos para conseguir o que desejava; mas não o alcançando, *Bella,* no auge de hallucinação, egual a besta-fera que se vê contrariada em seus brutaes apetites, dá de mão a uma navalha para coagir sua companheira a compartilhar de seu sensual deboche.

Depois de estrepitosa assuada que despertou a attenção de quem passava, houve entre as *duas amigas* esta troca de palavras:

« — Bella, por aquella Senhora, (e apontou para uma Imagem da Conceição) me deixe.

«—Por esta!..... (e da bocca da reproba sahiu a mais horrorosa imprecação contra a Imagem) não te deixo.»

E, acto continuo, lançou mão da Imagem da Santissima Virgem, e com ella fez tiro a face da outra!!.....

—Meu Deus! isto é horrendo!... Só por um vertiginoso desvario.

Mas como sabe V. cousas que se passam de portas á dentro?

—O facto foi quasi publico porque a vozeria fez que se reunisse gente e quasi toda visinhança presenciou.

—Capitão, vi uma carta da côrte, em que dizia que havia duvidas sobre a partida do 40 de voluntarios, no dia 3, para a Bahia.

O batalhão de Minas mostrava-se desgostoso e reclamava o cumprimento das promessas contidas no decreto que convocou os voluntarios e exigiam saber do commandante onde seriam pagos os 300$ rs. promettidos.

Fallava-se em desarmar este batalhão.

Receiava-se pela tranquillidade publica.

Era de crer por tanto que os outros dous batalhões, que nada reclavam, ficassem de conserva até o final das cousas.

—Deus queira que não seja nada.

—Ja lhe deram parte de um barbaro assassinato que houve domingo?

—V. é a primeira pessoa de quem ouço
Onde foi?

—No Bom-Gosto da Calçada, freguezia do Pilar, em uma rocinha de José de tal Ferreira, com armazem ao Caes Dourado.

—Quem é o criminoso e quem foi o assassinado?

—O assassino é o portuguez Domingos, feiter da dita roça. Um rapaz, de 14 a 15 annos, creoulo, trepou em uma jaqueira, o que visto por aquelle, foi buscar uma arma e desfechou; errando o alvo, carregou segunda vez e atirou sobre a victima, fazendo-lhe tres horriveis ferimentos na testa e despenhando-a do alto da arvore em baixo sem vida.

Diz-se que quando carregava o mortifero instrumento, o infeliz pedia lhe supplicante que o prendesse; mas não o matasse; porem o barbaro não attendeu.

—E' o resultado dessas imprudentes facilidades que tem muita gente em invadir a propriedade alheia.

Vão procurar desgraças a troco de uma jaca, ou de algumas laranjas.

—Porem não é mais nada senão matar? So Deus tem o direito de privar-nos da existencia.

—E' barbaridade e o criminoso deve ser punido.

—O assassino, consummado o attentado, tratou de se pôr ao fresco, o que conseguiria, a não serem pessoas do povo que o prenderam, porque de policia nem um ceitil. O major Anacleto Guimarães ordenou a alguns guardas do seu batalhão que se fardassem e conduzissem o preso, o qual, na presença da authoridade, teve o cynismo de dizer que *atirara n'um passarinho*.

—Mire-se V. neste espelho, e diga-me se não é realmente muito moralisada esta policia incumbida de velar pela segurança e tranquillidade publica.

Domingo, as oito horas e meia da noite, os soldados do destamento do Caes Dourado prenderam a um individuo conhecido por *Caboclo*, sujeito de más notas.

Desde o Julião até ao largo de Santo Antonio foi elle conduzido nú em pello!

As familias despertadas pela assuada chegavam á janella para corar ante tanta affronta a honestidade.

Os paes reclamavam: em resposta recebiam injurias; os soldados convidavam-os a que descessem para soffrerem o mesmo.

Alguem querendo dar ao preso um panno para cobrir-se, os agentes da força prohibiram!

Na ladeira do Pilar, bradava o cabo da força: «*ensinem a este filho da p....*» e espaneavam desabridamente o preso.

Este facto poda attestar todas as familias moradoras desde o Julião ao largo de Santo Antonio, logar em que o preso vestiu umas calças.

—Sob a guarda de tão ordeira e vigilante policia, pode a capital dormir tranquilla e cheia de confiança.

—Capitão, o *Liberal*, das Alagoas, desenha assim os effeitos terriveis da fome que devasta os sertões daquella provincia.

«Causa nos dó, tristeza e compaixão o espectaculo doloroso, que hoje nos offerecem as cidades, e villas ribeirinhas ao S. Francisco.

Creanças esfarrapadas, núas, magras e macilentas estendem os mirrados braços aos transeuntes, clamando em tom tristonho e afflicto: *pão para mim, e meus irmãos, que morremos á fome!*

Si contristados voltamos o rosto, ainda vemos pelas margens do rio innumeros *ranchinhos* de palha e folhas seccas, onde o pae de grande prole, de braços cruzados, e de olhos esgazeados, contempla sua misera familia a se estorcer de fome, co'a nudez no corpo!

Si percorremos os arrabaldes d'essas cidades e villas, ainda o mesmo espectaculo contristador nos affligé!

Junto a qualquer arvore, que nem sombra tem por se haverem seccado suas ramas pelo rigor do sol, vemos grupadas cinco ou seis creanças ao redor de um homem e de uma mulher.

O homem, cujo rosto enrugado demonstra o desespero, que lhe vae n'alma, é o pae da familia, que se acha reunida sob o tecto commum—o ceu; a mulher pallida e macilenta é a mãe.

O homem, molde para a estatua do desespero, da ancia, da dôr; a mulher a imagem da resignação. Ambos faziam errar seus olhos das creanças para o ceu, e d'este para aquellas.

O que diriam em sua linguagem muda e expressiva?

Todos advinham.

O que se passaria?!

As creanças choram; a mãe empallidece, e o pae interroga aos filhos, que respondem: *fome... fome!...*

O pae de familia, honrado e brioso, percorre as cidades, as villas, os engenhos, mostra seus vigorosos braços, e pede trabalho... e todos respondem—não n'o temos!

Passados dias o *pae de familia* volta a seu lar (causa lastima) e encontra a familia dispersa!

A mulher desesperada, julgando-se abandonada, e impellida pela fome, prostituiu-se!

Um filho menor, doente, morreu á falta de curativo, e de alimentos!

A filha impellida pela miseria arrimou-se ao primeiro braço que encontrou!

Os demais dispersaram-se pelo mundo a pedir esmolas!

O pae de familia, que não estende os braços para pedir esmolas, porque elles foram feitos para trabalhar, serve-se desses seus fortes braços para amarrar uma corda a uma arvore, e... suicida-se!

Quem o culpado de tantas desgraças?

Quem o responsavel perante Deus e a sociedade, por estes maus successos?

O governo.

Que mãos se acham tintas d'esse sangue innocente?

As do governo.

Elle tem o dever de prestar soccorros ao povo em suas desgraças inesperadas.»

—A 8 de fevereiro chegara ao Rio Grande o transporte de guerra *Presidente* levando os cascos dos batalhões 4.° e 5.° de caçadores

Esses dous corpos que seguiram de sua provincia contando cada um 500 praças, estavam hoje reduzidoos ao ceguinte:

4.° corpo – commandante o tenente coronel Manuel Antonio da Cruz Brilhante.

11 officiaes.

41 praças de pret.

5.° corpo — commandante o major João Candido Goulart.

16 officiaes.

14 praças de pret.

—E é desta forma que voltam á provincia do Rio Grande, que maior contingente prestou para sustentação desta guerra fatal, os corpos nella organisados!

—Capitão, eu queria lhe contar um caso.

—E o que faz?

—E' que talvez venha massar a V. Ex.

—Não me massa, pode contal-o.

—O *quarenta portinholas* queria casar-se com a viuva de um official que mora na Piedade, e entregou-lhe uma carta neste sentido.

A sujeita deu-a á um frade que anda *peregrinando,* com quem tem ella *relações d'amisade.*

—E o frade *peregrino* metteu o sujeito a ridiculo, não?

—Não; armou-se de um punhal, e foi tomar satisfação.

Quarenta portinholas indo um dia a missa e encontrando a viuva lá, escorregou uma outra carta na mão della; mas o frade vendo, disse em altas vozes, deitando-o para fora do templo:

«Este homem é um insolente, um immoral, porque deu uma carta á uma senhora *honrada*, uma viuva *respeitavel*, o que ella contou-me.»

– Na verdade isto não se pratica com uma senhora que sabe presar sua honra.

—Como presam todas as confessadas desses frades!

– Não diga isso! V. é um homem que não reflecte para dizer as cousas!

—E' porque V. Ex. não sabe os actos de immoralidade que praticam estes patifes de camizolas.

—*Nossa Senhora da Piedade* que dê juizo a quem não tem.

A PEDIDO

O meu viver.

Deus é que dirige estas cousas: Elle permitte que existão imperadores e algozes, para que haja santos e martyres: Elle eleva os imperios, para que haja lagrimas, castigo para regenerar.

(LACORDAIRE.)

Meu viver é terrivel, tristonho,
Vascillante... que faz-me soffrer!...
Por não ter, neste mundo, um amparo,
Soffro penas, sem allivio ter!...

Desde a infancia luctando co'a sorte,
Vivo eu na maior solidão!!...
Sem gozar dos prazeres da vida,
D'este mundo... oh! fatal condicção.

Desde a hora do meu nascimento,
Que—tristeza, penar, agonia...
Teem seguido, por fatalidade,
Sempre, sempre em minha companhia.

Meu viver é um chaus de tormentos,
E torturas... em que a padecer
Condemnado eu fui, vindo ao mundo,
Para nelle, so males soffrer.

Mil projectos que eu faça, frustrados,
São-me sempre, por fatalidade!!...
E por mais que trabalhe eu vivo
Encarando co'a necessidade.

Porem vejo que *alguns* mais felizes
Do que eu, vão mui folgadamente,
Sua vida passando... e a sorte
Os protege mui constantemente.

Não trabalham!... mas sempre dinheiro
Teem p'ra luxo!... e somente em passeios
Vão gozando de tudo!... e ninguem
Lhes descobre, da vida os meios!...

E eu andando sempre em roda-viva,
Trabalhando de noite, de dia!...
Nada goso!!... e só, diariamente,
Libo o calix de acerba agonia!...

No viver meu, so acho censuras!...
Porem nunca encontrei protecções!!
Porque, congratular-me, não posso,
Com infamias... vis bajulações...

A Deus rendo louvor em livrar-me,
N'este mundo, de maculas ter...
Pois só vejo em minha consciencia,
Que o defeito que tenho é—dever.

E assim um consolo me resta,
Sendo eu pobre—bandalho não ser,
Não ser cynico, ladrão... nem tão pouco
Soffrer mancha moral no viver...

E' por isso, que eu sou infeliz!!..
E' por isso, que eu vivo a soffrer!!
Pois so tenho consolo em chorar.
Lastimar... —meu soffrer—meu viver.

Bahia 18 de julho de 1869.

José Lauro de Azevedo.

—Capitão, veja si isto não é embaçadella.

Um subdelegado, professor publico e caxeiro de loja ao mesmo tempo, tendo feito um corpo de delicto, cobrou de custas para elle, o escrivão e dous peritos (que não eram professionaes) 137$ rs.

—Mas em que inferno descobriu V. essa authoridade tão prendada?

Subedelegado, caxeiro e professor! E' muita carga.

—Adeus, capitão, eu ando para o *Jacuipe*, e não quero ser afogado em algum *grande riacho*.

—Si é dessas bandas, vou mandar me informar do José Bruno, escrivão de la.

—Cança-se atôa.

Quando o Angelo Ambrosio de Figuereido, subdelegado, não é capaz de descobrir o sujeito, quanto mais o escrivão.

Supplica.

Pergunta-se ao encarregado da musica do côro do Bomfim, qual a razão porque até agora não tem pago aos musicos

Será porque ainda se não tenha aberto o cofre da irmandade?

Esperamos sua resposta, pois sonhamos comsigo todas as noites.

O sol grave.

VARIEDADES.

Um magistrado, homem severo e inflexivel, estava gravemente enfermo. Um individuo sobre quem já tinha posado uma das suas sentenças, perguntou qual era a molestia que ello soffria:

—Uma molestia terrivel, pela qual soffreu a operação da talha extrahindo-se-lhe uma grande pedra.

—Então cahiu-lhe o coração na bexiga, respondeu-lhe o outro.

Anecdota philosophica.

Contam que um dia um philosopho,
Das cidades se cançando,
Seriamente cogitava
Pelos bosques divagando.

Quando vê suspensa ao ramo
D'uma arvore bem frondosa,
Cousa extranha, que de longe
Creu ser fructa monstruosa.

«Talvez seja comestivel
«Tão gigante raridade:
«Si assim for—diz lá comsigo—
«Vou dotar a humanidade.

Pressuroso vae contente
Ver de perto aquella empada;
Em vez de fructa o que achou?
Uma mulher enforcada.

«Si os vegetaes todos déssem,
—Diz o sabio mui profundo—
«Desta fructa tão formosa,
«Quão feliz seria o mundo!

Frederico II perguntou ao medico de Elrei do Hanover, Zimmermann si elle ja tinha mandado muita gente para o outro mundo.

Zimmermann respondeu:

—Não tantos como Vossa Magestade, nem com tanta gloria.

Um catraeiro adoeceu, sua mulher chamou o medico e este lhe perguntou:

—Que comeu o seu homem hoje ao jantar?

—Carne de vacca, respondeu ella.

—Com muito appetite? continuou o medico.

—Não, senhor; com mostarda.

ANNUNCIOS.

Na loja de Cassiano Cardoso Brum, na rua Formosa, se dirá quem vende capim a 160 rs. a arroba, em qualquer porção, mandando deitar na porta do comprador.

Na venda Cuyabana, ao Taboão, precisa-se de um caixeiro que seja de bons costumes.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 62.ª QUINTA-FEIRA 10 DE MARÇO. N. 619.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de março de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, encarregado da limpeza publica, para que mande apanhar um caxorro morto, que se acha ha dous dias no Taboão, já em estado de putrefacção.

—Ao mesmo, dizendo-lhe que mande aceiar o armazem por baixo do commando superior, que se acha em pessimo estado de porcaria; assim como que dê suas ordens para que se feche a porta do mencionado armazem, afim de que, quem queira, não vá ali satisfazer sua necessidade corporal.

—E' tempo de penitencia; os missionarios estão pregando a contricção ao povo.

—Ah! eu tambem já fui assistir; segunda feira á tarde, no Collegio.

—Disse muita cousa o padre?

—Disse que a religião catholica, apostolica romana, sendo a unica verdadeira, não reconhecia, nem admittia communicação com outra qualquer religião, as quaes todas eram falsas.

—Então é preciso ver quem está em contradicção, si Pio IX convidando os bispos de todas as religiões para um concilio, ou o padre capuchinho fulminando do pulpito todo o catholico que entreter relações com qualquer individuo de religião dissidente.

— Como elle quer acabam-se as relações commerciaes; extinguem-se os casamentos mixtos no Brazil, que precisa tanto de população.

—Si a religião catholica não reconhece acto algum de outra religião, muito mal obrou o padre catholico, que em companhia de quatro ministros de religião differentes, benzeu ultimamente o canal de Suez (um protestante, um pope grego, um ulema e um boudhista).

Sanccionou, não só com sua presença, mas concorreu tambem para uma ceremonia falsa e reprovada.

—O padre disse mais que quem não é catholico não se salva.

—Nesse caso, o inferno deve estar povoado de bemfeitores da humanidade, só porque não foram catholicos.

—Por exemplo: Jorge Peabody, o homem que deu sua fortuna aos pobres; João Brown, o amigo e protector dos escravos, devem estar ardendo em chammas, segundo a doutrina do bom pregador.

—Si hão de ensinar ao povo os verdadeiros principios da religião —amar ao proximo como a nós mesmos - aproveitam-se de sua ignorancia para incutir lhes ideias de fanatismo.

—Calemo-nos que o resultado é nos taxarem de hereges.

—Mas minha consciencia me diz que eu sou mais christão de que muitos hypocritas que ahi andam disfarçados.

Ora, não sabe você
De um caso phenomenal?
A policia esta noite
Sahiu de sea natural.

Pouco mais de meia noite,
A' galope pelas ruas,
Oito soldados corriam
Com suas espadas núas.

Fiquei atemorisado,
E disse: o que será?
Atraz de algum criminoso,
Essa gente correrá?

Ou teremos por ahi
Alguma revolução?
Os pretos se levantaram,
Ou presos da Conceição?

Mas, chegando á janella,
Quem de tal não pasmaria!
Vi que ella em desfillada
Atraz de um burro corria.

Muito bem! disse commigo,
Para que tanto susurro?

A policia é para gente,
Ou é policia de burro?

—Capitão, deixe lhe contar uma.

Certo individuo, que não lhe direi quem, nem quem não, foi encarregado por uma senhora, velha, da venda de uma escravinha.

O homem andou, virou, mexeu e vendeu a menina por 950$ rs., os quaes veio fielmente entrega-los a sua dona.

—Si é nisso que está a importancia do caso, lhe direi que não fez mais que seu dever.

—Escute o resto, para ver o gostoso.

A mulher deu-lhe 50$ rs. de gratificação.

Depois, tirou do dinheiro 100$ rs. e incumbiu-o de comprar alguns objectos; o que elle desempenhou plenamente.

Por ultimo, deu-lhe 600$ rs. e pediu-lhe que os fosse depositar na caixa, trazendo lhe os competentes conhecimentos.

O melro, que por mais de uma vez se tinha mostrado fiel, embolsou os cobres e adeus minha onça, bateu azas e voou.

—Foi o inimigo que o tentou; do contrario teria fugido quando teve maior quantia em seu poder.

—Agora a policia anda em busca delle sem o poder encontrar.

—Deve estar por ahi mesmo; a quantia é muito diminuta.

—Dizem que sim; tem sido visto em algumas casas de jogo onde está debandando o dinheiro.

—Ah! este maldito é a perdição de muita gente.

—Entretanto houve quem se lembrasse de sanccionar tão fatal vicio, convertendo os outros onde elle se desenvolve em receita de renda publica!

—Mas o que faz a policia
Com seus caixões de sabão?
—Não sabe? Varre as ruas
E depois alimpa o chão.

—Que cravo! E' bem custoso
De roer esse pastel!
—Não sei se fica-lhe bem
Exercer um tal papel.

—Fica, sim; que na limpeza,
Ella mettendo o focinho,
Mostra que é entendida
De tudo em seu bocadinho.

O passar das horas.

(*Continuação dos ns. 646—647.*)

Finalisamos o nosso artigo anterior nas doze horas do dia, e por isso cumpre agora continuar a descrever as seguintes horas, conforme suas applicações.

O sol que até agora subiu para chegar á cumieira do mundo, entra a descer.

Uma hora da tarde: é a occasião em que se fecham as academias, e os estudantes sahem esganados de fome; é a hora em que se acabam as audiencias; é a hora em que jantam os operarios; é a hora em que a gente civilisada toma banho e veste-se de roupa lavada para ir ao jantar; é a hora em que salvam as fortalezas quando ha gala; e é a hora em que se estende a toalha na mesa e se arrumam os talheres.

Duas horas da tarde: horas em que os empregados publicos ficam anciosos á espera da sahida; hora em que janta toda a classe média; hora em que as cosinhas estão em barulho com as tiradas das comidas e lavagem dos pratos; hora em que nas casas ha mais silencio, porque estão todos com as boccas occupadas; hora em que se bate o prégo para principiar o trabalho nas officinas; hora em que se brada ás armas e mudam-se as sentinellas.

Tres horas da tarde: hora em que as ruas tem mais concurrencia; hora em que as moças mais incommodam os moleques de casa para levarem as respostas dos escriptos, emquanto os paes estão dormindo a sésta; hora em que os cães e gatos de casa estão roendo os ossos da carne, ou espinhas de peixe que ficaram da mesa; hora em que o *petit-maitre* escreve a toda pressa ao amigo para lhe emprestar o cavallo, porque quer ir á tarde passar bem esquipado pela casa da namorada; hora em que as mulheres de vida *alegre* arrotam *triste* o bacalhau e o bobó que comeram ao jantar; hora em que o comico recorda o papel que tem de representar á noite no theatro, fazendo accionados de bufo ou de soberano; hora em que os frades estão roncando do somno adquirido pelo vinho que mamaram no refeitorio; hora em que os empregados publicos saboream na casa da mulher, ou da amada, os fructos de suas economias, ou as ruinas do estado.

Quatro horas: hora em que as moças principiam a desembaraçar o cabello, a catar lendeas, e a pentear-se para chegarem á janella; hora em que os conegos vão para a cathedral cantarolar; é a hora em que os meninos e moleques vão pescar sirís para sustento das mulheres de mantilha; é a hora em que jantam os ricos e fidalgos; é a hora em que o imperador dá audiencia; é a hora em que se dão os passeios de carros; é a hora para que se fazem convites de enterro.

Cinco horas: hora da amenidade, em que

se vae tomar fresco nos jardins e gozar das flores, que nesta occasião estão mais alegres, porque recebem a aragem suave da tarde que lhes mitiga a ardencia do sol que receberam todo dia; é a hora em que a rapazeada solteira vae tomar café no hotel e fumar charutos de Havana; é a hora em que as janellas das casas apresentam um quadro de variedades; porque ali apparecem moças bonitas, bem vestidas e penteadas, velhas narigudas de touca e meninas boliçosas; é a hora em que se deita torcida nova e kerosene nos lampeões das boticas, lojas, tabernas, etc.; é a hora em que os tarugos vão conversar nos assentos de S. Bento.

Seis horas da tarde: hora da saudade! hora triste da bocca da noite, contraste da aurora! hora em que os passaros voam ligeiros procurando os ninhos; hora em que o lavrador, ou trabalhador do campo, recolhe-se á casa, fatigado, com a enchada coberta ainda da terra em que trabalhou; hora em que batem as Ave-Maria no sino da matriz; hora em que canta a cigarra ciciando entre a escura folhagem do bosque; hora em que se arreiam as bandeiras e se acendem as velas das casas e dos pharóes; hora em que as gallinhas e os perús sobem para os poleiros; hora em que se recolhem os homens bem casados para abraçarem suas esposas; hora em que os homens economicos vestem casacas velhas e calçam sapatos rotos, para irem conversar as novidades do dia nas lojas de sapatos e boticas.

Sete horas: já é noite fechada, estão todas as velas acezas, as familias civilisadas nas salas de jantar ou nas varandas coçando as pernas: principia o recreio na sociedade: os homens serios jogam o voltarete, as senhoras polidas tocam piano, e o *petit-maitre* conta petas e faz elogios vaidosos á moça por quem se derrete.

Dão oito horas: ahi vem o chá com todo seu estado-maior de assucareiro, fatias, bolinhos etc., reune-se a gente para o centro da sala, e a fabricante do chá divide o assucar, e toda macia e requebrada principia a cortejar as chicaras com o bico do bule; comem-se as fatias de pão por serem menos fastidiosas, petisca-se algum bolinho, e depois de discutida a materia da ceia levanta-se a sessão; findo este acto, segue-se o entremez dos criados, que no interior da casa comem as sobras dos bolos, e escorrupixam o resto do chá que vae no bule. Nesta hora começam a se reunir os jogadores chamados da *roda-alta*.

Dão nove horas: e lá de um canto o espivitado cavalheiro abre o relogio de ouro para ver que horas são, e considerando que já aproveitou o que havia, pede a uma senhora para lhe tocar algum pedaço da *Vasco da Gama;* e ás nove horas é a hora em que se toca a recolher nos quarteis e corpos da guarda; é a hora em que as familias pobres fecham a sua porta da rua; é a hora em que se vão deitar os meninos mal-creados e os estudantes mandriões; é a hora em que se põe ao fogo o caldeirão para ter agua quente que deve servir no banho para as moças quando se recolhem aos seus quartos.

Dez horas da noite: hora em que toca o silencio nas corporações militares; hora em que se fecham os botequins, boticas, etc.; hora em que os jogadores de bilhar ficam mais esquentados com o calor dos candieiros; hora em que se lavam os penicos.

Onze horas: é a hora em que os ladrões sahem de seus covís, munidos de ferramenta, para arrombarem as portas e roubarem o ouro que pilham; é a hora em que se fecham as ultimas portas e janellas; é a hora em que as moças dão gargalhadas dentro dos quartos fechadas umas com as outras; é a hora em que a mulher abelhuda está por dentro da rotula, ás escuras, espiando o que se passa para no outro dia espalhar.

Doze horas (meia noite): é a hora do silencio melancholico; hora em que apparece um theatro phantasmagorico na imaginação do poeta; hora em que o gallo garganteador cantou e avisou ao mundo inteiro que era nascido o nosso Redemptor, o Senhor do Universo, o Poder Infinito! E' a hora em que se mudam as rondas; é a hora em que o homem pensativo calcula a sua vida, e considera nas vicissitudes deste mundo; é a hora em que as ondas do mar mais saudosas se espreguiçam sobre as areias da praia!

E basta de fallar em horas: é meia noite, vou dormir para acordar cedo, porque tenho de receber um almoço de mingau de tapioca que uma moça bonita prometteu mandar-me muito cedinho.

A PEDIDO

—O Sr. Domingos de Castro Rabello é um dos muitos, que assignaram para a publicação do Rocambole e se tornaram marralheiros.

Indo o cobrador, segunda-feira, receber a importancia, de recibos vencidos, disse o polido moço que era esperteza dos edictores quererem dinheiro sem continuarem com a publicação; que semelhante maneira cheirava a ladroeira, e que só pagaria si a publicação sahisse para diante.

—Ora isto so se podia classificar de duas maneiras: estupidez ou velhacaria.

—O caxeiro repellin, como merecia, a insolencia do Sr. Castro Rebello e retirou-se; mas este, encontrando-o depois na rua da Misericordia, insultou-o de novo, do que resultou andarem aos tombos e ir preso o caxeiro.

—Mais este incommodo!

—Como o Sr. Castro Rabello se nega a pagar o que deve, desculpando-se com o pretexto de não proseguir a impressão do Rocambole, lhe daremos aqui, como satisfacção, as razões que actuam para isso.

Os edictores suspenderam a publicação, porque o numero dos velhacos e marralheiros é excessivo; ha delles que devem 4, 6, 8 e 10 series e muitos que nunca pagaram vintem.

Desta maneira não ha empreza que se possa sustentar, mórmente n'uma terra onde o numero dos que lêem é tão decrescido e ninguem de certo quer trabalhar para o bispo.

Logo que realisem alguma cobrança, continuarão, em satisfação aos assignantes pontuaes, em cujo numero não entra o Sr. Domingos de Castro Rabello.

—Consta que houve grande alvoroço no collegio; mas verificada a causa não era sinão nada.

—Conte-me esta anecdota.

—Um menino, descendo a commua, apercebeu de longe um objecto reluzente, scintillante, que lhe pareceram os olhos de uma *onça*. Julgando que ia ser ali comido pelo carnivoro animal, poz-se a bradar por soccorro.

Houve grande reboliço; mas por fim de contas a tal onça não passava de um formidavel e lustroso *formigão*, que mui quietamente passeiava na latrina.

—Quer saber, Sr. *Correia?* Va contar broeas ao *Almeida* do trem, que esta não me entra na cacholla.

Ao mordomo da Recreativa que lance suas vistas sob seus caxeiros que dão em meter mulheres da ultima classe para dormir, a ponto de emcomodarem as pessoas que tranzitam com patiadas, como fez coma deidade que vem da victoria todos os dias fallar e dormir ahi, com um moço de cabeleira, e isto é um discredido para a mesma.

Um que vio.

—Capitão, V. Ex. conhece o Quinquim Conde d'Eu?

—Pois não; é um homem que tem negocio no *Saldanha do Paço*. E o que tem V. com elle?

—Nada, capitão; somente venho participar-lhe que esse homem tomou para caxorro o caturra Mané gostoso, o qual é um refinado ladrão.

—Pois elle que se previna com o tratante, si não quer soffrer a mesma ronca que já tem levado alguns.

—Sr. capitão, rogo a V. Ex. que mande o muxingueiro applicar no supradito Mané gostoso trinta e quatro mil quatrocentos e quarenta calabrotadas.

—Vae ser attendido, Sr. balanceador.

(*Continúa.*)

Leva-se ao conhecimento do Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, que no becco do Araçá, n. 48, reune-se uma quadrilha de empalmadores, com o fim de extorquir dinheiro, por meio de jogos fraudulentos, de pessoas inexperientes que são para ali levadas e illudidas por artificiosos pretextos, como por exemplo, ver um objecto para comprar, etc. Portanto, espera-se que S. S., dando naquelle ninho de ratos, os faça dispersar em busca de melhor meio de vida.

VARIEDADES.

Rasgo hespanhol.

Um hespanhol lamentando a sorte de um irmão, e exaltando as valentias do mesmo, disse:

Deus de certo o matou á falsa fé, porque de frente não seria homem para elle!

Este era como todos *arrojado* em fanfarronadas!

Uma coquette vae asssistir no theatro a representação dos *Homens do mar:*

—Onde vaes hoje tão tafula, Dondon?

—Vou aos homens *do mar*, Sr. Dr.

Um procurador nunca passava diante da porta de um sapateiro, que este não se pozesse a rir. O procurador, picado, perguntou-lhe um dia asperamente, porque ria todas as vezes que passava diante delle; o sapateiro respondeu-lhe no mesmo tom: «porque razão passa Vm. diante de mim todas as vezes que eu rio?

ANNUNCIOS.

O caixeiro da venda á Estrada Nova, esquina do Caminho Novo, convida a alguns Srs. musicos do corpo policial para que vão solver seus debitos na dita venda, afim de não se ver constrangido a chamal-os nominalmente ao cumprimento desse dever. Bahia 9 de março de 1870.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 62.ª SEGUNDA-FEIRA 14 DE MARÇO. N. 620.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de março de 1870.

Não houve expediente.

—Hontem toda esta cidade ergueu-se em um so pensamento, como si tocada fôra por uma machina electrica.

Era o povo, que fremente de jubilo, corria a receber nos braços seus irmãos de volta das fadigas da guerra.

As 7 horas da manhan magestosamente sulcava as agoas desta formosa bahia, o transporte *Galgo,* conductor de 380 bravos, verdadeiras reliquias da patria, parte resumida dessa preciosa e immensa legião de cidadãos que daqui partiram ao brado arquejante da patria ultrajada, e que la ficaram sepultados nos *esteros*.

Como de improviso, a cidade cobriu-se de galas.

Em um momento o vapor estava rodeado de escaleres, onde aquelles que esperavam um ente charo ao coração, apressavam-se em mitigar a anciedade.

As dez horas desembarcados no arsenal, ao atroar do canhão, que os saudava, debaixo das ovações populares, que tocava ao delirio do enthusiasmo, e dos cumprimentos militares prestados por uma brigada para tal fim ahi postada, desfilaram esses filhos queridos da patria, cobertos de patrioticas acclamações, versos e flores, por diversas ruas da cidade até a praça de palacio, de onde, depois de alguma demora regressaram para o Barbalho, quartel que lhes fôra destinado.

No arsenal de guerra deu-se uma scena enternecedora, que, no labyrintho, passou despercebida a muita gente.

Uma mulher, velha, fôra ver si no meio dos que voltavam viria um seu afilhado, que sabia estar vivo, quando das fileiras sahe um homem que a abraça; era um filho por quem já deitara lucto e que contava por morto ha dous annos.

A pobre mulher tornou-se muda, estatica e só manifestava sua alegria pelas lagrimas que lhe corriam dos olhos.

Houveram discursos, allocuções e poesias.

Algumas philarmonicas prestaram-se tambem em homenagem aos voluntarios.

Si tudo isso não é uma recompensa ao muito que merecem esses denodados cidadãos, ao menos recebam essas demonstrações como uma prova da gratidão nacional.

—Um padre capuchinho pregou outro dia no collegio contra a religião do coração, como absurda e impraticavel.

Disse que a unica maneira agradavel a Deus para honral-o e veneral-o, eram as praticas exteriores: as reuniões nas egrejas, as missas, as festas, as procissões; etc.

—Vejamos entretanto, si é isso mesmo que Jesus Christo quer.

Ouçamos as palavras que S. Matheus, no seu Evangelho, cap. 6, v. 5, põe na bocca do Divino Messias:

. . . . . .

«Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechada a porta, ora a teu Pae em secreto: e teu Pae, que vê o que tu fazes em secreto, te dará a paga.

« . . . . . .

«Assim, pois, é que vós haveis de orar:—Padre nosso, que estás no ceu, etc.»

—N'uma palavra: completo recolhimento, para que não faça estrondo, para que delle não transpire o menor echo, para que seja inteiramente ignorado por todos—tal a recommendação, tal a vontade de Jesus Christo.

As fontes da contricção não se abrem livremente quando se está debaixo das vistas da multidão.

—Não somos contrarios as praticas do culto divino; mas entendemos que não é so por meio dellas que se pode servir e adorar a Deus; nem são ellas que conduzem ao caminho da salvação.

... [illegible] de se

—Do que serve estar na egreja batendo nos peitos, ou de braços abertos, sem se lembrar de nossos irmãos necessitados? do que serve entrar na morada do Senhor com o coração requeimado de odio ao proximo, meditando projectos de vingança? planeando a perdição da virgem, a ruina da viuva?

—Mas o que são entre nós as procissões, por exemplo, sinão um acto de mera ostentação e luxo?

Serão ellas por accaso, incentivo as boas obras? modificarão os costumes, refrearão os vicios e maus habitos?

Não: por que nas proccissões o que se vê em larga escala é o escandalo, a blasphemia, a irreverencia a Deus.

—A procissão de Passos, que pela santidade do mysterio venerando que symbolisa, devia ser um acto respeitado, é uma prova cabal.

Limitemo-nos as scenas deste anno.

Os empurrões, as quedas, as pragas, os assovios dos moleques, é o quadro com que se principia a commemorar a paixão do Redemptor, no accompanhamento da Imagem d'Ajuda para a Sé.

A' noite, a crapula, a bebedeira, o deboche no exterior do templo; no interior, as mulheres esbofeteando-se por causa de logar, os ditos virulentos, a mocidade libertina praticando indecentes desenvolturas; um homem levando a audacia do desacato ao cumulo de chicotear uma mulher dentro do templo!

No dia immediato, a massa ignorante commette toda casta de irreligiosidade; uma vozeria infrene, ditos obscenos, allusões impias, phrases impuras, gestos deshonestos, grupos de mulheres dissolutas em completa licenciosidade, como si estivessem em uma orgia; as *deidades azevichadas* atraz da charola da Virgem, ouvindo os protestos dos *adonis;* os soldados ja tocados de *espirito,* divertem-se em atirar o povo ao chão á coices de espingarda, sendo preciso para contel-os, que os superiores prendam alguns; no acto do recolhimento a mais desordenada confusão, mulheres estropiadas, creanças pisadas, rancorosas imprecações, a cavallaria fazendo uso de suas armas, para conter o desenfreamento da turba, e como remate desse acervo de escandalos e torpezas, dous irmãos, de capa, rolam aos sopopos, dentro da egreja, mesmo ao pé do andor do Senhor!

—Quanta gente apinhada ali na rua Direita de Palacio!

—O que será?

—São dous filhos do Sr. Fialho que estão [illegible] Calazans.

O mais moço puchou-lhe as barbas, metteu-lhe o sipo de rego que trazia; o mais velho confessa que se emborrachou de proposito, somente para brigar com Calazans, e entende ir para a Praça afim de recomeçar o seu *duello* e mostrar a Calazans que elle é sufficiente para fazel-o saber respeitar as familias.

—Ah! é negocio de familia, de vida privada.... não temos nada com isso, por lá se avenham!

—Agora, o que me faz admirar é que este barulho ja rola a tanto tempo e não apparece a policia!

—Tambem V. de tudo se admira! Que lhe importa isso?

Vamo-nos embora, vamos dar uma volta pelo globo terrestre.

.....

—Que horas serão?

—Onze horas mais ou menos.

—Chegamos até o Terreiro de Jesus.

—Oh! outro barulho ali!

—Approximemo-nos.....

«—Que é isto, amigo?

«—Não ha mais nada, está tudo acabado.

«—Mas o que houve?

«—Um moço de nome Geminiano entrou em casa de uma meretriz, no Maciel, o *adonis* da sujeita espreitou até elle sahir, e queria dar-lhe uma facada, e teria dado, si não apparecesse logo quem acommodasse as cousas!

«—Que pilheria!

«—A policia não compareceu n'este conflicto?

«—Compareceu depois de tudo acabado e os sujeitos em suas casas, parece-me que até ja dormindo.»

—Meia volta a direita, dobrado, marcha.

.....

—Rua Direita de Palacio.

—Como que ouço gritos ali para o becco de Maria Pires?

—Ha de ser o Cyriaco que ja está debaixo dos aguaceiros.

—Ja agora vamos ver.

.....

—Oh! que horrivel diccionario de termos obscenos folhea elle!

—Em quem será aquella descompostura?

—E' em umas mulheres que moram por cima delle, que o chamaram de *bode, negro* e prometteram mandar metter o chicote!

—E porque?

—Porque elle gracejando com a creoula Lucrecia que mora defronte, e ella dizendo que gostava muito de maroto, elle disse:

Molestia de pinto é gôgo,
Cobertor de maroto é fogo.

A estas palavras ellas tomaram-se, e o mimosearam com o vocabulario de obscenidades que V. ouviu!

—E ainda ha quem va se pôr com um homem que está debaixo das agoas.

Quantos barulhos!

—Aqui mesmo neste becco se deu um caso importante ha poucos minutos.

—O que foi?

—Um sujeito queria que uma mulher satisfizesse-lhe certos desejos ao clarão das estrellas.

—Safa!

Que dia é hoje?

—Quarta feira 9 de março.

—Eu vou para casa ver na folhinha si hoje é dia aziago.

—O Sr. brigadeiro Farias Rocha, indo agradecer ao imperador a recepçao que tivera a primeira brigada de voluntarios, disse que toda ella se achava satisfeita, o que motivou que os officiaes da mesma mandassem para a *Reforma* o seguinte artigo, publicado no 1º do corrente:

«Hontem foram cumprimentar a sua magestade o imperador, em sua quinta de S. Christovam, o Exm. Sr. general commandante da brigada de voluntarios com sua officialidade. Nessa occasião, S. Ex. depois de ter agradecido a brilhante e honrosa recepção feita aos voluntarios, manifestou em nome de todos os officiaes, que os *voluntarios se achavam satisfeitos*.

«Não podemos concordar com este topico da allocução de S. Ex.

«Os officiaes de voluntarios estão, é verdade, satisfeitos, não com as recompensas do governo imperial, mas sim por terem consciencia do inteiro cumprimento do mais penoso dos deveres do cidadão e pelas demonstrações de alegria, com que o povo os recebeu: estão satisfeitos, por terem voltado da campanha ainda com forças para ganharem o pão da subsistencia; porque do contrario ver-se-hiam obrigados a mendigar, como seus infelizes camaradas que voltaram mutilados; estão contentes com as honras de posto concedidas aos chefes da brigada, porque esses distinctos cidadãos tem relevantes serviços prestados á causa nacional nos campos da batalha; mas tambem estão alarmados com a sorte que os aguarda, quando forem dispensados das commissões que ora occupam, porque ficarão sujeitos aos caprichos de qualquer esbirro de policia, que pode submettel-os aos crueis tratamentos, que soe dispensar-se aos cidadãos.

«Os officiees esperam, que se estendam até elles, as graças concedidas a seus chefes por decreto do 23 do corrente.»

—Para que tres soldados de policia toda noite a porta do Campo Santo?

Sem duvida, velam para que os habitantes da cidade dos mortos não saiam a passear entre os vivos.

—Eu creio que por ali anda mesmo negocio de *alma do outro mundo*.

—Os varredores da policia adoptaram um systema muito commodo de aceiarem as ruas.

—O que é para melhor serve.

—Consiste em reduzir a cinzas o lixo das ruas.

São fumegações hygienicas que o povo recebe.

—Isto é um falso testemunho que V. levanta. Eu tenho visto o Malhado incessantemente com seus quatro carriteis ás voltas, no desempenho de sua insana tarefa.

—E eu lhe digo que ainda hontem fizeram tres fogueiras na ladeira da Gameleira, cujo fumo exhalava um cheiro suffocante.

—Olhe que V. falla pelos cotovellos!

—Capitão, no sabbado, no largo do Theatro, na occasião em que passava o brigadeiro Faria Rocha para ir descançar no seio de sua familia das fadigas da guerra, um portuguez deu uma dentada no olho de um pardo de nome Mangaba, deixando-o bastante maltratado.

—E não foi preso?

—Um capitão de policia deu-lhe ordem de prisão, e seguiu com elle de braço dado, agora si aquillo foi apenas formalidades, é o que ignoro.

Saudação aos soldados da patria.

Teus filhos voltam da guerra,
Vem oh Bahia abraçal-os,
Vem alegre coroal-os
Das lindas flores que a terra
Produziu para adornal-os!

Merecem toda ovação
Tão bravos leaes soldados,
Que nas luctas denodados
Voltam ao patrio torrão
Pelo ceu abençoados.

Da longa penosa ausencia
Da patria sempre querida,
Que tanto amargura a vida,
Hoje se acaba a violencia,
Perece a saudade infida.

De ver-vos porem de novo,
Oh que tamanha alegria
Tem os filhos da Bahia!
O enthusiasmo do povo
Quanto é grande neste dia!

Vinde pois, oh! meus patricios,
E eu quero vos abraçar,
De prazer quero chorar;
Já livre dos precipicios
Vos vejo a patria voltar.

A PEDIDO

Estes rapazes d'agora
Não namoram á moça pobre,
Só procuram moça rica,
P'ra se casarem com o cobre.

Embora filha d'Africa,
—Que importa ser africana!
Elles só querem dinheiro
Com que lhes fartem a gana.

Si a moça tem dinheiro,
—Que importa a jerarchia!
Que importa que d'algum rico
Tivesse sido ella cria!

Quem quizer que os censure,
Isso pois não os consome,
Só fallam delles aquelles
Que de dinheiro tem *fome*.

Moça pobre fica em casa,
Trabalhando noite e dia,
Consolando-se com a sorte
Que a distinou p'ra *tia*.

Moça pobre não se casa,
Porque não acha com quem,
Pois os rapazes d'agora
Só querem moça que tem.

—As familias pobres estão expostas ao insulto de um patife, ocioso como um bode.

E' o bandalho ver moça em janella de loja, ou casa baixa, vae varando.

—E' porque ainda não achou uma cóça que lhe abaixe o fogo.

—De ordinario os chefes estão em suas occupações.

—Quem procura acha.

—E' o Moscoso maluco, um licencioso e devasso.

—Ja ouvi fallar nesse garanhão; um que tem um filho por quem manda dizer chufas ás moças.

—Quarta-feira á noite o cão fraldiqueiro invadiu, na rua do Tijollo, a casa de uma senhora que vive com sua filha, e cujo chefe está fora da terra, e pertinazmente queria ser recebido por mais que a dona da casa instasse para que sahisse.

—O remedio mais prompto que eu vejo, é o muxingeiro passar-lhe a taca no delambido carão.

—*Agulha branca*, não é assim que se come o dinheiro da nação.

—Estou parafusando como hei de tirar daqui a planta do *passo da patria*.

—V. o que está é namorando das janellas do erario, *camello*.

—Sr., vim tomar folego; o trabalho é muito pesado.

—Pesados são os impostos que se arrancam ao povo, para as harpyas insaciaveis do thesouro devorarem neste e outros passa-tempo.

VARIEDADES.

Vantagens que tem o somitego.

O somitego nunca soffre indigestão, por que nunca ceia sob o pretexto de que lhe faz mal, e no jantar tambem não gosta muito de variedades, com o mesmo pretexto.

Não come fructas, por que perturba as funcções digestivas, lhe faz mal.

Não come carne de porco, carneiro, roballo, cioba e outras comidas mais caras por que lhe fazem mal ás caseiras.

Não bebe vinho ou outra bebida (em sua casa bem entendido) por que tem receio de ficar com o vicio da embriaguez.

Não toma café á tarde por que é um vicio que se pode dispensar.

Não fuma nem toma rapé porque acha feio.

Não veste roupa de casimira ou panno, por que lhe fazem mal as caseiras; prefere o brim de algodão...

Não empresta dinheiro a ninguem, por que apenas lhe chega qualquer pessoa em casa, vae recebendo a *visita* com uma choradeira horrivel, de maneira que, ainda que o visitante tenha a idea de pedir-lhe alguma cousa, desanima e não diz palavra sobre o pedido.

Não gosta de botinas por que encommoda-lhe os pés; prefere os sapatos, com os quaes anda mais a gosto.

Não assigna jornas por que nunca tem tempo de ler; quando quer saber alguma, noticia, pede os jornaes dos visinhos.

Não assigna subscripção alguma por que todos ja sabem quem elle é, e por isso não se cançam em procural-o.

Não faz beneficio a ninguem, por que diz logo que—o dia do beneficio é a vespera da ingratidão.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1876.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª TERÇA-FEIRA 15 DE MARÇO. N. 624.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de março de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, para que mande acabar com a jogatina que ha todas as tardes, em baixo do telheiro do consulado; o que espera-se.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, para que, igualmente, acabe com uma dessas perniciosas cafurnas, pertencente a um tal João Candido da Familia, ao Castanheda, onde, ainda ha puco, um guarda policial perdeu o soldo dos companheiros que levava.

—Que soldados de cara dura!

—São de Brotas todos dous.

—Comem o doce da pobre preta, que tem de dar contas de si, e embarafustam pela multidão.

—Mas ella deixou a caixinha e vae atraz delles pela Praça bradando pelo dinheiro.

—E com este reprehensivel procedimento desacreditam a seus companheiros; porque quando se disser—os soldados de Brotas andam roubando doce nas caixinhas—não se sabe qual foi.

—Si eu conhecesse o commandante delles, pedia-lhe que, por credito de seu batalhão, procurasse evitar semelhante vergonha, fazendo por descobrir seus authores e punindo-os.

—O que lhe affiança é que não é nenhum dos que estão de guarda em palacio hoje, dia da chegada dos voluntarios, porque todos estão de fardão, e aquelles são dous creoulos de blusa.

—Por que prendem esta mocinha?

—Consequencias do novo aceio da cidade.

—Então contrariou as ordens da policia?

—Involuntariamente.

E' uma familia, pobre como Job, composta de mãe e filha; habitam na ladeira que do Castanheda vae para a das Hortas, em um limitado albergue onde porém a deshonra ainda não penetrou.

A pobre familia que não tem posses para ler jornaes, não sabe onde é que se deve deitar o cisco, mesmo que a policia ainda não marcou logar, e a postura da camara so falla de sujidade.

Entenderam pois, com a nova ordem de cousas, que varrendo sua casa e ajuntando o cisco em uma trouxa, indo á noite deital-o na estrada, procediam muito bem. Mas eis que a patrulha, como está V. vendo, prende-as.

—E terá animo de metter na cadeia, as 11 horas da noite, uma moça virgem?

—Tanto tem que quer leval-a.

—Ha cousas que revoltam! Eu vou-me embora daqui para não ver o resultado de semelhante injustiça.

—Não se pode dar maior deshumanidade! Estas irmans de charidade são umas mulheres sem alma!

—Realmente so quem não tem alma pratica tamanha barbaridade.

—N'uma manhan chuvosa, como esta de hoje, segunda feira, atirarem na rua uma mulher neste estado.

—A infeliz por não poder se levantar, jaz sobre a frialdade das pedras.

—E dizem ellas que a molestia é incuravel; que a doente não ha de ficar no hospital toda vida.

—Entretanto olhe para aquelle pé; está todo carcomido.

—Para que dizer-se que a Bahia possue um hospital de charidade, si nelle se atira a pobreza no lagedo da rua como um cachorro?

—Eu o que lhe digo é que a charidade destas mulheres atiradas no fundo do mar, não se perde nada.

—V. me diz uma cousa?

—Si souber.

—As educandas do SS. Coração de Jesus, á Cova da Onça, vão para ali aprender a horticultura?

—Gentes, que lembrança!

Aprendem instrucção elementar, doutrina christan, trabalhos domesticos, prendas de agulha, etc.

—Mas eu vejo as meninas expostas ao rigor do sol, trabalhando no quintal, molhando plantas, cavando terra, capinando, cardo regando estrume e até vindo a porteira despejar cisco.

—V. é um fabulista.

—Está duvidando do serio? Pois indague pela visinhança para ver se eu minto ou fallo verdade.

—Os quarteis da Palma e Mouraria estão em alarma.

—Rivalidades de batalhões.

—Ja no sabbado uma patrulha tinha sido espancada na ladeira da Praça.

Domingo houveram tres conflictos; por tres vezes vieram as mãos praças dos dous corpos, tomando parte, segundo consta, até officiaes; os resultados seriam funestissimos, si sempre em taes occasiões não apparecesse um animo prudente para accommodar aos exaltados.

—Do quartel da Palma partiu uma força que acampou na baixa da ladeira da Saúde.

Em Guadalupe uma força commandada pelo tenente Bernardino encontrou dous policiaes e os obrigou a varar por uma casa.

—Tambem ouvi dizer que um piquete de policia esteve postado nas immediações do quartel da Palma.

—Quanta indisciplina! quanta falta de ordem!

—Sempre que o 5.º batalhão aquartella ha turras com a policia.

—Desde sexta feira de Passos estão de rixa e so procurando motivo de parte a parte.

Neese dia estiveram de proposito praças de policia collocadas no Pau da Bandeira e de Brotas nos arcos da camara.

—Tudo isto revela um triste estado de cousas.

—O que é urgente é: que quem tem a seu cargo a execução da lei e manutenção da ordem, assuma uma attitude energica e decidida, afim de reprimir essas tumultuarias scenas que convertem a cidade em uma aldeiola, onde dous bandos rivaes se accommettem a qualquer hora sem respeito a lei.

A PEDIDO

—Capitão, quero lhe contar um caso celebre.

—Conte-o.

—Um sujeito filho de uma ilha cercada de *maré*, trouxe uma filha e uma afilhada e recolheu-as no mosteiro em que é prebendado o ermitão *Villas-más*.

O ermitão ao ver a afilhada do homem, cubiçou-a, e fez com que a moça vivesse só se confessando, confissões estas que deu em resultado a moça desapparecer do mosteiro, sem que o padrinho possa descobrir onde ella esteja, porque apenas a *madre-governadora* disse que ella tinha sahido para tomar ares, mas não disse ao padrinho da moça, o logar, nem a casa para que ella foi; porem elle sabe de pessoa de dentro do mosteiro mesmo, que o ermitão *Villas-mas*, foi quem a seduziu e a raptou.

—E que faz elle que não trata de arrancar a mascara a este ministro hypocrita?

—Diz elle que vae ao chefe de policia se queixar sobre este facto, porque indo ao ermitão pedir-lhe conta de sua afilhada, este o ameaçou com a pena de excommunhão.

—Olhe que hypocrita!

De que mosteiro é este jesuita capellão?

—Depois lhe direi.

—E porque não diz logo?

—Valha-me *Nossa Senhora das Mercez* com V. Ex.ª

Tenha um pouco de paciencia, que eu pretendo voltar e então lhe direi de que mosteiro é elle capellão!

—E são assim estes padres! Fazem das suas e quando é depois ameaçam com a pena de excommunhão!

—No começo do seculo X, Guilherme II de Provença e sua mãe despojaram os monges de S. Gil dos bens que estes haviam usurpado ao povo.

Em castigo deste attentado o papa Benedicto VIII lançou contra Guilherme e sua mãe a excommunhão seguinte:

«Que não possam retirar-se nunca da companhia de Judas, Caiphaz, Anaz, Pilatos e Herodes;—que pereçam pela maldição dos anjos e experimentem a communhão de Satanaz na perdição de sua carne;—que recebam as maldições do alto, do baixo, do abysmo que está a seus pés;—que reunam a maldição celeste e terrestre;—que soffram ellas em seu corpo;—que suas almas sejam debilitadas;—que caiam na perdição e nos tormentos; que sejam malditos como os malditos e pereçam como os soberbos;—malditos como os judeus que não creem no Senhor e quizeram sacrifical-o;—malditos como os hereges que intentam derribar a egreja de Deus;—malditos como os condemnados no inferno;—malditos como os impios e os peccadores, sinão se emendarem fazendo uma reparação a S. Gil;—que sejam malditos no oriente, abandonados no ocidente, anatematisados no

norte e excommungados no meio-dia;—malditos de dia e excommungado de noite, e excommungados quando estiverem em pé, malditos e excommungados quando estiverem sentados;—malditos quando estiverem comendo e excommungados quando estiverem bebendo; malditos quando estiverem trabalhando e excommungados quando estiverem descançandos; malditos na primavera e excommungados no inverno; malditos no presente e excommungados nos seculos vindouros;—que os estranhos invadam seus bens; que suas mulheres caminhem a sua perdição; que seus filhos pereçam pelo ferro;—malditos sejam seus alimentos; malditos sejam os restos desses alimentos e aquelles que comerem d'elles.

«Excommungado seja o sacerdote que lhes der o corpo e o sangue do Senhor, ou que os visitar em suas enfermidades, ou que os levar á sepultura, ou que pretender enterral-os; — em summa, malditos sejam com todas as maldições possiveis.»

—Quanta piedade tem tido a egreja romana para com seus filhos!

—E isto chama-se — *caridade catholica romana.*

—E são ESTES os que estão encarregados de PREGAR a PAZ, a CARIDADE, o PERDÃO das OFFENSAS e o AMOR DO PROXIMO? !!

Oh! meu *padre* S. *Francisco,*
Mudae do *José* a sina,
Que até vae comer sequilhos
Lá em baixo na sentina.

Mas si elle estiver
Deste vicio atado á peia,
Fazei-o mudar de vida
Com vossa santa *correia.*

Ou dae-lhe por penitencia
Que vá limpar os monturos,
Recolhendo certa cousa
Que se encontra ao pé dos muros.

O Almeida.

—Prompto, capitão.

—O que é, rapaz?

—Uma novidade importante, capitão.

—Vão ver que é alguma cousa que não é de tua conta.

—Mas, capitão, é um sujeito que abandona sua virtuosa mulher, para andar em orgias por casa das mulheres de *boa vida,* em companhia de uns certos *papa-pão.*

—E tu o que tens com a vida alheia?

—Me doe, capitão, ver um homem desprezar sua esposa, sem o merecer, por deboches, maltratando-a por causa de mulheres perdidas e até dando ousadia as suas proprias escravas para que não a respeitem.

—São negocios de familia, que ninguem tem que se metter nelles.

—Toda familia reprova a maneira porque elle trata a pobre senhora.

Tanto que ella se acha recolhida á casa de um irmão do cujo, onde, nem assim, está livre de que elle a difame, pretendendo por meio tão indigno justificar seu mau procedimento.

—Que tal é o *Cazuza,* rapaz!

—Eu lembrei-me de ir ao *M...* pedir-lhe que elle fosse ao padrinho do cujo, que é o *Silva,* e mora ao pé de um *genipapeiro,* para ver se consegnia que elle recuasse do caminho errado em que vae.

—Muito cuidado te dá este negocio.

—E' porque estou sempre na loja do *sobrinho* delle, e o tenho ouvido dizer que a baderna é que o bota a perder.

Alem disso consta-me que elle está arranjando uma bandalheira, a que chama—*pôr as cousas em pratos limpos*—para depois divorciar-se.

—Mas a justiça está ahi.

—Pois se elle tem até o arrojo de dizer que conseguirá tudo, porque a justiça tem cara de cêra e se amolga.

—Si em todas as classes não houvessem fézes, elle não seria a escoria dos casados; mas nem por isso julgue que seu dinheiro chega para comprar a todos os juizes.

Um dia depois do outro.

Eu Maria *Cabocolinha,* que moro na descida dos Terceiros da Penitencia, casa cinco vezes nove, do meu lado esquerdo, declaro que fiz presente a uma pessoa, a quem muito estimei, de um grande e monstruoso objecto, o qual não posso dar a todos porque tenho grande prejuizo, por alguns dias, mas esquecendo a dor e a vergonha, tive de me reunir com um soldado que foi de *permanentes,* homem no nome, muito descarado, ladrão, mau filho para sua mãe, tratante e fallador, cuja lingua so frita em azeite de peixe, porque de todo mundo falla.

Insigne parasita não pode ver meza alheia que o peccado da gula não lhe assome ao coração.

Este animalejo é bastante conhecido pelo seu pessimo comportamento, e logo que eu lhe aponte o nome todos reconhecerão a verdade do que digo.

Por toda parte, o maldizente dá o que fazer a ferina lingoa e todos ja tem nojo de tanto descaro.

Eu *Cabocolinha* so sinto elle depor da pes-

... da necessidade de se

soa que mais estima me deu; mas, felizmente o procedimento dessa pessoa é tão conhecido que a baba do calumniador não lhe pega.

Este infame não tinha geito para soldado, porque andou sempre envolvido com frades.

Tenho muito que dizer desse infame; um caso quando era *sachristão do Boqueirinho*; o ouro roubado a uma mulher, pelo que uma pessoa o chamou ladrão, e elle quiz proceder contra, mas, á vista da prova, desistiu.

A familia que me creou, embora para me atirar no mundo, sabe bem disso.

Agora, minha *candonguinha*, V. que não vinha a minha casa por não gostar de gente seria, pode vir; e de mais, ha bons petiscos, adquiridos com a necessaria *decencia*. Não era o que V. queria? Tirar resultado de seu trabalho? Cumpri seus gostos.

Si eu fosse sua irman talvez V. se desvellasse mais por mim e não fosse a propria a contribuir para minha perdição, pretendendo fazer de mim uma mercadoria que se expõe a negocio....

Deus lhe pague.

V. me convidou para o dia 29 de novembro, não viu como procedi entre as familias?

Hei de voltar com mais calma, por que tenho sêde no tal soldado de policia.

Vivam minhas marrafas.

Eu sou como um pavão.

Sr. Redactor.—Lendo no *Alabama* n.º 618 uma censura a força de policia, destacada no Caes Dourado, pela maneira porque procedeu na prisão do celeberrimo Caboclo, vejo-me forçado a fazer algumas observações.

Caboclo é um homem perdido, cujo estado habitual é a turbulencia. No dia 6, embebedou-se, esbofeteou a diversas pessoas, atirou pedradas e fez mil proezas.

Alguem, por ver aquelle desatino, pediu auxilio na guarda para a prisão do rixoso; prisão a que elle resistiu tenazmente, animado por camaradas que procuravam dar-lhe escapula.

Quanto ao facto de ir conduzido nú, é costume de Caboclo logo que é preso rasgar a roupa do corpo e reluctar para vestir outra.

Caboclo nesse dia mesmo quasi mata a um moço funileiro, si a isso não lh'o impedisse algumas pessoas que correram em auxilio do aggredido.

Um energumeno, como Caboclo, não está no caso do cidadão pacifico, que recebendo a voz de preso, sujeita-se sem fazer questão, reservando-se para reclamar perante quem pode fazer justiça.

Alguns moradores da rua do Julião.

VARIEDADES.

O exame das primeiras lettras.

Sendo administrador do extincto conselho de Serafins, no districto de Viseu, o meu amigo Diogo Leite de Castro Pinto Castello Branco, teve ordem do governador civil, para fazer examinar perante si, pelo mestre regio do conselho, todos os individuos que ensinassem primeiras lettras sem que para isso estivessem habilitados.

Havia no lugar de Ventuzellas da freguezia de S. Thiago de... um que era cirurgião, e a quem o administrador officiou para que se fosse examinar.

A resposta ahi vae lettra por lettra:

Ill.mo Sr.

A Cuzo a Rececão do oficio do 12 de Abril do corrente mez de Abril em que me determinava me foce Examinar no dia 21 do corrente Abril a feira d'Nespreira do en Sino particular: o que venha detreminado no dito oficio por ordem de V. Sª. Segundo o que dizia o oficio que Recebi, e como não merece a pena de eu ter tão piqueno encomodo por tão piqueno interece que não merece a pena em Rezão de mais d'metade não pagar. Rezão por que dezisto do do dito en Sino particular, e não pelo Exame que não Reciava ce valece a pena.

Deos Guarde a V. Sª
18 de Abril de 1846.

Illm.mo Sr. adeministrador do Concelho de S. Fins.

O cirurgião, F.»

Vejam porque mãos andava a palmatoria e a lanceta!

A mulher não pode entrar no ceu.

Um taful pretendia que as mulheres não podiam entrar no ceu.

Perguntaram-lhe as razões em que justificava a sua opinião, e elle respondeu:

—No Apocalypse cap. 8.º ha um verso que diz:

«E houve no ceu um silencio que durou meia hora.» Nenhuma mulher pode estar calada tanto tempo e muito menos as raparigas.

ANNUNCIOS.

Manuel Friandes, mestre de obras de pedreiro, declara a seus freguezes e amigos que está morando no becco das Hostias, 190, onde pode ser procurado para qualquer trabalho de sua profissão.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª SESTA-FEIRA 18 DE MARÇO. Ns. 622 e 623.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de março de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que o afamado João das Mulatas, insigne membro do olho-vivo, está usando da criminosa industria de enfronhar-se em um uniforme de voluntario da patria, para por esse meio poder mais facilmente praticar das suas gentilezas, de conloio com os seus consocios. Pede-se a S. S. providencias contra semelhante especulação.

—Ao mesmo, para que tome medidas repressivas contra a companhia do olho-vivo, que tem a audacia de ir dentro da fortaleza do Barbalho fazer advinhações aladroadas para extorquir dinheiro dos voluntarios alli aquartelládos.

—Ao Illm. Sr. provedor dos orphãos de S. Joaquim, levando a seu conhecimento, a informação que nos trazem sobre o mau trato que dão áquellas infelizes creanças, como o de ficarem em jejum e prezos, por mais de vinte e quatro horas, dentro de um quarto escuro, alem de outros barbaros castigos, que são applicados ás pobres e desventuradas creaturas. Na convicção de que S. S. não tem sciencia de semelhantes actos de rigor, dando-se-lhe conhecimento, espera-se que dê promptas providencias.

—Muitas scenas tocantes se deram no dia da chegada dos voluntarios.

—Eu presenciei duas.

O batalhão desfillava pela rua das Princezas; ao chegar á travessa de Sancta Barbara, um soldado avistando a mãe, uma africana, sahiu da forma e dirigiu-se a ella:

«—Abenção, minha máe.»

A preta deslumbrada, de bocca aberta, com os olhos arregalados, encarava o filho sem poder articular palavra, em quanto este repetia-lhe: «abenção, minha mãe.»

Esta scena durou alguns segundos, até que uma companheira veio arranca-la do extasis em que jazia, dizendo-lhe—«*mulher, deita abença a teu filho*» e tirando-lhe da cabeça uma grande cuia que trazia.

Então a africana, como que accordando de um sonho, prorompeu em altos gritos, banhada em pranto—«*meu filho! meu filho!*»

Aquelle quadro tocou-me as fibras do coração e arrancou-me lagrimas.

—Não era para menos.

O outro?

—O outro foi no Terreiro. Uma velha esmolava na porta do Collegio.

Na occasião em que o batalhão passava por ahi, um soldado correu, abraçou-a, suspendeu-a nos braços e bejou-a. Quando largou-a, a velha cahiu sem sentidos; reanimando-se pouco depois.

—São emoções do coração muito fortes para a sensibilidade humana.

A alegria as vezes tambem mata.

—A policia quer pestear o povo.

—Não diga.

—Creando um cisqueiro no centro da cidade, não é para outra cousa.

—Temos outra! Pois si a policia remove o lixo das ruas, como é que V. diz isso?

—Remove as pequenas porções espalhadas aqui e acolá, para reunil-as em uma formidavel montureira, que está fazendo, na Estrada Nova.

Ja não se pode atravessar do Caminho Novo para a ladeira da Prata, pela alluvião de insectos que accommettem a gente.

—Em que logar então estão botando o lixo?

—Entre a nova rua de Santa Anna e o Caminho Novo; nos fundos da casa do José Martins, bem defronte do convento de S. Francisco; ahi vão os carros da policia fazer seu despejo.

—Pois a policia, cujos agentes prendem uma moça donzella, que com sua mão, por ignorancia, vão deitar uma pequena trouxa de cisco na Estrada, é a propria que est[á] na necessidade de se

amontoando um foco de podridão no meio da população!

—Para V. ver como são as cousas.

—Capitão, no domingo 20 do corrente, sahirá o batalhão 40 de voluntarios do quartel do Barbalho, as 6 horas da manhan, seguindo pelas ruas dos Curraes, ladeira da Soledade, Agoa de Meninos, Calçada, até a capella do Senhor do Bomfim.

—Fazer o que?

—Vão render graças a Deus de regressarem incolumes e cobertos de louros

Celebrar-se-ha missa solemne em acção de graças ao mesmo Senhor, seguindo-se depois uma outra, mandada celebrar por S. Ex. Revma. o Sr. arcebispo, por alma dos bravos que succumbiram no campo da batalha.

A veneranda Imagem d'Aquelle, que veio ao mundo resgatar a humanidade do captiveiro do demonio, e libertar os que jaziam nas cadeias do erro, será trazida do throno e ficará exposta na capella mór á adoração dos fieis.

—Enxotou-se um preso.

—De que prisão?

—Do Engenho da Conceição.

—Pois la não tem um destacamento, um batalhão de empregados? E' preciso que ande por la muito deleixo e abandono.

—Quanto a isso não sei.

Affirmaram-me que no domingo, na occasião da missa, o sujeito poz-se ao fresco.

—Si fosse assim ja se tinha propalado; não estava tudo abafado.

—Por isso não; que ninguem diz o que não faz conta.

—Então a policia está negociando com o cisco?

—Negociando como?

—Tomando dinheiro do povo para receber o cisco das casas?

—Não sei disso não.

—Os carroceiros recebem quatro vintens para consentir que das casas despejem lixo nas carroças.

—Ganancia delles, talvez.

—Um me disse que a policia é quem mandava receber.

—E que applicação tem esse dinheiro?

—Eu sei la! Talvez seja para os achegos... do serviço, bem entendido.

—O preso que fugiu foi seguro quarta-feira no Rio Vermelho.

—Ja V. vê que a policia não é tão morosa, como diz.

—Agora não se pode andar com trouxas.

—Ha mais essa novidade?

—Porque a policia quer saber o que vae dentro.

—Commigo não consentia.

—Foi uma amofinação este negocio da limpeza.

—Os soldados commettendo excessos, o povo soffrendo inclemencias, são os fructos que se estão colhendo.

—A policia não diz onde se deve despejar o cisco e anda prendendo a torto e a direito.

—Uma senhora sahiu do becco do Arcebispo e mandou um moleque adeante com uma trouxa contendo cisco para despejar fora.

A patrulha prendeu o moleque; a senhora apresenta-se reclamando seu escravo que nenhum mal praticara. Um soldado desalmado, esbarrou-a e atirou-a ao chão. O povo que ja estava agglomerado, indignou-se; os soldados desembainharam as espadas e queriam levar tudo a cutello.

—Alem de queda, coace! alem de tantos vexames, mais esse martyrio para a pobreza!

—Capitão, acabada a guerra, dissolvem-se os batalhões de voluntarios.

—Infallivelmente.

—A guarda nacional designada para a guerra deve ser tambem dispensada.

—Assim parece.

—Mas nesse caso com que força fica o Brazil?

—Com a 1.ª linha.

—E onde existe ella?

Antes da guerra o imperio não tinha 7,000 homens de tropa; este numero não augmentou, diminuiu, e hoje talvez não tenha 5,000; acaba-se a guerra que gente ha para fazer o serviço nas provincias? Ou quererão que a guarda nacional fique para sempre sujeita ao pesado tributo dos aquartellamentos?

—O ministro da guerra dará uma solução.

—A solução não pode ser mais do que uma surpreza, isto é, reduzir os pobres voluntarios, esperançados em breve voltar á suas terras natas, a praças de tropa de linha.

—Publicou-se a lista dos sacerdotes que deram dinheiro para a viagem do arcebispo.

—Si o donativo foi feito com prova de particular affeição tributada ao chefe da egreja brasileira, não vem ao caso saber-se os nomes de quem deu; si foi um soccorro pecuniario prestado ao veneravel pastor, falto de meios para comparecer no concilio, o preceito de Jesus Christo manda que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita.

—Mas V. não tem voto na materia, que não é padre e nada deu.

—Pois eu acho que por ser mesmo cousa de padre é que deviam acobertar o acto com o veu da modestia.

As vaidades mundanas são que gostam de seus passos circumdados de ostentação.

—Diz o *Estandarte* de Buenos Ayres:

«A guerra do Paraguay tem custado 600 milhões de francos (216 mil contos mais ou menos.)

«O Brazil tem perdido ali 150 mil homens; a republica argentina 18 mil.

«A mortalidade verificada nos hospitaes, de ferimentos e molestias sobe a 72 mil homens, segundo as informações dos medicos brasileiros.»

—Consta que o Revd. cabido deliberou que a inclita bandeira do 40 de voluntarios, que tem de ser depositada na cathedral, fosse encaixotada e guardada n'um quarto do consistorio.

—Parece que não é o melhor meio de honrar aquella legenda das glorias bahianas.

Eu entendo que a bandeira devia ser collocada no corpo da egreja, em logar conveniente, onde não soffresse os estragos do tempo.

—E creio que foi esse o pensamento do imperante.

—Entre os resultados das scenas de anarchia, commettidas pela força publica e de que tem sido testemunha as ruas desta cidade, ha um facto bem lamentavel.

—Va dizendo qual é elle.

—O guarda policial Speridião, ordenança da subdelegacia da Rua do Paço, que foi espancado por praças do 5.º batalhão, e se acha gravemente ferido no hospital.

—E que das medidas para reprimir tão deploraveis excessos, si ainda não ouvi fallar nellas?

—O que é de pasmar é: dizer-se que pessoas que deviam cooperar para resfriar os animos, são as proprias a incital-os a commetter desatinos.

—Quem fez isto nesta mulher?

—E' uma centopeia do becco do Grello.

—Não lhe pergunto por isso; pergunto quem lhe deu tanta pancada.

—Entendeu ella que, dando hospitalidade por uma noite a um voluntario da patria devia receber pela poussda tudo que o homem trazia, para o que passou-lhe uma revista nos bolsos, arrecadando o que encontrou.

De manhan o homem se achou limpo de pena e culpa, e então achando cara a dormida quiz por meio de pancadas, obrigal-a a abaixar de preço e restituir-lhe do que sem seu consenso se apossara.

—E tomou o dinheiro?

—21$ rs. que encontrou n'um bahú.

—Ambos praticaram uma acção condemnavel.

—A chegada dos voluntarios com dinheiro despertou à ganancia dos espertos e larapios.

—Immensos e variados casos de subtracção tem se dado.

—Artificios, ciladas de diversas formas, tem sido armadas para por meios dellas arrancarem o que tanto custou a ganhar aos pobres homens.

—Si a policia fosse mais previdente talvez evitasse muitos casos.

—A companhia do olho vivo tem feito proezas não so por meio de jogos fraudulentos, como levando-os para casa de meretrizes. já apalavradas, onde os homens gastam a mãos largas o que trouxeram, e usando de outros muitos estratagemas de que é fertil está perniciosa gente.

—Tambem muita gente tem se aproveitado da boa-fé dos homens para praticar gentilezas pouco airosas.

—No Caes Dourado está um sarceiro dos diabos, cujo resultado pode ser fatal.

Um voluntario diz que deu 280$ rs. a taverneiro Antonio Rozendo para guardar, á vista de duas testemunhas; o vendelhão, porem, diz que não viu dinheiro e as testemunhas não apparecem; o voluntario affiança que não quer negocio de justiça, que justiça fará elle mesmo si não apparecer seu dinheiro.

—V. diz que a policia podia prevenir parte desses latrocinios, como?

—Ao menos quanto ao olho-vivo, ponde-se no encalce de seus agentes.

Porque, refflicta, esses homens vieram do sul, trazendo alguns vintens; esbanjando-os assim de chofre, quando acabar-se o dinheiro, a maior parte delles, sem meios de vida, sem recursos para se retirarem para suas terras, o que farão?

Terá a policia possibilidade para evitar as consequencias?

—Não deixa de dar o que pensar, o que V. acaba de dizer.

—Domingo á tarde, uma tal Sra. Joanna, moradora em um sobrado n.º 63, á ladeira do Caminho Novo, teve uma questão de *preferencia* com sua companheira de habitação a Sra. Fausta de tal.

Questão foi essa, que a Sra. Joanna ficou tão assanhada que pegou em uma navalha e retalhou o corpo de sua companheira como se tivesse de fazer sarapatel. Dizem que deu-lhe para cima de vinte navalhadas.

—Que vibora!

—A terrivel vêspa acha-se recolhida a logar seguro; e a offendida em estado de fazer viagem.

—Houve na segunda-feira, no theatro S. João, espectaculo em grande gala, anniversario de S. M. imperatriz, e para festejar a volta dos voluntarios.

O espectaculo começou as 10 horas da noite, por que esperavam a bandeira dos voluntarios para o Sr. Salles Guimarães recitar a patriotica poesia do Sr. A. Mendonça, intitulada—*A bandeira*.

Mas depois de muito esperar, não comparecendo nem voluntarios, nem bandeira, levantou-se o panno e S. Ex. o Sr. presidente deu os vivas do costume, diante da effigie do imperador, tocando a musica de policia o hymno nacional; tendo então depois do 1.º acto logar a recitação da mencionada poezia, diante da bandeira referida.

Recitaram, depois os Srs. Alexandre Herculano, Senna e Britto.

Deixaram de tocar, segundo estava annunciado, os artistas Adelelmo, Rebouças e Cornelio, pelo que o Sr. Lopes Cardoso affixou uma noticia, dizendo que elles, depois de ficarem certos de tocar, recusaram-se no dia do espectaculo, as 3 horas da tarde, exigindo para isso, si elle quizesse, a quantia de 50$ rs.; mas os artistas disseram que elle faltava a verdade, e para prova exposeram uma carta, assignada por Adelelmo Francisco do Nascimento, datada de 13 do corrente, na qual dizia este que se tinha compromettido a tocar, porque elle lhe havia dito que o producto do espectaculo era em beneficio dos voluntarios, ou de suas familias; mas, desde que revertia, segundo a noticia, em favor d'elle Lopes Cardoso, elle deixava de se prestar, o que so faria mediante a quantia de 50$ rs; assim como presumia que os seus companheiros eram da mesma opinião.

—Sim, Sr.. acho rasão nos musicos; fizeram muito bem!

— O brigadeiro Faria Rocha assistiu ao espectaculo, sendo acompanhado até em casa por diversos cidadãos.

—*E Deo gratia!*

—Camarada, V. é dos bravos que vieram no 40?

—Não, ja estou na Bahia ha mais tempo.

—Pelo que vejo, não tem de que se queixar; o governo recompensou seu valor.

—Oh! Sr., do que serve este habito de Christo que vê me pender do peito, si o governo de minha patria me deixa morrer a fome; a mim que nullifiquei-me no serviço della?

Vê esta perna? E' uma parte inutil do corpo; so ella recebeu duas ballas.

Este habito não passa de amarga ironia, por que um dia, obrigado pela indigencia, me verei na necessidade de ir puchar uma carroça com elle no peito.

—Mas então não lhe deram nada?

—Quatro vintens e dez reis, para passar.

—Escarnecedora liberalidade de remunerar serviços!

Em que batalhão serviu?

—No 29.

Entrei em tres combates. Fui ferido a 21 de dezembre nas Lomas Valentinas.

—Como se chama?

—Roque José Pereira.

—Porque não requer, allegando seus serviços.

—Mais do que requeri é impossivel. E si na corte nada alcancei, quanto mais aqui, onde as difficuldades duplicam se.

—Mas o governo acaba de cumprir para com a brigada que voltou da guerra o que prometteu aos voluntarios.

—Sabe por que fez isso?

Foi diante da attitude de tres batalhões reunidos, compactos, aos quaes não convinha desgostar; foi por que, remunerando a tres batalhões de uma vez, fazia alarde e ostentação; o que não accontece com miseros soldados, mandadados de um a um para suas provincias, que não dão na vista, e estes vem sem terem o que comer.

—Pobre homem! Falla com justa dor!

Negar a subsistencia a um cidadão invalidado pela defeza da patria, é a maior das tyrannias!

Depois do diluvio.

Como sabem todos, Noé fez recolher á Arca um casal de cada vivente, para que não se aniquilasse no diluvio toda a creação.

Ora, não ha quem ignore o ditado: *muita gente junta não se salva;* e na Arca não so havia muita gente, como muito bicho e muita cousa e tudo salvou-se, diz a historia; mas o ditado nem por isso ficou mentiroso, porque tudo salvou-se materialmente, e moralmente muita cousa se perdeu.

Perdeu-se primeiro que tudo a paz e a harmonia que deviam reinar entre os passageiros, isso logo ao terceiro dia de borrasca;

por tal sorte começaram a ferver as intrigas, os enredos e os mexericos que ao quinto dia o patriarcha exclamou angustiado: «A mão do Senhor pesou com mais severidade sobre seu humilde servo do que sobre aquelles contra os quaes fez chover as agoas do diluvio! Senhor, Senhor! porque me collocaste nesta infausta situação, como chefe desta liga democratica sem norte e sem bandeira? Quanto melhor me fôra ter perecido com o resto do genero humano na conflagração geral!»

Mas o Creador assim o tinha determinado e a sua vontade devia cumprir-se. A intriga continuou a urdir-se e as desordens cresceram por dentro como as aguas cresciam por fóra.

Ao quadragesimo dia, quando a arca pousou no monte Ararat, e que a pomba trouxe a grata noticia de que ja se podia pôr o pé em secco, Noé, antes de soltar aquella bicharia, disse-lhes as todas; e si não soffreu um processo, foi porque no auditorio não havia quinze pessoas entre as quaes se espalhasse a injuria, como exige o codigo.

As descomposturas e as diatribes muitas vezes produzem (ao menos em certos individuos) os melhores resultados.

Muitos d'aquelles casaes que estavam encarniçadamente brigados e que so esperavam o fim da viagem para pedirem a eterna separação de corpo e bens, dobraram-se ás admoestações do patriarcha ou antes a sua virulenta linguagem e congregaram-se; o que tanto agradou ao bom do velho que convidou a todos para um copo d'agua, que durou um dia, uma noute e mais um dia, e onde elle tomou aquella moafa de que falla a historia.

Mas nem todos os casaes (como disse) se reconciliaram; muitos persistiram na separação perpetua, e conseguiram-na plenamente, vivendo no mundo o macho completamente divorciado da femea, e desde então:

O *cavallo* deitou a correr pelos campos e a *cavalla* atirou-se de mergulho no mar, e por lá ficou.

O *arco*, tendo provado no tal banquete do licor fabricado por Noé, gostou tanto delle que metteu-se com a *pipa* com a qual vive estreitamente abraçado; tendo abandonado a *arca* na serra da Armenia onde existe até hoje.

O *cigarro* arde constantemente n'um fogo eterno que o consomme, e fumega de despeito, vendo a *cigarra* levar uma vida de pandega e de ocio.

O *tacho* está sempre de orelhas em pé e queima-se diabolicamente com os desaforos que a *taxa* lá anda a fazer pelo thesouro.

O *fuso* vive em commercio illicto com a *roca* e leva a vida a torcer linhas; ao mesmo tempo que entre as linhas vive a *fusa*, e vagando pelos *espaços* imaginarios tem seus encontros sem o *semi-breve*, do que ja murmuram os maldizentes.

O *rotulo* transformou-se em *cicerone* para indicar aos transeuntes as preciosidades que encerra, e por espirito de contradição a *rotula*, disfarçada em Argos, occulta ao publico as bellezas que guarda.

O *meio* para conservar a sua autonomia colloca-se entre duas extremidades; a *meia* para cumprir com seus deveres enfia-se n'uma perna.

O *luto* fez-se corrector de tristes noticias; a *luta* é uma promotora de briga e desordens.

O *fardo* dedicou-se á carreira commercial e emprega-se em embrulhar fazendas; a *farda* seguiu a carreira militar e occupa-se em embrulhar os soldados.

O *becco* facilita a communicação entre duas ruas, e abrevia o caminho; a *beca* difficulta os negocios entre dois contendores, e multiplica-lhe os passos.

O *tiro*, é um assassinato; e a *tira* uma *coquete*.

O *sello*, a maneira de salteador, nos impõe com a pistolla aos peitos a bolça ou a vida, em quanto que a *sella* gira pela villa e seus arredores a cavallo, ou mette-se em um convento a fazer causa commum com os frades.

O *milho*, ficou crescendo nos campos, onde produz para sustento dos cavallos; e a *milha* estendeu-se pelas estradas onde se multiplica para estafa dos burros.

O *sexto*, fez se guarda de castidade: a *sexta* constituiu-se sentinella do jejum.

O *sino*, atordoa-nos a cabeça com o badalo; a *sina* inquieta-nos o espirito com apprehensões.

(*Continua*).

A PEDIDO

Aos voluntarios da patria.

Valentes, leaes soldados,
Affeitos a batalhar,
Voluntarios denodados,
Vinde agora descançar
Das fadigas de uma guerra
No seio da patria terra.

Já não ribomba o canhão,
Já não troa o arcabuz;
A' paraguaya nação,
Os filhos da santa cruz
Com preclara herocidade
Levaram a liberdade.

Alegre pois eu te saudo
Oh! auriverde estandarte,

Dos brasileiros escudo,
Triumphante em toda parte,
Tu és meu idolo amado
De ballas assim cravado.

Mas nesta linha de bravos,
Que perante os olhos tenho,
Libertadores de escravos,
Que ufano cantar eu venho
Alguns me faltam ahi,
Que marchar p'ra guerra vi.

Galvão, o bravo Galvão,
E outros seus companheiros,
Que p'ra vingar a nação
Foram elles os primeiros;
Quem os deteve por lá
Que não vieram p'ra cá?

Foi a dura lei da sorte
A que elles se curvaram,
Cederam em fim á morte
No Paraguay la ficaram,
Para com sangue de bravos
Lavar-se a terra de escravos.

Sim, voluntarios bahianos,
Sois do progresso romeiros,
Nessa cruzada de annos,
Por paizes estrangeiros,
Fome, sêde supportando
Com valor sempre avançando.

O frio, o calor ardente,
Não vos fizeram voltar,
Com inimigos frente a frente
Não soubestes recuar;
Tende pois pleno direito
A este sincero preito.

Inteira a população
Vêde como está contente!
Acceitai a ovação
Deste povo que não mente,
Que momentos de alegria
Tem a inclyta Bahia!

O filho, a esposa, o pae,
A mãe, a irman querida,
Cada qual abraçar vae
O parente que, com vida,
Viu a seu seio voltar
Depois de um longo penar.

Oh! tudo hoje é prazer!
Expanda-se o coração
Temos ventura de ver
Esta bahiana porção:
Recordemos suas dores
Por entre vivas e flores.

Bahia 12 de março de 1870.

José Antonio da Cunha.

—Ja sabe porque iam tres soldados de policia toda a noite para o cemiterio?

—Ando em procura de quem me diga.

—Pois eu soube no Rio Vermelho.

—Ja que sabe, me dê a definição.

—Uns seis rapazes, ja meio alegrès, cantavam uma chula acompanhada da inseparavel viola. Gostei da toada e então me disseram que o capellão embirrava com ella e requisitara uma força para impedir que os capadocios fossem cantar na porta do cemiterio.

—Como era a chula?

—Assim:

Quando eu morrer,
Não quero carros e cavallos,
Repiques de sino
E dobres de badallos.

Quando eu morrer
Me enterrem em fraldas de camisa,
Porque defunto pobre
De luxo não precisa.

Padre *Barrella*
Ja brigou com o sachristão,
Porque defunto pobre
Não se enterra em caixão.

Quero no meu enterro
Trinta velhas vestidas de baeta,
Que vão todas na frente
Tocando clarineta.

—Rapaz, a marcha é outra; ali ha *æimica*.

—Pois então me diga tambem o que sabe.

—Nessa não caio eu.

Pergunta-se á direcção do Monte-Pio da Bahia si não está em pleno vigor o art. 12 dos mesmos estatutos?

Um socio.

Será por influencia do thesoureiro do Monte-Pio da Bahia que, ja tendo passado a 2.ª dominga de março, não se quer convocar os socios para a assemblea geral annua?

O *Cabrion*.

O que é, e o que não é?!

Andava o povo alegre pelas ruas
Diligente a ganhar a sua vida
Nas horas do trabalho, quando todos
Se occupam sem cessar na humana lida.

De repente se ouviu la no horisonte
Um ruido soturno e temeroso,
Que vinha pouco a pouco recrescendo
Como trovão que ronca pavoroso.

O que é, o que não é?! «De S. Christovão
«Parece que nos chega um terremoto!»
Grita a gente que affluc pelas esquinas
Em grande reboliço e alvoroto.

Mas não, que assoma lá no fim da rua
Terrivel multidão entre a poeira:
«São forças paraguayas, fujam, fujam,
«So temos o recurso da carreira.»

E' tropa, se approxime, e faiscando
Das patas do cavallo fogo espalha?
As espadas ao sol luzindo feras,
A corneta estrugindo. Isto é batalha!

Publica-stonteou, sem pao nem pedra,
Sem espeça ou bayoneta. Apatetaram!
«E as mães, que o som terribil entenderam,
«Aos peitos os filhinhos apertaram.»

E os batalhões lá vem acutilando
A direita e á esquerda o que não corre.
Arreda, povo, arreda, quem não foge
A's patas dos cavallos cahe e morre.

O que é, o que não é?! E a tropa fera,
Na rua de S. Pedro desfilando,
Atira pelo chão velhos, crianças,
Brancos negros que vão por lá passando.

Passou como enchurrada, vara o Campo
E a rua do Sabão estreita enfia.
Fecha, fecha, que horror! As portas batem
Com feia, estrepitosa gritaria.

O que é, o que não é?! Talvez são Hunos
Trazendo á frente o Látego de Deus,
Ou Godos, Visigodos, ou Germanos,
Ou Tartaros, Mongóes... Oh! filhos meus!

E lá se vae o exercito sem freio
Varrendo agora a rua do Ouvidor.
Escorrega um soldado e cahe ferido,
Cahe um padre, um barão, um senador.

O que é, o que não é? Vossês não sabem?
Pois isto é cousa muito comesinha.
—El-rei sahiu de casa, e faz visitas
Aos arsenaes de guerra e de marinha.

Archeiro.

Pede se a um certo coadjutor, que não é o da *Virgem Concebida*, que por sua evangelica bondade dê melhor regimen na casa de sua amasia, para que os visinhos não vivam com os ouvidos consternados por tanta soltura de lingoa, e acções pouco communs.

Isto pede-se-lhe por S. *Sabino.*

Movimento do porto.

Penedo—em 24 horas, charrua a vapor *Carlota*; commandante um capitão de *mar e paz;* vem com agoa aberta.

Carga: chifres; *valverdes* do Pará; consignada a *Des leal* & C.—Traz famula de navio do estado.

No sentido de prevenir a reproducção dos desastrosos e lamentaveis acontecimentos de que foi theatro o matadouro publico, pede-se aos Illms. Srs. Dr. chefe de policia e administrador daquella repartição providencias contra o detestavel e insolito procedimento do individuo Torquato Garcia Rosa, que, com seu genio sanhudo e revolto a todos provoca e ameaça, puchando a cada momento e pelo mais simples incidente uma formidavel faca. Tem ja sido por vezes expulso por sua pessima conducta. A continuação pois de tão perigoso individuo no matadouro pode trazer consequencias fataes e por isso em tempo pede se providencias.

Sr. redactor.—Rogo-lhe inserir na sua acreditada folha o bilhete infra, que tornou-se curioso pela sua originalidade; tanto mais quando é elle escripto por pessoa do mesmo logar e tambem dirigido a pessoa do mesmo logar.

Ao illm. Exm. snr. dr.

Estimo que este ache a V. R. gozando Saude emcompanhia da Nobre familia vou por meios deste Roga-lhe um grande favor, e se digne a V. S. em fazer um Requerimento ai Poder Moderador para ver se ponho uma vendinha para eu ir mantendo a minha vida tão desgraçada e de minha mãe, pois eu achei um individuo que me dá um abono de 200$ reis e eu vendo que não posco trabalhar nem andar eu aseitei mais E' se obeter a Licenca gratiz acomseljada pelo mesmo bemfeitor, pois eu vou a seus pois Suplicarvos este grande, favor, a V. S. porque sei que a V. S. E' Caritativo, pois sr. e aonde eu eide buscar o meu Refugio e meu Amparo, se não ha hum grande Homem. hum desvalido como eu Nourismado das 2 perna e Flamação nos figados, (vire para dentro) e tambem no estomago e quando fico atacado no estomago pasça para os olhos, pois Nuca poderei pagar Segundo O' que merece a V. S. mas porem de Receber Muita bençãs dos ceos, e Lem disto eu Eide fazer todo esforços de gratificarlhe a sua bennificencia pois Lificarei apinhorado e ficarei summamente agradecido e sou Com muita estima de V. S.

***

24 de Dezembro de 1859.
perdão pede o papel
por não ter.

VARIEDADES.

Curiosidade.

Achei que era jocosa a publicação do recibo que abaixo vae transcripto, assim pois, chamo toda a attenção daquellas pessoas que

desejam saber de algumas *anecdotas, disparates e pleonasmos*.

E' escripto por um despachante de alfandega.

Eil-o:

«Recebi do Senr Antonio Lorenço Junior a quantia de cinco mil reis (5000) provenienti do despacho da barcaça—Flor das Alagoas; sendo dois para o despachante da Alfandiga José Pedro e treis para mim a baixo assignado.

«Jaraguá 10 de Fevereiro de 1870.

O despt.e

«*Alpiniano Paranhos.*»

Tenho mais um outro disparate para publicar em outra occasião mais opportuna.

Jaraguá 18 de fevereiro de 1870.

O Furminante.

O TROPEIRO.

Sou bravo, sou forte—na estrada sou rei.
Não temo coriscos, centelhas a mil;
Cantando as cantigas dos verdes sertões,
Da aurora saudo seu broto gentil.

Sou livre, na estrada não dobro a cerviz,
Ao mando tyranno de mil pygmeus;
A fronte de bronze que o sol me tostou,
Eu curvo-a somente perante o meu Deus.

A' um dos meus gritos as bestas recuam
E o lote trotando camiuha ligeiro;
Não tremo ao bramido de mil trovoadas,
Cantando—saudo, o rugir do pampeiro.

Sou forte; valente, sou rei das estradas;
Dos campos, desertos, das serras d'alem,
Cantando as legendas dos vastos sertões,
Eu lembro a morena serrana, meu bem.

A' noite, no pouso, por leito e coberta,
Um couro bem rijo desdobro no chão;
E sonho—converso, com a fada das serras.
E durmo contente, melhor que um barão,

E quando as estrellas afrouxam os brilhos
Aos pallidos raios da luz do arrebol;
Jà pizo o sereno que a estrada matiza,
E vou madrugando primeiro que o sol.

Sou livre, na estrada não dobro a cerviz
Ao mando tyrano de mil pygmeus;
A fronte de bronze que o sol me tostou,
Eu curvo-a somente peramte o meu Deus.

Um homem casado com cinco mulheres.

L. A. da Silva, filho de Mr. Monjon e de Marianna Angelica da Silva, casou-se na edade de 18 annos e 6 mezes com Carlota Bernardina Pires, brasileira, na freguezia de Nossa Senhora da Gloria, no anno de 1854: e teve deste consorcio 5 filhos, fallecendo sua mulher em dezembro de 1859.

Em 1860 casou-se novamente com D. Amelia Leopoldina de Souza, portugueza, na freguezia de Santa Rita: obteve della 3 filhos, 2 dos quaes nasceram de um só parto. Em 1862 falleceu esta senhora.

No mesmo anno, quasi como represalia, casou-se com D. Joanna Maria Rita Badagoni, italiana, na freguezia do Engenho Velho; a qual succumbiu em 1866, deixando 4 filhos.

Inda não contente casou-se em 1[illegible] D. Carolina Faredongue Tourjardin na freguezia de S. João de Nictheroy.

Morreu D. Carolina gravida de 8 mezes, em 1869, tendo antes tido uma filha.

Finalmente casou-se ainda com D. Anna Senhorita, hespanhola, na ilha de Paquetá!

De forma que este ratão com 34 annos de edade tem possuido 5 mulheres (!); ficando-lhe como *presente* 14 filhos de ambos os sexos!

Este facto bem se pode semelhar ás celebres façanhas do heroe *Barba de milho*. (Que sempre andou em sarilho!)

Um grande usurario nos ultimos instantes da vida era exortado por um padre a fazer algumas restituições, que o moribundo com medo do inferno promettia.

Um filho que se achava occulto por detraz do cortinado interveio repentinamente gritando não seja tolo, papae; não restitua nada; o que é que tem que va para o inferno? no fim de oito dias ja estará acostumado.

ANNUNCIOS.

Na rua do Collegio n. 16, 2.º andar, precisa-se de uma ama de leite, preferindo-se pessoa de cor preta.

ATTENÇÃO.

Na padaria em Santo Antonio da Mouraria, aluga-se um preto, ou moleque; prefere-se captivo.

O abaixo assignado morador na freguezia de Sant'Anna, rua da Independencia, faz publico que tendo desapparecido de sua companhia o menor Symphronio, desde o dia 6 do presente, protesta perante as authoridades contra quem o tiver acoutado em sua casa, pois o dito menor está sob sua responsabilidade em condições legadas pela finada senhora do mesmo menor. Bahia 10 de março de 1870.—*João Luiz das Virgens.*

O Castello de Bronze, na Praça de Palacio, convida aos seus devedores a virem saldar suas contas no praso de vinte dias, á contar da presente data, para não passarem pelo dissabor de verem seus nomes publicados. Bahia 16 de março de 1870.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª TERÇA-FEIRA 22 DE MARÇO. N. 624.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de março de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o inconveniente estado de immundice do cano do Maciel de Baixo, quina de S. Miguel, o qual, pelas emanações miasmaticas que desprende, deve incontestavelmente damnificar a saude publica, alem de dar a mais triste idea do estado das ruas desta capital.

Sirva-se por tanto S. S. de ordenar ao seu braço direito na limpeza, o Sr. Malhado, o qual, honra lhe seja feita, é um dragão para dar cabo destas cousas, para que com um de seus carros va remover aquelle germen pestilencial.

—Ao mesmo, para que mande apanhar uma gallinha morta, na ladeira do Alvo.

—No sabbado, á tarde, subindo uma senhora idosa, á ladeira do Caminho Novo, para o Taboão cahia violentamente, debatendo-se no chão.

Dous individuos, que passavam, levantaram-na e trouxeram-na até o tope da ladeira, onde cahiu de novo e expirou. Os dous individuos vendo-a morta, largaram-na no chão, onde ficou até 7 horas da noite.

—Fez-se corpo de delicto?

—Não sei; provavelmente foi algum ataque de congestão.

—Não tem que ver; nos corpos de delicto é a molestia favorita para quem morre desses ataques.

—De tempos a tempos apparece uma novidade nesta terra.

—A mais recente, qual é?

—Os partidos das musicas de policia e 8.º batalhão, em que está envolvida quasi toda a rapazeada.

—E' muito bom; cria estimulo, incita as duas corporações ao estudo e excita o bom gosto pela arte.

—Isso era si os partidistas não ultrapassassem ás raias do excesso, si se limitassem a applaudir a musica de sua predilecção sem depreciar, por manifestações, o merito da outra.

Assim não fazem mais do que criar odiosas rivalidades, que podem trazer consequencias desagradaveis.

—Dizem que ultimamente tem havido flores, foguetes, vivas e até illuminação de parte a parte.

—E tambem patcadas e acintes, desafios e questões, doestos e insultos entre os divergentes.

—Então é, quem tem obrigação de evitar as scenas reprovaveis, procurar prevenil-as com tempo.

—Ja um dia destes o chefe de policia não consentiu que uma das musicas se retirasse da Praça tocando.

—Sim, senhor, obrou como devia.

—Victoriados por enthusiasticas acclamações e patrioticas inspirações poeticas, foram hontem os bravos do 40 de voluntarios até o Bomfim, render ao Senhor Deus dos Exercitos acções de graças, marchando o batalhão pouco mais da 7 horas da manhan do quartel do Barbalho.

De muitas casas, na Calçada, sahiram senhoras a offerecer-lhes lindas grinaldas.

Na extensão dessa bella rua haviam dez elegantes arcos triumphaes, realçando mais pelo gosto, uma bella coroa de folhas; na ladeira do Bomfim dous; em S. Francisco de Paula dous.

Depois que os levitas do Senhor, por meio do Santo Sacrificio da Missa, elevaram suas preces até ao throno do Altissimo, invocando pelos vivos a paz e concordia e implorando para os que se finaram o repouso eterno, o digno e respeitavel vigario dirigiu do pulpito eloquentes e tocantes palavras aos defensores da patria.

Concluida a cerimonia religiosa, os voluntanecessidade de se

rios em dous a dous foi beijar a Sagrada Effigie, desfilando em seguida pela porta da sachristia.

Era digno de ver-se a humildade e devoção que se irradiava dos rostos daquelles homens, affeitos aos horrores da peleja e a carnificina da guerra; mas nos quaes esses agentes da barbaria não anniquillara o sentimento religioso.

Ensarilhando as armas, dispersou-se o batalhão, entregando-se cada um a toda sorte de regosijo e divertimento, até a tarde em que voltou para a cidade precedidos das mesmas ovações com que seguira.

O concurso de povo foi immenso, extraordinario.

—Nem podia deixar de ser.

—Eu não posso deixar de clamar contra uma pratica inveterada, porem torpe, repulsiva.

—Qual?

—A mercancia ignobil que se faz dentro do templo, com a propria Imagem do Senhor vendida a dinheiro, sobre o titulo de registros.

—Outro tanto pode dizer das taes chamadas medidas.

—Não sei que necessidade ha de traficar na casa de Deus, a não ser por sordida especulação, por que para arranjar dinheiro, para as despezas do culto, não é preciso.

Eu calculo em 5,000 as pessoas que estiveram hontem no Bomfim, destas não se tiram 100 que não deitassem na salva um obulo qualquer.

Só a companhia de Vehiculos conduziu 3,458 pessoas.

—O papa tambem acaba de fazer uma exposição de objectos religiosos em Roma.

—Fazem assim os homens uma feira do templo, onde vendem escandalosamente a semelhança de Deus.

—Adiante; V. não é que vae plantar a disciplina na egreja.

O que viu por fora?

—A companhia do olho-vivo fez as todas. Um de seus membros, Manuel Desiderio, arrebatou 50$ rs. das mãos de um voluntario e largou-se. Correu por dentro de mattos e fundos de quintaes; mas afinal foi preso e conduzido em charola, depois de bem escovado.

—Que audacia!

—Houveram muitas camuecas por Itapagipe, e grande numero de desordens, principalmente na volta.

—Isso é inevitavel.

—E mais nada que eu visse.

—Que homem incivil e grosseiro!

—Elle advinhou em fechar a porteira da roça.

—Mandar pelos escravos agarrar a mocinha, e, á vista de toda gente, cortal-a de chicote!

—Aqui na estrada, que do arco vae para o Barbalho, parece que não tem authoridade!

—E que culpa commetteria aquella infeliz?

—Coitada! sahiu de casa correndo e pedindo soccorro.

—Fosse o que fosse é uma acção inqualificavel dar com chicote publicamente em uma senhora.

—Creio que é sua pupilla.

—Si eu soubesse o nome delle levava ao *Alabama*.

—Manuel Antonio da Cunha.

—Bem; ja que nesta terra não ha quem proteja a uma desamparada, a opinião publica, ao menos, tomará nota deste insolito procedimento.

—Então não se esqueça de dizer que tão torpe brutalidade teve logar a 16 do corrente.

—Na volta dos voluntarios para a cidade deu-se um incidente bem grave.

—Está o que eu deploro.

—Effeitos de teimas imprudentes.

Um carro á quatro, pouco mais alem da Munganga, n'um logar apertado encontrou-se com um cavalleiro.

Ambos queriam passar por um lado; o cavalleiro observou ao cocheiro o risco que havia; mas este tangeu os cavallos impetuosamente, e a lança do carro feriu o cavallo na ilharga, o qual cahiu instantaneamente morto, ficando o cavalleiro por baixo, bastante maltratado e escapando de ser esmagado pelas rodas da berlinda.

—Ora dá-se que cousas do diabo!

Sempre no meio do prazer ha de haver desgostos!

—V. vê que falta de decencia?

—N'um logar destampado como este!

—Agora va procurar quem é o incumbido da repressão de tamanho escandalo que não encontra.

Todos declinarão de si a attribuição.

—Entretanto, estejam as familias fronteiras, e quem passa, expostas ao insulto de quem vae se banhar na rocinha do finado Barros, á Estrada Nova, per-se nú em frente da rua sem respeito ao pudor publico.

—Estes usurarios venderam a alma ao capeta.

—São sanguesugas humanas que chupam

o sangue de seus semelhantes sem o menor remorso.

—A riqueza dessa gente pertence pàrte ao demonio, pela maneira repulsiva porque é adquirida, pela voraz avidez com que é arrancada á necessidade.

Não se contentam de especular com a indigencia, impondo pesados premios áquelles, que pela precisão, veem-se na contingencia de recorrer a elles; não se satisfazem de por uma ridicula quantia apossarem-se do ordenado do pobre empregado publico, onerado de familia, obrigando-o assim a viver em uma perpetua dependencia delles; não ficam contentes de reduzir a necessitada viuva a mais deplora vel condição de miseria. Tudo isso não basta.

—Detestaveis creaturas!

—Com cynico ardil, urdem trapaçarias para esbulharem o alheio.

—Cousa de que Deus não se serve.

—Escute o que praticou um corvo desses:

Uma mulher pobre mandou por outra empenhar alguns objectos, unicos recursos, para se arremediar.

Morre a portadora e a dona se apresenta para resgatar seus penhores, dando os signaes delles, levando pessoas para justificarem não só a morte da outra, como o dominio della sobre os objectos; o usurario pergunta-lhe si os conhece, ella no meio de um montão delles, reconhece-os e separa-os e a harpya, por fim, se nega a entregal-os!

—E' ladroeira.

—E com tão descarada alicantina, quer ficar, por uma ridicularia, com o que vale quatro vezes mais.

—O que me admira é como a policia consente que elles transijam tão fraudulentamente, sem lhes pespegar a conveniente multa nas costas.

—Até n'isso são felizes.

—São os *narcisos* da sorte neste mundo.

—Mas no outro o diabo lhes fará as contas.

—Capitão, dizem que o Malhado é o novo arrematante do aceio da cidade?

—Administrador; não viu no *Jornal* de domingo.

—Quem me disse, asseverou que ouviu do proprio chefe. Uma pessoa que fazendo uma reclamação, S. S. lhe respondera:

«Eu não sei disso, entenda se com o Malhado, que é o arrematante.»

—E V. é tão imbecil que engole qualquer ingá que lhe dão.

—Não era bicha de sete cabeças.

—Mas era um acto que se deveria fazer com certas formalidades e não atraz da porta.

—Dous sugeitos jogavam os murros, hontem á bocca da noite, no fortinho da Lagartixa.

Um official, cujo batalhão não pude distinguir, querendo apartal-os, fez peior a emenda que o soneto.

—Metteu-se tambem na rascada?

—Não; investiu o cavallo sobre os dous e as patas do animal fracturou o pé de um delles.

—São favores que não se agradece.

—E' que as *alegrias* de hontem deu origem a muitas imprudencias.

—O paquete inglez *Tycho Brahe*, fundeou hontem no porto destá cidade trazendo uma importante noticia.

Lopez, alcançado pelas forças brasileiras, bateu-se tenazmente e quando derrotado, preferiu morrer a render-se.

—Agora é que pode dizer-se que a guerra chegou a seu termo.

—Como christãos, uma piedosa prece por alma daquella desvaira da creatura, uma supplica ao Senhor das Misericordias, pedindo-lhe que não lhe leve em conta os erros desta vida.

—Vamos as noticias.

—*Jornal do Commercio* de 18:

—

Eis a parte official do benemerits general Camara:

Acampamento á esquerds de Aquidabão, 1 de março de 1870. —Illm. e Exm. Sr. —Escrevo a V. Ex. do acampamento de Lopez no meio da serra. O tyranno foi derrotado, e, não querendo entregar-se, foi morto á minha vista.

Intimei-lhe ordem de render-se, quando ja estava completamente derrotado e gravemente ferido, e, não o querendo, foi morto.

Dou os parabens a V. Ex. pela terminação da guerra, pelo inteiro desforço que tomou o Brasil do tyranno do Paraguay. O general Resquin e outros chefes estão presos.

Deus guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Sr. marechal de campo Victorino José Carneiro Monteiro, commandante das forças ao norte do Manduvirá.—O brigadeiro *José Antonio Correia da Camara*.

—

«O conselheiro Paranhos ao Sr. ministro Carvalho Borges:

Assumpção, 5 de março de 1870.

Vivam as armas alliadas!

Lopez, alcançado pelas forças do general Camara sobre a margem esquerda do Aquidabao, no dia 1 do corrente, foi ferido em combate; não quiz render-se, e foi morto durante o mesmo combate. [illegible] necessidade de se

A mãe do tyranno e irmans e varios chefes, entre os quaes o general Resquin, cahiram em nosso poder.

O general Caballero estava em outro ponto, e sobre elle ja tinha marchado uma força de cavallaria.

Mme Linch escondeu se nos matos, e até o momento de expedir-se esta noticia, que partiu immediatamente depois daquelle importante feito, não tinha sido encontrada.

Queira V. Ex. saudar por mim aos membros do governo argentino e transmittir esta noticia para o governo oriental e para o governo de S. M. o Imperador.

—

«A *Reforma* publica os seguintes paragraphos de uma carta do general Vedia:

No dia 1 de março Camara atacou Lopez; tinha este uns 1,000 homens; os seus chefes e officiaes apresentaram-se com insignias e condecorações, fazendo esforços para que a resistencia fosse tenaz, mas a tropa não correspondeu. Lopez, ferido, foi intimado para render-se, e não o fez; então um cabo de cavallaria, chamado Jose o Diabo, matou-o.

Resquin e outros chefes, a mãe de Lopez e outras pessoas da familia estão prisioneiros. Caballero, com alguma força, estava um tanto distante; ja Bento Martins o tinha cercado.

—

«Um episodio.—Chorava a mãe de Lopez sobre o cadaver do filho, quando sua filha Raphaela disse-lhe indignada:—Não chore, senhora, este monstro, que nem foi filho nem irmão!

Digna oração funebre sobre o cadaver desta fera. Estes detalhes tenho-os da bocca do Sr. ministro Paranhos, que, abraçando-me em despedida, disse-me: Permitta me dar um viva á heroica republica argentina, alliada inseparavel do Brazil,

A' ultima hora chegou a Montevideu a noticia de se haver Mm. Linch entregado aos alliados com seus filhos; Caballero foi morto e toda a sua gente cahiu prisioneira.»

A PEDIDO

—Capitão, tenho boas cousinhas que lhe contar.

—Venha la isso; o publico anda sequioso por novidades.

—Capitão, ja agora tenha um pouco de paciencia. A demora é em quanto eu vejo passar aquellas meninas.

Sou admirador do sexo amavel.

—Quem são ellas?

—Não sei com certeza. Pelo trajar parecem moças civilisadas que ja viajaram na Europa, o si me não engano, ja as vi para as bandas de um sitio onde ha um *barril*.

—Para onde irão a estas horas adiantadas, assim sozinhas?

Repare que descem a ladeira.

—Agora me recordo; costumam ir o *riacho Elo*; ja as tenho encontrado la algumas vezes.

Creio que até ja as vi recebendo cumprimentos de uns moços que vendem terrinas.

—Andará no meio da sucia o *barão das Terrinas?*

—Talvez.

O que sei é que ellas são assiduas frequentadoras do bazar e apreciadoras infalliveis da musica; assim como que estão illudidas com os taes melcorios, e talvez estejam, sem pensarem, concorrendo ellas proprias para seu mal.

Mas eu vinha contar-lhe uma cousa e metteu-se outra no meio bem differente.

—Prosiga agora.

—Capitão, o que eu lhe queria contar era acerca da quarentena em nosso porto de Latronopolis.

Entrou da Europa a galera *Lusitana* e como não viesse ella infeccionada, passou e passa sem fazer quarentena: veio consignada a um tal *Ali xantre* e a um fulano Boi, (não lhe sei bem o nome) mas o dono do navio parece não estar muito satisfeito e creio ter intenções de metter um terceiro consignatario; vou me inculcar pois eu não sou feio e posso ser aceito.

Consta-me que ja está á carga e leva passageiros por commodo preço.

—E' so por hoje, capitão.

—V. massa tanto e por fim não diz nada.

Noticias.

Quando se pagará o fardamento de 1868 ao corpo de policia, conforme ordenou a presidencia? Será n'este seculo? ou terá a sorte do dinheiro dos capotes, que dormiu a bom somno na thesouraria, para castigo dos pobres soldados que, sendo os primeiros chamados para o trabalho, são os ultimos para a recompensa do que ganham com tanta justiça?

O fardão rajado.

ANNUNCIOS.

ATTENÇÃO.

Na padaria em Santo Antonio da Mouraria, aluga-se um preto, ou moleque; prefere-se captivo.

Anno 8.º BAHIA. 1876.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 63.ª TERÇA-FEIRA 29 DE MARÇO. Ns. 625—626.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de março de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que, na rua do Julião, em uma casa das chamadas de vispora, ha todos esses dias grande jogo de cartas, onde um mineiro, vindo á esta capital fazer uma transacção importante, está desovando boa somma de contos de réis. Que este perca, não admira, porque tem para perder; o que admira é que um outro individuo, sem rendimentos provaveis, tenha feito em poucos dias um prejuizo maior de 4:000$ rs. naquella casa, o que faz presumir que elle cava dinheiro no chão, como quem cava minhoca.

O desfecho desta negociada não pode ser bom; e, para evitar algum crime de qualquer natureza, consequencia inevitavel de tão detestavel vicio, leva-se ao conhecimento de S. S. para que em tempo tome suas medidas.

—Ao Illm. Sr. commandante do corpo de policia, participando-lhe que, no dia 21 do corrente, tres guardas policiaes apprehenderam, por detraz do quartel de cavallaria, tres saccos de algodão roubados, destinados a um tal Xico da Quitanda, com biboca pelas immediações; mas, depois de assim praticarem, appareceu um Sr. Domiciano, interessado no negocio, e untou-lhes as mãos com cinco bagos, o que deu logar a que os homens, deslembrados de seus deveres, deixassem ir embora o roubo.

Espera-se que S. S., syndicando quaes foram elles, sendo de crer que no meio entrasse algum ordenança de subdelegado, os faça advertir que não se devem deixar *fascinar* pelo *brilho* de certas cores que lhes apresentem aos olhos.

—Ali, nas Portas do Carmo, ha cousa de chamar attenção.

—Que dia é hoje?

—25 de março.

—Pois V. não sabe que, nos dias de parada, é costume de nossa gente, quando ella termina, dispersar-se em grupos discutindo sobre o accio da tropa, o batalhão que deitou mais gente, etc.?

Sem duvida aquelle ajuntamento está tratando da rapidez e destreza com que o 40 executa os movimentos á voz do commandante, ou ouvindo as façanhas de um bravo.

—Eu, como gosto das missas de corpo presente, vou ver.

Não creio que a rua esteja atopetada de povo atôa.

—Já agora lhe acompanho.

—Então, não lhe disse que era cousa?

Veja como está aquella desgraçada com o rosto inundado de sangue, implorando compaixão!

—Isto é horrendo!

Não haverá nesta terra quem vele pela segurança individual?

—Qual é a authoridade que vae se oppor a que um senhor castigue seu escravo?

—E esta mulher parda é escrava?

—Tanto é que de cima gritam—*Julia, sobe!*

Dizem que é escrava de um caldeireiro.

—Creia que castigar-se uma fraca mulher tão barbaramente é uma offensa á religião, á humanidade e as leis da sociedade.

—Todos estão a dizer—coitada; mas ella é quem fica de beque partido.

—Capitão, observe.

—O que temos?

—Não vê dous vultos além de nós?

—Sim; o que ha?

—Vão mascarados.

—Homem, está parecendo mesmo.

—Ja disse a V. Ex.

—Si aqui, na rua de Baixo, houvesse um becco perto, por onde nós podessemos atravessar para ir reconhecel-os...

—E' inutil; entraram na casa ao pé da padaria.

—Com que fim entram aquelles homens

naquella casa, ou de onde vem elles que se recolhem á cella naquello mysterioso estado, hoje quarta-feira, á meia hora depois de meia noite?...

—Ha o que quer que seja de sinistro ali: ou alguma entrevista condemnavel, ou a execução de algum plano criminoso em projecto.

—Que a policia deve esmerilhar.

—E' difficil agora; os sujeitos escabriam com a nossa presença.

—Deixe la; havendo tino, pode se chegar ao fio da historia.

—Este sumidouro aqui na rua das Veronicas, é um perigo.

—Ha dous mezes á esta parte, que está este formidavel abysmo de bocca escancarada á espera de um infeliz para engolir.

O que vale é que a rua é pouco transitada.

—Mas, nestes dias de festejos populares, pode o accaso permittir que uma onda de povo, por ella passando, vejamos se submergir alguem.

—Mesmo algum cego ou ebrio.

—Si por aqui passasse a noite algum varredor dos que sahem a noite, para visitar alguma pecora, talvez tivesse receio de entrar pela terra a dentro e tratasse de providencias.

—A Companhia Bahiana terá queda para paraguaya?

—Não faça tão infundado juizo.

A companhia, apezar de ser *bahiana* só no nome, tem dado inequivocas provas de que estima o triumpho ao Brazil.

—Eu gosto de ver estas cousas traduzidas em factos.

—Pois não estão elles patentes?

—Quer que lhe diga?

Eu sou inimigo dos apparatos para dar na vista.

—Explique-se.

—Explicação lhe peço eu do motivo porque, quando chegam noticias de regosijo e se fecham todos os estabelecimentos, o unico que fica aberto, em Itapagipe, é a fabrica da Companhia Bahiana?

—Eu, como não estou habilitado a lhe dar resposta satisfactoria, calo-me.

—Como vae isto em progresso!

Manuel Pezinho ja faz vezes de musico e musico de cathegoria; musico da cathedral!

—Anda V. inventando sempre novellas; Manuel Pezinho toca o folle do orgão.

—Isto sei eu, ha muitos annos, o que não sabia era que elle suppria as faltas dos musicos, como no domingo em que estava no côro garganteando em companhia de um unico musico.

—Tambem naquella matriz do arcebispo anda tudo á matroca: faltam os conegos, faltam os musicos, as alfaias sahem para passeiar e até a coroa de Nossa Senhora ja andou, em certo tempo, no alteio.

—E outras cousinhas mais que se dão la pelos fundos.

—Até os *formigões* comem sequilhos na latrina.

—Capitão, não acha que é tempo?

—De que, meu bom rapaz?

—Das commissões, que tiraram dinheiro para festejos da terminação da guerra, darem contas de si?

—Espere pela terminação official; consolidação da paz com o governo paraguayo, a navegação dos rios franqueada ás nações, e mais tricas diplomaticas.

—Mas eu creio que ja é tempo de irem botando para fora esse dinheiro que deve estar cheio de bolor, ha tanto tempo guardado, assim como da camara sahir em bando pelas ruas, como prometteu.

—Espere um pouco mais; até ver não é tarde.

—A subdelegacia da Sé anda engeitada.

Cada dia tem um subdelegado.

—E isso é bem prejudicial ao serviço publico.

—Ha muito tempo, a subdelegacia não tem authoridade effectiva, nem deixa de ter; porque o subdelegado pediu demissão e considera-se exonerado, ao passo que o chefe de policia guardou o pedido sem dizer sim ou não.

—Sem duvida espera que o Dr. Altino volte a assumir o cargo.

—Eu, no caso do Dr. Altino tomava isso como uma offensa, por que era fazer um conceito menos digno, julgando-o capaz de menos-presar a sua dignidade de homem.

—Em toda esta jiga-joga o serviço e as partes são que soffrem com as interinidades.

—Capitão, V. Ex. leu no *Diario* de sexta feira 25 do corrente uma publicação da madre superiora do convento das Mercez?

—Não.

—Pois aqui a tem.

—Leia.

—«AO PUBLICO.

«A madre-superiora do convento das Ursulinas de Nossa Senhora das Mercêz, não podendo jamais soffrer o capellão conego Villasboas pelos actos de desobediencia, *que tem estabelecido* neste convento de parte das reli-

giosas, educandas e servas, e pelo ministerio da confissão já pela madrugada e já á noite...

—Que tal o conego! Quer por meio das confissões fazer as freiras entrarem no ceu com tripas e tudo!

—«..... trazendo a egreja aberta para ahi se conservar até 10 horas e mais da noite, contra todo o preceito da religião e santa regra e outros actos nunca conhecidos pelos Srs. sacerdotes que tão distinctamente tem occupado este importante logar; tratou de despedil-o por uma carta civilmente, e quando esperava que fosse acolhida pelo Sr. capellão, deu este a resposta que vae transcripta.....

—Isto vem coincidir com o que diz um pobre homem filho de Maré, que tendo recolhido sua afilhada no convento das Mercêz, esta desappareceu de lá e que elle tem convicção de ter sido raptada pelo capellão.

—«..... A annunciante pois devendo pôr termo a semelhantes *desacatos e insubordinações* mantidas, algumas que se não podem *exprimir*.....

—Note bem, algumas se não podem exprimir.

—«..... é obrigada a levar ao conhecimento do publico que tem despedido o Sr. padre Villas-boas deste cargo de hoje para sempre, e concedendo-lhe o prazo de oito dias para a entrega da chave do sobrado, residencia dos capellães, bem como do da egreja e sachristia de que sem autoridade della se apossara com o maior desapreço e falta de attenção á annunciante, que como superiora é responsavel a Deus e ao mundo se não prevenir tão *escandalosos abusos*. Bahia 24 de março de 1870.—Madre *Maria Magdalena do Conceição*, superiora.

—Que tal o conego?!

—Agora aprecie a resposta delle á carta da superiora:

«Illm.ª e Rvma. Sra. madre superiora.—Digne-se V. Rvma. quanto antes mandar-me dizer quem lhe deu anthoridade e jurisdicção para dispensar-me do cargo de capellão do convento, onde por um despacho do Exm. Sr. arcebispo devo servir até que elle mande o contrario. Outro sim, para honra de sua casa e familia religiosa—exponha V. Rvma. uma por uma as razões justissimas e imperiosas, que a obrigaram a um passo tão gigantesco na usurpação da jurisdicção eclesiastica, em que nunca as pessoas do sexo feminino foram admittidas.—Sou de V. Rvma. servo e venerador, 23 de março de 1870.—O conego Dr. *Jacintho Villasboas de Jesus*.»

—Ora ainda mais esta! De maneira que a superiora não tem direito de o demittir de capellão do convento, não tem anthoridade para isso fazer, não tem jurisdição, e elle ficará no convento praticando os seus *moralisados actos*, até que S. Ex. o Sr. arcebispo se digne lançal-o d'ali para fora!

Esta é uma de *cachupeleta*!

—E são estes os ministros da religião christan; e são estes os que se dizem com o direito de lançar sobre o christão, que lhes censura os actos e os desvios, a excommunhão!

—Eu so o que lhe digo é que, si a gente seguir o exemplo dos padres, deixa de ser verdadeiro christão!

—Perdoae-lhes meu Deus, elles não sabem o mal que fazem.

—Recebemos o Discurso Biographico do brigadeiro Faria Rocha, proferido por Severiano Cardoso, orador da loja maçonica Abrigo da Humanidade.

São palavras retocadas de eloquencia, como todas as que sahem dos labios daquelle bello talento.

—Dizem que o tambor-mór do 5.º praticara no quartel um acto summamente escandaloso e repulsivo.

—De que qualidade?

—Apanhou uma besta das que pastam pelas immediações, trancou-se em um quarto com ella e terminando certas experiencias impudicas e repugnantes, introduziu na vagina do animal um formidavel pau.

—Que depravado selvagem!

—Para saborear tão brutal e criminoso deleite, atou a besta de pés e mãos e amarrou-lhe a bocca.

O animal, dizem, ficou a morte.

—E esse bruto não teve o merecido castigo?

—Foi rebaixado do posto.

—Não é nada para quem não tem pudor.

—Nem é punição sufficiente para acção tão revoltante e tamanha falta de respeito para com seus superiores.

—Capitão, o *Garopeiro* está possesso como um cão damnado.

Tem dito o diabo contra os brasileiros por causa da morte de Lopez.

—Quem é esse animal immundo?

—Um safado gallego que ha no Caes Dourado, apologista cego do Paraguay.

—Deixe ladrar o cão; elle que metta o dedo no az de copas e esgane-se.

—E' porque V. Ex. não ouviu ainda as insolencias e insultos que aquella atrevida lingua dirige contra o Brazil.

—Em paga da hospitalidade que recebe.

Está bem; o muxinguciro irá se pôr na porta do Joaquim ou do José, e o Abreu que conhece aquillo a palmos, lhe mostrará o sevandija, para receber o premio de sua lingua mordaz.

—Parece incrivel, admira mesmo, como a corrupção caminha entre nós com passos agigantados!

Não ha classe, não ha posição social, que não seja contaminada pela moleza, incuria, incredulidade, deleixo, suborno e toda sorte de immoralidade.

—Nascemos brasileiros, mas nascemos escravos das paixões e dos vicios de nossos maiores.

Tivemos uma inspiração nobre, mas tornando a patria independente pelos esforços dos sempre lembrados Andrades e outros, assentamos nos espaldares da magistratura e chefaturas do poder a homens sem crenças religiosas, sem principios politicos, sem amor ao paiz.

—Formamos um exercito eivado de instituições anachronicas.

Tivemos uma marinha com chefes estrangeiros.

—Quizemos colonisação e importamos meretrizes do estrangeiro e europeus immoraes, apostrophadores de impudicicias, brutaes e cusados, falsificadores da moeda do paiz.

—Eis o que temos feito, eis o que ha de fazer o Brazil em quanto não tiver homens verdadeiramente patriotas e amantes de seu paiz, que tratem de educar o povo para receber novas tendencias, ser livre e soberano, emprehendedor e christão.

—O que vemos em tudo quanto é nosso?

Um luxo demasiado anniquillando o futuro das familias.

—Empregados publicos convictos de prevaricação e peculato.

—Medicos matasanas povoando os cemiterios publicos.

—Guarda-livros e caixeiros socios em commandita nas gavetas dos patrões.

—Uma malta sem officio nem beneficio, tendo por pousada as tabernas e botequins.

—Padres estupidos e devassos, importados do estrangeiro, que, com a capa da hypocrisia, praticam toda a sorte de libidinagem e sensualidades e procuram embrutecer o povo com falsas doutrinas, para que este ignore a vida desregrada que levam.

—Sacerdotes immoraes, e lascivos vivendo em concubinato escandaloso com mulheres de todas as raças.

—Como um bem conhecido, chegando sua devassidão a habitar em uma casa de mulheres publicas.

—Procuradores, ladrões desalmados que vivem á custa da argacia e da fraude, enganando a seus clientes.

—Rebatedores de ordenados, salteadores, que em vez de emboscarem-se na estrada, vão para as portas das repartições publicas, para quem a usura é o idolo, a velhacaria a conducta.

—Negociantes fraudulentos, que,depois de fallidos, ostentam luxo e grandeza, edificam propriedades e compram bens em nome de terceiros.

—Mascates estrangeiros,que vendem gatos por lebre.

—Pretos e pretas com as partes pudendas á mostra pela safadez dos senhores.

—Mendigos no mesmo estado pela incuria da policia.

—Vendedeiras de peixe, insolentes, insultando as familias.

—Não ha fé, não ha credito, não ha confiança em ninguem!

—A cada passo um calumniador, em cada canto um falsario, em cada negocio um tratante!

—Oh, luz! o teu seculo assoprou-te com força, e para simbolisar o luzeiro destes cem annos, ficou-te o morrão esfumaçado e decahido.

—No domingo ás 11 horas da manhan atirou-se ao dique um homem de cor preta, apparecendo á flor d'agoa no outro dia pelas 5 horas da tarde,

Consta que o chefe de policia ordenara que de la mesmo fosse sepultado.

—E' so o que sabe á respeito?

—So.

A PEDIDO

—Capitão, uma resma de papel, formato grande, quantos quadernos tem?

—Vinte; de vinte cinco folhas cada um.

—Justamente

—Para que perguntou?

—Eu lhe digo.

Compramos sempre papel de côr, na loja Viuva Lemos a 12$ rs. a resma, ou 600 rs. ao quaderno.

—E' o preço em toda parte.

—Na quarta feira, mandamos comprar uma resma de papel, e demos ao portador a amostra de tres cores e um bilhetinho dizendo que de cada côr devia vir 150 folhas, e as 50 restantes tambem de uma so cor differente.

O portador, não sendo o acostumado, e

tendo de comprar potassa na loja dos Srs. Dias Lima, comprou ahi tambem o papel; o qual não veio como se pediu, porem de cores truncadas e faltando muitas folhas. Immediatamente fizemos voltar, explicando de novo, por escripto, que, sendo o papel para impressão de rifas, devia vir com cores eguaes.

Os caixeiros dos Srs. Dias Lima mandam pela segunda vez 19 quadernos por uma resma de papel e os quadernos em sua maior parte faltando uma e duas folhas, e as cores misturadas!

Alem de ser muito tarde, um golpe doloroso, o mais penivel que pode pungir o coração de um filho extremoso, acabava de ferir um dos socios da officina; era por tanto impossivel qualquer reclamação mais nesse dia Quinta e sexta feira foram egualmente impedidos pelo mesmo motivo e por ser o ultimo dia santo.

No sabbado, pela manhan, mandamos reclamar de novo explicando o motivo da demora; porem tivemos em resposta, que não tinham nada com isso.

—Pois um quaderno de papel que se dá de menos em uma resma, augmentará a colossal fortuna dos Srs. Dias Lima?

Entenderão assim seus caixeiros?

—Eu não sei como possa qualificar o facto de ir-se a uma loja de negociantes acreditadissimos, apresentar-se um escripto declarando o que se vae comprar, e por duas vezes empurrar-se cousa differente e incompleta, e por fim não se attender á reclamação.

—Cosas de Espana.

—O valor de um quaderno de papel, nada é, para que lhe viessemos pregar tamanho masso, capitão, mas é somente para lhe patentear o procedimento de empregados de uma casa commercial que devem se esforçar em não desmentirem o credito della.

Chula

Tirada por uma creoula, no Bomfim, no dia da romaria dos voluntarios da patria.

Minha sorte! minha sorte!
Ja achei um voluntario;
Deu-me tres duzias de saias
E me comprou um rosario.

Bernardina está por cima,
Comprou saia preta e becca;
Bravo della!
Mandou á fava os bolinhos,
E do mingau fez em cacos
A panella.

Agora so voluntarios
Em casa me põe os pés;
Gente que só p'ra cerveja
Dá uma nota de dez.

Não são como esses furrecas,
Que davam dez tustões magros,
E queriam resolutos
Banho, almoço e jantar
Seus moafos engommados,
E o troco p'ra charutos.

Quantas, largando os pedaços,
Agora causam reparo,
Co'a vinda dos voluntarios
Mettendo *simeste* caro.

A *troça* toda ja sabe
Com se arranja dinheiro
Sem trabalho;
Si o cobrinho se acabou,
Veste um *liforme* engommado,
Vae passear no Barbalho.

O' companheiras do fado,
Tratem de aproveitar,
So adoptem voluntarios,
Gente que sabe gastar.

Moxiba de carne magra
Na minha porta não pára,
Qu'eu vou logo escurraçando
E mostrando feia cara.

—Não me dirá uma cousa, *Janjão do Tororó,* onde acha V. esses paralleleliipipedos?

—Isso é um arranjosinho que não se diz a ninguem.

—Entendo, isto sahe-lhe por um precinho magnifico; custa-lhe o susto.

—Nem isso; que eu não son bitù para me comprometter.

—Por que razão não foram convidados os officiaes do 40 para o baile que a Recreativa deu ao brigadeiro Farias Rocha?

—A razão é porque morreu o Neves.

—Ah, macacões, ahi é que eu conheço a bondade.

Illm. Sr. commandante superior Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.

No meio das emoções, que sentimos, bem recordações eu tenho dos nossos velhos amigos, que tantas vezes juntos estivemos, Galvão, Bury e Querino, soldados da independencia, que serviram de exemplo dos moços, a que cederam o logar; é pois a elles que dirijo este soneto, que tomo a liberdade de offerecer-lhe, como a um dos mais interessados nas lutas da patria.

Seu humilde criado e amigo.
J. A. da Cunha.

Não, não é só dos vivos tanta gloria;
Ao perpassar da morte os que tombaram
Do immarcessiveis louros coroaram
A fronte augusta na immortal victoria.

Um dia se lerá na patria historia
Nomes, que a patria tanto sublimaram,
Heróes, que a curta vida assim trocaram
Por uma eterna, perenal memoria.

Morrer, não; que elles não temiam;
Mas Aquelle que em si poder encerra
Da eternidade disse que seriam.

Ao roncar dos trovões de horrenda guerra,
Entre milhões de ballas, que zuniam
Terrivel vendaval varreu da terra.

Apontamentos.

(*Continuação.*)

Suave e grata illusão,
Tu és a felicidade,
E's a luz da liberdade
Na tenebrosa oppressão;
E's o magico clarão
De uma luz desconhecida,
Que nos doura o ceu da vida;
E's um sublime transporte
Sem ti a vida é a morte
Oh, filha d'alma querida,

A matrona que foi bella,
Vive na doce illusão,
Que seu chupado carão,
Parece á noite uma estrella;
Porem vêde a cara della,
(Parede antiga e rachada)
Que anda sempre rebocada
De po de arroz e carmim:
Tudo no mundo é assim,
Illusão, mentira e nada!...

O velho calvo e rotundo,
De tempo de minha avó,
Que se enfeita e põe chinó,
E namora a todo mundo,
Vive no somno profundo,
Das illusões; esquecido
De que tem envelhecido
E que seu rosto enrugado
Traz em numero avultado
Mais pregas do que um vestido.

A moça feia e vaidosa,
Bajulada por que é rica,
Imagina e crente fica
Que a requestam por formosa,
Vive enganada e ditosa
Nesta illusão permanente,
Mostre o espelho patente
Embora, a cara exquisita,
Ella diz: «eu sou bonita,
Tem me ditto muita gente.»

P. A.

(*Continua.*)

Soneto

Offerecido ao bravo major commandante do 40 de voluntarios Antonio José da Silva, por alguns amigos e composto por A. A. de Mendonça.

Farta de orgulho, a patria te corôa,
Mancebo illustre, que te ergueste á gloria;
E della no clarim, na voz da historia
Por toda parte, heroe, teu nome vôa.

Ferve sangrenta a lucta; e apenas trôa
Pelos canhões o hymno da victoria,
Estampa-se teu vulto na memoria
Do genio, que os valente galardôa!

Quando, assim, contra um despota iracundo
Desfecha o bravo, — em marcial transporte,
Da espada o golpe vingativo e fundo, —

Sobranceiro aos vaivens da propria sorte,
Quer viva ou morra, — ha de applaudir-lhe o mundo
A vida illustre, a incomparavel morte!

Bahia 20 de março de 1870.

O que queres?

Queres passar por fidalgo,
Senhor de engenho, ou doutor,
Poeta, sabio, ou philosopho?
Faze-te conservador.

Si, ao contrario, desejas
Viver como o animal,
Sem moral, crenças e leis,
Faze-te então liberal.

Si queres passar por tolo,
Ou por cãosinho rafeiro,
Vira a casaca do avesso
E proclama-te ligueiro.

Si, porem, presumes ser
Alguma cousa de humano,
Manda esses homens á fava,
Dize-te republicano.

(*Extr.*)

VARIEDADES.

OS MANDAMENTOS DA SANTA MADRE EGREJA.

1.º OUVIR MISSA INTEIRA

Para preceito cumprir.
Dos dias santos guardar;
Não basta não trabalhar;
Deves missa inteira ouvir.

2.º—CONFESSAR AO MENOS UMA CADA ANNO.

Arrancar do coração
Paixões e vicios terrenos
Deves: fazendo ao menos
No anno uma confissão.

3.º COMMUNGAR PELA PASCHOA DA RESSUREIÇÃO.

Receber a communhão
Te manda na paschoa a egreja,
Para que augmentado seja
A graça da confissão.

4.º JEJUAR QUANDO MANDA A SANTA MADRE EGREJA.

Te ordena com previdencia,
Para aos vicios resistirdes,
E não paixões reprimir
O jejum e abstinencia.

5.º PAGAR DIZIMOS E PRIMICIAS.

Para que em tudo bem obres,
Paga os dizimos a Deus,
Q' patrimonio e dos seus
Templos, ministros e pobres.

Historia da carochinha.

Fôra a uma caçada el-rei D.... fosse quem fosse; o nome não faz nada ao caso.

Perdeu-se no caminho ao affastar-se de sua comitiva e encontrou um moleiro.

—Olá, bom homem, de quem é aquella casa que alem vejo?

—Do Sr. padre Fernando.

—E aquelle moinho?

—Do Sr. padre Fernando.

—E aquelle pomar?

—Do Sr. padre Fernando.

—Muito rico é, pelo que vejo, o tal padre Fernando.

—Si fosse só rico real senhor, mas aquillo é um sabichão que dá sota e az ao mais ladino.

—Sim? pois quero conhecel-o: leva-me á casa delle.

Dahi a cinco minutos estavam na presença um do outro.

—Padre Fernando, disseram-me que sois um grande sabio; pois bem! quero que me digas daqui a um mez, sob pena de morte, quantos cestos de terra encheria aquelle monte—quantas estrellas ha no ceu—e no que estarei eu pensando quando nos tornarmos a ver. E com isto, ficai-vos em paz. No paço vos espero daqui a 30 dias.

O padre scismou e tornou a scismar, sem ver modo de sahir de tal entalação.

—Em boa me metteste, diz elle ao moleiro nas vesperas do dia fatal: como heide eu responder ás tres endiabradas perguntas?

—Ora essa! então isso da-lhe cuidado, Sr. padre Fernando?

—Podera não! achas que é graça mandar-me o rei cortar a cabeça? ainda si fosse a d'um dedo!

—Com effeito! um senhor tão sabio! parece impossivel!... Olhe lá, quer o senhor padre que eu lá vá responder ao rei em seu logar?

—Estas brincando!

—Não brinco, não senhor; no dia aprasado disfarço-me com a batina e o chapeu de tres bicos do Sr. padre, e lá vou ao paço; deixe o resto por minha conta.

No dia proprio apresenta-se o moleiro a el-rei, macaqueando quando pode o padre Fernando.

—Vamos a saber, lhe diz o monarcha, então quantos cestos de terra encheria aquelle monte que lhe mostrei?

—Direi a V. M. que isto depende do tamanho dos cestos: si cada um for do tamanho do monte, bastará um so; si for de metade. serão precisos dous; si for da quarta parte, serão necessarios quatro; e assim por diante.

—Bem está; bem está: e quantas estrellas ha no ceu?

—Cincoenta e sete mil quinhentas e quarenta e oito.

—Como o sabe?

—Sei, porque tive a pachorra de as contar todas uma por uma; mande-as V. M. contar ca tambem, e verá que lhe não falta nem meia.

—Bom! bom! a ultima pergunta é que estou curioso de ver como responde; em que estou eu pensando agora?

—V. M. está a pensar que falla com o padre Fernando, e com quem está fallando é com um pobre moleiro.

Uma authoridade experiente.

O *Gaulois* conta a seguinte historia de um ladrão descoberto, graças a um curioso estratagema da policia austriaca:

«Por meiado do mez passado, um sujeito, com maneiras distinctas, bem vestido, apresenta-se em casa de um grande joalheiro de Vienna, H. Mary.

—Senhor, lhe diz elle, tenho necessidade de vinte mil florins; quereis m'os emprestar? Deixo-vos como penhor este collar de diamantes.

O mercador examinou o collar de diamantes eram soberbos e valiam uma somma consideravel.

—Seja, senhor; empresto-vos os vinte mil florins.

No mesmo instante advertiram-no de que uma senhora lhe desejava fallar; sahe um momento para lhe pedir que se demore, volta para junto do sujeito, assegura-se de que o

collar ainda está no mesmo sitio, e conta-lhe os florins pedidos.

—Daqui ha oito dias, virei buscar o collar, disse o homem sahindo.

Passam-se oito dias, passam-se quinze e o homem não apparece.

O negociante vae ver o collar porque o quer vender, e com grande espanto reconhece que é falso.

Dirige-se á policia e conta-lhe o occorrido. O prefeito ouve-o e depois diz-lhe:

—Essa mulher que veio interromper o contracto era sua cumplice, queria dar occasião a que sahisse para elle depois poder substituir o collar bom pelo falsificado.

—E então agora?

—O remedio é muito facil. Mande annunciar em todos os jornaes, que foi assaltado pelos ladrões, e que entre outros objectos lhe roubaram um collar valioso, que lhe tinha sido depositado como penhor da quantia de vinte mil florins, e cujo valor real excedia quatro vezes esta somma.

O negocio fez grande barulho em Vienna. Toda a cidade fallou nisso.

Alguns dias depois apresenta-se o tal sujeito em casa do joalheiro a pedir o seu collar.

Agora os leitores advinhem o resto.

Amor em partidas dobradas.

Minha senhora!—Os *diversos* sentimentos que tem *assento* em meu coração, fazem *transacção* com o amor puro que existe na *caixa* de minh'alma. Por mais que eu faça o *resumo do balanço* de seus affectos, encontro um *saldo a favor*, na *conta corrente* de nossos olhares.

O *borrador* de meu peito, fica *lançado* no *diario* das cartas que lhe tenho escripto, e pela *razão* dos soffrimentos; mas affianço-lhe que fazendo a *conta*, dá em resultado uma *factura* de quatro folhas de papel!

Não sei a *razão* por que V. Ex. não procura no *tinteiro* de sua consciencia, minorar as *penas* d'este amante firme e recto como uma *regoa*!

Se a *escrevaninha* das illusões, ainda conservasse *partida* de crenças, acredite que o *livro de entradas* tinha muitos *lançamentos* a admittir, porem, acho-me baldo de attenções de sua parte, e não posso *escrever o titulo* de *obrigações a receber*.

Adeus, minha senhora; lance V. Ex. na *conta* de *lettras a pagar* estas linhas, pois sou com a mais profunda consideração.

De V. Ex.

Guarda livros e caixa.

Charadas.

D'entre minhas companheiras
Sou a nona e a terceira—1
Entre as terras africanas
Tu me achas na fileira—2
Assim é a plaga amena,
Desta terra brasileira—2

CONCEITO.

No meio das agoas
Eu tenho morada
E pelo oceano
Sou sempre banhada.

—

No peito eu existo
Até no da fera;—1
Que eu sou d'um bom peito
Não é van chimera—1

CONCEITO.

Nasci sem ser esperado,
Sem ter alma, nem esp'rito,
Mesmo assim para me ouvirem
Quando nasci, dei um grito.

ANNUNCIOS.

Eduardo Firmino da Silva, Candido Ricardo de Sant'Anna, Francisco Ricardo de Sant'Anna e Aristides Ricardo de Sant'Anna agradecem a todas as pessoas que acompanharam até o convento de S. Francisco, e dahi ao cemiterio da Quinta dos Lazaros, o cadaver de sua prezada mãe Maria Joaquina de S. José, e de novo rogam o caridoso obsequio de assistirem a missa do 7.º dia, que por alma da mesma se ha de celebrar no convento dos religiosos franciscanos, hoje 29 de março, ás 8 horas da manhan, pelo que protestam seu eterno reconhecimento. Bahia 26 de março de 1870.

ATTENÇÃO.

Marcos Aurelio Tude acha se habilitado para fazer construir palanques e arcos triumphaes, com todo o gosto e esmero, como nunca foram construidos na Bahia; aguardando-se para essa occasião, afim de bem demonstrar a seus comprovincianos os seus prestimos. Pode ser procurado a ladeira da Conceição n. 15.

Rufino José Travassos, ao Julião n.º 7, aprompta com aceio e brevidade toda e qualquer obra tendente a colxoeiro.

Na rua do Collegio n. 16, 2.º andar, precisa-se de uma ama de cosinha, preferindo-se pessoa de cor preta.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 65.ª QUINTA-FEIRA 31 DE MARÇO. N. 627.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de março de 1870.

Officio ao Illm. Sr. commandante do corpo policial, para que informe si no dia 29 do p. p. o tenente Cardoso, desse corpo, esmurrou ao guarda José Calasans na occasião de dividir-se as patrulhas, devendo S. S., no caso de ser exacto, fazer sentir ao referido official o quanto é reprehensivel tal procedimento; bem como é de esperar que severamente prohiba a reproducção de factos eguaes, ja tantas vezes repetidos nesse corpo.

—Não está má esta pitada!

—O que ha?

—Deu-se um barulho em uma casa de jogo.

Dizem que houveram facas fora, e cacetes em acção.

O sarceiro assumiu proporções de fazer comparecer no logar o delegado de policia.

O dono da cumbuca apresentou-se á authoridade e disse-lhe mui limpamente:

«Joga-se aqui cartas com conhecimento e « *permissão* do Sr. Dr. chefe de policia. Si ha « alguma duvida, V. S. vá se entender *com* « *elle.*»

—O' la!...

—Respondeu o delegado:

«Não tenho que me entender com o chefe de policia porque sei o que me cumpre fazer na execução da lei; nem elle pode authorisar uma pratica criminosa.»

—Pelo menos não deve.

—Retorquiu o dono da casa:

«V. S. não me pode prohibir de ter jogo; si me prender, pago os 10$ rs., amanhan saio e venho continuar a jogar, pois é disto que eu vivo.»

—Que bello pedaço!

Como se houve o delegado?

—Depois deste tiroteio de palavras, S. S. retirou-se e foi acabar de assistir o spectaculo no theatro.

—Então sempre acreditou que o chefe permittia a jogatina?

—Ahi é que eu não posso entrar, na consciencia alheia.

—Ora queira Deus amanhan não digam que tudo isso é uma pomada.

—Ahi estão para affirmar mais de 150 pessoas á vista de quem taes palavras foram proferidas.

O inferno.

Vamos escrever sobre o inferno.

Misericordia! que assumpto tenebroso! Mas emfim, vão notando porem as senhoras authoridades ecclesiasticas que vamos dizer duas cousinhas sem intenção de dogmatisar, e por isso devem nos desculpar as heresias e blasfemias. Vamos escrever com o espelho da imaginação adiante de nós, e com a religião de Jesus-Christo gravada em nosso coração.

O inferno não é outra cousa mais do que um vastissimo campo de longitude e latitude immensuraveis, e se alguem duvida queira ter a bondade de dar por lá um passeio, ainda que seja unicamente pelo espirito de curiosidade.

Esse campo é fechado em roda por um muro de bronze contando mil pés de altura e quinhentos de largura. Alem desse muro ha mais um fosso, que tambem o circula... esse fosso é tão fundo, tão medonho que mais parece um abysmo! as prodigiosas pedras que o formam são monstruosas brazas de um ardente e vivissimo fogo; a agua, que nelle existe até as bordas, é negra, grossa e venenosa; os peixes, que nella se geram são horribilissimas serpes, que se devoram mutuamente e que germinam da mesma natureza dessa agua... Esse fosso é tambem o rio mais aprasivel para Lucifer, é nelle, que elle, em sua barquinha construida de caveiras, com sua vela de negro panno, passeia amiudadamente, só, em derredor do Averno, e é nesses passeios que se derramam as suas munificencias sobre aquelles que mais compromettidos ficaram cá... em suas vidas de crimes e perversidades.

Para se chegar ao Averno, faz-se necessario que se transponha uma formidavel ponte de ferro, cujas estivas dia e noite ardem sem nunca se apagar: essa ponte está guarnecida de um lado e outro por duas alas de medonhas furias, as quaes, em chegando qualquer condemnado cá... deste mundo, embocam seus instrumentos, e eis que passa o misero ao som lugubre dos instrumentos de taes musicos.

Terminado o transito, chega o infeliz ao portão principal o qual para os reprobos de Deus está eternamente aberto, assim como cahida sobre o fosso a ponte, que termina nelle.

Belzebuth recebe cortezmente o novo alliado de Lucifer, e dando-lhe sempre á direita o conduz á presença de seu muito amado irmão: uma simples inclinação de cabeça é toda a cortezia que Lucifer, sobre o seu throno, faz ao miserando, que de joelhos adiante delle espera tremulo e convulso a sua sentença... oh! a sentenca do inferno!...

Para logo Satanaz apparece, e em linguagem burlesca lê a fatal sentença. Lida, eis que chega o barbeiro do Baratro e sem perda de tempo raspa-lhe a cabeça, despe-lhe o fato sem attender a cathegoria, estado ou condição do padecente.

Um grosseiro saiote de estôpa substitue os ricos velludos e os magnificos vestidos de dourada tella, assim como o mais grosseiro burel.

Belzebuth logo que Satanaz principia a exercer as suas funcções de secretario, faz reverentemente uma venia ao throno, e apertando amigavelmente a mão do pobre homem... com passos moderados, braços crusados, vae collocar-se em o seu posto de conductor, afim de introduzir outros, por isso que não podem entrar senão de um a um, ficando os outros (si são muitos) a ouvir na ponte a bella orchestra dos famosos artistas.

Despido e vestido o coitado, é conduzido por Satanaz e o barbeiro ao logar que lhe compete. Esse logar, assim como todos os outros, estão em um subterraneo, e lá iremos, porem fallemos ainda do que ainda não fallamos.

No meio do Averno, ou desse arido campo, está plantada uma arvore secca com um fructo o mais bello possivel (que contraste!) Essa arvore é a do bem e do mal—e o fructo o—vedado.

Lucifer, logo que Adão e Eva transgrediram o preceito do Senhor, e que pelo anjo foram banidos de sua deliciosa patria, mandou arrancal-a e plantal-a em o meio do seu reino, julgando ser um tropheu da victoria que alcançara sobre o Senhor Deus de Israel, mas quanto enganou-se! aquellas duas almas ab-eterno estavam decretadas para a vida eterna. Mas tornemos á arvore... tal terra não era para tal arvore; morreu depois de plantada, e suas verdes e admiraveis folhas cahiram para nunca mais nascerem outras, ficando unicamente um dos fructos prohibidos em seu estado primitivo, para que todos os condemnados vissem a causa de sua justa proscripção da habitação dos justos.

Debaixo dessa arvore estão assentados dois condemnados privilegiados, Caim e Judas: aquelle tem na mão direita o instrumento fratricida, (1) e na esquerda o fiel retracto de seu innocente irmão; porem o outro tendo ambas as mãos sobre uma bolsa de *trinta dinheiros*, tem o pescoço em um laço, que pende d'arvore, e na fronte em letras de sangue o —anathema dos judeus—*Deicida*!

Ambos se olham com horror... ambos choram...

(*Continúa.*)

—Falleceu, ante-hontem, repentinamente o typographo Lucidio de Souza Mascarenhas, empregado do *Diario da Bahia*. Era um dos mais habeis typographos desta provincia.

—Deus se compadeça de sua alma.

A PEDIDO

—Capitão, os operarios do arsenal de marinha estão soffrendo certos vexames.

—Diga-me o que ha; si forem taes que estejam ao meu alcance concorrer para minorar lhes, V. sabe que eu não me nego.

—Consta que dá-se meia hora para almoço, porem os pobres homens são forçados a jejuar.

—Quem os obriga a isso?

—Logo que toca a campa para almoço, fecha-se o portão e ficam os homens retidos, sem poderem sahir para almoçar.

—Mas para que fazem esse mal?

—Para poupar trabalho aos apontadores.

Ora nem todos os operarios estão para levar uma trouxinha de comida em baixo do braço e por isso são obrigados a soffrer fome até a tarde.

—Sacco vasio não se põe em pé.

—Outro gravame que pesa sobre elles é a demora do pagamento.

Seis ou oito dias depois de vencida a quinzena, é que as folhas sobem para a thesouraria.

Ora, semelhante dilação não pode deixar de ser penosa a homens pobres, carregados

(1) Uma queixada de burro.

de familia, que veem-se na necessidade de tomar fiado e pedir espera aos credores, os quaes vendo chegar o dia do pagamento e não apparecer dinheiro, ficam resabiados.

—E' tal-qual.

—Entretanto que o mal de tantos resulta em proveito de alguns especuladores ambiciosos que vivem de rebater o salario dos mais precisados.

—Sim, senhor, acho razoavel tudo o que expoz. Vou procurar meios de fazer chegar ao conhecimento do inspector do arsenal, porque é de crer que elle dê um remedio qualquer.

—Capitão, que vulto é aquelle que vem ali pela ordem 3.ª do *Santo Seraphico*?

—Aonde, Sr. *Araujo?* Eu vejo aqui uma *poia*.

—V. Ex. não vê aquelle embuçado ali?

—Vejo, é algum sujeito que está passeando por aqui, tomando fresco.

—Mas á esta hora?

—Vamos ver aonde elle entra?

—Vamos.

.....

—Lá entrou ali naquelle sobrado grande.

—Já sei quem é.

—Então *bico*!

Apontamentos.

(*Continuação.*)

Rompe o veu das illusões
E assoma a realidade,
Ante a negra potestade
Confrangem-se os corações;
Os sonhos, e as ficções,
Fogem della espavoridos,
E milhares de descridos
Sem amor, sem esperanças,
Só vivem dessas lembranças
Daquelles tempos perdidos!

So tu, materialista,
Não soffres decepções,
Porque não tens illusões;
Só crês no que tens a vista;
Não tens fé, és egoista,
E's amante do prazer:
«Beber, folgar e comer»
Eis aqui a tua historia;
Não crês no phantasma gloria,
Mas contas que has de morrer.

N'uma mesa repimpado,
Rechonchudo comilão,
Leva á bocca uma porção,
Fita ja outro boccado;
E tudo aquillo regado
Por um vinho generoso;
Tres horas; eil o ditoso!
Na sua voracidade
Só crê na realidade,
Porque nella encontra o goz .

Morando em predio elegante
Tendo carro e aduladores,
Em ephemeros amores
Passando vida chibante;
Cá tendes este tunante
Qu'era pobre como Job,
E tinha seu corpo so;
Coitado, sacrificou-se,
Com velha rica casou-se,
Que podia ser sua avó.

O poeta quebra a penna
Lembrando-se de Camões,
Quando em suas illusões
Da miseria a mão lhe acena
O prosador deixa a arena
Onde brilhou seu talento,
E vão buscar alimento,
Ouro, emprego e nomeada
Na politica rafada,
Mas que lhes dá incremento.

Dous amantes namorados
Que se casam na pobreza,
No outro dia p'ra despeza
Que é do dinheiro? coitados!
Lembram dos tempos passados
A sua felicidade,
Porem a necessidade
Que tudo mata e consome,
Lhes bate á porta, e a fome
Lhes traz a realidade!

P. A.

(*Continúa.*)

A policia

Tem se descuidado muito de uma classe por ventura a mais degradante da sociedade, e a que mais concorre para a desmoralisação social, e que por isso necessita de uma constante vigilancia.

Essa classe é a das mulheres das orgias, das infelizes perdidas. Estas desgraçadas, nas ruas publicas da cidade, se apresentam com toda a hediondez da prostituição.

Ellas se mostram em suas janellas em habitos immoraes e posições indecentes. Ellas ostentam um garbo lubrico e maneiras que offendem a moralidade publica.

E não bastante isto, ellas deixam escapar atroadoras palavras obscenas, e soltam cynicas gargalhadas que provocam a indignação da sociedade moralisada.

As familias veem-se na necessidade de se

de familia, que veem-se na necessidade de tomar fiado e pedir espera aos credores, os quaes vendo chegar o dia do pagamento e não apparecer dinheiro, ficam resabiados.

—E' tal-qual.

—Entretanto que o mal de tantos resulta em proveito de alguns especuladores ambiciosos que vivem de rebater o salario dos mais precisados.

—Sim, senhor, acho razoavel tudo o que expoz. Vou procurar meios de fazer chegar ao conhecimento do inspector do arsenal, porque é de crer que elle dê um remedio qualquer.

—Capitão, que vulto é aquelle que vem ali pela ordem 3.ª do *Santo Seraphico*?

—Aonde, Sr. *Araujo?* Eu vejo aqui uma *poia*.

—V. Ex. não vê aquelle embuçado ali?

—Vejo, é algum sujeito que está passeando por aqui, tomando fresco.

—Mas á esta hora?

—Vamos ver aonde elle entra?

—Vamos.

.....

—Lá entrou ali naquelle sobrado grande.

—Já sei quem é.

—Então *bico*!

Apontamentos.

(*Continuação.*)

Rompe o veu das illusões
E assoma a realidade,
Ante a negra potestade
Confrangem-se os corações;
Os sonhos, e as ficções,
Fogem della espavoridos,
E milhares de descridos
Sem amor, sem esperanças,
Só vivem dessas lembranças
Daquelles tempos perdidos!

So tu, materialista,
Não soffres decepções,
Porque não tens illusões;
Só crês no que tens a vista;
Não tens fé, és egoista,
E's amante do prazer:
«Beber, folgar e comer»
Eis aqui a tua historia;
Não crês no phantasma gloria,
Mas contas que has de morrer.

N'uma mesa repimpado,
Rechonchudo comilão,
Leva á bocca uma porção,
Fita ja outro boccado;
E tudo aquillo regado
Por um vinho generoso;
Tres horas; eil o ditoso!
Na sua voracidade
Só crê na realidade,
Porque nella encontra o goz .

Morando em predio elegante
Tendo carro e aduladores,
Em ephemeros amores
Passando vida chibante;
Cá tendes este tunante
Qu'era pobre como Job,
E tinha seu corpo so;
Coitado, sacrificou-se,
Com velha rica casou-se,
Que podia ser sua avó.

O poeta quebra a penna
Lembrando-se de Camões,
Quando em suas illusões
Da miseria a mão lhe acena
O prosador deixa a arena
Onde brilhou seu talento,
E vão buscar alimento,
Ouro, emprego e nomeada
Na politica rafada,
Mas que lhes dá incremento.

Dous amantes namorados
Que se casam na pobreza,
No outro dia p'ra despeza
Que é do dinheiro? coitados!
Lembram dos tempos passados
A sua felicidade,
Porem a necessidade
Que tudo mata e consome,
Lhes bate á porta, e a fome
Lhes traz a realidade!

P. A.

(*Continúa.*)

A policia

Tem se descuidado muito de uma classe por ventura a mais degradante da sociedade, e a que mais concorre para a desmoralisação social, e que por isso necessita de uma constante vigilancia.

Essa classe é a das mulheres das orgias, das infelizes perdidas. Estas desgraçadas, nas ruas publicas da cidade, se apresentam com toda a hediondez da prostituição.

Ellas se mostram em suas janellas em habitos immoraes e posições indecentes. Ellas ostentam um garbo lubrico e maneiras que offendem a moralidade publica.

E não bastante isto, ellas deixam escapar atroadoras palavras obscenas, e soltam cynicas gargalhadas que provocam a indignação da sociedade moralisada.

As familias veem-se na necessidade de se

retirarem de suas janellas e não consentirem que suas filhas cheguem a ellas para que não tenham em face o escandalo da depravação.

Pedimos ao digno chefe de policia haja por bem fazer policiar esta classe, que muito contribue para a desmoralisação social.

—Aspirante João de Deus!

—Prompto.

—E' preciso ter muita vigilancia com uma cafurna la para o *caes do ouro*, onde me consta existe um famoso ninho de ratos, mesmo defronte de um abarracamento de *morcegos*.

Estes damninhos roedores sahem todas as noites a estragar pelos depositos os saccos de productos sacharinos e fardos da cultura que symbolisa a riqueza do Brasil, e como morcego é da familia de rato, os maldictos noctivagos commettem sem medo todas as suas travessuras.

—Capitão, vou cumprir as ordens.

—E' preciso completar as instrucções.

Na porta da tal cafurna ha inscripto um grande *T* e *a cira* a *bexiga* podre o interior.

—Capitão eu lhe prometto que hei de acabar com aquelles infernaes devoradores.

VARIEDADES.

Anjo á porta e o diabo em casa.

Certo boticario casado com uma mulher muito feia e má, tinha por emblema de seu negocio um anjo: alguem procurando pela sua botica perguntou a um collega que respondeu:

—E' ali a botica que tem o anjo a porta e o diabo em casa.

Cuidado!

Em um dos cemiterios de Napoles lê-se na sepultura de um ladrão o seguinte:

Aqui jaz um maroto nesta lapa,
A viver costumado so do alheio!
Passa de largo, amigo, pois receio,
Que morto como está te furte a capa.

Respostas ao pé da lettra.

Um subdelegado de policia passeiava uma manhan pelo terreiro de sua casa de campo, em occasião que pela estrada publica passava um viandante, conduzindo uma ovelha e um carneiro.

Impellido pelo sentimento que domina todos os da sua classe, a curiosidade, o nosso fnnccionario dirigiu-se-lhe, e, depois de um cumprimento pouco pollido, travou com elle este dialogo:

—Então, patricio, onde dormiu?

—Na minha rêde, respondeu o viandante.

—Eu não pergunto em que cama; pergunto em que altura, acudiu o subdelegado.

—Na altura de dous palmos pouco mais ou menos, porque tenho muito medo de cahir tornou o viandante.

—O Sr. é um homem falto de *criação*! replica o agente da policia.

—Tenho, apenas, esta ovelha e este carneiro, volta-lhe o nosso homem proseguindo o seu caminho.

O subdelegado de policia, com a cara á banda, assentou de voltar para casa, e escrever mais essa no seu caderno.

Um caçador elogiava muito a sua espingarda, porque, segundo elle diza, alcançava a uma distancia extraordinaria.

—A' que distancia bota ella com chumbo n. 6? perguntou-lhe um amigo.

—Eu não caço com chumbo nem com bala.

—Então com que caça Vmc.?

—Com sal, respondeu o escopeteiro, por que como a espingarda deita muito longe, sempre que vou apanhar o passarinho ja o acho podre, e assim, sendo morto com sal, nada lhe acontece porque ja o acho salgado.

Motte.

Toda moça que é tafula
Fica velha sem casar.

GLOZA.

Fica magra, fica xula,
Perde toda a poesia,
Faz a gente ter asia
Toda moça que é tafula!
Fica molle como a lula,
Anda sempre a se mirar,
A vestir-se e a pentear;
A final, pobre coitada!
Fica sempre desprezada,
Fica velha sem casar!

ANNUNCIOS.

Na padaria em Santo Antonio da Mouraria aluga-se um preto ou moleque; prefere-se captivo.

Vende-se tres frentes de casas, em terreno proprio, sitas a rua Nova do Queimado. Quem pretender dirija-se ao escriptorio do Sr. Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, ou a esta typographia.

Na rua do Collegio n. 16, 2.° andar, precisa-se de uma ama de cosinha, preferindo-se pessoa de cor preta.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.ª SEXTA-FEIRA 4 DE NOVEMBRO. Ns. 712—713.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 100 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de novembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias correctivas para uns rapazes caixeiros que reunem-se debaixo do guindaste do consulado, jogando *ponga, damas,* etc., etc., os quaes alem das patifarias e algazarras que fazem, compram doces ás pretas que ali vendem, e na occasião de pagar, não o querendo fazer, tratam de esbordoal-as

Sendo esse procedimento irregular e indigno da classe á que elles pertencem, espera-se de S. S. uma reprimenda para esses estabanados.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, pedindo-lhe que faça cessar o procedimento irregular de umas mulheres, moradoras no becco da Innocencia, ladeira das Hortas, as quaes fazem o despejo de trampa e outras porcarias no meio da rua, não obstante haver ali perto um cano para esse fim.

Espera-se providencias.

—No domingo 30 do passado reuniram-se no salão da sociedade *Monte-Pio dos Artifices* os typographos, livreiros e lytographos, afim de formarem uma associação de soccorro mutuo, sendo os iniciadores da ideia os Srs. Domingos Francelino da Silva, Eduardo Daniel Galvão e Joaquim Cassiano Hyppolito.

Depois de apoiada e approvada a ideia pelos artistas das classes acima, que achavam-se presentes, elegeram a meza provisoria, que ficou assim organisada:

Presidente—Capitão João Capistrano Fernandes.

1.º Secretario—Alferes Joaquim Cassiano Hyppolito.

2.º dito—José Odorico Paranhos.

Elegendo-se depois uma commissão para redigir os estatutos, que hão de regularisar a gerencia da mencionada associação, deu o esultado seguinte:

Manuel Honorio da Silva, relator.
João Cancio da Silva.
Ignacio Hermogenes Cajueiro.
André Pereira.
Benigno Vicente Dantas.

—Estou inteirado.

O Supremo Architecto do Universo que os ajude a realisar sua tão santa e philantropica ideia.

—Que tiros são estes aqui por Itapagipe?

—São certos sujeitos que andam pelas roças passarinhando.

—Oh! pois caçar-se aqui, por onde transitam tantas pessoas, e, alem do mais, nesta epocha em que muitas familias se acham n'este bairro para passar a festa?

—Em todos os domingos e dias santos ouvem-se em diversos logares tiros dos taes passarinhadores.

—Então é bom, para prevenir algum resultado funesto, pedir ao Sr. Dr. chefe de policia providencias a respeito.

—Acho prudente.

—Está iniciada na Bahia a sociedade de —soccorros mutuos—para as tres classes que symbolisam a imprensa—a typographia, a livraria e a lytographia.

—Já era tempo!

—Filhos do trabalho, os apostolos d'essa nobre arte—facho da civilisação que guia o homem no caminho da perfectibilidade, pensaram no futuro que os aguardava e só viram diante de si pobreza, abandono e decepção!

O typographo, principalmente, emquanto moço, trabalha, é o interprete da communicação dos grandes pensamentos, das ideias philantropicas, dos conhecimentos uteis; mas chegando á meia edade, o incessante labor lhe tem exhaurido as forças, a vista está cançada e gasta pelas noites passadas no trabalho e muito antes que a velhice chegue, o typographo já está inutilisado para sua profissão.

Si é conservado na officina é sempre a titulo de contemplação do proprietario.

D'ahi surgiu a ideia da associação de soccorros mutuos.

Ideia grandiosa e sublime, tão elevada como a cumiada dos Andes, porque ella encerra o pensamento do amor do proximo e o exercicio da charidade christan!

—Que não sossobre ella, como outras muitas tentativas que tem sido feitas nesta terra.

—Os filhos da imprensa devem comprehender que está no seu interesse a sustentação da sociedade de soccorros mutuos.

Lucidio Mascarenhas, artista distincto, coração generoso, vendo a decadencia em que tinha cahido a arte typographica, tentou reerguel-a congregando os collegas para a fundação de uma associação; seus esforços foram frustrados. Hoje a experiencia deve servir de proveitosa lição.

—O homem e as classes teem necessidade de congregar-se para o bem commum.

Alem da santa, porem estreita sociedade que se chama familia, o homem é impellido por mil necessidades a fazer parte de uma sociedade mais vasta.

—Entre outros, ha um pensamento de grande alcance na fundação da sociedade; é o estabelecimento de um jornal.

—Sim, Sr., é bem lembrado. As sociedades typographicas das outras provincias tem seu jornal.

Os primeiros redactores de jornaes, que houveram, foram os typographos de Moguncia e Strasburgo. Foram elles que por sua conta e risco publicaram os primeiros jornaes, sendo o primeiro que veio á luz no anno de 1457, isto é, 21 annos depois da invenção da imprensa por Guttemberg. Esses periodicos duraram de 1457 a 1460.

Depois então é que começaram a collaborar em Veneza as *Notizie scritt*, em manuscripto, as quaes eram cedidas á um e á outro curioso que pagava uma *gazeta*, pequena moeda, por leitura que nellas fazia.

E' d'ahi que ficou-se chamando as folhas periodicas *gazeta*.

—Que preconceitos banaes, mal entendidas prevenções não venham burlar a realisação do edificio que estende ao porvir de uma classe inteira.

—Foi raptada, no dia de finados, na rua do Rosario em Itapagipe, uma menor de desesete annos, por um rapazinho tambem de menor edade.

—Já tive communicação d'esse facto pelo agente encarregado da nossa policia secreta, n'aquelle bairro.

—O subdelegado, tendo sciencia do rapto, deu as providencias necessarias.

—Tambem me foi isso communicado, e já hoje devem estar raptada e raptor unidos pelos laços matrimoniaes.

Receba o Sr. subdelegado do 2.° districto da freguezia da Penha nossos cumprimentos pela maneira por que providenciou sobre o occorrido.

—Ha creaturas que entendem forçar os preceitos da natureza!

No domingo, no fogo dos Afflictos, appareceu um homem vestido de mulher.

Um gaiato, vendo aquella mulher e supondo ser alguma *menina feliz*, foi bachu-leal-a e encontrou-se com o *rigoroso infano*.

Descobriu porem o engano em que estava, e viu que a supposta mulher era um ex-voluntario do 54.

Reuniram-se diversos rapazes e pozeram a roupa do *cujo affeminado* em tiras, sendo a saia levada feito bandeira por um dos sujeitos, que o esbordoaram.

Eis que por fim apresentou-se a policia, e por sua vez espanca tambem o povo.

—Que terra, meu Deus!

—Chegue aqui para ver uma cousa.

—Já estou enfastiado de ver soldados; a guarda da Correcção passa todo dia aqui.

—Mas desta vez ha o que admirar.

—Será algum boi com duas cabeças?

—Ora veja lá.

—O que é, Sr.! um soldado na forma de pés no chão!

—Não é tão bonito?

—Triste e deponente acho eu.

—Entretanto o Sr. está vendo com seus olhos, hoje quinta-feira 27 de outubro.

—Capitão, ouça esta e ajuize como lhe parecer.

—Estou ouvindo.

—Um homem, mora ha seis annos em uma casa e deve um quartel. O proprietario manda exigir esse pagamento; o inquilino vae ter com elle e pede-lhe que espere emquanto acaba uma obra que está fazendo e com cujo dinheiro pretende pagar-lhe.

Mas o proprietario diz que tem tambem uma obra e quer que o homem lhe vá trabalhar. Este desculpa-se que está obrigado por um compromisso, a que não quer faltar, porem que, si a obra se pode adiar, elle logo que conclua a que tem entre mãos, virá encarregar-se della, o que será até uma vantagem para elle.

O proprietario insiste que não quer adiar e o inquilino que não pode largar o que está fazendo e nisso ficam.

A cousa passou-se n'um sabbado; na segunda-feira ás 5 horas da manhan o artista sahe para seu trabalho, deixando sua mulher em cima da cama parida; ás 6 horas recebe a noticia do que a casa estava litteralmente destelhada!

—E quem mandou destelhar?

—O proprietario.

—Isso não se faz!

—Mas fez-se.

—E' zombar da pobreza, é pisar a indigencia.

—Pergunto eu: si a mulher desse homem, parida como se acha, tiver um choque, que lhe resulte grave incommodo, quem será responsavel?

—O pobre do marido, alem de desfeiteado, é quem ha de se virar de dentro para fora.

—Ainda em cima ha de pagar ao Dr. Domingos Carlos ou a outro qualquer medico que lhe vá ver a enferma!

Esta é bem lembrada!

—Meu charo, quem é pobre aqui, vale menos que cachorro.

O dia de finados.

HODIE MIHI CRAS TIBI.

Eis as scenas do mundo! Oh quantos hontem
Riam-se alegres que hoje em pranto envoltos
Veem tributar á amigos e á parentes,
Na morada da morte
O pranto da saudade!
(Canticos Lyricos—Teixeira e Souza.)

Hoje é dia de pranto e de saudade!
Vinde, vinde, fieis, ver charos ossos;
Vinde regar as mestas sepulturas
Co'as lagrimas da dor e junto dellas
Erguer ao ceu da piedade as preces.
(Gemidos poeticos sobre os tumulos—Dr. L. De-Simoni.)

O funebre cypreste, o som tetrico do bronze, o silencio sepulchral das campas, as pompas luctuosas, esse ar merencorio e triste que transparece no rosto macilento dos vivos, todas essas scenas do mundo, traduzem o nada da terra e o tudo da eternidade.

O que vale o homem perante a morte?

Os alterosos castellos cujas ameias tocavam as fimbrias das ethereas nuvens, eil-os desfeitos no po!

Onde os templos de Balbek, Tadmor e Jerusalem? Onde os baluartes de Ninive, e os jardins da soberba Babylonia? Onde Persepoles, Thebas, Ecbatana?

Por sobre as suas ruinas descansa o pe a famulenta morte!

So ella triumpha.

Nada valem as concepções humanas ante o seu poderio!... Tornam-se em lemur, em po, em zero.

Alexandre quer em um so olhar cubiçoso, descortinar o mundo inteiro! Julga-se um Deus; porém um Deus não morre, e eil-o como o poeta disse:

Da edade em meio victima da morte.

Onde os planos incommensuraveis do vencedor da Europa?

Nem sempre o anjo da victoria lhe havia de sorrir...

O anjo da morte deteve-o com a sinistra em Waterloo e com a dextra indicou-lhe Santa Helena!

Que gloria ha em ser Nero. Caligula, ou Gengis-Kan.

Um monstro não tem renome! Quando cahe moribundo, « arqueja e morre, o mundo « applaude, a humanidede exulta! »

Pauperrima humanidade!

Hontem ostentava o *Alarico* os fastos de sua gloria, hoje prefirira um *Iro* ser, mas não existe.

Sempre a morte!

Na morada eterna dos mortos é que o verdadeiro amigo se reconhece... Eil-o triste e abatido junto a lousa, onde repousam as reliquias de um corpo que outr'ora habitado fôra, não por uma alma venal, dessas que o mundo é cheio, mas por uma alma pura e santa, como o incenso que o levita mandou aoa pés de Deus.

Sobre os tumulos o verdadeiro christão chora a perda dos seus, mas os olhos d'alma lhe sorriem ledos porque sabe que o espirito do justo repousa, fruindo os gozos da eterna luz, no seio do seu Creador.

Mas si o impio pranteia o impio é so por que lhe falta o consocio dos seus nefandos crimes!...

Contempla, mortal, estes quadros luctuosos, que se desenham ante teus olhos, com o pranto da dor e da saudade.

O que vés?

Acaso as piramides e obeliscos onde os egypcios conservavam os seus cadaveres? Accaso o monticulo de areia da cidade de Alexandre elevado pela piedade de um liberto e de um soldado aos manes do immortal Pompeu? Ou quem sabe si o tumulo de Cicero ou a estatua de Catão?

So destroços da morte!

Si por entre a multidão dos monumentos obscuros e de nomes desconhecidos encontrares algum epitaphio simples ou grotesco, não te sorrias.

Quem sabe si esse tumulo não encerra o involucro de uma alma christan que talvez nessa hora esteja aos pés de Deus pedindo por ti?

Curva-te e passa.

Como é sublime a mudez dos tumulos! E quanta religião não encerram elles? Que o digam *Foscolo* e Pindemont, que o diga De Simoni nos seus *Gemidos Poeticos*.

Meditando sobre os tumulos o philosopho encontra materia para pensar que na vida humana a gloria é um accidente. *La gloire n'este qu'un accident dans la vie humain.*

Pois bem, mortal, detem-te na carreira do vicio que desenfreado abraças. Recorda-te da terna e virtuosa esposa, dos filhinhos charos, que de ti carecem.

Sê compassivo.

Esse a quem ha pouco, em troco de um sorriso protector, o fel da lisonja offerecias, como si fosse saboroso nectar, de ti zombando cuspir-te-ha no rosto o sarcasmo do desprezo.

Não te curves tanto.

Queres ouro, so ouro, pompas, so pompas, embora sacrifiques os mais bellos preceitos da san moral, e não te lembras que das pompas e do ouro a morte zomba?! Conforma-te com as leis sublimes da virtude; odeia o vicio; a ideia má do crime não consente na mente.

Medita sobre estes tumulos erguidos pela piedade christan... Recorda a causa dos teus remorsos; não te eleves além do que tu és: não calques a humanidade de que és parte, que um dia tambem serás calcado.

Arrepende-te.

E so assim poderá tua alma sorrir tranquilla aos paramos do ceu.

2 de novembro.

A PEDIDO

—Bença, xinhá capitão.

—Adeus, preto. O que queres?

—Cum licença. Iô ven pedi ossincellence pra mandá muxinguêro metê taca ni cara di braneq qui tan munto xicarado.

—Negro! Pois tens a ousadia de vires pedir para se castigar um branco!

—Tem paciença, capitão, sicuta; cô nan tem valimento qundo acção nan pressa. Negro tem mai vregonha ni sola di pé de quê branco refuga, cuma iêsse ta. Iêsse é fundo di panela de caboco. Iêsse ta *facô-facô*.

—Quem é elle?

—E' *Juon Crimacoria*.

—Quem! negro?

—Sipera, capitão, é un caxoro qui de premeiro ta cu amizade grande cum *Xico* di *guera*. Xinha *Xico* é qui dá cumê a êre, dá sapato, dá *xocotó*. Êre fica ni casa catando *pevide* pra fazê carurú. Tafé! xicarado, malandé. Nan qué trabaiá, fica socado ni casa *feito muiê*.

Ni meu tera nan si usa esse.

—Que lingoa de negro!

—Iô tan farando vredade pra xinha capitão.

Ni tempo que isso contecê iô passa ni prota di Xinha *Xico*; iô tan bresevando zun-zun-zun di anani turo qui tan farando de pouco vregonha de *Crimacoria*.

Agora não; *Crimacoria* achou muié véia qui dá casa pra ere vae cobrá arugué.

—Negro, quem te diz tanta cousa?

—Êre ja botá dici,o ni pento dua veze; muié qué mandá xotá êre pra infreno; êre vae joeiar ui pé di moradô di casa pra fallá cum dona qui deixa êre ficá.

Crioura tan morando ni loja di sobrado qui êre tan cobranda arugué. Esse crioura chamá.... chama.... *E... va!*... ja si quiceu nome di êre.

Capitão tuma sentido ni côsa de procaria qui esse branco safado fazê. Nosso preto nan faze esse.

Crimacoria soccá dia entero ni casa di crioura; nan dá dieiro e fica patando tempo di rapariga; *amacorin* qué entrá nan pode. pruquê êre tan la enchendo sala de prena. Nan qué dá pra fubá, tá tomando logá.

Quando mei di casa venceu; êre dizê a rapariga —denxa tá, qui iô nan cobra ni mão di ossê. Cuma êre mêmo é qui tá pracarador di casa, crioura creditou ni paravra de mentiroso.

Venceu á ua meze, crioura tan decansada, pruquê êre lizê qui nan tem susso di dieiro. Quando ter a trei meze, *Crimacoria* sahe caradinho, vae ni praça, chuma dua meirinho, manda tirá trasse turo di rapariga.

Iêsse tá acção di mureque, acção de xibiu.

Pra quê sereve cabero qui esse xicarado tem ni cara?

Vredade é! Negro di cara lunhada tem sentimento mai di quê esse branco qui ta cum cara di cavaro gazo.

Rapariga,coitado, pru fiá nesse côsa rgim, ficô dromindo ni siteira ni chão; êre tuma cama, tuma candera, tuma mariqueza, tuma meza, tuma catiça.

Iesse Crimacoria ta *olé* vredadeiro. Precisa mettê taca cum froça ni cara di êre.

Crimacoria dizê que ta ni pratido vremeio.

E'man!... si vremeio tem gente di esse ta predido. Esse nan siribe nem pra capaxo.

—Basta, pae, não me masses.

—Sitora di êre ta cumprida cumo caminho di Tapoan; vae xicançá; iô vrota logo.

—Muxingueiro.

—Prompto.

—Vae saber que enrola é essa. Esta mu-

lher está toda pisada e maltratada. Diz que a chamaram para servir em uma casa e a paga que lhe deram foi muita pancada.

—Como se chama, senhora?

—Maria da Soledade.

—E o boa chita de seu amo?

—*João*.

—Vamos, que si for como diz, eu *pinto* com o sujeito. O capitão dá licença, não?

—E até não quero que volte cá, sem trazel-o á minha presença.

—Hei de embrenhar-me ahi por essas *silvas* agrestes até descobril-o.

Os revezes da commandita «olho vivo» no espaço de uma quinzena.

Vejam:

Desapparecimento do *Pinto Cattête,* abandonando a questão, sem gastar o *conto de réis* em *fixas,* segundo o pacto da commandita.

Transacção com uma letra de duzentos *bodes,* rebatida com 40% pelo *celebre agiota* do *pelourinho.*

Aprisionamento dos *noventa e cinco* mil homens, sem darem pela estrategia de nossos generaes.

Posse das chaves... ... não sendo todavia precisas, para que, antes que elles entrassem, entramos nós, afim de acautelar o *pouco* ou *nada* que resta da fazenda alheia.

Os bons officios do *yaya* cabocolinho, depois de nos ver dentro da casa, porque até o presente só tem servido para *engrossar demandas.*

Entrada da *commandita Pinto, João, Bandeira & Custodio* na ultima scena do *drama* para terminar o acto.

Despejo e confiscação de parte dos moveis para pagamento de aluguel e custas até final sentença.

Surpreza da *baixa gente* por nos ver sabbado á noite na posse do objecto questionado.

Finalmente... embargo do Cattête no caracter de senhor e possuidor da *casa* e bens embargados, depois de *noventa* dias passados.

Ca... ca... ca... fiau... fiau... fiau... ó bobo, olha que esta nova questão serve unicamente para te reduzir ao *nada,* porque a farelo como estás, tua gente pode ainda pastar e dar pasto.

(*Continúa.*)

(Continuação do *yoyo do ceu.*)

—A voraz sêde de luxo que devora *yoyo do ceu* é que o leva á essa vida de continuadas alicantinas e trapaças; o desejo de ostentar opulencia o arrasta a esses meios condemnados, á essa torpe pilhagem do suor alheio.

Alma polluida, embebida no lodaçal do vicio, ante seus insaciaveis e hediondos desejos não ha termo justo e honesto que se anteponha.

Simulando um ar serio e gravidade fingida, o bandido atravessa as ruas com ar imponente, hombreando-se com os caracteres puros, com as honestidades immaculadas!

Miseravel e iniquo, que disfarçado com a luva branca, occulta nas mãos calliginosas as chagas da perversão!

Gelado coração que brilha debaixo dos botões do brilhantismo da moda.

Verdadeiro illote social, cabeça desmiolada, cuja caspa occulta o frisamento do cabello.

E' lazaro; porem mais pôdre d'alma que do corpo?

E a sociedade tão cheia de preconceitos tolera que esse ser coberto de mazellas moraes se confunda no turbilhão com as consciencias puras!

Por algum tempo dispôz *yoyo do ceu* da agencia do *curadouro,* mas elle ahi não curava, matava; assassinava a fortuna d'aquelles que cahiam na sua dependencia.

Yoyo do ceu ostentou um luxo asiatico, uma grandeza de principe. Em outra terra que não fosse Latronopolis, a policia se poria alerta e a moralidade do governo teria que ver no fausto que sustentava o Vampa.

Habitou em sumptuoso palacio; gastou dinheiro ás mãos cheias para adornal-o: pintura luxuriante, moveis de admiravel exquisitice, cortinados de custosos e raros estofos, repuchos, singularidades, artefactos de primor, tudo que a superfluidade e o disperdicio podem engendrar a quem gasta o que não custa a ganhar.

Mas veio um dia em que a fonte seccou; appareceu um homem, caracter energico e decidido, que fez estancar aquelle manancial de escandalos.

Yoyo do ceu foi apeiado do pedestal de seus latrocinios.

A moralidade publica respirou por momentos nesse dia.

Affeito aos gozos de uma vida corrupta e estragada, acostumado a molleza que geram a lascivia, os deleites impuros, foi-lhe agra e sentida a transição.

Mas *yoyo do ceu* dotado de recursos vastos, não desanimou e passadas as primeiras impressões que infundem um contratempo, poz-se em campo.

Foi assim que, auxiliado pelo Sr. *Poalo, costureiro,* o encontramos explorando campo, e extorquindo os vintens da pobre mulher.

O Sr. *Poalo, costureiro!*... oh! incommensuravel vivente!...

—V. está divagando muito.

—Perdão, capitão, para onde vamos, temos muito tempo.

O Sr. *Poalo, costureiro,* tem uma phisionomia superflua e ninguem, ao encarar o todo d'aquella entidade, acreditará que é dotado de tão bons prestimos.

O Sr. *Poalo* talvez na agulha e no dedal não seja tão fino, como é para desempenhar o papel de instrumento de acções ignobeis.

Refalsado e hypocrita, com um meio sorriso nas pontas dos beiços, engolindo o final das palavras na pronuncia, o Sr. *Poalo* aperta a mão do individuo para dal-o a conhecer aos inimigos deste.

—Foi assim que Judas fez; beijou a Christo quando quiz entregal-o á sanha dos phariseus.

—O Sr. *Poalo* conversa cordealmente com aquelle a quem acaba de trahir e tem sempre para este uma phrase de lisonja, e uma zumbaia a fazer.

—A hypocrisia encobre a ferocidade.

—Serpente bipede, morde e envenena a muitos que por elle se teem interessado.

—Muitas vezes é assim; a generosidade da vespera é paga com a cilada do dia seguinte.

—Agora ouça V. Ex. o resto da descarada ladroeira que praticaram neste negocio, e os meios torpes, ou antes criminosos, de que se serviram *yoyo do ceu* como protogonista e o Sr. *Poalo* como seu agente para empalmarem 146$ rs., alem de mais 200$ rs. com que os comprou a parte contraria.

—Eu já tenho no fim da sua historia o castigo a applicar a esse tal *Poalo*: é mandal-o subir umas dez vezes uma *ladeira,* e depois mettel-o até o pescoço em uma *fonte,* onde fique em *desterro* perpetuo.

(*Continúa.*)

(*Continuação do n. 697.*)

—*Feliz café* é bolotreiro e anda mettido com os *papaes de terreiro.*

—Que suspeita!

—Um rapaz solteiro, tinha em casa uma creada, a qual tinha pelo amo suas affeições. *Feliz café* não séi como pescou isso, e astuciou tirar logo d'ahi proveito.

Foi metter nos ouvidos da desmiolada rapariga que seu amo ia casar-se, porem que si ella queria e estava disposta a gastar, elle era capaz de fazer com que o casamento não se realisasse.

A tola aceitou a proposição e entrou a cahir com os cobres, recebendo em troca pós e raizes, que ia accondicionando no estomago do rapaz por meio da comida.

Pegou no ourinho e mandou deitar no cêpo e *Feliz café* foi se locupletando e fazendo um chuveiro de promessas. As exigencias porem dobravam de dia em dia; quando *Feliz café* viu que não havia mais o que comer, envolou-se.

Foi então que a rapariga confessou ao amo o logro que lhe pregara e como tinha se feito cumplice de *Feliz café,* dando-lhe drogas e hervas, cuja acção ignorava, a comer.

(*Continúa.*)

VARIEDADES.

O homem distrahido.

Todos conhecem um ou mais homens distrahidos.

O distrahido é o que procura os oculos com elles no nariz, que pergunta pelo chapeu com elle na cabeça, que veste as ceroulas ao avêsso, que sahe para a rua de sapatos de ourêlo, que chama ao negro Tiburcio, sendo elle José. e á preta Thereza, quando ella é Justa.

Isto são abstracções vulgares e rasteiras.

Eu, porem, conheço um distrahido, poetico, engraçado e romantico, que não tem de prosaico senão o nome.

E' o Sr. José Francisco. Todos os Josés Franciscos são entes vulgares e semsaborões. Este não.

José Francisco pertence ao nosso tremebundo e numeroso exercito de litteratos. E' thema do publico, ha bons dez annos.

Já vê o leitor que o nosso homem é um poeta lagrimante, costumado a fazer versos com papel e pennas á custa dos amigos.

José Francisco é um cidadão regularissimo nos seus deveres borocraticos, figura sempre nos cafés com menção honrosa, e ainda não tem habito da Rosa.

Não se lhe notam senão dous defeitos.

Primeiro: é proprietario de um nariz rubido, ponteagudo e anti-social, ao pé do qual ficariam a dever de vista os historicos e veneraveis narigões de Cyro, Machiavello, Catilina, Rabellais, Cyrano de Bergerac, o mais celebre de todos.

Segundo: é dotado de uma distracção que estava ao talhar para qualquer litterato da moda, mas que em um da gravidade de José Francisco é de mau effeito.

Todos comprehendem que o litterato estude em casa as abstracções que ha de experimentar e patentear na rua; um distrahido é cousa muito chique e dá ao individuo uma certa aureola de celebridade.

Mas as distracções de José Francisco não são estudadas, e por isso, tem o valor da originalidade.

E si não veja o leitor:

José Francisco vae habitualmente jantar ao Ravot, mas entra pela porta do alfaiate que fica junto ao hotel.

Pois não é raro o nosso homem entrar abstractamente pela loja, e, interrompendo o expediente das thesouras e das medidas, gritar para o sorpreso alfaiate:

—Rapaz! uma sôpa á Juliana e carne assada.

Percebendo o equivoco desfaz-se em desculpas e entra finalmente na casa de pasto.

Ao jantar, si acerta estar na pujadura de distracção, acaba de comer sôpa e pede mais sôpa e mais sôpa, comendo afinal tres sôpas, julgando que comeu uma!

José Francisco vae a um baile. Percorre o salão, e fixa-se a um canto a contemplar o ambiente Depara com um sujeito de casaca e luvas brancas e correndo-lhe ao encontro, cumprimenta-o:

—Como passou V. Ex.?

—Eu não tenho excellencia, responde o interrogado. Sou o criado grave.

—Ah! reflexiona José Francisco, sou um criado de V. Ex.

José Francisco foi um dia ao ministerio do imperio pedir uma certidão de que carecia.

Tinha ali um amigo e encontrando-o atrapalhado com o expediente offereceu-se para o coadjuvar. Generosa offerta.

Encarregado de sobscriptar varios officios, fez a seguinte sargalhada:

Mandou para a repartição de saude uma portaria, concedendo um beneficio aos bombeiros, amoladores e artes correlativas.

Enviou ao vigario capitular um officio perguntando lhe si na ilha do Governador grassava alguma epidemia.

Mimoseou um sacerdote com uma nomeação de guarda urbano.

E remetteu a um deputado provincial a copia de um decreto exonerando-o de carteiro.

O nosso abstrahido litterato molha vulgarmente a penna no areeiro em vez de a introduzir no tinteiro, e se quer deitar areia n'uma sentida elegia, vasa-lhe com toda a certesa uma enchurrada de tinta.

Procura o fumo na caixa das obreias, põe a penna atraz da orelha e anda tres horas á cata d'ella, e assôa-se nos lenços dos amigos, quando os encontra a geito.

Dá-lhe um dia certo individuo parte do seu casamento com D. Fulana; o nosso José responde-lhe acreamente: «Eu sinto da minha parte que désse occasião de desgosto.»

Encontrando de luto um conhecido a quem morrera um irmão, corre para elle e pergunta-lhe: «Foste tu ou teu mano que morreu?»

Na praça da Constituição trava José Francisco conversação com um sujeito, tópa com outro e vira-se pára elle continuando a conversa: o primeiro afastava-se e elle trava do braço do segundo e tomando-o sempre pelo primeiro, prosegue:

—Mas como eu ia dizendo: aquelle Dr. G. é um asneirão formal; um doutor escreve ovos com *h*, bacharel com *x* e cavallo com *k*!....

Mas subitamente o nosso José corta o seu elogio com um—Ah!—prolongadissimo.

Era justamente com o Dr. G. que elle estava fallando!

Muitas vezes sahe o nosso distrahido de uma visita, e momentos depois volve a tocar a campainha e pergunta se a Sra. D. Fulana de tal está em casa.

O criado responde lhe boquiaberto que elle deve sabel-o, visto que acaba de a visitar.

—E' verdade, que cabeça a minha! estava tão distrahido... peço desculpa a V. Ex., sou um criado de V. Ex... ás ordens de V. Ex...

E inclina-se até ao chão reverenciando o criado e matando-o com excellencias.

José Francisco almoça habitualmente o seu ovo quente, mas gosta elle mesmo de o aquecer, porque sabe o numero de muitos necessarios para aquentar bem um ovo.

Mas o que faz elle muitas vezes?

Pega no relogio com a mão direita e toma na esquerda, e como o pensamento lhe anda sempre devaneando nas regiões remotas, mette o relogio na agua quente e põe-se a olhar machinalmente para o ovo á espera que passem os quatro minutos da lei.

Não é admiração ver-se á mesa metter uma rôlha na bôca, julgando ser um pedaço de pão, beber o conteúdo do mostardeiro pensando beber n'um cópo de madeira, deitar vinho no saleiro, assoar-se no guardanapo e metter os dedos no meio d'um pudim para tirar um palito.

Fazendo tenção de ir ao S. Luiz, sahe de casa ás 7 horas e vae esperar no café do Rio de Janeiro quo o momento se aproxime.

Quando dá por si é meia-noite, e voltando á casa corre como um louco a abraçar o lampeão da sala.

Quando era rapaz, deu lhe na mania namorar e começou a aproar o nariz—aquelle immenso nariz!—para quantos vultos via nas janellas.

Depois de namoricar seis vasos de mangericão, dous craveiros, tres gatos francezes, um maltez e duas gaiolas de papagaio, en con

trou emfim por acaso, uma cara humana que lhe prestou attenção.

Tratou-se do matrimoniamento.

Pois José Francisco não estava livre da sua distracção chronica, nem no dia em que se casou.

Ao sahir da egreja levou por engano o chapeu tricorneo do vigario e a bengala do sachristão...

A' noite sahiu e foi, como de costume, para o club, jogar a sua partida de bilhar.

Quando bateu meia noite, ainda a pobre da noiva o esperava em casa. Foi necessario que o sogro lhe fosse lembrar que se tinha casado naquelle dia...

José Francisco correu aos braços da noiva, e por distracção levou para a casa um taco do bilhar.

Os nomes.

Ha singularidades taes nos nomes e appellidos do nosso povo, que só mesmo quem anda muito desprevenido, deixa de fazer reparo no muito que ha para apreciar em semelhante materia.

Temos. por exemplo, um individuo chamado Ventura—que assevera ser cousa que nunca conheceu.

Uma Felicidade—que tem vivido sempre na desgraça.

Um Bravo —que é o homem mais pacifico d'este mundo.

Um Prudente—que vive de brigas.

Um Moura—que é homem, quando o nome tem a terminação feminina.

Um Severo—que nunca empregou o rigor.

Um Espirito-Santo—que é um perfeito demonio.

Um Candido—perverso.

Uma Angelica—terrestre.

Um Aranha—de duas pernas.

Um Franco—muito mesquinho.

Um Generoso—sovina,

Um Galhardo—cambeta.

Um Clemente—impiedoso.

Um Corrêa—que não aperta.

Uma Barbara—benigna.

Um Salgado—desenchabido.

Um Paz—guerreiro.

Um Guerreiro—inofensivo.

Um Leitão—que não vai ao forno.

Uma Branca—negra.

Um Carneiro—sem lan.

Um Gordo—magro.

Um Leme—que não governa.

Um Magro—Gordo.

Um Segurado—que não está seguro.

Um Terra—esteril.

Um Luz—que faz sombra.

Um Ribeiro—secco.

Um Valente—poltrão.

Um Horta—sem couves.

Um Pimenta—adocicado.

Um Cunha—sem serventia.

Um Machado—de carne.

Um Gentil—corcunda.

Um Perfeito—aleijado.

Um Modesto—orgulhoso.

Um Leite—que não liga com o café.

Um Rosa—pallido.

Um Pereira, um Oliveira, um Carvalho e tantas outras arvores infructiferas.

Um Porto, um Lisboa, um Guimarães e tantas outras povoações sem habitantes.

Um Falcão, um Gavião e outras aves que não teem azas.

Um Paca, um Leão, um Lobo, um Coelho um Cobra, e outros de que a historia natural não falla.

Emfim leitores, a lista d'estas celebridades é tão extensa que seria enfadonho leval-a ao cabo, e demandava este trabalho muitos annos de estudo.

Parámos aqui, promettendo mais tarde voltar á esta empreza, um tanto avantajada, mas de muito *serio alcance*.

Do *Pindamonhangabense*.

ANNUNCIOS.

A quem convier.

O abaixo assignado faz publico, que no dia 29 do p. p. mez de outubro tomou de aluguel ao estabelecimento dos Meninos Desamparados da cidade do Porto, por intermedio do seu procurador nesta cidade, uma das lojas do predio ao largo do Theatro que foi occupada pelo Sr. João Dias de Andrade, com seu botequim denominado Café do Club.—*José Eulalio Barboza*.

Aluga-ae na freguezia da Sé um sobrado com commodos para grande familia, grande quintal e sahida para a estrada Nova. A tratar-se na loja do major Benjamim á rua Direita da Misericordia.

O abaixo assignado, bacharelado em leis, formado em direito pela academia de S. Paulo, tendo de ausentar-se para a provincia do Rio Grande do Sul, declara que vende o predio da *conservação* em Botafogo, em viagem sua casaca; e que o unico affiante que faz esta obra com perfeição, é o *Passarinho*, morador nas areias de Itapagipe.—*J. V. C.*

A' baixa de Sapateiros casa n. 9, se vende fubá de milho muito bom, a 7$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5$500 rs.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.ª QUINTA-FEIRA 10 DE NOVEMBRO. Ns. 714—715.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de novembro de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande tapar a *bocca de lobo,* ao descer da ladeira da Misericordia, a qual ameaça engolir as pessoas, que por ali transitam.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe uma nova industria exercida nesta cidade por uma companhia de especuladores, a qual consiste em matricular-se como empregados na lavoura, mediante certa quantia, escravos que teem de ser vendidos, resultando d'ahi manifesta extorsão ás rendas publicas, pois que os proprietarios de taes escravos, por semelhante ardil, esquivam-se a pagar as respectivas sizas; dando alem disso logar a fraudes e dolos, como consta ha pouco aconteceu, que, dizem, foi matriculado e vendido com supposto nome um escravo que não o podiam fazer, por ser bem de orphãos menores.

Este negocio reclama minuciosa syndicancia por constar que anda nelle envolvida uma authoridade policial, a qual, por boa fé talvez, é victima do seu esperto escrevente, mancommunado com um celebre cavalleiro de provadas façanhas.

Espera-se que S. S. faça a respeito o que estiver a seu alcance.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para a caçada de gatos, á que se dão dous individuos moradores em um portão á rua do Bacalhau, sendo um delles guarda de policia.

Sem medirem as consequencias funestas que podem resultar de tão imprudente divertimento, dão esses individuos, á noite, cedo, tiros de pistola para os quintaes da rua da Misericordia, indo muitas vezes os caroços de chumbo baterem nas vidraças das casas, como ainda terça feira às 9 horas aconteceu.

Espera-se de S. S. energicas providencias para que não continue esse abuso, que pode ser fatal.

—No Rio Vermelho, um tal Calixto por poucas que não mata a um outro de nome Feliciano, no dia 30 de outubro. Agora pergunte porque?

—Diga lá V.

—Por causa de meia pataca.

—Uma ninharia!

—Que ainda pode resultar a morte de um homem, emquanto o aggressor passeia impune.

A desavença teve logar dentro da venda do proprio inspector de quarteirão, um sujeito de nome Thomaz, o qual julgou que aquillo era motivo para se deixar ficar immovel no balcão.

—O Sr. João Guimarães, com venda ao Taboão, é accusado como author de 19 defloramentos!

—Safa! Nem o prior do Trancoso!

—Lingoa do povo.

Um cão damnado, todos a elle.

Como o homem foi fisgado em uma fraqueza, querem imputar-lhe o labeu de deshonrador-mór.

—Esses fallastrões levantam falsos!....

Mas então o que foi?

—Uma cousa tão fallada e V. ignora!

—Como muitas que se passam.

—Dizem que o Sr. João subornou a crioula Sophia, por alcunha bunda de mulambos, moradora á rua dos Capitães, para *arranjar-lhe* a crioulinha menor, tambem de nome Sophia, filha de Esperança Ritta, africana, que mora no Taboão.

Sophia desde quinta-feira trouxe para casa a menor sua xará, a pretexto de passar dias.

Toda noite havia pagode e o Sr. João sahia lá pela madrugada do ninho, frescorio e regalado.

Cara nova na rua, despertou a curiosidade dos visinhos.

A mãe teve denuncia; entrou inesperada-

mento pela porta a dentro e veio surprehender o melro, recreiando-se no collo da menina.

—O Sr. João não tem nada de tolo!

—E como a policia anda as voltas com elle, é bem provavel que se pagar, não seja por innocente.

—Nesta parte; quanto aos 19 defloramentos, lá quem diz é que sabe.

—Capitão, iô qué fallá di rerigião.

—Negrô! chega a tanto o teu atrevimento!

—Capitão, iô nan tan negro bruto. iô tan negro civirisado; iô qué dicução pra siclarecer ideia.

—Mas não sabes que isso não te compete? Queres ateiar a ira dos padres?

—Que improta a iô padre? Padre munto di êre tá ahi immorá e situpido.

Tempo di bruxaria já cabou.

Mundo nan credita mai que Sipirito Santo desce ni tera para inspirá padre.

—Mas o que queres dizer?

—Iô qué sabê cuma é que ziriman de charidade confessa uma vei ni semana e tuma Sacramento turo dia.

—Vae perguntar ao arcebispo, importuno que é quem concede licença.

—Mai capitão, sicuta. Ziriman de charidade tá gruvenando sipital; ziriman de charidade tá mandando, serivente tá bedecendo; serivente não fazê seribiço denreto, ziriman de charidade tan farando, tan zangando; peccado de ira tá ahi.

Ziriman de charidade tá crevendo pra tera di êre, tá contando ni crata cousa boa, cousa mau qui passa aqui; peccado de murmuração tá hi.

Ziriman sahe ni rua vai comprá, vai tratá nungoço, cunvresa; peccado de palabra e de acção tá hi.

Quando caba, ziriman de charidade vai ni capella di êre, jocia e recebê Sacramento, sem cunciliá cum padre! Esse nan tan denrêto! Muié tá feito de crane e osso, vicio de natureza humana tá hi; logo tá peccando cumo outro quaqué e cumo é que confissão de um dia siribe pra tomá Sacramento tudo semana?

—Preto, vae-te embora, deixa-me.

—Ah, esse nan agrada? Tan denrêto! Ririgião assim povo nan tem fé. Abuso tá munto; padre tan ganando gente.

—Quem quizer ver horrores vá uma vez por outra á cadeia da Correcção.

—Só o nome basta.

—Ali, na pessoa dos escravos, verá quadros de aterrar. Custa a crer que hajam humanos capazes de exercer tanta barbaridade em humanos seus semelhantes.

—Ora esta! Ha gente para tudo.

—Lá está actualmente uma preta, escrava de uma Sra., moradora em S Pedro.

—Que sem duvida a castigou e depois mandou prender.

—A escrava tem nos braços um filhinho.

Que a mãe seja uma creatura má, uma escrava incorrigivel, não duvido; porem a innocente creatura que crime commetteu para ser tão atrozmente atormentada?

—O crime de ser filho de uma escrava; isso basta para soffrer.

—Mãe e filho trazem o corpo coberto de sevicias e queimaduras, e o tenro vivente tem duas costellas quebradas proveniente de pancadas, segundo affirma a authora de seus dias.

—E uma mãe merece sempre fé, quando falla de seu filho.

—Essa escrava conta que soffreu tormentos inauditos.

Cinco dias esteve trancada em um quarto, amordaçada, algemada, surrada, sem comer.

—Que thuiguismo!

—Si a desgraçada não trouxesse no corpo as provas indeleveis do que diz, podia-se attribuir suas palavras á malversação de um genio perverso, a esse rancor innato no coração do escravo para o senhor, mas as cicatrizes, o martirio, são visiveis.

—Pobre infeliz, que *esperança* lhe resta?

—Alem dessa, faz outras revelações e assevera que está disposta a mostrar os vestigios de um crime atrozmente commettido; falla dos restos de uma creança escondidos no fundo de uma cloaca; de mais um outro crime—um aborto por meio violento.

—Acho muita atrocidade.

—Tambem eu; mas si a policia não está disposta a contemporisar, nem a proteger, seja minuciosa; ouça a escrava, indague, prescrute; muito mais quando essa infeliz instantemente pede que quer ir á presença do Sr. Dr. chefe de policia.

—E deve se lhe fazer a vontade.

—E até mesmo por que consta que empregam-se esforços para que seja vendida ja e já.

—F' preciso andar sem chapeu por causa dos ladrões.

—Virar doudo, por conseguinte.

—Cada dia a companhia do olho-vivo inventa uma forma de empalmar o que lhe não pertence.

—Ha de chegar occasião em que um homem seja roubado em pessoa sem saber como.

—O mais moderno são os chapeus arreba-

tados. Já pela festa dos Afflictos andaram elles voando das cabeças de seus donos.

Na sexta feira o Sr. Publio Constancio de Albuquerque Mello, passando pela rua de Baixo, fez reparo que um individuo sahindo da cocheira da companhia de Vehiculos o acompanhou sempre de lado até dobrar para o largo de Dous de Julho.

Ahi o homem sentiu repentinamente um abalroamento pela trazeira; virou de costas e já seu chapeu ia longe!

—Como anda isso!

—Quem estava pelas janellas e presenceou, pasmou de tanta audacia e dextreza e o Sr. Publio resignou-se a ir para casa com a cabeça abanando ao vento.

—E quem não quizer que lhe aconteça o mesmo, ande com sentido.

—Capitão, tenho um caso grave, gravissimo.

—O que é?

—Mysterios que se passam em Latronopolis; nesta nova Sodoma.

—Pois diga.

—Mas eu conto o milagre sem dizer o santo.

—Não me serve; sou d'aquelles que gostam de comer em pratos limpos.

—Por agora, capitão, emquanto ha certos compromettimentos, depois saberá tudo.

—Vá que seja.

—Ha nesta cidade uma mulher, a qual tem uma filha, uma pardinha, que está a completar os seus 14 annos. E' o typo da perfeição; é a belleza em original; a natureza esmerelhou se com essa linda creatura.

A mãe tem por ella um desvello, uma dedicação, um amor inexprimivel; não a confia de ninguem, sinão de uma parda, velha, com fóros de beata; julgando que essa tartaruga pelo exemplo de sua vida e por seus bons conselhos, encaminhará os passos da joven rapariga para o bem.

—E talvez esteja illudida, que acha?

—Vá ouvindo.

Um sujeito viu a menina e lhe encheram os olhos. Deu em cima da velha, contou-lhe historias, offereceu lhe dinheiro e por fim o cangalho concordou em servir aos intentos lubricos do sujeito.

N'um domingo que não é remoto, foi buscar a menina á casa da mãe para passar o dia com ella. Embarcou a em um bond da companhia de vehiculos, desembarcou na Calçada e seguiu para a Boa-Viagem, onde ja se achava á espera o pardal saboreando de ante-mão a fructa que ia desfructar.

Lá saciou elle á vontade seu brutal desejo; a rapariga lá passou o dia e voltou á tarde em companhia da correctora, porém muito differente do que tinha ido. Sahira de casa de sua mãe candida e pura como uma açucena e voltava daquelle antro, manchada, perdida irremediavelmente.

—Infamemente deshonrada.

—No outro dia a mensageira da desgraça foi entregar a menina á sua mãe, que não sabe até hoje que a honra de sua filha foi mercadejada á lubricidade de um homem corrupto, por esse ente despresivel em quem ella tanta fé tinha!

—E o mysterio a envolver um facto tão hediondo! E' mister desmascarar o malfeitor.

—Estou á espera de saber o nome de uma ama e mais uma pessoa, que estiveram na casa para levar ao conhecimento do chefe de policia.

«—Dr., Mariquinhas está chorando porque deitaram ella no *Alabama,* sobre a conversação que nós tivemos.

« —Onde está ella?

« —Está aqui na janella, e me disse que por causa de V. foi que ella soffreu isso.

«—Ora, Mariquinhas, não chores, que quem lê o *Alabama* são estas gentes *ordinarias.....*»

—Quem mais ordinario do que o cynico, safado, miseravel e caloteiro *brutinho-diamante,* que até nos caloteou na assignatura deste periodico, que, diz elle hoje á esta inexperiente moça, somente é lido por gente ordinaria.

Pois, meu Dr., o homem mais ordinario que assignou esta gazeta, e que deshonrava a lista de nossos assignantes, era S. S.

—Que tyrannia!

Prende-se uma pessoa innocente, que nenhum crime commetteu e além da oppressão que soffre em sua liberdade, ainda é forçado a pagar portarias de soltura, carceragem, etc!

—E quando a pessoa tem para pagar, é bom.

—Como aconteceu com uma pobre mulher, moradora á ladeira da Prata, de nome Maria da Natividade. Foi presa sem causa, injusta, arbitrariamente, sem indicio da mais leve falta e quando a soltaram ainda a obrigaram a gastar tres mil e tanto reis, pelos quaes continuaria presa, pois que os não tinha para dar, si não fosse a commiseração de algumas pessoas.

—Na lei, o direito é sempre torto.

—Ora, para uma pobre mulher que para comer sahe todas as madrugadas com suas duas filhas donzellas para fazer charutos, isso é duro, é cruel.

—Roubaram o hospicio de Jerusalém.

— Até os templos!

—Os ladrões desceram pelo telhado e foram direitinho á cella em que habita o conego Villas-boas, que se acha ausente, e ahi fizeram sua feira.

—E' preciso a policia andar bem resguardada, porque lá pode vir dia em que ella mesma amanheça arrombada.

—O que não seria caso novo.

Boatos.—Sob este titulo lê-se no *Mercantil* de Petropolis o seguinte:

«Da côrte nos escrevem, que o inclyto duque de Caxias offerecerá a sua invicta espada para cortar o nó gordio da grande questão entre a França e a Prussia.

A sêr exacta a nova, logo que S. Ex. chegar ao theatro da guerra, effectuar-se-hão ahi fortes evacuações.

Communicam-nos egualmente que o Sr. de Lippe Muritiba irá á Prussia apresentar um plano de campanha que de sua execução depende o triumpho em favor das *agulhas*.»

—Capitão, ouça a profissão de fé de um jornalista:

«Um Jornalista Mercantil.—Ernesto Augusto Gernsgross, redactor e proprietario do *Diario de Pelotas*, declarou em o seu numero de 29 de maio e sob a rubrica da redacção o seguinte que transcrevemos para os leitores apreciarem.

«Nosso jornal é mercadoria que se vende, nossa penna está á mercê de quem melhor pagar, mas os tempos estão tão maus que a não fazer-se assim, não se ganha para comer.

«E depois, porque não havemos de tirar todo o proveito da nossa *industria*? a imprensa é um commercio, *não temos nenhum interesse aqui*, e pouco nos importa que isto vá mal ou vá bem, o que queremos é dinheiro e mais dinheiro, *adular* as authoridades, ainda que particularmente as censuremos, estarmos bem com ellas, e o mais viva eu e padeça a humanidade!

«Si uma censura pode-nos trazer uma assignatura, ou alguns presentes que se pareçam com dinheiro, porque a não havemos de fazer?

«Que nos importa que se nos taxe de corrupto e venal; si com isso os *cumquibus* vão pingando; o seculo é de *luzes*, e sem azeite não se accende a candeia.

«A imprensa é uma *industria*, fazel-a render é o nosso fim!»

—E que tal! O leitor que commente e admire semelhante *raridade*...

Questão Moura Rosa.

Abaixo publicamos a sentença do Sr. Dr. juiz municipal da 2.ª vara, contra o edictor responsavel deste periodico, condemnando-o no grau maximo do art. 237 § 3.º do codigo criminal, e as rasões da appellação interpostas da sentença para o Sr. Dr. juiz de direito da 2.ª vara, pelo referido edictor.

—

SENTENÇA.

«Vistos estes autos etc.

«Queixou-se o author Francisco de Moura Rosa do reu Joaquim Jorge dos Santos Maia, por injurias contidas no impresso de fl. 3 sob a epigraphe—*Que façanha*—pelas expressões —vil denunciante, e pelo trecho mais abaixo —lá vai uma que elle praticou á pouco, comprou um cavallo e vendeu ahi para o *Mataeu* á um crioulo, no outro dia ficou o homem sem o cavallo; porque appareceu o verdadeiro dono, e carregou o seu animal—impresso que prova ter corrido por mais de 15 pessoas, como juram as testemunhas de fl. 50; e injurias que, com quanto o disfarce a cerca da pessoa, a quem se dirigiam, pelo nome, que se lhe deu já de *Xico* e já accrescentando os outros—que *amou* entre aquelle e *moura Rosa*, bem se conhecia que referiam-se a elle queixoso, visto como a palavra *Xico* era vulgarmente o diminuitivo da de *Francisco*, que unidas as outras *moura Rosa*, constituiam o seu inteiro nome, que mais designado se fazia pelo de empregado aposentado da camara municipal, o que elle é etc. O que pois ficando claro e positivo e em face da responsabilidade de fl. 8, e o provado pelas testemunhas de fl., condemno o reu Joaquim Jorge dos Santos Maia, em vista do art. 236, §§ 1, 2, 4 do codigo criminal, em seis mezes de prisão e multa correspondente á metade do tempo, grau maximo do art. 237 § 3.º do mesmo codigo, attentas as circumstancias aggravantes dos §§ 4 e 15 do art. 16 do codigo, cuja pena cumprirá na prisão da fortaleza de Santo Antonio e nas castas. Bahia 17 de outubro de 1870.—*Francisco Vicente Vianna*.»

—

RAZÕES DE APPELLAÇÃO.

N'esta causa não está somente compromettido o obscuro responsavel do periodico *Alabama;* n'ella tambem estão ameaçadas a lei e a liberdade da imprensa,—essa liberdade que é uma garantia das liberdades publicas, e capaz de conquistal-as todas para um povo, que as não possuir;—essa liberdade que deve ser respeitada por todos os poderes publicos, porque é o orgão da opinião, a qual, na frase da

celebre Madame de Stael, é a consciencia do Estado.

Assim, pois, si o presente processo não é importante pela pessoa, contra quem é dirigido; é da maior transcendencia, pelos principios n'elle envolvidos; e a sentença appellada é menos perigosa, pela condemnação do accusado, do que pela offensa da lei e pelo ataque à liberdade da imprensa.

Dizer que a lei fôra offendida, que uma garantia das instituições livres do paiz fôra atacada, parece-nos bastante para despertar toda a attenção do magistrado, que deve julgar a appellação interposta da sentença de fl. Entremos na analyse d'ella, expondo os factos e applicando as disposições de direito, que lhes são relativas.

Queixou-se Francisco de Moura Rosa contra Joaquim Jorge dos Santos Maia, responsavel do periodico *Alabama,* asseverando na respectiva petição de fl. que lhe eram dirigidas as injurias impressas no artigo publicado no referido jornal de 7 de setembro d'este anno, sob a epigraphe—*Que façanha!*

Em sua defeza escripta á fl. declarou o accusado que a publicação, que servia de base ao processo, não era dirigida contra o queixoso. Ora, em face do texto expresso do artigo 240 do cod. crim., e da integra da publicação criminada, na qual se não acha o nome de Francisco de Moura Rosa, deria dar-se por satisfeito o accusador. Infelizmente assim não succedeu, e a sentença proferida pelo Dr. juiz municipal da 2ª vara, julgou que realmente era o queixoso a pessoa designada pelo artigo accusado; e partindo d'essa base fragilissima condemnou o appellante á seis mezes de prisão, etc.

A sentença fulminada contra nosso cliente é destituida de fundamento, e infringe evidentemente as disposições do nosso direito criminal, como passamos á demonstrar.

E' disposição expressa do artigo 8 do codigo criminal, que, para o julgamento dos delictos de abuso da liberdade de communicar os pensamentos, os escriptos e discursos sejam interpretados segundo as regras da boa hermeneutica, e não por frazes deslocadas. Ora, a sentença appellada despresou as regras da hermeneutica, e interpretou o artigo do periodico *Alabama,* deslocando as palavras de seus logares, e até mudando a natureza d'ellas; porquanto, transformou o Xico que amou a moura Rosa, em Francisco de Moura Rosa, inventando uma hermeneutica contraria á razão, extravagante, segundo a qual, um sugeito teria amado, sem haver objecto amado; ficando assim alterado e truncado o escripto:—Francisco de Moura Rosa amou—, sem saber-se á quem; quando, aliás, no artigo accusado claramente se designa, que a pessoa amada é a moura Rosa; e tambem foi alterada a natureza das palavras pela sentença recorrida, porque o nome—moura—, que na publicação accusada é um substantivo appellativo, fôra convertido em nome proprio; sendo mister para isso admittir se, em um escriptor publico, o erro imperdoavel de escrever com letra pequena um nome proprio. Podemos portanto accrescentar, que a sentença condemnatoria do appellante é, alem de contraria ao nosso direito criminal positivo, absurda ante a simples razão.

Nem pode sustentar-se a procedencia d'esse julgamento pelos motivos n'elle exarados; porque, concedendo-se de muito bom grado, que jXico seja, em linguagem familiar, equivalente á Francisco, e não diminuitivo d'este nome, conforme diz a sentença de fl., ainda assim ficaria o individuo, alludido no escripto condemnado, differente do queixoso, porque não era á elle, que se dirigira o accusado, e sim ao Francisco, que amou a moura Rosa. Não é tambem procedente o appoio, que pretende derivar a sentença de fl., do facto de ser o accusador empregado aposentado da camara municipal d'esta capital; porquanto, o periodico *Alabama* fallou vagamente em camara municipal, sem designar a d'este municipio.

Parece nos que temos demonstrado a insubsistencia da sentença appellada, quer perante a lei, quer ante a rasão commum; e que conseguintemente deve ser ella reformada, absolvendo-se o accusado, que declarou não dirigir-se no seu escripto ao author.

Resta-nos somente accrescentar que, se prevalecerem as regras d'interpretação do julgado recorrido, ai! da liberdade d'imprensa... ai! da liberdade de communicar os pensamentos em publico, ou em particular... Teremos voltado aos tempos infelizes da tirania do imperador Tiberio, quando se não podia fallar com segurança ainda no seio da familia e dos amigos: tempos esses tão viva e lugubremente descriptos por Tacito.

Estaremos expostos ás accusações de individuos iguaes á Laubardemont, que em qualquer escripto podia descobrir a prova d'uma conspiração. Esperamos porém que taes regras serão repudiadas por magistrados instruidos em outras maximas, respeitadores da nossa lei, e sobre tudo incapazes de se converterem em instrumento de caprichos.

Fact. Solit, Just.

Bahia 8 de novembro de 1870.

José Fabião Daltro Barreto

A PEDIDO

—Lê-se no *Jornal do Commercio* o seguinte:

«Supremo tribunal de justiça.—*Julgamento.*—*Revista crime 2049.*—Recorrente o conego Dr. Jacintho Villas bôas de Jesus, recorrido Simberto Fernando Alvares Ribeiro.—*Não tomaram conhecimento.*»

—Está portanto confirmada pelo supremo tribunal de justiça do paiz a sentença, pela qual foi julgada improcedente a queixa que dera o conego Dr. Villas-boas contra Simberto Fernando Alvares Ribeiro.

—O' deuses do *Olympo;* si sois justos e compassivos encaminhae os passos do mortal que anda a *cardear* por uma publica secretaria, e fazei com que elle vá atraz da Cadeia depositar os 22$020 rs. que ha dous annos o caixeiro de uma venda anda chorando por elles.

O que sou.

SONETO.

Eu vi-me n'um espelho... oh! cousa rara!
Jamais viu-se animal com tão mau geito!
O cabello... Jesus! quasi era espeto
Sobre pelle amarella e ruim cara.

Minha bocca de graça tão avara
Nem beijos sabe dar sem um tregeito;
E' rombudo o nariz, o hombro estreito,
As pernas tem grossura de taquara.

Uns olhos de tatú, sem vida e graça,
Um andar sem quindim, labios sem côr....
Me rio ás vezes ao andar na praça.

Me vou suicidar... é crúa a dor!
E emquanto penso porque meio o faça....
Bôa noite, meu bem... adeus, leitor.

—Capitão, um dos nossos assignantes pede a publicação da seguinte carta amorosa, por elle encontrada na rua:

«Meo Adorado Damazio de meo coração e minha vida.—Eu não sei te dizer oprazer que tive hontem anoute quando te vi, e te disse adeos ah! meo bem de minha alma creias, que passei uma noute milhor do que não tenho passado dormi mais porque te vi meo Anjinho de meo pemçamento esta cartinha que ahi vai, eu te escrevi hontem as 2 horas da tarde e não te pude entregar anoute porque tinha um ranxo de moleques no adro portanto vou te mandar por Bernardo vai a sempre viva que te mostrei hontem e não pude te dar meo charo Damazio de minha vida estou muito zangada com a chuva que faz tu não poderes passár perto de mim quando eu vejo chuver, fico muito afflicta porque não te vejo de perto ah! Damazio meo terno amor de meo peito adeos, adeos, vida de minha vida unico prazer de meo coração e de minha alma meo tudo eu sou tua, eu só vivo para ti, e só para te amar. recebe meo Anjo o meo coração partido de dor e de saudade pois te juro que sou, e heide ser até morrer

Tua muito firme e constante amante
que te ama muito pelo coração
A mesma.

desculpa opapel meo bem e lembra te de tua terna U..... que morre por ti vai este pratinho de aroz que eu fiz para de pois que acabares de jantar adeos.»

Desengano.

Podes ir, que é desfeito o nosso laço.
Podes ir, que teu nome nos meus labios
Nunca mais soará!
Sim, vae;—mas este amor q' me atormenta
Que tão charo me foi, que me é tão duro.
Commigo morrerá!

Gonçalves Dias.

Amei-te!... sim, mulher, amei-te muito!
Quantas noites passei pensando, louco,
De saudades por ti!
Quantas noites pensando em teus desprezos
De repente correr amargo pranto
De meus olhos eu vi!

Quantas vezes, cruel, segui teus passos!....
Mal pensava que em ti—mulher perjura,
Si occultava a traição;
Quem diria, te vendo tão formosa,
Que trazias no fel, negro. terrivel
Envolto o coração!

Amei-te: supportei por muito tempo
Teus constantes desprezos; mas ainda
Te sabia adorar;
Dei-te o nectar suave dos amores,
E em troca me deste em dura taça
Fel cruento a libar.

Dei-te provas bem fortes que te amava,
Que somente por ti dentro do peito
Pulsava o coração;
Dei-te amor que—daria á divindade...
E por isso não posso, não, não devo
Encarar a traição.

Me desprezas eu sei; pois bem, sigamos
Por caminhos diversos; té que um dia
Nos havemos vingar;
Descansa: os ingratos por castigo
Em cruento remorso sentem a alma
Tristemente penar.

Descansa, que talvez ainda eu veja
Supportares a dor pungente, fera
De cruenta paixão;

Descansa que o remorso ao criminoso,
E' juiz infallivel, dá sem pena
A pura expiação.

1870.

VILLASBOAS.

—*Manuel,* para que V. dá desgostos a seu padrinho?

—Eu, capitão, não sou capaz.

—Pois eu não sei que V. outro dia andou ás cabeçadas com o *Antonio?*

—E' verdade, capitão, mas juro-lhe por *Jesus* que me hei de emendar d'essas doudices.

—Estimarei muito.

Motte.

Quem tem falta de dinheiro
Passa vida de cachorro.

GLOZA.

Eu conheço pelo cheiro,
E vou logo me afastando,
Quando accaso vem passando
Quem tem falta de dinheiro.
Ponho-me logo matreiro,
Cubro a cara com o meu gorro,
Metto pernas e até corro
Quando o vejo vir a mim,
Porque um sujeito assim
Passa vida de cachorro.

VARIEDADES.

Avareza proveitosa.

De uma povoação das Ardennes, em França, annuncia-se a morte de uma velha muito conhecida pela sua avareza. Vivia miseravelmente e só; andava coberta de farrapos, e alimentava-se muito mal. Alguns dias antes de sua morte, tinha mandado vender a roupa da cama para comprar pão. Com tudo dizia-se que era rica, e corria muito accreditado o boato de haver um thesouro escondido debaixo do pavimento.

Foram minuciosas as buscas, e depois de muita procura, achou-se com effeito a quantia de 60:000 francos em metal, em uma caixinha perfeitamente escondida em um canto. Este achado já não era pouco para herança de uma especie de indigente; mas não era comparado com o mais que deixou aos herdeiros de bocca aberta.

Descobriram-se em outra parte da casa duas caixas cheias de moedas de ouro, e tão pesadas que o juiz de paz e o escrivão chamados para inventariarem os moveis caruchosos, não poderam levanta-las. Avalia-se em perto de 400:000 francos o que a velha deixou assim a parentes remotos, que estavam quasi todos em posição pouco satisfactoria.

Contam-se dessa mulher muitas particularidades singulares. Uma que diz ser authentica, e que não é a menos curiosa, é a seguinte:

Legou por testamento a quantia de 20:000 francos á uma mulher que lhe fazia recados, e a quem pouco tempo antes negara o augmento de um franco do salario mensal.

Enterrada viva.

Uma joven, diz o *Montreal Herald,* que habitava em Jacksonville, no Illinois (Estados Unidos), estava em vesperas de casar-se. Um dia acharam-na na cama morta, segundo todas as apparencias.

Foi examinada por medicos, que declararam haver deixado de existir.

A desgraçada havia feito uso do chloroformio para lhe mitigar uma dôr de dentes; ninguem duvidou de que a dóse que tomou tivesse sido muito forte. Enterraram-na.

Ultimamente, seus paes, que se dirigiam á uma outra parte da America, quizeram levar comsigo os restos de sua filha. Abriu-se o caixão, e descobriu-se com horror que o corpo estava voltado, que as duas mãos tinham punhados de cabellos, e que os vestidos estavam feitos em pedaços.

O chloroformio tinha lançado a desgraçada rapariga n'um estado de insensibilidade de que sahiu unicamente para se ver no seu ataude enterrada viva.

Canção do cego.

A todos pedindo esmola,
Andava o cego na rua,
Mostrando assim a sacola,
Contando a miseria sua
Quando tangia a viola.

Dizia: — o ceu e as estrellas
Eu sei que existem,— não vi;
Immensas cousas tão bellas
Que existem aqui, ali,
Eu sinto não poder vel-as.

Eu sei bem,—disse o coitado,
Tudo o que existe na terra,
Tudo que é grande, elevado,
O bosque, o mar e a serra,
Foi tudo por Deus criado.

E co'o pandeiro a rufar,
Se pôz o cego chorando;
E depois de bem chorar
Foi sua voz elevando
E pôz-se assim a cantar:

«Sou cego e vivo a pedir;
«Eu sei modinhas immensas

«Que fazem chorar e rir;
«Quem soffre dores intensas,
«Não as pode proferir.

«Nas trevas eu vivo assim
«Sem nunca ter alegria:
«Si toco o meu bandolim
«Não conheço a luz do dia
«Pois todos têm dó de mim.

«Quizera pois entoar
«Algumas rosas tão santas,
«Mas sinto a voz expirar...
«Quem curte miserias tantas
«Não pode o canto elevar.

«Eu adoro o Redemptor,
«E d'elle a fé não renego:
«Vos peço cheio de dor.
«Dae uma esmola p'ra o cego,
«Dae-lhe uma esmola, senhor.»

Julho de 1870.

A. Carneiro da Silva Braga.

Anecdota acontecida na nossa cidade.

Indo duas pessoas passar um bilhete para concerto a um negociante, este aceitou de boa vontade. Mas, passadas algumas horas, perguntou a alguem para que fim era o bilhete, e como esse alguem lhe dissesse que era para um concerto de piano, o negociante, meio zangado, exclamou: «que m'importa que o piano se quebrasse! pois eu hei de pagar para ver concertar-se um piano?!»

E' de mais.

Conversavam dous hespanhoes. Dizia um:

—Oh! compadre, hontem á noite deu-me tal somno, que adormeci sem sentir, e pela manhan quando acordei vi que tinha ficado com a mão na testa, no momento em que principiava a benzer-me.

—Ora, adeus! Ainda isto não é nada. A mim succedeu-me cousa melhor. Ao acordar pela manhan achei me com as mãos postas na cama e o corpo todo deitado para fora, no ar.

—Ora essa!

—Tal qual: adormeci quando ia saltar da cama!

O confessor e a penitente.

Uma senhora já entrada em annos, e soffrivelmente feia, estando a confessar-se, accusou-se de haver posto fóra de casa um exposto que nella se havia criado.

—E porque motivo? lhe perguntou o confessor.

—Porque elle já tinha os seus dezoito annos, e bem sabeis que os rapazes...

O padre deitou então a cabeça fóra do confissionario, e tendo visto a cara da sua penitente tornou a recolher se, e lhe disse:

—Não tem duvida, senhora, póde chamal-o outra vez para casa.

Em uma das janellas de certa casa faltava vidro, e por aquelle vão sempre introduzia-se um gato da mesma casa.

Um bregeiro, todas as vezes que passava por aquella rua, encostava-se á parede, e, fronteando a janella, dava uma bofetada no pobre gato, que se recolhia immediatamente.

Uma noite de luar a dona da casa deitou a cabeça pelo vidro quebrado, e nisto passa o mesmo sujeito, e arruma-lhe uma grande bofetada no nariz.

—O' maroto, desavergonhado! exclamou a mulher cheia de dôres; vá dar no diabo!

—Safa! acudiu o bregeiro assustado; o gato miou.

O caixeiro de um negociante de molhados deu parte ao patrão que o vinho estava quasi acabado.

—Pois deite lhe mais aguardente, disse o negociante.

—A pinga tambem está se acabando, tornou o caxeiro.

—Deite agua na pinga, e não me aborreça.

—No pote já não ha mais.

—O rio é fonte inexgotavel, replicou o patrão muito zangado; já lhe disse tantas vezes: pinga no vinho, agua na pinga, e pote no rio.

ANNUNCIOS.

Muita attenção para não haver queixas.

O proprietario da loja n. 51 ao entrar da rua de Baixo de S. Bento, roga ás pessoas que têm contas na mesma a virem até o dia 20 do corrente satisfazel as; assim como muitos que se ausentaram da casa por diminutas quantias.

No domingo 13 ás 4 horas da madrugada terá logar no convento de S. Francisco a missa da posse dos novos funccionarios da devoção de Nossa Senhora da Boa Sorte que se venera ao Maciel de Cima.

Aluga-se na freguezia da Sé um sobrado com commodos para grande familia, grande quintal e sahida para a estrada Nova. A tratar-se na loja do major Benjamim á rua Direita da Misericordia.

Anno 8.º — BAHIA. — 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª — SABBADO 12 DE NOVEMBRO. — N. 716.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de novembro de 1870.

Officio ao Illm .Sr. subdelegado da freguezia de Santo Antonio, chamando sua attenção para uma casa de jogo na rua dos Adobes, onde consta que os *parceiros* não mantêm aquella harmonia, que fôra para desejar, e pelo contrario terminam sempre o divertimento com rusga, o que, além dos mais inconvenientes, não convem ao socego publico.

ORDEM DO DIA.

O capitão do *Alabama* faz sciente a tripolação, que attendendo ao pertinaz desejo manifestado pelo Sr. Marcos Rabeca de pertencer águarnição, tem por conveniente mandar assentar-lhe praça na companhia dos agentes da policia secreta, ficando o mesmo addido aos espiões de 3.ª classe.

O aspirante lhe faça abrir o assento de praça.

Bordo do *Alabama*, 7 de novembro de 1870. —O immediato, *Lima Barboza*.

—Diz o *Jornal da Bahia* que lhe pediram a publicação do seguinte:

«Não é exacto que se tenham dado muitos casos de furtos de chapeus pela companhia do olho-vivo: o unico que consta haver-se dado foi na freguezia de S. Pedro contra o Sr. Publio Constancio.»

—Mas para affirmar assim é preciso ter conhecimento de causa, e ninguem pode estar em dia com os trabalhos da companhia sinão seus proprios agentes.

—Logo, foi alguem da companhia quem pediu a publicação?

—Assim parece.

Mas o *Jornal* foi enganado. Nos Afflictos foram arrebatados muitos chapeus: entre os que soffreram, posso citar um moço typographo, morador na rua d'Ajuda, na occasião em que foi preso o homem vestido de mulher.

—Capitão, foi raptada, na quarta-feira, uma moça menor na freguezia da Rua do Paço.

—Já me contaram esse facto. O raptor levou-a para a freguezia de S. Pedro, onde foi seguro pelo subdelegado o Sr. major Barros.

—E V. Ex. sabe o nome do tal *beija-flor*?

—Disseram-me chamar-se João Emygdio.

—E' justamente.

Agora cumpre ao subdelegado obrigar ao *innocente passarinho* João Emygdio a fazer *quarentena no porto* do matrimonio.

—Capitão, proezas do celebre crioulo Angelo, membro insigne da companhia do *olho vivo*.

—Novas escamotagens, não?

—E' verdade.

Na quarta-feira, ás 5 horas da tarde mais ou menos, introduziu-se, sem ser visto, na casa do pregoeiro dos auditorios o Sr. Amorim, morador ao largo da Piedade, e carregou uma sobre-casaca, 20$ rs. em dinheiro, um par de botões de punho de ouro, um dito de peito lapidado, dous pares de botinas e uma lunêta.

Ao sahir o larapio, foi visto e perseguido por algumas pessoas, largou se a correr, sendo preso na baixa dos Sapateiros, graças aos esforços do Sr. major Barros, subdelegado da freguezia de S. Pedro, que não descançou em quanto não viu seguro nas garras da policia o decantado ratoneiro.

—Como vae isso bom; os membros do *olho-vivo* não respeitam o asylo do cidadão!

—E a policia a procural-os sem os encontrar!

—Na quarta-feira, ás 6 horas e 50 minutos, ia por dentro dos trilhos de ferro de Itapagipe um tanoeiro, empregado no alambique do Sr. Maia.

Esse homem é surdo-mudo. O *bond* que sahiu do Bomfim á essa hora, puchado á caval-

los, deu com a lança sobre as costas do pobre e infeliz homem, jogando-o fora dos trilhos, e as rodas do *bond*, passando-lhe sobre os pés, deixaram-o em migalhas.

—Jesus! Misericordia!

—Os facultativos do corpo de delicto não garantem a vida do infeliz, visto a terrivel pancada que levou nas costas.

—Deus que tenha piedade delle.

— Na quinta-feira, ao meio dia, andou um homem vestido de mulher com uma subscripção pedindo esmolas.

—Isto vae de mal a peior!

—Pelas Portas do Carmo entrou o *cujo* em diversas casas, sendo uma dellas a do Sr. José Joaquim de Mello.

—Sr. Dr. chefe de policia, que diz a isso?

— Que scena de canibalismo passa-se neste *becco!* Que *agonia,* que transes não curte aquella velha escrava!

— Um corpo vergado pela edade, um defunto em pé.....

—Entretanto, seus algozes castigam-na com palmatoadas, pondo-lhe as palmas das mãos sobre uma meza!

—Oh, gente sem coração!

—Ou si o tem, é mais insensivel que uma pedra.

—E qual o crime da misera?

—Decrepita, sem forças, arrastando os pés, carrega todos os dias uma pesada caixa de papança.

Quem não sabe o atravancamento que ha em certas ladeiras desta cidade, ás subidas e descidas de carros os encontrões que se leva?

N'um desses, a desgraçada escorregou, cahiu, quebrou os pratos; voltou para casa e dão-lhe tão barbaro castigo.

—E o resultado é que a infeliz, não podendo mais aguentar os dolorosos tratos, lá se foi atirar n'um fôjo aberto no quintal para servir de cloaca.

—O *Sr.* desta creatura é uma *barraca,* um armazem de crueldades!

— E' a gente de casa; não é elle.

—Mas consente, o que é o mesmo.

—Vão tiral-a do precipicio em que se jogou; esperemos para ver como sahe.

A PEDIDO

—Capitão, os olhos teem crime?

—Dizem que folgam de ver.

—Assim é que eu entendo.

Mas outro dia ao saltar em certo *cume* á beira d'agoa, quasi *morro* de susto. Acredite por S. *Paulo.*

—V. tambem é dos que correm sem ver de que.

—Qualquer sentiria o mesmo choque vendo uma figura desvairada, possessa como uma furia sahida dos antros, praguejando como um impio insultos os mais asquerosos, que o vocabulario encerra.

Julguei ser doudo varrido escapulido de algum hospicio, mas vi que uma matilha de soldados obedecia as ordens que elle dava e desenganei-me.

—E a origem de tanto espalhafato?

—As filhas do padre *Lalau* costumam banhar se núas nas praias. Estavam as taes naiades em ameno tracto com as salsas ondas, quando vistas profanas foram casualmente pousar-se nas lindas formas.

Era um rapaz que *amassa trigo,* que passando, deu com os olhos para o lado em que as nymphas se banhavam e riu-se.

Quem não quer ser visto, encobre-se.

—Naturalmente.

—Mas as moças foram se queixar ao pá-pá do desacato e o papa-hosteas enfurecido, como um touro, sahiu em trajes grotescos a bradar furibundamente.

Foi ao sub-renegado e este que concorda cegamente em tudo que o reverendo quer, concedeu-lhe praças com as quaes foi elle proprio prender á tombos o amassa-trigo.

— Converteu se em esbirro. O papel n'um sacerdote assenta bem.

—Preso e maltratado, não houve nome por mais infamante que os labios do ungido ministro christão não entornassem sobre aquelle que estava debaixo da pressão de sua cholera.

Porém o requinte do escandalo é que a dona da casa de sua reverendissima acompanhou-o na diligencia, fazendo uma balburdia infernal.

—Que cachorrada!

—Parece que o sub-renegado cahiu em si e reconheceu que estava servindo de instrumento ao rancoroso desatino de padre *Lalau,* porque mandou soltar o rapaz depois de algum tempo.

—Que padre damnado, meu santo *Alexandre!*

—Tive medo de demorar-me por mais tempo n'uma terra assim; embarquei-me na canôa do *Zé de Menezes* e safei-me de volta redonda.

—Que luar tão lindo!

—Convida a passeiar.

—Sigamos por aqui.

—Que vulto é um parado á esquina do mercado da praça, perto destes *mares?*

—Não sei.

—Aproxima-se.

—Não de nós. Repare para onde vae.

—Lá se foi metter debaixo daquellas mamoneiras do capitão *Salva gente*.

—Já conheci quem é.

E' um sujeito que está no *maximo* grau de loucura, porque a *dona* procurou novos ares, novos climas.

—Ah, o passaro mudou de galho!....

—A cobra em epocha determinada muda a casca, logo, a mulher variando tambem de *amante é justo* e razoavel.

—Soberbo raciocinio!

—Até porque o sujeito é *cousa* do logar.

—Pois acho bem injusto por ser *becco sem sahida*.

—Não vê que elle faz caso disso!

Ainda hontem andou com a cuja pelo braço em direcção á *Moenda da Conceição* e a ordenança atraz.

—Basta, basta, eu não me importo com a vida alheia.

Logo vi qual era seu empenho, fallador.

O que tem V. que o homem seja authoridade, casado, rapte moças, e passeie com ellas publicamente, com a ordenança atraz?

—Não acho *justo*.

—Capitão, partecipo-lhe que as questões do *botequim* feneceram.

—Seriamente?...

—E' de suppor... porque a commandita, vendo não tirar partido,—recuou—pedindo a paz.

—E' louvavel... porém a censura de tanto alarde, cá me fica.

—São cousas, capitão... a ignorancia de uma mulher foi que deu causa a tantos males.

—Isso é verdade.

Vamos ao que importa. Com que está Vm. na posse da fortificação, sua artilharia, munição e provisão?...

—Sim, Sr.

—Pois então, va em socego desfructar os laureis do triumpho.

—Obrigado.

—Sr. *Jucas*, assim tambem é de mais!

Nem tanto, nem tão pouco.

Não era meio alqueire de farinha, seis vintens de bananas de S. Thomé e um feixe de cannas mirim que o rapaz que *accende fogo na machina* trouxe para gasto de sua casa, que prejudicava a companhia.

Bem vê o Sr. que a conducção de tudo isso não importava em mais do que na ridicula quantia de 140 rs.

E por tão pouco queria Vm. que um empregado que serve a contento, ha 7 annos, perdesse o logar?

E' com essas ninharias que o Sr. quer passar por muito restricto e cuidadoso?

Ora deixe lá!

Os sete vintens foram pagos e a companhia ficou no mesmo.

Deixe se de tanto zelo a *vapor*, porque a a gerencia da *companhia*, ou empreza que é *bahiana*, não exige da parte de Vm. tanta severidade.

Previne-se a dous tolos que, por serem filhos de um moedeiro falso, que por felicidade tem escapado de ter a mesma sorte que teve o irmão em Portugal, se julgam com direito de desacreditar as familias, fazendo crer, e mesmo declarando em publico que estão apaixonadas por elles, mas que não dão importancia; que arripiem carreira, porque do contrario terão de experimentar o effeito de um instrumento com que na *costa* se costuma castigar os *pintos*.

O vendedor de pratos.

Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—Partecipo a V. S. que em um dia da semana passada, em uma casa de jogo na praça dos Veteranos, um moço filho de um escrivão já fallecido perdeu a quantia de cento e tantos mil réis em jogos fraudulentos, servindo de *tapea* um agente secreto da policia, que vive nessa casa dia e noite encobrindo esta e outras velhacarias, valendo-se de ser agente secreto para pôr seus planos em execução. E para moralidade da policia, espera-se de V. S. providencias.

VARIEDADES.

Nem tudo que luz é ouro.

SCENA I.

«Meu senhor.—Remetto a Vm. esse dobrão de cinco moedas por conta da divida. Vm. desculpará não ir mais desta vez; mas sabe Deus os tornilhos em que me tenho eu visto para arranjar isto mesmo; paciencia; o que eu mais estimo é mostrar lhe que sou amigo de pagar o que devo, e, que se já o não tenho feito, é por mais não poder ser: faça favor de entregar o recibo ao portador,—não é por Vm.; mas ha viver e morrer De Vm., criado mui affectivo, *João Antonio da Silva Nogueira*.»

Tal era o theor de um bilhete, que um rapaz lia, meio ás escondidas, no vão de uma porta da cidade baixa, na manhan de 7 do corrente.

Descia uma mulher com seu capote fino e

com apparencia de remediada, quando um sujeito, bem vestido, chegando-se ao rapaz e lançando os olhos ao papel, lhe perguntou:

—Quem te deu isso?

—Ninguem: achei-o na rua.

A mulher, que tinha sua bossasinha de curiosa, pára a escutar.

—Na rua!... continuou o interrogante, com gesto de suspeitoso.

—Sim Sr., na rua... assim Deus me salve a minha alma!

—Mas o que havia dentro deste papel?...

O rapaz perturba-se.

—Sim? o que havia dentro deste papel?... Abre essa mão.

—Para que?

—Abre. Tal e qual: um dobrão de cinco moedas. Queres vender isso?

—Quero, sim, Sr.: quanto me ha de dar?

—Dou-te quatro moedas; hoje o ouro não está valendo nada.

—Ha de dar quatro e meia.

—Vae-te embora, não te dou senão quatro.

—Vá lá: desembrulhe-as para ahi.

—Tu desconfias de mim?

—Eu não Sr.; e Vm.?

—Então... bata para ahi o cascalho ou cisque-se, que tenho mais que fazer.

Eu vou buscar as quatro moedas; espera-me aqui.

SCENA II.

(*O rapaz só e a curiosa approximando-se.*)

Curiosa.—Deixa cá ver: então achaste na rua?

Coitado, foste feliz: cinco moedas, eim!?

—Qual cinco, nem meias cinco!... quatro!... V. não ouviu dizer aquelle casaca, que não está valendo nada o ouro?

—Não está valendo, não; para quem o não tem.

—Então, visto isso, elle comeu-me, eim?

—Eu sei, filho, ha tanta cousa no mundo...

—Ora, quer V. apostar que o filha...

—Cala a bocca.

—Foi buscar algum *mancipal* para me botar a perder, ou ciscaram-se ambos com o dobrão: pois já me não poem o olho em cima, que me piso...

Dá alguns passos para fugir e volta atraz arrebatadamente.

—Quer a Sra. comprar este diabo?

—Eu tenho cá dinheiro para isso.

—Faça-se cantiga, se lhe parece, quanto dá?

—Não trago quasi nada.

—Quanto traz?

—1$200, nem mais cinco réis.

—Vomite, e pegue lá; depressa, depressa.

Effectua-se a troca n'um relance; e o rapaz desapparece.

Passado um quarto de hora entrava a mulher pela casa de cambio para trocar o seu dobrão, e fazia o importante descobrimento de que tinha comprado por 1$200 rs. um pesado, formoso e bem lavrado pedaço de cobre dourado, em que só poderia perder 118 rs.; porque 15 rs. valia elle aos olhos fechados.

EDITAL

Achando-se o governo deste navio sem policia secreta na freguezia de Brotas, em virtude de se ter formalisado e tornado inimigo implacavel da tripolação o respectivo agente, faz-se publico que se acha em concurso pelo prazo de trinta dias o referido logar.

Os proponentes deverão apresentar suas propostas em carta fechada na secretaria de bordo, com a competente nota das habilitações que possuem para desempenhar o logar. Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 8 de novembro de 1870.—O immediato, *Lima Barboza*.—Está conforme, *Xixi M. R.*

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

Não tendo comparecido o numero de senhores socios designado no art. 36 dos estatutos para a reunião d'assembléa geral, de novo os convido de conformidade com o art. 37, para domingo 13 do corrente, ás 10 horas da manhan, afim de ser-lhes presentes os relatorios do 1.°, 2.° e 3.° trimestres e bem assim os pareceres da commissão de contas. Bahia 11 de novembro de 1870.—*Joaquim Cassiano Hyppolito.*

No hotel Oito de Outubro, ao Caes Dourado n. 91, continúa-se a receber assignantes para fornecimento de comida por mez, e por modico preço. Ratificamos que não acceitamos de qualquer negociante da praça quantia adiantada.

Todos os sabbados haverá mocotó gratis, e feijoada nas quinta-feiras de meio dia ás 2 horas.

O preço da collecção do vispora é a 200 rs.

Concorram todos ao nosso estabelecimento, que serão tratados com a urbanidade do costume.—*Macedo* & C.

Vende se milho branco a 2$700 rs. o alqueire, e dito vermelho a 5$ rs. o sacco com 2 alqueires, no armazem defronte ao 2.° Gomes, rua dos Caldeireiros.

ANNO 3. BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.ª QUARTA-FEIRA 16 DE NOVEMBRO. N. 717.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de novembro de 1870.

Portaria ao fiscal geral, perguntando-lhe si está derogada a postura n. 34 e si não está, a razão porque consente que os moradores do sobrado n. 20 á ladeira da Misericordia transformem em jardim aereo os parapeitos das janellas do referido sobrado, conservando sobre os mesmos cacos de flores, com risco imminente da vida de tanta gente, que pela mencionada ladeira transita. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Moradores do Caes Dourado, pedindo que se mande collocar um passadiço sobre a immensa lagôa formada pelas aguas estagnadas em frente ao destacamento, a qual alem de ser um germen fecundo de febres na actual estação calmosa, impossibilita o transito.—Informe a camara municipal, si é de utilidade a conservação das referidas aguas.

—Capitão, quem mais vive mais vê.

—Já viu peixe nadando em secco?

—Porem burro com honras de gato já.

—Expresse-se mais claramente.

—Vi um burro passeiando pelos telhados.

—Alvitreiro!

—E' exacto. Segunda-feira havia muito povo reunido em frente aos Arcos de Santa Barbara. Não querendo jurar falso, aproximei-me, e pasmei de ver um burro que andava sobre os telhados.

—Caso raro!...

Mas por onde subiu o animal?

—Facilmente.

Na ladeira da Misericordia ha uma cavallariça.

—E' exacto.

—E esta tem no fundo uma janella; por ella fez o bicho a sua digressão e foi grimpar-se nas barracas de fazendas, que ficam parallelas á referida cavallariça; quando quiz voltar, não acertou com o caminho por onde tinha sahido.

—E' uma na verdade de fazer quebrar a cabeça, a quem não souber da explicação.

—Morreu uma creança na freguezia de S. Pedro.

—Para isso não era mister mais do que estar viva.

—E o pae, um tal Sotero, carniceiro e boleeiro ao mesmo tempo, carregou com o corpo e foi deital-o em um dos açougues de S. Bento.

—Seria por ventura para regalar o publico com essa petisqueira de carne humana?

—O subdelegado de S. Pedro soube do caso e lá foi buscar o cadaver já em decomposição.

—A escolha do logar foi bem adequada e já que o rapaz tem tão bellos predicados, será bom que, quem pode aproveital-os, não os desperdice.

—Porque vae esse homem levado á rastro?

—Por pedir fogo para accender o charuto.

—V. quer me flautear?

—Já lhe disse.

—Por tão pouco!

Já lhe rasgaram o paletot e a camisa.

—E não lhe dou muito tempo que não esteja nú.

—Tambem elle se ha de ir logo preso, torna-se tão renitente!

—E creio que toldado.

O Sr. Olavo Baptista vinha fumando, o cujo pediu-lhe fogo, o Sr. Olavo negou, seguiu-se d'ahi um insulto, e o Sr. Olavo, que é inspector de quarteirão, prendeu-o: os soldados do 14 estão fazendo o que V. vê: espancam, rompem, arrastam.

—O mal que elle faz é não seguir; quanto ao motivo não é bastante para se prender a um homem.

—Si não é a força do *espirito* que está obrando, entendo que o sujeito faz bem desobedecendo a um acto illegal e arbitrario.

—Meu charo, nestes casos o melhor é ce-

der; V. bem está vendo que contra a força não ha direito.

—Eu gosto de fallar para que todos me entendam.

—E' como serve.

—Está certo da noticia que deu ha dias o *Jornal da Bahia?*

—Ellas são tantas.

—Que lhe pediam para *affirmar* não ser exacto que a companhia do olho-vivo andasse arrebatando chapeus, e que apenas se deu o unico caso do chapeu do Sr. Publio?

—E V. vem contrariar?

—Somente por gostar de minhas cousas bem claras.

—Então falle a verdade para Deus lhe ajudar.

—Na primeira festa dos Afflictos, alem de outros, arrebataram o chapeu de um empregado do proprio *Jornal da Bahia,* de nome Esteves.

—Parece que o *Jornal* quiz dizer que não foi o olho-vivo, quem andou praticando essas graças.

—Si foi isso estou calado, mas si não foi, pode mandar o *bocorio* do informante á tabua.

—E' isso que se vê!

Todos os dias destes alarmas no largo de S. Bento!

—Este englobamento de carniceiros, quitandeiras e ganhadeiras, dá logar a tanto aranzel, á tanta turbulencia.

—E a falta de policia ainda mais concorre.

—Ha um soldado lá.

—Ora! uma andorinha só não faz verão.

O guarda é prudente, não se nega isso, accommoda, apasigua, mas ha gente que só se pode conter por meios energicos, e um soldado só para semelhante claque é poeira.

—O chefe de policia devia mandar para aqui, pelo menos, tres soldados para evitar sarceiros, como esse que acabou V. de ver entre o açougueiro Justiniano e uma ganhadeira.

—Na verdade houve cacete como terra.

—Que scena brutal!

Decididamente matam aquella desgraçada preta.

—Isto é deshumano, selvagem, iniquo, praticado n'uma rua publica!

—São soldados do 14 que conduzem da Correcção uma escrava da Sra. Maria Veridiana.

Chegando na Baixa dos Sapateiros querem, segundo as ordens que teem, que desça a ladeira do Taboão, e ella teima em ir primeiro ao chefe de policia.

—Só por isso tamanha crueldade!

—Si tudo que essa preta está a dizer da senhora, é exacto, é horrivel.

—Accusa-a de ter commettido crimes tenebrosos, de apossar-se de 4 voltas de cordão de ouro, 7 enfeites encastoados, 2 anneis, 8 padre-nossos graúdos de ouro, 5 voltas de coral grosso, 4 ditas de dito fino, e 2 pannos da Costa, que ella destinara á liberdade de seu filho.

—Isso é o menos.

—E já uma vez a Sra. Veridiana foi accusada de actos de barbaridade, e creio que até levada aos tribunaes pelo crime de homicidio.

—Foi, é verdade; mas isso caducou porque ella *cabalmente* defendeu-se.

—Creio em tudo isso; o que não posso concordar é que o corpo desta misera seja de ferro para levar tanta pancada, e que o publico seja obrigado a presenciar um espectaculo tão revoltante.

—Ando secco por achar quem me informe de uma cousa.

—Que não é de sua conta, sem duvida.

—Eu gosto de andar a par dos movimentos.

—E' peccado velho seu. Mas então o que temos?

—Não vê que disseram-me que um *pequeno* da companhia de *discipulos do mar* fôra ferido com uma canivetada; que o facto passou ignorado; que a ferida mal curada sarou exteriormente, mas interiormente arruinou a parte offendida, que agora indo para o hospital, o aggressor supplica fortemente a mãe do offendido para que este não descubra, e que os medicos, que o estão tratando, attribuem a ferida á outra causa, eu desejava saber ao certo si tudo isso é verdade.

—Não creia em tal.

—E' provavel; mas em fim.....

—Emfim eu entendo que o Sr. não se deve metter naquillo que não lhe interessa.

—Os fiscaes quando passam nesta rua vendam os olhos e atarraxam os narizes.

—V. ainda cresce!

Por ventura perderam elles alguma cousa na travessa da ladeira das Hortas para virem procural-a? Uma rua que não tem tavernas, nem açougues, nem quitandas.

—A empreza do aceio, essa anda bem deslembrada de suas obrigações, ou nunca lembrou-se dellas.

—Os moradores que supportem essa exhalação pestifera, e tenham diante dos olhos tão nauseabundas e immundas materias.

—Concertaram o cano e toda excrescencia,

todo esterquilinio depositaram ao pé do muro, aos ardores dos raios solares, beneficiando a saude da visinhança.

—E por quebra o proprietario deste predio abriu um cano desaguando para a rua materias fecaes e agoas servidas. De sorte que de manhan é-se obrigado a receber pelas ventas tão refrigerante aroma e a empregar a vista sobre tão confortaveis objectos.

—E' um nunca acabar de miserias e deleixo!

A noite.

Muito juizo demonstrou o Supremo Architecto de todas as cousas formando a noite: si fôra elle gente d'este mundo, dissera eu que a tinha apreciado primeiro, pois que não houve de tudo quanto fez, nada melhor, nem mais apreciavel do que a noite. Ella é segundo disse o poeta, a protectora dos amantes, a quem lhe fez perguntar á querida de seu pensamento:

Nise gentil, será, meu bem possivel
Que hoje eu colha as dulcissimas premicias
De minhas esperanças vigorosas,
Do Deus frecheiro pelas mãos mimosas
Da tua boca fonte de caricias,
De teus olhos travessos?

E si a noite não fôra, talvez Nise dissesse que não; mas a belleza é sempre facil de dizer—sim—quando alguma coisa si lhe pede para essas horas de escuridão, em que se não divisa o pejo de rubicundas faces, nem os olhos se podem ver distinctamente, deixando toda a apreciação á força do pensamento.

E si a noite não fôra, o que seria da humanidade? Si a não tivera o sabio para em seu silencio meditar; si a não tivera o homem para descansar de todas quantas fadigas aguenta no penoso trabalho do dia. Oh! a noite é um grande presente do ceu e não ha quem a não a aprecie.

Não sei o que é, mas um divertimento que não entra pela noite e acaba as horas de sahir o pão quente das padarias, não é divertimento; e si assim não é, que venha alguem desmentir-me. E d'ahi nasce que as bellas se captivam com o suspirar apaixonado d'aquelle que lhe arrasta a aza, si esse suspirar se faz sentir em alta noite. Ficam todas derrotadas e feridas debaixo do peito esquerdo e entregam-se como pombas em armadilha.

A ideia destas linhas me appareceu no meio de um pagode durante a noite. Estavam mais de meia duzia assentados á uma porta: o silencio da noite era interrompido por bella e harmoniosa serenata, e eu assentei de não deixar aquella que assim protegia nosso divertimento, sem uma coisinha que se parecesse com seu elogio.

De noite todos os gatos são pardos. E é verdade que a noite transforma as pessoas, fazendo parecer muito differentes do que são de dia.

Vêde aquelle sujeito embrulhado em seu capote, de chapeu desabado e que ninguem conhece de noite, e que lá vae embocando em casa de uma belleza mercenaria, que nem por isso é para desprezar? Vendo-o assim julgareis sem duvida que é um tal ou qual quidam. Pois o homem que agora de noite não passa de um encapotado, de dia é um commendador, tido e havido por homem serio e incapaz de frequentar casas taes. Mas a noite borra a commenda de preto, torna desconhecido o commendador e dá com elle na espelunca da peccadora.

Vêde aquella porta travessa em rua deserta que se abre divagarzinho para dar entrada a um vulto negro, como as sombras que o rodeiam? Pois aquella porta de dia está fechada e aquella casa goza da maior reputação. Mas de noite ha quem se embrulhe na sua capa pora alli penetrar.

Vêde aquelle rapaz que por alli vae bem frescamente a fumar o seu charuto, a dizer a sua graça e a fazer coisas e coisas? E' rapaz e faz tudo isso por causa da noite que o favorece, porque de dia é um desses fradalhões hypocritas, que passeiam com os olhos baixos pelos dormitorios de seu convento. Triste delle si não tivera a noite por desabafo de seu cordão.

Vêde finalmente aquella mulher de capona pela cabeça que lá vae e que julgareis talvez alguma pobre e miseravel pedinte? De dia é uma moça linda, de boa familia, a quem todos tratam com respeito, dão excellencia, pedem para tocar um bocadinho e aspiram para mulher. Mas á noite se aproveita do tempo, em que o pae está a jogar em casa de algum amigo, e com aquella capona que a desfigura, porque de noite todos os gatos são pardos, vai muitas vezes tomar ventura em casa de algum candombleseiro, porque alguem tal lhe metteu em cabeça.

Confesse se pois que a noite é grande coisa. Si ella não fôra, muita coisa se não faria, e se fôra possivel acabar com ella parece que as mulheres enviariam ao seu instituidor um nós abaixo assignadas, porque fallando sem paixão, ellas são que mais se aproveitam da noite.

A PEDIDO

—Meu charo *ajudador,* quer mostrar que é cousa, eim?

Assim moleque!

—Dirige-se a mim?

—A V. mesmo, meu bravo.

—O que pretende?

—V. passa com a parada pela porta da sua *bella* na rua das *contas enfiadas* e rende-lhe continencia.

—O Sr. viu?

—Quando ella está na janella. No *domingo dos judeus,* por exemplo.

—Tambem foi só esse dia.

—E será bom que não faça mais.

—Capitão, tome.

—O que, meu rico?

—Esta, que é bôa.

—Safa!.....

—Escute. Um homem *amisiado* com uma crioula, tendo della duas filhas, e *por riba* sendo seu *compadre,* isto, é, da crioula, a quer vender—amasia e filhos!.... Que tal, capitão?

—E' horrivel!.... Ella que se agarre com S. *Luiz,* ou senão vá a S. *José* que está na *rocha,* para fazer algum milagre.

—Capitão, isso é nada: esse tratante de *sapateiro virou* logista, proprietario, etc., etc.

—Capitão eu volto para lhe contar o resto.

—Até as uvas.

VARIEDADES.

O que é a mulher

A mulher é uma rosa,
que tem espinhos.
A mulher é um espelho,
que reflete os defeitos,
A mulher é um chapeu,
que logo desaba.
A mulher è um cabide,
que traz muitas roupas.
A mulher é um calix,
transbordando de fel.
A mulher é uma brasa,
coberta de cinza,
A mulher é uma cascata,
que sempre sussurra.
A mulher é um relogio,
que a lingoa desperta.
A mulher é uma faca,
que a muitos corta.
A mulher é um vidro,
que ao ar se quebra.
A mulher é um jornal,
que só consta de noticias.
A mulher é um barómetro,
que anuncia tempestade.
A mulher é thermómetro,
em constante negativa.
A mulher é uma capa,
que nos anda ás costas.
A mulher é taboleta,
que tem muitas joias.
A mulher é corrente,
que nos prende ao cepo.
A mulher é deusa,
que não faz milagres.
A mulher é um anjo,
que nos traz o mal.
A mulher é uma rainha,
que decreta raios.
A mulher é uma rabeca.
que sempre faz orchestras.
A mulher é uma Doutora,
do direito das modas.
A mulher é medico,
que nos sangra a algibeira.
A mulher é rabula,
que em tudo chicanêa.
A mulher é padre,
que nos arranca os segredos.
A mulher é sargento,
que não falha o diario pret.
A mulher é tambor,
que rufa desd'aurora.
A mulher é clarim,
que nos chama a postos.
A mulher é peça raiada,
que nos estraga o coração.

Pacifico das bolachas.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

O conselho desta sociedade está distribuindo por todos os senhores socios, que se acham em dia no pagamento de suas mensalidades, e que não compareceram á sessão d'assembléa geral, no domingo 13 do corrente, os relatorios impressos dos trimestres 1.°, 2.° e 3.°, afim de que melhor possam conhecer da maneira por que o conselho administra os interesses desta pia instituição. Bahia 14 de novembro de 1870.—O 1.° secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito.*

Vende-se um preto escravo de nome Pedro: quem pretender dirija-se á rua do Fogo, casa do general Muniz.

Vende-se milho branco a 2$700 rs. o alqueire, e dito vermelho a 5$ rs. o sacco com 2 alqueires, no armazem defronte ao 2.° Gomes, rua dos Caldeireiros.

Precisa-se nesta typographia de um distribuidor.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.ª SABBADO 19 DE NOVEMBRO. N. 748.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de novembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Victoria, chamando sua attenção para o indecente costume de irem praças do 14.º batalhão tomar banho e lavar roupa nús na fonte do Sr. Cock, ao Garcia, preferindo assim que as familias, que moram na circumvisinhança, possam andar livremente, a não quererem ser testemunhas de quadros, que o pudor não tolera.

Confia-se que S. S. será solicito em providenciar.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do 2.º districto de Santo Antonio, para que procure de uma vez acabar com o abusivo uso de passarinhar-se pelas estradas publicas, mórmente do Cabulla, onde nos domingos apparece uma alluvião de caçadores a atirar a torto e direito, sem se lembrarem do mal que podem causar, como no domingo atrasado nas visinhanças da roça do Sr. Carvalho, em que por poucas não mandam um vivente para a contra-costa.

Alem disso é bom evitar conflictos desagradaveis que se dão, em consequencia de invadirem os mencionados caçadores as roças para collher fructas e caçar as criações alheias.

Portanto, espera-se que S. S. procure, como estiver a seu alcance, fazer cessar tamanho inconveniente.

—Na terça-feira de madrugada acordei sobresaltado.

—Effeitos de algum pesadello.

—Nada; gritos que estrondavam e acordaram tudo atordoado por ali.

—V. onde mora agora?

—N'Agua-brusca.

—Mas que gritos eram esses?

—Uma mulher preta que ia ajoujáda como porco, conduzida por seis pessoas.

—A tal hora?..... E' para fazer reparo.... Para onde iria?

—Embarcaram-na em uma lancha atracada ao Caes d'Agua de Meninos, a qual largou no mesmo instante.

Entre os gritos da preta sobre-sahia bem —*Ei... cravo de Meiri Vridian!...*

—Rapaz, porque não procurou esmiuçar esse mysterio?

—Eu que não procurasse! Assim que rompeu o dia, andei indagando e soube logo que era uma escrava presa na Correcção, cuja senhora a mandava embarcar para fora.

—Está celebre! Pois eu tenho o que é meu, e preciso me valer da escuridão para dar-lhe destino!

—Que diabo de alarma é aquelle ali na rua da Larangeira?

—E' um preto africano, morador na casa n. 100, que espanca a duas pretas tambem africanas, as quaes sahiram para a rua núas, e uma dellas armada com uma faca de cortar peixe.

—O caso é que um facto d'esta ordem, hoje quarta-feira, e á claridade da luz meridiana, a policia não vê.

—Ora essa! como é que deita-se um porco em cima do soalho, incommodando a visinhança com seu grunhido, principalmente á noite!

—E em baixo do sobrado tem uma taberna.

—Olhe que nessa rua dos Ossos veem-se cousas!...

—Capitão, achando-se V. Ex. sem policia secreta na freguezia de Brotas, venho-lhe communicar alguns factos, que se teem dado no 1.º districto.

—E eu agradeço-lhe, porque então ficará substituindo a falta do nosso agente, que retirou-se formalisado com a tripolação.

—Em um destes dias, passando uma carroça do Sr. Noronha, o carroceiro foi accommettido por dous sujeitos mascarados, que apunhalaram os burros, poupando-lhe a vida.

No dia immediato picaram todo o capim e

plantação da roça do mesmo Noronha e incendiaram.

—Isto está parecendo alguma perseguição, que contra elle exercem.

—Não sei; convem que a policia tome alguma providencia a este respeito.

— Diabo! diabo! diabo! diabo! diabo! diabo!

—Que tantos diabos são estes?

Que diabo chama tanto pelo diabo, hoje quarta-feira, ás 11 horas da noite?

—E' o official que está de guarda em palacio, que, como um possesso, descompõe os soldados.

—Safa! que milheiro de diabos!

Credo! cruz! Ave-Maria!

—O becco do Pedroso está reduzido á estribaria!

—A' estribaria e a chiqueiro!

Uns veem com seus cavallos e amarram aqui, outros fazem d'aqui cloaca ourinatoria.

—Mas o que havemos de fazer? Quem remedio não tem, arremediado está.

—Eu queria chamar a attenção da camara municipal para que mande o fiscal prohibir que se amarrem cavallos aqui, tomando assim o transito.

—Perde seu tempo, porque os camaristas estão divorciados.

—Hoje quanto é do mez?

—A folhinha marca 17.

—E até esta data os operarios do arsenal de marinha estão fazendo cruz na bocca a respeito de dinheiro! Entretanto d'aqui ha tres dias vence-se outra dezena!

—E' sempre esta demora! Não sei ao que attribúa isso.

—Ao descuido ou atrazo que ha em se aprompar a folha.

—E pobres homens, sobre-carregados de familia, que trabalham para receber no fim de dez dias, que soffram, porque quem tem sua barriga cheia não se lembra que os mais teem necessidade!

—E' uma falta indesculpavel, uma cumplicação que parece ser eterna! Quem trabalha no arsenal não pode ter palavra, nem ser pontual nos seus compromissos, porque anda sempre atrazado no recebimento de seu trabalho.

—No tempo em que aquella repartição tinha 300 e 400 operarios, as folhas eram sempre promptas a tempo e os pagamentos em dia, hoje que o pessoal está reduzido talvez a menos de um terço, é essa delonga que se vê!

—Parece que os apontadores actuaes são atacados de incuravel morosidade.

—O unico recurso que ha é appellar para o Sr. intendente que se lembre, que esses homens são pobres jornaleiros e que com o que ganham é que proveiem ás suas necessidades.

—Ha uma hora que dura o diabo desta perlenga!

—O *bond* parado e tanta gente empatada!

—Entrou um passageiro fumando; o caixeiro advertiu-o de que não o podia fazer; o homem apagou o charuto, mas conserva-o na mão. Entende o caixeiro que nem isso é permettido e manda parar o trem.

—E' uma restricção muito rigorosa.

—Uma sem-rasão.

—E neste segue não segue, os mais perdendo seu tempo!

—E eu que tenho tanta pressa de chegar ao Campo Grande e que por isso comprei passagem e agora aqui como a mãe de S. Pedro.

—Si tem urgencia vá ao caixeiro que lhe resgate o bilhete e siga a pé.

—Ja fiz isso; mas o moço diz-me que vá receber na *companhia*.

—Está o que é cassuar!... pois o publico tem culpa das complicancias da companhia? Promette-se uma viagem regular, contando com ella para chegar á hora certa, embarca-se uma pessoa, ha demora que não é occasionada por força maior, e o empregado da empreza nega-se a remir o bilhete que vendeu!

—Em verdade estes Trilhos Urbanos precisam de trazer o seu serviço mais bem determinado.

—Capitão, vou lhe contar um facto que se deu na quinta-feira no deposito de massas á rua Direita de Palacio, n.° 21.

—Ora vamos com isso.

—A creoula Clothildes pediu ao caixeiro do deposito para lhe escrever uma carta e deitou o balaio sobre o balcão.

N'essa mesma occasião entrou Ermelino do Nascimento e logo depois sahiu.

Tendo acabado o caixeiro de escrever a carta, Clothildes vae deital-a dentro do balaio e dá por falta de doze mil réis, que lhe haviam saccado.

Não tendo ella encontrado dentro de seu balaio o dinheiro que trazia, deitou suspeitas sobre o caixeiro; este tractou de se justificar; mas Clothildes não quiz attender as suas justificações e grita que elle a havia roubado.

—A tempestade complica-se!

—Sabendo do facto o amasio de Clothildes, vem ao logar do occorrido e a encontra em alarma com o caixeiro; mas tracta de indagar quem havia entrado no deposito, na occasião

em que o caixeiro escrevia a carta, e sendo-lhe dito que Ermelino, sahiu em procura delle o o encontrou na ladeira do Carmo.

Agarrando o e exigindo d'elle o dinheiro, este o entregou pedindo lhe que nada fizesse contra elle, visto como elle sabendo que aquelle dinheiro era do amasio de Clothildes, e o vendo em mão de um sujeito que o havia achado, tomou-o para fazer-lhe entrega.

—A desculpa não foi má!

—Veja V. Ex. como a companhia do olho-vivo é incansavel em suas escamotagens!

—Mas que quer; é tempo de festa, precisam de dinheiro para fazerem seu *toilette*.

—Os frades franciscanos dão hoje algum banquête?

—Porque?

—Vejo estar entrando para o convento tantos taboleiros de comida.

—E' o resto do banquête offerecido ao conselheiro Zacharias, que mandaram para ser dividido pela pobreza.

—Muito bem! muito bem! E' um acto louvavel!

A PEDIDO

—Capitão, attenda, que esta não é má.

—Ora vamos, faça bom proveito e diga o que quer.

—Na cidade da *Fabrica de tecidos*, ha um celebre Fr.. *iscando*, que com ares de *macaco* enfesado, querendo inculcar-se de *santarrão*, vae passando vida *folgada* e *milagrosa*.

—Sempre está V. a inventar cousas!

—Não é invento, é realidade. O tal marreco tem uma *afilhada*, com quem vive na mais completa...

—Na mais completa o que?

—Eu mesmo não sei o que responda-lhe! Fique certo porem, que o tal *sujeitinho* é um *finorto*. Desespera-se por não poder casar com a *afilhadinha*. Chama o seu *vestido* malvado, etc., nomesinhos que fazem gosto. O melhor de tudo é vel o nos seus *colloquios amorosos;* enceba o cabello e anda cheiroso, que parece um *janota;* é *faceirão*. Faz rir, quando falla, ou canta pelos tremelicados de sua voz affectada—é um verdadeiro bichinho de realejo. Agora, senhor de *boa* e *rendosa* freguezia, rouba dos *incautos* e *indulgentes* freguezes, como uma harpya; já é conhecido pelo *distincto* e *historico* nome de Lucas de..... e pretende assim enriquecer e immortalisar-se.

—Então não tem mais nada a dizer?

—Muito; porem ficará para outra vez, pois ainda torno.

—Então; antes de ir, reccommende ao commandante do vapor, que para atracar amarre-se á cabeça do *frade*, que vou mandar fincar ao caes. Veja bem.

—Sim, Sr.... Pouco me importa, que a corda ou o *frade* se arrebente e que o vapor vá á garra. Este mundo é de quem mais pesca. Quem é tolo para si, pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue.

—*Tibi*.

—Capitão, venho lhe communicar um facto vergonhoso, que se deu no banquete offerecido ao chefe do partido liberal.

—Estou ao seu dispor.

—O filho de um doutor conservador *agasparado*, que nem por S. *Thomaz* lhe direi seu nome, apresentou-se no banquete e tirou um queijo londrino e um talher de prata, que lhe foi tomado das mãos por um dos criados, que estavam servindo a meza.

—Que miseria!

D'aqui, no logar em que nos achamos, convem não declinar seu nome.

—Si fosse o filho de algum artista pobre, seria immediatamente preso como ratoneiro; mas como foi o filho de um doutor, isto não passou de uma simples *gaiatada*.

—Bons olhos o rejam, meu rico, muitos dias são passados depois que não o vejo.

—Capitão, agora mesmo estou chegando da villa da *louça vidrada*.

—Andou por lá? Já sei que regalou-se no aprazivel *Jacu-aripe*.

—Alguma cousa.

—E deve tambem ter tomado bons apanhamentos.

—Oh, capitão, é o que me traz á sua presença. Estou impando com um facto revoltante.

—Pois vá tratando de desabafar seu peito.

—Quero fallar de um casamento feito á faca de ponta.

—*Horribile dictum!*

—Uma empalmação forçada n'um par de contos de réis que possue uma joven orphan de 14 annos, arrancada dos braços de sua contristada mãe e entregue á avidez metallica de um pobre diabo, que possue a noite e o dia, e pode ser *professor* de cubiça desmarcada.

—Conte-me essa cancaburrada. Então casaram a moça contra a vontade da mãe?

—E dos irmãos.

—Como se arranjou essa rosquilha?

—A menina foi illudida e coagida a dar o sim em um passeio, a que foi convidada, sem a presença da mãe, concorrendo para isso o *juiz dos filhos sem paes*, seu escrevente, o *pastor das almas* e uma certa authoridade.

Empregaram meios reprovados para fazer pressão no espirito da timida e acanhada donzella e constrangeram-a a dizer que consentia na tratada; e obtido o sim, forjaram a vapor essa vergonhosa cilada, de sorte que a mãe teve noticia quando o escandalo estava quasi consummado. Toda a opposição de sua parte, bem como dos parentes, foi baldada. A moça é levada ao pé dos altares e diante de Deus sanccionou-se o execrando acto, cujo unico fito era somente a posse de seus bens.

—Quanta bandalheira se pratica ahi por este mundo!

—Em todo esse tropel de desmoralisação e sceleratez andou o dedo, foi principal author um individuo por demais conhecido nos annaes da fraude, do roubo, das concussões.

Um criminoso que já arrastou no pé uma pêga na cidade da *Catadupa*.

Um falsario que *firme no* intento de arrebatar o alheio, vive qual salta-*martin*, de alicantina em alicantina... uma especie de *Hermogenes* que houve em outras eras.

Foi sob a influencia maligna de tão pervertido ente, que se realisou a obra da iniquidade, contrafazendo-se a vontade de uma mãe desvellada e sacrificando-se o futuro de uma joven.

Esse individuo que anda *firme no* proposito de commetter tranquibernias já teve a audacia de falsificar uma firma e com ella ir á Latronopolis receber 300 arrateis de charque, sendo preso na cidade da *Catadupa*, na occasião em que punha em guarda o fructo de seu latrocinio, pelo que foi ali cantar de gaiola.

Em algum tempo *procurou* para si na camara dos *varredores* e teve astucia de illudil-os, fazendo-os attestar a existencia de um deposito de 3:000$ rs., quando de tal dinheiro não havia nem fumaça!

Foi um homem deste jaez, um reu convicto, um falsario, um falsificador, quem dirigiu o plano para a execução de um crime.

—Mas que quer, si elle achou coadjuvação naquelles mesmos que deviam ser as atalaias da observancia da lei?

Braço cortado não tem remedio; agora o que está feito não se pode desmanchar.

Perguntas innocentes.

Porque razão certo official addido ao batalhão *sete* com *sete* não uza do fardamento que lhe compete? Será porque não o tem? é incrivel; pois elle ha pouco recebeu tres mezes de soldo por adiantamento para uniformisar-se. Entretanto, ainda faz o serviço de blusa, e..... *á vontade*.....

***

Um official de um dos corpos do sul, addido a um corpo de linha nesta cidade, só faz guarda no paço; porque não faz guarda tambem na correcção? Será por causa dos dous bois de côco, que o pobre preso ainda chora pelos cobres, ou porque o *tal* fazia das grades das prisões o seu hotel?

***

Não houve ordem para os officiaes do *sete* com *sete* desoccuparem o quartel da folha de *palmeira*? e como ali ainda se acha um official do *balaio* addido a aquelle batalhão? Será para estar incommodando as familias que por ali moram? reunindo em seu quarto uma baderna de negras e vagabundos?! Comprando na venda sem pagar ao taverneiro?!

Tudo isto acontece sem que tomem contas ao feliz mortal.

Ha tanta cousa, que dá para o carregamento de uma *alvarenga*, indo para Salles.

O Alexandre.

Sr. redactor.—Publicando ha dias o *Alabama* uma noticia de que o filho de certo escrivão fallecido perdera em uma casa de jogo certa quantia, para evitar duvidas que queiram fazer recahir sobre mim, queira declarar com quem se entende.

João Pinto Barretto.

—

S. S. deve contentar-se declarando se-lhe que a publicação não lhe é allusiva e sim ao filho de um escrivão de subdelegacia, das muitas que ha na provincia.

A Redacção.

Leva-se ao conhecimento do Sr. subdelegado de Sant'Anna que na quinta-feira houve forte desordem no becco do Araçá, proveniente de jogo que alli ha em uma casa, havendo muita pancada e extraordinaria algazarra.

E' preciso S. S. olhar para isso.

ANNUNCIOS.

As pessoas que quizerem comprar alguns objectos para casa, bem como: marqueza, cadeiras de braço, bancas de jacarandá, uma cella de Santo Antonio, diversos jarros e figuras para enfeitar mezas, um par de escarradores e uma meza sobre cavallos para jantar, dirija-se á rua da Poeira, casa n. 56, para tratar.

Prevenção.

Brevemente serão publicados por este e outros jornaes os nomes de diversos individuos, que teem cartas na loja de calçado de Luiz de Oliveira Vasconcellos, á rua Direita da Misericordia.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.ª QUARTA-FEIRA 23 DE NOVEMBRO. N. 719.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de novembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que empregue os meios a seu alcance, afim de fazer cessar o barbaro e estupido divertimento de deitar-se gallos á brigar, divertimento esse que bem mostra o atrazo de civilisação desta terra.

Tomando pois S. S. as providencias precisas para acabar com semelhante brinquedo, a nossa civilisação dará mais um passo de adiantamento para o seu progresso.

Espera-se ser attendido.

Portaria ao fiscal geral, para que vá incontinenti intimar a quem mora no sobrado n. 29 á ladeira da Misericordia que tire de sobre os peitorís das janellas dous grandes cacos com pés de craveiros, os quaes, como estão collocados, com qualquer tombo ou descuido virão á rua esborrachar a cabeça de quem for passando. Cumpra.

—A infancia é o symbolo da innocencia, mas nem sempre os brinquedos de crianças trazem o cunho da innocencia.

Ora, quotidianamente ajunta-se na ladeira do Bercó de oito a dez meninos.....

—Cada marmanjão, e V. chama crianças!

—Ensebam umas taboas e largam-se sobre ellas pela ladeira.

O brinquedo é perigoso, porque no impeto que leva a taboa, quem vem do lado de baixo corre risco de ser offendido, por não ter tempo de desviar-se de algum encontrão.

—Um dia desses uma crioulinha quasi quebra a perna; ficou com o pé desmentido.

—E como o brinquedo não é dos mais agradaveis, bom será que quem pode, lhes dê a fazer alguma cousa de mais utilidade.

—V. foi ao jantar politico-liberal?

—Faltou-me o toilette recommendado.

—Mas provavelmente leu a descripção.

—Ah, isso é verdade.

—E o que me diz?

—A respeito?

—Que explicação tem brindarem a todas as classes, menos a dos artistas?

—Uma omissão, esquecimento talvez.

—Fatal esquecimento, na verdade, para uma classe que em outras occasiões é tão invocada! Ella que, ao menos nesta terra, constitue a maior parte do povo, foi logo a que não foi lembrada em um banquete de democratas!...

—Tambem artista o que tem que ver com politica? Vota, paga imposto e adeus saudades.

—Quantas vezes tem se fallado neste precipicio prestes a abafar uma porção de viventès, aqui na rua do Tinguí!...

—Já não tem conta.

—Entretanto o perigo continua sem que ninguem se lembre de prevenil-o.

—Ainda um dia destes cahia um pedaço de parede sobre o telhado da casa visinha.

—Depois que acontecer uma desgraça, quando o mal fôr irremediavel, choverão as providencias.

—Com as paredes do gazometro tambem succedeu assim; bem que se advertiu; não fizeram caso; até que uma catastrophe desastrosa foi a consequencia de tanto descuido.

—Capitão, acaba de passar-se nesta cidade um facto horroso, e do qual a policia já tem conhecimento.

—Mas eu ainda ignoro.

—Pois vae saber.

—E já estou ancioso.

—Em um dos dias da semana passada, no hotel *Mullen,* foi deflorada uma menina de 13 annos de edade.

—Bom! Conte-me isso.

—Um moço de nome *Maiscoso,* empregado publico, levou-a para o hotel *Mullen,* alugou um quarto, e para poder conseguir o seu fim sinistro, deu-lhe bebidas alcoolicas e depois

que a viu spiritualisada, saciou os seus brutaes e perversos desejos.

—Que monstro!

—Depois de consumar o crime, a menina poz-se a chorar, e quatro inglezes que se achavam no hotel entraram a notar, fallando muito alto, o que fez com que o *cujo* escapulisse, deixando no quarto a victima.

—Ora, tendo sahido antes o dono do hotel em busca da policia, entrou, depois d'elle haver se posto a salvo, acompanhado do delegado, que mandou levar a pobre criança para a casa de sua familia, e ficando impune o monstro destruidor de sua virgindade.

—Que horror!

—Eu não garanto a veracidade do facto porque o presenciasse, mas por m'o haver contado um companheiro de repartição do tal *Maiscoso,* e por ter ouvido de varias pessoas.

—Em todo caso, convém levar ao conhecimento do Sr. Dr. chefe de policia, a fim de que, syndicando, procure o fundo de verdade que ahi existe, e dê as providencias que o caso urge, segundo seu caracter de authoridade justiccira.

—Capitão, dão-se factos nesta cidade que ficam inteiramente incognitos!

—Já V. vem com alguma descoberta.

—A camara municipal está manchada em seus brios!

—Porque?

—Então V. Ex. não sabe que um dos seus membros foi desfeiteado por um empregado de lá?

—Que me está dizendo?

—Estou dizendo-lhe a verdade; mas o empregado tem muitos padrinhos, e o vereador, o eleito do povo, ficará desfeiteado!

—Que vergonha para a Bahia!

—E por causa d'isso os vereadores andam divorciados!

—Pobre terra de Cabral! Até quando sendo tu a primeira de tuas irmans, ficarás no olvido e representarás o papel da ultima dellas?!

—Basta, senhor; modere seu enthusiastico genio!....

—Que desaforo!

—Todos os domingos, aqui no largo do Theatro, é isto que V. vê!

—Ajunta-se um rancho de moleques e meninos sem educação alguma, e toca a jogar pedras para um e outro lado, fundos de garrafas e o diabo a quatro que elles encontram, e por fim accommettem uns aos outros de cacêtes.

—E ninguem pode atravessar aqui com este chuveiro de pedras, salvo se quizer tomar alguma pedrada pela cara!

—Mas que quer; são os bairristas de S. Pedro e da Se.

—Bom!

E a policia porque não dispersa esta sucia de malandros?

—E' preciso que se a vá buscar e a traga pela mão para então ella cumprir o seu dever.

—Neste caso é cega.

—Vê, mas faz que não vê.

—E' o peior cego, é aquelle que não quer ver.

—Dizem que fallecendo Francisco Antonio Vieira deixara em seu testamento uma verba libertando a 15 escravos, cuja verba até hoje não foi cumprida e pelo contrario se acham alguns desses infelizes curtindo os horrores da masmorra da Correcção, sendo que 9 delles ja foram vendidos por 3:000$ rs.!

Sem querer encarregar-se de asseverar a exactidão do facto, apezar de muito propalado, com tudo chama se a attenção das authoridades a quem competir para um facto tão grave como o da liberdade de 15 individuos.

Hoje que em nosso paiz a opinião publica desperta se de seu somno secular e procura solução para essa grande questão social—a liberdade de 15 individuos deve interessar vivamente a aquelles que são encarregados da missão augusta de administrar a lei, e a ser verdade o caso da venda de 9 escravos por 3:000$ rs., elle só basta para derramar muita luz neste negocio.

Repetimos, o que dizem pode não ser exacto, e até acreditamos; mas cumpra cada um seu dever aconteça o que acontecer.

—Veja uma de frade.

—Diga.

—Um certo beatissimo tinha duas confessadas; as quaes por seus conselhos *deixaram o mundo.*

Uma, apezar de madura, ainda está frescalhona; e a outra é inteiramente moça.

Confessavam-se uma vez por semana; quem entrasse no convento dos Seraphicos em Latronopolis havia de ver as duas beatas, as quaes se tratavam por irmans por serem confessadas do mesmo beatissimo, de camisas de mangas compridas, extensa correia pendente, cabisbaixas e contrictas nos pés do seu director de consciencia; mas agora quem lá for só ha de ver uma, a creoula Lucinda.

—E a outra?

—A outra o reverendissimo cathequisou-a tanto, deu-lhe tantos conselhos, insinuou-lhe uma vida de maceraçõcs, de sorte que a rapariga adoeceu de uma hydropesia de ventre e está para cada momento.

Eu não sei como foi; o caso se deu depois que a mãe da joven arrependida adoeceu, e esta chorando a seu confessor que não tinha meios para tratal-a, elle la foi em casa levar-lhe soccorros *corporaes*.

Dessa epocha ninguem mais viu a beatinha no convento, e depois quando a viram foi com o ventre inchado pela formidavel hydropesia.

—Mas o reverendo continuou a soccorrel-a?

—Com pena, capitão, tomou a si o cargo da casa.

—Frade é gente muito charidosa!

—S. Francisco ajude a esse a boa obra que faz.

A PEDIDO

Xixi Mulher de mouro Flor que tem espinhos, é um individuo assomado, irascivel e rancoroso. Seu coração é requeimado pelo mais violento odio, sua alma embebe-se nas profundezas de vil e mesquinho orgulho, assim como sua lingua é saturada de torpe maledicencia.

Xixi Mulher de mouro Flor que tem espinhos abusou sempre da immunidade da imprensa para cevar seus odios calumniando e atassalhando aquelles a quem nutria aversão.

De estatura movida, tanto tem a figura á tacão de bota, como o espirito lhe transborda impregnado de detractação.

Pequeno no tamanho é grande na difamação.

Não alcançando certa pretenção disse n'uma gazeta horrores d'uma corporação deliberativa; insultou, imputou os mais desairosos baldões a seus membros.

Era o melhor fornecedor de noticias dos actos dos mais.

Sua lingua viperina de todos depunha.

Uma vez era um visinho que matou um escravo á pancadas e enterrou no quintal do que tendo conhecimento a authoridade foi ao logar e descobriu o crime, porem por condescendencia atabafou-o culpavelmente.

Outra vez era um senhor que amarrou a escrava ao rabo do cavallo e arrastou-a publicamente pela estrada.

Outra um finado barão que prohibiu que moradores de seu dominio fossem a certa festa patriotica, sob pena de lhes mandar deitar as casas abaixo.

Quando não, era o vigario da freguezia que deixava seu cavallo ir profanar a morada dos mortos pastando dentro do cemiterio; ou então certo tenente-coronel das corcovas que commettia abusos e arbitrariedades.

Era o espião da vida intima de seus visinhos e então, dizia elle, a imprensa chistosa o critica era uma necessidade: refreava os abusos, continha os excessos da authoridade e impunha um paradeiro as arbitrariedades; chasqueando corrigia os defeitos sociaes e propugnava pelos direitos do fraco.

Mas um dia cahiu-lhe o raio em casa e aquelle que tantas thesouradas havia dado no procedimento alheio teve de levar tambem sua beliscada.

Foi a pena de talião.

Xixi Mulher de mouro Flor que tem espinhos mudou de opinião, tornou se outro. Blaterou, espumou. Aquillo que em sua opinião até então era um bem, um remedio para o corpo social, tornou-se um mal pernicioso, um cancro.

Cego de raiva, vomitando bilis, foi procurar o irmão de um individuo sobre quem elle mais tinha feito pesar o afiado gume de sua deturpação, pintando-o com as mais horrorosas côres, como o cumulo de monstruosidade, e contando-se já *victorioso* á sombra de um *carvalho* planejou exercer a mais execranda, vil e mesquinha vingança.

Xixi empregou todos os meios, não poupou recursos para saciar sua indomavel e rancorosa indole; mas pode ser que tudo lhe saia azar, porque Deus não quer cousas mal feitas. Espume muito embora como um cão hydróphobo, brade como um possesso, uive como uma hyena, não ha de ser para cevar seus caprichos fatuos que se ha de postergar as regras do justo e do direito.

Não ha de ser o seu louco e vertiginoso tresvario que ha de pôr tropeços para que não saia triumphante a causa da razão e da justiça.

—Capitão, nunca ouviu fallar no *viveiro pequeno* dos aprendizes de corôa?

—Ja ouvi; é onde elles se *preparam*.

—Mas como é que os *mestres* dalli desapprovam a todos os que nãs são de casa?

—Pois nem os filhos dos amigos escapam!

—Não sei, mas o que dizem é certo.

—De duas uma: ou os mestres dalli sabem mais do que os outros, ou ensinam por livros differentes.

—Parece-me que presumpção de saberem mais do que os outros não estão no caso de ter; quanto aos compendios sei que em algumas partes ja se ensina o latim por um compendio de historia sagrada e no dito *viveiro* ainda é por Eutropio; quanto ao mais tudo é o mesmo.

—E esse Eutropio é escriptor religioso?

—Nem elle, nem algum outro por onde ensinam. De sorte que em um exame apresenta-se, v. g., uma descompostura de Cicero, ou um queixume de Venus.

—E então quem vae aprender a evangelisar, não deve tambem saber descompor a um contrario o enternecer-se deante de alguma Venus queixosa?

—Capitão, nada de gracejos. São caprichos que não assentam n'uma classe onde se deve existir pureza de consciencia e rectidão de espirito; além disso causa injustiça a mocidade que se dedica a uma tal vocação e traz desgostos aos paes de familia.

—Pois os paes que destinarem seus filhos a esse ministerio, que os mande aprender no tal *viveiro* para evitar esses desgostos.

—Mas nem todos dispõe de circumstancias favoraveis da fortuna para isso.

E uma tal inexorabilidade não é condigna com a semente edificante e instructiva que elles dizem são encarregados de espalhar.

—Isso é verdade; mas os miraculosos e purissimos levitas não entendem assim.

—Na opinião delles somente os que são seus discipulos são aptos e intelligentes!

—Isso assim não é justiça.

Definição do ciume.

SONETO.

Ciume é uma dôr que de repente
No humano coração se gera e cria,
Quando o objecto de sua sympathia
Nos braços de outro vive alegremente.

Aquelle que o padece fortemente
Sempre trata a razão com tyrannia;
A prudencia despreza, e só se guia
Pela justa vingança facilmente.

Esta dôr chega a ser tão grande e forte
Que dóe e abraza como um vivo lume,
Que por allivio faz pedir a morte.

Produz no coração fatal negrume,
Que parece gangrena, e desta sorte
Julga-se enfermo ser, mas é ciume.

—Será valida a approvação de um estudante, na qual funccionou seu proprio pae, examinando-o e votando?

Pedro-Sa.

—Quiz V., maganão, arranjar dinheiro para a festa e usou de uma esperteza.

—Não diga isso, capitão.

—Nem outra cousa se pode dizer.

Pegar em um cascalho, chrismal-o com o nome de relogio de ouro patente, rifal-o por um dinheirão e quando quem tirou-o vae examinal-o dizem-lhe que o mais que pode valer é 10$ rs., que nome tem sinão uma bem estudada esperteza?

—Recursos da vida.

—Pois eu acho que foi logro que pregou, trapaça, que fez com quem deu seus dez tostões por um bilhete.

Sr. *Martins,* são cousas que não lhe assentam; V. um moço empregado no *negocio.*

Quanta cousa em Latronopolis
Que me faz ficar pasmado!
Gato andando no poleiro,
Cavallo pelo telhado.

Do proprio filho um galleno
Que exerce o professorado,
Sendo examinador
P'ra poder ser approvado.

ANNUNCIOS.

Associação Typographica Bahiana.

A mesa provisoria d'esta associação convida a todos os Srs. typographos, livreiros e lytographos a se reunirem em assembléa geral, no domingo 27 do corrente, ás 10 horas da manhan, na sala do Monte-Pio dos Artifices, ao becco do Arcebispo, afim de discutirem o projecto de estatutos elaborado pela commissão para tal fim eleita. Bahia 22 de novembro de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito.*

Os herdeiros da finada Theodora dão 200$ rs. a quem prender e deitar na Correcção a escrava Francisca, fugida ha muito. Consta ter ido agora para o Rio de Janeiro deixando nesta cidade os filhos Joanna e Umbelino, cabra escuro, baixo, que se intitula de forro.

Fugiu da casa do general Muniz Tavares, seu escravo crioulo de nome Pedro: quem o prender conduza a casa de seu senhor, que será recompensado de seu trabalho.

Na casa de pasto Guerrilha sita á rua do Julião n. 18 tem uma carta vinda da Feira para entregar-se ao Sr. Francisco da Silva Cordeiro, estudante nesta capital.

O proprietario do botequim á rua Direita do Collegio n. 11, offerece mocotó e vinho gratis nas noites de sabbado, para as pessoas que se divertirem no vispora, e nos dias uteis diversas iguarias, logo que haja reunião.

O doutorando Symphronio Olympio dos Santos Lima tem uma carta em mão do cobrador desta typographia, o Sr. Maximino, contendo dentro 78$500 para lhe ser entregue em mão propria.

Typ. de Marques, Aristides & C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª SABBADO 26 DE NOVEMBRO. Ns. 720—721.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de novembro de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, chamando sua attenção para um immundo e nauseabundo corrego de esterco e tijuco, o qual desembocando do sobrado n. percorre a ladeira da Conceição, infeccionando o ar com a pestilencial exhalação, que desprende.

Espera-se que a Illma. em beneficio da salubridade e aceio publico mande intimar ao respectivo proprietario para encanar o referido corrego.

A tripolação do *Alabama* cobre-se de crepe em signal de sentimento pela morte de seu immediato o Sr. João Ignacio dos Santos Barbosa.

No dia 24 do corrente passou aquella existencia a habitar a mansão da verdade.

Ainda no domingo andou na rua bom e na quarta feira era cadaver!

Deus lhe dê a paz eterna.

—Reduziram esta ladeira do *Pau do Estandarte* á cloaca!

Quando o sol esquenta, não se pode transitar por ella com o horrivel fedor que enjôa.

—Essencia de amoniaco. São os empregados da *casa do thesouro*, que ajuntam a ourina e despejam pelas janellas.

—Mijam por borra! A rua fica alagada e o fedor tresanda a causar engulhos.

—Que juizo faz V. de semelhante procedimento destas moças?

—Que é muito indigno.

—Tambem eu penso assim.

—A velhice tem direito a ser respeitada.

—O velho Gaudencio, guarda policial, por sua edade avançada, está neste caso e por suas qualidades não merece ser maltratado.

—E' cousa que não assenta em moças; dar encapellação em quem passa.

—Lá isso passaremos, si não fosse acompanhada de galhofadas.

—A casa em que moram é telha-van e com toda facilidade estiraram o braço para judiar do pobre ancião.

—Ou pensarão que isto aqui no Caminho Novo do Gravatá é algum arrabalde, onde possam com ampla liberdade fazer das suas?

—De qualquer forma é mau offender aos mais.

—Será verdade, capitão?

—Si não fôr mentira, é.

—Que trata-se de organisar uma companhia para formar-se viveiros de peixes nas grandes lagôas, que com qualquer chuva se formam em algumas ruas desta cidade?

—Si já temos dentro della caçadores que caçam pelos arredores, como sejam o Tororó, Fonte Nova, etc., não será para extranhar que venham pescadores.

—Bom será que isso vá avante.

—Emquanto a policia parece resonar, os larapios não descançam.

—Quem lhe perguntou?

—Quando chamo *larapios* a uma certa classe cuja industria é desaferrolhar as portas que seus donos deixam trancadas, fazer uso dos pés de cabras, alavancas e gazúas, ou nas carteiras que se encontram nas algibeiras dos particulares, não pretendo com isso estomagar aquelles outros senhores, que não podem deixar de estar com as mãos enterradas nos cofres publicos.

Não, não se zanguem estes ultimos senhores por eu não chamal-os larapios. Os seus feitos são muito mais grandiosos, e seria amesquinhal-os querendo dar-lhes tão pifia denominação.

—Capitão, sobre o caso de um defloramento que deu-se ha dias n'um hotel desta cidade, communicam-me algumas particularidades, as quaes si são exactas, entra nel-

las grande somma de cynismo e protervia.

—V. que não é bahú, vá dizendo o que ouviu.

—O sujeito é casado e tem quatro filhos.

—Que peccado!

—Foi ao hotel e alugou um alojamento inculcando-se de passageiro.

—Que moleque *tretteiro!*

—Serviu se da irman para conseguir o libidinoso intento. Levou-a á casa da mãe da menina, que é na ladeira do Coqueiro, na rocinha do finado capitão Caboclo, e ensinou-a para que pedisse a esta, que deixasse sua filha ir passar o dia com ella.

—Tem peito como carangueijo! Servir-se da irman para uma patifaria!

—A mãe da menina comeu a arara e consentiu; o sujeito levou a para o hotel, onde foi saciar seu carnal deleite.

O caixeiro do hotel, que é inspector de quarteirão, tendo suspeitas do procedimento do pretendido viajante, deu parte ao subdelegado, o qual achando-se occupado em um processo, communicou ao delegado, que foi pegar os passarinhos no ninho, porque o melro tendo sahido voltara.

Filados, foi a menina remettida para as charidades.

—E o sujeito?

—Solto.

—Mau foi isso.

—Mas veja o que se chama coragem. Largou-se para o logar onde estava a menina recolhida, e authorisado pela mãe, tirou-a de lá e trouxe-a para a casa desta.

—Ainda não estava farto?

—E' de suppor que não; pois que até o dia 22, segundo dizem, foi visto frequentando a casa muito á fresca.

—Assim é muito menoscabar!..... é fazer pouco caso, levar muito longe o desrespeito á lei.

—São particularidades que me informam.

Quanto a offendida, para dar ideia do que é ella, basta dizer que nascea pelas pedradas do Sinimbú.

—12 annos!

—Mas que gosto extragado este de seduzir uma creança, leval-a para um botel e estrupal-a.....

—E' o supra summum da depravação, é um acto de brutal lascivia, contra o qual a moralidade em brados reclama um correctivo, um exemplo severo.

—Grassa o furor dos raptos e defloramentos.

—Já outro?

—Na freguezia de Sant'Anna; a filha de um allemão foi raptada por um portuguez conhecido pelo José Nagô.

Na terça-feira á noite recebeu o subdelegado denuncia de um estrangeiro de que sua filha havia desapparecido de casa e indigitou o referido portuguez, como o desencabeçador. A authoridade poz-se na pista do cujo e sabendo que elle tinha se feito de vela para a Boa-Vista, foi-lhe no encalce. A seduzida achava-se agazalhada na Munganga.

—Bem; agora o mais é o que está por fazer.

—Não acha que o subdelegado deve ter um elogio pela actividade que desenvolveu?

—Que duvida; si a epocha é de se dar louvores a quem cumpre seu dever.

Lê-se no *Parahiba* de Guaratinguetá:

«Facto virgem.—Em dias da semana passada apresentou se ao delegado de policia desta cidade, Anna Maria de Jesus, queixando-se de que seu marido Benedicto de tal, vulgo *Guatambú,* todas as noites obrigava-a a amamental o deixando a em tal estado de prostração e debilidade, que por diversas vezes, ao levantar-se do leito, cahira por terra.

Ella e seu filho, creança tenra e rachitica, morreriam de fraqueza e de fome, a não serem os soccorros prestados pela Sra. D. Anna Jacintha Guimarães, em cuja fazenda depararam os recursos precisos para o seu restabelecimento.»

A PEDIDO

—Capitão, uma historia.

—Vamos a ouvir.

—Existiu em Latronopolis um logista, cuja nacionalidade era ignorada, zambro, hernioso, e que tinha um dente preto, no qual, dizia elle ter soffrido um principio de gangrena, mas que fôra preservado de maior damno por meio de uma preparação de rhuibarbo, gengibre e betel...

Esse logista de pernas cavernosas, tinha-se na conta de um perfeito Adonis, e morria de paixão por meninas de 12 a 13 annos de edade...

Um dia pela manhan, apparecendo-lhe em casa uma velha chamada Khanesch, que tinha uma linda neta de nome Hermininia, perguntou a elle si porventura tinha á venda uma certa droga,—ao que respondeu o logista, que não, mas que lhe daria cousa equivalente ou talvez melhor.

Então o logista segredou ao ouvido da avó de Hermininia e foi mettendo-lhe na mão uma perola, um diamante, ou um rubim, dizendo por fim á meia voz, que com aquelles *emme-*

nagogos preciosos ella conseguiria curas admiraveis; depois accrescentou que elle era um homem muito charitativo e que por isso apparecceria á noite para ver o estado da formosa doente, a quem se atrevia a curar com os olhos um pouco parecidos com os de certo sapo que no Brazil chamam *cururú;* mas que era preciso que a menina ficasse sosinha no quarto, ás escuras, e que não tivesse medo de *genios* por mais travessos que fossem...

A velha Khanesch recebeu a dadiva do logista e mais umas peças de finissimos estofos com que elle presenteou-a, e marcou ao *cavernoso* ás 7 horas da noite para a visita cabalistica ou ante-aphrodisiaca.

O logista, apenas a velha sahiu, tratou de ver se tornava branco o dente preto, no que empregou debalde duas horas e gastou duas libras de ingredientes; depois mandou pedir a um sapateiro da visinhança umas encospias e nellas metteu as gambias defeituosas, operação que durou tres horas, mas que nem por isso endireitou as mal-aventuradas cavernas do logista. Depois disso, tratou de tomar um banho, extraordinariamente aromatico, e para isso procurou entre os seus vidros uma porção de essencia de rosas, mas como andasse enlevado, enganou-se desastradamente e derramou no seu banho de odalisca um frasco inteiro de espirito de amoniaco!

E só deu pelo *qui pro quo* quando pôz-se a patinhar dentro da enorme bacia de estanho e a fungar como quem estranhava o cheiro... O logista trata então de sahir tristemente do banho para substituil-o por outro mais proprio, ou que encobrindo-lhe o forte bodum, o tornasse cheiroso, como a flor querida da princeza Nour-Djinhan.

Indo de novo aos ricos depositos de panaceas, afinal sacou d'ali um grande vidro de legitima essencia de rosas e então foi vasal-o todo n'um cantaro d'agua nova, que havia mandado deitar na bacia de estanho.

Feito isto, entrou para o banho rescendente, no qual conservou-se por espaço de uma hora.

Sahido da bacia e enxugado n'um amplo cobertor de lan de cabras do Thibet, tratou de preparar se definitivamente para ir ao mysterioso passeio e para isso pediu ao creado, armenio de nação, que lhe trouxesse a melhor fatiota da sua guarda-roupa, emquanto ia elle mesmo procurar a mais superfina pomada para untar com ella as crespas melenas.

Nesse momento o seu *caiporismo* faz timbre de tornar-se fatidico; a sua má estrella parece que se encarrega de advertil-o que será muito mal succedido no bote que armara á incauta donzella—por quem lambia o seu dente preto, delle logista.

Em vez de pomada tira da prateleira de sandalo uma latinha de triaga com que vae besuntando o seu topete; estava embevecido nos sonhados gosos, e não via o que estava fazendo,—mas afinal acordou da scisma romantica.

Oh, desgraça!

«Diabos me levem!» bradou furioso o *intriagado.*

«Diabos me levem! Realmente estou hoje levado da breca... *encafifado... caipora* á toda prova!»

«Dá-me agua e sabão, filho das serras, onde parou a barca de Noé!»

O logista põe-se de cocoras á espera do creado, dando tempo a que fosse cumprida a ordem que trovejara espumando de raiva.

Apparece o creado e diz ao desgraçado amo que a *caneca* tinha-se evaporado de casa.

« —Como é isso?

« —Não ha com que tirar agua na jarra, senhor.

« —Ah!... Eu pensava... estou até estupido; eu que aliás não me troco por qualquer doutor... Traze-me agua, demonio! seja no que for!»

Depois de alguns instantes o creado satisfaz ao impertinente amo, trazendo-lhe uma bacia com agua, sabão e toalha; as melenas *intriagadas* foram postas de molho afinal, por espaço de meia hora.

Lavada a cabeça, tratou o logista de pentear-se com toda a cachimonia; não querendo mais saber de pomada alguma, e contentando-se apenas com um pouco de espirito odorifero, composto de varias e fragrantes flores.

Veste-se afinal, com todo esmero, e sahe ao lusco-fusco, todo empavesado como si fosse alguma nau da carreira da India, ao largar de Belém, á vista do rei venturoso.

Lá vae elle... lá vae o logista libidinoso com a esperança horrenda que lhe dá azas de vampiro, com o fogo do inferno no coração, que transbordando de maldade nauseabunda, —dá-lhe forças para animar-se a ir tentar o alto feito de que se ufana de poder ser em breve o decantado heroe. (*Continúa.*)

Resposta.

Sr. redactor.—Vimos registrado na sua conceituada folha um artigo em que o nosso sexo recebe mais uma prova das bondades, que os homens nos dispensam; pedimos a V. queira publicar a justa recompensa de tão pensado escripto.

Si amor com amor se paga, parece-nos esta vingança muito justa.

Permitta, Sr. redactor, que guardemos o incognito, o que fazemos para em tudo imitarmos o espirituoso antagonista.

Lá vae:

O homem—é arvore que não dá fructo.
O homem—é espirito de contradicção.
O homem—é gato que negaceia.
O homem—é rato destes de armario.
O homem—é trovão que a todos atroa.
O homem—é macaco nas suas meiguices.
O homem—é caxorro si se vê despresado.
O homem—é leão si vê que é amado.
O homem—é o symbolo da ingratidão.
O homem—si ama é fogo de palha.
O homem—si é amado é tigre voraz.
Emfim—

O homem é bicho
Tão desastrado,
Que p'ra servir
Só despresado.

Z.

Pede-se a um grande estupido, burro e ignorante que haja de declarar qual foi a philarmonica que no domingo 6 do corrente tocou o reis. Si não declarar, hei de pedir a S. *Gabriel* para me mostrar em sonhos.

O Carqueija.

Communicado.

Fazendo abstracção da rethorica e suas flores, procurando a verdade pura e simples, deixando de parte as bonitas asserções dos publicistas de outr'ora, que tinham sua razão de ser, as bonitas demonstrações para essa vida commum; attendendo somente pelo que lemos e vemos nos acontecimentos passados e presentes, vemos tambem infinitas cousas, bellas e más.

A Prussia, outr'ora ducado de Pozen, constituiu-se em reino, ha cem annos pouco mais ou menos, e depois de constituida, na actualidade brigou com a Dinamarca e tomou-lhe terrenos; brigou com a Allemanha do Norte e a submetteu a forma de seu modo de governar, e presentemente dá abraços na Allemanha do Sul. (Serão apertados para a subjugar?)

Desconfia do procedimento da França, porque ella brigou, ha dous seculos com a Allemanha. (A Prussia não briga?)

Não presta fé ao pensar do povo francez, porque varia muito. (Quererá a Prussia reformar a indole e a natureza do povo francez?)

Prendeu ou fez prender um homem (Jacob) porque fallou uma verdade, que todos reconhecem, embora não declarem, e que ella propria em consciencia tambem ha de reconhecer.

Conhecia-se que era inimiga outr'ora do imperador Napoleão, e hoje é seu amigo, como deu a conhecer em seus escriptos.

Alliança que por sua parte não se deve temer cousa alguma.

Pergunta-se: quaes são as bazes solidas para nella se crer firmemente? Será nos seus feitos em relação á Dinamarca, á Allemanha do Norte e Sul? Será na prisão do homem?

E' preciso que se saiba que a Prussia tem muita candura.

Em Roma, S. Santidade protesta contra as violações, usurpações e embustes do rei italiano, por lhe arrancar o que recebeu dos seus antecessores: declara que não tem presentemente independencia para reger o mundo catholico.

Pergunta-se: Christo quando andou no mundo era rei? Seus apostolos depois de sua morte foram reis? tiveram authoridade civil para processar, prender, e matar? tinham exercitos ás suas disposições? as suas forças consistiam ou não na sua humildade, bondade e charidade?

Pergunta-se ainda: A religião catholica, apostolica romana é e executa-se tal qual escreveram S. Marcos, S. João, S. Matheus em seus evangelhos?

Todas as nações civilisadas teem suas constituições mais ou menos desenvolvidas: suas bazes repousam no bello e sublime, na justiça e no direito; suas essencias agradam a todos, e todos as abraçam; porem na pratica si as executa fielmente? Cremos que não, e como assim não se pratica, apparecem as guerras.

Pergunta-se: as causas das guerras serão as ambições, a mentira, o orgulho, a fatuidade? Cremos que sim.

A França tem sido sempre a primeira em destruir esses canceros, que se occultam debaixo da capa dos homens da lei. E' verdade que ella acarreta desgostos, inconveniencias, desequilibrio para si e para todos; porem ella marcha, e sem duvida ha de marchar, porque parece que a Providencia a escolheu para o guia do progresso da humanidade em sua missão neste valle de lagrimas.

Viva a França! marcha, destroe, embaraça, anniquila esse terrivel flagello da humanidade.

O calmo.

VARIEDADES.

Panegyrico de S. Dinheiro.

Pecunia totum circumdat orbem.

Com dinheiro farás o que quizeres.

(E' DO LIV. DE PLUTO CAP. 1.º)

Ha no mundo, queridos ouvintes, uma potencia respeitavel, mais poderosa do que a

tiára de Pio 9.º, antes das tropas italianas entrar em Roma, mais temivel do que o poder de Bismark, que tem mais cortejos e bajulações do que o czar da Russia.

Essa potencia, é bella como Cleopatra, como Aspasia, como Lais; é sabia como Salomão, como Socrates, como Platão; é eloquente como Cicero, como Demosthenes; não tem defeitos, não tem imperfeições, não tem mânchas; é brilhante como o sol; é mais doce, mais terna do que a lua;—essa potencia, queridos ouvintes,—é o dinheiro.—*Pecunia totum circumdat orbem.*

Ficae quietos, senhores, por que eu fallarei dessa divindade com todos os respeitos que lhe são devidos.

Santo Dinheiro, inspirae-me, para que eu possa annunciar vossas grandezas, vossas proezas. Senhores, é em nome delle que peço a vossa attenção; escutae-me que serei breve.

DISCURSO.

Desde a mais remota antiguidade, segundo é opinião dos historiadores antigos e modernos que o reinado do dinheiro se estabeleceu no mundo.

Tudo morre, senhores; *omnia pereunt;* a fouce da morte a nada poupa, nem á virgem que repousa a fronte no seio do amante, nem ao guerreiro que parece haver encadeado a vida na robustez de seus membros. O poeta falla deste modo:

Tudo perece,
Murcha a belleza,
Foge a firmeza,
Esfria o amor,
Mas o dinheiro
Zomba da sorte
Não teme a morte.

E' uma verdade, senhores; a morte, a propria morte não poude ainda dar o baque no dinheiro.

E sabeis, senhores, de que é elle capaz? que prodigios realisa?

Escutae—

O dinheiro torna sabio ao ignorante, lindo como o sol a quem é feio como uma noite de escuro; ante elle desapparecem a austeridade do caracter, a probidade á toda a prova, o patriotismo o mais apurado, a virtude a mais consolidada! *Oh! prodigia prodigiorum!*

Qual a belleza que não cede a esse engodo?

Havia no Egypto, senhores, uma mulher bella como uma fada, mas severa como um dragão. Jupiter enamorou-se della; raios, ameaças, supplicas, lagrimas, tudo foi baldado; a virtuosa dama metteu-se em uma torre que não tinha portas nem janellas. Mas um dia, senhores, Jupiter fez chover ouro, e immediatamente o dragão se transforma em submissa rôla, que se deixa levar pelas garras da aguia do Olympo. Isto quer dizer, senhores, que a tal rapariga teve um filho de Jupiter.

O magistrado affectando severidade cahe ante esse idolo, com tanto que se saiba dar-lhe.

Dae cem mil reis, é um insulto e vos tangem pela porta afora. Dae um conto de reis e vos voltarão as costas. Mas mandae de presente, dez, ou vinte, ou cincoenta e ainda que a vossa causa seja a mais escandalosa do mundo, vós tereis os louros da victoria conseguidos a poder de ouro—*Quid non mortalia pectora cogis.... auri sacra fames!*

Nada ha, senhores, que o dinheiro não possa realisar; seu poder é sem limites, estende-se pelo mundo todo—de um até outro polo.—*Circumdat orbem.*

E si nada ha melhor como possuil-o, tambem a desgraça maior é não tel-o.

Portanto vós outros que não tendes recheadas as algibeiras, procurae enforcar-vos, por que sem dinheiro a vida é mil vezes peior que a morte.

Vós não tendes direitos, nem regalias, si sois bonitos, sereis tidos como horriveis; si sois virtuosos e honestos vos chamarão malucos e doudos; si em alguma questão reclamardes vossos direitos, vos darão bordoadas, vos atirarão no hospital dos doudos.

Sois verdadeiros parias, sois animaes de carga, porque emfim sois pobres.

Ricos do mundo, vós sois os felizes da terra, *felices mundi;* vós sois a gloria de Israel; não ha limites a vosso poder; tudo está nas orbitas de vossas attribuições. Dae facadas ou esmollas, sêde o flagello do mundo, ou a estupidez personificada e tereis estatuas, que se não levantam aos grandes heroes.

Santo Dinheiro, a vós me dirijo: sou vosso humilde servo; meu senhor, de vós espero tudo. Sois grande, sois poderoso, sois invencivel; que nunca me falte vossa graça, para que possa com o vosso auxilio fazer parte da communhão dos felizes deste seculo.

Amen.

O Dr. Alipio adorava apaixonadamente D. Rosinha, linda filha de um negociante que todos suppunham quasi millionario.

Mas não era pela riqueza do pae que o Dr. Alipio amava volcanicamente a bella moça, e tanto não era que em uma de suas cartas escrevera este pedacinho: «—Rosinha, era força que tivesses algum defeito; e para o meu amor tens um... mas um só—é o seres filha

de um homem rico—si fosses pobre serias perfeita.»

Apezar desto gravissimo defeito do D. Rosinha, o Dr. Alipio sujeitou-se a pedil-a em casamento, e obteve o suspirado sim.

Mas, quando menos se esperava, o pae da noiva, o negociante supposto quasi millionario fez ponto no commercio e achava-se perdido, quebrado e rebentado.

Oh! disse comsigo Rosinha, Alipio vae achar-me perfeita.

E na manhan seguinte recebeu e abriu com anciedade um bilhete do noivo.

O bilhete dizia assim:

«Rosinha—Visto teu pae fazer ponto no commercio, eu me despeço de ti com reticencias no amor.—*Alipio.*»

D. Rosinha em vez de desatinar com a petulancia do ex-noivo, tomou a penna e escreveu:

«Alipio—Agradeço-te a despedida com tres pontos de admiração na experiencia.—*Rosa.*»

Desengano da vaidade.

—Ah, Julia!... que malditas sardinhas! alem de me haver engasgado com a espinha, estou me sentindo indigesto...

—Que queres que eu faça, Lulú; a diaria não dá nem para camarões!... tu ganhas tão pouco!...

—Ah! battem... quem será?

Entra logo depois o Dr. Americo, que namora a cunhada do Lulú; mas que é advogado sem clientes, e que suppre as miserias da banca da advocacia com os productos nocturnos do lasquinet, cujas leis secretas sabe ás maravilhas.

—Doutor!.. deveria ter chegado uma hora mais cedo; jantaria comnosco: comemos hoje estupendo bijupirá!...

E eu que adoro o bom peixe! tivemos egual appetite; jantei com um amigo no hotel, regalei-o e regalei-me com sôpa de tartaruga e sioba inexcedivel!

Ah! o Dr. Americo na vespera tinha perdido ao jogo e nesse dia acabava de jantar triste e sosinho em sua casa tambem sardinhas fritas, que mandara preparar.

Este mundo é assim, todo elle anda cheio de bijupirás e de siobas de ostentação e de sardinhas em realidade. E' por isso que tanta gente se engasga, esbarrando emfim com os desenganos da vaidade.

—Floriano é casado com D. Carlota, moça bonita e vaidosa.

Floriano ama á Carlota, e tem ás vezes seus ciumes d'ella; mas desgraçadamente apaixonado do *lansquenet*, esquece, abandona com frequencia a esposa noutes inteiras.

D. Carlota é tão boa que nunca se queixa das longas ausencias, e apenas ri dos ciumes do marido.

Um dia Floriano veio a saber que nas noutes de jogo, uma senhora viuva, amiga de D. Carlota, vinha fazer-lhe companhia até a meia noite, trazendo sempre comsigo um irmão, o seu *Juca,* joven de vinte e dous annos, sentimental, tafúl e amavel.

O marido jogador ficou furioso, e entrando em casa chamou a mulher á contas.

D. Carlota era *ingenua:* confessou a verdade sem tremer nem corar.

—Mas és tu que mandas avisar á tua amiga quando eu vou jogar?...

—Sou eu mesmo... sempre...

—E porque?... com que fim?...

—Ah!... tu me deixas sosinha tantas horas da noute, que para passar o tempo sem saudades de ti, me pareceu de bom conselho, que, emquanto jogas fora, eu me distraia em casa.

—Deveras?... e te distrahes muito com a tua amiga?...

—Muito.

—E com o Juca?

—Ainda mais.

A ingenuidade de D. Carlota martyrisava o jogador.

—Como te distrahes com a tua amiga? perguntou Floriano.

—Conversamos.

—E com o Juca?

—Ah! com elle é melhor; cantamos duettos das operas mais sentimentaes.

—Não quero mais isto!... exclamou o marido.

D. Carlota pareceu admirada e disse:

—Ora!... e eu que pensava que tu o querias!...

—Como? porque?...

—Julguei que um marido que abandona sosinha em casa noutes inteiras sua mulher, sendo bom, como tu és para mim, deseja naturalmente que ella, para não morrer de tristeza, procure divertir-se.

—Não quero mais isto!... repetiu Floriano.

—Em tal caso, meu querido, em vez de ir passar tantas noutes fora a jogar com os teus amigos, fica em casa jogando comigo.

Dedicação de uma ave.

O *Journal de Constance* refere o seguinte:

«Na occasião do desembarque do primeiro de zuavos, chegado á Marselha no *Scamandre,* todos notaram um falcão pousado sobre a mochila de um soldado.

A historia desta ave contada por um official é a seguinte:

Pertence ella ao clarim Verrier, que a apanhou em Djebel-Amour, na ultima expedição de Marrocos, commandada pelo general Marmier.

Mais de uma vez esta ave suppriu a expedição com meios alimenticios.

E quando o batalhão recebeu ordem para embarcar-se em Argel, o clarim apezar da viva saudade que lhe separava do falcão, deu liberdade a seu fiel companheiro.

Depois de tres dias de marcha do batalhão, já ninguem se lembrava da ave, quando, no acampamento de Ben-Chicão, appareceu ella no ar, e descendo rapidamente veio pousar novamente sobre a mochila do seu antigo senhor.

Uma proclamação geral acolheu-a, e decidiu se que a ave faria a campanha da Prussia.

Reflexões poeticas.

O tempo já está mudado,
Mudou-se toda estação,
Hoje já nascem meninos
Com unhas de gavião.

Gasta o homem generoso
O dinheiro a largos passos,
O sovina desgraçado
Apenas chupa bagaços.

Trabalham uns noite e dia,
Outros vivem na viola,
Outros vivem rapinando,
Outros fazem carambola.

Um quer passar por valente,
Outro foge só d'um grito,
Um quer peixe de escabéxe,
Outro só quer peixe frito.

Um diz muitas parvoices,
Outro cala o seu saber,
E' um gosto ver dous homens
Começando a discorrer.

Diz um doutor que o doente
Precisa fazer sangria,
Outro diz que elle está fraco,
Que tome caldos de gia.

A mulher e a noite.

A mulher e a noite mutuamente se favorecem, como se entre ellas tivesse havido mysterioso conchavo.

A' noite, mais formosas são as mulheres, e tambem em meio dellas mais bellas são as noites.

Diz a noite ao homem: dorme; diz-lhe a mulher: sonha.

E' cheia a noite de mysterios, assim como a mulher ante a realidade.

Lisongeiam umas a nossa vaidade e as outras os nossos sentidos.

Atravez desse vidro magico, que nos põe a noite adiante dos olhos, vemos as cousas mui differentes do que na realidade o são: o mesmo succederá a aquelle que olhar pelos olhos da mulher.

A noite tira-nos a luz, e as mulheres nos cegam.

Nada é mais terrivel do que uma noite de insomnia, nada tão cruel como uma mulher que nos não deixa sonhar.

Consiste a maior belleza da noite no veu que a cobre: assim como está no pudor a maior belleza da mulher.

A noite derrama sobre nós o balsamo que nos reanima as forças; derrama a mulher em nosso espirito o sentimento, que nos vivifica o coração.

Diz-nos uma: vive; diz-nos a outra: ama.

A noite conduz o homem para casa; a mulher o attrahe para o seio da familia.

Vê-se a noite em toda a parte; o mesmo acontece com a mulher a quem se ama.

Pouco a pouco nos envolve a noite; assim como pouco a pouco nos vae dominando a mulher.

Sombra do ceu é a noite; assim como é a mulher a sombra de nossa alma.

Quereis um retrato fiel da noite?

Fechae as portas e as janellas e em meio de vossos aposentos surgirá a noite.

Quereis um retrato fiel da mulher que amaes? Fechae os olhos e vereis debuchar-se perfeitamente a sua imagem em vosso coração.

Rodeia-nos de sombras a noite para que possamos vel-a; assim como de puras illusões nos rodeia a mulher para que á ella somente amemos.

Abysmam se os olhos nas trevas; assim como o coração na ternura de uma mulher.

Cobre a noite de orvalho a terra por onde passa, e a mulher de lagrimas a estrada da vida.

Si não houvessem noites sem estrellas, viveria o homem; e si não houvessem mulheres, qual seria então a estrella do homem?

Saudades.

Eu tenho saudades, quem é que não sente
Dos lares ausente, da terra louçan?
Eu tenho saudades, quem é que não ama
Os entes que chama de mãe e de irman?

Eu tenho saudades do valle, do monte,
Do lago, da fonte de meu patrio ninho,
Aonde cantando, sorrindo, contente,
Vivia innocente, brincando sosinho.

Eu tenho saudades, quem é que s'esquece
Da matinal prece nas lindas manhans,
Que surgem formosas n'um ceu estrellado,
Vermelho, corado qual flor de roman?

Eu tenho saudades das lindas estrellas,
Luzindo tão bellas aos centos, á mil,
Tão vivas, brilhantes, quaes tochas accesas,
Unidas, tão presas na cup'la d'anil.

Eu tenho saudades, quem é que não sente!
Dos lares ausente, a vida o que vál?
Que rôla sem ninho não geme saudosa?
Que rosa não murcha deixando o rosal?

Eu tenho saudades, quem é que não sente
Dos lares ausente, da terra louçan?
Eu tenho saudades, quem é que não ama
Os entes que chama de mãe e de irman?

Março de 1870.

Chagas Rosa.

Aos ladrões de gallinha.

ANEXIM.

A gallinha da visinha
E' mais gorda que a minha.

Regra é muito seguida,
Eu não sei porque artinha,
Ser por muitos cobiçada
A gallinha da visinha.
A razão é comesinha:
Todos tem-na já filada,
Por não ser enzinabrada
E' mais gorda que a minha.

Receita do sertão.

Inxundia de gavião
Com banha de sapo assado
E' bem bom p'ra namorado
Que se mette a ser pimpão.

Clister de pimenta e cinza,
Fomentações de correia,
P'ra mulheres de capona
Que indagam da vida alheia.

P'ra quem padece erysipella,
Ou tem dores na virilha,
Uze do alcatrão e cebo
Na perna feito rodilha.

P'ra glotão que indo a baile
Ainda leva p'ra casa,
Pasteis da beira da praia
Depois que a maré vasa.

ANNUNCIOS.

O doutorando Symphronio Olympio dos Santos Lima tem uma carta em mão do cobrador desta typographia, o Sr. Maximino, contendo dentro 78$500 para lhe ser entregue em mão propria.

Associação Typographica Bahiana.

A mesa provisoria d'esta associação convida a todos os Srs. typographos, livreiros e lytographos a se reunirem em assembléa geral, no domingo 27 do corrente, ás 10 horas da manhan, na sala do Monte-Pio dos Artifices, ao becco do Arcebispo, afim de discutirem o projecto de estatutos elaborado pela commissão para tal fim eleita. Bahia 22 de novembro de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito.*

Attenção.

O abaixo assignado tendo recebido o activo e passivo do botequim ao largo do Theatro, para seu pagamento e dos credores que accionaram o seu devedor João Dias de Andrade, faz publico que a elle fizera entrega da lista dos devedores do citado botequim *Café do Club,* para cobrar todas as dividas por sua conta e responsabilidade. Bahia 26 de novembro de 1870.—*José Eulalio Barboza d'Almeida.*

Attenção!

Na casa de pasto a —Guerrilha— na rua do Julião n. 18, recebem-se assignantes para fornecer-se comedoria da mais bem preparada que se pode apresentar, para o que tem contractado o afamado cosinheiro Gregorio, que serviu nos principaes hoteis do Rio de Janeiro.

Aluga-se na propriedade n. 3 á rua Direita do Commercio, uma sala para escriptorio ou deposito de mercadorias. Quem pretender dirija-se ao Alexandre da banca, em Santa Barbara, que la achará com quem tratar.

Ama de cosinha.

Precisa-se de uma: á tratar no largo do Theatro, por baixo da Recreativa.

No hotel Oito de Outubro, ao Caes Dourado n. 91, continúa-se a receber assignantes para fornecimento de comida por mez, e por modico preço. Ratificamos que não acceitamos de qualquer negociante da praça quantia adiantada.

Todos os sabbados haverá mocotó gratis, e feijoada nas quinta-feiras de meio dia ás 2 horas.

O preço da collecção do vispora é a 200 rs.

Concorram todos ao nosso estabelecimento, que serão tratados com a urbanidade do costume.—*Macedo* & C.

Precisa-se nesta typographia de um distribuidor.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª QUARTA-FEIRA 30 DE NOVEMBRO. N. 722.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de novembro de 1870.

CIRCULAR aos directores de collegios e casas de educação.—Tendo-se dado ha dias o facto altamente immoral de um individuo raptar uma moça, leval-a para uma hospedaria e ahi estrupal-a, e constando que o referido individuo costuma leccionar em algumas casas de educação, cumpre que Vms. por maneira nenhuma consintam que elle continue a exercer o professorado nos seus estabelecimentos, por ser incapaz, pelo seu reprovado procedimento, de desempenhar a importante missão de preceptor da mocidade.

(No mesmo sentido aos paes de familias, em cujas casas porventura ensine particularmente.)

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo que se digne providenciar, de maneira energica e vigorosa, como se lhe reconhece, contra os constantes e repetidos furtos de burros e cavallos, bem como a destruição d'estes por meio de aggressivos ferimentos, por uma certa e determinada quadrilha de ladrões, que se acoitando nas immediações da freguezia de Brotas, como se presume, empregam ahi as suas correrias e na povoação do Rio Vermelho, de sorte que algumas pessoas tem ficado sem seus animaes, os quaes são vendidos onde bem lhes convem, e outras esperam por sua vez.

A policia bem administrada e dirigida, é uma salva-guarda dos direitos e da propriedade individual, e uma garantia de sua estabilidade; por isso roga-se a S. S. que, com o interesse do seu cargo, se sirva de recommendar aos subdelegados de Brotas, Itapoan, Matta de S. João, Monte-Gordo, Santo Amaro de Ipitanga, Pirajá, Passé, Cotegipe, etc., e sob suas responsabilidades, o exame e o emprego de meios coercitivos, pelos quaes se possa conhecer os differentes e suspeitos conductores de taes animaes, que transitarem por esses logares, e o seu direito a elles, para o fim de poderem ser descobertos esses ladrões tão ousados, quanto animosos, que até quasi no coração da cidade exercem a sua devastadora industria, com prejuizo alheio, e sem receio de serem punidos pelas leis do paiz.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do 1.º districto da Penha, pedindo-lhe que prohiba o Sr. Narciso de conservar solto no seu alambique, ao Porto dos Tainheiros, um formidavel cão, que investe sobre as pessoas que passam por defronte do mencionado alambique, o qual cão, em um d'esses dias, mordeu a um menino, neto de uma senhora moradora n'aquellas immediações, de nome Martinha.

Espera-se providencia.

Portaria ao fiscal geral, dizendo-lhe que na ladeira da Misericordia, um pouco mais abaixo do sobrado n. 29, no de n. 33, existem egualmente cacos com plantas sobre as janellas, o que é summamente arriscado nessa ladeira tão transitada, e uma das tres que põe em communicação o centro da cidade alta com a baixa, pelo que cumpre que S. m. dê um giro até ahi e faça sua obrigação. Cumpra.

—Recebi communicação da freguezia de Brotas.

—Eu dou-lhe os parabens, meu capitão.

—Acha que ha motivo?

—Então V. Ex. já não tem policia secreta n'aquella localidade?

—Ainda não, meu rapaz.

O nosso agente ali, de cuja actividade hei de sempre me lembrar com saudades, deixou-nos com o mais secco desamor, e anda agora a desculpar-se com a gente d'aquellas paragens que nunca esteve ao serviço de bordo, nem forneceu noticias; não sabe elle que na secretaria do navio existem apontamentos dados com sua lettra, os quaes podem ser mostrados a quem queira se acapacitar.

—Está uma com que talvez elle não contasse.

—Cousas que ficam do parte; o carcassa quer se justificar e anda se agarrando a têas d'aranha.

O que se trata agora é de novidades.

—Toca a V. Ex. fallar.

—Informam-me que houve ali uma facada.

—Logo um facto sinistro!

—No sabbado, por volta de 10 horas da manhan, José de tal, com venda no Acù, foi á porta de João da Silva Mendonça e feriu o com uma punhalada.

—Oh, que destino furibundo!

—A desavença foi por causa de 1$380 rs. que José era credor de João, cuja irman é *caseira* d'aquelle.

—Cunhados por conseguinte.

—José escreveu a João exigindo o pagamento de sua divida, este respondeu que a occasião era impropria, pois que não tinha real; porem o vendelhão assentou de cobrar fazendo dessa resposta um *casus belli* e foi para a porta do devedor de punhal.

—Justiça mesmo da roça.

—E a não ser o ex-voluntario José Luiz da Rocha, os 1$380 custariam a vida de um homem, pois que o aggressor estava feio e forte.

—Incontestavelmente deve estar preso.

—Assim como está V.

—Não diga, capitão!

—Até nem corpo de delicto fez-se.

Um curioso do logar tratou do ferimento e.... Deo gratias.

—E o subdelegado?

—Disse que não havia medico no logar.

—Mas como os medicos não são incumbidos da captura dos criminosos, essa falta não impedia a prisão do delinquente.

—Isso é que a informação, que me enviaram, não explica.

—Mas o chefe de policia não é de graças, estou certo que ha de exigir que o sujeito venha passar alguns dias no xilindró.

«—Dê cá o vintem!

«E o seu!

«E o seu!

«E o seu!

«Ande, remexa-se!»

—Quem é este sujeito? Que tanto vintem pede elle!

Para ser missa pedida, não é por termos tão impertinentes que se pede.

—E' o caxeiro do aceio da cidade.

—E o que significa esse exigente peditorio?

—Cada ganhadeira que se assenta aqui no Pelourinho, paga um vintem.

—Deveras! Parà fazer o que?

—Para varrer-se a quitanda.

—Que mamadeira!

Calcule-se termo medio, que assentam se aqui todo dia 80 ganhadeiras.

—Eu digo que 200.

—Cada uma dando um vintem são 1$600 rs. diarios, que em 30 dias montam a réis 48$000!

—O que eu não sei é com que authorisação se lança assim illegalmente tributos sobre a população, como se força o povo a pagar o que não deve.

—Feliz empreza esta do cisco!....

Ainda que todas as ganhadeiras fossem assignantes da limpeza deveriam pagar 500 rs. mensaes e não um vintem por dia, que sahe a 600 rs.

—Systema do Para-assu; aluga as casas e recebe por dia até quatro vintens.

—Eu creio que é do contracto que a empreza é obrigada a trazer limpos os largos e praças.

—O chefe de policia é quem deve saber isso; o qual, ou não tem sciencia da extorsão, ou si tem, faz que não sabe.

—O Sr. Dr. Chefe de Policia acaba de praticar um acto que lhe dá muito direito a sinceros encomios.

—V. quando falla assim é coberto de rasão.

—O individuo que com o nome de José Luiz marchou d'esta cidade na 1ª companhia de zuavos e militou na campanha do Paraguay, e ultimamente achava-se preso na Correcção com o nome de Fellippe, escravo de João Antonio Sampaio, fugido ha 15 annos do poder de seu senhor, motivo por que no dia 23 de outubro attentou contra sua existencia, dando um profundo golpe no ventre, foi hontem mandado pôr em liberdade por S.S.

—Sim, Sr., é um labeu de menos ao pundonor nacional que S. S. evitou, uma desafronta aos brios da farda militar.

—Portanto, fica consignado que S. S. é credor de um voto de reconhecimento.

—Eu nunca ouvi dizer que a fonte dos Barris fosse de dominio particular.

—Em todo o tempo foi considerada de propriedade publica.

—Sempre vi o povo desfructando-a livremente.

—O terreno onde está não pertence a ninguem.

—Mas hoje appareceu dono e ha quem cobre alli de cada lavadeira um vintem e de cada barril que se enche d'agua dez reis.

—Como a terra é do viva quem vence, cada um vai puchando braza para sua sardinha, logo que acha geito.

—N'este andar estou vendo que chega dia, em que ha de se pagar até para morrer.

—Meninos, venham dar lição.

Sr. Vicente, forme o diminuitivo de Francisco.

—Xixi.

—O' burro! Xixi é diminuitivo de Francisco, azemola?

Adiante.

—Franciscosinho ou Francisquinho.

—Está ouvindo, bruto?

Chegue as mãos para os bolos!

—Ai... ui... ai... senhor professor, pelo amor de Deus!

—D'aqui ha dous dias V. forma-se e diz asneiras semelhantes á esta, quando der alguma sentença.

Diga-me lá, quantas syllabas tem Vicente?

—Tem duas.

—Adiante.

—Tres.

—Quantas syllabas tem camello?

—Tres.

—Pois, burro, tantas syllabas tem Vicente como tem camello, ouviu, besta?

Chegue as mãos! Pá... pá... pá.... pá!....

Quantas syllabas tem Vianna?

—Duas.

—Adiante.

—Tres.

Chegue as mãos! Pá... pá... pá... pá!...

—Ui... ai..., senhor professor.

—Quantas syllabas tem estupido?

Não responde?

Quantas syllabas tem Francisco?

—Quatro.

—Pois tantas syllabas tem Francisco como tem estupido! Ande, meu fidalguinho de borra. venha para os bollos!

—Xi! ai! ui! meu professor do coração.

—Que bonito xiado tem V.!

Arre, canalha, estuda estupido para não andares ás patadas!

Quantas syllabas tem venal?

—Uma.

—Eim? Adiante.

—Duas.

—Quantas syllabas tem burro?

—Duas.

—Pois tantas syllabas tem burro como tem venal.

Chegue as mãos.

—Ai! meu professorzinho!

—Isto é para seu beneficio, porque d'aqui ha dias não teremos mais um burro de pergaminho.

Safa!

E assim vive um menino
A massar seu professor,
Podendo ser bom pedreiro,
—Não senhor, vá ser doutor.

Estamos por fim de contas
Nós com um doutor pedreiro,
Praticando sempre asneiras,
Da especie d'um sendeiro.

E depois passados tempos,
Si sua sorte assim quiz,
Pega-se n'um burro d'este,
—Vá ser vossancê juiz!

Sentem-se, o resto da lição fica para amanhan.

—Maldictos cinco *bodes*!

—Onde estão elles?

—São esses com que os açougueiros presenteiam aos fiscaes.

—Ora.... eu estava tão fora!....

—E' causa do povo comer carniça! Fecham os olhos a tudo quanto é patifaria d'esses corvos do suor do povo; deixam vender carne até 5 horas da tarde, quando ella ja está azulada e fedorenta.

—O melhor não é comprar, para não pagar ao medico.

—Garantidos por esses agentes municipaes, elles sustentam o preço, e quem é mais pobre que espera que a carne *vire* ao meio dia, ha de compral-a pelo preço de demanhan, pois os carneceiros contando com a amabilidade dos fiscaes para venderem até a tarde, não abaixam.

—Em quanto os fiscaes não tiverem ordenado certo, hão de se dar muitas maganagens d'estas; do contrario os que forem restrictos hão de andar com a pelle na barriga e os que não forem, por força cederão as duras leis da necessidade.

—Uma moça deshonrada.

—A febre recrudece; os rapazes estão desabridos; serão effeitos do calor?

—Desta vez não se trata de rapaz; o negocio entende-se com um vulto já usado.

Um Sr. Fulano de tal Cunha, com marcenaria á ladeira da Misericordia, tomou para crear, desde a edade de seis annos, a menina Rosa Francisca de Jesus, nascida em 2 de agosto de 1855.

—Tem portanto actualmente 15 annos.

—Pode-se dizer que era sua filha.

No domingo indo vel-a sua mãe, Eduviges Francisca de Jesus, achou-a triste e chorosa.

Indagando-lhe a mulher o que tinha, declarou a menina que o Sr. Cunha a havia deflorado, dando-lhe antes disso bolos por

que ella não queria obedecer, apoz o que, ordenou-lhe que cedesse, porque sua mãe era quem mandava.

—Por cima do mal um falso!

—A Sra. Edaviges como mãe, correu a participar a desventura de sua filha á authoridade, a qual mandou logo buscal-a e interrogou-a, e em seguida ao Sr. Cunha.

—Ora não vá o Sr. Cunha metter alguma *cunha* para safar-se da enrola.

—Com o actual subdelegado da Sé não cola; si foi elle e houverem provas, por mais cunhas que metta não conseguirá calçar a broca.

—E' o que eu desejo.

E esse homem não tem filhas?

—Duas moças, e consta-me que a offendida declarara que uma dellas, de nome Virginia, presenciara o acto e o stygmatisara.

—Ah, então, si o Sr. Cunha tem consciencia que praticou o mal, deve reparal-o, para evitar o proverbio—*quem com ferro fere, com elle será ferido.*

—Domingo, certo individuo, que si os nomes correspondessem ás physionomias não se chamaria *pinto,* queria com um punhal fazer da barriga de outro bainha da sua arma.

A policia que apparece nestes conflictos sempre tarde, chegou a tempo em que o Sr. Pinto atirava o punhal para dentro de uma venda e fazia-se de pôpa. O caso deu-se na rua da Larangeira.

—De sorte que isto aqui é uma aldeia. Cada qual que entende traz no bolso seu punhal para a primeira occasião!

—O mais bonito foi que no mesmo dia o sujeito passeiava livremente.

A PEDIDO

—Que formidavel baque! Acudam-na!

—Não se envolva, não se envolva, que tudo aquillo é patifaria.

—V. não tem coração! Não tem pena de ver um acontecimento tão triste!

—V. como ignora o fundamento; por isso falla.

—O fundamento que eu vejo é uma mulher rolando como um fardo pelos degraus de uma escada até o patamar, e ahi ficar sem se poder mecher, e com a cara arrebentada.

—Empurrada por alguem, accrescente.

—Mais essa!

—Sabe o que quer dizer tudo isso?

—Como, si agora estou chegando?

—Ciumada, comborceria; de ordinario, os mensageiros por serem bem mandados são sempre que pagam as favas.

—Está o que eu ignoro.

—Pois sei eu. Yaya *Minú* por ciumes de Sr. *Janjão* mandou por esta escrava descompor a descendente de Sara, que mora n'esta casa,

—Ah, é judia!

—A escrava desempenhou a commissão com grande maestria de lingoa, mas em paga de sua ousadia, teve de medir os degraus.

—N'este caso a mulher abjurou a religião de seus pais.

—Como assim?

—Hoje não é sabbado?

—Todo dia.

—E' o dia em que aos judeus não é permittido fazer mal a seus semelhantes.

Entretanto ella atirou uma mulher pela escada.

—Ora! Sr. *Janjão* tem mais força para ella que toda religião de Moysés.

—Que *Janjão* dos peccados, que é o *alvo de* semelhantes contendas, que encheu a rua *Torta* de povo!

Pede se ao Sr. Firmino Leite que admoeste ao seu caixeiro, o menino Jacintho, a que comporte-se bem, afim de evitar casos que trazem desgosto, como o que se deu em um destes dias.

Pensamentos.

Só deseja revolução
Quem quer trepar, ou ser gavião.

Quem dorme nos braços do inimigo
A sua vida põe em perigo.

A mulher que é ciumenta
Vive em continua tormenta.

Com bom custo se descobre
Tutor para orphão pobre.

Amisade com doudo e com cigano
Vem por fim a causar damno.

ANNUNCIOS.

Attenção.

Na rua Direita de Santo Antonio além do Carmo, n. 50, precisa-se alugar dous moleques de 10 a 12 annos de idade para carregar caixinhas.

Vende-se um deposito de massas com duas portas de frente na rua de D. José, quem pretender dirija-se Aprimavera atrás da Sé n. 54.

Brevemente serão publicados por este e outros jornaes os nomes de diversos individuos, que teem cartas na loja de calçado de Luiz de Oliveira Vasconcellos.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 70.ª TERÇA-FEIRA 4 DE OUTUBRO. Ns. 699—700.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de outubro de 1870.

Não houve expediente.

—No domingo, pelas 6 horas da manhan, na rua do Bacalhau, o soldado de policia Manuel Dyonisio travou-se de razões com um pardo, cujo nome ignoramos, e safou do bolso um punhal e foi sobre elle; mas este largou-se a correr, deixando no meio da rua os chinellos que tinha nos pés.

—Que optimo agente policial!

—E digam lá que os soldados de policia não são para garantir os direitos do cidadão e manter a boa ordem!

—Penalisa olhar para esta desgraçada mulher!

—E' a imagem do soffrimento.

—O quadro que representa compunge e horrorisa.

Traz as faces roxeadas, o corpo cheio de queimaduras por fogo, as costas seviciadas.

—E como a miseranda é uma mulher de côr parda-clara, os signaes das torturas se mostram salientemente na pelle,

—Não sei quem é o algoz daquella malafortunada.

—Diz ella que sua senhora.

—Si fosse moça diria que é ciume.

—Não sei como o senhor da infeliz, que deve ser o *atalaia* dos actos de sua mulher, não a aconselha que não pratique tamanhas atrocidades.

—E não ha quem encaminhe a desditosa ao chefe de policia.

—Mas dizem que o senhor della é amigo intimo do chefe.

—Não tem nada uma cousa com outra; diante da obrigação do cumprimento de deveres cessam todas as mais considerações.

—No hospital de charidade.....

—Mau vae isso.

—..... negocia-se em ossos,

—De defunto?

—Não me atrapalhe.

Ora isso é prejudicial á saude dos doentes.

—Doente com saude é exquisitice.

—E o Sr. a me interromper!

Quem sabe si não é apologista das irmans de charidade?

—As irmans de charidade entram na dansa?

—Pois si são ellas que ajuntam no pateo um montão de ossos a exhalar uma fedentina insupportavel e mandam vender nas fabricas de refinação.

—Para quem é o rendimento?

—Para mim não é.

—Mas podia ser para o estabelecimento.

—Ellas mesmo são disso.

—Como são especuladoras as irmans de charidade! Os abutres comem a carne e deixam os ossos, ellas até isso aproveitam!

—O que tem aquella mulher que está virando bagaço pela rua?

—Fstá com *dois dois* na cabeça,

—Ora que abusão!

—Foi um candomblé que houve terça feira no becco do Chinello. Um pedreiro conhecido pelo *Candinho*, matou uma gallinha preta, entornou o sangue na cabeça da mulher e deu-lhe o resto á beber. Esta sahiu para a rua fazendo aquellas artimanhas, entrou em uma casa quebrou mangas de vidro, atirou cadeiras ao chão, fez proezas.

—Que diabo de santo que causa prejuizo aos outros.

—Estou que tudo aquillo é fingimento.

—Nem pode ser outra cousa!

—Porém a mulher representa a farça tão ao natural que os credulos illudem-se.

—E a policia deixa passar desapercebidas essas scenas em publico!

—Não sei como se deve classificar esse procedimento do *guarda maior da aduaneira*!

—Isto é uma cousa muito simples e até natural.

—Então é simples andarem os guardas dos escalares servindo d'ama secca, carregando meninos?

—Bagatella!

—E é para essa bagatella que os cofres publicos lhes pagam soldo, não?

—Valha-me *Nossa Senhora da Victoria* com V.; aqui por esses bairros não são reparadas estas cousas.

—Está bem, si é uso da terra, estou calado!

—Ora com effeito! Não ha nada que despersuada ao Sr. Moura de que a publicação que sahiu neste periodico não se entende com elle.

—Que renitente!

—Na quarta-feira disse elle na loja do Sr. major Benjamim:

«Estão brincando comigo, hei de metter um na cadeia e assim acabarei com esta folha que detracta de todo mundo.

«Elles pensam que eu estou assim *atôa*, eu conto com o juiz por mim.»

—Na rua Direita do Collegio, na loja do Sr. Carmo, disse o advogado do Sr. Moura:

«Hei de esfregal-o, por que entretenho relações d'amisade com o juiz!»

—Pensa o advogado do queixoso e o proprio queixoso, que nos amedrontam com essas ameaças?

Enganam-se!

Acima do sentimento d'amisade está o dever do cumprimento da LEI e da JUSTIÇA!!...

Não precisamos incommodar amigos para empenharem-se, como *alguem*, com o juiz que tem de julgar a causa, por que esperamos do Sr. Dr. juiz municipal da 2.ª vara, que não se deixará levar por mesquinhos caprichos d'amisade, por que a sua devisa é ☞ JUSTIÇA!!!

—E é somente o que pedimos!....

.....

—E' forçoso confessarmos, e o Sr. Moura não negará, que forneceu para o *Alabama* muitos apontamentos, o que provaremos com os empregados desta officina, que d'isso são testemunhas, e sua propria consciencia o accusará.

Sentimos bastante esta divergencia d'elle para com a redacção deste periodico, porque foi um dos melhores agentes da nossa *policia secreta!*

—Tudo no mundo é assim, as cousas mudam-se de uma hora para outra; hoje é elle inimigo acerrimo do *Alabama*, e tem desejos, como disse, de jogar na cadeia um dos proprietarios da typographia, em que elle se imprime.

Paciencia, Sr. Moura! ainda que um vá para a cadeia, o *navio* continuará a navegar..... navegará sempre embora com *tempestade!*

Ainda uma vez declaramos, e declaramos até mesmo pelo que disse o Sr. Moura, o escripto publicado no periodico—*Alabama*, que tem por titulo—*Que façanha*, não se entende com o Sr. Moura, e sim com um miseravel e vil cigano, morador na freguezia de *Grotas!*

Não é com o Sr., já o dissemos, não é..... não é..... não é!.....

—Capitão, proezas do Manuel Joaquim no Ceará.

—Oh, isso deve ter cousa de apreciar. Aquelle rapaz é abundante em recursos.

—Vou ler o *Cearense*.

Communica-nos o seguinte:

«Antonio Joaquim da Silva Cattete é o nome de um celebre larapio, membro da companhia do tiro de Pernambuco, o qual aqui se apresentou vindo no *Ipojuca*, a 4 do corrente; trajando farda de tenente de voluntarios da patria e trazendo pendentes do peito 3 condecorações. Esse cavalheiro de industria inculcava-se filho do finado marechal Cattete, e espalhava que esperava ser despachado ajudante de ordens da presidencia d'esta provincia.

Essas basofias davam logo a conhecer o refinado tratante, que se acobertava com a honrada farda do voluntario da patria.

No hotel de França deu elle começo a sua industria escamoteando um relogio e uma corrente de ouro, depois fingindo-se ourives tomou do tenente Francisco Luiz da Costa, para concertar, um trancelim estimado em 80$000.

Bem succedido na primeira empresa, procurou dar-lhe mais largas proporções. Aproveitando o ensejo em que o Sr. Octave Joanês se achava no interior da casa com a familia, penetrou em seu estabelecimento commercial pé ante-pé e bifou-lhe da gaveta 54$000.

No dia seguinte voltou pelo *faro*, porem na occasião em que se aproximava do balcão surprehendeu-o o Sr. Joanês; mas como nada desconfiasse d'elle, pois via-o bem trajado e sempre com dinheiro na algibeira, deixou-o sahir livremente. No dia 23 pela manhan apresenta-se de novo em casa de Joanêz e pede-lhe para trocar uma nota de 500$000, (naturalmente falsa,) o Sr. Joanês respondeu-lhe que não havia troco, que todo dinheiro miudo que tinha eram 79$000. Cattete, que parece muito pratico na escola Maranhense, mostra-se contrariado, pois tinha de solver

n'aquelle momento uma divida e não podia encontrar troco; que so mais tarde iria á the souraria e lá conseguiria trocar a nota.

O Sr. Joanês, homem de muito boa fé, vendo o embaraço do tratante offerece-lhe os 79$000 até mais tarde, e elle facilmente e sem hesitar acceita o gracioso offerecimento e sahe promettendo-lhe voltar antes do meio dia. D'ahi porem dirigiu-se elle á agencia dos vapores da companhia brasileira, onde comprando uma passagem a bordo do *Arinos* seguia para o Rio de Janeiro.

Da casa do Dr. Manuel da Cunha Figueiredo, onde esteve hospedado, informam que carregara varios objectos e atè a rêde onde dormia!

Quando o Sr. Joanês teve conhecimento da trama em que o envolvera o novo Rocambole, que direi de passagem, já esteve em Fernando de Noronha, e por boas acções não foi certamente, dirigiu-se á casa do Dr. chefe de policia, que fez expedir uma ordem de prisão para o tratante: porem ja era tarde; ao chegar á praia o *Arinos* larga conduzindo a seu bordo o larapio. Felizmente deixou-nos. A policia da côrte que ajuste contas com elle.»

Na mesma folha encontra-se sobre o tal cavalheiro de industria o seguinte:

«Sobre o cavalheiro de industria de que tratou um nosso communicante em o numero passado d'esta folha, remettem-nos o seguinte, que poderá guiar e esclarecer a policia no descobrimento e punição d'esse celebre tratante:

«Sr. redactor.—A' noticia que communicaram á V. S. com relação ao larapio Antonio Joaquim da Silva Cattête, peço-lhe que accrescente o seguinte, e chame a attenção do Dr. chefe de policia, para que, á exemplo do que se praticou com relação ao portuguez—Graça, preso na cadeia d'esta cidade, requesite aos chefes de policia das provincias do Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco Alagoas, Bahia e Côrte a prisão e remessa para aqui d'esse larapio, visto como muitos factos por elle praticados constituem-no verdadeiro estellionatario, crime inafiançavel: esse individuo recebeu mais, de um filho da viuva D. Pulcheria, um relogio para concertar. Illudindo ao preso Graça acima referido, furtou-lhe na cadeia diversas obras de ouro. O mesmo praticou com diversas prostitutas, cujas casas frequentava, inculcando-se ourives, conseguia-lhes objectos, alguns de valor para concertar.

Convèm que a policia saiba que esse individuo embarcou no Rio Grande do Norte para esta cidade á paisana, trazendo nos rotulos de seus bahús, em numero de tres, sendo um pequeno de flandres, as iniciaes A. J. S.

Aqui, porem, por algumas vezes, disse chamar-se Antonio Joaquim da Silva Campos, outras—Antonio Joaquim dos Santos e Silva, e ultimamente, tendo mandado, afim de embarcar para o Rio no vapor *Arinos* pôr novos rotulos nos seus bahús, pediu que se escrevesse o nome por extenso de Antonio Joaquim da Silva, sendo para notar que no mesmo instante mandou tirar o bilhete da passagem, deu o nome de Antonio Joaquim da Silva Catête.

Umas vezes dizia-se filho do marechal Catête, outras de um conego da capella imperial.

Dizia ter sido cadete e que n'esta qualidade, tendo seguido para o Paraguay, onde obtivera a baixa, alistou-se como voluntario e ahi chegou ao posto de tenente honorario e foi condecorado por serviços de campanha com os habitos da Rosa, Christo e Merito.

Contava mais que regressando da campanha antes della finda fôra empregado n'alfandega das Alagoas pelo actual presidente José Bento da Cunha Figueiredo Junior, com quem entretinha amisade intima, cujo logar deixara por intrigas com seus companheiros, tomando então resolução de vir estabelecer-se no Ceará com officina de ourives para o que trazia trinta contos de réis.

Pelo que referia esse larapio conhecia-se que elle tinha estado não só n'aquella provincia, como em Pernambuco e Parahiba, sendo certo que 15 dias depois de sua chegada á esta capital, á pretexto de não achar casa para estabelecer-se, dizia a todos que seguiria para o Pará, onde tinha parentes e amigos.

Esse individuo, segundo informa-nos a pessoa em cuja casa estivera hospedado, mostrara, tirados do fundo de seus bahús, diversos objectos de valor de ouro e prata, como pulseiras, relogios de ouro, correntes, trancelins, anneis, e muitas obras de prata, que mostravam todas terem tido uso.

Informa-nos mais essa pessoa que aquelle individuo só tinha de militar a blusa, banda e bonet com que andou algumas vezes aqui; pelo que suppõe-se que nem mesmo é elle tenente honorario, nem lhe pertencem aquellas condecorações.

Finalmente o Sr. Tito Rocha, da casa commercial de Manuel Antonio da Rocha Junior, e irmãos referia hontem que o Sr. João ou Joaquim do Carmo conhecera no Rio aquelle tratante como soldado desertor, preso na fortaleza da Lage.»

A PEDIDO

—Tudo que tem principio tem fim.
—Morreu o Neves.

—Terminou uma questão que á primeira vista parecendo trivial, tornou-se entretanto grave e importante.

—Que questão foi?

—Uma desavença que houve entre duas mulheres, Maria Victorina dos Santos e Henriqueta Porcina Alves.

—Recordo-me de ter ouvido fallar nisso.

—Essa questão, na qual empenharam-se conselheiros, deputados, negociantes e ex-presidentes de provincia, veio afinal ter um desfecho que não era de esperar.

—Conte-me.

—A offendida. isto é, Maria Victorina, que a outra havia quebrado a cara com uma quartinha, desistiu inesperadamente da acção.

—Taes fossem os motivos. Falta de recursos talvez. Pode ser que não tivesse dinheiro para preparar os autos para o jury. Cada um sabe as linhas com que se cose.

—Declarou o encarregado da *accommodação* perante algumas pessoas que a brincadeira custou-lhe 260$ rs., isto é, 160$ rs. foram das custas e o mais para os *cahidos*.

—Homem, por tal preço não vale a pena dar quartinhadas.

—Dizem os *bocorios* que Henriqueta sabe fazer feitiço para vencer impossiveis.

—E V. crê?

—A' vista do resultado....

—Capitão, passam-se cousas!

Os tratantes e ladrões de tudo tiram partido!

A' semelhança de harpyas andam farejando onde enterrar as garras.

Especulam com a credulidade das pessoas de boa fe, e com a simplicidade dos parvos e ignorantes.

—Não comece a massar.

—Ora veja V. Ex.: uma pessoa, uma mulher por exemplo, recebeu uma affronta, daquellas que reclamam immediata vindicta sob quebra do pundonor, e tratou por tanto de vingar-se pelos meios legaes.

O negocio ia bem encaminhado e inevitavelmente a pessoa criminosa seria punida, si o rabo do diabo, na figura de um patife, não se mettesse no meio.

Tal patife levado pelo instincto de plantar certas discordias, para o que ha muito trabalhava, achou occasião azada de encasquetar a imbecil mulher de que seu negocio estava mal-parado e que projectavam fazer combinações sem sciencia della.

Enfeitou tão bem o ramalhete e fez-lhe tão vantajosas promessas, que ella se deixou cahir no laço, persuadida de que tudo quanto lhe dizia era real e entregou-lhe plenos poderes para fazer e desfazer.

O sujeito foi procurar dous outros de sua laia, si bem que de posição um pouco mais alta. Essa trindade formou um maldicto conciliabulo.

São tres individuos por demais conhecidos pelas suas gentilezas.

Sem excepção de ninguem, pergunte-se a qualquer pessoa que os conheça que taes são elles.

Um, ainda ha pouco é que põe pé na rua; andou até agora escondido pelas suas alicantinas.

De posse da presa, trataram do arranjo. Como a mulher não tinha dinheiro, pozeram a mira do outro lado. Trataram de persuadil-a que ella não tinha remedio sinão desistir do pleito, porque o presidente estava envolvido nisso e que o unico meio era dar tudo por acabado.

Metteram-lhe tanta cousa no casco que a mulher tendo em outras occasiões se recusado a ceder com condicções satisfactorias para ella, como por exemplo, a pessoa que a offendera dar-lhe uma satisfação plena e invocar-lhe o perdão publicamente, ella que se negou a tudo isso, no que até certo ponto tinha rasão, pois que fôra ultrajada, veio a ceder vergonhosamente por uma quantia ridicula, quantia que, em abono da verdade, ella não viu toda, nem soube quanto foi; o que comtudo não a isenta do labeu ignominioso que resulta da torpeza da acção.

Os larapios comeram a maior parte do bolo.

Em presença mesmo do agente encarregado de compral-os, dividiram logo 100$ rs. Do restante o advogado fingindo-se de *desinteressado*, disse que queria apenas seu trabalho, porque nada ainda tinha recebido e estava trabalhando sem dinheiro.

Trabalho foi esse que fizeram uma repartição de Caim, ficando apenas para a paciente 100$ rs. os quaes um esbirro da justiça recebeu e é provavel que ja os entregasse, por que as vistas delle nesse negocio são outras.

—Ah, velhaquetes!... ah, tratantões!... Sempre acham fôrma do seu pe.

—Essa cafila de salteadores para mais facilmente realisarem o plano de rapinagem, fizeram crer a mulher, que a questão estava perdida por faltas commettidas no começo do processo, isto é, que fôra organisado deixando-se de proposito uma lacuna nos autos para proteger a parte contraria, obrigando a authora no fim ou a ceder ou a abandonar a acção.

— Que safados! Como teceram bem a meada!...

—Para uma pessoa intelligente não podia haver plano mais infallivel.

—Mas essa calumnia desmente-se com um exame nos autos.

—Diz muito bem; mas quem vae se dar a esse trabalho, si o que eu estou lhe contando não *se deu aqui?*

—Logo vi que no fôro illustrado da Bahia não *se dão* essas ladroeiras crassas.

Em todo caso o advogado que exerce sua profissão com consciencia, que não trafica, nem faz negociadas com as causas de que se encarrega, tem o dever de esclarecer a quem o procura para encarregal-o de proseguir em qualquer questão por outro começada, os obstaculos que ha, os riscos que correm, e quando a causa está perdida não deve enganar ao cliente e não occultar a verdade.

—Ora, si estou a lhe dizer que o fim da corja foi unicamente roubar.

Sr. redactor.—A calumnia é a arma de que os espiritos mesquinhos se servem para abalar o credito e a reputação alheia; porem a verdade leva sempre os homens bem intencionados a votal-a soberano desprezo.

Deparando no seu *Alabama* de 27 do corrente com uma publicação relativa ao meu estabelecimento, denominado—*Passo da Patria*,—na qual desfaçadamente se affirma haver nelle jogos illicitos, e nos quaes ja um caixeiro chegou a perder a quantia superior a 300$, declaro a V. S. e ao publico, cuja attenção peço, que é mentirosa semelhante asserção, pois ahi nunca houveram jogos que não fossem recreativos, como o dominó, a bagatella e o bilhar, para algumas pessoas de criterio, que honram o estabelecimento, divertirem-se, e esses mesmos jogos ha algum tempo deixaram de existir.

Se o auctor da calumniosa publicação, que o conhecemos, é homem que se preza, declare o seu nome, e tome a si a responsabilidade certo de que, se não o fizer, nem mesmo será digno de lhe ser lançada ao rosto a lama do mais immundo lodaçal.

Joaquim Duarte Pereira.

—Que sujeito é aquelle que ali vae?

A' modo que o conheço?

—Pois ja não esteve elle a dar contas a V. Ex?

E' *yoyô do ceu.*

—Aspirante pedestre, não é um sujeito que foi menino do côro, sachristão e que exercia nesse tempo *certa profissão honrosa?*

—Justamente.

—Um que foi enxotado do convento dos Carmelos, porque por seu respeito brigaram dous frades por ciumada e foram mettidos no carcere?

—Esse mesmo.

—Um patife que abusando da confiança que nelle depositava certa familia, na Boa Viagem, introduziu-se, á noite, na casa e fez espalhafato para casar-se com uma moça da dita familia, a quem tornou infeliz?

—Sim, Sr.

—Um safado que indo estudar em certa terra, morou á rua do Amparo, fazendo de sua casa theatro de devassidões?

—Sem tirar nem pôr.

—Um devasso que frequentava certa casa no Jogo da Bolla, e abusando da avançada edade da proprietaria, pervertia uma innocente creança de doze annos, em quanto destrahia em seu mercurio a attenção da velha?

—Não tem duvida.

—Um tratante que indo em certa cidade morar n'um hotel, propriedade de uma ingleza, mamou-lhe durante dous annos não so comida e casa, mais tambem seus affectos, e empinou-se depois, fazendo-lhe mil promessas, que nunca cumpriu?

—Aquiqui!

—Um desfructavel que fez a sogra gastar superfluo, para elle ostentar vaidades, deixando-a na miseria? Um cynico que fez a sogra alugar uma casa n'um sitio aprasivel, e soffrendo depois uma penhora, deu por depositario a seu cunhado, a quem metteu na cadeia, porque logo e logo vendeu os trastes?

—E' elle, capitão.

—Um insolente que em caracter publico maltractava as partes e até a seus collegas, querendo que se levantassem os procuradores quando elle ia ao quarto, ameaçando-os com cadeia?

—Elle mesmo.

—Um bobo que recebendo um officio das mãos de um guarda mandou-lhe tirar o bonet por ser sua casa sagrada?

—*Justement, mon cher.*

—Um infame ladrão que de *camisa* ou *camisão,* assolou certo logar, perturbando a paz das familias, com suas devassidões e rapinagens?

—*Yes, master.*

—Um malvado que chupou um conto e tanto de certo preso para defendel-o na imprensa e nada fez?

Um safado que teve ainda a coragem ds ir ao mesmo preso e roubar-lhe quatro contos, á pretexto de comprar o voto de magistrados que estão em *relações* superiores, deturpando o nome illustre de um seu compadre, membro superior na magistratura?

—*Oui, monsieur.*

—Um diabo que tendo de ir para o Rio, agarrou nas vesperas da viagem uma escrava da infeliz sogra e vendeu-a, tendo o cynismo de, na volta, expellir da casa a sogra?

—E' justamente o tal tratante.

—Um ladrão que sendo advogado de uma mulher casada que tratava de desquite, foi ao marido della propor-lhe que, para salvar seus bens e desgraçar completamente a mulher, hypothecasse uma excellente casa que tinha na baixa ou valle dos sapateiros, por doze contos de reis, recebendo oito, dos quaes daria um a elle advogado?

O que fez o moço perder a casa por oito contos, quando por ella davam dezoito?

Tendo esse patife o displante e a safadez de fazer todas estas tratadas com sua propria letra!

—*C'est la vérité, monsieur le capitaine.*

—Um trampolineiro que querendo impostar no Rio, mandou fazer na Bahia immumeros fatos, que até hoje não pagou, usando de meios reprovados?

—Ora adeus, é elle mesmo, capitão.

—Um abutre roedor esfaimado, em cujas garras cahiu uma *pomba,* que bem serve a seus planos *geraes?* Ricas *minas,* desgraçada entidade, cujas pennas foram tambem devoradas?

—E fez muito bem.

—Agarre-me aquelle bregeiro! Corte-lhe a cabelleira, e o maxingueiro que o metta no porão e o deixe *so ares* tomar de vinte em vinte quatro horas, até segunda disposição.

(*Continua.*)

VARIEDADES.

Certo individuo muito ignorante, ouvio dizer que por baixo de nós haviam outros habitantes que se chamavam antipodas, os quaes tinham os pés em opposição aos nossos, de modo que se fosse possivel fazer uma cova que chegasse á outra extremidade da terra, nos conveceriamos desta verdade. Uma tarde, que devia merendar com alguns amigos no seu jardim, mandou metter no poço varias garrafas de vinho, para que estivesse mais fresco, quando fosse para a meza. Dali a pouco, passando por pé do poço,e vendo a sombra no fundo, chamou logo pelo criado, e lhe disse: «Homem, tira já essas garrafas daqui para fora, senão, olha que aquelle antipoda que lá está em baixo deixa-nos ficar sem pinga de vinho.

Um bom conselho.

—Está na Africa cumprindo degredo um homem que deu duas facadas. Um irmão, que se achava em más circumstancias, esabia que elle fazia fortuna na Africa, pedin-lhe de cá meios para se transportar para junto delle. Este respondeu lhe:—Faz como eu fiz. Dá duas facadas, e transporta-te-hão de graça.

—Entrou hontem certo sugeito n'um bazar da rua de S. Bento, e perguntou qual era o preço de um quadro pequeno que ao passar lhe agradára.

—Quinhentos réis, respondeu o dono da loja.

Mas ou por distracção, ou por qualquer outro motivo, o homem entendeu quinhentos mil réis e bradou:

—Ora adeus! Isso é um gracejo!.... Dou-lhe duzentos mil réis!

—Não me percebeu; eu disse: cinco tostões.

—Cinco tostões! ... Oh! .... Então não o quero!

Era o bom conhecedor de quadros!

Anecdota

A SOLTEIRINHA

Nesta terra outr'ora havia
Uma moça assaz formosa,
Que da falta da riqueza
Pagava em ser vaidosa.

Nesse tempo alguns rapazes,
Mesmo aquelles mais herdados,
Pretendendo-a, receiavão
De ser todos mallogrados.

Nenhum d'elles se attrevia
A pedil-a em casamento:
Assim foi, que, sem ventura
Da belleza foi-se o tempo,

Feito a molde de seu gosto
Nem um só lhe parecia;
Era um meio estouvado,
Outro feio em demazia

Este tinha as pernas tortas
Aquell'outro o nariz grande!
« Esperemos—diz a bella—
« Deos talvez melhor nos mande.

Por capricho a natuaeza
A creou contradição:
Deu-lhe esbelto exterior,
Presumido coração.

Todavia, no seu rosto
Transudava bem patente,
A pezar da formosura
O amargo fel latente.

Quando fosse alguem ousado
Terno preito lhe render,
Da beldade o ár soberbo:

O faria emmudecer.

A julgar por seu semblante
Facilmente se creria
Que p'ra ella um rei somente
Por esposo serveria.

Entretanto essa arrogancia
Esse ar tão altaneiro,
Para exemplo de outras muitas
Quiz punir Deos justiceiro.

Vai-se um anno, e outro, e outro,
E outro e outro passou;
E da bella o tempo avaro
As graças todas levou,

Com as graças, o amor proprio
Pouco e pouco foi-se andando;
Ao contrario e bem contrario,
As enrugas vão chegando.

Afinal já bem cançada
De esperar qualquer proposta,
De si mesmo a solteirona
E do mundo se desgosta.

Hoje chora ter ouvido
Os conselhos da vaidade,
E em loucas pretenções
Ter perdido a mocidade.

Rabugenta, austera e grave,
Desgostoso o coração,
Ei-la feita agora —tia—,
Das meninas guardião.

Ignacio de Barros Leite.

Casar é doce,
E muito bom,
Quando se faz
Doce união.
E' amargoso
O casamento,
Si falta amor
E' um tormento.

Viva o tempo de el-rei nosso senhor.

Julgamos conveniente dar aos nossos leitores conhecimento da seguinte peça official dos tempos coloniaes, notavel não so pela doutrina, como pela amenidade do estylo:

«A' minha noticia chegou que Custodio Francisco de Carvalho, thesoureiro dos defuntos e ausentes dessa repartição, e Domingos Alves, escrivão do mesmo juizo, tiveram o grande atrevimento de mandarem prender pelo meirinho do dito juizo ao tenente das tropas regulares da capitania de S. Paulo, José Manuel Pereira de Gusmão, sem attenderem ao posto que occupa nas ditas tropas, e ao seu uniforme. Pelo que, e pela satisfação que se deve de dar ao official militar, que S. M. pelas suas soberanas ordens tanto manda respeitar, e para que fiquem reprehendidos semelhantes excessos, Vmc. logo mandara prender na enxoria da cadeia publica d'essa villa, e carregados de ferros aos tres ditos thesoureiro, escrivão e seu meirinho por minha ordem, e á ordem do dito tenente, até que elle se dê por bem satisfeito, e n'este caso os poderá Vmc. soltar, dando-lhes Vmc. uma asperissima reprehensão da minha parte, dizendo-lhes que se continuarem a serem atrevidos semelhantemente, os hei de mandar degradados para fora da Capitania, dando-me Vmc. parte por esta Secretaria de ter executado tudo conforme lhe ordeno.

Deus Guarde a Vmc. Villa Rica 5 de Maio de 1784.—*Luiz da Cunha Menezes.*—Sr. Capitão-mór.....»

Em Valence (França), soffreu a ultima pena o author de um assassinato.

Foi a pe desde a prisão até o patibulo, e com o mais glacial socego voltava-se para o publico e exclamava:

—Venham ver isto, que é curioso, e não custa nada.

Haverá um jogo de azar mais terrivel que o casamento? Resvalar sobre uma tabula os copos, com os dados, que nos podem dar a felicidade ou a desgraça de nossa vida; deixar-se vexar por um laço muitas vezes indissoluvel, sempre exclusivo; amofinar muitos annos para finalmente cahir-se no abysmo... tal é a sorte da maior parte dos esposos!

Muito bello é o dia em que se entregam um a outro!... No dia seguinte ja reinam os symptomas do desacordo!... O marido gosta de ervilhas, a mulher de assucar; ao primeiro agrada o azul, gosta a segunda da cor de rosa..... Ao cabo de quinze dias ahi está mais ou menos a confusão. Raramente se passam seis mezes, sem que um acontecimento qualquer não redobre os pezares existentes: o dote evapora-se ou está prestes. Se elle casou somente por ella, tem ainda de soffrer a chusma de credores, que o apoquentam com suas contas.

O marido falla de economias; teima a mulher em despezas; temos resingas e consequencias amargas.

As torturas matrimoniaes são sem fim e variam de mil maneiras.—A monotonia não é uma das menos crueis.—No fim de um anno, de dous, estarem um ainda defronte do outro, sendo ambos forçados a viverem juntos, assim desunidos. Oh! isto é um inferno!

Estudou-se o coração: todas as qualidades

perderam seu brilho, todos os defeitos cresceram; nelle tudo é mudanças..... A tocha do hymeneu é como certa flamma, que torna hediondo tudo quanto esclarece.

As duas metades aborrecem-se de olhar-se, de tocar-se, de ouvir-se, de conversar, de sentir; ellas buscam distracções, fogem uma de outra, e o tedio é tal, que o diabo entra em casa e a felicidade vôa pela janella.

O casamento, pois, não sendo presidido pela alliança de ideas egoistas, não havendo nelle a harmonia de sentimento, é um viver em continua tempestade, esperando a cada instante ver sossobrar a honra no pelago de desgraças que se antolham.

No casamento ha dous caminhos: um vai ter á miseria, o outro á felicidade.

Antes de vos pôr em viagem, é mister uma deliberação calculada para sahir bem do ponto em que elles separam, pois que uma vez em marcha, não mais se pode retroceder.

Nestes casos, como se diz não é permettido commetter mais qne um peccado.

O casamento póde comparar-se á uma charrua, em que marido e mulher estão presos.

Emquanto puxam certos, a cousa vai bem; mas se cada um quer ir para seu lado, tudo vai mal.

DECLARAÇÕES.

O abaixo assignado recorre á imprensa para agradecer ao Sr. Dr. João Victor de Carvalho, advogado do Sr. Moura Rosa, as palavras *delicadas* com que o mimoseou, perante o juiz da 2.ª vara, na sua accusação oral, palavras essas dignas de seu caracter de advogado *probo e honrado*.

Bahia 3 de outubro de 1870.

Aristides Ricardo de Sant'Anna.

—Por occupação não pude assistir a accusação que no juizo municipal da 2.ª vara fez hoje o Sr. Dr. João Victor n'uma queixa contra o *Alabama*.

Constou-me porem que S. S. dissera que eu o procurara para dar-lhe uma satisfação. e que lhe dissera que um escripto não partia de mim.

Declaro solemnemente que é falso. Procurei uma vez o Sr. João Victor para pedir-lhe que a queixa que havia dado contra meu companheiro o Sr. Aristides fizesse recahir sobre mim, visto que por esquecimento meu dera-se uma falta na exhibição da responsabilidade. Outra vez encontrando-me S. S. na praça disse-me que tinha sido injustamente descomposto no caracter de advogado. Troquei com o Sr. João Victor algumas palavras, mas não lhe disse que este ou aquelle papel não partia de mim, e apenas que em uma sociedade, embora houvesse divergencia de opinião, em algum ponto era de necessidade que houvesse reciproca concordancia entre os membros da mesma.

Não estou na minima dependencia para com o Sr. Dr. J. Victor e em outra occasião não lhe daria uma satisfação, quanto mais quando exerce uma perseguição.

3 de outubro de 1870.

José Marques de Sousa.

ANNUNCIOS.

CONVITE

aos Srs. typographos, livreiros e lytographos.

Alguns artistas, pertencentes ás artes acima, vendo a decadencia em que ellas se acham na Bahia, convidam a todos os seus collegas, sem excepção de um só, para uma reunião (que será annunciada, marcando-se dia e logar) afim de n'ella tratar-se dos interesses das mesmas artes. Bahia 30 de setembro de 1870.

Eduardo Daniel Galvão,
Domingos Francelino da Silva,
Joaquim Cassiano Hyppolito.

A' baixa de Sapateiros casa n. 9, se vende fubá de milho muito bom, a 7$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5$ rs.

Na Calçada, botica do Gouveia precisa-se de um pratico bom.

A Sra. D. Maria Joaquina Pereira, tem uma carta com 13$800 na venda do Sr. Jovino Antonio Ramos, para ser entregue em mão propria, ao Canto de João de Freitas, venda de S. Antonio.

Na tulha de Amancio Luiz da França, defronte da egreja d'Ajuda, vende-se farinha, milho, etc., tudo de primeira qualidade e por preço commodo.

Compra-se dinheiro de prata e ouro, e em obras, na loja á rua direita do Collegio, junto a bibliotheca publica n. 33 A.

Na rua do Collegio n. 16 ha uma menina de 15 a 16 annos que aluga-se para ama secca em casa de familia.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º — BAHIA. — 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª — QUINTA-FEIRA 6 DE OUTUBRO. — N. 701.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que na docilidade de seu coração se compadeça da sorte de uma misera mulher, escrava, victima da inaudita crueldade de seus senhores.

Consta que na segunda-feira fôra rigorosamente castigada em desabafo de haver o *Alabama* lastimado a sorte da infeliz, e muitas pessoas que a viram nesse dia pela Baixa dos Sapateiros commoveram-se de dó.

Em nome da humanidade e do amor do proximo, invoca-se os sentimentos justiceiros de S. S., para que aquella miseranda não continue a soffrer tão acerbos tratos.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio, dizendo-lhe que faz crer que na sua freguezia a policia anda muito atrasada, á ser exacta a informação de que certo individuo, na rua dos Marchantes, reune á sombra de uma *oliveira* grande numero de rapazes filhos familia para dar-lhes explicações de moral pelo catbecismo de cincoenta e duas folhas, distrahindo-lhes assim de seus deveres e causando desgostos aos seus.

Cumpre que S. S. trate de averiguar a legitimidade de taes reuniões e faça o que fôr mais acertado.

—Si fosse em outro logar, mas aqui nas barbas do aceio da cidade, esta montureira, esta immensidade de esterquilino, na estrada desde o Caminho Novo até o edifficio da empreza!

—Forte deleixo!

—Vê que cynismo de frade?

Vir para o forum para estar dando apoiados ao João Victor, em quanto este descompõe o *Alabama!*

—N'uma poia merecia elle, que lhe mettessem a cara.

Assenta bem ao caracter do religioso que professa humildade e charidade, no ministro da religião que ensina a perdoar as offensas, quando elle offendido fosse!

Está mostrando o papel para que presta.

—Não tem duvida; tudo quanto é tratante, devasso, crapuloso e corrupto, alegra-se, quando vê o navio debaixo de tempestade; mas enganam-se que não ha de ir ao fundo.

—*Frade,* Santo *Antonio* por seu *patrocinio* lhe dê força na viperina lingoa.

S. Francisco lhe accrescente.

—O que estudante não fizer!

—E' gente da pá virada.

—Uns que moram na ladeira da Saúde armaram hontem a casa toda de luto, deitaram cortinas pretas na janella e pavilhão na porta, pozeram um distico convidando quem passasse a entrar para receber esmola que deixara o finado.

As mulheres de capona, avidas pela pexincha, entravam para receber a deixa; e um delles, que se achava estendido sobre uma marqueza, coberto dos pés á cabeça, levantava-se nú, como sua mãe o pariu, e apresentava-lhes em toda sua plenitude os orgãos genitaes!

—Cousas mesmo de estudante.

—Que malvado! que perverso!

—Quem atirou este pedregulho?

—Foi o caixeirinho daquella padaria n. 39.

—Quasi mata a infeliz preta douda! Si pega em outro logar estava morta.

—Que indole malfazeja!

—Tambem esta douda vive aqui na ladeira da Praça, incommodando o publico ha tanto tempo, e ainda não houve uma providencia sobre ella.

—Capitão, no sabbado, ao meio dia, vinha em um *bond* do Bomfim para a cidade o academico primeiro-annista Bezerra Montenegro; chegando no desvio da Munganga, na occasião de passar o *bond* que ia da cidade, os burros sahiram fora do trilho, a lança do *bond*

foi de encontro ao varan em que fica collocado o gaz, quebrou-o e foi sobre a perna do academico fazendo-lhe um grave ferimento.

—Infeliz!

Mas tudo isso é devido ao pouco cuidado dos boleeiros, a falta de attenção em certos serviços é que dá causa a muitas consequencias funestas.

—O academico sahiu do *bond* carregado, por não poder pôr-se em pé, e foi conduzido em uma cadeira para casa de sua familia.

—Capitão, será certo que nomeou-se um carteiro para o correio, o qual só foi á repartição tres dias, e depois metteu-se em casa percebendo os cobres?

—Não tem cabimento.

—Porem ha uma cousa: os moradores da freguezia da Sé, ha mais de mez que não recebem cartas do correio entregues por carteiro.

—Então talvez seja por isso.

—Viva a patria e chova arroz.

—Que é isto, Sr? estamos em casa de *viva quem vence?*

—Não, meu capitão; mas estamos na terra das *pepineiras* e *sinecuras*.

—Explique-se que não o entendo.

—Pois o capitão não tem passado pela ladeira da Poeira, onde ha mais de mez se está cavando e escavando, calçando e descalçando, entulhando e desentulhando, sem que até hoje se tenha dado fim á semelhante obra de Santa Engracia?

—Pois, homem, eu não tenho que fazer á bordo? hei de desembarcar para andar pelas ruas da cidade, sem ter lá que fazer?

—Capitão, faz lastima ver-se como vae essa obra da nação. Tem mestre, feitor, apontador, e.....

—Basta, homem, falle da obra, deixe os empregados.

—Sim, Sr.; a obra começou do principio da ladeira da Poeira e reduziu o maior numero das casas a subterraneos, porque tapou metade das portas e das janellas, de modo que os moradores que outr'ora convidavam as visitas a *subir*, agora mandam que *desçam*

—E o que tem isso? pois só á bordo é que deve haver porão?

—Mas, capitão, que prejuizo não é para os proprietarios pobres ficarem com as suas casas enterradas como buracos de ganhamús, sem poderem levantal-as do estado de *prostração* a que reduziu-as a engenharia?

—Homem, V. não leu ha pouco tempo que na Europa se inventou um maquinismo para transportar casas de um logar para outro? esperem, que o caso ainda não é tão desesperado. Aposto que todas não estão enterradas.

—Sim, Sr., as que ficam para o fim da ladeira foram mais felizes, porque em vez de minguarem, cresceram, ficando com as janellas lá em cima, á maneira de pombal, e com os alicerces escalvados, ao ponto de, para subir-se, precisar de escadas de mão.

—Pois ahi está a compensação, succedeu como na politica: uns sobem e outros descem.

A nossa camara municipal sabe o que faz em bem dos seus municipes, deixe as cousas correr, que V. nada entende de *engenharia*.

—Pois bem, capitão, vou-me embora mais consolado com as suas reflexões.

—Adeus.

—O Sr. Dr. Victor de Carvalho, na accusação oral que fez ao periodico *Alabama*, na questão *Moura Rosa*, reproduziu as palavras do Sr. Dr. Augusto França na questão *Gouveia*.

—O Dr. Victor de Carvalho prevaleceu-se do logar de advogado do queixoso para desabafar-se mesquinhamente.

—Disse elle—*Alabama* foi um vapor corsario que perseguia os navios mercantes, *Alabama* era um pirata.

—O Dr. ignora que nos Estados-Unidos ha uma cidade denominada—*Alabama;* mas ainda assim damos de barato que *Alabama*, gazeta, tomasse o nome do vapor.

—E por isso segue-se que a gazeta tomando este nome foi tambem com fins sinistros?

—Não; o fim do *Alabama*, gazeta, é perseguir os tratantes, velhacos, safados e ladrões, e arrancar a mascara de certos bandalhos que vivem entre nós, com capa de honrados e probos.

O *Alabama*, vapor, era inimigo acerrimo da liberdade, o *Alabama*, gazeta, é um campeão da liberdade e como tal tem dado provas.

—O que prova isto, que nem sempre o nome dá a conhecer a cousa, segundo a regra da grammatica.

—Apoiado!

S. João veio ao mundo preparar o caminho para a vinda do Messias, S. João era santo, puro, bom, virtuoso, etc., etc., era emfim um enviado de Deus; mas segue-se que todos os homens que tem o nome de João sejam bons?

—Não, acoberta-se com o nome de um santo, muitas vezes um velhaco, tratante, safado e infame.

Supponha-se que *João Morên* é um homem casado, mas tem uma amasia, em cuja casa entra a qualquer hora do dia ou da noite, que vae ao theatro com a familia e defronte, em um outro camarote, está sua amasia, e elle sahe do camarote da familia e vae para o da

amasia; que vae passar a festa fora, aluga duas casas, uma junta da outra, e sahe da casa de sua mulher para socar-se em casa da amasia.

Ora, si o *Alabama* censurar *João Morên,* diz logo elle: entraram em minha vida privada, apunhalaram minha honra!

Entraram-lhe na vida privada?

—Não, isto assim é publico e notorio, logo não está privado de censurar-se.

—Apunhalaram-lhe a honra?

—Não, si ella se acha apunhalada, o assassino foi elle mesmo que não a prosou.

—No emtanto que *João Morên* tem o nome de um enviado de Deus.

—Logo, o que se segue d'ahi é que o habito não faz o monge.

O homem, pois, pode ter o nome de um celebre *latrono,* no emtanto não pesarem sobre sua consciencia as lagrimas da donzella, da viuva e do orphão.

Poderia aqui provar a S. S. que nem sempre o nome dá a conhecer a cousa, com muitos factos de *João Morên,* o novo *Sir Williams;* mas aguarda-se para outras occasiões.

—Capitão, um caso que não é muito recente; mas serve.

—Então venha-se.

—Certo padre foi ouvir de confissão á uma peccadora filha de *Eva,* e exigiu que fechassem a porta do quarto para que não ouvissem os peccados da confessada.

—Que padre *sabido!*

—O dono da casa é um homem desabusado e não acredita em confissões. Chamam-no *Velludinho das creoulas.*

Velludinho das creoulas estava ausente; entrando em casa arrombou o quarto e vendo o padre no *edificante exercicio* de absolver os peccados da sua *pecora,* transformou a scena e fez do sacerdote penitente. Mandou-o ajoelhar-se e beijar-lhe as plantas. E como *Velludinho das creoulas* é homem de dar e tomar, o padre submetteu-se.

—Que sacrilegio!

—Depois tomou-lhe as vestes sacerdotaes e ordenou lhe que sahisse em cuécas.

—Pois o padre tinha se despido!

—V. Ex. comprehende que para confessar uma peccadora não é preciso tirar a roupa. Por fim, depois de muitas supplicas, *Velludinho das creoulas* deu-lhe o traje e o padre escafedeu-se debaixo de petelecos.

—Ora que homem impio! Maltratar assim um ministro da religião!

—O João Victor chama ao *Alabama* gazeta devastadora porque falla neste e outros escandalos.

—Deixal-o; si acoutar os tratantes e ladrões, prevaricadores e venaes, extorquidores da fortuna alheia, é devastar, cumpra S. Ex. sua missão que a sociedade moralisada o bem dirá.

A PEDIDO

A commandita—*Olho-vivo,* orgulhosa como se acha pelo *nada* que tem produzido a mesera latrona dos seus cumplices, pretendeu em um dos dias d'esta semana abrir o botequim á concurrencia dos amadores do theatro lyrico; porem seus contrarios ainda não convencidos com as razões por elles apresentadas, tratam somente de *cortar* a marcha precipitada dos seus soldados para afinal envolvel-os em *fogo* mortifero por todos os flancos.

—*Volint-volint.....*

O nosso proposito sempre foi reverter as mercadorias e o mais em proveito somente do *sinhorio* da casa, afim de que os *commanditarios—Pinto, João, (insolentes in re aliena)* não venham de qualquer forma desfructar o suor de quem trabalha para reivindicar seu direito.

Mãe e filho suppozeram, que declarada a guerra *ex abrupto* como foi, logo no primeiro recontro deporiamos as armas sem resistencia, mas enganaram-se... porque, armada assim como está a *cohorte viciosa* dos nossos inimigos, comtudo não deixamos de offerecer-lhe *batalha;* portanto, aquelles que tomaram a defeza de uma causa má, saibam tambem qual o programma que temos adoptado nesta *miseravel* questão.

Sabemos que mais um regimento armado de *falcão* faz parte do exercito inimigo, estimamos, porque mais renhida será a batalha.

—Capitão, uma carta amorosa, encontrada no portão de um seminario.

—Leia:

« —Pela primeira vez que escrevo-te não posso deixar de ficar perturbado pelo prazer immenso, que tenho de relacionar-me com quem tanto desejava, em virtude do grande amor que te consagro. Ha muito tempo que te peço para mandar ver as cartas em minha mão, e, ou por ingratidão ou por desdem, não tens querido mandar, o que muito me incommoda, porque, alem de não poder depositar um beijo nos teus delicados dedinhos, que vibram as harmoniosas cordas do teu piano; de mais a mais não podendo por meio de cartas manifestar-te os affectos amorosos que pullulam em meu coração. Desculpa-me de pela primeira vez tratar-te por tu, pois o meu amor não permitte que trate por V. Ex., por quanto V. Ex. só assenta nos ligeiros namo-

rados, e não em mim que te amo cordial e sinceramente.

«V. C. Ladeira da *molestia*.

«1870.»

—Aspirante João de Deus?

—Prompto.

—Quem é aquelle sujeito de cara de bolaxão e cabelleira lambida, que tão garboso vae estirando as pernas, apoiado n'uma bengalinha do unicornio?

—E' um celeberrimo bacharel formado em tratadas e velhacarias, devasso e infame, a quem appellidam as meretrizes de *yoyo do ceu*.

—Eu não me engano!

Muxingueiro, traze-me ja aquelle pedante impostor, que aquillo tem por força supprimento nos alforjes.

—Capitão, alguma novidade?

—E grande, meu patife.

V. ja não foi juiz na comarca de *Camisa grande?*

—Sim Sr.

—Então é V. mesmo o cujo.

Por ora deixarei no esquecimento tudo o que V. por la fez; quero agora tratar somente de um negocio.

Quando para aqui veio o Bellas, V. não foi offerecer-se-lhe?

—Sim, Sr., ja sei o que é. Eu lhe digo tudo.

Offereci-me ao homem e disse-lhe: Isto de defeza, bagatella. O Sr. o que deve fazer é dar-me quatro contos de reis, que eu vou á relação e compro uns quatro dezembargadores que lhe hão de necessariamente dar um *habeas-corpus*, e é o que se quer.

O tabareu sentiu a lancetada, mudou de cara e disse-me que ia consultar a seu correspondente,

O correspondente disse-lhe que nada havia de melhor.

A' vista do conselho do correspondente, o tabareu deu-me ordem para tirar no Banco os quatro continhos, o que fiz immediatamente.

Mas para melhor mostrar meu *desinteresse*, fui levar-lh'os e dizer-lhe: Si está arrependido, aqui os trago.

O homem notou aquelle meu rasgo, e entregou-me o dinheiro, certo de que mudaria de residencia.

—E V. mammou os cobres e nunca mais foi vel-o!

—Está claro! Quem é tollo para si pede a Deus que o mate e ao diabo que o leve.

—Que cynismo! que impudencia! que requintada safadez!

E V. não disse que ja tinha fallado com um seu parente que lhe garantira a *fiança*?

—E' o que dizem, mas eu não cahia nessa.

—Pois safado de um dardo has de receber o premio de teu torpe devorismo.

Muxingueiro, vae-te preparando que tens que te divertir com este infame *bacharel* e quando de cansado *suares*, o *Martins* grumete te substituirá.

—Sr. academico, pague os 10$ rs. da pobre cosinheira que tão gostosos petiscos lhe preparou para o Sr. regalar o seu apetite, e agora o Sr se esconde no forro da casa quando a rapariga vae receber o fructo de seu trabalho.

Pague, ande, marralheiro.

Não queira dar o trabalho ao muxingueiro de ir á rua dos Capitães pregar um grande cartaz com seu nome estampado.

—Capitão, na noite de 28 do passado presenciei um entremez debaixo do arvoredo do Terreiro.

—Melhor para V. que apreciou.

—Representavam os papeis um cabo de artilharia e um moleque escravo do D. Lima.

—E o que tem isso?

—E' que a policia não deve consentir que aquelles logares, destinados ao recreio publico, continuem a servir de palco de scenas semelhantes.

O patacho nac. D. *Jacintho*, cap. F. *de Jesus*, vindo de *Villas-más*, com *avarias*, seguiu para o Rio de Janeiro em 29 de setembro proximo passado com todo seu carregamento de *cynismo*, *seducções*, etc., por não poder reparar *suas avarias* n'este porto: consignatarios no Rio—*Lima Fonseca Xarope do bosque* & C., e na Bahia—*Thomaz* Beato *Jacintho* & C., rua de S. *José* dos *auspicios de Jerusalém*.

ANNUNCIOS.

Attenção.

Olympio Fernandes Gonsalves Bastos principia de hoje em diante, no seu deposito de massas, ao entrar a rua das Flores, a fornecer ao respeitavel publico pães de farinha fina a tres por 80 rs. e os afamados bolaxões da padaria de Santo Antonio da Mouraria, assim como tambem todos os mais generos que ali se vender é por menos preço de que em outra qualquer parte.

Na Calçada, botica do Gouveia precisa-se de um pratico bom.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª SABBADO 8 DE OUTUBRO. N. 702.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo toda sua attenção para o facto que se passa a expor.

Na quarta-feira, seria uma hora da tarde, chegou á porta da casa de asylo uma mulher, coberta de andrajos, creoula, de 25 a 30 annos; sendo repellida pelo administrador do asylo, em virtude de não trazer ordem de S. S. para ser admittida, deixou-se permanecer sentada na rua.

Horas depois, passando uma outra mulher, ao encaral a, pareceu reconhecel-a e começou a chorar e lastimar-se.

A curiosidade reuniu logo diversas pessoas e uma dessas perguntou á segunda personagem desta scena o que significava aquillo.

« —E' minha tia, senhor, respondeu.
« —Pois sua tia é mais moça que V.!
« —São cousas.
« —Mas o que tem ella?
« —Enlouqueceu.
« —Porque?
« —E' casada e morou na Matta de S. João. Chama-se Candida e o marido Izidoro. Por causa de maus tratos que lhe dava o marido, abandonou sua companhia e elle por vingança vendeu naquella localidade uma filha de nome Maria. Esse homem se acha em um logar chamado S. Sebastião trabalhando em terras de Lino Barbalho, alem desta pobresinha, ha um outro filho de nome Jeronimo que se acha com sorte quasi egual em poder do subdelegado do Giló.»

Si é exacto ou não o que narrou essa mulher, não se pode affirmar; mas o que é incontestavel é que o facto é d'aquelles que exigem toda solicitude da parte de S. S.

A pobre louca foi depois recolhida ao chamado asylo de mendigos por ordem do Sr. subdelegado da Sé.

—A formidavel trovoada que cahiu antehontem á noite sobre esta cidade, causou estragos bem sensiveis!

—E catastrophes lamentaveis!

Em S. Raymundo uma enteada do Sr. Raulino foi fulminada e uma menina ficou cega, e consta que enlouqueceu.

Um marinheiro de um dos vasos inglezes surtos no porto, que se achava de quarto, desappareceu.

—Desabou parte da torre da egreja da Victoria.

—Uma faisca electrica penetrou no quarto do dezembargador Bahia e causou estragos. Felizmeute n'aquella occasião tinha elle sahido para resar com sua familia.

—No largo do Papagaio, no alambique do Sr. Espinheira tambem penetrou uma faisca electrica causando varios estragos.

—O convento da Soledade soffreu alguns destroços.

—Muitas propriedades soffreram prejuizos; alguns muros e paredes abateram.

—Até o fogão da cosinha de bordo deste navio cahiu!....

—Foi tal o terror de que ficou possuida a população desta cidade, que, consta, os frades de S. Francisco chegaram a confessar-se uns aos outros, suppondo ser algum cataclysma.

—O Dr. juiz municipal da 2.ª vara, na sua audiencia de quinta feira, julgou improcedente a queixa que deu Francisco de Moura Rosa contra Aristides Ricardo, um dos impressores do periodico *Alabama*.

—Mas consta que elle vae appellar para o Sr. Dr. Mendes, juiz de direito, onde conta triumphar, porque diz ser o Dr. Mendes seu intimo amigo.

—Esperar não é desesperar, ☞ esperemos.

—O Sr. Elzeario Pinto, cavalheiro da imperial ordem da Roza, natural da provincia de Sergipe, acaba de publicar uma importantissima obra intitulada—*Emancipação dos es-*

cravos, a qual é offerecida, consagrada e dedicada ás sociedades maçonicas e abolicionistas do imperio.

Já fomos obsequiados pelo Sr. Elzeario com um exemplar dessa obra, e agradecemos ao mesmo Sr. a sua delicadeza.

—Este homem cahido aqui na rua ha tempo!

—Ja se foi buscar a padiola da Santa Casa para conduzil-o, mas ainda não chegou.

—Nem chegará tão cedo.

—Difficuldades por falta de conductores.

—A tal padiola serve tanto como se não existisse. Cahe um homem na rua; chega-se ao hospital e as charidades com seu risosinho amarello dizem:—vae ver conductor, padiola está ahi. Si é de dia, os pretos ganhadores, depois de muita repugnancia, querem saber quem paga e não dão um passo sem ver dinheiro; si é de noite nem ganhadores se encontra!

—E n'um caso de perigo vae-se a vida de um homem por causa da delonga.

—A Santa Casa para preencher seus fins humanitarios, devia ter serventes promptos para qualquer eventualidade repentina, afim de que os pobres, os miseraveis fossem de prompto soccorridos.

—E era assim d'antes, quando as charidades não eram as donatarias d'aquella casa.

—*Xará,* V. não sabe?

—O que é, *xará?*

—Diz que vae-se acabar com o *Alabama.* Que está uma folha muito desaccreditada. Está se fazendo um papel para se metter os homens de lá na cadeia.

—Quem foi que lhe disse, *xará?*

—Foi o *major.*

—Pois V. accredita no que diz um homem que jura por dinheiro?

—Capitão, quero fazer-lhe uma pergunta.

—E eu dar-lhe-hei uma resposta.

—A razão porque na extracção das loterias não ha de se deitar na urna das sortes tantos cartões quantos correspondam á quantidade de bilhetes?

—Estou que é para abreviar.

—Pois eu acho mau systema. Assim como na urna dos numeros deitam tres mil cartões, tambem na das sortes deviam deitar outros tres mil, entre brancos e premiados. Desta maneira, todos que comprassem bilhetes teriam o gosto de ver ler o seu numero, embora sahisse branco.

—Que gosto!

—Porem, ao menos, ficava na certeza de que o numero do bilhete que comprou estava dentro da urna. Pela maneira porque se faz a extracção das loterias parece que se quer forçar o accaso a proteger metade dos bilhetes; porque só se extrahe o numero delles correspondente ás sortes, ficando o resto na urna, o que muitas vezes ha de transtornar as vicissitudes da sorte, que é caprichosa.

—V. parece ter razão; mas deve se entender com o delegado que é quem pode fazer adoptar sua lembrança.

—Consta que o Sr. Fraga está bastante magoado com o *Alabama.*

—Não lhe sei a razão.

—Diz elle que é irmão da senhora da escrava que tem sido castigada.

—Então, tenha paciencia.

—Consta que dissera em uma loja á rua da Misericordia que havia de continuar a castigar a escrava e nenhum incommodo soffrer, porque é amigo do chefe de policia.

—Não duvido; mas é injustiça que faz ao caracter do digno magistrado.

—Mostrou-se bastante zangado e blaterou contra a tripolação.

—Pois olhe, o Sr. Fraga não tem razão de estamagar se, porque ninguem reprova mais os castigos rigorosos nos escravos alheios do que S. m.

—Sim, mas isso é com os que não são seus.

Cousa que ainda se não poude conhecer.

A sciencia humana, a intelligencia deste ser que Deus creou á sua imagem e semelhança, em seus vôos, tem prescrutado e até mesmo conhecido muitos segredos da natureza; tem penetrado aos escondrijos mais occultos do coração, e entrado no conhecimento dos reflexos das paixões que se refervem n'alma pelos traços do rosto. Em suas combinações tem o homem penetrado as sabias disposições de seu Deus, e bem ou mal, mais ou menos, julga havel-as comprehendido.

Mas, uma cousa ha que ainda até hoje não foi conhecida. Apezar de todos os esforços da sciencia, apezar de todo desejo humano, ninguem inda poude conhecer bem a esse ente, causa de todas as miserias humanas e de todas as desgraças do mundo—a Mulher.

Pelo riso que lhe florece nos labios, ninguem a julgará, pois que muitas vezes tem o o riso na face e a maldade adormecida no fundo do coração.

Pelo pranto que lhe escorre dos lindos e quebrados olhos, ninguem a conhecerá, por

que a mulher pode chorar no momento mesmo em que se ri interiormente.

Por seus afagos não pode ella ser julgada, porque seus affagos são os do crocodilho, são affagos de serpente que os faz para melhor morder e anniquillar.

Pela gratidão não, porque a mulher no momento mesmo em que recebe o benificio, retribúe com a mais perfida e negra trahição.

Por seus titulos de mãe, por suas ligações maternaes, não a poderás conhecer tambem, porque a mulher trahe muitas vezes infamemente ao pae de seus filhos, e esse titulo que aliás lhe devia ser tão poderoso, para ella nada é, e quando muito um brinco infantil de que se esquece, apenas outro homem lhe sorri

Por seus ternos carinhos não a julgarás ainda porque ella os redobrará quando mais estiver a trahir, ella os fará mais do que nunca quando necessitar que adormeçaes em vossa credulidade, porque ja tem o amante occulto junto de vós.

Por suas palavras finalmente não a conhecerás, porque essas palavras terão a doçura do mel, para envolver um engano, porque essas palavras serão escolhidas com arte, quando necessitar mais do trahir, de cravar a aguda setta do desprezo no coração miseravel que a amou, que se deixou imbahir em seus enganos.

Oh! a mulher jamais será reconhecida!

«Vinde, meu doce bem, vinde que a vossa amada vos esperará.»

Ardendo em magicas e embriagantes esperanças, vai o amante, e já a encontra nos braços de outro. Ja a vê entregue a outro amante feliz que desfructa aquelles agrados que so julgava seus. Vê.... e traz a raiva, e a morte no coração. Porque da mulher os seus caprichos ninguem os poude ainda conhecer.

«Eu morro de saudades por vós, meu querido esposo; não tardeis por mais tempo; reparae que os rigores da ausencia me matam.»

Assim escreve a mulher ao marido que definha de saudades em longes terras. Elle trabalha cem cessar, perde a saude e se cança para preparar nm futuro á esposa que ama e que julga fiel. Recebe o seu chamado cheio de respeito e o beija agradecido. Oh! ella escrevia-lhe um chamado de amizade, reclinada docemente nos braços de outro!

Quem jamais poderá conhecer a mulher? Debalde se cansará o homem, ella é sempre um composto variavel, e tão caprichoso como o mar que se enfurece e de repente se amansa.

«—Eu juro amar-te até a morte.»

Diz uma mulher em frente dos altares. Quem a visse tão linda, tão encantadora a jurar, diria verdadeiro seu juramento. Mas ella jura com os labios, em quanto com o coração levanta incensos e juramentos á outro; com o qual fugirá na primeira ocaasião.

Que valem juramentos de mulher, quando è demonstrado com toda a evidencia, que um dos defeitos de sua natureza, é poder ser constante?

Triste sorte é a do homem! Elle conhece que debaixo dos risos da mulher está a traição, e se embriaga com taes sorrisos. Elle sabe que a mulher é sempre falsa, e accredita em seus juramentos!

O homem é semelhante á borboleta enamorada da luz, que ainda queimando se, beija os pés ao objecto que o mata.

Jamais se conhecerá a mulher!

A PEDIDO

—Mulher, quero comprar uma destas cordas de peixe.

—Estão vendidas, meu senhor, ja recebi o dinheiro. O dono foi ao *Caes do Moreira*.

—Não tenho nada com isso. Venha o peixe e tome lá.

—Ainda que eu quizesse, não lhe posso dar por cinco tostões, porque ja vendi-as a dous crusados cada uma e estou com o dinheiro aqui.

—Não sabe que sou o *fiscal?*

—Por Nossa Senhora da *Conceição* não faça assim.

—Contente-se com isso.

.....

—Sra., as cordas de peixe que lhe comprei entregue a esta minha escrava.

—Ah, meu senhor, o fiscal chegou aqui e tomou-me uma á força, pelo preço que elle quiz.

O que havia de fazer? Só se me quizesse expor a uma multa quando elle vier da outra vez. Tenha paciencia; aqui tem o importe da corda de peixe.

—Esta é celebre!

Pois o fiscal tem voz activa na fazenda alheia para não só impor preço, como chamal-a á sua posse contra a vontade do dono!

Mas como é nesta terra, não admira.

—Capitão, Manuel Desiderio jogou com um individuo e ganhou-lhe 15$ rs.

Depois de 30 dias é Manuel Desiderio preso por uma simples queixa verbal do prejudicado.

—E' uma arbitrariedade, uma violencia contra a liberdade individual, uma infracção do aviso circular do ministerio da justiça de 2 de janeiro de 1862.

—Eu sou contra toda casta de oppressão. Gosto de ver a policia no encalço dos larapios e ratoneiros; mas tambem não quero que se pise a lei. No jogo, tão criminoso é o que ganha como o que perde; e não devem certos individuos ir arriscar o que é seu aos azares da sorte, para ao depois correrem para as authoridades.

—Uma authoridade severa deve escabrial-os para não terem cara-dura.

—Portanto entendo que o Sr. subdelegado do Pilar commetteu um abuso, um excesso, prendendo a Manuel Desiderio illegalmente.

—E tem V. toda razão.

Pede-se ao dono do hotel Garibaldi, na baixa do Bomfim, que deite uma lista do preço dos seus generos, afim de que quem lá for comer saiba logo quanto tem de pagar.

As quatro postas de peixe e tres garrafas de vinho por 15$ rs.

—Capitão, me faz um favor?

—Diga.

—Eu não sei como me explique.

—E eu não quero maçada.

—Mas minha tenção é saber si é comigo que se entende a carta amorosa publicada no *Alabama* n. 701.

—O Sr. é seminarista?

—Sim, Sr.

—Onde mora?

—Em uma ladeira desta cidade.

—Não tem nome?

—Depois que fiquei com *saude* me esqueci.

—Si é o Sr. um que costuma estar com um cachorrinho, defronte do 2.º andar....

—Basta, basta.

Adverte-se ao africano Aarão, morador na ladeira de Sant'Anna, para que contenha sua filha a não insultar a visinhança, porque pode lhe custar mais caro do que julga.

Agradecimento.

O abaixo assignado faltaria ao mais sagrado dos deveres si não viesse do alto da imprensa testemunhar o seu reconhecimeute ao commandante do batalhão denominado—*Liberdade,* pelo modo espontaneo porque o viera saudar na noite do dia 20 do corrente, quando na effervescencia do patriotismo festejava o acabamento da guerra.

Não podendo o abaixo asssignado tomar parte nos referidos festejos, por seu estado de molestia, recebeu essa demonstração como uma prova de consideração de seus concidadãos.

Artista, pobre, vivendo na obscuridade, lhe são por maneira gratas essas provas de apreço que lhe dão.

Agradecendo, pois, tão alta honra, o abaixo assignado confessa-se summamente grato á todos os que compozeram o referido batalhão da *Liberdade.*

Bahia 23 de setembro de 1870.

Antonio Olavo da França Guerra.

ANNUNCIOS.

Novidade.

Acostumado a receber favores dos meus amigos e affeiçoados, não só antes como depois do meu infortunio, e hoje livre da oppressão de quem quer que seja, venho do alto da imprensa solicitar dos que me estimam a sua protecção, concorrendo ao nosso estabelecimento novamente aberto á rua do Caes Dourado, sobrado, 1.º andar, defronte do destacamento da policia, com excellente vista para o mar, no qual estabelecimento encontrarão os visitantes tudo quanto desejarem de bom, agradavel, aceio e promptidão. O proprietario é bem conhecido, e as maneiras com que costuma tractar a todos quantos o honram não são ignoradas; appellando para o tempo em que teve café e vispora á baixa dos Sapateiros.

No sabbado 8 do corrente terá logar a inauguração. Temos nesse dia mocotó que será offerecido aos que se dignarem apparecer. Avante! Amadores do bilhar e vispora, excellentes vinhos e iguarias de todas as qualidades. Conto com a vossa coadjuvação. A vista faz fé.

No domingo ás 4 horas da madrugada haverá, no convento de S. Francisco, a festa da Devoção de N. S. da Boa Sorte, que se festeja ao Maciel de Cima: a mesma imagem será conduzida em procissão do Maciel ao mesmo convento pelas senhoras.

Attenção.

Olympio Fernandes Gonsalves Bastos principia de hoje em diante, no seu deposito de massas, ao entrar a rua das Flores, a fornecer ao respeitavel publico pães de farinha fina a tres por 80 rs. e os afamados bolaxões da padaria de Santo Antonio da Mouraria, assim como tambem todos os mais generos que ali se vender é por menos preço de que em outra qualquer parte.

A' baixa de Sapateiros. casa n. 9, se vende fubá de milho muito bom, a 7$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5$500 rs.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª QUARTA-FEIRA 12 DE OUTUBRO. N. 705.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que dê suas ordens, afim de que o homem da limpeza mande apanhar a immensa cisca-lhada existente na ladeira do Pau da Bandeira, porque o respectivo contracto não marcou aquelle logar para deposito de esterquilinios e materias fecaes, as quaes devem ser de grave incommodo aos narizes publicos e á saude dos moradores.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia da Sé, chamando sua attenção para o proceder irregular de uma escrava do Sr. Baraúna, morador á rua dos Capitães, a qual se prevalece, quando elle não está em casa, para insultar a visinhança.

Em vista do exposto, espera-se que S. S. providencie a respeito.

—Oh! que infernal algazarra!

—Promovida por quatro militares.

Creio que são cadetes de cavallaria.

—A' um delles ouvi chamar ex-tenente de voluntarios.

—Mas isso tem modo!

Arrombam uma porta ao pé da bibliotheca, entram por casa das filhas de Deus, quebram, destroçam, estragam e proferem mil obscenidades!

—Hoje é noite de sabbado, não tem duvida.

—Pode-se metter um prego pelos olhos de quem passa pela Estrada Nova á noite!

—Graças e louvores á companhia do gaz.

—Isso é que chama-se flautear com o publico!

Nunca vi assim, não!

—Paga-se impostos, dizem que existe illuminação e anda a gênte no meio das trevas!

—Só se vendo, que dito niñguem accredita.

Do arco para lá a illuminação só existe no nome.

—E' uma luz morta, baça e crepitante.

Eu quero comer fogo, si no tempo de azeite a claridade não era duas vezes mais.

—Ante-hontem, em uma casa na rua Direita de S. Pedro, ás oito e meia horas da noite, entrou um individuo com fins de procurar o que não tinha guardado, o qual foi encontrado na escada do sotão.

Esse individuo foi preso, e desculpa-se dizendo que tinha ido pedir esmola.

—Que larapio!

—Chegou hontem (10) á esta terra o Sr. barão de S. Lourenço.

—E hontem mesmo tomou posse.

—Veio com sêde de governar!

Teve recepção grandiloqua.

—O que faltou em concurrencia, sobrou em foguetes. Sem tirar nem pôr parecia uma festa em Santos, no Bomfim.

—Acompanhada de seu *Te-deum* á tarde e fogo de vistas á noite.

—Capitão, V. Ex. conhece o João da Cera?

—Pelo nome, não.

—Um sujeito que mora para a rua do Julião.

—Não sei; mas é o que não importa, si ha alguma cousa a tratar.

—Ouvi dizer que na sexta-feira esse individuo encontrando na loja de sua morada sentada uma pobre mulher a larrara de chicote descomedidamente.

—Cousa que pode bem accontecer sem que cause admiração; o que precisa saber-se é que providencias houveram.

—Nada.

—Está o que é revoltante. Que o fraco seja sempre o ludibrio do forte pela inercia dos executores da lei.

—Emfim, eu ainda não sei o que fará o subdelegado; nem tambem si o informante da noticia exagerou-a.

—Isto está o diabo!

O sujeito quer entrar na casa á força.

—Com a porta trancada?

—Mas elle faz esforços para arrombal-a.

—A porta está bem segura, tanto que ainda não cedeu a seus formidaveis embates.

—O que não serve é essa alluvião de nomes porcos.

—E esta matinada que sobresalta a visinhança.

—Que diabo de ajuste seria um que a mulher fez com o homem, e do qual elle agora queixa-se, taxando a de sem palavra e bandoleira?

—Elles lá é que sabem.

Ella que não abre, por alguma cousa é.

—Si o accaso encaminhasse os passos de um agente de policia para os lados deste becco do Tira-Chapeu!

— Ao menos seria testemunha desta scena edificante.

—Desde sabbado que cahiu um dos tampos do esgotador publico na ladeira da Misericordia, defronte da marcenaria do Sr. Cunha, e no emtanto que até hoje, n'uma ladeira tão transitada como é aquella, ainda não passou por ahi nenhum empregado da camara nem mesmo algum camarista que visse semelhante precipicio!

—No domingo á noite, si não é um coração caridoso que na occasião passava, quasi que um moço que descia a ladeira precipitadamente é absorvido por aquella bocca de *lobo!*

—A camara parece que está esperando que primeiro haja uma desgraça.

—E tudo em minha terra é assim; emquanto não cahir n'aquella *ratoeira* um cego, um ebrio, ou mesmo outra qualquer pessoa, não apparecem as providencias.

—Eu não sei o que entrou na cachola do *João Cospe-cospe* para andar hontem á noite bradando—cabeça de fogo está na terra!

—E V. dando apreço ao dito de um maluco!

—E' que as vezes os malucos sahem-se com cada uma!

—Ha uns vadios na rua do Julião que costumam deitar traques de massa e phosphoros nos trilhos, de maneira que quando passam os *bonds* sobre os traques e phosphoros produzem um bonito fogo de mosquetaria.

—Mas os burros devem se espantar com os estouros.

—Pulam fora do centro do trilho, dão coices, é um inferno.

—E os passageiros são os prejudicados com tal gracinha.

—Um capitão do 14 descompoz no domingo, na Praça do Palacio, ás 5 horas da tarde, á toda tripolação deste navio.

—A razão di so?

—Porque encontrou o sentinella dormindo.

—E que tem a tripolação do navio com isso para ser descomposta?

—Dizia elle que é por causa della que os soldados estão insubordinados desta maneira, e castigou o mandando ficar quatro horas de sentinella.

—Ora, elle que vá catar pulgas, não seja desfructavel!

—Essa gente da policia armada é toda uma joia de cordura.

Prendem á uma inoffensiva e idosa mulher, espancam-na sem motivo, e como o inspector de quarteirão os adverte do irregular procedimento, é trancafiado na guarda da repartição!

—Quando foi isso?

—Sexta feira á noite.

—Assim mesmo é que é bom; quanto peior melhor.

—Capitão, presta-me um momento de attenção?

—Dous e tres que queira.

—Acha-se presa na Correcção, como escrava e fugida, uma infeliz mulher.

—Desgraçada condição!

—Chama-se Izabel, e por longo tempo sua madrinha, que a baptisou como livre, disputou na Cachoeira a questão de sua liberdade, não tendo essa questão decisão final por falta de recursos da referida madrinha.

Izabel tem passado por uma successão de senhores, sem que se possa aqui ventilar da legalidade com que tem sido transferida de um para outro possuidor.

Vendida ultimamente, ausentou-se da casa do senhor, e andava por esta cidade como livre.

A final é presa e levada á Correcção.

—E então queria Vm. outra cousa?

—Mais um minuto de attenção, capitão.

O senhor de Izabel veio reclamal-a e apparecendo diversas pessoas pretendendo compral-a, consta que elle declarara que não a venderia sem primeiro leval-a para sua fazenda, onde na pessoa de Izabel ia dar um exemplo a todos os seus escravos para nunca mais fugirem.

—Que horrivel sorte a aguarda!

—A pessoa informante affirmou ter ouvido

o referido senhor pronunciar as sinistras palavras, com tudo pode não ser exacto.

—E agora Vm. o que pretende?

—Fazer um appello ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia para que aquella desgraçada não seja victima de inauditas torturas.

Por que apezar de crer que seu senhor não seja tão deshumano e barbaro que vá tracidar uma creatura sua semelhante por uma falta perdoavel, por que a natureza humana não pode refreiar o amor á liberdade, com tudo os muitos exemplos que se dão nesta cidade de actos de crueldade, á face das authoridades, fazem receiar pela sorte da misera fora das vistas dellas.

Que S. S. exija desse senhor documentos inconcussos que provem seu direito de posse e dominio, que mande ventilar si seu primitivo possuidor pagou á fazenda as respectivas taxas.

Tratando-se do caso de uma mulher sobre a qual ha duvida á respeito de sua verdadeira condição, é de crer que o integro Sr. Dr. chefe de policia, ha de ser severo e minucioso nas providencias.

—E fique certo d'isso.

—Capitão, veja que quadro de horror.

«DESGRAÇA SOBRE DESGRAÇA.

«O caso que vamos narrar foi-nos transmittido por pessoa de credito, e por isso o levamos ao conhecimento dos leitores, como uma fatalidade singular.

«Vivia em uma casa situada á uma das margens do rio Machado (Minas) uma familia composta de 5 individuos: marido, mulher e tres filhos. Era carreiro o dono da casa, e como tal sahiu um dia deste mez, com o filho mais velho, que teria cerca de 10 annos, a ajuntar na outra margem do rio os bois para carrear.

«No acto porem de jungil-os e de postal-os nos logares competentes, foi-lhe necessario dar algumas pauladas nos bois com a aguilhada, e acertando fatalmente uma pancada no craneo do filho este succumbiu immediatamente. Aos gritos angustiosos do pobre pae, acode a infeliz mãe, que, deixando á margem do rio a creança que amamentava, junto com o outro filho, tambem de tenra edade, atravessa desesperada uma pinguella. Mas ainda não tinha galgado o outro lado do rio, quando, ouvindo gritos, olha para traz e vê que o menino, que havia deixado na companhia da creancinha, tendo-a seguido pela mesma pinguella, perdera o equilibrio e cahira no rio.

«Corre a desgraçada a acudir áquelle novo e terrivel golpe, e, apezar dos esforços que podem suggerir ao amor maternal em semelhantes situações, só conseguiu tirar do fundo d'agua um cadaver.

«Ainda não pára aqui tanta infelicidade! Os dous consortes pareciam ter chegado ao cumulo do desespero na presença d'aquelle espectaculo pungente que lhes offereciam aos olhos os cadaveres de dous filhos queridos; carregam-nos e transpoem a pinguella com tão preciosos fardos... Mas... oh! horroroso! oh! medonho e tenebroso espectaculo!... Na outra margem só encontraram fragmentos do ultimo filho, do innocente que a desgraçada mãe amamentava, a quem os porcos acabavam de devorar!!!...

«Imagine o leitor agora a agonia daquelle pae e daquella mãe, em tão singular e horrivel transe!... Aquelle não hesitou um momento: corre á casa, pega de uma espingarda, applica-a ao ouvido e dispara, fazendo sahir a vida por um rombo que lhe atravessara o craneo a arma mortifera!

«Ao estampido do tiro corre aquella desgraçada esposa hallucinada, e tão horrivel era a sua dôr moral que cahiu exhausta e sem sentidos junto ao cadaver do infeliz marido...

«Ao outro dia via-se uma louca vagando á tôa pelas margens do rio, procurando com anceio novas do esposo e dos filhos de suas entranhas.

«Daquella desditosa familia só restava aquella louca!

«Altos juizos de Deus!»

—Capitão, será certo que na casa de asylo dos mendigos, á ladeira de S. Francisco, espanca-se os pobres em castigo de sahirem sem licença ou recolherem se tarde? E que ás vezes até atira se na rua os balaios e trouxas de roupas d'esses infelizes?

—Homem, não creio que se pratique semelhante barbaridade contra taes desgraçados.

—Mas, capitão, veja o motivo que me faz crer em semelhante atrocidade. Outro dia, uma escrava sahindo pela manhan cedo, encontrou uma pretinha cega, que se lastimava por se ter perdido no caminho, quando sahira da casa do asylo para ir fazer certa compra. Pedia a infeliz, chorando, que por charidade a levassem pará a dita casa, quando não, o *homem* havia de dar-lhe bordoadas por ella ter sahido. Então a escrava conduziu a pretinha para o asylo, onde não sei si com effeito soffreu o castigo que receiava da parte do *homem*.

—E que homem é este?

—Supponho, capitão, que é algum empregado da casa, que ali tambem exerce a profissão de algoz dessas pobres victimas.

—Si é assim, tem Vm. razão; eu tratarei

de dar as providencias, reclamando do Sr. Dr. chefe de policia a sua syndicancia á respeito.

A PEDIDO

—Brincavam duas crianças na rua dos Artistas: uma dellas era da casa do Sr. Primo e a outra da do Sr. Baldoino.

—As crianças no brinquedo em que estavam, acconteceu que a da casa do Sr. Baldoino mordesse a da casa do Sr. Primo.

—Brinquedos de meninos que, quasi sempre, são da especie dos brinquedos de cão com gato.

—Mas o Sr. Primo não pensou assim, e agarrou o menino da casa do Sr. Baldoino e deu-lhe tambem uma dentada no peito, a ponto de feril-o, e bastantes palmadas, porque entendeu ser desaforo haver mordido o outro.

—Coitadinho!

De maneira que si o Sr. Primo fosse passando por um cavallo e recebesse um couce, elle retribuia com outro.

Pois elle não viu logo que a criança não pensou no que fez?

—São cousas!

Vae a quem toca.

EPIGRAMMA.

Para clarear o assucar
O que faz o fabricante?
Lança-lhe um pouco de lama
Que o torna puro e brilhante.

Ao homem honesto, ao menos
Tal consideração valha;
—Que segundo a experiencia
Nem sempre a lama enxovalha.

No dia 9 (domingo) o subdelegado do Pilar fez sciente a Manuel Desiderio, por uma nota constitucional, de que elle se achava preso e ia ser processado por ter quebrado o termo de bem-viver, que tinha assignado perante aquella subdelegacia em 27 de agosto de 1869.

Na verdade, é de lastimar que o Sr. subdelegado Antonio Pinto da Silva, calcando aos pés a lei, massacre um cidadão em uma prisão que não tem fundamento na lei que nos rege, pois contra actos desta ordem protesta o aviso circular do ministerio da justiça de 2 de janeiro de 1862, porque admittindo-se a hypothese de ter Manuel Desiderio jogado, e por isso quebrado o termo, não sendo preso em flagrante delicto só podia ser preso depois de culpa formada.

Si isto é lei expressa da nossa legislação criminal, como se explica o facto do Sr. subdelegado, sem as formulas legaes, ir á casa do Desiderio e prendel-o, depois de 20 dias do improvisado jogo; portanto, pede-se a S. S. que reconsiderando em seu acto, seja mais prudente e circumspecto para outro que se ache em identicas circumstancias.

A victima.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

Em vista de não se ter podido reunir a assembléa geral para a discussão dos relatorios dos trimestres, o conselho da sociedade Monte-Pio dos Artifices resolveu declarar pelo presente, afim de que chegue ao conhecimento de todos os associados, que as suas pensionistas acham-se pagas até o mez de agosto. Bahia e sala das sessões 9 de outubro de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito.*

Na rua Direita de S. Bento, n. 16, existe uma moça bella, seductora, feiticeira, espirituosa e engraçada, que tem trinta contos de réis de dote, e procura para marido um rapaz bello e amavel. O individuo, pois, que tiver estas condições e desejar uma esposa como a mencionada, dirija-se á sua residencia para tratar desta negociata.

Novidade.

Acostumado a receber favores dos meus amigos e àffeiçoados, não só antes como depois do meu infortunio, e hoje livre da oppressão de quem quer que seja, venho do alto da imprensa solicitar dos que me estimam a sua protecção, concorrendo ao nosso estabelecimento novamente aberto á rua do Caes Dourado, sobrado, 1.º andar, defronte do destacamento da policia, com excellente vista para o mar, no qual estabelecimento encontrarão os visitantes tudo quanto desejarem de bom, agradavel, aceio e promptidão. O proprietario é bem conhecido, e as maneiras com que costuma tractar a todos quantos o honram não são ignoradas; appellando para o tempo em que teve café e vispora á baixa dos Sapateiros.

A inauguração teve logar no dia 8 do corrente. Todos os sabbados ha mocotó gratis que será offerecido aos que se dignarem apparecer. Avante! Amadores do bilhar e vispora, excellentes vinhos e iguarias de todas as qualidades. Conto com a vossa coadjuvação. A vista faz fé.

Macedo & C.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª SABBADO 15 DE OUTUBRO. Ns. 704—705.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que na rua do Tinguí ha um sobrado que, pelo seu estado de ruina se torna de urgente necessidade seja demolido, afim de evitar-se que de uma para outra hora desabe. As paredes desse velho edificio acham-se todas rachadas e cahindo aos pedaços. A' tempos foram arriados os fundos do mencionado sobrado, os quaes já não podiam se suster, ficando a frente prestes a vir a baixo e esmagar quem por ali transite, ou a visinhança que estiver mais proxima.

Em vista do que, pede-se a S. S. que quanto antes mande intimar ao proprietario para desarmar semelhante arapuca.

Portaria ao aspirante-pedestre João de Deus, ordenando-lhe que tome debaixo de suas vistas um certo individuo, funileiro, que seguindo o principio de que á noite todos os gatos são pardos, adoptou o arvoredo do Terreiro para á sombra delle pôr em pratica cousas que no publico não se podem fazer. Cumpra.

—A Veneravel Imagem do Senhor Bom Jesus dos Afflictos acha-se exposta á adoração dos fieis na capella de sua invocação.

—Esta noticia agrada-me.

—A irmandade que tem á seu cargo promover o culto ao mesmo Senhor, deliberou que a Sagrada Imagem ficasse no corpo da egreja até o dia 20, para que aquelles, que quizessem, lhe fossem render graças e louvores pelo termo da calamitosa guerra com que foi o povo flagellado.

—E como o povo, apezar da corrupção da epocha, é eminentemente religioso, ha de ir reverente aos pés do Senhor das Misericordias.

—Na quinta-feira teve logar no forum a accusação e defeza oral do processo *Moura Rosa*, instaurado contra o edictor responsavel deste periodico, pelo juizo municipal da 2.ª vara, e provavelmente será publicada, na segunda-feira, a sentença.

—Esperemos!

—Cães e mais cães!

Em toda a rua que se passa é a gente embaraçada por uma malta desses animaes ociosos e perdidos!

—Mas como nos açougues de S. Bento não ha. Si se tivesse de formar um batalhão de caxorros sem donos, bastava recrutal-os ahi.

—E os fiscaes que teem obrigação não se importam que o publico esteja exposto aos terriveis dentes caninos!

—Pelas almas!

Que duas estabanadas!

—Não invoque as almas que hoje não é mais segunda-feira; ainda ha pouco acabou de dar meia noite.

—Estão aquellas duas desesperadas desde a ladeira de S. Francisco a se esbordoar!

—Ha mais de uma hora que brigam!

—Parecem gallos; retiram-se e depois de um tiroteio de palavras, tornam a investir, e sempre a que apanha mais—é a que avança!

—Ja fui accommodal-as tres vezes, e as *perdidas* não me attendem. Vem alli dous soldados de policia; vou chamal-os.

«Camaradas, vejam aquellas duas mulheres como estão a se esbandalhar; vão apartal-as.

«—O que tenho eu com isso? Ja deu meia noite; vou com muita pressa e não posso demorar-me.»

—Mas este *chá!*

De maneira que a policia passa n'uma rua, vê o silencio publico perturbado por duas mulheres que se espancam e vae andando por que não tem nada com isso!

—No mesmo caso está, se encontrasse se esfaqueando um homem!

—Capitão, circumspecção e gravidade de uma authoridade.

—Ora vamos lá.

—Estamos na sala das audiencias de um subdelegado; trata-se de um caso de desvirginamento; uma moça é interrogada; a natureza do facto, a multidão de vistas sobre ella, faz-lhe enrubecer as faces; envergonhada curva a cabeça e não responde.

A prudente authoridade perde a paciencia e brada exasperada:

«—V. agora não quer responder; não havia de ser assim quando.....»

O resto, a lingoa prende se-me e eu não posso pronunciar.

—Faço ideia.

—E depois articulou um palavreado, uma algaravia, que só elle entende—de tomar mecha, metter mecha, tirar mecha, etc;

—Tambem fazem de qualqner criançola authoridade e querem que ellas sejam os *pilares* onde se baseie a lei!

—Pois até na casa de Correcção ha preferencias!

—Preferencias como?

—Uns podem entrar á toda hora e outros não.

—Engano seu.

—Uma cousa que se passou commigo.

Tive de lá ir, não me consentiram entrar, ao passo que vi outros do lado de dentro.

—O Custodio é quem pode lhe informar á respeito.

—Capitão, eu queria contar um facto, mas estou indiciso.

—Ha compromettimento?

—Não sei si será d'aquelles comprehendidos na ordem dos factos de vida privada.

—De vagar com a louça.

—Um marido que esbordoou a mulher.

—Cousa de portas á dentro?

—Sim e não. Começou em casa e acabou na rua.

—Parece que não é.

—Então eu digo.

Foi o *João Bocorio* que tomou uma bebedeira, comprou um junco e lavrou a pobre senhora de chibata, a qual correu pedindo soccorro e o desalmado atraz maltratando-a.

—Talvez haja quem diga que isso é fallar da vida alheia, mas eu entendo que não, logo que o acto foi publico.

—E até porque é preciso um correctivo ao tal *João Bocorio,* para emendar-se e não continuar a maltractar sua chara metade.

—Quanta barbaridade!

E' preciso não ser humano para se castigar um escravo d'aquella maneira!

Veja como está aquella creoula com um olho inchado e disforme!

—E o corpo todo cheio de escoriações!

—Tristissima é a condição do escravo!

—Como se chama esta desgraçada mulher?

—Lucinda.

—Infeliz!

E ha ainda, homens que sejam apologistas da escravidão, diante de um quadro tão triste e repugnante como este e outros muitos, que presenciamos todos os dias.

«—Venha cá, camarada, pegue aqui na cruz!

«—Sr. vigario, eu sou soldado, nunca fui sachristão.

«—Patife! não sabes que foi na cruz que Christo padeceu?

«—Sei, Sr. vigario, mas tenho o que fazer e não posso acompanhar a procissão.

«—Pegue na cruz, veja que eu sou um vigario, e por conseguinte seu superior.»

—O que quer isso dizer?

—E' o *vigario* que quer por força que um soldado do 14 acompanhe a procissão, e entende dever trazer á frente a sua superioridade.

—E elle trazendo a superioridade julga tirar uma *victoria* com o soldado, não?

—Eu estou que o vigario faz isso por *graça,* porque a egreja não tem nada com a milicia, embora ella seja militante; entendo que os soldados não estão sujeitos ás ordens e nem aos insultos de um vigario.

Não queremos soldados indisciplinados, não; queremos que tenham disciplina, que obedeçam aos seus superiores, que sejam punidos quando merecerem; mas que a punição seja em regra, segundo as leis militares; do contrario clamaremos contra o arbitrio em alto-e bom som!

—Muito bem! muito bem!

—Capitão, cahiu ante-hontem um crioulinho dentro da ratoeira da ladeira da Misericordia, o qual ficou bastante maltratado.

—Já clamamos contra aquella bocca de *lobo,* mas a camara ainda até hoje não a mandou tapar.

—Nesta terra tudo é assim; emquanto não se dá uma desgraça a lastimar-se, não se remedeia o mal.

—Foi intimado, na quinta-feira, o Sr. Aristides Ricardo, por um mandado passado no cartorio do escrivão Fialho, para pagar a quantia de cento e dous mil e oitenta réis, de custas do processo contra o mesmo instaurado, como um dos impressores do periodico

Alabama, o qual foi julgado improcedente pelo juiz municipal da 2.ª vara, sob pena de serem penhorados todos os seus bens, si não realisar este pagamento em vinte e quatro horas.

—Homem, essa é boa. Pois o juiz julgou improcedente a queixa contra o accusado, e condemnou-o nas custas?

—Tambem não sei como foi arranjado este par de bottas.

—Vejamos o resultado.

Quem não gosta de dinheiro?

Nasce o homem: si é de gente *pobre*, vive embrulhado nos trapos; si é rico, é mettido em finas cambraias.

Si é pobre, vive no chão, de *gatinhas;* si é rico, vive encarapitado no collo da melhor ama.

Si é pobre, baptisa-se pobremente; si é rico, tem musica no baptisado, o padre paramenta-se melhor, tem convidados e curiosos, e até os padrinhos dão ricos presentes aos afilhados.

Si é pobre, todos mesmo em pequeno, o acham feio; si é rico, todos lhe pegam ao collo, festejam n'o, acham-lhe graças nas travessuras, dão-lhe doces e dizem:

—Que criança tão linda!

Si é pobre, aprende ás vezes primeiras lettras, e chupa na escola boas dózes de palma toadas; si é rico, aprende o que deseja, e os professores tratam-n'o com distincção.

Si é pobre, vae ser caixeiro por favor, official de officio ou moço de recados; si é rico, vae estudar e ser doutor, e acha-se até habilitado para ser negociante, querendo, porque não lhe falta credito.

Si é pobre, embora estude e tenha intelligencia, não passa de um *quidam*, e custa-lhe alcançar a carta; si é rico, tudo alcança facilmente e todos lhe encontram prestimo e talento.

Si é pobre, ainda que seja trabalhador, honesto e economico, chamam-lhe de usurario, de *fura bolo*, e andam sempre desconfiados que não mude; si é rico, pode ser velhaco, que não falta quem nelle tenha confiança, emprestando-lhe o que precisa.

Si é pobre, embora tenha bons bigodes, as moças e os paes de familia sorriem-lhe por compaixão; si é rico, não lhe faltam vantagens para um casamento escolhido a seu gosto.

Si é pobre, está sujeito á servir á patria de bayoneta e mochila, não lhe faltando castigos e mais cousas... Si é rico, embora seja um *maricas*, alcança sem custo todas as dispensas precisas, e pode usar de espada e dragonas.

Si é pobre, vive feito burro de carga, em que todos montam á vontade; si é rico, é elle quem monta nos outros quando lhe apraz.

Si é pobre, embora tenha razão quando briga, raramente lhe fazem ou dão justiça; si é rico, não lhe faltam advogados nem solicitadores, porque a lei tem muitos recursos e o dinheiro tem todos os recursos para a lei.

Si é pobre, só tem as vistas nos credores que o não deixam; si é rico, não lhe faltam convidados, nem amigos.

Si é pobre, o alfaiate demora-lhe com o fato, e o sapateiro com o calçado; si é rico, todos lhe apromptam as encommendas, esmerando-se em servil-o a seu gosto.

Si é pobre, não passa de um *ninguem*, de quem se não occupam, nem agiotas, nem os ministros, nem as gazetas; si é rico, os agiotas procuram-n'o, as gazetas nomeam-n'o, os ministros fazem-lhe venias, e ás duas por tres arranjam-lhe um titulo de fidalgo.

Si é pobre, custa dar-se-lhe uma esmola para sua subsistencia; si é rico, tem mesa lauta em toda parte, boa hospedagem, e assignam quantas subscripções se apresentem.

Si é pobre, o medico demora-se na sua doença, e o boticario custa apromptar-lhe a receita; si é rico, o medico vae visital-o com preferencia, e o boticario abre-lhe a porta á qualquer hora da noite.

Si é pobre, não passa de um automato no tempo das eleições; si é rico, pode aspirar a ser eleitor, deputado ou ministro, porque tem todo o direito na força, e acha-se-lhe o merito para tudo.

Si é pobre, em morrendo vae para o cemiterio como fazenda enfardada, o padre resmunga de mau grado um certo responso e o acompanhamento é diminuto; si é rico, todos o acompanham com tochas, tem musica, ás vezes officio de corpo presente, e as casacas não se importam de apanhar chuva, os poetas, e prosadores fazem-lhe versos e discursos, e os jornaes não se esquecem da necrologia, narrando as boas qualidades do defunto.

Si é pobre, é atirado em qualquer canto do cemiterio, sem ceremonias nem lamentações; si é rico, todos o acompanham ao cemiterio, fazem lhe mausoleus com epitaphios dourados, e os parentes recebem os *pesames* dos amigos e indifferentes.

Si é pobre é calcado na pobre terra como um pobre diabo pelo coveiro; si é rico, quasi sempre tem um *carneiro*, e todos lhe dizem: *Requiescat in pace*.

Si é pobre, morre na lembrança de todos; si é rico, todos vão á missa do septimo dia,

ás vezes dizem vinte e trinta por seu respeito, e no anniversario de sua morte ainda apparecem elogios ao finado, acompanhados de saudosas preces.

Quem haverá pois que não goste do dinheiro! Para que todos o gozem depois de morto?

A PEDIDO

—Porque insulta V. assim esta mulher que não lhe offendeu?

—E o Sr. quer tomar *opposição?*

—Julga que é gado sem pastor?

—Sem duvida ella é alguma princeza de *Agomè*?

—Aqui está o que é a policia desta terra!

A mulher vae pacificamente seu caminho, com uma bandeja de comida que vae levar a seu amo; o Sr. tira-se de seus cuidados, sahe do destacamento, acompanha-a, dirigindo-lhe estupidas graças, e como não obtem resposta, passa aos insultos e põe-na de besta, vacca, mula, e outros nomes que a decencia não permitte! Respondesse ella e o Sr. havia de querer prendel-a, e espancava a logo!

— O Sr. não quer não,

—E tenha-se confiança na força publica, quando ella é composta de individuos de sua laia.

Gente que compra desordem!

Depois que veio destacamento para o Caes Dourado, a policia é a primeira amotinadora deste logar.

Hoje é quinta-feira, si não fosse noite, ia já ao *Alabama*.

—Tambem é o que me pode fazer.

Em casa do africano Samoelo, morador na rua da *herva que mata peixe,* existem dous rapandorios que são guardas, *não são nada* do batalhão oitavado.

Esses finos tratantorios divertem-se á noite em andar arranjando caibros, telhas e tijollos pelas obras alheias.

São tambem amestrados desinquietadores da criação dos outros, e por esse mau costume andam sempre visitando os poleiros alheios: quando acham alguma ovelha desgarrada tambem não dispensam.

Um pelo nome de baptismo chama-se *João*, mas é appellidado por *Sant'Anna;* motivo por que, ignora-se; e o outro é chará do primeiro, porem aqui o distinguiremos por *Vicente* para não ser dous Joãos.

A policia ha pouco segurou um delles, mas como larapio sempre tem uma desculpa á que se apegue, foi o motivo porque dias depois estava solto.

Os taes sobreditos cujos são de mais a mais suspeitos, porque não se dão á rol, nem o inspector os conhece.

Sant'Anna ha dias desappareceu; anda talvez á cata de cousa melhor.

Será bom que tomem sentido com Vicente, antes que faça alguma e se enxote para o mundo.

—*Seis dedos,* venha cá!

—Uh! o raio me cahiu hoje em casa?

—Ha muito que V. devia esperar por isso.

—Sem eu dar motivo?

—Não venha com simplicidades. V. não é nenhum innocente.

—Sr., eu corro a mão em minha consciencia e nada encontro que me accuse.

—Ha tanta cousa!

Mas agora fica tudo de parte e só se trata de um ponto.

—V. Ex. terá a bondade de dizer.

—V. não corrige sua casa.

—Eu?

—Sim. Consente que ultrajem a visinhança.

Insultam, fazem accenos, dirigem pasquins, e provocam.

Muita bandalheira impropria de gente séria.

—Parece impossivel! Eu não sei disso.

—Não sabe! Pois eu acho mau indicio o dono de uma casa que não sabe o que se passa dentro della; e por isso lhe aconselho que trate de orientar-se e exemplar.

—Sr., vou fazer isso.

—Adeus, passe bem.

—Capitão, ás ordens de V. Ex.

—Pretendia alguma cousa?

—Fallar a V. Ex.

—Aqui me tem á sua disposição.

—Tenho de reclamar uma providencia.

—De mim?

—De V. Ex.

—E' dizer.

—Moro no Caes Dourado, e estou cançado de soffrer.

—O que é que o incommoda?

—Pedradas, Sr.

—A tal respeito não se trata commigo; recorra ás authoridades.

—Eu tenho convicção que a authoridade mais efficaz para casos como o meu, é a de V. Ex.

—Si o Sr. pensa assim....

—Permitta V. Ex. que eu exponha.

Moro do lado de terra e como sabe as habitações deitam os fundos para a ribanceira.

A cada hora tremo por uma desgraça: principalmente com a casa cheia de crianças, que a qualquer momento estão da parte de fora.

Além do immenso prejuizo que soffro, com o que é meu estragado e o telhado esburacado.

—Então jogam lhe pedradas?

—E cada pedaço de pedra!

Ha gente de coração tão mal-fazejo que diverte-se em fazer damno a seu proximo, por maneira que corra perigo a existencia alheia!

As pedras vão cahir na cosinha e não ha utensil que se conserve.

No pateo não se pode deixar nada, que fique inteiro.

—Que espirito de maldade!

O Sr. sabe d'onde partem as pedras?

—Da casa de umas *moças* parochianas da Rua do Paço, as quaes tomam por norma proceder muito diverso do que lhes deve ensinar o seu *vigario*, que segundo me consta, é um sacerdote que não faz mal a ninguem.

—E eu creio.

—Veja V. Ex. si não é para pôr um homem desasocegado.

—Realmente é.

—Não vendo meio mais adequado que pozesse um paradeiro ao que soffro, recorro a V. Ex.

—Achava bom que o Sr. fosse á dita casa e pedisse por maneiras—que não continuassem.

—E si ellas persistirem, firmes como *rocha*, em me fazer mal?

—Nesse caso testemunhe e syndique si a malvadeza parte de algum aggregado ou das proprias moças.

—Creio que de todos; uma das taes *vi-a na* janella em uma manhan fazendo menção de atirar.

—Pois eu vou mandar o aspirante advertil-as e veremos.

—E eu ficarei agradecido a V. Ex.

Sr. redactor.—Procurando em seu jornal de 6 do cerrente a continuação d'um artigo de seu n. 697 de 21 proximo passado, deparei com um trecho, o qual não posso deixar que passe sem um solemne *protesto*, pois não adoro só o sol no nascente.

Diz esse numero que o advogado J. V. de Carvalho em uma accusação que fazia ao jornal *Alabama*, em pleno tribunal escapara-lhe a expressão de que o vapor *Alabama* era um pirata—erro grosseiro e funesto; assim como engana-se V. se pensa que elle era inimigo da liberdade: este vapor era uma maquina de guerra de uma nação que pugnou heroicamente pela sua liberdade contra esta centralisação de que todos os povos se queixam, e só á força bruta teve de ceder. Si vencesse, Jefferson Davis seria um outro Washington; como foi vencido é um rebelde, e até estamos certos de que o *honrado* advogado não hesitaria escrever qualquer papel ou fazer-lhe mesmo uma apologia em seu favor—assim é este mundo!

Si julga que o jornal *Alabama* o accusa de graves faltas defenda-se, e o meio é este: si fôr falso convença o publico do contrario, como nós agora fazemos; si é verdade emende-se, que o arrependimento assegura a mudança; e si nem uma nem outra cousa pode fazer resigne se, pois não é sinão uma repetição lembrando o que já se tem escripto muitas vezes, e o publico se lembra de nossas faltas, quando nós dellas nos esquecemos; mas não procure manchar aquelles que nenhum PREJUIZO lhe deram, cujos altos feitos estão gravados com celebridade na historia, zombando por annos de uma das mais formidaveis esquadras que uma nação já teve, e cujas immorredouras paginas não estão ao arbitrio d' um advogado *in extremis* apagal-as.

Os Estados do Norte arbitrariamente capturaram, por intermedio de seus agentes consulares, os navios que pertenciam aos Estados do Sul, até dentro dos portos neutros; estes, em represalia, armaram o *Alabama, Florida, Georgia* e *Stonewall*, para fazerem no mar o que não podiam fazer nos portos.

O vapor *Alabama* não era um pirata, nem mesmo o nome de *corsario* lhe pode ser applicado, era, como se pode chamar, um navio de guerra d'uma nação reconhecida belligerante, embora ainda não estivesse reconhecida independente.

Tanto mais não era um pirata, que sendo estes condemnados por todas as nações, o vapor *Alabama* tinha entrada franca em todos os portos do mundo civilisado, sendo muitas vezes recebido com ovações e obsequiada sua officialidade, como até o foi em nosso porto.

E' preciso ignorar o que se diz, ou o que é um pirata, para chamar a este vapor pirata. Piratas são os que roubam, e matam, *de qualquer forma*, para roubar tudo quanto encontram, ou para qualquer outro fim sinistro, como o advogado não ignora, e o *Alabama* contentava-se em destruir os navios inimigos, como qualquer outra maquina de guerra, poupando até aquelles á cujo bordo trazia carregamentos pertencentes á neutros, sob *letras de risco* do valor destes, pagaveis depois da guerra, não se servindo de nada d'elles, à excepção de mantimentos de bocca, isto por força maior, até porque tinha que sustentar seus tripolantes cujas vidas respeitavam.

Curiosidade.

Poderá o Sr. Luiz Everaldino de Goes. Tou-

rinho agenciar o encarregar-se do causas no forum?

Já estará o digno procurador desembaraçado de certas complicancias com que andou, aqui ha tempos, atrapalhado?

O espolio dos orphãos.

Motte.

Quem quer bem, dá bordoada.

GLOSA.

Por que rasão, minho flor,
Te zangas comigo assim?
Dize, quando terão fim
Teus caprichos, teu rigor?
Minh'alma, querido amor,
Só por ti vive abrazada,
E se alguma trovoada
Sustentas com vento em proa,
E' por que.... ora essa é boa
Quem quer bem, dá bordoada.

—Moço, por Santo *Antonio,* pague os cobres do aluguel do sotão.

Si isso pode *ser queira* V. mesmo julgar, Sr. *Aguiar*. Não pagar o que deve e insultar o credor!

Tratantices d'um escamoteador.

1.ª

O Sr. L. E. G. T.,—deve—á J. F S. R.

1857 março	—Dinheiro que recebeu para a conclusão dos autos do fallecido J. A. F. B. e que nada fez.....	100$000
»	Dinheiro que na mesma occasião recebeu para recolher ao cofre de orphãos e que o não fez.....	100$000
»	Julho—Dinheiro mais que recebeu.....	80$000

Uma serie de tratantadas desta insigne ave de rapina irá sendo publicada.

Tenho medo,

Quando vejo na janella
Moça linda o dia inteiro,
Olhar de um lado e do outro
E cortejar o cavalleiro
Que vae passando.

Tenho medo,
Quando a mulher desdenhosa
Se faz mansa como cêra,
Dá bolinhos ao marido
Que para elle fizera
Com manteiga.

Tenho medo,
Quando o moço que é peralta,
Que passeia, que namora,
Vem p'ra casa e como um santo
Os velhos peccados chora
Arrependido.....

Tenho medo,
Quando a mulher que é formosa
Que ainda é moça prendada
Que no baile que hontem houve
Dansou a walsa pulada
Tão gentil,

Diz adeus á camarada
Deixa o mundo, deixa a vida
Se retira p'ra o convento
Tão depressa convertida
E vae rezar....

Tenho medo,
Quando o pedestre recusa
Dinheiro p'ra dar pancadas,
E diz que pode levar
Não sei quantas chibatadas
No costado.

Tenho medo,
Quando vejo muita esmola,
Muita verdade e virtude
Tenho medo e desconfio
Que em bordoadas se mude
Tal mysterio.

A' B.

Senhor estudante
Da academia,
Não bula na gata
Sinão ella mia.

Ja são *duas horas*
Va ver sua bella,
Da *rua* por *baixo*,
Que está na janella.

Mas tome sentido,
Não minta assim, não,
Porque—seus *engenhos*
Ja sabe quaes são.

R.

VARIEDADES.

O talento de João-sinho.

Moça pobre que se casa é sorte grande tirada por ella e pelos pais.

Julião e sua esposa que viviam fazendo prodigios de economia na vida intima, para simular certa abastança aos olhos da sociedade, casavam emfim a sua querida Paulina, cuja educação lhes custara sacrificios enormes.

Mas tambem que educação!

Paulina fallava francez, tocava piano, valsava noutes inteiras, desenhava, mostra no mappa mundi as cinco partes do mundo e era tão leviana como sonsa.

E emfim ia casar-se com um negociante bem apatacado.

Só faltava o pedido ceremonioso da mão de Paulina, e o Sr. Bonifacio tinha pedido dia e hora para sua visita.

Julião e sua esposa estavam na sala com Paulina e João-sinho á espera de Bonifacio.

João-sinho é irmão de Paulina, tem dez annos, e no dizer dos paes é uma estupenda maravilha de viveza e de talento; por tanto malcreado, como elle só.

Bonifacio chegou; figura ter trinta annos, é serio, de agradavel apparencia, e adora Paulina.

Depois de breves cumprimentos, foi feito o pedido de casamento, e com permissão de seus pais Paulina deixou cahir o—sim—das pontas dos labios, toda cheia de interessante confusão e pejo virginal.

Marcou-se o dia do hymeneu, conversou-se meia hora sobre as prendas da noiva e sobre o talento de João-sinho, e finalmente Bonifacio levantou-se para sahir.

A futura sogra quiz encantar o futuro genro, e, ao vel-o na despedida beijar a mão de Paulina, disse:

—Menina!... deves dar o primeiro beijo a teu noivo...

E accrescentou:

—Beijem-se...

Mas Paulina recusou tremula e com as faces como duas rosas.

Bonifacio respeitou-lhe o pudor, e apertando-lhe ambas as mãos, curvou-se e beijou-as.

—Perdôe-lhe, diz Julião; Paulina é muito vergonhosa!...

—Vergonhosa?... exclamou João-sinho a rir; isso é aqui á vista da gente: e hontem á noute ella era vergonhosa, quando a apanhei na escada a dar beijos ao primo Xico?...

. . . . . .

Paulina perdeu o casamento com Bonifacio por causa do maravilhoso talento do João-sinho.

Um homem distrahido.

O Sr. Silvestre é um moço de seus vinte e cinco annos, não é feio de todo, goza de boa reputação pela visinhança, (o que é de grande vantagem) é solteiro e empregado em uma repartição publica.

Apesar de todas essas boas qualidades tem o Sr. Silvestre um grande defeito: a *distracção;* o nosso homem só se não esquece da repartição—effeito do habito.

O costume de sahir de casa ás oito horas e voltar ás tres, tornou-se tão machinal no Sr. Silvestre, que muitas vezes ao domingo sahe de casa ás horas do costume e só se lembra de que é domingo quando acha a porta da repartição fechada.

Entre outros casos de distracção que se contam do Sr. Silvestre, estes são os mais notaveis pela sua singularidade.

Um dia sahe o nosso homem de casa e encontra á porta um cego que lhe pede esmola; aperta lhe a mão, dizendo:

—Oh! Como vae?... e continua seu caminho.

Outro dia ia visitar um amigo, e ao despedir-se apanha um chinello em logar da luva, que deixara cahir e mette o no bolso.

Um destes dias tendo de fazer uma visita á uma familia, sahe o Sr. Silvestre de casa e dirige-se para a rua em que esta morava· mas erra no numero e entra em casa de um carvoeiro que por infelicidade não se achava presente na occasião.

O Sr. Silvestre senta-se diante de um gato, que deitado sobre um mocho dormia com toda a calma de uma consciencia pura como são as de todos os gatos e começa:

—Como vae D. F... desde aquelle dia em que estivemos juntos na chacara do Sr. B... nunca mais tive o prazer de vel-a; sua familia goza de saude, não?... Seu marido disse-me que a sua menina estava um pouco incommodada... mas isso ha de ser passageiro! olhe, trate-a homœopathicamente... está provado que a homœopathia deve ser preferida á allopathia.

E assim continuou o Sr. Silvestre, até que o gato, não sabemos si por causa da posição em que estava, ou si por ver se interrompido no seu *dolce far niente* pelo brusco visitante, deu um formidavel mio, ao que logo redarguiu o Sr. Silvestre:

—Desculpe-me D. F... mas não posso acceder ao seu pedido; prometti hoje a um amigo ir jantar com elle e creia que muito sinto; peço-lhe por isso milhares de desculpas.

E tomando o chapeu, retira-se o Sr. Silvestre, convicto de que havia cumprido o seu dever.

S. de S.

—Transcrevemos em seguida uma carta de nhô José Quito á sua prima, para que os nossos leitores julguem do estylo e da sem ceremonia com que os nossos sertanejos fazem suas declarações de amor.

«Ill.ma Snr.a Dona m.a prima ninha.

Sitio grd.e meiado deste meio de Juio de mil 869.

Nha prima só eide estimá muito que mecê e tudo a nossa parentaria lá da prasa esteja boa se deos nosso sinhô quizer tambem tiu Zuzima e prima Pulinaria. Nhorsim nha prima da minha arma, eu escrevo este bem atordoado de amor de amizade que eu confesso que sinto para sua pessoa de vancê des que eu tive a frecidade de le avistá de lonje na fistividade de tiu Xico Miano, porque eu digo mesmo de verdade não é porvancê sê minha parenta da decendença de nossa geração, vancê é frô que bota terra emtodas as mossa aqui do bairo principalmente quando vancê seserre que a mostra uma dentucia ainda mais arva que a do cachorrinho ferputo de comadre Quiteria—Nha prima depois que vancê se aretirou do sitio eu fiquei tristi e desinxavido como um caxorro loco e até não tinha vontade de cigarrá prensipalmente quando vancê estava no terreiro amontando no cavallo baio de nho Pai pra vin zimbora pra praça ahi é que vancê havera vê! nem tive animo de le ver inxergá por de trais! corrir num pulo me escundi na trocceira de bananna da terra que tem perto da cuzinha amão direita passei la na sobredita toseira des odia inteira xorando como uma xuva e com o corasão arripiado de saudade que mecê não é capais de fazer um comeração até quando nhamãi grande mé xamou par cardeiá eu não quiz comê nada porque estava com nó de amizade no pescoso que nem ofeijão podia rodá para baxo foi entonce que nhô Pai se persebeu que eu gostava de vancê e então me disse que se eu havia andá assim tudo dia xurimingando como o dianho mior séria que eu me grudasse com vancê em matrimonio verbá comforme dise o padre vigario a gora vancê já vê o que elle me disse a respetivo de nois dois com voncê poriso le pratisipo para nha prima vê se tópa segrudá comigo eu promim le declaro que tópo.

Sem mais buia sou de vancê primo amurudo—*José Quito.*

Para casar-se não é preciso sempre ter muita coragem; onde ella é muito necessaria, é para se conservar casado. Casando-se, espera-se; uma vez casado, começa-se a desesperar, e quanto mais se interna nas veredas do casamento, mais o desespero cresce.

O fim do casamento é a felicidade, esta só se encontra no lar domestico; mas aqui so pode ella existir pelo casamento. Se actualmente a felicidade existe poucas vezes no seio do casamento, é porque sua organisação não está ainda em harmonia com o direito.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

Em vista de não se ter podido reunir a assembléa geral para a discussão dos relatorios dos trimestres, o conselho da sociedade Monte-Pio dos Artifices resolveu declarar pelo presente, afim de que chegue ao conhecimento de todos os associados, que as suas pensionistas acham-se pagas até o mez de agosto. Bahia e sala das sessões 9 de outubro de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito.*

Festividade.

Amanhan terá logar na egreja dos religiosos franciscanos, pelas 8 horas, a missa que manda celebrar a Devoção de Nossa Senhora dos Artistas, e depois sahirá a imagem em procissão atè á rua das Larangeiras, onde se depositará em seu respectivo throno.

Os devotos esperam a concurrencia do respeitavel publico.

Na tulha de Amancio Luiz da França, defronte da egreja d'Ajuda, vende se farinha, milho, feijão, tapioca, gaz, charutos, tudo de primeira qualidade e por preço commodo.

Novidade.

Acostumado a receber favores dos meus amigos e affeiçoados, não só antes como depois do meu infortunio, e hoje livre da oppressão de quem quer que seja, venho do alto da imprensa solicitar dos que me estimam a sua protecção, concorrendo ao nosso estabelecimento novamente aberto á rua do Caes Dourado, sobrado, 1.º andar, defronte do destacamento da policia, com excellente vista para o mar, no qual estabelecimento encontrarão os visitantes tudo quanto desejarem de bom, agradavel, aceio e promptidão. O proprietario é bem conhecido, e as maneiras com que costuma tractar a todos quantos o honram não são ignoradas; appellando para o tempo em que teve café e vispora á baixa dos Sapateiros.

A inauguração teve logar no dia 8 do corrente. Todos os sabbados ha mocotó gratis, que será offerecido aos que se dignarem apparecer. Avante! Amadores do bilhar e vispora, excellentes vinhos e iguarias de todas as qualidades. Conto com a vossa coadjuvação. A vista faz fé.

Maredo & C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª QUARTA-FEIRA 19 DE OUTUBRO. N. 706.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, reclamando; em nome do socego publico, providencias contra tres casas de jogo que existem na rua do Castanheda, uma no becco da Rosinha, outra no becco Estreito, immediato ao do Curral, e outra na travessa que vae para Santo Antonio, nas quaes reune-se grande numero de praças de policia e invalidos, e ha sempre rixa e desordem. Alem disso muitos desses individuos, esquecendo-se de seus deveres para com suas familias, vão ali debandar o mingoado soldo, deixando-as entregues ao desespero e á necessidade.

Por tudo isso espera-se que S. S. se apressará em tomar uma deliberação.

—Caso virgem nos annaes dos casos julgados!

Foi condemnado, na segunda-feira, no grau maximo do art. 237 § 3.º do codigo criminal, o edictor responsavel deste periodico, pelo Dr. juiz municipal da 2.ª vara, no processo — Moura Rosa—do qual já tem inteiro conhecimento o respeitavel publico desta capital.

—O vapor, que chegou da Cachoeira sexta feira, foi conductor de uma dessas creaturas que se pode chamar o typo do soffrimento.

—Quem seria?

—Uma mulher, escrava, remettida para ser vendida.

—Nada mais commum. O senhor tem o direito de vender o escravo, quando quer.

—Eu a vi e horrorisei-me.

Os tormentos estampados naquelle corpo humano estão dizendo, que muito dolorosa deve ter sido a condição da misera captiva.

—Palavras não adubam sôpa. Diga o que viu.

—O corpo da pobre escrava é uma chaga viva. Tem golpes desde a nuca até os calcanhares. Nunca vi tanta crueldade.

—O' homem, isso faz calafrios!

—Dizem que veio do sertão remettida ao Sr. João Soares para vendel-a.

—Depois de torturada! Os abutres é que cevam-se na carne e abandonam os ossos.

— E' preciso ter entranhas de féra para infligir tão barbaros tratos a um vivente.

—No dia em que a escravidão fôr extincta no Brazil, a humanidade e a religião terão obtido um grande triumpho.

—E os annaes das atrocidades riscarão uma pagina de seu livro de horrores.

—Ha novidade no Caminho Novo!

Tem povo que não se pode passar!

—E' uma casa cercada.

—Alguma *estrovenga,* não?

—Um molecote, dessas *crias de yaya,* bebeu em uma venda ao Taboão, e depois fez presente com o copo á cara do caixeiro.

—Pois sim!

—Depois pôz-se no *pisa,* varou pela casa da senhora, e sendo preso, logrou a policia, e fugiu pelos telhados.

—Que ladrão temerario! ha quem se anime a andar por tão ingremes alturas á não ser gato?

—Ouça o amo do ferido como queixa-se da policia.

Suppõe-se que esteja acoutado na casa immediata.

—E com effeito creio que é elle que sahe preso de dentro daquelle socavão.

—Elle mesmo!

—Não sei si o dia de hoje é aziago.

—Qual, sabbado de Nossa Senhora!

—Ladrões pelo Sangradouro.

—Elles andam aqui no centro da cidade com o dia bem alto.

—Domingo, ás 10 horas da noite, Cosme Vieira da Silva foi accommettido por dous crioulos, os quaes cahiram de cacete sobre elle, exigindo que entregasse o que levava. O unico dinheiro que tinha comsigo tram

3$ rs., que passaram fielmente á folha dos larapios.

Depois intimaram-lhe que despisse o paletot e entregasse o chapeu; mas, reflectindo, talvez, que eram objectos sem valor e podiam ser conhecidos, o deixaram ir embora com os 3$ rs. de menos e algumas pauladas de mais.

—O Sr. Cosme que se dê por contente; o caso podia ser peior e para outra vez não tenha a imprudencia de arriscar-se por logares ermos em horas concedidas aos ladrões para suas aventuras.

—V. sabe quem mora aqui?

—Uma crioula.

—Como se chama?

—Sophia *mulambo*.

—E o nome desta rua?

—Dos Capitães.

—Está bem.

—Para que pergunta?

—Queria saber que vibora é uma que ha pouco esbofeteava uma rapariga.

—E' cousa de toda hora.

Sophia tem em sua companhia essa rapariga, a qual prova do pão, que o diabo amargou.

A desalmada fez do rosto da desprotegida menina guardanapo de limpar mãos.

Vive porca e suja como uma borralheira.

Espanca-a, tange-a para a rua, despeitada pela falta de concurrencia dos tunantes, que, diz ella, andam com sentido na pobre orphan.

Serve como uma escrava.

E como não sabe caminho nem carreira, soffre resignada todas essas provações.

—E eu vou mandar o muxingueiro advertir á tal Sophia que si não mudar de systema, lhe fará por sua vez a pelle em mulambos.

—Para desvanecer certas interpretações, declara-se que a variedade intitulada—*Talento de Joãosinho*—foi extrahida da *Comedia social*, folha humoristica do Rio de Janeiro, e não tem referencia a ninguem desta terra.

—*Xô, xô, xô, xô.*

Safa! Quanta mosca!

—Provavelmente é por causa d'esses burros que passaram agora todos chagados.

—Qual! E' aquelle sujeito que esterca as larangeiras de sua roça com immundicie, animaes mortos, etc.

—Pois aqui na Estrada Nova, com tantas casas, consentem isso?

—Eu sei, eim, o Manuel dos Papagaios é quem sabe.

—Acho que isto deve ser anti-hygienico.

—E além do incommodo que soffrem os moradores deste logar, com o nauseabundo cheiro que d'ali exhala, são os transeuntes atrapalhados por essas endiabradas moscas!

—Neste caso, a quem compete velar sobre a salubridade publica que dê as providencias necessarias.

—Capitão, estou procurando a chave de um enigma e não posso encontral-a.

—Já excogitou alguma?

—Ha uma novidade curiosa.

—Vamos a ouvir.

—Domingo, ás 11 horas da noite foi encontrado um individuo em um curral de vaccas, que ha defronte do edificio do aceio da cidade.

—Fazendo o que?

—Os donos do logar suppozeram ser ladrão e alvoroçaram se de pau em cima d'elle. O cujo declarou que era padre e para prova descobriu a corôa.

—*Padre!* Queria *ver isso* para crer.

—Si era ou não, ignoro; disse que morava n'uma rua, onde faz muita *poeira*.

—Si no logar houvesse alguma casa de familia, comprehende se; mas para ir visitar os frades franciscanos pelos fundos, estou certo que o tal padre não quereria se arriscar a taes horas.

—Quem sabe si não anda por ahi astucia de algum larapio?

—E' o mais provavel; e nesse caso os proprietarios do curral fizeram mal de deixal-o ir á fresca.

—Quem é bom já nasce feito.

—Ahi é que eu vou.

—Eu vi domingo, um certo official approximando-se de uma guarda, e como o sentinella olhando para outro lado, só o viu muito perto para fazer-lhe a continencia, o homem ficou irado, e chamou o soldado negro, filho da p..., descarado, c.... e muitos nomes feios.

—Vão ver que em qualidade havia de ser quasi egual ao soldado.

—Similis cum similibus.

—Eu não digo. Camboatá é que suja agua.

—Eu estava perto da *guarda* e fiquei *afflicto* por ver esse procedimento do official, mesmo porque sympathisava com elle e o tinha por um rapaz urbano e cortez.

—Neste caso, V. dirija-se a elle amigavelmente e aconselhe-o a tratar seus subordinados com moderação e benevolencia.

—Na guarda do palacio, dizem, que ha penuria de papel.

—Os commandantes que reclamem.

—E que a falta parte do ajudante da presidencia.

—Queixas inoportunas. Si o ajudante faz assim é por ser economico, e gostar de poupar as despezas do governo.

—As noites de sabbado na freguezia da Sé, fornecem um cardume de apontamentos comprobatorios de que em materia de policia a imprevidencia e inepcia são os elementos predominantes.

—A Sé é a freguezia por excellencia das badernas.

—As bibocas de vispora, o mocotó da meia noite e os alcouces das meretrizes, são vasto campo onde se põem em pratica todas as scenas do mais desenvolto desregramento.

—E a policia na moita.

—Desses lupanares do vicio e da corrupção, sahem no *preparé* a affrontar a moralidade e a perturbar o silencio.

—Sabbado atrazado houve o diabo na rua do Collegio. Racharam a cabeça de um rapaz de nome Sabino.

—Neste que passou atacaram ao carroceiro da rua da Misericordia.

—Não respeitam o decoro publico; as familias são obrigadas a ouvir no recolhimento do lar termos obscenos pronunciados em grita.

—E a policia vira a cara para não ver cousas tão revoltantes.

—E a imprensa vê-se na dura precisão de registrar esses accontecimentos que mui deploravelmente denotam a falta de moralidade que grassa em certas classes.

—Originada pela escassez de instrucção ao povo.

—Dizem que d'uma casa á ladeira da Gameleira foram roubados diversos objectos de ouro e prata no valor de 6:000$ rs.

—Boa pancada!

—Consta que os ladrões andaram antes tomando as dimensões da fechadura e inutilisaram o gaz da visinhança.

—E' muita audacia!...

—Os objectos pertencem a diversas pessoas, as quaes levavam ao morador da referida casa em penhor de dinheiros que o mesmo emprestava.

—Ah, dava dinheiro á premio? Agiota por conseguinte.

—E foi-se n'um dia o que ganhou de tanta gente!

—No meu ver é caso que a policia deve pesquizar bem pesquizado, por que envolve interesses de muitos.

—Mas o homem tem obrigação de restituir.

—Supponha que elle, allegando o prejuizo, dá-se por sua vez de quebrado e não paga o alheio que tinha em seu poder; quanta gente não soffre?

—Então... beatus é de quem possue, quem tem na mão é seu dono.

A mulher e o cavallo.

Parecerá uma extravagancia comparar-se a mulher com o cavallo, e sem duvida hão de haver algumas senhoras repinicadas que se por esta minha comparação, mas tenham paciencia, attendam a minha explicação, e observem que ha toda semelhança entre a mulher e o cavallo, apenas só differindo em um animal andar a quatro pés e outro a dous.

Quanto a chamarem ao cavallo bicho e á mulher gente, isto nada vale, porque ambos teem alma, ambos são creaturas, visto que a palavra creatura quer dizer cousa creada por Deus, posto que algumas mulheres vemos que parecem creadas pelo diabo.

Ora, a mulher parece-se com o cavallo, não só physica, como moralmente fallando.

Quanto a figura ha cavallos formosos de diversos moldes, uns gordos e grandes que quando andam tremem-lhe certas polpas de gordura, e ancas boleadas, e assim tambem vemos moças com essa configuração, e portanto essas devem-se chamar moças quartans.

Vemos moças de corpo esguio, bemfeitinhas e elegantes, andando ligeiras e brandeando elegantemente o corpo quando correm: estes são cavallos facas.

Ha moças bonitas muito morenas, que são propriamente lindos cavallos castanhos, outras alvas que são cavallos russos, e de ordinario muito habilidosas.

Ha moças que teem um pellosinho fino sobre o corpo, e o cavallo tambem o tem; o cavallo tem cascos e ellas tambem tem unhas: o o cavallo esquipa, tira curvetas, galopa, empina, dá de pôpa, dança e faz outras muitas galanterias, e assim tambem ha moças que até pinoteam com muita graça.

O cavallo tem um entendimento finissimo, que quando conhece o cavalleiro, conforme o grau de fortaleza que observa, assim elle se desenvolve, por exemplo: si vê que o cavalleiro é valente, que sabe-lhe suster a redea o applicar lhe as esporas, elle fica manso, anda bem de passo legitimo, volteia promptamente e faz tudo quanto se quer; mas ao contrario quando presente que o sujeito é fraco, toma a brida nos dentes, parte immediatamente, atira com o cavalleiro no chão, e ainda em cima dá-lhe um couce ou morde. Assim tambem a mulher pratica conforme o humor

que encontra no homem: si de uma vez elle lhe dá uma boa lição de palmatoria, fica a sujeita mansa e docil para todos os dias de sua vida, porem se percebe que o marido é toleirão entra a judiar do sujeito, a ponto de dar-lhe cachações todos os dias, e não consentir que o pobre manicacas goze cousa alguma.

O cavallo se influe com a musica, as moças nos bailes ficam todas alegres com a influencia do toque das contradanças; o cavallo rincha, as moças tambem dão gargalhadas estrondosas quando sentem gosto; o que é mau procede de não se poder pôr freio nellas como nos cavallos.

O cavallo tambem presta muitas utilidades, sinão eguaes, ao menos equivalentes á mulher: o cavallo gasta sustento, selim, ferraduras, etc.

A mulher gasta vestidos, sapatos, etc., e ha sujeito que zela tanto o seu cavallo como a propria mulher, a ponto de se levantar pelo meio da noite para lhe dar capim, e hoje em dia já se vendem cavallos a quatrocentos mil réis, quantia egual ao dote que se dá á uma recolhida da Misericordia.

A PEDIDO

—Que ajuntamento é aquelle na porta da capitania?

—São marinheiros de navios que vieram matricular-se, e outros são mestres de embarcações que vieram dar entradas.

—E para isso é preciso tanto barulho?

—E' verdade; estão fazendo uma algazarra dos peccados!

Dizem elles que já são mais de 10 horas, e na repartição só teem as moscas e as carteiras.

—E não está aberta?

—Está, porem entregue a dous marinheiros que não deixam ninguem entrar, porque não se acham ahi os empregados.

—E para isso é preciso aquelle barulho?

—Elles teem rasão, porque dizem ainda não terem almoçado, e terem de receber cargas.

—E o mestre de um navio que entrou arribado, e tem de tratar de seu protesto, que está aqui, ha muito tempo, sem ser despachado!

—Oh! isto na verdade é um deleixo da repartição.

—E bem reprovavel!

—Em fim como V. não veio para reformar o mundo, deixe as cousas correr como vão correndo.

—Mas o que não dirá o capitão de um navio estrangeiro, que não está acostumado com um expediente semelhante ao desta repartição?

—Que é do secretario, ainda não veio?

—Chegou neste momento e está descansando.

—Provavelmente da longa viagem que fez de casa até aqui á repartição, não?

—Julgo que é por ter andado de loja em loja, colhendo noticias.

—Vão ver que só para limpar o suor são precisas umas duas horas seguramente.

—Por força; não vê como elle está a bufar de calor e cansaço?

—Mas a razão por que elle não dá logo as entradas aos navios e não matricula os marinheiros?

—Ignoro.

Mandou-me esperar até que chegue algum empregado, e se recreia em ler gazetas e conversar sobre a guerra da Prussia com a França.

—Acho bom que V. se dirija ao capitão do porto, e peça lhe que dê as providencias necessarias, afim de que haja mais actividade nesta repartição, para que não sejam prejudiciaes aos interesses das partes.

—Acceito seu conselho.

Faz-se ver a certo quidam que vive encostado a um *granadeiro,* o qual existe n'uma rua calçada de *taboas grandes,* cujo quidam é conhecido pelo appellido de *thesouro* fabricado em *Guimarães,* que se deixe de andar fallando da vida alheia, pois si continuar terá uma thesoura em recompensa dos seus serviços.

E' pena que não fosse chamado á exposição para mostrar o bonito corte de sua casaca.

1.° aviso.

Parece que o mau fado persegue ao Sr. João Ferreira de Mattos, que tem sido victima de roubos de joias, e por isso o aconselhamos que não empregue sua fortuna, que tanto lhe tem custado a ganhar, em semelhantes objectos; pois já em 1856 sendo caixeiro de D. G. Bello, no mesmo dia, segundo dizem, em que morrera aquelle Sr. Bello, penetrou no escriptorio do finado um ratoneiro e delle tirou umas joias, que ahi estavam depositadas no valor, segundo dizem, de oito contos de reis e até hoje não teem apparecido.

Deus permitta que desta vez não aconteça o mesmo.

ANNUNCIOS.

Existe na rua Direita de Palacio, casa n. 39, uma carta contendo 17$080 rs. para o Sr. capitão Ataliba.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º — BAHIA. — 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª — SABBADO 22 DE OUTUBRO. — Ns. 707—708.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que dê suas providencias, afim de fazer cessar a graça de certos individuos, moradores do Caes Dourado, os quaes deitam phosphoros e traques de massa fulminante nos trilhos de ferro da companhia de Vehiculos, o que faz que os burros se espantem e saiam fora dos mesmos.

Ora, podendo essa graça trazer alguma desgraça, pede-se a S. S. que empregue os meios a seu alcance, afim de fazer cessar tão abusivo procedimento de quem quer que seja.

Espera-se.

—Começaram hontem as novenas do Senhor dos Afflictos em sua capella.

A Sagrada Imagem ficará no corpo da egreja até o dia da festa.

—A concurrencia dos fieis deve ser immensa pela muita devoção que todos tributam ao Senhor dos Afflictos, e tambem porque depois de render graças ao Altissimo, ha o recreio de um aprasivel passeio por aquelle logar.

—Ha amanhan no Passeio publico uma festa, cujo fim encerra duas idéas grandiosas e sublimes—soccorrer a orphãos e libertar a escravos.

Só ha um bem que não se extingue; que acompanha a creatura na vida e na morte; na vida, amparando-a em todos os lances, defendendo-a de todos os perigos, dirigindo-a atravez de todos os escolhos; na morte, consolando-a durante as dôres, sustentando-a na agonia e abrindo-lhe afinal as portas do ceu para offerecer-lhe a bemaventurança.

E esse bem é a charidade.

E a charidade não pode ser mais nobremente praticada do que soccorrendo aos orphãos d'aquelles que morreram pela gloria da patria, e concorrendo para a emancipação do homem escravo.

Dizer um individuo, «homem, meu semelhante, tú és meu escravo, é um absurdo na «bocca de um homem, é um perjurio e uma «blasphemia na bocca de um christão.»

—Isto desacredita a religião augusta que professamos.

—Não pode haver nada mais ridiculo.

—Um velho, maltrapilho, de chinellos, com uma opa esfarrapada nos hombros e uma estampa na mão a correr peçala com os moleques!

—Dizem uns que é crioulo, outros que é africano; tira esmola para S. Francisco de Paula.

—Os moleques acuam-no chamando-o de *capa d'algodão, rato da privada, funil do alambique* e elle retribue-lhes com pedradas e dá noticias, em termos bem expressivos, dos ventres das mães dos mesmos.

—Não se pode levar mais alto o escarneo pelas doutrinas, que ensinou o Divino Mestre.

—O *lucri bonum,* espalha pelas ruas esse bando de esmoleres, immundos, descalços, ebrios, offerecendo um quadro bem repugnante aos olhos das outras religiões dissidentes.

—E os padres que devem velar pelas regras e preceitos da egreja, não profligam tão escandaloso abuso, porque delle lhes resulta interesse material, sordido, e egoista!

—Como! si o nosso clero quasi que em sua totalidade é ignorante e nullo, incapaz de preencher a alta missão de propagador da fé catholica?

—E a religião de Jesus Christo, cuja sublimidade, não está, por certo, na infallibilidade do papa, mas sim naquelles preceitos do Mestre, que por serem aceitos pela rasão, nós os julgamos divinos, tem admittido em seu seio essas transacções despresiveis, essas especulações vis e mercenarias, esse espectaculo vergonhoso que tanto a deprecia!

—O Sr. Coutinho foi na segunda-feira assistir o funeral, no Collegio, pelos bravos que

fallèceram no campo da batalha, e levava na algibeira 1:600$ rs.

Mas ao sahir da egreja procurou o dinheiro e deu-se em *branco*.

Um menino que ahi estava disse que o dinheiro tinha cahido dentro da egreja e que o tambor Ceciliano o havia apanhado.

Neste sentido, o Sr. Coutinho foi queixar-se á policia e o chefe mandou chamar o tambor, porem este declarou perante a authoridade que nada havia achado; mas, não obstante isso, a casa da mãe do tambor foi corrida e nada se encontrou.

—O que deixa em duvida ter sido elle o escamoteador do dinheiro.

—Mas ainda assim, na duvida, o chefe de policia o quiz mandar para bordo!

—Oh! mas não ha provas de que fosse elle!

—O que não fez por intervir no negocio o capitão Marques Porto.

O tambor acha-se recolhido á cadeia da Correcção, á disposição da policia.

—E á ella cumpre descobrir o verdadeiro escamoteador.

—Veremos.

—Capitão, leia isto.

—Leia V.

«—Expediente.—*Requerimentos despachados pela presidencia no dia 15 do corrente.*

« Francisco Antonio de Magalhães Carvalho; pedindo que a presidencia mande desembarcar do vapor *Marcilio Dias,* seu escravo de nome Cosme, que fugira de seu poder, e assentara praça com o nome supposto de Manuel José, no batalhão de voluntarios Princeza Leopoldina, ora no 2.º batalhão de infanteria.

—Esta presidencia não pode tomar deliberação alguma sobre objecto affecto ao governo imperial, e menos tirar de um corpo regular de 1.ª linha que segue para outra provincia qualquer soldado.»

—O cidadão é livre emquanto não vae preso; é o mesmo—só se tem direito de propriedade em quanto não se trata com o governo.

Um homem reclama o que lhe pertence, e o delegado do governo imperial responde que não se mette nos negocios deste! Então si não é reparar qualquer injustiça, o que vem cá fazer?

—O acertado era satisfazer o valor do escravo, minorando assim a sorte do infeliz, o que seria uma recompensa ao valor e patriotismo do mesmo.

—De maneira que quem soffrer em seu direito e não tiver posses para mandar reclamar na côrte, ha de ficar prejudicado, porque o presidente, delegado do governo, não se julga authorisado a fazer justiça! Esta é de eterna memoria!

—E noto outra falta de fé da parte do governo.

—Cosme, com o nome de Manuel José, assentou praça no batalhão Princeza Leopoldina como *voluntario da patria*, como é que hoje se acha com praça na primeira linha?

Seria isso o que prometteu o governo no decreto convocando voluntarios?

—Foi uma traição.

Como estes houveram muitos; no 14 ha uns poucos.

—Que diabo de procedimento brutal e incivil!

—E estes factos a darem-se constantemente!

—Como se enxovalha assim uma classe, como se humilha e ludibria por esta forma a dignidade de um homem!

—Não tem qualificação.

—Si o soldado desobedeceu, offendeu ao Sr. capitão Freire, prendesse-o, fizesse o punir pelas leis militares, mas não o esbofeteasse publicamente na rua.

Lê-se no *Jornal do Commercio* de 23:

A primeira victima.—Uma carta de Neederbronn diz o seguinte: «O primeiro encontro com o inimigo deu-se nas visinhanças d'esta localidade.

«Sabeis quem foi a primeira victima das balas prussianas? Uma pobre menina de 2 annos de edade, que brincava tranquillamente junto de uma cerca.»

—Meu Deus, que impiedade!

Ninguem sabe o que ha de passar ainda depois de morto!

—V. perdeu o juizo? Que arranco foi este seu?

—Olhe para aquella janella e pasme como eu.

—O que ha?

—Pois não vê que a vidraça levantada da janella d'aquelle sobrado é sustida por um osso humano?

—E' verdade; é um tibio humana.

—Perante a religião, perante a charidade christan, perante o respeito devido aos que não são mais deste mundo, não será aquillo um escarneo, uma mofa, uma zombaria?

—Um sacrilegio.

—E o dono daquella casa, que serve-se de um fragmento do corpo de um seu semelhante para delle fazer encosto de sua janella, não se lembra que um dia, por muito *bom fim* que tenha, ha de inevitalvemente reduzir-se

tambem a egual estado e que então, quem sabe?.....

—Incomprehensiveis são os designios de Deus!.....

A creatura,a quem pertenceu aquelle resto humano quantas vezes passaria aqui pelo Cruzeiro..... olhando para aquella casa, pensaria nunca que uma parte de seu corpo, um dia, havia de vir a ser descanso de uma janella?.....

—A policia armada é provocante.

—As vezes.

—Tire a consequencia por aqui.

Ha dias subia o Taboão uma mulher trazendo á cabeça um taboleiro com pratos. De uma casa atiraram sobre o taboleiro uma grande pedra que não só fez os pratos em migalhas, como offendeu a conductora. Em seguida sahiram da mencionada casa dous agentes policiaes.

Testimunhado o caso,e chamadas as moradoras á presença do subdelegado, declararam que um sargento e um guarda de policia que se achavam de patrulha (!) entrando em sua casa, foram que, por graça, atiraram a pedra na mulher.

—Decididamente esta policia precisa muito de ser policiada.

—A tropa não tem recebido soldo?

—Aqui na provincia?

—Sim.

—Tem; pois não.

—Mas eu conheço uma praça que está por ver seu dinheiro.

—Não diga.

—Um rapaz que assentou praça, mas não sendo apto, teve baixa; serviu dous mezes e tem ido receber o tempo que serviu, mas não lhe dão.

—Elle que vá ao commandante das armas, que immediatamente ha de mandar que seja pago.

A PEDIDO

—Os larapios não encontram obstaculos em suas correrias.

—E por isso com pasmosa audacia, e sem o menor receio praticam dentro da cidade, ás barbas da policia, toda sorte de latrocinios.

—Ninguem pode contar seguro o que é seu.

—Um dia por outro amanhece uma venda roubada, uma casa saqueada, um escriptorio arrombado, uma propriedade invadida.

—Até não se pode contar com o que se traz o bolso, porque a industria dos *golpistas* tem ultimamente se desenvolvido admiravelmente.

—Vae a terra n'um estado deploravel; o crime recrudesce e os meios de repressão tornam-se impotentes.

—Ouça uma reconte que fizeram.

—Estou ouvindo.

—Scientes os ladrões de que Domingos da Silva Pereira, morador á ladeira da Prata, tinha feito uma viagem de tres dias á Matta de S. João, deram-lhe em casa pelos fundos, na noite de 15 para 16.

—Que graça!

—Arrombaram a propriedade, entraram, remexeram tudo e levaram diversas peças de roupa e 80$ rs. em dinheiro que encontraram.

—Foi bom não acharem mais.

—Havia na casa uma preta de nome Angelica que foi intimidada para não gritar: e em quanto dous farejavam a casa, um amedrontava-a por meio de ameaças.

—E ataca-se assim, desassombradamente, a propriedade alheia,no meio da cidade, á vista de uma policia vigilante e energica!

—Recahem suspeitas sobre tres individuos, um tal Gregorio, um Manuel e um Avelino; mas eu creio que quem perdeu, perdeu.

As queixas de um bardo.

Que vida tristonha, que pranto sentido
Dos olhos cahidos do pobre cantor;
Armia! oh! Armia! vem dar-me esp'rança
D'ainda algum dia me dares amor!

Não sejas cruenta p'ra o bardo queixoso,
Que triste no ermo só vive chorando:
Da lyra sonora vem meiga escutar,
Armia! Armia! teu nome chamando.

E a lua risonha lá surge dos montes,
Querendo habitar-se na vasta soidão,
E eu triste queixoso já vou me affastando
Pensando nas amarguras de meu coração.

Deixando-te em paga de tua esquivança
Minha harpa, coitada! no bosque froudoso,
Por sarças agrestes, meu echo se ouviu:
Adeus, minha Armia, eu parto saudoso.

Marcos José de Souza Filho.

—Capitão, feitos da vida de *Bitta e corte*.

—Que diabo de nome estrambolico é um?

—Nome indigina do paiz de tratantopolis, adoptado pelo nosso heroe.

—Está bem, siga o carro.

—*Bitta e corte* é um perdulario; em pouco tempo esbanjou a herança paterna e ficou reduzido á simples expressão de tres pequenos predios na moenda da Conceição, e desses mesmos hypothecou logo um, no qual gyra-

va com negocio um sujeito de nome *Mão de onça*.

Bitta e corte por seu genio prodigo tem dado em pantanas com todo o negocio em que se tem mettido.

Ultimamente bifou da propria mãe uns 4:000$ rs., com os quaes andou atamancando alguns furos em sua vida cheia de brocas.

A casa em que o *Mão de onça* tem negocio, quando para ella entrou, encontrou-a inteiramente estragada, em estado de nenhum valor ter. Concertou-a e reparou-a á sua custa, deitando forro, cimentando, fez repartimentos, atterrou o pavimento e em tudo isso gastou perto de 1:000$ rs.

Vendo *Bitta e corte* o excellente estado em que *Mão de onça* lhe pôz a casa, ideiou um estratagema para usu-fruir aquellas bemfeitorias. Foi propôr ao homem a compra do negocio que tinha na casa e este accede; isto é, bemfeitorias e utensís por 450$ rs., porem *Bitta e corte* fallava em tudo menos em dinheiro.

Decorreram muitos dias e nada de apparecer a *herva,* porque *Bitta e corte* não acha quem fie d'elle mais um vintem; e até a sua propria dulcinéa, a quem pediu umas joias para empenhar, negou-lhe, no que fez muito bem.

Com todo o cynismo, *Bitta e corte* chama um balanceador e se apresenta na venda para dar balanço em occasião em que *Mão de onça* não estava. O caixeiro oppõe-se, e diz-lhe que vá primeiro entender-se com seu amo.

Vendo burlado o plano, *Bitta e corte* vae propôr á *Mão de onça,* que dado o balanço, o embolsaria em tres pagamentos de oito em oito dias, que era o mesmo que dizer—tarde, mal e nunca.

Não concordando *Mão de onça* com a negociada, *Bitta e corte* manda citar o homem para mudar-se em 24 horas ou pagar-lhe 60$ rs. mensaes, quando o aluguel até agora era 16$ rs.

—Arre! é inexequivel!

Em tratadas é *valentinho* o tal *Bitta e corte.*

—E tem a cara dura como uma *rocha.*

A beata.

Mais medo ainda que um ráio
A mulher deve causar,
Quando mettida á beata
Só vive a se confessar.

Nos pés de um frade prostrada,
Sempre nos peitos batendo,
Ella vae encapotada
Suas proezas fazendo.

Depois que o mundo a deixou
Tornou-se medianeira,
Para o centro das familias
Da deshonra mensageira.

Refalsada hypocrisia
Traz no semblante pintada,
Oh! e que typo de horror
E' a mulher confessada!

Carregada de rosarios
Com a santa religião,
Faz de Deus e de seus santos
Capa da prostituição.

Ave Maria, diz ella,
Cheia de graça aqui estou,
Receba este bilhetinho,
Que aquelle moço mandou.

E vae levando recados
Quantos lhe mandaram dar,
P'ra sua vida beata
Honradamente passar.

Ai da casa em que pisar
Uma beata mulher,
Da donzella e da casada
Faz ella sempre o que quer.

E si accaso fôr mandada
Pelo seu bom confessor,
Então a mestra executa
Secretos planos de amor.

E ha nesta boa terra
Paes de familia palhaços,
Religiosos de borra,
Que amam a frades devassos.

Fiquem pois sabendo todos,
A casa que fôr honrada,
Não tem entrada de certo
Uma mulher confessada.

E muito menos aquelle
Que fôr o seu confessor;
Aonde existir um frade
Não ha honra, nem pudor.

—Sra. Petronilha, quem lhe disse que o menino era da misericordia?

Que gosto seu de viver feito correio de novidades!

Acha bonito esse officio de *leva e traz?*

Cuide na sua vida que não faz tão pouco, pois que ella tem bem de que cuidar.

Veja que quem tem a lingua muito solta, mais tarde ou mais cedo cahe n'alguma de que não se pode safar com muita facilidade.

—Que fazem aquelles quatro frades, de continuo na portaria, acenando para a visinhança. Estarão namorando?

—Não, que todos elles são paes de familia e quem tem telhado de vidro não atira pedras no alheio.

—A Felippa diz que elles estão ali para atravessarem as missas e não as deixar chegar ao prelado.

—Pois eu digo que esses corruptores estão perturbando o socego de certa familia, e os recommendo ao seu superior que lhes faça sentir que a porta não é o côro para as orações, e nem a morada de frades; e si ainda não se emendarem publicarei seus nomes e a escandalosa chronica desses religiosos só no habito.

Sr. redactor.—Lendo no seu periodico de 15 do corrente uma noticia a respeito de ser vedada a entrada de V. nesta cadeia, quando existiam outras pessoas do lado de dentro—informo-lhe, como administrador d'ella, que segundo as ordens emanadas do Illm. Sr. Dr. chefe de policia não se pode aqui entrar para fallar aos presos, senão em horas determinadas—como sejam das 10 ás 12 e das 2 ás 5 da tarde, fóra das quaes não devem haver preferencias, e somente ser permittida a entrada ás pessoas que vierem tratar comigo ou com o ajudante: sendo tudo quanto fôr praticado em contrario, abuso da parte do official commandante da guarda. Bahia e cadeia da Correcção 18 de outubro de 1870.

Custodio Ferreira d'Oliveira,
administrador-carcereiro.

São coisas.

N'este seculo tam prosaico,
N'esta terra da Bahia,
Sem namoros, sem enredos,
Sem facadas, sem folia,
Não se pode fazer versos,
Dar-se a gente a poesia.

Nella, por mais que procure,
Não descubro inspiração,
Vejo os monturos de lixo,
Pelas ruas em porção,
Ás carroças do Antoninho,
Unidas em pelotão.

Vejo o povo sem ter carne,
Sem ter farinha, chorando,
A cachaça, oh meus peccados,
Seu preço vai augmentando,
Nem ella, ao menos, nem ella,
P'ra gente ir consolando.

Vejo a côrte em reboliço,
Os deputados brincando,
Os ministros sem prestigio,
O senado vadiando;
E o sexo qu'ostenta as graças,
Aqui e alli cabalando.

Vejo miseria e vilezas,
Vejo fome, crimes, dores;
Hoje não ha poesia,
Tudo é prosa e prosadores;
Não enchergo n'esta terra
Nem ceu d'estrellas, nem flores.

—Na noite de 13 foram tres philarmonicas tocar no theatro para mais abrilhantar o espectaculo.

—Foi um passo generoso e philantropico que faz honra.

—Mas de repente recebo pelo cabo sub-marino a noticia de que uma dellas que habitam atraz do *Vigario do Christo,* tinha ido ensaiar.

—Ora essa é boa! Não como disso.

—Dizem que foi certo.

—O caso é outro, rapaz, o orgulho e a vaidade são sempre humilhados.

Motte.

Certa moça se gabou
De ter uma linda mão;
Espiei, e vi-lhe as luvas
Todas sujas de feijão.

GLOZA.

Todos querem ser perfeitos
Mesmo contra a natureza,
Querem ter dom da belleza
Tendo para o feio geito,
Eu, sim, estou satisfeito
Como o mundo me creou,
Porque si o feio deixou
De gozar prazer profundo,
De ser linda cá no mundo
Certa moça se gabou.

Era com effeito bella,
Não poder deixar de amar;
Mas vim a me desgostar
De uma cousa que vi nella...
Ciumenta na canella
Maltratou meu coração.
Quiz me dar um bofetão,
No meu rosto tão estreito;
Gabou-se, pois, com tal geito
De ter uma linda mão.

Sagaz, ladino e matreiro
Fugi do tal bofetão
Para eu dar-lhe um cachação
Passaria por bregeiro...
Puz-me então a pé ligeiro
Bem como a rapoza ás uvas;
Si apanhei grossas chuvas,
Isso é segredo, não digo;
N'outro dia, no postigo
Espiei e vi-lhe as luvas.

O que pois fazer agora?
Disse eu por cassoada:

Aquella luva manchada
Vou tirar d'ali p'ra fora...
Nisso ella grita e chora...
Seu patife! cachorrão!
Corri, com as luvas na mão,
Desprezei a minha bella
Porque vi as luvas della
Todas sujas de feijão.

Motte

DO FIDALGO BURRO GLOZADO PELO TARECO.

Cazamento é bom bocado.

As mulheres lá da aldeia
Só comiam chifre assado,
Dizia o vigario ao povo
Cazamento é bom bocado.

Dão por dote os sertanejos
Fazendas, campos sem gato,
Quem dirá, com tal calote
Cazamento é bom bocado?

Sonho as vezes com as meninas,
Acordo de beiço enchado,
P'ra quem tem fome canina
Cazamento é bom bocado.

A sallada é bom petisco
Comida com porco assado:
Panella sem tampa hé taxo
Cazamento é bom bocado.

Quando a moça é bemfeitinha
E tem seu peito empinado,
He pudim do paraizo
Cazamento é bom bocado.

VARIEDADES.

Infelicidades de um funileiro.

(CASO PARA SER LIDO PELOS COLLEGAS.)

Ha aqui na minha visinhança um rapaz que está louco varrido. Foi o caso:

Chama-se o meu visinho Adão de Mattos: é funileiro de profissão, e poeta por natureza, isto diz elle.

Pois o meu Adão, tomou ha tempos uma paixão desencabrestada, que lhe desarranjou a bola de uma vez, e deu-lhe com os funís em papos de aranha.

O rapaz, depois de trabalhar assiduamente, e por muito tempo, em obras de folha de Flandres, largou-se um domingo de tarde a passeiar pelos arrabaldes, tendo o cuidado em pôr o seu chili novo, gravata vermelha e vestir costume de ganga amarella.

Toda a gente o via passar e dizia:

—Como vae *chic* o Adão!

Então! o Adão, quando se aceia, não é um janota?!

Até umas pretas largaram esta:

—Como vae bonito, nhô Adão; não ha moça que lhe resista!

Adão ouvia estas cousas, fazia-se vermelho e erguia a cabeça como perú, quando se enfeita.

Mal tinha elle caminhado uns vinte minutos, quando viu á porta de certa chacara, uma moçoila que o contemplava, talvez pela exquisitice delle ou dos habitos, mas nunca pelos seus encantos. Adão é muito mais feio que as pinturas do diabo.

Mas que querem! O rapaz, que vinha soprado de traz, vendo a moçoila olhal-o tão attenta, suppoz-se amado, ou cousa assim.

Foi adiante, voltou de novo, tornou a passar, e o accaso permittiu que, só ou acompanhada, a moça permanecesse na porta.

Ao anoutecer, Adão recolheu-se á funilaria e vinha assobiando forte. O amor é um bregeiro!

Entrado que foi, tirou o fardamento rico, metteu-se em chinellos e sentou-se em uma canastra.

Esteve assim meditando algum tempo, até que de repente ergueu-se, como illuminado pelo fogo de uma queimada.

Era o diabo que lhe havia entrado no casco. Nascera-lhe a mania da versalhada. Adeus, funís! Vamos ver o que elle escreveu:

Eu passeiava esta tarde
Sósinho e desprevenido,
E vi então lindo anjo
Que me deixou bem doído.

Não sei o que sinto n'alma,
São nuvens negras, talvez!
Vestidas de azas brancas,
Dançando o solo inglez.

Oh! que paixão furiosa,
Oh! fogo que tanto abrazas,
Pareço uma borboleta
Que á vella queimou as azas.

A' meia noite tinha elle concluido a obra que ahi fica, e foi deitar-se, sem tomar chá!

Não pôde dormir;—amor ou pulgas—comichavam-lhe o corpo por tal forma, que ás quatro da manhan estava vestindo o fardamento *chic* e enveredando para os lados, onde habitava a menina.

Chegado lá, sacou da algibeira a versalhada e enfiou-a por baixo da porta. O diabo, porem, perseguia-o. Um cachorro que guardava a chacara, ouvindo bolir na porta, pulou o vallo e veio grudar-se de rijo n'uma das gambias do Sr. Adão, que lh'a deixou esbandalhada, afora o prejuizo do *toilette*.

Voltou, pois, mancando para casa. Quando chegou estava clareando. Fez café, tomou

meia chicara e foi botar um *fundo novo* n'uma *panella velha*.

Pobre Adão!

Cumpre dizer que o infeliz apaixonado cortou folha tres vezes e não acertava em fazer *fundo* que servisse; afinal desistiu da obra e sentou-se a um canto da tenda, a suspirar.

Passou assim o dia, tão triste e abatido, que a Sra. Escholastica, sua engommadeira, ao vel-o, não pôde deixar de exclamar:

—Eh! meu rico Sr. Adão! está com bexiga?

—Cousa peior, tia Escholastica; estou com o coração mais amolgado que aquella chaleira velha!

—Que me diz, menino?

—E' isto. Estou apaixonado. Você quer ver, até já fiz estes versos. E leu a conhecida versalhada.

A velha achou a cousa succulenta e disse: —que menino de tanto talento, estava deslocado na funilaria!

Adão meditou no caso, e teve pejo da profissão. Levantou se, deu um pontapé em dous regadores e fez voar a armação de uma lanterna.

Tia Escholastica acreditou o rapaz desmantelado do juizo e pôz se ao fresco, antes que elle a reduzisse á solda.

E' escusado accrescentar se que a velhota foi logo boquejando pela rua, que Adão estava louco varrido. Este, porem, continuava a dar passeios pelos arrabaldes, sem conseguir lobrigar o objecto de seus desatinos.

Os freguezes começaram a abandonal-o. Em vez de ouvir-se o macête a dar forma á folha, distinguiu-se um sussurro de uma pena percorrendo em papel de linho, e umas vozes declamatorias. Estava o rapaz grudado ás muzas, a descascar versos.

Um dia, desacoroçoado de não ver a sua *ella*, lembrou-se de estampar nas folhas as suas *elocubrações*. Assim chegariam ás suas mãos e fariam talvez milagre. Em certo domingo, pois, a *Opinião Publica* dava publicidade aos

Canticos amargos.

Amar com tanto fogo
Ser tão sincero este amor
E viver sempre entre penas
O desconhecido cantor.

Eu tenho por uns olhinhos
No peito recaldada
Uma paixão immensa
E muito desgraçada.

Oh ceus!—eu sou mortal
Mas si o não fosse eu creio
Que amor tão virulento,
Não brotava cá no seio.

Eu tenho fortes iras
De comprar um punhal
E fogo—zás—no peito
E morrer como animal.

O publico leu esta e outras *marmelladas*, riu a perder-se e debicou o vate afunilado, de uma maneira desapiedada. Adão ouvia as satyras, chamava aos que criticos—invejosos—e ia largando novas méchas.

Afinal, parece que, um parente da menina, veio a saber que Adão fazia constar que tanta versalhada, dirigia-se a ella. Não gostou o homem da conversa, e, em logar apropriado, socou esmeradamente os poeticos queixos do vate, deixando-lhes desnorteado de uma vez. O rapaz quiz suicidar-se; mas por conselhos de tia Escholastica, mudou de plano; atirou com os petrechos calligraphicos ao vento, incendiou as trovas e voltou á funilaria.

Mas, pobre rapaz! não faz mais obra que preste.

Passa o dia a cantar uma trova, que diz assim:

Não nasci pr'a funileiro
Mas o meu fado infeliz
E' que me pôz nesta vida
A sempre fazer funís.

Ai, ella! ella! ella!
Como era bella!

Depois enfia um assobio longo, que não acaba mais, e volta a cantar a mesma trova.

Está ha um anno neste gosto. Tia Escholastica já disse:

—Este Adão foi banido do Paraizo!

Quando os rapazes lhe passam pela porta e dizem:

—Oh, Adão! não publicas mais versos?

—Vão para o diabo que os carregue! responde elle, e enfia de novo o assobio.

Do exposto conclue-se, pois, que:—entre amor, funís e versos não pode haver harmonia!

Limeira—1870.

G.

As obras de Misericordia

AS SETE CORPORAES

Tem quem pode, obrigação
De justiça e caridade,
Remir a necessidade
Do faminto seu irmão.

E' obra de misericordia
Dar agua a quem sêde tem,
Pelo amor do Summo Bem
Para ser mais preciosa.

Quem por amor de Deus dá

Com que se vista o despido,
No outro mundo vestido
Da eterna gloria será.

Quem visita ao encarcerado,
E ao enfermo seu irmão,
Com eterno galardão
Ha de ser remunerado.

A pia hospitalidade
Que se dá ao peregrino,
Tem premio do Rei Divino
No tempo e na eternidade.

Premio de immenso valor
Dá Deus aos caritativos,
Que resgatam os captivos
De quem se diz seu senhor.

Dar aos mortos sepultura
Obra é pia corporal,
Que dispõe o racional
A vida eterna futura,

AS SETE ESPIRITUAES

Dar bom conselho contém
Dupliçada utilidade
Dá a outrem felicidade
E a si proprio grande bem

Ignorantes ensinar,
E' obra a Deus bem acceita,
Mas p'ra ser mais perfeita
Deve, como ensina, obrar.

Consolar os affligidos,
Tristes e desconsolados,
Faz que os que forem chamados
Sejam tambem escolhidos.

Os erros dissimular
E' cousa de caridade,
Sendo obra da pidade
Aos que erram castigar.

Quem injurias perdoar
Compassiva a seu irmão,
Das suas culpas perdão
De Deus ha de alcançar.

E' obra muito excellente
Reprimir a natureza
E supportar a fraqueza
Do proximo humildemente.

Não ignores os motivos
Que tens de amar ao Senhor
E rogar-lhe com fervor
Pelos vivos e defunctos.

Pensamentos.

O povo livre pode levantar sua voz com energia contra todo o genero de abuzos, em particular contra os vicios, de que adoecem esses onerosos systemas tributarios, que gravitam e tem gravitado sempre sobre os trabalhadores para enriquecer mandriões d'alta pôa.

Os povos bem governados, os povos que prosperam, e são livres sob o amparo de sabias e proctetoras leis, nunca se lançam a insensatas commoções.

O governo, e so o governo é sempre o culpavel das revoltas. Onde se governa bem o povo cala, obedece, e abençoa as authoridades que vigiam pela sua prosperidade.

E' inegavel o santo direito, que tem os povos para se rebellarem contra seus oppressores; porque quando as nações se alçam em massa para castigar a insolentes despotas, exercem um acto do sua justiça soberana.

Bem digam os povos aos bons governantes, mas os tyrannos devem ser submergidos no abysmo.

Não pode haver justiça, onde se antepoem o espirito de partido á santidade das leis.

ANNUNCIOS.

A VIVANDEIRA

Antiga e muito acreditada padaria, á travessa da rua da Valla, avisa os seus freguezes que continua a vender os seus afamados bolaxões fabricados pelo Sr. Augusto José Chaves; e assim tambem todas as qualidades de massas, doces seccos para chá, assucar de todas as qualidades, café puro, muito bom vinho Figueira, dito do Porto fino engarrafado, dito de Bordeaux, dito branco; gaz em garrafas e latas pelo mesmo preço porque se vende na cidade baixa; charutos de todas as qualidades, em caixas e a retalho, cigarros finos e grossos da fabrica de Leite & Alves, e muitos outros artigos que tudo se vende pelo menor preço de outra qualquer parte.

O Sr. Justino Gustavo Dourado tem uma carta no Maciel de cima n. 26 com 14$340 rs. para receber.

O Sr. Eustaquio da Cruz Rebouças, tem uma carta no Maciel de cima n. 26, contendo 6$407 para ser entregue ao mesmo em mão propria.

A' baixa de Sapateiros casa n. 9, se vende fubá de milho muito bom, a 7$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5$500 rs.

Attenção.

Na tulha de Amancio Luiz da França, defronte da egreja d'Ajuda, vende-se farinha, milho, feijão, tapioca, gaz, charutos, tudo de primeira qualidade e por preço commodo.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º — BAHIA. — 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª — TERÇA-FEIRA 25 DE OUTUBRO. — N. 709.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de outubro de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, pedindo-lhe providencias sobre o estado deploravel, em que se acha a ladeira do Porto do Bomfim, visto como os moradores d'aquelle logar tambem pagam decimas urbanas, impostos pessoaes, etc., etc., alem de que approxima-se o tempo da festa em que muitas familias vão para ali tomar seu *regabofe*. A' vista pois do exposto, espera-se ser attendido.

—Capitão, contaram-me este facto, que á ser exacto, é clamoroso.

Maria Clara da Natividade é uma pobre mulher, a qual tem duas filhas honestas, Maria Valeria da Conceição e Clara Amazilia Ferreira de Sant'Anna.

Vivem modestamente do seu trabalho.

—Fazem muito bem; o trabalho é o contra-veneno do vicio; é o instrumento da felicidade.

—Dão-se á industria de fabricar charutos; sahem de madrugada e entram á noite.

—E a tranquillidade de espirito deve existir nesse laborisso lar, porque o pão que as alimenta não é de origem impura; não provem do ganho mercenario oriundo do vicio.

—Menos agora, que reina consternação.

—O que acconteceu?

—Eu lhe digo.

Na noite de 15 para 16 apedrejaram e arrombaram a casa de Domingos da Silva Pereira, morador á ladeira da Prata; como Maria da Natividade habita na visinhança, foi chamada á policia para depor á respeito. Respondendo que nada vira, nem sabia e somente ouvira as pedradas, foi por isso mandada metter na Correcção, á pretexto de occultar a verdade!

—Quem lhe contou é pessoa que mereça fe?

—Para mim toda.

—Oh, meu Deus, porque se ha de massacrar assim o fraco!

—Veja V. Ex. quão doloroso não deve ser para duas filhas honestas, pobres como Job, impossibilitadas de andar na rua, vendo sua mãe aferrolhada n'uma masmorra, sem ellas ao menos lhe poder ir levar o sustento.

—Veja, capitão, si os soldados de policia não são provocantes,

—Deixe os homens.

—São cousas que não devem passar desapercebidas.

—Si seu mal é este, falle.

—Domingo de tarde dous inglezes brigaram na rua do Collegio.

A rua ficou logo cheia de gente curiosa de ver os dous *godemes* refrescarem-se de socços.

Acabado o barulho, appareceram seis ou oito policiaes.

—Tardaram, mas não faltaram.

—Entre os que presenciavam o facto havia uma mulher, parda, bem trajada, a qual vendo passar um empregado da typographia onde se imprime o *Alabama*, disse-lhe: «si «V. vem mais cedo, via um caso bom para bo«tar no *Alabama*.»

Um dos policiaes ouvindo pronunciar semelhante nome encaminhou-se para o grupo onde estava a mulher e arrogantemente interrogou:

«—Quem fallou aqui em *Alabama?*

Responderam-lhe:

«—Foi esta mulher.

O pacifico agente da ordem e segurança publica, retorquiu:

«—E ella aguenta uma chibatada?

—E esta! Si ha alguma interdicção contra o humilde navio, é preciso que o Sr. Dr. chefe de policia mande publicar, para mudar-se-lhe o titulo.

—O facto passou-se á vista de mais de vinte pessoas.

—Vamos bem!

Já se promette chibata á uma pessoa livre

pelo crime imperdoavel de pronunciar—*Alabama*.

—A pressa é inimiga da perfeição.

—As vezes, quando se pensa que atalha, rodeia-se.

—Foi o que acconteceu a um pobre moço, no domingo ás 8 horas da noite.

Por ter pressa ia ficando esmagado por um carro dos Trilhos Urbanos.

—Santa Maria, mãe de graça!

—Vindo de passagem para a cidade, ao chegar o vehiculo no ponto, antes que parasse, saltou pelo lado da frente, tropeçou e cahiu sobre o trilho; uma das rodas do carro passou-lhe por cima de uma perna e fracturou-a, ficando além d'isso maltractadissimo.

—Já se tem dado tantos casos desta ordem e assim mesmo ainda ha quem imprudentemente se arrisque a ser victima de tão tristes consequencias.

—Dizem que ha praças do 14 que não sahem á rua por não ter o que calçar.

—Como se explica isso?

—Dizem que ha mais de tres mezes está vencido o tempo de receberem os soldados sapatos, o que até hoje não se tem feito, de sorte que muitos estão em guerra com as pedras da rua e são occupados em fazer unicamente o serviço do quartel.

—E' extraordinariamente admiravel!

Pois a nação está em semelhante estado de indigencia!

—Accrescentam que ainda que essas praças queiram comprar calçado á sua custa, não podem, porque não recebem soldo em dia; andam sempre atrazados.

—Em toda parte é assim! Os que mais servem são sempre os menos remunerados. O soldado que affronta o perigo tão mal pago! Para os trabalhos elles, para os gozos os felizes.

—Affirmam que S. Pedro quando andou no mundo dissera que todos comeriam nas costas do soldado e parece que a prophecia realisa-se, sinão no todo, em parte.

—Capitão, na sexta-feira, ás 5 horas da tarde, ao subir á cavallo a ladeira da Fonte dos Padres o Dr. Liberato de Mattos Filho ia sendo victima de uma lamentavel catastrophe.

—O que foi?

—Vinha o *bond* da companhia de Vehiculos e o Dr. Liberato procurou desviar-se, porem pela grande ingremidade do principio da ladeira, o animal cahiu, jogando com elle junto dos trilhos, no momento em que passava o *bond*; por milagre de Deus não ficou

—Aquella volta estreita da rua do Julião para a do Commercio, com os taes *bonds*, em ruas tão transitadas como essas, queira Deus, não tenhamos alguma desgraça a lastimar.

—Nesse caso bom será prevenir-se o mal que possa acontecer.

—Lá isso toca a quem competir providenciar.

—Capitão, ha tres dias seriam pouco mais ou menos sete horas e meia da manhan, passando eu pelo largo Dous de Julho, vi que varias pessoas dirigiam-se para o chafariz situado no centro d'aquelle largo.

—V. que se assemelha á uma mulher em curiosidade, dirigiu-se tambem, não?

—Advinhou.

—E o que era?

—Era o guarda do chafariz que espancava uma preta africana, escrava do Dr. Coutinho.

—Bom.

E a razão d'esse procedimento?

—Ignoro; mas me disseram que não é esta a primeira vez que elle assim pratica.

—Quem sabe tambem o que foi que elle soffreu e por isso procedeu assim? Estas pretas africanas são muito atrevidas.

—Em todo caso entendo que o portuguez, guarda do chafariz, não devia espancal a.

—Que nos importa isso? Por lá se avenham.

—Eu agouro muito este trilho de ferro do Bomfim a Itapagipe.

—Porque?

—Os *bonds* puchados á vapor e passando sobre um estreito monte de areia que fizeram no Travasso, pode dar em algum resultado funesto.

—V. sempre apparece com invenções!

—Invenção ou não, no domingo o vapor sahiu fora do trilho, e ficou com uma das rodas enterrada na areia, levando-se um tempo immenso para desenterrar o *bicho*.

—Mas os passageiros não foram prejudicados com isso?

—Não; os *bonds* d'ahi em diante foram puchados a burros; mas ainda assim um d'elles sahiu tambem fora do trilho, no largo da Madragôa, e uma moça que ia dentro, querendo saltar, com medo da *droga*, precipitou-se por terra.

—Isso não vale nada, são pequenas ninharias.

—Capitão, estou de bocca aberta.

—Tenha sentido; anda muita cousa solta por ahi.

—...mo se praticam certas cousas não s...

—Que cousas?

—Domingo, podiam ser 9 horas da noite, dous soldados de policia apresentaram-se á porta da casa de umas mulheres moradoras á rua do Gravatá, procurando um individuo, á quem o subdelegado de Sant'Anna mandava chamar.

A dona da casa respondeu que tal individuo ahi não morava, porem costumava apparecer e assim logo que o visse daria o recado.

Um dos soldados não esteve por conversas, forçou a grade, varou por dentro de casa, correu-a toda e foi até dentro de um quarto, onde uma das moradoras se achava núa tomando banho!

—Que baile, que presepe não seria!

—Que abuso! que escandalo! que violencia! diga V. Ex.

Esses assaltos da policia ao asylo individual, mostram que a lei é manejada com duas faces conforme a posição da pessoa a quem é applicada.

Ja outro dia um sujeito roubou uma venda e foi acoutar-se em casa de uma mulher dessas, que por sua desgraçada condicção teem a porta aberta para todo mundo.

A policia soube e se julgou com poder descripcionario para, alta noite, varejar-lhe a casa, o que não faria se tivesse de entrar em casa d'algum abastado.

—Encarado pelo lado da egualdade foi realmente um acto illegal e arbitrario.

—Contaram-me que um soldado do 14 levou muita pancada.

—Cousa que lá é poeira.

—E que quem deu foi um sargento.

—Tambem não duvido.

—Dizem que o sargento chama-se Luiz e o soldado Jacques.

—São cousas, que é preciso averiguar.

—Quadros do captiveiro.

—E' horror, angustia, transe, mortificação e desespero.

—São com effeito qualidades que andam ligadas a misera sorte do escravo.

Mas ouça o que acontece.

Felippe, escravo de João Antonio Sampaio, ha 15 annos andava ausente da casa de seu senhor. Foi preso e encarcerado na Correcção, creio que ha 6 mezes.

Felippe diz que foi guarda nacional de Brotas com o nome de José Luiz e marchou para o sul em uma companhia de zuavos, que antes servia 5 annos na corveta *Euterpe*.

Hontem, domingo, entrando na latrina deu sobre o ventre tão pequeno golpe, que por elle sahiam lhe os intestinos.

—E' de arrepiar as carnes!

—Diz elle que o que o levou a attentar contra sua existencia, foi seu senhor dizer-lhe no sabbado que o havia de levar para o engenho ainda que fosse amarrado á cauda do cavallo, o que faria logo que sahisse da capital.

—E o infeliz, atterrado pela sorte que o aguardava, quiz, pondo termo á vida, isemptar-se dos castigos.

Oh! escravidão, cancro maldicto, quando deixarás de ser origem de tantos horrores!

—O instrumento com que Felippe feriu-se não poude ser conhecido, porque elle atirou-o na cloaca.

Foi conduzido ao hospital de charidade, onde se acha em tratamento.

Hontem fui vel o com um official que esteve no Paraguay; estava um tanto perturbado, mas o official reconheceu serem exactas as respostas que deu sobre os logares por onde diz, andara.

—Si for exacto, ahi está o recente aviso do Sr. Tres Barras a favor do infeliz.

—Parece-nos ter demonstrado ao Sr. Dr. João Victor de Carvalho—que a grammatica pecca em dizer que—*nome é uma voz com que se dam a conhecer as cousas,* o que provamos com alguns factos de *João Morên,* que essa regra grammatical não é infallivel!

—Mesmo que infallivel neste seculo de luzes somente é o *papa-rei.*

—Pois bem; em vista do que já apresentamos, entendemos ainda sustentar a nossa opinião, citando mais alguns factos do celebre *João Morên.*

Como já disse, S. João era um todo de bondade, charidade e santidade; mas *João Morên* é o inverso disso, é um todo de safado, tratante e delapidador dos bens dos orphãos.

João Morên, além de milhares de factos que agora nos escapam da memoria e mesmo além dos que já citamos, praticou mais os seguintes:

Um tabareu querendo tirar uma licença para cortar madeira de lei, pediu a *João Morên* paro lhe andar com os papeis a esse respeito, e elle exigiu por esse trabalho 3:0[illegible]rs., os quaes lhe foram de prompto entregues.

De facto *Morên* andou com os papeis, remetteu-os para a côrte de *Latronopolis* e eis que em breve veio o despacho para que o tabareu podesse cortar madeiras.

Ora, havendo chegado o despacho, tudo estava arranjado; porem ainda se tornava preciso uma formalidade, a qual era o *visto* do governador de *Latronopolis.*

Morên, tratante como sempre soube ser, a[illegible]

trabalho, e por isso entendeu que o tabareu lhe havia dar mais 650$000 rs. para prefazer a quantia de 1:000$000 rs.

A' semelhante tratantice de *João Morên,* o homem tirou por fora.

Mas o que havia ideiar elle?

Fez um requerimento e mandou ao governador, dizendo que elle tambem era associado na cortagem das madeiras, fazendo dest'arte com que o governador não deitasse o seu *visto,* epondo assim embaraço a que o pobre tabareu fosse cortar suas madeiras, meio licito de que lançou mão para prover a sua subsistencia.

—E o governador não pôz o visto na licença?

—Depois do homem replicar muito e metter empenhos para esse fim, unico meio que teve para desatar o *nó* que elle lhe havia dado.

—Safa! Que excellente personagem perdeu Ponson du Terrail nos *dramas de Paris!*

—Um outro facto ainda lhe vou contar de *João Morên,* com o qual faço por hoje ponto final.

Ha um moleque, escravo, que vende doces, com quem elle tomou freguezia e encommendava doces para a familia e para a amasia.

O moleque por conveniencia de vender entrou a fiar a *João Morên*, porem elle foi tomando os doces; mas sem nunca lembrar-se de pagar.

Achando já a divida bastante crescida, o senhor do moleque o chamou á contas; mas elle que tinha fiado e não tinha dinheiro para repôr disse ao senhor que no dia immediato lhe entregaria o dinheiro, visto como tinha fiado a um homem *serio,* o qual lhe pagaria.

Vem por fim o moleque a *João Morén* exigir o dinheiro dos doces fiados.

João Morén bradou, chamou negro e lançou-o para fora do seu escriptorio.

—Não será um pirata o homem que assim procede?

—O moleque, o pobre e infeliz escravo, ao chegar em casa o senhor perguntou-lhe pelo dinheiro; mas elle que nada tinha recebido sinão descomposturas, respondeu com as lagrimas que o homem não lhe havia querido pagar.

Oh! sorte triste e infeliz é a do escravo!

O senhor o castigou severamente, para que elle outra vez não fiasse mais a ninguem.

—Quanta deshumanidade!

—Ora diga-me, si o nome, como diz a grammatica, dá a conhecer a cousa, a razão porque *João Morèn* em logar de ser um todo de maldades e vicios, não é um composto de

Ah! é ahi, meu charo doutor, que S. S. pecca, querendo que a regra da grammatica seja infallivel.

A PEDIDO

«—O' Mariquinhas. Mariquinhas!

«—O que é Amelia?

«—V. não sabe, o *Alabama* vae se acabar.

«—Porque?

«—Elles foram tomar *sopas* com o doutor, elle que não é de cassuadas ha de metter tudo na cadeia.

«A typographia ja está penhorada, e já está um sujeito de lá condemnado.

«—Mas como V. sabe d'isso?

«—Porque o doutor tem relações *d'amisade* com mamãe e contou a ella, dizendo que os ha de esfregar!

«—Pois olhe, Amelia, eu gosto tanto do *Alabama* que sentirei muito se acabarem com elle.

«—Não diga isso, Mariquinhas, uma gazeta que falla tanto da vida alheia!

«—Dizem que elle falla da vida alheia, mas eu não vejo.

«—E' porque V. não viu outro dia o que disse a respeito do doutor alugar casa para mamãe, junto da casa da mulher e levar ella ao theatro, deitando-a em um camarote defronte do da esposa.

«—Pois eu acho que elle n'isso teve razão de censurar, porque si V. fosse casada, não havia de gostar deste communismo.

«—Mas é da conta d'elle?

«—Amelia, V. quer ouvir uma cousa?

«—Diga.

«—Só não gostam do *Alabama* os tratantes, safados, devassos e ladrões.

«—Está bom, Mariquinhas, já sei que V. é apologista do *Alabama,* e o melhor é não conversarmos mais.

«—Acho bom, porque cada um tem suas convicções.»

Errata.

A poesia publicada no numero passado sob o—As queixas de um bardo— é da lavra do Sr. Marcos Francisco de Souza, outr'ora conhecido pelo Marcos Rabeca.

ANNUNCIOS.

O Sr. Eustaquio da Cruz Rebouças, tem uma carta no Maciel de cima n. 26, contendo 6$407 para ser entregue ao mesmo em mão propria.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 72.ª SABBADO 29 DE OUTUBRO. Ns. 710—711.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Hoje começa a serie 72 do «Alabama.»

Os Srs. assignantes que estão em debito (e que não são poucos) queiram solvel-o.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de outubro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que, ha oito mezes e tantos dias, não ha illuminação na ladeira da Lenha, ao Bomfim, e como os moradores e proprietarios do referido logar paguem impostos como os de mais, é evidente que teem direito a gozar das mesmas vantagens que os outros gozam; por isso pede-se a S. S. se digne de providenciar.

—Homem, diga-me,

—Si souber.

—Os medicos da vaccina não fazem mais visitas domiciliarias ás freguezias suburhanas?

—Acabou-se disso,

—Então só existiam em quanto não entrou o filho do presidente?

—E' de sua conta, linguarudo?

—Gosto de ver essas e outras!

Tambem S. Ex. disse que o pessoal era demais e assim mesmo achou geito para acommodar um dos seus!

—Grassam febres e bexigas pelo Rio Vermelho.

—Causadas por um pantano que ha no logar chamado Mariquita.

—O governo mandou pôr em arrematação a factura de um pontilhão e o atterro do pantano, mas dizem que pela ninharia de 500$ rs. não se deu andamento á obra!

—Mas o que perde o governo que dez ou vinte familias pobres sejam atacadas de febres? Si fosse para alguma cousa *urgente* apparecia dinheiro como terra.

—Ja apreciou os trabalhos da companhia Williams?

—Não sei ao que se refere.

—E' uma companhia de meninos brasileiros que se dão ao estudo e exercicio da gymnastica e prestedigitação.

Vi-os no domingo trabalhar e satisfiz-me.

—Onde é?

—Na Lapa,

—Sim Sr.; quando houver espectaculo me communique que quero ir aprecial-os.

—Dizem que ha uma senhora na estrada do Rio Vermelho que não é senhora, é verdugo.

Espanca á uma desgraçada escrava pelos cotovellos!

A misera sahe todas as madrugadas com um taboleiro regorgitando de verduras e uma lata com leite, e ás 11 horas é obrigada a estar de volta em casa com tudo aquillo reduzido á dinheiro.

E ai d'ella si assim não acontece!

De sorte que a desditosa anda de porta em porta a pedir e a rogar a quem lhe compre o que não necessita, como não pode levar para casa dá até fiado para adiante ir chorar a quem lhe empreste dinheiro para completar a importancia da vendagem.

—Capitão, communicam-me que foi barbaramente castigado por um sujeito morador em Itapagipe um menino, que elle tinha em sua companhia.

—Como se chama o menino?

—O meu communicante não m'o quiz dizer.

—E o individuo em cuja companhia se achava?

—Tambem ignoro, por não me ter sido dito.

—Isto parece me uma historia sem fundo algum do verdade.

—Em todo caso, a policia, a quem compete providenciar sobre estes factos, que procure descobrir a ponta do novello.

—O dinheiro deste paiz gasta-se fabulosamente.

—Esperdiça-se.

—Os felizes fornecedores do exercito no Paraguay acharam no thesouro do Brazil uma fonte inexgotavel, um ribeiro que não secca

—Ainda não se saciaram?

—Em Assumpção, dizem, que os generos fornecidos ao exercito são por um preço estraordinariamente altos, em comparação ao que custa no mercado.

Compare os preços do mercado com os que o fornecedor Lanus supre ao exercito imperial.

Ora veja lá:

	Preços mais caros no mercado	*Preço do fornecedor Lanus*
Azeite doce, medida.....	2$500	3$500
Aguardente.....	1$300	2$400
Carne secca, libra	170	294
Farinha, alqueire	4$000	10$000
Feijão, alqueire..	5$800	31$360
Toucinho, libra..	450	1$194
Vinagre, medida.	700	2$800
Sal, alqueire....	800	8$640
Assucar, libra...	280	672

—Que pepineira! Felizes mortaes são esses fornecedores!

—E parece que ainda lhes querem dar tambem a *manjuba* do fornecimento da armada.

—Para essa gente a guerra foi fortuna.

—E o suor do povo desbaratado assim em proveito delles! Quando as sommas assim escoadas, applicadas ás fontes de nossa producção podiam produzir mil beneficios!

—Pae João, V. hoje não sahe para o ganho? Ja são sete horas.

—Ah! sihô, ôje priguiça chegou.

Nosso fazê frogração onte munto ni candomblé ni rua de rarangêra.

Anani tudo vai la vê nosso frograça e cumê caruru: tabaque mémo.

—Eu ouvi, pae João, e não sei como a policia não prohibiu essa festança com tanta gente e tanta matinada no centro da cidade.

—Iô nan intende a vossuncê.

—Estou dizendo que a policia podia ter prendido a V. e á sua gente.

—Sihô va timbora la! Vossuncé nan sabe nada nan. Nosso tem nosso gente ni puriça. Otro dia, pruquê puriça nan prendê nosso quando tudo tan frogando ni quintá de vissiconde do rio vremeio? Aihô tudo tan oiando e gossando: tabaque tan roncando cumo pedra di Tapoan.

—Então, pae João, tambem lá houve tabaque?

—Vossuncê não obiu? E pruquê obiu tabaque ni rua di rarangeira?

—Porque moro alli perto.

—Ni casa de vissiconde nosso nan tem medo nin pingo. Casa di gente grande; puriça nan mette sua focinho lá.

—Está bom, pae João, va fazendo destas, ate que um dia lhe caia o raio em casa.

Qu'impróta vossuncê cu vida de nósso: qui nósso tan fazendo nan é di sua conta, nen di sua rozario. Nósso nam stá atôa, nam, obiu? Xapanam pá!

—Já soube o que houve no *trem de paz*, sexta-feira passada?

—Não.

—Um encontro terrivel.

—O que foi?

—Uma cousa que não se pode explicar claramente.

—Ora essa!

—Capitão, si eu disser offendo a castidade.

—Pois então suma-se.

—Então eu vou buscar o pedagogo e um certo *pequeno*, de quem V. Ex. se informará plenamente.

—Adeus, Sr. *Araujo*.

Lê-se na *Comedia Social:*

Santa Catharina está derrotada por S. Vicente. Na gerarchia humana era isso facil de comprehender-se. Sabia-se que só ella, Santa Catharina, tinha duas barras para o seu serviço. S. Vicente tem, para o seu, nada menos do que *tres barras*. Sahidas não lhe faltam. Tem o passo *franco*. Evitem que o ramo da *oliveira*, symbolo da paz, seja devorado pelo *gavião* da desconfiança, e tudo irá pelo melhor no melhor dos mundos possiveis.

A PEDIDO

—Sr. *Paulo*, meus agradecimentos pelo excellente papel que representou na comedia; mas comprehenda que ama-se a traição e aborrece-se ao traidor.

Quando um dia a verdade se esclarecer de todo, V. terá a recompensa.

Ha typos cuja physionomia denunciam o que lhe vae por dentro d'alma. V. é um delles.

Eu nunca me illudi.

Communicado.

A guerra produz horror sob qualquer ponto de vista e como se vê nos muitos milhares de homens que morrem.

Os homens que governam, devem se convencer que não teem direito para produzirem esse mal, que pode ser evitado, quando comprehenderem que no seculo XIX já não se pode admittir a conquista como uma gloria.

E' preciso pois que colligam-se as nações para declararem com estrondo que a conquista é um roubo e uma infamia: feito isto, e comprehendido pelos povos das nações civilisadas, cessarão forçosamente as ambições de nação para nação; as animosidades desapparecerão; e o mutuo respeito dos homens tomará o logar que lhe compete no mundo.

Os povos que combatem, possuidos de um falso enthusiasmo por aquelles que lhes gritam aos ouvidos—estaes deshonrados—ignorantes e crentes, porem estumados como cães. vão se espedaçar e anniquilar para sempre. e, em resultado, o final d'esse acontecimento não corresponde aos sacrificios da morte de muitos milhares de homens, os quaes pesam muito mais que os valores em cifras.

Contestar isto é desconhecer a luz meridiana.

Os povos das diversas nações não foram feitos para serem despedaçados a contento dos prejuizos e preconceitos dos reis ou dos homens que governam, que maliciosamente occultam a verdade dos seus feitos.

A historia até hoje ainda não mostrou uma guerra que não fosse filha das ambições.

Convem pertencer aos representantes das nações, em corpo collectivo, o exame do casus belli; pois que nunca e nunca poderão acceitar e nutrir aos olhos do mundo ambições illegitimas e finalmente a da conquista, sob pena de não haver bom senso na cabeça dos homens.

O calmo.

—Ha viventes que nasceram com a felicidade na testa.

O Sr. José Eugenio Cavalcanti é um d'esses.

Recrutado aqui n'um tempo em que a policia andava um pouco esquentada, foi motivo para que se levantasse forte celeuma que foi ter até as altas regiões do conselho d'estado.

E o Sr. José Eugenio foi reconhecido subdito estrangeiro.

Rompe a guerra do Paraguay e o Sr. José Eugenio qua andava n'esse tempo espargindo pela côrte, apparece por aqui n'um bello dia vestido a official de voluntario!

—Aqui .faziam-se officiaes para marchar para guerra, elle foi nomeado na corte vir passeiar aqui.

—Passeiou o tempo que bem quiz e depois sumiu-se; porem dizem que como o Sr. José Eugenio tinha horror ao chamusco da polvora declarou guerra á guerra e nunca lhe viu o cheiro.

Mas agora eis que o Sr. José Eugenio vae de novo á côrte e lá obtem as honras de official honorario do exercito pelos relevantes serviços, que prestou na campanha!

—E não ha nada como tudo mais é historia.

—Dizem que na lithographia do Sr. Jourdan foi espancado com cordas um aprendiz de nome João Nogueira Pontes.

—Por quem, homem?

—Pelo contra-meste da officina.

—Esses castigos aviltantes e rigorosos não estão mais em dia; cahiram diante da civilisação da epocha; principalmente em uma arte distincta como é a lithographia.

—Dizem que o aprendiz sendo chamado a bolos, negou-se a dar a mão por ser ja rapaz, e que o contra-mestre por isso lhe dera com cordas, o que se verifica pelas sevicias que estas lhe imprimiram no corpo.

—Obrou mal, obrou mal.

Motte.

A consorte ciumenta
Em solteira fez das suas.

GLOZA.

De nodoas nao foi isenta
E hoje se faz de bôa,
Ao marido não perdôa
A consorte ciumenta.
Quem isto diz não inventa,
Conta só verdades nuas;
E si alguem as achar cruas,
Da yaya indague a vida,
Verá que sendo fingida,
Em solteira fez das suas.

—Mais uma ladroeira de *yoyó do ceu*.

—Ainda não se esqueceu?

—Capitão, o que por ora tenho dito a biltre é apenas o prologo do catalogo bandalheiras; ha na vida do sevandija vasta para encher dous grossos volumes altos que o diccionario de Constant pressos em *petit romain*.

V. Ex. ha de pasmar das proezas do Frantz, quando esteve na gerencia *radouro*, e quando quiz metter a cadeia.

—Vamos adiante.

—Duas mulheres demandavam

—E sempre o tratante envolvido com mulheres!

—Ah, bem vê que é gente a quem mais facilmente pode enganar e enterrar a unha.

—E' verdade; continue.

—A causa achava-se em grau do recurso; a authora obtivera sentença favoravel e restava á ré o direito dos cinco dias da lei para recurso á instancia superior; prazo que começando, por exemplo, n'uma quarta feira expirava na terça-feira da semana vindoura.

—Boa duvida!

—O procurador da authora, por outros affazeres, *ausentou-se* por uns dias, entendendo que apparecendo no quarto dia era muito a tempo.

—E de facto.

—Mas, mulheres que são sempre dispostas a ouvir intrigalhadas, acreditou no que foram lhe dizer, de que a ausencia do procurador era prejudicial á sua causa.

—Comprehendo bem; *carambolas* de gente do forum.

—E queixou-se disso a um individuo de nome *Poalo, costureiro,* que frequentava a casa com partes de compadresco.

Yoyô do ceu é uma especie de Andréa dos amas de Paris, tem espalhados seus agen- á pista de onde ha melgueira, e é de crer o Sr. *Poalo* seja um delles, porque voltou a propor á mulher que ia lhe arranjar pessoa para tomar conta da causa, com mal condição de ser tudo muito em se-

essoa foi *yoyo do ceu,* a quem o Sr. *Poalo* a mulher.

yo do ceu disse que ia mandar ver o esta- negocio.

outro dia o medianeiro volta á mulher ara-lhe da parte de *yoyo do ceu* que tudo perdido por culpa do procurador, e ltavam decorrer dous dias para que ella ma fosse presa; que portanto immediaente tractasse de se occultar e lhe enviasse inenti 40$ rs. para ver se dava algum

e quadrilha de refinados ladrões ha ra! Com que torpes meios illudem tos!

e que sendo a parte contraria quem erder o recurso, si não usasse delle dias da lei, illudiram á ignorante que ella é quem ainda tinha de encadeia!

ama foi forjada entre *yoyo do ceu,* e auxilada por *Peixe Gallo,* que nte.

esse abjecto? Que attracção têm os bandalhos e tratantes entre si andam sempre ligados!

Eu si conhecesse o tal *Poalo* aconselhava-o a que quando se chrismasse mudasse um nome tão exquisito para Judas, que lhe assenta melhor.

A mulher atterrada reuniu uns cagalumesinhos que tinha, mandou pôr na *penha* pelos 40$ rs. que remetteu ao vampiro e embrenhou-se por ahi, isto é, foi para um logar onde estivesse em communicação unicamente com a quadrilha.

(Continúa.)

Uma dama academica.

—Conhece, capitão, o affeminado que vae para a escola com os bolsos cheios de pomada, pós de arroz, escovinha de dentes e espelho para se mirar ante a casa dos curandeiros.

—Não.

—Eu lhe digo: é um que não vae ás sabbatinas, não é chamado á leção e espera ser approvado, porque conta com a protecção do *bambú* do curandeiro R. S., no qual tanto se *diverte* e é por isso desprezado de todos.

—Será um tal sujeito que é de opinião que *pão, manteiga* e *serveja* são productos *naturaes* dos Estados-Unidos?

—Assim me disse o irmão do genebrinha, que está amasiado com a

Villaça.

Pergunta innocente.

Dr., desejo saber si a Illma. camara municipal, tendo, como tem, um mestre pedreiro contractado e por ella assalariado, o mesmo está ou não disposto a cumprir tudo quanto lhe for mandado em relação á sua profissão, e como se lhe extorque esse direito, se authorisa a um fiscal para, acompanhado de officiaes e serventes, ir arriar um açougue em S. Bento.

O que eu entendo, Dr., é que cada um cuide no que estiver em suas funcções; o fiscal multe os infractores e o pedreiro no que estiver em sua alçada.

Bahia 21 de outubro de 1870.

Um espectador.

As meninas brasileiras.

Por mais bellas, mais bonitas
Que sejam as estrangeiras,
Não igualam, nunca imitam
As meninas brasileiras.

As francezas são macacas,
As inglezas granadeiras,
São pombinhas, são bonecas,
As meninas brasileiras.

Portuguezas são teimosas,
Italianas matreiras,
Só são doceis, maviosas,
As meninas brasileiras.

E' bello um banho salgado
No Unhão ou nas Pedreiras,
Quando encontro ao pé da praia
As meninas brasileiras.

Uns gostam das pianistas,
Outros amam costureiras,
Eu prefiro a todas ellas
As meninas brasileiras.

Quando estou sentindo febre,
Dores, vexames, cosseiras,
Tomo logo em cosimento
As meninas brasileiras.

Vivem feras nas gaiolas,
Galinhas em capoeiras,
Os jardins, bosques são dados
As meninas brasileiras.

Tomara que acabe a moda
D'estas malditas cadeiras,
Para vermos passeiando
As meninas brasileiras.

O' que andar! ó que denguice!
Tão bellas e tão faceiras
Requebrando o corpo amavel,
As meninas brasileiras.

Fica garboso o soldado
Mesmo d'entro das fileiras,
Quando vê pelas janellas
As meninas brasileiras.

Vá a quem toca.

Queimadas, 25 de outubro de 1870.

Sr. redactor.—Tendo-me ausentado por alguns dias da freguezia das Queimadas, por motivos de meus negocios, soube, ao regressar, que os meus inimigos se aproveitaram d'essa minha ausencia para ferir minha reputação, lançando-me um nojento labeu.

Tranquillo em minha consciencia, venho do alto da imprensa atirar a luva ao meu adversario, ou a quem se julgar prejudicado.

Reconheço que n'esta localidade não sou eu o unico alvo das calumnias, aleives e infamias; mas, por isso mesmo, não quero deixar de desaggravar minha honra e dignidade tão vilmente feridas.

A pobreza não é vileza; si sou pobre, é certo que não tenho costumes reprovados pela sociedade. Resta-me porem o consolo que toda esta localidade sabe que nunca pretendi dar em alguem, como se pretendeu dar em Galdino Pinto da Silva, e José, appellidado Cangalha, pretenções estas que foram obstadas por alguem que as viu: todos sabem que nunca roubei dinheiro, vaccas, nem vendi cavallos, que apparecessem sem donos; estes e outros defeitos e prejuizos nunca dei a ninguem, nem mesmo á sociedade.

Si o vigario Domingos Jacome d'Oliveira Barros em algum tempo foi atacado para exercer actos de seu ministerio, não fui eu quem o praticou.

Si as portas da casa do referido vigario foram postas abaixo, alta noite; si elle se retirou precipitadamente d'esta freguezia para a capital, onde succumbiu louco no hospital de S. Francisco, não fui eu que o forçou a emprehender essa fuga, e sim outros que querem figurar de homens de bem na localidado.

Não fui eu, Sr. redactor, quem chicoteou ao vigario Manuel da Gloria Pitta e tentou contra a sua existencia, cuja tentativa foi frustrada por um cidadão pacifico.

Finalmente, Sr. redactor, não sou eu quem ataca atrozmente a honra e dignidade sacerdotal do vigario Antonio de S. Miguel Bastos, e nem quem sacrilegamente arrombou a porta da egreja matriz, e conduziu uns banhos de casamento, e sim outros que querem figurar na localidade.

Os factos Sr. redactor, que venho de expôr são publicos e notorios ali; mas si houver alguem que duvide da sua veracidade, desde já declaro que no tempo competente, isto é, quando a luva me for levantada pelo verdadeiro autor, me acho prompto a provar tudo quanto fica dita.

Peço, portanto, a V. queira imprimir estas linhas para conhecimento dos factos e descobrimento da verdade.

Sou

De V.,
attencioso, venerador e criado,
Antonio Ferreira Velloso.

VARIEDADES.

Por causa de um lampeão de gaz.

Antonico é um rapaz de vinte e dous annos de edade, estatura regular, cabellos louros capazes de causar inveja a uma filha da celeste Albion, e olhos azues que desafiariam a côr do ceu.

Quanto ao moral é Antonico um rapaz dotado de bons sentimentos, amavel junto das damas e espirituoso quando quer.

Antonico tinha uma namorada lá para os lados do Cajú; era uma morenita de nariz arrebitado e possuidora de um par de olhos, d'esses que bolem com o coração.

Antonico deixara-se prender pelos olhos da morenita.

Ambos amavam-se com egual ardor e juravam-se eterna fidelidade.

Até aqui tudo vae bem, mas ah! de que depende o destino de um homem! muitas vezes da mais pequenina cousa!

Foi uma maçan que occasionou a desgraça da humanidade.

Foi ainda um pomo que deu logar á guerra de Troia.

Consta que os humildes gansos do Capitolio salvaram a cidade invencivel.

Por isso, leitoras, não se admirem si eu lhes disser que foi um lampeão de gaz que separou aquelles dous corações que pareciam comprehender-se.

Antonico ia todas as tardes ao C.... e lá passava o resto do dia.

Até então o nosso namorado contentara-se com os doces colloquios á luz natural, isto é, á luz do sol; mas quiz a sua má estrella que um dia elle se lembrasse de aproveitar tambem a luz artificial, isto é, a luz do gaz.

Eil-o pois a escrever cartas sobre cartas, afim de alcançar o que tanto almejava.

Depois de muitas rogativas alcançou Antonico o que pedia.

Na noute marcada, sahe Antonico de casa todo perfumado e vestido no rigor da moda, não se esquecendo até do classico botãosinho de rosa na casa do paletot.

Acompanhemol-o no seu trajecto.

Antonico toma o bond no largo de ..... e segue para o C.....

Eram oito horas da noute, quando Antonico chegou, e a entrevista estava marcada para as oito e meia junto a um lampeão de gaz.

Por infelicidade do nosso namorado, o propheta que morava a alguns passos do lampeão, havia-se esquecido de accendel-o, de modo que tudo jazia em trevas.

Primeiro contratempo de Antonico.

Emfim consolou-se lembrando-se de que havia, lido que as trevas são propicias aos amantes.

Esperou pois com o coração em ancias e impaciente, como são todos os namorados, que soasse sua hora de ventura e felicidade.

A hora fatal não tardou a chegar mais que nos outros dias.

Antonico, febril de amor e de impaciencia, ouve uma tossesinha secca, suppondo ser o signal, procura tacteando as trevas e encontra uma mãosinha que docemente aperta entre as suas.

Os dous amantes ternamente se abraçam, fazendo... tudo o que é licito fazer-se entre amantes.

Mas deixemos os dous e voltemos ao propheta.

Este que se havia esquecido do lampeão, lembra-se para fatalidade dos dous jovens e volta a accendel-o, mas qual é o seu pasmo ao ver dous vultos que prodigalisavam-se as mais ternas caricias?!

Antonico ainda mais surprehendido fica com o *fiat lux* do propheta e procura desenlaçar-se dos braços de sua amante.

Mas o propheta que ri-se d'este quadro, procura ver o rosto da moça...

Ah!... ella volta-se, elle conhece e exclama:

—Minha filha!...

Deste conhecimento a deixar cahir, sem delicadeza alguma, o pau de que se serve para accender o gaz sobre as costas de Antonico, durou apenas um segundo.

Antonico quer fugir, a filha chora, o pae grita... scena de grande confusão... e sobre todas as cabeças o lampeão altivo rindo-se da sua traição e esclarecendo com sua luz brilhante esta scena de amor e pauladas.

Chegam os visinhos, informam-se do facto e prendem Antonico.

D'ahi a dias casava-se o nosso namorado com a filha do propheta, e a morenita a quem havia jurado eterna fidelidade sabendo d'isto, riu-se e consolou-se com um velho commendador que de ha muito a requestava.

A leitora não contestará a influencia que teve sobre a vida de Antonico um lampeão de gaz.

S. de S.

Execução.

I

O CONDEMNADO.

Havia uma execução!

E o povo corria como louco a esse espectaculo de sangue—para tomar exemplo? Não: era por ser um espectaculo!—O Tejo estava pejado de barcos; as ruas estavam atulhadas de gente; e todos os olhos d'essa multidão immensa se dirigiam a um unico centro—á forca!

Todas as cabeças tinham um só pensamento—a execução!—todas as imagens que se lhe apresentavam na mente, haviam como realidade uma imagem—o condemnado!

E todas as idéas se conglobavam em torno d'esse pensamento de morte!

E viu-se chegar o prestito.

O carrasco, o padre, e o condemnado—faltava o juiz!

A pompa insultava a desgraça!

O luxo seguia a execução!

A bandeira da Misericordia ia apregoando uma misericordia de que poucas vezes se usa!

O povo seguia tudo isso como segue os sal-

timbaneos e histriões que entregam o cartaz de um divertimento.

E elle se apinhava para ver a pintura das côres, a imagem dos remorsos, o pungimento do acerbo soffrer no semblante do condemnado; e para gozar de tudo isto.

Dir-se-hia o tigre! Elle contava de antemão as emoções deliciosas que sentiria quando o carrasco se dependurasse sobre a victima, e quando elle se debatesse entre as torturas da dôr, entre as ancias da morte!

Os romanos tinham os gladiadores e a rocha Tarpeia, nós temos os touros, e a execução!

Fez-se um silencio profundo: o respirar de trinta mil pessoas parou de subito.

D'ahi a pouco, via-se a multidão retirar-se, alguns rindo e folgando, poucos condoídos passageiramente!

E os crimes da vespera perpetram-se n'esse dia.

Onde está o exemplo?

Si esse homem que acabava de morrer—commettera crime—é porque a sociedade o deixara sem educação. E elle recebera de Deus um talento profundo, tinha fome—roubou!—resistiram-lhe—matou!

Educae o povo, e não sustentareis o carrasco!

II

A FAMILIA DO CONDEMNADO.

E essa condemnação não cahira sobre um homem; cahira sobre uma familia!

E a familia expiou tambem o crime do condemnado!

Porque não lhe déste pão, em vez de uma corda?

Porque não o educaste para te não veres obrigada a dar-lhe o pão?

Porque tiras sem direito a vida, que não podes dar; porque puniste um crime, que não era delle, era teu?!

Essa punição não vae cahir sobre uma cabeça—mas sobre muitas cabeças!

E essa nodoa de sangue.—do sangue derramado no cadafalso vae macular a innocencia, e obrigal-a ao crime!

E a sociedade prosegue cegamente em seu caminho, apoiando-se quasi sempre sobre a injustiça.

Não vês as lagrimas da esposa, que chora seu marido morto n'uma forca?

Não ouves os brados do orphão, que chama por seu pae?

Não escutas os gritos despedaçadores d'essas victimas, que pedem pão?

Não te commoves ao aspecto d'essa familia em lagrimas, que tem por brazão o cadafalso?

Não enxugas as lagrimas, não matas a fome, não lavas a nodoa, não reparas a tua injustiça?

Nada disto: continuas o teu caminho descuidosa, deixando revolver-se na miseria e no crime a familia que não teve culpa!

E depois—inda tens forca, inda tens carrasco, inda tens juiz,—o cadafalso á espera!

III

O JUIZ.

E o juiz, que assigna sem hesitar a sentença, que condemna á morte um seu semelhante, não tem remorsos, dorme socegado por que não commetteu um assassinato com um punhal!

E fêl-o de sangue-frio com a penna! Quem lá diz que disso, que chama justiça, não foi um crime? —*A* consciencia?—A voz della está muda.

Que te importa? Si nesse mesmo dia, em que reduziste este homem—a um cadaver hediondo!—essa familia—a um sombrio e sanguinolento desespero—a sociedade te recebe a braços abertos, aperta-te a mão,—a mão cobarde tão manchada de sangue!

Quem te diz que não es mais criminoso que esse assassino, que condemnaste á morte? O mundo convencional!

Será justa a pena de morte?

. . . . . .

Lopes de Mendonça.

Um heroe de novella.

Uma donzella muito romantica cahiu a um rio, e por um triz se não afogou. Um salvador lhe acudiu casualmente, e sem sentidos a tirou d'agua. Quando tornou a si declarou a sua familia, que desejava casar com aquelle que lhe tinha salvado a vida.

« E' impossivel» disse o pae da menina.

« Porque? E' casado?

« Não.»

« Pois não foi esse rapaz muito galante que mora ali defronte?»

« Não, mulher, foi um cão da terra nova.»

Resposta a tempo.

Nos Estados de Coblentz, hotel do Largo do Rocio, entrou uma noite, um francez e pediu cerveja. O dono do hotel serviu-lhe um copo de cerveja alleman; o francez olhou para o allemão, e disse-lhe:

—Que cerveja é esta?...

—Alleman, respondeu-lhe o hoteleiro,

—Leve, replicou o francez, dos allemães só beberei o sangue!...

—Pois eu, respondeu-lhe o dono da casa,

com fleugma, dos francezes, nem o sangue, porque está muito degenerado.

Logica de militar.

Ha dias discutia-se em uma roda de advogados sobre as vantagens e desvantagens da guerra franco-prussiana, e era opinião dos doutores que as duvidas entre as potencias actualmente belligerantes deveriam ter sido resolvidas diplomaticamente, e um d'elles dizia enthusiasmado—esqueceram-se de que a razão tem força, ao que respondeu, batendo na espada um militar que estava presente: qual, meus senhores, ellas lembraram se muito bem de que a força é que tem razão.

Quem correu mais.

Francisco II de Napoles á Roma; D. Izabel de Madrid á Pariz; Lopez do Passo da Patria a Aquidabam; Napoleão de Warteloo á Santa Helena; Rosas de Buenos-Ayres á Inglaterra; D. João IV de Portugal ao Brazil, ou Luiz XVI de Pariz á eternidade?!

Dois epitaphios.

Riem-se, e admiram se alguns, de varios epitaphios que os antigos, homens em tudo singulares, mandavam gravar em seus tumulos

Pois á semelhança d'esses epitaphios, ainda ha pouco, em uma digressão que fiz á Beira baixa, encontrei os seguintes sobre duas sepulturas d'um pobre cemiterio da aldeia, chamada Vermelhaes, si me não engano. Asseveravam ter o primeiro um anno, o outro apenas alguns mezes.

Eis o que dizia o primeiro:

Nú em pello
Jaz aqui João Rabello

O segundo resava assim:

Pobre no mundo foi José Maltez.
Desejará cá vir outra vez?

ANNUNCIOS.

Convocação.

Havendo-se inscripto mais de 100 Srs. typographos, livreiros e lytographos para a fundação de uma associação de soccorro mutuo, os abaixo assignados teem a honra de convidal-os a se reunirem, domingo 30 do corrente, ás 10 horas da manhan, no salão da sociedade Monte-Pio dos Artifices, ao becco do Arcebispo. Bahia 28 de outubro de 1870.

Domingos Francelino da Silva,
Eduardo Daniel Galvão,
Joaquim Cassiano Hyppolito.

Vende-se um preto escravo de nomo Pedro, quem pretender dirija-se á rua do Fogo, casa do general Muniz.

O abaixo assignado, bacharelado em [illegible], [illegible], [illegible] e cynismo, declara que vendo o partido da *conservação* em balanço, tem vindo sua censura; o que o unico alliado que faz esta obra com perfeição, é o *Passaranho*, morador nas ancias de Itapagipe.—*J. A. C.*

Roga-se á pessoa que por engano tirou uma carta no correio vinda de Sergipe, no vapor do 7, contendo no sobscripto o nome de Pedro Ferreira de Barros, nº 77, queira ter a bondade de restituir ou no correio ou na rua do Fogo casa n. 12.

O Sr. Justino Gustavo Dourado tem uma carta no Maciel de cima n. 26 com 14$310 rs. para receber.

Rs. 200$000.

O abaixo assignado gratifica com a quantia ácima a quem descobrir o author do incendio de seu barracão, na noite do 23 do corrente no passeio publico depois deste fechado.—*Julius Meyer.*

Pede-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia providencias sobre as duas partecipações feitas a S. S. sobre o individuo que veio á esta cidade e defloron á sua prepria irman, a qual se acha de esperanças. Individuo que leva o arrojo a maltratar seu velho pae.

Na tolha de Amancio Luiz da França, defronte da egreja d'Ajuda, vende-se farinha, milho, feijão, tapioca, gaz, charutos, tudo de primeira qualidade e por preço commodo.

A VIVANDEIRA

Antiga e muito acreditada padaria, atravessa da rua da Valla, avisa os seus freguezes que continua a vender os seus afamados bolaxões fabricados pelo Sr. Augusto José Chaves; e assim tambem todas as qualidades de massas, doces seccos para chá, assucar de todas as qualidades, café puro, muito bom vinho Figueira, dito do Porto fino engarrafado, dito de Bordeaux, dito branco; gaz em garrafas e latas pelo mesmo preço porque se vende na cidade baixa; charutos de todas as qualidades, em caixas e a retalho, cigarros finos e grossos da fabrica de Leite & Alves, e muitos outros artigos que tudo se vende pelo menor preço de outra qualquer parte.

O Sr. João Dias Ribeiro da Silva tem uma carta com 7$420, no botequim *Castello de Bronze*, para ser entregue em mão propria.

O

ALABAMA

1869

A

1870

I.C.H.B.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.ª QUINTA-EEIRA 1.º DE SETEMBRO. N. 688.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 31 de agosto de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, para que faça cessar o selvagem divertimento das brigas de gãllo, que ha constantemente no Caes Dourado, como contrario á civilisação e ás leis da natureza.

—Capitão, V. Ex. quer ouvir a descripção dos festejos da terminação da guerra na freguezia de Brotas?

—Com muito prazer.

—Então lá vae:

Houve no largo da freguezia uma fortaleza com tres baterias, intitulada *Humaytá,* a qual teve um combate com um vapor encouraçado denominado *Bahia*, fazendo a fortaleza fogo com peças de madeira, tendo dentro canos de espingardas, e o vapor lançava sobre ella bombas, figurando granadas.

Desta maneira representavam a passagem de Humaytá; mas eu achei isso burlesco, até mesmo porque podia ter sido fatal este divertimento.

O palanque estava magnificamente decorado, tendo em ponto grande a effigie de S. M. o imperador; fez a guarda de honra o 5.º batalhão, tendo á sua frente a musica do 14 de linha.

Estiveram presentes ao acto solemne do *Te-Deum* (officiado pelo respectivo vigario Ernesto d'Oliveira Valle) S. Ex. os Srs. barão do Sergy, commandante superior da guarda nacional; Drs. Francisco d'Azevedo Monteiro, presidente interino da camara municipal; Americo de Souza Gomes, delegado do 1.º districto; o medico voluntario da patria Dr. Luiz Alvares dos Santos e muitas pessoas gradas de diversas classes, além de numerosissimo concurso de povo.

A orchestra esteve bôa.

Pregou o benedectino voluntario, pregador imperial Fr. Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, remontando os motivos da guerra desde o cerco de Paysandú e capitulação de Montevideu.

O padre mestre Fr. Carneiro, ainda mais uma vez da tribuna evangelica deixou apreciar-se o seu talento oratorio.

—E como não ser assim, si foi esse o unico religioso que, por patriotismo, despresou os commodos da vida e correu pressuroso ao grito da patria aos inhospitos campos do Paraguay, para ali administrar os soccorros espirituaes áquelles que d'elles necessitassem.

—O padre mestre Fr. Carneiro desempenhou sempre esse encargo de que se incumbiu, como ministro da religião christan, com desvelo e charidade!

Mas deixemos de preambulos e vamos á continuação da festa.

A egreja esteve decentemente decorada, fazendo-se para isso obras e reparos, alem de pinturas, estando anteriormente em estado quasi de ruina.

—E' o puro patriotismo animando o fervor religioso.

—Muitos quadros apropriados de todos os combates terrestres e navaes, bem como Riachuelo, passagem de Humaytá, abordagem, diversas batalhas e a morte de Lopez, sobre-sahindo o retrato do conde d'Eu a oleo, debaixo de um docel, com brasão d'armas.

Ao entrar do templo, do lado direito estavam as effigies dos generaes Caxias, Herval, Itaparica, Porto-Alegre, Pelotas, Triumpho, Tamandaré e Inhaúma.

A' noite todas as casas illuminaram suas frentes e houve illaminação no palanque, tocando a musica de policia no primeiro e segundo dia, e no terceiro a do 14 de linha, tendo havido nesse dia um surprehendente fogo de artificio, terminando-se assim estes festejos.

Hontem, houve um suffragio solemne pelo eterno repouso de todos áquelles que succumbiram no campo da honra!

—Muito bem! muito bem!

Esses festejos correram debaixo de harmonia e muito bôa ordem, não é assim?

—Não; houve no domingo alem de pequenos conflictos, provenientes do effeito do *violão*, um grande *sarceiro* entre o Sr. Baptista, inspector de quarteirão e oito soldados da companhia de caçadores a cavallo, que para lá foram manter a boa ordem?

—E provocaram desordens?

—E' verdade. Estava uma roda de pretos sambando e os soldados prohibiram esse divertimento.

Ora, o Sr. Baptista vendo que não se devia prohibir aos pobres pretos divertirem-se em um dia festivo como aquelle, pedia lhes que consentissem os pretos continuar no seu divertimento.

Os soldados quizeram dispersar os pretos, mas o Sr. Baptista tomou a facha e veio para chamal-os á ordem; porem elles não attenderam e romperam a facha do inspector e deram-lhe muitas pranchadas.

—Ahi está! Foram afim de evitarem conflictos, e manterem a ordem, e foram os primeiros que provocaram a desordem!

—Que terra, meu Deus!....

—Si um sujeito deve e quer ausentar se da terra, assiste aos credores o poder de embargar-lhe a viagem.

—Com todo direito.

—Mas na egreja o negocio ainda é mais fino; morre o homem e embora nada deva, não tendo dinheiro para os passaportes parochiaes, fica impossibilitado de seguir seu caminho de alem-tumulo!

—O que foi V. excogitar!

—Dizem-me que foi o que aconteceu ao cadaver de um menino, o qual por nascer de mãe pobrissima, teve depois de morto, de ficar em casa de infusão por mais de 48 horas, porque aquella sem dinheiro queria que o vigario lhe désse guia de graça, com prejuizo de seu bolso.

—Quem lhe contou?

—Um sujeito morador na rocinha do Barros, á estrada.

—Então o caso foi na rua do Paço?

—Isso.

—Admira! o padre Rocha Vianna passa por charidoso.

—E tanto é, que depois das 48 horas, quando o corpo já estava em decomposição, conhecendo que realmente a mulher era pobre, deu a guia.

—Capitão, ha um caso horripilante.

—Não venha com exagerações.

—Uma moça mal-assombrada.

—Saia-se, homem; anda sempre V. com bruxarias!

—Si eu tivesse amizade com o Luiz Olympio pedia-lhe que fosse ver o que era aquillo.

—O que?

—A alma de mulher que entrou no corpo da filha.

—Ah, visionario de um dardo!

—Eu não sei o que ha; o que é exacto é que a pobre rapariga faz cousas de admirar; suas contorsões horrorisam; seus gestos, seus gritos atterram; seu corpo toma diversas proporções; seus membros interiçam-se horrendamente; sua physionomia assume um aspecto que faz pasmar; seu rosto torna-se de uma côr admiravel; passa cinco e seis dias sem satisfazer á nenhuma das necessidades corporaes; não come, não bebe, e não obra.

Dizem que vivia sempre doente e surumbatica e ás vezes tornava-se inquieta; disseram ao pae que era *santo* e este um dia conjurando o spirito que a perseguia, mandou-o que fosse arrebentar no inferno; a menina instantaneamente cahiu, apparecendo-lhe umas manchas no rosto que tornaram-se em chagas.

Dessa data em diante faz ella proezas, urra, cresce, mingoa, descobre casos.

Evocaram o tal spirito e elle declarou que era a alma da mãe que ali se achava, em virtude de estar penando, por ter morrido mal com uma irman e comadre, a qual não se quiz reconciliar nem perdoar-lhe na hora da morte; que era preciso que essa irman a perdoasse, que lhe mandassem dizer seis missas em S. Francisco, as quaes a menina iria assistir, vestida de luto e outras cousas mais para poder gozar do descanso eterno.

Esse espirito tem um som de voz fanhoso, muito differente da rapariga no seu estado normal.

—Onde está essa menina?

—Na rua da Misericordia, no Pombal.

—V. queria chamar o spiritista e eu pediria á policia que fosse esmerilhar aquillo.

—Ante-hontem, ás 9 horas da manhan, o preto Marcellino, servente de pedreiro, da obra do caes do arsenal de marinha, vinha em um saveiro para terra e cahiu ao mar.

O remador do saveiro continuou a remar, e quando chegou em terra fez um grande espanto do desapparecimento do servente.

—Ora essa é bôa! Então elle não ouviu nem ao menos o estrepito que fez o corpo do preto ao cahir ao mar.

Esta pilula está muito grossa para se engolir.

—O cadaver do preto foi encontrado á uma hora da tarde, e levou no arsenal até que se

fizesse corpo de delicto, sendo depois sepultado.

—O *Diario da Bahia* já deu hontem esta noticia.

—Eu li; mas como correm certas versões, venho pedir a V. Ex. que chame a attenção do chefe de policia para este facto, afim de que elle providencie de maneira que se descubra a verdade, em vista dos boatos que por ahi propalam.

—Capitão, ouça uma conversação que teve o tenente do 14 de linha, que montou guarda na terça-feira no forte de S. Pedro, com outro tenente do mesmo corpo e um paisano.

—Provavelmente foi contra a tripolação?

—E' o que não se pergunta mais.

Não sabia elle que estava diante de um dos agentes da policia secreta de V. Ex.

—Ora vamos a ouvir isso, que eu ja estou ancioso por saber.

—O tenente que estava de guarda na fortaleza, vociferava contra as censuras feitas ao proceder irregular e deshumano dos officiaes deste corpo para com os soldados, chegando a dizer—«elles censuram os officiaes do 14, porque é aqui na Bahia, si fosse no Ceará entrava-se pela typographia a dentro, quebrava se tudo e levava-se donos e empregados a chicote!»

—Olé! Que *D. Quixote!*

—Como se chama este sultão?

—Ignoro o seu nome.

—Pois havemos indagar, para lhe darmos o troco em papeis miudos.

Realmente estamos na Bahia e não no Ceará, onde os officiaes carrascos, julgando os soldados seus escravos, os vilipendia e injuria no meio da rua!

—Dizem que em casa de uma Sra. Zagury está sendo surrado desde sabbado um moleqainho, amarrado de pés e mãos.

Não sabemos até que ponto seja exacto esse boato; mas á vista dos continuados actos de barbaridade que se dão, parece que nao seria cousa de admirar que se viesse juntar mais esse ao catalogo das crueldades.

—O capitão José Thomaz, do 6.°, levou um formidavel couce que rasgou-lhe a bota, a roupa e a carne!

—Em que logar?

—Em Brotas.

—Foi divertir-se e encontrou azares!

A PEDIDO

—Sr. official de justiça, vem fazer alguma intimação?

—Não Sr., venho reclamar meus direitos.

—Não me consta que alguem d'aqui o esbulhasse de suas prerogativas.

—Nem eu digo isso.

—Então, bata á outra porta.

—Capitão faz favor de ouvir-me?

—De que se queixa o Sr.?

—Dos meus companheiros.

—Ja sei, rivalidades.

—Os homens rebaixam o officio, infringem o regimento de custas.

—O que tem Vm. com isso? Não faça como elles e está com sua consciencia limpa.

—Mas eu sou forçado a imital-os para não crusar os braços.

—Explique-se melhor.

—O regimento de custas marca 1$500 rs. por cada intimação, mas os homens combinam com os procuradores a fazel-as por 1$ rs., revertendo os 500 rs. para estes. Desta sorte o que não se sujeita á essa imposição, não trabalha, e por conseguinte não tem o que dar á familia para comer.

—Ahi é o Sr. escolher o que mais lhe convém, ou sujeitar-se á vontade da maioria, ou soffrer os effeitos de sua reluctancia.

—Mas isso não é cousa que se possa remediar?

—Pela minha parte, não.

—Então só me resta resignar-me.

—Ha mais tempo ja devia ter tomado essa resolução.

—No domingo, tendo ido a musica de policia tocar em Brotas, o coronel José Carlos Ferreira convidou ao musico Copertino, seu afilhado, para jantar.

—Ao que vem isso?

—Ouça me V. Ex.

—Que hei de eu fazer si não ouvil-o?

—Porém achando-se na casa do coronel José Carlos o capitão de policia Carvalho, prohibiu que Copertino se sentasse na meza. Sabendo o coronel José Carlos d'isso, disse a Copertino que elle estava em sua casa e que não tivesse receio.

—E Copertino foi para a meza?

—Foi, porque assim o exigiu o coronel José Carlos, seu padrinho, e para prova d'amizade que elle tem a seu afilhado, fez-lhe diversos brindes, que foram por todos correspondidos!

—Já eu vou conhecendo o desfecho de sua historia.

—O capitão Carvalho, em vista disto, veio

para o quartel e representou ao commandante contra Copertino, fazendo-lhe accusações a seu geito; pelo que foi Copertino preso, não no quarto da musica onde costumam prender os musicos, mas no xadrez!

—Oh! com effeito! O tal capitão Carvalho quer mandar até na casa alheia!....

Safa! Que jantar amargoso!

A sorte de quem busca lan, é sahir tosqueado....

Cynico, immundo immoral e devasso, é o grupo do *olho-vivo* que fundado em van proposito quer á todo transe violentar os credores do botequim ao largo do theatro....

Cynicos, são os defensores da *commandita*, visto representarem de *lorpas* em prejuizo somente de um individuo de quem se deve ter consternação do seu deploravel estado, que é pois, o *czar da Russia*.

Immundos, são os personagens da tragedia denominada *ladroeira,* cujo protogonista foi e ha de ser sempre o Bandeira *Custodio* de grande nota no palco das *agilidades*; tenhamos em vistas a forma porque *escamoteou* os *cobres* de varios no Commercio, quando pertenceu á certa repartição que *recebe;* unicamente pezar nos assiste de não o por-mos á sombra do *engenho da Conceição*.

Immoral, é aquelle contra quem estão sendo movidos dous preitos, por ter de boa fé illudido o Commercio, afim de ter dinheiro para saciar o execrando vicio de *jogador pichote* em roda mui conhecida.

Devassa, é a mulher sem pejo, honra e honestidade que quer chamar á sua *folha* o objecto questionado, sem cumprir as obrigações contrahidas por conta propria do filho dilecto....

O quadro que esboçamos bem pode figurar a par de outros, na exposição dos homens sem *brio* e das mulheres sem *pudor;* que envolvidos na *capa de velhacos* e fiados na protecção dos *compadres,* quando estes occupam posições officiaes, vão por este facto fugindo ao dever de serias obrigações, e sagrados compromissos, porque contam seguramente escapar pelo bom exito de suas machinações.

Provem as transacções que fizeram sem intervenção de quem allega seu direito, justifiquem com testimunhas conceituadas como nós o faremos, chamem os obreiros factores da armação, mobilia etc., elles que digam o que souberem; vão a diversos negociantes perguntar com quem transigiu a casa, e de quem receberam os saldos de suas contas e findo este exame invoquem a propria consciencia que até agora tem estado sepultada no abysmo da ignorancia, que logo a boa razão os dita a mudar de rumo, porque da sorte em que vão, acabam por ficarem completamente derrotados.

O victima.

Srs. redactores do *Alabama.*—Tendo o Sr. capitão Jayme Alves Guimarães me dado a paternidade de uns escriptos publicados no seu jornal contra o Sr. João Maia, morador ao Porto do Bomfim, e affirmado perante mais pessoas ser eu o author delles, por lhe haver dito pessoa competente da typographia; afim de que se desmascare uma infame intriga, o abaixo assignado pede a VV. que se dignem por amor á verdade, declarar si taes escriptos lhe pertencem.

Sou, etc.

Felicissimo de Souza Reis Esquivel.

—

Qualquer que seja a publicação alludida á pessoa do Sr. João Maia, podemos affirmar que não pertence ao Sr. Felecissimo de Souza Reis Esquivel; assim como declaramos que não passa de uma miseravel intriga o facto de ter algum empregado declarado ser S. S. o author delles, por quanto ninguem tem conhecimento de quem seja o author de qualquer artigo sinão a redação, salvo si seu proprio dono mostra ou communica a alguem.

A Redacção.

VARIEDADES.

Mandamentos das moças solteiras.

1.° Ser namoradeira.
2.° Ardilosa.
3.° Vaidosa.
4.° Voluvel.
5.° Intrigante.
6.° Chorôna.

ANNUNCIOS.

Prata e ouro.

Compra-se dinheiro de prata e ouro, e em obras, na loja á rua direita do Collegio, junto a Bibliotheca Publica, n.° 33, A.

Pede-se ao Sr. Adelermo Nascimento, musico da Cathedral, que venha na rua do Pão-de-ló, venda n.° 24, receber uma carta com 9$320 rs., que, ha dous mezes, existe neste logar para lhe ser entregue.

O dono.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.ª SABBADO 3 DE SETEMBRO. Ns. 689—690.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 16 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 150 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de setembro de 1870.

Acto.—O capitão do *Alabama*, attendendo as reclamações dos cobradores deste periodico, relativamente aos assignantes marralheiros; e tendo em vista que só assigna gazeta, quem a pode pagar, pois não é genero de primeira necessidade, resolveu publicar os nomes de todos os assignantes remissos, de cabeça para baixo, afim de que fiquem bastante conhecidos.

Ordena por tanto que neste sentido se expeçam as necessarias communicações.

(Communicou-se aos assignantes que se acham atrasados nos seus pagamentos.)

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que considere sobre o fatigante uso de, na presente estação, marchar a tropa para a guarnição com um enorme peso ás costas, composto de capote emmalado e outros accessorios, o que é excessivamente vexatorio n'uma cidade como esta, dominada de ladeiras, fazendo com que as praças cheguem a seus destinos alagadas e extenuadas; e como os referidos objectos sejam inteiramente dispensaveis no serviço ordinario, espera-se que S. S. sirva-se de abolir semelhante uso como pernicioso á saude dos soldados.

—Por mais que a imprensa clame contra a maneira irregular, porque procedem os moleques nesta terra, a policia, a quem compete providenciar, não dá o menor cavaco!

—Pelo que elles praticam milhares de libertinagens e desatinos.

—Qualquer pessoa é injuriada e maltratada no meio da rua por essa vil canalha!

—Tambem, andam entre elles muitos meninos brancos sem educação alguma!

—Quer ouvir um caso de lastima, que se deu na quarta-feira, pelas duas horas da tarde, no largo do Theatro?

—Practicado por essa maldicta gente, não?

—E' verdade!

Um moleque estava no largo do Theatro a dar pedradas; passa uma pobre preta e uma das pedras foi-lhe sobre o olho e vasou o.

—Misericordia!

—Elle largou-se a correr pela rua de Baixo a fora, e a infeliz preta, estendida ao chão, estorcia-se da horrivel dor, que estava soffrendo!

—E não foi preso o patife do moleque?

—Elle podia até ter matado-a, e ir-se tranquillamente, porque não compareceu um só agente da policia ao logar do conflicto.

A preta esteve por muito tempo gemendo de dores até que a levaram para a casa!

—Os moradores da rua do Hospicio, freguezia de S. Pedro, festejam a chegada do 54 de voluntarios.

Ha coreto, musica, illuminação, flores, foguetes, etc.

—E' assim mesmo que se deve receber nossos patricios, que voltam das fadigas da guerra.

—Quinta-feira um marcineiro no Terreiro deu em um discipulo 70 bolos contados!

—Oh!.....

—Não contente, amarrou-o, e com uma corda deu-lhe muitas lambadas pelo corpo.

—Si é por meio de castigo que se ensina, parece que pelo excesso deste, o menino devia ter decorado de uma vez o officio.

—Recommendavel peça na verdade!

—O que é isso?

—E' o auto de perguntas feito a uma rapariga que atirou-se do segundo andar de uma casa, pelo simples receio de que não tendo acabado a costura, que sua senhora lhe dera, esta a mandasse desmanchar o que estava feito!

—Que medo sem ver de que! Pois por tão pouca cousa quiz se descartar da vida!

—Mas ella declarou que o fez sem consciencia, porque quando se levantou da costura tinha a cabeça atordoada.

—Uma razão bem dada... etc.

Não declarou si era castigada?

—Quando errava a costura sua senhora a castigava, porem castigo *muito* brando.

—Ora eis-ahi o que se chama uma escrava má para um bom senhor!

—A companhia do olho-vivo se utilisa de tudo!

Na quinta-feira, roubaram um candieiro de gaz, da escada de um sobrado á rua da Ordem Terceira de S. Francisco.

Safa! que aves de rapina!

—No dia em que chegou o conde d'Eu o destacamento do Caes Dourado sahiu fora do serio.

—O que fez?

—Os soldados espancaram um menino a estouros de refle; o povo apedrejou o quartel; a tropa carregou armas sobre o povo.

—Que policia alarmenta!

—Nesse dia mesmo agarraram um individuo conhecido por *Capemba* e deram-lhe pancada de cego; o inspector de quarteirão appareceu e querendo accommodar, quasi que apanha tambem.

—Isso é um nunca acabar!

—Geraldo Correia de Siqueira tem uma vendola ao Pilar; o olho-vivo visitou-a na noite de 28 do p. p. e levou-lhe uns cento e tantos mil réis, todos os fundos do homem.

—Esta terra é dos ladrões!

—Foi preso um Manuel Antonio, ex-praça, vinda do sul, o qual, dizem, declarara no interrogatorio, com imperturbavel placidez, que se dava a essas emprezas, mas em avultada escala, e costumava depois passar fogo no sujeito.

—Conseguintemente está de mão ageitada.

—Dizem que ha quem visse quando elle sahia por um baraco que fez na escada.

—Isso não é prova; eu estou vendo todos os dias elles serem presos com o furto na mão e no outro passeiarem.

Os credores.

Este nome so por si, e sem mais explicação, causa medo, faz pavor, tira a cor do rosto, e a vontade de comer.

Este nome, tem uma explicação sinistra e menos boa.

O credor! oh! quer dizer para o que deve, que é uma entidade a quem deve satisfazer, a quem deve dar alguma cousa ao menos por conta, ante quem se humilha, por que elle tem a sua sorte nas mãos.

O credor! é um homem que pode tudo dizer sem que queira nada ouvir; pode tudo exigir, sem que á cousa alguma esteja obrigado; que pode perturbar todos os prazeres de um seu semelhante, sem que este possa queixar-se; que pode enfurecer-se e gritar, quando so lhe fallam com bons termos e da melhor maneira possivel.

Aquelle que deve, é o mais desgraçado de todos os homens. Elle não tem para si nem as ruas para passeiar livremente, porque pode encontrar-se a cada passo com um credor, que lhe venha pedir a importancia do que lhe deve, e levar-lhe o desgosto ao seio d'alma.

Não pode o que deve ter um dia de prazer. Lembra-se bem de ajuntar sua familia, e com ella ter um dia de alegria com que minore os seus pezares: mas, como?.... quando estiver rindo-se, quando estiver divertindo-se, aos seus ouvidos chegará a voz do credor, que parado em frente de sua casa está dizendo:

—*Eis aqui! tem dinheiro para divertir-se, para dar pagodes e funcções, e não tem para me pagar. Ora, deixe estar que havemos de ver!*

Não pode, por mais que lhe aperte o desejo, ir a um theatro, ou mostrar-se em publico com uma casaca nova. Seus credores tem os olhos em cima de suas acções e não perdoam nada. Oh! o homem que deve é o mais desgraçado de todos os homens.

Por aqui porem já se pode ver, sendo a posição do devedor tão terrivel, qual será a de um credor! E' um senhor poderoso á vista de um escravo: é um principe que não quer ouvir replicas. Quer receber, e não recebendo vomitar a sua bilis raivosa: é um... um... um diabo!....

Não sei o que tem a cara do credor que nunca agrada. A cara do meirinho, do qual hei de fallar, em outro artigo, é desagradavel, porque todo meirinho tem um typo particular de cara, que não se torna muito sympathico. Mas, o credor inda que seja um moço bonito como o sol, jamais sua cara parece boa ao devedor.

Vai o devedor andando alegre por uma rua, e quando não esperava, encontra-se frente a frente com o seu credor: que terrivel encontro! A alegria foge; o devedor se esconde, não a seu gosto, e faz o mais possivel para não ser visto, ou passa como si não visse o homem de suas embirrancias. Ja vi um devedor, que indo por uma rua todo lepido e bem engommado, só porque se encontrou com o seu credor, ficou tão atarantado, que sem mais reparar, metteu o pé com força dentro da lama, de onde resultou não poder mais

continuar seu caminho. A cara de um credor, é de veras cousa bem má: parece que tem os privilegios dos cachorros ruivos no tempo dos romanos.

Dous homens são muito amigos, e até compadres tres vezes. Não podem passar um dia sem que se vejam, e quando se não encontram, andam tristes. Mas, accontece que um d'elles teve uma necessidade, e constituiu-se devedor do outro. Então a cousa se muda, e tudo é diverso. Quando o credor vem á casa do devedor, já este não o recebe com aquelle agrado antigo; parece que o credor lhe vem pedir o seu dinheiro, e que lhe está dizendo, —quando me paga ? Si se encontram na rua, não ha mais offerecimentos de parte a parte, nem páram para conversar. O devedor sempre vai com muita pressa, e tem muito que fazer. E nem se estranham mais as faltas de visita. A amizade como que esfria, e rara vez se não acaba: ja poucas vezes se chamam compadres, quasi sempre é Sr. F. e Sr. Sicrano.

Ja se vê pois que o credor é uma entidade terrivel, e com a qual ninguem quer se encontrar. Ha porem um momento em que o credor parece um homem do ceu, e outro em que o devedor apparece ufano em casa do credor, fazendo barulho na escada, quando lhe não abrem logo a porta, e com uma matinada insuportavel, fazendo se sentir desde que entra.

O credor é um homem estimavel e a quem se desejam todos os bens, no momento em que empresta o seu dinheiro e se torna credor. Então elle é um grande homem, inda que logo desde o dia seguinte principie a ser odiado.

O devedor se torna ufano, e altaneiro como um vencedor de cem batalhas; no dia em que pode entrar pela casa de seu credor, metter a mão n'algibeira, e dizer-lhe, venho pagar o que lhe devo!

Como porém deverá fazer a creatura, para não ter a infelicidade de ser devedor, nem de ser atacado por um credor?—Simplesmente. ☞ Regulando seus rendimentos, e despezas.

As cadeiras de arruar.

A loucura dos homens tem chegado a um ponto, que procuram inutilisar aquillo que lhes deu Deus para seu serviço de todos os dias.

As pernas foram dadas á creatura pelo Supremo regulador de tudo, para que d'ellas se servisse, afim de se transportar de um logar para outro.

Com as pernas pode o homem fazer leguas e leguas, subir e descer ladeiras, e correr a tratar dos seus negocios.

Mas, para perdição do homem, nasceu em seu coração o amor do dinheiro—elle desejou possuil-o; possuindo-o, seu coração se enervou, suas necessidades cresceram; a ostentação se procurou mostrar de todas as maneiras, e em sua loucura, em seu desvario [illegible] que não devia servir-se de suas pernas para caminhar, para subir uma ladeira, para agenciar sua vida. Achou melhor ser conduzido por outros homens, e lançou mão em sua tyrannia para um tal fim, d'aquelles, cuja infelicidade está na côr—e se conheceram —negros de cadeira.

Ora, que a creatura se servisse de um animal para carregal-o, e proporcionar-lhe um transporte mais commodo, é supportavel, mas que ella fosse se lembrar de seus semelhantes, para viajar sobre seus hombros, sem attenção ao seu cansaço, aos soffrimentos que devem experimentar em tal emprego, é insupportavel, e só duas cousas explicam semelhante costume—o desejo de ostentação que se nota no coração humano, estribado no seu amor proprio e o desejo do ganho que leva o homem a soffrer inda os maiores males.

Os negros de cadeira, são uma praga que se vê espalhada em toda a Bahia. Animados por esse natural instincto do interesse, elles povoam os logares mais publicos, vagueam por toda a parte, e atormentam aos passageiros com os seus soffrimentos de—Qué cadeira, sinhô?

E como, não hão d'elles achar lucro no seu negocio, si é uma mostra de boas circumstancias, e de riqueza, andar um homem com a sua cadeira atraz?

O pobre nunca quer parecer tal; mas como não pode comprar uma cadeira e negros, vai entregar os vintens muitas vezes de suas economias, para dar tambem o seu passeio de cadeira atraz, para levar sua mulher a missa em cadeira, como faz o rico seu visinho.

E como não hade ser assim, si a maioria das moças bahianas são tão mimosas que para passar de uma porta para outra, hão de ir, como si tivessem medo de algum bicho, ou de serem molestadas em seus pés, muito bem escarrapachadas em uma cadeira, cujos negros as mais das vezes se vão curvando debaixo do seu enorme pezo?

Assim ha de ser por força!

Ha porem cadeiras de todas as qualidades. Cadeiras rôtas, cadeiras boas, e cadeiras ricas. Eu antes quizera caminhar a pé do que metter-me n'uma cadeira espedaçada, e que mais parece uma tumba de cemiterio, do que objecto de luxo A maior parte das de alu-

guel são d'esta qualidade; nas quaes prefe rem andar as madamas em suas visitas, do que fazel-as a pé.

Um grau mais acima d'estas ficam as cadeiras dos conegos, cujos negros tem sempre na cabeça uns chapeus que parecem ter sido comprados em algum monturo, ou sabidos da casa de algum miseravel Belchior.

Andam na mesma linha, as cadeiras de medicos novos, que necessitando de impostu-rar e não tendo os meios necessarios para isso, como uma cadeira custa sempre mais alguma cousa do que uns oculos, julgam que não podem sahir á rua sem uma cadeira atraz de si, embora velha, embora os negros —um vá de chapeu de palha, e outro de chapeu de pello, embora o fardamento esteja cahindo aos pedaços. Um conheço eu, que quando vai dentro de um banguê d'estes, parece um mandarim da China a passeiar em seu rico e faustuoso palanque.

As cadeiras boas, pertencem aos chefes de repartição, aos moços de bom tom, e aceiados, aos medicos de certa ordem.

As cadeiras ricas aos felizes da terra, que não tendo em que gastar os seus grandes rendimentos, vão cobrir de galões a um homem negro, que seu luxo lhe aponta como necessario para sua representação.

O que porem ha de certo em tudo isto, é, que a historia de uma cadeira atraz de si, é uma grande asneira, que embora approvada pelo luxo dos homens, é uma loucura.

Disse.

LÁ VAE VERSO

Porque será?

Mas que muito, si ha gente e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave?

BOCAGE.—Fabulas.

(*Conclusão.*)

Porque será que as senhoras
Que da fortuna dependem,
Cheias de enfeites, pretendem
Tornar-se mais seductoras?

—E' porque são peccadoras,
Aborrecem a pobreza,
E suppondo que a belleza
A attenção dos homens chama,
Enchem de algodão em rama
As faltas da natureza.

Porque será que as meninas,
Que tres romances teem lido,
Fazem ja grande alarido,
Pretendem passar por finas.

—E' porque umas disciplinas
Na mão do pae não teem uso;
E a mãe, consentindo o abuso,
No que estava ao seu alcance
Nas mãos em vez de romance
Lhes não mette a roca e o fuso.

Porque será que as matronas
Velhas, mas pretenciosas,
Ralham das moças formosas
A quem chamam *toleironas*?

—E' porque, inda folgazonas,
Sentem da belleza inveja;
E vencidas na peleja,
Rodeando uma donzella,
Sabem que, ali, é tão bella
Como a flor entre a carqueja.

Porque será que a miseria,
Propria, aqui mostrar não venho
Si n'outros, mostro a que tenho
De forma tão pouco séria?

—Porque intento dar materia
Ao escriptor levianno,
Para que seja inhumano,
Como eu sou e são diversos:—
Leiam, antes d'estes versos,
Dous versos do grande Elmano.

J. F. X.

A PEDIDO

—Estamos no seculo do jogo; tudo joga! Desde os vapores da companhia Bahiana até os mais nobres e severos *recreatistas* da capital... O jogo é uma necessidade urgente, necessaria, inherente á natureza desta terra. Presentemente muita gente joga para viver e morre por jogar.

—Ultimamente um sujeito querendo perguntar a outro—que horas são?—perguntou —que fixas são?

—E a mocidade corre, a mocidade atira-se, a mocidade abraça-se ao jogo com um furor inexplicavel!

—Já não se diz:—fulano de tal é um bello moço; diz-se simplesmente, unicamente:—fulano de tal joga como um damnado!

—Eu ha dias sonhei que me achava invisivel em uma casa de jogo, das muitas que abundam neste enorme taboleiro... isto é, desta feliz e progressista provincia.

Achei-me no segundo andar de um sobrado, n'uma sala, ao pé de uns sujeitos, que me tinham cara de gente, que anda envolvido em *negocio*.

As primeiras palavras que ouvi ao entrar na sala foram estas:

«*Agióque tibia traira salamecum.*»

Que diabo é isso? exclamei com suores frios.

«*Quantringere me domine et nabus affectus et calungi gessus!*»

Novos suores frios.

Desta vez, exclamei eu, estamos todos perdidos. Os sujeitos jogam em latim e não ha policia que os entenda.

Finalmente uma voz afflautada soou do canto da sala:

«*Arvore de pinho* foi gente!»

E logo uma outra menos afflautada; porem mais sentimental:

«Oh cousa, da cá uma *armação*!»

E logo depois outra:

«Isto é *piabada*!»

Tremi da cabeça aos pés.

Temos piabada e a policia não vem!

Tive impetos de correr á policia, debruçar-me sobre o morigerado hombro do Sr. Dr. chefe de policia e murmurar-lhe ao ouvido com um tom mysteriosamente policial:

«*Sr. Dr., arvore de pinho, foi gente!*»

Amor e ciume

PERGUNTA

Que parentesco chegado
Tem amor com o ciume?

RESPOSTA

Não é irmão do amor
O negro e feio ciume;
Erra nesta parte quem
Disso o contrario presume.

Amor é filho do ceu
E alegres viver nos faz;
Mas o ciume ao contrario
A morte á alma nos traz.

Amor exprime o affecto,
Que ata dous corações,
Quando são na terra unidos
Por sinceras affeições.

Amor exprime respeito,
Amor exprime amisade,
Amor nunca desconfia,
Amor é todo bondade.

E' o ciume outro tanto?!
Erra quem assim pensar.
—Ciume é negra suspeita,
Que a vida nos vem matar.

Ciume exprime receio,
Inveja, rivalidade,
E faz qu'aos outros tratemos
Com acerba crueldade.

Ciume é a negra inveja
Da virtude, do talento,
Da riqueza, formosura,
Primasia e valimento.

Ciume é filho dilecto
Da vangloria e da paixão,
E é irmão consanguineo
Da vileza e da traição.

Nunca ciume possue
Quem tem verdadeiro amor;
Feliz do que fugir sabe
Do ciume corruptor.

Assim não ha parentesco
Entre o amor e o ciume,
Erra mil vezes aquelle
Que o contrario presume.

Amor é flamma celeste
Descida do seio Eterno,
Emquanto que o ciume
E' filho do negro Averno.

Não ha parentesco, pois,
Entre o ciume e amor,
Este dá á alma vida,
Aquelle a morte ou a dôr.

—Muxingueiro, vae a aquelles dous logistas que vivem em perfeita *alliança* e adverte-lhes o irregular procedimento do seu mestre de obras *Domingos*, o qual rouba-lhes as horas de trabalho e as emprega em um ridiculo e bandalho namoro, do qual resulta escandalo á visinhança pela depravação e cynismo com que é praticado.

Parece que ja um negociante queixou-se debalde do reprovado proceder desse Adonis de thesoura, porque elle em sua amoreletica pertinacia, leva o arrojo a bolir para todas as casas de familias da circumvisinhança.

POESIA

Dada por uma bella Joaninha que estava mordida da cobra.

Motte

Quantos crimes ha no mundo
Tem castigo á proporção;
Não ha castigo que puna
O crime da ingratidão!

GLOZA.

Da traição é sem segundo
O crime que o inferno pede,
Mas ha outro qu'inda excede
Quantos crimes ha no mundo.
O seu damno é tão profundo
Que p'ra sua expiação
Mesquinhos castigos são,
Os martyrios mais terriveis;
Os outros si bem que horriveis
Tem castigo á proporção.

Da justiça na tribuna
O juiz deste Universo,
Diz que um crime tão perverso
Não ha castigo que puna.
Muito embora se reuna
De demos um esquadrão,
P'ra trincar o coração
D'aquella qu'ingrata ha sido,
Não pode ficar punido
O crime da ingratidão!

—Venha cá, *Antonio*?

—Prompto, capitão.

—Para que V. ha de andar diffamando as familias, safado?

—Eu, capitão.

—V. mesmo.

Outro dia o *Souza* se me queixou d'esse seu proceder irregular.

—Que Souza?

—Aquelle que mora no *Saldanha*, e é amigo intimo do *Silva*.

—Não creia nisso, capitão.

—Pois olhe, meu lingua viperina, se eu tiver outra queixa contra V., mando trancafiar-lhe a cabeça dentro da cloaca do navio, ouviu!

Um sonho horrivel.

Em uma dessas noites de inverno,
Quando á cama attingia já cansado,
Ao primeiro roncar, meio acordado,
Em sonho vi aberto o negro inferno!

Assustei-me! e gritando roucamente
Eu vi dous homens; um todo queimado,
Outro n'uma fogueira sapecado,
Gemendo em afflicções mui acremente!

Quem são?... quem são?... silencio profundo!
Somos nós... um juiz e um advogado
Que estamos cumprindo nosso fado
Pelos males que fizemos lá no mundo.

Graça.

Dizem que graça é uma cousa
Que não se pode entender,
Mas como graça fazer
Sem se saber como é?!
As vezes, n'uma donzella
De faces côr da roman,
Acha-se graça louçan
No boliçoso do pé!...

E' graça o travesso olhar
Da virgem que meditando,
Vae o peito nos roubando
Como o lindo colibri,
O perfume da violeta
Rouba a linda borboleta,
Como a doce quietação,
Dos bosques a viração,
Suspiros da juruti.

Um sig[illegible]zinho no rosto
De u[illegible] belleza offegante,
Cuj[illegible]eito palpitante
Nos dá prazer, nos dá gosto...
O adelgaçar d'um vestido,
Um suspiro, um ai sentido,
Até um proprio gemido
Soltado de um modo, a geito,
Um resonar inda ao leito
As vezes tem tanta graça...
Qual do patusco a chalaça
Ao descair do sol posto!

Eu não sei graça o que é..,
Semsaborias de *empada*
Uma cousa sem ser nada,
Que faz a gente gostar...
Mancebo desconhecido,
Muita vez desaforado,
Que commettendo um peccado
Nos faz a culpa adorar...

Si me ensinarem o qu'é graça,
Sou capaz de dar a vida!
Por graça seria tida
Ai! esta minha loucura...
Quem se asphyxia por gosto
N'um quarto cheio de flores
Acha belleza nas dores
De uma morte prematura.

. . . . . .

Safa! que o tal bichosinho
Nunca se faz conhecer...
As vezes vae-se esconder
Até no proprio ciume...
Mostrando o rostinho a furto
Quando a donzella chorosa
Solta um suspiro queixosa
Na voz d'um triste queixume.

Dizem que graça é uma cousa
Que não se pode entender;
Mas como graça fazer
Sem se saber como é?!
As vezes, n'uma donzella
De faces côr da roman,
Acha-se a graça louçan
No boliçoso do pé!...

L. S.

VARIEDADES.

Noites de horror.

I

A ventania é rija, como o pampeiro, as luzes debatem-se ás suas azas e apagam-se ao

seu açoute; joguemos á luz amarellenta e sulphurea do relampago.

—E' infame o que se levantar da banca em quanto tiver no bolso uma moeda, e no estomago um vacuo para despejar uma garrafa de vinho.

Ao vinho, ao vinho, mancebos!

O vinho accende na lanterna do craneo o fogo da inspiração e faz acordar no peito os echos adormecidos do prazer.

Vinho! gritou com todas as forças dos pulmões já estragados pelas continuas libações á que se entregava, um moço jogador de fronte pallida, como o marmore, e cabeça loira, como espigas de trigo.

Vinho! gritaram com vozeria infernal todos os que rodeavam uma mesa cheia de notas do banco e maços de baralhos.

Um urro como o da onça enfurnada, farejando a presa, confundiu-se com o estampido do trovão, com o tinir dos copos, com a voz rouquenha da blasphemia, com a palavrada nua e descabellada, e a gargalhada estridente, como a de Satan, quando vinha rolando no espaço a se despenhar no abysmo da perdição.

Os uivos da ventania redobravam de força, o tecto estalava e ameaçava desabar, e os moços jogadores continuavam á desafiar a ira celeste.

—Hoje no ceu ha briga velha: é o porteiro que lucta para não deixar entrar um jesuita, que depois de avassalar a terra, pretende escalar o ceu.

—Cala te, patife; meu pae foi um frade e quem sabe si não é elle que faz dos cordões escada para subir com tão mau tempo ás regiões ethereas, como outr'ora fazia ás cellas das freiras.

—Acabemos com isto; sou homem dos grandes commettimentos, vociferou o moço pallido de cabellos louros—Dyonisio.

Minha divisa é—tudo ou nada.

Veem este maço, resto de maior quantia? é um conto de réis; pois bem um conto de réis é banca! Não apparece qnem levante a luva? Coitados, teem amor ao dinheiro! Custa-lhes muito a ganhar!

Vejo que não ha quem tenha dinheiro para cobrir a banca; vou correr para as almas.

—Corra... gritou um jogador de cabellos grisalhos e bigodes retorcidos, cara ossuda e nariz adunco e saliente.

—Bravo, capitão; tem coragem, veio endinheirado da terra dos Guaranys e não faz banca-rôta.

—Uma dama á esquerda e um rei á direita; vou contra o monarcha e hei de ganhar a partida, retrucou o moço louro.

—Estou entre dous fogos; com mil bombas! a dama e o monarcha; á primeira votei o meu coração, ao segundo a minha espada! Caramba! quando á patria está em perigo e o throno vacilla, sacrifica-se tudo pelo throno.

Puff! para o lado o cachimbo e chega a postos.

Não puche carta ainda.

O barbudo ainda tem dinheiro; tive agora um palpite de que seria vencedor.

—Cem mil réis pela dama, gritou um moço estudante.

—Não é dinheiro, creança! guarde o seu pequeno soldo.

—Caso! desta vez foi um padre, roliço como uma pipa, nedio como um cevado e vermelho como um pimentão, que fallou misturando sua santa palavra com uma baforada de cigarro.

Os jogadores acercaram-se todos de Dyonisio, attentos e quasi sem respirarem, esperavam que sahisse do baralho a carta porque se interessavam.

—Uma dama! exclamou Dyonisio fleugmaticamente; eu a fugir dellas e ellas a procurarem-me! O rei foi vencido pelos attractivos femininos; tambem não é a primeira vez que isto acontece.

—E perdi minha missa, bocejou o padre, arregalando os olhos somnolentos.

—Padre-mestre, no mundo anda quem para os senhores trabalha; dar de comer a quem tem fome é uma obra de charidade e as minhas algibeiras estavam quasi phtysicas.

—Não tiro um vintem da banca: dous contos de réis, ou hei de sahir d'aqui com dinheiro, que me dê reputação de honrado no mundo; ou com os bolsos limpos e puros ali como a consciencia do Padre-mestre.

(*Continua.*)

Calculo phenomenal

—Lê-se em um jornal europeu o sguinte:

«Um mathematico americano, que tinha tempo de sobra, divertiu-se em fazer os calculos seguintes:

O juro simples de um soldo (cerca de um vintem de nossa moeda) posto a render a 6 % desde o nascimento de Jesus Christo, não produziria mais que 12,178,130 dollars; mais si os juros fossem compostos, daria tão consideravel quantia que, sendo em ouro, poder-se-hiam fazer della 84,840,000,000 de globos tão grandes como a terra.

Si a somma deste juro fosse dividida em partes iguaes entre os mil milhões de creaturas humanas hoje existentes na terra, receberia cada um 84,840 desses globos de ouro.

Si todos esses globos fossem collocados em linha recta, tocando um no outro, uma

bala de artilharia de Parot, percorrendo 500 metros por segundo gastaria 74 biliões de annos para ir de uma extremidade á outra.

Enfim, si o saldo ficasse a juros compostos até o fim do seculo actual, a quantia que produziria, representada em ouro, e fundida em uma só massa, formaria um globo que encheria todo o systema solar, excederia em mais de 500 milhões de milhas a orbita de Neptuno, que está 2,850,000 milhões de milhas distante do sol, o que comprehenderia todo o systema do mundo.»

Si o leitor duvida, verifique por si mesmo.

Singularidade do jogo.

Um homem que tinha viajado por largo tempo, voltou afinal á pátria.

No mesmo instante viu-se cercado dos amigos que, satisfeitos de vel-o, o congratulavam pela sua feliz chegada, rogando-lhe contasse algumas das suas aventuras.

Ah! exclamou o viajante: vi cousas que a ouvil-as vos assombrareis.

—Por isso mesmo lhe responderam, contae-nos algumas.

—Sabeis, perguntou elle, a immensa distancia em que estamos do paiz dos hurões? Pois daqui a 1,500 leguas, vi uma especie de homens a mais singular do mundo.

—Commummente estão sentados á mesa desde pela manhan até á noite, ou desde a tarde até pela manhan, sem que na mesa hajam toalhas, nem cousa que se leve a bocca. Ainda que lhes retumbem trovões sobre a cabeça, pelejem exercitos a seu lado, ou o ceu ameace esmagal-os, não tenhaes medo que se levantem dos assentos:—parecem exactamente surdos-mudos.

Entretive-me a contemplal-os com admiração: acreditai-me, amigos,—jamais me esquecerei dos horriveis semblantes que frequentemente lhes observava.

Muitas vezes lhes vislumbravam nos rostos a desesperação e a raiva, e não poucas uma alegria maligna mesclada de inquietação.

Umas vezes estavam furiosos como as Euménides, outros serios como um official de justiça: —ora, pareciam soffrer as agonias de um homem que vae ser garrotado.....

—Em que se empregavam, pois, esses infelizes? lhe perguntaram os amigos, interrompendo-o. Engenhavam algum projecto de lei para a *salvação do estado*?

—Não.

—Ideiavam meios de pagar a *divida nacional*?

—Menos.

—Projectavam algum canal no isthmo de Panamá?

—Nem por pensamentos.

—Procuravam a pedra philosophal?

—De nenhum modo.

—Buscavam a quadratura do circulo?

—Tão pouco.

—«Pois uns maniacos sentados á mesa sem comer, sem ouvir, sem fallar, sem sentir, que diabo podiam fazer?»

—Eu vos digo: estavam jogando as cartas.

Receita para grangear popularidade.

Dizem por ahi que para grangear popularidade basta ser tolo ou charlatão, o que não é absolutamente verdade, á vista do que vae lêr-se:

Quereis fazer prevalecer uma opinião? Entendei-vos com as mulheres. Estas recolhem-n'a favoravelmente, porque são ignorantes; espalham-na facilmente, porque são leves, e sustentam-n'a, porque são teimosas. »

Os jesuitas conhecem ha muito esta receita e até empregam na para muitos outros misteres.

Pasmosa semelhança.

—Ai! Sr. padre cura, deite-me a sua benção, eu não ando em graça.

—Que me dizes, meu filho?

—Não ando não, Sr., respondia lastimoso, um simples camponio. Todas as noites, ao passar junto ao muro do cemiterio, me persegue uma alma do outro mundo.

—Sim, e então que figura tem o tal phantasma?

—Olhe, Sr. padre cura, eu ainda não pude ver bem, mas parece mesmo um burro.

—Não sejas medroso, isso ha de talvez ser a tua sombra.

ANNUNCIOS.

Aos proprietarios de venda e tulha.

No barracão ao Caes Novo, encontrarão todos os cereaes por commodo preço.

Na rua do Collegio casa n. 16 ha uma rapariga honesta que aluga-se para ama secca.

Quem precisar de uma rapariga para carregar creanças, procure em casa do mestre pedreiro Godinho, á ladeira do Saboeiro.

Milho socco a 2$600 vende-se no 2.° Gomes, n. 35 a rua dos Caldeireiros.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 70.ª QUARTA-FEIRA 7 DE SETEMBRO. N. 691.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de setembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. commandante do corpo policial, dizendo-lhe que da cidade de Maragogipe nos remettem graves queixas contra o cabo commandante do destacamento ali, pois que dando-se a embriaguez commette desatinos em quanto o alcool não produz todo seu effeito, sendo muitas vezes carregado para o quartel por paisanos; alem de que quer a força passar por Adonis, namorando a torto e direito para casas de familia. Pede-se a S. S. que, depois de ouvir o referido cabo sobre taes accusações, proceda como for de justiça.

—Chegou o 54 de voluntarios.

—E' cousa que todo mundo já sabe.

—A cidade cobriu-se de galas para receber seus filhos dilectos, as ultimas reliquias dessa phalange de bravos que acudiram ao grito da patria.

—Os jornaes diarios já descreveram o que se passou; portanto é dispensavel repetir aquillo que todos já sabem.

—Nesta casa seraphica, diz-se que seus habitantes, dão-se a uma vida de recolhimento e contemplação.

—Entretanto quando eu passo aqui, nas horas tardias da noite, vejo sempre este portão aberto!

—Será que algum delles saia por ahi para ir praticar occultamente alguma obra de charidade?

—Que vida, Deus do ceu!

—O purgatorio desta infeliz mulher é neste mundo.

—Transita constantemente aqui pelo Campo da Polvora neste lastimavel estado!

—Deitada na lama ou na porta da venda, é o escarneo da moral, o ludibrio da especie humana.

A's palavras indecentes que mal pode articular, porque a bebida lhe entrecorta a voz, ajunta ella esta posição obscena suspendendo as pernas e descompondo-se, obrigando as familias a correr cobertas de pejo de suas janellas!

—Entretanto é uma mulher moça, branca e bonita!

—Que sorte, meu Deus!

—Que desgraça ia acontecendo!

—Agora?

—No domingo, um boleeiro ebrio disparou o carro pela ladeira da baixa dos Sapateiros, o carro virou sobre os burros.

—Mas não houve nada a lamentar-se?

—Não; mas o homem alem do seu malfeito, tornou-se insolente e queria brigar.

—Falleceu ante-hontem e sepultou-se hontem o typographo João Martins Gonsalves d'Oliveira.

Era empregado na officina do Sr. Antonio Olavo da França Guerra.

—E' mais um filho de Guttemberg que a morte nos rouba.

—Deus dê a sua alma o descanso eterno!

—No numero passado d'essa folha demos noticia de ter sido roubado, á noite, da escada de um sobrado á rua da Ordem Terceira de S. Francisco um candieiro de gaz.

Agora, porem, o ladrão entrou as 10 horas do dia na loja da casa do conselheiro Aranhas, e roubou o candieiro que se achava dependurado na escada.

—Ainda bem não descançaram e ja estão sendo victima da companhia do olho-vivo!

—O que houve?

—No dia 5, depois de 8 horas da noite, foi escamoteado de um voluntario da patria, cento e tantos mil reis e um relogio.

—Quem foi o escamoteador?

—Dizem que um soldado de policia destacado no Caes Dourado.

—Em que logar?

—Na casa do Estrellinha.

—E ficou o pobre voluntario sem o cobre e o relogio?

—Correndo-se o soldado, encontrou-se o dinheiro somente com a falta de 2$ rs., e o relogio, o que tomou-se e fez-se entrega ao dono.

—E não está preso o soldado?

—Disse o sargento commandante do destacamento que o ia mandar prender; mas eu o vi depois passeiando bem a vontade.

—Que excellentes guardas policiaes, verdadeiros membros da companhia do olho vivo!

—Que quer, tudo se ha de ver nesta terra!

—Está cheio por ahi que a policia commetteu um assassinato.

—Não sei disso.

—O individuo Luiz Macario, tendo sido preso, levou tantas refadas que veio a morrer disso no sabbado.

—Como se soube?

—Tomando banho no Queimadinho com outro companheiro, dias antes da prisão, este quebrou lhe a cabeça com uma pedrada, suspeitando-se que a morte proviesse disso, procedeu-se a autopsia no cadaver e reconheceu-se que fôra effeito das pancadas.

—De sorte que a policia quando tem de se haver com um imprudente, torna se mais imprudente que elle, para dar em resultado consequencias desastrosas!

—O espirito de ambição, a ganancia de dinheiro, atira o homem a pratica de cousas que parecem incriveis entrar na concepção humana.

—Escutemos.

— Dizem que nesta cidade deu-se ha pouco um facto inteiramente original.

—Faz favor de dizer o que é?

—Trata-se de dous filhos que deram o pae por morto, estando ainda vivo, embora n'uma cama doente.

—O' lá! Tinham tanta pressa?

—Queriam dividir o que o homem possuia. Apresentaram recibo do armador, e de toda mais traquinada funeraria, afim de provarem o obito do pae e repartirem o bolo.

—Arre! olhe que neste mundo o homem por dinheiro desce a ultima escala de abjecção!

—O Sr. coronel Carvalhal dando expansão a sua alma grande, bemfazeja e philantropica, conferiu hontem, por mão do capitão Francisco Barbosa de Oliveira, carta de liberdade a sua escrava Eugenia.

—Um aperto de mão ao illustre e patriota veterano da independencia por acção tão meritoria.

—Hontem houve desgraça no Forte de S. Pedro.

O povo, como tem sido costume na chegada dos outros batalhões de voluntarios, quiz entrar com o 54 no quartel; a tropa por ordem superior, impediu e calou bayoneta sobre elle.

—Entendo que não se devia tolher ao povo essa satisfação, muitas mães, muitos amigos, muitos parentes foram até ali para terem o prazer de voltar para casa com os entes que lhes eram caros.

A anciedade cresce mais quando depois de longa ausencia, se vê o objecto querido de perto.

—Houve reclamação do povo e no tumulto abateu um lado da parede que guarnece a ponte e grande numero de pessoas cahiu no fosso, cuja altura é profunda, resultando cabeças quebradas, pernas deslocadas, ferimentos machucadellas e muito prejuizo.

—Agradecemos ao illustrado Sr. Bruno Seabra a remessa que nos fez do seu excellente livrinho o—Alforge da Boa Razão.

A PEDIDO

Pede-se ao Exm. Sr. governador do arcebispado, que por amor á religião, haja de prohibir nas festividades do mez de Maria, a exposição e benção, á noite do Santissimo Sacramento, pela grande irreverencia que se pratica nesses actos.

Um catholico.

Declaração.

Na noite de 22 de julho, Maria Victorina dos Santos, foi ferida no rosto com uma quartinha, attribuindo essa aggressão a Henriqueta Porcina Alves, de quem se diz inimiga.

A offensa passaria impune, si uma pessoa por espirito de dó, não tomasse a si a punição do delicto, já promovendo a accusação da delinquente, já emprestando dinheiro para as despezas judiciaes.

Por illimitada que fosse a protecção com que contasse Henriqueta, emquanto houverem julgadores da tempera dos Srs. Dr. Carneiro da Rocha e Fortunato de Freitas, o fra-

co ou quem proteger a causa deste ha de sempre encontrar justiça.

Foi assim que nesse processo luctando de um lado a influencia de poderosos negociantes e personagens de alta posição, e do outro uma entidade obscura, conseguiu esta por duas vezes a pronuncia da delinquente.

Pronunciada na subdelegacia da Sé e confirmada a sentença no juizo municipal da 3.ª vara, recorreu a ré, como era natural, para o juizo de direito da 1.ª vara.

Neste pé a questão, aquella mesma que devia ter interesse pela punição da offensa que recebera, trahiu indigna e vilmente a quem a protegia, induzida por um meirinho intrigante que a aconselhou que lhe entregasse a questão que elle a terminaria em 15 dias.

Levada por semelhante insinuação, sem nada communicar a quem até ali se tinha prestado, passou uma procuração ao Dr. Vicente Ribeiro d'Oliveira, por indicação do referido meirinho, que affirmou que o Dr. Vicente lhe devia muitos favores, pois que ainda ha pouco indo lhe fazer uma execução por divida, deixou de o fazer.

O facto de Maria Victorina escolher quem no seu entender, melhor advogasse a sua causa seria o mais natural do mundo, si com maligna perversidade não envolvesse elle uma falsidade monstruosa!

Para furtar se a censura que lhe faziam pela sua ingratidão, espalhou essa ignobil creatura que a pessoa que até ali se interessara quiz forçal-a a assignar uma desistencia!

Que respondam a immensidade de pessoas, aliás muito respeitaveis, que procuraram essa pessoa no sentido de obterem uma concordata e a quem ella declinando de si toda a acção, respondia que fossem se entender com os parentes da offendida. Que digam seus proprios parentes.

Dirá alguem: mas si Maria Victorina não tinha dinheiro, que era preciso essa pessoa emprestar-lhe, como foi se entregar nas mãos de outro, e que lucro tira esse meirinho em agenciar uma causa sem dinheiro?

Ahi vae a resposta.

Transpira que o motivo de todo esse infame tecido tem por fim unicamente realisar-se uma transacção vergonhosa, que é Maria Victorina perdoar por dinheiro o ultrage que soffreu.

Não admira; quem ao receber o beneficio cospe na mão que lh'o faz, tambem vende o que ha de mais precioso na vida.

Aquelles porem que viram a pessoa alludida tomar interesse por esta questão, fiquem prevenidos de que ella só teve parte nella até a pronuncia do integerrimo Dr. juiz municipal da 3.ª vara e intimação desse despacho á ré.

A verdade.

Que façanha!...

O *Xico* que amou a *moura Rosa*, empregado reformado da camara municipal, arrendou um brejo a Fulano de tal e sendo de costume pagar sempre adiantado, o proprietario mandando por vezes receber a renda de um anno, isto ja passado alguns mezes, deu-se por offendido e tornou-se de fogo a sangue com o seu rendeiro.

Todas as vezes que ia o portador receber passava uma descompostura, mas este nada participava em casa.

Dahi por diante, escumando de rancor, procurava todos os meios que o despeito lhe ditava, para hostilisar e tirar uma vingancinha do pobre homem, á ponto de somente por este mudar umas estacas de sua cerca o tal amante da *moura Rosa*, que tem raça *ambulante*, tomou a si o papel despresivel de denunciante, e impoz ao fiscal que o mulctasse, do contrario daria parte na repartição.

Agora com outros que fazem e retificam cercas, elle é o proprio a dizer que podem fazer mais fora que não faz mal. Porem os proprietarios de terras que não são tollos e quasi a maior parte ja conhece o genio rixoso do tal personagem engarrafado, fazem suas cercas no alinhamento, porque não querem enganos logo que por qualquer sem-razão caiam no seu desagrado, pois que immediatamente o tal espião *cimunipal* irá denunciar.

Só assim e com outras gentilezas mais, é que elle comprou uma casa que deu a sua amasia, com receio de que ella o espancasse, como dizia ella, protestando que se lhe não desse a casa havia de lhe dar uma surra de raiz de cajázeira.

Por vezes o procurou de canivete para o matar no caminho, isto em diversas noites a ponto de se empenhar com inspectores de quarteirão e pessoas suas camaradas para a não deixarem passar no arraial para sua casa de morada sendo sempre o destino della, resultando com isso o maior escandalo em algumas noites no arraial das *Grotas*, fazendo se com isso grande motim.

La vae uma que elle praticou ha pouco. Comprou um cavallo e vendeu ahi para o *Mataeu* a um crioulo; no outro dia ficou o homem sem o cavallo por que appareceu o verdadeiro dono e carregou com seu animal.

(*Continúa.*)

Attenção.

O Sr. Trifino Fernandes do Rego Itapari-

ca, guarda d'alfandega tem uma carta na venda de Antonio Rangel da Silva, sita ao Canto de João de Freitas para lhe ser entregue em mão propria.

VARIEDADES.

Dous tabareus, um veterano, e outro moço desciam com negocios das cabeceiras de nossos sertões, donde eram filhos, e casualmente passando em um dia de sexta feira da paixão pela freguezia de uma de nossas comarcas, ficaram admirados ao ver o concurso de povo que entrava para a matriz: aviaram suas cargas e se dirigiram tambem a egreja, onde se celebrava o veneravel, e interessante acto do descimento. Os dous tabareus compungidos, e banhados em lagrimas, testemunharam todo acto, findo o qual suspenderam suas cargas, e seguiram sua derrota, na qual gastaram um anno, e regressando para suas casas, casualmente, por ali passaram no mesmo dia de sexta feira da paixão; e vendo a egreja aberta, pois que naquelle anno tambem havia descimento, entraram e tomaram assento: começou o sermão, e mal se rasgou o panno e appareceu o Senhor Crucificado, o tabareu moço cheio de furor se levanta, e insta com o companheiro para que se retirem; o veterano o pretende reter, e elle inda mais encolerisado diz gritando—não; quem morre por seu gosto acaba por seu regalo; e apontando para o Senhor Crucificado continúa—elle bem viu o que no anno passado lhe fizeram aqui mesmo nesta egreja; foi bem pateta, em se conservar aqui para hoje lhe fazerem o mesmo: bem mal que la na minha terra me fizessem metade, e eu não désse o troco, e sahiu precipitadamente.

—Perguntava um dia um homem a certo philosopho, que mulher devia escolher para sua consorte? Não sei, respondeu o philosopho; bella talvez vos atraiçoe; feia, desagradar-vos-ha em pouco tempo; pobre, apressará a vossa ruina; e rica ha de querer governar-vos Tomai por tanto conselho neste caso so com vosco.

Um engano.

Conta um jornal francez que um aldeão dos arredores de Roubaix, tendo de liquidar uma herança na Belgica, foi consultar um advogado de Tournai.

Em quanto este lia uma carta, o aldeão ouviu um leve ruido, que se fazia por baixo de alguns papeis que estavam por cima de uma meza.

Suspeitando que algum rato estivesse ali escondido, o pacovio approximou-se da meza pé ante pé, descalçou um pesado tamanco com o qual descarregou uma violenta pancada sobre os papeis e... quebrou em mil fragmentos o relogio do advogado.

Este engano custou ao ingenuo saloio a quantia de quinze soberanos, que lhe serão descontados da herança que receber.

O amor.

Palavra sem significação propria, sonho dos jovens, amarga recordação dos velhos, demonio da seducção, synonimo de «apanha dotes,» sol de illusões no inverno da vida, estrella errante dos poetas, barca de salvação para o author dramatico, transmissor para Rilhafolles, paraizo das donzellas, inferno das mamans e zero dos philosophos.

Mandamentos das casadas.

1.º Ser ciumenta.
2.º Gulosa.
3.º Indolente.

Tão bom em si, como desgraçado em suas consequencias, o casamento conta sob seu imperio mais escravos do que subditos.

ANNUNCIOS.

Fugiu da casa do general Muniz Tavares, no dia 1.º do corrente mez, o seu escravo crioulo, de nome Pedro; tem 25 annos de idade, estatura regular, é rendido das verilhas, traz funda, anda pelas vendas, tambem frequenta a cidade baixa envolvido com os remadores de saveiro e marinheiros americanos. Muitas pessoas tem delle conhecimento; quem o prender e conduzir a seu senhor, será recompensado de seu trabalho.

A' baixa de Sapateiros casa n. 9, se vende fuba de milho muito bom, a 7$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5$ rs.

O Sr. P. S. B. empregado de certa repartição va a venda n. 10, ao Caminho Novo, pagar 13$700 que deve, si não quer que isso va adiante.

Leiam! leiam! leiam!

Pinto, João, Bandeira & C., abrem hoje o seu botequim para venderem aos dileitantes da companhia lyrica. Concorrencia a elle, rapazeada.

Compra-se dinheiro de prata e ouro, e em obras, na loja á rua direita do Collegio, junto a bibliotheca publica n. 33 A.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 70.ª DOMINGO 11 DE SETEMBRO. Ns. 692—695.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de setembro de 1870.

Não houve expediente.

—Quando as crioulas affluem nas torrinhas, o theatro torna-se incapaz de ser frequentado por gente honesta.

—Practicam-se cousas!

—A rapazeada invade o receptaculo das nymphas de pimpão e chales a tiracollo, e ali, exaltada pelos tragos animadores de Bass, practica cousas que a decencia, envergonhada, é obrigada a curvar a cabeça.

—No primeiro espectaculo da companhia lyrica, dizem, que fizeram as todas.

—Foi o diabo por borra.

—O theatro é um logar de passa-tempo, uma eschola de costumes, não é foco de orgia, nem lupanar de bebedeiras; portanto é bom que quem estiver incumbido de velar pela moralidade do templo de Thalia, tome suas medidas para que os estabanados não o convertam em prostibulo.

—A não ser para favorecer certas scenas qne a decencia manda calar, eu não sei por que motivo conservam a praça de D. Izabel aberta á noite, ás escuras.

—Ha um soldado tomando conta.

—E' preciso que elle tenha olhos de vagalume.

Si o governo está em tão tristes circumstancias que não pode gastar uns quatro vintens com aquelle util logar de refrigerio e recreio, faz um serviço á moral e á religião, mandando trancal-o á noite.

—E' mais facil arrebentar de clamar do que esse homem da limpeza attender á qualquer reclamação util.

—E' renitente!

—E' verdade que um ditado diz—que tão bom é o ladrão como o que consente.

—Não padece duvida.

—Haverá quem seja capaz de negar a inconveniencia de deitar cisco na Preguiça?

—Creio que não.

—Entretanto os carros da limpeza vão desovar ali todos os dias!

—Embora haja risco para a saude publica; embora seja ali o centro do mercado de um dos generos alimenticios, tudo isso é bagatella diante do interesse do feliz vivente.

—Para despejar cisco na Preguiça não precisava arrancarem-se dos cofres publicos 44:000$ rs., o povo mesmo fazia essa despeza pagando seus quatro vintens aos ganhadores.

—*Historia do baixo imperio* é um pamphleto escripto em estylo frisante no Rio de Janeiro, stygmatisando os desvios da situação actual.

Agradecemos a remessa.

—Roubaram uma loja de ourives na cidade baixa.

—E' cousa que já não admira.

—O dono sahindo da loja e entrando na immediata, houve alguem, que com pasmosa ligeireza, lhe fosse remexer a gaveta e levasse um papel com diversas obras no valor de 60$ rs.

—Caçam dentro da cidade!

—Que mau costume!

—E por vezes tem escapado de resultar consequencias desastrosas de tão perigoso uso.

Quinta-feira, dia da Natividade de Nossa Senhora, andaram passarinhando pela nova rua que se está fazendo no Tororó.

O Sr. Domingos Francelino da Silva, que por ali passeiava, quasi é victima; os caroços de chumbo vieram cahir ao pé delle.

—Todos os dias a acontecer destes factos e não ha cohibição!

—O Revm. Cabido bahiano não é patriota.

—V. está enganado.

—Então faz que não é.

—Não tem motivo para dizer tanto.

—Até mais; em breve a veneranda bandeira do 40 não existirá, entregue á poeira, como a deixaram.

Que necessidade ha de estragar-se aquella preciosa reliquia, expondo-a ao tempo, quando devia estar cuidadosamente guardada e só apparecer em dias festivos.

—Ah! é só por isso?

—Por isso mesmo.

—V. lembra bem; mas não é razão para descrer dos sentimentos daquella corporação.

—Capitão, vou fallar.

—E' seu mal.

—No commando da policia pelo major Freire...

—Está hoje para recordar reminiscencias do passado?

—Assim é preciso.

Vou adiante. Em uma vespera de S. João, achava-se de patrulha no Caes Dourado, Thomaz de Souza Braga, guarda desse corpo, com o cabo Pedro Carêta. Esquecendo-se de suas obrigações, abandonou a patrulha e foi pagodear; no outro dia não se apresentou no quartel e foi julgado ausente.

No dia immediato, como que por affronta foi passar pelo portão do referido quartel brandindo a espada e dirigindo ameaças. Achava-se de guarda o sargento Urbano, o qual ordenou ao cabo Ignacio Manuel da Purificação, conhecido pelo *Onça,* que o fosse prender.

Thomaz, de espada em punho, resistiu desvairadamente, e só com o auxilio do finado tenente Braga, a quem por vezes tentou ferir, poude ser preso, sendo preciso para isso que o levassem de encontro ao portão do Tororó, onde por ultimo recurso fez jogo com a espada sobre o cabo *Onça.*

Preso e processado teve tres annos de sentença, que foi cumprir no Engenho da Conceição.

Surgiu a guerra do Paraguay e Thomaz marchou no 1.º batalhão de voluntarios.

De volta á esta cidade pretende ser de novo admittido no corpo policial.

—E' impossivel por ser contra o regulamento.

—Mas como talvez o digno commandante daquelle corpo ignore os precedentes maus que tem esse homem contra si, seria bom advertil-o.

—Pois faça isso.

—No dia 8, o batalhão 54 de voluntarios da patria foi ao Bomfim render graças ao Todo Poderoso, pelo seu feliz regresso á esta provincia.

Houve uma missa solemne, á qual assistiu o batalhão, e tocou durante o acto da celebração a musica do corpo policial.

Depois do acto da missa, diante da imagem do Senhor do Bomfim, que se acha no corpo da egreja, e em presença do commandante do 54, foi lida pelo thesoureiro d'aquella irmandade uma carta de liberdade, concedida pelo capellão d'aquelle templo, á sua cria Primitivo, de edade de tres mezes, filho de sua escrava Celina, a qual liberdade foi pelo mesmo concedida, por ser aquelle dia o em que a egreja commemora a Natividade de Nossa Senhora, e por ter se dado a coincidencia de ter o 54 ido render graças a Deus, de volta da gloriosa guerra do Brasil contra o Paraguay.

As tres horas da tarde voltava o batalhão para a cidade.

—Estou sciente.

—No dia em que foi o 54 de voluntarios ao Bomfim, uma Sra. de avançada edade, teve um fortissimo ataque dentro da egreja, proveniente do muito povo que estava no templo, e de estar ella toda apertadinha como si fosse uma creança.

—Vejam se aquillo tem termo!

Olhe aquelle tenente como está assentado com aquella moça ali no sopha!

—Está com a cara toda encostada na d'ella.

—E a mãe da moça ali presente.

—E aquellas duas moças que ali estão que me parecem visitas!

.....

—Beijou!

—Lá mordeu o cachaço della!

—Que boa moralidade!

—De minha parte.
Minha sorte;
O namoro da menina,
E' causa de sua *morte!*

—Um alferes do 54, foi jogar com um soldado, no Bomfim; mas havendo o alferes ganho o dinheiro do soldado, na occasião em que ia mettendo no bolso, o soldado agarrou-o e rolaram as sopapadas.

—Que moralidade de official!

—Esta foi bem pregada!

—O que foi?

—A *Liberté* que conta um caso bem custoso de acreditar-se.

—Repita.

—«Drama horroroso.—Em Serra Profun-

da, um dos sitios mais temidos pelos viajantes chilenos aconteceu um drama terrivel.

O famoso bandido D. Gomes y Lagoberon, foi cercado pela guarda civil em uma horrenda caverna onde se foragira com uma de suas prisioneiras.

Dotado de força sobre humana, este bandido conseguiu derribar a ponta de uma escarpa sobre a entrada de seu escondrijo, que a tapou de tal forma que os guardas, não podendo removel-a, resolveram apoderar-se d'este salteador pelos effeitos da fome.

Que fez elle, porem?

Não tendo nenhuma sorte de alimento, para não morrer a fome, comia o seio de sua desgraçada captiva, e apesar da tortura que fazia soffrer sua victima, elle não a poupou a seus prazeres barbaros, pois que por ella nutria este malvado a mais viva paixão.

Quando dias depois os guardas, penetrando na caverna, apoderaram-se do salteador, encontraram sua amada e victima com o seio esquerdo completamente comido, e já mais de metade do seio direito.

Esta infortunada mulher, que pertence á uma das primeiras familias d'aquelle logar, foi restituida a seu marido, que a recebeu com lagrimas de alegria.»

—Está de cachupeleta!

O bandido para não morrer á fome comia os peitos da mulher e esta sustentava-se da graça de Deus!

—Sob o titulo—a caixa voadora—o *Jornal do Commercio* publica um—aviso aos tabaquistas—contando uma nova industria do olho-vivo. Os inexperientes de cá que se ponham de sobre aviso.

—Leia.

—«Os gatunos já teem roubado por ahi muita roupa, muitas gallinhas e muitos outros objectos, pondo em practica meios mais ou menos engenhosos; parece-nos, porem, que ainda não se lembraram deste de que dá noticia um jornal inglez; pode entretanto pegar a moda entre nós, e é bom que os tabaquistas se acautelem.

«Estava absorto na contemplação de alguns quadros junto da vidraça de uma loja de pinturas um homem de certa edade, tendo na mão uma caixa de rapé de ouro, quando um moço decentemente vestido, approximou-se delle pedindo-lhe por favor uma pitada de rapé. O velho accedeu promptamente ao pedido e em seguida metteu a caixa na algibeira. Mas qual não foi a sua admiração quando pelo espelho da loja que lhe ficava defronte, vio a sua caixa sahir por si mesma da algibeira e passar para a mão do moço, que acabava de tomar rapé! O velho voltando-se rapido agarra no rapaz e pede-lhe explicações.

«—O caso é simples, diz este; quando tomei a pitada de rapé e deixei cahir dentro da caixa uma bolinha de metal presa a um fio de cabello; o senhor fechou a caixa e metteu-a no bolso. Quando o vi entretido com aquelles quadros comecei a puchar pelo fio, em cuja extremidade segurava, e a caixa foi suavemente sahindo do seu bolso e voando para a minha mão.

«O velho tabaquista achou o meio engenhoso, mas julgou prudente entregar o habil larapio a um policial que por ali passava naquelle momento.»

—Do *Operario da Liberdade*, folha de Paranaguá, transcrevemos o seguinte:

«Consta-nos que o vigario de S. José dos Pinhaes, prohibiu dar á sepultura em logar sagrado aos restos mortaes de um christão—só pelo facto de ter morrido morphetico! e, nem ao menos, concedeu que fosse sepultado a algumas leguas distantes da povoação, no logar denominado Palmitar; assim foi o cadaver dado á sepultura no campo!

«Vá com vista ao Sr. vigario capitular e tambem ao Sr. ministro do imperio, que, tendo expedido um aviso para que fossem enterrados os protestantes dentro dos muros dos cemiterios, esqueceu-se de incluir os morpheticos.»

—Ante-hontem ia pela cidade baixa um individuo que foi atacado de uma apoplexia fulminante. Quando tornou a si, estava morto.

—Hontem fez-se no hospital uma importante operação. Entrara ali um individuo com um volvulo, e o facultativo X deliberou fazer-lhe a seguinte operação:—Abriu-lhe o peritoneo, e extrahindo-lhe as visceras, substituiu-as por 60 metros de tripas de vitella, que mandara comprar antes da cirurgica tarefa. O paciente estava chloroformisado e tornando a si, manifestou grande vontade de comer. Perguntando-se-lhe o que queria respondeu:—Palha.

—Falla-se no proximo casamento, depois de encerrado o concilio, de Sua Santidade com soror Maria do Patrocinio.

—Do Paraguay veio uma carta dirigida a um guarda nacional, a qual dizia assim:

—Meu amigo.—Escrevo-te com uma pistolla na mão esquerda e uma espada na direita.

A PEDIDO

—Capitão, venho lhe dar parte de um caso.

—Ora diga-me isto.

—Eu vi um moço vexado por ter mandado uma embarcação com 95 barricas de farinha de trigo para o vapor *Affonso Paulo*, sem haver la embarcação alguma e sim o vapor recebendo carvão e dahi avante foram chegando cargas de armazem e o tal escrivão foi deixando em esquecimento; sendo avisado de ser o primeiro, respondeu que por ter fallado ficava para ultimo. Dizendo o moço que vinha ao chefe da Companhia, elle disse que não se importava, o dito veio ao digno chefe que mandou que escrevesse um bilhete ao escrivão, elle respondeu que era asneira que havia de descarregar no outro dia.

—O homem talvez tenha razão, por que os armazens façam vantagem e o dito não fizesse, en disse ao moço que quando tivesse de mandar carga para qualquer vapor da Companhia levasse um empenho da sogra do papa.

(*Continua.*)

O fiscal universal está agora verdadeiramente possesso; anda com tres permanentes, porque ninguem o quer levar em conta. Despeitado com um vendelhão de *enxutos* e *liquidos* da freguezia do *Segura Parede,* em pouco tempo tem ido por quatro vezes fazer questão.

Ainda no dia de descanço dos judeus passando elle revista á venda do Zé de Freitas Francisco, ao largo do Santo Paduano, este o esbarrou de encontro ao mostrador e não consentiu a continuação da pesada do pão, ameaçando de visitar-lhe as bitaculas si teimasse, e dizendo que queria uma medida respondeu *ca nada* se mostra, medida *ca na da* se mostra.

—Capitão, passando na tarde do dia 26 do passado pela rua das *Contas enfiadas*, onde o *João Pereira* tem muitas propriedades, de uma das mesmas, vi certa senhora, a qual trajava um vestido da côr da *bandeira* nacional, practicar uma acção bem impropria da sua gerarchia e de um certo decoro inherente a seu sexo.

Estando a sobredita senhora na janella, appareceram na casa fronteira umas moças á janella (as quaes são dignas de respeito pelo seu reprehensivel procedimento.)

O que fez ella, principiou por fazer um certo accionado incomprehensivel e em seguida puxou uma cadeira e antes de sentar-se virou-se de costas e poz se a coçar-se de um modo pouco regular.

—Qual é a regularidade que exige para uma pessoa coçar-se?

—Entre a gente da *pá virada* interpreta-se que o virar uma pessoa ás costas para outro e coçar o ..... etc., e tal, é insulto.

—Ora deixe lá!

—A vista do que veio-me logo á lembrança o *Manuel*!

—Quem é esse Manuel e que analogia tem elle com o facto?

—Ora, capitão, V. é muito *innocente*; pergunte ao *Guilherme* que elle lhe dirá.

—Estou na mesma.

—Está bom, capitão, V. Ex. hoje está muito incomprehensivel. Não se lembra daquelle cujo apologista dos *reis*?

—Ah!.....

—Estes meirinhos fazem o diabo!

—Eu ja ouvi fallar das proezas de um em Maragogipe.

—Soube agora que existindo em poder de uma dessas harpias mandado de prisão contra certa pessoa, outro que anda de oculos sabendo onde ella existia, tomou das mãos d'aquelle o mandado e foi a referida pessoa exigir 40 ℔ rs., si não queria ser preso; que foram logo dados.

—Empalmação. Talvez fosse o mesmo que por 20 ℔ rs. fez egual gentileza com um certo Carrilho.

—Ora deixe estar que eu hei de indagar toda essa tratantada practicada por esses *arpoadores* em nome da justiça.

—Salvando sempre as excepções.

—Está bem visto.

—*Pinto Calhêta,* chegue á falla.

—Estou eu, capitão.

—Que julga V. do bom ou mau conceito que aqui goza?

—Nada.....

—Pois *nada* suspeita, mau filho, mau esposo, mau pae, mau tio, mau amigo, *jogador* corrupto, sevandija consummado e..... *pederasta paciente?*...

—E' verdade.

—Acredito, e mais ainda porque aquelles que sobem a escala do *vicio* pelos pentegrammas da corrupção e perversidade, não escutam a dissonancia da voz da impudencia.....

La vae obra.

Lembre-se que tem uma virtuosa esposa pouco feliz, em consequencia de possuil-o por marido, e que sendo pae, accresce ser tio de um desventurado orphão, de quem V. delapida seu patrimonio com deboches crapulosos.

Trema... e horrorise-se... quando avistar o *golgotha* da expiação de sua libertinagem, pois morte de *cruz* será a condemnação de suas nefandas orgias, logo que lhe falte dinheiro para sustentar a tropa do olho-vivo que o cerca..... esta, representa, uma *dama*, tres *valletes* e um *rei*.

A *dama clara*-mente se offerece pela intercessão de suas ayas e vassallas... dos *valletes Salú*-tarmente esse se pode desfructar e quanto ao *rei*, *fugite*, porque sendo banido do seu regio throno adoptou por patria a *bandeira* de toda e qualquer nacionalidade.

Judas de nova especie e egual genero, será *João* o discipulo dilecto do Senhor.

E quando consummarem o sacrificio, V. só poderá dizer lá do *golgotha*: «ingratos, é assim que me agradeceis o favor de figurar de comprador na velhacada do botequim! roubado a seus legitimos donos! porém a *turba* que até então se tem conservado silenciosa dará um *urra!* ao ver o *pecurrucho* munido de varapau, e por sua vez lhe applicar a *esponja*, ensopada na miseria de seus feitos.

Consta que alguns negociantes da freguezia do *Pilhar*, que tem sido felizes em suas transacções pretendem fazer um festejo magno pelo acabamento da guerra, cuja commissão é assim composta:

Presidente.—Zé das fazendas.
Secretario.—M. preguiça.
Thosoureiro.—Zé Zefirino.
Procurador.—Chêtas.

MEMBROS.

Cara-ahy.
Sarafim.
Zé argolinha.
Domingos Coruja.
Alexandrinho.
D. Beserra.
M. de Caustro.
Zé das mulatas.
Estevão latoeiro.
Antonio das bexigas.
Zé de Nazareth.
Braga sabiá.
Trocato calabrote.
Candido má cara.
Aug. salgadeiro.
Braz mercurio.

Bodegueiros, quitandeiros, savereiros, e outros agentes.

Epigramma.

Vi um certo bacharel,
De pernas de sabiá,
N'um *bahiano hotel* dizer:
—Madame traga o *chá cá!*

VARIEDADES.

Noites de horror.

I.

(*Continuação dos ns. 689—690.*)

—Filho, quem muito *los quer, muito los perde*; Satanaz tenta-vos. *Vade retro Satan.*

Os jogadores olharam-se mutuamente, depois cravaram olhares cubiçosos no bolo tentador.

—Quinhentos mil reis são meus, exclamou consultando a bolsa, um joven jogador.

—E quinhentos meus, resmungou o padre arregalando muito os olhos.

—Ha ainda um conto. Dou usura, não ha quem mande correr?

—Fora as piabas, gritou entre os vapores do vinho e os fumos dos cachimbos, um barão novo, cobrindo a banca com o resto do dinheiro que lhe ficou da compra do titulo.

—Um duque contra um az, barão.

—Sou tudo no duque, é a minha carta predilecta, quer trocar?

—Está dito, detesto os grandes.

—Az! estava nos ouvindo. Quatro contos de reis não tornam um homem nobre e honrado em nossa sociedade metalica; o engeitado de seus pais e da fortuna ou hade subir tão alto que veja a todos em proporção diminuta; ou ha de descer tão baixo que vá parar ás grutas do inferno.

O moço jogador ergueu-se, esvasiou um copo de vinho, deu um murro na meza com toda a força e gritou quatro contos de reis!

—Filho, Satanaz tenta-vos; as cartas mentem e são varias e inconstantes, como as mulheres.

Desta vez quem mandou correr o baralho foi um negociante fallido, não ha muitos mezes.

—Tres e valete; perdi; não gosto dos tres paus, é a força.

—Ganhei, ganhei, eis o cavallo.

—*Similis cum similibus facilè congregantur*, fallou o estudante.

—Não se admitte inglez aqui, exclamou o barão; que quer dizer isto?

—Digo que o cavallo veio procurar o outro.

—Como?

—Não viu dous á mesa.

—Trez! trez!

—E' verdade; foram trez mesmo; agora foi que vi que a carta esquerda não era duque.

—Meus senhores, disse, cambaleando exaltado pelos vapores alcoolicos, Dionysio o mo-

ço de fronte pallida, lembrar-vos-hei as minhas palavras:

E' infame o que se levantar em quanto tiver dinheiro. Dinheiro não o tenho; mas possuo o que vale dinheiro.

Sempre vos disse que meus paes foram nobres e ricos e que por um capricho de potentados, para encobrir mais um crime, mais uma infamia das muitas que cobriam suas vestes douradas, me atiraram á porta de uma pobre velha que me acolheu carinhosa e prestou-me os primeiros cuidados, que exigia o menino desvalido.

Eu sou um engeitado.

A' principio o meu pensamento era trabalhar por descobrir os meus pais, por isso conservava a ponta da meada que me havia de conduzir ao meu nascimento; hoje tenho outro pensamento; enriquecer para rir-me da sociedade e de seus preconceitos.

Veem todos esta cruz de brilhantes, que tirei agora do peito?

Falta-lhe um braço, está em poder de minha mãe, e so ella me poderá restituir aos seus braços; isso contou-me a boa velhinha que trabalhava noite e dia para educar-me, e que eu levado pelas más companhias e pela paixão cega do jogo abandonei, tirando-lhe a ultima moeda que tinha em seu pobre mealheiro.

Isto não vale a pena contar-se; vinho, vinho, quero toldar a ultima scentelha de razão que luz em minha alma.

—Bravo, bravo! vamos ao que interessa.

—Jogo a cruz contra o que ella valer.

—Filho, vás tentar a Deus, exclamou o padre, sentindo ainda uns restos de remorso acicalar-lhe a alma.

—Está dito, fallou o seu contendor; porem de uma vez.

—Acceito, corra.

—Perdeu!

—Ja que o ceu não me favorece; vou procurar allivio no inferno, rugiu o infeliz moço, correndo desvairado e indo procurar no suicidio termo as suas loucuras.

O barão tremelhicando de ebrio foi accender o cachimbo á vela e dando com esta por cima de uma garrafa, communicou-se o fogo ao liquido conflagrante que ella continha, e aos montes de notas do banco que estavam sobre a mesa.

—Fogo, fogo, gritaram todos.

—Misericordia, exclamou o padre: *Domus mea, domus orationis et vós fecistis speluncam latronum.*

—Salve-se quem poder, disse saltando de uma janella o moço estudante: *Onnia mea mecum porto.*

O barão que era o mais ebrio foi arrastado por uma perna por um bombeiro.

E resa a chronica do tempo que as carnes do barão ja principiavam a chiar como as de S. Lourenço na grelha; porem, que não morrera, porque ja então os barões como hoje, eram muito afortunados.

(*Continúa.*)

Os tres perigrinos.

Andavam tres peregrinos
por um ermo a passeiar;
mortos de fome e cansaço
a noite os veio apanhar.

ninguem soccorrel-os pode
em tão triste collisão;
Nos alforges desfalcados
restava um unico pão!

Um pão so, que repartido
iria a fome accender;
mas que inteiro ja valia
a pena de se comer.

Caminham, pois, p'ra uma gruta
formam conselho de tres,
co'o so fito de illudirem
a fome daquella vez.

Emfim acordam que o somno
não era o passo peior,
que o pão seria mascado
Por quem sonhasse melhor.

Dito e feito: annuem elles,
dormem e roncam—até
que um gritou—ja ser hora
de estarem todos de pé.

E então narram seus sonhos
como outr'ora Pharaó;
mas differentes no mysterio
são esses tidos no po.

Um diz—sonhou que notava,
as mil lindezas dos ceus,
outro que esteve no inferno
ouvindo tractos de reus.

Pois eu, lhes diz o terceiro,
no inferno e ceus vos sonhei;
e suppondo não voltaveis
fui ao pão e o manduquei

Phoebus.

Na Gascunha havia uma modesta habitaçao ao pé de uma grande estrada onde morava um cazal de gascões felizes. O marido era teimoso e a mulher *pyrrhonica*. Uma noute deitando-se ambos mais cedo que de costume viram que por mutuo descuido haviam deixado a porta da casa aberta.

—Vai fechar a porta, mulher!
—Eu nao, vai tu.
—Vai tu!
—Veremos quem vai!
—Veremos!
—Aquelle que fallar primeiro hade fechar porta!
—Hasde ser tu, pyrronica!
—Hasde ser tu, teimoso!
Entra um soldado mais tonto que vivo.
—Oh, de casa! tenham a bondade de ensinar-me o caminho da villa.
Os dois estavam de olho arregalado, mas mudos como duas melancias.
—Então? Não respondem! Está bem, fico por aqui mesmo. Posso dormir aqui? (Mesma resposta.)
—Quem cala consente; exclamou o guerreiro. E poz se a despir a farda. A mulher do gascão espavorida lançou-se sobre uma velha poltrona a um canto da salêta. O soldado acompanhou-a com um sorriso todo marcial.
—Oh! bella das bellas! bradou elle. O gascão sempre mudo, contemplava o quadro. O militar com o mais alcoolico desembaraço da Gascunha passou as mãos callosas pelos cabellos e queixo da muda esposa do mais mudo gascão, e não podendo conservar-se por mais tempo em pé rolou dormindo aos pés da poltrona. Marido e mulher calados sempre, e a porta sempre aberta.
Ao romper d'alva o soldado vestiu a farda, abraçou á força a acordada martyr, olhou para o gascão ainda acordado e foi-se embora.
—Miseravel! exclamou ella furiosa, correndo ao marido com os punhos cerrados. E' assim que me proteges? Não viste o atrevimento d'aquelle soldado ebrio?
O gascão sentou-se na cama alegre e victorioso:
—Ah! tu fallaste?! Pois vai feechar a porta, anda!

A perdida.

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe:
Qui sait sous qui fardeau la pauvre âme succombe!...
(V. Hugo)

Deixae-a!... pobre coitada!
Basta-lhe a dura desgraça!...
Por todos repudiada,
De fel esgotou a taça!
Onde esconder os gemidos—
Não encontra um coração,—
E entre suspiros doridos
Ergue as mãos,—pede perdão!

A Deus pede o fim dos dias
Para seu viver de perdida!...
Desfalloce em agonias...
Sempre ellaa cruz unida!
Tremo so d'ouvir dizer
A palavra prostituta!
Jamais quer desfallecer,
Entregue a vida corrupta!...

Agro pezar a consome!...
Lembra-se de que foi—virgem!
Que o pudor venceu a fome
Com sua lethal vertigem!
Mas o mundo não s'importa
Que não fosse ella culpada;
Deixai-a na infancia morta
Por todos repudiada!...

Da vida na primavera,
Succumbiu ao dissabor!
Seus sonhos foram—chimera
Mentido lhe foi o amor!...
Ao mundo estendeu os braços
Offereceu-lhe o corpo e a alma...
Encontrou todos devassos,
De—devassa—teve a palma!..,

Seu pudor se esvaeceu,
Sorriu-se da virgindade!...
O remorso appareceu
Para toda a eternidade!
Quanta lagrima dorida
Silenciosa ella verte!
E essa dor d'arrependida
Em perdão ja se converte!

Deixai-a, pobre—coitada...
Não insultai-a ao morrer!
Morra embora abandonada
Deixai-a so padecer!
Sozinha carregue a cruz
Que a sorte lhe destinou...
Talvez no ceu ganhe a luz
Que cá no mundo almejou!...

Giancio.

Edital de um juiz de paz.

Meu povo! Todo o mundo lá de casa anda contente, que faz gosto olhar para os meninos! De hoje de manhã, cheguei da côrte do Rio de chegada da Cambra, onde com toda a nobreza de caracter prestei o juramento consagrado de felicidade perpetua á vara do cargo de juiz de paz. E então fiquem sabendo que faço saber a quem quizer e a todos e a cada um em particular ou em publico, que para mim é o mesmo; porque quem não deve não teme; que faço affixar esta minha carta patente de edital do Manoé Zé. para conhecimento dos respectivos supplicantes.
Como não sou nenhum recebedor de gallinha e do pato e de *edicetra*, nem de porco macho ou femea ou de qualquer *genro* que

for e que lá se avenhão com os padrinhos! Ha de tudo andar fino e direito, que este anno não estou para graças de nem uma maneira consecutiva e qualquer.

Requerimento que quem a mim vier ou á minha pessoa ou á minha presença ou por via da senhora, que é finoria com os afilhados, faço saber:

Paragro 1.° Não admitto borrão, nem lambedeiras, nem raspaduras, e nem por isso tão pouco admitto riscadura ou cousa que inda que velhacada, é uma patifaria. Pelo que desde ja vou prevenindo meu cunhado José Miudinho; que este anno estou mui rijo como um caibro; tomem la sentido que so não tomarem, me digão com todos os diabos, porque vocês me fizerão justiça de paz? Não foi para eu lhes arrumar no cangote com a minha vara de jurisprudencia desta nossa reverenda freguezia?

Artigo 2.° As minhas audiencias hão de ser de concialição dos partidos, com todo o respeito nos domingos e dias santos de guarda, logo depois do almoço.

Artigo 3.° Todos devem andar limpos e os requerimentos me serão dados em plena sessão.

F..... tabellião, escrivão dos negocios da freguezia, o escreva e mande grudar na porta do Manoé Zé. E eu, etc., etc., etc.

Que horror!

Proximo de Fleweiling's Croass Roads (Missouri) uma joven pertencente a uma das familias mais honestas dirigia-se a uma casa visinha, para onde havia sido convidada a divertir-se, quando foi assaltada por um negro, que a arrebatou suffocando-lhe os gritos e a conduziu a selva, despiu-a, atou-aa uma arvore e a deixou exposta a todas as intemperies por espaço de uma semana.

Ao fim deste tempo dous caçadores apparecêram inopinadamente, e ouviram de sua boca as horriveis torturas que soffrêra.

O preto havia-se retirado por um instante.

Occultaram-se e esperaram; apparecendo o preto pouco depois, foi preso e arroxado e sendo a sua victima convidada a pronunciar a sua sentença, pediu para que fosse esfolado vivo. Esta ordem foi immediatamente executada.

Os dous caçadores, armados de suas facas de caça, começaram a sua operaação pelas plantas dos pés.

Os gritos do suppliciado retiniam pela floresta, e a medida que a pelle cahia aos pedaços ao longo das pernas e das coxas, os gritos tornavam-se menos articulados e mais lamentaveis. Cessaram emfim de repente quando as facas começaram a cortar o tronco. Omiseravel tinha esgotado tudo que a natureza humana pode esgotar de dor; havia expirado.

A joven foi transportada á residencia de sua familia, mas ia louca, e apezar dos mais carinhosos cuidados succumbiu poucos dias depois, em consequencia das angustias atrozes que havia passado.

Epigramma.

O grande Richelieu
A Vaugelas concedia
Um augmento de pensão,
E gracejando dizia:

«No vosso diccionario,
«Em que tão bem trabalhaes,
«De explicar—pension,—
«Senhor, não vos esqueçaes.»

Eis responde agradecido
Vaugelas com promptidão:
«Sim, senhor, e nem tão pouco
«A palavra gratidão.»

ANNUNCIOS.

Fugiu da casa do general Muniz Tavares, no dia 1.° do corrente mez, o seu escravo crioulo, de nome Pedro; tem 25 annos de idade, estatura regular, é rendido das verilhas, traz funda, anda pelas vendas, tambem frequenta a cidade baixa envolvido com os remadores de saveiro e marinheiros americanos. Muitas pessoas tem delle conhecimento; quem o prender e conduzir a seu senhor, será recompensado de seu trabalho.

Attenção.

O Sr. Trifino Fernandes do Rego Itaparica, guarda d'alfandega tem uma carta na venda de Antonio Rangel da Silva, sita ao Canto de João de Freitas para lhe ser entregue em mão propria.

No dia 7 de setembro perdeu-se do largo da Piedade á Praça um par de calças pardas e uma camisa de onze varas. Pede-se a quem as achar que não se metta nellas.

Fugiu da casa de seu dono um ameaço de congestão cerebral. Protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado.

Vende-se um burro roubado por 150$ rs. A seu legitimo dono, se apparecer, cede-se pela metade do preço.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 70.ª QUINTA FEIRA 15 DE SETEMBRO. N. 694.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de setembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que lance sua attenção para a povoação do Rio Vermelho, onde tem-se dado diversos casos de aggressão á propriedade alheia.

Ainda na noite de 12 do corrente pretenderam roubar a venda de um tal Lazaro, conseguindo os ladrões arrancar a soleira da porta. A' vista do que, espera-se que S. S. providencie da melhor maneira possivel.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que lance suas vistas para uma sucia de meninos e moleques, que fazem ponto de reunião no becco do Xismendes, os quaes capitaneados por um individuo de nome Pedro, guarda d'artilheria, commettem roubos e outras muitas tranquibernadas. Em vista do exposto espera-se de S. S. providencias.

—Capitão, consta que o governo francez mandou chamar todas as irmans de caridade existentes nesta provincia, afim de prestarem os seus *charidosos serviços* nos hospitaes de sangue, na actual guerra da França com a Prussia.

—A ser isso verdade, é para nós uma felicidade.

—Deus o permitta.

—Barbara e deshumana é a maneira por que são castigadas as praças do 14 de linha!

Raro é o dia em que no quartel da Palma não se dá pancada!

—Castiga-se aos seis e aos oito de uma vez; mal a aurora começa a despontar principia o pau a rolar nos costados dos infelizes.

Os gritos, os gemidos pungentes das victimas vão despertar as familias em seus leitos.

—Um dia destes, de sete que foram castigados, dous cahiram desfallecidos.

—Horrorisa que nesta epocha de civilisação o homem ainda seja aviltado á semelhante degradação moral!

—E homens que acabaram de prestar serviços importantissimos.

—Pois aquelles que briosos, ha pouco, deram seu sangue pela patria, serão tão degenerados que, para contel-os, seja preciso essas torturas não interrompidas?

—O soldado deve ser castigado por amor á disciplina, porem ha outros castigos como a prisão, o dobro no serviço, etc., e só em casos graves, já que essa retrograda lei militar assim o exige, deve levar pranchadas.

—A chibata não corrige; o soldado aviltado pelo castigo da prancha, torna-se relapso ao cumprimento de seus deveres, perde a emulação e o brio.

—Si hoje está reconhecida a inconveniencia de applicar castigos corporaes ás crianças, muito mais deve ser a homens muitas vezes chefes de familia.

—Entretanto, no 14 de linha lavra em grande escala este uso selvagem.

As praças modernas trazem as costas alapadas e dilaceradas pela chibata, até aquelles que se alistam voluntariamente são victimas d'essas atrocidades inauditas. Cada passo que erra o soldado na aprendizagem é trucidado pelo castigo infamante.

—Não seria sem motivo si d'aqui appellassemos para os sentimentos de humanidade do Exm. Sr. general commandante das armas, pedindo-lhe que fizesse cessar tão repugnante uso.

—O Sr. Antoninho da limpeza, em toda parte onde chega faz uma choradeira de cortar coração.

—A quem não se lhe arrasarão os olhos d'agoa, ouvindo-o fallar.

—O homem lastima-se da pesada carga que lhe pozeram ás costas, depois de velho, cançado e doente, e que elle vae supportando com detrimento de seu socego e de seu interesse.

—Que rôla!

—Queixa-se amargamente de que, levanta

se de madrugada, anda o corro e assim mesmo nada agrada a este povo desconhecido.

—Muito amante deve ser o Sr. Antoninho deste torrão, que para servil-o bem e não por lucro faz tantos sacrificios.

—Ouvi dizer que do hospital de charidade empinou-se um preso.

—Em que dia?

—Segunda-feira.

As irmans de charidade que naquella casa são tudo, tiraram-no da prisão, sem pedir auxilio á guarda, e mandaram no fazer não sei que serviço; o resultado foi o homem que andava desejoso de tomar ares pôr se ao fresco.

—Porque não se dissolveu o 54 de voluntarios?

—Dissolveu-se; o que houve é que os soldados penhoraram o armamento.

—E o governo levou esta pelas ventas!

—Bem caladinho.

Os soldados andaram arrastando as espingardas pelas ruas de pagode.

Ha casas onde tem seis e oito armas guardadas.

—E o chefe de policia não acha nisso algum inconveniente á ordem publica?

—Eu sei cá, cim!

—No domingo, ás 3 horas da madrugada, na rua Direita de Palacio, ouvi uns gritos de —*pega o ladrão*!

Cheguei á janella e vi que corriam atraz de um homem, que vende phosphoros na cidade baixa, dous sujeitos, os quaes o poderam agarrar quasi junto ao Paço de S. Bento, e ahi o espancaram horrivelmente.

O homem implorava pelo amor de Deus que o deixassem; pedia que lhe acudissem; gritava *aqui-del-rei*, e ninguem apparecia em seu soccorro!

Por fim, depois de esfregarem bastante o pobre homem, o Sr. Eustaquio, livreiro, morador n'aquella rua, sahiu munido de um cacête e poude conseguir que largassem o infeliz vendedor de phosphoros.

—E de facto o sujeito havia roubado?

—Não; elles o encontraram de baixo de um lampeão de gaz, aproveitando a claridade da luz e virando um *macaco*!

—Pois por isso?

—Sim.

—Que importava a elles que o homem virasse até milhares de *macacos*?

.....

—O homem sahiu chorando e queixando-se a todos quanto encontrava do que lhe

—E a policia não viu isso?

—As 3 horas da madrugada é a hora do melhor somno; a policia dormia na indolencia!

—No domingo, no logar denominado Rosario de Itapagipe, um individuo de nome Agostinho, achando-se espiritualisado, muniu-se de um formão e foi desafiar um individuo morador n'aquelle logar.

Este aconselhando-se com a prudencia, resolveu trancar se dentro de casa e nada responder-lhe, sobre os insultos e affrontas que lhe eram dirigidos.

—Obrou como um homem de juizo.

—Agostinho assentou-se á porta; varias pessoas corriam ao logar do barulho, e por fim uma dellas entendeu ir ao destacamento do Bomffim pedir o auxilio da policia.

—E o commandante do destacamento auxiliou ao individuo que reclamou a força publica para conter o desalmado insultante?

—Mandou quatro soldados que, depois de muito luctar, o levaram preso.

—Que fatalidade!....

Na segunda-feira, por occasião do *Te-Deum* em acção de graças pela volta do Exm. e Revm. arcebispo, passava no Terreiro uma menina que vinha da eschola para a casa de sua residencia, e uma bomba estourou-lhe sobre a curva do braço direito, fazendo-lhe um ferimento neste e outro na maçan do rosto.

—Coitadinha!

—O Sr. Lauro d'Azevedo, que nessa occasião tambem passava, trouxe ella á botica do Sr. Bacellar, onde foi curada.

—A falta de policia em Itapagipe, dá logar a muitas desordens!.

—O que houve?

—Um tal João, e um outro de nome Celso, jantaram bem no domingo em casa de um amigo, sahindo tanto João com o Celso, bastante alcoolisados.

No caminho, no logar Madragôa, travaram uma lucta, resultando João cahir de cabeça sobre os trilhos de ferro e quebral-a.

Celso não querendo attender tambem aos pedidos a elle feitos pelas pessoas que ali se achavam, entrou com João para dentro dos mattos e de novo atracaram-se, resultando João ir de cabeça ao chão e ficar ferido em differentes logares, e com a bocca e os olhos cheios de areia!

—E elle havia acabado de jantar n'aquelle momento?

—Justamente; e tudo isso foi proveniente,

como ja disse, de terem elles jantado bem.

—Que brincadeira; podia ter sido accommettido de uma apoplexia.

—E' verdade; levou mais de meia hora sem sentidos, com a cabeça atordoada, alem do spirito que exercia suas funcções!

—Eu si me désse com o Sr. Dr. Cicero, pedia-lhe que, principalmente nos domingos e dias sanctificados, fossem esses logarejos bem inspeccionados pela policia.

—Tambem eu.

« —Pode continuar com a graça.

« —Que graça, Sr. tenente?

« —A pilheria do namoro.

« —Ah! é com V. S.?

« —O Sr. deve saber, pois é quem escreve o *Alabama*.

« —Mas eu não sabia, nesta cidade tão grande, que era V. S. quem dava *beijocas* e *mordidellas* em cachaço.

« —Ora o Sr. não sabendo! Deixe estar que eu hei de chegar ahi com uns quatro rapazes e escangalhar tudo isso.

«O que é que me pode acontecer? ser preso, vou para o estado e não para a cadeia.»

—O que quer dizer isso?

—Foram as palavras de um tenente honorario, addido ao 14 de linha, dirigidas a um empregado desta typographia.

—Ora que tal! Temos *D. Quixote* de banda e espada!

—Onde estava esse moço engraçado na occasião em que estas palavras pronunciou?

—Na rua Direita do Collegio, em uma casa.

—Como chama-se?

—*Triste-grande*.

—E porque houve este dialogo entre elle e o empregado da officina?

—Porque sahiu uma publicação, sem declinação de nomes, reprovando a maneira porque se põe um cujo desfructavel com uma moça na janella affrontando a moralidade publica.

—O tenente pensa que nós estamos na aldeia!

—Que suspeita!

Moleques a elle! Fiau! fiau! fiau!

—De minha parte,
Minha sorte,
O namoro da visinha
E' causa de sua morte.

A PEDIDO

Perguntas innocentes.

Porque razão os officiaes honorarios, que foram voluntarios da patria, e agora estão em effectivo serviço, não usam da legenda que lhes é concedida por lei? Será por ter ella perdido o merecimento?

—E' bom uzarem, para não haver confusão.

*
* *

Havendo tantos officiaes honorarios brasileiros, que prestaram relevantes serviços em campanha, como foi chamado para servir no 14 batalhão de infantaria um portuguez? será por serviços prestados em campanha? não; pois elle ali nunca deixou a pepineira. Será por suas boas qualidades, ou conhecimentos militares? não o creio, porque elle pode servir para *tudo*, menos para capitão.

*
* *

Um official de voluntario da patria,—em epocha remota,—recebeu em combate um leve ferimento, veio para o Brazil tratar-se, percebendo as vantagens geraes, isto é, soldo, etape, e addicional. Está bom, o governo remunerou-o dando-lhe as honras do posto e uma pensão de 36$ rs., mensaes, e até uma casa para sua habitação. E porque motivo não deixa esse official de ser pesado á fazenda nacional? Acha pouco a pensão de 36$ rs.,? Reclame, porem não diga que está doente.

A' authoridade competente pedimos para mandal-o submetter á nova inspecção de saude.

O Zé Marotinho.

—Capitão, ouça esta:

V. Ex. sabe que o povo todo concorreu com o seu obulo para os festejos do acabamento da guerra e ainda agora espera por festejos.

Compraram-se diversos objectos e até na freguezia de S. Pedro existe uma armação completa de um palanque, etc.

Pois bem, uma commissão composta de gente seria de diversas freguezias, vendo que o pensamento do povo era burlado, porque o governo mandou pôr á disposição da camara o resultado das subscripções, e ella deixou nos seus cofres dizendo, que ja havia delineado o seu festim e que não bolia n'aquelle dinheiro, dirigiu-se ao mesmo governo pedindo para lhe mandar entregar os objectos comprados e um quantitativo qualquer, afim de levar a effeito o pensamento do povo, fazendo a illuminação necessaria do que prestaria as precisas contas, e teve por despacho, que se dirigisse á camara, a quem tudo estava entregue, e até hoje não tem havido sessão na camara, porque os homens andam brigados, entretanto que o [illegible]

povo não deu o seu dinheiro para ficar nos cofres da camara.

—Então que quer que eu faça?

Que invoque o patriotismo do Sr. commendador José de Barros Reis, e de toda a camara, agora que chegou o ultimo batalhão de voluntario, afim de que se realise a ideia, que expontaneamente quer levar a effeito uma commissão patriotica.

Pois bem, como acho muito justo, espero que a Illma. camara municipal, não prive a seus municipes do regosijo, que querem ter, pelo acabamento d'essa luta sangrenta.

Charo Dr., mais recato!
Pois si a *rua* faz *poeira,*
Quem mora e quem vae passando
Nos olhos não tem peneira.

Quem contou, disse que a rua
Tem *casas oitenta* e *tres*;
Eu não sei qual será dellas,
Onde dá-se o entremez.

Dr., veja que ha *dias*
O *Andrade* ja contou,
As vezes que na janella
V. a moça beijou.

Depois esses linguarudos,
Essa gente intromettida,
Andam por ahi fallando
Dos actos de sua vida.

—Capitão, este porco sujo não valeria a pena perder tempo com elle, si immundo e rasteiro como é, não ajuntasse a perigosa habilidade de intrigante e maldizente.

Esta despresivel creatura chama-se *José*, porem ninguem o conhece por tal, mesmo entre a escoria de sua laia é conhecido por *feliz Café*,

Abjecta e immunda asquerosidade, o typo hediondo deste infame está denotando as qualidades detestaveis de sua natureza baixa e miseravel.

A ingratidão e a perfidia são os dotes com que Satanaz approuve adornar-lhe a alma refalsada; traiçoeiro, calumniador, maldizente e mal-fazejo, tudo tem esse composto de torpezas.

Principiarei os factos de sua vida por contar-lhe que sabendo este miseravel que uma rapariga possuia alguma cousa, tratou de ver si alcançava a sua mão, tão somente com o fim de desfructar-lhe o que era seu; a moça julgou que o infame tratava de boa fé, assentiu no casamento que se poz projecto; na vespera porem apresentou-se a nojenta creatura em casa da noiva exigindo saber o

Dito isto, para provar que só o vil interesse o fazia procurar a mão da incauta de quem queria cavar a desgraça, é preciso que volte atraz para lhe contar as ladroeiras que fez esse olho-vivo e o quanto especulou com o pobre crcoulinho e sua inexperiente mãe.

(*Continúa.*)

Que namoro acachorrado!
Passa-fora! ó por demais!
Na travessa das *Castanhas*
Praticar-se scenas taes!

Beijos, beliscões, abraços
Dados da parte de fora!
Sem respeitar gente honesta
Que na visinhança mora!

Tem cara de *requeijão*,
O salpreso namorado;
A *casa*? nem que perguntem
Dez vezes, fico calado.

Sra. irman thesoureira, porque não comparece em meza, para prestar contas dos dinheiros que recebeu?

Ainda temos credores, e não dê logar a que elles deitem a procissão na rua.

Sabe-se de muita cousa.

A boa morte.

Com uma parte de *tio*,
Eu vi que as bichas pegaram;
Posto ser antiga a cousa
As más linguas ja fallaram.

Do *tio* o nome porem,
Ninguem o sabe dizer,
Chamam *Mané*, chamam *Victor*,
Outros *Theodosio* ser.

Pega lá no teu *figão*,
Minha sonsa creatura,
P'ra esconjurar do demonio
Pendura-o pois na cintura.

Feijão preto dá substancia,
Mingau não enche barriga,
Si comeres milho assado
Aproveita a boa espiga.

Recommendo-te uma cousa:
Quando fores na ladeira
Da fonte de S. Miguel,
Vê a *taoca ligeira*.

ANNUNCIOS.

O Sr. Romualdo José da Costa está encarregado da cobrança do *Alabama*.

Existe na rua Direita de Palacio, casa n. 39, uma carta contendo 17$080 rs. para o Sr. capitão Ataliba.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 70.ª SABBADO 17 DE SETEMBRO. N. 695.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 16 de setembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sè, chamando sua attenção para a vida irregular de uma caterva de mulheres *mundeiras*, que se ajuntam nas ruas do Aljube e Tijollo e commettem actos de requintada depravação, não só á noite como de dia, ja proferindo palavras immoraes, ja practicando gestos obscenos, ja apupando senhoras que passam. Na quarta-feira passava uma senhora trajada de vestido preto e chale vermelho, o que foi bastante para essa infame corja perseguir com vaias á pobre mulher, chegando a audacia de uma conhecida por *Maria pequena* a ir puxar lhe o chale.

Em nome da moralidade, e da necessaria garantia as pessoas sisudas, pede-se a S. S. lance vistas energicas para esse lado da freguezia sujeita á sua jurisdicção tão infestado por gente de costumes pessimos.

—Amanhan começam os festejos pelo acabamento, terminação ou conclusão da guerra.

—E quem deu seu dinheiro ficou com agua no bico.

—A camara que ja tinha se commettido a fazer celebrar um Te-deum, arrecadou os quatro contos e tantos, resto de maior quantia, com que concorreu esse povo bonanchão e fez-se esquerda.

—O povo, que dispendeu, que vá á egreja ouvir os padres cantarolar e mais não disse.

—Esses dinheiros arrecadados para a terminação da guerra desde seu principio que foram infelizes.

—Capitão, ha um perigo encoberto que a policia devia tomar conta.

—V. diga qual é.

—E' a immensidade de homens que andam actualmente armados.

Em cada logar e pelo mais simples motivo eu vejo um sujeito puxar uma faca.

—Não lhe vejo remedio a isso.

—Creio que a policia devia exercer uma acção vigilante sobre esses individuos.

Nas mãos desses homens, sahidos das camadas mais somenas da sociedade, de habitos bruscos pela falta de educação, uma faca torna-se um perigo imminente, põe em sobre-salto a ordem e faz receiar pela segurança individual.

—Não contesto.

—Eu vejo esses individuos que giram na ultima gradação social pelas vendas, pelos botequins, nos ajuntamentos, pela mais leve desintelligencia mostrarem uma aguçada e mortifera arma sem o menor respeito para com a lei.

—Alguns até fazem alarde.

—Onde o mal devia ser evitado é onde elle mais se ostenta. Nessas reuniões illicitas do jogo, nas posilgas, nos lupanares, é onde homens, a quem não pode conter o freio da reflexão e da moralidade, se apresentam armados.

Ainda na quarta-feira á noite eu vi no Caminho Novo do Gravatá um individuo, mutilado de uma perna, puxar um formidavel punhal e lançar-se sobre outro, o qual mais prudente, desviando-se, contentou-se em mostrar-lhe que tambem trazia faca, mais que não lhe dava com ella por ser elle falto de uma perna.

—Valha-nos isso.

—A policia seria digna de louvores, si obrando com prudencia, procurasse meios de reprimir essa tendencia para o crime.

—Não ha estampilhas de dous tustões na repartição do sello.

—Vá ver em outra parte.

—Si não se acha lá, quanto mais em outra parte.

—Que transtorno!

—E isso ha dous dias'

—Ora pelo amor de Deus!

E é uma repartição quem causa immenso prejuizo ao publico!

—E quem tiver seu papel com pressa, que espere; quem tiver seu negocio de importancia, que perca; porque a repartição do sello nem tem estampilhas para vender, nem procura remediar o mal!

—Chegou preso o Manuel Joaquim.

—Cahiu na asneira de se deixar prender?

—E' que a policia de lá parece ser mais activa que a de cá.

Diz uma folha do Ceará que apresentou-se n'aquella provincia como official de voluntario, de commendas e condecorações ao peito.

—Olhe que Manuel Joaquim tem bola!

—Em um d'esses dias um creoulo, que se diz official do 26 de voluntarios, foi ao hotel *Bahiano,* e sacou do bolso do Sr. João Santos, a quantia de 50$ rs.

—O Sr. Santos tendo depois de fazer um troco e não encontrando o dinheiro, desconfiou ter sido elle o escamoteador e agarrou-o.

—E o sujeito entregou o dinheiro?

—Entregou, sendo depois lançado para fora do hotel.

—Que miseria!

—Ha muito especulador!

—Tanta gente ociosa que anda ahi.

—Um tal Monteiro, um rapazola tropego e zaranja, o qual mora á ladeira da Palma, apresentou-se no convento de S. Francisco com uma carta em nome da redacção do *Alabama*, exigindo de um religioso 14$ rs.

—Pedaço de tratante!

—Vou recommendal-o ja ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, afim de que esse patife, não continúe em suas bregeiradas.

—O estrangeiro que salta á primeira vez aqui e percorre a cidade, deve ficar crendo que nesta terra não ha poder municipal.

—Nem é para menos; a facilidade do transito, o aceio e salubridade publica são cousas para que se não olha.

—Parece um logarejo!

Casas ultimamente edificadas são de construcção defeituosas e prejudiciaes ao commodo e salubridade publica.

—E a nossa edilidade com pasmosa indolencia tolerando os abusos!

—Eu ja não censuro á camara por não fazer acabar com o pernicioso uso dos esgotadores que despejam para a rua nas casas antigas, mas que consinta que as mordenas sejam feitas com tão estupido systema, não tem qualificação.

—Ainda ha dias reparei isso no Campo da Polvora. Duas casas recentemente edificadas tem canos que deitam para a rua e a transformam n'um corrego de tijuco.

—Parece que uma fatal miopia ataçou aquella corporação porque nada do que é mau vê.

—Capitão, aqui tem um exemplar da *impugnação do recurso de revista* interposto pelo conego Dr. Jacintho Villas-boas de Jesus, no processo que. por pretendidas injurias, moveu contra Simberto Fernandes Alves Ribeiro, que lhe offerece o referido Simberto.

—Deite-o aqui sobre a mesa para depois ser por mim apreciado, e mande agradecer-lhe a delicadeza.

—O *Jornal da Fortaleza*, no Ceará, narra o caso de um homem que desvirginou sua propria filha, de edade menor!

—Que horror!

—Diz que o miseravel é um homem de edade avançada, mas não obstante, sabendo que sua mulher, mãe da infeliz moça, recebera desta a confissão do execrando crime, arrojou-se contra ella espancando-a cruelmente!

A pobre mulher fugiu de casa e collocou-se ao abrigo de um filho casado que mora na visinhança, e, temendo o monstro que no caso de denuncia do crime, fosse apanhado em casa, abandonara a habitação, arrebatando comsigo a presa de sua feroz e brutal concupiscencia.

Não apparece, e se suppõe estar em algum escondrijo na posse completa de mais essa peccadora, que brevemente ha de transpor os umbraes dos prostibulos a percorrer as varias escalas da degradação.

—Em toda parte a companhia do olho-vivo!

Na sexta-feira, em um dos *bonds* que partiram ás 8 horas da manhan para o Bomfim, roubaram um chapeu de sol de uma rapariga.

—Capitão, veja a recompensa que recebem os voluntarios da patria, veja o estado a que é reduzido um bravo, que não poupou seu sangue para elevar este paiz á maior altura de gloria.

E' a *União Liberal* que conta:

« UM VOLUNTARIO DA PATRIA.

A Cesar o que é de Cesar.

Ha no trapiche da Barra entre os homens que trabalham alugados á companhia ba-

biana, um homem que, atravez das pobres roupas que o cobrem, e não obstante o rude emprego que ali exerce—*carregar e descarregar chatas, e remar canôas,* conduzindo passageiros para bordo dos vapores que ali chegam—deixa ver os bellos traços de um—soldado.—

Convido os leitores para vermos quem seja esse individuo.

Elle não teve seu berço, é verdade, aqui em nossa provincia, mas foi ella que o creou, que o viu crescer, e, ainda muito joven, alistar-se nas fileiras do nosso corpo policial; ou como eu digo, nasceu em Sergipe, porem os dentes nasceram-lhe aqui ja em nossa provincia, onde viveu até bem pouco tempo, e reside agora.

Será bom examinar os serviços que elle tem prestado ao paiz, e com especialidade á provincia, para que possamos fazer uma ideia mais vantajosa de seu realissimo merito.

Elle, sendo ainda muito joven, sentou praça no nosso corpo policial, onde á força de muito lidar conseguiu galgar os postos de cabo, 2.° e 1.° sargento; e muitos annos depois, a 13 de março de 1865, embarcou para o Paraguay, no posto de vago mestre,—com aquella gloriosa phalange de bravos, que d'aqui partiu commandada pelo major Carlos Cyrillo de Castro, de saudosas recordações.

No Rio de Janeiro foi nomeado alferes por antiguidade e bons serviços no corpo; a 4 de junho seguiu para o Uruguay, onde se achavam as forças imperiaes; d'ahi seguiu para o exercito em direcção do Passo da Patria, atravessando Entre-Rios e Corrientes. Passou o Paraná com a ala direita do corpo no dia 17 de abril de 1865, tomou parte no combate de 2 de maio, reconhecimento de 9, ataque de 20 e gloriosa batalha de 24 de maio, em que elle teve a invejavel honra de ser o—CONDUCTOR D'AQUELLE GLORIOSO E NUNCA MANCHADO ESTANDARTE que, na phrase de nosso pastor, serve de ornamento da religião.

N'essa mesma batalha elle viu, por mais uma vez partida pelas balas inimigas a haste de seu precioso thesouro, e mais de uma vez teve de deital-o ao hombro para melhor recuar, porque o 20.° de voluntarios, apezar de ver a seu lado o leão rio-grandense, o seu querido Osorio, recuou duas vezes, mas na terceira avançada que fez, teve o prazer de ver os inimigos levados do Potreiro para fora diante de suas sempre POLIDAS BAIONETAS.

Elle tomou parte nos combates de 16 e 18 de julho de 1866; no dia 10 de setembro seguiu para Curuzú, e tomou parte no ataque de Curupaity; voltou para Tuyuty em principios de julho de 1867.

Foi nomeado tenente no dia 5 de abril de 1867, e em agosto do mesmo anno deu, com 14 companheiros mais, parte de doente com o fim de não servir com o commandante do corpo, o Sr. major Heleodoro Francisco de Menezes...

.....

Resta agora dizer seu nome.

Sinto, com effeito, um certo acanhamento em dizel-o; mas como estou certo de que esse homem, typo de abnegação pela patria e pela familia, não levará a mal que eu chame a attenção dos alagoanos para os seus serviços e para o seu nobre comportamento, durante a calamitosa crise, em que se tem achado, eu vou dizel-o.

Esse homem é o Sr. tenente Manuel da Cunha Mesquita, cavalleiro da imperial ordem da rosa, e porta-estandarte na gloriosa batalha de 24 de maio de 1866.

Convido os Srs. capitães Felippe Santiago de Abreu, Guilherme Lins Calheiros, Joaquim Monteiro da Roza Lima, Maurillo de Pontes Lins Sucupira, e os tenentes Candido José Tavares, Hermenegildo José Tavares, Araujo, e mais Srs., que servindo no 20.° de voluntarios, tiveram a gloria de tomar parte na memoranda jornada de 24 de maio de 1866, para virem pela imprensa declarar si é ou não exactissimo tudo quanto acabo de dizer a respeito do Sr. tenente Manuel da Cunha Mesquita.

Será decoroso para esta provincia, que quem tão bons serviços prestou, continue a trabalhar de servente, posto que muito honrosamente, ao passo que dão-se ahi empregos a quem não tem merecimentos eguaes aos delle?!

Attenda o governo para o que temos escripto e procure pagar uma divida de honra nacional.

O seu procedimento em procurar trabalho para não ver morrer de fome a sua mulher e filhos, ainda mais o recommenda aos homens sensatos.»

A PEDIDO

—Que mau costume!

Do 2.° andar d'aquella casa atiram cisco pela janella.

—Está porque o homem da limpeza arrenega-se.

—Arrenegado fica quem vae passando e leva pela cabeça semelhante poeirada.

—E esses passarinhos de papel a voar, e o lixo a entrar pelas janellas da visinhança.

—Si fosse de dia ia tomar o numero da porta.

—Conte as casas por duplicata. Tem uma, duas.

—Então é 4.

—Provavelmente.

—Não é regra; eu vejo ruas com a numeração truncada.

—Então amanhan de dia quando formos á *Misericordia* verificaremos.

—O que falla aquelle homem?

—Ridicularisa um respeitavel caracter pela acção meritoria que acaba de fazer libertando uma escrava.

—Mas o que ha nisso de mais?

—Não vê o que elle diz?

Que o acto não foi expontaneo, que não passou de patacoada e que elle está a par de tudo como se fez.

—Como se deprime assim uma acção louvavel!

—E' o que se chama pagar fineza com ingratidão. Ha poucos dias um menino, irmão d'aquelle cujo, entrou na casa do homem que elle tasquinha e deu se ao trabalho de *safar* uns objectos de prata, e removel-os para a mão de um sujeito que não era seu dono, a troco de alguns mil réis; sentindo-se falta dos objectos em seu logar, procurou-se e veio a saber-se, que quem tinha tomado esse trabalho, era o rapagote.

O homem generosamente nenhum mal quiz fazer-lhe e agora recebe em paga aquella catilinaria.

—Sr. *João,* o *Climaco* é quem comprehende este mundo, quando diz que elle é composto de ingratos e maldizentes.

Attenção.

Convida-se ao padre *Avó de Christo* e a Marocas para que com as creoulas da cidade vão assistir a um grande samba na casa do vigario que em *pás se* tem celebrisado.

A funcçonata é no dia 17, por ser o anniversario em que veio á luz do mundo o digno vigario.

O Pedro.

(*Continuação do n. 694.*)

—*Feliz Café,* morava em uma casa na qual habitava uma velha em um quarto.

A velha era mãe de uma moça que, mudando-se para o Rio de Janeiro, de lá mandava-lhe um subsidio, por intermedio de uma pessoa nesta cidade, cuja pessoa lh'o entregava fielmente.

Feliz Café teve a astucia de forjar uma carta falsa, em nome da mãe da moça, mandando-lhe dizer que a pessoa retardava muito em lhe dar o dinheiro, e que ella passava necessidades e portanto mudasse de portador e fizesse a remessa com o destino a elle *Feliz Café*, que seria mais ponctual.

A moça julgou que a carta era verdadeira e cumpriu o que ella pedia.

D'ali em diante o dinheiro foi mandado trazer a *Feliz Café* que o recebia e ia dispondo delle, como si fosse seu.

Durante tres mezes teve a habilidade de sustentar uma correspondencia entre a mãe e a filha, interceptando as cartas desta e respondendo por aquella.

Era uma tractada tão bem combinada que a filha nunca desconfiou da ladroeira, emquanto a mãe, que não recebia noticias, lastimava se de que sua filha a tivesse abandonado, e não lhe mandasse mais real a tanto tempo.

—Entretanto era o rapina quem se punha nos cobres!

—Um dia teve a inspiração de escrever e mandar deitar a carta no correio por terceira pessoa e então descobriu-se a minestra.

(*Continua.*)

ANNUNCIOS.

—V. hoje apparece?

—Onde, homem?

—No botequim do Globo.

—Ha alguma cousa lá?

—Pois não sabe? O costumado sarrabulho com que o Firmino costuma brindar á rapazeada nos sabbados á noite. Diz-me elle que o de hoje é soberbo, para o que contractou um excellente cosinheiro.

—Bem, irei.

—Pois eu lhe espero. Não desço sem V. chegar.

Attenção.

O Sr. Ephifanio (carapina do escriptorio da companhia do gaz) tem uma carta na venda sita ao Canto de João de Freitas n.º 5, para lhe ser entregue em mão propria. Bahia 17 de setembro de 1870.

A' baixa de Sapateiros casa n. 9, se vende fubá de milho muito bom, a 7$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5$ rs.

Acha-se na estrada de Pirajá, roça do finado Zeferino, um burro, pello de rato, o qual foi apprehendido estragando as plantações; quem for seu dono pode ir buscal-o, pagando somente as despezas de comedoria do animal e do presente annuncio.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7o.ª SEXTA-FEIRA 23 DE SETEMBRO. *N. 696.*

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de setembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o predio n.º 116, no final da ladeira da Misericordia, que ameaça ruina por se achar desaprumado e com os alicerces á flor da terra pelas escavações, que tem soffrido a referida ladeira.

Sendo semelhante ladeira uma das principaes vias que communicam a cidade baixa com a alta, será de deploraveis consequencias um desabamento naquelle logar, caso se venha a dar, e para evital o espera-se que S. S. com a peculiar sollicitude com que costuma se interessar pelos negocios de ordem publica, tome em consideração.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, dizendo-lhe que tome em consideração uma graça de mau gosto que costuma se dar á noite no Portão da Piedade. Uma sucia de desastrados ajunta-se de um e outro lado da rua, e atravessa uma corda que enteza, logo que vae passando alguma preta, mulher de capona, ou velha, do que resulta que estas caiam ou pelo menos tropecem, com que elles fazem maligna galhofa. Ha dias succedeu ficar seriamente offendida uma escrava do Sr. Theodorico Lazaro Tourinho, a qual se acha gravida. E podendo tão estupido brinquedo, ser causa de algum caso funesto, espera-se que S. S. invide todo empenho, afim de que seus autores encontrem correctivo.

Portaria ao aspirante-pedestre João de Deus, ordenando-lhe que va á esquina de S. Raymundo dispersar uma troça de vadios, da qual fazem parte alguns carroceiros da limpeza, a qual ajunta-se ali invariavelmente todas as noites para fazer assuadas e faltar com o respeito á decencia. Cumpra.

—Bem no centro da rua da Fonte Nova do Desterro ha uma profunda bocca de lobo descoberta.

—Ja se tem fallado tantas vezes.

—Arredaram a tampa que á cobria, de sorte que é um perigo, principalmente a noite.

—O que vale é que pelo costume de estar ali aquelle permanente precipicio, ja ninguem ignora para cahir nelle.

—Mas um cavalleiro que não saiba, um infeliz cego, uma pessoa estranha que tenha de passar, está arriscado.

—E depois que cahir queixe-se de seu mau fado.

—O tenente ajudante de ordens do presidente quasi morre esmagado por um *bond* da companhia de Vehiculos.

—Como?

—Vinha do Bomfim para a cidade, no *bond* de sete horas e meia. Quando chegou no ponto da ladeira da Soledade quiz saltar; mas como ja havia passado do logar, o caixeiro não quiz parar. Chegando no ponto d'Agua de Meninos elle pediu ao caixeiro para saltar, porem não estando bem no ponto, o caixeiro não quiz consentir.

E entendendo que não devia esperar, foi saltar e cahiu sobre as pedras da calçada; pelo que ficou com o rosto ferido, arrebentou a farda e ralou um braço, que quasi quebra-o.

—Quanta imprudencia!

—A policia deslembra se da freguezia de S. Pedro.

—V. acha?

—Dão-se em parte della cousas bem desagradaveis.

No Curral das Vaccas e becco do Jogo, commettem-se factos criminosos, attenta-se contra a vida alheia, offende-se a pureza dos costumes, infringem-se os preceitos da lei e a policia não acode a seu dever!

—Não é porque seja paralytica.

—Pode-se dizer que aquelle logar, refugio da peior gente, forma um bairro isolado da cidade, onde dão-se factos tenebrosos que as vistas da policia não alcançam.

—Ou faz que não vê.

—A' noite bandos de mulheres de pessima condição e vida airada, affluem ali, levadas com a mira nos cobres dos voluntarios, que abundam nesse logar; desse conjuncto surgem scenas improprias de se darem n'uma cidade do quilate desta.

Do jogo, da orgia, do samba, originam-se conflictos e ciumadas, que acabam sempre em resultados funestos.

Não ha noite que não hajam facadas, cacetadas, motins, desordens.

—Domingo, seria meia noite, vi um ex-voluntario lavado em sangue, dirigindo-se para o Maciel de Cima, dizendo á uma mulher que o acompanhava—*elle rachou-me a cabeça, mas eu dei-lhe duas canivetadas sobre o coração.*

A mulher a quem dizia isso, mora em uma loja alta ao Maciel.

—Tambem ha pouco falleceu um individuo de ferimentos, que recebeu naquelle logar, e o assassino vae todas as noites, tarde, á casa da amasia, pelas immediações do Terreiro.

—Que utilidade tira-se em consentir os sambas desordenados, as casas de jogo espalhadas por aquellas paragens, o ajuntamento de mulheres pervertidas, na mais crapulosa orgia, com offensa da moral, da decencia e desacato á lei?

—Era bem bom que a policia olhasse para isso e se compenetrasse do seu dever de velar pelo decoro e ordem publica.

—Falleceu na noite de 21 do corrente o Revm. padre mestre Fr. Soledade, da ordem franciscana.

Era um religioso de vida exemplar e de costumes sãos.

—Que o Supremo Arbitro não lhe ache peso na concha esquerda de sua balança.

—Não ha prova mais authentica da solicitude de nossa municipalidade do que as ruas desta cidade.

—Com um sorvedouro em cada uma dellas?

—Por isso mesmo. Si ellas não fossem cheias de trocas e barrocas não havia poesia.

—Ora, ha que tempos eu passo aqui na ladeira do Desterro e vejo este fojo aberto á espera de algum descuidado!

—E como a sorte ainda não permittiu, que nelle partisse a perna algum mal-aventurado, não se trata de tapal-o.

—Bello systema! Esperar que aconteça alguma desgraça para então remediar o mal.

—A camara municipal fez o seu presepe de sombras na Praça para divertir o povo.

—So faltou um baile de pastorinhas.

—Ja não foi como se dizia, que a festança se resumiria nas funcções de egreja. Houve parada, musica, illuminação, bandeirolas e lanternas sobre as cercas das arvores com honras de festa da roça.

—Si ha chegança ou *quecumbis* estava tudo completo.

—Os soldados do 14 á noite viram conductores.

—Deixe-se de bobages.

—Tenho visto algumas noites elles transportando carregos, cantarolando como pretos ganhadores.

—Era o batalhão que estava de muda para o forte de S. Pedro.

—Ah, então é por isso que eu via os homens carregando á cabeça, camas, armarios, mezas, cadeiras, etc.

—Não sei a razão por que não se accendem os lampeões de gaz do Porto da Lenha de Itapagipe.

—Será talvez por economia.

—Capitão, venho pedir a V. Ex. que rectifique a noticia que sahiu no seu periodico de sabbado 17 do corrente, relativamente ao roubo de um chapeu de sol de uma rapariga, na sexta-feira, em um dos *bonds* que partiram ás 8 horas da manhan para o Bomfim.

—Mas o que quer V. que diga?

—O chapeu de sol não foi roubado, segundo se queixava ella.

—Então como desappareceu?

—A mulher foi comprar bilhetes de passagem, e em quanto chegavam os *bonds*, assentou-se em um dos assentos de pedra da Praça de Riachuelo, na occasião de levantar-se esqueceu-se de o levar; mas foi achado por um dos caixeiros da companhia, e existe no Caes Donrado, no logar das vendagens dos bilhetes, á disposição de sua dona.

—Pois bem; vou mandar rectificar a noticia.

—Pelo que, eu lhe ficarei obrigado.

—Não quadram com meu genio actos de rigor demasiado.

—Ha mais quem seja de sua opinião.

—Estou de accordo que para a boa marcha da ordem social é preciso que haja correcção e respeito em todos os corpos constituidos, mas tambem tenho aversão a esses meios extremos empregados como punição.

—Pensando assim, pensa bem.

—Ora, eu vi no dia do funeral pelos mortos no Paraguay, uma cousa que não go stei.

—O que foi?

—Tendo de dar-se as descargas, á voz de *apontar,* um soldado do 14 adiantou-se e levou o dedo sobre o feixo d'arma em posição de atirar; o official que o commandava, puchou da espada e enterrou-a no dedo do pobre soldado, dizendo—*burro, eu só mandei apontar.*

—Para que isso? Uma reprehensão severa não bastava?

—Eu entendo que para uma falta leve a clemencia e brandura do superior é meio mais efficaz de correcção.

—E mesmo que torturando as carnes de um vivente não é que se punem omissões.

—Por que razão sahiu o chefe de policia do funeral dos bravos, que succumbiram no campo de batalha, muito apressadamente, antes de se terminar o acto?

—Por causa do fogo.

—Fogo aonde?

—Na freguezia da Penha.

—Mas em que logar?

—No Travasso, em umas casinhas de palha, defronte da fabrica de cerveja, entrando neste meio uma de telha.

Quando o Dr. chefe de policia chegou, ja tinha ardido o quarteirão inteiro das referidas casinhas.

—Que desaforo!

Como é que se velipendia e ultraja assim no meio da rua a um homem que arriscou, ha pouco, sua vida em defeza da patria!

—Que quer isso dizer?

—Desejava que V. Ex. estivesse agora na ladeira da Gameleira para ver como um official do 14 de linha espaderou no meio da rua a um pobre soldado, que esteve no Paraguay defendendo a patria.

—Por que motivo procedeu elle assim?

—Mandou pelo soldado levar umas trouxas, e como este se demorasse um pouco, elle quando veio subindo a ladeira encontrando ainda o soldado, desembainhou a espada e o foi *refrescando!*

Algumas pessoas vendo o proceder irregular do official, conspiraram-se contra. Vendo então o official que o negocio não lhe *cheirava bem*, deixou de espancar o infeliz defensor da patria.

—Como chama-se esse official?

—Ignoro seu nome, mas supponho que mora pelas immediações das Pedreiras.

—Bem; vou communicar ao Exm. commandante das armas, para que syndicando quem foi o official que assim procedeu, faça-o punir convenientemente.

—Hontem compareceu perante o juizo municipal da 2.ª vara um dos proprietatios desta typographia, por queixa contra elle dada por Francisco de Moura Rosa, por suppostas injurias, em um artigo publicado n'este periodico.

—Qual é o artigo?

—E' um que tem por titulo—*Que façanha!* e começa assim—*O Xico que amou a moura Rosa,* etc., etc., que diz o advogado do queixoso, na sua queixa, que equivale ao nome de Francisco de Moura Rosa.

—Que logica!

—A queixa está assignada pelo advogado, contra a disposição da lei de 3 de dezembro de 1841.

—Ora Sr. Moura Rosa, pelo amor de Deus, pois o *Xico que amou a moura Rosa,* é o mesmo que *Francisco de Moura Rosa?*

O tal *Xico* de que trata o *Alabama* é um cigano morador na freguezia de *Grotas,* não é o Sr., não é, não é!

Olhe que renitente!

—Safa!...

A PEDIDO

Apreciada, como foi, a introducção do systema de parallelepipedos, depois de parallelepipedadas algumas ruas do Commercio, e com quanto os parallelipipedadores ainda não parallelipipedem perfeitamente, continuando a parallelipipedar irão parallelipipedando cada vez melhor, cumprindo á camara proseguir no parallelipipedamento pelas ruas que ainda se não parallelipipedaram, afim de ficar parrllelipedamente calçada toda esta cidade.

—Capitão, a industria nesta terra começa a aperfeiçoar-se; já hoje temos montadas diversas fabricas, que dão o que fazer a muitos braços.

—Reconheço isso; entre outras acha-se excellentemente montada a ferraria do Sr. Booth.

—E' verdade, capitão; só acho um inconveniente nella.

—Logo vi que V. havia de achar o que notar.

—Sabe o que é?

São as demasiadas horas de trabalho que o Sr. Booth estatuiu para a sua fabrica. Acho muito pesado 12 horas de trabalho para um homem.

—E para que se sujeitam?

—V. Ex. sabe, que pobres operarios precisam de ganhar o pão para manter as suas fa-

milias e são forçados a submotter-se á semelhante condição; o Sr. Booth, porem como homem philantropico, é quem devia lhes minorar o peso do serviço, diminuindo as horas de labor.

—E V. duvida que elle nao acceda a isso?

—E' mesmo o que eu desejo.

Illms. Srs. redactores.—Lendo o vosso conceituado periodico do dia 15 do corrente mez tive o dissabor de lá ver exaradas algumas linhas, que parecem-me dizer respeito, por isso peço a Vv. o favor de inserir em uma das columnas do vosso periodico as seguintes linhas.

O abaixo assignado convicto como está de que se acha munido das qualidades e dotes com que lhe faz presente o seu calumniador, avisa-lhe que não aceita o desafio sem que primeiramente elle se despoje da capa de anonymo com que se acha acobertado; por que do contrario será reconhecido pelo publico como um vil detractor da honra alheia, e servindo o seu mesmo escripto somente para retratar-lhe como tal.

Sou de Vv. etc.

José Felix Café.

—Sr. fiscal da Concoição, attenda.

A besta do Sr. Ovidio morde e escouceia.

E o Sr. consente que elle faça da travessa do Catilina estrebaria, e de um carro que ahi ha manjedoura, deitando capim para seu bichinho mascar, cujo bichinho dá coices em todos que passam.

Si as ruas desta cidade não são todas para o livre transito, então Vm. declare para que o publico saiba e não se exponha a este e outros contra-tempos.

Pede-se ao Sr. *Natalicio,* musico, habitante da rua do *Pão-fôfo,* o favor de portar-se como homem e não como um devasso, andando dentro de casa nú, com as janellas abertas e praticando certos actos repugnantes á decencia.

Das Comité.

A razão porque a bebida faz a pessoa ficar malcreada?

Pede-se a certo *bebado* que não è o *frasqueira ambulante* que quando fallar com outra pessoa, seja mais bem creado, quer na rua, ou na sua espelunca de grades que se chama escriptorio, que tracte melhor as pessoas, do contrario, mandar-se-ha esfregar-lhe as ventas na cloaca da Companhia Bahiana, isto é, pela primeira vez, e pela segunda, contar-se-ha as passadas com uma boa taca dos trilhos urbanos. Tome vergonha não se embebede todos os dias, para poder tractar com as pessoas.

Não Bom Gosto.

(*Continuação do n. 695.*)

—A nação arcava com as difficuldades de uma guerra no exterior; o governo havia recorrido aos esforços do povo, o qual respondeu nobremente ao appello que lhe era feito, mas o governo não soube aproveitar-se do pronunciamento geral que manifestou-se no paiz; arrefeceu o patriotismo, faltando ás promessas que fizera.

Foi preciso lançar mãos de outros meios e então veio a designação da guarda nacional.

Feliz Café foi um dos designados.

Não foi injustiça que lhe fizeram.

Pelo systema de nossa organisação social, são ordinariamente considerados aptos para a força de linha e marinhagem os individuos de conducta irregular, affeitos aos vicios e de costumes desordenados. *Feliz Café* é dotado de todos esses attributos e por tanto mais do que ninguem no caso de envergar uma farda.

Uma pessoa porem que se enganava com as manhas do alquilé, commoveu-se com o pranto da vibora, e empenhou-se com alguns amigos, para que elle não seguisse.

Tão mal fez nisso, porque ao depois por esse e outros beneficios teve como paga calumnia, malidecencia, traição e infamia.

O safado vendo-se escapo de ir servir de iscá aos tubarões de Lopez, e tendo consciencia do quanto merece, que por suas gentilezas mais cedo ou mais tarde seria de novo pescado, afugentou-se e metteu-se em uma casa um anno inteiro sem pôr pé na rua.

Durante todo esse periodo em que o animal esteve encovado, foi soccorrido pela pessoa que o livrou da farda; ja por seu bolso, ja procurando e mandando-lhe em que trabalhar.

Um homem que assim procede necessariamente deve ser considerado como um bem-feitor; mas ao contrario procedeu o miseravel. (*Continua.*)

Errata.

No *Alabama* de 11 do corrente sob ns. 692 e 693, na setima columna onde se lê—*reprehensivel procedimento*,—leia-se—*irreprehensivel procedimento.*

ANNUNCIOS.

Na Calçada, botica do Gouveia precisa de um pratico bom.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 70.ª TERÇA-FEIRA 27 DE SETEMBRO. N. 697.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

—Triste e sublime espectaculo apresentou por certo esta provincia, no dia 21 do corrente, ante a face de todo orbe.

Nenhuma scena poderá ser mais tocante, nenhum quadro mais sentimental!!

Era o povo que, grato, tributava uma lagrima de viva dôr e de eterna saudade aos manes d'aquelles, que com a vida souberam vingar a offensa, que lhes fôra irrogada por um povo barbaro e á toda prova inqualificavel nos annaes dos povos civilisados; áquelles que levados pelo fogo do mais acrisolado patriotismo scellaram com o seu sangue a pagina mais gloriosa da historia patria.

Era o povo que já livre do enorme peso que o vergava. vendo a sua honra illesa e os seus brios vingados, prestava á memoria de seus martyres uma homenagem de respeito e de agradecimento.

Sim: as verdadeiras tradicções não morrem; Galvão, Julio de Menezes, Freire de Carvalho e outros muitos são ainda paginas elo quentes, que bem attestam os feitos gloriosos d'esta epopéa; foram astros que luziram com luz descommunal, e luziriam, si accaso a morte não lhes interrompesse os dias.

E assim a Bahia, essa nobre terra, filha primogenita de Cabral, demonstrou em expressões não equivocas o quanto sabe respeitar áquelles que abrilhantaram o torrão natal.

O Brasil afflicto estorcia-se em horriveis convulsões, agonisante estava nos paroxismos, quando o nobre sentimento da patria accordou no peito de seus filhos. Então, qual cohorte da antiga edade, o povo unisono se levanta, e inflammado por tão celestial ideia, arroja se denodadamente no campo mavorcio, e ahi ostenta prodigios de valor e abnegação, tornando-se heroe pela mais nobre causa.

E agora que descançam elles tão longe da patria, pertence-nos derramar algumas lagrimas, que sejam ficis expressões dos sentimentos que nos pungem!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de setembro de 1870.

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo, levando ao seu conhecimento o abandono e estado de desmoronamento em que se acha uma egreja situada em terras do engenho Cotegipe, e pedindo-lhe que mande retirar della as Sagradas Imagens que estão ali como se estivessem no campo, em consequencia de ter a referida egreja parte do tecto abatido, e quasi a desabar todo edificio pelo seu estado ruinoso.

Consta que essa egreja tem por patrimonio os juros de 1:000$ rs., depositado n'um estabelecimento bancario e uma propriedade n'aquella localidade, doação que lhe fizera um de seus primeiros proprietarios. Com esses rendimentos seria facil fazerem-se alguns reparos, que melhorassem o estado indecente a que está reduzido o templo; porem como nada se tem feito, invoca-se de S. Ex. o seu reconhecido zelo pela decencia do culto.

—Ao Illm. e Revm. Sr. D. abbade do mosteiro da Graça, pedindo-lhe que, de accordo com alguns moradores d'aquelle logar, imponha sua authoridade afim de conter certa horda de moços sem educação que ali se juntam com o proposito firme de insultarem a pessoas de familias, que vão assistir ao mez de Maria, como aconteceu na noite de 21, com uma collegial de madame Daux, na occasião em que sahia do côro.

Em vista do exposto espera-se que S. Revma. dará acertadas providencias, afim de prevenir algum conflicto e isentar as familias dos insultos d'esses moços sem moralidade.

—No dia 22, ás 5 horas da tarde, Maria Florinda do Amor Divino, moradora á ladeira do Castanheda, dou uma facada, com uma faca de meza, no guarda policial Victor Antonio da Piedade, na parte lateral superior e posterior do pescoço.

—E porque motivo commetteu ella este attentado?

—O guarda policial foi *d'amisade* de Florinda e ultimamente esta o tinha despresado. porem elle entendia, que, não obstante estar ella hoje amasiada com outro, devia requestal-a, e indo em casa de Florinda e sendo repellido, mandou-a *á pata que a poz*.

Ahi travaram-se de questão, dando o guarda policial um empurrão em Florinda, esta, reunida á sua companheira de casa, deu com elle por terra, cravando-lhe Florinda a faca no pescoço.

—Que coraçãozinho!

—O policial, segundo a declaração dos facultativos, acha-se em perigo de vida.

—E foi presa a desalmada mulher?

—Foi, pelo capitão Braga.

O que mais admira é ver o sangue frio e a presença de espirito com que ella confessa o crime!

—Passam-se casos nesta cidade, dos quaes a policia não tem conhecimento.

—Já V. vem trazer factos antigos?

—E' verdade; vou referir um caso que se deu quando foi ao Bomfim o 54 de voluntarios.

—Refira-o.

—Ha na Lapinha, freguezia de Santo Antonio, uma mulher de nome Rosa, que se dedica a ensinar a coser e aprendia com ella (não sei se continuou a aprender) uma creoulinha de 8 a 9 annos de edade, que mora com uma velha, conhecida por *Mariquinhas*, moradora ao Caes Dourado, por cima do escriptorio da companhia de Vehiculos.

Na noite do dia em que os voluntarios foram ao Bomfim, um individuo, branco, segundo diz a creoulinha, mas cujo nome ignora, foi á casa da mestra buscal-a, a mandado da referida velha, termo de que se serviu para persuadir á mestra da menina e poder conduzil-a comsigo, e em logar de leval-a para casa, conduziu-a para o Queimado.

Chegado no logar da Caixa d'Agua, entrou com ella para uns mattos, amordaçou-a para não gritar e ahi estuprou-a!

A creoulinha veio para casa em *petição de miseria* e levou alguns dias de cama!

—Como vae esta terra em adiantado *progresso de moralidade!*

Acho bom que o Sr. Dr. chefe de policia tenha conhecimento do facto.

—Mas é um facto tão antigo que não vale a pena elle se cançar.

—Não é tão antigo como isso, que a policia não possa punir o delinquente.

—Porem como, si a paciente não sabe o nome do seu offensor?

—Pois é ahi que está o trabalho da policia, cumpre agora á ella desenrolar este novello.

—Lê-se no *Argos* do Amazonas.

Registramos n'estas humildes paginas um facto importante, sobre um escravo, que foi condecorado com a medalha de campanha, pelos seus relevantes serviços em defeza da honra nacional:

O creoulo Marcos Antonio, escravo do negociante Francisco José Teixeira Guimarães, sendo recrutado em 31 de julho de 1865, assentou praça como marinheiro em o 1.° de agosto do mesmo anno.

Da fragata *Constituição* passou para a corveta *Bahiana*, desta para a canhoneira *Parnahyba*, e desta para a corveta a vapor *Leopoldina*.

Entrou nos combates do Passo da Patria, Riachuelo, e Cuevas, sendo condecorado com a medalha de campanha.

Tendo o Sr. deste crioulo, o dito Guimarães, obtido informações justificadas disto, requereu ao ministro immediatamente, prestando-se a receber qualquer quantia ou gratificação para conferir liberdade a esse crioulo, provando ser seu escravo.

O ministro, porem, mandou entregar o dito crioulo, ainda fardado, a Guimarães, e os documentos, menos a certidão de ter elle entrado nos combates.

Isto affirmam alguns jornaes do paiz, e segundo os principios, não parece incrivel.

Guimarães, *á vista d'isso*, mandou o seu escravo para a casa de detenção, onde, (consta que sem ordem sua) rasparam a cabeça de Marcos, e puzeram-lhe um ferro ao pescoço!

Affirma Guimarães, que, nos assentos do transporte *Leopoldina*, constam dos serviços prestados por Marcos, como soldado brasileiro.

No entanto esse escravo foi condecorado, como soldado brasileiro..... e veio de novo provar os amargos travos da escravidão.....

.....

A PEDIDO

—O que importa ao Sr. que se jogue á noite no Passo da Patria?

—Muito. Estão ali se perdendo muitos inexperientes.

—Com o que nenhum prejuizo lhe resulta.

—Eu cá sei. Supponha que va um rapaz, casado, que não tendo mais o que perder, para saciar o pernicioso vicio chega ao ponto de lançar mão do que ha em casa, ás escondidas, como se fôra um ratoneiro, para ir despejar n'aquelle sorvedouro.

—Mas o que perde V. ahi?

—Doe-me. Outro caso. Que desgosto não é para uma senhora, cujo filho, caixeiro, vae uma destas noites áquelle foco do vicio e lá enterra 300$ rs. que não são seus, e depois na vertigem de recuperar o que perdeu, entra em casa, apanha o que acha á mão, e lá vae de novo entregar ás harpyas que outra vez o despojam, vendo se em resultado obrigado a andar fugitivo até da familia, pelo descredito e vergonha em que cahiu?

—Mas, homem de Deus, si V. vê a policia, que é quem tem que ver com semelhantes cousas, deixar se ficar imparcial, como é que quer se metter no que lhe não compete?

Está porque, dizem, que o diabo ficou velho com os trabalhos alheios.

—Houve em Latronopolis um individuo que era conhecido por *bruto-diamante*. Este individuo teve um filho, o qual entendeu elle lapidar para que não tivesse direito ao nome por que era elle conhecido.

—Deixemos o pae e tractemos somente do filho, *heroe* dos nossos dias.

—Foi por fim o *brutinho diamante*, nome que d'aqui em diante será conhecido o nosso *heroe*, estudar preparatorios, que de facto preparou-se bem em velhacadas, tranquibernadas, tratantices, etc., etc.

Ora, depois de preparado mandou o pae o nosso *heroe* estudar direito.

Cinco annos depois aportou em Latronopolis um bacharelsinho, que foi logo escolhido para juiz dos *pequenos sem pae*, onde poude expandir seu genio *latrono*.

....

Ah! esqueci-me dizer que o nosso heroe é casado e amasiado, mas depois tractaremos disso.

Vindo para aqui um governador, e sabendo do que practicava o tal juiz dos *pequenos*, chamou-o a contas e eis que o apanha na ganancia da rapinagem dos bens dos *pequenos*. O governador que não era de caçoadas, enfurece-se como se lhe tivesse passado pelas pernas alguma folha de *cansansão* e demittiu o venal e latrono juiz, dando-lhe um nó para jamais poder desatal-o.

(*Continua.*)

—Capitão, é pela derradeira e ultima vez, que venho reclamar a V. Ex. contra a injustiça que soffre o nosso immediato, o commendador João Ignacio Barbosa Werneck.

—Pelo que vejo és o sabe tudo.

—Não sou sinão, capitão, testimunha de suas queixas e do pouco caso em que se tem um ir.·. car.·. gr.·. 33.·. diz elle que prestou, na secretaria da policia de Extra-burgo, juramento do cargo de subdelegado, e que os jornaes não publicaram a sua nomeação, pondo embaraços aos seus planos de bem policiar a freguezia do Barracão, onde ha muito mamão; tem representado tambem contra o come ovelhas e o ladrão de 7 escravos, e o prefeito não tem prestado consideração ás suas representações.

—Não foi assim tractado pelo principe quando aqui esteve, que, dando-lhe a mão para apertar, deu-lhe os signaes de que pertencia tambem á *renda de ouro*.

—Elle, rapaz, deve desprezar seus invejosos inimigos, visto ser um commendador, e breve receberá o soldo de official, como veterano da independencia.

—Venha cá, *Silvino!*

—Prompto, capitão.

—Para que ha de andar diffamando os companheiros de classe, safado?

—Eu, capitão!

—Você mesmo.

Outro dia o *José* se queixou deste seu proceder irregular.

—Que *José?*

—Aquelle que mora na rua do *Carvalho*, e é intimo amigo do *Rocha*.

—Não creia nisso.

—Pois olhe, seu lingua viperina, si eu tiver outra queixa contra V., mando trancafiar-lhe a cabeça dentro da cloaca do navio, ouviu? Não ha rosa sem espinhos.

Temos por vezes occupado estas columnas com escriptos repressivos, no intuito de *sofrear* a *canalha* immunda, abjecta, e inexpugnavel da commandita—*olho vivo;* porem sendo ella como é representada pela *cafila* dos descarados—*Pinto*, *João*, *Bandeira*, &c, *Companhia,* não pode attingir as raias da moralidade, porque, *Pinto*, *malandro*, reu de policia e como tal reconhecido na Villa do *Cattété*, é facto veridico que para escapar-se do *recrutamento* no tempo da guerra do Paraguay, fugiu precipitadamente para aqui, si quiz livrar-se da perseguição do *delegado Zeca-Paz*, do engenho denominado—*quiranga*—*João*, alumno mestre da escola *Bandeira,* perito e arrefinado na arte das *escamotagens* com o patrocinio da mãe, (a qual devendo negar sua aquiescencia a todo e qualquer acto que d'este proviesse o descredito seu, e de seu filho, era, e é, a primeira a instigal-o, fornecendo os meios; porque se assim não fosse certamente não mandaria suas *crias* buscar os *grilos* feitos por elle quando caixeiro do escriptorio—*Oldacada.*) Não admira que continúe a ter ten-

dencia para *surrupiar* tudo quanto esteja no alcance dos seus olhos, visto como os seus *bellos actos* em logar de correctivo, encontravam sempre apoio no lar domestico—*Bandeira Custodio*—prototypo dos tratantes e velhacos, symbolo dos astuciosos, e modelo dos hypocritas, so por omissão deixaria de representar na *tragedia*, o papel condigno de seu caracter.

Este cavilloso instrumento vil e infame da *commandita*, farêja á espera de um *osso* para roer, visto como os seus *calotes* o teem recommendado ás pessoas que bem o conhecem.

Temos por consequencia destribuido as partes do *drama* pelos actores, mas é necessario chamar á scena a auctora do mesmo.

Venha a viuva *honesta* que *honra* as cinzas do seu marido receber em publico os *bouquets* que lhe offerecemos, crestados pelo fogo offegante do enthusiasmo da festa; venha. obstar os nossos planos! Pensas que a *porta falsa* que deu escapula a teu mizeravel filho te será franqueada na hora do desespero!..... engana-te, por quanto o golpe ferino ja te foi applicado por mão mestra, ouviu?

Na sexta-feira 9 do corrente, chegou n'este porto, vindo do Rio de Janeiro o voluntario da patria Cassiano; que veio da campanha no batalhão 54, e teve baixa na côrte. Este voluntario foi bem recebido, havendo grande numero de saveiros embandeirados, foguetes, flores, e uma brigada de mulheres commandada pela Pulcheria, irman do mesmo e que na força da alegria bachica, marchou em forma dando vivas e cantarolas até chegar no quartel da residencia; parecia um carnaval vel-os na seguinte ordem!!!.....

Floripe de flauta,
Felix de casaca,
Com a menina Joanna
Dansando traviata.

(Continuação do n. 696.)

—Vejamos entretanto quantos favores recebeu *Feliz Café* e como retribuiu-os.

Era nas ante-vesperas do seu pretendido casamento e o miseravel nem siquer tinha o que vestir para ir á egreja.

Queixando-se disso á pessoa alludida, tirou umas calças e colete de casemira e uma camisa, e deu-lhe para poder casar-se, e tendo o sevandija desfeito o casamento, tambem não entregou o fato alheio.

—Torpe creatura! E' a escoria da especie humana!

—O canalha traz sempre um riso no canto da bocca para enganar, e aquellas faces, as quaes o escarro do despreso não é capaz de contrahir, sabem se amoldar-se á toda sorte de contrafeição; não ha baixeza ou ignominia, por mais vil que seja, capaz de lhe fazer corar o rosto côr de trampa de gallinha.

Mas vamos ao que eu dizia.

Um homem que vae casar se, na vespera não tem real para pagar insignificantes despezas.

Mandou lavar a casa sem ter dinheiro; as pretas foram á porta da loja onde trabalha e a mesma pessoa foi que pagou do seu bolso 3$200 rs. para não ver alarma em sua porta. *(Continúa.)*

VARIEDADES.

Um ladrão, accusado de haver furtado um cavallo, e vendo-se a ponto de ser condemnado, pretendia desculpar-se dizendo ao juiz:

—Senhor, eu não commetti semelhante furto, e senão veja V. Ex. o que me aconteceu: eu ia por uma rua, vi um cavallo atravessado; quiz passar por diante delle, gritaram-me: olhe que morde; procurei então passar por detraz, disseram-me: tenha cuidado, que elle attira couces; ouvindo estes conselhos, tomei afinal a resolução de saltar por cima delle para o outro lado; mas a este tempo, tomando infelizmente o animal o freio nos dentes, fiquei escarranchado no selim, e eis que deitou a fugir comigo em cima, de tal modo que dentro em poucos momentos já me achava fora das portas da cidade; e, quando voltei ao logar d'onde tinha partido, com a intenção de o entregar a seu dono, já lá o não achei; e assim V. S. bem vê que fui obrigado a ficar com o cavallo contra minha vontade.

ANNUNCIOS.

O Sr. Cassiano Maximo do Espirito Santo, empregado na cocheira ao largo do Hospicio, é convidado a vir a esta typographia receber uma carta com uma letra da quantia de 116$ rs.

A Sra. D. Maria Joaquina Pereira, tem uma carta com 13$800 na venda do Sr. Jovino Antonio Ramos, para ser entregue em mão propria, ao Canto de João de Freitas, venda de S. Antonio.

Na Calçada, botica do Gouveia precisa-se de um pratico bom.

A' baixa de Sapateiros casa n. 9, se vende fubá de milho muito bom, a 7$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5$ rs.

Anno 8.º BAHIA. 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 70.ª QUINTA-FEIRA 29 DE SETEMBRO. N. 698.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beeco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de setembro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que na rocinha da Lapa, que deita os fundos para a rua Nova de S. Bento, entendem uns moços que devem caçar aos domingos, acontecendo, em um desses dias, cahirem caroços de chumbo no quintal da casa do Sr. Eduardo Contreiras, que por milagre da Providencia, não se achava n'essa occasião pessoa alguma de sua familia no quintal.

Ora, em vista d'isto, torna-se urgente que S. S. tome alguma providencia a respeito, afim de que não tenha-se de lastimar alguma desgraça.

—Está o que faz não haver asylo para alienados!

—O que houve?

—Hoje, segunda-feira das almas, quasi que temos morte e cabeças quebradas á lamentar, no Mez de Maria, em S. Francisco!

Um crioulo doudo, que ha pouco sahiu da casa de Correcção, mais doudo do que entrou; os moleques começaram a gracejar ao avistarem-no; elle deu de mão á uma pedra e arremessou para dentro da egreja, e por milagre de Deus a pedra foi sobre o *tapa-vento* e o arrebentou.

—Esta so mesmo de doudo!

—O louco foi preso por dous soldados de policia.

—Hontem cahiu o telheiro da fundição da Jequitaia, ficando debaixo d'elle um menino.

—Misericordia! Morreu?

—Não, foi tirado ainda vivo, mas so um milagre o poderá salvar!

—Que sorte fatal!

Deus que tenha compaixão delle!

—Na terça-feira, entendeu o official do 14, de guarda em Palacio, que não podia passar á noite sem uma *costella;* em vista do que mandou buscar a sua *dulcinea* e metteu-a dentro da guarda, a qual foi encontrada pelo official rondante!

—Que bello!

E não soffreu cousa alguma o tal official?

—Nada. O rondante entrou ás 9 horas da noite e o encontrando *encostellado* sentou-se tambem junto da *cuja* para aquecer-se!

—Morreu o antigo escrivão do fôro desta cidade Francisco Xavier da Costa.

—Deus lhe falle á alma.

—Mundo enganoso!

Si pela mente d'aquelle homem, nunca passou, nos seus dias placidos, que havia de acabar n'um enxergão do hospital de charidade, esquecido de todos!

—Espelho em que muita gente deve mirar-se.

—Si elle nunca pensou que a *patusca* seria a via conductora de sua jornada para a valla commum no cemiterio!

—Nada no mundo é estavel. A grandeza, a fama, a gloria, tudo passa como o fumo e depois do homem so resta o pó.

—Appareceu no forum uma subscripção para se lhe fazer o enterro. Mas os companheiros de classe negaram-se a concorrer. A excepção dos Srs. tabellião Jorge Ferreira, procurador Chagas e escrivão José Candido, todos os mais esquivaram-se com pretextos egoisticos, lançando sobre o passado do morto lembranças de despeito.

—Que gente! Nem ao menos lembram-se do *hodie mihi cras tibi.*

—Aquelles homens do forum que trabalham tanto, a ponto de no dia do funeral pelos mortos no Paraguay, ser a unica estação publica que esteve aberta, tiveram pena de dar cada um dez tustões para o enterro de um collega infeliz.

—Felizmente para credito d'aquella corporação, ainda ha homens como os Srs. J. Ferreira, Chaga, Pedro Alexandrino, e José

Candido, que não se esquecem dos companheiros na desgraça.

—Que diabo é aquillo ali em S. Bento, na porta do talho n.° 2?

—Quanta gente!

—Talvez estejam á espera que a carne *vire*.

—Mas hoje, terça-feira?

E o que fazem tambem ali aquelles soldados de policia?

—Não sei.

—A cousa cheira a barulho.

—Vamos ver?

—Si quizer.

.....

—Oh! meu charo, que é isso?

—Foi uma rapariga que veio comprar carne, e perguntou ao irmão do dono do talho pelo preço por que estava vendendo; este disse-lhe baixinho no ouvido — *é a sete vintens*, rapariga; ella respondeu-lhe, *falle alto que não ouço, não tenho segredo*; mas, rapariga, disse elle, agora foi que eu *virei* para este preço, e como teem aqui algumas pessoas que acabaram de comprar por meia pataca, por isso é que procedi desta maneira.

A rapariga continuou a gritar; elle enfureceu-se e mandou-a a *m*....

—*Vá elle*, disse ella.

—Apparece um soldado de policia e reprehende-o, dizendo que não tinha termos elle mandar a *m*..... á uma mulher.

—Pois vá V. e ella, retorquiu elle.

—Salta para fora que te mostro para quanto presto, disse o soldado.

—Optimo policial!

—O *tempo* formou-se, e o soldado concluiu prendendo-o á ordem do chefe de policia.

Elle desobedeceu; o soldado foi ao chefe e participou; este mandou o tenente Ovidio buscal-o, porem elle continuou a desobedecer, e já foi-se para casa.

—E o que faz esta gente toda ainda aqui?

—Espera pela terminação da scena.

A PEDIDO

—Quando deste mal me queixo, outro peior me apparece.

—Que quer dizer com isso?

—Que o destacamento do Caes Dourado vae de mal a peior.

Mudaram o que estavam por mau e veio um peior dez vezes.

A' noite os soldados abandonam o quartel e andam por ahi a fazer dellas e dellas.

Em uma noite proxima achavam-se alguns estrangeiros em uma casa de pasto e como alterassem as vozes, os soldados invadiram a casa de refles desembainhados e si bem que o proprietario se apresentasse e dissesse que nada havia, elles quizeram farejar até o interior, sobresahindo um delles que bradava— aqui não sahe nem um gato.

Esse mesmo soldado prendeu á ordem do chefe a um individuo que descia as escadas e, depois de preso, soltou o em caminho, o que não podia fazer; voltou á casa de pasto, onde mandou deitar cinco calices de genebra e depois de beber atirou com tres vintens sobre o balcão.

—Isso tem uma classificação que eu não quero dar.

—Parece que antes de haver destacamento no Caes Dourado as cousas andavam melhor.

Os roubos continuam e as desordens tambem, encarregando-se esses mantenedores da ordem de serem os proprios a promovel-as.

—Bem dizia outro dia um sujeito que os soldados do 14, viravam ganhadores do canto.

—E é certo?

—Ainda ha pouco encontrei na rua do Collegio um soldado carregado como um ouriço-caxeiro. Trazia frascos, latas, boiões, cestos, embrulhos, uma traquinada de cousas.

—Ah, eu lhe digo o que foi.

E' um tenente que diz que vae casar.

Eu o vi na cidade baixa comprando e mandar pelo soldado levar em casa da noiva.

—Que abuso! Pois um homem que a nação paga para servil-a, ha de ser reduzido á vil condição de escravo e obrigado até a carregar temperos para casa da namorada do official?

—E' mal-feito na verdade, cada official tem um soldado ás suas ordens, mas somente para servil-o naquillo que for tendente ao seu pessoal.

—Este ordenança do subdelegado do Pilar é um *non plus ultra* na freguezia.

O rapaz manda e desmanda.

De farda desabotoada, collete e gravatinha anda por casa das raparigas de *vida leviana* a querer que estas lhes *obedeçam* e a que não cede á seus caprichos sensuaes passa mal.

Uma noite destas cortou de chibata uma dellas moradora no principio da rua do Caes Dourado, porque a mulher não lhe quiz ser complacente em seus desejos. O homem prende e solta por sua vontade e diz que o *Totonho* vae ás todas com elle.

—Compromettendo assim ao subdelegado!

—O bom do guarda associou-se a um ex-voluntario; o qual faz-se arbitro de desa

venças caseiras, constitue-se em fiscalisador de infracções municipaes e mais que tudo em desabafo de desaffeições; quem tem sua rixa com outro recorre a elle que é prompto nas provocações; por sua conta conservam-se tavernas abertas até depois das horas, ao passo que outras são obrigadas a fechar mal dá o toque de recolher.

Esse individuo cuja vida é pelas vendas, se tem celebrisado pelos seus feitos, unido ao decantado ordenança, o qual o tempo que deve cuidar em seus deveres emprega em perseguir as pobres meretrizes, que não accedem á sua embirrante vontade.

—Custa pouco; uma reclamação ao subdelegado e a cousa ha de tomar geito.

—Pois faça-me este favor que lhe ficarei obrigado.

Moça bonita.

Moça bonita é aquella
Cuja tez é bem morena,
Larga fronte, face amena,
Olhos negros e luzentes,
Labios rosados, cabellos
Negros, bastos e lustrosos,
Pés pequenos e formosos,
Cintura fina, alvos dentes.

Moça bonita é aquella
Que tem louros os cabellos
Capazes de fazer élos
Ao coração mais descrido,
Que tem os olhos azués
E a face descorada,
A mãosinha torneada
E semblante entristecido.

Moça bonita é aquella
Que tem bem larga a cintura,
Bom braço, no andar segura,
Grande cachaço, e o mais,
Olhos castanhos que igualem
A um caroço de jaca,
Tão gorda como uma paca,
Por essa é que dou mil ais.

Moça bonita é aquella
Que mais se enfeita e se ageita,
Mais se arma e se endireita,
Para melhor parecer;
E que por chiste ou por graça
Distribue os seus cuidados
A vinte ou mais namorados
Que a sorte lhe conceder.

Moça bonita é aquella
Que anda sempre na moda,
Que somente s'incommoda
Com romances e rivaes,
Que usa de coque monstro,
Traz botinas de tacões,
Possue dez mil corações,
Por essa tambem dou ais.

Moça bonita... mas não...
Não vamos desconsolar,
Não se pode adivinhar
Os dotes que todas tem;
Cada qual, de qualquer modo
Será sempre bem bonita,
Assim pensa desta escripta
O author, e pensa bem.

S. P.

VARIEDADES.

O Sr. Arthur Borboleta.

SCENAS DE COSTUMES.

(*Continuação do n. 683.*)

—Ora! exclamou o rapaz, rindo-se, pois preciso de grande sciencia para dar esses riscos em um papel?

—Olha que não são só riscos, respondeu-lhe o pae; aqui ha mais alguma cousa a fazer; é preciso tomar *tento* nas distancias dos taes riscos.

—Ja sei; meu pae falla das dimensões; não lhe dê isso cuidado, eu arranjo tudo em meio minuto.

—Pois então ahi fica. Mas olha que lá o mestre quer uma *cousa aceiada*.

—Não tem duvida, respondeu o rapazola, espreguiçando-se todo.

O José Borboleta foi para o serviço o o Sr. Arthur entendeu que devia levantar-se e tratar de almoçar, para mais folgadamente arranjar os riscos da planta, que o pae lhe deixara.

Com effeito, elle procurou entender o que tinha diante dos olhos, que nada mais era do que o esboço de um *chalet* para jardim, mas perdeu o seu *latim*, como se costuma dizer em linguagem vulgar, porque nunca poude saber onde era o principio, nem o fim da tal planta.

Em taes casos, costuma-se recorrer aos amigos, e foi o que elle fez, mas cumpre confessal-o, os amigos tambem em taes casos costumam ser benevolos satisfazendo aos pedidos, mas como são rapazes, dão logo com a *lingua nos dentes*, e não ha alguem que deixe de saber o favor que elles fizeram, prometendo segredo.

O resultado do recurso de que lançou mão o Sr. Arthur foi que todos logo souberam que a planta do *chalet* fôra desenhada por, um collega benevolo e *linguarudo*.

Si todos isso sabiam, tambem o soube o Sr. Borboleta, que todo ancho tinha levado

o desenho ao mestre, como prova do saber e muito aproveitamento de seu filho.

Ora se não faltaram ao pobre velho elogios e louvores do mestre e de seus companheiros de obra á vista de tão bonito trabalho, é facto que os epygrammas, a mordacidade, e a ironia invejosa dos ignorantes foram em abundancia.

O pobre velho passou um dia amargurado, em que os remoques de seus companheiros não respeitaram a velhice, desconhecendo que o pae não podia ser responsavel pelo mau procedimento que o filho tinha nos estudos, e para que houvesse algum allivio á esses amargores, na imaginação de Juca Borboleta foi o Sr. Arthur condemnado á uma sova de junco, como só os pobres sabem dar nos filhos, quando merecem, embora sejam estudantes academicos, o que de modo algum pode ser uma immunidade, quando procedem mal.

A' hora em que tão cruelmente era condemnado por seu pae, Arthur procurava exercitar-se n'um dos bilhares, em fazer recuar uma bola de tabella a tabella sem perder a carambola e sem ficar mal.

Difficil tarefa!...

Mas que paz de espirito, que socego d'alma possuia o rapaz!

Nem um remorso de consciencia o torturava, a elle que jogava o bilhar tranquillamente á horas, em que os seus collegas de classe ouviam com attenção o lente explicar as lições do dia.

Nem um remorso o torturava, a elle que passeava socegadamente pelas ruas da cidade, á horas em que seu velho pae se expunha ao rigor do sol e chuva, fatigando-se no duro officio de pedreiro, afim de ganhar meios de o trazer decente na academia, sem o ver exposto ao ridiculo de seus collegas.

Dá Deus nozes a quem não tem dentes, diz o rifão, nesse caso bem applicado; o Sr. Arthur não tinha dentes para comer as nozes que se lhe davam, e como elle, quantos á esta hora se acham na mesma condicção?

(*Continua.*)

Verdadeira democracia.

Lê-se em um jornal estrangeiro o seguinte:

Os norte americanos dão-nos de vez em quando uns exemplos summamente raros. Si a seguinte noticia é exacta, excede os limites do realisavel:

O antigo presidente dos Estados Unidos, Johnson, comprou ha poucos dias em Greenville um sumptuoso palacio, no intuito de tornar a occupar-se nelle em grande escala do seu officio de alfaiate.

Tenciona dirigir em breve uma circular a todas as testas coroadas, das quaes era collega, ha pouco tempo, para lhes offerecer os seus serviços.

Bismark e as senhoras.

O conde de Bismark, lê-se em um jornal, tem para com as senhoras, maneiras despoticas.

Em um baile dirigiu-se elle á uma moça elegante e espirituosa, e sem mais formalidade estendeu a mão para tirar uma flor. A moça, porem, batendo-lhe de leve com o leque nos dedos, respondeu lhe: Alto lá, Sr. conde, isto não é nenhum estado allemão: não se conquista — pede-se.

Diz-se que a vida é um fio que Deus segura nas duas extremidades; o casamento o é algumas vezes, mas o diabo nos dá a torcer uma das pontas.

Succedeu ultimamente em Londres um caso que a muitos ha de tirar os desejos de pôrem cabelleiras emprestadas. Um tal Sr. Hughes, conselheiro de justiça, tinha uma respeitavel cabelleira guardada na competente caixa, e um dos seus amigos pediu-lh' a emprestada por um dia. O Sr. Hughes não pôde negar o favor; o amigo saiu com a sisuda cabelleira de conselheiro, que lhe ficava a matar.

Passado algum tempo foi o Sr. Hughes visitar o seu amigo, que estava almoçando com alguns individuos de distincção. Estavam-se desfazendo nos comprimentos do estylo, quando o cão do conselheiro conhecendo a cabelleira do seu dono n'outra cabeça, saltou sem mais ceremonias aos hombros do amphitrião, tirou-lhe a cabelleira, deitou a correr, e pôl a na cabeça do seu primitivo dono.

ANNUNCIOS.

A' baixa de Sapateiros casa n. 9, se vende fubá de milho muito bom, a 7$800 a sacca, dito ordinario para animaes a 5$ rs.

Na Calçada, botica do Gouveia precisa-se de um pratico bom.

A Sra. D. Maria Joaquina Pereira, tem uma carta com 13$800 na venda do Sr. Jovino Antonio Ramos, para ser entregue em mão propria, ao Canto de João de Freitas, venda de S. Antonio.

Existe na rua Direita de Palacio, casa n. 39, uma carta contendo 17$080 rs. para o Sr. capitão Ataliba.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 78.ª SABBADO 1.º DE ABRIL. Ns. 771—772.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Principia hoje a serie 78.ª do «Alabama».

Entrada de Jesus em Jerusalem.

A' uma legua, pouco mais ou menos de Jerusalem, ficava a pequena villa de Bethania, onde Christo costumava parar repetidas vezes.

Chegou elle ahi uma vez, e foi geral o contentamento do povo, por tão honrosa quão proficua visita.

Proficua, dizemos, porque Christo, no cumprimento de sua missão toda humanitaria e civilisadora, ensinava-lhes a relegião do Eterno, e indicava-lhes o caminho da vida futura.

Na Bethania obrou elle prodigios, dando vista aos cegos, ouvido aos surdos, e vida aos mortos.

Era assim que o povo o victoriava estridentemente, acclamando-o filho de Deus!—

Jesus conservou-se depois em Ephrem perto do deserto; mas alguns dias antes da Paschoa voltou a Bethania, onde teve logar a ceremonia da uncção de seus pés por Maria, irman de Larazo.

No dia seguinte sahiu Jesus da Bethania, caminho de Jerusalem.

O povo ao divisal-o,—tapetou o caminho com seus vestidos os mais ricos, juncou a passagem com folhas verdes e ramos de arvores, não cessando de victoriar ao filho de David!

Os psalmos se succediam, e o povo delirante bradava:—hosana ao filho de Deus, que nos veio remir e perdoar.

E Jesus commovido pela gratidão de seu povo, chorou amargamente sobre aquella cidade, que em breve se converteria em tenebrosas ruinas.

«Ah! disse elle, si soubesse ao menos o que te daria salvação!—mas não; não tens o direito de penetrar os arcanos do futuro. Um dia virá, não importa quando, em que teus inimigos te sitiarão, reduzindo-te á ruina total; elles não deixarão pedra sobra pedra, por quanto embebida no luxo e na vaidade, olvidaste os preceitos que te impozeram.»

Entrando no templo, expelliu os mercadores infames que o tinham transformado em praça publica, restabelecendo a crença esquecida por seu povo, e ensinando-lhe o caminho da virtude e da felicidade.

O resto do dia consagrou elle á incutir no animo do povo a crença e a lembrança de Deus e da religião; fallou-lhe da vida eterna e do castigo reservado aos impios, que profanam a casa de Deus.

Eis explicada em breves palavras a solemnidade do dia de amanhan que a egreja celebra.

A. Bittencourt.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 31 de março de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para o que se passa em uma tasca dessas chamadas de *mocotó á meia noite*, estabelecida ao largo do Pelourinho. Frequentada á noite por gente de toda catadura e conducta, o deboche e a libertinagem attingem proporções descommunaes pela soltura das phrases e estrondar das vozes, que perturbam o repouso das familias e offendem-lhes o pudor; tornando-se nas noites de sabbado o incommodo mais insupportavel.

Espera-se que S. S. fará obrigar o dono da referida tasca e seus freguezes a terem procedimento mais comedido.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, reclamando contra o deshonesto abuso de individuos que vão banhar-se nús, nas praias do Caes Dourado, pelos fundos da botica, logar onde funcciona uma aula de instrucção para meninas, além de muitas familias, que por ahi habitam. Urge que S. S. para garantir o respeito devido ás familias, e resguardar as vistas infantis de tão obscenos paineis, empregue medidas restrictivas; o que espera-se.

—Como pode viver um pobre com carne de quatorze vintens a libra e demais roubada no pezo exorbitantemente!

—A camara é quem manda os carniceiros roubar.

—Essa injustiça não lhe faço eu; esquecida de seus deveres, quero que seja; porém que authorise a escandalosa extorsão que os magarefes fazem ao povo, não creio.

—Creio eu; e a razão é porque força os carniceiros a commetter o furto.

—Como?

—Consente no matadouro uma balança falsificada que faz extraordinaria differença na pezada da carne, destinada ao consumo nos talhos.

O defeito da balança é de tal sorte que em uma rez produz a differença de vinte a vinte quatro libras. Ora os carniceiros que por indole e habito ja são dados a lesar o povo, veem-se na necessidade de furtar com mais escandalo para não serem prejudicados.

Faça ideia quanto não roubam elles, que salvam o prejuizo e ainda lucram.

—Mas então que camara temos nós?

—Ora que camara! Camara que faz contractos em segredo e arranja afilhados.

—Capitão, os ratoneiros deram na terça feira á noite no Paço de S. Bento, em casa do Sr. José Maria dos Prazeres.

—Conte me isso.

—Aproveitaram-se da occasião em que a familia do Sr. José Maria estava no sotão, arrombaram uma porta que da escada vae ter ao armazem de sua casa, e roubaram as gallinhas que lá se achavam, as quaes conservava elle para saboreal-as no domingo de Paschoa.

—E ficou chuchando no dedo.

—V. Ex. não sabe que o boccado não é para quem o faz, e sim para quem o come!...

—*Psio!*...

—Os larapios entenderam que elle não devia ser quem as apreciasse.

—Mas isso é um desaforo!

E' preciso que a policia tome medidas energicas a respeito!

—Vá esperando por ellas!

—Mãos perversas tiveram a iniquidade de no dia 23 lançar fogo em uma propriedade que está edificando o Sr. Thomé Berlink á estrada do Garcia.

Felizmente o incendio foi abafado sem causar total destruição.

—Esta terra atravessa um periodo bem excepcional!

Roubo, incendio, prostituição, violencia á propriedade e á vida do individuo! O que mais falta para tornar completo o reinado do vicio e do crime?

—A juventude que frequenta a aula primaria, publica da freguezia da Sé, vae bem mal encaminhada.

—Pois o mestre não é habilitado?

—Não direi que não.

Mas eu só fallo pelo que vejo.

—O que tem visto V.?

—Irregularidades e falta de respeito.

E' mesmo á porta da eschola, nesse templo da educação, que as adolescentes creanças pronunciam phrases incapazes de serem proferidas por boccas juvenís; é dahi que dirigem as mulheres da visinhança termos de consummada obscenidade.

Quando solta-se a eschola, a rua do Tijollo torna-se um foco de assuada immoral e confusão; o mestre de sua janella presenceia e e não admoesta, não corrige.

—A missão importante de preceptor da infancia, so deve ser confiada, a quem mostre todo o desvello e dedicação em desempenhal-a.

—Toda visinhança queixa-se do procedimento dos alumnos da aula publica da Sé.

As creanças obram a livre arbitrio sem temor, nem receio.

—Por isso é que dizem que a maior parte das escholas estão invadidas ou de professores que embora aptos, não comprehendem o fim sublime da educação, ou de homens elevados pelo patronato.

—A falta de regimen, a indifferença da parte do mestre, foram causa de um menino ir matando a outro no dia 28.

—Houve isso?

Brigaram dous meninos e um deu tão forte bordoada no outro que o estendeu sizudo, sendo levado em uma cadeira, sem sentidos, para a casa de seus paes.

—E' um caso muito grave.

—Tenho aqui a communicação do nosso agente:

«Deu-se um caso extraordinario na porta da eschola da rua do Tijollo, e no meu entender o professor procedeu culpavelmente.

«Brigaram dous meninos e um ficaria morto, á não ser o funileiro que mora por baixo.

«O professor não se abalou apezar do estado melindroso do offendido e de se lhe ir dar parte; disse que quem quizesse morrer, fosse morrer em sua casa.»

—Não é resposta de um professor.

O mestre que toma sobre si o encargo de educador da infancia, contrahe para com a sociedade o grave compromisso de cultivar e

aperfeiçoar essas jovens intelligencias, porque sem um bom cultivo, sem um bom aperfeiçoamento, a razão no homem, não será a luz que o guie neste mundo de illusões.

—O caso vae affecto a previdencia do Sr. Dr. director da instrucção.

—A' semelhança do tempo em que se amarrava a linguiça á cauda do cachorro, ha hoje homens que fazem questão para exercer desinteressadamente os logares publicos, despendendo alguns até de seu bolso.

—Depois que Judas teve sarampam acabou-se disso.

—Ainda hoje os ha e a prova ahi vae:

Vagando o logar de fiscal da camara municipal de Juiz de Fora, villa pertencente a Minas, cujo logar é estipendiado, apresentaram-se muitos pretendentes.

O Sr. Francisco de Assis Mendes Ribeiro, porem, querendo ser o preferido, fez uma proposta a camara offerecendo-se a servir sem ordenado.

O que sabido por outro pretendente, offereceu-se este não só a servir de graça, como a pagar a camara 5$ rs. por mez!

—Dedicação e desinteresse pelo serviço publico só assim.

—Na quinta-feira, pelas 3 horas da tarde, foram dous estrangeiros atacados de febre amarella para o pavimento por cima do *Forum*.

—Não creia nisso. N'esse pavimento não existe mais estrangeiro algum dos atacados por semelhante molestia, pelo menos assim asseverou o deputado Correia Garcia, quando o seu collega Zama tractou a esse respeito na assembléa.

—Pois eu lhe posso garantir, porque os vi subir a ladeira da Misericordia em cadeiras, as quaes ficaram debaixo do arco até que viesse ordem para os doentes serem ali recolhidos.

Qando o deputado Correia isto asseverou, ainda existiam no pavimento quatro enfermos, dos quaes dous ainda lá se conservam.

—Creio por V. dizer.

—E pode asseverar!....

—Amar a nossos semelhantes como a irmãos, como a nós proprios, desejar-lhes e *fazer-lhes todo o bem que podermos*, sustel-os na desgraça, consolal-os na afflicção, regosijar-nos com a sua felicidade, affligir-nos com suas penas, taes são os deveres que a charidade nos impõe.

—Mas as irmans de charidade não observam estes preceitos, porque o Sr. Antonio José Florentino, que militou no sul como cadete, e foi ferido em um pé, sentindo a ferida aggravar se-lhe, e baldo de meios para comprar fios e unguentos para applicar sobre ella, dirigiu se ao hospital da Santa Casa e pediu ás filhas de S. Vicente que, por charidade, lhe dessem um pouco de fio e ellas cruamente lh'o negaram, apezar do homem expor sua precaria circumstancia e contar as necessidades que passa.

—E como este, são muitos outros factos de charidade e amor do proximo, que ellas praticam.

—Como é que o Sr. Correia Garcia vae dizer n'assembléa que por cima do Forum não ha doentes de febre amarella?

—Quando disse?

—Na sessão do dia 26.

—Enganou-se completamente o legitimo representante do 1.° districto.

—Ora nunca é bom a gente affirmar aquillo que não sabe.

—Até hontem 29, existiam na enfermaria da rua da Misericordia quatro atacados de febre; sahiram dous e ficaram dous em tratamento.

—Exactamente; o que ha, creio, é ordem para não se admittir ali mais enfermos affectados dessa molestia.

—Justo; e por isso não quizeram receber alguns estrangeiros atacados, que subiram hoje da cidade baixa.

—De qualquer lado imprevidencia!... E' falta de humanidade ficarem esses infelizes ao desamparo.

—Na quarta-feira, um dos carroceiros do aceio da cidade, passando pelo becco da rua Nova de S. Bento, viu um [illegible]ango espalhando uma porção de cisco, que deitaram na rua, metteu a taca e matou-o, jogando-o depois para um canto do becco, o qual ali ficou para apodrecer.

Em logar de limparem emporcalham, causando até estragos nos animaes alheios.

—São bellezas da Bahia.

—Que fóco de turbulencias é este logar, chamado Paraguay!

—Pois si o inspector é o proprio que vende cachaça toda noite.

—Que diabo de sarceiro houve domingo á noite!

—Entre a policia e cortadores de carne.

Um soldado foi desarmado e espancado, outro mettido na lama, e o sargento Cardoso que appareceu no conflicto teve dous dedos fracturados.

—Que de cousas!

—Em tudo isso revela-se a desorganisação administrativa; imprudencia da força publica, insolencia dos amotinadores.

—Capitão, o seu a seu dono.

Houve um engano da parte do seu agente secreto na informação sobre o espancamento do preto, na Madragôa, em Itapagipe.

O Sr. Francisco d'Abreu nunca foi inspector de quarteirão; é estudante; assim como não foi elle o author do espancamento e sim o individuo de nome Elyseu; facto que não ficará impune porque o subdelegado está syndicando minuciosamente para providenciar.

—Bem; isso mesmo vou fazer constar.

—Obrigado, capitão.

« —Seu bilhete?

« —Não tenho; mas aqui está o importe da passagem.

« —Não pode seguir!

« —Mas, meu amigo, eu não lhe estou dando a importancia da passagem?

« —E' favor sahir de dentro do *bond*, do contrario mando parar.

« —Porem nos Trilhos Urbanos quando o individuo não tem bilhete, dá a importancia ao caixeiro, que já anda com bilhetes afim de facilitar aos passageiros os meios de transporte.

« —Peior! Retire-se!

«A companhia de Vehiculos não se guia pela dos Trilhos Urbanos.

« —Sei d'isso, mas a mesma praxe é adoptada no Rio de Janeiro.

« —Adeus! Saia! do contrario o *bond* não segue, e o Sr. assim empata a si e aos outros.»

—Que desaforo! Ahi está o meio porque facilita a companhia de Vehiculos conducção aos passageiros.

Si o caixeiro do *bond* não merece confiança da companhia, para ter em seu poder bilhetes, afim de facilitar o transporte despeça-o, mas não proceda d'essa maneira irregular, contra todos os preceitos estabelecidos em emprezas semelhantes.

—V. o que quer? O pau que nasce torto tarde ou nunca se endireita!

—O Sr. Augusto Trigueiros de Lima, soffreu cinco dias de prisão na casa de Correcção sem receber nota de culpa, porque crime não havia de que o accusassem, e sem ter sido preso em flagrante.

—Nesta terra onde se proclama que a liberdade individual é um direito, a melhor maneira de praticamente proval-o é aferrolhando o cidadão em uma masmorra.

—Capitão, a Deus nada é impossivel.

—Tres vezes nove são vinte e sete.

—Eu digo isso por um milagrs, um verdadeiro prodigio que acaba de dar se.

—Conte-me.

—O homem abaixadinho que andava de quatro pés está perfeitamente bom.

—O que me diz!

—Passando pela Estrada Nova, arremeteu contra elle um furibundo touro.

Com o choque produzido pelo susto, o homem recobrou os movimentos, os membros desintirissaram-se e readquiriram a natural flexibilidade, largando-se elle a correr velozmente.

—Admiravel!

—Hontem foi até o Bomfim com seus pés e hoje pelas seis horas da manhan, foi, em acção de graças, de joelhos até a Piedade, onde ficará até as 11 para ser visto por quem queira.

—Não sei os homens o que hão de ideiar mais!

—O que temos?

—Um queijo monstro chegado hontem no *La Plata*.

Foi fabricado por um tal Sr. Harris, do Canadá, e esteve em Liverpool. Entraram na composição deste queijo 35 toneis de leite, extrahido de 7,000 vaccas. Tem 6 pés e 10 pollegadas de diametro, 3 pés de alto, e cerca de 21 pés de circumferencia. Pesa 3 toneladas e 2 quintaes e meio, isto é, 6,280 libras. Estará exposto por tres dias na praça de Riachuelo das 10 á uma hora da tarde. Cada visitante dará 500 rs., que serão applicados em soccorro dos francezes victimas dos estragos da guerra.

Ouvi dizer, mas não garanto, que concluida a exposição, o Sr. commendador Pedroso propõe-se a compral-o para ser distribuido pela pobreza.

—Si tal fizer dará seguramente que comer a 8,000 indigentes.

—Hoje as 11 para o meio dia, no estabelecimento da limpeza, á rua da Valla, por ser o anniversario do contracto do lixo, expoem o emprezario duas machinas de varrer que lhe chegaram dos Estados-Unidos e foram despachadas n'alfandega nesta semana—uma grande e outra pequena, e ambas construidas de borracha com seus condensadores de ar atmospherico no centro do machinismo, que as faz mover por meio de grandes ventanias, que se desprendem dos condensadores por valvulas adaptadas a soprar em certas direcções.

E' um machinismo de processo engenhosissimo, como verificou-se hontem na primeira experiencia, e que deve em verdade excitar a curiosidade dos que se interessam no progresso das artes, e principalmente das industrias.

Destina o Sr. Cardoso de Castro á machina grande a varrer as ruas de todas as materias incorruptiveis e inodoras, e a machina pequena applicavel ao serviço de palacios, repartições publicas, e grandes estabelecimentos, etc., etc., etc. O Sr. Cardoso de Castro destina a varrer a thesouraria provincial emquanto não pode applical-a egualmente á geral, varrendo-as uma ou mais vezes por mez, conforme a quantidade de papel sujo que em taes repartições se accumular. Espera-se grande concurrencia de povo, e dos directores dos jornaes, constando que os Exms. Srs barão de S. Lourenço, presidente da provincia, e Dr. chefe de policia comparecerão a animar esta festa da *industria,* servindo de padrinhos a benção das machinas, que será celebrada pelo Rev. parocho da freguezia.

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

VII.

Sem mais ambages continuemos em a nossa peregrinação: as urzes sempre desapparecem do terreno da verdade; nada poderá tolher ao peregrino, que sempre avido e inquieto, espera o marco milliario, onde dê treguas ás suas penosas provações e acurados trabalhos.

E n'esse ponto chegaremos, quando aos olhos de toda sociedade christan raiar no horisonte o luminoso facho da verdade, espancando de todo as densas brumas, que negras esvoaçando, escureciam a scentelha mais viva e brilhante, sahida dos labios do Creador.

Não ha que desanimar: o desanimo aqui é a morte moral, é a negação do espirito pela fraqueza dos sentimentos, que lhe são inherentes.

A marcha deve ser firme e segura, o scepticismo não nos invadirá; essa descrença será o desconforto, que nos fará descer, olhos cravados a prumo, para abysmos insondaveis, e d'est'arte darmos logar a conjecturas menos decentes sobre nossa humilde pessoa.

Crer, e descrer, luctar contra o facto e a ideia não será jamais a divisa do jornalista; nobre e santa é a sua missão, e sempre que fôr ella adquirida nos sãos principios da boa educação, sempre marchará elle de fronte erguida ante os escarceus sociaes.

Assim pois eis-nos no posto.

«As nações não se regeneram pela infa«mia, a critica não é calumnia.

«Só é dado aos Neros o cantar e rir sobre o «incendio de Roma.»

Estas duas proposições sahidas da penna do nosso illustrado consul, e que se acham insertas na carta pelo mesmo dirigida ao redactor do *Salamalek*, são taxadas de ôcas e parvas pelo Sr. Loureiro.

Certamente só a bocca de um homem, a todos os respeitos desregrado, poderá proferir tão grande absurdo; só a intelligencia, que posterga os seus fóros, poderá qualificar de disparates aquillo que a razão concebe e o bom senso justifica.

C'est trop fort. A intumescencia chegou ao seu extremo, a torpeza do caracter bem alto desenhou-se.

Já não ha que duvidar: o que é judicioso e sensato tornou se em mero preconceito para o escriptor portuguez, tudo é negação, o erro não se differença da sua verdade, a sua razão só tem que ver com a fraude e o escandalo.

O peior cego, porem, é aquelle que não quer ver—o peior surdo o que não quer ouvir.

Era forçosamente necessario que o Sr. Loureiro desvirtuasse o valor de sentenças tão exactas, de maximas tão axiomaticas; a sua applicação dellas a Portugal seria peremptoria, o *nobre* redactor estremecia afflicto na escala do desespero, e portanto era mister taxal-as de meras parvoices.

E quem deixará de reconhecer o alcance, a que desejara chegar o nosso consul, proferindo taes palavras em tão fortes asserções?

O expressivo fôra por demais percebido, convinha amoldal-o ao seu bel-prazer, e conveniencia propria; como vaticinio, cumpriu-se o almejado.

Sim: e o Sr. Loureiro, si lhe assiste ainda um seitil de pêjo, não poderá por forma alguma negar o que bem patente se manifesta ás vistas do bom senso. Por mais emmaranhados que lhe pareçam os bosques a tal respeito, jamais se perderá, um novo fio de *Ariadni* ser-lhe-ha dado, e então melhor que ninguem, comprehenderá o *nobre* redactor a meta á que chegara o nosso consummado diplomata.

Em realidade nenhum paiz se poderá regenerar pela arma traiçoeira da mais vil abjecção, isto é, a infamia; nenhuma nação readquirirá o seu antigo esplendor, usando do ferino gume da setta envenenada da calumnia; não, e não: a sociedade repelle, a moral se offende, e a religião condemna.

O certamen sob qualquer ponto de vista, só poderá ser acceito em terreno egual e conhecido, cavalheiros não se ferem com armas

deseguaes, isto só será para os falsarios, ou para aquelles, que temendo a viva claridade do dia se embrenham em mattas *trevosas* para assim procederem á perfeita semelhança do mais nojento reptil. Em caso contrario a egualdade é o principio, a lealdade o epilogo.

Portugal debatido e exangue pretende soerguer-se ainda tremulo e sem vida pela corrupção, que qual lepra do abbade Prévost, lavra entre seus degenerados filhos, como o reprobo, que morre impenitente, temendo o castigo merecido, pretende ainda um momento, um instante de vida; extenuado pelo cansaço dos vicios, qual mais torpe e immundo, quer ainda, como a impudica messalina, mostrar a sua vaidade no esplendor da lisonja; mas si tudo isso almeja, deseja e quer, corra em busca de outros recursos, empregue meios outros, que não estes pela completa fallibilidade.

Não, Sr. Loureiro, crepe bem luctuosa envolve ainda os feitos primitivos do vosso reino, scenas pungentes e desanimadoras pintam-se ainda bem vivas á memoria de todos!

A historia ainda hoje amaldiçôa a esse vosso paiz, digno de melhor sorte; e tudo pela indole perversa dos seus filhos!

Esse Portugal sempre avaro, eil-o já de ha muito em torpor assustador!

E para que reviver tudo isso, a historia pede silencio, é preciso acudir ao seu justo reclamo. Querer calumniar e injuriar alguem pelo vituperio de elevar-se—é cousa incomprehensivel e que de todo repugna aos juizos bem formados.

Portugal jamais se erguerá abattendo o Brasil, si por accaso trouxer para elle a sua ruina, com ella tambem sepultar-se-ha.

Depois de feita tão succinta analyse sobre os trechos, que já exaramos, eis-nos chegado a um dos pontos mais *interessantes* do *digno* opusculo do Sr. Loureiro.

Com relação á parte da missiva, em que diz o nosso consul, que somente poderá sympathisar com Lopez o que nascera para as galés perpetuas ou o que se irrita contra toda sorte de virtudes, diz o escriptor portuguez:

«Em verdade só um brasileiro é que se lem «brará de decretar *galés perpetuas* a quem se «lembrasse de admirar, de sympathisar com «esse vulto, já hoje da historia, a quem os «seus inimigos, não contentes de terem ma«tado barbaramente, covardemente,—e já isso «é muito para sympathias,—calumniam de «um modo que revolta e indigna, quem tem «alguns laivos de nobreza no coração.

«Venceram? pois bem; calem-se com a «sua... iamos dizer *vergonha;* calem-se com a «sua victoria, que não é ella das que honram «ninguem.

«Cem brasileiros para dez paraguayos! «Como é espantoso que ao fim de cinco annos «de lucta, mas de lucta porfiada, renhida por «parte dos ultimos, a guerra terminasse com «o derradeiro paraguayo.

«E campeam de valentes, e chamam-se «guerreiros, e clamam victoria!

«Mas n'esta guerra, aos olhos de todo o «homem desapaixonado, os vencidos é que são «os vencedores. Luctaram, e emquanto lucta«ram, venceram! cobriu-os o numero das for«ças inimigas, cujas alas eram de continuo «augmentadas por novos contingentes; era de «esperar isso mesmo. Morreram como leões, «que veem o seu ninho atacado e a defeza im«possivel; morreram vendendo cara a morte. «Respeito e veneração para a memoria d'a«quelles heroes.

«Mas não! poltrões no perigo, blasonadores «passado elle, os brasileiros nem comprehen«dem quanto ha de grande n'aquella persevе«rança digna de melhores tempos, nem teem «a nobreza e a generosidade precisas para res«peitarem os que elles dizem vencidos, e já «não são d'este mundo, porque morreram com «a patria. Quem não percebe que na morte de «Lopez ha um mysterio, uma vergonha, uma «covardia ainda maior do que aquella, de que «resam as declarações pouco uniformes do ge«neral Camara, testemunha presencial dos ul«timos momentos do dictador?

«E, senhores, bastava o modo indigno, por «que foi morto Lopez, admittindo a versão «mais seguida, para arredarmos a vista ano«jada de sobre os *vencedores,* e abaixarmos, «cheios de magua e sympathia respeitosa, so«bre o cadaver do *vencido.*»

Prosiga-se na refutação, e de certo o ferrete da mais requintada infamia se achará estampado n'aquellas palavras.

Ante o forte argumento dos factos consummados não ha negal-o: toda aquella aleivosia adrede machinada se esborôa pelo sôpro mais leve da critica justiceira; como monticulos de areia pelo bafo do nordeste, assim tudo aquillo desapparecerá pela força dos acontecimentos. Demonstral-o não nos será custoso, e muito menos impossivel.

O Brasil só poderia ser desprestigiado pelo povo portuguez, o odio e o rancor ainda existem em substancia; e nem poderá deixar de assim ser; a ousadia teve bom desfecho pelo exito da causa.

Independencia e liberdade são vocabulos vãos na linguagem portugueza.

O Brasil, atrozmente provocado pelo despota do Paraguay, não poderia deixar de pe-

gar em armas; a sua autonomia ameaçada, a sua honra ultrajada requeriam viva desforra; nem treguas, nem armisticio seriam dignos para os brasileiros. Os seus filhos acodem pressurosos ao ingente appello da patria, com o enthusiasmo no peito e com o dever na mente, marcham denodados ao campo Mavorcio, e a lucta trava-se encarniçada e renhida.

Combates e batalhas, sortidas e planos são todos favoraveis ás armas alliadas.

Mas que contraste singular! que antithese verdadeira!!

Nenhuma arbitrariedade commettida em nome dos vencedores, nenhum horror se patenteara para os vencidos!!

Acredital-o será uma verdade. Onde se acham hoje os prisioneiros paraguayos? Que casta de barbaridades lhes fôra infligida pela authoridade brasileira. Como irmãos, depois de um combate, eram tratados, comiam e vestiam do mesmo pão e da mesma roupa.

Mas a que fim continuarmos n'essa explicação por todos conhecida?

A historia nos fará justiça e é quanto basta.

Com mais vagar continuaremos n'esta analyse, e assim satisfaremos aos nossos leitores.

Mario.

A PEDIDO

—Eu vou a redação do *Alabama* certificar-me de uma cousa.

—O que é?

—Algumas pessoas que leram no numero passado a proposta do *Aleixo* para tambor do *regimento dos cadetes* dizem que aquillo é uma allusão ao meu amigo Sabino Porfiro Vianna.

—Mas não me dirá que culpa tem a redacção de que haja quem leia e não comprehenda o que lê?

—E' verdade; mas o que quer que faça se ha quem entenda assim?

—Eu entendo que V. passa por incomprehensivel fazendo semelhante pergunta, pois a cousa está clara de mais que não é com o Sr. Sabino.

Está aberta a combuca do Maciel. A quadrilha recompôz-se e apresenta-se munida de novos e aperfeiçoados preparativos para depennar os patinhos paulatinamente.

A tropilha trepada a um grande *pinheiro* arma laços em todos os galhos para pegar os melros.

Pede-se ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, que acabe com uma casa de jogo, montada na Calçada do Bomfim, junto a estrada de ferro; onde joga-se toda qualidade de jogos de cartas com o maior sem receio.

No caso de ser preciso, para apparecerem providencias, publicar-se-ha o nome do dono da casa, que é o unico que nella tem *fortuna,* assim como os d'aquelles que lá entram levados pela avidez do ganho e que só tiram prejuizos.

—O *Dr. Mon bon* fallando relativamente de um conservador dissidente, disse:

«Só se envolvem em eleições os homens que puchan carros ou que andam em carros.

—E estará porventura nestas condições elle, que pertence raçaá *caucasiana pura?*

Barbeiro.

O monje *pacificador,* barbeiro á rua dos *preguiçosos,* aleija dedos, capa-gente, colla nariz e outros trabalhos que com vagar têm vindo e hão de vir a luz; tambem declara ao respeitavel publico que tem outra casa do mesmo trabalho em Itapagipe, e tudo isto faz por preço commodo, por que não é santo, e sim monje.

Só na Bahia, esta terra em que se vive folgadamente..... eu tambem vou ser barbeiro!

S. Antonio e S. Pereira.

—Capitão, achei este catalogo de desfructes.

—Passemos a apreciál-o.

Illm.ª Sr.ª D. M. C. de C.

''' Muito lhe desejo que tenha passado bem de Saúde e juntamente a senhorá sua mãe e as moças que tão bem lhe acompanha.

Não me foi possivel apareçer no dia passado que a senhora márcou por estár attonito com uma horrenda dor na cabeça porem como a senhora me vêr passeár julgará que estou bom mas se passeio é pello seu respeito e mesmo não lhe posso fallar de dia pois que vou para o meu trabalho muito cêdo no caso que queira me fallar manda me dizêr se póde estár na Janélla as 4 hóras da madrúgada e a noite das 7 hóras as 9 da noite então fallaremos a vontade...

No dizer da senhôra que eu tenho úma namoráda na piedáde, serto é que existe mais não é minha, bé do meu camarada, que a tem logo assim o seu dizer foi sérto e ao contrário em dizer que éra minha,...

Eu estôu muito Satisfeito em ter recebido a sua cárta apezar do lugar não ser sufficiente mais gostei de ver o teu desembaráço pois estava tençionado a passar por impolitico em querer arrebatar-te das mãos Ja pensando que tinhas recebido naquélla hóra. Assim como eu sei que tens um previlecto o quál não te descubro pois eu sei e bem conheço mais que-

ro que tú me decláres q'm hé e si não me disser èu te decláro que não quero te vêr mas em meus ólhos responda-me com firmeza.

.....

Sim; tão bem quero que me declares o que significa estas insignias que me tem vindo no princi io das tuas cártas pois desêjo saber se hé algp ma cousa que tu me queres pedir dizes-meu que estou pronpto a te servir não me neges a ntes me falle a verdade como Já te fallei.....

Tão bem mande-me dizer se a casa para ondes vai a quem pertençe e se posso lá passár para fallár-lhe.

Queira aceitar este meu coração que pertende ser vosso esposo em gozár o amôr etérno.

Ai! Saudádes ..
Victor Ai! tormentos .= *Antonio*
do Ai! as dôres .=
Espirito Ai! pensamentos. *Sancto*

Sábes Quem Sábes Quem
Sábes Quem

N B. Não me négues.

Illm. Sr. Dr. chefe de policia.—Estenda os olhos para um sobrado ao Maciel de Cima e veja uma casa de jogo que ahi ha, arruinando a tantos inexperientes.

O pé de pinho.

Apologo.

Não sei porque a lingua humana
Os brutos não fallam mais,
Quando hoje tem melhor vida,
E ha muita besta instruida
Nas sciencias sociaes.

Ultimamente entenderam
Que tinham muita razão
De proclamar seus direitos
Pondo em uso os bons effeitos
Que trouxe a revolução.

Seja o leão, diz o asno,
Um rei constitucional;
Com assembléas mudaveis,
Com ministros responsaveis,
Não nos pode fazer mal.

Fiquem-lhe as garras occultas,
Não ruja, não erga a voz;
Conforme a lei moderna
Que elle reina e não governa,
Quem governa somos nós...

Todas as bestas da terra,
Todas as bestas do mar,
Pelos nossos delegados;
Sendo os ministros tirados
Do seio parlamentar.

Muito bem! —grita o macaco,
A gente vae ser feliz;
Respeito a sciencia alheia;
Publicista de mão cheia,
O burro sabe o que diz.

Todavia acho difficil
Que dom leão rugidor,
Sugeito a sede e a fome,
Queira ter somente o nome
De rei ou de imperador.

Acostumado a pregar-nos
Com as suas patas reaes,
Calar-se, fingir-se fraco,
Segundo penso eu... macaco...
Dom leão não pode mais.

Acode o asno —eu te explico:
Nada val a objecção;
Si o rei viola o preceito,
Fica-nos salvo o direito
De fazer revolução.

Mestre burro, isto é asneira,
Palavrão de zurrador,
Esse direito é fumaça;
De que nos serve a ameaça
Quando nos falta o valor!?

Só vejo, que bem nos quadra
No throno, algum animal
Que coma e viva deitado: —
O porco—exemplo acabado
Do rei constitucional.

ANNUNCIOS.

Fabrica de cerveja nacional

DE

Collatino Marques de Souza.

Para maior commodidade do publico acha-se aberto no largo do Caes Dourado, n.º 113, um grande deposito da muito acreditada cerveja bahiana, onde poderão ser levadas todas as encommendas, que serão com toda promptidão, e á vontade do freguez aviadas, sendo os preços os mesmos pela fabrica annunciados, e agora ratificados: garrafas 320 rs.. meias 180; dando o freguez na occasião da entrega garrafas vasias, em troca das que receber cheias, pagará na razão de garrafas 240, meias 140 rs.

João Luiz das Virgens e Friandes continuam a encarregar-se de obras de pedreiro e carapina, suas officinas. Podem ser procurados em seu escriptorio á ladeira do Taboão, loja n. 70—D.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 78.ª QUARTA-FEIRA 5 DE ABRIL. Ns. 773.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs: por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 4 de abril de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias contra o ajuntamento de moleques, todas as noites, na rua do Saldanha, por ser tal ajuntamento todo contrario ao socego e a decencia.

—Esta moça é bem madrugadeira! As seis horas e meia da manhan sahe já de palacio!

—Hoje; porque perdeu-se das horas; o costume de sahir é sempre ás seis.

—Irá sollicitar alguma audiencia do presidente? Mas á semelhante hora S. Ex. não lh'a dá.

—Creio que não; supponho que é uma creada da casa, que vae em busca da carne que a presidencia diz ter de madrugada.

—Creada, uma dama daquelle porte!

E demais eu conheço esta moça; mora no Gravatá.

Si quer ver, repare si ella não vae pelas ruas dos Gatos, Tijollo e Caminho Novo, até o Gravatá, nas casas do outeiro. Por signal chamam-na em casa *Scilla*.

—Mas então que diabo vaé esta mulher fazer em palacio, e quando entra, que dahi sahe em horas tão matutinas, um dia por outro?

—Si se S. Ex. não fosse um homem velho e grave, podia se fazer um juizo malicioso.

—Isso não, porque então haveria mais recato. Além de que estamos na semana da paixão; lembre-se que hoje já é terça-feira santa.

—Sexta-feira houve um *aqui de Deus* em Roma.

—Porque motivo?

—Duas locomotivas dos Vehiculos Economicos que queriam cavalgar-se.

—Deixe se de cassuadas.

—Figure V. Ex. um carro trepando sobre a plata-forma de outro e espatifando-a; os burros cahidos em baixo da traquitana; os passageiros sobresaltados a saltarem as quedas e aos empurrões, e ajuize que confuzão não seria.

—Cousas que acontecem.

—Estão apparecendo *brusiguilhadas* pelos quarteis.

—Sei de uma; as facadas que levou o tenente Mendonça.

—Ha cousa mais fresca:

O cabo *Jardim* que, no quartel de policia, quiz engrinaldar o pello do tenente Barbosa.

Mas como o cabo é um *jardim* de terreno agreste, que so produz ortigas, cansanção e tiririca, o tenente Barbosa viu-se em talas.

—O' que brama aqui na Baixa dos Sapateiros.

A gente daquella casa está se acabando.

—São cadetes de cavallaria que entraram nesta casa de jogo, e agora brigam.

—A falta de policia o que faz! A's duas horas da madrugada um motim tão incommodo e os homens como animaes furibundos a estrafegarem-se.

—Não pode ser por menos nesta terra onde se dá azas ao vicio, permettindo as casas de jogo, pelo preço de 50$ réis, e se economisa a força publica.

—Capitão, eu queria contar-lhe um caso, mas, como V. Ex. talvez esteja com pressa, deixarei para outra occasião.

—Nunca terei pressa, todas as vezes que tiver de ouvil-o.

—Obrigado! E' bondade de V. Ex.

—Pode contar o seu caso, que eu sou todo ouvido.

—Uma vez que V. Ex. ordena-me, eu cumprirei sua ordem.

—Deixe-se de rasgamento de sedas, e entre na materia.

—Não sei si V. Ex. conhece o Dr. *Freio de Cangalhas*?

—Muito.

—Pois bem: é com esse personagem que vou occupar a sua attenção; mas o baptisarei pelo Dr. *Serpente*.

—Pode proseguir.

—Ha na freguezia dos *Cirís* uma senhora de edade avançada, mas que se tem conservado sempre no seu primitivo estado de donzella, chamada Umbellina.

Essa senhora tem servido de protectora do tal Dr. *Serpente*.

—Já sei do que V. vae tractar.

—Então dispensa-me de continuar?

—Não senhor.

—Ora, essa senhora tem uma cria por quem ella se desvella. Um dia entendeu o Dr. *Serpente* que devia seduzir a tal rapariguinha, e começou a requestal a.

—E qual serpente do paraiso, persuadiu a *Eva* que ella devia comer do *fructo da sciencia*.

—V. Ex. anda mais adiantado do que eu.

—Mas.... prosiga.

—O bruto querendo pagar com ingratidão os favores recebidos da senhora da rapariga, empregou os meios *serpentiatorum* e desvirginou a incauta, victima de seus lascivos e sensuaes desejos, não respeitando nem o tempo quaresmal em que nos achamos!

—Que monstro!.....

Como por esses dias elle não pode ser punido, vou mandar o muxingueiro agarral-o, deixal-o no porão até sabbado d'Alleluia, e n'esse dia então o entregarei a furia dos moleques.

—Muito bem, capitão.

A PEDIDO

—Muito domina a razão!

Nem uma palavra á pergunta feita por este jornal, em um dos antepassados numeros! E porque?!...

—Porque?

Pelo receio da energica providencia do muito digno juiz de *capellas* não, de oratorios, que exerceu um acto de justiça nomeando uma commissão para reger a irmandade da *solfa*; visto que a direcção actual, por ter violado o compromisso, é illegal para funccionar e até para empossar a nova Meza eleita no 11° mez.

—Isto é metralhada!

—Metralhada?!

Si elles não se atemorisaram da bomba ardente lançada pelo *juizo* em correcção no parecer e approvação de contas passadas....

Onde ha conveniencias, cala-se tudo.

Quem poder que se livre
Deste presente laço;
A verdade existe ahi,
Não podem dizer que é falso.

Egual sarilho houve,
No anno anterior,
Porém alguem desculpou se
Com o seu procurador.

Agora não ha desculpa
P'ra o publico apresentar;
Ou tudo leva a breca
Ou a cousa ha de estoirar.

—Decididamente não passo mais por esta *rua*, ou a raiva me fará negro como um *carvoeiro*.

—Mas porque?

—Por que sempre que por alli passo,—me cospem todo—, e si tento olhar para cima fico com a vista cheia de *terra*; como sabe, isto incommoda horrivelmente.

—Então é d'algum sobrado velho que cae tanta *terra*?

—Parece que sim, ou pode ser tambem a cinza de algum *forno*.

—Então ha por lá *forno*?

—Eu sei! o que lhe affianço é que o aspecto da *cadeia* não me amedronta, e que se não se concertam, a paciencia humana tem limites; e depois...

De minha parte
Minha magoa,
Camboatá
E' quem suj'agoa.

Invoca-se a attenção dos conspicios Srs. desembargadores da relação desta cidade para uma causa que está affecta ao mesmo tribunal, e que tem de ser julgada brevemente entre partes Francisco Antonio Vieira, Joaquim Nagô e outros.

Esta, causa que ha mais de um anno se discute ja no fôro de Cayrú e ja no desta capital, é digna de todo exame, porque, tende sobre a liberdade de nove individuos que foram deixados libertos por seu finado senhor e que pretendem agora fazel-os voltar a escravidão, não obstante as cartas de manutenção que elles possuem passadas pelo juizo competente, aonde os mencionados individuos provaram seus direitos de liberdade.

Para que os Srs. desembargadores que tem de julgar conheçam da má fe de quem pretende ter dominio sobre taes individuos, basta mencionar que depois de estarem elles manutenidos em suas liberdades pelo juizo do termo onde se agitava a questão, foram clandestinamente remettidos para esta cidade vendidos todos nove por 3:500$ rs. Elles que são em sua maioria rapazes moços e ro-

bustos, e uma rapariga, não eram certamente para serem vendidos por tão diminuto valor, si essa venda fosse legal. Entretanto o facto deu-se e vendidos ficariam si, ausentando-se da casa para onde vieram remettidos, não se fossem apresentar ao Sr. Dr. chefe de policia que os mandou recolher a casa de correcção, onde se acham até hoje.

Consta que se fez apparecer agora um testamento do finado senhor dos mencionados individuos com uma folha intercallada que os declara escravos.

Ao criterio dos sabios e integerrimos juizes que tem de julgar esta causa, entrega-se o descobrimento da verdade e o triumpho da justiça.

—Capitão, escute uma de estucha.

—Antes de maxambomba.

—O Zé Nonô engenheiro dos Vehiculos Esperdiçados, pediu augmento pelo muito trabalho e como não lhe dessem, completou ó dia e despediu-se.

O Sr. *Come-barbas* porém, entendeu que tinha o poder de obrigar o homem a trabalhar, ameaçando-o com a intervenção do corregedor do crime, que é seu amigo.

O homem como não é saguim, não deu importancia ás bravatas; poz seu chapeu na cabeça e retirou-se.

—Não vejo nada de mais.

—Mas como cousa de castigo! Entregaram o machinismo a um estrangeiro e no mesmo dia a bicha estoirou.

—Estoirou por que teve de estoirar.

—Capitão, chamo sua attenção para um caso bastante extranhavel.

—Seja breve, que não estou para sécas.

—Sim, meu capitão; serei laconico.

No sabbado 25 de março, o subdelegado—*afronta faço – dou-lhe uma, dou-lhe duas*—embarcando para Cachoeira, levou comsigo o ordenança para impostural e tornar se conhecido, deixando a freguezia dos *mamões* acephala.

—Meu charo, já lhe disse que não estou para massadas; dirija-se ao chefe de policia que é quem pode saber dessas cousas.

—Sei disso, capitão; porém não o faço, porque o tal subdelegado, não sei que parentesco tem com o chefe de policia, que toma-lhe abenção e beija-lhe a mão, como, ha dias, o vi fazer, encontrando-se na freguezia do *chaveiro do ceu.*

Já vê que n'este sentido pedir providencias á elle, é estar carregando agoa em cesto.

—Neste caso, meu amigo, dirija-se ao *gmga* ou viva triste; ouviu?

—Capitão, venho pedir-lhe um favor.

—Diga logo o que é.

—O meu *patricio* não fez caso das esporadas que tomou, e ao contrario diz que não dá apreço ao *Alabama* por ser uma folhinha ridicula.

Esse descarado, capitão, continua a tratar mal a quem vae a sua casa, principalmente quando está na *camuéca;* de certa hora em diante ninguem lhe pode mais fallar; fica insuportavel. Nos dias de sabbado massa a todos que vão receber dinheiro; e anda de armazem em armazem; quando toma a casa é de forma que não se pode lamber. Esse descarado ha de pagar ainda as ladroeiras que fez ao Chappe e a muitos outros, e finalisará pelo *cabeça preta* que breve será seu sogro; o qual afinal de contas ha de cheirar vara.

Si quizer saber melhor desta historia, capitão, pergunte ao *ex caravella moxixe* que veio de *Guimarães*—e que passou na ponte dos vapores.

—Capitão, venho lhe contar uma historia, para a qual espero toda sua attenção.

V. Ex. conhece um celebre *traficante* que mora defronte do parente do xará do *gato marisco*?

—Ignoro quem seja.

—Um sujeito que tem tido diversos socios e em todos passa a bola.

Esse refinadissimo tratante, quiz roubar o ultimo socio, negando-se a pagar-lhe o dinheiro que do mesmo tinha recebido; mas o logrado tinha amigos que obrigaram o saltiador a cahir com os cobres para a frente.

Esse astuto animalejo, veio fugido das bandas de S. *João,* onde por tranquibernias que fez, esteve preso a um *mourão*. O xará do *gato marisco* é seu amigo intimo e segundo parece até *irmãos* carissimos. Naturalmente elle ha de tomar lições do amigo, tendo este sido discipulo do decantado *aza-preta,* professor jubilado em tratantices e que tem um rabo tão cumprido que vae ao forte do mar. E pratica toda essa enxurrilhada de bandalheiras por que tem todos os magistrados de alta classe ás suas ordens (diz elle).

Entre essa trindade latronica reina uma especie de maçoneria, sendo escolhido para chefe della o insigne *aza-preta.*

O mouro grande vae ter terceiro socio por que deve a um negociante da praça quantia grande, e este exige que seu cunhado e primo entre de socio, e a prova é que o vindouro socio já é empregado da casa.

Sr. socio futuro, alerta! Saiba que o celebre *mouro grande* tem tomado dinheiro a muita gente e de toda qualidade. A um compadre

tomou um conto e tanto, e hoje que este se acha enfermo, e lhe manda pedir o que é seu para se tratar, responde todo dia ao portador —não ha dinheiro!.....

Tinha um empregado a quem illudia chamando seu amigo, e o papalvo, com este mel que lhe dava pelos beiços, prestava-se a servir de seu testa de ferro. Adoece o homem e elle com perfida ingratidão, o despede por meio de uma carta.

(Continúa.)

O jantar chinfrim.

Capitão, vou descrever-lhe
(Afim de ser registrada.
No seu chistoso *Alabama*)
Uma bella patuscada;
Originou tal função
Um guisado de *capão*.

Foi um jantar como poucos
N'esta terra tem havido,
E do pifão competente,
Seguido e muito seguido;
O *pato* nesta babel
Quasi vira em um pastel.

Houveram muitas saudes
E muitos ditos jocosos,
Sendo a maior parte d'elles
Por demais licenciosos...
Mas o que quer? nesta terra,
Só quem não pode não berra.

A Maricas do Libencio,
Já toda descompassada,
Propõe um brinde á *barriga*
Da opulenta Mafalda;
Que, como os demais convivas
Si achava nas agoas-vivas.

Mas a Thomasia se toma
Pela *amiga* maltractada,
E declara á imprudente
Que lhe atira uma garfada;
Mas esta diz: «Minha sorte!
Garfos não são minha morte!

Rompe finalmente o samba
Por um lundú 'stridente,
E cahe na roda a Thomasia,
E depois d'ella o tenente;
Em quanto o pobre Silvino
Maldiz seu cruel destino.

E echôa a voz *sonóra*
Da Mariquinhas do Lino,
Que faz pouca differença
Dos sons de um rachado sino;
E Mariquinhas Gostosa
Finge applaudil-a. Orgulhosa!

Cessa o samba de repente
Por um caso inexperado!

Fôra Rita que de gostos
Tinha quasi desmaiado;
Mas o *pombo* seu amante
Accode-a no mesmo instante.

Rompe de novo a folia
Com mais força, bem se vê,
E a cabrócha Hedwiges
Que é um bom sariguê,
Toma uma tal borracheira
Que se mija toda inteira.

Piroca salta na roda
Rindo, e de copo na mão,
Mas tropeça na *espada*
Do tenente, e cahe no chão;
Vendo isso a bella Rita
Quasi desmaiada grita:

Mariquinhas, me soccorra,
Meu Deus! que gente tyranna!
Mas do *pato* sobre a testa,
A creoulinha Joanna,
De limão um bom pedaço
Já tinha feito em bagaço.

E assim termina a festa
Do guisado de capão,
Entre lundús, entre chulas,
E sobre tudo em pifão;
Deus queira que de taes festas
Não se repitam mais não.

O Rondante.

ANNUNCIOS.

Fabrica de cerveja nacional

DE

Collatino Marques de Souza.

Para maior commodidade do publico acha-se aberto no largo do Caes Dourado, n.º 113, um grande deposito da muito acreditada cerveja bahiana, onde poderão ser levadas todas as encommendas, que serão com toda promptidão, e á vontade do freguez aviadas, sendo os preços os mesmos pela fabrica annunciados, e agora ratificados: garrafas 320 rs., meias 180; dando o freguez na occasião da entrega garrafas vasias, em troca das que receber cheias, pagará na razão de garrafas 240, meias 140 rs.

João Luiz das Virgens e Friandes continuam a encarregar-se de obras de pedreiro e carapina, suas officinas. Podem ser procurados em seu escriptorio á ladeira do Taboão, loja n. 70—D.

Vende-se a pastelaria Dous de Julho atraz da Sé nº. 52.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

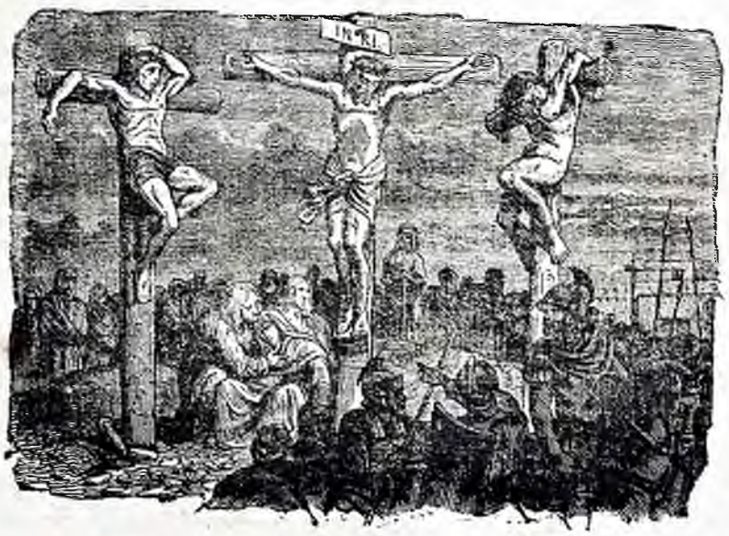
O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 78.ª SEXTA-FEIRA 7 DE ABRIL. Ns. 774.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beeco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.



Morte de Jesú Christo

A paixão de Jesus Christo.

O dia de hoje desvenda aos olhos do mundo catholico o espectaculo mais pungente e grandioso, que tivera logar nos tempos modernos.

—De um lado o povo envolvido na crepe da dôr chora amarguradamente os martyrios do Deus-Homem, e a Egreja consternada commemora reverente a morte do Redemptor.

—Do outro a natureza assombrada ainda parece sentir grande abalo na immensidade das forças, que a regem.

Não ha que duvidar: o mais stupendo facto operou-se aos olhos da humanidade, ás vistas do christianismo consummou-se o mais cruento sacrificio, o Messias morreu.

Chorae os vossos erros, Jerusalém maldicta, o arrependimento de vossos filhos chegou mui tarde!

Filha degenerada da formoza Sião, prostrae-vos genuflexa ante quadro tão pungente e afflictivo!

Jesus nascido para remir o genero humano, acabrunhado pela perversidade de vossos crimes, predistinado pelo seu Eterno Pai a cumprir a mais santa e augusta missão, apparece crente da mais viva fé, e do mais acrysolado amor.

Exhortando as multidões, ensinando-lhes as mais puras verdades do Evangelho, mostrando-lhes com a firmeza da palavra o caminho do bem, ensinando-lhes no coração os mais sãos principios da moral religiosa, assim prorompe a sua marcha.

Esse trabalho é por demais precioso, e a sua vontade torna-se energica.

Dando audição aos surdos; restituindo a vista aos cegos, e a palavra aos mudos; sanando os enfermos, que prostrados no leito da dôr estorciam-se nos transes de proxima agonia, como bem se vê na parabola do filho da viuva de Nain; fazendo que o homem já cadaver de chofre recuperasse a vida, e assim se soerguesse cheio de força e vigor, vai d'est'arte espantando as turbas. com tão prodigiosos milagres.

O homem, porem, sempre surdo a provas tão vivas e tão eloquentes mergulha-se cada vez mais no lodaçal dos vicios, e no auge da corrupção desconhece pela primeira vez a missão do Messias, e assim a fragilidade humana revelara sua miseria em toda plenitude.

Tido como visionario, como podendo engendrar as doutrinas mais subversivas ás idêas d'aquelles tempos, vai Christo pagar bem caro tanta innocencia, tanta bondade.

Trinta dinheiros compram a consciencia do seu amado discipulo, e por esse modo atraiçoado, é entregue sem reserva á sanha dos seus algozes.

Prezo e accuzado pelos mais iniquos crimes vai agora soffrer cem mil torturas, o mais excruciante martyrio.

O seu semblante, porem, revelando a mais indisivel innocencia, parece incutir grande terror aos seus adversarios; os seus julgadores tremem convulsos, mas a grita stridente do povo desenfreado pede e insta pela punição do imputado—criminoso—.

Receioso e tremulo profere o juiz a sentença fatal; Jesus, calmo e sereno ouve-a contricto, e no auge da mais incrivel paciencia, á ella submette-se com toda resignação.

Eil-o marchando ao logar do patibulo, com o corpo exangue e quasi sem vida, ao pêzo ingente do madeiro da Cruz, perdidas as forças, estala de sêde, e quasi arquejante pede ao seu Eterno Pai perdão para todos aquelles, que o injuriavam.

Affixus est in cruce, et inclinato capite emisit spiritum.

Morreu Jesus! Do alto da Cruz solta o ultimo suspiro, e o seu corpo, todo chaga, apresenta a scena mais dolorosa dos maiores soffrimentos.

Maria, afflicta, com os cabellos desgrenhados, debulhada no excessivo pranto da saudade, corre perdida as ruas da infeliz cidade.

Ah! que quadro sentimental!

A mãi perde o filho querido, a intensidade do martyrio suffoca as suas palavras, e n'esse estado teme poder supportar angustia tão penosa.

Que contraste de opposição! Na sublimidade do acto apresenta a cidade santa o castigo merecido.

Jerusalém morreu para não mais viver.

Em trevas supultada, vive vida de reprobro.

Amaldiçoada arrasta comsigo o manto da desolação; e a cruz exaltou-se pela morte do Unigenito; e é por isso que o homem com a Cruz pode tudo, e sem ella nada pode.

Mas como predissera, Jesus Christo resurgitaria; a prophecia realisar-se-hia; o vaticinio era certo.

Aquelles que guardavam o santo sepulchro, viram attonitos as lages erguerem-se, e do fundo surgir animado o corpo de Christo, e no meio dos mais celestiaes córos, cantados pelos Anjos, ascender em direitura á morada do seu Eterno Pai.

Prodigio tamanho não se narra, comprehende-se, e nada mais.

A humanidade, porem, vai trilhando a senda do crime, e nem por isso deixa de cahir sobre nós a sua mizericordia, infinita como o seu amor; ella não comprehendeu ainda a fragilidade de que é revestida, quer mais do que póde, e eis todo mal.

Que exemplo edificante não é para os mortaes a morte de Jesus Christo?

O soffrimento lento e incessante não poude anniquilar aquella alma, ao contrario depurou-a no cadinho da mais divina perfeição: e nem poderia deixar de accontecer, porque a origem era essa.

Torturado por fortes cravos que impiedosamente offenderam aos seus divinos pés e mãos, traspassado no peito pela setta mais ferina, com os pulsos algemados, tendo uma corôa de espinhos para cumulo de tanto martyrio, eil-o que em cima do Golgotha pede a seu Eterno Pai o perdão para as nossas miserias, insta á sua santa Mãi a intercessão merecida, exclamando do seguinte modo:

«Meu Pai, os meus inimigos multiplicaram-se como os cabellos de minha cabeça, toda casta de soffrimento tenho padecido, mas perdoae-lhes, que elles não sabem o que fazem.»

Quanta magnanimidade n'aquelle espirito, que prototypo de charidade!

Soffrendo, morrendo morte de Cruz pede o perdão para os seus algozes, intercede se por elles como para o innocente, e ahi está o rasgo da maior sublimidade,

Conhecido tudo isso, respeitemos este dia; veneração Aquelle que por nossa cauza percorreu a escala ascendente da dor e do soffrimento; adoração Aquelle que nos veio remir do captiveiro satanico; e arredando de sobre nós toda ideia menos digna, genuflexos fiquemos ante a Magestade do Altissimo.

O Filho do Homem.

Regenera-te á sombra do madeiro,
Qu' ennobreceu meu sangue; ergue-te e marcha!!

M. A. Porto-Alegre.

—O homem não vive somente de pão, mas de toda a palavra de Deus.

Disse-o Jesus, o Homem-Divino.

E a palavra de Deus é a charidade e a sabedoria.

E a charidade é o amor do proximo.

E o amor do proximo é a limpeza do coração.

Habitantes da terra, filhos de Jesus Christo, apparelhae o caminho do Senhor: fazei direitas as suas veredas.

—E todo o homem verá o Salvador enviado por Deus.

—O que tiver duas tunicas dê uma ao que a não tem; o que tiver que comer faça o mesmo.

—Não trateis mal nem opprimaes com calumnias pessoa alguma.

—Bem aventurados vós os pobres, porque vosso é o reino de Deus.

—Bem aventurados os que agora tendes fome, porque vós sereis fartos.

—Bem aventurados os que agora choraes, porque vós vos rireis.

—Bem aventurados sereis quando os homens vos aborrecerem e vos separarem e carregarem de injurias.

—Amae a vossos inimigos, fazei bem aos que vos teem odio.

—Dizei bem dos que dizem mal de vós e orae.

—E dae a todo aquelle que vos pedir.

—E o que quereis que vos façam a vós os homens, isso mesmo fazei vós a elles.

—Amae pois a vossos inimigos; fazei bem e emprestae sem d'ahi esperardes nada: e tereis muito avultada recompensa do Altissimo, que faz bem aos mesmos que lhe são ingratos e maus.

—O homem bom do bom thesouro do seu coração tira o bem: e o homem mau do mau thesouro tira o mal: Porque do que está cheio o coração disso é que falla a boca.

—Todo o que vem á mim e ouve as minhas palavras e as põe por obra: eu vos mostrarei a quem elle é semelhante.

—Porque não ha cousa encoberta que não haja de ser manifestada: nem escondida que não haja de saber-se e fazer-se publica.

—Perdoae e sereis perdoados.

Eis aqui as armas com que o Christo de Deus pregou uma revolução.

As sociedades ruiam por terra aluidas por seus vicios e um homem com a palavra divina levantou-as de sua miseria.

E allumiou os que viviam de assento nas trevas e na sombra da morte, dirigindo seus pés no caminho da paz.

E contra elle se levantaram os cezares e contra elle se oppozeram os tyrannos e opressores.

Mas os tyrannos confundiram se no pó e a verdade irradiou-se brilhante!

Mas a republica de Jesus multiplicou-se pela castidade e pela morte.

Cresceu com as perdas e as perseguições: combateu e venceu sem armas.

A força dos tyrannos abateu-se ante a coragem dos condemnados.

A paciencia dos martyres gastou todas as invenções da crueldade.

Tal era a força do verbo divino!

Mostrar comtudo aos poderosos que se tem razão contra elles é o maior dos perigos do mundo.

O suppliciado do Calvario e os sectarios do Deus dos nazarenos experimentaram todas as torturas dos senhores da terra, e a coragem e a resignação com que affrontaram o supplicio exasperavam os algozes.

O inferno e a tyrannia venceram quantas vezes!

Porém, cousa singular, nesses tempos heroicos de fé e zelo havia açodamento de martyrio.

A extrema dor e a ultima infamia attrahiam os homens ao christianismo.

Aonde se atêavam as fogueiras, aonde as feras amollavam as garra, e escancaravam as fauces, chamava-se em linguagem da primitiva igreja—*o logar em que se conferem coroas!*

Foi fertil o sangue dos martyres e a perseguição povoou o mundo de christãos.

A fé é a filha do verbo; penetra nos nossos corações com a palavra e não com o punhal.

Jesus passou fazendo o bem, attrahindo a si por sua bondade e convertendo por sua doçura as almas mais duras.

Seus labios divinos abençoavam: só maldiziam dos hypocritas.

Não escolhia por apostolos os carrascos.

O espirito de Jesus é um espirito de paz, de misericordia e de amor.

Os que perseguem em seu nome, que escrutam as consciencias com a espada, que torturam o corpo para converter a alma, que fazem correr lagrimas em vez de enxugal-as; estes não teem o espirito de Jesus.

—Sêde paes misericordiosos como tambem vosso pae é misericordioso.

Eis o sublime preceito do Immaculado Cordeiro!

Christãos da terra de Santa Cruz; começa para vós a despontar a aurora da redempção: —redemi o escravo e ide á eschola!

Associações, homens, mulheres caminham juntos e proclamam—a liberdade ao escravo.

E Jesus Christo assim pregou!

Poderosos da terra repellem o incenso da lisonja e pedem a eschola!

A eschola é o pão do espirito, é a palavra de Deus, é a charidade, é a sabedoria!

—E Jesus crescia em sabedoria, e em idade, e em graça diante do Deus e dos homens.

—E andava pregando nas synagogas de Galiléa.

—E lendo, ensinava e era proclamado grande por todos.

—E o espirito do Senhor pairou sobre elle e enviou-o a pregar o Evangelho aos pobres e a sarar os quebrantados de coração.

—E todos se espantavam de sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade.

Filhos da terra de Santa Cruz, a sciencia e a religião são synonimos da verdade.

Aonde reina o espirito, abate-se a força e farta-se a miseria.

A religião sem a instrucção degenera em fanatismo.

E o pêor dos fanatismos é o fanatismo brutal.

Quanto menos luzes tiver o povo, menos christão será elle.

Na ignorancia, a religião não passa das praticas estupidas do gentilismo.

Carregam-se pedras á cabeça, mas não se estende a mão ao orphão faminto e á viuva lacrimosa!

Fazem-se festas ruidosas, mas o escravo geme as dores do captiveiro ferrenho e nega-se ao desvalido o pão da charidade!

Bate-se nos peitos e prostram-se á vista de qualquer amuleto, mas o bacamarte estronda, attentando contra o preceito de Deus —Tu não matarás!

Levantam-se templos á vaidade e tranca-se o hospital á miseria!

Corre-se á missa e á confissão e guardam-se odios perpetuos e exercem-se vinganças torpes!

Registos informes cobrem as paredes do casal e ahi campeam a luxuria, o vicio, a devassidão e o crime jactancioso!

A criancinha persigna-se, mas levanta o azorrague contra o seu irmão de leite—escravisado!

A mãe de familia jejùa, mas o exemplo de suas virtudes não edifica o coração da filha!

O pae desobriga-se na quaresma, mas arma o braço do assassino contra o seu visinho!

Dá-se, si se espera retribuição!

Para entrar no templo com o coração limpo, é preciso sahir da eschola.

Os espiritos grosseiros e ignorantes acceitam a religião como um costume que acharam no mundo, sem affecto nem má vontade, automaticamente, e as imaginações desregradas fizeram cada qual uma religião a seu modo.

Sem eschola, a religião é apenas *visualidade,* é a lamparina accesa ante o vulto do martyr, a rosa abstracta, a promessa, a idolatria, e tambem o vicio e o crime.

Nem mesmo a formula é respeitada pelo gentilismo.

A gravidade, o silencio, a ordem, o acceio do templo nas horas destinadas á oração são conhecidos somente do espirito cultivado.

Os vultos dos santos, os oragos, as procissões, as romagens e superstições papistas sem as praticas sinceras da charidade é a mais torpe e revoltaute hypocrisia, agradavel ao espirito do mal, mas não a Jesus Christo!

A religião do Calvario quer que deante da magestade do Creador os vermes cobertos de brocado não sejam superiores aos vermes cobertos de farrapos.

O Nazareno é o symbolo da mais completa egualdade!

«Creio, creio, oh! Nazareno!

«Creio em ti, porque a tua moral é sublime; porque eras humilde e virtuoso; porque, filho da raça soffredora e austera chamada o povo, eras meu irmão, e não podias, tão bom, tão singelo, tão puro, enganar teu pobre irmão.

«Creio, creio, oh! Nazareno! porque até a hora de expirar na ignominia, até á hora da grande prova, nunca desmentiste a tua doutrina.

«Creio, creio, oh! Nazareno! porque so tu nos explicaste o mysterio desta associação monstruosa da saude, do ouro, do poderio e dos crimes a um lado, e da enfermidade, da pobreza, da servidão e da innocencia a outro; porque nos explicaste como os destinos humanos se compensavam além do sepulchro.»

Creio, creio, oh! Nazareno! por que so tu soubeste revelar a consolação á extrema miseria sem horisonte e os terrores á completa felicidade e sem termo na vida, collocando no logar do destino a Providencia, e do nada a immortalidade.

Creio, creio, oh! Nazareno! por que a gloria de teu nome de suppliciado é maior que todas as glorias das mais altas e virtuosas intelligencias do mundo!

Jesus Christo remiu o escravo: aprendeu e ensinou e disse:

«Não é o discipulo sobre o mestre: mas todo o discipulo será perfeito si o for como seu Mestre.»

Christãos, sejamos todos um, por que todos são nossos irmãos.

Deus não creou nem pequenos e nem grandes, nem senhores e nem escravos, nem reis e nem vassallos.

Deus fez todos os homens eguaes.

Profanos, de joelhos! celebra a christandade a paixão do Filho do Homem.

DR. A. DE C.

Consummatum est.

I.

O sangue do cordeiro immaculado
A missão sigillou de sobre o Golgotha;
A fatidica voz de cem prophetas,
Do tumulo das eras
Erguida, aos pés da cruz finda os oraculos!
Pregado no madeiro onde elle abraça,
Como filha querida a humanidade,
Os olhos macerados
Alça da terra ao pai divino, e diz lhe:
—Tudo está consummado!

Na gotejante e lacerada espadoa,
Onde pesara o doloroso lenho,
Reclina a fronte, e um suspiro exhala...
Suspiro que o universo inteiro encerra.

A' sua voz gemente,—novo FIAT,
Os eixos do passado se deslocam;
Abre o futuro um radiante lume:
Do lodo ao homem quebra os terreos vinculos,
Prende sua alma na mansão etherea,
Reveste a morte de esperança e jubilo,
E resgata a mulher do captiveiro.

O orbe antigo rue e desparece
No oceano do tempo,
Ante o porvir se abysma, envolto em trevas,
O throno do passado. A voz do Christo
Os homens fraternisa, em mutuo amplexo.

Convulso mingua nas caducas aras
Da impura idolatria o fallaz cirio;
Na aurora do porvir a cruz se estampa,
C'róa-lhe o cimo o anjo da vitoria:
A cruz dos reus! O equuleo dos infames,
Singular peripecia!
Sóbe á fronte dos reis, legisla, impera,
Conquista os mares, novos mundos acha,
E o homem regenera
—Tudo está consummado!

Dos colossos do Egypto, dos barrentos
Artefactos de Belo, do helio marmore
Por Phidias e Praxiteles
Aviventado, o influxo esvaeceu-se;
No cimo do Hymalaia empallidecem
Os multifrontimanos, que do Ganges
De embustes e de sangue as aguas tingem;
Nos dorios atrios bruxulêa a noite;
De tabidos festões
A solitaria aranha adorna os porticos,
E a vibora nos áditos se acouta.

Surgem do pó dos evos, mutilados,
Fuliginosos idolos,
Como escravos jungidos n'um triumpho
A' terra estranha, vão ornar cem templos,
Onde profano culto as artes tecem:
O lapis é seu lituo, e a patera
Na palheta irisante a herdeira encontra.

Do fero capitolio amedrontada,
Deserta o ninho ovante, e se encaverna,
Incouchada nos antros do exterminio,
A aguia romana, abutre do universo.
Nas sete frontes da tyranna exangue
Pousa do—pescador—a pedra ungida
Co' o sangue do Messias; sobre as ruinas
Dos pomposos delubros da metropole
Do orbe escravo, paira e luz derrama
O seraphim do Golgatha.
—Tudo está consummado?

A constristada e misera Solima
N'um pelago de sangue afoga os labios.
Entre serras de fogo, fumo e enxofre
Cruzam nos ares architraves, cupolas,

Bronzeas columnas, inflammados cedros,
Que o archanjo da morte, nas alturas
Sopra, e lapidam de Sião a fronte.

Incredula cidade! Do jazigo
Se ergue Jeremias; novo anathema
Co'a voz da eternidade te fulmina.
Tuas palmas odoras e oliveiras.
Ludibrio do futuro,
Com sangue regarás: ante o Messias,
Como o bifronte Jano, caducaste.
Nos teus olhos a nevoa do peccado
Empana a luz divina, que da fronte
Moysés te darda do Sinai terrivel.

Infamado tentorio, no deserto,
Leito impuro serás de escrava adultera.
Humilde a receber irás perjura
Cem regulos ferozes; nunca um riso,
Na mesta face criminosa e curva,
Virá de ingenua gloria abrilhantar-te.

II

Abre-se o valle de Mello
Trevas medonhas vomita;
Na garganta do pontifice
Do psalmo a voz se sopita.

Arborea flamma das nuvens
Cae no teu templo, oh! escrava,
E o sanctuario incendêa
Que a arca santa guardava.

De Geão, do Siloé
Seccou-se a clara corrente;
Como o fogo dos infernos
Te abrazas de sêde ardente.

Das entranhas do Calvario,
Um craneo de condemnado
Surge á face, e o sangue apara
Do Christo crucificado.

Em teus labios moribundos
Da noite o anjo terrivel
O emborca, e o sangue bebes
Na tua agonia horrivel.

Dos teus punhos orgulhosos,
Triste madre de Israel,
De novo as carnes te rasgam
As cadeias da Hazael.

Chora, chora a tua sorte,
Que do alto do Thabor,
Mostrando-te o captiveiro
Vem Nabuchodonosor.

Serás de alarves errantes
Escrava e mixta colonia:
Teus filhos em toda a terra
Serão sempre em Babylonia.

III.

Tua arca santa, e as mosaicas taboas,
Sob a profana planta esmigalhadas,
O ermo juncarão, que ha de assentar-se
Na ruina de teu templo e teus palacios.

A luz nega-t'a o sol, cidade ingrata,
A lua o disco enluta; a voz das harpas,
Que teus threnos sagrados reboravam,
Se cala eternamente.
Do deserto a serpente furibunda,
Vem no teu funeral, no teu exicio,
Aspergir, sibilando, atro veneno,

Como o intenso suão, redomoinhando,
Espessa nuvem tomba de improviso,
E subito suffoca a luz do dia;
Empapado de trevas transparece
No luto ethereo o limbo ensanguentado
Do sol; e a lua, dor da noite, rola
A esmo, como escudo de guerreiro
Que hervada setta do frisão brioso
Certeiro desmontara.

Em trevas magestosas envolvidos
Os ceus e a terra e o oceano bradam:
—Caia em Solima o sangue do Messias;
Maldição, maldição eternamente.

IV

Impera a noite: o chaos, a fauce hiante
Abrindo, devorou no firmamento
Das espheras a luz; erram confusos
Exorbitados astros pelo espaço;
A natureza inteira, estremecendo.
Geme e prantêa do Ungido o transito.
O Libano se abala, sacudindo
Entre raios os cedros millanarios;
O oceano, de horror, recua em montes,
E se arroja nas cupolas de Tyro,
As frotas do universo espedaçando.
Como as cordas de umâ harpa, ondulam, gemem
As grimpas do Ararat, onde, entre nuvens,
O novo Adão pousou.
Por cem bocas o inferno brada, estruge
Temerosos trovões; gladios de fogo
Os ares talham, diffundindo a morte.

Ninguem! Somente do Calvario o Christo
Ouviu os teus gemidos entre os mares,
America gentil, nem dos teus Andes
Pelos olhos volcanicos jorrarem
Prantos de fogo e de metaes preciosos.

V

No Golgotha chorando, em ampla curva,
Celestes cherubins descem, tecendo
Co'as niveas azas luminoso palio,
Que a cruz ampara, em quanto genuflexas
As sombras dos prophetas,
Em profundo silencio, em dor intensa,
Do Christo o instante aguardam, em que solte
Do barro que o humanava o laço debil.

A victima expirou: és livre, oh! homem!
Que suspenso na terra,

Entre os céus e o inferno abandonado,
Vês na cruz o ostensor da eternidade.

Coberta de cinza a fronte
Que David ornou de louro,
Chora, Solima, o teu crime,
Rasga as tuas vestes de ouro!

Geme e bebe, oh! miseranda,
No teu calix de agonias,
O pranto, que desprezaste,
Do divino Jeremias.

Em teus hombros se rasgou
A purpura de Salomão;
Nelles peza a cruz de Christo;
Vertem de sangue em Jordão.

E' teu throno uma caveira.
Imagem da tua sorte;
De Saul o mau espirito
Em teu peito infunde a morte.

Verte lagrimas de fogo
Jerusalem desgraçada;
Rude foste á voz prophetica;
Vive pois excommungada.

Serás cem vezes escrava;
Serás liberta n'um sonho;
Serás de novo arrazada;
Serás deserto medonho.

Junto ao sepulchro do Christo
Os evos tu vingarás;
Sempre abatida e tristonha,
Como escrava existirás.

VI.

De Jesabel o manto criminoso
Cobre os teus muros, desleal cidade!
Agora mesmo em confusão horrenda,
Surge do limbo um côro de vagidos
A imprecar teu porvir; pendente a espada
Do canibal Herodes relampêa
Como infausto comêta em tua fronte.

Findaram teus prophetas, que o Messias,
Ultimo ramo da augurante prole,
O circulo fechou dos vaticinios.
Ja do alto da Cruz remiu a terra,
Ja do alto da Cruz ao homem disse:
—Regenera-te á sombra do madeiro,
Qu'ennobreceu meu sangue; ergue-te e marcha!
Quebrei do limbo as portas,
Remi da noite e eterna os patriarchas,
E abri-lhe a luz do ceu;
A voz da salvação livre te acclama;
N'um bivio eterno puz da morte o throno:
Peregrino da terra, vem commigo:
Tudo está consummado!

MANUEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A' morte de Christo

SONETO.

Rarga-se em dous o veu sagrado
Tolda se o ar de trevas espantosas
A' luz do sol com manchas sanguinosas
O mar geme na praia espedaçado.

Treme o globo em seus eixos abalado,
E surgem das entranhas revoltosas
Mirradas formas, hirtas, pavorosas,
Que o povo põe transido e descorado.

O sol, o ceu, a terra, o mar profundo,
Deviam este horror, espanto ingente
Ao que expira na Cruz. Autor do mundo!

Ah! si assim nos assusta paciente
Que fará quando venha furibundo
Julgar do Throno a peccadora gente.

Padre *M.*

VARIEDADES.

A ceia e o lavapés.

Tinha Jesus Christo enviado dous dos seus afim de prepararem o necessario para celebrar a Paschoa com os seus apostolos; quando tudo se achou disposto, pozeram-se á meza, achando-se Judas entre elles, disse-lhes então o Senhor: «*Ardentemente desejei comer esta Pascoa comvosco antes da minha morte.*» Era então costume lavar os pes antes da comida, sendo de ordinario os domesticos ou escravos que isso faziam; para dar aos apostolos um exemplo de humildade e justificar o que lhes havia dito com estas palavras: «*Si alguem entre vós quizer ser o primeiro, seja elle o servo dos outros,*» levantou-se da meza o filho de Deus, largou as vestes e cingiu-se com uma toalha; lançando depois agoa n'uma bacia, começou a lavar os pés de seus apostolos. Quando chegou a S. Pedro, não poude este resolver-se a deixar lavar os pés por seu Mestre, e lhe disse: «*Senhor, não consentirei jámais que me laveis os pés.*» Respondeu-lhe Jesus: «*O que eu faço, não o comprehendeis vós agora, mais depois o comprehendereis; si vos não lavar os pés, não tereis parte no meu reino.*» Consentiu então Pedro no que Jesus ordenava. Tendo acabado, tomou de novo seus vestidos, e pondo-se outra vez á meza, disse aos apostolos: «*Eu vos dei o exemplo afim de que façais o que eu mesmo fiz; lembae-vos do que vos tenho ensinado; o servo não é mais que seu senhor.*» (*Extr.*)

ADVERTENCIA.

A folha de hoje constando de oito paginas é contada por um numero.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 78.ª QUARTA-FEIRA 12 DE ABRIL. Ns. 775—776.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numero; 5$ rs. por seis serres; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 11 de abril de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna, pedindo-lhe que faça cessar, com o emprego dos meios a seu alcance, um incommodativo samba que ha todas as noites na rua do Castanheda, o qual leva até o amanhecer do dia, sendo promotores de semelhante divertimento alguns guardas policiaes; pelo que espera-se do zelo e actividade de S. S., e em nome do socego publico, promptas providencias.

Portaria ao fiscal do Pilar, ordenando-lhe que passe a fiscalisar de qual casa é que com prejuizo da salubridade e aceio publico, deita-se excremento no cano de despejo proprio para agoas servidas, que sahindo do becco das Escadinhas adiante do Fortinho, desagua na rua, o que torna aquelle logar nauseabundo e pestifero. Cumpra.

—Ha gente cuja fereza de coração excede á toda comprehensão.

Causar mal a nossos semelhantes, fazel-os soffrer torturas, é crueldade inaudita; mas martyrisar uma fraca creatura, uma indefeza creança, é cumulo de perversidade!

—E' barbaridade sem nome.

—Pois na quarta feira passada, me chamaram em uma casa para ver na casa visinha um espectaculo deshumano, uma maneira atroz de castigar.

Uma creança, que o mais que teria, seria sete annos, com uma perna e os dous braços levantados para o ar, tendo em cada uma das palmas das mãos uma pedra e outra na cabeça presa por um cordão; a qualquer geito que fazia a martyrisada, se abaixava a perna ou uma das pedras cahia, era trucidada.

—E va ver que quem assim procedia ou tinha ido ou foi se confessar por estar na semana santa!

—Disseram-me na referida casa que alem disso, a pobre creança tem o corpo crivado de queimaduras de fogo, tacos tirados, arranhões etc.

—Não é por demais repetida esta verdade: O estrangeiro que na noite de quinta-feira de Endoenças, atravessar das 7 para 8 horas, algumas ruas da freguezia da Sé, fará juizo bem deponente da degeneração de costumes deste povo.

E' impossivel descrever o cortejo de scenas escandalosas e immoraes desenvolvidas pela canalha, no transito da procissão dos Fogareus.

—A procissão dos Fogareus é um anochronismo; uma serie de profanações e impiedades.

—Seria melhor supprimil-a em homenagem á decencia e respeito devidos á santidade do dia, em que se commemora um dos passos, mais importante da Paixão do Homem-Deus.

Grupos de mulheres pervertidas portam se como si assistissem á uma bacchanal.

A caterva desenfreada de moleques captivos, as turbas de capadocios, consideram aquelle acto em parallelo com o mais dissoluto ajuntamento.

Os larapios aproveitam-se da confusão.

A imprudencia da força publica corôa o cumulo da desordem.

—Em qualquer solemnidade profana guarda-se mais acatamento; a ordem é mais respeitada.

—Neste anno a policia armada investiu sobre o povo inerme e cutilou-o; innumeros ferimentos, muitas cabeças quebradas e contusões, senhoras foram espancadas e atiradas ao chão ao impulso dos sabres dos agentes policiaes, meninos machucados e pisados, cidadãos pacificos levados á panno de refle.

—Dizem que todas essas violencias foram authorisadas e com consentimento do chefe de policia.

—De um individuo ouvi contar que indo queixar-se de aggressões que soffrera sua senhora por parte de um soldado, a resposta que lhe deu S. S. foi:

«O que quer que lhe faça? Contente-se que eu tambem levei uma pedrada na perna.

«O povo aggrediu a força publica, esta repelliu com a força; fica uma cousa por outra.»

—De sorte que eu vou pacificamente assistir á uma solemnidade religiosa com minha familia e devo ficar satisfeito da mesma ser insultada e desrespeitada, porque o chefe de policia, que deve prevenir a desordem e garantir a segurança publica, tambem foi offendido!

Esta é de terna memoria!

Si a authoridade não tem o preciso prestigio para manter a ordem, si não dispõe dos meios para conter os pertubadores, para que serve então? E' melhor que deixe-se a cada um o direito de garantir-se e defender-se.

—Não é somente o povo molecal quem faz desordem nestas occasiões, a força publica tambem provoca; eu vi, ninguem me disse, no meio do barulho, um official de policia tirar do bolso um formidavel punhal, e dizer que era para tirar sangue.

—Para cortar *babosa,* talvez.

—A policia o que devia fazer era mandar para esses actos uma força disfarçada, composta de homens moderados e prudentes; acommodava os conflictos, tomava conhecimento dos turbulentos, porque o povo pacifico não tem culpa do descommedimento dos capoeiras, ebrios e libertinos.

—O melhor de tudo é acabar com a procissão dos Fogareus e outras muitas; a religião não ganha, antes perde com ellas.

—Esta cidade tem chegado a um deploravel estado.

O crime sobrepuja impunemente.

A força bruta predomina como direito e razão, o latrocinio e a fraude tornaram-se meios de vida communs.

Ataca-se impavida e publicamente a vida e a propriedade.

—A policia em sua tibieza nada vê, nada faz! Vive em completo marasmo e languidez.

—Ouça factos:

No domingo 2, á noite, o Sr. Manuel João Cardoso, morador á Gamboa, descendo a ladeira do mesmo nome, ao confrontrar com o portão da fortaleza, foi aggredido, a principio por dous individuos, com um dos quaes tinha indisposição. Em seguida apresentaram-se mais cinco, sendo dois escravos dos aggressores e duas praças do destacamento. Quatro dos atacantes agarraram o Sr. Cardoso pelos braços e tres o espancaram á vontade, deixando-o excessivamente offendido.

O Sr. Cardoso, pobre artista, sem posses para poder gastar, apresentou-se ao respectivo subdelegado queixando-se da aggressão que soffrera.

O subdelegado tendo-o mandado a um medico, para examinal-o, disse lhe que nada podia fazer, porque a justiça nenhuma acção tinha sobre aquelle attentado em razão de não serem graves os ferimentos, que elle offendido, si quizesse, desse queixa contra os offensores.

—Esta não é má! Quem tiver aversão a outro pode ajuntar quatro ou cinco comparsas, agarrar seu contrario, leval o para um logar solitario e exercer a vingança que lhe parecer; com tanto que não dê para matar ou aleijar, tudo se arranja.

—Quatro duzias de bolos, por exemplo, um clister, uma sova de supapos.

—Ainda não disse tudo. O mais bonito é que o Sr. Cardoso que ainda hoje soffre em sua saude das pancadas que levou, e está privado de trabalhar pelo seu officio de alfaiate, por não poder pegar na thesoura, em consequencia de se achar com o dedo polegar esquecido, foi intimado no sabbado d'Alleluia para na segunda-feira se apresentar na delegacia e assignar um termo de segurança, respondendo por qualquer successo que aconteça, aos que elle diz, foram seus aggressores.

—Está direito, quem tem rasão é quem vae preso. A justiça como é cega e não vê, só ouve a quem *grita mais.*

—Em algum tempo o dia em que a egreja commemorava a Paixão do Redemptor do mundo, era respeitado pelos christãos.

—Contava minha avó que n'esse dia não andavam carros nem cavallos pelas ruas da cidade; mas parece me que hoje o espirito religioso vae desapparecendo de entre nós.

—Quem viu o que eu vi na sexta-feira da Paixão, a falta de respeito a esse sacro-santo dia, fica suspenso de admiração da maneira por que marcha está terra pelo caminho do regresso.

Uma sucia de moleques e mesmo rapazes, de todas as qualidades, quando voltou o 14.° batalhão de linha, marchavam na frente da muzica, e emquanto esta tocava dobrados funebres, analogos ao dia, elles davam vivas!..

—Que desrespeito á religião! Que desaforo!....

Mas o que quer? Tudo ha de acontecer assim, porque infelizmente n'esta terra não ha policia para conter a esses peraltas, de cujas almas serve-se Satanaz para tentar a humanidade!

—Não se pode dar maior ladroeira! Com-

pro quatro libras de carne e o cortador tira-me logo meia libra!

—E eu que comprei cinco libras e faltaram-me tres quartas?

—Onde comprou?

—Na Baixa dos Sapateiros.

—Tambem eu.

—Em que talho?

—No de n.º 15.

—Homem, foi justamente onde comprei tambem.

—O que me admirou foi ver a balança limpa e os pezos legaes.

—Eu tambem pensava assim; mas vi que o tal cortador tem duas sortes de pezos, uma legal e a outra com os mesmos brocados por baixo; e me informaram que todos os mais usam de egual minestra, em rasão do povo já estar escabreado com as outras especulações que praticavam.

—E os fiscaes sabem disso e consentem!

—Os larapios empregam todos os meios para tirar resultado.

—Si elles vivem em continuo estudo.

—Entraram dous por uma loja de calçados ao Guindaste dos Padres, na quinta-feira Santa, pediram botinas para ver e um delles fingindo que examinava a obra, largou-se a correr com dous pares de calçado.

—Que audacia!

—Um dos caixeiros sahiu-lhe no encalce, mas debalde, porque o esperto gatuno corria mas que uma lebre, perseguida por uma matilha de cães.

—Os ladrões vão continuando sobranceiros em sua pilhagem.

—A garantia de propriedade desappareceu para não voltar tão cedo.

—A' dias foi arrombada a morada do africano Izidoro, á rua do Bangala, e roubada quantia equivalente a 4:000$ réis, em moeda e objectos de valor.

—E o Sr. chefe de policia, que não dá importancia, nem attende a reclamações de gazetas, vai passando por essas quotidianas decepções, as quaes si não provam falta de tino, denotam morosidade.

—Ando um tanto escabriado com esta ladeira das Hortas.

Si passo agora de noite aqui, é porque venho em sua companhia.

—Mas então que receio nutre V.?

—Não sei si o logar está mal-assombrado, que quando passo fóra de horas figuram-se-me phantasmas a escorregar pelo muro.

—Patola! não sabe que o convento tem escravos?

—Boa! o que tem os escravos do convento com as sombras que se desenham na muralha?

—Homem incomprehensivel, elles são viventes, e precisam de arejar.

—Ah, sahem á noite a passeiar! Não acho muito bom.

Si bisparem, ha de haver logo quem queira fazel-os participes dos roubos, que se dão á noite.

—Ha casos em que eu fico indeciso e este é um delles.

—Este qual?

—O Sr. Laurindo de tal, empregado no gazometro, contava outro dia a quem quizesse ouvir, que achando-se na quinta-feira Santa á noite a accender a illuminação das tribunas da Misericordia, entrara o Sr. Dr. chefe com sua Exma. senhora, e que entre elle e S. S. passou-se o que se segue:

—«O que faz ahi?

—«Accendendo, como V. S. vê, a illuminação.

—«Mal-creado! ja d'ahi para fora!

—«Mas, Sr., ainda não ácabei meu trabalho.

—«Nem mais uma palavra, patife! Sabe com quem está fallando?

—«Com o chefe de policia, Sr.

—«Bregeiro! Não sabe que é dever de civilidade, quando chega uma senhora a qualquer janella, os homens que estão nella, ainda sendo brancos, retirarem-se, quanto mais um bode?

—«Mas Sr.....

—«Nem mais uma palavra, si não sahe daqui ja escoltado.»

—Eu duvido; um homem grave e que se presa não representa um papel tão triste, nem commette tamanha leviandade.

Ponha por tanto a historia do Sr. Laurindo de quarentena.

—Neste caso vá por conta delle que não pediu segredo e affirmou que muita gente viu as repetidas vezes que o Sr. Dr. chefe de policia o chamou de bode.

—O diabo tanto concertou o nariz da mãe, que entortou-o por uma vez.

Deus queira que a *jiga joga* com os doentes da febre amarella não dê em resultado egual.

Tiraram-nos de cima do forum onde estavam sós, e levaram para uma casa de Saude, na Ordem 3ª, englobados com doentes de outras molestias.

Mas ou aqui ou ali o foco sempre na freguezia da Sé.

—Ficou a emenda peior do que o soneto.

—Na secção de annuncios do *Jornal da Bahia* vem o seguinte que merece especial attenção pela sua singularidade:

«ATTENÇÃO.— Hontem fugiu do poder de Moura Guerra e Saldanha, um pardo acaboclado, escravo de Nossa Senhora do Girú na provincia de Sergipe. E' baixo, gordo, cara redonda e sem barba, tem uma grande cicatriz na ilharga esquerda, demonstra ter de 20 a 24 annos, é bem conhecido, *por ter sido praça de policia*. Quem o pegar ou der noticia certa será gratificado. Bahia 5 de abril de 1871.—*Moura Guerra e Saldanha.*

—Si este annuncio não é alguma curambola *por tabella*, temos, nesta epocha de emancipação servil, a Mãe de Deus com o labeu de escravocrata.

—E a desgraça deste paiz, onde os senhores ja indicam como signal para serem conhecidos seus escravos fugidos o terem elles vestido a farda da nação.

—Esta rua dos Ourives está reduzida a completa montureira!

—E' porque não passa por aqui os carros da companhia da limpeza.

—E a rasão d'isso, sabe?

—Dizem que é porque os negociantes de ouro e prata não querem pagar os 500 rs.

—De maneira que por causa d'isso fique a rua cheia de gatos, ratos, gallinhas e cachorros mortos, em estado de putrefação, soffren de desta sorte a salubridade publica!....

—Nesta terra é tudo assim.

Ande ou quente e soffra a gente.

—Ouça o que se deu na quinta-feira Santa:

Por occasião da procissão dos Fogareus, destacaram sentinellas nas portas da Misericordia, para evitar confusão, fazendo com que o povo entrasse por uma porta e sahisse por outra.

O presidente da provincia querendo entrar pela porta destinada para sahida, o sentinella oppoz-se, mas S. Ex. que manda e pode, retorquiu-lhe com tom magestatico:

«Não sabe que eu sou o presidente da provincia, que posso entrar e sahir em toda parte?»

Isso deu logar a que do meio da multidão surgisse uma voz capadoçal:

«Menos na minha casa; si for p'ra la, não gosta.»

—Querem que o povo não se desmande, quando elle está acostumado a ver os mais exemplos partir do alto!

—A aptidão da policia é improficua até para conter a petulancia dos moleques.

No domingo 2, houve guerra de *bairro* no largo de Sant'Anna. A policia appareceu, mas foi impotente para conter os turbulentos. A caterva investiu contra a força publica que correu em debandada, levando um dos soldados uma formidavel cacetada e outro uma pedrada que escangalhou-lhe o beque.

—A impunidade, meu charo, é causa de todas essas desenvolturas.

—A cousa ficou nisso; não consta que nenhum daquelles desalmados soffresse correcção.

—Em qualquer logar faz esta gente do aceio uma montureira!

Os insectos nojentos aqui invadem os gorgomilhos, si não se toma sentido.

—Isto no logar o mais populoso do commercio; na praça de Riachuelo, é de onde elles vêm despejar tudo quanto é materia immunda!

—Acharam que era pouco reduzirem a praia da Preguiça a foco de podridão, vieram tambem para aqui.

—E por tão hygienico serviço, sahe dos cofres todos os mezes uma boa parte do suor do povo!

—Este Sr. emprezario do cisco é um homem como ha poucos.

—Nesta casa moram seis individuos.

—Estudantes, sem duvida.

—No sabbado d'Alleluia commetteram uma acção, nefaria baixa e sensual.

—Uê!.....

—Aproveitaram-se do estado de exaltação dos sentidos de uma mulher para pôrem em pratica actos de censuravel libidinagem.

—No tempo em que esta *rua* era privitiva morada *dos capitães*, não se davam acontecimentos desta natureza.

—A torpeza do procedimento está em abusarem do estado da mulher, attrahil-a com chamados e usarem de força e violencia, transtornando até a *ordem natural* das cousas.

—A policia desta terra é o *Alabama;* a punição para acções indignas destas é a taca do muxingueiro; portanto eu vou communicar o que occorreu nesta casa n.°

—Capitão, um caso singular.

—Ouvirei, mas seja depressa.

—No domingo, as sete para oito horas da noite, appareceu um preto captivo na Mariquita.

—Mas que tem isso?

—Veio de caso pensado armado d'uma faca, entrou em casa d'um morador na Mariquita, por nome Tertuliano, e esfaqueou a filha deste com seis facadas.

—D'onde veio elle?

—Da cidade para este fim.

—Isto tem circumstancias aggravantes; e o subdelegado do logar o que fez?

—Nem no logar appareceu; o pae foi com a filha lavada em sangue á sua presença, pedindo que fizesse corpo de delicto, e elle disse que não podia fazer logo; mas que faria na segunda-feira, 10, e até as sete horas da noite nada fez, e o pae só a pedir-lhe que fizesse o corpo de delicto; mas aggravando-se o estado da offendida, o pae pediu-lhe ordem para que fosse recolhida ao hospital, sem fazer-se o corpo de delicto nas 24 horas.

—Como se faz isto tão perto da cidade! Que activo subdelegado tem o 2.° districto de Brotas.

—Mas, capitão, o subdelegado tem rasão, é parente do dono do escravo e mais..... outras arbitrariedades se teem dado.

—Deixe estar que vou levar ao conhecimento do muito digno chefe de policia, e estou certo que dará as providencias necessarias.

—Mas, capitão, o chefe de policia não sabe d'isto; pois consta que o subdelegado prendeu o preto e mandou parte que tinha sido preso em desordem.

—Não se afflija, pois elle ha de saber deste facto com toda minuciosidade.

A PEDIDO

E' com a policia.

No logar denominado—Estrada Dous de Julho, existem alguns capadocios aggregados da companhia olho vivo e não é a primeira vez que procuram vareijar as algibeiras dos tranzeuntes, trazendo por tanto em sobresalto os habitantes d'aquella localidade, que se veem coagidos logo ao escurecer a feixarem suas casas, si não com receio de serem assaltados, para livrarem-se de ser espectadores de scenas, que o decôro e a moral repellem.

Ao Sr. Belsino, na qualidade de supplente da subdelegacia houve quem ss queixasse, porém providencias—nicles—por isso pedimos ao honrado Sr. Dr. chefe de policia a sua intervenção em ordem á fazer desapparecer d'ali tão perniciosa sucia. Bahia 1 de abril de 1871.

Alguns moradores.

—Então, sua freguezia está temivel?

—E' verdade, capitão. A companhia do *olho vivo* fez la seu quartel general e como a policia anda com o *olho fechado*, os larapios teem feito o diabo. Até nas Pitangueiras, um logar bem povoado elles teem avançadas. Na minha visinhança, não pára uma gallinha. A dias arrombaram a parede da casa de uma visinha minha e carregaram com tudo.

—Com effeito! e não viram os ladrões?

—Qual! Anda meio desconfiado com um sugeito que ali ha, que anda sempre apressado, e parece-me que é a rapoza das galinhas.

—E o roubo de sua visinha?

—Não sei... porem a policia devia pôr o olho naquelle sujeito.

—Como se chama?

—Não sei, porem o José disse-me á poucos dias que o Joaquim lhe dissera que se chamava *boalis*.

—Vá saber direito como elle se chama e volte.

—Esta bom, até logo.

—Sr. tenente, das economias cabe a V. S. isto.

—Nos corpos onde tenho servido, nunca ouvi fallar nesta verba chamada economias.

—Mas aqui nós costumamos regular as despezas de uma forma que sempre restam algumas sobras, que se dividem em commum.

—E' excellente.

Porem eu como ignoro estas cousas, dispenso; contento-me com o soldo que me toca.

—O homem ainda é dos taes! Prefere andar a pé a andar a cavallo!

—Capitão, venho apresentar-lhe dous vultos bem importantes.

—Quaes são elles, seus nomes, profissões, e quaes suas qualidades tão importantes, para m'os apresentar?

—Espere, capitão; não vamos com tanta pressa, é precizo que eu tambem tome algum folego....

Pergunta-me pelas qualidades? Quaes podem ser as dos filhos de um frequentador de tabernas?!!

Profissões? Eu lhe digo; por berliques e berloques, são hoje gonociantes da praça. Seus nomes? Eu bem os sei, mas...porém.. toda-via...com tudo...esqueci-me!...

Valha-me S. *Joaquim!* Eu volto capitão, vou em certas *ruas*, na freguezia de Santo *Antonio* procurar o *Silva*, e espero que elle me lembrará. Adieu.

Serei breve....

A um Sr. capitão da guarnição desta cidade, que desta typographia levou á muito mais de dous mezes uma gazeta sob condição de restituil-a no dia seguinte e que até hon-

tem não mais voltou, adverte-se que assim não é que se faz.

—O' lá, Antonio, foste ao leilão do *Manuel de Trocas?*

—Fui.

—Então arrematastc?

—Qual, meu amigo!

Estive na venda ao pé desde 11 horas, á espera. Chegaram o canceleiro e pregoeiro *Azumy,* subiram e lá estiveram por espaço de meia hora, até que passou o trem e foram-se.

—E ficaste com os beiços com que mamaste.

—E depois andaram a propalar que não appareceram pretendentes; que *o filho de gallinha,* pae da viuva arrematou os utensis da *clarificão.*

—Com lesivo prejuizo dos credores.

—Ora nesta terra terra tudo se arranja.

A tenaz recrutamento,
Capitão, eu procedi,
Os Judas que encontrei
A um por um eu prendi.

Todo sabbado d'Alleluia
Não descansei um instante,
Aonde via um dos taes,
Zás! Para ca sôr tratante!

Andei por beccos e ruas,
Por bibocas e salões,
Fui aos conventos de freiras,
Entrei nas repartições.

No Forum fiz uma limpa
D'aquellas como Deus manda,
Corri hoteis, botequins,
E tudo que foi quitanda.

Cheguei á cidade baixa:
De Judas que enxurrada!
Podesse eu pegal-os todos
Ficava deshabitada.

A colheita deste anno
Creio, pois, foi excellente,
Tem typos de toda laia
E toda especie de gente.

Tem conselheiros de estado,
Barões e commendadores,
Ministros que prevaricam,
Deputados, senadores.

Gente relapsa da egreja,
Militares, demandistas,
Juizes que são venaes,
Tratantes, contrabandistas.

Não escaparam do *pega*
As *comadres* dos vigarios,
As viuvinhas alegres,
E certos frades frascarios.

Empreguei todo o esforço,
Esmilhucei quanto pude,
P'ra agarrar uma por uma
Mulher, que ao marido illud

Padres, que n'um mesmo dia,
Tomam, por torpe cubiça,
A quatro e cinco pessoas
Dinheiro p'ra uma só missa.

Medicos sem charidade,
Que para um pobre acudir
Si são chamados, respondem:
« De graça não posso ir. »

Vigarios que não dão guia
Sem dinheiro, impiamente
Deixando em casa tres dias
O morto, si é indigente.

Juizes, que injustiças
Assignam com mão perversa;
Procuradores que as causas
Vendem a parte adversa.

Advogados patifes,
Mercenarios, sem pudor,
Que n'uma mesma demanda
São contra e são á favor.

Meirinhos excommungados,
Creaturas ascorosas,
Que sem lhes tremer a mão
Passam certidões dolosas.

Vem aqui tambem filado
Um cardume de tratantes:
São dos testamentos falsos
Os audazes fabricantes.

Os escrivães que os approvam
Encangados co'elles vem;
E para fazer parelha,
As testemunhas tambem.

Estes empregados publicos,
São além de faltadores,
Tibios nos seus deveres,
Grandes prevaricadores.

Ha outros que sem serviços
Que tenham merecimento,
Se agarram qual sanguesuga
Nas têtas do orçamento.

Vem aqui muitas familias
Que o manto da protecção
Permitte trepar inteiras
Na caxaço da nação.

Monopolistas sem alma,
Maldictos, sem piedade,
Que sedentos especulam
Com a publica calamidade.

Logistas que annunciando
As fazendas nos jornaes,
Dizem a quem vae comprar:
« Deste preço não ha mais. »

Esta collecção de homens
De semblantes tão sinistros,
São sordidos agiotas
Da usura os ministros.

Aqui estão os taverneiros,
Que envenenam a gente,
Pondo confecções nocivas
No vinho e na agoardente,

Estudantes badernistas,
Vadios e indolentes,
Que vivem pelos hoteis
Ao estudo indifferentes.

Outros nos quaes mais assenta
Por estupidos, madraços,
Puchar carros, a trazerem
Livros debaixo dos braços.

Armadores que, importunos,
Com grande descaração,
Um doente ainda vivo
Já pedem a armação.

Esta canalhada immensa
São rapinas açougueiros,
Que em corpo e alma já são
Do demo prisioneiros.

Alfaiates trapaceiros,
Que a fazenda do freguez
Tomam para uma calça
E com ella fazem trez.

Sapateiros mangadores
Que usando d'embaçadella,
Dizem, si se pede á obra:
« Estou andando com ella. »

Barbeiros que atormentam
Dos viventes os ouvidos,
Com uma infernal zoada,
Com toques desenxabidos.

Estes filhos da sciencia
Sabe quem são? engenheiros;
São aquelles que recebem
Prezentes dos empreiteiros.

Estes marrecos quem são?
Pedreiros, mestres de obras;
Que tomam materiaes
Que lhes deixem grandes sobras.

Padeiros sem consciencia
Cafila sem coração;
Roubam ao povo no peso
E qualidade do pão.

Charuteiros, que inpingêm,
Fingindo seriedade,
Canga-queixos por charutos
De primeira qualidade.

Aqui estão vereadores.
Morosos, negligentes,
Só dão amostra de si
Quando recebem presentes.

Para ajuda da ganancia,
Recebem estes fiscaes,
Nas tavernas, nos açougues,
Uns cinco mil réis mensaes.

Eis vultos mysteriosos
Que adormecendo monturos,
Não sei porque *geringonça*
Acordam erguidos muros.

Este é um licencioso:
Com uma irman morando
Em casa não entra extranho;
E a estirpe vai brotando!....

Vem aqui este manhoso,
Fingindo sizudo aspecto;
Em casa tem um menino
Que é seu filho e seu neto.

Olhe este magistrado:
Torce o direito, a razão,
P'ra ter dinheiro p'ra o jogo
Põe a justiça em leilão.

Est'outro *troncho,* é devasso,
Desfaçado e corrompido,
A toga tem infamado,
A infancia pervertido.

Este *desempatador*
Que um conto de reis tomou,
E a sentença vendeu
A quem por mais o comprou.

Este velho *poderoso*
Tem cofres regorgitando;
Foi *xanxan* que carimbou,
Viuvas que estão chorando.

Este plantou *oliveiras*
No *barro,* e negociou;
Deu se a tempos de quebrad
A bem gente defraudou.

Este do *imperio grande,*
Muita gente o conheceu
Pobre; foi ministro
Sua fortuna cresceu.

Manes de Candido Ribeiro
Si te podesse evocar!...
Da mansão onde repousas,
Talvez podesses explicar.

Peguei este empavezado
Fazendo grande escarceu;
Os moleques por escarneo
Chamam-no *yoyô do ceu.*

Mande-o a *gloria* de Satan,
Pois que a *goloria* diz gozar,

Sua *gloria* porém é
Pobres mulheres roubar.

'Stá o Paulo o costureiro
Que o negocio arranjou,
P'ra Bellos-olhos comprar
A outra com quem brigou.

Seguro pelos bedelhos
Para que destino tenha
Hoje sabbado de paschoa
Trago Philippe da Lenha.

Tambem este meliante:
No commercio faz mil trêtas
Deve ser Judas de gosto
Enfeitado de *azas-pretas*.

Aqui tem um desfructavel,
E' *Salu Rato* chamado;
Depois de velho e coirão,
E' gaiteiro namorado.

Que tal este salafrario,
Que na luxuria se nutre?
Pela ambição que o domina
Chamam-no vigario *abutre*.

De ver arder este Judas,
Que mil sanctilisses faz,
Ja sinto prazer d'agora
Para não ser con-*tumaz*.

E por fim na retaguarda
Que a limpa geral encerra
Vem quem de febre amarella
Quer acabar esta terra.

VARIEDADES.

Um joven advogado, mais rico em vaidade do que em talento, acabava de defender a causa de um orphão. Depois de finda a audiencia chamon á parte o juiz e lhe disse: «creio que excitei a sua compaixão!—com effeito, respondeu o outro, o senhor inspirou-se commiseração.

Offendido um medico por haver perdido a confiança de um de seus doentes, perguntou por elle um dia á um seu amigo; agora mesmo vieram me dizer que morreu.»—Alegro-me, exclamou o caritativo doutor; isto o ensinará a não mudar de medico.

«Regra geral (dizia Villemain) quando um deputado começa na camara a dizer asneiras e a não ser escutado nas massadas, enche as bochechas e exclama: Fallo para o paiz, o paiz nos julgará.

O rei da Dinamarca foi a Paris em 1768. Na sua viagem, um fidalgo lhe apresentou uma genealogia pela qual elle ainda pretendia ser parente do rei.—Meu primo (lhe disse o monarcha) eu estou viajando incognito, fazei outro tanto.

«O' Julia! (exclamou sentimentalmente um joven amante) a primeira vez que me disseres *não,* mato-me a teus pés.» E a segunda? perguntou a ingenua

---

Um gaiato jantando á mesa de um fidalgo, onde era servido de excellentes vinhos, mandou por fim o dono da casa que o servissem de um vinho especial que havia dentro de uma garrafinha e que se disse ter 20 annos.

Ao proval-o o espirituoso conviva, peguntou o dono da casa: que tal acha o menino? —Muito pequenino, excellentissimo, para a idade que tem.

MOTTE.

Pensando na minha vida
Entro logo a suspirar.

GLOZA.

Dize-me, Eulina querida,
Quando hei de te ver fagueira,
A meu lado prasenteira,
Pensando na minha vida,
Esta ideia apetecida,
Ideia tão singular,
Delicias me pode dar,
Em teus braços com ternura;
Como tarda esta ventura
Entro logo a suspirar.

A.

ANNUNCIOS.

Na venda defronte do Pelourinho n. 4, compram-se constantemente jornaes para embrulho.

Fabrica de cerveja nacional

DE

Collatino Marques de Souza.

Para maior commodidade do publico acha-se aberto no largo do Caes Dourado, n.º 113 um grande deposito da muito acreditada cerveja bahiana, onde poderão ser levadas todas as encommendas, que serão com toda promptidão, e á vontade do freguez aviadas, sendo os preços os mesmos pela fabrica annunciados, e agora ratificados: garrafas 320 rs.. meias 180; dando o freguez na occasião da entrega garrafas vasias, em troca das que receber cheias, pagará na razão de garrafas 240, meias 140 rs.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 78.ª SABBADO 15 DE ABRIL. N. 777

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 3$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 14 de abril de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado, inspector das prisões, para que informe si é exacto que desde 7 de setembro de 1869 se acha preso Eufrasio Domingues dos Passos, sendo remettido da provincia de Goyaz e recolhido á casa de Correcção em 5 de novembro de 1870, sem que até hoje se lhe tenha dado nota de culpa, ignorando o referido individuo o motivo por que está preso. No caso de ser exacto, deve S. S. declarar as razões que actuam para ser assim a lei acintosa e arbitrariamente ferida com tão clamorosa violencia sobre a liberdade daquelle individuo; o que aguarda-se com urgencia.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, recorrendo ao prestigio de sua authoridade para que tenha um paradeiro os desvarios de uma mulher conhecida por Leopoldina Carijó, moradora no Maciel de baixo, a qual no seu escandaloso proceder vae de encontro a todas as regras do pudor e da castidade, não só por palavras como mesmo por obras, pelo que tem se tornado objecto de continuadas queixas de toda visinhança. Mais uma vez espera-se de S. S. a sua costumada energia e actividade.

—Amanhan inaugura-se com magna solemnidade a *Associação Typographica Bahiana*.

—Até que em fim conseguiram!

—Os actos religiosos serão celebrados no convento dos franciscanos, e a sessão de inauguração no paço da municipalidade.

—Que o porvir de tão util associação, corresponda aos votos dos seus infatigaveis instituidores.

—Amanhan celebra-se com grande esplendor a festa do glorioso S. Benedicto no convento de S. Francisco.

O Sr. Pedro Augusto, actual thesoureiro tem sido incansavel para apresentar uma solemnidade condigna com a magestade do culto divino.

—Esta terra estará engeitada?

Não ha quem se importe com os casos de ordem publica!

—Pois com tantas authoridades, rapaz!

—Eu so vejo abandono e indifferença, até para os casos mais graves.

Veja este:

Maria da Conceição, creoula, de 22 a 24 annos, tendo resolvido mudar de domicilio para o Rio de Janeiro, comprou passagem para se transportar no ultimo vapor que passou. Tendo ja sua bagagem á bordo, descia na terça feira de manhan pela ladeira da Soledade com destino á embarcar-se, quando cahiu subitamente morta.

—Oh, que fatalidade!...

—Eu passei as 10 horas da manhan, fui á Itapagipe, voltei de lá ás 4 e ainda o cadaver jazia estendido nas pedras da rua abandonado, sem nenhuma providencia!

—Na illustrada, compassiva e humanitaria Bahia!

—Apenas alguns particulares tiveram a lembrança de arredar o corpo do meio do transito, encostando-o a um lado da rua.

—Para um tal acontecimento não é preciso fazer commentarios.

—Capitão, veio do Morro de S. Paulo uma fera com especie humana.

—Não me espante.

—O invalido Jeremias que n'aquelle presidio estrupou a crioulinha menor de 6 annos, Eugenia.

Ouvi dizer que a offendida veio remettida para a capital e esteve na repartição da policia.

—Faz pasmar o desenvolvimento que vae tomando os crimes de tal ordem.

—Em S. Caetano, appareceu uma menina de 6 a 7 annos, creoula, sem destino.

—Quando?

—No sabbado. Interrogada de onde era, respondeu que de casa de um Sr. Bernardino, á rua do Passo. Levada á casa do Sr. Bernardino Chastinet, morador nessa freguezia, declararam que a menina não era d'ahi, continuando as pessoas que a recolheram a ignorar quem são seus paes ou senhores.

—O mais acertado era leval-a á policia.

—Foi o que aconselhei; mas não sei o resultado, porque indo de passagem pelo logar foi que tive conhecimento da occurrencia.

—Veja o que está fazendo aquelle homem.

A obscenidade chegou até ali, fez pausa.

—Indique-me agora o que se ha de fazer n'um caso como este.

Hospital para alienados não ha.

—Entretanto este homem não pode existir em logar em que hajam familias.

—E' cego e louco.

—E incontinento; tres defeitos a um tempo.

Chama-se Manuel Cosme Fernandes.

Aqui no Poço de Itapagipe, aos olhos de tantas familias, sahe para a rua, desabotoa as calças e pratica a obscenidade que o Sr. está vendo.

—E de quantos tregeitos acompanha elle a sua licenciosidade!

Pelas momices que faz dar-se-ha o caso que queira se virar em mamaco?

—Fallemos serio que a concupiscencia deste cego-louco ja ia resultando uma desgraça.

No sabbado d'Alleluia, as 7 horas da manhan, estando a familia de um tal Pedro Jose da parte de fora, entendeu elle que perto das senhoras devia pôr em pratica o seu deshonesto caquete.

—Por ser cego, talvez, deu-lhe a maluquice para crer que os mais tambem não enchergam.

—O homem arrefestelou-se e esbarrou-o; um primo do cego de nome Jose Francisco, tomou as dores, armou se e foi desafiar Pedro Jose em sua porta, o qual tambem armou-se para sahir, no que foi impedido pela mulher.

—Como é doudo tem desculpa do que faz.

—Eu não quero assim não.

Entendo que as familias não podem estar sugeitas a testemunhar scenas libidinosas.

O subdelegado, em falta de logar mais proprio, deve remettel-o para a correcção ou obrigar os parentes a tel-o em bom recato.

—Estas irmans de charidade não são mulheres que se commovam com os revezes do infortunio, nem se compadeçam com o travo acerbo do soffrimento do proximo. Sua charidade é aquella que pode ser vista por todos, e sellada com o cunho do interesse.

—Aqui pelo menos é assim.

—Encartam-se nos asylos de infancia e nos hospitaes, não para acariciar e pensar a creancinha sem mãe, ou para velar á cabeceira do enfermo, enxugando-lhe as lagrimas com palavras consoladoras e mitigando-lhe as dores com cuidados e desvellos; encartam-se, é verdade, mas com a mira no lucro material, que resulta de taes empregos.

—As irmans de charidade negam-se até a fazer o bem, e eu vou lhe dar a prova.

No dia 5 do corrente, foi para o hospital uma mulher de côr parda de nome Izabel; uma dessas infelizes a quem o turbilhão mundano com seus afagos perdeu, legando-lhe como fructo de seus erros, uma criancinha e a... enfermidade.

As irmans de charidade receberam a doente, porque apresentou guia da autoridade policial, mas repelliram a creancinha!...

—Assim comprehendem ellas o divino preceito da charidade christan!

—Ora me diga, aquella pobre mãe, desamparada, cercada de indigencia, que procurava o hospital pela extrema miseria, onde ia deixar sua filhinha, uma innocente de dous mezes, para poder entrar para o hospital?

—E' cruel!

—E' certo, que o hospital de charidade é para tratar de doentes e não para receber creanças; porem aquella pobre mulher que se apresentava abatida pela enfermidade, com uma filhinha nos braços, devia inspirar alguma commiseração ás filhas de S. Vicente de Paula.

—Mandassem a menina para o Asylo do Campo da Polvora.

—Jesus Christo, chamava a si as creanças e abençoava; as irmans de charidade enxotam as que são desamparadas e se dizem seguidoras dos passos d'Aquelle que foi, que é, a charidade viva de todos os tempos!

—Aquelle sugeito não está fazendo aquillo com boas intenções.

Subir por uma biqueira a um sobrado de tres andares ás duas horas da noite!

Seria bom que fossemos avisar o destacamento no Caes Dourado.

—Para que si elles não lhe prestam attenção.

Fiquemos antes aqui para ver o resultado.

—Como lhe convier.

—O sujeito demorou-se pouco; eil-o que desce por onde subiu.

—O diabo tem agilidade de gato!

—Si eu acreditasse em almas do outro

mundo, dizia que era alguma dellas que anda fazendo penitencia.

—Mas hoje é domingo e não segunda feira.

—E esta! Sigamos nosso caminho.

—Não quer ver o fim?

—Comprehendi ja tudo.

E' João; escravo do Sr. Joaquim Coutinho, das alvarengas. Alli mora a creoula Marcellina por quem o mesmo *bebe azeite*. Sem duvida desconfiando da fidelidade de sua amante, quiz ver se desapercebidamente a filava em *flagrante contrabando*.

—Paixõ s! paixões!

—Com tudo é preciso grande animosidade e nenhum receio da vigilancia policial para arriscar-se a marinhar por uma goteira á tão ingreme altura e invadir uma casa; muito embora o becco dos Tanoeiros no fundo da rua do Julião seja um logar exquisito.

—Os soldados de policia cuja principal tarefa é vigiar os alarmistas, prender os delinquentes, velar pela segurança, ordem e moralidade publica, são os proprios que desastradamente destroem as obras de publica e util necessidade!

—E alguma cousa mais.

—Na noite de terça-feira andaram um sargento e dous soldados, em baderna a quebrar os lampeões da illumição publica pelas ladeiras da Praça, S. Francisco e Caminho Novo.

—Pode ser que precisassem das trevas.

—Muita gente viu e sabe-se os nomes dos destruidores.

—Veja como são entretanto as cousas.

Na quarta-feira, por volta de uma hora da madrugada, havia forte sarceiro na ladeira da Praça entre um portuguez acompanhado por uma *nympha*, e diversos sujeitos, os quaes queriam *a fortiori* despojar o filho de Lysia da posse da *beldade noctivaga*.

Com o alarido, appareceu a patrulha na tal alhada, porém immediatamente desappareceu com a simples intimação de um dos perturbadores do silencio, que lhe ordenou que se retirasse, porque elle era official.

—Então o individno por ser official tem o direito de impunemente incommodar o socego?

—Estou convencido que a patrulha empinou-se por ter *seus receios* e não porque respeitasse ao inculcado official, que nem ao menos estava fardado, pois não faz muitos dias que eu vi a policia levar quasi á rastros um official de voluntarios muito conhecido e que não se achava em desordem.

—No dia 8, o crioulo Bernardino, escravo de uma senhora da familia Paim, sahiu da cidade com fim premeditado, foi á casa da crioula Maria Francisca de Sant'Anna, trancou a pôrta e pespegou-lhe com seis mortaes facadas.

—Que indomito sicario!

—Consummado o atroz attentado, foi para a venda do proprio inspector de quarteirão fazer jactancia do crime, dizendo que tinha gosto de ir para a Correcção, com tanto que a infeliz fosse para o Campo Santo!

Entretanto um monstro deste é preso e o motivo que se da é que foi por desordem!

—Mas não dizem que a senhora do assassino é parenta da authoridade policial?

—E', e até vive em muito *boas relações* com ella.

—Então, adeus, amores.

—O pae da offendida requereu corpo de delicto, porem o subdelegado desde domingo até terça feira, não teve uma hora disponivel para exercer aquelle acto de dever e attribuição de seu cargo, até que perigando a vida da soffredora, veio ella para o hospital, onde se acha.

—Boa terra!

—E até hoje nada de providencias, nem a menor syndicancia, e si o Sr. Dr. chefe de policia não tomar conhecimento, breve estará o assassino campeando, com a mão assentada para novo attentado.

A PEDIDO

—V. Ex. permitte que faça uma pergunta?

—Pode fazel-a.

—Quaes as providencias tomadas pela illustrissima em prol de um dos vereadores, que ousadamente foi maltratado por um seu subalterno, desrespeitando assim aquelle paço?!

—Ora, julgava ser couza nova, quando vem com materias velhas!

—Embora, capitão, esse acontecimento fosse em novembro do anno p. p., de novo devo trazel-o á publicidade, afim de vêr si V. Ex. dá alguma providencia, pois que a impunidade do crime cria criminozos.

—Sei disto, mas, si os vereadores de que então se compunha a illustrissima (a excepção dos honrados e distinctos caracteres os intelligentes Drs. Rocha, Correia Garcia e coronel Magarão) não deram importancia a semelhante arrôjo, sou eu quem devo tomal-o em consideração?

—Mas, capitão aquelles que apatrocinam o *Chico calça branca*, não se lembram do seguinte adagio—hoje por mim amanhan por ti.

—Emfim não me masse; a providencia que

dou é transcrever o brinde que o Sr. presidencia da provincia arrumou pelas ventas da illustrissima, o qual é o seguinte:

« —A' camara municipal d'esta cidade.—Por intermedio da presidencia d'essa camara recebi o officio que resolvera ella enviar-me com data de 12 do corrente, acerca da deploravel occurrencia que se dera entre o vereador Dr. Eloy José Jorge, em commissão das obras municipaes, e o inspector das mesmas obras Francisco Manuel Gonçalves da Cunha, dentro do paço municipal; dizendo a mesma presidencia, que esta remessa se demorara pela difficuldade de obter as assignaturas de dous vereadores presentes, prestando-se á isto somente quatro.

Assevera ella ainda que o facto por sua gravidade estando já no dominio da justiça apenas resolveu fazer a remessa do officio da camara sem todas as assignaturas, para que eu lhe dê com os demais papeis que o acompanharam, o conveniente destino, como solicitara a mesma camara.

No officio referido dizem Vv. Ss. e Mcs. que o inspector fôra immediatamente suspenso, e sua criminalidade sujeita ao exame da justiça publica, evitando por isso a camara prevenir com outro proceder a acção suprema das leis, limitando-se á remetter ao governo da provincia nos proprios originaes o officio do vereador offendido, o acto da suspensão immediata do offensor, e uma exposição d'este em sua justificação.

A parte que dá o vereador offendido é em extremo grave; porquanto narra uma aggressão dentro do paço municipal de um empregado da camara contra um vereador commissionado para o fiscalisar, e todo serviço das obras.

A defeza do empregado é de nutureza attenuante, mas não affirma, nem nega o facto da aggressão.

N'estas circumstancias á que vem os referidos papeis á este governo?

A camara pode administrativamente conhecer do facto, e si fôr verdadeiro obrar no sentido de fazer respeitar a dignidade e independencia de seus membros, e o decoro de seu paço.

Si porem preferiu entregar á justiça o desaggravo de taes predicados, conjunctamente com o da lei pelas offensas physicas que se diz praticadas, então espere pelo resultado do processo, que diz ter sido encetado.

Si entende que deve judicialmente vingar a offensa moral, independentemente das offensas physicas, é ainda competente para dirigir-se ás respectivas autoridades, que lhe prestarão toda consideração.

Portanto este governo lhe reenvia os papeis que acompanharam o seu dito officio de 12 de novembro corrente.»

Sr. Redactor.—Recorro as columnas do seu jornal para explicar a razão da má vontade que me vota o Sr. Rozendo, contra-mestre do vapor *Santa-Cruz* da Companhia Bahiana, ma vontade essa, que deu causa a minha demissão de cosinheiro do mencionado vapor.

Tinha o Sr. contra-mestre por costume incumbir-me do trabalho de refinar assucar em porção de duas e mais arrobas, assucar que ignoro a procedencia de onde o adquiria, pois não me consta que o Sr. contra-mestre seja lavrador, nem negocie, ao menos legalmente, em tal genero.

A principio sujeitei me por mera contemplação ao Sr. contra-mestre, a esse trabalho, inteiramente fóra de minhas obrigações, mas depois vendo que se tornavam excessivamente onerosos e sobrecarregavam os meus afazeres, privando-me muitas vezes de cumprir exactamente as obrigações á meu cargo, isto mesmo lhe observei e por fim recusei-me inteiramente a continuar a refinar o assucar do Sr. contra-mestre.

D'ahi datou toda animadversão. Calculadamente calou-se, fingindo não dar mostra de resentimento, deixando passar algum tempo, para pôr em pratica sua pequenina vingança. E de facto assim fez, intrigando-me occultamente até que conseguiu que eu fosse despedido, sem que minha consciencia me accuse que desse para isso causa.

Felizmente não foi por factos que me desabonem, o que talvez outros não possam dizer, quando tenham a mesma sorte que eu tive.

Seria bom que o Sr. contra-mestre declarasse por que preço costuma comprar o assucar que manda refinar, assim como quanto lhe custa a posse de outros generos. Bahia 12 de Abril de 1871.—*Epiphanio Ezequiel de Souza Maia.*

—Cr.·. Ir.·., o que lucra V. em arranjar armações para o homem da *costa*, arredando dos outros os meios de ganhar o pão?

Será porque elle é *pedreiro livre*, ou é por ser da *ordem do Santo Seraphico?*

Quanto a primeira circumstancia, tambem os outros são *pedreiros*, e quanto a segunda o *Santo Seraphico* pedia e dava, não queria somente para si.

Não obstante ser V. um homem atacado de *mal tez*, todavia esta que envio-lhe tem por fim pedir lhe, meu fabricante do *bolas xans*, que deixe os outros viver, e isto é se não quizer levar caxações do muxingueiro do *Alabama*.

No mais disponha do seu Cr.·. Ir.·.

****

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 78.ª QUARTA-FEIRA 19 DE ABRIL. N. 778—779

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 18 de abril de 1871.

Não houve expediente.

—No domingo de paschoa foram raptadas duas raparigas irmans.

—Estariam combinadas?

—A novidade do caso não é essa; é ter sido o mesmo individuo o raptor de ambas.

—Bello communismo!

—Sahiram de casa, ao Caes Dourado, de madrugada para a missa, em companhia de uma velha; da egreja tomaram novo rumo.

—Novos ares, novos climas, foram longe respirar.

—Um tal *João Escaldado* foi o author de tão boa obra.

Não podendo, porem, elle só dar conta do recado, fez presente de uma dellas ao seu amigo o *José Quitandeiro*.

—Ao menos não é dos taes, que nem comem nem deixam os mais comer.

—Consta que a policia sabendo deste facto contentou-se com a declaração verbal de um dos taes, que queria casar-se.

—Inaugurou-se no domingo, no paço da camara municipal, segundo estava annunciado, a *Associação Typographica Bahiana*.

O acto esteve solemne e foi muito concorrido.

—Até que em fim deitaram os typographos, livreiros e lythographos a primeira pedra no grande edificio que tentam erigir—*a mutua caridade!*

—Em todos os animaes da creação desde o cão até a mulher, o coração de uma mãe é sempre uma cousa sublime!

—Nem sempre! Pode se apontar com o dedo mulheres que se esquecem que o coração de uma mãe deve ser um foco de amor, acceso por um raio divino.

Hoje mesmo tive um exemplo.

—Por que forma?

—Amanheceu na porta do Sr. Sepulveda, ao Cruzeiro de S. Francisco, dentro de um caixão de sabão, um lindo menino, de côr parda, nascido de um dia; abandonado sem ao menos lhe cortarem o cordão umbellical; enfaixado em uma camisa de grosso algodão, das que usam os pretos ganhadores.

—E que destino deram?

—Remettido ao subdelegado da Sé, teve o destino conveniente.

—Disturbios no circo.

—Ah, é verdade; no sabbado houve conflicto bem serio.

—Dous ferimentos graves.

—Um mortal. Um soldado de policia deu uma estocada em um individuo, que me disseram ser escravo, o qual, consta, está á morte e por poucas decepa a mão de um outro, crioulo, de nome Miguel, empalhador, que trabalha na rua do Collegio.

—Gente indiscreta! si não ha ordem para espiar pelas frestas, para que teimam.

—Mas elles questionam bem, allegando que os soldados que devem cumprir as ordens, são os primeiros a infringil-as.

—Hontem terça feira houve reproducção de desordens entre praças do 14º. e o pessoal da companhia. Deu causa o haver um soldado trepado por uma escada para espiar os ensaios.

A cousa não foi de brinquedo; os filhos de Marte de espada núa queriam a todo transe decepar as cabeças dos miseros acrobatas.

—A fera por mais bravia e indomavel, não renegara seus filhos; só a mulher é capaz de tão feia maldade.

—Mas somente a mulher a quem falta a educação que morigera o genio, que aprimora os costumes, que realça a belleza, que illustra o espirito.

—Estou por isso.

—Agora diga o que veio dizer.

—Isto apenas:

Maria Francisca de Jesus, mulher de côr parda alvacenta, habita no Morro de S. Paulo, com seu amazio o crioulo invalido Eduardo Antonio dos Anjos. Vieram á esta cidade a companhando sua filha Eugenia de 5 annos, que um monstro, o soldado Jeremias, estuprara!

—Misericordia!

—Arranchou-se no becco do Arcebispo em casa de uma conhecida. Desavindo-se com o seu amasio, sahiu Maria Francisca, na noite de segunda feira, com duas filhinhas, uma de peito, e outra a infeliz Eugenia, e atirou-as fora na Estrada Nova!!!

—Oh, que mãe desnaturada!

—As meninas foram encontradas pela dona da casa que, com outras companheiras sahira em procura em companhia do pae das mesmas.

Grassando a noticia, e havendo quem apontasse Maria Francisca, foi ella acommettida pela turba com vaias e pedradas, engrossando o ajuntamento por tal sorte que quando chegou em casa era acompanhada por mais de 600 pessoas. As moradoras amedrontadas não quizeram abrir a porta, ficando a desgraçada exposta á perseguição do ajuntamento, arremessando ella por sua parte uma garrafa que trazia e lançando mão de um cacete para deffender-se.

Para protegel-a, foi preciso leval-a para o destacamento da secretaria da policia escoltada por alguns policiaes.

—O que soffreu foi a justa expiação do mal que ia commetter; o dedo da Providencia revelando-se indirectamente.

—Si quando passeu no Terreiro os soldadados que ahi ha, tivessem dissolvido o ajuntamento, as cousas não chegariam a tanto.

—Não falle nisso.

—A Sra. Maria Francisca é uma mulher resoluta, e tem rasgos de dedicação; acompanhou o seu *homem* em toda campanha do Paraguay, desde que d'aqui marchou no batalhão de Cachoeira.

Foi no campo que nasceu a infeliz Eugenia, victima da brutal perversidade do malvado Jeremias.

Este incidente deu-me occasião de ver esta mal fadada menina.

Horrorisa, capitão.....

Imagine V. Ex. uma innocente creança de 5 annos que ainda não falla correntemente e ja victima da detestavel concupiscencia de um monstro execravel. Uma candida creatura que mal deixou as faixas infantis e foi cahir nas garras de um abutre, que lhe estrangulou a pureza virginal!

—Oh, não ha punição possivel para um scelerado desta ordem.

—No domingo á noite um grupo de desordeiros em numero superior a vinte, na maior parte portuguezes, capitaneados por um tal *Ze Russo,* forçaram as portas de um hotel ao Caes Dourado, estragaram os moveis, e espancaram horrivelmente a um inglez que alli estava, fim principal que os levou a tal logar.

—Prova de respeito á lei e ás authoridades.

—A policia compareceu; porém em logar de prender os turbulentos, prendeu o dono do hotel e o estrangeiro que se achava offendido, o que deu motivo os prejudicados dizer que os aggressores estavam de *lingoa passada* com a policia.

—Dizem que a horrenda trovoada de domingo causou desmantelamentos?

—Eu soube de um raio que entrou pela torre do convento do Carmo e fez estragos.

—Um furacão levou o telheiro em S. Francisco de Paulo.

—Os devotos de S. Benedicto passaram por uma decepção; o fogo de planta que haviam preparado para remate da festividade virou em lama.

—Meu charo, o homem põe e Deus dispõe.

—Que gente sinistra é esta do olho vivo! Não se atemorisa de nada!

Ora quem ha de suppor que com a tenebrosa noite de domingo, elles tivessem capacidade de sahir para suas correrias.

—Pois si é quando elles mais gostam.

—Sim Sr.! A tempestade bramindo furiosamente; o rutilar dos relampagos e o ribombar dos trovões assombrando a natureza e elles criminosamente arrombando a loja de fazendas do Sr. Manuel José de Cerqueira, ao Taboão, *n.*° 13.

—Está visto que armaram-se.

—Com 30$ rs. em prata, algum cobre e fazenda pouca.

—Assim mesmo foram de *consciencia.*

—Capitão, fui á missa de paschoa no convento de S. Francisco.

—Sei de seus sentimentos religiosos.

—Mas eu que tinha ido crente e fervoroso adorar o Cordeiro Immaculado, por cuja resurreição esperaram os patriarchas e prophetas para libertarem-se da culpa do primeiro homem, voltei do templo com o espirito vacillante, o coração saturado de duvidas e descrença.

—Mas o que tanto abalou a sua fé?

—Por ver que as paixões offuscando a razão produzem o esquecimento dos dictames da religião, da moral e do decoro, até nos proprios ministros dessa sublime religião dos mysterios. Que o padre por ser padre, não sabe, nem é capaz de reprimir-se dos accessos colericos, mesmo dentro do sanctuario na hora em que sua voz so deve psalmodiar hymnos sagrados.

—V está interminavel. Si houve qualquer cousa, conte-me.

—Eu estava na egreja, quando entrou um homem de cor preta, trajado com decencia, o qual se encaminhou para além. das grades. Um religioso dirigiu-se a elle e prohibiu-lhe que ultrapassasse. Ignoro as razões que haviam para semelhante prohibição dentro da casa de Deus; o que lhe assevero é que fui testemunha de um grande escandalo.

Depois de curta troca de palavras em que o homem queria saber porque lhe era vedado a entrada, havendo outras pessoas no logar, e o religioso oppunha-se, dizendo-lhe que não podia entrar; o ministro de Deus enfurecido lançou-se como um *coqueiro* sobre o seu interlocutor, agarrou-lhe na graganta e travou-se a mais indecente scena de pugilato.

—Dentro da egreja! Como é isto deploravel!

—Finda a lucta, a voz do pacifico religioso resoou com estas palavras:

« Desculpem, que o padre tambem tem raiva.»

—Como é edificante este proceder!

E são os ministros da egreja que dão estes exemplos!

—Os successores dos discipulos, cujo Divino Mestre lhes ordenou que pregassem doutrinas de paz, de amor e de charidade, estabelecendo os fundamentos de uma moral sublime que reprime as violencias, as exacções e os abusos e que eguala os homens em presença de Deus e da lei.

—Na sexta-feira, em Itapagipe, um marcineiro e um outro sujeito, que me disseram ser estrangeiro, travaram-se de razões, occasionando áquelle arremessar um martello sobre a cabeça deste, fazendo-lhe uma formidavel brecha, resultando irem ambos prezos.

—E o que motivou essa questão, sabe?

—Dizem que o estrangeiro encommendou ao marcineiro uma mobilia para se casar, e indo vel-a, este disse lhe que elle ainda lhe devia.

O estrangeiro observou-lhe que era elle quem ainda restava uma fracção, em vista do dinheiro que lhe havia tomado adiantado, e neste deve, não deve, foram a vias de factos.

—No sabbado, por um triz não tivemos a lamentar grande desgraça, em um excellente pae de familia.

—O que ia succedendo?

—O vapor da companhia de Vehiculos, na viagem de 8 horas e 50 minutos, de Itapagipe para o Bomfim, quasi esmaga o brigadeiro Carvalhal.

O vapor chegou a roçar-lhe pelas pernas e o chapeu de sol que trazia na mão, ficou espedaçado debaixo das rodas.

O brigadeiro Carvalhal tomou um terrivel tombo, e seria esmagado debaixo das rodas, si não fosse a dextreza com que o maquinista o empurrou, porque com o choque que levou, vinha mesmo preciptar-se sobre o vapor.

—Foi a Providencia Divina que o salvou!

—E triste de nós se não fosse Ella!

—Um Sr. F. P. S. com a maior cara dura publicou com sua assignatura no *Jornal das Alagoas* um soneto sobre a Paixão de Jesus Christo, obra de um respeitavel sacerdote.

—E' que a companhia do olho-vivo está germinando por toda parte e em todos os assumptos.

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

VIII.

Chegamos ao fim da nossa peregrinação, occupando-nos hoje do ultimo facto de que tracta o Sr. Loureiro no seu opusculo, querendo forçosa e irresistivelmente que os exercitos alliados deram morte desairoza ao ex dictador Solano Lopez.

Sentimos em verdade indignação sem igual em tocarmos bem que de leve em tão asqueroso ponto, mas a verdade insta por apparecer, e portanto convem elucidal-o.

Em ligeira analyse o faremos.

O bravo visconde de Pelotas, incumbido pelo general em chefe do nosso exercito de commandar a vanguarda das forças brasileiros, marcha pela villa da Conceição em encalce ao inimigo, que pelas ultimas noticias, soubera-se, ter-se retirado para aquelles logares com algumas provisões.

Encaminha-se para ahi o general Camara, e depois de quasi trez mezes de delonga na mesma villa em consequencia da falta de viveres, que existia, concebe o plano, e d'elle obtem o glorioso desfecho, que para todo o sempre o honrará.

E em verdade esse desenlace, ha muito, de-

via esperar-se, e si resistencia d'aquelle despota não fosse tão firme, quam tenaz; mas esta tenacidade, essa firmeza nada tinham de sublime, nada revelavam de grandioso e muito menos de heroico: só tinham em mira o sacrificio de uma nação pela desregrada vontade de um só homem, á que a propria nação vilmente se submettia.

Dictador de uma pequena republica, despota infrene das mais desloucadas paixões, commette n'esse sólo tudo que ha de libertino e perverso, e para cumulo de tamanha perversidade planeja destruir o povo, que immerecidamente o tinha elevado.

Fel-o e cumpriu, arrastando o Brazil e mais duas potencias amigas para uma guerra, em que de ambos os lados houve perda de vidas e de dinheiro.

Sim: Lopez não foi um heroe; ninguem poderá contestal-o.

Como Catão, matou o seu povo para dilacerar-se a si proprio.

Certo Lopez, como é sabido e por demais notorio, nunca avançara na frente dos seus soldados, como victimas expiatorias dos seus crimes os sacrificava, e elles pobres de espirito, mergulhados no mais completo embrutecimento morriam com denodo nos aridos campos de tão cruenta peleja; elles é que foram talvez os verdadeiros heroes, são já hoje da historia, é preciso justiça.

Submettidos ao maior dos servilismos dos seculos modernos, como escravos vivendo vergados sob o duro latego de um senhor desapiedado, elles é que resistiram com galardam e valor, mas sem liberdade e sem consciencia.

Com tudo isso as armas lhes foram adversas. e assim triumphamos: a nossa cauza era da justiça, e esta não se deixa subjugar pelo *esplendor* da tyrannia.

Do gigantesco plano do nosso general resulta o cerco do inimigo, assim sitiado vê-se na sempre triste difficuldade de entregar-se ou resistir.

Resistencia ou entrega — eis o que restava á toda guarnição, guarda e amparo do dictador.

A' voz de intimação succedeu-se do lado inimigo uma forte descarga, signal positivo de começo de lucta.

O nosso general reitera a entrega, mas o adversario repelle-a a todo transe, por julgar Lopez poder ainda escapar.

As avenidas porem estão totalmente tomadas, e não podendo refugiar se, reveste-se de alguma coragem ou antes fica hallucinado, (porque n'aquelle peito nenhum sentimento generoso podia mais aninhar-se) e n'essa lucta suprema entre a victoria ou a derrota, cahe Lopes ferido por uma lança brasileira.

E haverá n'essa passagem algum desar, quer de um, quer de outro lado?

Não, e si essa não fosse a sua morte d'elle, por certo a sua memoria seria mais escarnecida e vilependiada; porque fugir n'aquelle momento era a covardia em excesso, a prostituição d'aquell'alma.

O nosso general pretendia poupar-lhe a vida, mas a circunstancia o não quiz, e em combate leal morre Lopes.

Refutados, pois, todos os topicos do nojento libreto do *digno* redactor do *Salamalek*, terminamos a nossa tarefa, convencido de que a opinião publica nos fará a devida justiça.

Um dos representantes da imprensa de uma nação amiga descurou-se do seu papel, e abraçando a calumnia, como a mais poderosa alavanca do seu espirito, despresou a dignidade de homem pela falsidade da injuria.

Não importa: hoje que a tudo temos respondido; e tendo em uma das mãos a verdade historica, e na outra os factos chegamos a desmascarar ao impostor sem caracter, ao jornalista venal, sentimo-nos orgulhoso, porque restabelecemos a verdade até então adulterada.

E' só o que nos resta de ter bem merecido.

Mario.

A PEDIDO

—Adeus, *Carlos;* ainda estás de *caixeiro?*

—Vago agora pelos *trilhos*; abandonei as estradas.

—Isto nos logares campestres e nos *urbanos?*

—Não me masse.

—Homem, dize-me, que diabo de aranzel é um que me conta o *Ubaldo* a teu respeito?

—Em que assumpto?

—Diz elle que o *Silva* vive a debandar-te sobre o calo que pregaste de 6$540 rs. em um caixeiro de venda.

—Pois é isso? Não mandei que me fiasse. Entrei na venda e fui até o *corredor;* tive a *victoria* delle crer em minhas labias, e nada mais.

—Rapaz, vae pagar ao homem.

—Como vae aquelle *juiz* lhe olhando tanto!

—Descançou até o cotovelo sobre o braço da cadeira em que vae para lhe olhar!....

—Olhe que tolo!

Pensa elle que a sua olhadella amedronta-me, engana-se....

Si eu estivesse em *Vianna,* afiançolhe por *S. Vicente,* dava-lhe agora com as armas de *S. Francisco.*

Pergunta-se ao Sr. subdelegado de Brotas a razão porque no dia 5 do corrente deixou irem santa paz a um individuo que de pistola engatilhada esperava por outro para desfechal-a, achando-se S. S. presente ao acto; contentando-se apenas com tomar a pistola?

—Capitão, eu *vi-tal Minerva* descompondo sem piedade os homens de côr.

—E' que fizeram os irmãos da *Cruz* a este *gallego* para tanto os infamar?....

—Nada, dizia elle, somente lhes tenho odio gratuito, por serem n'esta terra *muzicos*, em mór parte bons artistas.

.....

—Justificamos o motivo porque no concerto—*barato*—não ouve orchestra.

.....

—Ora esta!... o ser homem de côr já nobilita o individuo, não é assim?....

—Certamente... continuou o *gallego*, qual a razão das familias *distintas* (de que são chefes *gallegos* estupidos, *marotos* que habitam em *Latronopolis*) não frequentarem o theatro lyrico, não sabe?....

—Responda meu branco....

—E' serem os córos cantados por gente ordinaria, não viram como agradou o concerto —*barato*—

—Cá...cá... cá...Que gallego! é assim que queres *alliança* com os naturaes do paiz?

.....não vês que elles procuram o pão honestamente, e na terra que os viu nascer, e que seus paes baldos de recursos, como na generalidade o são, ainda assim não os atiram para longe da patria a *trochomoche*...Responde meu tocador de *trompa*....

Outro instrumento mais apropriado aos do teu officio é que devias tocar...

Sabes qual é?....trombone de *frade*.—Certamente na *Galliza* não aprendestes couza melhor, mas como estás em *Latronopolis*, já queres de *fita* e *thesoura* ensaiar córos de companhia lyrica. Pois bem: senhores *muzicos* vão a philarmonica, de que é *maestro* o *levehymno*, cumprimentar o alfaiate serrilha.

Puf... Puf... Puf...

O que está na ordem do dia.

A questão capa-homem.

A herança dos 10:000$ rs que teve a Henriqueta Bellos-Olhos.

O encarte do Cyrillo na instrucção.

O achado do Neiva para supplente da subdelegacia da Sé.

—Capitão, anda uma *alma secca* pelas ruas, intrigando os viventes.

A pouco essa *alma* tramou um diabolico enredo com um pobre caixeiro.

Porém a tal *alma* que não se engane commigo, pois eu não sou o caxeiro que ella enredou. Decididamente mando-a que va arrebentar nas orelhas gordas.

—Que alma será essa?

—E' a alma do defunto *Olivio*.

—E' preciso esconjural-a para não andar fazendo visagens a todo mundo.

—Eu peço que V. Ex. mande o seu muxingueiro exoresal-a com o hysope da sua taca.

—Sim, Sr. está servido.

—Meu bravo, official de honor, o negocio é com V.

Perfile-se.

—Estou em forma, capitão.

—Ha dias esteve V. em guarnição em certa *casa* onde não ha *correcção*, para os delinquentes?

—No dia 15.

—E la commetteu desatinos que so um louco ou um ebrio pode praticar.

—Desatinos, eu! Pois si sou uma perola, uma *flor em tino*, como commettêr desatinos!

—Presumpção sua, Sr. *official*, não pode ser *flor em tino*. o homem que pratica os desvarios que V. fez.

—Quaes foram elles?

—Eu lhe digo.

Indo uma senhora, não sei até si sua irman, ver o marido, o Sr. pretendeu varal-a com o seu chanfarro, o que não pode negar, porque foi testemunhado.

—Que mais?

—Depois, em logar de retirar-se a seu posto, foi para o aposento do marido da filha de seu pae, que se acha ahi cumprindo uma penitencia que lhe impoz certo padre confessor da religião judiciaria, e ahi passou a noite em continuadas libações, fazendo amotinadora algazarra, que não deixou os moradores de aposentos visinhos pregar olhos até as seis da manhan; estando todo este tempo o seu posto abandonado.

—Isso foi gente de lá que lhe contou?

—Escute sem fazer observação.

Demanhan, metteu Vm. a sua durindana em um inoffensivo homem.

Isto é de quem está em seu perfeito juizo?

—Cousas, capitão.

—Ainda mais:

Appareceram quatro homens, subditos *imperiaes*, homens dados á rude vida *naval*. Um dirigiu-se a Vm., cortejou-lhe e pediu-lhe para fallar (o que era desnecessario) a um collega que alli fôra parar. Estomagou se Vm. porque todas quatro não lhe renderam a mes-

ma homenagem; chamou-os de negros, filhos da p... etc., como um delles lhe observasse o seu desarrasoamento, Vm. possesso, puchou pelo seu facão, espancou a todos, fazendo até n'um delles um profundo ferimento sobre o peito.

—Na verdade eu não sei si estava hallucinado.

—Não podia deixar de estar á vista do papel ridiculo que fez bradando que era um—Sr. official—e outras quixotadas.

Mas vamos:

Com espaço de meia hora chegou uma rapariga, livre, famula do nosso amavel camarada que esteve agora em *França* pela *guerra*.

Vm. obstou-lhe o transito á principio e depois deixando-a passar, espancou-a formidavelmente á pretexto de que a mesma lhe tinha esbarrado com uma bandeja que levava á cabeça, lancando pela bocca fóra nomes indecentes e injuriosos, proprios mais de um alvanel do que de um homem admittido em uma corporação briosa e respeitavel, conspurcando assim a commissão que desempenhava.

Ora é preciso estar ebio ou louco para levar o desvario a tão aquilatado grau.

—Capitão, nunca julguei que tal cousa transpirasse; ja agora confesso que tomei *alguma cousa por conta*; mas por bondade, que isto não passe daqui.

—E' o que não lhe posso fazer; impreterivelmente hei de dar sciencia a quem for seu superior.

ANNA....

(*Ao autor da Palinodia*)

Trovador que maldisseste
Deste nome encantador,
Sabe que Anna é o mais bello
Nome de crença e amor.

Anna revela ledice,
Innocencia traduz—Anna,
Anna—prodigio de encantos...
De Anna tudo bom dimana.

Quem diz Anna diz cordura,
Pudicicia, lealdade.....
Anna é firme nos amores,
Como terna na amisade.

Quando amor declara a Anna
Doudejante colibrí,
Anna, cauta, então repelle
O mendaz amor de si.

Anna é louçan como a rosa,
Sem os espinhos da flor,
Anna, pura como o arminho,
Não chafurda em todo amor.

Anna é Lucrecia nos brios,
Na sapiencia Cornelia;
Tem a firmeza de Laura,
Como a prudencia de Adelia (1)

E' Joanna (2) no heroismo,
No alto engenho Diana (3),
Nos encantos Fornarina,
Na castidade Suzanna.

Anna toda em si resume
De virtudes um thesouro:
Peito de bondades cheio,
Alma *que não verga ao ouro.*

Que lustre, que honra encerra
Este caro nome de Anna!...
Honra—que perdura intensa,
Lustre—que jamais se empana.

Trovador que mal disseste
Deste nome encantador,
Um vil despeito cegou-te:
Cobre o rosto, trovador.

A paixão manchou-te os labios,
E encheu-te o peito de fel...
Nas damas todas cevaste
Teu odio immenso e cruel.

Quem instinctos tão felinos
No seio poude albergar,
Ah! não podia, por certo,
De Anna fazer-se amar!

Anna!... composto de graças!
Anna!... divino primor!
Anna!... o só nome de—Anna
E' de constancia um penhor.

Quando Deus baixa do empyrio
A' terra um portento seu,
Dá-lhe este nome querido,
Que traduz Anjo do ceu!

30 de março de 1871.

J. O. P.

Bella vista.

—Iôiô V. me traz uma cousa amanhan?

—Só se for uma m....

—P'ra V. filho da p...

—Então que é isto Sr. Maiado? não vê que lhe ouvem?

—Que quer Sr. *Iis* ! são graças de Mariquinhas e...

—Não me admiro d'ella e sim de V. que é um homem casado e é preciso ter mais respeito.

—Forte miseria... quem falla! quem tem filho como eu e é chefe da minha replublica!

---

(1) As duas primeiras são heroinas romanas; as duas ultimas são contemporaneas, que ostentam todas as virtudes no lar domestico.

(2) Joanna d'Arc.

(3) Diana de Castro e Montmorency.

VARIEDADES.

O caçador e a tapuya.

« Tapuya, linda tapuya,
« Que fazes no cacáoal! »
—Por aqui é meu caminho
Para ir ao cafezal.—

« Nem por aqui faz caminho,
« Nem ha café que apanhar;
« Tapuya, linda tapuya,
« Que vinhas aqui buscar?

—Eu ia apanhar goiaba
Para dar á meu irmão—
« Fica á beira do rio,
« Não é nesta direcção.»

—Ando em busca de baunilha
Que minha mãi me pediu—
« Menina nos cacáoeiros
« Nunca baunilha subiu.»

—Pois então...eu vou ao lago
D'onde meu pai ha de vir—
« Ao lago por estes sitios!
« Porque estás a mentir? »

—Si o branco tanto pergunta,
Que já não sei responder...
« Si tu dizer-me não queres
« O que vens aqui fazer.»

» Todos os dias te vejo,
« No meu cacáoal andar;
« Sempre seguindo meus passos
« Meus olhos sempre a fitar.

« Pergunto-te o que queres,
« E tu olhas para mim,
« Ou para longe ti afastas,
« Sorrindo-te sempre assim!

« Vens assustar-me as cotias,
« Pois nenhuma ainda avistei;
« Mas si tornas a seguir-me,
« A' teu pai me queixarei.»

—Adeus branco, vou-me embora,
Para não tornar a vir;
Si o branco não achou caça,
Não fui eu que a fiz fugir.

Não assusta minha edade;
Que sou bella o branco diz;
Mas o que meus olhos mostram
O meu branco vêr não quiz.

Eu sósinha atráz do branco
Pelo cacáoal andei,
E o branco vêm queixar-se
De que a caça lhe assustei!

Era a caça quem caçava
Ao cégo do caçador!...
Quem vê tão pouco não caça,
Quem caça...adeus meu amor.—

« Anda cá, linda tapuya,
« Não vás assim a fugir,
« Tuas palavras tão doces
« Volve, volve a repetir.»

—Para traz não volve a caça,
Meu branco, aprenda a caçar;
Quem deseja caça fina
Deve-a saber farejar.—

Disse a tapuya, e na selva
Para sempre se occultou;
Mas o caçador das duzias
Parvo da caça ficou.

Encarecia um boticario preclaro a excellencia dos seus medicamentos e concluiu:

—Aqui é que ha verdadeiramente de tudo como na botica, raizes, substancias alimenticias, venenosas, espiritos... Oh! sobretudo espiritos!.....

—Ora alguma cousa haverá que você não tenha, observou-lhe um dos circunstantes.

—Nego, nego.

—Não negue.

—Ora vejamos.

—Pois traga-me você espirito de contradicção.

O boticario surprehendido meditou um pouco, sahiu e minutos depois voltou trazendo a mulher pelo braço.

—Si não pede mais que isso, está você servido.

E apresentou lhe a carissima metade.

Ficou viuva uma senhora, e uma sua amiga, indo-lhe dar os pezames, lhe disse:—Minha cara amiga, não imaginas a parte que tomo na tua dôr. Na verdade, a perda de um marido como o teu...—Sim, tens razão, respondeu a viuva, era muito bom, muito bom; e demais estas desgraças são sempre muito sensiveis, principalmente quando se avaliam as qualidades do homem que morreu, e não se sabe como serão as do que o hade substituir.

Estava um sujeito de visita em casa de uma dama viuva, velha e feia. Na sala havia um retrato de uma formosa rapariga. O visitador mirando-o exclamou:—Encantadora beldade! Formosura celestial!—E' o retrato de minha filha, volve a viuva.—Peço perdão, minha senhora, si lhe aviveí sem o saber a lembrança de certo saudosa, de uma creatura que creio já não existe.—Não ha de que. Mal cheguei

a conhecel-a. Minha filha nasceu morta.—Mas como está aqui o seu retrato?—Julguei por mim o que ella poderia ser, e mandei retratal-a assim.

Marco Antonino, triumviro e general romano, querendo dobrar os impostos na Asia, esta provincia lhe enviou deputados, que lhe disseram—Senhor, se vós dobraes os impostos, duplicai tambem nossas colheitas.

Luiz XIV, que possuia todas as qualidades de um grande rei, não se tinha evitado da maledicencia, sempre funesta na boca de um principe, porém desarmava-a sempre que ella ousava apparecer diante delle.—Um casquilho querendo um dia lançar o ridiculo sobre a incapacidade de um mancebo, disse a este principe, que se podia fazer um grosso volume d'aquillo que este senhor ignorava.. O rei tornando-se severo, respondeu ao motejador: —E far-se-hia um bem pequeno d'aquillo que vós sabeis.

Acontece que algumas vezes os mesmos gracejadores são chasqueados. Ouvia Luiz XIV, com impaciencia á porta de uma pequena cidade uma arenga enfadonha. Deu por isso um dos cortezões e interrompeu assim o orador: —Senhor, de que preço são os asnos em vosso paiz? O orador parou, e depois de haver medido o homem da côrte de cima a baixo: —Quando são, lhe respondeu elle, do grosso pello e estampa, só valem dez escudos; e reatou o fio do seu discurso.

Emma era uma linda menina de 7 annos, e que por costume familiar era chamada por Eminha.

Um dia, chegando uma senhora a visitar a familia, e emquanto esta se demorava a ir á sala receber a visita, um menino, irmão de Emma apresentou-se na sala, e depois de ser acariciado pela dita senhora esta lhe perguntou.

—Como está maninha?

—Quem? minha mana..... Éminha.

—Eu sei que ella é *sua mana,* respondeu a senhora, não comprehendendo o tal diminutivo.

ANNUNCIOS.

João Luiz das Virgens e Friandes continuam a encarregar-se de obras de pedreiro e carapina, suas officinas. Podem ser procurados em seu escriptorio á ladeira do Taboão, loja n. 70—D.

Vende-se a pastelaria Dous de Julho atraz da Sé nº. 52.

ATTENÇÃO.

RUA DIREITA

23 **DA MISERICORDIA.** 23

O proprietario da casa de pasto á rua da Misericordia n.23. convida aos Srs. academicos, donos de armazem e vendas, e mais pessoas que quizerem contractar o fornecimento de almoço ou jantar, a irem ao mencionado estabellecimento, onde serão servidos á contento pelo menor preço possivel. Especialmente aos que forem empregados no forum, e que por acaso morarem longe, encontrarão sôpa das 10 horas as 2 da tarde, e outras quaesquer iguarias. No estabelecimento recentemente aberto defronte do dito forum acharão com quem tratar.

Pelo aceio, promptidão no serviço e modicidade nos preços espera o proprietario a concurrencia do respeitavel publico.

Na venda defronte do Pelourinho n. 4, compram-se constantemente jornaes para embrulho.

Fabrica de cerveja nacional

DE

Collatino Marques de Souza.

Para maior commodidade do publico acha-se aberto no largo do Caes Dourado, n.º 113, um grande deposito da muito acreditada cerveja bahiana, onde poderão ser levadas todas as encommendas, que serão com toda promptidão, e á vontade do freguez aviadas, sendo os preços os mesmos pela fabrica annunciados, e agora ratificados: garrafas 320 rs.. meias 180; dando o freguez na occasião da entrega garrafas vasias, em troca das que receber cheias, pagará na razão de garrafas 240, meias 140 rs.

Antero Maximiano dos Santos Marques mudou a sua residencia da rua de Baixo de S. Bento para a travessa do Castanhêda nº, 6 em frente ao Sr. Boucher, tintureiro; onde pode ser procurado para os misteres de sua profissão e promette desempenho e commodo nos preços.

Adverte-se aos devedores da pastelaria á rua do Aljube que vão quanto antes solver seus debitos, sob pena de ser-lhes publicados os nomes sem excepção.

Quem precisar de uma ama para engommar ou cosinhar, dirija-se ao Cruzeiro de S. Francisco n.º 9.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7ª. SABBADO 22 DE ABRIL. N. 780

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 21 de abril de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.º districto, chamando sua attenção para uma quadrilha estabelecida em S. Francisco de Paula.

Além dos innumeros criminosos factos com que todos os dias illaqueam a boa fé dos incautos, assaltando-lhes as bolsas, praticaram ultimamente este:

Conseguiram illudir uma africana e lhe roubaram dous pannos da Costa de seda de custo; impondo-lhes depois que si os quizesse resgatar, fosse buscar 40$ réis. A africana foi queixar-se ao subdelegado do districto, o qual não se achando em casa, a senhora deste mandou pelo ordenança que fosse a morada dos larapios com a referida preta e elles talvez atemorisados entregaram os pannos.

Igual sorte não coube a um inexperiente passageiro do trem de ferro, que levado alli no sabbado, pelo perigoso africano conhecido pelo nome de *Vapor*, foi despojado de 500$ réis. Nesse mesmo dia foram á Soledade e em jogo fraudulento ganharam entre outros 400$ réis de um official da guarda nacional, que por deferencia ao mesmo se omitte o nome.

Sendo por demais os factos de depredação e latrocinio commettidos por essa horda de gatunos, é ja tempo de impor-lhes um paradeiro á desmedida audacia com que dolosamente se apoderam do alheio. Sobre todos recommenda-se a severa attenção de S. S. o preto *Vapor*, o qual na estação da estrada de ferro se faz passar por ganhador, e incumbindo-se da conducção de carregos, tem sempre um pretexto para parar, quando chega á porta do bando de rapinas e fazer com que o inexperiente caia no laço que lhe está armado.

Portaria ao Sr. professor da aula publica da Sé, recommendando-lhe um pouco de vigilancia e cuidado sobre seus alumnos, os quaes quando sahem d'aula, praticam na propria rua em que existe a eschola, scenas improprias de suas edades, dando logar a queixas por parte da visinhança; cumpre pois que S. m. na qualidade de mestre, comprehendendo de que educar é formar os povos; mas educar bem; que educar mal é plantar a gangrena, é matar; exerça sobre os mesmos uma solicita vigilancia, afim de evitar a reproducção de factos como o do dia 28 do p. p. em que um menino ia matando a outro. Cumpra.

—O modo clamoroso por que nos açougues se rouba a população, tem dado logar a conflictos e pode ainda vir a ser causa de deploraveis consequencias.

Os cortadores roubam exorbitante e descaradamente no peso; quem reclama é insultado, ameaçado, injuriado!

—Terça-feira, na Baixa dos Sapateiros, houve desaguisado, cujo desfecho ia se tornando fatal.

Um individuo tendo comprado no talho do africano Fiel duas libras de carne, pesou-a e achou falta de quarta e meia; isto levou as demais pessoas que na occasião compraram carne no referido talho a irem pesal-a tambem, e todos acharam falta, na razão de uma quarta por cada libra.

—Os vendelhões do logar negam-se, quando se lhes pede para pesar a carne em suas balanças, para não se indisporem com os cortadores.

—A carne foi geralmente regeitada. Havendo recusa da parte do cortador em recebel-a, travou se questão que tornou-se bem azeda.

Apezar do exaltamento nas palavras, e do crescido ajuntamento que para logo formou-se, não appareceu o fiscal para tomar conhecimento!

—Qual fiscal! Elles teem inteira cumplicidade no roubo que se pratica nos açougues. São protectores decididos dos cortadores.

—Na quarta-feira deu-se caso egual entre um cortador e um guarda de policia, o qual

tendo comprado tres libras de carne achou de menos tres quartas, dando-se neste circumstancias mais graves, porque todos os cortadores sahiram para a rua em favor do companheiro.

O policial bradou pelo fiscal, sahiu em sua procura, mas o bom do agente municipal andava não sei por onde.

—E soffra o povo todos esses vexames, todas essas uzurpações porque não ha quem cure de seus interesses!

—Brigam os touros e as rans é que ficam machucadas.

—Deixe-se de capadocismo.

—Na ladeira do Taboão, principiou-se a assentar trilhos de ferro; consta que foram embargados e o povo é que anda aos pulos, quando por ali passa.

—Ha dias varejando a policia a morada de uns africanos, aos Coqueiros d'Agoa de Meninos, desappareceram 400$ rs.

—Milagres de prestedigitação.

—E asseveram que tal diligencia foi uma illegal invasão, um assalto ao domicilio alheio, pois que fôra ordenada por um subdelegado de freguezia estranha.

—V. que gosta de passear á noite pela Estrada Nova, veja lá.

—Quando estou nos meus destinos. Mas o que ha la para ver?

—Homens vestidos de mulher.

—Novas de caminho.

—Pensa que é gracejo?

Na quarta-feira, ás onze horas e meia da noite, foi preso um individuo vestido de mulher.

—Isso é de veras?

—Um pouco mais adiante da cocheira do Para-assú. O individuo não trazia armas, declarou chamar-se Francisco, e que se *transformara* por graça.

—Dessas graças não venha cá não. Pelo menos podia estar ali á espera de algum desses rapazes que quando encontram mulher á noite gostam de acompanhal-a, e que fosse cahir n'alguma cilada.

—Andava na quinta-feira pelas ruas desta cidade uma parda, já de edade, em procura de quem pugnasse pelos seus direitos.

Essa parda estava lavada em sangue, tendo uma grande contusão no sobr'olho esquerdo, e dizia ter sido sua senhora a authora d'aquella contusão, proveniente de uma acha de lenha que lhe havia arremessado sobre a cara.

A referida parda chama-se Josephina, e diz ser liberta, tendo apenas a clausula, em sua carta de liberdade, de acompanhar sua senhora em quanto viva fôr.

—E quem é a senhora dessa infeliz creatura?

—E' a sogra de um caixeiro da loja de livros do Sr. Catilina.

—E não houve quem se condoesse da sorte dessa desventurada, não é assim?

—Houve. Por fim encontrou-se com o Sr. Malaquias, athleta denodado da causa da liberdade, que levou-a á presença do subdelegado de S. Pedro.

—E de facto é liberta?

—Ainda não sei do resultado, é o que cumpre ventilar-se.

—Esperemos!

—Celebram-se hoje na cathedral exequias officiaes pelo repouso eterno da serenissima princeza a Sra. duqueza de Saxe.

O templo está coberto de crepe desde a nave ate o altar-mor.

—Que merecimento pode ter aos olhos de Deus esse apparato, esse luxo, não me dirá?

E por outro lado, essas açodadas demonstrações significarão o pezar sincero, a dor intima pela lastimavel morte da jovem desposada e jovem mãe?

—Não são mais do que uma nova sangria que se faz ás arterias do povo, por onde se escoará mais uma parte do seu ja mingoado sangue; um gasto superfluo, um luxo desnecessario; que nada aproveitando a alma da mal-aventurada princeza, tão depressa roubada pelo destino á affeição de sua familia, reverte em onus ao povo, sobre-carregando a industria e as artes, sobre as quaes recahem indirectamente o peso dos impostos, fonte de onde se tira para estas despezas.

—A provincia está individada, seus cofres exhaustos, e esse dinheiro que podia ser applicado com melhor utilidade, é esperdiçado com uma ceremonia de mera futilidade, que não passa de um sentimento de cortezanismo, em quanto o povo soffre necessidades; os melhoramentos materiaes paralisados, as artes definham e a industria morre ao pezo dos tributos, a febre amarella escancara as fauces e aponto o terrivel exemplo em Buenos-Ayres.

— Fazem se pomposos funeraes e o mendigo não tem onde abrigar-se e o doudo offerece o mas lastimavel e immoral espectaculo pelas ruas!

—Na casa de Correcção ha desses infelizes cobertos até de bichos de moscas!

—Com que legitimidade se distrahe uma parte das rendas publicas, do suor do povo,

para essas genuflexões, fazendo-se de um facto particular um caso publico?!...

—O Estado, deve e tem obrigação de tributar honras posthumas, mas somente como premio áquelles de seus concidadãos que, dotados de virtudes civicas, desinteressada dedicação e patriotica illustração, consagraram a vida no engrandecimento da terra de seu berço, prestando-lhe assignalados serviços.

As demonstrações nacionaes são reservadas para honrar a memoria d'aquelles que serviram a seu paiz ou á humanidade com abnegação e desinteresse.

—A não ser por esses preclaros predicados nenhum outro attributo authorisa essas homenagens. Tanto direito assiste ao mais obscuro cidadão, como ao mais eminentimente collocado.

—E será agradavel a Deus essas sumptuosas pompas perante Elle terá valor diverso essa immensidade de luzes, uma retumbante orchestra, um apparatoso catalfaco, o resoar das vozes de muitos padres, da singela prece sahida do intimo d'alma sobre a humilde lousa do pobre?

Si é assim, o pobre nunca irá ao reino da gloria.

—E nestas honras funebres feitas aos grandes, que serie de escandalos não se dá nos templos?

A egreja converte-se em tenda, o recinto sagrado é atravancado de materiaes; as pachuchadas são ditas livremente; faculta-se a licença e a soltura de lingoa.

—No funeral do barão de Catú, houve ate um jantar no corpo da egreja. Os Srs. franciscanos que são tão adstrictos á desciplina do catholicismo, não sei como consentiram.

—E agora mesmo, no Collegio, além do mestre da obra, que jantava todo dia na capellamor, houve na quarta feira no côro uma canada de vinho, bolachas, doce etc.

—Para distinguir os vermes cobertos de brocados faz-se tudo que a vaidade suggere. O templo, os altares que so deviam ser destinados a glorificar a grandeza do Ser Supremo, cobrem-se de preto para ostentar a grandeza de um cadaver!

A PEDIDO

—Porque razão despediram o ajudante da companhia de vehiculos?

Seria por dolo, como propala, o Sr, *bé bé bé*?

—Não, tanto que o proprio Sr. Carneiro deu-lhe um attestado abonando a sua probidade.

—Então porque seria?

—Foi porque o Rodopiano costumava ir para a companhia ás 4 horas da manhan e lá ficava até 11 da noite; nesse dia o somno o logrou e elle só poude ir ás 6 horas, e então por isso o despediram.

—Enganou-se; foi porque o mulctaram em 5$320 e elle entendendo que não devia soffrer tal mulcta, despediu-se.

—Arrelá, com tanta mulcta!

Pede-se ao Sr. Dr. chefe de policia que prohiba a entrada do *Sabe ler* e dos mais membros do olho-vivo no circo e outros logares publicos. Não havendo outros meios repressivos para intimidar esses perigosos gatunos, ao menos lance-se mão desse expediente, obstando-os de continuarem na escandalosa pilhagem de relogios que elles teem praticado no referido circo.

—Aqui d'el-rei! Aqui d'el-rei!

—Oh! que é isso senhora? Quem é a senhora? e o que pretende?

—Que me valha; que me soccorra.

—Mas qual o seu soffrimento? Que lenitivo deseja?

—Que mande agarrar o ladrão de um irmão que tenho, encarregado de receber os alugueis de uma casa que possuo na cidade, que fica na encosta, onde o indio Capoeirussú se transformou em barro.

—Isto é a cidade d'onde agoa vem dos montes em *cachoeira?*

—Sem contestação.

Todos os annos quando espero receber o meu dinheiro, recebo a declaração de o haver empregado em obras da mesma casa.

—Mas essa casa é sua só?

—Não; é de muitos herdeiros; mas o ladrão zomba de todos. Um anno paga concertos; outro paga decimas etc. Neste trocadilho, á cinco que não dá real a ninguem.

—Mas quem é este seu irmão.

—E' o major Chico das crioulas.

—Vá descançada, minha senhora, que este bandalho não hade pagar hospedagem e galanteios á sua custa; porque fica de hoje em diante sob minha protecção com os que o rodeiam.

—Gallego infame, porque havias de insultar ao homem?

—Entregou-me o *Correio* tarde.

—Sevandija, não sabes que não é culpa delle? E quando fosse, o recurso que te assistia era reclamar á redacção, e que nem mesmo essa tinha o direito de dirigir ao seu empregado as torpes injurias que lhe irrogaste?

Julgas, labrego de um dardo, que entregar

folhas é o mesmo que ir de vez em quando a *santa terrinha* buscar moeda falsa, em cujo criminoso trafico tens passado a hedionda vida?

Não sabes, ladrão, que esse homem em seu modesto, porem honroso meio de trabalho de entregar folhas, tem uma vida sem macula, mil vezes mais pura do que a tua, que vives engolphado no jogo, na crapula, na libertinagem e na pratica de toda casta de crimes?

Que vive tranquillo pelos meios que lhe subministra o trabalho que ennobrece, sem sentir a consciencia remorder-lhe ao peso da enormidade do vicio e do crime?

—Isso é o menos. A respeito de consciencia *eu sou manteiga.*

—Os nomes porcos e infamantes que atiraste ao pobre homem não pegam, vil e seboso labrego, arvorado em *cousa* pela desgraça desta terra, na qual em vez de arrastares a calceta, te apresentas inpavido na rua das *filhas do imperador*, a ultrajar a quem por não roubar como tu, é pobre.

A justiça do *Alabama,* porem, não é como a de Latronopolis e caro pagarás tua insolencia.

Muxingueiro, leva d'aqui esse immundo reptil, que por conselhos de uma *má tia* insulta a todos; mette-lhe a gargalheira em que esteve preso o *Gonsalves;* manda o grumete *Souza limar*-lhe os dentes e mette-lhe o focinho na cloaca.

Queixa-se Herminia Vassoura
De injusta preterição.
Que soffreu no regimento
Quando fez-se a promoção.

E relevantes serviços
A pretendente allegou,
Com bastantes documentos
Que seu direito provou.

A' vista pois do que allega
Que é de alguma valia;
Vai p'ra capitão addido
Da terceira companhia.

— Segunda-feira, entra em jury a crioula Francisca, escrava de Estevão Pereira de Souza Cunha, a qual, na segunda-feira de entrudo teve a barbaridade de despejar um caldeirão de agoa á ferver no menor Jeronimo.

—Foi um caso de abominavol perversidade.

—O offendido até hoje está no hospital soffrendo.

—Tanta maldade não ha de ficar impune; por sua vez terá de expiar a atrocidade de seu coração.

—Fe e confiança na rectidão dos jurados.

Noticia importante da Corte.

CRISE MINISTERIAL.

Corria a ultima hora como certo que o Exm. Sr. Rio Branco e seus collegas obtiveram demissão e que os cidadãos seguintes desta provincia, seguiam para a côrte para comporem o novo ministerio, como se segue.

Fazenda e presidente do conselho, Thomé da Costa Passos.

Imperio, Jose Lucio Fonseca Galvão.

Marinha, Jose Calixto Oliveira.

Guerra, Antonio Marcellino Costa Dorea.

Justiça, Alexandre Jose da Lapa.

Agricultura, commercio, obras publicas, João Antonio Gonda.

Estrangeiros, Francisco Joaquim de Souza Pimentel.

Corria mais que seriam nomeados os seguintes presidentes.

Rio, Francisco Baptista Correia.

Bahia, Manuel Lourenço Seixas.

Pernambuco, Casimiro Caratingui.

Pará, Henrique Jose Pereira Ozorio.

Maranhão, João Antonio Pestana.

S. Paulo, Cyrillo Pessoa.

E que nas mais provincias ficariam os actuaes.

A' ser confirmada esta noticia, podemos dizer que o paiz será salvo e livre das prepotencias e arbitrariedades. Damos desde já os parabens ao novo ministerio, composto aliás de cidadãos distinctos pelos seus talentos, illustração e homens todos patriotas.

Quanto aos presidentes novos, por ora não podemos emittir o nosso juizo.

—Lê-se na *Reforma*:

Boatos.

O coronel Bueno de S. Vicente foi reformado com soldo por inteiro, por estar soffrendo de amollecimento cerebral....

—

—Declarou se invalido da patria o major Francisco de Salles, visto haver sido ferido por cinco mil obuzes no ataque da Villa de Nancy.

—

—Foram tambem reformados:

O sargento João Alfredo por combater unicamente de arco e flecha...

—O cabo Raymundo, por matar a torto e a direito...

O capitão Barras III, por alugar a barraca aos camaradas...

—

—O menor Franquinho, aprendiz menor do arsenal de marinha, teve baixa do officio, attento o seu estado de saude, que só poderia melhorar com o uso do vatapá e carurú.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 79.ª QUINTA-FEIRA 27 DE ABRIL. Ns. 781—782

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beeco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Começa hoje a serie 79.ª do «Alabama.

Os senhores assignantes que se acham atrazados queiram ter a bondade de solverem seus debitos.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 26 de abril de 1871.

Oficio ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio, para que faça com que os moradores de uma casa á rua dos Carvões não continuem a desrespeitar a postura municipal n.º 59 com atroadores batuques que duram noites e noites inteiras, não consentindo que a visinhança possa pregar olhos. Espera-se.

—Os larapios não respeitam cousa alguma, tudo serve á elles.

Em um dos dias da semana passada entraram no quintal do procurador Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira e roubaram um carneiro; andaram offerecendo-o por toda parte, e por fim venderam a um cortador de carne dos talhos de S. Bento.

—Safa! Olhe que esta cidade está contaminada de ratoneiros!

—Ha extraordinario e censuravel deleixo no serviço da illuminação publica.

—A tal respeito temos conversado; é malhar em ferro frio.

—Não é um ou outro lampeão que se deixa de accender; são ruas inteiras que ficam em trevas.

—Ou é pelo emprego de pessimo combustivel, ou de proposito para render.

—Pobre povo! Tão sobre-carregado de tributos, nem ao menos uma illuminação regular tem!

—Além de no geral a chamma que desprendem os combustores ser fraquissima, muitas ruas ficam alternadamente ás escuras.

—Pelo menos accendem ás seis e tres quartos ou sete horas da noite.

—E ás tres e meia da manhan já os apagadores teem começado seus trabalhos.

—E' facto que não se contesta; não é dizer que essas faltas são commettidas nos logares remotos; na propria freguezia da Sé, o centro da cidade, ellas se dão como que por escarneo á opinião.

—Pague o povo e resigne-se.

—Capitão, esta nossa terra está perdida inteiramente; já não ha lei nem segurança publica.

—Temos algum caso novo?

—Não; um caso já bem sabido; mas cujo desfecho foi o requinte do escandalo e o maior escarneo á lei.

—Vamos a ouvir.

—O escravo da Srs. Paim, de nome Bernardo, que no dia 8 á noite dera seis facadas na crioula Maria Francisca de Sant'Anna, em sua propria morada ao Rio Vermelho, foi solto no dia 19, sem que se lhe instaurasse processo.

—Não pode ser; eu sei com toda certeza que uma pessoa conceituada foi ao chefe de policia expor o occorido n'aquelle criminoso attentado e pedir-lhe providencias e que a digna authoridade exigiu-lhe uma parte circunstanciada por escripto.

—Pois capitão, o assassino foi solto. Consta que o chefe de policia mandou ouvir o subdelegado que é parente da senhora do sicario; consta mais que a portaria de soltura tratava-o por homem livre.

—Seria bom que o Sr. Malaquias tivesse conhecimento dessa ordem de soltura, e por ella tornasse o homem effectivamente livre.

—Mas, capitão, que terrivel exemplo não é este para a audacia e o crime?!... Um sicario invade uma casa, esfaqueia uma indefeza mulher, é o primeiro a confessar o crime e dez dias depois do atroz delicto acha-se solto e livre passeando impunemente no proprio logar, que foi theatro de seu crime!

—Capitão, assim como V. Ex. censura os actos das authoridades quando ellas se afastam de seus deveres, é justo que tambem dê publicidade ao procedimento que attesta a rectidão das mesmas pela fiel observancia e respeito á lei.

—Amigo, V. traz algum sermão de encommenda?

—Não, capitão, é a pura verdade que lhe venho expor, como testemunha occular de todo o occorrido á respeito do rapto de duas menores na freguezia do Pilar, que V. Ex deu noticia.

O actual subdelegado deu todas as providencias que a lei lhe facultava, mostrando-se infatigavel até conseguir effectuar, no sabbado o casamento da menor Lina Elisa dos Santos com Jose Alves dos Santos, vendelhão em S. Francisco de Paula, deixando de fazer o mesmo Leoncia Elisa dos Santos por ser esta maior de 20 annos.

—Bem, o subdelegado procedeu como devia; e como nesta terra está admittido que quem cumpre seu dever torna-se merecedor de elogios, vou mandar elogial-o pelas acertadas providencias que tomou para livrar mais uma infeliz das garras da prostituição.

—Estes larapios teem astucias!

Fazem suas rapinagens e mettem os mais na ratoeira,

—Obra de mestre.

—*Mané conhem, ladrão por borra,* reunido a mais dous sucios, foram na terça feira á cidade baixa e bifaram duas soberbas mantas de toucinho.

Chamaram um dos ganhadores mais conhecido do logar para ser o conductor e ao chegarem ao Gravatá, á porta de uma africana que negocia em toucinho, arrearam a carga; pagaram ao ganhador e o despediram; logo que este virou as costas chamaram novo ganhador e conduziram o toucinho para os açougues e ahi o venderam.

Dando o dono do toucinho na cidade baixa, por falta, e entrando em indagações, soube com pouco trabalho quem fôra o conductor e este sendo obrigado a mostrar para onde tinha levado o genero, foi direitinho á porta da africana, onde tinha ajudado, persuadido como era de suppor, que o toucinho realmente ahi ficara.

A africana viu-se em talas, pois que todos os indicios eram contra ella, accrescendo a circumstancia de negociar naquelle genero.

Por um inesperado accaso descobriu-se que o toucinho estava vendido em um açougue, safando-se assim a pobre preta da rascada que lhes tinha armado os tres *olhos-vivos*.

—Que perspicacia tem essa gente para o mal!

—Uma cilada bem estudada que qualquer não se livra della.

—E' bom ir dando conhecimento ao publico dessa e outras artimanhas.

—Que *bonito* papel representaram os Srs. Manuel Correia Garcia, Dr. Felisberto da Silva Horta, Dr. Americo de Souza Gomes, conego Henrique de Souza Brandão e vigario Antonio Martins da Silva Telles, que em commissão foram pedir á S. Ex. Revma. o Sr. arcebispo a sancção canonica da freguezia dos Mares!

—Serviram-se do nome d'assembléa provincial, de que são representantes, para abusar da bôa-fé do nosso digno prelado!

—E ahi o que mais admira, é estar involvidos nesse trama dous sacerdotes, dous ministros da religião do Deus de verdade, de bondade e de charidade, tornando-se elles assim échos da mentira e da falsidade, segundo se deprehende da publicação feita no *Diario da Bahia* pelo secretario de S. Ex. Revma.

Que conceito ficarão elles gozando, diante d'aquelles que os escolheram com o seu voto para representantes desta pacifica e ordeira provincia; que conceito ficarão tendo diante do nosso prelado, victima da combinação por elles preparada nos corredores d'assembléa?

—Apreciaremos isso mais tarde.

—Triste e pungente espectaculo é obrigado a deplorar quem vae á Casa de Correcção!

Infelizes creaturas vivem alli em estado de nudez!

Custa a crer que isto se dê em um paiz eminentemente catholico, em uma terra que tem a classificação de civilisada e onde se apregoam os estimulos de charidade christan em subido grau!

—E o illustrado inspector das prisões não irá áquella casa?

—Va ou não vá, a pungente realidade é esta:

Existe, entre outros, um infeliz doudo de nome Rocha, preso á uma corrente como macaco no cêpo, com o corpo coberto de pustulas, nas quaes os vermes fizeram morada; nú, ao frio, ás geadas, no mais deploravel estado a que pode chegar a humanidade.

—E tanto dinheiro que se esbanja em sinecuras, em passeios, não seria melhor applicado na fundação de um hospicio de alienados ou n'um asylo para mendigos?

—Ha tambem uma desgraçada mulher que é o escarneo e o ludibrio de seu sexo. Vive no

mas lastimavel estado de miseria; quando se abre a prisão as vistas avidas da tropa, não se saciam do quadro degradante que se offerece, mãos luxuriosas vão se pôr em logares que o pudor manda calar.

—E por fim de contas não ha sobre quem lançar a culpa de tão aviltante e cruel tratamento, que se dá a creaturas humanas, porque todos declinarão de si a responsabilidade.

—Mas em nome da religião, em nome da civilisação, em nome dos deveres de humanidade para com o proximo, é preciso fazer cessar tão acerbos e penosos soffrimentos d'aquellas infelizes.

Os ouvidos.

Já que temos fallado dos olhos e do nariz, é justo que prosigamos com os cinco sentidos, tratando nesta occasião das propriedades dos ouvidos, esta parte tão interessante do corpo humano.

Os ouvidos são os olhos expressivos, e os olhos são os ouvidos mudos; os dous olhos e os dous ouvidos são quatro buracos por onde entram continuamente muitas cousas, umas boas ou más, outras doces ou amargas, outras feias ou bonitas. Os olhos e os ouvidos fazem o jardim do pensamento, são ambos tão valiosos e tão uteis que não se pode dizer qual dos dous faz menor falta.

O cego ou falto de olhos está privado de gosar a bella vista das boas pinturas e das caras das moças bonitas, etc.; mas o surdo parece que ainda soffre mais, porque vendo a belleza não saboreia a expressão, não ouve as doces e amorosas palavras de uma joven affectuosa, não se enthusiasma com a energica poesia de um bom vate, não adoça a alma com a suave melodia de uma sonora musica e de uma saudosa cantoria, não se enternece com o canto dos passarinhos, não sente em summa a immensa variedade de effeitos que produzem os differentes sons, ou echos soltos, aos ouvidos. Os ouvidos são os funís onde cahem todas as vozes; d'ahi correm immediatamente pelo pensamento, e vão banhar a alma.

Os ouvidos civilisados, e de bom gosto recebem diversas emoções, nos differentes sons que apparecem; por exemplo, quando ouvimos tocar a viola, gozamos de um prazer pastoril, lembramos o campo, as companhias familiares, o tempo da menenice ou da innocencia; quando ouvimos tocar um violão em uma noite de luar, os seus sons serios e elegantes, doces e macios lembram-nos vivamente os prazeres do amor, os encantos da nossa amada, o recreio da sociedade.

Quando ouvimos ao longe em alta noite, nessas horas em que o pavoroso silencio tem suffocado todas as vozes nas guellas de Morfeu, nessas horas sim, quando ouvimos uma flauta estender as suas redondas e emulientes vozes, apparece-nos no pensamento um quadro de belleza, o fumo da melancolia entra a desapparecer e e substituido por uma luz celeste.

Quando ouvimos sobre o piano a donzella delicada com suas mimosas mãos tirar as claras e variadas vozes d'um teclado lembra-nos a consolação do Esposo que nas horas de descanço, emquanto no soffa se recosta fatigado, tem o regozijo de ouvir a sua consorte florear no instrumento.

Quando ouvimos á beira do mar o queixozo bramir das ondas que se desdobram sobre uma alva praia sentimos a alma extasiada contemplando as obras de Deus.

Quando ouvimos ao romper do dia a trombeta belicoza atravéz dos campos tocar alvorada chamando ás armas os defensores da patria, o nosso espirito se exalta. e o brio nacional nos diz=a gloria é preferivel á existencia.

Quando finalmente depois de uma longa espera, o soffrego dezejo ouve a hora marcada que se desprende do relogio, pulla o coração cheio de prazer, e o cavalleiro animado corre subitamente aos braços da sua nympha.

E eis aqui quando os ouvidos são bem empregados; mas infelizmente o pobresinho que isto escreve ainda não ouviu essa hora preciosa, ainda não chegou o dia que a tanto tempo espera!!

Oh! sorte ingrata! e porque tardas? Não sou teu filho como os mais, não tenho uma alma como os outros? Traze-me, traze-me essa fructa de regalo em quanto me resta alguns dentes da mocidade, porque o cordão da vida vai se encurtando, o inverno da velhice me vai tirando as folhas da alegria; e os prazeres para quem não os pode gozar, tornam-se martyrios. Mas ah! ella não me ouve porque a sorte não tem ouvidos, nem olhos; não attende as supplicas dos infelizes, e nem vê a triste posição dos que lhe fallam. Os seus actos são arbitrarios conforme sua opinião e por isso protege a quem lhe parece.

E eis aqui meus senhores, como muitas vezes a gente sem querer escorrega na ladeira das reflexões. Fallando dos ouvidos tropecei no amor, e cahi de cambalhotas no socovão da ternura, mas eu vou ja me levantar com as muletas da paciencia para poder continuar a caminhar no assumpto.

E basta; de ouvidos temos descorrido largamente; o que vale é este artigo ser dedicado aos olhos, que si fosse aos ouvidos lido ou

fallado, já os nossos assignantes estariam de ouvidos cansados: por conseguinte tragam sempre os ouvidos bem tapados, e para a tripolação os cobres preparados.

Adeus rapazes e raparigas, Deus os livre de lombrigas, que isto vos dezeja

O João das caldas
Q' casou-se em fraldas.

A PEDIDO

—Oh, que casa para se dar pancada!

E' a casa de um *legislador comprovinciano*.

—Um homem que fabrica leis para regular a conducta dos outros, é o primeiro que consente que em sua casa se infrinjam os sentimentos de humanidade!

Nunca *vi tal* cousa assim!

—Não é elle, é a *cabrocha*.

—Arre! Pancada de manhan, pancada ao meio dia, pancada á noite, pancada de madrugada! Aquillo não e mulher, é um verdugo, um carrasco. A pobre da rapariga da mesma côr que ella, soffre o que o diabo não provou.

—Quando ella levava tambem o *vergalho* do Roberto sapateiro, não havia de achar boa a cassuada.

—Muxingueiro, prepara-te.

—Para onde me destina, capitão?

—Irás á *baixa* que o *Maciel* atterrou e transformou em *rua*.

—Prompto.

—Procura la a morada da comadre de um frade, o qual em louvor do *seraphico padre* da-lhe o necessario.

—Oh, tenho de me haver com gente que vira bixo!

—Quando acertares, entra em casa e aprisiona um irmão do dito *frei*. Depois de o *enlinhares* nas cordas, dar-lhe-has tres duzias de caxações bem puchados.

E como o vicio do tal bargante é ser formidavel glutão que quer *comer* á torto e direito, levarás o tal *papão* para a cloaca fronteira e obrigal-o-hás a esvasial-a, fazendo elle as vezes da esquecida limpeza da cidade, que deixa aquelle logar feito monturo.

—Prevendo talvez o voraz appettite do homem, proporciona-lhe os meios.

—Depois de executares o que te ordenei deixa o animal em liberdade, mas adverte-lhe que si continuar a fazer acenos indecorosos e convites improprios ás creanças da visinhança, a cousa lhe custará mais caro do que pensa.

Por acertada escolha do governo imperial foi elevado ao posto de brigadeiro o Exm. Sr. coronel Manuel da Cunha Wanderley Lins, que actualmente commanda as armas desta provincia.

E' desse espelho de gloria, desse genio militar, cujo nome, hoje como outr'ora, percorre o espaço apoiado nas azas da fama, que desejo apresentar uma parte de seus honrosos precedentes.

Pennas mas bem aparadas deviam encarregar-se desta tarefa. Porém ha um sentimento que julgo sagrado e irresistivel, que me impõe a ser o primeiro a fazel-o. E' a gratidão.

A escolha que fez o governo imperial foi, como já disse, a mais acertada entre todas, porque premiou o merito, assignou o decreto da gloria e confessou-se mais uma vez agradecido a esse bravo militar que concorreu tão fortemente com seus esforços derramando mais de uma vez seu sangue no campo de batalha para sustentar sempre illibados os brios da nação.

Seu corpo crivado de balas não me consente mentir; essas cicatrizes que lhe ornam o peito são o mais exuberante garante de sua bravura.

Já em 19 de julho de 1866, tendo sido ferido por um estilhaço de projectil, não sujeitou-se a restabelecer-se completamente para tornar ao meio de seus companheiros de lide. Esqueceu as dores e mais consequencias que lhe podiam ser funestas e apresentou-se prompto para com elles compartilhar de suas fadigas.

E' essa uma das acções nobres que caracterisam esse heroe.

Já em 19 de fevereiro tornou-se digno dos mais honrosos elogios, adquirindo com justiça o nome de valente, brioso e disciplinado. Frequentemente encarregado das mais espinhosas commissões, desempenhava-as com aquelle desembaraço e calma, divisa do verdadeiro militar. Nunca trepidou e quando a frente de seus commandados deixava ouvir sua voz imperiosa, estes levados pelos enthusiasmo de tão valente militar acompanhavam-o como si para um festim.

Si tentasse descrever minuciosamente a biographia desse honrado brasileiro, não o poderia fazer, porque são tantos os seus relevantes serviços e altos elogios de que se tornou merecedor que sem duvida me confundiria e jamais alcançaria a esse alvo.

Acceite pois, meu general, como prova de meu sincero reconhecimento os parabens e saudações do companheiro que teve occasião de o apreciar mais de uma vez em face do inimigo.

S. T.

Curiosidades da A. P. no anno de 1871.

A careca do Dr. *Mon bon*.
O silencio do Dr. Domingos Velloso.
A luneta duellistica do Dr. *in utroque jure*.
A politica do Mariani.
A gordura do Pedro Argollo.
As cordas assetinadas do coração do Abeilard.
Os apartes do Pacheco Brandão.
Os discursos do Cicero Dantas.
A figura do Costa Pinto.
A intriga do Monteiro com o *Monbon*.
Os projectos do conego Brandão.
A infelicidade que tem o Dr. João Victor de *nunca achar-se presente* nas votações nominaes.
A somnolencia do capitão João.
O modo porque senta-se o Dr. Bomsenso.
O talento e as decisões imparciaes do Freire.

O infame e esganiçado major das crioulas, com o artigo que por tabella fez sua infeliz irman inserir no *Alabama* de n.º 780, ficou furioso. Ora procura com todo o affinco saber o conselheiro ou portador do artigo, ora declara não fazer caso de *gazetinhas*, mas promove sua justificação pedindo pelo amor de Deus a todos os herdeiros recibos dos dinheiros por suas crioulas engulidos, allegando a hediondez de se dar publicidade a negocios de parentes.

Não está má a hediondez!
Não está mau o parentesco!

Da minha parte,
Minha sorte,
Só passo recibo
Com minha morte.

Não faz caso de *gazetinhas*? Apparecerá em gazetões; mas veja como arranja a transacção que tem em mãos, publicando a applicação que der ao dinheiro.

Vollto á carga.

Para deputado geral pelo districto da capital o illustrado, intelligente e distincto Dr. José Eduardo Freire de Carvalho.

Os pescadores da Penha.

Couzas dignas de apreciação.

A illustração e talento do Dr. Souza Gomes.
Os sermões do conego Brandão.
Os olhos requebrados do Vital.
A politica do Palha.
A independencia do João Victor.
A metarmophose do Ramiro.
As opiniões do Mariani.
Os discursos do engenheiro Vegetal.
Os apartes do padre Telles.
O andar gallinaceo do Costa Pinto.
Os projectos do Teixeira Soares.
A logica do capitão João.
A figura impotente do Freire.
A paciencia do Sebrão.
O criterio Dr. Bom-senso.
A vermelhidão do Pacheco Brandão.

—Não se dá maior desaforo! Tudo se ha de presenciar e soffrer de cara alegre!

Pois umas mulheres de má vida a injuriar uma familia honesta sem respeito á moral e á lei; ás 9 horas da manhan n'uma rua tão publica como esta Direita de Palacio!

—Não é a primeira, nem a segunda vez.

—Que de improperios sahem das boccas das tres damninhas! O pobre velho o recurso que teve foi fechar as janellas.

—E nem assim as endiabradas moderaram de lingoa; continuam a vociferar lançando injuriosos doestos contra a familia do mesmo.

—O homem que va ao subdelegado se queixar.

—Diz elle que já foi.

—Então que espere pelas providencias.

—Sim, é bom; para que estas estuporadas, dos sobrados *tres duzias e dous*, não continuem a escarnecer da moralidade publica.

Felicitação.

Alguns amigos do Sr. Alexandre José da Lapa em satisfação á grata noticia de sua nomeação para o cargo de ministro da justiça resolveram offerecer-lhe um jantar no salão da recreativa no dia 29, e para este fim nomearam uma commissão composta dos Srs. Mr. Perné Curte, Dr. Mon-bon e Idelfonso Raymundo Dias.

Sua Ex. parte para a côrte no principio do mez vindouro.

Consta-nos por pessoa de confiança que seriam despachados pelo novo ministro do imperio secretarios das seguintes provincias:

Bahia, Antonio Jose de Araujo Lima Filho.
Rio, João Antonio Monteiro.
Pará, Olympio Cardeal.
Maranhão, Bernardo Severiano Rocha Pires.
Pernambuco, Luiz Jose Alves de Araujo.
S. Paulo, Lidio Manuel dos Santos Vital.
Presidente de Minas, Virginio de Oliveira Pinheiro.

Pergunta-se.

Si a Sociedade Reserva Mercantil tem dado tanto interesse que possa comprar um propriedade para estabelecer-se?

Si a Direcção da mesma tem tutor que pos-

sa dispor de seus rendimentos a seu bel prazer?

Um accionista.

A camara da villa de Itaparica acaba de submetter á approvação da assembléa provincial uma postura permittindo a creação em aberto de gado vaccum, cavallar, e cabrum, e exclusão do *suino*, contra o qual ficam em vigor as posturas antigas. Esta raça pórem, assim prejudicada pretende por meio de um procurador levar á presença da mesma illustre camara a seguinte representação:

Illms. Srs.—Depois que vós, senhores, acabaes de elevar ao mais alto grau da illustração e melhoramento o vosso municipio—fundando escholas em todos os povoados, e abrindo estradas em todas as direcções—facilitando assim os meios de communicação entre os habitantes d'este abençoado solo, que com tanto acerto vos conferiram seus votos para vos poderdes assentar nos bancos do famozo salão da villa:—não olvidastes, senhores, completar vossa missão sublime, e, então, considerando, que muitos dos póvoadores dos sertões da provincia se acham no estado selvagem, vós, *filhos da luz*, lá fostes com vossa louvavel solicitude convidal-os a virem civilisar-se, e respirar a aura pura e vital de vossa famosa ilha,

Em breve teremos de vêr entre nós essas tremendas e horrificas legiões de *touros*, com seu cortejo de carneiros, ovelhas, cabras, cavallos, burros, e jumentos, para cuja confortavel recepção tendes mandado cultivar com desvélo, pelos *miseraveis, pobretões do vosso municipio*, excellentes e nutritivas pastagens de mandioca, impim, inhame, cannas, batatas, cebollas, milho, feijão, arroz, aboboras, melancias, melões, e outras muitas coisinhas bôas com que os bemaventurados maganões virão encher o ventre de miserias.

Mas pensaes vós, senhores, que tendes assim completado já vossa missão augusta?... Ah! por Deus, que não!

Igual á aquellas (por não dizer melhor), é sem duvida a muito nobre, distincta, e antiga familia *suina*, que representamos.

Sem nós não tericis presunto nas vossas mezas, nem leitões, nem toucinho, nem paios, nem linguiças, nem sarrabulho, nem a bella orelheira para adubár as vossas feijoadas.

E porque vos esquecestes então de nós no dia em que espargistes as vossas graças?

Porque não derogastes essa inquisitorial *postura*, quasi antediluviana, que nos usurpou todos os privilegios e regalias, condemnando-nos, como raça maldicta, como se estivessemos em paiz de judeus, d'esses inimigos irreconciliaveis do catholicismo, de que vós, senhores, sois fervorosissimos sustentaculos? Que direitos terão mais do que nós esses bois bravos dos sertões para serem por vós tão protegidos?

Por ventura seremos nós capazes de lançar por terra as cercas de alguns tolerões, que ainda se lembrem de plantar, ainda mesmo que essas cercas tenham a robustez que vós tão *paternalmente* recommendaes na vossa postura—como o hão de irremissivelmente fazer os vossos protegidos?

Seremos nós capazes de impôr medo e terror a todos os habitantes da ilha, vedando (e tomai isto em mui seria consideração) que a pobre mãe de familia vá buscar á fonte um pote d'agoa—ás vezes mais de meia legua de distancia—para mitigar a sêde a seus innocentes filhinhos? Que siga ao matto ajuntar gravetos com que possa fazer fogo para cosinhar o alimento d'esses mesmos innocentinhos? Mas de que alimento fallamos nós si vosso zelo entregou aos vossos protegidos as plantações de tantos infelizes, e com ellas, —unico cabedal que possuem—os meios de subseitencia?

Como hão de os pais de familia mandar seus filhos a eschola—ás vezes na distancia de duas milhas—expondo-os a que os vossos dilectos sertanejos os façam saltar nas pontas de seus incisivos adornos? E os malfadados professores com as portas meio fechadas, aterrados com a tenebrosa idéa de lhe poderem entrar na aula a pedir instrucção, que na sua terra lhes hão deram?

E mesmo essas escholas poderão conservar-se, e os professores receber seus ordenados, quando o regulamento, que os rege, lhes prescreve certo numero de alumnos, que jámais poderam reunir-se em tão diploraveis circumstancias?

E, finalmente, poderam os parochos das freguezias acudir com o pão espiritual aos enfermos que o precisarem, tendo de passar por meio d'essas hordas que de certo não respeitarão nem os ministros do altar no exercicio de suas funcções sagrados?

Seriamos interminaveis na expozição das infinitas rasões que nos assistem para insistirmos em nossos direitos, a que voltaremos com mais largueza e folego si não fôrmos attendidos d'esta vez, em que concluiremos com uma brevissima observação.

Nós não derribaremos cercas para devorar as plantações; não imporemos terror ás mães de familia pobres, obstando á que vão á fonte buscar agoa, e ao matto procurar lenha, não atravessaremos com agudas pontas a barriga dos meninos que fizerem a asneira de

procurar a eschola; não obrigaremos os professores de primeiras lettras a estarem com as portas a meio-páo e de sentinella a elles, para não serem visitados pelos novos alumnos; não imposibilitaremos os mesmos professores (cujo ministerio é mais util, nobre, e sublime do que o dos designados que constituem as vereações) de receberem seus ordenados por falta de discipulos; não! Mas basta por agora. Contentamo-nos com mexer e fucar a terra para descobrir algum verme que nos alimente, e apenas entramos nos cercados por pequenos buracos ao rez do chão, como muito boa gente o faz.

Senhores! A vossa engrinaldada corôa está quasi completa, e será immortal. Falta-lhe unicamente a pedra preciosa que deve remata-la. Cravai-a, senhores, cravai-a—augmentando á vossa patriotica, sabia, liberrima, e civilisadôra postura:—

« E' igualmente permittido a todos os suinos de quatro pés (pois que os de dous já desde muito teem essa permissão) o gozarem as delicias das hortas e fructos d'esses miseraveis, que teem sido condemnados a andar com a enchada na mão, cavando e semeando as terras, que desde já passam a ser propriedade de quem tiver *maiores* e *melhores dentes* ».

Esperam deferimento,

Os suinos da ilha.

VARIEDADES.

O AGIOTA

(*Traducção do hespanhol*)

Apenas ella chega... o misero descora...
Desmaia de pavor, suspeita uma penhora;
Pinta-lhe a phantasia em tal occasião
Os trastes já na rua, os filhos já sem pão!
E, para mais horror da immensa gritaria,
A tola da mulher a maldizer o dia
Em que deixou, donzella, o tecto de seus paes,
Onde nunca sonhou que houvessem *scenas taes*!
(Coitada! tem razão a nobre rapariga...
Comia lá presunto!.. o bacalháu que o diga!)

Que nunca em vossa casa, amigos, tomae tento!
Metta o focinho o *bicho* á cata de *alimento*!
Tudo vos come... tudo! o desalmado algoz!
Não vos deixa, siquer, um pobre grão de arroz!
Nada! Devora tudo o monstro, o onzeneiro,
Que só tem por seu Deus dinheiro e mais dinheiro
Si a publica moral não lhe tolhesse a mão
Deixar-vos-ia nús, como o innocente Adão,
Expostos n'uma praça a muitas testemunhas,
Emquanto n'outro ponto exercitasse as unhas.

Triste do pobre lar onde *elle* poz o pé!...
Foi como se alli vivo entrassse um jacaré
Faminto, endiabrado! Oh Deus! os agiotas
São mesmo uns jacarés qu'andam de calça e botas
Uns *satanazes* taes, que o proprio satanaz,
Com elles vive, ha muito, em respeitosa paz!
Como novos Protheus assumem fórmas mil,
De lobo, de veado, de abutrere petil.
Tem insolente o porte, o olhar horrendo e fero..!
Contam que alguns teem *cauda!* (eu nunca vi nem quero.)
. . . . . .
Si nunca em vossa vida, ó jovial leitor,
Sentenciado foste ás mãos de um tal *senhor*,
Podes dizer contente, em soberano gabo:
Que és santo, ou qu'és feliz! não viste inda o «Diabo!»

Ext.

Receita

PARA TODA MOÇA NAMORADEIRA.

Extracto de pudicicia.....	50	centigr.
Sulfato de pundunor.....	25	decigr.
Oleo essencial de sensatez..	45	gram.
Alcoolato de recato.....	30	gram.
Chlorureto de rasão pura....	24	gram.
Sacclarureto de quietação....	8	centigr.
Oxido de modestia sublimada.	13	decigr.
Tinctura etherea de constancia	7	centigr.
Hydrolato de vergonha.....	750	gram.

Misture segundo a arte para usar aos calices nos momentos do accesso louco de seus corações pervertidos. Bahia 21 de abril de 1871.—*Dr. B. Coutininho.*

Aperfeiçoamento da arte de roubar.

Segundo refere um diario estrangeiro, ha poucos dias passava um individuo pela rua dos Cegos, em Anvers, quando se lhe aproximou um transeunte que o avisou de que lhe tinham escripto nas costas uma palavra mal sonante e lhe pediu ao mesmo tempo que tirasse o casaco, afim de n'um momento apagar o distico.

O individuo assim o fez, muito agradecido á amabilidade de seu inesperado creado, mas apenas este tomou o casaco desappareceu com elle mais ligeiro do que um gamo, deixando o logrado em mangas de camisa, no meio da rua e com um frio de seis graus abaixo do zero.

As bemaventuranças.

Bemaventurados são os caolhos, porque só veem por um olho.

Bemaventurados são os cégos, porque não veem muitas cousas que devem ser vistas.

Bemaventurados os que não tem vergonha, porque todo mundo é seu.

Bemaventurados são os que não leem nem

escrevem, porque se livram de ter a cabeça esquentada.

Bemaventurados os que morrem, porque não choram com os que ficam.

Bemaventurados os que nasceram depois de nós, porque rir-se-hão á nossa custa.

Bemaventurados os zangões, porque lhes pertencem as colméas.

Bemaventurados os estouvados, porque livram-se de muitos trabalhos.

Bemaventurados os farçolas, porque delles é o reino deste mundo.

Bemaventurados aquelles de quem todos se esquecem, porque não serão victimas da inveja e da calumnia.

Bemaventurados os ricos, porque delles são todos os commodos e prazeres da vida.

Armarinho politico.

Vende-se:

Papeis vermelhos, ou amarellos.

Furta-côres com a marca—*Barrigudos*.

Pennas de ave de rapina.

Tinta octaviana.

Papel de cifras do thesouro publico nacional, para empenhos.

Pastas ministeries proprias para meninos de escola.

Phosphoros para as proximas eleicões.

Cartas de enterro do desinteresse e do patriotismo.

Cartilhas cynicas para os que militam na politica.

Circulares para as futuras eleições de deputados.

Ephemerides das camaras legislativas.

Photographia do incendio dos 200 contos no campo de Sant'Anna.

Collecção das mentiras dos ministros de estado reduzidas a programma.

Moedas de zinco de 5, e 10 réis, para botões de colletes dos empregados publicos.

Volumes de idéas republicanas dispostas em forma de calendario, proprias para fazerem parte de úma boa fogueira para o fim do anno.

Panoramas de republicanos á *Chauffeurs*,—que invadem o paço, e curvam-se perante o bondoso e illustrado monarcha para obterem alguma cousa,—e amanhan si subirem ao poder o adularáõ.

Os inimigos nada podem fazer contra mim, dizia Chamfort, pois que elles não me podem tirar a faculdade de pensar, nem a de com acerto fazer bem.

Obrigaram Philippe o Bello, rei de França a punir o bispo de Pamiers, que havia sido dos principaes autores da desintelligencia deste principe com o papa.—Eu sei, respondeu elle, que eu o posso fazer; mas é mais bello de o poder, e não o fazer.

ANNUNCIOS.

Attenção.

A' loja e fabrica de calçado de Luiz de Oliveira Vasconcellos, á rua direita da Misericordia n. 13 (defronte do portão) precisa-se de peritos officiaes de sapateiro, pagando-se bons feitios. Na mesma casa tem bom sortimento de aviamentos para o mesmo officio, vendendo-se por preços muito rasoaveis.

Vende-se.

Bonitas capellas mortuarias, para anjo ramos para baptizados tudo de folhêta de prata, e vellas de cêra, diversos enfeites tambem para baptizados, promessas etc., na rua Direita de do Collegio hoje contigua á Bibliotheca Publica n.º 33.

ATTENÇÃO.

RUA DIREITA

23 DA MISERICORDIA. 23

O proprietario da casa de pasto á rua da Misericordia n.23. convida aos Srs. academicos, donos de armazem e vendas, e mais pessoas que quizerem contractar o fornecimento de almoço ou jantar, a irem ao mencionado estabellecimento, onde serão servidos á contento pelo menor preço possivel. Especialmente aos que forem empregados no forum, e que por acaso morarem longe, encontrarão sôpa das 10 horas as 2 da tarde, e outras quaesquer iguarias. No estabelecimento recentemente aberto defronte do dito forum acharão com quem tratar.

Pelo aceio, promptidão no serviço e modicidade nos preços espera o proprietario a concurrencia do respeitavel publico.

Na venda defronte do Pelourinho n. 4, compram-se constantemente jornaes para embrulho.

João Luiz das Virgens e Friandes continuam a encarregar-se de obras de pedreiro e carapina, suas officinas. Podem ser procurados em seu escriptorio á ladeira do Taboão, loja n. 70—D.

Quem precisar de uma ama para engommar ou cosinhar, dirija-se ao Cruzeiro de S. Francisco n.º 9.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 79.ª DOMINGO 30 DE ABRIL. N. 783.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 3$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 29 de abril de 1871.

Officio á Illma. camara municipal, por um cento e uma vez pedindo-lhe que tenha em consideração a extorsão que soffre a população inteira na acquisição do primeiro genero de alimentação—a carne fresca; em consequencia da fraudulenta balança que existe no matadouro publico; sahindo a carne daquella repartição para o consummo, roubada no pezo; os cortadores, já avêsos a esse dólo, desculpam-se com esse pretexto para mais escandalosamente roubarem. Espera-se que a Illma. attendendo ao clamor geral, expeça ordens para que a referida balança e os pesos sejam aferidos, cousa que parece não se faz desde que Judas teve sarampam.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia da Penha, pedindo-lhe o emprego dos meios a seu alcance para a exterminação de uma sucia de capadocios que se reunem na travessa do Bogarim a provocar desordens e a proferir palavras obscenas, desrespeitando assim a honestidade das familias que por ali moram.

No domingo, um dos heroes d'essa pandiga, um celebre Olympio, de parceria com outros, espancara um rapaz que estava em uma casa tranquillamente conversando.

Em vista pois do exposto, espera-se de S. S. providencias correctivas para semelhante mal.

—Acaba de sahir dos prelos da typographia em que se imprime este periodico um compendio de noções preliminares de arithmetica, o qual tem merecido a approvação dos professionaes.

Seu author, o Sr. C. R. de S. A., que por modestia occultou o nome, mandou offerecer a V. Ex. um exemplar dessa obra.

—Mande agradecer-lhe a delicadeza que teve, e dirigir-lhe votos de que seja feliz no seu primeiro tentamen.

—Na repartição da policia apresentou-se, na quinta-feira, um individuo de nome Anacleto, crioulo, cabo do 8.º batalhão da guarda nacional, com duas facadas em uma coixa, as quaes recebera, ha uns quinze dias, no logar denominado Passagem.

—Pois não haviam authoridades no logar á quem recorresse?

—Pelo que diz o ferido é o mesmo que si não houvessem.

—Nem tudo o que se diz é certo.

—Anacleto vive de serrar madeiras; trabalhou para um sujeito que ficou a lhe dever onze mil e tantos réis, e um filho deste dous mil réis. Pedindo por mais de uma vez a importancia de seu trabalho, teve afinal em resposta que fosse receber em casa; onde chegando travaram-se de rasões, do que resultou sahir o offensor, o filho e mais parentes, inclusive mulheres, armados de foices, facas, etc., sobre Anacleto que ficou ferido com duas facadas.

Fez corpo de delicto na freguezia de Matoim, e não vendo apparecer providencias veio á cidade queixar-se ao Dr. chefe de policia.

—Agora vamos a esperar por ellas.

—Capitão, V. Ex. vae ficar satisfeito com uma noticia que lhe vou dar.

—Então venha.

—Porque encerra uma acção digna e charitativa.

—Muito bem.

—Fallecendo quinta-feira o crioulo conhecido por Manuel Perú, cujo meio de vida era carregar instrumentos de musica para as festividades, reuniu-se parte da classe musical e fez-lhe o enterro com decencia, havendo memento e encommendação no convento dos franciscanos, indo grande parte delles leval-o até o ultimo jazigo.

—Os senhores musicos deram uma louvavel prova de reconhecimento, repassada de

nobre gratidão com este acto de piedade christan.

—No ensaio do circo gymnazio *Auriol*, na quinta-feira á noite, um Sr. Firmo, que faz parte do pessoal do mesmo, descuidando-se cahiu de um trapezio resultando-lhe a fractura de uma perna.

—Coitado....

—Capitão, não me dirá uma cousa?

—Si lhe souber responder.

—Porque é que as gazetas grandes não noticiam certos acontecimentos?

—Porque acham que não valem a pena.

—Pois dous agentes da segurança publica, servirem-se das armas que a lei lhes confia para garantirem-se e mutilarem-se reciprocamente em publico, não é caso que mereça menção?

—Mas houve isso?

—Sim, Sr.; dous soldados de policia cortaram-se á refle despiedadamente uma noite destas. Eu esperava ler o facto nos jornaes e não vi.

—Talvez não tivessem conhecimento.

—Foi muito notorio. Estavam em uma venda satisfazendo a *razão;* um delles *sestrou,* desembainhou o espadagão e desfechou formidavel golpe sobre a cabeça do companheiro. Vendo o sangue correr, o vendelhão bradou por soccorro; mas o ferido pediu-lhe que não gritasse e considerasse o feito como não feito. Limpou o sangue; sahiu para a rua e esperou o offensor, e por sua vez foi de ferro sobre o pescoço deste.

Consta que ambos os ferimentos são graves.

—Eis ahi dous typos que retratam fielmente a prudencia e cordura dos nossos agentes da força publica.

—Parece que a Illma. camara municipal acaba de conceber o projecto de ajardinar com gramma, vassourinha, etc., o largo d'Ajuda.

—A rua do Bangala tambem.

—Assim como muitas outras estão partecipando deste aformoseamento.

—E digam lá que a camara municipal se esquece dos melhoramentos do municipio!

—Tenho ouvido contar bons episodios do chefe de policia.

—Desse que está?

—Não; do que esteve.

Um que me pareceu extraordinario foi o seguinte,contado por um trabalhador da União e Industria.

Estava o homem com alguns companheiros abarbados na condução e acondiccionamento de fardos. Na porta de um escriptorio contiguo conversava S. Ex. Um dos trabalhadores postou se em logar inconveniente de maneira que si o fardo descambasse, inevitavelmente iria esmagal-o. Os companheiros admoestaram-no a acautelar-se em termos habituaes á rudez da vida daquella gente.

S. Ex. que isto ouviu, tirou-se dos seus cuidados e gritou para aquelles homens, atarefados no trabalho:

«*Psio*, canalha insolente! Que algazarra é esta? Pois não respeitam a presença d'authoridade, desavergonhados?

«Si continuam, mando mettel-os na cadeia, corja.»

— Quem viu isso?

—Não lhe disse que ouvi contar por um trabalhador da União e Industria?

—E que juizo faz?

—Eu, fico perplexo.

—E eu não creio; o chefe de policia não é um louco desvairado, um leviano estonteado para dar uma prova de tão pouco senso e irascibilidade, pelo contrario é um magistrado cujo criterio e circumspecção, ninguem nega.

—Mas ja outro dia o Sr. Laurentino do gaz contou que o homem o chamara de bode, capitão.

—Com tudo isso eu não creio, não creio! está dito.

—Capitão, estando eu sentado na praça do Conde d'Eu (Terreiro) vi uns soldados do destacamento da secretaria de policia correndo pelas Portas do Carmo a fóra.

Demorei-me para ver o resultado da cousa, quando vejo vir depois um homem de baixa estatura gritando: — « ladrões querem me roubar, me tiraram cincoenta mil réis do bolso: policia desgraçada.»

Ao chegar no Terreiro, o homem carregado pelos policias e immenso povo que o acompanhava, tratei de indagar o que era aquillo, afim de partecipar á V. Ex., quando soube que o sujeito era um *capenga* que estava no Maciel de Baixo com um punhal desembainhado, a querer acommetter as casas e ameaçando a todos quanto encontrava.

—Em que dia deu-se esse facto?

—Na quarta feira ás 11 horas da noite, isto é a hora em foi preso o tal *capenga*, mas dizem que elle principiara suas proezas desde 7 horas, e somente ás 11 fôra preso.

—Boa terra é esta!

—Foi recolhido ao destacamento da secretaria da policia, onde com gritos e palavradas encommodou toda visinhança.

—Nesta epocha de receios de uma visita de febre amarella, deve ser de prodigioso effeito a conservação de alagadiços e agoas estagnadas nas ruas da cidade.

—A proposito, na Travessa do Tira-chapeu ha constantemente um verdadeiro charco.

—Grande parte das ruas, principalmente da cidade baixa, ficam por muitos dias alagadas quando chove, o que não pode deixar de ser nocivo á saude publica.

—Provem isso de se acharem entupidos os canos e bocas de lobo.

—Parece que um dos meios preservativos de recebermos o funesto hospede seria o escoamento das referidas agoas, sobre o que deveria dar providencias quem tem obrigação de evitar as calamidades publicas.

—Ha quintaes na freguezia da Sé, que por si sós são capazes de desenvolver uma epidemia e devastar uma população.

—Em Sant'Anna e Santo Antonio tambem ha desses focos de infecção.

—Como na Sé, não; principalmente os quintaes da rua do Tijollo, ladeira da Praça, rua do Collegio, Portas do Carmo, rua da Misericordia, das Veronicas e outras.

—V. falla dos esterquilinios e montureiras dos quintaes e as das ruas não serão mais perniciosas?

—Isso é verdade?

—A immensidade de animaes mortos que apodrecem pelas ruas não será de malefica influencia á pureza do ar?

Si quer ver o que é immundicia e podridão, va as Quebranças, ladeira da Gamboa, Estrada Nova, mesmo ao pé do aceio publico, largo da Saude, praia da Preguiça e de Riachuelo, becco do Curiaxito, becco e ladreira da Ordem 3.ª, em todos esses e mais logares tem a empreza do cisco beneficamente creado poderosos auxiliares da peste.

—Eu creio muito nas boas intenções dos actuaes presidente e chefe de policia e estou certo que elles hão de procurar fazer dessaparecer esses agentes de insalubridade expedindo acertadas medidas.

—No dia 16 ás duas horas pouco mas ou menos foi varejada a casa de uns africanos aos Coqueiros d'Agoa de Meninos, pelo subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio acompanhado do seu ordenança, um inspector e soldados da guarda da Correcção.

A's tres horas tendo o subdelegado do Pilar noticia de tão estranho procedimento, pediu explicações ao subdelegado que lhe usurpava as suas attribuições, o qual respondeu asseverando que havia invadido o districto do Pilar, sem comtudo dar a razão por que o fizera, o que levou o mencionado subdelegado do Pilar a representar ao chefe de policia contra o procedimento do seu collega.

—As authoridades são as primeiras a abusar!

—Os soldados da diligencia commetteram excessos. Espancaram e feriram a um velho que se achava de cama doente, o qual para ir á presença do subdelegado foi preciso ser carregado, mandando este proceder incontinente á corpo de delicto.

Os maus exemplos partem sempre de cima. O mau exemplo dado pelo Sr. Meirelles, ultrapassando a orbita de sua jurisdicção foi contagioso.

O ordenança do subdelegado do Pilar aproveitando o ensejo uniu-se a algumas praças de policia destacadas no Caes Dourado, foram a casa dos referidos africanos, arrombaram arcas, varejaram cantos e subtrahiram 200$ réis., segundo se queixam os mesmos africanos.

Tendo conhecimento o Sr. coronel Joaquim Mauricio mandou immediatamente substituir o ordenança e consta que vae submettel-o a conselho.

—Nem podia proceder de outra forma para moralidade e disciplina do corpo, que dignamente commanda.

—Diziam que o Sr. H. Meirelles, fazia o que queria na subdelegacia, porque era afilhado do chefe.... mas agora que morreram os afilhados de que eramos compadres?

—Quem no domingo á noite, logo cêdo, não ouviu e não viu, do largo da Piedade até á Baixa dos Sapateiros, uma agglomeração de povo, gritos descompassados, vozerias, algazarra, vaias, carreiras, baques, etc.?

—Era um sujeito que parecia possesso; em todos queria dar, atirava pedras, e proferia palavras obscenas em altas vozes.

—Entretanto essa matinada infrene que a todos incommodava, esse atroador ultraje a moral e a decencia, não despertou a attenção de um só agente da força publica; passou pelo Terreiro e a policia não se moveu.

—E era um crioulo escravo que sahira de casa de seu senhor, emborrachara-se no Rio Vermelho para commetter todos aquelles desatinos.

—Ora esta terra não toma mais pé.

—Eu nunca vi amor ser obrigado.

—Nem querer bem é peccado.

—Aquelle policia porem entendeu que a mulher não acceitando a graça que elle lhe dirigiu, devia primeiro tomar-lhe satisfações

e em seguida dar-lhe duas tremendas bofetadas que a fez ir de beque nas pedras.

—Incomparavel maneira de policiar!

—E' o que elles vem fazer em baixo das arvores do Terreiro!

—Quando contar seu *lelê* diga logo que foi na quinta feira á noite, para não haver equivocos.

—Hontem houveram duas mortes repentinas na freguezia da rua do Passo.

—Miserere!

—O ordenança daquella subdelegacia e um desventurado rapaz, Manuel Antonio da Silva, a quem chamavam o *Capitãozinho*. Tinha ataques de gotta; sobre-vindo lhe o mal na Estrada Nova, foi á uma venda e bebeu; tornando a repetir-lhe o ataque cahiu morto.

—Pobre *Capitãozinho!* Foi bem creado e mal fadado!

—Que bonito procedimento de um agente policial!....

—O que houve?

—Na sexta-feira á noite o Sr. Elyseu, inspector de quarteirão da freguezia da Penha, entrou por dentro da casa do ferrador da companhia de Vehiculos Justino, para brigar com o côxeiro Leonardo, com o qual havia tido antes uma questão.

—A que horas se deu este caso?

—As 7 da noite,

—Em que logar mora o ferrador Justino?

—Defronte da côxeira.

—Que bello inspector!

—Ao conflicto compareceu o sargento do destacamento do Bomfim, com alguns guardas e Elyseu atracou-se com este, sendo por fim levado preso e conduzido para a guarda.

Este facto foi presenceado por diversas pessoas.

—Esse inspector deve ser severamente punido, porque não é essa a primeira vez que assim procede.

A PEDIDO

—No jantar politico dado ao senador Zacharias foi achado um rico annel de brilhantes. A pessoa que o recebeu da mão de quem achou para entregal-o a seu dono, ja o teria feito?

Pergunta-se a Sra. Constança da Purificação Barros qual o motivo de, ha tres annos completos, não ter feito o inventario do fallecido seu marido Luiz Gonzaga de Barros, quando, consta, terem já sido vendidos alguns bens do casal?

Tamanha demora prejudica não so á seus filhos, como áquelles a quem a referida senhora tem de entregar as deixas legadas pelo referido fallecido.

Em vista do exposto, pede-se lhe que abrevie o mais possivel o alludido inventario.

Um dos prejudicados.

Previne-se ao Sr. que mora na casa alta como um *pinheiro,* para ser mais politico quando tratar de receber dividas de jogos, e esses prohibidos, pois deve saber que não vivo disso, e nem ainda deixei meu trafico da vida para viver do jogo como S. m. é quanto basta por agora. *O enganado.*

—*Salú Rato* empenhou a ferramenta.

—Ora que rato!

—Para comprar um chapeu.

—Teve razão, quem namora deve andar no *chic.*

—Não foi por isso; foi para ir a casa da pretendida noiva, saber do pae da mesma a resposta da carta em que a pedia em casamento!

—Dá-se cangalho mas tollo?

Aquelle mono o que precisava era que o pae da moça lhe desse um clister de coada para não se fazer de besta.

—Animo so como o de Salù!

—Pobre azemola!

Infallivelmente acaba no hospital, doudo varrido, com o tal casamento que se lhe encasquetou.

ANNUNCIOS.

Quem precizar de uma Sra. de cor branca com idade de 28 annos, para tratar de meninas em collegio, ou para o serviço domestico de qualquer casa de familia, dirija-se a casa n.º 131 ao Pilar, que achará com quem tratar.

Attenção.

Breve será publicada uma rica peça de muzica intitulada o *trombone dos frades ou a alliança do Vital,* a qual só poderá ser executada por *brancos* ou alfaiates gallegos.

Attenção.

A' loja e fabrica de calçado de Luiz de Oliveira Vasconcellos, á rua direita da Misericordia n. 13 (defronte do portão) precisa-se de peritos officiaes de sapateiro, pagando-se bons feitios. Na mesma casa tem bom sortimento de aviamentos para o mesmo officio, vendendo-se por preços muito rasoaveis.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 83.ª QUARTA-FEIRA 2 DE AGOSTO. N. 821.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Hoje começa a serie 83 do «Alabama.»

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 1.º de agosto de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia da Sé, pedindo-lhe que lance suas vistas para uma loja defronte do Forum, onde trabalham uns sapateiros, os quaes, além da algazarra que fazem e das palavras immoraes que proferem, jogam constantemente, pelo que, consta, ha sempre desordens.

Espera-se de S. S. alguma providencia a respeito.

—Capitão, em consequencia do máu tempo, a commissão directora dos festejos do immortal dia Dous de Julho, em Itapagipe, deliberou transferir a illuminação para os dias 4, 5 e 6 do corrente, tendo logar a guardagem do carro triumphal, neste ultimo dia.

—Fico inteirado.

—Si as mulheres publicas devem ser vigiadas e obrigadas a guardar o devido acatamento á decencia publica, teem ellas tambem o direito de ser garantidas em seu lar.

—E' uma pura verdade.

—Mas eu vi na noite de 28 do p. em casa de algumas dessas infelizes um acto de verdadeiro vandalismo, o mais descommunal attentado contra a propriedade e segurança

—Pancadaria sem duvida.

—Tres individuos entraram no 2.º andar de um sobrado atraz da Sé, e levaram tudo á escalla. Fizeram inteiro estrago; sophá e cadeiras foram cortados a faca; outros moveis rolaram pela escada; quizeram tocar fogo nos colchões; espancaram as moradoras, estrafegaram as roupas,

—Isto no meio da cidade! Não ha receio, não ha temor de punição,

—Apezar dos repetidos toques de apito não appareceu uma sombra de policia que estorvasse aos desalmados.

—No domingo, em Itapagipe, na occasião da entrada do carro triumphal dos festejos de Dous de Julho, um individuo de nome Firmo deu uma cacêtada em um menino, que o jogou por terra; em consequencia do que alvoroçaram-se diversos sugeitos de cacête sobre elle que teria sido victima da imprudencia que commetteu, si não houvesse alli quem mantivesse a boa ordem!

—O povo paga tributo de tudo e por tudo; mas o suor do povo não é applicado em nada que lhe seja de beneficio.

—Pensei que vinha adiantar ideia; veja cousa mais nova.

—A dor é que ensina a gemer, capitão.

So falta pagar tributo pelo ar que se respira, o governo não dispensa nada, entretanto o governo se esquece dos interesses mais comesinhos do povo.

—V. hoje não acaba.

—Já.

Estou zangado porque precisando da matricula de um menino não a encontrei na eschola.

—Logo vi que o negocio lhe interessava.

—Ora eu, que ha poucos dias, necessitando de uma certidão na directoria dos estudos paguei de direitos 6$500 que a thesouraria provincial me cobrou por duplicata, tenho rasão de queixar-me.

—Tem rasão; os professores publicos deviam ter livros de registro de seus alumnos, os quaes, dados certos tempos, deviam ser archivados na directoria.

—Era um documento publico de summa utilidade e que poderia prestar proveitosos resultados, removendo muitas duvidas no futuro.

—Um soldado de policia, na rua de Dentro, em Itapagipe, achando-se bastante *molhado* por dentro e por fóra, entrou por um

botequim e vendo uma meza que estava no meio da sala cheia de garrafas de bebidas, deu com ella no chão, espedaçando todas as garrafas!

—Effeitos de *agoaceiros* alcoolicos!

—Este homem quer se tornar o seductor universal.

Propagador da perdição, quer saciar seu desenfreado appetite, seja porque forma for.

Que perseguição, que accintes tem elle desenvolvido contra a pobre senhora viuva.

—Que viuva é?

—Uma senhora mãe de tres filhas, s bre uma das quaes lançou o gavião suas vistas.

Mora na rua das *Espericiarias* n'uma casa onde o cujo possue uma traquinada de *ferros-velhos.*

Andava o tal Adonis a contar parolas as senhoras, mettendo-se a engraçado e a dizer que se casaria com uma dellas, logo que sua mulher morresse.

As comportas do melro não agradaram e sendo repellido, anda furioso e quer por meio de grosseiros insultos, de mesquinhas picardias tirar uma vendicta da repulsa, que soffreu.

Tem usado de quanta torpeza ha para espesinhar e molestar a pobre senhora e suas filhas, que não quizerem ceder a seus caprichos licenciosos; mais a *viuva atravesssa* todas essas baixezas sem ceder de sua dignidade.

—Faz muito bem!

—Ja sabe quem é elle?

—Ainda não.

—Um sugeito que tem adquirido notoria fama de seductor de donzellas, que leva a depravação a fazer garbo disso.

—Por estes signaes não sei.

—Olhe, elle é *gordinho.*

—Peior!

—Por S. *Antonio,* não estou para quebrar a cabeça.

—Veja como o homem procura a morte com seus pés:

Um individuo, morador em Alagoinhas, veio á instancias de alguns amigos, ver os festejos de Dous de Julho, em Itapagipe, e andou passeando á cavallo, mais seus amigos.

As' sete horas da noite, na volta do vapor dos Vehiculos para o Bom-fim, elle e seus companheiros vinham galopando por dentro dos trilhos; e o vapor veio sobre o animal, e este desviando jogou o dentro dos referidos trilhos, resultando passar o vapor sobre elle, fracturar-lhe uma perna e arrepear-lhe as carnes da costella, ficando os seus companheiros, por estarem mais afastados, apenas com pequenas contusões.

—Infeliz!

—Na segunda feira, porém, correu o boato de que elle havia dado alma ao Creador, proveniente do tetanos que lhe sobrevcio!

—E n'esse mesmo dia, as 2 horas da tarde, no acto de entrarem os *bonds,* que foram da cidade para o barracão, afim de serem levados pelo vapor para Itapagipe, um dos caixeiros dos Vehiculos, que estavam n'essa occasião na porta do mencionado barracão, sendo esta estreita, ficou com o rosto inteiramente disforme, em consequencia de um dos *bonds* roçar-lhe sobre a face.

—Consta nos estar o mesmo em perigo de vida.

—Quantas desgraças, meu Deus!

—Na segunda-feira, pelas 8 horas da noite, na rua da Madragôa em Itapagipe, um individuo, conhecido por *boneco alinhavado,* junto com um outro que appellidam de *Johnes,* travaram-se de razões, e pozeram-se a descompor um ao outro em termos obscenos e immoraes, sem lembrarem de que por alli moram muitas familias.

—Tudo isso é devido a falta de policia que ha por aquelles arrebaldes!...

—Recebem os alugueis da casa desta idiota e botam no papo.

—Agora não, ella mesma é quem cobra.

—Não sei disso.

O caso é que a desgraçada com tal dinheiro nunca comprou um vestido, nem uns tamancos e vive na cosinha dos outros feita escrava, carregando taboleiros na cabeça, rota e esfarrapada.

—Quanto mais se V. souber que já lhe quizeram acabar com a droga. Andou ahi um sujeito encarregado de vender a tal casinhola.

—Que ladrões!

Miseraveis salteadores!.. querem dinheiro a todo transe para sustentar uma vida viciosa e desregrada!

—E andam empavesados no meio da gente honesta! Como blasonam por toda parte de probos e moralisados!

—Almas emporcalhadas, por mais que se saccudam, não extinguem a poeira da infamia do polluido corpo.

— Mais feliz do que esta infeliz *é uma Mariquinhas doida* que tambem ha nesta cidade. Esta em quanto não foi emancipada teve tutor, e curador, protectores, e recebeu o que era seu.

—O *Diario* tambem deu a publicação do *Imparcial* em defeza do Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho.

—Podera não'...

Eis como é a imprensa nesta terra!

Fecha as portas a uma desvalida e as escancara ao homem dinheiroso que é causa de suas afflicções!

—E faz mais. Por seu vehiculo o Sr. Godinho se apresenta aos olhos do publico como um *innocente* que soffre perseguições, e se deixa cahir em armadilhas, lançando desta forma resaibos de cumplicidade na austera reputação dos magistrados que reconhecem a culpabilidade de semelhante homem.

—Si a verdade está do lado do culpado que interesse ha em occultal-a?

—D'esta forma, o Sr. Godinho, com a imprensa á sua disposição, pode com seu dinheiro usar de todos os meios para isemptar-se á punição do crime sem que a parte fraca tenha o recurso de appellar para a opinião:

—Entretanto eu vejo a imprensa seria publicar ahi tanta cousa!

Ha bem pouco eu vi um homem dizer que comprou a dinheiro o nome de um individuo para lhe servir de guarda costas e poder á salvo injuriar a outro, empurrando-o para frente logo que fosse occasião.

Isso é que deprecia a instituição de Guttemberg.

—O *Diario*, a gazeta liberal, procedendo assim, desmente seus principios. Pelo menos como egualdade, não devia acceitar de ambos os lados.

—Está V. enganado. Não ha egualdade entre uma mulher do povo e um opulento negociante.

A PEDIDO

Ao publico.

III.

Um dos pontos que mostram em toda a evidencia a improcedencia da justificação, com que o negociante Antonio Tavares da Silva Godinho pretende provar a maioridade da menor Clara, por elle raptada e defforada, é a palpavel contradicção em que cahem entre si as testemunhas que deposeram na mesma.

Testemunhas de celebridade adquirida no forum, não é a primeira vez que a *coincidencia* as reune e se acham ellas ligadas n'uma mesma causa.

Até já uma vez, não sabemos por que obras do accaso, Secundino e João Americo, foram companheiros de sorte, em 6 de novembro de 1868, indo ambos por *impertinencias* do chefe de policia d'aquella data, esbarrar á correcção.

E' verdade que nessa occasião não foi preciso formar a guarda de palacio, como em certo dia em que commandando esse posto o Sr. tenente Bernardino, do batalhão de Sant'Anna, o Sr. J. A. tevè de ir até o quartel da policia.

Voltando porém ao assumpto, diremos que o depoimento de taes testemunhas nenhuma fé pode merecer diante do espirito esclarecido do respeitavel julgador que tem de apreial-o e dar o seu *veridictum*.

Secundino jura por exemplo que Benvinda não foi á egreja e ficou em casa *arranjando os preparos*.

João Americo pelo contrario jura *que a viu na egreja* e perguntou quem era aquella creoula?

Ao que Elesbão, inculcado padrinho, respondeu, *é minha comadre Benvida Tavares*.

Outra prova de irrefragavel contradicção é a seguinte:

A certidão apresentada pelo Sr. Godinho diz: « que aos desesete dias do mez de de-«zembro de 1854 o Revm. vigario de Santo «Antonio *poz os Santos Oleos em Clara, por ja «ter sido baptisada* em casa em perigo de «vida, etc.» Ao passo que João Americo jura que no referido dia viu e assistiu o solemne baptismo da mesma, presenceou ser levada a pia baptisnal e ahi receber a agua remissora da culpa original; em quanto Domingos que jurou no dia immediato a João Americo e conseguintemente podia estar *mais um pouco lembrado*, para *harmonisar* as cousas diz: que na occasião da menina ser levada á pia não viu lhe deitarem agoa sobre a cabeça, porque nesse momento distrahiu-se com um *pensamento indecente*!

O logar e a occasião não podiam ser mais opportunos!

Como estas, é a justificação do Sr. Godinho um tropel de incoherencias e falsidades.

Outra extravagancia é a pretendida identidade de Benvinda Maria da Conceição com Benvinda Tavares, allegando-se ter sido aquella escrava da casa de Tavares França.

Mas saiba o publico que Benvinda não foi escrava dessa Tavares França e sim de Manuel Paianno de Alleluia, documento que a mesma já juntou aos autos, e passou por divida a pertencer a D. Emilia Rosa Dultra, membro da familia Tavares.

Ora em uma familia em que nem as proprias senhoras adoptam a uniformidade de sobrenome, chamando-se uma por exemplo D. Cypriana Maria da Gloria, outra D. Emilia Rosa Dultra, outra fulana de tal Abreu, póde-se em consciencia admittir que seja uma escrava quem va adoptar o nome primordial da familia, quando pelo contrario o bom senso

está dizendo que nesse caso usaria ella do de sua senhora que é D. Emilia Rosa Dultra; que a houve por divida de Manuel Paianno de Alleluia. em poder de quem ja usava do nome de Benvinda Maria da Conceição?

E o facto de apparecer nos livros de Santo Antonio uma Benvinda Tavares, segue-se que essa seja exclusivamente uma escrava da casa dos Tavares?

Para isso era preciso que o cognomen de Tavares fosse privativo da familia da ladeira da Soledade.

Mas ha tantos Tavares n'esta terra, (e o proprio Sr. Godinho é um delles) que em enumeral-os seria um nunca acabar.

E quantas coincidencias não se tem visto nesta terra a respeito de nomes?

No batalhão de artilharia nacional, quando era commandante o Exm. Sr. brigadeiro Evaristo havia um individuo com o nome de Evaristo Ladisláu e Silva.

Mas, reflicta o leitor judicioso e imparcial; que necessidade tinha Benvinda, se accaso tivesse usado do nome de Benvinda Tavares, de mudal-o para Benvinda Maria da Conceição?

Benvinda não é commerciante, não é mulher de importancia que tivesse interesse em trocar o nome, além disso as mudanças de nomes, sabe se muito bem, são feitas por annuncios consecutivos na imprensa.

Isso não se deu.

Logo, a verdade é que Benvinda que apresenta seus recibos de casa, suas matriculas de caxinha, a certidão de baptismo de seus filhos, os attestados de seus amos a quem serviu, dos parochos e subdelegados das freguezias onde tem morado, com o nome de Benvinda Maria da Conceição, sempre se chamou assim desde 1851 quando emancipou-se, e antes disso ja usava de tal nome como o affirma em juramento sua propria senhora D. Emilia Rosa Dultra.

Verdade inconcussa que não fazendo conta ao Sr. Godinho, que vê pesar sobre sua cabeça a sancção legal, pretende negal-a com o poder de seu ouro, e conseguindo abafar a imprensa, usa d'ella em seu proveito mandando pintar-se como um *innocente perseguido,* victima de uma armadilha, emquanto pela bocca de seu advogado é apregoado ser um asalto que si tenta á sua bolsa.

Não ha maior irrisão!

O publico judicioso tem o preciso criterio para descriminar quem são os assaltantes da bolsa do Sr. Godinho.

Si Benvinda quizesse especular com este desastrado acontecimento teria se aproveitado das muitas propostas que lhe tem mandado fazer o Sr. Godinho, e ainda ha pouco, na sexta-feira, procurou ao Sr. Joaquim Dourado compadre da mesma para ser intermediario de uma dellas. Si o Sr. Godinho não perde occasião de fallar em seu dinheiro procurando fazer insinuações, si na propria salla da subdelegacia da Sé fallou nelle, si não ha muito julgando que um empregado desta officina tinha influencia com Benvinda, procurou-o, entrando na referida officina á uma hora e sahindo ás cinco, procurando rodeios para fallar em seu dinheiro e por fim declarando-se francamente; si sempre teem sido repellidas suas propostas, como é que se quer assaltar a sua bolsa?

Mas la está escripto nos autos pelo Sr. João Victor.

Porém quem diz é o Sr. João Victor, o homem que falla em publico que não traga a moralidade e a dignidade e não perde occasião de preconisar a honestidade de sua vida por demais conhecida.

Consta-nos que o meritissimo Sr. conego Dr. vigario geral apreciando o valor das testemunhas acaba de dar nos autos o seguinte:

Despacho.

«Os depoimentos das testemunhas *retrò* «não são de **natureza a persuadir a** «**verdade** do item da petição á f., pelo «que o justificante reforce as provas queren-«do. Bahia &»

Chama-se a attenção do Sr. major Barros, digno subdelegado da freguezia de S. Pedro, para uma parda moradora ao becco do Paraiso n.° 21, que além de com continuadas algazarras a noite não deixar os visinhos dormir, injuria-os com palavras obscenas e deshonestas, não attentendo ao grande numero de familias, que ahi moram.

Consta-nos que por circumstancias identicas, foi ella expellida de uma casa onde morava ao beco do Mocambinho.

Espera-se que S. S. faça cessar este abuso.

Um visinho incommodado.

ANNUNCIOS.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita do Palacio n. 14.

Vende-se o botequim á esquina do Caminho Novo do Gravatá, defronte de onde foi directoria dos estudos.

Trata-se la mesmo.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 85.ª — SABBADO 5 DE AGOSTO. — Ns. 822—823.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 4 de agosto de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que compareceu perante o commando deste *navio* Maria Rosa da Piedade, queixando-se que tendo sua filha Maria Izabel da Purificação, a qual é completamente idiota, sido apupada por uma sucia de moleques, na quinta-feira 27 do proximo passado mez, e como ella, devido mesmo ao seu estado de idiotismo, proferisse palavras contradictorias a moralidade publica, o inspector de quarteirão João Farias ordenou ao ordenança da subdelegacia dos Mares, freguezia em que se achava a filha da queixosa, que fosse metter-lhe o chicote; e como este se recusasse, elle mesmo foi sobre ella, deixando-lhe o corpo todo seviciado pelo instrumento aviltante. Garante se a veracidade da queixa, visto ter a queixosa trazido sua filha á presença deste commando

Em vista do que, e pela gravidade do facto, espera-se que S. S. empregará os meios que a lei lhe faculta para a punição do delinquente.

—Ao mesmo, pedindo-lhe providencias sobre o estado de ruina que apresenta um predio á rua d' Tijollo, propriedade do cazal do finado capitão Caboclo, do qual desabando na noite do 1.º do corrente um grande forro de estuque sobre o soalho que fica por cima d'uma sobre loja, pôz em sobre-salto os moradores d'esta, os quaes por milagre não foram victimas da grande quantidade de caliça que cahiu sobre a sala, onde felizmente não se achava ninguem na occasião.

Espera-se ser attendido.

—Em quanto não se der uma desgraça na saltagem das senhoras que embarcam-se nos *bonds* dos Vehiculos para Itapagipe, os caixeiros não se corrigem d'essa cassuada de apitarem antes das senhoras saltarem!

—E' verdade; eu prevejo isto mesmo.

Na segunda-feira, uma senhora, tendo de saltar no Papagaio, pediu ao caxeiro que apitasse afim de fazer parar o vapor.

Elle apitou, o vapor ia parando, e ainda bem a senhora não tinha descido, já o caixeiro do primeiro *bond* apitava para seguir!

No arranco que deu o vapor, por milagre, a referida senhora não foi arremessada ao chão, o que por certo acconteceria si não houvesse quem a segurasse.....

—Srs. gerentes, vejam que a vida da creatura não é brinco de meninos, e por conseguinte é preciso providencia!

—A companhia do olho-vivo conta em seu gremio todos os ramos da especie humana.

Velhos, moços, mulheres e creanças, invalidos e possantes, decrepitos e jovens, de tudo tem em si a terrivel associação!

—Estendeu raizes, ramificou-se por toda parte.

—Appareceu agora em scena uma crioula, domiciliaria do Sr. Barauna, atraz da Sé.

E' uma ladra de pequena esphera, talvez porque ainda não apanhasse de geito cousa de vulto, digna porem de menção pelo ardil e dextreza de que é dotada.

N'um dia só, usa de saia e descalça, de vestido e calçada, e logo após fecha-se de luto.

Sua industria consiste em introduzir-se nas casas offerecendo-se para creada, ou outro qualquer mister, e ir agasalhando no seio, ou por baixo das roupas o que pode pilhar, e mesmo quando o volume é maior, pondo-se ao fresco ao primeiro descuido que se lhe depara.

—Está de meio de vida feito.

—Na segunda-feira surripiou um traste de uma casa na rua da Larangeira e na terça, á uma africana, dous pannos da Costa, que vendeu no Gravatá, por 8$ rs., sendo preza e levada á presença do subdelegado confessou o furto pelo que foi passar umas viante e quatro horas na casa de Correcção.

Os meias caras.

Nem Bouffon, nem Couvier, nem o nosso José Saturnino, que tanto trabalho se deram para assignalar as qualidades de bichos, plantas e de tudo o mais que faz do mundo terraqueo uma arca de Noé, se lembraram de qualificar um animal singularmente incommodo, e que á maneira da traça no panno, ou do capim na maneira se introduz na sociedade para chupar-lhe a força e viver á custa della.

Fallo do meia cara que não é, como alguem poderia pensar, uma cara partida ao meio. O meia cara parece se tanto com um homem, como um ovo com outro ovo, falla como elle, veste como elle, e por vezes se destingue sobre elle; porem o meia cara não é homem, porque este tem o instincto do trabalho, e o meia cara quer que os outros trabalhem para elle. O homem ufana-se quando pode contribuir para o bem da sociedade; o meia cara só quer que a sociedade contribua para seu bem; o homem tem familia, amigos e patria a quem serve com empenho, o meia cara quer que a patria, os amigos, e a familia (quando a tem, que é raro) lhe sirvam a elle ou a sua preguiça.

Nas cousas mais pequenas da vida o meia cara revela seus instinctos egoistas para ter meza e casa, sem trabalho. Elle se encosta a um amigo ou parente; si os não tem, casa-se e vae viver na casa do sogro. Dest'arte ganha tres cousas a um tempo: morada, prato e mulher. Quando não pode ou não quer casar, e não tem parentes a quem acolher-se, e que se vê conseguintemente obrigado a ter casa propria, elle procura modos e geitos de comer dous ou tres dias fora della, e o chá é certo que o toma na casa de um amigo.

Na roupa tambem economisa singularmente o meia cara; elle compra os retalhos de fazenda, si não tem de quem possa obtel-os por mimo, manda fazer as camisas e toda a roupa branca pelas primas e sobrinhas, que aliás são as suas lavadeiras gratuitas, e aos alfaiates somente dá obra de cinco em cinco annos.

O meia cara fuma ou toma rapé, mas sempre os seus cigarros são ruins, ou deixou a bocêta em casa. Serve-se pois dos charutos ou do rapé dos outros. E serve se, como de cousa alheia, á estragar.

O meia cara gosta de passeiar á cavallo, porém o delle está sempre na invernada, o selim está no corrieiro, o freio lhe foi roubado na vespera; dessa forma tem motivo para montar no cavallo de um amigo, o qual tem de lh'o mandar arreado e prompto.

O meia cara tem gosto singular pelos jornaes; não tendo como entreter as horas de ociosidade, procura ler noticias. Elle não é assignante de nenhuma folha, porém sabe as novidades antes que os assignantes, e ainda por cima ri dos tolos que gastam, para que elle se divirta.

O mesmo faz no theatro; o meia cara acha sempre quem o convide para o seu camarate, e si não elle proprio se convida. Aos bailes accompanha a familia de um socio, afim de ter entrada sem dispender um real.

Finalmente o meia cara vive, come, goza de todos os divertimentos e de todos os prazeres na *barba da cutia*. A ninguem faz beneficio e os recebe de todos, e como todos os egoistas, é ingrato. Volve-se contra a mão que o alimentou quando ella está vasia, e ri dos *tolos que o ajudam a viver*, é a sua phrase favorita.

Para acabar com este animal damninho não serve o rosalgar, nem a *nox vomica* nas bolas de carne, é necessario fazer como com as formigas, por-lhe algum acido que lhe faça volver caminho, ou obstaculos materiaes que lhe atalhem o passo. Quando isto ser não possa, é bom tirar-lhe o incentivo.

O meia cara gosta de viver e comer em casa alheia, é nunca convidal-o, e si for necessario, é mostrar lhe que a sua presença não é indispensavel.

O meia cara não quer pagar ás costureiras, as primas ou tias tragam diante delle o dedo pollegar amarrado, ou queixem-se de dôr de costas; em summa não podem cozer. Quando o meia cara pedir cavallo é responder lhe que está desferrado; quer ler jornaes? é dizer-lhe que os não receberam: pretende ir aos theatros, aos bailes etc: é mostrar-lhe que não ha logar no camarote. Emfim applicar-lhe não antidotos, mas sim remedios homœopathicos, a sua enfermidade é egoismo, pois com o egoismo seja elle curado.

E não ha perder tempo, a raça dos meias caras vai multiplicando a toda pressa, cumpre combatel-a, aliás em poucos annos havemos de ser devorados por ella, como Job pelos vermes. As excrescencias desfiguram e debilitam as arvores, a alforra perde o trigo, a traça consome o fato, a ponilha fura os couros, os zangões chupam o mel mais puro, o meia cara é a excrescencia, a alforra, a traça, a ponilha, o zangão da sociedade: matemos o meia cara.

A mulher ciumenta.

Não ha quem deseje viver com a mulher ciumenta. E' a peior peste que apparece na face da terra, a cousa mais aborrecida que se pode imaginar. Analisemos uma mulher tal nos dous estados; no estado de casada, e no de solteira. A casada por qualquer couza traz

a pulga na orelha com o marido, em todos os movimentos o acompanha e de tudo quer ser sabedora. Busca sempre um motivo de briga, ou de desconfiança. Si o pobre é empregado publico, e si vem para casa mais tarde das horas, em que se feixam as repartições, a encontra na janella, como um furia, a olhar a rua de cima abaixo. Si elle é de loja ou de escriptorio e passa das oito da noite, eil-a na porta qual uma barata tonta. Vem o caixeirinho; ou o moleque da casa, principiam as indagações, (as vezes mais minuciosas que as da policia) para saber onde ficou, onde não ficou o amo ou o Sr., o qual depois de algum tempo a final apparece, achando ao entrar em casa a mulher toda encafifada e que sem attender as razões justificativas e attenuantes de sua demora, principia a inventar immensas cousas proprias do seu genio. Ora diz que o marido não veio pelo caminho direito, porque foi ver certa *lambisgoia,* (de quem já ella desconfia) ou porque esteve conversando com fulana, ou sicrana. Nada lhe despersuade de seu pensar, antes cada vez mais renitente diz pela bocca cobras e lagartos, blasphema contra si e maldiz o dia, em que foi á egreja receber-se. Então o marido, si é dos pachorrentos, ou melhor, varunca, della só governar e elle nunca, atura tudo com a sua paciencia de Job; porém si é dos de pá virada, a mulher não lhe bufa muito, sem que tenha o premio de suas maravilhas.

Vamos á solteira. Oh! ha panno para mangas.

Consideremos tendo ella, como de ordinario, o seu apaixonado. Pois bem, si o Joãosinho deixa de apparecer para as entrevistas amorosas, já se suppõe despresada, (ciume no caso) e quando chega ao avistal-o, finge-se, (para o que tem muita propriedade) zangada a ponto de lhe não querer fallar. Que trabalho para fazer uma reconciliação não tem elle! Que expressões ternas, que linguagem apaixonada não gasta para desculpar a sua falta! Nas prendas, nos presentes cada uma faz o seu ciume. Esta briga por não trazer o amante no dedo o anel de tranças, que lhe deu; aquella falla por não ver o rico lenço de cambraia, que com tanto afan bordou; aquell'outra se irrita, se agasta, e se formalisa por um cortejo que elle faz á visinha de defronte, já pensa que esta lhe disputa a palma, ou quer tiral-a do lance; d'ahi principiam as intrigas, os enredos, a inimisade por fim. So quem tem bom estomago, bom genio, e desmarcada pachorra, é que pode aturar similhante gente quer n'um, quer n'outro estado. Eu não sirvo para isto, diria a qualquer que me não quadrasse; Adeus, temos conversado.

A PEDIDO

—Oh frade impudico, dos seiscentos!

Com que deslavamento entra por casa a dentro de uma dessas hospitaleiras do vicio, sem respeitar as vistas publicas que se fixam sobre elle!

—Julguei que o casmurro tinha esquecido a Rua de D. José.

—Ha muito que não vinha; voltou hoje, quinta-feira, e todo rapadinho; primeiro foi fazer a barba.

—Saudades da *Taóca.*

—Benza-te Deus! Tenho visto muito frade debochado; mais um *seraphico* irmão em Jesus Christo mais depravado e cynico do que este, ainda não.

—Como é que o Dr. Paulo Joaquim Bernardes da Matta attesta que um homem são está doente!

—Pela mesma maneira porque pode attestar que um homem doente está são. Debaixo do juramento de seu grau.

—Mas dar um attestado desta ordem a um homem que é o proprio a compromettel-o!

Domingos José de Araujo Guimarães tendo de comparecer em juizo, quarta-feira, mandou apresentar á authoridade um attestado de molestia firmado pelo Dr. Matta; mas passada uma hora, Domingos em uma taverna fazia alarde do modo por que conseguira escapar á acção da lei.

Ou o Dr. Matta quiz *fazer um favor* com prejuizo de seu credito medico a Domingos, o qual não lh'o soube agradecer e o foi patentear publicamente ou *enganou-se* deploravelmente na sciencia que professa dando por doente a um homem perfeitamente bom.

—E em ambos os casos para um medico e medico que occupa cargo official importante, é cousa que não fica muito bem.

Quem quizer comprar canecos
Bacias e almofariz
Vá a loja de Zé Vento
O lampista de Pariz

Rapaziada concorra
Ao novo estabelecimento
Que as obras excellentes
Pois são feitas por Zé Vento.

Pergunta se aos Exms. Srs. generaes commandante das armas e inspector geral das tropas, si é permittido officiaes reformados addidos aos corpos do exercito em vista do aviso de 15 de março de 1860?

E no caso de ser permettido não devem ser,

preferiveis aquelles, que, como Suas Exas., sacrificaram suas vidas derramando o sangue nos campos do Paraguay?

—Como é que aquelle homem casado queria casar com outra moça?

—Quem é?

—Aquelle que vae em direcção ao *Taboa grande*.

—E' um simplorio; um *janjão*.

—Simplorio! e com a mulher viva contractando segundas nupcias!

—Então fez isso?

—Pergunte ao cunhado delle, aquelle homem temivel *batalhador*.

Abandonou a esposa que vive com o pae n'uma gruta de *gravatás* e tratou de requestar uma linda menina, a qual não cedendo a seus intentos, quiz unir-se com ella pelos laços da egreja.

—Um crime de bigamia!

—E teve o cynismo de mandar propor a fiel esposa que não lhe desconcertasse o plano, que seria remunerada.

—Não se tolera tanto.

Muxingueiro! agarra este alarve com ares de *janjão*, leva-o a Santo *Antonio*, unta-lhe o pello de *breu*, que o quero mandar embarricado á exposição dos maus casados em *Guimarães*.

—Já, capitão.

Pede-se por S. *Saturno pequeno*, a um negociante volante, *quebrado*, o qual tendo sido demittido de subdelegado de certa freguezia, *que não tem praia* (por ser *intelligente*) vive pelos quarteis e casas particulares desencaminhando a certos officiaes casados do batalhão *sete vezes dous*, cuja probidade e honradez foi sempre n'elles reconhecida, que, para evitar conflictos, se deixe de affastal-os de suas casas, levando-os para distracções nocturnas etc. E para que o dito *negociante volante* não soffra de S. *José* dos bem casados algum castigo invizivel de *correia*, queira occupar-se em algum meio de vida mais licito, á fim de pagar a quem deve.

As lagrimas de uma esposa.

—Não tem duvida, é pechincha.

—O que?

—*Dous* massos de cigarros grossos por um bilhete dos Trilhos Urbanos.

—Vire folha, que é cousa sabida.

—Não senhor...

—Pois eu lhe digo que sim.

—Contesto...

—Basta; não quero teimar, aonde ha disso? No café *Les Deux Amis* ao largo do theatro; vá lá comprar um masso dos—Exposição de Leite e Alves, que ha de ver se não lhe dão outro, de Conde d'Eu, Oriental ou Guarany.

—Emfim, como eu gosto da *confusão* da fumaça, me afreguezarei *aux les Deux Amis*.

Sr. Redactor.—Tomando o seu periodico a defesa da infeliz Clara, raptada e deflorada pelo negociante d'esta praça, Antonio Tavares da Silva Godinho, e tendo o mesmo, ou algum dos seus defensores, apparecido no *Jornal*, sob a forma de *Imparcial*, pedindo ao publico sensato que suspendesse o seu juizo sobre a accusação fiel, que faz o seu periodico, venho pedir lhe que publique as seguintes apreciações que me suscitou a leitura de tal escripto:

O Sr. Godinho ou alguem por elle, diz que se lhe attribue o defloramento da supposta menor Clara; (são suas palavras), ora está a toda luz que o Sr. Godinho, depois de ter estado com a menor na noite do rapto, abrira as portas do quarto, como elle proprio confessou no seu interrogatorio, e chamara a dona da casa, e lhe dissera: *Esta menina me enganou;* procurando tirar assim de si a culpabilidade do crime, e aproveitando se tambem da occasião em que a infeliz, envergonhada d'aquelle acto, não se podesse defender perante a dona da casa, e mesmo porque elle a impedia, pondo-lhe a mão sobre a boca quando ella queria fallar, como diz a dona da casa no seu interrogatorio.

O corpo de delicto provou ser recente o defloramento, entretanto o Sr. Godinho deseja justificar-se perante o publico!

Oh! é perante a opinião que o Sr. Godinho si quer justificar? Engana-se perfeitamente.

A opinião publica é um juiz que não se confunde.

Para maior prova de que o Sr. Godinho é o autor do crime, e por isso procura *à fortiori* provar a maioridade da infeliz para a sua absolvição, o que é impossivel, diz que o seu periodico o *quer injuriar e precipitar seu credito e reputação na opinião, não só do digno juiz a quem está affectado o seu processo, como tambem d'esta terra;* lhe faremos agora a seguinte pergunta: O publico acreditará que um negociante, capitalista, homem que pode tudo com o seu dinheiro, preciso para estar com mulheres meretrizes de alugar um quarto n'uma loja? Não; nem o juiz a quem está affecto o processo, nem a opinião o desculparão, visto ser preso em flagrante no mesmo quarto com a raptada, e o corpo de delicto mostrar ser o defloramento de dous dias.

S. O.

VARIEDADES.

A engeitada.

I

Sibilava a ventania
Com voraz intensidade,
A chuva que então cahia
Tornava um mar a cidade;
O rimbombar do trovão,
E do fuzil o clarão,
Por entre o escuro dos ceus,
Era uma scena gigante,
Um bello-horrivel tocante,
Um castigo do bom Deus!

Apezar da tempestade
Que nessa noite cahia,
De junto de ferrea grade,
De uma egreja surgia
Fraco, tristonho gemido;
A taes horas um vagido,
Vejamos que possa ser!
Talvez uma alma penante,
Mendigo, talvez tunante,
Avante! é bom de saber!

Só um embrulho encontrado
Junto ás grades, nada mais,
Envolto em panno encarnado
Surgem d'elle os tristes ais!
Creança recem-nascida,
Tenho em meus braços erguida,
Em minhas mãos aqui stá!...
Vem raio dar luz á scena!....
Creança linda, serena,
Tão linda como não ha!....

Molhada... fria... coitada...
Quem para aqui te mandou?
Tão infante, despresada...
Quem foi que te abandonou?
Nem temeram a tempestade;
Do cão que infesta a cidade
Não se lembraram... ai, não!
Podias ser devorada,
Pobre creança desgraçada,
Por algum faminto cão.

Que estrella fatal te guia
Nas horas do teu nascer!
Quantas noites de agonia
Não terás de padecer!
Teu pai... sumiu-se na briza,
Meteóro que deslisa
P'ra logo desfallecer,
Sonho que canta a victoria,
Mas que só deixa a memoria....
Pai!... fugiu p'ra te não vêr!

Mãe!... ai essa era o teu anjo
Que te devia salvar;
Mas onde está esse archanjo
Que não vem te acalentar?!
Perdeu-se na immensidade
Deste mundo de vaidade,
Miseria e devassidão. .
Mãe!...que nome esse tão lindo,
Mas para ti está findo
E's filha da maldição.

Filha do crime, com crime
Symbolisaram teu ser,
Um erro vil que exprime
O dissoluto viver
De uma mãe tão pervertida
Que se torna infantecida
Só p'ra um erro encobrir!
Não tem o instincto humano,
E' fera, no seu arcano
Ha só perverso sentir!

Lançar um filho á rua
Como cousa sem valor,
Perder a ventura sua
Em remorso destruidor,
E' delirio, malvadez,
Perversão, hediondez
De um coração viciado!
E' ter instincto ferino;
Não ter alma! é desatino!
Não é pai! é ser malvado)

II.

Vem cá filha do erro, vem comigo
Eu vou dar-te uma mãe, um pai amigo
Que te ha de salvar;
Não terás os bafejos sacrosantos
D'uma mãe que por ti soltara prantos
Si te ouvisse chorar.

Não terás os carinhos offegantes
Beijos fervidos, sinceros, delirantes
De amantes paes;
Tambem não chorarás por esses entes,
Quando no leito da dôr visses doentes,
Mizeros, soltando ais!

Vou levar-te ao asylo... ali ao menos
Veràs correr os teus dias serenos
Com fragrante viver!
Terás tambem afagos paternaes,
Consolações e gosos perenaes,
Lenitivo ao soffrer!

Encontrarás da caridade os braços
Que terna t'apertará em tenros laços
Com fraternal amor!
Irmans, que como tu foram lançadas
Ao despreso do mundo, — abandonadas,
Sentirão tua dôr....

Ellas te dirão: — «irman, não chores,
«A desdita da sorte não peiores,
«Aqui tambem ha paz!

«Cobre este asylo sentimentos nobres,
«O bafejo do ceu perlustra os pobres
«E socego lhe traz!»—

Vai innocente!...e si um dia a sorte
Fagueira te soprar o vento norte,
E esposa te fizer,
Lembra-te sempre do asylo santo,
Que no regaço enchugou teu pranto
E criou-te mulher!

J. J. de Oliveira.

A preguiça e o macaco

Um pequeno macaco saltava de arvore em arvore apanhando avelans para o inverno. A preguiça vendo-o saltar, assim lhe disse:

—Meu Deus!.... como podes ter uma vida tão agitada? Toma o meu conselho, moço aventanado, poupa tuas forças se queres chegar a uma idade tão adiantada como a minha.

—E que edade tem V. Ex.? pergunta o macaquinho.

Tenho quinze annos completos, respondeu ella.

E' muito! E que tem V. Ex. feito durante os quinze annos inteiros?

Tenho dado em toda a minha vida uns cem passos por aqui e por ali. Cada anno subo a umas dez arvores, e as desço depois devagarinho.

—E para que?

—Para repousar e tomar novas forças para tornar a meu trabalho. Eis ahi porque sou ainda vigorosa. Si tu estivesses aqui tres dias verias que neste curto espaço de tempo eu desço uma vez deste ramo sobre que estou até ao chão.

—O macaco, que durante este dialogo tinha saltado dez vezes de uma para outra arvore, deitou um golpe de vista desprezador sobre a velha preguiça, e lhe disse:

—O que tu tens feito em quinze annos, eu faço em quinze minutos. Vivo pois todos os dias em uma hora mais que tu em tua preguiçosa vida inteira. Sabe, ó preguiça que ao que se chama vida não é somente existir: a vida consiste na actividade.

A preguiça nutre-se de folhas, e felizmente não tem necessidade de beber (nisto como em tudo se conhece a mão da Providencia) porque ella morreria dez vezes antes de ter chegado á uma fonte. A America é a sua patria, e principalmente o Brazil onde se chama —ai—porque é este o seu grito ordinario.

Versos de um voluntario.

A POMADA.

Eu aprecio a pomada
No *pêllo* da namorada
Em noite de enleio e amor,
—Pomada de *urso*, ou canella,
Ou rosa—, que a fronte della
Eguale no aroma á flôr.

Mesmo na f'rida me agrada
A medicinal pomada
Que a faz depressa fechar:
E' pomada proveitosa
Sobre a chaga dolorosa,
E se arde é para curar.

Até gosta da pomada
Que em cabeça descalvada
Faz um macegal nascer,
E da pomada dos velhos
Que pode os brancos cabellos
Promptamente ennegrecer.

Mas, meu Deus, quanta pomada
Nesta guerra prolongada
Appareceu.... que invenção!
E' pomada differente:
Não é de moça ou doente,
Velho ou calvo,—não é, não!

Não é de banha a pomada,
Nem é para ser untada,
Nem é para se cheirar:
—Pomada fallada ou 'scripta,
Faz milagres, —felicita
A quem a sabe empregar.

Tem virtude a tal pomada:
Servr muito bem de *escada*
P'ra certa gente *subir*
Pomada que faz *poeira,*
Que põe nos olhos peneira
E a todos póde illudir.

Deve ser de tal pomada
Toda a conversa adubada
P'ra que possa aproveitar;
Sem pomada um grande feito
Não recommenda o *sujeito,*
Nem lhe póde premios dar.

Mesquinho facto—a pomada
Torna cousa sublimada
E seu auctor um heróe;
A pomada—d'um castigo
Faz vindicta de inimigo,
Faz injustiça que dóe.

O medico faz pomada
Quanda dá por já curada
A ferida inda não san;
Pomada—inda apoz a morte
Do cliente—faz com voz forte
N'alguma explicação van.

O pagador tem pomada
P'ra as respostas—preparada—
A quem paga intenta ser;
Pomada faz,—objectando

Com sophisma e declarando...
—Dinheiro cobre não ter!

O soldado faz pomada
Na *fachina* ou na *parada*,
Da peleja até no horror,
Co'a pomada, —por *mitrança*,
Elle faz muita *lambança*,
Querendo mostrar valor.

Este é chefe.. co'a pomada
E' a sua falta apagada
E apparece o *zelo* seu;
Dá-lhe à pomada bravura;
(Fica occulto na *pintura*
Que—por *calmo* se escondeu).

Que fina e pura pomada
E' a que se vê derramada
Nas partes officiaes!
Pomada de privilegio,
Digna até de um throno régio,
E' a dos *sabios* generaes.

Tudo embelleza a pomada:
A opinião desgraçada,
A negligencia fatal.
A pomada, apezar
De muitos cala o serviço
E o sacrificio final.

Epopéas—a pomada
Faz rebentarem—de nada
Só p'ra alentar ambições;
Pomada em ordem do dia
Rivalisa co'a poesia
De Homero, Tasso e Camões.

Sempre a *superior* pomada
Declara a guerra acabada,
Lopez sem forças até!
E a pomada acaba guerra?
Já cansada a nossa terra
Deixou de prestar-lhe fé.

Nos jornaes quanta pomada!
Na opposição—endiabrada,
Nos outros - toda a sorrir
Pomada em correspondencias
Que dizem mil indecencias,
—Pois indecente é mentir.

De porte póde a pomada
Achar uma alma indignada
Que a faça se derreter;
Mas a pomada qual oiro
De longe fulge, é thesouro
E tem seguro poder.

Ousada embora a pomada,
Embora feliz,—*aguada*
Receia ás vezes ficar:
A pomada—zangazinha
Tem co'os *filhos da Candinha*
Que não dormem, a intrigar!

E, sem querer, da pomada,
Nesta longa versalhada,
Criticando-a, não usei?
Vai a pomada valer-me
Hei de em breve convencer-me
Que aos leitores agradei.

Humaitá 1869 janeiro.

D.

Variações poeticas sobre o caroço de Adão.

Nasceu Adão
Sem ter perigo,
Viveu, gosou
Sem ter umbigo;
Sem ter murrinha,
E se elle o tinha
Quem o cortou?
Sempre sadio
Elle se achava,
Não foi corrupto
Pois não usava
Nem do tabaco
Nem do charuto.
Lavou se em rio
Não em banheira
Dormiu sem cama
Cresceu sem mama:
Só teve abraços
De Eva bregeira.
Chupava as fructas
Em vez de vinho.
Ouvindo as vozes
Dos passarinhos
Tirando os ovos
Dentro dos ninhos.
Eva ao contrario
Mulher teimozá
Por curiosa
Tudo perdeu,
De cara enchuta
Dentes na fruta
Logo metteu,
Adão que della
Era o palhaço
Logo um pedaço
Todo engolio;
Sente um caroço
Torce o pescoço.
Ficou sem tino
Ficou pasmado
Sem ter abrigo
Temeu castigo
Do seu peccado.
Mandou que Eva
Comesse o resto
Que elle já estava
Muito indigesto.
Disse em soluços
Com vóz choroza
Tu que fizeste
Mulher teimoza!!
Mulher quizilla
Que me tentaste
Daquelle fructo
Pra que tiraste!!!
Metteste o dente
Com tanta gana!!
Não te bastava
Comer banana?!!!
Mulher nos actos
Não faz estudo
Só quer por teima
Provar de tudo.
Em vez do fructo
Que não se engolle
Antes comesse
A jaca molle.
Eva raivosa
Não quiz ouvir
Só quiz carôço
Para entopir.
De taes mulheres
Cresceu a raça
Que por desgraça
Hoje soffremos,
Tudo que temos
Passam as bossas
Com frazes grossas
Inda respondem.

Canto de um fumista.

Não quero que haja
No mundo á belleza;
Qu'escape a firmeza
Dos peitos humanos;

Porem que não falte
Si quer um minuto,
Em quanto eu fôr vivo,
Cigarro ou charuto.—

Charuto ou cigarro
São cousas gostosas,
São Densas mimosas
Do meu coração:
Depois do almoço,
Depois do jantar,
Fumar-se um charuto
Sentado á janella
Mirando uma bella
Que gostos não são?!!...

Que gostos não são?!...
Não posso dizel-o,
Só póde sabel-o
Quem fuma tambem:
Que diga o velhinho,
Com geito e com graça,
Si chupa a fumaça
De um bello charuto,
Os gostos que tem...

Nas ruas de noite
Encontra-se em bando
Somente fumando
Meninos e velhos;
E pelo que eu tiro
Da minha razão,
As filhas em breve
Pegando mui leve
Dos paes no charuto,
Tambem fumarão:
Que as moças d'agora
Não querem—«tabaco»
Que é cousa nojenta
De porco villão!—

Si tenho pezares,
Accendo um charutos,
E logo desfructo
Remanso e prazer;
E creia, leitor,
Que s'elle faltasse,
Eu antes quizera
Que o mundo acabasse,
Ou antes morrer!...

Si acaso algum dia,
Amavel leitor,
Por males—eu for
Cazado, ou viuvo;
Não quero meus filhos
Doutores em leis;
Doutores n'aquella
«Sciencia—da vida;
Somente os vereis
(Com isto me agarro)
Doutor em charuto
De fumo e canella,
Doutor em cigarro!...

O Egas

Annuncio singular.

E' cousa divertida ler os annuncios que apparecem nos jornaes inglezes e americanos.

Ainda ha pouco tempo se inseriu o seguinte em uma das folhas dos Estados-Unidos d'America:

«Previne-se aos viajantes, que hajam de ter cuidado por saber a quem entregam as suas bagagens quando desembarcam; porque ha poucos dias, um sujeito chegado pelo vapor, confiou sua mulher a um estrangeiro, e até agora ainda não soube della.

Um sujeito indo procurar a outro em sua casa, e olhando por accaso para uma das janellas, lhe avistou ainda a cabeça, ao mesmo tempo que um creado lhe dizia que seu amo havia sahido para fora.

—«Assim será, respondeu elle ao creado; porem diga-lhe que para outra vez, quando sahir para fora, não a dexe cabeça em casa.»

Um pobre homem, falto de meios para sustentar a sua familia, para distrahil-a da fome, costumava ás noites, em vez de cêa, lêr-lhe algumas paginas da escriptura. Uma vez que a leitura foi d'aquelle salmo de David, que tem um verso que diz: «Abre bem a bocca, que eu vol a encherei:» Um filhinho que o escutava attentamente, lhe diz passado algum tempo: «O' meu papá, o que está nesse livro é falso, porque á mais de um quarto de hora que eu estou com a bocca bem aberta, e ainda cá não senti nada.»

ANNUNCIOS.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Vende-se o botequim á esquina do Caminho Novo do Gravatá, defronte de onde foi directoria dos estudos.

Trata-se la mesmo.

Na ladeira da Praça venda n. 9, preciza-se fallar ao Sr. João Nepomuceno de Sant'Anna.

O aferidor de medidas redondas achar-se-ha nas horas competentes, para os misteres de seu officio, em sua casa á rua do Bispo, n.° 18 A.

Na rua do Collegio casa n.° 16 ha uma rapariga honesta que se aluga para tratar de creanças.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 83.ª — QUARTA-FEIRA 9 DE AGOSTO. — N. 824.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beeco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 8 de agosto de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que nos affirmam que o muro do quintal da egreja da Ordem 3.ª do Carmo corre perigo de imminente desmoronamento, por se achar com grandes fendas desaprumado, e ter o alicerce alluido por uma enorme raiz de gameleira que o atravessa; pondo assim em risco as vidas dos moradores da rua das Flores, ou pelo menos ameaçando sensivel estrago as propriedades na dita rua edificadas; pelo que espera-se de S. S. que mandando vistoriar o mencionado muro, expeça as providencias para que seja elle reparado.

—O Sr. diz-me que logar é este?

—O largo da Jequitaia.

—Julguei ser algum deposito particular.

—Enganou-se; é uma rua publica, franqueada ao transito geral.

—Visto isso, as cousas aqui são muito mal reguladas; os logares publicos não se atravancam pela maneira por que está este largo cheio de peças de machinas, e outros materiaes.

—São utensís pertencentes a um estabelecimento de fundição que ha aqui perto.

—Mas então tem permissão para deixar aqui seus trens?

—Esquecimento do fiscal.

—Mau esquecimento que prejudica o publico.

—A companhia do *olho vivo* lança mão de todos os meios para satisfazer sua gana de dinheiro, á custa da algibeira dos incautos!

—Quem manda não se acautellarem!

Não sabem que o *olho-vivo* é contra a peneira.

—Mas quem é que pode se livrar de certos laços que armam os membros d'essa sinistra companhia?

—O que ha de novo, á respeito dessa quadrilha de *mascarados* salteadores?

—Os membros d'essa companhia sondaram o espirito caritativo e humanitario do Sr. Keller, director da companhia dos *Quadros-Vivos*, e no sabbado apresentou-se um d'elles com attestado de um inspector de quarteirão da freguezia de Santo Antonio, relativamente ao seu estado de pobreza, e achar-se sem recursos para enterrar sua mulher que havia fallecido.

O Sr. Keller, dotado de coração inteiramente bemfazejo e humanitario, disse-lhe que ia mandar uma pessoa para tractar do enterro de sua mulher, o qual seria feito á expensas suas.

A' essas palavras o olho-vivo respondeu-lhe que não queria sobre-carregal-o de tamanha despeza, e bastava-lhe apenas que contribuisse com uma pequena quantia para esse fim

—O Sr. Keller retorquiu-lhe que era prazer seu fazer as despezas do enterro de sua mulher, e ao pronunciar isso, elle arrebatou-lhe das mãos o attestado, dizendo-lhe: *agradeço-lhe seus favores*, e retirou-se!

—Bom! vive assim esta terra minada de tantos salteadores das algibeiras beneficentes!

—Publicou-se a *Revolução*, pamphleto politico,

Seu author apresenta-se ao publico debaixo das iniciaes de T. V.

—O Sr. Bricio Cardoso acaba de augmentar a litteratura patria com mais uma producção.

O *Escravo educado*, drama nacional, é um novo fructo de sua vasta intelligencia.

—A companhia de Vehiculos vae se desconceituando de uma maneira tal, que logo nenhuma familia quererá embarcar-se nos seus *wagons*.

Na segunda-feira á noite, haviam quatro *wagons* na Ribeira de Itapagipe; mas somente dous viajaram, os quaes ao chegar ao *ponto* da rua da Madragôa, já estavam cheios!

Oh! revolta e não se pode descrever as scenas de immoralidades e desrespeito que se deram dentro d'esses dous *wagons*!

Uma sucia de rapazes, sem nenhuma educação, entre elles um tal Fabião, entendeu que as senhoras deviam vir a pé, chegando o arrojo de um d'esses insolentes ao ponto de dizer a uma senhora:—*sente se aqui em meu collo, yaya!*

Apreciem os paes de familia como vae se depreciando aquella empreza, pela falta de sua pessima direcção.

No *ponto* do largo da Madragôa, o Sr. capitão Araponga, entrou acompanhado de sua senhora, e tantos homens assentados, vendo a hora em que a senhora cahia com os arrancos que dava o vapor, não houve um só que se levantasse e cedesse o logar a senhora, a qual veio assim até a baixa do Bomfim!

O tal Fabião dirigia graças as senhoras, bem como a uma que tendo entrado e seu marido não tendo podido entrar pelo grande aperto, na occasião da cobragem dos bilhetes, o caixeiro passou por ella sem pedir-lh'o, porque já o seu marido lh'o havia dado, poz-se o tal Fabião, o celebre sujeito que amarrou o americano no theatro S. João, como quem amarrava boi, cujo facto já foi noticiado pelo *Diario*, approvando a pateada que elle levou, á dizer:—*não toma o bilhete d'essa moça; esta moça não dá bilhete?*

Insolente! procurava esse meio para ver se a senhora respondia-lhe alguma cousa, afim d'elle dirigir-lhe seus *gracejos*!...

Não queremos com essa censura molestar a direcção da companhia de Vehiculos, pois esta humilde redacção tem sabido fazer-lhe justiça; o nosso fim é o desejo de ver fazer cessarem as immoralidades que alli vão apparecendo, o que bem pode fazer essa digna direcção, revestindo-se de um caracter mais serio e energico, de maneira á conter certos insolentes que tomam a sua *grafonia*, e entendem desrespeitar as familias.

Tenho dito!

—Quando a gente está dormindo, a alma sahe á passeiar pelo mundo das phantasias e que de cousas aprecia!

Frúe delicias ineffaveis que na vida real não é possivel encontrar; mas outras vezes vê-se embaraçada com torturas, precipicios e horrores.

N'um aperto destes, vi-me uma noite recente com um sonho horrivel que tive.

—E que agora vem contar-me. Ora vamos la.

—Tinha dado meia noite, e eu ainda me achava de penna em punho, mastigando-lhe o cabo, como é meu habitual costume nas horas de meditação, com os cotovellos encostados sobre a meza de trabalho, onde muitas noites tenho passado horas de vigilia, phantasiando na entumecida cachollа o que devo dar a saber ao publico.

Era meia noite; e Morpheu que de ha muito me espreitava, acabou por me cerrar as palpebras com seus niveos dedos.

Achei-me de repente, e como por encanto, transportado para bordo de um navio, que fazia derrota para a China.

No fim de 15 dias de prospera viagem, eis que somos abordados pelos piratas que com a maior sem ceremonia, depois de me terem passado para seu bordo e a toda tripolação, que se compunha de doze pessoas, saquearam o navio e deitaram lhe fogo.

Eis-me ja seguindo outro rumo; pois os taes piratas depois de haverem roubado muito no alto mar, iam fazer um carregamento de escravos na costa d'Africa—e com todo cynismo nos parteciparam que iamos ser trocados por negros aos antropophagos; pois pelo que nos contavam, esses malditos cannibaes gostam muito de carne de branco e não faziam questão de trocar dois de seus prisioneiros de guerra por um europeu com tanto que fosse gordo. De meus companheiros de infortunio era eu o mais magro, motivo pelo qual estive para ser lançado ao mar, visto o chefe desses bandidos entender que fazia pessimo negocio com a minha *ossada*; porem mudando de opinião, assentou que era melhor dar-me de comer com abundancia e por este modo cevar-me a ponto de ainda vir a faz r um bom negocio, quando chegasse a occasião da permuta.

No fim de vinte dias entravamos no porto de Benguella, aonde ha muito nos esperava uma tribu dos taes gastronomos de carne humana; aguçando os dentes para nos devorar.

Foram baldados todos os nossos rogos e promessas. No praso de algumas horas estava a troca feita. E em quanto o navio novamente se fazia ao mar, nós eramos levados para o centro das florestas para nessa mesma noite servirmos de banquete a tão exoticas personagens.

Andamos cinco horas enfinhados como porcos, ás costas desses monstros, até que chegamos ao logar destinado para a matança.

Fomos postos em cima de uma grande pedra, em roda da qual accenderam enormes fogueiras, que projetavam uma luz sinistra,

sobre o quadro estupendo do qual faziamos parte.

Uns cem negros com os olhos injectados de sangue, e as boccas horrivelmente escancaradas até as orelhas, deixavam ver agudos dentes, eguaes aos do chacal e das hyanutes guellas arrancavam rugidos tigrinos!

Era um quadro horroroso este, o qual tinha por fundo o verde negro das florestas. e por docel o plumbeo ceu.

Uma grande tempestade se havia formado; o vento gemia por entre os braços annosos dos seculares robles, arrancando-lhes lamentosos gemidos, que deviam ser a nossa nenia de agonia.

Iamos ter por leito do passamento um cêpo; por tochas funerarias as rubras fogueiras; e por sarcophago o estomago dessas feras.

Principiou a matança, vi com horror meus companheiros serem esquartejados um a um, por hediondas velhas, que nessa occasião exerciam as funcções de cosinheiras. Chegou a minha vez; fui pegado em charolla e levado para o cêpo.

Afrouxaram-me as cordas, e a mais velha das megéras preparou se para vibrar o golpe mortal—o desespero então me deu forças sobre humanas; atirei-me á velha e travou-se lucta desesperada.

Era um luctar insano; uma agonia atroz; um esforço tenaz. Senti-me novamente laçado de mil cordas, quando de repente;

Não advinhaes?

Acordei.....e oh, fatal realidade!

A mesa jazia por terra; duas garrafas, uma das quaes me servia de castiçal, estavam quebradas, o tinteiro entornado, o papelorio ensopado de tinta, o copo e mais objectos que haviam sobre a mesa, tudo estava em misero estado.

Deus me livre de outro sonho egual.

Silencio

Apoz esta palavra *silencio* quasi sempre vem alguma noticia terrivel, phantastica e sorprehendente.

E' uma palavra que nos faz esperar alguma couza, quando quem a diz abre muito os olhos, encolhe os hombros e leva á boca o dedo indicador.

—O que se diz de novo na cidade?

—Silencio!

Este silencio faz nos advinhar uma cousa interessante e todos, todos se grupam em torno de quem pronunciou essa palavra, que é o prologo da historia do que se disse.

Meditemos um pouco ácerca do *silencio*.

O unico silencio que se impõe em alta voz sem fazer gestos, é o mestre escola.

Os discipulos calam-se, porem nada ouvem depois da voz do mestre, porque atraz dessa voz não ha outra historia que não seja a da palmatoria ou de se pôr o perturbador da ordem em pé sobre um banco.

Não sabemos que classe de silencio seja o que se nos impõe a todos neste seculo e em toda a parte. Dizem que o silencio é uma cousa invisivel que escreve o seu nome debaixo das abobadas dos claustros, sobre as areias do deserto, e na morada dos que já não existem. Ali a solidão é eterna, e a solidão é quasi sempre companheira inseparavel do silencio.

Hoje o silencio que impomos uns aos outros é de differentes classes.

Nada impõe maior silencio em qualquer casa como a chegada de um credor.

—Quem é? pergunta o dono da casa ao ouvir a campanhia.

—Silencio! responde a creada—é o homem *da visita do fim do mez*.

A esta exclamação o dono da casa esconde-se atraz das cortinas do seu gabinete, e a casa parece um tumulo. Nada ha tão eloquente como o silencio para receber o que vem buscar dinheiro.

O discurso mais notavel do orador mais eloquente e a todos os respeitos mais considerado, nunca seria bem recebido, si ao soltar as primeiras palavras, todos que compõem o auditorio não exclamassem ao mesmo tempo: silencio!

Infeliz o artista que se apresenta ao publico sem que entre os espectadores resoe um silencio!

A ausencia desta palavra quereria dizer: «falla, publico, falla; o que vás ouvir não te interessa.»

Ha quem assegure que o silencio é inimigo das mulheres. Dir se ia melhor que as mulheres são inimigas do silencio.

As mulheres calam-se quando se lhes pergunta pela idade, se tem chegado aos trinta, ou quando se lhes diz que são bonitas, se completaram os quinze. O silencio das primeiras é produzido por uma questão de compromisso, e o das segundas por uma questão pura e simplesmente de candura e agradecimento.

Tres mulheres reunidas nunca podem estar caladas; duas fallam muito, uma só precisa cantar ou lêr em voz alta.

Na época actual são muitas as questões que se ventilam e que se discutem em differentes circulos sociaes; a gravidade ou a transcendencia destas questões é mais ou menos importante, segundo a emphase com que se haja imposto o silencio ao discutil-as. Hoje falla-

se muito, ainda quando a maior parte das vezes se não diz nada. Todos fallam, e o caso é que todos se impõem silencio.

(*Continúa*)

A PEDIDO

—No sabbado, na subdelegacia da Sé, em um processo de injurias contra o portuguez Domingos José de Araujo Guimarães, o advogado João Victor de Carvalho, em uma longa e quasi que interminavel defeza escripta, faz, além de á outros muitos, a seguinte immerecida accusação ao illustrado Sr. Dr. Agostinho Dias Lima, juiz municipal da 1ª vara:

«..... Porque em parte tem a queixosa con «seguido o seu grande desideratum, visto «como tendo conseguido até sem attestado de «molestia, *nem razão plausivel* addiar o pro- «cesso da 1ª vara e *isso sem difficuldades e «obstaculos,* ao accusado tem sido por mais «de uma vez imposta a obrigação de compa- «recer em juizo, apezar de todas as reclama- «ções e so conseguindo *addiar este processo até «hoje* á força de penosas e difficeis diligen- «cias e attestados de molestias.»

Note o publico que Benvinda Maria da Conceição deu queixa contra Domingos ao mesmo tempo que este contra aquella. Domingos ja deu andamento em duas audiencias a sua queixa, ao passo que aquelle dia era o primeiro em que começava o processo por parte de Benvinda, o qual processo assim mesmo não poude proseguir, porque o Sr. João Victor protelou desde tres horas e tres quartos até seis da tarde, propositalmente como elle mesmo declarou, e á essa hora fez questão de que o juiz não podia continuar o acto da inquirição das testemunhas, lançando mão de umas Horas Marianas e jurando em altos brados por *todos os Santos da corte do ceu, pela honra de sua familia, pela dignidade de homem de bem,* em como estava dizendo a verdade, e o subdelegado obrava illegalmente se continuasse; sendo necessario para cortar essa scena impropria, pelos gritos que retumbavam e azedume das palavras dirigidas ao subdelegado. que o procurador da queixosa, cedendo de sua parte, requeresse o adiamento da audiencia..

Ao publico.

IV.

Entre o aranzel de cavillosas argucias, de indecentes enredos, empregados para innocentar á todo transe o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho, do crime de raptor que lhe pesa sobre a fronte, lembraram se os seus dedicados de uma maligna e vil aleivosia, a qual tem por fim fazer especie no animo do digno Sr. vigario geral do arcebispado.

Propalam que a causa da menor Clara não ter comparecido no tribunal ecclesiastico é pelo facto de se achar ella *no estado adiantado de cinco mezes de gravidez!....*

Não se pode dar maior arrojo de impudor e desfaçamento!...

Saiba o publico que Clara acha-se sob o dominio de um depositario que por ella se obrigou, por termo que assignou perante a authoridade competente, tornando-se por esta clausula o unico responsavel pela mesma, e portanto é claro que não pode ella, debaixo do deposito em que se acha, tratar negocios, nem dispor livremente de si.

Omittiram esta circunstancia e requereram para que fosse a menor intimada em pessoa, para comparecer no tribunal da vigararia geral, com o que não se quiz conformar o referido depositario, o qual de maneira alguma devia consentir que uma menor que se acha sob sua guarda recebesse cartas ou recados de pessoa extranha, embora essa pessoa se dissesse official da justiça, visto que não trazem signaes por onde sejam conhecidos, e quando fossem, ainda assim não podia a intimação ser dirigida directamente a menor, estando ella entregue a um depositario.

Candido Henriques de Mattos, depositario de Clara, querendo porém atalhar conflictos, requereu ao muito respeitavel Sr. vigario geral, expondo-lhe o que havia e pedindo-lhe que designasse occasião para lhe ser apresentada a menor, sendo intimado para isso elle depositario.

Tendo o Sr. vigario geral, por seu despacho nos autos da celebre justificação, declarado que o depoimento das testemunhas não mereciam fé, e o justificante reforçasse as provas querendo; estão procurando testemunhas á todo preço.

ANNUNCIOS.

Fabricianno Goes de Meirelles com botequim á rua Direita do Collegio, casa n. 11 pede a estes moços custozos de pagar, que venham saldar suas contas; quando não verão seus nomes por extenso n'este jornal sem reserva de amigos; pois não os ha.

O Sr. alferes Raymundo Pereira de Queiroz, tem uma carta na venda á rua Direita de Palacio n.º 13, para lhe ser entregue em mão propria.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 85.ª SEXTA-FEIRA 11 DE AGOSTO. N.º 825.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 10 de agosto de 1871.

Não houve expediente.

—Capitão, veja si esta noticia lhe quadra:

No dia 8 o pão fornecido para a ceia dos infelizes soldados do batalhão *duas vezes sete* foi de pessima qualidade. Os commandantes de companhia representaram ao commandante do corpo contra esse abuso, repetido pelo fornecedor. O commandante ordenou que se distribuisse o pão por que o fiscal não estava no corpo.

—Pobres soldados, que soffrem por que o fiscal passeia!

—Quando chove e nos dias que se seguem, a estrada da Victoria torna-se pessima.

—O que vale é que ha os Trilhos Urbanos.

—E quem não tem 200 rs. ha de enlamear-se até o pescoço.

Depois que appareceram os trilhos, a estrada tornou-se um lamaçal.

—Tambem quer chova quer faça sol é sempre inconveniente transitar-se por alli.

Si a chuva faz atoleiros, o sol traz poeira de afogar.

—Não sei a razão por que, pagando os proprietarios d'aquelle logar imposto como os outros, ainda não se mandou reparar uma das ruas mais importantes da cidade.

—Capitão, como vi publicado n'este periodico factos de immoralidades, praticados na segunda-feira, por homens sem nenhuma educação, dentro de um wagon da sociedade de Vehiculos, venho contar-lhe um outro que se deu no domingo á noite, no qual houve scenas mais revoltantes.

—Seja breve.

—Vinha um wagon de Itapagipe, no qual se achavam sentados os Srs. Pedro Moreira, o seu irmão Francisco Moreira e mais um companheiro d'esses senhores, chamado Fonseca.

Em um dos pontos o wagon parou e entraram tres moças.

Uns capadocios que estavam dentro entenderam que ellas não deviam sentar-se, mas os Srs. Pedro, seu irmão e o Fonseca levantaram-se para ellas sentarem-se.

Entenderam então que deviam gracejar com uma moça que as accompanhava, achando se envolvido n'esse *brinquedo* o caixeiro do wagon.

A' isso disse-lhes uma d'ellas: «Os senhores vejam que esta moça é donzella, sua mãe entregou-m'a em confiança, e não obstante eu ser *da vida*, não venho aqui procural-a.»

A' essa resposta, não respeitaram mais se vinham ou não familias dentro do wagon e começaram a proferir palavras obscenas e immoraes!

Calle a bocca b..., p...., c..., foram as palavras que retumbaram dentro do wagon, sahidas da bocca dos insolentes que alli vinham!

—Ora, diga-me: isso é proprio dentro de um wagon tendo familias?

—E mesmo não as tendo, porque não são todos os homens que deleitam-se em ouvir obscenidades!

—Realmente não se pode censurar a sociedade de Vehiculos por esses factos que se dão repetidamente nos wagons, porque ella por si só não pode evitar esse e outros abusos; é preciso tambem que a policia a coadjuve e garanta-lhe.

—Pois bem; n'esse caso vou pedir ao Sr. Dr. chefe de policia o emprego dos meios que estiverem a seu alcance, afim de que não entenda meia duzia de capadocios que deve desmoralisar aquella util empreza!...

—Espera-se.

O Silencio.

(Continuação.)

Trata-se de amores. Silencio! exclamará um pobre diabo para que todos ouçam mais absortos a origem de uma paixão e o desenlace

de um desmaio onde se repetia a palavra *punhal*.

Falla-se de feras. Silencio! dirá um marido para contar com bastante propriedade a historia de sua mulher.

Falla-se de guerras. Silencio! exclamará um antigo veterano para que se preste attenção ao numero das suas cicatrizes e para mentir ao referir os episodios de uma noute no campo de batalha.

Trata-se de mulheres. Silencio! dirá um dos caveiras do Figaro, para impingir a descripção da sua escada de corda e terminando o discurso com algum *veneno, duello, sangue* &c. e o classico *a perfida mentia!*

Falla-se por fim do tempo, do calor ou do frio, *silencio*! replicará com ar meditativo um philosopho profundo—o tempo é ar, o calor um phosphoro, o frio uma gotta d'agoa convertida em neve.

O silencio é o prologo da importancia de todas as questões, e quando se impõe antes de uma conversação, sempre nos arrasta ao desconhecido, ao novo.

Ha um silencio verdadeiramente maravilhoso que nol o impõe muitas vezes a voz secreta da nossa alma.

Nunca estivestes namorado? Nunca vertestes uma lagrima sobre a fronte de vossa mãe enferma? Não tendes visitado a mansão de um moribundo? Não vos tendes arrebatado ante o magnifico espectaculo do mar, e commovido ante a refulgente imagem da virtude?

Pois bem. O amor não quer ruido. Procura a solidão, e até o ar que gira em torno dos que se amam parece murmurar: *Silencio*!

Este silencio nasce de nós mesmos.

Sorrisos, olhares perdidos, suspiros de fogo, lagrimas, promessas, esperanças, eis a linguagem dos namorados. Esta linguagem não se ouve; vê se, troca-se, advinha se.

Está uma mãe dormindo prostrada no leito de dôr. Chamae seu filho, e vel-o-heis emmudecer para não perturbar o somno della. Aquelle silencio brota do intimo do coração inspirado pelo carinho.

Que formoso é o silencio da mãe que dorme e o do filho que vela a seu lado!

Aproximae-vos do leito de um moribundo e dizei si a meditação e o respeito vos não fazem calar. O exterior da agonia, que e o ultimo écho da sua existencia, impõe-nos silencio.

Ninguem se atreve a fallar quando a morte falla. A' linguagem da morte só pode responder o sacerdote inspirado por Deus.

E' este o mais solemne e mysterioso de todos os *silencios*.

As virtudes extasiam-nos, causam-nos admiração, e o extasis e a admiração são mudos.

Dizem que o symbolo do silencio é um tumulo.

O silencio sem embargo tem tambem o seu ruido. Quando se falla em um cemiterio, responde um écho. — E' o écho do silencio.

Ante um sepulchro todos se calam, porque ante o sepulchro todos meditam.

As unicas que vivem e amam em silencio são as flores. Por isso vivem tão ditosas.

Silencio! Eis a linguagem da alma!

Silencio! Eis a imagem da meditação.

A PEDIDO

—Pasme a moralidade publica!

No *Jornal da Bahia*, ha um annuncio, que é um chamariz á immoralidade, uma tentação á miseria, um leilão das consciencias.

Corram as naturezas venaes e pervertidas a aproveitar.

O balcão onde se fazem as transacções lá está apontado bem claro. E' no escriptorio da corrupção.

Tendo o Sr. Domingos José de Araujo Guimarães, (bem contra a vontade de meus perseguidores, os quaes ainda hoje de manhan instavam e lhe faziam promessas para que continuasse) desistido do processo contra mim instaurado; eu, que fui a injuriada, por minha parte desisti tambem da queixa que contra o mesmo dei perante o Sr. subdelegado da Sé. Bahia 9 de agosto de 1871.

Benvinda Maria da Conceição.

E' calumniosa a publicação do *Jornal da Bahia* de hoje (9) assignada o *Justo*.

Benvinda Maria da Conceição não foi escrava como falsamente se diz da familia Tavares França.

Foi escrava de Manuel Paianno d'Alleluia, de quem passou por divida para uma pessoa pertencente a esta familia, porem que nem de tal nome usa.

A senhora de Benvinda chama-se D. Emilia Rosa Dutra.

D. Maria Raymanda foi uma moça creada na casa dos Tavares, a qual nunca d'alli sahiu para nenhum acto, como já depozeram as pessoas d'essa casa, perante o Sr. subdelegado de Santo Antonio.

O Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho, o innocente persegaido, para que tem abafada a justificação que perante a referida subdelegacia produziu em casa dos Tavares França, e lança mão de testemunhas que na respeitavel opinião do Sr. Vigario geral seus depoimentos não são de natuaeza a inspirar verdade?

Noticia.

Grande é a novidade
Que corre nesta cidade,
Um portuguez sem pudor,
Offendendo a castidade!....
Fiado no seu dinheiro,
Affronta a moralidade,
Promette um conto de réis
A' quem jurar falsidade.

—A corrupção vae fazendo seu finca-pé na sociedade!

Um portuguez dinheiroso deflorou uma pardinha brazileira, além das muitas que já tem seduzido, e com o maior cynismo offereceu á mãe de sua victima uma migalha de ouro em troca da honra de sua filha!

Mas como esta regeitou-lhe o dinheiro e pede justiça para a punição do criminoso, elle procura meios para com seu dinheiro comprar a tudo e a todos: fazendo até calar a imprensa diaria, sinão por meio do dinheiro, por intermedio de um seu patricio.

—Oh! e ha brazileiros que protejam a um estrangeiro d'este quilate, que por menoscabo a nós, brasileiros, deseja ver as filhas do imperio da Santa Cruz enlameadas no immundo e lodacento atoleiro da prostituição!

—E amanhan dirá o Sr. Loureiro no seu *Salamalek*:

«O Brazil deve tudo a Portugal, elle deu-lhe religião, deu-lhe lingoa.

«Os brazileiros são moedeiros falsos, são os delapidadores das fortunas dos portuguezes, adquiridas, notae bem, com o seu trabalho na lavoura e no commercio, e então os indolentes brazileiros, não podendo adquirir fortuna por serem preguiçosos, chamam os portuguezes frabricadores de moeda falsa!»

E além d'esse *mimo* por elle offerecido aos brazileiros, quiz, pretendeu, mas não o conseguiu, roubar a gloria do Brazil no Paraguay, taxando até os brazileiros, no seu immundo pamphleto, de vis assassinos do desposta Lopez!

—Miseravel! miseravel! que assim quiz macular as glorias do Brazil!

—Mas agora saberá o Sr. Loureiro, lá em sua terra, que os brazileiros não vão lá para raptarem donzellas da casa materna; que os brazileiros não estabelecem casas em Portugal para o fim unico de deflorar virgens.

—Ha de saber tambem que a justiça do Brazil não se vende, ficando por terra o seu dito, porque saberá que foi punido o deflorador de uma brazileira, que o seu ouro chegando para tudo, não chegará para absolver-se do crime de que é reu.

Disse!

Ao publico.

V.

O illustrado Sr. vigario geral do arcebispado, despachando nos autos da celebre justificação de identidade promovida pelo negociante portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho, — que os depoimentos das testemunhas não eram de natureza a *persuadir* a verdade, deu comtudo direito ao mesmo de reforçar as provas, querendo.

Acatando o despacho do virtuoso sacerdote, nos parece comtudo, que não foi elle muito consentaneo com a razão e o direito, porque havendo Godinho requerido o encerramento da justificação e pedido que subisse ella á conclusão, prescindindo do depoimento das mais testemunhas que tinham de jurar na audiencia de 28 do passado, é claro que não devia ser o juiz quem, com prejuizo da parte contraria, lhe facultasse os meios de dar mais provas, quando Godinho tinha consciencia de que as que tinha produzido eram sufficientes para o esclarecimento da verdade; tanto que dispensou o depoimento de outras testemunhas e no dia em que estas tinham de jurar, ás 10 horas da manhan, requereu precipitadamente e sem sciencia da parte contraria, o encerramento, procurando assim por meio da celeridade sorprehendel-a, apressando os autos que nesse mesmo dia subiram a conclusão, sem que a outra parte soubesse, como consta dos mesmos autos.

Nestas palavras não transpira o mais leve sentimento de censura ao digno juiz; é sim uma justa reclamação da parte fraca e prejudicada.

Vão hoje pois reproduzir-se na sala das audiencias da vigararia geral as scenas antecedentes.... vão homens jurar aquillo que não viram, nem sabem.

Todo este tempo tem se andado á cata de mercenarios, que queiram vender a consciencia.

Innumeras pessoas teem sido convidadas, muitas das quaes tem se recusado, umas com receio e escrupulo e outras pela aversão que inspira representar papel tão odioso, e outras emfim, despersuadidas por conhecidos a quem consultam, porque os proprios apologistas do Sr. Godinho teem, sem o pensar, manejado uma arma contra elle—dizendo que *mulata e negra não tem honra*, levando um delles a insolencia e desfaçatez de dizer—que *ellas quando nascem já são deshonradas*.

Isto que fica dito não é uma asserção inventada com o fim de crear odiosidades, tem sido pronunciado á vista de muitas pessoas incapazes de faltar á verdade e cujo testimunho pode ser invocado.

Não hão de faltar porém miseraveis que á troco de 15$ rs. ou 20$ rs., vão jurar contra sua consciencia, á favor de um homem de dinheiro e contra uma pobre menina sua patricia....

E amanhan, o *Salamalek* terá de mais o labeu de perjuros para atirar sobre os brasileiros.....

Tremam porém as almas degeneradas, porque a Justiça Divina é inevitavel.

O mal irreparavel que pretendem causar a uma infeliz e incauta menina, victima dos laços da mais detestavel seducção, ha de lhes servir de peso na balança do Supremo Arbitro.

.....

Desde o dia em que o Sr. vigario geral por seu despacho fulminou o juramento das testimunhas e facultou a Godinho o direito de novas provas; a *tropilha* poz-se em campo e tem sido incansavel em aliciar nova tripolação para a companha. A demora havida na exposição da farça tem sido pela difficuldade de encontrar quem se queira subornar.

Um individuo de nome Saturnino, que agencia vendas e compras de escravos, foi convidado para depor, offerecendo-se-lhe 20$ rs.; recusou-se.

Eliseu, empregado na Correcção, foi tambem chamado.

Dous sujeitos, guardas do 8°, foram egualmente chamados por carta para irem a certo logar e la lhe fizeram a proposta; sahiram d'ali e foram consultar a um official de seu batalhão, que os dissuadiu.

A creoula Maria Formosa, escrava de D. Cypriana Maria da Gloria, irman da senhora de Benvinda, foi tambem peitada.

Essa creoula ja uma vez sahindo ás compras, foi agarrada e levada á secretaria ecclesiastica, intimidada de que si não quizesse ir por bem, iria preza por dois soldados, o que declarou ella á sua senhora quando ao chegar em casa, a mesma a interrogou com authorisação de quem tinha ido jurar.

Nesse dia tinha somente de ser interrogada Benvinda por intimação do Sr. vigario geral, por que a justificação ja estava encerrada á requerimento de Godinho.

Findo este interrogatorio, chegou-se o Sr. Godinho com o maior desplante para o seu advogado e em presença do juiz disse—«Sr. Dr., ali está a testimunha, não quer vir jurar, por que diz que está com medo desta senhora (apontando para Benvinda) que a conhece.

Eis a maneira por que se quer livrar o Sr. Godinho da acção da justiça da qual tornou-se reu!

Além das pessoas ácima apontadas outras muitas se tem procurado corromper, além das que se ignoram, as quaes devem ser em maior numero.

Vejam os homens honestos como a lava torpe da corrupção vae sobrepujando a todos os preceitos do justo e do honesto.

.....

Hoje sexta feira, tem o Sr. Godinho de apresentar a sua nova collecção de testimunhas. Infallivelmente deve ser mais correcta e augmentada.

Ao publico que nunca se engana, que é severo e inflexivel em seus juizos, pede-se que vá assistir, pelas 10 horas da manhan, a essa scena de *edificante moralidade*, e depois pronuncie-se e julgue da innocencia do portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho.

—Capitão, o Fabio, e não Fabião, segundo sahiu publicado neste periodico, que vinha na segunda feira em um dos wagons dos Vehiculos indecentemente, vem no *Jornal da Bahia* de quinta feira negando a exactidão do que narra esse periodico a seu respeito; e tracta de pagamento de dividas, etc., etc.

—Quanto ao facto que narrou este periodico relativamente as immoralidades praticadas por meia duzia de capadocios, temos o testemunho de diversas pessoas gradas que ahi vinham, e entre ellas mencionamos o Sr. capitão Araponga.

Quanto porém a dividas, si elle quer que conte essa historia, far-lhe-hei a vontade, por que ninguem está disposto para sustentar a tractantes e vadios; a homens sem nenhuma moralidade e que vivem se embriagando pelos lupanares.

Não desejo envolver aqui n'essa historia o nome de *alguem*, que pediu para esse Fabio fabricar uma mobilia e que elle depois abusou d'esse pedido practicando tractantadas, sendo isso accommodado por esse *alguem* que é *amasio* de sua tia.

Acho bom que esse Fabio veja que seu pae despresou a esposa, sua mãe, para viver *amasiado* no Mar Grande, com uma das mais infames meretrizes d'esta cidade, por quem dava elle os maiores *beneficios*!

Tenho respondido, e voltarei á carga si a isso for forçado!.....

ANNUNCIOS.

O Sr. alferes Raymundo Pereira de Queiroz tem uma carta na venda á rua Direita de Palacio n.º 13, para lhe ser entregue em mão propria.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 83.ª DOMINGO 13 DE AGOSTO. N. 826.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 12 de agosto de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando que anda por Itapagipe e Bomfim um crioulo com tres cartas de jogar e forma com ellas um jogo que elle lá entende, a que chama *rifa*. Emquanto os incautos, por elle convidados para a tal *rifa*, não páram sobre as cartas, ganham sempre; mas quando cahem na *asneira* de apostar a quantia que elle designa, na usura de ganharem, perdem.

Esse denodado membro da companhia do *olho-vivo* tem por esse meio depennado as algibeiras de diversos rapazes n'aquelles arrebaldes, pelo que espera-se que S. S. tomará providencias a respeito.

—Hoje reune-se a assembléa geral da sociedade Monte-Pio dos Artifices para a discussão do relatorio do semestre, o qual ja foi distribuido impresso por todos os associados que se acham no gozo dos seus direitos.

—Inteirado!

—Capitão, vou lhe contar um caso que se deu na quinta feira.

—Pode largar as velas do navio.

—Um sujeito, branco, gordo, typo aportuguezado, foi a casa de um empregado da Caixa Economica, na estrada da Victoria, em horas em que ja tinha sahido para sua repartição, e offereceu a senhora d'esse empregado tres quintos de bilhete de loteria.

A senhora recusou comprar-lhe o bilhete.

«—Compre, minha senhora, talvez que a sorte lhe esteja procurando.

«Ha dias passados eu offereci á uma senhora um bilhete, ella recusou; mas á instancias minhas comprou-me o bilhete e tirou a sorte grande; quem sabe si o mesmo não acontecerá com V. Ex.?»

«—Não quero bilhete, senhor, pois não é possivel sobre-carregar a algibeira de meu marido d'essa despeza que se pode muito bem dispensar.»

«—Olhe, minha senhora, a loteria corre hoje, e n'esses tres quintos pode muito bem estar os cinco contos de réis!»

«—Não quero absolutamente o seu bilhete.»

«—Está bem, minha senhora, mande-me V. Ex. suas ordens.»

Retirou-se o sujeito e a senhora poz-se a consultar com a ama e resolveu-se a mandar chamal-o para tomar-lhe o bilhete, o que effectivamente realisou-se.

A' tarde, chegando seu marido, disse-lhe: «U...., eu fiz uma cousa que talvez V. reprove; mas pode ser uma felicidade para nós!...»

«—O que foi?

«—Comprei um bilhete de loteria.»

«—Tem V. de esperar uns quinze dias d'aqui que ella se extraia.»

«—Não, corre hoje, assim m'o disse o sujeito que m'o vendeu.»

«—O que! Parece-me que a loteria correu desde hontem!»

«—Deixe ver o bilbete?

«—Aqui o tem.»

«—Pois amanhan irei me certificar.»

De facto na sexta-feira quando sahiu para seu emprego, entrou na loja do Laurentino para ver si aquelle bilhete já tinha sido extrahido, e si justamente o foi na quinta-feira.

Oh! engano! Ficou o homem inteiramente sorprehendido, quando viu que o bilhete tinha sido extrahido desde quarta-feira, e que estava *branco*, sendo sua mulher victima do logro de um membro da companhia do olho-vivo!....

—Safa! olhe que esta maldita companhia não dorme!

—A *União Liberal* das Alagoas, conta o seguinte horroroso facto:

«Entre o engenho Utinga e o sitio Pereira, do Sr. Salvador Pereira da Rosa Calheiros, morreu de bexigas em dias passados uma pobre mulher de nome Izabel; morreu em com-

pleto desamparo, e em desamparo ficou depois de morta!

Foi comida litteralmente pelos urubús e cães que andavam depois á lançar os pedaços pelas casas dos donos!

Que nos dizem a isto a policia e a hygiene?»

—Quanta deshumanidade, quanto falta de charidade!

—Capitão?

—O que dispõe?

—Vou contar-lhe o que vi: estando antehontem encostado ao mostrador de uma botica, onde muito se falla e pouco se vende. Entrou um individuo que pareceu-me ser *curador de molestias militares* e disse para o dono da casa: «ora esta, meu amigo! recebi umas receitas do Sr. *delgado* para reformar, mandando-as passar como si fossem para pessoas de familia de officiaes, as quaes teem direito á tratamento do estado, quando taes receitas eram para pessoas que não gozam desses favores. Ouvi sempre dizer que um abuso não authorisa outro abuso; mais neste seculo das luzes tudo está mudado.»

—A escamotagem está em voga, e o thesouro é que paga sem remedio as espertezas dos sabidos.

—So se grita contra o *abastecedor de meisinhas,* que embarca sua bisca muito regularmente, mas contra taes *curandeiros,* historia!

—O mundo é assim; vamos com elle.

A PEDIDO

Chama se a attenção das authoridades policiaes para um endiabrado menino, famulo de uma casa ás Portas do Carmo. Esse figura do capêta promette vir a tornar-se um destemido perverso, si não lhe cortarem as azas, pois além da decidida propensão que mostra para o mal, muito concorrerá a educação abandonada que tem. Entretanto que o estado pode aproveital-o tornando-o um homem util, aprendendo á sua custa á bordo de qualquer navio.

Conseguindo o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho, á força de empenhos, fazer emmudecer a imprensa maior desta capital, em relação ao crime de que é reu, vão seus adeptos pelo vehiculo da mesma publicando toda sorte de embustes e falsidades.

O espirito publico porém ja está por demais prevenido para não se deixar illudir.

A opinião publica já tem juizo formado sobre esta questão, em que uma mulher desvalida arca com a prepotencia de um homem que tem dinheiro para comprar testemunhas falsas, e cuja poderosa influencia tem poder para tapar a bocca de imprensa.

Podem assim seu tempo servindo-se da imprensa para embuir cavillosas falsidades.

Apparece no *Jornal* de sexta-feira um *Justus* dizendo que já demonstrou que a creoula Benvinda Tavares é a propria que hoje se chama Benvinda Maria da Conceição, a qual mudou o nome para satisfazer á caprichos de quem quer que a aconselhasse.

Como se abusa da boa fé do publico!

Benvinda Maria da Conceição chamou-se sempre assim.

Provou-o com os recibos dos proprietarios em cujos predios tem morado; provou-o com certidão de baptismo de seus filhos, prova-o com o testemunho geral de quem a conhece; provou-o com o proprio testemunho de sua senhora, isto é, o Sr. Godinho encarregou-se de provál-o em uma justificação que requereu e que não é capaz de mostral-a, mandando-a retirar do cartorio da subdelegacia de Santo Antonio, cujo escrivão teve a ingenuidade de entregar-lh'a sem deixar traslado no cartorio.

O depoimento do Sr. Galrão é depoimento de um concunhado do Sr. Godinho.

O do Sr. padre Britto, coadjutor de Santo Antonio diz que duas crioulas lhe pediram uma certidão.

Mas quem eram essas crioulas?

Disse-o por accaso o Sr. padre Britto? Depois de ter o Sr. Godinho mandado o seu ex-procurador Marques Porto por todas as freguezias em busca da certidão da edade de Clara, não podia ser tambem elle quem mandasse essas crioulas a Santo Antonio?

Neste processo tem se posto em pratica outras cousas.

O que disse mais o Sr. padre Britto em seu depoimento? Que um individuo lhe pedira uma terceira certidão, o qual indo á sua casa, ao sahir, pessoas que la estavam disseram—este homem é do *Alabama*. O que explica isto?

Explica que alguem por parte da imprensa que tem accompanhado esta questão, ouvindo o Sr. Marques Porto então procurador de Godinho, dizer na sala da subdelegacia da Sé, muito em segredo, que ja tinha certidão da edade de Clara por Santo Antonio e tendo ouvido antes de sua mãe que ella se baptisara na Penha. ficou sorprehendido e desconfiando que se tivesse forjado alguma *manobra*, quiz verificar e foi a Santo Antonio onde encontrou o nome não de Benvinda Maria da Conceição e sim de Benvinda Tavares, que não podem ser as mesmas.

Ao publico.

VI.

Attenda a conspicua e veneranda magistratura do paiz, attendam os homens honestos, os paes de familia para o modo legitimo e innocente por que se pretende innocentar o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho do crime em que incorreu.

Vejam a que grau de corrupção e aviltamento querem levar esta terra!

Nem os tribunaes do paiz são respeitados mais!

O Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho requereu para dar mais testimunhas na sua *famosa* justificação, em consequencia do despacho do Sr. conego Dr. vigario geral que isso lhe concedeu.

Sabia-se que muitos individuos tinham sido peitados para jurar pela quantia de 20$ rs. e que desses alguns se recusaram aconselhados por pessoas a quem consultaram, si desse juramento lhes podia provir algum incommodo.

Mas ninguem contava com o espectaculo que se deu perante o muito digno e illustrado Sr. vigario geral e um concurso de mais de dusentas pessoas, que enchiam a sala das audiencias do mesmo Sr. vigario.

Altos juizos de Deus!

Joaquim Manuel Bellotas Filho, apresentado como testimunha do Sr. Godinho, jurou que tinha ido alli jurar porque lhe tinham offerecido 20$ rs. e lhe haviam dado um papel para elle estudar o que devia jurar perante a authoridade!!!

Oh é muito escarnecer da moralidade publica....

Uma manifestação de geral indignação prorompeu do auditorio ás primeiras palavras da testimunha do Sr. Godinho.

E não era para menos.

Aquella manifestação foi o justo sentimento de reprovação á maneira por que um homem depois de haver perdido a uma infeliz e inexperiente donzella, busca por meios tão illegaes, isemptar-se da merecida pena que a lei lhe impõe.

Não foi somente com o Sr. Bellotas com quem se ajustou para jurar.

Consta-nos que um Sr. Gustavo com tenda de marcineiro á rua dos Marchantes tambem estava contractado, porém não se lhe dando o importe adiantado, não quiz.

O Sr. Lisboa, que foi guarda d'alfandega, declarou na quinta feira á noite, em uma casa, á vista de mais de vinte pessoas que tinha sido chamado para jurar, dando-se-lhe um papel para saber o que devia dizer, e que a paga lhe prometteram depois que tivesse desenpenhado o papel.

Os dignos magistrados que hão de pronunciar a sancção legal sobre a criminalidade do Sr. Godinho que attendam para esse facto de suprema depravação e si julgarem que o Sr. Godinho é innocente, o absolvam.....

VARIEDADES.

Destes ha muitos.

Lemos no *Diario de S. Paulo*:

«Perguntas d'um *santo* e virtuoso padre:

—O que é que está na hostia depois de consagrada?

Esta pergunta era dirigida por certo padre á uma preta, no acto de dar-lhe a communhão.

—E' Nossa Sinhora da Conceição, sim sinhô.

O padre maçou-se logo, mais repetiu a pergunta:

—O que é que está na hostia depois de consagrada? ó mãi?

—E' Nosso Senhô Santo Antonio.

—O' burra! pois tu não sabes o que te pergunto?!

E' S. Zuan, responde a penitente bastante tremula.

—E' o diabo que te carregue! disse o reverendo, fóra de si, introduzindo-lhe a hostia na boca.

E a preta a engoliu conscenciosamente.»

As festas.

E ainda ha quem queime cartuchos para gosar das honras e considerações de pai de familia?!

Entrem os leitores na quadra que attravessamos pelo interior das casas, desde a de rotula e janella até ao sobrado aristocratico, desde a Victoria até o Bomfim, e verão si o baile extraordinario de que falla a escriptura não está encarnado no chefe de familia, que sujeita-se resignado á conveniencia do lar domestico e soffre calado os caprichos da prole e da cara metade.

A bomba, que arrebenta por entre as tendas do inimigo, não produz mais estragos, nem causa tantos calafrios como a palavra—*festas*—cahindo de chofre sobre uma casa.

A festa é o phantasma aterrador que vem se collocar entre o magro ordenado do empregado publico e o —*papai quero isso, papai quero aquillo, —meu pai, olhe as luvas...*—da familia inteira que o persegue.

Si os rapazes solteiros conhecessem a força da palavra—*festas*—ninguem levaria ao altar

essas creaturas pallidas e angelicas, que gastam tantos covados de seda em vestidos, que vão á bailes, e que exigem cabellos e cabelereiros, e que acompanham a moda em todas as suas revoluções e extravagancias.

A *festa* é a luz de fel da algibeira.

Felizes aquelles que ainda não são pais de familia, porque delles é o reino da paz e da abundancia.

Desde o dia que os jornaes dão noticia dos festejos que se preparam para esta ou aquella festa de quantas peripecias não são theatro as casas desta cidade?

E entremos em uma dellas.

A mãe cose, cose a filha mais velha, cose a mais moça, cose a negrinha; o chefe da casa tambem procura coser as algibeiras, mas o desgraçado cose com linha sem nó.

Os caixeiros sahem com amostras, voltam com fazendas, entram com fitas, despedem-se com encommendas e tornam a voltar com embrulhos.

—Onde vae você? pergunta a mulher, de thesoura em punho, ao marido que com toda a pachorra desce as escadas.

—Vou á botica da esquina jogar o gamão.

—E as meninas hão de ir sem sapatos?

Va já á *Aguia d'Ouro* e mande trazer calçado por estas medidas.

E entregando quatro tiras de papel ao marido, despacha-o avisando-lhe que o logar que está marcado com um córte, representa a largura do pé.

Apenas o homem dobra a esquina é chamado pelo moleque, que diz-lhe que volte, por ordem da senhora.

—Ainda falta alguma cousa?

—Entendeu bem a encommenda? pergunta-lhe a mulher, tornando a dar-lhe novas explicações ácerca dos cortes das tiras de papel. Não se esqueça tambem de passar pelo Teixeira e de pedir linha de Alexandre.

—Pois Alexandre foi por ventura fabricante de linhas, senhora?

Ao descer de novo as escadas, diz uma das filhas:

—Papai, olhe que a peça de velludinho seja igual ás amostras que lhe dei.

D'ahi a pouco levanta-se uma grande discussão a respeito de um molde de segunda saia, que desappareceu de cima da mesa:

—Quem foi que tirou o molde, que acabo de pôr aqui?

—Eu não fui, diz o menino recortando uns pedaços de jornal.

—Negrinha, vai ver o molde, grita a mãe. Não se me dá de apostar que foi esta assanhada! Pois si ella não tira o sentido da foguetice!!,... Vejam só aquella costura como está toda *foxicada*. Anda, procura o molde, que elle te ha de sahir hoje do corpo.

Depois de grandes pesquizas e de um sem numero de pragas, chega-se ao conhecimento de que os pedaços de jornal que o menino recorta, são os restos mortaes do molde em questão.

O menino paga tamanha ousadia com algumas varadas, e com a ameaça de entrar como pensionista para um collegio.

O pai de familia entra, alisando a calva, de cada bolso tira um embrulho, e espera resignado o dia seguinte para continuar o seu fadario.

—Estas botinas estão muito apertadas.

—Papai tomou bucha, venderam-lhe nobreza mofada!

—Pois ainda ha hoje *nobreza* que não seja mofada, minha filha?!

Entremos em outra casa.

—Irra! Já não posso com tamanha despeza! Ha oitos dias consecutivos que pago carros, e entretanto ando á pé.

—Ora papai, nem sempre ha festas: A Rosinha disse á visinha que ha de por todas no chinello, eu hei de mostrar-lhe quem ha de fazer mais vista.

—Muito bem, minha filha, diz a mãe; no tempo da coroação, teu avô que Deus haja, mandou-me fazer um vestido de setim que poz tudo em alvoroço.

—Ai, ai, acode o marido suspirando; no tempo da coroação eu era muito feliz.

Em outra casa ha duas ou tres filhas, que vão cantar o *Te Deum* e a actividade redobra.

De um lado é o ensaio da musica e do outro os aviamentos dos vestidos.

No meio está o pai de familia que não ensaiou cousa alguma e no entanto é quem representa o papel principal da comedia.

As *festas* batem-nos ás portas.

Chefes de familia, tremei!! EXTR.

ANNUNCIOS.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita do Palacio n. 14.

Monte-pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo desta sociedade convido aos Srs. socios para reunirem-se em assembléa geral hoje 13 do corrente, ás 10 horas da manhan, afim de discutirem o relatorio e o parecer da commissão de contas, relativamente ao semestre do 1.° de dezembro de 1870 a 31 de maio de 1871. Bahia 9 de agosto de 1871.—*Lucio Casimiro da Fonseca*, 1° secretario interino.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 85.ª TERÇA FEIRA 15 DE AGOSTO. N. 827.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 14 de agosto de 1871.

Não houve expediente.

—Como se pagam serviços, como se remuneram acções de valor e merito!

—O que viu; o que tem?

—Nada vi, porém contaram-me um facto que clama aos ceus e a terra.

—O que foi?

—Disseram-me que no dia 11 foi castigado com 50 pranchadas o soldado da 5.ª companhia do 14 batalhão, de nome Braga.

—Pois é isto? Não sabe que são effeitos da barbara lei militar?

—Porém dizem que á favor deste pobre homem militam circumstancias pelas quaes tinha direito a ser tratado com mais humanidade.

E' um soldado valente e brioso. Foi ferido oito vezes na campanha e a falta que commetteu foi insignificantissima. Deixou de comparecer á revista de oito horas.

—Por tão pouco!

—Ouvi dizer que o miserando á terceira espadeirada que levou o sangue lhe rebentou em golphadas pela bocca e cahiu..... para continuar a receber o atroz castigo foi preciso que dois homens o segurassem.

—E' cruel, barbara, estupida, ante-social esta lei que avilta o homem que com seu sangue defende a integridade de sua patria e dá a sociedade garantia de estabilidade e ordem!

—Capitão, ha dias deu-se um facto revoltante e que me parece a policia devia entrar em syndicancias; ao menos para se conhecer da moralidade de certos homens.

—Vejamos si está nestas condições.

—Um certo sujeito, negociante, comprou uma crioulinha de nome *Cassia*, *na* flor da edade; com 13 para 14 annos. Levou-a para casa de uma dessas mensageiras do vicio, uma dessas ardentes militantes da luxuria, as quaes quando inutilisadas pelos estragos do tempo reformam-se no papel importante de *mercurio-agentes*.

—Não esteja a massar.

—Em duas palavras:

O sujeito levou a creoulinha para a casa de uma tal *Cereia*, ao Taboão, e ahi promettendo libertal-a, estuprou-a!

—Cynico e debochado!

—N'esta illusão levou a misera enganada uns oito dias, servindo de pasto ao brutal apetite do deshumano senhor; até que em um d'elles, sem esperar, viu entrar seu seductor accompanhado de um corrector de escravos, de nome *Sacarias*, a quem a entregou para que fosse vender.

—Oh, meu Santo *Antonio* que homem sem alma!

—A pobre creança chorou, blasphemou, exprobou lhe o vil e traicoeiro engano de que era victima; porém elle sem corar de acção tão negra, tirou 5$ rs. e dando-lh'os, disse-lhe—*vae, vae, tem paciencia, não digas nada.*

—Alma de lodo, creatura sem pejo!

—Capitão, em outro paiz, onde a lei fosse executada, depois deste facto averiguado, este impudico senhor, o deflorador desta infeliz creança, este *gordinho* negociante seria obrigado a reparar-lhe o mal que fez.

—De certo.

—No sabbado, ás 2 horas da tarde, um bond dos Trilhos Urbanos foi de encontro a uma senhora viuva de nome Maria Olegaria, moradora no becco dos Sete Peccados, causando-lhe a morte instantaneamente.

—Coitada! Deus que se compadeça de sua alma.

—Compareceram ao logar do desastre os Srs. Dr. chefe de policia, que ordenou a prisão do caixeiro e do coxeiro do referido bond, o major Barros, subdelegado da freguezia de S. Pedro e o capitão Braga.

—E' esta a segunda victima dos bonds dos Trilhos Urbanos.

Ha mezes, no mesmo logar em que morreu esta infeliz viuva, uma mulher de capona levou uma encontroadella de um dos bonds, pela desfilada com que elle partia do largo do Theatro, a qual cahiu por terra, e, consta, entrando para o hospital, fallecera dias depois proveniente da pancada que levara; mas esse facto passou inteiramente desapercebido do conhecimento da policia, e dizem que o coxeiro era esse paraguayo que se acha preso pelo successo de sabbado.

—Si não tomarem acertadas providencias, sobre a maneira impetuosa por que sahem os bonds dos Trilhos Urbanos do largo do Theatro, muitas desgraças ainda teremos de lamentar.

—E' de urgente necessidade dous a tres vigias n'aquelle logar, afim de na occasião das chegadas e sahidas dos bonds não consentirem que ninguem atravesse da ladeira da Conceição para o largo e *vice versa*, evitando assim mais alguma desgraça a lamentar-se, egual ao contristador caso que se deu no sabbado!

—Espera-se.

LA VAE VERSO.

A culpa é delles.

É de certo, meus leitores e leitoras,
Bem prosaico um marido rabujento;
Mais prosaico, do qu'um pote d'agua fria,
Mais prosaico, qu'um maricas avarento.

E que tortura, e que tormentos não padece
Bella moça de nariz arrebitado,
Que namora certo moço de bigode
De casaca á Daumerie e deputado!

Vêr-se a noite, ver se o dia todo inteiro
A olhar feia cara e delambida,
A ouvir a voz severa e turbulenta....
Oh! me digam, meus leitores, isso é vida?....

Oh! de certo não ha cousa mais prosaica
Do que a cara d'um marido rabugento,
Sempre turva, enraivecida, sempre feia,
Todo o dia, sem cessar um só momento.

De manhan, e quando o sol ainda dorme
No seu quarto bem quentinho—eil-o a gritar,
Chama escravos e mulher e chama filhos,
E poem a casa n'um continuo voltear.

E depressa s'ergue a moça de sea leito,
Como Venus a sahir do oceano;
E cubrindo as niveas carnes vergonhosa
E o collo alabastrino em niveo panno.

E lá s'encontra a bella c'o marido,
Que passeia em ciroula e camisóla,
Carapuça de meia na cabeça,
Como anda no sertão um mestr'schola.

E a mocinha tão bonita e tão pimpona
Olha aquella figurinha enramelada,
Que a olha de través e cumprimenta a
«Bom dia» lhe dizendo em voz irada.

E depois o dia todo n'isso passa
A gritar e a berrar como um Sultão,
Parecendo que no peito que lh'arqueja
Ardem vivas labaredas d'um fogão.

Uma gracinha, uma palavra carinhosa
A madama nunca ouvin de sua bocca,
A *bossa* da ternura não possue,
P'ra essas cousas a cabeça lh'estáôca.

E a menina, que é romantica e graciosa,
Que tem o peito todo cheio de desejos,
Que sabe quanto é doce e quanto encanta
O dar e receber ardentes beijos;

Lança sobre o prosaico do marido
Um olhar de désdem e compaixão,
E ao moço de bigode, qu'a corteja,
Entrega alvoroçado o coração.

VARIEDADES.

As mulheres perdidas

Por L. Reo Junius.

—

OS FILHOS ADULTERINOS.

. . . . . .

IV.

Ecoutez l'étrange aventure....
EM. DESCHAMPS.

Em 1788, no principio do governo do visconde de Barbacena, habitava na então capitania de Minas Geraes, perto de villa Rica, um homem de cerca de 40 annos, cujo nome calaremos, o qual durante parte do vice-reinado de Luiz de Vasconcellos negociára em ouro que comprava aos *faiscadores*. Constando-lhe que o visconde de Barbacena ia forçar o pagamento de todos os *quintos* atrasados, partilhou do susto geral, pois que a taxa, que até certo tempo produzia mais de cem arrobas de ouro, declinava gradativamente, e so produzia cincoenta.

O povo tinha-se offerecido para completar as cem arrobas. Dizia-se, porem, que os atrazados montavam a perto de trezentas arrobas, e ao nosso homem custava-lhe, sendo elle um dos negociantes mais ricos, a desembolsar aquillo que devia ter pago, e que já contava como lucro.

Demais, Joaquim José da Silva Xavier, conhecido pelo cognome de *Tiradentes*, que era um official de cavallaria da provincia, aproveitando-se do susto geral, tratou de irritar

os animos propalando que a côrte queria enfraquecer o povo, afim de melhor subjugal-o, e que por isso ia ella legislar prohibindo que ninguem possuisse mais de 10 escravos. *Tiradentes* conseguiu, pois, conspirar para derrubar a autoridade e estabelecer uma republica independente, sendo elle o principal motor da conjuração que tinha tomado por emblema um genio quebrando cadêas com a divisa—*Libertas sera tamen* – liberdade inda que tarde.

Coitado! foi condemnado a ser enforcado e sua cabeça levada a villa Rica, e exposta em um poste alto no logar mais publico, seus quartos içados nos logares em que os conspiradores tinham feito suas convenções!! A casa em que habitára devia ser arrasada e salgada, e nesse logar levantado um padrão para conservar a memoria do crime e do castigo!! Apezar desta sentença ter sido minorada em Lisboa, quanto aos outros conspiradores, *Tiradentes* soffreu a pena de morte, e a sentença relativa a elle executou-se! A barbaridade della chegou a ponto de despojar os innocentes filhos e netos, si os tivesse, de suas propriedades, e declaral-os infames!!

Só quando o governo constitucional se formou e annunciou é que o povo de villa Rica demoliu, com applauso geral, esse espantalho plantado no logar onde fôra a casa, e construiu ahi um outro edificio.

Perdoai esta digressão, voltemos ao negociante de ouro.

Esse homem entretinha relações com alguns dos conspiradores, entre elles com o coronel Alvarenga, Francisco de Paula, padre Rolim e outros, e não querendo entrar na conjuração, nem tão pouco denuncial-os, ou comprometter-se, resolveu retirar-se para o Rio de Janeiro, para onde veio, e comprou um sitio distante quatro ou cinco leguas da côrte.

Justamente quando em 20 de abril de 1792 a relação proferia o accordam em observancia da carta régia de 16 de julho de 1790, e mandava executar inteiramente a sentença no reu *Tiradentes*, commutando a pena de morte na de degredo perpetuo aos outros reus, accordam que foi pelo de 2 de maio de 1792 julgado nullo na parte somente relativa ao reu Alvarenga, e que mandou cumprir o ulterior accordam embargado pelos reus, unicamente com a declaração que reduzia os degredos a 10 para diversos logares, nessa época casava-se o negociante de ouro no Rio de Janeiro com uma moça de 16 annos, que então passava por ser uma das mais lindas.

Durante a estação calmosa residiam elles no sitio, e o resto do anno na cidade.

Naquelle tempo as moças que sabiam ler e escrever alguma cousa podiam se contar. Esta era desse numero. Tinha sido educada com esmero; somente era acanhada, pois esse era um dos apanagios das moças desse tempo. Não sahia á rua sem ter o rosto coberto com a competente mantilha, e se chegava á janella era por entre as grades das rotulas.

Mezes depois do casamento o negociante recebia um hospede chegado da Europa, que tendo estado em Paris na época em que ahi foram abertas e impressas as estampas da interessante obra do abalisado Fr. José Mariano da Conceição Velloso, religioso mineiro, que classificou conforme o systema de *Linneo* mais de mil seiscentos e quarenta vegetaes do Brazil, na sua *Flora Fluminense,* em 11 volumes in-folio, obra monumental, com a qual o governo dispendeu avultadas sommas, e cuja impressão do primeiro volume do texto, começada na typographia nacional, não se concluiu, jaz pasto ás traças na Bibliotheca Nacional com o titulo de *Flora Fluminensis Icones fundamentalis expressæ jussu Illustrissimi ac Præstantissimi Domini Aloysii Vasconcellos et Souza, etc. etc.* Esse moço, estudioso naturalista, quiz conhecer o paiz que produzia tanta cousa de admiraveis vegetaes, e veio ao Brazil. e trazendo cartas de recommendação para diversos brasileiros, foi, como dissemos, hospedar-se em casa do negociante, que era conhecido e amigo de frei Velloso.

Era um moço de cerca de 35 annos, alto, moreno, de cabellos negros e crespos, e olhar penetrante. Um bello homem emfim.

Era italiano. Trajava com apurado gosto; era illustrado, e trazia constantemente no dedo anellar da mão esquerda um grande annel de ouro fusco com uma esmeralda, na qual estava gravado um escudo de fórma oval, terminado por uma corôa de conde, uma cruz e uma estrella em campo azul, e a divisa: *Cum cruce salus.*

As mulheres são com as laranjas, as mais bellas são ás vezes as peiores.

S. Cypriano diz que frequentar uma mulher é expôr-se a toda a especie de tentações, que tudo nella dispõe a ferir aquelles que dellas se approximam, que a mulher é um verdadeiro contagio, uma ruina occulta! Que tudo nellas é funesto; quem as ama perde-se, quem se liga a ellas illegitimamente faz em si uma ferida incuravel.

O moço apaixonou-se por ella.

Em certos climas o physico tem uma tal força que o moral nada póde.

Nestes paizes em vez de preceitos, é preciso chaves.

Apesar das chaves, dahi a dous mezes ella era tomada de assalto.

Os amantes tem sempre necessidade de um confidente a quem possam communicar suas boas fortunas, ou suas desgraças, isto é, de uma pessoa que os felicite, ou os lastime e no pensar da qual o seu amor-proprio acha com que applaudir-se, ou consolar-se.

A moça communicou os seus segredos a uma moça pobre da vizinhança de quem era muito amiga. Não tardou que esse amor criminoso fructificasse.

O marido suspeitou essas relações illicitas, e o moço, depois de procurar convencel-o que era injusto em accusal-o, retirou-se de casa e foi para a Europa. Deixou porem recommendado a um seu compatriota que fizesse todo o possivel para obter roubar a criança quando nascesse.

A moça deu á luz um menino.

Nessa mesma noite o marido mandou-o lançar em uma porta longe de casa, como engeitado.

A fatalidade fez com que elle fosse justatamente terá casa do compatriota do pai.

Este indagou e soube que nessa mesma noite a criança, que o seu compatriota lhe recommendou, tinha sido engeitada, e de que maneira ia vestida.

Nenhuma duvida restava-lhe, era ella.

Criou-a, participando logo ao pai. Este, no fim de dous annos a reclamou, e a criança foi mandada para Pavia, na Italia, onde se achava seu pai.

Deixemol-a crescer e educar-se, e vejamos o que foi feito da mãe.

Tres ou quatro annos depois destes acontecimentos dava ella á luz uma menina filha de seu marido. Mas este homem não cessava nunca de lançar-lhe em rosto a sua falta, e injurial-a até na presença dos proprios escravos!

A moça, desesparada, recolheu-se a um convento, onde viveu por espaço de 16 annos retirada do mundo.

Durante esse longo periodo o marido esbanjava a fortuna. A filhinha a mãe a mandara roubar de casa e a entregara á confidente de seus amores com o Italiano.

Pobre mulher, na solidão do claustro mil pensamentos lhe atravessavam a mente e torturavam-lhe o coração. Lembrava-se do seu amante, do seu filho, que elle nunca mais havia de ver, e de sua filhinha confiada aos cuidados de outra! Acariciava chimeras, que a realidade e a razão a faziam abandonar.

Os progressos que o amor faz na solidão são perigosos. Ella conservou sempre os arrebatamentos e as fraquezas do coração. A edade os não calmou, porque a imaginação das mulheres não tem rugas.

O amor que jazia em seu peito quasi extincto tinha em breve de reanimar-se das cinzas. Seu marido morreu, ella deixou o recolhimento e entrou na posse do resto de sua fortuna.

(*Continúa*)

Eugenia e Maria.

A maman d'estas duas meninas repara, ao voltar d'uma visita, que durante a sua ausencia mão temeraria entrou no assucareiro.

Faz comparecer diante do seu tribunal Eugenia, a mais velha que tem sete annos, e Maria que está a fazer cinco,

—Meninas, diz a maman em tom severo, quem foi que comeu uma colher d'assucar?

—Eu não fui! exclamou Eugenia,

—Nem eu! acóde Maria.

—Meninas, torna a maman, não mintam, Uma das duas comeu o assucar.

— Foi Maria, diz Eugenia.

—Não ha tal, torna a Mariquinhas; Eugenia é uma mentirosa; que ella não estava ao pé de mim quando eu o tirei.

Tendo o Duque d'Orleans, quando regente, lançado alguns impostos no Languedoc, e vendo-se mortificado com as representações de um deputado d'esta provincia, disse-lhe com vivacidade:

—Que forças tendes para oppôr ás minhas vontades?... Que podeis fazer?

—Obedecer e aborrecer—tornou o deputado.

ANNUNCIOS.

Monte-pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo desta sociedade convido aos Srs. socios para reunirem-se em assembléa geral na quinta-feira 17 do corrente, ás 6 horas da tarde, afim de discutirem o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas, relativamente ao semestre do 1.º de dezembro de 1870 á 31 de maio d 1871, visto não ter tido logar essa discussão no domingo 13 do corrente, pela determinação expressa do art. 36, dos Estatutos. Bahia 13 de agosto de 1871.—*Lucio Casimiro da Fonseca,* 1.º secretario interino.

O Sr. alferes Raymundo Pereira de Queiroz tem uma carta na venda á rua Direita de Palacio n.º 13, para lhe ser entregue em mão propria.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 83.ª — SABBADO 19 DE AGOSTO. — Ns. 828—829.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beceo do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 18 de agosto de 1871.

Officio ao Illm. Dr. chefe de policia chamando sua attenção para uma infeliz moça louca que vaga por esta cidade, a qual é filha de um individuo conhecido pelo *Passarinho*.

A desafortunada rapariga, destituida da luz da razão, chama sobre si a hilaridade e zombaria da turba pelos espectaculos extravagantes que dá e phrases indecentes que profere.

Além disso, homens desregrados aproveitam-se de sua desgraça para exercer nella actos que o pudor condemna. A' cerca de seis ou oito noites teve logar em um dos açougues arruinados de S. Bento uma scena dessas praticada por oito individuos, scena que começou dentro de um carro que no largo do mesmo nome se achava estacionado.

S. S. tem dado provas de zelo e actividade, tornando assim recommendavel sua administração nos poucos dias em que se acha á testa da policia, por certo não deixará passar esta occazião de mostrar que se interessa pelo serviço publico.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, ponderando-lhe que se tendo deliberado a extineção dos depositos de couros no Caes Dourado por nocivos á saude publica, é extranhavel que no referido caes se estejam desembarcando para um armazem ahi situado, couros em salmoura, de um navio entrado arribado, couros esses que, consta, se acham arruinados e em estado de putrefacção.

Em bem da salubridade publica pois, espera-se que S. S. tomando na devida consideração o exposto, reclame da policia os meios de fazer cessar immediatamente um abuso que pode trazer perniciosas consequencias a população, ou quando nada, que infringe as regras da egualdade. Assim espera-se.

—Não é estranho a ninguem que a redacção de qualquer gazeta nenhuma responsabilidade assume com aquillo que sahe nas *publicações de fora*, salvo aquella responsabilidade que a lei exige.

Invertendo este principio de verdade, hoje no *Diario* um desinteressado defensor do Sr. Godinho diz que o *Alabama* está em intimas relações com a creoula liberta Benvinda porque lhe defende a causa!

Ora esta!...

Não faz mal porém.

A redacção do *Alabama* pouco ou nada tem dito nesta questão, mas nem por isso deixa de sympatisar com a causa de Benvinda, que é a causa do fraco e desvalido, que ella costuma sempre defender.

Preste o publico sua attenção para o que tem sahido nas columnas do *Alabama* em *à-pedido* e veja ainda a falsidade do *Justo* dizendo que o *Alabama* vem recheado de insultos e toda casta de improperios contra o Sr. Godinho.

O que tem sahido são factos reaes, acontecimentos dados a prova dos autos sem envolver a mais leve injuria ao Sr. Godinho.

No principio desta questão teve a redaeção desta folha condescendente deferencia para com o Sr. Godinho, por ter vindo elle á este escriptorio dizendo que sua digna esposa se achava em grave estado de enfermidade e que a publicação de qualquer cousa sobre este assumpto, chegando ao seu conhecimento, podia lhe custar a vida no que foi attend.do por parecer justo; pedido este que na sala da subdelegacia da Sé, fez tambem a um dos socios desta officina, não so elle, como seu procurador o Sr. Marques Porto; e que ainda reteirou por intervenção de diversas pessoas.

So depois que a questão tomou um andamento pouco regular, pretendendo-se por certos meios supplantar a desvalida Benvinda, é que nesta imprensa se começou a publicar artigos á favor della, por entender-se que o referido pedido não passava de uma estrategia de campanha,

A allusão torpe que vem no *Jornal* de ser atassalhada a honra de quem não dá dinheiro, é digna da penna que a escreveu.

Si o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho se presa como diz de ser um cavalheiro e homem de bem é para elle proprio que esta redacção appella sobre esta allusão de dinheiro.

—A policia no dia 16, commetteu a grossaria de lançar os gadanhos sobre Antonio José Leite Borges, que em falta de occupação mais seria, divertia se i nocentemente em andar vendendo á pessoas inexperientes bilhetes brancos de loteria já corrida.

—E tinha tantos assim?

— O meiro vendo se fisgado, entendeu que sua palavra bastava para prova de innocencia e negou a pé firme; a policia porém que ás vezes se mostra um pouco exigente, não se contentou com a palavra *honrada* do Sr. Leite Borges e quiz primeiro mandal-o á casa de uma familia á Victoria, onde ha dias vendeu um dos taes bilhetes; então o cujo assentou que o melhor partido era confessar tudo.

—Que meninorio!

—Aposto que V. não sabe quem é o tal Leite Borges?

—Não.

—E' um dos membros da cruzada contra a crioula Benvinda, mãe da menor Clara, raptada e defforada pelo negociante de ferragens Godinho.

—Ah!.....

—Foi uma das testemunhas que juraram no processo de injurias que para atterrar a pobre mulher lhe instauraram; e tinha tambem de jurar na justificação.

—Pouco a pouco vão se descobrindo os meteorios que representam na farça.

Isto serve muito para a moralidade da causa.

—Tendo as folhas diarias noticiado que a companhia de *Trilhos Urbanos* reservou o rendimento d'aquella linha, durante o dia de domingo 20, em beneficio dos dous innocentes orphãos, filhos da infeliz viuva Maria Olegaria, que como já demos noticia, foi morta por um *bond* d'essa empreza, o Sr. Luiz Keller que é inteiramente dotado de um coração caritativo e humanitario, preparou um rico balão aerostato, no qual pretende subir, no largo da Graça, afim de que seja grande a concurrencia, tornando-se desta sorte maior o rendimento da companhia n'esse dia em que ella destinou o seu producto em beneficios dos dous infelizes orphãos da lamentada viuva Maria Olegaria....

—Em vista de acto de tanta philantropia do Sr. Luiz Keller, é de esperar que seja immensa a concurrencia, não pelo facto de ver-se o mesmo subir em um balão aerostato; mas para que cada um, divertindo se, contribua com a sua quota para a pratica da primeira das virtudes—A CARIDADE!

—Amanhan festeja se com a solemnidade do costume ao glorioso S. Joaquim, no recolhimento dos orphãos do mesmo nome.

Pregará ao evangelho o padre mestre Tavribio Tertuliano Finza.

A musica será executada pelos referidos orphãos, debaixo da direcção do seu professor Livino Faustino dos Santos, que apresentará uma nova missa de sua composição, preparada para esse dia.

O edificio estará durante todo dia aberto á visita publica.

—Sciente.

—Assim é que muita gente procura a morte por suas mãos!

—Quem morre por seu gosto acaba por seu regalo.

—O diabo é que ao depois vem a soffrer incommodos, quem não contribuiu para o desastre.

Na segunda feira dous rapazolas estrafegavam-se furiosamente na rua do Forte de S. Pedro; um concurso numeroso de espectadores observava e applaudia essa scena impropria e reprovada. Queriam ver qual era o mais doxtro e mais possante. N'um *rolo* cahiu um dos luctadores com a cabeça sobre os trilhos e o outro por cima a esmurral-o de sôccos.

Nessa mesma occasião apontou em desfilada uma das deligencias dos Trilhos Urbanos e já estava á alguns passos dos contendores quando estes poderam desembaraçar-se.

—Na verdade ha gente de gosto estragado! Não sei que prazer ha em ver dous individuos aggredirem-se e maltratarem-se.

—E si houvesse uma desgraça nenhum d'aquelles que approvavam e animavam aquello espectaculo queria carregar com a responsabilidade de haver concorrido para uma catastrophe.

—Ha cerca de duas semanas, um formidavel cão mordeu a uma rapariga na face, no largo de S. Bento, a qual ainda hoje soffre.

Hontem, 15, si não é o fiscal Pestana e outras pessoas, uma creança era estrafegada no mesmo logar por um dessos mal fazejos animaes que vagam pelas ruas.

—Com effeito naquelle logar, por causa dos açougues, abunda sempre uma malta immensa de cães.

Não sei o que faz o fiscal que não muleta a seus donos.

—Muletar como, si são cães perdidos, que andam atôa?

—Em tal caso, bola com elles.

—Amanhan o Sr. Casali dará, no circo ao largo da Piedade, um espectaculo em beneficio do eximio professor de musica Joaquim Torres.

Este espectaculo constará dos melhores trabalhos acrobaticos.

O beneficiado, fiado no coração philantropico do povo bahiano, espera grande concurrencia.

—E' de presumir.

—Não é desta forma que se mantém a ordem!

—Espancando e ferindo, não.

—Para evitar imprudencias como esta, ha até uma prohibição terminante que os soldados de policia desembainhem os refles sem ordem superior.

—Mas não é obedecida.

—E o resultado é soffrer quem não tem culpa.

Houve um *ruge-ruge* na Saude; os soldados descem pela ladeira abaixo de facão na mão espancando sem olhar cara, e dão uma grande cutilada em um escravo da casa do Dr. Chastinet que subia á mandado de seus senhores.

—Tambem isto é que é desaso!

Pois não viram os pacificos agentes da força publica que o escravo subia calmamente e os turbulentos a quem dispersavam desciam em desfilada perseguidos por elles?

—A carne verde exposta á vendagem estes dias é de qualidade tal, que so de encaral-a enjôa.

Preta e denegrida como carvão.

—Não eu que metta no meu estomago semelhante germen de molestias. Prefiro passar ao classico *jabá*.

—O que admira é que a carne venha do talho alva e enxuta e depois de cosida torne-se visguenta e com gosto de bofe.

—Deve haver qualquer motivo e para elle seria bom chamar a attenção do digno medico do matadouro.

—Que no beco do Escorrega ha de sempre morar gente da pá virada!

— Não é de hoje nem de hontem.

—Não ha policia que contenha os inquietos moradores de tal logar!

—Ha logares mesmos que parecem destinados para habitação da gente da vida airada.

— Uma vez por outra lá acontece no becco do Escorrega uma facada, uma navalhada, uma cabeça quebrada, uma perna partida, um braço deslocado, uma pessoa gravemente espancada.

—Ha de se assim mesmo; a gente de peior indole reune-se alli.

—No sabbado á noite houve o diabo! Os moradores da visinhança accordaram espavoridos pelas garrafadas, pedradas, cacetadas, accompanhado tudo de uma tremenda e perturbadora algazarra.

—Tambem a policia esquece-se de que esse becco sendo refugio de vagabundos, ociosos, escravos fugidos e barulhentos, deve ser vigiado a toda hora; por força os sarceiros hão de se reproduzir.

—Na tarde de 16 abateu uma parte da calçada á ladeira de Santa Thereza, na extensão de duas ou tres braças, ao simples pezo de alguns burros conductores de cal que passavam.

—Prevenção prevenção, antes que o perigo se torne maior.

—No mez de agosto acontecem sempre muitas catastrophes e calamidades.

—Diz a crença popular que é mez de desgosto.

—Hontem na cidade baixa deu-se um fracasso, uma dessas fraquezas humanas que são mais para lamentar do que para commentar.

Um pobre homem, carroceiro, ao entrar no seu lar, em logar de achar o descanço e a felicidade, teve o pungente dissabor de encontrar o que não esperava.

—Capitão, acabo de saber que de sabbado para domingo foi gravemente espancado o Sr. Bernardino Severiano da Rocha Pires, empregado na secretaria do governo.

Esse attentado foi commettido no sitio da Boa-Vista, freguezia de Brotas.

—Esses factos amiudados de aggressão á segurança individual reclamam energica actividade e incesaantes esforços da policia para reprimir os aggressores.

A PEDIDO

—Recorrem a todos os meios por mais perfidos e infames que sejam!

Lembraram-se hoje 17, de fomentar no *Jornal da Bahia* uma intriga miseravel, envolvendo o respeitavel nome do Exm. Sr. conego provisor.

S. Ex. porém, espirito calmo e reflectido, saberá dar o merecido despreso a tão vil enredo.

Veja o publico onde chega á má fé e o embuste, que até se adultera e mente n'aquillo que ja pertence ao dominio da publicidade.

Releia o publico a publicação sahida no *Alabama* de 13 e veja se encontra em algum logar as palavras—«foi a essa freguezia des «confiando que AIII se forjasse alguma ma- «nobra, como aleivosamente diz o mercenario «que se assigna—*Um que não é communista* »

Não é no escriptorio de alguma typographia que se forjam manobras, nem é nelle que a sêde de dinheiro para alimentar o vicio e a crapula, leva alguem até á receber dinheiro dos larapios para ir pedir por elles as authoridades.

O publico tem visto a moderação com que nestas columnas se tem tratado da questão do rapto de Clara filha de Benvinda. Como resposta recorrem aos doestos e injurias.

Continuem e responderão por nós as collecções do *Diario* e *Interesse Publico*.

—Quem arrematou o fornecimento de calçados para a tropa da guarnição?

—A casa de prisão de trabalho metade e o Sr. José Caetano Gomes outra metade.

—Mas eu ouvi dizer que appareceu uma proposta fazendo por menos do que estes.

—Parece assim; mas V. tambem nunca ouviu dizer que o barato ás vezes sahe caro?

—Não percebo ao que vem isto no caso presente.

—Eu lhe digo.

A proposta mais barata era de calçado estrangeiro; porem que calçado! obra ressecada e que segundo me consta, ja foi regeitada uma vez pelo arsenal de guerra.

Aquillo era para os soldados metter nos pés e abrir-se logo; ora quando o governo dá um par de sapatos para durar seis mezes, era grande injustiça. Está o que deu motivo á preferencia.

—Bem, assim acho justo.

—E depois ha mais um motivo á favor dos preferidos que ha de merecer a sua approvação.

—Si for justo.

—E' que são 2.500 pares de sapatos que vão dar o que fazer á muitos artistas nacionaes que andam por ahi trocando as pernas á falta de trabalho.

—Perfeitamente bem!

—O estrangeirismo hoje tem invadido tudo; até a industria; dando logar a que muitos braços nacionaes se achem paralisados sem terem meios de ganhar a subsistencia para suas familias. Não é porque faltem artistas habeis e intelligentes, mais sim pela mania que grassa de approvar tudo que vem de fora por mais extravagante que seja e inferior a manufactura do paiz.

—Assim como V. diz eu entendo que a escolha foi por demais acertada.

Ao publico.

VII.

A verdade é uma só.

Não ha meio de torcel-a.

No *Jornal* e no *Diario*, cujas portas estão trancadas para a desvalida crioula Benvinda e francas para o opulento negociante Antonio Tavares da Silva Godinho, pretende á favor deste um inculado *Justus* illaquear a boa fé do publico com articulados futeis e destituidos de fundamento.

E' na verdade grande animosidade suppor tanta simplicidade na sensatez publica para julgar persuadil-a com disparates e banalidades.

Os dous orgãos da publicidade trazem ao mesmo tempo na terça feira *a reproducção do mesmo assumpto* de que a Benvinda Maria da Conceição de hoje, é a Benvinda Tavares de outr'ora.

E malignamente dizem que a pobre mulher anda todos os dias a mudar de nome, como si fosse uma foragida trazendo para isso como argumento o facto de na certidão de baptismo de sua filha Antonia achar-se ella unicamente com o nome de—Benvinda, *crioula liberta*!

Quem é neste mundo que ja considerou mudança de nome a circumstancia de uma pessoa dar unicamente o primeiro nome de que usa!

Ahi está porém a palavra authorisada do Revm. Sr. conego cura da Sé, affirmando que Benvinda nas certidões de baptirmo está como Benvinda Maria da Conceição.

Traz o *Justus* como prova uma carta do Sr. procurador Manuel Marques Porto, á quem o *Justus* diz que *muito de perto* conhece Benvinda, maliciosamente griphando essas palavras.

O Sr. Marques Porto declara em sua carta que conhece Benvinda á *mais de deseseis annos*, e sempre conhecida por Tavares; que sabe disso pela razão de ser Benvinda e sua irman Constança moradoras por baixo do sobrado que occupou elle á rua do Bacalhau por cerca de *dez ou onze annos*; que á esse tempo tinha

Benvinda duas filhas, sendo uma de nome Clara, já desenvolvida e representando ter oito annos de edade, etc., etc.

Fazendo justiça aos predicados de habil, intelligente e illustrado que prodigalisa o *Justus* ao ex-procurador do Sr. Godinho na questão do rapto e defloramento da menor Clara, diremos que taes dotes que, folgamos de reconhecer, não são comtudo sufficientes para a elucidação da verdade.

O Sr. procurador Marques Porto diz que conhece Benvinda *á mais de deseseis annos*, porém talvez por escrupulos de consciencia, não quiz dizer de que logar a conhece.

O Sr. Marques Porto está fora da rua do Bacalhau, seguramente ha *sete annos;* morou ahi como diz. *dez ou onze*, proximamente o tempo que declara conhecer Benvinda.

Mas de onde a conhece, si Benvinda nesse tempo morava na fazenda dos Coutos, freguezia de Nossa Senhora do O' de Paripe, como em tempo opportuno ha de proval-o com o testemunho de pessoas insuspeitas e notaveis do logar e de la veio residir na freguezia da Penha como o attestam os documentos abaixo?

O Sr. Marques Porto nos merece muita fé, porém egual fé nos merecem os Srs. José Ignacio d'Almeida, João Teixeira de Freitas, Antonio Olavo da França Guerra e outros muitos que moraram defronte de Benvinda, na rua do Bacalhau, e cujo testemunho pode e hade ser invocado sobre a edade e desenvolvimento de Clara na epocha referida em que S. S. abstractamente affirma parecer ter ella 8 annos.

Pois o Sr. Marques Porto morando de dez a onze annos na rua do Bacalhau, viu Clara figurando sempre ter oito annos?

De maneira que essa, menina apezar da successão do tempo, ficou sempre estaccionaria nos oito annos durante os dez ou onze que o digno procurador morou no Bacalhau!...

Podia sim, ter oito annos, mas no ultimo periodo de sua residencia na rua do Bacalhau. Bem se vê que S. S. não precisando a epocha não quiz ainda esta vez comprometter sua consciencia.

E' cavillosa a affirmativa do *Justus* que o Sr. Marques Porto conhece *muito de perto* a Benvinda, quando não havia essas intimidades e pelo contrario existia inimizade aqual alguma vez chegou a tomar as proporções de conflicto.

Que Benvinda Maria da Conceição nunca mudou de nome e sempre se deu a conhecer por tal, provam os documentos que se seguem, especialmente os de numeros 5, 6, 7, 8.

Porque até hoje ainda não apresentaram um documento serio e comprobatorio que infunda fé; apezar das incansaveis pesquizas empregadas por todas as formas e maneiras, indo o proprio Sr. Godinho a diversas casas colher informações, sob diversos pretextos, como foi a do Sr. Severiano do Couto, a do Sr. capitão Genezio M. Marques, a da Sra. D. Cypriana, a da Sra. D. Emilia Rosa Dutra, a quem disse que ia ali colher informações porque queriam captivar Benvinda e elle desejava beneficial a?

Bom beneficio na verdade, Sr. Godinho!...

— —

Sabe-se que está contractado o Sr. Vallasques para assignar a responsabilidade de publicações diffamatorias e injuriosas.

A imprensa que se nega á acceitar publicações á favor do direito de uma desvallida mulher, pode recebel-as e publical-as: obra assim com exuberante imparcialidade.

———

DOCUMENTOS.

N. 1.—Illm. Exm. Sr. Dr. chefe de policia.—Diz Benvinda Maria da Conceição que, á bem de seu direito precisa que o cidadão Ernesto Pereira Coelho da Cunha lhe atteste si no anno de 1856, tempo em que exerceu o cargo de subdelegado da freguezia da Penha, a supplicante era ou não moradora na referida freguezia em companhia de sua mãe a africana Florinda. Pelo que—P. a V. Ex. se digne deferir-lhe como for de justiça etc.

Attestado.—Attesto que a supplicante era moradora na freguezia da Penha durante o tempo que exerci o cargo de subdelegado. Bahia 18 de julho de 1871—*Ernesto Pereira Coelho da Cunha.*

— —

N. 2.—Illm. Revm. Sr. conego vigario da Penha.—Benvinda Maria da Conceição, á bem de seu direito precisa que V. Revm. lhe atteste si no anno de 1856, a supplicante era ou não moradora n'essa freguezia, em companhia de sua mãe. A vista do exposto—P. a V. Revm. se digne attestar-lhe como for de justiça etc.

Attestado.—Attesto que a supplicante tem morado n'esta freguezia por diversas vezes, não me recordo porém das datas; lembro-me todavia que no anno da epidemia em 1855 morava; bem como em 1856 quando alugou-se em casa do professor Galdino Eustaquio de Figueredo, a quem esteve servindo por algum tempo. O referido é verdade. Bahia e freguezia da Penha 17 de julho de 1871.—O vigario *Lourenço Borges de Lemos.*

— —

N. 3.—Attesto, e jurarei si preciso for, que em 1856 quando exerci o magisterio de professor publico primario na freguezia da Penha, a Sra. Benvinda Maria da Conceição, foi mi-

nha ama de servir; tendo por esse tempo uma filinha de nome Clara, parda, a qual teria um anno de edade. Durante o tempo que me serviu mostrou sempre ter boa conducta e zelo no dezempenho de suas obrigações. Bahia etc.—*Galdino Eustaquio de Figueiredo.*

— —

N. 4.—Eu abaixo assignado attesto e jurarei, si preciso for, que passando a festa em Itapagipe nos annos de 1855 e 1856 la conheci a Sra. Benvinda Maria da Conceição; conhecimento de que tenho recordação por ser a mãe da mesma vendedeira de peixe e ter costume de ir á minha casa, sendo que no ultimo anno conheci a mesma Benvinda com uma menina de côr parda, que dizia ser sua filha e costumava trazel-a ás costas. Bahia 19 de julho de 1871.—*Antonio Olavo da França Guerra.*

— —

N. 5.—Declaro e isto mesmo já jurei perante o Sr. subdelegado de Santo Antonio, que Benvinda que foi minha escrava, a tive por divida de Manuel Paianno d'Alleluia, de dinheiros que ao mesmo emprestei. Que a referida escrava quando veio para meu poder trouxe o nome de Benvinda Maria da Conceição, á que nunca me oppuz que uzasse. Que forrando-a em 1851 ordenei que não voltasse a minha casa, e não me consta que uzasse do appellido de Tavares.—*Emilia Rosa D'utra.*

— —

N. 6.—Illm. Sr. Antonio Emilio de Souza.—Certa de que V. S. não se negará a concorrer para esclarecimento da verdade, vou pedir-lhe que me declare ao pé desta por que nome conheceu me no tempo em que eu comprava fazendas em sua mão, o que deve constar dos livros de assentos de V. S. Peço-lhe permissão para usar de sua resposta em meu favor. Bahia 17 de agosto de 1871. De V. S. etc.—*Benvinda Maria da Conceição.*

Resposta.—Sra. Benvinda Marja da Conceição.—Permitta-me que aqui mesmo lhe responda e desta resposta fará o uso que lhe convier. Em abono da verdade conheço Vm. á perto de 10 annos, ainda quando eu era caixeiro de meu ex-amo o Sr. José Rodrigues Guimarães depois que de la sahi, fui socio dos Srs. Gomes & Irmãos, onde Vm. tambem comprava; estabeleci-me á rua do Guindaste dos Padres n.° 24, onde Vm. continuou a não so pelos meus livros commerciaes como comprar-me e pelos meus balanços e mesmo por uma conta que existe em seu poder, da qual Vm. ainda me é devedora, e honra lhe seja feita, nunca m'o negou, tanto pelos meus livros, como pela dita conta em seu poder, e mesmo que nunca ouvi a pessoa alguma, nem tão pouco Vm. me deu outro nome que não fosse o de *Benvinda Maria da Conceição*, para cujo fim estou prompto a jurar si necessario for, e sem mais sou — De Vm. etc.—*Antonio Emilio de Souza.*

— —

N. 7.—(Dos autos á f. 93). Numero duzentos e sessenta e quatro; trinta mil reis. Pagou a Sra. *Benvinda Maria da Conceição* a quantia de trinta mil reis em que importa o aluguel contado do 1.° de abril a 30 de junho de 1870, da loja da propriedade n. 174, sita ás Escadinhas de Maria Pires, que occupa pertencente á Casa da Santa Mizericordia desta cidade. E por ser verdade se lhe deu a presente quitação assignada pelos irmãos thesoureiro e escrivão actuaes da Santa Casa. Bahia etc.—O escrivão, *Antonio Cerqueira Pinto.*—O thesoureiro, *Theodoro Teixeira Gomes.*

— —

N. 8.—(Dos autos). Receita provincial.—N. 3354.—Anno financeiro de 1869 a 1870.

A' folhas setenta e duas do livro de receita provincial da capital fica lançada em debito ao actual recebedor a quantia de 10$025 rs. que pagou *Benvinda Maria da Conceição* proveniente do imposto do anno de 1869 a 1870 da caixinha n. 473 para vender generos não comestiveis, mulctas por infracção e negligencia. E de como recebeu e recolheu ao cofre a referida quantia assignou o presente conhecimento. Bahia e meza de rendas provinciaes 7 de outubro de 1869.—O recebedor *A. F. Pessoas de Barros.*—O escrivão *João Bernardino Franco Lima.*

— —

N. 9.—Illm. Revm. Sr. conego cura da Sé.—Benvinda Maria da Conceição á bem de seu direito, precisa que V. Rvm. lhe atteste si durante o tempo em que a supplicante foi parochiana deste curato a conheceu ou não por Benvinda Maria da Conceição. E. R. M.

Attestado.—Attesto que a creoula Benvinda Maria da Conceição foi moradora muito tempo n'este curato da Sé e com este nome está no livro de assentos de baptismo. Bahia e curato da Sé 16 de agosto de 1871.—*João José de Miranda.*

(Continúa.)

Motte.

Amor não gosta de mim.

GLOZA.

Senhor Doutor venha cá...
—Prompto ja, minha senhora!
—Pensei que se hia embora...
Como passa, como está?
—A saude não é má
Nem é boa, mas emfim

Nem peior, nem sempre assim...
Que me queira ordenar?
— Chamei lhe para glosar:
Amor não gosta de mim.

—Mas, meu Deus, com glosar,
Si poeta não sou eu!
—Bastava o favor ser meu
Para o senhor recusar:
Não precisa mais provar...
—Não falle cousas assim,
Yayá, não seja ruim;
— Eu ruim!...e o senhor!
Gloze ao menos por favor
Amor não gosta de mim.

—Vou só para obedecer
As ordens que amor me dá;
Mas perto, ande...laya
—Mas perto não pode ser...
—Meu peito vive a gemer,
Minha sorte é bem ruim
Ai! só tu darias fim
A' dor que o peito devora...
Nada dizes?. . ah! senhora,
Amor não gosta de mim.

O dialogo importante que se deu hontem 17 no conselho de compras do arsenal de guerra; a resposta do digno cidadão; a imposição e ameaça tresloucada que a final se deu:—trataremos de levar ao conhecimento do publico, e de S. Ex.; afim de que os pequenos caricatas comprehendam que imposições e ameaças so podem atemorisar a seus servos ou seus eguaes.

Pede-se a attenção dos Illms. Srs. Dr. chefe de policia e subdelegado da Penha.

Hontem apresentaram-se dous individuos portuguezes, em casa da africana Florinda á rua do Fogo, em Itapagipe, e fingindo-se um delles inspector de quarteirão, quizeram por meio de ameaças aterral-a, e obrigal-a a fazer revelações.

Essa africana é a mãe da creoula Benvinda Maria da Conceição, cuja filha foi raptada e deflorada pelo negociante de ferragens Antonio Tavares da Silva Godinho.

Chama-se á attenção de Ss. Ss. para tão criminoso meio de especulação com a ignorancia de uma pobre africana, e pede-se a protecção da lei para que si não reproduza a violenta coacção com que a querem constranger e amedrontar. Um dos taes portuguezes é morador mesmo em Itapagipe.

VARIEDADES.

Havia um homem que tinha os cabellos pretos e a barba branca. Cada qual perguntava a causa d'esta differença. O poeta d'Amand, que era da companhia d'este homem, voltou-se para elle e disse-lhe com muito sangue frio. —«Pelo que se vê tendes trabalhado mais com os queixos do que com a cabeça.»

As mulheres perdidas

Por L. Reo Junius.

OS FILHOS ADULTERINOS.

V.

Ecoutez l'étrange aventure....
EM. DESCHAMPS.

S. Jeronymo diz que a castidade das viuvas é uma castidade laboriosa.

Durante longos annos viveu ella na solidão como que envolvida em um sudário de gelo.

Voltava ao mundo e estava livre: Corria o anno de 1813, ella contava então 36 annos.

Apezar da reclusão á que se condemnára, conservava todo o viço da mocidade.

Na Quinta-Feira Santa, sahindo ella da igreja de Nossa Senhora do Carmo, viu um moço moreno, de cabellos pretos e longos, de olhar vivo e penetrante encostado á porta da entrada para ver quem entrava e sahia.

Ao passar por elle, ella sentiu um leve estremecimento.

O moço notou a impressão que causava, e acompanhou-a de longe.

Este moço, que não tinha mais que 20 annos, era italiano, e já havia dous annos que estava no Rio de Janeiro, empregado em uma casa commercial.

Começou elle a passar sempre que podia por casa da mulher que vira impressionar se por elle.

O pobre moço não podia subtrahir-se á esphera de attracção dessa mulher formosa.

Durante quinze dias apenas a tinha visto duas vezes.

Ella, porém, o via sempre, atravez das grades das rotulas.

Um dia o moço viu sahir dessa casa uma mulher de mantilha.

Seguiu-a de perto, e quando ella voltava a esquina da rua da Mãe dos Homens, chegou-se a ella e fêl-a parar.

A mulher fingiu-se agastada e lhe perguntou o que queria.

— Quero pedir-lhe um favor, lhe disse o moço, de que depende a minha felicidade, e talvez a minha vida.

— Pois falle, senhor, que eu o escuto.

O moço então lhe contou que amava apaixonadamente essa mulher, e que a incerteza o mortificava tornando o desgraçado. E accres-

centou que o seu unico intento era patentear a essa moça o seu coração, mas que para fazêl-o precisava ter uma pessoa de confiança que se encarregasse da missiva.

A mulher de mantilha, que era dessas de quem um frade franciscano dizia: «De mulheres beatas arrenego dellas, que com a capa de beatas são inculcadeiras chapadas,» recusou primeiro, pôz embaraços depois, e resolveu-se sempre, mediante a esportula de meia dobla, a encarregar-se da mensagem.

Ajustáram pois, encontrar-se no dia seguinte ás Ave Marias na rua detraz do Carmo, canto do becco dos Barbeiros.

No dia seguinte o moço, meia hora antes da hora aprazada, já estava no logar indicado.

A mulher de mantilha chegou pouco depois.

Recebeu a carta e a esportula, e prometteu voltar dahi a tres dias, dizia ella, para dar tempo á sua amiga de reflexionar.

A carta foi fielmente entregue na noite desse mesmo dia.

O abbade Constant diz que a alma não pode ficar em inacção na languidez de sua viuvez, e que assim como o nosso peito precisa de ar para respirar, tambem a mulher precisa de amor

Ora,essa mulher, que tinha consciencia de ser bella, que tinha-se martyrisado tantos annos no claustro, para viver como as Vestaes; essa verdadeira rosa que se fanava sobre os espinhos da solidão, com risco de viver e morrer isolada nesse triste e frio sepulcro. Essa mulher estava livre agora, e tinha diante dos olhos uma carta amorosa, escripta por um homem estranho, que tinha trocado com ella um olhar ao acaso, sem vontade talvez, e a quem ella, sem saber porque, amava!

O amor, esse enigma eterno confiado á guarda de uma sphinge, como lhe chamou Felix Pyat, enviava-lhe um OEdipo para explical-o....

Entretanto, como quasi todas as mulheres são dragões de virtudes, quando se lhes faz uma declaração de amor, porque possuem a sciencia infusa deste manejo, ella recusou primeiro como o fazem todas. Uma segunda carta veio fazer com que o encanto das primeiras illusões e o sentimento despertasse em seu peito.

Sabeis o que se passava na alma dessa mulher? Eu vos digo. Ella amava, queria fugir e não podia; gemia, suspirava, estremecia e desejava, sem saber porque, e esperava.

A natureza, o seu temperamento, a forçavam a amar. Ella em vão se esforçava por combater a natureza, mas ahi estavam essas tentadoras cartas.

Ella rendeu-se, porque o amor é a paixão que domina o destino do sexo fragil.

Mas ah! O amor que nos risonhos dias de sua juventude tinha sido desgraçado; esse sentimento invadindo-a de novo adquiriu tal força que parecia devoral-a.

Esse sentimento despertou pois com espantosa energia.

(Continúa.)

A tocha da morte é de alcatrão, deita tanta fumaça que o homem não vê para onde vai.

A morte não tem mais do que uma foice com que corta o tempo, de uma só foiçada. A desgraça tem uma machadinha com que vai cortando a força do homem pouco a pouco, minuto por minuto, segundo por segundo.

O amor é a escada de subida para o céo; o casamento é a escada da descida.

Deve ser bem medonho o homem, cujos olhos não tem mais lagrimas, nem a boca sorrisos, nem o coração fraqueza, nem o leito um sonho.

Seria interessante saber si Eva chamou o seu primeiro totó de *fiel* ou de *velhaco* e se foi o primeiro homem que ensinou o urso a grunhir ou o primeiro urso que o ensinou ao homem.

ANNUNCIOS.

Ao publico.

O abaixo assignado, vem fazer sciente aos seus devedores, que se acha em poder do Sr. Ludovico, proprietario da loja de charutos na esquina atraz da Sé, uma relação nominal de todas as pessoas que compraram fiado em sua loja de charutos atraz da Sé, e que não pagaram, afim de pagarem no praso de 15 dias, sob pena de ser publicado seus nomes por extenso n'este periodico, sem excepção do seu mais intimo amigo. Bahia 14 de agosto de 1871.—*João Barretto da Silva Maia.*

Pergunta-se ao Sr, Tranquillino José de Souza Dias si não encontrou ainda tintas que comprasse para aquella pintura que ajustou na ladeira dos Afflictos.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 84.ª QUARTA-FEIRA 23 DE AGOSTO. Ns. 830—831.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 22 de agosto de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo sua attenção para tres individuos, que vagam pelo becco do Padre Bento, fre de Santo Antonio, os quaes andam sempre munidos de cacêtes á insultarem á *torto* e *direito*, e a proferirem palavras offensivas á moral publica. Em vista do exposto, espera-se que S. S. dê as providencias necessarias.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que mande recolher ao asylo de mendigos, uma mulher de côr preta, decrepita, que ha dias jaz ao sol, á chuva e ao sereno, junto a egreja do Carmo, e por seu estado valetudinario ja nem pode andar, fazendo alli todas as precisões da vida. Semelhante providencia além de ser obra de humanidade, removerá tão triste espectaculo, pouco proprio de uma terra que goza dos foros de civilisada e charitativa; pelo que espera-se merecer a attenção de S. S.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, pedindo sua attenção para uma tasca appellidada de botequim, pertencente a um africano, na Mangueira, junto á venda do Sr. Santa Thereza. Ahi ajunta-se a peior gente na pratica illicita do jogo, dando logar a continuos disturbios e conflictos, com incommodo da visinhança que alta noite desperta sobresaltada. Ha poucos dias houve grande sarceiro em que muitos dos *parceiros* invadiram os quintaes alheios, saltaram muros, escapando de morrer um que precipitou-se inadvertidamente em uma cacimba.

Resultando de tudo isso infracção á lei, e ainda mais lesão á fazenda publica, por ter o tal africano casa de negocio sem pagar os devidos direitos; espera-se que S. S. faça dispersar semelhante reunião, dando destino aos escravos que estiverem no caso d'isso e remettendo os á casa de correcção, onde serão convenientemente corrigidos.

—No recurso interposto pelo Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho para o Illm. Sr. Dr. juiz de direito da 1.ª vara, deu o digno e illustrado Sr. Dr. juiz municipal da 2.ª vara o seguinte despacho, que confirma a sustentação da pronuncia contra o referido Sr. Godinho proferida:

«Da propria sentença recorrida, por traslado a f. 86, consta as razões em que me fundei para sustentar o despacho de pronuncia do recorrente á f. 84 decretada.

«Sobem os autos: e em vista do que nelles se contém resolverá V. S. o presente recurso como mais acertado for. Bahia 19 de agosto de 1871—*Francisco Liberato de Mattos.*»

—Capitão, soube de um successo que se deu no domingo?

—Um menino pisado pelas patas de um cavallo.

—Sem duvida imprudencia do cavalleiro.

—Estou que não.

O sargento do corpo de caçadores á cavallo, de nome Silvino, achando-se montado, ao chegar á rua do Julião o cavallo quebrou o freio e disparou furiosamente em direcção de Agoa de Meninos, sem que fosse mais possivel contel-o; indo esbarrar dentro das cocheiras da mencionada companhia.

No Pilar, um menino, crioulo, surdo e mudo, que seguia na frente, não ouvindo os tropeis foi atirado ao chão, passando-lhe o furioso bicho por cima.

—Coitado!

—Feliz foi o sargento de em todo o desabrido trajecto não encontrar um *bond* da linha daquelle lado, porque estreitas como são as ruas, inevitavelmente estaria morto.

—Ha completa falta de policia para os lados da Soledade.

—Eu digo que por toda parte.

—Sabbado por volta de duas horas da madrugada houve o diabo na Lapinha.

—Isto é gente que fez artes do diabo, não?

—Grande desordem entre sugeitos matadores de porcos e que residem por alli.

O barulho foi por causa do arrombamento de uma arca onde havia dinheiro.

Não houve contendor que não apresentasse seu chuço ou faca de ponta como meio de resolver.

—Si não houve mortes nem ferimentos, não é cousa que valha à pena a policia intervir.

—Nos domingos os caes convertem-se em bancas de jogo.

—Nos domingos só?

—N'este ultimo em quasi todos elles havia grupos n'este *licito passa-tempo*. Na Escada de Pedra acabou o divertimento por pancadaria velha.

—O jogo hoje está admittido como uma das acções da vida e por isso já se consente que se jogue publicamente até no meio da rua.

—E' debalde clamar contra o desaso e imprudencia dos carroceiros; os desastres não se evitam.

—O que falta são medidas preventivas. Foi algum caso de desgosto que se deu?

—E sempre hão de se dar.

Na segunda feira, pelas 10 horas, passava um conductor de carroça pela Preguiça; confrontando com um talho que alli ha, sahia de sua casa uma creança de 6 a 7 annos; o animal era tangido com tal arremesso e arrebatamento que desnorteando-se, deu logar á que fosse uma das rodas sobre um pé da creança e lhe fizesse profunda contusão no rosto.

—Foi feliz; podia ficar esmagada embaixo das rodas.

—O conductor logo que viu a consequencia de sua imprudencia, tratou de abreviar o caminho, e ninguem mais viu fumaças delle.

—Si hoje ha tantos homens que representam de mulher, não admira que uma ingenua rapariga se quizesse fingir de homem.

—Mas o que foi?

—A policia prendeu hontem 21, ás 7 para 8 horas da noite, uma rapariguita em trages de homem, no Caes Dourado.

—Gaiatada talvez.

—Chegou á policia accompanhada de um ajuntamento numeroso da populaça que não lhe poupou vaias nem pedradas.

—Pessimo costume este!

—Sexta-feira faz o Sr. Manuel Caetano Pereira Pimentel um beneficio no circo Casali.

—O beneficiado é digno da protecção publica; não so por ser bom pae de familia, como por laborioso e trabalhador.

A PEDIDO

Questão Godinho.

I.

Ainda é tempo da opinião publica firmar o seu juizo.

Já que a imprensa *grande* d'esta terra trancou as suas portas aos sarcasmos e invectivas lançados ao pobre e ao desvalido, já que de subito emmudeceu ante a imperturbavel audacia do rico e do opulento, falle a imprensa pequena, e seja ella o dragão infatigavel para a repressão dos crimes.

Que contraste de opposição: alli a lucta tremenda entre a ideia e o facto, a aspiração é tudo, a realidade—nada; aqui o caminho sempre o mesmo, a igualdade divisando-se a todos os instantes.

Não nos sorprehende esta miseria, não nos contrista tanta abjecção; o viajante, de que falla o livro allemão, tambem vendeu a sombra ao demonio.

Diante de problemas tão equivocos, diante de alternativas tão dissemelhantes, diante de tanta perplexidade e incoherencia, o espirito calmo e que medita descobre logo a chave do enigma, vendo onde reside tão desvantajoso segredo.

E' esta infelizmente a desgraçada vida do jornalismo *grande* d'esta capital; hoje enthusiasta frenetico pela moral, amanhan renegando desempedido e solto estes mesmos principios; hoje fallando em nome da justiça e do dever conculcados em seus brios, amanhan prostergando estes mesmos dictames pela voz da consciencia; appellando finalmente hoje para o *criterium* publico, e amanhan fazendo *taboa-rasa* do proprio senso popular.

Variantes tão lugubres hão de produzir por certo o desconforto moral, e em taes casos a imprensa que devia ser o sanctuario e a salvaguarda de todas as instituições, perde a sua voz authorisada, e de braços cruzados ha de descambar a prumo para ficar sepultada no grande sorvedouro universal.

Mas este defeito, esta pecha informe não devemos attribuir aos homens, nasce, como alguem já o disse, das condições especiaes em que vive este seculo.

E' pungente e talvez bem horrivel de verdade vêr o estado de degradação moral, á que tem chegado entre nós o apostolado da imprensa!

Não ha negal-o: é o novo Protheu da fabula.

Outro, porem, é o nosso intento, diverso é o nosso pensamento n'esta occasião, por isso que estes artigos, cuja publicação vamos hoje encetar, tem por fim tractar tão somente do

rapto e defloramento da menor Clara, filha de Benvinda Maria da Conceição, tão torpemente praticados pelo portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho.

Não é a penna venal e corrupta que vai estampar-se impavida pelo suborno do ouro; não é a sacicdade infrene do lucro que nos arremessa a pleito tão disputado: é a voz imperiosa da consciencia que nos impõe este dever, é a justiça aviltada pelo crime, que nos manda fallar.

A obediencia em taes casos é nobreza de caracter; só o espirito que contempla de preferencia todas as infamias podia conter-se.

A crapula moral que em todos os sentidos agita-se insolente e arrogante sem temor ás leis deve ser severamente combatida, ao contrario a sociedade torna-se-ha o alcouce do vicio, e o devasso prostibulo da mais nojenta corrupção.

E nem ha que duvidar: ao contrario o publico d'esta cidade não haveria de presenciar a triste scena, que está representando o Sr. Godinho.

Custa a accreditar-se que um negociante, pai de familia, e vivendo em uma classe social mais ou menos subida, fosse capaz de ir lá no recanto do lar de uma pobre mulher levar o desespero e a ruina, e que não contente da infamia que lançou, procure ainda todos os meios para perseguir as suas victimas.

Este arreganho do Sr. Godinho o espirito humano comprehende, mas a penna e impotente para revelar.

A justiça, porem, ha de triumphar, e o negociante audaz que, commettendo o delicto, procura com a força monetaria suffocar o merecido castigo, não ha de escapar, por que a voz do povo é a voz de Deus.

Procure o Sr. Godinho todos os meios para provar a maioridade da infeliz Clara, compre quantas testimunhas lhe approuver, empregue os recursos mais illicitos, que puder imaginar, propale a sua innocencia *urbi et orbi*, e prometta *mundos* e *fundos* a quem quer que seja, d'esta vez não conseguirá o que almeja; tudo isso só servirá para atraiçoar a sua propria causa, como havemos de demonstrar nos subsequentes artigos.

Não discutiremos apaixonadamente; havemos de mostrar com documentos irrefragaveis a verdade d'este facto em todos os seus pontos, e depois não temeremos as iras d'este negociante, que postergando a sua propria dignidade, ousa ainda andar n'esta terra com a fronte erguida, parecendo não recuar perante a indignação publica, que tão manifestamente o condemna.

Não importa: profligamos o abuso, que: cumpre abater o vicio, e o conseguiremos.

O Sr. Godinho, enlevando uma pobre rapariga por promessas seductoras e fallazes, sabendo que sendo homem casado todo mal que fizesse era moralmente irreparavel, a nada attendeu, quiz saciar seus instinctos ..... e depois de tudo quer livrar-se á *fortiori* da responsabilidade legal. Baldado esforço! Insuperavel tentamen!! Tenhamos fé nas nossas instituições.

A sanie fetida e putrida, que poreja d'esta sociedade ainda não invadiu a certos caracteres: as promessas de hoje e de amanhan não quebrarão laços indestructiveis.

Esteja convicto o Sr. Godinho de que não alcançará o que por ahi propala; o seu atrevido arrojo o arrasta a isso; mas a dignidade propria d'aquelles que distribuem a justiça nos nossos tribunaes protesta solemnemente contra este escandalo; convem ser mais justo para com estes caracteres, que teem acima de tudo independencia, é preciso respeital-os com mais acatamento, porque são merecedores d'este respeito.

Aqui terminamos este artigo, pedindo ao publico judicioso e sensato que na continuação d'estes escriptos pronuncie o seu juizo definitivo sobre a questão.

Por hoje basta.

Alcibiades.

Razões de recurso

POR PARTE DA RECORRIDA BENVINDA MARIA DA CONCEIÇÃO NO RECURSO INTERPOSTO PARA O JUIZO DE DIREITO DA 1.ª VARA PELO RECORRENTE ANTONIO TAVARES DA SILVA GODINHO.

Dos autos se comprehende os esforços, e meios, que ha empregado o recorrente para illudir a acção da justiça, evitando a pena do crime por elle praticado, e confessado em juizo; mas todo esse empenho do recorrente, até a interposição do presente recurso, tem sido baldado; porque de tudo tem triumphado a lei e o direito.

* * *

No caso sujeito animam ao delinquente recorrente a consciencia de seu poder, e o desvalimento da recorrida, que por certo não tendo por si outra protecção, que não seja o direito, vem confiada n'elle implorar justiça contra a prepotencia do recorreute, que a um tempo quer a impunidade do crime, e o supplantamento do direito.

* * *

O recorrente reclama que se avalie seu crime não pelo prisma das prevenções; isto é: não pelo horror, que elle inspira, e pelo alarde,

que faz o recorrente de sua pretendida impunidade; a recorrida reclama que se avalie a offensa, não pelo seu desvalimento, e condição social, e de sua filha, desgraçada pela desenfreada concupiscencia do recorrente, mas pelo direito, que o recorrente vilipendia confiado em seu muito poder, que, como espera a recorrida, se ha de quebrar ante o mesmo direito; representado pela sabedoria, imparcialidade, e da justiça do digno julgador.

*
* *

—Dous são os pontos principaes em que se funda o presente recurso: nullidade de processo e carencia do delicto imputado, e perpetrado pelo recorrente. Nullidade de processo, porque não podia o juiz proceder a ex-officio, visto que o recorrente não foi preso em flagrante delicto. Demonstrado pois que o recorrente foi preso em flagrante delicto, desapparece a supposta nullidade, com que pretende escapar á pena legal.

*
* *

O recorrente, na confissão plena do crime, como se vê á f. 33 *usque* f. 35 v., invoca ceu, e terra, para demonstrar que não foi preso em flagrante delicto, mas a sua propria confissão, e *argumentação* o demonstram evidentissimamente.

*
* *

E' incontestavel que, sempre que o delinquente é pegado no crime, se dá flagrante delicto; crimes ha porém que consistem precisamente em um facto unico, como por exemplo: o homicidio, no qual si o reu não é preso no acto ou quando foge perseguido pelo clamor publico, não se dá mais flagrante delicto; mas outros ha que consistem em actos continuos, successivos, e por isto sempre que os delinquentes são presos em qualquer d'esses actos, que completam, e explicam a continuidade do delicto, o são em flagrante delicto.

*
* *

Assim, o ladrão que furtou sem ser preso no acto de tirar a cousa alheia, e que nem foi visto por alguem, que o perseguisse, si é preso, com o furto, qualquer que seja o tempo interposto, se reputa em flagrante delicto. Supponhamos que o ladrão é encontrado, não furtando, mas vendendo a cousa furtada, e tendo intercorrido muito tempo, e que n'essa occasião é preso, ha, ou não flagrante delicto?

*
* *

Ha sem duvida alguma; porque o reu é encontrado, e está com o objecto, ou effeito do crime em seu poder em actos successivos, qualquer que seja o espaço de tempo, que tenha mediado.

*
* *

Supponhamos ainda que o objecto do crime, ou a cousa furtada é achada em casa do ladrão em sua guarda, poder e uso, e que n'essa conjunctura é elle prezo com o furto na mão, para assim dizer, está, ou não prezo em flagrante delicto? Por certo que sim, nem ha jurisconsulto algum, que contradiga esta asserção.

*
* *

O ladrão de cavallo não foi prezo no acto de furtar, passando tempo vae vender o cavallo e n'esse acto é prezo; pergunta-se: essa prizão é ou não em flagrante delicto? O delinquente é encontrado estando com o objecto do crime, ou effeito d'elle: logo a prizão é em flagrante delicto.

*
* *

O recorrente, invocando o art. 131 do Cod. do Proc. o quiz interpretar restrictamente, mas o art. falla de flagrante delicto exemplificativamente; e assim deve, e tem sido entendido; porque á não ser assim dar-se-hia o absurdo de não ser em flagrante delicto a prizão do ladrão, em cuja casa e poder fosse encontrado o furto.

*
* *

O recorrente, invocando ainda a authoridade do jurisconsulto brasileiro o Sr. Pimenta Bueno, á pag. 86 de sua obra. — *apontamentos sobre o processo criminal* se condemna absolutamente, porquanto o referido jurisconsulto explicando o que seja flagrante delicto, o define assim:

Aquelle delicto, que na actualidade se está commettendo, ou que interrompeu-se ou acabou-se de commetter (note-se bem) *sendo o reu ainda accompanhado pelo clamor publico, pessoas, que o perseguem, ou estando ainda* (attenda-se bem) *com as armas, instrumentos, ou effeitos de crime em acto successivo.*

*
* *

Logo, pode se dar interrupção, e em acto successivo, e reproductivo do crime ser prezo o reu em flagrante, sempre que é encontrado na continuidade de crime com objecto, e effeitos d'elle: ora, no caso sujeito o recorrente delinquente foi encontrado com o objecto do crime, cujos effeitos são na especie a posse, e goso da raptada: logo, prezo n'essa conjunctura, como é innegavel nos autos, foi prezo em flagrante delicto: logo, em vista do § 6.º do art. 74 do Cod. do Proc. era da competencia da authoridade proceder a ex-officio, como procedeu, não havendo por tanto nullidade alguma, por incompetencia de jurisdicção, como pretende o recorrente com a infun-

da pretenção de que não foi prezo em flagrante.

* * *

Com effeito: raptou, e desflorou a infeliz menor Clara, é prezo com a raptada em acto successivo, e não ha flagrante delicto!

* * *

Mas isto não admira; porque o recorrente, depois de reu confesso do rapto, como se vê a f. 33 até f. 35 v. com todas as circumstancias constitutivas de rapto de seducção, tem o arrojo louvavel de dizer a f. 7 que redondamente o nega! E o que é mais diz: *que não defflorou Clara*; entretanto confessa em seu interrogatorio, que depois de raptada, teve com ella immediatamente cópula carnal, e o corpo de delicto feito em o outro dia, affirma a f. 45 e 46 que o defloramento era recente; que houve violencia nas partes sexuaes e que estas partes estavam sangrentas, isto é vertiam sangue! O reu não sabe como defender-se, desmente-se a si proprio! Verdades desta ordem não se podem negar, nem obscurecer.

* * *

Tornando ao ponto da supposta nullidade, sendo, como foi, o recorrente preso em flagrante delicto, como o demonstra o direito, e está sustentado por duas sentenças a de pronuncia, e de sustentação desta, e alem disto pela promoção do Dr. promotor, a consequencia é que a prizão foi feita com toda legalidade pelo inspector, podendo ser por qualquer do povo, como é determinado pelo art. 131 do Cod. do Proc. e como explica o Sr. Pimenta Bueno a pag. 85 dos Apontamentos sobre o proc. crim.

* * *

Prezo o reu em flagrante, foi levado perante a authoridade competente, que como se vê dos autos, procedeu legalmente interrogando-o, em observancia do art. 132 do Cod. do Proc. Aonde está pois a illegalidade? O recorrente, como não tem absolutamente defeza pela verdade, e natureza do crime, invoca tudo em defeza!

* * *

Preso, e interrogado o recorrente no dia 4, como se vê á f. 33, requereu no dia 5, como consta á f. 44, corpo de delicto em Clara, sem duvida para mostrar *a sua innocencia*, mas Benvinda no dia 6 deu queixa contra elle como se vê de f. 46 v. a f. 48; queixa, que foi recebida e jurada pelo despacho de f. 48, e que em vista do art. 74 do Cod. do Proc. § 6.º não podia deixar de ser recebida, porque o juiz só procede a ex-officio na formação da culpa nos crimes em flagrante, quando não ha parte, que accuse. Ora, apparecendo Benvinda, accusando, é claro e juridico que o juiz a devia admittir não só por virtude do § 6.º do art. citado, mas tambem pelo preceito do art. 72 do mesmo codigo.

* * *

Logo, o juiz procedeu legalmente inquirindo, como se vê dos autos, as testemunhas inscriptas na queixa a f. 47 *in fine*, mormente, quando tinha apenas feito interrogatorios, e nem intimadas tinham sido testemunhas por parte da justiça; aonde está pois o tumulto, e a nullidade? Ao contrario está visivel a exacta observancia da lei. Mas, não obstante o irrecusavel direito da recorrida, o recorrente a quiz lançar fora da accusação, como se vê da petição de f. 136 cujo despacho confirma o direito da recorrida.

* * *

Do quanto se tem dito ate aqui, é evidente que nem um tumulto, nem uma nullidade, nem mesmo irregularidade existe no processo, como na falta de defeza acceitavel pretende o recorrente. Supponhamos ainda que a prizão foi illegal: isto dava na continuidade della, o direito para habeas-corpus; não importando que se désse, ou não o caso de prizão em flagrante; porque quer em um, quer em outro, ahi está Benvinda, pessoa legitima perante o direito, com queixa formal promovendo a accusação do recorrente: logo não existe a supposta nullidade arguida pelo recorrente.

* * *

Agora passemos a tratar do segundo ponto do recurso. O recorrente, depois de muitas questões incidentes e futeis de proposito aventadas, para achar tralha, por onde eximir-se da imputação do crime, que praticára na intenção deshumana de abandonar a sua victima, como prova o facto de arguil a de não estar virgem, contra o que protesta o corpo de delicto, quer evitar a pena, excepcionando com o principio: *ex-impunibili*, isto é, com a impunibilidade do crime allegando ter Clara mais de 17 annos. Vê pois o digno juiz que o recorrente por este modo vem ainda neste superior juizo fazer a confissão do crime!

* * *

E' portanto a edade de Clara quem tem de resolver a questão da impunibilidade effectiva do crime. Por seu lado apresenta o recorrente uma certidão extrahida do livro da freguezia de Santo Antonio, ut. f. 55. na qual se falla de Clara, filha de Benvinda Tavares, que so recebera os Santos Oleos, por ter sido já baptisada em casa em perigo de vida, sendo este acto em 16 de dezembro de 1854 indicando o nascimento em 12 de agosto do anno anterior.

* * *

A recorrida apresenta a certidão de f. 64 extrahida do assento do baptismo aberto por virtude de sentença em justificação, que, como se vê a mesma f. 64 *in fine,* foi feita perante o Dr. vigario geral. Dessa certidão se vê que a mãe de Clara é Benvinda Maria da Conceição; que Clara nasceu em julho de 1855, e foi baptisada na freguezia da Penha em 8 de dezembro de 1856. Nesta justificação juraram os proprios padrinhos de Clara, ut. f. 81 até 83, que na especie são pelo direito ecclesiastico de fé preferivel.

* * *

Não ha pois collisão, *de sorte que uma negue a outra*, são diversos os padrinhos, diversas as freguezias, diversas as datas, o nome de mãe; em uma se diz que so se pozeram os Santos Oleos, em outra que se fez baptismo formal, de sorte que uma não importa a negação da outra, podendo por tanto ser ambas verdadeiras; o que já foi reconhecido na juridica sentença da sustenção da pronuncia a f. 86, declarando o juiz que não cabe em sua jurisdicção nullificar o assento do baptismo de Clara por ser da privativa competencia do poder ecclesiastico.

* * *

E tanto o recorrente sabe que a certidão por elle apresentada não destróe a que apresentou a recorrida, que promoveu uma justificação pela subdelegacia de Santo Antonio da identidade de Benvinda, de Clara, e do baptismo d'esta, fazendo jurarem senhoras da familia do finado Tavares; e como esta justificação lhe fosse adversa em todo sentido, a subtrahiu do poder do escrivão, como prova o documento n. 1.º que se entrega, sem commento á apreciação do digno magistrado, para quem se está fallando.

* * *

Remettido o processo ao juiz municipal da 2.ª vara para conhecer da pronuncia, o recorrente requereu rectificação do processo que lhe foi indeferido, como se deprehende da sentença á f. 86, e pelo mesmo juizo procedeu a nova justificação da identidade de Benvinda, de Clara sua filha e do baptismo desta, como se vê na petição de f. 111 v. *usque* f. 112 com todas as circumstancias relativas á verdade, e validade do Sacramento: o que é só e exclusivamente da jurisdicção, e competencia do poder ecclesiastico, como é sem contestação sabido e respeitado.

* * *

Esta justificação, que tambem se traz de f. 111 a f. 129, sem duvida, para fazer crer que a questão da edade de Clara está resolvida pela justificação de seu baptismo por virtude da sentença da autoridade civil, é nulla de pleno direito. Primeiro porque a questão sobre a existencia e validade do sacramento do baptismo, como de outro qualquer, é só, e privativamente da competencia do poder espiritual ecclesiastico; segundo, porque ainda quando assim não fosse, sendo Clara maior de 14 annos, como é, devia ser citada pessoalmente conforme o terminante preceito da Ord. do liv. 3.º tit. 41 § 8.º e constituir procurador, como diz a Ord. citada nas palavras: «então será necessario (posto que seu curador queira fazer por elle a demanda) apparecer elle menor em juizo, e fazer seu procurador.»

* * *

Alem disto, a citada Ord. preceptua assim: «e não tendo a menor curador, o juiz que da «causa houver de conhecer, o notificará ao juiz «de orphãos para lh'o dar»; concluindo por esta forma: «e sendo de outra maneira, o juizo «tractado em qualquer dos casos d'este para-«grapho, os taes autos, e sentenças por elles «dadas, serão nenhumas.» e ainda assim é indispensavel que o juiz nomeie um curador a lide, conforme o § 9.º do tit. citado, Pereira e Souza, Prims. Lins. nota 94, e 111: «ao «mesmo menor, ainda que tenha tutor, ou cu-«rador, ou ainda que tenha pae, deve ser dado «um curador a lide.» E, (diz o referido § 9.º) sendo o feito tratado sem lhe ser dado curador a lide na forma sobredicta, serão os autos, e sentenças por os ditos autos dados nenhuns: logo a justificação referida, e sua sentença alem de ser uma usurpação da jurisdicção ecclesiastica, são nullas por nullidade expressa substancial, e absoluta. Sentença, que não obstante a nullidade, está embargada, como prova o documento n. 2.º

* * *

Reconhecida a nullidade desta justificação, que se traz estrategicamente, como documento do recurso—*solummodo intuitu judicis dicipiendi, o* recorrente procedeu a outra perante o vigario geral, a qual decorre de f. 96 a f. 108. E tanto reconheceu que a justificação, de que se acaba de fallar, é nulla insupprivelmente, que para esta outra mandou citar Benvinda, sua filha menor Clara, e requereu a nomeação de curador, como tudo se evidencia á f. 96; mas sendo esta a terceira justificação do baptismo de Clara, procedida pelo recorrente, cuja sentença não vem na certidão mencionada, foi julgada improcedente, como demonstra o documento n. 3.º

* * *

E' visto pois que o recorrente não tem conseguido nem modificar de forma alguma o assento de baptismo da menor Clara, apresentado por sua mãe. Este incidente, que tanto aturdiu ao recorrente de commetter, sem a menor

analyse, á sabedoria, e criterio do esclarecido e digno juiz. Por occasião d'esta justificação a que se procedeu por se reconhecer nulla a que se fez perante o juiz municipal, o recorrente embargou a sentença definitiva, que mandou abrir o assento do baptismo da menor Clara; estes embargos foram devidamente contrariados, e estão pendentes no juizo do vigario geral e ainda em prova; mas o recorrente, devendo proseguir neste caminho, o unico curial para combater a sentença definitiva que determinou o assento de Clara, por cujo computo é ella menor de 17 annos, como se vê á f. 64, requereu ut. f. 130 ao vigario geral, cousa insolita nos annaes da justiça, e nos preceitos da jurisprudencia universal, «que mandasse suspender o effeito de assento «de baptismo da menor infeliz e desvalida «Clara,» e o digno juiz por despacho de 28 de julho preterito, como se vê a f. 130 v. defiriu a esta petição!! Entretanto que a 29 do mesmo mez, como consta do documento n. 3.° julgou improcedente a justificação, á que pela terceira vez procedera o recorrente, do baptismo de Clara, visto que outra cousa não significa juridicamente a sentença alludida!!

* * *

D'esse despacho em petição fora dos autos, revogando uma sentença definitiva, qual a que julgou o baptismo da menor Clara, e conseguintemente a sua edade, appellou a recorrida para a relação ecclesiastica por damno irreparavel, conforme a Ord. do liv. 3° tit. 69 § 1.° como se vê do documento n. 4.°

* * *

A improcedencia e incurialidade de tal despacho são manifestas: 1.° porque as sentenças definitivas so se modificam e se revogam por meio dos recursos legaes em discussão regular no feito; 2.° porque pendendo embargos, devidamente contrariados, o juiz não podia antecipar despacho algum quer infringente, quer modificativo da sentença definitiva, que só pode ser ou não alterada de qualquer forma, pela apreciação das provas produzidas na discussão dos embargos, prò e contra.

* * *

A recorrida pede venia ao meritissimo juiz para reproduzir o preceito da Ord. do liv. 3.° tit. 68, § 6.°, tratando da efficacia da sentença definitiva: «e si depois a revogasse, e «désse outra contraria, a *segunda será nenhu-*«*ma,* salvo si a primeira fosse revogada por «via de embargos taes, que por direito por «n'elles allegado, e provado a devesse revogar. «(Reg. do auditorio eccl. n. 222.)

«Depois que uma vez for dada sentença de-«finitiva em algum feito, e for publicada, ou «dada ao escrivão para lhe por termo de pu-«blicação, se não poderá mais revogar, dando «outra contraria pelos mesmos autos, e dando-«se será nulla; salvo si a primeira for revo-«gada por via de embargos, taes, que pelo «allegado n'elles se deve, conforme a direito, «revogar.»

* * *

3.° porque o despacho do digno Dr. vigario geral invertendo a ordem regular do processo, que é de direito commum, véda sua marcha ao tribunal superior, que tem de proferir a ultima sentença. Logo, sendo expressamente nullo o despacho em questão, e estando alem disto appellado, a sentença que mandou abrir o assento do baptismo da menor Clara por onde se computa a sua edade, está em vigor, não tendo por tanto importancia alguma o documento de f. 130 como nullo, e attentorio do direito: mormente tendo se feito obra judicial pela sentença, qual a extracção do assento do baptismo de Clara.

* * *

Em vista do exposto, é demonstrado que o recorrente não pode ter provimento no presente recurso, nem *ex-ratione nullitatis,* que nenhuma ha, nem pelo principio *ex-impunibili,* isto é, pela impunibilidade do crime; porque estando em duvida e letigio qual a edade de Clara, como dos autos é evidente; si é a do assento pela recorrida apresentado; si a da certidão extrahida do livro da freguezia de Santo Antonio, e não havendo collisão entre estas peças de sorte que uma importe a negação da outra, como já reconheceu a sertença de f. 86, declarando que é só da privativa competencia do poder ecclesiastico resolver qual das duas deve prevalecer, em quanto não for decidido pela authoridade ecclesiastica a questão sacramental; isto é, qual dos dous baptismos é o verdadeiro, o juiz secular, incompetente para resolver a questão sacramental concretamente encarada, não pode resolver, si o recorrente é ou não punivel.

* * *

E isto mesmo o recorrente reconhece á f. 19, quando diz em suas razões (são suas palavras): Não haver por hora prova sobre a edade de Clara, pois que a questão está sendo agitada perante o juizo ecclesiastico, competente para se pronunciar sobre a materia: se referindo sem duvida aos embargos, oppostos a sentença que julgue a edade de Clara, a que não foi ainda capaz de dar prova, ou á justificação, que se estava procedendo pelo vigario geral, e que teve a sentença de improcedencia, que se lê no documento n. 3.°

* * *

Por tanto a edade de Clara é questão não

resolvida: *Lis sub judice est,* e só depois que o for em ultima sentença, do poder competente, quando apresentada á autoridade civil, poderá esta resolver a questão da criminalidade do recorrente. As questões incidentes, que o recorrente aventa por carencia de defeza fundamental, se consubstanciam, e se resolvem na questão do baptismo da menor Clara, e por isto não valem apena de ser refutadas.

*
* *

Aqui termina a recorrida desvalida por sua condição de miseravel, e preta, em lucta com o feliz, e poderoso; desvalida, que so pode apenas trazer em braços e na dor de mãe, ante este juizo a filha parda deshonrada, e perdida; e na fé da moralidade, e do direito invoca a justiça de Deus, invoca a justiça da terra—*Nós leges, judicemque habemus.*

José Fabião Daltro Barreto.

—Estes meninos correndo pecúla, puchando carrinho dentro da Sé!

—A egreja está em concerto, dizem que não faz mal.

—Faz; o sanctuario do Senhor so é destinado para os officios divinos; embora o templo esteja em obra, celebram-se nelle todos os actos do culto catholico.

—São meninos que moram na egreja; e dentro della é o logar mais commodo para brincarem.

Previne-se á uma imprevidente mocinha da ladeira da Mizericordia que não se deixe levar pelos afagos que lhe anda a prodigalisar um certo seductor de raparigas pobres.

Veja que o milhafre não quer mais do que devorar lhe a pureza virginal e depois abandonal-a como tem feito á muitas outras. Dizem que só nas Escadinhas de Maria Chicara foram tres as victimas de sua desordenada loucura.

Não creia no que lhe mandou dizer de que era solteiro; o melro é casado.

Godozinho.

Ao publico.

Nos acanhados limites destas columnas, não nos é hoje permittido levar ao conhecimento do publico a farça, revestida de circunstancias criminosas, que se deu em casa da africana Florinda, em Itapagipe.

O *Correio da Bahia* unico orgão da imprensa diaria que não se recusava a publicar estes escriptos, mudou de opinião e cerrou tambem suas columnas aos reclamos em prol da desvalida.

Resta somente o *Alabama*, cujo formato estreito não admitte superabundancia de escriptos.

Espere pois o publico sensato e judicioso que tem acompanhado esta questão, por alguns dias mais, que será informado dos meios illegaes de que se lança mão para obter triumpho contra o direito e a justiça; ao seu criterio serão submettidos documentos incontestaveis, de procedencia official e então ficará ainda esta vez conhecendo que para supplantar o direito de uma pobre mãe nada se tem poupado por mais reprovado que seja.

VARIEDADES.

Especie azinina.

Um administrador de conselho mandou, em cumprimento d'uma requisição que tivera, perguntar ao regedor de... quanto gado caprino, bovino, e azinino havia na sua freguezia.

Viu-se o homem atrapalhado. As duas primeiras especies conhecia elle; mas lá a azinina é que não sabia o que era. Teve uma idéa luminosa; correu ao parocho e expoz-lhe a duvida.

—Azinino! azinino! matutava o padre, mesmo depois de consultar uns livrecos que tinha. Olhe, eu não sei de certo; mas *azinino* vem de *azas,* trata-se talvez de passaros, e assim ponha vocemecê por exemplo dous mil, porque ha por ahi muitos e não se póde contar.

Vae a relação para casa do administrador do conselho, o qual vendo o disparate manda chamar o regedor.

—Então, vocemecê tem lá dous mil burros?!

—Dous mil burros! como! respondeu o homem pasmado! Eu fui ao senhor padre cura, e elle disse-me que *azinino* vinha de *azas,* e então puz para ahi dous mil passaros; mas si se trata de burros, direi que ha só dez na freguezia.

Neste momento entrava o padre, e ouvindo o que se tratava, exclamou logo:

—Nada, não senhor, ha doze. Dez... o Sr. regedor que me foi consultar, onze; e eu que não sube responder doze!

ANNUNCIOS.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 84.ª SABBADO 26 DE AGOSTO. N. —832.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 25 de agosto de 1871.

Officio a Illma. camara municipal, communicando-lhe que pouco falta para que as bicas da fonte de Santo Antonio sejam submergidas pelo tijuco, cujo crescimento está quasi paralello ás referidas bicas, e isto em caminho de uns tres mezes. Para que não venha aquella fonte de servidão publica a ficar inutilisada, cumpre essa Illma. quanto antes mande proceder ao necessario concerto que dê esgoto as aguas alli estagnadas.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector das prisões, pedindo-lhe informações sobre o facto que nos communicam, de achar-se preso na casa de Correcção, Marianno Rozendo á nove mezes (!!) depois de absolvido pelo tribunal do jury, o que teve logar á 30 de novembro do passado; o que á ser exacto, espera-se que S. S. passará á syndicar qual o motivo que retém esse individuo illegalmente preso.

—Portaria ao fiscal da Sé, para que passe a impor a respectiva multa aos moradores de predios ao Cruzeiro, cujos fundos dão para a rua do Bisp , os quaes fazem como si essa rua fosse pateo de suas moradas, despejando cisco, agoas podres e excrescencia diluida em agoa, o que sendo atirado do alto não só emporcalha a rua, como entra pelas janellas das casas que lhes ficam inferiores. Cumpra.

—Aqui está no *Jornal* e *Diario* de domingo um artiguito ao *Alabama*.

—O que diz?

—Que si é por falta de pagamento que o *Alabama* não quer publicar o offerecimento dos 2:000$ rs. a quem provar a identidade de Benvinda, pode mandar receber a importancia no escriptorio do Dr. João Victor.

—Faltou dizer do bolso de quem sahirá a despeza.

—Provavelmente do Sr. Godinho, que é o interessado.

—Eu duvido muito dessa largueza de mão do honrado negociante matriculado, quando ouço dizer que elle até hoje não está quite com o seu primeiro advogado nesta questão; tanto assim que está ameaçado, apezar do seu credito mercantil, de ser obrigado a comparecer no juizo conciliador.

—Visto isto, quer dizer que si elle não está em apuros, parece?

—Si o *Alabama* tivesse de publicar o tal annuncio, cederia sua importancia á favor de um certo bacharelete, para com ella atamancar uma fracção de suas numerosas dividas, afim de, quando passasse por Santa Barbara, não ser apontado pelas quitandeiras e vendedeiras de fructas, gallinhas e perús—a quem compra fiado e não paga.

—Isto deve V. dizer ao *Inimigo dos Salteadores*.

—Salteador se deve chamar quem abusa da assignatura de uma authoridade amiga para soltar um delinquente, fraude que por pouco não se realisa e que passou encoberta devido á considerações de amizade.

—Capitão, não é somente aqui no centro da cidade que a companhia do olho-vivo faz das suas, tambem alli por fóra os seus adeptos trabalham admiravelmente.

Deu-se no dia 10 do corrente, no termo de Abrantes, um caso muitissimo importante, praticado por um agente d'essa companhia.

—Vejamos.

—Tendo um individuo, morador n'uma fazenda *visinha* áquelle termo, de pagar a uma preta a quantia de cento e cincoenta e dous mil réis, que a dita preta lhe emprestara, como consta de uma obrigação por elle passada, disse-lhe que levasse quarenta e oito mil réis, e fosse receber um papel de duzentos mil réis.

A preta foi á sua arca; tirou os quarenta e oito mil réis e foi leval-os, recebendo d'elle uma nota de mil réis da nova estampa, dinheiro inteiramente desconhecido por ella que

na boa fé o tomou e o foi resguardar do calor do sol, para não derretel-o!

—Que tratante, abusar assim da ignorancia!

—Decorridos quatro dias mandou elle chamar a preta para que lhe fosse levar o recibo.

Ora, esta não sabendo ler nem escrever, tirou o dinheiro de dentro da arca e levou-o para que elle visse uma pessoa que por ella passasse e assignasse o recibo exigido.

Ao entrar em casa do *latrono*, encontra-se com um compadre d'este, a quem pede para passar o recibo e mostra-lhe os imaginarios duzentos mil réis recebidos do seu compadre!

O tal compadre descobre o engano de que a infeliz preta tinha sido victima, negando o rapina não ter sido aquella a cedula que tinha dado.

—Que miseravel!

—A preta bradou *aqui-del-rei,* blaterou contra elle, chamou-o ladrão, sendo em resumo enchotada, com ameaças, para fora de casa!

Consta que este facto acha-se no dominio da policia, mas ignoro as providencias que se tem dado a respeito!

—Que infamia!

—Traz alguma noticia?

— Uma, que nada tem de agradavel.

—Que remedio, sinão ouvil-o?

—Quinta feira, ás 8 horas e um quarto, trabalhava um pedreiro sobre andaimes em uma propriedade á Barroquinha. De repente, sem que ninguem tocasse, toda aquella traquinada desconjunta-se e vem abaixo com o pobre homem que ficou maltractadissimo não só pela grande queda, como pelo baque dos paus e taboas que cahiram sobre elle.

—Eis-ahi uma prova de que nem sempre é certo o adagio—*a quem trabalha, Deus ajuda.*

—Capitão, dizem que na casa de Correcção ha um homem que representa o mais triste quadro de miseria e opprobrio da especie humana.

—A prisão por si so já é um estado afflictivo de desgraça.

—Seu nome é José. Seu corpo é unicamente resguardado da acção do tempo por um esfarrapado trapo, que ja se chamou coberta; privado da liberdade, privam-no tambem do alimento ao corpo; si já não morreu á fome, é pela commiseração que desperta nos que com elle jazem na masmorra.

—Que horrendo crime commetteu esse homem para ser punido com tanta crueldade?

—Seu crime foi um dia suppor que tinha direito á ser livre.

—Oh!.....

—Não lhe dão o sustento com que se costuma soccorer aos presos pobres, por ser reputado escravo, e seu senhor ter obrigação de fazel-o, este nega-lh'o por pretender elle ser livre!

—Que agra sorte, grande Deus!

—Capitão, si ainda existe espirito de humanidade nesta terra, a desgraçada creatura não deve continuar a soffrer tanto tormento, com que lhe amofinam a existencia.

Ao menos matem-lhe a fome.

—Na quarta-feira ás sete horas e meia da manhan, appareceu boiando, no Caes Dourado, o cadaver de uma creoulinha, que figurava ter 15 a 16 annos de edade.

Apanharam o cadaver e deitaram na loja immediata ao trapiche Barnabé.

Estava decentemente vestida, e apezar de ter um pouco de espuma na bocca, com tudo fazia crer não ter sido sua morte asphyxia por submersão.

Compareceu, muito depois de ter sido encontrado o corpo, o subdelegado da freguezia do Pilar, accompanhado do Dr. Fructuoso que declarou, apenas por olhar para o cadaver, que a origem da morte tinha sido asphyxia por submersão!

—*Magister dixit!*

—A esta declaração do facultativo, sem proceder a exame minucioso no cadaver, o subdelegado, como não tivesse apparecido parente ou senhor da creoula, a mandou sepultar, sem attender a portaria expedida pelo chefe de policia aos subdelegados, que diz assim: «—no caso de duvida o subdelegado remetterá o cadaver para o hospital, afim de proceder-se a autopsia, cujo acto será por elle presidido.»

—No entanto que esta portaria não foi observada pelo subdelegado!

—E' verdade, e pode muito bem, quem sabe, estar na morte d'esta creoulinha envolvido algum crime.

—E depois eu tenho ouvido por ahi tantas versões á respeito, que me obrigam a pedir ao Dr. chefe de policia que, pelos meios á seu alcance, procure ver o mysterio que por ventura possa ahi achar-se.

—Acho bom.

—No dia 23 foi morto um burro na Calçada por um dos bonds dos Vehiculos Economicos.

E' preciso que da direcção partam ordens terminantes aos conductores dos seus vehiculos, recommendando toda prevenção e prudencia afim de se evitar desastres e prejuizos, que um dia por outro se dão.

—As vezes não ha prudencias que sirvam, ha gente tão imprudente que se mette mesmo nas garras do precipicio.

—Por fallar nos Vehiculos, ha dias presenciei um facto digno da mais severa reprehensão.

—Qual foi elle?

—Um soldado de cavallaria seguia a um forçado conductor de um cavallo carregado de capim; succedendo que um dos *bonds* désse um tombo n'um dos feixes de capim, por não ter o conductor desviado o cavallo, o soldado puchou da espada e não podendo alcançar o *bond* pela carreira em que ia, esperou pelo segundo e cutilou um dos burros, podendo com esse desvario ter causado serio incommodo aos passageiros, si por accaso mata o animal.

—Não ha duvida, pelo que devia ser punido.

A PEDIDO

Já os chefes de olho-vivo não habitam somente os cortiços, querem campar em primeiros, e segundos andares de apparatosos sobrados; pois um maestro não d'industria, porem fino marreco de artes nas ligeirezas de dilares, de Santo nome, que tem as chaves da bemaventurança, não caloteou um velho proprietario nas proprias barbas, espreitando a occasião em que este tiritava de frio e febre, pondo-se ao fresco com subtileza de gato, e até safou o mesmo instrumento, e com o maior cynismo e petulancia foi por-se de *alvo* mais em baixo da ladeira em que se fazia calçado no tempo do rei velho, cujo viuva tambem rainha concedeu aos pretinhos edificarem uma capella com certos privilegios. Quereis saber quem é o joven que aprendeu essas façanhas, e outras habilidades lá nas terras da Germania? Perguntai ao cujo protector do Silva que não vende só alcaides de drogas porem traques na botica.

Famosa recommendação para o aspirante de proximo consorcio. Estréa excellente para a pobre noiva. Que tal Sr. Aprigio?

Não lhe gabo o gosto. Sentido com os communistas. Elles possuem uma tal força de attracção, e tão perigosa, que realmente surprehende, e depois o risco do... petroleo...

Questão Godinho.

II.

E' preciso renegar todos os foros de dignidade propria para proceder-se, como fal-o hoje o Sr. Godinho.

Não podendo fartar-se com pretextos legaes á força da justiça, que diligente o apanhára em flagrante delicto; preso e confessando o crime perante a authoridade competente; procura agora exhimir-se a todo transe do castigo, que tão merecidamente lhe será infligido.

E' esta em geral a audacia dos criminosos; o assassino, depois de perpetrar o delicto, procura sempre refugiar-se.

O refugio, porem, ha de ser temporario; a sentença de Deus é fatal, e portanto inevitavel. Não ha para onde fugir, nem para onde correr. A consummação ha de por força realisar-se.

Esta é a verdade, tão certa como a existencia do Creador.

Todos que teem accompanhado mais ou menos esta questão, sabem dos meios até aqui empregados, já pelo Sr. Godinho, já pelos seus *fieis* agentes; são elles tão torpes e indecorosos, que peja-nos dizer: em tudo isso, porem, revela-se o ultimo recurso da miseria, o supremo esforço da mais nojenta abjecção pela verdadeira culpabilidade.

Entretanto toda esta celeuma cifra-se em um só ponto, reduz-se a um unico fim,—o de querer demonstrar-se de modo peremptorio ser Benvinda Maria da Conceição de hoje a mesma Benvinda Tavares de outr'ora.

Pouco importa, porque isso jamais conseguirão; todas as tentativas serão infructiferas, todos os dados impotentes; a luz da verdade não será entenebrecida pelo dolo e pela astucia; a força do direito não ficará esmagada d'esta vez pelo direito da força. Custe o que custar, o inverso da medalha não terá logar.

E si não--quaes os documentos apresentados pelo Sr. Godinho para esse fim? Que provas tem exhibido? Que factos tem expendido para convencer ao espirito publico d'esta *identidade* tão apregoada? Serão os disparates e banalidades, insertos nas duas folhas diarias d'esta cidade? Serão os articulados futeis e despidos de todo e qualquer fundamento, que são todos os dias assignados pelo *Justus* e pelo —desinteressado *Imparcial?*

Será por meio d'estas sandices, que procurará incutir no animo do publico a convicção, e o que mais é, a persuasão?

A logica o repelle de muito bom grado.

E entretanto tem sido até hoje esta a *grande* incumbencia do delinquente em falta de provas, que possam justificar o facto; é este o acervo de sandices, que prorompem impavidas á luz diurna da publicidade, demonstrando cabalmente a origem d'onde partem.

Não admiramos, porem, tanto cynismo, não estranhamos tanto descaro, o que sorprehende nos é a animosidade das firmas.

Não ha até hoje nenhum documento comprobatorio, nenhuma prova seria, e á todo transe asseveram ter mettido á lança n'Africa; e a nuvem por Juno, é o joio pelo trigo.

Exponhamos agora as nossas razões, e poderosissimas como sóe serem, avalie o facto o espirito publico imparcial e recto: sempre que nós impomos á tarefas de tal quilate, costumamos a proceder d'este modo, como o mais conforme á razão e ao bom senso.

E' por demais sabido que o Revm. cura d'esta freguezia attestara in *fide parochi*, que Benvinda Maria da Conceição moradora no referido curato, estava com este mesmo nome assentado no livro geral de baptismo.

Demos, porem, de barato, que não seja bastante authorisada a palavra do digno sacerdote; admittamos por um momento que seja este documento meramente gracioso; si for possivel, não lhe attribuamos o valor, que na realidade o tem; então o attestado do Revm. vigario da Penha confirmando o facto, o testimunho do professor publico Galdino Eustaquio de Figueredo, do ex-subdelegado Ernesto Pereira Coelho da Cunha, do negociante Antonio Emilio de Souza e da propria senhora de Benvinda, não demonstrarão de modo irrefragavel a authenticidade do facto, não terão valor algum?

Não serão todas estas pessoas dignas de confiança, não nos deverão merecer fé?

Não serão caractéres independentes, á que devemos tributar o mais subido acatamento e respeito?

E finalmente como negar se ainda que o nome de Benvinda Maria da Conceição não fôra o mesmo sempre usado e adoptado por esta infeliz mulher, quando os livros da receita prrovincial o dão egual e identico em diversos exercicios?

Não será tudo isso signal comprobatorio?

Ainda se fará precisa maior elucidação para o pleno conhecimento d'este ponto?

Respondam-nos agora o Sr. Godinho e seus *fieis* agentes. Uma resposta em tal emergencia não poderá deixar de ser dada sob pena de cabal assentimento; mas fiquem certos de que á factos só podem antepor-se outros de egual força e merecimento, tudo mais será declamação meramente especulativa; qualquer passo que não seja o apontado por nós será injuria sobre injuria.

Nem ha negal-o: a disjunctiva que apresentamss não admitte meios termos. Ou vós tendes factos que comprovem á não mais desejar o contrario por nós allegado, ou os não tendes;—no primeiro caso porque vos calais, quando a verdade se esforça por apparecer? si não tendes: porque então quereis embair de modo tão cynico a credulidade publica? Para que estes subterfugios tão ridiculos, como vós mesmos.

Assim que decisão poderá esperar o Sr. Godinho, sinão a de sua condemnação?

E pensa que tudo isso não ha de ser devidamente apreciado e aquilatado pela authoridade competente?

Nem tanto, nem tão pouco.

Parece incrivel, mas todos não ignoram os meios de que tem lançado mão o delinquente para esmagar de todo as suas victimas. Não ha genero de perseguição, á que não tenham recorrido—o suborno, a ameaça, a calumnia e a intriga são as armas favoritas para o manejo dos adeptos do opulento contendor.

Como o tigre, que, depois de morta a preza, sacia o seu brutal apetite no sangue da infeliz victima, assim pratica quem affrontando a opinião publica, timbra por mostrar-se ainda mais abjecto perante a sociedade, em que convive.

Sem perda de tempo ha de ser este manejo audaciosamente esmerilhado, e sob o maior criterio e moderação todas estas espertezas hão de ser postas á tela da discussão.

E como não ser assim? Doe-nos e muito que homens, pais de familia, vivendo n'este mundo, theatro de todas as peripecias, adhiram firmemente á causa do Sr. Godinho; á causa do forte contra o fraco, da prepotencia contra o humilde, do vicio contra a virtude!!!

E' com o coração contristado que presenciamos scenas, que só degradam, que só aviltam a quem as representa.

Não faz mal: confiemos na justiça, ella é uma como o Creador.

Por hoje estas considerações.

Alcibiades.

Pede-se ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos que a bem dos filhos menores do fallecido Amaro Gomes V. Lima, lance S. S. suas vistas para um calendario de *dividas* que se apresentam; visto como é sabido que o fallecido pouco ou nada devia, entretanto que á vista do *debito* apresentado parece que no fim dá certo. . . . .

Os victimas.

ANNUNCIOS.

Fabriciano José de Meirelles com botequim a rua direita do collegio n. 11 pede a estes moços custosos de pagar, que venham até o fim do corrente mez saldar seus debitos, para não verem seus nomes por extenso neste periodico, sem reserva de amigos.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 84.ª TERÇA-FEIRA 29 DE AGOSTO. N. 833.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 28 de agosto de 1871.

Officio ao Exm. Sr. general commandante das armas, para que se digne de expedir providencias, tendentes a fazer em que com a possivel brevidade sejam informados os requerimentos dos soldados do 14.º batalhão, que pedem passagem para outros corpos e não fiquem retardados como até agora se tem dado.

—Ao Illm. Sr. subdelegado dos Mares, para que mande dispersar o ajuntamento de gente desenfreada, que ha na venda á esquina da Roda da Fortuna, todas as noites, cumprindo chamar sua attenção, entre os que alli se reunem, para um de nome Benedicto, escravo, segundo consta, do Sr. Mingote, pela sua insolencia e pouco respeito ao decoro das familias, do que deu provas nas noites de 23 e 25, nas quaes levou a desenvoltura ao ultimo auge.

—Meios de vida!

Innumeras e variadas são as especies de applicação que dão á estas duas palavras.

—E' certo que quem vive precisa de adoptar um meio para poder viver.

—Innocente ou fraudulento, honesto ou indecoroso, todos teem seu meio de vida.

O larapio, que sacca carteiras dos bolsos dos transeuntes, chama á isso seu modo de vida.

—E todos teem uma razão com que pretendem sanccionar a legitimidade dos recursos empregados para tirar resultado proveitoso.

Um ourives, por exemplo, á esquerda do Taboão, usa do estratagema de fabricar obras de prata, galvanisal-as e andar vendendo por ouro á pessoas que não entendem, e assenta que isso é um meio muito natural de passar a vida!

E si alguem por acaso queixa-se ao homem da pouca sinceridade com que elle lhe impingiu gato por lebre, responde mui lampreiramente—*é ouro branco.*

Ora, somente por mera curiosidadade e nada mais, eu quizera ouvir desse homem onde é a mina novamente descoberta, em que vae explorar o tal metal empregado na sua especulativa industria.

—Meios de vida, meu charo!

—Si é prohibida a subida de carros e carroças pelas ladeiras da Fonte dos Padres e Taboão, como vae esta carroça por aqui?

—V. ainda come ingá! Escreve-se, mas não executa-se.

—A' mais de quatro dias que leio um edital da policia ordenando que a subida seja pelo Caminho Novo, e ainda hoje, 25, não é observada tal ordem!

—E assim como é isto, é tudo mais.

—No sabbado, na rua do Castanheda, no becco denominado do Araçá, pelas 7 horas da manhan, um soldado do corpo policial espancou a Joanna, parda, alli moradora, á *reste*, fazendo-lhe diversos ferimentos no corpo e uma grande brecha na cabeça.

—E não foi preso?

—Qual! Deu na pobre mulher a valer, e depois do que seguiu frescamente para seu quartel, dizendo a quem reprovava-lhe o procedimento que tinha exemplado a sua amazia! ....

A' tarde voltou o furibundo militar, em busca do seu bahú, e então repetiu a scena de demanhan, pisando a cara da paciente á salto de botim e fazendo-lhe uma formidavel contusão.

—E é um homem dos encarregados de manter a ordem e a segurança individual!

—Não se dá maior pouca vergonha!

São 9 horas da noite, as familias pelas janellas, na rua Direita de Palacio, e um marmanjão á ourinar pela saccada!

—Casa de viva quem vence; mora aqui a *Quatorze-bolachas.*

—More lá quem morar; o pudor das familias não deve estar á mercê dos immoraes desatinos de qualquer debochado lorpa

—Nem o publico que transita sujeito á aspersões de essencia de ammoniaco.

—Eu não creio em preconceitos e abusões, mas noto que o mez de agosto é aquelle no qual a imprensa registra maior numero de casos fataes.

—Historias; o que tem de ser, traz força.

—Ainda no sabbado um caso consternador! uma canoa virada, atravessando dó Cabrito para Itapagipe; alguns entes de mais riscados do numero dos vivos!....

—E acha V. de algum fundamento certas cousas que andam fallando á respeito de tão desastrado accontecimento?

—Historias, não creio!

Mas emfim.....

—Um soldado do 14.º de linha comprou dous quintos de bilhete e tirou a sorte grande.

—Fortuna d'elle! Que me importa isso?

—Ouça sem dar apartes.

—Mas o que me interessa saber que um soldado do 14.º tirasse a sorte grande?

—V. verá si a historia lhe interessa ou não.

—Prosiga.

—Mas como dizia, o soldado tendo tirado a sorte, entendeu rebater á um negociante, que vende bilhetes.

O negociante perguntou-lhe para que elle queria tanto dinheiro, que melhor seria deixar o dinheiro em seu poder, que elle lhe passaria uma letra e lhe iria pagando os premios!

O soldado reflectiu, e achou conveniente abraçar o conselho.

Passou o negociante a letra e lh'a entregou.

Entendeu, porém, depois o soldado que devia dar um homem por si, e não continuar mais na vida militar.

Como para esse fim precisasse de seu dinheiro, leva a letra ao *cujo* e exige o que em mão d'elle tinha, fazendo-lhe o abatimento que quizesse.

«*Não tenho nada com isso, que a letra não foi passada por mim,*» foram as palavras do negociante.

O soldado recorreu ao capitão de companhia, e este foi ao negociante, que tinha feito a transacção; mas este disse que semelhante transacção não tinha sido feita em sua loja, e nem era elle quem se achava assignado na letra.

—Mas como se explica isso?

—O bregeiro serviu-se do nome de um honrado commerciante, para enganar o soldado.

—E o negociante á que nação pertence?

—A' portugueza.

Consta que o facto já chegou ao conhecimento da policia, levado pelo capitão da companhia á que pertence o referido soldado,

—Esperar não é desesperar, esperemos pelo desfecho do trama!

—Dizem que na casa de Correcção acha-se retido preso um individuo de nome Matheus, o qual tendo cumprido uma sentença de sete annos, terminou o tempo da pena, á sete mezes seguros!...

—A' ser assim, é mais uma illegalidade que se pratica!

—Dão-se cousas singulares!

Com o violento frio que reinou na noite de domingo, entendeu um Sr. João Pedro de entrar na habitação de uma rapariga honesta, ao pé da casa em que funcciona o imperial Monte Pio dos Artistas, ao Cruzeiro, e querer obrigal-a por meios violentos a ceder-lhe á certos desejos.

Com os gritos da aggredida e da mãe desta, acudiu a policia, que obrigou o amante de nova especie a ir passar o resto da noite no chilindró.

—Miguel-Peixe-gallo, está fisgado!

—Quem deve a Deus, paga ao diabo.

—Tomou uma bebedeira e fez o diabo, domingo, á uma hora da noite, na ladeira da Misericordia, resistindo até ás ordens legaes dos agentes da authoridade.

—Que o Sr. Dr. chefe de policia o conserve por alguns dias no quente para não contispar.

—Elle bem que o merece; ultimamente tornou-se o flagello de uma pobre mulher á rua d'Ajuda, cuja porta o tratantão dá-se ao trabalho de mascarar toda noite com substancias excrementicias.

—A's ordens, capitão.

—O que temos?

—Uma queixa do guarda do chafariz do Terreiro.

—Mencione.

—Diz o homem que na noite de 24 para 25 lhe arrombaram a guarita, sem duvida, com vistas no cofre, mais não o pilharam.

—E a patrulha de policia, que ha sempre por alli, não viu?

—Talvez não visse.

—Ora! não sei do que serve existir uma força constantemente no Terreiro!

Si onde a policia está os ladrões fazem

d'estas, o que não será onde ella não passa!

—E' uma prova do quanto é vigilante; os ladrões attentam contra a propriedade alheia em suas barbas, signal de que nenhum caso fazem d'ella.

—Factos ha. que só por sua natureza são bastantes para chamar sobre si a attenção das authoridades e muito mais quando elles se revestem de circunstancias taes, que fazem despertar suspeitas no espirito publico.

—D'esta ordem é o accontecimento que se deu, ha dias, do afogamento de uma creoulinha.

—E' exacto; o nenhum indicio, segundo consta, de afogamento, o incidente notavel de apparecer o corpo boiando no becco do Fragoso, logar estreito, quando parece mais natural que o fluxo da maré o arrojasse á alguma praia, as versões que circulam, e entre ellas, uma por demais importante, de que pessoas por alli moradoras ouviram alta noite gritos que partiam d'aquelle lado, citando-se entre essas pessoas que ouviram o Sr. Salgueiro, um individuo a quem chamam *Vapor*, proprietario de taverna e outros; a approximação em que estão do logar muitas alvarengas de carvão de pedra e outras lanchas; o boato espalhado por alguns, de que a infeliz crioulinha fôra atirahida á certo logar, onde em lucta tenaz se precipitara n'agoa; são motivos mais que poderosissimos para a authoridade redobrar de esforços e empenhar-se no descobrimento de verdade.

—Quem sabe si nesses boatos vagos, nesses commentos vulgares, não encontrará alguma cousa que possa guiar até chegar a verdadeira causa que deu logar ao lamentavel accontecimento?

A PEDIDO

—Capitão, peço-lhe que leve ao conhecimento do publico que o Sr. tenente Joaquim do Nascimento Mercêz que á mais de mez foi gravemente offendido por um *valentão* portuguez, ainda hoje soffre em sua saude; tanto que na quarta feira fez uma operação, extrahindo lhe o operador um pedaço de osso do nariz.

—E que o feliz aggressor vae passando frescamente acobertado com o manto da escandalosa protecção, não é isso?

—Tal qual.

—Cousas desta terra.

Nada ha que possa obscurecer a verdade. A justiça ergue-se sempre altaneira e esplendorosa ante a mentira que avilta, ante o crime que deshonra!

Sabemos hoje os motivos altamente ponderosos, que teem actuado para que a vida do Sr. João Augusto de Castro Abreu Guimarães tenha sido um periodo de martyrio, de amargura e de lagrimas.

Tem sido cruel o soffrimento.

A foice fatal do destino tem-lhe cortado uma a uma todas as florinhas d'alma.

Mas a força da honra tem sabido triumphar dos rigores da sorte....

Despreze S. S. os entes que se acovilam, como monstros nas trevas da hypocrisia e da maldade e deixe que os aleives e as infamias cahem sempre, como nuvem de fumo que o vento açoita.

Alerta soldadesca do *sete duas vezes*; ahí vem o *Caixa-d'agua*.

M. C. A.

—O grande escarceu levantado pelo Sr. Godinho e a gente que o circula na questão em que o licencioso proceder desse Sr. tornou-o alvo da attenção publica, consiste toda no lado do dinheiro. Para elles o lado da moralidade publica, o respeito á sociedade, a torpeza da acção, nada importam.

E' assim que, encarando a questão pelo lado material do dote, á poucos dias appareceram no *Diario* contestando a edade da infeliz victima da mais desenfreada concupiscencia.

De maneira que, admittindo por um momento, que Clara fosse maior, e por tanto sem direito ao dote, que a lei lhe garante, para o Sr. Godinho estava tudo salvo. Para elle não faz móssa o facto de um homem casado, negociante de posição, chefe de familia, distinguido na sociedade por habitos e condecorações, ter um quarto alugado, mobiliado, preparado, uma espécie de templo consagrado á crapula para n'elle admittir pobres rapazigas, desinquietadas das casas de suas mães! Para elle nada exprime a aversão dos homens honestos; o horror que inspira a hediondez do lenocinio.

Como se engana o Sr. Godinho! Nunca mais conseguirá apagar da fronte o estygma indelevel impresso pelo dedo da opinião publica de haver seduzido e raptado uma pobre e infeliz creança e atirado no charco immundo da perdicção.

Como se engana o Sr. Godinho! Esta questão não é por causa de meia duzia de vintens, que a lei obriga os seductores á doar as victimas de suas lubricidades; não é, porque o dote não repara o damno, que a virginda-

de de uma moça não tem preço possivel; é, antes de tudo uma questão de moralidade publica; pertence hoje ao dominio da sociedade, porque á toda ella affecta, e que a deve vingar na proporção do ultrage que lhe foi atirado á face; porque é preciso reprimir o vicio, que audaciosamente se desenvolve; porque é preciso fazer lembrar á certos homens que devem respeitar o torrão em que vivem; porque é preciso, por um exemplo, fazer sentir áquelles que fazem uso de seu dinheiro na propagação da corrupção, que n'este paiz ha leis que punem os delinquentes.

—Nas condições em que se acha o Sr. Godinho, vem a proposito contar-lhe hoje o seguinte caso, no qual, talvez o digno commerciante, encontre alguma distracção.

E' a JUSTIÇA DE DEUS que se mostra inflexivel:

Em 1857, no becco de Maria Pires, o mesmo becco em que morou Clara, a victima do Sr. Godinho, habitava uma moça, pertencente á uma familia mediana. Estava contractada para casar com um francez, e pouco tempo faltava para chegar o dia em que a egreja tinha de sanccionar o laço indissoluvel.

Appareceu-lhe em seu caminho um homem, um demonio, sob o nome de Eduardo, dizendo-se solteiro; empregou todos os meios de seducção: caricias, ternuras, promessas, juras..... e a credula cedeu.

Porém o monstro só queria saciar seus instinctos malevolos e vís, deflorando as palmas viçosas de sua capella de virgem!

E o infame, depois de saciar seus apetites brutaes, abandonou a illudida moça....

Alguns mezes depois dava ella á luz uma innocente criança.

Essa criança, mettida em uma boceta, foi mandada levar com uma carta, á cidade baixa, a um tio do seductor, um rico negociante. A portadora teve 20$ rs. para não entregar a carta nem a criança.....

.....

São passados 12 para 13 annos; ha uma reunião familiar, na rua da Misericordia; o *Eduardo* de outr'ora comparece á ella. Desconhecendo sua victima, dirige-se a ella e pede-lhe a mão para dançar, o que lhe é recusado com despreso. Então o antigo *Eduardo,* o assassino da virgindade, o monstro traçoeiro julgou-se estimulado em seus brios e exigiu uma satisfação plena daquella recusa que lhe tinha sido feita.

A moça cheia de nobre dignidade em presença do respeitavel sacerdote R... e de mais tres pessoas intimas exprobou ao abutre esfaimado seu negro e traiçoeiro proceder, expondo a cilada em que cahira, armada por aquella fera.

E sabe quaes foram as palavras que sahiram d'aquelles labios homicidas, Sr. Godinho?

Foram estas:

«Nada lhe devo, porque não a encontrei pura, si encontrasse, não duvidava fazer-lhe algum beneficio!»

....

Esta moça chama-se M. B. R. S. e não cessa de implorar a JUSTIÇA DE DEUS sobre a cabeça do vil seductor, author de sua perdição.

Desculpe o Sr. Godinho a maçada que lhe demos!

2:000$000!!!...

Quem quizer comprar eu vendo,
O que nunca se mercou,
Um bocado de vergonha,
A' quem á ladrões advogou!....

J. Morèn.

—Capitão, presenciei no domingo 20, uma scena altamente incivil, estupida e grosseira, e como que insultuosa ao caracter publico.

—Vá me contando.

—Um individuo que castigava por meio de chibata a alguns tambores no passeio publico. Disseram-me que era seu mestre. Porem o lugar escolhido para a applicação do tal castigo era o mais inconveniente que se pode dar. O passeio publico, logar destinado a passa tempo e recreio do povo, não é para se praticar uma acção de semelhante ordem, e por isso será bom que o Sr. *mor* do *oitavo* se torne mais commedido.

ANNUNCIOS.

O aspirante, ás Portas da Ribeira n.º 21, roga á seus freguezes de fiado que tenham de vir pagar suas contas atrazadas; assim como aquelles que lhe ficaram devendo desde 1868 na rua da Poeira, si não querem ler seus nomes por extenso.—*Fabricio Pereira Soares.*

Vende-se

A venda á rua do Pilar n.º 121; á tratar na mesma.

Attenção.

Na grande Loja de cêra e charutos á rua direita do Collegio (defronte da botica do Bacellar) ha para vender diversos instrumentos de metal, pancadoria, um excellente piston novo e diversas musicas, tudo para banda Marcial. Por preços baratissimos.

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 88.ª — SABBADO 2 DE DEZEMBRO. — *Ns. 872—875.*

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 1.º de dezembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santa Antonio, recommendando-lhe que passe a verificar o seguinte:

Si é exacto que no becco do Funil existe um individuo de nome José dado á vida de mascate, o qual tem em sua companhia um menino que tomou para ensinar officio e a quem cruelmente maltracta, e o officio que lhe ensina é mandal-o carregar uma grande caixa e accompanhal-o por Itapoan, Santo Amaro de Ipitanga e outros logares, por onde mascateia. Esse menino, consta, foi de proximo horrivelmente espancado, e tem ainda formidavel contusão em um olho, o qual é provavel que venha a ficar inutilisado.

Com as informações que se fornece, poderá S. S. facilmente chegar ao conhecimento da verdade, e caso encontre exactidão no exposto, cumpre que immediatamente faça remover o soffredor menino do poder de semelhante mestre, que nada ensina e tanto castiga.

—Na cadeia de Correcção existe um homem na condição de escravo e que entretanto, dizem pelejou no Paraguay, como voluntario da patria, e distinguiu-se com valor e bravura.

—Não será o primeiro.

—A prova de que distinguiu-se é que, segundo affirma, mereceu ser condecorado, o que é mais que sufficiente para attestar merito em um soldado.

Chama-se Cleto Joaquim José da Costa, e affirma ter pertencido ao 9.º batalhão, ao 11º, e ao 42º de voluntarios, accrescentando mais que na cidade do Penedo existem um cabo e um anspeçada que com elle serviram.

—Não precisa ir tão longe, quando no quartel general deve constar.

—E si acaso for verdade o que allega elle opprimido em sua liberdade, esbulhado de seu direito, não será mais uma nodoa, para o Brazil, ver um homem que defendeu corajosamente a sua honra, voltar das fileiras de seus bravos para o jugo do captiveiro, com a venera da Rosa no peito e o chicote nas costas?

—Mas é de esperar que não chegue a tanto, porque ahi estão os Srs. Dr. chefe de policia, commandante das armas e sociedade Libertadora 7 de Setembro para acudirem em favor do opprimido.

—Capitão, ha mais de oitos dias que vaga pela frguezia de Pirajá uma creoula douda em completo estado de nudez.

Essa douda quando vê algum transeunte, atira sobre elle lama, do que muitas pessoas, que teem transitado por aquella freguezia, não teem escapado.

—Vou pedir ao Sr. Dr. chefe de policia que, por amor á humanidade, mande conduzir a infeliz louca para o hospital de caridade, afim de não estar ao abandono por dentro dos mattos.

—No hospital que não recebem mais doudos, já sabe que tem de ser recolhida á casa de correcção.

—Capitão, na quarta-feira houve na eschola de medecina uma *cascabulhada*.

Um moço, que apenas faltam dias para tomar o grau de doutor, e que por conseguinte deve se dar a respeito, entendeu *bigodear* com os *cascabulhos;* mas elles *arrojaram-se* sobre o proximo doutor, resultando sahir um dos *cascabulhos* de cabeça quebrada.

—Graças de estudantes!

—Capitão, a companhia do *olho-vivo* tem trabalhado maravilhosamente.

Diversas casas no Bomfim teem sido acommettidas pelos membros d'esta decantada companhia.

Em um dos dias da semana passada foram á Ribeira de Itapagipe em casa do Rvm. vi-

gario da Penha, porem os planos foram burlados e nada poderam fazer.

—E' tempo de festa; os rapazes precisam de *herva*.

—Capitão, tendo voltado de sua viagem ao interior da provincia o eximio artista brazileiro Julio dos Santos Pereira e achando-se de passagem n'esta provincia pretende dar alguns divertimentos dos seus variados trabalhos, os quaes principiarão a ser exhibidos no theatro da rua de Baixo, hoje sabbado 2 do corrente.

—O publico desta cidade que já tem admirado os seus trabalhos artisticos, lhe fará justiça por mais uma vez com a sua concurrencia.

O nome deste distincto artista já é por demais conhecido, dispensa por isso de qualquer elogio que lhe podesse tecer!....

—Capitão, mais uma noticia.

—Venha com ella.

—A creoula Maria Ritta era geralmente tida e havida como escrava da Sra. Maria Senhorinha.

— E realmente não era?

—Escute.

A referida crioula está sendo processada pela subdelegacia de Brotas pelo crime de injurias verbaes á familia do Sr. Dorea, como mandataria de sua senhora.

Na occasião de ouvirem jurar as testimunhas compareceu somente a Sra. Maria Senhorinha, a qual julgando que punha sua escrava a coberto da justiça, apresentou em juizo um papel que declarava que Maria Ritta tinha sido forra por 200$ rs.

—E desta forma foi ella reconhecida livre?

—Exactamente.

Decididamente não pensou a senhora Maria Senhorinha que a cousa se fiasse tão fina. Julgou sem duvida que forjando aquella carta e apresentando a ao subdelegado, a escrava ficava isenta de crime e a carta voltaria para seu poder para inutilisal-a quando bem lhe approuvesse.

—Agora o que resta é ventilar si a Sra. Maria Senhorinha cobrando semanas de Maria Ritta procedia legalmente.

—Esta é que hade ser uma dos diabos! Além de queda coice.

Tão imbecil não foi o subdelegado, que não lh'a quiz entregar sem proceder a certas averiguações.

—Muita gente, querendo illudir aos mais, se espeta.

—A crioula Maria Ritta foi quem luerou; vendeu caro a descompostura que deu na familia do Sr. Dorea, por mandado de sua senhora, si é que esta mandou, pois pagou-lhe com a liberdade, bem que sem pensar.

— Capitão, sou informado de que em uma casa á rua da Independencia um ser humano soffre torturas de um quilate de barbaridade tal, que arrepia.

E' um escravo; acha se preso em um tronco, ha alguns dias, tendo por alimento pão e agoa e as mãos rachadas de bolos.

—E chame-se a quem faz isso *um homem de justiça!*

Ah desalmado, eu quizera conhecer-te, para *doar te* com a retribuição que mereces pelo trato deshumano que dás a um teu semelhante.

—Capitão, ouça que excesso de crueldade.

No logar chamado Maria Pereira, na provincia do Ceará, um individuo de nome José Nicolau matou com açoutes e estrangulou a um filho seu. A falta commettida pelo infeliz moço fôra por ter montado em um cavallo sem ordem de seu pae.

—Execravel!...

—Capitão, contaram-me de um fiscal esta bella acção:

Aspirava elle certa pretenção que a crioula *Xica*, que vende peixe, negou-se a conceder-lhe.

Despeitado, prometteu-lhe tirar desforra da recusa e com effeito encontrando a, na quarta-feira passada com uma gamella de peixe, disse-lhe—é agora; siga commigo.

A rapariga entendendo que o fiscal ia leval-a á presença do subdelegado, para este decidir se o peixe estava ou não em bom estado; accompanhou-o. Qual não foi porem seu espanto chegando ao rio das Tripas, ver o homem arrancar-lhe bruscamente a gamella da cabeça e despejar o peixe n'agoa!

—Peixe podre parece esse que agora está V. vendendo.

—E V. Ex. põe duvida que o fiscal não fosse capaz de usar d'essa violencia, com raiva pela repulsa da rapariga?

Pois olhe, esse fiscal mesmo, ha dias, arrastou deshumanamente uma preta velha pelo passeio.

—Que *refinado* lapuz!

—Capitão, eu sonhei que depois da lei de 28 de setembro, baptisou-se uma creança como escrava!

—Vá para lá com seus agouros.

—Um sonho que me ficou gravado profundamente na memória; até hoje me retrata a imaginação claramente essa visão.

Somente quanto ao nome da senhora é que não me recordo bem si era *Maria* ou Antonia e da creança era Maria, e o da mãe desta que teve a *felicidade* de gozar o beneficio da lei, não ouvi pronunciar.

—Ideias vans do seu cerebro agitado.

—Apoderou-se de mim tamanha apprehensão de que o sonho podesse ser real que, desde o dia 9 do passado, *passo na rua* onde se me figurou ter logar o baptisado; mas nada tenho podido pescar.

—Ah! não foi em *freguezia*? foi baptisado de *rua!*... *passo* a despedil-o que não estou para aturar malucos.

—Capitão, ante-hontem o vigario da freguezia do *Chaveiro do Ceu*, conversando dentro da sachristia com o subdelegado, taxou o *Alabama* de periodico infame.

—Não creio, porque só poderão taxar o *Alabama* de infame os juizes venaes, os seductores, os delapidadores de bens de orphãos e viuvas, os falsos ministros da religião do Crucificado, etc., etc.

—V. Ex. não quer accreditar, ao passo que o vigario, o ministro da religião do Deus de bondade e de caridade, promette tirar vingança, srgundo disse, com um professor particular d'essa freguezia, somente pelo facto d'elle ser irmão de um dos proprietarios da typographia, onde se imprime este periodico.

—Deixa lá o vigario que fallou atraz das portas.

O que pode elle fazer ao referido professor?

— Disse que não descança, emquanto não o fizer fechar a eschola.

—O vigario dos *mattos* já não se lembra de quando andou se empenhando com amigos para não serem publicadas diversas censuras relativamente á negação de guias a pessoas pobres, as quaes quando elle dá é zangado, sempre dizendo que para tudo ha dinheiro menos para os emolumentos parochiaes, e deitando embaixo d'ellas—*gratis, por ser MISERAVEL!*.....

Com quanto não estejamos mais no tempo dos milagres, como disse um collega do vigario, todavia é impossivel a tolerancia de certos abusos commettidos pelos parochos...

Emfim deixe que esse liberal ás canhotas mostre a sua potencia!

Au revoir.

—O Sr. Thomaz do Valle Maia, dono de hotel em Alagoinhas, entendeu que o hotel para as bandas de lá, onde ha jogos fraudulentos e contra os quaes reclamou-se ao Sr. Dr. chefe de policia, era o seu.

Elle é quem o diz no *Diario* de quinta-feira.

Ainda bem que a carapuça quadrou-lhe.

S. m. mostra mesmo que é homem de hotel afeito aos traquejos da quitanda e do açougue!

Depois de vomitar muito improperio, sem saber contra quem, confessa elle proprio que si *alguma vez jogou se* no seu hotel jogos prohibidos, não foi com dólo, subterfugio e empalmação.

Seria desta ordem uma *ronda* proposta por um certo ex-major de voluntarios, ha cerca de tres semanas?

Provavelmente que sim.

Não se assome tanto o Sr. Valle Maia, estragando o seu phraseado,que lhe pode fazer falta.

Ninguem disse que o hotel onde se jogava era o seu. S. m. agora é que quer dar pae á creança.

—Capitão, diga-me, a irmandade da Mizericordia não é uma corporação rica?

—Bastante.

—Beneficente, humanitaria e charidosa?

—Tudo isso.

—Mas então porque se conserva estacionaria diante do generoso movimento que se agita no paiz?

—Não percebo.

—A Casa da Santa Mizericordia possue tres escravos, cujos serviços desfructa ha longos annos, porque não os liberta?

—Tambem acho contrasenso; hoje que a ideia elevada da emancipação converteu-se em crença no spirito publico; que o exemplo nobre de concessões particulares se está dando a cada passo; uma associação religiosa e que tem por divisa a pratica de obras de humanidade, possuir escravos. é retrogadar da civilisação, é aberrar de sua instituição.

—Jacob, Filippe e Damião, são os escravos da Mizericordia; vivem em extrema penuria. Alimentados escassamente, vestidos miseravelmente. E' preciso que a roupa lhes caia do corpo em farrapos para terem outras. Damião, o conductor da carroça mortuaria, ainda ha pouco, para sahir um dia no serviço da Santa Casa teve de recorrer á caridade de um particular que lhe deu um facto para mudar porque o seu emporcalhando-se com materias e fezes vertidas de um cadaver que soffrera autopsia, tornou-se nauseabundo!

—Deixemos isso de parte.

Essencialmente louvavel era, si a Casa da Santa Mizericordia, por obra de misericordia concedesse a liberdade a essas tres creaturas que bastante lhe hão servido.

A PEDIDO

—O Sr. anda com chaves porque *abre portas*, mas ao dono da casa á rua da Independencia, nem siquer disse: aqui lhe ficam as chaves.

Morou e não pagou.

Acção de caloteiro.

Pois olhe, não obrarei ja como o Sr. merece; quero ainda ver o que faz; certo de que, si continuar no proposito de não querer pagar, farei saber quem é o Sr. que *abre portas*, publicando o seu nome. Entende?

—Muxingueiro, preciso hoje de ti.

—Ja estava descontente de tanta inactividade.

—Vae ao mercado de *Santa Illustre*, e traze-me aquelle ilheu *frege moscas*.

—Esta commissão é em quanto o diabo esfrega o nariz.

—Vem ca, brutal casmurro; não te satisfazes com o que vives a extorquir dos que te cahem nas unhas, não te contentas com os 350$ que roubaste ao peruano; para que a tantas ladroeiras adiccionaste o execravel attentado que praticaste no sabbado, abusando torpemente da fragilidade de uma pobre mulher?

—E V. Ex. soube disso por cá?

—Sei de outros factos mais negros de tua vida, quanto mais deste que foi notorio.

—Mas eu garanto á V. Ex. que nada fiz.

—Então não embriagaste á uma rapariga, do que recebeste paga, entregando-a na inacção da embriaguez á brutalidade de tres estrangeiros?

—Ui!....

—Foi isso dentro do teu coxixolo, que desfaçadamente franqueaste.

—Fiz por interesse; fui pago logo.

—Sevandija!

Muxingueiro, 50 calabrotadas nas faces deste ilheu *frege moscas* para não ser tão safado.

Mofina.

Porque o Sr. A. J. da S. e A. ha cinco, ou seis mezes, que ficou viuvo com dous filhos menores, não fez ainda inventario; constando até que pretende passar a segundas nupcias?

Mariquinha.

A policia que prohibe que pessoas em suas casas façam mocotó para vender á noite, o que é um genero de negocio licito, como consente que em um botequim, ao Caminho Novo do Gravatá, se joguem jogos illicitos todas as noites do que resultam vozerias e rascadas, que encommodam mais o repouso da noite do que a vendagem de mocotó?

Porém isso se dá porque o tal botequim é protegido por um agente secreto da policia, o qual chega a ficar da parte de fora, espiando a hora que o capitão Braga passa.

Pede-se á policia que obrigue a corrigir sua desregrada lingoa uma mulher de nome Emilia, moradora ao becco do Motta, 15 B.

Um curioso deseja saber onde param os filhos da crioula livre Anna Maria e em que condições teem sido elles divididos.

Depois voltar-se ha com mais esclarecimentos.

Pede-se á policia que lance suas vistas para uma tenda de *cozer pelles* á Calçada, onde seu *afortunado* dono cuida mais do baralho das 52, do que das fôrmas e encospias, prova de que o tal negocio lhe rende mais do que o tira-pé e cerol, a despeito dos continuados alarmas com que é assustada a visinhança pelos gritos dos parceiros, que se compõem na maior parte de gente que deve dar conta de si.

Ao professorado.

Os professores abaixo assignados, adherindo á idéa apresentada pelo professor João Antonio de Vasconcellos, inserta no *Jornal* de 24 do corrente, convidam de novo a todos os professores quer publicos, quer particulares, secundarios ou primarios, effectivos ou jubilados, para se reunirem no salão da directoria geral da instrucção publica, no dia 2 de dezembro ás 10 horas da manhan, afim de se tratar sobre a creação de um Monte-Pio dos professores. Bahia 24 de novembro de 1871.

Francisco José Pereira.
Antonio Martins Ferreira.
Ricardo Dultra d'Andrade.
Augusto Pedro de Oliveira.
Marciano Antonio da Silva Oliveira.
Elias de Figueiredo Nazareth.
João Theodoro Araponga.

—O 4.º districto eleitoral desta provincia prima entre os outros pelo invejavel accordo de pensar, pela uniformidade de escolha entre o seu eleitorado.

—Isso não é de hoje, nem de hontem.

—Os candidatos que entram na chapa privilegiada são votados em todos os collegios.

sem discrepancia, e quando muito, lá vem um no meio que tem a differença de um ou dous votos.

—A imitação de um rebanho, onde vae um, vão todos.

—Pensar-se-ha talvez que os eleitores do 4.º districto são homens intrataveis, que não teem um amigo particular, um affeiçoado a quem dispensem um voto.

—Vontade livre, independencia de consciencia so assim!

—Dá se porém um capricho extraordinario; o individuo que parece dispor de grande força no districto inteiro, porque em todo elle recebe espontanea votação, si amanhan mudar o vento de feição, seu nome ficará no rol dos esquecidos.

—As gazetas começaram a dar o resultado da eleição do phenomenal districto. Dos nove candidatos oito tem 260 votos cada um e o ultimo 259.

Reparem até o fim a consonancia, com que irá ella correndo.

—*Tomas do café real?*

—Não, do *imperial*.

—Ah, julguei que fosses lá, que queria te contar façanhas de um relapso foragido que alli costuma estar quando vem de *Riachuelo*.

—Conta sempre.

—Um devasso que comprou uma creoula menor, com mira em deleites brutaes que pretendia fruir, na supposição de que ella estivesse em estado de pureza virginal, e que não encontrando o que esperava, maltractou a despiedadamente antes de tornar a vendel-a, o que fez dias depois.

—Alma de lodo!

—O animal humano na voracidade de damnada gana com que é affectado de febre luxuriosa, continuou. Comprou outra infeliz, uma pardinha escura, com egual vista, mais o debochado vendo-a no estado da primeira exasperou-se, e quer dar-lhe cabo da existencia por meio de exarcerbado martyrio de fazel-a passar por doente, estando san; e para isso depois de espancal-a, encarcerou-a na enfermaria da *benta casa* onde esteve mais de vinte dias, até que as enfermeiras por *caridade* lhe disseram que nada soffrendo sua escrava era acabrunhal-a cruelmente em retel-a alli. O bruto para não deixar perceber seu tenebroso intento tirou a d'alli, mais passados dias quiz obrigal-a a entrar de novo para o hospital, dizendo-lhe que la havia de morrer. A escrava atterrada pelo resolução do senhor brutal, rebellou se e declarou-lhe que no caminho saltaria da cadeirinha e bradaria *aqui d'el rei* contra elle que a estava barbara e calculadamente definhando. Receioso de que a escrava pelo desespero fizesse o que dizia, mudou de plano; não a mandou para o hospital, mas a tem presa em casa em baixo de agros tormentos.

—Oh, é preciso que a policia tenha noticia desses horrores.

—Esse portento de lubricidade praticou ainda um outro facto com um agente de venda de escravos, facto de inqualificavel torpeza, que reservo para te contar outra vez, porque não quero por mais tempo desviar tua attenção.

—Então até a primeira.

Mofina.

Pede se ao Sr. Antonio Joaquim da Silva e Abreu, subdelegado do 2.º districto de Brotas, que declare a que partido pertence.

Reflexões sobre o jogo.

Oh! quanto é feliz o mancebo, cujo animo está independente da paixão perniciosa do jogo!

Cegado pela esperança de um ganho fertil, rapido e sem fadiga, ou guiado por uma disposição vingativa ou desgostosa, para conquistar o perdido por novas tentações da fortuna, morre o jogador successivamente aos seus mais puros sentimentos, aos seus melhores principios.

Divertimentos suaves já não teem mais estimulação para aquelle que só está affeito a violentos movimentos d'animo e ao continuo abalo entre grande temor e esperança.

O que outr'ora para elle era bello e sublime, não preocupa mais sua alma; uma unica paixão se apoderou d'elle.

Gemendo chora a pobreza ante sua porta; seu coração está fechado á compaixão—elle joga.

Esposa e filhos imploram em sua misera habitação um pedaço de pão; elle não ouve o seu clamor, sua supplica—elle joga.

As muitas è violentas commoções, á que elle se entrega, destroem sua firme saude; as meias e inteiras noites que elle passa sem dormir, o damnoso modo de vida sempre sentado, a desordem no goso das comidas e bebidas, impedem que as mais nobres forças vitaes obrem sobre sua alma, mas sim, enfraquecem seu espirito.

Elle está cheio de miseria occulta, porem ainda não é bastante: o infeliz seduz tambem a outros para egual paixão, para egual vicio, egual desgraça!

Elle tira-lhes a fortuna que estes possuem e o socego da consciencia.

Elle não crê na compaixão de corações nobres; elle não crê que com abominação os incorruptos da estrada lhe fogem. Elle não pode tornar mais atraz.

Elle tem de finalisar, e finalisa—pela prematura morte, pela morte da desesperação pela morte da deshonra!

Mancebo, oh! tu que ainda estaes incorrupto, mira-te no espelho d'esta hedionda imagem!

Joga por divertimento e isto em horas especiaes, mas não por ganho.

O primeiro dia em que o ganho te seduzir para continuação do jogo, é o primeiro da tua proxima perdição.

Com mais desejo procuras o ganho; um prejuizo alternado já não te desanima.

A possibilidade de um ganho consideravel cegar-te-ha; a grande leviandade do mesmo captivar-te-ha.

N. E.

VARIEDADES.

Desillusão.

Eu tive uns certos amores
La p'r'as bandas de Belem;
D'aquelles geraes a dona
A mais linda era meu bem:
No *choradinho* uma feita
Toda na *puba* encontrei,
—Da-me um beijo, então lhe disse,
E bem terno lhe fallei.

Voltou-se a dona arrufada
Como si praga escutasse,
Gente por cobra picada
Não mostrava tal feição.
—Que tens, lhe disse—é de um beijo
O rogo que agora faço,
Já te não dei um abraço
Porque te zangas então?

Vae a dona,—se quebrando.
Toda em ternuras me olhou,
E disse:—logo, lá fora
O que me pedes te dou.—
Gentes com que azafama
Dansei n'aquelle *chorado*,
Imaginai, que contado
Nunca um derriço prestou.

Puchei *ficiras* sem conta,
Sem conta palmas bati,
Nunca a noite foi tão grande,
Samba tão longo não vi;
Eu, que queria ás dez horas,
Nem via a estrella apontar,
Que os caminheiros procuram
Depois das nove soar.

Dansei muito; na viola
Minha mão tremia tanto
Que eu doente me julgava,
Ou preso de algum quebranto.
Mas, emfim, a estrella ao longe
Assomou;—logo gritei:
Quem se vae, oh! minha gente,
Sou eu; e a porta busquei.

E direito fui ao macho
Que no terreiro prendi,
Quando eu as redeas tomava
Ante mim a dona eu vi.
—Vens dar-me o beijo, lhe disse,
—Sim t'o dou com condição!
—Qual é?—Eu quero uma saia
Para o dia da função.

Foi agua posta em fervura,
Foi vento sul que soprou;
Ai, patricios, dentro d'alma
Nem um encanto ficou!
Amar mulher que berganha
Seus beijos não é ventura—
Quem dos ceus tem alma pura—
Nunca o interesse sonhou.

Montei lesto, e nem resposta
Dei á dona que esqueci;
Hoje mais beijos não peço
Um, curou-me, que pedi:
Desta molestia malvada
Que tanto alastra o sertão,
Minhas gentes não me temo,
Trago em guarda o coração!

Joaquim Heleodoro.

N'uma assemblea, estava um joven muito timido por detráz da cadeira d'uma dama de que gostava muito, e com a qual não sabia como principiasse uma conversação; de repente viu um insecto que atrevidamente subia pelo chaile da sua encantadora visinha, e julgando ter encontrado um bom ensejo disse muito depressa:

—Minha senhora! previno a V. Ex. que tem atraz de si um animal.

—Ai! meu Deus! retorquiu ella virando-se muito assustada, não sabia que o Sr. estava ahi!

Em certa sociedade estava uma senhora sentada junto ao fogão, contando uma historia de almas do outro mundo, as demais pessoas muito occupadas em ouvil-a não prestaram attenção á uma fagulha que despedida do fogão foi saltar ao vestido da narradora, começando a queimal-o. Era já grande o estrago quando a assustada senhora reparou no fogo, e na occasião em que todos lhe acudi-

ram para evitar o perigo, o dono da casa disse com toda a ingenuidade:—Eu tinha ja notado que o vestido de V. Ex. estava em chammas, porem não quiz interromper a sua historia, por ser isso uma acção que denotava falta de politica! Eis-aqui um excesso de civilidade que podia custar bem caro.

A filha de Pisistrato era requestada por um estupido, e por um homem de abalisados talentos, o primeiro era rico e o segundo pobre; Pisistrato escolheu o pobre para seu genro.—Porque, disse elle, me é mais aprasivel ver um homem que precisava de bens, que bens que precisam de homem.

Processo curioso.

Nos tribunaes de Londres, habituados a julgarem as mais excentricas questões, acaba de apparecer um processo que pela sua originalidade merece ser narrado. E' a *Independencia Belga* que o noticia:

Um processo singular vae ser levado aos tribunaes de Londres.

Um individuo atacado de bexigas achava-se em curativo n'um dos hospitaes da cidade; sua mulher ia todos os dias indagar das melhoras, quando em uma de suas visitas lhe annunciaram a morte de seu marido, que succumbira á doença. A viuva tomou as necessarias disposições para fazer o enterro do defunto.

Verificaram-se as ceremonias dos funeraes e do enterro. A mulher e seu filho tomaram luto e já a morte do marido principiava tambem a ser esquecida, quando, com grande espanto da viuva, o pretendido defunto entrou no domicilio conjugal com o rosto marcado pelas cicatrizes das bexigas, mas completamente curado. Este enigma decifra-se facilmente: houvera engano no numero do leito e enterrara-se um outro individuo.

Ora, a mulher reclama agora da administração do hospital a importancia das despezas que fez com o enterro de seu marido e com os vestuarios de luto que teve de comprar para si e para seu filho.

A reclamação é justissima para que o tribunal inglez não deixe de dar um *veredictum* favoravel á litigante e o que admira é ella não ter pedido tambem uma indemnisação pelo desgosto que soffreu com a falsa noticia que lhe foi dada.

Que moleque!

Uma senhora muito presumpçosa, que queria passar á grande, impondo que era muito rica; achando-se numa noite com a casa cheia de visitas, mandou em alta voz aprromptar um bom chá; e dahi á uma hora, vendo o seu moleque em pé na porta, dando a entender que lhe queria fallar em particular, disse ella com altivez:

—Que queres? Já apromptaste o chá?

—*Nó sió*, respondeu o moleque; *o home no qué mas dá mantega fiado, o padero no manda mais biscoitinho sem dinhera.*

Decifrem.

E' uma palavra portugueza que se pronuncia, mas não se escreve. E' substantivo, adjectivo e verbo fallado em diversas pessoas e tempos, e tambem interjeicção.

Supprimindo se a primeira letra significa, ou por outro assignalla occasião. Subst.

Com B. Praticar cousas que não agradam, e principalmente a quem recebe. Verbo no indic.
« C. Flôr. vegetal e animal. Subst.
« D. Nome proprio. Subst.
« F. Parte do corpo dos animaes, atavio do homem ou mulher, cousa que não é de direito. Subst.
« G. Caçador d'animaes, excesso de bebidas.
« J. Vaidade. Verbo pronominal.
« L. Cousa larga, extensa; abatimento. Adject.
« M. Cousa agreste podendo ser virgem. Subst.
Pratica de acção reprehensivel. Verbo no indicativo.
« N. Jerarchia. Adjectivo.
« P. Animal. Conloio. Subst.
« R. Animal. Subst.
« T. Exclamação. exprime, não mechas interjeicção, indicio de insensibilidade corporea. Subs.
« X. Cousa que não é espherica; adjectivo. Animalzinho conhecido do genero humano soffredor. Subst.

Pergunta-se, que palavra será esta?

Cifra.

Voto de viuva.

Um philosopho chim passeava uma tarde, por um cemiterio, olhando com profunda tristeza para tantos montezinhos de terra secca, cada um dos quaes indicava o sitio de uma sepultura.

De repente viu uma joven, cuja pallidez excedia á brancura do seu vestido (o traje branco é luto entre os chins) ajoelhada junto a um monte de terra humedecida, o que denotava uma sepultura recente, e que ella abanicava o sitio de uma sepultura.

—E' um marido a quem chorais? lhe perguntou affectuosamente o philosopho.

—E' meu marido, respondeu ella.

—Mas para que abanicaes desse modo a sepultura?! Budha não vos devolverá por isso vosso esposo.

—Ah! replicou a joven; é que eu jurei nos seus ultimos instantes não tornar a casar-me, sem que a terra que cobrisse seus restos estivesse completamente secca, e venho todos os dias agitar o ar sobre ella para que a humidade desappareça mais depressa.

O menino.

Um senhor de engenho ricaço, pelas muitas instancias de seus amigos, resolveu pôr na escola o seu *filhinho* para aprender a ler, e com grande custo o levou a cidade, deixou-o em casa de uma parenta, e foi fallar com o mestre, pedindo-lhe que tivesse muita contemplação, que não désse bolos no menino, porque era ainda muito *criança*.

O mestre annuiu ao pedido, e no outro dia o papai levou a escola o *pequeno*, que, ao entrar, causou grandes risadas a todos os alumnos por causa do seu tamanho, pois que era um verdadeiro *marmanjão*.

—Que edade tem? perguntou o mestre.

—Quinze annos incompreto, respondeu o rapaz.

—Já sabe alguma couza?

—Nhôr sim, tornou elle; eu sei armá laço pra caçá tico-tico.

ANNUNCIOS.

Vende-se.

A boa venda sita a rua de Santo Antonio da Mouraria, quina da travessa do Castacheda n. 2 em razão do dono retirar-se da capital; achando quem dê o merecimento da casa tem bom commodos para morada, quintal. Trata-se na mesma.

O Sonho.

Linda aria para canto e piano.

Publicou-se e acha-se exposta á venda na loja do Sr. Laurentino Olympio da Silva, esta excellente composição do distincto professor José de Sousa e Aragão, nitidamente litographada, com retrato de Mlle. Agnese T. Murry, a quem foi dedicada.

Continua-se a vender as seguintes modinhas do mesmo autor—Minha Lyra, Tarde e bem tarde, Sob o cypreste e os Arrufos de meu bem (chula).

O armazem de molhados sito á ladeira do Rosario da Baixa dos Sapateiros n. 8, offerece grandes vantagens ás pessoas que queiram honrar este estabelecimento—1.° vender os melhores generos que ha no mercado; 2.° pelo menor preço possivel, so ganhando o desconto; 3.° o bom agrado aos freguezes. Quem vier verificar não tomará mais o encommodo de descer á cidade baixa para comprar os mesmos generos pelos mesmos preços e talvez mais caro. Adverte-se que o armazem é quasi defronte da egreja um pouco mais baixo. Tambem vende a praso as pessoas que queiram fazer pagamento em fim de mez. Tudo isto se fará porque as compras são feitas ied primeira mão e quasi todas á ernn bom desconto.

Na rua direita da Misericordia casa n°. 29 ao entrar se dirá quem dá dinheiro sobre penhores, assim como quem compra prata, ouro e joias.

O abaixo assignado encarrega-se de fazer portas, janellas, peitoris, marcas de caixilho de vidraças e qualquer armação de loja ou venda; á tractar com o mesmo na ladeira da preguiça n. 12, ou no armazem de madeiras do Sr. Carrascosa na rua da Preguiça n. 11. *João Eufemio das Virgens.*

Vende-se um bom relogio de parede, que alem de dar horas e quartos, aponta os mezes, e seus dias, dias de semana, e lua desde nova até cheia, com a maior exactidão: para ver e tratar no Maciel, casa, que faz quina para o becco do Ferrão.

Noticias colhidas á ultima hora.

—Na noite de quinta para sexta-feira amanheceram de novo roubadas as barracas do Caes Novo.

—E' preciso que os ladrões tenham plena certeza do abandono e esquecimento da policia para serem tão amiudados e frequentes.

—Mas o Sr. Dr. chefe de policia é energico e attencioso; por certo desta vez attenderá ao reclamo daquella classe que se vê perseguida dos larapios.

—Veja o que faz a impunidade.

O creoulo Leopoldo que feriu ao de nome Fortunato com uma lima, em quanto este dormia, em sua casa á estrada de S. Lazaro, foi solto quinta feira.

Em regosijo deu um samba; e nos *prazeres* de que se achava embebido, espancou a uma mulher que, por sua vez, ia lhe decepando uma orelha, originando se deste accidente grande conflicto entre os convivas os quaes recorreram á seus cacetes e facas.

—Que quer, esses desordeiros todos tem protecção.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 88.ª — QUINTA-FEIRA 7 DE DEZEMBRO. — Ns. 874—875.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

A Conceição.

Amanhan commemora a egreja a Conceição de Maria Santissima, isto é, o acto de quando Sant'Anna concebeu no seu bemaventurado ventre, Aquella que havia de ser Mãe do Redemptor do mundo, segundo a promessa de Deus quando Adão peccou, comendo o fructo da arvore da sciencia, fructo que Elle lhe havia prohibido de tocar, e então amaldiçoando a serpente de que o demonio se servira para persuadir á Eva que infringisse a ordem do Creador, arrastando na desobidiencia a seu marido, disse que a mulher esmagaria a cabeça da serpente, sendo o sentido d'esta promessa, que d'ella viria o Salvador do mundo, para nos libertar do captiveiro do demonio, visto como tornou-se a humanidade, pelo peccado de Adão, sujeita ao demonio, promessa que cumpriu-se quando Jesus Christo, Filho de Deus, tomando, por obra do Espirito Santo, no purissimo e virginal ventre de Maria Santissima antes e depois do parto, o envolucro corporeo, isto é, fazendo-se homem, quebrou os infernaes grilhões, e deu ao homem entrada no Reino de seu Eterno Pae!

E' por conseguinte o dia de amanhan um grande dia para a egreja christan!...

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 6 de dezembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que por espirito de humanidade visite a cadeia da Correcção para ver com seus olhos o que ha de horror e miseria n'aquelles ergastulos. O estado immundo da prisão, o pessimo alimento, a penuria, a nudez, em que vivem os presos e até um infeliz que está se decompondo em vida, tendo parte do corpo em putrefação; tornam um quadro de desgraças que impossivel é que não mova os sentimentos de S. S. a melhorar as condições de semelhante masmorra, suavisando desta forma o soffrimento dos desgraçados, que se acham nella encerrados.

—As prisões do forte de S. Pedro foram theatro de um drama de sangue na terça-feira a noite.

—Sempre desastres!

—Dous forçados que se achavam cumprindo pena militar esfaquearam-se mutuamente, cahindo um morto á segunda facada.

O que matou era condemnado a 20 annos, e ja tinha cumprido 12.

—E agora aggravou crime sobre crime.

—Horrores do captiveiro.

O pardo-escuro Salustiano, para evitar o castigo, que receiava lhe querer applicar seu senhor, precipitou-se, na segunda-feira á tarde, do 1.º andar da casa contigua ao theatro, sobre a ribanceira, sobre a qual fica o referido 1.º andar á immensa altura.

Foi conduzido moribundo ao hospital, procedendo a authoridade ao exame legal.

—Até quando, Deus do ceu, si hão de repetir essas scenas de tremendo desespero?

—No sabbado ás 11 horas da noite atravessava a rua do Bispo uma mulher carregando uma pequena bandeja com doces e comida. Dous guardas de policia que estavam na porta dessa repartição chamaram na e como a mulher não lhes desse attenção, foram sobre ella e um delles dando lhe uma bofetada atirou com o carrego ao chão, e o outro aproveitando a monção apoderou-se de um caixão de doce de araçá.

—Desta forma é que os soldados de policia policiam a cidade.

—Da parte dos Revms. parochos deve haver escrupulosa attenção, minucioso exame, pela fiel observancia da lei de 28 de setembro.

—Nó que toca aos baptisados dos nascituros?

—Que duvida! Pode-se dar muito abuso, muita embaçadella, nestes primeiros mezes. Eu sei de uma casa na freguezia da Sé,

onde se está deixando que uma creança nascida em principios de outubro fique mais taluda para ser baptisada como escrava, dando-se-lhe na idade mais dous mezes. Porem eu pretendo avisar ao cura desta intenção criminosa, communicando lhe o nome da senhora, o da creança e o da mãe desta.

—E faz uma acção louvavel.

Assim como si o governo não tomar medidas preventivas, muita creança ha de apparecer abandonada pelas estradas, portas de egrejas, e outros logares, pois que muitos senhores faltos de humanidade, serão capazes de tanto.

—Como dizia, os parochos devem ser sollicitos em exigir toda clareza que faça arredar qualquer suspeita de que baptisam uma creança contra o disposto na lei.

Estou que o Revm. coadjutor da Conceição da Praia ficou vacillando, si no domingo baptisou tres creanças livres ou escravas.

—A razão?

—Porque foram para baptisar tres meninos que elle entendia estarem muito verdinhos para terem nascido antes da lei e pondo duvida em baptisal-os como captivos; e decididamente não o queria fazer em tal condição.

Appareceu porem pessoa de influencia que asseverou, teimou, gritou que as creancinhas nasceram no jugo do captiveiro e o coadjutor cedeu....e administrou-lhes o sacramento que lava da culpa original, como taes.

—Eu no caso delle não o faria sem estar plenamente convencido; mormente si a pessoa empenhada tivesse interesse no dominio dellas; fosse muito embora algum potentado.

—Estou acapacitado de que o Revm. coadjutor baptisou as creanças constrangido e duvidoso, porque na verdade ellas eram muito tenrazinhas; mas deve se accreditar na palavra dos homens.

—Quantos para diante deixarão de ser baptisados ahi por fora para serem conservados no captiveiro.

—Eu sou de opinião que neste ponto não devem haver considerações nem condescendencias da parte d'aquelles a quem couber a tarefa de executar a lei, que ha de um dia tornar todos os filhos do Brazil cidadãos livres.

—Com duplo motivo os sacerdotes.

— Capitão, será para bem da saude publica que se conserva um pantano perto do arco desde que se calçou a Estrada Nova, onde passam todos os dias milhares de pessoas? Ha tanto empenho em saber-se a causa das muitas molestias que apparecem, e não se olha para tão pernicioso fóco de infecção, —pode-se dizer dentro da cidade!—Gasta-se tanto dinheiro superfluo, e só a saude publica merece talvez bem pouco!

—Meu amigo, o que prevalece n'esta terra é o interesse individual. Cada um trata de si; do bem geral ninguem se importa. Quando se pede votos para ser vereador ou deputado não pense que é com vista nos melhoramentos geraes.

—O alicerce da casa demolida na Praça de Palacio até o da casa onde tem livraria o Sr. Martin, acha se todo fendido, assim como tambem está a muralha que dá para o becco do Grelo.

—Mas que quer? é o resultado do continuo quebramento de pedras á polvora!

—O tribunal do jury da capital da Bahia, acaba de dar solemne prova de irrefragavel justiça condemnando o deflorador Lycurgo Moscoso, que em novembro do anno passado levara para um hotel uma menina de 12 annos, sua prima, e ahi violara sua castidade virginal, empregando para tão libidinoso fim o execravel meio de ministrar á victima bebidas alcoolicas.

—O castigo foi bem merecido; com quanto a pena, por diminuta, não esteja na proporção do ultraje feito á sociedade, nem repare o damno causado á offendida.

—Defeito da lei.

Esse Moscoso é homem, cuja indole libidinosa levou-o a dizer á vista de immensos empregados da repartição onde elle tambem o era, que achando-se no collegio de educação de uma sua irman saciára seu desordenado apetite em 31 alumnas do mesmo e que si não se retira tão depressa, sua propria irman não estaria isenta!....

—Que natureza depravada!... que homem corrompido!....

—Ouça agora esta que é de pasmar.

—Tão extraordinaria é ella?

—O Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho, teve o inaccreditavel arrojo de apresentar-se no jury para assistir, como espectador, ao julgamento do seu comparsa no crime!

—E' até aonde se pode affrontar a moralidade publica! O maior escarneo que se pode fazer das leis do paiz; o mais requintado e mofador despreso á acção da justiça, o mais positivo desacato as authoridades!

Um reu pronunciado ir ostentar-se na sala do tribunal que o tem de julgar, fazendo parte do auditorio como observador!

—O povo que alli se achava reunido, vendo o Sr. Godinho repinpado nas bancadas, pronunciou-se indignado á uma voz contra a ousadia do escandalo, e o Sr. Godinho foi for-

cado a retirar-se, obrigado pelas vehementes reclamações e clamor que de todos os lados partiam.

O Sr. Dr. juiz de direito vendo a agitação, ignorando a razão della, chamou as galerias á ordem; consta que sabendo depois que a presença do Sr. Godinho tinha sido a causa, reprovou severamente o procedimento deste e declarou que si o tivesse visto, o mandaria expellir da sala.

—Cada vez o publico vá se convencendo mais do menos-preço com que o Sr. Godinho zomba da opinião.

Não admira a animosidade delle em ir assistir á sessão do jury que tinha de julgar o Moscoso, quando no dia em que compareceu no tribunal para responder á chamada como reu, poz se de uma janella a fazer *gracejos* para duas crioulas, filhas do africano Cypriano, morador á ladeira de S. Francisco e cuja casa deita as janellas de um lado para a casa do jury.

—Isso será molestia nesse homem? Que desordenada luxuria!....

—Teve logar no dia 2 do corrente a reunião do professorado, para a qual havia sido convidado antecedentemente, deliberando elle crear uma sociedade Monte-Pio afim de garantir o futuro de suas familias.

Em seguida foi nomeada a mesa provisoria e bem assim uma commissão de 9 membros para formular os estatutos.

—Capitão, sabbado será levado á scena pela companhia *Zarzuella,* em beneficio do sympathico José Maria, a opera em 3 actos denominada *o Dominó azul.*

O beneficiado ainda mais uma vez conta com a coadjuvação de seus patricios.

—E é de esperar que seja grande a concurrencia; é tempo de festa e elle precisa de comprar os *cajús!*...

— Capitão, venho lhe dar uma noticia pezarosa.

—Vicente Tupiassù, antigo professor de primeiras lettras, morador na freguezia da Sé, era casado com a creoula Felippa Maria de Santiago, a qual se achava doente a algum tempo. No sabbado pelas cinco horas da manhan rendeu Felippa a alma ao Creador. Seu esposo sahindo para tratar do enterro, foi subitamente accommettido de um ataque na rua e cahiu. Carregado para o hospital de caridade, expirou ás 5 horas da tarde. Ambos estão hoje sepultados na Quinta dos Lazaros.

—Unidos na vida, não se quizeram apartar pela morte.

Uma prece christan pelo repouso eterno dos dous conjuges.

—Um goivo de piedosa lembrança sobre as campas d'aquelle par, para quem a vida foi cheia de agruras.

—Quem é o chefe de policia?

—Pois V. não sabe que é o Dr. Aurelio Espinheira?

—E o Evaristo das bolas o que é?

—Mata cachorros, creio; dizem que tambem é agente secreto da policia.

—Quaes são as attribuições dos taes agentes secretos?

—Quanta pergunta despropositada está V. a fazer hoje!

—Pergunto si taes agentes podem prender e soltar por conta e risco delles.

—Veio disposto a massar-me?

— Eu não pergunto sem motivo.

—Então diga qual é elle, e não esteja a encafifar-me com perguntas futeis.

—Na sexta-feira á noite o Evaristo prendeu duas mulheres de vestido, e fel-as recolher por dous policiaes á guarda da repartição da policia; no outro dia de manhan chegou ahi e ordenou que fossem soltas; o commandante promptamente obedeceu; abriu o calebouço onde estavam detidas e deixou-as ir em paz.

—Era isso?

—E acha pouco, capitão?

—Pois V. a tomar-me o tempo com cousas que não vale a pena!

—Está direito! Até o Evaristo das bolas ja tem poder nesta terra para dispor da liberdade individual a seu bel-prazer.

LÁ VAE VERSO.

Carta de Jericó a seu compadre Falúa.

Ha muito, meu bom compadre,
Que não converso comtigo;
E tenho muito a dizer-te,
Tu não te enfades commigo.
A ferrugem desta lingua
Hoje pretendo tirar,
Com teu devido respeito
D'este tempo vou fallar.
Começo, charo compadre,
Por nossa religião,
E n'ella fallo, é verdade,
Com pena no coração.
Os nossos padres de hoje,
Com a devida excepção,
Fazem do pulpito santo
Desabafo de paixão.
Quantos escandalos vemos

Na classe sacerdotal!!
Até ha frades fujões
Neste tempo sem egual.
Viro folhas, meu compadre,
Em padres não fallo mais,
Busquemos em outras classes
Outros, que sejam eguaes.
Aqui p'ra nós, ninguem ouça,
Da nossa terra a justiça,
Tudo qu'é justo aborrece,
Tudo qu'é ouro cobiça.
Tantos doutores que temos,
A alguns não offendendo,
As pragas da nossa terra
Não te parece vão sendo?
E qualquer d'elles possue
Fumaças de sabixão,
Porem o mais presumido
E' o maior toleirão.
Senhora dona Politica,
De vosmincê que direi?
A seu respeito, senhora,
Ao compadre que direi?
E' seu pae, disse um amigo,
Que de perto o conheceu
O general Interesse,
Qu'a todo mundo venceu.
Na matriz da santa Intriga
Foi vosmincê baptisada,
Madrinha dona Mentira:
Oh! que feliz afilhada!!
Foi seu padrinho tambem
Aquelle antigo senhor,
Qu'outro tempo obrigou Judas
Vender a seu Creador.
E tendo a senhora dona
Tão subida geração,
Poderá ser cousa boa
Somente por excepção?
Compadre, deixemos isto;
—E' cousa fastidiosa,
Agora vamos fallar
Em materia mais gostosa.
Sobre as meninas da moda
Qual será o teu juizo?
No coração teem o fel,
Na boca sempre o sorriso.
O namoro d'este tempo
Faz-me chorar, faz-me rir,
Ja sou velho, tenho medo
Não vá meu queixo cahir.
Hoje qualquer bigorrilha
Muita importancia quer ter,
Cada um quer ser Narciso,
Suppõe mil nymphas vencer.
Do caboc'lo aquelle caso,
Muitas vezes tenho visto,
Si as ruas tivessem boeca
Já tinham fallado n'isto.
Tambem ha certas meninas,
—Muitas pessoas conhecem,
Que dos paes tão innocentes
Uma surra bem merecem.
Senhor velho remoçado,
Senhora velha gaiteira,
Com licença, me perdoem,
—Não fogem da ratoeira.
No espelho, minha gente,
Vocês não vão se mirar?
As cans, a face rugada
Não podem desenganar?
Emendem-se: mais não digo
E nem mais palavra fallo,
Não quero enfadar aos velhos
Tambem sou, por isso calo.
Compadre, oh meu charo amigo,
Não causa admiração,
O luxo de certa gente,
Que não ganha um só tustão?
Não tiraram sorte grande,
Não furtam, isto he verdade,
Lordeiam, jogam, dão bailes,
Que tamanha novidade!
Resolve-me tal problema,
Tu és capaz, não m'illudo;
Aquillo pois que souberes
Não m'ocultes, dize tudo.
N'este mez quantos sugeitos
P'ra casar foram seguros!
Talvez fosse o muito frio,
Qu'os metteu n'estes apuros.
Tinha muito p'ra dizer;
Porem basta de massada:
E no gosto de casar
Fique esta carta acabada.
O ponto final por tanto
Eu faço, querido amigo,
N'um d'estes dias te espero
Para passares commigo.

O Jericó.

A PEDIDO

—As 8 horas da noite do dia 24 de novembro, Valentim de tal, trabalhador da Companhia Bahiana espancou á Luiza Maria de França, porque esta não quiz dar ouvidos a seus estupidos gracejos. A mulher vendo-se ensanguentada gritou *aqui-d'elrei*; apparecendo a patrulha e reconhecendo no aggressor um conhecido, ensinou-o que corresse. A offendida tomou a deliberação de ir queixar-se ao subdelegado, que prometteu providenciar no dia seguinte.

Vendo a queixosa nenhuma providencia apparecer, recorreu ao Illm. Sr. Dr. chefe de

policia, de cuja alta justiça espera a punição do delinquente.

—Que carrança é aquelle meio moço e meio velho?

—E' o *abre portas* de um *candomblé* de *brancos*.

—Arrenego! O diabo tem cara de *padeiro*.

—*Ja foi*. Hoje *mora* n'um *paço* que pertenceu ao *Saldanha*.

—Aquelle melcorio é finorio. Morreu-lhe um compadre, homem que *fabricava ferro* na *Indolencia* e o bicho arvorado em testamenteiro, chamou a si o espolio e o está desfructando em quanto os pobres orphãos soffrem privações e penuria.

O animal é uma especie de *sappo d'attracção* dos que ha em *Braga*. Teve labias adocicadas para convencer á filha de seu compadre a ir para sua companhia; mas hoje, coitadinha, ella arrepende-se pela fome que traga, pelo mau trato que recebe.

O sabidorio fez uma partilha mesmo de esperto. Objectos de ouro *derreteram se;* brilhantes *evaporaram se;* sem fallar de uma letra de *oito centos paus,* que virou cinza.

Ainda o corpo estava em casa e ja elle como gallinha de cisqueiro esgaravatava arcas e gavêtas e arrecadava tudo; e para que nada lhe escapasse das unhas rapinorias enganou a quem estava de conta dos objectos dizendo que o *consu ia* tomar posse de tudo e que nesse caso lh'os entregasse, porque os guardaria e depois da visita daquelle tornaria a dar. E com essa astucia chamou á folha não so o que era do compadre, como o que pertencia á uma pobre mulher que cahiu na esparrella.

—Ao menos si lhe doesse a consciencia e elle desse tratamento aos meninos! Porem qual! O rapazinho anda sujo e rôto na rua, demanhan quando vae para a tenda da-lhe os restos da meza para levar; comida fambuzada e azeda que elle não podendo tragar deita fora e vae comer em uma casa conhecida. Não tem um fato melhor para mudar aos domingos; entretanto seu pae deixou!

A menina soffre da mesma sorte. Não come na meza, não vae á salla, nem apparece ás visitas; em quanto a filha do magano anda sempre calçada, e penteada; tem bons vestidos; passeia, vae a festas, a bailes, a funcções.

—O sugeito é experto *fino de Braga!*

—Está se locupletando de tudo quanto o compadre possuia. Aquelle trabalhou, esforçou-se, economisou para não deixar seus filhos na indigencia; veio a morte, e o que elle temia, realisou-se. Em quanto um desleal compadre desfructa seus bens; seus filhos soffrem!

—Não será sempre.

Vou mandar o maxingueiro agarrar o gavião e ajustar contas com elle.

Continúa.)

— Um portuguez empregado nos Trilhos Urbanos, feriu gravemente a um trabalhador da mesma companhia na terça feira as 5 horas e pouco mais da tarde na Graça.

O offendido recebeu duas formidaveis cacetadas: uma no craneo e outra no braço direito.

O aggressor fugiu.

—Depois de tão bello feito, o que ficava fazendo?

—O homem que faz por viver tornando-se laborioso e diligente, acarreta sobre si o olhar vesgo da inveja.

A calumnia despeja-lhe botes para desconceitual-o e tornal-o mal visto ante aquelles que aquilatam seu procedimento.

Ha dias chamou-se a attenção da policia para uma casa, em que se dizia jogos, barulhos, encommodo a visinhança, etc., o que tudo consente seu *afortunado* dono, visando somente interesse.

O autor dessa informação não teve em mente mais do que por meio de uma intriga mesquinha chamar o odioso sobre o dono da casa á que se refere, porque nella não ha os jogos alludidos. O dono de tal casa é um artista que trabalha a semana inteira de dia e algumas noites e nos domingos reune dous ou tres amigos para entreterem-se em jogos de passatempo como sejam, os *tres sete*, a *bisca*, e o *solo*.

E' dahi que tirou o author da exagerada informação motivo para chamar a attenção da policia; dizendo que nessa casa se pratica horrores.

Fique pois assim desmascarado o author da intriga.

—Gentes, aquelles homem perdeu o siso?

—Respeite, que é um sacerdote.

—Ainda melhor! E no meio da rua empunha o chapeu de sol para um seu desaffecto e cobre-o de insultos e ameaças, quando este nada lhe dirigiu; somente porque passou pelo mesmo lado do passeio por onde vinha elle; do que mal nenhum resulta, sendo o passeio largo como é aqui na rua da Lapa.

—Tomou como acinte, sem duvida.

—E' preciso não ser tão espinhado das canellas.

Que faria então si tivesse de encontrar-se com alguma pessoa de quem não gostasse em *certo rio*, onde a passagem é estreitissima?

O padre não deixa de ser homem, e por ser padre não está obrigado a soffrer injurias e offensas, porem sem ser provocado representar de espadanchin, faltando ao preceito do Divino Mestre que ensinou aos discipulos soffrerem as affrontas, mas nunca as exercessem, é muito triste.

—O Sr. Godinho em viagem para o Mar Grande disse a bordo do barco em que ia que a accusação que soffria era uma calumnia que lhe armaram alguns *bodes e negros* que o queriam perseguir; porém que a justiça o que *queria era dinheiro* e que elle o tinha para gastar; que seis ou oito contos de reis não lhe faziam differença, e que elle havia de mostrar que se livraria.

Essas palavras foram ditas á vista de muitas pessoas de conceito, as quaes, acreditamos, não se negarão a confirmar o que ouviram, si acaso for necessario invocal-as.

Felizmente a allusão infamante que o Sr. Godinho quiz atirar sobre a magistratura desta terra não pega; porque elle bem o sabe e tem convicção disso, até hoje ainda não ponde corromper a justiça.

Ja se foi esse tempo.

Mas, porque hade o Sr. Godinho, sempre que trata do seu ominoso crime, de taxar de *bode* ou *negro* á qualquer pessoa que não pactua com a sua licenciosidade?

Julga que com isso desdoura ou avilta aos filhos desta terra?

O Sr. Godinho é um portuguez, branco, é verdade, mas si for a comparar-se o seu procedimento ao de muitos pardos ou pretos, de certo estes não se quererão medir por sua bitola.

O Sr. Godinho é um homem que não pode conter o excesso de paixões desordenadas de que é possuido, e as deixa transpirar aos olhos da sociedade de um modo a chamar sobre si a reprovação geral.

E' um negociante, casado, matriculado e condecorado, que tinha uma casa alugada para dar pasto á luxuria.

E para ahi não se contentava de arrastar somente as miseraveis mercenarias da devassidão.

Seduzia tenras virgens para esse antro e nelle execravelmente devorava-lhes a pureza virginal, atirando-as ao charco da prostituição.

Raptou e defloron uma menina; foi preso e accusado. Como se defendeu? Procurou os meios honestos e legaes? Apresentou-se nos tribunaes com a franeza do homem que tem a consciencia pura; daquelle que é accusado injustamente e tem fé na sua innocencia? Não!

Recorreu ao dolo, ao subterfugio, ás testimunhas falsas, ao assalto á justiça, quiz illudir a boa fé dos julgadores, quiz supplantar e sorprehender a parte desvalida.

A principio empregou os meios de corrupção—empenho e dinheiro; depois usou dos inconfessaveis, illicitos e deshonestos. Para sua confusão, bastaria, entre outros, citar os nomes das testimunhas de que lançou mão.

E desde que o Sr. Godinho é accusado pelo crime a que o levou sua desmedida licenciosidade, qual foi o passo que ja deu em sua defeza, que não fosse uma estrategia que a honestidade reprova? Como se tem apresentado nos tribunaes; diante dos juizes que o julgam? Elles o têm visto e em suas consciencias têm o procedimento do Sr. Godinho lhes gravado o quanto é este criminoso.

Aqui, para exemplo, basta mencionar um facto.

No dia em que o Sr. Godinho compareceu no jury para responder como reu, succedendo que o juiz se demorasse um pouco, dirigiu-se elle á mãe da menor, que tambem alli se achava, como authora, e aconselhou a a que se retirasse, que elle tambem se ia embora, pois naquelle dia nada havia. O fim era para que a pobre mulher, inexperiente, se retirasse e fosse julgada a acção perempta.

—E ainda tem animo esse homem de encarar e dirigir palavras á aquella sobre quem atirou a deshonra e a infamia!

—Mas si a pobre mulher é negra, como elle chama, e as *pardas e negras* ja nascem sem honra, no seu dizer...

Ja agora convém relatar um outro facto que se deu no mesmo dia.

Conversava com algumas pessoas á entrada do salão e apregoava sua innocencia, inculcando-se de que era calumniado, porém que o calumniassem como quizessem, com tanto que não se dirigissem a elle, porque então *tinha um ferro bem comprido* para atravessar um.

—E' na porta do tribunal que o tem de julgar, que o reu que vê suspensa sobre a cabeça a condemnação de seu crime, vae ostentar outro crime!.....

Entre os requerimentos despachados pela presidencia da provincia no dia 29 de novembro ha o seguinte:

«N. 5112.—Perpetua Maria da Silva Godinho, pedindo permissão para vender uma pequena casa terrea que possue ao Porto dos Tainheiros, freguezia da Penha, edificada em terreno nacional, ao negociante Alexandre Tuvo, por 800$ rs.—Informe o Sr. inspector da thesouraria da fazenda.

VARIEDADES.

Visita d'um importuno.

Um presidente do parlamento de Bordeus apresentou-se um dia á porta do academico conde de Serraut, e perguntou a um famulo si o amo estava em casa.

O creado disse-lhe que sim: e foi annunciar a visita.

—Como, exclama o conde, pois tu disseste a esse importuno que eu estava em casa? Corre, e vae dizer-lhe que estou muito doente.

—Isso não pode ser! exclamou o presidente, quando o creado lhe deu o recado; ainda hontem o vi de perfeita saude. Pois bem, quero tomar-lhe o pulso para conhecer a intensidade da doença.

O creado já desconcertado veio dar parte ao amo do mau resultado da sua evasiva.

—Vae, gritou o conde, vae dizer-lhe que morri.

O creado todo tremulo veio dar a triste nova ao presidente, e este erguendo os olhos ao ceu, insiste em ver o morto para lhe deitar agua benta.

Volta o creado a advertir o amo da obstinação do presidente.

—Sim? exclama o academico cheio de colera; vae então dizer-lhe que me levou o diabo!

Um habitante de Tribourg, diz a *Gazeta de Lausanne*, apresenta-se ha dias no estabelecimento do correio em Lausanne, e pede um valle de 100 francos. O empregado faz-lhe as perguntas do uso:

—Quem manda?

—Jacques Mathieu.

—Quem é o destinatario?

—Jacques Mathieu, em Estavayer.

—E' vosso parente?

—Perdão, sou eu mesmo.

—O senhor manda a si mesmo um vale para Estavayer?

—Sim, senhor, vou para lá, e lá receberei o dinheiro.

—Mas porque o não leva então?

—Ora ahi está: é que eu conheço-me, e creio que si o levasse commigo, o dinheiro não chegaria a Estavayer: d'este modo estou certo de o achar lá onde me é preciso.

Quantas pessoas se dariam bem usando do expediente do prudente suisso!

Crime horroroso.

Um jornal do Indostão relata o seguinte facto, que é horroroso.

O magistrado do caminho de ferro esteve occupado no sabbado passado em investigações preliminares, acerca da accusação de um crime, que se diz ter sido praticado na pequena villa de Bhugwan, 2 milhas distante da estação de Decksal.

Quinze pessoas são accusadas de directa ou indirectamente terem tomado parte no crime.

O depoimento das testemunhas é dos mais horripilantes. Dizem que uma joven viuva do Marwarrie, de cerca de 20 annos de idade, foi encontrada em estado de gravidez; que um irmão della foi buscar uma mulher velha á uma povoação proxima, afim de lhe administrar drogas para a fazer abortar; que depois das drogas terem sido administradas á joven viuva, durante tres dias seguidos, e sem terem produzido resultado algum, o irmão deu ordem á velha para lhe dar uma bebida que lhe causasse a morte; que a bebida foi effectivamente preparada, e offerecida á joven victima, que a recusou, e que o irmão della, e outras pessoas da familia lh'a deitaram á força pela guela abaixo; que depois disto a victima pedira aos seus algozes que lhe dessem agua, a qual lhe foi negada, e que a victima se arrastara até o local onde encontrava a agua, e pegara em um pucaro de latão cheio d'agua para a beber, mas que este lhe fôra logo arrancado das mãos, e em seguida a empurraram para um quarto escuro onde a fecharam; que no dia seguinte de manhan cedo se fizeram preparativos na casa para a levarem para fora afim de a queimarem na fogueira; e que ella fôra levada para fóra de casa por seu irmão e outras pessoas da sua familia, estando ainda viva.

Diz mais a denuncia que a collocaram sobre uma pyra, á que largaram immediatamente fogo; e que, quando as chammas se aproximaram do corpo da infeliz victima, ella, em suprema agonia, deitava fora de si as bolas de estrume, com que lhe tinham coberto o corpo, afim de atearem o fogo; e conseguindo ella, por um supremo esforço, saltar para fóra, seu irmão e outro individuo, empregando forquilhas, a tornaram a por em cima da fogueira, e a fizeram assim conservar até que ella ficou completamente queimada. Affirmam as testemunhas que o chefe de policia da villa, onde este horrivel crime se praticou, recebera 500 rupias do irmão da victima, antes do veneno ter sido dado, afim de consentir que esta tragedia podesse ter logar; e que muitos outros receberam varias quantias para não prevenirem ás autoridades inglezas.

Esta tragedia foi descoberta e denunciada

pelo inspector de policia do caminho de ferro, Abdool Feroze.»

Si este facto assim se passou, tal qual foi relatado pelas testemunhas, será um dos mais horriveis assassinatos, de que ha memoria na India.

Carta original de um typographo á sua amante.

Minha querida *Lettra redonda:*

A *caxeta* de meu peito está trasbordando de *typos* para *compor* a palavra—Amor. E sabes, minha adorada rosa de maio, por quem e? Não adevinhas?... Ah! que desfalleço e quasi que me cahe das mãos o *componedor*... E' por ti, por ti a *galé* de meu peito está repleta de *composição*! A cada *linha* que *justifico* salta em bello *versalete* o teu nome adorado. Eu amo-te e este amor é tão *compacto* como um *paragrapho* de *meia pagina!*

Olha, queres que te diga? já não tem conta os *saltos* que dou no *autographo*, quando penso em ti. Vem, vem, minha bella flor da primavera com tua mimosa resposta dar *realce* aos *traços* com que meu espirito *adorna* a tua imagem *emblema* perfeito de minha alma.

A minha existencia é cor de *tinta de imprimir*; só tú a poderás embranquecer e nella preencher o muito *espaço* que ha. Que *provas* mais convenientes da minha lealdade te poderei dar, senão que tenho os *filetes* do coração *espacejados* com os *quadrados* da maior ternura!

Amo te! e este amor é *emendado* com desejos que só o coração de um *typographo* pode experimentar na *caixa alta* de seu peito.

Espero as tuas *linhas* em resposta á esta minha *tiragem* de amor.

Teu pae, que não é *cylindro* secco, e por isso sensivel aos nossos desejos, não deixará de querer fazer comigo *linha de união*, concedendo-me a tua eburnea mãosinha.

Serei teu esposo;-e então *combinados os enfeites* de tua alma com as *letras de fantazia* do meu coração, viveremos tão venturosos e bem casados como duas *fontes de typos* do mesmo *corpo e caracter*. Formarei *paginas inteiras* de prosa e verso, onde só brilhará o teu nome *impresso* em *cores* as mais vivas.

Será meu peito o *prelo mechanico* de nossa mutua *officina* e tú mimosa *rivisora e collaboradora* de nossas futuras *obras* de amor.

Teu fascinado amante.

José Ponto e Virgula.

N B. Escrevo á hora em que acabo de *distribuir o typo*, aguardo que do escriptorio me mandem os *autographos*.

ANNUNCIOS.

Pharmacia Gouveia.

NA RUA DA VALLA.

Acha-se aberto este estabelecimento á concurrencia do respeitavel publico, que o encontrará sempre convenientemente sortido de todas as drogas simplices e compostas, as quaes vende pelos preços do commercio. Avia com sinceridade, promptidão e aceio qualquer receita, e para esse fim, alem de seu proprietario que é pharmaceutico formado em 1860, tem um ajudante com pratica de 15 annos e de muita intelligencia.

Monte-Pio do professorado.

Pela mesa provisoria são convidados todos os Srs. professores, de um e de outro sexo, que desejarem fazer parte d'esta associação, e que deixaram de comparecer á reunião do professorado em 2 do corrente, a declararem, por meio de cartas dirigidas ao 1.° secretario, que poderão ser deixadas na directoria da instrucção. Bahia 3 de dezembro de 1871. *João Theodoro Araponga.*—1° secretario.

Na rua direita da Misericordia casa n°. 29 ao entrar se dirá quem dá dinheiro sobre penhores, assim como quem compra prata, ouro e joias.

O armazem de molhados sito á ladeira do Rosario da Baixa dos Sapateiros n. 8, offerece grandes vantagens ás pessoas que queiram honrar este estabelecimento—1.° vender os melhores generos que ha no mercado; 2.° pelo menor preço possivel, so ganhando o desconto; 3.° o bom agrado aos freguezes. Quem vier verificar não tomará mais o encommodo de descer á cidade baixa para comprar os mesmos generos pelos mesmos preços e talvez mais caro. Adverte-se que o armazem é quasi defronte da egreja um pouco mais baixo. Tambem vende a praso as pessoas que queiram fazer pagamento em fim de mez. Tudo isto se fará porque as compras são feitas ied primeira mão e quasi todas á ernh bom desconto.

A's Exmas. Sras. pianistas.

Acha-se exposta á venda nas lojas de charutos ás Portas do Carmo n.° 71 e na de calçado do Sr. Luiz de Oliveira Vasconcellos á rua direita da Mizericordia e na do Sr. Albino Martins de Magalhães no Guindaste dos Padres e no Zuavo da praça do Commercio a nova e brilhante polka intitulada 14 de Setembro.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 8ª. TERÇA-FEIRA 12 DE DEZEMBRO. N. 876.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 11 de dezembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que o sobrado nº 32, atraz da Sé, apresenta uma rachadura desde a cornija até a ombreira da terceira janella do lado da rua da Mizericordia. Sendo esse predio o que faz quina para as duas ruas, é de receiar que em apparecendo as chuvas ameace imminente risco, pelo que cumpre providenciar em tempo a evitar qualquer acontecimento funesto.

—Ao mesmo, communicando-lhe que em uma casa defronte do Carmo se acha uma moça que foi raptada da casa paterna, rapto que é attribuido a um tal Godinho; pede se a S. S. que a mande ir á sua presença para ser interrogada a respeito.

—Ao Illm. Sr. inspector do trem do mar, esperando de seu zelo e actividade, que empregará todos os meios a seu alcance para descobrir o destino que teve um ou dous tubos do ventilador das fornalhas da machina.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, communicando-lhe que no domingo em uma casa ao Gravatá deu-se bolos em uma escrava desde 6 horas da manhan até as 10. Consta qne o nome da senhora é Virginia. Espera-se que S. S. por meio de sua authoridade intervenha contra tão barbaro modo de castigar.

—O estuporado Marcos Rabeca fez o diabo no dia da Conceição á noite!

—Logo em tão santo dia!...

—Quebrou a cabeça do pae com uma tranca, ralou a cara da mãe, espancou as irmans!

—Amaldiçoado!

—Desgraçou o pobre lar paterno.

Quebrou, espedaçou tudo; fez os moveis em cacos.

As irmans viram se obrigadas a refugiarem se em casa de uma visinha africana. Tudo procedido de uma bebedeira que tomou.

Quando viu que a policia vinha-lhe na pista, esgueirou-se pelos fundos, saltou um muro para sahir na praça dos Veteranos. Um dos policiaes, porem, experimentado, foi la se pôr de alcatéa, e quando viu o melro surgir no fosso, offereceu-lhe a mão para subir.

—Para isso não estava bebado.

—Acha-se de conserva prezo.

—Ainda não houve um chefe de policia que tomasse a peito dar uma correcção severa á semelhante peste!

—Pode ser que esteja reservado ao Sr. Dr. Espinheira conseguir tão proficua medida.

—Marcos Rabeca tem feito innumeras, em todos os sentidos, e sempre frescando.

—Contaram-me que no sabbado cahiu morto um preto, em Santa Barbara.

—Ouvi fallar nisso. Dizem que era escravo da D. Raymunda, conhecida pela *chapadista*.

—Tal qual. O que constou-me foi que elle trazia á cabeça uma sacca, e que arreando-a, foi queixando se de uma grande dor e cahindo.

—Quem pode contar com a vida!...

—Estava assentado, na sexta-feira, á borda de um pataeho que se acha em concerto na Ribeira de Itapagipe, de propriedade de um Sr. Azevedo, um marinheiro, escravo do proprietario do referido navio, a ver um sujeito tomar banho, cahiu ao mar e presume-se haver morrido afogado, por não ter voltado á tona d'agoa.

—V. não sabe verdadeiramente do resultado?

—Até hoje, segunda-feira, em que noticio á V. Ex. o facto, ignoro.

—O beneficio do José Maria esteve esplendoroso.

Com a acquisição de uma das melhores operas, como seja a *Zarzuella*—Dominó azul,—porporcionou este sympathico cidadão aos

habitantes d'esta cidade um bello e interessante divertimento.

O theatro esteve litteralmente cheio, divisando-se logo em todos os semblantes a mais viva animação e contentamento.

A escolha da opera, como já dissemol-o, recahiu bem; além de ser sua lettra bastante expressiva, a musica que a contorna, não o é menos.

De enredo pouco intrincado, pinta comtudo este drama em traços rapidos e decisivos as miserias que se mostram em continuo tumultuar na alta hyerarchia social; n'esta aristocracia immunda e lodosa, cuja vida phrenetica e irritante sopeia com incrivel despreso os sentimentos mais nobres da alma humana.

Desde o 1.º até o 3.º acto ha muita animação de scena; a actividade e o movimento desenham-se com força e energia.

Todos os actores desempenharam satisfactoriamente os seus respectivos papeis; primando, porém, o Sr. Ortiz, que verdadeiro actor, mais pela mimica, que pela voz, captou de um modo constante a attenção dos espectadores.

—Honra, pois, a esses briosos artistas, que cada vez tornam-se mais dignos pelo seu zelo e dedicação á arte, que tão dignamente professam.

—Não posso ver mal-feitos.

Um moleque armado de formidavel pedra premedita ferir a outro, este avança para tomar-lhe a arma offensiva. Chega um dos ordenanças do delegado, prende o ameaçado e manda o aggressor embora.

—Si não fosse assim, não era verdade que quem tem razão é qae vae prezo.

—Cada tempo apparece nesta terra uma cousa extemporanea.

Agora prendem-se as mulheres que são encontradas tarde na rua.

Medalha em reverso; prendem as mulheres e em conpensação deixam soltos os gritadores, quebradores de vidraças, perturbadores do socego nocturno e vagabundos.

—*Mudam-se os tempos.*

Nesta ventura.....

—Está chamando chuva?

—Quem canta seu mal espanta; mas eu não espanto mal algum.

—Canta por passa-tempo...

—Canto para disfarçar, porque si a gente quizer atinar com a explicação de certas cousas, endoudece.

—Então o que é que o preoccupa?

—E' que, ha dias, andou esta cidade assustada; a praça rachou; a montanha ficou abalada; os engenheiros declararam que o desabamento era inevitavel; prohibiu-se o transito pela rua d'Alfandega; os moradores viram-se obrigados a mudarem-se.

—Tudo isso ja sei.

—Mas não sabe que no dia seguinte se quebrava pedra a tiros na montanha e que um pedaço foi cahir dentro de uma casa.

—Intromettido, e isso é de sua conta?

—Capitão, já ha licença para os foliões do Spirito Santo.

—Não seja bobo.

—O que tem é que não sahem de dia, e sim de noite.

—Que falso!

—Ja por duas noites os encontrei no Taboão.

—Novelleiro, aquillo são moleques que andam á noite com uma bandeira e tambores a tocar pela rua.

—Está o que eu não sabia!

E a policia applaude o brinquedo?

—O que lhe importa saber?

—Estou aqui lendo um facto original.

—Leia que se ouça.

—«Em Jaguary, provincia de Minas, deu-se um acontecimento que parece o primeiro nos annaes da vida domestica.

Marido e mulher tomaram uma *camueca* fora da conta. Embriagado o casal, que aliás contava ja numerosa prole, o marido pediu á mulher que o castrasse, «porque bastava j[á] de filhos.» Annuiu a esposa ao pedido....

—Perdôe, isso ahi é que não creio.

—Si quer ouvir, não me interrompa.

A mulher annuiu ao pedido do marido e procedeu á operação. Sendo ella muito dolorosa, pediu o marido á consorte que o amarrasse, no que foi ainda satisfeito.

No dia seguinte cosinhada a bebedeira, veio o arrependimento como era natural; porem ja veio tarde; e a inconsolavel mulher o lenitivo que teve foi tratar do homem, e com muito segredo, afim de evitar, alem do mais, complicações com a policia.»

—Uma bebedeira que hão de amargar toda sua vida!

—Está ouvindo estes gritos?

—Estou. Onde serão?

—Em Santo Antonio da Mouraria. Ha por lá punhaes e espadas fóra.

—Então V. viu? Conte-me.

—Dous sugeitos dessa rua. Virgilio e Deo-

lindo e algumas praças dos caçadores á cavallo servindo de guarda-costas.

—Ora isto ás 11 horas para meia noite, é intoleravel.

—E hoje domingo que cada um quer descançar para amanhan cuidar em seu que fazer.

—Capitão, tenho á informar-lhe de certas gentilezas que grassam pela *nau Pedra*.

—*Nau Pedra!*.... Ao que dás semelhante nome?

—Pois não sabe. Exm., que assim chamam os *meninos da Candinha* ao *trem do mar?*

—Confesso te que não o sabia; mas o que ha?

—Eu lhe digo: do *vapor* que encalhou aquella vez no *recife*, foi despedido, ha tempos, certo ateador de fogo, cujo nome, sinão me falha a bola. *li-o ca de* terra. Este para não estar *aos paus*, foi buscar serviço em certo vaporzinho da *nau Pedra*, do qual é mestre certo *Cerbéro de bons costumes, homem arranjador da vida* e mui versado na descripção de *circulos em que fazendo centro o pollegar, os mais dedos, involuntariamente, descrevem circumferencia*. Nosso Cerbéro, maltractando com palavras offensivas o fogueiro, prometteu este vingar-se, e eis que, em um d'estes dias passados, pilha o nosso conceituado mestre desembarcando no caes da Aduaneira um bahu contendo quatro peças de lona, e diz lhe: o Sr. chamou me de ladrão; quem é presentemente o ladrão? Cala-te, responde este, não sabes que isto não é só meu?

O foguista, para não ser despedido, foi-se esgueirando e as peças de lona para baixo de coberta enxuta.

—Isto parece-me historia, no emtanto. vou officiar a semelhante respeito, ao mui digno e honrado commandante da *nau Pedra*, que deve estar alheio a todas estas especulações da sua guarnição.

A PEDIDO

—A praça rachou.

—Foi com o peso da luzidia e numerosa parada do dia 2 de dezembro.

Mofina.

Porque o Sr. A. J. da S. e A. ha cinco, ou seis mezes, que ficou viuvo com dous filhos menores, não fez ainda inventario; constando até que pretende passar a segundas nupcias?

Mariquinhas.

—V. me guarda um segredo?

—Si confia em minha descripção, declare-se.

—Veja la, não descubra a ninguem; porque si transpirar, decididamente *morro*; e *S. Paulo* me livre que tal aconteça tão cedo.

—Fique descançado.

—Um cabo de esquadra tinha em sua companhia uma prima. Bella menina! tinha o nome da *capital de Napoles*. O guloso do commandante cubiçou-a; mas a presença do cabo era um obstaculo permanente que se antepanha á satisfação de seus desejos; pelo que tratou de arredal-o, mandando-a á cidade. E nesta folga a rapariga passou a fazer parte da bagagem do commandante, pelo tempo que bem quiz.

De volta o cabo, impoz lhe o commandante casal-o com a prima, e este que é um simplorio *Jão-Jão*, especie de Bernardo *minimo*, gente de quem *lemos* tantas simplicidades, obedeceu á imposição, recebendo 20$ rs, por prestar se a *editor-responsavel* da obra do commandante.

O povo da terra porem que é folgazão, arranjou la um brinquedo de um *boi*, o que fez o commandante enfiar. e exasperado formar sua tropa e sahir com ella para combater com o povo; indo primeiro desafiar o subdelegado.

—Então, não quer que conte o occorrido a ninguem?

—Não, porque o *commandante* é homem da *botelha* e pode voltar sua ira contra mim, que foi quem viu a bratava.

—Farei o que me pede; menos ao capitão do *Alabama*, a quem não posso me esquivar de communicar esta palhaçada.

—O Godinho anda dizendo que é calumnia do *Alabama* o ter dito que o Sr. Dr. Tiburcio reprovara sua presença no jury do Moscoso.

Propala com ufanía que ouviu da bocca do proprio Sr. Dr. Tiburcio que este nada dissera a seu respeito e que tinha permissão de S. S. para desmentir tamanha calumnia.

O *Alabama* não affirmou positivamente; o que lemos nelle foi, que lhe constou que o presidente do jury estranhou que um reu tivesse o arrojo de ir assistir, como espectador, ao julgamento de outro reu.

Porém mesmo sendo exacto que o Sr. Dr. Tiburcio não reprovasse que o Sr. Godinho se fosse sentar nas bancadas do tribunal, reprovou-o a opinião publica; condemnou-o a moralidade.

Duvidamos todavia que o digno magistrado descesse a dar satisfação do seu procedimento a um criminoso.

—*Urbe et orbe* gaba-se o Sr. Godinho que o addiamento do seu julgamento no jury é um caso virgem;

Que elle teve poder para conseguir o que ainda ninguem conseguiu nesta terra (!...)

E que mais conseguirá, porque tem força para um anno que queira não comparecer no jury.

—Largos dias têm cem annos. Infinito só é o amor de Deus.

———

De momento porém muda de rumo,e tôdas as authoridades que o julgaram são más, todas têm um senão.

Uma foi porque cubiçou a infeliz de sua carnal voragem, e tanto assim que a está desfructando....; outra foi por ignorancia e fraqueza; outra foi porque elle mesmo não quiz subornar; outra foi porque requestando uma moça que elle pretendia tambem e que teve a fortuna de ser o preferido, desencadeiou com isso sobre si odios e rancores; e neste gosto vae se expandindo.

———

—A vontade consola alguma vez.

O Sr. Godinho anniquillado ante a geral aversão que inspira o seu crime, aversão que dimana das circumstancias com que o aggrava á cada hora, diz por comprazer que os homens illustrados, que a gente melhor, é a seu favor.....

—Qual é a familia que lhe franqueia suas portas, que o admitte em seu centro?

—...que quem censura seus feitos é a canalha, o poviléo, a plebe; gente que elle compra com dez tostões e cala a bocca.

Que a mãe da rapariga o que esperava? Sendo ella *negra* e *miseravel*, que futuro podia dar á filha para não vel-a prostituida? Logo, que ella não tinha razão de queixa e antes devia de se dar por contente, pois si a filha havia de cahir com algum lagalé, foi melhor cahir com elle, que é homem de posição e fortuna e a podia fazer feliz.

—A desgraça desta terra é quem permitte que um estrangeiro audaz lhe atire ás faces tão afrontoso insulto!

As moças de côr, pobres, so servem para prostituir-se!....

Nem sempre ha de ser assim.

Hoje a massa do povo é canalha e plebe, dia virá em que saberá revindicar seus direitos.

———

—Está em forja um plano execravel egual aos muitos de que tem constado a defeza do Sr. Godinho.

E' bom que o publico saiba.

Sabe-se que estão subornados tres miseraveis para opportunamente deporem que tiveram relações carnaes com a infeliz victima da concupiscencia do Sr. Godinho.

—E ha brasileiros desgraçados, que a troco de dez ou vinte mil reis que lhes atira o homem que os chama de canalha, se prestem a ir lançar a infamia além da deshonra sobre uma infeliz menina, sua patricia, que, inexperiente, se deixou cahir nos laços da seducção!...

———

—Capitão, estive sabendo de um novo modo de alugar casas.

—Vão ver que é negocio de tolo com sabido.

—E' um systema que pode quadrar aos amigos de fazer *negociadas*.

—Eu não digo? so a elles é que ha de servir.

—Um proprietario alugou á uma mulher a loja de certo predio; exigiu em logar de fiador tres mezes adiantados e impoz a condição de quando a mulher largasse a casa deixal-a caiada.

A mulher sugeitou-se e cahiu com *trinta bodes*. Não lhe agradou porem a casa e nella não foi morar; no fim de seis dias foi ao proprietario, entregou-lhe as chaves e o importe dos seis dias e pediu seus cobres. O proprietario recebeu o dinheiro dos dias e deu á mulher somente vinte mil reis, dizendo que dez ficavam para a despeza da caiação que ella tinha se obrigado a fazer.

—Trato é trato.

—Não diga tal, capitão. Quem engana a outro é judeu. Pois a mulher pagar 10$ rs. para caiar uma casa,que não morou nem occupou?!! Isto é arrancar!

—E' um negocio como qualquer outro.

—Um negocio feito por *um* desses cuja alma é a *fóz* de um sorvedouro de usuras.

ANNUNCIOS.

A pessoa que por esquecimento deixou um chapeu de sol na capella do Rozario da Baixa dos Sapateiros, pode ir buscal-o em mão do respectivo zelador, dando os signaes e pagando as despezas do annuncio.

Previne-se ao Sr. Thesoureiro e mais vendedores de bilhetes que não paguem qualquer sorte que possa sahir no bilhete de n.º 3476 da 74 loteria por ter sido roubado em uma venda ás portas da Ribeira em occasião que o abaixo assignado foi vender bilhetes na dita taberna. Bahia 12 de Dezembro de 1871.—*Christovam Fernandes Velloso.*

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 88.ª SABBADO 16 DE DEZEMBRO. Ns. 877—878.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 15 de dezembro de 1871.

Officio á Illma. camara municipal, dizendo-lhe que, no estado em que vão, brevemente se tornarão intransitaveis os beccos do Jogo do Lourenço e das Hosteas, na freguezia de Sant'Anna, e como conste que alguns proprietarios do primeiro estão dispostos a contribuir para o aceio e calçamento do mesmo, cumpre que essa Illma. lhes aproveite a boa vontade.

—A mesma, pedindo-lhe que mande tapar uma *bocca de lobo* que se acha aberta na primeira volta da ladeira da Mizericordia, ao subir, a qual ameaça engulir as pernas dos transeuntes, e pode muito bem vir a ser victima algum vereador, ficando n'este caso a illustrissima com uma perna de menos.

Espera-se ser attendido.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que ameaça desabar um sobrado na rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, pelo que as familias moradoras nas casas fronteiras andam sobresaltadas, e podem, no caso de não se providenciar em tempo, ser victimas de um desabamento.

Espera-se pois que S. S., desvelado como tem sido, dê as providencias precisas para tranquillidade e socego das familias alli residentes.

—A Illma. direcção da Sociedade Libertadora Sete de Setembro.—Invocando os sentimentos philantropicos e fins humanitarios dessa sociedade em favor de uma infeliz mulher de nome Galdina, a qual se acha subjugada no captiveiro, quando lhe assiste legitimo direito ao gozo de sua liberdade.

Por morte de sua senhora Leocadia de tal, de Maragogipe, deu ella ao neto da mesma de nome Geminiano, herdeiro e inventariante dos bens da fallecida, a quantia de 117$ rs. por conta do preço de sua liberdade, do que este lhe passou uma clareza legal, de commum accordo com os demais herdeiros, e authorisação do juiz municipal e de orphãos do termo; deu ainda depois 50$ rs. por procuração do herdeiro Rosendo de Borba a um individuo, authorisado por elle.

Esses documentos constam do cartorio do tabellião Balthazar da Silveira, de Maragogipe.

Entretanto os herdeiros illegalmente venderam Galdina nesta cidade, onde se acha, ha quatro annos, na casa do Sr. Mesquita, á rua da Lapa, na condição de escrava!

Na sublime missão á que se impoz essa beneficente sociedade, cujos interpretes são S. S., de ir proclamando a liberdade total do ser humano, e extirpando do seu seio a desigualdade infamante, que tem degradado esta parte da humanidade, espera-se que volverá sua protectora sollicitude para essa desgraçada, illegalmente esbulhada do seu mais sagrado direito.

—Ao Illm. Sr. inspector do trem do mar, recommendando que tenha muita vigilancia, para que não lhe passem os sobresalentes da casa para o porto da *Indolencia;* pois consta que o saveirinho de certo barquinho sem velas costuma atracar ahi pela manhan, e depois de receber alguns objectos, como, por exemplo, barris novos de galés, os vae desembarcar no porto supra citado, em logar de leval-os para seu bordo.

—Haverá domingo uma missa na egreja de S. Pedro dos Clerigos á Nossa Senhora da Conceição ás 8 horas, mandada celebrar por um devoto.

—Para gloria e renome deste paiz.

Eis a feição da gratidão nacional exercida pelo governo imperial.

Em Piracicaba, S. Paulo, em uma capellinha da Santa Cruz, perto d'aquella cidade, foi encontrado um homem com uma formidavel *bicheira* na cabeça. Recolhido ao hospi-

tal, expirou sem dizer quem era, nem de onde vinha.

Entre os curiosos que apparceceram para examinal-o, uma mulher reconheceu nelle seu marido, que havia partido para a guerra do Paraguay e de quem nunca mais teve noticia. A mulher foi chamar sua sogra, que tambem reconheceu o filho.

—E' sobre tudo estranhavel como este homem deixou-se assim morrer de bichos, por que ainda vindo do Paraguay pelo sertão teve de atravessar muitas fazendas e povoações, onde facilmente seria soccorrido.

—O Sr. André Ortiz, baritono da companhia hespanhola—*Zarzuella*,—dará na quarta-feira 20 do corrente um variado espectaculo no theatro S. João, em seu beneficio.

—E de que operas se compõe esse divertimento?..

—Da cavatina de figaro do *Barbeiro de Sevilha*, do duetto de tenor e baritono da mesma opera e da Zarzuella em dous actos—*El tio Canilhitas*.

—Bem: recommende ao respeitavel publico bahiano a sua concurrencia para o beneficio d'esse sympathico artista.

—Amanhan solemnisa o seu 39.º anniversario a sociedade—*Monte Pio dos Artifices*.

Fiel depositaria do mais bello preceito da religião do Crucificado; interprete dos mais nobres sentimentos, que se aninham no coração humano; instituida para a sublime pratica da caridade evangelica, tem esta sociedade se glorificado na senda afadigosa de sua peregrinação.

—E' que as ideias grandiosas pelo fim, a que se destinam, não podem deixar de medrar nos espiritos bem intencionados, e quando chegam a consummar-se, marcam por sem duvida o mais ingente passo na arena progressiva de aperfeiçoamento humano.

Jesus Christo dizendo—soccorrei a teus semelhantes—nada mais fez que obdecer aos generosos impulsos de sua Alma, sempre cheia de infinita bondade.

Ante a força que anniquilla, e os obstaculos que impetuosos sopeam este grande alicerce da religião; ante o espectaculo pungente e por demais contristador das miserias humanas; ante o espirito da época sempre propensa aos torpes vicios da materia; é sempre grato de recordações o dia que relembra em traços indeleveis os feitos pomposos do christianismo pela caridade!

—Por certo que nenhuma maxima divina encerra em si sublimidade maior que esta.

—Desejo, pois, longos annos de existencia á tão pia instituição, que sempre compenetrada de seus deveres leva o consolo á familia, e á toda sociedade!....

—Do que serve prevenir as authoridades que se commette um abuso, que se premedita uma violencia; do que serve indicar-se-lhe onde o crime acoita-se, onde perpretou-se o delicto, si ellas, por menos-preço, por condescendencia ou frouxidão não dão ouvidos?

—A lei é executada com suas variantes; mais branda, menos branda, rigorosa, arbitraria, inexoravel, conforme a condição da pessoa sobre quem tem de ser applicada.

—Este estado do crime sobrepujando pela impunidade do potentado, ao passo que o fraco é vexado e opprimido, constitue o estado de corrupção que tem attingido uma sociedade. Prende-se o homem que furta um pão, e os ladrões dos cofres publicos, dos estabelecimentos bancarios passeiam de carro; o desgraçado que, por não ter um ponso, vaga ao destino, vê-se acossado pelas garras policiaes como vadio e ocioso, entretanto os libertinos, os usurpadores, aquelles corrompem a sociedade, os seductores campeiam impunes!...

—Homem, por fallar nisso, o chefe providenciou sobre aquelle facto da moça raptada pelo Godinho, que se achava defronte do Carmo?

—Qual, meu amigo! E sabe o que se deu?

—Na mesma noite a moça foi retirada da dita casa e levada para outra parte.

—Entretanto, me parece, que a authoridade interrogando a raptada, não ultrapassava os limites de suas attribuições. Outras cousas tenho eu visto.

Na policia mesmo de S. Ex., é recente, um homem, por *suspeitas* de haver deflorado uma moça de 20 annos, esteve preso 21 dias e ameaçado de ir para bordo.

Não ha muito tambem, um individuo de nome Leopoldo, esteve preso na Mouraria muito tempo e foi remettido para tropa, por dizer-se que havia deflorado uma moça maior de 25 annos.

—Estes, um era saveirista e o outro artista.

—E certos da impunidade vão alguns homens abusando da fortuna que possuem, no desenvolvimento do mal, na propagação da prostituição!...

—Quando, com um pouco de actividade e energia desenvolvidas pelas authoridades, poderiam pelo menos ficar desmascarados aos olhos do mundo seus libidinosos fins; quando com o homem de que se tracta, poderia ficar provado a accusação que lhe pesa de que

faz uso de seu dinheiro para perdição de meninas pobres e desamparadas.

—Capitão, os moradores do becco do Thomaz d'Aquino queixam-se contra a falta de illuminação no referido becco e pedem que seja encaminhada ao governo uma reclamação neste sentido.

—Dê-se-lhe o andamento competente.

—Dizem que no porto de Sant'Anna, ha uma douda de nome Marcolina que inspira lastima pela seu estado de penuria.

—Suas noticias hoje são de doudos.

—Para cumulo de desdita a coitadinha, segundo dizem, acaba de dar á luz um filho, fructo da desordenada libidinagem de algum desalmado.

—Ha homem capazes de tudo!

— Aquella carne é para alimentação dos doentes do hospital.

—E'; vem do matadouro.

—E porque não hade ser levada logo para dentro? o conductor safa-a da carroça e atira alli no chão.

—Isso deu caso a que outro dia, os serventes viessem depositar na carroça mortuaria um caixão que gotejava sangue do cadaver que vinha dentro, e o sangue cahisse sobre a carne.

—E são tão aceiadas essas irmans de charidade!

—Capitão, como tem passado V. Ex?

—Oh! meu amigo, V. como vae?

—Como quem chega n'este momento da ilha de Itaparica.

— Então que novidade ha por lá.

—Deixe-me, capitão, vi um caso lá, o qual passo a contar a V. Ex.

—E eu serei todo ouvidos.

—Fui á fortaleza desta heroica ilha visitar o commandante d'ella; mas não o achando ahi, dirigi-me á uma prisão e vendo um preto perguntei o crime pelo qual se achava alli recolhido.

—Creia, capitão, que quando o infeliz começou a me contar a rasão da sua prisão, fiquei commovidissimo de ver a força que tem o potentado sobre aquelle que a lei do paiz fez com que nascesse escravo d'elle.

—Meu charo, deixe-se de preambular, entre na materia.

—Esse preto foi junto com um outro parceiro tocar fogo em um roçado, mas achando-se o roçado perto do canavial, o fogo communicou-se a elle.

O senhor desesperado de sua plantação ser devorada pelas chammas, remetteu-os para a capital afim de vendel-os.

Na policia, na occasião em que elle tratava da venda dos escravos, o preto engaiolado declarou que não podia ser vendido, visto como já tinha dado parte do dinheiro de sua liberdade, pelo que somente o seu parceiro foi vendido e elle teve de voltar para a casa do senhor, que, não o podendo vender, mandou trancafial-o na prisão e o está processando por incendiario!

— Oh! oh! *C'est trop fort!*

E o chefe de policia não sabe d'esse facto?

—Parece-me que ignora, porque estou certo que si tivesse sciencia d'elle teria dado as providencias que o caso urge.

—Acho bom fazer-se um appello a esse distincto magistrado, relativamente a esse facto.

—Incumba-se V. Ex. d'essa missão.

—Va descançado.

—Capitão, faça chegar aos ouvidos do chefe de policia, do provedor da Santa Casa, de todos a que por sua posição social, corre o dever de soccorrerem a mizeria, mitigarem a dor, accudirem ao desamparo, um brado de compaixão para duas desgraçadas.

— O que soffrem ellas?

—São duas infelizes que vivem sem lar, sem pão, sem abrigo.

—Duas victimas do infortunio, não é assim?

—São duas loucas; Caetana e Senhorinha, existem em S. Gonçalo, districto do Rio Vermelho, no maior estado de miseria, ha um anno; depois que morreu lhes a mãe, vivem abandonadas ao pasto como cão sem dono, expostas ao sol, a chuva, ao sereno; tendo por tecto a copa de uma mangueira e por cama um pouco de palhas!

—Mas meu amigo, para onde irão ellas, si não ha nesta terra um logar destinado aos infelizes a quem falta a razão? Acho melhor que fiquem la, do que venham para Correção.

Olhe, aqui, os doudos quando não estão encarcerados n'aquelle antro, vagam pelas ruas, a commetter desassisos. Ainda no dia de S. Francisco Xavier o venerando arcebispo, dentro da cathedral, viu-se exposto por duas vezes ás venetas de um doudo. Eu fiquei assustadissimo, recordando-me do caso do padre Vergel.

—Então nesta terra so se soccorre á miseria quando ella estende a mão no meio do ruidos dos spectaculos, quando vae implorar nos logares onde a acção bem-f'zeja possa transpirar estrepitosamente?

—E' isto; um beneficio no theatro, um appello ostentoso que possa lisongear a vaid ad

dos que concorrem, encontra largos donativos; mais o infortunio que geme arredado das vistas da multidão, a miseria que soluça no recanto obscuro do lar, encontra obsecado indifferentismo da charidade particular, a par de culpavel deleixo por parte das authoridades.

—Muitas desgraças hão de se dar pelo mau costume dos conductores de *wagons* não fazerem parar estes, quando tem de saltar alguma pessoa.

—E mais temerarios são aquelles que desembarcam, na velocidade dos wagens.

Está que na sexta-feira vi um rapaz levar formidavel queda de peitos por tal imprudencia. E si o homem salta pela frente ou si vem algum wagon atraz, ficava sem pernas.

—E agora mesmo, no sabbado, acaba de perder-se uma vida pelo desaso de um boleeiro dos Vehiculos Ecconomicos.

O menino Ambrosio, escravo do Sr. José Vieira da Silva, indo no dia 30 de novembro, e mandado de seu senhor ao Bomfim, dizem, que dera sete vintens ao boleeiro de um wagon, para o deixar ir na plata-forma.

Ao aproximar-se do Bomfim, o boleeiro o mandou saltar, sem parar a diligencia, resultou disso que as rodas passaram-lhe sobre as pernas, do que veio a morrer no sabbado 9 do corrente.

—Ora, estão as consequencias do deleixo e da avidez!

—Deve haver incansavel vigilancia sobre a conducta dos conductores de transportes e severa punição para aquelles que abusarem de seus deveres, do contrario muitos casos acontecerão.

—Capitão, leia esta poesia que achei no caminho do passeio publico, escripta a lapis, e veja como estava o coração d'um pobre diabo.

NO PASSEIO PUBLICO.

Debaixo desta mangueira,
Aqui sosinho sentado,
O som musical qu'escuto
Cada vez mais afinado
Nenhum valor p'ra mim tem,
Pois não ouço com meu bem.

Respiro suave aroma
Das flores deste jardim,
Que seja ou não agradavel
Indifferente é p'ra mim,
Que me importam estas flores
Si aqui não estão meus amores?

Vejo alem branca velinha
Cortando as ondas do mar,
E como vai tão ligeira,
Tão bella em seu caminhar!
Assim no mar da bonança
Caminha minha esperança.

Mas qu'é della, de repente
Onde foi que se sumiu?
O que é feito da barquinha?
Foi o mar que a engoliu;
Quem foi dentro? Um naufragado,
Quem sou eu? Um desgraçado.

A PEDIDO

—O Sr. Godinho foi na segunda feira á casa da viuva do finado Salustiano Dias d'Andrade; la não arranjou nada. Anda agora ás voltas com um filho da mesma senhora para ver se *colhe* alguma cousa.

—Quinta-feira houve missa a Santa Luzia na cathedral, á que assistiram as educandas de um collegio.

Entre ellas, havia uma linda mocinha morena. O Sr. Godinho appareceu na egreja, e vendo a joven, pregou os olhos n'ella que não os tirou mais. Não satisfeito com isso, sahiu do logar onde estava e la se foi entermediar por entre as castas creaturas e com que artes!..

As beatas entraram a esconjural-o; os homens a censural-o.

Findo o acto divino, retiraram-se ellas e o homem na sua formidavel gana, acompanhou-as tão apegadinho, que parecia pessoa de casa.

Muita gente poz-se no adro a apreciar o *papão* como ia ao *faro*. Cada qual fez seu commentario, inclusive um empregado da policia que estava presente.

—Por certos logares onde vae, o Sr. Godinho, sem que ninguem lh'o pergunte, começa logo a encarecer a prosperidade de seu negocio, a blasonar seus augmentos, pois nunca teve um anno tão feliz e rendoso como o presente.

E' mais um fraco que se apoderou do homem; fraco muito frequente nas vendedeiras de peixe, que por mais podre que esteja, quer fazel-o passar por fresco.

Seria bom porem, que sua notavel pessoa dissesse si é verdade, e porque motivo, passou dous escravos que possuia, para o nome de seu filho e um dos quaes, parece, que até já está no *cêpo*?

—Ha males que veem para bem, diz o Sr. Godinho, porque em quanto elle fazia das suas e não era accusado, não o conheciam,

mas agora que o foi, seu nome é geralmente fallado, e todas as moças á porfia querem conhecer o Hercules cupidaneo.

«Está que agora mesmo, (foi na sexta-feira passada, ás 6 horas da tarde) passando por alli, a filha do F..... me chamou, sem reparar que o pae estava á janella no segundo andar.

«Vejo-me tonto!»

———

—Accrescenta, porém, que em outra, como a em que está embarbellado, não o pegam mais.

Que elle hade fazer as cousas muito seguro.

—Si não o pegaram ja, é porque nossas authoridades por serem boas de mais *não lhe querem fazer* mal; que motivos tem elle dado e ellas não o ignoram.

———

—Na segunda-feira, apresentou-se em casa da mãe da infeliz victima dos prazeres sensuaes do Sr. Godinho, um individuo de phisionomia turva; homem para mais de seus cincoenta. Diz que é viuvo e tem duas filhas; que vae enviado pelo Sr. Godinho, propor casar-se com sua filha, o que é muito de seu gosto, e tambem pelas muitas obrigações que deve ao Sr. Godinho; indica como abonador de sua conducta o Sr. Netto, inspector de quarteirão; mas recusa-se tenazmente a declarar como se chama.

—Quererá este incumbir-se da missão, ja proposta a outro, de casar e empinar-se, *e ella* si quizer, que va ganhar?

———

—O Sr. Godinho quer agora defender a sua *justa causa* nas columnas do *Alabama*, por ser, diz elle, ahi que tem sido accusado.

Neste sentido mandou á typographia fazer proposta.

———

—Triste por certo é a condição do homem, cuja razão perdendo o equilibrio, pende para o desvario!

Em sua pretenciosa arrogancia, affirma elle que si ainda não comprou a justiça, foi porque não quiz, porque se reserva para mais tarde, si acaso perder na relação ecclesiastica a appellação que fez. *Que não conta perder*, mas si por acaso isso acontecer, então sim, não se importa de gastar 16 ou 18 contos de reis, porem que ha de mostrar á corja dos bodes.

———

Bate elle a pé firme que não se sentará de forma nenhuma no tamborete de reu;

Primeiro, porque conta que nunca entrará.

Segundo, porque si entrar, reclamará cadeira, allegando sua immunidade de condecorado e que se não lhe derem, ficará em pé.

—Desfructe. Pensa elle que seis e meia duzia não é o mesmo. Alli banco ou espaldar é sempre tamborete. Ha de ficar em pé, o gosto é delle.

———

Será o Sr. Godinho capaz de negar que não tem dicto e praticado tudo o que a cima fica dito? Si é, que o faça, para ser convencido.

———

—Do olho vivo a companhia
Não é de homens somente;
Tambem ha mulher que safa
Do bolso o cobre da gente.

M. M.

———

—Capitão, V. conhece um Heminigildo, que o chamam *Nono*?

—Ignoro quem seja, porem porque pergunta?

—E' porque esse rapaz que não pode contar mais que 20 e tantos annos, é um perfeito malvado.

—E o que motiva a assim chamar a um rapaz?

—E' porque, capitão, elle tem uma tia, mulher velha, de mais de 60 annos, que lhe lava e gomma a roupa, mata-lhe muitas vezes a fome, e apezar disso, de vez em quando elle faz lhe limpeza nos cobres que pode adquerir, a penultima vez restituiu-lhe ainda 30$, e agora a dias fez-lhe clareza em todo dinheiro que achou em casa, pratinhas e papel.

—Porque essa velha não se acautella visto que é seu sobrinho, e que a rato de casa nada se pode esconder?

—Capitão, é verdade que ella ja por causa disso, entregava á uma crioula que mora comsigo para guardar, e elle creio que desconfiou disso, procurou uma chave falsa, com que abriu o quarto da tal crioula, e alli foi que fez completa limpeza.

—E então porque essa mulher consente que elle venha á sua casa, e não si vae queixar ao chefe para elle alli não voltar.

—Que quer, capitão, ella condoida, levada de caridade, devida á sua edade, não tem animo de assim o praticar.

—Então soffra.

—Mas capitão, saiba que antes d'este roubo, elle foi ás ventas da velha por exigencias, e acodiu-lhe um preto que entrava nessa occasião.

—Onde mora essa velha?

—Na rua do Bangla casa n. 27.

—Será, pelo que me diz, uma senhora velha,

viuva de um Chaves, despachante na policia?

—Justamente, capitão, é essa mesmo.

—Ah! então já sei tambem quem é esse rapaz

—Conhece-o, capitão?

—Como as palmas das minhas mãos, esse na verdade é um malvado, porque de menor edade, acompanhou ou commetteu um assassinato com outro que foi condemnado no jury, e elle remettido para bordo da fragata, assentando praça de imperial marinheiro, e sempre foi conhecido por *Costelinha*.

—Exactamente, capitão, pois, o cujo já sahiu de imperial marinheiro, onde fez proezas e ultimamente foi caixeiro de uma padaria do Fernando, no Guadelupe, e agora é completo reu de policia, porque vive destas industrias, e vaga por esta cidade sem officio nenhum.

—Pois seria bom, que o Sr. Dr. chefe de policia mandasse syndicar desta occurrencia, e retirasse desta cidade este perigoso e novamente lhe desse o destino na armada, ou o mandasse para Matto Grosso.

Pede-se a um Sr. tenente honorario addido ao batalhão *duas vezes nove* que não se esqueça de cumprir com seu dever no pagamento do concerto d'uma farda que mandou preparar para o dia 2 de dezembro.

O Artista.

Poesia.

OFFERECIDA AO ILLM. SR. DR. JOAQUIM AYRES D'ALMEIDA FREITAS.

Pae, perdoae-lhes; não sabem o que fazem.

Entre as angustias d'uma horrivel morte
Assim clamou Jesus,
Sangrentos labios o perdão nos deram,
E foi do mundo a luz.
Não entre nuvens de medonhas chammas,
Ao roncar do trovão,
Bem como Moyses outr'ora vira
A celeste visão.
Não no cimo do Oreb sempre ardendo,
Mas pregado na cruz;
Foi d'onde perdoou á humanidade
O divino Jesus.
A Pedro, o pescador, que o denegara,
A Judas, que o trahiu,
Ao incredulo Thomé e a todos elles
O perdão conferiu.
Rapidamente os seculos passaram
E a fé nos ensina,
Que vão os echos sempre repetindo
A palavra divina.
Não sabem o que fazem, dizem inda,
Querem me ser egual?....
Attributos de minha magestade
Dão a um fragil mortal?!
Infallivel eu só. E p'ra mostrar-lhe
Do titulo a irrisão,
Sem throno ficará até que acabe
Do crime a espiação.
Prolongarei seus dias p'ra que tenha
Terrivel soffrimento,
Té que entre em sua alma acabrunha la
O arrependimento.

* *

—Grande extracção teem tido as chitas rôxas.

Quasi toda crioula anda com saia dalla.

—São as de candomblé; lucto pelos *paes de terreiro* que teem morrido.

—Qual! é uso.

—Então seria melhor deixar para a quaresma do que agora, que é tempo de festa.

Por causa de alguns vintens
Commetteu acção tão vil...
O dinheiro se acabou
Ja nem resta um ceitil.

Mas a acção ignobil
Ninguem ainda esqueceu;
Quando passa todos dizem,
—Alli vae quem se vendeu.

Fica uma creatura
Em condição desgraçada!...
Em qualquer parte que chegue
Por mercenaria apontada!

Vive de cara calçada,
Occulta-se, anda fugindo
De apparecer, pois o publico
Da baixeza está se rindo.

Multa.

Pede-se ao Sr. Antonio Joaquim da Silva e Abreu, subdelegado do 2º districto de Brotas, que declare a que partido pertence.

VARIEDADES.

Quem pagará o pato?

(ORIGEM DESTE RIFÃO POPULAR)

Iam dous estudantes caminhando
De fome a bocejar de quando em quando.
Dizia um para o outro—ah! meu collega,
Quando a fome é de mais, até me cega!
Que havemos de fazer! pobre reptil,
Na algibeira não trago um só ceitil!...
—O mesmo me acontece, o outro dizia,

Mas não deve estar longe a hospedaria,
E, embora, como tu, eu seja um fona,
O credito que temos nos abona...
Porem lembra-me agora um expediente,
Que, talvez, venha a ser-nos excellente;
Por exemplo, si queres, me adianto,
Entro, peço o jantar, sento-me e janto:
Chegas tu ao depois, me comprimentas,
Offereço-te o jantar e tu te assentas;
Depois para pagar trabalharemos
E nem eu e nem tu jamais cedemos.
—Muito bem, diz o outro, a idéa abraço,
Por minha conta o mais, que o mais eu faço
Eis que ao longe um hotel então deparam,
E conforme o ajuste se separam.
Primeiro chega um á tal paragem,
Pede que o sirva, ao moço da estalagem.
—Senhor, já nada ha, tudo acabou-se,
O fogo até que havia ora apagou se.
—Não sei, estou com fome, brada aquelle.
Dá me já de comer, ou vou-te a pelle.
E mal a phrase tinha elle acabada,
Quando ouviu por alli certa grasnada.
—Um pato! Um pato aqui' exclama logo,
E dizes que não ha nem mesmo fogo!...
—Isso lá, não senhor, porque este pato
E' o pato do amo, e eu não o mato.
—Ora, deixa-te disso, meu bregeiro,
Eu não faço questão lá por dinheiro!
—Veja lá o que diz!—Olhe que eu mato,
Mas são vinte mil reis que custa o pato!
—Seja lá quanto for, prepara, anda,
Que a barriga eu a fome é quem o manda.
. . . . . .
Em breve põe-se a meza, e n'um instante
Prompto a jantar se poz o estudante:
Mas nisto o outro chega, conhecendo
Que a cousa muito bem ia correndo.
Jantaram; quando ergueu-se o tal primeiro,
E n'um tom magistral disse ao caixeiro:
—Não receba daquelle nem vintem,
Sou eu quem paga o pato, entendeu bem?
—Sim, senhor, disse o moço, e lá comsigo
Não pensava que houvesse alli perigo,
Porem senta se aquelle, e disfarçando
Vae o outro ao caixeiro, e o encarando,
Diz-lhe em tom de ameaça,—olhe que o mato
Si não for eu quem pague aquelle pato!..
Então travou-se a luta em vozeria,
E ceder um ao outro não queria;
O pobre do caixeiro andava afflicto
A ver se accommodava um tal conflicto..
Mas até que a final, a muito custo,
(O caixeiro tremia então de susto),
Convieram que um delles só pagasse
A quem em *cabra cega*, elle agarrasse,
Apertando-lhe aos olhos uma venda,
Começou o caixeiro na contenda:
—Quem pagará o pato?—repetindo,
E ás cegas para os dous se dirigindo.
E emquanto com os braços á postura
Como um louco gritava e ria, e saltava:
—Quem pagará o pato, o pato, o pato?
Os autores d'aquelle desacato
Se mandaram mudar; vendo o coitado
Ficar d'aquelle modo assim logrado:
Nisto vem vindo o lorpa do hospedeiro,
Que vendo em tal estado o seu caixeiro,
Approxima se d'elle enfurecido,
Perguntando si tinha endoidecido:
O caixeiro segura-o pelo fato,
E alegre exclama:—E's tu, pagaste o pato!

CONCEITO

Isto nos mostra muito claramente
Que é quasi sempre o dono, quem mais sente

L. M. Pecegueiro.

(Do *Jornal do Commercio.*)

Uma cama para dous.

Entrou um viajante n'uma hospedaria de aldeia, e pediu cama.

—Estão todas as camas occupadas: disse o dono da hospedaria. Mas si quer, pode dormir com um passageiro que chegou ha pouco, e está lá em cima deitado n'uma cama, que chega á vontade para dous.

—Dormir com um homem! Isso é o diabo.

—Não sei que lhe faça. Si não quer assim, então vá dormir na cocheira, ou siga o seu caminho.

O viajante pensou no caso, e foi deitar-se com o desconhecido, mas parafusando no melhor modo de ficar só, ponto o companheiro fora. Ao deitar-se fez barulho e o outro acordou. E' o que elle queria. Começaram a conversar. O companheiro contou que vinha de uma feira onde ganhara muito dinheiro.

—Eu sou mais infeliz disse o espertalhão. Ainda este anno não dependurei mais que seis.

—Dependurar! perguntou o outro admirado. Então que modo de vida é o seu?

—Sou o carrasco; e tenho amanhan de enforcar mais de tres. O negocio vae de vagar, mas de vez em quando sempre dá alguma cousa. Assim as malhas das leis não fossem agora tão largas.

Imaginem o susto com que ficou o pobre camponio, quando se viu debaixo dos mesmos lençóes com o improvisado carrasco.

Pretextou uma colica, e sahiu da cama e do quarto onde não voltou mais.

Era isso mesmo que o outro desejava.

E' bom saber-se.

Affirma a *Republica*, que o unico conde estrangeiro, residente nos Estados Unidos é que se sabe que é de alguma utilidade a seus

semelhantes neste mundo, é um nobre polaco de S. Francisco que ganha 6 dollars (12$) por semana, pelo serviço que faz de limpar garrafas.

Voto exquisito.

A *Gazeta de Schmytz* publica a seguinte curiosa noticia:

Quem ha ahi no nosso paiz que não conheça Abrahão Wettestein, o mercador ambulante de Zurich, com a sua cabeça calva e com a longa barba fluctuando ao vento, Abrahão Wettestein, que nunca pronunciou uma palavra? Elle ahi está de novo entre nós espalhando em redor de si os bens que a providencia lhe tem dispensado em favor dos pobres. Mas porque é que elle não falla? Eis a pergunta que todos fazem. Wettestein foi outr'ora um homem vivo e alegre como os da sua idade, e chegou até a apaixonar-se. Um dia, porém, estando a sós com a jovem a quem se affeiçoára, deu lhe tamanha desenvoltura na lingoa, que ella, offendida pelas inconveniencias que tinha ouvido, recusou-se por fim a dar-lhe a sua mão de de esposa. Então Wettestein fez voto de que si ella lhe perdoasse, não fallaria durante seis annos. A jovem acceitou essa exquisita penitencia, mas antes do quarto anno morreu. Wettestein ficou tão pesaroso pela morte da sua apaixonada, que accrescentou ao seu primeiro juramento o de jámais fallar durante a sua vida, e desde então não profere uma unica palavra, o que faz com uma verdadeira vontade de ferro.

ANNUNCIOS.

Festa Religiosa.

A mesa de devoção da Santissima Virgem da Conceição protectora dos artistas, erecta na egreja do convento de S. Francisco, tendo designado o dia 17 do corrente para a religiosa solemnidade de tão Soberana Senhora, convoca aos Srs. irmãos, artistas e devotos para um tão religioso fim.

As 10 horas do dia terá logar a missa de exposição, na qual executará lindas peças de seu repertorio a distincta sociedade philarmonica Muemosyne, que para maior brilhantismo ao culto divino se presta.

As 11 horas e meia, depois da chegada do Exm. Sr. presidente da provincia e as demais authoridades civis e ecclesiasticas, terá logar a missa solemne, sendo orador ao evangelho o Rvm. Sr. padre mestre Fr. Joaquim de Santa Florentina Sepulveda, e á tarde *Te Deum*, sendo orador o Rvm. Sr. conego Rodrigo Ignacio de Souza Menezes.

Haverá illuminação a gaz, palanque, fogos de planta, balões, musicas marciaes nas noites da vespera e dia. O Sr. thesoureiro achar-se-ha no templo e em logar designado para receber os donativos dos Srs. irmãos, devotos e bem assim distribuir os novos diplomas aos que quizerem fazer suas entradas.—O escrivão actual, *Balduino dos Santos e Oliveira*.

Francisco Santini, professor de piano e canto, acaba de abrir uma casa na rua Direita de Palacio n. 21, na qual os professores e delectantes desta sublime arte, encontrarão tudo neste genero. Na mesma casa transporta-se e copia-se com nitidez e promptidão qualquer musica que lhe seja encommendada.

Francisco Santini e C. pedem a todas as pessoas, que tem listas para assignaturas mensaes de musicas de piano e canto o favor de as remetter no seu escriptorio á rua Direita de Palacio n. 21, pois que já sahiram á luz os primeiros numeros da dita assignatura.

Na rua direita da Misericordia casa nº. 29 ao entrar, se dirá quem dá dinheiro sobre penhores, assim como quem compra prata, ouro e joias.

Bando de mascaras.

(*Da festa de Rei*)

O bando annunciador dos festejos do Senhor Bom Jesus Rei Salvador, erecto na capella de Nossa Senhora da Lapinha, terá logar no dia 31 do corrente mez: portanto os directores da devoção convidam a todos aquelles, que apreciam tal divertimento a tomar mascaras no referido dia. O programma do bando será publicado antecedentemente.

Bahia 6 de dezembro de 1871—*B. A.*—1.º secretario.

Vende-se uma casa em terreno proprio ao Bom Gosto da Calçada; com 2 sallas, 6 quartos, cosinha fora, casa de banho. A tratar na mesma rua, com José Antonio de Souza Severo.

Capella de Nossa Senhora do Rozario das Portas do Carmo.

Não se podendo conservar diariamente preparados com acceio os altares lateraes em razão das obras da capella-mor, faço sciente aos irmãos e devotos, por ordem e resolução da meza administrativa, que em quanto durarem as ditas obras só haverá missas nos dias santificados.—*L. S. Lopes*—Escrivão.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 88.ª — TERÇA-FEIRA 19 DE DEZEMBRO. — N. 879.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beeco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 18 de dezembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santa Anna, chamando sua attenção para uma mulher de côr preta, douda, na ladeira da Saude, e que suppõe-se da casa do Dr. Manuel Genezio.

A tal douda vaga á noite até muito tarde e quando tem de recolher-se, si encontra a casa fechada atrôa o paço com obscenidade, e tem de reserva em um canto uma grande pedra com que bate furibundamente, encommodando toda visinhança, o que se torna intoleravel.

N'este sentido, espera-se de S. S. providencia.

—A' Illma. direcção da sociedade Libertadora Sete de Setembro, communicando-lhe que na cidade de Valença, a esposa de um Sr. Felisberto, genro do finado capitão Santos Chrispim, passou carta de liberdade a tres crias, as quaes ja eram coarctadas em suas liberdades. Acontece porem que esses infelizes se acham de novo reduzidos á escravidão e vendidos aos Srs. Juvencio Gomes de Freitas e José Maciel á despeito de suas cartas de alforria se acharem registradas no cartorio do tabellião da villa de Taperoá.

Espera-se que essa humanitaria sociedade, por intermedio de Ss. Ss., estenda sua acção protectora até aquelles miseros, que desprotegidos não teem quem pugne por seus direitos.

Portaria ao fiscal geral para que responda qual a razão por que marcando a postura municipal n.º 100, os logares para matança de porcos, destinados ao consummo, se tolera que em uma casa ao Maciel de baixo n. 70, se pratique isso todas as madrugadas, com extraordinario encommodo da visinhança, que dessa hora em diante não pode mais dormir com o grunhido dos animaes que se veem debaixo da faca do carniceiro; accrescendo o mal que devem causar á salubridade as aguas e sangue despejadas no pateo. Cumpra.

—Capitão, V. Ex. terá na memoria um sugeito, que ha pouco procurou-lhe, querendo annunciar que de sua companhia se havia ausentado uma rapariga sua cria?

—Perfeitamente; foi o Antonio Marques; um velho portuguez que teve venda na rua do Tijollo.

— E V. Ex. ponderou-lhe que....

— .... estava compromettido a não receber mais annuncios de escravos fugidos na folha de bordo.

—E á sua observação o que disse elle?

—Que a rapariga era forra desde creança, e não era na condição de escrava que elle queria annunciar o seu desapparecimento; mas sim porque desconfiando que tivesse sido desemcabeçada por algum seductor, e sendo ella menor, desejava saber ao certo aonde estava, para proceder contra o seductor.

—Pois o homem trata agora de vender ou ja vendeu a criaulinha que elle dizia a todo mundo ser livre.

—Carrancices de velho; é que elle passou a carta de liberdade, quando a rapariga creança; mas agora vendo que ella está mulher, arrependeu-se.

—Mas sendo assim, é innegavel que não obrou de boa fé, affirmando á V. Ex. aquillo que não era.

—Solemnisou hontem, segundo estava annunciado, o seu 39.º anniversario, a sociedade Monte-Pio dos Artifices.

Finda a missa á Padroeira da sociedade, seguiu-se a sessão magna, a qual foi presidida pelo Exm. Sr. Dez. presidente da provincia, com assistencia dos Srs. Dr. chefe de policia, consul de Portugal e diversas pessoas gradas.

Depois que o presidente da sociedade leu o relatorio do conselho, felicitaram a mesma em discursos:—por parte da sociedade Medico-pharmaceutica de beneficencia mutua,

Sr. Dr. José Ignacio d'Oliveira; pela Associação Typographica Bahiana, o Sr. Manuel José Gomes; pelo imperial Monte-Pio dos Artistas, o Sr. Amador Alves de Moura; e pelas sociedades philarmonicas Rossini e 40 de Voluntarios os seus oradores.

Agradeceu ás commissões de felicitação, em nome da sociedade, o monge benedictino, pregador imperial, voluntario da patria, Fr. Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, na qualidade de seu socio honorario.

S. Ex., antes de declarar encerrada a sessão magna, dirigiu algumas palavras de animação, pedindo a concordia e união entre os artistas.

O Sr. consul de Portugal, commovido pelas authorisadas palavras evangelicas do Rvm. Sr. padre mestre Fr. Carneiro, pronunciou tambem de improviso um discurso, pelo que o Exm. Sr. presidente da provincia levantou-se de sua cadeira e foi abraçal-o, mostrando assim a alliança que existe entre o Brasil e Portugal.

Tocou nos intervallos da sessão a musica do 18 de linha.

Encerrada a sessão magna, procedeu-se á eleição para o novo conselho administrativo e commissão de contas, cujo resultado foi o seguinte:

CONSELHO.

Joaquim Cassiano Hyppolito (reeleito.)
Antonio José de Souza Baraúna.
Severiano Alves de Souza.
Francisco d'Assis Baptista.
Lucio Casimiro da Fonseca (reeleito)
João Nepomuceno e Costa.
Antonio Loth Barboza.
José Luiz Soares Sobrinho.
Hilario Bemvenuto do Bomfim.

COMMISSÃO DE CONTAS.

Aristides Ricardo de Sant'Anna.
José Duarte dos Santos Bahia.
José Roque Pinto.

—Os moradores da rua do Passo imitam perfeitamente a nossos estadistas, que são homens que quando estão de cima esquecem-se totalmente do que soffrem os que estão debaixo.

—O que vem V. a dizer com isso?

—E' que a gente da Rua do Passo, por morar no alto, pouco se importa de fazer mal a quem habita no Caes Dourado.

—Isso então entende-se com a gente que mora do lado da montanha.

—Com ella mesmo; que despeja toda especie de immundice na ribanceira, sem reparar que toda ella rola e vae entulhar as portas das cosinhas dos que ficam embaixo. Ha cercas de quintaes que ja estão submergidas pelas camadas de lixo atiradas das alturas. E não é lixo só; pedras enormes, excrescencias e animaes mortos, como ainda ha dias, rolou la das eminencias um nutrido capado, cujo dono teve a consciencia de não mandar expor a carne ao consummo publico, e que de certo ficaria alli em putrefacção si não houvesse quem tomasse a deliberação de mandar removel o.

—Ora deixe estar que fica a meu cuidado incumbir ao fiscal geral para que dê uma busca rigorosa por alli, para saber quem são os que infringem as posturas municipaes.

—Consta que no dia 13, dia de Santa Luzia, foram inscrever-se como irmãos da santa a maior parte dos fiscaes e guardas municipaes.

Accrescenta-se que esta resolução foi tomada por conselho particular do Sr. secretario da camara.

Santa Luzia, é, como si sabe, advogada da vista. O conselho tem por fim abrir os olhos dos sobre-ditos fiscaes e guardas.

E' sabido que o peior defeito dos fiscaes é *não verem* o deleixo e infracções das posturas municipaes. Sob a guarda da milagrosa santa, todos ficarão aptos para não deixarem passar camarão pela malha.

De maneira que de ora em diante, si o deleixo dos fiscaes continuar, os jornaes não devem mais accusal-os, e sim fazer cahir a responsabilidade sobre a santa.

A minha opinião porem é que em logar da santa Luzia da egreja, seria mais util applicar-lhes a *santa Luzia* da eschola.

—Suma-se, V. o que quer é parolar.

—No quartel do Barbalho, o invalido Barbosa, ja muito conhecido por sua indole atrabilaria e habitos sanguinarios, feriu mortalmente a outro de nome Verissimo, no domingo á noite.

—No domingo as 11 horas da noite, na rua Direita de Palacio, tres criolêtes andaram ás cajadas.

Rolou cacête a valer, sem apparecer um soldado de policia, siquer, para accommodar o barulho.

—Um dos mais temiveis membros da companhia do olho-vivo, de nome Pedroso, foi preso no domingo á tarde em occasião em que mettia a mão no bolso de um tabareu para safar cento e tantos mil reis.

Esse mesmo individuo com outro, trabalhavam na sexta-feira á noite em um botequim á praça de Palacio para roubar a um moço que alli entrara.

Nessa occasião fallaram no *Alabama* e elle disse á vista de todos os que estavam presentes, que tinha uma bem afiada faca para a barriga de um dos *Alabamas*, que si o não tinha ainda feito era por não ser a Bahia Pernambuco.

—Na sexta-feira á noite brigava-se no logar mesmo onde vão parar aquelles que brigam.

— Como é isso, que não entendo?

—A crioula Hilaria, na frente da repartição da policia, accusava a um policial de lhe haver bifado 1$500 rs., usando do subterfugio de vender-lhe vara e meia de estopinha.

—Acontecem cousas!

—Mas o dize tu direi eu, não sei o que mais primava, si a indecencia dos termos, ou o estrepito da algazarra.

—Si não fossem os muitos afazeres da policia, eu pediria que volvesse um ceitil de attenção para o perigo que corre quem anda por esses caminhos nos domingos e dias santos.

—Não faltava mais nada; a policia occupar se com impertinencias suas.

Quem se vê exposto a perigo, que fuja delle.

—Então acha bom que um vivente leve um tiro sem esperar?

—Isso não.

—Pois é o que pode muito bem acontecer; nos dias sanctificados sahem *extra-muros* immensidade de caçadores, atirando imprudentemente do matto para a estrada sem reparar quem passa.

E nem é só isso: as propriedades alheias são assaltadas pelos taes apaixonados do divertimento, os quaes estragam e devastam o que não lhes custou a cultivar, nem a crear.

Ainda no domingo atrazado houve um conflicto na roça do Sr. Carvalho, ao Cabulla, entre um escravo do mesmo e tres individuos que entraram para *ca¸ar* abacaxis; sahindo o preto offendido.

—Ninharias; deixe ver primeiro si acontece algum sinistro.

— Capitão, deixe lhe contar um acto de canibalismo.

—Sim, Sr.

—O proprietario de uma casa á estrada do Sangradouro, alugou um quarto a Gonçalo José da Luz e encarregou este de alugar o resto dos commodos a quem apparecesse.

Luz alugou o outro quarto a Luiz Borges Barros, mais conhecido por *Luiz Grande* ou o *Major*, individuo dado á constante embriaguez, a ponto de viver em continuo cambaleio, e em completo estado de debilidade physica e intellectual.

No dia 14 Luiz Grande deitou ao fogo uma chocolateira com agoa a aquentar; Luz, doente, querendo accender o cachimbo, e tendo sahido a mulher que o serve, foi até o fogão, com tamanha infelicidade que a chocolateira entornou se e apagou o fogo em quanto Luiz estava ausente, o qual chegando e não encontrando fogo, enfureceu-se contra o companheiro de morada, apezar deste sugeitar-se a ir accendel-o de novo, assim mesmo doente.

Apos a troca de algumas palavras, Luiz Grande cravou sete facadas em Luz, deitado como estava este.

—Que faccinora!

—Quando a mulher entrou, encontrou Luz banhado em sangue e Luiz gritando como doudo; aos brados desta, porém, Luiz assentou de tomar o caminho do matto, sendo preso no dia seguinte.

O offendido está no hospital em perigo de vida.

—Deus me livre de morar com bebados.

A PEDIDO

Estão sendo processados pela subdelegacia da Penha João Pamphilo da Cruz e José Antonio Santos Guerra, este ultimo com taverna á Ribeira de Itapagipe, como incursos no artigo 257 do codigo criminal; o primeiro como author e o segundo como cumplice.

Discurso de felicitação á sociedade Monte-Pio dos Artifices, no dia do seu 39.º anniversario

Senhores:—A sociedade Medico-pharmaceutica de beneficencia mutua recebeu com grande prazer o vosso honroso convite e manda-nos hoje aqui em commissão para dirigir-vos suas felicitações, congratulando-se ao mesmo tempo comvosco por mais esta solemne occasião, que tendes para demonstrardes que ainda viveis, e que, si vos faltam talvez os grandes favores da fortuna, não vos faltam todavia coragem e dedicação para proseguirdes na ardua e pesada tarefa, que tão nobremente começastes.

Vossa irmãa na humanitaria empreza de propagar a caridade, a sociedade Medico-pharmaceutica de beneficencia mutua não

podia deixar de n'esta occasião vir tributar-vos uma homenagem de profundo respeito e consideração.

Amae-vos uns aos outros disse o Divino Mestre.—E' essa a nobre legenda que devemos arvorar em nossas bandeiras;—é essa a propaganda para cujo triumpho todos nós devemos trabalhar sem cessar.., nós, filhos do heroico Imperio do Cruzeiro, onde a Cruz é a arvore frondosa, á cuja benefica sombra devemos abrigar-nos... é o estandarte glorioso que deve dirigir-nos nas conquistas da humanidade.

Voluntarios do progresso queremos todos a luz!—Operarios da caridade, muito embora nos sangrem os pés os espinhos da jornada, prosigamos.... Caminhemos....sempre com a fé robusta de que, si não concluirmos magestosos palacios, edificaremos, ao menos, humildes choupanas que possam abrigar do infortunio os nossos irmãos.... o mais pertencerá á posteridade.

Avante, senhores!... Esmorecer na jornada é fraqueza impropria de vós, que com tanto denodo tendes até hoje, ha 39 annos, sustentado o magnifico edificio começado por vossos illustres antepassados...

Avante!... e a Providencia vos será propicia.

Bahia 17 de dezembro de 1871.

Dr. *José Ignacio de Oliveira*
Pharmaceutico *Euclides Caldas*.

VARIEDADES.

Exame.

Examinava Lefebvre de Foarcy um bacharelando em sciencias physicas. Fez-lhe uma pergunta simples, mas o examinando atrapalhou-se e respondeu uma tolice. Lefebvre, impaciente, vira par um bedel que estava presente e diz-lhe:

—Traga um feixe de capim para este senhor almoçar.

O examinando reassumindo o sangue frio á vista da affronta, accrescentou immediatamente:

—Traga logo dous, almoçaremos juntos eu e o Sr. examinador.

Cêdo e tarde.

Apenas findos seis mezes,
Depois do seu casamento,
Viu Lucas, com toda a fleugma,
Ter a familia augmento.

A visinhança maldosa
A murmurar começou;
Ser a creança precoce
Aos ouvidos lhe chegou.

Acode Lucas:—que gente
Calumniadora, anjo bento!
Não veio cedo o pequeno,
Antes tarde o casamento.

Arlequim.

Dizia Arlequim um dia:

—Dizem que um copo de vinho dá forças; bebo mais de quarenta, e não me posso ter em pé!

Prestação de contas.

Foram participar a um intendente da marinha de Brest que pegava fogo um commissionado a seu cargo, respondeu:

—Ja sei, ja sei, é o commissario que está prestando contas.

Precauções uteis.

—De tres cousas nos devemos precaver, dizia um velho: do favor dos grandes, da caricia de mulheres e de um dia bonito no inverno.

Côr muito rara.

Diogenes, vendo um mancebo corar, disse-lhe;

—Coragem, filho, eis a côr da virtude!

Pope.

Pope dizia: «As opiniões são como os relogios; é difficil encontrar duas que combinem, e todos regulam-se pela sua.»

Aconselharam ao abbade Voision, em artigo de morte, que tomasse o sagrado viatico.

—De boa vontade o faria, disse elle, mas os medicos prohibiram-me os farinaceos.

ANNUNCIOS.

Baba-louxa, Azomé e Acromece, professores jubilados da extincta escolla de Chico-papae, dão ventura e consultas, e tiram diabo do corpo, a preços commodos. Previnem ao respeitavel que nos seus estabelecimentos á rua do Alvo loja de n.° 60 e casas terreas 57 e 92 podem ser procurados a qualquer hora do dia ou da noite para tudo que pertencer a arte da nigromancia.

Na rua direita da Misericordia casa n°. 29 ao entrar, se dirá quem dá dinheiro sobre penhores, assim como quem compra prata, ouro e joias.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 89.ª SEXTA-FEIRA 22 DE DEZEMBRO. Ns. 880—881.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroaopolis, bordo do *Alabama*, 21 de dezembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que se sirva de responder si é verdade que o condemnado Leonidas Moscoso *fez-se à vella;* porque, segundo corre, sahindo elle da Correcção na segunda-feira á tarde accompanhado pelo official de justiça Cypriano, para embarcar no vapor *S. José* que o devia conduzir ao logar do desterro á que foi condemnado, ninguem o viu embarcar em tal vapor; accrescendo não só que o vapor largando as 5 horas da tarde, ás 4 e tres quartos Moscoso foi visto em uma casa, como tambem que na lista d s passageiros do referido vapor não vem o seu nome; e ainda mais que o official de justiça que o accompanhou não apresenta, segundo consta, recibo do commandante do vapor de ter elle ficado a bordo; o que tudo faz crer que o homem em logar de ir cumprir a pena, deixou-se ficar por ca.

—Ao mesmo, communicando-lhe que o edificio do gazometro apresenta largas fendas e rachaduras pela parte do sul; caso que ja se deu no mez passado e cujas rachaduras foram mandados tapar a rebôco.

Os moradores da visinhança estão sobresaltados e alguns mudando-se apressadamente. Leva-se ao conhecimento de S. S. para que se sirva de em tempo tomar as medidas que achar ajustadas.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, ponderando-lhe que, preciso se faz que se evite e de uma vez desappareça o abusivo, ridiculo e immoral procedimento de certos rapazes que costumam passar a festa no porto do Bomfim, Poço, Ribeira, Papagaio, etc., os quaes entendem que estão no direito de poderem livremente sahir de suas casas, uns em fraldas de camisa, outros de ceroula e alguns embrulhados até em chambrões, para tomar banho salgado, sem respeito ao decoro e pejo das familias que por ahi existem. Entretanto que esses mesmos individuos se forem casados ou tiverem irmans, ficarão estamagados que outros assim procedam. E como tal relaxação não deve ser considerada como passa-tempo de festa, em menos-cabo dos deveres que todos são obrigados a respeitar, recommenda-se a S. S. severas e cohibitivas medidas neste sentido.

—Pois aqui na mansão dos mortos, onde o barathro candente das paixões se arrefece, onde crimes e virtudes jazem para sempre sobre lagedos impenetraveis; nesta beatifica morada, onde o cynismo e ferocidade do homem não deve profanar a paz augusta dos que dormem o somno eterno; aqui onde cessam odios e rancores, para despertar piedade e respeito, é que esta gente achou como logar mais proprio para representar a mais indigna scena de pugilato!

—Barbaros! não sabem que o arraial dos mortos é inviolavel!

—Requinte de escandalo!... que sacrilegio! homens revestidos de opa, jogam o cacête dentro do cemiterio do Campo Santo!

—São irmãos da irmandade do Rozario de João Pereira e mais pessoas que acompanhando um enterro, pelo caminho turraram, e chegando no recinto sagrado foram á vias de facto.

—Ah, phariseus, vem o proximo castigo annunciado os intimida. Incredulos infieis, que não se lembram que amanhan serão o mesmo que aquelles cujo socego foram perturbar!

—E' custoso de acreditar, mas é pura verdade o que lhe vou dizer.

—O que é que não pode ser?

—Na segunda-feira, por volta de oito horas da noite, nas immediações do Caes Dourado foi apanhado no mar o cadaver de um homem de côr preta, o qual, segundo consta, ha dous dias boiava na bahia. Na quarta-feira ás 5 horas da tarde, o corpo coberto

de moscas e disforme, ainda se achava exposto ao sol, exhalando putrida emanação!

—Quarenta e cinco horas um corpo atirado na rua, nesta cidade!....

—Pessoa que passou á 7 horas da noite, me affirmou que ainda la o viu estendido e nessa occasião ja com o craneo arrebentado

—Nesta cidade onde regorgita de authoridades, todas com fóros de previdentes! E vê-se um espectaculo tão deprimente quer encarado pelo lado da religião e da charidade, quer pelo lado da hygiene, quer pelo da civilisação.

—Capitão, aprecie como são recompensados os heroes do Paraguay:

«O ex-soldado do exercito Manuel Mendes dos Santos, casado, com tres filhos, achando-se impossibilitado de trabalhar por causa das molestias que adquiriu na campanha do Paraguay, como prova com os documentos juntos, e não tendo o governo lhe pensionado para o sustento de sua familia, vem implorar dos corações bemfazejos e caridosos uma esmola pelo amor de Deus para alimentar seus filhinhos. Bahia 12 de dezembro de 1871»

«Consinto que esmole n'esta freguezia da Conceição da Praia. Bahia 13 de dezembro de 1871.—*Joaquim da Silva Lisboa Filho*, subdelegado.»

—.....

—E a mulher do desgraçado defensor da patria, com este papel na mão, mendiga de porta em porta!...

—V. foi a festa de Nossa Senhora da Saude e Gloria no Pilar, no dia 10?

—Fui.

—O Santissimo Sacramento esteve exposto?

—Não; no logar da Sagrada Formula estava a Imagem do Santo Christo.

—Dizem que por descuido ou esquecimento do parocho, que deixou de deitar na ambula a particula consagrada.

—Eu não creio que um parocho se esqueça assim de suas obrigações.

—Então não sei porque foi.

—Nem eu.

—Na terça-feira, ás 10 horas do dia, entrou na botica do Sr. Euclides Caldas um creoulinho com uma facada no braço, pedindo ao pharmaceutico para cural-o.

Interrogado sobre aquelle facto, declarou que estando a brincar com um outro, este lhe dera com uma faca de sapateiro.

—Bom brinquedo!

—O pharmaceutico recusou tractal-o, afim de que sobre elle não viesse a recahir alguma responsabilidade.

—No Caes do Moreira foi offendido e ferido um barqueiro, no dia de terça-feira.

A policia chegando no logar do conflicto e encontrando os contendores, acconselhou ao ferido que fosse se tratar, porque não tirava partido com quem lhe deu por ser branco e portuguez.

—V. ás vezes me dá noticias que fico perplexo se devo crel-as.

—Como não fui eu só quem viu, ha mais quem possa justificar.

—Na festa da Conceição dos Artistas, em S. Francisco, foi pegado um dos membros do olho-vivo, que tinha o costume de ir alli roubar vellas, e cuja falta a muito era sentida.

O sugeito ia safando as vellas dos altares, partindo-as ao meio, e ensacando nos bolsos.

Seguro o ratoneiro com a mão na cumbuca, tomaram-lhe o que havia surripiado e o mandaram embora, soffrendo como castigo, apenas alguns apupos e petelecas dos moleques.

—Estes larapios nem a casa de Deus isentam!

—Oh, policia desta terra, onde estaes que não vês isto?

—Está alli, á dous passos, sentada no arvoredo do Terreiro.

—Pois é toleravel tamanha aggressão á segurança individual? ou a lei só tem vigor para quem tem valimento?

—Ainda ignorava isso?

—Uma fraca mulher, vem de sua occupação; tres malandrins, os quaes talvez não imitem ella, que vive trabalhando ao fogo n'uma cosinha para ganhar com que passar, a chamam; a mulher, que nada tratou com elles, vae andando; os reus de policia dirigem-se a ella e tomam-lhe o panno da costa, allegando ser atrevimento o não lhes dar resposta!

—E por graça, ou por despique da mulher não responder, la se vão com o panno que pode valer muito bem uns 10$ ou 15$.

—E a policia escuta impassivel as reclamações d'aquella que se vê aggredida e roubada em plena rua, as 9 horas e meia da noite!

A preguiça.

A preguiça é dos sete peccados mortaes o que parece menos mau, e a que o diabo dá a melhor apparencia; porque parece, que na

sua inacção não ha malicia alguma, já que não fazendo nada, não se pode prejudicar a pessoa alguma.

Comtudo na sua inacção é que consiste o crime, visto que a natureza, tendo feito todas as cousas para algum fim, exige do homem um trabalho e uma occupação conforme ao estado de cada um.

O preguiçoso torna inutil na sua pessoa a obra do Creador. Parece-me menos estimavel do que o porco, seu querido primo; porque este não fazendo mais que comer e roer, ao menos engorda, e vem a ser util para o sustento do homem; ao envez do preguiçoso que de nada serve nem, durante a sua vida, nem depois de sua morte.

A preguiça é o ultimo dos sete peccados mortaes. Parece, que pela sua extrema baixeza pozeram-n'o expressamente o derradeiro desta companhia criminosa: é o travesseiro do demonio, e o throno de peccado, donde dá audiencia publica a todas as qualidades de crimes; que o diabo, como verdadeiro mestre de ceremonias, introduz, e lhe apresenta para que o preguiçoso tenha ao menos para se divertir alguma cousa que possa ser do seu gosto.

A Deus faz-se lhe a côrte de joelhos, aos grandes da terra em pé, e ao diabo deitado e estendido sobre um canapé, sem fazer cousa alguma.

A irman mais querida da luxuria é a preguiça. Sem ella esta não acharia tão facilmente accesso para com os grandes, nem seria tão bem servida pelo commum.

A preguiça é que, sem assistencia do corpo, achou o segredo de offender a Deus com todas as castas de pensamentos impios e obscenos, e que nos procura além disso diversas qualidades de indisposições e doenças.

Quizera que a representassem em fórma de mulher, que tem ar mole, e anda a passos contados, coberto com um vestido de teia de aranha, cuja cauda levasse o somno, encostando-se no braço do seu primeiro cavalheiro, que é a fome, e seu sequito composto de miserias, passando a primavera de sua idade sobre um leito de repouso, e seu outono no hospital; porque rouba os dias de sua vida sem fazer cousa alguma em uma molleza infame, faz passar o homem da morte aos trabalhos eternos, cujo director é Lucifer; porque *Hominis nihil agendo male agere discunt*; alem de que:

Il campo dell' accidia é pienno d'ortiche.
(*Mau. mar. do C. d'Oxenstir.*)

Infelizmente a preguiça é o mal endemico que ataca á não poucos do nosso Brazil, não tanto pelo clima, quanto pela prodigiosa producção do nosso solo, e ainda mais por causa da escravaria.

Aqui para se nutrir, não carece o homem de dar-se a fadigas e trabalhos; porque no interior as matas lhe offerecem abundante caça, os rios o pescado, e perto do litoral tem os mangues ecorôas, que lhe subministram o caranguejo, o aratú, marisco, etc., etc.

Alem disto, em um paiz, onde todo o trabalho, todo o serviço é feito por braços escravos, a preguiça torna-se um caracteristico de distincção e nobreza: daqui o fatal desprezo das artes manuaes, d'aqui uma aristocracia, por assim dizer facticia, d'aqui finalmente o pouco desvelo, que nos merece a industria.

Entre os nossos ricos agricultores não faltam preguiçoses, que entregando todo o trabalho a seus escravos capitaneados por um feitor, nada mais fazem do que dar a estes algumas ordens, ir de passeio uma vez por outra ao serviço e todo o mais tempo levam em santo ocio, embalando se em uma rêde no monotono repouso do *farniente*. Elles chamam a isto a sua bemaventurança, mas eu não sei como pode um ente racional levar dias inteiros resupino em uma rêde, dormindo, ou scismando, ou sem fazer cousa alguma.

Um homem assim parece ter natureza de porco; vegeta, mais não vive, e será maravilha, si se não der aos vicios mais sordidos e brutaes.

Que vantagem pelo contrario não tem sobre estes automatos o homem amigo das letras! Com um livro na mão elle nutre o seu espirito; e o tempo se lhe deslisa em doces e innocentes prazeres.

Na velhice, quando o quadro lisonjeiro dos prestigios da vida vae sensivelmente perdendo para elle o colorido e belleza, quando todos o fogem ou olham, como um preposto da morte, nos livros encontra consoladores, amigos e mestres.

Muitas das nossas meninas peccam grandemente pelo lado da preguiça. Avesadas desde o berço a ser servidas por escravas, ellas adquirem um habito de indolencia, que as torna preguiçosas e desleixadas.

Uma mucama amarra o cabello a D. Chiquinha, outra calça-lhe as meias e sapatos, outra traz-lhe a quartinha, que lhe fica a tres palmos de distancia, outra é chamada para enxotar o boliçoso gatinho: porque yáyá não tem disposição de dizer *sápe*.

Não faltam senhoritas, que levam todo o dia em completo ocio, ora deitadas, ora andando pela casa sem tom nem som, ora postas á janella. Não dão um ponto, não avranjam um vestido; o basbaque do pae, ou marido tudo paga fóra, em summa uma senhora

destas— ou é um pastel de carne, ou uma boneca, que só serve para figurino.

O trabalho é a fonte de toda a riqueza e de toda prosperidade. «Comerás o teu pão com o suor de teu rosto» foi preceito imposto por Deus á descendencia de Adão.

A PEDIDO

—Dizem que a lei humana é como o metal aquecido ao fogo, que se amolda a todas as vontades.

—E eu creio que é assim mesmo.

—Por isso não me abalou a noticia que me deram de que, a crioula Maria Ritta sendo livre, fôra processada como escrava e como tal está cumprindo a pena de dous mezes de prisão na Correcção, mandando-se seu nome para a repartição da policia na lista dos culpados, na condicção de escrava, e intimando-se a sua pretentida senhora para pagar 91$ rs. de custas.

Nem tambem me admirou que o tal processo seja um compendio de tumultuarias illegalidades, entre as quaes, a de estar confiscada em mão do escrivão a carta de liberdade da condemnada, porque nesta terra se faz tudo com a lei na mão.

—Mas si a lei humana se presta a tudo isso; si quasi sempre é ella uma comedia irrisoria, ha outra lei que não varia nem se dobra; é para ella que aponta a humanidade que soffre, é a lei divina.

—«Quando o mundo souber o que são frades
«Ha de acabal-os, si tiver juizo.»

—Aquelle não é frade, é padre.

—Ja foi.

—*Seraphico*?

—Não sei.

—E o homem assemelha-se a um fructo espapaçado, a um tronco que vergou.

—Com que impudencia entra o bisnau, em alto dia, na casa daquella meretriz conhecida pela *taóca*.

—O homem não é lá de hypocrisias; faz á vista o que muitos praticam occultamente.

—E a mulher como é apaixonada da tal classe de camisola preta!

—Foi por isso que a Bibiana não lhe quiz alugar a loja do sobrado, dizendo temer á noite algum coice na porta.

—Capitão, venho lhe pedir um favor.

—Diga, meu charo.

—Que chame a attenção da authoridade competente para um portuguez com venda a rua da *terra-ensopada-n'agua*.....

—Que diabo de *lamaçal* está V. fazendo?

—E' um portuguez que tem dous caixeirinhos a quem tracta com brutal ferocidade, como pode attestar cabalmente o corpo das victimas.

Ha dias esse homem praticou uma acção da mais feroz selvageria. Comprando uma pessoa meia libra de carne, e, como o menino tirasse do logar que exigiu o comprador, o bruto tomou a carne e com ella pôz as faces do pobrezinho da côr de lacre.

Na terça-feira com uma acha de lenha espancou o outro tão rigorosamente que este fugiu desesperado e não se sabe para onde foi.

—Estou informado; vou mandar chamar o *Alvino* e passar-lhe uma escabriação para não ser tão vilão.

Discursos de felicitações á sociedade Monte-Pio dos Artifices, no dia do seu 39.º anniversario.

Senhores da Sociedade Monte-Pio dos Artifices:—Não devia ser eu, por certo, com a minha voz inapta, quem vos viesse felicitar por parte da Associação Typographia Bahiana; e sim outro, que, juntando á uberdade do pensamento a eloquencia da linguagem, pudesse bem delinear um quadro do consorcio da união dos homens com a caridade.

«A caridade, diz o apostolo S. Paulo, é a «paciencia; é branda, não porfia primazias «com outrem; não procede com temeridade, «não se ensoberbece.»

Melhor ideia, senhores, não poderia actuar em vossos espiritos para exprimir as affeições e ternuras de vossas almas para com o proximo do que colligardes, e, accordes em um pensamento, formarem uma sociedade que, tendo por base a principal das virtudes humanas —a caridade—, os soccorresse no leito da dôr, e amparasse ás vossas familias, penhor sagrado que nos rouba o maior dos cuidados.

Si a caridade para os ricos é uma *graça que concede ao pobre em nome de Deus;* é tambem um *triumpho* para os homens laboriosos, que, recolhendo com sacrificio e privações parte de suas economias em um cofre social, amparam mutuamente ás suas familias.

«Mas, si a caridade é uma virtude christan, directamente emanada do Eterno e do Verbo, diz o Genio do Christianismo, é tambem estreita alliança com a natureza.

«Não é ambiciosa; não visa a ganancias; não se irrita, nem julga mal.

«Não folga na justiça, e exulta com a verdade.

«Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre.»

Portanto, senhores, que a sociedade Monte-Pio dos Artifices continúe com perseverança e sem obices em sua marcha social—é o que lhe deseja a Associação Typographica Bahiana como sua co-irman.

Bahia 17 de dezembro de 1871.

Manuel José Gomes.
Miguel dos Santos Prates.
José Odorico Paranhos.
Feliciano José Pimenta.

—

E' cheio da maior satisfação, senhores da sociedade Monte-Pio dos Artifices, que assistimos por parte da philarmonica 40 de Voluntarios da Patria, a este acto solemne de vosso feliz anniversario, que recorda para vossos membros uma épocha de inspiração, e deixa antevêr a todos um porvir risonho e feliz.

Avante queridos irmãos, na missão da confraternidade! não poupeis esforços para attingir ao fim que tendes em vista: pois sempre que o homem quer—pode, porque Deus anima aos bons desejos, e protege a todos quantos se propõem a um fim justo e humanitario. Avante pois, o futuro vos seja propicio, e por agora recebei nossos sinceros emboras, e o amplexo fraternal que com o maior contentamento vos damos.

—

—Capitão, porque é que não se dá mais ferias aos empregados publicos na vespera de S. Thomé, como se fazia no tempo em que nós estavamos unidos a Portugal?

—Homem, deixe se d'isso que eu não sou d'esse tempo.

—Si V. não sabe eu lhe conto.

Olhe, capitão, quando se reformou o thesouro nacional, quem fez essa reforma com a lei de 4 de outubro foram dous desembargadores atheus; não queriam saber nem de egreja nem de festas; isto é, para os que ficavam abaixo d'elles e eram tidos por grandes liberaes.

Ouviu, capitão? para essa classe de gente ainda hoje ha ferias, e gozam no remanso da paz os bons vencimentos que teem, e as outras classes de empregados quet rabalhem, pois são burros de carga, sem domingo nem dia santo.

—Consta que depois de ter o Sr. Dr. chefe de policia dado licença para um grande candomblé, no domingo, nas Campinas, mandara cassar semelhante licença; e que agora surgem fortes empenhos para de novo obter-se licença de S. S.

—Capitão, leia este *Jornal do Norte:*

—Deixe ver.

—Este pedacinho aqui.

« —O Sr. bispo diocesano o rdenou ao Sr. ministro do imperio a collocação de um nicho e um cruxificado em todas as escholas do Brazil. A despeza anda pela *bagatella* de reis 100,000$, e ja foram dadas as ordens convenientes para que se comprem os 20,000 cruxificados que os jezuitas trouxeram na ponco da Italia! Vem no *Diario Official* de ante-hontem a luminosa ideia dos nichos.

«Quizeramos pedir ao Sr. ministro menos nichos e mais escholas, mas não queremos lesar os interesses da congregação de Loyola, e de todos os satrapas da Curia.

«A nação não tem dinheiro para pagar aos seus funccionarios e trabalhadores, e tem n'o para encher as escolas dos vendilhões do templo!»

—

—Encasqueton-se ao Sr. Godinho, que Antonio José Mauricio, conhecido pelo *buxa*, é capaz de obter de pessoas serias respostas de cartas á seu favor.

E eil-o a escrever a diversas pessoas perguntando si conhece Benvinda e outros quesitos, que se resumem a cinco.

Mauricio, vae com essas cartas as pessoas á quem são dirigidas, allega seu estado de indigencia, faz grande choradeira e pede que lhe coadjuve a ganhar a esportula que dará Godinho si elle arranjar resposta da carta.

—E' mais um commercio honesto que o Sr. Godinho põe em giro.

—Seria porém bom que o Sr. Godinho publicasse a resposta que de algumas pessoas tem recebido.

Mauricio, porém, não perde occasião de taramelar nos logares onde vae. Diz que jurou a favor do Godinho e que não foi bem pago: que aos outros pagou melhor; e que só o F. tem comido 2:000$ rs. sem nada fazer, e pelo contrario tem compromettido a causa.

—

Lê-se no *Jornal do Commercio*:

«Emprehendamos por uma vez esta cruzada santa. Não falta nunca um Pedro Eremita para encaminhar os crentes a luminosa Palestina.

«Comecemos por mandar nossos filhos á eschola.

«E' alli que aprenderão a manejar as armas com que devem sahir victoriosos dos combates do mundo. O homem precisa uma dupla amamentação: depois do leite materno, o leite do ensino.

«Citarei a proposito as seguintes palavras de um grande escriptor:

«O espirito humano, diz elle, não recúa diante de um sorriso nem diante de um ul-

trage. A sciencia e a sabedoria não estão encerradas nas classes que governam. Em torno d'ellas ruge e lamenta-se o oceano dos homens. Olhemos tambem para alli. Convém dar ao povo animo, trabalho, sympathia e luz. E' esta a sua sêde e a sua fome, a sua esperança e o seu dever.

«Alargae as ruas, continua elle, arejae os bairros insalubres, dae aos homens uma habitação condigna; mas ao mesmo tempo dessassombrae as almas e distribui gratis o pão da intelligencia.»

«Sigamos esta lição e este preceito autorisados.

«Quando se está debaixo da pressão de uma necessidade imperiosa, convém procurar e descobrir os meios de promptamente a satisfazer.

«Vejamos. O ensino primario official, embora gratuito, como está constituido entre nós, não aproveita a ninguem.

«E' impossivel ao professor e inutil ao alumno.

«A retribuição que o governo concede ao primeiro é verdadeiramente um passaporte de mizeria e de humilhação.

«Quem é que com 600$ annuaes pode pagar aluguel de casa, sustentar-se e desempenhar conscienciosamente o encargo de preceptor?

«E' o mesmo que dizer a uma infeliz:— Curte fome, mora em uma espelunca, e dispõe das melhores horas do dia e da noite em beneficio do estado, que te esquece como o mais humilde e o mais obscuro de seus servidores!

«Um professor nestas circumstancias nem ao menos podera rodeiar-se do prestigio religioso do asceta. Será naturalmente um ignorante ou um louco.

«Que respeito poderá infundir em seus educandos? O estado de dependencia que a acceitação de seu cargo lhe creou, despoja-o da autoridade e da força moral, sem os quaes a sua influencia se torna completamente nulla.

«As creanças frequentam por longos mezes uma destas aulas e sahem por fim de lá como entraram. Os paes e os parentes, não menos ignorantes que os seus tutellados, descrem facilmente da utilidade e das vantagens do ensino.

«Assim voltam de novo para casa e são logo empregados nos mais rudes trabalhos domesticos.

«Cá fóra, no interior, na roça, na matta, vão feitorar os escravos, cortar lenha pegar os animaes no pasto e sahem aos domingos armados de uma espingarda ou de uma tramoia a caçar rolas ou apanhar os pobres sabias, que no fim de contas teem tanto direito como elles á liberdade!

«Eis aqui em que se consome a actividade infantil dos filhos do povo, em quanto a venda, o jogo e muitas vezes o crime não completam tão deploravel noviciado.»

Emilio Zaluar.

VARIEDADES.

Burra de segurança.

O engenho americano não tem limites. Vejam lá de que se foi lembrar um inventor de New-Orleans. Havendo fabricado uma burra da maior segurança, resolveu provar ao mundo a sua perfeição. Encaixou-se dentro della, munido de alguns viveres e de um bilhete de 1000 dollars, e ordenando, depois, que atirassem ao rio a chave da burra, desafiou a todos os ladrões e serralheiros a que o viessem libertar e tomar-lhe o seu bilhete. Durante a semanal que precedeu as ultimas noticias todos os serralheiros, mecanicos e ladrões do districto, trabalharam inutilmente, batendo, furando e refurando, sem conseguirem abrir a burra.

O peior é que o homem de genio grita agora lá de dentro pelo buraco da fechadura que dará 10,000 dollars a quem o tirar dalli.

Não ha, porem, probabilidade de que isto se consiga, tão maravilhosa é a construcção da armadilha de nova especie.

Resta apenas um recurso que é o de fazer fundir toda machina em uma fornalha, depois de introduzir (se for possivel) uma roupa incombustivel ao engenhoso engaiolado.

Cumpre-nos declarar que a folha de onde extrahimos esta curiosa noticia, não insiste em que lhe dêem inteiro credito.

Porque a mulher se suicida.

Lê-se no *Jornal da Tarde:*

Certo doutor dos mais acreditados na cidade em que vivia, estava tranquillamente jantando quando o foram chamar á toda pressa; vestiu-se e sahiu correndo. Era uma mulher que morava na visinhança que se tinha envenenado.

O doutor entrou em uma habitação mais sumptuosa do que elegante, que demonstrava luxo e desperdicio, mas sem bom gosto nem delicadeza. Interrogou a doente e tratou de salval-a.

Dous dias depois um homem de cabellos brancos, e modos distinctos apresentou-se em casa do doutor e lhe disse:

—Doutor, salvastes uma mulher por quem sinto o mais sincero e profundo affecto; salvando-me ao mesmo tempo de remorsos, que teriam enluctado toda a minha vida. Fui cruel, severo, avarento de mais; a pobre menina queria ter o seu carro como as outras e eu não lh'o dê. Julgou por isto que eu não a amava muito, e quiz morrer.

«Apresso-me, pois, a agradecer os vossos cuidados, e demonstrar-vos toda a minha gratidão.»

O ancião retirou-se deixando delicadamente um cartucho de moedas de ouro em cima da meza.

No dia seguinte a horas da consulta do medico, entrou um homem de cincoenta annos, muito corado, um tanto barrigudo, com brilhantes no peito da camisa, nos punhos e no collete e uma grossa corrente de relogio.

—Senhor, disse com voz rouca, devo-vos um grande favor, por terdes salvado aquella tola, que queria se envenenar. Tive uns ciumesinhos della... injustos, segundo me parece, por causa de certo peralta, que diz ella ser seu primo. Sou um tanto arrebatado, e ameacei abandonal-a; nunca julguei que aquella moça me tivesse tanto amor. Parece que a cousa ia sendo de véras. Teria sido a terceira que morria por minha causa.

«E' justo entretanto que todos vivam do seu trabalho, e isto não vos será demais.»

E o homem tirou mil e tantos pesos em libras esterlinas, que collocou em pilhas iguaes sobre a mesa do doutor.

O medico ficou só, um tanto perturbado e descontente.

Bateram á porta e entrou um moço, muito bom moço, penteado e frisado, de bigode e collarinho em pé, de modos affectados.

—Sois o Sr. Dr... perguntou elle.

—O proprio, senhor.

—Pois doutor, venho dar-vos mil graças pelos solicitos cuidados com que tratastes a vossa visinha, encantadora moça, que se digna distinguir-me, e de cujo desespero fui causa com uma ligeira infidelidade. Com os diabos! tambem o homem não pode consentir em ser sequestrado e retirado da circulação! A pobre menina viu as cousas pelo lado tragico. Neste momento não estou previnido, porque o jogo me tem tratado mal; porem venho dizer-vos sempre, que podeis contar com um amigo mais.

Estendeu a mão ao doutor, mirou-se em um espelho, esticou os collarinhos e sahiu.

O medico, desconcertado com a triplice visita, dirigiu-se á casa da interessante doente e disse lhe:

—Senhora, a gratidão que julgastes dever mostrar-me pelo pequeno serviço que vos prestei, manifestou se de modo um tanto vergonhoso para mim.

«Fico com o cartucho de moedas de ouro do velho, porque o ganhei. Porem não posso acceitar o dinheiro do segundo, e, portanto, permitti-me que vos restitua, porque vos pertence. Emquanto ao terceiro, si elle vos engana, é por vaidade. Os vossos tres amigos parecem amar-vos muito.»

—Ah! doutor, si elle me amasse não me teria deixado arrastar pelo desespero.

—Como! Quem é *elle?*

—Ah! doutor, o ingrato que me abandonou, por quem eu quiz morrer, é um actor do theatro que partiu já para Nova-York! *(Tableau!)*

Conto de Talmud.

Na sua marcha para conquistar o mundo, Alexandre, o Macedonio, chegou a um povo n'Africa, que vivia em um remoto e afastado recanto em pacificas choupanas, desconhecendo as guerras e os conquistadores.

Alexandre foi levado a choupana do chefe da tribu, que o recebeu hospitaleiramente e collocou á sua frente tamaras douradas, figos e pão tambem dourados.

—Comeis ouro nesta terra? perguntou Alexandre.

—Tenho quasi certeza, replicou o chefe, que no teu paiz não teriamos nem alimento. Porque razão, pois, vieste procurar-nos?

—O vosso ouro não me tentou, disse Alexandre; mas quero enfronhar-me de vossos habitos e maneira de proceder.

—Pois bem, replicou o chefe: demora-te entre nós emquanto te aprouver.

A' estas palavras compareceram dous cidadãos, que vinham queixar-se ao chefe. Um d'elles disse:

—Comprei a este homem uma eira de terras, e abrindo um rego n'ella encontrei um thesouro. Esse thesouro não me pertence, porque só comprei a terra e não o que n'ella encontrasse, mas o vendedor da terra não quer receber o thesouro.

O outro disse então:

—A' minha consciencia é tão pura como a deste cidadão. Vendi-lhe a terra e tudo quanto ella encerrasse, portanto o thesouro encontrado está comprehendido na venda.

O chefe, que era tambem o juiz supremo, recapitulou as palavras de ambos, para que se convencessem de que os havia comprehendido.

E depois de reflectir um pouco, accrescentou:

—Amigo, tu tens um filho, creio eu.

—Sim

—E tu (dirigindo-se ao outro) uma filha.

—Sim, respondeu tambem este.

—Pois bem, casa teu filho com a filha deste homem, e dota o casal com o thesouro encontrado.

Alexandre ficou sorprendido e perplexo.

—Achas injusta a minha sentença? perguntou-lhe o chefe.

—Oh! não, retorquio Alexandre; mas causa-me admiração.

—Como então decidirias a questão em teu paiz?

—Fallando a verdade, ambas as partes seriam prezas, e o thesouro reverteria em proveito do rei.

—Em proveito do rei! exclamou o chefe. E o sol brilha na tua terra?

—Sim.

—E a chuva cae tambem alli?

—Certamente.

—Que maravilha! E n'esse paiz ha animaes mansos, que pascentam-se nas hervas verdes e viçosas?

—Ha muitos e de muitas especies.

—E' por isso que o sol a vivifica e a chuva abranda o calor. A não ser assim, o Omnipotente privaria seus habitantes d'esses dous celestes, porque tanto tu como elles sois indignos de gozar das bençãos do Ente Supremo.

Desgraça sobre desgraça.

No 1.º de setembro passado, em Fragozella, povoação do conselho de Vizeu, em Portugal, sahiu uma pobre mulher do campo para o seu trabalho e deixou fechadas em casa duas creancinhas, seus filhos, um de quatro annos e o outro mais novo.

Nesse dia tinham feito certa operação a um porco e o pequeno mais velho assistira. Vendo-se a sós com o irmão, lançou mão de uma faca e fez na creança operação igual. Imagine-se as dores que soffreu o infeliz pequenino! Morreu nas mãos do operador, e este cobriu-o com um lençol.

Voltou a mãe e perguntou ao filho de 4 annos pelo outro: respondeu aquelle, mostrando a inconsciencia do mal que fizera: «está a dormir no berço; fiz-lhe como fizeram ao porco.»

A mãe corre ao berço: vê o filho morto: no auge da afflição, com a cabeça perdida, tira um chinello do pé, bate uma pancada na cabeça do filho mais velho, e este cahe morto no chão.

Imagine-se que tal seria o estado daquelle coração de mãe, vendo-se entre os cadaveres de seus dous filhinhos.

Teve entrada nas cadeias de Vizeu a desgraçada mulher.

Sirva este facto de nova advertencia para os paes que deixam presenciar a seus filhos scenas de sangue, e confiam a guarda d'elles a quem não pode guardar-se a si proprio.

Reflexão de um bebado, que depois de beber vinho tinto, vae beber vinho branco:—Olá, meus amigos, branco e tinto, não queremos bulhas, estejam quietinhos, senão vamos todos tres parar a estação! Juizo é que se quer!

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo desta sociedade, convido aos Srs. socios para reunirem-se em assembléa, no domingo 24 do corrente, ás 10 horas do dia, afim de assistirem ao acto da posse da nova administração, e discussão do relatorio do conselho e parecer da commissão de contas. Bahia 21 de dezembro de 1871.—*Lucio Casimiro da Fonseca*, servindo de 1.º secretario.

Pharmacia Gouveia.

NA RUA DA VALLA.

Acha-se aberto este estabelecimento á concurrencia do respeitavel publico, que o encontrará sempre convenientemente sortido de todas as drogas simplices e compostas, as quaes vende pelos preços do commercio. Avia com sinceridade, promptidão e aceio qualquer receita, e para esse fim, alem de seu proprietario que é pharmaceutico formado em 1860, tem um ajudante com pratica de 15 annos e de muita intelligencia.

Vende-se uma casa em terreno proprio ao Bom Gosto da Calçada; com 2 salas, 6 quartos, cosinha fora, casa de banho. A tratar na mesma rua, com José Antonio de Souza Severo.

Na rua direita da Misericordia casa n°. 29 ao entrar, se dirá quem dá dinheiro sobre penhores, assim como quem compra prata, ouro e joias.

Na segunda-feira proxima, os devotos de Nossa Senhora da Conceição do Meinho, festejarão a mesma Excelsa Senhora com missa solemne na freguezia da Victoria, procissão, illuminação no logar do festejo, etc. Espera-se a concurrencia do publico.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 89.ª QUINTA-FEIRA 28 DE DEZEMBRO. N. 882.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 27 de dezembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. official agente do 18 batalhão, para que emitta sua opinião, si duas arrobas e 13 libras de carne secca são sufficientes para alimentar a 230 pessoas. Não deve causar extranheza semelhante consulta ser feita a S. S., visto como estando encarregado de commissão de egual natureza, deve ter pratica bastante para responder.

Portaria ao muxingueiro Evaristo, ordenando-lhe que previna-se das infalliveis bolas e va á rua da Lapinha, onde ha uma endiabrada caxorra na casa n.° 18, que avança e morde a quem passa.

No dia 15 o pernicioso animal mordeu e rasgou no Queimado a uma crioula; que conduzia pezado carrego, tendo dias antes dado duas formidaveis dentadas em uma criança.

E sendo prejudicial a conservação de um bicho tão damninho, o qual seus donos não cuidam de prendel o, urge dar cabo d'elle. Cumpra.

—Capitão, me contaram uma tramoia, mas eu não quiz acreditar.

—Então viva.

—Veja V. Ex., si era possivel que o Evaristo das bolas, na noite de Natal, prendendo a um homem de côr parda, suspeito de ser escravo fugido, e'o recolhendo no destacamento da policia, n'essa mesma noite, por 10$ rs., mandassem o homem dormir na casa da pessoa que diz ser seu senhor.

—Eu não creio; mas *si assim foi*, fique certo que não apparece signal no ceu.

—O anno de 1871 está fazendo exame de consciencia.

Confessa-se dentro em breve e morre impreterivelmente no dia de S. Silvestre, que é o sar coveiro de todos os annos.

—Todos estão anciosos por ver chegar o almejado santo coveiro de enchada em punho e balandrau azul, para abrir a cova do anno velho, aspergil-a de agua benta e fugir ao primeiro canto do gallo do anno novo.

—O anno que está prestes a afogar-se no turbilhão do passado, foi um anno que, como todos, alvoreceu entre palmas e bençãos, e que, como todos, sahe corrido e pateado!

— Como se apresentará elle dentro da eternidade?

Que fez o 71 de bom? Que ideia aventou? que direito fez vingar?

—Foi um anno de guerras, de traições, de assassinatos politicos, de guilhotina, de perfidias, de quebras, de temporaes e catastrophes, de incendios e terremotos, de tudo quanto é mau, aborrecido e detestavel!

—Mas emfim, la se vae elle; está fazendo exame de consciencia, afim de ir fazer a confissão geral dos seus peccados.

—Que a caldeira de Pedro Botelho o receba!

—A creoula Epiphania, empregada como creada de servir, em uma casa ás Sete-portas, ou rua do Sangradouro, sahindo á compras, em dias da semana finda, foi atacada na ladeira de Nazareth, por dous individuos, que lhe tomaram tudo quanto levava.

—Vamos n'um estado de cousas que nada resta á desejar!

—Despojada a rapariga completamente, os salteadores levaram o arrojo a quererem violental-a á uma acção impudica por meio de terror.

—Passam-se destes casos dentro das ruas da Bahia!

—E as partes da policia rezam que não houve novidade; ou então registram a prisão d'este ou d'aquelle individuo por versar duvida sob sua condição; ou para provar isenção do recrutamento.

—Quem transita por essas ruas deve andar com o credo na bocca.

—Eu lhe creio, meu timorato,

—Pois si a gente corre risco de tanta cousa!

Está-se exposto a levar uma pedrada dos moleques estripolentos, aos banhos de mijo atirado dos sobrados, ás mordeduras dos cachorros vagabundos, ás encontroadas das carroças e sobre tudo aos desvarios dos doudos.

—Por V. fallar nisso, um dia d'estes tive colicas na rua da Mangabeira.

Encontrei um doudo que ha aqui de nome Machado, de talim á cintura e espada em punho, a bradar e a fazer manejos. Eu que ia perto, tive meus receios que o homem não fizesse alguma de doudo; principalmente excitado pelos moleques, que o exasperavam.

—Ora diga-me, n'uma cidade onde se permitte que doudos andem armados, não é para um homem andar temeroso na rua?

LÁ VAE VERSO.

Capitão, as boas festas
Venho contente lhe dar,
Desejando-lhe saude,
Paz e dinheiro a fartar.

Já é morto o espiritismo;
Foi *a Chronica* que o matou:
Coitado! tanta pancada
A' sepultura o levou.

Disse ella, eu cá não sei,
Não é mais espiritismo;
Aquella sociedade
E' agora o comunismo.

Com as almas do outro mundo
Já não se conversa mais,
Agora querem dos outros
Dividir os cabedaes.

Uma lagrima saudosa
Demos á sua memoria,
Mas o espirito não morre,
Capitão, isto é historia.

O espiritismo tem vida,
Como o papa é infallivel,
Tanto uma, como outra
Pode ser cousa impossivel.

Nas novidades do dia
Agora vamos fallar:
Dizem os frades e velhas
Que o mundo vae se acabar.

Por tres dias e tres noites
A medonha escuridão
Envolverá toda terra,
Roncando horrivel trovão.

Quem acender vella benta
E' só quem ha de enchergar;
E quem não tiver dinheiro
Com que a hade comprar?

Os frades que são tão santos,
Porque não a dão de graça?
De algum especulador,
Capitão, isto é xalaça.

As beatas andam tontas
Pelas igrejas rezando,
E tres vezes n'um só dia
Cada qual se confessando.

Que boa festa seria,
Si fossemos todos juntos
Gozar dilicias da morte
Na santa paz dos defuntos?!

Lá dentro da sepultura
Dormir sem nunca acordar,
Que bello, gostoso somno
E que ninguem quer gozar!

E' o circo Chiarini
D'este povo a distração;
Ver um cavallo fallando
Admira, capitão.

Ao som da musica dança
E dizem que até escreve,
Que talento de cavallo,
Em doutor formar-se deve.

Um macaco, que macaco!
Monta á cavallo ligeiro,
Corre, vira, vae e volta,
Que macaco tão brejeiro!

Não me falta ver mais nada
N'esta boa e santa terra,
Do maldito Paraguay
Depois que findou-se a guerra.

Já temos o ventre livre,
Já somos livre nação,
Parabens, mil parabens,
Lhe mando de coração

E com esta me despeço
De você, meu capitão.
Até outra vez que possa
A penna pegar na mão.

A PEDIDO

—Capitão, ouça isto que é importante.

—Vamos lá com esta massada.

—João Sabino Geblet, morador á rua Direita de S. Pedro, onde se acha estabelecido com tulha de farinha, achava-se qualificado guarda do 2.° batalhão de infantaria da guarda nacional. Sendo avisado, não fez caso, pelo que teve ordem de prisão, a qual foi executada; mas comparecendo o Sr. Antonio, calafate, morador na mesma rua, apresentou ao major commandante do corpo o bilhete de taxa de Geblet, provando ser elle escravo de sua irman.

Em vista d'isso foi solto Geblet.

—Mas que me importa isso? O homem é escravo; está isempto da guarda nacional.

—Não é esse o caso; o caso é elle ser escravo para não servir na guarda civil, e não o ser para occupar cargos importantes em irmandades!

No domingo tem de ser impossado do cargo de presidente do Senhor Bom Jesus da Paciencia.

—Pode ser que a lei organica d'essa irmandade, permitta que o escravo faça parte n'ella.

—Não, capitão, informam-me o contrario d'isso.

—Então entenda-se lá com o juiz de capella que é o competente.

—Entender-me-hei!...

—Um moleque fazia proezas, quinta-feira passada á noite, em deredor do circo.

O capitão Braga chega com seus agentes, manda agarral-o e trancafial-o na Mouraria.

Vão dizer ao subdelegado que um seu escravo fôra preso.

S. S. assistia ao circo; sahiu logo e informado que o moleque preso, era seu, revoga a ordem do capitão Braga, ordena a soltura do moleque e o manda buscar do poder dos soldados, antes mesmo de chegar á prisão.

—E a que trouxe V. esta lenga-lenga?

—Por nada; somente por gosto de lhe communicar.

Duas palavras

PROFERIDAS POR ARISTIDES RICARDO DE SANT'ANNA, EX-PRESIDENTE DA SOCIEDADE MONTE PIO DOS ARTIFICES, NO ACTO DE PASSAR A PRESIDENCIA AO ACTUAL PRESIDENTE JOAQUIM CASSIANO HYPPOLITO.

I.

Senhores da sociedade Monte-Pio dos Artifices:—Hoje que tenho de entregar a presidencia d'esta sociedade que, ha dous annos, foi por mim mal e indevidamente occupada, entendo antes d'isso o fazer dizer vos duas palavras, para as quaes peço vossas attenções.

A escolha do honrado presidente desta provincia, do consocio Joaquim Cassiano Hyppolito para presidente desta caritativa associação, foi acertadissima, podendo dizer-se que hoje tem ella á sua frente um presidente intelligente, honrado e probo, que, mais do que a nullidade que vos falla, hade fazel-a prosperar e florecer!

Senhores! fui infeliz na administração desta sociedade.

No primeiro anno em que fui por vós eleito e escolhido pelo Exm. Sr. barão de S. Lourenço, hoje visconde, soffri o maior dos golpes que o homem pode soffrer em sua vida—a perda de minha carinhosa mãe, e neste mesmo anno outros desgostos de mim se apoderaram.

O segundo anno tambem foi para mim fatal.... No dia em que se festejava aqui o 30.º anniversario, minha esposa estorcia-se, como ainda se estorce, em um leito de dores.

A minha administração pois, senhores, foi cheia de dissabores, alem disso vós desamparaste-me deixando-me sem a coadjuvação de vossas intelligencias!

II.

O conselho, senhores, deixa o fundo social muito mais augmentado com o producto de duas loterias recolhido á caixa economica!

Tenho consciencia de que se muito mais crescido não o deixa, foi devido á falta de pagamento de mensalidades dos nossos consocios, que entenderam atrazar se.

III.

Vinde pois, illustre consocio, assumir esta cadeira que estava mal preenchida com a minha humilde individualidade!

Vinde!.... vinde administrar as economias dos artistas e applical-as na pratica da caridade!

Vinde zelar sobre o balsamo que cura as feridas do operario, quando no leito da dor!

Vinde soccorrer a viuva que lamenta a perda do espozo, dando-lhe o consolo da primeira das virtudes—a caridade!

Vinde deffender a donzella das *garras* da prostituição! Vinde soccorrer com o *pão da caridade* ao innocente orphão que d'elle necessita pela perda de seu pae, que nada lhe pôde legar sinão o honrado nome de artista! Vinde!.... sêde mais feliz do que eu em vosso arduo e melindrozo encargo!...

Tende cuidado no obolo que os artistas vos entregam para a pratica da caridade!...

.....

E nós, senhores, que deixamos hoje a ardua e espinhoza tarefa de que nos incumbimos, o que nos cumprirá fazer?....

Sim! nós devemos implorar á nossa excelsa PADROEIRA para que dirija o actual conselho pela estrada da honra e da dignidade, por onde Ella sempre nos fez trilhar!!

Bahia e sala das sessões da sociedade *Monte Pio dos Artifices*, 24 de dezembro de 1874.

Aristides Ricardo de Sant'Anna.

Minha futura mulher.

Eu namoro a uma velha
Com sessenta annos de edade,
Que me jura ser constante,
E me tem muita amisade.

E' bonita e só no rosto
Tem rugas, rugas sem conta;
Olhos vêsgos, bocca torta,
Nariz, com comprida ponta.

Canta bem, dansa lundú,
Toma tabaco e rapé,
Come, bebe, masca fumo,
Seu corpo cheira a chulé.

Tem um andar tão gamenho,
Que a todos faz invejar....
Minha amada é uma pintura,
Feiticeira é de matar.

E' viuva, e tem dinheiro,
(Santo nome!) e só me quer;
Eis aqui, charos leitores,
Minha futura mulher.

Bahia 26 de dezembro de 1871.

A. P.

VARIEDADES.

Na ausencia de um inspector de quarteirão um seu irmão deu a seguinte guia:

«Fasço este por meu irmão José Ferreira Netto, não estar em casa, Inspector do Qoarteirão do Gargoá.

Pode sepultar Marthildes Maria do Nazareth; e para não haver duvidas, falleceu procedida de um motivo que teve.

Gargoá 14 de maio de 1858.

(Assignado) *F....*»

Um ratão muito nosso conhecido, atormentava ha dias um amigo para que lhe emprestasse 4 libras.

—Toma la uma libra e vae á fava! lhe disse o amigo.

—Não vou á fava por menos de 4 libras, meu amigo, atalhou o outro.

—

Um sugeito entra n'uma casa de pasto, e encontrando o moço deitado n'um canapé, como quem está incommodado, pergunta-lhe:

—O que tens tu, rapaz?

O moço levanta-se todo assarapantado e responde:

—Tenho cabeça de porco com ervas!

—

Dizia Rosa ao marido:
—Ambrozio, eu bem quizera
Que te casasses de novo;
Porem com uma megera!—
—Responde Ambrozio, sorrindo:
—As tuas pragas são vans!
A egreja não consente
Casar com duas irmans

ANNUNCIOS.

Pograma

Do *bando annunciador da festa de Reis.*

No dia 31 ás 3 horas da tarde partirá do largo da Lapinha o bando acima mencionado, pelas seguintes ruas: Direita da Lapinha, ladeira da Soledade, S. José, Fonte de Santo Antonio, Perdões, Conceição do Boqueirão, Cruz do Paschoal, Baixa dos Sapateiros, praça do Conde d'Eu, e talvez até á praça de Palacio, donde regressará á mesma procedencia. Por todo trajecto serão distribuidos os bandos (em verso) com o programma da festa pelos directores da devoção. Pede-se aos Srs. mascarados queiram apresentar-se no dia e hora marcados no referido largo da Lapinha, afim de marcharem debaixo de toda ordem, precedidos pela musica que apparecer na occasião. Bahia 27 de Dezembro de 1871—*B. A.* 1.º secretario.

Francisco Santini, professor de piano e canto, acaba de abrir uma casa na rua Direita de Palacio n. 21, na qual os professores e dilectantes desta sublime arte, encontrarão tudo nesse genero. Na mesma casa transporta-se e copia-se com nitidez e promptidão qualquer musica, que lhe seja encommendada.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Declaração.

Sendo por demais crescido o numero de assignantes remissos, e atrazados em seus pagamentos, apezar das repetidas advertencias, que se lhes teem feito; e convindo saber com quem se deve contar, porque nada adianta o ter um extraordinario numero de assignantes, quando as despezas da folha são feitas com difficuldades, pela omissão dos que não pagam; e nada tendo aproveitado as considerações, que até hoje se tem guardado para com certas pessoas; previne-se que não deve causar estranheza a todo aquelle assignante remisso, que do numero seguinte em diante deixar de receber.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 89.ª — SABBADO 30 DE DEZEMBRO. — Ns. 885—886.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 29 de dezembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, partecipando-lhe que, em uma casa na Lapinha, existe uma moça atoleimada sobre quem se praticou a mais brutal e incontinenti violencia, no Queimado. Consta que a authoridade local teve communicação, e de quem foram seus desalmados authores, porém nada fez, apezar de haver pessoas que presenciassem ou soubessem do facto.

A referida moça por seu deploravel estado costuma vagar de noite, o que deu logar a ser victima de tamanho excesso de lubricidade. E como á authoridade corre o dever de velar sobre os miseraveis e desvalidos, dá-se sciencia do occorrido á S. S.

—Capitão, dizem que na rua da Lama, foi deflorada por um portuguez, *fabricante de massas*, uma menina, filha de uma mulher mizeravel.

—Ah!, os seductores abusam sempre da penuria e da mizeria.

—Consta que a mãe é uma mulher que á pouco tempo foi tambem espancada.

—Ora esta! duas infelicidades á um tempo!

—Afinal o Sr. Dr. chefe de policia concedeu sempre licença para os candomblés.

—Mas soube o que houve? A crioula Marcellina veio para o hospital de braço e cabeça quebrada.

—Capitão, no dia de anno bom terá logar a lavagem da capella de Nossa Senhora da Lapinha, para a festa do Senhor Bom Jesus Rei Salvador.

Haverá antes da lavagem uma missa solemne ao mesmo Senhor.

Duas bandas de musicas marciaes, estarão á porta do templo abrilhantando o acto e depois precederão os fieis no carrego da lenha.

—Que seja concorrida a lavagem, e haja todo respeito ao sagrado logar, não se mettendo ninguem no *pifão*, o que sempre acontece, infelizmente, em outros logares!

—A policia do Rio Vermelho anda tão resguardada que não há quem lhe ponha os olhos.

—Fallador!

—No dia 23, Izabel de tal espancou mortalmente a Agostinha deixando-a sem sentidos; não estando o subdelegado, não se fez corpo de delicto e a mulher foi para o hospital muribunda.

Um inspector de quarteirão prendeu Izabel, mas até hoje 27, não lhe deram nota de culpa, nem o menor andamento para instauração do processo.

—Isso é o menos; si a mulher está presa, é quanto basta.

—Capitão, o anno de 1871, nascido no dia 1.º de janeiro, acha-se nas *portas da morte*.

O *Dr. Tempo* já o desenganou, dizendo que a sua vida não chegará mais do que até a meia noite do dia 31 de dezembro.

—Coitado! Este anno, embora fosse de desgostos para muitos, assignalou um padrão de gloria para o Brasil—a liberdade do ventre!

—E' verdade! As mulheres que tinham o ventre impedido, hoje acham-se com elle livre, podendo assim despejarem livremente para quem fôr de sua vontade. Isto para V. Ex., já não é novo.

—Varro a pulha! Adeus até 1872.

—Para viver no Brazil, é melhor não ser brazileiro.

—Que maluco! Não sabe que o Brazil *será* dos brazileiros.

—Os estrangeiros gozam de mais regalias e immunidades; para prova do que veja:

O *Sr. Chiarini*, como elle a si proprio se

chama, nos annuncios que manda publicar, trouxe do Rio Grande, fazendo parte de sua companhia, um moço musico. Na segunda-feira tendo este ido, na vespera, á missa do *gallo*, accordou mais tarde, e foi dez minutos depois da hora marcada para o ensaio; por isso foi esbofeteado á vista dos companheiros.

Impotente para repellir a affronta, cercado como estava do pessoal da companhia, o unico remedio que teve o ultrajado moço, foi retirar-se. Mandando depois receber o salario que tinha ganho, o director do circo não lhe quiz pagar sinão sob a imposição de que havia de continuar a tocar nas quatro noites de espectaculo que tinha ainda a dar.

Recorrendo a policia, não poude fallar ao Sr. Dr. chefe, e até consta que ahi lhe aconselharam que não contendesse com o Sr. Chiarini, porque era um homem recommendado, de muita distincção, e um artista de merito!

—Não sei para que essas restricções; o fraco, o desvallido, não pode pessoalmente levar suas queixas á presença da authoridade superior.

—Está como um brasileiro dentro de seu paiz é supplantado em seus direitos, calcado em sua dignidade, espesinhado em seus brios pela prepotencia e prestigio de um estrangeiro.

—Mas V. viu o facto da bofetada?

— Para dizer que vi, não vi; mas ouvi de artistas musicos que affirmam terem presenceado.

Informaram-me porém que alguem para deitar agoa na fervura mandou que offendido fosse na noite de 27 ao circo, para ahi arranjar-se com o Sr. Chiarini, e de facto concordou este em pagar-lhe impondo a condição de que continuasse a tocar, ao que elle sugeitou-se.

—Accommodação com desdouro, diabos a leve.

—Continuam as barracas do Caes do Commercio a serem arrombadas e roubadas.

—A policia coxilla; os ladrões estão vigilantes.

—Capitão, será exacto que uma pobre viuva fôra esbulhada de 900$ rs. *limpamente* tirados do thesouro publico, por artes de um certo bacharelete, muito conhecido por gaiatadas semelhantes?

—Que quer, meu charo, muita gente quer passar á festa no Bomfim a dous carrinhos, e V. sabe que os homens de armazens e as pretas que vendem gallinhas e perús ja andam escarmentadas.

—Capitão, registre mais um facto immoral da gente que traz *corôa*.

Recentemente quando muitos conventos de religiosas foram dissolvidos, apresentou-se uma freira, chamava-se Luiza Awinion, pedindo que a libertassem e que o commissario do governo italiano a levasse a sua familia, de quem não tinha noticia, ha 9 annos: declarou quem era a familia e que um ecclesiastico de nome Hubert a raptara e tendo-a violentado a levara para o convento, como *convertida e baptisada*.

Ella era judia.

—E que tal o baptismo que deu o sacerdote a pobre judia?

Porque a *Chronica Religioso* não publica estas cousas?

—Quanta immoralidade, capitão, não se passa entre as paredes dos claustros!

—Já é tempo de se desmoronarem essas casas edificadas para acobertarem o crime e a malevolencia de certos ministros da religião do Crucificado, cuja concupiscencia não tem limites.

—Faltou pouco hontem, em S. Bento, para não consummar-se um conflicto de graves consequencias.

—Vá me contando.

—O Sr. Chiarini, director do circo, embarcou em um bond com um caixorro da Terra Nova. Advertindo-lhe o caxeiro para que fizesse sahir o animal, obstinou-se elle em não querel-o.

Chamado um policial para enchotar o cão, no acto deste o fazer, o Sr. Chiarini safou um rewolver e apontou sobre o agente da força publica.

—E não foi preso?

—Qual! pois si o homem é commendador.

—Está bom! e por sel-o zomba do que acha estabelecido em uma terra que tão bem o acolheu.

—Pessoas de criterio que presenciaram o facto, todas levaram a mal o procedimento do Sr. Chiarini.

As duas glorias do mundo.

Falla-se tanto por ahi em gloria, que quem ouvir entenderá que gloria é genero tão abundante no mercado da vida, como si fosse o comer ou o dormir; porem não é assim, porque glorias reaes ou verdadeiras só se devem considerar duas, e ainda assim ambas ellas tem differença entre si, porque uma dá regosijo e nutre o pensamento de uma esperança nobre, e a outra enche o coração de delicias, banha a alma de prazeres, porém sendo

muito agradavel é infelizmente tão limitada que pouco dura.

E quaes são estas duas glorias?

Logo direi; entretanto vamos primeiro dar uma difinição do que é gloria em geral conforme o diccionario natural do estulto filho do velho, e ella ahi vae fresquinha e pura tal qual a tirei do jardim de minhas ideias.

Gloria é um enthusiasmo que recebemos quando gozamos algum distinctivo ou previlegio, que nos faz sobresahir aos outros na sociedade (si ainda não entenderam lá vae outra definição).

Gloria é uma torre muito alta de vaidades a que subimos para olharmos os mais lá de cima com ar de superioridade. Ouviram?

Porém como pode acontecer que algum estudante mais estupido, não tenha ainda entendido, ahi vae outra adubada com temperos mais vulgares para poder ser dirigivel no estomago intellectual de todos. Ouçam com attenção, porque agora vae em pratos limpos.

Gloria é um vapor que se forma na caldeira do amor-proprio, e faz trabalhar toda machina da fantazia com força de quatro mil cavallos; em summa, gloria é o perú das cathegorias que vive fazendo roda e dando grulhos na praça da lisonja, quando os poetas o incham com os assovios da poesia. Bravo, muito bem!! desta vez brilhei! Nem Lamartine discorreu com tanta verbosidade e elegancia, quando discreveu o nariz de Napoleão; muito possue o Brazil nesta minha cabeça!

Ora o povo por ahi chama gloria a certas cousas que eu considero loucura, porém como estão infelizmente engarrafadas com esse letreiro, passam; sempre direi que são glorias falsas ou glorias estupidas.

Por exemplo, dizem que é gloria matar muita gente e vencer uma guerra; varro esta, não admitto brilhantismo, onde corre o sangue humano; mas por desgraça existem almas tão brutas, chamadas por alcunho valentes, que consideram matar seus semelhantes o mesmo que foliar formigas.

O espadachim, o peralta estupido, tambem julgam que dar uma estocada em um desafio ou n'uma questão de palavras é um rasgo glorioso, porém tambem é gloria só na opinião dos genios malignos.

O petimetre vicioso considera como gloria seduzir uma sincera moça, seduzil-a, e desilludir uma sincera moça, seduzil-a, e desbonral-a, porém é gloria de eaxorro, e não de homem civilisado e brioso.

E a vista disto, quaes são as duas glorias reaes? A primeira veremos. A primeira, mais sublime, mais valiosa, e quasi unica verdadeira, é a gloria de fazer bem, praticando actos de espontanea caridade sem vistas de interesse: esta brilhante gloria duplica a força da vida, clareia e refresca os prazeres da imaginação e dá lhe uma esperança de se tornar immortal, chegando a presença de Deus na grande revista da eternidade. A gloria de fazer bem ao seu semelhante é o mannâ das almas bem formadas, é a delicia dos corações angelicos; é a gloria de fazer bem a base segura e inabalavel de manter uma fortuna presistente no decurso da vida. A benificencia é uma acção tão sublime, tão nobre e tão respeitavel que os proprios irracionaes a agradecem, os animaes que são domesticados pelo castigo ou pela força, tornam-se mansos, porém lá vem uma occasião em que fazem uma traição; mas aquelles que se lhes abranda a ferocidade por meio de mimos e doçura acompanham ao seu bemfeitor com a fidelidade dos cães amorosos, porque a força intimida, irrita, obriga e desespera; ao contrario a affabilidade e o obsequio amacia e derete o coração mais petrificado; e a proposito de benificencia citarei aqui uma colcheia que improvisou um deputado do Maranhão no theatro da rua de Baixo, por occasião de fazer um beneficio, um cego por nome Lod que nesta noite se achava ao piano cantando uma modinho cujo estribilho era—

Não produz a Natureza
Um infeliz como eu—

O deputado, cujo nome ignoro, tão sensibilisado ficou de ver o pobre Lod lamentando a sua sorte, e ainda mais commovido pela melodia da musica, que bateu palmas e disse:

Quem protege o desvallido
Desfructa maior ventura.

GLOSA.

Tem louvor alto e subido,
Mundana admiração,
E' celeste emanação
Quem protege o desvalido,
De virtudes revestido
Não temé ir a sepultura,
Sua alma grandiosa e pura
Prepara a felicidade,
E subindo a eternidade
Desfructa maior ventura.

Dirá alguem por ahi que nem sempre a benificencia é util, porque muitas vezes se encontram ingratos. E' verdade; porém a insensibilidade do ingrato não tira a gloria do bemfeitor, e quando acontece haverem ingratidões é por culpa do bemfeitor e não do beneficiado, pois é porque Deus não o julga digno de gozar esta importante gloria de imitar o seu poder; mas, em todo caso, deve-se continuar os beneficios com resignação, mesmo até para mostrar que não são feitos com vista de paga ou interesse, com que se com-

bina o judicioso proverbio—*faze bem sem olhares a quem;* e até o proprio Jesus Christo disse na sagrada escriptura—*diligite inimicos vestros*—amai os vossos inimigos. E quem dera, que nós todos, podendo vencer as nossas paixões, assim o fizessemos!!! Não haveriam tantas guerras, tantos odios e prejuizos entre os homens.

Ora, esta gloria que acabamos de demonstrar, é toda util a alma, vamos a outra, que consola o pensamento e tempera a fibra, trazendo ao mesmo tempo um regosijo de comsensação.

Esta, é a de sermos correspondidos fiel, e mutuamente pela mulher formosa que amamos.

Ai Jesus! Em que porta fui bater! Na cabana do travesso Cupido, que ahi vem de arco e flexa, a ferir e traspassar este meu peito de cangica.

Rapazes amantes, poetas extremosos, ajudem-me com algum emplasto confortativo, que já estou com a espinhela da ternura pendurada, quasi a cahir; porque vou fallar na fructa de minha paixão, licor de minha bebedeira!!!

O negociante que carrega o navio, e volta com lucro de seiscentos por cento; o estudante, no dia que toma o grau de doutor; o sentenciado, que sahe da prisão depois de muitos annos, o usurario que vence uma demanda renhida, o doente que depois de entrevado um anno se levanta e passeja livremente ao fresco da tarde; o naufrago que dando á costa sobre os penhascos, chega, com susto e sacrificio, a pôr o pé em terra firme; todos estes sentem grande consolação, renovam os alentos da vida com um espirito fortificado, dando parabens a si mesmos; porém não egualam e nem se approximam ao heroico poetico e glorioso regosijo, que goza o amante extremoso quando depois das tempestades do desprezo e aguaceiros de descompostura, chega a levar a nau de seus desejos, ao almejado porto de seus encantos. Ah! ahi fica o homem fóra de si, a sua imaginação torna-se maior que o mundo, não respira senão halito de rosas, aos olhos só lhe apparecem luminarias de ternura, macaquices feiticeiras de amor, a bocca sabe-lhe a divina marmellada, o coração bate louco e furioso, querendo saltar fóra do corpo, para vôar, e ir collocar-se debaixo do mimoso pé de sua amada, o sangue ferve em caixão, os nervos tremem de electricidade, elle todo é agitação, é fogo, é vapor, é polvora, é raio; e basta a nympha tocar-lhe de longe com a espoleta de um olhado de aprovação, para elle dar um estouro maior que as metralhadoras prussianas.

Misericordia! misericordia, *agnus Dei qui tollis peccati mundi miserere nobis*—fui bolir na minha ferida, que já estava cicatrisada, de sorte que se inflammou e está deitando sangue em borbotões, acudam-me já com ataduras de paciencia, venham já pontos falsos de seriedade, e o Dr. juizo que fique ao pé de mim, para laquear alguma veia de desejo que possa escapolir, o boticario Resignação que esteja de vigilia de noite, porque posso precisar de algum remedio fóra de horas; todas as moças de minha amisade venham para ao pé de mim, para serem minhas enfermeiras, que espero em Deus ficar vigoroso, para as abraçar.

LA VAE VERSO.

O anno de 1871.

Mas um anno já passou
De vida p'ra humanidade,
Assim vamos caminhando
P'ra o seio da eternidade.

O anno que amanham finda,
Quantos o não viram entrar,
Não poderam ver-lhe o fim,
Que a morte não quiz deixar.

Os projectos que formaram
Passaram, bem como o vento,
Tudo desfaz-se no mundo,
Em um ligeiro momento.

Uma época notavel,
Dos annaes de nossa historia,
Marcou o anno que acaba,
Para nossa maior gloria.

O vinte oito de setembro,
Será um dia immortal,
Porque a negra escravidão
Recebeu golpe fatal.

O que nascer no Brazil,
Por sua felicidade,
Não terá d'escravo o nome,
Gozará de liberdade.

Na Europa feia guerra,
Vidas sem conta roubou.
A França, a soberba França,
Com a Prussia fraqueiou.

A republica, o imperio,
O que ella quer eu não sei,
Quer á face do universo,
Matar em nome da lei.

Contra a marcha do progresso,
Ali trabalha o fuzil,
Dos liberaes lá de França,
Deus nos livre no Brazil.

Proclamou-se o padre *santo,*
Infallivel, sem ser Deus,
Poz tudo em revolução,
Mas falham os planos seus.

E assim lá foi-se o anno
Para nunca mais voltar,
Entre as sombras do passado
Submergido ficar.

Sobre seu frio cadaver,
E do anno novo em face
Agora entoemos todos
O requiescat in pace.

VARIEDADES.

Influencia das mulheres.

Foi por causa de uma mulher de Thebas que, por dez annos houve guerra entre thebanos e phocenses.

Por outra mulher exterminaram-se messenios e lecedemonios.

Causou Helena a guerra entre os troyanos e gregos.

David, por amores com Bercebe, chorou dia e noite, viu retalhado o seu imperio, e succumbiu as iras de seu filho Salomão.

Holofernes foi degolado por Judith.

O principe de Sachem é morto pelo irmão de Dina, a quem havia raptado.

Amon é assassinado em um banquete pela feróz Thamar.

Por causa de Lucrecia acabaram os reis em Roma.

Deu Virginia em terra com o dominio dos decemviros.

Laodicéa, por ciumes, assassina Antiocho, rei de Sadyra.

Lucia envenena a seu marido Antonio.

Fredegonda mata o rei Childerico.

Ciumes de mulher dão fim ao imperio dos gôdos.

Annibal, o invencivel, foi subjugado pelas mulheres.

Hercules, vencedor de hydras e leões, ficou captivo aos pés de Omphale, rainha da Lydia.

Achilles, o heróe da Illiada, vestia-se de mulher só para estar com ellas nos soalheiros.

Sansão, o valente, ajoelhou perante Dalila.

Foi a pedido de Herodias, que Herodes mandou degolar S. João Baptista.

Salomão construiu 700 quartos para 700 morbitas, e pelos amores de sua irman causou as desditas de David.

Nino, foi morto por ordem de Seramimis.

Marco Antonio antes de ser vendido por Octaviano, já o havia sido por Cleopatra.

Xantipa, mulher de Socrates, foi a causa de todos os seus desgostos, contribuindo algum tanto para sua morte.

Maria Antonietta foi em parte a causa da revolução franceza.

Catharina de Medicis foi a protogonista de Saint Bartelemy, e a que perdeu seus proprios filhos.

Iriamos longe si fossemos a rever a historia de todas as mulheres, que tem contribuido com sua influencia para as desgraças do mundo.

Exemplo louvavel.

A um grande principe de Italia pediu um ecclesiastico seu vassallo que lhe fizesse mercê de certa igreja.

E quanto rende essa igreja? perguntou o principe.

Serenissimo, respondeu o pretendente, rende 800 até 1:000 escudos.

Bem está, não é muito o rendimento. E quantos freguezes tem? tornou o principe a perguntar.

E, como o pretendente dissesse que não sabia, o despacho com ultima e severa resolução foi este.—E vós sabeis a conta dos escudos que haveis de comer, e não sabeis o numero de almas que haveis de curar? Pois não sois digno de ter igreja, nem de apparecer diante de mim: ide-vos embora.

Oxalá que todos que fazem semelhantes provimentos fizesem este exame: e que ao menos o fisessem os que os pretendem, e são servidos.—(Padre *Vieira.*)

Um convite para jantar.

«F. convida o Sr. G. para jantar amanhan em sua casa.»

—Feliz a creatura, que recebe um tal bilhete, dirá o leitor gastronomo.

E na realidade diante de um convite para jantar, qual o estomago, por mais estoico que seja, que não sonha a ventura, que vae fruir?

O convidado imagina logo uma fileira de pratos com perfumadas iguarias, cada qual mais exquisita, garrafas a rum de fundo por todo o correr da mesa, gelados, delicada sobremeza, alva e nitida toalha, guardanapos idem, e a jovialidade em cada semblante.

O ingrato, absorto em tão doce perspectiva, esquece-se do feijão de todos os dias e chega até a maldizer o vinho de Lisboa, companheiro inseparavel d'aquelle nas lutas digestivas.

Supponhamos que o Sr. G. aceita o convite.

No dia seguinte comparece elle á casa indicada, *ensobrecasacado, engravatado, engolletado,* calçado, penteado, barbeado, engraxado, de

posto em branco, emfim, como dizem ter saído Minerva da cabeça de Jupiter.

Acostumado a jantar ás tres horas, entra no theatro do banquete as duas.

Passada que seja uma hora, consulta o relogio, e vê com dôr que o estomago começa-lhe tambem a dar horas.

Principiam os abrimentos de boca. não acha commodo nas cadeiras, passa destas para o sofá, do sofá vae á janella, dá duas voltas pela sala e torna a sentar-se.

A filha do dono da casa já tem esgotado todo o repertorio de musicas para piano, o que ainda mais contribúe para augmentar a afflicção ao afflicto.

Apparecem os symptomas de vista escura, caimbras pelo estomago e fraqueza de pernas.

O olphato apura-se, o nariz procura devassar os arcanos da cosinha.

Em uma dessas devassas aproxima-se da janella e descobre o leitão que chega da padaria, estupidamente deitado em negra frigideira de barro.

Passam as caimbras, e as pernas recobram vigor.

Mais meia hora de espera.

Impetos de empunhar o chapeu.

Acordam no peito as saudades do feijão de todos os dias.

—O jantar está na meza!

—Ora graças á Deus, murmura o Sr. G.

Cinco minutos de espera para arranjar os convivas.

—Fique aqui, Sr. S.

—Sente-se alli, dona C.

—O compadre ha de sentar-se aqui.

Sentam-se todos finalmente.

G. fica ao lado de duas moças, tendo em frente o perú e o prato de arroz.

O dóno da casa, postado a cabeceira da meza, vae passando pratos de sôpa, que correu de mão em mão á guisa de jogo do annel.

Terminada a sôpa, levanta se um orador de copo em punho e pronuncia extenso brinde, exaltando ás virtudes do dono da casa, da familia e de tudo que pertence ao dono da casa.

Os convivas ouvem-o de pé, com o mais profundo silencio.

Quando estes vão sentar-se, levanta-se outro e pede um aditamento, dizendo que se inclua naquelle brinde a saude do irmão do dono da casa, influencia legitima no 4.º districto e um dos sustentaculos do governo naquella importante localidade.

G. que mal tem saboreado a sôpa, começa a encavacar com os brindes, que não lhe dão tempo siquer para levar o garfo á boca.

Senta-se, e dispõe-se a comer.

O dono da casa, que tudo providencia, lá da cabeceira, intima a G. que sirva ás senhoras.

Sabem os leitores o que é servir em uma meza?

O individuo que, assistindo á um dos nossos banquetes, pensa, que vae comer, é um grande simplorio.

Não somos convidados para jantar; mas sim para trinchar.

G. não mediu o alcance da intimação, e disse, com risos nos labios: —Estou ás suas ordens.

E voltando se para a dama da esquerda, perguntou lhe com a maior delicadeza: V. Ex. não quer alguma cousa?

—Um pouco deste arroz, disse ella indicando o prato, que lhe ficava em frente.

A' primeira vista parece que nada ha mais facil neste mundo que servir arroz.

Com animo resoluto, e com o estomago quasi vazio, G. empunha a colher, disposto a sentar-se de novo para fazer a côrte á uns bifes, logo que tivesse cumprido tão facil tarefa.

Mas, ó fatalidade, a colher encontrou resistencia tenaz na marcha impetuosa que levava.

Desgraçado G...!

Debaixo da loura camada desse arroz insidioso havia um pato, um pato negro, como o estado actual da França, e duro como o pão da miseria; um patõ que já tinha honras de antepassado; que gozava, com justos titulos, do respeito e veneração de seus companheiros de quintal; que resistira a tres invasões de peste, e que não pensava, em quadra tão avançada da vida, ter por tumulo um estomago humano.

Deitando o arroz no prato da interessante dama, disse-lhe esta.

—Quero tambem um pouco de pato.

G. passa pelas côres do arco-iris.

Depõe a colher e empunha o trinchante.

No primeiro golpe, este resvala pelo peito da ave, que vira de carena, offerecendo-lhe o dorso.

Os leitores que avaliem o mau quarto de hora que poderia passar um individuo luctando com tão feroz inimigo.

A dama conseguiu afinal uma aza da vetusta ave.

—Ora pois, vou comer os bifes, murmura G.

Fallaz illusão.

—Um bocado de pato, Sr. G., grita um velho rizonho, apaixonado de arroz com o supracitado.

Repete se a mesma scena.

G... de partir o bife. Levanta-se um orador e côm elle toda a meza.

—A' saude da brilhante officialidade que acaba de conquistar louros no Paraguay.

Vivas enthusiasticos, um conviva propõe que a saude seja cantada, e G. é obrigado a entrar no côro com o estomago vazio.

—Vamos vêr agora si posso comer, diz elle entre dentes.

—Ainda é cedo, diz lhe a sua má estrella que se incarnára no perú fronteiro.

Frederico o grande herdou de seu pae a paixão de possuir uma guarda de gigantes. Para chegar a esse fim mandava agentes seus percorrer a Europa toda a procura de homem de estatura extraordinaria. Um destes, ouvindo pregar n'uma egreja de Napoles um capuchinho, que juntava a um zelo religioso immenso uma possante estatura, conseguiu arrastal o a Berlim, pretextando ser convertido pela eloquencia do Hercules monastico, e que deseja o accompanhasse a Russia para acabar de o salvar dos erros do protestantismo.

La no quartel dos granadeiros, quem ficou convertido foi o frade.

Um outro agente encontrou na França um camponez de 8 pés de altura. Tal gaiato não havia em toda a guarda real. Arranjou-se, pois, com o homem, dando 200 taleres a velha mãe delle, e o conduziu a Berlim. Era, porém, necessario disfarçar a nacionalidade do recruta, por que o rei não gostava dos francezes e o homem não entendia allemão.

Quando o rei ia passar revista á guarda, costumava fazer tres perguntas seguidas aos soldados.

—Quanto tempo tens de serviço? Que idade tem você? Estão a teu gosto o tratamento e o soldo?

Ensinaram, pois, com muito custo ao francez que á primeira pergunta devia responder em allemão—1 anno; á segunda 21 annos, e a terceira, ambos

Chegou o dia da revista. O rei notou immediatamente o tal rapagão, que excedia os companheiros um palmo. Approximou-se para fallar-lhe. Quiz porém, a fatalidade que inverte-se desta vez as perguntas.

Perguntando, pois pelo tempo do serviço dos recruta, respondeu este 21 annos. O rei admirado de ter um homem tão moço ja servido tanto tempo, replicou admirado, e então que edade tens? e o soldado respondeu, um anno.

«*Domerwetter!* (com mil raios), gritou o rei, quem está doudo, você ou eu?»

«Ambos» replicou o francez friamente.

A vida humana.

Toda a vida humana por mais religiosa que seja, se não trouxer sempre diante dos olhos o fim para que nasceu, é navio sem norte, é cego sem gaia, é dia sem sol, é noite sem estrellas, é republica sem lei, é labyrintho sem fio, é armada sem farol, é exercito sem bandeira; em fim é vontade as escuras sem luz do entendimento que lhe mostre o mal e o bem, e lhe dicte o que ha de querer ou fugir. Que logar mais religioso e mais santo (para que não vamos mais longe) que este mesmo côro? Que exercicio mais agradavel a Deus que a oração e de muitos? Que orações mais approvadas que as de que se compõe o officio divino dictadas pelo Espirito Santo? Que compostura, que modestia, que harmonia de canto, que pauzas do silencio, que retrato de um côro de anjos no ceu, como este na terra? E bastará tolla esta união de pessoas, de vozes, de corações para fazer consonancia aos ouvidos de Deus? Si os olhos não estiveram postos no fim para que elle nos creou, não bastará. Porque, sendo as nossas orações um dos principaes actos de religião, e nas religiões o mais frequente, não só de dia, mas de noite; se nellas faltar a consideração do fim para que nascemos, será o mesmo que se á musica faltasse o compasso, com que as vozes, em logar de fazerem harmonia, offenderiam os ouvidos, e seriam dissonancia, confusão e tumulto. (*Padre Vieira.*)

Soneto.

Feliz o que attrevido se desvia
Do sorrir infernal da vil desgraça,
Feliz o que ditoso a vida passa
No regaço da paz e da alegria.

Feliz o que em amigos não confia,
Feliz o que não soffre a fome escassa,
Feliz o que não bebe em negra taça
Cicuta, que lhe roube a luz do dia!

Feliz o que inimigos não receia
Feliz o que o remorso não flagella
A alma, que ditosa o vicio odeia!

Mas ainda mais feliz eu julgo aquella
Sorte, que venturosa nos preneia
Co' uma rica mulher honrada e bella.

Odio fatal.

N'uma das provincias francezas annexadas á Allemanha passou-se ultimamente um drama de familia. Um joven official francez, que regressava do captiveiro, foi ter á casa de uma irman casada, havia dous annos, com um official prussiano, e exigiu della que se apartasse do marido. A' vista da recusa da moça,

procurou o francez encontrar-se com o cunhado e o esbofeteou. A esta provocação seguiu-se um duello, em que succumbiu o official francez. Não foi só este o triste desenlace do drama. A pobre moça, ao saber da morte do irmão, accommettida de um accesso de loucura, atirou-se de uma janella á rua, d'onde a levantaram morta.

Effeitos do frio.

Fazia uma temperatura digna dos ursos brancos e tinha a palavra um andaluz:

— Hontem á noite passou-se uma cousa em extremo curiosa. Imaginem que accendi um phosphoro e notei com admiração que a chamma não consumia a cêra. Passou meia hora e o phosphoro ardia. Passou uma hora, a mesma cousa. Em uma palavra, ainda hoje pela manhan o phosphoro estava a arder.

—Como póde ser isso? perguntou um incredulo.

—Muito simplesmente, respondeu o andaluz com naturalidade, como fazia um frio intensissimo, a chamma tinha gelado.

Cavernas Mamouth.

—Lê se no *Tempo:*

Segundo Luiz Figuier, entre as diversas cavernas dignas de menção até hoje conhecidas, sobre-sahe a de Mamouth, situada no Kentucky, Estados-Unidos. As explorações a que se tem procedido, para obter completo conhecimento do interior d'esta caverna, não são ainda completas, por causa da sua enorme extensão, pois occupa uma area de dez leguas, repartidas em salas, corredores, lagos, &. Dentro lhe corre um regato, a que deram o nome de Stix, e que se atravessa em barco, que bem se pode dizer de Charonte.

Realmente, n'aquella profundidade, onde a luz não penetra, alumiada por archotes, que reflectem os milhões de raios, que se desprendem do tecto e das paredes, e onde a voz se propaga na immensidade dos echos, produzindo mil notas diversas, tudo convida a meditar nos destinos da vida e na sorte que além nos espera. A vista contempla alli espectaculos sorprehendentes, mas quando o viajante, sahindo d'aquelle labyrintho, sente de novo aquecerem-lhe o corpo os raios do sol, como que se lhe desopprime o peito de um grande peso. e o sangue lhe corre mais placidamente nas arterias.

Onde não ha.....

Clairon, a celebre Pretillon, tendo-se recusado á apparecer em scena com um actor que lhe desagradava, foi condemnada a um mez de prizão. Quando lhe intimaram a ordem, ella respondeu com arrogancia theatral:

—Seja! el-rei pode dispor da minha liberdade, dos meus bens, da minha propria vida; mas é impotente contra minha honra.

—Tem razão, respondeu-lhe o official, onde não ha, el rei o perde.

A pobreza.

Alguem, em presença de Dufresny, serviase da seguinte expressão proverbial:

—A pobreza não é vicio.

—Ainda é peior, retrucou Dufresny.

ANNUNCIOS.

N'esta typographia se dirá quem precisa de uma ama de leite, que não tenha filho, e de outra para o serviço de cosinha. Tambem se dirá quem dispõe de duas casas terreas, de porta e janella, á aua do Gabriel, freguezia de S. Pedro.

Na segunda-feira 1.° de janeiro, terá logar na rua da Ordem Terceira de S. Francisco a solemnidade da Santissima Virgem da Conceição protectora das familias, havendo missa no convento de S Francisco, illuminação na vespera e dia, balões aerostatos; finalisando a funcção com um rico fogo de planta.

A meza actual convoca a todos os irmãos a coadjuvar para tão religioso fim.

O provedor Justino José Pereira e mais mezarios da irmandade do glorioso S. Francisco de Paula fazem sciente aos fieis devotos que tem logar no dia 6 de janeiro, proximo vindouro, as 9 horas da manhan, a missa do mesmo santo em sua capella, ao que espera a assistencia, de todos para maior brilhantismo. Bahia 24 de dezembro de 1871.

Francisco Santini e C.ª pedem a todas as pessoas, que tem listas para assignaturas mensaes de musicas de piano e cant.ª, o favor de as remetter no seu escriptorio á rua Direita de Palacio n. 21, pois que já sahiram á luz os primeiros numeros da dita assignatura.

Na rua direita da Misericordia casa n°. 29, ao entrar, se dirá quem dá dinheiro sobre penhores, assim como quem compra prata, ouro e joias.

Vende-se uma casa em terreno proprio ao Bom Gosto da Calçada; com 2 salas, 6 quartos, cosinha fora, casa de banho. A tratar na mesma rua, com José Antonio de Souza Severo.

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª QUARTA-FEIRA 1.º DE FEVEREIRO. N. 747.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 31 de janeiro de 1871.

Não houve expediente.

—Amanhan a imperial sociedade *Monte-Pio dos Artistas* solemnisa o seu 18.º anniversario.

—Capitão, no dia 26 do passado reuniram-se em assembléa geral os membros da *Associação Typographica Bahiana*. Entrando em 3.ª discussão o projecto de estatutos foram approvados e remettidos ao governo da provincia.

Foi tambem approvada uma indicação do Sr. Joaquim Cassiano Hyppolito, pedindo que se inserisse na acta da sessão d'aquelle dia, em nome da assembléa, um voto de gratidão e pesar á memoria do finado typographo Domingos Francelino da Silva, um dos iniciadores da idéa da creação da Associação.

Em seguida procedeu-se a eleição de um thesoureiro interino, até que a sociedade esteja regularmente organisada e recahiu a escolha para esse cargo no Sr. Guilhermino Alvares da Costa Doria.

—Estou sciente.

—No ultimo *bond* que veio na segunda-feira de Itapagipe para a cidade, vieram muitas senhoras; chegando no largo do Papagaio, estava uma sucia de moleques estendidos em linha de atiradores. Ao passar o *bond* pela frente delles deram uma descarga de areia sobre a cara das senhoras que ahi vinham.

—Que desaforo!

Não é a primeira vez que isto acontece, e para o que já se chamou a attenção da policia.

—Pregava um padre, que occultamos o seu nome para não molestal-o, em uma das novenas do Senhor do Bomfim, e disse:

«O Senhor do Bomfim é uma gallinha, e nós somos os pintos que elle agasalha.»

—Que blasphemia!

Voltamos aos tempos dos antigos padres Bernardos.

—A sociedade philarmonica *Terpsychore* vae amanhan 2 de fevereiro em viagem de recreio a amena e aprasivel ilha de Itaparica.

A's 8 horas da manhan partirá do porto o vapor conduzindo a seu bordo essa phalange de moços que por amor se dedicam a arte sublime da musica.

—Um passa-tempo agradavel deve ser.

—O publico que anda tão sofrego de distracção deve concorrer a alegrar o espirito.

—Sexta-feira, dous carros da companhia de Vehiculos engancharam-se em Roma. Foi fortuna não ir ninguem nas plata-formas.

Só houve de prejuizo os estragos que soffreram os ditos.

—Antes isso.

—Censuravel e bem censuravel é o procedimento do Sr. capitão Carvalho da policia.

—Eu não quero saber da vida alheia.

—Então não me diga V. Ex. que está sempre prompto a pulverisar a prepotencia do forte contra o fraco.

—Mas aqui de que se trata?

—De uma violação da lei, de um ultraje a dignidade do homem.

—Ah, isso é vinho de outra pipa!

—Foi o Sr. capitão Carvalho, segundo me informam, que no dia 27 pelas 6 horas da tarde arrastou da forma ao soldado Antonio da Costa Neves e metteu-lhe a espada sem dó nem compaixão.

—Arre, que bravata!

—O homem ficou gravemente maltratado com um ferimento na testa, uma contusão no braço e outras em diversos logares; foi recolhido ao hospital lançando sangue.

—Isso é sobre-maneira reprehensivel.

—Consta que o Sr. capitão Carvalho desculpa se que o soldado estava ebrio.

—Tanto peior. O soldado ebrio podia faltar com seus deveres, desconhecer suas obri-

gações; mas o Sr. capitão Carvalho em seu juizo perfeito..... isso nunca.

—E' claro; fosse qual fosse a falta, desde que o capitão Carvalho não está authorisado a fazer justiça por suas mãos, commetteu um delicto punivel.

—Sendo a força policial destinada a manter a ordem, vedar os abusos, garantir a propriedade e prevenir o crime, é de essencial condição que aquelles que a compõe sejam individuos de conducta insuspeita, respeitadores da lei e ordeiros.

Mas desde que os subalternos veem nos membros superiores dessa corporação a aberração da lei, a infracção da disciplina, o menoscabo a justiça, é natural que elles se apartem dos limites que o regulamento do corpo prescreve.

—Atraz da vela grande, ferra-se o traquete.

—Para ser official de policia é preciso ter muita circumspecção e prudencia.

Soldado não é escravo de engenho, nem official feitor.

E' preciso medir o alcance e calcular as consequencias de aviltar a um homem brioso publicamente.

—Muxingueiro, vae agarrar aquelle assassino!

—Quem, capitão?

—Aquelle ruim vaso que vês descendo já lá no fim, a ladeira da *Doença*.

—Eim, capitão! Um individuo de semblante tão *candido* e V. Ex. o inculpa como um malvado!

—De *candido* não tem nada; nem em grau *diminuitivo!*

Aquelle homem é um perverso. E' author de duas mortes.

—Jesus, José e Maria!... E anda livremente entre a gente?

—E' porque a justiça em Latronopolis só pune os crimes commettidos á luz do sol, é porque atrocidades espantosas passam encobertas nas dobras do mysterio; é porque a policia nesta terra só descobre o que todos sabem, e só sabe o que ninguem ignora; não segue o rastro do crime, não vae perseguir o criminoso que sabe pratical-o nos escondrijos; por isso é que para elle não tem applicação as penas dos arts. 196 e 199 do codigo criminal brasileiro.

—Pelo molde da mascara não parece! Olhando se a crosta ninguem dirá que pertence a um mollusco tão venenoso!

—Repararias accaso quando aqui passamos, ha oito dias, um enterro que sahia d'aquella casa?

—Passa-me pela lembrança.

—Era o de uma rapariga de 14 annos, quem o desalmado seduziu e deshonrou com promessas de casamento. Depois de conseguido o nefando intento, teve o despejo de trazer a amasia para ao pé da victima, afim de desilludil-a em suas fagueiras esperanças. Communicando lhe esta que se achava gravida e vendo elle que desta collisão lhe podia resultar compromettimento, proporcionou-lhe bebidas venenosas para abortar. Essas bebidas produziram duplo effeito; mataram o filho e a mãe.

—Odioso homem.... repulsiva creatura!...

—O facto foi notoriamente commentado, mas a policia não se mechcu em assumpto tão grave.

—Imperdoavel inercia, quando a lei manda punir aos que assim praticam!....

—Mas a lei em Latronopolis é palavra sem sentido.

—O quartel da policia mudou-se em casa de Correcção?

—Que pergunta sem assumpto!

—Desassuntado anda V.! Eu não tenho culpa de mudarem a essencia das coisas.

—Que mudança viu V., não me dirá?

—Eu sempre vi quem tem seu escravo e pretende castigal-o mandar para a Correcção.

—E não é assim?

—Ahi é que vae seu engano. No dia 21 um senhor que quiz castigar o escravo mandou fazel-o no quartel da Mouraria; representando o papel de carrascos dous soldados.

—Isso é peta sua.

—Ah, não quer acreditar, não creia.

Tome porém mais esta para seu caderno. Dias depois o mesmo escravo sendo excessivamente castigado, foi atirar-se no dique, o que não realisou porque o Evaristo das bolas o impediu.

—Olhe que V. é um almanak de noticias.

A PEDIDO

—Somente por um descuido no appello feito pelo Sr. Gularte aos seus collegas escrivães de paz, publicado no *Diario,* sahiu impressa a palavra *invariabilidade*, em logar de—variabilidade.

A pessoa que achou nisso motivo para commento veja se acceita a razão.

« —Quando fallar comigo tire o chapeu da cabeça.»

—Dá-se mais desfructavel fatuidade!

—E é um homem que occupa cargo importante na sociedade quem assim procede publicamente com outro que, embora diffira

em posição, comtudo é no mais seu semelhante!

—E creia-se nesta terra na egualdade apregoada pela lei, quando um homem que ao menos pela edade devia ter alguma reflexão, exige inconsideradamente que um seu egual lhe falle de chapeu na mão, no meio da rua, somente porque no cargo que occupa lhe é subalterno!

Ora cebo para tão fôfa aristocracia!

—Que bobage!

—Ora, Sr. *Gazeta,* deixe-se disso, que é vicio.

Escute:

Nesta terra americana onde não existem *lords,* nem *fidalgos,* nem *dons de jure,* não é certamente a mais propria para nella desconhecer-se que o genero humano procede exclusivamente de Adão e Eva e que, portanto, outra distincção jamais se pode nella admittir que não seja a ditada pela boa razão.

—Quanta insolencia!... quanto desaforo!...

—Quem é este desalmado?

—E' o Gustavo, escravo de uma viuva.

—Não diga. Pois escravo com casa de negocio!

Não é o dono deste botequim?

—E'; a senhora deu-lhe o fundo da roça, aqui na Victoria, para deitar o botequim.

—E o demonio embebedou se hoje, ou finge que está bebado para desrespeitar aos passageiros dos *bonds* que aqui chegam, levando a audacia a desrespeitar as senhoras!

—Ameaçando e promettendo bofetadas a quem se apresentar para tomar-lhe satisfação! E' muito desavergonhamento!

—Ousadias! ousadias!

—Eu sou quem lhe promette ir á repartição fiscal saber si este cachorrão tem pago os direitos para ter botequim; si não tiver, pedirei ao digno chefe que mande cobrar da senhora, em recompensa da ousadia que dá ao seu atrevido escravo para offender a todos sem distincção.

—Sr. capitão do *Alabama,* sou uma mulher pobre.

—Não da graça de Deus; elle a queira favorecer.

—Não venho pedir esmola, Sr., venho implorar justiça.

—Aconselho-lhe que dirija-se ao presidente da provincia ou ao chefe de policia; são elles quem lh'a podem administrar plena e satisfactoriamente.

—Mas eu ja disse a V. Ex. que sou pobre como Job. Não tenho dinheiro para gastar com estampilhas, requerimentos, procuradores e esse nunca acabar de requesitos da justiça que não se faz sem dinheiro.

—Eu apenas posso lhe ser util ouvindo a sua queixa e levando-a ao conhecimento das authoridades competentes.

—Portanto, diga-me, de que se queixa?

—De um individuo que prostituiu minha irmanzinha Paulina, menor de 13 annos.

—Defloramentos e mais defloramentos!

Que caudalosa torrente de depravação vae innundando os costumes desta sociedade!

Quem é o perversor?

—Um individuo, Sr., sem moral e sem honestidade, um diplomata de tira-pé e serol, um exquisito que *bota* fivella *de prata* nos sapatos.

—Bem; e como poude elle conseguir desvirginar sua irmanzinha, de que meios se serviu para levar ao fim seu criminoso intento?

—Pediu m'a para entrar em um baile pastoril.

—Entendem Vms. que não é nada entregarem suas filhas, suas irmans a qualquer individuo para bailes pastoris!... Não medem o alcance das consequencias. Não sabem que elles são origem da perdição de tantas jovens; não veem que todo menino creado em presepe torna-se corrompido; os exemplos não lhes servem de escarmento! Agora, veja a senhora e chore na cama que é logar quente.

—Mas, Sr., o homem instou, protestou, affiançou-me e responsabilisou-se por minha irman e eu cedi. Depois ella é tão creança, que eu nunca suppuz que o malvado fosse capaz de abusar!

—Ora! quem tem sua natureza desregrada attende lá a consideração.

—O monstro enganou a, prometteu lhe que 2:000$ rs. que tinha na *caixa* eram para seu dote. Agora é ella mesma quem confessa o mal que lhe fizera a hyena.

—Pois tome meu conselho. Vá ao respectivo subdelegado, conte-lhe o que ha passado, peça lhe que interrogue a offendida, que mande proceder a um exame, si for preciso, e assim chegando ao conhecimento do delicto, faça justiça.

—Capitão, estou encafifado.

—Quem lhe zangou?

—Estou arreliado com as meluras de uma tagarella; uma especie de *rosa* murcha que já perdeu a fragancia e quer readquiril-a a força de espirito de *lima,* porém não conseguindo *silva* agudamente como uma serpente venenosa quando está assanhada.

—Não vale a pena enfadar-se por tão pouco.

—V. Ex. não sabe o que ha.

Pois essa *cainana* não se conspira contra todos que não lhe dão importancia?

Fazenda desusada quer por força passar por estar na moda, quando apenas pode servir para uso de alguma *jabiraca*.

V. Ex. bem sabe que laranja na estrada ou é azeda ou tem casa de marimbondo nella.

—Que mais?

—Fazenda refugada ou está mofada ou sahiu fóra do uso.

—Assim é.

—Já vê V. Ex. que, quem tem obrigações para cuidar pouco se lhe dá que, uma *rosa* perca o cheiro e que a essencia de *lima* seja insufficiente para lhe reanimar o viço.

—De certo.

—E é bem escusado andar essa jararaca de quem não é culpado de suas desventuras.

—Conversa cumprida faz quem quer.

Cousas que não adiantam não me servem. Dê licença que eu vou até a *rua* por onde passam as *princezas* tractar negocio de mais interesse.

—Pois então me espere na porta da casa, que tem o numero das virtudes theologaes, que subiremos para o terceiro andar e lá lhe contarei o resto.

—Na madrugada de 5 de janeiro foi assaltada a casa de Francisca Maria da Conceição Neves, á ladeira da Praça, por um individuo que conseguindo ahi penetrar e encontrando-a só, pretendeu obrigal-a por meio de força a prestar-se a um acto deshonesto.

Houve lucta tenaz e desesperada; mas as forças de uma fraca mulher não são para egualar-se com a de um homem. Principalmente um individuo desvairado pela cegueira de um apetite desordenado que o fazia empregar todos os esforços a semelhança do animal carnivoro quando se lança sobre a presa para devoral-a.

De tão desegual lucta resultou que, recebesse a aggredida diversos ferimentos, o que não foi bastante para conter o aggressor em seu desvario, e pelo contrario, á vista do sangue que corria, mais encarniçado se tornava elle para cevar seus instinctos torpes.

—Como se pratica um attentado de tal ordem dentro de uma cidade como esta!

—Dous officiaes da armada, que o accaso permittiu que passassem, correram em auxilio da offendida e neste acto conseguiu o aggressor escapar-se.

Levado o facto ao conhecimento da authoridade competente, instaurou-se o processo e tem elle tido sua marcha regular.

O crime está provado exuberantemente, e o attentado é de ordem tão grave que não deve ficar impune.

Do digno julgador a quem está affecto a causa tem-se plena confiança de que a justiça será desaggravada.

Mas, agora, dizem, surgem algumas *complicações* com o fim de entorpecer o processo e crear certas nullidades, brecha por onde possa escapulir o delinquente, em razão de não ter sido possivel obter uma concordata com a offendida.

Para este ponto é preciso chamar a attenção do integerrimo juiz que tem de julgar a causa e pedir ao mesmo tempo a protecção da lei para o lado fraco e soffredor.

—E tenha fé que ha de ser como V. pede.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo convido aos Srs. socios a reunirem-se em assembléa geral ordinaria, hoje ás 6 horas da tarde, afim de discutirem o relatorio do 4.º trimestre e o respectivo parecer da commissão de contas. Bahia 1.º de fevereiro de 1871.—O 1.º secretario, *Miguel dos Anjos d'Almeida Villarouca*.

Gratifica-se com 10$ rs. a quem levar á rua do Alvo, n. 38, um cachorrinho branco felpudo, desapparecido na vespera de Reis com os signaes seguintes: cabellos crescidos e annelados, cauda tambem felpuda e enroscada para o lado esquerdo, com os quatro pés e focinho aparados, tendo foveira a cavidade do olho direito, sendo este um pouco mais apertado que o esquerdo, a ponta do focinho vermelha, acudindo pelo nome de Traquino.

Ama de cosinha.

No sobrado ao largo do Terreiro, defronte da loja do Sr. Seraphim, precisa-se de uma que saiba cosinhar, e gomar bem.

Pede-se ao tenente *Tristonho*, o qual no *quartel é mestre*, o favor de vir ao logar da *Cruz grande*, do *Santo Seraphico*, n.º 15 pagar a quantia de 24$460 rs., importancia dos doces que se comeu no brodio de seu casorio.

Aula Primaria.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna declara aos Srs. paes de familia, que a sua aula de primeiras letras, defronte da matriz de S. Pedro, acha-se aberta desde o dia 9 do corrente mez.

Bahia 11 de janeiro de 1871.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9°. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª SABBADO 4 DE FEVEREIRO. N. 748.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 3 de fevereiro de 1871.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que obrigue ao Sr. João José de Magalhães a demolir seu sobrado á rua Direita de Santo Antonio, o qual, pelo seu estado de ruina, ameaça desabar. Espera-se que a Illma. será sollicita em providenciar, attendendo não só ao imminente risco que corre o publico, como ao constante sobresalto em que vive a visinhança.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que corre pela voz publica que o africano Antão, afamado feiticeiro, com candomblé á Quinta das Beatas, no dia 30 do passado induzira o crioulo livre Diogo á ir á sua casa á rua dos Carvões, e ahi, por meio de força, conseguiu amordaçal-o, amarral-o a um moirão no quintal e chicoteal-o, do que ha visiveis provas no corpo do offendido, e como tão criminoso facto até a presente data esteja impune, leva-se ao conhecimento de S. S. para que se digne de mandar syndical-o e proceder a punição do delinquente, caso seja elle real.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, communicando-lhe que a bordo deste navio compareceu a mãe do crioulinho menor José, queixando-se de que tendo sido entregue seu filho ao portuguez Domingos, morador aos Barris, para aprender o officio de pedreiro, teve ella ultimamente noticia de que havia desapparecido ha cerca de um mez; procurando o mestre do mesmo para lhe esclarecer sobre o destino que tivera, não lhe soube este dar definição satisfactoria, pelo que cumpre que S. S. tome a si este negocio e empregue a sua costumada diligencia, afim de descobrir onde pára o desapparecido, já que o mestre não teve pressa em communicar aos seus uma ausencia tão prolongada.

—No Poço de Itapagipe afogou-se um menino.

Brincando á roda de uma cisterna cahiu nella.

—Malfadado!

—O facto occorreu na quinta-feira nas proximidades da casa do Sr. Chiappe.

—Amanhan no Rio Vermelho ha bando annunciando os festejos que se preparam a inclyta Sant'Anna, Mãe da Mãe de Deus.

—Capitão, no sabbado á noite, o portuguez dono da venda *Flor d'Aurora*, á ladeira de S. Bento, deu tamanha bofetada em um menino, que arrebentou-lhe o *beque de prôa*, ficando a creança além d'isso com um olho completamente deforme.

O povo reuniu-se na porta da venda e exigiu a prisão do portuguez; mas o Sr. Antero dos Santos Marques, inculcando-se de inspector de quarteirão, quando de ha muito se acha demittido, entendeu que o portuguez não devia ser preso.

Neste interim, compareceu um soldado de policia, que serve de guarda aos açougues de S. Bento, e tambem foi da mesma opinião do Sr. Antero, dizendo que os moleques estavam muito insolentes, e que aquillo serveria de exemplo para os outros.

—E não foi o portuguez preso.

—Foi; não por causa da policia, mas pela exigencia do povo!

—Que terra, meu Deus!

De maneira que o portuguez ficaria impune, si o povo não intervem.

—E é assim tudo.

—O Sr. Livio Manuel dos Santos Vital participa-nos que desta data em diante deixa de ser edictor desta folha.

E apresenta as razões que tem para isso, as quaes são muito attendiveis.

O homem declara que cede a pressão de uma imposição para que não continue.

Paciencia. Faça essa mão que maneja oc-

cuita tudo quanto quizer e poder. Não ha de ser ainda por isso que o humilde periodico cessará sua existencia.

—Não é por morrer um carangueijo que o mangue cobre-se de luto.

—O Sr. Vital está no caso do pote de cantareira, felizmente.

—Por havermos chegado neste momento de fóra, não podemos dar a conveniente resposta ao author da publicação do *Diario da Bahia*, de quinta feira 2 do corrente, que tem por assignatura o *Bernardo*.

—Não se affilija; deixe para o numero seguinte.

—As gazetas diarias publicam de vez em quando pedacinhos de dar no gôto. Cousas que põe a gente á nadar em secco.

E que, para quem não está prevenido, passam desapercebidas.

—Daquellas que—no correr do cavallo não se vê o cavalleiro.

—O *Jornal da Bahia*, por exemplo, no dia 1.º de fevereiro, deu aos seus leitores a seguinte curiosa noticia:

«NAVEGAÇÃO COSTEIRA.—Pela inspecção do arsenal de marinha foram vistoriados e julgados aptos para navegar durante o corrente mez os seguintes vapores:—*Aracajú, Penedo, Dous de Julho, S. Francisco, Santo Antonio, Boa-Viagem, União I., União II., Dantas, Jequitinhonha, Santa Cruz, S. SALVADOR, etc.*»

—E' de praxe.

—Justamente porém no dia 1.º de fevereiro entrou neste porto o *S. Salvador* de sua viagem redonda, onde seguramente demorou-se uns 15 dias.

Ponho-me eu agora a parafuzar com meus botões—como e quando foi feita essa vistoria no vapor S. Salvador, si elle estava ausente ha muitos dias?

—V. não entende de nautica, portanto cale-se.

—Credo em cruz! Eu te arrenego da parte de Deus e da Virgem Maria!

—Homem, V. está com honras de mulher de capona?

—Estou assombrado!... Arruda e salsa!

—Que espanto é esse?

—Olhe o diabo, com cara de homem e cauda de bicho, surgindo ali do abysmo!.....

—V. perdeu o juizo? Não vê que é o alimpador de canos aqui da Estrada Nova que está emseu trabalho?

—Ah... Agora estou mais tranquillo. Mas este homem nú em pello, assim no meio da rua, passando tanta gente... e as familias chegando ás janellas para ver tão deshonesto espectaculo!...

—Isto agora é caso defronte; quem não quizer ver as obras da natureza feche os olhos.

—O *Alabama* agradece ao Sr. B..... Francisco dos Anjos as amabilidades que emittiu a seu respeito, á bordo do vapor *Rio Vermelho*, na viagem de Itaparica.

—Dizem que ha um contracto pelo qual certa companhia se obriga a supprir com luz de gaz a luz do dia nas horas de ausencia desta.

Em compensação, recebe tal companhia dos cofres publicos uma avultada somma.

Mas si tal contracto existe é profana lo.

Porque sendo quatro horas e meia da manhan as trevas da noite assenhoream-se inteiramente da cidade e as ruas são envoltas em negra escuridão.

—Nos logares mais distantes, ás quatro horas já não ha illuminação.

—De sorte que, quem a semelhante hora tem necessidade de pôr pé na rua acha-se em completo cahos!

—Ninguem mais madrugadeira do que a companhia do gaz!

Com geito e cuspo conseguiu estabelecer definitivamente a illuminação até a hora que bem lhe pareceu.

—Mas si pelo lado da outra parte contractante existem inspectores, fiscaes, etc., para examinarem o cumprimento do contracto, porque não se ha de fazer sentir á referida companhia que neste clima americano somente ás cinco horas e meia da manhan é que assomam os primeiros raios da luz diuturna?

—Porque somente o povo é a parte soffredora neste negocio.

—Capitão, eu sei que V. Ex. não se nega a ouvir aquelles que soffrem.

—Diga o que quer.

—Fui ao quartel do forte de S. Pedro receber uma conta do Sr. alferes Queiroz, no dia quarta-feira; pedi licença ao sargento da guarda e este disse-me que sem duvida era dinheiro que ia ver; respondi-lhe que sim.

Perguntou-me si era alguma prostituta á quem eu tinha alcovitado que mandava receber, ou si era a paga de algum acto ignobil a que eu mesmo me tinha prestado.

Esta ultima parte elle pronunciou em termos bem claros.

Repliquei-lhe que elle devia ser mais comedido e tratar bem a quem ali ia.

O exemplar militar puchou de seu refle e mostrou-m'o, dizendo que com elle é que sabia tratar bem.

Passei adiante e fui ter com o alferes a quem apresentei a conta; mas em sua presença appareceu o sargento ameaçando-me de metter-me os pés, isto porque ao vel-o, queixei-me a seu superior do desacato que me fizera.

—E que disse o alferes?

—Que tivesse paciencia, que aquelle homem era muito esquentado do genio.

—Já o Sr. vê por ahi que não sou eu que tenho poder para abrandar-lhe o genio.

—O hospital de charidade da Bahia é a inversão completa do que são essas instituições humanitarias!

—As irmans de charidade que lhe respondam.

—Os hospitaes de charidade têm por fim receber doentes necessitados; o estabelecimento dirigido nesta terra pelas filhas de S Vicente de Paula despede aos que estão nesta condição!

Vi hontem um enfermo que as irmans de charidade despediram por são que fazia lastima! As pernas e pés estavam cobertas de chagas, as quaes faziam extraordinaria supuração de pus e moviam-se com difficuldade.

Entretanto, um homem nesse lastimavel estado, manda-se que saia porque está bom!

—E' a proverbial charidade das irmans de charidade.

—Na quinta-feira, deu a philarmonica *Terpsychore* o seu annunciado passeio á ilha de Itaparica.

O vapor partiu ás nove horas e um quarto da ponte da Companhia Bahiana.

Durante o trajecto a philarmonica tocou seis escolhidas peças do seu repertorio musical.

A's dez horas e tres quartos fundeava o vapor no porto d'aquella ilha.

A's seis horas da tarde regressou com os passeantes, chegando nesta cidade ás sete horas e meia da noite.

—E a respeito de desordens que sempre apparecem nestas funcções?

—Nada houve; reinou tudo na melhor harmonia, a excepção de um outro que tomou o *codorio* demasiadamente, tornando-se por isso imprudente.

Ah! ia me esquecendo.

O Sr. Mesquita na volta indo n'uma canôa para se embarcar no vapor, não sei que arte fez que cahiu n'agua, tomando assim um banho.

—Bagatellas!

—A philarmonica *Terpsichore* é credora de elogios pela maneira porque tem sabido manter a boa ordem nos seus passeios.

A PEDIDO

—Capitão!

—Que é lá?...

—Uma historia immensa.

—E' por Cantú?

—Qual Cantú, capitão! E' uma historia que tenho para narrar-lhe.

—Leva muito tempo?

—Pouco; uns dez minutos.

—Seiscentos segundos... Vamos a ella.

—La vae:

Um certo pancrassio, que por modestia lhe calo o nome, mas que no negocio é de *consciencia* á toda a prova; gosta extraordinariamente de romances.

—Pedia-lhe algum emprestado?

—Não, capitão. Digo que elle gosta muito de romances, mas não porque de facto eu saiba disso; digo-o, porque a julgar pelas gigantescas aspirações desse melro, advinha-se á primeira vista que n'aquelle craneo ferve um Vesuvio de tolice; que naquelle peito... lavra o mais vivo fogo de... gelo; que, emfim, naquella figura de galan de... comedia,—está um novo...

—Chateaubriand!

—Que, capitão! Um novo D. Quixote, sem Dulcinéa Del Toboso, bem digno de um novo Saavedra!

—Então, diga antes um D. Magriço, um cavalleiro andante, um...

—Pois seja; mas elle nunca foi da terra de Camões á pé para a Inglaterra...

Esse individuo de quem trato, talvez em virtude de algum lindo lance de romance, teve a beatifica tolice de se querer casar com uma joven que tivesse materia em que elle podesse mostrar o quanto comprehendia a arithmetica de Bezout, sciencia que lhe diminue um pouco a immensidade de asneiras. Em consequencia pois de taes pretenções,—eil-o ponto em branco, armado de anzol sem isca, a querer pescar em mares altos.

Quando julgou ter anzolado uma certa dama, (já se sabe —rica—) zás! pede-a ao pae.

—E o pae que respondeu?

—Com mil bombardas, capitão! Pois que poderia responder-lhe o pae? Quiz largar-lhe na cara uma estrondosa gargalhada, porém conteve-se como pessoa delicada, respondendo-lhe que ia consultar a filha, e foi realmente consultal-a.

Ella, porém, perdida por entre as dobras da mais solemne gargalhada, respondeu que ja o papae podia ter dado a resposta.

«Não, filha,» volveu-lhe o amoroso e rasoavel pae, «desde o momento de teu pri-

meiro hymeneu, que és senhora da tua vontade.»

«Pois a minha vontade, queira dizer a elle, é não querer ter por enteados creaturinhas côr da noite; e mais ainda: não me serve marido que escreve *Vaz com—s—* e *sellos* com *—c,—* pois são lettras essas da minha particular antipathia por que significam enorme parvoice.»

Veja que palerma, meu capitão. Porque a moça tem dinheiro a rodo, vae pedil a sem saber si ella acceita ou não!

—Mas elle não é bonito.

—Oh! la isso é. Tem um todo que se harmonisa ás mil maravilhas com a cabelleira immensa de capoeira de que usa.

—E' so isso?

—Ainda ha mais: desesperado por ter tido tão galante e amorosa resposta, dada pela deidade que lhe fazia andar os miolos á roda, (com os calculos), cil-o que apezar disso em pouco tempo se esquece de tão eloquente lição, e vae bater ainda em outra porta desejando aos visitados *feliz viagem,* etc. etc.

Nessa outra casa, meu valente capitão, o nosso sonhador de aureas cores, — encontra fazénda fina, digna de um Romeu de Shakspear, por cujo tumulo ja talvez ella tenha passado...

Ora vaê, sinão quando, esse querido *Vas, com* os competentes *sellos* escreve-lhe uma cartinha: amarrota-a, faz d'ella uma bollinha, e fazendo elle mesmo de *correio, a viz à viz*— entrega-lhe-a!

A nossa Julieta recebe pois essa cataplasma que ressende a rosmaninho. essencia que lhe hia produzindo um ataque de nervos, e passando a lêr essa interessante e topographica cartinha, conheceu logo que o tal homem era na verdade um grande marujo no mar da asneira, pois quasi tomava uma prodigiosa indigestão, produzida pela leitura de tão crassos termos, de tão jucunda veia epistolar.

Apenas concluida a leitura, a joven linda telegraphou esta novidade ás suas amigas, e eis que todas lhe aconselham uma solemne disforra. De facto: um bello e fresco dia (não chovia), a nossa joven, cara a cara com o tal Adonis, foi indo devagarinho pela maciota, divertindo-se á custa d'elle, até que chegou ao ponto essencial: «Só si é,» lhe diz ella, "por causa do dinheiro, que o senhor diz amar-me".

«Oh! berrou o tal palerma: «Nem pense n'isso, querida senhora! Este—amor que com vehemencia-lhe consagro, não é amor de um dia,—é amor d'um anno» «Embora Sr.,» volveu-lhe ella; «tenho muito amor ao celibato, e pois não desejo casar-me por em quanto. Sinto deveras não poder fazer com que o rio das Tripas lhe passe pelo coração, pois assim de certo se apagaria o fogo intenso que o Sr. diz lá ter por mim.....»

—Concluiu?!

—Ainda houveram muitas outras cousas interessantes, meu capitão... Mas... para que apita, capitão??

—Apito pelo gageiro grande. Vaes 3 dias para o galope do mastro, e por 15 para o porão, pois quero vêr, meu grandissimo mariola si te corrijo de tão erronea maneira de pensar. Si não tivesses mulher e filhos que sustentar seriam 30 dias em vez de 15. Pois, com mil raios! por que o tal homem tem coração; porque é sensivel; por que ama uma moça rica.. aqui de El-Rei, que é tolo, que é lorpa, que... que... Com mil demonios! com a breca! has de ser castigado!

—Mas, capitão... eu... não digo isso... Si elle fosse intelligente; si tivesse coração capaz de comprehender essa moça, capaz de sentir e comprehender a vehemencia d'um amor.....

—Safa d'ahi! guelas de jacaré! Qualquer de meus mais rudes marinheiros, tem peito para amar como um Petrarcha!

—Oh! meu capitão! Quem só conhece a prosa, por modo algum pode comprehender a sublime poesia de Anacreonte.

—Scio!... Sr. mariola, nem mais um pio! Então o pobre não pode casar com o rico?! Qual Anacreonte nem qual cárapuça! Já para o galope do mastro! Leva a riba!...

—Ai! capitão! eu vou... eu vou... Mas olhe, capitão! de cá d'estas alturas, hei de fazer o ratazana bem conhecido, porque hei de berrar com toda força d'estes polmões; — Viva o D. Quixote! viva o lorpa!

—Scio!... Sr. mariola! nem mais tugir nem mugir!

—Sim, sim, meu capitão; eu me calo, eu me calo... mas ai! que frio aqui faz!... Meu capitão... mande-me comprar um capote na *loja consciencia*.....

Movimento do Porto.

Entrou do porto do Rio o patacho nacional *D. Jacintho,* de trinta e seis a quarenta toneladas, e que lá encalhara pelo grande carregamento; apenas poude *estanhar* o *beque de prôa* a fim de poder voltar ao porto de *Latronopolis,* onde julgaram não poder *elle mais navegar*. Este navio já se acha reparado de sua *avaria* e no caso receber carregamento; para o que tracta-se com os consignatarios *Thomaz Beato, Jacintho* & C.ª, no escriptorio a rua de *S. Nonato*.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª QUARTA-FEIRA 8 DE FEVEREIRO. Ns. 749—750.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numero; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 7 de fevereiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, convidando-o a passar pela Estrada Nova, entre a nova ladeira de Sant'Anna e o Caminho Novo, afim de observar o pertinaz e quotidiano abuso do agente do aceio publico em fazer fogueiras para queimar a immundicie que apanha na cidade, com o fim especulativo de livrar-se ao trabalho de ir deital-a no logar conveniente.

Semelhante negligencia seria desculpavel si não fosse nociva á salubridade pela insupportavel e nauseabunda exhalação que desprende o fumo das referidas fogueiras, o qual não só incommoda a quem transita, como a quem mora nas proximidades; pelo que espera-se que S. S. julgando attendiveis as razões expostas procure por meio da jurisdicção á que seu cargo lhe dá direito, fazer que cesse semelhante irregularidade em beneficio de um e prejuizo de tantos.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio, dizendo-lhe que á falta de correctivo reclamado contra a baderna de meninos que se ajuntam nos Curraes Velhos e Barbalho, continuam elles a pintar artes do capêta. No domingo, 29 de janeiro, depois do jogo do buzio, houve guerra de pedras e ficaram os vidros de alguns lampeões em migalhas.

Espera-se que S. S. não nos dará o pesar de incommodal-o outra vez á respeito.

—Capitão, ha factos de tão supremo requinte de maldade, ennegrecidos de circumstancias tão odiosas que parece impossivel que haja ser humano que os pratique.

O que venho relatar a V. Ex. é o parto da mais torpe lubricidade, o effeito da moral mais depravada e corrompida; um attentado que, na minha opinião, toda acção da lei é impotente para punir, porque é d'aquelles que a um tempo affrontam a moralidade, atacam a segurança individual, offendem o pudor e a honestidade e affectam o socego das familias.

—A julgar pelo que V. diz, deve ser cousa importante. Mas como no frigir dos ovos é que eu costumo ver a manteiga, vamos a ouvir.

—Hontem, 6, apresentou-se na policia, acompanhada por seu pae, a menina de 10 annos e 6 mezes Olympia Symphronia, que, na vespera á noite, havia sido brutalmente estuprada por Antonio Ferreira Muricy, caixeiro de uma barraca de carne secca pertencente a Antonio José de Souza Belens.

—Oh! que satyro!

—A tenra joven achava-se penosamente maltractada e offendida em estado de causar verdadeiramente dó!

O abutre para devorar a presa empregou as mais execrandas violencias!

A menina Olympia achava-se em casa da féra cerca de tres semanas, porque a mulher deste, D. Maria Pereira Muricy, a pedira á sua irman para lhe fazer companhia. Na noite de domingo sahiu elle com a mulher, ficando a victima em casa com uma criancinha de peito.

Deixando a mulher aonde a levara, voltou á casa, arrolhou a bocca da creança, atou-lhe os braços, atirou-a com vertiginosa gana sobre o soalho e ahi consummou a obra da mais nefanda e sensual lascivia!...

—Monstro, tres vezes monstro!

—Saciado o carnal intento, a fera voltou com cynica placidez a buscar a mulher para ir testemunhar a prova de sua depravação.

Entrando em casa a mulher encontrou a victima estendida, sem poder andar, com as carnes delaceradas, exgotando-se no sangue de sua honra, e a marca do crime impressa copiosamente no soalho da casa, indicio vehemente de tão perversa monstruosidade que ainda hoje está gravada no taboado, apezar de ter sido este lavado!

—Natureza degenerada!

—Causava lastima ver a innocente na oc-

casião em que era interrogada na policia. Sem se poder sentar, sem poder andar, mal respondia as perguntas que lhe eram feitas, exhausta como estava, desbotada, esvaindo-se em sangue e em continuados desmaios!

—E' preciso que a lei seja implacavel na punição de um crime de tal ordem, é preciso um exemplo severo que refreie a impudica avidez dos seductores. O contagio vae lavrando, os casos de estrupo e rapto ultimamente tem-se desenvolvido espantosamente nesta cidade. E' preciso desaggravar a sociedade ultrajada por esse acto de estupenda malvadeza.

—O Dr. Dormund chamado para ver a offendida, receiando pelo estado desta, aconselhou que a mandassem para ser examinada no hospital.

—E o delinquente que V. não disse que fim levou?

—Até á noite eu sei que não estava preso, porque encontrei-o atravessando o becco do Viva Jesus.

—Si não se escamou foi porque não quiz; tempo teve e de sobra.

—Hoje, ás 6 horas da tarde, reunem se os socios do *Monte-Pio dos Artifices*, em assembléa geral, para discutirem o relatorio do 4.° trimestre e o respectivo parecer da commissão de contas.

—Ao entrar na casa de Correcção, os olhos do espectador são obrigados a contemplar um quadro que arranca d'alma uma expressão de commiseração.

—Está tão sensibilisado assim?

—Um desgraçado louco ha ali cuja existencia é mais a de um animal do que de ser humano.

Vive peiado como cavallo que se solta á pastar e se tem receio de que fuja; uma corrente em cada perna unidas por uma argola embarga-lhe o caminhar; faz todas as precisões da vida no mesmo logar.

—Que viver!...

—Fizeram da Correcção casa de doudos sem as accommodações precisas; a necessidade obriga a que ali se reduza o homem á condição de bruto!...

—Aqui, fallar de qualquer abuso, é peior; parece que é motivo para elle não cessar.

—Parece não, é certo.

—Si é objecto de prejuizo para o publico, tanto melhor.

—E' até uma recommendação para augmentar.

—A estrada do Campo Santo é muito transitada e nos domingos ainda mais.

E á beira dessa estrada, no Rio de S. Pedro, quebra-se com polvora uma pedreira.

Por muitas vezes os fragmentos de pedra vão cahir em quem passa como uma advertencia do risco imminente que ha em semelhante systema. Já alguem foi offendido; tem se reclamado; mas não ha meio de fazer cessar uma pratica que pode ser fatal.

—Nem haverá.

—No domingo 29 do pp. passava um homem na occasião em que atacavam fogo á mina; migalhas de pedra vieram cahir-lhe nas costas e na copa do chapeu; foram leves fragmentos que não offenderam; mas assim não aconteceu dias depois que um enorme pedregulho de vinte e tantas libras, o qual se acha em poder do subdelegado, foi cahir á porta da vendola da Sra. D. Maria que com o susto teve uma syncope.

E si ahi houvesse alguem o que não aconteceria?

—Mas como o que tem de acontecer traz força, talvez julguem desnecessario alguma medida preventiva.

—Amanhan lava-se a capella da Senhora Sant'Anna no Rio-Vermelho para ter logar a sua festa no domingo 12 do corrente.

Durante o acto da lavagem, a musica do 14.° batalhão de infantaria, tocará escolhidas peças de seu repertorio.

Os encarregados da festividade, pedem a concurrencia dos fieis devotos.

—Estou sciente; pode mandar publicar.

—Houve combate no campo do Barbalho.

—Quem foram os combatentes?

—Os invalidos destacados na fortaleza. Tiveram saudades do Paraguay e quizeram fazer um arremedo na quinta feira; dividiram-se em dous grupos e aggrediram-se.

—Eu ja sei o que foi isso. Os invalidos fizeram como os ratos que quando o gato não está em casa tomam conta della.

—Está bonito! O caixeiro do *bond* atirando pedradas!

—Tambem para que bolem com elle?

—V. agora é que quer cassuar com o rapaz, dando-lhe honras de saguim.

E depois, em quem bateu a pedra no rosto não foi que bolin com elle.

—E' o que V. quizer; mas por causa das duvidas si contar a alguem diga sempre que foi um caxeiro dos Trilhos Urbanos, depois do fogo da Victoria.

—Viu o bando no Rio Vermelho?

—Esteve regular; alem de algumas desor-

dens, o que houve de mais foi, segundo o boato que correu, certo individuo que mascarara tres escravos e mandara por elles insultar a um seu desaffecto, puchando um delles até uma faca de ponta.

—Si alguem na verdade fez isso, praticou uma acção triste.

—Capitão, domingo passei na Armação.

—Que não perdesse seu tempo é meu prazer.

—Apreciei uma festança.

—O tempo é proprio de festas. Embora todos queixem-se da falta de dinhiero, para divertimentos sempre ha.

—Sabe o que foi?

—V. dirá.

—Uma ceremonia usada naquellas paragens.

—Diga, que eu ignoro qual é.

—Dar o que comer a Mãe d'Agoa, para morrer muito chareu.

E' uma funcção que fazem annualmente, originada da crença arraigada n'aquella gente de que ha uma divindade que preside aos destinos da pesca do chareu, a qual se amúa e torna-se adversa si não lhe dão todos os annos os costumados presentes.

—Não é melhor que vá torrar pipocas?

Penso que falla serio e sahe-se com superstições e nigromancias grosseiras.

—Estou contando o que vi. Uma grande boceta atopetada de fitas, flores, pentes, quinquilharias, cheiros, doces, comidas, vinhos, foi levada em procissão a certo logar a phantasiada sereia, e junto a um riacho d'agua doce sacrificaram-se bodes, patos, e um grande cesto de favas, para ella se mostrar benevola e fazer affluir os peixinhos ás rêdes.

—Ha busões que, a religião condemna e a civilisação repelle.

A' fava devia ir V. e quem acredita nisso.

—Eu ja não me admiro que os pretos tenham dessas usanças quando vejo os brancos terem subida fé nellas.

—Os moleques pintaram o diabo na Estrada Nova, domingo.

—Eu vi. Foi nos fundos de S. Miguel.

—Quanta pedrada; quanta obscenidade!

—Eu não sei porque não se trata de acabar com esses ajuntamentos que são tão perniciosos.

—Eis-aqui um despacho que pode ser lacrado, sellado e guardado para servir de modelo a futuros presidentes:

«José Pedro da Cruz, soldado do corpo de policia, pedindo sua baixa e nomeação de guarda da casa de prisão com trabalho.—As pessoas inutilisadas pelo grande esforço physico não podem ser guardas.»

—Para quem aprecia carurú, não ha melhor passa-tempo.

—Não ha maior cegueira do que a d'aquelle que não quer ver!

E' o que succede com o homem do aceio; queria á poucos dias que lhe apontassem um logar onde não se fizesse o serviço da limpeza, quando elle proprio si prestasse um pouco de attenção, sem ir muito longe podia ver o estado immundo da Estrada Nova, desde a esquina do Caminho Novo até o proprio edificio do aceio!

—E o largo d'Ajuda tambem se varre? Si aquillo é aceio, diabos o leve.

—Este Sr. Antoninho da limpeza, alem de zombar do bom senso publico, ainda faz garbo de tanto escarneo.

—Mães que engeitem os filhos ha exemplos de sobra, filho porem que deite a mãe fora, é negocio mais custoso.

A razão não é porque o affecto filial seja em grau mais estremecido do que a ternura maternal; pelo contrario sendo condição da natureza humana o propender para o mal, é mui commum ver um filho retribuir com ingratidão os carinhos e desvelos d'aquella que lhe deu o ser.

Mas é que o negocio se fia mais fino, pelo facto de uma mulher saber para onde a levam e onde a deitam; o que não acontece com uma criancinha que se carrega e larga-se em qualquer canto da rua, em uma portaria de egreja, na roda da Misericordia, etc.

—Corações degenerados são que fazem assim.

—Mas por controversia do que fica dito, eu conheço um sujeito que deitou a mãe fora.

—Forte reu de maldades!

Sahiu com a mãe de casa, na freguezia de Brotas, no caminho chamou dous pretos com cadeira, metteu-a dentro da mesma e mandou que fossem seguindo na direcção que elle indicou, dizendo que se demorava um pouco, porem que em breve os ia encontrar.

Os pretos andaram um bom pedaço e nada do sujeito apparecer; a mulher não sabia caminho nem carreira, nem o destino que lhe queria dar o filho; por isso não poude adiantar cousa que esclarecesse.

O cujo quando assim fez não foi de pateta; sabia que mandando os pretos seguir pela Estrada Nova teriam elles de passar pela porta de um parente da velha, e que a novidade do caso podia produzir algum effeito e assim foi. Os pretos, cansados, arrearam a cadeira. Per-

guntam aqui e ali; um chega para ver, outro olha; a mulher declara quem era, e o caso estendeu-se a ponto que o parente tendo noticia não teve remedio sinão recolhel-a e está aguentando com a buxa.

—Me diga o nome desse desnaturado.

—Isso não; o proprio parente contou-me o facto, mas pediu me que não dissesse o nome a ninguem, por ora.

Os olhos.

Entre as innumeraveis perfeições que Deus collocou no corpo do homem são sem duvida os olhos uma das principaes.

Sim, os olhos, estes globos magicos ou espelhos magneticos, que tantos encantos apresentam no amplo theatro do pensamento! Alguns lhe chamam as janellas d'alma; nós lhes chamaremos as balanças da persuasão, porque, dizia S. Thomé—vêr para crer.

Os olhos apresentam muitas vezes em algumas pessoas o reverbero de um coração bom ou mau; são elles as sentinellas constantes que nos avisam os perigos que vem pela frente.

Os olhos tem luz sem terem fogo nem combustivel algum, os olhos fallam mudamente, os olhos finalmente gozam metade dos prazeres da vida. Isto é fallando geralmente sobre os olhos communs, principalmente sobre os olhos dos masculinos, bem como dos homens, bois, cavallos, etc.

Vamos agora tratar dos olhos femininos, das moças e das pombas.

Estes olhos, meus senhores, são os faroes do encanto, são as bandeiras dos batalhões dos amantes, as quaes elles entregam vida e fortuna; são as chaves da sympathia, as tarrachas das paixões, as alavancas dos desejos, o chamariz dos beijos, o grude de Cupido; e quantas qualidades ha de olhos das amaveis pombas brasileiras? Ah! isto seria descripção para habil escriptor, e não para nós que não possuimos talento sufficiente para demonstrar tantas perfeições com exactidão! Apenas descreveremos alguns olhos que temos gozado ao perto.

Temos encontrado em certas meninas olhos mais valentes e mais poderosos que as balas de artilheria, e mais ligeiros que os raios. Entre estes, uns sympathicos e amorosos; outros angelicos e virtuosos; outros meigos e graciosos; outros honestos e timoratos; outros analiticos e caprichosos; outros ternos e saudosos; outros gaiatos e voluptuosos; outros em summa velhacos e mentirosos. E estes são temiveis, são ordinariamente furta-côres e enfeitados de velhacaria fina; choram quando querem, e alegram-se quando lhes convem. Mas tudo isto fazem combinados com o pensamento, sem participarem ao coração; entretanto que os bons olhos são o verdadeiro balsamo da consolação. A mulher casada que tem bons olhos, com elles abranda o genio do marido, despe-lhe a ira, e anima-o a trabalhar.

Entre todos estes olhos, hontem tivemos o prazer de ver por accaso, de passagem, uns lindos olhos em uma formosa jovem que se achava em uma janella no Porto do Bomfim; desde esse feliz instante o nosso espirito ficou transtornado, mal fomos passando por ali a amavel menina atirou sobre nós uma lambedella de olhos tão subtil, tão electrica, que entramos a tremer, como quem tem convulsões agudas; o coração estufou-se dentro do nosso peito como uma pipoca, as ventas de nosso nariz entraram a sentir cheiros de rosas, cravos, alecrins, mangeronas e mangericões, as casas d'aquella rua pareceram doiradas com os raios resplandecentes de taes olhos. Apenas a moça fazia um volver de olhos, toda gente que então por ahi passava cahia no chão estrebuchando de gosto por tal forma, que pareciam ter ataques de gota coral, e com effeito, taes olhos nunca vistos, taes olhos tão raros, taes olhos tão bem temperados pela mão de Deus tem o poder de daguerreotypo: imprimem na lamina do coração amante o verdadeiro retrato do objecto amado.

LÁ VAE VERSO.

—Do Bomfim a grande festa,
Capitão, vou descrever,
P'ra pintar tão bello quadro,
Eu sinto côres não ter.

Ao Senhor Deus do Universo
Eu fui contente adorar,
Me prostrando humildemente
Diante de seu altar.

Em ondas crescia o povo
Que ia a sua romagem,
Cada qual mais apressado
Do templo para a lavagem.

Nove noites de funcção
Com toda pompa e explendor,
Em que alegres resoavam
Mil graças ao Creador.

Que não houvessem sermões,
Seria bom, capitão,
Porque hoje os pregadores
São os bobos da funcção.

Sobe um padreco ao pulpito
Para o riso provocar,
Dizendo asneiras tamanhas
De fazer arrepiar!

Um *cujo* ouvi eu dizer,
Creia na palavra minha,
Que nós eramos uns *pintinhos*
E o Senhor uma *gallinha!!*

Não sendo o grande Raymundo,
O Rodrigo e o Fiusa,
E mais alguns que não digo,
O resto já não se usa.

Porem basta de sermões,
Descrevamos o festim,
E o que houve de notavel
No deleitoso Bomfim.

Duas musicas tocaram
Lindas peças de encantar,
E pelo largo se viam
Bellas nymphas passear.

Outras sentadas na frente,
Lá das casas dos romeiros,
Os corações captivaram,
Com seus olhares fagueiros.

Nestes dias venturosos
De ver moças me fartei,
E voltei p'ra minha casa
Com os beiços que mamei.

Viram meus olhos porem
Uma engraçada donzella,
Que prendia os corações
A sua côr de canella.

Bomfim, Guia e S. Gonçalo.
Foram tres festas pomposas,
Em que fragrantes brilharam
Da existencia lindas rosas.

Teve sobeja razão
O vate que disse assim:
—«Desta Bahia o mais bello
Dos sitios é o Bomfim.»

E o vasto Itapagipe,
Refrigerio dos mortaes,
E' elle o logar que escuta
Minhas queixas e meus ais.

Agora que se findou
De S. Gonçalo a funcção,
Das moças teve despacho
Cada uma petição.

Sahiram indeferidos
Uns quatro requerimentos,
Por falta de *estampilha*,
não terem documentos.

Um d'entr'elles foi com vista
Ao namorado desfructavel,
O qual embargos deitou
A um despacho favoravel.

Por ser muito presumpçosa
A dona de outro pedido,
E ter a *lingua* comprida,
Levou um indeferido.

Cinco foram despachados
Todos favoravelmente,
E d'entre elles todos cinco
Já e *já* teve um somente.

São cinco as moças, portanto,
Das quaes os requerimentos
Tiveram de S. Gonçalo
Completos deferimentos.

A ellas meus parabens,
Que Deus lhes dê boas sortes,
Que vivam por muitos annos
Ao lado de seus consortes.

A PEDIDO

—Capitão, escute isto:

Indo uma pessoa á casa do Sr. Nicolau do Café, receber uma pequena quantia, appareceu um crioulo aggregado do mesmo, que pelo traje e maneira porque se apresentou parecia ser escravo. Tratou grosseiramente ao portador e este retirou-se.

Dias depois encontrou o Sr. Nicolau do Café com a pessoa e perguntou-lhe porque não apparecia para receber a quantia.

«Não vou mais á sua casa, porque seu escravo tratou-me mal; quando o Sr. me encontrar na rua, dar-me-ha o importe, si quizer, foi a resposta.

Na sexta-feira, passando a referida pessoa pela Palma recebe um recado de que o Sr. Nicolau lhe mandava pedir que fosse á sua casa; ao chegar porem á porta, é abotoado e insultado pelo tal crioulo que se mostrava muito offendido por se lhe ter chamado escravo, quando era elle cabo de esquadra da guarda nacional de Santo Antonio.

—Ora, na guarda nacional existe a peior gente.

—E' incontestavel que foi Nicolau do Café quem insinuou a seu famulo para ir atacar ao homem, pois elle ignorava de certo o que este lhe dissera.

—E sendo assim obrou de maneira bem censuravel.

—O digno subdelegado de Sant'Anna, activo como é, logo que teve noticia do occorrido mandou ir á sua presença o aggressor e admoestou-o á não continuar.

O fim que ditam estas linhas é unicamente o esclarecimento da verdade.

No dia 2 do corrente, dous soldados de policia e o ordenança da subdelegacia da Sé apresentaram-se á porta de uma casa á Praça dos Veteranos e embargaram á sahida dos que nella estavam.

Oito individuos foram constrangidos a pa-

gar illegalmente 10$ rs., á pretexto de que se achavam na pratica de jogos prohibidos, o que é uma revoltante falsidade.

Não vae aqui censura ao digno subdelegado que se achava em-exercicio na occasião, o qual portou-se com reconhecida imparcialidade, mas permitta S. S. que se use de sincera franqueza. S. S. por ter pouca experiencia do exercicio do cargo, foi illudido em sua boa fé.

Chegando o Sr. subdelegado á casa referida não encontrou jogo nem indicio delle; os dois soldados affirmaram que não viram jogo e só o ordenança confirmou; mas como podia elle saber disso si não entrou no interior da casa, nem a lei semelhante cousa lhe permittia? A lei não admitte duvidas.

Admira que em uma freguezia onde ha authoridades superiores, soldados de policia se julguem competentes á pôr cerco em uma casa na qual não ha suspeitas de que se commettesse um crime e abusem da boa fé e pouca pratica da authoridade para illudil-a a legalisar uma arbitrariedade!

O Sr. subdelegado reconheceu a injustiça de semelhante procedimento; mas um inspector de quarteirão que havia apparecido depois dos soldados de policia, declarou que nada tambem vira, mas uma vez que o ordenança affirmava, S. S. tiraria a *força moral*, delle inspector si nada fizesse.

Este facto e o de cercar-se uma casa sem conhecimento do respectivo subdelegado, o que importa uma falta de respeito, tendo elle sciencia depois do cerco effectuado está revelando qual foi o proposito que se teve.

—Capitão, venho pedir o seu auxilio.

—Creio que perde seu tempo.

—Como mais atilado do que eu, talvez que possa descobrir a solução de um problema.

—Para fazer-lhe a vontade vou ouvil-o.

—Consultando as leis da equidade eu não posso encontrar a razão plausivel de um facto que acaba de acontecer.

—Qual?

—A Mesa da Santa Casa acaba de tomar luto pesado em signal de respeito e estima que consagrava ao finado negociante Costa Pinto.

—Um acto inteiramente digno.

—E' exacto; porém escute:

A Santa Casa tem contado innumeros bemfeitores, homens verdadeiramente philantropicos, como Godinho, Friandes, Paranhos e outros; e a Mesa nunca se lembrou de testemunhar-lhes na morte tão subida prova de apreço; a esses que legaram suas fortunas e prestaram seus serviços. Apenas de um ou outro mandou tirar o retrato.

O finado Costa Pinto podia ser muito estimavel, credor de immenso respeito, homem muito dinheiroso e ter outros predicados, mas beneficios a Santa Casa nunca me constou que fizesse, á não ser o simples cargo de mordomo das obras que occupou por pouco tempo.

—Quer saber a razão unica que eu vejo?

—Por isso é que vim lhe consultar.

—E' que, segundo disse o Sr. Borges da Fonseca, até para morrer é preciso ser feliz.

—Capitão, venho trazer-lhe o resultado da representação submettida ao Sr. Dr. chefe de policia, contra Cassiano Rodrigues Banha, de fazer em sua morada matadouro de porcos, na travessa da rua do Soccorro, freguezia de Brotas, e continúa a matar, desrespeitando as ordens de S. S. transmittidas ao subdelegado.

—Leia.

—«Informe com urgencia o Sr. subdelegado respectivo. Bahia e repartição da policia 24 de janeiro de 1871—*Cerqueira Pinto.*»

«Com as ordens expedidas n'esta data ao subdelegado respectivo, fica deferida a representação dos supplicantes. Bahia e repartição da policia 27 de janeiro de 1871—*Cerqueira Pinto.*»

—Pede-se a um certo caixeiro *petit-maitre* que deixe de querer abarcar o mundo com as pernas, principalmente dirigindo graças as filhas do diabo coxo, ao depois não se arrependa.

—Quem será?

—E' o ex-enteado da quiabo duro, no Pelourinho. *Um impossibilitado.*

VARIEDADES.

BOM CONSELHO.

O talentosissimo Alcibiades, este admiravel Protheu moral e politico, que segundo todos os historiadores gregos e romanos que fazem menção d'elle, possuiu no goso mais elevado todas as virtudes e todos os vicios, procurou um dia seu abalizadissimo parente Pericles, este grande, esclarecido, desinteressado, patricio e magnanimo varão, que sabia ser cidadão leal e ao mesmo tempo soberano absoluto da republica das Athenas, e em 40 annos para a felicidade do estado e gloria das sciencias e bellas-artes sem outra força ou autoridade, senão as de seu eximio engenho incrivel, mas bem merecido prestigio e sua eloquencia arrebatadora, que seus com-

temporaneos comparam com o trovão e relampago; como um circumspecto pai governa os inconstantes e inconsideraveis athenienses, estes amaveis *francezes* da antiguidade.

Sua digna esposa, a par de sua formosura, eloquencia e variada instrucção, igualmente celebre, *Aspasia*, que a historia revenera como um elevado modelo para seu delicado sexo, disse a *Alcibiades*, que não podia fallar com seu marido que nesta occasião estava mui occupado a esmerar se em arranjar contas do emprego do dinheiro publico para apresental-as ao povo.

Alcibiades, que bem sabia que Pericles, era muito apaixonado por fausto, edificios sumptuosos, estatuas, pintura, divertimentos & e que tinha gastado sommas consideraveis com o embellezamento da cidade, obras primorosas de esculptores e pintores, festas etc, respondeu, sorrindo-se maliciosamente: « Diga a «Pericles, que lhe aconselho de não fazer «isso, mas pelo contrario esforce se em evi«tar de dar contas.

Talvez daria *Alcibiades*, si ainda fosse vivo, o mesmo bem intencionado conselho aos que, quando a infausta guerra do Paraguay acabou, foram constrangidos a esmerar-se em idéar contas de seu custo para apresental-as á nação brazileira!!!

PERGUNTA INNOCENTE.

Poucos dias antes de morrer, disse Carlos XI rei da Suecia, que então já se achava atormentado de uma grave e mui dolorosa doença:

« Sei que se devia exigir muito de mim, a « quem Deus tem confiado muito; mas quan« do encarregou-me do governo, sabia que eu « tinha uma vontade sobeja de bem consci« osamente cumprir meus deveres: a força « dé fazel-o dá elle como lhe compraz. Não « jurei nem pude jurar a meus subditos de « governal-os com prudencia, nem com sa« bedoria, mas sómente com fidelidade e jus« tiça. »

Poderão muitos dos altos e excellentissimos empregados deste imperio repetir estas palavras a seu proprio respeito, sem corarem?

Correspondencia policial.

Damos aos nossos leitores com a ortographia original os dous bellos specimens da correspondencia entre dous inspectores de quarteirão, a proposito da significação dos votantes, pela «respeitavel ordem do nosso delegado,» como diz um delles.

«Illm. Sr. Tendo eu notificado 4 votantes policiaes pela respeitavel Ordem do nosso Delegado, estes estão no seu quarteirão, e estão na mesma listra e Como elles põem duvida fazer o serviço agora e Vmc. e ao mesmo, tempo chamar por tanto me é necessario requisitar a Vmc.—Illm. Sr. Joaquim Marcelino D. Espetor do Bairro do Macuco. 7 de Dezembro. O Inspectô *Francisco José de Oliveira.*

«Resposta.—«Illm. Sr. Meo premo Jenasio José de o Levera Am° Snr. vmce, pode no tifii Car os peliças que tiver morando da fazenda do Sr. José Francisco para baxo o Cual Ja eu não tirei as Listra destes morador do que o je em di ante sam seos por Lésia.—De Vmce. Am°, obr°—*Joaquim Marcelino do Nascimento.*

Dizia um medico francez que não havia mais do que duas classes de molestias: d'uma morre se, e d'outra escapa-se!

Um estudante tinha um só par de calças que mandou lavar, tendo por isso de ficar na cama. A lavadeira demorou-se e dizia o pobre do rapaz dous dias depois olhando para as ceroulas: —« Preciso de sahir, e de boa vontade iria buscar as calças. Mas... fatalidade!... para as ir buscar, era preciso tel-as!...

Esposas guardadas a cadeado.

N'um artigo dos excellentes « Annaes do Club Militar Naval» diz-se que:—Uma das cousas que fez mais impressão aos officiaes portuguezes da guarnição da curveta «Palmella» ao visitarem os portos do canal de Suez foi verem as mulheres casadas com os rostos cobertos com mascaras e fechadas a cadeado, cuja chave era guardada pelo marido! Quantos não desejariam ver implantado este costume no Brazil.

Um velho, a quém lhe perguntaram como tinha vivido tanto tempo, respondeu:

—Nunca estive em pé, podendo estar assentado; casei-me tarde, enviuvei cedo e não me tornei a casar, eis aqui o segredo.

—Oh! meu sargento, venha cá; gritava o soldado que estava de sentinella a um posto de guarda, venha de pressa, que tenho aqui um ladrão agarrado.

—Pois traze-o cá dentro.

—Não posso, meu sargento.

—Porque?

—Porque, por mais que forceje, elle não me quer soltar!

Piron, o celebre poeta satyriço francez, foi uma noite prezo, por engano d'uns policiaes que procuravam um criminoso; levado á presença do prefeito de policia, este o interrogou á cerca da sua occupação ou profissão.

—Sou poeta, respondeu Piron.

—Oh! é poeta? disse o magistrado, já de bom humor; pois eu tenho um irmão que tambem cultiva as musas.

—Então estamos eguaes, disse Piron, dando largas á sua veia satyrica, porque eu tenho um irmão idiota!

Um sujeito que tinha um irmão clerigo, o qual nunca resava, quiz guardar uma moeda onde o irmão lh'a não podesse achar; escondeu-a no proprio breviario, dizendo; agora segura a tenho.

Enigmas.

—O que é que um homem póde dar a uma mulher, sem o ter?

—Marido.

— —

—Como podemos conseguir que as mulheres formosas andem atraz de nós?

—Andando nós adiante d'ellas.

— —

Qual é a cousa que nós damos antes de termos?

—Uma canellada.

— —

—Em que se assemelha uma capella a um leproso?

—Em não ter cura.

— —

—Que differença ha entre um medico e um copo d'agua?

—O copo d'agua mata secura, e o medico se cura não mata.

— —

—Em que se parece Verdi com uma galinha?

—Em ter produzido uma «gemma».

ANNUNCIOS.

Luiz de Oliveira Vasconcellos, participa aos seus numerosos freguezes, que mudou sua loja de calçado e charutos á rua Direita da Mizericordia, n.° 17, para a mesma rua, loja n.° 13, defronte da Capella de S. Antonio.

Na Photographia Nacional de Reis & C. se dirá quem precisa de mulheres e meninas que trabalhem em charutos, rua de S. Bento n. 6.

Aula Primaria.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, declara aos Srs. paes de familia, que a sua aula de primeiras letras, defronte da matriz de S. Pedro, acha-se aberta desde o dia 9 do corrente mez.

Bahia 11 de janeiro de 1871.

O CAFÉ

LES DEUX AMIS

AO LARGO DO THEATRO

VENDE:

Vinho fino.
Dito Bordeaux, Figueira e Porto.
Extrait de Absinthe.
Bitter e Vermouth.
Calda de cajú e groselle.
Agoa: Americana e Selthz.
Genebra aromathisada.
Vinho Champanhe.
Cerveja ingleza e nacional.
Agoa de Felippe.
Licores finos.
Vellas de spermacet.
Conservas e ervilhas portuguezas.
Charutos de fabricantes da provincia.
Chocolate fino
Biscoitos inglezes.
Cigarros do Rio de Janeiro.
Molho inglez.
Phosphoros de cera e segurança.
Cartas russas e francezas.
Carteiras de segredo.
Papel e enveloppes.
E diversos artigos de miudezas por metade do seu valor para liquidar.

Aviso as solteiras.

Um pobre joven de muito bom genio, e circunstancias, alguma cousa letrado, desejaria contrahir matrimonio com uma joven donzella d'idade de 20 á 32 annos, e que reuna as circunstancias seguintes;—1.° Que seja sã de toda a enfermidade extrinseca, e intrinseca; que seja honrada, laboriosa, humilde, e discreta, e filha de bons Pais. 2.° Que a agraciada, alem das circunstancias a cima, tenha pelo menos (e se por ser, mais) quatro contos de reis de dote, dinheiro effectivo, ou que seja herdeira d'um liquido equivalente, para desde logo arranjar um officio. E conclue dizendo, que se a agraciada tiver tão bom genio como seu feliz pretendente, só com isso (e ajudados da graça de Deus serão felizes.

—Corre que hontem, em um trapiche, ao desempilhar-se alguns fardos de fumo, um delles cahira sobre um moço e o mandara para outra vida.

Consta que era caixeiro da casa de Boldt Katenkamp.

—E o trapiche?

—Não sei.

—Pois é preciso indagar.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.ª SEXTA-FEIRA 10 DE FEVEREIRO. N. 751.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 47.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Principia hoje a serie 76 do «Alabama».

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 9 de fevereiro de 1871.

Portaria ao fiscal de Sant'Anna, ordenando-lhe, para que se possa transitar desassombrado pelo becco das Hosteas, que intime ao dono de dous temiveis cães que ahi andam soltos, investindo sobre quem passa, para que os traga acorrentados, sob pena de serlhe imposta as penas da postura competente. Cumpra.

—

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Moradores do becco das Hosteas, pedindo a collocação de um laço policial para apanhar as rapozas bimanas que infestam os quintaes d'aquella rua e devoram as gallinhas. —Cada um que tenha cuidado no que for seu.

—No domingo festejar-se-ha com toda pompa e explendor a gloriosa Senhora Sant'Anna do Rio Vermelho, pregando ao Evangelho o Revm. pregador imperial Fr. Itaparica.

No sabbado haverá vespera, pau de sebo com primorosos premios, e á noite illuminação, leilão e balões.

Domingo á tarde romaria de jangadas, cavalhada preparada com todo gosto, dando fim aos festejos um surprehendente fogo de planta.

A musica do 14.º tocará na vespera e no dia escolhidas e variadas peças.

—Tambem nesse mesmo dia festeja-se com a solemnidade do costume ao Senhor Bom Jesus do Bomfim de S. Domingos.

—Consta que haverá missa nova nessa festividade.

—Não garanto isso; sei que haverá fogo de artificio, balões, illuminação, etc.

—A meza da irmandade da Senhora Santa Anna do Rio Vermelho espera a concurrencia dos fieis.

—A irmandade do Senhor do Bomfim de S. Domingos tambem a mesma cousa dos seus fieis devotos.

—N'este caso, cada um que concorra para o logar que lhe for mais conveniente; tanto faz assistir a festividade da Avó, como a do do Neto.

—A quem pertence uns burros que pastam no Terreiro?

—Meus não são.

—Sejam de quem for; desta forma pode-se ter animaes.

—Como?

—Engordando-os sem gastar dinheiro. Não vê como os bichinhos regalam-se na verde gramma que reverdece na praça do conde d'Eu?

—Fazem um beneficio á camara tirando-lhe o trabalho de mandar capinar.

—Todavia dizem que ha uma postura que prohibe os animaes andarem soltos.

—Mas como os burros não sabem ler, ignoram que ha tal prohibição a seu respeito.

—«João Barretto da Silva Maia, alferes honorario do exercito, pedindo ser nomeado commandante dos guardas da casa de prisão com trabalho.—Outro mais graduado e com serviços egualmente de guerra, é o nomeado; o supplicante pode pretender um logar de guarda, que é emprego civil, e que já foi pedido por officiaes de patente superior á do supplicante.»

—V. está largando um disparate, homem! Andar de espingarda ao hombro e correiame ás costas, fazer sentinellas á presos, acompanhal-os na rua, nunca foi emprego civil. Como V. quer, eu posso dizer tambem que os empregados da alfandega são maritimos e que os sineiros são militares.

—Olhe que estou lendo um requerimento despachado pela presidencia; não sou eu quem diz.

—Ah! desculpe; si é decisão de S. Ex. está direito. Disse elle, está dito.

Comtudo, eu no caso do peticionario agradecia a S. Ex. o conselho que lhe dá, porque não ha de ser por um sujeito se atirar no dique que eu hei de ir lhe atraz, nem ando no mundo por ver os mais andarem.

—Meus dous amaveis, vocês que deram aquella monstruosa sentença, mirem-se neste espelho, e consultem no recolhimento de suas consciencias si em outro paiz, a sancção legal não cahiria sobre suas cabeças por tamanha iniquidade que praticaram.

«Art. 129 do cod. penal.—E' prevaricador—o juiz que por affeição, odio, ou contemplação, ou para promover interesse pessoal seu, julga ou procede contra a litteral disposição da lei.

«E' prevaricador—o juiz que aconselha alguma das partes que perante elle litigam.

«E' prevaricador—o juiz que se deixa corromper por influencia, ou peditorio d'alguem, para obrar o que não deve, ou deixar de obrar o que deve.

«Art. 133 idem.—Incorre no crime de suborno—o juiz que se deixa corromper por influencia ou peditorio de alguem, para obrar o que não dever, ou deixar de obrar o que dever.

«Arts. 153 e 154 idem.—Commette o crime de falta de exacção no cumprimento de seus deveres—o juiz que, por ignorancia, descuido, frouxidão, negligencia ou omissão, deixa de cumprir ou de fazer cumprir exactamente qualquer lei ou regulamento.»

—Capitão, sabe que um sapateiro de Paris acaba de dar o corte nos carros e cavallos?

—Venha com innovações.

—Semelhantes auxiliares da velocidade humana vão desapparecer como objectos inuteis.

Para encurtar as distancias o homem não precisa mais de recorrer as locomotivas; cada um será um agente de presteza e rapidez de si proprio.

—Vão crear azas sem duvida?

—Não, mas ha isto:

«Um sapateiro parisiense de fama, acaba de inventar um calçado munido de carrinhos, que permittirá ao homem andar tão rapidamente como o cavallo, e parar instantaneamente, o que é uma enorme vantagem.

«O meio que se empregou para obter este magnifico resultado, é tão simples como engenhoso.

«As rodas adoptadas a este calçado teem uma forma especial: a sua circumferencia acha se dentro d'um polygono composto de vinte e cinco linhas quebradas.

«Estas quebraduras, que não diminuem sensivelmente a corrida, teem a vantagem d'impedir uma rapidez perigosa e de facilitar a paragem.

«As rodas devem triumphar com facilidade do gelo; e, alem disso, não deixarão passar o frio nem a humanidade e a corrente de ar que a corrida mais rapida deve estabelecer impedirá o suor, tornando o calçado mais sadio.»

—Estou sciente; mas a tal descoberta parece que não é nova.

Como cavallo já anda muita gente e sem ser de quatro pés.

—Capitão, pretendia dar uma resposta conveniente a publicação do *Diario da Bahia* de 2 de fevereiro, que tem por titulo—*ao critico anti-gallinaceo do «Alabama»*, assignado—*o Bernardo;* mas á pedido de um religioso, com quem entretenho relações, deixo de o fazer; todavia, resta me a consolação de que o tal padre Bernardo errou até no periodo de S. Matheus que citou na sua publicação.

—Eu estou certo que elle disse:

«*O Senhor do Bomfim é uma gallinha, e nós somos os pintinhos que Elle agazalha;* comquanto estou convencido de que o artista quando commette erro em alguma obra que faz tem o direito de deitar um remendo para encobril-o, não passando em todo caso de um artista remendão.

—Quer dizer com isso que assim é o pregador que, errando no pulpito, procura côres para encobrir seu erro, quando delle é censurado.

—Não queria dizer tanto, porque ficará o pregador que assim pratica tido como pregador remendão.

Agora o que eu, não obstante o pedido do amigo, não posso deixar passar sem resposta é o tal padre Bernardo do *Diario* querer negar o que disse no seu sermão, dicto esse presenciado por diversas pessoas

—Ora, deixe lá o padre com as suas *bernardices*.

—Publica o *Jornal* de hoje a informação que dera o digno commandante do corpo policial ao presidente da provincia ácerca do espancamento do soldado Antonio da Costa Netto.

—Gostei de ver.

O soldado estava embriagado, e allegava soffrer dôr de colica; por isso mesmo foi mal feito darem-lhe bordoadas, si é verdade o que dizem as praças que presenciaram o conflicto.

Espancar a um enfermo ou a um ebrio é falta de charidade, ainda dado que se esteja para isso authorisado.

Estou porem decidido a crer sinceramente que o capitão Carvalho não deu no soldado, desde que a palavra honrada do seu valente commandante assim declara.

Mas o que não se pode negar é que o logar de curar-se bebedeiras é no calabouço e não no hospital.

O soldado porém entrou para o hospital bebado no dia 27 e sahiu delle no dia 31 curado de colica.

E si realmente quando elle entrou no quartel soffria de colica, esse homem é um portento pois que á despeito dos dolorosos soffrimentos que produz a colica, das contorsões que arranca, do anniquilamento de forças que traz, teve esforço para resistir e tornar-se furioso, a ponto de ser preciso recorrer a meios fortes!

O sentimento de uma dor aguda no organismo humano actúa sobre todos os mais sentimentos.

—Deixe passar.

O soldado é de mau comportamento e todo homem de mau comportamento principia por mal-casado; mas a mulher de Antonio da Costa Netto diz o contrario e dá prova com a afflicção que mostrou pelo que succedeu a seu marido, apresentando se até na repartição da policia onde lhe negaram a entrada.

—E note que nestes negocios de espancamentos ha uma coincidencia fatal. Dão-se sempre com certos e determinados officiaes. Do Sr. capitão Carvalho não é a primeira vez que a voz publica accusa de ter espancado soldados, verdade ou não.

—Mas emfim..... como a corda quebra sempre pelo lado mais fraco.....

—O presidente da sociedade Monte-Pio dos Artifices pedia ao Exm. Sr. barão de S. Lourenço exoneração d'esse cargo, visto a desconsideração da assembléa dos associados para com o conselho administrativo.

—E fez muito bem.

—Eis-aqui em sua integra o officio por elle dirigido ao presidente da provincia:

«Bahia, 9 de fevereiro de 1871.—Illm. e Exm. Sr.—Não podendo continuar a exercer as funcções de presidente da sociedade Monte Pio dos Artifices, visto os tropeços que a assembléa dos associados procura pôr para transtornar a marcha dos trabalhos do conselho, peço, nesta data, a V. Ex., a graça de exonerar-me de tal cargo, nomeando um outro que possa bem administrar os interesses sociaes.

«Aproveito a opportunidade para agradecer a V. Ex. a escolha que fez da minha humilde individualidade para presidente da sociedade dos Artifices.

«Deus Guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Sr. barão de S. Lourenço, presidente desta provincia.—*Aristides Ricardo de Sant'Anna.*»

—Capitão, os inquilinos das propriedades da Santa Casa da Misericordia, da cidade baixa, antes de tomarem a chave de qualquer casa, dão de esmola 1:000$ rs. e mais, conforme o preço da casa.

—São obrigados tambem, porque assim entende a Misericordia, a contribuir para o calçamento das ruas, quando é ella a obrigada á isso, como proprietaria.

Além de tudo isso, quando intende levanta os alugueis.

—Mas em nada d'isso é que está o escandalo, o escandalo está em ella pagar um quarto por cento do seguro contra fogo, e cobrar de cada um inquilino dez por cento.

—Qual, isso parece historia!

—E' verdade, posso lhe garantir, porque vi um recibo passado neste sentido:

Aluguel	100$000
Seguro	10$000
Rs.....	110$000

—E' um abuso isto.

—E como este, muitos outros abusos inqualificaveis, que os novos mezarios tem posto em execução.

—Ahi está porque hoje em dia ninguem mais quer legar seus bens a Santa Casa da Misericordia.

A PEDIDO

—O Sr. é o muxingueiro do *Alabama?*

—Sem tirar nem pôr.

—Andava mesmo á sua procura.

—E eu á cata dos tratantes.

—O Sr. não passa á noite pela *Taboa-grande?*

—Quando venho em terra é meu caminho.

—Pois então peço-lhe encarecidamente que tome a seu cuidado um mariola, tratante de sete costados, que por ali ha.

—São tantos que é custoso distinguil-o.

—Um que tem nas prateleiras da biboca S. *João* em logar de Santo *Antonio,* santo que todo taverneiro venera.

—Bem, hei de ver isso; siga.

—O motivo porque o recommendo a sua attenção é pela infinidade de traficancias de

que está sobre-carregado o bojo d'aquelle canastrel de estratagemas e ardís.

Como os morcegos, espera pela noite para fazer suas correrias. N'essas horas entram na tal biboca, que tem S. *João* em logar de Santo *Antonio,* certos volumes mysteriosos que ninguem sabe a procedencia, porque não é á noite occasião propria para tratar certos negocios.

O *Castro,* meu visinho, que tudo sabe, porque de tudo indaga, assevera que o homem tem seus freguezes, que só de noite lhe podem ir levar as encommendas; porem o *Guimarães,* que é entendido, disse que a cousa é outra; que aquelles objectos são assim conduzidos á noite para evitar o calor do sol e a luz do dia, que exercem sobre elles acção deterioradora; tanto assim que outro dia uma remessa de carne que lhe foi endereçada soffreu damno *apprehensivo* e quasi dá em *vaza* barris.

Para mim, a opinião mais acertada é a do *Abreu* que diz que o homem é da escola de *surripio,* que gosta das trevas para fazer *certos arranjos.*

—Em resumo, o que Vm. quer é que o filho das ilhas não continue a ter aberta á noite a immunda tasca, no exercicio da pilhagem, não é?

—Sim, Sr., porem quando for a elle seja de calabrote em punho.

—Isso não lhe dê cuidado.

—Capitão, uma curta historia.

—Conte.

—Passando o filho de um ricasso, á cavallo, em impetuoso galope, pelo largo chamado o *Santo que livrou o pae da forca,* pisou um menino e offendeu-o gravemente.

O ordenança do subdelegado prendeu-o.

—Sim, Sr.; obrou como devia.

—Nem tanto, capitão, porque duas horas depois, o subdelegado chegando, teve uma conferencia e ouvindo *certas razões* que lhe expozeram, achou irregular a prisão e mandou pôr em liberdade o cavalleiro.

—Sem saber si a parte queria proceder?

—Como sem falta.

—Que pressa! Ter dinheiro não dá direito a tanto beneplacito.

—O engraçado não foi isso. O pae do offendido requerendo corpo de delicto, o subdelegado disse-lhe que não tinha logar, porque o menino não era seu filho legitimo!

—Jurisprudencia da terra dos *mamões!...*

—Entretanto o soffrimento do menino tem se aggravado extraordinariamente e por muito favor o causador da offensa manda um medico seu tratal-o.

—Ser pobre é a peior das condições do homem! Fazem da gente cego, estupido, lorpa!

—Dizem que a razão de tanta complacencia é que a authoridade e o offensor teem o nome de dous *santos* martyres que morreram enforcados no mesmo dia. O nome do offensor é o de um *santo* que morreu pendurado em um pé de *amoreira,* e o da authoridade foi um *santo* que morreu egualmente em um pé de *pereira.*

—E a lei dos Myrés propagando-se como um codigo abençoado!

—Capitão, vou lhe contar uma celebridade do Sr. official *Fructa da Amoreira,* na quinta feira.

Estando sentado nos degraus do edificio da camara dos varredores na occasião em que a musica advertia que eram horas de *recolher,* fui intimado grosseiramente por um soldado da parte do dito official *Fructa da Amoreira* para me levantar, porque não havia ordem de ninguem estar alli sentado.

Outras pessoas que ahi se achavam receberam a intimação com escarnecedora irrisão.

Eu porem obedeci; certo de que V. Ex. tomaria em consideração tão desmiolada sem razão.

Por tanto, espero, que V. Ex. não deixe passar incolume este facto e mande o dito official aprender melhor as regras do serviço militar.

ANNUNCIOS.

Espectaculos namoratorios todos os dias das tres horas e meia as seis da tarde na praça do Governador.

O palco é mesmo na esquina do edificio do paço, ao dobrar para a rua *Torta.*

Vistas de desfructe, scenas de caponismo, paisagens irrisorias, momices alambicadas.

As representações são publicas e francas para todos; só ha cadeiras para os comediantes. Essas representações são de algum interesse pelo papel que desempenha a protogonista uma filha das plagas de Camões, a qual collocada nas emminencias, dahi prende as attenções de seus admiradores.

Pede-se a um senhor capitão do extincto quarenta de voluntarios, o favor de vir a rua Direita do Collegio satisfazer o importe das botinas que mandou fazer por 2 de Julho p. p.

Na Photographia Nacional de Reis & C. se dirá quem precisa de mulheres e meninas que trabalhem em charutos, rua de S. Bento n. 6.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.ª QUARTA-FEIRA 15 DE FEVEREIRO. Ns. 752—753.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 14 de fevereiro de 1871.

Officio ao Exm. Sr. inspector do arsenal de marinha, para que se digne tomar conhecimento do seguinte facto.

Fallecendo o sargento Seraphim, encarregado do serviço da galé, deixando mulher e filha, o inspector d'aquella epocha por espirito de equidade concedeu a viuva um commodo dentro do arsenal para sua habitação, concessão que não foi alterada até hoje pelos seus predecessores.

Acontece agora, segundo dizem, que achando-se moça a menina, apezar de defeituosa em consequencia de um banho de folha de fumo que quando creança lhe dera o pae, o cabo que actualmente faz o serviço da galé, abusou da sua ingenuidade, e por meios seductores deflorou-a recentemente e abandonou-a em seguida. Este facto tem estado em segredo e pelo geito parece querer passar impune; porque a desventurada mãe em sua afflicção não tem outro recurso mais do que o de lastimar-se. S. Ex. porém como chefe da repartição em cujo recinto foi violado o pudor de uma virgem, por moralidade da referida repartição deve empregar os meios para coagir o seductor a reparar o damno, livrando mais uma victima a quem a prostituição abre os braços.

—Que vida penosa tem esta desditosa mulher! E' um flagello de si propria e um incommodo para os moradores da Cova da Onça!

—E esta terra, cuja elastica charidade se estende além dos mares, esquece-se dos pobres doudos e deixa-os sem abrigo, dormindo na lagea das calçadas ou nas soleiras das casas! Aqui fazem-se *meetings* para soccorrer a estranhos e deixa-se os naturaes necessitados famintos á mingua!

Mas é que na Europa ninguem sabe que os doudos nesta terra não tem onde abrigar-se, ao passo que a noticia do *meeting* ha de reboar por lá.

—Essa lembrança de *meeting* tem o que se lhe diga.

Houve a guerra do Paraguay; sabe-se das calamidades que affligiram nossos bravos, as privações que passaram, e ninguem se lembrou de fazer reuniões populares, nem me consta que o respeitavel e piedoso bispo do Pará fizesse ouvir sua apostolica e persuasiva voz a favor daquelles bravos.

Mas emfim, como fazer bem não olhes a quem, nem por isso a acção deixa de ser meritoria e digna de louvor.

—Mas esta pobre mentecapta, coitada, faz pena!

Passa as noites exposta ao tempo, e quando a *lua aperta-lhe*, como não tem habitação, entende que todas são a sua, e batte em todas as casas. Como não lhe abrem, exaspera-se, grita, serve-se de pedras para ser ouvida.

—E uma vez por outra, quando a policia entende, lá vae a miserrima dar com os ossos na Correcção, d'onde sahe outra vez para seu malfadado destino.

—Capitão, o vapor *Dous de Julho* foi vistoriado e julgado apto para navegar todo este mez.

—Cousa velha.

—Mas eu não sei quem se enganou; si foi a mestrança do arsenal dando o vapor por bom, ou o vapor que estando bom quiz fingir-se de arruinado.

—Havia de ser uma das duas.

—A verdade é que o vapor entendeu que era um falso que lhe levantavam—dizer que elle estava em bom estado, e para provar o contrario, seis dias depois de começar o mez, amuou-se dentro do rio de Cachoeira e quasi desmente aquelles que abonaram sua capacidade para trinta dias pelo menos.

Por poucas que o bicho leva a breca.

—Cousas do arco da velha.

—E lá foi o pardieiro ambulante para os estaleiros receber batoques que atamanquem as brocas sem ao menos o mez estar no meio.

—Está o que faz a gente se fiar em tudo. Eu cá só affianço por mim, ou por aquillo que tenho certeza.

—A policia e os larapios andam sempre diametralmente oppostos.

Emquanto aquella diminue de vigilancia, estes augmentam de audacia e sagacidade.

—E desta forma vive a gente em continuo sobresalto.

—Não ha em que confiar para escapar a astucia e subtileza dos larapios. Elles entram com facilidade admiravel em uma casa bem fechada como si fosse sua.

—Está que no sabbàdo á noite deu-se um caso destes.

Cyriaco, crioulo, tem officina de sapateiro no Rosario de João Pereira. No sabbado ahi esteve até 11 horas da noite. Retirando-se para sua morada, notou, ao fechar a porta, que defronte havia um vulto de mulher. No outro dia, voltando a sua casa de trabalho, achou-a aberta e faltando tudo que havia dentro sem que elle saiba para onde fizeram a mudança.

—Eu antes queria que a policia dissesse que não se embaraçava com os ladrões por que cada um sabia como arranjava seus molhos.

—O influxo do vicio contamina espantosamente nesta terra.

Esta febre de violentos attentados que grassa ultimamente contra a pudicicia, deve dar o que pensar.

—Denota que a corrupção vae attingindo a ultima escala na degradação moral.

—A' pouco deu-se o facto inaudito de um homem casado commetter a atroz acção de forçar uma criança, e satisfazer nella luxuriosos apetites; não decorrem muitos dias e um preto de uma padaria á Saude, agarra outra criança e pretende, por meio de força, imital o no seu depravado proceder.

—Os maus exemplos dimanando das classes mais civilisadas servem de contagioso incentivo as massas ignorantes.

—Felizmente desta vez, houve tempo para arrancar a victima das garras do monstro. Os gritos d'aquella despertaram a quem fosse em seu auxilio.

—Pela forma millesima porque é fabricado o pão para o rancho dos soldados do 14.°, não ha receio de que nenhum seja atacado de indigestão.

—Cantella e caldo de gallinha nunca fez mal.

—Qualquer homem sem ser gastronomo, devora á vontade seis daquellas insignificantes particulas.

—Talvez o encarregado do rancho entenda que os soldados estando sempre em marchas acceleradas, não é proveitoso encher muito a barriga e por isso recommenda ao padeiro que diminua o peso do pão.

Si é por isso, mostra-se que tem consummada prudencia.

—E para tudo tem uma razão a dar.

—O caes de S. João tem-se tornado um foco de turbulencias.

Desordens ali são o que não falta.

—Quem são os desordeiros?

—Saveiristas, ganhadores, etc.

—E' reprovavel.

—Entre muitos factos, no domingo 5 espancaram a 6 inglezes, sahindo dous feridos.

—Para que isso!

—Na sexta-feira 10, um tal *Capenga*, ajudado por outros, fez diversos ferimentos no mestre de uma lancha, sobre-sahindo uma grande brecha na cabeça.

—O caes não tem capataz?

—Tem.

—O que faz então?

—Gosta de ver essas scenas. Quando o *Capenga* aggredia ao mestre da lancha, dizendo-se-lhe que os fosse accommodar, respondeu que deixassem brigar porque eram dous homens!

—Muito bem!

—O negocio ia se tornando triste, porque o tabareu não podendo resistir a tantos, foi á Santa Barbara, comprou um formidavel canivete e voltou, não encontrando já o seu aggressor.

—O culpado era o capataz, si houvesse qualquer desgraça; deve ser reprehendido.

—O homem é campeão eleitoral; basta dizer que sem saber ler foi eleitor no tempo dos progressistas.

—Milagres daquelle tempo. Mas isso é razão para agora estar fora da graça.

—Si elle não tivesse a prevenção de mudar sua bagagem para o lado conservador, logo que este partido tomou conta do poder; dizendo que é o homem do governo.

—Consciencia de salsa-parrilha; serve para tudo.

—Eu tratava dos barulhos e não da fé politica do homem.

—V. mesmo foi quem baralhou tudo.

—Vá mais um caso para terminar.

No sabbado, 11, atracaram-se dous individuos e rolaram dentro d'agoa. Si a maré está cheia podiam ter morrido.

—Foi um simples banho que tomaram; de-

viam sahir mais frescos do que entraram.

E' provavel que esses acontecimentos sendo assim amiudados, cheguem ao conhecimento do capitão do porto, e então elle fará o que entender.

—Boa terra! Quem quer faz das suas e fica fresco!

—Cada um é senhor de suas acções.

—Respondendo diante da lei pelo uso que fizer dessa faculdade; mais eu vejo a impunidade de cabeça em pé e a falta de punição dando azas ao crime.

—O que ha de mais novo?

—No domingo á noite estando Augusto Salgueiro no Caes Dourado, Manuel Charuteiro convidou-o amigavelmente para irem ao becco defronte da venda de Joaquim Torres, onde queria fallar-lhe. Ali chegando, puchou de um punhal e arremessou-se sobre Salgueiro que aparando o golpe que lhe desfechara aquelle recebeu um grave ferimento na mão.

—Hoje não ha quem não traga no bolso seu espinho.

—Porém é extraordinariamente admiravel que depois de uma violencia tal, seu author, em acto continuo, passeie livremente!

—Havendo um destacamento tão perto, quanto mais si não houvesse.

—Eu não sei do que serve estudar, si não é para adquirir as noções dos bons principios. Certos estudantes que conheço, desmentem completamente a instrucção que recebem de seus mestres e desabonam os cuidados da educação paternal.

—O que fazem elles?

—Vão para o convento do Carmo e das janellas commettem toda casta de indecencias com grave insulto para as familias das casas fronteiras.

— O remedio é reclamar ao prior para que faça cessar tão abusivo modo de proceder. ou então publicar os nomes dos marrecos para que os paes fiquem sabendo o que fazem elles quando estão fora de casa.

—E estes assim como não quererão que suas familias sejam desacatadas, tambem não devem consentir que seus filhos desrespeitem as dos outros.

—Capitão, conversei, ha dias, com um respeitavel sacerdote, e nessa occasião tratou elle da circumstancia de ser o dia 2 de fevereiro considerado aziago e ao mesmo tempo sanctificado, por ser nelle que se venera a Purificação de Maria Santissima.

—E o que pensa a respeito?

—Que a tabella dos dias aziagos não era preceito de fé; suppõe-se ter sido organisada por Adão; porem que a egreja podia sanctificar um dia e comtudo dar-se nelle muitos casos fataes; tanto assim que neste anno sabia dos seguintes, acontecidos no dia 2 de fevereiro.

Em Itapagipe morreu um menino afogado, desastre que o *Alabama* noticiou; que morreu mais uma mulher afogada; que embarcando-se nesse dia para Santo Amaro, á bordo ia morrendo um homem, esmagado pela roda do vapor; e que ao desembarcar soube que havia morrido uma mulher repentinamente na praça daquella cidade.

—O que se conclue d'ahi é que todas essas instituições são organisações puramente da cabeça do homem e por tanto peccaveis como elle; por que do contrario o dia consagrado Aquella que foi preservada de culpa seria um dia de bençãos e de propricios acontecimentos.

—Capitão, minhas noticias são abreviadas.

—E' como serve.

—No dia 12 do corrente o portuguez Jose Alves Vieira espancou atrozmente ao africano Bernardino, com uma acha de lenha, no Taboão.

—E' escravo delle?

—Nem que fosse; ninguem tem direito de dar para matar.

—Tem razão.

—O que mais me indignou foi ver um sugeito que dizem chamar-se, Gomes Coelho, e foi caxeiro de uma loja de drogas, dar tamanha bordoada no caxasso do pobre preto que o fez cahir sem sentidos nas pedras.

Me parece que são feitos esses que precisam de correctivo.

—De certo. Mas antes de me dar parte V. devia ter ido ao subdelegado da freguezia.

—Estou que já deve ter noticia; um parente do proprio Gomes Coelho prendeu-o á ordem do chefe de policia; mas dous inspectores, que em quanto o preto apanhou, não appareceram, tomaram o preso, dizendo que se responsabilisavam por elle.

—Que maldade de coração! Que malignas entranhas!

—O que aconteceu?

—Um homem que estava pacificamente alli defronte de S. Domingos, recebeu do alto uma pesada massa de chumbo, sobre a cabeça que no mesmo instante fez-lhe o sangue correr. E que brexa!

—De onde atirariam?

—Innegavelmente foi da torre ou das janellas do chôro.

—Na verdade so de um genio perverso! Hoje noite de festa, o povo apinhado, atirar-se um pedaço de chumbo em risco até de causar morte!....

Vae muito corrompida esta geração!...

—Capitão, ouça uma como muitas outras.

—Então ja não é cousa nova.

—Communicam-me que no dia 3 do corrente no Acupe, freguezia de Brotas, pelas 4 horas da tarde, um preto escravo, dizem que á mandado de seu senhor, espancou enormemente a um individuo fazendo-lhe profunda brecha na cabeça. Depois foi o ferido conduzido á casa do senhor do aggressor, onde lhe applicaram curativo sobre o ferimento, com receio talvez de que perigasse.

Diz o communicante que, suspeitas de negocios de honra deram logar ao acontecimento, porém que o offendido apanhou innocente por não ser aquelle para quem era destinado o presente.

—E que engano!

—O valor que tem este facto para ser registrado é apenas para saber-se como se dão certas cousas e passam desapercebidas.

—Capitão, vou contar-lhe um facto que se deu no dia 2 de fevereiro, ás 9 horas e meia da noite.

—Já é um pouco velho, mas emfim... vá lá.

—Passava eu pela estrada que vae ter a Praça dos Veteranos, e seguia em minha frente um pardo que se achava um pouco espiritualisado, mas sem incommodar pessoa alguma.

Ouvindo elle o tropel de um cavallo, disse: —*deixe-me vêr que cavalleiro é este que ahi vem.*

A essas palavras approxima-se d'elle um capitão de *permanentes* e pucha pela espada e diz: —*não achou com quem divertir-se si não commigo,* e foi arrumando-lhe a espada.

—Que insolencia!

—N'isso, apparecendo um soldado, conduz preso o mencionado pardo, e, a exemplo do capitão, por sua vez, refrescou tambem de relle o preso.

—Como se chama o tal capitão?

—Disseram-me que Carvalho, mas eu não o conheço.

—Esta nossa terra vae as mil maravilhas!

—Capitão, quero lhe contar um facto; é de mais de vinte dias; mas só agora é que tive delle conhecimento.

—Sendo cousa que interesse vem a tempo ainda.

—Pode ser que o decorrer de dias tenha apagado os indicios e torne difficil chegar á prova irrefragavel da verdade; o que porém vou lhe expôr pode, pelo menos, servir de advertencia a evitar-se a reproducção de actos tão hediondos.

—De cumprimentos basta.

—Uma pessoa da visinhança da celebre *Martinha Boi,* contou-me que uma noite ouviu vozes abafadas como de quem era coagida e que supplicava e recusava-se á ceder as instancias que lhe faziam.

No dia immediato perguntando a uma companheira de morada de *Martinha Boi,* soube que fôra uma rapariga honesta que essa perigosa centopeia seduzira á mandado de um individuo que ahi passara á noite e se retirara de madrugada, ficando a seduzida, que ainda alli estava.

—Creio que seja verdade.

Quem sabe da conducta depravada dessa *espolêta mercurial;* quem sabe que ella e uma tal *Musqueta* tem pretendido constituir esta terra nas condições do Rio de Janeiro, estabelecendo um commercio infame e libidinoso; quem sabe que essas duas mensageiras da prostituição tem perdido muitas jovens, arrancando-as da casa paterna, e até pervertido muitas casadas; quem sabe que *Martinha Boi* não só dá *hospedagem* por certo preço aos *peregrinos* que ahi vão ter para alguma acção crapulosa, como é tambem insigne correctora que recebe encommendas para arranjar a *mercadoria* e trazel a do logar que lhe indicam, papel que desempenha com admiravel habilidade; quem sabe que essa *mercadora* da corrupção tem no seu covil dous quartos preparados onde faz o seu abjecto commercio (e muita authoridade desta terra sabe disto, por que lá tem tambem entrado); quem vê em certas horas do dia mysteriosas cadeiras embocarem de cortinas fechadas naquelle alcouce do vicio; quem sabe e vê tudo isso, repito, não deve se admirar que o que V. diz acontecesse.

—Mas, capitão, é preciso acabar com esse immundo meio de vida; com essa torrente de corrupção.

—Eu sei, eim?... tanta gente tem se utilisado dos prestimos de *Martinha Boi,* que eu acho custoso o que V. quer.

A PEDIDO

—Capitão, como é que se conserva servindo no cargo de subdelegado o homem mais devasso do mundo; um deflorador que tem seduzido a diversas donzellas e jogado-as no torpe e immundo lodaçal da prostituição; um mons-

tro que tem reduzido immensas orphans a miseria, deixando-as no estado de implorar o pão da charidade publica!

—Mas esse homem é então o capitão da companhia do olho vivo?

—Eu sei que elle, com as phrazes proprias de que usam os tratantes, apanhou de uma incauta a titulo de deitar em um *banco,* a quantia de 500$ rs. e a poz no peito, pelo que tem tomado d'ella muitas chinelladas na deslavada cara, a ponto de gritar aqui-del-rei, facto esse que tem sido presenciado, não só pela visinhança como por diversas outras pessoas.

—E não é engraçado ver-se uma autoridade levando trouxadas de uma mulher?

—Não me interrompa, faz favor?

—Os apartes são permettidos.

—Esse infame que revestido da autoridade fez com que seu ordenança fosse chamar ganhadores para forçal-os a carregar os objectos que existiam dentro de uma casa, cujos objectos pertenciam a uma terceira pessoa que se achava ausente!

—Safa! que *Rocambole!*

—Será possivel que um infame desses continue com a vara da subdelegacia na mão; um homem que não é capaz de declarar onde existe a orphan Virginia, victima de seus monstruosos desejos!

—Meu charo, a sua historia vae já se tornando um pouco longa, eu vou até aqui ao 2.º *districto,* e quando voltar então ouvirei o resto.

—E' *justo,* capitão, um pouco porém mais de paciencia, eu lhe peço pela *Virgem Senhora dos Mares!*

—Desculpe-me que tenho muito que fazer e não posso demorar me por mais tempo.

—*Au revoir.*

No ponto.

VAE A QUEM TOCA.

—E' escusado pôres em pratica o teu velho systema, já muito sediço, de agradar á uma para servir a outra. Conheço o teu logar; outra vida, meu amigo. Não queiras augmentar o catalogo das desgraças de que és author; lembra te que ha um vingador que será implacavel. Si continuares, a cousa será mais clara.

O remorso pune o crime.

Sr. Redactor.—O *Alabama* n.º 751 chama a attenção do fiscal de Sant'Anna para uns cães que andam soltos no becco das Hosteas e como eu sou morador desse logar, houve quem se lembrasse de indigitar-me como authoridade de semelhante informação.

Não querendo acarretar com aquillo que não fiz e mesmo para arredar de mim qualquer odiosidade, peço lhe que declare sem reserva a parte que eu tive nessa publicação.

Manoel Jesuino Copque.

Nenhuma parte teve o Sr. Manoel Jesuino Copque. A informação foi trazida por um dos agentes da policia deste navio.

A Redacção.

O chulé das moças.

Traga embora o pé limpinho
Mesmo assim não tenho fé,
E direi, que toda moça
Não deixa de ter chulé!...

Lave mesmo em *frangipane*
Nada serve; a cousa é
Que no vão do dedo grande
As moças tem seu chulé!...

Uns mais fortes que os outros
Tenho achado em muito pé,
E na moça que súa muito
E' temivel o chulé!...

A verdade está tão clara
Como o leite no café;
Não ha moça que não tenha
Seu almiscar de chulé!...

Eu com isso não offendo,
Nem digo o que não é;
Aposto a minha vida
Como todas tem chulé!...

Nós os homens, dizem todas,
E' que temos só chulé;
Mas nenhuma mostra a meia
Que tirou hontem do pé...

Ha dias, em um pagode,
Assentado bem ao pé,
Eu me achei de certa moça,
Que afogou-me de chulé!...

Não direi quem ella seja,
Visto que jurei com fé,
E por isso saibam todos:
Todas ellas tem chulé!...

Eu tambem suando muito
A queijo cheira meu pé;
Quando tiro as minhas meias...
Que chulé!... e que chulé!...

O Mathias.

Critica.

Sr. redactor.—Parece-me que devo apresentar ao publico esta critica contra o procedimento de quem se considera por cidadão brasileiro em despedida de haver me retirado a poucos dias de um logar para outro, etc.

Não esperava que existisse no caracter de um homem casado n'uma familia honesta o procedimento como adiante verá.

Tomo em consideração o atrevimento e ousadia de João Alves de Mattos, habitante do sitio Cajazeira, districto da Matta de S. João, que não respeitando uma pessoa do meu cargo a quem sou obediente tem usado destes termos.

Tendo andado, de proposito, por caminhos particulares. armado de facão, tomando fé de meu rasto, e muitas vezes rodeado minha morada certas horas; não lhe advertindo o mal que pode succeder a quem occultamente rodeia casa alheia.

Tendo-lhe pedido por favor que se deixasse desse mau costume, respondeu-me por escripto que tal favor não me promettia fazer; pois quando se rodeia casa alheia é em caso de delicto e com os termos da lei, e fóra disso quem o pratica é com más intenções, e alem de ser destituido das boas qualidades que existem no homem de bem é considerado como creatura irracional; porem ao mesmo tempo tambem considero - cada qual é para o que nasce, uns com boas condições e outros com más, bem como o Sr. João Alves talvez trouxesse sina de rodear casa alheia.

Fallo alto e poderosamente para que o publico conheça quem é João Alves, e eis a razão porque já não a fiz constar.

Considerando que não podendo me retirar com brevidade e morando em logares que residem pessoas respeitaveis era faltar com o respeito, si por motivos que com pejo os relato apparecesse consequencias tristes, e tendo dissimulado o mais possivel afim de as evitar, como já apparecia occasião á vista do que abaixo declara.

Era de crer que este homem fosse constante, segundo a amisade que me constava ter, porem não era sinão falsidade, a vista do que se segue.

Em dias de fevereiro de 1869, estando eu distante de minha porta vinte passos, achando-me de sangue-frio e não prevenido, é quando o Sr. João Alves se achava como espia ao redor de minha morada, e apparecendo dirigiu-me satisfações sobre esse fim.

Existe no dito sitio certa pessoa que não lhe pertencendo queria por força a dominar, perdendo horas, quer de dia, quer de noite, observando a, para assim a prohibir em seus passos, afinal lhe foi baldada tanta vigilancia quando ella se passou para amisade de certo supplicante que ainda não reside no dito sitio.

Ora, tendo eu residido no mesmo sitio, não por elle, sim por ordem da primeira pessoa que é mandataria do logar, e como elle se declarasse meu contrario por ser odioso e muito intrigante, eis authorisadamente com enredos e chicanas me mandando retirar como constam quatro escriptos que me tem dirigido em maus termos, propondo-me desafios com pactes de valente e até se mostrando fallar menos verdades, segundo consta, suas escriptas são dignas para se limpar o anus; e sinão tiveram esta sorte em razão de sempre ter provas deste bom homem, o qual, sinão m'as tivesse dado, era capaz de dizer que tal nunca praticou; e si peguei em penna para lhe escrever por me ter permittido, porem não o tratando indignamente como merece.

Emfim, Sr. redactor, desejarei sempre seguir pelo caminho da paz, basta ser fraco e não ter desejos de offender a meu proximo, e receiando alguma ruina, segundo os insultos praticados, tratei de me retirar da Cajazeira para o Campo grande emquanto faço ou compro uma casa; porem si a minha queixa molesta o Sr. João Alves, e queira se vingar de mim, não usando de traição estarei prompto ao que elle quizer, e quando queira dar de mim alguma parte é falsa, pois é publico e notorio o meu bom comportamento para com todos, e mais teria que dizer se me envolvesse com o que me não pertence.

Si elle me responder muito sentirei si não souber, pois me será difficil ter sciencia por que não recebo folhas.

Manuel José do Sacramento.

O amante e a perdida.

—*Mariquinha,* V. quer
Com seu bemzinho casar?
—Vá se aguentando, meu charo,
Não estou para o aturar.

—Pois me desprezas, meu anjo,
Com tamanha ingratidão?
—Vá se aguentando, senhor,
E' d'outro meu coração.

—Que mulher tão deshumana,
Não comprehende o amor.
P'ra que ha de ser ingrata,
Minha casta e linda flor?

—Eu já não posso dispor
De meu terno coração,
Porque a um outro amante
Eu já dei minha affeição.

—Porem ao menos me diga,
Quem é esse afortunado,
Para quem seu coração
Tanto se tem inclinado?

—Ah! exige de mim...
Pois bem, eu lhe vou dizer,
E' a meu primo *Juquinha,*
Por quem me julgo morrer.

—Pois saiba agora que elle,
Na semana que passou,
Da casa do velho *Cruz*
Uma moça raptou!.....

—Ai..... meu Deus!....
'Stá minha honra perdida!
—O que diz, minha senhora?...
—Fui por elle seduzida!...

—Perdida! Oh! que inferno!
Que terrivel collisão!
A mulher a quem amava,
Pudor já não tem mais não.

—Perdão.. perdão para mim!
—Perdão!... perdão para quem?
P'ra mulher que o mundo olha
Com escarneo e desdem?!

—Oh! meu senhor, que martyrio!
Eu bem sei que sou culpada,
Mas não martyrise assim
A' uma pobre desgraçada!

A sociedade em mim
Hoje lança a maldição;
Mas ainda estou em tempo
De obter de Deus perdão.

O crime que commetti
Foi filho de meu amor;
Mas foi porque encontrei,
Um malvado, um seductor.

Que importa que a sociedade
Hoje me olhe com desdem;
Si no meu grande delicto
Teve ella culpa tambem.

Adeus... adeus... meu senhor,
Vou abraçar-me ao pé da Cruz;
De Deus perdão obtendo,
Transformam-se as trevas em luz.

VARIEDADES.

Dous jovens republicanos.

Encontraram-se na rua de... os dous jovens Silvino e Anselmo, que desde alguns dias não se tinham avistado. Eram ambos republicanos, e conversaram alguns minutos, lamentando as miserias e horrores da monarchia constituicional, e jurando que só na republica pode haver—liberdade, egualdade e fraternidade.

Logo depois Anselmo perguntou a Silvino:

—D'onde vens tu? pareces-me um pouco carrancudo...

—Não; estou apenas cansado: volto agora mesmo da casa de correcção, onde fiz recolher o meu *mulato* André, que ha de experimentar o gosto que dá o ferro ao peseoço.

—Ah! coitado! porque?

—Pois o patife não sahiu á passeio hontem á noute com minha sobre-casaca?...

Anselmo achou melhor guardar silencio.

—E tu?... disse Silvino; andas meio fugidio..... vaes ao lyrico esta noute?....

—Não sei, si poderei..... estou com esperanças de um *rendez-vous*.....

—Ah! e quem é a bella ameaçada?...

—Não te lembras mais da Maricota?...

—Que diabo! mas a Maricota apezar de pobre e honesta..... donzella recolhida e de excellente reputação.....

—Por isso mesmo ainda mais me apaixona e allucina.....

—Então estás prostrado?..... queres casar com ella?...

—Casar-me?... que parvoice!... eu casar-me com a filha de um torneiro?!!!

Eis ahi como os dous jovens entendiam a *igualdade* e a *fraternidade*.

Um senador impossivel.

O Dr. Trivial é um benemerito da patria que faz vida de presidente de provincia, sendo por consequencia deputado perpetuo de todos os governos; nunca mudou de partido; porque é sempre ministerialista.

Mas além do benemerito da patria, é ainda muito mais benemerito de sua mulher, Dona Joanninha.

Dona Joanninha é do partido conservador á sua pessoa, do partido radical quanto ás reformas do seu *toilette,* do partido liberal quanto as innocentes e lisongeiras côrtes que recebe, e do partido absolutista quanto ao dominio que exerce sobre o marido.

O Dr. Trivial não falla em casa e nunca fallou na camara temporaria; mas na camara vota sempre com o ministerio, e em casa faz de conta que vota sempre com a mulher.

E' possivel que homem tal brigasse ao mesmo tempo com a mulher e com o ministerio?... Pois houve um dia em que a mulher e o ministerio brigaram com elle.

Dona Joanninha ainda era bonita aos quarenta e quatro annos de edade; jurava que apenas tinha trinta e tres; mas havia quatro que duplicára de capricho e de mau genio.

O Dr. Trivial estava cançadissimo de não fallar na temporaria; e ardia por sentir a mesma fadiga na vitalicia, e desde tres lustros que dava parte em segredo a todos os ministerios que já haviam feito quarenta annos.

Deu-se o caso de um ministro precisar de uma cunha em lista tripliee para senador, em que entrava um *tio* protegido, e o gabinete solidario annunciou ao Dr. Trivial que o tinha designado para ser um dos tres livremente eleitos pela provincia de...

O Dr. Trivial bem conheceu que era cunha; mas vendo que em todo o caso era pôr o pé no estribo, correu enthusiasmado a dar parte da sua felicidade a mulher.

Dona Joanninha que estava deitando pó de arroz no rosto e no peito, interrompeu sua grave tarefa e perguntou:

—Trivial! como se chama a esposa do marquez?...

—Ora, chama se marqueza.

—E a do barão?...

—Baroneza.

—E a do embaixador?

—Embaixatriz.

Vermelha apezar do pó de arroz Dona Joanninha perguntou com voz abafada e ameaçadora:

—E a mulher do senador?... diga!

—Joanninha!

Ella bateu com o pé e disse raivosa:

—Pretende sacrificar-me á sua ambição politica?...

—Joanninha da minha alma!

—Não quero que sejas senador emquanto eu não tiver quarenta annos.

—Mas... o ministerio...

—Não quero.

O Dr. Trivial obedeceu, e certo de que nunca seria senador, porque a mulher nunca chegaria aos quarenta annos, escreveu ao ministerio declarando que não podia prestar-se a entrar na lista triplice por motivos reservados de consciencia politica.

Esse acto de desobediencia revoltou o gabinete ministerial que era severo em materia de disciplina, e que por isso na primeira conferencia resolveu demittir o Dr. Trivial de presidente de provincia, deixando-o em disponibilidade administrativa.

E nem assim o Dr. Trivial deixou de votar na camara com o ministerio, e em casa com Dona Joanninha.

Um grande bebedor em dia de Ramos levava um ramo na mão: disse-lhe um camarada: Amigo, em casa tão conhecida não é necessario ramo á porta.

Estava F. muito triste e perguntando-lhe um amigo o que tinha, respondeu que nada. —Pois então (continuou o amigo) por que estás triste?—Por isto mesmo, porque *nada tenho*.

Uma professora perguntava á uma sua discipula alguns periodos do *Padre nosso*.

«Menina, diga o *Padre nosso*.

—*Padre nosso que estás no Ceu, etc.*

«Explique-me uma cousa.

—Si eu seuber.

«Porque razão pedimos o *pão nosso de cada dia*, em vez de pedir logo para muitos?

—E' porque o pão endurece.

Tendo escapado de uma grande enfermidade mandou um individuo pôr um painel na egreja da Penha em França, que dizia; Milagre que N. S. da Penha de França fez á N. em livral-o de quatro medicos que lhe assistiram em uma doença.

Aconselhava-se ao discreto cordovez João Rufo para voltar á sua terra, que emfim por ser sua patria se acharia melhor que em terra alheia. Respondeu elle: o homem pobre sempre está em terra alheia.

DECLARAÇÃO.

Sr. W.—O seu portador illudiu-o completamente. Si deitasse a carta por baixo da porta, seria encontrada. Ha dias appareceu um crioulo na venda fronteira dizendo que sendo encarregado de entregar uma carta, atirando-a da rua, cahira ella no telhado, o que parece impossivel; que pedindo permissão ao morador do sotão, este não consentiu a principio e que depois concedendo não lhe foi possivel achar a referida carta.

Pode remetter suas communicações; ou mandando depositar na venda ou deitando por baixo da primeira porta que encontrar ao subir da escada.

ANNUNCIOS.

No theatro ha uma sala onde encontra-se um completo sortimento de vestimentas á todo caracter, para os bailes mascarados.

Para não andar quebrando a cabeça quem precisar procure o Luiz Galvão.

Continua fugido da casa do general Muniz Tavares, desde o dia 8 de novembro do anno p. passado seu escravo crioulo de nome Pedro, com 26 annos de idade, estatura regular, rendido das verilhas, tras funda, quem o prender e conduzir a casa de seu Sr. rua do fogo, será recompensado seu trabalho com vinte mil reis, e finalmente protesta contra quem o acoitar.

Luiz de Oliveira Vasconcellos, participa aos seus numerosos freguezes, que mudou sua loja de calçado e charutos á rua Direita da Mizericordia, n.° 17, para a mesma rua, loja n.° 13, defronte da Capella de S. Antonio.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.ª SABBADO 18 DE FEVEREIRO. N. 754.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 17 de fevereiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, reclamando contra a vida especulativa ideiada por uma mulher de côr parda, de nome Umbelina, conhecida por *maman Balance*, moradora aos Coqueiros dessa freguezia, para viver á custa dos incautos.

Arvorada pela superstição em advinha, curandeira de maleficios, arranjadeira de ventura, é procurada por immensidade de pessoas, entrando nesse numero embarcadiços, pescadores de baleia, negociantes, etc., que vão consultar a essa nova Pithonissa sobre o bom successo de seus negocios, levando a credulidade e fanatismo de alguns a nada emprehender sem primeiro ouvir a inculcada prophetisa.

Como cada um pode despender seu dinheiro da maneira que lhe approuver, ninguem tem que tomar contas de que semelhantes individuos, na cegueira da mais grosseira crença, se prestem a alimentar a esperteza de quem quer viver á custa dos tolos; o que porem é essencialmente contrario a civilisação, a moralidade e a ordem social, é que a casa dessa mulher seja o valhacouto de um enxame de mulheres mandrionas, algumas das quaes vivem em completa miseria, com uma existencia de bruto, semi-núas, de cabellos horrivelmente crescidos, e até em estado de idiotismo; ou servindo de pasto a crapula e devassidão dos adeptos da seita.

E' de crer, portanto, que S. S. logo que tenha conhecimento, procure extinguir esse foco de vicios e bruxarias.

—Capitão, estou assombrado.
—Teve alguma visão?
—Peior.
—Então o que foi?
—Os padres não quizeram celebrar uma missa pelo repouso do finado Antonio Americo Barboza de Oliveira, porque foi mandada celebrar por spiritas. Não leu o *Diario?* Vem n'uma publicação que S. Ex. Revma. dissera que era um ESCANDALO!!!

—Mas eu vejo os africanos, quando morre um seu patricio, levarem sete noites em praticas supersticiosas, no fim dellas vão á egreja, mandam dizer missa pelo morto e d'ahi voltam para casa á dançar candomblé e comer carurú; nem por isso os padres deixam de lhes receber os 2$ rs. e recitar o seu latim.

—O que vale é que o finado Barboza de Oliveira ha de receber a recompensa de suas acções segundo o uso que dellas fez cá nesta vida, e não será a falta de uma missa que o ha de privar do premio merecido.

—Jesus-Christo quando expirou na cruz foi por todo genero humano.

—Quando quererão os padres comprehender que Jesus-Christo nunca fez distincção de pessoas? Que tanto salvou a filha do centurião, como o irmão de Martha; e que no templo convidava tanto ao judeu como ao gentio?

—Capitão, ahi vem raiando o entrudo, e torna-se preciso que V. Ex. peça a policia medidas energicas, afim de que este anno não se reproduza esse grosseiro, nocivo e prejudicial abuso.

E' preciso que todos os pontos da cidade sejam policiados.

—Em Itapagipe e Rio Vermelho, etc., os amantes desse estupido brinquêdo, levam o seu arrojo a arrombar portas para accommetter as pessoas que tranquillamente estão em suas casas!

—E' preciso pois que o Dr. chefe de policia empregue todos os meios a seu alcance afim de que não tenha-se de vêr este anno, ainda a reproducção de semelhante brincadeira; é preciso que S. S. mostre aos amantes do regresso que a Bahia tem chegado quasi ao auge da civilisação.

—Pois bem; em nome dos foros da heroica terra de Cabral, pediremos aos individuos aferrados a semelhante divertimento que, inde-

pendente do emprego dos meios policiaes, deixem-se dessa brincadeira como nociva, estupida, regressiva e prejudicial, contra a qual reclama a illustração desta provincia!

—Trago-lhe noticia de um rapto.

—Agora é epidemia reinante.

—A raptada chama-se Maria Archangela, morava no Taboão por cima da loja do Granadeiro; consta que foi levada para os Quinze Mysterios, no dia 6 do corrente.

—Sabe-se quem foi o raptor?

—Desconfia-se.

—De quem?

—De um tal *João,* segundo me disse o *Virgilio* vindo ha pouco de *Turim.*

—E' preciso indagar isso com certeza, porque dado o caso que não haja para elle punição, ao menos registrando-se-lhe o nome é um meio das familias evitar um ente sobre quem pesa tão feia pecha.

—Ora, que miseria! Os soldados da guarda de palacio obrigados a fazer vida de papagaio!

—Como assim, homem?

—Hoje, quinta-feira, são duas horas da tarde e não ha agua, nem papel, nem tinta na guarda.

—Ah! é por isso que o official brada que está damnado e que vae representar.

—Com que facilidade esta gente do olho vivo se encarta em toda parte! Oh! que praga!

—Parece que a policia amnistiou os larapios.

—Na quarta feira houve leilão na loja *Arara;* dous insignes ratoneiros, Baião e Belmiro, fizeram proezas.

Foram porem mal succedidos na occasião em que safava Baião 7$ rs. de um individuo, porque este pegou-o com a mão nos bolsos.

—E o que fez?

—Tomou o dinheiro e os circumstantes deixaram-no ir em paz com commiseração das lamurias que fez!

—Até nisso são felizes!

—Diversas irmandades religiosas congregaram-se n'um pensamento de caridade christan e de nobre estimulo a civilisação.

—Gosto de saber dessas acções louvaveis.

—Promovem uma subscripção entre seus membros para libertar do captiveiro uma criança.

—Arrancando a um filho destas plagas americanas o labeu de escravo, essas associações não podem cumprir melhor os principios de humanidade e amor do proximo.

—Deus que não deixa sem recompensa as boas obras, abençoará mais este passo dado no caminho da emancipação do homem.

—Agora diga-me quaes são as associações para mandar fazer menção dellas.

—São estas:

Irmandade dos Martyrios.

Rosario de João Pereira.

Conceição dos Humildes.

S. Benedicto.

Rosario da Baixa dos Sapateiros.

—Foi hontem publicada pelo juiz municipal da 3.ª vara a sentença pronunciando o Sr. Lycurgo Leonidas Martins Moscoso, baseada no art. 224 do codigo criminal.

—Faça favor de pôr-me em pratos limpos este artigo.

—«*Seduzir mulher honesta, menor de 17 annos e ter com ella copula. Penas de desterro para fóra da comarca em que residir a seduzida por um á tres annos e de dotar a esta.*»

—Deus queira que a justiça continue sempre assim a desaggravar a moralidade tão atrozmente offendida.

—Capitão, faz-me um favor?

—Qual é elle?

—Eu vi no bando annunciador do carnaval os mascaras montados em cavallos da companhia de cavallaria; dar-se-hia o caso que a referida companhia esteja alugando cavallos?

—Havia de ser emprestimo, rapaz.

—Mas os cavallos são propriedade da nação e o baile mascarado é negocio de um individuo que quer lucrar.

—Não ha duvida.

—Assim ninguem estava authorisado a lançar mão d'aquelles cavallos para servir a particulares.

—Ora essa! Tanta gente está; o presidente, o commandante das armas, o commandante da companhia mesmo.

—Ah! favores e condescendencias!

Pois eu entendo que qualquer delles querendo fazer obsequios devem dar aquillo que for seu e não fazer cortezias com o chapeu alheio.

—Haverá inconveniencia em fazer uma pergunta ao Sr. Cardoso de Castro, muito digno, activo e pressuroso emprezario do aceio da cidade?

—Sendo em termos, estou que o homem não se agastará.

—Quero perguntar a S. m. desde que é emprezario, quantas vezes os carros da limpeza já passaram pelo largo da Saude?

—Ora essa! Que contra-senso! Pois o homem

lha de guardar na memoria a alluvião de vezes que seus carros tem ido catar cisco na Saude!

—Pois eu, sem ser emprezario, sou capaz de responder.

—Visto isso, declare.

—Para uma vez falta a primeira. O largo da Saude hoje é deposito de lixo. No lado esquerdo da egreja formou-se uma grande montureira onde ha toda casta de immundicie capaz de corromper o ar. Aquelle logar só foi limpo quando o Sr. Costa Guimarães era emprezario; os moradores que digam si depois disso já viram carroça do aceio.

—Homem, nem ao menos quando andam nos transportes de generos?

—E é um homem que zomba assim do publico que tem a arrojada sem-ceremonia de appellar para o mesmo publico, si o aceio hoje não é mais perfeito que no tempo de seu antecessor e desafia a que lhe mostrem o logar onde a limpeza não é feita!

—O contracto que concede previlegio para construcção de uma estrada *tram-road* na cidade de Nazaret, na sua verba 7.ª diz que será gratuito o transporte das malas do correio e outros objectos que não excedam de *sete annos!* Bem bello!....

—Havia de ser erro da impressão.

—Não é possivel que o *Diario* e o *Jornal* errassem ao mesmo tempo.

—Nesse caso eu não sei que differença ha para o transporte, por exemplo, de uma carta que está tenha sete annos ou deixe de ter.

—V. vê esta terra como está?

Até agora os ladrões reservavam á noite para suas aventuras. Hoje, com o dia claro, arrombam portas; roubam e safam-se livremente!

—Na verdade inquieta semelhante estado.

—Estes dias então os ladrões recrudesceram em audacia.

Na quarta-feira arrombaram pelo quintal a casa de Joaquina Simões, africana, moradora aos Curraes Velhos do Barbalho; levaram ouro, grande porção de coral em fios, 47$ rs., 5 pannos da Costa de preço e outros objectos.

A's 5 horas da tarde uma companheira de Joaquina entrou em casa e encontrou ainda o ladrão que se retirava; assustando-se, correu para a rua gritando, tempo que teve este de fugir pelos fundos.

—Não quebrar uma perna!

—Quinta-feira foi arrombada a casa da crioula Bernardina, moradora em um segundo andar á ladeira do Aljube, pelas onze horas do dia!...

Dando-se ao negocio de cabotagem, sahiu pela madrugada deixando em casa uma companheira de morada. Esta por volta das dez horas sahiu tambem, e sem duvida o ladrão a espreitava.

Arrombou á formão uma porta travessa, penetrou no quarto, quebrou a fechadura da arca e levou quanto havia dentro desta: ouro, dinheiro em moeda, roupa.

—E' muito arrojo!

—Na ladeira de S. Francisco furaram a parede da casa de um homem pardo de nome Manuel; emquanto um larapio dava-se ao trabalho de remover o que havia, outro proseguia no trabalho de arrombar o taboado para penetrar no pavimento superior. Acha-se indiciado neste crime o crioulo Antonio Firmo da Silva.

Em casa da africana Maria Eustaquia, ao Maciel de Baixo, entraram ás 6 horas da manhan e roubaram, alem de dinheiro, diversos objectos.

Desta boa graça é accusado João Francisco da Soledade, crioulo, menor, do arsenal de marinha, o qual acha-se mettido em processo.

—Esta multiplicidade de factos, atterra.

—Deus é quem sabe isto onde vae parar.

—Até a freguezia da Sé que era isempta destas scenas!...

—O que vale é que o respectivo subdelegado, na parte que lhe toca, tem procedido com louvavel actividade.

—Um dia por outro apparece nesta terra uma nova; agora são as esmolas para a festa de S. Benedicto.

—E' preciso a gente trazer no bolso pelo menos mil e seis centos em cobre e dar um vintem a cada pedinte.

Não ha rua em que não se seja atacado por tres e quatro crioulas.

—E não se dê!

Recebe-se pelas ventas a qualificação de *torrado, relis, pobretão,* etc.

—Eu não digo que para a celebração do culto divino não se recorra a charidade dos fieis e devotos; porem é muito abusivo que com o nome da religião se pratiquem certas minestras.

—O viver não é nada o saber viver é que é a cousa.

—Que os encarregados da festa incumbam desse trabalho aquellas que pertencem a irmandade, eu concordo; mas que lancem mão de tudo quanto é rapariga mundana e lhes entregue uma especie de tampa de boceta, o que é sinão especulação?

—Ellas aproveitam-se do ensejo para entonarem-se e andarem pelas ruas, subindo pelos

escriptorios, entrando nos armazens a desafiar alasciva cubica dos apreciadores.

—E desta forma o fim apparente de um serviço a religião encobre um meio de impuros pensamentos e luxuriosas *exposições*!

—Deve ser assim mesmo; quanto mais dinheiro houver, a funcção será mais esplendida, haverá mais canto chão, dobrado numero de padres, muito repique de sinos, &.

—E' tempo de acabar com certas rediculas patacoadas improprias da pureza e simplicidade da religião de Jesus-Christo.

Certas praticas burlescas que so o interesse mercenario faz conservar.

—A proposito, leia esta gazeta da cidade de Caçapava e diga-me o que significa isso. Si não tem mais parecença de chegança do que de acto religioso.

Deixe-me ler.

«Noticiario.—Para festejar o glorioso S. Benedicto no dia 29 de maio p. futuro:

Rei o irmão Benedicto, mulato escravo do Sr. commendador João Lopes Moreira, *Rainha* a irman Anna escrava do capitão Bento Pereira da Motta, *Capitão. do mastro* o irmão João Portes, escravo do Sr. Fabricio Correia de Siqueira, *Alferes da bandeira* o irmão José Carioca escravo do Sr. tenente Claudino Ribeiro da Silva.»

—A creação desses grotescos funccionarios não é mais do que negocio de render.

A PEDIDO

—Muxingueiro, se encontrares por ahi o capitão da florzinha na casa do palitot, dizlhe que venha pagar o importe das botinas que mandou fazer desde 2 de julho p. p.

—Oh! quem é esse, capitão?

—E' um que veio do sul.

—Ah!... já sei, é moço empregado no *trem de paz*.

Marco José Paulo do Bomfim, previne as authoridades que qualquer violencia que appareça contra sua pessoa não tem a quem attribuir sinão ao Sr. José Lazaro, capataz do caes de S. João, com quem ha dias teve troca de algumas palavras.

Bahia 15 de fevereiro de 1871.

Pede-se ao filho de um rico negociante desta praça, que jamais trate com maneiras virulentas e estupidas a uma pobre mulher que ha quatro annos lhe vae pedir a importancia de costuras que lhe fez; e que se lhe não pagar até o fim de março (como prometteu) então tratar-se ha deste negocio com mais minuciosidade, declarando-se o nome de tão formidavel porreteiro, e as artimanhas que empregou para semelhante fim.

—O' Sr. porco velho rosilho, dos dentes de fora?

—Agora vou para a casa de trabalho sem prisão.

—Quero saber como é que V. sustenta sua familia com a boia e dinheiro dos infelizes.

E como paga com intrigas, falsos, e calumnias que leva ao homem que lhe monta no pescoço, de maneira que vivem aquelles desditosos soffrendo castigos de noite e de dia; principalmente os que não lhe querem fiar a boia e emprestar dinheiro?

Va roubar no inferno, Sr. porco velho endiabrado. Si não emendar-se, juro por *S. João da Matta* descobrir-lhe o nome.

E Vm., Sr. homem que monta no pescoço, é donatario dessa casa? de quem herdou-a? Estes infelizes não são filhos de Deus? Como Vm. os massacra e os trata com chingamentos e judiações de toda forma, ha dous annos? Muitos até tem sido victimas dos castigos. Mas o culpado é quem lhe empregou ahi sabendo do seu mau genio, assim como as authoridades que recebendo todos os mezes cento e tantas queixas não dão providencias, nem escutam os gemidos de tantos infelizes, assim como o infeliz Julio condemnado a rselusão perpetua que a um anno requer pedindo seu regulamento e nada de ser attendido.

Até amanhan.

ANNUNCIOS.

Collegio Dous de Julho.

O director deste estabelecimento, á rua dos Algibebes n. 11 (por cima da loja Atalaia), faz sciente que acham-se abertas as aulas do mesmo desde 16 de janeiro.

Vende-se, ou arrenda-se a fazenda denominada—Curral, situada na villa de Itaparica: para informações no loja de charutos n. 40, á rua do Julião.

Na venda n. 1, á ladeira do Castanheda, deseja se fallar ao ex-sargento do 14.º batalhão de linha Delfim Pereira Maciel.

Viva a Pandega!

Rapazeada! O café *Les Deux Amis* contando com a não desmentida frequencia do publico, no seu estabelecimento preparou em boa ordem o accessorio do mesmo para melhor acatar os seus visitantes.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9°. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.ª QUARTA-FEIRA 22 DE FEVEREIRO. N. 755.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 21 de fevereiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para a falta de segurança que ha na ladeira do Cabula, onde actualmente tem sido assaltadas pessoas que vão da cidade com generos, assim como ganhadeiras que vão por alli comprar fructos e legumes para negociar.

Espera-se que S. S. se dignará dispender um pouco de sua previdente attenção para tão importante ramo.

Portaria ao fiscal de Sant'Anna, ordenando-lhe que depois de examinar os quintaes das casas á rua da Poeira, de n.° 28 em diante, passe a intimar aos respectivos moradores para que mandem limpar a grande quantidade de esterquilinio; assim como que não continuem a fazer despejo nas bananeiras, sob pena de serem mulctados. Cumpra.

—Contra o foro de illustrada applicado a esta terra, oppõe-se eloquentemente o aviltante spectaculo de uma mulher que transita pelas freguezias de Sant'Anna e Brotas mostrando em volta do pescoço um grosso arco de barril ligado por comprida corrente que, descendo pela cintura, vem prender-se a um dos tornozellos.

—Tortura que só serve para attestar crueldade; como pena não corrige; degrada.

—E' escrava. O senhor mora nas Pitangueiras.

—Porém si somente pôr effeito de uma condemnação é que se pode applicar ferro ao pescoço de uma creatura, como é que o senhor desta desgraçada se julga authorisado a expol-a publicamente em tão ignominoso estado?

—Cousas de nossa terra!

—Capitão, tenha compaixão deste pobre menino.

—Quem é elle?

—Um infeliz. Não vê o estado miseravel em que anda?

—Quem são seus paes?

—Não sei. O que me consta é que está entregue em uma casa á rua do Bispo; a dona da casa trata-o despresivelmente e dá-lhe pancadas sem dó e a cada passo! O clamor da visinhança é geral.

Um menino livre que podia aprender um officio, e para o futuro ser um membro util da sociedade, criado como escravo a troche e moche!

—Eu vou communicar ao chefe de policia e ao juiz de orphãos; o diabo é V. não saber a casa

—Perto de uns estudantes.

—A casa dos estudantes *é no* numero *quatro,* por ahi pode se saber.

—Uma das condições de salubridade em qualquer centro de população, é sem contestação o aceio das ruas.

Mas aqui paga-se dinheiro e as ruas ficam porcas.

—Não diz assim o encarregado desse serviço; por toda parte apregoa a excellencia de sua competencia na materia.

—Os factos estão ahi para tapar-lhe a bocca.

No largo de S. Bento, proximo ao mercado, existe um cano que o desmente completamente.

A quantidade de esterco, as substancias organicas, os animaes em decomposição á borda do dito cano, empestam o ar com a emanação pestilencial que exhala; quem passa por perto recebe pelas ventas um aroma de tontear.

—Mas si elle teima em dizer que tudo anda no melhor estado de aceio possivel, quem lhe pode ir ás mãos?

—Depois que os larapios reconheceram a impotencia da policia para refrear-lhes a audacia, não ha mãos a medir!

—Ha casos novos?

—Por hoje dous.

—Esse pouco.

—Na quinta feira entraram em uma casa á ladeira de Santa Thereza ás 6 horas da manhan.

—E' gente que o sol despontando não a pode taxar de preguiçosa!

—Como á casa era escolastica, só acharam roupa para levar.

—Isso mesmo serve-lhes.

—Em dias da semana passada, a Sra. D. Leopoldina Carolina de Jesus, moradora ao Papagaio, indo á sala de sua morada, ouvin rumor no quarto da frente; persuadiu-se ella que era um escrava que arrumava alguma cousa. No cabo era um gatuno que entrou chava o que podia e que logo que ella virou ás costas, sahiu por onde entrou, bem dizendo a sua estrella.

—Ninguem quer pegar na vara da subdelegacia de Santo Antonio.

—Então está acephala?

—Esteve perto de oito dias; o subdelegado em exercicio pediu demissão e os mais exoneraram se por si mesmos.

—Esse negocio cheira a despeito.

—Si havendo tantas authoridades acontece tantas cousas, quanto mais em uma freguezia repudiada!

—Dizem que nas maxambombas fazem disto:

Chega o fim do mez, um caxeiro vae receber seu ordenado, mas vê que parte delle é absorvido por mulctas.

Procura saber as faltas que commetteu para lhe passarem assim o *lepos* em seu suor; a resposta que lhe dão é mandarem-no tomar fresco na correcção!

—Boa minestra!

—Ha mais isto:

Um boleeiro é recrutado; vae á inspecção os medicos o acham incapaz por causa das ulceras chronicas de que suas pernas são marchetadas.

Mas agora que é empregado da companhia, tendo de receber o salario de seu trabalho de um mez, o encontra quasi devorado pelas impiedosas mulctas.

O homem reclama da legitimidade dellas e clama da injustiça que lhe fazem; sem perceber que um dos gerentes resguardado pelas paredes de um quarto ouve suas queixas. D'ahi á pouco é portador de uma carta; pela pessoa a quem era dirigida, outro mais avisado do que elle teria desconfianças.

A carta não é mais do que um capitulo de accusação contra o pobre portador, o qual, como se costuma dizer vae com seus pés entregar-se na ponta da faca.

—Soffrer pelo que é seu!.... E' duro!

—E a sciencia medica que da primeira vez opinara que o homem era inutil por seus soffrimentos, desta vez affirmou em fé da sua authoridade que está nas condições de ser um optimo naval para a armada imperial, embóra ainda exista o mesmo mal que padecia!

—E tudo mais é assim; so não se fazem as cousas quando não se quer.

—Quem, na noite de sabbado, passava de 11 horas em diante pela ladeira do Alvo, parava estupefacto ante uma scena estranha que se dava no sobrado n°. 73, pertencente ao negociante Pedro Celestino dos Santos.

Parecia que as habitações daquella rua desabavam, e que a essa immensa catastrophe applaudia uma vozeria de furias infernaes.

—E o que era então?

—Dez ou doze individuos, livres e escravos, serventes de obra, que reunidos na mencionada casa pertubavam o socego naquellas horas consagradas ao repouso, com descompassados gritos, batimentos de pés e de paus sobre o soalho.

As familias correram aturdidas para as janellas, quem passava e parava surprehendido, recebia agros insultos. Não havia phrase por mais indecorosa e obscena que o echo retumbante daquella horda desenfreada não levasse aos ouvidos da castidade; o morador da loja viu-se na necessidade de abandonar a casa e ir abrigar-se á morada de um visinho.

Só as quatro horas da manhan serenou o descomedido procedimento da *clarque,* sem que até a essa hora apparecesse quem da parte da authoridade os intimasse a socegar.

—E o que deu causa a tão insolita algazarra?

—O proprietario está reedificando a casa; nesse dia assentou a cumieira e o mestre da obra, o carpina José Victor, deu *alviçaras* aos trabalhadores, tendo a imprudencia de deixal-os pernoitar na propriedade em concerto.

—Si elles contassem que a policia podia ir interrompel-os no seu infernal alarido, não seriam tão arrojados.

—Para distinguir as mulheres dos homens no baile de mascaras, fez-se uso do 5° sentido corporal.

—Apalpavam!

—Exactissimo; quem queria ser tido por mulher havia de consentir que lhe revistassem o seio.

—Tambem era o meio infallivel de evitar enganos.

—Está me parecendo que no uso adoptado entrou seu tanto de sensualidade, por que pelas orelhas tambem se differença o homem da mulher.

—Está uma commissão que muita gente aguaria por se incumbir della.

—Graças a circumspecta exactidão com que os porteiros procediam a vistoria, não houve queixas de que na experiencia se desse equivoco com os outros sentidos corporaes.

—O entrudo este anno foi um pouco mais moderado.

—Menos no terceiro dia que esteve desabrido.

—Nas ruas onde abundam meretrizes principalmente.

O mais intoleravel foi a insolencia dos moleques, forros e captivos, a emplastar a cara de quem transitava com bananas podres, farinha do reino diluida em ourina, lama, gêsso, etc.

—Os serventes das maxambombas fizeram proezas na rua de Baixo.

—Tambem no Maciel de baixo quizeram que um inofensivo velho, para não levar gesso pelas bitaculas, se ajoelhasse aos pés da sucia; cómo elle achasse pezada a imposição, commutaram na em passar tres vezes *em continencia*, de chapeu na mão, pela frente delles.

Os que assim praticaram não eram da pelle preta.

—E por ahi ha de ter havido muita cousa; deixe ir chegando as communicações de seus agentes que V. Ex. verá.

—Vederemo e dopo parlaremo.

—Em aditamento as noticias do entrudo:

Segunda feira passava pelo Sangradouro uma mulher alagada em suor, arfando debaixo de um pesado carrego de jacas que fôra comprar para seu negocio.

Um indiscreto teve o estouvamento de despejar-lhe um pote com agoa. A mulher, furiosa, atirou o carrego ao chão e lançou se sobre o imprudente com uma faca.

Felizmente nem o banho causou-lhe damno, porque não pegou em cheio, nem ella o conseguiu feril-o porque lhe obstaram.

—E digam que o entrudo não é funesto.

—Pela rua d'Ajuda passava um homem suado; a moradora do nº. 35, A. despejou-lhe uma bacia d'agoa.

No accesso da raiva puchou por sua faca, e a desgraça seria certa si não é tanto aqueta, aqueta.

—Isso de faca, hoje muita gente traz a sua.

—No Caes Dourado, o famigerado *Caboclo* destinou o dia de domingo para molhar exclusivamente gente de pano da costa, e segunda feira para chales e vestidos.

Na hora porem em que a policia o foi prender não molhava a ninguem. Fez-o por insinuação de um vendelhão.

—Mas a policia tambem jogava laranjadas para as casas das meretrizes.

—Caboclo resistiu e um soldado cutilou-o de refle, vindo o homem para o hospital no deshonesto estado de nudez completa, desde o Caes Dourado, e com o corpo todo ensanguentado.

—Caboclo é um insolente, um desalmado e deve ser punido com as penas da lei; mas o procedimento do soldado é altamente criminoso, não só para com o ferido como para com o povo á quem desafiou e insultou desabridadamente.

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

I.

E' sob esse endereço que vamos hoje encetar uma serie de artigos em resposta a um opusculo, publicado na cidade do Porto pelo redactor do *Salamalek*—Urbano Loureiro, em que as maiores calumnias e aleivosias são torpemente irrogadas ao Brasil, em consequencia de haver o nosso consul geral n'aquelle paiz dirigido uma carta ao mesmo redactor, repellindo de modo mui honroso as phrases por demais inconvenientes e grosseiras, com que fôra analysado n'aquella folha o grande e esplendido triumpho obtido pelos brasileiros contra o governo do Paraguay, e que puzera termo nas margens do Aquidabam á tão renhida e gloriosa lucta.

Bem a pezar nosso, vamos entrar na apreciação d'esse opusculo, bem contra nossa vontade vamos submettel-o ao cadinho da analyse judiciosa e sensata, a sorpreza, porém, de que ficamos possuidos, e a indignação que nos causou a sua completa leitura, a isso forçosamente nos obrigam.

Com effeito não ha negal-o, e nem resultado contrario poderia ter logar em tão grave conjunctura.

Nós, filho do Brasil, brasileiro de direito e de facto, jamais poderiamos ficar impassivel á vista dos doestos, com que irrefleetidamente nos quiz *mimosear* o filho de uma nação, que se diz nossa amiga e irman, e que figura, como redactor de uma folha, na arena jornalistica.

O Brasil ainda está muito novo no quadro das nações civilisadas do mundo; muito ainda aspira, pode, e quer; qual novo Prometheu, vôa sempre em busca dos grandes commettimentos; firmada a sua autonomia e independencia sabe garantir e fazer respeitar os seus fóros de livre, maxime quando a sua deturpação parte de uma nação corrupta e podre pelos vicios, que a vae cada vez mais minando e corroendo na escala ascendente da desmoralisação.

Necessariamente, (e todos hão de convir) o *nobre* redactor não soube o que escreveu, não ponderou nas proposições, que aventava, e muito menos percebeu o seu valor e significação, ao contrario abster-se-hia de dar publicidade a tão nojento pamphleto, a tão descommunal desarasoado.

N'isso não pode haver contestação alguma, a irreflexão e a má indole foram a base de tanta audacia, e de tão brutal atrevimento.

Mui embora no seu cerebro fermentasse algum preconceito mau contra o Brasil, embora da sua parte algum despeito se fizesse resentir, todavia o passo, que dera, não pode achar razão de ser ante a verdade das cousas.

Convinha, porém, a um portuguez injuriar publicamente ao Brasil, era preciso a todo transe que o filho de Portugal calumniasse a um povo amigo, a urgencia imperiosamente reclamava, e o *nobre* redactor o fez, o cumpriu, nada o deteve em tão feio plano, consideração de ordem alguma o inhibiu, saltou por todas as conveniencias sociaes, satisfez em summa o seu genio, exhibindo d'est'arte o maior corpo de delicto do seu aviltamento, descaro e corrupção.

Não importa: tão vil como a propria injuria que irrogava, tão baixo como a propria calumnia que pretendera assoalhar—tal desenhou-se fielmente o *digno* redactor: baixeza e vileza—eis os seus caracteres moraes, eis os dotes distinctivos de sua consciencia.

A verdade, porém, ha de reagir contra todos os obstaculos, supplantando a mentira e a maledicencia, ha de apparecer radiante e de viseira erguida ante a fulgurosa luz da mais completa evidencia.

Ficará assim desmacarado o folliculario impudente, o libellista atroz, o pamphletario corrupto e venal, e qual outro leproso dos tempos antigos, esconderá o semblante pela hediondez do caracter e torpeza do todo.

O epitheto de critico infame lhe será dado pelas gerações presentes, e a posteridade, sempre justa em seus juizos, lançará o anathema da maldição sobre a memoria d'aquelle, que desconhecendo a hospitalidade e o agasalho que o povo brasileiro concede ao estrangeiro, maxime ao portuguez, lança-lhe á face o maior dos labeus, o labeu da *infamia*.

Aqui ficamos: no proximo artigo entraremos na analyse franca e leal de suas asserções, dando *inextenso* alguns paragraphos, que pintam a mais não desejar-se o horror de tão ignobil penna.

Mario.

A PEDIDO

—Na companhia das bomba-machas não pára caixeiro! De semana em semana ha mudança. Será por causa de não completar os 30 dias e receberem o salario?

—Não; parece-me que é por causa de um novo gerente que ha.

—Qual é?

—Um onça que assovia. Quando os caixeiros entram o onça quer entrar com elles de gorra, e como não consegue faz com que sejam despedidos e é attendido.

—Safa! que onça! já não passo mais por lá!

—Peça á S. *Leoncio* que lhe guarde as costas.

—Muxingueiro, desce pela ladeira da Gameleira.

—Por outro logar não serve, capitão?

—Ouve o que eu digo e executa.

Caminha.... caminha, *até* onde te der a *preguiça*.

Ahi indaga onde é a venda de um gallego de nome Manuel, tão ladrão que ja sahiu do ventre da mãe roubando.

Logo que acertes com a baiúca do bruto, mette-lhe um freio na bocca, e traze-o á bordo deste navio, onde é mui necessario a sua presença para explicar a quem comprou a grande porção de carne que em certa noite foi desavada de um saveiro para dentro da sua cova.

Assim como tem de dar explicação da procedencia de certos volumes de assucar, fumo e algodão que somente á noite entram pélos fundo da referida cova.

Adverte á esse animalejo que si elle só não for habilitado para dar explicações traga o seu compadre grego.

ANNUNCIOS.

Pede-se ao sargento do corpo policial, que ha muito não passa pela ladeira de S. Francisco, o obsequio de chegar na venda sita á mesma ladeira para receber uma encommenda.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.ª SABBADO 25 DE FEVEREIRO. Ns. 756—757.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 24 de fevereiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe a seguinte queixa de Francisca Moreira, da cidade de Santo Amaro, para que S. S. se digne providenciar, como entender de justiça.

Um irmão da queixosa, casado nesta cidade com Angelica de tal, depois de desprezar a mulher por uma barregan, a quem em seguida abandonou tambem, seduziu e deflorou a menor Laurentina, irman de um voluntario da patria, que nesse tempo achava-se no sul, e para escapar a acção da justiça fúgiu para Santo Amaro e refugiou-se em casa da queixosa. Ahi teve a perversidade de deflorar sua sobrinha Felismina, filha da queixosa, usando para isso de violencia, como fosse espreitar a occasião em que ella teve de ir á beira do rio, ahi agarral-a e forçal-a, deixando-a pejada; escamando-se outra vez para esta cidade, logo que percebeu que o estado de gravidez da menina tornava-se visivel.

Sendo esse individuo desprovido de recursos para dotar a offendida e não podendo usar da reparação conjugal por ser casado; tendo além disso uma vida errante, sem occupação ou meio de vida licita, apezar de ser marcineiro, espera-se que S. S. lançando mão delle o mande supprir um dos claros que no nosso exercito, deixou a guerra do Paraguay.

—Amanhan, ás 10 horas, deve reunir-se extraordinariamente a assembléa geral do *Monte-Pio dos Artifices* para tratar de medidas urgentes e importantes a beneficio do mesmo *Monte-Pio*. Segundo a disposição dos estatutos são precisos 25 socios, pelo menos, para essa reunião.

—Veja como o homem do aceio limpa o largo da Saude.

—Systema de abreviar.

—Um carroceiro vem ajuntar o lixo aqui e ali, deita-lhe garranchos seccos de mamona e accende *coivaras!*

—Aceio porco; os montes de cinza ficam ahi.

—E a quantidade de materias putridas? E o cisco mesmo? O carroceiro só ajuntou pelo alto.

Ora, assim é melhor metter o dinheiro na algibeira sem fazer nada!

—E o homem não dá cavaco!

—Como? si elle julga que *todo mundo é seu?*

—Do sobrado n. 17 á rua do Julião jogaram sobre um menino agua fervendo e pellaram-no.

—De proposito?

—Excessos do entrudo; uma crioula, escrava, teve esta extravagante lembrança.

—Ficou muito offendido?

—Gravemente. O chefe de policia mandou prender a offensora e seu senhor Estevão Pereira Souza Cunha.

—Pagar o mal que não fez!

—Tambem na rua do Saboeiro brincou-se entrudo com agua quente.

—Capitão, venho communicar-lhe um caso que acabam de narrar-me.

—Vá aviando-se.

—D. Izabel Joaquina de Moura Camara, passou carta de liberdade, no anno de 1854, a suas crias Joanna e Ursulina, filhas da parda Maria Apolonia, as quaes ficaram em poder de seu cunhado Bernardino Gomes de Argollo, que residia em Santo Amaro, no engenho—*Gurgaya*.

Vindo D. Izabel á esta cidade, falleceu e, depois de seu fallecimento, Bernardino vendeu Ursulina a Francisco de Argollo, a qual se acha hoje em poder de sua viuva D. Emilia de Argollo, residente no Trapiche de Baixo, onde conserva-se como escrava.

Tempos depois Bernardino vende Joanna á Alexandrino de Argollo; este a Pinheiro, e est'outro a José Vicente Tourinho que, vindo

a esta cidade, trouxe Joanna em serviço de uma sua filha.

Felisberta, tia d'aquellas, sabendo que aqui se achava uma de suas sobrinhas reduzidas á escravidão, corre á policia e pede providencias, obtendo do Dr. chefe ser Joanna recolhida á casa de Correcção.

No dia 14 de janeiro, querendo retirar-se Tourinho para Santo Amaro, requer á policia a soltura de sua *escrava,* apresentando titulo de dominio.

O Sr. Malaquias José dos Reis tendo sciencia do facto, dirige-se á policia e toma esclarecimentos; depois d'isto deu-se ao trabalho de procurar pelos cartorios si de facto estavam passadas em notas as cartas de liberdade d'essas infelizes.

A verdade não se fez esperar. As cartas de liberdade d'essas victimas da oppressão estavam passadas em notas; o Sr. Malaquias tirou d'ellas certidões, tomando a seu cargo a defeza d'essas desafortunadas brasileiras!

—Que miseria, meu Deus!.....

—No sabbado 18 do corrente, o honrado Sr. Dr. juiz municipal da 3.ª vara, mandou pôr Joanna em liberdade.

—E a pobre da Ursulina?

—Consta que o Sr. Dr. chefe de policia requisitou ao delegado de Santo Amaro a captura d'ella, mas é de presumir que continue no captiveiro, porque, quem sabe, talvez já tenha tido algum destino.

—Engana-se; o vapor vindo hontem de Santo Amaro trouxe a seu bordo á Ursulina, que veio remettida ao Dr. chefe de policia pelo delegado d'aquella cidade.

Nós temos hoje a frente de nossa policia um magistrado grande e nobre no cumprimento de seus deveres policiaes!

—Mas, capitão, as cartas de liberdade d'essas infelizes achavam-se em poder do Sr. tenente coronel Saldanha, que depois as entregou ao Dr. promotor Pedro Caetano, e desde esse tempo (ha mais de dous annos) a policia tem conhecimento do facto barbaro e criminoso que acabo de relatar!....

—Em todo caso, esperar não é desesperar —esperemos.....

—Contaram me que a Santa Casa reedifica um predio no Guindaste dos Padres; e que abrindo-se nas paredes novas portas, aquellas racharam de alto á baixo.

—Facto comesinho.

—Porém, dizem, que em vez de serem logo arriadas, mandaram deitar cimento nas rachaduras e deram o edificio por seguro.

—Assim não; ha perigo para a vida do publico; a montanha pode desabar e sepultar a immensidade de viventes, que transitam pel logar.

—Calamidade que pode ser evitada pela ca mara municipal, si quizer obrigar á Santa Casa a concertar sua propriedade com as condições de segurança.

—Verificando primeiro si o que lhe contaram é exacto.

—Dizem que as pedras arrancadas de certas ruas que se calçam de novo, são depositadas no edificio do aceio publico.

—Não sei disto.

—Nem eu. Digo o que me contaram.

—Por ser fallador.

—A ser exacto, desejava saber si esse homem é tambem emprezario das pedras da cidade.

—Dias e dias não ha chôro na cathedral.

—Na semana que passou houveram dous dias de falta; em um delles a egreja abriu-se e fechou-se sem apparecer um conego! No domingo o mesmo!

—Levam aquillo em ar de chalaça.

—Bom exemplo para manter e animar o culto divino, plantam elles!

—Assim tornam-se em apostolos da descrença.

—Inexcedivel austeridade no cumprimento de deveres é a desses meus senhores.

—Que quer? Si elles vão ou si não vão ao chôro, a cousa é a mesma.

—E até dizem que depois da viagem de S. Ex. Revma. á Roma, alguns se julgam com direito a certas benevolas contemplações.

—Segundo o *Diario de Noticias,* em casa do celebre *Juca Rosa,* o feiticeiro que no Rio de Janeiro vendia fortuna a quem quizesse *levantar a cabeça,* pelo preço de 500$ rs., encontrou-se um templo horrivel levantado a um monstruoso fetiche, no qual celebrava se uma especie de lithurgia tão extraordinaria e tão abominavel que o incenso era queimado dentro de craneos humanos, de mistura com gottas de sangue de gallo preto ou cinzento.

—Onde acharia elle esses craneos?

—O idolo a quem eram tributadas essas sacrilegas oblações era appellidado por *Manipanco.*

—A nomeação de certa individualidade para a supplencia de uma subdelegacia, serviu apenas para dar garantia e incremento á uma banca de monte, onde a nova authoridade faz o papel de banqueiro.

—Nem por isso deixaram os meninos de no sabbado lamberem-lhe *duzentos paus.*

—E com que gente joga elle!

—O olho-vivo pode trabalhar a seu gosto daquellas bandas.... os banqueiros gostam de *parceiro* com dinheiro.

—Os cegos teem-se multiplicado em uma proporção notavel de tempos para cá.

Por toda parte por onde anda-se, ouve-se a monotona supplica: «—esmola a um pobre cego.»

—Andam até familias inteiras de cegos esmolando.

—A proposito de tanta cegueira, é preciso contar uma anecdota como advertencia á que todos se precavenham para não serem illudidos pelos especuladores.

Sabe-se que fingir-se cego é uma agencia que deixa algum proveito e portanto não admira que haja muito quem queira parecer cego para ter uma vida folgada. Comtudo é uma industria que precisa saber bem desempenhal-a.

Lá vae a anecdota:

«Um dia o cego Arlequim acotovelava a multidão e dirigindo-se para um individuo disse:

«—Senhor da casaca azul e botões amarellos, uma esmola ao *pobre cego,* pelo amor de de Deus.

«—O' gaiato, respondeu-lhe o homem, si tu és cego, como viste que eu estava de casaca azul e botões amarellos?

«—Quando disse ao *pobre cego,* enganei-me, replicou Arlequim, o que eu quiz dizer foi—Sr. da casaca azul e botões amarellos, uma esmola ao pobre *mudo.*»

—Era mudo e fallava!

—Alguns caçadores andando no domingo caçando pelos mattos de Pirajá, encontraram seis individuos fardados e armados de refles.

Parece que o motivo que os leva a procurar o matto é unicamente para esquivarem-se do serviço militar, porque sendo elles em numero superior aos caçadores, logo que os viram deitaram a correr, deixando todos os petrechos, menos as armas.

—Comtudo não é bom fiar no cão que manqueja.

—Dizem que a um dos moradores do predio n. 19 á rua do Julião pertence uma imagem de soffrivel tamanho, a qual por estar estragada, existe atirada a um canto, no corredor da escada, como traste sem serventia.

—Signal de que mesmo entre os santos ha infelizes.

—Ora, estou certo que, emquanto essa imagem esteve nova e pintadinha, foi objecto de adoração e devoção de seu possuidor, ou pelo menos figurou como movel para ornar-lhe a sala, mas hoje que a mão do tempo estragou-lhe as tintas, apodreceu-lhe a madeira, é abandonada como cousa superflua!...

—E o mundo é assim; só aprecia pelas apparencias.

O seculo hoje é o grande reflector do egoismo humano.

—Mas esse homem que é catholico, religião que admitte o culto das imagens, elle que tem filhos a educar, dá lhes um exemplo de impiedade, conservando tão despresivelmente a imagem de um santo.

—O Sr. Gustavo Inquilino Pessoa, no sabbado á noite indo para sua roça, foi atacado por tres ladrões.

—Em que logar?

—Na ladeira do Cabulla.

—Por lá não admira; aqui mesmo dá-se disto.

—Comtudo é bom prevenir ao chefe de policia.

—Já se tratou disso.

—Os moleques desastrados, os meninos ociosos, vivem pelas ruas fazendo mil diabruras. Jogam a dinheiro pelos corredores das casas e nas praças publicas. Os soldados de policia presenceam e vão andando.

Os decrepitos e indigentes são atanazados por elles, as familias ouvem phrases que offendem o decoro e a castidade. Para esses não ha correctivo!

—Muitas vezes são até applaudidos.

—Um menino livre, que recebe educação regular, entregue a um mestre, indo a mandado deste é espancado abusivamente!

No dia 23, junto ao edificio do aceio, á vista do capitão Braga, um soldado deu muita chibatada em um menino, e quebrou-lhe uns pratos que levava. Além de nada ter feito o menino para receber tão aviltante tratamento, achava-se com um braço deslocado suspenso por um lenço.

—Nestes agentes da força publica em vinte se pode tirar um que saiba desempenhar suas obrigações.

—Dizia em tom vibrante um soldado de policia no Caes Dourado no dia em que espancaram ao *Caboclo:*

«Assim ha de ser o *marôto* Braga no dia em que elle *trastejar*; hei de leval-o a estouro de espada até dentro da policia.»

—Que pacificas intenções nutre a respeito do homem esse agente da ordem publica!

—A tenacidade com que os larapios defraudam a propriedade alheia, denota que da

parte delles não resta o menor vislumbre de receio de punição.

As façanhas consecutivas, quotidianas, praticadas á luz do dia pelos gatunos parecem incriveis!

Nelles já não ha temor de perseguição, por que após uma tentativa commettem logo outra.

Parece que os repetidos casos que se teem dado recentemente, os devia atemorisar de que a policia despertada, andasse á pista delles e por isso moderassem um pouco.

Completo engano! Animados pela impunidade redobram de gana!

—Essa audaz frequencia de latrocinios, presagiam attentados de maior gravidade.

Um crime precede a outro.

Quem diz que depois dos meios de subtileza e subterfugios não são capazes de lançar mão do assalto á força bruta para maiores emprezas?

—A policia fecha os olhos e os factos se reproduzem.

Ha poucos dias penetraram em casa do Sr. Manuel da Costa Sol, á ladeira do Alvo. Emquanto a familia permanecia no sotão e o chefe da casa em seu quarto de dormir, os ladrões deliberavam dentro da casa como si fosse sua; arrumavam o que havia e levavam comsigo.

—E' preciso bradar até ser ouvido por providencias e que estas sejam energicas.

—Fallam que no correio ha empregados que faltam durante o mez quatorze e desesseis vezes.

Não garanto a affirmação; mas sendo como so diz, é inquestionavel que o serviço ha de tornar-se oneroso sobre os que são pontuaes.

—E além disso vae-se o suor do povo por agoa abaixo.

—Não sei o que faz um gallego conversando com uma joven, depois que fecha a taverna.

—Aonde viu V. isso?

—Na *rua* por onde transitam os *capitães*.

—Muxingueiro, dirige-te a rua mencionada aqui pelo Sr. e traze á minha presença o tal gallego, pois bem pode ser que esteja ahi envolvido algum mysterio de seducção.

—E' sem demora, capitão.

—O interesse mora na porta da rua das acções humanas.

—Sem dinheiro nada se faz.

—Aos deveres mais sagrados, ás intenções mais puras, sotopõe-se o ignobil interesse.

Ora, um padre, por exemplo, é chamado para celebrar um casamento.

Trata-se da consummação de um dos sacramentos instituidos pela egreja, de realisar um estado que a sociedade adopta e recommenda; e além disso nesse casamento está a reparação da honra de uma moça seduzida. Julga V. que o ministro sagrado se presta a concorrer pela sua parte para completar essa obra toda boa? Illude-se. A primeira cousa que pergunta antes de começar a ceremonia é:—«quem me paga?!...»

—Mas V. falla isso vagamente ou tem applicação a alguem?

—Não vamos adiante; paremos ahi.

—Revoltava ver a maneira descommunal porque os soldados de policia espancavam, segunda-feira no Caes Dourado, ao individuo conhecido por *Caboclo*.

Caboclo é dotado de maus costumes, seus feitos revelam indole pervertida, sabe-se bem; mas a lei antes de tudo. Os precedentes não authorisam a brutalmente trucidar-se a um homem inerme, que se acha sob o dominio da força sem resistencia. Tres soldados de refles desembainhados, pareciam dominados por um furor canibal contra aquelle miseravel. A lei é quem pune os delinquentes e não a força bruta. Desde que Caboclo não tinha armas comsigo para resistir, havia necessidade que os agentes da ordem desembainhassem seus refles para maltratar e ferir a um homem unico, sendo elles em numero de seis ou oito?

—Não querem fazer conter esses homens nos limites de seus deveres, e os desatinos irão em augmento. Amanhan serão capazes de desfetear a um homem pacato e morigerado.

—Capitão, consta que hontem, em um dos *bonds* da compadhia de Vehiculos, um rapazinho saltando precipitadamente, com o *bond* correndo, passram-lhe as rodas sobre um pé, deixando lhe os dedos esmigalhados!

—Imprudencia.

—Capitão, o Sr. F. de Paula Pereira da Costa obsequiou a tripolação com um exemplar de suas *Lagrimas e Suspiros* que acaba de publicar.

E' uma collecção de poesias que revelam muita inspiração e talento da parte de seu author.

—Agradeça-lhe em nome da tripolação; e faça-lhe saber que toda ella anhela para que sua producção seja coroada de feliz exito, que o anime a proseguir na carreira litteraria.

—Na ultima noite do carnaval apparece

um sujeito jocosamente caracterisado a corcunda e de estampilha no chapeu.

Os moleques entenderam tomar conta do mascara, e dentro do saguão do theatro deram-lhe cacetadas, pedradas, etc.

—Que desaforo!

—O mascara desesperado trancafiou tambem o chicote n'elles.

Por fim safou a mascara, desafiou um sujeito que tomou o partido dos moleques, e ia havendo *agua de varrella* si alguem não trata de accommodar as cousas.

E a policia presenceou tudo isso impassivel!

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

II.

Em maio do anno proximo passado, recebia em Lisbôa o nosso consul geral o Sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre o n.º 11 do *Salamalek*, folha publicada no Porto, e que o seu redactor Urbano Loureiro houve por *defferencia* enviar.

As mais aleivosas insinuações estavam estampadas n'esse periodico com o unico fim de despretigiar-se as duas notas officiaes, dirigidas pelo illustre general Camara, (hoje visconde de Pelotas), ao nosso governo por occasião do brilhante feito, que dera tão glorioso desenlace ás nossas armas nas sempre memoraveis margens de Aquidabam.

Logo após mandou o nosso consul geral uma carta, em a qual agradecia á mesma redacção a *delicadeza*, que tivera para com a sua pessoa, tendo em resposta: que a redacção nenhuma parte tomara n'aquelle endereço, visto que si assim o fizesse, teria tambem enviado o n.º 10 da referida folha, como agora o fazia; notando se porem que o n.º 10 já trazia em visos de grande apparencia o preludio das machinações posteriores. E de quem partiria tal offerenda a não ser da propria redacção? *Tolhitur questio.*

A leitura d'estes dous numeros despertou no animo do nosso consul a mais viva desesperação, e no auge da indignação fizera partir pelo correio seguinte outra carta, em que já não simulava o desprezo, ao contrario repellia, em linguagem assaz viva e em termos quasi analogos a, affronta, que se lhe fazia; como representante de uma nação, que entretinha com outra as mais cordeaes relações de amizade, e de mutuo respeito.

Em verdade grande e infundado era o acervo enorme de protervias e disparates, que estava consignado nas linhas d'aquella folha, porque então longe e bem longe estava do espirito do nosso diplomata dirigir aquella missiva em termos tão frisantes e severos; a sua fina e alta educação, a polidez dos seus costumes e maneiras, emfim a sua posição de grande funccionario junto ao governo do rei fallam bem alto em abono do seu caracter.

Eis a carta como era concebida:

«Lisbôa 18 de Maio de 1870.

«Senhor Loureiro.—Acabo de receber a sua carta de 17, e com ella o n.º 10 do *Salamalek*, em que veem novos insultos ao Brasil e aos brasileiros!

«Não me admira que no logar onde se tem reunido grupos de falsarios, ladrões da fortuna publica do Brasil, venha tambem a campo um ladrão da sua gloria.

«Senhor Loureiro, olhe para a Africa, e cale-se; tenha vergonha si a pode ter. Não insulte os valentes e generosos brasileiros, e nem os portuguezes amigos agradecidos d'aquelle hospitaleiro imperio, destinado pela Providencia para guarda de todas as velhas glorias d'este pobre Portugal, hoje victima de alguns traidores, que teem o coração na algibeira.

«As nações não se regeneram pela infamia; a critica não é a calumnia.

«Só pode sympathisar com Lopez o que nasceu para as galés perpetuas, ou o que se irrita contra toda a sorte de virtudes.

«Só é dado aos Neros o cantar e rir durante o incendio de Roma.

«Creia que o lamenta o brasileiro

Porto-Alegre.»

Contra as verdades ennunciadas n'esta carta, eis que pugna o *nobre* redactor com todo o vigor de suas forças, julga-se bastante offendido em o seu pundonor, e impõe a um caracter independente, e á toda prova illibado, que retire o que dissera, ou então que lhe conceda tractar principalmente de dous dos seus trechos com as considerações, que lhe suggerirem e vierem a proposito, mandando os publicar.

A resposta do nosso consul fôra por demais cathegorica e decisiva.

No terreno da verdade, eil-o que firmado, não recúa, firme na estacada assume toda a responsabilidade, e firmemente sustenta não poder retirar o que dissera a respeito dos moedeiros falsos, que a verdade não era d'elle e sim dos factos; e d'ella não tinha receio.

Portanto que os dous pontos principaes d'aquella carta são veridicos, ninguem poderá negar, porque provar ao fulgor de toda evidencia que *o Porto, cidade de Portugal, é como diz mui terminantemente o nosso consul geral, o ponto de reunião de grupos de falsarios, ladrões*

da fortuna publica do Brasil, e que quem sympathisava com Lopez somente tinha nascido para as galés perpetuas, ou aquelle que se irritava contra toda a sorte de virtudes, querendo d'este modo ser ladrão tambem das glorias do Brasil, é a cousa mais facil de execução, os factos pullulam, e é quanto basta.

Começa o *nobre* redactor o seu opusculo pretendendo demonstrar por meio de factos, que nem trazem em si o cunho da verosimilhança, que os verdadeiros ladrões da fortuna publica do Brasil estão aqui mesmos, fabricando-lhes notas atraz das costas.

Funda se em apresentar de treze annos para cá deligencias feitas pela policia secreta do Brasil em Portugal, encarregada do descobrimento da moeda falsa, não resultando d'estas deligencias sinão a condemnação de um reu, e este mesmo sendo cumplice com agentes policiaes do mesmo consulado.

Proh! pudor. E' preciso que o cinismo tenha já invadido o homem *a capite ad calcem* para dizer-se cousa tão repulsiva!!

E' preciso que se renegue os fóros de christão para asseverar-se em publico que o governo do Brasil incumbe aos seus funccionarios em Portugal para perderem a pais de familia, e a homens menos favorecidos da fortuna, ou que o caracter dos proprios funccionarios procure estes meios para a fraude, e para locupletarem-se!....

E agora perguntaremos nós.—O facto de uma só condemnação importa que a moeda falsa se lavre em pequena escala em Portugal?

Por tanto que ahi n'este paiz se fabrica moeda falsa é uma verdade, *tão clara e transparente como a luz meridiana.*

Vamos adiante: José Bettamio, o ex-consul do Brasil n'aquelle reino, é justamente quem é mais enxovalhado em seus brios n'este opusculo quanto a deligencias especulativas de notas falsas,

Agora porem rompa-se o veu ás tristes miserias do passado, e o presente admire estremecido o que a ambição *do ouro e a fome* das riquezas podem engendrar em espiritos mesquinhos.

Rasgue-se a sombria e espessa gaze da impostura, e na téla da discussão apparecam os factos núa e descarnadamente, e assim se dará mais um passo para a regeneração da humanidade.

Elles não mentem, fallam bem alto, convencem, e o que mais é, persuadem.

Vão saber agora os brasileiros quaes são os moedeiros falsos, si elles, si os portuguezes.

Para isso havemos de lançar um rapido volver de olhos pelas principaes praças commerciaes do nosso imperio, e maximé para a da Bahia, onde residimos e estamos, e por tanto melhor tambem sabemos dos factos. Individualise se como fez o *nobre* redactor, e quem não temer, pouco ou nada se importará.

Vamos, porem, já longo n'este artigo, e receiamos não poder comportar as poucas paginas, que nos são reservadas, ficando para o numero seguinte a demonstracção seguinte:

Si é o brasileiro quem tem por indole o fabricar moeda falsa, si o portuguez, e começaremos pela analyse da nossa praça commercial.

Mario.

A PEDIDO

—Poderá uma authoridade mandar ir á sua presença qualquer pessoa para insultal-a e provocal-a?

—Nem no caracter de authoridade nem no de particular.

—Pois eu conheço um subdelegado que mandou chamar um individuo á sua presença por seu ordenança.

—Só isso é um abuso.

—E quando apanhou-o dentro de sua casa chamou-o de negro, reu de policia, capoeira, ameaçou o e prometteu-lhe de dar-lhe a resposta.

Perguntando-lhe o insultado o que lhe poderia fazer, si o queria recrutar; respondeu que recrutar não, porem que procuraria motivo para mettel-o na cadeia.

—Que subdelegado das carepas! Quem é esse regulosinho?

—Não lhe digo, porque mora na *rua* onde *passo* todo dia e não quero soffrer o mesmo.

—Sr. Tobias, Vm. apresenta-se na janella como si estivesse n'alguma roça comendo mangabas!

Por poucas que não anda como Adão no paraiso!

Mais acatamento. Veja que o *Pé de Cruzes* não é logar onde se possa andar tão livremente.

Sinão..... sinão.....

Pergunta innocente.

Pergunta-se aos Illms. Srs. Drs. chefe de policia e promotor publico si o muito honrado escrivão das *Cinco Badaladas* mandando receber do mestre caldereiro da fundição do *Segura Parede* 9$ rs. por quatro termos e uma certidão; sendo um termo de recebimento, outro de conclusão, outro de publicação e outro de remessa para o jury e intimação para este, o que tudo deve importar

em 1$900 rs., conforme o regulamento de custas e não em 9$ rs. como recebeu, pergunta-se si o serventuario publico que assim pratica está ou não sujeito ás penas do art. 133, segunda parte do mesmo regulamento, e tambem ás do art 129 § 2.° do Cod. Crim.; assim como si é ou não crime publico; por que á não ser, deve o referido escrivão continuar, visto não ser este o primeiro caso e necessariamente deve achar-se com gana de dinheiro.

—Capitão, V. Ex. não é de parecer que se dê a Cezar o que é de Cezar?

—Sem duvida. Mas a que vem isto?

—Como tenho inteira convicção que V. Ex.ª prodigalisa justiça a quem a merece, por isso peço-lhe o obsequio de publicar estas linhas que so teem em mira manifestar um sincero agradecimento ao Exm. presidente da camara municipal José de Barros Reis pela recondução do zeloso e honrado e fiscal na freguezia de Sant'Anna o incansavel Sr. Paderne, a quem tambem cabe a gratidão o fazer transcrever o seguinte á pedido de diversos parochianos da freguezia de Santa Anna.

«O Sr. fiscal Luiz Alvares Paderne em exercicio na freguezia de Sant'Anna, continúe a regular o serviço do fornecimento d'agoa na Fonte Nova, de maneira que não seja o quadro da fonte invadido por pessoas que vendem agoa em animaes, impedindo o fornecimento do uzo particular do povo. Paço da municipalidade da Bahia 8 de fevereiro de 1871.—*José de Barros Reis*, P.—*Ferreira*, S.

—Na quinta-feira á noite quasi que um dos caixeiros da *bomba-macha* ia sendo *devorado* pelo *onça* que assoria.

—De veras?

—E' exactissimo. Houve grande alarido na companhia.

—Tambem não sei como os gerentes consentem um *bicho feroz* no meio das creaturas.

—E' verdade. Si não fosse a agilidade e destreza do *Leoncio*, hoje contariamos um homem de menos.

VARIEDADES.

O pudor publico.

Um pai de familia leva sua mulher e suas filhas ao theatro, esperando dar-lhes uma noite, não mais de escola moral, isso quasi acabou de todo, mas de suave entretenimento.

Está o bom ancião muito contente do prazer dos meninos; quando na scena o actor provoca as risadas do publico com um dito indecente, ambiguo e com indecorosa mimica, ou certas actrizes aproveitam o ensejo para attrahir attenções lascivas com requebros, gestos e *exposições* libidinosas.

O pobre pai confundido desvia das filhas os olhos para não encontrar os dellas...

Os mancebos olham fixamente as donzellas para ver a impressão que produz nellas o escandalo.

As jovens honestas, inexpertas e expertas, deduzem das risadas e dos applausos que os homens gostam do que o recato e a pureza condemnam.

E por pouco que uma donzella, uma menina frequente taes theatros, sem duvida que pode ainda, e apesar delles, conservar-se pudica e recatada; mas innocente, não.

*
* *

Quereis ver o que sahe da boceta de Pandora da immoralidade, e da corrupção que contaminam a sociedade?...

Um padre dansando o fado;

Uma senhora casada, e principalmente se é mãe de filhas, prestando-se a galanteios:

Uma directora de collegio de meninas com desvanecimento de bella e sentimental;

Uma escrava de mais de doze annos de idade, incumbida do serviço e dormindo á porta do quarto de sua senhora moça ainda solteira;

Uma escrava levando diariamente as meninas, suas senhoras-moças, para o collegio e delle trazendo-as para casa;

Um pai de familia ostentando publica e escandalosa vida de adulterio;

Um marido que mal ganha para comprar o pão quotidiano, levando a mulher ao baile coberta de brilhantes.

Os ganchos.

Muitas são as especies de ganchos que ha pelo mundo; algumas pessoas porém lhes dão uma interpretação alheia, porque entendem que gancho é tudo aquillo em que se pendura qualquer objecto, ou tudo aquillo que pucha ou arrasta; neste caso poderiamos sem o temor de errar chamar gancho a um prego. que fincado em uma parede ou porta nelle se penduram diversos objectos.

Tambem poderiamos chamar gancho as mãos de muita gente e de muitos thesoureiros que arrastam e pucham o dinheiro até o porto de suas algibeiras.

Chamam tambem gancho as varas com que se colhem os fructos e as varinhas com que se tiram as gaiolas.

Outros querem que sejam tambem ganchos os anzóes, os croques, os bicheiros, etc.; mas si estes já teem seus nomes proprios para

que confundirmos com ganchos? Tambem não achamos acertada a denominação de gancho ás divisas dos forricis e dos primeiros e segundos sargentos; mais acertada nos parece a ideia de gancho, o concerto ou obra pequena feita pelos diversos officiaes de officio, ás escondidas do mestre, e quasi sempre effectuadas nas horas de descanso, porque como sua conclusão é o arrastamento da paga, pode-se conceder a isto o nome de gancho.

Algumas pessoas tambem asseveram que a morte tem um gancho com que pucha para junto de si as creaturas para lhe poder sentar o bacalhau; este gancho vá na fé dos padrinhos, e permitta Deus que nós tão cedo não tenhamos occasião de ver de perto, si esse instrumento é gancho.

Deixemos porem de parte os ganchinhos de pouca utilidade.

Quatro objectos reconhecemos nós com o verdadeiro titulo de gancho: tres de summo prestimo e um de terrivel usança.

Os ganchos de arame alem de deixar lucro a quem os faz, são de primeira necessidade para as bellas; com elles seguram-se as lindas tranças; prendem-se as champas, aguentam-se os postiços, firmam-se as plumas, organisam-se os toquêtes, concertam-se as flores e capellas, sustentam-se as mantinhas, emfim, por meio dos ganchos, as cabeças das bellas representam o lindo jardim de Flora, ou um paraizo cheio de attractivos.

Os ganchos de ferro em que se atam as rêdes, e tambem os que nos talhos se penduram as carnes, eguaes aos que nas cangalhas conduzem estas da matança para os referidos talhos; estes comquanto não deleitem a vista, são tambem de interesse, tanto a quem os fabrica, como porque apresentam á nossos olhos o objecto que nos alimenta; e aquelles, oh! e quem tiver gosto que avalie o quanto é apreciável depois do estomago repleto um somno dormido em uma rêde.

Vamos ao quarto gancho: é o instrumento com que os barbaros inglezes roubam as vidas de seus semelhantes, cujas pontas introduzidas pelo lado inferior do queixo apparecem no alto da cabeça.

Estes ganchos são proprios para os brutos bretões. Deus lhes faça muito bom proveito, e a respeito destes ganchos, *libera nos domine*, e por hoje concluimos o negocio dos ganchos até outra occasião, em que apresentaremos a descripção dos objectosde ponta aguda.

Os irmãos Lees, distinctos acrobatas americanos, deixavam boquiabertos com as suas representações, os espectadores do theatro Lyrico.

Uma senhora pergunta a seu filhinho se acha bonito aquellas intrepidas habilidades.

—Ah! mamãe, observa a criança, elles fazem aquillo tudo porque a mãe não ralhou com elles quando faziam travessuras.

Um moço trava do braço de um ancião e vae de passeio pela cidade a dentro.

Aqui e ali encontra o moço muitos conhecidos que o cumprimentam.

—O senhor, nota o velho, conhece muita gente.

—Ah! volta o moço, conheço meio mundo.

—Pois si eu fosse o senhor, reflecte o velho, acabava de estudar a geographia.

—E para que?

—Para conhecer a outra metade do mundo e ter todo o conhecimento do globo.

A pintura.

Era em um confissionario.

—Accuso-me, Sr. padre, de pintar o rosto, disse ao confessor uma confessada.

—Mas com que fim faz isto, minha filha?

—E' para parecer mais formosa.

Pôz os oculos o confessor, olhou-a com attenção, e vendo que era mais feia creatura do mundo, disse-lhe com a maior ingenuidade:

—Pois continue, minha filha, continue, porque está ainda muito longe do que deseja.

Pensamentos de um doudo.

Uma mulher infiel é uma locomotiva que descarrilha.

Uma mulher *coquette* é uma das pragas de Pharaó.

Uma mulher estupida é a maior calamidade do marido.

Uma mulher vaidosa é o martyrio dos adoradores.

A mulher é um manjar digno dos deuses quando o não tempera o diabo.

A mulher é, finalmente, um bocado cheio de espinhsa, infeliz d'aquelle que o engole.

ANNUNCIOS.

Vende-se a venda aos Dendezeiros, fim da Calçada do Bomfim: quem pretender dirija-se ao mesmo lugar que achará com quem tractar.

Luiz de Oliveira Vasconcellos, participa aos seus numerosos freguezes, que mudou sua loja de calçado e charutos á rua Direita da Mizericordia, n.° 17, para a mesma rua, loja n.° 13, defronte da Capella de S. Antonio.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª — QUARTA-FEIRA 4 DE JANEIRO — N. 737.

Publica-se na typographia de [illegible] es e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—[illegible]0 rs. por serie de 10 numeros; [illegible]0 rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

Instituto Geographico e Historico
BAHIA

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 3 de janeiro de 1871.

Não houve expediente.

—Depois que as irmans de charidade tomaram conta do hospital da Misericordia, tornou-se elle bem falto de charidade.

—Contraste inexplicavel!

—Os preceitos de charidade e amor do proximo foram banidos daquelle estabelecimento pio e humanitario.

Não ha compaixão para quem soffre, nem linitivo para quem geme.

A desgraça, nenhuma commiseração infunde, as dores de um ente humano nenhuma piedade commovem.

Deixam criminosamente morrer os doentes ao desamparo e falta de trato.

—Faz horror!...

—Os factos se encarregam de provar a força desta verdade.

Romão da Silva Pereira, na noite de 31 de dezembro, descendo as escadas do 2.º andar de um sobrado, ás Portas do Carmo, rolou os degráus até o ultimo.

Apanhado, em estado de stertor, vertendo grande quantidade de sangue pela bocca, nariz e ouvidos, é levado para o hospital da Misericordia, e ahi estendido em uma cama, onde ficou abandonado até o outro dia!...

—Passa de deshumanidade!

—A's 9 horas da manhan, não tendo ainda fallado, foi levado em uma marqueza para sua casa, sem que no hospital lhe tivessem feito o mais simples curativo, ou lhe administrado o mais leve medicamento...

Entretanto dous facultativos que viram o homem, disseram que si elle na occasião é soccorrido, não morreria!

—Onde está então a charidade das irmans de charidade, si podendo salvar um homem deixam-no morrer ao desamparo?!

Acontece uma desgraça, corre-se para onde se pode encontrar mais prompto e efficaz soccorro, e ahi por incuria e desmazelo deixa-se, que o mal torne-se irremediavel e perca-se a vida de uma creatura!

—E' um assassinato em nome da charidade!

—Para que então esse inculcado espirito de beneficencia? Para que essa despeza inutil com um medico interno, si elle não serve para acudir áquelles que em situações graves precisam de seus soccorros?

—Não pesará na consciencia das irmans de charidade a culpa de deixarem perecer um homem, cuja vida podia ser poupada com uma ou duas sangrias e com algumas onças de agua sedativa appliçada á tempo?

—Capitão, ha muita cousa por ahi.

—Quem não sabe disso é tolo.

—Pois não foi encontrado um homem-bicho?

—Vá se d'ahi! Ainda si fosse algum bicho-homem eu lhe acreditava.

—V. Ex. duvida do que se diz.

—Si V. sahe-se com cada pêta!

—Estou fallando serio. Uns rapazes que andavam passeiando pelos mattos, encontraram adiante do Matatú, em um escondrijo, um individuo em perfeito estado selvagem, um animal sem tirar nem pôr. Cabellos compridos até os hombros e desgrenhados, unhas crescidas, semblante apatetado, em completo estado de idiotismo.

Os sujeitos forçaram o tal misanthropo a sahir da sua solidão e o obrigaram a acompanhal-os até as Pitangueiras, onde sendo reconhecido por um dos alienados que as irmans de charidade enxotaram para fora do hospital, o deixaram, e não indagaram o destino que tomou.

—Provavelmente voltou para o logar de onde o trouxeram.

—Quanto a mim esse homem em sua exquisita mania fugindo ao ruido do mundo denota mais juizo do que muitos.

—Já enfastia registrar absurdos desta gente de farda que anda vigiando a cidade.

Parece inacreditavel que soldados de policia tivessem o arrojo de entrar por uma casa, cujos pacificos habitantes não contavam com semelhante visita, dessem pancadas, quebrassem trastes e fizessem mil desatinos.

—Só doudos dão para tanto.

—Pois assim foi.

Na noite de 1 de janeiro Antonio Francisco da Cunha conduzia um preso, o qual ao dobrar á esquina do Bangala fez uma peruêta e largou-se.

O soldado, attonito, não achando em quem pegar, ao passar pela casa do Sr. João Cosme, viu á janella uma pessoa, que em sua imaginação atarantada lhe pareceu o fugitivo.

—Ora que contra-senso!

Pois quem foge das unhas da policia vae se pôr em uma janella para ser visto por ella!

—Sem mais razões o soldado invade a casa e vae lavrando o homem de pancada e estragando o que encontra na frente!

Esmigalhou com o refe um oratorio que estava na sala com imagens.

—Eim! que engano endiabrado!

—E não sei até onde levaria tão treslouçado desproposito, si por uma providencia o subdelegado não tem noticia do facto e apparece no logar do conflicto.

—Este fim de anno foi horrivel de acontecimentos tristes.

—Historias!

O perigo acompanha sempre a creatura.

—Porem ha cousas que parecem agouro. Só no dia 31 duas quedas fatalissimas!

—Alem do infeliz Romão, houve outra?

—O allemão Nelson, morador ás Pedreiras.

Esteve no Alcazar e d'ahi sahiu um tanto *encalorado*.

Tendo necessidade de se refrigerar recostou-se ao peitoril de uma janella de sua casa. De madrugada, quando o homem do gaz foi apagar o lampeão, viu que havia um vulto estendido na calçada. Chamando gente, reconheceu-se que era o cadaver d'aquelle que horas antes divertia-se, sem ao menos lhe passar pela ideia a lembrança da morte!

—Com certeza pode-se dizer que esta cidade amanheceu no dia 1° de janeiro do anno da graça de 1871, figurando um vasto cartaz de hediondas torpezas, collocado ante as vistas publicas.

—Olá!

—Em cada parede havia para ler uma allusão obscena, via-se em toda sua aspereza uma pintura extravagante e indecente, havia estampado um rifão grosseiro e libidinoso.

As familias ao chegar as janellas, para qualquer lado que volvessem os olhos, eram obrigadas a cravai-os n'aquelles infames painéis allegoricos do que ha de mais abjecto, crapuloso, e concupiscente.

As ruas da cidade eram uma volumosa caderneta, aberta aos olhos da decencia publica, contendo em todas as paginas o mesmo syllabario de termos dissolutos e depravados.

—E a malta desses agentes da immoralidade, tiveram tempo para á seu salvo realisarem tão desenvolta propaganda!

—E porque forma!

Aturdindo com gritos descompassados e perturbadores o silencio publico, no meio da mais estrepitosa e desenfreada assuada, ultrajando a castidade com phrazes que só nas possilgas é dado articular.

—A subversão de costumes não pode ascender a mais elevada escala, a falta de vigilancia e energia policial não pode ser mais patente.

—Esses quadros de impurezas, esses letreiros lubricos são a photographia pura e descarnada do espirito da epocha; a corrupção que lavra, o desacato ás instituições o despreso do preceito—não fazei aquillo que não queres que te façam—todos os laços do equilibrio social despedaçados, o principio de respeito a authoridade menospresado, o deleixo e a inepcia d'aquelles que devem velar pela ordem publica, reprimir os excessos e conter as turbas.

—Porem V. que não veio ao mundo para reformal-o, deixe-o seguir como vae.

—Mas é bem condemnavel tanta indolencia policial!

Si não poude conter as turbas na sua desenfreada despedida ao anno de 1870, ao menos no dia de anno bom devia incumbir a seus numerosos agentes secretos de riscarem das paredes aquelle acervo de escandalos.

—Ora não se falle dos soldados de policia!

—Como si elles commettessem tudo que ha de mau.

—Dizem que seria melhor deixar de mão os soldados de policia, que o tempo que se gasta com elles era melhor occupar-se com abusos e escandalos praticados por entidades de classes mais elevadas.

Mas não se pode.

—E' até impossivel.

—Ora diga-me si isto é toleravel.

Falleceu um homem no becco das Morôas.

—Perto da repartição da policia.

—Algumas pessoas conhecidas do finado foram assistir ao cadaver e passaram a noite em resas.

E' um acto que a egreja approva, um dever de piedade christan para com o morto, e si as resas não levam a alma para o ceu, tambem não prejudicam.

—A fé é que salva.

—Pode-se allegar, é verdade, que o cantarolado encommoda o socego e eu concordo.

—Nesse caso cumpre a authoridade e seus agentes não consentir.

—Mas sabem o que fizeram praças de policia que estavam no Terreiro?

Resava-se o officio de Nossa Senhora; largaram-se d'onde estavam e foram para a porta do morto gargantear em algazarra a toada —*Vem cá, Zebedeu, vem cá!*...

—E são elles os encarregados de fazer respeitar o silencio e manter a ordem!

—Ora, alem de ser um escarneo á religião, foi uma impiedade para com o morto e uma provocação aos vivos que ali estavam, uma zombaria as magoas de quem soffria.

—E dissesse-se alguma cousa para ver quanto refle fóra!

—Entretanto a policia da cidade consiste em uma sucia de soldados que se aboletam todas as noites em baixo das arvores do Terreiro e emquanto uns dormem outros fazem destas!

—O que é isso?

—E' a policia.

—A policia vem para accommodar a desordem; eu pergunto quem são os desordeiros.

—Os proprios soldados de policia, não lhe estou a dizer? Está este barulho entre elles aqui no Caminho Novo, ha mais de uma hora.

—Está certo!... tubarão quando não acha o que comer come a seus filhos.

—Mas que policiaes! benza-os Deus! principiam o anno assim espatifando-se uns aos outros!

—E esta scena de dia tem sua graça!

—O que ha por aqui?

—Um soldado de policia que queria decepar a cabeça de outro.

—Bravo! aqui nas immediações do quartel da Palma!

—O ferido foi recolhido ao hospital do corpo com uma grande brecha na cabeça.

—O anno não encetou bem; hoje é o segundo dia e já tem havido tantas novidades!

—Olhe que muito esquentados andam esses agentes da força publica.

—Os guardas policiaes tornam-se dignos de elogio, pela maneira porque procedem.

Na segunda-feira, no *bond* da companhia de Vehiculos que sahido da cidade para o Bomfim, ás 5 horas e vinte minutos, iam dentro um sargento e um soldado de policia a pronunciar palavras obscenas, a provocar os passageiros e a desafial-os!

—Sr. commandante do corpo policial, que diz S. S. a isto?

—Segunda feira pelas oito horas da noite para os lados da rua do Bangala ouvia-se grande sassurro de vozes que bradavam:—pega ladrão! pega ladrão!

Acto continuo, descia pela ladeira do Gravatá, as carreiras, todo desmantelado, um guarda policial, levando o refle debaixo do braço e atraz delle corriam aquelles que gritavam.

—Seria a policia que perseguia os ladrões ou as ladrões que iam em busca do policia?

—Si o tal ladrão foi preso ou não e quem era elle, não pude saber.

A PEDIDO

—Capitão, ás ordens de V. Ex.

—O que quer?

—Pedir-lhe um favor.

—Diga pois não estou pronto para suas maçadas.

—Um emprego para um innocente de desseis annos, que anda jogando traques com uma velhaca e si ella não corre ficava estralada.

—Quantos annos tem ella?

—Onze para doze.

—E o tal innocente não é empregado nos typos?

—Qual! V. Ex. está muito atrazado; agora vive empregado em betar pombos dos outros; eu moro nos fundos da casa delle e minha familia não pode mais com as pedradas e os assovios e isso encommoda de mais. Meu compadre é que pode confirmar a verdade.

—Pois constou-me que o menino (homem) que V. falla é empregado nos typos e é bem procedido. Quem é o pae delle para melhor chegar a meu conhecimento?

—E' filho do Vambá, empregado e amigo dos doutores; alimpa as cadeiras para elles sentarem-se.

—Retire-se, pois não estou para atural-o.

—E' verdade, Sr. capitão, como a filha do italiano não é sua parenta nem de quem veio a este bordo lhe encher os ouvidos de folha, por isso V. Ex. despede-me desta maneira.

Mas irei me queixar ao Dr. chefe de policia contra essa innocencia do menino (homem caju) que pode ir aprender um officio

para não estar jogando pedras e quebrando os telhados dos visinhos, pois, capitão, si essa menina fosse minha parenta eu estava na correcção, para elle não entrar pela casa do italiano, o qual é homem casado e sua mulher padece do cerebro, e si fôr preciso eu me presto, afim de mostrar ao publico que tal é o menino (homem cajú de que trata o *Alabama* do dia 17 de dezembro) porque o homem dos typos não o poude aturar e botou-o para fora por ser bem educado, innocente e tolinho, que joga traques em meninas.

Agora estou ás ordens de V. Ex. e vou fallar com o meu compadre, pois elle onde mora faz *poeira,* afim de me dar algumas informações á respeito, visto elle morar perto.

Eu queixei-me a V. Ex. esperando que mandasse metter a cara deste sujeitinho na cloaca do navio, e adeus.

Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna,

Pedindo-lhe que empregue os meios a seu alcance, afim de conter um sapateiro de nome Eduardo, morador ao Castanheda, defronte de uma moça donzella, que vive em companhia de sua pobre mãe, e aquelle, abusando quando esta sahe de casa, põe-se nú, de maneira que seja visto pela moça; além dos termos immoraes por elle proferidos.

Espara-se providencia.

—O que fez aquelle homem ao *alferes Candido*?

—E' porque passando deu com os olhos na beldade azevichada.

—Ora que desaforo! E por isso sahe para a rua de mangas arregaçadas e insulta.

—Mas faz como um cão gozo, ladra e recúa.

—E aquelle canalha é alferes mesmo?

—Si é cria, e ainda tem yaya, como pode ser alferes? Elle é que se inculca.

—Que moleque descarado!

—Passe pela Ordem 3.ª e indague quem é a yayá delle; apezar de que é desses moleques creados por mulher velha que é o que o faz ser tão insolente.

—Sahe uma pessoa de sua casa com o coração descansado e vem encontrar este precipicio! Expôr-se aos ataques de um moleque insolente pela ousadia que lhe dá uma velha caduca!

—Um escravo attrevido e coberto de vicios.

Um alquilé que vive em guerra declarada com as meretrizes, causando-lhe grande perda nos lucros.

—Si eu fosse o offendido a unica resposta que lhe dava era queixar-me ao subdelegado!

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

Tendo o conselho administrativo de solemnisar o 38.º anniversario da fundação d'esta sociedade, no dia 8 do corrente ás 10 horas da manhan, com missa solemne á sua Padroeira e sessão magna, convida aos Srs. sócios a reunirem-se na sala das sessões, no mencionado dia e hora, afim de assistirem á esses actos; findos os quaes proceder-se-ha a eleição para os novos funccionarios, segundo dispõe o art. 35 dos estatutos. Bahia 2 de janeiro de 1871.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito.*

10$000 rs. de gratificação!

Fugiu da abaixo assignada, no dia 30 de dezembro, sua escrava de nome Francisca cabra, edade de 30 annos, com os signaes seguintes: um talho no olho direito, desdentada, altura regular; foi vestida com uma saia de *yaga de prata,* camiza de madrasto e panno da Costa azul. Quem a vir e quizer trazer a abaixo assignada, em sua casa á ladeira de S. Miguel, sobrado n. será gratificada com a quantia de 10$ rs.—*Anna Joaquina de Sant'Anna.*

—O' lá, rapazeada! Então vão para itapagipe tomar seu regabofe?

—Não resta duvida.

—Pois não se esqueçam de ir ao botequim do divertido e engraçado Christovão, ex-carteiro do correio.

—O que tem elle lá para obsequiar a gente?

—Finissimos vinhos, cerveja, cigarros dos melhores fabricantes, charutos, etc., etc.

—Mas aonde é o estabelecimento?

—No Poço.

—Rapazeada, vamos atacar o botequim de Christovão?

—Não ha mais que recuar aqui; ao Christovão! .... ao Christovão!.....

Pede-se ao Sr. thesoureiro da loteria que tem de correr no dia 11 do corrente que não pague os dous quintos de n.º 1673, sinão a quem apresentar os tres quintos do mesmo numero; visto ter-se comprado o bilhete inteiro e logo depois desapparecido os dous referidos quintos. Bahia 3 de janeiro de 1871.

No Coberto Grande, loja n. 55, aluga-se para a festa, vende-se ou permuta-se, uma casa excellente na povoação de S. Thomé de Paripe.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª SABBADO 7 DE JANEIRO. N. 738.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 6 de janeiro de 1871.

Não houve expediente.

—Estes tempos tem sido ferteis em raptos.

—Houve mais algum presentemente?

—Si houve...

—Aonde?

—Na freguezia de Sant'Anna, no dia 3 de janeiro.

—Quem foi o raptor?

—Um filho do alferes Firmino.

—E a raptada?

—E' uma moça menor de desesete annos, chamada Idalina, filha de um trabalhador d'alfandega.

—A policia já tem sciencia do facto?

—Já; o subdelegado prendeu o raptor e dizem que elle se vae casar.

—Então, por mais essa acertada providencia o Sr. subdelegado é digno de nota honrosa pela maneira porque cumpre os seus deveres policiaes.

—Capitão, o conselho da sociedade *Monte-Pio dos Artifices* festejará amanhan com toda solemnidade o 38.º anniversario de sua installação.

—Estou sciente.

—Nestes tempos de natal, anno bom, e reis, é costume habitual entre os amigos e conhecidos os presentes de *festas*.

Portanto nada mais natural, que a limpeza da cidade tambem recebesse suas festas.

O governo acaba de mimoseal-a com um pequenino augmento de 6:000$ rs.

— No estado lisongeiro em que estão as finanças da provincia, é de urgente necessidade ir descobrindo alguma cousa em que distraia os abundantes capitaes que regorgitam nos cofres.

—E si o zelo e esmero no serviço, a actividade, dão direito a remuneração, nada mais justo do que a fatia que acaba de receber o Sr. Antoninho.

—E' assim que se adquire o reconhecimento publico; é desta sorte que a posteridade um dia ha de dizer que um filho desta terra desejou ardentemente—*sua* prosperidade.

—O progresso corre á galope na Bahia.

Temos agora *reverbero*, cuja repercussão de ideias tende alagar de calor litterario a quadra calmosa que atravessamos.

—Não admira que em compensação appareça *acaçá* para refrigerar os espiritos.

—E o mais é que o calor do *reverbero* com a frescura do *acaçá* vieram tornar a *Bahia illustrada*.

—Continúa a familia estrangeira recolhida no hospital de charidade a passear todas as manhans pelo Terreiro.

—Para que hão de estar as irmans de charidade affrontando assim a opinião publica nesta terra?

—E o Sr. provedor e mezarios o que fazem, que não obrigam essas mulheres a equiparar o tratamento dos doentes a um so nivel?

Para que toleram que ellas criem essa distincção revoltante?

—Não é cousa inventada; o quadro está bem patente para todos ver.

O doente nacional vive segregado, é até privado de fallar aos seus dentro mesmo da enfermaria, o doente estrangeiro tem a faculdade de passeiar fora do estabelecimento!

—E' muito escarnecer do bom-senso da gente desta terra!

—Houve um roubo na rua da Lama.

—Atacaram algum viandante?

—Não; arrombaram a casa de uns africanos e levaram cerca de dois contos de reis.

Houve quem visse, nesse dia, á certa hora, em que o sol estava bem claro, um fulano *Sabe ler* batendo á porta da referida casa.

—Provavelmente não ouvindo ninguem lhe responder, entendeu que o melhor era instal-

lar-se no domicilio alheio, passando revista de mostra no que houvesse dentro.

—Esses larapios!....

—Raça infame de viboras dolosas!... Podesse um tunél contel-os todos e a tampa fosse eu!... Triumpho eterno!... Livre era o mundo dessa praga infame!

—Ha um defeito que ataca á todas as cousas desta terra.

—Qual será?

—O tudo ou nada.

—Decifre sua charada.

—Com um exemplo.

O passeio da Sé costumava ficar aberto até 10 horas da noite, porem envolto em trevas.

Havia nisso inconveniente, por que não respeitava-se a decencia do logar.

—E agora?

—Fecha-se com o sol bem alto, o que é outra desvantagem.

—Na hora em que presta a serventia para que foi creado.

—Justamente; á tarde, depois dos labores do dia, é que o publico vae alli em procura de recreativa distração.

—Nas horas de calmaria ninguem se lembra delle.

—E quando mal se pensa, o guarda vae despedindo a todos, que quer fechar!

—Assim quer parecer que a praça de D. Izabel, não é aberta para commodo publico, e apenas para occupar um guarda e empregar um administrador.

—Susceptibilidade mal entendida.

—O que temos?

—Uma praça de policia entra na venda do João, á ladeira da Praça, pede uma bolacha, quebra e põe-se a comer; dá dez tostões para trocar; o vendelhão tira a importancia da bolacha e dá lhe o resto; mas o soldado dá se por aggravado por não ter aquelle confiança nelle e trocar-lhe o dinheiro por causa de dous vintens.

—Sem duvida trazia o dinheiro para fazer reliquia.

—Eu sei cá. O que não padece duvida é que elle mostrou-se tão offendido, que de palavras passou a atirar um punhado de cobre no vendelhão.

—A policia mesmo é quem deve dar esses exemplos.

—O tempo tudo consome e gasta.

—Só o amor de Deus, não.

—Cousas ha entretanto, que parecem que o tempo tem capricho em destruir com mais presteza.

—Ao passo que a outras respeita seculos e seculos.

—Eu quando me entendi encontrei n'esta cidade um becco chamado do Ximendes.

—Existe ainda.

—E nelle uma escadaria de pedras.

De certo tempo para cá, como que o tempo se apressa em fazer desapparecer aquellas pedras de maneira bem sensivel.

—Ha horas em que V. arranca da cachola cada pedaço, que um doudo não lhe leva a palma.

—Concertaram o quartel da Palma, aceiaram e caiaram.

—E deixaram a capella no *sicut erat*.

Nem se quer derrubaram a copula embaúbeira que alli floresce.

As paredes estão rachadas, o telhado desappareceu.

—São cousas que não se entende!

Si a capella é inutil, a rasão porque não a mandam demolir? Si presta porque não a reparam?

—Vestiram a noiva de galas e a deixaram de cabellos desgrenhados.

—Talvez o dinheiro não chegasse.

—Mesmo que adoptando o Estado a religião catholica como sua, nenhum apreço lhe merece do governo.

—O que presenceou V. na vespera de Reis?

—Pouco ou nada. A' não ser um inspector de quarteirão, na rua do Fogo, que, ao passo que dava voz de preso a certo individuo e bradava que não queria perder sua força moral, este, usando da força physica, como mais apropriada a occasião, ia sovando-lhe o costado; nada que valha a pena.

Pequenos disturbios que desfazem-se de momento.

Nunca vi nossa gente mais cordata e pacifica.

Fui ao Rio Vermelho que esteve delicioso.

—Pois eu sei mais que V.; houve um conflicto gravissimo.

—E' possivel.

—Ouça lá.

Constantino Bernardes, sahiu á noite em direcção ao Rio Vermelho. Em caminho addicionou-se-lhe Baldoino de tal, um alfaiate que aqui á tempos pellou um discipulo com ferro em braza.

—Lembro-me perfeitamente.

—Foi uma companhia de cão com gato: beberam juntos, conversaram, mas de quando em vez *trovando*.

Constantino voltou para sua casa e Baldoino ficou *empistolando-se;* de volta foi á casa de

Constantino com um páu para dar-lhe; este porém usando de uma navalha, deu diversos talhos em seu antagonista e dizem que no desvario feriu tambem ao guarda que o prendeu.

—Ora vê-se que diabo de cousa!

—Constantino é um desses homens pacatos, mas que em estado de exaltamento tornam-se terriveis.

—Pelo Retiro andaram tres individuos, na segunda feira, cobrando, em nome da camara municipal, imposto pessoal.

Como a exigencia era feita a gente da classe mas rude e pobre, contentavam-se em receber em logar de dinheiro, gallinhas, inhames, etc.

—Que maganos!

—Um figurava de fiscal, outro de soldado de policia e o terceiro de conductor.

—Bem astuciado!

—Uma pessoa ficou de me dar o nome de um dos tres industriosos.

—Pois bem; logo que souber traga-me; por que assim poderá a authoridade, si quizer, mandal os ao Custodio para reconhecer-lhes a identidade.

—Hoje, 7, vagava pelas ruas uma creoulinha que poderia ter 7 a 8 annos.

Trazia as costas lavradas de chicote e uma grande dentada no braço direito.

O motivo de tanta barbaridade, segundo diz a paciente, é por ter quebrado uma bacia de rosto!

A senhora depois de espancal-a com tanto rigor, tangeu-a para a rua para que fosse *ganhar* e não voltasse sem lhe trazer a bacia.

—Oh! que falta de humanidade!...

—A coitadinha andou pelas ruas desde sete horas da manhan até meio dia; algumas pessoas penalisadas, deram-lhe o importe da bacia.

A senhora desta infeliz creança, consta que mora na rua da Independencia, e é mulher de um Sr. Sabino.

—A companhia de Vehiculos é guiada por uma má estrella!

—V. sempre tem uma historia.

—Não é historia é facto. O novo vapor que veio para os Vehiculos, logo na segunda viagem que deu na vespera de Reis, sahiu fora dos trilhos. Este facto deu-se as 5 horas da tarde, e só poderam tiral-o d'arcia as 11 horas da noite

No dia de Reis o *bicho* metteu-se de novo pela areia a dentro.

—Mas V. que quer si elles não tem machinista, e entregaram o vapor á um sujeito, que no dia de Natal andou em Itapagipe as cacêtadas?.....

—Até os *bonds* puchados á cavallos sahiam fora dos trilhos; nas viagens do Bomfim para a cidade, quasi em todas ellas, os *bonds* encontravam-se fora dos desvios com os que iam da cidade.

—Tudo isto é devido a má direcção da companhia.

—Não sei como classifique isto.

—A companhia de Vehiculos, de proposito, demorou o *bond* que tinha de sahir da cidade as 7 horas e quarenta minutos, para exigir depois 500 rs. de cada um passageiro.

—Ainda acham pouco augmentarem os preços das passagens nos domingos e dias santificados, e nos dias uteis de 9 horas da noite em diante?

Srs. gerentes, hoje é vespera de Reis, deixem para fazer sua feira amanhan.

—E se ha de dizer depois que a companhia de Vehiculos não monopolisa!

—O' Sr., Vm. não é do *Alabama*?

—Sim, meu charo amigo.

—Pois então tome nota disto.

—Si Vm. quer, que remedio...

—Segunda feira, foi morar no becco do Oratorio uma mulher; á noite apresentaram-se dous policiaes, dizendo que queriam ensinal-a, por que por causa della estava padecendo um seu companheiro.

Quando dispunham-se a invadir a casa-a mulher que não parecia ser pecca, apagou a luz. e munida de um facão poz-se em attitude de receber o assalto. Os soldados continuaram a blaterar, mas não se animaram a entrar.

Accommodados por alguem, retiraram-se, promettendo porém voltar no dia seguinte mais prevenidos.

A mulher apezar de estabanada pensou que o mais prudente era mudar-se e no outro dia foi entregar as chaves a quem lhe sublocara a morada.

E fez bem; por que á noite os dous soldados foram pontuaes no que tinham promettido.

Vendo a porta fechada e julgando que a mulher com medo, estava trancada por dentro, arrombaram a porta.

—E' um pequeno addendo as façanhas policiaes desta terra.

A PEDIDO

—O subdelegado de Sant'Anna acaba de condemnar a 3 mezes de prisão e muleta cor-

respondente a metade do tempo, Paulo Pedro da Silva.

A pena deve ser cumprida na casa de Correcção.

—Que crime commetteu?

—Injurias.

—Ah!, bom proveito lhe faça.

—Hontem á uma hora da noite a patrulha da Conceição da Praia, recolhendo-se, apanhou na Praça, junto a Relação, uma creancinha de 2 mezes que a perversidade humana ali jogara.

O subdelegado da Se enviou-apara a Casa do Asylo.

—Em quanto a desnaturada mãe á essa hora, talvez, estivesse engolphada na orgia.

—Capitão, V. Ex. conhece um sujeito meu *patricio*, que mora defronte da ponte dos paquetes?

—Ignoro quem seja este seu patricio.

—Pois V. Ex. não conhece!

—Olhe que massante! Já disse que ignoro.

—Não precisa zangar-se, capitão, desculpe se lhe venho importunar.

—Diga logo ao que vem e vá se pondo ao fresco.

—Este sujeito de quem eu fallo, anda sempre para os lados do Santo *paduano portuguez*, é amigo intimo do *Guimarães*.

—Mas o que teve, que ainda não disse?

—E' que elle tem a audacia de detractar de homens honrados, não lembrando-se que já esteve no forte do *Chaveiro do Céu*, que o diga os *Xia-pés*!

Pobres victimas! Ainda em cima, elle não satisfeito com isto, quiz arranjar um conto e tanto de um dividendo da massa de uma devota de S. *Vicente*, moradora em *S. José*; mas o *Martins* que não é de cassuadas, achou prudente que o meu patricio fizesse entrega do dinheiro a sua dona, e para isso assignaram um contracto.

—Muxingueiro, vae defronte da ponte, agarra esse descarado de quem se veio queixar este homem, e mette-lhe um par de machos aos pés, deixando-o no porão do navio até a minha segunda ordem.

—Lá vae uma do olho-vivo que tem seu quê de subtileza.

O membro da companhia de nome *Pelotas*.....

—Oh! esse é uma capacidade rapinal.

—Chegou a certo logista e fez uma encommenda de miudezas que montava a umas centenas de mil réis.

Por muito resabiado que fosse o logista, teria de desvanecer qualquer suspeita, desde que olhando pelo *rabo dos olhos*, visse o Sr. Pelotas fingindo procurar no bolso alguma cousa, puchar de lado um rolo parecendo uma maçagada de dinheiro.

—E' o que na giria se chama *dar á cheirar*.

—Mas o tal rolo era ficticio; somente a casca era dinheiro, o miolo era bagaço.

O logista preparou a encommenda com aquelle afan de quem queria se metter nos cobres; aquillo que não tinha foi tomar a um visinho.

Neste comenos, surge um individuo com uma ordem para receber do Sr. Pelotas 16$ rs., tambem de uma encommenda que esse Sr. mandara apromptar em outra parte.

Pergunta ao recebedor si tem troco e com a resposta negativa, pede ao logista que lhe abone os almejados 16$ rs. e englobe na sua conta.

—Isso é o que elle queria.

—Embolsado o cobrador, põe-se no andar da rua e momentos depois o Sr. Pelotas tem necessidade de ir a um armazem comprar um objecto.

E está comprando.....

E o logista está com a encommenda prompta á sua espera. Com a differença que tem de pagar a seu visinho os objectos que tomou-lhe para completar a encommenda do Sr. Pelotas os quaes tem de entulhar-lhe a casa até que este volte.

—Oh! quanta fertilidade tem essa gente para enganar os mais!

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

Tendo o conselho administrativo de solemnisar o 38.º anniversario da fundação d'esta sociedade, no dia 8 do corrente ás 10 horas da manhan, com missa solemne á sua Padroeira e sessão magna, convida aos Srs. socios a reunirem-se na sala das sessões, no mencionado dia e hora, afim de assistirem á esses actos; findos os quaes proceder-se-ha a eleição para os novos funccionarios, segundo dispõe o art. 35 dos estatutos. Bahia 2 de janeiro de 1871.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito*.

O proprietario da loja n. 51 ao entrar na rua de Baixo de S. Bento roga a todos, que tem conta na mesma a virem saldal-a até o dia 1.º de janeiro vindouro, do contrario verão seus nomes nas columnas de diversos jornaes.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª QUARTA-FEIRA 11 DE JANEIRO. N. 739.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 10 de janeiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Brotas. —Sendo notorio que anda publicamente pelo Matatu e Sangradouro um rapaz atacado de morphéa, morador ao largo do Paranhos, em uma das casas do Sr. Gameleira; á vista das queixas da visinhança, de que esse individuo, como todos os affectados de semelhante mal, tem o costume de gostar de misturar-se com creanças, carregal-as, dar-lhes de sua comida, etc., cumpre que S. S. tome em consideração o exposto e dê as providencias adequadas á respeito desse infeliz.

—Vê aquelle homem arrimado á duas muletas, coberto de andrajos?

—Um infeliz á quem a deformidade priva de ganhar a vida e obriga a mendigar.

—Hontem não era assim. Era um homem robusto e perfeito; foi um bravo; inutilisou-se derramando seu sangue na defeza de sua patria.

—E a patria em signal de agradecimento o manda tirar esmola se não quizer morrer de fome!.....

—Aquelle homem chama-se José Plinio de Oliveira; foi praça de cavallaria de policia n'esta provincia; vio-o muitas vezes servindo nas ordens em palacio. Rompendo a guerra do Paraguay, passou para a fileira e marchou no seu batalhão para a campanha. Tomou parte em diversos combates; foi baleado em uma das coixas e contuso na outra perna. Regressando a sua terra requereu a gratificação dos 300$ rs. que o decreto convocando voluntarios offerecia; negaram-lhe... promettendo-se-lhe que seria reformado e teria uma pensão. Nada lhe deram, apezar dos incansaveis esforços que empregou. O pobre soldado que dera gloria a sua patria, porque ja não tinha serventia, foi esquecido e desprezado.

Entretanto seus padecimentos aggravaram-se consideravelmente. Sem meios, reccorreu ao hospital de charidade publica, d'onde foi despedido peior do que entrou.

Tornou-se paralitico e as carnes da perna contusa cahiram deixando o osso nù.

—Que desgraça! Nem ao menos o hospital militar para tratal-o...

—Sem ter o que comer, nem possibilidade de trabalhar, eil-o sustido por aquelles dous pedaços de pau, com as mãos estendidas implorando um pedaço de pão para não morrer á mingoa!

—Vergonha das vergonhas!

Oh! si aquelle homem magoado por tanta ingratidão, amaldiçoar a hora em que se sacrificou defendendo a honra de seu paiz, ninguem tem o direito de lhe levar a mal.

—E' a sorte dos voluntarios!

Muita razão teve quem disse—«Voluntarios da patria, não choreis todas as vossas lagrimas pelas ossadas dos companheiros que se finaram nessa funebre necropole do Paraguay, longe da familia.

«Voluntarios da patria, reservae dessas lagrimas, as mais amargas, para chorardes no dia da fome e da miseria, que vos aguarda como premio!»

—O conselho da sociedade *Monte-Pio dos Artifices* solemnisou no domingo, segundo estava annunciado, o 38.º anniversario da installação desta instituição.

—Faça-me a descripção desses festejos.

—Na porta do edificio havia um arco de folhas tendo em cima dous pavilhões nacionaes; as janellas estavam ornadas de bandeiras e colxas, tremulando no centro, em um mastro, uma grande bandeira tambem nacional.

A sala das sessões estava esplendidamente decorada.

O altar da Padroeira da sociedade esteve ornado com toda decencia religiosa.

No centro da sala, defronte do altar, estava a effigie de S. M. o imperador, em um logar para isso elegantemente preparado.

Celebrou a missa á Padroeira da sociedade

o Revm. conego cura João José de Miranda.

Finda a missa, o afamado monge benedictino-voluntario da patria, pregador imperial, frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, bastante conhecido pelo seu talento oratorio, pronunciou de improviso um eloquente, brilhante e inspirado discurso historico.

As principaes cadeiras foram occupadas, por não terem comparecido as authoridades, pelos Srs. conselheiro Manuel Ladislau Aranha Dantas e padre-mestre frei Carneiro.

Depois dos vivas do estylo, o presidente da sociedade leu o seu relatorio e o relator da commissão de contas o seu parecer.

Felicitaram a sociedade em discursos:—pela sociedade Medico-Pharmaceutica de beneficencia mutua, o Sr. Dr. Antonio Mariano do Bomfim; pela do Amparo dos Desvalidos, o Sr. Severiano Pedro da Silva; e pela Associação Typographica Bahiana, o Sr. Joaquim Cassiano Hyppolito.

Agradeceu as commissões de felicitações, na qualidade de socio honorario da mesma instituição, o Revm. frei Carneiro, em um bem elaborado discurso.

A distincta banda de musica de policia, sob a direcção do seu digno professor Joaquim Pedro, executou diversas peças do seu repertorio.

—Foi um magnifico festim!

—Concluida a sessão magna, procedeu se a eleição para o novo conselho e commissão de contas, cujo resultado foi o seguinte:

Conselho.

Aristides Ricardo de Sant'Anna (reeleito).
Joaquim Cassiano Hyppolito (idem).
Miguel dos Anjos d'Almeida Villarouca.
João Evangelista de Araujo (reeleito).
José Duarte dos Santos Bahia (idem).
Eustaquio F. Vieira Guimarães (idem).
Joaquim de Carvalho Lima idem).
Lucio Casimiro da Fonseca.
Manuel Ignacio Ladêsma.

Commissão de contas.

Filinto Elysio Pinheiro (reeleito).
Vicente Ferreira de Campos (idem).
Constancio Antonio Alves.

—Temos tribunaes inglezes nesta terra?

—Ora não se dê a desfructe!

—E' que, dizem, o superintendente da estrada de ferro, prende por sua conta e risco, não a seus patricios, mas a nacionaes, e eleva seu poder descricionario a maior altura do que as authoridades brasileiras, por que decreta logo o tempo da prisão sem previo julgamento.

—São fabulas!

—A razão que eu tenho para crer é a coincidencia de ser achado na Calçada este papel.

—Leia.

—Vou fazer isso mesmo.

«Sr. chefe de estação—Calçada.

«O trabalhador João D. Correia preso pelo chefe do trem especial, fique preso até amanhan. 1 de janeiro de 1871.—J. M.

—Logo dia de Anno Bom!

—Está claro que alem das authoridades constituidas pela lei, temos mais a obedecer a esse novo poder judiciario da terra dos nevoeiros.

—Martiniana Maria de Jesus, é uma rapariga de costumes um pouco livres.

Sua casa ao Maciel é um ninho onde á noite costuma repousar o deboche, e o summo da parreira recebe ahi frementes oblações.

Foi em uma dessas expansões, no domingo á noite, que turrando com seu amante, o ex-voluntario João Raymundo de Macedo, rapaz, aliás, de indole *condescendente,* deu-lhe algumas navalhadas recebendo em remuneração um ferimento na cabeça.

Este par bellicoso acha-se em tratamento no hospital de charidade, e indubitavelmente quando restabelecido irá convalescer na chacara do Custodio.

—E' preciso chamar a attenção da authoridade competente para um certo estrangeiro, norte-americano de nação, que todas as noites no Campo Grande, abalroa os transeuntes e quer obrigal os a utilisarem-se de seus prestimos.

O tal yanke tem uma mania bem extravagante!

Encasquetou-se-lhe na mente de que elle pode ser conductor de qualquer pessoa que queira ir viajar os Paizes Baixos; mas como nem todos tem disposição de aturar uma disparatada exigencia, cuja insistencia tem a propriedade de purgante, será bom fazel-o não continuar

—E no caso de persistir na sua importuna exquisitice, mandal-o para logar solitario onde só viva entre bichos ferozes, como *onças,* etc.

—Os larapios não perdem vasa!

Em todos os festejos, quer publicos quer particulares, apparece sempre um facto da companhia do *olho vivo* para registrar-se.

—Algum roubo que se deu no domingo, nos diversos festejos que houveram, não?

—E' verdade.

Foram á sociedade *Monte Pio dos Artifices*

e levaram duas mangas de vidro das que serviam na illuminação da loja da mesma sociedade, nos festejos de seu anniversario.

—O Sr. cassuou comigo, eim!

—Como? padre-mestre.

—Pois dar-me 2$ rs. pela missa? Uma ridicularia.

—E' pouco por uma missa resada?

—Deixe estar que ainda ha de haver uma tabella.

—Tanto melhor; ao menos cada um saberá o preço porque deve comprar a mercadoria.

—Chegou V. Revma. a capella de *Santa Illustre* e em menos de 30 minutos alinhavou 2$ rs., hoje segunda-feira 2, e acha pouco!

—Si ha abuso mais inqualificavel avalie por aqui.

São oito horas e meia da noite; os carros da companhia de Vehiculos estacionam na praça do Commercio; vende-se cada passagem a 250 rs., o trem enche-se e parte.

Em caminho, dão nove horas; param os *bonds* e obriga-se cada passageiro a pagar mais uma passagem ou a sahir!

—Nem diga isso que é uma surpreza impropria da companhia.

—Ora está! Foi no sabbado, meu senhorzinho.

—Como se fazem estas cousas!

E uma exigencia forçada; é illudir ao publico, mofar da opinião.

—Si fosse em uma terra onde a policia tivesse acção, a companhia seria obrigada a conduzir os passageiros pelo preço que os recebeu, e talvez não se animasse a fazer tão desarrasoada imposição.

—Na verdade nem ganhadeiras.

Estas depois que ajustam, não alteram mais o preço.

—A companhia se compromette com o publico de fazer o seu trajecto da praça do Commercio a baixa do Bomfim por certa quantia; com que direito no meio da viagem altera o preço e exige o valor de mais uma passagem em mais de meio caminho?

—E é a companhia que se propoz a vir acabar com as irregularidades e abusos que commettiam os Arianis.

—Ha um geral clamor.

—Por causa da carestia e má qualidade da carne?

—Creio que cousa peior.

—Não atino.

—Nas vendas não recebem as moedas de dez reis de cunho antigo.

—Porque a companhia do Queimado, tambem não quer receber.

—E' um flagello; essa moeda gira somente na mão de gente pobre; havendo recusa em recebel-a, ha atropello e difficuldades.

—Eu não posso comprehender essas cousas; o dinheiro não está recolhido, é moeda legal e não a querem tomar, soffrendo com isso a população.

—Entretanto os vales de *uma sôpa* e outros, se consente que tenham curso extraordinario.

—Causando tambem prejuizos por que aquelles que os emittem so os resgatam fazendo-se despeza.

—Boa especulação!

—Mas se a policia consente.

A PEDIDO

Discurso

proferido no anniversario da sociedade Monte-Pio dos Artifices pelo relator da commissão de felicitação da sociedade Medico Pharmaceutica de beneficencia mutua.

Srs. da sociedade Monte-Pio dos Artifices.

—Com o maior jubilo acceitou a sociedade Medico-Pharmaceutica de beneficencia o convite com que a honrastes para assistir hoje a vossa reunião anniversaria.

Tendo por base sentimentos tão nobres e tão humanitarios, como aquelles que vos servem de guia, não pode a sociedade Medico-Pharmaceutica deixar de comprazer-se e congratular-se comvosco por ver que proseguis de um modo tão meritorio na senda que trilhaes.

Em verdade, Srs., nenhuma ideia pode haver mais grandiosa, mais fecunda, do que aquella com que os homens dedicados ás sciencias, ou ás industrias e profissões uteis alentam e animam o desenvolvimento d'ellas, perseverando no trabalho, e ao mesmo tempo preenchendo um fim tão elevado e tão sublime como o da beneficencia e da caridade mutua.

Que digno quadro, Srs., offereceis ao mundo! Emquanto na velha Europa vemos os progressos humanitarios, perturbados em sua marcha grandiosa, cederem o passo aos elementos de destruição; emquanto os homens ali empregam todos os recursos, todas as forças do corpo e do espirito em aniquilarem os seus semelhantes; emquanto para satisfazerem os caprichos dos reis ambiciosos trôam os ares com o ribombar dos canhões, toldam a athmosphera com o espesso fumo das bombardeiras, e embebem a terra com o sangue dos que se fizeram soldados; aqui reunidos

neste recinto, n'este canto do nosso abençoado paiz, n'esta grande America affeita aos dictames da liberdade, predestinada aos mais gloriosos successos na historia do espirito humano; aqui no regaço da paz e da virtude que tanto ennobrece o cidadão, empregaes a vossa intelligencia, o vosso trabalho, os vossos modestos recursos, não para a destruição, mas para a elevação e para o engrandecimento do homem.

Continuae, Srs., no vosso nobilissimo empenho, e dignae-vos receber os emboras, os parabens sinceros que da nossa parte e em nome da sociedade Medico-Pharmaceutica de beneficencia temos a honra de vos dirigir.

Bahia 8 de janeiro de 1871.

Dr. *Antonio Mariano do Bomfim.*
Dr. *José Ignacio d'Oliveira.*

Exm. capitão.—Tenho a honra de communicar a V. Ex. que hontem 1°. de janeiro, as 8 horas, o immediato d'esse navio foi encontrado tomando seu *codorio* na porta do Christovão, ao Poço de Itapagipe; constando-me alem d'isto que antes já tinha tomado uma *muafa* no alambique do Carias; para que pois V. Ex. o chame a ordem, venho dar-lhe a competente parte.

Deus guarde a V. Ex.
O rondante.

—Padre, seja *franco,* a quem se refere aquelle dito de bode-negro?

—Ao *Jorge.*

—Ah!... eu julguei que foi a áquelle prejudicado caixeiro que no desembolso de 18$ rs., para recebel-os foi preciso sujeitar-se a imposição de abater 8$ rs.

—Isso não; era velhacada e tratantada.

—Mas fique certo que para cada um procurar o que é seu não é preciso que alguem lhe ensine, e portanto não foi o companheiro do rapaz quem o aconselhou a que mandasse receber os cobres que V. Revma. devia.

—E' verdade; mas o Sr. bem sabe que quem não tem vontade de pagar procura uma desculpa.

—Ah! então diga-me isso.

—Sr. Antonio Ferminio, mais segurança na lingoa! Fallando assim de tudo e de todos, pode lhe sahir azedo.

Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna.

Leva-se ao conhecimento de S. S. que o sapateiro de nome Eduardo, depois de reprehendido pelo facto de pôr-se nú, de maneira que fosse visto por uma moça donzella que mora defronte de sua casa, entendeu descompôr a mãe da referida moça, chegando o seu arrojo ao ponto de querer espancal-a; o que ainda mais aggrava o seu delicto; tanto mais quando elle no dia em que foi reprehendido por S. S., dirigiu-se a casa do Sr. Joaquim de Carvalho Lima e prometteu, não contender mais com a mencionada moça.

Em vista d'isso, pedimos a S. S. que providencie de forma a fazel-o conter-se.

ANNUNCIOS.

O CAFÉ
LES DEUX AMIS
AO LARGO DO THEATRO

VENDE:

Vinho fino.
Dito Bordeaux, Figueira e Porto.
Extrait de Absinthe.
Bitter e Vermouth.
Calda de cajú e groselle.
Agoa: Americana e Selthz.
Genebra aromathisada.
Vinho Champanhe.
Cerveja ingleza e nacional.
Agoa de Felippe.
Licores finos.
Vellas de spermacet.
Conservas e ervilhas portuguezas.
Charutos de fabricantes da provincia.
Chocolate fino
Biscoitos inglezes.
Cigarros do Rio de Janeiro.
Molho inglez.
Phosphoros de cera e segurança.
Cartas russas e francezas.
Carteiras de segredo.
Papel e enveloppes.
E diversos artigos de miudezas por metade do seu valor para liquidar.

Na ladeira de S. Roque, 2°. portão á direita quem sobe, precisa-se de lavadeiras e engomadeiras; paga-se bem.

Aos apaixonados.

Breve sahirá a luz a nova modinha intitulada—*Os dous anjos*—logo que estejam promptas indicar-se-ha os pontos onde será exposta á venda.

O proprietario da loja n. 51, ao entrar na rua de Baixo de S. Bento, roga a todos, que tem conta na mesma á virem saldal-a até o dia 1 de fevereiro vindouro, do contrario verão seus nomes nas columnas de diversos jornaes.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chisteso

SERIE 7.ª SABBADO 14 DE JANEIRO. Ns. 740—744.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 13 de janeiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo lhe que, para evitar algum sinistro que se tenhà depois a lamentar, não consinta que no domingo do Senhor do Bomfim, o va por da companhia de Vehiculos puche os *bonds* por dentro da cidade, como o fez na quinta-feira, em vista das estreitas ruas por que tem de passar; estando o referido vapor com falta de nma peça na machina, o que pode arrebentar de uma hora para outra.

Em vista das razões acima apresentadas, espera-se que S. S. dê as providencias precisas, evitando assim alguma desgraça que por ventura possa acontecer.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe em nome do respeito que se deve guardar aos recintos sagrados, que mande dispersar um ajuntamento de rapazes libertinos, certos em assentarem se á noite no adro de S. Francisco, do lado da portaria, os quaes não só faltam com o acatamento ao logar, como offendem a honestidade publica.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, chamando sua attenção, para as scenas de devassidão que se dão á noite no portão do Tororó, postas em pratica por duas destabanadas mulheres uma de nome Maria José e outra conhecida por *Dosa*.

Essas antagonistas da decencia e do socego, são causa de toda sorte de escandalos praticados no referido logar. Pede se por tanto a S. S. uma medida que as faça conter.

—O francez Pierre e o italiano Garreline, aportaram á esta terra no mesmo transporte, terça feira.

Achando porém Garreline que a bagagem de seu companheiro de viagem era por demais pesada para aquelle, tomou a si o cuidado de alivial-o, e effectivamente fez ablaticio de partida com a mala do outro.

—Não ha logar onde essa maldita gente não se introduza para seus fins.

—Queixas umas em cima das outras contra os moradores desta casa!

—São estudantes; gente da pelle.

—Não tenho nada com isso. O estudante pode ser folgasão, divertido, sem offender a moral, nem prejudicar aos circumstantes.

Fazem todo despejo de casa para a rua e guardam a trampa enrolada em papeis para atirar sobre quem passa.

—E' um procedimento indigno.

—E que pode acarretar graves consequencias.

Na terça-feira á tarte atiraram uma garrafa sobre um crioulo de nome Manoel Francisco.

—Dá-se que precepicio!

—O morador do andar debaixo viu-se obrigado a mudar-se para evitar algum caso desagradavel; a visinhança é unanime em queixar-se.

—Desta sorte está o becco do Seminario intrasitavel.

—Não; si o subdelegado quizer pode mandar admoestal os e estou certo que elles se conterão.

—Que mal fez este pobre povo ao Sr. Antoninho da limpeza?

—Porque?

—Pois o homem não quer matar a gente asphyxiada?

—Cassuada!

—Amontôa toda especie de immundice na Estrada Nova, nos fundos do convento de S. Francisco, e ataca fogo!

—Boa maneira de comer o suor do povo!

—A exhalação que desprende essa fogueira de materias putridas é insuportavel, o fumo pestifero suffoca os moradores da rua da Ordem 3.ª, ladeiras da Prata e de S. Francisco. Nas casas fecham-se as janellas mas é debalde.

—O fiscal o que faz?

—Qual é o fiscal que se atreve a intro-

metter-se com a limpeza da cidade, uma empreza, que na Bahia tem mais garantia do que em Londres a congregação das missões evangelicas?

—Esta terra está podre de corrupção!...

Infringe-se audazmente as condições da hygiene, põe-se em perigo a salubridade publica, zomba-se da opinião, sorve-se o dinheiro do povo com um contracto que é calcado, e a tudo isso fecha-se os olhos porque é praticado por uma empreza que pela festa recebe festas!

—V. me diz uma cousa que lhe vou perguntar?

—Si souber.

—O thesoureiro do Sr. do Bomfim não é quem marca o logar das feiras?

—E'; e sempre procura a marcação de maneira que ellas fiquem em um só alinhamento.

E como é que a feira do Sr. Sobral ficou na frente das outras?

—Não sei; talvez que por contemplações!

—Quem seria a fera humana que teve coração de atirar fóra esta creancinha.

—Alguma mãe ação, sem duvida.

—Parece que a malfadada foi abandonada gozando do sopro da vida, porque conserva ainda um resto de calor vital.

—Oh! Deus do ceu!.....

—Envolvida em uns trapos atiram o corpo da tenra e innocente creatura aqui no Cruzeiro!

—A semana passada deitaram na praça uma criança viva que, foi achada pela patrulha.

—Quando as mães desfazem-se dos filhos por meios tão barbaros e desnaturados, pode-se affirmar que, a depravação dos costumes tem chegado a ultima escala.

—Isto é um desaforo inqualificavel!

—O que foi?

—Não ha mais logar nos *bonds* para os passageiros que estão aqui ha muito tempo, e no emtanto que o Sr. Dr. Luiz Alvares que chegou agora, o Sr. João Ignacio foi arranjar-lhe logar, sendo preciso para isso deitar para fóra um passageiro.

—Eu no caso do passageiro, já tendo dado o meu bilhete, não sahia.

—Esta companhia da *machambomba* é uma perfeita *droga!*

—Que motivo prende a curiosidade publica alli?

—Foi um inglez que com uma bofetada estendeu a mulher na rua.

—O' gentes! Nada mais inconveniente.

—Nem se pode admittir o principio de que cada um tem o direito de exemplar sua casa, porque elle não mora aqui no meio da rua Nova do Commercio.

—Quem é elle?

—Estão dizendo que é o machinista do *Penedo*; mais eu não garanto.

—Esbofetear uma senhora publicamente! Que acção triste.

—Ainda dado que. elle tenha *suas rasões* para zangar-se, o logar não é proprio para a correcção.

—O subdelegado da Penha entendeu que, a maior parte das turbulencias são devidas as excessivas libações espirituosas, que a noite fazem os amantes da *giribita*.

—Creio que com carradas de razão.

—E como, tirada a causada cessa o effeito, para prevenil-os, prohibiu que no districto de sua jurisdicção, as tavernas se conservassem abertas além do toque de recolher.

Uns dous taverneiros em revendita, assentaram de burlar a ordem da authoridade.

Para tal fim, dirigem-se ao delegado e lhe requerem uma ordem para terem as vendas abertas á noite, o que foi facilmente concedido; sem mais satisfas, continuaram elles, nas barbas do subdelegado, a praticar aquillo que tinha sido prohibido como uma medida preventiva.

—Ah, bem vê que onde está o maior cessa o menor.

—Mas ou bem que sejamos ou bem que não o sejamos.

—No *bond* que sahiu do Bomfim para a cidade, na quinta-feira ás 11 horas da noite, os passageiros vieram fumando.

—Eu entendo que a companhia devia mandar ás 11 horas aquelles *bonds* todos abertos, onde ha licença para os passageiros fumarem, afim de que elles não desmoralisem os caixeiros.

—A companhia de ha muito que já se acha desmoralisada.

—Capitão, aprecie esta.

—Temos obra.

—Si a minha presença o incommoda, retiro-me.

—Fique, e diga ao que vem.

—O Sr. Nicolau Joaquim Dias, entregou ao bilheteiro da companhia de Vehiculos para guardar algumas varas de brim branco n. 4, e havendo-se esquecido de tomal-as quando saltou, mandou no dia immediato um porta

dor buscal-as; mas teve em resposta que o brim havia desapparecido.

—Bonito!

—Quando se deu este facto?

—Em um dos dias da semana passada.

—Eu não digo que fosse o bilheteiro que por machavelismo ficasse com elle, pois o considero um moço bastante honrado, mas admira que n'aquella companhia haja homens do *olho-vivo*.

—Quando voltou da lavagem?

—Hontem mesmo.

—Admira! V. apologista da patuscada não sei como não se aboletou por lá.

—Ah, a cousa desta vez não me quadrou; houve muita concurrencia, porem pouca animação.

—A respeito de creoulas e sambas?

—Essa parte compete ao aspirante, que já a está formulando para apresentar a V. Ex.

Desordens e desgraças houveram de sobra.

Vi uma mulher querendo despojar outra do fato que trajava, por ter reconhecido nella uma roupa, que ha tempos, estendera á corar no largo de Santo Antonio e cuja roupa lhe desapparecera. Si bem que não podesse realisar a operação por ser difficultosa, comtudo contentou-se em arrebatar da cabeca da outra o lenço que dizia ser seu.

—Ora, si isto se dá tinha-se de ver *boas cousas!*

—O *bond* de nome *Avahy* passou por sobre uma infeliz mulher na viagem das 7 e 20 da noite, no Xixi.

—Santo Deus!

—Em Agoa de Meninos deu-se outro desgraçado successo. Foi o de ter passado um wagon sobre as pernas de um homem, o qual foi conduzido ao hospital de charidade debaixo de cruciantes dores que, lhe arrancavam gemidos de consternar.

—Não ha gostos perfeitos nesta vida!

—Tambem um passageiro ao desembarcar levou sobre os peitos o embate da lança de um *wagon* que o prostrou sem sentidos, e diz o *Jornal* que uma criança partiu as pernas.

—Nisto vê-se a ordem natural das cousas neste mundo!

A par do progresso e melhoramento que trouxe á esta terra o systema de viação por linhas ferreas, ha a lamentar-se de quando em vez essas desgraças.

—Para as quaes concorrem de um lado a temeridade e imprudencia, de outro o deleixo, a desidia.

—Os ladrões cuidaram que fizeram um bonito arranjo e enganaram-se.

—Conte-me essa gamada.

—No deposito da fabrica Dous de Julho havia um soberbo côco de estanho, de tirar agua, cuja alvura fascinou as vistas dos rapinas que se illudiram com o objecto, julgando ser prata.

Em uma bella noite quebraram o gradil de ferro de uma janella, estenderam a mão e safaram o desejado côco.

—E' provavel que estejam já convencidos que o objecto surripiado não compensou o trabalho que tiveram e o risco que correram.

—Mas ha cousas verdadeiramente extraordinarias! Pois uma guarda ali, á dous passos, e não viu os ladrões quando arrombaram a grade!

—Que admiração!... Cegos são tôdos que não querem ver.

A PEDIDO

Duas palavras

proferidas de improviso no anniversario da sociedade Monte-Pio dos Artifices pelo 1.º secretario da Associação Typographica Bahiana.

Senhores do Monte-Pio dos Artifices.—A Associação Typographica Bahiana, representada por seu humilde e obscuro orgão, felicita-vos pelo feliz e glorioso 38.º anniversario da fundação da vossa sociedade.

Apostolos da arte divina—a imprensa—trilho de ferro do pensamento humano, na phrase do Sr. Victor Hugo, alavanca do progresso, labaro sagrado dos direitos do povo, não podia essa modesta communhão de artistas ficar indifferente a vossa festa, antes mentiria sua origem, si, recebendo o vosso honroso convite, deixasse hoje de vir congratular-se comvosco pela recordação da data historica e memoravel de 16 de dezembro do 1832, dia em que tivestes o elevado e sublime pensamento de inaugurardes a vossa sociedade.

Senhores! A Associação Typographica Bahiana, si bem que ainda não esteja devidamente organisada, comtudo apressou-se em vir dar-vos o osculo da alliança, porque unidos como somos pelos laços indesataveis do trabalho, afeitos ás privações, e tendendo para o fim identico ao vosso, o cumprimento do preceito—*Amai-vos uns aos outros*—lhe é grato por todas as formas ter sempre occasião de manifestar seus sentimentos de estima, respeito e amisade á aquelles que consagram parte de sua existencia no exercicio da primeira das virtudes—a caridade.

Obreiros do santo edificio da caridade—avante!

Atravessai de cabeça erguida por entre a

turba dos indifferentes e egoistas, para quem todos os grandes commettimentos são *utopias,* como outr'ora Moysés passou o Mar Vermelho em demanda da terra da promissão.

Não desacoroçoeis—porque os votos do reconhecimento dos que soffrem e precisam se elevam até os ouvidos do Eterno, que nunca esquecido ás recompensas promettidas *á simples esmola de um copo de agua fria,* vos retribuirá com usura todos os sacrificios que fizerdes por uma tão santa causa.

União e perseverança—seja sempre o motte que vos guie no caminho do porvir.

São estes, senhores do Monte-Pio dos Artifices, os votos que faz a vossa co-irman, a Associação Typographica Bahiana.

Bahia 8 de janeiro de 1871.

Joaquim Cassiano Hyppolito.

—O *Mais-cousa* é visto todas as noites rondando a porta da mãe de sua victima.

O que pretenderá ainda esse lubrico? Corvo de especie humana, já não saciou seu torpe e nefando apetite? Não cobriu de deshonra uma tenra creança; não lhe maculou a vida inteira, arrancando lhe com garras de abutre o que demais precioso possuia?

Oh! que homem impudico!...

Não veem o descaro e ar impavido com que elle se apresenta no logar, onde de cabeça curvada, devia se envergonhar do acto infame que commetteu?

Outro homem que não elle, somente pelo simples facto de ser accusado de acção tão negra, como o de estuprar uma creança, coraria á vista de um auditorio numeroso que o encara e a innocente victima de sua brutal carnalidade.

Mas elle ahi mesmo é que com impavidez revoltante parece querer inculcar impunidade e ostentar protecção.....

Paes de familia! Olhae com horror para esse monstro. O homem que teve a proterva audacia de forçar uma timida menina e que deante della, no publico, não se compunge aos olhares de uma população que o vê com asco; é capaz de tudo quanto é hediondo..... tem immergida a alma nas profundezas do vicio.

E como se insulta a desgraça! Como se escarnece do infortunio!

Quanto labeu infamante lançado sobre uma infeliz menina cujo sexo e idade, devia inspirar a compaixão de ser poupada a presencear scenas tão degradantes para ella.

—Capitão, um projecto de lei.

—Não estou em assembléa; mas para não lhe descontentar, apresente.

—Art. Nenhum thesoureiro, de qualquer devoção, irmandade, etc., poderá servir em reeleição, sem que tenha prestado contas do primeiro anno de sua thesouraria, approvadas pela authoridade competente.

—Muito bem; porem a que vem isto?

—Vem, porque ha confrarias que tem a receita, por exemplo, de 20:000$ rs., mais ou menos; o individuo que occupa o logar tem as ruas, o dia e a noite; no primeiro anno roda o cujo com a quantia de 20:000$ rs. para occorrer as despezas da casa; si faz alguns ridiculos reparos já a receita não chega, tem por conseguinte o tropiante um saldo de dous, tres, e mais contos; e as confrarias sempre devedoras aos taes magicos.

—Homem, V. falla no geral?

—Não, capitão, porque ainda temos na sociedade homens, que pelos seus actos dão provas de caracter serio e honesto; estes apenas occupam os logares, por suas devoções e gastam do seu.

Ha cujos que ficam reeleitos, por não acharem pessoas que os substituam na santa thesouraria.

—Então estes só são capazes?

—Parece, no sentido dos taes.

Uma confraria tem a receita de 16:000$ rs., por tres annos são 48:000$ rs., para tapar alguma brexa do cofre, formula-se a conta mais ou menos assim:

Despendido com ordenados, tanto; guizamento, 3:562$722; roupa lavada e engommada, 685$145 rs.; concerto nas fechaduras e novos espelhos, 1:145$ rs.; cordas para os sinos, 62$ rs. E tudo mais por diante.

—Tem muita razão, vou pensar a respeito. Basta isto, ha masso.

—Isso acontece por ser aqui na estrada da Graça.

—Na cidade mesmo eu vejo se fazer cousa egual.

—Como é que um homem encontra uma mulher trazendo ás costas uma criança e dá-lhe com o chicote sem esta o offender!

—Está no *pifão*, desculpe.

—Quem toma suas monas vá cosinhar.

—Ora deixe lá; as boas e as más ficam com seu dono.

—Não me diga isso, Sr. Sancho.

—Na ordem natural, cada sexo tem sua especialidade, sua missão, seu attributo.

Assim, á mulher pertence cuidar da economia domestica, temperar as couves, remendar as ceroulas, amamentar os meninos, emfim, ser a companheira fiel do homem; em quanto este tem obrigação de cuidar nos

meios de prover a subsistencia e ser o arrimo do sexo fragil.

Mas o Sr. *Precisão* entende em sua cachola de inverter a essencia das cousas e quer por força fazer aquillo que pertence as mulheres...

Dá-se que birra!

—De sorte que o Sr. Precisão é uma anomalia de sua especie.

—E' verdade; mas como o homem tem o nome de *Precisão*, talvez faça tudo isso somente por *precisão*.

Um coração de vapor.

.....a moça namoradeira é em regra a que mais difficilmente consegue conquistar um noivo. (MACEDO.—Victimas algozes.)

Mentindo passa esta vida,
Sem nunca provar amor,
A dama que tem no peito
—Um coração de vapor.—

Dizendo a todos que ama,
Com santo e grande fervor,
Sem amor nunca provar
—Um coração de vapor.—

Ama na corte o pelintra,
Na roça o pobre pastor,
E por fim a todos ama
—Um coração de vapor.—

Vai passando pela rua,
Moço com ar de doutor,
Eis lança os olhos p'ra elle
—Um coração de vapor.—

Namora o velho mui feio,
Chamando-o terna de flor,
Fazendo piegas mais
—Um coração de vapor.—

Na porta o terno caxeiro,
Est'a fita-la co'amor:
Passa outro, já suspira
—Um coração de vapor.—

Sempre a vereis na janella,
A fingir medonha dor,
Lançando olhares a tôa
—Um coração de vapor.—

No baile! ah! meus senhores!
Merrimack! sim senhor!
Acommoda quanto existe
—Um coração de vapor.—

Namorando sem ventura,
Vem a velhice, que horror!
Alfim eis "tia" no canto
—Um coração de vapor.—

Borboleta que esvoaça,
Sem parar de flor em flor,
E por fim morre exangue
—Um coração de vapor.—

Assim não queiras, ó bellas,
Passar pelo dissabor,
De te dizerem que tens
—Um coração de vapor;—

Que não achastes um noivo,
Por não poder ter amor,
Quem atroz no peito encerra
—Um coração de vapor.—

J. C. T. J.

Mangaratiba, 1869.

Na tarde de 11 do passado, achando-me na praça de D. Izabel, fui, sem o esperar, aggredido com palavras offensivas por Paulo Pedro da Silva.

Procurei o recurso legal e obtive a condemnação do mesmo a tres mezes de prisão e mulcta correspondente a metade do tempo por sentença da subdelegacia de Sant'Anna.

N'este pé, o Sr. Paulo recorrendo a intervenção de muitas pessoas de minha amizade, dirige-me uma carta na qual retrata-se, confessa-se arrependido e appella para minha benevolencia, carta essa que se acha appensa aos autos.

Não me comprazendo o soffrimento de ninguem, principalmente de um homem pobre como eu, e de mais cheio de filhos, sendo meu fim unicamente fazer respeitar o meu direito, renunciei a toda a acção que me confere a lei, perdoando ao referido Sr. a pena que lhe foi imposta, desejando unicamente que a experiencia lhe aproveite.

Bahia 12 de janeiro de 1871.

J. M. de Souza.

—V. gosta de fructas peccas.

—Fazem indigestão.

—Como não gosta, o caso é outro.

Aquelle *fashionable*, reclinado em seu divân, todo pendido para o lado da cuja, apregoa a pureza de costumes da mesma. Olhe para baixo da meza.....

—Muito natural; quer por obras confirmar o que affirma por palavras.

—Honestidade.....

—*Por tel-a* muita gente em demasia, é que o mundo anda tão empanzinado della.

A certo avarento.

SONETO.

Maldito seja, seja excommungado,
Aquelle horrendo misero jarreta,
Que cheia de dobrões tendo a gaveta
Nem um real somente ha emprestado!

Permitta o ceu que a moça e o creado
Algum furto lhe façam com tal trêta,

Que o miserrimo vil como escopêta,
Arrebente de estouro exasperado.

Veja emfim por castigo derradeiro,
Quando estiver já quasi moribundo,
A festa que se faz ao seu dinheiro.

E padecendo as penas do profundo,
O diabo lhe conte como o herdeiro,
Vae esbanjando os cobres cá no mundo.

Sr. *X.*—Sua segunda carta foi entregue hoje 13 de janeiro e lida em presença do carteiro que a trouxe. Quanto a primeira, meu charo, parece que evaporou-se. Mandou-se ver no correio e não deram solução. O melhor meio de corresponder-se é deitando por baixo da porta.

—Acção mesmo de gallego!

Metteu o infimo bruto as mãos no caixeirinho, e o atirou no meio da rua!

—O que deve dar o burro sinão couces?

E é seu patricio, quanto mais si o não fôra!

—O atrevimento deste lapuz só hade ser abaixado, quando o muxingueiro lhe escovar as bitaculas até elle implorar a intercessão de S. *José*.

—Ou então fazer-lhe *das costas* bigorna de algum *ferreiro*, para elle saber si é bom atirar á rua n'esta posição um menino!

—Veja na esquina que nome tem essa rua?

—O letreiro está *en-coberto*.

—O numero?

—Lembre-se dos annos de Christo.

Pede-se ao Sr. *Frouxo* sub-arrenegado em certa freguezia, cujo districto não é o *primeiro* que fica á beira dos *mares*, o favor de declarar onde existe a menina Virginia, orphan, de cuja desgraça é S. m. o unico author, assim como o é de muitas outras, entrando neste numero uma que morava no *Circulo da fortuna*. S. m. deve dar uma explicação sobre o destino dessa desditosa menina, cuja deshonra cavou.

Não pense que é desconhecido aquelle tenebroso drama praticado em agosto p. p. por S. m. coadjuvado pelo seu *camarada* ou companheiro *Ze Piroca*, o qual brevemente hade ser communicado a quem pode tomar conhecimento.

A vaidosa.

Mariquinhas foge á sala,
Onde em lisonjas se exalta,
Corre ao seu quarto anciosa,
Quasi aos pulmões ar lhe falta.

Acode a experta creada
A' voz da bella menina,
Indagando a triste causa
Dessa afflicção repentina.

—Ai! Julia!... Julia, que aperto!...
Afrouxa-me este espartilho!...
Eu me suffoco... ai! receio
Expirar *de afogadilho*.

—Sinhásinha está tão linda!...
Mas emfim... dá tantos ais...
—Oh! espera... estou bonita?...
Em tal caso aperta mais.

VARIEDADES.

Duas moças e uma velha.

Lucinda e Aurelia, moças de vinte annos, tinham sido companheiras de collegio, e eram intimas amigas, o que não impedia que fossem ao mesmo tempo rivaes furiosas em campanhas de namoramentos.

Lucinda era muito mais bonita que Aurelia; em compensação porem esta se recommendava por vinte contos de reis de dote, emquanto a outra tinha por unico dote seus bellos olhos azues.

Por ultimo Lucinda havia feito a conquista do mais ardente apaixonado no senhor Manuel de Braga, ex-caixeiro e recente negociante de *retalhos*.

Lucinda já calculava com casamento proximo, quando Manuel de Braga, tendo noticia dos vinte contos de Aurelia, concebeu a esperança de tornar-se, á custa d'elles, negociante de *atacados*, e, sem vergonha nenhuma, mudou o rumo do seu amor e mesmo á vista de Lucinda namorou com Aurelia.

Aurelia zombou da amiga e esta jurou vingar-se.

Lucinda teimava em querer casar com Manuel de Braga, e para dar boa lição a Aurelia e livrar-se da rival, entendeu-se com outra sua amiga, a senhora Bonifacia, a viuva mais feia desta terra, sessenta annos de idade, e sessenta contos de fortuna, um saco velho cheio de dinheiro.

Bonifacia recebeu a confidencia e o empenho de Lucinda, e comprometteu-se a servil-a, obrigando-se primeiro a namorar Manuel de Braga e a roubal-o ao amor de Aurelia; e depois de conseguido isso, convencel-o de que lhe convinha casar com Lucinda,

Em poucos dias Aurelia sentiu mudança nos modos de Manuel de Braga, em poucas semanas foi desprezada por elle.

Manuel de Braga estava doudamente apaixonado por Bonifacia, porque já se imagi-

nava negociante de fundos publicos e director do Banco.

Lucinda, que por sua vez rira muito de Aurelia, correu a Bonifacia, e observou-lhe que era tempo de abrir os olhos de Manael de Braga.

—Oh! disse Bonifacia; elle já os tem sufficientemente abertos: não preciso que os abra mais.

—Então.....

—Dona Lucinda! é verdade que Dona Aurelia tinha rido muito de você?....

—É verdade; mais ainda ha dous dias...

—Você rio-se muito d'ella; sim?...

—Muita....a não poder mais....

—Pois agora chegou a minha vez.

—Como?....

—Rio me de vocês ambas....

Porque?

—Caso-me depois d'amanhã com o Manoel de Braga.

Scena horrivel.

Um periodico de Sevilha relata um horroroso successo, que ha poucos dias teve logar na villa do Castello das Guardas.

Em uma casa de quinta, situada no termo d'aquella villa, vivia uma familia, que agricultava as terras da dita quinta, e que tinha conhecimento com dous conjuges ciganos, á quem dava hospitalidade nas suas expedições por aquelles sitios, onde se occupavam em trocas, compras e vendas de cavallos.

A esposa do lavrador deu á luz uma creançá, e os ciganos offereceram-se para padrinhos.

O offerecimento foi aceito; no dia designado, dirigiram-se os novos compadres para a parochia da villa, e a esposa do lavrador ficou em casa acompanhada da cigana.

Logo que se acharam ambas sós, a cigana puxou de uma pistola, e apontando-a ao peito da comadre, intimidou-a a que entregasse immediatamente quanto dinheiro possuisse, ameaçando-a com a morte, ao primeiro signal de resistencia que fizesse.

Esta com uma rara presença de espirito, indicou a cigana uma arca que havia no quarto immediato, assegurando-a de que alli acharia o dinheiro que reclamava.

A aggressora penetrou no quarto designado, e quando se occupava em dar busca á arca, foi fechada dentro della pela lavradóra, que, attendendo só ao perigo que a rodeava, se levantara do leito sem que a cigana o presentisse. Armada com a espingarda do marido, chegou-se á janella, ameaçando a cigana com um tiro, se intentasse forçar a fechadura da porta, e lançou a vista pelo campo a ver se passava alguem que a auxiliasse em tão apurada situação.

N'este entrementes regressavam os compadres com o menino já baptisado, e tendo encontrado uma patrulha da guarda civil, que seguia o mesmo caminho, encorporaram-se a ella.

O cigano, que levava ao collo o afilhado, receioso do que podesse occorrer ou já tinha occorrido, adiantou-se, sob o pretexto de ir avisar a comadre para que preparasse alguma *cousita*.

Chegando á casa, e vendo a comadre á janella, ordenou-lhe que abrisse a porta sem demora, jurando que si o não fizesse mataria o innocente que levava nos braços.

Aquelle monstro ouvindo uma recusa formal, teve coragem de realisar a infamia com que ameaçava a triste mãe, que cedendo ao maior dos desesperos, disparou sobre elle a espingarda, deixando-o sem vida junto ao cadaver do seu tenro filhinho.

O estrondo do tiro fez accelerar a chegada do marido d'aquella heroina e dos guardas civis, que em breves momentos presenceara na porta da casa o espectaculo do crime e da sua expiação immediata.

A lavradora abriu logo a porta, e disse aos guardas que a cigana estava fechada no mencionado quarto.

Um d'elles subiu immediatamente para se apoderar della; mas inda bem não tinha corrido o ferrolho da porta, quando recebeu no peito a bala da pistola com que estava armada aquella furia.

O outro guarda, vendo o seu companheiro cahido por terra, fez fogo sobre a cigana, que succumbiu sem soltar um grito.

FICAM ELLES RICOS, OU BEMAVENTURADOS?

O bem intencionado, prudente e summamente economico rei da Suecia, Carlos XI, que rigorosamente fiscalisava os reditos de por continuas guerras, exhausto estado, no qual durante seu reinado (desde 1672 até 1697) provocou alli uma nunca vista prosperidade geral, custumava dizer: « Si meus empregados publicos não ficarem bemaventurados, ao menos não ficarão ricos.»

Ficaram os fornecedores e muitos dos que estiveram empregados na desastrosa guerra do Paraguay, que exhauriu o thesouro e muito endividado deixou o paiz, *bemaventurados* ou *ricos*? Responda quem o sabe.

O ESCRAVO FUGIDO.

Seneca Junios, conta no capitulo 8.º de seu admiravel tratado « *De animi tranquillitate*»

(da quietação do espirito) que o philosopho *Diogenes*, tinha um escravo, chamado *Manes*. Quando este um dia fugiu e avisaram a seu senhor do logar para onde tinha recolhido-se, afim de que o buscasse, respondeu o philosopho com sua flengma vulgar: «Quando Manes pode viver sem mim, seria uma vergonha si eu não pudesse viver sem elle.»

Pensarão muitos de nossos senhores de escravos como *Diogenes*, quando o muito lustroso não remoto dia raiar, em que a escravidão tambem aqui, como na esclarecida terra de Washington e Franklin ficar abolida para a gloria e o timbre do Brasil e da illustração do seculo XIX???

—Senhor! Não se passa por diante d'uma Senhora encommodando-a; é mostrar que não tem educação.

—Tenho sim Sr., e muita.

—Então porque a não usa?

—Porque usando a, gasta-se e eu quero ter muita educação.

Aturem-o, si são capazes.

O amor da mulher não existe sem o temor, quer ella ame physicamente aquelle de quem tem medo, quer ella tenha medo de tudo por aquelle que ama, medo de desagradar-lhe, de perdel-o, de partilhal-o; o medo é inseparavel do amor na mais altiva como na mais terna: medo de uma muito pesada mão, de um coração muito leviano. Quando este temor não existe mais, o amor da mulher cessa em breve de existir.

—

Aquelles que mais gritam contra a REGRA são quasi sempre os mais indolentes escravos do HABITO.

—

Mirabeau louvava em presença de Siéyés as mortes, bellas sem duvida, mas um tanto theatraes, dos heroes da antiguidade.

—Admiro tambem esses heroes, lhe diz Siéyés; mas um grande orgulho os sustentava; sabiam que os olhares de um povo pesavam sobre elles, e podiam desde então ouvir os elogios da posteridade. Sei de uma morte em que entra talvez ainda maior força d'alma e grandeza: porem com muito mais simplicidade.

—Qual? pergunta Mirabeau.

—E' a morte do pobre soldado que a metralha mutila no campo da batalha, que é lançado em uma carretta cujos salavancos lhe causam horriveis soffrimentos, que é abandonado em um hospital onde não encontra um cirurgião para o curar, um pedaço de panno para fazer parar o sangue, um copo d'agua para estancar a sêde; que vive e morre obscuro, longe dos parentes, longe dos amigos, sem consolação, sem soccorro... e que morre sem queixar se.

—Talvez tenhaes razão, diz Mirabeau.

—Quando se parece um medico com um cavallo?

—Quando tem de sangrar alguem, porque procura *a veia*.

—Que differença ha entre o jogo do solo e a sahida dos noivos da egreja onde se casaram?

—E' que o solo joga-se com feito e nas bodas *jogam-se* confeitos.

ANNUNCIOS.

—Rapazeada, então não se vae no domingo ao Bomfim?

—Pretendemos.

—E aonde pretendem tomar a bella *pinga?*

—No logar mais aprazivel.

—No Poço, não?

—E' verdade; no botequim do Christovão, que é onde vende-se a melhor *pinga*.

—Assim dizem, e nós tencionamos experimentar.

—Sim, façam gasto ao Christovão
Que é um rapaz divertido,
Satisfaz-se quando o freguez
Que lá toma é bem servido.

Aula Primaria.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, declara aos Srs. paes de familia, que a sua aula de primeiras letras, defronte da matriz de S. Pedro, acha-se aberta desde o dia 9 do corrente mez.

Bahia 11 de janeiro de 1871.

—No domingo, o Garibaldi apresentará uma rica mesa redonda, contendo todas as qualidades de eguarias apetitosas

—Rapazeada, ao hotel Garibaldi na Baixa do Bomfim!

—Ao Garibaldi..... ao Garibaldi!.....

Na ladeira de S. Roque, 2°. portão á direita quem sobe, precisa-se de lavadeiras e engomadeiras; paga-se bem.

Aos apaixonados.

Breve sahirá a luz as novas modinhas intituladas —*Os dous anjos*— logo que estejam promptas indicar-se-ha os pontos onde será exposta á venda.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª SEXTA-FEIRA 20 DE JANEIRO. Ns. 742—743.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 19 de janeiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo lhe que tome em consideração o seguinte, por ser objecto de utilidade publica:

Ha em S. Miguel um moço que diverte-se em trocar moedas de dez réis, mandar chamar moleques e da janella atirar as taes moedas para vel-os correr sobre ellas. E' um chamariz que faz affluir uma malta desenfreada de moleques, não só escravos, como livres, cujos senhores e paes lhes dão relaxada educação.

Depois de estropiarem se mutuamente acabam o brinquedo sempre em pedradas.

Ha pouco mais de 15 dias um delles teve o arrojo de dar uma cacetada pelas costas em um soldado de policia, o qual foi impotente para repellir por ser rapazinho.

No sabbado, porem, ao entrar em sua casa uma mulher moradora nessa rua, recebeu uma formidavel pedrada que a prostrou gravemente e cujo ferimento aggravou-se por ter sahido á rua na quarta-feira, podendo ainda tornar-se um caso fatal.

Por tudo isto, espera-se que S. S. não só faça advertir ao referido moço para que cesse no seu pernicioso passa-tempo, como tome as medidas adequadas a obrigar aos paes e senhores dessas malignas creaturas a não crea-los na rua.

—Ouça isto que é de algum alcance.

—Deita duas milhas?

—Si quer me ouvir ha de ser calado.

—Pois não, meu amavel.

—No dia da festa do Senhor do Bomfim, um inglez entrou no templo e foi até a sachristia. Observando a extraordinaria vendagem de medidas que se fazia, o açodamento que reinava no povo para obtel-as, o ajuste e regateamento no preço; conforme a largura de cada uma, encaminhou-se para o encarregado e perguntou:

« —O' tem tambem cerveja?

« —Não, aqui só se vende medidas, respondeu-lhe o vendelhão das taes fitas.

—E' um uso que o interesse pecuniario plantou na religião catholica.

A mira no lucro certo faz, que em qualquer recinto sagrado se mercadeje com essas bugiarias de anneis e fitas; o estrangeiro que ignora essas cousas, confundiu a sachristia do Bomfim com alguma casa de negocio.

—E houve logo ali quem o chamasse de bruto e impio.

—Na verdade, é bom chamar antes que le chamem.

—Capitão, acha-se preso um sargento da curveta *D. Januaria*, por ter pedido licença ao immediato para vir á terra, no domingo do Senhor do Bomfim, e consta que vae responder a conselho.

—Essa é boa!

—Dizem que está algemado e carregado de ferros.

—Conte-me este facto minuciosamente.

—Espere V. Ex. um pouco, emquanto eu vou informar-me direitamente das circumstancias que para isso occorreram.

—Dizem que a lavagem do Bomfim é uma bacchanal, um desacato a divindade de Deus.

Ao menos, hoje, é praticado de portas afóra.

Eu acho mais torpe e desconceituador isto.

—Isto o que?

—Este sordido commercio de medidas e registos dentro do templo; este regateamento de preço como si fosse freguez e mercador a ajustar o valor da mercadoria; esta imposição repulsiva de 5$ rs. por cada registo.....

—Essas e outras são que trazem a descrença ao povo, e que perdem a religião em sua pureza e simplicidade.

Para fazer-se uma festa coberta de esplendor e cheia de galas, é preciso mercadejar até com a Effigie de Deus!

—Si o motivo que dita a distribuição dos

registos é o espirito de devoção, é o desejo de que todos possuam em retrato, a semelhança do Senhor, mandem estampar registos simples e baratos e reparta-se gratis com os fieis, si é que a receita da irmandade dá para tanto; mas não mandem colorir e doirar floridas e tarjadas estampas, para offerecer ao barão de tal, ao commendador Beltrano e impôr ao povo, sempre credulo, o pesado onus de 5$ rs

Esse trafico impuro é por demais ascoroso, praticado ante as aras de um Deus de bondade e munificencia.

—Mas que quer, meu charo?

O Senhor do Bomfim precisa de dinheiro para seus gastos, e até creio que já deve ao thesoureiro.

—As festas do Bomfim dão logar a muito episodio importantissimo.

—Ha uma miscellanea de cousas!

Si aquelle Itapagipe tivesse bocca para relatar o que nelle se passa durante esses dias...

—Eu sei de um caso que não é dos menos interessantes.

—Para que guarda?

—Digo já.

Madame Maria Douguée foi estabelecer-se com botequim na ladeira do Bomfim, conservando em sua companhia duas jovens meninas suas filhas.

Certo caixeirito afreguezou-se da casa; mas seu fito não era saborear os petiscos preparados pela Sra. Douguée, tinha vistas mais largas; queria regalar o paladar por forma mais exquisita.....

A' noite de segunda-feira entrou pelos fundos da improvisada hospedaria. Emquanto a mãe aviava aos freguezes pela frente, elle, por detraz, estava em acção de fazer a charidade a uma das meninas:

O diabo, que nem sempre ajuda aos seus, permittiu que uma turma de capadocios observasse a traquinada que fazia o rapaz e tratasse de *desmanchal-o,* o que foi feito debaixo de uma estrepitosa surriada que fizeram o melcorio sahir vendendo azeite ás canadas.

—Este cujo si não fosse *caixeiro,* podia ser *aguia* na audacia.

—Esta terra *americana* está tão cheia de seductores, que pertubam o *augusto* lar da familia.

—A lotação deste carro não é para 20 pessoas?

—E'.

—E como deixam embarcar se 26 ?

—O mais é gente de casa.

—Aprendi mais esta!

Os empregados dos Vehiculos não pesam nem fazem numero!

Depois de um carro cheio, pode se encartar nelle quanta gente de casa houver, que não faz differença.

—Mas eu ouço dizer que de casa são os ratos.

—Porque não se varre a rua do Areial de Baixo?

—Nada mais facil de responder; porque o homem da limpeza não quer.

—Fortuna só assim!

E' sujando as ruas, que a empreza da limpeza da cidade adquire jús a um augmento de 6:000$ rs. no fim do anno!

—E não ha nada como tudo mais é historia.

—Vê que gente petulante é a do olho-vivo?

—O que ha?

—Pois não se arrojaram a abordar um *bond?*

—Venda este peixe mais barato.

—Ha de ser por este preço mesmo.

Um carro parou na Mangueira, não sei porque coincidencia; a troça do olho-vivo estava ahi e invadiu-o de tropel.

—Sem ir de passagem?

—Que duvida.

Um dos passageiros bradou, que eram gentes do olho vivo, e elles aproveitando-se deste pretexto safaram grandes facas de ponta, e de grossos cacetes empunhados ameaçaram a todos que alli iam com infamantes insultos, declarando que apparecesse quem tinha fallado em olho-vivo para ver o que lhe acontecia.

A confusão e alarido foram extraordinarios; os passageiros vendo que o fim daquella horda era fazer desordem para roubar, trataram de segurar nas cadeias de seus relogios, afim de garantil-os contra alguma gymnastica.

A sortida não rendeu, porque ninguem respondeu-lhes; retiraram-se em procura de empreza mais proveitosa.

—Si V. garante a veracidade, vou communicar ao chefe de policia e pedir-lhe que trate de cortar o mal pela raiz, porque os exemplos são contagiosos, e a audacia de semelhante cafila pode leval-a a uma tentativa mais audaz.

—O pavimento que serve de quartel ao destacamento da secretaria da policia é um logar porco e nauseabundo.

As paredes estão denegridas, o chão esburacado. A tarimba tem lodo; é um viveiro de muquiranas e persevejos. Quem entra ali para ver um preso sahe contaminado e impregnado de bodum.

—Estou quasi a vomitar com tanta porcaria.

—Uma pequena cifra seria sufficiente para acciar aquillo.

—Mas ha tantas outras cousas em que se gaste o dinheiro da provincia que essa despeza, por diminuta que seja, não é possivel fazer-se.

—A gerencia dos Vehiculos parece que anda um pouco estamagada com V. Ex., capitão.

—Não lhe vejo razão.

As censuras e observações que lhe são feitas, parece-me que devem lhe aproveitar, porque sendo rasoaveis ella as deve acceitar. e não sendo em nada lhe pode prejudicar.

Eu não sou dos pessimistas. Reconheço que os Vehiculos Economicos trouxeram melhoramentos a esta terra, facilitando os meios de transporte.

Antigamente para não se ir a pé ao Bomfim dava-se 4$ ou 5$ rs. a um preto de cadeirinha; depois vieram as gondolas Ariani, com seus salavancos e mais inconvenientes; hoje faz-se uma viagem suave e modica. Mas não é isso que isempta a direcção de faltas imperdoaveis, merecedoras de severa censura.

Ora diga-me, porque no dia da festa do Bomfim a gerencia havia de dividir as viagens de Itapagipe das da cidade, recebendo cinco tustões por cada uma, sem prevenir ao publico antes? Não é isso ter em menos-preço a opinião? Não ha ahi engano ao povo? Eu, por exemplo, que dei meus 500 rs. julgando ter condução até Itapagipe e que chegando no Bomfim vi-me em secco, não tenho razão de queixar-me?

—Com todo direito.

—Pois aqui está! Como esta, são outras muitas faltas censuraveis que commettem.

Eu creio que na pontualidade, exactidão, boa fé e regularidade com que uma empreza dessa ordem desempenha seus compromissos, é que está a base de seu credito e prosperidade.

—A companhia do olho-vivo fez as todas!

Depois do fogo do Bomfim, houveram chapeus arrebatados, rozarios de ouro cortados etc., no ponto dos Vehiculos.

—Um meu camarada ficou sem o chapeu da cabeça e com o trancelim partido; felizmente não poderam leval-o.

—Hontem, 19, foi atacado um moço que se dirigia a cidade.

No Fortinho um sujeito perguntou-lhe se ia para a cidade e si lhe fazia o favor de entregar uma receita na drogaria Camará.

Accedendo ao pedido, convidou-o a que entrasse em quanto o despachava; appareceu um crioulo de algodão nos ouvidos fingindo ser o doente para quem era o remedio. Depois entrou um outro fallando hespanhol propondo vender bilhetes da *loteria de Hespanha*.

Como o homem ou por não levar dinheiro, ou mesmo não quizesse de maneira alguma jogar, tentaram a força arrebatar-lhe a cadeia e o relogio.

Achava-se ahi o preto *Vapor*, sahido da cadeia ha pouco, Antonio dos-Invalidos, Manuel Desiderio e outros.

—E' bom que o Sr. Dr. chefe de policia saiba dessas gentilezas.

—Deu-se um caso funesto no vapor da companhia de Vehiculos, na viagem das 10 horas, de Itapagipe para o Bomfim, no dia 18 do corrente.

—Talvez seja um que ja chegou ao meu conhecimento por via do agente de nossa policia secreta, alli residente; mas em todo caso conte-o.

—Um moleque escravo do Sr. Antonio Francisco dos Santos, de 12 a 13 annos de edade mais ou menos, trepou-se entre dous *bonds* da locomotiva, com as pernas abertas.

Ao chegar o vapor no ponto da Madragôa, no acto de parar, uma das pernas do moleque ficou entre os *bonds*, e quando elles esbarraram, arrancaram-lhe as carnes da perna, ficando todo o osso descoberto....

—Jesus! E todos os dias estão se dando destes casos, sem que a companhia empregue os meios de os evitar!

—Na terça-feira, as 6 horas e 40 minutos seguiam dous *bonds* da cidade para o Bomfim.

O da frente ao chegar ao ponto da botica, na Calçada, parou para saltar um passageiro; o de detraz porem continuou a andar e foi com a lança sobre a plata-forma do outro, arrebentando toda a *droga*, resultando que, além do susto causado aos passageiros, um dos que estavam na plata-forma, indo pular, cahiu deslocando uma perna!

—Tambem na quarta-feira, no *bond* que veio do Bomfim as 11 horas da noite, um caixeiro da companhia, indo pular de um *bond* que seguia do Bomfim, sem ter este parado, precipitou-se de peitos sobre umas pedras, e levou alguns minutos sem sentidos, resultando-lhe além d'isso ficar com uma brecha na cabeça.

—Em que logar se deu este outro facto?

—No desvio dos Mares.

—Mas isto foi devido a imprudencia do caixeiro.

—Assim como tambem foi imprudencia do coxeiro metter o *bond* sobre o outro.

—Não nego isso, acho até que elle deveria ser punido.

—Neste ponto entenda-se lá com a companhia.

—No Bomfim, um pedaço de carne foi causa de uma facada mortal!

—Que desvario!

—Horas ha em que o diabo anda solto tentando as creaturas.

—Envolve a razão humana nas trevas do erro, para na cegueira do entendimento, conduzil-a pelo caminho da maldade.

Não é crivel que a não estar o demonio atraz da orelha de um ente humano, haja quem se lembre de querer matar outro por um pedaço de carne.

—Todavia o rabudo tem um fatal poder!

Sob a malefica influencia do espirito do mal, um tambor do 4.º batalhão da guarda nacional feriu gravemente ao cocheiro Bevenuto, escravo, dizem, do Dr. Freire, com uma facada no dia 17, em uma casa na baixa do Bomfim.

—Só por artes mesmo do tinhoso!

—Meu estimavel Sr. do aceio—á limpeza Deus amou.

—Assim dizem.

—Mas Vm. é um contra-senso; sendo o homem do aceio parece que tem grande inclinação á porcaria.

—Como se engana!

—Desculpe estes despropositos.

Mas eu vejo Vm. deixar as ruas desta nobre cidade em tal estado de immundicie que sou obrigado a crer que sua predilecção pela sujidade não admitte çontestação, ou então que da parte de Vm. ha excessivo deleixo naquillo que é de sua obrigação.

—Pode me convencer o que affirma?

—Facilmente.

Capinaram o largo do Chaveiro do Ceu; o capim e o cisco lá estão amontoados.

—Foi a irmandade quem mandou fazer isso.

—Mas Vm. que pelo seu contracto tem obrigação de aceiar os largos e praças, já devia ter mandado remover aquella estrumeira.

—O que custa pouco dá-se bom mercado. O fogo se encarregará de cortar a difficuldade logo que o capim seque.

—Boa ideia para ganhar os cobres!

Ajunta o cisco em qualquer parte, faz uma fogueira e adeus saudades. Venga la plata que somos mortaes.

Olhe, desta maneira, infallivelmente Vm. ha de perder. Aconselho-lhe que requeira novo augmento na subvenção.

—Nisto estou eu pensando.

—

—Felizmente depois que conversamos, resolveu-se Vm. a mandar tirar o cisco.

—Capitão, V. Ex. não procura saber o que ha de novidades?

—Gosto de andar a par dos acontecimentos.

—Então deixe-lhe communicar um que estou certo não teve noticia.

—E' provavel.

—No dia 9, um moço que dizem ser estudante do 4.º anno de medicina, armado de espingarda, accommetteu uma casa no Rio de S. Pedro, arrombou a porta da rua, invadiu a habitação, e dispunha-se a arrombar um quarto, ameaçando atirar no dono da casa, suppondo que dentro delle se achava encerrado.

—Imprudente!

—O caso é que dizem que estavam em seu estado normal; assim como que é *useiro* e viseiro, pois não é a primeira vez que pratica eguaes façanhas.

—Provavelmente foi uma nuvem passageira.

—E' verdade; apasiguada a desordem nem mais nella se fallou, embora o aggressor tenha ameaçado de voltar.

—Eu sei como se arranjam essas cousas quando são praticadas por filhos de certas pessoas.

—Logo que Adão abusando das ordens de seu Creador, comeu o fructo que Eva lhe deu, a innocencia desappareceu do mundo; o homem conhecedor do bem e do mal comprehendeu que tinha necessidade de cobrir seu corpo.

Mas n'aquelle tempo ainda não haviam fabricas de tecidos e por isso usou de algumas folhas com que resguardou certas partes aconselhadas pelo pudor.

No domingo porem, quem passasse pelo Fortinho ás 9 horas da manhan teria de presencear um individuo no estado em que andava o homem quando no mundo não havia malicia.

Esse espectaculo afflictivo aos olhos da decencia, tomava um caracter despertador da curiosidade publica, provocada como era a hilaridade pelas bravatas dos agentes da força publica, os quaes não só deram causa a que o homem, estrafegando o traje, ficasse reduzido a completo estado de nudez, como levados por indesculpavel imprudencia cutilaram-no em um braço.

—Um homem ebrio prende-se com geito; mas a policia não entende assim; por força ha de se dar esses espectaculos indecentes.

A PEDIDO

—Capitão, venho lhe dar parte de um procedimento estupido e grosseiro.

—Andecom isso.

—Uma irman recolhida de certa *terceira ordem,* vive do seu trabalho de fazer flores e capellas. Recebendo uma encommenda para dar impreterivelmente no dia de Reis, só na vespera ás 8 horas da noite poude concluil a.

Si não entregasse perdia o trabalho.

Dirigiu-se ao *caminhador* pedindo que lhe abrisse a porta, expondo-lhe a razão que tinha para sahir e que para não encommodal-o iria dormir em casa de uma conhecida.

O *caminhador* porém não querendo attender, por uma simples observação que lho fez a senhora, passou a maltratal-a brutalmente com pancadas e si não é o homem dos badalos que a vem tirar das unhas do machacaz muito tinha ella que soffrer.

—Mas qual é essa ordem que eu não sei?

—Valha-me S. Domingos, que pressa, capitão!

—Os gritos d'aqui d'el-rei chamou a attenção publica e ajuntou muito povo na porta, julgando que eram os santos que brigavam la por dentro.

A pobre senhora ficou com a capoma em tiras e com uma argolla das orelhas de menos.

O tal *caminhador* é o primeiro a infringir o regulamento da ordem por que habita com uma concubina, dentro della, o que é formalmente prohibido.

—Va V. mesmo aos que dirigem a tal ordem e partecipe-lhe a acção indigna de seu *caminhador* para que o reprehendam.

—Mas capitão, elle anda se gabando que os mezarios approvam tudo que elle faz.

—Historias; são pêtas do *gordinho*.

—Desgraçado do homem que perdeu a vergonha!

Dudú, sapateiro, morador na rua da *castanheira* é um homem d'esses de vergonha perdida.

Na terça feira a amasia d'esse cão, entendeu passar uma desandadeira em uma moça donzella que mora fronteira, e n'essa occasião, passando um homem circumspecto e de consideração, dirigiu-se a porta de *Dudú* e o reprehendeu, por consentir que a sua amasia injuriasse assim á uma senhora que pelo seu estado está muito superior a ella.

Dudú, depois que o homem retirou-se, sahiu com um papel e foi de porta em porta pedir que lhe attestassem a sua conducta, afim de mostrar a autoridade, a maneira por que era tido pela visinhança.

—E os visinhos attestaram?

—Essa fortuna não tive eu, porque talvez que quando *Dudú* entrasse em casa da autoridade com seu papel, fosse dar um passeio até a casa de *caxorros*.

—E era bem feito, para não ser soberbo.

—Elle deseja saber quem o botou no *Alabama*.

—Tambem elle deseja defender-se de seus actos nas columnas do mesmo periodico.

—Dizem isso. Formiga quando quer perder-se cria azas.

—Capitão, o tratante do meu *patricio* com a esporada que levou do *Alabama* bufou como balêa.

—Que metta o dedo nas guelas e se esgane.

—O patiforio blaterou como um algarvio; descompoz, bradou, uivou como um cão damnado.

—Pobre e rasteiro animal!

—O safado está affeito a linguagem dos açougues; neste genero ninguem lhe leva a palma e por isso da porca bocca deixou cahir tudo quanto de nojento e repugnante tinha engorgitado no coração, contra aquelles que na sua escaldada phantazia lhe pareceu ser autor da sarabanda que levou.

—Ora que bruto!

—Apanhou tudo que havia nos monturos pretendendo emporcalhar aquelles contra quem tinha suspeitas.

—Que estupidarrão!

—Disse por fim que não se importava, por que não fazia caso do *Alabama;* pois quem sahia nelle era gente de importancia.

—Isso mesmo é cavaco.

Forte azemola!

Ha duas maneiras de sahir no *Alabama;* praticando actos meritorios e por isso recebendo merecidos encomios; ou os tratantes, devassos, ladrões, e hypocritas.

Isto é ou a virtude exaltada, ou o vicio estigmatisado.

Na primeira condição é muito honroso; mas na segunda em que entra o bandalho do meu *patricio,* não é cousa que lisongeie.

—Neste caso, como elle não faz caso, mande V. Ex. o muxingueiro defronte da ponte dos paquetes arrumar nova remessa no biltre do meu *patricio*.

—E depois esfolar *Maxixes* em *Guimarães*.

—*Antonio,* o *Firmino* disse-me que em Santo Amaro servias de peito-largo.

Que recebestes certa quantia para espancar um doutor; razão porque viestes de lá corrido á unhas de cavallo.

—Tomara eu ouvir elle dizer.

—Fecha esta bocca, burro!

Tambem outro dia andastes blasonando pelo Caes Dourado que querias saber quem te mandou para o *Alabama* para fazer e acontecer.

—E' verdade.

—Mas o que farias, sendeiro? só si fosse cederes o costado para nelle te pespegarem uma sella de patente.

Olha, bruto, não andes a te fazer de mel porque as abelhas te lamberão.

Tu bem sabes as culpas que tens no cartorio.

—Capitão, os homens reuniram o congresso e houveram grandes discursos relativamente as candidaturas; quem mais orou foi *S.*, fallou muito bem, e sempre andando em balanço, como gente do mar, no calor da discussão os cabellos se desconcertaram e, como possesso, deu um grande murro sobre uma meza e gritou a bom gritar:—si *N.* entrar eu saio.

Um dos patuscos ouvintes gritou:—indireita os cabellos, «ao que de prompto o *S.* com voz terna e maviosa respondeu:—não importa que elles se percam, sáõ restos de uma belleza inutil,» isto disse e sentou-se qual Echo apaixonada.

O esclarecido congresso attendendo ao estado de prostração em que estava *S.*, disse, apresente seu candidato. *S* quando tal ouviu ficou outro, levantou-se com rapidez e disse com muita graça: (o que lhe é natural) não... tem... duvida... o candidato que eu apresento é o meu *C.* que tirei-o d'entre cataplasmas de macella gallega, polvora e mil drogarias, em fim será o nosso *Dulchamara.*

A' vista do que o congresso mandou que o tão preciso *C.* subisse a tribuna.

C., alto, magro, macilleato, por ter duas quebraduras, com palavras mastigadas disse: eu... eu... eu... agradeço a honraria, e apresentou seus projectos, em um d'elles tratava de uma letra sua das antigas que já offereceu por ella 150$000 na socied....

Não... tem... duvida, disseram todos, o homem serve.

P. conservou-se sempre callado, e taciturno; só o que disse e baixinho foi: «este meu compadre sabe muito, não parece homem que já comeu nas bandejas, porem aquelle andar.... aquelle botar do chapeu, já lhe tenho dito; mas elle é teimoso. Agora tenho dous capachos; mas tudo é de balde; porque....»

F. tambem se conservou callado, e a tomar notas, depois levantou-se e deu o braço a *P.* e sahiram rindo se, risadas de gente rica.

S. ficou e de novo orou, fallou palavras bonitas, disse: «agora, rapazes, mãos a obra, união e mais união, d'ella é que vem a força, sejamos unidos qual varinha na mão de S. Joseph, e continue a ser nossa *divisa* o—mentir.... mentir....

Arrumadinho ao canto do salão, e caladinho se conservou o *Sr da Picada,* sempre com seu ar simplorio, e de mansinho foi sahindo, e nas costumadas distracções foi dizendo: «fazem destas ao depois me chamam fallador. *C.* já é candidato, e apoiado por taes melcorios!!.... Aqui ha cousa.

Caixa Reserva Mercantil.

Em consequencia do decreto n. 4456 de janeiro de 1870, ficou a direcção reduzida a 4 directores, e á vista de tal alteração dos estatutos consta-nos que a illustre direcção achou logico e honesto que a eleição seja feita no todo, para o que vae convocar os accionistas para se reunirem em assembléa geral ordinaria em um dos dias deste mez.

A vista do que lembramos aos Srs. accionistas os muito honrados e intelligentes negociantes abaixo declarados, para os seguintes cargos:

DIRECTORES

Os senhores:
Antonio Francisco de Lacerda.
Joaquim José da Fonseca.
Joaquim Fernandes Ribeiro.
Candido Augusto Pires de Aguiar.

SUPPLENTES

Os senhores:
Domingos Fernandes Moreno.
Alexandre Dantas.
Joaquim Béssa de Carvalho.
Antonio de Oliveira Barros.

EXAME DE CONTAS

Os senhores:
José Pinto da Silva Moreira.
José Gonçalves do Nascimento.
José da Silva Souza.

Muitos accionistas.

O correio.

Pede-se ao seu mui digno administrador que faça com que os seus subordinados não entreguem cartas e jornaes sinão a pessoas a quem os mesmos são dirigidos.

A companhia do *olho-vivo* que de tudo quer viver, logo que chegam vapores ahi vão ter e

tirar cartas e jornaes em nome d'aquelles a quem lhes são endereçadas.

O mui digno administrador d'aquelle estabelecimento que vele sobre isto, afim de que constantemente pelos jornaes não veja o seu nome fallado sem razão, nem tão pouco o d'aquelles que lhe são subordinados.

Um prejudicado.

—Capitão, depois de dissolvido o congresso, os homens que nelle tomaram parte se espalharam por toda cidade, e não sei porque quando me encontro com elles me lembro logo das ratazanas que sahem dos canos de Paris, quando se limpam.

Ha poucos dias encontrei seis delles reunidos a contarem uns aos outros o que tinham feito, e diziam; —temos posto tudo em movimento, temos dito só verdades, porem de tudo o que temos feito, o mais engraçado é o que fez o nosso *C.*, que com sua natureza de assucar candi a derreter-se. Então o que fez o nosso *Dulchamara*? perguntaram os ouvintes a um tempo. Ouçam: —*C.* não tinha confiança no homem da rua do *mel com agoa;* lembrou se que *N.* tem pancada, escreveu-lhe uma carta, na qual fez a festa ao manhozo. *N* recebe a anonima e mostra ao dito, este lê, e fica pallido; depois fez-se homem, e com suas pernas bambas foi ter com S, e contou-lhe. Este ouviu, e de pé sobre suas curtas pernas, blusa azul da classica baetilha; chapeusinho atirado para traz, assim em posição de astrologo, resmungando fallou: —temos temporal, portanto rinza os papos figos e..... O manhoso pensou que tambem *S* estava maluco, é senão quando, *S* virou-se e disse: »sabe que mais? *N* foi quem forjou tal carta para amedrontar o Sr. e vêr si assim.....

Em poucos minutos a noticia se espalhou; todos os nossos (os que sabiam) fizeram quorum, e por todas as ruas só se ouvia «a anonima é de *N*, é feita por *N*, e com isso o manhoso ficou muito crente, e anda a trabalhar qual escravo, a favor do nosso preciso *C*, e este ri-se a bom rir, e tambem já diz—tenho o meu capacho, só o que me dá algum cuidado é uma letra minha das antigas... que ainda se acha na.... e querem que eu pague integralmente. De repente os patuscos se callaram, e só disseram ahi vem. Juntou-se a elles um sugeito, assim com gestos de moriçoca, e foi logo dizendo: « Voces por aqui? Estavam conversando sobre candidatura, não era Srs. marrécos?» Qual! qual disseram todos. Pois ouçam disse o recem-chegado: si eu fosse—*F P S*, avista do que por ahi dizem, sim dizem tantas cousas, sabem o que faria, faria a eleição no todo.

E a lei? perguntaram os ouvintes. A lei nada diz, mas a honestidade assim aconselha, e não ha duvida que serão reeleitos, a urna lhes servirá de Piscina onde lavarão a honra. Qual honra, qual nada! E ainda vem com Piscina! Tudo drogas velhas... Eposeram-se a cantarolar—600 libras! 600 libras, e com tal cantarola o introduso foi-se.

Disse um dos seis, é preciso cohonestar-se as cousas, nada vale a eleição, façam-na no todo, e deixem estar que os nossos amigos serão reeleitos. quem faz tudo é a mesa, empenha-se a urna, o votante nosso amigo que tiver um voto só, bota na lista 3, 4, 5 votos, e assim por diante, e assim é que se fazem todas as eleições no mundo, principiando pela do papa.

Depois da reeleição dos nossos amigos proclamaremos o quanto vale a honra, e o quanto foram martirisados, o fiquem certos que o mundo é assim.

Concluida a conversa, apparece o Sr da Picada, não sei de onde, o que sei é que tudo ouviu, pois foi logo dizendo: a eleição deve ser feita no todo, do contrario vomito tudo, e reduzirei a nada o tão decantado *C* de vocês, lembrem se do que fiz no Joazeiro. Todos ficaram pasmados e disseram: que homem perigoso!

Capitão eu sei de muitas cousas, que tratarei na 1.ª occasião, desde já previno a *N.* que tome conta na mesa, o tal Presidente é um melcorio, é um finorio.

VARIEDADES.

Moeda falsa.

Como estamos em vespera de afogar nos em um *mare magnum* de reformas sociaes, politicas e administrativas, não é muito que eu proponha tambem uma que será gota d'agoa no oceano.

Proponho sem mais nem menos a revogação de todo o capitulo II do titulo VI do nosso codigo criminal, isto é: proponho que a *moeda falsa* não seja mais considerada *crime*.

Tenho boas razões para fundamento da minha proposição.

Em primeiro logar julgo que o publico se acha completamente desnorteado em materia de *moeda falsa,* desde que um notavel estadista reformador declarou, que a emissão de moeda papel pelo governo era crime de *moeda falsa*, e dias depois, entrando para o ministerio, concorreu para se fazer avultada emissão de *papel moeda*.

Ora este facto sem duvida atrapalhou muito o joven ministro, e como sou de opinião que nenhum ministro deve achar se atrapalhado,

revogue-se o capitulo II do titulo VI do codigo criminal.

*
* *

Mas as minhas razões não param ahi.

Creio que no Brasil é só o governo quem póde crear moeda nova, e dar-lhe circulação.

Creio tambem que o thesouro publico não póde dar, nem receber em pagamento moeda que não seja moeda.

Todavia o thesouro publico por amor dos trocos miudos dá e recebe em pagamento bilhetes de 200 rs. dos bonds e não sei se tambem de outras emprezas.

De semelhante pratica deve-se concluir que o governo legalisou a circulação dos bilhetinhos dos bonds.

Isto posto, e não tendo as companhias de carros privilegio para emittir moeda, segue-se que outras companhias, e quaesquer especuladores podem fazer o que fazem áquellas e desfructar as mesmas vantagens, e sendo assim não póde mais haver crime de *moeda falsa;* por que tal crime não está sómente na imitação da moeda do governo.

Portanto lei igual para todos e viva a liberdade!.... quem quizer bata moeda, e ponha bilhetes em circulacão.

E' na verdade o melhor dos principios economicos e financeiros.

Assim sobra dinheiro a todos.

Calembourgs.

—Quando é que Napoleão 1.° não estava alegre? Quando via o Massena triste (*uma scena triste*).

—O que é que um cantor deve fazer para *pescar* uma nota aguda? E' subir alto a iscal-a (*a escala.*)

—Porque é que o individuo, a quem seja despejado um balde d'agua pela cabeça, deve antes agradecer do que zangar-se com quem lho despeja?

Porque despejar-lhe o balde d'agua é regal-o (*regalo*).

—Quando é que um homem se tivesse uma roça seria uma perfeita Penelope? Quando está confuso (*com fuso.*)

A TRIBUNA

O ameno anecdotista grego Claudio Acliano, que seus coevos chamaram «*bocca de mel,*» refere em suas interessantes Miscellaneas que o vencedor de Salamis, Themistocles, que sem duvida alguma é um dos maiores, dos muitos egregios e talentosissimos capitães e estadistas, de que a historia das Athenas pode ufanar-se, n'uma occasião disse: «Si alguem mostrasse-me para eu escolher dois um dos quaes conduzisse a Hades (1), e o outro a tribuna, escolheria eu o primeiro.

Oxalá que pelo futuro muitos pensem aqui como o abalizadissimo Themistocles, afim de que os lastimaveis eleitores não mais fiquem molestados com enchentes de cartas de pedinchões de votos, nem o povo ainda mais desmoralis do pelas intrigas e corrupções da chusma de candidatos que por força e *per fas vel nefas,* (2) querem introduzir-se como deputados na assemblea geral ou nas provinciaes.

ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NA SUECIA.

Apenas 300 annos depois da introducção do christianismo na Escandinavia, cujos primeiros zelozos apostolos, sem excepção morreram como martyres sob as frechas, achas, maços, e curtos e grosseiros sabres de seus barbaros habitantes os intrepidos mas terriveis *normandos*, ordenou o rei sueco *Magnus Eriksson* (filho de Erico) segundo o insigne historiador sueco dr. Jacob Ekelunel (em 1335), que:

« Para a gloria de Deus e da Santissima « Virgem Maria e paz e bemaventurança das « almas de seu pai e tio, seria a escravidão « abolida em seu reino e rigorosamente pro- « hibido de ultrajar alguem com o nome in- « jurioso de servo. »

Quando imitará o Brasil para honra de sua civilisação, da humanidade e de nosso esclarecido seculo o exemplo deste semi-barbaro rei sueco, que viveu nas trevas da idade media?

(1) Segundo Homero uma especie de purgatorio.
(2) Por meios licitos ou illicitos.

ANNUNCIOS.

Sapatos que não doem nos calos, obra feita por fôrmas antigas, fabrica o João de Deus. Quem quizer utilisar-se procure ao João de Deus na rua das Vassouras.

Aula Primaria.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, declara aos Srs. paes de familia, que a sua aula de primeiras letras, defronte da matriz de S. Pedro, acha-se aberta desde o dia 9 do corrente mez.

Bahia 11 de janeiro de 1871.

—No domingo, o Garibaldi apresentará uma rica mesa redonda, contendo todas as qualidades de eguarias apetitosas

—Rapazeada, ao hotel Garibaldi na Baixa do Bomfim!

—Ao Garibaldi..... ao Garibaldi!.....

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª QUARTA-FEIRA 25 DE JANEIRO. N. 744.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numero; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 24 de janeiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, chamando sua attenção para o constante ajuntamento de moleques no adro da egreja do Rosario, ajuntamento que tem por fim o jogo de castanhas e de dinheiro.

—Um enfermeiro do vapor de guerra *Recife* deu, na quinta-feira, duas facadas em um marinheiro á bordo do mesmo navio e, para evitar o castigo, escondeu-se de maneira que até hoje não poude ser encontrado.

—Aonde?

—No fundo do mar.

—Mal sobre mal!

—O motivo que o levou á tão criminoso attentado foi o delirio de uma paixão pouco justificada.

—Cousa que não é rara em tal classe.

—Dizem que antes de commetter o delicto communicara ao guardião do navio que ia fazer uma morte.

—A missão da imprensa não está somente em elogiar; assim como ella elogia os actos bons dos homens, tambem censura áquelles que se desviam da verdadeira estrada porque devem transitar. E' esta a sua missão.

Neste sentido o humilde periodico *Alabama* tem feito a devida justiça a companhia de Vehiculos, censurando-a quando merece, elogiando-a quando disso se torna digna.

E não tem deixado nem por isso de conhecer a grande vantagem que faz ella a população desta cidade, pela facilidade de transporte que offerece, e mesmo pela commodidade de preços porque dá esse transporte.

Porem porque agora tem esta redacção censurado a companhia, não se segue que o Sr. Leoncio nella empregado esteja authorisado a dirigir indirectas aos empregados deste periodico quando ali chegam para se transportarem para a cidade, como fez no domingo da Guia.

O moço a quem as indirectas e insultos eram dirigidos, teve bastante prudencia para deixar passar a onda da estupidez e da ignorancia.

Além dos insultos e indirectas que o empregado da companhia dirigiu ao referido moço, arrojou se até a dizer que se estivesse no caso do coronel Nicolau teria dado uma facada!

Fique pois sabendo o Sr. Leoncio que ameaças de facadas e cabeçadas não amedronta, nem nos faz recuar do caminho que trilhamos.

Temos razões para fazermos justiça aos caracteres que dirigem a companhia, e com especialidade ao Sr. coronel Nicolau, com quem, embora esteja presentemente um pouco formalisado com a tripolação, entretemos relações, e chamamos a attenção delles e do Sr. Dr. chefe de policia para o procedimento desse empregado, visto como os passageiros não devem ficar expostos a insultos, indirectas e ameaças dos empregados da companhia.

—Breve tem de haver uma inundação.

—Gruz, ave agoureira!

—A catastrophe será parcial.

E' a cloaca da rocinha do Caboclo que ameaça a cada hora inundar as casas da ladeira dos Coqueiros.

—Que cravo!

—Si não houver alguma providencia o diluvio excrementicio é inevitavel.

Construiram uma casinhola que serve de latrina não só aos moradores do quarteirão, como a gente de fora, sem esgotadouro ou entupido este, a trampa já transbordou; a casinhola é construida junto ao muro de uma casa dos Coqueiros, está destelhada, com qualquer chuva o muro não pode resistir e abaterá.

—Ha de ser um tormento, ver-se a gente alagada em trampa.

—Já uma occasião um pedaço do muro desabou; um dos proprietarios mandou ata-

mandar um concerto; desta vez a cousa ha de ser peior; o muro está deteriorado pela humidade e qualquer chuva será bastante para arreal-o todo.

—E n'um caso destes eu não sei mesmo a quem pedir providencias.

—Quem estiver ameaçado que procure suas melhoras.

—Capitão, vi um facto praticado por um dos caixeiros da companhia de Vehiculos que eu mesmo não sei como o classifique.

—Em que dia?

—Sexta-feira.

—Conte o.

—Em um dos *bonds* que sahiram depois da missa do Senhor do Bomfim, veio uma senhora, cujo estado ignoro, e pediu ao caixeiro que queria saltar no ponto dos Coqueiros d'Agua de Meninos, porem o caixeiro chegando no ponto não quiz mandar parar, não obstante o pedido da senhora.

Quando chegou no desvio do Pilar ella metteu-se em um dos *bonds* que iam para o Bomfim, pagou nova passagem si quiz saltar em sua porta; e como ao sahir do *bond* reclamasse contra o procedimento do caixeiro para com ella, disse elle:—*quero que soffram.*

—Está bom isto!

Então, Srs. gerentes, é ponta ou cabeça?

—Jogavam á dinheiro alguns moleques em uma loja á rua Direita de Palacio, fazendo alarido insupportavel, no domingo.

Um dos ordenanças da presidencia chamou um soldado de policia para prendel-os, mas este recusou-se.

O ordenança se quiz, tomou o armamento d'aquelle e foi elle proprio effectuar a prisão.

—Si fosse negocio de dinheiro não acontecia assim.

Um dia destes para ganharem 5$ rs., dous abandonaram o destacamento da secretaria da policia e foram até á ladeira da Conceição prender um homem, prisão que elles ignoravam si era legal ou não, pois lhes foi encommendada por um particular.

Entraram por casa do Sr. capitão Fernando José de Souza, de refles empunhados, bradando para o individuo que ahi se achava:—entregue se, si não morre!—agarraram o homem, arrastaram-no para a rua e pozeram-lhe a camisa em tiras.

A' tombos e empurrões o conduziram, descalço, até a porta do Sr. barão de Passé, onde pela reprovação geral que semelhante vandalismo excitava, consentiram que se calçasse e mudasse de camisa.

—O que já não foi pouco.

Cinco mil réis não são pelles; para ganhal-os é preciso agradar ao freguez, fazendo o serviço bem feito. Agora si fosse algum objecto de serviço publico isso lá... bagatella.

—Haverá falta de burros na Bahia?

—Abundancia ha de sobra, o que pode dar-se é variedade na especie.

—Haja ou não haja, eu vejo agora os homens fazendo as vezes dos burros naquillo que até então era da privativa competencia destes.

—Neste seu palavreado é que eu não entro.

—E' que hontem, segunda-feira, eu vi uma caleça puchada por braços humanos, o que ia dando em mau resultado.

—Ah! a gente fallando é que se entende.

—Dous homens e um menino puchavam a traquitana pela ladeira do Taboão; mas as forças foram poucas e o bicho descambou, derribando uma preta que passava e levando adiante de si o menino, com intenção talvez de achatal-o de encontro á parede, o que teria succedido si o accaso não permittisse que o carro em seu despenhar fosse detido na ombreira de uma porta.

—Cousas que acontecem.

—Resultado do deleixo, digo eu.

—No domingo, ás 8 horas da noite, uns mascaras foram a companhia de Vehiculos em procura de conducção, e como não achassem logar nos *bonds*, porque só se vendiam bilhetes relativamente ao numero de passageiros, segundo a lotação marcada pela policia, elles despeitados por isso vieram pela Calçada deitando pedras nos trilhos, de maneira que os *bonds* levaram a sahir fóra da linha ferrea.

—Que malvadez!

—E fazem uma pilheria desta sem pensarem nas consequencias desagradaveis que d'ahi podem resultar!

—Lá se foi tudo com as carepas!

—Era mais uma desgraça a lamentar si vem gente dentro deste carro.

—Cavallos e carruagem entornaram-se dentro da valla e viraram de cambalhota.

—Mas tambem como não havia de ser assim si o boleeiro vinha n'uma desfilada espantosa?

—Quanto mais pressa mais vagar; si andasse com mais moderação não teria agora a meia noite, hoje domingo, este immenso trabalho para safar-se da valla, aqui em Roma, além do que pode ter soffrido elle, como tambem os cavallos.

A PEDIDO

Bando

annunciador dos festejos do glorioso S. Gonçalo do Bomfim, no presente anno.

Alerta moços e velhos,
Rapazes e raparigas,
Eia contentes ficai,
Entre vós nada de brigas,
Vinde ao Bomfim passear,
Novos ares respirar.

A S. Gonçalo trasei
O vosso requerimento,
Sinceridade e pudor
Seja só o documento,
E despacho favoravel
Levareis do Santo amavel.

Não recieis as tabocas,
Que vos tiverem pregado,
Com seu cajado este santo
Mil tabocas tem quebrado,
Crueis espinhos de amores
Si tem convertido em flores.

Nestes dias eia pois
Fazei vossas orações,
A S. Gonçalo pedi
Socego nos corações,
A sorte grande vos dando,
Um esposo deparando.

Officiaes do quatorze
E da Patria voluntarios,
Por ahi andam na pesca
Nos seus passeios diarios,
Si accaso algum vos servir,
E' só a isca engolir.

A lucta do casamento
Vos occupa todo anno,
Como hoje a guerra occupa
O francez e o prussiano;
Porém lá ganha-se a morte,
E cá se lucra um consorte.

O janota namorado,
Que por todos tem paixão,
Que se presume um adonis
E vive nesta illusão,
Para ver si mulher pilha
No chapeu traga *estampilha*.

Vinde, portanto, meninas,
Ao deleitoso Bomfim,
De S. Gonçalo das moças
Abrilhantar o festim,
E p'ra seguir tudo em paz
As velhas venham atraz.

Com os cabellos desgrenhados,
Que são os laços d'amor,
A feiticeira donzella,
Qual botão de linda flor,
Appareça vecejando,
Corações avassallando.

Si apresente gamenha
A velha com seu toucado;
Que ainda que seja usada,
Pode encontrar *bom bocado,*
Principalmente dinheiro
Tendo no seu mialheiro.

Para que não hajam queixas
Desta pomposa funcção,
Os rapazes que se portem
Com respeito e educação:
Que refreie a liberdade
Desenvolta mocidade.

Musica, flores, balões,
Um bello fogo de planta
Tereis por divertimento,
Que no Bomfim tudo encanta,
Vinde beber alegria
Em torrentes de harmonia.

Assim será festejado
Com toda pompa e fervor,
Aquelle que escuta e guarda
Nossos segredos de amor,
Vae ter luzido festim
S. Gonçalo do Bomfim.

—Tamanho insulto não se pode tolerar.

—Parece mais um canalha do que um homem de educação.

—Exige um tanto de todos que entram para visitar o edificio, e si não se dá insulta!

—A alguns que disseram não ter dinheiro para dar elle teve o desaforo de dizer que lhe parecia que para irem a festa do Senhor do Bomfim tinham alugado a roupa em mão do alfaiate.

—V. sabe o nome d'elle?

—Ignoro; mas vou ao hospital portuguez e lá tomarei informações.

—Eu não queria me envolver nesta questão.

Foi o *Gaveta* quem me metteu nella.

Podia muito bem ter deixado de soffrer tantos dissabores e de ouvir cousas que ha muito ninguem se lembrava de m'as dizer.

—Mas quem o podia obrigar a acceitar?

—Pois si o homem veio á minha casa acompanhado do *M. R.*, pediu-me, instou e disse que para elle era uma questão de honra, que ligava tanta importancia a ella como a propria honra de sua esposa.

E para acabar de decidir-me prometteu-me que eu sahiria bem em todos os meus negocios que cahissem em suas mãos.

—Assim vale a pena.

O direito, a propriedade, a liberdade alheia a que cynicas mãos estão entregues! Negociam infamemente com elles em transacções ignobeis e de mesquinhos interesses!

—Mas já em dous casos o homem tem sido bregeiro comigo. Estou á espera da decisão de um terceiro negocio, para mim de grande interesse. Si neste elle mangar comigo, rompo abertamente e hei de lhe dizer verdades bem duras.

—Creio que por esse lado não adiantará nada. Elle está acostumado a ouvir cousas de arripiar e fazer ouvidos de mercador.

—Ao menos lhe farei sentir a sua deslealdade.

—O que eu não posso atinar é que mal fizeram os rapazes ao Sr. *Gaveta* para lhes votar tanta odiosidade.

Si ainda elles fossem dados a certo vicio em que é acerrimo o Sr. *Gaveta*, podia-se comprehender que motivos de ciumes fossem a causa de tamanha perseguição encoberta.

Pede se ao Sr. subdelegado do Pilar que procure saber si é ou não verdade que proximo ao destacamento, á noite, desembarcam objectos que são mui licitamente levados para uma casa onde ha uma *bezerra* no quintal.

—Aquelles que ouviram os sermões pregados no domingo, á noite, 8 do corrente, no Hospicio da Boa-viagem, e o de domingo subsequente, 15 do corrente, na segunda novena da Senhora da Guia, no Bomfim, por certo outra differença não encararam si não a mudança de titulo.

Ali referiu-se a Senhora da Boa-viagem, aqui a Senhora da Guia.

O ultimo foi portanto a reproducção do primeiro.

—Assim é tudo, os proprios sermões servem de *patrocinio* uns aos outros!

—O Dr. *Garapa* entende que o matadouro de porcos da travessa da rua do Soccorro, freguezia de Brotas, não é pernicioso.

—O Dr. *Garapa* que vá capar porcos.

Não só é pernicioso como illegal.

Só se pode matar porcos nos campos da Lapinha, Nazareth e de S. Pedro, segundo as posturas municipaes que a tal respeito são clarissimas, como vae ver:

«99.—Fica prohibido criarem-se porcos soltos ou enchiqueirados dentro da cidade e povoação, e só é permittido tel-os enchiqueirados a um quarto de legua do povoado: pena de 6$ rs. ou 3 dias de prisão, o dobro nas reincidencias.

«100.—Permitte-se aos criadores de porcos venderem os que trouxerem para o mercado publico, nos campos da Lapinha, Nazareth e de S. Pedro: nos mesmos logares serão mortos e pellados os animaes. Os infractores desta postura serão multados em 4$ rs. ou 2 dias de prisão, o dobro nas reincidencias.»

ANNUNCIOS.

Associação Typographica Bahiana.

A Mesa provisoria desta associação convida a todos os Srs. typographos, livreiros e lytographos a reunirem-se quinta-feira 26 do corrente ás 6 horas da tarde, no salão do collegio Tres de Fevereiro, ao becco do Açouguinho, afim de assistirem a ultima leitura do projecto de estatutos.

E' de maxima necessidade o comparecimento de todos, para se assentar tambem nas medidas precisas para com a maior brevidade inaugurar-se a associação. Bahia 23 de janeiro de 1871.—O 1.° secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito*.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo convido aos Srs. socios a reunirem-se em assembléa geral ordinaria, quarta-feira 25 do corrente ás 6 horas da tarde, para a posse dos novos funccionarios e discussão do relatorio do 4.° trimestre e do respectivo parecer da commissão de contas. Bahia 23 de janeiro de 1871.—O 1.° secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito*.

Attenção.

Joaquim Pereira Baião, participa ao publico, com especialidade aos seus freguezes e amigos, que mudou a sua casa de armador para o passo de S. Bento n. 49 aonde pode ser procurado a qualquer hora do dia e noite; tem cadeiras de Anjos por preço commodo.

Gratifica-se com 10$ rs. a quem levar a rua do Alvo, n. 38, um cachorrinho branco, felpudo, desapparecido na vespera de Reis, com os signaes seguintes: cabellos crescidos e annelados, cauda tambem felpuda e enroscada para o lado esquerdo, com os quatro pés e focinho aparados, tendo foveira a cavidade do olho direito, sendo este um pouco mais apertado que o esquerdo, a ponta do focinho vermelha, acudindo pelo nome de Traquino.

Ama de cosinha.

No sobrado ao largo do Terreiro, defronte da loja do Sr. Seraphim, precisa-se de uma que saiba cosinhar, e gomar bem.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.ª SABBADO 28 DE JANEIRO. Ns. 745—746.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Os Srs. assignantes das freguezias da Rua do Paço e Santo Antonio que não receberem esta folha pontualmente queiram mandar communicar na typographia para se providenciar.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 27 de janeiro de 1871.

Não houve expediente.

—Festejar-se-ha no domingo com toda solemnidade ao glorioso S. Gonçalo do Bomfim.

Hoje haverá vesperas, illuminação, fogo de artificio, balões, etc., e tocarão no palanque duas bandas de musica marciaes.

Amanhan terminará o acto religioso com um solemne *Te-Deum*, no qual pregará o Revm. monge benedictino, pregador imperial, Fr. Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, e festejos exteriores um surprehendente fogo de artificio, balões, musicas, etc., etc.

—Fico inteirado; irei assistir a festança para dar minuciosa noticia de todo o occorrido.

—Dizem que havia na Correcção uma infeliz mulher, escrava, a qual de lá foi tirada por seu senhor, sob fiança.

Mas tal escrava desappareceu e ninguem sabe aonde pára.

Não consta que fosse vendida.

—Quem pode asseverar que, degradada em algum sinistro ermo, não esteja sendo victima de crueis torturas, attentas certas circumstancias que se prendem a seu desgraçado captiveiro?

—Pode ser e pode não ser.

—Pode até a esta hora estar já no *paraiso* gozando a bemaventurança dos martyres.

—Ave *Maria* que tal aconteça nesta terra. E' uma que *encalistra* a policia.

—Casos mais extraordinarios tem-se dado.

Portanto seria obra de humanidade pedir a policia que procurasse saber o destino que teve essa mulher.

—O dia 2 de fevereiro é marcado nas *folhinhas* como dia aziago, em que não se deve tratar negocio.

—E V. crê nessa bugiaria?

—Quero que me responda primeiro:

As folhinhas são organisadas e publicadas sob approvação ou pelo menos com assenso das authoridades ecclesiasticas, não?

—Deve ser assim.

—As quaes não devem consentir que ellas encerrem contrariedade a doutrina religiosa, nem incoherencia naquillo que a egreja tem adoptado.

—Que duvida.

—Mas o dia 2 de fevereiro é consagrado pela egreja á celebração da Purificação da Virgem Santissima e ao mesmo tempo é declarado como dia aziago!.....

—Negocios de padres.

—Como conceber-se que, o dia em que a egreja, trajando galas, commemora o facto prodigioso de ser declarada isempta de toda culpa Aquella que, tinha de ser Mãe do Redemptor do Mundo, seja tido como um dia fatal, de mau agouro e adversidades, quando pelo contrario os fieis só devem esperar nelle ineffaveis graças e indulgencias d'Aquella que é Rainha dos ceus e da terra?

—Vá pedir a *Chronica Religiosa* que lhe explique esta embrulhada.

—Cousas tão mal arranjadas!

—O Exm. prelado por credito de sua illustração devia mandar riscar do kalendario de sua diocese essa chamada tabella dos dias propicios e aziagos.

—Uma pomba de mais arrebatada por um abutre.

Mais uma incauta, presa ao laço infame da seducção.

—E' caso novo?

—De poucos dias. A joven Lydia, menina

que pode ter 13 annos, foi seduzida e raptada em uma noite da semana passada.

—Quem foi o vampiro da virgindade?

—A cousa está de uma maneira que não se pode bem affirmar.

Dizem os falladores que a seduzida acha-se *armazenada* no cubiculo de um escravo, quasi fronteiro a propria casa materna, no becco da Ordem Terceira, e que é ahi que o lubrico vae cevar seus brutaes apetites.

—Isto já é bastante para a policia, si se quizer pôr alerta.

—Na quarta-feira (25) tomou posse o novo conselho administrativo da sociedade *Monte Pio dos Artifices*, ficando assim organisado:

Presidente—Aristides Ricardo de Santa Anna.

Vice-presidente—Joaquim Cassiano Hyppolito.

1.° secretario—Miguel dos Anjos d'Almeida Villarouca.

2.°dito—João Evangelista d'Araujo.

Thesoureiro—José Duarte dos Santos Bahia.

Recebedor—Eustaquio Fernandes Vieira Guimarães.

Archivista—Manuel Ignacio Ladesma.

Visitador—Joaquim de Carvalho Lima.

Idem—Lucio Casimiro da Fonseca.

—Capitão, V. Ex. assistiu a deitada da bandeira de S. Gonçalo, no domingo da Guia?

—Ora deixe-me, aquillo assemelha-se a um bacchanal, a uma completa orgia.

Não era minha mulher, irman ou filha que eu consentia sahir formando aquelle rancho.

—Eu tambem digo a mesma cousa.

—Apresentam-se ali certos rapazes que, sem o menor respeito ás senhoras e ignorando inteiramente o seu estado, poem-se a puchar-lhes os vestidos, a apagar as velas que as mesmas levam, e outras patifarias proprias mais de homens estupidos do qué de rapazes educados.

—Mas o que se ha de fazer neste caso?

—E' acabar com esta funçonata de deitamento de pau de S. Gonçalo, que é uma verdadeira palhaçada.

—Como vão as cousas nesta terra!

—Da melhor forma possivel.

—Tambem V. nada vê!

Rouba-se, espanca-se, fere-se, entra-se pela casa alheia e V. acha isso muito natural!

—Todas essas cousas já são acostumadas a succeder.

—O portuguez Luiz, com venda ás Pitangueiras, é atacado em sua propria casa por sete individuos e espancado atrozmente.

—De dia ou de noite?

—De noite.

—E' a hora dos perversos. A luz do sol é util a todos, as trevas da noite são uteis aos malvados.

E o Sr. Luiz si receia nova remessa, que ande mais acautelado; é o geito que lhe vejo.

—Por qualquer dá cá aquella palha, soffre-se uma multa na estrada de ferro!

—Mas para a commodidade dos passageiros não se olha,

—E' bom que V. saiba.

—Os carros não tem lotação determinada e os passageiros viajam atravancados como sardinhas em tijella; aguenta-se um calor de abafar; quem tem uma necessidade corporal ha de soffrel-a por seis longas horas de viagem, porque não ha um logar apropriado para satisfazel-a e o trem demorando-se nas estações o curto espaço de tres e cinco minutos não dá tempo para isso.

—Já vi um homem perder a viagem; não podendo supportar a dôr que soffria de ourinar, desceu para alliviar essa precisão, mas dado o signal, o trem partiu deixando-o fora.

—Ainda um homem pode supportar taes privações; mas para uma senhora deve ser extremamente penivel uma viagem nestas condições.

—E' de urgente necesssidade que a companhia estabeleça nos seus trens um logar adequado onde se possa satisfazer essas indeclinaveis precisões da vida.

—Ha uma outra cousa tambem notavel.

Como nos carros de terceira classe ha maior affluencia, a companhia limita o numero dos mesmos, e deita maior quantidade dos de segunda classe, como que querendo obrigar os passageiros a embarcarem se nestes por serem de preço mais elevado.

—Meu charo,

A sciencia desta vida
Está no saber viver.

Quem é tolo para si peça a Deus que o mate e ao diabo que o leve.

—Mas a companhia não deve olhar só para o seu interesse, deve attender tambem para as necessidades e commodidades publicas.

—Os *vales* das companhias de carros gyram hoje na circulação como si fossem moeda legal.

—O governo é quem authorisa o curso dos mesmos, consentindo que gyrem nas repartições publicas.

—E' exacto; outro dia fui ao correio pagar porte de cartas e jornaes e deram-me em troco vales dos Trilhos Urbanos.

Creio que assim como aquella repartição se julgou authorisada a me impingir pedacinhos de papelão como dinheiro, tambem eu estou no meu direito de firmal-os com minha lettra e dal os quando tiver de lá ir outra vez pagar o porte de qualquer papel.

—Nesta terra onde se diz que a lei para todos é egual, creio que tem toda razão.

—Entendo até que, qualquer empreza ou fabrica particular está no caso de emittil-os desde que o governo authorisa a circulação dos valles de duas emprezas de carros consentindo que,com elles se façam transacções nas estações publicas.

—Neste andar quem dirá que a thesouraria amanhan quando tiver de pagar uma fracção não faça com os *vales de uma sópa?*

—Pessoas ha que não presam a existencia que o Creador lhe concedeu.

—E' grave crime contra a lei da creação arriscar a vida imprudentemente.

—Ha sinistros que resultam puramente do accaso; estes a previdencia humana não os pode evitar; mas o individuo conhecendo o o perigo e se expor a elle, é attentar contra a propria existencia.

—Quem procura trabalho é trabalhador.

—Todos os dias os casos desagradaveis estão acontecendo nos trilhos de ferro, devidos a temeridade, precipitação e pouco cuidado; nem por isso esses casos fataes servem de advertencia aos imprudentes.

—São gentes que não tem miolos.

—Na terça-feira um sujeito sentou-se por tal forma sobre o varão da plata-forma de um dos *bonds,* que ao fazer este a volta da baixa do Bomfim para a estrada do Travassos foi ao chão sem sentidos, consequencia de enorme brecha que fez na cabeça.

—Este só tem a queixar-se de si mesmo.

—Este anno deitou-se a bandeira de S. Gonçalo sem benzer-se.

—A razão disso?

—Foi porque o capellão do Bomfim não se quiz prestar, e nem o padre Gregorio que lá se achava.

—Para elles negarem-se deviam dar alguma desculpa.

—Disseram que não era de suas attribuições.

—Eu como de attribuições de egreja pouco ou nada entendo, elles que por lá se hajam.

—Capitão, a lei desta terra é uma pobre invalida que em cada asylo a que se recolhe recebe novo aleijão; o direito individual está habituado á toda sorte de infidelidades e tormentos.

—Nem com tanta fome á caixa; nem com tanta sêde ao pote.

—Quer um facto?

—Não será mau.

—Pois escute esta clamorosa injustiça.

Agostinho Pio de Jesus, é um rapaz de 16 annos, filho unico, morador na freguezia de Pirajá, isto é, morava lá, agora sua morada é a bordo da corveta. Vivia do trabalho da lavoura, com o qual sustentava a seu pae paralytico José Marinho Ribeiro e sua mãe Anna Maria de Jesus.

O subdelegado entendeu que devia recrutal-o e o rapaz foi remettido para bordo.

O inspector do quarteirão competente attesta que é excellente filho, de conducta morigerada e indole pacifica, e os moradores do logar, em um nós abaixo assignados affirmam a mesma cousa.

Seu pae, assim mesmo paralytico, arrastando-se pelas ruas, veio em pessoa requerer a soltura do filho, julgando que seu estado commoveria compaixão; o governo, porem, deu-lhe com um solemne—não tem logar.

—E' preciso que haja grande prevenção contra esse individuo.

—Deve haver de sobra, porque segundo me dizem, com a remessa de Agostinho para a marinha, foram mandadas metter na cadeia sua mãe e uma irman casada, ficando o mesmo assim privado de ter quem por elle reclamasse seu direito, á não ser o pae inutilisado, o qual viu-se na contingencia de vir arrastando a bunda pelo chão até as portas de palacio para ahi receber um indeferido.

—Não ha effeito sem causa; eu não posso crer que sem um motivo qualquer se pratique tanta violencia.

—O motivo que serviu de pretexto foi, diz o pae, uma simples desavença com uma familia da visinhança, porem essa não foi incommodada, ao passo que a de Agostinho soffreu toda essa perseguição.

—O facto de Agostinho ser filho unico e sustentar seu pae decrepito, é prova demais a seu respeito; comtudo eu ponho sua noticia em reserva até colher novas informações.

—Moda nova, capitão.

—Qual é ella?

—Os soldados de policia quando querem mostrar valentia arrastam o espadagão nas pedras para tirar fogo.

—Isso é quando estão no *pifão.*

—Não lhe pareça.

Na quarta-feira á noite um, que dizem estava de patrulha, entrou para beber na venda ao largo de Santo Antonio da Mouraria e ahi fez barulho por dez; não houve quem o

aguentasse, deu pancada, atracou-se com o inspector de quarteirão, desobedeceu ao sub delegado, e quatro soldados não o poderam conter.

—Estava esquentado de mais!

—Eu não sei si é da lei militar; mas fiquei surprehendido vendo um barulho no qual havia um ajuntamento que pode bem se calcular de 400 pessoas, e a guarda da Correcção defronte sem se mover!

O nariz.

Não se assustem, meus senhores, que vamos fallar em geral. Trataremos de todos os narizes de todos os tamanhos e de todas as qualidades.

Quem se envergonhar por ter o nariz muito grande, pode escondel-o onde mais lhe convier, ou no buraco mais proximo que encontrar.

Mas vamos ao nariz que é o que importa.

Havemos tambem de fallar a respeito dos olhos, como uma importante parte da formosura humana; mas, apezar de morar o nariz debaixo dos olhos, não o julgamos inferior; nem em valor, nem em utilidade.

O nariz é o remate da obra da cara; é a chaminé da respiração; é o saca-rolha dos aromas... é o avaliador geral dos bons bocados; é o areometro perfeito com que graduamos a perfeição dos immensos e differentes cheiros da natureza. D'onde se pode concluir que, o nariz concorre muito para os regalos da vida.

O nariz é muitas vezes causa de uma grande paixão amorosa, quando, por exemplo, passa por junto delle uma dengosa e faceira donzella, esbelta e corada, vestida de seda e cheirando a essencia de rozas, ou uma amavel creoula rescendendo um cheirinho...

Ahi temos o nariz transformado em unha de gavião, querendo agarrar e devorar...

Outras vezes o nariz é um formidavel patife quando sente ao longe um cheiro de comidas gostozas; combina se com a fome e vão ambos dar uma assaltada para fazer ladroeira...

Outras vezes o nariz equivale a um bom chefe de policia, porque encostando-se a uma fresta ou canto qualquer descobre certos cheiros e cantigas, que dão indicios até de crimes horrorosos.

Ora, já á vista disto podem considerar os senhores leitores que o nariz é um traste de grande valor, e por conseguinte quem o tiver não o ande estragando em maus logares, porque tambem depois de perdido não admitte reforma nem remendos; excepção feita do nosso amigo Eduardo que arranjou um de tartaruga para supprir a falta do natural.

Vamos agora quanto a belleza do nariz. É indisivel a variedade que Deus empregou na formação dos narizes; de sorte que achando-se um homem em qualquer reunião, em cada cara que olha vê um nariz differente. Vê narizes monstruosos que parecem trombas de elephante; vê outros agudos e compridos como bicos de passaros; outros arqueados (a laia dos antigos chapeus armados de estes em geral são os narizes dos malucos); vê outros pequeninos conchegados ao rosto e com a pontinha arrebitada (estes são diabolicos, indicam soberba nos homens, e nas mulheres vaidade e tolice); vê outros narizes papudos e escarrapachados, com figura de cajú (estes são os narizes dos preguiçosos); vê outros narizes redondinhos de ventas estufadas, indicando altivez de genio. Finalmente seria um *sine fine* si fossemos a contar os moldes dos narizes, para porém evitarmos duvidas aos nossos leitores, que para fazerem um juizo acertado encostem as mãos direitas á suas caras e apalpem o primeiro nariz que encontrarem, que assim se convencerão da verdade.

Não nos esqueçamos de uma grande utilidade do nariz, explicando-nos no pensamento os diversos effeitos ou sensações que causam os cheiros de certas flores.

O jasmim, que bem se pode intitular o cheiro da innocencia, tomado de manhan cedo infunde no coração bem formado os sentimentos de ternura, de agrado, de alegria e de consolação. O dia em que a gente cheira jasmim de manhan cedo, passa contente.

A rosa tem cheiro libidinoso, é irritante das entranhas amatorias, e por esse motivo um antigo bispo prohibiu que se plantassem roseiras nos conventos de freiras: o cheiro da rosa tomado ás escuras tem a força de azougue vivo, corre por todos os escaninhos do coração, bole com os nervos e faz a pessoa dar pinotes com uma sêde terrivel.

O cheiro da angelica é o cheiro da virtude; não foi debalde que lhe deram este lindo nome, e talvez por isso é usada na vara de S. José. Uma vara de angelicas dobradas quando está viçosa parece bem uma donzella alva, toda vestida de setim branco.

O cravo (de todos o melhor é o cravo branco) é o emblema da sympathia; o seu cheiro desperta idéas de união conjugal, é sobre todas as flores a mais propria e elegante para o peito de uma senhora bem vestida.

Um cravo branco collocado entre as tranças de um cabello preto e bem liso, tem o mesmo poder que um punhal agudo nos olhos de um amador, e paramos aqui para não ser este artigo tão extenso, deixando para outro numero as reflexões sobre os cheiros silvestres e ou-

tras muitas qualidades de que ainda não fallamos.

A PEDIDO

Discurso

pronunciado pelo relator da commissão de felicitação da sociedade Amparo dos Desvalidos no anniversario da sociedade Monte-Pio dos Artifices.

Senhores.—A sociedade Amparo dos Desvalidos faltaria ao maior de seus deveres e a todas as regras de cortezia, si deixasse de tomar parte no vosso anniversario; muito principalmente tendo recebido o vosso honroso convite: por tal civilidade vos será eternamente grata.

As nações, ennobrecidas de prazer, adoram a aurora do dia em que lhe proporcionou o meio de salvar sua chara patria da oppressão de algum tyranno.

O guerreiro solemnisa com ardente jubilo os dias de suas passadas victorias.

O naufrago que lutando com as encapelladas ondas, exhausto de forças, congelado seus membros, perdendo seu corpo toda acção e equilibrio, sem que possa jamais apalpar a pequena taboa sobre a qual momentos antes se sustentava e era a sua unica esperança de vida, reduzido assim a desesperação e a morte, beija as plantas d'aquelle que se compadecendo de sua afflicção o tomou pelos cabellos e o arremessou sobre o duro convez do seu baixel e o salvou, restituindo-lhe a existencia que se lhe augurava perdida.

Com maior razão, senhores, deveis consagrar o dia que surgiu para nós, pobres artistas; porque parece que só para nós se fizeram todas as privações desta vida; e é, por sem duvida, um dia, torno a dizel-o, de gratas recordações, o em que um feliz accaso nos fez encontrar o salutar remedio para nossa indigencia!

Ah! quão bellas e uteis são estas instituições, em que o homem segura com pouco quantitativo o resultado de seu trabalho e economias, o seu bom ou mau futuro!...

Ah! quão feliz e venturoso não é o homem que pode reunir em torno de si outros que pensassem ou adoptassem a sublimidade de seu pensamento e unisonos trabalhassem para a prosperidade do seu desejado fim!...

Suspendo aqui os meus rudes pensamentos, a vossa intelligencia fará inteira justiça ás minhas humildes,porem sinceras palavras, pois são nascidas de um coração convicto de que foram, são e serão sempre de grande utilidade para os artistas estabelecimentos desta ordem; e por tal convicção se não pode preencher, em felicitar-vos n'esse magno dia em que celebraes com a maior pompa e gala o anniversario de vossa installação, ao menos, recebei os devidos emboras da sociedade Amparo dos Desvalidos, que por forma alguma poderia mostrar-se estranha ao vosso vantajoso porvir.

Continuae, senhores, na brilhante carreira dos vossos mais puros e santos desejos, correi á porfia de vossas crenças que tudo alcançareis e todas as difficuldades vencereis; só vos lembro que não tomeis por thermometro da vossa felicidade as paixões desordenadas e prevaricadoras que por todo orbe se acham espalhadas, no recinto mesmo de tão uteis estabelecimentos, onde deveria reinar a boa fé, san razão e honestidade, ellas apparecem envenenando o que ha de virtuoso e bom.

Sim, senhores, desprezae essas objecções e só vos sirvam de norte as palavras do Divino Mestre, quando nos recommendou que para vivermos bem neste mundo e servirmos a Deus, era necessario que amassemos uns aos outros, assim como Elle nos amou.

Bahia 8 de janeiro de 1871.

Severiano Pedro da Silva.

Xuneto.

Munina! p'ra amostrar-te o meu amori,
Este varril de paios te off'reço:
Xão bons, xão exellientes, xão de preço,
Provando has de lhe achar muito savori!

Nom tiem carne de giente, minha flori,
Por ixo quiero que lhe dês aprieço
E se acaso, meu rem, inda mereco
Peço-te um teu veijinho com ardori!

Quero ter uma dita n'esta bida.
Gozar nos vraços teus feliz bentura
E chamar-te do pieito minha q'rida!

E's as minhas candongas, a fetura
Xinhora d'esta bienda vem surtida!
Que probas mais tu quieres de ternura?!

Luiz da Bienda.

—Capitão, chegou o vapor do Rio no dia 25?

—Que eu saiba, não; porque pergunta?

—Porque o *Emulação* tendo recebido o titulo de Dr. Garapa quer fazer delle presente a um seu amigo o qual agradeceu a honra reenviando-lhe o titulo.

—Pois o *Emulação* que colloque no portão de seu Castello a rua do Soccorro por baixo do que existe dizendo: Emulação do Dr. Garapa.

O Reconhecido.

« —Hontem appareceu-me a mulher do *J.* com os filhinhos.

«Estava eu, o *A.* e o *medico das almas.*

«Ajoelhou se á meus pés banhada em pranto, implorando o perdão do marido; fiquei commovido..... os olhos arrazaram-se-me d'agoa.

« —E Vm. porque não perdôa a esse desgraçado, Sr. *M.*?

«Nelle nenhuma vingança tira Vm., visto que não passa de um instrumento mercenario da paixão de outros.

«Si Vm., como diz, commoveu-se tanto vendo a mulher prostrada a seus pés, o que o impede de perdoar?

« —Não posso, meu amigo, não posso; é preciso desaggravar a minha honra. E depois eu não obro só por mim.

«Olhe, ainda um dia destes entrei na *caixa que não é prodiga,* e encontrei lá o juiz, que disse-me:

«*Ora bem, nós fizemos nosso dever, agora « Vm. quando for d'aqui á dous dias, que o « testa de ferro for lhe pedir, vá perdoar.....*

«*Mas, si tal fizer, nunca mais conte comigo, « emquanto eu me sentar na cadeira de magis- « trado.*»

—Vejam todos em que mãos anda mettida a justiça em Latronopolis.....

E' o juiz convertendo-se em cego instrumento de rancores e vinganças.

E' o sacerdote da lei prostituindo-a impudentemente para cevar odiosidades.

E' o magistrado que fazendo-se cumplice de odiosidades, depois de dar uma sentença iniqua, ainda vae fazer advertencias a parte beneficiada.

E' ainda o magistrado que deixa o logar de julgador recto e imparcial para patentear interesse por uma causa, cuja parte abusa levianamente de sua prevaricadora parcialidade e conta por toda parte, como triumpho, a dobrez e flexibilidade d'aquelle que depois de immolar a justiça e o direito, tem a fraqueza e insensatez de fazer-lhe insinuações.

E não é a um, a dous, nem a tres que elle tem contado essa façanha.

Muita gente tem lhe ouvido cahir dos labios tripudiando da perversa alegria, essa prova authentica do aviltamento da justiça.

Ao menos aquelles que tem ouvido de bocca propria tamanho exemplo de corrupção e venalidade, poderão dizer si alguem deve contar com o direito e a liberdade em Latronopolis, onde a justiça é entregue a mãos tão polluidas.

Sr. redactor.—E' bem censuravel o procedimento da direcção de um baile pastoril ao becco do Tira-Chapeu. Hoje os bailes pastoris são um meio de vida, um negocio. Desde que os bilhetes são vendidos sem excepção adquirem esses bailes o caracter de espectaculo publico e portanto não ha escolha; o que se exige é que o espectador se conserve nos limites traçados pela decencia.

Para o baile da noite de 21, a direcção vendeu bilhetes sem procurar saber si os vendia a pessoas livres ou a escravas, e depois, na hora do espectaculo pretendeu despedir a um individuo á pretexto de que era escravo!

Esta é uma mesmo de tirar chapeu!

Si ha exclusivismo não vendam os bilhetes a quem primeiro appareça, sem indagar a sua condição, pois na turba-multa não é possivel distinguir quem é escravo ou livre, a menos que cada um não leve a sua certidão de baptismo para apresental-a; ou então publiquem um regulamento para sciencia dos que lá tiverem de ir.

—O Sr. Joaquim Gularte publicou no *Diario* um appello a seus companheiros escrivães de paz.

Mas ou eu não comprehendi o que li, ou o Sr. Gularte enganou-se no que escreveu.

O homem quer que se adopte aquillo mesmo que, no seu entender, traz graves prejuizos aos interessados.

Quer estabelecer uma regra fixa na formula de organisar os processos, o que, diz elle, não se tem podido até hoje conseguir, devido a *invariabilidade* seguida em todos os juizos de paz.

Ora, aqui é o caso de dizer-se que tanto faz dar na cabeça como na cabeça lhe dar.

—Eu creio que o Sr. Gularte quiz dizer outra cousa e atrapalhou-se.

VARIEDADES.

Uma ladainha modesta.

A senhora Eufrasia Espirituosa do Amor Divino é uma santa mulher que vive das reminiscencias do passado para se entregar em corpo e alma ás santidades do futuro!

Conta hoje os seus sessenta e quatro janeiros, e apezar d'isso inda pede ao Deus immaculado para lhe dar um 6.º companheiro, que a ampare quando fôr *velha.*

Todos os dias reza, pelo menos, vinte corôas a todos os santos da côrte do ceu, e por alma dos seus cinco companheiros que já se foram e fizeram as delicias de sua vida passada.

Mora em uma das pequenas casas da rua do Cabeça, junto com outra senhora Eufe-

mia Pulcheria do Coração de Maria, alma candida como a luz matinal purificada pelo fumo dos thuribulos exparsos nos templos catholicos.

Companheiras inseparaveis, não perdem novena, ladainha ou sermão.

Usam ambas de raminho de arruda atraz da orelha molhado em agua benta, quando sahem de casa, para se livrarem das tentações do *Brazabú*.

Cantam perfeitamente a ladainha, e todos os responsos dos santos conhecidos; são por isso auxiliares poderosas dos cantores sacros.

Tem em casa um lindo oratorio com varios santos de barro, mas o seu devoto predilecto é S. Gonçalo d'Amarante, porque dizem ser casamenteiro das velhas, e ellas muito amantes do proximo querem que todas as mulheres se casem para a propagação do genero humano e colonisação do Brazil.

Vamos, com o leitor, assitir a uma ladainha em honra de S. Gonçalo d'Amarante.

O oratorio está illuminado com 16 velas de cêra, tão pequeninas, que todas ellas não fazem uma libra: serve-lhe de sobre-ceu uma colcha de chita que foi do primeiro companheiro da senhora Eufrazia; ornam os lados do oratorio pedaços de damasco de côr duvidosa, mas que parecem que foram outr'ora encarnados; flôres em jarras e garrafas embalsamam com seus odôres o ar que ali se respira.

São 8 horas da noite, vem chegando o povo. São tres creoulos, alvos como jacarandá, vestidos decentemente; entram, comprimentam a todos com voz affavel, mas com orgulhosos ademanes como comprehendendo que o seu mister ali é superior ao das outras pessoas.

Collocam os chapeus em cima de uma mesa e ajoelham-se em frente ao oratorio, e a este exemplo todas as pessoas que se acham na sala fazem o mesmo.

Principia a ceremonia pelo *signal da santa Cruz*, resado em voz alta, findo o qual, o cantor que está no meio solta a diapasão da sua voz solemne e canta em estylo selecto:

S. Gonçalo d'Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casas as moças
Que mal vos fizeram ellas?

Côro.

Ai! casa nós todas,
O' S. Gonçalinho!
Faz esse milagre
S'és tão bonitinho!

Cantor.

Casar as velhas somente,
Deixar as moças p'r'o canto:
Ser parcial n'este caso
Não mostra razão de santo!

Côro.

Ai! casa nós todas, etc.

Cantor.

Advoga a nossa causa,
A's moças casa tambem;
Por cada um casamento
Terás d'esmola um vintem!

Côro.

Ai! casa nós todas, etc.

Não me recordo das outras letras, o caso é que este responso dura seguramente meia hora, e findo elle, principia a ladainha.

Os tres cantores, com voz de baixo profundo, entoam o—*Cristel eleição.*

Não reproduzo toda a ladainha para não enfastiar os meus leitores, o certo é porém, que depois do *cristel* vem o *fede leisarca, viva o pé de cana, matae o Christo,* etc., e a tudo isto respondem os ouvintes seguindo a ordem estabelecida na reza.

As variantes d'este côro são dignas de serem apreciadas. D'aqui surge uma voz, á guiza de sapo: *Ora pro nobis!* d'ali, a tia Engracia, abrindo extraordinariamente a bocca, despida de dentes, sorve tamanha quantidade de ar, que todos teem acabado e ella ainda continúa: *nobis!*.....

No fundo, uma voz afeminada e aguda sobresahe a todas as outras. O que, porem, se torna notavel, é um preto, cujos cabellos alvejam ao longo da testa, deixando no cimo da cabeça apparecer a mais decente e formidavel calva que faria inveja ao mais rubido dos cardeaes de Roma. A sua voz possante e já tremula atordôa os ouvidos de todos os circumstantes; semelha o ronco do trovão.

Finda a ladainha, o cantor do meio abaixa a cabeça sobre o peito e, como em profundo recolhimento, pronuncia o *Oremos,* em meia voz, e pouco mais ou menos neste dialecto:

Gratia tua quasumus, Dominé, mentibus nostris infunde uqui Anjelo notirante Christi fili tui incarnationem cognovimus per passionem ejus. Crucem ade resurrequetionis glorim perdeu camur, Per undem Christium dominum nostroum.

Respondem *Amem!*.....

Findo isto todos se levantam contentes.

Lá dentro, em cima de uma meza encebada, estão dispostas chicaras, tigelas, uma chaleira com café e algumas garrafas com cachaça. Para este logar se encaminham os circumstantes.

As senhoras Eufrasia e Eufemia servem primeiro do liquido das garrafas aos tres cantores que saboreiam o elexir da cana, como o

confortativo mais saboroso do mundo, servem depois o café a todas as mais pessoas.

Assim termina uma ladainha modesta, si depois d'ella não vem o incomparavel samba, o que as vezes acontece; e aquelles de meus leitores que ainda não assistiram a uma funcção tão edificante, eu os convido a ir á casa da senhora D. Eufrasia, todos os sabbados, que hão de vir de lá satisfeitos principalmente do saboroso café e da amabilidade da dona da casa, a qual tem taes attractivos, que sera difficil qualquer homem resistir a seus encantos sem cahir na..... risada!

Pantaleão Repolho.

Em uma Sexta-feira Santa, Bocage atravessava as ruas de Lisboa com passo mal seguro e descrevendo zigs-zags; um amigo encontrando-o n'este bello estado disse-lhe:

—Não te envergonhas de um dia como o de hoje andares ebrio a ponto de cambaleares pelas ruas?

—Que queres?... respondeu Bocage encostando-se ao humbral d'uma porta para se equilibrar, quando a Divindade succumbe, não é para admirar que a humanidade cambalêe!

Uma formosa dama dizia ao general X.:

—Como, depois de tanta gloria, procuraes ainda maior porção della?

—Ah! senhora, disse elle, porque razão sendo vós tão bella, ainda deitaes carmim?

Um sugeito possuia um pequeno grypho, quando appareceu o imposto sobre a raça canina.

—Conserval-o-heis vós? perguntaram-lhe.

—Oh!... este pobre animal, respondeu elle todo sensibilisado, em vez de me desfazer delle preferia privar-me do sustento... de minha mulher.

Um sugeito tinha dous creados, que se matavam a trabalhar para não fazerem cousa alguma. Uma manhan estando para levantar-se, chamou:

—Pedro, estás ahi?

—Sim, senhor.

—Que fazes?

—Nada, senhor.

—E tu, João, tambem ahi estás?

—Tambem sim senhor.

—E que estás fazendo?

—Estou ajudando o Pedro.

—Pois bem, quando acabares, vem dar-me as botas.

Um lavrador, tendo de fazer um memorial a um dos Infantes de Portugal, e vendo-se embaraçado no tractamento que lhe dever dar, dirigiu-se ao vigario da freguezia que aconselhou para finalisar o memorial d'es fórma:—« e humildemente beijo as mãos d Vossa *Infanteria!!* »

Sustentava um orador diante de numero assembléa, que a arte não podia adornar natureza.

Um dos ouvintes, já enfastiado, fez com que o auditorio se risse a bandeiras despregadas, exclamando para o orador:

—E que parecia você sem cabelleira?!

—Capitão, venho lhe pedir uma errata.

—Já não ha mais logar para isso.

—No ultimo logar, no logar mesmo dos annuncios.

—Diga lá.

No artigo que começa:—*A missão da imprensa,* etc·, no logar onde diz: «Fique pois sabendo o Sr. Leoncio que ameaças de facadas e cabeçadas não amedronta, nem nos fa recuar etc.,» lêa-se:—não amedrontam, nem nos fazem recuar do caminho que trilhamos.

ANNUNCIOS.

Gratifica-se com 10$ rs. a quem levar a rua do Alvo, n. 38, um cachorrinho branco felpudo, desapparecido na vespera de Reis com os signaes seguintes: cabellos crescidos e annelados, cauda tambem felpuda e enroscada para o lado esquerdo, com os quatro pés e focinho aparados, tendo foveira a cavidade do olho direito, sendo este um pouco mais apertado que o esquerdo, a ponta do focinho vermelha, acudindo pelo nome de Traquino.

Ama de cosinha.

No sobrado ao largo do Terreiro, defronte da loja do Sr. Seraphim, precisa-se de uma que saiba cosinhar, e gomar bem.

Aula Primaria.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna declara aos Srs. paes de familia, que a sua aula de primeiras letras, defronte da matriz de S. Pedro, acha-se aberta desde o dia 9 do corrente mez.

Bahia 11 de janeiro de 1871.

Attenção.

Joaquim Pereira Baião, participa ao publico, com especialidade aos seus freguezes e amigos, que mudou a sua casa de armador para o passo de S. Bento n. 49 aonde pode ser procurado a qualquer hora do dia e noite tem cadeiras de Anjos por preço commodo

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 81.ª DOMINGO 2 DE JULHO. Ns. 807 —803.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

DOUS DE JULHO.

Eis chegada afinal a epocha mais gloriosa dos faustos brasileiros.

Assim como na vida dos povos ha periodos de decadencia, tambem os ha de prosperidade e brilhantismo.

E' que as verdadeiras tradicções não morrem; a sua entrega é feita sob phrases tão vivas e expressivas, que mil seculos, que por sobre ellas passem, nada mais fazem que avivar a sua immortalidade, nada mais importam que reviver os caracteres com que foram gravadas nas aureas paginas da historia patria.

Não ha que duvidar: o dia de hoje é das mais doces e gratas recordações; foi á sua luz que solemnisou-se o facto mais importante e grandioso, que a Omnipotencia aguardara nos seus altos designios.

O direito, suffocando a revolta do arbitrio, deu origem ás aspirações da liberdade, e o progresso, desataviando-se de sua roupagem infantil, triumphara da conquista com a mais assignalada victoria.

Era que o genio de um povo era a causa d'esta completa emancipação no solo brasileiro.

Já não havia que suffocar-se os transportes do enthusiasmo, nem occultar-se as effusões de jubilo; uma nação mostrava-se risonha, proclamando a sua independencia, e tomando novo logar entre os estados soberanos do universo.

O Brazil, soffrendo jugo iniquo e ferrenho, permanecendo por muito tempo sugeito ás leis da tyrannia, podera quebrar afinal as algemas, que roxeavam os seus pulsos, e erguendo forte e descommedida a cerviz lançara o ingente brado de —*Independencia ou morte.*

O grito soado nos vicejantes campos do Ypiranga rasgou alegremente os ares do solo brasilico, e repercutindo por todos os angulos do vasto territorio consubstanciou os animos ainda revoltos pelos principios da anarchia, e em ondas harmoniosas enunciou a necessidade da força contra a audacia, da guerra contra o despotismo da paz.

As adhesões tornaram-se geraes e fervorosas, e o enthusiasmo sincero pela grandeza da causa.

Do Amazonas ao Prata não retumbara outro echo que não fosse—*Independencia.* Não se ouvira outro grito que não fosse —*União.*

Formam-se em todas as provincias o feixe mysterioso, que nenhuma força poderia quebrar, porque a nossa nação tinha direitos incontestaveis para governar-se por si.

A entrada estava aberta para a gloria e para a honra, e todos deviam ornar o sanctuario da patria.

Depois de quasi tres seculos de soffrimentos, impostos por leis de sangue, ditados por vis paixões e sordidos interesses, vae resurgir com esplendor a defeza do direito mais sagrado de um povo —*o direito da reconstituição.*

Resistindo á uma torrente de males incalculaveis, medrando no meio da mais vil oppressão vae o mesmo povo forte e animado conquistar a palma mais gloriosa, o mais fulgente florão de todas as conquistas.

Confiado em um homem, embora portuguez, mas que primeiro brasileiro, tomou sobre os hombros o peso de grande responsabilidade, vae elle mesmo levantar com um golpe o mais bello florão, que o eternisará no grande livro da historia universal.

Raiara por fim a victoria, e Pedro é saudado com jubilo, como o libertador, o anjo tutelar e o heroe americano.

A Europa que até então reconhecera a independencia dos Estados-Unidos, que não destruira, e nem o podera fazer, a obra gigan-

tesca de Washington e de Francklin, que ficara neutral na luta das colonias hespanholas, não podia deixar de reconhecer a do Brasil, que com toda justiça, meios e recursos procurava entrar na grande familia das nações.

N'este conflicto, porem, porta-se com mais denodo a terra primogenita de Cabral, essa porção sempre generosa e tão malfadada do Brasil—a Bahia.

O brio é a nobre divisa de toda provincia, e depois dos mais sanguinolentos encontros, pode ella expellir do seu seio esses monstros, que se sustentavam á custa do seu sangue.

Era o momento por demais sublime e magestoso, porque a causa do Brasil inteiro ia ferir-se em uma só provincia; a primogenita de Cabral não podia supportar por mais tempo esse viveiro de lobos, que arraigavam os mais capciosos caprichos.

O horisonte se desvendava sombrio e carregado, as nuvens pela sua negrura deviam despejar horrivel borrasca; tudo isso, porem, dissipou se e Pirajá, Cabrito, Funil, Itaparica e Cachoeira são provas eloquentes, testemunhos irrefragaveis das maiores acções.

1823 recorda assim os grandes feitos dos nossos maiores, d'aquelles que, sacrificando os interesses da pessoa para glorificar os do nome, scellaram com o seu sangue o padrão mais fulgurante da bandeira nacional.

A' sua memoria subida homenagem, a seus manes profunda veneração.

Deram-nos a liberdade, a emancipação politica e social, fizeram que a arvore frondosa do progresso espalhasse por sobre nossas cabeças seus beneficos resultados; portanto todo respeito.

Ainda hoje restam alguns d'esta pleyade nobre e heroica, que com tanto desvello souberam pugnar no campo da guerra, numero resumido, é verdade, mas sufficiente para attestar ainda ás gerações presentes o renome de verdadeiros heroes.

Exulta, pois, de alegria, filha primogenita de Cabral, á ti cabe a maior gloria no festim da liberdade; tu que nas mais arriscadas crises tens dado exhuberantes provas de consummado valor!

Exulta, pois, de jubilo, guerreira provincia, que tantos exemplos déste de civismo e bravura.

O esquecimento d'este dia importa o teu descredito, traz a mancha que contrasta com a honra de teus brios.

Foi sempre assim que te portaste junto de tuas irmans, jamais negando os foros, que tens bem merecido.

Congreguem-se todos em applaudir mais este anniversario, sendo a união a força que nos ha de ennobrecer perante o mundo civilisado.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 1.º de julho de 1871.

Officio ao Illm. Sr subdelegado do Pilar. —Sendo notorio que um tal Epiphanio da *santa dos impossiveis*, morador nessa freguezia, e aggregado á famosa quadrilha do Fortinho, raptara, na freguezia de Santo Antonio, ha cerca de 20 dias, uma menor, e a conduzira para uma casa um pouco mais adiante da em que mora com sua mulher, onde ainda a conserva; torna-se de indeclinavel urgencia que, a ser exacto, proceda S. S. criminalmente contra o referido individuo, deparando-se-lhe uma boa occasião para enxotar da freguezia uma das perniciosas harpyas que tanto flagellam as algibeiras dos transitantes. O que espera-se.

—Ao Illm. Sr. administrador do hospital dos Lazaros, rectificando o nome da crioulinha sobre quem se pediu a S. S. informações em data de 20 do p. passado, a qual chama-se Sabina, é filha de Ignez e são seus padrinhos Francisco das Chagas e Athanazio, todos africanos.

—Si a camara municipal, se compenetrasse dos altos deveres que contrahiu e se obrigou a cumprir, á muito teria envidado esforços para a extincção de uma causa de permanente insalubridade, de reparavel defeito, de extrema falta de aceio nas ruas.

—Cream-se impostos onerosos, vexatorios e até odiosos, cujo producto muitas vezes é estragado em objectos de nenhuma necessidade, em verdadeiras sinecuras, e porque não se impõe a todos os proprietarios de predios nos quaes existam canos que despejem para a rua, a obrigação de removel-os e encanal os, sendo essa uma medida de utilidade geral, de summo interesse?

—Reflecte bem; era uma excellente medida; todo proprietario cuja casa o cano deitasse para a rua, devia ser obrigado a concertal o.

—Ha immensidade de ruas defeituosissimas e immundas pela fedentina que exhalam o tijuco e materias excrementicias.

—Por exemplo nas ruas do Castanheda, Marchantes, ladeira da Ordem 3,ª não se pode andar por ellas.

—E que me diz do becco do Curiaxito?

—Eu não sei como os moradores de semelhante logar podem supportar tanta porcaria tanto fedor!

—Eu creio que o emprezario do aceio publico baniu-o de sua lista.

—Não se lembre desse homem que zomba de tudo e de todos. Que se importa elle que o becco do Curiaxito esteja atopetado de esterquilinio e materiaes corruptiveis.

—Pobre povo! tão carregado de deveres e nada de gozos!

—Capitão, receba.

—O que é isso?

—Uma producção dramatica.

—Leia o titulo.

—Os ultimos momentos do tyramno Lopez—drama em 1 acto, dividido em 2 quadros—por A. Pinto Pacca.

—Hei de ler depois. Por agora mande agradecer ao Sr. Pacca a lembrança, protestando-lhe o desejo de que sua producção seja bem acolhida do publico.

—Não sei que perigo ha em uma filha visitar seu pae, em uma mãe visitar seu filho.

—Creio que nenhum.

—Pois no hospital de charidade não é permittido.

—Escrupulos mal-entendidos das irmans de charidade; entendem que é contrario ao pudor.

—Na quinta-feira 22 do passado, indo uma mulher ver o pae, o qual é aleijado, as irmans de charidade não consentiram que entrasse. A rapariga persistiu e clamou em voz alta que queria ver seu pae. O homem conheceu a falla da filha e arrastando-se foi até o logar onde ella estava. Vendo-o, as irmans ordenaram-lhe que se recolhesse ao leito e sem esperar que fossem obedecidas, esbarraram-o com tamanho impeto que o homem cahiu redondamente no chão.

—Para ver como ellas são charidosas e como são dotadas de resignação.

—No bando annunciador dos festejos do immortal Dous de Julho, um capadocio mascarou-se; e fingia-se aleijado de uma perna e potroso.

Chegando em S. Pedro e vendo as janellas de um sobrado atopetadas de senhoras voltou-se para ellas e disse:

«Sou voluntario da patria, voltei aleijado desta perna e com *isto* bastante crescido!...»

—Que desaforo!

Ahi está o que faz a falta de policia! Este insolente devia ser in continente trancafiado na casa de correcção, afim de não abusar da mascara que tinha no rosto para praticar immoralidades!

—Capitão, na noticia sobre a missa celebrada na capella do Senhor dos Milagres, ao largo do Paranhos, houve um engano, que será bom rectificar.

—Incumba se disso.

—Não foi S. Ex. Revma. o Sr. arcebispo e sim S. Ex. o Sr. vice-presidente quem assistiu á referida missa.

—Creio que está conforme.

—No *Diario* de 27 do p.p *uma testemunha ocular* refere-se ao artigo do *Alabama* sobre o conflicto Albino e o subdelegado de Santa Anna.

—Li isso. Diz que só podem fallar *ex-cathedra* aquelles que foram testemunhas de todo o occorrido para não faltar á verdade.

—Mas em que alterou o *Alabama* a verdade? Havia ou não jogo á *mandar vir* na venda? Havia.

E' exacto ou não que o portuguez recebeu o subdelegado com palavras asperas e indecentes? E' exactissimo.

E porque na occasião não existia o ajuntamento, segue-se que deixasse de havel-o em outras?

Para legitimar esses ajuntamentos publique a *testemunha ocular,* si quizer, quaes eram os frequentadores.

—Todos teem obrigação de respeitar as authoridades no cumprimento de seus deveres; desde que a authoridade é desacatada e ordena a prisão do individuo, cumpre-lhe fazel-a executar sob pena de desprestigiar-se. Parece-me que foi o que fez o subdelegado, e por isso, no meu entender, fez seu dever.

—Uma intriga de nacionalidade que vem no *Diario* de 28, por um *Curioso,* é cousa tão rasteira que não vale a penna dar-lhe assumpto.

Si leram e não comprehenderam, ninguem tem culpa.

Si comprehenderam e fizeram por malignidade, o despreso é a melhor resposta.

Processo Juca Rosa.

Feitiçarias, sortilegios, evocações, estellionatos, roubos, propinações de veneno, abuso de confiança, ataques a religião, seitas prohibidas.

Sessão na 2ª delegacia de policia.—Presidente, o Sr. Dr. Miguel Tavares; advogado, o Sr. Dr. Tito Franco; escrivão, o Sr. Chaves.—A' 1 hora da tarde.—2ª testemunha.—M. A. de M. S., natural do Rio de Janeiro, de 32 annos, solteiro, disse: que conhecia o accusado *Juca Rosa,* de nome, tendo já visto uma photographia, igual á que se acha junto aos autos, em poder de uma moça por nome J. A. de X. que mora com L. M. da G., á rua

da Lapa n. 81, ambas fanaticamente dedicadas a *Juca Rosa,* acreditando-o dotado de poder sobrenatural, capaz de inspirar paixões, tirar o vigor a individuos, fazêl-os adoecer e succumbir em molestias; que, sabe, exercer *Juca Rosa* a feitiçaria, promettendo fortuna ou realisação de desejos, e que para isso percebia a maior somma que lhe podia dar a pessoa que o consultava; que L M. para se filiar e obter de *Juca Rosa* o que se chama guia e breve, vendêra uma mobilia de medalhão e mais trastes, afim de apurar a quantia de 300$, exigidos pelo accusado, para essa filiação; que sabe da influencia funesta que o feiticeiro exercia sobre muitas moças, obrigando-as a dar-lhe dinheiro, sob promessas de alcançarem fortuna; que M. T. outr'ora moradora na rua do Sabão da Cidade Nóva, e agora residente á rua do General Pedra, se casára no gongá com o accusado, ultrajando assim a religião de Christo; que o nigromante batisava crianças, conhecendo a testemunha duas mocinhas de 4 annos que ainda se conservam fóra do gremio catholico, sob a ceremonia pagan effectuada segundo o ritual de *Juca Rosa;* que o feiticeiro ministrou a H. de A., por intervenção de algumas de suas *filhas,* certos medicamentos que o levaram á beira da sepultura, estado em que infelizmente se acha; que nas sessões de *Juca,* as mulheres trabalbavam ou assistiam descalças, e nuas; que todas as filiadas n'esta torpe instituição, dizem, que si elle pudesse, na prisão em que se acha, dispôr dos seus preparos, conseguiria sahir já, mas que afinal a questão será de tempo; pois effectivamente elle sahirá livre; que o accusado faz uso de *moximfadas* a que chama medicinas, correndo entre as *filhas* que elle extrahia de feridas, porções de agulhas e ferros velhos; finalmente que o feiticeiro recebia dinheiro de varias pessoas para effectuar certos desejos, a maioria dos quaes se tornavam irrealisaveis, sendo certo que a propinação de medicamentos secretos, eram totalmente nocivos, o que se prova exuberantemente.

A PEDIDO

— Psio! O' lá caixa d'ossos!

—Quer comprar ou vender algum escravo? Si a peça é boa arranja-se facilmente.

—Não se trata disso, refugo de corrector.

—O que quer tratar então?

— V. não me conhece? Sou o muxingueiro do *Alabama.*

—E' o Sr.?!... O que pretende de mim?

—Quero leval o á bordo, onde estou resolvido a passar lhe uma fustigação de taca pela pelle.

—Porem eu sou innocente.

—Os criminosos dizem assim sempre

—Si o Sr. sabe de algum delicto meu, diga.

—Uma senhora confiou lhe uma crioulinha de 13 annos incompletos para V. agenciar comprador, e dizendo V. que ia leval-a a certa casa para ver se agradava, levou-a para a sua, onde brutal e violentamente estrupou-a deixando-a maltratadissima. Passados dias a offendida ainda soffria e descobriu-se a sua torpe infamia.- V. foi com uma carta de certo individuo de quem depende a referida senhora, rojar-se aos pés desta,e está por isso impune. O capitão, porem, não deixa passar esses cousas e quer remuneral o da boa acção que praticou. Portanto siga.

— Ai, Sr. muxingueiro, o *Bune* foi quem me aconselhou; agarre-o tambem.

—E' mal arranjada essa evasiva de *Bune; faço* o que entendo e não quero advertencias. Siga para o porão.

—Sr. sargento Gregorio, pague a mulher o importe da comida. O Sr. encheu a tripa com seus camaradas e agora nada de cobres. Si ella fosse a quitanda buscar mocotó de graça, então podia lhe dar, perdendo ainda assim o trabalho de cosinhar.

—Ha cerca de dois annos, que Agostinho Ferreira Brasil, morador á Cruz Cosme teve um braço quebrado; entretanto que o causador dessa desgraça até hoje nada soffreu e anda impune!

Não se pode passar por junto do quartel da Palma, do lado do portão de cima; onde estão aquartellados os invalidos!

Soffre-se um chuveiro de imprecações, doestos, vaias e insultos.

Do digno Sr. commandante das armas espera-se um paradeiro.

—Que quidan é aquelle que tão cynicamente contende com uma crioula corpulenta, n'uma biboca de funís velhos e objectos de *caldereiro?*

—E' um antigo capitão, que por não ser *justo*, e não ter *tino* deste posto não passou.

—Mas, porque se torna elle tão desfructavel, parecendo um jogral, incommodando assim os ouvidos dos transeuntes?

—Não sei, capitão, mas ouço dizer que são ciumadas de ambos.

—Pois eu acabo com isso; vou mandar o muxingueiro dizer a tal coruja que se aquie-

te. e a elle—que seja mais recatado, porque o visinho da esquerda já está incommodado com tanta banalidade.

—Capitão, ainda mais um facto; peço a V. Ex. o favor de ouvir-me.

—Ao seu dispor; seja resumido.

—Lá vae obra... O celebre lusitano que foi expulso do hotel n'uma *baixa* da *cidade*... o celebre agente do olho vivo que fez diabruras quando empregado no hotel *Fireguedo*, isto é, que n'esse hotel fez desapparecer um relogio, corrente, etc., e um annel de brilhantes de um *official de marinha*, cujo retrato não *pinto*... anda por ahi tomando a planta das casas aptas para o seu divertimento. Alem de trocas de nome. sendo o primeiro *Dofreal*, diz elle pertencer a ordem de S. *Francisco*, ser da irmandade de S. *José* e é d'esses de *lavrar pau*.

—Eu já lhe disse que lavra se pau com machado.

—Pois bem; o corujão anda por ahi; já foi hontem ao theatro, e prometteu seguir para o Rio de graça, isto é, levando comsigo cento e tantos mil réis de uma moça que é lisa.

Participo-lhe isto para seu governo.

Soneto.

Que mais queres, mulher, de um desgraçado?
Não fui por teu respeito exposto a fome?
Não vivo qual cachorro que não come,
Pelas ruas andando estorricado?

Não vivo pelo mundo apedrejado,
Parecendo um phantasma ou lobishome?
Não vês que a *quebradeira* me carcome,
Não fui por tua causa *reprovado*?

Não te lembras que eu tenho a perna torta,
Por pular de tão alto; e que na vinda
Quasi, quasi que um vidro o pé me corta?

Como queres, cruel, que eu salte ainda
O muro do quintal? Meu bem, na porta
Da tua casa, fallarás *bem-vinda*.

—Sr. capitão, venho pedir a V. Ex. um momento de attenção.

—Está servido; mas seja breve.

—Occuparei o tempo necessario somente Ha mezes que ouvi fallar de uma representação de muitos pharmaceuticos ao Sr. Dr. inspector de saude sobre as boticas que não tinham pharmaceuticos *formados*, e entre ellas era ennumerada a do hospital da Santa Casa, em que ha uma irman manipulando os remedios, e como não soubesse da solução do negocio, venho pedir a V. Ex. si sabe informar qual a razão de ter-se deitado uma pedra em cima. Será tambem filhotismo, ou condescendencia para com os amaveis no que só o dever e a justiça devem entrar?

Desejo então que V. Ex. responda-me a estas perguntas; e officie ao Dr. inspector para despachar o requerimento de tantos moços, e a S. Ex. o Sr. presidente da provincia afim de que tome conhecimento do facto.

—Não posso responder-lhe; mas vou mandar officiar para que se dêm as providencias requeridas.

Pergunta-se á illustrissima camara a razão de não ter informado á presidencia a representação que baixou para esse fim em 3 de maio proximo passado.

Abaixo transcreve-se o despacho da presidencia:

«N. 1782.—João Pires Moreira, morador nesta cidade, á rua do Soccorro da freguezia de Brotas, usando do direito que confere o art. 73 da lei de 1.º de outubro de 1828, reclama á presidencia contra a deliberação da camara municipal, com que sente-se aggravado.—Informe a camara municipal. Bahia 3 de maio de 1871.»

—Capitão, quem nomearia Mr. *Renard* para *consul da Bahia*? seria a republica franceza?

Cabo.—Não: Foi a communa; assignado o decreto por... com um *escudo*.

Conto.

JONES CRIMAS.

Jones Crimas é moço; pode ter de edade 27 para 28 annos. Os seus principios foram pessimos.

Desde criança teve por costume, como ainda hoje tem, o de ser agil nas mãos em *descascar pevides*, distracção esta que o esquivava dos livros da escola, e tanto que sahiu della mal sabendo assignar o seu nome e ler alguma cousa. O seu caracter é negro como a sua alma. Poucos a elle se chegam com receio de que a *vibora* não lhes dê algum bote. Para elle todos são maus, até mesmo o proprio Christo.

Genio rixoso, lingua que não poupa a honra de familia alguma, este MISERAVEL anda por ahi a *embaçar* a gente, como procurador de uma viuva, que se não tomar tento, breve ficará desgraçada. Tem tanta sêde de ouro, (que miseria!) que ultimamente foi servir de ESPIÃO, para ter 30$ rs., e intrigar aquelles que na miseria o soccorriam!! Assassino, foi causa ha dias, da morte de uma creança, que estando de tetanos, em uma casa das que elle diz administrar, e mandando-a destelhar, por que a infeliz mãe da creança estava atrasada em um mez de aluguel, (que alma negra e

deshumana!!!) ao que se oppôz um velho pedreiro, o MISERAVEL fez tanto barulho que a infeliz criança teve logo de expirar! E é este o homem escolhido para ESPIÃO e INSPECTOR!!

(Continúa.)

Moffina.

Vou fazer grande serviço
Ao corpo eleitoral,
Espero ser elle acceito,
Para não resultar mal.

Brasileiro tambem sou,
Quero o bem do meu paiz;
Pois elle é digno e digno
De melhor sorte e feliz.

Appresenta-se candidato
Da assembléa geral
O *chiquinho* bestalogico,
Que parece um animal.

E' corajoso bastante!
Valha-nos o *pai da pobreza,*
Coragem de *azevêdo*
Pondo a camara em barateza.

Presumirá *monteizinho*
Que tem alguma influencia?
Persuadir-se-ha ser cousa?
Julga ter intelligencia?

Vá cuidar em outro officio
Que infelizmente já é:
Desputado de provincia,
Varredor sem ter fé.

Dos seus correligionarios
Traiçoeiro é conhecido,
Desmoralisa aos collegas
Sem attender ao partido.

De malcriação, d'impostura
E' elle grande armazem,
Não sabe ser delicado,
Não conhece o que está bem.

Agora meu eleitorado
Dai-lhe com impavidez
Reverenda tabocada
Que voltarei outra vez.

O rozario de João Pereira.

VARIEDADES.

O doutor mulher.

Um pobre *caipira* foi a casa de um doutor em leis para encarregal-o de uma causa importante e como este se achava na rua, o *caipira* foi recolhido a uma sala por uma preta, que lhe disse, que esperasse o doutor que não tardaria a chegar. Com effeito, passados cinco minutos, entrou o doutor de casaca, chapeu, etc. Era ainda moço, gordo, e sem barba; saudou o *caipira,* e dirigiu-se para o interior da casa a mudar de fato. D'alli ha pouco appareceu elle de *chambre,* e o pobre do *caipira,* suppondo que era a mãi ou a mulher do mesmo, levantou-se com todo o respeito, dizendo: « Boas tardes, *sinhá dona.* Aqui estou á espera do Sr. doutor. Este que era algum tanto capadocio, percebendo o engano do *caipira,* acudiu de prompto:—Elle apanhou uma constipação no despir-se, e por isso mandou-me em seu logar. Sentemo-nos e conversemos. « *Nha não,* tornou o *caipira* meio sorrindo-se, eu virei depois; o negocio e *cabelludo,* não se pode fazer patente a mulheres.

Graça de um pobre.

Um bonachão tinha o nariz muito chato. «Deus lhe conserve a vista, disse-lhe um pobre a quem tinha dado uma esmola.—Porque me desejas tu isto? lhe pergunton.—E' porque si a vosssa vista enfraquecer não podereis usar de oculos.,,

Chegando um viajante á casa de um pobre lavrador, este lhe apresentou o seu jantar que se consistia em um prato de feijão miudo.

O viajante, suppondo que haveriam outros guizados de melhor gosto, comeu pouco feijão, e largou do talher.

Então o dono da casa ordenou ao servente —que levasse o prato, dizendo ao hospede:

—O senhor (pelo que me parece) não gosta da unica cousa que ha para se comer.... *Feijão miudo....*

—Ah! *é feijão miudo*?! exclamou o viajante arrancando o prato das mãos do servente; com que então é feijão miudo que eu gosto tanto?... Porque não me contou ao principio que isto era—feijão miudo?...

E continuou a devoral-o, exclamando a cada bocado:

—Feijão miudo, que eu gosto tanto!... Venha, venha o feijão miudo, que daqui èmdiante não me ha de passar por alto. Comeu cinco pratos e ainda bebeu o caldo.

Casarei?

Quando sosinho me vejo,
No meu quarto, a meditar,
Sem ter quem venha, sensivel,
Minhas magoas adoçar,
Sinto na mente passar-me
O desejo de casar:
Depende d'isso o meu bem?
Pois casarei... mas, com quem?

C'uma pequena gallante,
D'estas que inspiram paixão?
Mas, si por conveniencia,
D'esposa me der a mão,
E quizer conservar livere
O voluvel coração?
Não a quero... é perigoso,
E eu sou muito escrupuloso.

Desposarei uma feia,
Que a ninguem revele agrado?
Que, aborrecida por todos,
Me não infunda cuidado?
Fóra uma acertada escolha
De quem é desconfiado,
Porém não... do todo seu
Ninguem gosta?—pois nem eu.

Buscarei moça que tenha
Com que eu possa figurar?
Mas, quem sabe si, querendo
Prohibir-me de gastar,
Me dirá, batendo o pé:
Si lhe custasse a ganhar!
Não quero que ande depois
O carro em frente dos bois.

Casarei com mulher pobre,
Que seja honesta e formosa?
Pode ser... mas si do luxo
Se tornar ambiciosa,
E julgar que não é nada
O ser pobre virtuosa?.....
Nada... nada... não acceito
Para *cego* não me ageito...

Escolherei uma velha,
Que me chame o seu menino?
Mas si ella se faz zelosa,
E tenta dar-me o ensino?
Estas velhas, rabujentas
Fazem cada desatino!
Não... só si ella prometter
De em breve tempo morrer.

Talvez que uma viuvinha
Fosse boa acquisição;
Porém temo que o defunto
Lhe levasse o coração;
Nem ficam bem ao mancebo
Trastes em segunda mão:
Não quero que ha de tambem
Fallar sempre em quem Deus tem.

Não quero a moça galante,
Que talvez me julgue feio...
Feia, rica, pobre, ou velha,
Todas me infundem receio;
Tambem não quero a viuva,
Resta-me apenas um meio:
—Como todas tem seu mau.
Comprarei uma de pau.

F. X. de Novaes.

O beijo.

A natureza humana é um enigma que tem dado e dará mil tratos á cabeça dos philosophos e moralistas. Actos ha tão simples em si mesmo, tão naturaes e significantes, que todavia alteram a nossa existencia, e profanam o nosso futuro. Sò Deus pode explicar os misterios da sua obra; a sabedoria humana é vaidade e loucura, apezar do vapor e do telegrapho..

A meu vêr, nada ha mais natural, mais innocente, mais simples que um beijo; e entretanto que serie de consequencias não produz esse contacto de dous labios que se desejam, de duas almas que se aproximam!

Deus nada creou sem um fim, sem um destino proprio. Cada membro do nosso corpo tem uma funcção que preencher, e por mais que escogite não posso assignar aos labios outra funcção que não seja—beijar—o que? Depende isso do gosto dos individuos, e sobre gostos não se disputa: é um axioma do povo.

Mas, assim como ha existencias infelizes, que o destino persegue e mirrha, ha tambem no corpo humano partes votadas a uma proscripção odiosa, que ou devem viver sempre nas trevas, ou devem mentir ao seu destino. Os labios são dessas partes que sem mil restricções arbitrarias não pódem preencher seu fim. Se beijam uma mimosa e rubicunda que os provoca e incita, são accusados de impudicos e torpes, e sabem todos que elles não pousam em boca que evita o seu contacto. Si fosse legislador só puniria os beijos furtados, como attentatorios da propriedade, que a constituição garante em toda a sua plenitude, deixando salvo o principio de desapproprição, como faz a sabia lei do imperio.

A sociedade está sempre vigilante ao menor movimento dos labios; a policia acode, e o som de um beijo fere os seus timpanos, e começa o processo dos labios. Si a boca, theatro do crime, apenas desabrocha e ainda conserva alguns resaibos do mel da infancia, a pena é severa, o julgador inexoravel. Si, porem, o roçar dos annos lhe tem roubado o carmin, lá vão os pobres labios criminosos divagar por alguns mezes pela comarca mais proxima do theatro do seu crime. As saudades do lar, as recordações dos gozos passados, e talvez o remorso e o desespero os pungem e torturam, até que um novo exercicio do direito os obrigue a novo exilio. Como o peregrino da legenda biblica, perlustrarão o mundo sem encontrar o repouso. Em toda a parte acharão bocas que aceitem beijos; reincidencia no crime, eis a sua missão na do povo-rei.

Ainda que a devassidão dominasse orgulhosa nas collinas de Roma, ainda que fosse Egeria dos Cesares, e dormisse abraçada com os consules e padres conscriptos, os romanos odiavam os labios e puniam o comprimento de sua missão. Assim, no contrato esponsalicio si o esposo morria *post osculum,* a esposa ou a bocca osculada tornava-se proprietaria da metade dos mimos anti-nupciaes. Ora um beijo é o elo natural de taes contractos e pela legislação romana um tal sello era por demais exorbitante. Mas o que fazer, si havia passado em julgado este absurdo juridico: —*osculo delibata censetur virginitas?*

Na França os labios gozam de mais liberdade, e o cumprimento de sua missão, diz Mornac, é um mero signal de civilidade. Mas o exemplo da França civilisada não foi geralmente abraçado. A Hespanha, a poetica Hespanha, sanccionou o principio dos romanos! Mas que hespanhol da pura raça de D. Quixote resistirá aos attractivos de uma boca andaluza?

Em Portugal, diz o velho Pascoal de Mello, não está em uso a lei romana. Era tambem inutil aceitar o principio coercitivo da liberdade dos labios. Quando não são provocados, ninguem receie que saiam de sua inacção habitual.

Entre nós, os esforços do legislador, a severidade do juiz, a vigilancia da policia, não podem impedir o livre cumprimento da missão dos labios. Tão forte é a seducção!....

A. Castro.

Casamento.

Um moço com 100$ rs. por mez não se pode casar; hoje tudo está a preço tão elevado que 100$ mal dão para strictas necessidade da vida. Eis aqui como um moço gasta os 100$ rs. que ganha:

Casa.	15$
Comida, 1$200 por dia.	36$
Roupa lavada.	4$
1 par de botinas para dous mezes.	4$
Roupa (180$ por anno.)	15$
Engommado.	6$
Charutos (6 por dia.)	7$
Theatro e cerveja.	5$
Pilulas do Dr. Ayer,	1$
Miudezas.	7$
	100$

Parece que ha verbas inuteis, por exemplo as quatro ultimas. Mas isto é um engano:—O fumar é como o comer; quem fuma não póde deixar de saborear o seu charuto 3 ou 4 vezes por dia. O theatro é a distração necessaria para nosso desenvolvimento; as preparações do Dr. Ayer, purificando o sangue, impedem molestias graves e com ellas grandes despezas; e quanto ás *miudezas*.... fallaremos depois mais por miudo.

Charadas.

Mereço ser condemnada 1
Sou de soldados junccão; 3
Mas é tão boa, que as culpas
Me outhorgam sempre o perdão.

ANNUNCIOS.

Vehiculos Economicos.

Do 1.º de julho em diante ficam reduzidas a um só preço (250 rs.) as passagens diarias da linha ferrea da cidade a Itapagipe, exceptuando as viagens de 8.40 minutos da noute e os dias de festas, que forem annunciadas pela companhia, que serão por preço dobrado (500 rs.) pagas por dous bilhetes.

Em todos os wagons da sociedade acharão os passageiros quatro bilhetes em carteiras, que serão vendidos por mil réis.

Nos pontos do Caes Dourado, Bomfim e Itapagipe poderão os passageiros receber a importancia dos bilhetes, que tiverem comprado por antecipação.

De 6.40 minutos até 10 horas da noute, de 40 em 40 minutos, haverá viagens dos wagons da cidade até Itapagipe, e bem assim ás noutes depois dos espectaculos, circo, etc. Bahia 30 de junho de 1871.—*Monteiro e Carneiro.*

Empreza do aceio da cidade.

O emprezario do aceio da cidade, no empenho que tem de trazer limpas as respectivas ruas, e especialmente nos dias 2, 3, 4, 5, 6, 7, e 8 do proximo mez de julho, de regosijo publico, pede a todos os municipes em geral de não deitarem lixo as ruas depois das 6 horas da manhan, a cuja hora já deverão por sua vontade estar terminados os trabalhos que principiarão n'esses dias a meia noite.

Bahia 28 de junho de 1871.

Ao publico.

O aferidor de medidas redondas achar-se-ha nas horas competentes, para os misteres de seu officio, em sua casa á rua do Bispo n.º 18 A.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 8.ª QUINTA-FEIRA 6 DE JULHO. N. 809.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 5 de julho de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que, na vespera de S. João, foi mortalmente espancado, na villa de Itaparica, um individuo conhecido alli pelo *Nenem*, sem que o author de tão barbaro attentado fosse preso e pelo contrario passeia publicamente, ficando o offendido, por ser extremamente pobre, por dous dias sem se proceder ao auto do corpo de delicto. Espera-se que S. S. expeça ordens afim de que seja respeitada a lei.

—V. ja notou um anno de mais indifferentismo pela recordação das glorias patrias?

—E' exacto; a festa do Dous de Julho tem sido muito fria. Não ha concurrencia; á noite o Terreiro está vasio. No theatro é que houve alguma affluencia.

—O descontentamento é geral; o povo vive acabrunhado.

—Dizem que o encarregado luctou com difficuldades extraordinarias e á não ser a tenacidade de sua força de vontade, nada faria.

Dizem que encontrou obstaculos nas proprias repartições officiaes; até na camara municipal, consta, achou embaraços; razão porque este anno não se veem os vultos de muitos venerandos concidadãos, nossos ante-passados, que costumavam ser collocados no palacete nos demais annos; o retrato do imperador é um retabulo antigo pertencente á uma sociedade particular.

—Principiou a *torradeira* pelos membros da commissão directora dos festejos, alguns dos quaes dinheirosos, esquivaram-se e outros *afrouxaram* na ultima hora; constando até que um dissera que era infenso a semelhante dia.

—Sem embargo, o palanque, apezar de não estar n'altura de um palanque para a capital da Bahia, é elegante, bem decorado e de agradavel effeito; a illuminação é boa.

—Mas tenho a notar-lhe a sumiticaria da companhia do Gaz. Apenas se vae encerrando a effigie do monarcha, deixa tudo em trevas, sem esperar siquer que a guarda de honra se retire; na noite de 4 nem houve tempo para se darem os vivas do estylo.

—A companhia do Gaz que tanto lucra aqui e tanto abusa!

—A entrada foi como de costume; os carros puchados indistinctamente. A guarda nacional desorganisada, apresentou fracções com o nome de batalhões, commandados por capitães e tenentes, parecendo mais uma miscellanea.

Houve *Te-Deum;* a camara municipal esqueceu-se de que tambem é bahiana; de vereadores só vi o Elpidio.

O Fr. Carneiro esteve arrebatador; procederia com acerto se mandasse publicar o seu admiravel sermão.

Quanto á *vivas* cahiram em desuso; já ninguem responde a elles; por isso não admira que fossem rosnados pela tropa e por um ou outro.

No meio da alegria appareceu um motivo de consternação.

—Oh! isso é que foi o peior.

—Um travesso menino querendo aproveitar as bombas que se soltavam na occasião do *Te-Deum,* fazia por apagal-as com um pau; uma estourou-lhe na face, Levado para o hospital, dizem que por falta de prompto tractamento, falleceu as seis horas da tarde do mesmo dia 2.

—Cabe tambem uma censura á policia por não tomar uma providencia sobre a immensidade de cavalleiros que nesse dia atropellam a gente á pé.

—Nosso povo continúa a dar prova evidente de supino atrazo, pateiando e apupando a todos os que sobem ao palanque para recitar. Em dias de jubilo e regosijo como este, só se deve applaudir e acclamar e não apedrejar e desfeitear.

—Tambem ha caras tão duras; gente que conhece que não é para as cousas e mettem-se nellas!

—Que diabo de fecha-fecha é um nesta rua do Collegio?

—E' um sargento de policia que de punhal alçado quer entrar pelas casas e accommetter a todos.

—Magnificas vesperas ao dous de julho está o homem fazendo!

—E dois soldados do mesmo corpo que o veem em tal estado, consentem que elle continúe em seus desatinos.

—Oh! que *pifão* perigoso! O homem com uma arma mortifera avançando sobre todo mundo!

—Não se pode negar; policia nós temos a mais exemplar.

—Os Vehiculos Ecconomicos annunciaram baixa no preço das viagens dos domingos, dias santos e de noite até as 8.40.

—Tomara que seja certo.

—Tomara não; é realidade desde o 1.º de julho.

—Exactamente nesse dia passei por uma decepção.

—Logo vi que não passava sem V. oppor uma objecção. Vejamos sua sem razão.

—Embarquei em Itapagipe com destino á cidade e tomaram-me 250 rs. pela passagem. Julguei que tinha direito ao transporte sem nada mais se me exigir. No caminho parou o *bond* e cobrou-se mais de cada passageiro 250 rs. por ter dado nove horas. Mas quem teve culpa da demora não foram os passageiros.

—Mas V. o que queria?

—Que á vista do annuncio da companhia não se cobrasse excesso.

—Bobo, V. leu e não entendeu. A companhia diz «que fica reduzido a um só preço as «viagens da cidade á Itapagipe.» Já vê que de Itapagipe a cidade é cousa differente.

—Ora pelo amor de Deus, capitão!

Tanto faz dar na cabeça, como na cabeça dar.

—Isto è no seu pensar; mas os Vehiculos teem o direito de pensar como lhe convém.

—Eis-me que chego, capitão.

—A' sua espera estava eu. Diga-me, sabe de uns ferimentos que se deram no largo de S. Bento?

—Eu lhe conto o que ouvi.

João Pernambucano accompanhava no domingo á noite a tres moças em direcção á suas moradas. De um grupo de seis individuos sahiu um de nome Betamio que quiz abraçar a uma dellas.

—Em toda parte qualquer senhora, seja da condicção que for, anda na rua sem riseo de ser desacatada, aqui não!

—Pernambucano advertiu-lhe que as moças não eram das que elle suppunha e exprobou-lhe o procedimento, o que foi bastante para azedar o caldo.

Houve lucta entre os sete recebendo Pernambucano duas punhaladas e apossando-se dos chapeus de dous de seus aggressores.

—Esta terra retrograda! A insolencia e estupidez fizeram aqui pedestal. Uma senhora sahindo á rua está exposta não so a mil *pachuchadas* como até a atracações.

—Onde a mulher não é respeitada, a perversão dos costumes e latente.

—E n'uma sociedade, onde a cada passo se vê luzir a lamina do punhal ou o cano da pistola, é evidente que no seu seio a violencia está admittida como recurso legal.

—Nesta terra é tudo assim!...

Que diabo! Não se pode transitar por S. Bento com o assentamento de trilhos para novo desvio dos *bonds* Urbanos.

—No entanto que essa obra a empreza está fazendo ha bastante tempo, sem que tenha pressa de concluil-a, revertendo isso em prejuizo do publico que é sempre o soffredor.

Arre! Ja no Taboão não se pode transitar com a collocação dos Trilhos Centraes, presentemente embargados, succedendo que no dia que chove é obrigado a enterrar se na lama quem tem necessidade de por alli passar.

Agora é a empreza dos Trilhos Urbanos praticando o mesmo defronte da egreja de S. Bento, de maneira a não se poder por alli transitar quando chove, pelo grande lamaçal que fazem as agoas empoçadas e pela immensidade de pedras collocadas sobre o passeio do lado do mosteiro.

—Cada um vae fazendo das suas! Já a sociedade de Vehiculos, por sua parte, esburacou as ruas de Itapagipe.

—Na verdade esta terra é do *viva quem vence*.

—Na quarta feira amanheceu arrombada uma venda de propriedade de Seraphim Pinto Martins, na freguezia do Pilar, sendo roubados na mesma diversos penhores, dinheiro e generos.

A' respeito deste arrombamento correm versões muito extravagantes.

—A's duas horas da madrugada de domingo para segunda feira, encontrando-se um tal Santos, escrivão da companhia de menores do forte do mar, com uma rapariga acompanhada pelo saverista Emiliano, que se diz primo desta, quiz que a mesma o seguisse até sua casa, resultando deste con-

flicto lucta de cacete entre ambos no largo da egreja da Conceição da Praia.

Depois de apartados, vieram até a frente da guarda do correio, onde á vista da mesma guarda, despiu-se Santos, ficando em ceroulas recomeçou a lucta, ferindo nessa occasião a Emiliano com um punhal, sendo este immediatamente levado ao hospital em consequencia da grande quantidade de sangue que perdia.

A rapariga teve a clavicula do braço esquerdo fracturado, procedendo-se a corpo de delicto pela subdelegacia da Conceição da Praia.

Santos refugiou se em sua casa ás Portas da Ribeira, a qual posta em cerco, não foi o mesmo encontrado, havendo suspeitas de que so á noite ausentou-se della.

Occulto em um armario foi encontrado um rapazinho de nome Amancio que foi posto á disposição do chefe de policia.

Ha outros individuos implicados no crime.

—Vae preso aquelle menino?

—Preso como?

—V. não vê elle montado e dous soldados de policia um de cada lado a segural-o?

—Bruto, o menino é filho de um official da policia.

—Mas o que vem a dizer tal geringonça?

—E' que a creança não se sabe segurar no selim, e precisa que os soldados o vão amparando para não cahir.

—Comprehendo; desempenham o papel de lacaios!

—Linguarudo! Ao depois chamam-te fallador, detractor da vida privada, intrometido no que não é de tua conta.

—Por fallar de uma cousa que está á vista de todos, aqui na rua d'Ajuda, hoje sabbado da Mãe de Deus?

—Eu sei que a provincia paga a agentes para velar pela segurança, andar á pista dos malfeitores e refrear os turbulentos, mais a quem sirva de pagem dos filhos de officiaes quando querem passeiar á cavallo, é novo para mim.

—Causa-lhe algum prejuizo?

—De certo, não. Mas não me contem brocas, de que ha falta de policia, quando sobra gente, até para luxos *afilguerados* desta ordem.

LA VAE VERSO.

Cumprindo a minha promessa
Vou descrever, capitão,
Em pobre, rasteira frase
De Dous de Julho a funcção.

Esse dia, o mais brilhante,
Que possue esta cidade,
Heroicos feitos recorda,
Que nos deram liberdade.

Mas nesta terra de bravos,
Terra de tanto heroismo,
Será possivel que o tempo
Esfrie o patriotismo?

Na parada que devera
Ser de todas principal,
Não foi um só commandante
Da guarda nacional!

Entretanto que se viram
Alguns delles passeiando,
Um até no seu cavallo
Pelas ruas esquipando.

Onde este anno estiveram
Os decantados caixeiros?
Não amam mais Dous de Julho,
Não serão mais brasileiros?

Honra a nobre mocidade,
Cultora da intelligencia,
Que foi quem abrilhantou
O dia da independencia.

Na distincta academia
Um batalhão se formou,
Que na entrada triumphal
Os carros acompanhou.

Capitão, honra tambem,
De Minerva ao batalhão,
Que sempre todos os annos
Toma parte na funcção.

Brasileiros, que vergonha
Si os vossos antepassados,
Surgindo das frias campas
Vos fallarem magoados:

« Meus filhos, assim cumpristes
« Tão precioso legado?
« O querido Dous de Julho
« Já por vós não é lembrado?! »

Da direcção este anno
A maior parte torrou
Um até, valha verdade,
Com vergonha desertou.

Esses filhos tão ingratos
Da patria nada merecem,
Que quanto mais ricos são
Mais ridiculos parecem.

Foi o orador do *Te-Deum*
Padre mestre Fr. Carneiro,
Que de graça se prestou,
Mostrando ser brasileiro.

Por accaso vi na igreja
Um só desembargador,

Com a sua toga vestido
Dando graças ao Senhor.

Sim, que si não existisse
O Dous de Julho immortal,
Os taes desembargadores
Viriam de Portugal.

A camara municipal
Procurei, porem em vão,
Não tinham lá que fazer
Porque não rende a funcção.

Observando assim tudo,
Vi sobre um banco sentados,
De preto estavam vestidos,
Alguns velhos já cançados.

Eram nossos veteranos
Dos poucos, que restam inda,
Que alli, estavam recordando
Accões, que o tempo não finda.

Como se não lembrariam
Dos companheiros da lucta,
Do Cabrito e Pirajá,
Que ais sentidos escuta?

E assim passou-se o dia
Para nós de tanta gloria
Em que o ceu nos outhorgou
A mais completa victoria.

Agora, capitão, guardo
Para o resto descrever
Depois que forem os carros
Saudosos se recolher.

Termino dizendo pois
E cheio de muito orgulho,
« Morra o ultimo bahiano
« Mas não morra Dous de Julho. »

A PEDIDO

—Capitão, quero que V. Ex aprecie o procedimento de um official de marinha.

—Já sei de que official vae V. tractar.

—E' do Sr. Azevedo.

—Esse official dirigiu-se na sexta-feira ao deposito de rapé, á rua Nova do Commercio, pertencente ao Sr. Aristides, seu concunhado, para tomar-lhe *satisfação,* representando com isso uma scena pouco digna de um official de marinha, tanto mais quando se achava uniformisado com fardão d'essa nobre e illustre classe.....

—Era justamente isso que lhe queria contar. Mas sabe do que serviu-se elle para assim proceder?

—Lá o pretexto ignoro.

—Inventou que o seu concunhado tinha prohibido a um seu cunhado, de menor edade, de ir em sua casa, ameaçando quebrar-lhe as pernas quando tal o fizesse.

—Foi um grande *beneficio* que deu esse official de marinha, o qual foi apreciado por mais de duzentos espectadores!

—Todas essas cousas accontecem, porque julgam certos moços que é o rico fardão bordado da marinha que ennobrece o homem, sem lembrarem-se que elle pelo seu procedimento é que pode ennobrecel-o!....

Soneto.

Nasci para ser grande e ser morgado,
Passar vida feliz e ter dinheiro,
Comer pudim gostoso um dia inteiro,
E de banha cheirosa andar untado.

Para não andar á pé, sim carregado,
P'ra ter sege bonita e boleeiro,
P'ra não soffrer jamais um so bregeiro,
P'ra estar sempre entre moças beliscado.

Mas nasci pobretão, todo lambido
Ensinaram-me grammatica rançosa
E em casa viví todo encolhido.

Tenho roupa exquisita e carunxosa,
Comtudo p'ra casar ja fui pedido
Por menina sympathica e formoza.

VARIEDADES.

Charada.

Sou a lampada do mundo • 1
Decido sempre da sorte 2
Quando soffre a patria ingrata
Affronto sem medo a morte

ANNUNCIOS.

Empreza do acèio da cidade.

O emprezario do aceio da cidade, no empenho que tem de trazer limpas as respectivas ruas, e especialmente nos dias 2, 3, 4, 5, 6, 7, e 8 do proximo mez de julho, de regosijo publico, pede a todos os municipes em geral de não deitarem lixo as ruas depois das 6 horas da manhan, a cuja hora já deverão por sua vontade estar terminados os trabalhos que principiarão n'esses dias a meia noite.

Bahia 28 de junho de 1871.

Ao publico.

O aferidor de medidas redondas achar-se-ha nas horas competentes, para os misteres de seu officio, em sua casa á rua do Bispo n.º 18 A.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 82.ª SABBADO 8 DE JULHO. Ns. 810—811.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Hoje finalisa-se a serie 81 e começa a serie 82.

Sentido no leme da paciencia, Srs. assignantes atrazados!....

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 7 de julho de 1871.

Officio ao Illm. Sr. inspector d'alfandega, pedindo lhe que faça observar e cumprir uma portaria do ex-inspector, o Exm. conselheiro Joaquim Torquato, prohibindo a entrada de certos usurarios que iam atropellar o serviço com o escandaloso emprestimo de dinheiro a juro de dois vintens em pataca aos operarios, sendo que no dia da cobrança havia sempre controversias, duvidas e barulhos, facto que, consta, reproduziu-se um dia destes com um tal agiota Mello; pelo que espera-se de S. S. que mande vigorar a referida portaria.

—Ao Illm. Sr. administrador da Mesa de Rendas, afim de mandar incluir no lançamento as casas pertencentes ao Senhor do Bomfim, visto se acharem sugeitas ao pagamento de decimas, desde que, violando-se a condicção estabelecida pelo testador de taes casas de em tempo algum poderem ser alugadas, e sim exclusivamente destinadas ao alojamento dos romeiros, teem ellas sido de facto alugadas, sob o pretexto de esmolas, etc., perdendo assim o direito a isempção com que eram favorecidas.

—Tem havido illuminação todos esses dias no palanque do Terreiro.

—O palacio do governo não quiz acompanhar o enthusiasmo, nem a camara municipal.

—Hoje pelas sete horas vão os symbolos da independencia para seus depositos, depois do trajecto pelas ruas apontadas no programma.

—O patriota França Guerra sahe com o seu batalhão.

—Ouvi dizer que a distincta classe dos caixeiros tomou calor e tambem vae acompanhar.

—Assim como a intelligente corporação academica.

—O louvavel batalhão Minerva prolongará a commemoração do Dous de Julho, indo a Pirajá depositar os ossos de um dos venerandos obreiros da independencia.

—Ainda hei de dar ao Xico Santos a classificação de liberal ás direitas, charitativo sem ostentação. Sei de um numero de viuvas de voluntarios a quem o homem soccorre sem fazer disso apparato.

—Que a levada dos carros seja em paz e união; que a recordação dos festejos deste anno sejam incentivo para mais pomposos no vindouro.

Viva o Dous de Julho!...

—Em remate: os proprietarios de cercas pedem aos alarmistas que lhes deixem as estacas nos mesmos logares.

—Capitão, dizem que no Taboão, em casa da Maria de tal, existe a menina Erminda, filha desta, com uma terrivel deformidade na bocca proveniente de queimadura de fogo, com que a suppliciara essa mãe fera,

—Os annaes da crueldade humana estão cheios destes factos que horrorisam.

—Dizem mais que a pobre menina tem o corpo coberto de cicatrizes.

Sendo para admirar, que a authora de tantas barbaridades, seja commensal de um agente d'authoridade, o inspector de quarteirão *Idisorio*.

—Repetidas queixas tenho ouvido contra á má qualidade da alimentação ministrada aos presos da casa de prisão com trabalho.

—Chegam a engeitar a comida por ordinaria.

—Dizem que o que chamam café é uma bebida tão intragavel que elles obstinaram-se por muitos dias em tomal-o; o que fez com que melhorasseu um pouco, porém sempre mau.

Arranjam um pouco de café mais regular que apparece para amostra, porém o que dão aos presos é insupportavel.

—Ganchos no caso.

—Nas desgraçadas condicções em que se acham aquellas desafortunadas creaturas, é deshumanidade clamorosa dar-lhes para sustento comidas avariadas, generos viciados.

—Na quinta-feira, ás 10 horas da noite, o celebre José Roberto proferia no largo do Theatro palavras obscenas, na occasião em que por alli passavam algumas senhoras que voltavam da illuminação!

E' preciso que a policia lance suas vistas para áquelle largo, foco de devasidões e libertinagens!

—Capitão, lembre-se de um grande numero de infelizes.

—Quem são elles?

—Os guardas nacionaes designados, que estão servindo na primeira linha.

—O que ha então?

—O governo chamando-os ás armas, declarou que logo que terminasse a guerra, teriam baixa; entretanto a guerra acabou, ha muito, e elles continuam com a farda nas costas no exercito.

—Sabe porque? E' que não faz conta ao governo cumprir o que prometteu; os 300 rs. diarios que lhes tocam e outras vantagens.

—Mas com tamanha injustiça, o governo desacredita se, torna-se sem fe, e não merece confiança.

—Que se importa quem está no seu bem com os males alheios!

—Ha a desmoralisação, a mentira, a falta de cumprimento na promessa.

—Nada disso faz abalo.

—Consta-me que nesta provincia existe no 14º alguns individuos nestas condições; muitos teem requerido contra a extorsão de seus direitos sem serem attendidos.

—Elles que vão esperando; quem espera sempre alcança.

—*Cavallo russo,* pois tens animo de chamares á juizo a mãe dos filhos de teu finado irmão, para lhe esbulhares alguns trastes usados de casa, dizendo pertencerem elles ao morto?

Falla, *tirador de filhos á patria.*

—Capitão, ha equivoco nesta parte, Sr. *tirador de amostras.*

—Uma e outra cousa, bruto.

—Dize, coração impedernido, não vês que a pobre mulher ficou com *tres cruzes* ás costas, para lhe quereres arrancar meia duzia de cadeiras, duas mezas, uma marqueza e mais algumas ninharias que nada valem?

Não te compunges da geral animadversão que excitaste no *juizo de bulha* da freguezia do *Segura Parede* pela acção vil de que foste author?

Outro fosses tu, que sahirias d'alli corrido de pejo.

Some-te, cadello, que a presença de entes abjectos como tu, causa nauseas.

—Capitão, V. Ex. quer ver uma coincidencia?

—Diga lá.

—Como é que chamam os alcoviteiros?

—*Mercurios.*

—Não, outro nome.

—*Onze letras.*

—Quantas letras tem o nome de *José Roberto?*

—Onze.

—Quantas tem o nome de *Manuel Bahia?*

—Onze.

—Mas vê V. Ex. que coincidencia nos nomes d'esses dous *correctores das mulheres?*

—V. é muito patife!

—Consta que um official reformado do mar deflorara tres filhas.

—Que monstro! Que pae desnaturado!...

—Onde dizem que passou-se essa scena?

—Aqui na capital da Bahia, na freguezia de Santo Antonio.

—Subiu no palanque, na quinta-feira á noite, para recitar, um sujeito meio idiota, e começaram, para debical o, a pedir repetição.

Depois do sujeito ter recitado umas cinco vezes, comprehendeu que era debique e recusou-se subir de novo, segundo exigiam delle.

Sobe, não sobe, e por fim quizeram espancar o pobre idiota com fumaças de poeta.

Os policiaes que alli se achavam para manter a ordem pucharam logo os *refeces* fóra e avançaram sobre o povo, de maneira que em logar de manterem a ordem iam provocando desordens, si um paisano não se mette no meio do *sarceiro* e não acommoda a cousa com *vivas* ao Dous de Julho!

—E' sempre assim.

—Capitão, dizem que no quartel de policia fazem-se transacções illegaes e escandalosas.

—Deveras?

—Um bando de usurarios....

—Gente a quem tenho aversão.

—... vive alli a exhaurir o sûor dos soldados.

Essas sinistras creaturas negociam com usura desproporcional, com lucro exorbitantissimo; valem-se das condições precarias dos homens para arrancarem-lhes o ultimo real ganho com tantas fadigas.

—Que harpyas!

—Que elles façam seu negocio de insaciavel ganancia, ninguem lhes pode tolher; o diabo é quem lhes tomará contas; porém que no dia de soldo se apresentem imperiosamente no quartel como credores, é o que devera ser prohibido.

—Tenho ouvido dizer, que para servil-os, tem se dado occasião do abatimento ser feito no acto de pagar-se o soldo, á vista de uma lista que elles entregam.

—E que até ha quem assigne valles para o soldado poder obter o dinheiro das unhas desses abutres.

As caras.

As caras, como disse um author de nòta, são o espelho das almas. N'ellas se reflecte o que se passa no interior, e não rara vez teem ellas trahido disfarces criminosos de corações perdidos, e necessario é que esteja o homem entregue de todo á malvadeza, e tenha inteiramente corrido a estrada da perversidade, para apresentar uma cára tranquilla, depois de haver commettido uma acção má.

A cara manifesta todos os sentimentos diversos que se formam n'alma da creatura. Si a dôr e o pezar a assaltam logo a cara toma os ares de tristeza e desconsolo; si ha alegria, na cara se espalha o riso. Amarella e sem côr se mostra quando o homem teme e está receioso. Emfim pela cara se pode conhecer o coração, tornando-se sem fundamento o ditado—*quem vê caras, não vê corações,* —pois que aquelle que na cara não apresentar indicio do que sente no interior, é um malvado capaz de tudo e delle se deve fugir.

Quiz porém Deus, que fosse a cara, um terrivel inimigo para atacar os corações. Empenhou-se em apresental-as bellas, menos bellas, sympathicas, feias, menos feias, antipathicas, horrendas e feras, pavorozas e monstrengas.

Para derrotar aos pobres mortaes, dispersou por este mundo, certas carinhas, que ao vel-as, diz logo o coração—«quero ser seu captivinho. E ha quem resista, á uma cara brasileira, das morenas, de riso constante, covinha na face, e olhos grandes e brilhantes? Si alguem apparecer que não aprecie uma cara d'estas, este malvado deve ser algum desamparado da fortuna, e sem ventura. A gente as vezes não quer se confessar vencido, mas, taes geitos toma a cousa que afinal não ha remedio si não confessar-se derreado, pois que grande é o imperio de uma carinha bonita.

Em tudo porém ha contrastes—e a pár d'estas caras lindas, outras se mostram que só para desmamar meninos poderiam, quando muito, servir. Ha proximas e proximos por-ahi, cujas caras bem reparadas, tiram a vontade de comêr, e poderiam servir de judeus em semana santa. Uma cara de moça, dentuça e comprida, com as maçans do rosto salientes, olhos pequeninos, haverá quem possa aturar ou olhar de frente para ella? Uma cara de moça desdentada, com os cantos da bôca feridos, olhos apertados e bigodes, agradará á pessôa alguma? Uma cara de homem posta em cima de um pescoço de palmo e que parece alli collocada por algum aparelho, com um nariz empinado, e dos taes chamados de cavallete, com uma boquinha pequena, achará d'ella quem se possa agradar? A' não ser alguma moça desesperada por casar, não sei se haverá quem a supporte.

Ha caras comtudo, que não sendo bonitas, encerram lá um não sei que, uma porção d'essa sublime magia celestial, a que os homens chamam sympathia, que as vezes fazem mais effeito do que caras lindas e formosas. Ha na cara d'estas pessoas, um fundo de expressão, um rizo que se desliza com tanta graça, um signalsinho preto collocado lá em tal logar, que muito pode, e tudo obtem. Ha lá uma especie de melancholia, debuxada com tanta força, que quantos a observam, encontram seus pulsos para sempre presos.

—Que acha V. d'aquella cara?

—Homem, não é bonita, mas muito sympathica.

—E' verdade.

Quem pode explicar esta força da sympathia, este occulto encanto que nos arrasta, e que não sabemos definir? Ninguem.

Deus fez a creatura, e não a creatura á si mesma, disse em tempos felizes, um rei que rezava, cousa que já hoje se não usa, e por isso, devem á Deus agradecer muito aquelles que receberam d'elle uma cara bonita e agradavel.

E tambem diz o ditado, que ha caras que Deus fez, e outras que mandou S. Pedro fazer. E nós ajuntaremos que ainda ha outras que S. Pedro mandou fazer,

Ha caras tão originaes, e taes, que ao verse, pode-se logo dizer do officio d'aquelle que as possue. A cara do meirinho! Já se viu um meirinho bonito? Qual! Todos teem uma cara irman do officio.

Acostumados ás lagrimas do afflicto á quem vão arrancar os moveis que fazem conta á um caseiro despiedado, suas caras adquirem o typo da impassibilidade, e mais facil será que o mundo se abale, do que um meirinho se commova; si chóra é pela força da gerobita. Todos teem umas caras avermelhadas, exquisitas, medonhas e verdadeiramente tão pavorosas, como é pavorosa a sua apparição em qualquer caza.

Os romanos tomavam por mau agouro e dia infausto, aquelle em que encontravam um cachorro ruivo, e nós quando encontramos a cara de um meirinho.

Parece que o diabo anda no meio das populações, dando verniz á certas caras, e preparando-as para servirem no officio de meirinho. Chegai a praça publica, observai a essa turba que alli se vê... Que caras! Nem uma só ha que não tenha um typo particular e extraordinario. São caras de citação.

A cara da moça namoradeira tambem tem seu typo particular. Ou é muito sonça, e estas são as mais temiveis, ou muito alveroçada. A cara da namoradeira cada dia apresenta uma vista nova, porque vive no espelho estudando como se deve apresentar. Cabellos para cima cabellos para baixo, beiços arrebitados, etc. —Não olhareis dous instantes para uma cara de namoradeira, que ella não vos faça logo um remexido, não se ria, ou não vos dê um muchoxo. São caras de seús que andam a toda isca.

A cara do usurario tambem é facil de se conhecer, e tem seu typo singular. E' uma cara de olhos baixos, descorada, de cuja boca sahem continuadamente ais e suspiros, como se vivesse em torturas a alma que se enfurece por não poder arrancar o ultimo vintem da bolça de seus semelhantes. São caras que, á semelhança do dinheiro aferrolhado e sem ar que o bafeje, nenhuma expressão tem. Tristes, como o damnado viver de seus donos.

A cara da mulher publica pode ser conhecida no meio de milhares de caras. E' uma cara deslavada e lustroza, onde se espelham as devassidões d'alma. E' uma cara de cabellos ensopados de banha, e de sebo com privilegios de pomada, cheia de tregeitos, e sempre prompta a dar uma gargalhada estrondoza, inda mesmo sem motivo. Raro é o encontrar-se uma cara d'estas que não tenha um nariz avermelhado, umas faces de fundo ennegrecido, e sem aquelle aroma que rescende a cara da mulher pudibunda e casta. Na descaração em que vivem, adquirem estas caras o typo que representam.

Os padres tem caras esbrugadas e lusidias.

Os mestres de eschola tem tambem uma cara particular, com mais ou menos tabaco no nariz.

Não fiquem no esquecimento estas caras que o vulgo chama — caras de carnaval. Oh! estas caras são celebres! São caras de tocador de realejo, sempre alegres, e sem alteração, como são as walsas que todos os dias tocam.

Basta de caras por hoje!

Disse.

A PEDIDO

—Capitão, si um individuo não merece conceito para servir d'authoridade, como é que ao tempo que é privado do exercicio, é conservado no titulo?

—Estou por saber o que vem a dizer isso.

—Eu sei de um subdelegado que foi intimado para assumir com urgencia a jurisdição, porque o supplente que a exercia não merecia confiança, frisando-se nessa occasião os factos em que elle havia abusado e infringido a lei.

—E que mais?

—Um homem, que é assim apeado de exercer o cargo de authoridade, o individuo que é desprestigiado mandando se-lhe que largue a vara da subdelegacia por ser indigno della; é ao mesmo tempo conservado no logar de supplente!

—Mas si elle não pode funccionar do que lhe serve ser supplente?

—Pois dahi é que *brota* a minha estupefacção. Ou o individuo tem aptidão ou não tem; ou é digno de confiança ou incapaz della.

—Chama-se assim carne e peixe.

—Capitão, o subdelegado da Sé, em um luminoso despacho acaba de pronunciar o negociante portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho, como author do rapto e defloramento da menor Clara, parda, filha de Benvinda Maria da Conceição.

—Felizmente para o fraco e sem recursos ainda ha authoridades como o Sr. Fortunato de Freitas, inabalavel garantia do direito e da justiça.

Os apologistas do Sr. Godinho alardeavam por toda parte e até apontavam, influencias, cujos nomes, diziam, eram sufficientes para garantir a despronuncia.

—Basofias!

—O processo é remettido ao digno juiz municipal da segunda vara.

—E espere por completa justiça.

Verá mais uma vez confirmada a tradicção de austera probidade e reconhecido amor á

justiça que fazem o honroso apanagio dos precedentes do integerrimo juiz e de seus illustres maiores.

— —

Vistos estes autos &.

Considerando que o reu Antonio Tavares da Silva Godinho foi preso em flagrante; visto como o foi na occasião em que se achava em continuação do delicto no quarto com a menor que raptara da casa da mãe desta, como vê-se dos depoimentos de f. 42, 44, 59 e 84; flagrancia que tambem reconhece a promotoria publica em sua promoção á f. 49;

Considerando que fica provado ter sido o reu o raptor da menor Clara, parda, filha de Bemvinda Maria da Conceição, já pelo que jura a quarta testemunha á f. 45 v., encarregada pelo escravo do reu de leval-a com outro para o logar em que foi ella encontrada com o mesmo reu; já porque este proprio o confessa no auto de perguntas que lhe foi feito e consta á f. 5 v.;

Considerando que foi o dito reu o deflorador da referida menor, embora o negue elle, confessando entretanto *ter tido copula* com a raptada; visto que o exame medico de f. 29 reconhece o defloramento, e o declara *recente*, não podendo precisar dias na forma do quesito;

Considerando que o reu, *que-confessa* ter raptado a menor e com ella copulado em acto consecutivo não a raptara sinão com o fim libidinoso da saciação de seus desejos, uma vez que *sendo casado*, como é, não lhe era permettido ter alguma intenção licita, raptando uma menor, no estado de virgindade em que se achava, da casa materna;

Considerando que não pode prejudicar o valor da certidão de f. 89, a certidão de f. 52 apresentada pelo reu para provar a maioridade da raptada; por quanto falla a mesma certidão de f. 52 de Bemvinda Tavares como mãe da raptada, quando a mãe desta chama-se Bemvinda Maria da Conceição, e não apresentou o reu a prova de identidade de pessoa, não obstante a promoção de f. 56 e despacho deste juizo de f. 56 v.;

Considerando, finalmente, que de tudo quanto fica dito, resalta a prova de que o reu Antonio Tavares da Silva Godinho praticou o crime previsto pelo art. 227 do Cod. Crim., —pronuncio o mesmo reu incurso no referido art., sujeito a livramento. O escrivão lance o nome do reu no rol dos culpados pagas pelo mesmo as custas em que o condemno, e remetta este processo ao Dr. juiz municipal da 2ª vara. Bahia e subdelegacia da Sé, 6 de julho de 1871.—*Fortunato Antonio de Freitas.*

A Jones Crinas.

E' miseravel ladrão
Quem sempre furta as *custodias*
De um templo, que outr'ora foi
Seu soccorro.... o mais historias.

VARIEDADES.

Retratos.

Mulher que ralha o marido.
Por não se recolher cedo,
Dizendo ter muito medo,
De em casa ficar só,
Mas só porque não tem roda,
É da moda.

A que não perde a novena,
Terço, bemdito, missão,
Mostrando ter devoção;
Mas em casa nunca reza;
Dá de si prova eloquente,
Do que sente.

A que de dia e de noite
Está pregada á janella;
A mãe a gritar por ella
« Ja lá vou»— responde, e fica
Cumprindo seu feio fado,
Cuidado....

A qûe deitada na cama
As dez da manhan levanta
O lasso corpo, e se espanta
Consultando o toucador,
Por se achar amarellinha;
Outra vidinha.

Senhorita, que não come
Couza, que padeça morte;
Porque é comida forte;
E só quer torradas, chá,
Para ter fina a cintura
Tem candura.

Moça casada de pouco,
Que quer primar d'amor fido,
E de junto do marido,
Não arreda pé; esta sim,
Por viver conchegadinha,
E' pombinha.

A que é pobre, e dispensa
Fitas, e rendas custosas
(Ostentações vaidosas)
E do paizinho querido
Não põe sempre o bolso liso;
Tem juizo.

Aquella, que já é mãe,
E não amamenta o filho,
Temendo perder o brilho,
Ou venha a cahir-lhe o seio

A mãizinha desta casta
E' madrasta.

A que a cem kilometros
Vê uma pulga saltar,
E por querer imitar
Alguma amiguinha sua,
Pince-nez ao collo ataca,
E' macaca.

Uma, que sempre o semblante
Traz de quem comeu limão,
E neste ou aquelle salão,
Onde se acha, critica
Na roupa alheia; esta cuja,
E' coruja.

A que tem sessenta invernos,
Murcha como um genipapo,
E forma toilette guapo
Qual uma joven de quinze;
Aspira nova edição.....
Q'irrisão!....

A que se arroga louvores
De muito saber, talento,
Porque leu novellas cento;
Mas ignora o—Padre Nosso—
Toda a sua letradice
E' pieguice.

Creada que vive sempre,
Em cochixos, e rizada,
A casa desarrumada;
E não havendo cuidado
Manda com tudo á tabua
Vá p'ra rua.

Viuva, que do defunto
Sempre faz menção honroza,
Quando outr'ora em polvoroza
Trazia o pobre coitado;
Pretende com algum tolaço
Novo laço.

Menina, que a quatro annos
Frequenta escola, e não sabe,
Onde começa, onde acabe
Qualquer nome na leitura
Um—T—na testa se ponha
P'ra vergonha.

A que promette romarias,
Por doença ou ter bom parto,
O oratorio tendo farto
De Santos e mais de Santas,
E recorre aos de alem-terra
Muito erra.

A que leva horas doirada,
Para lêr, si vai a missa;
Mas não lê, porque lhe atiça
O demonio a tentação,
Fazendo a Deus grave affronta
E' mulher tonta.

Ode ao cigarro.

Oh! cigarro!

Trombeta da humanidade que passeias, compasso vaporoso, que medes a area sobre o thema da vida alheia, refugio dos desconsolados, companheiro do homem que soffre, infallibilidade do cynismo, eu te saúdo na mais agonisante hora da pasmaceira, entre o *cognac* e as moscas que cantam um solo nos meus ouvidos, e a pancada do relogio que aborrece, é tua fumaça que dá uns ares germanicos á minha alcova.

Oh! cigarro!

E' a ti, cigarro de palha, a ti cigarro de papel pardo, tambem a ti, de papel branco, e a vós, o aromatico involucro de *papier mais,* que eu canto.

Si vivo é porque vocês asfumam o meu semblante e me desafiam o pigarro.

Si escrevo é porque vocês são as andorinhas, que me annunciam um copo de cerveja.

Si durmo é porque vocês me dão sonhos de luz entre os circos flacidos da nitida fumaça.

Si amo é porque vocês me improvisam um pensamento de amor a cada mulher, que me vê fumar; a cada anjo que me vê pelo prisma de tua nuvem aromatica; a cada demonio que abre as labaredas do coração aos teus penachos ondulantes, ó canudo maravilhoso.

Eu vos decanto, ó cigarro!...

Deixa que te odeiem...

A mulher que idealisar um sonho do Oriente, cujos labios tremerem ante as azas candidas de um beijo e o fogo benigno de um suspiro, essa te ha de gabar nos labios rubros do amante.

A virgem que transformar o parapeito da janella em almofada de *crochet* e sorrir ao pintalegrete, que lhe acenar com o raminho de flores, que lançar almiscar no enveloppe rendado da affectuosa missiva, que amar por passa-tempo, essa te guarda entre o seio de porcellana e a prega do roupão aberto.

A matrona que dansa *Waltza* ao virar de costas do marido, que prepara *cúscús* para as visitas prohibidas, que canta modinhas ao violão, esta te adora na ausencia do dono da casa, e prepara-te a lisa tunica com essencias e leite puro.

A menina, cuja alma palpita aos accordes sonoros da harpa dos quinze annos, cujo coração abre-se aos delirios alegres da joven poesia, embalsamados pelos effluvios angelicos da rubra mocidade, trementes como os flócos de seda do vestido arminhado, como os labios travessos do modular da canção... oh... esta te idolatra como genio, te acaricia entre os dedos de rosa e te aspira no vacuo perfumoso da bocca seductora.

Como és feliz, ó cigarro!

Como se morre de amor, se dorme cercado de risos, se ama com ardencia, se brinca com a lagrima, se ri da dor, se canta o hymno da vida e cospe-se nos andrajos das desgraças, aspirando te a fumegante ponta, evaporando-te a fluctuante essencia, mordendo-te a amargosa substancia, enrolando-te na artistica mantilha!

Bravo cigarro, tu és o ideal!

O empregado publico te aperta ao coração, unido á estupida carteira das secretarias, elle te idealisa nas particulas do orçamento, como lembra-se de ti nos infaustos processos de um desconto mensal.

O estudante... oh... o estulante... esse te classifica entre theorias e principios, entre a sciencia e a bohemia, entre Deus e Satan, entre Julieta e Romeu, uma noite perdida e trinta e nove pontos, um anno de pandegas e a gloria do futuro, um livro de versos e o Digesto, as Ordenações e os romances de Feuillet, a fortuna de Rotischild e a miseria do Belisario, as lagrimas do Werne e o gargalhar de Mephistophelis, uma lettra da familia, e uma carta do vinagre.

Para elle tu és a deusa Razão, ainda mais, o amigo do peito.

Quando te chupo, os labios seccos ao despedir-me dos sonhos da noite, recordo-me do verso de Bamville: minha alma volteia sobre perfumes, como a alma dos outros homens se volteia na musica.

Ao madrugar tu és melhor do que uma gotta do rocio sobre a fronte do vagabundo que passeia, para esquecer a insomnia.

Meu amigo, companheiro predilecto, que és o ornamento silencioso de minhas noites sombrias, tu que me fazes accumular as leguas, que separam meus braços da immensidade azul e embalsamada, que me fazes a imaginação nadar em pleno ceu, alem das espheras estrelladas, no ether luminoso, no ar puro, raro, salubre que ondeia nos suspiros dos anjos e magnetisa a alma como extase da ventura.

E' a ti meu canto, a ti, cigarro de palha lavada em leite e almiscar, embebida no opio e aromatica como a cabelleira de uma noiva nos saraus do hymeneu!

Eu te decanto, ó cigarro!

(Continúa.)

Fabula.

O PERU ENTRE AS GALLINHAS.

Rubicundo perú roncava inchado
Por ver-se de gallinhas rodeado;
Canta o gallo visinho, e elle tremendo,
Mais fino que um cordel vae se escondendo.
Ha generaes
Entre mulheres,
Que na batalha
Nem são alferes.

Carta de pedido de cazamento do F..... ao seu amigo dos Barris.

Conhecendo as bôas, e muito apreciaveis qualidades, que ornam por dentro e por fóra a bella encantadora P.... que me tem de ha muito despedaçado a minha terna, e consternada alma, não posso deichar de ter a honra de offerecer lhe a minha dextra toda inteira a fim de melhor poder servil a, agradal-a e desejando que seja aceita esta minha proposta que de certo deve de ser-lhe assás agradavel; pois tenho a honra de enderessar lhe o meu cumprimento.

F.

Resposta.

Com bastante satisfação recebi a sua carta pedindo para espoza a minha filha, que apezar de ter todos os requisitos que V. S. referiu, com tudo não a acho ainda capaz de exercer as funcções de dona de caza, por ser ainda muito tola, e ter muito pouco juizo, e lhe gastará todo dinheiro das despezas de caza, em amodas, pé de moleque, e outras golodices, no que muito sinto não lhe poder servir.

O amigo dos Barris.

Soneto.

Si Adão andou descalço, si vestia
Rudes pelles, si côrte numerozi
O não cercava em torno, assás lustroza,
Nem milhões de vassalos conhecia,

Dos viventes gozando a primazia
Foi rei; e nessa idade a mais ditosa
O paraizo, ou terra delicioza
Por senhor, qual morgado, possuia.

Si seu peccado o perde, si o desterra,
Só delle perde a posse, conservando
Um inteiro dominio em toda terra.

Logo é nobre quem tem de rei o mando,
Nobre a espoza, que a mesma graça encerra,
A seus filhos igual nobreza dando.

Charada.

Assim faz a criancinha
Quando lhe dão ó brinquedo; 1
Parai, vos mando, parai
De ir avante tende medo 1

CONCEITO.

Si tu a vires,
Dize si é bella,
Aqui tens pois
O nome della.

Motte.

Toda esta noite sonhei,
Que nos teus braços me via;
Glorias em quanto dormia,
Penas depois que acordei.

GLOZA.

Nunca sonhei com mais gosto,
Que esta noite, meu bemzinho,
Por sonhar que o teu corpinho
De mim perto estava posto;
Que, vendo teu lindo rosto
Tua bouquinha beijei,
Tanta doçura lh'achei,
E com tão bello sabor
Tudo isto, meu amor,
Toda esta noite sonhei.

Entre gostinhos dormindo
Suspirava descançado,
Olhava como pasmado,
O teu rosto bello e lindo;
Apenas eu te vi rindo,
Era tal minha alegria,
Que quanto mais eu dormia,
Muito mais eu te abraçava,
O sonho me figurava
Que nos teus braços me via.

Sim, meu bemzinho, eu não sei,
Expressar-te vivamente,
O gosto que alegremente
Tod'esta noite passei;
Pois quando considerei
Que nos teus braços me via,
Entranhou-se-me alegria,
Que de nada me lembrava,
Só sim que gosando estava
Glorias em quanto dormia.

Ah! se o sonho me durasse,
Ah! si sonhando vivesse,
Antes não adormecesse,
E nem tão cêdo accordasse!
Antes a mim não tornasse,
Pois eu quando a mim tornei,
Que só na cama me achei,
Fiquei tão desconsolado
Que só achei a meu lado
Penas depois que acordei.

ANNUNCIOS.

Nesta typographia compra-se os numeros 529 e 612 do *Alabama*.

O Sr. José Romão da Silva, da rua dos Carvões, freguezia de Santo Antonio, tem um debito de assignaturas deste jornal; sendo para estranhar que queira esse senhor augmentar a sua divida, impondo uma impertinente exigencia; isto é, servindo-se de um individuo de nome Dionisio, para por elle mandar dizer ao cobrador que não paga sem que lhe mandem continuar a entregar a folha.

Com que direito se julga o Sr. José Romão a querer impor no que não é seu? Si esse pretexto é para continuar a ter folha de graça, está bem aviado.

Empreza do accio da cidade.

O emprezario do accio da cidade, no empenho que tem de trazer limpas as respectivas ruas, e especialmente nos dias 2, 3, 4, 5, 6, 7, e 8 do proximo mez de julho, de regosijo publico, pede a todos os municipes em geral de não deitarem lixo as ruas depois das 6 horas da manhan, a cuja hora já deverão por sua vontade estar terminados os trabalhos que principiarão n'esses dias a meia noite.

Bahia 28 de junho de 1871.

Ao publico.

O aferidor de medidas redondas achar-se-ha nas horas competentes, para os misteres de seu officio, em sua casa á rua do Bispo, n.º 18 A.

200$000 rs.

Gratifica-se com a quantia ácima a quem trouxer á botica de P. A. C, Jatobá, á rua direita da Misericordia n.º 12, o cabra Pantaleão, de hombros largos, bons dentes, principiando a buçar, costuma andar calçado.

Este cabra pertence ao negociante do Rio de Janeiro Francisco Ignacio de Mesquita Neves; acompanhando seu senhor em viagem do Rio para Maceió, no vapor *Paraná*, á 19 de novembro do anno passado, ao chegar á esta cidade fugiu de bordo do mesmo vapor; o mesmo cabra pertenceu outr'ora ao Sr. João Manuel de Seixas. Protesta-se proceder criminalmente contra quem o tiver acoitado, bem como haver-se os dias de serviço.

Bahia 14 de junho de 1871.

Chegou a grande walsa — A minha lyra, — composta por Francisco Santini e acha-se exposta a venda em caza do auctor á ladeira de S. Roque, n.º 18 á Barroquinha.

Na rua do Collegio casa n.º 16 ha uma rapariga honesta que se aluga para tratar de creanças.

Typ. de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 82.ª QUINTA-FEIRA 13 DE JULHO. N. 812.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 12 de julho de 1871.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que intime ao proprietario da refinação 1.º de Julho, ao Caes Dourado, para que em obdiencia á postura respectiva mande quanto antes collocar um boeiro mais alto na referida refinação afim de alliviar os circumstantes da insupportavel fumaça que suffoca, em consequencia de ser a mesma propriedade mais baixa que as contiguas. Cumpra.

—Ao administrador da Casa de Correcção, para que informe si é exacto que nessa prisão esteve ou está presa Maria do Bomfim, desde 28 do passado, sem crime ou delicto conhecido, e sem se lhe ter dado a nota constitucional de culpa, soffrendo illegal constrangimento em sua liberdade como o ter sido encerrada em um quarto escuro incommunicavel por alguns dias, o que cumpra.

—*Sabe-ler* está na gaiola.

—Cahiu na asneira de se deixar prender?

—O melro estava na innocente tarefa de esgarafunchar a porta de um Sr. Fiuza la para a Victoria; no acurado trabalho não previu que o Sr. José Dias Martins o observava, de sorte que no melhor do gosto foi interrompido e fisgado.

—Quando foi isso?

—Na terça feira; bem que ja ha muitos dias o passaro era visto a peneirar por aquelle logar.

—Não ha de ter nada. *Sabe ler* sempre escapa, signal de que tem capa.

—Bem boa occasião!

—De que, homem?

—Para quem quizer tomar banhos salgados na Barra.

—O que ha de mais?

—Aluga-se para isso o consistorio da egreja de Santo Antonio até o fim de outubro.

—V. sahe-se com boas!

—Eu não gracejo quando fallo serio.

—Mas diga-me que escandalo não seria si por acaso tres ou quatro rapazes pandegos alugassem o consistorio da egreja, e levassem outras tantas raparigas, e depois dos banhos de mar tripudiassem em orgias, sambas, tocatas e cantorias libertinas? Ou mesmo dado que alguma familia se alojasse no recinto, que deve ser sagrado, e alli desse chás, partidas, reuniões e outras etiquetas mundanas?

—Isso não é commigo; leia o annuncio no *Diario* o qual declara que *quem quizer* vá tratar na rua Direita do Commercio n. 12,

—O negocio pode render alguma cousa para a festa do Santo ser mais brilhante para o anno; mas estou que em vista da profanação que pode dar-se o Sr. arcebispo não deve consentir.

—Dizem que o musico militar de nome Gonçalo, condecorado com o habito da Rosa, depois de ter sido espancado e preso, foi ainda, por castigo, arranchado.

—Um corpo não pode soffrer tres penas.

—E muito mais quando me affirmam que S. Ex. o Sr. commandante das armas conhecendo a injustiça da prisão, ordenara a soltura do referido musico.

—Eu não sei que força occulta é que me impelle para o lado do infortunio, que poder é que me arrasta á sincera predilecção pela causa do desprotegido.

—Impulsos do seu coração.

—Prendem a este pobre homem sem attenderem a que é um desassisado.

—O Firmino? Vae preso pela soltura de lingoa; insulta e descompõe.

—Mas não reparam que é levado pelo desespero, que é a fome dos filhos que o leva a semelhantes accessos de desvario!

—A sociedade não tem nada com isso; é obrigada a corrigir os insolentes.

—Este mundo é assim mesmo!

Não tolera as palavras impensadas de um louco que se vê illaqueado em seus interesses; mas consente que em seus perfeitos juizos premeditadamente os tratantes pratiquem mil velhacadas!

Si é pela moralidade da sociedade, principiem por punir as velhacadas, as tranquibernios, as bandalheiras, para acabar pela leviandade de um esturdio, que obra sem conhecimento de razão.

Porém este infeliz não vae simplesmente soffrer uma prisão correccional; vae expiar a pena de dous mezes de prisão, imposta por sentença em um processo, do qual segundo dizem, o homem nunca teve sciencia quando foi instaurado.

—Estão embellezando as ruas, marchetando-as de caliça.

—De maneira que si chover tem o publico de supportar lamaçal e atoleiros e si fizer sol de soffrer poeirada pelos olhos e gormilhos.

—Em todo o caso resta uma gloria a quem teve tão exquisita lembrança, é a de tapar buracos.

—O cabo do refeitorio do batalhão *uma duzia e dois* foi arranchado por castigo.

—Commetteu alguma falta?

—Por que lhe exigiram sobras de pó de raiz de mandioca e o homem respondeu que não havia.

—Osso onde roem muitos, accontece assim.

—Vi um caso no domingo á noite na funcção da Ordem 3.ª de S. Francisco que me revoltou bastante!

—Temos obra. O que foi que viu?

—Sabe-se que nestas funcções concorridas, ninguem está livre de tomar uma encontroadella, um esbarrão, etc., etc.

—Eu até sigo o systhema de não levar a minha excellentissima nessas funcções concorridas, porque não a quero expôr á uma apertadella, ou quer que valha.

—Obra com juizo.

—Sei d'isso; vamos ao seu revoltamento.

—Entraram na Ordem 3.ª dous sujeitos e duas moças; um crioulo, aliás decentemente vestido, deu uma encontroadella em uma das moças, pelo que pedin desculpa; mas um dos sujeitos que as acompanhavam entendeu que não obstante o pedido de desculpa, havia de pôl-o de—«*negro, filho da p..., attrevido, estupido, bruto,* etc., etc.»

O creoulo que tambem não era escravo do tal moço *branco*, sahiu-se tambem com o seu —«*é elle branco de m....*»

A' esta resposta avança elle todo tremulo e amarello para o creoulo, o qual avança tambem, e teria o negocio dada em graves resultados, si não é um sugeito que accommodou o creoulo. As moças e o outro seu companheiro de passeio com meios affaveis, poderam conter ao moço, no desenfreiamento de seu genio forte.

—São assim as cousas; insultam e não querem ser insultados!

—Capitão, na terça-feira andou um homem pela rua de Baixo de S. Bento, vestido de mulher, com saia preta e camisa branca!

—A' que horas?

—As 7 da noite, pouco mais ou menos.

—E não o prenderam?

—Passando n'essa occasião o ordenança do subdelegado, e sendo chamado para prender o *homem-mulher,* negou se, desculpando-se que ia levar a familia do subdelegado ao espectaculo.

—E' assim esta terra; no entanto que bem podia estar encoberto debaixo das vestes femeninas algum criminoso.

—Que duvida! Mas eu supponho que era força de *pifão*.

—Fosse lá o que fosse, competia á policia verificar a rasão por que o individuo havia transformado os trajes!

—Não sei como a policia ainda não viu a jogatina que rola constantemente, por detraz da praça de Riachuelo na escadaria de pedras, que serve de desembarque de tijollos, telhas, etc., etc.

—E pelo que ha sempre barulho, desordens, cacêtadas e o diabo com botas e esporas!

—Afóra outras muitas cousinhas que calo.

—E' bom pedir ao Sr. Dr. chefe de policia providencias a respeito

—E' o que vou fazer.

—Esses malditos carroceiros, em logar de procurarem outras ruas para arrumarem suas carroças, reunem-se todos aqui na rua Nova do Commercio, de maneira que não se póde transitar!

—Admira-se de pouco!

Alem de reunirem-se aqui, tomando todo transito, proferem palavras immoraes e obscenas, sem o menor acatamento ás poucas familias que moram aqui!

—As cousas de minha terra vão de mal a peior!

—E nós chamamos a isso progresso!

LA VAE VERSO.

Da festa do Dous de Julho,
Continúo a descripção,
Mas para tão grande empreza
Sinto não ter expressão.

Do Terreiro o palacête,
Esteve muito engraçado,
Por sete noites seguidas,
Muito bem illuminado.

Os dous carros triumphaes,
Emblemas da liberdade,
Occuparam seus logares,
Na bella festividade.

Por quatro heróes venerandos
Esses emblemas guardados,
Bem recordavam ao vivo,
Nossos feitos denodados.

Houve então muitos poetas,
Que recitaram com orgulho,
E todos elles findavam
Com vivas ao Dous de Julho.

Mas da levada do carro
A noite afinal surgiu,
A' praça do Conde d'Eu
Povo em ondas affluiu.

Espectaculo tão bello
Ha muito tempo não via,
Reviveram, é verdade,
As grandezas desse dia.

O Dous de Julho matarem,
Enganam-se os que assim pensam,
São elles que morrerão,
E disto pois se convençam.

Academia e Lyceu,
Fizeram seus batalhões,
Que são a sciencia e as lettras
Da liberdade florões.

De Pirajá defensores,
Operarios do Arsenal,
E Minerva, realçaram
A festa nacional.

Faltaram só os *caixeiros*,
Os *caixeiros* tão fallados,
Tão influentes da festa
Aqui ha uns annos passados!

Uma lagrima saudosa
Demos ásua memoria,
Não quizeram este anno
Tomar parte em tanta gloria.

Assim foram os caboclos
Seguidos por cavalleiros
Levados té a Lapinha,
Campo de nossos guerreiros.

Por entre vivas e flores,
Os carros da liberdade
Se viram com enthusiasmo
Nas ruas desta cidade.

Agora, capitão, findo
Esta minha narração,
Dizendo-lhe que para o anno
Vou formar um batalhão.

As senhoras brasileiras,
Ricas de patriotismo,
Hão de marchar na vanguarda
Com o maior brilhantismo.

O Dous de Julho vae ter,
O batalhão mais brilhante;
Si as senhoras tomam conta
Não ha funcção semelhante.

A PEDIDO

—Capitão, a misericordia divina cria até os bichinhos em baixo da terra, mas a *misericordia* humana so deve amparar aquelles que são necessitados.

—Temos predica?

—Estou desenferrujando a lingoa.

—E' seu elemento; prosiga.

—Não concordo que para occultar-se uma fraqueza muito natural, se commetta uma acção muito detestavel.

—Homem interminavel, conclua.

—V. Ex. não permitte uma digressão!

—Que massante!

—E' que eu sei que em baixo de uma latada de *xuxús* veio á luz uma creança, caso com que não se contava, e ha o plano de *expol-a* ao abandono para encobrir o acontecimento.

—Então nasceu por obra do Spirito Santo ou milagres de Santa Dorothea?

—Artes do spirito maligno, o qual se presume que pousava sobre o *ramo grande* de um pé de *lima* para tentar a descendente de Eva, apezar da sua grande devoção com o Senhor da Redempção do Corpo Santo.

—Sua conversa não me agrada; parece uma historia sem pé nem cabeça. Faça favor de retirar-se.

—Vou p'ra a *rua*, capitão, e *surdo é* quem não ouve, cego quem não vê.

Eu so queria que os donos da trouxa ja que podem carregal-a não a deitassem fóra.

VARIEDADES.

Ode ao cigarro.

(Continuação.)

Eu te saúdo pois, cigarro nacional, cigarro estrangeiro, cigarro aristocrata e popular, cigarro universal da humanidade que fuma, da humanidade que passa o tempo.

Odeiam-te, sim.... mais quem?

O velhote que traz o collete curto, o chapeu como o cano do wagon, oculos engurupados na pimentosa penca, uma fita preta no relogio e os joanetes accomodados em ogivas abertas a canivete e os collarinhos amarrados com lenço branco.

O ancião alquebrado pelo rheumatismo, amante do café e das raparigas bonitas, que faz politica por systema e gosta do sol, como os reptis do quintal.

O taberneiro economico, que alforreou dous escravos na guerra do Paraguay e o governo voltou-lhe o vertice da posição fazendo-o commendador.

O estupido barão, que traz a alma á juros por esta lhe ser insupportavel, que cospe a cada asneira e sorve a borra repugnante do asqueroso simonte na luxuosa boceta.

O conego astuto, que atrapalha o compasso no cantochão e dorme sobre o dourado breviario como quem dorme em almofadas de palha.

O burguez imbecil, que mede a dignidade a metros, vae ás paradas da guarda nacional, anda de chinellos nacionaes, almoça carne secca, janta pirão e não ceia por economia.

A velha de chinó que sente calafrios ao ouvir a resenha de um namoro, que guarda a sexta-feira, entope as narinas de fumo moido e veste-se de preto.

A matrona de oculos, a tia, as madrinhas, as solteiras, as avós, as comadres, as beatas que gostam do liquido da canna, as freiras, as cosinheiras e..... as mulheres que não amam, por não acharem idiotas.

Estás vingado, oh cigaro!...

Tambem tens a tua epopéa, és historico, litterario, grande...

Napoleão III acariciava-te sob os felpudos bigodes quando arruinou a França em Sedan.

Lucrecia Borgia, (segundo Kock), fumava-te quando via o estrebuchar da victima, que lhe bebia o mortifero phalerno.

Leão X. esse papa indecifravel, gostava de ti quando estava em convivio com as cortezans da cidade dos Cezares.

Lambert-Thibousth só escreve suas admiraveis comedias depois de te beijar muito.

Baudelaire, o excentrico poeta das *Flores do mal*, chamava-te a sua philosophia e ao gordo maltez—sua musa.

Houssaye e Sardou preparam a *verve* divina rodeados dos teus miasmas agradaveis.

Alphonse Kaar immortalisou-te nas memoraveis *Guêpese* Sand, essa musa brilhante tambem te admira na bôcca immortal.

Portugal marcou uma época no seu progresso, quando executou a celebre lei da liberdade do tabaco. Tu glorificas a terra do Irajá, immortalisas a Havana e és a industria dos lusitanos na Praia Grande.

Salve, cigarro, mil vezes salve!....

Aqui no meu silencio, entregue aos cuidados de uma sabbatina, abandono as entranhas esburacadas dos poeirentos praxistas para te enviar o meu cantico de sympathias.

Recebe-o, devora-me o *spleen* melancolico de uma noite triste, as saudades da tua companhia, que fugiu-me nas horas negras de uma estupida solidão.

Hoje te dou um logar na penna humilde do bohemio, amanhan um hymno e festas nos labios alegres do *estudiosus*, depois como os titans escalarei os ceus do *cynismo* para te immortalisar no Olympo da rapaziada, serás a estrella Vespe para o errante peregrino.

Tens hoje a ode modesta do prosaico trovador, amanhan terás o teu poema como a *Raposa* já o teve a *Cosinha* e os *insectos*.

Vejo-me rodeado dos retratos de mulheres celebres desde a soberana Stael até a legendaria Chateauroux, ellas olham-me atravez o vidro da moldura; mas eu não creio nellas, são titeres, o diabo fal-as rir e os anjos innocentam-lhes os bocejos, trazem as vestes pudicas das vestaes para illudirem a alma de bachante, mostram o coração incendiado como uma lava do Ethna, mas sentem-no mais frio do que um alcantil dos Uraes.

Ellas são as serpentes do paraiso, e tu, ó gracioso cigarrinho, a ave risonha do *spleen*.

Não creio nas mulheres, como não creio nos homens, não creio na gloria como não creio na sabbatina de taboada, como não creio no vulto informe do bedel. Creio em ti, no *cynismo*, na preguiça, que és tu, nos meus castellos de moço, que são a ondulação circular de tua alva fumaça.

Hoje o meu canto nobre te pertence. Dá-me inspiração, musa popular, amanhan pedirei á cythara de Debora para te levar o meu idyllio, ó magestatico *charuto*, para te consagrar um dythirambo, ó munumental *chapeu*.

Praxistas ouvi meu canto!
Collegas eu lasco ponto!
Cigarros eu vos saudo!

Julio de Aymonte.

ANNUNCIOS.

Rapazeada!

Frequentem o vispora da Guerrilha á rua do Julião n. 18.

Todas as noites ha café servido com finas e gostosas massas e nos sabbados o saboroso e bem preparado mocotó.

Typ. de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 82.ª SABBADO 15 DE JULHO. N. 815.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 14 de julho de 1871.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que lance suas vistas para um muro na estrada da Cruz das Almas, freguezia de Brotas, que ameaça proximo desabamento.

Esse muro é pertencente á roça do conselheiro Antunes, e ignora-se a rasão por que ainda não se tenha tomado as necessarias providencias, visto como já não é a primeira vez que se chama a attenção da Illma.

Espera-se desta vez ser-se attendido.

—Em Brotas festeja-se no domingo o memoravel dia dos bahianos, o immorredouro Dous de Julho.

Ha entrada do carro triumphal, palanque, batalhões patrioticos, illuminação etc, etc.

—E a indispensavel concurrencia.

—Que o povo applauda mais uma vez a lembrança de seus gloriosos e passados feitos, sem marear-lhe os brilhos.

—A lembrança da creação de uma eschola primaria na casa de prisão com trabalho, faz honra a quem teve.

—Va o Sr. Dr. Rocha praticando actos da ordem deste que tornarão recommendavel a sua administração.

—Bem haja os que servem por tal modo á patria, e mais do que á patria á humanidade.

—De terça para quarta-feira, arrombaram e roubaram uma casa de negocio, pertencente a uma africana no Taboão.

Lino das Mercez sendo encontrado á vender objectos constantes do roubo, foi trancafiado e tem de ser submettido ao *anno do nascimento*.

—Na freguezia de Santo Antonio houve um conflicto bem grave.

—Quando?

—Segunda-feira á noite, por volta de 8 horas.

Um barulhosinho em que se envolveram vinte e tantas pessoas, todas armadas.

—Dê-me os pormenores, si sabe.

—O alferes Nascimento conversava com uma crioula *ex-conhecida* do portuguez Almeida, alcunhado por *Fidalgo*, o qual passando, tomou aquillo por affronta feita á elle e em *desabafo* encaminhou-se para ambos, accendeu um phosphoro e levou á cara da crioula para reconhecel-a.

—Uma acção que não demonstra *fidalguia*.

—Consta que o portuguez ja andava *triscado* com o alferes, pela suspeita de que elle fôra causa da crioula arribar de sua companhia.

—Com tudo foi uma insolita e imprudente provocação.

—E tanto foi que altercaram, descompuzeram se e atracaram-se, dando a coisa em nada por aquella occasião.

O *Fidalgo* tomou o caminho do Baluarte e o alferes seguiu para o largo de Santo Antonio, onde encontrou alguns camaradas que pozeram-se á espera d'aquelle, o qual quando voltou ja foi com quatro companheiros, todos de sua nacionalidade, preparados para dar e tomar.

Travou-se lucta espantosa, e uma venda foi o arsenal que forneceu aos combatentes grande porção de achas de lenha para a pugna.

O alferes Nascimento ficou gravemente espancado e acha-se de cama; seis ou sete de seu lado ficaram mais ou menos feridos e contusos, fugindo os mais logo que viram que a carga de lenha era de mais.

Comparecendo o inspector de quarteirão Joaquim Alves Ribeiro, com a sua insignia e tentando accomodar o *perluvio*, foi desrespeitado e espancado, sahindo bastantemente offendido, com duas formidaveis *porretadas* nas costas e os braços contusos.

Foi preciso pedir auxilio na guarda da Correcção, por cuja força foi preso *Fidalgo*, pon-

do-se os seus companheiros no caminho de casa.

—Si houvesse policia talvez não acontecesse tanto.

—A authoridade procedeu á corpo de delicto nos offendidos e consta que vae instaurar processo a *ex-officio* contra o offensor.

—Sempre a mulher como origem de acontecimentos sinistros e desagradaveis!

—Asseguram que os individuos por parte do alferes Nascimento eram alguns 16 e do portuguez 5.

—Uma completa batalha campal.

Não ha policia para policiar as ruas, e evitar estas scenas; mas ha soldados para servirem de lacaios aos filhos de officiaes e outras cousas.

—O Sr. Aurelio Fausto Carvalhal M. Vasconcellos formula fortissimas accusações em duas publicações no *Diario* contra a repartição em que foi empregado.

—Eu li. E' preciso estar muito baseado para fallar assim.

La por isso não; o homem era de dentro, podia estar em dia com que se passasse; mas é que eu acho impossivel.

—Diz que o livro do ponto está em desharmonia com as folhas de pagamento, o que quer dizer que ha quem ganhe sem trabalhar; que o servente é um escravo do proprio administrador, o que á ser exacto, não é muito curial, e que tal servente é isento de vicissitudes porque é homem que não falta, embora muitas vezes seja preciso pagar-se a outrem o trabalho que lhe pertence fazer.

—Toda essa nevoa ha de se desfazer diante da commissão de exame nomeada pelo vice-presidente.

—Uma cousa eu ja ouvi dizer sem ser pelo Sr. Carvalhal, e é que ha um empregado que falta muito e ainda o mez passado so foi á repartição 5 dias.

—Tambem isso pode ser exagerado.

—No balcão se verá a amostra do assucar.

—Falleceu e sepultou-se hontem no cemiterio da Quinta dos Lazaros, victima de uma febre typhica, o alferes do 2.° batalhão de infantaria da guarda nacional Francisco Melchiades Ribeiro Moreira.

O fallecido contava 23 annos de edade.

—Deus dê-lhe o reino da gloria para seu eterno descanço.

—Capitão, eu me dou com um sugeito muito presumido e queria pregar-lhe uma peça.

—Porque forma?

—Publicando esta carta que safei lhe do bolso em occasião que elle ia dar-lhe destino.

—Pois va lá.

—Veja quanto disfructe:

«*Pomba candida de meus transportes.*

Porque razão, motivo e causa tu não respondestes a amphibologica epistola que meu cerebro te dirigio? Ah! que não sabes quantas angustiadas horas passei na expectação de tua anciosa resposta. Sabes tu, quando é, indomavel reflexo de meus pensamentos, que a consolação de tuas maviozi simas expressões, seriam o barometro corroborante que viria sem duvida apagar a quente e aceeza fogueira que me devora as despedaçadôras entranhas do meu peito!!! Mas tu não quisestes, atrabilaria como tu és, ficaste sirrindo com as vozes intimas que despejaram meus labios sobre o perfumado assetinado papel (como me disse a mensageira). Dissestes que eu era um bôbo de comedias. Mais agora sou eu mesmo que te digo, te affirmo, e te declaro que irei vingar meus brios te cravando n'este peito ingrato, e que não tem pena de mim, o punhal do ciume.

Sou muito ciumento, querido bemzinho e quando disseram que tu me chamavas bôbo de comedias, lembrei me de que hias ao theatro e que talvez la te namoravas com a'gum d'esses petimetres que só tem bigode, para bigodear as moças.

Ouve as vozes apaixonadas da razão e não queiras arremessar nas catacumbas de irracionavel e menticapta desesperação a mim que—

Apesar de teus despresos,
De tua cruel ingratidão,
Ainda tenho por ti apaixonado
Este meu coração.

Ouviste; de nada tem que te envergonhares; si não sou nenhum Doutor, sou um homem dado ás meditações das lettras, que anda em dia com a prosodia, e que sabe escrever bonitas quadras e sonetos. Vinde animar meus males, arremettendo-me uma consolativa resposta de tuas rubicundas mãos.

Teu amante.

A PEDIDO

— «No palanque quase todas as noites appareceu *um negro* á recitar, depreciando assim a funcção.»

—V. mesmo é quem deve dizer isso. Para onde foram seus principios de egualdade?

—Não foi eu; são palavras de um liberal á bordo do vapor que foi ao bota-fora do Dez. Luiz Antonio.

—Ah, como foi um liberal que avaliou o acto não por seu merecimento mais pela cor da pessoa que o praticou, estou callado.

Roga-se por *S. Carlos,* ao Sr. das *pereiras* de Guimarães que não continue a desprender as harmonias de seu *firme hymno* defronte de uma certa *casa* á Cruz do Cosme, com o fim de seduzir a uma moça honesta que vive em companhia dos seus: a *brincadeira* lhe hade custar caro, e não será como aconteceu a uma outra na Soledade, que apenas teve por punição a demissão de um certo *cargo policial*.

Alma da Pilota.

Motte.

Moça de nariz torcido
Não casa, fica p'ra tia

GLOZA.

E' um ente aborrecido
Creatura mal olhada,
E' por todos desprezada
Moça de nariz torcido
Jamais pode achar marido
Que gosto tenha ou valia,
Pois ninguem quer noite e dia
A taes tolas aturar;
E sem o dom de agradar
Não casa fica p'ra tia.

—Capitão, tenho que lhe contar.

—E eu que lhe escutar.

—Quarta-feira ás 8 horas da noite, houve um aguaceiro dos seissentos.

—Falle-me claro.

—Não foi nada. Estavam dois individuos á conversar e apparecendo um terceiro investe para os dois e desfecha tamanha beribada que um de nome Thomaz cahiu sisudo.

O desalmado logo que viu que seu trabalho tinha surtido effeito, deitou sebo nas canellas.

—Quem é elle?

—Pelo nome não conheço; sei que é marcineiro.

—Como andam estes valentões!

Saudade.

Eu tenho, ai, eu tenho uma saudade,
Que me rala, que m'afflige, que me mata,
Mas sou tolo, sou pateta, porque morro
Por quem falsa me é, me é ingrata.

Ai, eu tenho bem profunda uma saudade,
Que me queixa, que me abraza, que me doe;
Como a mão d'um moinho este meu peito
Despedaça, tritura, esmaga e móe.

Ai, conheço que amar sem ser amado,
Querer bem, e depois ser despresado,
E' loucura que merece palmatoria,
E' de certo ser capão, é um peccado.

Mas que querem!...essas cousas ca do peito
São mysterios que não tem decifração,
Perguntae, sim, perguntae porque é que batte
Sem a gente querer o coração.

Ao fogo perguntae porque elle queima,
A agua do rio a razão porque ella corre,
A florzinha porque brilha um só instante,
E depois emmurchece e cae e morre.

Perguntae porque é que o sangue gyra,
Ao sol a razão porque allumia,
Porque o dia succede á noite escura,
E a noite vem após brilhante dia.

São mysterios que a gente não decifra,
São segredos que só sabe a natureza;
E' por isso que em cambio á inconstancia
Tenho o peito recheado de firmeza.

Eu tenho, ai, eu tenho uma saudade
Que me rala, que me afflige, que me mata;
Mas sou tolo, sou pateta, porque morro
Por quem falsa me é, me é ingrata.

VARIEDADES.

A proposito do casamento.

De uma folha dos Estados-Unidos extractamos o seguinte:

«*Casamento a contento.*—Teimam os Inglezes em disputar aos Americanos o monopolio das originalidades. Acaba um dos membros do parlamento de apresentar um projecto authorisando uma nova maneira de fazerem-se os casamentos, que vem a ser uma especie de transacção com o systema de divorcio: *o casamento por tempo limitado.*

«Os contrahentes deverão comprometter-se, perante o magistrado, a viverem junto, conforme as suas proprias conveniencias, por tres mezes, por seis, por um anno ou mais, podendo ser o prazo renovado, mediante aviso, com 15 dias de antecedencia. Aquella das duas partes contratantes que faltar aos compromissos pagará á outra uma indemnisação pecuniaria, previamente estipulada.

«Esta instituição, tem sem duvida, alguns inconvenientes, sobre os quaes julgamos inutil insistir»

Um proverbio.

Conheci um homem, joven, bem feito, meio espirituoso, soffrivelmente bravo, rico, em uma palavra, muito disposto a ser feliz. Para conseguir a felicidade, resolveu-se a pôr em

pratica o seguinte aphorismo:—*é preciso ter amigos em toda a parte.*

Dava jantares, emprestava dinheiro, sacrificava suas amasias, consentia a quem queria que afrouxasse os seus cavallos. A benevolencia geral era uma das condições de sua existencia. Jogava xadrez, e perdia. Dansava, e dansava sem graça, emfim não primava em nada, e não podia excitar a inveja senão pela sua fortuna, mas sua fortuna não lhe pertencia.

Todos eram seus amigos, todos o tratavam por *tu*: ficava encantado. Talvez, si olhasse de mais perto para os lucros dessa amisade universal, visse que as pessoas que nunca cantavam, porque não tinham voz afinada, não tinham o menor escrupulo em cantar diante delle.

No inverno, collocavam-o longe da lareira, para darem logar a um estranho. Para jantar davam-lhe sôpa e cozido: *nada de incommodo, nada de ceremonias com os amigos*; serviam a todos primeiro que a elle, e os meninos limpavam-lhe na roupa a manteiga de suas fatias.

Um dia, um de seus *amigos*, escreveu-lhe uma carta nestes termos:

« Foge; entrei n'uma conspiração que acaba de ser descoberta; apoderaram-se de meus papeis.

« Como és meu *amigo*, como sei que se póde contar comtigo, tinha-te collocado um dos primeiros na lista dos conjurados.

« Estamos aviados; temos de ser todos condemnados á morte. Foge sem perda de um instante. »

Hermann morava em um quarteirão da cidade bastante retirado; o homem incumbido da distribuição das cartas viu que a destinada a Hermann era a unica que elle tinha de levar a esse quarteirão; julgou que não devia se embaraçar com um *amigo;* deixou para o dia seguinte a entrega da carta, que pretendia fazer assim como a de outras que necessariamente tinham de vir para o mesmo quarteirão; não levou a carta senão d'ahi a dois dias. Logo atraz delle chegavam os soldados que tinham de prender Hermann,

O commandante da força era um *amigo* de Hermann; não quiz sentir a dôr de prendel-o elle mesmo, e ficou na porta da rua; os soldados sem chefe que os reprimisse, maltratáram muito o preso.

Comtudo á pretexto de ir-se vestir, Hermann passou para um gabinete, e saltou pela janella.

Cahiu justamente sobre seu *amigo*, que sua sensibilidade retinha infelizmente junto á porta da entrada; o amigo soltou um grito que deu o alarma; foi preso de novo, e levado para cadeia.

Instaurou se o processo; a cidade inteira estava convencida de sua innocencia; mas a maior parte dos juizes se recusáram para não terem, em caso nenhum, de condemnar um *amigo*.

O accusador, que era seu *amigo*, comprehendeu que a sua reputação de imparcialidade se achava singularmente compromettida, pela suas relações com o accusado; para combater essa prevenção, viu-se obrigado a carregar sobre elle mais do que nunca fez com nenhum outro.

Seu advogado estava tão commovido, pois o *queria muito,* que quando quiz fallar, ficou-lhe a voz embargada pelos soluços; cobrou alguma coragem, mas a memoria estava tão perturbada, que os argumentos com os quaes havia mais contado, não se apresentavam si-não através de uma nuvem; sua voz era fraca, mal accentuada.

Hermann foi unanimemente condemnado.

A authoridade, á vista do numero infinito de *seus amigos,* temeu que assaltassem a prisão para fazel-o evadir-se; por isso carregaram-lhe de ferros, e negaram-lhe até o consolo de poder communicar com quem quer que fosse. Chegou o dia de seu supplicio; soltou-se da corrente, escapou dos soldados, e ter-se hia evadido, si a multidão immensa das pessoas que lhe eram *muito ligadas,* tivesse podido abrir-se a tempo para lhe dar passagem; foi apanhado de novo e acorrentado.

O carrasco, que *lhe era muito affeiçoado,* não podia conter sua dolorosa emoção; sua mão tremula não pôde separar a cabeça do tronco sinão no quinto golpe.

A. Karr.

ANNUNCIOS.

Batalhão patriotico Defensores do Occidente.

Os abaixo assignados organisadores d'este batalhão patriotico que tem por fim tomar parte nos festejos da freguezia de Brotas ao immortal dia 2 de Julho, convidam a todos aquelles que quizerem nelle alistar-se, a comparecerem domingo 16 do corrente ás 8 horasda manhan, no largo do Campo da Polvora, donde marchará para Brotas.

O uniforme é calça branca, collete branco e paletot preto.

Francisco José de Macedo.
Durval Alfredo Portella.

Na rua do Collegio casa n.° 16 ha uma rapariga, honesta que se aluga para tratar de creanças.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 82.ª QUARTA FEIRA 19 DE JULHO. Ns. 814—815.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 18 de julho de 1871.

Officio á Illma. camara municipal, ponderando-lhe que si os fundos da Illma. se acham tão desfalcados que não chegam nem para fazer simples concertos de ruas, deve ella ao menos, por espirito de humanidade, mandar circular de varas o grande buraco que á muito tempo existe no Jogo do Carneiro, bem no meio da rua, para evitar que os cegos e embriagados, classe de gente que tanto abunda nesta terra, alli se precipitem, ou mesmo algum cavalleiro ou carruagem.

A' vista de tão ponderosa razão, espera-se que a Illma. uma vez, que em vista de suas difficuldades ainda não poude mandar fechar o referido buraco, pelo menos procure evitar que esteja elle feito uma cova para gente viva.

—Que desespero todas as noites!

O uivar do maldicto cão não consente que se durma.

—Pertence ao Braga esse cachorro.

—Não se deve possuir um animal que serve de flagello.

O bicho late noites inteiras e por tal forma que de la da casa da maçoneria incommoda até cá na rua de D. José.

—O vapor que sahiu no sabbado 8, para Nazareth, correu perigo.

—Não me dou bem com isso, não.

—Atolou-se nos mangues do Furado e abriu agoa.

—Eu faço ideia do alarido que não se levantou logo á bordo.

—O passageiro que me contou este fracasso disse-me que lembrando uma medida ao capitão, este lhe respondera que não queria conselhos pois era o unico responsavel por tudo.

—Bem bello! mas não era responsavel pelas vidas dos mais.

—Capitão, contaram-me uma importante.

—Passe-me.

—O brigue *Itamaracá*, tendo de fazer viagem, metteu á bordo 80 arrobas de carne secca.

Sendo obrigado a arribar, aqui entrou de novo e a carne foi julgada em mau estado e mandada lançar ao mar.

—Pare-se ahi; então a carne corrompeu-se na viagem?

—Não sei, isso e cousa differente do que estou contando.

A carne lançada ao mar, foi dar á praia na Preguiça, Pedreiras, Gambôa, etc. Alguns africanos deram se ao trabalho de apanhal-a, e provavelmente anda ella pelas gamellas exposta á venda e mesmo em alguma taverna.

—Aqui não se olha para essas cousas que são reputadas ninharias.

—E não querem que grassem febres, diarrheas, camaras de sangue e outras enfermidades.

—O que não mata engorda. Si se tivesse de morrer por essas cousas, as tavernas se encarregavam de envenenar a população inteira com seus vinhos de composição, café misturado e outras drogas.

— Ha muitas especies de mães neste mundo!

—Eu apenas classifico as mães em duas especies: mãe *baleia* e mãe *cação*.

—A mãe *baleia* é aquella que entrega sua vida por amor de seu filho; a mãe *cação* é aquella que despreza seu filho jogando-o no monturo para os cães devorarem!

—No domingo, na Estrada Nova, foi encontrada uma creancinha, nascida d'aquelle momento, e que sua mãe a lançara no monturo.

O subdelegado de Sant'Anna, tendo noticia do facto, dirigiu-se a estrada já referida e remetteu-a para o asylo dos expostos.

—Infeliz! perseguida pelos azares já desde o seu nascimento!

—Tambem no sabbado, segundo consta, foi apanhada na margem do dique uma outra que alli fôra jogada por sua propria mãe!

—Que mães desnaturadas! Que verdadeiras hyenas!

—Verdadeiros cações, que não podendo devorar os filhos lançam-nos no meio das ruas para os cães o fazerem!

—Quem não quer se molhar não sahe a chuva!....

—A mulher que não quer ter filhos não procura homem!....

—Capitão, uma censura é sociedade de Vehiculos Economicos.

—Pode fazel-a.

—No domingo, a viagem de 6,40 da tarde, de Itapagipe para a cidade, foi levada dos trezentos diabos!

No caminho faltou carvão na machina e levou-se no Travasso mais de meia hora até que se deitasse carvão e a machina tivesse de novo pressão para continuar a viagem.

Chegando na coxeira deitaram uma parelha de burros, verdadeiros burros no todo da expressão, que vieram emperriando por toda viagem, e alem d'isso encontrava-se sempre os *bonds* que iam da cidade fóra dos desvios.

Os passageiros aguentaram duas horas de viagem de Itapagipe até a praça de Riachuelo!

—Desvantagens de que ainda se resente a sociedade de Vehiculos Economicos.

Deitam nos *bonds* burros que não estão acostumados a andar nos trilhos, abusando-se assim da paciencia dos passageiros!

—Capitão, no domingo 16, presenciei uma deploravel desgraça.

—Santo nome de Jesus!

—Um pobre homem levou pela cara tamanho couce de burro, que não sei si a existencia lhe durará muito tempo!

—Oh, coitado!

—Foi no ponto dos Trilhos Centraes, á Barroquinha, que se deu o desastre.

—Como humanos e christãos temos obrigação de sentir os males que acontecem a nossos semelhantes!

— O Dous de Julho em Brotas esteve pomposo.

Muita paz, muita concordia.

Um elegante barracão assentado no largo do Paranhos, á esforços dos Srs. Booth e A. F. de Menezes.

Na rua Vinte e Cinco de Março em easa do cidadão Antonio Firmino de Menezes, passou-se uma scena verdadeiramente magestosa: a liberdade de uma creança conferida pelos veteranos da independencia, recebendo a carta de sua emancipação por mãos de um ministro da religião, o respeitavel monge benedictino Fr. Carneiro, que nessa occasião tocou as raias do patriotismo e do sublime em um eloquente discurso calorosamente applaudido, em cujo final foi abafada a voz do orador por bravos e vivas.

—Ante-hontem pelas 2 horas da tarde uma lancha que ia para o reconcavo, ao chegar perto da fortaleza do mar, recebendo uma forte lufada de vento, virou.

Fazendo o forte signal de perigo, seguiram para o logar escaleres e um vapor que a rebocou para dentro da caldeira do arsenal de marinha.

Além do prejuizo do carregamento, ainda ficou prejudicado o proprietario da lancha na quantia de 400$ rs. que levava em um bahú que cahiu no mar.

A PEDIDO

—Capitão, V. Ex. me transcreve esta chula que os capadocios cantavam sentados de *rosario* na mão, na porta do *João Pereira?*

—Diga lá.

«—CHULA.

«Ora pacos, papacos,
«*Que chinguelê,*
«Levou taboca
«Irmão de malê.

«Ora pacos, papacos,
«Tome *bambú,*
«O caçador *monteiro*
«Não *pega* tatú.

«Ora pacos, papacos,
«Morra o communismo
«Cahiu da tripeça
«Dr. *Syllogismo.*

«E o pobre lorpa
«Votou em si!
«Como é sem vergonha
«Cara de *sagui!* »

Um pedido justo.

Pede-se por S. *João* ao Illm. Sr. subdelegado do 2º districto da freguezia de Santo Antonio, major Costa Carvalho, que preste sua seria attenção para um *cujo* morador á Cruz do Cosme, que munido de uma *cabelleira*, vai á noite passando *revista* nos quintaes alheios, conduzindo em *marche-marche,* por meio da *rapinagem*, tudo quanto nelles encontra, como seja:—gallinhas, laranjas, roupas no quaradouro etc, ainda na noite que amanheceu no

sabbado 15, levou do quintal do Sr. Farias empregado n'alfandega, uma bacia de arame que pelo seu tamanho e peso não sendo possivel ser conduzida por uma só pessoa atè seu *acampamento*, fôra rolada até as margens do dique, para em occasião mais opportuna ser guardada.

Dizem que o honrado Sr. major Burgos, quando em exercicio, já fizera que o referido *cujo* fosse guardado por alguns dias na correcção, por identicos factos.

A vigia.

Despacho de pronuncia.

Vistos estes autos, etc.
Ao reu vou pronunciar,
Por ter audacia o accusado,
D'uma moça deflorar:

Considerando que elle
Foi em delicto agarrado
Do codigo um dos artigos,
Eu lhe arrumo no costado;

Considerando que o reu,
E' um homem até casado,
Pelo seu grave attentado,
Soffra, p'ra não ser tão ousado;

Considerando ainda mais
Que á muitas ha deflorado,
Pague pois todos os damnos,
Que as donzellas tem causado;

Considerando que o reu
Confessa ter raptado,
E em acto consecutivo
Seus desejos sciado;

Considerando que o mesmo
Gosta de *frangas* comer,
Soffra do codigo as penas,
P'ra tal desejo não ter;

Considerando não ser
Esta a primeira que fez,
Como elle mesmo se gaba,
Que ha de *fazer* outra vez;

Considerando ainda mais
Que da sua posição
Abusa p'ra perverter,
Empregando a seducção:

Pronuncio pois o reu,
Por achal-o criminoso
Cevando na castidade
Seu goso libidinoso;

E seja pois o seu nome,
Lançado em rol de culpado,
Por ter da casa materna
Uma virgem raptado.

Dou esta por publicada,
No cartorio do escrivão,
Findo os tramites legaes,
Vá o cujo p'ra prisão.

A instancia superior
Remetto este processo,
Esperando que o seductor,
Lá tenha o mesmo successo.

6 de julho de 1871.

A. T. S. G.

—Pede-se a certo capadocio, conhecido por cara lisa, caxeiro de wagons na companhia do Circulação Economica que, por amor a decencia e respeito as familias, não continúe no seu reprehensivel e revoltante procedimento de desrespeital-as, dizendo adeus e fazendo outros acenos mais ás senhoras, quando passa em seu respectivo wagon por Ipatagipe.

—Espera-se cohibição, Sr. sararál!

Soneto.

Esse peito, mulher, que o ceu te deu
Para amar e sentir de amor paixão,
Não devia ingrato ser ao coração
Que somente por ti de amor ardeu.

Deste odio porem, que o genio teu
Conspira contra mim, e sem rasão,
Heide vingado me ver; e o perdão
Ja tarde implorarás ao peito meu.

Sim, mulher ingrata, o juramento
Postergado uma vez, é mal sem cura,
Que n'alma nos imprime o sentimento.

Não peccaste por fragil creatura;
Foi sim para me dares o tormento,
Que peior pode ter uma alma pura.

—Aspirante João de Deus!

—Estou prompto, meu capitão

—Va á calçada, e procure o proprietario da venda que faz quina para os Mares, extranhe-lhe o procedimento de seus caxeiros e de uma malta de vadios que alli se ajunta, os quaes perseguem aos velhos e mendigos que por alli transitam com especialidade a um pobre homem que vende phosphoros, o qual é victima dessa corja de malandros que não tendo o que fazer, fazem d'alli ponto de bandalheiras,

—Sciente, capitão.

Confissão ingenua.

Não quero ser presidente
Nem tambem ser deputado,
Quero só de quem desejo
Um bocadinho de agrado.

Não sou desses que dezejam
Prazeres voluptuozos,

Quero apenas o seu rizo
Seus medeixes graciozos.

Acabe se logo a vida,
Vibre a morte a foice dura,
Com tanto que nos pés d'ella
Seja minha sepultura.

Com tanto que nesse instante
Em que a vida se acalma,
Eu solte por despedida
Um suspiro de minha alma.

Nem toda gente calcula,
A força que tem amor!
Em um genio igual ao meu
Manda mais que o imperador.

Cadeias e mil castigos,
Correntes, fácas de ponta,
Desprezo, e guerra de sangue,
Cá em mim não faz afronta.

Sou de pedra e ferro
Sou de bronze duro,
Campanhas de amor
Frente a frente aturo.

—O Illm. Sr. Dr. juiz municipal da 2ª vara em audiencia do dia 17 do corrente sustentou o despacho de pronuncia contra o negociante Antonio Tavares da Silva Godinho, por ter raptado uma menor, conduzindo-a para um quarto que para isso tinha alugado na rua d'Ajuda, onde a deflorou.

Quer ler?

—Tenho esse desejo.

—Aqui tem.

«Vistos estes autos, etc.

Nada havendo que ratificar no presente processo, por quanto não ha nelle preterição de formulas que induzam nullidades ou faltas que prejudiquem o esclarecimento da verdade do facto e suas circumstancias, facto e circumstancias que se acham sufficientemente provados com o corpo de delicto de fs., parte fs., autos de perguntas de fs. a fs. depoimentos de fs. 42 a fs. 45 fs. 59 e fs. 84 a fs. 86 e certidão a fs. 89, indeferindo a petição retro, sustento o despacho de pronuncia a fs, por ser conforme a o direito e a prova dos mesmos autos, pagas pelo reu as respectivas custas.

Pertencendo como pertencem á classe dos instrumentos publicos que fazem plena prova os livros ecclesiasticos em que assentam os baptismos, casamentos e obitos não se pode deixar de considerar legalmente provado ser a offendida menor de 17 annos, em vista daquella certidão extrahida do respectivo livro ecclesiastico, pouco importando que tal assento de baptismo fosse ou não aberto, como foi, em virtude de justificação a que se procedeu por aquelle juizo, unico competente, como, entre outros, declarou o aviso nº 8 de 5 de julho de 1865.

Emquanto pois subsistir aquelle assento, e não havendo, como não ha, collizão entre aquella certidão e a de f. 52, junta pelo reu, pois esta se refere á Clara, filha de Bemvinda Maria da Conceição, que deu a queixa emfim, não póde ser infringida a fé de nenhuma d'ellas, para que esta prevaleça aquella, como pretende o reu allegando ser Bemvinda Tavares a propria e identica Bemvinda Maria da Conceição.

Importaria isto nullificar-se aquelle assento, o que não cabe nas attribuições d'este juizo, pois é da privativa competencia do ecclesiastico. O escrivão lance o nome do reu no rol dos culpados e devolva o processo ao juizo d'onde veio. Bahia 14 de Julho de 1871. *Francisco Liberato de Mattos Junior.*

Auto de perguntas

Feitas ao negociante portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho na subdelegacia da Sé na noite de 4 de maio.

Perguntado, como se deu o facto do rapto da menor Clara, pelo qual é elle accusado como seu author, e com a qual menor foi encontrado em um quarto de uma loja á casa do major Lopes, n'Ajuda?

Respondeu, que ha tempos conhece a menor de que se trata, e que por mais de uma vez conversara á janella da casa da mesma menor com ella, e que nestas conversas lhe perguntara algumas vezes, se podia ter ou não relações com ella, ao que ella lhe respondia negativamente. A' cerca de um mez ou dois que a menor lhe escrevera algumas cartas pedindo-lhe que a tirasse de casa ao que elle interrogado não lhe respondia, porem que quando passava pela casa da menor lhe dizia que estava com receio de a tirar de casa por temer o genio da mãe da mesma menor e por desconfiar de ser a mesma menor honesta ou não, bem que esta lhe affirmasse ser ainda donzella. Instado elle interrogado pela dita menor, mandou-a buscar, na noite de hontem, em uma cadeira para a loja da casa á rua referida, onde foram effectivamente hoje encontrados pelo inspector Marques, e duas praças de policia, que o trouxeram á esta subdelegacia. Disse mais que quando foi hontem á referida loja á casa d'Ajuda, ás 9 horas, tivera de facto cópula com a dita menor, não encontrando porém os menores vestigios de virgindade, em acto continuo exprobrou elle interrogado a mesma menor em termos energicos a maneira vil com que o havia enganado, attribuindo estar em um estado em que real-

mente não estava. Immediatamente, isto é, dous ou tres minutos depois, chamou elle interrogado a dona da cása e a uma outra senhora que ahi estava, convidando-as a entrarem no quarto, cuja porta estava aberta, e chegando a dona da casa primeiro, á esta fez ver elle interrogado o que se acabava de passar com a menor, dizendo lhe ao mesmo tempo qual o seu *descontentamento pela forma por que tinha* sido *enganado* pela menor em relação ao seu estado de falsa virgindade, contando-lhe todos os pormenores, e isso em vozes altas, em presença da mesma menor. Nesse comenos entrara a outra senhora, repetindo o interrogado tudo que se havia passado para esta tambem ouvir. Durante esta conversação conservava-se a menor em silencio sem que pronunciasse uma só palavra em defeza de sua virgindade que deveria ter perdido poucos minutos antes. Que a menor estava em camisa, e que na cama haviam lençóes; e que ella menor, em logar de mostrar alguns vestigios de ter naquella hora perdido sua vingindade, (o que era natural o fizesse si assim fosse,) nada dissera, porque nenhum vestigio teve que mostrasse em defeza de sua honra. Que a dona da casa, no mesmo momento lhe fizera ver em termos picantes que ella muito mal fazia quando attribuia a si um estado em que não se achava. Que á toda esta conversa assistira a outra senhora. Que elle interrogado dissera á vista de todos, que dalli em diante nada tinha a receiar em ir alli á qualquer hora visto como elle estava com uma mulher do mundo. Que nessa occasião haviam mais moradores na casa, que estavam la para dentro Que em vista do estado em que encontrou a menor nenhum receio teve em lá nessa casa entrar as sete horas e meia, onde quatro minutos depois ahi compareceu o inspector Marques, dando-lhe voz de prezo e que o accompanhasse á presença do Sr. subdelegado.

—

Auto de perguntas

A' Juvencia Amalia Marques, em casa de guem foram presos o negociante Antonio Tavares Silva Godinho e a menor Clara.

Perguntada, como foi para sua casa, e quando, a menor que se acha em juizo, d'onde veio presa com o portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho?

Declarou que sendo pobre, tem por costume alugar quartos de sua casa e que o portuguez Godinho ha um mez lhe alugára um de seus quartos, onde costumava de noite *meter moças*, como uma pardinha de cima do sobrado, e outras, as quaes apenas se demoravam dias; e que hontem levou a menor que se acha presente, em occasião que ella interrogada não estava em casa, mais do que teve noticia logo que chegou. Que d'ahi á pouco tempo, disse Godinho abrindo a porta do seu quarto, chamou a que chegasse até lá, e que ella interrogada se approximou da porta este lhe dissera: — «Aqui está a menina, de quem lhe fallei hontem dias, dizendo-lhe que lhe queria muito bem, e que tinha cartas d'ella; achei-a como qualquer outra do mundo; não era mais donzella.» Que ella interrogada então dirigindo se a menor, disse lhe: — «Você para que foi deixla? Si não estava no caso de donzella, para que enganou ao moço, que pode agora abandonal-a?» Que a estas palavras a menor como que estatalada tentou por diversas vezes defender-se, mais não o conseguiu porque o dito Godinho não a deixava fallar; fallando e a interrompendo sempre, de modo que a menor poude apenas proferir o seguinte: «Pois você me faz mal e agora diz que eu não estava donzella?... Deixe estar, você! Deixe estar você!» e ficou calada com a cabeça inclinada sobre a mão. Que depois disto o dito Godinho retirou-se tendo voltado hoje ás sete para as 8 horas da noite. Que ella interrogada quando o dito Godinho e a menor entraram para o quarto, disse para uma rapariga que estava em casa de nome Felismina que lhe tinha declarado conhecer a tia da dita menor, com pena desta. — «Você por que não aproveita ir agora dizer a tia della, que venha cá porque agora estão elles juntos?» Que a dita rapariga sahiu e eis que encontrou a tia da menor que já vinha com o inspector e dois guardas em busca da casa della interrogada; que o inspector aproximando-se da janela, perguntou a ella interrogada si dava licença para entrar e que ella interrogada, respondendo-lhe que sim, abriu-lhe a porta, dizendo ao mesmo tempo para o quarto — «olhem que vem entrar gente para a salla» deu entrada ao inspector e aos guardas sendo nesse acto que o Sr. Godinho tinha se levantado e vinha sahindo do quarto e recebeu nesse acto e occasião do inspector voz de prisão.

Perguntada se não viu como dona da casa alguns signaes ou vestigios de defloramentos?

Respondeu que não, porque não entrou no quarto para tal fim.

—

No dia immediato Juvencia Amalia apresentou a algumas pessoas um lençol, com manchas do crime, dizendo que a verdade devia-se dizer, *que aquillo não era da raptada e sim de outra que de la sahira á oito dias.*

—

Auto de perguntas

Feitas a men r Clara

Perguntada como se deu o facto de haver ella desaparecido de casa de sua mãe?

Respondeu, que ha mais de um anno o portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho a seduz para sahir de casa, dizendo-lhe que era solteiro e promettendo-lhe sempre viver bem com ella, até que no dia de segunda feira desta semana, com ella combinou a fuga de casa que effectuou-se hontem ás 7 horas da noite mandando-lhe o dito Godinho uma cadeira accompanhada por um escravo seu, africano, cujo nome ignora; e na qual cadeira sahiu ella interrogada para casa de uma mulher em Nossa Senhora d'Ajuda, por baixo da casa do major Lopes, para onde a levara e onde ficou até hoje á hora em que foi presa juntamente com o dito Godinho no quarto da referida loja pelo inspector Marques e dous guardas que os acompanharam á esta subdelegacia. Que hontem poucos momentos depois de haver ella chegado na sobredita loja chegou tambem o dito Godinho e foi ahi que a deflorou: visto como sahiu de casa de sua mãe pura, como elle bem o sabia: Que hontem o dito Godinho esteve com ella na dita casa até dez horas da noite; e que hoje foi mais ou menos ás seis horas da tarde e esta va quasi no acto de copular quando foram neste acto interrompidos pela noticia do inspector e das praças que os procuravam.

VARIEDADES.

Durante o carnaval

Versus inops rerum, nugæque canoræ.
(HORAT., AD PIS., 322)

I.

—«Que confuso tropel que me-atordôa!—»
Murmurava no leito da agonia
Uma pobre mulher, que se-finava,
A's loucas algazarras da alegria.
Via-se alli, naquella casa lobrega,
O que ha de mais hediondo n'este mundo:
—O mais horrivel quadro de miserias,
—O estertor de agonias mais profundo!...
O tecto—eram capins apodrecidos,
Paredes—eram cannas intrançadas,
Duas as divisões da casa inteira
Onde entravam os ventos ás lufadas.
O catre em que jazia a moribunda
Causava nojo e dó:—roupas de cama
—Que talvez foram brancas n'outro tempo—
Negras estavam já de sujo e lama.
Ao corpo macilento que cobriam
Agasalho e calor já não prestavam:
Pelos vastos rasgões d'aquelles trapos
Irrompiam os ventos que sopravam,
Sahira á tempo a mendigar migalhas
A companheira—unica—que tinha,
E a pobre moribunda se-finava,
N'aquella furna lubrica, sosinha!
Batida pelo vento—e ardendo em febre,
Secca de sêde—e sem um gole d'agua,
Arcando á fome—e sem um pão ao menos...
A misera morria mais de magua...
Um pão?—Si aquella misera o tivesse,
Talvez erguesse os membros alquebrados,
E ao outro dia—escarneo de grandezas—
Não se fosse a dormir com potentados!...
Nas ruas, entretanto, o povo estulto
A' louca saturnal batia palmas...
—Em tamanho folgar que fim levaram
A compaixão e o dó d'aquellas almas?...
Mas era a saturnal desenfreada
De loucos, de possessos corybantes,
—D'onde a moral ás vezes sabe fugindo
Ao vinoso prazer dos circumstantes:
Onde das mãos abertas corre o ouro,
Para ostentar-se á plebe imbevecida,
Profusão de ouropéis, vidrilhos, trapos,
E estultos arlequins de fronte erguida:
Onde em gruttescas posições se mostra
O cidadão co'a face mascarada,
E o pejo que *talvez* lhe córa o rosto,
Não lhe transluz na máscara incerada:
Onde se applaude o graceiar insulso,
E a satyra mordaz que a honra offende,
Que—não dos labios nús—o homem ignoto
—Mas dos labios da mascara—desprende.

II.

Mas cerremos os ouvidos
Ao tropel, aos alaridos
Que pela cidade vão,
E entremos na casa pobre
Da mulher que pede cobre,
Aos que á vaidade ouro dão.
Vêde aquella coitadinha,
—A companheira sosinha
Da pobre que vai finar:—
Com a face demaciada,
Juncto a cama reclinada,
—Escutai...que vai fallar:..
«Já corri toda a cidade,
Já pedi pão á vaidade,
—Vaidosos que os grandes são!—
Mas é triste a nossa sorte,
Só emfim, nos resta a morte...
Mãe, não ha quem nos-dê pão!...
«Vi luzidas companhias,
Cobertas de pedrarias
E de ouro e joias eu vi;

E muitos homens que riam,
E outros que a face cobriam...
Cheguei-me a elles,—pedi...

«N'aquelle povo perdida
Minha voz não foi ouvida,
Ninguem siquer me attendeu;
E em troca da indifferença
D'aquella gente sem crença,
Roguei-lhe bençãos ao céu.

«Engolphada na alegria,
A' turba que tripudia
Não commove alheia dor;
E eu enxuguei o meu pranto
No meio de povo tanto,
No meio d'esse esplendor.

«Vi tambem moças bonitas
Trajando sedas e fittas,
Pulseiras, brincos e annéis:
Julguei-as mais caridosas,
—Pedi esmola ás vaidosas....
E m'a negaram, crueis!...

«Quem sabe si inda algum dia,
Passada tal loução ania,
Virão a ser como nós.
E verão as mães morrerem
Pedindo pão—sem o terem—,
E, como eu ficarão sós?...

«Deus! não deixeis as coitadas
No mundo desamparadas,
Que o desamparo é cruel!
Perdoae lhes a loucura,
Não lhes-deis esta amargura
Em que ha tanto, tanto fel...

«Vi depois a tropelia
Zombar da minha agonia.
E ir passando folgazan...
A'quella embriaguez que importa
Que minha mãe steja morta,
E onde estarei amanhan?..

«Aos validos da fortuna
Nas festas sou importuna;
Offende-os minha nudez,
E a sua maledicencia
Insulta a minha innocencia,
—A sua presa talvez....

«E no meio de taes galas
Que vi nas ruas, nas salas,
Não encontrei compaixão!
Ai. é triste a nossa sorte!
Só, emfim, nos-resta a morte...
Mãe! não ha quem nos dê pão!....»

III.

D'esse anjo a cada accento dolorido
Rompia a saturnal em gargalhadas:
Era como a resposta com que fossem
As vozes da agonia suffocadas.

E os arlequins passaram para o baile,
E a turba enthusiastica os seguia.
Bonecos enfeitados para o povo.
—Papéis de amostra—o povo os applaudia.

Na crastina manhan, banhada em pranto,
A orphan mendigava na cidade,
E os grandes atiravam-lhe no regaço
Magra esmola com falsa caridade.

Morrera sua mãe, e a pobresinha
Ficou sem pae, sem mãe, sem tecto amigo,
Marcada com o sello do infortunio
Para só nos bordeis achar abrigo...

Morrera a mãe ao abandono, á mingua:
Su'alma á eternidade pertencia,
Ao pó seu corpo – á terra da egualdade —
E para dal-o ao pó a orphan pedia.

Não devia o cadaver corromper-se
Deixado alli no lobrego pardieiro:
Era mister leval-o á sepultura,
—E não se fazem covas sem dinheiro...

. . . . . .
. . . . . .

Outubro 23, 1870.

Eduardo Nunes.

Um negociante tinha um filho bastante estupido, e como este nunca dava lição sabida no estudo, o pai com pancadas o obrigava em casa á estudar alto, para que elle ouvisse; e como o negociante estimava muito a seu filho mandou chamar um artista, e determinou-lhe, que lhe tirasse o retrato. O artista perguntou ao moço como queria que o retratasse, e este lhe respondeu—sentado com um livro na mão lendo bem alto.

Cousas com que se devem embirrar.

—Menino charutando.
—Vadio de capa pedindo esmola para os santos.
—Comida salgada.
—Jantar sem vinho.
—Criado samango.
—Porteiro maleriado.
—Poeta d'agoa doce.

Negocios de prejuizo.

Comprar encommendas para freiras.
Remetter gazetas á assignantes de fóra.
Comprar em loja que annuncia muita fazenda barata.

Charada.

Da cruz e da caldeirinha
Todo perigo onde está?

Si você sabe me diga —
Minha querida Yaya. —2

Si não sabe então me dê
Um beijinho ja e ja,
Pois o que nos incommoda
Acabou-se ja não ha—2

—Poderei hoje fallar-lhe,
Saltando de noite o muro?
—Agora não, que faz lua,
Deixe vir noite de escuro,

Pensamentos.

—Mais sabe aquelle que tem estudado o atrevido livro intitulado—Mulher—do que aquelle cuja cabeça encalveceu na solidão das bibliothecas.

—Não ha sabio a quem uma mulher não possa dizer com razão: «A sciencia sou eu.»

—O amor no coração da mulher, é como o diamante no carvão; encontra-se nelle o fogo, a morte e a luz.

—As mulheres escreveram o poema do amor; os homens têm-n'o commentado, mas não o tem comprehendido.

—Os namorados são cegos; colhem os espinhos deixando de lado as rosas; mas ha uma volupia extrema em ferir a mão nas sarças.

—A rosa simboliza a dôr, pois foi tinta no sangue de Venus.

—A mulher que inspira uma grande paixão, experimenta-a logo (algumas vezes por homem diverso,) como o thermometro que soffre as variações da atmosphera.

—O amor não envelhece: morre em pequeno,

—A rosa do amor deixa nos cahir os espinhos no coração.

—Para bem conhecer as filhas de Eva é preciso esperar o momento propicio; a hora em que agitam os ramos formosos da arvore da sciencia, a hora que fogem attonitas e arrependidas, mas com um divino sorriso de amor, consoladas das tormentas da paixão pelas amargas alegrias da saudade,

—Costuma-se dizer «contra a força não ha resistencia», em vez de dizer se «contra a resistencia não ha força.» Se isto não é assim, que o digam as mulheres.

—Nas mulheres é o desejo da resistencia tão imperioso como o do amor.

Soneto.

Si dizes não provir a *fidalguia*,
De Adão, porque era um pobre, era um *coitado*,
E' falso; pois foi rei, sem ser *calçado*,
Manto foram as pelles, que *vestia*.

De todo creado o imperio *possuia*,
Toda a terra formava o seu *morgado*,
Sendo, (desde que teve o ser), *tratado*
Com verdadeira e alta *senhoria*.

Si não dá pois á Eva a *escriptura*
Tratamento de *dom*, nem de *excellencia*,
Por primeira senhora *se figura*.

Logo, deves tirar por *consequencia*
Que formados por Deus em tanta *altura*,
E' nobre toda a sua *descendencia*.

O homem vapor

Lê-se na *Republica* do Rio de Janeiro:

O homem-vapor é uma invenção americana da força de 4 cavallos, representando no seu exterior a figura do gigante Goliath, com perto de 8 pés de altura, todo de ferro, pezando 500 libras.

No ventre se accende o fogo, no peito se esconde a machina, o assobio está na boca, como de direito, um chapeu cylindrico forma a chaminé.

Este João-vapor, que move os pés como qualquer ente humano, puxa um carro com quatro pessoas dentro, correndo em dous minutos uma milha, em uma hora doze leguas; não come por dia mais do que 500 réis de carvão, só bebe agoa pura.

O pae do nosso João-vapor se chama Derick em New-York, onde seu filho está publicamente exposto. Si a invenção for avante, está resolvida a questão da substituição do braço escravo. Visto João-vapor não ter miolos nem coração, deverá servir-lhe esta circumstancia de grande recommendação.

ANNUNCIOS.

Despedida.

Joaquim Cassiano Hyppolito retirando-se temporariamente para a Côrte do Imperio, e não podendo, pela rapidez de sua viagem, despedir-se de todas as pessoas que o honram com sua amizade, o faz pelo prezente, pedindo-lhes desculpa dessa falta involuntaria e offerecendo-lhes seus fracos prestimos n'quelle logar, ou em outro qualquer que o destino o conduza.

Bahia 17 de Julho de 1871.

Rapazeada!

Frequentem o vispora da Guerrilha á rua do Julião n. 18.

Todas as noites ha café servido com finas e gostosas massas e nos sabbados o saboroso e bem preparado mocotó.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 82.ª — SABBADO 22 DE JULHO. — Ns. 816—817.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA,

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 21 de julho de 1871.

Circular.—Sendo por demais as immoralidades e depravações que praticam as meretrizes que infestam as principaes ruas desta cidade, em orgias á noite com pandegas de estabanados rapazes, havendo algumas entre ellas que moram com negras candombleseiras que com immoralidades e batuques dão expansão aquanto desaforo ha, sirva-se V. S. de, não attendendo a rogos, considerações, choros, lamurias, meiguices, faccias, afagos, mimos, caricias, melindres, ou outro qualquer artificio de que sabem usar as taes lambisgueiras, quando querem dobrar corações fortes, as faça assignar termo de bem viver, sob pena de infringindo-o, serem obrigadas a arrumarem suas trouxas e dentro de vinte e quatro horas procuraram outro aposento, onde a honestidade não soffra os seus desrespeitos.

Illm. Sr. subdelegado da freguezia de.....
(Igual a todos os subdelegados.)

—Amanhan terá logar em Itapagipe o bando annunciador dos festejos do immorredouro —Dous de Julho.

—Como a sociedade de Vehiculos conserva agora nos dias de domingo o preço dos dias uteis, e mesmo pela facilidade de transporte que offerece ao publico, é de esperar que haja grande concurrencia.

—Vejam como o precipicio procura a creatura.

—Não é nada, podia se dar uma morte.

—Este mendigo costuma passar todos os dias aqui pela rua de Baixo. Os malignos moleques perseguem-no desastradamente.

—E' d'alli da padaria das pedradas á pastellaria do Lourenço Devoto que se ajuntam.

—O preto hoje segunda-feira, não vindo de bons azeites, arrumou o pau tão certeiro sobre um de seus atanazadores que atirou-o sisudo no chão.

—E não é nada, podia aquelle desgraçado tornar-se um assassino sem querer.

—Crime de que si eu fosse juiz o absolveria.

—Tudo isso vem do abandono em que está a terra, Si estes moleques tivessem receio de correcção, não estariam quotidianamente a perseguir os velhos e mendigos.

—Do quartel de cavallaria foi hontem 19, remettido para o hospital militar um forçado com uma formidavel cutilada no pescoço.

—E o que foi?

—Ignoro,

Sei que o homem derramou sangue desde Agoa de Meninos atè a fortaleza de S. Pedro.

Assim como tambem disseram-me que esteve até o outro dia sem receber curativo.

—Isso é que acho impossivel porque tem cheiros de deshumanidade.

—Pobre musico Gonçalol Tem sido alvo de caprichoso desabafo.

—Ainda soffre este pobre homem?

—Dizem que agora o botaram por castigo na fileira dos cornetas,

—Na verdade é um bom espelho para fazer apparecer acções de valor ver um homem que esforçou-se e destinguiu-se ser espisenhado e opprimido todo dia,

---

—Caloteiros! Tomam fiado e não pagam!

—A quem se refere V.?

—Aos soldados de policia.

—Ora! não diffame aos homens,

—Pois se lhes mato a fome e no dia de soldo não me pagam!

—Si elles não tem, como hão de pagar?

—Não ganham?

—Ganham, mas não recebem,

—A provincia não deve nada.

—Porém retarda. Está que hoje são 18 e o soldo de 10 ainda está agazalhado.

—Então querem que os homens passem á força por tratantes.

—Ou que se sustentem com a graça de Deus.

—Esteve uma pobre mulher quatro dias na correcção sem saber o porque.

—Já não fallou nisso, outro dia?

—Eu gosto de reviver os casos.

—Pois eu lhe digo o porque esteve ella presa.

Houve suspeitas de haver um preto subtrahido um diamante do senhor; a mulher conhecia o preto, o senhor deste mandou-a prender; esteve retida um dia á ordem do subdelegado e tres á ordem do delegado, até que nada se descobrindo foi solta.

—Chama-se á isto respeitar á lei e garantir a liberdade do individuo.

—Augmenta prodigiosamente o numero de casas de jogo nesta boa cidade de S. Salvador.

N'alguns logares joga-se fortemente e chegam a circular contos de reis.

E' inutil dizer que a fraude e a má fé são companheiros inseparaveis nas operações da banca do *monte* e da *roletha*.

Muitos proceres que á luz do dia ostentam gravidade e occupam importantes cargos não hesitam nas trevas da noite em praticar quanto acto reprovado pode haver com o fim de fazer trapaças com os collegas da meza do jogo.

—Que faz a policia n'este meio tempo?

Porque não da um giro ahi por esses alcouces do vicio?

—E tendo de assim fazer, devia na repressão do crime, fazer como aquelle rei de Roma— começar pelas cabeças mais altas das papoulas.

—Começar pelos mais graúdos.

—Que faz a policia? torna-se desmesuradamente impassivel diante da torrente do vicio e deixa que a onda da corrupção vae inundando todos os ramos da sociedade.

—Capitão, trago-lhe uma noticia.

—Venha com ella,

No dia 13 do corrente o soldado de policia Joaquim Gomes invadiu a casa de um pobre velho ao largo da Palma e agarrando-o pela guela attirou-o sobre uma cama, querendo asphyxial-o, se não acodem alguns visinhos aos gritos e choros da mulher e filhos da victima. O soldado recebeu voz de preso á ordem do subdelegado; resistiu e insultou aquelles que o prenderam e não quiz entregar-se. A' noite foi recolhido ao xadrez á requisição do subdelegado, que sustentou a prisão. No dia seguinte porém, em frente da casa do velho aggredido, passeava elle para lá e para cá dirigindo zombarias e dizendo que só reconhecia por authoridades a seu commandante, o qual o havia posto em liberdade e que não dava apreço á ordens de paisanos, não obstante ter elle de responder a um processo por attentar contra a vida e garantia de um cidadão.

—Boa gente!

—Que bello pedaço!

—Sabe que mais? safemo-nos que eu não quero levar alguma refada pelo lombo.

—Então não quer ver o resto?

—Ver o que? Um soldado de policia desvairado, accommettendo e dando pancada em todos.

—O espectaculo é de se apreciar. O soldado andou pela Fonte dos Padres, rua dos Droguestas e ja está aqui feito a pelle do diabo.

—Veja o resto. O povo desarmou-o, tomou-lhe o bonet e la vae elle carregado em charolla.

—Como principiou aquella alma o dia de segunda-feira!

—Agora já não ha mais o que reclamar-se. A sociedade de Vehiculos Economicos reduziu os preços de passagens dos domingos e dias santificados, de 500 rs. para 250 rs.

—Faça alto! Salvo os dias festivos, que forem annunciados pela sociedade.

—Augmentou o ordenado dos caixeiros que até então era de 40$ rs, para 50$ rs.

—Tambem augmentou o trabalho e as mulctas.

—V. me parece *cabrion* da sociedade de Vehiculos!

—Só em sua phrase eu serei tido por *cabrion* dos Vehiculos, porque V. ignora completamente o que ha por lá; mas quem sabe o que é aquillo, que para V. é segredo de abelha, não empregará esta phrase á meu respeito.

Hoje na sociedade de Vehiculos mulcta-se os caixeiros por qualquer dá cá aquella palha; e além da mulcta é o pobre caixeiro suspenso!

A' semana passada, um dos caixeiros que trabalharam até uma hora da noite, tendo de fazer a viagem de 6 horas da manhan, só por que se apresentou 5 minutos depois da hora designada perdeu o dia; o caixeiro ignorava essa circunstancia e já tinha feito tres viagens, quando lhe disseram que o dia d'elle tinha sido deitado abaixo, porque se apresentara na coxeira depois da hora designada na tabella dos trabalhos.

Em rasão d'isso o caixeiro, como era mui-

to natural, retirou-se para sua casa, visto como estava trabalhando sem ganhar, e por que assim procedeu, teve oito dias de suspensão!

Ainda não é tudo.

Um outro caixeiro, homem casado, cahiu-lhe a mulher doente e por essa razão deixou elle de comparecer um dia, o que partecipou á gerencia da sociedade, mas ainda assim acharam que deviam suspendel-o por oito dias, privando-se-lhe desta forma do pão para subsistencia sua e de sua familia.

—Oh! é de mais!

Ao passo que a sociedade esbanja dinheiro com indemnisações, até particulares, segundo consta, sem conhecimento algum dos accionistas, sem lembrar-se que alli rola dinheiro de orphans e de viuvas, pois até sociedades pias compraram acções dos Vehiculos!

—Não se exalte, moço, continùe no seu elogio á sociedade de Vehiculos.....

—Oh! oh! isto revolta!

—Então já está revoltado com tão pouco?

Ora ouça mais este pedacinho, que não lhe ha de desagradar:

Um outro caixeiro esteve inteiramente doente de febre, pelo que deixou de apresentar-se um dia no trabalho, e por essa falta, occasionada por molestia, de que ninguem se pode livrar, teve como os outros, oito dias de suspensão!

No emtanto que a sociedade paga á um homem cincoenta mil réis por mez, que nada absolutamente faz: no principio o seu trabalho era assobiar para dar partida aos carros, depois passou a puchar badalo de..... sino, e finalmente serve para intrigar á tudo e a todos, e plantar a discordia entre os empregados e os gerentes da sociedade!

—Hoje ás 7 horas da noite é a guardagem do emblema triumphal dos festejos do immortal Dous de Julho de Brotas.

—E' de presumir que haja grande concurrencia.

—A maneira brutal por que os boleeiros aqui dirigem os carros, tem dado logar á muitos factos sinistros!

Na quinta feira ás 7 horas da noite, mais ou menos, na rua de Baixo, uma carro que ia do largo do Theatro, desfiladamente, quasi mata um homem que vinha sahindo da embocadura da rua referida, jogando-o de encontro sobre a parede da venda que fica na esquina d'essa rua.

—Sempre acontece d'isso, principalmente em voltas de ruas, devido ao pouco cuidado dos boleeiros.

—Na sexta-feira da semana passada, um carro da coxeira do Sr. Ernesto ia matando um moço livreiro, na travessa da rua da Lapa.

—E' preciso providencia cohibitiva para semelhante abuso!

—Capitão, venho tractar sobre o muro do Desterro.

—Ora não me masse, faz favor?

Já o Sr. vice-presidente da provincia deu ordens para a completa demolição do muro em questão.

—O que cumpre saber-se, é se elle foi demolido?

—Segundo as ordens de S. Ex., é de suppôr que sim.

—Como está V. Ex. inteiramente enganado.

O muro, supponha-se, tem vinte palmos de altura; arriaram, se tanto, quatro palmos, deixando justamente a parte mais arruinada d'elle, que além de estar rachada serve de encosto á uma quantidade enorme de barro.

Accresce ainda que as freiras, no intuito de deitarem vidros no muro, visto ficar mais baixo e receiarem ladrões, augmentaram-lhe na tal collocação de vidros mais dous palmos.

—O que se segue d'ahi é que, não obstante as ordens de S. Ex. o Sr. vice-presidente, continúa o maldicto muro no mesmo estado, ameaçando esmagar os moradores d'aquella rua.

O bom passar, ou o passar bem.

O rigor desta expressão—passar bem é quasi sempre impossivel de se conseguir por inteiro. As doenças, as fragilidades dos homens, as necessidades da vida, e as difficuldades do mundo tornam difficil e custoso o bom passar, de sorte que no fim da existencia humana, comparados os poucos dias de bom passar, com os muitos de mau passar, acha-se a desproporção de um para cem, porém isto que aos nossos desejos parece um mal, resulta em um bem para os viventes, os prazeres, e regalos continuados muito depressa se tornam fastidiosos, e ao contrario quanto mais raros são mais saborosos os temos nas occasiões, em que os conseguimos. Este foi o tempero com que Deus no principio do mundo adubou a sorte de todas as creaturas, ricos ou pobres, feios ou bonitos, sabios ou nescios: mas infelizmente a indescripção dos filhos de Adão, e a corrupção do lapso dos seculos teem feito com que os poucos dias de bom passar tenham desapparecido e por conseguinte todo espaço da vida tem se tornado uma serie continuada de afflicções, e de mau passar. Por nossa desgraça no Brasil o mau

passar se augmenta grandemente com o forçado serviço que nos fazem os escravos, com o atraso das artes, a falta de policia, a preguiça da lavoura, e sobre tudo com o desleixo e falta de patriotismo do governo, o espirito de egoismo tem apparecido em todas as classes, e porisso cada um cuida em passar bem somente, embora passe mal toda nação. Em que consiste o verdadeiro passar bem sem damno alheio? Em primeiro logar em passar bem de saude; em segundo ter socego de espirito; terceiro ter boa habitação; quarto gosar uma mesa bem preparada; quinto apreciar uma companhia sympathica; sexto ouvir bem afinada e de boa composição. Isto é na opinião de alguns porque na de outros o bom passar é fazer tudo quanto a memoria lembra, por exemplo—é bom passar para um rapaz – fazer extravagancias adquirindo molestias estragadoras; fumando milheiros de charutos para se esgotar em vicio e em fumaças. E' bom passar do rico usurario viver adorando o dinheiro que tem aferrolhado, passando noites sem dormir para calcular premios e uzuras, apenas tomando por alimento um mirra do pedaço de bofe ou muxiba, que sustentaria a um gato desamparado. Na opinião das moças mal educadas é bom passar o dormir até dez horas do dia, viver em continua lida esmalmada e amarella de se estafar em walsas e contradanças de bailes continuados. E' bem bom passar muito alegre e divertido o systema de alguns paes de familia patuscos, que dão funcções continuamente para gozarem o nome de generosos, embora fiquem sem ter com que pagar os sapatos para os filhos, embora se venda e empenhe até as anaguas da mulher. Este bom gosto no diccionario de medicina moral está classificado como doença mortal com o nome de *pabolagitis maniaca, ou fanfarronitis estupida*. Ha senhores de engenho que vivem em casebres velhos de tal forma, que em sendo tempo de inverno a lama quasi que os afoga, mas assim mesmo dizem que é bom passar porque tem muito leite, e ovos baratos que põem as gallinhas dos escravos.

Outro bom passar vemos do caixeiro que ao domingo, unico dia que lhe resta para descançar o corpo, monta-se n'um cavallo fogozo e mal ensinado para correr as ruas da cidade sem visitar a ninguem, e nem ter onde descançar; mas isto entretém muito porque no giro cortejam as nimphas da rua de Baixo.

E paramos aqui com o bom passar porque isto é relativo conforme o gosto ou opinião da pessoa no modo de passar, porisso vemos ordinariamente que uns estão contentes dentro da cadeia, e outros desgostosos no palacio. Certo é que para se passar bem é preciso receber dinheiro que é a lenha com que se cosinha a panella das precisões, e d'ahi concluam os nossos amanteticos assignantes, que as assignaturas devem ser pagas em dia com promptidão para que o cosinheiro da gazeta tenha com que fazer os guisados para as suas senhorias chuparem.

E adeus, meus senhores, que o mais são cumbucas, e eu estou me vestindo e não quero cucas.

A PEDIDO

—Si fosse a imprensa miuda que fizesse isto faziam logo censuras e juizo desabonador.

—O que ha á respeito?

—O *Jornal* e o *Diario* que não recebem publicações sobre o rapto da menor Clara, commettido pelo negociante Tavares Godinho.

—Esta direito. Mas o *Diario* e o *Jornal* publicam constantemente factos de rapto e defloramentos praticados por pessoas obscuras, por entidades que nenhuma importancia social tem.

—E' a liberdade de imprensa em toda sua plenitude!

Exigem a expiação do delicto praticado pelo miseravel, que girando nas ultimas camadas, tem, por sua condição e habito, a attenuante da falta de educação, da ignorancia dos preceitos da moral e o desconhecimento da legislação do paiz, entretanto encobrem n'aquelle que por sua posição, relações e estado devia interessar se pela moralidade da sociedade em que vive.

—Maldicta condescendencia!

O que é falta censuravel no humilde carroceiro, merece deferencias no opulento negociante!

– E assim tolhe-se o direito de publica manifestação do pensamento! e assim nega-se ao fraco o recurso de levar ao juizo da opinião publica a oppressão, e a prepotencia de que é victima, e assim restringe-se da circulação a censura de factos reprovaveis d'aquelles aos quaes sua posição impondo-lhes o dever de concorrer por seus actos para a boa edificação da sociedade, são os primeiros a desrespeital-a!

—Entretanto vão os dedicados do Sr. Godinho lançando mão de todos os meios por mais ignobeis para innocental-o.

Um foi ao padrinho da menina prometter-lhe 100$rs, si jurasse que quando a baptisou tinha ella 3 ou 4 annos.

—Como se escarnece da pobreza!

—O mesmo individuo foi á casa da madrinha accompanhado de mais duas pessoa e fez-

lhe egual proposta, e como nada conseguisse apresentou se depois com dous individuos. procurando intimidal-a com ameaças

Tem-se procurado corromper o depositario da menor com promessas vantajosas comtanto que a dê descaminho da noite para o dia.

—Mas acima de tudo isso está a infallivel justiça de Deus, o Qual não permittiu ainda que este mundo se pervertesse de todo.

—Capitão, V. Ex. conhece a *santa*?

—Nos altares ha muitas.

—Não, capitão, é *santa* de carne e osso.

— Isso é caso differente.

—Trata-se de uma sarará ama de certo empregado da estrada de pau.

—Continúe.

—Capitão, essa santa diaba tem a insolencia de achando se em casa de um honrado chefe de familia dar os maiores escandalos com os caxeiros dos *Vehiculos Esperdiçados*, desrespeitando assim uma familia digna de acatamento.

—Mas essa familia certamente isso ignora.

—Estou convencido que sim; do contrario ja teria cessado tamanho desaforo.

—Pois o Sr. a quem dóem as carellas, tome o trabalho de fazer chegar ao conhecimento do chefe da casa e si a cuja não se emendar então lhe custará caro.

—Pois então, dê-me suas ordens, capitão.

—Sem cerimonia.

Previne-se a certo tabareu, crioulo ou cabra, que andou no 2 de Julho de Brotas montado em um cavallo castanho, com a medalha da independencia ao peito sem a ella ter direito, que se intitula de commendador e de lavrador, mas que não tem direito; que não ande muito pela Estrada Nova. A crioula Maria não lhe presta attenção; sabe que a Bitú já o enchotou porque elle não a poude sustentar, e quando for para casa com alguma carga pesada não diga que não teve quem o previnisse.

O João Cocuruto.

Ao Illm. Sr. Dr. Aurelio Pereira Espinheira, muito digno chefe de policia.

Confiados nos principios de justiça e rectidão de que V. S., magistrado honrado, tem sempre manifestado no exercicio dos cargos que tem occupado e continuará a occupar e agora na importante missão de chefe de policia da Bahia, para a qual acaba de ser nomeado pelo governo imperial, pedimos a V. S. que empregue toda a sua solicitude para o 2º districto da freguezia de Santo Antonio, tendendo a pôr termo á uma sucia de vadios e reus de policia, que de certa epocha á esta parte tem infestado o logar Cruz do Cosme: homens sem meios de vida conhecidos, armados sempre de facas de pontas, acham na menor circumstancia meios para provocar a cidadãos pacificos, honestos, pais de familias, respeitadores das autoridades e da lei; resultando sempre disto desordens, prisões, e o que mais é, o desasocego das familias que ahi habitam.

Os desordeiros a que nos referimos, além das questões que promovem de dia, á noite percorrem os quintaes alheios *surripiando* d'elles tudo quanto encontram, como sejam:— plantações, roupas, galinhas, porcos, carneiros e cavallos.

A autoridade local com quanto procure manter e garantir a segurança de vida e de propriedade, nem sempre o póde conseguir por falta de força que a auxilie no cumprimento de seus deveres, em um tão extenso districto como é o 2º uma só ordenança não pode satisfazer ás suas necessidades.

Assim, pois, torna-se preciso que V. S., Sr. Dr. chefe de policia, para honra de sua administração, mande collocar no mencionado logar Cruz do Cosme, centro do districto, um destacamento de oito a dez praças de policia commandado por um inferior, que á noite, sendo dividido em patrulhas, imponha respeito aos desordeiros, mantenha e auxilie o subdelegado respectivo nas deligencias que houver de promover e ponha em socego aos habitantes honestos do logar.

Sr. Dr. chefe de policia, por hoje ficamos aqui, voltaremos ao assumpto para informar a V. S. as occurrencia que se forem dando.

A guarda nacional

Desgraçado d'aquelle.....
Que em galardão só tem o desabafo
De talhar, sem medida, carapuças,
Mandal-as por ahi buscar cabeças!
Si alguma te servir, ou aos amigos
Que lá de longe a longe te apparecem,
Podes d'ellas dispor, q'immensas ficam
Na fabrica onde teem muitas nascido,
Que dispersas voando, ao som do vento,
Nem—uma sem cabeça tem ficado.

(F. X. DE NOVAES).

O' lá, musa terrivel do canhão, (*)
Tu que a chamma conservas do morrão,
Aquece esta cachola arrefecida,
Da inopia dos madões amortecida.
Agita do meu peito o coração,
Transforma estas entranhas em volcão,

(*) A deusa da guerra, segundo a discripção que encontramos em Cand. Lusit.

Para que todo mundo attento escute
O cantor dos rafões de Lilipute! (**)
E se alguns charlatães compavesados,
Quizerem molestar me, enfarruscados;
Empunha com furor a ferrea lança,
A sucia toda põe em contradança,
Afinca n'essa sucia de tratantes,
Que campam de fidalgos, e chibantes.
Já venho de fazer invocação,
Vou agora tratar da narração.

Quando o Brazil se achava em embrião,
Lutando pelos fóros de nação,
E que o povo, coitado, em desatino,
Ao astuto cedia, ao malandrino,
Construia, p'ra si, fatal pelcuro,
Onde atado seria, com desdouro;
Esse poste—é a *guarda* do imperio,
Creada p'ra o salvar no vituperio.
Um flagello, que mais parece infernal,
E que dizem chamar-se—*nacional*!

A caduca milicia, assim tratada,
De um jacto toda foi desbaratada;
Eram restos do feudo d'alem-mar,
Que o Brazil não devia conservar:
E, para o *livre* povo brazileiro,
Instituiu-se um novo captiveiro!

São *guardas* defensores do estado—
Assim nos reza o pacto alambicado,
Que por ser mistiforio, ou desconchavo,
Já nao vale, se quer nem—um só chavo!

Creou-se batalhões de mascarados,
De chuças e bodoques enristados,
Fardando á periquito ou papagaios,
Ou cousa parecida com lucaios.

D'este modo vivia o cidadão,
Qual figura de bruto paspalhão,
A espera de medida salutar,
Que os abusos viesse terminar;
E tanto na reforma se fallou,
Que, por fim nova lei se promulgou.
Mas, segundo um proverbio, mui sabido,
—De todo, o que era máo, ficou perdido,
Agora, p'ra resalva do costado,
Levamos chibatadas no quadrado!....
Oh, viva, viva a santa liberdade—
Em nome da *santissima vontade*!....

Voltemos ao theatro do presente,
Deixemos o passado, que é demente;
Agora reina o luxo, a bizarria,
O poder da *senhora picardia*!

Si os velhos batalhões *milicianos*
Que, se diz, eram restos de tyrannos,
Que traziam nas cabeças barrilótes,
E, á cinta, vergados chifarotes;
Jarretões, com figuras de pataus,
Que o riso provocavam dos maraus;
Hoje temos, por artes de *berloques*,
Palitos com aspectos de batoques!
Ligeiros arlequins, agaloados,
De asneiras, e parvoice empanturrados:
Ridiculos figurinos, ou' bonecos
A quem o povo chama—*badamecos*:
Pedantes farfalhões endiabrados,
E, *n'arte do Vieira*, jubilados.

Vê-se á cada canto um figurão
Com cara de amassado papelão;
E commendas em tanta quantidade,
Que o povo já diz ser—futilidade.
Grossa chusma de *bravos* coroneis
Vagando pelas ruas, sem quarteis;
Alferes, capitães, e outros tantos,
Que gente se fizeram por encantos.

Diz a Biblia, fazendo grande alarma,
Que Moysés seccara o mar vermelho,
As aguas consumindo por milagre,
Que ainda abaixo tocavam do artelho.

Sandices da caduca antiguidade,
Já não ha quem admire taes portentos;
Pois temos figurões d'alto coturno,
Que provam, no saber, que são jumentos.

Chuveiros de *barões* á troche-moche,
Enxames de fidalgos lambazões;
Patentes, e mais honras militares,
Que servem de tropeço ou camalhões.

Nem se conta por ahi um *José Nabo*
Astuto, malandrino ou vendelhão,
Que á cintura não traga durindana,
E no punho um signal de capitão.

Si vaga pela noute o viandante,
E pisa n'um trambolho, de repente,
Eis que brada uma voz de saltimbanco:
«Não me pise, senhor, que sou tenente!»

Quem é você? Pergunta ao caipira,
Um alumno taful da gran Minerva;
Arreganha o sandeu brutal dentuça:
Eu, inhó sô arfere da reserva!

Até o vendedor de cacos velhos,
A' quem o povo chama—*Belchior*—,
Tem patente, chapéu com seu pennacho,
E nos hombros dragonas de major!

E são estes heróes, de ratoeira,
Que á frente de redonda pipineira,
Sem honra, sem pudor, sem probidade,
Mercadejam com a nossa liberdade!

E quando taes palavras proferiu,
A Musa terrivel e sanguinosa,
Nos ares se librou, rapidamente,
As partes buscando de Tortosa.

Rasgando os umbraes d'athmosphera,
Do sol onde morre a claridade,

(**) Homens cuja altura não excedia a pouco mais de um palmo, mas que em orgulho, muito acima estavam d'um gigante.

Lá onde só penetra o pensamento,
Os echos repetiram — Liberdade!.....

Getulino.

—Dizem que o *sabe-ler* não tarda a ser solto.

—Quem? o afamado ratoneiro? o larapio mais audaz que conta a companhia do olho vivo, e o homem que tem o attrevido arrojo de arrombar uma porta em alto dia?

—Dizem que nada disso lhe faz carga.

—E' verdade que se não fosse preso pelo povo, a policia nunca o prenderia.

—E como é cousa mui commum n'esta terra a protecção para os malvados, eu não me admirarei que amanhan elle esteja na rua.

—Capitão, quero que V. Ex. me publique esta chula que cantam os capadocios, como offericimento de seu *rosario,* na porta do *João Pereira.*

—Vá mais esta rabecada.

—«Yayá, pelo amor de Deus,
Peça a seu pae um votinho,
Desejo ser deputado,
Eu não me creio um burrinho.

Chô, chô, chô
La *n'assembléa* não se falla *nagô*

Minha sinhá, minha dona,
Dê-me o voto do marido,
Veja que eu sou *camarista*
De talento mui cumprido

Ora saia d'aqui bestióla
Alli não ha asno da sua bitóla

Minha menina bonita,
Peça um voto ao seu amante,
Pagar-lhe-hei o favor
Sendo *onze lettras* chibante

Oh! meu descarado:
Va-se embora já;
Nem p'ra isto serves,
Cara d'acaçá

Eleitores da Bahia,
Premeiem o meu talento,
Sou capaz de tudo ser
Tenho um *bestunto* portento

Como é audaz!
Não entra em mutismo;
Como é sem vergonha!
Dr. *Syllogismo*»

VARIEDADES.

Da passagem do berço á sepultura.

O corpo do homem se assemelha a um navio; ao nascer embarca-se n'elle a alma para passar o mar tempestuoso d'esta vida para a eternidade. De ordinario são os 5 sentidos os marinheiros d'este miseravel navio, e seu leme o amor proprio. Sua agulha de mariar é a devassidão, e sua bandeira a loucura: seus ventos favoraveis são as adulações enganadoras do mundo, e suas vélas um tecido de fraqueza humana. Suas cordas são as bagatellas, que occupam o seu fraco espirito, e suas ancoras as esperanças vans. Sua carga é de crimes, e o porto para onde vae, o arrependimento e a desesperação.

Assim não é de admirar que um navio tão fraco, tão mal equipado, e tão imprudentemente governado pereça tanto a miudo, e que a alma venha tantas vezes a naufragar contra os escolhos frequentes, e escondidos no vasto oceano d'este mundo, antes de poder chegar ao porto da salvação.

A imprudente mocidade com sua cegueira natural embarca-se facilmente, sem fazer as provisões necessarias para uma viagem tão perigosa; e para desgraça sua confia demasiadas vezes o leme á força de suas paixões. Mas o homem acautelado toma por agulha de mariar a vontade divina, e por leme a piedade. Para elle são as afflicções d'esta vida ventos favoraveis, e suas vélas são cheias de paciencia. São seus marinheiros as virtudes, e o mesmo Deus é o seu piloto: suas cordas são a constancia, e suas ancoras uma firme esperança. Sua bandeiras é a cruz, e seu pavilhão é de côr celeste. Sua carga é de boas obras, e conseguintemente o porto para onde vae emfim é o reino da eterna felicidade. Ahi é onde poem pé em terra, e não ha de escorregar ja; mas gozará do descanço que seus trabalhos passados teem merecido. Ahi é emfim onde a alma deixa seu desgraçado navio, para morar os logares deliciosos reservados para os bemaventurados.

(Extr.)

Pensamentos.

Dizia D. Francisco de Portugal, que neste tempo, ou todos eram maus, ou se dizia mal de todos os bons.

Dizia o mesmo D. Francisco que o que persuade á virtude, sem dar de si exemplo nas obras, é como o que atiça a luz sem lhe deitar azeite.

Vendo o philosopho Socrates a um rico ignorante muito soberbo lhe chamou cavallo custosamente ajaezado.

Avisado Socrates de que os athenienses o

tinham sentenciado á morte; respondeu e a naturesa á elles.

——

Perguntado Anacharses porque andavam os homens muitas vezes tristes, respondeu, porque sentem os males proprios, e os bens alheios.

——

Perguntado Diogenes quaes eram as feras mais crueis respondeu, nos bosques os tigres e leões, nas cidades os uzurarios.

Um fidalgo tinha por timbre não teimar, e allardeando disto em presença de alguns amigos, acrescentou mais, que nunca havia teimado. e nem havia de teimar, os amigos duvidando disto concertaram n'um meio de o fazer teimar, dirigiram se ao criado do fidalgo, e depois de o peitarem, ensinaram-lhe que quando o amo viesse da rua, e lhe mandasse pôr o jantar que dissesse e sustentasse, que elle ja havia jantado, e que dest'arte necessariamente o fidalgo teimaria: no dia seguinte entra o fidalgo, e grita ao criado que lhe ponha o jantar pois que está aberto de fome, o criado se lhe apresenta, e diz, que mais jantar quer Vm. se não faz uma hora que acabou de jantar? tornou-lhe o fidalgo pois eu ja jantei? nem disso me lembrava, pois bem, ponha a mesa, e deite o que houver em casa que eu quero jantar duas vezes.

Motte.

Os olhos da Mariquinhas
São brilhantes lapidados,
São anzóes que pescam gente
Co'a isca de seus agrados,

Gloza.

Esse seu porte donozo
Captiva todo o mortal;
Não tem nos outros rival
Seu gesto sempre amorozo.
Teem no olhar piedozo
Poder que vence as rainhas,
São fortes settas daninhas
Qu'amor aos peitos atira,
São anjos de quem suspira
Os olhos da Mariquinhas.

São de tal sorte potentes,
Em seu mimozo semblante,
Que mudam n'um breve instante
A crua sorte dos entes;
D'amores são innocentes
Constantemente habitados;
Por Venus são invejados
Por seu luzente clarão;
Tem luz que offusca a razão,
São brilhantes lapidados.

São esses olhos tão puros,
E sempre tão feiticeiros,
Que nutrem almos viveiros
Por entre soberbos muros.
Teem seus dominios seguros
Em nobres peitos somente,
E, sem querer são corrente,
São munzuás, são barquinhas,
São tarrafas, rêdes, linhas,
São anzoes que pescam gente.

E' tal dos olhos a acção
Que tudo á elles se abate:
Ninguem resiste ao combate
Que sente em seu coração;
São de tão doce expressão,
Tem taes encantos olhados
Que mesmo em peitos gelados
O fogo ateiam d'amôr,
Que ferem, matam sem dôr
Co'a isca de seus agrados.

Por *M. J. F.*

Nem Bonflon, nem Couvier, nem o nosso José Saturnino, que tantas penas se deram para assignalar as qualidades de bichos, plantas e tudo o mais que fazem do mundo

—Como está V. pallido e tremulo!

O que foi isso?

—Vi agora uma desgraça diante dos olhos.

Si o Sr. adianta mais dez passos tambem presenceava.

—Mas o que foi?

—Vê a diligencia que alli vae?

—Sim, o wagon dos Trilhos Centraes de 4 horas da tarde.

—Ia esmagando um moço; o Sr. Jorge Ferreira Filho.

—Conheço muito, é moço estimavel e de excellentes qualidades.

—Aqui na curva de Barroquinha no acto de embarcar-se a taboa da escada virou-se e o homem cahiu. Sua salvação foi uma taboa que servia de ante-paro as rodas, taboa que passou sobre elle; offendendo-lhe uma das rodas apenas um braço e levando-lhe o chapeu; além de ficar molestado pelo baque.

—Foi um milagre da Providencia! Podia estar morto.

ANNUNCIOS.

Antonio do Rosario, liberto, faz publico que ninguem contrate com Manuel do Rosario compra e venda do annunciante, visto como tem elle interposto recurso de revista nos autos de acção sobre sua liberdade.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 82.ª QUARTA FEIRA 26 DE JULHO. N. 818.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALAMABA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 25 de julho de 1871.

Não houve expediente.

—Teve logar no domingo, segundo noticiamos, o bando annunciador dos festejos de Dous de Julho em Itapagipe.

Houve muita concurrencia e bôa ordem.

—Para V. ver! O bando dos festejos de Dous de Julho, em Itapagipe, esteve melhor que o bando annunciador dos festejos d'esse dia, dentro da cidade.

Pelo menos teve musica, uma das principaes cousas, e que nos faltou.

—E' que, em quanto no coração da provincia se arrefece o amor d'esse grande e glorioso dia, elle se apresenta no reconcavo d'ella cheio de vida e de explendor!

—No domingo terão logar os festejos d'esse grande e immortal dia, na amena plaga itapagipana!

—Sinto-me profundamente enthusiasmado quando ouço fallar-se no grandiosissimo dia em que os bahianos, os filhos da primogenita de Cabral, souberam com seu sangue sellar a liberdade e independencia do Brazil!

—Viva a santa religião catholica e apostolica romana!

Viva o dia Dous de Julho!

—Viva! viva! viva!

—Não fazes a outro aquillo que não queres que te façam!

—Ao que vem V. com esse dito?

—E' que no domingo á noite o caixa dos Trilhos Urbanos veio fumando dentro de um *bond* da sociedade de Vehiculos Economicos, e como o caxeiro advertisse-lhe que não podia estar fumando no *bond*, elle lançou-lhe, não obstante o caixeiro não fazer mais do que cumprir as ordens dos gerentes, os epithetos mais injuriosos que imaginar se pode!

—Si algum dos caixeiros dos Vehiculos se embarcasse nos *wagons* dos Trilhos Urbanos, e procedesse da mesma sorte, estou certo que o caixa d'essa companhia, o Sr. Horacio, reprovaria esse procedimento.

—No sabbado foi o ensaio da companhia Keller dos quadros da Paixão.

—São em extremo tocantes esses quadros, e impossiveis de se descrever!

—Então tem rasão o Sr. Keller em dizer que não podem appreciar os seus trabalhos artisticos, senão depois que elle representar os quadros da Paixão.

—E' verdade; creia que tive um choque tal, que as lagrimas me vieram aos olhos, pois parecia me que o facto estava succedendo!

—E na sua opinião não acha n'esses quadros alguma cousa de ridiculo para nossa religião?

—Nada absolutamente. Acho apenas uns quadros commovedores, e que na sua representação deve haver toda decencia e respeito!

—Houve no sabbado, na representação do *alcazar*, no theatrinho da rua de Baixo de S. Bento, uma grande cerração.

—Formou-se o tempo.

—A' ultima hora alterou-se o programma, dando-se a Sra. Suzanne por incommodada, pelo que não podia cantar no intervallo; mas os meninos da Candinha que não dormem, viram ella sahir com certo *personagem* para *tomar vinho Bordeaux*.

No duetto porém apresentou-se ella em scena para cantar...,

Ahi appareceu a tempestade!

Patearam a todos os artistas, jogaram dinheiro de cobre no scenario, em fim pintaram o *perúta*.

—Os espectadores tiveram rasão, porque não é esta primeira vez que elles são assim logrados!

—A policia que ande alerta!

—Ha algum *bazu-bazá*?

—Sentido com as firmas falsas.

N'um cortiço á rua da Mizericordia foram á pouco forjadas algumas que brevemente surgirão á luz.

São da lavra do afamado fabricante *Galopinho* e imitam admiravelmente a letra do fallecido Domingos.

—Um meio bem attrevido pelo qual os ladrões se apossam da fortuna alheia

—Entra na rasca o ladravaz João *do Novo mundo* Gomes.

—Dous tratantes conhecidos que não tendo onde cahirem mortos, se arvoram em credores de um homem que sempre gozou de credito!

Homem morto não falla.

—Ponha-se a policia á pista desses dous insignes bandidos e talvez seja chegado o tempo de fazel-os dar um passeio á Fernando.

—Acho isto tão degradante!

—Até eu.

—E si não me engano é contra a disciplina militar.

—Não pode deixar de ser.

—Talvez por economia mesquinha mandam estes quatro soldados carregarem tamanhos cacos de planta á cabeça.

—Desde a Correcção que os accompanho até aqui no Terreiro onde estamos.

—E vão adiante.

—E' mau; a nação paga ao soldado para lhe servir e não para fazer o papel desairoso de escravo dos superiores.

—O subdelegado da Sé não deixa os delinquentes tomarem folego!

Anda sempre com a vara da justiça sobre elles.

Agora mesmo encontro aqui no *Jornal da Bahia* esta noticia:

PRONUNCIA — Manuel Barros Teixeira Gomes, conhecido por Manuel Conhem, e seu socio Manuel Rodrigues Pereira dos Santos, membros da companhia do olho vivo, mandados processar em 25 de maio p. passado pela policia, foram pronunciados pelo subdelegado da Sé, o cidadão Fortunato Antonio de Freitas, no art. 269 do cod. crim., o primeiro como autor e o segundo como cumplice.

São mais dous que se acham inutilisados presentemente.»

—Ja li no sabbado.

—Essas noticias bem divulgadas aproveitam ao publico.

—Ha apenas a notar uma pequena differença.

V. so ha de lel-as quando se referirem a certas pessoas.

Manuel Conhem é um pobre diabo, sem valor na ordem das cousas, e seu cumplice um vagabundo em tal estado de indigencia que vaga toda esta cidade, constantemente, sem uma jaqueta p'ra vestir.

Mas quando o que offende a lei é bem relacionado e de boa posição, ha sempre reservas e escusas na publicidade de seus actos, embora elle desde que attentou contra os direitos da sociedade se a tão reu como a mais humilde e rasteira individualidade

E' assim que se moralisa e exemplifica a sociedade.

—Começou por tragedia e acabou por farça.

—O que é isso?

—Um cabo do 14 entrou na *Cova da Onça*.

—Eu sei lá aonde é isso?

—Um beco no Campo Grande.

—E' bom saber das cousas.

—De navalha em punho e refle desembainhado, entrou na morada de um soldado, desafiou a este, deu-lhe diversos golpes que retalharam-lhe a farda, arrumou duas chanfalhadas na mulher deste, sahiu dahi, entrou em casa, espancou a propria mulher horrivelmente, pondo-lhe o rosto em estado deforme, feriu a um soldado no nariz e depois fingiu-se morto.

—Que lembrança!

—Foi levado para o quartel carregado, onde á esta hora deve estar amargando as loucuras do domingo.

—Capitão, chego agora de Nazareth.

—V. esteve em Nazareth?

—Fui tratar lá de um negocio.

—Quando foi que foz esta viagem que eu não soube?

—Na quinta-feira da semana passada.

Apreciei alguns pedacinhos importantes.

—Ora me conte lá isso.

—Logo ao largar o vapor da ponte da companhia, ao meio dia, o *capitão* foi blaterando contra o periodico *Alabama*, porque, dizia elle, tinha sido publicado neste periodico um caso que se havia dado de ter o vapor entrado por dentro dos mangues, com quanto tivesse sciencia que a publicação d'esse facto partira de um dos passageiros, todavia não deixou de *mimosear* a V. Ex. com os termos dignos de um homem que aperta o *leme*.

—Foi somente isso que apreciou?

—Ainda V. Ex. não acabou de ouvir-me.

—Então conclua que eu tenho muito que fazer.

—Quando estavamos na meza appareceu uma canôa com uns peixes, e um dos passageiros chamou á falla, comprou os peixes e mandou-os preparar.

Eram umas tainhas.

Vieram as tainhas para a meza e o *capitão* tomou tambem parte na patuscada, sem se lembrar que era responsavel pela vida dos passageiros, e entregou o commando do vapor ao seu immediato.

Gra. comeram e beberam a ficarem, quasi todos os convivas do peixe, de *loros* apertados, inclusive o *capitão*

Não foi nada, não, excellentissimo, quando o vapor chegou nas furadas, lá se foi com casca e tudo por dentro dos mangues!

Agora toca a trabalhar-se para tirar o *bicho*

Safa, não safa, anda para traz anda para a frente, e por fim, depois de muito trabalho, safou-se sempre o caranguejo dos mangues.

Safo que fosse elle, seguiu sua marcha.

Fatalidade!

Quando havia vencido uma pequena distancia mais, embaraçou-se de novo pelos mangues.

—E agora?

—Aguentei duas horas de terrivel massada, até que o tirassem de novo!

—A que horas então chegou V.a Nazareth?

—As 9 da noite.

—E devia dar graças a Deus, porque a viagem, como V. diz, foi bem arriscada.

—Que duvida!

A PEDIDO

Ao publico.

I.

O pretexto de nacionalidade invocado pelo Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho, na questão do rapto e defloramento da menor Clara, por elle praticado, é mal aproveitado.

Reprovar o vicio, condemnar o crime, parta de quem partir, é dever innato de todo homem de bem.

Nem o preceito de justa equidade admitte que se desculpe no conterraneo aquillo que se qualifica de iniquidade em outro qualquer.

Todos os paes de familia sejam deste ou d'aquelle hemispherio, á] não ser aquelles que tem abdicado todo sentimento de honra e dignidade humana, encaram com asco e indignação e revoltam-se diante do proceder inqualificavel de quem quer que pratique actos desta ordem.

O proprio Sr. Godinho, estamos certos, levaria á mal, si o caso vertente não lhe dissesse respeito.

Collocaremos o Sr. Godinho na posição de julgador, e lhe recordaremos um facto de que, por accaso, talvez, *ja tenha ouvido fallar*, para que em sua consciencia se pronuncie á respeito.

Na rua das Larangeiras, á cousa de tres annos, morava um individuo, filho unico de viuva e duas irmans.

Foi recrutado, e ainda hoje se acha no Rio de Janeiro.

Sua mãe e suas irmans, ficaram na miseria e ao desamparo.

Um individuo, negociante, *como o Sr. Godinho é*, especulou com a penuria d'aquella indigente familia para seduzir uma das raparigas.

Quer fosse dia util, quer fosse dia *santo*, fazia *parada* em casa de um seu amigo, e dahi empregava os meios de corrupção de que dispunha, para realisar suas execraveis intenções.

Conseguiu por fim o que anhelava. A incauta atirou-se no charco da perdição illudida pelos enganosas fallacias de seductoras promessas, e impellida pela mão esqualida da indigencia em que vivia.

Ella mesma, na solidão da noite, pelo vehiculo de uma porta travessa, foi entregar a palma de sua capella virginal ao abutre que lh'a despedaçou.

Estas criminosas entrevistas repetiram-se pelo espaço de cinco ou seis dias.

Depois....o perversor tendo saciado á vontade seu libidinoso appetite, desappareceu, abandonou sua victima, afugentou-se da casa do amigo, de cuja sala elle servira-se para consummar seus torpes fins.

Não parou ahi a hediondez de seu procedimento. Por cautellosa prevenção, teve a habilidade de arrumar a carga para outro, informando lhe *onde havia uma linda menina*, e em poder de quem se acha ella até hoje, ficando assim isempto de qualquer suspeita que podesse apparecer de que fosse elle o seductor.

Tudo isto ignora o irmão, a quem vinganças inconfessaveis fizeram ir parar no exercito e que hoje se acha com baixa na côrte.

O que diz á isso o Sr. Godinho?

Achará exemplar, moralisador, tão feio procedimento em um homem de posição commercial?

Inclinamo-nos a crer que não.

Ainda outro facto:

Um certo negociante, homem casado, tinha na rua do Taboão, um quarto alugado e preparado, (o Sr. Godinho tambem tinha um quarto na rua d'Ajuda) para receber moças!

Seduziu uma moça na freguezia do Pilar e n'um bello dia, ao anoitecer mandou-a buscar n'uma cadeira.

Momentos depois, foi sentida sua falta em casa, e por informações da direcção que havia tomado a cadeira, foram em seu seguimento.

A cadeira foi encontrada no Taboão, a alguns passos da casa para onde ia e aprisionada.

O rumor que succedeu á apprehensão da cadeira serviu de aviso a aquelle que estava á espera da moça que mandara buscar.

Vendo frustrado seu plano, poz-se ao fresco *por causa de algum engano*; voltando a fugitiva para a casa dos seus, vindo ao depois a cahir sempre com o cujo.

Appellando para sua consciencia *seja o proprio Sr. Godinho* quem qualifique estes dous factos que *dizem respeito á outros*.

Assim o Sr. Godinho não deve estranhar que portuguezes honrados, seus patricios, não o apoiem para impunidade de um crime que elle mesmo foi o proprio a confessar.

Mas o Sr. Godinho, diz isso por dizer; tem todos os recursos á seu favor, em quanto a mãe da offendida, é pobre e sem protecção, e so tem por si a justiça de sua causa e a rectidão e integridade d'aquelles que teem a missão de administral-a, o que nem sempre é bastante, porque muita vez o juiz é constrangido a julgar contra sua consciencia.

Ninguem ignora que hoje existem no Forum mais de 16 individuos que vivem de jurar e servir de testemunhas em todas as causas.

Compulse-se os registros de justificação de dominio nas vendas e compras de escravos, e ver-se-ha sinão é um certo numero de individuos que apparecem em todas como testemunhas.

Entretanto os dedicados do Sr. Godinho não perdem vaza nem meios por mais illegaes em seu favor.

Ja o publico teve noticia de que um individuo procurou subornar os padrinhos da menor Clara promettendo 100$ rs. a cada um para jurarem que na occasião do baptismo a menina tinha quatro annos de edade.

E' preciso notar que o Sr. Godinho contesta que o baptismo de Clara fosse feito na Penha e querque tenha tido logar em Santo Antonio. Mas si o Sr. Godinho sabe disso e tem certeza e os dados para provar, que necessidade houve para que seus adeptos fossem peitar aos padrinhos que S. m. reputa falsos e quer provar com o testemunho de João Americo (!!!.,..) Secundino e outros de egual jaez?

Secundino Mendes Rabello, que na noite em que foi preso o Sr. Godinho com a deflorada, funccionou como escrivão no impedimento do effectivo, e que ahi á vista do subdelegado e de mais pessoas exprobrou o procedimento do Sr. Godinho e disse que não conhecia a offendida nem sua mãe, que no dia seguinte esteve presente ao corpo de delicto onde tambem se achou Benvinda, a mãe de Clara, e que ainda asseverou que nunca as tinha visto.

Secundino Mendes Rabello que empenhou-se fortemente para ser nomeado curador da menor.

Secundino Mendes Rabello que á poucas noites em presença do Sr. major Cunha Guimarães reproduzio as mesmas palavras e accrescentou censuras acres contra o Sr. Gonho, jura agora que á mais de 17 annos viu o baptisado de Clara na matriz de Santo Antonio!!!

Está direito! O Sr. Secundino é um optimo e admiravel pae de familia!

Para certos factos da vida, olha como cousa de nonada.

—Capitão, V. Ex. que deve entender alguma cousa de leis militares me responderá a uma pergunta que lhe vou fazer?

—Si souber.

—Queria saber si é permittido aos sargentos terem camaradas?

—Em outro tempo não havia essa permissão, porèm agora depois da guerra como tenho visto tudo, nada ha ahi que admirar!

Mas porque pergunta?

—Por ter ouvido dizer que tres sargentos do batalhão *duas vezes sete*, tem camaradas e até com mais isempções do que os dos officiaes.

—Como?

—Os dos officiaes formam para tudo e os dos sargentos não.

—Será isto certo?

—Si é.... na parada do dia Dous de Julho todos formaram, menos um chamado... pois *S. Lourenço* que não me lembra mais o nome d'elle, porém é um que pertence á companhia que tem muzica e *sargento ajudante*.

—Não tenho muito em dia as leis militares, mas como tenho hoje de estar com o major que fiscalisa o batalhão *duas vezes sete*, entender-me-hei com elle á esse respeito, e depois consultarei ao Exm. Sr. general, commandante das armas.

—Pois bem; é um favor do qual lhe ficarei obrigado.

—Adeus, camarada!

ANNUNCIOS.

Vende-se o botequim á esquina do Caminho Novo do Gravatá, defronte de onde foi directoria dos estudos.

Trata-se la mesmo.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 82.ª QUINTA FEIRA 27 DE JULHO. N. 849.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 26 de julho de 1871.

Portaria ao fiscal da Victoria, ordenando-lhe que intime ao proprietario de uma roça, ao Bom-gosto, afim de que mande tirar da frente desta a immensidade de garranchos que alli existem, assim como aparar os galhos que deitam para a estrada e impatam o transito. Cumpra.

—Capitão, venho contar lhe um facto, que embora remoto, todavia não perdeu ainda seu merecimento.

—Siga o barco.

—Na segunda feira da semana passada, o guarda policial Benedicto, ordenança do delegado, raptou da rua do Castanheda uma moça de maior edade, irman de uma pessoa que se acha fóra da provincia.

—Ja tive sciencia d'esse rapto, porém o *cujo* já reparou o mal.

—Agora veja o contraste:

Um soldado de policia raptando uma moça de maior edade procura reparar o damno causado, ao passo que o negociante portuguez, Antonio Tavares da Silva Godinho, um homem condecorado, por conseguinte de alguma representação na sociedade, raptou e deflorou a menor Clara, sendo até pegado em flagrante delicto, e procura ainda negar o crime que commetteu!....

—Mas que quer, si o homem é becco sem sahida...

—Perseguição e mais perseguição!

A infeliz Benvinda Maria da Conceição, além de ver sua filha perdida por um homem que não pode rehabilital-a, ainda está respondendo a um processo de injurias que lhe instaurou Domingos José de Araujo Guimarães, uma das tres testemunhas do Sr. Godinho na celebre justificação.

—Tudo isto são meios de atterral-a para desistir de pedir a punição do seductor de sua filha.

—Domingos jurou no sabbado na secretaria ecclesiastica, ao terminar o juramento, Benvinda revoltada dirigiu-se a elle e perguntou-lhe: «Sr. Domingos, quando o Sr. me viu nem me conheceu, nem viu baptisar minha filha em Santo Antonio?

Ao que Domingos respondeu: « esta p. ., desta b...., queria negociar com a honra da filha, e como agora a filha ficou sem honra (usou de outros termos) e sem dinheiro, quer se pegar com todos.

A mulher indignada, retorquio: «Infame!

Nisso porém as pessoas que estavam não consentiram que proseguisse.

Foi bastante para se lhe instaurar um processo de injurias.

O publico imparcial e os homens rectos, vão tomando nota da tenaz perseguição fulminada contra uma desvalida que não tem por si mais que a commiseração de tres ou quatro pessoas, perseguição movida, somente porque como mãe, pugna pela honra de sua filha.

—A estrada do Campo Santo está perigosa de se andar á noite.

—Por causa das almas do outro mundo?

—Por causa de ladrões que andam por alli fazendo as todas.

Os quintaes são assaltados todas as noites.

O Sr. Petronilio, alli morador, foi roubado uma noite desta.

—Oh! isto é muito mau para a segurança de propriedade.

—Capitão, leia este pedacinho da sociedade de Vehiculos Economicos.

—«As passagens no domingo 30 do corrente, da linha ferrea, da cidade a Itapagipe, seus pontos intermedios ou vice-versa, serão de 500 rs., pagas com dous bilhetes de 250 rs., de conformidade com os nossos ultimos annuncios.»

Pois no domingo, o dia que a sociedade não devia augmentar o preço das passageus, que assim ella lucraria muito mais, é logo quando augmenta?

—Eu quando disse a V. Ex. que a diminuição do preço de 500 rs. dos dias de domingos e dias santificados para 250 rs. não passava senão de um engodo, V. Ex. não me quiz accreditar.

—De maneira que, desta sorte, os Velhieu los diminuirão a grande concurrencia que podia haver nos festejos do glorioso dia Dous de Julho em Itapagipe!

—E' o que não resta duvida.

—No decurso de um anno e *quê*, Sabe-ler tem sido preso onze vezes!

Por pouco que não sahe uma prisão por cada mez.

—E nunca lhe acham crime.

—Defeitos da legislação, por demais benigna com os larapios e vagabundos.

—Agora mesmo que Saber-ler foi encontrado de escôpro na mão intentando arrombar uma porta, consta que não se encontra no codigo qualificação para tal crime.

—O Sr. delegado de Itaparica attribue á maledicencia a noticia do espancamento do infeliz *Nenem*, na vespera de S. João, publicada no *Alabama*.

—Engana-se S. S.

Pode haver malicia na exposição de um facto, com designio de prejudicar a alguem ou com interesse de causa propria.

Nem uma nem outra cousa se dá neste caso.

—Quem ministrou a informação asseverou que *Nenem* espancado na noite de 23 esteve dous dias sem exame de corpo de delicto e sem curativo, porque tendo sido chamado o Dr. Monção, este á principio não quiz ir, talvez porque gastaria seu tempo de balde; que foi tambem chamado o academico Miranda Reis, que naquella ilha se achava, e este declinou de si a responsabilidade do tratamento pela gravidade das offensas; que no segundo dia resolveu-se o Dr. Monção a soccorrer ao enfermo; que os aggressores estavam impunes e andavam publicamente.

Foi mais ou menos o que se publicou; sem intenção de molestar ao Sr. delegado de Itaparica.

A PEDIDO

—O diabo encarapitado no *vamão* do pe de *lima*, continua a tentar a pobre moça...

A creança nascida na latada de *cacáo* por milagres de Santa Dorothea, não foi para a casa dos expostos; mas o projecto de enviar esse filho do destino, ainda não cahiu.

—Feito isso ficará tudo no que d'antes era... as rachaduras na fidelidade.... soldarão.

Ao publico.

II.

O acervo de immoralidades que se teem dado no processo de rapto e defloramento da menor Clara, crime praticado por Antonio Tavares da Silva Godinho, revolta ao espirito mais calmo.

Pretende se provar que Benvinda Tavares é a propria Benvinda Maria da Conceição, mãe da menina raptada e para isso se teem empregado todos os manejos.

O Sr. Godinho, por sua parte, tem intentado neste sentido tres justificações.

Nos apertos em que se viu, e não tendo por onde escapar-se á punição do crime de que tornou-se reu, mandou correr por todas as freguezias até que nos livros da freguezia de Santo Antonio deparou com uma Benvinda Tavares que lhe quadrou.

Então pretendeu tirar a absurda illação que Benvinda Tavares era a mesma Benvinda Maria da Conceição de que se trata.

A primeira justificação, que intentou o Sr. Godinho, foi em casa dos Tavares França, á ladeira da Soledade, em presença do subdelegado da freguezia, seu escrivão, curador da menor, depositario desta, advogados das partes e de muitas pessoas que assistiram.

D. Emilia Rosa Bahia, senhora que foi dona Benvinda, jurou que a houve por divida de Manuel Paianno d'Alleluia; que Benvinda chamou-se sempre Benvinda Maria da Conceição; que ella D. Rosa forrando a Benvinda em 1851 pela quantia de 500$ rs., e achando-se um pouco desgostosa com ella, lhe ordenara que não lhe apparecesse em sua casa.

Pode-se em boa fé admittir que um escravo que liberta-se do jugo do senhor, levando motivos de descontentamento, e que sempre usou de outro nome, va adoptar o nome, não do senhor, mas dos parentes deste? O bom senso não está mostrando que pelo contrario o despeito o levaria a procurar occultal-o?

Mas, a verdade é que Benvinda libertando-se, continuou a usar sempre do nome primitivo de Benvinda Maria da Conceição, como prova com recibos impressos da Santa Casa, em cujas propriedades morou; com a sua matricula de caixinha na camara municipal; com certidão de baptismo de seus filhos; com o testemunho de immensas pessoas de criterio. E

como somente neste acto unico de sua vida usaria do nome de Benvinda Tavares?

Com que fim?

Não quadrando porem ao Sr. Godinho a justificação procedida na Soledade, guardou-a e o escrivão respectivo teve o descuido de não deixar traslado no cartorio.

Requereu segunda justificação perante o meritissimo Sr. Dr. juiz municipal da 2ª vara, na qual juraram Antonio José Mauricio, Leopoldino Francisco da Costa e Luiz Francisco Limoeiro.

E agora procedeu a uma terceira perante o respeitavel Sr. conego Dr. vigario geral na qual juram Secundino Mendes Rabello, João Americo Gomes e Domingos José de Araujo Guimarães.

Esta justificação não é mais do que um montão de contradicções e falsidades.

Secundino serviu como escrivão *ad hoc* na subdelegacia da Sé, na noite da prisão de Godinho e ahi esteve no dia immediato com Benvinda sem que désse signaes de conhecel-a; empenhou se fortemente para ser nomeado curador de Clara, prova de que não tinha consciencia de que ella fosse menor. Os attestados abaixo justificam o que fica dito.

Entretanto Secundino jura que sendo professor da Matta vinha constantemente á cidade a cavallo, e que dava esses cavallos á guardar á Elesbão Nogueira, morador á Lapinha e phantasiado padrinho de Clara; que ahi via Benvinda e que no dia do pretendido baptisado a 17 de dezembro de 1854, elle acompanhou o baptisado até a casa de Elesbão, ahi esteve, montou á cavallo e seguiu seu destino; que a mãe da baptisada *não foi á egreja* e ficou preparando os arranjos.

Mas pela certidão da directoria dos estudos que se lerá adiante, vê se que Secundino desde fevereiro de 1854, era professor de Paramerim, porto de mar, cujos barcos atracam nos Caes Novo ou do Commercio e que nenhuma necessidade ha de ir á Lapinha, guardar cavallos.

E ha quem creia que Secundino tendo de fazer uma viagem extensa, quer fosse para a Matta de S. João, quer, admittamos mesmo, para Paramerim, (preferindo á commodidade da viagem por mar, um longo rodeio de mais de 18 legoas,) ha quem creia, dizemos, que tendo de fazer uma viagem destas, por dentro de mattas e riachos escolhesse á noite, como jurou, que indo com o baptisado até em casa de Elesbão e como estivesse á escurecer, montou á cavallo e seguiu seu destino?

Ha neste mundo quem admitta que Secundino sem necessidade imperiosa montasse á cavallo ao escurecer para ir até a Matta de S. João ou a Paramerim?!

Accresce que Secundino quando foi professor da Matta la morava com sua familia e não tinha necessidade de vir constantemente vel-a, como disse.

Jura ainda Secundino que D. Emilia Rosa Dutra morava em um *sobradinho á esquerda*, quem vem da Lapinha para a cidade.

Todo o mundo sabe que a morada dos Tavares França, de data remota, é em dous sobrados nobres, á *direita* quem vem da Lapinha!

Isto mesmo foi confirmado pelo depoimento de D. Emilia na justificação lá feita, que jurou que n'aquella casa mora ha vinte e tantos annos.

João Americo Gomes, principia por alterar a sua idade; jura que tem 35 annos, depois retifica para 34 em caminho de 35, quando tem menos de 33.

Este incidente que em outro seria desculpavel, em João Americo não o é, porque tendo memoria tão activa para se lembrar de factos aliás vulgares, de datas remotas, e que nada lhe interessam, não deve por forma alguma esquecer as epochas mais notaveis de sua vida.

Depois contradizse de Secundino asseverando que *viu* Benvinda na egreja; que visitando á Domingos José Ferreira de Araujo Guimarães, sahiu com este á passeio e viu sahir de um dos beccos que dão na rua Direita de Santo Antonio um sequito onde vinha Elesbão, a quem Domingos perguntou o que era aquillo e aquelle respondeu é *o baptisado da filha de minha comadre Benvinda*.

Vejam os homens honestos a incoherencia desta asseveração: um baptisado que vem e volta para a Lapinha tem necessidade de sahir em um dos beccos que dão na rua Direita de Santo Antonio!....

João Americo jura ainda que sabe que Benvinda mudara o nome de Tavares para Maria da Conceição por lhe ter dito Joaquim Esteves de Pinho; mas este declara que é falso e conta á quem queira ouvir que João Americo o fôra procurar e lhe dissera — «Sabes Pinho, que eu no meu juramento me referí a ti? é preciso que vás confirmar; ha boa esportula.» O que foi por elle Pinho repellido.

De outros muitos meios se tem lançado mão.

Manuel Anastacio Pereira, morador á Lapinha, foi convidado para jurar, offerecendo-se-lhe 20$ rs., mas como tinha 27 annos, não serviu.

Camillo padeiro tambem foi e respondeu que estava trabalhando.

O Sr. Cachoeira Gordo tem instado com a madrinha da menina para que se desdiga, e

por ultimo até pediu-lhe que ao menos dissesse que lhe parecia ter sido em Santo Antonio o baptisado.

Eis os meios com que pretendem absolver o Sr. Godinho!

——

DOCUMENTOS.

1.º

Attesto que Secundino Mendes Rebello foi o escrivão *ad hoc* nomeado para os autos feitos por occasião da prisão de Antonio Tavares da Silva Godinho e da menor Clara; e bem assim que no dia immediato por occasião do exame feito na dita menor, acto a que compareceu a supplicante, tambem esteve por algum tempo presente; sem que em uma ou outra occasião desse a menor demonstração de conhecer qualquer das duas; perguntando-me aliás na noite da prisão por occasião do interrogatorio da menor, de quem era esta filha. Isto affirmo sob a fé do juramento do cargo que exerço. Bahia e subdelegacia do curato da Se, 24 de julho de 1871. O subdelegado.—*Fortunato Antonio de Freitas.*

——

2.º

Attesto que o Sr. Secundino Mendes Rebello declarou-me que desejava ser o curador da menor Clara, isto por duas ou tres vezes; não o tendo, porém, esta subdelegacia nomeado por escrupulos, visto ter sido o mesmo Secundino o escrivão que serviu *ad hoc* nos primeiros autos lavrados ácerca do defloramento da referida menor. E' esta a verdade que declaro sob a fé do juramento do cargo que exerço. Bahia, curato da Sé, 26 de julho de 1871.—*Fortunato Antonio de Freitas,*

——

3.º

Certifico em cumprimento do despacho supra, que á folhas cento e vinte trez do livro de cadeiras, consta que por apostilla de oito de março de mil oitocentos e cincoenta e dois foi o professor Secundino Mendes Rebello removido da cadeira do Gentio para a da Villa da Matta de S. João, e d'ahi para a da freguezia de Paramerim, pela permuta feita com o professor d'ella, *em oito de fevereiro* de mil oitocentos e cincoenta e quatro. E para constar onde convier, passou se a presente n'esta directoria geral da instrucção publica, aos vinte e dois dias do mez de julho de mil oitocentos e setenta e um.—Dr. *Antonio Garcia Pacheco Brandão.*

——

4.º

Certifico que do livro de assentos de baptismo deste curato consta o seguinte: Aos deseseis de maio de mil oito centos e quarenta e um, na capella da Boa-Viagem, com licença minha, o Rv. padre mestre frei Antonio da Virgem Maria poz os Santos Oleos á João, branco, nascido a dous de setembro de mil oitocentos e trinta e oito, filho legitimo de João da Silva Gomes, e D. Ignacia Maria da Costa Lopes. Foi padrinho o alferes Simplicio da Silva Reis Jorge Gomes, solteiro, morador na freguezia de Sant'Anna, e poz corôa Manuel Lopes da Costa. Do que fiz este assento, que assignei. O conego cura Vicente Maria da Silva. E nada mais se continha no dito assento, que transcrevi do proprio livro, em fé do que me assigno. Bahia e curato da Sé 26 de julho de 1871.—O conego cura *João José de Miranda.*

VARIEDADES.

Um homem conhecido pela sua muita avareza, gabava-se um dia diante de varias pessoas, de haver soffrido uma grande perda, sem ter proferido uma só palavra. «Não me admiro, lhe respondeu um dos ouvintes, as grandes dôres tiram a falla »

Certo principe mettendo a bulha um de seus cortezãos, a quem por vezes havia mandado como seu embaixador a côrtes estrangeiras, lhe disse que elle se parecia com um bode. «Não sei com quem me pareço, senhor; lhe replicou o cortezão; mas sei que tenho tido a honra de representar muitas vezes a V. M.»

ANNUNCIOS.

—Sr. *Alli-Babá*—procure outro achego á que se encoste. O convez do navio não accondiciona desabafos de ninguem.

Gratifica-se com 25$ rs., a quem prender a escrava de nome Emilia, com os signaes seguintes: baixa, fulla, trazendo um rosario de coquilho com bolas roxas, pertencente ao Sr. Estevão Gomes de Britto, com talho ao Pelourinho.

Ao publico.

O aferidor de medidas redondas achar-se-ha nas horas competentes, para os misteres de seu officio, em sua casa á rua do Bispo, n.º 18 A.

Rapazeada!

Frequente o vispora da Guerrilha á rua do Julião n. 18.

Todas as noites ha café servido com finas e gostosas massas e nos sabbados o saboroso e bem preparado mocotó.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 82.ª SABBADO 29 DE JULHO. N. 820.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 28 de julho de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, pedindo-lhe que empregue os meios a seu alcance, afim de fazer dispersar uma sucia de moleques que se ajuntam todas as noites na esquina do becco da rua Nova de S. Bento, servindo-se da porta da venda, que fica confronte a egreja de S. Pedro, para ponto de suas reuniões, os quaes moleques não respeitando a decencia publica, nem as familias alli moradoras, proferem palavras obscenas; chegando o arrojo n'estes desalmados ao auge de insultarem o portuguez Joaquim, um dos proprietarios da venda mencionada.

Em vista pois do exposto, e em nome da moralidade tão vilmente ultrajada por essa malta de bandidos, espera-se que S. S. attenderá á este pedido.

—Amanhan terão logar, em Itapagipe, os grandes festejos em commemoração ao immortal dia Dous de Julho de 1823.

As 11 horas do dia partirá do largo de S. Joaquim, o carro triumphal, symbolo de nossas glorias alcançadas n'aquella época, época em que soubemos com denodo e honra despedaçar os grilhões do despotismo que pezavam sobre nós, percorrerá as ruas designadas no pogramma da direcção dos festejos, accompanhado pela mencionada direcção e por batalhões patrioticos, fechando o accompanhamento o carro da bagagem.

—No largo da Madragôa haverá um palanque, decentemente decorado, contendo no centro a effigie de S. M. o imperador.

—Esse palanque se illuminará durante tres noites, nas quaes serão dados os vivas do costume, depois de desencerrada a effigie do augusto monarcha.

—Em todas essas noites tocará a musica dos menores do arsenal de guerra.

—E' uma grande festividade esta que os itapagipanos fazem ao glorioso dia Dous de Julho!

—E' de suppor que seja immensa a concurrencia de povo, para seu maior brilhantismo.

—O actual chefe de policia vae dando provas de muita actividade e zelo pelo serviço.

—Tambem o que sahiu fez boa administração.

—Deus queira que continúe.

—Um dos pontos para que o digno magistrado deve convergir suas vistas, é para a multidão de larapios que regorgitam nesta cidade.

A terra está muito atrazada em tudo, porem os ladrões teem levado á perfeição a sua industria a um ponto admiravel: abrem a porta mais segura com extraordinaria facilidade; a audacia nelles sobrepuja; as emprezas mais difficeis e arriscadas são praticadas em alto dia; com impertubavel animosidade invadem qualquer casa, e sahem com uma arca, um bahú, um traste qualquer. O afamado *Sabe-ler*, não ha muito, apresentou-se um dia n'uma casa á Victoria offerecendo-se para criado, tomou as dimensões da mesma e no outro dia voltou com um ganhador, entrou na sala e abalou com um lustre e mais alguns objectos que foram tomados ja na Piedade.

E' muito arrojo!

—Um abuso que reclama previdente repressão, é o de andare immensidade de individuos actualmente armados. Quasi que tornou-se habito. A facilidade com que qualquer sugeito pucha por uma arma prohibida ao mais simples motivo, a nenhuma cautella com que muitos dão a conhecer que usam de taes armas, deixa ver o pouco receio que ha do punição, a falta de respeito para com a lei.

—Tambem os vagabundos que em abundancia percorrem a cidade, mormente á noite, dando logar á scenas depravadas e tumultuosas, devem merecer especial vigilancia. E' verdade que ha falta de occupação e trabalho,

mas nem por isso se deve abandonar semelhante gente em sua occiosidade.

—Tambem não se deve perder de vista certos individuos mysteriosos que existem, os quaes sem meio de vida conhecido, sem occupação licita, vivem na sociedade commodamente. E' um enigma que está por decifrar, ver certas figuras como trajam, como passam e os gastos que fazem.

—Ha outros muitos abusos que exigem energica vigilancia e severa repressão, e que de certo não escapará a intelligente perspicacia do illustrado magistrado.

—Assim mostre elle boa vontade de extirpal-os.

—Estes larapios!....

—Já fizeram alguma?

—Roubaram a venda n.º 12, á rua de Baixo. Em dinheiro 150$ rs., em generos 50$ rs.

—Isto quando?

—Na noite de 26 para 27.

Ha suspeitas de que fossem Xico de Mattos e dous comparsas os authores desta *alta cavallaria*.

—O estado da casa de prisão com trabalho não offerece segurança.

—Dê a razão porque.

—Para guardar o avultado numero de 196 sentenceados, ha a diminuta força de 30 homens. Destes tira-se ainda um para ajudante do commandante; um para o expediente e outro para guarda da dispensa; vindo a restar vinte e sete dos quaes teem estado inalteravelmente doentes quatro ou cinco.

—O trabalho deve tornar-se pesadissimo.

—Uma força tão reduzida é insignificante para tamanho numero de criminosos, alguns dos quaes faccinorosos, e que sahem diariamente para as officinas, onde servem-se de armas temiveis.

Alem disso o serviço sem descanço, noite e dia, torna-se mortificante e vexatorio, a falta de repouso os torna alquebrados, o que pode um dia vir a ser causa de uma *agua suja*

—São obras do Sr. de S. Lourenço.

—Porem logo que sahiu malfeita, deve-se emendar.

—O dia do beneficio é vespera da ingratidão.

—De ordinario é assim.

—Veja um exemplo

—D. Maria Joaquina de S. João, senhora de 100 annos, moradora á rua do Cabral, possuia oito escravos, entre machos e femeas.

Tiveram estes a habilidade de mandar fazer persuadil-a que os perderia por divida de sizas e taxa.

D. Maria á vista disso, libertou-os.

Cahiu doente, e esses escravos mal agradecidos a deixaram em abandono em uma simples esteira sobre o chão.

Falleceu a 11 do corrente e foram pedir ao parocho a guia, dando-a como em extremo estado de indigencia e o enterro foi feito por esmola.

—As partes que soffram, *et cetera e tal pontinhos*.

—O que vem V. fallando?

—Descuidos nas repartições em prejuizo da gente.

—Olhe que V!!..

—Não é nada; requer-se uma certidão, que occupa o espaço de 19 linhas. Vae se pagar os respectivos direitos na thesouraria provincial, e aquillo por que se devia pagar 3$400 cobra se 6$500 rs¡

—Engano.

—Mais engano que prejudica!

A PEDIDO

—Nesta terra escarnece-se cynicamente do criterio publico!

No *Jornal* de sexta-feira vem um improvisado *Imparcial* pedindo ao publico que suspenda seu juizo ácerca das publicações no *Alabama* sobre o rapto e defloramento da menor Clara praticado pelo negociante portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho.

Affiança que tal defloramento não passa de uma ficção, de uma armadilha preparada *adrede*, afim de injurial-o e prejudical-o no seu credito.

Não se pode zombar com mais impudencia do bom senso publico!

Godinho, é preso em flagrante com a menor, em um quarto que tinha para isso preparado, onde não so levou a menor, que raptou, como recebia outras moças, facto provado pela confissão da dona da casa e do proprio Godinho, chama-se a isso uma ficção, uma armadilha!!

Tem ainda o tal *Imparcial* o desfaçamento de dizer que em tempo competente conhecerá o publico os fins ignobeis e sinistros que seus perseguidores teem em sua vista.

A' que ponto chega a depravação nesta terra!.....

Perseguidores!.... uma mulher em estado de miserabilidade, uma mãe sem amparo, que pede em brados, pela lei, a expiação do ultrajador da honra de sua filha, perseguindo um opulento negociante, que tem á influencia até

de fazer calar a seu respeito a imprensa graúda!

O *Jornal* que acceitou o escripto do *Imparcial*, porque não acceita os que dizem respeito ao negociante portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho?

—Quem com muitas pedras bole alguma lhe cahe na cabeça.

—A' que vem este seu dito?

—Um sujeito conhecido por Xico da padaria, e mais ainda por Xico jornal—acha se recolhido á casa de cachorro.

—Já sei de quem V. falla.

—Na noite de 26 depois do espectaculo do circo, estava um agente da policia dispersando algumas pretas que vendem doce, na porta do mesmo, quando appareceu o Xico jornal, e oppondo-se ás ordens da policia descarregou um soco no olho do pobre agente que o atirou ao chão, descompondo-o com os nomes mais injuriosos.

—Então por isso foi prezo?

—Em flagrante, pelo subdelegado.

—Mas, elle tem dinheiro, e em breve sahe solto.

—Não faça tal injuria ao subdelegado que pelo menos tem sabido até hoje corresponder á confiança que lhe depositou o governo.

—Esperemos: elle tanto fallou dos outros até que cahiu

—E' ordem do mundo!

—Capitão, venho communicar-lhe um acto censuravel.

—Com tanto que seja breve.

—Certo pigmeu, da terra das *panellas caboclas*, que se acha exercendo um cargo policial, para o qual não tem habilitações, teve o pedantismo de prohibir que um pobre homem se sentasse nas cadeiras de sua sala, pelo simples facto de ter comparecido em audiencia como reu, mandando pelo seu ordenança buscar uma cadeira especial para elle sentar-se.

—Ora empine-se; isto é inerivel, salvo se foi alguma authoridade da roça.

—Não, meu capitão, este facto passou-se na freguezia das *aves que comem mamão!*

—Faz favor não me aborrecer?

—Desde que V. Ex. acha que o aborreço com a narração deste facto, ha de conceder que retire-me.

—A's suas ordens!

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Vás ao chafariz do largo da *Doença*, procura o *Bibi* e pede-lhe que não consinta que sua amasia, uma tal Guilhermina, ponha-se na porta de sua casa, com uma sua camarada, moradora na rua do mesmo nome, a cantarem chulas obscenas e a proferirem palavras offensivas á moralidade publica.

—*In continenti*, capitão!

Ao Sr. subdelegado das Cinco badaladas.

A' bem da moralidade, boa regularidade e ordem no serviço publico, nessa freguezia, pede-se a S. S. que depois de bem informado, proponha a demissão de certo inspector, que tem a balda de chamar á sua folha mil reis de cada africano, pelo *visto* que lhe deita no titulo de residencia. São por demais escandalosos os factos praticados por esse individuo que vive da facha, e nada lhe sacia a voraz gana.

Si se S. S. se quizer formalmente convencer peça informações ao *Manuel Joaquim* que está á par de tudo.

Ao publico.

Os homens honestos que leram no *Diario* de hontem uma cantilena de Domingos José de Araujo Guimarães, avaliem a natureza das queixas pelo seguinte: as testemunhas de Domingos são os proprios interessados no processo Godinho, alguns dos quaes ja juraram contra Benvinda na *famosa* justificação; isto é, Manuel Luiz Barretto Falcão, João Americo, um Sr. Dr. Luiz Miguel Vianna, e um portuguez de *honrada fama*, commensal de Falcão. Em quanto as testemunhas de Benvinda são empregadas da secretaria e pessoas inteiramente extranhas á queixosa, as quaes assistiram o conflicto.

Sabe ainda o publico que na occasião em que se intima ao queixado, lê-se-lhe logo os nomes das testemunhas e por tanto não pode Domingos ignoral-as quem são.

Porque não apresenta Domingos como testemunha uma só das imparciaes pessoas que se acharam no paço archiepiscopal na occasião?

Domingos leva o facto ao conhecimento do publico. Pois bem! seja o publico o competentente juiz. Vá ao forum apreciar o caracter das testemunhas de Domingos e á subdelegacia da Sé os de Benvinda.

— Chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para um portuguezito bexigoso, insigne membro do olho-vivo adestrado empalmador de carteiras, da turma do *Sabeler*. Esse larapio nos dias immediatos de sua chegada do Rio grande, travou relações com o *Xicão* e indicou-lhe um companheiro

do viagem, que trazia no bolso certa quantia a qual foi subtrahida pelo referido *Xicão*

O famoso gatuno não se dá a nenhuma occupação, a não ser a rapinagem, tornando-se portanto digno das pesquizas policiaes.

VARIEDADES.

Versos da ultima moda

Gentil, mimosa *Juliêta,*
Não faz mal que sejas preta;
Queres ser do meu amor?!
Já possui uma branca,
Por signal: éra uma tranca
Mesmo sem tirar nem pôr.

Sem *cebo* nada fazia,
Occupava a noite, o dia
A comer ou a dormir;
Lavava-se a todo o instante,
E a falta do velho amante
Não cessava de carpir!!...

Cégo amor tive a uma *coixa,*
Tinha uma côr entre a roixa
E a verde do fel de boi;
Que coração de penêdo!!
Em tres dias *deu no dêdo*!
Tambem não sei porque foi...

Mezes depois, (n'uma tarde)
Vi-a ingrata, covarde,
Arrancando-me os craveiros;
Mal me vê... foge, ligeira
Pula a cerca, e na carreira
Sumiu-se entre uns cafezeiros!!

Voltou de noite a malvada;
E, com a voz aflautada,
Me chamando; abri-lhe a porta....
Fez-me crer que se emendava!
Porem, qual! se torta estava
Cada vez ficou mais torta!!...

—Tinha-me dado um canario
O primo do meu vigario,
Em *troca* de um *cardeal*...
Que fez ella, a hespanhola?.
Zás... joga no chão a gaiola,
Foge o passaro p'lo quintal....

Ora isto não desgosta?
Eim?! que dizes? a resposta
Não devia ser—pancada?
Foi o que fiz, mas nem menos;
Pois, caregou-me os *pequenos*
Fugindo, a noite passada.

Tem pena d'isto, *Juliêta*!
Que me importa sejas preta,
Isso agora, é lá comtigo!!.
Melhor arranjo não achas;
Anda! vê se te despachas,
Não móra ninguem comigo...

Sou de ha muito acostumado
A comprar jantar *dobrado,*
E o costume não perdi;
Anda!... só, morro de tedio;
Tens *azeiteiro*? – despede-o –
Vem morar comigo, aqui!..

Qu'este meu peito é fornalha
Onde, constante, trabalha
De amor eterno vulcão!
Eu careço d'um *objecto*
Debaixo do mesmo tecto
Que *entenda* minha affeição!

Vem!!., attende ao meu chamado!
Na gaveta te hei guardado
Uma offerta innocentinha....
Vem *limpar* d'esta cabana
Tanto *rato* e *ratazana*;
—Ursula! vem, bicha minha. –

A.

Oradora sacra

Le-se no *Echo de Italia*, folha de Nova-York:

«Em um dos ultimos domingos de março, miss Mary Anna Tompson de Bonton pregou um sermão, na egreja universalista de New-London, no Conorectialt, da qual egreja será nomeada parocha, logo que tenha recebido as ordens sacerdotaes.»

ANNUNCIOS.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Na rua do Collegio casa n.° 16 ha uma rapariga honesta que se aluga para tratar de creanças.

Vende-se o botequim á esquina do Caminho Novo do Gravatá, defronte de onde foi directoria dos estudos.

Trata-se la mesmo.

Ao publico.

O aferidor de medidas redondas achar-se-ha nas horas competentes, para os misteres de seu officio, em sua casa á rua do Bispo, n.° 18 A.

Lopes Reis e C.ª precisam para sua fabrica de charutos na rua de S. Bento n. 6, de mulheres que saibam fazer charutos. Tambem admitte aos que quizerem aprender, ganhando logo que souberem alguma cousa.

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.ª QUINTA-FEIRA 1.º JUNHO. Ns. 795—796.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 31 de maio de 1871,

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Victoria, chamando sua attenção para a industriosa e impia especulação do individuo de nome Manuel com candomblé ao Caminho do Inferno, o qual mette-se a dar ventura, curar de feitiço, realisar e impedir casamentos, reconciliar amantes desavindos, e outras muitas minestras de que se aproveita para illudir aos inexpertos e ignorantes; devendo ao mesmo tempo fazer cessar os repetidos toques de *tabaque*, assim como, verificando a verdadeira condição. de tal individuo, o faça recolher ao poder de sua senhora, da qual vive ausente.

Portaria ao fiscal de Sant'Anna, ordenando-lhe que previna ao Sr. Guimarães Progresso, morador ao Castanheda, para que faça cessar que seus famulos despejem das janellas de sua morada para a rua agoas servidas com incommodo da visinhança e prejuizo dos transeuntes, o que o faz incorrer nas penas de uma mulcta, caso não tome medidas cohibitivas. Cumpra.

– Ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que não consinta que continúe a ser atravancado o transito publico por uma gorducha crioula, vendedora de doce, que se esparralha na porta da venda ao Caminho Novo, esquina da rua da Valla, collocando no passeio uma grande caixa, um alguidar de asser bolinhos, e mais accessorios, o que difficulta o caminho por ser o referido passeio estreitissimo, e estar a venda situada em uma curva e ter ao pé uma bocca de lobo, pondo por isso os transitantes no risco de tropeçarem e levarem alguma queda para não pisarem nos trens da mercadora ambulante. Cumpra.

—No domingo passou por esta terra S. M. o imperador, que vae dar seu passeio até a Europa.

A chuva foi abundante; mais não impediu que tivessem logar as etiquetas e apparatos do estilo,

A fraccionada guarda nacional formou-se reunida, a tropa de linha prestou as honras devidas.

Muitos ainda hoje estão na cama; effeitos da defluxão que apanharam pela agoa que levaram no costado.

—Pelo que vejo quer V dizer que o beneficio que produzem as visitas imperias não equivale aos incommodos e prejuizos que trazem.

—Ante-hontem, pelas nove horas e meia da noite, na rua da Preguiça, manifestou-se incendio no algodão depositado na ponte do trapiche—David Ling, que com o—Dias Lima—arrendados a Campos & Marelim, teem a denominação deste ultimo—Dias Lima.

Dos arrendatarios deste trapiche, onde começou o incendio, Manuel de Souza Campos é socio de Alexandre Dantas & C.ª, cuja casa de negocio (capellista) á rua Formosa foi no anno passado tambem dada as chammas *pelos ladrões,* segundo presumiu-se.

O incendio tomou grandes proporções, e os soccorros, como sempre, vieram quando já estava quasi tudo devorado pelo fogo.

Compareceram ao logar do incendio muitas authoridades, havendo grande confusão nas ordens dadas: si o subdelegado dava uma ordem, o chefe de policia dava uma contra-ordem, e assim por diante, de maneira que se não entendiam,

Propalou-se, e chegou mesmo ao conhecimento do chefe, que um marinheiro, dos que estavam no trabalho da extincção do incendio, dissera que, estando de quarto a bordo de seu navio, vira naquella ponte *alguem* ferir um phosphoro, e, logo que queimou o algodão, atirou-se ao mar.

—Compete á policia indagar quem é o marinheiro, afim de por esse meio ver se descobre o incendiario, e punil-o com as penas da lei.

—Sr. informante, venha cá.

—Prompto, capitão.

—Eu não gosto de exagerações.

—O que vem a dizer isto, capitão?

—O menino espancado na padaria do J. A. P. de Vasconcellos não está tão grave como o Sr. disse.

Vi-o em pessoa que me mandaram mostrar da repartição da policia e o proprio offendido é quem declara que apanhou com uma taboca.

—Com uma taboca! Esta é que é galante! Pois eu vi que foi com uma acha de lenha.

—Vá-se; mas recommendo-lhe d'aqui em diante toda circunspecção em suas noticias para não cahirmos em inexactidões.

—O Brasil foi engrandecido com uma fornada de titulares.

—E' de que nós carecemos muito: nobres e fidalgos que illustrem e elevem esta terra.

—Para a prosperidade da nação, é o que basta.

—Historias, homem! quanto mais cresce o numero dos grandes, menor se torna o paiz, pela carencia de capacidades que o levantem do abatimento á que tantas ambições bastardas o tem levado.

—A policia apprehendeu ás 9 horas da noite do dia 29 nove fardos de fumo que se achavam desembarcados no Caes Dourado, resto de maior numero roubados no mar, e que acabavam de ser conduzidos para o competente ponto.

Havia ainda um saveiro carregado, cujos tripolantes percebendo a força publica fizeram-se ao largo, e sendo perseguidos atiraram-se ao mar.

—Amigo, você andou por lamaçaes e atoleiros.

Traz lama até nos olhos!

—Venho das Quintas; fui cumprir um dever de piedade.

—Provas de seu bom coração.

Eu e mais tres pessoas fomos levar á sepultura um corpo, para não ficar em casa apodrecendo.

—O' homem!....

—Uma mulher da irmandade de S. Benedicto; pagou sempre suas joias; os irmãos prometteram de ir sepultal a no dia 27 ás 5 horas e até hoje 28 não appareceu ninguem, estando o cadaver já em putrefacção.

—Ah, hoje ha razão; a irmandade deu um jantar; convidados e convidadas tiveram seu cartão.

—Os tempos estão mudados!

O fim das irmandades religiosas antigamente era sustentar o culto, soccorrer-se mutuamente e mais do que tudo cumprir o charidoso e imprescendivel preceito de dar sepultura aos mortos: hoje é para banquetear-se á larga!!....

—Meu amigo hoje não ha associação humana onde o banquete não seja o fim primordial; portanto não se admire.

—O rigor excessivo nunca produziu o effeito salutar de uma correcção.

—E muito menos de modificar as propensões naturaes.

—Entretanto ha gente que entende que asperidades e tratos violentos são os meios proprios de corrigir leves faltas e desvios, e de infundir nas creanças os habitos de uma boa educação.

—Eu conheço uma mulher que segue este systema; uma Sra. Mercêz, moradora á rua do Pan-de-ló; castiga uma filhinha com rigor desmarcado e extranhavel assiduidade.

—Ja tive noticia disto pelo clamor da visinhança.

—E' uma dessas mulheres contra cuja inclemencia deve admoestar a authoridade respectiva.

—Já sei que traz um alforge de novidades. Teve dois dias de folga; infallivelmente pescou muita couza por ahi.

—Ao contrario, capitão, estou hoje mesquinho como nunca.

—Indolente como V.' não ha outro na policia secreta de bordo.

—Apenas presenciei uma prisão effectuada pelo subdelegado de Sant'Anna.

—Isso mesmo serve.

—No domingo ás 5 horas da tarde, foi preso em sua morada ao Genipapeiro, Manuel Antonio dos Santos, que no dia 26 raptou na freguezia da Sé a menor de 17 annos Cora Julia Tavares de Macedo.

—Uma deligencia importante que muito recommenda o zelo e actividade da authoridade que a executou.

—Supponho que casam-se hoje na matriz de Sant'Anna, para o que o dito subdelegado ja obteve as necessarias licenças.

—E' bom quando o individuo praticando o mal, pode e quer reparal-o; e não faz como certo individuo, que sendo homem casado raptou uma menor, levou-a para um quarto que de proposito tinha alugado para cousas semelhantes, deflorou-a e agora lança mão de certos meios infames e reprovados, os

quaes o publico ha de saber em tempo competente, para isemptar-se do crime.

—Capitão, quer ouvir com que aprimorada limpeza trabalha o olho-vivo?

—V. diga, meu rapaz.

—Manuel Antonio dos Santos, preso como author de um defloramento, foi recolhido ao quartel de policia.

—Ja soube disso.

—Mas não sabe do resto.

O homem deitou-se vestido na prisão e accordou em fraldas de camisa.

—Essa é curiosa!

—A dextra companhia havia-lhe safado a roupa do corpo; de forma que o homem tendo de ir á presença do chefe de policia achou-se sem o que vestir.

—Rapaz, pois dentro do quartel de policia!

Por onde entrou essa maldicta gente que tantos olhos vigilantes não a viram?...

—Eu sei, capitão; é que sem duvida o olho-vivo estava lá a mais tempo que o homem.

—Ora essa! Anda a policia cançando-se em pegar os larapios pela rua, sem saber que elles andam mesmo no meio della!

—Capitão, um papel que encontrei hoje quando fui varrer o convez do navio.

—Leia o que diz.

—«Pede-se ao Sr. capitão do *Alabama* que chame a attenção do fiscal competente para as boccas de lobo das quinas do Caminho Novo e Gravatá pelo mau estado em que se acham proveniente da impropria maneira com que nas ditas bocas de lobo fazem despejo os moradores da circumvisinhança.

Alem de ser desagradavel e repugnante á vista, o fetido que as mesmas exhalam é insupportavel e nas horas mais ardentes do dia torna-se um completo encommodo.»

—Tem razão o reclamante.

Si a empreza do cisco fosse um pouco mais caprichosa, tal inconveniente, cessaria, porque, parece, é uma das condições que abrange seu contracto.

—Duas pragas abundam actualmente nesta terra: os raptos e defloramentos e os saques e latrocinios da companhia do olh-vivo.

—E cada qual mais pernicioso, mais flagellador.

—Manuel Leocadio de Jesus, pardo, raptou e deflorou uma menina de 13 annos, segundo elle mesmo confessou.

—E a molestia dessa gente que só dá para appetecer meninas tenras!

—Candida de Souza Gomes é o nome da deflorada; o raptor foi preso pelo subdelegado de Sant'Anna e declarou que estava disposto a casar-se, o que depois da devida licença realisou-se na egreja matriz.

—Sirva-lhe ao menos isso de desculpa.

—Quando os vapores da Companhia Bahiana navegavam para o Bomfim, a gerencia emittiu cartões que valiam uma passagem.

—240 rs., creio.

—Cessaram as viagens e a companhia tratou de recolher seus valles; mas não tendo annunciado pela imprensa, muita gente ignorou e veio a ficar com elles.

Actualmente apparece na circulação grande porção desses cartões.

Semelhantes no tamanho aos valles dos Trilhos Urbanos, os quaes correm geralmente como *moeda legal,* os especuladores vão os impingindo por *bonds* do Lacerda, ao preço de 200 reis, porque muita gente não faz reparo ao recebel-os, mormente á noite.

—Porem a Companhia Bahiana, deve, por seu credito, annunciar, e retirar esses cartões que ainda giram.

—Mas si ella segundo dizem, ja resgatou numero superior ao que emittiu?

—Ah! falsificaram e agora a Companhia não se julga obrigada a indemnisar ao portador!... Deus queira que outro tanto não venha a acontecer com os taes *bonds* da Victoria.

—A' proposito do encerramento d'assembléa, encontramos nas *Notas perdidas* o seguinte recommendavel:

Naufragio parlamentar.

—Sul pela prôa? a procella
De nós se avisinha já!
Abaixo, abaixo, senhores,
Cutelos e varredores,
Que a *nau* em perigo está.

—Nada! nada! hemos por força
A rôta continuar!
—Senhor, é temeridade!
Reparai na tempestade!
Como está cavado o mar!

Oh! que campanha covarde!
Que gente sem coração!
—Misericordia! voltemos!
Ai, senhor, que nos perdemos!
Eil-o ribomba o trovão!

—Bem; arribemos agora,
Senhores, agora sim!
Destino cruel e torto!
Quando chegarmos ao porto
Que contas darei de mim!

—Terra! terra pela prôa!

Desçam ancoras aqui!
—Em dous mezes que tiveram,
Senhores, o que fizeram?
Cada um falle por si!

II

Eil-a muda! que desgosto!
Quanto a patria hoje perdeu!
Aquella enorme garganta,
Cuja eloquencia inda espanta!
Por um anno emmudeceu....

Que peça! quando contava
Ja certa a prorogação,
Na sua brilhante estréa
Parou a nossa assembléa!
Eil-a agora sem acção.

Coitada! tão linda moça
Perder sua voz assim!
Como atropela se um plano!
O parlamento bahiano
Hontem, senhores, deu fim.

Enluta-se a patria toda:
Tomemos roupas de dó:
Lá se foi como um sorvête!
Vão ver!... da camara o tapete
'Stá todo cheio de pó....

Nau da patria de alto bordo
Do mar bem largo arribou:
Da róta levava o fio;
Mas topando n'um baixio
Rangeu, fez agua, voltou.

O que é um tinteiro?

Talvez quantos lerem esta nossa pergunta julguem desnecessaria—porque, em verdade todos sabem, ou imaginam saber, o que seja um tinteiro; no entretanto não é tanto assim; torna-se difficil definil-o.—Vamos a ver.

O tinteiro é um objecto de primeira necessidade para o sabio— uma cousa superflua para o ignorante; é o companheiro das maguas e dos prazeres; a musa de mais d'um poeta porque muitas vezes o infeliz buscando inspirações nas unhas que roe—não as encontra,ao passo que, fitando os olhos no seu tinteiro, lá depara com uma ideia (ideia negra já se sabe,) e transmitte-a ao papel cheio d'alegria; o tinteiro é o amigo dos pobres quando os coadjuva a fazer qualquer petição aos ricos para que lhes sacudam alguma migalha da sua lauta mesa; emfim o tinteiro vale mais, em nossa opinião, do que valia a fonte d'Hypocrene para os antigos, pois é origem das esperanças mais caras, das dôres mais pungentes, das illusões mais suaves. Do tinteiro tem sahido tractados de paz celebres—declarações de guerra extraordinarias.—Por effeito de tinteiro fizeram-se e fazem-se entre os povos negociações commerciaes maravilhosas, e os antigos, que não podemos deixar de confessar em certas cousas mais adiantados de que nós—admira como não descobriram o uso do tinteiro! Ha quem diga que n'isso nos levaram vantagem; porém não seguimos semelhante opinião — si Cicero e Sallustio possuissem uma penna e um tinteiro quantos mais trechos eloquentes não teriam escripto? Quantos versos mais não teriamos de Virgilio e Propercio? Quantas satyras mais não possuiriamos de Horacio e Juvenal?

«Os soffrimentos de Socrates, diz um escriptor italiano, Felice Furotti, seriam muito mais conhecidos si os seus discipulos em vez do papyro e do styllo, tivessem tido papel e tinta.» Pode-se afoitamente dizer que o tinteiro figura na historia do desenvolvimento da intelligencia humana descoberta igual á da polvora ou hoje dos carris de ferro. A artilharia tem arrazado cidades, villas, aldêas; mas d'onde proveio essa aniquilação remotamente? Do tinteiro! As maquinas de guerra tem dado morte a milhares de pessoas; mas quem primeiro fez romper as hostilidades? O tinteiro! O tinteiro exerce pois uma influencia immediata em a nossa vida.—Quantas contradicções não tem sahido do tinteiro! Quantas falsidades e calumnias! Quantas vezes não tendes visto gabar d'eximia a producção d'um pobre auctor, que se vê afflicto para acommodar as cem bocas da fama, e pouco depois apparecer uma censura escripta pela penna que antes louvára—molhada no mesmo tinteiro! Quantas vezes uma gentil donzella escreve cousas mui mimosas, juramentos vehementes, protestos de amor puro, de fidelidade constante, d'alli a um mez a mesma penna, a mesma mão e o mesmo tinteiro—compõe uma medonha catilinaria contra o pobre amante, que de queixo cahido não sabe como explicar tão palpavel contradicção! Não carecemos amontoar exemplos para mostrar que o tinteiro é ora ministro de paz ora de guerra. —Basta que lancemos os olhos para a historia contemporanea e ahi toparemos com milhares de provas.

Si possuissemos a eloquencia do doutor Dulcamara, ou outro qualquer charlatão, como ha tantos por esse mundo, dar-nos-hiamos ao trabalho de fazer vêr por extenso os males e os bens que esse liquido chamado tinta tem derramado sobre a superficie do globo — Basta uma amostra. Quem condemnou Silvio Pellico a duros tratos? Quem fez perecer o illustre auctor de Robison Grusoé? Quem originou a guerra que tem ensanguentado a França? Quem produziu os partidos e as desavenças entre nós? Quem nos aplanou o caminho da

liberdade? Quem immortalisou Victor Hugo, Lamartine, Chateaubriand, e tantos outros? Quem deu nome e proveito a Eugenio Sue? E' sempre o tinteiro.

O tinteiro occupando logar tão eminente, pode sem duvida appellidar se grande; por isso, como todos os homens grandes, teve e tem os seus inimigos. Vejamos.

Os ricos e os estudantes veem no tinteiro um inimigo—uma cousa que obriga a trabalhar. pelo que cordialmente o detestam; os devedores tambem não presam o tinteiro porque torna perpetua a sua deshonra—a falta do cumprimento das suas obrigações—a actriz aborrece o tinteiro porque é o motor de se lhe forjar epigrammas. Ao lado dos inimigos—taes são, v. g., os que não tem que fazer e se entretém em ler periodicos. Si não fosse o tinteiro como haviamos de applaudir a Magdalena, a dama de St. Tropez, o Retrato vivo, o dote de Susana, etc.? Igualmente os que se deleitam com as producções dramaticas e até com as musicas—devem forçosamente ser olhados como partidarios do tinteiro.—O deputado umas vezes é amigo do tinteiro, outras inimigo: —elle o arremeça já da rocha Tarpeiá—e o eleva já ao Capitolio;—outro tanto succede ao ministro e ao litterato. As meninas gostam do tinteiro visto que se elle não existisse não poderiam communicar os seus pensamentos aos seus apaixonados.

Roussean tinha razão quando disse que as letras são de mais damno ao homem que de proveito. De feito, que importa escrever como o primeiro poeta do mundo—si qualquer scriblero despresivel, sem talento, pode disputar-nos a palma do triumpho, e ficar victorioso? De que serve gastar a vida inteira no estudo em busca d'uma verdade—si um estulto, a quem soprou uma aragem benefica de fortuna, nos é preferido e ganha as honras da immortalidade? o que vale ter uma vida honesta e proba, si a satyra d'um velhaco ou uma carta traçada nas trevas do anonymo—podem derrubar uma reputação brilhante? E não será tudo isto obra do tinteiro? Oh! para longe de nós esse vaso, que semelhante a boceta de Pandora tem espalhado no mundo males tão terriveis! Agora mesmo, leitor, de tudo quanto estás lendo, a causa primaria foi o tinteiro.—O tinteiro fez com que se lançassem ao papel algumas linhas, que, em parenthesis seja dito, verdadeiramente não são todas nossas... fomos plagiarios; e quem é o culpado? O tinteiro! Porém ainda assim, leitor, não nos compromettas—confiamos-te um segredo, guarda-o como homem de bem.

Fallamos no vapor como a primeira potencia das descobertas modernas; engano! O tinteiro foi, é e hade ser o primeiro potentado universal... Honra e gloria ao tinteiro!

A PEDIDO

Pede-se ao Illm. Sr. subdelegado da Sé que tome providencias afim de fazer acabar com a pandega que se reune no becco do Esgorrega, á ladeira da Praça, em casa de um tal André, o qual nessa mesma casa, a alguns mezes, deu uma facada em outro de nome Olegario, por ciumes de uma celebre Joanna, a qual foi surrada pelo escravo Modesto, antes de ter este perpetrado a morte nas Mercês.

Na referida casa ha sambas noite e dia, o que significa que os frequentadores são gente toda ociosa; em taes sambas é gravemente offendida a moral e perturbado o socego.

Trazem além disso as paredes cheias de paineis indecentes e disticos em que cada um se arroga um titulo. Por exemplo, um conhecido por Manuel Gato, qualifica-se de duque de Caxias.

Sendo a maior parte delles escravos, espera-se que S. S. os remetta á secretaria de estado do Custodio, afim de lá registrarem os titulos e patentes, com quatro duzias de bollos em cada um, e os forros, para que tenham exercicio no paço do 14º de linha.

Quando se tratou de illuminar a rua do Cabral procedendo se a demarcação dos logares em que seriam collocados os lampeões, assentou-se que nos fundos da roça do Sr. Fiuza haveria um.

Collocaram-se os lampeões ficando tal logar ás escuras.

Agora o que não se sabe é si a companhia recebe como si tivesse completo o numero de lampeões designados ou se faz abatimento daquelle que ainda não foi collocado.

—A esperteza é incansavel em excogitar estratagemas com que vá passando suavemente á custa alheia!

—Os attractivos de uma vida folgada, sem trabalho, despertam mil subterfugios n'aquelles que se habituam á ella.

—A muita gente não quadra as asperezas de um trabalho laborioso.

—Mesmo que é mais commodo e facil, o viver á custa de alicantinas.

—Mas sendo immenso o numero de tratantes que povoam esta terra, resulta disso a necessidade de que cada um trace seu plano differente de empreza, invente seu modo de viver.

—Temos, por exemplo, um certo velhaque-

te que descobriu uma engenhosa maneira de passar bem curiosa.

Installado em uma biboca de duas portas, tendo dentro apenas o balcão, uma armação e algumas cousas de pouco valor, que elle teve a ladravaz precaução de passar, as escondidas, no nome da irman, arvorou-se o especulador com creditos de proprietario, e entrou a firmar lettras sobre quanto usurario ha nesta terra, com tanto que aquelle que tirava o dinheiro lhe désse alguma cousa.

Vencidos os prasos, o devedor não tendo por onde pagar, ou occultando-se, elle o abonador muito menos, pois a traficancia que possue existe no nome da irman.

—E desta sorte quem deu seu dinheiro que agarre o homem da capa preta.

—Essa especulação pòrém não poude durar muito, porque a tratantada espalhou-se, e o refinado espertalhão depois de fintar a meia duzia ficou inteiramente desacreditado.

—Capitão, queira attender-me um pouco.

—Attendel-o-hei.

—Pois bem: dispense me, portanto, de preambulos, e permitta que entre logo na materia que pretendo.

—Estimarei até muito isso.

—Por causa das massadas?

—Não deixa de ser.....

—Pois prometto-lhe ser breve o mais que for possivel. Ora, em um dos sitios mais aprasiveis de *Latronopolis,* composto apenas por um *monte,* ou *serra* formando, todavia, em um de seus lados como que a haste de um *t*, mora um tal mathemático de *estrada*, o qual V. Ex. já deve conhecer, que ácerca de oito para nove annos, pouco mais ou menos, emprestou certa quantia, ridicula, a uma pobre preta, para, unindo-a a uma outra quantia que já possuia, dar pela sua liberdade e de suas filhas: o que, com effeito, realizou obtendo a competente carta de alforria.

—O que vem isto ao caso?

—Eu me explico, capitão. A quantia, de que fallo, emprestada pelo *sangrador de governos* á infeliz preta, foi sob condicção, estabelecida pelo dito *sangrador de governos*, de serem-lhe prestados, pela preta, serviços até a sua completa indemnisação: entretanto, que, já são passados oito para nove annos, e, no decorrer d'esse espaço, não só a pobre preta como os seus infelizes filhos teem prestado e continuam a prestar-lhe valiosissimos serviços; e, porém, o dia ainda não chegou da indemnisação de tal divida!!

—Que me diz? Que injustiça, meu Deus! como é revoltante tal procedimento!!

—Já veio as caso, capitão?

—Deixe-me, estou completamente contrariado!.....

—Quem por tal forma procede é um forasteiro, capitão.

—Um forasteiro! Um forasteiro que em sua terra, talvez não cessasse de accusar os filhos de *Latronopolis* de injustos e ante-humanitarios!

—Meu capitão, o castigo *do vicio é o proprio vicio.*

—E' verdade; bem dizia o grande Boccage.

VARIEDADES.

Apontamentos de um bebedor.

A vida é beber. E' a primeira cousa que fazemos, depois de chorar, apenas nascemos.

Tudo o que existe:

As flores e as arvores bebem o orvalho e bebem ou chupam, que é o mesmo, o succo da terra de que se alimentam;

As abelhas bebem nos campos o liquido de que fazem o mel e a cêra;

A sciencia bebe-se nos bons livros.

Para acalmar os pesares o unico remedio é afogal-os, mais para os afogar é preciso beber, porque nada se afoga em secco.

Pode qualquer afogar-se asphyxiando-se, mas é mister para isso ter bebido até ás vezes o calix da amargura.

E' preciso advertir que nem sempre se bebem cousas agradaveis.

Bebem-se desenganos.

Bebem-se medicamentos.

Bebem-so lagrimas.

E bebem-se tresentas mil cousas mais amargas, como cicuta.

A natureza e quanto existe vive porque bebe.

E' esta uma verdade bebida nos annaes da sciencias

Um ladrão sendo accusado de ter furtado um cavallo, e vendo se a ponto de ser condemnado, dizia ao juiz;—Senhor, eu não commeti semelhante furto, e veja V. S. o que me aconteceo. Eu ia por uma rua muito estreita e vi um cavallo que me tomava o caminho; quiz passar por diante d'elle gritaram-me—*olhe que morde*; quiz passar por detraz, disseram-me *olhe que dá coices*. A vista d'isto tomei o partido de saltar por cima delle para o outro lado, mas infelizmente o pulo que dei foi tão pequeno que me succedeu cahir sobre o sellim. E eis senão quando toma o cavallo o freio na bocca, e deita a correr commigo, que quando parou já foi fora da cidade, de sorte que quando voltei para o si-

tio donde tinha sahido com tenção de o entregar ao dono, já lá não estava.

Vaidade.

Quem é que deu lhe, sinhá,
Tão bellas flôres assim?
De tantas que tem no ramo
Não dá uma p'ra mim?
—Não posso,

Meu Deus! quem é que já viu
Tão linda bôcca a negar?
Eu peço por sua vida..
Por minha vida.. quer dar?
—Não posso.

Por seus cabellos, seus olhos,
Por sua voz, seu candôr;
Ou dê-me, ou deixe que tire
Do ramalhete uma flôr.
—Não posso.

Já sei... já sei... essas flôres...
Donde vieram, sinhá?
Se advinhar quem th'as deu
A que eu pedir me dará?
—Não posso.

Vejâmos: eu vou pedir-lhe
Por vida do coração
Daquelle que mais lhe ama!—
E agora, dá-me ou não?
—Não posso.

Pois olhe, dê-me uma flôr
Como seu labio a sorrir:
Se não, me jure de têl a
Si outra vez eu lh'a pedir.
—Não posso.

Muito bem... já que uma flôr
De sua mão não mereço,
Vou espalhar que—outra moça
Tão feia assim não conheço!
—Pois tome.

O que a amor não podéra
Conseguir do labio seu,
A VAIDADE «amor perfeito»
Da sinhasinhá colheu.

Perguntas curiosas.

1.°—Em que é que um cura se parece com um negociante?

2.°—Qual é o homem qué acha mais effeitos?

3.°—O que é que S. Luiz tem adiante; S. Miguel atraz; as donzellas duas vezes; as donas já o perderam e os homens nunca o tiveram?

4.°—O que é que quanto mais se lhe tira maior fica?

5.°—Que differença existe entre um pouco de manteiga, um advogado e um preguiçoso?

6.°—Porque é que os espelhos são mudos?

7.°—Quaes são as duas cousas que passam por baixo do sol sem fazer sombra?

8.°—Qual é a parte maior do que o todo?

9.°—Qual é o imperador menos activo que tem havido?

Boa sahida:—Um granadeiro do exercito do conde de Saxe, tendo sido apanhado em flagrante delicto de pilhagem, foi condemnado a ser enforcado; o que havia roubado importaria talvez em seis francos; o marechal vendo-o dirigir-se para o supplicio disse-lhe:

—E' preciso que sejas muito miseravel para arriscares a vida por seis francos.

—Com os diabos, meu general! exclamou o granadeiro, eu a arrisco todos os dias por seis soldos.

Esta sahida valeu-lhe o perdão.

—

Outra:—No cerco do Porto por occasião de um combate durante o qual o ex-imperador do Brasil, como que se multiplicava, para apresentar-se nos logares onde mais necessaria era a sua presença, encontrou o principe um official escondido; vendo-o, bradou immediatamente: « Sr. official, assim é que se ganham os postos?»

Ao que respondeu com todo o sangue frio o maganão:

«Não, meu senhor; mas é assim que elles se conservam.»

Os principes teem as suas fraquezas; o ex-imperador gostou da resposta e promoveu o official.

Definição da patria.

« A patria não é a terra, não é o bosque, o rio, o valle, a montanha, as arvores, a bonina; são-n'o os affectos que esses objectos nos recordam na historia da vida: é a oração ensinada a balbuciar por nossa mãe, a lingoa em que pela primeira vez ella nos disse» meu filho! !

« A patria é o crucifixo com que nosso pai se abraçou moribundo e nós nos abraçaremos tambem antes de ir dormir o grande somno ao pé do que nos gerou, no cemiterio da mesma aldêa em que elle e nós nascemos.

« A patria é o complexo das familias enlaçadas entre si pelas recordações, pelas creanças e até pelo sangue. »

Foi assassinado o vice-rei do Nankin por um individuo que se dizia enviado do ceu para consummar esse attentado. Por mais

torturas que lhe fizessem não quiz confessar os motivos que o levaram a commetter o crime, e morreu sem dizer uma palavra.

Um sujeito, altercando com outro, no calor da disputa, chamou-lhe —rei dos tolos— Sim, meu subdito, respondeu o outro, sou teu rei.

SONETO

Feito pelo Dr... a um pregador que, orando nas exequias de João Thomaz Farinha, chamou a eça funebre —armazem da saudade.

Meu padre pregador, largue o capêllo,
Feche a coroa, ajunje-se aos donatos;
Tempere, ou lave na cosinha os pratos,
Que em pulpitos não ha quem possa vêl-o.

Vá na horto plantar alface e grello
Tome o bastão, e vá pedir chibatos;
Pregue lá aos pastores insensatos,
Que entre burros é sabio um camello.

Nas exequias do bicho da cosinha,
E de outros figurões d'esta entidade
Póde pregar, que tem licença minha.

Ali, meu padre, espoje-se á vontade,
E se houver urna, e João Thomaz Farinha
Empurre-lhe o armazem da saudade.

Nunca mais.

Nunca mais!.. frase medonha,
Que, a lembrança do passado
Reune as mortas saudades
Do que já temos gozado.

Nunca mais... funereo crepe
Em que se envolvem no mundo
Os mal extinctos vestigios
De um sentimento profundo!

Pavorosa. horrivel sombra
Com que nos persegue a sorte...
Esperança que só morre
Entre os arcanos da morte.

Nunca mais é o desengano
Da nossa crença mais pura,
Fel vertido em nossos prantos
Pela mão da desventura.

Sudario mal sobreposto
As chagas de um coração,
Que viu surgir-lhe a descrença
Com pungitiva afflicção.

Desillusão derradeira
De promettida ventura,
Derradeira negativa
De nossa fé prematura.

J 4

Miserias da vida.

Que miserias encerra esta vida!
Que momentos se passam na dor!
Si a esperança da morte, não fôra,
Quem teria nas penas valor?!...

P'ra castigo, *Senhor*, dos culpados,
Esta vida talvez que bastasse,
Si em logar de contar-se por horas,
—Tristes horas!—jamais terminasse!..

Ninguem chore os amigos que morrem;
Ninguem gema sobre um mausoleu;
Antes sim sobre o berço do infante
Antes sobre o infeliz que nasceu!

Ver não posso innocente creança,
Sem que as lagrimas eu deixe correr;
E' que sei os martyrios da vida!...
E' que sei o que dóe o soffrer!!...

Maria do Patrocinio de Souza.

Receitas de medicos.

Assim escreveu sobre ellas o famoso poeta hespanhol Gongora;

Balas de papel escriptas
Sacan medicos á luz,
Que son balas de arcabuz
Para vidas infinitas.

Charada.

Eu denoto companhia 1
Cada um a tem comsigo 2
A outro p'ra meu castigo
Eternamente me ligo.

OUTRA.

Eu não sou faca, mas corto 3
Se gostava, assim fazia 2
Sou de muitos desgraçados
Enfermeiro de todo dia.

ANNUNCIOS.

Lopes Reis e C.ª precisam para sua fabrica de charutos na rua de S. Bento n. 6, de mulheres que saibam fazer charutos. Tambem admitte aos que quizerem aprender ganhando logo que souberem alguma cousa.

Vende-se.

Bonitas capellas mortuarias, para anjo, ramos para baptizados tudo de folhêta de prata, e vellas de cêra, diversos enfeites tambem para baptizados, promessas etc., na rua Direita de do Collegio hoje contigua á Bibliotheca Publica n.º 33.

No trapiche 2.º Andrade, vende se taboças.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.ª SABBADO 3 DE JUNHO. N. 797.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 2 de junho de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias sobre o modo barbaro e deshumano por que são castigados os escravos de um negociante morador na estrada da Victoria, especialmente uma pobre e infeliz preta que vende verduras, a qual é castigada desapiedadamente todos os dias ás 9 horas da noite. Espera-se de S. S. que, indagando quem seja esse negociante, empregue os meios a seu alcance, de maneira a corrigir tão desnaturado senhor.

—Capitão, ha certas cousas que apezar da simplicidade de que são encapotadas, me parece mysteriosas.

- Uma dellas?

—Na noite immediata a do incendio appareceu pelas 9 horas, um cavalleiro, acompanhado de um carro funebre perto d'Agoa de Meninos.

De espaço a espaço approximava-se á beira do Caes e perguntava: «quem vem la?»

Semelhante e tão extraordinaria apparição despertou suspeitas e foram chamar o Sr. Costa Valier subdelegado da freguezia.

Apresentando-se o subdelegado, dirigiu-se ao cavalleiro mysterioso e este declarou chamar-se Loyolla, apresentando em seguida uma ordem do presidente da provincia para poder desembarcar um cadaver vindo de bordo de um patacho.

—Cadaver desembarcado depois de 9 horas da noite, sendo o dia tão grande e havendo prohibição de enterramento depois do sol posto!

Admira!.....

—O carro retirou-se; sendo certo que o tal cadaver desembarcou no Caes Dourado e foi conduzido pela ladeira do Caminho Novo; que destino teve e de quem era, não sei.

—Capitão, acaba de sahir á luz um novo periodico scientifico e litterario, intitulado—*A Nova Era*, o qual é publicado mensalmente, sob os auspicios do Revm. Dr. Romualdo Maria de Seixas Barroso; é redigido pelos Srs. Costa Barros e Barroso de Souza.

Esse periodico contém vinte quatro paginas impressas nitidamente.

—Mande agradecer a seus illustres redactores a delicadeza, e participar-lhes nossos desejos de que trilhem sem embaraços nem tropeços a arena jornalistica.

—Hoje a sociedade *Bellas Artes* dará um divertimento gymnastico em seu beneficio, o qual constará dos trabalhos:—*O quadro dos artistas, Hercules e seu filho*. Depois de um intervallo de vinte minutos seguir-se-ha:—*O tambor aerio, O balanço simples*, dando fim a esse divertimento uma engraçada comedia.

Os bilhetes vende-se na casa da mesma sociedade a ladeira da Praça, na noite do espectaculo.

—Ha no becco do Funil amanhan, domingo, um acto digno de mencionar-se.

—Qual é elle?

—Arvora-se o pavilhão iniciador dos festejos do Dous de Julho, naquelle becco pelos meninos.

—E' um festejo que vae se tornando notavel pela sua regularidade e brilhantismo de todos os annos.

—A commissão directora tem se esforçado para que haja todo luzimento.

—Mande fazer as communicações do estylo a população e avisar a gente de bordo para ir assistir a essa solemnidade preliminar da commemoração das glorias de 23 no presente anno.

—E' reparavel a falta de acceio que ha no chamado asylo da ladeira de S. Francisco; tanto no estabelecimento, como nos infelizes habitantes daquelle recinto da miseria.

—Inspiram lastima.

—Não sei do que serve haver uma penna d'agoa no pavimento, si os mendigos se conservam em estado immundo.

—Os cegos e decrepitos causando, coitados! Trazem os cabellos enormemente crescidos, cobertos de immundicies e polia.

—Os chagados, e leprosos causam asco; repugna o approximar-se delles; exhalam um bafo que não parece de viventes.

—Vi á dias um pobre homem, caboclo, sahido do hospital, coberto de fistulas que fazia lastima.

—Eu entendo que a policia sob cujas vistas está aquella casa, devia exercer sobre ella algum cuidado promovendo, o quanto fosse possivel, as condições de aceio e salubridade, tirando da verba de suas despezas uma quota para certas precisões mais urgentes, como o ordenado de um barbeiro, etc., sugeitando os mendigos a um regulamento que os obrigasse a zelar do corpo e da casa.

—E fique certo que si o Dr. Freire de Carvalho continuasse na policia havia de attender a isso, porque o homem é dotado de boas intenções, e excellentes qualidades administrativas.

—Desenfreada canalha! Estupida gente!

V. tem visto o homem do—*cheguem pro café*—mercar estes dias?

—Homem, agora reflicto que não.

—Os moleques nesta terra tiveram o poder de prival-o de ganhar os meios de subsistencia.

—Por causa das vaias?

—Ultimamente deram-lhe uma horrenda pedrada que o poz doente; e o infeliz para não ser victima, creio que está deliberado a não continuar no honesto meio de que ia vivendo.

—Procedimento bastante para depor contra a boa indole de um povo. Os larapios passeiam ataviados, andam ociosos no meio de todos, livremente e garantidos; um homem que procura trabalho, é apupado e perseguido.

—Entretanto o individuo de que se trata, si bem que infeliz, é um homem honesto e laborioso, muito serio em seus tratos. Conheci-o na cidade de Nazareth negociando em assucar e gozando de bom conceito.

A PEDIDO

—Capitão, vou contar-lhe um caso importante de um sujeito morador junto a uma venda defronte de um forte onde ha *lagartixas.*

Este individuo de que vou tractar, é um homem que occupa-se em saber todos os casos, verdadeiros e mentirosos para contal-os na secretoria da *prefeitura,* onde é empregado, por desgraça desta terra.

—Mas consta que mora em um sobrado pertencente á D. Guilhermina, e que tendo feito o tracto com ella de pagar-lhe o aluguel de 16$ rs. mensaes na fazenda nacional até desembaraçar-lhe a propriedade do atrazo de decimas em que se acha, e desde o 1.º de maio de 1867 em que para alli entrou, até o presente, ainda não o fez, illudindo-a, dizendo que estava fazendo os pagamentos conforme havia com ella contractado, mas sem apresentar-lhe as quitações?

O diabo que tem duas capas, uma que descobre, teve até certo tempo, a fraude encoberta, porém agora ella deu pela melgueira, e mandando tirar em juizo as guias, viu a tractantada de que estava sendo victima por esse *pescador de agoas turvas.*

Ora, vendo ella que estava sendo victima de um engano, de uma fraude, recorreu a um advogado afim de usar dos meios judiciaes com esse cavalheiro de industria.

Entendendo-se com elle o advogado, teve em resposta que a senhora tivesse paciencia pois que tudo isso não partia senão de uma vil intriga, e que quando morresse sua tia elle a embolsaria da quantia de réis, 592$ de alugueis vencidos.

—Oh! oh! oh! O homem espera sobre-viver á tia e então com o que tiver de herdar d'ella é que quer pagar suas dividas!

Essa não é má!

—Veja um homem e uma mulher correndo pecúla!

—Aquillo é *bola.*

O sujeito *apertou-se* muito e está sovando a mulher que corre para livrar-se.

Seria com o gosto de ter chegado hoje o imperador?

Mas na baixa do Mau-fim, e os empregados da companhia não acodem!

—Os homens não vão lá se oppor ao *administrador.*

—*Era no* caso que não fizesse o que está fazendo.

—A chara metade que tanto trabalha com a preta feiticeira da ladeira das Hortas, para elle ser conservado, apezar das sinalephas do becco do Gelú, recebe em pago uma trunfada de pau!

—Si fosse em casa bem; mas correndo pelo pasto...

—Capitão, dizem que na rua onde o João Pereira vendia *contas enfiadas* ha dous velhos que perseguem a uma moça, afim de obrigal-a a mudar-se da casa onde mora?

—Deveras?

—Sim. Foram até se queixar ao subdelegado e parece que o illudiram. Um dos velhos não quer que chova e outro quer um visinho á seu geito.

—E a moça paga os alugueis?

—Promptamente, capitão.

—Incommoda a visinhança?

—Não; em casa della não ha pagodes, deboches, etc.

—Então os velhos que vão pentear macacos.

O subdelegado é homem recto e prudente; não se ha de tornar em instrumento de perseguições.

—Até breve, capitão; vou mais tranquillo.

—Preste attenção ao que está conversando, aquelle sugeito com aquelle soldado.

—Ora! não tenha eu outro cuidado....

—Ouça, sempre é bom...

.....

—«E' verdade; tem havido o diabo, nem os padres escaparam!

—«Pois tambem os padres estão soffrendo?

— Ora si!... tem havido prisões por borra! o estado maior está cheio de padres, tenentes, alferes, que já se conserva em columna cerrada.

—«E não tem tambem algum capitão?

—«Que esperança! la no batalhão não se prende capitão: só houve um exemplo; foi o Zé marotinho, esse porque bebia muito, e não era da *terra*.

—«Então lá ninguem bebe?

—«Que pergunta! não é só por beber, é que o bicho era maroto.

Si fosse por beber, então o negocio era outro. Tem la muita gente que bebe; um sugeito que chamam-lhe—Capitão macho—é uma lastima!... toma cada uma!... Isto quanto a officiaes; agora com os soldados, é só feixar o portão, tocar a musica e rola o pau!... sae cinza!

—«E não se forma o conselho peremptorio?

—«Qual!... hi! adeus... ahi vem o homem grande....

.....

—«E que tal? não é bom ouvir-se?

—«E' sim; porem será certo o que diz este marreco?

—Homem... é bom dar pela metade.

—Pois bem, vamos ver, o que for soará.

—Capitão, vou lhe contar um caso digno de sua apreciação.

—Encontra-me prompto a ouvil-o.

—Havia nesta cidade um velho postilhão que tinha umas filhas, e uma dellas menina de 13 annos de edade, era afilhada de um conego.

Tendo o velho de retirar-se para o centro, afim de dedicar-se a lavoura, por lhe ser um meio mais facil de ganhar o pão para sua subsistencia e de sua familia, o conego pediu-lhe que lhe entregasse sua afilhada, pois que queria educal-a.

Vendo elle que o tal conego, além de padrinho da menina, era ministro da religião do Deus de bondade e de charidade, nada teve a receiar e entregou-lhe sua innocente filhinha.

—E depois.....

—..... eis que apresenta-se a menina dentro de casa de *hydropisia de nove mezes,* proveniente da *charidade* que seu padrinho, ministro de Christo, lhe havia feito.

—Eu já ouvi contar essa historia, ha muito tempo, reprovando o procedimento d'esse devasso e immoral *conego,* que em logar de ministro de Christo, era aliás ministro de Satanaz, pois não era essa a primeira virgem a quem elle deflorava.

—Mas quem lh'a contou?

—Foi o finado *Henrique,* intimo amigo do *Souza,* morador no *Cruzeiro do Santo Seraphico.*

—Pois talvez esse caso seja outro muito differente.

—Então diga-me o nome desse conego hypocrita?

—V. Ex. com um *brandão* accêso, e de joelhos aos meus pés, ha de permittir que lhe conte o milagre sem lhe dizer o santo que o fez.

—Não é de joelhos a seus pés que o hei de saber, é exigindo, segundo o poder que tenho e o direito que me assiste, ou aliás obrigando-o a dizer-me o nome desse devasso que se fosse hoje seria trazido a minha presença, afim de ser punido severamente!....

—Isso é que tinhamos que ver.

—Pois bem: veriamos.

Au revoir.

ANNUNCIOS.

Escravo fugido.

Será recompensado quem pegar e levar á rua dos Capitães n. 53 ou na cidade baixa ao escriptorio de José Caetano Ferreira Espinheira e C^{a}. n. 16 rua das Princezas, o escravo por nome Jeremias, acabocolado, cheio do corpo, 10 a 12 annos de idade, prosista, cabello bom, mais á escovinha; é natural de Propriá (Sergipe.) Protesta-se severamente contra quem o tiver acoutado.

Bahia 1 de Junho de 1871.

THEATRO DE S. JOAÕ.

PRIMEIRO ESPECTACULO DA

COMPANHIA KELLER

PRIMEIRA PARTE.

Ouvertura pela orchestra.
1.º—TRIUMPHO DE GALATHEA (de Raphael) organisado para o theatro por Keller.
2.º—**A fome**, grande scena mimica executada pela familia Keller.
3.º—**A batalha das Amazonas** sobre a fonte de Troya composto por Keller.
4.º—**A chuva de ouro**, grande quadro phantastico, composto por Mme. Keller.
5.º—

HUMAITA OU O BRASILÉIRO PRISIONÈIRO

ENTRE OS PARAGUAIOS.

Grande scena patriotica expressamente composta por Keller e dedicada a nação brasileira.

PERSONAGENS.

O Brasil, Emilia Keller.—Patriota brasileiro, prisioneiro entre os paraguayos, Keller. —Commandante paraguayo, Jayme.—Sargento paraguayo, Domingos.—Carcereiro, Manuel.—Soldados paraguayos, etc.

Nesta scena haverá mutação na qual apparecerá S. A o Sr. conde d'Eu á cavallo

SEGUNDA PARTE.

Os grandiosos

QUADROS DA PAIXÃO

1º—A Elevação.
2.º—Ultimo suspiro.
3.º—O Descimento.

TERCEIRA PARTE.

Finalisará o espectaculo com a graciosa pantomima comica, com transformações magicas, intitulada:

O TANOEIRO E SEU APRENDIZ OU O HOMEM ESPEDAÇADO.

PERSONAGENS.

O Tanoeiro, Keller.—Seu aprendiz, Antonio.—Juliano, noivo. Domingos.—A filha do Tanoeiro, Maria.—A protectora do amor, Emilia Keller.—Cupido, V. Keller.—Um criado, Luiz Keller.—A feiticeira, Julia.

A COMPANHIA KELLER, tendo a honra de annunciar ao respeitavel publico deste logar, os seus trabalhos, assevera que as funcções, que exibir compor-se-hão dos mesmos quadros que foram representados em presença das authoridades superiores ecclesiasticas em Roma, na Europa, como igualmente em todos os paizes da America do Norte e do Sul, e no Rio de Janeiro com a honroza assistencia de S. M. Imperador e Imperial familia por mais de vinte espectaculos; Rio Grande, Pelotas, Porto-Alegre e S. Paulo, onde os trabalhos artisticos do Sr. Keller mereceram uma medalha de ouro; no Juiz de Fóra com assistencia do Exm.º e Rev.º Sr. bispo de Marianna e ultimamente em Campinas com assistencia do Exmº. Sr. presidente da provincia de S. Paulo.

1º os documentos authenticos estão á disposição do publico em casa do Director.
O dia do espectaculo será annunciado pelos cartazes do estilo.

Pede-se ao Sr. Gomes Macario de Siqueira o favor de ir a venda nº. 109 ás Mercêz para tratar de negocio de seu interesse.

Sobrado n. 3 rua das Princezas preciza-se de officiaes charuteiros.

Typ. de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.ª QUARTA-FEIRA 7 DE JUNHO. N. 798.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 6 de junho de 1871.

Officio ao Illm Sr. subdelegado da Penha, para que informe com irreplicavel urgencia qual a razão por que tendo Clemente de Santa Luzia, assignado nessa subdelegacia termo de obrigação de casar-se dentro de tres dias com a menor Adelia Lisboa, a quem raptou e deflorou, não se tem até hoje realisado o referido casamento, vindo assim a parecer como que proposito em fazer passar o declicto sem a devida reparação, o que seria uma iniquidade. Cumpre pois que S. S. informe quaes são os obstaculos que se antepõem a semelhante casamento afim de que o commando deste navio procure removel-os, no interesse de arrancar uma victima á perdição.

—Ao Illm.Sr. subdelegado de Santo Antonio, para que informando-se do que se passa em uma casa de jogo á rua dos Adobes, como no sabbado, em que houveram luzes apagadas, facas fora, cacetadas etc., dê as providencias necessarias, para que não continuem semelhantes sarceiradas que não acontecem uma vez por acaso, e são de muitos *dias*, originadas pelo *candido* e singello divertimento do jogo.

—Cada dia vão se dando novos casos que demonstram á não restar duvida a falta de segurança que ha.

Hoje quem transita á noite, deve esperar á cada passo uma aggressão, um assalto.

—Entretanto a assemblea provincial entendeu que era preciso diminuir a força policial.

—E' tal a falta de temor nos malvados e alarmistas, que nos logares publicos, nas ruas mais transitadas, nas horas de mais concurrencia, é que vão perpetrar attentados.

Na sexta feira pelas 7 horas da noite, subindo a ladeira da Misericordia os Srs. Jose Coelho Gomes, caixa da casa commercial de Emiliano, e Esmero Brandão estabelecido com pequeno negocio á cidade baixa, foram assaltados por tres individuos armados de cacetes e punhaes que se achavam emboscados na cavidade do arco que ha no segundo lance da ladeira.

Coelho Gomes recebeu uma cacetada que o prostrou e fez-lhe profunda brecha no craneo, em quanto Esmero debatia-se com outro braço a braço.

Aos gritos dos aggredidos, acudiram o capitão Santiago, superior do dia, o individuo de nome Barroso com cavallariça na mesma ladeira e outras pessoas. que conseguiram a prisão de um dos aggressores, Manuel Cardoso, talhador de carne no mercado de Santa Barbara; pondo-se em fuga os outros dois que se suppõe serem João Figurino, alfaiate, e Manduca, barbeiro; alem de um terceiro de nome *Xixi*, que apresentou-se no conflicto armado de navalha, tomando a defeza dos referidos aggressores.

—Então queriam roubar?

— Presumem uns que sim, em consequencia da ser Gomes caixa de uma casa de commercio e Esmero ser acostumado a trazer para casa todos os dias o dinheiro da vendagem do seu giro; outros dizem que foram simplesmente effeitos de uma solemne borracheira que tomaram. Como coração de homem é terra onde ninguem passeia, não se póde ao certo saber a intenção daquelles indomitos valentões.

—Diabo leve semelhante bebedeira, si é que foi.

—Em todo caso, si a lei não é de todo burla, creio que os maganões estão bem recommendados.

—Ao menos para exemplo.

—Eu ja não me admiro que dois individuos tendo uma rusga na sexta-feira á noite, em logar muito distante, escolhessem o largo do Terreiro para decisão da contenda, ponto de reunião da força publica que policia, a freguezia da Sé.....

—Interrompa-se; ao Terreiro costumam brigar os moleques.

—..... e que ahi se atracassem, esbagaçassem, e jogassem as cajadadas com viração, sem que um só dos soldados que se sentam em baixo das arvores, se levantasse para tomar conhecimento do perluvio.

E digo que já não admiro porque no sabbado eu vi no Gravatá dois soldados de policia a se estrafegarem como dois cães furiosos, ao passo que outros tres viam e applaudiam o bello feito; até que em fim um dos gladiadores desarmando o contendor o poz em fuga, conservando como tropheu a arma do vencido que agitava nos ares e feria lume nas pedras.

— E depois o que fizeram?

—Os quatro sahiram em estrepitosa pandega a gritar e a bradar.

— Cordata gente!

—E o mais é que o vencedor dava mostras de quem estava disposto a emendar suas proezas com outro qualquer da sucia, porque bradava « *eu sou negrinho bom* » e acompanhava essa estrophe com um refresco de refle nas costas de qualquer um dos companheiros.

Na embocadura do Caminho Novo estacou uma patrulha do corpo, de volta á meia noite, da ronda.

—Como é bello tudo isto!

—Eu confesso que tive meus receios de atravessar por onde estavam os vigilantes agentes da ordem, porque não queria pagar as favas que o asno comeu.

—Na sexta feira por uma hora da tarde, pouco mais ou menos, ouvia-se gritos de aqui del-rei, no becco sem sahida, denominado do Galleão, á rua dos Capitães.

—E o que era?

—Passei a indagar e soube que foi o crioulo João Maria, morador á Preguiça, que fizera pequenos ferimentos á ponta de faca em Miquelina Prancisca de Jesus, parda, filha de Maria do Nascimento de Jesus e amasia d'aquelle.

—A razão sabe?

—Disseram-me que o *cujo* querendo recordar a data de seu amasiamento, e ella recusando se, entendeu amedrontal-a com a faca que levava.

—E' facto de pouca monta.

— As arvores do Terreiro estão destinadas a cobrir com seus galhos a pratica de muita scena immoral.

—As quaes se reproduzem nas portas dos templos igualmente.

No domingo, antes de meia noite, estavam um homem e uma mulher *singellamente* sentados embaixo da penultima arvore, quem vae para a rua das Laranjeiras, em quanto na porta de S. Domingos havia outro par que por innocente espirito de imitação, arremedava as acções daquelles dous viventes que lhes ficavam a alguma distancia fronteiros, celebrando suas *confidencias* á luz da lua.

—A policia tem obrigação de não consentir taes ajuntamentos.

—A policia nessa noite tambem fazia sua perna; em baixo do palanque, sobre um banco, havia um terceiro grupo; era um agente policial com sua *ella*, que viera ajudal-o a passar os rigores de uma noite de insomnia, vigilando pela ordem e segurança.

—Parece impossivel a ligeireza. e subtil astucia de que são dotados os agentes do olho-vivo.

—Os mais notaveis prestidigitadores não lhes levam a palma.

O negro *Vapor*, braço direito da companhia, agente conductor e *taipa*, entrou no dia 2 do corrente pelas sete horas e meia da noite no armazem pertencente ao Sr. Vasconcellos, á rua das Pincezas.

Havia um famoso quejo, de peso de mais de duas arrobas, de dous unicos daquelle tamanho que vieram no paquete.

Vapor embellezado pelo queijo, não teve mais trabalho do que aproveitando-se de um momento de descuido, pol-o na cabeça e seguir viagem.

Não poude porem chegar a salvamento por que o cruzeiro policial deu-lhe caça e levou-o a reboque para o presidio da Correcção.

—Na quinta feirá dará a sua primeira representação a companhia Keller.

—O emprezario dessa companhia, confiado na phylantropia dos bahianos, espera ter grande concurrencia.

—Na segunda feira desabou sobre a propriedade n.° 12 da rua dos Ourives, o muro que existe sobre a encosta da montanha pelos fundos da cathedral; successo á que deu causa, não ter o referido muro solidez bastante para resistir ao peso da quantidade de terra que se desprendeu da montanha com as chuvas dos ultimos dias.

Parte da propriedade ficou estragada pelos fundos.

—Podo-se dizer que por milagre escapou de ser victima uma crioula; soffrendo apenas leve encommodo.

Compareceram no logar o presidente da provincia e outras authoridades.

—Deus queira que tal acontecimento des-

perte a precisa prevenção e cuidado, afim de evitar desgraças mais lamentaveis.

Tambem o muro do gazometro se dizia que não havia perigo e ao depois foi o que se viu.

No dia 4, a corporação dos artistas alfaiates solemnisou o 1° anniversario do ensaio para a creação de uma sociedade de soccorro mutuo.

Depois da missa cantada na egreja dos franciscanos, seguiu-se a sessão magna na casa n.° 7 á rua de D. José, para isso decorada convenientemente e ornada com docel, tendo a effigie de S. M. o imperador.

A sessão foi presidida pelo Sr. Joaquim Casssiano Hyppolito, a convite da corporação.

Oraram, demonstrando a conveniencia de associações de beneficencia os Srs. José Roques Pinto, presidente da corporação, Lucio Casimiro da Fonseca, Joaquim Cassiano Hyppolito, presidente do acto, Francisco José Correia Junior, Ragosinio Pereira da Rocha e professor Mangabeira.

Uma orchestra bem dirigida executou nos intervallos dos discursos harmoniosos pedaços de musica

O concurso foi numeroso.

Praza a Deus que os alfaiates unindo-se, levem a effeito a creação de uma sociedade de soccorro mutuo, que lhes é de necessidade palpitante.

—Capitão, aqui está uma publicação que remette o Sr. Pedro Augusto da Silva, juiz da irmandade de S. Benedicto.

—Fica adiada para outro numero, em consequencia de não haver mais espaço no presente.

—Capitão, venho lhe communicar o que vi.

—So tenho a lhe recommendar brevidade e exactidão.

—Observarei pontualmente.

Passando no domingo pelo Pilar, vi na porteira de uma casa, uma rapazito enormemente desfigurado.

—Impressionou-o, não?

—Muito. E ainda mais por me dizerem que eram queimaduras.

—Pretende que eu tenha tambem o dom de sarar os enfermos, e curar os aleijados?

—Não sou louco nem visionario.

—Mas então a que vem?

—Não seria possivel uma sindicancia que explicasse si aquellas terriveis queimaduras eram effeitos de algum fatal successo, ou mais alguma cousa?

—Como se interessa V. pelos soffrimentos dos outros!....

—Era somente para arredar qualquer duvida.

—Pois vá ao subdelegado, èxponha-lhe o facto, indique-lhe a casa, que elle tratará de verificar.

—A casa é entre a do vigario e uma outra.

—Vá e nada de mais palanfrorios.

VARIEDADES.

ENTRE UM ESTUDANTE, UM SOLDADO, E UMA RAPARIGA.

Estudante—Ja não posso aturar mais
Essas maçantes lições,
Os meus olhos são um lacre
Por tantas lucubraçõ es;
Logo que se derem ferias,
Dos livros farei tições.

Ainda que um boi eu coma,
Magro sempre me hei de achar!
E vai-se o dinheiro em livros,
Que me vem atormentar;
Tomára eu que as ferias
Allivio me venham dar...

Soldado—Que é la isso, rapazolas
Está da vida a se queixar!...
E' de contente que falla,
Pois gamenho o vejo andar;
Eu sim—que boas razões
Tenho para exasperar.

Guardas, rondas e patrulhas,
Exercicio amuxilado,
Sempre revista e piquete,
—E' a vida do seu criado—
Estou sugeito á chibata,
Até a ser fuzilado.

Ora metta aqui o dedo...
Não tocou no espinhaço?
E' por só comer inhame,
E pão velho com melasso.
E você se lastimava
Por estudar!... que madraço!

Estud.—Mas você para a chibata
Já nasceu, e p'ra a aspereza...

Sold. — O que diz? pois não nascemos
Todos iguaes sem grandeza?
Moço, a sorte é quem nos faz
Soffrer da vida a crueza.

Olhe aquelle que passa
Todo á côrte, e com commenda;
Conheci-o n'outro tempo
Como caixeiro de venda.—
Vêja aquelle figurão
Que passeia em seu carrinho;

Em certo tempo—alçapão
Armava p'ra passarinho...

Olhe agora para a côrte,
P'ra assembléa—mas chiton!
Sou soldado e muito temo.
Encontrar meu Cabrion:

Estud.—Tem razão, Sr. soldado,
Reconheço ter talento;
Por dar-me quinau dobrado;
Sou um cabeça de vento;

O patronato, é verdade,
E' só quem rege a nação.
Ja na Egreja e no paço
Até mesmo entre o peão.
Estou p'ra me examinar,
E não sei como hei de obrar.

Mas que vejo! oh! uma moça
Por este logar—sosinha....
O que faz aqui, senhora?
Quem procura, sinhasinha?
Não tema, falle, ninguem
Lhe offenderá, alma minha!

Sold. — Com mil bombas e baionetas,
Ella é bella, como Anninha,
E' a mim—a quem procura,
Minha cara bonitinha?
Faça de mim seu chinello,
Seu sacco de pôr farinha!

Ambos —Falle, diga, sem demora
Qu'intenta neste logar,
Seja breve, seu silencio
Ja nos faz atormentar!
Coitadinha, tem tal medo
Quem nem póde ja fallar.

Moça. —Porque intentaes, senhores,
Meu coração prescrutar?
Sou desgraçada, meus males.
Jamais se hão de acabar.

Estud.—Continue, Sinhasinha,
Pois que muito interessaes,
Por accaso estaes doente,
Ou então a quem amais?

Moça. —Sem paes—vivo de costura,
Vida triste e affligidora;
Quebro a linha, espéto o dedo
Soffro chasques da *senhora.*
E p'ra mais me atormentar,
Meu amante—foi-se embora.

Sold. — E que tal é o conselho!
Tres ja são a se queixar...

Estud.—Amigo, aqui sobre a terra
Quem não s'hade lastimar?
Por mais que tenham os homens
Sempre hão de desejar.

Sold. —E quem muito alto subir
Maior queda ha de levar.

Moça. —Senhores, deixem-me ir,
Pois tenho que trabalhar.

Sold. —Não hade, minha pequena,
Sem um lundú se dansar;

Estud.—E' logico... ao menos disfarça
O que vimos de fallar—

Moça. —Senhores, eu ja perdi
O mechanismo da dança,
Qualquer requebro que dê,
Por menor, logo me cança.

Estud.—Vejam só... isso é modestia....
Ora vamos começar,
E você, Sr. soldado,
No barretão vá tocar.

Moça. —Acceito, com a condição
De cedo me retirar.....

Estud.—Antes de tudo, meu anjo,
Já não posso me calar....
Me diga, falle depressa—
Voto d'amor quer me dar?

Sold. — A mim, dona, sou valente,
Que venho de triumphar
Na campanha, onde inimigos,
Como moscas—fiz matar....
E' á quem sua pessoa
Deve toda confiar.

Estud.—Sinhasinha.... olhe, minha arma
E' o livro e a intelligencia,
Tudo isso eu offereço
A você, minha excellencia,

Moça. —Senhores, estes doestos
Fazem perder a paciencia....

Sold. — E' o fado.... sou calouro
Não se ha de mais dançar?

Estud.—Hoje não, que já é tarde,
Tenho muito que estudar....

Moça. —Obrigada, Sr. doutor,
Mostra ter educação....
Venha agora por favor
Me acompanhar.... não quer não?

(*Vão-se.*)

Sold. — Está bem bom.... elles marcham
Eu fico de sentinella,
Olhem que os taes doutores
São gente de embaçadella....
Principiou a se queixar,
E lá se foi regalar!

Meia volta, que remedio....
Andemos para a revista,
Deixa-te estar, estudante,
Que eu hei de te andar na pista....

ANNUNCIOS.

O Sr. José Romão da Silva tem um debito nesta typographia.

Sobrado n. 3 rua das Princezas precisa-se de officiaes charuteiros.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.ª SABBADO 10 DE JUNHO. Ns. 799—800.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 9 de junho de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Victoria, de novo pedindo que lance suas vistas sobre a tasca de vender caxaça e refrescos, situada nos fundos da roça de uma viuva, na qual se reune gente de pessimo calibre que pratica toda sorte de desenvolturas, sendo o dono da referida tasca o principal motor do que nella se passa. A' vista das reiteradas reclamações, espera-se que S. S. fará de uma vez cessar semelhante foco de immoraes orgias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, indicando-lhe como optimo aspirante a marinha imperial, um desastrado menino, filho de uma tal *Chiquinha do peixe*, moradora ao Desterro, o qual tem a *louvavel* habilidade de introduzir-se a noite pela roda da portaria das freiras de Santa Clara e penetrar do lado de dentro para *gatunhar* as verduras, fructas e outros generos que as quitandeiras, que vendem n'aquelle logar costumam alli guardar, dando-se o caso de no dia 26 do passado ser o melcorio pegado dentro da ratoeira.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio, para que tome debaixo de sua vigilancia os pacificos, comedidos e honestos habitantes de uma casa á rua da Quitandinha, conhecida pelo nome de *casa dos tambores*. Espera-se.

—Ao Revm. Sr. padre mestre prior do convento do Carmo, ou a quem suas vezes fizer, para que faça cessar o reprehensivel e provocador costume de alguns estudantes que das janellas do referido convento cospem e atiram pedras e bagaços em quem passa, procedimento este irregularissimo e improprio do logar, pelo que espera-se que sejam tomadas medidas que façam desapparecer.

Portaria ao Sr. Mendes, morador á ladeira da Conceição do Boqueirão, dizendo-lhe que á vista da reclamação, muito attendivel de diversos moradores, os quaes se queixam de que suas familias vivem assustadas e privadas de irem a seus quintaes por causa do dous ferozes cães que possue S. m., os quaes passando para os mesmos quintaes, investem sobre as pessoas, chegando o terror a ponto de em muitas casas as senhoras trazerem continuamente as portas dos quintaes fechadas; determina-lhe o commando deste navio que traga S. m. os referidos cães acorrentados, visto como so em quintal fechado é permittido ter soltos esses animaes bravios; o que deve ser restrictamente observado, sob pena de empregar-se como meio correctivo as infalliveis bollãs. Cumpra.

—Endemoninhados moleques! Que indole perversa de desastrados!

—Não é nada, causaram ao pobre homem um prejuizo de 24$ rs.

—Alèm do que ia ganhar; com a pedrada o bombo furou de lado a lado e está impossibilitado de tocar.

—Que propensão para fazer mal!

—Estão alli dizendo que dos tres capêtas um é da casa do Dr. Pedrosa e dous da do Rodrigues.

—Como não ha patrulhas na cidade, muitos tayerneiros abusam, e contra o disposto nas instrucções policiaes de 18 de janeiro de 1864 conservam as vendasabertas até muito depois das horas.

—Na freguezia da Se especialmente; ha dellas que ficam abertas até as dez horas da noite,

—Pelos fiscaes não lhes acontece mal.

—Mas pelo Dr, chefe de policia, estou bem certo que logo que lhe conste expedirá medidas para que a infracção não continue impunemente.

—As 4 horas da manhan de sexta feira deu-se um grande terremoto.

Abateu parte da ladeira da Conceição descambando para o lado da montanha.

—Dizem que a catastrophe foi devida a falta de solidez na base da calçada por ser esta assentada sobre entulho de terra solta na altura de quarenta palmos.

Os enormes pedregulhos e parte da muralha que rolaram causaram grandes estragos nas propriedades da rua da Preguiça.

—Vidas humanas?

—Não ha nada a lamentar; houve a precaução de fazer mudar os moradores.

—Seria desproposito pedir a authoridade toda vigilancia e cautella para a muralha da praça de D. Izabel?

—Creio que não. Toda prevenção é pouca, quando se tracta de casos desta ordem, e foi isso que dictou o digno subdelegado da Conceição da Praia a pedir providencias antes do successo, como se vê do seguinte officio ao Sr. Dr. chefe de policia;

«Illm. Sr.—A muralha que se fez para amparo das terras e entulho que formaram a nova obra e ladeira da Conceição por sua má construcção, visto que lhe faltam solidez e o necessario arrampamento na base para suster o grande peso das obras e ruas que assentam sobre ella, está prestes a desabar, por que rachou de uma á outra parte onde ha maior peso, a começar muito junto do ultimo lance que tem de formar a nova rua de communicação com a ladeira da Misericordia. Si se não der ja uma providencia prompta e segura, qualquer chuva mais a fará cahir até o solo onde terminam as rachas, e essa queda desmoronará sem duvida alguma os predios que lhe ficam inferiores, a cujos inquilinos por isso acabo de fazer intimar para mudar-se quanto antes, sendo tambem muito de receiar dos proprios fronteiros que hão de soffrer com o desmoronamento d'aquelles, em virtude do grande choque que receberão pela altura em que se acha tal muralha, cujas sapatas apenas tem 2 palmo de largo.

Assim, pois dou de tudo parte a V. S. para que em sua sabedoria se sirva de deliberar como melhor entender e o caso exigir.

Outro sim, devo igualmente previnir a V. S. que o predio da extincta companhia Predial, sita á ladeira da Preguiça e contigua ao do commendador Pedroso, está vindo abaixo a cada momento, tendo já as paredes e repartimentos internos quasi todos cahidos e quebrados pelo abandono em que ficou e sujeito a grande humidade que recebe pelos fundos.»

—Pelo que dizem os pobres soldados passam vida de cachorro de roça!

Onze libras de assucar para 363 praças!

—Que fartura!

—O café assemelha-se á agoa de segunda lavagem de caranguejo.

—Faz-se de duas qualidades: uma pequena porção em vasilha reservada para amostra e no resto o café passa tres legoas distante.

O feijão é uma aguadia, com algumas duzias de caroços enceruados.

A farinha é mofada e preta.

A carne é perfeita lazeira!

—Assim pode ajuntar-se dinheiro.

—O soldado não pode comer e corte fome; quando se queixa, apanha.

—Além dos estragos já mencionados pela imprensa diaria, causados pelas chuvas abundantes destes dias, ha mais a accrescentar que na quinta-feira abalou uma porção de terra do monticulo sobre que está edificado o hospital da Ordem 3.ª de S. Francisco.

—Capitão, o subdelegado do Pilar já syndicou o caso do moleque queimado.

—Ora estimo.

—E verificou-se que o successo foi casual.

—E' o que se quer.

—Na quinta-feira Manuel Pinto Martins, dono da fabrica de sabão e velas de carnaúba ao Pilar, apresentou na subdelegacia o crioulo de 15 annos Generaldo, o qual ha mais de 15 dias descendo uma escada com um balde de carnaúba á ferver, acontecen tropeçar, cahir e queimar-se.

—Quando deixará o soldado de ser uma machina volante tangida á força de pau?

—Dizem que o castigo corporal na classe militar é uma necessidade por bem da disciplina.

—Erro palpavel. O castigo que avilta, não corrige.

—E' revoltante! Um cidadão egual a todos, de ser esbulhado de seus direitos sociaes desde a hora em que veste a farda militar!

—Diz bem; o castigo corporal no soldado é ante-humanitario e ante-social.

Entretanto falla-se muito que no 14 batalhão os castigos são em excessos rigorosos e muito amiudados.

Ainda hontem ouvi dizer que nos dias 6 e 7 foram castigadas diversas praças entrando uma dellas para o hospital quasi moribunda; que ha poucos dias fôra castigado uma outra por um pretexto qualquer, porém que o verdadeiro motivo fôra não querer submetter sua dignidade de homem, cedendo á exigencias libidinosas de um official. Si isto que dizem é exacto, não sei; mas o que é real é, que castiga-se constantemente.

—E para que os gemidos dolorosos dos que apanham não echoem fora das muralhas da fortaleza, manda-se que a musica toque estrepitosamente afim de abafar os lamentos pungentes daquelles martyres.

—Homens briosos que acabam de mostrar na guerra tanto valor e denodo são flagellados com um castigo que humilha e não emenda, avilta e não corrige!

—Para que esse rigorismo? para que essa deshumanidade, com homens que tanto servem ao sol, á chuva, mal comidos, mal vestidos, mal dormidos, e que nenhuma recompensa recebem em quanto as outras classes ou seus mesmos chefes são tam bem aquinhoados?

—O soldado quando morre nada lega a seus filhos, ao passo que esses inculcados servidores do paiz deixam pensões, titulos, garantias, immunidades etc.

—Em nome pois dos principios de humanidade erga-se um appello aos Exms. Srs. presidente da provincia e commandante das armas invocando-lhes seus espiritos de rectidão para que façam de alguma sorte minorar tanto rigor, como se diz que é praticado no 14.º batalhão.

—Em um cidade melhor policiada a postura municipal n.º 38 não seria lettra morta.

—Qual? diz ella?

—Prohibe que transitem pelos passeios pessoas que conduzem carregos.

—Na verdade incommoda.

—Pretos e pretas atravancam os passeios e alguns até fazem delles quitanda, sentando-se nas portas e arrumando seus *cacarecos* de vendagem sobre os mesmos.

Si chove, é obrigado o transeunte a cedel-os á preta de taboleiro ou ao ganhador de cesto sob pena de levar alguma encontroada.

—E não ha a quem reclamar, porque os fiscaes não dão apreço a ninharias de tal ordem.

—Veja como um padre accusa do pulpito a Jesus Christo pelo que os homens praticam ca na terra.

«O padre Tomasio, da companhia de Jesus, n'um sermão de quaresma, apostrophou desabridamente a invasão de Roma, e, n'um impeto de indignação virou se repentinamente para um Crucifixo que lhe ficava ao lado e exclamou:

« *Tu ne sei lunico colpevole!* (só tu tens a culpa disto) porque não devias consentir em taes profanações!.....»

—Os soberanos da terra não teem responsabilidade de seus actos; Aquelle que fez o ceu e a terra, é accusado como culpado por um ministro de sua religião, pelos effeitos das paixões mundanas!

Si outro qualquer vivente, que não fosse um padre, proferisse semelhante asnatica blasphemia, seria logo taxado de impio. sacrilego, e herege e riscado da comunhão dos fieis.

—Tão singular accusação devia ter produzido grande effeito no auditorio.

—E é provavel que o mesmo Deus á esta hora se tenha submettido á severidade da regra jesuita e se tornado instrumento da politica pharisaica daquella ordem.

Ah, corja de embusteiros!...

—Capitão, tenha á bondade explicar-me o seguinte:

Em toda parte recebem-se valles como dinheiro até mesmo nas repartições e como é que as moedas de dez réis antigas estão sendo recuzadas? E ainda não ti deliberação alguma do governo para que não se receba.

Como as Sras. ganhadeiras, vendelhões e guardas dos chafarizes, não querem recebel-as, eu vou a thesouraria trocar algumas que tenho recebido em meu negocio e quero ver o que me dizem, pois que não devo perder.

—Está no seu direito, e quando voltar me dirá do resultado.

—Na quinta-feira depois de terminado o espectaculo foi aggredido no largo de S. Bento por tres individuos, um homem, que bradou por el-rei de França, o que lhe aproveitou alguma cousa porque os aggressores assustados não se demoraram muito.

O sugeito é negociante, pede porém que se lhe omitta o nome.

—Elle que pede é que tem suas razões.

—Devido á raptura no encanamento que conduz as agoas do Queimado para abastecer a cidade, foi alagada uma casa na rua da Preguiça na madrugada de quinta-feira, passando as agoas para a venda contigua e sendo de tal impetuosidade os esguichos que vinham sobre quem passava na rua.

—Capitão, queira chamar a attenção da authoridade competente, para uma sucia de mendigos e vagabundos que se acoitam em uma espelunca na 1.ª secção da ladeira da Misericordia, trazendo constantemente a visinhança atropellada com incommodos e infernaes sambas.

Na noite de sabbado para domingo *serrou o tempo* logo muito cedo, e no seu: «*ou Maria Thereza, toma lá teu pedaço,* e n'um descompassado «*redondo, sinhá*» pintaram a manta.

Era uma hora da noite e eu não podendo pregar olhos, resignava-me á dura sorte quando suspenderam a folia para tomar *folego,* e do leito onde me revolvia, ouvia dizer o seguinte:

«Isto é que é lugá que se pode brincá, não « tem patruia, não tem nada. Uma feita pulo « S. João, agente vadiou, de noite a dia e de « dia a noite por berra.

«Arriba o samba! redondo sinhá.»

E continuou a orgia até de madrugada.

—Meu charo, mendigo hoje é officio; muita gente ociosa, capaz de trabalhar, vive de illudir a charidade publica; ha mendigos que comem e bebem á larga, pagodeam, teem moças á custa de esmollas.

—Não diga brincando, capitão; o Seraphim, cego que esmolla nesta cidade, furtou á poucos uma moça de casa no districto de Santo Amaro; é verdade que casou se com ella.

—Capitão, ouça-me por um momento.

—Com muito gosto.

—Vou communicar-lhe um facto, cuja veracidade não estou habilitado a garantir, si bem que o ouvisse de bocca de quem o pode contar.

—Principie.

—Falla-se por ahi que á cerca de quinze dias mais ou menos fôra atroz e aviltantemente castigada pelas irmans de charidade, no hospital da Santa Casa, uma infeliz menina, que pertencera ao recolhimento de S. Raymundo e viera servir no dito hospital; que apezar dos dias decorridos, existem no corpo da castigada as sevicias do castigo.

—Sendo assim, basta somente endereçar sua communicação ao Dr. chefe de policia.

—Nesse caso, deve V. Ex. invocar ao intelligente magistrado toda minuciosidade de que a atilada perspicacia de S. S. é capaz. Confrontação da identidade, indagação no recolhimento etc., não porque eu suspeite que dos puros corações das filhas de S. Vicente, sejam capazes de brotar sentimentos de atrocidade e muito menos a idea de uma substituição, porém sim para que fique o negocio bem patente.

—O que ainda mais exalçará a pureza d'alma de tão santas mulheres.

—Agora, de uma via farei dous mandados.

Dizem tambem que ha um mez existe aferrolhada em um quarto escuro, uma mulher de cor trigueira, que entrára para o hospital enferma, e que incorrera no odio das irmans á pretexto de desobediencia, pelo que acha-se constrangida e mortificada nessa prisão illegal. Dizem que a doente fôra da clinica do Dr. Silva Lima, o qual está persuadido que ella ja teve alta.

—Nos Trilhos Centraes deu-se uma catastrophe quinta-feira. Um indiviuo foi esmagado pelas patas dos animaes.

—Capitão, pedaços da historia do famoso feiticeiro Juca Rosa.

Muita gente que accredita nessas bugiarias reflicta os perigos a que se expõe.

.....

Antes de entrarmos na descripção dos factos apresentados na 2ª delegacia de policia perante o solicito Sr. 2º delegado Dr. Miguel Tavares, deteremos os leitores em alguns pontos alli não exhibidos e que talvez o não sejam por ignorados. Não apresentamos os nomes proprios por nos ser vedado, mas interrogue a policia o criminoso e as victimas apparecerão. Vegeta por ahi um homem, um intelligente moço que, ainda que novo, era chefe de uma numerosa familia a quem sustentava com o producto do seu suor vertido nos trabalhos de uma importante repartição publica.

Este infeliz dedicára-se á uma mulher por quem se tornou loucamente apaixonado. O peito era-lhe uma cratéra vomitando fogo, o cerebro uma parabola que não cessava de confundir-se no labyrintho de ideas, que se complicavam sempre que se lembrava de que não era por igual correspondido pelo objecto unico de seus doirados sonhos.

Ebrio de amor, sentio cravarem-se-lhe no coração os espinhos da ingratidão e foi consultar um feiticeiro. Este escutou-o, colheu quanto lhe podia ser util ao exercicio de sua *profissão* e deu galantes esperanças ao desditoso namorado, afiançando-lhe que alcançaria o que pretendia, uma vez que se prestasse a fazer uso de umas *innocentes bebidas,* que lhe ia preparar.

Alcançar a estima e o amor d'aquella por quem escravisára suas proprias acções, todo o seu sêr, era o seu unico enlevo. Aceitou... teve a fraqueza de não duvidar do poder que se arrogam esses miseraveis negociadores da inexperiencia humana e fez uso das bebidas, de fricções e de tudo quanto esse industrioso verme lhe preparou!...

Pouco tempo mediou entre o principio da cura á apparição dos effeitos... Em breve o chefe de famalia, o filho e irmão extremoso, o empregado publico respeitavel, o cidadão probo não era mais que um louco!... Tinha perdido a razão!...

Após profunda sensação entre os que conheciam o infeliz, nasceram as suspeitas da familia, e um seu irmão, fazendo cercar a casa mysteriosa, apprehendeu tudo... e descobriu-se então a verdade! O feiticeiro dera *laudano* em pequenas dóses ao infeliz para *attrahir a sympathia* d'aquella a quem amava, assim como solução de *páo de Guinè*, quando uma e outra cousa só produzem o enfraquecimento da intelligencia e a loucura por fim!...

E esse infeliz por ahi anda... vegeta aquel-

le corpo sem espirito como jangada em alto mar. á mercê das vagas!... Commove vêr aquelle corpo, outr'ora cheio de vida, caminhar sem vontade propria, sem o instincto da acção!...

Um outro caso.

Um honrado negociante, trabalhador, e estimavel por suas qualidades, vivia no santo remanso da paz domestica, ao ladó da esposa, a quem extremava, e de uma linda criancinha que era o enlevo dos seus amores. Os dous esposos iam além do amor, adoravam-se, e a filhinha era o sol que mais e mais lhes abrazava o coração com seus raios dardejantes. Não havia entre elles um senão de felicidade.

Mau grado, a esposa feliz acreditava em feitiçaria, e um dia quiz por ella conhecer até que ponto era amada e si algum *desar* havia em sua vida domestica. Ciumenta em extremo, só o feiticeiro lhe poderia assegurar a fidelidade do marido.

Foi em demanda d'esses miseraveis especuladores. Não lhe vacilaram as pernas ao transpôr os humbraes da habitação do demonio, aonde sentiu arrefecer-lhe no peito todo o sangue contaminado pelo veneno do inferno!

A infeliz, a pobre crente d'esse *poder invisivel,* d'esse criminoso manejo que é uma affronta lançada á religião e á sociedade, sahiu da cova do feiticeiro, não como a mulher que ama, que é feliz; não como a esposa, como a mãe extremosa, mas como um cadaver... um corpo sem vida, um peito sem coração, uma cabeça sem o instincto da razão!.....

.....

Dias depois a infeliz abandonára o marido, a quem dera innumeros desgostos depois d'esse fatal dia e esqueceu a filhinha, a pobre e innocente creaturinha quando mais precisava dos carinhos maternaes!...

A PEDIDO

—*Alferes cavalleiro?*

—Prompto, capitão.

—Diga-me, desalmado com quem aprendeu você a acordar soldados á esporadas?

—O gosto de *andar montado,* capitão.

—Em você devia andar muita gente montada.

Ora diga-me não receia que lhe descubram as vergonhosas pepineiras que faz, negociando com os generos que estão sob sua guarda?

—Tenho *cunha* que me aguenta.

—Guarida onde se acobertam os tratantes e relapsos, infelizmente.

Meia volta, Sr. alferes.

Para me justificar com o publico, como janha. me justifiquei com as authoridades, venho a imprensa declarar, que so tomei parte na aggressão praticada por Manuel Cardoso, na ladeira da Misericordia, no papel de desvial-o do acto reprehensivel que estava commettendo, o que ja depozeram em juizo as testemunhas que presenceáram o occorrido. Bahia 9 de junho de 1871.—*Manuel Bernardino da C. Faria.*

—Aspirante!

—Prompto, capitão.

—Chegue á casa grande, por onde passa tudo que entra e sahe, procure o homem da *capa atraz* e pergunte-lhe como é que elle tendo um adjutorio pecuniario para as quebras, descontou no salario dos trabucadores aquelle barril de nata que faltou?

E que desconto elastico! Um desconto que daria muito bem para comprar-se tres ou quatro barris de nata.

Diga-lhe que isso não é mais desconto, é lambança.

—Capitão, não é a primeira queixa que apparece. Dizem que quando falta qualquer cousa na sobredita casa, faz-se um desconto geral nos trabucadores até mesmo naquelles que não comparecem no dia em que se deu a falta, levando-se muitas vezes mais de um mez a desbastar o salario de quem não comeu, nem bebeu, nem viu por onde passou o objecto sumido.

Veja que mina!

—E' para pôr gorlas as algibeiras de qualquer, como toucinho de porco *monteiro.*

—Capitão?

—O que ordena?

—Uma noticia.

—Venha com ella quanto antes.

—Escute-me V. Ex.

Sexta feira 26 do passado eram 2 horas da tarde, quando o soldado de policia, guarda da 9ª companhia por nome Cypriano, pintou o diabo a quatro.

—Onde?

—No Pelourinho.

—Em que assumpto?

—Espancando a crioula livre Francisca, que vende peixe alli.

—Sem duvida queria comprar sem pagar.

—E' o que parece.

—Decantada policia.

—Capitão, venho continuar uma historia, a qual talvez V. Ex. ja não se lembre della.

—E' bem provavel.

—A historia do famigerado Ze Garoupi-

—E' exacto; ja me não recordava.

—Viu V. Ex. como o licencioso tendo se casado com uma moça, perverteu uma irman desta, vindo aquella a morrer de desgosto, casando-se segunda sua vez com a dita irman.

Viu ainda V. Ex. que esse vampiro querendo eternisar-se na familia das taes moças seduziu terceira irmaa, uma menina que era uma *pomba;* causando acerbos desgostos à segunda esposa; até que esta não podendo tolerar o libidinoso communismo, um dia prorompeu em exprobrações contra sua irman, a qual por vez lhe respondeu —«faço « o mesmo que V. fez á minha irman mais « velha. »

Pois bem; a segunda esposa morreu e elle casou-se com a *pomba* moça. Restava porém uma menina que era linda como um *brinco.*

Foi a quarta da irmandade a quem Garoupinha seduziu.

—Que homem!

—Garoupinha pelo costume em que estava de trazer tudo *englobado,* conservou na mesma casa a esposa e a irman deshonrada. Aquella porém não se quiz sujeitar ao regimen e exasperou-se contra aquella maneira de viver propria dos costumes africanos.

Garoupinha por acinte a sua mulher carregou com a menina *brinco* para a casa de umas farpellas ao pe de um caes de ouro, bem defronte da habitação de sua consorte, alugou um quarto e nelle está soccado ha oito dias com sua amazia e cunhada, sem pôr os pés em casa da familia.

(*Continua.*)

—Capitão, venho muito pesaroso lhe contar um caso.

—Será alguma desgraça que acconteceu com a chuva?

—Não, capitão; é a infelicidade que persegue ao tenente reformado D. Luiz, que sendo homem de *tão boa fé* ficou sendo inventariante do casal do fallecido coronel D. José.

—Mas que tem isto?

—Ficou morando na casa do fallecido, capitão, e a casa diz elle que está com a parede desaprumada, e correu como louco á camara para buscar um pedreiro e mais um engenheiro para vel-a.

—Não creia nisto, pois me consta que elle quer ficar com a casa e para este fim tem empregado todos os meios, julgando ser elle so o herdeiro e que os mais são tolos.

—Não, capitão, elle mesmo é muito innocente; tanto que fez uma vistoria na dita casa sem sciencia dos demais interessados, nem do Dr. juiz de orphãos.

—Isto não é ser innocente, é ser esperto; e fique elle certo que as pessoas que pretendem a casa, não se fiam em suas informações, pois todos o conhecem muito bem e os demais herdeiros sabem que a casa não está como elle diz e hão de fazer valer seus direitos.

Hoje a sociedade *Bellas Artes* dará um segundo divertimento gymnastico a seu beneficio, o qual constará dos trabalhos: *O quadro dos Artistas*, á pedido de algumas pessoas o *trapesio duplo.*

Depois de um intervallo de 30 minutos seguir-se-ha: *O tambor aereo, O voo do Niagara* e outros trabalhos que não desagradarão ao publico, finalisando o espectaculo com uma engraçada comedia.

Os bilhetes acham-se á venda na casa do espectaculo á ladeira da Praça n. 27.

Cadeira,—1$000r s.

Plateia.—500 rs.

Francisco da Costa Barroso, conhecido por *Xixi*, declara que nenhuma parte tomou na questão de Manuel Cardoso á ladeira da Misericordia. Chegando depois que o referido Manuel Cardoso havia aggredido aos dous moços, limitou-se a ver si conseguia accommodar aquelle.

A Sra. Maria do Rosario conferiu carta de liberdade ás suas crias Luiz, Maria, Romana e seu filho Severo, Gertrudes e seus filhos Francisco e Domingos, com a condição de acompanha-la até sua morte, e Cosme sem condição, cujas cartas existem legalisadas e em meu poder.

Protesto proceder criminalmente contra quem os vender. - *Malaquias José dos Reis.*

Sr. Redactor.—Lendo o seu conceituado periodico do 1º do corrente deparei com uma noticia na qual o seu informante não teve outro fim senão procurar trazer o odio sobre a irmandade de S. Benedicto; cumpre pois que a verdade se rectifique.

Fallecendo no dia 27 do p. p. uma irman da irmandade de S. Benedicto, nenhuma pessoa de sua familia procurou entender-se com o thesoureiro para este dar as providencias que são de sua obrigação; nem mesmo com outro qualquer encarregado da irmandade. Um irmão é que tendo noticia, ja muito tarde, tratou de providenciar, ficando por isso o enterramento para o dia immediato; que sendo domingo e chuvoso, houve difficuldade em

reunir-se a irmandade, pelo que tratou o juiz de alugar um carro para conduzir o cadaver cujo carro chegando a S. Miguel, logar em que morava a finada ja o enterro tinha sahido á mão. Ja se vê que se houve falta foi dos parentes da finada por não communicarem em tempo.

Quanto ao jantar, nada vem ao caso; porque foi á noite, em uma casa particular, não podendo prejudicar a concurrencia do enterro, porque este foi de dia, e apenas o informante se lembrou deste incidente com o proposito de carregar o odioso sobre a irmandade, no que perdeu totalmente seu tempo, porque a calumnia é sempre desmascarada. Bahia 2 de junho de 1871.—*Pedro Augusto da Silva*, juiz da irmandade.

—Tudo nesta terra se pratica!

Consta-nos que com a chegada de Ss. MM. imperiaes ao palacio do governo deu-se um facto digno de ser conhecido de todos os Brasileiros.

Na occasião em que entrou a corporação dos Voluntarios da Patria em palacio, tambem entrou acompanhando a dita corporação um voluntario que por não ter farda, foi com seu palitot e calça preta, com uma condecoração e a legenda de voluntario da patria.

Mas como não ia de farda, nem de casaca, como muitos que lá foram e que não passam de meros criados apenas, um sentinella foi logo prohibindo-lhe a entrada, e poucos instantes depois appareceu um senhor que ja foi cadete e hoje é das rendas mandando deitar para fora o distincto voluntario.

Nesta occasião sendo chamado o capitão Mello, fez ver ao tal senhor o seu procedimento irregular, não deixando-o conseguir seu stulto fim.

Não estando contente ainda o tal senhor com o procedimento que acabara de praticar, entendeu que devia terminar suas iras com a philarmonica 40 de V. P. que tão distinctamente tinha se prestado para ir com a dita corporação comprimentar a SS. MM. Imperiaes.

Ainda esta vez representou papel ridiculo, porém proprio do seu caracter; que em lo deitar para fora a philarmonica 40 de Voluntarios da sala em que se achava a dita corporação, considerando-a uma musica arregimentada.

VARIEDADES.

As moças sonsas.

Seria sem duvida uma obra difficillima, e quasi impossivel de si concluir se nos dessemos a tarefa de querer descrever os differentes caracteres e diversos modos das taes moças da moda, ou muchachas da epocha. Ha tanta variedade entre ellas como de fructas no reino vegetal, de peixe no immenso saco do mar.

Deixaremos pois de parte este bando de borbolêtas inconstantes e vadias pela maior parte e daremos somente aos nossos leitores uma ideia ou pintura em esbôço das taes Senhoras sonsas, que de ordinario são as mais perigosas na sociedade.

Vulgarmente taes moças sempre mostram em publico um semblante muito concentrado, um ar muito acanhado e melancolico, fingem que desejam estar retiradas do circulo da conversação, mais é para de um lado com os olhos baixos e revesados observarem tudo miudamente, e isto estudam com tanta finura, que para encobrirem o movimento dos olhos usam continuamente de umas chamadas pastas ou pastadas de cabello grudado com cebo de Hollanda para servirem do antolhos, e eachergarem só o que ellas querem.

Faz admirar que os animaes que puchem carruagem levem antolhos á força, e ellas botem-nos voluntariamente; é na verdade grande força de impostura ou ronha manhosa de certas macacas de bailes, que por ahi andam se requebrando nas contradanças da polka. Em tal caso melhor seria que metessem as cabeças dentro de panellas de barro só com dous buraquinhos para servirem de janellas da bisbilhotisse.

E que me dizem, meus caros leitores, de umas caras cumpridas, imitando mamões da India, com as taes pastas ou chapas de cabellos?!! São excellentes caricaturas para castão de bengalas, principalmente quando reunem a isto um nariz grande semelhante aos antigos chapeus armados.

Pelo contrario quanto é agradavel e digno de todo apreço vêr-se uma moça, vestida com simplicidade, penteada sem taes celebreiras, e com um semblante affavel e natural!!

Aquella que assim pratica torna se querida de todos e recommendavel na bôa sociedade. Quando a moça é protegida pela natureza um ligeiro ornato coadjuva a belleza; entretanto que sendo fêia e pondo muitos enfeites traz ao pé de si um archote accêzo para clarear a todos, os defeitos de sua figura; outras ha que trazem sobre si muitos enfeites de oiro, sedas, e brilhantes para ostentarem riqueza sem terem antes o cuidado de pagar ao logista para evitar as arcadas das más linguas; estas não são menos temiveis e prejudiciaes que as sonças porque fazem os ma-

ridos se empenharem tollamente para enfeital-as, e por conseguinte são bem bôas buxas para quem cazar com ellas, a pesar de que tudo quando acabamos de dizer é em geral, e nem o poderiamos affirmar, porque mulher é tão difficil de se conhecer, como barrocas em noite de escuro. Algumas na presença fingem-se alegres, e risonhas, mas depois mudam e ninguem pode com certeza affiançar que tal alegria seja sincera, por que mulheres ha immensas que quando mostram consolação e rizo com docilidade na bôca, preparam unhadas no coração! Com estas e com as sonsas faça o diabo giringonças.

A deus oh! rapazes
Que toca a matraca;
De nossos conselhos
Tomai esta saca;
Vá Deus nos livrando
Das fêias, e sonsas,
Mulheres manhozas
São mais de que onças.

ANNUNCIOS.

O Sr. José Romão da Silva tem um debito nesta typographia.

Tendo de haver uma missa ao Glorioso Padre Santo Antonio, no dia 13 na egreja de S. Pedro Novo dos clerigos, convida-se a todos os fieis devotos para maior brilhantismo do acto.

Escravo fugido.

Será recompensado quem pegar e levará rua dos Capitães n. 53 ou na cidade baixa ao escriptorio de José Caetano Ferreira Espinheira e Cª. n. 16 rua das Princezas, o escravo por nome Jeremias, acabocolado, cheio do corpo, 10 a 12 annos de idade, prosista, cabello bom, mais á escovinha; é natural de Propriá (Sergipe.) Protesta-se severamente contra quem o tiver acoutado.

Bahia 1 de Junho de 1871.

THEATRO DE S. JOÃO.

HOJE SABBADO 10 DE JUNHO DE 1871.

SEGUNDA REPRESENTAÇÃO.

DA COMPANHIA KELLER

Ouvertura pela Orchestra,

PRIMEIRA PARTE.

1.º—**Aurora e a noite,** grande quadro phantastico composto por Mme. Keller
2.º—**A batalha dos Indios.**
3.º—**Venus visitando as fragoas de Vulcano.**
2.º—**A Rainha das flores.**

SEGUNDA PARTE.

1.º—**D. Pedro 5.º,** visitando os hospitaes, dedicado aos Portuguees residentes na Bahia.

2.º—**A gloria do Brasil,** composta por Keller expressamente para S. M. o Imperador e dedicado aos Brasileiros.

TERCEIRA PARTE.

HUMAYTA

OU O BRASILEIRO PRISIONEIRO PELOS PARAGUAYOS.

QUARTA PARTE.

Dará fim ao espectaculo a graciosa Pantomima do

TANOEIRO E SEU APRENDIZ.

Principiará as 8 horas.

Anno 9°. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 81.ª QUARTA-FEIRA 14 DE JUNHO. Ns. —801.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Este numero é o primeiro da serie 81.ª

Os Srs. assignantes atrasados queiram dar de si alguma cousa.

Depois, depois.....

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 13 de junho de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia communicando-lhe que subindo pelo arco da Estrada Nova para Nazareth, existe um alto e antiquissimo muro, que se acha desaprumado e prestes a desmoronar-se. No sentido de evitar qualquer catastrophe leva-se ao conhecimento de S. S. para que mandando examinal-o, se digne dar as providencias adequadas.

—Capitão, colhi novos esclarecimentos.

—Então diga-se.

—Disseram-me que a servente de nome Maria, crioula, foi quem por ordem das irmans de charidade castigou atrozmente a desditosa menina, ex-recolhida de S. Raymundo, hoje no hospital da Santa Casa.

—Ha sempre quem se preste a ser carrasco.

—Soube mais que essa infortunada menina é hoje considerada douda e por isso soffre torturas em uma pavorosa prisão, onde a detém a indulgente tolerancia e paciencia evangelica das irmans de charidade.

—Mas as irmans de charidade não podem fazer isso,

Essas mulheres não teem direito de torturar uma creatura humana, não podem converter um estabelecimento pio em carcere inquisitorial em nome da divina charidade, de que se dizem apóstolas.

—Eu desejava que o Sr. Dr. chefe de policia porcurasse syndicar si com effeito no hospital se praticam taes horrores, si é exacto que essa desafortunada menina soffre as crueldades que se diz.

—Julgo as irmans de charidade incapazes de exercer perversidades sobre seus semelhantes e por isso mesmo é que desejo que se elucide a verdade.

—Como esá apurado na leitura!

—E' o *Jornal* de 7 de maio.

—Agora é que lê!

—Encontrei um pedacinho interessante.

—A respeito?

—No expediente da presidencia um officio ao juiz de orphãos.

—Leia.

—«Ao Dr. Juiz de orphãos da capital.—Afim de que V. S expeça as ordens convenientes no sentido da requisição do Exm. arcebispo desta diocese, extranhando o acto de ter esse juiz mandado pôr em hasta publica entre moveis e gallinhas uma imagem de Nossa Senhora da Conceição com corôa de prata, por copia remetto a V. S. o officio do mesmo Exm. Sr.»

—Isso attesta o zelo e piedade religiosa do respeitavel prelado.

—Sim; porém toleram-se outras irreverencias iguaes ou peiores.

No bazar do Seraphim, ao canto de S. Domingos, no meio de caponas velhas, vestidos de meretrizes, quadros profanos e até irreligiosos e immoraes, ha quadros da Virgem, tem se visto imagens do Deus Menino e outras expostas á venda.

Em uma taverna á rua Direita de Palacio, á bem pouco tempo, existiam pendurados, entre resteas de sebolla, abanos e outras mercadorias, registros da Immaculada, do Crucificado, e de muitos santos.

A despeito das reclamações da imprensa não houve authoridade ecclesiastica que se lembrasse de estigmatisar tão impia mercancia.

Eu tenho visto imagens de Christo conduzidas na cabeça de ganhadores, descobertas sem o menor acatamento.

Do proprio palacio archiepiscopal eu ja vi sahir n'um taboleiro para a cathedral uma imagem do Senhor no meio de outros objectos.

—Passaremos; são umas em cheio outras em vão.

—Aqui nesta terra tudo é assim!....

Clame a imprensa como clamar, peça as providencias que pedir, não se faz caso, e quando ellas apparecem já não ha mais remedio para o mal!....

O muro do convento do Desterro ameaça proximo desabamento; já o *Diario da Bahia* deu d'isso noticia, e ainda não appareceu a menor providencia a respeito, como si a vida dos moradores d'aquella rua seja um brinco de crianças!

—Mas o que fazer si os que devem velar pela segurança e garantia do povo fazem se *cegos* e *surdos* aos reclamos dos jornaes?

Por certo que o Sr. Dr. chefe de policia leu a noticia a este respeito publicada no *Diario*.

—Por ventura os Srs. vereadores tambem não a leram?.... E' que aqui na primogenita de Cabral as providencias só são tomadas quando apparece alguma desgraça a lamentar-se, isto é, quando o mal pelo seu estado de gravidade se tem tornado irremediavel.

—Uma cousa de nada ajunta logo tanta gente!

—O que fez aquelle menino que o levam seguro pelo braço?

—Bagatella. Guarneceu as beiras de uma cedula de 1$ rs. com tacos de 2$ rs. e trocou em uma venda á rua do Tijollo por este valor. O caixeiro deu pela minestra, sahiu atraz delle e pegou-o.

—Por cousa tão pequena, tão grande alvoroço aqui na praça! Si hão de fazer tanto espalhafato, antes levem-no ao pae que ha de castigal-o.

—Estou que sim,

—Sabe-se de quem é filho esse aprendriz de *berliques e berloques*?

—Diz elle que é filho de um tal João Climaco ria.

—Logo vi! Filho de peixe é peixinho!

—E quem sahe aos seus não sahe aos alheios.

—O rapaz si continuar ha de ser dextro no officio!...

—Os ladrões em dias da semana passada foram á propriedade n. 25 aos Barris, pertencente ao Sr. Braz Antonio da Silva Barros, arrombaram as portas e como não encontrassem outro objecto que lhes compensasse o trabalho de visitar a casa alheia, lançaram mão dos tubos do encanamento do chafariz que na dita propriedade se estavam assentando e carregaram com elles no valor de 50$ rs., além de toda ferramenta dos operarios e mais materiaes.

—Oh! que gente temeraria e insaciavel!

—No domingo á tarde descia pelo Taboão seguido de muitos curiosos, um individuo tendo as calças tintas de sangue.

—O que era?

—Queixava-se de que havia levado uma estocada em uma das coixas.

Quem era elle e quem lhe deu não soube.

—Uma noticia que não tem significação nem valor.

—Tem; serve para provar á par de outros factos o estado anormal desta terra.

—Mataram estes dous animaes á tiro!

—Fizeram por malvadeza.

—Talvez por odio ao dono dos mesmos.

—Destruir a propriedade alheia, ceifando a existencia a dous inoffensivos irracionaes, é além de um roubo, revoltante iniquidade, prova de um coração execravel.

—Imagine V. o estado de garantia á propriedade, quando aqui na Mangueira, freguezia de Sant'Anna, se praticam actos de tamanha perversidade!

—As irmans de charidade no hospital da Santa Casa dão-se mais a profissão de negociantes do que a missão de enfermeiras.

—Vão ouvindo....

—E' o que lhe digo. Aproveitam os ossos da carne e vendem pelas refinações.

Criam gallinhas que enchem o estabelecimento de immundicie quando estão no chôco.

Negociam com capados que são criados com os restos das comidas do hospital.

—E vão enriquecendo para gloria de Deus, augmento da religião e amor do proximo.

—Na noite em que a companhia Keller deu sua primeira representação, o Sr. Ignacio Coêlho Fragoso indo guardar o chapeu de sol no bengaleiro, e este não tendo mais cartões para dar-lhe, o Sr. Fragoso pediu-lhe que deixasse-o ficar de parte que iria buscar depois.

Ao terminar-se porém o espectaculo, o Sr. Fragoso indo tomar seu guarda-sol, o bengaleiro disse-lhe que um homem alto ja o tinha ido buscar, e que elle o havia confundido com elle Fragoso!

—E ficou o Fragoso com agoa no bico?

—E o que fazer em um caso deste?

—Que a não ser verdade foi bem achado!...

—Que policia armada temos nós!

—Não falle.

—Sexta feira á noite, resoavam gritos d'aqui-d'elrei na ladeira da Gameleira.

Pessoas que estavam no hotel correram á ver o que era e presenciaram um preto velho ensanguentado no meio de dous soldados e um cabo de policia, sendo asperamente espancado.

Todos se espantaram de ver proceder tão descommunal; o misero a cada espadeirada vergava até o chão.

Entrando nessa occasião para o hotel um cavalheiro que disseram ser o Dr. Palha, parou á vista de tão irregular maneira de fazer prisão e ponderou ao chefe da força que devia usar de mais moderação; este porém encaminhando-se para elle de refle em punho, perguntou-lhe si queria tomar parte pelo preso, e tendo em resposta que era apenas um conselho, ameaçou e insultou ao Dr. chegando a levantar o refle para dar-lhe.

—Que tal?! Está por que eu ouço, vejo e calo.

—No sabbado soltaram as irmans de charidade a mulher que por cerca de um mez conservaram presa por *crime de desobédiencia*.

—Isto é, uma enferma que foi procurar no hospital da Santa Casa linitivo a seus soffrimentos e que achando-se em convalescença quizeram as irmans de charidade forçal-a a trabalho e como se recusasse, foi violentada em sua liberdade.

—Agora, dizem, que nas mesmas condições de reclusão e por *crime* identico, se acha uma mulher de côr branca!

—Quem authorisa as irmans de charidade á esses actos de criminosa arbitrariedade?

—Eu sei! As leis do paiz dispõem que nenhum individuo possa ser tolhido no exercicio de sua liberdade por mais de 24 horas sem nota constitucional, as irmans de charidade, á livre arbitrio, assumem o papel de juiz e de carcereiro, sentenceiam, executam e tolhem a liberdade individual por um mez inteiro e não ha quem lhe vá ás mãos!...

—Qual é o regulamento do hospital que manda encarcerar o doente em convalescença que não queira trabalhar ou mesmo que commetta desobediencia?

Si o tratamento que recebe o enfermo é por esmolla, por obra de misericordia, como lhe exigem as irmans de charidade pagamento da cura por meio de trabalho!

—Oh, é preciso cortar esses abusos, que exasperam e tornam mal-vistas essas mulheres.

As irmans de charidade não são soberanas na Santa Casa, ácima dellas está a digna meza que não deve tolerar desmandos taes.

A PEDIDO

—Capitão, venho contar lhe a vida sinistra de um monstro, o que talvez sirva de cautellosa advertencia a muitas incautas para preservar se dos laços de voraz seducção com que elle procura devorar-lhes a pureza virginal.

Esse pernicioso carbunculo da humanidade habita em Latronopolis n'uma *baixa* da *cidade*.

Aportou á suas plagas em hora aziaga. Dizem que foi n'um *domingo*, dia de S. *José;* e ha quem chegue a affirmar que o tenebroso ia degradado para *Fernando*, no brigue *Aguiar*, o qual tocou neste porto por arribada forçada, conseguindo evadir-se á nado com tamanha felicidade que as ondas agitadas, que no referido dia se revolviam, não o engoliram.

Adquirindo alguma fortuna, porque o accaso ou o diabo ajuda aos malvados, constituiu-se em algoz sedento da honra de quanta moça pobre lhe constava.

Empregando a corrupção, o suborno, o engano, illudindo e seduzindo, arrastou innumeras victimas á perdição. Quando saciava o brutal apetitte na deshonra da infeliz que lhe cahia nas garras, abandonava-a com proterva ingratidão na mais deploravel miseria.

Conheci uma coitadinha a quem a fera seduzia e perverteu.

Fartou na castidade da victima toda lascivia de que é repleta sua alma. E depois que com o bafejo de seu halito impuro, murchou todas as esperanças, aborreceu-a e voltou os torpes olhos para uma innocente irmanzinha da pobre illudida, a quem por sua vez prostituiu.

Um dia porém em que conheceu que a desgraçada era mãe, teve o cynico desfaçamento, o audaz arrojo de atirar-lhe a face estas escarnecedoras e pungentes palavras: « retira-te desta casa, infame; enganaste-« me, este filho não é meu. »

—Infame creatura!

— Não páram ahi as torpezas do assassino da honra.

Vim ha pouco de certo logar pertencente a uns *monges* que trazem os habitos *bentos* e la vi um menino de dous annos, que elle teve a crueldade de separar da mãe, vendendo-o; entretanto que vive em concubinato com a mesma!

Este sevandija mandou buscar da terra de *Maranhã grande* um irmão que la tinha e por um motivo frivolo abandonou-o e deixou morrer ao desamparo, ficando a mulher e filhos daquelle na maior indigencia. Um dos orphãos de nome *Raio do mando* está empre-

gado n'uma casa de vender *enxutos* e *molhados* na rua onde se fabricam *tijollos*.

Faço pausa aqui para emendar depois a historia contando-lhe como esse retrogrado á emancipação do elemento servil, em criminoso contrabando, furta ao estado, deixando de pagar certos direitos, e tem tambem a summa astucia de despachar escravos por criados de passageiros; e depois continuarei.

Até terça feira, capitão.

—Passe bem.

(Continúa.)

VARIEDADES.

Santo Antonio.

Já lá vão os tempos das grandes festas ao famoso thaumaturgo Antonio; mas ainda o seu culto não acabou de todo.

Si lhe não fazem pomposas festas, fazem-lhe festinhas, com que pretendem os devotos acariciar o santo popular e sympathico.

Por muitas casas armam-se thronos, onde encarapitam entre flores e muitas luzes, o Santo mais estimado; veneração que dura ha seculos, e durará, sem embargo dos incredulos.

Desde aquella mulher, que, segundo a lenda, tentada pelo demonio, perguntou ao Santo si era vontade de Deus que si fosse afogar no Tejo, muitos teem sido os memoriaes e consultas apresentados ao maior valido de Deus, na phrase do insigne Vieira. Quantos tem elle despachado?

Alli na igreja, fundada no local, onde viu a luz do mundo o que veio a ser verdadeira luz do mundo, ainda agora são entregues muitas petições, e já aqui publicamos algumas das que lá foram achadas,

Tudo pedem ao Santo, até cousas illicitas, até o aniquilamento de inimigos, até a fortuna alheia.

Mas, como é bello e generoso este Santo!

Morreu aos 25 annos de idade,—morreu na flor dos annos,—e por isso representam o austero franciscano, que trocou o habito fidalgo dos conegos regrantes, pelo burel de S. Francisco, com um rosto meigo e terno, parecendo que sorri amorosamente áquelles que imploram o seu valimento.

Não é um Santo que metta medo, antes inspira sympathia. Todos se acercam delle; pois si a todos parece que chama e convida e recebe com o coração nas mãos? Por isso o veneravel padre Antonio da Conceição, n'umas festas no convento da Esperança, lhe fez este mote:

Que mão, Antonio divino,
Póde com a vossa igualar-se,
Pois vem nellas sentar-se
Deus do ceu, sendo menino!

Allude a representarem o Santo com o menino sentado no breviario. Por tal motivo não ha melhores nem mais bentas mãos para receber e apresentar memoriaes.... lá no ceu, porque cá na terra, os memoriaes andam por mãos bem impuras...

Uma cousa deu que pensar ao padre Vieira. Como é que Santo Antonio, sendo tão bom portuguez, quiz que o seu corpo ficasse em terra extranha; mas o engenhoso e elegante orador descobriu a razão do que parece desamor á sua terra, no melhor filho della.

Eis aqui a explicação:

«Mas quando por parte da patria me queria queixar do seu amor, atalhou-me o Evangelho com a sua obrigação.—*Vos estis lux mundi* (sois a luz do mundo.) Foi a luz do mundo? Não tem logo Portugal de que se queixar. Si Antonio não nascera para sol, tivera a sepultura onde teve o nascimento; mas como Deus o creou para luz do mundo, nascer em uma parte e sepultar-se na outra, é obrigação do sol....Lisboa foi a aurora do seu oriente, seja Padua a sepultura do seu occaso.»

E' engenhosa a explicação. O claro espirito do famoso orador, assim consolou Portugal, e particularmente os lisbonenses, por não possuirem o corpo de um filho tão preconisado.

Mas o noso Santo; mas Fernão Martins de Bulhão, filho de Martins de Bulhão e D. Tarefa Taveira? Vejam que ladainha de titulos que lhe deram—arca de testamento, defensor da fé, lume da egreja, officina de milagres, martello de hereges, maravilha da Italia, honra de Hespanha, gloria de Portugal, melhor filho de Lisboa, cherubim mais eminente da religião seraphica.

Si Antonio vivesse hoje, fal-o-hiam barão, e não poderia ser nunca o santo tão sympathico, tão gentil, tão folgasão, tão amigo de todos, que todos nós nos acostumamos desde crianças a festejar e a querer-lhe bem como a um amigo da familia.

Para em tudo ser completo o destino d'este singular filho de Lisboa, morreu tão moço para vir a ser o predilecto Santo das donzellas e das creanças—o santo favorito dos que esperam, dos que teem fé no futuro, d'aquelles á quem a vida sorri, porque lhe não conhecem as tristezas e as saudades.

Feliz destino o de Santo Antonio! Os que mais confiam n'elle os que mais se lhe chegam, são os corações ingenuos, são as almas puras e illuminadas pela esperança!

Typ. de Marques Aristides, e C., becco do Arcebispo.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 81.ª DOMINGO 18 DE JUNHO. N. 802.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 17 de junho de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Brotas, para que informe com authorisação de quem, João Cupido, que sendo agente secreto da policia dessa freguezia, foi demittido por ter prevaricado soltando um preso por 3$ rs., se arroga agora o titulo de inspector de quarteirão sem a competente nomeação, e faz o que lhe vem a cabeça no exercicio indevido desse cargo, soltando, prendendo e decidindo questões, o que talvez não tenha chegado ao conhecimento de S. S., apresentando-se em qualquer parte, como na segunda ou terça-feira em que assistiu um arrombamento, figurando de authoridade.

Si S. S., como é de crer, não sancciona os abusos d'esse individuo, deve elle ser chamado á ordem e punido, devendo nessa occasião dar explicação de como é que, não tendo roça nem plantação de jaqueiras, tem sempre jacas para vender em abundancia.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que fazendo-se accompanhar do muxingueiro, dirija-se em qualquer noite proxima ao adro de Santo Antonio além do Carmo, e enxote um salafrario e uma crioula que ahi são certos de se assentarem, com tal sem-ceremonia, que nas noites de luar todos presenceiam as posições que tomam, os movimentos que fazem e a maneira por que se portam os sobreditos cujos, devendo advertil-os de que o logar é improprio para entre-vistas de tal natureza. Cumpra.

—Um acontecimento de mover compaixão, occorreu na quarta-feira, capitão.

—O que foi?

—Um desastrado successo dado na fundição do Pilar. Um infeliz menino a quem uma machina descarnou todo braço direito, desde o hombro até o cotovello, ficando o osso completamente nú.

—Oh! que desgraça!

—Os gemidos doloridos da victima consternavam e abalavam até as fibras, de quem testemunhava aquella scena de dores.

—Capitão, encontrei na caixa das informações reservadas este bilhete para V. Ex.

—Veja o que contém.

—Uma communicação.

Passo a ler.

«No dia de quarta-feira, Argimira, moradora na baixa dos Sapateiros, em uma loja por baixo do Sr. Carlos, teve a barbaridade de pellar a mão de seu filho, menor de 5 annos, Dionisio, por haver este tirado um pedaço de carne na panella.»

—A intenção que ditou essa mulher foi sem duvida o desejo de coaretar em seu filho o desenvolvimento do germen de um vicio funesto. Com crueldades porém não é que se corrigem faltas. E como praticou uma acção criminosa, ditada embora pela ignorancia e estupidez, vou communicar ao chefe de policia, que em sua alta sabedoria, fará o que for de lei.

—Hoje reunem-se em assembléa geral os socios da imperial sociedade Monte-Pio dos Artistas, afim de discutir-se o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas do 1.º trimestre findo.

—Um dos ramos de serviço em peiores condições no hospital de charidade, é a alimentação dos enfermos.

—Tudo que não tende a rezas, confissões e aceio no soalho, é pessimo.

—A comida é mesquinha, de má qualidade e mal-feita.

Por mais de uma occasião tem se dito que o pó do café é secado de novo e as folhas do chá aproveitadas mais de uma vez.

As gallinhas são pedidas de vespera; gallinha de capoeira, ja se sabe. Vão para deposito em uma cafurna, no dia seguinte amanhecem duas e tres mortas; essas gallinhas

são depennadas e dadas aos doentes para alimentarem-se!

—Não se admire, porque eu ja ouvi de gente de dentro que, ha cerca de um mez, morrendo no chôco uma gallinha pertencente á superiora, os doentes tiveram de tragal-a e metel-a no estomago.

—Outro ponto que denota inexprimivel falta de charidade, é a maneira por que tratam os corpos de nossos semelhantes depois que fallecem.

Envolvem o cadaver em trapos e roupas velhas, quando dizem que a Santa Casa dá um tanto para mortalha.

—Eu fiquei horrorisado uma noite que la entrei ao ver o cadaver de um moço de nome F. de Menezes. Metteram-no em um caixão muito curto, de maneira que para caber dentro foi preciso arquear-lhe as pernas, enrolaram-no em uma velha e esfarrapada coberta, ao passo que seus parentes que se achavam presentes reclamavam que elle levara roupa, calças de gazemira, etc., e que estava alli pagando 2$ rs. diarios.

—Outros muitos teem o mesmo destino depois de mortos.

—E assim, essas mulheres que passam por tão santas e religiosas, não dão provas disso quando faltam com o respeito e piedade á quelles que não são mais desta vida.

—V. não me dirá que rua é esta?

—Chama-se o *Xixi*.

—Ha logares nesta cidade onde a policia não possa ser visivel?

—Pode em todos; mas parece me que aqui como em qualquer outro logar é fructa rara, ha muito tempo.

—São quatro horas da tarde; o caixeiro desta venda espanca desabridamente uma mulher, faz-lhe diversas contusões pelo corpo, atira-lhe garrafadas e fica impune!

—Este caixeiro é mais alguma cousa que *Pedro*-mal-as-artes.

—São louvores a Santo Antonio por ser seu dia hoje.

—Palavras não eram ditas e la vem o ordenança do subdelegado buscar o maganão.

—Do resultado é que eu quero saber.

—Capitão, são innumeras as reclamações sobre a companhia de Vehiculos, pela sua má regularidade nos trabalhos...

Nesta semana tem andado tudo fóra dos seus eixos.

Na quarta-feira, sahindo o *bond* de 10 horas da manhan paro Itapagipe, teve ordem de fazer o desvio nos Mares, porem chegando n'Agoa de Meninos esperou meia hora seguramente, com grave prejuizo dos passageiros, porque avistou dous *bonds* que vinham já pelo Noviciado.

Chegando no gazometro, o vigia d'ahi que só vive na venda, não fez o competente signal annunciando o *bond* que vinha do Bomfim, resultando d'esse deleixo haver abalroamento, pelo que teve de voltar até a Munganga á encontrar o desvio; seguindo de novo foi na volta do gazometro sobre um carro de carregar carvão de pedra, e por milagre não deu-se algum caso fatal, partindo-se somente a corrente que prende os burros; o vigia que se achava na venda, lá se deixou ficar, levando os pobres passageiros mais de duas horas de viagem, por causa d'esse contra-tempo, occasionado pelo deleixo em que vive aquella companhia.

—Emquanto não tomar-se certas medidas a respeito da administração da companhia de Vehiculos, hão de ser frequentes esses e outros abusos que alli presencia-se todos os dias.

—Capitão, ouça como se soffre innocente.

—Não pode haver maior injustiça do que soffrer-se innocente.

—Na casa n.º 36, á ladeira da Praça, estenderam um pouco de roupa nas janellas, e acconteceu que o vento saccudisse com um vestido para a rua, o qual foi apanhado por um visinho. Dando por falta a dona da casa, que me dizem ser uma senhora viuva, enfureceu-se contra sua escrava Francelina e deu-lhe profundo golpe de faca no ante-braço.

—Pagou o mal que o vento fez.

—Depois de ferida a escrava, appareceu o vestido, entregue pelo visinho que o havia apanhado.

—Mulheres armadas; caso novo!

—O que é que diz, rapaz?

—Umas mulheres que andam munidas de rewolvers e os mostram para se ver.

—São as damas do *alcazar*.

—Ah!

—Não sabe que são estrangeiras?

—Mas não é costume aqui da terra.

—Ora! de outra arma mais perniciosa usam ellas e ninguem lhes pode ir ás mãos.

—Assumiu o commando das armas da provincia, o general Herculano Sancho da Silva Pedra.

—Seja bem-vindo.

—O general Pedra, em bravura e pericia é um dos vultos notaveis que figuram no quadro dos heroes que mais se destinguiram na sanguinolenta guerra que acaba de ter o Brasil.

Homem feito por si, ennobreceu a terra de seu berço, tornando por seus feitos seu nome legendario.

—Uma das necessidades que vem encontrar o bravo general no commando da guarnição, que lhe é confiada, é a prompta transferencia da força de 1ª linha do forte de S. Pedro para o quartel da Palma.

S. Ex. pratico como é no serviço militar, ha de convir que não ha conveniencia em estafar os soldados com fatigantes marchas diarias, para pontos tão distantes, como são as guardas, quando as distancias podem ser encurtadas.

Seja dia de sol ou de chuva, a grande longitude que medeia entre as referidas guardas e o forte do campo de S. Pedro, é prejudicial tanto ao corpo como ao aceio e uniforme do soldado.

—E basta de trela.

—Insuportavel encommodo tem de soffrer quem mora nas immediações de onde ha padarias!

—Mais do que encommodo, tormento.

—A' noite, quando um homem que lèvou o dia em labor continuo, quer refocillar um pouco e gozar de alguma distracção, é privado de chegar á sua janella pella horrivel fumaceira, que suffoca.

—Nem se pode tel as abertas.

—A Praça, por exemplo, de certas horas da noite em diante, fica denegrida e asphyxiante.

—E que me diz do Maciel debaixo?

—O mal é geral; e por isso seria de summa utilidade uma medida obrigando os padeiros a levantar boeiros que desprendesse a fumaça em altura que não encommodasse aos visinhos.

—Capitão, venho ainda tractar sobre o muro do convento do Desterro que ameaça proximo desabamento.

—Ora não me venha massar a paciencia, porque S. Ex. o Sr. vice-presidente da provincia, zeloso como se tem mostrado na administração da terra que o viu nascer, já deu ordem para arriar-se o muro.

—Pois é sobre isso mesmo que eu quero tractar.

—Vejamos.

—O engenheiro Aguiar foi o encarregado de mandar demolir o muro, porém elle, não sei o porque quer que seja, mandou apenas tomar a fenda, dizendo, segundo consta, que não era preciso arriar o muro, pois tomada que fosse a fenda não haveria mais perigo, dando então parecer contrario ao demolimento.

—Mas foi porque o Sr. Aguiar não se deu ao trabalho de examinar o estado em que se acha o referido muro do lado de dentro!

—Neste caso é bom pedir-lhe que dê-se a esse trabalho, afim de que, orientando-se melhor sobre o estado do mesmo muro, possa dar um parecer certo, livrando assim do risco em que se acham as vidas dos moradores d'aquelle logar.

—Indigna e revolta ver o descaramento com que procedem os *cambistas* no theatro.

—E ainda mais extranhavel é a conducta de quem os tolera e lhes facilita os meios.

—Tudo está que a companhia agrade ao publico e haja concurrencia. Dous ou tres especuladores monopolisam todos os bilhetes e impõem um preço exorbitantissimo por elles.

No dia de espectaculo de manhan, ou mesmo na vespera, não se encontra uma platéa nos pontos de vendagem. Entretanto á noite os atravessadores andam com os bolsos atacados a extorquir ao publico quantias exageradas.

—Ao Sr. Dr. chefe de policia incumbe coarctar a continuação de tão inqualificavel abuso, elle que tem dado provas inequivocas de interesse pelo que é de utilidade publica, por certo procurará reprimir a avidez desse bando de corvos chamados *cambistas do theatro*.

—Capitão, venho pedir-lhe um favor.

—Si é serviço que caiba em minhas forças, desde ja conte.

—Queria que V. Ex. mandasse recommendar aos Srs. doceiros e doceiras para não envolverem em papel de côr verde os doces que fizessem para vender.

—Si quizerem attender, não custa nada.

—E' uma precaução no sentido de evitar algum incidente perigoso.

—V. tem lembranças aproveitaveis!

—E' que, ha dias, vi o que soffreu uma criança por ter engolido pedaços de papel dessa côr.

—Actualmente ha mais este perigo á temer quem anda na rua á noite.

—E aqui ou alli acontece sempre um successo desagradavel.

Veja como ficou aquelle homem; subindo descançado a baixa dos Sapateiros, ao confrontrar com a loja do Falcão, veio-lhe o maldicto busca-pé sobre o braço.

—Ha gente capaz de tudo! E' preciso não meditar nas consequencias, para atirar foguetes n'um centro de concurrencia como é este logar.

—Entretanto já o chefe de policia mandou publicar edital prohibindo fogo solto.

—Isso de edital já está cousa tão sediça! Os amadores do tal divertimento, acostumados a lel-os simplesmente nas gazetas todos os annos, não fazem caso. O que é preciso são medidas energicas e severas que façam respeitar e observar a execução das ordens legaes da authoridade, afim de evitar desastre mais lamentavel do que este que acaba de se dar na noite de hoje 14 do corrente.

A PEDIDO

—Capitão, tive uma visão.

—Tratou com algum espirito celeste ou labutou com spectros?

—Sonhei que estava tocado de influencia sobre-natural. Achava-me n'um *vasto* campo, e seguia pela *estrada* do bem, que conduzia a *graça* e dava entrada para o paraizo, o qual se figurava n'uma herdade, que era habitada por uma casta viuva que dia e noite pranteava a falta do esposo idolatrado, a tal ponto, que o Espirito Consolador condoendo-se de suas magoas, lhe enviava para lenitivo o anjo S. *Gabriel* na figura de um eremitão de grandes barbas, o qual ia mitigando lhe o pranto e derramando-lhe no coração o balsamo da resignação.

—Basta, basta, Sr. visionario; va contar suas visões a quem queira ouvil-as, quanto a mim não estou para escutar caduquices.

Motte

DO CELEBRE JACARÈ DE PATRONA

Sabe mais que a marmellada.

De uma menina bonita
Um arrufo ou ciumada,
Dóe menos que vinte golpes
Sabe mais que a marmellada.

Pois quando ella nos recebe
Da porta ja enfadada,
Os arremeços, a raiva
Sabe mais que a marmellada.

Mas que tudo nos apraz
Quando a vemos bem zangada,
Seu desprezo, seu arrufo,
Sabe mais que a marmellada.

Quando ella sosinha, vive
Por ver-nos desesperada,
Ao entrar, o que gozamos
Sabe mais que a marmellada.

N'um passeio prolongado
Com nossa nympha adorada,
As conversas, o contacto
Sabe mais que a marmellada.

Si um rapaz mui elegante,
Si uma bella delicada
Com ternura se avisinham
Sabe mais que a marmellada.

O homem que por mais feio
Tem mulher muito invejada,
Si ella o ama por virtude
Sabe mais que a marmellada.

Um casamento amoroso,
Uma união bem formada,
Felicitam dous amantes,
Sabe mais que a marmellada.

Os despresos voluntarios
Ferem mais que uma facada,
Quando elles são ficticios
Sabe mais que a marmellada.

Agrados á força feitos
Molestam mais que pancada,
Despreso por comprazer
Sabe mais que marmellada.

VARIEDADES.

Respostas

AS PERGUNTAS CURIOSAS DOS NS. 795—796.

1.°—Em ter freguezes.
2.°—O procurador de causas.
3.°—A letra—L—
4.°—Um buraco, por causa da terra que sahe.
5.°—E' que a manteiga se estende no pão, o advogado sobre o seu assumpto e o preguiçoso sobre o seu leito.
6.°—E' porque reflectem.
7.°—O som e o vento.
8.°—A pelle de qualquer quadrupede.
9.°—O imperador Commodo.

ANNUNCIOS.

200$000 rs.

Gratifica-se com a quantia ácima a quem trouxer á botica de P. A. C. Jatobá á rua direita da Mizericordia n.° 12 o cabra Pantaleão, de hombros largos, bons dentes, principiando a buçar, costuma andar calçado.

Este cabra pertence ao negociante do Rio de Janeiro Francisco Ignacio de Mesquita Neves; acompanhando seu senhor em viagem do Rio para Maceió, no vapor *Paraná* á 19 de novembro do anno passado, ao chegar á esta cidade fugiu de bordo do mesmo vapor; o mesmo cabra pertenceu outr'ora ao Sr. João Manuel de Seixas. Protesta-se proceder criminalmente contra quem o tiver acoitado, bem como haver-se os dias de serviço.

Bahia 14 de junho de 1871.

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 81.ª QUARTA-FEIRA 21 DE JUNHO. Ns. 803—804.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 20 de junho de 1871.

Officio ao Illm. Sr. administrador do hospital dos lazaros, para que informe si pertencente a esse hospital existiu uma crioulinha de nome Maria, filha de uma das chamadas escravas da nação, si no caso de ter existido é viva ou morta ou que destino teve. Espera-se de S. S. esta informação com a possivel brevidade, visto como torna-se ella necessaria para syndicancia de maior alcance.

Portaria ao fiscal da Sé.—Sendo expressamente prohibido pela postura municipal n.° 99 a creação e conservação de porcos dentro da cidade, admira que se consinta que dous estrangeiros moradores á travessa d'Ajuda por baixo do dentista Reinaldy os tenha em grande quantidade n'um quarto, de onde os vae matando para negocio.

Cumpre portanto que S. m. imponha aos mesmos estrangeiros a competente mulcta. Cumpra.

—Capitão, sabe que estou enthusiasmado pelo Dr. Rocha?

—Estimo muito.

—S. Ex. acaba de praticar um acto que por si só basta para tornar recommendavel sua administração inteira na presidencia da provincia, quando por outros muitos ja não se fizesse notavel.

—Quer que lhe diga qual é?

Si for capaz, advinhe.

—E' a creação de uma aula nocturna para adultos na freguezia da Sé.

—Acertou, capitão.

—Si a instrucção, na phrase de Pelletan, é a primeira funcção do Estado; si a escola é um instrumento de progresso—poderoso e sagrado; si é ella o asylo milagroso que recebe a creança, o adulto, o velho, e dá-lhes o baptismo que a sociedade reclama para os admittir em seu seio, o Dr. Rocha tem incontestavel direito ao reconhecimento e estima de seus patricios.

— Assim saiba o povo aproveitar.

—Em quanto o povo não souber ler, não se conte com elle para commettimento algum.

—Sabe V. dos pormenores de um desaguisado dado no Xixi, domingo á noite?

—Vinha mesmo communicar a V. Ex. o que pude colher.

—Pode começar.

—Em casa da africana Rosa, moradora no logar mencionado, havia em louvor á Santo Antonio, modinhas, violões, *piguá* e aquillo com que se molha a palavra.

A's 10 horas da noite, passando o soldado de cavallaria José Ramon, introduziu-se na casa para apreciar o festim, e depois de alguma estada, entendeu de fazer parar o violão, havendo por isso altercação, da qual resultou o soldado dar na face de uma crioula, filha da dona da casa.

Travou-se conflicto, recebendo o soldado uma cacetada sobre a cabeça, dada por um dos individuos que tocavam violão, e aquelle por sua parte espancando a um escravo da referida dona da casa.

O *aguaceiro* estava prestes a passar; o tocador de violão tomara o caminho de casa, e os mais iam acalmando a effervescencia, si não passa por alli o cadete *Fortim,* de cavallaria, a quem seu companheiro de arma pediu que o auxiliasse.

O cadete não indagou motivos. Sem saber quem era da desordem, foi ferindo a torto e direito.

Ha quem diga que tomou o refle do commandante do destacamento de policia naquella freguezia.

José Estrelinha recebeu tres estocadas: uma ábaixo do coração e duas nos braços; a mulher deste, senhora de 50 annos, tambem de nome Rosa, além de muito panno de espada, levou uma estocada na mão.

João Evangelista, filho destes, apanhou á ficar de cama.

Domingos Martins da Silva, ficou todo cutilado, com quatro brechas na cabeça, uma estocada no ventre e mais uma outra. Acha-se em perigo; um habil medico á cujos cuidados está entregue, receia por sua existencia.

Cosme Vieira da Silva, caxeiro de trapiche, apanhou muito e á não ter agilidade de pernas, seria tambem ferido.

Meninos, escravos, mulheres, pessoas que passavam, todos eram aggredidos por esses dous indomaveis façanhudos.

—Este facto dispensa reflexões; basta naral-o.

—E' com tudo de notar que havendo perto dalli um destacamento policial; esse acontecimento tomasse proporções tão desastrosas.

—Capitão, V. Ex. sabe dizer me que gritos d'aqui-del rei foram uns, no domingo á noite, na rua dos Capitães, na loja do sobrado n.° 39, habitada por pretos africanos?

—Ouvi os gritos como de uma pessoa que apanhava, cujos gritos sobre-saltaram a toda visinhança; mas ignoro o que fosse.

—Dizem que os africanos moradores n'esse sobrado fazem sempre barulhos e algazarras.

—E' verdade. Consta-me que jogam, e que os alarmas que costumam alli haver, são originados por esse pernicioso vicio.

—Neste caso, convém que a policia chame-os á ordem.

—Transitando por esta cidade, o espectador é testemunha de um quadro immoral e desagradavel.

—Não me dirá qual é?

—E' a indecente maneira de trajar desse enxame de mendigos que povoam as praças, ruas e adros das egrejas.

—Tem toda razão.

—Cobertos de andrajos, com as carnes semi-núas, patenteiam aos olhos da pudicicia virginal e da innocencia infantil, vistas que excitam o rubor e despertam ideias impuras.

—E' uma vergonha diante do estrangeiro que presenceia taes scenas.

—Em um paiz que se diz civilisado, e onde se acata a decencia e a honestidade, a presença continua de espectaculos tão repugnantes e obscenos desdiz completamente contra o adiantamento do povo.

—Entretanto é o que realmente se vê: uma multidão de ebrios, uma immensidade de mendigos e ociosos, no mais extravagante estado de indecencia!

—E passeiam pelas ruas; as familias presenceiam e coram, mas não ha quem trate de remediar esta falta.

—Como, si não ha casa onde elles sejam recolhidos; si a policia, á falta de meios, os consente entregues á si mesmos especulando e illudindo a charidade publica?.

—Capitão, eu quero ver si V. Ex. é do meu parecer.

—Exponha o que ha.

—Eu entendo que o Estado concedendo ao official militar um soldado, é exclusivamente para seu serviço.

—Que duvida!

—Isto é, para tratar e zelar do seu uniforme, preparar seu alimento, no caso de ser solteiro, etc.

—Optimamente.

—Porém eu vejo que ha officiaes que fazem dos soldados seus escravos.

Levam-nos para casa de suas familias á servir as cunhadas e cunhados, sogros e sogras, parentes e mais passaralhada. Mandam-nos carregar pesados carregos na cabeça, comprar lenha e carvão, ir para a cosinha, deitar penicos fora, levar os meninos á escola em mangas de camisa, como si fosse um escravo que acompanha os senhores moços.

—Eu creio que a lei militar não dispõe isso.

—Todo trabalho honesto é honroso ao homem; mas desde que o soldado é constrangido a ir contra vontade despejar o ourinol da mulher e parentes do official, parece que é aviltal-o em sua dignidade de homem.

—Acho muito reprovavel.

—Então, estamos de accordo que o official não tem direito de lançar mão do camarada para utilisal-o no serviço de sua familia?

—Perfeitamente.

—As suas ordens, capitão.

—Até outro dia.

—No sabbado, ás 4 horas e meia da tarde, na rua Nova do Commercio, um caixeiro do Sr. Espinheira, que desde do meio dia foi visto passeando por aquella rua de chicote em punho, accommetteu ao Sr. Castilho, official de descarga d'alfandega, e deu-lhe com esse aviltante instrumento de que se achava munido!

—Oh! oh! oh! E a rasão porque procedeu elle assim?

—Dizem que é nogocio particular no que eu não tenho que me intervir.

—E não foi preso esse moço, por ter assim injuriado ao Sr. Castilho?

—Elle entrou em uma casa na cidade baixa, a qual esteve cercada, mas depois levantou-se o cerco.

—Emfim, como, segundo dizem, elles são até parentes, por lá se atem!

—No processo do celebre *Juca Rosa* extrahimos ainda o seguinte, para conhecimento dos leitores a que grau levava esse embristeiro as suas bruxarias:

Feitiçarias, sortilegios e evocações, estellionatos, roubos, propinações de veneno, abuso de confiança, ataques á religião, seitas prohibidas.

Sessão na 2ª delegacia de policia.—Presidente Sr. Dr. Miguel Tavares; advogado o Sr. Dr. Tito Franco; escrivão, Sr. Chaves.—A 1 hora da tarde. Testemunha inquerida H. M. da S., solteiro, de 24 annos de idade, disse: que conhece a José Sebastião Rosa, desde o anno de 1868, tendo começado as suas relações, porque elle, testemunha se achava enfermo de um braço e aconselharam-no, que, para obter a completa cura, seria necessario ouvir o feiticeiro; que com effeito foi procural-o e tratando do negocio recebeu Juca a quantia de 30$000, que dizia precisos para compra de medicamentos; que assim em contacto com Rosa, e ouvindo este dizer constantemente, que tinha um poder sobrenatural, e que por causa disso até era conhecido na Europa, fez parte de sua irmandade, assistindo pela primeira vez a uma ceremonia, por elle feita, na rua do Cabeçú n. 2; que esta ceremonia foi celebrada no meio das bugigangas que se acham na delegacia, estando o celebrante descalço e sem paletot, e que tinha por fim converter em affeição a inimisade, o que se verificou por meio de um acto chamado—Amarração; aconselhando os meios de se vencer quaesquer difficuldades da vida; que para Rosa dar a consulta, era necesario ser tomado de um espirito, ao qual na occasião chamava seu pai; e isto se realisava quando, no meio da cantoria que se ouvia, mudava de voz, principiando a dar saltos, e era nesse momento que todos os assistentes lhe beijavam a dextra, e batiam com a cabeça no chão; que todas estas ceremonias eram celebradas, concorrendo cada um com o que podia dar; que assistiu tambem a uma ceremonia verificada na rua da Carioca 36, na casa em que residia uma moça branca, portugueza, por nome M. T., que, então, tinha em vistá attrahir a sua casa cada vez mais, um negociante opulento, que a frequentava; que ahi fez o serviço da—Amarração, que consistia em estender-se no pavimento um pedaço de panno, e sobre este, em fórma de cruz, um outro preto e encarnado, pondo-se sobre tudo, urubú. anú, pimenta de Angola, farinha, azeite de dendê, milho e acaçá; feito isto comparecia a consultante, e Rosa fazia lhe passar um gallo pelo corpo, em todas as direcções, pronunciando algumas palavras inintelligiveis; após cortava se o pescoço da ave, e a consultante esquartejava enchendo-o dos ingredientes, e mandando-a collocar á porta de egreja de S. Francisco de Paula, sendo a testemunha quem a levava; por estes e outros factos altamente repugnantes recebia Juca Rosa dinheiro, sendo M. T., uma das filhas em quem mais confiança depositava, e que mais vezes lhe dava dinheiro; que o nigromante empenhou ha tempos, em casa de Francisco Motet um annel de brilhantes, pertencente áquella mulher, e pelo qual obteve 50$000, que Juca guardou; que lhe consta que esta moça tem empenhado joias, por muitas vezes, para satisfazer ás exigencias de seu pai e senhor; que assistiu a juramentos de fidelidade, e que mais tarde a propria Leopoldina lhe disse que tinha rompido o juramento, porque Juca a queria obrigar ao pagamento de 60$ mensaes, servindo-se ainda della por um modo tão repugnante, que a misera se viu na necessidade de fugir a semelhantes perseguições; que o fim da filiação de Leopoldina era conservar a estima de um homem, e que ella despendera perto de 200$000; que n'uma reunião a que assistiu na rua do Cabeçú, viu 30 pessoas filiadas, que obedeciam cegamente ao pae Quibombo; que conhece uma infeliz a quem Juca exigiu dinheiro por consultas, e que depois de lhe dar boas sommas e achando-se sem recursos teve de vender sua mobilia, certamente para satisfazer ás exigencias de Juca; que afastando-se de taes sessões, soube que o feiticeiro o ameaçava com pena de morte, adoecendo pouco depois; que o feiticeiro se casava com differentes mulheres, baptisando crianças, segundo o seu infame ritual, e que se effectuavam danças eroticas em frente de imagens santas; que Juca Rosa applicava condemnações ás *filhas*, fazendo remir a dinheiro as penas que pretendia applicar-lhes; finalmente concordou, que José Sebastião Rosa, praticava sortilegios, evocações, estellionatos, roubos, abusos de confiança, ataques á religião, fazendo reuniões secretas e perpetrando feitiçarias.

E digam que não é assim.

Seja para quem fôr, a mulher pretende sempre parecer bonita, sempre agradar; sempre subjugar. E ainda ahi não está tudo! O Sr. Ambrosio é feio, pisca os olhos sem interrupção, funga com o maior sangue frio, emfim nada tem de encantar; e com tudo, inda a um homem d'estes, a mulher gosta sempre de subjugar, embora nenhuma tenção tenha de lhe ter amor. E' este o fraco do tal ente temivel chamado mulher. Receber elogios de encantadôra, merecer vassallagens, vêr

cahidinhos á seus pés milhares de adoradores, encher-se de gloria com os seus suspiros, ufanar-se de captivar; eis aqui o de que mais gosta a mulher, e do que forma seus mais caros pensamentos, seus mais ardentes desejos.

E si assim não é, desejo que me expliquem a razão, por que, yayá Mariquinhas, com sua boquinha de carmim onde se engastam pérolas, com seu risosinho de esfrangalhar, seus olhos de penetrar, furar, e ir fazer ferida no mais fundo do coração, toda encantos como é, se requebra toda, se enternece, envia saborosos muchoxos a um feio marmanjão que lhe está defronte com toda semsaboria, e mais desenxabido do que um abacate sem tempero?

Que gosto acha tal deidade em semelhante papalvo? E' porque, D. Mariquinhas é mulher, e a mulher deseja sempre agradar, como já o dissemos.

E si ainda teimarem, quero que me expliquem a razão, porque D. Henriqueta, que é a imagem do amor, estira a mão pelo buraco da vidraça, e deixa cahir cheiroso bilhetinho á um fulano, guedelhudo e poltrão? Amor, não lhe tem a tal sinhá; cazar com elle, não quer, porque não quer figurar de Venus pelo braço d'um Vulcano; então pois, porque é que traz assim o pobre bichano em pasmaceira? Ora, bôa pergunta, é mais uma conta para o rozario; D. Henriqueta é garboza, e gosta de adoradores, e finalmente é mulher.

Não me podem pois contradizer. Perdoem as amaveis; a experiencia me tem mostrado o que affirmo. Podem arrufar se quanto quizerem para mim; façam lá estas carinhas zangadas, batam com a janella, tudo contra o pobre de mim... tenham paciencia!

A PEDIDO

—Sr. Antonio, á dois annos anda V. m. em alternativas, e não ata nem desata!

A moça é *bella,* o que faz que não casa?

Entretanto a sua entrada assiduamente, de dia, de noite, fóra de horas, faz com que todos façam juizos temerarios.

Escute: ha poucas noites dois capotes encostados á pilastra da *cruz* faziam commentarios que o *Paschoal* ouviu, á cerca das suas continuas viagens da *Taboa-grande* para a casa da pequena.

E o caso das bofetadas, não é desairoso?

Ora, decida se que de esperas ja é massada.

Achando-se no commando das armas desta provincia o Exm. Sr. general Herculano Sancho da Silva Pedra, não podemos deixar de saudar a S. Ex. e congratularmo-nos pela escolha de tão distincto militar para a commissão que a pouco acaba de ser nomeado pelo governo imperial. Os relevantes serviços prestados por tão bravo e illustre general não são duvidosos; os postos e as immensas condecorações que lhe foram conferidas deve somente á bravura com que sempre se portou nos campos da batalha, distinguindo-se como um dos primeiros militares do exercito brazileiro: receba pois S. Ex. os parabens de seus subditos, companheiros d'armas.

F. C. M. e outros.

—Então, charo amigo, traz-me novas proezas do seu afamado Ze-Garoupinha?

—Hoje faço sinalepha, capitão, por não dispor de meu dez minutos.

Mas para não passar por alto um feito de sua vida depravada, venho lh'o contar em termos breves.

—Sente-se e desabafe-se.

—Ze-Garoupinha na vespera de Santo Antonio carregou com a concubina e lá se foi com o seu *brinco* pagodear em uma casa ao *Segura-Parede,* onde ainda se acha até hoje.

—E a mulher?

—A pobre mulher, coitada, emquanto o devasso tripudiava em orgias, carcomia-se de desgostos; porque elle teve a crueldade de trancar-lhe a porta, ficando a pobre senhora como preso de cadeia.

—Que homem libertino! que typo de infamias!.....

(Continúa.)

Versos á certa sujeita que espia a vida alheia.

Se occupa esta tagarella
Tratando da vida alheia,
Fazendo mil mexericos
Jesus! que mulher tão feia!

Descompõe sempre o marido
Pau, xicote, não receia,
Grita, berra enfurecida
Jesus! que mulher tão feia.

Vive somente a dormir,
Stá gôrda como balêa,
Arrota, geme, dá traques
Jesus! que mulher tão feia.

Mostra bem nos seus ataques
Que tem de malvada a veia,
Avança n'elle ás unhadas
Jesus! que mulher tão feia.

Não vê papel do rapaz
Que não remexa, e não leia,

Faz brigas com a visinhança,
Jesus! que mulher tão feia.

S'ella conta alguma historia
Não ha ninguem que lhe creia,
Torce o nariz, faz caretas,
Jesus! que mulher tão feia.

O corpo é colxão de palha
A bôca é de legoa e meia,
Tem pernas todas cambaias
Jesus! que mulher tão feia.

—Capitão, acceita uma queixa?

—Sendo justa, attende se.

—Vindo da Matta de S. João á esta capital no dia 15 do corrente, Francisco do Rego, filho familia, vender quatro porcos, á mandado de seu pae, effectuou tal venda na estação da via-ferrea a um portuguez por 110$ rs., e dahi dirigiu-se a cidade á fazer compras que lhe eram ordenadas.

No Fortinho foi seduzido por Manuel Desiderio á pretexto de tomar-lhe uns annuncios de escravo fugido, promettendo-lhe de recompensa 200$ rs.

Logo que a presa entrou no cubiculo do chefe do olho vivo, apresentou-se Antonio dos Invalidos e um outro fallando hespanhol, com tres pedaços de carta, dizendo que era a loteria de Hespanha e que corria alli mesmo.

Com o tal joguinho de alicantina depennaram o *pato* em 100$ rs. Este em seguida foi queixar-se ao chefe de policia, o qual prometteu dar providencias.

—Então que mais quer Vm., si tem esta segurança?

Si o chefe prometteu, é bom esperar pelo resultado.

Em quanto ao prejudicado, eu entendo que tão criminoso é quem come na taverna como quem folga nella.

O miseravel espião Jones Crima

A Bahia hoje está cheia de *ladrões* e *miseraveis* que para poderem passar, ahi estão servindo de espião de policia.

Destes é o mizeravel *Jones Crima,* o prostituto, o alcoviteiro, o intrigante, o delapidario dos bens alheios, o mau filho, o pae corrupto, o insolente, o tratante, o cynico, emfim, o vicio no seu auge.

E' já bem conhecida do publico a vida deste reptil immundo.

Este periodico tem dado muitas paginas deleitaveis de tão negra alma.

O que havemos de fazer mais?

Continuaremos com os *feitos gloriosos* de tão *illustre* personagem?

Sim; porque para t l monstro de perversidades o latego não serve, mas sim a imprensa, que sabe castigar o vicio, e premiar a virtude.

Sirva este pequeno artigo de introducção aos que se vão seguir.

Ao Salú Rato.

Salustiano *Rato,* novas *treitas*
Te prepara a cruel *maçonaria,*
E os *frades* da tal *homeopathia*
Dos *malucos* contemplam-te nas seitas.

E tu que quantas moças vês acceitas,
Vae refrescar-te na cavallaria,
Pois do contrario os da *feitiçaria,*
Hão de *borrar* a cama em que te deitas.

Si queres, pois, tomar um bom conselho,
Arruma um sinapismo no cangóte
E vae te receitar com algum *bedelho.*

E mette quanto antes n'um bispote,
Essa cabeça estulta, ó rato velho,
Antes que alguma *gata* dê-te o bote.

O sineiro de Sant'Anna

—Capitão, peço-lhe que attenda-me por um pouco.

—Prompto.

—Peço a V. Ex. o favor de despertar a policia, chamando a attenção d'ella para um certo agente do *Olho vivo,* que tendo sido expulso de um hotel d'esta cidade, *n'uma baixa.....*

—Naturalmente por ser esperto de mais?!

— . foi ao consulado, (o homem é lusitano) tirou um passaporte para seguir para o Rio, mas para não ser bifado pela policia deu o nome errado.

—Elle morous, egundo diz, n'um largo que tem o nome de uma cousa com que se *lavra pau.*

—Ah! machado, não é?

—E' justamente, é essa cousa mesma!

Tome conta d'elle, e mande o seu muxingueiro chegar lhe de vez em quando a taca *as costas.*

(Continuação do n.° 801.)

—Capitão, eis-me de novo em campo á continuar a vida do celebre *monstro,* que por desgraça das familias pobres, aportou a estas paragens, em *domingo,* dia de *S. José,* indo degradado para *Fernando* no brigue *Aguiar.*

Este scelerato, parente do demonio, veio da velha maroema procurar meios de vida no nosso pobre Brasil.

Aqui encontrou acolhimento como nunca teve em sua terra natal; encontrou consideração, aquelle que sem duvida não passava de um infame carregador de lixo, ou misero agua-

deiro..... No entanto a recompensa que nos dá esse ingrato, é deflorando e lançando á prostituição nossas irmans!...

Capitão, haverá maior dôr para um pai ou uma mãe do que ver uma filha, criada com caricias e desvellos deshonrada, perdida, e logo após abandonada pelo miseravel corruptor, ladrão de honras?

Eu creio que não ha castigo bastante para punir um sicario de tal natureza, porque não ha valor que compense a honra roubada.

Tão execravel ente terá remorsos do mal que ha feito?

Haverá em sua tenebrosa vida alguma hora em que sinta pesar lhe a consciencia por tantas victimas que tem arrastado ao vicio e á prostituição, duas das quaes morreram, não ha muito, uma miseravelmente nas Portas da Ribeira, e outra á mingoa, em um casebre immundo, onde o monstro fingindo compaixão a conservava?

Maldição eterna sobre o malvado, author de tantas atrocidades, de tantas desgraças, de tantas lagrimas, de tanta miseria!..

E tu, venenosa e trahiçoeira serpente, creatura tão despresivel quanto perigosa, treme do castigo que te espera, por que Deus não perdoa a crimes tão execrandos.

Um dia, e talvez não esteja longe, pagarás, miseravel, a obra do mal que tens levado a effeito.....

Serás maldicto de Deus e dos homens..... tuas carnes cahirão aos pedaços.... todos te repudiarão como uma peste contagiosa....

De lá da mansão onde repousam, os manes de teu irmão invocam contra ti o anathema do Altissimo; porque foste a causa de seus infortunios; porque deixas sua esposa e seus filhos entregues aos horrores da miseria, procurando até deshonrar-lhe a memoria, querendo que a infeliz obrigada pela necessidade accedesse a teus brutaes appetites, e como não conseguiste a deixas na maior indigencia!

E quem sabe teus designios; quem sabe si não era teu intento depois de deshonrar a viuva, lançar vistas sensuaes sobre as innocentes filhinhas?

....

Que a terra te negue o pão!... que os ceus te amaldiçoem!... que o inferno trema ao receber-te, demonio dos demonios!.....

(*Continúa.*)

Motte.

Os ceus não permittirão
Qu'eu morra sem te gozar.

COLCHEIA.

As chammas do coração
Heide nutrir noite, e dia;
Qu'eu morra sem alegria
« Os ceus não permittirão:
Com grande consolação
Sei meus males supportar,
Heide firme te adorar
Apesar do teu rigor,
Não permitta o Deus de amor
« Qu'eu morra sem te gozar.

Motte.

Inda que de ti distante
Em longa separação,
Acharás teu nome escripto
Dentro do meu coração.

Não penses que o teu retrato
Perdeu a côr animante,
Sempre comtigo me vejo
« Inda que de ti distante.
Inda que o tempo
Tudo desfaz,
Dentro em meu peito
Tú vivirás.

Como amor une as vontades
E se nutre na união,
Amo-te como presente
« Em longa separação.
Amar á vista
Devido a amor,
Amar na ausencia
Tem mais valor.

Lembrando-me de ti, meu bem,
Teu nome sempre repito,
No coração palpitante
« Acharás teu nome escripto.
Tinta meu pranto,
Pena o farpão,
Papel meu peito
Eu escrivão.

Qual precioso thesouro
Da minha maior paixão,
Eterna vives, ó bella,
« Dentro do meu coração.
Cofre seguro
Meu peito é,
De aurea chave
Lhe serve a fé.

VARIEDADES.

Dous mendigos cegos que se achavam parados na entrada de uma ponte em Coimbra, pediram esmola a um estudante bregeiro, que lhes disse sem dar-lhes cousa alguma:

—Tome la, meu irmão, reparta com o seu companheiro.

Ambos o encheram de agradecimentos pe-

la esmola imaginaria, e quando o julgaram bem distante delles, disse um ao outro:

—Venha.

—O que? perguntou ao companheiro.

—Ora o que! a metade que me pertence.

—Essa é boa! dá me tu a minha metade.

—Não brinques; pois si o bom do homem disse—*reparta com o seu companheiro.*

—Sim, senhor, disse: e porque tu não repartes comigo?

—Porque não fui eu quem recebeu a esmola, mas sim tu.

—Estás doudo!... Eu não. foste tu.

—O' ladrão! gritou o primeiro, vá roubar na estrada!

—Ladrão és tu, que roubas o que me pertence.

Agarraram-se fortemente aos socos, murros, bofetões, etc., etc. E quando já estavam bem molestados, o bregeiro, que, rindo-se com os collegas, os espreitava de longe, exclamou:

—Olá! com faca não, isso não. Espere, não o mate!

A esta voz, os dous cégos, suppondo cada um que o companheiro queria cravar-lhe a faca, se foram afastando amedrontados um do outro, até que ambos tropeçaram e cahiram redondamente.

As perdizes.

Magdalena gostava de comer bem, e João, seu marido, tinha pelos bons bocados o mesmo fraco que sua mulher. Além disto era violento, e tinha com ella amiudadas vezes suas questões.

João um dia matou duas perdizes, e saltava de contente com a idéa de ter um bom petisco; mas para a festa ser completa era mister ter um conviva, e por isso convidou o seu visinho José.

Quanda sahiu disse elle á mulher:— olha que tudo deve estar prompto ás tres horas; vou convidar a José, e fazer algumas compras á villa.

Magdalena arranjou tudo um pouco mais cedo, de modo que ás duas horas e meia já as perdizes estavam promptas. Como se estragariam si estivessem mais tempo no espeto, tirou-as para fóra, mas nesta operação arrancou-se-lhe o pescoço a uma d'ellas. Ides vêr o mal que resultou deste pequeno incidente.

Magdalena pegou no pescoço e comeu-o. Como o achou delicioso, arrancou o outro, e pareceu-lhe ainda melhor. Como lhe deveriam saber as azas, e as pernas, que ella parecia querer devorar com os olhos! Lembrou-se com anciedade que talvez lhe não deixassem nada deste excellente petisco. E como ella mirava as perdizes e as vo'tava d'um lado para outro ficou-lhe entre as mãos uma perna d'ellas. Magdalena pensou no que havia de fazer d'uma perna separada do resto da perdiz, e para se tirar da difficuldade comeu-a.

Quiz encobrir a sua falta, e pôz a perdiz de lado, mas como a aza do mesmo lado não deixasse estar a perdiz na posição que ella desejava, arrancou a aza e comeu-a. A perdiz estava collocada como ella queria, mas não fazia uma figura conveniente ao lado de uma visinha munida de pernas e azas. Magdalena assim o entendeu, e por isso achou que o mais acertado era comel-a inteira, dizendo que fóra o gato que lh'a roubára. Assim aconteceu. Magdalena regalou-se com a perdiz inteira, mas lembrou-se logo, com grande receio do castigo que o marido lhe inflingiria. Deu algumas voltas pela casa, olhou para a estrada, João não apparecia. Voltou depois para a cosinha, descobriu a perdiz que restava, e poz-se a fazer considerações; pareceu-lhe que ella era mais gorda, e que João e José poderiam ficar bem com ella. Comtudo, como ella receiava o genio do marido, teve uma idéa... Ah! o que é ser glotão!

Magdalena disse comsigo:— se heide ser castigada por meu marido por comer uma perdiz, é melhor comer tambem a outra, mesmo porque é mais gorda! E sem mais reflexões fez desapparecer a segunda como havia feito desapparecer a primeira.

Mal tinha acabado de comer, entrou João.

—Não sabes, João, o gato comeu-me as perdizes!

—Pois tu deixaste comer as perdizes! exclamou João já todo indignado. Immediatamente deita a mão a um cajado, e como a pobre mulher julgava que era chegada a sua ultima hora, disse ao marido:

—Eu estava a brincar, as perdizes estão alli, estão ao lume.

—Ah! isso é outro caso, replicou João, aliás, havia de custar-te caro. Vae pôr a mesa, acrescentou elle, e entretanto vou afiar uma faca, que não corta nada. E sahiu para o fazer.

Neste momento entrou José.—Ah! senhor José, lhe disse Magdalena, que vindos cá fazer?—O que venho cá fazer? redargiu José, venho comer as perdizes; creio que não é nada mau. Senhor José, replicou Magdalena, vós sabeis e mo sou vossa amiga, e por isso é necessario que eu vos falle a verdade. Aqui não ha perdizes, bem vêdes, porém João, que vos quer mal secretamente, jurou, que vos havia cortar as orelhas na primeira occasião que tivesse: vêde como elle está no pateo

aguçando a f ca.—Effectivamente via-se da janella João em mangas de camisa passando a faca por uma pedra de afiar. José, sem maiores hesitações, não quiz saber mais de perdizes e poz-se a andar para sua casa. Magdalena chamou então o marido, ao qual disse que José, querendo certamente para elle só as perdizes, lh'as levara. João sahiu logo para a rua a gritar. José já se não avistava; João, acreditando o que a mulher lhe havia dito, perseguiu José quanto poude: quando o avistou, gritou-lhe: «ao menos uma.» Nem uma, nem outra, respondeu José, levando as mãos ás orelhas; e, como lhe levava grande distancia, metteu-se em casa, e alli entrincheirou-se.

Magdalena ria-se e zombava do logro, mas a sua artimanha não lhe valeu de muito. João e José poderam afinal explicar-se. Tudo foi posto em pratos limpos. E' facil advinhar o que aconteceu a Magdalena; é escusado dizel-o, e é melhor não imitarmos os glotões, por que tambem nos póde custar caro.

RESPOSTA A CERTAS PERGUNTAS.

O que é um Conego?

Pessoa que come muito, e trabalha pouco; que calça meia encarnada e tem senhoria; que o Estado sustenta para figurar no côro, e olhar para os cantores, em quanto elles se esfalfam de cantar!

O que é um beneficiado?

Sujeito que tem o mesmo trabalho que um conego, comendo menos, uzando de meias pretas (os que não trasem botas) e não gozam de senhoria.

Que cousa é a mentira?

E' um cometa que tem por algum tempo aparencias de estrella, e que se desfaz finalmente por si mesma.

Que cousa é uma mulher?

E' um balança que se inclina para onde mais recebe.

Charadas.

O chão é limpo por mim 1
Si tivesse assim fazia 3
Trabalho sempre de noite,
Porem descanço de dia,

A luz que os corpos reflecte,
Me causa tal sensação 1
Causa activa me produz
Ou seja potencia ou não? 2
Quando elle falla
A razão se cala
Na vinda não me acharás, 2
Vi lettras della assim fiz 1
Preposição e artigo
Eis o meu nome o que diz 1

CONCEITO.

A quem me ama despreso,
Me escondo delle illudida.
Quando sincero me quer
P'ra companheira da vida.

Si mereço sympathia,
Eu sou muito leviana,
Conto os meus particulares
E fico bastante ufana.

ANNUNCIOS.

O Sr. Escolastico Guilherme de Maia tem uns recibos nesta typographia.

Chegou a grande walsa—A minha lyra,—composta por Francisco Santini e acha-se exposta a venda em caza do auctor á ladeira de S. Roque, n.º 18 á Barroquinha.

Na ladeira do Alvo n.º 44, vende-se cravos para casamento e baptisado.

200$000 rs.

Gratifica-se com a quantia ácima a quem trouxer á botica de P. A. C. Jatobá á rua direita da Mizericordia n.º 12 o cabra Pantaleão, de hombros largos, bons dentes, principiando a buçar, costuma andar calçado.

Este cabra pertence ao negociante do Rio de Janeiro Francisco Ignacio de Mesquita Neves; acompanhando seu senhor em viagem do Rio para Maceió, no vapor *Paraná* á 19 de novembro do anno passado, ao chegar á esta cidade fugiu de bordo do mesmo vapor; o mesmo cabra pertenceu outr'ora ao Sr. João Manuel de Seixas. Protesta-se proceder criminalmente contra quem o tiver acoitado, bem como haver-se os dias de serviço.

Bahia 14 de junho de 1871.

Vende-se uma lancha: trata-se nesta tiypographia.

Lopes Reis e C.ª precisam para sua fabrica de charutos na rua de S. Bento n. 6, de mulheres que saibam fazer charutos. Tambem admitte aos que quizerem aprender ganhando logo que souberem alguma cousa.

Vende-se.

Bonitas capellas mortuarias, para anjo, ramos para baptizados tudo de folhêta de prata, e vellas de cêra, diversos enfeites tambem para baptizados, promessas etc., na rua Direita do Collegio hoje contigua á Bibliotheca Publica n.º 33.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 81.ª — SABBADO 24 DE JUNHO. — N. 805.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 24 de junho de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, para que informe sobre o facto de ter sido, á cerca de 15 dias, impunemente espancada uma mulher por um vendelhão ao Rosario de Itapagipe.

—Capitão, soccorra a um desgraçado.

—Oh, meu amigo! o Sr. commove-me. O que temos?

—Existe nos antros de uma prisão um desgraçado cujo crime é aspirar aquillo que todo vivente aspira.

—A liberdade?

—Tal e qual, capitão,

—Sendo exigidos 800$ rs., como preço de sua liberdade, o infeliz entrou com 350$ rs.

Depois quizeram vendel-o; mão bem-fazeja foi tiral-o manietado no porão de um navio com destino ao Rio Grande.

Urdiram-lhe, por crime imaginario, um processo do qual a victima não tem conhecimento, não ouviu depor testemunhas, que consta foram seus antigos parceiros, não sabe do julgamento final, e vive assim privado de sua liberdade, ignorando qual seja sua sorte.

O que mais acabrunha a desventurada creatura, é o desespero da fome que o devora.

Imagine, capitão, que transes não passa um desgraçado, encarcerado nos ergastulos de uma masmorra sem ter o que comer, implorando a commiseração de seus companheiros de infortunio.

—Custa a crer que no seio de uma terra civilisada se passem horrores taes!... e se lancem mão de certos meios...

Eu procurarei despertar a attenção do Sr. Dr. chefe de policia. Elle é o competente para tomar conhecimento, esmerilhar a verdade e providenciar.

—Ha cousas singularissimas!

Creio que hoje 20 sahi á rua somente para presenciar desastres da mesma especie.

Ora, eu que sou nervoso, estou transtornadissimo com os acontecimentos de que fui testemunha.

—Vá me contando os motivos de suas alterações.

—A's 9 horas e meia passando pela rua da Misericordia, desembocava do arco do mesmo nome uma carroça com caibros, a qual foi sobre uma escrava do Sr. Gadelha; apezar da dextreza com que esta procurou livrar-se, atirou a ao chão, contundindo-lhe um braço e molestando-lhe todo aquelle lado por cahir alguns caibros sobre ella; um pouco de louça que conduzia em um caixão ficou esmigalhada.

—Podia até morrer.

—Esse incidente foi devido todo a imprudencia com que o carroceiro fustigava o animal para vencer o declive que ha no referido arco. O animal ao chegar no plano espantou-se e desenbestou; não sendo guiado pelo cabresto, tomou para o lado em que vinha a preta sem lhe dar tempo de esquivar-se.

—O serviço de conducção em carroças é um dos peiores e de mais perigo nesta terra.

Ha entre outros, dous inconvenientes gravissimos: um é dos conductores não guiarem os animaes pelo cabresto, deixando os tomar direcções diversas; vezes procurando o centro das ruas e vezes as extremidades. Outro é de servirem-se de carroças para transportes de compridos pranchões, varas e caibros os quaes pela maneira porque os collocam, ficam atravessados e tomam de revez os lados da rua embaraçando o transito.

—E dando logar a esbarrões, *tungadas*, encontrões; mormente nas voltas e ladeiras.

—O outro acontecimento é mais deploravel.

—Misericordia!

—O major Herculano Antonio Pereira da Cunha, homem de 70 annos, sahiu á passeio, encaminhando-se pela fundição da Jequitaia. Isto seriam 11 horas; seguindo pelo becco das

Tabocas, sahiu do barracão da via-ferrea uma carroça, cujo desastrado conductor, açoitava e tangia o animal com tanto açodamento que precipitou-o sobre o ancião, atirando-o ao chão e a carroça passando-lhe sobre uma perna, deixando o sem esperanças de vida.

—Oh, Sr.! um homem velho e doente!

—Consta que o chefe de policia tendo noticia do acontecimento, ordenou que se fizesse corpo de delicto e se procedesse contra o criminoso, o qual se poz em fuga.

—Um dos defeitos desta terra; não prevenir para depois ter de punir.

Porém como o que está feito não está por fazer, é preciso um exemplo severo para que esses carroceiros sejam mais cuidadosos de suas obrigações.

—Capitão, vi uma cousa no *Alcazar,* de fazer rir.

—Vá desembuchando.

—Antes de principiar o espectaculo, apparece um moleque com uma campainha, e começa a tocar como usam nas missas em S. Domingos ou nas egrejas matrizes, quando tem de sahir o Sacramento.

Na quinta-feira, porem, entregaram a campainha a um moleque pandego que pôz-se tocando e gritando:

«Cheguem para ver pernas bem feitas!
«Cheguem para o *alcazar Leoni!*
«Cheguem para a folia!
«Cheguem para o deboche e orgia.»

—Oh! que escandalo!

Até o *Mercurio* na especulação, ou extorsão do cambio de bilhetes do theatro!...

—Pois o *Mercurio,* o deus dos alcoviteiros, tambem cambeia em bilhetes de theatro?

—Não é o deus *Mercurio* da fabula, é o *Mercurio* negociante, que ha pouco casou-se com quarenta contos de réis, segundo dizem, que manda por portas travessas comprar bilhetes de camarotes e platéas, exigindo depois dos espectadores cinco e seis mil réis pelas platéas e quinze e vinte mil réis por camarotes, tendo pessoas contractadas para esse serviço.

—Capitão, uma cousa, que reclama prompta providencia, para evitar quedas e desgraças.

—O que é? falle, diga logo.

—O largo de S. Bento, mormente na calçada, está intransitavel.

—Não sabe, que é tempo de inverno; pela chuva continuada alguma poça, talvez?

—Não é de agua que eu trato, mas de ferro.

—Pensei:—então o que é?

—E' certo que o finado Dr. Aprigio pintava bem esta terra, dizendo...

—Está V. dissertando.

—...que, aqui, cada um por mais loquaz ou pretencioso, fazia, impunemente, o que queria; e não tinha quem lhe fosse á mão!

—Ignorava esse dito chistoso, que, infelizmente, é verdadeiro! mas o que ha?

—E' a empreza de *Trilhos Urbanos* que, como a de *Vehiculos Economicos* e de *Trilhos Centraes* não leva em conta o publico; offerecendo commodidades, cada qual d'ellas motiva transtornos e desgostos!

—Isso é verdade, mas ella é uma das melhores.

—Do que a de *Vehiculos Economicos,* não padece duvida, pela inalterabilidade de preço, a excepção só em certos dias de noite, pela facilidade em qualquer parte de entrar e de sahir uma pessoa onde queira, e porque não tem bilhetes para dias santos e domingos e dias especiaes, dobrado e quadruplicado, as vezes, o preço; estando em começo os *Trilhos Centraes,* que não pode, por ora, ser julgada.

—Que é eu hei de fazer,—si a policia e a camara municipal nada fazem, pondo côbro aos abusos, providenciando com energia e independencia, e lotando o numero dos logares, que, servindo para doze phthysicos, incommodam a seis hydropicos?

—Falle, capitão, escreva, e conseguirá, como tem conseguido muitas cousas pela censura; tanto mais quando a agencia, talvez, ignore o que occorre, e é docil e dedicada.

Não direi mais nada, porque meu fim é pedir providencia, para serem removidos os trilhos que obstruem o caminho, e que, ha dias, causaram uma queda n'um cego, que quasi espedaça-se todo em cima dos ferros!

—Vou fazer-lhe a vontade, sentindo a demora que dar-se-ha, como no Taboão; pelos embargos das duas emprezas a rua ali atravancada e lodocenta, os *Trilhos Centraes,* parados pelos Trilhos Urbanos!

—O' que governo inconsequente temos nós!

—Porque se queixa tão amargamente, meu rico?

—Pois Sr., eu não sei mais o que ha de urdir o governo e seus agentes para vexar e atrazar o povo!

Além de um homem pobre tirar da bocca de seus filhos para pagar direitos á nação por um pequeno negocio, ainda andar um dia inteiro de Herodes para Pilatos!...

Em que paiz, á não ser este, ja se viu as estações publicas recusarem moeda legal do Estado?

—As moedas de dez reis, não é?

—Sim, Sr.

—Eu si fosse pagar nessa especie e não me quizessem receber, não dava cavaco.

—Nessa não caio eu, para no outro dia tomar pelas ventas um mandado executivo.

Tinha de pagar 13$500 rs. de direitos; pego em 9$ rs. em papel e 4$500 rs. em moedas de dez réis, porque á natureza do meu giro faz com que receba muito dessas moedas, chego a meza de rendas para pagar e regeitam-me o cobre; vou á thesousaria trocal-o, recusam-me; dirijo me ao sello para comprar estampilhas, fazem *bochecha*. Ora dá-se que inferno! Em idas e vindas, la se vae perdido quase todo dia.

Entretanto, a meza de rendas regeita a moeda legal do paiz, com curso authorisado pelo governo e recebe valles das companhias de *bonds*, sem garantia do governo ou permissão dos poderes competentes! Nesta occasião como que á proposito presenciei o empregado Bittencourtt receber um valle dos Trilhos Urbanos.

—Isto na verdade é estorvo, e impecilio ao povo. Dizem que se elhante ogeriza ás moedas de dez réis é pelo trabalho que dão na contagem.

—Panella muito mechida, fica ensossa ou salgada.

—Isto é verdade.

—Estão mettendo o portuguez Albino em funduras e elle é quem ha de vir a ficar mal no fim da alhada.

—Eu entendo que o subdelegado procedeu como devia.

Na venda havia com effeito jogo; jogo de bisca á *mandar vir;* mas no qual os parceiros *esquentavam-se,* questionavam e iam á vias de facto, como aconteceu o mesmo na noite do cerco, em que houve um *souvenir* de supapadas entre o proprio denunciante e um outro.

—Eu só reprovei ser denunciante um dos taes que faziam parte da panellinha.

—Alem disso, o portuguez recebeu o subdelegado inconvenientemente, parecendo querer menoscabar em sua authoridade, não só com palavras menos commedidas, e ainda mais indo como que por escarneo á torneira encher um copo de vinho e bebendo, acompanhando certas phrases...

O ajuntamento de meninos tambem é exacto; eu ouvi de um dos da sucia o que lá se praticava.

Quanto ao excesso dos soldados ninguem deixa de reprovar, porem não foi na vista do subdelegado, pois que Albino largando-se a correr, os soldados o acompanharam e foi nessa occasião que o maltrataram.

—Basta dizer que o proprio portuguez tem tanta consciencia do mal que obrou que se propoz a espontaneamente dar uma satisfação ao subdelegado.

—Mas em tudo isso fique certo—que se não houvessem agulhas não haviam costureiras. Um intrigante só é capaz de revirar isto tudo de pernas para o ar.

A PEDIDO

—Capitão, sabe que o Antonio Godinho comprou um codigo criminal?

—Para que? Então o homem quer abondonar a vida mercantil?

—Diz elle que é para outra vez não o pilharem como desta, que querendo escapulir do defloramento, cahiu no rapto.

—Está direito; pescador que vae sempre ao mar deve usar de atalaia.

—Decididamente quem mora nesta casa é algum filho de mulher fadista.

—Creio que são uns estudantes.

—Não direi que não; mas necessariamente ha entre elles algum filho de arreeiro com alguma farpella, creado pela porta dos açougues, ou nos quarteis, mensageiro de recados dos *frequentadores* da casa, algum menino creado com farinha de vintem, campeão decidido nas *travessuras* do largo do theatro, e a quem a mudança de vida não poude reformar os habitos da puericia.

O estudante será sempre um typo jovial, espirituoso, brincalhão, chistoso e bonanchão, pode usar de um gracejo, de um motejo, mas respeita sempre as regras da cortezia e da decencia, deveres que impõe a boa educação de seus paes recebida.

Porém, um biltre que escandalisa a visinhança, provoca e insulta a quem passa querendo expôr ao ridiculo pessoas sisudas com apupos e vaias, mostra que foi moleque de Terreiro, deixa entrever a origem *marafonica* e os costumes que bebeu no prostibulo onde chafurdava aquella que lhe deu o ser.

—Homem, para evitar-mos historias, o melhor é quando tivermos de ir á rua das *Campellas,* não passarmos por aqui.

—Capitão, V. Ex. que entende de qualquer assampto, me responda á esta pergunta:—Um superior pode insultar á um seu subordinado em occasião de avisal-o para qualquer serviço?

—Não, porque sujeita-se a ouvir o que lhe queira dizer o offendido.

—Pois deu-se um caso que denota grande somma de estupidez. Certo homem que tem nome do bicho que *berra* na *rocha* de *Nemezes,* encontrando um inferior perguntou-lhe si estava avisado para a visita imperial; o moço respondeu-lhe que não.

O que faz o animal bipede?

Diz-lhe: «V. não foi avisado, porque é um relaxado; ainda lhe mando tirar as insignias por um rufador de caixa. V. é tão relaxado que ainda hei de lhe amassar o costado com a farrusca.»

—Si esse estupidarrão ignora os regulamentos da milicia civica, que venha aprender em ferros no porão deste navio.

—O diabo tanto procura que ha de encontrar.

Mas o culpado é quem entrega cargos a gente que só tem prestimo para capitão do canto. Em tempos *primitivos* a cousa se fiava mais fina.

(Continuação dos ns. 803 e 804.)

—Capitão, tratar de cousa tão vil como é o nojento animal de que me occupo, causa asco e repugna e á não ser o perigo que correm muitas incautas virgens, a quem o matreiro procura corromper com o seu ouro, ouro ganho illicitamente, eu o atiraria ao despreso.

E' preciso porém desvendar os olhos as nossas patricias pobres, para que não se deixem fascinar pelo falso brilho da seducção e deslumbradas vão cahir no laço da perdição que lhes arma o perverso.

Leproso social, sabe encobrir as chagas da corrupção que lhe corroem a alma, sob a apparencia de mentida beneficencia, de ironica protecção, de hypocrita sisudez.

A tarefa é fastidosa; a exposição dolorosa, porque se referem a factos que trazem dores e angustias a muitas familias; mas no empenho de desmascarar a tão abjecto ente, irei desfiando todos os factos de consummada protervia gerados em seu tenebroso craneo, fermentados em seu negro coração, urdidos por seu espirito diabolico.

Sim, esse ente vil e nefario que para mal desta terra, aportou aqui em um *domingo,* dia de S. *José,* indo degradado para *Fernando* no brigue *Aguiar*.

Ja te esqueceste, execranda creatura, da sova de pau que escapaste de levar, por causa da innocente victima, sacrificada a tua gana crapulosa, a qual deixaste acabar miseravelmente nas Portas da Ribeira?

O que é feito, milhafre, daquella pobre coitada, que roubaste do lar paterno, prostituiste e pozeste em uma casa ao Jogo do Carneiro?

Recordas-te, monstro, da maneira porque escapuliste das garras da policia, no dia em que tua casa foi cercada por causa daquella menor a quem defloraste?

Os factos são innumeros, notorios e exe.craveis.

Este infame já teve occasião de vender um homem livre, pelo que andou bem *embalançado.*

Um compadre dessa cousa vil, devendo-lhe uma quantia e achando-se em apuros de não poder pagar-lhe, foi atrozmente perseguido e até preso; felizmente a fortuna o ajudou a pagar ao sevandija!...

Capitão, deve a sociedade continuar a supportar um fardo tão pernicioso? Oh! não, mil vezes, não!...

Que este miseravel expie o peso de suas iniqüidades!... Que o castigo corresponda ao mal que tem causado!...

Para elle nada de compaixão, nada de indulgencia.

ANNUNCIOS.

THEATRO DE S. JOÃO

GRANDE COMPANHIA ANGLO-AMERICANA

DIRIGIDA POR W. NORTON E T. RIDGWAI.

em beneficio das

Escolas primarias

Segunda feira 26 de Junho de 1871

PRIMEIRA PARTE.

1° Ouvertura pela orchestra.

2° Os tres Hercules, executado por Thomaz Jorge e John Ridgway.

3° Baile novo, por W. Norton.

4° Solno no piano, por Stil.

5° Salto aereo, executado por Jorge, John e Alberto Ridgway.

6° Ouvertura pela orchestra.

7° Canto de opera, por W. Northon.

SEGUNDA PARTE.

8° Illusão de Ridgway pela segunda vez, o qual dará um premio de cem mil reis a pessoa que for capaz de amarral-o por cinco minutos sobre uma cadeira com uma corda de trinta pés de cumprimento sem que elle se possa desamarrar, á excepção do pescoço.

9° Dança, por W. Norton.

10° Trabalho gymnastico e acrobatico, pelos Irmãos Ridgway.

Os intervallos serão preenchidos com as duas bandas de musica da policia e do 14.° de infantaria.

Principiará as 8 horas.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 81.ª QUARTA-FEIRA 28 DE JUNHO. N. 806.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 27 de junho de 1871.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, para que se digne de informar-se si é exacto que no sabbado á noite fôra espancado no piquete o musico de nome Gonçalo, o qual consta que apezar de ter uma distincção honorifica, foi trancafiado no calabouço a pão e agoa.

Espera-se que S. Ex. fará cessar esses abusos muito frequentes aqui; porque alem de illegaes e criminosos desde que se castiga sem as precisas formalidades, são aviltantes e acintosos praticados publicamente na rua, como dizem aconteceu um dia destes, marchando uma força para o cemiterio á prestar honras funebres, em que um soldado que fazia parte da mesma levou muitas espadeiradas no costado á vista de grande numero de pessoas.

S. Ex., zeloso propugnador dos brios militares, de certo attenderá ás ponderações expostas.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, para que faça acabar com o jogo que ha no caes do Commercio entre praças do 14 de infantaria e remadores, de cujo jogo nascem sempre desordens, sendo que já outro dia foi preciso a intervenção da policia para applacar um desaguisado.

—Capitão, um seu afeiçoado pede-lhe a inserção da seguinte noticia:

«Na capella do Senhor dos Milagres ao largo do Paranhos, celebrou-se no domingo uma singella porem fervorosa e edificante solemnidade religiosa, constando de uma missa rezada em louvor ao mesmo Senhor.

Assistiu ao officio divino S. Ex. Revm. o Sr. arcebispo, o qual recebeu o diploma de protector da irmandade.

O templo estava modesto e decentemente ornado,

A philarmonica *Mnemosyne* prestou-se obsequiosamente a tocar não so durante o Santo Sacrificio, como depois »

—Por poucas a egreja de S. Pedro dos Clerigos não é presa do fogo na noite dos foguetes.

—Algum maldicto busca-pé.

—Não; um balão solto não sei de onde, declinando, cahiu sobre a egreja; principiava a incendiarem-se os andaimes quando descobriu-se. A' actividade do subdelegado coadjuvado pelos esforços de algumas pessoas do povo, deveu-se a prompta extincção.

—Capitão, si eu lhe contar um facto, V. Ex. duvida.

—Creio muito no Sr.

—Olhe que é um facto que parece incrivel, de fazer pasmar!

—Estou acostumado a ouvil-os; ja não ha cousa que me admire.

Siga sua narração.

—Uma mulher em estado de morte, tendo já se confessado, pediu que queria receber os ultimos soccorros d'alma, mas o pastor de almas levou dois dias sem lh'os querer levar nem mandar dar.

—Mas porque?

—Allegando que não podia sahir com as Sagradas Formulas.

—Por falta de quem acompanhasse ou por incommodo delle?

—Nada disso; porque não podia abrir o templo.

—Então estava interdicto.

—Estava cheio de louças e vidros que elle não queria que lhe quebrassem.

—Ora isso! Pois então o pastor de um rebanho leva mais em conta um objecto de vidro do que a alma de um fiel christão?

—Eu logo disse que V. Ex. havia de se admirar.

—Mas o pastor quando não quizesse abrir a porta da matriz com receio de que lhe quebrassem seus vidros, podia sahir pelo con-

sistorio e ir acudir a quem estava prestes a dar contas na outra vida.

—Si esta é do pastor ou de lobo, V. Ex. decida.

—Mas estou certo que não se deu por aqui.

—Não; foi muito longe; na freguezia da *Avó de Christo,* sabe onde é?

—Nunca la fui.

—E' um logar aprazivel; la passei o S. João; desde o dia 17 em que cheguei até o dia 20 a enferma estava sem receber o Santissimo.

—Ora veja que policia modelo!

Aquelle cabo é das ordens de palacio.

Prendeu a um individuo, tomou-lhe quatro foguetes que trazia e soltou-o.

Mudou de traje no botequim do Vallasques e está jogando foguetes; aggravando este delicto com soltar um foguete para o lado em que vae o rondante.

—Desculpe que o homem está que nem se pode lamber. Não vê como elle *espirra* que se ouve tão *longe?*

—Capitão, V. Ex. tem ido a Brotas?

—Ha bem tempo que não ando por aquelle bairro.

Mas porque me faz esta pergunta?

—Queria pedir a V. Ex. para reclamar á camara municipal a demolição de um muro, quasi ao sahir á Cruz das Almas, o qual ameaça desabar. Esse muro é extenso; mas tem cahido aos pedaços, e o dono vae levantando cerca á proporção que vae desabando; porem agora o resto que dá para a estrada, que é bastante estreita, acha-se em completo estado de ruina, e em breve desabará.

Ora, sendo a dita estrada transitada como é, torna-se coherente que V. Ex. peça a camara, em nome das pessoas que moram para aquelles lados, e que teem necessidade de por ali transitar, que o mande demolir, já que o seu dono não o quer fazer, evitando assim alguma desgraça que, por ventura, possa acontecer.

—Vá descançado que eu officiarei á camara neste sentido.

—Obrigado, capitão.

—Em uma noite como a de S. João, não estar as bombas de apagar incendios, prevenidas para sahir ao primeiro toque, denota grande incuria, sinão demasiado deleixo.

—Nesta terra as bombas não apagam fogo; servem apenas para refrescar paredes e quando muito, para atalhar que se prolongue. Ou o incendio é tão diminuto que quando ellas chegam já está extincto pelos esforços do povo, ou si é mais forte chegam sempre quando a propriedade está destruida.

—A prudencia aconselhava que em semilhante noite as bombas estivessem distribuidas por diversos logares da cidade, para acudir a qualquer successo momentaneo, mas uma vez que não houve essa lembrança, ao menos deviam estar promptas nos seus pontos para sahir logo que fosse preciso.

Houve um incendio atraz da Sé e a propriedade podia arder si fosse a esperar por bombas.

Seguramente hora e meia depois do toque de fogo, foi que vi uma bomba.

—O *Jornal* e o *Correio* disseram que não havia agoa.

—Si não houvesse agoa, a bomba encontraria a propriedade em cinzas e talvez outras mais. De casa da professora da Sé e de outras muitas forneceram abundante agoa.

—Como foi esse desastre?

—A loja estava atopetada de foguetes de todas as qualidades; de um sobrado á rua de D. José atirava-se grande numero de *espadas* e *busca-pés* que crusavam-se em *desafio* com outros atirados da esquina da rua da Mizericordia; quiz a fatalidade que um d'elles penetrasse na referida loja e de repente ouviu-se um estampido terrivel que a todos fez estremecer, parecendo que a propriedade ia abater-se; seguiram-se depois successivos e repetidos estouros assemelhando se á uma bateria.

As miudezas que haviam na loja ficaram completamente destruidas e o madeiramento carbonisado.

A' não ser o soccorro prestado por grande numero de gente, principalmente da visinhança e com especialidade a coragem de um individuo, crioulo, cujo nome ignoro, a desgraça seria desastrosa.

—Em quanto á respeito do S. João não se tomar uma medida energica, como foi a do entrudo, ha de haver sempre desgraças, quando não sejam incendios, queimaduras.

—No domingo foi encontrado em Itapagipe, na rua de Dentro, um creoulinho banhado em sangue, tendo a cabeça e a cára quebrada.

—Como nesta terra a policia vive na indolencia, estes factos passam desapercebidos.

—Os sambas sempre finalisam por uma desordem!

—E' maldição!

—No dia de S. João á noite, na rua da Madragôa, uns creoulos que por alli moram, formaram seu *sambinha*, mas como sempre apparecem *desmancha prazeres*, no gosto do brinquedo originou-se uma desordem entre

dous sugeitos, que teria dado em funestos resultados, si não fossem dous pacificos cidadãos que passaram na occasião, e que com seus modos urbanos conseguiram accommodar o *sarceiro!*

—Que gritos serão estes na porta da botica?

—V. não ouviu? O homem brada que o boticario vendeu lhe um remedio trocado; que si na hora de tomar não se dá pela troca, com toda certeza o misero que o ia sorver fazia viagem para a contra-costa.

—Estes *enganos* são bem perigosos.

—Bem criminosos.

—Dizem que este boticario tem o defeito de estar sempre bebado.

—Elle é tão boticario, como V. padre de missa.

—O *Carlos* côr de canella, tinha me dito já isto, mas eu não acreditei.

Então como pode ter botica, si a lei não permitte?

—Como pode? podendo. Como se pode e se faz tudo o mais nesta terra.

Serve-se do nome de um testa de ferro.

—Está o que é extraordinariamente mau. E a lei neste ponto é bastante incoherente. Devia permittir que quem quizesse podesse ter botica, mas não deixar que trabalhasse nella quem não tivesse titulo. Do uso e não do nome é que vem o mal.

—Mas se entendem que devem entregar a vida dos mais a um estonteado, que ás vezes está cambaleando a ponto de cahir.

—Então é exacto que elle bebe?

—Como uma cabra. E quando está melado não deixa os visinhos socegados com uma orgia, um lupanar infernal.

—Oh que casmurro!

—Si elle continua a fazer tal algazarra com suas bebedeiras, obrigaremos esse ebrio a mudar-se para a rua de *fazer caldeiras,* onde pode bem se accommodar sua pharmacopéa.

—Entre os casos da noite de S. João apreciei um muito galante.

—Qual foi, meu cara de pote sem tampa?

—Um sujeito atirava busca-pés na rua do Bispo; a policia chegou, prendeu-o; o homem allegou privilegios de official de artilheria nacional, os quaes foram desconhecidos pelo sargento policial. De uma casa sahiram dous individuos que tomaram parte na discussão pelo lado do official, discursando que um sargento não podia prender a um tenente. Para encurtar razões, tenente e seus tribunos foram dar com o costado no destacamento da policia. Nesse dia, porem, os soldados que faziam a guarda á secretaria do chefe estavam das *dez para onze*. O official esse escapuliu da guarda, tão fino que o sentinella não viu; os outros dous presos e o sargento estavam comendo carurú, as tres horas da noite, na casa onde se achavam os mesmos quando foram presos, que é uma loja por baixo do Dr. Vital.

—Famosa policia!

—O resto da comedia é que é bonita.

A dona da casa suppondo que o sargento seria tão sem coração que depois de saborear o *bello* carurú e chupar a boa *pinga* faria seus convivas voltar para a prisão, teve um *flato* que durou até 5 horas; á vista do que o sargento não teve animo de tornar a levar os presos e voltou sosinho para a guarda, deixando os dous a tratar da interessante enferma.

—Dizem que ha suas cousas na casa das *materias fulminantes;* certos desfalques, certas brocas...

—Eu não sei disso; ahi está o *inspector da gente armada,* que me parece ser competente para tomar conhecimento do como anda aquillo.

—Creio que não; si como dizem está ella sujeita á jurisdicção do ministerio das *plantas* e *legumes*.

—Nesse caso quem se julgar prejudicado que requeira.

A PEDIDO

—O portuguez Godinho foi hontem, 26, á tarde, á morada da creoula Bemvinda Maria da Conceição, mãe da menor Clara, a quem o mesmo é accusado de haver raptado e deflorado; pretextando procurar a casa de Severiano Vieira do Couto, casa que é em rua muito diversa daquella e parecendo tomado de surpreza por se haver encontrado com a mãe da paciente, passou a ameaçal-a dizendo que a ia metter na cadeia, bem como a todas as testemunhas que juraram contra elle.

—E a mulher o que fez?

—Testemunhou apenas o facto.

—Para que porém emprega o Sr. Godinho estes meios? Para que vae á casa da infeliz mãe provocal-a e escarnecer de sua justa dôr?

—Si fosse uma mulher que tivesse conhecimento do que devia obrar, ou mesmo si houvesse homem em casa, estou que o Sr. Godinho não teria vontade de lá voltar segunda vez.

—E depois vem o Sr. João Victor dizer que este processo é *forjado* com mira no dinheiro do Sr. Godinho!

—Um processo promovido pela justiça!

Quem é que pode ahi ter mira no *ouro* do *opulento* negociante?

—Mas é porque, talvez, o Sr. Godinho não tenha dito a seu advogado que elle é quem tem andado a pedir e a propôr a muitas pessoas *accommodações*, as quaes tem sido regeitadas e repellidas; que a tantas pessoas tem feito essas propostas que até já teve um prejuizo de 250$ rs.

Que foi elle quem mandou pelo seu ex procurador Marques Porto chamar as escravas de casa dos finados Tavares França e no escriptorio do Exm. brigadeiro Dr. Evaristo lhes prometteu recompensas, fazendo-lhes interrogatorios.

Este facto da chamada das escravas e a maneira porque foram intimadas tem até circumstancias criminosas.

—A authoridade tem noticia de um facto criminoso; manda ao logar, descobre-o na occasião mesmo em que elle se ia reproduzir; procede, como era de seu dever, contra o culpado, e á isso se diz que é pôr a mira na algibeira do homem que tem dinheiro!

—Deixal-os fallar que elles calar-se-hão.

Eu só o que achava bom era que o Sr. Godinho não voltasse á casa da pobre mulher.

—Capitão?

—Prompto.

—Uma noticia.

—Vamos com ella.

—Escute. O *Jão Crimacoria* está desapontado com a publicação sahida no *Alabama* ultimamente.

—A que respeito?

—Sobre uma ladroeira que fez o filho e pela qual foi agarrado, por querer passar dez tostões por dous mil réis.

—E o *Jão Crimacoria* não deu o conveniente destino a esse bregeirote?

—Jamais, capitão.

—Deveras? E' aqui bem applicado—*Tão bom é o ladrão como o consentidor*.

—Capitão, ha dias perpretrou-se um attentado gravissimo, o qual se passar sem punição será de pernicioso exemplo.

—A qual attentado allude?

—A' criminosa aggressão com que um individuo de nome Olindo Baptista offendeu a outro que pacificamente passava pela rua do Commercio e que sendo visto pelo referido aggressor, este sahiu da casa em que é empregado com um instrumento aviltante e de *supetão* offendeu áquelle.

Agora, para attenuar o crime, procuram fazer propalar que a arma offensiva pertencia ao offendido, quando o contrario foi presenciado por diversas testemunhas. E basta conhecer a indole pacifica do aggredido e de sua familia, para saber que todos elles são incapazes de usar de armas e de commetterem uma affronta ou um insulto contra qualquer; ao passo que o aggressor ja tem factos que comprovem seu genio turbulento, sendo além de outros, o de uma desordem que teve para o Bomfim.

Tambem tem se usado de uma outra arma para escapar ao castigo da lei pela punição do delicto, procurando se por meio de empenhos e pedidos arredar as testemunhas e fazer com que ellas não vão á juizo depôr o que viram e o que sabem.

Essa escapatoria porém não aproveitará, porque confia se na dignidade e incorruptibelidade de muitas pessoas graves e sizudas que presenceiaram o facto; e mais que tudo no immaculado caracter e rigida austeridade com que costuma fazer justiça o juiz a quem está affecto o julgamento e de quem espera-se que o aggressor não conte com a impunidade de seu crime.

Portaria ao espião Beissolas para que vá á noite ao largo de Santo Antonio além do Carmo ver um maluco que sahe da esquina da rua Direita do mesmo santo, correndo sem chapeu, e parando na frente da egreja gritando—toque! toque! e voltando no mesmo gosto, vae se pôr de sentinella provando sua maluquice completa.

Ordeno, portanto, que o mesmo espião o faça recolher á bordo deste navio para ser castigado, afim de ver si por meio do castigo fica bom.

VARIEDADES.

Simplicidade ou ignorancia.

Uma Sra. ouviu dizer que se pagava o *direito de cabeça* de cada animal que se matasse para consumo; mandou matar uma vacca e depois que no talho vendeu toda, poz a cabeça da mesma vacca em uma gamella, e mandou pela escrava levar ao procurador da camara de uma de nossas villas, dizendo que é o que lhe pertencia dos direitos.

ANNUNCIOS.

Ao publico.

O aferidor de medidas redondas achar-se-ha nas horas competentes, para os misteres de seu officio, em sua casa á rua do Bispo n.º 18 A.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 79.ª QUARTA-FEIRA 3 DE MAIO. N. 784.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 2 de maio de 1871.

Officio a Illma. camara municipal, reclamando contra o estorvo que soffrem os transitantes pela agglomeração de pedras, cal e madeiras no caes do Pedroso e outros, contra o disposto na postura n.º 41. Tendo a Illma. determinado os pontos d'Agoa de Meninos, Jaqueira, Pedreiras e Preguiça, para desembarque de taes objectos, espera-se que a Illma. por intermedio de seus fiscaes, faça observar e cumprir a dita determinação por commodo do publico.

—Queixa-se a Sra. Martinha de tal de que o Sr. Virginio José de Aragão a levara para um logar deserto na ilha de Itaparica e lhe pespegara com uma tremenda surra, fazendo-lhe em seguida incisões em partes melindrosas e expondo-a a tratos repugnantes.

O que provam, diz ella, as sevicias bem visiveis e frescas que tem no corpo.

—Era preciso que esse homem fosse algum canibal, para ser capaz de tamanha atrocidade.

– Eu não digo que o Sr. Virginio praticasse o que diz a Sra. Martinha, mas é caso esse para a authoridade tomar conhecimento.

—Sem a menor contestação.

A Sra. Martinha continúa a queixar-se de seu *zeloso amante* desta forma:

Conseguindo transportar-se á esta cidade, refugiou-se em casa da familia do Sr. Antonio de Souza Correia; mas o Sr. Virginio, de *cabeça inchada*, em um bello dia varou inesperadamente por dentro de casa armado, ameaçando a mulher a que o acompanhasse. Nessa occasião foi preso á ordem do subdelegado da Sé, conseguindo atirar no quintal a arma que trazia.

Voltou dias depois e ja se achava invisivelmente introduzido em baixo de uma cama, não sei com que intenção, quando foi descoberto.

—Acho muita facilidade em tudo isso.

—Eu sou Aleixo

Estou contando o que diz a queixosa, e não é particular, porque até, creio, ja foi apresentada á authoridade respectiva uma queixa neste sentido.

Si ha exageração portanto, é da Sra. Martinha, querendo se fazer victima de uma atrocidade vergonhosa, a qual em uma mulher, por mais vulgar, não pode deixar de fazel-a enrubecer.

—No domingo, por volta de sete horas da noite, partiram gritos lamentaveis de uma das casas terreas ao Caminho Novo do Gravatá.

—Soube o que foi?

—Era um filho que, dizem, não era a primeira vez que dava em sua mãe.

—Oh! que amaldiçoado!... que monstro!

—Informaram me que é um individuo chamado João, o qual attingindo aos 18 annos, entendeu que era tempo de sacudir o jugo maternal, e exercer egualmente uma authoridade correccional sobre aquella que lhe deu o ser.

—Ha cousas que só de ouvir fazem tremer.

—Ali vae uma mulher, parda, banhada no proprio sangue.

—Segue na direcção da repartição policial.

—Não achou o chefe de policia, encaminha-se para a subdelegacia da Sé.

—Mas ella não obra por si, é encaminhada por aquelle homem que a acompanha.

—Então é elle competente para nos informar do que ha.

—Charo Sr., o que soffre esta mulher?

—Foi sua senhora que a poz neste deploravel estado.

—Oh, miseranda victima!

Duas grandes brechas na cabeça, um talho ao pé da orelha esquerda e mais duas contusões na face do lado direito, o rosto todo arranhado, o corpo seviciado. Como se tortura assim á uma infeliz creatura!....

—E' muita crueldade!...

—Mulher, como se chama?

—Anna Joaquina.

—E quem a martyrisou assim tão deshumanamente?

—Minha senhora, chama-se Carolina Rosa, dos Santos Pereira, mora na rua Direita de Santo Antonio.

—Deve ter o coração muito perto da bocca, um genio muito rancoroso e irascivel, quem dá mostras de tanta barbaridade com uma creatura que ao menos por sua edade deveria merecer alguma indulgencia.

—Esperemos agora pelas providencias do subdelegado.

—Mandou fazer corpo de delicto e recolher a offendida á casa de Correcção.

—As carroças do Sr. Antonhinho da limpeza despejaram grande quantidade de areia e caliça na praça dos Tamarindeiros.

Cahindo as chuvas, encharcaram aquillo tudo, e as patas dos cavallos dos cargueiros reduziram o logar á uma tremebunda lamaceira.

—De maneira que o Sr. Antonhinho que tem obrigação de aceiar as ruas é o primeiro a emporcalhal-as!

Da-se homem mais renitente!

—Capitão, aqui está o *Instituto Academico*, periodico scientifico e litterario, redigido pelos Srs. Eutychio Soledade e Alfredo Pompilio.

—Mande agradecer a seus redactores a sua delicadeza.

—O jogo tem infectado toda cidade!

—E principalmente os quarteis.

—Não falle brincando, porque no quartel de policia, consta, nos quartos dos sargentos ha jogos todos os dias, precedendo esta *brincadeira* de cartões de convites para tal fim!

—E digam que a Bahia não vae em progresso!

—Capitão, si eu tiver meu escravo por quem mande deitar o cisco fora, sou obrigado a pagar 500 rs. ao emprezario do lixo?

—Palavras ôcas, ouvidos moucos. E' favor não me perguntar absurdos.

—E como é que o Sr. Antoninho da limpeza por meio de violencias empregadas por seus agentes, quer prohibir que quem pode, mande por seus escravos fazer o despejo do lixo, com a mira sem duvida nos 500 rs.?

—Tem seus conformes. Tal seja, o logar em que elles o vão botar.

—No proprio logar em que as carroças do aceio depositam.

Segunda feira a escrava de um Sr. Albino, caxeiro que foi de uma venda á rua da Misericordia, indo á mandado de seu senhor, fazer despejo de lixo no logar onde a empreza tambem faz, á Estrada Nova, foi presa pelos agentes do Sr. Antoninho e mettida na Correcção.

—Isto é bem qualificado uma extorsão, é querer comprimir o povo a pagar uma taxa illegal.

—Não sei que costume incivil teem os Srs. officiaes de espancarem os soldados na rua com castigos contrarios á disciplina.

—Acho tão indecoroso!

—Commettem uma acção grosseira, uma descortezia ao publico, e aviltam sua classe.

—Mas alguns preferem passar por ignorantes dessas cousas, com tanto que se *mostrem*.

—Bofetada, nunca foi castigo para soldado.

—E' ignominoso e degradante.

—Entretanto, ainda no dia 28, eu vi o soldado João de Andrade ser atrozmente esmurrado no meio da rua por um *alferes*.

—O qual nada soffreu?

—Ora dá-se!

Si o soldado tivesse alguma *cunha* que o apatrocinasse, pode ser.

—Capitão, sabbado á noite, tres policiaes conduziam preso a um individuo.

Na travessa entre a rua da Valla e a Baixa dos Sapateiros foram atacados por um grupo de turbulentos que ahi se achavam intrincheirados de pedras.

—E tomaram o preso?

—Si tomaram!

As pedradas foram tantas que os pobres soldados se viram obrigados a bater em retirada.

—A força publica quasi sempre commette faltas e desvios, arbitrios e insolencias; mas nada d'isso authorisa a ser desacatada e apedrejada.

—Porque com o mal não é que se repara o mal.

—No domingo foi a posse do vigario encommendado da freguezia dos Mares.

—Assisti a esse acto.

A' noite algumas casas pela Calçada illuminaram-se.

—Illuminaram-se porque *alguem* andou de porta em porta a pedir, somente com o fim de fazer acinte ao digno vigario da Penha.

Andaram batalhões pelas ruas; mandaram para as immediações da casa do vigario referido uma porção de foguetes que soltavam

de espaço em espaço, e isto durante todo o dia!

—Que desaforo! Como se insulta assim á um honrado e probo ministro da religião do Crucificado!...

—Como se insulta?

Pois V. Ex. não viu que foram involvidos na commissão ficticia d'assembléa, dous ministros da religião christan; não viu a cilada por elles armada para obterem do seu digno prelado a sancção canonica da freguezia; não viu que ahi já existia o trama de prejudicar ao honrado vigario?

—Quem é teu maior inimigo?

—O official do teu officio.

Mas, capitão, si não se tivesse involvido n'esse trama *certo personagem,* que em logar de ter um diploma de pessimo *curandeiro*, deveria ter um *freio* e uma *cangalha*, a cousa não tomaria esse andamento, e o nosso prelado não teria sido victima da cilada preparada nos corredores d'assembléa.

—Rapaz não se exalte, olhe a responsabilidade!.....

—Capitão, vou lhe contar uma extravagante scena que comigo se passou na praça do Conde d'Eu.

—Ora vejamos.

—Sahi na segunda feira á noite com um amigo em passeio; chegando na praça já referida, sentamo-nos debaixo de um pé de arvore, e conversavamos.

N'isto apresentou-se uma creoula com uma panella de arroz na cabeça!

Figurou me uma mulher de seus cincoenta a sessenta annos.

Aproximou-se de mim.

«*Ioyo Juvencio.*»

«—Não é elle, respondeu meu companheiro de passeio.

«—Meu senhorzinho, aqui estou eu, V não sabe a paixão que tenho por sua causa, meu ladrãosinho.»

«—A senhora está completamente engana da, eu não sou quem a senhora procura, observei-lhe.»

Ella olhou-me desde a cabeça até os pés, tirou-me o chapeu, reconheceu de facto o seu engano; mas ainda assim não deixou-me.

«—Ioyo, Vm. parece-se todo com ioyo Juvencio, meu senhor.»

«Ah! patife! dizer que me esperava aqui e me enganar, como si eu fosse alguma cousa ruim, eu que lhe tenho tanta amisade.

«Queria ser forra, porque no inferno que aquelle tractante estivesse, eu o iria buscar.

«Creia ioyo, que eu estou quasi praticando uma acção de infedilidade á elle!

«—Não faça isso, disse o meu companheiro á estourar de riso, olhando para a cara da tal coruja, que disse chamar-se Anna e morar na rua da Larangeira.»

«—Ioyo, meu sinhorzinho, meu coração, meu bemsinho, vamos ali para o adro d'aquella egreja (apontou para a egreja de S. Domingos), que eu faço com Vm. o mesmo que com elle faço, é n'um instante, não lhe *custa nada!*»

—E que horas eram?

—Onze horas para meia noite.

—Talvez fosse alguma alma do outro mundo que estivesse em penitencia.

—A principio eu suppuz assim, porque a mulher tinha o beiço inferior crescido admiravelmente.

—E como se descartou V. de semelhante *phantasma?*

—Ah! foi para mim um allivio quando vi que a mulher retirava-se e me deixava ficar em tranquillidade com o meu companheiro, que immediatamente nos retiramos.

—Eu só sei dizer é, que esta terra vae ás mil maravilhas!

A PEDIDO

—Já não se falla mais na companhia do olho vivo em Brotas!

—E' signal que levantou acampamento.

—Engana-se, ella lá está. O que creio, é que não tem manobrado por falta de *chefe* ou *capitão,* que está doente, ao que parece.

—E como sabe disso?

—E' por que as gallinhas desde as Pitangueiras até o Matatú teem levado uma surra. Ha dias, levaram do *José* até uma choca com pintos, embora já taludinhos. Do *Joaquim* carregaram com algumas e da Luçinda levaram quasi todas.

—Eu, ha dias, li uma historia no *Alabama* com o *Boalis,* que realmente é a rapoza; salvo pequena excepção.

—Mas elle está tão magro..... coitado!

—Fie se na Virgem e não corra; lembre-se dos 25$000 que elle quiz *trocar* em mão de um menino, do roubo da visinha d'elle e depois veja a *bella* cantando c...

.....

—Quer um conselho? Vá ao capitão do *Alabama* e peça-lhe que mande metter a taca n'aquelle phtysico e uma calabrotada bem *bella* na dignissima collega, dada pelo muxingueiro.

—Não será isso que fará com que não comam gallinhas.

—Está bom, veremos.

—Capitão, não soube o que aconteceu, por occasião do funeral da princeza Sra. D. Leopoldina?

—Não, diga o que houve.

—*Salú Rato*....

—Ora! não me falle mais desse animalejo.

—.... foi ao funeral com a *bucolica*.

—Que tolo! Está procurando perdel-a....

—Bem segura que sempre anda ella, além das presilhas que tem.

—Continúe, sinão retiro-me, informe-me por alto do que aconteceu.

—O *Rato* foi ao funeral; e querendo entrar disse-lhe uma sentinella—« o *Sr. não entra.*» ao que retorquiu-lhe o *Rato*:—«não sabe que « sou imperial, presenteado pelo augusto pae « da serenissima princeza, trazendo no peito « a sua effigie?» E apontou para a *bucolica*.

Não entra, repetiu a sentinella.

«E demais, tornou o *Rato*, estou decente« mente vestido, embora de sobre, guardan« do a casaca, para quando o pae vier, que sa« berá que eu conservo a *bucolica*.»

E a sentinella dizia-lhe só—*não entra*.

Até que um official compadecido o mandou entrar e elle entrou.

—Coitado, faz pena! *Salú Rato* breve vae para a casa de Oratis.

—Uma carta particular da côrte diz que fallava-se na creação de um novo bispado e que era para elle indigitado o Sr. vigario Telles.

—Consta que será nomeado presidente de Goyaz o Sr. Antonio Vicente Costa, cujo genio administrativo ha de por certo felicitar aquelle povo.

Novidade!!!

I

Quem quizer andar contente
metta-se em tempo na *brocha;*
que é *pulha* a causa da *mecha,*
que é *mecha* a *pulha* que *arrocha*.

Nestes nossos bellos tempos
em que tudo o povo atocha,
necessario é que vejamos
a cousa que mais *arrocha*.

Ella, se estica, arrebenta;
mas se encolhe, não, *acocha*
viva a cousa que afrouxando,
do povo o bolso inda arrocha.

II

Foi tudo assim! um borracho
em sonhos gera a borracha,
e a mostra, que ora encolhe,
que ora estica, mas a encaixa.

E a gente que tudo gosta
muito bello a cousa acha,
mas vê que deixando a *mecha,*
com gosto já se *emborracha*.

E pula bem satisfeito,
dando pinotes ao ar,
dando vivas a *borracha*
que ha de em *borracha fartar*.

Sim, que ha de ficar um dia,
o que dá-lhe *acceza a tocha,*
já sem o *furo* da *mecha,*
só *em borracha do Rocha*.

O Parafuso. Olé.

—Adverte-se ao *portuga* Sampaio, que considere no seu estado de casado e deixe de andar seduzindo moças que estão socegadas, promettendo de ficar com ellas; como á pouco praticou com aquella moça do caminho d'Arei, cuja avó foi a propria alcoviteira, a qual concorreu para que a incauta moça esteja hoje fazendo charidades.

Deixe-se pois o tal Sampaio de propagar a corrupção e a perdição, porque ainda pode ter o merecido castigo e... quem com ferro fere com ferro será ferido.

VARIEDADES.

Distracções.

Newton nasceu em Inglaterra, e foi um dos mais celebres mathematicos que o mundo ha visto; era no emtanto sujeito a distracções muito frequentes, e sobretudo quando estava occupado com a solução de um problema difficil. Então elle fechava-se em seu gabinete, onde ficava, algumas vezes todo o dia, sem mesmo acompanhar á meza sua familia nas horas da comida. Uma manhan, sua criada grave, envia uma servente para lhe pedir de vir almoçar, ao que lhe respondeu que não tinha tempo de fazel-o. Então M^me^ S. (a criada grave,) envia a servente com um ovo e uma cassarola. Ella depositou o ovo sobre a meza e collocou a cassarola perto do fogo, dizendo a Mr. Newton que era necessario ferver o ovo por trez minutos. Pouco depois ella volta ao gabinete, e acha seu amo em frente ao fogão com o ovo em uma mão, a cassarola ao fogo, e dentro o relogio de Mr. Newton, que elle por distracção tinha posto em logar do ovo.

ANNUNCIOS.

Na venda defronte do Pelourinho n. 4, compram-se constantemente jornaes para embrulho.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 79.ª DOMINGO 7 DE MAIO. N. 785—786.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 6 de maio de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o inqualificavel desaforo de certo estrangeiro, possuidor de um grande e *adestrado* cão da Terra Nova, o qual estrangeiro, costuma andar á noite, pelo Campo Grande, nas immediações do Hotel Suisso, chamando mulheres e por meio de avantajadas quantias pretende subornal-as a prestarem-se ao mais degradante e abjecto commercio; quando essas negam-se á aviltante proposta, quer elle agarral-as e forçal-as a deixarem-se servir de pasto aos instinctos brutaes de seu animal. Espera-se que S. S. magistrado integro e severo como é, procurando saber quem é tal estrangeiro, no que não terá muita difficuldade, porque o caso é notorio e a muitas mulheres tem elle se dirigido, o mande ir á sua presença e lhe faça ver que si na Europa por desmoralisada, ha mulheres contaminadas pelo cancro roedor do vicio que alugam o corpo a tão hedionda acção, as brasileiras não se prestam a tão ignominioso trafico.

—Abandonaram uma creança no largo de Nazereth.

—Amanhaceu *esquecida* no campo terça feira.

—Ah, ja sabe? Então não é preciso que eu diga mais.

—Uma creança de mais de um anno de edade que alguma mãe desnaturada, dessas, talvez, enlaçadas loucamente aos braços do vicio, alli atirou sem piedade, sem commiseração.

—Bafejada aos effluvios impuros da mais degradante corrupção, louca e repleta de satanicos desvarios, vae esta sociedade em que vivemos, trilhando a senda de todos os crimes e vicios!

—Boa graça teem os Srs.!

Influirem este moço, que nem pensa, nem sabe o perigo á que se expõe, porque é louco, á largar-se por este despenhadeiro á baixo, ás carreiras, para ir encher quartinhas d'agoa, tres, quatro vezes!

Isto é um divertimento estupido.

Si o moço precipitar-se no dique, quem será a causa dessa desgraça, sinão Vms.?

—Capitão, elle vae porque quer mostrar que o grande *patuá* que traz no pescoço o preserva de qualquer catastrophe.

—Boa escapatoria!

Vms. não sabem que o homem não tem juizo?

E para que malignamente lhe atiram esse chuveiro de pedras quando elle desce e sobe?

Para saborear um futil regosijo, não reflectem que podem motivar um desastre lamentavel!

Deixe estar que hei de mandar communicar ao major Marinho que tenha cautella com seu filho demente, Cosme, que vem aqui para esta ladeira expor-se a um acontecimento funesto, induzido por alguns rapazes tão sem juizo como elle.

—Tem um procedimento inqualificavel este caixeiro dos *bonds* dos Trilhos Urbanos.

—Qual é delles?

—Aquelle de barbas ruivas. Entende que deve dirigir suas graças e acenos amorosos á todas as moças aqui pela rua de Baixo.

—E no entanto aquelle moço é casado.

—Pois não parece, porque aquillo não é maneira porque proceda um homem casado, como V. diz que elle é!....

—E' rapaz, quer se divertir.

—Pois eu espero que elle não continue com este divertimento.

—Na quinta feira pelas 6 horas da manhan foi encontrado um moço de nome José Domingues Soares d'Oliveira Junior, filho do Sr. José Domingues, que tem loja de calçado no Duarte, atado com cordas a um tronco de

pitangueira, nos fundos de uma roça que vae ter do becco da rua Nova de S. Bento ao Castanheda, por um cabo de policia.

Esse moço estava amordaçado com um lenço e uma rolha.

Sendo levado ao quartel de policia e depois á secretaria, foi minuciosamente interrogado e declarou o seguinte:

«Que tendo dirigido-se ás 2 horas da tarde do dia quarta-feira ao armazem Moreno, afim de receber a quantia de 2:000$ rs; entregara-lhe aquelle negociante 200$ rs. em dinheiro e uma ordem de 1:800$ rs, para receber em casa do Sr. Justino José Fernandes & Irmão.

Ora, embolsado d'essa quantia, ao sahir encontrou-se com um individuo branco, de bigodes pretos, que lhe era completamente desconhecido, e perguntou-lhe se lhe podia trocar a quantia de 50$ rs, elle lhe respondeu negativamente, notando porém que o individuo sempre o acompanhava, si bem que em alguma distancia.

Chegando ao largo do Theatro o individuo apressou os passos, e approximando-se d'elle perguntou-lhe se queria cômprar um diamante.

D'ahi, subindo a ladeira de S. Bento, teve uma *revolução* na barriga e dirigiu-se para o logar acima referido, onde foi acommettido, pelo mencionado individuo e mais um crioulo que o amordaçaram, recebendo d'aquelle diversos ferimentos feitos á ponta de faca; porém mesmo na luta conseguiu tirar do bolso do palitot a quantia de 1:700$ rs, que estava enrolada em um lenço, e atiral-a para dentro do mato, e que depois foi achada, sem que os ladrões podessem ver, roubando-lhe apenas 300$ rs. que estavam dentro do bolso da calça.

O ladrão conservou-se junto d'elle ate meia noite, hora em que fez-lhe aspirar um cheiro que estava impregnado n'um algodão!»

—Isto está me parecendo que não passa de uma *presepada* arranjada de ante-mão.

—Não sei, compete a policia descobrir o fundo de verdade ahi existente.

—Capitão, o frade é tanto homem como outro qualquer membro da communhão social.

—Morreu o Neves.

—Tem os mesmos desejos, as mesmas necessidades, sente as mesmas privações, o coração palpita-lhe da mesma sorte.

—Não adiantou um ceitil.

—Segregando-se do mundo, nem por isso, é sempre que o fogo das paixões se amortecem, no enclaustoramento á que se vota, maitas vezes por calculo, outras por interesse e poucas por vocação, conserva intacta a faculdade dos sentidos corporaes, algum dos quaes, mesmo pelo isolamento se desenvolve com mais intenso ardor.

—A que conclusão quer chegar?

—Quero dizer que o frade procurando uma mulher, obra mal, mas pode se desculpar pela fraqueza da natureza. O voto de castidade é uma banalidade, porque os labios o pronunciam sem consciencia do que dizem; é uma restricção á que o homem se impõe superior á suas forças e que por tanto é impotente para cumpril-a e observal-a.

—Tem razão o voto de castidade clerical e o juramento do soldado, são uma mentira—porque são arrancados com constrangimento da consciencia.

—Mas o frade que procura uma mulher deve fazel o com todo resguardo, de maneira a não dar escandalo, respeitando o seu estado, suas vestes e a religião de que é ministro. Não é para entrar publicamente em casas de meretrizes e ahi passar tardes inteiras no deboche, na orgia, no meio de panellas e linguiças, de bananas e quiabos.

—Mas ha quem faça disso?

—Ha.

—A' que ordem pertence esse relapso?

—Por S. *Francisco*, não seja tão insoffrido.

E' um frade alto, magro feiarrão, que um dia sim, um dia não, por volta de uma hora da tarde, entra em casa de uma prostituta, em uma das ruas mas publicas desta cidade e de lá sahe depois das cinco; come, bebe, pagodeia, e sahe descaradamente á vista da immensidade de familias que á semelhantes horas estão pelas janellas.

—Ora que frade devasso, meu bom Santo Antonio.

—*Salú Rato*, levou muitas cacetadas na quinta-feira á noite, dadas por um crioulo.

—Coitado! Pelo simples motivo do pobre diabo andar se dando a petisco não merecia que lhe fossem ao pello.

—E depois esses meios violentos são sempre reprovados.

—Veja o que é a policia armada nesta terra:

O policial Manuel Nonato, cego de um olho, frequenta o sobrado n.º 30 Atraz da Sé, por causa da mulata Sebastiana.

Sebastiana encommendou a factura de um cabide a Luiz Gonzaga, o qual na quinta-feira ás 8 horas da noite, foi lhe dar parte que a obra estava prompta.

Manuel Nonato *suspeitou outra cousa* e ciumou; houve trocas de palavras, altercações e

razões de parte a parte; afinal accommodaram-se com a retirada de Luiz Gonzaga.

Manoel Nonato vestiu-se, foi chamar a patrulha e mandou prender a Gonzaga que se achava á uma hora segura conversando na rua do Bacalhau em uma casa. A patrulha a principio manifestou escrupulo, mas por fim por espirito de colleguismo, resolveu-se a satisfazer os caprichos do companheiro; prendeu o homem e levou-o quasi a rastros para a Correcção.

—Está direito! a policia deve servir mesmo para desabafo de ciumes.

—Meu charo, espere um pouco,

O seu *pedido* fica adiado por hoje.

Na primeira occasião porém em que o navio sahir a crusar aborçará o cuter *Amado*, como pede.

Acho *justo*? Fica satisfeito?

—Em additamento ao que disse V. Ex. no n°. 783 de 30 de abril, á cerca das casas capazes de desenvolver uma epedemia, é preciso mencionar a ladeira dos Afflictos, freguezia da Victoria, onde ha quintaes que encerram pudriqueiras occasionadas por enormes cloacas, animaes de toda especie em putrefação inclusive suino, os quaes desenvolvem miasmas capazes de infeccionar a mais pura localidade; entretanto consta que sobre tal assumpto ha terminantes ordens, no sentido de examinar se e remover-se taes focos de infecção; e as respectivas authoridades são a tudo indifferentes! Pela ladeira do Gabriel, dizem as pessoas que usam de banhos salgados, que não se pode vezes transitar, parecendo que essa localidade não está comprehendida na limpeza da cidade.

—Infeliz Bahia, que só despende e nada lucra!! Os amaveis fiscaes, esses, parecem só occupados nas providencias dos açougues, porque de mais nada cuidam!

—Capitão, uma noticia contristadora.

—Mau!

—Quinta-feira pelas quatro horas da tarde atirou-se do 1.° andar do sobrado n.° 14, ás Portas do Carmo, uma senhora de maior edade.

—E' um caso que deve lastimar-se qualquer que seja o motivo que a isso a levasse.

—Consta que fôra um accesso de loucura repentina.

—A morada do cidadão não é mais um asylo sagrado e inviolavel á noite.

O recondito do lar domestico é violentamente devassado pelos malsins da policia.

—O que hade novo, meu propugnador dos direitos individuaes?

—Na quatar feira pelas 10 horas da noite foi violentada a morada do cidadão Augusto José Chaves, morador ao becco do Seixas, por soldados de policia, os quaes entraram até a cosinha em procura de um homem a quem queriam prender.

Com effeito encontraram no e espancaram-no brutalmente.

— Não admira que soldados de policia calquem assim a lei quando estão habituados a ver as authoridade impunemente a cada passo.

—Na noite de 4 do corrente foi preso na loja n.° 6, á rua d'Ajuda, o portuguez Antonio Tavares Silva Godinho, com loja de ferragens á cidade baixa e a menor Clara Lazaro Porto que o mesmo raptara da casa materna e levara para um quarto que na referida loja tinha alugado.

—Esse homem não é casado?

—E'.

—Oh! oh! e aluga quartos na rua.....

—Juvencia Amalia Velloso Marques, locataria da loja e quem lhe sublocou o quarto, declarou que Clara não era a primeira moça que alli apparecia. Que o Sr. Godinho levava para o quarto que lhe alugou rapariguinhas com quem estava seis, oito dias e depois despedia.

—Isto cheira a crime de adulterio, a infidelidade matrimonial.

—Por sua parte, o Sr. Godinho declarou que namorava a tal menor e *gostava* della, que á seu pedido a raptou e mandou levar para a já mencionada loja em uma cadeira; que teve relações libidinosas com ella e não a encontrando no estado de virgindade, como esperava, exasperou-se e exprobrou-lhe o havel-o *vilmente* enganado. O exame medico-legal porém está em contrariedade com o Sr. Godinho, porque affirmara que houve defloramento recentissimo.

Disse mais o Sr. Godinho que acto continuo a copula, não encontrando Clara no estado de pureza virginal que suppunha, chamou a dona da casa, para ver a maneira por que tinha sido atraiçoado e que esta tudo presenciou; Clara porém diz que o seu raptor tivera a *prevenção cautellosa* de tirar não só a roupa da cama, como de fazel-a despir-se, engenhosa lembrança para inutilisar qualquer vestigio que o crime podesse deixar e que quando elle lhe accusava em presença da dona da casa, impedia-lhe que fallasse e se defendesse, o que foi confirmado pela mesma.

—Como é hediondo tudo isto!

—Pela dona da casa foi mostrado um

lençol no qual estavam impressas manchas mais antigas, declarando porem *que a verdade devia se dizer, que aquelle sangue fôra de caso mais antigo que o de Clara.*

—Não me conte mais isso que horrorisa.

—O subdelegado interrogou o preso, a menor, a dona da casa e mais pessoas da mesma, e fez recolher o delinquente ao quartel de policia por gozar de prerogativas.

—Esta terra retemperou-se na hediondez do vicio.

Os homens morigerados, os caracteres sisudos, os paes de familia devem tremer espavoridos ante tamanha sêde de defloramentos.

—E a lei deve ser inexoravel com os seductores.

—Homens a quem a fortuna bafejou suas auras, empregam o ouro, fructo muitas vezes quem sabe de que?... na propaganda da corrupção e da prostituição!

—Quem passando por uma rua, olhando para uma casa, muita vez de triste apparencia, pensará que alli dentro, em um quarto, está erguido um templo á crapula, onde se desfolham capellas virginaes, ás dezenas, onde abutres da honra, hypocritamente passando no labyrintho do mundo por honrados, honestos e até beneficentes, vão devorar a candidez virginal de innumeras donzellas?

—Si a policia tivesse uma estatisca, saberia onde existem esses alcouces.

—Sim; é preciso acabar com esses prostibulos, com essas casas adaptadas para fins libidinosos, com esse commercio mercenario da honestidade.

—E nós que começamos a tratar do rapto feito pelo Sr. Godinho, e sem assumptar mos fomos cahir em divagações alheias ao facto primordial?

—Então basta de secca.

—Um caixeiro dos *bonds* da companhia de Vehiculos, de nome Jesuino, em uma das viagens que fez na sexta feira do Bomfim para a cidade, machucou um pé, ficando este disformemente inchado.

—Tudo isto acontece pela facilidade com que os caixeiros d'aquella companhia entendem pular dos *bonds* em viagem.

—O menor Pedro, cujos paes moram na Estrada Nova, entrou em casa de uma Sra. D. Virgina, á travessa da Ordem Terceira e bifou algumas colheres de prata, que foi vendel-as ao Taboão. Declarou depois que o ourives que as comprara lhe dissera que *aquillo era chumbo e sevira muito bem para solda, que quando tivesse mais levasse*, ou mesmo algum objecto de *latão*, dando-lhe uma quantia insignificante, com que elle comprou uns soccos e uma gaita de folles.

Procurando-se o referido ourives, impoz elle que entregaria as colheres subtrahidas, exigindo não a quantia que dera ao menino, mais o valor real das colheres.

—Na minha opinião, si é exacto, o tal ourives tem uma boa recommendação para ir arejar algum tempo na correcção.

—Quarta-feira na egreja cathedral S. Ex. Revma. celebrará missa a S. Francisco Xavier e benzerá a Veneranda Imagem.

A's 4 horas da tarde sahirá a mesma em procissão; havendo sermão no acto do recolhimento.

—Na epocha da cholera, todos corriam aos templos e recorriam a intercessão dos bemaventurados da corte do ceu, especialmente a S. Francisco Xavier, implorando a cessação do flagello, que devastava a cidade.

Concorra agora o povo; para não dar mostras de que so na hora do perigo implora ao Altissimo e recorre a intercessão dos seres previlegiados.

A PEDIDO

—Nesta terra onde a policia é tão frouxa com os larapios, nada admiraria que elles levassem o temerario arrojo a, em pleno dia, amarrar e amordaçar um homem.

—Faz receiar até cousa peior.

—O Sr. José Domingues Soares de Oliveira Junior, porém, que na quinta feira amanheceu na travessa do Castanheda nesse estado de violencia, com algumas arranhadellas pelo corpo, deu na secretaria da policia respostas tão contradictorias, que fazem duvidar da verosimilhança do facto.

Emfim como nesta terra

So me resta ver agora
para traz correr um rio;
arder vela sem pavio,
a lua tomar tabaco,
e o sol tremer de frio,

Tudo pode ser, sem ser milagre.

—Eu si me chamasse Soares mudava de nome; quem sabe si não é sina dos Soares serem amordaçados?

Pede-se ao Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna d'Aldeia que com urgencia faça desapparecer pela policia disfarçada dessa parochia os authores de certos pasquins insultuosos, que ahi apparecem em manuscripto; além disso, roga-se que o castigo para

os pasquineiros assalariados seja de mil e tantas calabrotadas no porão do *Alabama*.

O Chico fino não é um valentão!! quer dar em todos que olham para elle, capitão. V. já viu uma formiga fazer frente a um leão foi o que aconteceu ao tal camello; querendo dar em um menino este fez-lhe frente e o camello acobardou-se como um burro!, Meu Chico fino, toma sentido no barco sinão elle vira.

O *corqueija*.

Pedido amigavel.

Amelia d'Andrade, actriz do theatro, pede a Exma. Sra. D. Mimoza da Silva Augusta Rachel o favor de lhe pagar um camarote de 2ª. ordem e uma cadeira que fez o favor de tomar para passar, visto já a annunciante ter lhe feito présente de uma 1ª. ordem e 4 plateias por seus favores prestados.

—Sr. W. são dez paus. Procure o Ludovico na lojinha de charutos atraz da Sé, esquina que deita para o Aljube.

Pinto?

—Capitão, no seu jornal li uma pergunta feita por um accionista da Reserva Mercantil, relativamente a compra de uma casa por conta do estabelecimento, custo de cuja casa orça por cem contos. Acho que o accionista está mal informado—1.° Porque a direcção não se acha authorisada pelos estatutos, e nem convocou a assembléa geral ao menos para com ella repartir o arbitrio.

A nobre direcção é prudente, não duvido que tentasse fazer a compra, mas que a vista do calculo recuasse, os cem contos empregados em tal casa por certo que não renderão mais de 3:800$ ao anno, como mostrarei. A nobre, prudente, é perspiscaz direcção não deslocaria em quadra anormal como a actual 100 contos de réis do pobre capital social, para render 3:800$ quando podia render 12 %.

Sei que a nobre e prudente direcção é responsavel por grandes valores que estão confiados ao estabelecimento, e que estes na casa em que está não offerece os commodos que são para desejar-se, porém tambem sei que si a nobre direcção julgasse preciso acautellar a inda mais os valores que estão sobre sua guarda, seguiria o exemplo da intelligente direcção da sociedade Commercio, que apezar de seu grande capital social, e valores em deposito, ainda não comprou casa; no entretanto que tem tudo optimamente acautellado, e so paga cerca 1:800$ annual.

Vejamos o onus com que ficaria o estabelecimento caso comprasse a casa e occupasse pavimento terreo.

Os 100 contos empregdos em boas letras—minimo 8 % ..... 8:000$

Abate se rendimentos dos altos da casa:

1°. andar	1200$	
2°. »	800$	
3°. »	600$	
4°. »	400$	3:000$
		5:000$
Seguro	400$	
Concerto por anno	200$	
Decima de mão morta	1:000$	1:600$
		6:600$
Aluguel que o estabelecimento pagaria em outra casa		2:000$
Excesso de despeza		4:600$

O quanto renderia a casa, caso o estabelecimento não a occupasse.

Pavimento terreo	2:400$	
1°. andar	1:200$	
2°. »	800$	
3°. »	600$	
4°. »	400$	
		5:400$
Abate-se decima de mão morta	1:000$	
Seguro e concertos	600$	1:600$
	Rs.	3:800$

Que regula a 3.8 % ao anno nos 100 contos.

Conversando com um amigo a tal respeito, elle me disse: — a direcção faria muito bem si comprasse a casa, porque quem sustenta taes contas de deposito é preciso ter capitaes parados.

E' verdade, respondi-lhe, porem é em dinheiro dentro do cofre para occorrer de prompto ás necessidades, do contrario seria melhor comprar appolices.

O amigo tambem ponderou que a casa representaria o fundo de reserva. Respondi-lhe que o fundo de reserva apenas tinha cerca de 20 contos de rs.

Por tanto estou convencido que se ha compra de tal casa por certo que não é para o estabelecimento. Si por engano de apreciação a direcção tal fizesse, por certo que os nobres examinadores de contas não deixariam effectuar-se tal compra.

Tenho inteira confiança na actual direcção que sem duvida é composta de homens ricos, intelligentes, economicos, e independentes.

Um accionista.

VARIEDADES.

Em uma inundação do Adige, as arcadas da ponte de Verona foram arrebatadas uma apoz a outra. Só restava a do centro sobre a qual havia uma casa habitada por uma familia inteira. Via-se da margem esta familia desolada estender as mãos implorando soccorro. Entretanto a corrente destruia á vista d'olhos os pilares da arcada. Neste extremo perigo o conde Spolvérini offerece uma bolsa de cem luizes ao que tiver a coragem de ir em um batel salvar esses desgraçados. Corria-se risco de ser levado pelo rio, ou de ver chegando abaixo da casa, esboroar-se sobre si a arcada arruinada. Era immenso o concurso do povo, e ninguem se apresentava. Neste momento passava um joven aldeão; fazem-lhe ver qual é a empreza proposta, e qual o premio do bom exito. Entra em um batel, alcança á força de remo o meio do rio, chega, espera embaixo da base da arcada que toda a familia, pai, mãe, filhos, velhos, escorregando ao longo de uma corda, desçam ao batel. Coragem, diz elle, ei-vos salvos. Rema, vence a furia das aguas, e chega á margem. Quer o conde dar lhe, a promettida recompensa. «Não vendo a minha vida, torna-lhe o aldeão; o meu trabalho é sufficiente para sustentar-me, a mim, minha mulher, e filhos; dae isso a esta pobre familia, que precisa mais do que eu.»

Os primos.

Só ha uma cousa peior do que as sogras; são os primos.

Digo isto com a maior sinceridade, apezar de ser filho de meu pai e sobrinho de meu tio, a quem minha tia mimoseou com meia duzia de bonitas pequenas.

Mas o que é um primo?

Um primo.... é um primo, nem mais, nem menos.

Opium facit dormire, quia habet virtutem dormitivam.

Bem, já que não posso definil-o, tentarei ao menos explical-o.

O primo é um animal ante-diluviano.

A excepção de Adão, que não consta que tivesse tios, todos os patriarchas deviam ter soffrido as ferroadas dessa insupportavel vespa.

A chronica dessas ferroadas não chegou até nós; porque Moysés se tinha primos, não os conheceu.

Em compensação conheci eu um individuo que deixou de casar uma bôa duzia de vezes com donzellas da sua maior paixão, porque, á ultima hora, teve sempre a desgraça de saber que qualquer dellas tinha pelo menos vinte primos conhecidos, afóra os *desconhecidos*, que podessem apparecer; pois que os primos são como os coguelos e os poetastros: surgem com os mais pequenos aguaceiros com que o ceu se digna humedecer a terra.

Voltando, porém ao assumpto qual é ahi o rapaz que na sua vida não tenha coberto de maldições um primo impertinente, como todos os primos, que lhe surge nas mais sublimes occasiões por detraz da *stella adorata*, mais medonho e carrancudo que a cabeça de Meduza?

Appareça esse homem feliz, e reparta com o leitor as doçuras de sua previlegiada sorte.

—« Senhora, grita um marido enfurecido, que sujeito é este que a visita sempre na minha ausencia? »

—« Tonto! Não sabes que é meu primo *Bébé*?

—« Anastacio; apresento-te meu primo. Chegou do Paraguay.

—« Mas nunca me disseste que tinhas ainda mais este.....»

—« Si elles são tantos!»

—« Menina, quem lhe deu este annel de cabellos?

—Foi *Zuza*, meu pai, seu sobrinho e meu primo. »

Que horrivel pilula é um primo!

Um marido, um pai, um amante tomariam com muito mais facilidade um purgante de mamona ou um vomitorio de tartaro do que supportam a presença de um primo de sua mulher, de sua filha, ou de sua amante.

A historia dos primos é mais escura do que os mysterios da *Torre de Nesle* ou a existencia dos morcêgos.

Houve um dia, dous primos sublimes; Romeu e Julieta, unicos que toem impedido o levantamento de uma crusada universal contra a raça perniciosa dos filhos de nossos tios.

E ainda para que este milagre se operasse de haver dous primos sympaticos ao genero humano, foi necessario que o tragico inglez nol-os apresentasse illuminadores por um raio argenteo da lua do céu azul da Italia.

A especie humana degenera á olhos vistos.

Perguntae a causa aos physiologistas, e elles vos dirão que são os primos, opposicionistas do cruzamento das raças, tanto mais temiveis que os do nosso parlamento, quanto fallam menos, mas obram mais do que estes.

Esta questão do crusamento das raças é

materia espinhosa para um escriptor moralizado.

Remetto os leitores para Balzac ou Camillo Castello Branco, em qualquer d'estes romancistas encontrarão pelo menos dous primos como todos os mais do nosso conhecimento.

Eu tambem podia contar aqui algumas historias á proposito de uns primos e outras tantas primas, que não se jactam de excepção á regra commum, mas tenho medo de incorrer no desagrado das minhas parentas d'este grau.

Afinal, os tempos não são mais de um homem se deixar morrer por amor de uma verdade, quando o genero humano produz n'um dia só tantas mentiras.

Um primo pode ser a gloria da familia, porém hade ser sempre o terror do tio e das pessoas affectas ás filhas d'estes.

Por ora contento-me em dar um conselho, que é a obra prima de uma longa cogitação.

Tenho mais fé na efficacia do meu conselho para salvaterio da ordem social do que o senhor de Bismark nas espinguardas d'agulha ou no canhão Krupp.

Elle ahi vai, expresso com laconismo das leis das XII Taboas:

« Primas, não vos fieis em vossos primos! »

(Do *Liberal do Pará*.)

Ahi ha cousa!

CANTIGA POPULAR.

Anda o povo sempre as tontas
Nos taes negocios de Estado,
Aturdido e emmaranhado
Nem entende a governança:
De ninguem recebe contas,
Quando em cima ha contra-dança
E vive patau logrado.
Alerta povo miudo!
Não sejas Manuel-de-Souza;
Attenta bem nisso tudo:
Ahi ha couza!

Quem tenha mais defensores
Do que o povo, nunca vi:
Mas aposto já d'aqui,
Que dos taes a maioria
E' desses procuradores,
De quem Bocage dizia
Que procuram para si.
Alerta povo miudo!
Não sejas, etc.

Fallam muito em liberdade
E em pacto fundamental;
Mas p'ra o povo é só real
A lei do recrutamento,
Da policia a potestade;
E o captiveiro e tormento
Da guarda nacional.
Alerta povo miudo!
Não sejas, etc.

Mal se annuncia eleição,
Logo o pavão se faz gralha,
Move pedra, pau e palha,
Faz aos plebeus cortezia;
Mas, acabada a funcção,
Se enteza na fidalguia
E chama o povo—canalha!...
Alerta, povo miudo
Não sejas, etc.

Na camara Fuão de tal,
Ex-liberal exaltado,
Apparece transformado
Em regressista Caim:
E faz se, em mudança igual,
Do policia um beleguim,
Republicano enfezado!...
Alerta, povo miudo!
Não sejas, etc.

De um ministro o vencimento
Pouco sobra á traquitana,
E aos gastos de uma semana
O lucro mensal não basta;
E ha homens de entendimento
Que a desejar uma pasta
São macacos por banana.
Alerta, povo miudo!
Não sejas, etc.

Ha tal subir e cahir
De ministerios na historia,
Que já tornou-se irrisoria
A idea do grande abalo,
E faz mesmo a gente rir,
Vendo ahi tanto cavallo
De estadista com vangloria.
Alerta, povo miudo!
Não sejas, etc.

Sóbe um sem saber que faz,
E cahe sem saber que fez,
E p'ra subir outra vez
Em *fervet opus* damnado
Cada qual dá sóta e az,
E é sempre o povo coitado,
Quem paga todo o entremez.
Alerta, povo miudo!
Não sejas, etc.

Que ha governo pessoal
Dizem em brado altaneiro
Os que não 'stão no poleiro,
E que os ministros n'um ralo
Vivem pela acção fatal;
Mas se não houver cavallo,
Não haverá cavalleiro.
Alerta, povo miudo!
Não sejas, etc.

Os estadistas mesquinhos
Que, vencendo em guerra atroz,
Do poder colhem os prós
Para dizer mando e posso
E arranjar seus sobrinhos,
São taes que do padre nosso
Sabem só o venha a nós.
Alerta, povo miudo!
Não sejas, etc.

Taes ministros são miasmas,
Derramam a corrupção,
E os que sem ter na nação
Apoio, o poder agarram,
São uns ministros phantasmas,
Que entram, sahem, se esbarram,
Como aves de arribação.
Alerta, povo miudo!
Não sejas, etc.

Povo! estuda a nossa gente,
Vê quem zele a gloria tua,
E quem, nobre, não pactúa
Com politica embusteira:
A esses apoia ingente,
E a sucia vil, garimpeira
Deves mandar a tabúa.
Alerta, povo miudo!
Não sejas Manoel-de-Souza;
Attenta bem nisto tudo,
Ahi ha couza!

Processo celebre.

SUPLICIO INQUISITORIAL.

Homem queimado vivo.—Julgamentos dos criminosos.—Quatro condemnados a morte.

A 16 de agosto ultimo, estando já encarniçadamente travada a guerra que devastou a França e arruinou a Allemanha, praticou-se um espantoso crime na aldeia de Hautefaye, em França. Alam de Moneys, moço de 30 annos, filho de uma familia nobre, mas professando as idêas mais avançadas, foi por causa d'ellas perseguido pela populaça na feira do povoado, cruelmente martyrisado, e por fim submettido á mais horrivel das mortes. Primeiro espancaram-no, depois fizeram-lhe toda a sorte de injurias e ferimentos, tendo o cuidado de não o matar de repente para o fazerem padecer mais.

Maziéres e Buisson, dous dos infames, diziam:

«Firámos com peso e medida para saborearmos por mais tempo o seu supplicio.» Outros muitos porfiavam em tornar-lhe mais odioso o padecer. Chegaram até a obrigal-o a comer palha n'uma manjedoura, dizendo-lhe:» «Tomaste café em bellas salas enceradas. Bebe agoa ahi.» «Não me suppliciem, clamava elle, fuzilem-me antes» Os cannibaes não quizeram attendel-o e os tratos continuaram. Foi preparada uma fogueira e lançada n'ella a victima.

Presidia ao supplicio um ferrador de Pouvriéres chamado Chambord. Um rapaz chamado Campot dançava e tripudiava ao redor: seu pae estava entre os algozes; Limay e Delage accendiam o lume; Lamongie atiçava a fogueira; Besse exclamava: «E' pena que tanta gordura se perca.»: um tal Sarlat, que tinha seu pae e um irmão a seu lado, concluia: «O governo deve indemnisar-nos, porque estamos assando um famoso porco.» Caiu o imperio de Napoleão e as auctoridades do governo da defeza nacional apressaram o julgamento d'estes cannibaes. Foi a 21 d'este mez que se julgou o crime no tribunal de Assisses de La Dordogne. O tribunal condemnou Chambord, Buisson, Leonard e Maziéres á pena ultima, que deve ser executada na praça publica de Hautefaye. Campot, filho, a trabalhos por toda a vida. Seu pae a 8 annos da pena. Besse a 6. Lechelle, Frediric, Zamongie, Sarlat, Morguet e Beauvet a 5 annos. O pae de Sarlat a 5 de prisão. Brut, Bruillet, Feytu, Licoine e outro irmão de Sarlat a 1 anno. Delage e Limay, menores, foram absolvidos.

ANNUNCIOS.

Consistorio da Irmandade de S. Benedito, erecto no convento dos religiosos franciscanos, na Bahia, 3 de maio de 1871.

Tendo-se de dar posse á nova meza administrativa d'esta irmandade no domingo 7 do presente mez, vou por ordem da meza actual, convidar os nossos irmãos e irmans e mais devotos para assistencia do acto de posse que terá logar as oito e meia horas da manhan do indicado dia em cuja occasião se fará distribuir os diplomas, novamente preparados, dos Srs. irmãos que o quizerem substituir pelos seus cadernos, descarregando seus annuaes. —*Manuel Francisco do Carmo,* procurador geral.

Vende-se a venda n.º 133 no largo d'Agoa de Meninos e tracta-se no caes dourado n.º 71.

Na venda n. 2 á Palma, ha para vender diversos livros, de latim, inglez e francez.

DECLARAÇÃO.

Acha-se encarregado da cobrança das assignaturas deste periodico, na freguezia de Santo Antonio, o Sr. Leoncio Plinio de Souza Argollo.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9°. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 79.ª QUINTA FEIRA 11 DE MAIO. Ns. 787—788.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 10 de maio de 1871.

Officio a Illma. camara municipal da villa de Itaparica, lembrando-lhe a conveniencia de legislar uma postura extinguindo as caieiras dentro do circuito da demarcação urbana, como nocivas, incommodativas e prejudiciaes a população:

—Passa um homem desta vida n'um momento, como o subtil pó, que um leve sopro dissipa n'um instante.

—E o que é o homem sinão pó e nada?

—Conheci um rapaz de nome Cosme, cuja existencia no sabbado era forte e vigorosa. Trabalhando em seu officio de ourives, á rua Direita de Palacio, sentiu, de repente, um entorpecimento que o obrigou a largar o trabalho e entrar para um quarto, onde lhe sobrevieram dores que o obrigaram a soltar gemidos dolorosos, que seus companheiros tomaram por mero gracejo.

D'ahi a momentos pertencia ao nada; sua existencia cessara!

—Capitão, um dia destes, passando na Estrada Nova, convenci-me do estado de adiantamento e liberdade desta boa terra.

—Adiantamento do caranguejo, movimento da preguiça, energia do cágado.

—Vi no meio da rua, proximo ao becco do Ferrão, um grupo de meninos assentados em circulo. Eu gosto de ver tudo; approximei-me. Estavam tão entretidos que não deram com a minha presença.

—Mas fazendo o que então?

—Tinham uma lata de folha contendo bilros numerados, com os quaes innocentemente divertiam-se no jogo do *ponto maior* á dinheiro!

De bocca aberta exclamei: « Feliz terra esta, onde todos são senhores de suas acções livremente, desde o adolescente até o decrepito!

—Meu charo, o jogo hoje está diffundido geralmente; seus braços abrangem todas as classes e condições. Desde que houve cabeça legislativa que lembrou se de implantar esta seiva fertil do vicio no meio da população, o jogo tornou-se geral.

Joga-se officialmente com licença das authoridades, porque o jogo hoje é uma das verbas de renda publica.

Quem dá 50$ rs. abre uma casa de jogo; um lupanar do vicio, uma espelunca para a ociosidade, e a infancia vae seguindo o exemplo contagioso que lhe dão os maiores. Os meninos jogam á dinheiro, com cartas, com buzzios, com dados, nas lojas dos sobrados, nas praças, nas estradas, como V. viu.

Não é ahí só; na ladeira do Gravatá tambem ha disso; os moleques jogam no meio da rua o *lóto* á vintem o cartão.

—Mas senhor, a policia não vê, não sabe isto?

—Policia! O que é a policia nesta terra?

A policia aqui quando muito encherga o que lhe está á dous passos diante dos olhos; nada mais.

—V. conhece o *Burro das almas*?

—Não e o Torres?

—Elle mesmo.

—O que teve?

—Queria matar uma mulher, segunda-feira, na rua da Ordem Terceira.

—Em qual casa, homem?

—Em casa nenhuma, no meio da rua.

—Isto é arrojo por de mais.

—O famigerado anda agora com dous burros vendendo laranjas; em ajuste dessas fructas com a creoula Maria Balbina, desconchavaram se, e o Torres abusando da superioridade de forças, atirou com a mulher em corpo e alma sobre as pedras, montou os joelhos sobre ella, com uma mão apertou-lhe as guelas, e com a outra espancou-a demasiadamente. A' não ser a intervenção do portuguez José Antonio Gomes da Cruz decididamente a teria asphyxiado.

—Ora que homem brutal!

—Por um motivo frivolo; troca de palavras.

—Elle o que precisava era ir d'alli para a Correcção.

—E' o mais certo; quem perde o dia, não perde o anno.

—Hoje haverá um rico divertimento no circo gymnasio *Auriol*, o qual se dividirá em duas partes, segundo o programma.

—Queira ter a bondade de dizer-me quaes são os trabalhos acrobaticos de que constará o divertimento.

—Dará principio uma linda Symphonia, executada pelos primeiros professores de musica desta capital, começando os trabalhos gymnasticos pelo.—*O quadro dos artistas*, executado por todo gymnasio.

Em seguida os socios Carlos e Mattos executarão um perigoso trabalho intitulado:—*os homens aerios*.

Continuará o divertimento com um trabalho de deslocação pelo joven Henrique, intitulado:—*a tartaruga*. Depois seguir-se-hão os trabalhos intitulados:—*o concerto celeste*, *o divertimento chinez*, *a festa dos celestes* e *o rachador prussiano*,

—Onde se vende os ingressos para esta funcção?

—Na porta do mesmo circo, na rua da Lapa, becco em frente ao Tororó, no dia do espectaculo.

—Eu irei assistir.

—E' de esperar que haja grande concurrencia.

—Inspira serios receios o estado anormal desta terra.

—A' vista dos factos.....

—Os attentados contra a segurança individual reproduzem-se amiudadamente e não apparece repressão para os aggressores!

—Ataca-se, espanca-se e tortura-se no meio da rua impavidamemte.

—No domingo, seriam sete horas da noite, subia pacificamente a ladeira do Caminho Novo do Taboão, uma mulher de nome Libania. Um individuo que ahi se achava, chamou-a e como a mulher não respondesse, encaminhou-se para ella, pegou-a pelo braço, querendo fazel a voltar, para lhe dar attenção. Escusando-se aquella, foi por tão simples e injustificavel motivo, espancada se piedade.

Aos gritos da paciente não appareceu nimguem que lhe acudisse e o valentão poude á vontade desabafar todo seu indomito furor na inoffensiva victima, pisando-lhe o corpo com os sapatos.

—Esta terra parece um deserto, um sertão onde as feras bravias, transitam livremente.

—Depois que espancou bem a mulher, entrou para uma casa, que dizem ser sua morada, donde momentos depois sahiu com tres individuos, em orgia.

Este sugeito, consta chamar-se Honorio.

—Si para procedimento tão criminoso, não ha o devido correctivo, fique ao menos registrado, para que cada um se previna e tome a devida precaução.

—A guarda da Correcção não é mais de official?

—Pois não é?

—E como passando o 4°. batalhão da guarda nacional pela frente da fortaleza, formou-se a guarda e não se apresentou o official para fazer as continencias do estilo?

—Cousa que se passou a 27 do mez findo, agora é que V. lembra-se della?

—E' por causa do commento que eu ouvi as *meninas felizes* que moram na esquina da rua dos Carvões fazerem á respeito.

—Capitão, é preciso desmanchar uma cilada, impedir uma bisca que estão arranjando.

—Diga, que eu farei o que estiver á meu alcance.

—As irmans de charidade querem casar a recolhida Maria Amelia com um estrangeiro, servente da estrada de ferro.

—Si é só isso, não vejo cousa de mais.

—V. Ex. não repara que estrangeiro é gente que leva ao ultimo apuro o prejuizo de côres e que um estrangeiro procurando casar com uma brasileira de côr parda, tem algum fim em mente?

Esse estrangeiro, quer nada menos do que atabafar suas dividas com o dote da recolhida, e as irmans de charidade prestam-se a fazer mais esta obra de charidade, immolando aos calculos de um homem o futuro de uma moça.

—Pois até para *medianeiras* prestam-se irmans de charidade!

—Além disso, fallam tanta cousa á respeito do procedimento desse estrangeiro... Trazem a memoria o caso de umas facadas...

—Casamentos que sempre tornam-se infelizes. E' preciso despertar a attenção do Dr. juiz de orphãos.

—O que é preciso obstar é que essa moça não seja coagida a unir-se a um homem que não é de seu gosto; que as irmans de charidade que se inculcam de tão catholicas não a obriguem a ir ao pé dos altares mentir, prestando um juramento forçado, para ao depois a sociedade implacavel apontal-a com o ferrete da odiosidade por uma falta que a forçaram a commetter; é preciso atalhar em

quanto é tempo a infelicidade que esvoaça sobre a cabeça da pobre moça, victima do interesse e ambição de um homem a quem as irmans de charidade—suas patricias, querem proteger.

—Abaixo publicamos uma poesia redigida pelo finado empregado da thesouraria geral José Duarte da Silva, na occasião em que estava para deixar este mundo de enganos e traições:

«Quando eu morrer, minha morte
Não lamentes, charo amigo,
Que o sepulchro é um jazigo
Onde devo descançar
—A minha triste existencia
E' tão pezada, é tão dura,
Que a pedra da sepultura
Ja me não pode pezar.

Uma lagrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer,
Custa-nos sempre o viver
Prantos e dores sem fim
—Que tormento fôra a vida
Si não fosse transitoria!
Não me risques da memoria,
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulchro
Mas ninguem d'ellas se queixa
Quando o morto os olhos fecha
Não quer luz, quer socegar,
Aquelle fundo silencio,
Aquelle triste abandono,
Dão-lhe tão tranquillo somno
Que não pode despertar.

Já tive mêdo da morte,
Mas hoje tenho da vida,
Sinto minh'alma abatida,
Sem vigor o coração,
Já cançado de soffrer
Para a morte os olhos lanço,
Vejo n'ella o meu descanço,
A minha consolação!...»

A PEDIDO

—Capitão, João da Cruz Vieira queixou-se ao subdelegado da freguezia do Pilar contra um tal Bernardino.

—Mas porque?

—Vieira habita em um quarto da loja do sobrado em que mora Bernardino, fronteiro ao forte de Santo Alberto, cujo quarto lhe fora sublocado por este; mas Vieira lhe tem sempre pago os alugueis pontualmente.

No dia 9 entendeu Bernardino que devia despejar Vieira do quarto, sem que para isso usasse dos meios legaes.

E então que fazer?

Tendo Vieira sahido, Bernardino arrombou-lhe a porta do quarto e jogou-lhe os carregos no meio da rua.

Chegando Vieira reclamou contra áquelle procedimento, tanto mais quando elle nada lhe devia.

Mas á essa reclamação Bernardino corre atraz d'elle com uma faca em punho para assassinal-o; o que teria feito si não corressem em seu soccorro algumas pessoas, das innumeras que testemunharam o facto.

—Este Bernardino não é um empregado na repartição da policia?

—Supponho que sim.

—O melhor commentario que se pode fazer á certos factos, é entregal-os descarnadamente á appreciação do publico.

—*Mestre*, por quanto me arranja o passeio?

—20$ reis.

—Muito caro.

—Caro! Nem diga.

—Na razão do que V. dispende, é.

—Nem por isso.

—Deixa de historias, *Nicolas*, tu so compras o cimento; o mais sahe do monte-mor.

—Si o Sr. mandasse fazer por outro, *se veria* obrigado a pagar o duplo.

—Havia V. achar uns vinte *ganchos* como estes.

—E pensa que eu faço poucos?

Motte.

Amor de frade faz medo
Fujam delle a desfilada,

GLOSA.

A frades nem por brinquedo
Deveis, meninas, amar,
D'elles não ha que esperar,
Amor de frade faz mêdo,
Frade não guarda segredo
Tudo leva em cassoada;
Frade não pode dar nada
Basta ser gente que pede;
Frade tem morrinha, fede,
Fujam delle a desfilada.

—Cynico injusto, chega á falla.

—*Justo* e recto como eu, ninguem, capitão.

—*Justo* como a boeca de um sino e recto como um anzol, não duvido.

—Na minha consciencia, o unico defeito de que me accuso, é de ser *amado*.

—Consciencia de bandido é a tua, vil seductor, mensageiro da corrupção, genio da perversidade.

—Tanto não sou o que V. Ex. diz, que sou cousa em minha terra.

—Pela degeneração dos tempos. Em outras epochas penduravam os ladrões nas crazes, hoje elles as trazem pendentes no peito.

Por essas aberrações, é que tu que devias ter um logar de grumete em qualquer vaso de guerra, andas campando de *cousa,* infame.

Um ente desmoralisado como tu, um perdido, um sevandija, era para nunca ser lembrado nesta vida?

Recordas-te daquella pobre rapariga criada em casa de um honrado empregado publico, hoje morto, que tu seduziste, e raptaste, embarcando-a em um saveiro e depois abandonaste, voltando ella para a casa da familia que a creou?

Pois esta infeliz, todos os dias, com justa dôr e indignação, pede a Providencia Divina, que te remunere pelo bem que lhe fizestes.

—Tudo fosse isso.

—Agora andas cavando a desgraça de outra incauta victima pelo *Circulo*da *Ventura*. O insciente homem, viuvo, sahe cêdo para seu *negocio* e volta sempre tarde e tu aproveitas a vaga para tuas conquistas, empregando mentiras e subterfugios para por esse meio ver si consegues o infame fim de perder não só as duas mulatinhas, como tambem a mais alguem.....

Sobre-renegado como tu, o diabo põe as duzias. Estendendo o teu dominio até perto desses *mares*, ahi mesmo dás a prova de tua devassidão, de tua concupiscencia, de tua lubricidade—indo em commum banhar-te nú, com a tua marafona, duas mocinhas, um creado de tua concubina de 16 annos, o teu camarada e o *ex*. Não é um quadro moralisador este que apresentas?

(*Continúa.*)

«—Eu ouvi dizer que sua prima vai se casar, é verdade?

«—Parece-me que sim.

«—V. vai assistir ao acto?

«—Eu não; meu primo até foi para fóra envergonhado.

«—Envergonhado de que?

«—Porque o sujeito com o qual ella se vai unir é um *cabra*.

«—*Cabra!* Pois olhe si forem a ajustar contas de branquidade, talvez que seu primo, que se diz envergonhado, venha a restar-lhe o *saldo*.

«—Então o que quer dizer V. com isso?

«—Quero dizer que si o homem é cabra, V. e seu primo talvez sejam mais cabras que elle.»

—Que desaforo!

E' uma *mulatinha* que ousa assim injuriar a um moço, chamando-o *cabra,* quando ella em qualidade talvez esteja fóra da sua esphera!

—Mas quem é essa *branquinha* que assim ousou fallar?

—E' uma donzella que conversa a sós com o seu namorado Constantino, dentro de umas coiraneiras.

—Ora, eu julguei que era outra especie de gente!

Camboatá é que suja agoa.

—Capitão, estou desorientado.

—Acalme-se, meu rico.

—Venho agora de um logar onde acabo de ser desfeiteado e desattendido.

—Esfrie o sangue e conte-me seus dissabores.

—Fui a *Moenda* da Conceição, receber dinheiro do dono de uma venda e tive de esperar, porque elle não estava.

Entra um *permanente* destacado na *casa de prisão* sem trabalho e pede a quem estava na venda que lhe entregasse uns objectos que dera a guardar.

«Camarada, (disse o rapaz que se achava na venda) nada lhe posso entregar, porque de V. nada recebi e não tenho ordem para isso. F. não tarda, espere um pouco.»

O soldado em logar de achar rasoavel a escusa, deu-se por offendido, e bradou:

«V. acha que eu havia de vir buscar o que não dei, Sr. este, aquelle, aquell'outro. Si fosse para alguma ladroeira V. estava prompto.»

E pôz os nomes mais porcos e insultuosos no rapaz.

Aquillo revoltou-me e fez com que me dirigisse ao soldado, observando-lhe que não tinha razão. O *prudente* permanente virou-se para mim e passou-me a mais horrenda descompostura que se pode ouvir. Chamou-me de c.... sendo eu casado; filho da p.... e outras injurias. Sem lhe responder, dirigi-me ao destacamento, procurei o official commandante que me recebeu deitado e em ceroulas. Contei-lhe o occorrido e indiquei-lhe as pessoas que viram. Disse-lhe mais que era ex-sargento de voluntarios, condecorado com o habito de Christo.

O moralisado official nem me fez o favor de levantar-se; deitado mesmo respondeu-me:

«Camarada, meia volta; va decidir com o soldado lá na rua!»

—Bom!

—Pasmei, capitão!... Quiz ainda fazer-lhe uma observação; mas elle asperamente cortou-me a palavra:

«Lá na rua é que o soldado lhe insultou; espere-o lá e entenda-se com elle.»

—Que modelo de official!

—Retirei-me sem piar, receiando que o soldado á vista de tanta ousadia fosse capaz de alli mesmo me desfeitear, e vim ter com V. Ex.

—Hoje que dia é?

—Sabbado.

—Pois na primeira folha que sahir mandarei publicar o facto. O maior castigo que se pode infringir ao executar de uma commissão qualquer é dar publicidade aos seus malfeitos no desempenho della.

Movimento do Porto.

Pitangueiras em 30 minutos a sumaca corsario *Bella*, capitão *Boa lis* equipagem 6 substitutos; carga gallinhas e chifres ao capitão.

Os moradores da rua do Soccorro, e adjacentes da freguezia de Brotas, imploram ao Exm. Sr. presidente da provincia, e Srs. Dr. chefe de policia, Dr. delegado, e Dr. inspector da saude publica, para irem reconhecer o matadouro de porcos, que publicamente tem no quintal de sua morada na travessa da mesma rua, o poderoso inspector de quarteirão Cassiano Rodrigues Banha, com o maior escarneo das leis, incommodando a visinhança, noite e dia, com a matança e grunhido dos mesmos, sangues podres do esgotamento das tripas e fumaceira que infeccionam o ar naquella localidade, prejudicamdo a saude publica.

Diversas pessoas teem sido affectadas das febres.

Tamanha violação das posturas municipaes nº. 99 e 100, dá-se pelo amplo consenso que dá a camara ao infractor de crear e matar taes animaes.

Quando são conduzidos os rebanhos para o chiqueiro, não ha cuidado em seus conductores; entram os porcos pelos quintaes, passando de um a outro, quebrando cercas, estragando as plantações, e atraz delles os seus encarregados, passando de um á outro quintal. Sempre estão se dando esses factos. Sabbado as 5 horas da tarde deram-se muitos estragos desta ordem, como foi publico e presenciado pelos visinhos. Ha um anno que soffrem os moradores todos estes flagellos, já com porcos, cavallos, cabras e o cão brabo, que avança e morde, cavallos soltos violando os terrenos e quintaes alheios, comendo as plantações, e aniquilando tudo. Os habitantes da referida rua fizeram uma representação ao Sr. Dr. chefe de policia, que immediatamente deferiu á representação, baixando ordens a subdelegacia, para cumprir as posturas municipaes, mas as authoridades do local e seus inspectores, não cumpriram as ordens superiores, nem attendem á reclamações do povo. Os factos estão de dia em dia augmentando-se pela falta de correcção e punição.

Hontem entrou em Latronopolis o corsario *Bella* vindo do porto das Pitangueiras com o celebre capitão *Boa lis* vai para Itapagipe calafetar e botar verniz na proa para voltar ao logar de suas façanhas — Esse terrivel corsario tem causado terror no reino das *Brotas*.

Pergunta innocente.

O beneficio que a sociedade Roger pretende dar no dia 13 será para pagar aos credores com o producto?

Não sei, veremos.

Um credor.

VARIEDADES.

As crianças.

A melhor corda da alma feminina, quem com mais força a vibra são os dedos frageis e alvos das crianças!

Os meninos são os thermometros da vida conjugal. - Entra-se em uma casa de familia, quem primeiro apparece é uma criança, alegre, feiticeira, gentil, franca e palradora.

—Você como se chama? Pergunta-nos olhando de travez.

—Fulano de tal.

—Schi! que nome feio! Papae é que tem um nome bonito. Que é que você quer?

E aquelles grandes olhos castanhos ou pardos interrogam-nos curiosos e cheios de luz.

D'ahi a pouco apparecem os donos da casa, risonhos, felizes, urbanos na extensão da palavra.

Nada mais natural! O thermometro marcou trinta graus de alegria em casa.

Outra vez, visitamos a mesma familia. Mandam-nos por um escravo seguir para a sala de espera. Esperamos. Passa-se um quarto de hora, meia hora, uma; e a criança não apparece! Olhamos, prescrutamos, indagamos por todos os lados e escaninhos.

Assoma á porta o pequeno com os olhos tristes e a bocca sem risos como um lyrio murcho.

Novidade na casa!

Quando os paes entram na sala, a mesma tristeza paira no gesto e nas palavras d'elles.

Naturalissimo tudo isso! O thermometro marcou trinta graus de tristeza em casa.

As crianças travêssas sujeitam-se a uma subdivisão ainda.

Ha *travêssas* e *terriveis*. Os meninos terriveis de que Cham tem-nos dado tão originaes caricaturas, são, alem de terriveis, perigosos deveras! Contam tudo o que se passa no seio da familia, ao pae, aos tios, aos amigos, aos estranhos, aos escravos, aos visinhos, ao universo inteiro si podessem contariam, cantando e rindo!

—Papae, mamãe hoje comprou ao mascate uma duzia de collarinhos para primo Juca.

—Cala a bocca, menino!

—Olha, papae, mamãe disse ainda agora que vae pedir a você para ella ir a casa de D. Angelica, mas é para ir á casa de tio João Miguel, com quem a gente está mal.

E agarra-se ás pernas do pae; machuca-lhe o chapeu, a camisa, abre-lhe o guarda-chuva, pinoteia, grita e faz uma algazarra horrorosa.

—Deixa estar, diz-lhe a mãe baixinho, tu logo me pagas, ladrão!

Elle põe-se a chorar desabridamente, exclamando:

—Mamãe vae me tocar, porque eu contei a papae que...

A irman mais velha tapa-lhe a bocca, abraçando-o e cortando a segunda serie do capitulo das revelações.

Contam por ahi episodios interessantissimos de crianças terriveis.

Brincava uma com um papagaio, quando o dono do papagaio disse-lhe, affastando-o da gaiola:

—Não bula, menino; olhe que elle morde!

—E porque é que elle não morde o senhor?

—Porque me conhece.

—Pois diga a elle que eu me chamo *nhonhô*.

Uma senhora soffrivelmente magra e feia, dizia a uma menina terrivel que chorava desesperadamente:

—Não chore, sinhá! As meninas que choram em pequenas, quando creseem ficam feias.

A criança entre lagrimas perguntou maliciosamente:

—Então a senhora chorou muito, quando era menina: não chorou?

Os meninos travesses são em geral, bons, piedosos, clementes.

Repartem com os pobres, si os encontram, o pão ou biscoutos; eu li, não sei aonde, que a mãe de uma menina pilhou-a resando de joelhos, defronte do oratorio, com o mais evangelico recolhimento.

—Por quem estás resando, minha filha?

—Pelo diabo, mamãe!

—Eim! Que dizes, menina? Estás douda?

—E então? volveu ella com o seu mais mimoso sorriso infantil. Todo o mundo quer tão mal ao diabo, que eu estou pedindo a Nosso Senhor que tenha pena d'elle!

E' mais facil enganar-se a dous philosophos, a dous senadores, a dous sabios, do que a uma criança travêssa.

Em um jantar de annos aconteceu o seguinte:

O dono da casa a uma mocinha pallida e poetica:—Não come, D. Emilinha? A senhora alimenta-se de ar como os passarinhos, eim?

Um filho do dono da casa, criança travêssa, á uma senhora gorda da visinhança:—Porque ella não come eu sei!

A senhora gorda:—Cala a bocca, menino! Eu conto a sua mãe, eim? vê lá!

A dona da casa á mesma moça:—Não é tão linda aquella tamarineira da chacara, D. Emilinha?

A mocinha pallida e poetica:—Muito, D. Francisca! Que fresco e que sombra que faz!

O menino, sem poder conter-se:—Podera! foi lá que a senhora recebeu um bilhete... (*A mocinha córa prodigiosamente.*)

Os donos da casa com severidade:—Menino! menino!

O menino, idem:—...aquelle moço que está ali, olhe! Aquelle das orelhas grandes! (*O indigitado fica prodigiosamente córado.*)

Ha crianças travêssas, em geral, o que nós chamamos *espirito*, graça, espontaneidade de imaginação e intelligencia.

L. Rastisbonne apresenta-nos, entre outros, o seguinte e gracioso episodio na sua comedia infantil:

« —Vamos! Não pares: continua a resa; começa novamente; dize, meu filho: Dae-nos.»

—Dae nos.

—O pão quotidiano.

—O pão...

—Prosegue... vamos! Porque ficas a murmurar palavras sem sentido?

—Eu te digo, mamãe: estou pedindo ao Senhor que nos dê, de hoje em diante, o pão quotidiano com manteiga.

Uma graça do *Figaro*:

—O que fazes no collegio, meu filho?

—Espero que seja hora de vir para a casa.

Uma idéa de menino terrivel:

—Oh! oh! é o senhor o tal homem alto e feio que disse a papae que havia de vir jantar sempre com elle!... Meu senhor, papae não está em casa. Babau!

Em um jantar:

—O Sr. não quer gallinha, não?... E' porque sabe da cousa!

—Que cousa, nhonhô?

—Menino!

—Vou dizer, está! Esta gallinha não tinha um olho, mamãe mandou-a matar para ella não morrer... antes.

Entre as momices infantís d'essa galante horda selvagem, ha graças, brincos, desejos, que elevam o espirito de quem os supporta ao ultimo grau de soffrimento e requintado martyrio. E o peior é que a familia ajuda-os de todo o coração a esses monstrinhos implacaveis.

Ahi vae um exemplo! A mesa de qualquer jantar. Eu ou o leitor acceitamos pela primeira vez uma cadeira de conviva em casa de ceremonia. Engolimos commodamente a nossa sôpa; bebemos o nosso calix de Porto *pianissimo,* como no romance de Sue, e esperamos com a maior delicadeza e tranquilidade que nos sirvam nova iguaria. Mas o perigo inevitavel lá está no canto! ao pé da mamãe! de guardanapo ao pescoço! olhinho vivo! córadinho! risonho! faminto! interessante! gordo como uma rolinha satisfeita! Servem-nos nova iguaria.

—Gosta de pimentas, senhor?... (O nome não vem ao caso: ou o meu ou o do leitor.)

—Não, minha senhora: agradecido.

O menino dá um pinote na cadeira, exclamando com uma voz de flautim terrivel:

—Quer, sim! Coma pimentas! Dê pimentas a elle, mamãe!

—Mas... articulamos nós receiosos.

—Ora, tire um pouco sempre, acode a mãe do pequeno, com um doce sorriso exigente; umas duas pimentas não fazem mal.

—Dize a elle para comer pimentas, mamãe! continua o pequeno, já de olhos molhados.

—Por quem é! duas pimentinhas! O menino quer!

—Ah! si o menino quer! E nós trincamos como os martyres Machabeus, duas pimentas, de que nos lembraremos todo o resto da existencia.

Outros amarrotam nossas calças brancas, tocam tambor no nosso chapéu como aquelle pirralho da comedia de França Junior: atiram nos bolinhas de papel ao nariz, dão-nos ponta-pés quasi adultos, mettem a mão em nossos bolsos, querem a todo o instante ouvir o *tlin tlin tlin* de nosso relogio, assopram na machina, desenrolam os embrulhos que levamos, desmanchan a nossa gravata, etc. E a feliz mãe ri, batte palmas, alegra-se, extasia-se, forçando-nos atrozmente a achar chiste nas travessuras do pequeno.

Um dos nossos mais circumspectos titulares costumava frequentar a casa de uma familia em Larangeiras. Nessa casa havia um menino terrivel. O titular, em uma das visitas que fez, em meio de animada conversa, espirrou. O dono da casa disse *dominus tecum,* curvando-se respeitosamente O pequeno nunca mais se esqueceu da formula latina, de maneira que toda a vez que lá ia a visita do costume, o menino recebia-a com a seguinte phrase, curvando-se grotescamente.

—*Dominus tecum,* Sr. conselheiro!

A principio o titular riu-se; depois enfadou-se e afinal impacientou-se com tantas e tão repetidas saudações ao seu finado espirro. Nas ruas, no passeio, em outras casas, era o travesso ver o titular que gritava-lhe logo:

—Sr. conselheiro! *dominus tecum!*

Finalmente, em uma festa de egreja onde se achava a familia das Larangeiras, no momento em que se pregava ao Evangelho, entrou pela sachristia o velho titular. Vendo a familia, cortejou-a de longe amavelmente; mas o menino não quiz que parasse ahi o negocio, e fazendo signaes com ambas as mãos:

—Scio! oh! Senhor conselheiro! exclamou elle ás gargalhadas: *dominus tecum!*

Foi um murmurio geral, e o conselheiro rompeu de uma vez com a familia das Larangeiras.

E essas crianças vingam, crescem, ficam homens e mulheres, barões e baronezas, deputados e...

O que é certo é que ser travêsso equivale a ter um futuro de espirito e de felicidades!

Champcenets, Pascal, Jules Janin, Chartes, Dickens, Henrique IV, Cain, Voltaire, Antonio Carlos, Pedro I, Pedro o Grande da Russia, Ninon de Lenclos, Alfredo de Musset e lord Clarendon foram as crianças mais travêssas de seu tempo.

Crianças travêssas! Bellos padrões do espirito e da agilidade! Queira Deus, oh! crianças sublimes, que estas paginas não vos sirvam ainda para um chapeu armado ou pelo menos para canudos, de onde sahem a um ligeiro sopro de vossas boccas algumas bôlhas de sabão douradas e verdes, mais duradouras talvez do que a lembrança do nome que estas folhas assigna.

L. Guimarães Junior.

O Sr. M... é um bom homem, alegre e conversador, para quem a natureza foi prodigo no corpo, e mesquinha no espirito.

A um que n'uma occasião lhe disse:

—O Sr. M... é um heroe.

Respondeu elle bem convicto:

—Não se admire, já estive mais gordo.

Procurou uma vez um amigo para lhe fallar, e como o encontrasse em conversa com outros, disse-lhe:

—Quando acabares, vem fallar comigo, por

que temos muito que conversar caladamente.

Deram lhe a decifrar esta charada:—*Ra*, uma, *To*, outra: conceito—*Mora na dispensa*.

—Na dispensa!... repetiu elle... sera toucinho?

Este Sr. M..., quando está afflicto ou descoroçoado, invoca o auxilio da Virgem nestes termos:

—Valha-me a imagem de N. S. do Carmo!

A filhinha da pobre.

Minha mãe tão pobrezinha,
Coitadinha!
Não tem nada p'ra me dar:
A cada hora dá-me um beijo,
E depois fica a chorar.

Minha mãe deu-me um thesouro,
Nao de ouro;
Que ella é pobre e nada tem;
Mas a lição da virtude
E' um thesouro tambem.

«Escuta, filha querida,
Minha vida!»
Cada dia ella me diz:
«Segue a licão que te ensino,
«Que não serás infeliz.

«Da mulher toda a riqueza
«E' a pureza:
«Oh, filha confia em Deus;
«Sê casta e boa, que os anjos
«Hão de c'roar-te nos ceus!

«Tua mãe tão pobresinha,
«Coitadinha!
«Não tem nada p'ra te dar:
«Dá-te a lição da virtude,
«Que te repete a chorar.»

Documento celebre!

Tarifa para absolvição de peccados, publicada por ordem do Papa Leão X, em Roma.

«Por 27 libras pode-se comer laticinios em tempo prohibido.

«Por 131 libras absolve-se um hereje.

«Por 29 libras perdoa-se o perjurio.

«Por 168 libras perdoa-se a tentativa de homicidio.

«Por 27 libras perdoa-se as offensas phisicas feitas aos Bispos.

«Por 17 libras absolve-se o parricidio.

«Por 29 libras absolve-se o assasino e o falsario.

Por 27 libras absolve o ladrão, que não seja clerigo.

«Por 86 libras perdoa-se o adulterio.

«Por 5 libras pode o marido castigar a mulher.

«Por 121 libras dispensa-se o adulterio a ambos os conjuges.

«Por 219 libras absolve se dos peccados contra a natureza.»

«E outros artigos que supprimimos—pro pudore.—

Isto não se commenta.

ANNUNCIOS.

Associação Typographica Bahiana.

A mesa provisoria lembra aos Srs. associados o pagamento da mensalidade de abril ao Sr. thesoureiro Guilhermino Dorea, na officina do *Correio da Bahia*, ao Corpo Santo.

Outro sim, previne aos Srs. typographos, livreiros e lytographos, que o praso das entradas de 10$000 réis finda se no dia 16 do corrente, segundo dispõe o art. 9.º dos estatutos. Bahia 3 de maio de 1871.—*Hyppolito*, 1.º secretario.

De ordem da mesa provisoria convido aos Srs. associados a reunirem-se em assembléa geral, domingo 14 do corrente, ás 10 horas da manhan, no sobrado n.º 15, 2.º andar, á rua do Pão-de-ló, afim de dar-se posse ao novo conselho administrativo. Bahia 8 de abril de 1871.—*Hyppolito*, 1.º secretario.

O Sr. Deocleciano de Souza Machado tem uma encommenda nesta typographia.

O Sr. Francisco Xaxier Alpoim tem uns recibos nesta typographia.

Fugiu desde o dia 19 do passado, da cidade de Santo Amaro, a escrava Maria, de nação nagô; foi escrava do finado Godinho, é alta, magra, fula, de olhos grandes e avermelhados; tem algumas pinhas de cabellos brancos e dentes muitos certos; já foi vista no Cabulla; quem a levar a Camillo de Lellis Piedade, ou Carneiro e Machado nesta cidade, ou a seu senhor em Santo Amaro, receberá 20$ réis de gratificação.—*Francisco José dos Santos*.

PREVENÇÃO.

Affirma-se que se premedita a falsificação de uma certidão de edade, unica porta de salvação por onde pode escapar-se o portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho, accusado de crime de rapto e defloramento praticado na menor Clara L. Porto, pelo dito portuguez.

Parta de quem partir a fraude, chama-se para ponto tão grave a attenção do digno juiz que tem de tomar conhecimento da causa.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7ª. SABBADO 13 DE MAIO. N. 789.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 12 de maio de 1871.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que passe a multar a certos moradores do becco do Motta que fazem despejo de excrescencias sobre os telhados das propriedades ás Portas do Carmo que lhe ficam inferiores. Cumpra.

—Capitão, tome nota de mais esta:

No dia 6 do corrente, foi barbara e atrozmente torturada uma moça de nome Adelaide, moradora ao becco da *Republica*, aos Curraes Velhos, freguezia de Santo Antonio.

A offendida levou tanta pancada, que não se poude mais levantar; deitando d'ahi para cá grande quantidade de sangue pela via ourinaria e com o corpo deformemente contundido.

Está em perigo de vida e no dia 11 recebeu os ultimos Sacramentos.

—Quem seria o author de tamanha atrocidade?

—Dizem que um ex-official de voluntarios. O motivo é o mais indesculpavel do mundo. Por não ter a offendida preparado uma porção de carne á contento do offensor, seu amasio.

—Pretexto para quem tem seu genio mau.

—O author de tamanha barbaridade anda livremente, apezar das authoridades terem sciencia do attentado e do estado da soffredora.

—Nesta terra é assim mesmo.

Os reus de policia, os assassinos, os facciñoras conhecidos e apontados, escapam á acção das authoridades locaes, ao passo que os cidadãos laboriosos e pacificos, os homens honestos, vivem sob a pressão da policia, quando não são victimas em suas proprias casas da sanha dessa horda de vandalos.

—Nossa assemblea provincial esteve impagavel terça e quarta feira!

No ardente zelo com que tratam os paes da patria de felicitar este abençoado torrão, levaram a dedicação ao extremo de quererem converter o recinto em arena de gladiadores, ou a campo de aggressões pessoaes.

Houveram deputados que começando a tratar os collegas por—excellencia—acabaram reciprocamente no calor dos doestos por—você.

—Só assim é que a patria será feliz.

—Houve até quem, dizem, n'um momento de distracção, deixasse transluzir a lamina de um agudo punhal.

—Rendas e alfinetes do *Diario da Bahia:*

«O Dr. J. Tiburcio pretende desfazer a sociedade que tem na loja *Bota de Ouro* e abrir por sua conta e risco uma outra (loja e não sociedade) com o titulo—*Botina de Ouro.*»

—Capitão, contaram-me que no hospital de charidade existe como servente, uma recolhida da Santa Casa, cuja sorte é bem agra e mesquinha, pelo tratamento despresivel e brutal que recebe das irmans de charidade.

—Eu não duvido nada dellas.

—Sugeita á trabalhos humilhantes e pesados para suas forças, soffre castigos improprios da fragilidade e delicadeza de seu sexo.

—Isto é por que ellas são compassivas e indulgentes.

—A miseranda moça, é muitas vezes mettida em um casebre escuro, infecto, sem ar, humido e condemnada á jejuns.

—E não são rancorosas!

—As irmans de charidade, sobre cuja castidade tanto se tem fallado de algumas, no hospital, por exemplo da irman Izabel, as irmans de charidade cuja virgindade é duvidosa, pois que ninguem sabe o que eram lá na França, antes de entrarem para o instituto de S. Vicente, as irmans de charidade, digo repugnam curar molestias venereas para não offender o seu pudor, entretanto que isso mesmo que ellas se recusam a fazer como improprio do seu sexo, obrigam a pobre moça, cuja honestidade está fóra de duvida.

—Ao menos não se tem dito dellas certas cousas....

Mas as irmans de charidade nesta terra so não fazem o que não querem. Immensas vezes se tem bradado pelo que soffrem as infelizes recolhidas sujeitas ao capricho das irmans de charidade e nem por isso ellas teem melhorado de sorte.

—A Sra. não está enferma?

—Gravemente, meu Sr.

—E como não se recolhe ao hospital?

—De la venho agora mesmo.

—Pois sahiu neste estado?! Com um dia tão chuvoso?!

—Esta observação fez o Dr. Moura dizendo que a humidade do dia podia complicar meu estado melindroso de saude, mas as irmans de caridade não attenderam a isso e em sua soberana sabedoria, affirmaram que eu estava boa e despediram-me.

—Ora que charidade das carepas!

—Despediram me, porque quizeram obrigar-me a lavar o soalho e como eu exhusta de forças, não pude, tangeram-me deshumanamente.

O Dr. Moura ponderou que eu estava seriamente doente e que sahindo hoje 10 com o dia chuvoso como está, podia perigar. As irmans concordaram que eu ficasse por hoje, mas fui advertida que aquella condescendencia da parte dellas, não passava da intenção em que estavam de castigar-me pela minha desobediencia de não querer lavar o soalho, trancando-me em um quarto escuro, logo que o Dr. voltasse as costas.

—So isso é que é pureza de coração!

Senhora, como se chama?

—Maria Anacleta de Souza.

—Admiravel exemplo de charidade.

Vae um infeliz procurar linitivo á sua enfermidade e é obrigado á um trabalho forçado ou á ser expulso!

—Na quinta-feira, pelas 4 horas da tarde, atravessava da ladeira da Conceição para a de S. Bento, na occasião de sahir o *bond* dos Trilhos Urbanos, um carro carregado de taboas, accontecendo ir sobre ellas os burros que puchavam o *bond*, do que resultou saltar o cocheiro por cima dos animaes ficando mais de cinco minutos sem sentidos da terrivel pancada que levou sobre as pedras, e com uma pequena ecchymose na face direita do rosto.

—Coitado!

—Mas tudo isso é devido ao pouco cuidado que se tem nas partidas dos *bonds* do largo do Theatro, com aquelle continuo trajecto de atravessamentos de carros, burros, etc., pelos trilhos, o que ha de occasionar muitas consequencias funestas.

—Quando o homem é um peralta, um vadio, um olho-vivo, a sociedade o condemna, repudia e detesta!....

—Temos obra.

—E' uma reclamação que venho fazer a V. Ex. sobre o procedimento inqualificavel dos moleques desta cidade para com um homem que anda vendendo café.

Esse individuo mercadeja cantando o genero que tem exposto a venda.

Os moleques ao encontrarem-se com elle o vão *saudando* com uma *salva de grossa artilharia de pedras* e o arremedando no mercadejar: —*«cheguem pro café; cheguem pro puro e bom; cheguem pro bom e barato.*

—Que insolentes!

Como é assim apedrejado e apupado por essa cafila de vadios, um homem trabalhador e que procura um meio licito e honroso de vida?

—E' porque não ha policia que garanta ao cidadão que laboriosamente procura ganhar o pão quotidiano.

—De maneira que vive esta terra entregue aos cachorros e moleques, que fazem n'ella o que querem.

—Que paixão desregrada!

—Aquelle não é o Virginio?

—E'.

A Martinha abrigou-se em casa de uma familia, aqui na rua do Pan-de-ló e o homem entende que pode invadir a casa alheia.

—Si elle ja retalhou as nadegas da mulher, e deitou pimenta impunemente, que receio pode ter de mais nada que pratique?

—Alem disso, sendo preso n'uma tarde á ordem do subdelegado, occulto em baixo de uma cama na casa do logista Souza Correia, o chefe de policia o mandou soltar no outro dia pela manhan..

—Ora está como se dá azas ao crime!

—Nesta parte faça justiça ao honrado magistrado; não foi senão por alguem engano que S. S. fez isso.

—O certo é que elle audaz pela impunidade está commettendo para diante toda sorte de desvarios.

—Tudo tem seu limite. O chefe de policia agora melhor informado da conducta irregular desse rapaz, ha de por certo impor-lhe um correctivo.

—E' preciso intimar a morte para não matar mas ninguem de repente, sabe, capitão?

—Ja vem com suas stultices?

—Sob pena do pobre morto correr risco de ficar sem sepultura. A intolerancia dos padres considera impenitente aquelle que pela brevidade da morte não tem tempo de confessar-se.

—Ora sebo!

—V. Ex. duvida?

Pois aqui estão dous casos recentissimos:

O 1.º é publicado no *Diario de Pernambuco*, sob o titulo—

«Caso grave.—Tendo fallecido no dia 30 do corrente (março) na enfermaria da casa de detenção, o preso Manuel Eugenio de Souza, vindo do Rio de Janeiro para seguir para Fernando de Noronha, victima da febre amarella, «sem ter a molestia dado logar a que elle se confessasse,» recusou-se o Rvm. coadjutor da freguezia de Santo Antonio dar a competente licença para o enterramento, «sob o pretexto de ter morrido impenitente.

Não havendo o Exm. Rvm. Sr, conego vigario capitular respondido, até hontem pela manhan, ao officio do Sr. Dr. chefe de policia, pedindo providencias, em vista da gravidade do caso. S. Exa. o Sr. conselheiro presidente da provincia mandou que fosse o cadaver sepultado no cemiterio publico, o que se fez.»

—Que bem entendido escrupulo de consciencia!

—O outro facto é narrado por uma carta escripta de Fernando de Noronha para o Recife.

Eil-o:

«Havendo fallecido aqui repentinamente no dia 1. do corrente, victima de uma congestão cerebral, a sentenciada a galés, da provincia do Ceará, Luiza Felicia do Nascimento, o respectivo 1º. capellão, padre Clemente Negris, da companhia de Jesus, negára sepultura ecclesiastica ao cadaver dessa infeliz mulher, fundamentando o seu acto com a citação de disposições do Ritual, que nenhuma applicação tinham á finada, a qual, em sua vida sempre dera provas de seus sentimentos religiosos, assistindo ás missas e ás preces, que diariamente fazem os sentenciados e não se poder consideral-a impenimente na sua ultima hora, attenta a natureza do mal que produziu-lhe a morte instantanea, caso em que era-lhe impossivel receber soccorros espirituaes recommendados pela egreja.

«Entretanto, o commandante d'aquelle presidio no louvavel empenho de prevenir qualquer manifestação por parte dos sentenciados contra essa denegação de sepultura, que causára entre elles grande sensação, tomou o prudente arbitrio de mandar inhumar o cadaver no cemiterio do referido presidio. apesar da má vontade do jesuita.»

—E entretanto em quanto os ministros da religião do Cordeiro que tira os peccados do mundo, negam com tanta impiedade o ultimo jazigo aos restos de christãos, vão optimamente representando o papel de esbirros de policia.

Lê se no *Jornal do Recife*:

«O portuguez Antonio da Silva, que anda vendendo biblias impressas em Nova-York, foi hontem, em hora azlaga, fazer o seu commercio na cidade de Olinda.

«Mandado pela authoridade policial á presença do Sr. vigario capitular, apossou-se S. Rvma. de todos os livros do pobre homem, sob o pretexto de serem «biblias falsificadas!»

«Este acto de authoridade tão superior ha de talvez fazer persuadir fóra d'aqui que já não existe entre nós direito de propriedade.

Os prós e precalsos do casamento.

Na nossa terra, em chegando um rapaz aos seus desseis, está doudo por se amarrar: não ha moça que lhe não agrade e nem dia que não esteja apaixonado por alguma beldade. Anda o pobresinho como uma barata tonta desesperado por ter—sua mulher.

Na nossa terra, em chegando uma menina aos seus quatorze, estão os paes de cabeça baixa, como quem procura agulha perdida, a vêr si acham algum papalvo que lhes leve de casa a mercadoria que tanto os incommoda; e a menina, cujo instincto casamenteiro é extraordinario, faz por sua parte as possiveis deligencias para casar, porque a menina quer ter—seu marido.

Tanto vai o pote a fonte até que se quebra.

Tanto procura o rapaz até que acha; tanto busca a menina até que encontra.

Muito bem, estão casados.

Nos primeiros tempos não ha nada melhor, tudo vai ás mil maravilhas, o rapaz que era um extravagante, que sempre vinha para casa com o preto do pão, já não sahe á rua para adorar a sua santinha, e a santinha vive infeiticada do seu santinho, tanto que inda se não lembrou de tocar o seu pianno, nem de chegar á janella.

Que bello! que vida!

Por então, inda o sugeito não sente o chamusco; são duas pessoas de familia, e a despeza é a mesma que fazia quando solteiro. Está contentissimo, já tem quem tome conta de sua roupa, quem lhe dobre a casaca, quem lhe dê a roupa para se vestir quando sahe, quem lhe abra as meias, emfim, tem—sua mulher.

O casamento é uma coisa boa quando vai assim. Mas, por milagres de Santa Margarida, e das meiguices do santinho para a santinha, e d'esta para aquelle, principia a sinharzinha a sentir o corpo molle, a ter fastio, a estar só deitada, á enjoar certas comidas e a palavra primeira de atterrar que apparece aos ouvidos do novo casado, é—enxoval.

O que é um enxoval? Oh! são uns trapinhos, umas rendinhas, umas rendinhas e fitas, umas fitas e filós, uns filós e setins, uns setins e que sei eu? Uma trapalhada de coisas, que se exige do marido, inda mesmo que seja uma tolice, porque diz logo a mulher, que não quer para seu filho, senão tudo mui-

to bom. E' o primeiro filho tudo hade ser novo, porque depois se falla. E não ha remedio, lá se vão bons cobres na compra do tal enxoval, que em breve tempo não serve mais e é desprezado pela mulher que principia logo a resmungar as palavras—camisolinhas para o menino.

Mas emfim, o marido está contente porque desejava ter um filho—um filho firma a amizade, e é sempre bom ter um herdeiro. Caminha tudo as mil maravilhas; pois não se lembra o homem que tem de pagar a uma parteira, aturar os barulhos de uma mulher com dores de parto, e os remechidos, e cochixos das outras que se ajuntam então por curiosas, á titulo de amigas.

A coisa já não vai muito bem, e o sugeito principia lá no fundo do coração a arrenegar da asneira que fez. Não ha remedio, diz elle, mas o parto dura um dia ou uma noite, e por tanto posso supportar todo este barulho, E de facto, o negocio se ultima em paz, está o Sr. marido, papai, e é um grande prazer o que desfructa, e ante o qual se esquece de todos os incommodos atrazados. Está pai. já tem um herdeiro, e quem derrame sobre sua campa o doce pranto filial. A alegria da paternidade levou o grande Napoleão a fazer loucuras.

Porém inda alguma cousa ha; elle, o papai que gostava então tanto de ter a sua casa aceiada, a vê agora toda desfigurada com cordinhas de coeiros e pannos do nenemzinho, as janellas teem tambem essas cortinas de nova especie, e por toda parte, dará com a vista, já em uma bacia de banho, já em um fogareiro de brasas com alfasema etc., sem fallar na desordem que anda em casa com visitas e chegada dos parentes que desejam ver o menino, do qual gostam muito, e começam a dizer que se parece muito com o pai, que acham muito bonito, embora seja um monstruengo, e no que se atura de uma ama, quando as mães não querem criar.

Já o negocio não agrada muito ao marido, e começa a pensar que foi um bobo em buscar trabalhos por suas mãos.

O casamento tem que se lhe diga—e os seus prós e precalços são longos e infinitos. E nem os filhos são peiores, pois que um filho é sempre um filho, e o que se casa atura aquillo que fabricou.

Um filho chora, não deixa o pai dormir, faz travessuras, mas é sempre filho; mas, quando passados alguns annos sem que o marido espere por uma semelhante buxa, morre-lhe o sogro e elle não tem remedio senão receber a praga de uma sogra, e mais suas filhas, e mais seus filhos, e mais até seus agregados? Oh! então o pobre não tem mais prazer, nem se ri, perde a côr do rosto, e conhece que por um tal preço é muito caro o throno. Não pode mais fazer uma casaca para si, nem comprar um chapeu porque a sogra quer capona para ir ás suas missas, porque está bèata depois de viuva; porque é necessario dar vestidos ás cunhadas e sapatos aos cunhados.

Eis-aqui um dos cravos mais insoffriveis do casamento: é duro aguentar um homem com uma carga tão pezada, sem fallar nos medeixes das cunhadas, e nos arrufos da sogra que nunca passou tão mal, porque só comia presunto, no tempo do seu defuncto.

O' casamento é bom: o homem suspira por elle; mas bem reparado é a sua maior asneira.

A PEDIDO

Desejando arredar qualquer suspeita sobre minha conducta presentemente, venho pela imprensa declarar que o Honorio que espancou uma mulher na ladeira do Caminho Novo não fui eu.—*Honorio José d'Almeida.*

—Capitão, passando por uma rua vi um ajuntamento de mais de cincoenta pessoas. Julguei que estavam apanhando *galartixas*, porque no *forte* fronteiro haviam muitas *galartixas*.

—E o que era então?

—Um homem de chapeu de sol empunhado, rodeado de soldados, a ameaçar e insultar outro, dentro de sua casa, dizendo que mettia-lhe os pés si dissesse alguma palavra.

—Oh, queria dar no outro!

—Contaram-me que uns ratoneiros queixaram se ao subdelegado do homem, cidadão pacifico e de conducta regular e para indispol-o no animo da authoridade disseram que o havia chamado *subdelegado merdeiro*.

O subdelegado em accesso de ira sahiu, foi a casa do queixado e passou ameaçal-o e a dirigir-lhe quanta leria, improperio e insulto ha, sem attender as desculpas que lhe dava o homem, fazendo-lhe ver que tudo aquillo era um trama.

—Mas isso é improprio de uma authoridade grave e circunspecta.

—Si me contassem não dava credito: mas eu vi.

—E encommoda-se um cidadão, injuria-se-lhe, para satisfazer a uma quadrilha de larapios!

Santa Virgem do *Pilar* como estão estes tempos mudados!

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.ª QUINTA-FEIRA 18 DE MAIO. Ns. 790—791.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 17 de maio de 1871.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande concertar as ruas das Portas da Ribeira e d'Alfandega, as quaes pelo pessimo estado em que se acham, mormente com a estação invernosa como a em que estamos, quasi se teem tornado intransitaveis.

Sendo aquellas ruas das principaes da cidade baixa, é de equidade que a Illma. mande incontinenti concertal-as, tanto mais quando está proxima a visita de S. M. o imperador á esta provincia, em sua viagem para Europa.

Espera-se ser attendido.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que ha em Itapagipe um individuo de nome Constantino, o qual tem em sua companhia um menino orphão de pae e mãe, que é por elle castigado barbara e atrozmente.

Esse individuo mora defronte da casa em que se acha tomando ares o Sr. J. A. do Amaral, o qual já teve com elle trocas de palavras, segundo consta, por haver esse humanitario e digno cidadão reclamado contra a maneira brutal porque é castigada aquella infeliz creança.

Em vista do exposto, e em nome da victima soffredora, espera-se que S. S. empregará os meios a seu alcance, arrancando das garras d'essa bravia fera, a desventurada creatura.

—Em que estado está esta terra!

Os salteadores vão para os logares ermos e desertos assaltar os viandantes, os agentes da segurança publica, levam o arrojo mais longe; atacam o povo dentro da cidade para entregarem-lhe o que trazem.

—Eim?!

—Na madrugada de segunda para terça feira o policial Miguel e um soldado do 14 de linha, assaltavam a quem passava pela rua dos Caldereiros para tomar dinheiro. Prendiam e espancavam a quem não tinha o que dar. Um menino de nome Bruno depois de preso e espancado para ser solto foi preciso que a mãe corresse até em casa e fosse buscar uma pataca.

O Sr. José de Souza Guimarães deu dez tustões depois de ser maltratado. Um individuo de nome Mathias levou muita bordoada; o carroceiro da limpeza foi espancado por exprobar tão criminoso procedimento; protos e pessoas de côr que á essa hora passam por semelhante rua, para seu giro de vida, foram espancados, todos que não deram dinheiro.

Consta que alguns dos offendidos queixaram-se ao Sr. Dr. chefe de policia.

—Isto não se commenta.

—Os ratoneiros voltaram suas vistas para a ladeira da Prata.

Os habitantes daquella rua andam receiosos com alguma visita extemporanea d'essa cafila.

—E é para temer.

—Ha poucas noites experimentavam dois a porta do tenente Genuino que não se achava em casa, e á não serem vistos pelo Casusa Piston, por acaso, o homem seria roubado.

Tambem uma destas noites entraram por um terreno baldio pertencente ao Sr. Nogueira Pinto, treparam no muro e andaram pelo mesmo como gato até alcançar a janella da cosinha de uma casa, onde penetraram e fizeram o *raspa*.

Nessa mesma casa, morando o Sr. capitão Silva Reis, fizeram não ha muito a mesma graça, sendo que dessa vez não quizeram ter o encommodo de sahir por onde entraram. Abriram a porta da rua e foram-se por ella.

—Que gente peituda! E' muita audacia.

—Passeiam toda a noite pelos quintaes alheios e levam comsigo as gallinhas.

Pedem fogo a quem passa fumando e atacam exigindo o que levam, como a semana passada se deu com uma pessoa empregada no commercio.

—Esta cidade está peior que as brenhas e não vejo geito de melhoras.

—Só o que falta é assaltarem um dia qualquer casa para roubar.

—Prendam este homem que não tarda a fazer uma desgraça.

—Pelo que vejo, quer V. trocar as bollas; que o agente policial seja policiado.

—Mas que quer, si o homem hallucinado, está fazendo um papel de delinquente? Serve-se do refle para agredir e espancar a todos aqui na Mangueira, freguezia do Pilar?

—Eu creio que elle tomou *demais*.

—Quem bebe vae cosinhar.

—Si apparecesse quem o levasse para o Engenho da Conceição, onde está destacado, seria bom.

—Abandonou seu posto para vir fazer desordem cá tão longe!

—E logo em que noite? Hoje sabbado da Mãe de Deus.

—A policia armada nas noites de sabbado e domingo andou dando seu beneficio.

—Boa gente!

—No domingo á noite um policial, convivendo com algumas *filhas de Eva,* no Taboão, quiz que um tocador de realejo alegrasse a convivencia, tocando de graça e como de graça andam os cães e levam pedradas, o homem entendeu que não.

O agente da força publica jà um pouco na *figura,* assentou que fazendo experiencia da solidez do seu fandango no costado do pobre *macarroni* conseguiria sua desarrozoada exigencia.

—V. está alterando tudo.

—Então conte como foi.

—O estrangeiro tocou o realejo, a differença que houve é que tocou e não foi pago e em cima apanhou como um burro, tendo além de outros ferimentos um braço cutilado.

—Agora concluo eu.

—O policial foi até o Caes Dourado fazendo bramuras. O destacamento inteiro não poude com elle; entrou em diversas casas de *filhas do peccado,* deu em quem estava dentro, botou para fora, e na rua não consentia que ninguem passasse perto delle; acompanhando taes desvarios das phrases mais indecorosas.

—Com um agente de tal jaez, a ordem á segurança estão excellentemente garantidas.

—As obras da Mizericordia mandam castigar aos que erram, porem não mandam trucidar, nem exercer crueldades.

—Entretanto este padre dá um sublime exemplo de mansidão e paciencia, espancando brutalmente aquelle pobre menino, livre, que tem em sua companhia, e depois de lhe apertar a garganta e moer-lhe o corpo á pau, ainda o quer atirar á rua pela janella, dando de mais a mais o edificante espectaculo da *comadre* estar fazendo tamanha lamuria, segurando-o e pedindo-lhe que não se perca.

E parece que o homem quer de veras fazer tiro com o menino, pois que este já está com meio corpo da parte de fora.

—Presepadas! Veja logo quanto povo se ajuntou na ladeira do Carmelo.

—V. conheceu o pardo-escuro Rufino que fazia *ranchos de rei?*

—Ouvi fallar.

—Falleceu no domingo.

—Porque teve a hora chegada; Deus lhe dê a gloria.

—Porém que morte, coitado! Cahiu na porta de um dos açougues de S. Bento e expirou.

—Ja estaria doente?

—Soffria achaques que nesse dia aggravaram-se e cortaram-lhe a existencia.

—Capitão, o frade escabriou por alguns dias, porém depois relaxou e continúa no seu desfaçamento.

—Qual frade, homem?

—O tal que eu lhe contei que entra em casa de uma *mulher mundeira* a uma hora da tarde e sahe ás cinco.

—Pois esse lampreiro chegou a tal estado de cynismo que não se envergonha de ser visto por innumeras pessoas entrar em um alcouce?

—Nem caso!

—Vou mandar o muxingueiro se pôr de alcatea na rua de D. José para quando elle descaradamente entrar a passar para lá e para cá até embocar, ser agarrado.

—Capitão, consta que, no sabbado, passando a Exma. baroneza de S. Lourenço pelo Campo Grande, em uma cadeira, quatro de uns ilheus carroceiros que por ahi andam, atiraram um gato sobre ella.

—Que audazes!..... que insolentes!....

—E como os pretos da cadeira quizessem repellir o insulto foram por elles espancados.

—E foram-se impunemente, não?

—Segundo informam-me, foram dous agarrados pelos soldados do 14.º de linha; e dous pozeram-se ao fresco.

—Alli vão quatorze carros ricamente preparados!....

—E em um delles vão tres frades!

—Eu estou que aquillo é casamento.

—E' a filha de um gordo frade que tira esmolas, que se casa hoje, a qual elle dotou com dez contos de réis.

—A que convento pertence o frade?

—V. Ex. conhece-o perfeitamente.

E' um frade que quando vae tirar esmola e se lhe dá pequena quantia, fica resmungando para a pessoa que lh'a deu.

—Lá n'isso elle tem rasão, tem familia, e si não fosse assim não dotaria a filha com dez contos de réis.

—E' um frade que na questão Moura Rosa deu apoiados ao J. Victor.

—Basta! Já sei que frade é!.... E' o frade mais devasso e immoral que tem esta cidade!

—Faz admirar que um *frade,* cuja pobresa imitava a *franciscana,* tenha em pouco tempo dez contos de réis para dar de dote a filha.

—E' porque elle invoca o *patrocinio* de Santo *Antonio,* e por isso faz d'esses *milagres!*

—Sabe de uma?

—Agora.

—Corre que o homem do cisco fez um contracto com as agoas da chuva encarregando a estas da limpeza das ruas, nos dias em que aquella desabar lá das alturas, ecconomisando assim a sahida de carros e varredores nesses dias.

— Faz elle muito de seu bem.

No aproveitar é que vae o ganho
Corram os cobres e deixal os bater...

—Tentativa de roubo na casa da fazenda e agora tentativa de roubo na filial do *London and Brazilian Bank limited,* nesta provincia.

Todas duas por meio de arrombamento.

—São effeitos de illimitada condescendencia com que se tem deixado crescer e desenvolver impunemente essa perigosa industria de viver á custa da bolsa alheia por meio de fraudes, dolos, ardis e assalto.

Os larapios, e ratoneiros vão cada dia se tornando mais audazes, pela falta de punição; das investidas contra a propriedade particular passam ás repartições publicas e aos estabelecimentos de credito.

E até onde se estenderá essa propensão para o roubo e o latrocinio, tão desenvolvido e propagado entre nós?

—Os gatunos andam no meio do povo, apresentam-se em todos os logares e a policia não os conhece.

—Destemidos pela falta de repressão, serão capazes um dia com o sol alto de atacar qualquer propriedade ou individuo para roubar, mesmo nas barbas da policia.

O regresso do Brazil.

Bem contra a nossa vontade damos este nome a carreira do Brazil; mas quem haverá que observando com attenção o estado em que nos achamos, deixe de o confirmar?

Quaes são os melhoramentos que temos feito no decurso de tantos annos, já passados depois da nossa emancipação ou independencia? Quaes os augmentos? Quaes as riquezas? Quaes as utilidades ao paiz? Pagar a deputados para perderem o tempo em questões asnaticas, tributos e vexames sobre o povo, mulctas e taxas, para tudo se consumir no sumidouro dos velhacos?!!

As artes em decadencia, a lavoura pobre, o commercio miseravel. E como não hade assim acontecer si os nossos representantes ou xupitantes da assemblea cuidam somente em crear logares para os afilhados, e as academias so estão a fabricar doutores, de uma forma tal que se vai isto tornando mais um imperio de falladores, do que de trabalhadores.

Os mais paizes do mundo cuidam em adquirir homens habeis e bons artistas para aperfeiçoarem e desenvolverem a industria, nós porém ao contrario admittimos continuamente somente o que é do estrangeiro.

Tem havido progresso tão somente na creação de titulos, delegados, subdelegados, rapadelegados, tapadelegados, mamadelegados, juizes á cada canto, inspectores a cada bêco, ordenanças a cada gato, officios e representações as duzias, portarias aos centos, projectos aos milheiros. E a policia? sempre no regresso. E as gazetas? sempre na descompostura. E os táes maganos lá da côrte, sempre recebendo a *lambedinc.*

Nota-se o atrazo, ou regresso em tudo.—A riqueza, si ainda alguma ha, existe escondida, aferrolhada, combinada, protestada, penhorada, e por fim falsificada. As transações commerciaes estão reduzidas a trafico, juros de bancos, e uzuras particulares. Os empregos publicos, ou a têta da nação é o refugium peccatorum; o negociante quebrado, o bacharel estupido, o lavrador empenhado, o rapaz peralvilho, todos se empenham e farejam para pilharem empregos publicos, de tal sorte que mal está um empregado doente, os pretendentes affluem sobre elle como urubús em logar onde ha carniça; ninguem mais quer estender o braço para trabalhar com uma enxó; o officio mais leve e mais adoptado no tempo prezente é o de dizer missa, porque basta saber o *dominus tecum*, e frequentar alguns dias a tenda de Santa Thereza para sahir um perfeito official de corôa, que fardado de uma camizolla preta e um livro velho sebozo de bai-

xo do braço, está habilitado a ser vigario até do inferno. Não menor atrazo ou regresso se nota na educação da maior parte das familias que por mandriisse deixam de ir ao domingo á missa e sahirem de dia, para irem a noite encapotadas nas cadeiras assistirem aos bailes e *suarês* da moda, d'onde voltam estafadas e pallidas de perderem a noite na polka. Outro tanto acontece com os rapazes do tempo que desde crianças se acostumam a ter luxo e a gastar sem ainda saberem quanto custa a adquirir. Antigamente até os quatorze annos andavam com suas jaquetas, hoje porém nascem ja de casaca e fumando os charutos de regalia que são os mais parlamentares. E que tal o progresso do nosso impeaio diamantino, meus senhores?!!!

Neste andar muito breve tornamos ao estado natural.

Em summa o fado atrazador ou regressivo nos persegue tanto, que nenhuma empreza podemos conseguir: fizeram uma sociedade de colonisação, mas as colonias estabeleceram-se nas algibeiras dos mais sabidos; montou-se uma fabrica immensa de papel com trapos, farrapos, embiras, e mulambos, e toda esta massagada não fez papel que chegasse para enbrulhar os narizes dos donos. e finalmente a empreza Paraguassú evaporou-se.

Valha-nos Deus, valha-nos Deus; com taes exemplos devemos estar desenganados, que o nosso progresso é egual ao dos caranguejos, e por conseguinte quem quizer progredir tenha olho-vivo e mão ligeira, que é a receita mais uzada hoje em dia nas côrtes mais civilisadas.

LA VAE VERSO.

Apontamentos de um louco.

Mundo de infamia e torpezas,
E' este mundo que habito!
Só valem nelle as riquezas,
Chore embora o pobre afflicto!
Sempre o trabalho é mal-pago,
A honra não tem valor;
O vicio vence o pudor;
Ter talento é ser maldicto!

De um lado geme a innocencia,
Do outro folga a oppressão;
Si esta vive na opulencia,
A quella chora sem pão!
Vê-se no esforço das luctas,
Miseria! sempre miseria!....
Do genio ri-se a materia;
Calca-se aos pés a razão!....

Invoca-se o *bem geral*
Quando no *proprio* se pensa;
Põe-se em leilão a moral,
Quer na tribuna ou na inprensa!
Sempre fervendo as intrigas,
Sendo juiz—o despeito;
Sempre a torcer-se o direito,
Sempre o—eu—na lucta immensa!

Respeito, valor, estima,
Sciencia, leis, gratidão,
Tudo succumbe ou se anima,
Dos lucros á proporção;
Forja um abysmo outro abysmo,
Censura-se a vil cubiça;
Mas achando so justiça
Na propria conservação,

Rázão, saber egualdade,
São nomes pomposos, vãos!
—Quando é que os homens irmãos
Terão vida fraternal?...
Na guerra se encontra a gloria,
Olhada por falso prisma;
Das paixões no cataclisma,
Se confunde o bem e o mal.

O mundo marcha, é bem certo;
Viva o progresso e caminha;
Mas a moral se definha,
Tudo é cahos, tudo é confuso!
Brilha somente o egoismo
Nas trevas da corrupção;
Contra as leis, contra a razão,
Domina somente o—abuso.

A PEDIDO

—Eis-me já de volta, capitão; tardei mais do que tencionava, pois morando o *Silva* em diversas *ruas*, bastante me custou encontral-o.

—Homem, não reparei sua demora por conhecer a distancia que ha d'aqui é freguezia de Santo *Antonio*.

—E' grande, capitão, porém eu para encurtal-a, fui pelas Grades de Ferro, Santa Barbara etc, etc....

—Já sei, meu amigo. Então já se recordou dos nomes dos seus apresentados?..

—Deixe-me, capitão, o *Silva* nãs m'os quiz lembrar, temendo comprometter sua *probidade*, porém aconselhou-me que fosse a certo *morgado* em uma loja que já foi de donos que hoje estão *pobres*, (por vender barato) e ahi perguntasse por um tal *chefe* e a elle por elles perguntasse, rogando lhe em nome do *club*, que elle de bom grado satisfaria os meus rogos.

—Então foi?

—Não, capitão, primeiro vim lhe communicar este incidente e pedir-lhe permissão para continuar essa ardua tarefa.

—Não preciza licença, continue pois desejo conhecer estes dois catões.

—Sim, capitão, senão tão sabios, mais faladores.

Voltarei.

Versos de um caixeixo de taberna.

Eu sou um triste caixeiro,
Não tenho tempo p'ra amar!
De dia estou no balcão
A' noite vou dormitar.

Não tendo tempo d'amar
Que alegria posso ter?
Preso somente ao balcão
Como é triste o meu viver!

Despachando aos freguezes,
Não fica tempo p'ra nada;
Que alegria hei de ter
Sem poder ver minha amada?

A noite é para dormir,
Sobre a taboa do balcão;
Depois que me toma conta
Da vendagem o patrão.

Si assim a sorte quer,
Minha sina hei de cumprir,
Não tenho outra officina
Para esta vida nasci.

Como é triste o meu viver,
Nesta maldicta prisão!
Noite, dia, todo instante
Sempre triste no balcão.

Quando me lembro da amada
Logo me ponho a chorar,
Choro por ausente della,
Um abraço não lhe dar.

Choro por tanto padecer,
Nesta taboa de balcão,
Oh, que vida a de caixeiro!
Oh, que horrenda prisão.

Quando o patrão me diz:
Caixeiro va passeiar,
Eu corro mui satisfeito
E me vou logo apromptar.

—Sr. capitão, não viu na passagem do Riachuelo o homem de braço torto dar café ao seu cachorro na chicara, á vista de tanta gente?

—Nem vi, nem creio, pois já era tempo de ter vergonha.

—E mesmo pela sua posição; porque em outro tempo o homem de *chapeu armado* não daria de beber a um cachorro na mesma chicara ou pires em que elle se servia.

—Mas hoje não é assim; e á *mira* na praça do riacho-Êlo *anda* envergonhado pelo que lhe aconteceu.

Dizia um certo capote
De S. Francisco no adro:
«Em toda egreja em que entro
«Hei de vêr sempre este quadro!»

—Me diga qual é o quadro
—Que você sempre está vendo?
—Para ver si é o que penso
—Pois me está parecendo.

«Um homem e uma mulher
«Sentados sempre juntinhos,
«A se olharem ternamente
«Como um casal de pombinhos.

«Mas um é pombo corujo,
«E a pomba amarellinha,
«Tirando um pouco á escuro
«Côr de sujo de gallinha.

«Elle na ponta de um banco,
«E ella ao pé repimpada
«Na cadeirinha; uma perna
«Delle, nella encostada.

«Na egreja da Conceição
«Reclinado á uma columna
«E ella junto. Oh, senhor.
«Tanto escandalo repugna. »

—Que se importa, si o peccado
—E' delles, que fazem isto?
—Que mesmo dentro do templo
—Offendem a lei de Christo?

—Capitão, não me dirá?

—O que, abelhudo?

—O mathematico da *estrada* não recebeu dinheiro para calçar certa ladeira afim de subirmos e descermos com *boa-viagem*?

—Dizem; si é certo, não sei. Ha novidade?

—E' que ninguem pode transitar pela dita ladeira sem rezar a oração de Nossa Senhora do *Mont-Serrat* para livrar-se de todo mal; entretanto que grande porção de dinheiro tem se gasto e o dito mathematico da estrada todas as vezes que vem governador novo diz em sua lingoa atrapalhada: « *eu sangra governo para dar dinéro p'ra concerto d'estrada.*»

—Eu não crimino o tal mathematico da estrada, porque com effeito assim só na estrada; porém sim a quem manda buscar semelhante servente de pedreiro que vem para esta terra devorar dinheiro.

—Já que o homem recebeu os cobres e não deu conta da obra, capitão, mande-o recolher á bordo até que se resolva a cumprir com seu dever.

Na vaga do Exm. Sr. Dr. Fernandes da Cunha apresentam-se candidatos a deputado geral os seguintes cidadãos:

Dr. Mon-Bom.
Mr. Perne Curte.
Quarenta Portinholas.
Dr. Sillogismo.
Dr. Crioula dos Reis.
Major Diabo Coixo.
Dr. Bom Senso.

Motte.

Amor de frade faz medo
Fujam delle a desfilada,

GLOSA.

Em uma tarde, inda cedo,
Ia um frade, e sua bella,
Grita outra da janella
Amor de frade faz mêdo:
Amor de frade é bem quêdo
Lhe torna a moça enfiada:
Que importa, lingua damnada,
Que eu passeie com elle assim?
Dexem-no só para mim
Fujam delle a desfilada.

O Sacristão

MOTTE.

Da terra cahi no chão.

GLOZA.

Eu sonhei que um genio baço
Aos ares me conduzira;
Na lua trepado eu via
A terra gyrar no espaço:
Mas sentindo o vento escasso
Transformar-se em furacão,
O mar bramir, e o trovão,
E os elementos em guerra:
Da lua tombei á terra
Da terra cahi no chão.

VARIEDADES.

Banquete legislativo.

—Ora bem: tomem assento.
Meus senhores, por quem são!
Co'este festim não se mangue!
Por vinho—eis da patria o sangue,
Carne—temol-a a da nação!

—Não haja pois cerimonia,
Que isto tudo nosso é:
Retumbem ardentes vivas:
Eia—sús, bravos convivas!
Copos cheios!—evohé!

A meza é lauta, bem vêdes:
Coma-se pois a fartar!...
Aqui não ha sacrificio:
Inda que haja esperdicio,
Ninguem nos vem censurar....

Estejamos á vontade,
Bem como em casa se está:
Ponham-se á fresca, senhores,
Não temos aqui censores;
A quem dar contas não ha....

—Mas si souber o governo
D'isto que por aqui vae....
—D'isto o que? pois ha quem possa
Fazer-nos a menor mossa?
D'esta altura não se cae!...

—E si o povo ouvir de fóra
Esta nossa confusão?!
Ora o povo! o povo é nada...
Co'uma simples palitada
Tem-se-o fechado na mão...

—Primeiro que tudo—um brinde
Para o qual peço calor:
E' cousa que a todos falla,
Que a qualquer de nós abalá,
Que tem p'ra todos valor.

—O meu brinde é ás potencias,
Que mandam nas eleições.....
A ellas todos devemos
A importancia que temos,
E a marca de figurões!

—Peço a palavra: não posso
Tal brinde corresponder!
Basta de taes deffereencias:
São por terra as influencias
Dos circulos ante o poder!

—Pois bem: mas est'outro brinde
Ha de merecer-vos fé:
Tem echo em todos os seios;
Portanto—copos bem cheios,
E todos, todos de pé!

—Sim, bebamos á saude
Das actas, das transacções!
—Este sim! bôa lembrança!
Tem com toda segurança
Echo em nossos corações!

—Mais um:—á saude, amigos,
Das parêdes!—Muito bem!
Eu de jubilo me confundo!
Dos copos vejam-se o fundo
E não se escuse ninguem!....

—Parêdes... sim as parêdes!...
Vivam ellas! evohé!
E' de virar.... as torneiras!
E das nossas algibeiras
Beba-se á saude ao pé!...,

—Misericordia! não vêdes
Alli no tecto o que está?!
Cabalistica escriptura
Uma dextra negra, escura,
Vêde-a, gravando acolá!....

—Vem por certo a nossa orgia
De cima amaldiçoar!...
Atiremos copos fóra....
E' a mão negra de outr'ora
No festim de Balthasar!

(*Notas perdidas.*)

Resposta adequada.

Certo doutor, um pouco ousado, indo de viagem ao chegar a uma porteira avistou um matuto, e gritou lhe asperamente:

—Sio! Olá! abra essa porteira!

—E quem é o senhor para mandar-me desse modo? acudiu o matuto algum tanto zangado.

—Eu sou um doutor.

—O que vem a ser um doutor?

—E' um homem que sabe tudo.

—Pois então,deve tambem saber abrir porteiras, disse o matuto voltando-lhe as costas.

Dizia o regedor D. João da Silva que quem entrava em demandas, entrava rico e sahia pobre; entrava honrado, sahia deshonrado; entrava christão e sahia mouro.

Querendo duas mulheres confessar-se,ajoelharam aos pés de um padre, procurando cada uma dellas ser a primeira, e empurrando-se reciprocamente: o padre para pôr termo a semelhante contenda, disse; fique a mais velha; immediatamente levantáram-se ambas.

A camara ardente.

Perguntando uma senhora a outra muito presumida e que blazonava de esperta, se já tinha ido ver a *Camara ardente* á rua dos Condes em Lisboa, esta respondeu:—Deus me livre! nem tenho tal tenção. Como as noites são frias, receio constipar-me á sahida.

—Lê-se na *Semana Illustrada:*

Dialogo entre um pelludo e um pellado:

—Olá, amigo, anda de calva á mostra?

—E você não se atreve a mostrar a sua?

—Deus que lhe despovoou a cabeça...

—Por fóra. E o que fez elle a sua lá por dentro?

—O certo é que a sua montanha é esteril, e a minha productiva.

—Ah, meu caro; nos rochedos calvos pouzam aguias, nos que tem capim pastam burros.

O somno e os sonhos.

E' indubitavelmente o somno a vida da noite, e bem pode se dizer que o leito é o mundo das sombras.

No somno ha flores, campos, mares, arvores, passaros e bosques; no somno chora-se, canta-se, ri se, falla-se e ama-se.

O reu de morte, quando dorme, vê as imagens fatidicas do cadafalso e do algoz. O amante vê a imagem querida da mulher que adora. O desgraçado vislumbra ás vezes um raio de esperança. As crianças sonham com a musica e com os jogos com que se entretem. As mulheres velhas com um meio de se tornarem moças. As jovens com os caprichosos enfeites que lhes realçam a formosura. A mãe sonha com as filhas. O philosopho com as illusões perdidas, e o velho com os dias formosos de sua juventude.

São sempre as mais bellas as creações sonhadas.

Teme o criminoso o somno, porque nelle ouve o grito da consciencia.

Feliz o somno do artista, porque delle fluctua um mundo de inspiração, d'onde expandem raios de gloria.

Feliz o somno da criança, que só lhe reproduz flores, candidez e mysterios! Feliz o somno das mulheres que lhe guarda os segredos e que lhe pode sorprehender as lagrimas, os sorrisos e os suspiros.

Aves e flores vivem sempre pouco, porque não pode a innocencia ficar por muito tempo no mundo.

Anjo que vae em demanda da patria é a criança que morre.

A innocencia é a flor da alma que emmurchece ao sopro das paixões, e quando estas se agitam, então d'alma se desprende e voa para o ceu que é a sua natural morada.

Motte.

Amar a duas pessoas,
Não pode um so coração;
Formou Deus uma só Eva
Por ter feito um só Adão.

GLOZA.

Entre a lei da natureza
E' a primeira o amor,
A qualquer que vivo for
Deixar de amar é fraqueza;
Terno laço da belleza
E' prisão das almas boas;
Porém cingindo as corôas

Deste Deus a quem venero
Não é de um peito sincero
Amar a duas pessoas.

No fundo do salso mar
Seus mesmos habitadores
Juntinhos de seus amores
Procuram se propagar!
Quem é que deixa d'amar?
O tigre, o lobo, o leão
Vivem em doce união,
Se afagam a cada instante!!
Viver e não ser amante
Não pode um só coração.

Mas quem tem um coração
Um só amor deve ter,
Não pode por dous soffrer
O fogo de uma paixão:
Quem tem esta opinião
Nos males d'outrem se seva,
Onde ha paz desordem leva,
Calca as leis do creador;
Pois para exemplo de amor
Formou Deus uma só Eva.

Assim pois um peito amante
Fuja de ser bandoleiro,
Seja em tudo verdadeiro,
No amar seja constante:
Das aras d'amor diante
Tenha preso o coração;
Mas não tenha outra paixão;
Pois o Deus que nos creou
Uma só Eva formou
Por ter feito um só Adão.

J. A. C.

ANNUNCIOS.

Associação Typographica Bahiana.

De ordem da mesa provisoria convido aos senhores associados a reunirem-se em assembléa geral, quinta feira 18 do corrente, ás 10 horas da manhan, na casa nº. 17—B, á rua do Pão-de-ló, afim de dar-se posse ao novo conselho administrativo; visto como não pôde ter logar no domingo 14, em virtude do mau tempo.

Bahia 15 de Maio de 1871—*Hyppolito,* 1º. secretario.

Ha nesta typographia, para entregar em mão propria uma encommenda para o Sr. José Salustiano.

O Sr. Antonio Luiz Monteiro queira mandor receber uns recibos que existem nesta typographia para S. m.

Escravo fugido.

Fugiu do abaixo assignado de seu engenho Baião na noite de 7 para 8 do corrente, sua escrava crioula de nome Calixta, de 45 annos mais ou menos, com os signaes seguintes: estatura regular, corpo cheio, musculosa, tem no tornozelo do pé direito um caroço á especie de lobinho. E' bastante ladina e feia de cara. E' filha do sertão e já esteve na correção quando foi do Sr. José Pedro de Souza Paraiso, a quem foi comprada ha pouco tempo: consta já ter sido vista aqui na cidade. Será gratificada com 20$ rs. a pessoa que entregal-a ao abaixo assignado em sua fazenda no Camassari, ou nesta cidade na loja do Tabyra as grades de Ferro, ou no armazem do Sr. Antonio Vallido Dantas.

Bahia 10 de maio de 1871, *Joaquim Dias de Figueirêdo.*

—Na verdade é honesta a viuva.

—Que viuva?

—A da rua calçada de *tijollo.*

—Como de facto, nem só o é, como boa christan. Faz suas charidades, ouve missa, confessa-se, e é moça de bons costumes.

—Olhe que ella é velha e não moça; porém ao chamar-se-lhe velha fica afectada.

—E a quem se confessa ella?

—Não, o pretinho de Grotas confessa-a em casa, e por isso deve ter boa exportula.

—Qual! elle por ser bom religionario, nem só lhe faz esta charidade gratis, como comcorre com algum obulo para compra de seus alfinetes; na verdade é boa mãe de familia, e dá bons exemplos a seus filhinhos tão jovens ainda.

Fugiu desde o dia 19 do passado, da cidade de Santo Amaro, a escrava Maria, de nação nagô; foi escrava do finado Godinho, é alta, magra, fula, de olhos grandes e avermelhados; tem algumas pinhas de cabellos brancos e dentes muitos certos; já foi vista no Cabulla; quem a levar a Camillo de Lellis Piedade, ou Carneiro e Machado nesta cidade, ou a seu senhor em Santo Amaro, receberá 20$ réis de gratificação.—*Francisco José dos Santos.*

O Sr. Carvalho tem uns recibos nesta typographia.

O Sr. tenente Luiz Constantino Tavares de Macedo, tem uns recibos nesta typographia para lhe serem entregues.

Na venda defronte do Pelourinho n. 4, compram-se constantemente jornaes para embrulho.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.ª SABBADO 20 DE MAIO. N. 792.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 19 de maio de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que se digne de dar providencias contra o enxame de membros do olho-vivo saccadores de carteiras, que frequentam o circo nas noites de espectaculos, e que alli vão exercer a sua industria em alta escala. Espera-se que S. S. tomará na devida consideração tão justa reclamação.

— Ao Illm. Sr. inspector do trem do mar.—Constando que certo negociante arrematara o fornecimento de colchões para o hospital desse arsenal, obrigando-se a apresental-os no mez de março, o que até a presente data não tem feito, soffrendo com isso os respectivos doentes, sirva-se S. S. de informar si é exacto, e qual o motivo que actúa a favor do fornecedor para não lhe ter sido imposta a multa em que tenha incorrido; muito embora o referido contractante por seus dotes pessoaes seja digno de ser *amado*.

—As medidas de utilidade publica são escriptas no papel, mas executadas não.

—Neste ponto estou de accordo com V.; mesmo aquellas exigidas pela salvação publica não se cumprem.

—Ha pouco eu li entre as precauções tomadas contra a febre amarella, mandar-se remover os esterquilinios, extinguir-se as montureiras do centro da cidade, fazendo-se menção entre outras da do becco da Ordem 3.ª

—Exacta verdade.

—Pois o becco da Ordem 3.ª está que faz nojo.

—Culpe ao homem da limpeza, que faz que não vê.

—Que maldicto caiporismo o desta terra! O povo abusa; quem tem obrigação e ganha dinheiro, esquiva-se de seus compromissos; e desta sorte não ha meio das cousas tomarem geito.

—Um risco de que ninguem está isempto é da mordidella de algum cão.

Não sei de onde surgem tantos desses animaes perdidos.

—Andam aos bandos pelas ruas.

—Alem das scenas improprias de serem presenciadas pela infancia e candidez, scenas que são avivadas pela assuada dos moleques, a multidão de cães que povoam as ruas investem e mordem á quem passa.

—De noite é um perigo.

—Na quinta-feira foi mordida uma creança no largo da Piedade por um desses animaes que vagueam sem dono.

—O Evaristo das bollas e stuma uma vez por outra sahir em visita exterminadora de tão encommoda praga; requisite ao Sr. Dr. chefe de policia que o incumba de dar conta delia.

—Queixam-se os moradores do Matatu e adjacencias dos continuos roubos de cavallos.

So nesta semana leyaram dois; um da casa do Sr. D. Luiz.

—Aguentem, que por ca que não é matto, a cousa não vae melhor.

E depois, mal de muitos, consolo é.

—Um facto abominavel, capitão.

—V. tambem é um aza-preta, em noticias.

—E' que o principio do mal exerce uma tal preponderancia sobre o espirito humano que o faz propender para a iniquidade, e por isso ha sempre mais abundancia de casos tristes e deploraveis.

—Vamos, avie-se.

—Na villa de S. Gonçalo, Piauhy, um monstro, com figura humana, commetteu um crime hediondo que apresenta tres faces como o Cerbero da fabula.

Uma menina foi deflorada.

Aos quatro annos de edade.

O infame que perdeu-a foi seu proprio pae.

—Monstro!. .

— O *Amigo do Povo* conta assim esse requintado excesso de perversidade humana:

« Estupro.—Cerca de dois para tres annos reside n'esta villa, e as vezes nos suburbios, um ente vulgarmente chamado—Escorréga—, que tem se constituido um outro João Burundanga--algôz da honra de quanta menina donzella e casada--existe por aqui; havendo apenas uma differença: João procura as Ambrosinas, as Tripas e as mulheres do Ildefonso, e o monstro--Escorréga--as proprias filhas! E' horrenda a narração d'este facto; mas é pura verdade. No dia 13, a mulher do Escorréga, veio denunciar ao juiz municipal, que o monstro do marido havia deflorado uma filha de 4 annos de idade!!!.....

O juiz mandou vir á sua presença a pobre creancinha, que, sendo examinada por duas mulheres, viu-se estar com as carnes dilaceradas, as partes pudendas rôxas e bastante inchadas, a ponto de só caminhar com as pernas abertas!

Está o monstro sendo processado, mas para elle, entendemos, ainda é pequena a pena do art. 222: para crimes d'esta ordem, que revoltam a propria natureza, ainda não existem penalidades, que satisfaçam! A mulher ha muito que vive separada d'elle por cauza do segundo defloramento d'uma filha; e só por ser mui pequena a infeliz de que ora fallamos deixou ir a passeio em casa do malvado pae, que não tendo mais presas para saciar o infernal e bruto appetite--lançou as garras n'uma innocente que causa pena ver-se o seu estado, e a confissão que faz--ainda tomada de medo e terror, do horrendo monstro, que se diz autor dos seus dias! E' o suprasummo da mizerabilidade!

—Deus me livre de habitar n'uma terra tão cheia de iniquidades, onde até um tal Bom Cabello tem a perversa impiedade de ir dentro do templo injuriar e pisar o cadaver de um seu desafecto por vingança.

—Nesta terra todos concorrem para o desequilibrio da ordem social.

Si as authoridades por um lado exorbitam de suas attribuições, a populaça por outro posterga as disposições legaes.

—Quem lhe encommendou esta cantilena?

—Sabe-se que ninguem pode andar munido de arma offensiva; mas essa disposição da lei é flagrantemente violada.

—La isso tem razão.

Actualmente qualquer sugeito, na rua, nos botequins, nas pocilgas, pucha por um punhal, uma faca, um revolver sem a menor ceremonia.

—Mostram até por garbo; eu tenho visto. Nas noites de sabbado e dias santos, os badernistas andam todos armados e á menor altercação, deixam ver a lamina de um ferro.

—Isto mesmo é falta de policia.

—E' bem assustador semelhante estado de cousas! Não ha receio da sancção penal, e a prova está em que pelo mais simples motivo vê-se um individuo puchar por uma arma mortifera.

—E' exacto.

—E a consequencia é que os crimes augmentam e a segurança individual vive em continua ameaça.

Deixe lhe dar uma prova.

Um dia destes, sexta feira passada, si bem me recordo, João Miguel, empregado no matadouro, articulando com Athanasio d'Almeida, saltou o balcão de uma venda e foi direito a um logar donde tirou uma formidavel faca com a qual lançou-se sobre Athanasio e correu lhe tres facadas, as quaes felizmente pela destreza do aggredido, triscaram-lhe apenas rasgando a roupa.

Não contente, dous dias depois, foi esperar seu contendor e deu-lhe quarta facada que foi aparada na mão.

—Porém devia haver motivo.

—Não quero entrar nessa apreciação; nem mesmo quero saber dos dous qual tinha razão; so digo que é um desacato, uma desobediencia a lei e que a policia não deve tirar os olhos de sobre essa immensidade de individuos que actualmente andam armados, principalmente á noite.

—Capitão, eu venho aqui em nome da humanidade.

—Diga o que quer.

—Terça feira foi barbara e deshumanamente espancada uma moça por um seu irmão, na ladeira do Alvo; a offendida acha-se gravemente.

—Porque não vae ao chefe de policia?

—Capitão, V. Ex. que condemna os excèssos e os meios brutos e illegaes, melhor do que eu poderá fazer chegar sua valiosa voz ao digno magistrado e pedir lhe as providencias que o caso requer.

—Bondade sua; mas conte que de minha parte está servido.

—Capitão, si é exacto que no trem do mar se dera a reproducção de uma scena á Jovino, é preciso chamar para esse hediondo facto a attenção do digno chefe daquella repartição.

—O que diz V. que eu não entendo?

—Está cheio por ahi que um menino filho do crioulo funileiro Colatino fôra victima de lubrica incontinencia e que se acha gravemente offendido.

—Si é verdade, não resta mais do que reclamar severa punição para o delinquente, para moralidade do estabelecimento e exemplo dos sectarios de tão ascoroso vicio.

—Amanhan o circo gymnasio *Auriol* dará um divertimento acrobatico em seu beneficio, o qual constará dos seguintes trabalhos:—As

estatuas humanas, Os quadros nas nuvens, Sansão e seu filho.

Depois de um intervallo de vinte minutos, seguir-se-ha: —*O bantaço indianno, O vôo rapido do Niagára,* dando fim ao divertimento uma scena comica intitulada: —*O defunto vivo ou o phantasma á meia noite.*

Os bilhetes achar-se-ha á venda na porta do mesmo circo.

As cazas de pasto.

O grande dispensador de todas as cousas e de tudo, não podia dar maior trabalheira ao homem, do que creando-o com a necessidade quotidianna de comer. Melhor seria que determinasse a cousa por outra maneira, para que não andasse a gente n'este mundo sempre tão afadigado para comer, sempre procurando o que comer, e sempre atrapalhado com historias de comidas. E' a barriga um credor que não espera, nem recebe ficas e letras com premios: tem direito positivo de sequestro contra a vida, que em não sendo paga, vai se apoderando d'ella com a maior sem cerimonia possivel,

D'esta necessidade pois que tem a creatura de metter alguma cousa para dentro da barriga, maquina que não funcciona, logo que se acaba o carvão com que se alimenta, lançaram mão os outros homens para seus interesses, e formaram isto que se chama — uma casa de pasto, que quer dizer, caza onde se vai matar a fome, si é que a fome morre. A fome é como uma d'estas feridas de perna que ja não tem cura: sáram algumas vezes, mitigam-se as suas dores, para d'ahi ha dias arrebentar inda mais terriveis, mais flagelladoras. Cuida o homem matar a fome, e engana-se: aquella que morreu pela manhan abafada com um bom e succulento almoço, pelas duas horas reviveu e reclama seus direitos.

As casas de pasto são uma providencia para os forasteiros, e uma fonte de prazer para aquelles que collocam no comer a felicidade maior da vida. Ellas corroboram ao que para lá corre no lidar de seus negocios, e debaixo de sua taboleta se occultam muitos enganos, pois que inda debaixo do nome mais santo, occulta o homem uma maldade, e nada existe de que elle não lance mão para seus tristes e mesquinhos bens. Na vida tudo é impostura, e poder-se-ia chamar á este mundo uma geringonça mal preparada em suas bazes, e ornada bellamente para illudir á todas as vistas.

Que seria de um pobre viajante, com fome velha e atrazada, si não viesse encontrar na caza de pasto, o alimento necessario para recuperar as perdidas forças? Elle entra, quer comer, nada pergunta, e com taes freguezes se locupleta o dono da caza de pasto, pois é o unico negocio que tem os previlegios de botica. Não se pede quebra, nem se replica no preço: depois do guizado engolido, é necessario engolir, embora custe a passar da garganta, o preço d'elle. Comtudo é bem bom achar o que comer sem o menor trabalho.

Uma casa de pasto, onde se preparem bons petiscos, onde o que sobe na escada já sente o cheiro agradavel dos bifes de sebolada, é o objecto constante das reflexões dos gastronomos. Assim como ha homens que vivem para as mulheres, outros cujo gosto é o estudo, e assim por diante; ha por ahi muito meninorio que nada tem em tanta estima como um bom petisco, fazendo da barriga seu Deus. Para tal classe de gente, uma casa de pasto é uma preciosidade que estima, e que visita todos os dias, e sempre com o maior prazer.

O caxeiro que almoça um mirrado pão, porque o amo é um sovina; que empurra esse pão pela goella a baixo com uma desenxabida chicara de agoa quente com previlegios de chá, somente porque passou pelo bico do bules; este caxeiro que já ás 10 horas do dia tem fome de 3 dias, muito teria a soffrer sinão tivesse á sua disposição as cazas de pasto, que presentemente se teem estabelecido por toda parte, graças a necessidade que tem a creatura de comer.

Finalmente, como já fica dito, de tudo e de todas as cousas abuza o homem. O ladrão é capaz de ir esconder o seu furto debaixo do altar para que elle não seja descoberto. A mulher lança mão dos beijos, signal de amor e amizade, para encobrir ao marido a sua infamia. O estudante se serve do respeitavel nome de seu pai, para disfarçar a mentira, e encobrir a gazeta d'aula que fez. O negociante jura que tal fazenda lhe custou tanto, pelo ganho de alguns vintens. Assim, que muito é que se tenha abuzado da taboleta da caza de pasto, para esconder muitas vezes um commercio illicito e altamente reprovado pela sociedade, que olha para ellé como um cancro que a róe e despedaça?

A policia da nossa terra, as mais das vezes anda á maneira de cabra cega, traz os olhos vendados; porque si assim não fôra veria que em quanto n'uma sala se come, na outra se decide de uma fortuna no correr de uma carta, ou no correr de uns dados, e que este nome de caza de pasto, não é mais do que um pretexto de que se servem para illudir e enganar a sociedade, porque ninguem quer se mostrar tal qual é em face d'ella, e é melhor dizer que se entra n'uma caza para comer, o que de maneira alguma é, nem pode ser reprovado, do que dizer, eu entro em tal caza para jogar, e

perder muitas vezes a fortuna que não é minha, que pertencia a meus filhos, que estou roubando a meu amo, ou ao amigo que m'a confiou.

Consideradas porém na força de sua origem as cazas de pasto são uma necessidade, necessidade tanto mais vital, quanto mais o paiz caminha na estrada da civilisação e do progresso.

A PEDIDO

N'uma destas sextas-feira,
Houve bello mocotó
No Bomfim, que offereceu
A creoula Calombó.

Mandou dizer um missa
Ao Senhor do Bomfim,
Por ter vencido a demanda
Com o Antonio Joaquim.

Das raparigas do quadro
Não faltou nem uma só,
Foram todas assistir
A missa da Calombó.

Henriqueta bravos-olhos,
Mafalda, Rita e Loló,
Quininha, todas se acharam
Na missa da Calombó.

Lucrecia, Antonia das vellas,
Maria bella vovó,
Tia Anna e Pulcheria foram
A missa da Calombó

Foi a *Caquinho de graxa,*
Foi a *Cobra de sipó,*
A *Cavallinho de flecha*
A missa da Calombó.

Maria *caixa de phosphoro,*
A *Pititinga,* a *Popó,*
Foram todas applaudir
A missa da Calombó.

Foi Anninha Sororoca,
Leopoldina Carijó,
Anninha da Corcundinha,
A missa da Calombó;

Bernardina *Minha sorte,*
Romualda *Ajotó,*
Mariquinhas *Carrapeta*
A missa da Calombó.

Bitú Taóca, e a comadre
Apezar do seu *bobó,*
Não faltaram ao pagode
Da missa da Calombó.

De cabrochas estiveram
Nonô, Lucrecia, Soló,
A gorda Emerenciana
Na missa da Calombó;

Rufina, Emilia Gaguinha,
Heduviges e Dodó,
Rosalina *Bom-bocado,*
Na missa da Calombó;

A Umbellina *Pau d'agoa,*
A Clothildes ou Coló,
Maria *saia de lucto,*
Na missa da Calombó.

Esteve a *Fogo apagou*
A Ritinha *Riguingó*
Martinha d'Atraz d'Ajuda
Na missa da Calombó;

Thomazia do Zacharias,
Martinha do Pan-de-ló,
A Maria Juliana
Na missa da Calombó.

Julia tomou emprestado
Lenço branco de filó,
Somente p'ra não faltar
A missa da Calombó.

Foi pagode de mão cheia!...
Pois além do mocotó,
Houveram mais petisqueiras
Na missa da Calombó.

Houve cerveja por borra,
Porto fino, pan-de ló,
Queijo, doce, não faltou
Na missa da Calombó.

Porem foi mais saboroso
De tudo quanto lá tinha,
Uma iguaria chamada—
Me-deixes de creoulinha.

O samba foi de patente!
De fazer arrebatar,...
De pôr um filho de Deus
Perdendo o modo de andar.

Me recordo bem da chula
Que Bernardina entoou:
«*Coitadinho de yóyó!*
«*Cahiu n'agoa se molhou.*

E a chusma, contentissima
A não mais caber em si,
Respondia folgasona:
«*Cahiu n'agoa?! Hí! Hí!...*

Ja sabe, a rapazeada
Lá esteve *cocorando;*
E cá o filho da velha
Só por fora observando.

Agoando por um cantinho
Nessa folgasona festa,
Mas apenas viu co'os olhos
E poude comer co'a testa.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.ª QUARTA-FEIRA 23 DE MAIO. N. 795.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 23 de maio de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que Izabel de tal, parda, moradora em S. Gonçalo, districto do Rio-Vermelho, queixa-se de violencias e aggressões por parte de seu visinho Emydio, o qual uma destas noites chegou ao ponto de dar um tiro para dentro da casa da mesma, resultando-lhe grande susto e abalo no organismo em razão de se achar gravida, pelo que desde essa occasião se acha de cama.

Espera-se que S. S. expeça ordens a authoridade local para que faça respeitar o domicilio e segurança individual.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe a expressa prohibição das *rifas* de vender foguetes, afim de evitar os casos desagradaveis á que as mesmas dão logar, como acconteceu na sexta-feira, que ficou toda chamuscada a crioula Maria dos Passos defronte do chafariz do Pelourinho.

(De egual theor aos subdelegados das demais freguezias.)

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia da Penha, pedindo-lhe que intime a um tal Sr. Cardoso, morador no caminho d'Areia, em Itapagipe, para que tenha presos tres ferozes cães, que o mesmo possue em sua roça, os quaes sahem para a estrada á morder os viandantes; o que tem accontecido até com pessoas moradoras em sua visinhança, como uma rapariga que, consta, ser ama do Sr. Seixas, a qual a roupa que tinha no corpo foi estrafegada pelos bravios animaes.

O Sr. Esquivel, no sabbado as 11 horas da noite, tambem foi d'essa malta ivctima de cães, regressando para sua casa, resultando quebrar a cabeça na grade do jardim da casa fronteira á em que habita o Sr. Cardoso, na occasião que tractava de desenvencilhar-se delles.

Espera-se que S. S. dará as providencias precisas, afim de que o Sr. Cardoso tenha presos os seus cães.

—O Sr. Malaquias José dos Reis, de cujos bons sentimentos á respeito da emancipação servil tem dado evidentes provas, remetteu para a imprensa jornalistica desta cidade um trabalho que organisou, contendo o numero de alforrias que se deram durante o anno findo, por meio de verbas testamentarias.

Por elle vê-se que foram libertaads 33 pessoas: 21 do sexo feminino e 12 do masculino, sendo destas alforrias 7 com condições.

—Eu gosto quando vejo o enthusiasta de uma ideia mostrar assim por factos a dedicação que por ella toma.

—Da repartição da directoria dos estudos recebemos um bem elaborado e minucioso relatorio sobre a instrucção publica na provincia, pelo digno director da mesma.

—Acceitando e agradecendo a lembrança, manifestamos ao mesmo tempo os desejos que temos de que sob a direcção de S. Ex. a instrucção progrida e chegue ao ultimo grau.

—Os deputados provinciaes nas ante-salas e não ha sessão por falta de numero!

—Oh! como é moralisador o procedimento dos dignos representantes da provincia no anno de 1871!

—Pobre terra! Como se advoga os teus interesses! Como se economisa as tuas rendas!

—Na noite de 22 foi roubada em sua morada á ladeira do Alvo, uma africana que negocia em pannos da Costa.

Os ladrões penetraram em casa e levaram quanto poderam.

—Sexta feira seis ou oito invalidos armados de cacetes andaram fazendo diabruras,

No Gravatá deram bordoadas de cego.

—E esses factos passam-se nesta cidade inteiramente desapercebidos da acção policial!

—Domingo houve candomblé em um dos chamados *terreiros* na Quinta das Beatas.

—E ainda ha até domingo em que vão *metter a mão no azeite*.

—Foi a sahida de quatro *filhas da casa* que á seis mezes estavam na *casinha*.

Como o logar é perto da cidade, affluiu grande concurrencia de gente de toda laia.

—Eu pasmo de ver como é que nesta terra ainda se tolera semelhantes ajuntamentos.

—E' a reunião do vicio, do deboche, da embriaguez e do fanatismo.

A clarque desenfreiada, excitada pelos liquidos espirituosos poz em scena alli desta vez tudo que ha de desenvolto e turbulento.

—E a policia que authorisa com uma licença essa serie de escandalos, põe-se na moita, e deixa os desordeiros livremente.

—Houveram grandes desordens, domingo nas Quintas, muita pancadoria, cabeças quebradas, facas fora, rewolver etc.

O dono das terras appareceu para acommodar o barulho e foi carregado pelos *santos* nas cabeças dos *vuduns*.

—Alem das praticas grosseiras e fanaticas, em que se envolvem creaturas educadas na fé do catholicismo, alem do menos-preço a religião, alem das scenas contra a moral, a decencia e a castidade, alem de tudo isso que occultamente passa, ainda ha mais contra os candomblées, da parte de fora, o desenfreamento daquelles que os vão assistir.

—Mas a policia apezar de tudo, dá licença para elles.

—Segunda feira estava um homem de punhal palmeado na porta de uma venda.

Fosse por que fosse, o indicio não era de boas intenções,

—Parece assim.

—Um inspector de quarteirão manda communicar por escripto na guarda da repartição da policia e pedir uma praça para effectuar a prisão do delinquente e lhe é negada.

Dirige-se em pessoa a guarda, e expõe o que ha, o commandante diz-lhe «va o Sr. mesmo ao Terreiro e chame uma praça; mas ahi de seis ou oito soldados que estavam sentados em baixo das arvores, sem nada fazer, todos respondem: «não vamos lá!»

—E' a policia coadjuvando aos sicarios no seu trilho criminoso.

—Capitão, o capellão do 14.º batalhão de linha e o Sr. Tourinho, empregado d'alfandega, queixam-se que foram no domingo, pelas 8 horas da noite, accommettidos por seis individuos na estrada da Graça, os quaes presumem elles serem larapios.

O Sr. Tourinho levou delles uma cacêtada, que aparou no braço esquerdo, ficando por isso com elle bastante maltractado.

—Elles que se vão queixar ao Sr. Dr. chefe de policia.

—Na sexta-feira, na loja de livros do Sr. Catilina, o portuguez Velloso, socio da casa commercial Velloso & Irmão, consta, offendera no rosto ao brasileiro Novaes, irmão do Sr. Henrique Pinto de Novaes.

—E porque?

—O brasileiro Novaes louvava o procedimento do imperador, em agradecer os dous mil contos propostos na camara dos deputados para sua viagem a Europa.

—O portuguez Velloso, porém, reprovava esse procedimento?

—Justamente, fazendo até injustiça ao caracter do monarcha.

—E n'isto....

—.... Novaes massou-se e disse-lhe:

«*E' preciso ser muito estupido para desconhecer o caracter patriotico e de verdadeiro brasileiro do monarcha.*»

—E foi somente por estas palavras proferidas por Novaes, que o portuguez Velloso se julgou com o direito de desfeiteal o?

—Não assisti á esse facto, mas assim asseveram as pessoas que o presenciaram, e não é essa a primeira pessoa a quem o portuguez Velloso tem desfeiteado!

—Pois bem: fique estampado mais este facto que é para amanhan o Sr. Loureiro poder dizer no seu *Salamaleck*, que são os brasileiros que insultam e ultrajam aos portuguezes!.....

—Venho noticiar-lhe um facto de um exemplar agente d'authoridade.

—Isso é verso ou reverso?

—O Sr. dirá depois.

No domingo o subdelegado de Sant'Anna, encontrou em casa do inspector de quarteirão João Pinto Coelho, ao Caquende, o pardo Leandro em deploravel estado.

Acorrentado, esfarrapado, immundo, incommunicavel, esse desgraçado vivente curtia transes mortificantes no carcere em que a crueldade de seus algozes o retinha á seis mezes.

—Oh, que thuguismo!

Mas á que pretexto era o infeliz assim constrangido?

—Por ordem de D. Maria Emilia dos Reis Belens, que se diz sua senhora, havendo porém pendencia sobre a verdadeira condição do paciente.

—E a Sra. Belens em logar de provar pu-

blicamente seu dominio sobre o infeliz Leandro, de tel-o, por segurança, em uma prisão publica, entendeu que a melhor maneira de assegurar seu direito era consentindo que se martirisasse as occultas, nas trevas, o desgraçado homem

---

—Na sexta-feira, depois de meia noite, quatro soldados de policia prenderam a um preto que conduzia um furto. Ao chegar em Nazareth, á porta do senhor, o preto gritou, fez alarido, e o senhor deste sahindo para a rua acompanhado de toda gente de casa, tomou o preso do poder dos soldados, os quaes foram obrigados a ceder á vista do numero e das ameaças.

—Enganou-se; o militar no cumprimento do seu dever, morre mas não cede.

—Mas acha que foi legal esse acto de violencia contra a força?

—Nem por sombra.

O senhor do escravo daria uma prova de respeito á lei não se oppondo a que fosse preso seu escravo que a tinha infrigindo. No outro dia tratasse de soltal-o.

O objecto furtado ficou tambem?

—Não sei.

—Elles apregoam tanta obediencia a lei quando o negocio é com algum pobre.

Quando o raio lhes bate á porta, nada respeitam.

A PEDIDO

Publicou-se o regimento
Das raparigas solteiras,
Que tem de no Amasonas
Guarnecer nosssas fronteiras.

Ficaram muitas porem,
Com razão, bem agastadas,
Por não terem tambem sido
Na proposta comtempladas.

Por isso de voluntarias
Um batalhão vou formar
Bem luzido e denodado,
P'ra na traseira marchar.

Principio concedendo
As honras de commandante.
A Alsina Pinga-pinga,
Por ser gulosa e chibante.

Emilia Fontes *cincoenta,*
Tem de major a chefança,
Por que já sendo madura,
Quer passar por bem creança.

Por ser mui gorda Procopia,
Quartel mestre é nomeiada,
Para fazer brilhatura
Com toda rapaseada.

A cabrocha Ursulina
Mui liberal e ligueira,
Por ser prodiga com todos
Será a porta-bandeira.

De secretaria a patente
A Guilhermina offereço,
Por morar no Taboão,
Rua que tem grande apreço.

Terá Maria das Vellas
Tambem de ajudante o posto
Por ser muito conhecida
Dos rapazes de bom gosto.

Joanna Entrepigaitada,
Por ser muito interesseira,
Ficará no batalhão
Servindo de enfermeira.

A Sacco de loteria
Servirá como brigada;
Está Benvinda *ás* de ferro
Corneta-mor nomeada.

A Lucinda *coroada,*
Que honras tem de.... sem cabeça,
Accumulará os logares
De capellão e abbadêssa.

A Anninha de S. Bento,
Que diz ter mui valimento,
A quarteleira será
Só por seu merecimento.

Para instructora nomeio,
Do caes dourado, a Corôa
Que apesar de ser bem velha
Não é lá cousa atôa.

P'ra primeira companhia,
Por ser a de mais nobreza,
Nomeio p'ra capitão
Marcolina,=a Baronesa.=

A Heduviges Vassoura
E' nomeiada tenente
Germaninha dos Curraes
Tem de alferes a patente.

P'ra capitão da segunda
Henriqueta crameein,
Pelo seu porte garboso
E ser creoula *xinxin.*

Tenente desta será,
Candinha itaparicana,
Por não gostar de deboches,
Nem do restilo da canna.

A Maria Juliana,
Por andar arreliada
Para alferes da mesma
Passa a ser contemplada.

A *Simpathica* Thedú,
Que morou no Taboão,
Da terceira companhia,
Nomeio p'ra capitão.

Tenente desta vai ser
A pardinha Vitalina
Visto ter por certa fructa
Mui grande fome canina.

Tambem Joanninha Gomes,
Da madame costureira,
Terá o posto de alferes,
Na companhia terceira.

A Constança estabanada
Que esteve na correcção,
Por navalhar um sargento,
Da quarta é o capitão.

Uma tal sinhá Ritinha
Com seu olho azanagado,
Servirá nesta tambem,
Como tenente aggregado.

Com quanto Tiburcia ande,
Um pouco no esquecimento
A faço alferes da quarta
Para lhe dar vallimento.

Faço capitão da quinta,
Só pelo cheiro que tem,
Na boca, Maria Emilia
Senhora muito de bem.

A Emilia moradora
Na ladeira das recolhidas,
E' promovida a tenente,
Pelas argollas compridas.

Esta quinta companhia
Ficará completa assim:
Nomeando para alferes
A Therizinha de Brim

Para a sexta companhia
Nomeio p'ra capitão,
A Izabel do Xixi,
Por nunca estar no pifão.

O seu tenente hade ser
A Quatorze bolaxinhas,
Que amestrada na cuca
Hade pol-a em chachinhas.

De todas as companhias
A mais distincta será
Por ser tambem della alferes
A Francilina Sarará.

Grande numero de paiorras
Acompanham o batalhão,
Uns servindo de cornetas
E outros.... não digo... não.

—A curiosidade é um habito inherente á humanidade.

—A curiosidade de Eva querer saber o gosto do fructo da sciencia, foi causa do peccado original.

—Mas como a curiosidade vem do principio do mundo, estou que não pode me levar a mal querer eu saber uma cousa.

—Ora o que será.

—Cousa muito simples.

Ha duas vendas fronteiras. O dono de uma pode se chamar *elle seu* e o de outra *ja sinto*. *Elle seu* é mulctado em 30$ réis., por deixar a venda aberta uma noite depois do toque de recolher, ao passo que *ja sinto* deixa a sua todas as noites e nada soffre.

E' que a policia só encherga com o olho que fica do lado da venda de *elle seu*.

—Valha-me o Sr. *S. Pedro* com essas desegualdades!

Chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr: chefe de policia para um individuo que inculca-se de ageute secreto dessa repartição, para por meio de tal especulação tirar proveito.

Anda pelo Taboão apprehendendo volumes que os pretos conduzem e quando acerta ser com effeito algum objecto roubado apossa-se delle e o vae vender, em logar de o recolher ao logar conveniente.

Esse industrioso é conhecido por *Baradó*,

ANNUNCIOS.

No trapiche 2.º Andrade, vende se tabocas.

Lopes Reis e C.ª precisam para sua fabrica de charutos na rua de S. Bento n. 6, de mulheres que saibam fazer charutos. Tambem admitte aos que quizerem aprender ganhando logo que souberam alguma cousa.

Attenção!

Em vista da pergunta feita em um dos *Alabamas* passados sobre o inventario do fallecido Luiz Gonzaga de Barros, por um dos herdeiros prejudicados, a abaixo assignada filha do mesmo fallecido, faz tambem sciente ao publico que até o presente nada recebeu dos bens pertencentes ao casal, como lhe consta que se tem feito propalar, sendo a annunciante de maior edade e vivendo sobre si nenhuma precisão tem de tutor, e por isso deseja que o referido inventario se termine amigavelmente.—*Emilia Carolina de Barros.*

Ha nesta typographia uns recibos para o Sr. Assumpção.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 80.ª DOMINGO 28 DE MAIO. N. 794.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 27 de maio de 1871.

Officio ao Illm. Sr. inspector d'alfandega, pedindo-lhe informação do seguinte:

Si foi despachado nessa repartição um lustre para o alcazar; quanto pagou de direitos; no caso de não terem sido pagos, por quem foram dispensados, e si não importa isso um prejuizo as rendas publicas.

Espera-se de S. S. breve informação para boa regularidade do serviço e restricta fiscalisação da receita do Estado.

—Capitão, um procedimento que V. Ex. incontestavelmente ha de levar a mal.

—Tal seja elle.

—Na quinta feira, um individuo conhecido por D. Luiz, trabalhador na padaria de J. A. Pereira de Vasconcellos, á Quitandinha, espancou deshumanamente a um rapaz dentro da mesma padaria.

Valendo-se de uma acha de lenha, deu para matar; o offendido sahiu da padaria que não podia andar.

—Desde que o individuo abusa da superioridade physica para offender a outrem commette grave atrocidade.

—Eu só estou como se passam estas cousas. Um attentado que devia chamar sobre si a indignação geral, foi presenciado por innumeras pessoas, sem que ninguem se atrevesse a soccorrer o paciente, quanto mais a prender o delinquente.

—Sobre a acção d'authoridade esteu que é desnecessario perguntar.

—Nem se canse.

—Na sexta-feira Theodoro José de Sant'Anna, crioulo, feriu ao menor João, pardo, escravo de José Ribeiro Pirajá, da villa de Camamú, cujo menor se acha entregue nesta cidade ao capitão Carvalho, morador á ladeira de S. Bento.

Tendo ido á venda de Antonio de tal, ao Jogo do Carneiro, comprar um pouco de bacalhau, á mandado de seu mestre João Graciola, em occasião em que passava Theodoro, conta o offendido que um rapaz gracejara com aquelle, o qual voltando-se e entendendo que o gracejo partira delle offendido lhe descarregara um feixe de lenha sobre o alto da cabeça.

—Apre!

—Foi ser preso na freguezia da Sé, cujo subdelegado mandou immediatamente proceder á corpo de delicto e deu as demais providencias.

—O sujeito está com serviço,

—Theodoro além do crime que commetteu, aggravou-o, insultando ao soldado que o acompanhava, e proferindo palavras immoraes por todo caminho.

—Revolta o modo barbaro por que certos senhores tratam a seus escravos.

—Parece destituidos de qualquer sentimento de humanidade.

—Ora á dias eu vi uma mulher, cuja figura por si só excitava compaixão; aleijada, inutil, alquebrada; um corpo sem serventia; e alem disso banhada em sangue.

—Vão ver que resultado de algum acto de barbaridade.

—Foi sua senhora, uma D. Maria Joaquina, moradora ao Boqueirão, que com uma acha de lenha lhe fizera enorme brecha na cabeça.

—Ja eu previa isso.

—Tinha mais os dedos das mãos deslocados, por que aturdida com a primeira pancada deitara as mãos na cabeça e sua compassiva senhora desfechou-lhe segunda, bradando nessa occasião a victima «aqui d'elrei, e sabe o que disse ella?

—V. diga.

—Tu e o rei que vão.....»

Pouco mais ou menos avalie o que seria.

—Não tenho o dom de advinhar.

—Nem eu quero proferir a phrase insultuosa.

—Gente sem piedade! Os carrascos da humanidade, não fazem mais do que enraizar um odio implacavel naquelles em quem exercem suas crueldades.

—Os larapios teem faro de admirar.

—Metade tivesse a policia á pista delles.

—Não perdem vasa!

Do mais leve descuido tiram partido, da mais casual opportunidade se approveitam.

Parece que advinham.

—Eu não sei si é o diabo que os avisa, porquè parece incrivel as astucias que praticam.

—Subtis e arrojados como elles não ha.

—Ora na madrugada de 23 em quanto a crioula Maria Lucia tratava do mudar-se da rua d'Ajuda para o becco do Arcebispo, houve dous larapios que bisparam ella trancar a porta e tirar a chave.

Foi a mulher voltar as costas e elles de chave falsa abrirem-lhe a casa e tirarem n'um fechar e abrir d'olhos cinco pannos da Costa, um rosario de ouro, argollas, anneis, corrente de prata, galantarias do mesmo metal, patacões e outros objectos.

Foram os heroes dessa empreza Manuel Rodrigues e Manuel Conhem.

O diabo entretanto que tem uma capa de encobrir e outra de descobrir, deitou desta vez a capa de descobrir sobre Manuel Conhem, o qual mal aquinhoado na partilha, foi o proprio a denunciar de seu companheiro de empreza e la se foi o Sr. Manuel Rodrigues á ordem do subdelegado da Rua do Paço arejar na Correcção.

—Breve sahe para tentar novas e mais altas cavallarias.

—Capitão, salsadas que se passam nesta terra.

—Estou de maré delhe ouvir.

—O caso não é de vista, é de ouvir dizer.

—Siga; farei a devida apreciação.

—Passava o Santissimo Sacramento por uma das ruas da freguezia de Santo Antonio em occasião em que vinha do lado opposto um cavalleiro que entendeu não dar o menor signal de adoração e reverencia ao Sagrado Viatico conservando-se coberto e montado.

—Acção em todos os sentidos censuravel; impia incredulidade, profanação, sacrilegio.

—O thesoureiro da irmandade, entendeu porém que devia ordenar ao irreverente cavalleiro que se descobrisse, se apeasse e se ajoelhasse.

—Isso é que é demais.

—E como aquelle não quizesse, puchou-o do cavallo.

—Olá!

—E houve um desaguisado.

—Que scena!

—E o cavalleiro foi preso e esteve retido tres dias.

—Ninguem é juiz da consciencia alheia; quem bem faz para si é.

O tal cavalleiro deu idea muito odiosa de si; por certo que a sua ridicula ostentação de incredulidade desafiou a indignação de todos os fieis; mas embora a fealdade de sua acção, thesoureiro do Sacramento não é cousa para mandar ninguem se descobrir. Cada qual responde por suas acções e na outra vida pelo bem ou mal que ca praticou.

—Eu sou deste parecer.

Si obrasse com prudencia ao menos evitaria a scena brulesca.

—Mas em fim como V. não viu, lhe contaram, pode ser que alterassem.

—Entre a immensa malta de gatunos que infestam esta cidade, Manuel Conhem é um dos que mais se avantajam por seu atrevimento, astucia e dextreza.

—E é aleijado de uma mão, quanto mais si não fôra.

—Ainda não bem desembaraçado do roubo que com Manuel Rodrigues fez á crioula Maria Lucia da Conceição, ja hontem 26, o endemunhado olho-vivo entrou em uma loja as Grades de Ferro e surripiou alguns cortes de cazemira.

Quando ia porem á todo panno, galrou com dous agentes de policia que o levaram ao porto seguro da Correcção.

—O imperador está á chegar, de passagem, á esta provincia.

—Hoje ou amanhan.

—Provavelmente farão feriados nas estações publicas.

—Estou que sim.

—Porém que não aconteça como no funeral da princeza a 22 de abril.

—O que foi que aconteceu?

—Deram feriado aos operarios do arsenal de marinha, sem estes nada pedirem, e no fim da quinzena descontaram o dia dos pobres homens que tanto precisam.

—E' injusto e mesquinho.

—Economias que não adiantam; injustiça palpavel, porque nas demais repartições pagou-se integralmente aos empregados assalariados.

—Assim como eu não sei a razão de ser de certos dias abaixo no salario, quando o operario trabalha pontualmente a quinzena inteira.

—No dia em que o subdelegado de San-

t'Anna, descobriu na rua do Caquende, dentro da casa do Sr. João Pinto Coêlho, um individuo acorrentado, que alli jazia ha mais de seis mezes, o subdelegado da Victoria, dizem, encontrou no logar denominado Madre de Deus um outro nas mesmas condições, accrescendo achar-se surrado de fresco.

—Mas eu não vi as gazetas noticiarem esse outro caso?

—Consta que se atabafara, porque o Sr. desto infeliz é rico e poderoso.

— Sr. Dr. chefe de policia, procure ver si é exacto este facto, e dê as providencias que o caso urge

Esperemos.

—Capitão, a morada do cidadão Augusto José Chaves foi de novo violada pelos agentes policiaes.

—Será de proposito?

—Na terça feira dois soldados de policia invadiram a casa, quando seu dono não se achava e foram até a salla á pretexto de tirarem uma escrava fugida.

—Olhe que outro dia eu li no *Jornal* uma informação da policia dizendo que era inexacta a noticia do *Alabama* quanto a terem soldados de policia penetrado na casa, e ido até a cosinha e espancado um preto.

—E eu garanto-lhe que foi exactissima; ahi estão não só o Sr. A. J. Chaves, dono da casa, para confirmar, como muitas pessoas que presenciaram os soldados entrar na casa.

—Capitão, uma reclamação justa.

— Qual é ella?

—O governo, ou quem competir devia mandar illuminar a ladeira da rua do Cabral, pois pessoa alguma se atreve a descer semelhante ladeira, sob pena de ser submergido nos enormes buracos, que se veem na mesma; é uma grande providencia que se pede, afim de evitar pernas quebradas, e pes deslocados, como já tem acontecido.

— Sim Sr., é muito justo, e si nesta terra se olhasse seriamente para o commodo e interesse geral sua reclamação seria immediatamente attendida.

—Capitão, será exacto, que o soldado José Laranja, praça da primeira companhia do 14 de linha, depois de esbofeteado, foi castigado com 30 espadeiradas por cumprir ordens que recebera, as quaes queria infringir um official?

—Rapaz, a cousa é dura de acreditar; mas outras peiores tem se visto.

—Dizem mais que o soldado havia pedido licença ao official que o esbofeteara para se queixar delle, e que lhe fôra negada.

A PEDIDO

Pergunta-se ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar qual o desfecho que teve um processo instaurado contra Bernardino Tavares de Senna accusado por João da Cruz Vieira de crime de tentativa de morte.

Dizem que semelhante processo, depois de intimadas as testemunhas para depôrem, fora abafado e envolto nas dobras do patrocinio. Como S. S. é o unico competente para dar verdadeira e satisfatoria definição, recorre-se pedindo lhe explicação; muito embora se esteja certo de que não é possivel que tamanho exemplo de corrupção se desse; porem so para tapar a bocca dos linguarudos.

—Capitão, vou lhe contar um caso estupendo, reprehensivel e do mas cynico e pecaminoso quilate.

—Sente-se, Sr. *Olavo*.

— Um sujeito, cujo nome se *assemelha* ao meu, *por ser Olavo* o meu e o delle Ovalo, o qual é parente do *José* que por um *arco via* o que se passava na casa alheia, tendo uma comadre, casada, e com filhas, abusou da franqueza que tinha na casa e requestou sua propria comadre, a qual condescendeu e fugiu do poder do marido com elle.

—Meu amigo eu não me envolvo nisso.

—Ao menos ouça-me.

—O desalmado levou a comadre para a casa do pae da mesma, um tal *E'lia*, o qual em logar de reprovar o procedimento de sua filha consente que ella esteja em sua casa com um homem que não é seu marido, mais seu compadre!

—Meu amigo, eu sei que V. está magoado, mas o seu desabafo não lhe dá remedio. A lei pune o adulterio.

—Com tudo é um consolo; e só lhe peço que se houver alguma occasião disponivel para o muxingueiro, mande metter a taca no safado.

—Entre gostos não haja disputa: o Sr. contenta-se com pouco.

—Por *San'Thiago* de Compostella! Hei de sentar a pavana neste *capitão*.

—Sem quê nem p'ra quê?

—Tem um appetite cego por *doces seccos*.

—Deixe lá. Que se importa V. que o homem coma seus doces?

—Mas é que o filho de Marte, tem uma balda dos peccados. Alimenta um zelo diabolico pelo pasteleiro que *lhe faz* os doces, de sorte a não querer que nenhum outro freguez se encoste ao balcão para tambem comprar doces.

—Quer tudo para si só, papão!

—E seus pobres commandados pagam bem caro, si alguma vez elle os vê á fallar com o pastelleiro.

—Está o que é mau, porque ninguem põe faca nos peitos do sugeito. Si elle vende é por seu interesse.

– Mas que quer? O tal capitão é dos taes que gosta de tecer elogios aos superiores.

—Quem é aquelle sevandija que tanto enche a bocca de canalha, mulatinhos, negros, bodes, alli n'aquella loja de charutos por baixo do antigo consulado?

E' um perfeito reu de policia, um tratante sem pudor, um safado, um legalé, um vagamundo cuja occupação licta é viver enchendo a loja do homem de pernas, bifando, quando acha desgarrado algum charuto, ou filando dos freguezes que entram para comprar.

—Pois esse abjecto, é que tem a filaucia de chamar de moleques e canalha a dois artistas modestos e laboriosos que vivem de seu trabalho sem serem pezados a sociedade, nem se tornarem suspeitos a authoridade!

—Cão goso! Falla esse nojento casmurro em mulato, como si a côr deshonrasse; mas não olha elle que a amarellada pelle está a lhe denunciar a origem, embora o empenho que emprega em occultal-a; não se recorda o infame insolente que uma das avós foi negra gêge, e que a mãe ou uma tia ainda vieram á luz sujeitas ao azorrague; um baixo e ordinario tão cheio de mazellas, com o rabo de vara e meia, ousa despejar a immunda e viperina lingoa sobre aquelles que não se querem comparar com elle.

—Não dê assumpto a besta em attenção ao *Salustiano* que pede; deixe-o escoucear á vontade.

—Mas aquella lingoa so dada uma volta em um pé de *pereira* que ha no *Castro* Neves e esticada até aqui.

—Qual; é até loucura dar importancia ao que diz um pé-leve, um olho-vivo.

—O' amigo, que foi isso? Ferido e estrafegado!

—Deixe-me, Sr., um maldicto cachorro passou-me os ferinos dentes.

—Homem de Deus, pois ha quem traga solto um animal que causa tanto mal!

—Ora está! Nesta terra o que é que não faz quem pode?

—Diga-me, em que rua existe o formidavel cão que lhe mordeu?

—No becco da Jaqueira, freguezia de Santa Anna?

—De que casa é o bicho, soube?

—Isso disseram-me que era da casa de um Sr. que é subdelegado supplente de Brotas.

—V. ouviu mal, pelo que vejo; authoridade de uma freguezia, morando em outra, não se comprehende.

—Não sei; eu não *pinto*, nem invento, digo o que me disseram; seja porem la como for, o prejudicado sou eu que estou mordido.

—Capitão, valho-me do seu conceituado periodico para fazer algumas observações á respeito da noticia dada pelo *Diario* de 25 do corrente, sobre o espancamento de Calixto Rodrigues Moreira, bem como a censura feita a authoridade local por não ter providenciado á respeito do facto.

Os pessimistas que acham tudo que não lhes aproveita mau; os que só querem correcção da policia para as faltas e defeitos alheios, ficando as suas impunes, entenderam de levar esse facto de nenhuma significação ao conhecimento do *Diario*, ao passo que se esquecem de outros que deviam ser registrados para conhecimento de suas proprias moralidades e zelo pela tranquilidade publica e amor dos empregos que exercem na sociedade. Como pois se quer fazer um cavallo de batalha de facto tão insignificante, cujo delicto por sua natureza tão-futil, que Calixto regressou no dia immediato ao conflicto para a Matta de S. João, logar de sua residencia, sem levar ao conhecimento da authoridade cousa alguma? Portanto desta vez não foi justo o tal informante referindo um facto com exageradas circumstancias que não se deram; pois contra ellas protestam o corpo de delicto feito no offendido, que não authorisou acção judicial.

Dito isto, pedirei ao informante que não perca seu tempo com factos de tão pequena monta e antes denuncie attentados graves como uma certa tentativa de morte que não não ha muito se deu, e que entretanto seu author passeia impune contando com a indulgencia qne sempre ha para os tenebrosos.

—Acabou?

—Já.

—Pode retirar-se que eu vou mandar as suas observações em conclusão para a opinião publica que ha de julgar quem tem razão.

ANNUNCIOS.

O Assumpção que tem uns recibos nesta typographia não é Assumpção alfaiate.

No trapiche 2.º Andrade, vende se tabocas.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.ª QUARTA-FEIRA 1.º DE MARÇO. Ns. 758—759.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 28 de fevereiro de 1871.

Não houve expediente.

—Estou por saber qual foi o acto de desespero que decidiu uma moça a precipitar-se da janella de uma casa ao becco da Jaqueira, freguezia de Sant'Anna.

—Quando?

—No domingo.

—Horas de mau humor.

Ouvi tambem dizer que no sabbado uma infeliz dera cabo de seus dias, tomando porção de veneno.

—Factos realmente para deplorar-se.

—V. por cá! E' portador de alguma nova?

—Uma noticia luctuosa.

—O peior é isso.

—No dia 23, o trem de balastro da estrada de ferro, machinista Simplicio, trouxe a morte a um individuo.

—A morte não vem sinão quando Deus a manda.

—E' bem verdade; mas como humanos, temos o dever de sentir e lamentar as desgraças, que acontecem a nossos semelhantes.

—A policia não terá sciencia do grande numero de latrocinios que se teem commettido ultimamente?

—Necessariamente deve ter.

—Estará por acaso alheia á falta de segurança que reina; aos innumeros arrombamentos praticados?

—Não pode estar.

—Não conhecerá por ventura os individuos apontados como ladrões de gazúa, nesta cidade?

—Deve conhecel-os.

—E os furtos continuam! A industria dos larapios progride!...

—Ora! Sempre é policia que nomeia o dono de uma casa de jogo para subdelegado!

—Será cousa que precise grande tino mandar observar os passos dos larapios, sendo todos elles conhecidos?

Mas os larapios confiam de tal maneira na descuidada docilidade da policia, contam com tal certeza que ella não procura perturbar-lhes os passos, que mesmo na sua visinhança fazem das suas!

A crioula Thereza, moradora ao Canto de João de Freitas, sahiu no sabbado para seu trabalho de lavagem de roupa, contando que trancando a porta de sua morada e levando a chave comsigo, ninguem nella podia penetrar. Voltando á noite porém, conheceu que não ha chaves que sirvam ante a industria ratoneira. Tinham-lhe aberto a porta e levado o que havia de melhor.

—A animosidade está em ser de dia.

—Na manhan de segunda feira 27, a africana Joanna Maria Rosa teve aviso de que sua casa de negocio, ao Taboão, amanhecera arrombada.

E era exacto; uma porta travessa de cerca de dous dedos de grossura, chapeada de ferro, foi forçada e a casa saqueada em generos no valor maior de 500$ rs.

—E vivá-se tranquillo! E conte-se com segurança!

—Assim é de mais. E' preciso bradar aos ouvidos do chefe de policia que olhe para isso.

—Dizem que na casa de Correcção ha um preso á quem querem matar de fome!

—As leis criminaes não registram semelhante pena.

—Chama-se Mariano Pereira; consta que desde o dia 18 negaram-lhe o sustento que a justiça concede aos presos indigentes e á não ser a commiseração dos companheiros de infelicidade, ja teria exhalado de fome.

—Si é obra de misericordia dar o que comer a quem tem fome, encarcerar um homem e negar-lhe o alimento indispensavel á subsistencia, não pode deixar de ser desmarcada tyrannia.

—Vi hontem terça feira, um crioulinho que terá de 13 a 14 annos, com o rosto espatifado, e lavado em sangue que causava horror!

—Seria alguma pedrada?

—Qual! Mordeduras de um formidavel caxorro.

—Logo no rosto!

—Si o maldicto animal é um monstro de tamanho tal, que as patas descançavam sobre os hombros do rapaz!

O nariz ficou dilacerado.

—E traz-se um animal tão bravio solto!

—Ora! nesta terra não se observa o que é de utilidade publica.

O offendido é escravo de Santos Moreira; trabalha de pedreiro em uma obra á Estrada, de que é mestre um tal Eugenio; o caxorro é da rocinha que foi do finado Barros, junto ao Paraassú.

—Bolla nelle.

—Um forçado dos que serviam em palacio poz-se ao fresco no domingo.

Safou a calceta e foi-se.

—O maior empenho que pode ter quem está preso, é ver se livre.

—Querem agora lançar a culpa ao sentinella, que não viu nem sabe por que escaninho de palacio o homem se sumiu.

—E, coitado, é quem ha de pagar as favas.

«—Minha sinhô, pro mode Deu!

«—Negra dos diabos aonde botaste os dez mil réis, que não o entregaste?

«—Eu predeu, sinhô

«—Dá nesta negra, mata este diabo!»

—Que historia é aquella alli n'aquella casa ao sahir o largo da Piedade?

—Parece que é uma preta que apanha barbara e deshumanamente.

—Vamos espreitar?

—Eu não, tem um cabo de policia na porta.

—Quem mora alli?

—Aquelle cabo parece o cabo de ordens do Dr.....

—Cale-se! V. é muito fallador....

—Adeus; hoje é domingo e eu não estou para ir visitar o Custodio.

«—O homem é meu.

«—Desgraçada, antes de tu seres *d'amisade* delle, ja eu tinha sido de seu *conhecimento*.

«—Não quero saber d'isso, elle fazia tanto caso que te deixou. Hoje arrebento-te á p.... da cara.

«—Vejam só que mulher insolente, vir para minha porta para querer levar meu homem á força! Pois eu te mostro que elle não vae d'aqui, que eu sou quem não quer.

«—Não vae porque tu és uma ca.....

«—E' tua mãe.

«—E' a tua! salta para fóra que te mostro para quanto presto.

«—Pensas que eu tenho medo de ti, que levo-te em conta, espera.....

«—Aqui-del-rei..... aqui-del-rei.... »

—Que alarma é aquelle alli na rua da Laranjeira?

—São duas mulheres que disputam a primasia de um homem: uma julga-se com direito sobre elle; a outra julga-se com direito superior e nesta contenda estão esbofeteando-se.

—Olhe que nas noites de sabbados vêm-se cousas importantissimas.

Como chamam-se aquellas desnorteadas?

—Uma chama-se Avelina e a outra Romana.

—Que terra *moralisada*, meu Deus!....

—Que diabo de alarido é aquelle alli no 1.º andar do sobrado n.º 4, á rua do Julião?

—E' uma mulher que, tanto ella como o marido, tem o costume de se embriagar, e o marido está escovando-lhe o pello.

No sabbado á noite levaram neste gosto até 3 horas da madrugada; hoje, domingo, provavelmente ja jantaram, continuam no mesmo alarido.

—Lá chegou ella á janella com a cara toda arrebentada!

—E' isso que o Sr. está vendo, e a policia nem se abala!

—No dia 26 partiu-se o guindaste da ponte da Companhia da Estrada de Ferro; cahiu sobre um barco, causando estragos. Feriu dous homens; um soffreu amputação no pe e o outro está a morte.

—Eu sempre digo que toda prevenção e cuidado são sempre poucos.

—Começaram os exercicios da quaresma. Ha sermões em differentes egrejas.

—Tempo em que as mulheres affluem para as egrejas.

—Julga V. por ventura que ellas procuram a casa de Deus levadas por espirito de devoção e penitencia, possuidas de sincera contricção e arrependimento?

—Quem pensa é outro.

—Vão por luxo e vaidade; levando o arreganho nas maneiras e a maldade no pensamento, vão cevar a maledicencia; pondo em ostentação a devassidão por variadas e diversas formas; vão excitar pelos requebros e trogeitos a chamma da libidinagem.

Em quanto o sacerdote do alto do pulpito sagrado commemora os passos dolorosos da paixão do Homem-Deus, ellas, como se estivessem em sordido prostibulo, retalham a vida alheia!

—E ahi despejam as viperinas lingoas em todos os sentidos.

—Cada qual quer ter preferencia de logar; um simples olhar de uma outra é motivo para descommedidos apodos e descomposturas; sem fallar ja nos cochichos maliciosos com que chasqueam da que foi mais mal vestida; commentam a que faltou por estar com o ouro empenhado ou a que está apaixonada porque o amasio deixou.

—Ja na sexta feira eu vi na Ordem Terceira uma brindar á outra com os epithetos de *rabicha, cadellinha,* etc., porque, dizia ella, reparava para sua anagua.

—Eu tive de ficar ao pé de uma que apontava quem era o amasio de toda a mulher que entrava!

A certo individuo, que eu conheço, deu a posse de quatro mulheres.

—Na bocca da tagarella é um novo *Chachá*!

—Quando entrou a que ella chamou a quarta, disse—faltam ainda Fulana e Fulana.

—E' justamente o que vão fazer á egreja: importarem-se com o que não é de suas contas e praticarem immoralidades.

—Profanarem o sanctuario com suas acções mundanas,

—A Sra. Maria Francisca da Conceição, pelo *Jornal da Bahia* faz ver ao publico e á policia, que se acha perdida sua filha Thereza *moradora* ao forte de S. Pedro, com edade de 8 annos, e pede a quem a achar ou tiver noticia della, que dirija se á sua casa na rua Nova n.° 11.

—Está uma embrulhada difficil de entender!

Uma menina de 8 annos que ja tem morada separada da de sua mãe e que entretanto esta annuncia que aquella se acha perdida, como si fosse creancinha de peito!

—Os maus costumes pegam como visco!

—E depois para extinguil-os custa!

—E ha sempre quem propague os maus exemplos!

—Espelhos onde se reflictam as acções reprovadas, nunca faltam.

—Como os carros da limpeza publica não escolhem logar onde despejem o esterquilinio, em razão das condescendencias e immunidades que goza seu semaginario proprietario, entendem os donos de carroças particulares que devem imital-os.

—E lá estão os carros do aceio e carroças particulares a levantar uma nauseabunda e asphyxiante montureira, de immundicie e caliça, no becco da Ordem Terceira e ladeira adjacente.

—E os fiscaes de braços crusados!

—Não se trata ja da trampa despejada nocturnamente pelo populacho, não se falla na intoleravel e immodesta pratica de reduzirem o logar á cloaca publica, onde quem quer vae fazer sua precisão, em alto dia; mas uma empreza que é subvencionada pelos cofres para se incumbir do aceio das ruas, ser a propria a reduzil-as á extrema porcaria, concorrendo para a insalubridade, é o que se pode taxar de cumulo do abuso!

—E os particulares seguindo-lhe o exemplo mandam seus carros que vão tambem deitar alli a ciscalhada, caliça, etc.

—E os moradores que soffram!

—E os proprietarios que vejam seus predios depreciados!

—A plantação de arvores nas praças, largos e ruas são de commodo e utilidade publica.

—Mas ha muito quem antipathise com ellas.

—So o mais reprovavel egoismo de quem quer fazer prevalecer seu bem-estar ao interesse geral.

—Agora mesmo tenho ouvido dizer que para não estorvar a vista de um sumptuoso edificio, ha quem se empenhe contra a conservação de duas frondosas arvores.

—Ora queira Deus.....

—A proposito de arvores:

No passeio publico derrubaram algumas arvores.

—Estou que sim.

—Que destino darão a lenha?

—O administrador lhe dirá.

—Eu sou de opinião que deve ser vendida e o producto recolhido aos cofres.

—E eu que não; o administrador tem seu trabalho, logo, tem direito de tomal-a para si.

—Que pensar estragado!

—O seu é que caducou.

Pelo menos si o homem algum dia for arrematante de roupa lavada, fará economia de lenha para cosinhar as varrelas.

—O jogo.....

—O mais pernicioso de todos os vicios.

—.....esse cancro roedor da sociedade que se alenta nos prostibulos do vicio, do crime e de toda sorte de infamias indignas, progride n'esta cidade!

Estatuiram-se casas que cobram barato, e disso fazem um meio de vida, olvidando os

imperiosos, os graves e inqualificaveis resultados de tal instituição.

E' por mister, é de indeclinavel necessidade a intervenção da policia para que se corte o mal pela raiz.

O que quer dizer casas abertas, algumas illuminadas até o clarear do dia, onde, ao redor de compridas e redondas mezas, se vão confundir todas as classes da sociedade, niveladas pelas cartas?

O que significa sentarem-se a meza do jogo homens de certa posição social, com outros, que fora d'alli, até envergonhariam com o cortejar familiarmente?!

Que papel representam os homens que no fim de duas, tres ou quatro noites mal passadas nesses lupanares, perdendo tempo, saude, dinheiro e credito, recolhem-se a suas habitações envergonhados de suas proprias familias e de todos que os veem passar, lamentando as mais das vezes consideraveis perdas?

Tudo isto quer dizer povo viciado, desejo latente de obter dinheiro, por parte dos empresarios.

Todo este mal, porem, desaparecerá da sociedade, mediante energica intervenção da authoridade.

E pois é de esperar que o magistrado que se acha a frente da importante repartição policial, em seu esclarecido criterio dando o pezo merecido ás considerações que ahi ficam apontadas, envidará esforços para coarctar o mal.

—V. fallou como um deputado da opposição, mas creio que perdeu seu tempo.

—Desatinos da policia.

Um caixeiro do Sr. Estebenét, sahindo mascarado na terça feira de entrudo, por volta de sete horas e meia da noite, para ir ao carnaval, chegando ao Caes Dourado, viu-se inesperadamente agarrado por tres policiaes que lhe fizeram saber que era prohibido sahir á rua de noite com mascara.

Não houveram razões que fossem bastantes para convencer aos tres zelosos agentes da segurança publica; foi preciso appellar para a intervenção do subdelegado e como este não fosse encontrado, teve o homem de gramar retido até nove horas e meia da noite!

Si quiz sahir dessa massante collisão, teve de *bolir co'o sacco* e sugeitar-se á condição de tirar a mascara fora.

—Sob a guarda de tão ordeira e morigerada gente, não ha que receiar pela tranquilidade e segurança.

—Na historia do *Juca Rosa*, o gran-feiticeiro que ultimamente foi a ordem do dia no Rio de Janeiro, vem as seguintes considerações que não são fora de proposito:

«A feitiçaria é hoje uma monomania como em épocas o costuma ser o suicidio. Ha feitiço para tudo: para casar; para descasar; para ser amado; para ter dinheiro; para ter amigos; para ter saude; para ser bello; para alcançar empregos; para exercer vinganças; emfim para tudo... para tudo quanto ha e possa haver de sublime e de pessimo!...

Antonio quer casar-se com Genoveva, que é feia mas que tem dinheiro. Vai ter com um feiticeiro e depois de entregar-lhe junto com os cobres um objecto da pretendida, espera muito satisfeito o sim da «curuja» acompanhada do dote á sombra do qual o feiticeiro enxugou já duas boas garrafas do Porto fino.

Ambrosia quer ver-se livre de Pantaleão, seu marido. Vai ao feiticeiro, dá-lhe boa somma e promette-lhe outra mais avultada si a desquitar do fardo!

Simplicio que arrasta a aza á Thomasia, mas que ella nem siquer sabe que existe tal bicho, vai ao feiticeiro e entrega-se-lhe nas mãos em corpo e alma, alumiado pelo farol metalico que vai sempre na vanguarda!

Joanna que só ambiciona dinheiro, vai primeiro consultar as cartas, depois o somnambulo e por ultimo o feiticeiro, e, na esperança de vêr raiar o dia em que appareça rodeada de saccas de ouro, vai, despojando-se do que tem... esperando sempre!

Felisberta padece de morféia, tem o rosto que não se pode vêr e vai procurar cura no feiticeiro, exigindo como condição belleza serafica.

Dorothéa padece de rheumatismo, tem uma perna inchada, o joanete muito saliente e vai ao feiticeiro para que faça desapparecer todos esses malos, mediante... já se sabe.... grossa pechincha!

Bernabé anda por ahi quebrando as mesas dos cafés com a manga do casaco: dizem-lhe que procure emprego e os seus passos lá se dirigem para o locutorio do representante de Satanaz, pedindo-lhe um emprego, pelo que hypotheca o seu ultimo valor, um velho escravo, bem como metade dos seus futuros ordenados durante dous annos.

E Pedro querendo vingar-se de Paulo, procura o feiticeiro e manda que trabalhe para esse fim, pagando adiantado metade do ajuste!

E si não ha quem vá aos feiticeiros pedir serviço para cassuar com a morte, é porque os feiticeiros se não lembraram ainda de annunciar que possuem o invento que põe a humanidade ao abrigo d'ella!....

E tudo se tem passado livre e desassombradamente, nas barbas da policia, á sombra

de uma tolerancia tanto mais criminosa quanto prejudicial á sociedade.

Custa a acreditar o, mas é uma verdade.

A humanidade vai caminho do abysmo; lá embaixo está a sepultura e é a policia quem á ella impellia os infelizes que se deixavam arrastar pela corrente dessa credulidade estupida!

Para qualquer parte que volvamos os olhos encontramos um desses cavalheiros, a quem não duvidarei chamar industriosos; e aqui, ali, e alem, as suas victimas, os seus «filhos» porque elles, desde o momento em que foram consultados, lhes ensinam o modo por que devem ser tratados!

Nessas infelizes que por ahi vivem pelo preço do pudor, é que essa nauseenta industria encontra mais proselitos... Creio que não haverá meia duzia que não tenham o seu *papel*. E quantas não ficam desgraçadas por isso? Quantas não vão exhalar o ultimo suspiro n'um leito do hospital de caridade, com o corpo em chagas, produzidas pelos ingredientes venenosos que lhes applicam essas nojentas creaturas que se dizem feiticeiros?...

Não ha muitos dias que eu vi uma dessas infelizes, que acreditava nos feitiços e se entregava a elle, sentada na soleira de uma porta. esmolando o pão da caridade, com o rosto em uma chaga; a pelle sobre os ossos descarnados, envolta em um esfarrapado chaile!...

Pediu-me uma esmola..... olhei a, estava chorando!... reconheci-a, e... chorei tambem... Senti-me como prestes a perder o alento ao ver em tão penoso estado uma creatura que não havia muito eu achara feliz, alegre, mimosa e com uma saude de ferro!...

E hoje... não é mais que uma mendiga... não é mais que uma desgraçada!... Aquellas faces tão bellas e rosadas, como o carmim são hoje um espectro horroroso, que não pode olhar-se!

E porque, tudo isso? porque a infeliz quando já não tinha que dar aos feiticeiros, reconheceu a sua inutilidade e affastou-se delles: delles que se vingaram inutilisando-a tambem!...

Não é possivel que a sociedade possa medrar no seio de uma infinidade de vermes que lhe cospem o veneno. E' impossivel que a policia continúe a deixar ir ahi alem o tigre, destruindo em sua passagem o que tanto custa a crear—a humanidade—, principiando por arrancar-lhe do coração alguns restos de amor, de fé religiosa que possua.

O feiticeiro é tanto mais criminoso quanto é ousado o seu arrojo de collocar-se adiante de Deus, que, dando ao mundo o homem legou-lhe o destino!

O feiticeiro tal qual como se apregôa é o agente directo do demonio. Dizendo-se advinhador e com poderes sobre os destinos do homem, nega, primeiro que tudo, o poder de Deus, e a immensidade do seu saber.

Se encararmos. pois, a questão por este lado, aos representantes da egreja compete punir o exercicio de tal seita porque tal industria é um crime de lesa-religião; e si a encararmos pelo lado civil, é um crime porque se torna unica responsavel a policia, á qual compete velar pela segurança individual.

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

III.

As promessas no jornalismo são imprescindiveis: em questões de interesse geral nada pode tolher a livre manifestação da verdade.

A luva nos foi covardemente attirada, e o repto miseravelmente lançado; o insulto, porém, não se recebe com o sorriso nos labios, e muito menos com o indifferentismo do sceptico. Isso talvez só se condiga e conforme-se com o caracter do escriptor portuguez.

O momento em tão graves conjuncturas deve ser decisivo, a cratera está inflammada, e a lava ha de necessariamente fazer explosão.

Recuar agora seria um contrasenso, dar um passo de menos uma loucura, si não completa inversão dos mais nobres sentimentos.

Tal é a ordem natural das cousas, e sem mais preambulos demonstremos até calar no espirito do nosso vil detractor, que a corrupção é legado tradicional do povo portuguez, quê ahi e aqui são elles os verdadeiros ladrões e usurpadores da riqueza publica do nosso paiz, já por meio do fabrico da moeda falsa, já pelo emprego de outros meios não menos torpes e illicitos.

Não: o *nobre* redactor do *Salamalek* ha de impreterivelmente certificar-se, de que a fraude vem da sua terra natal, ahi n'este solo, hoje amaldiçoado e proscripto pelos homens de bem, é que vegeta em todo seu viço e vigor a arvore da corrupção, e hoje já nenhum cataclysma poderá sopear-lhe a força da raiz, que germina rapida em uma progressão ascendente.

E que importa que o *nobre* redactor, na sua vaidade de fatuo, na sua infamia de falsario, se firme em trechos de varios discursos do Dr. Alexandre Braga, pronunciados em diversas sessões do jury para livrar os seus conterraneos dos crimes, que com muito fundamento

lhes eram imputados pelo nosso consul quando o *distincto* advogado tambem é portuguez, e portanto da mesma grey?

Diz o Dr. Alexandre Braga, além de muitas outras baixezas, que bem steriotypam o seu caracter o seguinte:

.....

«Desde 1857 até hoje, quantas iniquidades «commettidas em nome da justiça! Quantos «desgraçados, quantas familias inteiras immo«ladas á barbara intolerancia de uma inqui«sição estrangeira!

«Não admira. O agente consular do impe«rio incumbido pelo seu governo de uma mis«são de tal ordem, tinha stricta obrigação «de empregar todos os recursos ao seu al«cance para ver se desencantava algum coe«lho da lura. Mas para isso tornava-se indis«pensavel uma policia secreta, e com effeito «em 1857 o vice-consulado brasileiro creou «essa policia.

«Ora os individuos que a constituem teem «praticado durante o longo espaço de 11 an«nos as maiores iniquidades para não perde«rem o preço infamante da sua degradação e «da sua vilania.

«Si accaso se passassem os mezes sem que «se realisasse n'esta cidade descoberta de no«tas falsas, então cessariam as instrucções «expressas do governo imperial, e com ellas «os avultados fundos, que tem o consulado ao «seu dispor para emprezas de tal ordem, por «que então os verdadeiros moedeiros falsos «do Rio de Janeiro se convenceriam de que o «Porto não é um covil de falsificadores, onde «se trabalha de dia e noite no immenso fabri«co de notas de seu thesouro!

«Assim conheceria o Brazil que os verda«deiros ladrões estão lá mesmo, fabricando«lhe notas atraz das costas!

«Não! a corrupção vem de fóra! tral a o «ouro do Brazil lançado para ahi aos punha«dos, entre a ignobil espionagem, que rodeia «o consulado brasileiro!»

A estas phrases ajunta no seu opusculo o Sr. Loureiro:

«Não é só a corrupção que traz o ouro do «Brasil, e sim tambem os proprios filhos «d'elle, que não trazem ouro! Dizei-nos agora «onde param os verdadeiros ladrões da for«tuna publica do Brasil, si cá, onde a vara da «justiça é inflexivel, si lá, onde, na phrase do «illustre casuidico tantas vezes citado nas pa«ginas deste opusculo, NUNCA SI SOUBE O «QUE ERA JUSTIÇA.»

Assim remata o *nobre* redactor a parte do seu livro, tendente a esse ponto.

N'essa occasião desenrolemos o fio de meada tão intrincada, penetre-se n'estes mysterios, que sombrios e tenebrosos, como a mais caliginosa noite de horrores, só acobertam em si o dolo e o crime, e aos olhos avidos e inquietos da opinião publica appareça e bem alto se revele o caracter portuguez, quer em forma, quer em natureza.

Guardem-se porem as conveniencias, que o decoro e a decencia do apostolado da imprensa imperiosamente reclamam. O nosso fim não é sanar affronta por affronta, nem impôr injuria á propria injuria; não, mil vezes não. Elle é muito nobre e grandioso, tão grandioso e nobre como a indagação da verdade, tendo em mira a veracidade dos factos.

Contra esse montão informe de torpezas, que acabam todos de lêr, exaradas em um libreto que corre mundo, que poderá responder-se?

A vista de tão descabellada ouzadia o que nos resta?

Só o silencio, somente elle no preceito horaciano—*Silentium verbis facundius.*

Justiça inflexivel em Portugal não será uma perfeita mentira?

Onde alli ninguem viu e nem verá severa punição para os delinquentes?

Não será escarneo dizer-se que entre aquelle povo existe correção para os crimes, e imposição legal de penas?

Quem não sabe o triste papel, que representa alli a magistratura?

Alli, onde os juizes, os dezembargadores e até os proprios ministros do supremo tribunal, ganham ordenados tão diminutos e tão mesquinhos?

Pois poderá haver independencia no logar onde si o ouro não brilha, o aço refulge?

Não: e ninguem contestará.

Lancemos agora uma rapida vista sobre as principaes praças commerciaes do nosso imperio.

Vejamos a que homens pertencem as casas fortes, estas que gyram com sommas fabulosas.

Façamos um ligeiro esboço sobre o modo, por que foram essas riquezas adquiridas, e por elle saberemos, si ellas são devidas a meios de vida honestos; si com o profuzo suor do labor incessante é que foram taes cabedaes adquiridos.

O commercio do Brazil, força é confessal-o, desde os tempos coloniaes pertence aos portuguezes; só por uma atrevida metaphora se poderá chamar—brasileiro.

Quando mesmo a nossa independencia surgira, e que d'est'arte melhores horisontes pareciam descerrar-se para o imperio, o commercio permanecera, não no *statu quo*, ao contrario abalou-se, porque os gallegos mais sabi-

dos enviaram para o reino grandes sommas de dinheiro, e então somente levados, não por convicção, mas por seus reaes interesses. ficaram alguns, que adheriram á causa de nossa liberdade, e continuaram no gyro do commercio, já não levando em linha de conta as avultadas quantias, que anteriormente o estadista portuguez Sebastião José de Carvalho e Mello obigara aos negociantes enviar para a reedificação de Lisbôa, quasi completamente destruida pelo horrivel terremoto de 1755, fazendo renascer á custa do futuro imperio do Brazil a capital do paiz que hoje o injuria com toda covardia e infamia.

Talvez que a Lusitania já fosse fadada para ser ingrata!

D'ahi resulta ser o nosso commercio em maior parte estrangeiro, predominando o elemento da metropole, que era o portuguez.

Sim: ao passo que os habitantes do paiz entregavam-se aos trabalhos agricolas, aos officios e artes mecanicas, e um ou outro seguia por excepção a vida commercial nas cidades maritimas, os filhos da metropole chegados á America só se davam aos lucros commerciaes.

Já por isso se vê que o cancro destruidor do progresso do Brazil é só devido aos portuguezes.

Bem: mas como enriquecem os portuguezes? Como ajuntam elles tanto dinheiro?

Não é o acurado trabalho que os faz enriquecer, e nem tão pouco longos annos de laboriosa e incansavel existencia: os homens sensatos do nosso paiz protestam contra essa asserção.

E porque? Hontem miseraveis, cobertos dos andrajos da propria terra natal, eil os pedindo o pão á comiseração publica?!!

Ainda agora de pés descalços, dormindo ao relento, tendo apenas uma pedra para repousar a cabeça, eil-os esmolando dos filhos do Brazil o sublime preceito da caridade, aqui tão bem cumprido para honra nossa!

Hontem, coitados.....!!! mas da noite para o dia, eil-os proletarios e ricos, em um abrir e fechar d'olhos eil-os avarentos pela força da riqueza.

Estes, vindo assim de suas plagas começavam a negociar, é verdade; mas que genero de negocios?

Mettidos em uma loja, tendo apenas nas estantes uma ou duas peças de brim de algodão, e com alguns objectos roubados, mas que compraram *a dez reis e mel coado*, de repente apresentam-se millionarios.

E agora perguntamos ao *nobre* redactor do *Salamalek* que nos responda os meios que se empregam para tornar-se o homem rico de uma noite para o dia, de um instante para o outro?

Sem cerimonia pedimos a resposta.

E em verdade parece que da bocca do proprio redactor estamos ouvindo as seguintes phrazes: *assim só por meio de moeda falsa.*

Parece-nos, (e todos convirão em dizel-o), que o nobre redactor diz com toda convicção da verdade—os portuguezes são ladrões da fortuna publica do Brazil, e o consul d'este imperio teve sobejo de razão quando assim proferiu-se.

Ainda não é tudo: nos principaes edificios, que ornam as ruas de todo o imperio só residem os portuguezes, e quando por anomalia, como todas inexplicaveis, se vê um filho da terra possuir uma casa melhor construida e ornada, esta mesma está hypothecada a um negociante portuguez.

E o filho do Brazil assim viverá, sempre defraudado pelos gallegos.

Aqui cabe nos fazer a seguinte observação: qual a razão porque de quando em vez ausentam-se d'aqui certos negociantes portuguezes com o fim de viajarem pela Europa, e pouco tempo depois voltam? Porque regressam tão depressa?

O *nobre* redactor ha de concordar haver n'isso grande *melgueira*.

Já vamos longo, no proximo numero continuaremos.

Mario.

A PEDIDO

Fabula.

Pergunta um rato á formiga
Uma cousa interessante:
Si padre que já diz missa
Que vende abob'ra e toucinho
E' ou não negociante?

O curió sem rabo.

—Le-se no *jornal* de domingo, o seguinte:

«Eu abaixo assignado faço sciente ao publico que não me responsabiliso por qualquer compra ou recebimento que faça Antonio Lopes Rodrigues Braga por não ser mais meu caixeiro.—*Manuel Corrêa Machado.*

Este individuo foi o que na terça feira do *masqué* provocou a *desordem* no *Café Les Deux Amis* ao Largo do Theatro.

Para arredar interpretações equivocas, declara-se que a publicação inserta no *Alabama* n.º 755, não se entende com o Sr. Manuel José Teixeira de Araujo, com venda n.º 9, á Preguiça.

Esta declaração é feita, no sentido apenas de evitar enganos.

—Sr. *Tupi-bambá*, o propriçtario do botequim á rua da Misericordia, faz-lhe saber que quando lhe fiou foi na persuasão de que Vm. era pessoa exacta nos seus tratos.

Vm. porem matou sua fome e agora diz muito lampreiro que não paga sem que o homem o chame primeiro por esta folha.

Si a duvida é essa, agora não tem desculpa. Está cumprida sua vontade.

Caminhe, Sr. protocolista; do forum até lá, é meia duzia de passos.

VARIEDADES.

Vinagreiras de meu tio.

Ainda não vi homem mais vinagre do que meu tio Pantaleão dos Anzoes Arcados.

Elle está para a vinagreira, assim como o pae para a filha.

Meu tio é pois o pae da vinagreira.

A vinagreira nelle é innata.

Em pequeno, muito pequeno, já elle fez cousas do arco da velha por causa da vinagreira.

Meu tio é um desses vinagres cheiratas; ninguem lhe vê uma liberalidade, mas aproveita-se quanto pode da dos outros.

Elle toma rapé, mas ainda não houve quem lhe visse a boceta, que aliás lhe foi dadá.

Apezar da vinagreira, meu tio tem roda; pois elle é muito rico.

Elle tem a habilidade de reduzir a duas uma caixa de phosphoros de pau, para vendel-as assim com ares de brincadeira: mas em todo o caso a caixa vae-se, e o dinheiro fica.

Gosta muito de negociar com creanças por serem de boa fé, como elle.

Meu tio, em um dia excepcional, quiz comer uma melancia; comprou de sociedade com mais tres amigos, partiu-a, e para que ninguem fosse lesado, ordenou que se pezasse as quatro partes, e dizem que andou ahi a tirar fatias d'aqui para ali, d'ali para acolá, para endireitar o peso.

Falla-se que o mesmo fizera com um queijo.

Elle não assigna jornaes nem escreve cartas em casa; mas anda em dia com as noticias, e traz sua correspondencia de capitalista em ordem.

Lê o jornal do visinho, e sempre lembra-se que tem de escrever com pressa, quando está na casa de algum amigo.

Não pára ahi: depois que lê o jornal diz ao dono: F., V. não precisa mais disto, por tanto eu levo. E depois, é interessante ver-se meu tio, arcado sobre os jornaes, a cortar-lhes as margens para seus assentos.

Meu tio tem um par de botins comprados por occasião da chegada do imperador. Trata os com o amor e carinho com que um pae extremoso trata ao filho predilecto. Logo que chega da rua, limpa-os com cuidado, e colloca-os sobre a commoda, e á noite para que as baratas não deem no couro colloca-os dentro de uma manga de vidro.

O mesmo se dá com o chapeu, verdadeiro torreão de uma machina a vapor.

Meu tio sente calor abrasador no mais rigoroso inverno, e por isso ninguem lhe conhece a côr do sobretudo.

Entre as muitas cousas que meu tio desconhece está a cereula, traste que nunca possuiu, attenta sua superfluidade.

Até o presente só deitou tres cartas no correio; uma para entender-se com um devedor que ia fazer viagem longa; outra para fazer lembrar a certo negociante da côrte que ainda não lhe tinha mandado o *rei* que lhe promettera quando 10 annos antes tinha estado com elle pelo natal, negociante que teve a complacencia de mandar-lhe um corte de sobre-casaca que meu tio vendeu, valha a verdade; finalmente a terceira carta foi pedindo minha tia em casamento. A' excepção dessas ninguem lhe pôz o olho no sobrescripto de uma carta que não veja o —P. E. F.

Não é de estranhar o relatar aqui, que meu tio recebe presentes constantemente, pois que elle é rico; mas o que é interessante é que taes presentes tanto lhes sabem o gosto a elle, como a mim e aos leitores; manda-os vender, e si as más linguas não mentem, meu tio perdeu um futuro representante de sua vinagreira, por um conflicto havido entre o desejo de minha tia que queria comer um melão e a resolução de meu tio que queria vendel-o.

Meu tio triumphou, já se vê.

Contar uma a uma as vinagreiras de meu tio, seria escrever volumes: eu só dei uma pequena mostra do panno; mas creiam os leitores que só verdades ahi estão escriptas, pois que nem zombando mente o

Epaminondas.

ANNUNCIOS.

Pede-se a um senhor capitão do extincto quarenta de voluntarios, o favor de vir a rua Direita do Collegio satisfazer o importe das botinas que mandou fazer por 2 de Julho p. p.

Na Photographia Nacional de Reis & C. se dirá quem precisa de mulheres e meninas que trabalhem em charutos, rua de S. Bento n. 6.

Anno 9º. BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.ª SABBADO 4 DE MARÇO. N. 760.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 3 de março de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para o seguinte.

Existe no becco da Ordem 3.ª, a menor de 13 annos Conceição, orphan de pai e mãe, em poder de Apollonia de tal, casada com o homem de quatro pés, e do mendigo conhecido por *Papa-ovo*.

Esse homem, curvado ao peso dos annos e coberto pelos andrajos da miseria, encerra em si toda torpeza do vicio e da perversidade.

Tem pretendido desvirginar a pobre menina, e como a edade o impossibilite, recorre a meios artificiaes e a substancias medicinaes. Obriga a joven creatura a dormir no mesmo leito com elle e emprega abominaveis meios que a incontinencia lhe suggere.

E' assim que muitas vezes a charidade publica reverte em alimento do vicio, da ociosidade e da depravação!...

Quem ao ver esse decrepito homem, estendendo a mão á compaixão popular, dirá que com a esmolla que recebe, vae para o seu tugurio pôr em pratica uma obra de perdição? Quem acreditará que o obulo da charidade serve para atear o fogo da concupiscencia em um velho que ja não é todo deste mundo?...

Apolonia auxilia-o poderosamente neste empenho da maldade, dizendo que si a menina ha de vir a pertencer a outrem, seja delle que lhe dá o sustento.

Por obra de humanidade, em nome da moral offendida e da innocencia ameaçada, espera-se tudo de S. S. neste negocio.

—Que o Brasil anda doente, andá; mas que ainda não houve medico que acertasse com a sua molestia ou com o tratamento conveniente, tambem é verdade.

Os medicos liberaes desde 1864 até 1868 andaram sempre a brigar em conferencias e por fim de contas o doente mudou de cabeceira a 16 de julho de 1868.

Foi chamado o Dr. Itaborahy, licenciado velho, e famosa panacéa dos conservadores, que com seis ajudantes tomou conta do Brasil.

O ministerio Itaborahy tratou o doente fazendo largas applicações de sangrias, causticos, sedenhos, vomitorios de bonds, banhos russos de docas, e purgantes de barracão.

E o Brasil a peior!...

No fim de dous annos e dous mezes, conservou-se o doente na mesma cabeceira; mas chamaram-se novos medicos conservadores veio á frente delles o Dr. S. Vicente.

Tratamento:—agua morna—ainda banhos de docas e dieta de mingau de apolices.

E o doente a peior!...

Como ultimo appello aos medicos conservadores dizem que recorreu-se agora ao Dr. visconde do Rio Branco, que é o—*Prompto Allivio* das occasiões difficeis e apertadas.

Ora pois!... vae o Brasil tomar *Prompto Allivio!*...

—E' o que diz a *Comedia Social*.

—«Ha um grande paiz em ruinas e uma grande nação nos horrores da fome e da miseria.»

—E' a França.

—Em nome da charidade christan e da fraternidade humana, pede-se ao bem-fazejo povo desta terra que concorra segunda-feira ao leilão de flores e outros objectos que o proprietario do Palais Royal offerece em favor daquelle desolado povo.

—O appello não será em balde.

—Minha senhora, tomou cinza na quarta feira?

—Não, senhor; tomo pó de arroz todos os dias.

—Mas o—*Memento homo?*

—Isso não se entende comigo, porque sou mulher.

—Meu padre, quando foi que você se mascarou melhor, na terça-feira do carnaval em

que dansou o *can-can* com as raparigas, ou na quarta-feira de cinza, pregando com tanta eloquencia contra a devassidão e a corrupção dos costumes?

—Meu irmão, cada dia tem seu santo differente na folhinha.

—Até mulheres na companhia do olho-vivo.

—Agora é que sabe?

—No Pilar, quarta-feira, em quanto uma mulher, no interior de seu lar, fazia os arranjos de casa, uma intruza, installando-se subtilmente na morada alheia, dava caça nas gavetas.

Não lhe valeu a sagacidade com que desempenhava a tarefa; a moradora vindo á sala por accaso, deu com a estranha e inesperada visita e vendo a franqueza com que ella revolvia o que não era seu, pôz a bocca no mundo.

Para mal da rapina feminina, houveram curiosos que a ouvirem os brados entraram na casa para saber o que havia e obrigaram-na a ir, sem querer, passeiar na Correcção.

—Um carro dos Vehiculos Economicos largou hontem as rodas, na rua de Baixo, conduzindo passageiros.

—Pela falta de cuidado expõe-se assim o publico a consequencias fataes.

—Não sei do que serve a companhia ter um caxeiro que anda galopando atraz dos carros.

—O temporal de quinta-feira á noite causou estragos.

—Uma cruz que havia no alto da Misericordia para a illuminação á gaz foi deitada á baixo.

—E uma das arvores de S. Bento revirada; casas destelhadas; portas cahidas; rotulas arrancadas.

—No mar houve muita cousa.

O patacho *Carteado* por poucas escangalha-se sobre as pedras do Caes Dourado, nos fundos da casa que foi do finado Fontes; a lancha de conduzir couros do deposito de Albano e Cruz alagou, correndo risco de vida um tripolante; o *Santo Antonio dos Navegantes* espedaçou-se, perdendo se grande quantidade de saccas de farinha e causando avarias em outros generos; mais de vinte saveiros deram á costa; alvarengas foram á garra e muitos outros desastres.

—A cidade está infestada de gatunos de toda especie e condição.

—E a policia abysmada em profunda lethargia!

—Em sua imperturbavel indolencia, faz-se surda ao clamor dos que são victimas.

—E os ratoneiros, amparados pelo salvo-conducto que lhes dá a policia, tornam-se cada vez mais audazes.

Não se passa dia sem que appareça queixa de um latrocinio, noticia de um arrombamento, ou de uma empalmação!

—Ainda agora mesmo estive sabendo de uma.

A crioula Maria Honoria, moradora á rua do Collegio, n. 20, loja, tendo ido na quinta feira de Passos passar a noite no Collegio, voltando pela manhan, achou sua casa roubada, sendo para causar especie que a porta da rua, commum para a loja e o sobrado, se achasse fechada por dentro, não se podendo por isso atinar por onde entraram e sahiram os larapios.

—Esta é celebre!

—O peior de tudo é ver-se a policia não se abalar.

—A irmandade do Senhor Bom Jesus da Paciencia, erecta em S. Pedro, annuncia que tem de ser beijada a mesma irmandade e que para esse fim ficará exposta a Veneranda Imagem do Senhor dos Passos.

—Beija-mão official eu sei que ha; porem beijamentos de homens na egreja nunca vi.

—E como a irmandade não declara o logar em que se darão os beijos, deve haver muito cuidado para que não appareça algum beijo immoral.

—Uma ordem da capitania do porto para que os barcos da carreira de Cachoeira não recebam demasiada carga, é burla completa; os mestres não fazem caso della.

—A culpa é do capataz.

—Os barcos largam do porto parecendo que querem submergir-se ao peso da extraordinaria carga.

—Usura só.

—O capataz o que faz é perguntar aos mestres si o querem comprometter.

—Que modo de cumprir ordens!

—Esse perigoso systema de querer abarcar o mundo com as pernas tem produzido prejuizos graves.

Quem muito o quer, muito o perde, seria bem applicado neste caso, si a cobiça dos mestres de barcos da Cachoeira não estivesse uma vez por outra a causar damnos á muita gente.

Ha pouco tempo, pela exorbitante carga que levava, afundou se um barco de Cachoeira, perdendo-se todo carregamento; na terça-feira, mesmo no ancoradouro, o barco conhecido pelo do *Manuel Sabido* sossobrou, somente com o prenuncio da tempestade que cahiu no dia seguinte, causando extraordina-

rio prejuizo com a avaria e perda dos generos que nelle estavam carregados.

—Ha occasiões em que nem ha logar para os marinheiros manobrar.

—Visto que as ordens da capitania do porto são menoseabadas, deve esta expedil-as mais terminantes, energicas e severas.

—Além das desgraças susceptiveis da vida do mar, não deve a ambição dos homens procurar outras.

—Um acontecimento inteiramente consternador deu-se hontem, sexta-feira á noite.

—O que foi?

—Depois de ter atravessado a procissão do Senhor dos Passos, pela rua da Misericordia, despencou do segundo andar do sobrado n. 13, em que mora o cidadão Manuel Correia Garcia, uma criancinha escrava do mesmo.

—De que altura, meu Deus!

—Cahiu sobre as pedras sem derramar uma gotta de sangue. Levada para o hospital, falleceu logo.

—A facilidade com que muitas vezes entregam as crianças a suas proprias acções, causam a maior parte das vezes desgraças que depois lamentam-se.

—Quer pelo lado da hygiene, quer pelo lado da humanidade, cumpre dispertar a attenção das authoridadss competentes.

—Sobre o que?

—Affirmam que na venda—Passo da Patria—á rua de Palacio, existe um bexiguento.

—N'uma casa onde se vende alimentos de primeira necessidade!

—Dizem que ha um menino atacado da contagiosa peste, e o amo alli o conserva.

—Por economia, sem duvida.

—E que pelo nenhum tratamento, o doente está apodrecendo em vida; as pustulas exhalam um mau cheiro que tresando até a rua!

—Taverna virando hospital de bexiguento, é muito bom para a saúde!

—O povo que vae alli supprir-se de seccos e molhados, leva para casa generos pestiferamente embalsamados.

—Porcaria e contagio a um tempo!

—As noticias boas falham, porém as más quasi sempre são certas. Assim seria bom que quanto antes o Dr. inspector da saúde ou a authoridade policial désse um passeio á quella casa.

—Estas mulheres portam-se na egreja como se estivessem em um vil cortiço!

—Quando estão no candomblé guardam mais respeito.

—A exposição da Imagem do Senhor dos Passos na vespera da procissão, é acto de penitencia.

—Penitencia ja virou pagode.

—Na quinta-feira, á noite, que de cousas não fixeram no Collegio!

Deixando de parte as murmurações, os empuchões, os commentos mordazes, as phrazes licenciosas, as altercações desabridas, as descompusturas injuriosas, fallarei somente da uma escandalosa profanação.

—Estou lhe ouvindo..

—Umas *taes* levaram *piguá* para a egreja. La pela noite adiante, foram comer na sachristia.

—E consentiram? Não se diz que é prohibido mulher entrar la?

—Comeram e beberam em patuscada e galhofa; dando a lingoa uma liberdade illimitada, predominado as chufas e ditos da quitanda.

—Orgia completa!

—No meio da folgazan refeição, uma dellas, de nome Maria Philippa, tendo dor de purinar, caminhou para o corredor, levantou a saia e ahi sem o menor pejo despejou a carga.

—Grande descaramento! Meia duzia de passos eram bastantes para chegar á rua.

—Essas filhas do peccado, mais do que os judeus, crucificam o Christo a todo instante, com suas acções impuras.

—Já sei que brilhastes no carnaval, Antonio!

—Olé!... no baile de terça feira miei como gato e rinchei como cavallo toda noite! Parecia mesmo gato e cavallo...

—E' pena que desde a quarta-feira de cinza tornasses a fingir-te homem.

—Que ha naturezas de hyena encarnadas em forma humana, prova o que vae adiante se lê, do *Pharol* do Juiz de Fora, provincia de Minas:

«Sentenciados.—Segue hoje para a côrte uma escolta de 35 praças da guarda nacional de Ouro Preto.

«Conduz ella 41 condemnados e 3 desertores, indo entre aquelles os celebres Cherubino José dos Santos, Attilio Francisco Simonelli e Pedro de Souza Godinho, todos reus de morte.

«Do primeiro, conta se, entre outros crimes, o do assassinato de uma pobre velha que, depois de alimental-o e dizer-lhe *que nada custava a despeza,* recebeu delle a morte com um tiro de pistola, dizendo-lhe o malva-

do que *era um beneficio que lhe fazia, visto como na sua edade avançada a vida lhe era um fardo.*

«Do segundo conta-se tambem que entre outros crimes figura o de atirar crianças para o ar e apanhal-as em ponta de faca.

«O terceiro foi condemnado por haver assassinado a um individuo cortando-lhe a lingua e furando-lhe os olhos.»

A PEDIDO

—Meu destemido pardal, queria V. furtar a rola do ninho, assim como se furta um sacco de laranjas!

—O Sr. soube disso?

—Pois eu não vi na terça-feira?

A cadeira em baixo á espera e V. no beceo apertado como um *funil* para safar o fardo.

—Fui mal succedido, infelizmente.

—V. é o typo da variedade!

—Um genio infatigavel. Estou aborrecido de navegar pelos mares da viuvez; pretendo agora viajar pelos incultos desertos da virgindade.

—E conta sem duvida conseguil-o com a mesma facilidade com que um volatil saltita de um galho de *pinheiro* a uma rama de *figueira do* matto.

—Conto com a minha boa estrella.

—Com tudo, tenha cuidado, para outra vez. *Vá com sella,* bride e cavallo, que prometem mais velocidade.

—De quem é esta armação?

—Do Cachoeira.

—Xi!... O homem para armar *passos* está sosinho!....

—Pelo menos as fazendas são um primor da antiguidade, religiosamente conservadas.

—Qual! desta vez o homem deitou o Costa e os Soares por baixo.

—O homem por mais pacato e obscuro, não está isempto da calumnia e maledicencia.

No seu modesto afastamento o vai procurar a maligna mão da odiosidade.

Para desacreditar a reputação e causar encommodos a um cidadão pacifico, fizeram apparecer no *Alabama* uma representação de Francisca Moreira, de Santo Amaro, accusando a um irmão de ter commettido um crime execravel; crime que si na verdade fosse perpetrado, devia cahir sobre seu author a rigorosa punição da lei.

Tal representação foi forjada lançando-se mão de dous meios, ou abusando-se do nome da inculcada queixosa, sem ella disso ter sciencia, ou si teve, illudiram-na miseravelmente.

O homem accusado de tão negra perversidade ha 20 annos que não ia a Santo Amaro; teve de lá ir para conduzir uma irman gravemente enferma, a qual fallecendo, regressou elle para esta cidade, onde se acha ha cerca de 7 mezes.

Esteve é verdade em casa da irman que dizem queixosa, porém sua sobrinha não existia em companhia desta, e sim na de seu padrinho o brigadeiro A. J. A.

Durante o tempo que está de volta a esta cidade, trabalhou nos Vehiculos Economicos e actualmente na empreza Ariani. Entretanto seu desafecto affirma que elle não se dá a meio de vida licito!

Quanto a ser casado e não está com sua mulher, esta foi quem o deixou, depois de com elle ter vivido nove annos em perfeita harmonia.

O facto da menina Laurentina é tão odioso e falso como todos os outros com que quiz a malignidade de seu calumniador maculal-o.

Teve, é exacto, relações com uma moça de egual nome; mas os habitantes de Brotas, onde era moradora, que o digam, por que sabem, si ella vivia sobre si e na independencia de seus parentes ou não.

Talvez que aquelle que procurou lançar sobre o accusado tão negras pechas, seja mais merecedor, por seus feitos, de ir habitar em *Fernando*.

O accusado escreveu para Santo Amaro a sua irman e parentes, pedindo esclarecimentos; logo que os obtenha necessariamente ha de desmascarar a seu encoberto calumniador.

—Si o manto da escandalosa protecção se estende nesta terra ao desmedido quilate de acobertar a prevaricação de um serventuario da justiça, accusado publicamente de extorquir das partes o dobro quatro vezes daquillo que lhe compete, ao menos para cohonestar as cousas, obriguem esse corrompido serventuario a restituir o que ultimamente recebeu de mais de um estrangeiro.

—Diga quem é elle para se saber.

—Capitão, eu conheço bem os ladrões nesta terra, mas não pronuncio o nome de nenhum para não pagar injuria.

—Então como ha de ser?

—Ora, valha-me *Nossa Senhora do Pilar* com tantas objecções! Interroguem a parte, interroguem o portador, ouçam mais cinco ou seis pessoas que sabem da historia, e a verdade nadará como azeite sobre agoa n'um pires.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 77.ª — QUARTA-FEIRA 8 DE MARÇO. — Ns. 761—762.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Principia hoje a serie 77.ª do «Alabama».

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 7 de março de 1871.

Não houve expediente.

—Após longa e penosa enfermidade, entregou no dia 6 o espirito ao Creador, Domingos Guedes Cabral.

Era um dos mais antigos lidadores da imprensa bahiana.

Consagrou dilatada parte de sua vida jornalistica á causa das ideias democraticas, ideias que com o correr dos tempos modificou um pouco e que na ultima phase da sua existencia abjurou de todo..

Dispunha de grande somma de recurso intellectual, e podia ter sido a cabeça que dictasse em vez do braço que executava.

Diante da lousa que cobre seu cadaver uma prece e uma lagrima.....

—Os ladrões tomaram conta da ladeira do Alvo. Suspeita se que occultam-se na roça do Sr. Godinho, d'onde sahem á invadir as propriedades alheias.

—Que flagello!

—A horrivel tempestade que descambou na quinta feira, infundiu receios a todos, menos aos gatunos.

—Para elles é quando se torna mais propicia a occasião.

—Nessa noite, voltaram a casa do Sr. Manuel da Costa Sol; o qual desta vez estava alerta.

Um dos tratantes recebeu um tiro de rewolver, podendo assim mesmo esgueirar-se sem ser reconhecido.

A casa de uma africana quasi ao sahir na Saude foi roubada; assim como a de uma senhora um pouco mais para baixo.

—E viva o inalteravel estado de segurança desta terra!

E repouse a policia de suas afanosas fadigas para extinguir os ladrões.

—Na noite de domingo arrombaram um sobrado á rua dos Saboeiros e roubaram 500$ rs. em dinheiro, joias, moveis de valor e roupa.

—Sr. Dr. chefe de policia; isto ja é de mais! Os ladrões, parece, que fazem pouco caso e até mofam da authoridade de V. S.

—Até no consistorio da egreja d'Ajuda trabalham os larapios!

O irmão Archanjo Bandeira, indo fazer assistencia á Sagrada Effigie do Senhor dos Passos durante a noite de sexta feira, deitou seu chapeu do Chili de preço avultado no gavetão; de manhan o gavetão estava limpo.

—Isso foi gente de casa.

—Engano não foi, por que então deixariam outro.

—Ze Russo, Garoupinha e outros, roubaram oito barricas de farinhas do barco que sossobrou, isto é, naquella tempestuosa noite tiveram o arrojo de arriscarem as vidas sobre as ondas do mar, para commetter o latrocinio; mas não gozaram do furto. O dono sabendo foi tomar o que era seu na occasião em que elles vendiam no Taboão.

—Fortes ladrões!

Ja no dia 26 foram ao mar, roubaram os monzuás de um pobre velho e vieram repartir em terra tocando meio sacco de peixe a Xambique, meio a Marcos, meio a Garoupeiro, o meio a Russo.

—Até um balandrão da irmandade do Senhor dos Passos serve aos larapios!

—Roubaram?

—Ganharam na, advinhação das cartas a um moleque.

—Ah.

—Tiraram a borla e deram a capa ao moleque. Consta que este é escravo do tenente coronel José Carlos.

—Quando foi isso?

—Sexta feira em uma venda á fonte das Pedras.

—Estão em sua epocha, podem fazer tudo.

—Pelo contrario a epocha dizem que é de *conserva* e não de arrancar.

—E' insupportavel esta atroadora e immoral algazarra toda noite!

—Moleques do capêta!

—Aqui Atraz do Muro esta sucia estabanada a molestar os ouvidos da castidade com graccejos obscenos, a incommodar quem mora com tanto barulho!

—Ah, tempo do major Soares!

—Ora, assim que anoitece vem esta sucia de sujeitos tomar banho na fonte das Pedras. Si ha uma postura que prohibe tomar-se banho nú nas fontes publicas, creio que elles a violam completamente.

—Eu concordaria de bom grado, si respeitassem o decoro escolhendo logar mais apropriado para se despirem, mas onde sejam vistos por quem passa, é o que se torna inconveniente.

—Si ha quem se proponha ao estudo das *armas*, aqui acha campo vasto para suas investigações.

—Disseram-me que ia acontecendo uma *rebombiada* em um dos vapores da Companhia Bahiana; será exacto?

—Qual delles?

—O *Rio Vermelho*.

—E' da carreira da Cachoeira.

—Em viagem, sabbado, para la, esqueceram-se de fechar uma torneira da caldeira, por onde introduziu-se tanta agoa que alagou o porão e avariou as fazendas que levava. Deu-se pelo esquecimento ja dentro do rio da Cachoeira.

—E foi bom ser isso só.

—Será exacto que na noite de 23 de fevereiro foi castigado com 15 pranchadas no forte de S. Pedro, um individuo que fôra alli recolhido preso?

Dizem que para perpretração de tamanha arbitrariedade o paciente foi subjugado, por 5 praças, sendo o executor do illegal castigo um cadete.

—Sr. commandante das armas attenda a isto.

—No dia da procissão do Senhor dos Passos um energumeno foi capaz de lançar mãos sacrilegas sobre um ministro do altar que azia parte daquelle acto solemne e respeioso.

—Eu vi nas Portas do Carmo.

—Feitos desta ordem, são d'aquelles que chamam sobre si a animadversão geral e reclamam prompta e exemplar reprimenda.

—Capitão, por accumulação de artigos deixou de ser publicado o quarto artigo, sob o titulo communicado, o que fazemos hoje para satisfazer aos desejos dos nossos assignantes.

—Mas, no entanto, consta, o portuguez Domingos José da Silva Fortuna disse em uma banca na cidade baixa, que parecia que o *ouro* dos portuguezes havia comprado a penna que os escreve ou a redacção, por não ter sido publicado o quarto artigo no numero anterior.

—Pois desengane-se o Sr. Fortuna, o *ouro* de quem quer que seja ainda não chegou para comprar a consciencia da humilde redacção d'este periodico.

—Fugiu um homem casado com uma moça solteira.

—Já foram presos no sabbado.

—Surge uma difficuldade que é saber si foi a moça solteira que desencabeçou o homem casado, ou o homem casado que seduziu a moça solteira.

—No sabbado em muitas ruas apagou-se a illuminação ás tres horas da madrugada.

—Esta companhia do Gaz faz o que quer.

—Si ella acha quem pactue....

—Ha de vir dia em que mande apagar os lampeões á meia noite.

—No sabbado, pelas 3 horas da tarde, em uma das casas da rua da Lapa, um menino trepou-se n'uma janella do lado de detraz, poz-se a fazer travessuras, resultando precipitar-se da janella abaixo e deslocar o pescoço.

—Coitadinho!

Olhe que quando se dá um caso nesta terra apparecem logo diversos.

Na sexta-feira foi um menino cria do Sr. Manuel Correia Garcia que precipitou-se de um segundo andar abaixo, no sabbado um outro na rua da Lapa.

—Mas o menino não morreu logo, segundo V. informou-me.

—E' verdade, vinha mesmo rectificar-lhe a noticia, quanto a esta parte.

—Não é mais preciso, pois já estou sciente.

—Capitão, V. Ex. conhece o padre Antonio da Rocha Vianna?

—Conheço; é o vigario actual da freguezia da Rua do Paço.

—Pois bem: V. Ex. leu a carta, que dirigiu

o mesmo sacerdote ao ministro do imperio, e que sahiu inserta no *Diario* de sabbado, 4 do corrente?

—Não; o que ha de novo n'essa missiva?

—Oh! capitão, ideias que não parecem proprias de um ministro de Deus, e muito menos dignas de ser emittidas pelo Sr. Rocha Vianna, que goza fóros de illustrado.

—Pois então relate-me isso, pois de tudo ignoro.

—Depois de muita futilidade, faz o nosso vigario a seguinte pergunta ao seu collega da pasta dos negocios do imperio:

«Sr. conselheiro, qual será a razão cardeal e suprema, pela qual o numero dos ecclesiasticos tenha escasseado, ao ponto de estarem as egrejas abandonadas, e os ponquissimos, que entram para essa classe, sahem em regra geral da plebe *infima?*

«Em tempos que, aliás, não estão muito distantes, os primogenitos das familias nobres e abastadas, eram designados pelos seus paes ao sacerdocio, e os seminarios regorgitavam d'essa boa gente, que tendo educação e fortuna, ennobreciam o sacerdocio, e o clero compunha a primeira classe da sociedade.»

E como responder-se a um sacerdote, que falla por essa forma, desconhecendo os preceitos mais comesinhos da nossa religião, da seita do Crucificado?

—E o padre Rocha Vianna ousou dar publicidade aqui na Bahia á essa carta, onde trechos de tal ordem se vê escriptos?....

—E' verdade, capitão, teve esse arrojo, elle o homem por todos reconhecido *in iisdem conditionibus*.

—Mas a culpa não é d'elle, que está no seu direito; porque tenho visto até *vaqueiros* serem vigarios !...

—Todavia elle não podia expressar-se de um modo tão inconveniente: embora existam taes factos, elles não authorisam a ninguem a assim proceder.

—Veja o que diz mais adiante, capitão:

«O fervor religioso, porem, foi arrefecendo, devido a diversas causas, e os filhos das melhores familias, mesmo das classes medias, horrorisam-se hoje com a ideia de serem padres; e em consequencia os raros, que entram para os despovoados seminarios são tirados da *classe infima,* e d'entre as pessoas de *côres,* que, *condemnadas* pela sua *pobreza* a tirar a sua subsistencia das artes e industrias materiaes, procuram o sacerdocio como uma *industria* menos trabalhosa, que lhes ha de proporcionar meio suave de vida, e os bispos na durissima necessidade de, não achando onde escolher, acceitar os que apparecem, sabendo d'ante-mão que taes candidatos, sem educação de familia, e sem terem com que illustrar-se, virão a ser maus sacerdotes!!! »

—Em verdade, isto não pode ter resposta alguma; e acho que em base alguma se pode fundar o mesmo vigario para affrontar a opinião publica, a não ser o lado pecuniario.

—E quem sabe, capitão? a freguezia delle em relação ás outras aqui da capital dá poucos rendimentos, e não podendo o tal sacerdote *bifar* outra, que mais vantagens lhe offereça, mendiga dinheiro ao nosso ministro, e para isso calca todas as conveniencias, pois o *ouro* pode muito.

—Pois seria cem vezes melhor que o ministro de Deus, o homem da verdade, usasse de toda franqueza, dissesse ao nosso governo a causa unica da decadencia do nosso clero.

—Acho justa essa sua observação, capitão, porque o clero se apresenta essa decadencia, de modo a faltarem padres em muitas egrejas, é por se achar desmoralisado por si mesmo.

Quem ignora que um vigario hoje tem tres e quatro *comadres,* e que muitos são os principaes seductores das filhas-familia, servindo se para isso dos confissionarios?

E agora pergunto a V. Ex., capitão, quem tem tres *comadres* poderá possuil-as, não havendo dinheiro?

—Por certo que não.

—E então porque chora tanto dinheiro o nosso vigario?

—E' porque talvez julgue elle ser o escandalo ainda pouco, comtudo depende disto, e ao existirem em maior escala homens de *côres* no sacerdocio, perguntamos—o Sr. Rocha Vianna será branco?

—Deixe-se disso, não continue, olhe a responsabilidade pelo crime de injuria, embora o Sr. Loureiro diga que todos os brasileiros são *cafres*.

—O Sr. deputado vigario Telles propôz em sessão de hontem que a assembléa provincial manifestasse ao papa, por intermedio do nosso prelado, que protestava contra a *iniqua* e *sacrilega* invasão de Roma, bem como contra o *nefando roubo* dos Estados Pontificios.

—Para remediar as urgentes e momentaneas necessidades que soffre esta provincia o illustre deputado não podia apresentar mais salutar medida.

—Mesmo que interessa muito ao povo desta terra que o rei de Roma se chame Victor Manuel ou Pio IX.

—E até porque os invasores dos Estados Pontificios hão de fazer muito caso do protesto da assembléa provincial da Bahia.

—E primeiro que todas essas considera-

ções é preciso saber si a manifestação está nos limites constitucionaes, si o principio de neutralidade é religiosamente observado e si a assembléa provincial da Bahia tem o direito de ingerir-se nos negocios de um povo estranho.

—La disso não pesco nada; minha opinião é que o eminente sacerdote não é capaz de apresentar outra proposta de tão palpitante utilidade publica como esta!

—Os valles das companhias de *bonds* tem curso legal em toda parte; no mercado, no commercio, nas estações publicas.

A moeda legal do paiz é regeitada nas repartições fiscaes!...

—Ora não diga!

—Não posso dizer outra cousa.

No dia 3 do corrente indo-se á thesouraria geral fazer um pagamento, levou-se 5$ rs. nas novas moedas de dez réis. Lá não quizeram acceital-as; entretanto no correio já me deram troco com valles dos Trilhos Urbanos.

—Deve ser assim mesmo!

—E aprecie mais esta.

Diz o portador que na thesouraria lhe disseram que fosse deitar aquillo no cisco.

—Neste seculo em que se proclama a *egualdade* e a *fraternidade;* que a nossa constituição politica, lá em um bem elaborado artigo, para inglez ler, diz—«os brasileiros só se distinguirão pela intelligencia e virtudes;» hoje que se diz que a nossa civilisação tem tocado a méta, presenciamos que os homens de *pelle esfolada* julgam que é injuria ser-se mulato!

Na sexta-feira, na occasião do passar a procissão do Senhor dos Passos, pela praça do Conde d'Eu, conversava o Sr. Dr. Americo com um dos proprietarios da typographia em que se imprime o periodico *Alabama,* quando appareceu o capitão Ataliba e diante de muitas pessoas injuriou-o atrozmente, e além das palavras offensivas lançadas por elle sobre o Sr. Dr. Americo, sobre-sahiam—*essa côr de jenipapo bem demonstra o que é V., sempre mostra que é mulato!*

—Que importa isso? E' mulato, mas mulato que se presa e dá-se a estima, por conseguinte mais branco do que aquelles brancos que não se presando, andam embriagando-se pelos botequins e tavernas, ao ponto de cahirem vergonhosamente pelo meio das ruas; que devem ao sapateiro a botina que ja rasgaram ha seis mezes, e no que menos cuidam é em trazerem um nome limpo de maculas.

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

IV.

A todos quanto tiverem lido estas linhas, que a tristeza, vergonha e miseria dos factos coagiram-nos a escrever, demasiado ha de sorprehender e estranhar.

Pouco importa: a culpa não é nossa, a recriminação não nos pertence, e sim áquelle que desconhecendo os sãos principios da mais santa communhão amoldara a imprensa á torpeza e vilania de seu caracter, avalando contra o Brasil as insinuações mais perfidas e calumniosas, que lhe suggeriram á mente em um estado de completo desespero.

Sim: talvez que hoje já o remorso e o arrependimento lhe tenham vivamente atormentado, talvez que a consciencia do Sr. Loureiro esteja n'esse momento luctando com os estertores da mais cruel agonia, e que assim torturado procure elle desviar de si as severas vistas da opinião publica, que unisona o amaldiçôa; qual outro reptil, talvez procure embrenhar-se em antros tenebrosos, como a *escuridão* de sua alma, mas nada o poderá eximir do anathema geral.

E' por isso que não deixaremos de proseguir em a nossa peregrinação, tão justa e tão nobre, como a dos grandes commettimentos.

O nosso desejo torna se cada vez mais ardente, o nosso anhelo é supremo para desmascarar o nosso vilipendiador.

Aspiramos leval-o a rastros e de vencida; almejamos que esse cão leproso, que no accesso de hydrophobico furor pretendera inocular nos filhos do Brasil a sua baba pestilenta, se estorça cada vez mais no circulo de sua impotencia, e extenuado conheça que a sanie fetida e putrida que poreja dos portuguezes, não a têm, e nem podem ter os filhos do imperio, destinado pela Providencia ao que ha de mais grandioso e sublime na vida das nações.

O procedimento do Sr. Loureiro para comnosco fôra inqualificavel, tornando a imprensa, a arma mais poderosa do progresso e da civilisação, o pelourinho de suas desenfreadas paixões e canibaes instinctos.

Queremos em summa a sua confusão, e para isso prosigamos na analyse do seu opusculo.

Diz o Sr. Loureiro: «a carta do digno con«sul geral bem mostra o seu caracter, ella «não pode mentir aos usos vilões da terra que «o viu nascer. Impossibilitado de jogar arma

«leal, feriu como quem é. A capoeira não «exclusiva dos mulatos e dos pretos.»

Mais adiante ainda se exprime do seguinte modo: «Mostra elle finalmente, que é repre«sentante de um imperio, em que sobrepuja «ainda o elemento cafre.»

Que quererá dizer o Sr. Loureiro com isso?

Accaso a côr poderá deturpar o caracter de alguem?

Em que se poderá basear tão vão e tão ridiculo preconceito?

E' verdade, Sr. Loureiro, os cafres não são os ladrões da fortuna publica do Brasil, não são e nem podem ser os falsarios da sua terra natal, elles não enriqueçem da noite para o dia, e nem vão buscar fortunas e riquezas no solo portuguez; isso é predicado exclusivo do povo degenerado, em summa do portuguez.

Que diversidade de côres chegando tambem a tão diversos fins!!

A *claridade* eil-a na producção das *trevas,* e estas eil-as engendrando a *luz,* que figuradamente será a honra.

Isto será menos uma loucura, que pretender mudar a face das cousas.

Portanto o vosso brazão hyerardico, Sr. Loureiro, é muito escuro, a vossa genealogia muito *borrada.*

As tradicções dos *cafres* no Brasil são outras, e de modo algum se parecem com as vossas.

E' forçoso dizer isso, porque é a verdade, que aqui sobrepuja.

Os *cafres* só servem para ser espreitados por vós, d'elles quereis a riqueza, a honra, e até a vida.

Vêde, Sr. Loureiro, o passo degradante, dado por vosso irmão que se dizia *claro* e *illustrado!*

Vêde o golpe vibrado pela mão do sicario sobre uma infeliz brasileira, esta que, qual victima immolada ao sacrificio do ouro, deixou-se illusoriamente attrahir pelos calculos avarentos de um vosso concidadão!

Vêde afinal ella ser victima da traição a mais cobarde de um inimigo domestico!

Vieira de Castro é vosso conterraneo, Sr. Loureiro, e vós, melhor que nós, sabeis a sua nefanda historia.

Este crime, não ha muito, foi commettido, e mil seculos que por sobre elle passem, serão pouco para apagal-o da memoria dos homens!

Os seus caracteres são indeleveis e immorredouros.

Para o plano de tão vís machinações é só e somente para que servem os brasileiros *cafres!*

Em outro ponto do seu escripto diz o *nobre* redactor do *Salamalek:* «O Brasil só attenta «hoje para a escravatura, só contempla o at«tentado dos seculos da escravidão, contem«pla o lastimoso espectaculo de muitos de «nossos irmãos convertidos ali em escravos «brancos; contempla finalmente um grande «numero de scenas analogas, tão vergonho«sas, como afflictivas, profundamente repro«vadas pela civilisação européa.»

Agora percorramos as paginas primitivas da nossa historia patria, e vejamos si o trafico dos africanos nos pertence, si aos portuguezes.

Todos que lêm, e apreciam devidamente os factos, hão de concordar que os armadores negreiros no Brasil eram quasi que exclusivamente subditos da Lusitania. Este commercio nefando fôra inaugurado no imperio pelos filhos da metropole, era sob a bandeira portugueza que este trafico se fazia.

O Brasil, honra lhe seja feita, foi sempre adverso ao agio africano, e tanto isso é verdade, e reposa em bases tão irrefragaveis, que aquillo que a poderosa Albion, a collossal Inglaterra em vinte annos não podera conseguir, o governo brasileiro o poude em menos de dous annos; ficando por essa forma extincto o trafico em todo o Brasil, o que talvez jamais tivesse obtido a velha Inglaterra.

N'essa era as fortunas collossaes pertenciam aos negociantes do reino, e quando os diplomatas inglezes denunciavam e reclamavam para a deportação dos principaes armadores negreiros, porque tentavam recomeçar tão vil carreira, avultados capitaes, que de algum modo poderiam auxiliar o nosso imperio no caminho das industrias, foram ainda constituir a riqueza de Portugal, augmentando-a consideravelmente.

Portanto fique provado, que si nós não tivessemos sido colonia portugueza, talvez esse cancro não nos houvesse corroido o solo, e muito menos n'elle existisse esse gyro anticatholico.

A' Portugal devemos favor tão demasiado, graça tão esplendida.

Raciocinemos ainda: o Brasil ainda encerra em si a escravatura, é verdade, mas em maior escala a quem pertence ella, ao brasileiro ou ao portuguez?

A questão é facilima de resolver-se, os factos ahi estão e contra elles se não argumenta.

O commendador Breves, portuguez, e estabelecido na praça do Rio de Janeiro—eis o maior dono de escravos no imperio; mas os portuguezes, que são tão *liberaes,* que *divinisam* qualquer ideia, que *endeosam* os sublimes preceitos do catholicismo, porque sendo os possuidores de maior numero de escravos,

não reunem-se para dar algum passo n'esse terreno, e em proveito do logar onde adquiriram ou por *fas* ou por *nefas* tamanhas grandezas?

As sociedades libertadoras aqui se organisam constantemente por iniciativa propria dos filhos da terra, e porque os portuguezes não se reunem a esse nosso appello?

Porque aqui residentes, e possuindo grande somma de captivos, nem um só obolo offerecem?

Risum teneatis: e diz-se com todo desplante e cynismo—contemplar o Brasil os seculos da escravatura!!

Tambem agora succedeu o inverso, e o *nobre* redactor convencer-se-ha de que si a escravatura ainda vegeta entre nós, é só e somente pela usura portugueza.

Continuaremos. *Mario.*

A PEDIDO

LA VAE VERSO.

Vou fazer um regimento
De raparigas solteiras,
Para la do Amasonas
Guarnecer nossas fronteiras.

E por tanto principio
Pela Rita do Rastel,
A quem as honras concedo
Do posto de coronel.

E em seguida organiso
O seu estado maior;
A Mariquinhas Gostosa
Nomeando p'ra major.

Faço Elisa secretario;
E' Thomazia quartel-mestre,
Em attenção aos serviços
Feitos por seu pae pedestre.

Para ajudante do corpo,
Nomeio a bella Chiada,
Que para fallar verdade,
E' mulatinha lavada.

Nomeio a Cabocolinha
Agente; e porta-bandeira
E' a Maria Philippa,
Vulgo—*cutia ligeira.*

E para que, coitadinha,
Não continue a dar urros,
Faço cirurgião-mor
A Mariquinhas dos burros.

A *priminha* Izabelinha,
Que ao *pe da Cruz* faz morada,
Fica exercendo as patentes
De vago-mestre e brigada.

Para mestre de tambores
Nomeio *Dona Taóca;*
Para balisa do corpo,
Jesuina carioca.

Martiniana canaria,
Nomeio p'ra quarteleira,
Magdalena desempenha
O logar de farrancheira.

Instructora quem será?
Deve ser Martinha-boi;
Que hoje estando reformada
Ainda mostra o que foi.

Da primeira companhia,
Arranje bem os seus molhos,
Vae servir de capitão
Henriqueta bellos-olhos.

E depois do capitão,
Segue se logo o tenente,
Nomeio pois a Quinhinha
P'ra exercer tal patente.

Leopoldina faço alferes,
Como seu tonante é,
E para o outro que falta
Seja a Maria da Fé.

Tambem faço a *Mula-Russa*
Capitão para a seganda;
E a Mafalda tenente
Pelo tamanho da bunda.

E as mulatas Firmina,
E Maria dos Prazeres,
Dessa mesma companhia,
Nomeio a ambas alferes.

Para a terceira promovo
A capitão, Leocadia;
E para tenente della
Promovo tambem a Lydia.

Para alferes da terceira
Vae Maria Carolina,
Que ha de fazer parelha
Com a cabrocha Andrelina.

Agora Maria Rosa
Por causa do *argollão,*
Para a quarta companhia
Nomeio p'ra capitão.

E tambem para tenente
Marcionilla lagarta,
Laura e Constança p'ra alferes
E assim completo a quarta.

Para a quinta é a Bibi
O capitão nomeado;
Coroassy p'ra tenente;
Eis pois um brilhante achado.

E para alferes da dita
Exige a conveniencia,

Que eu nomeie a Rolinha
Com a mulata Vicencia.

Capitão da companhia
Que tem o numero seis,
Está ja designado
Para a Maria dos Reis.

Nomeio para tenente,
Sem receio algum Pastora,
Para alferes Adelaide
E a *outra*, com quem mora.

Para a setima nomeio
P'ra capitão Luciana,
E para tenente della
A lisa Simpliciana.

Para alferes ja se sabe,
Que promovo logo e logo
A Virginia da Baixinha
E a grande Lasca-fogo.

E desde ja promovida
Joanna Salta-balcão,
Fica, sendo da oitava
Companhia, o capitão.

E p'ra tenente da mesma,
Por ser muito bonitinha,
A rainha das creoulas
A mimosa-Eudoxinha.

Theodomira alferes,
Egualmente a Paulina,
Eis o estado completo
Do regimento. Que mina!

Bahia e o Ze Roberto,
Ja que assim querem seus fados,
Deste grande regimento
Serão os porta-machados.

E o *almofarizinho*,
Que 'stá suspenso por treta,
Por *merecimento* fica
Servindo como *corneta*.

(Assignado) O general *Alli-Babà*, commandante em chefe.

—Ha graves queixas contra o subdelegado do *rio tinto*.

S. m. é o primeiro a infrigir a lei; além de violentas arbitrariedades que commete, como de algemar homens livres, espancal-os e depois mandal-os presos; mata bois sem licença e vende escancaradamente.

—Uma sarabanda nelle.

—Isso ha de ser muito breve.

Pede-se a attenção do Illm. Sr. Dr. juiz de capellas.

Estando ha annos suspensa a irmandade de S. *Leproso*, erecta na sua capella no sitio onde abunda o *camarão*, consta que foi ultimamente authorisado o Revm. vigario da freguezia do *Tropheu* para organisar de novo a mesma irmandade; para esse fim diz-se que foram convidadas por cartas certas e determinadas pessoas, a maioria das quaes não são membros da mesma irmandade deixando-se de fazel-o com alguns mais antigos existentes nesta cidade.

Reuniram-se pois no dia 26 de fevereiro proximo passado 12 dos taes convidados, dos quaes foram eleitos logo de pancada 11!!! deixando de sel-o o 12.º por não querer acceitar cargo algum.

Syndique o Illm.Sr. Dr. juiz de capellas os factos que apresentamos, os quaes nos parecem no todo irregulares, e muito desgostam a pessoas que de bom grado concorreriam para elevar a irmandade ao grau que se torna necessario, porem não fazem, lembrando-se ainda da malfadada administração do finado Manuel Alves Borges.

7 de março de 1871.

O carolla desinteressado.

Para evitar interpretrações equivocas, que podem dar logar a se fazer maus juizos, declara-se que a publicação inserta no *Alabama* n.º 755, não si entende com o Sr. Manuel José Teixeira de Araujo, com venda n.º 9, á Preguiça.

Lundú.

O FEITICEIRO E AS FEITIGEIRAS.

Si accaso por feiticeiro
Juca Rosa anda em vae-vem,
Sei de uma Rosa sem Juca
Que é feiticeira tambem.

Denuncia á policia dou
Que Rosa me enfeitiçou.

JucaRosa está em talas,
Já não lhe vale o feitiço;
Mas a policia assanhada
Que não se ufane por isso;

E sinão... se animo tem,
Que prenda Rosa tambem.

Si n'essa entrosga se mette,
Ah! que festa que ha de haver!...
A policia fica presa
Em vez de Rosa prender;

E o chefe e seus delegados
Cahidos e enfeitiçados!...

Prenderam o Juca Rosa,
Feiticeiro charlatão;
Mas a minha feiticeira
Juro que não prendem, não.

Que o seu feitiço é dos taes
Que a gente inda pede mais.

Si a policia quer, eu digo
Onde minha Rosa está.
Saia á rua e em cada casa
Essa Rosa encontrará;

Porque em cada brasileira
Terá uma feiticeira.

Feitiços de Juca Rosa
São negros ardís de horror;
Feitiços puros só ha
Das brasileiras no amor;

Pois tem no amor mimos taes
Que é gozar e pedir mais.

—Tem despertado a curiosidade publica um facto, que na verdade, não é para menos.

Ha dias que da venda denominada Passo da Patria, exhala um cheiro cadaverico, repugnante, pestilencial.

O que mais surprehende é que ora augmenta, ora diminue de intensidade.

A' principio se disse que era um menino de bexigas, mas tal menino, ha muitos dias não está la mais, e a exhalação continua!

Hontem, 7, á tarde, estava insupportavel!

—O caso é serio!

—Alguma causa infallivelmente ha de produzir aquella putrida emanação.

Uma casa que vende generos alimenticios, muitos dos quaes de propriedades attrahentes, não pode continuar em tão nocivo estado de insalubridade.

—Pelo menos seja o proprietario obrigado a desinfectal-a.

VARIEDADES.

—João, dizia um inglez a seu creado, eu quero partir as cinco horas da madrugada, não te esqueças de me acordar ás quatro.

—Milord terá a bondade de tocar a campainha ás tres e meia.

Morena.

—Morena formosa, de corpo gentil,
Que lenço tão lindo, que trazes ahi!
Quem deu-te meu bem? eu quero saber,
Tens medo de mim? não fujas daqui.

Não fujas ingrata... eu amo-te tanto,
Morena, meu anjo, querido bemzinho...
Eu dou-te essas joias, brilhantes e ouro,
E em troca desejo de ti, um beijinho.

—Um beijo, senhor, é só o que pede?
Coitado do moço, que um beijo não tem!
Não dou esse beijo, só quer me enganar,
Nem joias, nem ouro, desejo tambem.

—Não sejas tão má, não gostas de mim?
Eu quero comtigo apertar bem o nó...
—Não quero, senhor, eu amo ao camponio,
Não falle em casar, que me mette dó...

—Tu és tão bregeira. teu corpo dengoso
E, lindo, gentil; não queres ser minha?
Teus olhos tão vivos, morena, captivam,
Oh! vem comigo eu te faço rainha...

—Rainha?... Jesus! eu sou camponeza,
Grandezas e ouro, não quero obter...
Desejo a pobreza, com ella já lido,
Sou pobre, senhor, não me venha perder!..

—Teu rosto tão lindo, qual rosa em botão,
Faz-me recordar o travesso Cupido;
Vem cá, camponeza, eu quero ser teu,
Embora me chames, de mau, atrevido!

—Não teime, senhor, eu lá na cidade,
Da gente, do amor, tenho muito medo...
E foi-se a camponina, alegre pulando,
Deixou-me a velhaca, chuchando no dedo!..

Orsat.

ANNUNCIOS.

Associação Typographica Bahiana.

A Mesa provisoria desta associação appella para os Srs. typographos, livreiros e lytographos que ainda não fizeram entrega de suas joias á fazerem por inteiro, ou por prestações de 5$ rs., ao Sr. thesoureiro Guilhermino Alvares da Costa Dorea, até o dia 11 de março corrente. Bahia 1.º de março de 1871. —O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano Hyppolito.*

Attenção.

O abaixo assignado roga aos seus freguezes que tomaram bebidas fiadas em seu botequim ao Poço de Itapagipe, nem só para beberem no mesmo botequim, como para levarem, afim de comerem e chuparem a *pinga* em suas casas, o favor de saldarem seus debitos, visto que já estão acabadas as festas do Bomfim e bem pode ser que se tenham esquecido; pelo que o mesmo abaixo assignado tem resolvido publicar pela imprensa os nomes daquelles que não vierem quanto antes solver seus debitos. Bahia 7 de março de 1871.

Christovão Fernandes Velloso.

Gratifica-se generosamente a quem descobrir a branquidade do Pontes.

O reprovado.

Aluga-se uma escrava para o serviço de uma casa de familia a tratar-se no Porto do Bomfim, n.º 402.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 77.ª SABBADO 11 DE MARÇO. N. 763.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latrocinopolis, bordo do *Alabama*, 10 de março de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para o meio de vida seguido por dous individuos que se suppõe serem ex-praças do 14.°

Alem de outras muitas alicantinas que praticam, chega um delles a qualquer pessoa ou venda, com uma cedula de 2$ rs., e pede que lhe troquem em duas de 1$ rs. Ao passo que se faz a transacção, o outro individuo fingindo se desconhecido, approxima-se e de assalto arrebata o troco da mão da pessoa ou caixeiro e larga se a correr; sendo a maior parte das vezes bem succedido no *bote*.

Esses dous individuos frequentam ordinariamente as praças e mercados, e fazem maior estada na praça dos Tamarindeiros. Dão-se tambem a advinhações fraudulentas.

Espera-se que S. S. procurará fazer desapparecer esses dous flagellos das bolsas alheias.

—Reside actualmente no Bomfim a creoula Domitilia, que é madrinha de uma menina orphan, a quem tinha em sua companhia desde que morou no becco do Açouguinho.

Dá-se o caso que a menina desappareceu e sendo desprovida de parentes, para o poder dos quaes podesse ir, tem causado especie sobre o fim que levaria.

Como a madrinha não dá solução do destino que deu a afilhada, ha mal intencionados que fazem commentarios um tanto desfavoraveis.

—Para desencargo da reputação da Sra. Domitilia, será conveniente que ella dê, a quem lhe deve tomar contas, um esclarecimento prompto do logar onde pára sua afilhada.

—E' preciso que cada um tome uma deliberação decidida para garantir-se da sanha dos ladrões. Com a policia ninguem conte. Está provado que é impotente diante da impavidez dessa maldicta raça.

—A cousa tem tomado um caracter assustador.

—Veja quantos casos nestes dias.

Segunda feira á noite, foi atacado em sua casa, um marcineiro, morador á ladeira do Alvo.

—A ladeira do Alvo, principalmente, tem sido muito devastada.

—Os ladrões eram dous. Suppõe-se que entraram pela Estrada Nova. O homem defendeu-se lançando sobre um delles um pote com agua, e acudindo um companheiro de morada, pozeram-se em fuga.

Na terça feira deram ainda na ladeira do Alvo em casa de uma creoula. D'ahi conseguiram apenas levar dous lenções, dous panos da Costa e as gallinhas que haviam no quintal.

Outro tanto não aconteceu á creoula Anna Francisca da Piedade, moradora aos Afflictos, no mesmo dia terça-feira, pelas duas horas da tarde.

Saltaram pelo muro, arrombaram-lhe a porta da sala e levaram-lhe uma lata contendo grande porção de ouro e joias.

Havia uma creança em casa que elles tiveram de sentar sobre uma meza e trancar.

Foram vistos pela visinhança dous sujeitos, um cabra e outro pardo; porem ninguem suspeitou o que iam fazer.

—E ficou a pobre rapariga sem o que era seu!

—Os moradores da loja n. 14 B, á rua do Collegio, deitaram-se na quarta feira á noite em uma esteira na sala, ao pé da porta, e ahi adormeceram; ficando um lado da porta cerrado e outro fechado. Um larapio teve a coragem de abril-a, passar por cima dos donos da casa, ir ao quarto e limpar toda roupa que havia, paletots, calças, camisas, etc.

Quando sahia, ainda foi visto por duas pessoas que vinham do lado do Terreiro; presentindo elle largou a correr em direcção á ladeira do Aljube.

—Peça quasi egual pregaram em uma casa nos Curraes Velhos, freguezia de Santo Antonio.

Um ladrão acoitou-se em casa sem ser visto; os donos da habitação agazalharam-se á noite, sem suspeitar que no domicilio havia gente de mais.

Por alta noite abriu a porta e deu ingresso aos collegas que da parte de fora esperavam.

Quando os moradores acordaram acharam a casa despojada e as portas escancaradas.

—Na noite de quarta-feira arrombaram e roubaram a barraca de carne secca de Antonio Gallinheiro, á praça dos Tamarindeiros.

—O negociante A. Tuvo foi egualmente roubado, ha dias, em seu escriptorio. Levaram diversas fazendas, tendo a prudencia de deixarem intacto um sortimento de sedas que podia ser conhecido, bem como um córte de cada qualidade de casimira das que levaram.

—Decididamente os ladrões tomaram conta desta cidade e a vão assolando desassombradamente.

—Noticia de ladrões.

—Mais ainda?

—No domingo 5 de março uma senhora idosa, que se transportava do Rio Vermelho para a cidade, em cadeirinha, ao chegar ao Gantuá, foi atacada por tres bandidos. Os pretos foram espancados e forçados a arrelar a cadeirinha.

Como nada de valor trazia a senhora, a deixaram seguir em paz, depois de ser bem revistada.

—Ha perigo em transitar pelos arredores.

Ha cerca de um mez um moço empregado na thesouraria foi atacado, ao escurecer, no logar Quebra-bunda, estrada do Rio Vermelho, e esbulhado de 30$ rs. que trazia.

—Vae isto de bom a melhor!

Quadrilhas no centro da cidade, quadrilhas nos suburbios e o povo entregue a seus recursos.

—Eu que era enthusiasta da companhia União e Industria, estou lhe perdendo a fé.

—O Sr.? Porque?

—Tem degenerado.

—E' o scello das creações humanas. Mas por ter uma parte gangrenada não se deve abandonar o corpo. A amputação tambem salva.

—Tenho tido noticia de muitos factos pouco airosos, o que me tem contristado, por ver que uma instituição creada na mais util intenção, onde nossos patricios laboriosos e honestos podiam achar o pão da subsistencia, tem-se tornado o receptaculo de tratantes e servido de capa a muita marcteira.

—Ah! mas se estão consentindo que se introduza nella gente do olho vivo.

—Minha opinião á respeito da União Industria é conhecida; censurando os abusos que se dão nella não me podem accusar de falta de spirito de nacionalidade.

No vapor *Paraná*, chegaram algens officiaes e sargentos voluntarios. Entre elles veio um moço que era aqui estudante, conhecido pelo Dr. *Acaragé*, o qual fugindo da casa de seus paes, creança, assentou praça no 1.º de voluntarios.

Ao saltarem, foram rodeados pela gente da companhia; na *lufa-lufa*, um delles que o moço, na sofreguidão em que estava de ver os seus e abraçar sua carinhosa mãe, não poude tomar bem conhecimento, perguntou-lhe para onde ia; momentos depois não vendo seu bahú e indagando por elle, lhe disseram que o ganhador tinha seguido. O moço caminhou..... caminhou..... caminhou..... chegou a Preguiça, sem encontrar o ganhador.

Voltou, indagou e não lhe souberam dizer quem elle era.....

Até hoje está sem o bahú no valor superior a 600$ rs.!

—Cousa que desabona!

—O tenente coronel Fabricio, comprou madeiras para uma obra que faz ao Matatu, mandou transportal-as e la chegaram com grande falta.

Procura madeira, sacca madeira e nada de apparecer!

Depois de muito trabalho e indagações foram descobertas vendidas, em um deposito da Estrada Nova.

—Não devem admittir na companhia gente a torto e a direito e sim aquelles que forem de conducta conhecida.

—Si não houver muita moralidade, adeus União e Industria!..... Vae por agoa abaixo.

—Ouviu dous tiros de peça na madrugada do 8?

—Sim; o que era?

—Incendio no mar.

—Oh!

—Uma alvarenga da Companhia Bahiana, carregada de algodão, pegou fogo. Achava-se ancorada ao pé do vapor *Marquez de Olinda*.

—Na quinta feira sahiu um enterro do cemiterio do Campo Santo para a egreja de Nossa Senhora da Saúde.

—Foi a trasladação dos ossos do negociante José Nogueira Pinto.

—Trasladação de ossos, não, porque as carnes ainda não estavam desfeitas; apenas a cabeça era o que a terra tinha consumido.

estando tudo mais perfeito. O corpo exhalava um cheiro horrivel, e tiraram assim mesmo, metteram em um caixão de zinco, para isso preparado, e trouxeram para egreja da Saude; tanto assim que veio até dentro de um carro mortuario.

—E á policia não teve sciencia d'isso?

—Isso é que não lhe posso responder.

—Então é bom levar-se o facto ao seu conhecimento.

—Si V. se quizer incumbir d'isso, faça; mas acho que perde seu tempo.

—Em todo caso é bom experimentar!

—Falla-se muito mal da qualidade de generos com que são alimentadas as praças do 14.° batalhão de linha.

—Pobres soldados! que vida não passarão!

—O rancho consiste em charque n'um dia e bacalhau no outro.

A carne porem é da peior que ha no mercado, e as mais das vezes deteriorada; o bacalhau é ardido, cosido em agua sem temperos, sem legumes.

—Pois o soldo chega para que os soldados tenham alimentação regular e boa.

—A farinha, alem de mofada e trigueira, assemelha-se a caroços de chumbo; o café é ordinario, e o pão, alem de fabricado com ruim farinha, é de tamanho diminuto.

Consta que a carne é tão má que já se deu o caso do medico condemnal-a, assim como que o commandante tendo occasião de ver a comida, estranhara que ella fosse de tão pessima qualidade.

—A má alimentação arruina a saude; e a nação é quem vem a soffrer differença com as despezas do hospital.

—Deve haver severa fiscalisação na entrada dos generos, porque o soldo da tropa dá para que elles sejam de primeira qualidade, e neste sentido é que se publicam os annuncios para o contracto.

—Si é veridico que um individuo com apparencias de *zelador,* zela por forma brutal a existencia de uma creatura, fazendo-a curtir agros tormentos, ao estalido continuo de mortificante azorrague, deve, quem tem obrigação de velar pelo respeito a lei, livrar a pobre infeliz da sanha de tão cruel algoz; porque, pela maneira inhumana por que zela da pobre vivente o tal *zelador,* não poderá esta ter muito *bom fim.*

—De certo.

—Mora na rua do Pão-de-ló uma preta que dá ventura.

A sacerdotisa do fetichismo enche a casa de mulheres de toda laia e de rapazes de vida solta, os quaes são attrahidos para ali, mais por causa de umas creoulinhas, escravas sem subordinação da mesma, do que pelos seus embustes. E então, á noite, principalmente, ferve uma bacchanal, onde a crapula, o desenfreamento, e a dissolução se fazem proclamar.

—Hei de pôr essa infima caterva sob as vistas do muxingueiro.

—O vapor *Santa Cruz,* da companhia Bahiana, sahido no dia 8 para o norte, arribou.

—Algum sinistro?

—Podia haver. Abria agoa.

—Então abalroou com algum navio, ou bateu n'alguma pedra.

—Nada disso. Talvez a força do mar.

—E' porque deve estar bem estragado o casco do navio; temporal não reina actualmente.

—Mas elle foi vistoriado e dado por pronto.

—Eu tenho visto que na companhia Bahiana ha muita facilidade em por-se em risco a vida alheia.

—Capitão, communicam-me o seguinte:

«Um individuo mandou extrahir os ossos de uma moça sua parenta, e o sujeito incumbido desse trabalho, achando o cadaver intacto, queimou-o e substituiu por outra ossada, logrando assim aquelle com quem tinha contractado o trabalho de limpar os ossos de sua fallecida parenta.»

—Em que cemiterio se deu esse caso?

—Dizem que no do Campo Santo.

—No emtanto conserva o sujeito a ossada de uma pessoa estranha, na persuasão de que é a ossada de sua parenta!

—E' verdade; este mundo é dos enganos!

—Si um corpo não padece duas penas, eu quizera saber a razão por que um soldado a quem furtaram o capote pagou o valor deste e levou 60 pauladas de accrescimo.

—Eu lhe explico.

O castigo pecuniario é para indemnisar a nação; o castigo corporal é para o homem ter cuidado.

—E eu lhe digo que barbara é a lei para o soldado, cruel é o destino deste.

A PEDIDO

—Esta comedia pode acabar em tragedia.

—Si o protogonista antes disso não estiver doido varrido.

—Doido está elle, ha muito.

Pois é de quem tem juizo, querer entreter

namoro com uma moça que não lhe olha para a mascara, e que si sabe que existe tal entidade, é por vaga tradicção?

—O moleque, especie de demonio familiar, é quem tem urdido todo trama, sustentando uma não interrompida correspondencia amorosa. Abre as cartas e responde em nome da senhora moça.

—E o parvo a exgotar-se! Mandou fazer uma empada no Desterro por 5$ rs!...

—Sempre é namorador de empadas!

—Comprou uma fita larga e dourada do Senhor do Bomfim; e agora faz uma banquinha de tacos para offertar no dia em que obtiver o *sim*.

—O *Salú* tambem fez uma boceta assim, que offereceu ao imperador.

—Dinheiro não se falla; o moleque descobriu uma mina. No dia então em que leva uma carta da phantasiada noiva, o homem fica fora de si. E' capaz de dar..... a vida, si o mensageiro exigir.

—Que mania e que desfructe!

—Si elle já teve a coragem de levar em pessoa uma carta ao pae da moça pedindo-a.

—Ora que maluco e bôbo! Si a moça está procurando dessa fortuna.....

—Quando foram passar a festa na ilha do *Valor*, o pateta ia todos os dias para o *Pau do Pavilhão*, e d'ahi dizia adeuzes, fazia acenos e macaquices.

—Homem, não diga mais nada, gente tola é trabalho dos outros.

—Eu receio o desfecho, e por isso seria bom que o travesso moleque cessasse com suas diabruras.

—Ou que o senhor o mandasse para algum logar de fora; *Nazareth* ou qualquer parte.

(*Continúa.*)

—A *Pastora* que foi promovida no *regimento* não é Pastora Maria da Conceição.

—Já se sabe quem foi que bifou da commoda o chapeu do Chili do irmão da irmandade do Senhor dos Passos.

—Quem foi?

—O dono quer verificar primeiro si o sujeito tirou por pilheria, porque neste caso ha de entregal-o; si não foi, então dirá o nome no estylo do *Alabama*.

Pede-se a certo *juiz de guerra* que deixe-se de andar a noite de chinellos e camisa de chita, que semelhante traje não lhe é proprio.

—Capitão, eu quero saber si V. Ex. não sabe o distinctivo de judeu.

—Deixe-me.

—Eu não deixo; quero lhe contar que em vista do Tit. 94 do Livro 5.º das Ordenações do Reino, que tambem nos regem, os judeus trazem signal e é preciso o capitão saber.

—Não quero saber; deixe-me.

—Espere, capitão, tenha paciencia; deixe-lhe dizer o signal, que diz a Ordenação, para differençar os christãos dos judeus, é elles andarem de carapuça ou chapeu amarello. Como por ahi diversos andam sem esse distinctivo?

—Mande o aspirante intimar para que assim cumpram, afim de não andarem no meio dos christãos sem serem conhecidos como judeus, pois chega o diluvio do *trilho rodante* e não podemo-nos salvar.

—Capitão, diamante o que é?

—E' uma pedra preciosa.

—Parece que não é somente pedra preciosa que assim é conhecida; eu supponho que esse nome significa tambem alguma outra cousa.

—Porque suppõe? A' não ser isto ha de ser um instrumento com que na artilheria furam os cartuchames da polvora, dentro das peças.

—Então na companhia da *bomba-macha* usam d'esse instrumento *furante*.

Ha dias, entrando eu na estação d'essa companhia, ouvi o *onça* que assovia pedindo a um caixeiro, que pelo Senhor do Bomfim, o deixasse beijar o *diamante*.

—Ha de ser alguma pilheria do *Leoncio*.

—Acompanhada talvez da audacia e do attrevimento do seu capoeirismo!

ANNUNCIOS.

Ao Bomfim!

Domingo 12 do corrente, ás 5 horas da manhan, partirá da praça Conde d'Eu a philarmonica *40 de Voluntarios da Patria,* reunida com um dos seus protectores, o Exm. Sr. general Faria Rocha, officiaes e praças existentes na provincia pertencentes ao batalhão 40.º de voluntarios, e bem assim todos os patriotas voluntarios da patria que quizerem assistir a missa em acção de graças pelo anniversario da chegada do batalhão 40.º a esta provincia. Bahia 10 de março de 1871.

Anacleto Rufino de Carvalho.

Gratifica-se generosamente a quem descobrir a branquidade do Pontes.

O reprovado.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 77.ª QUINTA FEIRA 16 DE MARÇO. Ns. 764—765.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numero; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 15 de março de 1871.

Officio ao Illm. Sr subdelegado de Brotas, chamando sua attenção para uma casa ao Matatú-grande, a qual sendo dividida em sala, quarto, e cosinha, serve com tudo de guarida a seis ou sete mulheres madraças, e a egual numero de individuos do sexo masculino, vivendo elles e ellas, em completa ociosidade. Para aquella gente scetaria da inacção, todos os dias são santificados, porque de segunda a domingo são religiosamente guardados na parte relativa ao trabalho, *menos á noite*, que ninguem vê o que fazem. Alli porém revive a dissolução das orgias bachanicas, postas em pratica em toda sua expansão. Os sambas são sempre arranjados de maneira a confundir os sexos pela falta absoluta de trages.

Com quanto essas scenas se passem arredadas da cidade, é contudo em logar onde habitam familias, pelo que, espera-se que S. S., para quem, talvez, não seja novo o que fica exposto, por bem da moralidade social, tome uma providencia acertada.

—Um cadaver sem sepultura ha tres dias!

Ah, Deus do ceu!... quanta falta de caridade! quanta falta de religião! quanto esquecimento do amor do proximo!

— Onde está elle?

Em um cubiculo da loja do sobrado n. 10, ao Cruzeiro de S. Francisco.

A putrefação está adiantada, o corpo começa a diluir-se.

Compraram uma vella e deitaram na bocca de uma garrafa, eis tudo.

—Quem é o fallecido?

—Uma mulher.

—E ha tanto homem charidoso nesta terra!

—Eu não creio!

Fazem dadivas importantes em alguma subscripção ostentosa, mas quando se lhes pede uma esmola para o velho, a viuva, a orphan, e até para enterrar a um seu semelhante, sabem inventar mil subterfugios para não cumprir este dever humanitario

. . . . . .

—Não se pode descrer de todo do espirito de humanidade desta terra.

O cadaver da mulher foi levado para o hospital.

—Talvez pelo incommodo que começava a causar aos vivos.

—Não sei lá porque foi; hontem terça feira, depois que conversamos, pelas 10 horas e meia da noite, o corpo foi levado por alguns particulares, com assistencia do subdelegado, para o deposito de cadaveres do hospital de charidade.

—São cinco horas da tarde e o cadaver deste preto estendido na porta deste trapiche desde pela manhan!...

—Quem sabe até quando aqui ficará.

—Não ha inspector, não ha policia que vá dar parte, nem authoridade que o mande apanhar e dar á sepultara; pela manhan eu passei aqui ás 8 horas e já o corpo estava ahi espichado!

—Entretanto si é dever de piedade christan enterrar os mortos, é egualmente de imprescendivel necessidade aos interesses vitaes da sociedade.

—Mas V. vê que de inexplicaveis coincidencias tece a mão do acaso nesta terra?

Hoje mesmo, terça feira, ouvi dizer que no Cruzeiro existe o corpo de uma mulher sem sepultura; aqui na porta do trapiche Julião um preto morto nas mesmas condicções!

—Como estava annunciado teve logar na quinta-feira passada a exposição da Imagem do Senhor dos Passos dos Humildes á adoração dos fieis, em sua capella á rua dos Zuavos, (Tingui).

Na sexta-feira pela manhan houve missa, que a irmandade mandou solemnemente dizer, e á noite pregou o Revm. pregador im-

perial Fr. Francisco da Natividade Carneiro da Cunha. Por mais uma vez admiramos o talento e a illustração do digno sacerdote.

Em um bem elaborado discurso traçou com linguagem clara e convincente os martyrios do nosso Redemptor; esboço esse que embora ligeiro nada deixou a desejar.

Bem mostrou o digno sacerdote ser um cultor strenuo das letras sagradas, e que d'este modo sabe corresponder á espectativa dos seus admiradores.

Depois da predica houve adoração da Cruz, um dos actos dos mysterios da Paixão do Crucificado, que se celebram no tempo da Quaresma.

—Eu assisti; a capella esteve religiosamente decorada; houve grande concurrencia.

—Mas notei não ter o irmão provedor requisitado da authoridade alguns guardas, porque teria evitado as bandalheiras e patifarias que os moleques praticaram dentro do templo, chegando ao arrojo de ridicularisarem os actos religiosos que alli celebravam-se.

—Continúa a população a ser flagellada pelos larapios.

—O povo está assombrado com tanta pilhagem.

—Cada vez ha de ir a mais com a policia que temos.

Dizem que o Sr. Dr. chefe não quer agentes informantes, e diz que não dá apreço a noticias de gazetas.

Si os que são coadjuvados por estes importantes auxiliares veem burladas suas providencias, o que não acontecerá a S. S. que se vê isolado!

—Os ladrões hão de lhe fazer foscas no nariz, sem que elle os conheça.

—Tem al un. facto hoje?

—Como sempre.

No sabbado, por cerca de uma hora da tarde, os ladrões entraram em casa de uns africanos, moradores na rocinha do finado Barros, á Estrada Nova, e levaram um sacco que encontraram com dinheiro, e foram dividir nos banhos do Manuel do Carmo, onde deixaram o sacco.

—A que estado chegou esta terra!

—A propria folha official, reconhece a calamidade por que estamos passando na seguinte noticia:

«Ratoneiros.—Já começaram as suas correrias pelas Pitangueiras e suas circumvisinhanças á semana passada. Invadiram uma casa n'esse arrebalde, pelo lado posterior, das 7 para as 8 horas da noite, levando objectos de uso domestico. Pela estrada do Matatú tem sido atacadas diversas pessoas e algumas roubadas.

Já se vê que—de ratoneiros vão elles aproveitando a solidão de certos logares que não são percorridos pela força publica, para estrearem o mister de salteadores; exigindo com todo o arrojo o relogio e a carteira que um moço levava »

—Isso ha de acontecer por força. Basta vêr á noite a immensidade de gente que dorme pelos adros, nos assentos publicos, nos alpendres, debaixo das arvores; são necessariamente pessoas sem occupação, a quem a necessidade ha de obrigar a lançar mão de algum meio para viver.

—Na noite de terça feira, por volta de oito horas, em uma venda á estrada Nova, foram feridos dous individuos por um sugeito que deu uma punhalada sobre os rins de um e offendeu a outro no braço direito, pondo-se em fuga, acto continuo.

Foi preso pelo povo.

Consta que o offensor fôra praça de policia.

—Quebrar uma perna e um braço ao mesmo tempo!

—Oh!... a quem tão infausto acontecimento succedeu?

—A um pobre homem que andava fazendo pela vida. Trabalhava em um muro na Quinta das Beatas; quando menos esperava, o muro desabou com elle, lançando-o por terra e fracturando-lhe perna e braço!

—Contingencias que perseguem á humanidade!....

—Por falta de espaço e pela hora adiantada em que nos foi remettido, deixa de ser publicado hoje o regimento dos *codêtes* que tem de guarnecer as fronteiras do Alto Amazonas.

—Deixe-o para algum dos numeros seguintes.

—O passeio da Sé aberto a esta hora! Admira!

—Sem duvida esqueceram-se de fechal-o.

—Indesculpavel esquecimento!

—Muita gente gostou d'isso.

—Esta terra é assim, ou tudo ou nada; como não fecharam com o sol alto, deixaram aberto para facilitar certas scenas....

—Vejo todo dia os caixeiros e empregados dos Vehiculos Economicos bradando contra as multas que soffrem.

—Não deixam de ser rigorosas, já ouvi dizer que houve caixeiro que o ordenado não

chegou no fim do mez para pagar as mulctas.

—Entretanto aqui está o relatorio da gerencia, dizendo o contrario; 174$832 rs. diz a honrada gerencia foi quanto recebeu.

—E como ella diz deve se acreditar; o amo sempre falla mais verdade que o caixeiro.

—Pechincha!.... Grande pechincha!....

—O que é?

—Queijos a 2$ rs., no armazem Progresso.

—Vou já comprar um.

—Não se cause, porque este annuncio não passa de uma embaçadella.

—Como?

—O proprietario do armazem Progresso, annuncia os queijos a 2$ rs., e no entanto que quem os fôr comprar ha de escarrar com 3$ rs.

—E é assim que vão esses *especulundrificos progressivamente progredindo.*

—Capitão, em nome da liberdade, d'essa santa causa que V. Ex tanto advoga, venho de joelhos pedir-lhe que se compadeça de meus filhos.

—Levante se, rapariga, os joelhos da creatura só devem curvar-se diante de Deus!

Diga ao que vem.

—Eu me chamo Philippa, sou escrava de D. Izabel Maria de Sant'Antonio, que se acha recolhida ao convento da Soledade; tenho tres filhos: José, Maximiano e Francisco.

Minha senhora passou cartas de liberdade a todos elles, estando as dos dous primeiros com a data de 26 de março de 1858, e a do ultimo com a de 1.º de setembro de 1866.

No tempo da guerra do Paraguay, minha senhora entregou meus filhos ao Sr Marcolino d'Araujo, e elle os levou para seu engenho.

—E as cartas se acham em notas?

—Acham-se: a do primeiro no cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, a do segundo no do tabellião Jorge Ferreira e a do terceiro no do tabellião Antonio Joaquim Damazio.

—Então, não ha nada a receiar, porque estou certo que o Sr. Marcolino não reduzirá seus filhos á escravidão!

—Mas, então, como é que elle recusa entregal-os agora que minha senhora os mandou buscar!

—Provavelmente pelo *amor* que a elles *tomou.*

—Capitão, V. Ex. por quem é valha-me... eu lhe supplico em nome dos ceus!

—Levante-se, rapariga, já lhe disse uma vez que os joêlhos da creatura não são para curvar se diante dos homens, ainda mesmo dos poderosos da terra, e sim diante de Deus!

Vá ao Sr. Malaquias José dos Reis, que gratuitamente se offereceu a sociedade libertadora Sete de Setembro para, como procurador, tractar de todas as causas de liberdade, e peça-lhe, em nome da mesma, de que é elle firme athleta, que empregue os meios precisos, afim de descobrir-se a ponta desta meiada!

—O Sr. Luiz Martins proprietario da venda Passo da Patria, por quatro dias consecutivos publicou no *Jornal* o seguinte:

«AO PUBLICO.

Em satisfação ao publico e ás denuncias dadas pelo *Alabama* do dia 4 e 8 do corrente mez, contra a venda denominada Passo da Patria sita á rua direita de Palacio, declaro que fui visitado hoje mesmo ao meio dia, pouco mais ou menos, pela competente autoridade policial e não tendo encontrado *nada* do que denunciou o dito *Alabama* se faz publico para conhecimento de todos, como se pode verificar com a mesma autoridade. Bahia 8 de março de 1871.»

—Quaes foram essas denuncias dadas pelo *Alabama?*

—Disse primeiro que na venda havia um bexiguento.

—A verdade núa e crua; confessada pelo proprio dono da venda; foi retirado por causa do clamor geral.

—Disse mais que sem embargo de deixar de existir o bexiguento na venda, do interior della rescendia um cheiro mau, insupportavel, incommodativo.

—Tambem é exacto; toda visinhança sentia e mesmo quem transitava; e tanta consciencia tinha o Sr. Luiz Martins que levava todo o dia a queimar alfazema.

—Não sei pois o que foi que o *Alabama* denunciou, que a authoridade policial não encontrou.

—O homem está vendo modo de angariar os freguezes que andam um pouco espantados.

—Então diga-me isso.

—Cahem os burros dos Vehiculos e o caixeiro é suspenso e mulctado. Não me dirá que culpa tem este?

—Nenhuma. Ainda o boleeiro pode ser.

—Pois foi o que se deu na sexta-feira. Seguia um wagon; os burros, ou por cansaço ou por manhosos, cahiram das mãos; á noite o caixeiro recebeu ordem de suspensão e mulcta.

—O ordenança do chefe de policia *variou?*

—Ainda não o vi atirar pedras.

—Mas correndo assim, á tarde inteira, sem necessidade, pela ladeira de S. Francisco até o Caminho Novo, neste desenfreado galope, em risco de espedaçar-se nas pedras ou de esmagar alguem!

—Quer mostrar que tem boas pernas.

—Um agente da força publica ser o proprio que desconsidera a lei!

—O homem obra, ao que parece, ao impulso de algum *poder occulto*.

—E' exacto... esses dias de domingo teem o que se lhe diga.

—Na noite do domingo para segunda feira, foi horrivelmente espancado um individuo no Terreiro.

—Dizem que estava ebrio e impertinente.

—Mas havendo policia no logar não interveio; os espancadores fizeram as vezes desta. Esbordoaram o homem e em cima prenderam-no.

De maneira que além de maltractadissimo, ainda ficou na cadeia dous dias; e seus offensores impunes.

—Está direito!

Quem pode mais tem razão.

—Na porta do chamado Asylo de mendigos ha de se ver durante o dia um crioulinho que, terá uns 15 annos, com o corpo chagado e coberto de polia.

Chama-se Evaristo, veio de Santo Amaro. Sua mãe, por extraordinario estado de indigencia, o trouxe para ser tratado no hospital de charidade.

As irmans de charidade não ignoram esta circumstancia.

Pois essas mulheres que se inculcam de charitativas e bemfazejas, tiveram a crueldade de fera de enxotar do hospital o desgraçado assim mesmo doente como se acha, n'uma terra onde não tem pae nem mãe, nem quem delle tenha dó.

—Está provado que no hospital de charidade só se trata de moribundos porque fallecem logo, ou de enfermos de molestias frivolas e passageiras.

—Estas mulheres!.. Com uma fingida charidade vão commettendo toda casta de excessos e desfructando uma vida commoda e recreati a....

—Que o attestem o Sebastião e o *François*.

—O individuo conhecido por *Sabe-ler*, apresentou-se segunda-feira no escriptorio do Sr. Zuany, por occasião de um leilão que ahi se fazia e fez as todas; por fim *atirou* sobre o bolso de um inglez. Felizmente não poude safar a *erva*, porque foi presenciado por alguem e enxotado d'ali incontinenti.

—Que fado de homem!

—Que vicio!...

—Nesse dia mesmo, creio eu, sahiu da cadeia, implicado como estava, no roubo da crioula Anna Francisca, que dizem foi elle quem praticou.

—E foi; elle e um tal Innocencio. Levantaram a vidraça da janella; *Sabe-ler* saltou dentro e o Innocencio ficou de fora á espreita de quem viesse. Admira o arrojo desses dous homens, que não se intimidaram nem receiaram serem vistos pelos pedreiros que trabalhavam em uma obra um pouco adiante.

—Mas esses roubos de ouro, depois de postos em salva-guarda não ha policia que os descubra. Cahem no fundo do mar.

—E' exacto; ha um sujeito que os compra e tem seu fundidor á mão para reduzil-os a barras immediatamente.

—Assim, a Sra. Anna Francisca que fique mamando no dedo e trate de ver quem lhe dá outro ouro.

—E vive esta perigosa gente sem temor e sem receio subtraindo pelo dolo, pela fraude, pela pilhagem o fructo de mil fadigas e labores!

—E para elles não ha punição possivel. No dia em que sahem da cadeia, nesse mesmo dia vão roubar!

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

V.

Ainda não está terminada a nossa tarefa, e muito menos concluido o que temos em mira: o campo foi vasto, e a fouce ha de corresponder-lhe.

Um por um hão de ser esclarecidos os topicos do nojento opusculo, que temos sob as vistas, e da discussão franca e leal ha de necessariamente resultar a verdade em toda sua plenitude.

A mentira e a maledicencia hão de desamparar o solio triumphante, que uma vez ainda pretenderam occupar, e assim ficarão esmagadas ante o forte argumento dos factos consummados.

A empreza nos tem sido bastante difficultosa, assaz temos luctado pela pequenhez da nossa intelligencia; mas quando se caminha em terreno firme e verdadeiro, todos os embaraços são pouco, os obstaculos nenhum.

Trincheiras que se levantem, baluartes que

se erijam, tudo é nada, tudo desapparece: só a verdade é tudo.

Firmado n'esse conforto animoso, e n'essa legitima esperança iremos em marcha, e por tanto consideração de ordem alguma nos fará arredar do nosso firme proposito.

Entremos em materia.

Continuando no exame dos pontos da carta do nosso consul, diz o Sr. Loureiro:

«Em que sentido o consul geral do Brasil «chama generosos aos seus compatriotas, e «como acha que este imperio é destinado pela «Providencia para guarda de todas as nossas «velhas glorias?»

Depois de feita semelhante interrogação, com todo desplante se exprime: *é o intelligentissimo jurisconsulto o Sr. Dr. Alexandre Braga, quem nos vai ainda emprestar um raio da sua eloquencia para com elle illuminarmos o cerebro mirrado e obscurecido dos nossos..... bemfeitores;* e em seguida transcreve no seu libreto estas palavras do *distincto* advogado, aos quaes se pode bem applicar a seguinte sentença: *Ambo florentes ætate, Arcades ambo.*

Eil-as:

«Portugal não pode ser um mendigo cober«to de andrajos, e que não morre de fome por«que o Brasil o soccorre!

«Engano! O Brasil deve nos tudo a nós, «no passado, e no presente.

«Nos velhos tempos das nossas immensas «glorias, que encontraram lá os marinheiros «portuguezes, quando aportaram áquellas «praias os navios de Cabral? Somente selva«gens, dormindo no seio das florestas, ado«rando idolos sanguinarios, matando barba«ramente os prisioneiros, vivendo de carne «humana, com que se regalavam n'aquelles «horriveis banquetes, a que davam o nome de «*cauim*!

«Nós, porem, vendo o Brasil em tão lasti«moso estado, condoêmo nos do seu infortu«nio, e demos-lhe tudo.

«Demos-lhe cidades, povoação, lingua, re«ligião; demos lhe leis, artes, industria, ci«vilisação e costumes.

«De sorte que, no passado o Brasil deve«nos serviços tão valiosos, que nem o ouro «de suas minas poderá pagal-os nunca!

«No presente haverá por accaso algum mo«tivo que nos obrigue a ser-lhe grato e reco«nhecido?

«Não de certo. Portugal não vive das es«molas de nenhum paiz estrangeiro. O ouro «que os nossos compatriotas trazem das pla«gas da America *é o fructo de seu trabalho.*

«Demais, sem a colonia portugueza o Bra«sil nada teria, nem industrias, nem artes, «nem navegação, nem commercio, estando «bem longe portanto de ser uma nação tão «opulenta, como se nos mostra na actuali«dade; porque o Brasil, apezar de sua appa«rente grandeza, precisa até que nós lhe man«demos d'aqui algum sapateiro.»

Réflictamos agora, porque nunca houve maior deturpação nos dominios da historia, como a que vê-se n'esta narração.

Certo não sabemos classificar tanta banalidade e tanta sandice, sahidas da penna de um escriptor publico.

Nem tudo se deve exprobrar, mas a omissão aqui torna-se em falta irreparavel.

Fique o Sr. Loureiro scientificado, e bem assim os seus patricios, que si o Brasil não tivesse sido Reino-Unido de Portugal, talvez que o seu progresso fosse outro, o seu adiantamento maior.

Sim: ao passo que vemos nações, que de modo algum se poderão equiparar ao Brasil, já pela escassez de seus productos naturaes, já pela ingratidão do solo, florescerem e d'este modo caminharem a passos largos na vanguarda do aperfeiçoamento, ao passo que progridem ellas de um modo espantoso, o nosso imperio não pode chegar á altura que lhe é devida!!

Sim, Sr. Loureiro, outro povo, que não o vosso, mil vezes tivesse pisado primeiramente a terra da Santa Cruz, e então as esperanças mais promettedoras de seus filhos ter-se-hiam realisado, e aos vossos olhos não passariam como mero sonho, ou miragem atterradora!

Sim: e força é confessal-o! Comvosco trouxestes o atraso do paiz, que destinado fôra pela Providencia para os grandes commettimentos, trouxestes a discordia e a corrupção, e a essencia de tudo custa muito a desapparecer.

Em chimica a combinação de dous corpos, que entre si possuem o maior grau de affinidade dará um composto, cujas propriedades nada têm que ver com as substancias que entraram n'essa reacção, mas não o cremos, porque o vosso exemplo protesta contra esse axioma.

Os principios portuguezes ficaram no Brasil, e só por elles se engendram os grandes males, de que vae sendo victima.

Parece incrivel, mas é facto averiguado.

O Brasil, si degenera, é por ter em seu seio portuguezes, e quando mesmo não os tivesse, os seus principios ainda subsistiriam.

Mil vezes, portanto, o Brasil pertencesse *ab initio* a outro estado, que não o vosso!

E Portugal na verdade não carecerá do imperio?

Que modestia, que comedimento nas expressões?

Custar-se-ha em acreditar, mas é ponto que hoje não soffre mais controversia, e é que a grande parte dos capitaes adquiridos no Brasil vão animar e dar vida ás industrias e obras materiaes dos portuguezes.

Diz um escriptor brasileiro: *Computa-se em mais de 10,000 contos de réis as remessas feitas para Portugal pelos seus naturaes em cada anno: antes da nossa emancipação politica era muito menor o desfalque de nossos capitaes, quasi toda a fortuna ganha no paiz era n'elle empregada, hoje o contrario acontece, e muito principalmente depois que se estabeleceram as companhias de vapores transatlanticos; porquanto raro é o portuguez, que tendo junto algum peculio não o vá empregar no seu paiz, voltando depois em busca de ganhar outro para dar-lhe a mesma applicação.*

Mas o portuguez tem razão em dizer que d'elle precisamos até de um sapateiro, porque si o Brasil houvesse tomado uma medida indeclinavel para fazer cessar semelhante cancro destruidor de sua industria, si o seu governo tivesse feito sanar mal tão perigoso, e que nos ameaça corroer *a fundamentis*, reduzindo-nos á penuria, talvez que Portugal a tanto não se arrojasse.

Sim: o resultado é esse, e sempre o será, porque não havendo para nós compensação alguma, somos o responsavel.

Para isso veja-se as immensas casas portuguezas, que ha no commercio do municipio da côrte, e quando á primeira vista pareça um impossivel e absoluto, ahi está comtudo a ultima estatistica demonstrando o numero de 5,000 casas portuguezas existentes n'esse logar, e 1,373 brasileiras.

No Rio de Janeiro, na Bahia, e em Pernambuco o mesmo se dá. De que provirá uma tão grande desproporção? Será como geralmente se propala de que os brasileiros não têm aptidão para a vida do commercio? Ou haverá n'isso um *quid* inexplicavel, mas que graças á epocha que atravessamos, a sua *incognita* já se acha descoberta?

Cremos que o brasileiro é bastante apto para as transacções commerciaes, e em apoio á esta opinião os factos vêm comprovar, pois que casas nacionaes têm tomado grande incremento. Que casa mais forte haverá, que a Mauá, e no emtanto não é nacional?

Todo negocio se resume nas seguintes palavras, e é que para haverem muitas casas como estas, muitos annos de vida penosa se tornam precisos, e quanto aos portuguezes, estes, como é publico e notorio, enriquecem da noite para o dia.

Bem se vê, portanto, que o Brasil é mais que generoso para com o reino portuguez, e que o nosso consul geral, assim se exprimindo, fallara a linguagem da verdade, a unica conducente com os factos por todos conhecidos.

Si finalmente o que acabamos de relatar não pode ser adulterado, sob pena de lesa-ignorancia, como é que o Sr. Loureiro vem dizer-nos que com todo o ouro de nossas minas não lhe pagaremos jamais os serviços, commettendo um duplo erro—o da ignorancia, e, o que mais é, o da ingratidão?

E' só e somente assim que argumentamos. Continuaremos.

Mario.

A PEDIDO

—Capitão, voltemos ao mesmo assumpto.

—Que mesmo assumpto, si não sei de que trata-se?

—Ah! V. Ex. já se esqueceu da carta do padre Rocha Vianna, dirigida ao ministro do imperio?

— Isso não, peço-lhe, porém, que abstenha-se de continuar por ora n'essa discussão, attentando e muito para o tempo em que estamos.

—Não acho lhe razão alguma, meu capitão, e muito embora o nosso illustrado e virtuoso prelado nos admoestasse a mais completa abstenção na analyse d'essa carta, visto estarmos no santo tempo da Quaresma, e fazendo nos ver que o Nosso Divino Mestre só abrira a sua bocca para orar ao Eterno Pae pelos seus perseguidores, e que portanto não demos occasião ao menor escandalo, recordando-nos a sublime maxima do Evangelho: «Ai d'aquelles por quem vier o escandalo», comtudo, guardando o devido respeito, perguntaremos:—Porque o Sr. padre Rocha Vianna, vigario, bacharel e desembargador, não se lembrou que estavamos na Quaresma para dar publicidade áquelle conteúdo de injurias, qual mais escandalosa?

—Em verdade não ha negal-o, mas desculpe, porque a fragilidade é propria do homem, e alem disso alguma razão assistiu ao Revm. parocho para proceder de modo tão austero.

—Julgo que não; motivo algum, que não seja bastante censuravel, pode ter elle a seu favor, razão de ordem alguma pode attenuar falta tão reprehensivel.

—Ao contrario, razão de sobejo teve o Sr. Rocha Vianna de pronunciar-se tão alto contra o clero, pois como consentir-se *vaqueiros* sendo *vigarios*, e o que mais é, o *vaqueiro* do *Quererá* sendo parocho da freguezia de uma terra illustrada? é um escandalo!!

—Mas, capitão, não voltarei agora á analyse d'essa missiva, pois que estou certo, de que toda injuria n'ella contida ha de necessariamente reverter contra o seu author, e tanto é isso verdade, que o *nobre* vigario está de todo arrependido.

—Como arrependido? Que tem elle mostrado para asseverar se ter o arrependimento invadido aquella alma?

—Pois V. Ex. não viu a escapatoria com que sahiu elle no *Diario* de 8 do corrente em resposta ao *liberal* que procurou analysar a sua carta?

—Não, e de que genero foi essa evasiva? até agora não tenho sciencia d'ella, e portanto é favor patentear-m'a.

—Já e já. Diz o Revm. vigario: «dando publicidade á carta que tive a honra de dirigir ao Sr. ministro do imperio, desejei e desejo que se discuta as altas questões de direito publico ecclesiastico, pois que esses negocios desfallecem á mingua de discussão pela imprensa, já que o clero não tem representantes no parlamento, discussão que firme opinião favoravel em favor do elemento religioso; mas com anonymos não discuto, e nem essas questões desdoiram a algum nome proprio, que as discuta »

Ora, capitão, si o padre Rocha Vianna tivesse em mira discussão seria e leal sobre o elemento religioso diria tanto absurdo, irrogaria tanta offensa ao clero em geral?

—E' uma verdade incontestavel.

—E em que trecho aventa questão alguma o *nobre* vigario, que mereça esclarecimento de quem quer que seja, quando na sua carta tudo revela a voracidade metallica?

—E' tambem outra verdade, todo barulho, toda celeuma é só e sómente por causa do dinheiro.

—E então, capitão, porque vem ainda o *fidalgo* embair a opinião publica? Nem tanto, nem tão pouco!!!

—Tudo n'esse mundo tem a sua explicação. Eu conheci um irmão do Mussurunga, que já ha muito, tinha as mesmas idéas do padre Rocha Vianna, mas nunca as expendeu pelos meus conselhos, que eram reiterados.

—Mas a que vem V. Ex. trazer o nome do defunto Mussurunga n'esse embroglio?

—E' que esse homem, sendo irmão d'este distincto musico, jamais o quizera ser por apresentar elle a tez mais tisnada, e que estudando para ordenar-se, e conseguindo esse fim, julgou-se logo um *non plus ultra,* e então em toda parte procurava desprestigiar os seus collegas-padres.

—Ah! continue, capitão, faça-me esse favor, a sua historia tem grande interesse para a solução do presente problema, sem demora prosiga.

—Bem: esse padre chegou a ser vigario, e logo depois com os vencimentos da congrua dirigiu-se a uma academia, e ahi ou merecida ou immerecidamente recebeu o diploma de bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela referida academia, não contente com o que viera de *bifar,* tirou, dizem, que por concurso, uma das melhores freguezias, foi logo mestre, *por empenho,* de uma das cadeiras do ensino ecclesiastico e occupou logar subido na magistratura dos padres.

—Oh! que avidez! que cobiça! continue, meu querido capitão.

—Na freguezia tornou-se um abutre devorador da honra das familias honestas, tinha em casa quatro a cinco comadres, e julgando ser pouco, mesmo porque o era, o dinheiro que ganhava, teve em mira dirigir ao governo uma representação n'esse sentido, mas por minha causa nunca o fez.

—Capitão, estou desesperado para saber do resultado de historia tão importante.

—Descance, eu lh'o darei. Este sacerdote somente levado pela devassidão de seus torpes costumes, teve a ousadia de mandar para o seminario o irmão de uma sua comadre, e a falta de charidade de fazer com que um seu sobrinho, que estava tambem no seminario, d'elle fosse expellido, e immediatamente fel o assentar praça no corpo policial da provincia, onde residia.

—Oh! que horror! custo a conceber tanta perversidade em um sacerdote de Christo!!

—Em conclusão, esse padre, cujo principio fôra de *guia* de gado nas mattos onde ha *tucanos,* e que com as mãos ainda cheias de immensos callos, largara o *ferrão* para folhear os livros da mais bella educação, esse padre, que se dizia filho de outro *padre,* porque o seu irmão Mussurunga o era tambem, tirando a freguezia, como já disse, viera arranchar-se na visinhança do padre Rocha Vianna em quanto apromptava-se e preparava-se para seguir para ella, e suppõe-se que então o mesmo Rocha Vianna indignado por ter sahido vigario um *vaqueiro,* entendeu dirigir ao seu collega João Alfredo uma representação contra o clero, e n'esse seu procedimento não haverá quem o reprove.

—Ah! agora sim, quem tem a culpa é o irmão do tal Mussurunga; o padre Rocha Vianna justifica solemnemente o seu comportamento, e portanto os fóros de *illustrado, branco, morigerado, et reliqua* não lhe podem ser negados.

A cumbuca do Maciel mudou-se para o palecete ás Portas do Carmo onde se reunem rapazes inexperientes sacrificando o seu dinheiro em proveito de dous ou tres expertos. Brevemente publicarei os nomes dos padecentes que ahi vão.

O Soccorro.

—Na *ladeira* da *rua* por onde *passo,* casa n.º 8, ha uma *entaipada* a quem cabe bem o qualificativo de fera engaiolada.

—Vive enclausurada?

—N'uma especie de *galinheiro,* d'onde só vê sol e lua pelas fendas do tecido de junco que lhe cobrem as janellas

Mas a nympha côr de ebano, vinga-se barbaramente em uma creoulinha de 8 annos, da reclusão em que o traz a amante.

Procede de uma maneira cruel, selvagem, deshumana para com a indefeza creança, a quem não tem valido os constantes reclamos da visinhança.

—Pois ha de indubitavelmente valer-lhe o subdelegado do logar a quem vou communicar.

Motte.

De Analia a doce expressão
Meu captiveiro formou.

GLOZA.

Ternura inspira a Plutão,
Doma a fera a mais bravia,
Té aos numes extasia
De Analia a doce expressão.
Por ella meu coração
De amores se embriagou;
Meus ais Analia escutou;
E um sim dessa divindade
Prendeu minha liberdade,
Meu captiveiro formou.

—Quero contar-lhe uma tratada.

—Eu lhe ouço.

—Um individuo comprou generos em uma loja e nunca pagou. O caixeiro cançou de procural-o. Nunca estava em casa, apesar de lhe ouvir a voz soar de dentro.

Um dia que o caixeiro o encontrou na rua, elle convidou-o á que fosse até sua casa. Julgando o caixeiro que era para receber o importe, acompanhou-o. O sujeito abriu a porta da sala e depois que apanhou-o dentro de casa ameaçou-o e insultou-o atrozmente.

—Isso é um assalto de bandido. Como se chama o sujeito?

—Por contemplação ao *José*, não lhe digo. Saiba apenas que mora na ladeira da *Avó de Christo.*

—Si é lá, o *Claudio* ha de me dizer.

—Sr. *Queiroz,* adeus. Si eu soubesse que V. ia indagar, não lhe contava.

Sempre a mesma gente!

Já não está terminada a missão do conselho administrativo do *Monte-Pio da Bahia,* porque até hoje contentaram-se esses senhores em convidar os socios atrazados ao cumprimento de seus deveres?

Porque por sua vez tambem não cumprem com o que lhes prescrevem os estatutos.

Não terá valor algum o art. 12 dos mesmos?

Basta de tanto governar!....

A trindade Lopez.

ANNUNCIOS.

João Luiz das Virgens e Friandes continuam a encarregar-se de obras de pedreiro e carapina, suas officinas. Podem ser procurados em seu escriptorio á ladeira do Taboão, loja n. 70—D.

Adverte-se aos devedores da pastelaria á rua do Aljube que vão quanto antes solver seus debitos, sob pena de ser-lhes publicados os nomes sem excepção.

Quem precisar de uma mulher de cor, com bastante pratica, para qualquer serviço, ou seja de cosinha, ou de engommar, ou de acompanhar creanças, excluindo somente o de sahir á rua para comprar, procure nesta typographia que se lhe indicará.

Armador.

Antero Maximiano dos Santos Marques mudou a sua residencia da rua de Baixo de S. Bento para a travessa do Castanhêda nº, 6 em frente ao Sr. Boucher, tintureiro; onde pode ser procurado para os misteres de sua profissão e promette desempenho e commodo nos preços.

Adiverte-se ao Sr. Manuel da Costa Espinheira, para que vá, quanto antes, á rua do Taboão, loja n.º 4, entregar as fazendas que, em setembro de 1869, levou — em confiança — para amostra, ou alias o seu importe —34$560—pois o dono da dita loja não tem obrigação de sustentar. .....

Na mesma loja preciza-se fallar — com urgencia — ao Illm. Sr. professor Raphael Rodrigues Cardozo, para negocio do seu interesse.

Gratifica-se generosamente a quem descobrir a branquidade do Pontes.

O reprovado.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 77.ª TERÇA-FEIRA 21 DE MARÇO. Ns. 766—767.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 20 de março de 1871.

Portaria ao fiscal da Victoria, recommendando-lhe uns ferinos cães da roça do Sr. Vieira, á ladeira da Barra, os quaes despencam-se pela ribanceira abaixo e veem morder quem passa na estrada; devendo S. m. advertir ao dono da referida roça disso. Cumpra.

—Ha cousa de um mez, para mais, embarcaram se em um dos vapores da Companhia Bahiana, da carreira da Cachoeira, dous passageiros. Em certa altura tomaram canôa para os transportar ao logar de seus destinos.

Dous dias depois, os cadaveres desses individuos davam á costa em logares differentes e até hoje não se tratou de saber o que causou a morte áquelles dous infelizes, nem se indagou tambem si com elles naufragaram suas bagagens.

Não quero affiançar que se perpetrasse um crime, sou até propenso a crer que fosse o effeito de algum desastrado acontecimento, mas me parece que são factos de magnitude tal que a authoridade não deve dormir nelles, mormente quando a voz do povo, que, dizem, ser voz de Deus, põe sobre elles a bocca.

—Eu entendo que V. pensa com toda discripção e acerto.

—Preconise o Sr. Antoninho do aceio a sua empreza como quizer. A verdade não se torce; o serviço é mau, é mau, é mau!...

—Louvor em bocca propria é vituperio.

—Quem tem seus olhos bem vê. Si elle appella para o publico e não tem a merecida reprimenda, é porque o publico, especie de criança grande, se deixa levar por quanta caraminhola lhe apresentam.

—Não ha mais escarnecedora zombaria do que esse appello feito ao publico.

—Nesta estação calmosa, andam os carros da limpeza ás onze horas e meia do dia levantando poeira que suffoca os transeuntes. Isto é serviço bem feito?!...

—E as ruas ficam porcas. Na rua do Collegio os carroceiros, ha tres dias, que passavam por dous inchados e formidaveis ratazanas e não os levavam nos carros.

—E o becco do Arcebispo, ha muitos dias, não é varrido.

—Ora pecegos para semelhante systema de aceio.

—Soube que as africanas aguadeiras fizeram uma colligação?

—Não.

—Anda atrazado com as cousas de sua terra.

—Eu não me importa com o que não é da minha conta.

—O guarda do chafariz do Terreiro adquiriu a antipathia das negociantes de barril d'agua, pelas maneiras bruscas e impertinentes que usava para com ellas. Não queria que derramassem agua quando enchiam os barrís e exigia por isso mais um vintem; prohibia que lavassem a cara ou que arrastassem os barrís

Reuniram-se em baixo de uma das arvores e ahi discutiram e deliberaram não carregar agua no dito chafariz emquanto o homem não mudasse de opinião. Dividiram-se em tres turmas, indo uma para Guadelupe, outra para S. Bento e outra para o Pelourinho. Commiaram uma muleta para aquella que infringisse o que ficava assentado.

O resultado é que o homem esteve isolado na segunda e terça feira e viu-se obrigado a mandal-as chamar e dar satisfação á cada uma de per si e a presenteal-as com duas garrafas de vinho.

—Homem, si a mania dos meetings pega, até nos africanos, é prova que corremos a galope na estrada da civilisação.

—Na insaciavel voragem com que os larapios vão devastando esta terra, não ha mais para onde appellar.

Uma horda de mal-feitores assentaram de

passar a custa do alheio e vão vivendo commodamente.

Quem já viu uma medida siquer, umà unica, para conter, a torrente de depredações e latrocinios com que ultimamente os larapios teem affligido ao povo inteiro?

Não ha para quem recorrer; a cidade está sob a assoladora acção dos salteadores e gatunos.

—Os roubos ja não teem conta.

—Quarta feira a parda Clara, moradora á ladeira de S. Francisco casa n.° indo á freguezia de Brotas, voltou no dia immediato. Encontrou uma po ta travessa de sua habitação arrombada e a casa roubada. Levaram lhe em dinheiro 6$ rs. e diversos objectos de prata.

—Tambem a venda do Sr. Cornelio, na mesma ladeira, foi experimentada a escôpro, úm dia destes, não conseguindo os ladrões arrombal-a por algum incidente.

—Elle que se guarde.

—Na cidade baixa, um individuo praticava a mesma operação na porta de um armazem, na noite de quarta feira. Sendo visto, deitou a correr.

—No Areial de Cima invadiram uma casa pelos fundos e levaram 39 gallinhas, roupas e diversos objectos.

—E a policia acha tudo isso ainda pouco e não dá importancia a noticias de gazetas!

—O Bomfim nas sextas feiras é um logar propicio á praga do olho-vivo.

O bando de farejadores dos bolsos dos circunstantes corre para aquelle sitio na certeza de que elle lhes fornece fertil campo para suas gentilezas.

Trajados com apurado luxo que lhes proporciona o suave meio de vida adoptado, misturam-se na multidão, acotevelando a gente, apalpando a uns, cortando a cadeia do relogio a outros, de sorte que nunca fazem a viagem atôa.

—Na sexta feira houveram muitas empalmações. Entre outras, roubaram o relogio de um individuo, safaram a carteira com cento e tantos mil reis de um Sr. Calmon e vinte mil reis do bolso da calça de outro individuo.

—E por isso não ha gente mais devota e pontual adoradora do Senhor do Bomfim ás sextas feira do que a do olho vivo.

—Como tem a lingua porca este doudo!

—E' sempre assim. Rasgando todo panno que encontra e emendando em *tiras* como si quizesse tomar medida ao mundo inteiro e pronunciando obscenidades.

—Vive quasi nú.

—A's vezes completamente.

—Aqui na rua dos Arianis, ao Bomfim, com tantas casas e tanta gente habitando, como consentem!

—Cousas e cousas da terra.

—O mundo está perdido.

Um irmão vendendo sua irman.

—Que malvado! querer escravisar sua geração!

—Não foi a liberdade da irman que o monstro quiz vender, capitão, mais do que isso, a honra.

—Perverso! Ente abjecto!

—Sabendo que um tal *João Bocorio* andava em busca de uma companheira, por lhe ter desapparecido a sua, contractou-se para lhe fornecer uma. Tomou 4$ rs. para transporte, foi á Itacaranha, e disse á irman que uma tia se achava moribunda e não podia expirar sem vel-a. A ingenua moça acreditou nas palavras do irmão, especie de *Pedro* mal-as-artes, acompanhou-o e elle veio entregal-a a *João Bocorio,* dizendo áquella que ali ficasse que logo voltaria.

Passados os momentos de hospede, *João Bocorio* convidou-a a tomar posse da casa; foi quando descobriu-se a tramoia do Piroca.

—Degenerado irmão!....

—A irman, mais briosa que o indigno irmão reagiu contra toda convenção que lhe propôz *João Bocorio* e indicou a casa de um padrinho para onde queria ir.

—Esta devassa Latronopolis tem attingido á meta da depravação. Não ha scena por mais polluta de que ella não tenha sido o theatro.

—Capitão, vi um caso que me fez arrepiar os cabellos, e senti, palavra de honra, calefrios!

—Algum lobis-homem, alguma mulla sem cabeça, ou alguma alma do outro mundo, não?

—Não cassúe, olhe que o caso é serio.

—Pois vamos logo com isso.

—Tive necessidade de ir ao cemiterio do Campo Santo.....

—Parece-me que eu advinhei, é negocio de alma do outro mundo!

—V. Ex. pelo que vejo, não me quer ouvir?

—Si eu o não quizesse ouvir, já me tinha retirado.

—.....vi entrar o carro que conduz os defuntos pobres do hospital; conduzia o cadaver de um homem que os medicos haviam feito autopsia, estando por conseguinte em postas.

Momentos depois vejo um dos pretos trabalhadores do cemiterio sahir com um peda-

ço de carne que tirou do cadaver. Chamei-o e indaguei para que levava elle aquelle pedaço de carne humana.

«*E' pra fazê remedio, sinhô,* respondeu-me elle e foi retirando-se.

Uma rapariga que ahi se achava tambem, me disse:

«*Que remedio, meu senhor!... aquelle pedaço de carne de defunto que elle leva, dizem, é para fazer com que os homens amasiados fiquem sempre presos e jamais larguem as amasias.*»

—Infeliz do desgraçado que comer aquella carne!

—Agora attenda V. Ex., qual não seria a minha surpreza, quando soube que o cadaver de que o preto levou o pedaço de carne era de um homem meu amigo, que a irman nao querendo ter trabalho com elle, jogou-o no hospital!...

—De facto faz recuar espavorido ante este quadro de impiedade e superstição!

—Aquelles dous sujeitos cahiram nas garras da policia. Lá vão presos.

—São dous ratoneiros; *Sabe-ler* e outro. Foram encontrados ás onze horas da noite na cidade baixa em *projectos;* o cabo Garcia mandou-os presos.

—Ah!... que peça pregaram os maganos na policia!

Na rua do Tijollo *largaram-se* cada um para seu lado, deixando os soldados de bocca aberta!

—Cousa celebre!

Esta policia uma hora antes conduzia um ebrio, que mal podia mecher-se, preso pelos cós da calça; agora traz dous ratoneiros, ageis, possantes, soltos á vontade para dar logar a que elles lhes escape das unhas!

—E' uma mesmo para dar o que pensar.

—Quem diz que esta cidade tem aceio e limpeza, ainda não viu porcaria.

O largo do Theatro está reduzido á uma completa montureira.

—E' verdade; no passeio dos assentos do lado da ladeira da Conceição tem gallinhas e gatos mortos, de maneira que exhalam uma fedentina insupportavel!

—Alem do nauseabundo cheiro de ourina pôdre, que se respira ao passar pelo referido largo.

—Tanto faz V. fallar, como não; isto é clamar no deserto.

—As consequencias das travessuras desses meninos vadios, são sempre fataes.

—O que se deu?

—Uma desgraça.

—A culpa recahe a mais das vezes sobre os paes ou os senhores.

—Na sexta feira um menino, de côr escura, não achou onde vadiar si não sobre a muralha da nova rua que se está abrindo pela montanha entre as ladeiras da Misericordia e Conceição.

—Que imprudentezinho!

—Entrou pelo becco das Escadinhas, ao Pau da Bandeira, galgou a muralha e poz-se a andar de um para outro lado. De repente rolou daquella immensa altura e cahiu sobre as pedras sem sentidos lançando grande quantidade de sangue. Apanhado, foi conduzido para casa, enrolado em um esteira.

—Realmente causa pena.

—Capitão, V. Ex. assistiu o espectaculo extraordinario do circo gymnasio—*Auriol,* no sabbado 13 de março?

—Assisti; gostei de ver aquelles jovens trabalharem; trabalham artisticamente!...

O joven Mattos, nos puladores do Olympo, trabalhou bellissimamente, a não deixar nada a desejar.

Foi geralmente applaudido, podendo dizer-se que pertenceram lhe as honras da noite!...

—Espelho no qual se mira a civilisação da epocha:

«Horrores da guerra.—A proposito da passagem por aquella cidade, dos francezes aprisionados nas ultimas batalhas nos arredores de Orléans, escrevem de Nancy:

«Os ultimos prisioneiros feitos em Orléans foram conduzidos de França para a Allemanha em wagons *descobetos,* viajando de dia e de noite, com um frio de 10 e 12 gráus.

«Ao chegar a Nancy, os infelizes amontoados nestes vehiculos, tinham neve até ao ventre: havia quatro ou cinco gelados em cada wagon, e os demais soltavam gritos de frio e de fome.

«As senhoras de Nancy tiraram os chales, e os homens os gibões, para os atirarem áquelles desgraçados, com alguns alimentos, e o comboio continuou seu caminho.

«Que thesouros de odio e de vingança amontoados para o futuro!»

—A falta de policia nesta cidade dá logar a muitas cousas.

—Já V. vem com alguma das suas!

—Não é das minhas não, é das dos capadocios desta terra.

—O que foi que houve?

—No sabbado, depois que acabou-se a representação do circo gymnasio—*Auriol,*

uns engraçados que lá estiveram entenderam quebrar as vidraças das casas da rua da Lapa.

—Que malvados!

—Publicou o *Alabama* que a um pobre diabo encasquetou-se que devia entreter *namoro* de *caboclo* com uma senhora, dirigindo-lhe cartas que eram correspondidas por um traquino moleque, e enviando presentes que o mesmo punha no papo.

Pois um Sr. Salustiano, com tenda á ladeira de Sant'Anna, não topou que a cousa se entendia comsigo?

—Está doudo varrido.

—Diz elle que quem mandou a empada foi sua pessoa.

E no domingo veio com um formidavel cacete para defronte da typographia, dizendo que vinha quebral-a, convidando para isso Julio Feijoada e outros. Pediu a uns e outros que lhe mostrassem os donos, que queria espadoal-os, porque não deviam aceitar um tal papel contra elle.

—Dá-se que desfructe!

—E desse dia em diante leva toda noite a passar repetidas vezes para lá e para cá, pela frente do estabelecimento, a parar defronte, a queixar-se a todos que encontra.

—Decididamente está demente.

—E anda pelos conventos, pelas tendas de barbeiro, pelas casas de negocio, a dizer que ha de fazer e acontecer, relatando ameaças e projectos de vingança que pretende exercer, porque conta com muita gente boa a seu favor. E nesses logares por onde anda, o espirito gallofeiro acha largas para entreter-se á custa do pobre homem que parece ter perdido o sizo.

—Debicam-no em regra.

—Em toda essa irrisoria farça, ha porem um lado serio, para o qual chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia e das mais authoridades.

Um individuo de nome Miguel, conhecido pelo *Peixe gallo*, nutrindo rancor contra um dos proprietarios da typographia, aproveita o ensejo para insuflar o homem a que commetta violencias, offerecendo-lhe armas, aconselhando-o até a que vá tocar fogo no estabelecimento, o que é sabido por mais de 6 pessoas que estão promptas a jurar por terem visto e ouvido, accrescentando esse canalha que traz o *mulato* do *Alabama* atravessado na garganta..

Ora, doente, como parece estar, a imaginação do Sr. *Salú*, podem muito bem os *salutares conselhos* do miseravel fazer pressão no seu espirito, e o homem ser victima de uma imprudencia.

—Sirva isso de prevenção.

—Mas porque se ha de agastar o Sr. *Salú*, quando a publicação não se refere a si?

Si S. m. ainda está em duvida declaramos-lhes em alto e bom som que não é com elle. E' com um desfructavel *rato* que entendeu de ver servir de bôbo, namorando uma senhora, sem esta saber, porque está sendo mystificado por um travesso moleque que o bigodeia comendo-lhe os presentes e respondendo lhe as cartas. E' com um *peteca* que jurou não entrar no seu quarto sem ser com a futura noiva e por isso dorme toda noite sobre um banco. O Sr. *Salú* não pratica isso, não dá semelhantes desfructes; é um homem que não é mais criança, um artista laborioso e grave; como estamaga se?

A comparação da boceta é somente porque o toleirão namorador faz uma caixinha pelo mesmo molde porque S. m. fez a boceta que offereceu ao imperador.

—Em quem é esta estrondosa descompostura?

—Em um dos donos da typographia, onde se imprime o *Alabama*.

Esta mulher chama-se Izabel; da janella do Sr. Bispo de Florença, no Terreiro, viu o homem passar encostado á botica do Barata e despeja sobre elle os epithetos mais injuriosos, os ultrajes mais acres e insultuosos, o articulado da mais rafada farpella.

—A estupidez desta mulher, como a de muita gente, dá para entender que tudo quanto se imprime n'uma typographia é obra dos donos da mesma. Neste ponto desculpa-se-lhe pela ignorancia.

—Mas o facto de sahir seu nome n'uma folha não lhe dá direito a lançar aquelle montão de injurias, a usar daquella linguagem torpe e immunda, tão immunda como a bocca da marafona que as despeja.

—V. o que tem com isso? Ella que continúe; quem boa cama fizer nella se deitará.

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

VI.

Na imprensa, como na tribuna as questões só podem ser debatidas, quando na attitude do assumpto. Invertel-as, desnaturar-lhes a forma—é do escriptor sem pejo e mercenario.

Mudar a significação absoluta dos termos, e o restricto valor das proposições, de modo a interpretal-as ao seu bel-prazer, e amoldal-

as á conveniencia propria — é fraqueza no juizo, si não falsidade no caracter.

E justamente foi assim que procedeu o Sr. Loureiro para o fim do seu opusculo.

Levado exclusivamente pelo ensejo de atirar nos a affronta no insultuoso campo de ameaças, qual mais vehemente, excogitou todos os meios, empregou todos os recursos, e invidou todos os esforços; de sorte que baralhando todo o assumpto, satisfez o seu instincto de féra no miseravel plano de suas concepções; felizmente que tudo ha de receber a sua conveniente resposta.

Firme pela victoria de nossos direitos satisfaremos á tamanha insolencia, e certifique-se o Sr. Loureiro, de que si todas as pennas portuguezas, que se erguessem contra o Brasil, fossem como de sua bitola, apenas serviriam para mais realçar o brilho da honra nacional ao envez de mareal-o: a verdade tem horror á mentira, o merito foge do demerito, a justiça não pode encarar a corrupção e muito menos o opprobrio e a ignominia, e os homens de bem, quando atassalhados em a sua propria dignidade por outros, que se dizem diffamadores, d'elles nenhum caso fazem, á opinião sensata do publico deixam o julgamento, e é quanto basta.

Sim: a razão é bem simples de comprehensão; o justo e o reprobo formam o contraste mais anthitetico na ordem moral do universo.

Si nos vae faltando já a condescendencia, de que temos até hoje usado para com esse nosso adversario, e receiamos perder de todo essa indulgencia empregada pela monstruosidade de suas asserções.

E si não vejam aquelles que nos leem.

Depois de asseverar sob a presumpção de estupido orgulho de que a sua terra natal por maneira alguma pode ser grata ao Brasil, vem tratar da hospitalidade, que recebem os seus patricios de nós brasileiros, e então naquella forja de disparates deparam se mais estes. Eil-os:

«Porque razão chama o consul ao Brasil — «hospitaleiro imperio?

«Para que apregoarem se virtudes, que se «não teem?

«Pois hospitalidade se revela em procurar-«se os hospedes em noite de regosijo publico «para nelles cevar os seus instinctos sangui-«narios, e os seus enthusiasmos selvagens, «como succedeu pelo fausto successo da pas-«sagem de Humaytá em 1868, de modo que «no Rio de Janeiro alguns subditos portu-«guezes foram desacatados, e até a bandeira «nacional arrastada pelas ruas?

«E chama-lhes generosos aos seus compa-«triotas, o consul! Até parece que as pala-«vras, creadas entre nós para exprimirem os «nobres sentimentos da nossa alma, tomam «um sentido avesso proferidas por aquelles «homens! Generosos, elles! — como si cou-«besse generosidade em almas pequenas, e «em corações empedernidos no trafico avil-«tante da escravatura!

«Hospitaleiros, elles! — como si para com-«prehender a hospitalidade não fosse mister, «antes que tudo, uma alma grande, e um co-«ração bem formado.....»

Respondamos a primeira parte d'esta questão, e em seguida apreciemos a segunda.

De duas uma: ou a denuncia, que teve o Sr. Loureiro por intermedio dos seus patricios foi por demais falsa, ou foi ella invenção da cachola de S. S.

D'esse dilemma não poderá escapar S. S. sob pena de ferir se para qualquer dos lados, que tente abraçar, sim: porque, sob palavra affirmamos, que por essa occasião nada, que fizesse desabonar o caracter portuguez, se dera na capital do imperio, lá estavamos, e nem o menor ruido resonou a tal respeito.

Para deshonra nossa e *honra* do Sr. Loureiro os proprios patricios d'elle que nos desmintam.

Nenhum estrangeiro fôra desacatado e suppondo por um momento que similhante passo fosse dado, nós, Sr. Loureiro, não teriamos rasão e de sobra?

Si os vossos patricios que viviam em perfeita communhão comnosco, que se julgam com direito á nossa fraternidade, eram os primeiros a procurar desprestigiar os nossos feitos, e á nossa vista, não nos restava o direito, não nos permanecia a liberdade de fazel-o? Sim: e sim.

A bandeira portugueza n'essas occasiões devia ser levada de rastros pelas ruas mais immundas da capital, e quando bem enlameada deveria ser deixada á sanha furiosa da matilha para ter o destino merecido; mas felizmente que o povo brasileiro não o fez, e pela sua honra nunca o fará; elle é muito generoso e nobre, não paga o insulto pelo insulto, a ingratidão pela ingratidão; elle já é muito civilisado, e actos tão reprovados não poderá jamais practicar.

Esta é que é a verdade, Sr. Loureiro, é a logica dos factos, quem falla.

Que os brasileiros não podem ser generosos, diz o Sr. Loureiro, e nas declamações faz o seu cavallo de batalha; não é para admirar, S. S. é capaz de muito mais.

Ahi estão os seus patricios, e elles que digam si muitos não se acham estabelecidos pelos unicos esforços de nós brasileiros, elles que, para honra propria que digam em alto e

bom som si jamais recorreram a um brasileiro, que os podesse servir, que não fossem acolhidos.

Aqui, Sr. Loureiro, convem dizer-vos uma verdade assaz dura de ouvir se, e é que os vossos patricios são justamente os que maltractam aos seus conterraneos recem-chegados.

Hoje muitos portuguezes acham-se em melhores condições, que os seus amos, sendo nacionaes, estes deram-lhes as mãos, e elles acceitaram-as.

E poderia citar-vos um sem numero d'estes exemplos, mas para que, si vós, melhor que nós, o sabeis!

Elles ahi estão, e nos dismintam, si possivel fôr.

Ainda continuando prosegue d'este modo o nobre redactor do *Salamaleck:* «Pois hospitalidade é a pressão exercida com as mais severas leis sobre algum dos nossos conterraneos, quando acaso practique o mais leve delicto?

«Hospitalidade é a paridade entre a condemnação de um portuguez á seis annos de degredo para a ilha de Fernando de Noronha pelo roubo de quatro saias, e a d'um brasileiro, julgado na mesma occasião, a oito mezes de cadeia pelo roubo de mais de cem contos de reis ao Banco Rural do Rio?

«Hospitalidade é a ancia feroz com que a ralé do povo brasileiro aguarda, ainda hoje, o anniversario da sua independencia, para, a uma senha dada, romper em toda a especie de desacatos e excessos contra os portuguezes pacificos, residentes no imperio?

«Hospitalidade, finalmente, é o insulto nas praças, na imprensa, e no parlamento; no parlamento tambem onde os nossos conterraneos teem sido *amigavelmente* apodados de sangue-sugas, e de outros epithetos não menos amigaveis?»

Quanta injustiça, quanta barbaridade!!

Onde, em que parte, em que villa, em que logar em summa no dia festejado da nossa independencia se apupa os portuguezes?

Em que recanto do imperio se opera este phenomeno?

Em que tribunal já se infligio grandes penas a um portuguez com relação a um brasileiro imputado e provado na mesma falta ou crime?

Em qual das camaras ousou o representante do Brasil denominar de sangue-sugas aos portuguezes.

Assim poderá negar até o poder do Altissimo o Sr. Loureiro!!

Argumentando-se por esse modo não ha paiz que preste, nenhum homem que seja honrado.

Felizmente que todos já conhecem hoje o caracter do Sr. Loureiro, e é quanto basta.

Parodiando as vossas palavras, podemos dizer: Não - os brasileiros teem uma alma magnanima e um coração bem formado, vós é que sois os mesquinhos no animo e na acção, sim porque dizer o que ousaes é só de uma intelligencia corrupta e depravada.

Ouviu, Sr. Loureiro!

Por hoje basta, no proximo numero continuaremos.

Mario.

A PEDIDO

Palinodia

revista, correcta e augmentada por um namorado repellido.

Querido amigo, a casar
Vendo te assim inclinado,
Pela verdade forçado
Vou sem rebuço fallar;
Nas damas has de encontrar
De genios diversidades;
E para que divindades
Não as julgues, attenção!
Vou dizer o que ellas são,
Ouve as suas qualidades.

Mais ou menos inconstantes
Todas as mulheres são;
Mas para fingir paixão
As Marias são galantes;
As Paulas são pouco amantes,
Uma Antonia é muito ufana,
Uma Adelina é tyranna,
Uma Rosa muito esquiva;
Mas sobre todas altiva
E' a que chamar-se Anna.

As Luizas tem seu geito...
Mas são moças azougadas:
Só se mostram assucaradas
Para embaçar o sujeito.
E que direi a respeito
De uma Mathilde ou Silvana?...
Sonsas são, qual Juliana...
A Lucinda é muito arteira,
Porem não tanto matreira,
Nem maldosa como Anna.

Virginia é muito ciosa,
Mui medrosa Evangelina,
Mui requebrada Corina,
Melania mui preguiçosa,
Blandina é pouco extremosa,
Adelaide deshumana,
Ursula não palaciana;
Josepha tudo mal-diz;
Porem mostarda ao nariz
Nenhuma traz como Anna.

Tem maus bofes Ursulina,
Tem faniquitos Cantidia,
Senhorinha ou Leonidia
De pedir trouxeram sina;
E' mui velhaca Jovina;
Lina muda por semana;
Florencia, Sara, Luciana,
Rachel, Belmira, Henedina...
Cada qual é mais maligna,
Porem não tanto como Anna.

Enfrosina é galhofeira,
Felicidade beata;
Laura tem genio de gata;
Lourença é muito loureira;
Leonor é interesseira;
Felicia e Martiniana,
Idalina, Cassiana...
Todas morrem por janella;
Mas inda assim não dão trella
A rapazes como Anna.

Henriqueta é incapaz
De guardar qualquer segredo;
Clotilde tem, qual penêdo,
Genio forte e pertinaz;
Lucrecia séria se faz;
Herminia é bem pouco lhana,
Aurelia tem sempre gana
De namoro; mas, coitada!
Inda assim não é culpada
De perjurios como Anna.

Cordolina é aluada,
Elvira peior que féra,
Miquelina... desespera!
Balbina é cobra damnada,
Ernestina é tresloucada,
Gasguita Severiana,
Vira-folha uma Germana;
Adelia tem pouco acento;
Porem vária como o vento
Eu só conheço uma... Anna.

A Ricarda, a Rosalina,
Qualquer dellas é nojenta;
Para amar não serve a Benta,
Nem tão pouco Marcolina;
Pouco firme é Virgilina;
Rosalia em tudo chicana;
Tem má lingua Floriana;
Brasilia finge a valer;
Mas vaidosa até morrer
Eu não vejo sinão Anna.

E' mui simploria Thereza,
Otilia muito infiel,
Ignez agra como fel,
Veneno puro uma Andreza!
Não contes achar firmeza
Em Florinda e Aureliana;
Eva é sujeita magana,
Carolina mentirosa;
Porem a mais perigosa
De quantas existem é Anna.

Não queiras com Eugenia graça,
Nem com a santinha Eulina,
Si sorrir-te uma Porcina,
Resa o credo em cruz, e passa!
Uma Adalgisa ultrapassa
Em ciumes Lauriana;
Flavia por uma *banana*
Soluça, esbraveja, berra!
Mas não faz em casa a guerra,
Que por um nada faz Anna.

(*Continúa.*)

—Capitão, ha dias presenciei um caso ascoroso.

—Qual foi?

—Subia a ladeira da Misericordia um velho, de côr preta, descalço; descia uma crioula de espavento, têsa como um *quiabo duro*.

Ao cruzarem-se, estabeleceu-se entre elles o seguinte:

«—Maria Felippa....

«—Meu pae, eu tenho casa; quando quizer fallar comigo, me procure lá.»

Ouvindo tal resposta, o velho curvou a cabeça e seguiu cabisbaixo.

—Porem ao que vem isso?

—Para lhe mostrar este mundo como é cheio de vaidades; até uma rapariga que nada vale, se envergonha de fallar na rua com o progenitor de seus dias, porque este é um pobre *cangongo*.

O pau de sebo.

Vê se no meio da praça
Um novo prelio travado,
Entre um homem denodado
E longo mastro seboso.

E' tantalismo jocoso,
E' lucta de sobe e desce,
Cada vez o pau mais cresce,
Cada vez mais sebo acode!

O pobre quer e não pode:
O peito, a barriga esfrega:
Si aperta—o pau escorrega,
Si afrouxa—escorrega o pau.

Não pode encontrar um váo
Porque tudo é sebo só,
E quando o sebo faz nó
Ainda resvala mais.

Os recursos usuaes
Todos 'lli baldados são;
Si apoia o pé—corre a mão;
Si apoia a mão—corre o pé.

Da turba—que ávida vê
Essa lucta desegual,
Cada escorrego lhe val
Estrondosa gargalhada...

Surge então desafiada
A vontade de vencer,
Mas nada vale querer
Contra o sebo que não quer.

E lá o premio a descer...
A bater-lhe na cabeça...
Porem—ai—a sorte avêssa
Fal-o do premio fugir.

Embaixo todos a rir...
Em cima premio a brilhar...
Maldicto sebo a embargar!...
Que terrivel posição!

Mal haja a lei d'attracção
Que assim ao sebo se allia
Contra o pobre que porfia
A trepar tão longo pau...

Tal das filhas de Danau
Era o trabalho baldado,
Si lá era—pau furado,
Aqui é—seboso pau.

Victoria, 1.º de fevereiro de 1871.

Quem pergunta, quer saber.

O Xico borrador ou pintor, terá por fim acabar com a irmandade da solfa?

O Murciú mestre capellado terá aconselhado para isto!!!

Ou os ultimos trovões teriam incendiado as contas?

Coitado do compromisso,
Entregue á certa gente,
De ha muito sempre infeliz
Mas alguem sempre contente!!

Muito soffre a irmandade
Com esta tal direcção;
Abusos, sim! sim! deleixo
Tudo alli ha em porção.

E' preciso o illustre doutor
Que das capellas é juiz
Acabar com a velha mesa
Que dar posse inda não quiz.

O compromisso diz quinze dias
Da festa a não exceder
Quatro mezes passados são,
O que isto quer dizer?

Chiton! chiton! chiton! O Tempo mostrará.

O observador.

—Capitão, uma noticia a ultima hora.

—Venha lá com isso.

—No domingo, pelas 7 horas da noite, uma sucia de moleques, que vinham da rua Nova de S. Bento, encontrando um outro, ao sahir ao largo de S. Pedro, deu uma cacêtada fracturando lhe um braço!

Este gritou aqui-del-rei, e nem um guarda policial siquer appareceu.

—Eu o que sei, é que esta terra vae marchando progressivamente.

—Tenho mais uma outra, capitão.

—Sempre vem V. com suas noticias depois de terminado o expediente.

Avie-se.

—Os doentes de febre amarella do hospital da Misericordia estão sendo removidos para o pavimento por cima do *Forum*.

—Somente?

—E' só, capitão.

—Então empine-se!

ANNUNCIOS.

Hodie mihi cras tibi!...

Eduardo Firmino da Silva, Candido Ricardo de Sant'Anna e Aristides Ricardo de Santa Anna convidam a todos os seus amigos para assistirem a missa e memento que se ha de celebrar, na quinta feira 23 do corrente, 1.º anniversario do passamento de sua presada mãe D. Maria Joaquina de S. José, no convento dos religiosos franciscanos, pelas 8 horas da manhan, e por cujo acto de religião e caridade desde já se confessam eternamente gratos. Bahia 20 de março de 1871.

Para quem gosta.

Acham-se expostas á venda duas novas modinhas unidas, intituladas—*Os Dous Anjos*—nas lojas de livros do Sr. Martin ao largo da Praça, e de charutos do Sr. Laurentino, á rua Direita de Palacio. Preço 2$ rs.

Quem precisar de uma ama para engommar ou cosinhar, dirija-se ao Cruzeiro de S. Francisco n.º 9.

Attenção.

Na rua do Bangala casa n.º 51, indica-se quem dá dinheiro a premio sobre penhores por modico premio. Bahia 15 de Março de 1871.

João Luiz das Virgens e Friandes continuam a encarregar-se de obras de pedreiro e carapina, suas officinas. Podem ser procurados em seu escriptorio á ladeira do Taboão, loja n. 70—D.

Typ. de Marques, Aristides e C.

An no 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 77.ª SABBADO 25 DE MARÇO. Ns. 768—769.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 24 de março de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que se digne de acolher favoravelmente a reclamação da Sra. Bernardina Maria Ribeiro, moradora ao becco do Arcebispo, na qual pede que lhe seja restituido seu filho menor Felix de Valois, o qual se acha desencaminhado desde principios do mez de dezembro e lhe consta ter seguido para o Inhambupe da Praia, levado pela Sra. Margarida Maria do Nascimento e seu amazio Luiz Ferreira da Costa, que moraram ao Cruzeiro de S. Francisco.

Não tendo a reclamante, apezar dos esforços e deligencias empregadas, podido conseguir obter novos ou maus dados do referido seu filho, recorre á intervenção de S. S. como a unica competente em taes casos.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, communicando-lhe que diversos moradores da rua do Cabral queixam-se da petulancia e impunidade com que uma caterva de moleques affronta na referida rua a decencia e o socego com alaridos e obscenidades todas as noites; pelo que espera-se da não contestada actividade de S. S. providencias em termos.

—Capitão, um facto selvagem e atroz.

—Vá começando.

—E com tudo eu não posso relatal-o claramente. V. Ex. melhor do que eu comprehende como são as cousas nesta terra e sabe as immunidades que o manto das condescendencias dispende a certa gente collocada em tal ou qual posição.

—Então perde o feitio a sua novidade.

—E' bom sempre que se saiba as atrocidades que se perpetram no seio de uma sociedade illustrada como esta.

—Acho rasoavel.

—Então um momento de attenção.

De uma casa desappareceu certa quantia e foi attribuido o roubo a um rapaz pardo, escravo da mesma.

Para confessar, foi posto em tratos. Depois de soffrer o martirio dos *anjinhos*, foi hontem, quarta feira, cruelmente surrado e depois de torturado pelo azorrague, lhe applicaram pimenta sobre as chagas.

—Oh, isso passa de perversidade.

—Não sendo esses tormentos bastantes para arrancar do paciente a confissão exigida, foi elle pendurado pelos braços á uma arvore por espaço de duas horas, flagello que se repetiu hoje pela manhan.

—Quanto canibalismo!

Mas como V. poude saber disto?

—Eu estava trepado n'um *outeiro* de onde se descortina a vista de nossa formosa *barra* e d'ahi presenciei.

—E um homem deste porque goza a *fe de rico* julga-se com supremo arbitrio de trucidar seus semelhantes!

—Que horas são?

—Uma da madrugada já soou.

—E aquelle vulto pela ladeira de S. Francisco, carregado como um ouriço-caixeiro.

—Entrou no becco das *Facadas*.

—Neste tempo de tantos larapios, quem sabe si aquelle sujeito não será um delles?

Vamos espiar?

—Si entende que devemos ir, vamos.

—E' bom a gente ver para saber; o cujo não é larapio; pelo contrario é um daquelles incumbidos de velar sobre os larapios.

—Um agente policial.

Mas onde foi elle arranjar tanta carne do sertão á esta hora?

—Pelo que pronuncia uma voz de mulher, lá na cafurna, talvez saibamos a procedencia:

«Sr. Geraldo, aqui V. não deixa esta carne; «amanhan eu não quero estar apertada.»

—Ouviu?

—Perfeitamente.

—E que acha?

—Que nos retiremos; para o que queriamos saber, já basta.

—Si V. quer vu; eu fico ainda para ver si neste negocio do Sr. *Geraldo, bispo,* mais alguma cousa.

—Si houvesse nesta cidade uma policia activa que désse cabo de certos malandros, a devassidão não estaria n'ella tão adiantada.

No sabbado á noite, o Sr. capitão Almeida Couto, empregado na secretaria d'assembléa provincial, seguia pelo largo do Theatro, quando apresentou-se lhe um sujeito branco, bonitote e pôz se a rebocal-o.

O Sr. Almeida Couto, massado com aquillo, perguntou lhe o que queria.

«—Quero que me desaperte.

«—Mas, re orquin o homem, desa; ertal o em que sentido, meu amigo?

«—Me dê ahi dous mil réis, disse o cujo, que eu estou muito preciso.

«—Não tenho dinheiro, para sustentar viciosos.

«—Ora! dê os dous mil réis, disse o peralta, e me leve em sua casa, que eu faço uma cousa que o Sr. ha de ficar satisfeito.

«—Retire-se, disse o Sr. Couto, eu sou um homem casado, e veja bem que não tenho a cara d'esses devassos que por ahi andam.»

—Na verdade si a policia se occupasse em agarrar esses per ltas sem meio algum de vida, que querem forçar os preceitos naturaes, para desta sorte obterem dinheiro para seus vicios, por certo que a devassidão não estaria em tão alta escalla!

No tempo em que serviu de chefe de policia desta cidade o Sr. Dez. Freitas Henriques, desappareceram do largo do Theatro os celebres Manuel Bahia e José Roberto, assim como um yaya Mariquinhas que havia na portaria de S. Francisco.

—Neste caso, vamos pedir ao honrado cavalheiro que se acha hoje a frente da policia desta provincia, para que imite o exemplo do sempre lembrado Freitas Henriques, prestando assim, em nome da moralidade, um valioso serviço!!.....

—Capitão, um caso singular.

—Ouvirei, se lhe apraz.

—Um rapazola, filho do Sr. Mundin da Caixa Economica, raptou uma moça, na segunda-feira e carregou com ella para casa de seus paes.

—Os paes de quem, homem?

—O pae e a mãe delle, capitão.

—Bonito lance de respeito filial!

—A moça, segundo dizem, sahiu de casa dos parentes em perfeito estado de virgindade; no seio da familia do raptor foi que houve o defloramento.

—Lá isso é por conta de quem disse; ninguem viu.

—Como é isso exemplar e moralisador.

Ora bem se diz que a mulher não se agrada do carrapato por não conhecer o macho.

—Então porque?

—Pois uma criança daquella, sem officio nem beneficio, sem ao menos saber regularmente as primeiras lettras, que a irman era quem escrevia as cartas de namoro.

—Mas V. não diz que foi com o apoio do pae e da mae?

Elles que aguentem com a trouxa.

—Mas *cadê* p'ra ferir?

—E digam que esta terra não galga os degraus da perfectibilidade!

—Explosão na maxambomba.

—Quando foi esse estouro?

—Na terça feira.

A machina n.° 2 esparralhou-se na Madragoa, interceptando o caminho.

Felizmente não houve caso serio a lamentar; o incommodo maior foi o de terem os passageiros de fazerem a viagem a pé.

—Logo no dia, em que metteram machinista novo, acontecer este trastorno!

—A religião catholica não ordena a veneração das imagens dos santos?

—E' preceito de fé.

—Mas aqui está um padre que se deixa ficar coberto passando a procissão de S. José.

—Porém veja os moleques como gritam—*fóra peu!*

—Elles mesmos são os proprios que dão pouca importancia ás ceremonias religiosas.

—E lá se vae o padreco em *agua aberta*, com ares de *Janjan*.

—Plantaram-se arvores no Terreiro, como objecto de commodo publico.

—E na realidade são.

—Gastou-se dinheiro, empregou-se trabalho e cuidados.

—Nem podia ser por menos.

—Mas agora que essas arvores começam a fructificar estão sujeitas as estragadoras pedradas dos meninos vadios.

As cajazeiras estão todas esfolhadas por tantas pedradas que recebem.

—Eu só estou pela impassibilidade com que os agentes policiaes, assentados em baixo das mesmas, presenciam essa obra de destruição.

—Nesta terra só se andando de olhos fechados e de ouvidos arrolhados para não ver-se e ouvir-se tanta indecencia.

—E o que me diz de quem mora na visinhança dessas mulheres da vida airada?

Eu ainda estou com os ouvidos atordoados da noite de sabbado.

Que deboche! que orgia!

—Em que logar?

—Na rua d'Ajuda casa n. 9, em que mora uma tal Firmina.

Essa mulher de vida irregularissima reuniu uma pandega desenfreada, que praticou excessos.

O retinir dos vidros das vidraças, que esmigálhavam-se ao embate das pedradas, fazia atroador contraste com a voseria desordenada, os gritos descompassados que a hórda desenfreada soltava.

—E habite uma mulher de costumes tão perdidos no meio de gente honesta!

—Para que havia de dar a doudice desta mulher!

—Foi escrava, creio, da casa do finado Marcolino Maia.

—Andar pelos monturos enchendo balaios de cisco para despejal-os nas portas alheias.

Quando é presentida dão-lhe pancadas e obrigam na a apanhar de novo e a reconduzir o lixo; mas ella continúa em seu proposito.

—Está uma ~~douda~~ que deve ser incommoda á empreza do aceio.

—Si para semelhante empreza houvessem incommodos.

—Revoltante procedimento!

—Este homem é um desalmado.

—Trabalha em pinturas na casa de saude do Dr. Seixas.

—Não se espanca assim a um velho de 100 annos.

—O *Papa-ovo* tem a bocca muito suja, é verdade, mas elle não podia espancal-o brutalmente.

—E em cima blasonar que não faz caso da authoridade do chefe de policia, nem do subdelegado.

—Temeraria gente é esta gente do olho vivo!

—Eh! Parece incrivel!...

—Faz cahir o queixo!

Veja se pode se dar maior arrojo:

Na quarta feira um individuo chegou no trapiche *Barnabé* pertencente ao Sr. Fernandes Lima, lançou mão de uma barrica de assucar d'entre algumas, que se achavam no solar do edificio, enrolou-a para o meio da rua, chamou um ganhador e conduziu com ella. Já ia pelo Caes Dourado quando deram pela tratada.

Aprisionados o ganhador e o conductor, este com imperturbavel cynismo pôz-se a apontar para um estrangeiro que seguia adiante, dizendo que fôra elle quem lhe mandara tirar a barrica.

E mudando os passos pôz-se a gritar:—«*ah, senhor!... psio... ah, senhor!... psio...*» E neste disfarce foi se esgueirando, deixando o Sr. Fernandes Lima pasmo de ver a andacia d'aquelle aventureiro. Quando o homem cuidou que não, o tatú estava longe.

—Na casa de Correcção ia havendo morte.

—Os presos revoltaram se?

—Não. Um sargento de cavallaria que se achava de guarda, metteu a espada em um soldado que estava de sentinella, á meia noite, na ilha das Cobras e este quasi o vara.

—Eu creio que é contra a disciplina dar no sentinella.

—Dizem que o sargento ja de dia havia dado estouros em um outro soldado, conhecido pelo *Joaquim Papae*.

—Em que dia se deu isso?

—Na quarta-feira 15.

—Em resumo o soldado é quem ha de estar soffredo.

—E' verdade e creio que até vae responder a conselho; o sargento esteve detido apenas duas horas.

—As cousas são assim; sempre quebram no costado do mais fraco.

—Na estrada de ferro tambem se dão boas cousinhas e a provincia que garante juros de 7 % faz um papel de peteca; sendo de mais a mais constantemente prejudicada.

—Pois olhe, não deve ser por falta de vigilancia, a provincia tem um engenheiro fiscal encarregado de não consentir que a lesem.

—Ouça lá o que me communicam.

No dia 12 achando-se a senhora do Sr. Tipleid incommodada, na Pojuca, e receitando o medico, foi a receita remettida pelo telegrapho para Alagoinhas para ser aviada.

—Está como os casos funestos se dão; houvesse um engano da parte da telegraphia e tinhamos o caldo entornado.

—Passando o trem ordinario á uma hora da tarde, ordenou o Sr. Tipleid que quando chegasse a Alagoinhas, a maquina retrocedesse com o remedio para sua senhora e assim aconteceu.

O trem ficou em Alagoinhas e a maquina voltou para a Pojuca a cumprir o mandado do engenheiro.

—Este procedimento desdiz da proverbial pontualidade ingleza.

—Na Pojuca demorou-se a maquina até 6

horas á espera que o medico apparecesse para examinar o remédio e ver si estava exacto.

Agora diga-me, um empreza de viação pode empatar seu trafego pelo interesse de um unico homem?

—Não.

—E a provincia não teve prejuizo, pelo menos na despeza do carvão?

—Está claro.

—E o serviço não pesou sobre os empregados, que podendo ter a tarde de domingo, foram forçados a trabalhar até seguramente 10 horas da noite, porque só ás 7 partiu o trem da Pojuca?

—Pesou; mas como foi por causa da mulher do Sr. Tipleid, potencia na via ferrea, não ha que reclamar.

—De sorte que nesta terra não ha nada que não ande a matroca. Apregoa se como modelo a severidade ingleza no respeito e observancia á lei e aos regulamentos que dirigem as emprezas... Entretanto ahi fica uma amostra do panno.

—E' que tudo que chega a esta terra *broma*

—Veja como anda isto:

Na terça-feira agasalhou-se um ladrão nos aposentos do sobrado n. 63, ao Caes Dourado, tão bem agazalhado que os moradores não deram por elle na occasião de fecharem as portas á noite.

Quando viu que todos estavam recolhidos e havia tempo bastante para terem adormecido, sahiu de onde estava escondido e começou a dar caça á casa, fazendo uma colheita menos má.

Ao retirar se, no abrir da porta da sala quiz o accaso que fizesse barulho e accordasse uma mulher que ahi dormia, a qual deu signal que havia gente estranha.

Emquanto o ladrão se via embaraçado para sahir, outra mulher passando por uma porta travessa, correu ao destacamento a pedir soccorro. Mas o destacamento, commandado pelo sargento Melchiades, achava-se em *tal estado* que não deu *accordo* de si. O ladrão pôz-se em fuga; perseguido pelos moradores e por alguns marinheiros, foi preso adiante da rua do Julião e ahi lhe tomaram todo furto que consistiu em cordões, anneis, brincos, pulseiras e collares de ouro.

Levaram-no preso e entregaram ao destacamento, para no dia seguinte dar-se as convenientes providencias.

Em tal estado de *cansaço* se achavam as praças do destacamento que adormeceram e deram tempo a que o ladrão facilmente e sem difficuldade procurasse o caminho de casa; e as que não adormeceram sahiram a *divertir-se*, inclusive o sargento, que foi encontrado pelo subdelegado em casa de umas raparigas.

—E conte-se com segurança nesta terra, onde ha uma policia tão deleixada e ladrões de tanta animosidade!

—A benefica meza da Santa Casa da Misericordia está desenvolvendo a febre amarella no seio da população.

—E as authoridades de braços crusados consentindo.

—Montou um hospital na rua da Misericordia, por cima do Forum, centro da reunião do povo. N'um só dia entraram 11 doentes.

—E como nesta terra um criminoso deleixo preside a todos os actos, as cadeirinhas que conduziram taes doentes, d'ahi a meia hora eram occupadas por pessoas sans, que nellas se transportavam.

—No dia immediato falleceu logo um dos atacados. Posto o cadaver no caixão, houve jogo de empurra; ninguem queria carregal-o para deitar no carro mortuario, de sorte que o carro permaneceu por mais de tres horas á espera.

—E agora os despojos dos que fallecem são atirados pelas janellas no pateo.

—Como é isto saudavel, com este calor abafador!

—Quando a molestia assolar intensamente, ha de se tomar, então, tardias medidas preventivas.

—Capitão vou-lhe contar um facto passado na quarta feira.

—Vejamos.

—Um individuo, que em algum tempo andou embarcado, feito mestre de navios mercantis, foi á estrada de ferro ver se lhe haviam chegado umas encommendas.

Na volta, ao chegar em S. Francisco de Paula um sugeito que estava em uma porta com ar de quem ia sair, ao vel-o foi logo dando-lhe o tratamento de capitão.

«Senhor capitão, V. S. quando vae ao Assú da Torre?»

O homem que de facto tem sempre portadores para tal logar, perguntou-lhe o que queria.

«Como fugiu um escravo do tenente aqui, meu visinho, e constando que se acha n'esse logar, queria que V. S. me levasse uns annuncios para serem por lá distribuidos.»

O capitão, segundo o tractava o tal desconhecido, não se quiz negar; e mandou ver ver os annuncios em mão do tenente.

Passados alguns minutos, appareceu o tenente, e disse-lhe que os annuncios não estariam promptos si não ás 5 horas e meia.

Neste interim bateram á porta.

«Quem está?... pergunta o figurado dono da casa.

—*Ostê não quer compra bilhete de Hespanha?*

—O que diz aquelle homem? perguntou o supposto dono da casa ao capitão.

—Ignoro, respondeu este.

—Entre cá dentro, mio caro signori. O que quer?

—*Ostê, caballero, não quer compra bilhete de Hespanha?* disse o recem-chegado.

—Cá.... cá.... cá....

Ora bilhete da Hespanha, uma loteria que ninguem sabe quando corre!

—*Ostê quer, compra, que se ostê tira sorte, eu paga logo.*

—Oh! vamos lá ver isso, diz o tenente.

O fingido hespanhol puchou do bolso uns numeros, deitou sobre uma meza e disse — pára no numbro que *osté quer* e se sahe num bro preto eu paga.

—O tenente casou 2$000 rs. em um dos numeros; o hespanhol cobriu e depois descobriu, dizendo—*ganhaste ostê, caballero.*

Depois o hespanhol saca do bolso uma carteira bem recheiada e propõe ao tenente que se quizesse havia de parar com mil réis ou do contrario não jogava mais.

O tenente tira do bolso 30$ rs. e diz ser todo dinheiro que tem.

O hespanhol volta-se para o dono da casa e pede-lhe que interesse com o tenente; este diz não ter dinheiro; elle finge voltar o rosto e o tenente mostra ao capitão por um accionado que sabia aonde estava o numero preto.

Voltando-se depois o pretendido hespanhol dirige se ao capitão, dizendo, *caballero*, interessa com este sua companhêro.

Ora, o capitão tendo visto que tudo aquillo era uma armadilha para verem si elle cahia, disse para o imaginario hespanhol — «quando V. ia para a Hespanha, já eu voltava de lá, e foi pegando no chapeu e retirando-se!»

—Desta vez a companhia do olho-vivo foi infeliz no laço que armou, foi ella quem perdeu a partida!

A PEDIDO

Palinodia

revista, correcta e augmentada por um namorado repellido.

(Continuação dos ns. 766—767.)

Angelica é desconfiada,
Eudoxia mui presumida,
Vicencia demais sentida,
Clara mui dissimulada,
Carlota exige tratada
Ser, qual deusa e não humana,
Auta falla que se esgana;
Heduviges é astuta;
Mas dos enredos na lucta
Ganha a palma sempre Anna.

Gracinda por tudo chora;
Margarida é porcalhona;
Clelia (entre nós) é mijona;
Promette e falta Theodora;
Luzia cospe tod'hora;
E' finoria Emiliana;
Umbelina é uma gitana;
Candida mata sorrindo;
Porem falsa até dormindo
Não has de achar sinão Anna.

Jesuina é cavillosa.
Guilhermina vingativa,
Lydia forte em logrativa,
Ignacia muito ardilosa;
Hermelinda é mui dengosa:
Felismina moça insana;
Maxima, Martha, Adriana,
Cada qual tem seu defeito;
Mas nenhuma tem no peito
Tanto fel como tem Anna.

E' mui varia Celestina,
Arminda muito acanhada,
Amelia assás espinhada,
Um *não me toques* Delfina,
Tem muita usura Christina,
Muita toleima Caetana,
Muitos *me deixe* Diana;
Fausta é muito desabrída;
Porem mulher delambida
Não encontras como Anna.

As Gertrudes são pimponas,
As Franciscas mui bregeiras,
As Thomazias marralheiras,
As Sofias comilonas;
Barbara merece taponas;
D'Eulalia a lingua é catana;
Rufina chupará *canna*
Antes de aos trinta chegar...
Pois olha: sem exagerar,
Qualquer vale mais que Anna.

Claudemira, Florentina,
Simôa, Esther, Dejanira,
Hortencia, Cléta, Janira,
Domingas, Alexandrina,
Estephania, Catharina,
Judith, Justa, Firmiana,
Martinha, Feliciana,
A nenhuma escolher deves:
Todas são cabeças leves;
Bem que mais sérias que Anna.

Valeria e Marcionilla
Evita: são um castigo!

Nem na tu'alma achem abrigo
Brigida, Augusta, Camilla,
Joanna esquece que argilla
E', e faz-se soberana;
Constança machuca damna,
Mata de raiva um mortal!
Quiteria é genio do mal,
Mas nunca peior que Anna.

Uma Juliêta ou Paulina,
Evita, amigo, ou Damasia,
Que te direi de uma Eufrasia!
Nem por sombra uma Sabina!
Foge a Elisa ou Clementina,
Nem procures Damiana;
Ambrosina é leviana;
Flora atormenta e dá mel;
Porem fingida, revél,
Avara, ruim... só Anna.

Gliceria diz que é discreta,
Porem não te fies nella;
Ritta, sagaz como aquella,
Inculca uma alma selecta;
Reduzem um homem a patéta
Emilia ou Virgiliana,
Etelvina ou Cypriana
Qual é ruim, qual peior;
Porem a peste maior
Que podes achar... é Anna.

Temocléa e Herdolina,
Eliceria, Afra, Hilaria,
Joaquina, Januaria,
Irene, Isaura, Trifina,
Tulinda, Perpetua, Adina,
Branca, Arlinda, Mariana,
De maridos tendo gana,
Se atêm a duas amarras:
Foge, pois, de suas garras,
Porem foge mais de Anna.

E' mui manhosa Celina,
Libania muito grosseira,
Epiphania enredadeira,
Tôla e altiva Leopoldina;
Izabel é mui sovina;
Julia fel dos labios mana;
E' parva a Justiniana;
Esmeralda pouco attenta;
Mas de cousa boa isenta
Eu nunca vi senão Anna.

Domethilde, Josephina,
Córa, Ercilia, Felisberta,
Eufemia, Simplicia, Bertha,
Octavia, Jacintha, Alcina,
Helena, Amalia, Honorina,
Donina, Iria, Marciana,
Pouco bem dellas emana,
Nenhuma tem jus a gabos;
Mas fossem todas diabos,
Qualhuer preferira a Anna.

Ha muitas outras que calo
Porque vejo-as temerosas...
Sao culpadas, mas formosas...
Causam sempre certo abalo...
Seus defeitos não propalo...
Porem nenhuma me engana!
Entôa a Deus uma hosanna
Si mesmo dessas escapas:
Ellas são demos de capas;
Diabo sem capa é Anna.

Assim, amigo, sê cauto
Na escolha que fizeres;
Desconfia das mulheres
Eis o dever que te panto
Padeces de amor? N'um lauto
Banquete esse mal te sana!
O craneo fervente abana...
Mas só casando achas cura,
Então evita a perjura
Mulher que se chama Anna.

—Vejam só o diabo como as tece.

—O que ha de novo?

—São umas lambe-cinzas do *Boqueirinho* que dormem e amanhecem na janella.

—Quem são essas noctivagas que fazem da janella cama?

—Umas taes que dizem, que fazenda não estando no mostrador, não tem gasto.

—Quando é ordinaria.

Diga me onde moram essas taes.

—Muito facil de saber. E' ao pé de uma venda.

—Que numero?

—Nem é 40, nem 38.

—Bem; hei de apparecer por lá para ver essas bexigas incommodativas.

Noticias da casa de trabalho sem prisão.

O diabo coxo no sabbado quiz *tentar* ao *Manuel Patrunilio* que estava de sentinella e este deu-lhe muito estouro de refle. (O empregado *Ana-estacio* foi demittido por isso.)

E' por demais escandaloso o que pratica esse homem. Tem elevado nesta casa a sodomia ao maior apuro, e eu juro que elle não *faria* tanto si não contasse com a impunidade.

O governador não vê estas cousas; só se apura em flagellar os infelizes a quem a desgraça ou um momento de irreflexão precipitou neste abysmo.

Come-se carne magra e pôdre. O pão em logar de seis onças virou para seis gatos. O toucinho é do tamanho de uma marca de botão.

Os fiscaes não precisam ter mais trabalho em fiscalisar os generos deteriorados, porque todos são arrecadados para servir de alimento

aos desgraçados que jazem neste inferno em vida.

—Capitão, que tal é o inspector d'alfandega?

—Não o conheço; mas tenho ouvido fazer-se lhe boa ausencia; como funccionario publico, dizem, que é amigo da justiça.

—Tenho uma representação a dirigir-lhe.

—Sobre o que versa?

—Pedindo uma providencia no sentido de que os exportadores de assucar não soffram em seus interesses com o systema de arrumação, que ha nos trapiches.

—Lembrou-se hoje d'isso?

—Amontoam grande quantidade de caixas umas sobre as outras, e succede muitas vezes que um negociante despacha uma caixa de assucar e quando manda retiral-a do trapiche não pode, pelo embaraço que ha em safal-a do logar em que se acha, sendo obrigado a esperar uma, duas e tres semanas até que se desarrumem as que estão por cima.

—E' uma medida de equidade.

—Mas eu não sei si o homem me prestará attenção.

—Experimente.

Soneto.

Um novo judas resurgiu agora,
Filho d'um padre, pardo desfarçado;
Que tão devasso é, quanto é ousado,
Do ministro nos pés por ouro chora.

As suas faces de pudor não cora,
A classe, á que pertence o desgraçado,
Manchada porque o tem nella *collado,*
Com a sua maldicção melhor vigora.

Juiz, lente, vigario, que desgraça!
Só nesta terra vê-se um vil sendeiro,
Que de torpe usurario já mais passa.

A honra vende elle por dinheiro,
Para do negro vicio encher a taça,
Defforou trez irmans o tal vaqueiro.

—Capitão, outro dia assisti a um leilão de burros em que era pregoeiro o Sr. Meirelles, muito digno subdelegado da freguezia de Santo Antonio.

—Sim, e o que ha?

—Ha que no meu espirito suscitaram-se certas duvidas.

—Quaes são ellas?

—Si a gravidade inherente ao cargo de subdelegado é compativel com o officio galhofeiro e chasqueador de pregoeiro de leilões.

Ora eu ouvi alli certos diterios e certas respostas á vista de um auditorio immenso, que me geraram essas duvidas.

—E' por que V. de si mesmo é todo excentrico. Hoje não se olha para essas cousas.

—Ah, está direito; no seu pensar hoje pode-se até ser chefe de policia e frequentar casas de jogo.

Sr. redactor.—Uma fatalidade tem feito com que V. ouça só aos empregados da companhia de Vehiculos Economicos, que por abusarem e commetterem actos de fraude, são despedidos.

As muletas impostas nunca foram em numero tão crescido, que absorvam todo o ordenado mensal.

Até certo tempo, ellas eram applicadas só em beneficio dos uniformes dos empregados, premios, quando se destinguiam, e soccorro quando por si, ou por qualquer pessoa de sua familia, soffriam.

Hoje não existem; desconta-se dos vencimentos as faltas de comparecimento para o serviço. Os empregados venaes, por que são despedidos, espalham e recorrem a este jornal, para com esta mentira se justificarem.

Um caixeiro.

Para arredar interpretações equivocas, declara-se que a publicação inserta no *Alabama* n. 755 não se entende com o Sr. Manuel José Teixeira de Araujo, com venda n. 9, á Preguiça.

VARIEDADES.

Uma maxima que vale por quatro; em largura, cumprimento e profundeza:

O homem que pensa no futuro, olha para cima; o que pensa no passado olha para baixo; si olha para diante, pensa no presente; não pensa em nada se olha para a direita e para a esquerda. Agora si olha frequentemente para traz é porque pensa com certeza nos credores.

—Oh! que bambochata!... é pena que não haja mais que um carnaval por anno, Manuel.

—Diabo! bastavam dous no mez para me fazer dar a costa. Tenho o estomago como uma fornalha, a garganta como uma lixa, e a lingua como um ferro velho!... A culpa foi tua que me embebedaste em todos os tres dias; não se resiste a tres carrapanas seguidas!

—Alma de chicharro!... porque não fizeste como eu... bebi mais do que tu, e só tomei uma carraspana.

—Uma só?...

—Só; mas começou no domingo e acabou na terça-feira.

—Com effeito é o meio mais seguro para não se embebedar duas vezes.

A proposito.

Julgava-se uma causa de attentado ao pudor em um dos tribunaes criminaes da cidade de Lille, e achavam-se na galeria para assistirem a essa audiencia varias senhoras.

O juiz, antes de principiar a leitura das peças do processo, tomou a palavra e disse que suspendia a audiencia por cinco minutos, porque tratando-se de uma causa que offendia o pudor feminino e devendo prevenir as pessoas presentes d'esta circumstancia, concedia aquelle prazo para que as senhoras honestas podessem sahir do tribunal.

Nenhuma das senhoras que a curiosidade levara áquella audiencia sahiu do tribunal, e o juiz, decorridos que foram os cinco minutos, voltou-se para o escrivão e disse-lhe:

«Pode principiar a leitura do processo *porque todas as senhoras honestas já sahiram do tribunal.*

Foguete.

A certo yoyô bonito,
Que está sempre na janella,
Servindo para palito
De uma menina bem bella;

Quero um conselho lhe dar,
Não vá abonos pedir,
Quando quizer se casar
Porque podem descobrir.

Sendo elle um troca-tintas,
Sem meio de vida ter,
Não é melhor que desista
Do que um—não—receber?

Si acceitar meu conselho
Não se ha de arrepender,
Pois é de homem já velho
Que tem razões p'ra saber.

Quem te avisa
Teu amigo é.

Perguntaram um dia ao poeta inglez Prior porque razão não havia matrimonios no paraiso. «E', respondeu elle, porque não ha paraiso no matrimonio.

Um roceiro havia emprestado dous burros a outro roceiro, para este fazer uma pequena viagem, mas vendo que já se demoravam os animaes foi á casa do visinho esperal-o. D'ahi a poucos momentos chegou o roceiro acompanhado de seu pagem por nomo Burromeo, e que tendo uma pequena doença em caminho o havia feito demorar. A' chegada do roceiro e seu pagem, aquelle que o esperava não poude deixar do estranhar a demora na viagem, e disse-lhe:

— Olhe, visinho, você demorou-se muito na viagem, e d'outra vez não me pilha a *montaria*.

—Perdão, visinho, disse-lhe aquelle, a culpa não é minha, mas sim do Burromeo que adoeceu em caminho.

—*Seu o burro! e estal então eu o dei ou vendi?*

Foi necessario aquelle explicar-lhe o *qui pro quo* para não haver algum desacato.

Dous amigos depois de jantarem a fartar principiaram a teimar qual dos dous tinha mais comido. Um delles já desesperado disse:

—Olhe, que eu comi como um burro!

O outro não querendo ficar supplantado respondeu.

—E eu como um boi.

A que um gaiato que estava perto, aproveitando o ensejo, disse-lhes:—e da mesma forma, e pela mesma maneira...—que os fez ficar envergonhados.

ANNUNCIOS.

Attenção.

As commissões que promoveram a subscripção entre os caixeiros d'esta praça a favor das familias dos voluntarios d'esta provincia, tem resolvido fazer a distribuição pelas ditas familias das quantias até hoje arrecadadas, para cujo fim se devem mostrar habilitadas com o competente attestado do parocho da freguezia a que pertençam, podendo desde já dirigir suas propostas em carta fechada aos Srs. bibliothecarios do Gremio Litterario e Gabinete Portuguez de Leitura, até o dia 31 do corrente.

Bahia 15 de março de 1871.

DEPOIS DE FECHADA A MALA

—Não causa mais espanto ouvir contar os amiudados assaltos dos ladrões ao lar alheio.

—Ja parece fabula!

—E como são destemidos! Em alto dia é que praticam suas correrias.

—Contam com a falta da policia.

—Hontem, sexta-feira, dous individuos abriram uma casa no Bercó, chamaram um ganhador, ajudaram uma arca grande, e sahiram. Sendo visto pela visinhança sahir a arca, sem ser acompanhada pela dona, causou especie. Tomaram-na do poder do ganhador e os larapios pozeram-se em fuga.

—Ah, Sr.Dr. chefe de policia, assim tambem parece mais que tibieza.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 7.ª QUARTA-FEIRA 29 DE MARÇO. N. 770.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 28 de março de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia da Penha, pedindo-lhe que empregue os meios a seu alcance, afim de que um individuo de nome José, que mora fronteiro ao Sr. Carias, no logar denominado Caminho de dentro, o qual reune em sua casa uma sucia de capadocios, todos os domingos e dias santificados, não continue a proferir, junto com a sua pandega, as palavras immoraes de que fazem uso, desrespeitando assim o decoro das familias que ali moram.

Em vista do exposto, e em nome da moralidade ultrajada espera-se ser attendido.

—No sabbado ao meio dia, passava um soldado do 14 pelo largo do Theatro, na occasião em que sahia o *bond* dos Trilhos Urbanos, o qual deu-lhe uma encontroadella, jogando-o por terra, e por milagre da Providencia elle não varou-se na b ioneta que levava na mão, mas ficou bastante maltractado!

—Imprudencia!

—Capitão, na segunda-feira, á noite, os larapios deram na cidade baixa na loja de fazendas, denominada—*Centro commercial,* e levaram um relogio que encontraram, além de muitas fazendas.

Os ratoneiros trabalharam para abrir um cofre, onde existia um conto e tanto de réis, mas não poderam conseguir.

—Safa! olhe que os ladrões andam agora quentes!....

—E a policia fria!....

—Hontem, terça-feira, as ruas desta cidade foram theatro de um espectaculo estupido, repugnante, barbaro e incivil.

—Tudo isso?

—Transitava por ellas, em ar de pregão, uma mulher, negra, de catadura repulsiva, trazendo na mão direita formidavel relho, alçado sobre o alto da cabeça e com a esquerda segurava pelo cós da saia, uma outra mulher, de côr fula, que levava um pequeno taboleiro vasio na cabeça.

Após uma cantarola que pronunciava, imprimia uma relhada nas costas da victima e seguia.

Do que dizia essa improvisada carrasco apenas se percebiam as seguintes palavras—*aqui vae esta negra fugida, que vestiu saia nová....* o mais era inentilligivel.

Este quadro degradante e indigno percorreu desde a freguezia de Sant'Anna, ladeira de S. Francisco, Maciel de Baixo, Baixa dos Sapateiros até o Pilar.

No Terreiro, houve quem commovido se oppozesse á tão selvagem e anti-humana scena, e pretendesse que a miseranda fosse á presença do subdelegado. Apresentou-se um portuguez declarando ser senhor da escrava e que o castigo era authorisado pelo subdelegado do Pilar, unico que podia revogal-o, no que foi apoiado pelos soldados de policia que se sentam em baixo das arvores e que só se moveram, quando viram o ajuntamento em redor da soffredora. Declararam esses agentes da ordem publica ao portuguez que levasse sua escrava da maneira que lhe conviesse, porque sendo seu senhor, *d'ella podia fazer o que quizesse.*

Insistindo-se para que fosse apresentada ao subdelegado da Sé, em cujo districto se passava o facto, elles oppozeram-se formalmente, perguntando a quem assim opinava, *si era inspector de quarteirão para estar cagando regras.*

—Esse atroz senhor nem se lembrou ao menos que estamos no santo tempo da quaresma, tempo de perdão e indulgencias, para expor uma creatura sua semelhante a tão aviltante trato!

—E do que serve haver lei em um paiz, onde o senhor brutal calcando os preceitos do Evangelho, affrontando a opinião, exhibe publicamente scenas de degradação moral, e exerce sobre o infeliz escravo castigos iniquos

e repulsivos, apresentando-se acintosamente aos olhos dos agentes da authoridade e apadrinhando-se com o nome destas!...

—Que diabo de alarido é aquelle ali na rua da Madragôa, em casa d'aquelle velho africano?

—Quanta gente reunida!

—O que será mesmo aquillo?

—Eu sei lá...

—Vamos nos informar?

—Estou prompto: eu cá sou pau para toda obra.

—Ouçamos primeiro o que conversam a quelles sujeitos moradores da casa visinha.

.....

«—Ora, isso não tem geito! O preto estava sentado em sua porta, o Sr. Francisco Abreu passou por elle, junto com um alfaiate de nome Elyseu, e deu um *cascudo* no pobre africano, este chamou-os—*malandrins*.

«A' este dicto, o Sr. Francisco Abreu entende que como é filho do subdelégado e inspector de quarteirão, tem jurisdicção para invadir a casa do preto, e junto com o celebre Elyseu, dão-lhe muitas bordoadas, assim como na preta companheira d'aquelle.

«Quasi matam os pobres pretinhos, si eu não fossemos em soccorro dos mesmos!»

—Já ouviu o que é?

—Já, meu amigo, é o filho do subdelegado o author d'aquelle alarma.

—Mas V. o que quer? hoje é domingo, e aqui em Itapagipe faz muito calor; provavelmente o homem está *esquentado*.

—Esquentado ou não, isto é um abuso intoleravel.

—Porem o que havemos de fazer?

—Clamar contra o procedimento irregular do filho de uma authoridade policial, tanto mais quando até é elle inspector de quarteirão.

—Rapaz, modere o genio—*manda quem pode*.

—Capitão, uma grande novidade.

—Diga o que é, sem preambulos, como queria o fallecido presidente general Andréa, para não impacientar-me.

—Um *rato* anda com um *gallo!*

—Que é o que V. está dizendo? Está doudo? Onde viu isso?

—Na rua, capitão, onde dá-se e vê-se tudo.

—Está bom, já sei; seria algum *gallo* amarrado na porta de qualquer casa, e algum *rato* sabido que vendo comida pôz-se ali...

—Não havia comida de qualidade alguma, e sim *erva*...

—Como estás abstracto, pois *erva* não é comida de que se faz ás vezes carurú, e sempre maniçoba?

—Mas ouça, capitão, vindo eu da fonte daquelle fructo que corta...

—Já o entendo, *gravatá;* adiante, continue.

—... e tendo de fallar a um meu conhecido por nome *Miguel,* na freguezia de Santa Anna, soube por um *boccorio,* ao subir da ladeira, que o homem da *bucolica,* cheio sempre de *circumstancias,* para evitar *brincadeiras,* deixava de estar em terra e ia para o *mar,* incumbindo a um *sineiro* de vez em quando do alto da torre lançar os olhos sobre o *Desterro* e *Nazareth,* logares de suas impressões e entretenimentos, desde menino empinando papagaios e arraias, jogando castanhas e peão, costume esse que nunca perdeu até ser *guarda nacional* sempre moscando o serviço, serviço que diz ter-lhe desagradado como *raposa,* quando o *gato capado* o obrigou a não apanhar passarinhos e a vestir a farda, concorrendo para isso o então *general* improvisado *major Sergio.*

—Ignorava tudo isso; esses *boccorios* sabem de cousas ..

—Já esquecidas por velhas; dizendo-me mais o *sobredito cujo* que o *bucolica* quer mudar de nome ou antes de sobre nome, deixando o de *santos,* porque elles já não fazem milagres, muito custoso, apesar do diuturno e fatigante namoro, o seu consorcio, ou com afilhadas de *padre,* ou em *contraste* com qualquer outra parenta, filha ainda, elle tambem *filho.*

—E que cognome tomará elle?

—Isso é o que não sei, talvez de *Sá*. .

—Seria necessario, para tanto, que no craneo não tivesse mais elle *luz* alguma, e fosse como um louco.

—E o capitão duvida disso á face de tantas macaquices?

—Não digo que sim nem que não; é mister a respeito, como si fosse uma sybilla, ouvir a experiente...

—Não carece isso, eu conheço uma preta africana, que até parece adivinhar, que todos chamam-na minha *tia,* recebendo ella qualquer cousa que se lhe dê pela consulta.

—Será bem bom que se desate semelhante *nó,* sem carecer da espada d'outro Magno Alexandre, quanto ao gordio chamado.

—Então saberemos de muitas *treitas* e grandes *negocios,* sendo estes d'aqui e aquelles d'ali, como o papalvo falla, e se pronuncia sempre; lambendo os beiços quando toca na *menina,* assevera que é *bonitinha,* tomando vinte pitadas ou trinta em meia hora; então saberemos da união e companhia *gallo-rato.*

—Por amor de Deus, não falle mais disso; quem é que disso faz caso?

—Perdôe, meu capitão, não são tão inoffensivos—o *rato* e o *gallo*.

—Mordem e beliscam, e nada mais.

—Esse pouco, que fura a pelle e derrama sangue...

—Deixe lá o *gallo* e o *rato:* pucharemos as pennas do *gallo,* sem quebrár-lhe o bico, e tiraremos a pelle do *rato,* sem arrancar-lhe os dentes: e si continuarem... outros meios e recursos brandos temos ainda para frustrar quaesquer resultados que possam vir da companhia—*rato-gallo,* agora pela grande guerra européa. os gallos comendo ratos, e por isso ficando demonstrado que *rato* ha de esconder-se para não anniquilar se por *gallo,* e que, si maior fôr a crise, lá irá tambem o *gallo* a par do *rato*.

—Fallou bem, capitão, e eu me calo e vou-me embora.

A PEDIDO

—Capitão, faz favor de ouvir-me?

—Temos novidade?

—Uma bisca embarcada em uma casa de penitencia seraphica de *terceira ordem* para garantir o futuro de uma velha lusitana, que vive de ser *creada de servir*.

—E o que tem isso? A casa não é de charidade?

—Mas, capitão, o regulamento manda que só se acceitem as senhoras, que forem mulheres ou filhas dos irmãos da casa e estas mesmas que não sejam septuagenarias.

Além disso ha grande opposição quando uma natural do paiz quer entrar para a confraria. Exigem certidão até o 4.° grau de sanguinidade, como na passada direcção exigiu um sujeito bem nosso conhecido. Outros dizem que a ordem não precisa de mulheres e alguns emfim exigem que a pretendente prove ser de casta *fina e apurada*.

—Deixe-se desses preconceitos tolos que já caducaram. Os homens sensatos de certo não se lembrarão disso; só pode entrar na cachola de alguns azeiteiros estupidos ou mesmo de algum conterraneo adulador, que atravez da peneira que lhe escurece a vista o fôfo orgulho, não se conheça a si proprio.

Demais não tem visto V. como essa casa, si é a que eu penso, caminha para o regresso? Não tem presenceado seus actos como são pouco concorridos?

Que os que pertencem á ella e dispõe de posição pecuniaria e social a tem abandonado a uma meia duzia de *pés de boi?*

—Bem, capitão, em outra occasião lhe relatarei cousinhas de mais alcance.

Soneto.

—Cançaste, ó vate?
—Não cancei, fiz ponto.
—Porem, ponto final?
—Quem sabe disso!
—Remisso foi-te amor?
—Não foi remisso.
—Contas com elle?...
—Nem comigo conto.
—Affrontas então pois?
—Eu não affronto.
—Intercedes, talvez...
—Meio sediço!
—Mas si a morte chamar-te a seu serviço?
—Serei sempre de amor soldado prompto.
—Tua crença, porem?
—Era illusoria!
—Succumbes?
—Não, que os genios sup'riores
Morrem p'ra o mundo e vivem para a historia.

Para quem sabe amar, ha sempre amores;
Para as flores da lyra, ha sempre gloria;
Para a gloria da lyra, ha sempre flores.

Recommenda-se ao Dr. chefe de policia para que mande admoestar a um creoulo de nome Vicente, filho da africana Victoria, moradores á rua da Misericordia, pois o dito creoulo entende que deve tomar generos na venda da quina da Praça para matar sua fome e quando o caixeiro pede-lhe o dinheiro, ouve as palavras mais obscenas que ha, á ponto de um dia o caixeiro da referida venda, offendido com tantos insultos, pular o balcão e fazer qualquer asneira, pois um prescipicio deste não é para menos.

—Capitão, já completou a banda dos *tambores* do regimento dos *cadêtes?*...

—Ainda não.

Logo, é possivel ser admittido o *Aleixo*.

—Que *esperança!!*... e mais alguem até.

Pois bem, vou mandar a policia secreta á rua da *Formosura* buscal-o para se allistar na companhia do *Porfiro* Vianna, ou outra qualquer.

—Que duvida; Ahi, só quem pode fazer opposição é o *Pinelle* e mais ninguem.

—Capitão, communicaram-me um facto que o julgo puramente real, segundo m'o asseverou pessoa conceituada.

—Si é facto importante, é favor dizer-me logo.

—Eu o considero como tal; mas a V. Ex. compete julgal-o.

—Apreciemos.

—No dia 21, pelas 7 horas da noite, Francisco da Costa Dourado e outro individuo foram á venda á baixa da ladeira da Soledade insultar ao caixeiro da referida venda por causa do troco de uma cedula de cem mil de réis.

Neste interim appareceu o dono da venda, travando-se uma lucta entre este e os aggressores, pelo que houveram ferimentos.

Recolhendo-se depois o dono da venda para sua casa e fechando a porta da rua, os aggressores não podendo forçal-a, contentaram-se em apedrejar as vidraças e quebrar os caixilhos das janellas á força de cacetes.

Passado este espectaculo, digno do atrazo em que se acha esta nossa provincia, compareceu o Sr. Henrique de Meirelles, actual subdelegado da freguezia de Santo Antonio, acompanhado do seu ordenança, e sem indagar o facto, como devia, mandou buscar quatro praças de policia e com grandes gritos e alaridos prendeu um dos taes; este foi sobre elle e nem só lhe pôz o paletot em pedaços, como sovou-lhe o *beque de prôa*. O subdelegado lucta para ver-se livre das mãos do preso, sendo preciso para isso a intervenção do povo e dos soldados. Ora, logo que o subdelegado se viu livre das garras do sujeito, gritou que ia buscar mais soldados e largou se a correr pela ladeira acima.

Com effeito, d'ahi a meia hora appareceu elle com mais quatro guardas, porem já o preso n'essa occasião tinha sido conduzido pelos quatro primeiros; mas sabendo elle que Francisco Dourado havia escapado, procurou-o para fazer-lhe effectiva a prisão e este que se achava em *porto seguro* (em sua casa de morada) tambem por sua vez refrescou com uma horrenda descompostura, em vozes altas, ao subdelegado, que tudo soffreu, sem atinar com o que devia fazer!...

Volta por fim o referido subdelegado com os guardas, bastante sentido da vergonha por que tinha passado e do desprestigio que havia soffrido a sua authoridade. Chegando na ladeira do Baluarte encontra com o que se achava preso que continuava a resistir, e ordena a força que o conduzia que o levasse a rastro, sendo ahi apupado pelo povo, alem de uma nova chuva de descomposturas, que de novo soffreu.

—Oh! isto é muito desmoralisar-se a authoridade!

—Mas o que faz admirar se ahi, capitão, é somente uma cousa.

—Qual?

—No dia immediato, antes das 6 horas da manhan, estava o preso solto e livre por ordem do subdelegado, a quem elle havia desprestigiado no dia antecedente!

—Esta é que é de *cachupeleta!*

Motte.

Teu lindo porte, teu rosto
Maltrata meu coração.

GLOZA.

Que prazer, que grande gosto
Eu sinto n'um só instante,
Si desfructo delirante
Teu lindo porte, teu rosto;
Aos ferros sempre disposto
Da mais extrema paixão;
Sujeito á escravidão
Vivo só por teu respeito
Que o amor que nutre o peito
Maltrata meu coração.

F. G.

Barbeiro.

O monje *pacificador,* barbeiro á rua dos *preguiçosos,* aleija dedos, colla nariz e outros trabalhos que com vagar têm vindo e hão de vir a luz; tambem declara ao respeitavel publico que tem outra casa do mesmo trabalho em Itapagipe, e tudo isto faz por preço commodo, por que não é santo, e sim monje.

Só na Bahia, esta terra em que se vive folgadamente..... eu tambem vou ser barbeiro!

S. Antonio e S. Pereira.

Faço sciente ao publico que já se deixa de sellar qualquer documento por falta de estampilhas, como fosse a lancha *Costa* que deixou de seguir viagem por falta das ditas estampilhas para sellar.

VARIEDADES.

Senhora de palavra.

—Ritinha, toma cuidado,
Notam já nos teus enganos;
Ha dez annos que declaras
Contar de edade trinta annos.

—Pois que notem!... disse um
Ter trinta annos; está dito!
Sou senhora de palavra;
Tenho trinta annos, está dito.

ANNUNCIOS.

Vende-se a pastelaria Dous de Julho atraz da Sé nº. 52.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 87.ª SABBADO 4 DE NOVEMBRO. N. 861—862.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Hoje começa a serie 87.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 3 de novembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, dizendo-lhe que não tendo S. S. achado merecedor de sua attenção o facto que lhe fôra partecipado do rapto de uma moça, aconteceu que, mesmo na noite do dia em que a communicação lhe fôra dirigida, fosse a dita moça removida da casa onde estava, vindo assim a realisar-se mais uma vez que o pouco apreço que muitas authoridades dão as informações e providencias que a imprensa reclama, é causa quasi sempre do crime alardear impunidade.

Entretanto convém scentificar a S. S. que o facto de que se trata era sabido e notorio na visinhança e ainda agora poderá S. S. colher informações da realidade delle.

—Meia noite, a hora em que a terra silenciosa descança das agitações tumultuarias do labyrintho da vida, os habitantes do becco do Escorrega não descançam!

—Para semelhante gente a noite não é a occasião do repouso.

—Como a noite é propicia aos vagabundos, aos peralvilhos, aos tenebrosos, não admira que durante ella o becco do Escorrega seja o theatro de extraordinarias aventuras.

Deixemos porém de parte os demais moradores do afamado becco do Escorrega e fallemos tão somente do insigne *Mané Gato*.

Quem na segunda feira, á meia noite, pelas immediações do becco do Escorrega, não accordou sobre-saltado aos gritos de soccorro e aqui-d'el-rei?

—O que havia?

—*Mané Gato* espancava desabridamente sua amasia a crioula Leandra.

O endiabrado, na biboca onde se entoca, tem uma *traquinada* á que chama botequim.

Pois foi capaz de desmanchar o botequim no costado da rapariga.

—Desalmado!

—E á esta algazarra amotinadora, á esses gritos descompassados, nem sombra de policia!

—Conte-me o que houve aqui pela rua do Tijollo.

—V. não viu?

—Chego agora e vejo esta mulher banhada em sangue.

—Ah, nada mais do que isto:

A parda Guilhermina, mulher desassizada, retalhou com uma navalha a cara desta crioula Maria Tertuliana Bonifacia.

—Tres formidaveis golpes!

—E antes uma pedrada.

—Coitada, para esta o dia do fim do mez foi fatal.

—Que sêde horrivel curtem os passageiros da estrada de ferro!

—E' só na terceira classe.

—Além do calor desabrido, do insuportavel apertucho, da fadiga de uma viagem de quasi seis horas á pé firme, que é peior do que se caminhando, não ha onde mitigar a sêde intensa que se soffre!

—A pé! quem lhe disse isso? Ha logares para os passageiros sentarem se.

—No dia em que me embarquei estavam todos tomados e a razão que me deram foi que sendo o trem lotado para 55 passsageiros iam nelle perto de 70.

—Como sardinhas em tigella.

—De sorte que eu tomei pelo meu barato de, na volta, vir na segunda classe, embora mais caro; porque na terceira faz-se vida de papagaio, viaja-se a pé, e nem ao menos ha onde satisfazer qualquer necessidade corporal.

—Descuidos, descuidos.

—Oh! contrista, penalisa ver-se o corpo d'esta misera escrava!

—Esta rapariga queixa-se as pessoas a quem se dirige para pedir dinheiro e repôr na venda de sua senhora, que é maltractada por ella com bordoadas, quando acontece voltar com a venda para casa.

—Não queixa-se, ella tem o attestado no corpo.

Admira que uma creatura possa castigar tão deshumanamente, de maneira tão brutal, á um seu semelhante!.....

V. horrorisa-se si olhar o corpo d'ella!

—Como chama-se ella?

—Bernarda; é escrava de uma viuva, que ha *dias,* protegeu o *Andrade,* moradora á rua das *Bengalas.*

—Bem; eu vou pedir ao Dr. chefe de policia, em nome da humanidade soffredora, que empregue os meios a seu alcance, para allivio d'essa infeliz captiva.

—E se assim proceder, será um acto louvavel.

—Por causa de um vintem quer este homem tirar a existencia de um vivente, sem se lembrar da cadeia!

—E' assim que se dão tristes successos, que ventilada a origem, vê-se que foi uma bagatella.

—O homem tem dever de acautelar-se do perigo; mas este como um louco, quer mesmo atirar-se ao precipicio.

Um individuo entra na venda ao Caminho Novo, onde foi directoria dos estudos; toma um vintem de caxaça; diz que ja pagou e pede troco; o caxeiro teima que não. Ora, isto é motivo para elle hallucinado sahir com uma faca de ponta?

—De certo, não. Levasse o diabo o vintem.

—E ja feriu o outro no braço.

—Nem por hoje ser o dia em que a egreja festeja a *Todos os santos* da côrte do ceu, o diabo deixa de ter poder de tentar as creaturas!

—Na terça feira á noite, deu-se um facto na rua denominada da Fonte de S. Miguel, facto esse bem contristador.

—Alguma desgraça provavelmente?

—E' verdade.

Uma filha do Sr. Bastos, morador n'aquella rua, pediu a uma moça que mora na casa visinha para mandar-lhe o filhinho que ella queria ver.

A moça mandou leval-o. A' noite chama a referida filha do Sr. Bastos a ama da moça para ir buscar a creança.

A rapariga foi, e deixaram-na descer ás escadas ás escuras, acontecendo rolar ella com a creança agarrada, os degraus até em abaixo, resultando d'isso uma garnde brecha na cabeça e diversas contusões pelo corpo.

—Coitada!

—E a creança soffreu alguma cousa?

—Felizmente não soffreu cousa alguma, porque a rapariga rolou as escadas; mas sempre aguentando-a sobre os peitos, só a soltando quando chegou em baixo.

Perdeu por muito tempo o uso da falla, e acha-se em perigo de vida.

Essa rapariga chama-se Honoria é escrava da viuva do capitão Buril, que marchou d'aqui para o sul commandando a companhia de couraças, e de seu trabalho coadjuvava para a subsistencia de sua senhora.

—Causa pena! Deus tenha compaixão della, restabelecendo-a ao perfeito goso de sua saude.

—Capitão, recebi uma denuncia.

—De alguma tractada, não?

—Que de fóra chegaram duas meninas, mandadas buscar de *encommenda* por dous caixeiros, as quaes foram illudidas e seduzidas da casa materna e se acham n'um alto edificio, que tem mais forma de castello do que de *paço* edificado por um *Saldanha,* remotamente.

—O numero da casa?

—Eu lhe digo, capitão.... Espere um pouco.... deixe contar pelos dedos... um... dous .... *tres.... quatro...* Um *mez e tres dias,* capitão.

—Ora viva! Fallo uma cousa, V. responde outra. Retire-se que tenho mais o que fazer.

—Capitão, no domingo as 2 horas da tarde, em uma certa casa, no Corredor da Victoria, deram em uma crioula escrava, vinte duzias de bollos.

—V. os contou?

—Contei-os.

—Isso me está assim parecendo um arranjo seu?

—Si V. Ex. duvida, pergunte ao *Thomaz* que tambem presenciou o facto.

—Qual; hei de indagar isso, mas ha de ser do *Magalhães,* que vae todos os domingos a casa do *Souza,* que mora n'esse bairro, e si for mentira dar-lhe-hei o diploma de aleivoso.

—Valeu!

—Na quinta-feira, ás 6 horas da manhan, foi encontrado o cadaver de uma creancinha, que os cães já tinham arrancado os intestinos e estavam devorando.

—Misericordia! Como é que uma mãe lança seu innocente filhinho no monturo para os cães alimentarem-se?

Que mãe desnaturada essa!...

—Ha muitas especies de mães neste mundo: a mãe que, assim como esta, joga o filho aos cães, essa é verdadeira—*mãe-cação*.

—E julgará essa mãe que não ha de dar contas a Deus por ter lançado seu filho no meio da rua para pasto dos cães.

Infeliz creancinha!

—Homem, você se lembra que, ha mezes passados, o Cunha marcineiro da ladeira da Misericordia, deflorou ou foi accusado de haver deflorado uma menina sua pupilla?

– Sim; e prometteu casar-se com ella em 15 dias, por uma obrigação que assignou.

—E' isso; em que ficou este negocio? por que não realisou-se?

—Creio que houveram seus *porquês* que fizeram adiar o casamento.

—A' espera, talvez, da vinda d'el-rei D. Sebastião para servir de padrinho.

—O Sr. A. J. Ribeiro é uma entidade que constitue um amalgama entre o communismo e o egoismo.

E' um novo systema adoptado pelo homem e que elle interpreta á seu geito, isto é *quer por que quer* mandar na fazenda alheia em seu proveito.

Assignou o *Alabama* e provavelmente leu no cabeçalho—assignaturas por seis series 5$ rs.—mas o que não lhe fez, talvez, conta saber foi, que para gozar desta vantagem o pagamento deve ser adiantado e feito de uma vez.

Por consequencia foi pagando mil reis por cada serie que se vencia até a quinta serie. Na sexta, indo o cobrador com o recibo teve o Sr. Ribeiro o descoco de dizer-lhe que queria assignar por seis series e como ja tinha pago 5$ rs. nada devia!

Ora, pode-se admittir que o Sr. Ribeiro por confusão de intelligencia ou falta de comprehensão, suppuzesse que a maneira de assignar seis series por 5$ rs. era pagando mil reis no fim de cada uma dellas, mas o que não é admissivel é a sua pertinacia em não querer sujeitar-se a razão, nem acceitar explicações.

E não houveram razões que o aballassem, esclarecimentos que o convencessem!

—Isto, e ficar com o alheio contra a vontade de seu dono, são cousas que se confundem.

Solteiras e solteiros, casados e viuvas.

Sou tão amante do bello sexo, que nada faço sem que o tenha no pensamento, e por isso ainda é delle que me vou agora occupar.

Os homens em geral são muito ambiciosos: uns se ufanam para serem membros de directorias de suas sociedades; outros, para senadores (maganões!... e estes tem razão..); outros, para conselheiros, e tempo houve em que até para chefe da nação! Ainda isto não é tudo: os que tem dinheiro, sendo barbeiros ou sapateiros, passam a taberneiros; estes a negociantes de fazendas seccas; os commerciantes ricos, não contentes com suas posições, dão ás vezes contos de reis, para serem commendadores, barões, etc.!

Com as mulheres não acontece isto assim: todos os seus pensamentos, todas as suas ambições, todos os seus sonhos concentram-se em uma unica cousa que vem a ser—*os laços de hymineu*! A mulher quando se casa, chega ao maior auge de gloria a que pode aspirar; para ella o casamento é tudo; é, entre nós hoje, a materia, como em outro tempo o desembargo do paço.

Todas as vezes que comparo as garantias que na sociedade tem o homem com as da mulher, rendo immensas graças ao Altissimo por me ter feito macho. A mulher, de qualquer forma encarada, não é mais do que uma escrava; tudo nella fica mal, tudo para ella é um desdouro!

Ha na vida certos prazeres que o homem solteiro pode gozar livremente; mas que a mulher só por meio do matrimonio os pode fruir, por que tem então um homem, um companheiro para tudo.

O homem casado commette milhares de infidelidades e não é despresado; a mulher, se cahe n'uma fragilidade é criminosa, e taxada de infiel e malquista de todos, arrastada perante os tribunaes, e muitas vezes encerrada em um convento; e feliz della quando assim acontece, que não cahe na desgraça de prostituir-se ao mundo!

O homem pode ir ao theatro, bailes, e passeio, sem sua consorte; esta porém não pode ir a parte alguma, sem seu marido.

Quando eu era mais joven, dizia que as pessoas do meu sexo faziam mal em casar-se; hoje porem o meu modo de pensar é differente. Ligar-se um homem pobre a uma mulher sem nada, eu não approvo; porque, neste caso é fazer a infelicidade de ambos; e que tristeza não será ver um filho a pedir pão sem ter para lh'o dar? Mas unirem-se dous entes que ambos, ou ao menos um, tenha com que passar, é mui justo; e o mais

feliz dos homens se deve julgar aquelle que encontrar esposa verdadeiramente digna de tal titulo!

Quantos porém se casam que se arrependem mais de mil e uma vez de terem dado semelhante passo! Na realidade, aturar uma mulher rabugenta, ciumenta ou infiel, é o mesmo que viver de continuo no inferno.

Em abono tambem da verdade direi, que homens ha que, tendo achado uma mulher digna de tal nome, e não sabendo dar valor á tão rico thesouro, praticam com ella actos tão indecorosos, que originam as vezes na familia os desgostos porque passam.

O tempo mais apreciavel é, inquestionavelmente, aquelle que se passa recreiando-se com a companhia de moças bellas e espirituosas, e por isso julgo que se não devia estranhar que qualquer mancebo passasse algumas tardes e noites nas casas de familias conhecidas; não acontece porém assim. Logo que um rapaz frequenta alguma casa, debaixo de cujos tectos ha *mademoiselles*, o pae e a mãe julgam logo ser isso com o fim de dar o suave titulo de esposa a alguma dellas: e si uma madura reflexão, ou qualquer outro motivo, os impelle a afastarem-se dessa casa, o chefe della lhe diz que por sua causa sua filha F.... ainda está solteira, pois que ella julgando que elle pretendia sua mão, regeitara algumas proposições que se lhe haviam feito... (mentiras; imposturas da vida); ainda isto não é tudo; si são quatro, seis, ou oito, as casas em que a gente vae, logo se está para casar com quatro, seis e oito moças! Os amigos ou conhecidos, quando nos encontram felicitam-nos pelo proximo casamento com D. fulana; outro, com D. sicrana; outro, com D. beltrana.

Em qualquer que seja a posição que esteja o homem solteiro, acontece-lhe o que acabo de enunciar. Si a mim, que quasi nada sou na sociedade, por ter sido perseguido por adversidades, já me tem acontecido casos identicos; que fará aos favorecidos da fortuna!.. E os senhores casados?! oh! esses podem ter entrada em toda a parte!... podem ser frequentes em gozar todos os mimos, etc.. de modo que se pode dizer que o casamento nos homens, é hoje mais um pretexto para gozar, do que um encargo para desempenhar!

Homens tem havido que para sustentar a voz publica, e não ficarem mal com algumas familias, a quem são obrigados, casam com moças com quem nunca sympathisaram. O que é que se poderá esperar de taes uniões?.. o que se vê todos os dias!....

O homem ficando sem mulher, pode no fim de um anno trajar as mais garridas vestes; no entretanto que a mulher viuva será censurada se deixar de andar de vestido preto, ou roxo; e por isso muitas se tornam a casar, somente para poderem andar vestidas segundo o modo que mais lhes agrada.

O homem viuvo vae a theatros, bailes, e a toda a parte; a viuva, é altamente criminada pela voz maledicente se faz o mesmo. A' casa do homem viuvo podem ir solteiras, viuvas, e casadas, passarem lá dias e noites; á casa da viuva, não pode ir homem ou homens, que não seja para maus fins; e é obrigada a fechar sua porta ás 9 horas, a andar sempre acompanhada, com sentinella á vista, si não quer que seu nome seja fallado, que sua reputação soffra, que seus parentes (que muitas vezes não supprem as suas necessidades, si ellas as tem) não se agastem, e não fujam della.

Pobres viuvas!...

Basta, por hoje, que este já vae muito extenso, e talvez voltemos ao mesmo assumpto.

A PEDIDO

—O Sr. *Tem xeiro?*

—Nunca vendi pomadas.

—Como namora, julguei que tivesse algum supprimento.

—Ah, isso é so para a visinha de defronte.

—Não sabe que é um crime para a egreja, uma acção reprovada para a sociedade?

E faz tantas zumbaias ao pobre do homem que tão deslealmente é trahido!

—Agora saiba que até ja fui convidado para casa.

—Coitado, por suas proprias mãos leva a ruina para dentro de casa!.....

Decididamente esta rua não está hoje como quando nella morou o *Maciel*, apreciada *debaixo* de qualquer ponto de vista.

A Lyra de hoje.

Cara dura encouraçada,
Que pedra em outros atira
Sem receio que amanhan
Vá tocar a sua lyra.

Não se lembra da bolotra
Que na *caixa* pregou com mira
E a custo pagou com praso
E foi tocar sua lyra.

Não é melhor com usura
Na policia com mentira,
Rebater os pobres soldos
E tocar a sua lyra?

Já dizem que tirou premio
Do contracto que rescindira

Para quando amanhan sahir
Com gosto tocar a lyra.

Que mal te fez o collega,
Que mais confiança inspira
Para em tão poucas horas
Empurral-o com a lyra.

Não vês que amanhan o Freitas
Que já traz a sua mira
Te empurra do mesmo modo
Fazendo-te sahir sem lyra.

Como fez o *Leopardo*
Quando empossado se vira
Correndo o palacio disse:
O Couto deixou a lyra?

E' incrivel que um magistrado
Que só com a justiça gira
Se preste a ser instrumento
Que tem o nome de lyra.

Está provado de sobra
Que em ti, justiça é mentira
O teu nome verdadeiro
E' de tocador de lyra.

Por isso que já da côrte
Um forte carão ouvira
Por pensar que governar
E' o mesmo que tocar lyra.

Vá arrumando seus trens
Amarrados com embira,
E metta tudo no alforge
E tambem a pobre lyra.

Termino aqui estas quadras.
Sem dizer uma mentira
E vou mettel-as em musica
Para se cantar na lyra.

O Guigó.

VARIEDADES.

Contata de João Simplicio.

Tudo que existe na terra,
que falla, que rincha ou berra,
sabios, tolos e patetas,
todos nasceram poetas.

Faz versos todo animal
quer bruto, quer racional,
homens, meninos, mulheres,
cabos, sargentos alferes;
o tenente, o capitão,
o boticario, o cirurgião;
o major, o coronel,
o medico o bacharel,
o general, o soldado,
o ministro, o magistrado;
o peralta, o estudante,
o cego, o negociante,
o publicista, o barbeiro,
o politico, o pedreiro,
o mendigo, o litterato,
o branco, o preto, o mulato,
o christão, o mouro, o judeu,
o saltimbanco, o sandeu,
tudo que é bicho carêta
prega em versos sua pêta;
emfim mesmo a bixaria
mette o dente em poezia.
Faz versos o caranguejo,
o piolho, o persevêjo,
a formiga, a tanajura,
o xexéu, a saracura,
a onça, o tigre, o leão,
a coruja, o gavião,
o boi, a vacca, o cavallo,
a gallinha, o pinto, o gallo;
o macaco, o cão, o gato,
o perú, o ganso, o pato,
o proprio burro, coitado!
faz versos de pé quebrado.
Faz versos o cururú,
o morcêgo, o urubú,
o bacurinho, o cabrito,
o grillo, a mosca, o mosquito,
o porco, o carneiro, o bode,
só não os faz quem não pode;
até este seu criado
com versos anda engasgado!
Foi até onde chegou
o neto de meu avô.

A cabeça perdida.

Um sugeito da cidade foi passear ao sitio de um seu compadre; e alta noite, percebendo este—pobre roceiro—que o moço ainda estava acordado, perguntou-lhe porque não dormia.

— Qual dormir! gritou elle, estou pensando em meus negocios intrincados, e perdi a cabeça n'este labyrintho.

—Deveras! acudiu o caipira muito afflicto, ha de estar ahi mesmo no quarto:—ó mulher! ó mulher! vá acender depressa o candieiro para se procurar a cabeça perdida do nosso compadre.

—V. Exa. é muito bella, posso saber onde mora?

—No coração da cidade.

—Pois si quizer mudar-se.....o meu tem immensas accommodações até para o mundo inteiro.

—Como achou o meu retrato?

—Optimo, só lhe noto o defeito de estar com as mãos nos seus bolços, quando todos sabem que você as tem sempre nos dos outros.

Desejos.

Quizera ser a flor que tu pizaste
orgulhosa ao passar...
sentira ao menos teu pesinho fino
meu coração calcar.

Ai! si eu fôra o lençosinho branco
que amarrotas na mão...
a camizinha que teu seio occulta
a tremer de paixão...

Ou a luva delicada que te aperta
os teus mimosos dedos...
morrera então de amores, meu anginho,
senhor dos teus segredos.

Essa fitinha azul, ou a cruzinha
de rubís, ai! fosse eu....
para sentir da valsa nos rodeios
arfar o seio teu.

Ai! quem me dera ser o cortinado
do leito teu de fada,
ou a liga que te aperta sobre a meia
a curva delicada.

Fosse eu a botina que te ajusta
o pe *envergonhado*
Cobrira-t'o de beijos queridinha..,
morrera apaixonado.

As epochas da vida.

A vida do homem divide-se em tres epochas.

Na primeira em nada pensa.

Na segunda pensa no que pode fazer e vir a ser.

Na terceira lamenta-se de não haver feito couza alguma.

O que morre na primeira, zomba das duas restantes e evita muitos dissabores.

O que fallece na segunda faz a viagem para o outro mundo ainda cheio de illusões.

O que succumbe na terceira, esse vae só, absolutamente só.

Perguntado a um homem quantos annos tinha, respondeu, que nenhum, pois os que tinha vivido não eram seus, porque ja eram passados.

—Meu Deus! somos treze na meza!

—Não faz mal, minha senhora, eu como *por dous*.

—Papai, qual é a patria desta dança chamada «Polka;» é sempre *um* passo adiante e *dous* atraz?

—*Um* passo adiante e *dous* atraz? Isto é original brazileiro.

Em certa villa do sertão foi processado um boi de carro de nome *tenente*—por ter dado uma xifrada n'um sujeito; e depois de pronunciado foi conduzido ao jury afim de ser julgado. Com effeito no dia aprasado comparecendo o reu, e ficando junto ao tôpo da mesa do tribunal, e procedendo o juiz (leigo) ao sorteio dos juizes que tinham de julgal-o, tocou a campainha, e o reu se assustando, deu com o xifre no tinteiro e derramou sobre a mesa.

O juiz olhando para o reu disse:

Advirto ao reu que se porte milhor e com mais respeito neste tribunal.

Depois de terminado o processo o jury deu a sua decisão condemnando o boi a morte. O juiz ia lavrando a sentença quando viu o boi estercar extraordinariamente; e indignado com tal procedimento, o reprehendeu acremente dizendo—que alli devia haver muito respeito, e que por tanto devia se portar com decencia e limpeza; mas estou vingado com a sentença que te vou dar.

Eil-a:

COPIA FIEL DA SENTENÇA

Não pode aver malhor desaforo do que um animal ofender a um christão que toma Nosso Sr. e botalo em cima da cama sem trabaiar, ó animal feros, se tu ofendesse a outro animal tinha razão: mais ofender a gente de 2 peis isso é incrive; eu pondo o caso em mim, o meu coração pedia que eu acusace o boi a té terale avida: conforme o desaforo julgo o boi *tenente* a pena de morte para izemplo dos outros bois como eu não inoro amorte será feita no curá do conceio desta vila por ser logar em que esteve preso o reo, não dou apelação nem agravo, nem imbargo; morra o boi, e não aja inpenho algun, pricipalmente porque ja previni a meu compadre Siqueira home de bem e corage a quem eu não fartava, e era mais facel fartar a minha muler que Deus me deo. Seja vendida a carne do reo e o dinhero que render se pague as custa. Eu arecebo as minhas custa em carne pois estou com a casa limpa, e quero do quarto de traz por me parecer cer carnão. Se o iscrivão tanben quiser suas custa em carne se lhe dê; coitado elle precisa, e quem sabe se tambem não está com a casa limpa como a minha?

Para agradar atodos dê ao escrivão metade do dienteiro, e se quizer metade em dinhero lhe dê por que pode servi pra comprá faria pra seus filhos, se pague as custa do oficia de justiça com o coro, arabada e o figo, para se aregalá esta semana. E se sobrá dinhero ou carne dê ao ofendido em paga da xifrada,

que levou a fim de elle se vingar epagarse do boi; coitado é tam pobre?

Salla do Jurio desta vila...

O juis de dirêto enterino.

F.

Note ben, o fato do reo mande com o sebo para a casa do juis, para recompençá o meo pano da costa que estava forando amesa, que o reo sujou quando derramou o tintero, afim de agradá a mia muler que esta zangada.

Padrinho e affilhado

(LENDA.)

Havia um homem pobre, tão pobre que nem tinha que vestir ao oitavo filho, que estava para nascer-lhe, nem tinha que dar a comer aos outros sete. Um dia sahiu de casa, porque se lhe partia o coração ao ouvil-os chorar e pedir pão.

Poz-se a andar sem saber para onde ia, e depois de ter andado todo o dia, achou-se ao cahir da tarde á entrada de um covil de ladrões.

O capitão da quadrilha sahiu-lhe ao encontro, e perguntou-lhe o que queria.

—Senhor, respondeu o pobre, lançando-se-lhe aos pés, sou um desgraçado que não fiz mal a ninguem sahi de casa para não ouvir meus pobres filhos pedirem-me pão, que não tenho para lhes dar, e para não assistir ás dores de minha mulher, que não tem com que enfaixar a creança que vae nascer lhe.

O capitão compadeceu-se do desgraçado, deu-lhe de comer, deu lhe uma bolça cheia de dinheiro, um cavallo, e disse-lhe que logo que o pequeno nascesse lhe—désse parte, porque queria ser o padrinho.

O nosso homem voltou para casa; voava, não andava, a alegria transbordava do seu coração.

Quando chegou já a creança tinha visto a luz. Entregou a sua mulher o dinheiro que trazia; voltou immediatamente ao covil e contou ao capitão da quadrilha o que acabava de acontecer. Este respondeu que n'essa mesma tarde iria á egreja para cumprir a sua promessa.

Assim o fez; levou a creança á fonte baptismal e deu-lhe uma bolça cheia de ouro.

Passado pouco tempo, a creança morreu e foi para o ceu. S. Pedro, que está á porta, disse-lhe que entrasse; mas a creança respondeu-lhe «Não entro si meu padrinho não entrar commigo.»

—E quem é teu padrinho? perguntou o santo.

—Um capitão de ladrões, respendeu o pequeno.

—Está bom, meu filho, replicou o santo, tu podes entrar, querido innocente, mas teu padrinho não.

A creança assentou-se triste com a fronte encostada á mão, e não quiz entrar.

Passou alli a Virgem, e vendo-o muito afflicto, disse-lhe:—Porque não entras, meu anjo?

A creança respondeu que não queria entrar sem o seu padrinho, e S. Pedro disse á Virgem quem era o padrinho, e a impossibilidade que havia em elle entrar no meio dos justos.

A creança poz-se logo de joelhos, poz as mãosinhas, e tanto chorou que a Virgem, que é mãe de misericordia, teve compaixão de sua dôr. Retirou-se, e passando pouco, voltou com uma taça de ouro na mão.— Aqui tens, disse, entregando a taça a creança, vae procurar o teu padrinho, e dize-lhe que encha este vaso de lagrimas de contricção, e que se o apresentar cheio entrará comtigo no ceu. Toma as tuas azas e vôa.

O bandido dormia sobre um rochedo com a espingarda em uma mão, e o punhal na outra. Acordando, viu diante de si uma creança nùa, com azas de prata que luziam á luz do sol, e com uma taça de ouro na delicada mãosinha. Esfregou os olhos, porque cuidava sonhar, mas a creança disse-lhe:

—Não está a sonhar, não; sou teu affilhado, venho procurar-te para te conduzir ao ceu, e restituir-te a felicidade que me proporcionaste, levando-me ao baptismo do christão. Depois contou-lhe tudo quanto lhe tinha succedido.

O coração do peccador abriu-se então como uma romã, e os olhos converteram-se-lhe em fontes de lagrimas. A dôr que sentiu das suas culpas foi tão aguda, e o pezar de as haver commettido tão profundo que lhe traspassaram o peito e morreu. Então a creança, que recolhera aquellas lagrimas na taça de ouro, voou com ella, e com a alma de seu padrinho ao ceu, onde entraram; porque Deus quer, não a perda, mas sim a salvação do homem, e concede o perdão de que todos carecemos; mas o Senhor quer que lhe peçamos este perdão com humildade, e não que o desprezemos com orgulho.

Um homem, que estava ajustado para casar com certa moça, na vespera de se receber lhe disse:—Sra., eu não devo encubrir-vos o que vou referir, para não haver depois entre nós alguma dissenção:—Eu tenho um filho de certa mulher a quem muito amei, e assim tenho por bem o levar para casa.—Meu bem, respondeu a noiva; tanto não estranho isso que antes fico muito contente, pois eu tam-

bem tive uma filha de uma pessoa que muito estimava, e estarão ambos juntos, e casará um com o outro.

Galhofa para fazer rir a humanidade.

Qual é o doce que quando chupamos nos mata?

E' a bala.

Qual é a tinta que reunida a certa parte do corpo demonstra dó?

E' o cré-pe.

Qual é a dansa feita pellos cavallos?

E' o gallope.

Qual é o elemento que se encontra na pimenta?

E' o ar-dor.

Qual é o reptil que faz milagres e nos prende?

E' a santo-peia.

Qual é o ser que sendo aquatico serve a humanidade?

E' o sa-pato.

Qual é o material, que vivendo na musica nos alimenta?

E' o cal-do.

Qual é o instrumento e alimento que amedronta as creanças?

E' o pa-pão.

Qual é a parte do mar que reunindo-se a um animal dá agasalho?

E' o barra-cão.

Qual é o mister de navegação feito pelos pedreiro?

E' o reboque.

Qual é o homem que pode ser caçado?

E' o Coelho.

Qual é a parte da aurora que tem estatua?

E' o rocio.

Qual é a provincia do Brazil que faz renda?

E' o para-fuso,

Qual é o grau de parentesco que temos no theatro?

E' a prima-dona.

Qual é o monarcha que não tem povo?

E' o imperador do Espirito Santo.

Um caboclo, tendo furtado um cavallo indo confessar-se com grande susto, voltou da confissão muito contente dizendo que embaçara o padre: e perguntando lhe outro companheiro como se tinha ido de confissão a respeito do furto do cavallo,—respondeu que tinha ido bem, porque disse ao padre, que tinha furtado uma cordinha, e o padre respondeu-lhe que era bagatella esse furto e nada avultava: mas si elle pergunta o que estava na ponta da cordinha, lá ia o cavallo, e então sabe Deos o que seria de mim.

Certo juiz, vendo que um celebre salteador, que tinha matado um homem n'uma estrada, negava tudo aquillo de que era arguido, lhe disse:

—Homem esse systema de negação não faz mais do que aggravar o seu delicto, assim confesse-o que el-rei terá contemplação com a sua sorte, diga pois comigo: eu ia por uma estrada—*eu ia por uma estrada*, repetiu o reu—encontrei um homem,—*encontrei um homem*—a quem pedi a bolsa,—*a quem pedi a bolsa*—e vendo que m'a não queria dar—*e vendo que m'a não queria dar*—puxei, por uma faca e matei-o.

—*Alto la!* exclamou o reu, *então si V. S. é quem matou, como acaba de confessar, para que me tem aqui preso innocentemente a tanto tempo?*

ANNUNCIOS.

Imperial Sociedade Monte-Pio dos Artistas.

De ordem do conselho administrativo faço saber aos Srs. socios que se acham atrazados em mais de 3 annos de mensalidades, que as devem satisfazer até o meiado de janeiro de 1872, para que não sejam eliminados como prescreve o § 6.º do art. 25 dos estatutos. Bahia 9 de outubro de 1871.—*Manuel da Natividade Moutinho*, 1.º secretario.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Na festa de Nossa Senhora das Mercês, perdeu-se um Manual de Missa com capa de madreperola e forro rôxo, tem um defeito do lado de cima. Gratifica-se a quem leval-o á rua do Julião n.º 11, 1.º andar.

Armazem de madeiras do Carrascosa, rua da preguiça n.º 11.

O sonho.

Linda aria para canto e piano.

Publicou-se e acha-se exposta á venda na loja do Sr. Laurentino Olympio da Silva, esta excellente composição do distincto professor José de Sousa e Aragão, nitidamente litographada, com retrato de Mlle. Agnese T. Murry, a quem foi dedicada.

Continua-se a vender as seguintes modinhas do mesmo autor—Minha Lyra, Tarde e bem tarde, Sob o cypreste e os Arrufos de meu bem (chula).

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 87.ª TERÇA-FEIRA 7 DE NOVEMBRO. N. 863

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 6 de novembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, estranhando o abuso da companhia do Gaz entregando a illuminação da freguezia da Sé a um unico accendedor, o qual por muito diligente que seja, não pode desempenhar o serviço a tempo, sendo obrigado a começar a apagar os lampeões muito antes das tres horas da madrugada e accontecendo que muitas ruas depois de sete horas e meia da noite ainda estejam ás escuras, pelo que deve S. S. intimar a referida companhia afim de que o suor tirado ao povo em seu proveito não continúe a ser desvantajosamente desbaratado.

—Realisou-se ante-hontem á noite o leilão dos objectos offerecidos á Sociedade Libertadora, em auxilio á sua meritoria missão.

Os donativos expostos em 11 mezas collocadas nos dous principaes salões da Recreativa, offereciam um aspecto interessantissimo, quer pela variedade e gosto com que se achavam arranjados, quer pelo valor e perfeição de muitos delles. Alguns trabalhos havia, e não poucos, feitos aliás por patricias nossas, que poderiam figurar dignamente em qualquer exposição.

Houve entretanto pequena concurrencia, apesar de ter a sociedade distribuido grande numero de convites. E' mais uma prova palpavel de que, si é immensa a turba dos que se apregôam amantes da liberdade, são ainda bem poucos os verdadeiros abolicionistas.

Foram, porém, tão dedicados e felizes os exforços das Senhoras encarregadas da vendagem dos objectos expostos, que, apesar de terem sido somente comprados alguns d'elles, o producto arrecadado excedeu a 600$, rs., havendo ainda por arrecadar quantias, que juntas áquella, irão alem de 1:000$ rs.

Consta que brevemente far-se-ha novo appello ao publico, afim de dar-se destino aos donativos restantes, que são ainda muitos, e importantes.

Recebam porem desde já nossas sinceras felicitações as pessoas que concorreram para o bom exito da brilhante festa de ante-hontem.

—Capitão, tentações do rabudo.

Dous homens a se trucidarem como dous animaes ferozes.

—Como foi e em que logar?

—Manuel Marques d'Oliveira e Francisco Borges, travaram lucta em Pirajú, procurando Francisco Borges decepar um dos braços de Marques com uma formidavel cutilada, e este desfechando sobre o outro tamanha cacetada na cabeça, que o poz em perigo de vida.

Ambos estão no hospital, onde foram relhidos, vindo Borges em uma rêde.

—Para salvar um animal, perdeu um homem a vida....

—Faz pena!...

—Rozendo José Geraldo, de 48 annos, casado, tendo acabado de jantar no domingo, passava ás 5 horas da tarde, pelo tanque do Engenho da Conceição, quando ouviu que umas moças lastimavam-se de lhes haver cahido n'agoa um cachorrinho.

Rozendo não hesita em atirar-se n'agoa para salvar o animalzinho; mas, coitado! foi lhe fazer companhia.

Accommettido de estupor, desceu ao fundo, não sendo possivel salval-o, apezar dos esforços empregados.

—Foi levado pelo desejo de praticar uma acção generosa que buscou a morte. Lamentando sua triste sina, imploremos ao Altissimo para que illumine sua alma com os resplendores da luz perpetua.

—Capitão, tratemos da *festa dos cemiterios*.

—Discorra.

—A romaria aos cemiterios no dia de fina-

dos, é uma solemnidade funebre, que deve ser coberta de respeito e acatamento.

Alli, não devem haver risos, porém pranto, respeitar-se a religião e não profanar-se o repouso dos mortos.

Tudo deve ser respeito; tudo compuncção.

—E com razão.

Quem por ahi não terá um pae ou mãe, irmão ou irman, parente ou amigo, que no cemiterio jaza?

—Parece que devia dizer-se—ninguem.

Porem, fatal engano. Ha muita gente.

Ainda este anno reproduziram-se as scenas que presenciei o anno passado.

Pessoas que mais ou menos deviam recordar-se dos que a parca conduziu ao cemiterio, vão alli para desrespeitar os manes dos finados e a dôr alheia; o que quer significar que nem a si proprios sabem acatar-se.

A romaria aos cemiterios é na extensão da palavra, uma *festa*!

—Decididamente não é o interesse de ver as catacumbas, de fazer orações sobre aquellas que lhes são charas que leva centenas de almas aos cemiterios, e sim o gosto do passeio, a banal curiosidade, o passa-tempo, e até....o divertimento!....

—Vae-se alli como ao mercado; os preceitos da decencia são menos-presados, os deveres de piedade são esquecidos; em quanto o riso mofador dos imprudentes sempre está prompto para aquelles que não pagodeiam, porem choram pela ausencia eterna dos que lhes são charos.

—E scenas tão repugnantes como podem ser toleradas? Como praticadas por uma população civilisada?

—Esta educação moderna promette dar muito bons fructos!...

—As condições sobre que assentam a hygiene publica nesta cidade, são pessimas, perigosissimas, principalmente na estação calmosa em que estamos.

—Pois é bom acautellar as cousas e prevenir desgraças.

—Não fallando nos beccos, praças, e ruas, cujo estado não só attesta o pouco caso da empreza do acceio, como demonstra não serem farejadas pelos fiscaes, si é que o olphato d'estes não se estragaram com os miasmas exhalados dos monturos, ou tornaram-se insensiveis com a *untura* das tavernas, sem fallar nesses recantos de ruas erigidos em cloacas publicas, ha outras providencias, que parece ser em imprescindiveis, não so como prevenção, como por serem em beneficio da população.

—A população tem deveres a cumprir e cumpre-os restrictamente, por isso torna-se digna de alguma cousa fazer-se a favor della.

—Mas si a camara, sua immediata representante, descura de seu soffrimento, si com indifferentismo ouve seu justo clamor, a quem recorrer, quem zelará da saude publica?

—E quem neste caso mais soffre é a maioria da população, que é a pobreza; a pobreza que é a mais sacrificada e menos recompensada.

—A camara tem graves compromissos sobre si, e désempenhal-os é seu principal dever.

Percorra a cidade inteira e sem distincção de classes, nem de posições castigue aos infractores de suas leis; aquelles que se riem em quanto o povo chora, aquelles que infectam a saude publica a peso de dinheiro.

—Sei quem são elles.

São os vendedores de generos alimenticios deteriorados e os de bebidas alcoolicas preparadas com ingredientes que a hygiene reprova.

—Justamente; os nomes não precisa indicar.

E' dever da camara visitar as casas de negocio e minuciosamente examinar o que se vende á população.

Sem excepção, entre nos armazens, como nas tavernas e açougues, e ahi encontrará o que fica dito; não em todas as casas, mas na maior parte.

—Quando não seja o espirito de humanidade, o dever de charidade, que mova compaixão para esta mulher, e respeito ao pudor das familias exige qualquer providencia a seu respeito.

—A filha do Passarinho?

—Esta infeliz menina offerece o mais triste espectaculo aos olhos da decencia e moralidade publica!

Sua bocca resume um vocabulario de torpezas, sua linguagem é desordenada e deshonesta; não ha phrase por mais libidinosa e impudica que seus labios não profiram.

E essas scenas são representadas nas ruas desta terra civilisada, aos ouvidos das familias ou nas janellas, ou reconcentradas no lar, ou transitando.

A' noite senta-se pelas portas e até horas tardias encommoda o silencio com estrepitosas obscenidades, que mais resahem por serem dadas nas horas de socego.

A's familias que passam atira ditos ultrajantes.

—E' um quadro deponente para esta terra!

—E quando não é assim, essa desgraçada

é a victima ludibriada de actos vergonhosos exercidos pela desenfreada lascivia de entes depravados, e cujos morbidos fructos ja ella colheu.

—E agora deu mais para atirar pedras.

—Para mostrar a incuria e o atrazo nesta terra, basta so o triste exemplo do que pratica esta mulher pelas ruas.

—Os baixos da camara municipal viraram mercado de passarinhos.

—Lembrança de um estrangeiro.

Achando aquelle commodo desoccupado, entendeu que isto era terra *sem rei nem Roque* e la foi arrumar suas gaiollas pelas paredes, como se mui commodamente estivessem em casa sua.

—E presta um serviço regalando os ouvidos da condescendente municipalidade com o trinado e gorgeio de seus volateis viventes.

—Si eu fosse elle mandava logo fazer os necessarios compartimentos e installava alli meu domicilio.

—E' de suppor que o estrangeiro quando aporta á esta terra, ja vem sciente do deleixo que vae nella.

E a não ser assim, como comprehender que o individuo que pisa em terra desconhecida, vá logo atacando no mais alto grau a decencia e o pudor, attentando contra a segurança individual, violando o lar da familia?

—E' fazer muito pouca conta das leis policiaes da terra.

—Pois creia; nem o asylo da familia está isempto do ataque brutal dessa gente que parece nenhum respeito guardam ás nossas leis e costumes.

Ha cousa de uma semana deu-se um facto do mais insolente atrevimento, que em outro logar seria motivo para se exigir o castigo do delinquente, mas aqui onde a policia não sabe do que se passa, não foi nada.

—E que soubesse.

—Um estrangeiro, embarcadiço, cujo traje não era de simples marinheiro, passando pela rua da Fonte Nova de S. Miguel, viu em uma casa terrea duas senhoras de familia á janella, invadiu a casa, forçou a grade, entrou na salla e enlaçou em seus braços brutaes uma das moças, cobrindo-a de selvagens e impuros beijos!!!....

—Que desaforo de cão!

—Na casa não havia homem e as indefezas senhoras bradaram muito tempo por soccorro, sem que fossem acudidas, porque seus echos por mais retumbantes que fossem não poderam resoar aos ouvidos da policia esquiva.

—Mesmo que é gente de que a cidade anda sempre despovoada.

—A não serem alguns pedreiros trabalhadores de uma obra perto, aquella scena insolita e criminosa se prolongaria por mais tempo....

—Que mulher de bocca suja!

—Sempre tem ella um barulho, no qual folhea o seu diccionario de termos immoraes e obscenos, sem respeito ás familias aqui moradoras.

Hontem a questão d'ella foi com uma preta velha escrava da titular do *rio* onde ha *contas*, chegando ao ponto de metter um pau de vassoura na pobre velha.

—Que familia é que mora por cima desta insolente mulher?

—E' a de um musico.

—Como chama-se esta desalmada?

—*Antonia*.

—Esta *rua* onde vae dar?

—Na *nova*.

—Emfim como ella pertence á freguezia do *Chaveiro do Ceu*, eu vou pedir ao subdelegado para que, mandando chamar a sua presença esta mulher, faça com que ella corrija-se.

—E' um favor que presta ás familias que moram nesta rua.

—No sabbado foi representada pela companhia lyrica *Zarzuella*, a opera—*Los diamantes de la corona*.

—E que tal?

—E' uma boa opera, e sua representação correu bellissimamente,

A Sra. D. Dolores Medina desempenhou bem o papel de Catalina.

—Oh! a Sra. Medina tem encantado os espectadores com a sua voz, embora fraça, mas suave e melodiosa, pelo que tem obtido d'elles freneticos applausos.

—Os Sr. Diez, Monsalvel, Ortiz e Evangelista tambem foram merecidamente cumprimentados pelos espectadores, com estrondosas palmas!

—Tenho gostado muito do desempenho da orchestra, pelo que ella se tem tornado digna de elogio.

—Que effeito deleitantissimo produziu a orchestra, tocando conjuntamente com a banda de musica marcial!....

—Capitão, a proposito d'aquella noticia sobre o sermão do frade da Piedade.

Porque razão a natureza, que nada fez de balde, em uma epocha determinada dá o seio

a mulher e certos preparativos? Será para ficar virgem, ou para ser mãe?

—Sem duvida a maternidade é o complemento da mulher para ser perfeita.

—O casamento não é um sacramento instituido pela egreja?

—De certo que sim.

—E o estado de virgindade tambem será um sacramento?

—De certo que não.

—Logo, o estado da mulher casada é muito superior ao da mulher virgem.

—A virgindade perpetua é forçar a natureza, pregal-a é insinuar o não cumprimento das leis naturaes.

—Ninguem pode pensar o contrario, si o contrario dizem, mentem e uma mentira em um sacerdote é cousa repulsiva.

—Seja esta resposta ao *pombinho das Mercês* que tanto se incommodou, esquecendo-se do *Voluntario da Patria*. Saiba elle que a geração humana procura seu aperfeiçoamento, ao qual pode chegar si todas as mulheres forem casadas; mas não assim si todas forem virgens, o que importa o total aniquilamento. Hypocritas que fazem da lei de Deus um brinco e a seu geito torcem o sentido de suas palavras, o mundo já vos conhece e só vos crê alguma estupida beata, a quem catechisaes lá para os vossos fins sinistros.

A PEDIDO

Ao publico.

Acha-se convocada para o dia 20 do corrente mez a sexta sessão do jury do presente anno.

Estão sorteados para nella funccionar como juizes de facto os seguintes cidadãos:

Domingos Ceciliano Ribeiro Guimarães Lopes, Guilherme da Silva Bahia, José Francisco Bahia, Dr. Salustiano Ferreira Froes, Francisco Xavier de Sant'Anna, Antonio Pinto da Silva, Orozimbo Ribeiro da Silva, Innocencio Manuel da Purificação, Faustino Rodrigues Chagas, Severiano da Silva Gomes, Julio da Costa Chastinet, Manuel Malaquias Rodrigues Gomes, Francisco Pereira, Francisco Rodrigues Nunes, Avelino Laurentino Baptista, Cezario Teixeira Barbosa, Alexandre Cardoso de Souza, José Fortunato da Cunha, Candido Alves de Souza, Glicerio Eudoxio Almeida Bomfim, Antonio Mendes de Aguiar João Francisco de Souza, José Antonio Hermogenes, Gustavo Americo Oliveira, Nicolau Nascimento Portugal, Joaquium Anselmo Prisco Almeida, Benvenuto Emilio Pereira Carvalho, Galdino Cicero Miranda, José de Freitas Pedroza, Joaquim José Palma, Antonio Hermogens Lucas, Lazaro Falcão Cafezeiro, José Antonio da Cunha Couto, Ignacio Loyola Teixeira Matta, Eduardo Pereira Mandacarú, Marcolino L. Britto, José Duarte de Abreu, José Julião dos Santos, Antonio P. de Souza Mesquita, Pedro José Pereira Espinheira; Joaquim da Motta e Silva, Izidoro Borges de Almeida, Miguel Antonio Setto Sobrinho, Joaquim José Gomes Moraes, Joaquim Sebastião Lopes Passos.

Terá ainda o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho o que allegar para demorar o seu julgamento?

Tempo tem tido elle de sobra para se preparar, d'aquillo que com antecedencia lhe cumpria fazer, e não o tem feito de proposito.

Oppondo embargos á certidão de baptismo de sua victima, na occasião de dar provas desistiu dellas, porque não as tinha, e até hoje não preparou os autos para subirem á conclusão do juiz.

E' de esperar porem que a estrategia lhe não aproveitará desta vez, e que contra sua vontade, irá na proxima sessão no tamborete de reu, receber a merecida pena do delicto a que o arrastou a sua sensualidade.

VARIEDADES.

Um matuto sendo jurado, pediu ao juiz de direito para o dispensar de comparecer na sessão, por ter dado uma estrepada no pé e ficando uma ponta de pau, que a não pôde extrahir.

O juiz de direito disse lhe que lhe officiasse nesse sentido para apresentar seu officio ao tribunal: o que ouvido pelo matuto, fez o seguinte officio.

Illm. Senr. Dr. Juiz d'Direito

Participo a V. S., que não posso acompanhar a sessão do jurio de amanhã, por ainda está com o pau dentro.

Deus guarde a V. S. etc. Manuel Vicente.

«Despacho dado em uns autos processados no juizo de paz do Paraty, sobre a vista pedida em uma execução.

«De-se a vista dentro, fôra nada: Cesteiro que faz um cesto, faz um cento.

»Freguezia do Senhor Bom Jesus do Paraty...de...de 1861.» *F.*

ANNUNCIOS.

Aluga-se uma parda forra, para ama de meninos, ou gominar, defronte da sachristia de S. Pedro n. 14.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. . 71.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 87.ª SABBADO 11 DE NOVEMBRO. Ns. 864—865.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 10 de novembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, ponderando-lhe que sendo objecto de ordem publica, o respeito ao decoro e á decencia, é de grande conveniencia que S. S. faça reprimir o escandalo que se dá, principalmente nos domingos e dias santos, na rua da Independencia, onde individuos que se vão banhar no dique correm nús, com desacato á immensidade de familias que em taes dias passeiam na referida rua; convindo notar que mais sobresahem nessas offensas á moral os carroceiros do aceio da cidade que vão alli lavar animaes.

Espera-se que será tomado na devida consideração o ácima exposto.

—Capitão, na segunda-feira teve logar a abertura da aula nocturna para adultos, da freguezia de S. Pedro.

Assistiram a esse acto o inspector geral das aulas o Sr. Cyrillo Eloy Pessoa de Barros e o Revm. pregador imperial, voluntario da patria, Fr. Francisco da Natividade Carneiro da Cunha.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, nomeado pela presidencia da provincia para reger aquella aula, declarando-a aberta, deu vivas á religião do estado, á S. M. o imperador, ao director geral dos estudos, proferindo por fim um bem elaborado discurso, mostrando a utilidade que traz a instrucção ao homem.

O Revm. Fr. Carneiro, tomando a palavra, fez de improviso um eloquente discurso, não deixando nada a desejar.

Estiveram presentes ao acto da abertura vinte alumnos, achando-se matriculados vinte e seis.

Convem accrescentar que o professor Candido Ricardo de Sant'Anna não é assalariado pelos cofres provinciaes, e despende até de seu bolso com a illuminação da casa.

—E' muita philantropia!

—Sepultou se na quarta feira o Sr. Francisco Alvares dos Santos, professor de mathematicas nesta cidade.

Coração generoso, alma bemfazeja, amante dedicado da liberdade, o finado por suas acções deu exuberantes provas de todos esses predicados de que era dotado.

—O Supremo Arbitro, oremunerador das acções virtuosas, o compense na eternidade pelo que de bem praticou na vida.

—Publicaram os jornaes na sexta feira, que no dia 22 do passado, se dera na cidade dos Lençoes a catastrophe de haver o preso Guilhermino, maniaco, se apoderado do refle do soldado policial, alli destacado, Mariano dos Santos Pereira, o qual dormia, e com elle lhe dado tres estocadas de que veio a fallecer no dia 28.

—Espere la, repita esse milagre. Então o doudo, encarcerado na prisão, safou o refle do soldado, que infallivelmente dormia no quartel do destacamento?!! Por onde passou elle?

—Entretanto, seis ou oito dias antes das gazetas publicarem tal noticia, ja corria entre o povo e as praças de policia, o seguinte boato:

Que o soldado da 4ª companhia Mariano dos Santos Pereira, sendo por castigo encarcerado com um doudo, á ordem do capitão Egas Moniz Barretto, acconteceu que o referido doudo o apanhando dormindo o assassinasse e lhe tirasse os intestinos, com os quaes se enrolou e os foi cortando aos bocados que arremessava sobre as pessoas de fora da prisão; que o assassino logo que se descobriu o crime *fôra exemplado* com algum excesso; porém que o facto não fôra exactamente partecipado.

—Sempre são boatos; o que deve prevalecer é a communicação official.

—Nem eu digo que não; apezar de que as communicações officiaes as vezes são tão bem arranjadas....

—Capitão, um caso singular para excitar a curiosidade da turba.

—Sobre que?

—Appareceram no terceiro degrau ao subir da escada do caes de Santa Barbara as pégadas de dous pés, sendo um d'elles estampado perfeitamente, e o outro que é o direito pela metade.

Figuram pela posição em que se acham de pessoa que desceu.

Tem sido grande e excessiva a concurrencia dos curiosos.

Já lavaram a pedra por diversas vezes, e quanto mais se lava, as pégadas mais vivas apparecem!

—E' extraordinario!

—A gente credula tem espalhado diversas versões sobre elle.

Dizem uns que S. Thomé foi passear ao mar; outros que foi S. José, affirmando porém todos serem pés de santo.

—Um inglez vendo a pedra disse que si fosse santo que tivesse alli pisado, não deixava estampado os pés, porque os santos teem os pés frescos, e só o diabo, que tem os pés quentes, é que pode deixal-os estampados no logar onde pisa.

—Com effeito ha factos que são para dar tractos ao espirito humano.

—No dia 8 do corrente tomou posse da administração d'esta Provincia o Exm. Sr. Dez. João Antonio d'Araujo Freitas Henriques.

Magistrado intelligente e integerrimo S. Ex. ha de corresponder á espectativa publica.

—D'isto estou certo, pois S. Ex. como chefe de policia d'esta provincia deu bastantes provas de sua actividade pela causa publica.

—Assim esperamos na administração da provincia.

—A companhia do Gaz persiste em abusar!

Hontem terça-feira, eram 7 horas da noite, e parte do Terreiro estava em trevas, e bem assim a rua da Misericordia e a praça de Palacio!

—Estas são as que V. viu.

—Hoje quarta feira são 10 horas e meia, e a rua da Mizericordia apagada.

—A cousa não pode ser por menos, tendo a freguezia da Sé do tamanho que é um sò accendedor.

—E não ha quem veja isto!

—Capitão, dizem que as praças do 14 addidas ao 18 estão sem receber soldo seguramente á um mez.

—Si com effeito é assim, é clamoroso. O soldado ganhando uma ninharia, é logo quem deixa de ser pago, quando a nação não está no caso de dever?

—Pondere que vida desesperada não passam os pobres homens, sem verem um vintem nas mãos, acochados de serviço, dobrando nas guardas, e tendo uma alimentação pessima que não podem levar.

—Entretanto exigem do soldado tanta cousa!... restricção, inteireza, aceio e promptidão.

Si um delles, levado pela necessidade, commetter uma fraqueza, cahir n'um desvio, é tão severamente castigado!

—A' tres dias este burro morto, e não ha quem o mande enterrar!

—Quem podia mandar, era o subdelegado; este anda la por Santo Amaro da Ipitanga.

—E o animal apodrecendo dentro do rio da Mariquita, onde parte da povoação do Rio Vermelho se abastece d'agoa potavel! E' uma dos diabos!

—A differença não é de palmo. Ja não é costume mandar-se deitar n'agoa salgada os animaes que morrem e elles virem se decompor na praia?

—Roberto Bispo dos Santos, preso na villa de S. Francisco, requereu *habeas corpus* á relação, e para ser apresentado ao tribunal, foi remettido para cá no vapor da carreira de Santo Amaro, segunda-feira.

Muito adiante da meia travessa, atirou-se ao mar. O homem nadava como peixe, mas foi inutil a sua tentativa, porque um escaler largado immediatamente do vapor, o foi apanhar, si bem que ja muito distante.

—E' incomprehensivel a natureza humana! Um homem tem a morte inevitavel diante dos olhos e atira-se á ella pelo instincto da conservação da liberdade natural.

—E' que a esperança so abandona o homem á beira da sepultura.

—E' preciso porém notar que Roberto é homem aparvalhado ou mente-capto.

—Capitão, venho lhe contar cousinhas.....

—Chegue-se para perto.

O que tem p'ra me contar?

—Pela casa de Correcção anda uma mixordia entre homens e mulheres, que pode resultar... eu sei... eu sei...

—Mas o carcereiro não vê?

—A cousa é pelos baixos, pela cosinha. Cosinheiras mulheres, dispenseiro homem; mulheres da rua que entram e se occultam pelos recantos, e de noite lá si ficam, com medo de andarem na rua; o fornecedor não apparece; um preso é quem dirige e distribue o alimento.

—Então anda aquillo por lá de pernas para o ar?

—E' verdade; mas espere, capitão, eu vou ver a qualidade da comida para lhe dizer que tal é ella.

—Capitão, o celebre frade dominicano Rocco, pregando um dia em uma das praças de Napoles, disse:

«Verei hoje si vos arrependeis sinceramente de vossos peccados.»

E começou uma predica que fez os cabellos dos circumstantes arripiarem-se, dando todos os maiores signaes de contricção.

«Aquelles que se arrependeram verdadeiramente de seus peccados levantem as mãos para o ceu. Todas as mãos levantaram-se ao mesmo tempo, e Rocco continuou assim:

«S. Miguel Archanjo, tu que com tua espada diamantina defendes o throno de Deus, decepa as mãos d'aquelles que as ergueram hypocritamente.»

No mesmo instante todas as mãos baixaram, e Rocco invectivou com todas as forças a perversidade e hypocrisia dos que o ouviam.

—Na terça-feira, amanheceu morto com uma punhalada do lado direito que atravessou-lhe os figados, no quintal da casa em que morava, na Ribeira de Itapagipe, em um quarto, o trabalhador da fabrica da companhia Bahiana José Luiz.

Na segunda-feira á noite, o companheiro de morada de José Luiz tivera uma questão com a amazia, o que desconfia-se ser *ciumes* que elle tinha d'ella com José Luiz. a ponto de dar-lhe uma bofetada, e no dia immediato este amanheceu morto no quintal.

O companheiro do assassinado, dizem, que, ha tres para quatro mezes, sahiu da cadeia do Engenho da Conceição, por ter acabado de cumprir sentença.

Diz elle não ser o autor do crime: mas ha duas circumstancias contra elle; a primeira é ter se escondido detraz da cama, quando a authoridade dirigiu-se á sua casa, e a segunda foi o terror de que ficou possuido quando o subdelegado perguntando-lhe si não sabia que haviam assassinado seu companheiro no quintal, elle respondeu *negativamente*. O subdelegado o convidando para ir ver, elle disse que ja sabia por lhe haver dito sua amasia, e sendo obrigado pela authoridade a chegar junto do cadaver, ficou o seu semblante, demudado de sorte tal, que via-se n'elle um *que* de criminalidade!

O infeliz José Luiz foi um dos defensores dos brios nacionaes, nos inhospitos campos do Paraguay!...

—Deus que compadeça-se de sua alma, e inspire á justiça da terra para o fiel cumprimento de seus deveres na punição de quem for o criminoso!

—Que novidade o traz por aqui?

—Contar-lhe mais uma dos larapios.

—Praga inextinguivel!

—Uma quadrilha, que ha em S. Francisco de Paula, roubou á semana finda, de um africano vindo da côrte, 1:500$ rs. Entraram no saque quatro membros da companhia: Belmiro, Antonio dos Invalidos, Desiderio, o qual não ha muito assignou na policia um termo obrigando-se a ir de quinze em quinze dias partecipar ao chefe de que estava vivendo.

—Isso é absurdo.

O chefe o que devia fazer era, ter agentes activos com os olhos attentos sobre esses tratantes.

—Homens mais destemidos do que essa perniciosa gente ainda não vi.

—E' porque não acham punição.

—Que quer? a lei os favorece.

Neste caso mesmo, consta, que pedindo-se providencias, o Sr. Dr. delegado declarara que o prejudicado desse queixa.

—A difficuldade está nisso. Como ter provas, si os larapios quando commettem suas falcatruas é no meio de sua gente?

Mas a policia que já os conhece, que tem recebido queixas sem conta, que os tem prendido cento e uma vez, é que devia se mostrar com elles intolerante, trazel-os a passo de cão; ao menos, uma vez por outra, por qualquer tratantice, mandal-os para correcção, a ver si assim desanimavam.

—Eu creio que ainda assim elles não perdiam o mau costume.

—De desgraçado accontecimento foi victima um empregado dos Vehiculos Economicos.

—O desastre de quarta-feira?

—Ah, já soube?

—Ouvi contar que em uma das viagens da locomotiva do Bomfim a Itapagipe, em uma volta, o caixeiro passando de um para outro carro, embaraçou-se e cahiu entre elles...

—Oh!.....

—Opprimido entre o carro e o chão, soffreu terriveis e dolorosas contusões, a fractura de um dos braços,em tres logares, parte de uma coixa dilacerada, e por fim a manivella das rodas do ultimo carro tomou-o por debaixo dos braços e girou com elle por espaço de quasi dous minutos.

—E' exactamente o que tambem ouvi.

—E accrescentaram que o infeliz corre grave perigo de vida.

—E que Deus não permitta que tal succeda.

—Capitão, trago-lhe a noticia de um defloramento

—Dê-m'a.

—O *duque*.....

—Foi um *duque* o deflorador?

—Não, capitão, o *duque* de que eu vou tratar, não é nenhum titular, é um *mercurio* que seduziu uma moça para outro.

—Prosiga.

—..... o *duque* tinha relações na casa em que morava a moça deflorada.

Na semana passada, a amasia deste pediu á dona da casa em que se achava a moça, para consentir ella ir passar uns dias em sua casa, o que lhe foi concedido.

Logo que apanhou o *passaro na gaiola*, começou junto com o seu amasio, o *duque*, a seduzirem a moça para um portuguezito, amigo do *Moraes* que tem loja de *miudos* na rua, onde reunem-se os *capellistas*.

A moça a principio resistiu á seducção; mas elles persuadiram-na de que o portuguezito casava se com ella.

E porfim levaram-na ao cujo, conseguindo elle os seus concupiscentes intentos e depois do que deu-lhe uma esportula de 10$ rs., dizendo-lhe que fosse agenciar sua vida.

—Que desaforo! E' preciso uma severa punição que ponha um paradeiro á corrupção de tanta gente devassa.

—Sabe que a policia á uns quinze dias andou por *candomblé?*

—De verdade!

—Nas Campinas, no terreiro de *Agômé*.

—Teve lá o que fazer?

—Foi tirar uma rapariga que estava enclausurada contra a vontade do homem que a governa, o qual foi quem a reclamou á policia.

Mas a policia anda atôa. Quando seus agentes lá chegaram, ja a *mamãe* do terreiro, *(gumbonda)* tinha recebido aviso para tomar as cautellas precisas.

A crioula Paixão, que exerce o cargo de mestra das noviças, e que na linguagem do fethichismo significa *Equêde,* retirou todas as que se achavam na *casinha,* ficando apenas a rapariga reclamada, a quem vestiram e apresentaram aos soldados e agentes quando la se apresentaram, aos quaes trataram—*por nossa gente*.

—Parece incrivel que n'um paiz de catholicos romanos se passem essas scenas de barbarias!

Mulheres credulas e ignorantes entregam-se a crenças supersticiosas, illudidas pelo embuste de espertos africanos, e por effeitos de bebidas ou o que quer que seja, o uso da razão se lhes altera, cahem em completo idiotismo, tornam-se estupidas, sem consciencia do proprio ser e nesse estado são enclasuradas em um quarto immundo por espaço de tres a seis mezes.

Ahi nesse antro, passam vida mais de brutos do que de seres humanos; nuas, sordidas, famintas; comem todas as castas de animaes immundos que podem apanhar; sustentam-se em limo da costa e cata-sol; no chão, no logar onde satisfazem as necessidades corporaes, ahi mesmo si for preciso comem, e não será por lhes cahir qualquer bocado em tal logar, que ellas deixarão de engolil-o!

Findo este tempo sahem e ainda vão servir como escravas á pessoa que as *compra no santo*.

—E não ha quem as arrede desta cegueira.

—E aqui se paga dinheiro a missionarios que vão cathequisar os indigenas, quando no meio de nós, ha tanta gente a quem precisa abrir os olhos.

—Houve um grande desaguisado no theatro da rua de Baixo de S. Bento.

—Quando?

—Na terça-feira. O espectaculo principiou depois de 9 horas da noite, por que os artistas da orchestra, cançados de trabalhar sem ver dinheiro, declararam que não tocavam emquanto não lhes pagassem adiantado.

—E pagaram?

—O subdelegado quiz obrigal-os, mas elles disseram que não tocavam emquanto não vissem dinheiro, salvo si a authoridade quizesse se responsabilisar por escripto pela importaneia do trabalho d'elles.

O subdelegado reconhecendo a rasão dos artistas tomou o dinheiro que havia na mão do bilheteiro, e responsabilisou-se a pagal-os no fim do espectaculo.

Tendo serenado essa tempestade, começou outra que resultou cabeças quebradas, caras raladas, bancos atirados, cadeiras espedaçadas, etc. etc., e na qual a policia metteu a cauda entre as pernas, porque no *sarcêro* achava-se envolvido um, que disseram-me ser

aparentado com o chefe e que com uns officiaes de marinha *formaram o tempo*, pelo que com muito custo conseguiu-se fazer reapparecer *a bonança!*...

Mr. Claude levou uma grande queda, quando entrou em scena, ficando com diversos ferimentos nas pernas, devido a estar desorientado com a resolução tomada pela orchestra.

—Safa! que tempestuoso espectaculo!

—Capitão, uma coincidencia.

—Diga lá.

—O professor Francisco Alvares dos Santos era um verdadeiro patriota! Nas festas de Dous de julho, em nome do batalhão *Minerva*, formado pelos seus alumnos, sempre tirava uma creatura do ferrenho jugo da escravidão e quando terminavam se os festejos, acompanhado de seus alumnos, fazia uma visita ao tumulo de Labatut.

O professor Santos nasceu no anno de 1822, epocha em que houve no Ypiranga, o grito de independencia, 7 de setembro.

Morreu no dia 8 de novembro, dia que commemora a primeira victoria alcançada pelo exercito pacificador, nos campos de Pirajá, em 1822!....

—Quando os vapores do littoral atracam á ponte da Companhia Bahiana, ha uma dubadoura dos peccados.

—E' a usura das ganhadeiras quem faz isso.

—Palavradas, brigas, tudo apparece alli: os passageiros são atropellados pelos tombos e encontrões.

—Segunda feira houveram ganhadeiras, que levantavam as saias e cobriam os generos, afim de que as outras não vissem e não as tirassem do lance.

—Ambição desmarcada!

—Como em todos os actos da vida a ordem é essencial. seria bom que apparecesse qualquer providencia para que não houvesse desordem á chegada dos vapores.

—Capitão, ouça este facto que se deu na terça-feira, pela manhan:

Um caixeiro da companhia de Vehiculos, de nome Augusto, exigiu de um passrgeiro o bilhete, em viagem do Bomfim para o cidade, usando para isso de maneiras grosseiras.

O passageiro ao dar-lhe o bilhete, disse: —«seja mais polido, veja que eu não sou caixeiro de *bonds*.»

«—Eu sou caixeiro de *bonds*, disse elle, mas não sou pelintra.»

«—Pelintra é elle, retorquio o passageiro.»

Ao chegar no Caes Dourado, o passageiro que tinha sido bastante insultado pelo caixeiro, deu-lhe uma bofetada.

Este vendo se injuriado, repelliu com outra, safou do bolso uma faca e foi sobre o passageiro, que teria sido victima si o Sr. Guanaes não viesse desarmal-o!...

—E não foi preso o caixeiro?

—Quando o subdelegado veio para prendel-o, já elle tinha embarcado em outro *bond* e seguido para o Bomfim.

O subdelegado postou dous guardas no Caes Dourado para agarral-o quando voltasse, porem elle não veio mais!

—Tão tolo não era elle!

O subdelegado o que devia ter feito era requisitar ao subdelegado da Penha a prisão, afim de que servisse de advertencia aos caixeiros da companhia de Vihiculos que não andem armados, evitando-se assim algum caso funesto.

—Eu acho que a policia deve tomar serias providencias a esse respeito.

—Que duvida!....

Bahia.

E' este o titulo da linda poesia que abaixo publicamos, producção da Exma. Sra. D. Serafina Rosa Pontes, da provincia do Ceará.

Aos apreciadores dos bons versos, recommendamos sua leitura.

Bahia, terra d'encantos.
Onde nasceu meu amor,
E's rainha do universo,
Do Brazil galante flor,
E's, oh! cidade encantada!
Mimoso jardim de fada,
Dos anjos habitação;
E's templo da intelligencia,
E's a deusa da sciencia
Terra do meu coração.

Em ti é onde o poeta
Vae beber inspiração:
Os teus filhos, oh Bahia,
Quão venturosos não são!
S'eu tambem fosse bahiana
Como ficaria ufana
Por chamar-te minha terra!
Em teu recinto oh! Bahia,
Quanto amor, quanta magia,
Quanta ventura s'encerra!!

Oh! quem me dera viver,
Nesse clima encantador,
Onde a luz da liberdade
Brilha com tanto esplendor!
Que prodigio de belleza!

Que primor da natureza
Sob esse ceu tão gentil!
Como me ufano orgulhosa,
Como me julgo ditosa
Por seres do meu Brazil!

Si por um teu lindo filho,
Eu fosse amada, oh Bahia!
Si vivesse em teu regaço
Quão feliz me julgaria!
Oh que prazer! oh que dita!
Oh que ventura infinita,
Si ao lado do meu amor
Eu gozasse os teus primores!
Que vida cheia de flores
De poesia e dulçor!!...

Mas ah! tão grande ventura
E' um sonho, uma illusão!...
Jamais verei satisfeita
Minha ardente aspiração;
Tão subida felicidade
O Deus de summa bondade
Não me permitte gozar:
Portanto, linda Bahia,
Minha doce phantasia
Não se pode realisar.

Porem embora distante,
Acceita meu pobre canto:
Elle não tem melodia,
Mas exprime amor bem santo.
Adeus, augusta cidade,
Onde mora a felicidade,
Adeus, oh são Salvador...
Adeus, bahianos amados,
Adeus, meus sonhos dourados,
De poesia e de amor.

Ceará, 31 de agosto de 1871.

Serafina Rosa Pontes

A PEDIDO

—E' meia noite e dentro d'aquella casa tamanha matinada!

—Estou aqui encostado á egreja da Misericordia, vendo mesmo o resultado d'aquella reprovavel imprudencia.

—Então V. sabe o que se passa la por dentro?

—Foi um individuo que entrou alli, e queria que lhe dessem *pousada*. Parece porem que a hospedeira não estava disposta a admittir hospedes e o moço despeitado corta-lhe os moveis e o trage com uma faca.

—Nisso obra mal.

—Eis a causa de todo berreiro que o Sr. ouve.

—E V. viu o cujo?

—Ora se vi!

—Então me diga quem é.

—Nem que o Sr. chore *pitangas*.

—E si eu lhe fizer uma *carranca*?

—Tambem não digo.

—Então não fico mais aqui.

—O Sr. Godinho vae actualmente todas as sextas-feira ao Bom-fim.

—Esse homem deu agora para se fazer papel de amostra. Outro, no caso delle andaria cabisbaixo e compungido; evitaria de apparecer nos logares frequentados.

—Mas deixe-me contar proezas delle.

Na sexta-feira 27 do passado, dentro do templo, sem a menor ceremonia, poz se a fazer macaquices para uma senhora casada, levando a ousadia de ir se postar junto della, que se achava ajoelhada ao pé da grade.

O povo olhava, e censurava; mas elle nem caso!

—Ah, para elle todo mundo é seu.

—O marido da respeitavel senhora, homem que não é de graças, achava-se de parte conversando com um amigo; logo que acabou, dirigiu-se para onde estava sua senhora e o tafúl que vendo-o, foi-se esgueirando para distante; mas do logar onde estava tinha os olhos fixos na senhora, que realmente estava encommodada por tão atrevida impertinencia.

—Ah, si o marido percebe!

—Na sexta-feira 3 do corrente, estava ja de volta; partiam quatro ou cinco *bonds* cheios e no ultimo mais vasio, vinham tres mulheres e mais duas ou tres pessoas. O Godinho depois de embarcado em um dos *bonds* da frente, vendo que no ultimo haviam mulheres, passou logo para elle, o que foi geralmente notado pelos circumstantes, porque hoje a presença desse homem chama sobre si a attenção geral em suas menores acções.

—O que ha de novo?

—Eu sei lá, ouço dizer que os esculapios da casa de saude bellica andam muito apertados, porque o tenente coronel commandante do *nove-bis* prendeu, ha dias, á um; ordenando que fosse no dia seguinte recolher-se ao estado maior do corpo.

—Porque?

—Porque recusou-se mandar apresentar-lhe os *forçurados* que, de ordem da governança, foram mandados para o serviço da casa de saude, isto é, porque não obedeceu ao capitão, desobedecendo ao major.

—E, que tem o commandante com os filhos de Galeno, quando ha um delegado que é o chefe dos mesmos?

—Nada; mas, o que é certo é, que a prizão

não teve logar, porque o delegado lhe foi pedir que a dispensasse, por favor.

—Não creio.

—Asseguro-lhe.

—E esta!

—Admira-se? Pois digo-lhe mais, o commandante diz que ha de prender a todos, e creio que o fara, porque ficou ufano com a prisão arbitraria que exerceu contra um: digo lhe mais que em Santa Catita, trazia o—*Mantinha funesta*—a canto chorado, entretanto o *Mantinha funesta* era major.

—Mas lá não havia delegado?

—Havia, porem, lá elle era um rei pequeno, e aqui quer ostentar o seu poderio de então.

—Qual!

—Ora, elle diz que ha de demittir todos os empregados da enfermaria, para substituil-os por gente do seu *bravo nove-bis* que passou sempre na campanha por um corpo de distincção negativa.

—Duvido, porque o nosso bravo maioral commandante das espingardas não concorrerá, para que 14 paes de familia sejam com suas pobres familias atirados á miseria, alguns dos quaes teem dose, trese e mais annos de bons serviços.

—Mas, diz elle, que tudo é illegal aqui.

—Então os generaes das forças de então, que os propozeram, os governadores, que os nomearam, e o thesouro que arbitrou-lhes os vencimentos, todos não sabem nada?

—Não sei, diz elle, e falla em avizos, como um almanack.

—Pelo que vejo o homem é das arabias!

—Assim parece-me.

—Vossê não sabe mais nada?

—Por hoje não, mais o que souber, lhe irei contando.

—Obrigado e adeus.

—Até mais ver.

Ao publico.

Pergunto si é legitimamente permettido aos parochós fazerem detenções (a pessoas que somente por devoção se dirigem á egreja para ouvir a missa) afim de ouvirem sua eloquencia depois da referida missa, e faz-se essa pergunta em virtude de um abuso occorrido na egreja parochial do Pilar na manhan do dia 1.º do corrente mez praticado pelo mesmo Sr. vigario, sendo por tanto testemunhado e reprovado por todas as pessoas que ali se achavam presentes.

Succedeu que depois da mesma missa que acabava de celebrar o mesmo vigario—e que só para esse fim é que todas as pessoas se dirigem á egreja—e não para ouvirem eloquencia seja ella de que natureza for (salvo si alguem de espontanea vontade as quizer ouvir.) sahiu uma pessoa que acabava de ouvir a missa e que o Sr. vigario devia respeitar (si é que tambem deseja ser respeitado) e n'essa sahida se achava essa pessoa encommodada cujo encommodo não podia satisfazer na egreja (salvo si o Sr. vigario assim o permittisse) e que mesmo não allegando encommodo o Sr. vigario não é suficiente para deter pessoa alguma na egreja, acconteceu que foi essa pessoa afrontada com alguns medonhos berros dirigidos pelo referido vigario—a ponto de causar enormissimo espanto e terror a todas as pessoas que se achavam presentes, exigindo arbitrariamente e com alguns insultos a que essa pessoa voltasse afim de acabar de ouvir sua eloquencia.

Avalie o publico do procedimento irregular do illustrado Sr. vigario da freguezia do Pilar.

Parece que o Sr. vigario se persuade estar em Monte Gordo!

Aggredido.

(Do *Correio da Bahia.*)

VARIEDADES.

O viuvo e o medico.

Um pobre operario de Plymouth, tendo a mulher muito doente, foi pedir a um medico de fama que a viessse tractar. O doutor, por ser o homem mal trajado, prometteu-lhe que iria, mas não foi. Peiorou a doente, e o marido voltou a casa do doutor a pedir-lhe com lagrimas a soccorresse. Ainda d'esta vez perdeu as passadas; tornou terceira e disse-lhe: Doutor, minha mulher está ás portas da morte, e tem fé que só vós a podeis salvar. Eu, como ser um triste operario, tenho algum dinheiro de reserva, porque sou forrêta; prometto pagar-vos dez libras, quer a cureis, quer a mateis. O doutor enterneceu-se e medicou a doente, que d'ahi a poucos dias estava na eternidade. Passados os da cortezia, mandou o esculapio a conta ao viuvo, e como elle não quizesse pagar-lhe, citou-o para comparecer no jury. Concluida a allegação por parte do auctor, o presidente perguntou ao reu se tudo aquillo era verdade. E' certo e mais que certo, disse este; porem, si me derdes licença, farei uma breve pergunta alli ao amigo doutor. Foi-lhe concedida. —Eu não vos prometti dez libras, quer curasseis quer matasseis minha mulher? — Não ha duvida, respondeu o medico.—Basta. Ora responda-me o senhor doutor: curou minha mulher? — Não, porque a molestia não tinha

cura.—Então matou-a?—Deus me defenda! que testimunho!! Morreu porque tinha de morrer.—Logo, se confessais que não a curastes nem a matastes caspite! temos as contas saldadas. O jury, cingindo-se á lettra da promessa, absolveu o operario, e o esculapio ficou sem a paga e pagou as custas.

«Despacho sobre um páu de canôa n'um inventario.

«Metta-se o pau no monte da fazenda porque o pau não é do inventariante só para querer ficar com elle, e os herdeiros devem ter quinhão no pau que é de todos. S. Francisco ...de...de 1840.

D....

O jantar d'ossos.

Certo clerigo, amigo de bons boccados e de applicar o sancto preceito do jejum aos seus servos, tinha por costume quando se regalava com alguma galinha, perdiz, ou cousa que o valha, chuchar-lhe muito bem os ossinhos e dal-os depois ao triste moço, dizendo-lhe muito ufano: Vae jantar.—Jantar o que? lhe disse um dia o transparente moço, si V. S. já roeu os ossos duas vezes.—Essa é boa! lhe tor o clerigo. Pois eu posso roer os ossos duas vezes, e você, sô biltre, não os pode roer uma?

No tempo em que o grande poeta Luiz de Camões militou na India, entrou certa occasião na loja de um barbeiro para fazer a barba.

Estava a casa cheia de gente, e varios individuos argumentavam sobre qual era o animal, que tinha mais juizo. Uns diziam que o cão, outros o cavallo, alguns o elephante etc.

O mestre barbeiro, homem entendido, e que não perdia pitada quando se tratava destas questões, estava tão influido com a discussão, que tinha posto a cara do grande Camões em misero estado.

O poeta ouvia e soffria tudo sem dizer palavra, até que achando-se barbeado ou para melhor dizer retalhado, se levantou, e dirigiu a palavra aos illustres oradores que até então não se tinham decidido.

—Meus senhores, nenhum de vós adivinhou qual é o animal que tem mais juizo, pois saibam que não é o cão, nem o cavallo, nem o elephante.

—Então qual é? perguntaram varias vozes ao mesmo tempo.

—E' o bode, que prefere andar antes de barbas compridas, do que cahir nas mãos d'um maldito barbeiro como este.

—Não reserveis para amanhan o que podeis fazer hoje.

—

—Na rede tanto se prende os peixes grandes, como os pequenos; porem quando alguns escapam pela malha são pequenos, que os grandes a sua mesma grandeza os prende.

Sobre este fundamento, si ha de assentar todo este poderoso edificio: e é que os grandes, ainda que possam tudo quanto querem, não hão de querer tudo quanto podem; porque não ha melhor grilhão das acções, que a grandeza; advertindo que é aquelle o que mais lhe convem.

ANNUNCIOS.

O armazem de molhados cito á ladeira do Rosario da Baixa dos Sapateiros n. 8, offerece grandes vantagens ás pessoas que queiram honrar este estabelecimento——1.° vender os melhores generos que ha no mercado; 2.° pelo menor preço possivel, so ganhando o desconto; 3.° o bom agrado aos freguezes. Quem vier verificar não tomará mais o encommodo de descer á cidade baixa para comprar os mesmos generos pelos mesmos preços e talvez mais caro. Adverte-se que o armazem é quasi defronte da egreja um pouco mais abaixo. Tambem vende a praso as pessoas que queiram fazer pagamento em fim de mez. Tudo isto se fará porque as compras são feitas em primeira mão e quasi todas á dinheiro com bom desconto.

Um homem de bons costumes, de edade, sabendo ler, escrever e contar, offerece seus serviços a quem precisar. Tambem entende de lavoura de canas, podendo servir de caixeiro ou administrador de engenho, e vae tambem para feitor de alguma roça nesta cidade ajustando, e pode ir para qualquer parte por não ter familia; quem precisar dos seus prestimos pode vir a esta typographia que se dirá o pretendente.

Vende-se cinco casas na freguezia da Penha, sendo uma no Porto da Lenha, tres na ladeira do Porto do Bomfim, e uma junto a casa do juiz; quem a prenten ler dirija-se a casa n. 21 rua dos Dendezeiros que encontra com quem tratar.

Vende-se uma casa a rua da Imperatriz, freguezia da Penha, por commodo preço. Quem pretender, dirija-seao largo do Papagaio venda junto ao alambique que achará com quem tratar.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 87.ª — QUARTA-FEIRA 15 DE NOVEMBRO. — N. 866.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 14 de novembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, communicando-lhe que na sua freguezia mora um individuo, que dá mais *bastos* tiros de polvora e chumbo do que chaminés ha em Roma; por serem todas as manhans contra a ariscada raça gaticanca.

Si bem que esse papão de gatos, o qual mora em certa *rua*, na *casa* de n. 53, não faça *alvo* ou pontaria certa, pode bem accontecer que, involuntariamente algum dos seus tiros empregue-se n'algum filho de Adão; e para evitar desculpas de não foi por querer, espera-se que S. S. prohiba formalmente ao tal freguez de continuar na sua caçada de gatos.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, enviando-lhe uma reclamação de moradores da rua do Tijollo que se queixam dos frequentes sambas, que ha na casa n. 11, como perturbadores do repouzo e descanço nocturno; para que S. S. a tome na consideração que julgar merecer.

—Portaria ao muxingueiro Evaristo, ordenando-lhe que dê cabo da assombrosa malta de cães vadios que abundam nas ruas da freguezia de Santo Antonio, principalmente á noite, acuando os transitantes. Cumpra.

—Capitão, V. Ex. acha justa a pratica de algumas igrejas confessarem á tarde para no outro dia darem a communhão?

—Não, de certo, pois podem se dar muitos abusos.

—Eis ahi um costume mau dos nossos conventos; de sorte que uma pessoa depois de confessada, que julga-se autorisada a continuar a peccar, tem de passar uma noite inteira para então receber a sagrada formula!

—E' preciso acabar com essa pratica, que é mais um escandalo da fradaria em nome de Deus.

—Que quer dizer ao anoitcer entrar-se em um templo ás escuras e a custo ver-se vultos nos confissionarios, horas e horas, que mais parecem criminosas amantes com seus amores, do que penitentes, que desejam salvar-se?! As mães de familia principalmente devem tomar sentido. O que é feito ás escuras e com medo não pode ser coisa boa. A virtude, a candida virtude, não se envolve nesses trajes, cor da morte; ella apparece pura á luz meridiana, nem teme as vistas, que lhe dão mais realce.

—Está bem, basta, vou aconselhar a quem compete para acabar-se com *confissões nocturnas*, que *nocturnas* ficam, salvo na hora da morte.

—Bem nos prega Fr. Thomaz; si elle bem o diz, melhor o faz.

O *Jornal* sahiu-se com uma doutrina muito boa, mas eu creio que é cousa somente de dizer.

—Repita.

—E' no de domingo, fallando da imprensa:

«.....

«A que ficaria então reduzida a liberdade de imprensa?

«O desventurado, que tivesse de recorrer á opinião publica contra os potentados, contra os caracteres distinctos, teria de montar uma imprensa sua para tratar do seu pleito.

«*Seria então* (a imprensa) *um açoite constante para os pequenos, para os fracos..... e uma defeza, um escudo, uma muralha impenetravel a resguardar os poderosos.*»

Cousas do mundo!

—A doutrina é incontestavelmente generosa, digna da civilisação do tempo.

—Mas V. lembre-se, que recentemente, uma mulher desvallida, guardando as formalidades da lei, corria a bradar á opinião publica contra o algoz da honra de sua filha, o qual com seu dinheiro, a queria supplantar, e o *Jornal* a enxotava inexoravelmente de suas columnas, ao passo que as franqueava ao potentado negociante, author daquelle acto

de desregrada concuspicencia e revoltante cynismo.

Ah mundo! mundo!

—São cousas. A obra mais perfeita de Deus foi um dia depois do outro.

—Na sexta-feira, ás 6 horas da tarde, quando um grande numero de possoas esperavam que a maré vasasse para verem os pés que se acham estampados em um dos degraus do caes de pedra de Santa Barbara, originou-se um *sarceiro* entre os saveristas, os carregadores da companhia *União e Industria* e uns marinheiros que tambem alli se achavam.

—E o motivo?

— Disseram que um dos carregadores da companhia *União e Industria* convidara a um marinheiro para fins indecentes, e que este dera-lhe uma bofetada; mas o que vi foi elles armarem-se de cacêtes e um dos carregadores da companhia *União e Industria* correr para o barulho com uma faca de ponta desembainhada e depois um dos marinheiros com uma grande brecha na cabeça.

—Ha de accontecer d'isso mesmo alli n'aquelle caes, pela falta de policia de que se resente esta cidade.

De duas horas da tarde em diante, vá aos caes para ver como reunem-se nelles saveristas, carregadores e marinheiros em jogatina escandalosa, a qual sempre acaba debaixo de barulho.

—Capitão, no sabbado Innocencio Garcia Rosa, conhecido por *Bom-boi,* entrou no armazem em que é caixeiro Domingos Gonçalves Vianna, e perguntou ao dono do armazem pelo caixeiro, dizendo que tinha uma faca para deitar-lhe as tripas de fora.

De facto, á noite encontrando-se *Bom-boi*, com o referido caixeiro, correu-lhe uma facada sobre as costellas.

—E feriu-o?

—Levemente.

Foi immepiatamente preso á ordem do chefe de policia, e o subdelegado da freguezia da Conceição da Praia já procedeu no offendido o competente corpo de delicto.

—Cumpra agora a justiça o seu dever, punindo o delinquente, que já é muito conhecido n'esta cidade pelas suas *façanhas!*

—Capitão, as folhas diarias noticiam ter, no dia 12 do corrente, no 1.º districto da freguezia de Santo Antonio, na rua dos Perdões, o individuo de nome João Cordoso, pelas 6 1|2 horas da tarde, dado uma facada em um escravo de Joaquim Guimarães, conseguindo evadir-se.

O subdelegado procedeu ao corpo de delicto, e os facultativos declararam que o offendido acha-se em perigo de vida.

—Diz o *Diario* não ser esta a primeira vez que João Cardoso tem usado do cacête e da faca, mas como sempre tem ficado impune, entendeu fazer d'esses instrumentos profissão habitual.

—As reprovações na faculdade de medicina vão tomando um caracter serio, e torna-se preciso a intervenção das authoridades competentes.

—O Sr. Dr. Rodrigues da Silva tem sido por duas vezes desacatado pelos estudantes que teem sahido reprovados. Um chegou a se dirigir a elle, querendo desfeitial-o, no que foi impedido.

A imprensa cumpre a sua missão pedindo a intervenção das authoridades competentes, para evitar assim alguma scena desagradavel, que por ventura posssa accontecer!...

—Quer ver uma celebreira?

—Si lhe apraz.....

—Contaram-me que o Rvm. Sr. padre mestre Fr. Celestino, da ordem franciscana...

—Ah, é negocio de frade?

—Quer ouvir ou não?

—Não digo mais nada até o fim.

—E' como eu gosto.

Contaram-me que o referido religioso mandara um individuo de sua confiança, com um bilhete á uma casa, buscar um paletot e um chapeu, objectos estes que o portador recebeu e os trazia debaixo do braço.

Na Estrada Nova porem dous agentes de policia, um dos quaes graduado, abalroam o homem, e tomam-lhe o chapeu e o palitot, a pretexto de serem furtados!

—Isso está parecendo um epigramma!

A policia tomando na *estrada* o que traz uma pessoa!

—Encontrar um individuo com objectos, que desconfia serem furtados, chamar estes a si, e não prender ao supposto larapio; é systema que os agentes da policia são que entendem.

— E' que talvez apprehendessem os objectos por entenderem que eram trastes desnecessarios a um religioso.

—Como andam estes pobres soldados do 18.º!

—Coitados! não lhes sobra o tempo nem para se coçarem!

—E' uma condição das mais desgraçadas a do miserrimo soldado!

—Servem tanto, e quando completam o tempo, que recompensa lhes dão? Sahem da praça inutilisados, com alguma molestia chronica que os inhibe de trabalhar.

—Esses não são servidores do paiz, embora expostos ao ardor do sol, ás chuvas, s tempestades, aos perigos, ás privações.

—E os filhos dos infortunados mutilados, dos desgraçados invalidos, hão de ir pedir de porta em porta, porque a nação madrasta, quando lhes dá uma esmola, é tão ridicula, que faz vergonha dizel-o.

—E para outros que não sacrificam seu sangue, seu futuro, sua saude, sua vida, —tantas graças, tantos favores, tantas recompensas, tantos titulos!

—Deixemo-nos de vagueação; vamos ao positivo.

Realmente tenho pena de ver como andam os soldados do 18, sujos, rotos, muitos de chinellos.

Informaram-me que nestes dias de chuva causavam lastima.

Sahiam do quartel que, sabe se o quanto é arredado do centro da cidade, chegavam ás guardas ensopadissimos e eram obrigados a enxugar a roupa no corpo, passando assim um dia e uma noite!

—O que val é que Deus dá o frio conforme a roupa.

—No outro dia, quando eram rendidos, chegando no quartel, em logar de terem algum descanço para se arranjarem e acceiarem, tomarem algum conforto, eram logo tirados para novo serviço!

—Haverá vida mais trabalhosa e amargurada?

—Dizem que o commandante, homem de boa alma, torna-se indulgente e não os castiga quando commettem falta leve na disciplina do uniforme, porque vê que os pobres soldados não teem um minuto que dispensem para tratar de si.

—De maneira que servem tres e quatro dias sem descanço?

—E' verdade. Ora isto para quem anda mal pago, e mal comido, segundo dizem, é um desespero.

—Felizmente, dizem, o vapor do Rio trouxe estampilhas de 200 reis.

—Era um inferno! Que detrimento entrar uma pessoa muitas vezes ás 10 horas da manhan na repartição do sello, e de lá sahir á uma da tarde.

—De sorte que quem tinha seu negocio urgente, havia de cuidar de vespera, si não queria perder; e os de momento ficavam prejudicados.

—Dous empregados para despachar uma alluvião de gente, era tarefa por demais sobrecarregada.

—As cousas desta terra anlam sempre para traz e para adiante.

—Si se attendesse á conveniencia do publico não deixavam que as estampilhas se acabassem, para então mandar buscarem outras, com uma demora de mez, causando incalculaveis transtornos.

—Capitão, dizem que no *Mata eu* grande, ha uma desgraçada escrava que vive martyrisada em um tronco e leva diariamente 36 bolos!

A senhora dessa desventurada creatura tem um nome que se assemelha ao de *Genoveva*, porem que agora me nao recordo.

Não sei qual seja o motivo que a leva a tamanho excesso de rigor; mas quaesquer que forem, nunca hã authorisarão diante das leis de humanidade e da justiça, a usar de tanta crueldade com uma fragil mulher; não entende assim, capitão?

—Nem é preciso consultar minha opinião; o que lhe cumpre é despertar a attenção de quem competir.

—Na segunda-feira caminhava um individuo por dentro dos trilhos da companhia de Vehiculos, em a occasião que tambem seguia um *bond*; o coxeiro griton-lhe sem que elle quizesse sahir, e apezar de parar o *bond* immediatamente, aconteceu sempre a lança ir de encontro a elle e atiral-o no chão, resultando-lhe d'isso uma pequena contusão.

— Imprudente!....

A PEDIDO

Só me resta a pobre lyra???

Perdi hoje a presidencia
Por que minha alma delira,
Sim, *José fina—innocencia*,
Só me resta a pobre lyra.

Oh! meu Joãzinho querido,
Vê quanto teu pae suspira,—
Todo o meu bem hei perdido,
Só me resta a pobre lyra.

Foi-se a pasta de velludo
Da côr dilecta de Elvira;
Foi-se o poder—foi se tudo:
Só me resta a pobre lyra.

Dá muitas voltas o mundo,—
P'ra cima e p'ra baixo vira.

—Oh! ceus! que pezar profundo!
Só me resta a pobre lyra.

O meu genro hoje *se abra*
E uma nenia desfira —
Foram-se as têtas da cabra—
Só me resta a pobre lyra!!

O' *Pinho*! faze de *pinho*
Maça enorme que me fira;
Quando não, me afogo em vinho....
Só me resta a pobre lyra.

Sem o poder, sou damnado,
Me enforco em corda de embyra;
Foi-se o governo almejado,
Só me resta a pobre lyra.

Certo amor de uma *creança*,
Por quem meu peito suspira,
Fugiu-me com a governança,
Só me resta a pobre lyra.

Seguido de um ajudante,
Meu corpo já não se estira
Montado no rosinante;—
Só me resta a pobre lyra.

Té o *Sensinho*, o Bahia!
Tudo contra mim conspira:—
P'ra cortar falta a fatia
Só me resta a pobre lyra.

Si acaso o maldito Henriques,
P'ra o Campo Santo se estira;
Não direi, entre debiques:
So me resta a pobre lyra.

Ter lucros, *tractos* fazer,
E só o que a *gente* mira;
Sem mais o poder en ter
Só me resta a pobre lyra.

Dos *alforges* da *razão*
Porque mais ganhos não tira
Meu *genro*, esforços em vão!
Só me resta a pobre lyra.

Qual chorou fida consorte
Nas runas de Palmyra,
Eu lastimo a minha sorte:—
Só me resta a pobre lyra.

Si quaes *lyras* de Veneza
Fosse a minha—*conta* pyra—
Não mais diria, em tristeza:
Só me resta a pobre lyra.

Embora o povo de louco,
O diploma me confira,
Bem feito! tudo isso é pouco!
Só me resta a pobre lyra.

Venha a morte, e ás dezenas
Sobre mim golpes desfira,
O que m'importa, si apenas
Só me resta a pobre lyra?!

Illm. Sr. escrivão.—A intimação que se fez hoje á ladeira da Preguiça á uma senhora; permitta-me que lhe seja franco, que não teve lugar por muitos motivos. O primeiro que a casa não é governada por ella, tem quem a domine, a segunda que não consta, que esta pessoa tenha feito má visinhança, e a terceira que nada deve ao proprietario; portanto haja de relevar estas linhas, que agora lhe dirijo, porque pertencia a mim saber de todos os motivos, para ficar convencido do grande crime que ha, para que se intime em 24 horas, esta mudança, que não ha lei que a faça. Não vou mesmo pessoal, por me achar agora encommodado.

Seu capellão.
Padre *S. P. de S.*

Por ventura estou sonhando?

Vossa querida missiva
Estou sempre contemplando;
Até pergunto a mim mesmo:
Por ventura estou sonhando?....

O coração me dá pulos,
Que do ar me leva á cova
P'ra que dizer qu' é mentira?
Não tenho presente a prova?

Queria dizér—Eu amo-te!.....
Sempre.... sempre, eternamente....
Mas é custoso fallar
Onde mora tanta gente

Minha cama tão macia
Aonde eu vou repousar,
P'ra alli levo teu retrato,
Para o poder contemplar.

Quando me sinto mais triste,
Teus cabellos vou beijar,
Ai! á vista de taes novas,
Quem pode deixar de amar?

D'uma pipa de juizo,
Ja perdi as aduellas;
Será isto tão bonito
Como são as *Zarzuellas?*

Mandei rinzar todo o panno,
Meu coração vae a garra!....
Pois por toda esta semana
Janto aqui, durmo na Barra.

Já ao fiel mensageiro,
Eu quiz dar vinte mil reis,
Mas apenas pude dar-lhe,
O que na *letra*....vereis.

ANNUNCIOS.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 87.ª — SABBADO 18 DE NOVEMBRO. — N. 867.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 17 de novembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, partecipando-lhe que em uma roça aos Barris, pertencente ao 65, ha, todos os domingos, o divertimento de apostas de brigas de gallos. Além da barbaridade d'esse estupido divertimento de estrafegarem-se dous animaes, o seu *ultimatum* é sempre debaixo de algazarras e desordens; em vista do que espera-se de S. S. providencias a respeito.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da rua do Paço, para que se sirva de passar uma limpa geral no becco do Paraguay, onde vive homisiada gente que dá para tudo.

—A crença das seitas africanas está tão implantada na nossa população, que muito tarde ha de ella desapparecer do seio das massas.

—Ha gente que presta inabalavel fé ás divindades fethiches.

—Nem as authoridades religiosas tratam de combater tão pernicioso vicio instruindo o povo nos dogmas da religião que professamos.

—E uma vez que por esse lado nada se consegue, deviam as authoridades policiaes pela parte que lhes toca, cortar o mal como podessem.

—E é por isso que eu desejava chamar a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para o caso que se está passando e que vou narrar, si for do seu gosto.

—Summamente.

—No Bom-gosto do Campo Grande, ha um preto *curador* de nome Augusto. Mora quase fronteiro ao Sr. Franco Lima.

Encasquetou-se a um incauto que sua chara metade era atormentada pelo espirito maligno, o qual lhe infiltrara no corpo a enfermidade que soffria, encarnando nelle.

Consultado o feiticeiro, declarou que o diabo so sahiria do corpo da senhora, si esta fosse para sua casa para ser la tratada; e eis o credulo marido immediatamente mudado com sua esposa para o casebre do preto.

A infeliz senhora passa por tratos barbaros e crueis.

De dois em dois dias é açoutada pelas costas, pelos braços e pelas pernas com gallhos de murtha, desmanchando o brutal algoz um feche dessa planta no corpo da lastimavel victima.

Na quinta feira fez-se *serviço* ao spirito do mal, e aquella, em quem se suppõe exercer elle seu poder, foi obrigada a beber sangue de um bode preto com que se fez a *matança*, (sacrificio).

—E o crêdulo marido consentindo em tudo!

—E gastando dinheiro.

—Papalvo!

—Seja por effeito da molestia, ou pelas bebidas que de proposito o preto lhe terá dado, essa senhora tem ataques periodicos de convulsões, nos quaes estribucha e faz contorsões de arrepiar, então dizem que é a occasião em que o capêta vem fazer das suas.

—Que cegueira! que fanatismo!

—Não sei como ha gente que se deixa apoderar de tão absurdas e extravagantes ideias.

Crer que o diabo entre no corpo de um humano, falle, faça declarações, preveja o futuro, devasse as consciencias, conheça as intenções intimas!

—Eu desejara que o Sr. Dr. chefe de policia mandasse alli de sorpreza, agarrasse a todos, para ver si o diabo os avisava, antes de la chegar a visita policial.

—Hoje a companhia lyrica hespanhola—*Zarzuella*—representará a opera em dous actos—*Marina*, e a opereta em um acto—*Amor e almoço*.

—Capitão, li no *Diario* de hontem, 16 do corrente, a importante noticia do celebre padre italiano Nicolau Maria Berardi, que de-

pois de se haver arvorado em medico, cazou-se e finalmente veio naturalisar-se *cidadão brasileiro*, sem duvida na esperança de algum bispado!! Mais esta lição aos credulos e aos papalvos, que se deixam engodar por essa raça de hypocritas. A dor, a angustia foi derramada por uma familia inteira, que coberta de luto chora, porem tarde, o traiçoeiro laço, em que cahiu. E não ha punição para tal gente, que só tem por fim saciar a sua desenfreada concupiscencia, valendo-se para isso da poderosa arma da confissão?

Quando se hão de abrir os olhos de tantas familias, que temos entre nós, victimas de sua credulidade e boa fé, entretanto que ja lavra a gangrenosa chaga, que o publico olha com ironia, mas que ellas não veem.

—Está bem, quem lhe encommendou o sermão que lhe pague; quanto a mim não me engano quando vejo algum homem d'estes de virtudes. Bom é que o exemplo va desenganando certas familias aferradas ao fanatismo do que lhes dictam esses hypocritas.

—Mas, capitão, nós devemos sentir os males do proximo.

—Sabe que mais deixe-me—*Sua palma, ua pindoba.*

—Consta que na policia acha-se a carta do crioulo menor Joviniano, liberto em 1870 e que agora fôra vendido por um Sr. Severo, morador ao Bom-gosto do Bomfim.

—Que mania! Hoje que todos os esforços se dirigem para a extincção dessa chaga grangrenosa, ainda ha gente que lembre de reduzir seus semelhantes ao captiveiro, tornando-se reu de grave crime!

—Todo rigor da lei sobre elles.

—Capitão, um homem não teve o louco pensamento de ir se atirar no tanque do Engenho da Conceição, para afogar nelle a paixão de que se achava dominado, por ter sido outro preferido em seus affectos amorosos, abandonando-o aquella que era objecto delles?

—Que está me dizendo!

—O Sr. José Marinho, crioulo, aborreceu se da vida, por ter aquella com quem vivia, o deixado, e la si foi na quarta-feira atirar n'agoa. Parece porem que o homem quando viu o perigo da morte, tomou juizo e bradou que o soccorressem. Si é que aquillo tudo não foi uma *mamparra*.

—Horas más.

—Inepcia, loucura, fraqueza. Eu no caso dlle me mostraria até agradecido á sugeita. Si fosse alguma fructa de que não houvesse abundancia... mais isso! é pote de cantareira.

—Ah, maganão, o que está me parecendo é que V. é doente do mesmo mal.

—Vivemos n'uma terra onde cada um faz o que lhe interessa, sem se importar com o prejuizo que pode causar aos mais.

—Pode quem pode, o mais é poeira.

—Não parece um paiz, onde ha leis, que marcam toda a marcha de seus deveres, e a ninguem permitte estender suas conveniencias ao extremo de ferir os interesses alheios.

A' dias deu se um caso, insignificante, porém que attesta esta verdade.

Um morador da redondeza do Terreiro, tendo em casa grande porção de lixo, mandou por um escravo despejal-o ao dito largo e atear-lhe fogo.

Fogo de monturo não arde em labareda; portanto ja vê que foi uma fumaceira horrivel, exhalante de mephytico cheiro, que durou umas boas duas horas, denegrindo todo espaço do Terreiro e suas immediações.

—Um presente mui agradavel para quem mora por ahi.

—Eu vendo tão excellente e salutifera maneira de consumir aquillo, que em casa pode causar damno á saude, e a nenhum obstaculo que se oppoz, fiquei mais crente de que nesta terra tudo se pode fazer.

—Capitão, si a escravidão é um facto reprovado hoje pela experiencia, pela razão e pela consciencia; pela experiencia-- que tem mostrado que o trabalho por meio della em logar de augmentar, tem contribuido para sua degradação; pela razão—que repete incessantemente que o homem é livre e egual a outro homem; pela consciencia—que por sua voz divina nos accusa por animarmos a mais clamorosa das injustiças; pergunto eu, reduzir quem ja é livre á escravidão, o que não é?

—Um attentado criminoso que a legislação do paiz pune severamente.

—Pois, segundo ouço dizer, em Santo Amaro está se dando um caso desta ordem.

—Explique como é, para que se entenda.

—Salvador Borges de Barros e sua mulher libertaram em 1864 a vinte e cinco escravos, cujas cartas foram registradas em notas pelo cartorio do tabelleão Jorge Ferreira. Agora, porem, parte desses individuos, reconhecidos livres perante a lei, teem sido vendidos nesta cidade, sendo entre outros uma mulher de nome Eufrosina. Não será isto um procedimento criminoso?

—E muito grave.

Mas esteja certo que si for exacto, hade chegar ao conhecimento do Dr. chefe de po-

licia e elle infallivelmente procederá contra quem tiver delinquido.

– Capitão, decifrei um enigma.

—Qual foi?

—Eu lhe digo. Sabe o motivo pelo qual a companhia do Queimado não philtra a agoa?

—Não.

—Pois então ahi vae a decifração: o custo dos philtros não é muito barato; torna-se necessario mudal-os todos os dias, dando por conseguinte uma diminuição no dividendo aos accionistas, de 3 a 4 0|0.

—Portanto.....

—Elles que aufiram estes 3 a 4 0|0, e o pobre povo seja condemnado a beber agua impura e perniciosa á saude.

—E' de crer que o Exm. Sr. Dez. Freitas Henriques, com a rectidão que o caracterisa, dê acertadas providencias afim de fazer cessar semelhante abuso.

—Pobre negro! Emquanto poude servir utilisaram-se de seu prestimo, de sua dedicação, de seu trabalho; agora que cahiu na enfermidade incuravel e na velhice decrepita o abandonam, o expellem do tecto onde tanto serviu!

E elle alli se fina, sem abrigo, sem amparo, á fome, ao frio, em baixo de quatro palmas seccas de pindobas, mal entrelaçadas, á margem do dique!

—Que cruel ingratidão praticam com este vivo-cadaver!

—E o senhor delle ha de ter para si que praticou uma acção philantropica, libertando-o quando a enfermidade lhe quebrantou as forças, lhe comeu a robustez, lhe entorpeceu os movimentos; quando viu que de todo era impossivel a cura!

—Crueldade! ironica e amarga benificencia!

—E é por isso que a Santa, Casa duas vezes o regeitou; porque a sua carta nem se quer registrada em nota está.

—Curioso como sou, vou indagar o nome d'aquelle desgraçado.

—Não precisa; é Benedicto.

—Quando não fosse o reconhecimento dos serviços recebidos, a recompensa de uma vida gasta a trabalhar para outro; a charidade e o amor do proximo, pregados por Quem verteu seu sangue para redimir a humanidade inteira, devia ensinar ao possuidor d'aquelle homem a ser com elle mais compassivo.

—Mas....o escravo era propriedade sua; podia dispor della....utilisou-se do traste em quanto prestou, quando não lhe serviu, atirou-o fora! Estava em seu direito....

—Foi na terça-feira levada á scena pela companhia lyrica hespanhola a opera denominada *Catalina ou a estrella do norte*.

Ainda sentimos o delicioso influxo d'aquella noite, uma das mais bellas de representação theatral, á que temos assistindo.

A companhia exibiu a opera, como se poderia esperar; firmando todos os actores de um modo lisongeiro o conceito, de que se teem feito tão altamente credores.

A Sra. D. Dolores Medina sobresahiu no seu papel, por demais difficillimo; não só comprehendeu a lettra da opera, como tambem com sua melodiosa voz de soprano enlevou os espectadores, arrancando d'estes as mais fervorosas ovações; o publico a saudou de sorte a convencel-a, de que a Bahia sabe dar provas de subido apreço a actrizes, como ella.

O Sr. Monsalves satisfez plenamente, e bem assim o Sr. Ortiz, que mais admirou pelo seu traquejo de scena.

O Sr. Diez esteve divino.

—Continúe a companhia a proseguir em sua carreira, e conte com o apoio do publico, porque devidamente o merece.

—A seguinte poesia é producção do joven poeta Mello Moraes, offerecida ao folhetenista Dr. Luiz Guimarães Junior; extractamos do supplemento do n.º 11 do periodico *Echo Americano*, impresso em Londres:

A mulata.

(BAHIA.)

Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa
Quaes muitas brancas não são;
Tenho requebros mais bellos;
Si a noite são meus cabellos,
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva arrendada,
Me treme o seio moreno;
E' como o jambo cheiroso,
Que pende ao galho formoso
Coberto pelo sereno.

Nos bicos da chinellinha
Quem vôa mais levesinha,
Mais levesinha do que eu?
Eu sou mulata tafula,
No samba rompendo a *chula*
Jamais ninguem me venceu.

Ao afinar da viola.
Quando estalo a castanhola
Ferve a dansa e o *desafio;*
Peneiro n'um molle anceio,
Vou mansa n'um bambaleio
Qual vae a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva,
Demoro os olhares meus;
Mas, se murmuram: —maldita....
Bravo, mulata bonita!—
Adeus, meu yôyô, adeus....

Minhas yáyás da janella
Me atiram cada olhadela,
Ai dá-se! mortas assim...
E eu sigo mais orgulhosa,
Como si a cara raivosa
Não fosse feita p'ra mim.

Na fronte ainda que baça,
Me assenta o *torço* de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana,
Que qual mulata bahiana
Outra não ha no Brazil.

Nos meus pulsos delicados
Trago coraes engrazados
Em contas d'ouro divinas;
Prendo o meu *panno* á cintura,
Que rola pela braneura
Das saias de rendas finas.

Si arde um desejo agora,
De meus affectos senhora,
Sei encontral-o no amor;
Minh'alma é qual borboleta,
Que vôa e vôa inquieta
Pousando de flor em flor.

Meus brincos de pedraria
Tombam, fazendo harmonia
Com meu cordão reluzente;
Na *correntinha* de prata,
Tem sempre e sempre a mulata
Figuinhas de boa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,
Que assim se passa esquecida
De tudo que é triste e vão;
Um dito *repenicado,*
Um mimo, um riso, um agrado
Captivam meu coração.

Nos presepes da Lapinha
Só a mulata é rainha,
Meiga a mostrar-se de novo;
Da sua face ao encanto
Vae-se o fervor pelo santo,
P'ra o santo não olha o povo!

Minha existencia é de flores,
De souhos, de luz, de amores,
De amores que não tem fim;
Escrava, na terra um dono,
Outro no ceu sobre um throno
Que é meu Senhor do Bomfim.

Na fronte, ainda que baça,
Me assenta o *torço* de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana,
Que qual mulata bahiana
Outra não ha no Brazil.

A PEDIDO

Segunda-feira é o dia designado para abertura da 6.ª sessão do jury, á qual presidirá o Illm. Sr. Dr. Joaquim Tiburcio Ferreira Gomes.

Por despacho do Sr. Dr. juiz de direito substituto da 1ª vara foi adiado para esta sessão o julgamento do reu Antonio Tavares da Silva Godinho, o qual ja se acha intimado, bem como as testemunhas para se apresentarem á barra do tribunal.

Entretanto o Sr. Godinho alardeia por toda parte que não será ainda julgado e que, só quando quizer e lhe aprouver, terá isso logar!

Não sabemos em que se funda o potentado negociante de ferragens para isso affirmar tão de cadeira; mas o certo é que elle se gaba do seu poder.

Ainda á poucos dias o declarou na thesouraria geral, á vista de muitos empregados— que so entraria em jury quando lhe fizesse conta.

E' verdade que, do dizer para o fazer, vae muita distancia.

Confiamos no criterio do Sr. Dr. Tiburcio que não accederá ás evasivas com que pretenda o Sr. Godinho ir protelando a acção da lei, e zombando da justiça, visto como agora só o tribunal do jury é o competente para julgal-o.

ANNUNCIOS.

Arrenda-se uma propriedade, acabada de proximo á rua da Independencia, com sala de frente, 8 quartos, sotão, sala de jantar, banheiro, jardim na frente. com elegante vista. Quem a pretender pode procurar na ladeira da fonte dos Padres no escriptorio de João Luiz das Virgens e Friandes, que achará com quem tractar. Bahia 9 de Novembro de 1871.

Manuel Friandes.

As Exmas. Sras. pianistas.

Acha-se exposta á venda nas lojas de charutos ás Portas do Carmo n.º 71 e na de calçado do Sr. Luiz de Oliveira Vasconcellos á rua direita da Mizericordia e na do Sr. Albino Martins de Magalhães no Guindaste dos Padres e no Zuavo da praça do Commercio a nova e brilhante polka intitulada 14 de Setembro.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 87.ª — TERÇA-FEIRA 21 DE NOVEMBRO. — N. 868.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 20 de novembro de 1871.

Officio ao Illm.Sr.Dr.chefe de policia, chamando sua attenção para um africano, morador na segunda casa terrea á esquerda de quem desce a ladeira de S. Miguel, depois do sobrado do recanto.

Esse africano tem em um quarto preparado em forma de templo imagens idolatras, de diversas especies, ás quaes vão fieis christãos render culto, crendo de que por mercê dellas alcancarão mudar o poder do destino e da sorte e até conseguirão impossiveis.

Dizem que ha até a figura do diabo *(Lebal)* vestido de capona, o qual é um dos mais milagrosos.

Gente catholica, que a cada passo vive pelos templos a se benzer e a pedir a Deus que a livre da tentação do inimigo, vae alli implorar o patrocinio do demonio, para tirar vinganças, realisar intentos sinistros, ou reprovados!

E' um commercio criminoso de que vive esse embusteiro, do qual tira não pequeno rendimento; servindo-se para isso do maravilhoso que excita nas imaginações crendulas e fracas de pensar, por meio de artificios e sortilegios; esperando portanto que S. S. faça cessar tão especulativo meio de vida.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do 2.º districto de Santo Antonio.—Constando que existem no districto da jurisdicção de S. S. dous famosos *candomblés* pertencentes um ao preto Rodolpho e outro a Justino e Luiza, nos quaes se dão scenas retrogradas da civilisação e offensivas á religião catholica romana, sendo além d'isso focos de depravações; cumpre que S. S. os prohiba formalmente, não consentindo que a especulação continúe a ter ascendencia sobre a credulidade.

—Capitão, estou informado de que no domingo em um hotel ao Campo Grande, teve logar uma scena de atroz violencia.

—Sua obrigação é dar-me parte.

—Um individuo, filho deste paiz, foi amarrado com cordas pelos pulsos e jungido á uma arvore.

Uma pessoa, que constou-me ser o subdelegado em exercicio de Brotas, presenceando aquelle acto selvagem das janellas de uma casa onde se achava, dirigiu-se ao hotel e verberou tão inqualificavel procedimento, porém não lhe prestaram attenção, e o individuo continuou a permanecer manietado e exposto ao sol.

—Atacavam a um tempo a vida e a liberdade do cidadão.

—Ainda mais; fizeram a policia connivente nesse crime.

—Essa agora é que está uma de cachupelêta!

—Chamaram a um agente secreto da policia, a quem deram 2$ rs., duas garrafas de cerveja, comida, etc., com a condição de levar o homem preso, por qualquer pretexto.

O espião dirigiu-se do Campo Grande á secretaria da policia, na freguezia da Sé, tomou dous soldados e voltou com elles ao hotel.

Durante esse tempo esteve o homem amarrado ao pé de arvore, sujeito ao calor e ao martyrio das cordas que lhe arroxavam os pulsos e não lhe consentiam nem coçar-se, nem mover-se!

—Dentro da cidade ainda se faz disto!.....

—O espião de posse do homem escoltou-o com os dous soldados. No meio do Campo o povo reuniu-se e tomou partido por elle, oppondo-se a que seguisse prezo.

Houve *vá vá vá,* foras *morcego*, pedradas; em resumo, circularam os soldados por tal forma, que deram escapula ao preso, o qual homisiou-se em casa de Sr. Dr. Victor d'Oliveira e d'ahi sahiu pelo quintal e empinou-se pelas ribanceiras.

—Os agentes de policia que devem espiar o crime, pactuando com elle?!

—Si o Sr. Dr. chefe soubesse de tudo

que fazem por ahi os seus agentes secretos a titulo de *gorgêtas*.....

—O facto é extraordinario; encerra em si grave offensa á lei, e a mais solemne postergação dos direitos individuaes. O integro Sr. Dr. chefe de policia não deixará de tomar conhecimento delle.

E' preciso que se saiba que a lei neste paiz não concede a ninguem impor punição a seu talante.

—Capitão, na quinta feira dous remadores da barca d'alfandega travaram-se de rasões, dentro dessa repartição, e um d'elles, achando-se armado de uma thesoura, deu duas horriveis thesouradas no outro.

—E evadiu-se?

—Não; o inspector os remetteu ao chefe de chefe de policia, que os mandou recolher á prisão.

—Capitão, consta que vae ser nomeado um supplente para a subdelegacia do 2.º districto de Brotas.

—E quem será nomeado?

—Ainda não posso dizer, pois consta que foi a proposta para o Sr. Dr. chefe de policia.

—Não ha ainda indigitado ninguem?

—Diz-se que um *celebre Lulú Painho*.

—Oh! esse *moço* não foi o que ainda ha pouco, tendo um seu escravo dado seis facadas em uma mulher, ficou inpune?

—Sim, Sr. capitão.

—Acho bom que o Sr. Dr. chefe de policia procure saber quem é esse *Lulú Painho* pois que precisa ser policiado, e não pode policiar ninguem, não desamparando uma faca de ponta.

—Ainda mais, capitão, elle mora na freguezia da Victoria, como quer pois o Sr. subdelegado elle para seu districto, tendo n'elle os Balbinos, Horacios, Manuel Gomes, cidadãos morigerados que sem duvida nenhuma haviam de desempenhar, muito satisfactoriamente esse logar.

—Mas então em que se emprega o *Lulú?*

—Em.....não tem emprego, capitão.

—Então chame a attenção do S. Dr. chefe de policia.

—Capitão, contaram-me um caso do vigario de Maragogipe, o qual vou remetter á apreciação de V. S.

—Ora vamos lá com isso.

—Um Sr. João Paulo tendo de baptisar dous filhos, o vigario não quiz celebrar o acto, dizendo que não o fazia em quanto não lhe dessem deseseis mil réis de licença de cada uma creança.

—Licença p'ra baptisado? Isto é novo para mim.

—O Sr. Gustavo Hasclemann, que era um dos padrinhos, dirigiu-se ao vigario e disse-lhe que nunca soube que se pagasse licença de baptisado; que lhe era inteiramente estranho isso; mas, contudo estava prompto a pagar, menos aquella exorbitante quantia.

Pois bem, disse o vigario, fica a licença por deseseis mil réis, porque o Sr. me veio pedir não pelo pae das creanças que é meu desafecto, e o dinheiro deve-me ser entregue antes da celebração do acto.

Sr. vigario, disse o Sr. Hasclemann, fique V. Revm. descançado que jamais baptisará essas creanças e... retirou-se...

—Oh! esse procedimento não é por certo o de um ministro da religião do Crucificado, que nos veio remir com o seu sangue do captiveiro do demonio.

—Diz a *Aurora de Lima*, folha portugueza, de 21 do passado, que uma mulher da villa de Borba deu á luz uma creança ja com dous dentes!

—Si a creança tambem trouxesse unhas!...

—Tendo S. Ex. o Sr. commandante das armas retirado sua assignatura deste obscuro periodico, lhe continuaremos a enviar a folha, independente d'assignatura.

Sabemos agora que ha no quartel general, quem para *prestar serviço*, subtraia a folha na occasião em que o postilhão a vae distribuir, afim de que não chegue ás mãos de S. Ex.

—Capitão, faltou uma circumstancia no caso da mulher *com o diabo no corpo*, que o africano curandeiro Augusto está tratando.

—Pode accrescentar.

—Os cabellos da mulher foram cortados rentes e levados para uma touceira de bananeiras, onde teve logar com elles uma agreste, e estupida ceremonia.

—Isso nada adianta ao que ja se sabia. O que ha de mais novo é que o chefe de policia mandou buscar o feiticeiro, sua Joenfe e o marido desta.

—No corpo de policia se dão absurdos, que causam estranheza.

—Deixe a sécca para outra hora.

—A cousa é curta. Com duas palavras e meia, dou conta do meu recado.

—Pois avie-se com brevidade.

—Quero somente lhe contar que me disseram que na semana passada um soldado de policia foi descommunalmente castigado.

—Impossivel; o corpo tem seu regulamento especial; logo que elle não marca castigo corporal, as praças não podem apanhar.

—Legalmente; porém illegalmente?

—E' outro caso.

—Pois foi isso que contaram.

Um soldado atacado de rheumatismo, não se podendo ajoelhar á hora do terço, foi por isso castigado pelo furriel *Anachoreta* que safando do seu refle deu lhe muito estouro. Apparecendo o official de estado, fez a mesma cousa e levou o pobre homem a panno de espada até a porta do calebouço, ferindo nessa occasião a um soldado em quem a ponta da espada pegou no rosto.

—Lhe asseguro que si eu fosse o commandante havia de punil-o; porque o official é que deve dar o exemplo de respeito á lei e ás determinações legaes para que o soldado o imite.

— Exacto; o regulamento não lhe dá direito a castigar o soldado como a um escravo, commette uma falta desde que assim faz.

—So si elle pensa, que ainda anda pelas *neves* do Paraguay.

—Amanhan a corporação musical festejará com a solemnidade do costume a sua padroeira — a gloriosa Santa Cecilia, erecta no convento dos religiosos franciscanos.

—Inteirado.

— O Sr. Dr. chefe de policia ordenou que fosse á sua presença a mulher que *tem o diabo no corpo*.

Chama-se ella Maria dos Anjos.

—Nem por ser dos anjos?

—E o marido Antonio José Cardoso. São de Valença; vieram á esta cidade definitivamente para o fim de ser a mulher tratada pelo africano papae de Terreiro Miguel Augusto, cuja fama corre até lá.

No *zugún* foram mais encontradas Efigenia Benta da Conceição, Juliana Ursulina, Maria das Virgens, Thomazia do Nascimento, as quaes foram prezas e ao depois soltas, a *pedido*, sendo dispensado André Avelino do Patrocinio, filho do *baba-loixa* (pae do terreiro) por se achar com a mulher de parto.

Interrogada a Sra. Maria dos Anjos disse que era perseguida por um poder occulto, que não podia encarar o rosario da Virgem, nem pronunciar o nome de Nossa Senhora (mais nessa occasião pronunciou e nada soffreu.)

A policia mandou leval-a á egreja da Piedade para ser exorcisada, sendo encarregado de tal commissão o nosso aspirante João de Deus.

—Ora basta. Não me esteja a massar com bruxarias. O remedio para isso é a casa de Correcção.

—Teve hontem logar a primeira sessão preparatoria do jury.

Compareceram oito jurados que foram— Os Srs.—Galdino Cicero de Miranda, Faustino Rodrigues das Chagas, Izidoro Borges d'Almeida, Eduardo Pereira Mandacarú, Pedro José Pereira Espinheira, João Francisco de Souza, José Duarte d'Almeida.

—A quadrilha de S. Francisco de Paula prosegue em suas rapinagens.

Roubaram no domingo a um preto 70$rs., Antonio Izidorio foi preso, deslocando um pé na occasião em que pulava uma cerca para fugir.

Os demais pozeram-se ao fresco.

—A companhia lyrica hespanhola *Zarzuella* esteve impagavel no sabbado passado.

Foi á scena a opera em dous actos denominada *Marina*.

De enredo simples e trivial, mostra contudo esta composição dramatica uma verdade, sempre confirmada em todas as epochas, e é que-a um amor verdadeiro só pode compensar a posse do objecto adorado; vê-se porem, que a esse quadro puramente phantastico corresponde o elemento real e humano das sociedades modernas. A avaliar-se, portanto, a composição ou a lettra da opera por este ponto de vista, não se poderá negar por forma alguma o seu valor allegorico.

Marina é a heroina do poema; por ella pulsa energico, ardente impetuoso e indomavel o coração de dous homens affeitos ás lides do mar; e como a candida açucena ou a branca nenuphar enebria pela sua fragancia os sentidos dos que as contemplam, assim exerceu ella sobre aquellas almas o encanto pelo amor mais sincero e delirante.

Após varios incidentes, que sempre prendem a attenção do espectador, triumpha Jorge o capitão; ficando malogradas as esperanças de Pascual o armador.

Quanto a musica, é a opera tambem sublime e arrebatadora; e toda a execução correu admiravelmente.

Felicitamos, portanto, á toda companhia, que para agradar ao publico, vai exhibindo continuamente as suas melhores peças.

A PEDIDO

—Capitão, fui ao *fisco* ver as contas do *trem* sem *marinhas*. Achei nome de tudo: cordoneis, talha de lontra, apparelho, moitão, etc., etc., mas não achei os nomes dos organeis, ganhando os ditos 400 rs. por dia em todo *vaso* que vira.

—Mas V. que quer? O dinheiro d'elles e dos escaleres é para alfinetes do *que ensina* e dos deus vadios que la tem.

—Coitados dos dous! Que a tal respeito jejuam.

—Visto o que, o Sr. inspeccionador que tome suas medidas.

—Capitão, eu sei que V. Ex. por natural propensão inclina-se sempre a favor do fraco.

—Comtanto que o fiel da razão penda para o lado d'elle.

—Nem eu quero o que não for justo.

—Visto isso; diga o que quer.

—Venho implorar em favor de um desgraçado.

—Quem é elle?

—Innocencio Garcia Rosa.

—O *Bomboi!* Este sujeito é celebre valentão, desordeiro, e o mais que segue.

—Mas no caso de que se trata; no processo de tentativa de morte que se move contra elle, a razão está de seu lado.

—Eu deposito confiança no Sr.; poriss o quero ouvil o.

—Innocencio Garcia Rosa teve questão com o caxeiro de um armazem por causa de um papagaio; é mesmo crivel que fosse ao armazem procurar o referido caxeiro, e provocal-o, porém que o aggredisse na rua com uma faca, não é exacto.

—Não lhe estou a dizer que me conte o que se deu?

—Innocencio achava-se dentro do aposento onde tem o seu negocio, descascando com uma faca de meza uma laranja, quando recebeu por João Savary um recado do caixeiro com quem questionára, para que lhe fosse fallar.

Innocencio, cuja valentia, quem o conhece, sabe que não passa de basofia, tomou *nojo* de ir ter com o caxeiro e lhe mandou dizer que si o negocio era delle lhe viesse fallar e si era seu deixasse-o perder.

O caxeiro, impacientando-se da resposta, dirigiu se com um pau de vassoura, que segundo o testimunho das quitandeiras que isso viram, trouxera comsigo, e aggrediu com elle a *Bomboi*, sem attender aos repetidos pedidos das ditas quitandeiras, que se interpozeram entre elles, para impedir qualquer lucta, em quanto que *Bomboi* o que fazia era gritar e sempre recuando; nisso acconteceu que á terceira paulada, que foi dada com grande impeto, batendo no ferro da grade se partiu o pau.

—Mas o homem apresenta o palitot cortado.

—Não é prova, capitão.

Eu tenho ouvido geralmente das quitandeiras, e mercadores do logar, que dizem presenciaram o caso tal qual como lhe contei. Somente a *Mariquinhas do Nery*, por ser inimiga do reu, foi por despeito jurar contra elle.

—Está bem; eu quero me convencer por mim mesmo da verdade, e depois lhe direi quem tem razão.

ANNUNCIOS.

O armazem de molhados sito á ladeira do Rosario da Baixa dos Sapateiros n. 8, offerece grandes vantagens ás pessoas que queiram honrar este estabelecimento—1.° vender os melhores generos que ha no mercado; 2.° pelo menor preço possivel, so ganhando o desconto; 3.° o bom agrado aos freguezes. Quem vier verificar não tomará mais o encommodo de descer á cidade baixa para comprar os mesmos generos pelos mesmos preços e talvez mais caro. Adverte-se que o armazem é quasi defronte da egreja um pouco mais abaixo. Tambem vende a praso as pessoas que queiram fazer pagamento em fim de mez. Tudo isto se fará porque as compras são feitas em primeira mão e quasi todas á dinheiro com bom desconto.

Torneiro.

No Maciel, esquina do becco do Ferrão, acharão um que dá com brevidade qualquer obra, assim como deita coronhas em qualquer arma de fogo.

Relogio.

Vende-se um bom relogio de parede, que alem de dar horas e quartos, aponta os mezes, e seus dias, dias de semana, e lua desde nova ate cheia, com a maior exactidão: para ver e tratar no Maciel, casa, que faz quina para o becco do Ferrão.

Na rua direita da Misericordia casa n°. 26 ao entrar se dirá quem dá dinheiro sobre penhores, assim como quem compra prata, ouro e joias.

Vende-se o botequim por baixo da casa do Aljube; á tratar no mesmo.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 87.ª SEXTA-FEIRA 24 DE NOVEMBRO. Ns. 869—870.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 23 de novembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, expondo á S. S. a conveniencia de salutares providencias para repressão do pernicioso vicio do jogo, praticado em larga escala em certo *hotel* estabelecido neste solo *americano* para as bandas de Alagoinhas.

Joga-se ahi desenfreadamente e muitos incautos teem sido despojados de avultadas quantias, adquirindo em troco o descredito, a ruina, a vergonha.

Não é ao accaso da sorte que ahi se arrisca, é a fraude, o dolo, a empalmação, o subterfugio que se põe em pratica.

Espera-se que S. S. informando-se minuciosamente, expeça terminantes ordens ás authoridades locaes, para que reprimam pelo rigor da lei tão fatal vicio.

—Não sei a razão porque se ha de consentir vender carne em S. Bento, até 7 horas da noite.

—A condescendencia dos fiscaes é quem dá logar a isso.

A carne nesse estado é carniça; azulada, deteriorada, com mau cheiro, e coberta de bichos.

—O caso é que ha quem compre.

—E muita gente, por mal entendida economia. Mas a camara por meio de seus fiscaes é quem devia vedar que estivesse ao consummo um germen de ruina á saude.

—Capitão, no domingo, como catholico que sou, fui ás horas do costume á ordem Terceira de S. Domingos para ouvir missa; porem fiquei admirado de achar a egreja fechada.

—E não indagou o motivo por que não houve missa n'esse dia n'aquella egreja?

—Ouvi dizer que foi porque o conego Jorge Franco adoeceu e só mandou participar sua enfermidade no sabbado á tarde, em hora bastante adiantada, quando já não era possivel achar-se outro padre para celebrar.

—Eu acho quê o conego devia ter mandado outro padre para supprir-lhe falta, porque constou-me que elle foi cumprir uma outra obrigação.

—La isso não sei, vá por conta de quem disse.

—Foi encontrado na porta da egreja matriz de S. Pedro, na quarta-feira pela manhan, uma criança morta dentro de um caixão, coberto com panno branco.

O vigario Dez. Mattos mandou recolher o caixão para dentro da egreja para mandar dar sepultura ao corpo d'aquella innocente creatura, alli jogada por sua desnaturada mãe!

—Na verdade a companhia de Vehiculos Economicos está abusando da paciencia publica.

Sabe que nas sextas-feira torna-se necessario maior numero de transportes pela manhan para conduzir pessoas que desejam chegar ao Bom-fim á hora da missa do dia, e é quando manda apenas 3 carros, resultando irem elles atopetados, com dobrado numero de passageiros do que comporta a lotação devida.

—Querem que os burros façam mais do que podem, conduzindo carga superior á suas forças, do que resulta imminente risco, alem do detrimento que soffre o povo com a demora na viagem.

—E o publico, que paga e concorre vantajosamente para o augmento da companhia, soffra tudo calado.

—Capitão, já sabe o que aconteceu no dia 17 pelas 8 horas e 20 minutos no wagon, que seguia para o Bomfim?

—Ignoro; o que foi?

—Ia n'esse wagon (que não podia ser lotado para mais de 24 pessoas), talvez 40, todas apertadas, muitas a pé, apoiando-se nas cor-

reias que existem dentro do mesmo, e nos parapeitos de fora; em summa gente até nos degraus da escada!

—E o que aconteceu com isso?

—Eu lhe conto. Nesse wagon ia no parapeito da frente o Sr. Peçanha, e ao chegar o wagon no ponto dos Mares, onde se fez um estreito desvio, não sei como metteu-se a lança de um wagon que vinha do Bomfim nesse que ia para alli, e esta foi sobre o dito Sr. Peçanha, que si não fosse a tapagem da frente ser de ferro, elle estaria hoje com os santos no ceu, ficando com um dedo da mão quebrado; com a pancada da lança que levou sobre os rins, foi ao chão como morto, sendo carregado a braços para a botica da Calçada onde o medicaram.

Que lhe parece capitão?

Saia um homem para ouvir missa ao Senhor do Bomfim, e chupe este milagre.

—Ja se tem cançado de fallar a respeito, porem estamos na terra de que quem tem padrinho, tudo pode fazer.

—Verdadeiros inimigos do repouso alheio são estes habitantes do Castanheda, casa n.° 18.

E sempre la para as tres da madrugada é que elles elevam ao maior grau de agitação o labyrintho de vozes e turbulenta assuada.

—Ensaia-se nessa casa rancho de reis desde o mez de junho.

—Quase sempre acabando em barulho e palavrada?

—Não tem geito isso.

—São gentes da pá virada.

—As reclamações são por demais; mandarei fazer sciente ao subdelegado e esperarei pelas providencias que elle der.

—Uma vez por outra as barracas do Caes Novo são visitadas por gente que vae buscar o que lá não guardou.

No domingo á noite entraram e passaram limpa geral.

Algumas quitandeiras ficaram sem nada.

—Ha uma guarda perto, que bem podia postar uma sentinella por alli.

—O roubo pela forma por que é feito, e o logar por onde penetram os ladrões, indicam ser obra de gente do mar.

Por duas escadas que dão no mar é por onde entram. Desta feita so de uma quitandeira levaram 600 côcos, o que visivelmente mostra que a conducção não foi por terra, que seria difficilima; assim como que o trabalho é feito por mais de um.

—Seja como for, as pobres mulheres que se dão a um meio de vida laborioso, dispondo de pequenos recursos, soffrem enormes prejuizos com esses continuados assaltados, e portanto tem ellas tambem o direito de esperar que seja garantido aquillo que lhes pertence.

—Porque do contrario muitas não quererão trabalhar para os ladrões comer, e preferirão ir se entregar ao vicio e a ociosidade.

—Aconteceu no sabbado para os lados de S. Lazaro, freguezia da Victoria, que um homem premiditasse o sinistro intento de fazer que outro, em quanto dormia, fosse passeiar outra na vida.

—Tentativa de assassinato.

—O crioulo Leopoldo que ja não gostava de outro de nome Fortunato, por causa da crioula Maria Effigenia, tanto assim, que no mez de outubro se aggrediram na estrada, Leopoldo de foice e Fortunato de cacête....

—Este periodo é de palmo e meio; tome folego para poder continuar.

—O crioulo Leopoldo deu um *samba* no sabbado em sua casa.

Quando todos estavam entretidos, sahiu sem ser presentido, entrou em casa de Fortunato, que dormia, e cravou-lhe uma lima pontea-aguda em dous logares.

—Desalmado!...

—O offendido não morreu, creio que está de cama; queixou se á authoridade. Si o aggressar foi preso e si se fez corpo de delicto não lhe posso informar, porque quem me contou não me disse.

—Ah, lhe contaram? julguei que tinha visto.

—Veio da Graça, V.?

—Sim, e quase vejo desgraças.

—Me conte o que houve.

—Alguns soldados do 18 que andaram por lá tomando da *branca* e fazendo desordens.

Houve um que quase commette um attentado, si não é um individuo que expondo a vida, lhe tomou das mãos a faca com que estava armado.

—E dizem que os soldados não teem tempo para se coçar, quando lhes sobra para andarem fazendo disturbios.

—Como hoje é domingo, talvez tivessem folga.

—V. que anda la pelo Campo Santo, me conte, como foi uma desordem que houve no domingo? Dizem que houve sangue?

—Passava um grupo de dous homens e uma mulher; um delles chama-se Pedra.

Tres sujeitos que estavam por alli *arejando* destinaram-se a despojar os dous da posse da

mulher; mas o Pedra quiz mostrar que era rijo como pedra; vindo munido de cacête oppoz embargos á pretenção, servindo-se deste para fazer diversos ferimentos em um dos usurpadores, o qual foi curado em casa do tenente coronel Justiniano.

—A razão se dá a quem tem; o aggressor tem a desculpa de ter sido provocado.

—Mas tem culpa porque depois de apaziguado o negocio, esperou que o ferido sahisse da casa onde se tinha ido tratar, para aggredil-o de novo.

—Foi mau.

—Ouvi dizer os nomes dos outros. Um é Aristides G. Vianna; outro João G. Vianna, e o terceiro Canuto, é inspector.

—O governo creou no tempo da guerra do Paraguay um imposto intitulado *pessoal*, afim de acudir ás grandes despezas que fazia o paiz com aquella guerra.

Terminada esta, continuou esse imposto, sob pretexto de pagar-se a divida que tinha contrahido o paiz durante o tempo da referida guerra.

—Mas ao que vem V. com essa catilinaria?

—Catilinaria, disse bem V. Ex., porque é justamente uma accusação energica que eu quero fazer ao governo e aos *paes da patria*, pela maneira por que desfalcam os cofres publicos.

—Ora vamos lá com esse par de bôtas..

—Pois agora que o paiz precisa de dinheiro para saldar a grande divida de que ficou onerado, proveniente da guerra fatal que sustentou denodadamente contra o governo do Paraguay, entendeu-se augmentar o ordenado dos dezembargadores para 6:000$ rs., por que era *insignificante* a quantia de 4:000$ rs. que elles ganhavam até então, no entanto que não se lembra o governo que ainda peza esse onerosissimo imposto sobre o povo, que mansa e pacificamente tudo soffre!

E para que esse augmento de ordenado aos dezembargadores de 2:000$ rs?....

Um magistrado bem nosso conhecido, logo que teve augmento de ordenado, sendo casado e tendo uma amasia, tomou a seu cargo mais uma outra.

Mas não foram somente os desembargadores os felizes da patria, tambem o foram os juizes de direito, que até então ganhavam 2:400$ rs, e hoje *chupam* 3:600$ rs, que vem a ser mais uma *ninharia* de 1:200$ rs.

—E ao passo que se augmenta o ordenado aos desembargadores e juizes de direito com fabulosas quantias, o paiz cobre a face envergonhado diante de seus filhos que o defenderam denodadamente nos inhospitos campos do Paraguay e que hoje esquecidos do governo mendigam o pão da caridade publica.

Aqui convem exclamar com o poeta:

«Nobre soldado que ao bradar da patria
Vertera o sangue no calor d'acção;
Vergonha opprobio.... maldição eterna,
Hoje esquecido lá mendiga o pão!....»

—Ante-homem no cemiterio do Campo Santo, tendo quebrado a perna o preto que conduz o carro mortuario da Santa Casa da Mizericordia, veio em um estrado razo para o hospital da mesma Santa Casa afim de tractar-se, carregado por quatro parceiros seus; mas chegando no largo da matriz de S. Pedro elle quiz virar-se em cima do estrado e resultou lhe cahir no chão, e o estrado vir sobre elle, fazendo-lhe diminutas contusões.

—Além de queda couce!

—Quebra-se uma pedreira na estrada do Campo Santo, com o emprego de polvora.

—Para que falla mais nisso, si é debalde?

Está decidido que não ha quem se importe que sendo aquella estrada das mais transitadas, o quebramento de uma pedreira á beira della põe em risco a vida de quem passa.

—Mas si os casos desagradaveis estão acontecendo todos os dias, como não clamar?

—Clama no deserto.

—Embora, a voz no deserto pode ser que um dia retumbe até os ouvidos de quem deve se interessar.

Sexta-feira deu-se o facto de na occasião de arrebentar uma broca os estilhaços offenderem levemente a duas pessoas que passavam, alem de cahirem diversos fragmentos perto de muitas casas.

Consta que um desses se acha na subdelegacia da Victoria.

—E ha de ficar nisso.

—Que cegueira de amor! Que paixão indomavel!

—Está affectado della?

—Deus me defenda!

O infeliz crioulo João Marinho, que na quarta-feira 15, foi se atirar no tanque do Engenho da Conceição, desgostoso da vida pelo desprezo de uma mulher, sendo a isso obstado, a final deu cabo dos dias desgraçadamente, abandonando a casa materna e indo se enforcar em uma mangueira la para a Engomadeira.

—Que excesso de desespero!

—Dizem agora que João Marinho padecia de alienação.

—E a paixão em extremo tambem não é loucura?

—Domingo houve no Moinho a festança do *inhame novo*.

—Não me dirá o que vem á ser isso?

—Uma usança africana, introduzida e adoptada pelas massas ignorantes entre nós.

Consiste na consagração dos primeiros fructos da colheita de cada anno ás divindades africanas. Antes da celebração dessa ceremonia é vedado aos proselytos das seitas africanas comer delle.

Aquillo porem que era preceito religiosamente observado entre os filhos d'Africa, está hoje admittido entre immensa parte dos filhos deste paiz.

—Já entendi.

—O Moinho é um *candomblé*, cuja *mãe de terreiro* é uma africana conhecida por *tia Julia*.

—Isso ja sei.

—Este anno não houveram no Moinho as desordens dos demais annos, e das quaes a policia tem sido sempre advertida.

Descrever porem, o complexo de incontinencias, as scenas de estravagancia e deboche que se passaram de portas a dentro, nessa infrene bachanal, é cousa impossivel de fazer.

As mulheres semi-nuas, cobrindo o corpo apenas com uma curta saêta e uma tira de panno sobre os seios, tripudiavam em luxuriosos meneios, em desenvoltos esgares.

Homens e mulheres em indistincto conloio constituiam o quadro mais indecente dessa depravada orgia. Os chamados *ogans* (mestres) exercendo sua ascendencia em rasgos de consummada impudicicia.

Actos de impio sacrilegio, scenas de barbaro fanatismo, o menos cabo aos preceitos do Decalogo, a reverencia e cega adoração ás buxigangas, e figuras ridiculas de pau, a *variola* adorada como uma divindade, e como complemento a esse tropel de desenvolturas, muitas das filiadas cahindo em desaccordo, por effeito talvez de alguma droga, para rematar a *festa* em deleites de impura saciedade.

—Que gente! estupidamente embebida n'um estado de barbarismo superstitioso, prestando-se á especulação de espertos embusteiros.

Não reflectem na impossibilidade de a um tempo crer n'um Deus verdadeiro, cumprir os preceitos da religião catholica, e adorar a divindades gentilicas!

—Houveram mulheres no domingo que sahiram de casa sem authorisação de quem as domina e preferiram perder vantajosos interesses a faltar a *obrigação* da *festa do inhame novo*.

—Creio que na Brrra foi desvirginada uma moça menor.

—Si está na duvida, cale-se.

—Si digo creio, é porque o delinquente, que chama-se Antonio Soares Barretto, nega que fosse elle.

—O dizer delle é historia.

—Está preso e sendo processado pelo subdelegado da Victoria.

—Aguardemos o resultado.

A PEDIDO

—Capitão, estou indagando de um negocio um tanto serio para lhe communicar.

—Advirto-o de que eu não quero duvidas; gosto de tudo com exactidão.

—Sim, senhor, e é por isso que ainda não quiz crer que em S. *Lazaro* se conversasse sobre a liberdade de uma rapariga, a qual sendo baptisada por livre, o senhor da mãe da mesma a obriga a lhe pagar semana, e por fim exige della dinheiro por sua alforria, ameaçando-a que si não der, será vendida.

—Não posso crer que nesta epocha em que desenvolvem-se todos os sentimentos de humanidade e philantrophia a favor da redempção dos captivos, ainda haja alguem capaz de conceber tão *medonho* intento.

—Capitão, eu não asseverei que *é certo*; por isso quero primeiro indagar dessa conversa que houve em S. *Lazaro* na qual se tratou do *medonho* plano; quando estiver informado, voltarei.

—Sexta-feira 17, fui ouvir missa no Bomfim.

A Imagem do Senhor estava exposta na sachristia, fora de sua Cruz e deitada para que os fieis fossem beijar seus sacrosantos Pés.

Como catholico, cumpri tambem essa ceremonia religiosa e admirei a immensidade de pessoas que iam se prostrar aos pés do Senhor das misericordias.

—Iriam todos por humilde reverencia e sincera contricção?

—La isso fica á consciencia de cada um. Lhe garanto que devia ser um dia de extraordinarios donativos e *esmolas para o Senhor do Bomfim*.

Desejei saber a razão por que separaram a Divina Imagem de sua Sagrada Cruz e me disseram que toda a prata estava se limpando, limpeza que estava encarregado de fazer um italiano.

Aprovei a lembrança porque italiano é gente muito dextro no trabalho de limpar e sabe desempenhal-o por diversos systemas, pondo tudo muito alvo e *transparente* ainda mais do que casca de cebola.

—Vá na fé dos padrinhos. Si eu não lhe conhecesse tomava isso por satyra.

—A proposito, capitão, estranhei na occasião da missa que o padre ficasse parado por mais de um quarto de hora no acto da oblação, sem apparecer incenso nem thuribulo, até que desenganado continuou o Santo Sacrificio sem celebrar aquella ritual ceremonia.

Massei-me com a demora e perguntei a razão della.

—Precisava perguntar?

Pois V. não disse que a prata está se limpando? Necessariamente não limparam o thuribulo e a naveta; ou então o servente andava procurando o thesoureiro para abrir o almario e dar incenso.

—Pois tambem se fecha incenso?

—Que duvida.

Outro dia não leu que o moleque de certo thesoureiro de irmandade vendia vellas? Talvez o thesoureiro, seguro como é, traga tudo debaixo de chaves, para não soffrer tambem.

—Capitão, falleceu no dia 21 do corrente victima da picada de um molusco conhecid entre o vulgo pelo nome de *nikim*, em occasião que achava-se tomando banho salgado, o Sr. Julio Alvares Guimarães, filho do negociante desta praça Gonçalo Alvares Guimarães.

E n'esse mesmo dia, no mesmo logar, tambem soffreu a mesma cousa uma senhora que se acha bastante doente, mas cuja vida não corre perigo.

—Para que V. ha de mentir assim?

O Sr. Julio Alvares Guimarães falleceu victima de uma febre typhica, que em poucos dias o roubou á amizade de sua familia, segundo li no *Diario*.

—Por isso o tractaram; mas V. Ex. sabe que o *nikim* quando espeta, produz frio e febre, não queimando-se immediatamente o logar offendido torna-se logo disforme.

—Então teve razão Boccage, que vendo na pedra de uma sepultura *aqui jaz*, disse:

«Aqui jaz um homem morto,
N'esta fria sepultura,
Que escapava da molestia.
Si não morresse da cura!»

Theatro S. João.

Será brevemente levada em scena n'este theatro, pela companhia *Zarzuella*, a opera denominada — *Los Magyares ou a conspiração dos Hungaros*.

Um rapido esboço fará o leitor conhecedor das ricas e sorprehendentes variações, que constituem esta peça.

Composta de quatro actos vê-se no primeiro o forte empenho bellico da Austria com a Prussia e a França, só restando lhe a Hungria para abrigar-se depois dos revezes das armas. Maria Thereza a imperatriz é obrigada a refugiar-se com seu filho, de pequena edade, para a Hungria, e sendo perseguida em sua fuga procura abrigo em casa de um lavrador, situada perto de um convento, recebendo dos frades o mais valoroso apoio, e salvando um leigo de nome José com risco de sua propria vida o seu querido filho.

Com a chegada da imperatriz os hungaros dividem se em duas facções: uma esforça-se por entregar o throno da Hungria a Frederico II da Prussia, a outra deseja conserval-o unido á Austria, e portanto partidarios de Maria Thereza. Este partido é dirigido por frades, mais visivelmente figura Alberto, lavrador jovem e intelligente, que é amado por Martha, jovem pastora d'estes sitios.

No segundo acto ha o desfecho de um plano tenebroso contra a imperatriz, e quando do triumpho d'esta intriga vae ser morto ou arrebatado pelos inimigos o filho de Maria Thereza d'Austria, foge o leigo com elle, galopando pela montanha.

O terceiro acto é por demais curioso, Maria Thereza consegue ir á presença do grupo que a guerreava, julgando impor respeito aos seus inimigos com a sua presença. Estes a desattendem, podendo ella com surpreza sua e de todos escapar de tão grande perigo.

No quarto acto, soffre a imperatriz grande traição do conde Roberto, governador, e quando este, julgando estar tudo preparado, intenta aclamar Frederico II, rei da Hungria, os partidarios de Maria Thereza apresentando-se em frente d'ella, e com seu filho nos braços conseguem attrahir as ondas populares, e toda tropa se curva diante do seu verdadeiro rei, gritando todos no mais vivo enthusiasmo—*Hungaris! he aqui a vuestro rey!*

E' portanto sorprehendente todo esse enredo, prendendo sempre a attenção do espectador, e quanto a musica, basta dizermos, estar em relação com o apparato da scena. O publico bahiano terá por certo mais esta noite de divertimento, concorrendo com a sua presença para o maior brilhantismo do espectaculo.

E' que a companhia cada vez procura mais agradar, exhibindo as suas melhores peças.

Therpandro.

VARIEDADES.

SONETO.

Cançado, atribulado, maltratado
De metter na cachôla a vii licção,
Busquei a quietude do colchão,
E em pouco com Morpheu vi-me atracado.

Qu'instante de delicias repassado
Não gozei! Pois sonhando estava então,
Que d'um anjo-mulher o coração
Havia sobre o meu já estreitado....

Accordei co'uma espr'ança! E era ella;
Encontrar a mulher, que vi no somno,
Em rôta p'r'o Lyceu, n'uma janella....

Pensava de tal prenda em ser o dono,
Quando em vez de encontrar a moça bella,
Encontro o professor, cara de mono!

Que loucura de amor!

Que loucura de amor com que te amo!
Que quebranto de maguas e de dôr!
Que sonho tresloucado de insensato!
Que loucura de amor

Rescendendo perfumes da innocencia.
Descuidada sorris, estranha flor...
Eu te amo.... e sem uns laivos de esperança!
Que loucura de amor!

Se ris, bem sei para quem são os teus risos,
Por quem é, quando choras, tua dôr!
Mas o desprezo me não cura....eu te amo!
Que loucura de amor:

E por pago me dera, quero pouco,
Si algum dia, attendendo á tanta dôr,
Ao menos, me dissesses: Ah! coitado!
Que loucura de amor!

São raros, mais apparecem.

Um ajudante do setimo batalhão de caçadores francezes, chamado Trochet, tinha em notas e oiro a quantia de 12,500 francos (excede a dois contos de réis), que pertencia á caixa do regimento. Depois do desastre de Sedan, receiando que aquella somma cahisse em poder do inimigo, occultou-a em um bolso occulto no seu uniforme. Depois foi feito prisioneiro e conduzido á Allemanha, aonde por espaço de seis mezes soffreu as maiores privações. Assignada a paz, pediu emprestada uma pequena quantia para pagar a sua viagem, e ao chegar á França entregou ao seu general os 12,500 francos intactos. O general Freiay fez menção especial do ajudante Trochet, em uma ordem do dia assignada por elle.

Cousas alegres que causam prazer e fazem rir.

A primeira entrevista com a moça a quem se ama: é favo de mel que se chupa.

A noticia de herança inexperada: é prazer que dá no gôto.

Cobrança de divida que se julga perdida: é melancia ás 11 horas.

Um beijo ás escondidas em moça bonita: é castanha coberta, cujo gosto fica debaixo da lingua.

Escapar de molestia perigosa, depois de confessado: é beber bom vinho que não custou dinheiro.

Negociante que encontra freguez que não ajusta; é pato com arroz; cousa gostosa.

Escrivão que achou quem lhe mandasse copiar uns autos: é manguinha de Itaparica.

Filho familia que deu na burra do velho: é roça de mandioca que se vae arrancando sempre.

Freira que encontra padre para lhe aturar as impertinencias de missas e confissões: é pechinxa, onde pouco se gasta e tudo se lucra.

Curiosidade mais que satisfeita.

Não ha muito tempo, n'um domingo á tarde, succedeu virar-se uma pequena embarcação, em que iam seis pessoas, por baixo da ponte que separa Boston de Old-Cambridge. Dous dos naufragos foram tirados d'agua, já afogados, e recolhidos em um escaler que se dirigiu immediatamente para a praia, afim de ahi se depositar os cadaveres.

Entretanto haviam affluido á ponte 100 a 200 espectadores, attrahidos pela curiosidade de verem os afogados, no momento em que o escaler passasse por baixo da arcada.

Infelizmente achava-se a ponte muito arruinada, e abatendo de repente, precipitou n'agoa a multidão dos curiosos.

Improvisaram se, logo, soccorros, e cerca de 60 pessoas foram recolhidas sans e salvas; receia-se, porem, que seja muito maior o numero dos que se afogaram.

E' de suppor que nenhuma das victimas de semelhante desastre desejasse satisfazer, tão de perto, a sua curiosidade.

Scenas de nossos tempos.

(FRAGMENTOS.)

O pobre negro, que trajava andrajos,
que morria de fome e de penuria,
que os membros nús mostrava atassalhados
pelo açoutar do seu feitor em furia;

o pobre negro que perdido errava
por solidões, por mattas e por ermos,

sem choça aonde descançasse ao menos
do seu peregrinar triste e sem termos;

o pobre negro, de crestados labios,
que lhe ardiam de dôr, de sêde e fome,
de faces encovadas, como enfermo
que desfallece á febre que o consome;

o pobre negro, soluçando afflicto
de agonias, insomnias e torturas,
erguendo a voz, já fraca assim contava
toda a historia de suas desventuras:

«Eu sou escravo do engenho,
que deixastes muito além,
lá tenho a esposa e meu filho
a quem quero tanto bem,
mas ai! é sina do escravo
nascer, viver e morrer
sem gozar um linitivo
a seu pungente soffrer!

«No lar vivia opprimido
sob a lei da escravidão!
Esposa e filho, que amava,
antepunha á servidão,
por que affectos de escravo
não têm preço, oh! sim não têm,
quando, de azorrague erguido,
o feitor lhe grita: Vem!

«Era perdida uma lagrima
que dos olhos me pendia,
quando beijava meu filho
n'um delirio de alegria;
porque si o feitor o visse
—oh! elle odiava o amor!—
me fustigaria as faces,
cheio de raiva e furor!

«Eram perdidos por isso
meus affectos conjugaes,
meus prazeres de familia,
meus carinhos paternaes!
De madrugada me erguia,
de enchada ao hombro, apressado,
e, precedido da esposa,
lá ia cumprir meu fado.

«Um dia o feitor, raivoso,
monstro sedento de sangue,
surrou tanto minha esposa
que lançou-a em terra exangue!..
Contemplei-a e contemplei-a...
oh! que momento afflictivo!
lembrei-me de meu filhinho,
já orphão, alem de captivo.

«E erguendo a enchada com força
sobre o meu tão fero algoz,
ia já descarregar-lh'a,
ia dar lhe morte atroz;
mas vacillei, que os meus passos
um braço audaz impedia!...

Ah! era a esposa querida...
a misera ainda vivia!
«Fugi, que o monstro de odio
quiz prender-me p'ra matar-me!
Fugi sem mulher, sem filho,
p'ra tanta dôr consolar-me!
e só lagrimas acerbas
meu soffrimento exprimiam!
oh! si vissem tanta angustia
«té as feras chorariam!

«Aqui busco pelas grutas
um escondrijo, um abrigo,
onde evite a crueldade
de um sanhudo inimigo.
Aqui vélo noite e dia
— martyr de minha desdita,
que roubou-me o doce gozo
da liberdade bemdicta.

«Meu albergue é o leito, o antro
da fera das virgens mattas:
lá adormeço ao murmurio
das lamentosas cascatas.
Meu alimento são hervas
de ingrato, amargo sabor,
e por lençól deu-me o Eterno
o frio, a chuva e o calor.

«Serve-me ás vezes de orchestra
o rugir dos furacões,
que abalam a immensa floresta
ao ribombar dos trovões!
Dizei, á mulher semi-morta,
filho orphão d'affagos meus:
aqui choro, aqui definho,
que o aprouve assim a Deus!

«Mas ao menos me consola
viver sem grilhões e pobre!
Cacique d'estes desertos,
sem brazões, sou grande e nobre!
Aqui accordo com o dia,
fito os ceus e a immensidade,
nada temo, que já gozo
minha santa liberdade!»

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Despedacem-se as pêas do ostracismo,
rasguem-se as leis de ferrea escravidão!
Brazil! desperta do torpor do opprobio,
levanta aos ceus a cruz de redempção!

O trabalho é mais grato, é mais suave
sem prantos, sem açoutes, sem grilhões!
Brazileiros! um brado de exterminio
contra a lei, que escravisa as multidões!

Livres somos! que a abjecção pereça,
que surja da isenção o sol gentil,
que o ferrete infamante do captivo
corar não faça aos filhos do Brazil!

Patria querida, meu Brazil esplendido!
completa as ambições da humanidade!
Christo, quaddo morreu sobre o Calvario,
legou-nos com seu sangue a Liberdade!
Abril de 1869.

Bellarmino Carneiro.

Dous recrutas dirigiram se ao sitio onde se achava o regimmento para que eram destinados. Cançados já da grande jornada que tinham feito, sentaram-se á borda da estrada, e perguntaram a um passageiro quanto faltava ainda para chegarem ao seu destino.—Dez leguas, respondeu este.—Então, vamo-nos embora, disse um dos recrutas levantando-se, dez leguas entre dous toca somemte cinco a cada um.

Requerimento que fez um algarvio á Sra. D. Maria I.

Senhora Rainha.—Diz Antonio Martins Marujo daqui de Olhão, mestre de Catão de Manoel Mezins o bocarra que eu tenho minhas desconfiansas que me querem iliger este anno para Escrivam deste Comprimiguo; porque eu ja tenho ouvisto falar nisso, e tambem se rosna que querem tambem iligir por Juis do mesmo Comprimiguo a Manoel Gonçalves o esquenta; eu não tinha gosto que elle fosse porque elle he um homem que aCode pella maritiga, e receio que fassa alguma asneira porisso queria eu ver se V. M lhe podia dar algum remedio aque elle não fosse, mandando pedir o Ouvidor que lhe não aceite Voto, que elle logo lhe fas so mas isto debaixo de todo o Segredo porque não quero que se conhesa esta minha letra porque este homem he meu parente por ser casado com minha prima Maria Chinella, eu fico descansado que heide ser servido porque tenho razão porque odipois não quero que se diga eu sou o Carrassas de algumas desordens que leve o diabo alma de quem gosta dellas porem se tomam a prea heide sahir ainda que me queimem, e minha mulher porque receio isto não quero sirva com elle por me não meter em algumo debuxo.

P. a V. M. me fassa este gosto ainda que me não fassa outro so porver sahir com a minha, e não dar lingua a estes Caens assim N. S. lhe dê Saude, e mais aos meninos, e o Sr. Principe e a Sra. Infante perdoe a minha confiança. E. R. M.

Pensamentos.

Assim como o viajante, que atravessa ardentissimos desertos, procura ávido agua que lhe mate a sêde e sombra de arvore onde repouse um pouco, assim tambem a alma humana, no atravessar do mundo social, onde sopra o vento mortifero do vicio e da indifferença, procura abrigar-se sob as azas protectoras de Deus.—*Francys Devay.*

—

Poupa as lagrimas de teus filhos para que elles possam derramal-as sobre a tua sepultura.

—

O infortunio une; a prosperidade separa.

—

O brilhante encontrado na lama é sempre brilhante; mas a poeira, ainda que suba até a estrella, e sempre poeira.

ANNUNCIOS.

A's Exmas. Sras. pianistas.

Acha-se á venda a polka *Namoradeira*, nas lojas de livros dos Srs. Catilina na rua Nova do Commercio, Caldas em S. Bento, e na loja do Sr. Luiz Vasconcellos á rua Direita da Mizericordia.

O abaixo assignado declara que retirou-se de ser caixeiro de Hygino Francisco da Silva, em sua taverna sita á baixa dos Sapateiros, denominada *A Esperança*, e nada lhe ficou devendo nem em outra qualquer, onde tem se prestado, tanto n'esta capital como fora d'ella. —*Exuperio Lopes de Moura.*

N'esta typographia se dirá quem compra o 1°, 2°, e 3° volumes de Gil Braz, e a collecção completa do Almocreve de Pêtas.

Na loja de Silva e Irmão deseja-se fallar ao Sr. Eduardo Soares da Silva Campos, alferes do 1° batalhão de infanteria, a negocio de seu interesse.

Relogio.

Vende-se um bom relogio de parede, que alem de dar horas e quartos, aponta os mezes, e seus dias, dias de semana, e lua desde nova até cheia, com a maior exactidão: para ver e tratar no Maciel, casa, que faz quina para o becco do Ferrão.

A's Exmas. Sras. pianistas.

Acha-se exposta á venda nas lojas de charutos ás Portas do Carmo n.° 71 e na de calçado do Sr. Luiz de Oliveira Vasconcellos á rua direita da Mizericordia e na do Sr. Albino Martins de Magalhães no Guindaste dos Padres e no Zuavo da praça do Commercio a nova e brilhante polka intitulada 14 de Setembro.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 8.ª QUARTA-FEIRA 29 DE NOVEMBRO. N. 871.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 28 de novembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo providencia sobre um ebrio de nome Domingos José Martins, o qual anda pelo curato da Sé a insultar a torto e direito, proferindo palavras offensivas á moralidade publica.

Esse insolente tem de mais contra si o precedente de, ha tempo, ter querido estuprar uma menina de cinco annos, facto que foi registrado nas columnas deste periodico.

Pede-se, pois, a S. S. que, em vista do exposto, ordene a cohibição de tão importuno quão insolente cachaceiro.

—Requinte de crueldade para com os animaes, revela em quem a exerce propensão para malvadez.

—V. o que está procurando é motivo para fallar.

—Já vim com elle, que é ter visto no sabbado um empregado dos Vehiculos Economicos dar de si provas de que não tem boas entranhas.

—Como assim?

—Mme. Froes, conhece?....

—Sei quem é; uma senhora que lecciona.

—Sim; era acompanhada na baixa do Bomfim por um engraçado cachorrinho, o qual foi offendido levemente pela roda de um *wagon*.

A senhora possuida de pena, no excesso de sua terna affeição pelo animalzinho, preferiu que elle fosse morto a ficar defeituoso, e então propoz a quem o quizesse matar a recompensa de 1$000 rs.

Não houve quem acceitasse, á excepção do tal sujeito, que recebendo mil reis para tirar uma existencia, amarrou o cachorrinho e com um formidavel cacête foi lhe dando bordoadas até que cessasse de viver.

—Ahi é que é terrivel e barbaro; ainda si a morte fosse instantanea....

—Tanto canibalismo encommodou-me profundamente.

—E a senhora do cachorrinho assistiu á execução?

—Porque não?

—Nem devia deixar de assistir, penalisada e ferida como se achava sua sensibilidade pela desgraça acontecida a seu estimado bichinho.

—A impavidez com que o crime se exalça nesta terra, é por demais,

O nenhum temor da justiça, o desrespeito ás authoridades, provam tristemente como se lapa a corrupção.

Zomba-se da lei abertamente.

—E V. ja está se tornando enfadonho com tão longa declamação.

—Quer que lhe diga porque é?

—Quero o que interessa.

—Ouviu fallar á pouco em um homem que em Passé levara uma foiçada e que o aggressor lhe tocara fogo na casa e esfaqueara a mulher?

—Esse homem morreu no hospital.

—Assassinado, por consequencia.

Pois o assassino passeia livremente em Passé e é visto constantemente no logar chamado Roça Grande; assistiu ao enterro do visconde de Passé.

—Si não o prendem, é porque não querem, ou porque o temem.

—Porém o maior escandalo, o que é extraordinariamente escarnecedor do respeito devido á authoridade, é que, o individuo accusado de ter commettido um homicidio, o criminoso incendiario, esteve nesta cidade no sabbado e foi duas ou tres vezes á secretaria da policia tratar negocio, acompanhado de um eleitor do Pilar!....

—E' cassuar perfeitamente, é affrontar a moralidade publica!

—E agora me diga, o individuo de educação obscura, de habitos poucos morigerados,

vendo tão pernicioso exemplo, poderá trepidar na perpetração de qualquer crime a que seja levado, pelos effeitos de sua indole?

—Desgraça sobre desgraça.

A desastrada catastrophe que produziu a lamentada morte do visconde de Passé, foi consequencia de outra, cujo resultado fatal. Deus queira, que não se realise.

—Mensageiro de tristes novas, que noticia sombria vem me dar?

— O padre Rosa que foi daqui para as Pindobas cumprir os misteres sacerdotaes no funeral do inditoso morto, tendo de regressar para a cidade, montou em uma mula para ir embarcar em Passé.

Na viagem, o animal espantando-se, o attirou ao chão, produzindo-lhe grande risco de vida pela grave offensa que soffreu na espinha dorsal e fractura de uma perna....

Não se podendo mover, foi carregado até o referido logar das Pindobas, onde ficou em perigo.

—Acontecimentos, como estes, não podem deixar de gravar immenso pezar n'aquelles que se compenetram de verdadeiro amor do proximo.

—Capitão, no sabbado, descendo a ladeira do Carmo, á noite, presenciei um successo, que contristou-me.

—Que remedio sinão ouvil-o?

—Um homem, que seguia com sua familia, tropeçou e foi ao chão, partindo uma perna.

Causava dó ouvir os gemidos d'aquella victima de seu mau fado, consternavam as lamentações da afflictiva familia.

Pessoas de coração bemfazejo tomaram uma marqueza, e prestaram-se a conduzil-o á sua morada, que não pude saber onde era, nem quem é elle.

—Praticaram uma obra meritoria e de humanidade.

—Mas não vá pensar V. Ex. que nella teve parte a authoridade; tudo foi de acção particular, muito embora o homem estivesse por muito tempo recolhido á uma loja.

—La esta parte não precisa que me diga.

—Muita falta de policia correccional ha nesta cidade!

—Absoluta, nenhuma.

—Com effeito!

Como é que em alto dia, individuos vão ao becco da Ordem 3.ª, sem a menor cerimonia desimpedir o ventre!

—Que lhes preste, cachorrões.

—O mais desagradavel não é o estado immundo a que está reduzido aquelle becco, feito deposito de esterquilinos, o que é em extremo immoral é o painel repugnante que quem passa tem de ver, e que as familias são obrigadas a presencear.

—Ainda no domingo um homem respeitavel foi obrigado a estacar no pé da ladeira sua familia para evitar que fosse testemunha de um individuo que abaixado e descomposto se achava na posição mais deshonesta.

—Não respeitam, não acatam o pudor. Chegam alli, abaixam as calças sem se importarem com quem passa, com quem está pelas janellas.

Deve ou não a policia procurar fazer cessar tão feio abuso?

—Deve, porque não deve?

—Capitão, sua attenção por dois minutos.

—Mais que queira.

—E' somente para V. Ex. ver de que gente é composta a policia desta terra.

—Si é so isso, dispenso; mas si é porque quer que lhe ouça, diga.

—No sabbado ás 11 horas da noite haviam duas mulheres sentadas em uma porta das casas onde se diz—desça - em vez de,—suba —ao Caminho Novo do Gravatá.

Passando um individuo, dirigiu um gracejo a ellas, o que ouvido pelo policial de nome Fonseca, que se achava dentro, sahiu fora e perguntou o que havia. Sabendo, disse ao individuo, que ja ia longe, que esperasse e foi de refle sobre elle; acudindo um outro policial em sua ajuda, espancaram o homem deshumanamente perseguindo-o até a padaria do Sr. Nobrega.

Um outro sujeito que presenciava, teve a imprudencia de dizer—como si matá um homem por causa de mulheres perdidas!—o que ouvido por uma das heroinas, bradou—espere, que vou contar a Fonseca—e o sujeito si havia de seguir seu caminho, ainda ahi ficou. Voltando o indomito Fonseca e sabendo do *novo insulto,* foi sobre elle, o qual apezar das mil desculpas que deu, levou sempre umas duas trouxadas.

Isso é policia, capitão?

—V. de pouco se admira.

Não sei como depois das pancadas não levaram os espancados presos.

—E as taes mulheres desesperadas que praticam alli quanta immoralidade ha!

—Sobre essas, ainda ha pouco, chamou-se a attenção do Sr. subdelegado de Sant'Anna.

—No domingo á noite, por occasião do fogo de artificio da festa do Senhor Bom Jesus da Paciencia, na matriz de S. Pedro, os moleques pintaram o *peruta*.

Uma sucia d'esses desalmados laçaram uma mulher, a qual para se ver livre delles entrou por uma casa, donde só sahiu depois de acabados todos os festejos exteriores.

—V. o que quer, si não ha quem possa com essa raça maldicta!....

—Mas a policia deve descobrir um meio de contel-os.

—Que meio é que ha de a policia empregar?...

—O mesmo que usa para com os cães.

—Ora vá *bugiar!*...

—Na rua do Duarte, freguezia de S. Pedro, houve, no domingo á noite, cacêtadas a valer.

Dous moços brancos brigavam furiosamente. Aconteceu que um d'elles ficasse com um pé preso dentro de um cano, e n'essa occasião passava um sujeito que tomou as *dores* pelo que estava com o pé no cano.

Ahi houve uma lucta renhida, resultando ficarem todos os *batalhadores* feridos.

A *batalha* durou bastante tempo, sem que comparecesse um só agente policial.

—Estava assentado, na sexta-feira, na loja de livros do Sr. Dr. Martins Alves, um homem branco, que levou, ha tempo, ao governo umas amostras de turfa, dizendo que tinha descoberto uma mina e se offerecendo para extrahir esse mineral, e de repente levantou-se doudo varrido, fazendo proezas pelo commercio!

Entrou pela loja do Sr. Vergne e quebrou-lhe imagens, nichos, vidraças, etc., etc., dando-lhe um prejuizo de mais de duzentos mil réis...

—Coitado! Deus que tenha compaxão d'elle, concedendo-lhe de novo o uso da razão!

—Teve logar na noite de sexta-feira, 24 do corrente, o espectaculo offerecido pelo distincto artista o Sr. Rossi em beneficio da sociedade *Libertadora Sete de Setembro*.

A concurrencia publica não satisfez, como era de esperar, á sublimidade do acto; e é com bastante pezar que dizemos tão contristadora verdade.

A maior parte dos camarotes estiveram fechados, e até a platea esteve reduzida a dous terços das pessoas, que geralmente comporta; parece incrivel, mais isto foi a mais exacta realidade.

E' que infelizmente n'esta terra os enthusiasmos são ainda irreflectidos; é que as idéas as mais grandiosas são aleivosamente construidas nas regiões da mais pura e esteril abstracção.

Repugna ao bom senso accreditar que esta população, que se diz fortemente interessada pela abolição do escravo, e que em massa compacta se apregôa tão enthusiasta por este alto dogma social, arrefeça-se de modo tão *nojento* quando se exige o mais diminuto obulo para a sua realisação: é este o triste momento das inconsequencias, e das anthitezes mais manifestas.

Torna se forçosamente necessaria a exhibição d'esta linguagem, ja que para o esplendor d'esta festa de nada valeram a grandeza da idéa, nem a philantropia do estrangeiro.

Concluindo esta noticia, rendemos os mais sinceros encomios ao distincto conselho director pelos esforços tão nobremente empregados na gloriosa missão, de que se acha incumbido.

A PEDIDO

—Capitão, eu venho unicamente pedir-lhe um favor de justiça.

—No que será promptamente satisfeito.

—O informante de V. Ex. sobre o ensaio de rancho de Reis na rua do Castanheda foi severo e demasiado.

—Veremos agora, á vista do que tem para allegar.

—Não é de dentro da casa onde se fazem os ensaios que partem palavradas; pessoas que ficam do lado de fora para presenciar, é que pronunciam uma ou outra, no que não tem culpa os donos da casa; os ensaios não principiaram em junho e sim no principio de novembro, data em que se alugou a casa; os ensaios são feitos com sciencia do subdelegado e acabam sempre ás 11 horas; nelles não houve ainda a menor questão ou alteração de vozes ao menos.

—Visto isso entende que foi exagerada a noticia?

—E com excesso.

—Bem, tomarei na devida consideração.

Ao publico.

O Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho vae por meio de adiamentos, q̃ obtem, demorando a sua merecida condemnação pelo crime que perpetrou de raptar uma virgem, levando-a para a casa n.º 6, á rua d'Ajuda, onde tinha um quarto alugado e mobiliado de proposito para conduzir moças que a sua desordenada concupiscencia levava a seduzir.

Appellando para a relação ecclesiastica, da questão que ja perdeu, sobre a identidade entre Benvinda Tavares e Benvinda Maria da Conceição, empenha-se por eternisar essa

questão, para ter pretexto, embora improcedente, de ir pedir aos juizes o adiamento de seu julgamento.

Devem porém os dignos magistrados na rectidão de seus esclarecidos espiritos ir concedendo a exigencia, mais que dezarrazoada do Sr. Godinho, com manifesto prejuizo da parte contraria, que, sendo pobre e desvalli-da, não pode occorrer ás continuadas despezas que reclama a justiça?

Em face do direito e da razão é obvio que não.

Estando o Sr. Godinho sujeito á jurisdicção do Jury, é claro que este e so este é o competente para attender á qualquer allegação ou reclamação do reu.

E' somente o Jury, quem pode decidir si está ou não habilitado para julgar o Sr. Godinho; é o Jury unicamente quem pode declarar si o documento allegado é indispensavel para que os dignos juizes de facto possam formar juizo.

Portanto é no tribunal do Jury, seu supremo juiz, que o Sr. Godinho deve apresentar suas provas de defeza, para aquelle julgar de sua ou não criminalidade.

E' para aquelle recinto que elle deve arrebanhar o seu bando de testemunhas compradas, e perante o tribunal mostrar com o depoimento dellas a maioridade da victima que deshonrou.

Mas o negociante matriculado, que se apregôa de innocente, que se diz calumniado, não confia na rectidão e imparcialidade do tribunal, atemorisa-se de sua decisão, deserê da consciencia dos que o teem de julgar!

E foge do tribunal como o demonio da cruz!

Será isso de quem tem a justiça e a razão de seu lado?

Será proprio de quem traz a consciencia pura de seus actos; de quem vive na sociedade respeitando seus dictames e não a ultrajando com repetidos factos de requintado impudor?

Querer estar segregado dos direitos sociaes, carregando com o pezo da animadversão da opinião publica, olhado com horror pelos paes de familia, comtanto que não sôe a hora em que pode mostrar que é innocente!

Um homem de bem, um negociante probo, condecorado, preferir sobre si o labeu de criminoso, a desmascarar a imputação calumniosa que diz lhe urdirem!

Entretanto é como procede o Sr. Godinho; retarda, e até empenha-se para que não tenha andamento nos tribunaes ecclesiasticos, aquillo que diz servir para sua defeza.

E depois anda gabando-se e alardeia por toda parte que só entrará em jury quando lhe aprouver.

Ao passo que se diz por ahi que o Sr. Godinho está dispondo de seus bens para *fazer uma viagem*, boato que parece comprovado pelo seguinte que se lê na folha official:

«Requerimentos despachados.—Antonio Tavares da Silva Godinho, afrontando ao governo uma casa que possue na praia do Papagaio, freguezia da Penha, e no caso contrario licença para vender a Francisco Manuel Cafezeiro por 700$ rs. por ser a mesma edificada em terreno foreiro á fazenda nacional, sobre que ja informou a thesouraria de fazenda.—Passe-se portaria concedendo a licença nos termos da informação.»

Ao professorado.

Os professores abaixo assignados, adherindo á idéa apresentada pelo professor João Antonio de Vasconcellos, inserta no *Jornal* de 24 do corrente, convidam de novo a todos os professores quer publicos, quer particulares, secundarios ou primarios, effectivos ou jubilados, para se reunirem no salão da directoria geral da instrucção publica, no 2 de dezembro ás 10 horas da manhan, afim de se tratar sobre a creação de um Monte-Pio dos professores. Bahia 24 de novembro de 1871.

Francisco José Pereira.
Antonio Martins Ferreira.
Ricardo Dultra d'Andrade.
Augusto Pedro de Oliveira.
Marciano Antonio da Silva Oliveira.
Elias de Figueirêdo Nazareth.
João Theodoro Araponga.

ANNUNCIOS.

Na rua direita da Misericordia casa n°. 29 ao entrar se dirá quem dá dinheiro sobre penhores, assim como quem compra prata, ouro e joias.

Na loja de calçado á rua direita da Misericordia, n.° 13 tem grande sortimento de finos calçados do paiz, cordavões a 8 para pelle e muitos couros e aviamentos tendentes a sapateiro. Fôrmas francezas a 2,400 o par.

Na mesma loja de calçado teem muitas cartas para se entregar; brevemente que irá se chamando por este jornal.

Torneiro.

No Maciel, esquina do becco do Ferrão, acharão um que dá com brevidade qualquer obra, assim como deita coronhas em qualquer arma de fogo.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 85.ª — TERÇA-FEIRA 3 DE OUTUBRO. — N. 848.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 2 de outubro de 1871.

Não houve expediente.

—Nem uma só das emprezas privilegiadas desta terra correspondem ao proveito que tiram da isempção, nem ao acolhimento que do publico recebem.

—Principalmente as de viação.

—Estas, no geral, resentem-se do defeito de irregularidade. Não ha uma que se esforce para satisfazer, ja não queremos completamente, as exigencias publicas, porém para ao menos conservar uma certa e conveniente uniformidade.

—Basta que haja o augmento de preço nos dias de mais frequencia.

—No domingo houve confusão e desordem nos Trilhos Urbanos. Centenares de pessoas nas estações á espera de transporte; viagens delongadissimas, sahindo-se de S. Bento ás nove e meia e tomando-se a deliberação de voltar a pé do Campo Grande ás 11, por ser impossivel esperar mais; os *bonds* parados nos desvios por mais de uma hora, sem por isso se evitar os encontros, resultando disso até desgraças; foram consequencias da imprevidencia com que a empreza não se preveniu para um dia em que com certeza contava com extraordinaria concurrencia.

—Capitão, vi brilhantemente defendido o direito de dous infelizes em umas luminosas Razões de appellação—pelo Dr. Filgueiras Sobrinho, a favor dos ingenuos Candido e Hermelina e contra o Vigario Ribeiro Pontes.

—O Dr. Filgueiras Sobrinho é um talento notavel.

Que a causa do direito e da razão triumphe.

—A festa da Graça está tomando proporções cada vez maiores; e si ha alguma capaz de vir a ser egual em esplendor a do Senhor do Bomfim, é ella; si não diminuir o fervor religioso, e reunião de *graças* que concorrem á religiosa devoção do *Mez Mariano* na Graça.

No domingo realisou-se com a pompa dos annos anteriores essa festa; havendo procissão, cujos andores eram carregados por meigas e formosas virgens, vestidas de branco; tocando n'um palanque a musica de policia escolhidas peças; e terminando por um apreciavel fogo de artificio.

A concurrencia foi admiravel, dando assim áquelle sitio, ja de si attrahente pela belleza natural do local e pelas recordações historicas que desperta, mais esplendor.

As rezas nesse dia, como durante todo o mensal festejo, foram cantadas por lindas jovens, que do côro vibravam notas cadenciosas, respondidas da nave por vozes angelicas de mimosas creanças.

A musica mystica e suave enchia o espaço de harmonia, e havia um que de sentimento e magia nas vozes que se desprendiam do côro, que na verdade só podiam ser respondidas pela mellifluidade dos coros infantis; tal era a doçura d'aquelles canticos expressiva e enlevadamente entoados.

O que dizer d'essa especie de cantico em despedida, que pela primeira vez echoou no templo, no ultimo dia? Que esse—*sem-fim sem-fim* é infinitamente mavioso e arrebatador.

N'essa festa ha um que de divino que extasia; parece mesmo que a natureza ahi se reveste de mais galas, que as vozes perdem a entoação humana e tornam-se celicas; emfim até o nosso bello sexo tem mais *graça*, seduz com mais sublimidade.

Mas, este mundo é das compensações—Como antithese d'este conjuncto de encantos—o serviço da linha Trilhos Urbanos foi desordenada e pessimamente feito, havendo até *desgraças* em individuos que á Graça não foram de *graça*.

Tambem o que não teve *graça* foi a escuridão em que estava o largo da *Graça*; felizmente illuminado aos raios scintillante de tantos olhos bellos de *graças* que a rapasiada com *graça* apreciava.

—Ora que n'esta terra ha gosto de levantar se celeuma sem necessidade.

—Isto é costume velho; ja não merece importancia.

—Por causa de uma briga havida entre a crioula Constança e a parda Virginia a imprensa *grauda* deu-lhe a importancia de—*Questão Constança*—e affirmou-se que havia protecção da parte da authoridade processante.

—Na verdade deu que fazer o negocio.

—Pois não: só exames medicos fizeram-se cinco; e o que é mais, julgaram até que propositalmente nos calamos; porém, como sempre, fomos nós que fizemos calar aos maldizentes, provando-lhes a nossa imparcialidade e franqueando nossas columnas aos interessados.

—Finalmente foi feita a devida justiça e o Sr. subdelegado em exercicio pronunciou a accusada no art. 201 – ferimentos leves.

—Ficará a outros poderes conhecer das razões que impelliram á filha a desaffrontar a mãe ultrajada.

—E os maldizentes desapontados metteram a viola no sacco.

—Capitão, contaram-me um facto occorrido nesta cidade em dias da semana passada, digno de occupar a attenção de V. Ex.

—Então, vamos com elle.

—Uma parteira, chamada para assistir a um parto, teve ao mesmo tempo a incumbencia de *soprar* o recem-nascido.

—E' horroroso.....

—A parturiente depois que deu á luz o fructo de suas entranhas, não soube do destino que elle teve, pelo que ficou crendo que tivesse ido talvez jazer no fundo de alguma cloaca, como lhe tinha sido predicto.

O pae da innocente condemnada teve noticia do sumiço que levara esta, e foi communical-o-á policia.

Sinhaninha parteira, chamada á repartição das averiguações, declarou que não jogára a creança no cano como fôra encarregada, mas sim que com pena a deitara na casa dos expostos.

—Homem, será real o que V. me acaba de expor?

—Eu sei, capitão; eu só lhe conto o que ouvi.

—Olhe que neste mundo ha muita cousa.

—Foi grande a concurrencia que houve na festa do Mez-Mariano, na Graça.

Os *bonds* iam e voltavam cheios.

—Foi tambem grande a falta de respeito de alguns dos passageiros para com as familias.

Quando viam moças pelas janellas faziam acenos immoraes, além das palavras obscenas, que proferiam de dentro dos *bonds*.

Um passageiro, morador na rua da Saude, por *gaiatada*, deixou a perna fora da *plataforma*, acontecendo que no desvio do Rosario do João Pereira, o *bond* fosse com a *plataforma* de encontro a de outro, resultando d'isso ficar elle com a perna quebrada.

—Consequencia da graça!

—Mas tudo succede pela falta de policia, de que nos resentimos.

A PEDIDO

—Um certo capitão já velho, velho em tudo, deu ao seu *commandante* uma parte por escripto da pessima qualidade do café das praças, no domingo 1°. do corrente.

—E o que fez o *commandante*?

—Nada, como já é de seu costume,

—O velho capitão ainda hoje espera decizão da parte; e bem assim as praças por outro café!

—Isto vai bem!

—Ouvi mais dizer que no mesmo domingo, deram de espada em um musico, só porque o pobre não acudio ao chamado a marche-marche, para receber azeite.

—Será isto verdade?

—Si é!... Em presença de um official, a quem não respeitaram, e por fim deram parte do official tambem, o qual foi prezo.

—Isto sim, é que é ser um *capitão-macho*, o mais é historia de *S. Pedro Alves*!...

—Os embargos, que o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho oppoz ao assento de baptismo de Clara, a victima de sua lubricidade, estão em provas.

No cartorio ecclesiastico do Sr. escrivão Mendes, acha-se ja o seguinte rol de testimunhas, com as quaes pretende o honrado e moralisado negociante da praça da Bahia provar, como elle diz, a sua innocencia.

São ellas os seguintes:

1.° . . . . . .
2.° Luiz Francisco Limoeiro.
3.° Pedro José de Souza.
4.° João Americo Gomes.
5.° . . . . . .
6.° Domingos José de Araujo Guimarães.
7.° Secundino Mendes Rebello.
8.° Padre Britto, coadjutor de Santo Antonio.
9.° . . . . . .
10.° Dr. Rodrigues Monsão.
11.° Antonio José Mauricio.

12.º Domingos Vaz de Carvalho.

—Admira não vir tambem um Sr. Dr. Fulano de tal Vi nna.

—O que mais admira é que dous ou tres nomes serios que vem na lista, consentissem em se misturar com tão *honesta* gente.

O publico será convidado de vespera para presenciar á reproducção da farça que o Sr. Godinho não cança de pôr em pratica.

Pergunta-se

Pode continuar a exercer o logar de escrivão de paz e subdelegado o individuo que faz vida de jurar falso por dinheiro, o que é notoriamente sabido?

Por hoje, esta simples pergunta apenas..

Sr. *eminentimente*!

Dezejamos saber si leva para chefança do *feijão douro* a *Mariquinhas Cearence*?

Quererá ir plantar lá a mesma desmoralização que tinha aqui!

Por *S. José,* não faça eu ir pedir ao *Cezario* que lhe mande para *França*.

Pobre *Mariquinhas*,agora não tem mais casa! —só si for pedir ao chave *forte* de *S. Pedro*, para continuar a morar.

Porem, não tem outro protector eminentimente, salvo si este leval a como esperamos!

E' um dos casos bem horroroso e triste que temos visto aqui, sem se ter tomado contas.

Um do Ribeirão.

Proezas do Jao-Americo.

Depois de convenientemente colleccionadas vão ser publicadas.

Recebe-se qualquer apontamento

—Quem não viu hontem o procedimento do Sr. Godinho no convento de S. Francisco?

Procedimento que arrancou dos labios de um parente do nobre advogado o Sr. João Victor de Carvalho, vehementes e indignadas palavras de reprovação, á vista de muita gente?

—E' que todos os homens honestos, todos aquelles que tem filhas ou irmans, revoltam-se de ver o alarde com que este homem zomba do decoro publico.

—Dar-se ha que elle faça garbo em vilipendiar dos costumes desta terra, postergando os sãos dictames da moral, no arrojado empenho com que ultraja as leis sociaes nos logares mais publicos e concorridos?

—Muitos supporão que é impossivel tanta audacia da parte d'este homem, e julgarão que são intrigas inventadas para indispol-o perante a opinião publica.

—Mas inventadas como? Quando se declaram os factos, se narram as circumstancias, se apontam os logares, se indicam as pessoas que presenciam?

O acontecimento de hontem foi visto por innumeras pessoas, inclusive um parente do illustre Sr. Dr. João Victor. Todos viram a esse homem debruçado á uma das grades dirigindo-se a uma joven menina de côr morena; houve até quem lhe ouvisse perguntar em que rua morava.....

E, si é calumnia, elle que exija as provas.

—E como que o genio da seducção protege a este homem! As incautas sobre quem lança ás vistas o attendem com uma ingenua facilidade de pasmar.

VARIEDADES.

Exaramos aqui uma *producção* de um subdelegado dos contornos sertanejos no baixo Amazonas. Os leitores admirem a *infuza capacidade*.

Eu em bacho açaiado Sidadão Impreçado publico deste meu distrito do monisipio da minha jordição Subre Delgado da, minha nação e mas cargos anechos, &&&&&&&&&&.

Faso çaber que ja estô cansado de mandar orde aos meus inspector dos cuarterom do meu commando que guardem im todo, e por tudo o que eu lhe tenho decretado, que para elles he o mesmo que xover no molhado e fasem uvido de mercador, que doje em diante hade mandar-me observar pelos meus vaçalos os artigo que vão em diante.

1.º Ninguem pode se lavar no rio sem minha licença se não de calsão e camisa que não seje furada e nem rasgada porque se tiver algum buraco que cause escandalo hade xuxar uma multa tão duro como hum oço.

2.º Aquelle que andar se fasendo muleque á botar timbó no rio sem fazer caso das minhas orde tenha santa pasiensia que hade hir morar na caza que não paga aluguer e la ha de estar ate ter vergonha na cara.

3.º Todo que tocar fogo no campo antes do tempo que a cambra manda hadem passar muitos disgsotos por causa do seu atrevimento e farta de respeito, e se pegar no cacual dalguem hadem pagar com lingua de palmo e inda em sima heide-lhe pespegar um porçesso com todas as penas do codigo crime penal, e se for no meu voulhe aos foles.

Art. unico. Ninguem inda que seje estes sênhor de gravata lavada pode ter gado sem pastor, e isto não he cos gados vacum, mas tambem cos gado porcum, carneirum, bodum, patum, galinhum; e principalmente cos

gado caxurrum que causa muito prejuiso e alguns que he muito bravo o seu dono hade ter bem feixado nos seus fundos e andar com colleira no seu pescoço sustentando a custa de sua algibeira que os seus procimos não tem obrigação de aturar xirimbabo de ninguem, e os porco que andar fuçando hade ter uma argola de ferro no seu beiso, e se tornar a seu fuçador o seu dono perde e ainda em sima leva multa do art. do conigo de postura da cambra.

4.º Todo o escravo, macho ó femia, home ó mulher que fallar co pretos do mucambo xuxa, uma çura de imbigo de boi que ja tenho 6 bem espixado e os que andar parado çaracutiando de noite cem recibo do seu dono leva 50 bem puchada, e se tornar outra vez mando a vista do povu todu acentar-lhe 200 de pé atraz, tomem sentido comigo eu ca ando cempre com as leizes na mão, depois não se queixem e não digão «duro foi, mal se cuseu» eu não tenho preto se morrer não perco nada.

5.º Todos home ó mulheres de ambos os çexos não pode andar vadiando, de citio em cito, eu mando todos trabalhar, não quero ver ninguem com estrumento refurante e nem armado de porrete que he muito mal feito e muito diza foro se for forro vai para o tronco se for escravo olhe o imbigo do bicho e se for teimoso acento-lhe o art. do conigo que não he brincadeira.

6.º Toda a mulher femia cazada que andar brigando co marido leva huma discompotura publica a pé de muita gente orá pois ningem se queixe, eu eide por as cusas no seu lugar xoie quem xurar que he muito diza foro andar tudo dia rum rum fazendo barulhos cos pobre marido. É para que ninguem diga se eu sobera mando publicar este meu decreto por todo distrito da minha jurdisão e tenhão cuidado comigo que não perdoo nem ao meu pai.

Subre Delgecia de... de Janeiro de 18..

F.—*Subre Delgado.*

(Do *Jornal do Norte.*)

Cousas mais leves que ha no mundo.

Cortiça.	Inclinação de menino
Fumaça.	Protesto de viuva.
Juizo de mulher	Juramento de cigano
Cabeça de francez	Palavra de bebado.

Objectos que mais trabalham nas casas de familias.

Côco de tirar agua.	Unha de escravos.
Chave de dispensa	Pote de farinha.

Trempe de cosinha.

Generos que fazem desconfiar.

Casamento offerecido.	Visita de cigano.
Ouro barato.	Amizade de frade.

Dotes do homem velho

Orelhas grandes.	Beiço pendurado,
Verrugas.	Giba nas costas
Pingo de rapé na venta	Cabello cinzento.

Paixões adocicadas.

Cada paixão tem presentemente buscado adoçar o termo que melhor a exprima.

Deste modo o orgulho chama-se—dignidade; o egoismo—caridade de nós mesmo; a fraqueza—modestia; a cobardia—prudencia; a avareza—economia, e assim por diante.

ANNUNCIOS.

THEATRO S. JOÃO

Quarta-feira 4 de outubro

4º ESPECTACULO DE ASSIGNATURA.

Grande combinação do

REI DO AR

E JACOME ULYSSES

Este grande feiticeiro da America do Sul, magnitizador e unico velocimano no seu genero dará a sua primeira funcção de combinação com o Sr. Frederico Airec e companhia dramatica.

O REI DO AR, executará pela primeira o *non plus ultra*

HOMEM MOSCA

OU O PASSO DE HERCULES

RECREAÇAO DE PRESTIGIO.

Operação anatomica—a celebre perfuração da barriga de um homem, cujo buraco atravessa do estomago a sahir nas costas, pelo qual passa um cadarço de lado a lado, assim como sondar-se ha o buraco por meio de uma varinha de páo; o paciente será conduzido a platéa, afim de que os espectadores possam apreciar com uma luz o interior do buraco que se vê de ponta a ponta.

Luiz Keller, conhecedor como é do gosto do povo bahiano, não poupa sacrificios afim de que sempre apresente novidades, por isso alem das suas grandes despezas com seus espectaculos, acaba de fazer um contracto com o soberbo magnitisador Jacome Ullysses.

O resto dos bilhetes estão desde já á disposição do respeitavel publico.

Principiará as 8 horas.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 85.ª — SEXTA-FEIRA 6 DE OUTUBRO. — Ns. 849—850.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Ao publico.

Vae ser aberta na segunda feira, 9 do corrente, a 5.ª sessão do Jury; e nella será submettido a julgamento o reu Antonio Tavares da Silva Godinho.

Mui embora não reste a menor duvida sobre a criminalidade do delinquente; mui embora sejam todas as provas por demais vehementes em patentear a sua responsabilidade; todavia não nos podemos eximir de dizer algumas palavras, principalmente quando o reu nutre ainda a stulta *basofia* de sua impunidade.

Sim: é impossivel que o direito e a justiça deixem de ganhar a sua definitiva victoria; é a causa da pobreza e da miseria, e a Providencia, sempre alta em sua sabedoria, não consentirá, que o crime seja divinisado; e que portanto triumphem as vis argucias do negociante sem pejo, e que não trepidou, nem estremeceu perante a voz intima de sua consciencia.

Que importa, porem, que o reu propale, como tem propalado, a sua innocencia? Que poderá colher d'este subterfugio, quando o povo, que vai dar o seu *veredictum* sobre a questão, sabe de todas as peripecias havidas a esse respeito? Por certo que o delinquente receberá n'este tribunal a ultima sancção para expiação de suas iniquidades.

Já não ha que temer: a verdade ha de refulgir com todo seu esplendor, e a mascara do hypocrita ha de ser arrancada do seu torpe semblante.

E desgraça – si assim não succeder! miseria—si assim não realizar-se!!!

O exemplo deve ser edificante, porque então muito não é que amanhan o mesmo reu e outros do seu *juez* affrontem de modo ainda mais singular e aviltante a opinião do paiz, praticando actos, que mais deslustrem os brios da sociedade.

E então quaes não devem ser os perigos para os pobres pais de familia? Que males incalculaveis não provirão d'este estado de coisas? Onde o socego do lar domestico, a honra de uma familia, o nome de um pai?

Sim: convem attentar-se para assumpto tão grave, e que traz tão serias consequencias, porque temos bastante convicção de dizel-o, que si a corja d'estes defloradores não contasse com a impunidade, talvez não estivessemos presenceando as scenas tão repugnantes, que todos os dias vemos.

E' preciso uma punição severa, maxime da parte d'este negociante, cuja vida eivada dos maiores vicios, precisa de uma forte repressão.

E os julgadores hão de corresponder á expectativa publica; disto temos certeza.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 5 de outubro de 1871.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que faça com que o dono de uma propriedade que deita para a rua Direita do Commercio e dos Algibebes, a qual está sendo reedificada, entre com ella para o alinhamento, visto achar-se fóra delle.

Espera-se ser attendido.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que se sirva de dar suas ordens afim de que os carros da limpeza da cidade se dirijam á ladeira que vae do forte de S. Pedro á Gamboa, a qual se acha em immundo estado.

Espera-se.

—Ao mesmo, pedindo-lhe medidas restrictivas para que o portuguez, vulgo *João Nagô*, não continue a fazer o atterro de um sitio que possue com gatos mortos, cachorros, e esterquilinios de toda especie, pagando para isso aos carroceiros da limpeza, os quaes atraz da gorgeta, vão lá despejar suas carroças, com perigo da saude dos visinhos.

—Ao Illm. Sr. Dr. director do hospital militar, ponderando-lhe que existindo nesse estabelecimento umas latrinas, as quaes custaram aos thysicos cofres um preço fabuloso, é extraordinario que si lhes não dê o

mister á que são destinadas e se continue a fazer todo o despejo das materias excrementicias sobre a rampa da fortaleza da Gamboa, não se reservando ao menos a occasião em que estão pessoas á banhar-se na praia, sobre a qual fica a referida rampa.

Portaria ao fiscal da Conceição da Praia, ordenando-lhe que vá á *Bella Jardineira* e advirta a seu proprietario que os caminhantes não estão dispostos a tomar banhos de esguicho, o que pode dar até logar á alguma constipação, visto que de ordinario as pessoas que giram no trafego da cidade baixa, andam sempre alagadas de suor. Cumpra.

—Parabens ao Brazil!!!

No dia 27 do passado passou no senado brasileiro a lei da emancipação do elemento servil.

No dia 28 foi sanccionada pelo poder moderador e começou a vigorar como lei vigente.

Desse dia em diante ninguem mais nasce escravo neste solo.

—O Sr. Domingos Vaz de Carvalho pedenos para declarar que não authorisou, ninguem a incluir seu nome no rol das testimunhas do Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho, e authorisou-nos tambem a declarar que é improprio do seu caracter pactuar com bandalheiras.

—E' de justiça que lhe reconheçamos esta verdade.

—Capitão, não me dirá a quem me devo dirigir?

—Para que fim, meu amavel?

—Sobre um temivel cachorro que ha na estrada da Quinta, que avança e morde aos caminhantes.

—Sabe a quem pertence o bicho?

—Dizem que a um Sr. José Apolonio do Rego, morador na dita estrada.

—Dirija-se ao chefe de policia que é pau para toda obra.

—O malevolo animal tem alli causado damnos a muitas pessoas. Ultimamente mordeu gravemente no rosto ao menor Graciano, o qual vive em companhia de Manuel de Moraes, conhecido por *Manuel do Cabula*; tendo antes mordido e estrafegado as roupas da crioula Felippa dentro de sua propria morada.

O menino offendido tem tido febre proveniente da mordedura.

—Pode até morrer.

O finado pharmaceutico Amancio, á Calçada, morreu tres mezes depois da dentada de uma gata.

—A estrada da Valla é transitadissima; o Sr. José Apolonio não deve continuar a trazer solto o seu cão bravo.

—E' mais que rasoavel.

—Falleceu hontem o Sr. Camillo Lellis Masson, distincto e habilissimo typographo.

Como artista lamentamos a perda do collega, como christão elevamos uma prece ao Altissimo por sua alma.

—O africano livre, Salustiano, morador á rua dos Capitães, em um armazem da casa do Sr. escrivão Ernesto Ribeiro, tendo levado ao seu cubiculo a africana Marcellina, escrava de Maria Adelina, produzio na mesma a queda rectum.

O subdelegado da Sé tendo noticia de que a offendida se achava em perigo de vida, ordenou a captura do delinquente e procedeu-se a corpo de delicto á requerimento da parte.

—A menor Maria Senhorinha residente á rua da Valla, freguezia de Santa Anna, em companhia de sua mãe. Francisca Maria da Silva, foi deflorada por um primeiro-annista de medicina, segundo declarou ella sendo interrogada.

Ha tres mezes seguros que o maganão desfructava a barba enxuta a fructa saborosa do paraiso.

Consta que a mãe da offendida concorreu poderosamente para a perdição desta.

Maria Senhorinha é uma menina digna de melhor sorte, e o simples olhar para ella inspira compaixão.

—Quatro dias para assignar o *visto* na folha!

E os pobres operarios do *trem do mar* que façam vida de santos!

—Esperem; o homem anda occupado com a direcção da sua fabrica ou *fundidura*.

—Elle nunca *endireitou* este *trem*, como foi encarregado.

—Consta que o Sr Dr. chefe de policia, tendo denuncia de que em uma das noites antecedentes premeditavam roubar a egreja do Bomfim, por meio de chaves falsas, alli se apresentou á meia noite, procedendo a minuciosas pesquizas sem que encontrasse indicio algum de tão arrojada tentativa.

Dizem que o denunciante apresentara a S. S. uma chave, que com effeito servia em uma das portas do corredor, porem que apenas a abria por dentro.

—Quem sabe si o proprio denunciante não é algum especulador.

—Já se acha funccionando a aula nocturna da freguezia de Santo Antonio.

—Eu desejaria que em cada freguezia se abrisse uma dessas fontes de ensino publico, porque o pulso da grandeza e vida de um povo está na altura do ensino.

Si os Estados-Unidos é grande, é porque o ensino é gigante.

Os fructos que a de produzir a semente plantada pelo Sr. Dr. Rocha, lhe trarão um dia o reconhecimento de seus concidadãos, como recompensa á seus serviços.

—E quando teremos o ensino do Evangelho, tão esquecido entre nos?...

—Capitão, ouça este caso que, embora já um pouco velho, contudo ainda não perdeu o seu valor.

—Refira-o.

—O subdelegado da Conceição da Praia tendo sciencia, no dia 18 de agosto, que Manuel Joaquim da Conceição, por meio da seducção havia deflorado a menor Carolina Maria da Conceição, moradora na rua da Preguiça, mandou-o agarrar e depois de proceder aos interrogatorios trancafiou com o *cujo* na casa de Correcção e instaurou-lhe o competente processo.

Manuel Joaquim lançando mão de todos os meios para se ver livre da *gaiola,* requereu até ordem de *habeas-corpus,* a qual lhe foi negada pelo conspicuo tribunal da relação.

Ora, o *cujo* que está vendo todos os seus planos frustrados, continuando *engaiolado,* dirigiu no dia 4 do corrente uma carta ao subdelegado, dizendo que estava prompto a casar com a menor.

O distincto subdelegado tracta agora de arranjar no arcebispado as dispensas precisas, para o *cujo* fazer quarentena no *porto do matrimonio.*

—Muito bem! Receba o Sr. Joaquim da Silva Lisboa Filho, pela nossa parte, um voto de louvor!....

—Estendido sobre o frio lagedo do adro do Collegio, está aquelle miserando preto velho, que ja não se pode mexer!

O frio e a enfermidade lhe interiçaram os membros, porque o desgraçado so tem para cobrir as carnes um pedaço de baêta e uma camisa de grosso algodão.

—E bem perto deste homem a se finar, está o hospital de charidade....

Porque não levam para la?

—Das portas daquella casa, onde se apregoa charidade, foi elle repellido, hontem á noite, e veio cahir aqui extenuado, moribundo.

—Oh! que barbaridade!

—Um empregado do hospital que ouviu censurar se as irmans de charidade, desculpou-as dizendo que o enfermo não foi admittido por se ignorar se era forro ou captivo.

—Mas então que charidade de borra é uma que deixa perder-se uma vida humana, que abandona um christão na molestia e na mizeria, somente porque se ignora sua condição?!....

Quem pode chamar a isso charidade?!..

Pois para soccorrer a quem soffre, mitigar as dores de quem geme, é preciso saber primeiro si é forro ou captivo!...

—E mesmo que esse esqueleto pertencesse a algum senhor, podia ser soccorrido e depois a Santa Casa haver delle o seu trabalho.

Este espectaculo de um homem semi-nú, agonisante, aos olhos de quem entra no templo para louvar ao Senhor, significa apenas que as irmans de charidade antes de seu interesse não enxergam outra cousa.

—O subdelegado da Penha mandou em uma cadeira, accompanhado por um seu agente, um africano liberto, para ser recolhido ao hospital.

Chegando na fonte dos Padres, o agente fez sahir o doente da cadeira e alli deixou-o.

No dia immediato, pela manhan, o subdelegado do Pilar tendo sciencia de que estava um africano quasi a expirar no meio da rua, dirigiu se ao logar e encontrou junto do enfermo a portaria do subdelegado d'aquella freguezia, a qual tinha elle entregado ao agente mencionado; em vista do que o mesmo subdelegado, do Pilar, deu ordens, afim de que fosse o africano recolhido ao hospital de caridade.

—E porque o subdelegado da Penha não mandou pelo seu ordenança, que é justamente para esses casos que elle o tem?

—Não sei; talvez estivesse distrahido com outros afazeres.

—Hontem em pleno dia dous individuos arrombaram a casa de uma africana no Desterro, roubaram e sahiram pela cerca.

—A audacia dos larapios é sem par.

—Os talhadores de carne inventaram uma minestra para mais roubar o povo.

—Qual é, homem?

—Usam de pesos de ferro, com uma broca por baixo e rodella; depois de aferidos safam fora a rodella diminuindo assim o peso.

—A culpa é da camara; porque não os

obriga a usar de pesos de chumbo que não admittem brocas?

« —Sr. padre, uma alma christan está para morrer e não deseja partir deste modo sem ser absolvida de bentinhos. Venho chamal-o por charidade.

« —Isso não é commigo; é com o Fr. F....

« —Bom, vou a elle.

Venho chamar a V. Rvm. para absolver de bentinhos á uma penitente que está para entregar a alma ao Creador.

« — Não se entende commigo.

« —Mau vae isso!

Será com V. Rvm.?

« —Commigo não.

« —E com V. Rvm.?

« —Não tenho obrigação.

« —E o Sr. padre?

« —Não me compete.

—Vou me embora que ja estou de pernas cançadas em semelhante jogo de empurra e creio que ja agora procurando com uma candeia não encontraria o frade encarregado de absolver as muribundas filiadas á devoção de Nossa Senhora do Monte Carmello.

—Isso é bom para o *convento da Bahia* que os frades acodem aos chamados com uma presteza admiravel.

—Capitão, o Sr. Luiz Keller, dotado como é de coração humanitario e caritativo, tendo sciencia do mau estado financeiro da sociedade *Monte-Pio dos Artifices*, prometteu ao presidente d'essa sociedade dar um espectaculo no theatro S. João em beneficio da mesma, afim de com o seu producto poder ella acudir ás grandes despezas que faz na pratica da primeira das virtudes—A CARIDADE!

—O Sr. Keller, por esse acto de philantropia, torna-se credor de um elogio.

—Não precisa; seu nome já é muito conhecido n'esta cidade por actos identicos, pelo que está acima de todo e qualquer elogio que se lhe possa tecer!....

Injustiça da sociedade.

Queixam-se muitos da injustiça com que procedem os juizes, dando muitas vezes, ou quase sempre, somente attenção a doirados argumentos, e a petições untadas com o sebo da bolsa, que grande parte tem as mais das vezes nas decisões da justiça da terra. Queixam-se e amargurados proclamam os seus direitos; entretanto ninguem ou quase ninguem se queixa da injustiça clamorosa com que sempre procede a sociedade em todos os seus julgamentos.

Não ha subdito governado por leis mais brutaes e terriveis, do que é o homem pela sociedade, a quem elle teme, ante a qual se curva, e a quem procura sempre agradar. E' terrivel o seu procedimento, e comtudo aos seus julgados attende sempre a creatura em todas as circumstancias de sua vida. Parece que a sociedade é um tão lindo painel, que traz o vivente embellezado, e a cuja beleza não sabe, nem pode resistir. Triste condição!

A sociedade se revolve continuamente em seus eixos, e sempre a lançar sobre o filho innocente a ignominia do pae; sobre a mãe afflicta e consternada os desvarios e desmandos do filho; sobre a filha casta, pura e honesta, a devassidão da mãe; sobre o irmão honrado e virtuoso, os deboches de seus irmãos. Oh! que juiz iniquo! que juiz malvado! Hade um filho soffrer, cobrir-se perpetuamente de vergonha, porque foi seu pae um homem mau e perdido? Hade uma filha ver correr seus dias na miseria, degradada e despresada, somente porque sua mãe se atirou muitas vezes inconsideradamente na estrada vergonhoza da prostituição? Hade um irmão andar apontado pelo publico com desprezo, somente porque seu irmão é um membro mau da sociedade? Isto é pavorozo; e comtudo assim pensa e julga a sociedade, em toda sua extraordinaria injustiça.

Ama um moço perdidamente uma rapariga; sua belleza o captivou, antes que elle podesse saber quem era sua mãe: conhece n'ella dotes e qualidades capazes de fazerem a felicidade de toda a sua vida; quer casar-se com ella...essa felicidade esbarra vencida pela opinião da sociedade, que lhe exprobra o cazar-se com a filha de uma mulher que errou em sua mocidade, que teve um momento de irreflexão!

Depois de mil difficuldades vencidas, depois de haver com honra trabalhado dia e noite para se fazer uma fortuna, e uma posição, corre esse que assim luctou com a sorte a depor aos pés de uma dama o fructo de seus trabalhos. Então os paes d'ella, dando com o pé n'essa fortuna honrada, n'essa posição bella, dizem indignados:—nunca cazarei minha filha com um homem que tem tão maus irmãos; cujo pae acabou n'uma enxovia. Oh! que ha de culpavel para o filho, para o irmão, que é honrado e bom, que seu pae ou irmãos procedessem mal? Este argumento apresentado ao inflexivel pae, elle responderá logo: —e o que si não dirá?...

E esse dicto vae encontrar sua origem na sociedade dos homens, que assim julgam, que assim pensam.

Vive uma rapariga, dia e noite trabalhando só para sustentar-se. E' tão linda, quanto pura. Seus pensamentos castos lhe mostram as doçuras do casamento, como um sonho deirado, que faria a sua maior ventura, que a tornaria feliz e alegre; mas ninguem a procura, ninguem a quer... e porque? porque sua mãe foi uma prostituta, perdeu se, e ninguem quer unir sua sorte á sorte de uma filha de tal mãe. Então, essa rapariga, indignada contra a injustiça da sociedade, cercada de bajulações e seductoras promessas, ouve a um homem que toca seu coração, adormece em seus braços, entrega-se á lethargia do amor, e depois... depois quando torna a si, está no principio da estrada que percorreu sua mãe, e a prostituição, livida, mal vestida, e descarnada lá no fim da estrada, a acenar-lhe, a chamal-a. E, o que é mais revoltante, a sociedade se levanta e blasona contra essa infeliz, que por sua injustiça, ninguem encontrou que lhe désse a mão e a levantasse da posição em que se achava!

A sociedade é injusta sempre: um só momento não desmente sua maneira de pensar. E' um juiz que opprime as partes com o rigor de uma injustiça tanto mais revoltante, quanto nada perdôa. Mas... mas, este artigo está muito serio, e foi forjado n'um momento de reflexões.

A PEDIDO

—Quer o publico ver os meios licitos e honestos de que lança mão o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho para provar que Clara, a victima de sua sensualidade, é de maior edade, e que a mãe da pobre deflorada ja chamou-se Benvinda Tavares?

Nos autos de justificação, de cuja sentença appellou para a relação ecclesiastica, juntou este Sr. uma carta de José Francisco de Castro, na qual diz este, conhecer Benvinda e ter tido *relações* com ella por algum tempo.

Veja agora o publico a declaração que faz José Francisco de Castro.

Leia e horrorise-se dos meios que emprega um negociante estabelecido na capital da Bahia, com fôros de homem honrado.

Illm. Sr. José Francico de Castro.—Constando-me que Vm. fôra convidado para jurar que vira eu baptisar minha filha em Santo Antonio, vou por meio d'esta pedir-lhe que isso mesmo me declare, assim como si algum dia entreteve qualquer relação commigo, ou *pelo menos me conheceu.*

Peço permissão para usar de sua resposta.

N. B.—A filha de que trato chama-se Clara.

Bahia 12 de setembro de 1871. Sou etc.—*Benvinda Maria da Conceição.*

Sra. Benvinda Maria da Conceição.—Em resposta a sua carta tenho a dizer-lhe que é verdade ter o Sr Godinho me fallado para jurar que sua filha Clara fôra baptisada em Santo Antonio, offerecendo-se-me para isso 40$ rs., porem não realisou se isso por não ter o mesmo Godinho dado o dinheiro antes de jurar. Quanto ao segundo topico de sua carta, declaro que apenas vi a Sra. na occasião em que me entregou a presente carta, certificando-me assim que não é a Sra. de quem eu fallo, na carta que respondi ao Sr. Godinho, por cuja carta recebi 10$ rs. Portanto fica assim evidentemente provado que nunca tive a menor relação com a Sra. nem tão pouco sua filha, e esta é a verdade pura; por isso pode usar desta resposta como lhe convier. Bahia 15 de setembro de 1871. Sou etc.—*José Francisco de Castro.*

—Gostou bem do ratapá
De *taóca*?—Ora! de sobra!
—Então recommendarei
Que lhe vá outro na *obra*:
Viclatorinridona.

—Por quem se dividem as sobras?
—Pelo corpo. E' tão sabido isso!
—Não aconteceu assim com aquelle agente dos homens de covado e meio. No dia em que largou, pediu ao companheiro de estado quatro homens que *forçados* levaram para casa do cujo uma sacca com farinha, uma barrica com bacalhau, meia sacca com feijão, e meia dita com assucar.
—Duas vezes sete?
—*Qualorze.*
—São escorregos de unha. Faça ponto final.

—O Sr. Godinho entra em uma casa ás Portas do Carmo, onde ha uma linda mocinha de nome Denajira, entregue aos cuidados de uma senhora.
—«Pá, pá, pá.
—«Quem é o Sr., e o que quer?
—«Eu, sou um tal Godinho que o *Alabama* chama papão.
Mas meu negocio não é com a senhora; ha aqui uma bella menina, a quem quero dar um *principio de dote.*
Chame-a cá.
—«Não lhe pode fallar, Sr.
—«Chame-a, que ella consente; afianço-lhe.

— «Não, senhor.
— «Emfim eu quarta feira cá volto.»
—Mas o diabo avisou ao Sr. Godinho por que elle não voltou na quarta-feira.

VARIEDADES.

Conselhos d'um artista a seu filho no momento deste se ir embora da sua terra.

Filho! um bom officio é um thesouro; possuindo-o não has de endividar-te; e com cinco reis na algibeira, podes ter-te em conta de rico por toda a parte.

O geral dos obreiros sustenta-se cada dia do que nesse dia ganha, e não cuida, em aperfeiçoar-se, o que só se alcança correndo terras.

Mais para viajar com proveito é preciso ver tudo e perguntar sempre: *para que serve isto? como se faz isto?* Si não queres seguir esta regra deixa te ficar em casa: o que verás por esse mundo fóra será homens com braços e duas pernas; arvores com folhas verdes; casas com paredes; e para ver isto não é necessario que te bulas d'aqui.

Assim como muitas vezes, quem vê caras vê corações, do mesmo modo ha povoações que ao primeiro aspecto se pode avaliar o que serão.

Quando vires em qualquer povoado muitas tabernas, assenta logo que ahi ha pouca economia, pouca paz em casa e muitos madraços: naquelles em que não achares lavradores no campo ao romper d'alva, conta que os has de achar na taberna antes do pôr do sol: terra em que ouvires repicar muito os sinos, sabe que deves entrar nella com a algibeira quente, si tens tenção de dar esmola a todos os mendigos que encontrares.

Cidade onde rodarem muitas seges de dia, e que não tiver candieiros para a allumiarem de noite, podes comparal-a á uma d'estas namoradeiras desmazeladas.

Em terra na qual não haja leis, conta com o teu braço para te defenderes: naquella em que vires pregados por todas as esquinas decretos, posturas, editaes, guarda-te dos escrivães e dos malsins.

Onde vires muitas raparigas pallidas e magras, sabe que ahi dançam mais do que trabalham; onde vires assembléas ao dia de semana precata-te contra as fallencias dos mercadores.

Nunca julgues da devoção de qualquer cidade pelo numero que tiver de torres de sinos, nem pelo luxo das suas egrejas; não julgues dos haveres de ninguem por trazer bom ou mau facto, nem do vinho de qualquer hospedaria pela taboleta. A verdadeira piedade é singella: os mais ricos são a maior parte das vezes, os mais modestos no trajar; e o bom vinho não precisa de taboleta para ter freguezes.

Onde os camponezes forem grosseiros, e a ninguem derem os bons dias, assenta de pedra e cal que os bois fazem melhor a sua obrigação na mangedora, do que o proprio feitor, onde vires que o povo cumprimenta humilissimamente toda a gente de casaca, não te demores; ha ahi por força, algum tyranno que o opprime.

Para saberes si uma cidade é grande ou pequena, não precisas de correl-a toda em volta, ou de subires á uma eminencia: repara só si na rua a maior parte das pessoas se cortejam umas outras. Quantas mais barretadas vires, mais pequena é a povoação.

Si chegares a um paiz, onde haja boas estradas, sombreadas de arvores, principalmente de fructa; onde não se vejam campos por arrotear, nem terras devolutas; onde o estrangeiro receba gasalhado; onde os mendigos não atulhem quantos becos houver; em que os mais sumptuosos edificios sejam escholas e hospitaes, fica ahi, filho!—Estás em terra de gente bem inclinada, e com o juizo no seu logar.

Si, pelo contrario, vires choças miseraveis, em roda de formosas quintas e soberbo palacio, safa-te depressa: chora-se por ahi muitas vezes.

Paro aqui apezar de te não ter dito tudo, mas isto basta para te saberes reger.

Toma sentido: pergunta muito; responde claro e breve; finge-te mais ignorante do que és, em toda parte acharás quem, de bom grado, te ensine. Louva tudo o que achares digno de louvor: mais não reprehendas tudo o que achares reprehensivel. Sê, em quanto peregrinares, laborioso, poupado, callado, e perseverante: mostra robustez de animo nos grandes apertos e paciencia sempre; conta, emfim, que si depois d'isto voltares á terra, descançarás, amado e reverenciado por todos.

(Espirito-Santense.)

Amor de um marinheiro.

Sou marinheiro; amo o mar
Amo o vento a sibilar
No topo dos mastareus;
Quando vou ferrar o panno,
Apraz-me vêr o oceano
Revolver-se em escarcéus!

Amo o incerto balanço,
Dormito, e até descanço

Ao sôpro rijo do vento;
E si ao amarrar a escôta
A véla me vôa rota,
Estou no meu elemento!

Nunca tomo o temporal,
Nem a sério, nem por mal,
E nem me assusta o trovão;
Quando os ares fende o raio,
Não me assombra, nem desmaio,
Nem me bate o coração!

Amo a vida aventureira,
Sobre esta barca veleira;
Amo o p'rigo e amo a gloria;
Aqui valentes na terra
São poltrões, que n'esta guerra
Não cantariam victoria!

Eu amo o pego revolto,
O tufão, o vento solto
Nas enxarcias a zumbir;
Amo a resaca alterosa,
E a rajada furiosa
Mar e céu a confundir!

Amo a lucta embravecida
Da negra morte co'a vida,
Amo tudo; e a liberdade
De correr por estes mares,
Sem ter magoas nem pezares,
Nem de terra ter saudade!

Eu amo a minha barquinha,
D'este mar gentil rainha,
Sempre ufana, sempre bella!
Si vai d'encontro ao recife,
Amo n'ella o meu esquife
Porque morro dentro della!

Copia fiel de uns banhos.

Com o favor de Deos e por *amô* das más linguas querem *casarem* na *facia* da igreja os dous *supilicantes* oradores, macho, e femia, que já andavam desencaminhados Cosme da pinguella, e Tereza da mata que os cujos ditos são filhos de Joanna sem marido, e do sargento *Guilerme* cotó com sua muler de funta, que morreo de parto Maria do Rosario, todos elles: e ellas *patrïocas constitucioná* desta freguesia de senhô Vigario: e quem sober de alguma *indromina* que chama-se impedimento de fazer mal a outra muler, que estava perfeita, com sua mãi, que a pario, venha renunciar ao noço Reverendo Vigaro *sobe* pena de escumunhao danada, como manda o sagrado concilio *trepentino* versos, folha.

Copia de uma carta.

Amigo F...—Desde que me intendo que vejo falá na festa de 2 de julho na noça bahia festão de maromba, e dene que me manipei que trabaio e agunto dinhero para eu um dia vê essa festa de toda a poppia, lhe participo-lhe que esse ano vou a bahia vê coisa que nunca vi, e poço-lhe que me espilique e me mande-me dizer me a quanto do mez de julho cai a festa de 2 de julho para eu me aprompta a fim de eu ir vê coisa boa.

Responda-me.

De Evme....

Motte.

Tinha uns amores deixei os.

GLOZA.

Tinha uma choça e ardeu,
Um papagaio e fugiu,
Tinha um só dente cahiu,
Tinha uma arara morrer;
Dois tustões tinha de meu,
Tentou me o demo, joguei-os:
Vendo-me assim ja sem meios
De sustentar os meus brios,
Tinha uns chinelos vendi-os
Tinha uns amores deixei os.

Effeitos da necessidade.

Não ha cousa tão difficultosa, tão ardua, tão repugnante á natureza, que a não obrigue, a que não renda, a que não sujeite, não por vontade, mas por força e violencia, que a durissima e inviolavel lei da necessidade.

A necessidade é que leva o soldado á guerra, e a escalar as muralhas, onde, vendo cahirem uns a ferro, e voarem outros á fogo, avança comtudo, e não desmaia.

A necessidade é que engolfa o marinheiro nas ondas do Oceano; ellas com os naufragios á vista, e elle com tal ousadia, que mettido dentro em quatro taboas se atreve não só com os ventos e tempestades, mas com todos os elementos.

A necessidade é que mette, ou precipita o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, e sem temer que as mesmas montanhas, que tem sobre si caiam, o sepultem, elle lhes vai cavando as raizes, e sangrando as veias.

Finalmente com mais ordinario e geral desprezo da vida e da saude, quem faz que o lavrador não tema os regelos do inverno, nem o segador as calmas ardentes do estio, nem o pastor os dentes do lobo e do urso, e nem muitas partes as unhas do leão e do tigre, sinão a necessidade?

E posto que uns e outros tantas vezes pereçam em tão conhecidos perigos, a mesma necessidade, com implicação manifesta da

propria conservação, é a que, para sustentar a vida, obriga a se perder a mesma vida.

Até o pobre e atrevido ladrão, que desde o primeiro passo com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, si ao pé della lhe perguntam quem o trouxe a tão miseravel estado, responde com o laço na garganta, que a necessidade.

E para que ninguem se admire deste grande poder da necessidade sobre todos, a razão é, diz o proverbio, porque todos os outros poderes são sujeitos ás leis, e só a necessidade não tem lei: *Necessitas caret lege.*

—Mme. de Bourdeille, freira, para não presenciar o massacre da capital retirara-se para Metz.

Ahi, lastimava, em um asylo seguro não ver junto de si um irmão que amava estremecidamente e que os barretes vermelhos retinham preso em Pariz.

Um dia, estando ella á meza, deu um grito agudo, abaixando repentinamente a cabeça, e respondeu aos que correram em seu soccorro, que acabava de sentir uma dôr pungente sobre o pescoço, como si lhe tivessem descarregado um violento golpe n'esse logar.

No mesmo dia, na mesma hora, no mesmo instante, a cabeça de seu irmão rolava do cadafalso.

—No gabinete de um sabio foram encontradas as seguintes raridades:

«Autos de uma demanda sobre a propriedade de tres braças de terreno, principiada em novembro de 1812 e julgada em final instancia em fevereiro de 1870. Não houve dinheiro para pagar-se as custas.

»Uma velha que dá saltos para traz de 60 a 80 annos.

«A burra de um jogador pesando tres grãos de cevada.

«Um relogio que marca a hora de pedir e nunca a de pagar.

»Um raio do ultimo cometa.

«O rato que a montanha pariu.

«Uma orelha do cavallo de Troya.

«A lua velha que cedeu o logar á lua nova.

«A pedra preciosa achada pelo gallo de Esopo no monturo.

«Um vidro contendo leite da vacca Io.

«Um espanador feito com as pennas do pavão Juno.

«Uma redea do cavallo de bronze.

«Uma aduella inteira do tonel das Danaides.

«O arco da rebeca de Apollo.

«Uma corda da lyra de Amphião.

«Uma garrafa d'agua da fonte de Hipocrene.

«Uma ferradura do cavallo Pegaso.

«Um floco de lan de kagado

«O habito do monge que o diabo veste quando fica velho.»

De joelhos..! de joelhos! ..gritava um padre a tripolação de um navio no momento de uma horrivel tempestade. Um marinheiro lhe diz: Abençoai-nos, meu padre, porque esta noite cearemos com os Anjos. Deus nos livre por hoje meu filho, respondeu o padre, pois não tenho fome, e toda a comida me enjôa.

Um sujeito que precisava de um cercado para acommodar seus animaes, mandou perguntar a certo ricaço se queria alugar o seu pasto por algumas noites—*Nada*, respondeu o orgulhoso ricaço, *o meu pasto é só para mim e meus amigos.*

Em uma occasião de temporal, para aliviar o navio mandou o capitão que cada um lançasse ao mar o que tinha de maior pezo. Um passageiro, ouvindo isto, pegou logo na mulher que comsigo trasia, e procurava lançal-a ao mar. Perguntando-se o motivo desta barbaridade, respondeu: é para obedecer as ordens do capitão, porque é a causa que tenho de mais pezo.

ANNUNCIOS.

Vende-se uma venda no Taboão, quem a quizer comprar n'esta typographia se dará informações.

A taverna á baixa dos Sapateiros, denominada a *esperança,* faz sciente aos Srs. que compraram generos em 1869 e que até a data não satisfizeram, o favor de satisfazerem no praso de 30 dias, a contar desta data. Si no dito praso não tiverem satisfeito seus debitos, se publicará os nomes por extenso neste jornal, para serem bem conhecidos.

Hygino Francisco da Silva.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita do Palacio n. 14.

Armazem de madeiras do Carrascosa, rua da preguiça n.° 11.

Aos Srs. armadores.

Caixões em madeira para cadaveres de todos os tamanhos, vende-se na loja de armador á rua Direita do Collegio n. 33.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 86.ª TERÇA-FEIRA 10 DE OUTUBRO. N. 851.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Começa hoje a serie 86 deste periodico.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 9 de outubro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que por obra de humanidade, mande retirar do meio dos presos criminosos, onde jaz na casa de correcção, o menor orphão José Maria das Neves Brandão, pronunciado por tentativa de envenenamento, o qual não estando ainda definitivamente julgado, não deve permanecer no centro de homens perdidos, o que so serve para mais o perverter. Espera-se á vista do exposto que S. S. mande quanto antes segregal-o do meio de taes criminosos, onde está servindo de ludibrio a reprovdos desejos.

—Capitão, será certo que na madrugada do dia em que chegou aqui a noticia da sancção da lei sobre o elemento servil, houve em certa egreja filial de uma das freguezias da cidade, um baptisado á vapor?

—Baptisado de madrugada! Para mim é cousa nova.

—Assim parece. Mas affirmam.

—Eu não creio, porque julgo que nenhum sacerdote se prestará a coadjuvar com a sua *ajuda* á um tal acto.

—O concerto, que fizeram no edificio que serve de lyceu, é imperfeito.

—V. que não diga!

—E até prejudicial.

Imbutiram na parede lateral daquelle lado da capella-mor uma cloaca, que aromatisa o templo todo.

—Creio que são obras do Sr. Antoninho da limpeza.

—Capitão, nesta terra ha cousas!

Ora veja V. Ex:

Dizem que ha nesta cidade uma mulher, viuva de um official de voluntarios, a quem o governo em recompensa aos serviços do marido, concedeu uma pensão mensal, a qual ella nunca viu sinão por metade e que ultimamente o governo mandando pagar-lhe uns atrazados, a pobre mulher não viu nem cinco reis.

—Sem duvida deu o *cupim* no dinheiro.

—Ha muita falta de charidade, muito pouco escrupulo de consciencia n'esta terra.

Como é que um proprietario deita escripto para alugar uma casa, que se esvasia pela morte de um bexiguento de peste, sem ao menos mandar caial-a e arejal-a?

Essa casa no decurso de cinco annos sahiram della quatro enterros e deixou de sahir o quinto, porque o inquilino adoecendo-lhe pessoa da familia, e tendo tal noticia, tratou de mudar-se immediatamente.

—Diga-me onde é essa casa empestada?

—Rua das *Bengalas* n.º 12.

—Onde está o homem, está o perigo!

Na sexta-feira, na rua do Papagaio, Itapagipe, um pedreiro que concertava o telhado de uma casa, indo trepar-se na janella do sotão para endireitar uma telha que se achava afastada, enrolou e veio cahir no meio da rua, resultando-lhe da queda a fractura de um braço e o desconjuntamento dos quadris.

—Coitado!

—No sabbado não houve vapor para a Cachoeira?

—Não.

—Eis uma irregularidade da companhia.

—Com motivo. O vapor sahido daqui quinta-feira, quando voltou encalhou duas vezes, nos mangues do engenho Victoria e so no sabbado á tarte poude chegar ca.

—Não era razão para interromper-se a carreira.

Desta sorte é obrigar o publico a sentir as penas, quando não toma parte nos gozos da companhia.

—Muita gente que leu o *Alabama* ultimo entendeu que o Sr. Godinho entrava em jury segunda feira.

—E' porque tomaram a garça no ar. A sessão do jury é que começou segunda-feira; o Sr. Godinho provavelmente entrará em um dos dias della, que tem de durar 15 dias.

E depois não se encommodem, que hão de ser avisados com tempo.

—Os larapios não dormem!

—O que temos relativamente á essa especie de gente?

—Uma nova proeza, capitão.

—Faça favor contar-m'a.

—Os Srs. Boths, com fabrica de machinas á rua da Preguiça, teem o escriptorio quasi defronte da mesma, e costumam, quando vão para a fabrica, deixar a porta do escriptorio aberta, puchando somente uma gradesinha que existe na porta, com um pequeno trinco.

Um dos membros da companhia do olho-vivo, que talvez sabia d'isso, aproveitou na segunda-feira, 2 do corrente, uma dessas occasiões, entrou no escriptorio e, com a costumada ligeireza, tirou do bolso do colete do Sr. João Both um relogio de ouro, assim como 7$000 rs. em moeda papel, do bolso da calça de seu irmão.

—Consta-me que os mesmos dão 200$ rs. de gratificação a quem descobrir o relogio.

—Como vae isso de má a peior! E elles não teem desconfiança em alguma pessoa?

—Creio que sim: desconfiam de um sujeito branco que andava na manhan d'aquelle dia muito por aquelles lados.

—A policia que dê providencias a isso.

—Ora deixe-me, capitão, a policia é cada um feichar sua porta quando sahir.

—Uma occurrencia de pouca importancia, porem que é bom saber-se para se ver, como procedem os agentes policiaes.

Uma preta velha, que poderia valer-se de sua edade e achaques, para esmollar, emprega-se em vender pelas portas hortalices, e é conhecida pela *Vóvó*. Em uma casa á rua do Bangla lhe ficaram devendo 20 rs., e no dia 26 ella alli foi exigir seus 20 rs.; naturalmente reclamou a demora; eis que se vê sahir da dita casa um *impapussado* policia armado de cipó caboclo, e dando-lhe a voz de prisão á ordem do subdelegado, a velha arriou a sua gamella de venda, e perguntou-lhe que mal tinha feito em pedir o seu dinheiro que lhe deviam. Não sei, respondia, o *empapussado*, siga, vamos. Outras pretas que transitavam, e a visinhança que com as vozerias chegava ás janellas, pediam a soltura da pobre velha.

A ninguem attendeu, e assim levou-a presa; porém em caminho deparou com outro companheiro que não sei porque, conseguiu d'elle abandonar a pobre velha, e voltar para a casa com o companheiro. Os moleques que presenciaram o facto. de maduro lhe fizeram as despedidas. e a esses elle nada fez.

—Quiz dar espectaculo. Prendeu a velha, soltou sem ordem da authoridade e desmoralisou-se com os moleques.

A PEDIDO

—Tenho visto muita depravação, mas em tamanha proporção ainda não!

Agora é moda de certos casados. Entendem que o estado lhes dá direito a commetterem quanto escandalo ha.

—Nunca vi assim não! Mulher e marido a se beijarem na janella e até na porta da rua na hora em que este sahe para a repartição! Na sala, de janellas abertas, o *'pai-vobis* beija os seios da mulher; esta da-lhe dentadinhas e outras patifarias semelhantes.

—E defronte um collegio de meninas!

—Todos vivem enjoados de um procedimento tão revoltante.

—Deus me livre que no *Maciel de Baixo*, aonde eu moro, haja disso.

—Tres vezes nove são *vinte sete*. Si elles forem *morar la*, hão de fazer o mesmo.

—Sexta-feira, esta que passou fizeram oito dias, o Godinho viu-se em *barbicacho* com seis ou oito rapazes estripolentos na loja de certa casa em S. Bento.

O que estava elle *fazendo*, não sei lá; mas o certo é que os rapazes por vadiação aprisionaram-lhe o guarda-sol, valendo-se elle da intervenção de um moço de nome Vieira para lhe alcançar a entrega do guarda-sol, o que este obteve, não podendo contudo livral-o de uma tremenda vaia, que o fez subir a ladeira á trote.....

—Que refinado! *safa*....

—...*Do* que fica exposto, nem uma virgula é inexacto; e si é calumnia elle que exija as provas legalmente para lhe serem ministradas.

—Que homem delambido!

—Todo santo o Mez de Maria levou assim. Encostado a columna esquerda do templo,

no meio das crioulas, de costas para o sanctuario, em depravada conversação, com licenciosos olhares!

—Mas hoje dia da festa de S. Francisco o homem refinou em escandalo!

Desde antes de começar a *Te-deum* está alli em cinicos cochichos com a crioula de lenço côr de café. Ha vezes que se debruça todo sobre ella; outras, quando a cuja se ajoelha, entrelaça-lhe os joelhos.

—Aquelle homem é da eschola do Godinho.

—Tem cara dura!

—Pensará por ventura que o mundo se resume nelle e que toda esta gente que o observa é privada do sentido da vista?

—E que typo exquisito! Barbas grisalhas, congote rapado, cabellos aparados á laia de gente de candomblé, formando no alto uma cabelleira á semelhança de pello de rato de cloaca.

—Desejava saber o nome daquelle bruto para collecional-o na lista dos descarados.

—Mas porque forma havemos de saber si elle se chama *João, Pedro,* ou outro nome qualquer?

—Ou então que o muxingueiro do *Alabama* o levasse daqui para alguma *rocha* isolada onde fosse dar largas a sua libertinagem.

—Quer que va sempre perguntar?

—Vá.

—O Sr., diz-me o seu nome?

—Quer saber para deitar no *Alabama*?..não *pitta*.

—Sr. padre, o bem com que se paga?

—Com a ingratidão.

—E' bom que o Sr. saiba.

—Então o que quer dizer na sua?

—Nada; somente que tome sentido com o o milhafre, que parece, quer lhe recompensar o juramento que o Sr. deu á favor delle, pregando-lhe uma peça.

Cuidado com aquella menina, filha da Raimunda (julgo ser sua *afilhada*) que o bruto anda com más tenções.

No sabbado rondou por lá.

—O Sr. Joaquim José de Abreu Junior ha de ter conveniente resposta, fique certo, do que anda propalando.

Ao publico.

XIII.

O Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho invida incessantes esforços para não ser julgado na presente sessão do jury.

E' a consciencia do mal, a cobardia do crime que se apodera do criminoso.

E' o terror que infunde a ideia da punição no reu, que lhe invade a alma.

O Sr. escrivão interino do jury tem sido fortemente abalroado para protelar com os autos, assim como o foi o Sr. escrivão da subdelegacia da Sé, assim como o foram outros serventuarios da justiça, por cujos tramites tem corrido o processo ultimamente contra o Sr. Godinho.

Não acreditamos porem que o Sr. escrivão ceda ao compromisso de seus deveres para servir aos empenhos do Sr. Godinho.

Isso lhe acarretaria somente desar, porque a opinião publica tem os olhos fitos em todas as peripecias deste negocio.

Fazemos plena justiça á inteireza de seu caracter.

Mas com que fim pretende o Sr. Godinho delongar o seu julgamento?

Nutrirá por accaso a louca presumpção de que deixando correr tempo, alcancará arrefecer no espirito publico a geral animadversão que excitou a enormidade de seu delicto?

Seria requintado dislate pensar em tal, quando o Sr. Godinho mesmo é quem aggrava a sua situação de dia em dia e chama sobre si a execração da sociedade.

O publico, juiz severo, vê a impavidez com que o Sr. Godinho reincide na hediondez do crime.

O Sr. Godinho não é daquelles que commettendo o crime, procuram atenual-o pelo arrependimento, pelo compuncção.

Não!

Faz garbo, faz ostentação.

E tanto é isso verdade, que o Sr. Godinho tendo procurado uma habil e adestrada penna para encarregar-lhe sua defeza na imprensa, e lhe sendo perguntado que bases tinha, que provas exhibia para defender-se, respondeu que não queria que negasse o crime e antes pelo contrario sustentasse, que seu desejo somente era pôr a menina fora do recurso da lei,, porque *ahi é que estava o triumpho completo!....*; rasão porque a pessoa convidada, não quiz aceitar o encargo.

E tanto é verdade que o Sr. Godinho faz alarde do seu crime, que communicando ao seu amigo o Sr. Manuel Antonio Gonsalves, que com effeito havia deshonrado a menina Clara, este lhe aconselhou que visto ter consciencia de ser elle o causador da perdição da infeliz, obrasse uma acção generosa dando lhe um dote, esquivando-se assim de ficar desconceituado perante o publico e evitando talvez, questões com a justiça; ao que elle respondeu—*não dou nada, porque hei de me livrar sem precisar isso!*

Nos templos sagrados, nos passeios publi-

cos, á vista dos numerosos auditorios, é que elle se apresenta em suas escandalosas *conquistas*, como em desafio a moralidade publica.

Percorre as ruas da cidade em busca de novas victimas, e continúa notoriamente na propaganda da seducção.

Entra nas casas desfavorecidas da fortuna com a perdição na mente e chama a isso ir fazer um *beneficio*, proporcionar um dote!...

Oh, é muito menos-cabar do pudor publico!

Porem os factos ahi estão incontestaveis mostrando a quanto chega o descomedimento deste homem.

Não espere pois o Sr. Godinho que o tempo se encarregue de amortecer na consciencia publica a reprovação que inspira seu abominavel feito.

Este Sr. Godinho é excepcional! Todo o homem sobre quem pesa uma accusação injusta, aspira ancioso pela hora em que o tribunal competente tenha de conhecer da sua inculpábilidade. O Sr. Godinho, o homem de bem, *perseguido innocente*, chega-lhe a occasião de fazer resplandecer sua innocencia e quer etersinal-a, prefere que continue a pesar-lhe na cabeça o stygma de culpado.....

—Capitão, adeus.

—O' lá! Por onde tem andado?

—Por esses *mares* afora, capitão.

—E volta agora a trazer novas proezas, sem duvida, daquelle dito cujo *sobre arrenegado*?

—E' *justo*, capitão.

—Muito *amado* de V. é o tal homem!

—Que quer, capitão, si eu vejo que n'esta desgraçada Latronopolis, continúa a occupar cargo importante, um ente que é a abjecção do seu genero, apezar de cada dia apparecerem novos e tristes factos de sua vida devassa e polluida?!! Elle, que mais no caso estava de ser policiado, por ser o perversor de orphans, como fez com uma desgraçada menina, creada em casa de um empregado publico, o qual fallecendo, ficou ella entregue aos cuidados da familia, e então o bruto para cevar seu desregramento libidinoso mandou insinual-a, que si fosse queixar á authoridade que não queria permanecer na companhia da familia; ajustando então com ella para fugir, mandando em certa noite conduzil-a em um saveiro para onde bem quiz!

Elle, o salteador astucioso, que para roubar uma pobre mulher, a desencabeçou, illudiu e attraiçoou, fazendo-a por meio de enganos, abandonar a companhia onde estava ha mais de 20 annos, sendo elle proprio e um seu *camarada*, que bem se pode affirmar servir de *ordenança*, que conduziram os carregos, ou para melhor dizer, que saquearam a casa porque não so levaram o que era da desgraçada que se deixou levar por suas labias como *o mais* que não lhe pertencia; o que tudo foi levado para uma casa que o bandido não tinha alugado, e sim tomado as chaves para ver os commodos e si agradava.

—Olhe que o seu heroe é um perfeito aventureiro!

—Espere, capitão, que temos cousas mais finas.

—Pois então, demore-se um poucachito, em quanto dou certas determinações.

(*Continúa*)

VARIEDADES.

Copia fiel.

Pronuncia de um juiz municipal.

Vistos examinados estes hautos crimes em que é partes a justiça *hautora* é F..... ré de culpa; e tambem o depoimento das testemunhas que viram o delicto, a *ordem* do doutor promotor publico, *interrogatorio* da F..... e tudo mais quanto nelles se contem é mais que *certo* que a ré F,... *suicidou* seu marido: dando-lhe com um machado de cortar lenha na cabeça em cima do pescoço até no *cacuruto*, pelo o que a julgo criminosa no art. 192 do codigo penal, com referencia ao art. 34 do mesmo codigo, por não ter o *açaçinado* morrido como hera de esperarse a culpada tivesse dado com mais *geito* nas fontes, e como sou juiz municipal, condemno a ré F..... no gráo maximo de galéos perpetuas, por ter contra ella todas as circunstancias do art. 16 do mesmo codigo, e isto eu faço *combinando*, com a promotoria que está muita *aborrecida* com o dito crime, segundo me dizem que ella fallou muito na villa de... O escrivão *bote* o nome daquella no rol *das culpadas*, e pague as custas assim a muicipalidade, e paçe mandado para *ser raptada a delinquente* si por tal não estiver presa—e designo a cadeia da cidade de... para ella cumprir o resto da pena.

Maximas.

Trez muitos e trez poucos, são bem perniciosos ao homem: muito fallar, e pouco saber; muito gastar e pouco ter; muito obrar e pouco antever.

——

Dous muitos e dous poucos-reunidos, fazem depressa rico ao homem pobre: muita cubiça, muita diligencia, pouca vergonha e pouca consciencia.

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 86.ª SABBADO 14 DE OUTUBRO. Ns. 852—855.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA:

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 13 de outubro de 1871.

Portaria ao fiscal da Sé, para que multe a quem pertencer uma porção de porcos que existem no quintal de uma das casas da ladeira dos Gatos. Cumpra.

—Na quitanda do Pelourinho existe uma montureira.

—Ja vi; é encostada á muralha, no recanto do Maciel. Está alli ha muitos dias.

—N'um logar onde estão á venda os principaes generos alimenticios, a conservação de um foco de podridão é cousa que so attesta incuria.

—Capitão, peço-lhe encarecidamente que implore á S. Ex. Rvma. que mande um sacerdote para Alagoinhas, onde o povo vive como herege e morre como bruto, sem a palavra e o pão espiritual, visto como, morando o Rvm. vigario na Egreja Nova, pela distancia, não pode acudir á suas ovelhas.

—Si a difficuldade está em pedir, pouco custa.

—Sim; porque S. Ex. no seu zelo pastoral, ha de por certo attender aos reclamos dessa parte de seu rebanho.

—Uma industria da gente do olho-vivo, até agora não usada nesta terra, poz se em pratica um dia destes.

—Qual foi?

—O engenhoso trabalho de remover os edificios de um logar para outro, sem vontade de seus proprietarios.

—Sua pêta não tem sal. Quem é que crê que se remova um edificio para outro logar?

—Por partes, capitão.

—Explique isso.

—Ha na ladeira de Santa Thereza um velho e arruinado edificio conhecido pelo *palacio da inveja*.

—Sei disso. E' uma propriedade do Sr. J. Ladislau executada por herdeiros do finado Santos Correia.

—E' isso. Pois um esperto, arvorou-se em dono da propriedade, chamou dous pedreiros e mandou por elles desmanchar, á luz do dia, a propriedade e carregar com os materiaes. O trabalho ja estava a alguns dias e a casa seria de todo arreada, si por accaso não passasse uma pessoa conhecida dos interessados que procurando saber quem era o novo proprietario, conversou com o proprio individuo author da esperteza e este disfarçando safou-se pelos fundos da casa.

—Está bom, assim tem razão.

Desta gente só falta ver roubado o sol antes de nascer.

—Vejam que differença.

Entrou doente para o hospital da charidade um francez, casado com uma artista do theatro francez.

Tinha a regalia da mulher ir dormir no hospital quando queria, de entrar e sahir á vontade e poder vel-o á qualquer hora.

—Mas com a gente de cá não é assim. Ha dias determinados para visitas e mesmo nesses ha de ser homem com homem, mulher com mulher.

Uma mãe não pode ver o filho, uma mulher não pode ver o marido.

—São boas estas irmans de charidade!....

—Factos ha, que muito embora nada interessem ao publico, devem contudo ser sujeitos á sua apreciação.

Os postilhões que entregam o *Jornal* são quasi os mesmos que entregam o *Alabama*. Imprimindo-se o *Alabama* na terça-feira a tarde, tinha de ser distribuido com elle um pequeno impresso, que se achava no prelo. Entre o impressor e os postilhões combinaram que aquelle lhes mandasse levar á noite os impressos na typographia do *Jornal*,

para livral os do trabalho de voltar á esta typographia.

O Sr. Silva Reis caixeiro do *Jornal*, porem, prohibiu formalmente que os postilhões recebessem naquella typographia o avulso que iam distribuir com o *Alabama*.

Para que não se julgue que o impresso era de tal gravidade que não podesse entrar na typographia do *Jornal*, ahi vae o seu contexto:

«AO PUBLICO.

«Hoje tem o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho de apresentar as suas testimunhas no fôro ecclesiastico. Pede-se ao publico, com especialidade aos paes de familia que compareçam pelas 10 horas da manhan no paço archiepiscopal para ver quem são ellas.»

Para que tanta intolerancia, tamanha desattenção?!.

Para que levar a predilecção pelo Sr. Godinho a tamanho excesso?

—Capitao, o *Diario de Noticias*, da côrte, conta a seguinte industria, e como pode vir a ser usada por cá, é bom que saibam, para prevenirem-se:

Hontem de manhan, um individuo de nossa sociedade, apresentou-se na casa de uma das primeiras familias da côrte, e dizendo precizar fallar á dona da casa, a senhora lhe appareceu.

Sem mais preambulos, disse-lhe o cavalheiro:

—Minha senhora, por uma casualidade vulgarissima, vieram agora mesmo parar ás minhas mãos umas cartas que seu marido dirigiu á menina F,. com quem o marido de V. Ex. entretem relações culpaveis, ha muitos mezes. A menina F, é formosa, de elevado espirito, e por certo só a cegueira da paixão podia leval-a a tal procedimento.

A senhora B. que estima o marido como louca, ficou, já se pode ajuizar, fulminada com tal revelação.

—Mas, senhor—titubeou ella—onde estão essas cartas?

—Tenho-as eu, minha senhora, eil-as, disse o cavalheiro tirando a mão da algibeira, e mostrando um massinho de seis ou sete missivas, sentimentaes provavelmente.

A Sra. B... estendeu a mão para se apoderar das cartas.

—Perdão. minha senhora, disse o desconhecido, recuando um passo. E' desnecessario dizer-lhe que estas cartas teem um certo valor. Seu marido dar-me-hia, por certo, cinco contos, ou talvez mais; mas si eu lh'as restituisse, tornava-me cumplice do crime que elle está commettendo contra V. Ex. e contra os seus deveres conjugaes. Ora, como acima de tudo está a moralidade, e esta sempre tem exercido invariavelmente uma grande influencia em todas as acções da minha vida, prefiro entregar-lh'as a V. Ex., victima da sua indigna traição, por metade do preço que a elle não seria muito penoso pagar.

—Mas afinal, disse a Sra. B...., que tivera tempo durante este colloquio para readquirir a sua presença de espirito; eu não o conheço. Quem me diz que o senhor não é um impostor, e que essas cartas não são falsas?

O cavalheiro guardou novamente as cartas no bolso do paletot, que abotoou com todo o vagar.

—Minha senhora, diz elle friamente, dirigindo-se para a porta; nada tenho que acrescentar ao que já lhe expuz. O Sr. B..... ajuizará da authenticidade das cartas e daqui em diante, elle fixará o preço devido para as obter.

—Espere! exclamou a esposa, quero essas cartas, seja porque preço fôr. Mas, accrescentou ella abrindo um estojo que estava sobre uma das mezas proximas, como eu não possuo, n'esta occasião, a somma que o Sr. pede em dinheiro, peço lhe que receba este collar em troca. Foi pago por tres contos, importancia que excede a que o Sr. pediu por essas cartas.

O sujeito recebeu o collar, que examinou curiosamente por alguns instantes; guardou-o na algibeira; entregou o masso das cartas criminosas a Sra. B... com um sorriso gracioso, fez uma reverencia profunda e desappareceu.

Quando o Sr. B.... voltou do club, poucas horas depois, encontrou a esposa em um estado impossivel de descrever; e só depois de muitas supplicas e caricias é que chegou a saber a causa daquella exaltação. Fez inutilmente protestos de fidelidade; em vão procurou demonstrar que a menina F.. nunca havia existido senão na imaginação daquelle embusteiro, que se approveitára da sua ausencia momentanea, e lhe contára aquella fabula para lhe subtrahir dinheiro ou aquella joia.

A esposa não quiz ouvir cousa alguma, e declarou a sua resolução inabalavel de requerer o divorcio em juizo no dia seguinte.

Estava nesse ponto a altercação conjugal, quando vieram entregar á senhora B... uma carta que lhe era dirigida.

Ella rasgou o sobrescripto immediatamente e sem reparar em uma nota do banco, que das dobras da carta cahiu no sobrado, leu:

«Senhora—Seu marido já convenceu a V. Ex. provavelmente, de que as cartas que eu lhe entreguei não são escriptas por elle, mas que a letra é de tal modo semelhante que re-

vela a habilidade de quem as escreveu. Fui eu. Sou artista na minha especialidade, e posso affirmar-lhe que tudo falso quanto eu faço é perfeito.

«Comtudo minha senhora, eu esforço-me para que o meu procedimento seja tal que presida a mais restricta probidade a todas as transações com os meus clientes—ou as minhas victimas, si V. Ex. quer assim;—por esta razão o collar que me deu ha poucas horas em troca das cartas, vendi-o pela somma de dous contos e setecentos, e como eu tinha fixado o preço de dous contos e quinhentos, apresso-me a remetter-lhe o saldo, rogando-lhe que acceite o testemunho da minha dedicação.

A PEDIDO

—Capitão?

—O que temos?

—V. Ex. não ouviu dizer, á pouco mais ou menos de um anno, que o Sr. secretario da camara asseverara que na rua da Independencia não se edificariam mais casebres, como se fizeram em sua ausencia nos fundos da casa do major Souza Vieira e outro pequeno sobrado contiguo, e que tendo outros proprietarios da rua do Bangala requerido para edifical-os nos fundos de seus quintaes, lhes fôra denegado?

—Recorda-me de ter ouvido; mas a que vem isso agora?

—E' porque um pouco mais adiante em terrenos baldios do Sr. Lazaro Medões arvorou-se fora do alinhamento um telheiro em 48 horas, para alli se fazerem dos taes casebres, que a camara não quer.

—E' porque telheiro não se considera como casebre.

—Ora capitão, permitta!...

—O que homem?

—V. Ex. quer parecer apologista dos abusos. Não parece christão.

—Temos outra!

—Porque si fosse christão seria baptisado e sendo baptisado *teria padrinho*.

—Temos conversado.

Ao publico.

QUESTÃO GODINHO.

Ainda mais uma vez sentimos a necessidade de voltar á esta questão.

Um boato menos digno, que corre hoje espalhado por todos os angulos d'esta cidade, e o que mais é, attribuido á pessoa de um sacerdote, obriga-nos a que, demasiadamente fiel a causa do direito, não reneguemos a voz da nossa consciencia.

O facto é por sem duvida alguma extraordinario, envolve em si serias e interminaveis consequencias, e accarreta funestos resultados; mas a avaliar-se pelo espirito da epocha, nada ha para estranhar.

Debaixo d'este ponto de vista não ha descrer de sentimento algum menos nobre que pareça; não ha deplorar as miserias moraes, por mais torpes que sejam; tudo terá sua razão, embora no absurdo; e assim já não é muito para admirar.

Esta questão tem sido para nós um empenho sagrado; temos trabalhado com bastante coragem e abnegação, porque temos affrontado de viseira erguida as iras da opulencia, que pretendia suffocar os gritos de duas victimas, atadas ao poste mais ignominioso=o da deshonra=; força é confessar que temos desenrolado n'esta imprensa, embora *pequena*, mas que comprehende o seu sacerdocio, o sudario das urdiduras do Sr. Godinho; assim qualquer novidade n'este terreno deve esperar-nos na estacada.

Dito isto, procuremos agora sem mais delonga expôr o facto, a que nos referimos, e o publico que devidamente o aprecie no seu alto conceito.

Todos que teem accompanhado mais ou menos os escriptos insertos n'este periodico, concernentes a tão grave assumpto, sabem que, depois da luminosa sentença tão conscienciosamente exarada pelo Rvm. vigario geral d'este arcebispado, julgando improcedente a *celebre* justificação, com que o negociante Antonio Tavares da Silva Godinho queria a todo transe provar á maioridade de Clara, e a identidade de Benvinda, este appellara *in continente* da referida sentença para a relação ecclesiastica.

Pois bem: agora que este tribunal tem de dar o seu *veredictum* na presente decisão; agora que a verdade mais que nunca precisa apparecer, e d'est'arte confundir a impoturas d'este negociante, que faz de um feio crime brazão, corre como certa a scena passada no escriptorio do mais que *habil* advogado do Sr. Godinho; em que um digno sacerdote, suffocando impavido os dictames da sua esclarecida razão, affirma que hade tirar agora a devida desforra da redacção d'este periodico, que tanto o tem maltractado por diversas vezes.

Não somos pessimista, e portanto perante conjecturas de tão alto alcance não sahiremos do campo da reflexão; ao contrario estas observações perderiam todo valor e importancia.

Supponha-se, por um momento, que dos la-

bios do digno ministro do altar sahissem por descuido taes palavras; que justa ou injustamente resentido da redacção d'esta folha, o despeito se apoderasse de modo tal de sua pessoa que, offuscada a sua mente, promettesse ser a favor do Sr. Godinho; que mal poderia provir á redacção, que apenas cumpre o seu dever, porque advoga a causa da justiça e da razão?

Fique o publico sabendo de que todo mal recahiria tão somente sobre a infeliz Benvinda e sua filha Clara, que achando o apoio devido nos tribunaes civeis; onde deveriam encontral-o com maioria de razão, não tiveram.

A razão pede e o bom senso confirma, que si este despeito é tão implacavel, seja por ora suffocado, já que todo mal resultante verte tão somente sobre duas infelizes, alias dignas de melhor sorte.

Mas não: façamos justiça ás qualidades, que exornam este sacerdote, a menos que esta não seja a primeira vez em que tenha a sua consciencia de luctar com a viva voz do remorso e do arrependimento; é que antes de temer-se a maldicção de baixo, teme-se a de cima.

Em tudo, porem, parece revelar-se o dedo magico do Sr. Godinho, e dos seus adeptos; que sempre em procura de meios, commettem todos os excessos, ultrajam todos os principios, e engendram toda forma de escandalos para com as suas desgraçadas victimas, nada mais fazendo que mostrarem por si mesmos a sua criminalidade até a mais completa evidencia.

Todos sabem das circumstancias indecorosas até hoje postas em practica pela gente do Sr. Godinho.

Veremos do resultado.

Alcibiades.

Não podemos deixar de levantar um brado perante a opinião publica quando os factos adormecem no leito da indifferença, e alheios ao juizo da multidão passam desapercebidos d'esta, que tem o incontestavel direito de analysal-os.

Deixemos de parte as vans preocupações de uma sociedade corrompida, que não encherga a nobreza no verdadeiro merito e acrisolada humildade, deixemos o fanatismo pela nobreza dos soberbos brazões, que o orgulho innovou e tem acarretado a discordia para a reciprocidade, que, como irmãos no mundo, devemos uns aos outros; deixemos, finalmente, as classificações de cathegorias e vãos titulos de superioridade que rompem os vinculos sagrados da fraternidade com que Deus nos uniu na terra; attendamos para a nossa consciencia e para a justiça de que pode ser credor um infeliz que se estorce na miseria e á quem o ouro do potentado, passando por cima de todas as barreiras e limites do justo e do honesto, póde influir contra a justa razão de sua causa. — Esse desvallido de que nos occupamos, e que nos suggeriu a ideia d'este artigo é um soldado do 14º batalhão de linha, que comprara um bilhete a alguem, no qual lhe havendo sahido o premio de 2:000$ rs. foram estes garantidos por uma letra falsa, que foi presente á auctoridade com queixa d'aquelle soldado, que se aponta como auctor ou cumplice de tal crime: mas será crivel que um rustico soldado, sem recursos intellectuaes, tivesse a habilidade de praticar esse crime? E que n'elle persistisse, como persiste, convicto, d'alma calma e possuida da rasão do seu direito? Ou que sendo elle instrumento, vendo falhar a primeira inventiva de ser a letra rejeitada pela pessoa á quem pretendeu descontar, fosse ainda exigir o seu valor de quem quer que fosse, sem que fosse atormentado pelos remorsos de um novo crime que ia praticar, não recuando, obscuro como é, á primeira reluctancia que encontrasse? Ah! Parece incrivel, e mesmo uma phantasmagoria; e é por isso, e pela compaixão que nos inspira a causa do misero soldado, que nos animamos a affrontal-a, e por conhecermos que, infelizmente, a sociedade elevada aponta, como os unicos reservados para viverem do soffrimento os miseraveis; deixando que o ouro seja exclusivamente a propriedade dos nobres, e que com elle se possa até derribar o imperio da lei—que não faz distincções.

O espectador.

Ao publico.

IX.

A causa do Sr. Godinho tocou ao auge da desmoralisação.

A despeito dos meios torpes empregados, todos os seus planos de attrevido arrojo se teem desmoronado.

Os escandalos produzidos nesta causa por parte d'aquelle que devia antes de tudo presar a dignidade de seu nome e cumpungir-se de vel-o envolvido em tão infames miserias, gravou na consciencia publica a convicção de que a causa do Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho é uma causa irremediavelmente perdida.

Dito isto informemos ao publico o que se passou na quarta-feira, na audiencia da vigararia geral.

Tinha o Sr. Godinho requerido para dar testemunhas aos embargos que oppoz ao assento de baptismo de Clara, por elle raptada

e deflorada e lhe fôra marcado o dia ácima.

O publico tinha sido convidado para ir assistir áquelle acervo de falsidades e apreciar o caracter da gente com que queria o Sr. Godinho provar a sua innocencia e o seu direito.

Com effeito ás 10 horas da manhan a sala do tribunal estava repleta de espectadores.

A' vista do concurso numeroso de povo, o bando de mercenarias testimunhas que andavam por alli, esvoaçando desappareceu, fugiram espavoridas ante o olhar severo da opinião publica

Aberto o tribunal declarou o Sr. João Victor que se pretendia exercer pressão, convidando o povo por meio de impressos para intimidar as testemunhas e que por isso desistia de dar provas!

Quem ja viu um homem que não é culpado, temer que as provas de sua innocencia e de seu direito sejam bem vulgarisadas, bem testimunhadas por centenares de pessoas que presenciando-as proclamem a injustiça com que era perseguido?

Somente o Sr. Godinho.

Queria dar testimunhas nas trevas, em segredo e não lhe convinha aquillo que todos desejam — a concurrencia publica, o juizo da opinião publica.

Qual é a testimunha que indo jurar de consciencia limpa, com fé na verdade, se arreceia de depôr á vista de muita gente?

Oh, ja é mais que tempo do Sr. João Victor por amor de si, por zelo do seu credito de advogado, abandonar, repellir essa questão tão desmoralisada, deixar de figurar nessas scenas de abjecção moral, nesse lamaçal de torpezas e impudencia impropias de S. S,

Pode se advogar a causa de um criminoso, porem que a defeza deste se baseie em meios licitos e honestos.

Imite o exemplo dos seus dignos collegas advogados, que sendo procurados para tomar a defeza do Sr. Godinho no jury, repelliram a commissão por desairosa a seus respeitaveis caracteres.

—O Sr. Godinho a todo mundo que encontra pergunta si está sorteado para o jury, e si votaria contra elle caso fosse sorteado.

E accrescenta que ha de provar a maioridade da victima de sua concupiscencia.

Será fiado em ter, como propala, um protector na relação ecclesiasttca que tudo lhe promette?

Porém quando assim seja, não vê o Sr. Godinho, que um so voto que tenha á seu favor não decide da questão. Não sabe que na relacção ecclesiastica ha caracteres venerandos, cuja rigidez de consciencia ha de julgar soconforme o direito e a justiça?

E' grande animosidade!

Depois de tão accumuladas provas de seu crime, sem um unico apoio justificavel de defeza, alardear trimmpho, esperançado somente pelos principios de amizade.

—Diz tambem o Sr. Godinho que no jury ha de apresentar cartas e poesias que lhe mandava a menina Clara.

O que provará isso em seu favor?

Apresente as o Sr. Godinho que é para os juizes de facto ficarem fazendo mais seguro juizo de sua moralidade.

VARIEDADES.

O abbade de Salm, homem muito defeituoso, como todos sabem atravessando pela ante-camara do rei, alguns fidalgos que alli se achavam disseram que elle ouvisse: *Eis aqui Ezopo na terra.* Ao que o abbade respondeu: *meus Srs., o parallelo lisongea-me sobre maneira; pois Ezopo fazia fallar os animaes.*

Certas fidalgas muito velhas, encontrando *Mr. d'Aubigné* em certas salas do antigo Louvre, lhe perguntaram o que elle alli fazia? Respondeu elle: Minhas senhoras, estou contemplando a velhice.

Um bebado que andava na rua, parou á porta de um sapateiro, e admirado para um armario cheio de sapatos, exclamou: *hi!... quantas garrafas de reino e de licor!*

Apresentou-se um rapaz gallego a um negociante, solicitando entrar em seu serviço. Perguntou o negociante: E's gallego? Não senhor. Como é isso, quando me consta que nasceste na Gallisa? Ora essa! contestou o rapaz, si eu tivesse nascido n'uma cavallariça porisso seria cavallo?

Tendo um homem cahido por uma escada a baixo sem soffrer o menor incommodo, disse-lhe um que logo appareceu: Deus vos fez uma boa graça. Como! respondeu elle zangado, fez-me boa graça não me fez graça alguma, nem de um degrau que fosse da escada.

Um viajante que estava com muita fome, e sem um vintem na algibeira, descansou em um logar que tinha muito capim verde e exclamou: Oxalá que eu nesta occasião fosse um cavallo *ou um boi.*

Nossa mãe.

Por entre os risos da primeira infancia,
Quando 'inda o berço nos descerra amor,
Nós presentimos a subtil fragancia
Da mais mimosa e peregrina flor....

É nossa Mãe,—anjo de Deus que os braços
Nos abre, ao vermos da existencia a luz;
Que em nossa infancia nos dirige os passos,
E em toda a vida nosso *bem* conduz!

É nossa Mãe,—que nos oscúla a fronte,
Que nos alenta nos carinhos seus,
Emquanto busca nosso peito insonte
Em seus affagos descobrir um Deus.

Um Deus!—Na terra nossa Mãe querida
Esse attributo portentoso tem...
Si o Deus Celeste nos concede a vida,
A Mãe na terra, nol-a deu tambem!

Vêde a criança que mal pode ainda,
Volver incertos os passinhos seus...
Mal balbucia, e pressurosa, e linda,
Diz-vos sorrindo:—Minha Mãe, meu Deus!

Vêde o mancebo no correr dos annos,
Cheio de affectos, de illusões, de amor;
Si a Mãe lhe falta, dos gentis enganos
Secca no peito a candorosa flor...

Vêde a donzella do viver nas galas,
Trajando as vestes da sasão gentil;
Si acaso faltam-lhe as maternas fallas
Vive cercada de perigos mil!

Oh! sempre, sempre nesta vida ingrata
Nós precisamos dos cuidados seus;
Que neste exilio nossa Mãe retrata
Toda a bondade, todo o amor de Deus!

Amemos sempre nossa Mãe:—foi ella
Quem da existencia nos dôou a luz...
Mãe!... Deus da terra, que o poder revella
Do Deus celeste, que expirou na Cruz!

Menezes Paredes.

Ha como os folhetins pertubam a paz conjugal.

Uma senhora, por todos os titulos veneranda e venerada, modelo de amor conjugal e de virtudes domesticas, senhora, em summa, das que sabem avaliar com justeza a sublimidade de sua missão, e não—

das que dão o filho á ama
e teem no regaço o cão,

como diz o autor das *cartas de um roceiro*, o negociante Bernado Junior, ora conhecido pelo nome de Faustino Xavier de Novaes; uma senhora, nas condições indicadas, vivia em perfeita e inalterada harmonia com seu ditoso consorte.

Uma madrugada cuidou este ver a cara metade levantar-se do leito, vestir o roupão, enfiar a capa e descer ao primeiro andar.

Estava elle entre-acordado e dormindo, voltou-se para a parede afim de livrar-se do que considerou um pesadelo de Morpheu, que se achava á cabeceira do leito, cingiu-o nos braços e quando o bem do homem abriu os olhos ás 8 horas da manhan, viu a seu lado a esposa profundamente adormecida.

Na seguinte madrugada reproduziu-se a mesma scena. O marido fez um esforço, só levantou-se no leito e certificou-se de que não estava sonhando.

Viu depois a esposa vir de novo deitar-se e de novo placidamente adormecer.

Seu coração saturou se de fel e uma ideia sinistra atravessou lhe a mente.

A' hora do costume levantou-se: tinha as feições demudadas, o aspecto sombrio.

As perguntas carinhosas da esposa tiveram em resposta frios monosyllabos. E elle sahiu de casa mais cedo que habitualmente.

Ao voltar mostrou-se calmo, tranquillo: tomara já uma resolução decisiva, inabalavel.

Quando achou-se a sós em seu gabinete tirou do bolso do paletot um objecto e guardou-o n'uma das gavetas da secretária.

E nem uma palavra, um gesto, um movimento revelou os planos terrificos que lhe vassalavam o espirito.

A consorte, vendo-o nesta feliz disposição d'animo, desentranhou-se em carinhos e blandicias.

Elle, entretanto, realçava no coração os sentimentos que lá lhe referviam impetuosos, aguardando a proxima madrugada.

Raiou esta e o marido observou a reproducção do que se passara nos dous dias anteriores.

Mas, apenas a consorte abriu a porta do quarto e desceu a escada do segundo andar, levantou-se elle, tomou o rob-de-chambre, dirigiu-se á secretaria e tirou da gaveta o objecto que alli depositara.

Era um *revolver*!

Desceu pé ante pé a escada, chegou ao primeiro andar, viu aberta a porta da sala de jantar e a da sala proxima. Seguindo esta direcção foi parar no topo da escada da rua e viu a esposa que descia apressadamente os ultimos degraus.

O que iria ella fazer?

O que faria elle?

A boa senhora abaixou-se, apanhou o *supplemento* do *Jornal do Commercio*, lançou a vista para o folhetim e leu avidamente as primeiras palavras. Nesse momento, porem, um movimento instinctivo fel-a volver a cabeça o

seus olhos se cravaram nos do esposo que alli estava observando-a attento.

—Oh! por aqui a estas horas! exclamou ella.

O marido que já reassumira o natural sangue frio, escondeu de prompto o *revolver*, e respondeu:

—Não é nada, não te assustes, vi-te descer e vim ver se havia alguma novidade.

—Pois, eu estava afflictissima; queria saber si a pilula que Vanda dera a Antonieta em S. Lazaro lhe havia causado uma morte apparente ou se realmente ella morrera.

—Ora, minha querida mulher, pois não viste logo que quem engoliu a pilula foste tu, eu e os mais leitores da *Ressurreição de Rocambole*?

—Tens toda a razão, redarguiu ella, mas deixa-me acabar de ler o folhetim.

O marido sorriu-se e murmurou.. Emfim é uma mania como qualquer outra!

E foi ver si de novo conciliava o somno.

(*Extr.*)

A ingrata.

Devo fugir-te, e depôr no olvido
Esse teu nome que eu ousei amar;
Devo deixar-te, já que aos olhos d'outro
Vi-te enlevada teu amor jurar.

Oh! sim, ingrata, detestai-me eu peço,
Encurta o espaço deste meu viver,
O mundo hoje para mim é vacuo,
A vida um mundo de cruel soffrer.

Tu és mulher, e como tal mentiste,
Mentiste ás juras de meu puro amor;
E nem coraste em declarar-te perfida,
Em ser a causa d'esta acerba dor.

Devo deixar-te, para sempre... embora,
Jámais na vida me lembrar de ti,
Buscar na morte do martyrio o termo,
Achar na campa o que faltou me aqui.

Mulher! tu foste para mim a morte,
Tu foste a vibora d'ideal matiz;
Pois bem: eu deixo-te no rumor da festa,
Embora eu morra sejas tu feliz.

E quando vires uma cruz modesta,
Guarda constante do sepulchro meu,
Verte uma lagrima de compaixão e diz:
«Morreu amando, foi destino seu.»

L. de Freitas.

Criança de duas cores.

Lê-se no *Diario do Gram-Pará*:

«Nos registros officiaes da camara da villa de Cuyabá, no anno de 1799, acha-se exarado o seguinte extraordinario facto: O Rvd. coadjutor Manuel Machado de Siqueira, baptisou n'esta freguezia no dia 18 de junho, uma criança a qual poz o nome de Izabel (filha legitima de Arruda e Sá, e Anna da Fonseca Correia, pessoas brancas d'estas minas); caja menina nasceu, e ainda assim se conserva, branca da cabeça até ao umbigo, e dos joelhos até a extremidade dos pés, porem, preta do umbigo até os joelhos.

Lembras-te?

A***

Das nossas tardes queridas,
Das nossas horas de encanto,
Do teu *assustado pranto*
Não te lembras doce anjinho?
E d'aquelle *passarinho*
Que á nós dois fez surrir...
Quando o vimos no raminho
A saltar e após fugir?

Não me lembro,—tu dirás,
Mas quem sabe senão nós,
D'aquelle momento atroz
Quando chorando coraste...
E quando tu me negaste
Aquelle beijo pedido?
Quando a *pedra* deixaste
Onde estavamos unidos?

Oh! não digas—não me lembro,—
Porque então eu sonhava,
Ou tão louco me achava
Quando depois eu te disse...
—Não chores, si alguem nos visse
N'estes instantes tão bellos,
Ou si alguem me presentisse
A bulir nos teus cabellos....

Eu correra n'estas mattas,
A esconder o meu crime,
Porque tu sabes, deprime
A bondade da d'onzella,
O estar só junto á ella
Um mancebo como eu,
Embora eu fosse d'ella
O fido amante seu!

.....

Diz si te lembras Maria,
Não me negues ó anjinho;
Da tarde do passarinho
Da nossa falla de amôr;
Diz arcanjo, minha flor,
D'aquelle doce segredo
Do momento do pastor
Do nosso innocente medo?

.....

Elsecha.

Copia de um officio de um juiz de paz do Icó outro.

Sr. Juiz de Paz. Constou-me por via de José Lopes filho da Valleriana que vossemencé Ouve de se invadir com dois merinhos nas visianças do domicilio d'este juizo, cam as formalidade legalisadas da juris emprudençial? Muto me dimirei da poca preciação de ceos fundamento no noço codigo, não tenho agora lembrança se é o criminal ou o do presçoço, mais ei de vê com vagá, que como bem o digamos trais um aviso pegado lá no dito artigo de que não me alembra condenando estes principio de violensa terrial de minha injuridição. Eu bem sei o que devia fazê porque Sou como bem diçe o Sr. Alfere F. que eu não sabia a minha mão direita, mais eu quero aprová que o sr. não me comeo por tolo, e que os fins convenientes de paternidade fraternal de que como juiz de paz anomeado tenho dado as provas. No entanto fique o sr. escramentado para não mais penetar nas parages de minha jurisdição pessoal e individual, pois para assim proceder tem as vias réta da lei e seus contorno adequadro; afirmando-lhe de que se fizer mais este desabrimento de suà aposição o chamarei ao gremio de uma devaça de responçabilidade. Assim tenho entendido. Deus G. etc. Pereiro 10 de março etc.

Generos que vivem escondidos.

Dinheiro do usurario. Espada de official co-
Deffeito de moça sol- barde
teira Ferramenta de ladrão

Maximas.

Para repelir injurias basta o silencio de quem se não faz dellas merecedor.

——

Dizia Catão, que trez cousas tinha pezar de lhe haverem acontecido: a 1.ª ter descoberto segredo a mulher:—a 2.ª ter andado por mar o que podia andar por terra: a 3.ª ter deixado para outro dia o que podia logo fazer.

Cuidado! meus assignantes!

——

Por toda a parte onde a educação é despresada, o deboxe, o egoismo, a lisonja, o roubo e muitos outros vicios degradam a humanidade.

——

Os gostos ou prazeres da vida desaparecem, quando as molestias opprimem uma familia; da mesma forma que o amor e a concordia deixam de habitar a casa, onde habita a pobreza.

——

A natureza, pede somente o necessario; a razão quer o util; o amor proprio procura o agradavel; a paixão requer o superfluo.

——

Um bom pae dá trez cousas a seus filhos: —o sustento, a educação, e o bom exemplo.

——

Duas sortes de pessoas ha inconsolaveis: um rico quando se aproxima da morte, e uma dama quando chega a velhice.

ANNUNCIOS.

Imperial Sociedade Monte-Pio dos Artistas.

De ordem do conselho administrativo faço saber aos Srs. socios que se acham atrazados em mais de 3 annos de mensalidades, que as devem satisfazer até o meiado de janeiro de 1872, para que não sejam eliminados como prescreve o § 6º do art. 25 dos estatutos. Bahia 9 de outubro de 1871.—*Manuel da Natividade Moutinho,* 1º secretario.

O Sr. professor Hermenegildo José Barbosa tem uma carta no Maciel de cima n. 26 para lhe ser entregue.

Pede-se ao Sr. tenente Tristonho o favor de ir a venda n. 109 resgatar os valles que na qualidade de agente da enfermaria dos doentes em novembro de 1870 mandou buscar de diversos generos que lhe faltavam para a mesma.

Igual pedido ao Sr. alferes Junius Freitas pelo que mandou buscar em junho de 1871 na mesma qualidade.

O abaixo assignado encarrega-se de fazer portas, janellas, peitoris, marcas de caixilhos de vidraças e qualquer armação de loja ou venda; á tractar com o mesmo na ladeira da preguiça n. 12, ou no armazem de madeiras do Sr. Carrascosa na rua da preguiça n. 11.

Bahia 2 de Outubro de 1871. *João Eufemio das Virgens.*

O café Les Deux amis.

VENDE:

Cigarros exposição (milheiros)
Dittos de 80 rs. ao masso.
Fumo do Daniel (em latas)
Papel para cigarros.

Vende-se uma venda no Taboão, quem a quizer comprar n'esta typographia se dará informações.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita do Palacio n. 14.

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 86.ª TERÇA-FEIRA 17 DE OUTUBRO. N. 854.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

A lei n.° 2040 de 28 de setembro de 1871.

Ainda é tempo de entoarmos um hymno no lauto banquete da civilisação.

Hoje que de algum modo estão já por terra os ferreos grilhões do antigo despotismo, e que se acha fincada na estrada do progresso a primeira pedra, que marca a base do grandioso pedestal, sobre que tem de assentar-se magestosa a estatua da emancipação; hoje que o azulado ceu da nossa patria já não mostra mui carregada a sombria nodoa que lhe imprimiram na face, conspurcando a sua grandeza; é forçoso que por nossa vez tambem fallemos.

Atravez de tantos seculos de mallogro e tibieza, supportados pelas populações, que constantemente se succedem umas ás outras; atravez da lucta mais porfiada, emprehendida e travada pelos valentes obreiras do christianismo, sempre vigilante pelo destino da humanidade; parece que a felicidade vai raiar para o homem escravo!!

E' esta uma verdade, que ha de tornar-se inconcussa e inabalavel no livro geral das tradicções; e o espirito humano, franco e leal n'esta apreciação, resolverá sem preconceitos empreza tão nobre.

Sim: o Brazil vai por fim acolher as torrenciaes palavras—*igualdade, fraternidade e liberdade*, que o Homem—Deus pronunciara com seus divinos labios.

Foi e é o principio d'esta grande transformação o ter passado no senado o projecto de lei sobre a emancipação do elemento servil, e a sua sancção como lei no dia 28 do mez proximo passado.

Já não resta a menor duvida: realisou-se o maior *desideratum* social, consummando-se a mais ardente aspiração de toda a humanidade. O germen transplantado do estrangeiro vae ficar suffocado em seu desensolvimento aterrador.

A' luz dos factos ninguem poderá negar o elevado alcance d'esta reforma tão instantemente reclamada pela civilisação, e o que mais é, pela religião; ella marcará, por certo, a epocha mais pomposa dos fastos brasileiros.

Na verdade o paiz inteiro deve alegrar-se de immenso jubilo, porque graves e muito foram a agitação e o debate promovidos por tão sublime ideia.

Ao embate, porem vascillaram os contendores, e o Brasil, imperio do Cruzeiro, ergueo-se como gigante nos braços do povo, que cheio de fé e crente no futuro não podia deixar de fertilisar a terra divinisada pelas plantas santificadas do martyr do Golgotha.

Não ha negal-o: tanta dilação era por demais para a causa da liberdade; o escravo, homem como nós, devia qnanto antes ter as mesmas prerrogativas, e os mesmos direites; a moral urgia que o negro podesse ser emparelhado com o branco no sublime sacerdocio do trabalho.

E em verdade, este seculo que tem resumido em si a gloria de todos os tempos; elle —denominado—o do progresso e das luzes, não poderia consentir a sua paralysação ante o tetrico abysmo da escravidão; principalmente quando aos clarões do porvir apparecem novos horisontes, e luzes mais vivas na amplidão do infinito.

Então a ideia foi do povo, e no seu gremio ia medrando em larga escalla. As provincias regurgitavam de manumissões todos os dias, e as sociedades abolocionistas constituiram-se o primeiro marco no caminho de tão sublime empreza.

Era preciso, porem, ou antes era forçosamente necessario a iniciativa do governo em causa tão melindrosa; e esta, graças ao espirito da epocha, apparecera.

N'este estado de cousas, a corôa, origem constitucional de todos os beneficios publicos, entrega esta ardua, mas gloriosa missão ao ministerio, que composto de verdadeiros patriotas, ia com o seu obolo contribuir por sem duvida para o grande facto dominante, isto é, para o desenlace da questão.

O caracter altamente elevado e austero do insigne presidente do conselho de ministros não poderia furtar-se ao cumprimento d'esta necessidade publica, e principiou a lucta nos limites de um nobre e illustrado orgulho.

O certamen afervora-se renhdio, o prelio gigantesco.

Este homem, a quem chamaremos predestinado, conscio da tarefa, emprehende consummal-a.

E afinal realisou-se tão nobre aspiração, a ideia tornou-se em facto.

E' que o soffrimento lento e incessante, quando não anniquila as vocações de grandes commettimentos, ao contrario da-lhes mais força e mais vida.

Em tudo isso, porem, não podemos dominar as vivas explosões de enthusiasmo, que instinctivamente prorompem no nosso peito ao contemplarmos o brilhante papel representado pela religiosa corporação dos benedictinos.

Inspirados nas doces palavras do christianismo, educados nos sãos principios da mais solida religião, foram elles os que mais contribuiram para o realce d'esta ideia, e tanto que hoje os escravos d'aquella ordem monastica se achão libertos, quando ainda o governo só garante o ventre livre

Salve, pois, filhos do Crucificado, que compenetrados dos vossos deveres, marchais sempre na vanguarda das bôas instituições; e o proprio Deus vos recompensará.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 16 de outubro de 1871.

Offeio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para um menino que apetrechado de um caixão, onde traz dados, copo, um papel numerado, uma tira de cadarço, anda por esta cidade com esses objectos como meio de vida a convidar pessoas para jogo, que diz elle chamar-se *ver a sorte*.

Si no verdor da edade, esse menino, que dizem ser filho de um official reformado ha pouco, aqui chegado, entregou-se á occupação tão reprovada, na virilidade virá a tornar-se um homem ocioso e perdido; pelo que seria um beneficio cortar as azas do vicio á essa pequena ave, antes que ella tome vôos mais rapidos.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias contra o atroz rigor com que é castigada uma menina, no becco do Açouguinho, sobrado n.º 4, por uma mulher que se diz ser sua mestra de costuras. No dia 16 levou bollos desde sete horas até nove e meia da manhan por haver quebrado uma agulha.

Espera-se que S. S. tomando em consideração o exposto, faça cessar essa barbaridade com que é martyrisada a pobre menina e encommodada a visinhança.

—Capitão, ja soube o que acconteceu em Passé?

—Alguma novidade?

—Desgraças.

Na noite de sabbado para domingo o lavrador Manuel José dos Santos deu um tiro e seis facadas no individuo de nome João, alcunhado o *Jacobina*, feriu egualmente a mulher deste com seis facadas, ateou fogo á morada do offendido, a qual era de palha, e tratou de pôr-se ao longe, antes que fosse encommodado.

—Que sêde de sangue tinha este homem!

—O ferido veio para esta capital e consta que corre perigo.

—Capitão, será certo que, ha dias, sahiu da enfermaria militar um cadaver em adiantado estado de putrefação?

—Quem lhe informou isso?

—Moradores do Bom gosto que viram passar o corpo exhalando podridão insupportavel.

—E souberam logo que o enterro vinha do hospital militar.

—Ah, porque o defunto era carregado por soldados.

—Não faz prova.

—Eu disse tambem isso; mas affirmaram que houve quem indagasse e soubesse que era o enterro de um soldado fallecido na vespera demadrugada e que ficara por enterrar até o outro dia áquellas horas.

—Eu não sei si o culpado é o medico ou quem é, porisso não digo nada.

—E' de admirar a monotonia e frieza com que foi aqui recebida a noticia da sancção da lei n.º 2040 de 28 de setembro do corrente anno.

—E' verdade! Esta noticia, que aliás deveria ser recebida debaixo de grande regosijo popular, porque somente agora com essa lei é que se pode dizer:—*todo aquelle que nascer no Brasil é cidadão brasileiro*, não obstante ainda existirem n'elle milhares de homens debaixo do jugo da escravidão, passou desapercebida entre nós.

E porque?

Si nos estamos vendo todos os dias receber-se aqui titulares, que nenhum serviço teem prestado ao paiz, debaixo de musicas, flores e ovações, a rasão porque essa lei, essa pagina dourada que ha de figurar em nossa historia patria, passou desapercebida?

—Tudo é assim n'este mundo: aquillo que deve ser festejado, fica no olvido, e o que deve ficar no olvido, é victoriado e festejado!

Eu entendo que o paço do governo e da camara deveriam illuminar-se, assim como todas as casas particulares; que as musicas marciaes deveriam percorrer toda a cidade debaixo dos maiores regosijos e demonstrações populares!

— Não sei aquelle musico da policia quando terá vontade de vir pagar o que deve nesta casa.

—Quando receber soldo, provavelmente.

—O soldo agora é a escapatoria.

Que os soldados não paguem, porque não recebem soldo, eu concordo, mas os musicos não.

—Então porque?

—Porque ganham por outra via.

—E' o que lhe parece.

—Em qualquer funcção particular eu ouço logo dizer—quem vae tocar é a musica de policia—e ja sabe que isso não é de graça, porque a provincia não tem obrigação de pagar musica para quem quizer se divertir.

—E eu lhe digo que quasi sempre assim accontece.

Quem dá seu baile, faz seu baptisado, se empenha para que a musica vá de gauderio.

—Ao menos eu sei de algumas funcções, que não foram de graça.

Por exemplo: o batalhão patriotico do lyceu deu 50$ rs; um beneficio que houve no circo 50$ rs; o festejo do Dous de Julho de Brotas rendeu 100$ rs, a funcção da Graça 150$ e e o mesmo creio que o anno passado.

—Pois eu digo que de nenhuma dellas os musicos viram vintem.

—Si é assim, é o diabo; um homem estafar-se á *osso*.

A PEDIDO

— Constituiu-se hontem, segunda-feira, o tribunal do jury, com 37 Srs. jurados.

Approxima-se, pois, a hora em que o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho, sentado no tamborete de reu, tem de ouvir d'aquelle augusto e severo tribunal a sentença final de seu crime.

E haverá homem que se interesse pela tranquillidade domestica, pela paz da familia, pelo socego do lar, que absolva o Sr. Godinho?

Não é possivel!...tres vezes não!

O homem que faz garbo em resquestar meninas pobres, que proclama sem rebuço por si e seus agentes que, **mulatas e crioulas ja nascem sem honra.** não pode esperar a indulgencia dos juizes que tem de julgar seu torpe crime.

E si ha quem duvide que o Sr. Godinho não atirasse tão pungente e infamante labeu sobre as meninas de côr nascidas nesta terra, si ha quem duvide que o Sr. Godinho fosse capaz de tão inaudito arrojo, declare, que immediatamente declinaremos os nomes de muitas pessoas de conceito, entre ellas honrados portuguezes, patricios do Sr. Godinho, que foram testimunhas de lhe ouvirem affirmar ou seus agentes, que nesta terra as **mulatinhas e negrinhas quando nascem ja não tinham honra**

Houve até um patrono do Sr. Godinho que conversando á respeito com um respeitavel caracter e este lhe dizendo -«que todos os che-«fes de familia deviam reprovar este procedi-«mento, deviam desejar a repressão do crime «porque ninguem podia prever o futuro» respondeu—*não compare nossas familias com a filha de uma negra!*.....

—E amanhan quando chegar o dia das eleições, o homem que assim se exprimiu, ha de ir para a egreja implorar o suffragio dos homens de côr preta, cujas filhas e mulheres elle hoje tem desprezo de comparar em honradez com as suas, como si a virgindade fosse um attributo predestinado somente a filha do bacharel, do barão, do negociante, do rico, etc...., como si nas altas classes não se estivesse dando todos os dias tristes e vergonhosos exemplos.....

—Seria pois dolorosa decepção, si depois do Sr. Godinho haver ludibriado da sociedade, lançando a mais desairosa macula sobre as virgens pobres desta terra; si depois de ter procurado zombar das leis por meio de testimunhas mercenarias e outras artimanhas; si depois de desacatar a magistratura do paiz apresentando nos tribunaes homens comprados para jurar, seria, dizemos, deploravel calamidade, si depois de tantos menoscabar da decencia publica, fosse encontrar a sancção de tantas torpezas, por um voto de absolvição no tribunal do jury.

—Como Deus não quer ver tantas injustiças e tantas espertezas, de vez em quando faz mostrar o prodigio de seu poder.

O telheiro que o *Medonho* levantou precipitadamente em dous dias, fóra do alinhamento marcado pela municipalidade, que manda que na rua que não existia quando se fez a *independencia* se edifique deixando 60 palmos para rua e 20 para jardim, aconteceu que tal telheiro feito por dólo apressadamente, em dous dias, cahisse abaixo, na occasião em que se estava

entelhando, e por felicidade não morreram dous aprendizes e um servente que trabalhavam um cobril-o.

Os traficantes

Caracteres fingidos, amaveis fagueiros,
Mostrando indicios de mui verdadeiros,
Ha muitos milhões;
Que passam nas ruas cinceros, cortezes,
Que fallam em honra e dinheiro; ás vezes
Sem ter dez tustões.

Já de manhan cedo se erguem do leito
Pensando no logro a qualquer sugeito,
Que tem de pregar;
Vestem o casaco, gravata lavada
Camisa postiça, botina engraxada,
E vão passear.

Em qualquer taverna que primeiro passam
O dono da casa os caixeiros massam,
Já com velhacada;
Conversam por modo fingido em grandezas,
Ostentando altivos bondozas proezas
P'ra melhor cillada.

Em suas fortunas que arrotam com elles,
Que nem a apparencia se apodera delles,
Conversam baixinho;
A ostentação logo os desaffronta...
Franqueza existe, e lá vem por conta
Um copo de vinho.

Depois...porém isto é uma asneira
Pregar na actualidade
Si todos já conhecemos
Os dons da sociedade!...
Nada, nada recuemos
D'outra cousa falaremos
Havendo opportunidade.

R. L.

VARIEDADES.

A espera do namorado

São quatro horas da tarde...—e o anjo do coração,—e por quem tanto ella arde,—volta da repartição;—e eis então vê-se a donzella—chegar avida á janella.—Ao pescoço tem suspenso—aureo—cordão e uma cruz;—no peitoril põe o lenço—e em posição que seduz,—nelle pousa o cotovello:—a alva mão leva ao cabello,—isto d'instante a instante,—para que a veja o amante--co'o penteado mais bello.—De *coiffure grifonè*—ninguem que passa ella vê!—Os olhos nunca desprega—da parte de onde o Messias—que lhe traz as alegrias—ha de surgir!...Está cega;—mas cega de uma paixão—que mal certo tempo passa—se torna em triste illusão,—senão em negra desgraça!—Chega o Cupido afinal,—oscilla toda a donzella—sob o impulso da procella—do seu affecto real!...—Leva a mão direita ao rosto,—inclina a fronte anhelante,—e toda febricitante—mostra estar alli com gosto.—Elle vem todo contente....—Vendo seu anjo do ceu—olha... sorri brandamente e leva a mão ao chapeu—Feliz! ditoso rapaz!—Vai andando toda a rua—e para a que ha de ser sua—olha tres vezes para traz.—Ao sumir-se.... lá no fim—deita a ultima olhadella...—e o seu charo seraphim—safa-se....e fecha a janella.

ANNUNCIOS.

Na festa de Nossa Senhora das Mercês, perdeu-se um Manual de Missa com capa de madreperola e forro rôxo, tem um defeito do lado de cima. Gratifica-se a quem leval-o á rua do Julião n.º 11, 1.º andar.

Manuel Friandes faz publico que tendo mandado pagar o seu debito ao espolio do fallecido Florencio de Souza Carvalho na chancellaria do consulado portuguez, não o quizeram receber. Bahia 14 de outubro de 1871.

Monte-Pio dos Artifices.

Achando se esta sociedade liquidando suas transacções, segundo a deliberação d'assembléa geral, pelo desfalque havido, convido as pessoas que tem n'ella hypothecas de penhores, que já estão com o praso completo, a vir liquidal as no espaço de quinze dias, a contar da data do presente annuncio, sob pena de serem seus objectos postos em leilão, no salão da mesma sociedade, sendo entregues a quem mais vantagens offerecer. Bahia 16 de outubro de 1871.—*Lucio Casimiro da Fonseca*, 1.º secretario interino.

Attenção.

O abaixo assignado tendo retirado-se do 14.º batalhão de infantaria, faltaria á um dever se deixasse de agradecer ao 1.º sargento da 1.ª companhia Manuel da Cunha Moreno pelo zello, actividade e dedicação no exercicio de suas funcções e a boa coadjuvação que sempre prestou-lhe durante o tempo que ahi serviu; não deixando de agradecer tambem aos demais inferiores as boas maneiras com que sempre o tractaram.—*J. F. S. T.*

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 86.ª QUINTA-FEIRA 19 DE OUTUBRO. N. 855.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 18 de outubro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, de novo reclamando contra a conservação da grande porção de couros damnificados existentes em um armazem ao Caes Dourado.

A não ser por desmarcada protecção dispensada aos interesses do armazeneiro, não ha motivo plausivel para que se fechem os olhos á um mal que pode prejudicar á uma população inteira, certo, como está demonstrado pela experiencia, que a permanencia de taes couros pode trazer fataes consequencias.

Da solicitude com que S. S. se empenha para desempenhar a importante commissão de que se acha dignamente encarregado, espera-se que attendendo ao exposto, por sua parte empregue os possiveis meios para fazer cessar semelhante mal, uma vez que as demais authoridades nenhuma attenção teem dado a tão justos reclamos.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, chamando sua attenção para uma portugueza de nome Sara, moradora em um dos quartos do quartel da Palma, a qual, na segunda-feira, ás 10 1|2 horas da noite, profiria palavras obscenas e immoraes, sem o menor respeito ás familias por alli moradoras, e munida de uma faca, ameaçava a quem d'ella se aproximava!

Em vista do exposto, espera-se que S. S. tomará as providencias precisas, afim de que essa heroina não reproduza scena semelhante.

—Deixou hontem, inesperadamente, a administração provincial o Dr. Francisco José da Rocha.

—Deixou não, tiraram-lhe.

—Foi uma especie de sorpeza, que admirou.

—E que pela maneira por que foi feita, parece que foi mais o sentimento de partido do que o anhelo de servir á causa publica, quem a determinou.

—Estou por isso, porque de outro modo, o 1° vice-precidente teria assumido a cadeira da governança desde que o barão de S. Lourenço retirou-se para a côrte.

—E n'estes remexidos resume-se a politica desta terra, que porisso ha de sempre engatinhar!

—Aqui é de justiça dizer: o Dr. Rocha no curto espaço que governou, mostrou tino e acerto; sua administração estendeu-se mais longe dos lances da politica partidaria.

—Capitão, aqui tem um exemplar da aria intitulada—*O Sonho*, para canto e piano, dedicada a Sra. D. Agnese T. Murry, sendo a musica de composição do eximio artista José de Souza e Aragão, e a poesia da lavra do Sr. Tito Livio, que mandou offerecer á V. Ex. um exemplar. Traz o retrato da Sra. Murry nitidamente lythographado.

—Apreciemos a poesia:

«Eu sonhei esta noite! E que sonho!
O meu sonho não devo contar;
Eu dormindo gosei tantas ditas....
Que accordado não hei de gosar.

Eu sonhava que a lua ás dez horas,
Branca areia do mar prateava;
Eu sonhava que tudo em silencio,
No regaço da paz descançava!

Lindo anjo dourava meu sonho,
Conchegava-me ao seu coração!
Delirante d'amor me desperto,
Que é do anjo!...era só illusão!

Si sonhava accordado não sei!....
Quasi louco gritaya-lhe assim:....
Vem, ó anjo, por Deus eu te peço!
Ai não corras... não fujas de mim!...

E' sublime! Mande agradecer ao Sr. Tito Lívio a sua delicadeza e recommende a aria ao bello sexo bahiano.

—A chegada do Sr. conselheiro Janqueira foi motivo para um facto de louvavel e philan-

tropico merecimento. Duas meninas nascidas sob o jugo da escravidão, receberam as agoas lustraes da liberdade.

Cezaria de 9 annos e Maria de um anno, foram as destinadas a gozar do ineffavel beneficio promovido pelos amigos e admiradores de S. Ex.

—Dizem que teve uma recepção esplendida.

—E mereceu-a. Dotado de elevado talento desenvolveu-o brilhantemente em prol da liberdade, na magna questão do elemento servil.

Mas agora o *Diario,* na sua notavel coherencia, está recebendo piquetasinhas para molestar o illustre parlamentar.

—Liberdade de imprensa.

—Que nem sempre professa.

—São mesquinhas certas aggressões atiradas sobre aquelles que por actos de merito procuram se distinguir.

—Chamaram o homem até de *veterano honorario* pelo facto de ter a sociedade dos Veteranos da Independencia, ha mais de dous annos, lhe conferido o titulo de socio honorario da mesma, em signal de reconhecimento por haver elle concorrido como deputado geral, para que passasse na assemblea a concessão de uma etapa de 1$ rs. aos que tomaram parte na lucta da independencia.

—O defeito de amesquinhar as nobres intenções é inveterado.

—Voltando ao assumpto de nossa primitiva conversa, regosijemo-nos de serem mais duas victimas arrancadas das garras do captiveiro.

—Va feito.

—Terça-feira celebrou-se no convento de S. Francisco uma missa por alma do finado Alberto Ramos, escrivão do fôro judicial.

Foi reparada a falta de comparecimento dos companheiros de profissão.

—Morto o homem ninguem se lembra delle.

—Ainda quando deixa fortuna.....

—Então sim, ha charidade, religião, amor do proximo.

—Capitão, veja este caso que é importante.

—Queira contal-o.

—O fiscal geral entrou em uma venda no Caes Dourado e multou o vendelhão por causa de não ter o pão pezo legal. Vendo o fiscal geral na porta da taberna um preto vendendo pão, notou que elle não trazia balança, multando-o por essa falta e por não ter o pezo.

Em vista d'isso, indagou do preto quem era seu senhor, e sabendo que era o portuguez Antonio Fernandes Caldeira, levou-o ao subdelegado e pedia-lhe para mandar chamar o referido portuguez, o qual entrando perguntou a authoridade si podia levar seu escravo, e esta decidiu-lhe favoravelmente.

Mas não é ahi tudo!

O portuguez, ao sahir, protestou que havia de arranjar a demissão do fiscal geral, afim de que elle andasse pelas ruas da cidade esmolando de joelhos o pão da charidade publica!

—Que boas intenções....

A verdadeira sciencia.

Com effeito! dirão os leitores d'este artigo. Um rapaz sem experiencia, um homem que nunca viajou, que quasi nada tem lido, que não é doutor, é que quer explicar o que se chama verdadeira sciencia!

Sim, meus senhores, é este mesmo que vae fallar com a razão natural: é este que vae pintar á vossos olhos um quadro claro, e expressivo da verdade, com as côres da naturalidade, sem as sombras da rethorica, e sem os enfeites da impostura. Si este rapaz não viajou, pouca differença lhe fez isto, porque nas viagens não se veem sinão cazas, homens, maldades, doenças, miserias e mortes, e para vermos isto basta abrir os olhos em qualquer canto da terra, onde estejamos. O não ter lido não importa ao caso, antes ao contrario é mais conveniente para fallar melhor, porque livre de se confundir com a immensa maçagada de ideias alheias, expende tão somente as suas, e quem as considerar consequentes que as adopte. O ler muito, de ordinario faz uma indigestão de raciocinios no juizo. Lemos quatro ou seis auctores que tratam de uma sciencia, analysamos e combinamos o que elles todos dizem e vemos por fim que são uns temperadores de parollas; cada um capricha em apresentar suas comportas mais bem adubadas de eloquencia; porem quem as come fica em jejum, porque taes comidas não conteem a substancia da verdade, e por conseguinte não nutrem o estomago da intelligencia.

Pedro escreve um volume muito cheio de palavras, mas intupido de duvidas, discorre largamente, sem nada provar com razões convincentes, e d'ahi á poucos annos Antonio que deseja brilhar, e campear por talento novo, lê escondido os escriptos de Pedro, muda os termos, remexe a mesma panella, aprezenta o mesmo bollo em um vazo differente, e diz ao publico que é comida nova, que é a verdadeira e nunca vista. Ora cebo para o tal escriptor de borra, isto sabe qualquer tolerão, e só accredita essa magica podre quem fôr cego. Assim fazem certos padeiros que para

terem lucro ou illudirem ao povo, de tempos em tempos mudam o molde das bolaxas fazendo um dia quadradas, outros dias redondas, etc; mas comidas, todas são da mesma massa.

Os francezes são uns macacos que teem muita habilidade para isto; um anno vendem as pomadas em frascos, outro anno em caixas de metal, outro em boiões de louça etc., e tempo virá em que não tendo mais com que variar vendam em chifres, e olhem bem para elles como arrotam de sabichões!

Alguns logistas do nosso commercio quitandeiro, aproveitam esta sciencia franceza, e tiram as fazendas que ja estão podres nas prateleiras, sacodem, e mudando-as de logar botam na taboleta debaixo da vidraça para com o brilho embaçar os olhos do comprador, isto em bom portuguez, é sciencia do verbo surripio, conjugado pela passiva.

Pois aqui temos dado a nossos leitores uma amostra das sciencias d'este seculo das luzes, e candieiros apagados.

Vamos agora com a nossa costumada coragem chamar a bollos estes sabichões todos que andam rabiscando livros, e se inculcando de descobridores de enigmas.

Cheguem á palmatoria, senhores mestres de agoa doce, vosmencês são uns impostores que pretendem persuadir ao publico de que possuem o que é vedado ao homem possuir, e por conseguinte eu que declaro isto sou um ignorante humilde, e vossas mercês que dizem o contrario são ignorantes velhacos. Cada um homem, considerando comsigo mesmo a sua capacidade intellectual, vê perfeitamente que não tem forças para entrar no recondito das sciencias, e por conseguinte o que deve fazer? Confessar a sua mizeria, dizer o que sabe, e declarar o que não sabe. E si não é certo o que acabamos de expor nós perguntaremos aos Srs. mestres de sabedoria; o que teem taes sciencias adiantado de utilidade positiva aos viventes? Quasi nada á vista do que se preciza; as sciencias teem por exemplo descuberto remedio infallivel para alguma doença? tem podido mudar as más inclinações dos homens? Não, porque vemos a cada canto sabios malvados, e estupidos virtuosos, teem taes sciencias podido estabelecer leis que agradem a todos e previnam os prejuizos entre os homens? Não, e a prova é que em paizes mais antigos onde á seculos se estudam leis e melhoramentos, as guerras apparecem continuamente. E si não é assim, respondam os Srs. sabios do mundo a estas perguntas que lhes vamos fazer. São capazes de dizer a razão porque o iman atrahe o aço? São capazes de fazer um ôvo? Nem de concertal-o depois de quebrado? São capazes de explicar a razão por que a erva sensitiva se encolhe quando se lhe toca? São capazes de dizer com exactidão de que se compoem a terra, este pó milagroso onde uma diminuta semente se transforma em arvore com fructos e flores? Outras muitas perguntas tinhamos a fazer-lhes, mas concluiremos dizendo que calem-se no seu canto e confessem que por mais que trabalhem não chegam ao fundo deste pelago immenso do mundo, porque a ignorancia foi a tranca que Deus deu ao homem para lhe abater a soberba da curiosidade, e por conseguinte só devemos considerar sciencia verdadeira util e possivel ao nosso alcance, a de conhecermos o poder da Providencia Divina, respeitarmos suas obras, e por meio da prudencia e humildade sugeitarmo-nos aos trabalhos da vida procurando sempre meios e modos de agradar á sociedade ou aos nossos semelhantes; preceitos estes unicos e d'onde depende a verdadeira felicidade sobre a terra, e a unica sciencia para se passar bem.

A PEDIDO

Ao publico.

X.

Sabbado, é o dia designado para comparecer á barra do tribunal do jury, o reu Antonio Tavares da Silva Godinho.

O Illm. Sr. Dr. Francisco Mendes da Costa Correia allegando suspeição, tem de presidir á sessão o illustrado Sr. Dr. Agostinho Dias Lima, digno substituto da 1.ª vara de direito.

Dizem, porém, que o Sr. Godinho, ainda uma vez, pretende lançar mão de seus *terteis recursos* para ir escapando a acção da justiça.

Consta que com o fim de demorar a inevitavel condemnação de seu crime, vae requerer o adiamento do julgamento, allegando molestia, provada com attestados de professionaes da sciencia medica.

Por nossa parte não acreditamos que haja facultativo capaz de violar a santidade do juramento de sua profissão, mentindo á sua consciencia dê um attestado de doente ao Sr. Godinho, quando todos nesta cidade o vêm são, robusto, nedio e faceiro, pelas ruas *namorando* ou na sua loja de ferragens, entregue á labutação de seu negocio.

Contudo desde ja pedimos venia ao digno magistrado para chamar sua respeitavel attenção para ponto tão transcendente afim de que não se venha a consummar uma nova embaçadella.

Affirmam, porem, que o fim do Sr. Godinho é outro; que o honesto e moralisado negociante tem em mente um plano gigantesco, que vem a ser o seguinte:

Tendo o digno Sr. vigario geral, por sentença julgado improcedente a justificação, com que pretendia elle provar a maioridade da infeliz Clara, appellou para a relação ecclesiastica, onde conta com a decidida protecção de um amigo do peito, que tudo lhe promette. Si alcancar que a sentença seja reformada, se apresentará com esse documento na sessão vindoura do jury; si nada obtiver, como é de esperar, a julgar pelos principios de austera e incorruptivel justiça, que caracterisa no geral os venerandos julgadores d'aquelle superior tribunal, então o digno negociante, desenganado, tratará de fazer ablativo de viagem e irá dar um passeio apressado, *sem se despedir de ninguem*, por esse mundo de Deus.

E' louca fatuidade apoiar-se em bases tão falliveis. Seria por certo extraordinario e incomprehensivel contraste, si, depois de haverem todos os tribunaes civeis feito a devida justiça ás victimas da concupiscencia do Sr. Godinho, fossem ellas encontrar a postergação de seus direitos, a volação da justiça n'um tribunal composto de ministros da religião da verdade.

Nem pensar nisso! Tal supposição importaria uma falta de reverencia á austera rigidez de consciencia de que se revestem os dignos ministros que compõem o egregio tribunal.

Entretanto desde ja esteja o publico de observação; o Sr. Godinho deve ser julgado sabbado perante o jury, salvo si conseguir levar a effeito a planejada trica.

Já estava no prelo esta folha quando tivemos noticia de que o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho requerera ao Illm. Sr. Dr. juiz municipal da 1.ª vara o adiamento do seu julgamento para a sessão vindoura e que isto lhe fôra deferido.

—Ha entes neste mundo que não foi Deus quem os formou, parece que mandou pelo diabo amassal-os.

Marcos Rebeca é um destes estabanados, sahidos do rabo do capêta.

Si fosse a contar as diabruras que o incorrigivel espadanchim tem feito, as turbulencias que na força da bebedeira tem commettido, não sei até onde iria.

—Tambem não tem conta as vezes que a policia tem chamado a contas esse desalmado.

—Mas sempre fica impune, o que o anima a commetter novos desatinos.

Q'a sabe para o que hávia outro dia de dar o desaforo do birbante?

Entrou por uma casa ao Caminho Novo do Gravatá, para atacar a tres moças virgens, suppondo que o dono da casa não estivesse.

—Que precipicio!

—Um precipicio mesmo. Parque si o bestalhão ao ouvir a voz do homem não corre, talvez tivesse logar algum caso triste.

—Não sei o que se deva fazer com Marcos Rebeca, porque aquelle animal não toma mais geito.

Contudo vou ainda uma vez recommendal-o ao Sr. subdelegado da Sé.

Attenção.

O abusivo costume de serem nomeados para inspectores de quarteirão pessoas residentes em logares muito distantes destes, dá motivo que longe das vistas dos agentes d'authoridade, o serviço policial seja mal regulado, o socego perturbado, a decencia ultrajada, e o devido respeito ás authoridades menoscado. Para exemplo, veja-se o inspector do 1.º quarteirão do 1.º districto de Santo Antonio que morando na fonte do mesmo nome, ignora inteiramente o que se passa no districto de seu quarteirão e não pode providenciar em tempo a casos eguaes ao que se deu no dia 16 do corrente com o caxeiro da padaria á Cruz do Paschoal, n.º 31, o qual apezar de ser homem cordato, não poude livrar-se de que uma crioula de nome Maria da Conceição, moradora na freguezia da Sé, o fosse insultar com palavras injuriosas sem ao menos respeitar as familias do logar, que aturdidas por tanta obscenidade, fecharam as janellas por grande espaço de tempo, em que essa depravada mulher dava largas á sua nojenta lingoa, fazendo bazofia em repetir o seu nome, para que fosse bem conhecida.

O Illm. Sr. Dr. chefe de policia se tornará ainda mais credor de louvor, si tomar o acertado expediente de ordenar que só sejam nomeados inspectores, individuos, que residam nos respectivos quarteirões, afim de que no caso de conflictos e alteração do socego, se apresentem incontinente e providenciem, como a lei ordena.

ANNUNCIOS.

O Sr. professor Joaquim Saturnino dos Santos Japiassú tem uma carta nos Cobertos Grandes, loja n.º 55.

O Sr. professor Hermenegildo José Barbosa tem uma carta no Maciel de cima n. 26 para lhe ser entregue.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 86.ª SABBADO 21 DE OUTUBRO. N. 856.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 20 de outubro de 1871.

Não houve expediente.

—Nestes dous dias os chafarizes não teem dado agoa para a população desta cidade. As classes pobres teem soffrido grandes difficuldades; os vendedores d'agoa exigem por um barril 240 e 320 rs.

—E a rasão de não haver agoa nos chafarizes, sabe dizer-me?

—Dizem que é porque se está lavando a caixa d'agoa no Queimado, e que houve desorganisação no machinismo.

—A companhia é que sabe a rasão que teve para nos deixar em secco, e o mais... historia!

—E o povo que va bebendo agoa que as pretas vão apanhar no rio das Tripas onde ha gatos e cachorros mortos, immundicie etc.

—Apparecem na ladeira da Fonte de Santo Antonio além do Carmo, todas as noites de 11 horas em diante, dous vultos em trajes desconhecidos e com chapeus de ganhadeira na cabeça. Esses vultos ja teem atacado algumas pessoas.

—O *Diario da Bahia* de quinta feira chama a attenção da policia para este facto.

—E nós tambem por nossa parte devemos pedir á ella providencias.

—A companhia do gaz está mudando os seus canudos.

—Isto é velho, vire folha.

O que adianta dizer que a companhia do gaz está reformando os canudos?

—Mas não é porisso que eu venho occupar a attenção de V. Ex.; e sim pela má regularidade d'esse trabalho.

—Então desembuche-se.

—Escavam as ruas, como está accontecendo na de S. Pedro, deixam os buracos abertos durante a noite, sem uma cerca siquer, correndo o risco de um cego, ou mesmo qualquer pessoa que transite distrahidamente, precipitar-se dentro e fracturar uma perna.

—Pelo menos.

—E depois accresce que as vezes tapam os buracos; mas deixam aberto um pedacinho no centro, á especie de ratoeira, podendo precipitar-se algum cavalleiro ou qualquer outra pessoa.

—Tudo n'esta terra é assim, ninguem faz caso de cousa alguma, cada um só procura o seu bem estar, e o mais..... *petarolas!*

—Capitão, anda agora um endiabrado moleque dando o que fazer a policia.

—Quem é elle?

—O *João da Sé,* escravo da casa do finado barão do Catú.

—Oh!

—Eu creio que é o diabo em pelle de gente. Terça feira, preso por quatro policiaes, que o tinham bem ajoujado, largou a roupa do corpo na mão destes e foi-se nú em pêllo por estas ruas afora.

—Que espectaculo! Muita gente supporia ser o proprio diabo em figura.

—Dias depois, sendo preso pelo destacamento inteiro do Bomfim, foi capaz de espalhar a força e ter tempo de atirar-se n'agoa, indo refugiar-se em uma lancha, de onde desafiava os soldados e os instigava a que o fossem la buscar, dando-lhes o epitheto de *morcégos.*

Minutos depois largou a lancha em direcção a cidade com *João da Sé,* que continúa a zombar dos agentes da força publica.

—Em uma casa á rua das Larangeiras, foi estuprada uma menina de 11 annos, a qual pela violencia empregada, acha-se gravemente offendida.

Parece que se trabalha para que o facto passe em silencio.

—E até V. concorre para isso, porque conta o peccado e não declara o peccador.

—A policia si achar que o negocio seja ob-

jecto de seus cuidados, que trate de descobrir o resto.

—Aquelles a quem o infortunio acompanha, so descançam quando cahem na sepultura.

—«O homem nasce e vive um so instante,
«E soffre até morrer.»

—E mesmo depois de morto, quando é infeliz, anda por troncos e barrancos.

Estava um homem, a quem a miseria perseguia, na quinta feira de manhan, na portaria de S. Francisco tomando um prato de mingau, e repentinamente cahiu sem vida; foram á Santa Casa pedir a padiola para transportal-o e as irmans de charidade não quizeram dal-a; quatro creaturas compassivas carregaram nos braços o cadaver até o hospital: mas ahi nova repulsa das irmans de charidade, que não quizeram recebel-o e então o corpo d'aquella creatura infeliz até depois de morta, foi atirado despresivelmente como um animal,no adro do hospital, onde permaneceu até 11 horas do dia, quando o subdelegado sabendo compareceu e providenciou.

—Cada dia vão as irmans de charidade, mostrando o espirito de charidade em que se inspiram.

—Começam hoje as novenas do Senhor Bom Jesus dos Afflictos, com a solemnidade do costume.

—Fico inteirado.

—Que insupportavel fedentina exhala d'alli do armazem do Sr. Garcia!

—E' verdade; quem transita aqui pelo Caes Dourado, é obrigado a respirar este nauseabundo cheiro de couros podres.

—Eu só o que queria saber é: si o fiscal geral ainda não sentiu este incommodativo aroma!

—O fiscal geral foi ao Sr. Garcia para retiral os do armazem, mas este disse-lhe que os couros pertenciam ao Sr. Hasselmann Filho, e que estavam alli postos pela alfandega, com sciencia do inspector da saude publica.

—Pelo que.....

—.... o fiscal dirigiu-se ao Sr. Hasselmann, e este não lhe deu solução alguma relativamente á retirada dos couros do centro de uma rua muito concorrida, como é a do Caes Dourado.

—A' vista do que...

—... dirigiu ainda um officio ao subdelegado, pedindo sua coadjuvação para poder fazer effectiva a multa imposta pela camara, porém esse respondeu-lhe que não se prestava a isso.

—Assim pois....

—... soffra quem soffrer contanto, que ande elle quente!....

A mulher e o segredo.

Quasi todos maldizem das mulheres, e não as consideram uteis para alguma cousa.

Si se trata de segredo, ahi vem sobre ellas um catalogo de diterios antigos—*mulher é cesto roto*—ou então—*mulher tem barata no papo*—e quando não—*segredo em boca de mulher é manteiga em focinho de cão*—e outros rifões conhecidos, porém injustamente cabidos nas mulheres, que em minha opinião, são as mais capazes de guardar um segredo: mas isto não é em todas as circumstancias, é preciso que o objecto guardado diga respeito a seu interesse.

Quando a mulher ouve de outrem alguma cousa que desaccredita uma de seu sexo, tem feito boa pilhagem, e espera a occasião de manifestar as faltas das outras para encobrir as suas. Si ouve na sua presença elogiarem aquella, de quem possue o que todos ignoram, inquieta-se, e falla astuciosa:

—Eu sei dessa moça uma cousa....

—Desta moça? ora diga o que é?

—Sim, e duvida? é melhor que as outras? não digo porque é segredo.

—Della não ha que fallar.

—Pois saiba que á quatro noites passadas esteve no fundo do quintal, fora de horas fallando com fulano.

—De veras?

—E' certo, mas não conte a ninguem que é *segredo*.

Si ella é casada, e o marido lhe conta que comprou um bilhete da loteria do Rio, mas lhe pede não falle, porque se tirar a sorte grande os credores avançam; no dia seguinte apenas o marido sahe, já se ouve de janella p'ra janella:

—D. Sicrana, Xiquinho comprou um bilhete do Rio; que numero sympatico—1843:—este numero corresponde á epocha em que ja tirei uma sorte.

N'estas e n'outras circumstancias, pensam as mulheres, que nenhum risco vem por lançarem fora aquillo que lhes ferve por dentro: nos casos porem em que ellas são compromettidas, então—é certo—fica o segredo no coração da mulher, como joias de valor escondidas no fundo do mar. Ninguem penetra n'este logar inatacavel e deffendido pelo pranto, pelo odio, pela astucia, e por todas as resistencias de que possa melhor lançar mão para seu bem estar. No amor vê-se disto muitos exemplos.

Ha mulheres que teem o coração forrado

de sola, e a lingua atarraxada como uma bissagra: sabe-se que ella tem tido amantes anteriores ao conhecimento do ultimo e entretanto se enfurece, quando se duvida de sua constancia: se concede algum beijo, vae logo dizendo «so tu o conseguirias de mim, nunca pensei que o amor tivesse tão grande sacrificio.» Outras batem com o pé ao palvo que desconfia d'ellas, e com tal «animo» conseguem tudo e passam por sinceras. Ha algumas que servem-se de uma philosophia e rethorica especiaes, que deffendem o segredo de um modo romantesco, e zombam perfeitamente do inepto que avalia a lealdade da amante pela qualidade da proza.

Finalmente existem ainda outras que rogadas para confessarem aquillo que perturba a paz de um amor que detesta enganos, sentindo o coração do amante precipitar-se do peito... vendo-o chorar perdido, e amal-as com extremo, tentam todavia dizer-lhe, mas imaginam o seu desconceito para com elle, e não avaliam que sendo conhecidas por infieis, é ja ganhar quando a humilhação e lealdade podem servir de meio reparador de seus delictos.

Vê-se pois que a mulher é bixinho do diabo para esconder aquillo que lhe convém patentear; e á similhança de frascos de conserva que guardam os fructos por muito tempo sem alteral-os, aferrolha o segredo no coração, e com elle morre.

A lei de 28 de setembro.

Parabens, ó brasileiros,
Já somos livre nação;
Em pedaços se desfez
A garra da escravidão.

Uma sabia e justa lei
Foi agora promulgada,
Por uma eximia princeza,
Foi ella sanccionada.

O que no Brazil acaso
Nascer por felicidade,
Terá seu berço embalado
Pela mão da liberdade.

No meio das nações cultas
Era o feio captiveiro
A nodoa, que ennegrecia
O imperio do Cruseiro.

Agora um sol mais brilhante
Reluz no ceu do Brazil,
As trevas se dissiparam
Do elemento servil.

Acalentando o filhinho,
Exulta a maternidade,
Vagidos da tenra infancia
São um hymno á liberdade.

Deste nobre pensamento
Aos que foram lidadores,
Um voto de gratidão,
Uma coroa de flores.

A PEDIDO

O preso Estevão retido na casa de Correcção por defender a sua liberdade, a qual sendo avaliada em 800$ rs., ja deu por conta 341$ rs., segundo recibo exhibido na policia, depois do que quizeram vendel-o em março deste anno, e agora segundo lhe consta pretendem tentar nova violencia contra o seu direito, fazendo-o conduzir para Itaparica, onde *receia* ser victima de qualquer violencia; por isso recorre á protecção das authoridades, do publico, e da Sociedade Sete de Setembro.

Não se entende com nenhum dos estudantes moradores á ladeira dos Coqueiros a publicação feita em um dos anteriores numeros do *Alabama*, referindo-se a um moço á sombra de uma *palmeira*.

Motte.

Quem pode deixar de amar?

DECIMAS.

Tudo é sugeito a amor
Té mesmo a vegetação;
A rama abraça ao botão,
Uma flor beija outra flor;
Si quem não exprime dor
Gosa o prazer de adorar,
Quem poderá se isemptar
De uma chamma tão divina;
Si amor a tudo domina
Quem pode deixar de amar?

OUTRA.

O chaos entre nós reinara,
Si acaso amor não houvesse,
Si o mundo o não conhecesse,
Ninguem praseres gosara:
Té mesmo ninguem cuidara
Sua existencia zelar;
Sem prazeres desfructar
Melhor fôra não nascer,
Si amor ensina a viver,
Quem pode deixar de amar?

VARIEDADES.

Salada de palavras.

As boas idéas são como os botões de camisas, muitas vezes nos faltam.

O Occano pacifico poucas vezes o é.

Não gosto do corpo que guarda, nem dos guardas do corpo.

Conheço um Soares litterato, que *só ares* tem.

Quero antes dormir no meu *leito* do que no do *mar*.

Prefiro o *ar scenico* ao arsenico.

Quem abusa do liquido não fica muito tempo solido.

Prefiro a *Florentina a flôr em vaso*.

A roupa que me faz o alfaiate é mais *justa* do que as suas contas.

Consta que os ultimos momentos de Tacito foram taciturnos.

Um homem polido tem alguma analogia com um astronomo: um observa as conveniencias, o outro os astros.

Adão e Eva nunca se poderam distinguir pelo amor filial.

Eu bem podia ter sido *economico*, porem nunca puz nada de lado sinão...a *economia*.

A *filiação* nada mais é do que uma questão de data: si eu tivesse vindo ao mundo uns vinte annos antes de meu pai, talvez tivesse sido o pae delle.

Prefiro antes a *alienação* de meus bens a uma *alienação* do juizo.

A lua é uma vagabunda; está sempre mudando de quarto.

A chuva abre a porta; a agua de Seltz o appetite.

Estou persuadido de que haveria menos maridos enganados, si fosse abolido o casamento.

Pantelegrapho de Caselli.

O padre Caselli, italiano, diz um jornal estrangeiro, inventou um telegrapho automatico, que em breve substituirá o telegrapho geralmente adoptado. O inventor deu ao seu apparelho o nome de pantelegrapho. Este apparelho tem vantagens decididas sobre o telegrapho de Morse.

Em primeiro logar, elle annulla todos os inconvenientes d'este ultimo, e em segundo logar, o numero dos recados pode ser muito maior. O pantelegrapho faz 300 emissões de corrente por segundo de tempo, emquanto que o de Morse apenas pode enviar 5; o primeiro transmitte sem difficuldade 30 recados de 20 palavras cada um no espaço de uma hora; no systema de Morse, uma letra exige quatro emissões, e portanto, não é possivel transmittir por hora sinão 20 recados de 20 palavras.

Mas, não é somente n'isto que consiste a excellencia do novo systema. Por meio do pantelegrapho pode-se transmittir autographicamente recados, planos, musicas, retratos, desenhos e pinturas coloridas.

Um empregado publico, sendo dimittido, andava a dizer por toda a parte que a perda do seu emprego talvez custasse caro a humanidade. Chegando este boato aos ouvidos do chefe de policia, mandou-o chamar á sua presença para lhe perguntar o que significava a sua fanfarronada.—Eu senhor, não ameaço ninguem, respondeu o pobre ex-empregado, sómente quero dizer que tenciono estudar medicina.

Um joven muito instruido, n'uma reunião de litteratos e pessoas scientificas, tinha permanecido em completo silencio. Seu pai perguntando-lhe porque razão não tinha mostrado o que sabia, ao que elle lhe respondeu; Temi que me perguntassem alguma das cousas que eu não sei!

ANNUNCIOS.

O sonho.

Linda aria para canto e piano.

Publicou-se e acha-se exposta á venda na loja do Sr. Laurentino Olympio da Silva, esta excellente composição do distincto professor José de Sousa e Aragão, nitidamente litographada, com retrato de Mlle. Agnese T. Murry, a quem foi dedicada.

Continua-se a vender as seguintes modinhas do mesmo autor—Minha Lyra, Tarde e bem tarde, Sob o cypreste e os Arrufos de meu bem (chula).

Bahia 17 de outubro de 1871.

Monte-Pio dos Artifices.

Achando se esta sociedade liquidando suas transacções, segundo a deliberação d'assembléa geral, pelo desfalque havido, convido as pessoas que tem n'ella hypothecas de penhores, que já estão com o praso completo, a virem liquidal-as no espaço de quinze dias, a contar da data do presente annuncio, sob pena de serem seus objectos postos em leilão, no salão da mesma sociedade, sendo entregues a quem mais vantagens offerecer. Bahia 16 de outubro de 1871.—*Lucio Casimiro da Fonseca*, 1.º secretario interino.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 54.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 86.ª QUARTA-FEIRA 25 DE OUTUBRO. Ns. 857—858.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., beco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 24 de outubro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do curato da Sé, chamando sua attenção para uma sucia de moleques que se reunem na escadaria do fundo da egreja do Collegio, os quaes atiram pedradas para os telhados das casas da rua dos Ourives, o que nos foi reclamado pelos moradores d'essa rua; e assim communica-se á S. S. afim de providenciar a respeito.

—Estreou no sabbado a companhia *Zarzuella*.

—E eu tive o prazer de assistir ao espectaculo.

—Que tal é?

—Excellente! Tem bons artistas, boas vozes, emfim, é uma companhia que suppre a falta, de que nos resentimos este anno, de uma companhia lyrica.

—Pungente e afflictivo é o quadro de miserias que apresenta a casa de Correcção!..

Alli no meio de individuos que expiam pela reclusão o transviamento dos deveres sociaes, ha outra classe de infelizes que excitam a compaixão e que, pelos preceitos da charidade christan, eram dignos de melhor tratamento.

—Só n'esta terra se vê esta mistura de doudos com criminosos.

—Entre os innumeros desgraçados, todos dignos de lastima, a quem a incuria e a desidia dos poderes legislativos encarceraram nos ergastulos d'aquella masmorra, destaca-se uma mulher, cujo espectaculo confrange o coração.

A pobresinha vive alli no estado do animal selvagem, apresentando o mais triste exemplo do ludibrio da especie humana. Nua completamente é o escarneo do seu sexo e do pudor.

A' noite, ás horas de dar descanço ao corpo, de acalmar as emoções violentas d'aquelle espirito fatigado, é quando mais padece. As companheiras de prisão para evitarem os desvarios que a loucura a leva a praticar, amarram-na de braços para atraz.

N'este estado, com as pernas curvadas e o corpo descançado sobre estas, passa a noite inteirinha a modular sentidas endechas, no meio das quaes, accommettida por accessos, solta gritos agudissimos, que fazem estremecer e abalar até as fibras.

Eu creio que ninguem pode ver o triste quadro que representa aquella mulher sem sentir-se-lhe partir o coração de commiseração.

—Quanto é deponente para a civilisação d'esta terra o que V. acaba de dizer!

Quando se conpenetrarão da necessidade de um asylo para os alienados, onde esses infelizes encontrem um tratamento que lhes suavise os soffrimentos?!....

—Estão sempre se dando casos maus por imprudencia dos carroceiros.

—Mal sem cura.

—Na sexta-feira ia custando a vida de um homem o deleixo e pouco cuidado de um conductor de carroças.

—Si houvesse vigilancia sobre elles, outro gallo cantaria.

Conte o que foi.

—Na ladeira do Taboão, um homem trepado em uma escada, pintava a frente de um sobrado. Uma carroça que descia, foi sobre a escada em razão do conductor em logar de conduzir o animal demorar-se atraz, ao passo que o ia fustigando de mangoal. O homem rolou com a escada e cahiu dois palmos distante das rodas, ficando assim mesmo offendido pelo baque.

—E o carroceiro?

—Pediu perdão, porque não foi por querer, e seguiu para adiante.

—E' por isso que os casos hão de ir se repetindo. Si elle fosse passar duas horas na

Correcção, para outra vez seria mais cuidadoso.

—*Sabe-ler* está na rua.

—Na gaiolla cantando de passaro, lhe digo eu.

—Ja foi solto.

—Preso e bem preso está elle.

—Como teima o que não sabe? O tribunal da relação concedeu *habeas corpus* no sabbado e elle foi posto immediatamente em liberdade.

—Vejam como está você atrazado! *Sabe ler* solto no sabbado, por ordem da relação, foi no domingo para a Piedade apalpar as algibeiras alheias, pelo que foi de novo *pescado,* trazendo á cintura uma formidavel faca de ponta.

—Que temerario!

Está que eu não sabia disso.

—Pois então dê as mãos a bollos.

—De sorte que para *Sabe-ler,* um larapio attrevido que durante o anno é preso vinte e duas vezes por furto, não ha punição possivel!

—Consta-me que a policia procurou verificar o negocio do estupramento da menina da rua da Larangeira.

—E descobriu coisa?

—Nada!

—Peior foi isso.

—A offendida obstina-se em descobrir quem foi o offensor, apezar de ser habilmente interrogada, limitando-se a dizer que foi um homem barbado do Paço do Saldanha, sem indicar a morada, nem quem seja.

—Desta forma nada se pode fazer.

— Hontem, segunda feira, houve uma morte repentina, na Calçada do Bomfim.

—Foi um individuo sahido do hospital de charidade na vespera.

Entrando na venda do Leonardo, perto da estrada de ferro, teve uma vertigem que o levou á eternidade.

—Então com esta foram duas. Um africano carregador de cadeira, tendo andado nesse trabalho a maior parte do dia, chegando a ladeira da Gameleira, em quanto o companheiro recebia a paga da pessoa a quem haviam carregado, cahiu morto. Chamava-se quim, era liberto.

—Capitão, venho lhe contar o procedimento inqualificavel de um soldado de policia pertencente ao destacamento da freguezia do Pilar.

Ha attentados de tão aquilatada audacia, violencias revestidas de tão arrojado atrevimento, que custa a crer na realidade dellas; mas infelizmente se passam na capital da Bahia á vista de todos.

Que segurança de sua vida e propriedade pode o honesto e pacifico cidadão contar, quando a segurança publica, a manutenção da ordem, estão em mãos de desvairados e turbulentos perturbadores do socego; quando a policia é composta de homens desordeiros e faccinoras?

—Não retarde; narre o facto.

—O Sr. Agostinho Ferreira Silva Torres, com padaria ao Caes Dourado, n.º 73, occupa o segundo andar do mesmo predio para habitação de suas filhas, tendo a padaria no primeiro.

No domingo, por volta de duas horas e meia, um soldado de policia invadindo a casa, foi ate o referido segundo andar e pretendeu arrombar a porta para penetrar no interior da morada!

— Parece impossivel!

—Não podendo conseguir, quiz rachar a porta á golpes de refle, e ainda lá estão, para quem quizer ir ver, os sulcos feitos pelo ferro na madeira.

A' esta inqualificavel violencia ao domicilio de uma familia, accompanhavam o desalmado soldado os mais atrozes e injuriosos insultos, como si aquella casa fosse o prostibulo da mais indigna e vil meretriz. As indefezas senhoras recebiam o mais affrontoso tratamento, eram qualificadas na mais torpe e abjecta escala da vida.

O Sr. Agostinho sorprehendido, correu até ao segundo andar, onde estavam suas filhas, e foi ameaçado mesmo dentro de sua habitação.

—E' de mais!

—E quer saber, capitão, o que deu logar a este descommunal procedimento do tresloucado soldado, procedimento que parece impossivel de que fosse capaz de usar um agente da ordem publica?

Eis o que deu motivo:

Perseguia elle com outros soldados a tres ou quatro meninos, um dos quaes varou pela loja do sobrado. Note que a loja dá communicação para diversos andares e commodos do predio.

O soldado entendeu porem que o menino se tinha refugiado no segundo andar e foi alli commetter o attentado que lhe acabo de narrar. Chegando o seu vandalismo a querer trepar por uma meia parede e penetrar no interior.

—E' por demais reprehensivel; e se ha delicto que não deve passar sem punição, o deste soldado é um delles.

A PEDIDO

—Homem, venha ca; você porque não desbaraça sua vida? Quero protegel-o.

—Como?

—Case-se com aquella rapariga; receba um conto de reis que eu dou; metta os pés, vá se embora por ahi gastar o cobre e ella si quizer que va ganhar.

—Sr. Godinho, era preciso que eu egualasse ao senhor em sentimentos para accei tar sua proposta.

Motte

Quem pode deixar de amar.

DECIMA.

Terra, fogo; mar, e ventos,
Tudo quanto o mundo cria,
Tudo vive em harmonia
Com estes quatro elementos;
Quaes os que se crêem isentos
De seus influxos gosar,
Quando não podem passar,
Sem seus fructos adoçantes,
Si elles tambem são amantes
Quem pode deixar de amar?

—A companhia de Vehiculos exerce sobre seus empregados poderes discrecionarios!

Ante o seu absolutismo, morre o direito individual, que á lei garante a todos.

Que a companhia mande embora o empregado que não lhe serve a contento, é direito indubitavel; e mesmo que imponha mulctas como systema de correcção, como meio de regularisar o serviço e estimular ao cumprimento de deveres, pode-se fechar os olhos.

Porem que a companhia despeça, com motivo ou sem elle, a um empregado e ainda em cima lhe tome o que tem ganho, a pretexto de mulcta, é o mais tyranno despotismo a que so podem estar sugeito os servos do sultão.

—A lei é mais docil; concede o direito de recurso; do arbitrio da companhia não ha para onde appellar.

—Alli não ha motivo justificado, não se attende a razões allegadas.

E a prova é que, no domingo passado, um ferrador da companhia, guarda nacional do 6.º batalhão, foi obrigado a comparecer á revista e teve por consequencia de deixar de ir ao trabalho; por falta tão merecedora de ser relevada foi despedido e em cima tiraram-lhe oito dias no salario.

—Como se faz isto!

Ao publico.

O publico tem assistido a todas as peripecias do processo promovido contra Antonio Tavares da Silva Godinho pelo rapto, e defloramento da menor Clara; justo é portanto que saiba a razão porque deixou elle de responder pelo seu crime nesta sessão do jury.

Preparado definitivamente o processo se deu rol do libello ao reu, que passou recibo; em consequencia do que foi o processo apresentado no tribunal do jury, e o reu alli respondeu a chamada, sendo seu nome inscripto n lista dos reus affixada na porta da sala do tribunal, e designado o dia sabbado 21 do corrente, para ter logar a accusação, mas o reu, que tem perdido quantos recursos, e meios tem empregado para illudir a acção da justiça; que viu julgada improcedente a justificação, que fizera ultimamente perante o Dr. vigario geral sobre identidade de Bemvinda Tavares, e Bemvinda Maria da Conceição, se prevaleceu da appellação, que interpoz da sentença de improcedencia, requereu ao Dr. juiz municipal da 1ª vara, substituto do Dr. juiz de direito da 1ª vara em consequencia de se ter este dado de suspeito no recurso, que o mesmo interpuzera da sustentação de pronuncia, para ser o seu julgamento addiado para outra sessão, mas este despacho foi de 13 do corrente, entretanto o reu guardou o em si, e so no dia 19 foi intimada a auctora Bemvinda, porque andando o reu gabando-se que não entrava no jury, e que não entrará estes seis mezes, Bemvinda procurou saber, e só no dia 19 lhe foi intimado o despacho e isto porque ella se apresentou com requerimento pedindo vista delle ao juiz; pois que o reu Godinho o tinha em segredo.

Neste plano de sorprehender a Benvinda, o reu não requereu ao Dr. vigario geral juiz do feito, sem duvida para não haver noticia em juizo, a certidão da tal appellação pendente, mas ao Exm. Sr. arcebispo que deferiu com despacho de 10 do corrente, sendo a certidão de data de 11 com a qual só o reu requereu o addiamento a 13, ficando com o despacho em silencio, sem juntar aos autos quando elle affectava ao direito da Benvinda. Se comprehende bem que toda esta estrategia era para que se encerrasse a sessão, e Benvinda nada podesse em tempo requerer.

Tudo isto se passava perante o juiz substituto, e entretanto o presidente do jury no dia 17 mandou remetter o processo ao juiz substituto para proseguir; e este no dia 18 julgando o processo preparado e regular deu este despacho — «Estando regular este proces-«so deve ser submettido ao julgamento no dia

«em que for designado, ficando addiado para «a proxima sessão, em virtude do despacho, «que dei ao requerimento, que mando si jun- «te aos autos. Bahia 18 de outubro de 1871. «—*Dias Lima.*»

A este despacho oppoz Bemvinda o requerimento, que se lê abaixo, accompanhado da certidão da sentença appellada, e nella se vê que a materia da justificação era a identidade, de que já se fallou, e que por consequencia o motivo allegado pelo reu era inexacto.

Com esta certidão foi outra do termo de protesto, e desistencia feita pelo reu em publica audiencia da prova testemunhal, e de qualquer outra que devera dar nos embargos oppostos a sentença que julgou a edade de Clara; embargos, que o reu não podendo provar, só no dia vinte, ultimo da dilação, se apresentou com o protesto referido, que se entrega ao criterio publico. O Dr. juiz substituto indeferiu a petição de Bemvinda, mandando sobrestar o seu despacho de addiamento, que proferido no dia 13 so veio para a mão do escrivão no dia 19!....

Agora que o publico está inteirado—do modo, porque foi addiado o julgamento do reu Godinho, faça seu juizo a respeito do procedimento de tal homem. Embargou a sentença que julgou a edade de Clara, deixou passar a dilação,e não foi capaz de provar o contrario, pelo que, nos preceitos do direito, a sentença está em vigor. Procedeu a justificação, que entendeu lhe convir, a prova foi julgada insufficiente; mandada reforçar, a falsidade das testemunhas ficou á toda luz; o digno Dr. vigario geral julgou improcedente a justificação, agora recebe copia de libello; tem toda dilação legal, que corre desde a convocação, e edital do jury, para se prepararem os reus, e subterraneamente requer addiamento do julgamento, guarda em si o requerimento, e para melhor sorprehender Bemvinda, responde a chamada, como reu no jury, no plano de publicar o addiamento no encerro da sessão; quando nada se lhe podesse oppor! Pois bem, esperemos; o reu Godinho espera muito de quem dissera: «Mande, mande para a relação (ecclesiastica) que lá posso eu.»

Antes porem de terminar esta exposição ao publico, sujeitamos a seu criterio, e especialmente ao dos magistrados, e juriscunsultos esta circumstancia:

No despacho do addiamento não se mandou dar conhecimento a parte, e na sentença interlocutoria, em que se decretou que o processo ficasse para a proxima sessão, não se mandou intimar a parte contra quem foi ella proferida! se limitando somente o juiz a mandar juntar aos autos o requerimento, a que se ella refere; requerimento, que estava em segredo desde o dia 13 até o dia 19 em poder do reu!

O publico irá sendo informado do quanto occorrer.

Não é muito que a vangloria', e sotentação do crime acoroçoados pela impunidade, importe o escarneo da lei, e da justiça.

— —

Illm. Sr. Dr. juiz de direito interino presidente do jury.—Antonio Tavares da Silva Godinho com o documento junto prova que pende de decisão da relação ecclesiastica uma questão pelo qual se vê que Clara filha de Bemvinda Tavares, que se diz Bemvinda Maria da Conceição é maior de 17 annos, e foi baptisadr na freguezia de Santo Antonio d'esta cidade.

E porque semelhante decisão interesse essencialmente ao processo por que é o supplicante accuzado, visto como da maior, ou menor edade de Clara nos termos do codigo penal, haverá, ou não criminalidade no facto imputado, vem por isso o supplicante pedir a V. S. que se digne addiar o julgamento do processo do supplicante a que V. S. tem de presidir em razão de se haver dado de suspeito o Dr. juiz de direito da 1ª. vara, até que se decida a mesma questão perante o tribunal da relação ecclesiastica, pelo que P. a V. S. despacho. E. R. M.

Bahia 12 de outubro de 1871.

Despacho.—Avista do que allega como requer. Bahia 13 de outubro de 1871.—*Dias Lima.*

— —

Illm. Sr. Dr. juiz de direito substituto.—Diz Benvinda Maria da Conceição que a requerimento de Antonio Tavares da Silva Godinho e despacho de V. S. de 13 do corrente, foi addiado o julgamento do processo, em que é reu o supplicado para a sessão vindoura; pelo que vem a supplicante ponderar que o facto allegado na petição do reu Godinho é inexacto, por quanto nos autos de justificação, de que pende appellação na relação ecclesiastica, se tracta de justificar a identidade de pessoa entre Bemvinda Tavares, e Bemvinda Maria da Conceição, como V. S. verificará perante o 1.º documento, logo no principio de sentença de improcedencia éxarada pelo Dr. vigario geral, e de todo o corpo da mesma sentença; sendo portanto inexacto, e contra a verdade demonstrada pelo citado documento, que nessa justificação se tracte de provar a edade de Clara filha da supplicante com o que o supplicado quer illudir a acção da justiça na punição de seu crime. E

tanto é inexacta, e inveridica a supposta premissa, que tendo o supplicad pedido vista e opposto embargos a sentença, que julgue a edade de sua filha Clara, e sendo estes competentemente contrariados, e aberta dilação de vinte dias, o supplicado deixou correr a mesma dilação sem dar prova alguma, e só no dia vinte, em que ella terminava apparentou dar testemunhas para ter o pretexto de fazer o protesto que se vê no documento n.º 2 que é a confissão solemne de que o supplicante não tem prova alguma a oppor contra a sentença, que embargara por premeditado ardil para fazer crer, durante o processo da justificação, que pende por appellação, que era injusta a sentença que julgou a edade de sua filha Clara; edade que confessa, desistindo e declarando, como se vê no final do protesto, não poder produzir prova alguma: logo o motivo allegado não existindo, como provam os documentos. foi só apresentado na petição do supplicado para illudir este juizo, que por certo ignorava ainda, o que se faz evidente com os referidos documentos.

Isto posto, a supplicante pode venia para ponderar ainda que, em vista do estado do processo, não podia ver suspensa a sua marcha; pelo supposto motivo, allegado quando verdadeiro fosse, porque estando devidamente preparado o processo, tendo precedido a convocação do jury, conforme os arts. 329 e 330 do reg. para na dilação legal se aprom-ptarem as partes, sendo o processo apresentado ao tribinal do jury, e respondendo o reu a chamada, a falsa evasiva apresentada pelo reu não podia fazer o processo retrogradar: tanto mais; porque o facto da edade de menor Clara, como facto, ou como uma falsidade só podia em regra conforme os arts. 360, 361, 362 e 363 do reg. ser discutido no jury, por ser da exclusiva competencia do mesmo jury, accusando o reu de falsidade o documento demonstrativo da menor edade de Clara; desde pois que assim não procedeo, fugindo do preceito legal, para o subterfugio de enganar o digno magistrado, que tem de presidir ao jurys de seu julgamente, com a falsa premissa, que allegou, é claro que o seu requerimento ja por ser contra direito expresso, ja por conter falsa premissa, não pode ser deferido addiando-se o julgamento para a outra sessão; por tanto em vista do allegado, e provado pelos documentos, e pelas prescripções do direito, requer. P. a V. S que mandando unir este nos autos reforme o seu despacho, mandando entrar o processo do reu em julgamento na presente sessão. E R. M. Bahia 28 de outubro de 1871.

— —

DOCUMENTO N. 1.

(Sentença do Revm. Sr. conego vigario geral, julgando improcedente a justificação de identidade entre Benvinda Tavares e Benvindo Maria da Conceição, a qual ja foi publicada no n.º 837 desta folha.)

— —

DOCUMENTO N. 2.

Aos 11 dias do mez de outubro de 1871, n'esta cidade da Bahia e sala das audiencias da vigararia geral do arcebispado, onde se achava presente o Rvm. vigario geral o conego Dr. Emilio Lopes Freire Lobo, commigo escrivão o de seu cargo abaixo assignado, e sendo ahi compareceu o Dr. João Victor de Carvalho, advogado do embargante Antonio Tavares da Silva Godinho, e disse que tendo requerido n'este juizo para que fossem intimados para jurar Manuel Marques Porto, este, como declarou o escrivão do juizo, disse, que ca não vinha; não obstante a citação que para isso recebeu, e que quanto aos outros que egualmente foram citados tambem deixaram de comparecer, como acaba de declaral-o o official do juizo. (1) Em vista disso, e sendo patente e notoria a pressão que se procura exercer, e que de facto se exerce para afastar as testemunhas do embargante de jurar, ja espalhando-se por esta cidade, como se espalhou hoje pela manhan, um impresso convidando pessoas para comparecer ao tribunal, o que de facto se dá, e o proprio juizo o vê, ja dizendo-se como se disse, ao entrar para o tribunal o advogado do embargante, que se fosse em Pernambuco, ha muito o embargante teria sido assassinado. Por isso este desde ja declara *não poder produzir provas algumas*, além d'aquella que ja tem obtido e de que protesta usar em tempo competente, dando assim por finda a dilação requerida.

N'este acto presente o Rvm. conego Rodrigo Ignacio de Souza Menezes, advogado da embargada Bemvinda Maria da Conceição, disse que contra-protestava o protesto do advogado do embargante pela forma seguinte:

Que não tem procedencia perante o direito o protesto feito, porque quanto a falta de comparecimento das testemunhas, o direito estabelece os meios pelos quaes são ellas obrigadas a comparecerem; quanto ao convite, e o concurso de pessoas no tribunal, é

(1) Note o publico que das testimunhas apresentadas em rol pelo Sr. Godinho, a unica que mandou oitar foi ao Sr. Marques Porto; assim como que todas as pessoas serias cujos nomes o Sr. Godinho incluiu no dito rol de testimunhas reprovaram o haver elle feito isso. Entretanto se diz que as testimunhas foram citadas e deixaram de comparecer por pressão!

cousa que ordinariamente acontece quando, ou no parlamento, ou nos mesmos tribunaes se tratam causas, e questões, que por sua natureza e circumstancias, assumem um caracter importante, como a de que se trata: e por fim quanto a pressão, e ameaças por intervenção de pessoas concorrentes ao tribunal, tambem não prevalece o protesto, por que ha recurso legal á authoridade competente para garantia das pessoas, e da ordem, ficando sempre salva a liberdade, e independencia do juizo.

Do que tudo para constar mandou o dito juiz lavrar este termo, que assignou com os advogados das partes, depois de lido por mim — *Antonio Domingues Mendes.*

VARIEDADES.

A felicidade.

Um certo rei não podia encontrar a felicidade no meio das honras e das riquezas que o vulgo lhe invejava.

Algumas vezes deixava esses palacios encantados onde os homens obedeciam a seus caprichos, para correr, só e livre, atravez dos bosques e dos campos e das montanhas, pedindo á natureza a felicidade que o poder lhe recusava, mas por toda a parte sentia-se perseguido por uma inquietação secreta, cuja causa ignorava.

A vida tinha se-lhe tornado insupportavel; e como comtudo não a quizesse deixar, chamou á sua côrte um desses sabios, respeitados, no Oriente, que tinha o dom de ler o futuro nos astros e de curar as molestias incuraveis.

«Sabio, disse o rei, ensina-me a arte de ser feliz, e a metade de meu imperio te pertencerá.»

—«Nada mais simples, respondeu o sabio.

«Obtém, não importa porque meio, a camisa de um homem feliz; que essa preciosa veste seja applicada sobre tua real pessoa, e logo sentirás, como por encanto, teu espirito reanimar-se, o sangue correr veloz nas veias, e o coração pular como o cabritinho ao lado de sua mãe».

Proferido este oraculo, o rei chamou á parte o seu primeiro ministro, o homem o mais habil do imperio, e no qual descançava com confiança dos cuidados do governo.

«Bista de negocios d'Estado, lhe disse: trata-se de outra cousa bem differente.

«Vais percorrer todas as partes de meu imperio; observa attentamente tudo o que se apresentar em tua passagem, e traz-me a camisa do primeiro homem feliz que encontrares.

«Amigo, accrescentou elle, si tu proprio fosses esse homem feliz, não terias necessidade de ir tão longe.»

O ministro, depois de se ter inclinado profundamente, pediu licença ao principe e foi apromptar seus cavallos.

O ministro começou por procurar na cidade que servia de residencia ao rei: foi bater á porta de um antigo negociante que tinha juntado montões de ouro traficando com os Indios e que possuia as riquezas de um soberano sem ter as preocupações do poder, mas isso era justamente o que faltava á sua felicidade.

O pobre homem confessou ao ministro que não sabia o que fizesse de seus thesouros, nem das suas horas vagas, e que toda a sua ambição era obter um modesto emprego na corte do rei.

«Ah! dizia elle, si me fosse permittido somente abrir ou fechar uma dessas portas d'ouro que conduzem ao throno de nosso augusto senhor!

A felicidade não existe senão junto delle, estou certo disso. — Insensato!» disse o ministro; e quando se retirava, encontrou na rua um juiz que voltava do tribunal, conversando com um guerreiro que tinha sido elevado ao mais alto posto na ultima campanha.

A multidão saudava a ambos com suas acclamações, levando até as nuvens a justiça de um e a corajem de outro.

—Certamente, pensou o ministro, não terei aqui sinão o desembaraço da escolha.

E tomando-os á parte quando a multidão se dissipou:

—Confessai, lhes disse, que deveis abençoar o vosso destino, e que nada mais vos resta a desejar sobre a terra.

—Fallai com elle, disse o magistrado, mostrando o guerreiro.

Que existencia brilhante e animada! mas eu, quantos desgostos e fadigas! que monotomia nas minhas occupações.

—Eu feliz! disse o guerreiro, quando todos os dias soffro com as minhas feridas, quando a cada instante a morte pode levar-me riquezas, honras, familia!...

«E' elle que é feliz, accrescentou mostrando o magistrado.

—Vamos, disse o ministro, eu bem vejo, não é nas cidades, é nos campos que se deve procurar a felicidade:

E transpoz a porta da cidade.

Mas que encontra aquelle no campo?, um lavrador, que se aborrece do silencio e da obscuridade, que se envergonha do arado, e

que só aspira casar as filhas com ricos filhos da cidade, afim, dizem elles, que ellas sejam mais felizes que seu pai.

O ministro foi procurar n'uma casa isolada, no meio dos bosques, um poeta cujas obras elle tinha lido, mas cuja pessoa desconhecia.

Essas obras eram contos, apologias que continham, sob uma linguagem tão correcta quanto harmoniosa, a moral a mais suave e tambem a mais pura.

O author, perdido de dividas, depois de ter consumido a fortuna em loucas despezas, não sabia como escapar a seus credores, e quando viu aproximar-se o ministro e a comitiva imaginou que vinham prendel-o, e pedio misericordia soluçando.

Eis aqui, disse o ministro, pessoas bem doentes.

Vejamos pois aquelles que fazem profissão de curar os outros: esses ao menos devem ter achado a felicidade.

Foi ter com um medico que se tinha apropriado de todos os segredos dos arabes, e que era celebre, em todo o imperio por suas curas maravilhosas.

Mas esse medico não sabia curar senão os males do corpo, e sua alma era doente de ambição, avareza e muitas outras paixões cujo remedio ignorava.

Depois do medico, o ministro viu um padre que tinha sempre sobre os labios Deus, o propheta e a vida futura: mas elle proprio não cuidava senão em agradar ao principe, em brilhar entre os cortezãos e em gozar da vida presente.

Como o enviado do rei ainda procurasse, sahindo da casa do padre, leu, na porta de uma casa de mediocre apparencia, uma inscripção assim concebida: «Aqui ensina-se a ser feliz.»

Era a morada de um philosopho que tinha escripto um grosso volume sobre a felicidade, e que, avistando o ministro, principiou um longo discurso sobre esse assumpto.

—Muito bem, disse o ministro, interrompendo-o; mas é permittido perguntar si vós proprio sois feliz?

—Aqui o philosopho soltou um suspiro, e confessou que esperava sel-o um dia, mas ainda o não era.

Desesperando de encontrar o que procurava, o ministro voltava tristemente para o palacio, quando avistou, no meio de uma verde campina, um joven pastar, brilhante de força e de saude, que ora cantava com toda a força de seus pulmões, ora saltava e pulava como o rebanho que estava encarregado de guardar.

—Eis o meu homem completamente achado! exclamou elle.

—Tirem-lhe a camisa sem lhe fazer mal algum, mas se recusar dal-a tirem-na á força.

O mancebo não queria deixar-se aproximar e replicou um vigoroso murro no primeiro que lhe poz a mão.

Travou-se uma luta, mas bem depressa elle teve de ceder ao numero.

Apoderaram-se do robusto lutador, deitaram-no por terra, despojaram-no de suas vestes: ah!... esse homem feliz não tinha camisa.

Um militar que desejava passar por engraçado, uzava de pouca circumspeção nos seus ditos. Uma occasião estava na companhia de algumas jovens e querendo ser espirituoso disse:—Dava de boa vontade dez libras a quem me mostrasse uma virgem. Uma das jovens, agastada por uma lembrança tão grosseira, disse immediatamente:—Ganhei as dez libras, pois vou agora mesmo mostrar ao senhor uma virgem. —Oh! muito me alegraria isso, respondeu rindo o militar.—Não ha nada mais facil, retorquiu a joven, basta sómente olhar para a sua espada.

Galhofa para fazer rir a humanidade.

Qual é o ornato feminil que todos os negociantes tem?

E' as contas.

Qual é a parte da intelligencia que se encontra na venda?

E' a razão.

Qual é a parte do corpo humano que trazemos na cabeça?

E' o pé-nacho.

Qual é a veste que o charuto tem, e o jogo dá?

E' o capote.

Qual é a flôr que abunda em nossas ruas, e embriaga não tendo perfume?

E' a camelia.

Qual é a ave que pescamos?

E' o gallo.

Qual é o homem cujo craneo não se quebra?

E' o testa de ferro.

Qual é a mulher da Italia que depois de pescada vive nos rosto humano?

E' a Sarda.

Qual é o jogo que temos nas meias?

E' a malha.

(Continúa.)

Copia fiel d'um edital de certo fiscal, cujo nome e districto si não declara por decoro e caridade.

O patriotica cidadão... fiscal actual, e certo do districto da povoação de.... Comarca de.... em virtude e mandado da lei provincial do Sr. D. Pedoo 2.º na sua maioridade

Que Deus Guarde etc etc.

Faço saber a quem quizer, e quem não quizer que me importa, que no dia 15 do mez de fevereiro pertendo, se Deus me der vida e saude, e minha sm.ª ja estiver parida, sair em triumfo de correição n'esta sobre dita já referida e seus *salengos,* e vejam lá o gostoso Art. 1.º Nenhum malvado poderá vender *polvora* nesta feira pelo damno causado aos mesmos suplicantes, pena de multa de 32$ rs. e 30 dias de prisão, que é o diacho, e quem me avisa meu amigo é.

Art. 2.º Fazer roçar as suas estradas, e reedificar os seus edificios pelo *damno* causado ao proximo dos viandantes pena de 2:400 em *sebulas*.

Art. 3.º—entupir as *exescavações* proprias do beco, e estradas publicas; pena das mesmas sébulas.

Art. 4.º—Pessoa *nenhuma não* poderá abrir venda de carne sua nem masculina nem feminina, nem de aguardente, nem de vinho, nem de sal, e de outras *circonstanças,* seccas nem molhadas sem sua licença do mesmo referido actual; pena, e cahe na mesma multa, como alma no inferno.

Art. 5.º—Não poderão trazer animal cavallar sem pastor cabrum, e ovelhum, vacum e porcum, nem carneirum, bodum tudo solto, e senhor de seus narizes pelo *damno* causado as *ortalicimas* e plantações alheias, pena de multa de 2:000 nas cujas *sebulas* por cabeça a fóra a despezas que occorre; que ninguem está para trabalhar de graça; por isto é a causa que pessoa nenhuma poderá trazer ditas cabras soltas, que correrá na mesma pena pela *empropriedade* do lugar não *admeter* esses brutos como nós presenciamos todos os dias os prejuizos me fazem, que faz vontade da gente os matar, senão fosse christão.

Art. 6.º—Saibam todos que o mesmo mencionado Fiscal ha de sahir aferindo os pesos a todos, e vão cuidando em medidas do novo padrão; que não se consente mais *culha* de oito, nem de nove que é um furto, que se faz á pobreza com tantas velhacarias—E todo aquelle ou aquella, que não observar o *caratel* da mencionada lei em vigor *estupilada* pela cambra municipal correrá na mesma pena tão sómente por andarem soltos sem pastores, e atentando as almas com suas paixões, que fazem á gente de se ver *arrasado*. E para que chegue a noticia de todos, e não venham logo dizendo—Santo Antonio me enganou—mandei lavrar o presente Edital Decretado etc etc.

(Do Cearense)

Maximas.

Deus introduzindo entre os homens a necessidade, uniu-os assim pelo vinculo de amor, e foi este um meio poderoso de os conservar reunidos em sociedade.

Para manter amisade firme e constante, convém que os amigos mutuamente se correspondam e obsequeiem.

A amizade é de summa importancia a vida social, e por isso é muito util que se propague e sustente.

ANNUNCIOS.

O Sr. professor Hermenegildo José Barbosa tem uma carta no Maciel de cima n. 26 para lhe ser entregue.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Na festa de Nossa Senhora das Mercês, perdeu-se um Manual de Missa com capa de madreperola e forro rôxo, tem um defeito do lado de cima. Gratifica-se a quem leval-o á rua do Julião n.º 11, 1.º andar.

Vende-se uma venda no Taboão, quem a quizer comprar n'esta typographia se dará informações.

Para baptisado.

Ramos, e vellas, com differentes enfeites para baptisados, palmas e capellas para anjos de todos os tamanhos; assim como recebe se qualquer emcomenda de flores de patos; tudo por preços razoaveis na loja de armador á rua Direita do Collegio n. 33.

A taverna á baixa dos Sapateiros, denominada a *esperança,* faz sciente aos Srs. que compraram generos em 1869 e que até a data não satisfizeram, o favor de satisfazerem no praso de 30 dias, a contar desta data. Si no dito praso não tiverem satisfeito seus debitos, se publicará os nomes por extenso neste jornal, para serem bem conhecidos.

Hygino Francisco da Silva.

Aluga-se.

Uma sala grande toda preparada para baile; quem precizar dirija-se a loja de armador na rua Direita do Collegio n. 33. Ahi achará com quem tractar.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 86.ª SABBADO 28 DE OUTUBRO. N. 859.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 27 de outubro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que expeça terminantes ordens para que não continuem a ser castigadas pela inculcada *juiza da cadeia* duas miserrimas doudas que existem na Correcção. Alem da desgraça que atormenta aquellas desafortunadas mulheres, sujeitas á toda sorte de privações, vivendo no estado miseravel de nudez completa, é requintada deshumanidade serem ainda atormentados com castigos. Espera-se portanto que S. S. faça cessar tão grande prova de crueldade sobre duas infelizes que, privadas da razão, si encommodam é sem consciencia e não são culpadas de estarem prezas com quem tem juizo.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia.—Constando que em um predio que deita frente para a ladeira da Conceição e rua da Preguiça, e no qual, um dos commodos é occupado por um padre, se acha uma moça que, ha cerca de 15 dias ou mais, fôra raptada da casa materna, por um celebre Godinho, ja avezado a taes gentilezas, o qual ahi a deitara em um quarto que alugou á uma mulher, sirva-se S. S. incontinente, antes que o marmello tenha tempo de tomar as convenientes precauções, alem das que já deve ter tomado, de proceder a minuciosas indagações, cujo resultado communicará ao commando deste navio.

Na perspicacia e intelligencia que distinguem a S. S., confia-se que empregará todo zelo e esforço para que esta incumbencia seja coroada de satisfactorio successo, afim de que venha a ser colhido no laço o tal gavião de virgindades.

—Capitão, V. Ex. que se interessa pelos desvallidos, vae ter mais uma occasião para isso.

—Conte commigo.

—Basta so que chame a attenção das authoridades para um crime commettido ha 8 dias.

—Qual foi?

—Uma menina de 14 para 15 annos seduzida e perdida. E' filha de uma pobre viuva, sem protecção, pelo que o perversor conta com a impunidade.

—Dê-me os necessarios esclarecimentos para saber o o que devo fazer.

—A desolada mãe, mora em S. Miguel; ja morou no becco d'Agonia; tem duas filhas mais moças que esta.

—Não basta. Conhece o delinquente?

—Sei quem é.

—Como se chama?

—Ignoro.

—Estamos de obras cortadas.

—Mas é facil de o conhecer pelo costume que tem de trazer uma *rosa branca* ao peito.

—Bem; vou empregar as diligencias.

—Quando as irmans de charidade não fazem caso das authoridades, não sei de quem mais farão.

—Desprestigiam até ao chefe de policia.

—O subdelegado do 2.º districto de Santo Antonio remetteu no dia 13 dous doentes, attestando a indigencia de ambos, os quaes vivem de esmolas, e são além disso decrepitos. Para virem, pessoas charidosas é que pagaram cadeirinhas que os conduzissem; chamam-se Geraldo e Rosa. Chegando no hospital apezar da portaria do subdelegado, as irmans de charidade não quizeram dar entrada aos dous enfermos, e tiveram estes de voltar recambiados, sendo ainda preciso pagar novas despezas de cadeira.

—Deus dê saude a essas santas mulheres pelo beneficio que fazem a humanidade desvallida e soffredora.

—Capitão, ouça esta.

«O frade, que pregou no dia de Nossa Senhora da Piedade disse do pulpito, *que a me-*

lhor maneira de servir e agradar á Senhora, era imitando a, fazendo voto de virgindade, não como as vestaes, virgindade temporaria, mas de uma virgindade perpetua e que assim exhortava as mulheres para fazerem esse voto á aquella que ennobrecera o seu sexo.»

E que lhe parece?

—Si as mulheres fizerem voto de virgindade perpetua acaba-se o mundo, porque não se propaga mais a especie!

—E que tal a doutrina pregada por um ministro da igreja contra um sacramento instituido pela mesma igreja?

—Ora, o frade pensou que pregava aos peixinhos.

—Não, capitão, porque eu ja ouvi dizer que as confessadas dos frades da Piedade não se casavam, porque elles não queriam.

—Pois V. ignora que Deus disse aos nossos primeiros paes—crescei e multiplicai-vos—que esta é a principal lei da natureza? Não sabe que S. Pedro foi escolhido para cabeça da igreja por ser casado? Não sabe que o primeiro milagre de Christo foi nas bodas de Canaan, e que Elle amaldiçoou a arvore esteril?

—Estas cousas, capitão, o frade ignora, ou finge ignorar.

—Pois encarregue-se de lhe dizer, para que elle não continue a pregar parvoices. Si as mulheres devem imitar á Maria Santissima no voto de virgindade, tambem a devem imitar no estado de mãe, e de mãe de piedade, como foi Ella.

—Na cidade do Bananal, provincia de S. Paulo, deu-se um phenomeno extraordinario.

Uma escrava do Sr. Firmino José dos Santos, fazendeiro no Carioca d'esse municipio, deu á luz duas gemeas: uma de côr preta retinta como a mãe, outra de côr branca, e cabello liso.

—No domingo houveram seus desaguizados.

Em Itapagipe facadas; na estrada de ferro facadas.

—Dizem que as de Itapagipe foram dadas por um tal Roberto?

—Sim, no irmão da professora d'aquelle logar.

—Capitão, á especie dos gatos d'alfandega, ha um escravo de certo thesoureiro de irmandade que todas as sextas arranja-se com 4 a 5 libras de cêra.

—Mas como affiança V. que é arranjo?

—Oh, capitão! quem não tem cabras, vendendo cabritos, o que é?

—Tudo isso entra nas contas do santo.

—E por *fim* é sempre *bom* que o santo fique a dever a quem o serve bem.

—São passados tres dias que vejo este homem á porta do hospital!

—Chama-se João da Cunha Bastos; as irmans de charidade não gostam delle, porque de outra vez que esteve no hospital o medico mandando lhe dar mantinhas para comer, ellas não quizeram dar e elle reclamou.

—Um enfermo implorando curativo no hospital, chamado de charidade publica e se nega!

—E a molestia deste homem é patente. Tem parte do coiro do lado inferior do pé direito arrancado, os pés inflammados e cobertos de chagas.

—Nunca do hospital de charidade na Bahia se enxotou um infeliz que á sua porta fosse bater implorando soccorro ao soffrimento que o affligia.

—So depois que as irmans de charidade fizeram daquella casa possessão sua.

—E assim vão as filhas de S. Vicente de Paulo, desempenhando a sublime missão de amar a seu proximo como a si mesmas, acudir-lhe, consolal o na desgraça, mitigar-lhe o quanto for possivel o soffrimento.

A PEDIDO

—Esta gente não dorme de noite!

—Nem deixam os mais dormir!

—Incorrigiveis!

Constantemente barulho!

—Esta crioula Filippa é da venta torta do diabo.

Hoje terça feira, 24, á meia noite este alarido que não deixa ninguem socegar.

—A patrulha da guarda nacional prendeu as turbulentas, porem uma evadiu-se.

E agora vem um tal *João Pronuncia* coroar o escandalo; quer arrombar a porta de Felippa, que foi uma das que brigou, e que esta lhe dê *seu peixe* e seu *dinheiro*.

Episodios da vida de um homem cynico.

Uma mulher, dirige-se a um caxeiro do Coqueijo, ao Gravatá:

—«Queria ver uma casa que está para alugar na rua de.....

—«Aqui estão as chaves.

Volta a mulher:

—«A casa agrada.

—«Tem fiador?

—«Trago a fiança commigo;

O caixeiro lê:

—«A. T. S. G.

«Este homem anda um pouco complicado, mas emfim, acceito; comtanto que a senhora va sellar esta fiança.

—

Horas depois entra um homem cheio do corpo, bonita figura, na mesma venda:

—«Então V. duvidou da minha firma?

—«Está enganado, Sr., exijo tão somente o sello na fiança, por ser formalidade restrictamente observada quando nesta casa se aluga qualquer propriedade.

—«Si é por dinheiro, aqui tem dinheiro.

Atira uma cedula de cem mil reis sobre o balcão.

O caixeiro replica:

—«Nem que o Sr. dê um conto de reis, eu cá por mim não prescindo da exigencia.

—«Vou a quem manda mais do que V.

. . . . . .

O caixeiro recebe ordem para dar as chaves, e acceitar a fiança sem sellar.

—

A' noite vê se entrar na casa vasia um vulto de mulher embiocada n'uma capona e accompanhando-a o individuo da scena de de dia. Reparando-se porém bem, vê-se pela estatura que a mulher não é a mesma.

Sahem da casa depois das 10 horas da noite.

—

No outro dia de manhan entra um menino na venda:

—«Trago esta chave que a moça mandou trazer, porque a casa não serviu.

—«Ora está o que fez aquelle homem *gordonho,* por causa delle não se alugou a casa ao *Godinho* que tambem a queria e agora manda regeitar as chaves, depois de a desfructar uma parte da noite passada.

O pinta-rato a um Cupido famoso.

E esta! Pois não metteu-se na cabeça do basbaque que ha de ser poeta á força! Quem pode ser rebaixado, naturalmente já esteve elevado. Mas quem não pode ser rebaixado é porque nunca sahiu da infima posição em que tem vivido.

Tome tento o *litterato,* que no Pindo não entram os que têm o som nazal desafinado. Em alguma cumbuca, pode ser, ou então no largo da luxuria, onde muita gente tem feito celeberrima reputação.

O Navarrinho.

Continúa o abuso dos porcos, o depozito e matadouro publico, na travessa da rua do Soccorro, freguezia de Brotas, no quintal do poderoso inspector de quarteirão Cassiano Rodrigues Banha Os habitantes do local fizeram uma representação ao ex-chefe de policia o Sr. Dr. Cerqueira Pinto, pedindo o cumprimento das posturas municipaes n.° 99 e 100, foi defirida a representação em 27 de janeiro, mandando ao subdelegado para fazer cessar este abuso, o subdelegado não cumpriu á ordem, sendo chamado á presença do chefe o infractor, admestou-os. O que fez a camara? deu licença em 8 de fevereiro para o homem criar porcos e matal-os no seu quintal. Requereu-se a camara para cassar a licença, allegando-se, que de modo nenhum assenta na lei municipal, não se foi attendido. Recorreu-se para a presidencia, em face do art. 73 da lei de 1.° d'outubro de 1828, mandou S. Ex. vice-presidente o Sr. Dr. Rocha a camara a informar em 3 de maio, eternisou a informação, até o presente, comquanto tivessem ainda replica e treplicas, nada tem valido a subir á presidencia. No dia 18 do corrente ás 10 horas da noite, chamou attenção a visinhança com o alarido de um porco e seus pegadores, que fugira do chiqueiro do infractor. Continua-se a soffrer, as authoridades do local e seus agentes não attendem ás reclamações, deixam passar a infracção da lei. Agora de novo foi uma petição submettida á S. Ex. sobre o occorrido.

El Campanone.

Foi este o nome da opera, exhibida na quinta-feira, 26 do corrente, pela companhia lyrica hespanhola—*Zarzuella*—no theatro S. João.

Uma opera como esta, e o que mais é, sendo executada como fôra, merece que exponhamos sem restricções o nosso pensamento.

Não será um juizo critico, que iremos estampar; será apenas a emissão justa e imparcial de nossa humilde opinião.

A opera é em si sublime e admiravel; é uma allegoria bem cabida a factos, que se operam constantemente na vida social.

São artistas, que reunidos procuram levar a effeito a representação de uma peça, mas que por circumstancias inteiramente alheias á vontade de qualquer d'elles jamais o conseguem sem grande perda de tempo; de modo que só após quatro mezes de desavenças intestinas poderam realizar o almejado.

E' este em traços rapidos o enredo da peça; mesmo porque a capacidade d'este periodico não comporta facto algum detalhadamente; e assim não poderemos satisfazer de modo preciso á curiosidade dos leitores.

Bem se vê que n'este plano de concepção

existe muita verdade; ha um *que* de fundamento n'este assumpto, onde os personagens são creaturas que se agitam em continuo tumultuar pela diversidade dos caracteres; ha emfim muita superioridade no plano, e muita amenidade e galanteio no estylo, porque a ideia capital é a allusão summamente apropriada, que em tão alto grau depara o entendimento do espectador.

Apreciada, pois, em si a letra da opera, fallemos sem perda de mais tempo do modo, por que foi desempenhada; occupemo-nos, portanto dos personagens.

Todos correram admiravelmente desde o 1.º até o 3.º acto, porque a fallar a verdade, excederam de modo sorprehendente á espectativa publica. A acção dos tres actos demonstrou sempre o mesmo vigor de consciencia em todos os actores que bastante comprehenderam o seu papel; e já por este lado, já pela parte do canto, poderam todos os artistas sem excepção concentrar em si a attenção e o interesse dos espectadores que em effluvios de sincero enthusiasmo, e enebriados por harmonias tão affectuosas os applaudiam em freneticas ovações.

Particularisemos: a Sra. Dolores Medina, que fez o papel demasiado interessante de Corilla, é optima no seu genero; e podemos affiançar sem temor de um consciencioso desmentido, que de tres annos para cá, é esta a melhor prima-dona, que tem apparecido no nosso palco.

Si bem que a voz lhe seja algum tanto fraca, todavia a gradação sublime, por que ella desenvolve-se e cresce, é um de seus principaes dotes. Nota se-lhe sons tão amenos e accentuados, notas tão bem vibradas pela vocalisação, harmonias tão brandas, que extasiam o espirito, enlevando-nos a alma, e embriagando-nos o coração.

Como a borboleta, despindo-se do limo grosseiro da crysalida esvoaça alegre, pousando se aqui e ali, e sempre attractiva pelas suas cores; assim a sua voz dando as inflexões devidas e de modo tão subtil e ligeiro prende em demasia a attenção a menos cuidadosa.

O publico bem que a sandou tão merecidamente.

O Sr. Monsalves é um bom tenor; o duetto que cantara no 1.º acto com a prima-dona foi de um effeito sorprehendente; tem algum jogo de scena, e apossa-se bem de seu papel.

O Sr. Ortir, que fez o papel de Campanone, é um perfeito baritono; não sabemos entretanto si admirar-mos mais a sua bella voz, ou o brilhante desembaraço, que como actor entendido. sabe sempre dispensar.

S. S. arvorado de subito na espinhosa tarefa de maestro da orchestra, é um verdadeiro maestro. E' um dos melhores do seu genero.

O Sr. Diez, que fez o papel de Pamphilo—o poeta—, portou-se admiravelmente, merecendo por isso verdadeiros encomios.

Todos os mais actores foram de modo satisfactorio.

Admira-nos entretanto que n'esta cidade, onde ha espiritos mais que esclarecidos para aquilatar o verdadeiro merito, onde o povo se inspira ardentemente de commoções gloriosas pelos artistas; admira, dizemos, que os espectaculos sejam tão pouco concorridos, a despeito dos esforços da mesma companhia que timbra em levar uma opera nova em todas as noites de representação.

Esta companhia é merecedora pelos seus talentos da concurrencia do hospitaleiro povo babiano.

Therpandro.

VARIEDADES.

Galhofa para fazer rir a humanidade.

Qual é o instrumento musical que se encontra no mar?
E' a viola.

Qual é o homem que illumina as igrejas?
E' o Brandão.

Qual é a parte dos animaes que as mulheres usam?
E' a cauda.

Qual é a fazenda feita pelos ventosas?
E' a sarja.

Qual é a cousa que se vende no matadouro e fabrica se no thesouro?
São os miudos.

Qual é o astro que serve-nos para os sapatos?
E' a sella.

(Continúa.)

As causas que formam a amizade são a união e similhança de costumes: —d'aqui nasce a igualdade de pensar, e egual inclinação para os estudos.

Só entre os bons póde encontrar-se uniformidade que liga os corações. Os impios e injustos não geram nem moderam as regras da rasão e da justiça. A verdadeira amizade só existe entre os bons, e nunca entre os malvados.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 86.ª TERÇA FEIRA 31 DE OUTUBRO. N. 860.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 30 de outubro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santa Anna, pedindo-lhe que, a bem da moralidade publica, sejam corrigidas umas mulheres mundanas, moradoras ao Caminho Novo do Gravatá, nas casas subterraneas, cujas mulheres por mal comportadas perturbam o socego e offendem a decencia, com revoltantes depravações, o que tem logar á qualquer hora do dia ou da noite.

—Ao mesmo, para que expeça ordens afim de que seja dissolvido o ajuntamento de moleques desastrados e insolentes que se reune á noite no largo e rua da Saude em immoral e barulhenta algazarra.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que advirta ao dono de uma venda, no Fortinho, que si a mesma continuar a servir de valhacouto a ratoneiros que n'ella se ajuntam para roubar aquem entra para comprar, como para praticar escamotagens e saques nos bolsos dos que passam, lhe será mandado fechar as portas, com prohibição irrevogavel de estabelecer-se em outra qualquer parte. Cumpra.

—Hoje, a pessoa desvallida que tem uma filha moça, tem comsigo um perigo, um motivo de desasocego.

—Não é so hoje; essa fazenda sempre foi muito sugeita á avaria; quem a possue precisa ter muito sentido; com qualquer descuido está manchada.

—Porém agora como que a corrupção converteu os defloramentos em mania.

As filhas de gente pobre, de senhoras desamparadas são frequentemente seduzidas e pervertidas e os authores dessa cruzada de perdição pertencem de ordinario á uma classe que mais bafejada pela sorte e dispondo de meios além dos communs deveriam fazerem uso delles em fim mais nobre e elevado.

—O ouro em mão delles transforma-se em elemento do mal, em agente da desgraça.

—A lei por benigna de mais, reduz á impotencia aquellas authoridades que são bem intencionadas na punição dos seductores e estes zombam da acção da justiça.

—E os defloramentos reproduzam-se, a prostituição progride com espantosa intensidade.

—Está que ha poucos dias. na Saude, foi deflorada uma menina, digna de melhor sorte, dando-se no facto taes particularidades, so por si bastantes para tornar odioso seu author.

—Eu gosto de saber desses detalhes pelo miudo.

—O sujeito abusava do nome de uma familia respeitavel, protectora da viuva, mãe da offendida, escrevendo bilhetes figurando que a familia mandava buscar a menina para passeiar, a mãe, credula, assentia.

Illudiu sua victima para que lhe passasse um papel declarando que o author de sua deshonra era um individuo que partira para o Rio de Janeiro.

—Homem, cale-se; eu ja não quero ouvir mais tanta impudencia.

—Nem quer conhecer o sujeito?

—Causa asco.

—Si quizesse, eu lhe diria que fosse la das bandas do *Canella* em cujos *mattos* elle é useiro e viseiro de andar.

—Duas estradas de data antiquissima, abertas desde o tempo do conde d'Arcos, estão hoje fechadas, interdictas ao transito publico.

—Quaes?

—A estrada da baixa do Campo Santo, outr'ora *S. Gonçalinho* e a *Estrada de Calabar*, as quaes ambas vão dar no Camarão.

—Então estão intransitaveis? Qual a causa?

—Creio que a vontade do proprietario dos terrenos adjacentes, o qual mandou fecha-las com cercas.

—Si nesta bemdita terra houvesse municipalidade que olhasse com cuidado para o interesse do povo, de certo que as estradas seriam de novo franqueadas ao commodo publico.

—Sexta-feira escapou de haver grande desgraça na baixa do Bomfim.

—Negocio de Vehiculos?

—E' verdade.

Partiu uma diligencia de Itapagipe com direcção á cidade; chegando á estação do Bomfim em occasião em que d'ahi partia outra com o mesmo destino, os cocheiros porfiaram em passar um adiante do outro; nesta imprudente contenda, abalroaram os dous *wagons* com formidavel choque, escapando de ficar esmagado um individuo que seguia na plataforma de um delles.

—Ora vê que cousa!

—A gerencia, segundo me disseram, procurou punir esse desaso multctando e suspendendo a seus authores.

—E obrou muito bem.

—Capitão, no domingo á tarde um sujeito branco deu, no Pelourinho, a valer em um soldado de policia e evadiu-se.

Entrando em casa, mudou a roupa e veio em procura do relogio que, disse, lhe tiraram do bolso, e presumia estar na mão do Sr. Carlos da botica.

Alguem o vendo na botica, foi denunciar aos policiaes que andavam a cata d'elle, em razão dos ferimentos feitos em seu companheiro.

A' essa denuncia os policiaes correram em busca do homem, agarraram-no pelo cós da calça, desembainharam os *reflés*.

O *cujo* resistiu á prisão e resistiu a oito soldados inclusive um sargento, sem que estes o podessem trazer; mas, por fim, depois de cançado, seguiu a rastos.

—Os policiaes de nossa terra são causadores as vezes, de certos individuos resistirem á ordem de prisão, pelo mau costume de, em qualquer prisão que fazem, usarem das armas para esbordoal-os.

Esse individuo de que V. tracta, si resistiu á prisão foi devido a maneira por que se portaram os soldados para com elle.

—Capitão, venho merecer lhe um obsequio.

—Terei muito gosto em servil-o.

—Para mandar incluir nas noticias do periodico o seguinte:

«Acha-se aberta a matricula da eschola nocturna da freguezia de Sant'Anna, em casa de seu professor á ladeira da Saude n.º 143, principiando a mesma a funccionar no dia 3 de novembro proximo.

—Sim, Sr; satisfarei seu desejo.

E aproveitarei o ensejo para annunciar que a abertura da segunda aula nocturna do Curato da Sé terá logar aos 3 de novembro proximo vindouro, no collegio—S. Francisco Xavier—becco do Motta.

—A etapa marcada ás praças de primeira linha chega de sobejo para que ellas tenham uma alimentação soffrivel.

—De sobra; e até para confirmar o anexim—quem dá papa a menino, lambe o dedo.

—Entretanto, dizem, que o rancho distribuido aos soldados do 18º é de mau a peior, o quanto se pode imaginar.

O café é intragavel; o pão além de pessimo, anda divorciado da manteiga; a farinha causa engulhos; a carne depois de cosida é palha.

De indigestão não ha receio que nenhum seja atacado porque alem da comida ser repartida em quantidade tal que não pode fazer mal, poucos são os que d'ella se servem.

—Os soldados passam tão mal; pois eu sei uma mulher para as bandas da Gamboa, que ao contrario d'elles passa vida regalada.

—Capitão, ouça a que grau de perversidade pode attingir a natureza humana.

—Que papel é esse que vae ler?

—O *Noticiador de Minas*.

—Bem, siga.

—«HOMEM FERA. Reside nas margens do Jequitinhonha um assassino que entre outros crimes tem perpetrado os seguintes:

«Encontrando-se com um homem que trazia uma espingarda, quiz compral-a e entrou em ajuste.

Para verificar si a arma era boa, fez pontaria com ella sobre um pobre velho e vendo que o matara comprou-a por 12$ rs.!

Indo á casa de uma autoridade policial da Terra Branca e achando-se ahi um homem com quem antipathisara desfechou-lhe um tiro e matou-o.

Trabalhava em um garimpo e passando um rapazinho que por engano lhe dirigira um innocente gracejo, elle avançou sobre o misero, traspassou-o com a faca e assistiu impassivel á queda do cadaver.

Esse malvado é accusado de dez homicidios, mata por divertimento, chama-se Augusto de Souza, tem 25 annos e é por tal modo temido que a policia o não incommoda.

A PEDIDO

Sr. Redactor: —Catholico velho, e graças a Deus muito chegado á egreja, tenho n'estes ultimos tempos soffrido muito em meu espirito pelo motivo seguinte:

Diz L. Ferreira, Larraga e outros do nosso tempo, que o pão e o vinho formam a materia proxima do Sacramento.

E' da historia que esse vinho de que trata se não é dos que se fazem em França e outros paizes; mas sim o que se extrahe da uva.

Ora, o paiz que fornecia o vinho melhor legitimo, era Portugal, cuja producção de 1858 para cá, diminuiu á metade, com a praga das vinhas. E' justamente quando o genero escasseou que apparece maior abundancia d'elle no mercado, porque hoje qualquer taberneiro com um pouco d'agoa, campeche, assucar, bananas, maçans, claras d'ovos, sangue de boi, carneiro, e mais alguns saes cuja natureza desconhece, arma por ahi a sua fabrica de vinhos e nas garrafas e barris baptisa-os e chrisma com o nome que lhe parece, com tanto que dêm dinheiro; e viva a liberdade de industria!

A' vista do exposto, que é a verdade, desejo, para desencargo de minha consciencia, que as authoridades ecclesiasticas nos tire das seguintes duvidas:

Primeira.—E' valida a missa celebrada com vinhos falsos?

Segundo—Peccarei mais indo ouvir uma missa que supponho nulla, ou deixando de ouvil-a?

El toque de animas.

E' este o titulo da opera representada no sabbado, pela companhia lyrica hespanhola —*Zarzuella*—

Vamos dar aos leitores uma pequena ideia do enredo d'essa opera, em ligeiros traços.

Salvador Rosa, artista pintor de sua epocha, tanto tinha de sublime em sua arte, como de debochado e espadanchim.

Um dia, elle em suas orgias, esperitualisou-se. Ao sahir de uma tasca dá uma encontroadella em um individuo.

Como este reclamasse contra tamanha imprudencia, Salvador Rosa o joga das escadas abaixo.

Ora, o companheiro do individuo insultado pucha da espada para vingar a affronta ao seu companheiro; Salvador Rosa pucha tambem da sua e o mata.

A justiça dá em cima de Salvador Rosa e elle foge.

Perseguido de remorsos, soube que o assassinado tinha um filho: tomou-o e educou-o, ensinando lhe a pintura.

Salvador Rosa apaixonou-se de uma *muchacha* e tirou-lhe o retracto. Os parentes tendo sciencia de que elle estava enamorado d'ella, recolheram-na em um convento.

Antonio, é esse o nome do filho da victima de Salvador, indo para Roma e o seu protector, apaixonou se de Lorenza, mas o tutor d'esta recusou lhe a mão d'ella.

Salvador, chefe dos saltibancos, mandou por elles raptar Lorenza e trazel-a para sua casa, afim de casal-a com Antonio.

Mas qual não é a sorpreza de Salvador quando vê que a *muchacha* Lorenza é a mesma de quem elle se havia apaixonado, que não sabia della e n'aquelle momento a via junto de si, pois já a tinham tirado do convento?...

O tutor de Lorenza, homem usurario, promette a Salvador dal-a em casamento, com a condição d'elle fazer-lhe dadiva da sua galeria de retratos.

Salvador e Antonio questionam sobre os *amores* da *muchacha*; ella chama Salvador traidor, quando reconhece que elle a raptara para Antonio, e n'essa luta desafiam-se; mas na occasião dá *o toque das almas* e todos cahem de joelhos para orarem.

Salvador recorda se que n'aquelle dia faziam 10 annos que elle tinha assassinado o pae de Antonio, e d'ahi em diante é perseguido pela *sombra* do assassinado.

Por fim Salvador apresenta-se na chefança dos saltibancos diante de sua namorada, no auge da embriaguez e faz offerta dos seus bens ao tutor de Lorenza, para que elle ceda a mão de sua tutellada a Antonio, cahindo depois disso completamente ebrio....

Cahiu o panno.

.....

Eis pois em ligeiros traços, mais ou menos, o enredo da opera.

Os artistas trabalharam satisfactoriamente, e a Sra. D. Dolores Medina, com sua melodiosa voz, soube arrancar dos espectadores merecidos applausos.

Therpandro.

Pede-se a um certo sujeitinho que mora na sobre loja ao beco do *Segura parede*, o favor de não andar fallando da vida alheia e de andar nas esquinas das ruas alcovitando e espiando o que se faz nas casas dos outros; pede-se ao sujeito que evite para não soffrer a descepção de ser envergonhado e para não ver seu nome por extenso nesta folha.

Na noite de 28 do corrente foi preso na rua do Gravatá pelo agente da policia Candido José do Sacramento, o crioulo de nome Avelino Jose Jeronimo, o qual estava armado de uma faca de ponta e um cacete, sendo sobre elle que recahem suspeitas de um roubo em uma venda á rua dos Caldereiros; bem como as gallinhas que roubava e as ia vender nos açougues da Baixa dos Sapateiros vae ser processado; acha-se recolhido na Correcção a disposição do Dr. chefe de policia.

VARIEDADES.

Um gallego alugando-se, e entrando no ajuste, alem do seu honorario, o amo se obrigou a vestil-o. Na manhan seguinte eram já 9 para 10 horas, e não apparecia o gallego, e indo o amo procural o ao quarto da dormida, achou-o ainda na cama, o reprehendeu taxando de preguiçoso. Ha 3 horas, lhe respondeu elle, que eu estou esperando por sua mercê, que me viesse vestir, por ser esse o nosso ajuste.

Attestado de um vigario.

Copia do proprio original.

Eu abaixo assignado o vigario F....

Attesto que F... natural e freguez desta freguezia he pobre sem principios de bens da fortuna de que se possa chamar independente daquella commiseração que a pobreza implora a beneficio de seus arranjos a bem de o collocar no caminho da graça em pról a salvação de sua alma: Pois que, vivendo sem os meios necessarios não pode tratar de negocio mui despendioso: E por ter eu do referido pleno conhecimento, e ser-me este pedido passo para constar onde convier, e confirmo sob minha consciencia.

Parochia de Nossa Senhora da...—O vigario collado, F...»

O tal Rvm. é *collado* ha uma boa porção de annos!

Nascimentos e obitos.

Officio do director de uma colonia sobre nascimentos e obitos da mesma.

«Quanto á nascimento saberá v. exc. que apenas nasceu um só beserro e quanto a obitos, o que tenho á informar é que ninguem tem sido ainda condecorado nesta colonia; e como está para haver festa, é preciso vir uma força de soldados armados para conter o povo.»

Gallofa para fazer rir a humanidade.

Qual a pocira que tem servintia?

E' a potassa.

Qual é o instrumento maritimo que mais serve em politica?

E' o cata-vento.

Qual é a nota de musica que se prepara na botica?

E' o re-medio.

Qual é a estrella que se presta á lavagem?

E' a vesper-tina.

Qual é o jogo muito fallado no carnaval?

E' o dominó.

Qual é a nota de musica que veio de Roma?

E' a la-tina.

Qual é o parente que temos no violão?

E' a prima.

Qual é o elemento que estando nas fardas, é feito de metal?

E' o ar-gola.

Qual é o homem que fazendo mal é util á humanidade?

E' o lavra-dor.

ANNUNCIOS.

A meza administrativa da irmandade do glorioso S. Benedicto, erecto no convento dos religiosos franciscanos, tem a distincta honra de convidar ao respeitavel publico para no dia 1.º de novembro ás duas horas da tarde accompanhar em procissão solemne a Santa Imagem que tem de ser collocada em seu nicho, na Quinta dos Lazaros, devendo este acto percorrer as seguintes ruas — ladeira de S. Francisco, ladeira das Veronicas, praça do conde d'Eu, Portas do Carmo, Baixa dos Sapateiros, ladeira do Carmo, Conceição do Boqueirão, rua dos Adobes, Perdões, Soledade, e ahi fará volta tomando a nova rua que vae em seguimento dar a Quinta dos Lazaros. A meza aproveita a occasião para agradecer a todos que concorreram com suas esmolas para a factura de tão importante obra e aos que comparecerem a tão pio acto.

Bahia 26 de outubro de 1871.—*Manuel Roque da Purificação,* 2.º juiz.—*Antonio Militão Graves,* escrivão.—*Dionizio Duarte Guimarães,* thesoureiro.

Imperial Sociedade Monte-Pio dos Artistas.

De ordem do conselho administrativo faço saber aos Srs. socios que se acham atrazados em mais de 3 annos de mensalidades, que as devem satisfazer até o meiado de janeiro de 1872, para que não sejam eliminados como prescreve o § 6º do art. 25 dos estatutos. Bahia 9 de outubro de 1871.—*Manuel da Natividade Moutinho,* 1º secretario.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O
ALABAMA
1871
5
G. H. B

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 84.ª SEXTA-FEIRA 1.° DE SETEMBRO. Ns. 834—837.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 31 de agosto de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que á bem do serviço publico, seja por meio de ordens expedidas facilitada a immediata admissão á presença de S. S. das pessoas indigentes e desvalidas que se apresentem com qualquer reclamação ou queixa, afim de que S. S. ouvindo-as pessoalmente possa promptamente providenciar como for de direito e justiça.

—Capitão, cada dia vejo cousas!

—Mesmo que o mundo marcha.

—Pois eu nunca pensei que o acto de dar sepultura a um christão fosse objecto de calacaria e patuscada.

—E viu isso?

—Eu lhe conto.

No afamado Paraguay da Estrada Nova, ha uma sociedade capadoçal, denominada da *Bacerma*, onde ha *condes de orgias, marquezes das sete pontas, cavalleiros da estrella da noite, damas de Lorena, viscondessas da galhardia,* etc.

No domingo, fallecendo um dos membros da muito importante sociedade da *Bacerma*, tiveram os associados como dever de fraternidade de ir levar o seu consocio fallecido ao ultimo jazigo.

A' hora aprazada guindaram o caixão nos hombros e tiraram pela Estrada afora, entoando ao morto esta encommendação funebre accompanhada por todo o cortejo:

La vae, la vae,
O' quisumba,
A querida mariposa
Quisumba,

—Ultimas despedidas ao companheiro de estrepolias.

—Tanto fizeram, tantos tombos deram, á força dos repetidos tragos que iam tomando pelo caminho, que o caixão largou o fundo e o misero cadaver quasi prova a lama da estrada.

Recorreram então a cordas de embira com que ajoujaram o caixão e desta sorte levaram o ex-companheiro até a morada do descanço.

—Capitão, trago-lhe esta communicação:

Hoje 30 de agosto o bond da companhia de Vehiculos n. 4, denominado *Violetta*, trouxe de Itapagipe para a cidade o corpo do francez Recourt, socio da fabrica Dous de Julho, o qual tendo morrido afogado no sabbado, achava-se em adiantado estado de decomposição; depois continuou o dito bond no serviço da linha para o publico o desinfectar; os passageiros que mais tarde se embarcaram foram obrigados a tapar o nariz com os lenços.

—Capitão, sabe o que me traz aqui?

—V. dirá agora.

—Pedir lhe um elogio para o Sr. Dr. chefe de policia.

—Si V. entende que o merece, não posso recusar.

—Consta que S. S. mandara vir á sua presença o sujeito que dera á uma preta uma nota de dez tustões, por duzentos mil reis, e interrogando-o, este confessou e obrigou-se a restituir o dinheiro.

—Muito bem, procedendo assim o digno magistrado ha de se tornar por força credor de encomios.

A PEDIDO

(Extrahido do *Diario da Bahia* n.° 139 de 22 de agosto)

«Communicam-nos:

No sabbado esteve fechada até as 9 1|2 horas da manhan a porta d'alfandega, sem que podessem entrar os trabalhadores e empregados.

O Sr. administrador da capatazia deve evitar a reproducção de semelhante falta, em prejuizo das partes.

Questão Godinho.

III

Nos parece agora opportuno pôr em relevo os *elevados* sentimentos, que tão ardorosamente nutre o Sr. Godinho acerca de suas victimas

O odio que lhes devota, o rancor que lhes consagra, a aversão que lhes tributa—excede os limites do coração humano.

Analysemos, portanto, desarmado de preconceitos, e puro de pensamentos mal-formados o artigo inserto pelo *Justus* no *Diario* de 18 do passado mez, visto como é n'este escripto que se acha retractado o sentimento intimo, que esculpe por demais o caracter do delinquente.

O artista delineou bem o quadro, apressou-se em mostrar-lhe os matizes, carregando-lhe as cores.

E' por isso que ainda uma vez appellamos para a opinião publica, que sempre circumspecta sabe apreciar os factos á luz de profunda meditação.

Avaliem todos a torpe declaração tão *modestamente* feita pela *ingenuidade* de um de seus mais *fieis* agentes, e vejam si em tal caso poderão haver meios, que mesmo de leve possam attenuar a criminalidade do Sr. Godinho.

Sim: a defeza degenerou em perfeita accusação; a culpa aggravou-se pela contradicção das provas e á luz dos argumentos prorompeu insperado o facho resplendente da verdade.

Para que, porem, se possa bem aquilatar o valor do que estamos asseverando, convém que sem mais preambulos, este artigo, cujo unico fim é innocentar o *digno* negociante, *por sem duvida calumniado por quem tem ambição do seu ouro e da sua posição*, seja apresentado.

Eil-o integralmente:

«Temos provado com documentos o quanto são inexactas todas as asserções do *Alabama*.

«O *Alabama* só tem em mira sustentar a calumnia, isto é, sustentar que a crioula Benvinda Maria da Conceição sempre assim se chamou.

«Nós temos demonstrado a verdade, isto é, que Benvinda Maria da Conceição, de hoje, é a mesma que em 1854 se deu como Benvinda Tavares, no baptismo de sua filha Clara.

«Diga-se a verdade nua e crua.

«A crioula liberta Benvinda Maria da Conceição nega que se chamasse Benvinda Tavares somente porque isso lhe contraria seus interesses.

«No momento em que ella o confessasse, estava sua filha Clara declarada maior.

«Por consequencia sem direito a exigir dote do Sr. Godinho, nem de o perseguir».

Com effeito; é necessario ter bastante coragem para enunciar-se tanta banalidade e torpeza!

E' necessario que o homem só aprezente na fronte os traços da propria dignidade já de todo apagados pelo vicio da corrupção para expor tanta vilania á consciencia social!!!.....

Lembremo-nos, porem, de que todas estas invectivas são lançadas á face de uma mulher, que se estorce nas duras provanças da pobreza e da miseria!

Estes sarcasmos são attirados, é verdade; mas é porque o Sr. Godinho nem sabe responder com o silencio da dignidade a voz queixosa do desvalido!

Não faz mal: para os adeptos do Sr. Godinho basta a declaração da mãe da infeliz Clara com o fim de provar a sua maioridade, para que veja-se livre o Sr. Godinho de toda e qualquer culpa!!

Isto é muito abusar, isto não pode sahir de consciencia, que ainda ouça commovida a voz do remorso; parece antes ser de um homem já affeito aos horrores e morticinios moraes.

A culpa, porem, não recahe só por este lado n'este negociante; é notavel tambem a contradicção, em que constantemente lobriga, porque d'este escripto collige-se ter sido o Sr. Godinho o autor do rapto e do defloramento da mesma Clara, dizendo versar agora toda a questão sobre a edade da infeliz rapariga; e tanto que desde o momento em que isto provar-se, está elle livre, como geralmente se diz, *de pena e culpa*.

E' forçoso, porem, que digamos a verdade: o espirito publico espera com a maior anciedade o desenlace d'esta questão.

Esta soffreguidão que em tão alto grau o impacienta, esta especie de angustia que tão vivamente o afflige, esta avidez que tanto o inquieta—é o mais escrupulozo cuidado pela causa da justiça, é a consciencia social horrorisada pelo arrojo do delicto.

Este facto tem toda razão de ser; é por demais logico e natural.

Tudo isso resalta do modo, por que hoje se procura em geral deturpar os factos conhecidos pela evidencia completa de suas circumstancias.

O Sr. Godinho apenas está exhibindo provas do seu delicto; os seus agentes, jurando-lhe fidelidade, o estão vendendo como Judas a Christo; mas Christo era innocente e o traidor foi punido, aqui o inverso se dá, porque os traidores ajudam a causa do direito.

Ha certas defezas, que melhor convem não tel-as, porisso que mais aggravam a imputabilidade do crime e a pessoa sobre quem recahem.

E' mil veses preferivel que os *Justi* e os *Imparciaes* se calem de uma vez.

Continuaremos.

Alcibiades.

Parece incrivel o revoltante descaro com que os adeptos do Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho na impossivel defeza d'este Sr., invertem a verdade diante de um publico illustrado, como o d'esta capital!

A quem n'esta cidade já constou, em que tribunal, por que cartorio foi, que já o *Alabama* promoveu justificações a favor da infeliz Benvinda Maria da Conceição?

E' incrivel o desfaçamento com que assevera isso um *Veritas* no *Jornal* de quarta-feira, batendo palmas pelo ephemero triumpho do Sr. Godinho.

E veja o publico a razão de tanta celeuma levantada pelo Sr. Godinho e sua gente com esse *esplendido* triumpho:

Requereu elle ao digno Sr. vigario geral para que ficassem suspensos os effeitos da certidão de baptismo de Clara, até a decisão final, o que lhe foi favoravelmente despachado; Benvinda appellou desta decisão pelo damno irreparavel que lhe podia causar, o que foi reconhecido pelo mesmo Sr. vigario geral, como consta dos autos; o Sr. Godinho interpoz aggravo desta appellação e a relação ecclesiastica mandou que não se tomasse conhecimento da appellação, dizendo não haver damno irreparavel.

Eis em que se funda toda a apregoada prova da innocencia do Sr. Godinho!

Ainda suppondo que Clara fosse reconhecida quatro mezes maior de dezesete annos, como o quer o Sr. Godinho, julga-se por ventura esse Sr. moralmente absolvido da criminosa e triste acção que praticou, de raptar uma pobre menina e leval-a para um quarto que tinha de proposito alugado para fins illicitos?

Por esse lado é que devia o Sr. Godinho procurar se justificar e nunca querer mystificar a acção da lei apregoando-se de innocente com a escapatoria de que sua victima tem de mais quatro mezes, do que determina a lei.

Para esse ponto é que devem convergir os esforços do homem que presa sua reputação e tem pejo quando soffre a accusação de ter commettido um acto reprovado pela sociedade.

E apezar disso fez-se jactancia de que nesse mesmo dia a decantada certidão do Accordão da relação ecclesiastica iria dormir no bolso do incorruptivel juiz que tem de julgar do recurso, como ja se tinha feito alarde da antecipada victoria antes mesmo da decisão do tribunal; assoalhando-se os dados de que se dispunha e devulgando-se até o que se passara com um dos meritissimos julgadores e por cujo motivo se negou a este o cortejo por alguns dias.

Até nisso os defensores do Sr. Godinho o compromettem!

Ja com o Sr. Freitas, digno subdelegado da Sé, foi assim.

Em quanto os seus mais intimos amigos eram importunados, rogados, fazia-se ostentação e até apontava-se sem reserva qual delles lhe suspenderia a penna ao escrever a pronuncia, ao passo que *alguem* pela cidade baixa, já contando como certa a despronuncia, ia surrateiramente dando como razão *uma causa* bem differente. Quando viram porém que nada foi capaz de abalar a consciencia da integerrima authoridade, desmereceu logo o Sr. Freitas, tornou-se authoridade arbitraria, perseguidora e muita cousa mais.

Com o muito respeitavel Sr. vigario geral reproduz-se a mesma cousa.

Em quanto o Sr. Godinho, entrava como muitas vezes foi visto, para o seminario de Santa Thereza ás 9 horas da manhan e de lá sahia ás 4 da tarde, *bozinando* os ouvidos do digno ministro de Christo, julgando-o capaz de convencer-se com suas insinuações, ia tudo muito bem; hoje que aquelle sacerdote talvez aborrecido da encommoda e enfadonha visita, a despedisse, desenganando-a assim de desarrasoadas exigencias, ja se diz ã bocca chêia que não fazer se caso de qualquer decisão do vigario geral, porque ha canaes superiores para onde recorrer.

E é assim a innocencia do Sr. Godinho! Em logar de fazel-a demonstrar por meios justos e honestos procuram os ardis e subterfugios que o publico tem visto.

O publico leu no *Jornal da Bahia* de hoje, quarta feira, o Accordam proferido pela relação ecclesiastica dando provimento ao aggravo, que interposera Antonio Tavares da Silva Godinho, de haver o Rvm. vigario geral mandado tomar a appellação, que Benvinda interpoz do despacho, pelo qual o mesmo Rvm. vigario geral mandou que ficasse *suspenso o effeito* da sentença e assento de baptismo de Clara (a menor raptada e deflorada pelo mencionado Godinho) feito por virtude da sentença proferida pelo Rvm. vigario ge-

ral em justificação procedida por Benvinda, mas para que o publico, possa formar devidamente o seu juizo, e os jurisconsultos avaliar a questão nos preceitos do direito, basta expor o facto succintamente.

Benvinda, não achando o assento do baptismo de sua filha Clara nos livros da freguezia da Penha, aonde fôra baptisada, procedeu a uma justificação perante o Rvm. Dr. vigario geral, que, a julgando procedente, mandou abrir o assento do baptismo de Clara por este baptismo é Clara menor de 17 annos. O Sr. Godinho no empenho de escarnecer da moral, e do direito, para evitar a pena, & procedeu justificação do baptismo de Clara na subdelegacia de Santo Antonio: esta justificação, alem de nulla pela incompetencia do juizo, sahiu tal para o Sr. Godinho, que sem que ficasse traslado, a consumiu juntamente com os seus protectores.

Sendo porem pronunciado o Sr. Godinho pelo subdelegado da Sé, e indo o processo ao juiz municipal da 2.ª vara para sustentar, ou revogar a pronuncia, o Sr. Godinho requereu ractificação do mesmo processo, e para logo procedeu neste juizo a uma justificação de baptismo de Clara, figurando o feito na matriz de Santo Antonio, o juiz indiferindo a pretendida ractificação, por achar o processo regular, sustentou a pronuncia. Entretanto continuava a justificação do baptismo de Clara de envolta com o accessorio da identidade de Clara, e sua mãe Benvinda. Esta justificação incontestavelmente nulla pela incompetencia do juizo; e ainda mais, por não ter sido citada Clara maior de 14 annos, como quer o direito; por não ter o juizo municipal requisitado ao juiz de orphãos curador para Clara, como determina a Ord. do Liv. 3.º Tit. 41 § 8.º com estas palavras—E não tendo curador, o juiz, que da causa houver de conhecer, o notificará ao juiz de orphãos para lh'o dar: accrescendo que o juizo, como era indispensavel ante o direito, não nomeou curador a lide: não obstante a justificação foi julgada procedente, mas, conhecida a nullidade, o Sr. Godinho procedeu a terceira justificação perante o Rvm. Dr. vigario geral, para a qual foi Clara citada, e nomeou-se curador a lide, faltando todavia o nomeado pelo juiz de orphãos a menor.

Esta justificação, attenda o publico, foi julgada improcedente, mandando-se o justificante reforçar a prova. Muitos dias depois, uma testemunhadada pelo Sr. Godinho em reforço de prova, jurou que tinha sido peitada para jurar falso em favor do Sr. Godinho. O publico ja tem noticia d'esta gentileza.....

Entretanto que se procedia a terceira justificação, o Sr. Godinho embargou a sentença, que julgou o baptismo de Clara. Os embargos recebidos foram contrariados, de forma a desorientar o Sr. Godinho, e seus protectores. Mas o Sr. Godinho, vendo perdida a terceira justificação, com que pretendia em seu plano de defeza, documentar o recurso pendente, que da sentença de confirmação de pronuncia, interpoz para o juizo de direito, e vendo que os embargos oppostos a sentença, que julgou o baptismo de Clara, tomando curso ordinario, não lhe davam resultado em tempo, requereu ao Rvm. Dr. vigario geral que mandasse por seu despacho ficar suspenso o effeito da sentença, e assento do baptismo de Clara, o digno Dr. vigario geral, talvez esquecendo que a sentença ja estava embargada, e por tanto contenciosa, a que consequintemente só podia se alterar pelo juizo a proferir se sobre o merecimento dos embargos, deferiu. D'este despacho appellou Benvinda para a relação ecclesiastica por damno irreparavel.

Pede-se agora toda attenção dos jurisconsultos, e do publico sobre este incidente. O damno é irreparavel quando não se pode reparar por outra sentença: Ora, revogada a sentença que julgou o baptismo de Clara; revogado o assento, que se lançou no livro, pois que outra cousa não significa suspender o effeito da sentença, e do assento, é claro que se causou damno irreparavel; porque instruhindo o Sr. Godinho com este documento o recurso, em cujo intuito se requereu, e tendo por ventura provimento, por qual outra sentença se podia reparar o damno causado da offensa de Clara não punida, e indemnisada, e do pagamento de custas?

Podia a relação reparar este damno por qualquer sentença, que desse na questão dos embargos! Cabia em sua jurisdicção revogar, alterar de qualquer forma a sentença proferida pelo juiz de direito para poder reparar o damno causado? Respondam os esclarecidos magistrados, e jurisconsultos d'esta cidade.

Alem do damno irreparavel, como fica succintamente demonstrado, o despacho appellado não tem razão de ser perante o direito, porque a sentença definitiva, qual a que julgou a justificação do baptismo de Clara, só podia ser revogada por embargos em discussão no feito; e outra qualquer sentença, ou despacho, a não ser por este meio, são nullos por nullidade expressa dizendo assim a Ord. do Liv. 3.º Tit. 66 § 6.º

E se depois a revogasse, e desse outra contraria, a segunda será nenhuma, salvo si a primeira fosse revogada por via de embargos, taes que por direito per o nelles allegado,

ou provado, a devesse revogar: logo a appellação interposta de despacho interlocutorio causitivo de damno irreparavel, e alem disto, nullo de pleno direito, não podia deixar de ser admittida.

Entretanto os dignos julgadores do aggravo, sendo o ponto preciso, e unico delle: si a appellação, no caso dado, devia, ou não ser admittida, foram mais além decretando que ficasse suspenso o effeito da sentença, e assento, dando assim vigor a um despacho nullo por nullidade expressa!

E a razão que dá o Accordão é que a parte não foi ouvida na justificação do baptismo de Benvinda, mas notem, e saibam os jurisconsultos, o o publico, que, quando o despacho de que se appellou, foi proferido, ja estavam pendentes, e contrariados os embargos oppostos, pelo Sr. Godinho, que exultando com o Accordão, reu confesso, e preso em flagrante, no despreso da lei, do direito da justiça, e da moral, no *Jornal da Bahia* de quarta feira 30 do corrente, diz assim—

«Nullificando-se uma certidão de baptismo verdadeira, só com o fim de perseguir-se a um homem, *que confiado no seu direito, e na justiça do paiz, está certo de que afinal triumphará a causa da justiça e da razão.*»

Querem mais claro? O Sr. Godinho ha de ser absolvido; é elle quem o diz,...Tambem Jugurta exclamou sobre a cidade da Roma—cidade, estou absolvido.

O Justus.

(Continúa)

—No juizo de paz da freguezia da Se, em audiencia de hontem, foi accusado o negociante Antonio Tavares da Silva Godinho para conciliar-se com o Dr. Evaristo Ladislau e Silva, representado pela procurador Marques Porto, sobre a quantia de duzentos mil reis, honorarios do trabalho do referido Dr. quando foi seu advogado na questão do rapto da menor Clara e que até a data estavam por pagar.

VARIEDADES.

Praga dos turcos.

Os turcos quando estão enfadados rogam muitas vezes esta praga:

«Faça-te Deus como o chapeu d'um christão!»

A praga dos turcos refere-se ao motu-continuo em que sempre trazemos os nossos chapeus, para comprimentar as pessoas que encontramos, o que elles não usam com os seus turbantes. E' o mesmo que dizer: Deus te não dê descanço.

Realmente, si não é ridiculo nem caricato, havemos de convir que não é muito proprio, nem commodo, que para desejar os bons dias, ou as boas noites a qualquer amigo ou conhecido, seja mister expormos a cabeça ao sol, ao vento, á chuva ou ao sereno!

Os turcos tem rasão.

A verdadeira amisade differe muito do amo carnal e immundo.

As amizades, que começam na infancia, são ordinariamente duradouras.

A amisade cifra-se na uniformidade dos animos e estudos e na communicação de muitos objectos.—Não dá entrada a inveja.

A rapidez da vida humana

Pensamento tirado de um sermão.

E' a vida na terra um caminho,
Que se sobe desde logo ao nascer,
Que mais tarde se chega no cume,
E descendo se vai té morrer.

Por um lado e por outro alcantis,
Esta estreita passagem limitam;
Mil perigos encontram mil vezes
Os que ousados por ella transitam.

A principio caminham videntes,
Antevendo formosas paisagens,
Que, traidoras, encobrem fugindo
Os abysmos de ambas as margens.

Ora vendo cahir despenhados
Outros muitos que riam tambem,
Que dos riscos crueis descuidosos
Esperavam passar muito além.

Ora as flores colhendo vivaces,
Que, odorosas, juncando a subida,
Se convertem depois em serpentes
Que vão prestes silvar na descida.

Porem quando afinal já no cume,
Anciando de extrema fadiga,
Precisamos descanço,—uma lei
A correr sem parar nos obriga.

Entretanto as paizagens formosas
Que a principio serviam de guia,
Cada vez mais recuam la onde
A descida fatal principia.

E' horrenda a estreita passagem;
Evital a de certo eu quizera,
Ou ao menos parar um instante....
«Corre, corre!» me brada a lei fera!

E' forçoso descer a ladeira,
Cujas bordas a mais se estreitando,
Mais receios me incutem; e tremo
Sobre os seixos roliços pizando.

Eu quizera voltar, mas a lei,
Essa lei só me obriga a descer!....

Ai! da vida, que deixo, a lembrança
Já mais póde o meu peito esquecer.

Pouco a pouco recua e se perde
Da existencia o jardim encantado:
E, já tibios, procuram meus olhos
Uma vista reter no passado.

Mas debalde eu quizera agarrar-me
A'lguns seccos e frageis caniços,
Que se quebram ligeiros--meus passos
Escorregam nos seixos roliços.

Eu quizera voltar.—Corre corre!
Corre, corre!—me brada a tal lei;
E' forçoso descer sem parar!
Até onde, ó meu Deus?!—Eu não sei...

Ignacio J. Barros Leite.

José Sabino.

Venho de enterrar o meu pobre amigo José Sabino, e estou ainda destillando lagrimas de compungimento!

Pobre José Sabino; a terra te seja leve!

Tenho conhecido gente espesinhada pelo demonio da sórte, mas como aquelle infeliz não sei de outro, e sinão, ouçam:

Era um rapaz transparente, pallido, infesado, idéas microscopicas, acanhadissimo, em uma palavra.

Tinha medo de gatos, cachorros e baratas, e amava as borbolêtas. O seu gosto predilecto era empinar papagaios e ler folhinhas de Laemmert.

Possuia, entretanto, alma candida, como a de uma freira de noventa annos, ou uma creança de peito.

No meio, pois, de tanta candura, e exquisitas inclinações, gostava o diabo de mirar-se nas moças, como qualquer praça de pret, e de certa epocha em diante largou de empinar papagaios e começou a empinar o coração.

Ora, como já disse, não tinha José Sabino physico para attrahir peitos de damas, e por isso não ganhou facilmente o terreno que almejava.

Um dia, porem, encontrou vento propicio e o coração empinou-se-lhe por tal arte na alma da senhora Maria Bernarda que, quinze dias depois, distribuia-se aos amigos as seguintes participações:

—José Sabino.—
—Maria Bernarda.—

Quando recebi o cartão, tive calafrios! Vio-se cousa mais descommunal! Um José Sabino, casado com uma Maria Bernarda!

Sabino dá idéa de paz: —Bernarda já é de si uma revolução!

Inda assim, dias depois, fui visitar os noivos. Ahi meu espanto cresceu; Maria Bernarda ao lado de José Sabino semelhava uma tranca ao par de uma taquára!

Pareceu me tambem bichinho de bofes esquentados e capaz de reduzir Sabino á torresmo, com dous ou tres piparótes.

Sabino estava, porem, satisfeito e communicou-me da sua *Torre de Londres* mais virtudes, que a de todos os Santos do *Flos Sanctorum*.

Apezar de tudo, sahi de casa dos noivos, acreditando que o meu amigo tinha feito *sabinada* em casar-se com aquelle desproposito.

Fiz uma viagem em que demorei-me dous mezes; no dia em que cheguei procurou-me Sabino. Não o conheci: estava que parecia um osso de monturo.

— Oh! pois, és tu, Sabino!

—Eu mesmo; ou antes a ossada do Sabino.

—Que tens feito, diabrete?

—Pergunta antes o que me hão feito!

—Pois perguntarei!

—Meu charo, estou dando ao diabo o casamento.

—Porque?

—Minha mulher é um tigre....

—Sem garras, atalhei eu.

—Com garras, e o diabo!

—O que dizes?

—Vê.

—Estás arranhado! Pois brigam?

—Todos os dias. E o diabo como é grande e fórte, faz de mim gato e sapato.

—Então apanhas?

—E dou. Mas n'este negocio de bordoada eu sempre saio sujo.

—E porque brigam vocês?

—Eu te conto. O diabo é cheia de desejos. De repente, por exemplo, quer comer doce de ovos. Vou procurar-lh'o; não encontro, para agradar-lhe levo para casa marmellada. O que ella faz? Atira a latinha pela janella fóra, olha-me com uns olhos de leopardo, e diz:

—Sr. José Sabino; o Sr. não serve para nada! O senhor é sempre o mesmo Sabino: só faz sabinadas!

Eu azedo-me, chamo-a Bernarda, revolucionaria e outras cousas fórtes, e d'ahi—grudação no caso, pancadaria velha.

—Isso é o diabo, proferi eu.

—Peior, meu amigo; si isto dura, adeus José Sabino. Ah! tempo em que empinava papagaios!

—Para que te casaste, demonio?

—Si eu andava com fogo na alma!

—E agora?

—Agora tenho lá carradas de gêlo, que só se derretem ao calor dos tapas que nos damos.

—E que pretendes fazer!

—Eu vinha vêr si me accompanhas, e como

amigo, entrevens para que haja paz n'aquella casa.

Accedi, e fui com José Sabino perante Maria Bernarda. A mulher estava que era uma furia, e arreganhou o dente para o marido á maneira de cão fila.

José Sabino coseu-se comigo, e eu fui tratando de dizer:

—V. Ex.ª parece-me encommodada e, sendo assim, retiro-me...

—Qual! o meu encommodo é por causa do Sr. Sabino.

—Por minha causa, menina?

—Sim; o senhor é um cachorro.

—Perdão! minha senhora; si temos briga, ausento-me.

—Não saias, disse Sabino, estás em minha casa.

—Sua, não; não seja tôlo, vomitou Bernarda. Não profira sabinadas.

A' palavra *sabinadas,* Bernarda atirou-se ao rapaz com uma gana incrivel. Metti me na alhada para apartal-os, mas perdi logo um dente. Como vi que a cousa cheirava a chamusco grosso, ventei. José Sabino ficou berrando como um louco.

Estas scenas repetiam-se quasi diariamente e, quando a bordoada era demais, Sabino vinha chorar na minha casa.

—Diabo, dizia-lhe eu, porque não te desquitas!

—Tu tens razão, mas si ella tem uma *verruga* que lhe dá tanta graça!

—Ah! é pela verruga que estás prezo e apanhas diariamente?

—E' uma fraqueza, confesso.

—Pois, meu Sabino, aguenta-te no balanço. E's o Sabino mais Sabino d'este mundo, e agora tambem eu digo que só fazes sabinadas.

Não gostou da minha resposta e sahiu.

Mezes depois soube, que estava de cama. Fui visital-o.

—Como vais! interroguei ao vêl-o.

—Estou para sahir d'este mundo.—Bernarda deu cabo de mim. Já fiz testamento e deixo-te meu testamenteiro.

—Não morres; logo melhoras.

—Não melhoro; Bernarda meteu-me as costellas dentro. Guarda segredo a respeito e vai-te embora.

Apertei-lhe a mão e sahi.

Tres dias depois Sabino batia a bota.

Chamaram-me para a abertura do testamento. Eis o seu contheúdo:

«Encarrego o meu amigo W. de publicar em todos os jornaes as seguintes linhas!

«Aconselha-se ã todos os Josés Sabinos que «tiverem de casar se com Marias Bernardas, a «que se enforquem quinze dias antes.»

E nada mais.

A mulher, quando tal ouviu, accendeu os olhos, e bufou:

—O tal José Sabino ainda depois de morto faz *sabinadas*!

Eu e as pessoas presentes não proferimos palavra, mas na rua dissemos uns aos outros:

—Antes uma metralhadora pela frente, que uma «Bernarda» d'aquellas.

Limeira.—1870.

W

—Capitão, aprecie este parto de ortographia de um agente policial da provincia de S. Paulo:

«Sr. Redactor.

«A educação é apriciavel para q^{m}, a tem é dar apreço aquem na tem!!! por isso quero Contar-lhe hum Cauzo Cujo e o Seguinte' Sendo Policia quando ganhava 800 rs. foi Chamado pelo Senhor Cappm. Joaquim José Saraiva, nessa cazião Com a Vara de Sobdelegado, para trazer aprezença do mesmo Sr. Ignacio Rodrigues Lino, isto por huma queixa dáda, pelo Sr. Angelo Pereira Lima, acontecido porque dizia o Sr. Angelo que o mesmo Ignacio. tinha dezobedecido hum menino, Cujo menino julgo ser de ouro ou algum anjinho, aquem o Sr. Angelo proteje, eu como Policia levei o Sr. Ignacio, ahi tive de apreciar aluta, entre os dous, o Sr. Angelo; fez huma bonita defeza, o Sr. Inacio, fez o que pode! por que oproprio Sobdelegado por Sua modesta nada disse, ficando assim acabado aluta!!! bem pençava eu cahir nas garras do meu Sr. no dia 16 do corrente, o mesmo menino, Costumado a trazer Caffé para os presos, tem por costume a Subir em Sima de uma pedra e fazer ali huma mathinada, isto por huma devoção, ora estando eu de Sentinella passei a fazer-lhe huma devertencia, foi isto bastante para ouvir o que nunca ouvir, neste Cauzo julguei que fazendo Vêr ao Sr. Angelo, Seria o minino Corrigido, meu Amigo!!! tive por resposta as Costa do Sr. Angelo, dizendo me que ia ao delegado de Policia para Corregime não era assim que se insultava hum menino!!! foi ao delegado eu tambem o segui, encontramos o delegado ahi eu disse o que entendia, e trocamos Varias palavras Palavras. Sr. Angelo se é assim que da educação a mocidade teremos de lutar Com um pezado Ouro, ou com Farizeo Anjinho diabo.... eu justifico O meu procedimento Como Policia do meu Viver, quer Com escravos escravas e meninos, por que não esta-mos no dezerto e moro nesta Cidade a 10 para 12 annos....

Claudio Pereira Barbosa.

A mania de questionar

Com que tambem ha mania de questionar?

Sim, senhores, é uma mania tão forte como qualquer outra.

Ha gentinha por ahi, que de uma pergunta muito simples e comesinha, tira longos capitulos de questões. Um conhecemos, que para questionar basta que lhe falleis. Ficará parado no meio da rua um dia inteiro, sem lembrar-se de jantar, nem de ir para casa, uma vez que encontre qualquer cousa sobre que questione.

E' a mania de questionar um mal como qualquer outro: tem suas phases, seus instantes de força, e seus paroximos finaes.

Quando chegado a tal ponto, vereis o doente andar atacando pela rua aos que passam para que travem com elle uma conversinha, onde encontre algum pé de cantiga para a questão.

Nunca vereis aos taes maniacos apoiarem um parecer; basta que haja uma pessoa de opinião á favor, para que elles sejam immediatamento contra. N'uma reunião um homem d'estes é um flagello, traz tudo em desordem, e confusão.

Alguem tem pretendido excogitar de onde procederá este mal; e se haverá alguma boca de questões. Mas inda não se descobriu a origem, apenas conhece-se que todos aquelles que cahem na mania das questões, são dotados de um genio minucioso, e como se costuma dizer—miudinho.

—Ora, amanhã, havemss de almoçar mocotó.

Direis assim a um amigo de questionar, a um ferido da mania, e logo elle retorquirá.

—Não, mocotó para almoçar, não.

—O' homem, mocotó é um almoço chibante, é um almoço substancial, e corroborativo.

—Não, não concordo, é cá minha opinião.

—Mas porque pensa você assim?

—Tambem não digo; mocotó! que parvoice!

—Então que tem você a notar? Todos almoção mocotó, e quer você ir contra o gosto geral?

—Não: almoçar mocotó, já disse que não: almoçar porem unha de boi, isto sim, estou prompto e promptissimo, até gosto muito.

Eis aqui como são quase todas as perlengas e questões dos maniacos. Levar-vos-ha um dia inteiro apurando uma palavra, torcendo o sentido de uma oração, enfim procurando meios e modos de questionar, e nutrir o genio.

Quem quizer porem fazer a estes maniacos de questões dar o cavaco, não tem mais do que ser o primeiro a concordar. Isto feito, cortando-se-lhe o caminho, está derrotado, e sem saber como haver-se.

E' este o melhor expediente que se pode adoptar com taes meiros. De outra maneira, que massadas!

Um maniaco de questionar, dirá que uma espada é de pau, quando todos a veem de ferro; teimará comvosco sobre verdades reconhecidas por taes, e taxará de estupidos e ignorantes a todos que não forem da sua opinião.

ANNUNCIOS.

Na casa n.° 27 a rua dos Adobes, freguezia de Santo Antonio, precisa-se de uma ama de leite.

Na venda ás Mercêz n.° precisa-se fallar ao Sr. Macario Gomes de Siqueira.

Desappareceu no dia 28 do corrente de cima do balcão do estabelecimento denominado—*Aguia Douro*—dois livros contendo assentos tendentes a uma fabrica de café; quem os levar a casa de Manuel Americo de Araujo Rosa, na rua do Tingui ou no mesmo estabelecimento será gratificado com 10$000 rs.

N'esta typographia se dirá quem precisa de uma ama de cosinha para casa de pequena familia, preferindo-se mulher de côr preta e que não seja moça.

A devoção de Nossa Senhora da Gloria protectora dos artistas, tendo de celebrar a sua festividade no dia 27 de agosto, transfere para o dia 8 de setembro impreterivelmente.

Bahia 26 de agosto de 1871.

O thesoureiro, *Francisco X. das Dôres.*

O provedor, *C. José do Espirito Santo.*

O presidente, *F. d'Assis e Almeida.*

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, lôuça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Vende-se

A venda á rua do Pilar n.° 121; á tratar na mesma.

Attenção.

Na grande Loja de cêra e charutos á rua direita do Collegio (defronte da botica do Bacellar) ha para vender diversos instrumentos de metal, pancadoria, um excellente piston novo e diversas musicas, tudo para banda Marcial. Por preços baratissimos.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 84.ª TERÇA-FEIRA 5 DE SETEMBRO. N. 856.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 4 de setembro de 1871.

Officio ao Exm. Sr. vice-presidente da provincia, communicando-lhe que o Rev. vigario da freguezia de Brotas tem negado sepultura as pessoas fallecidas n'aquella freguezia, por não haver mais logar para enterramentos no cemiterio da mesma. Em vista do que pede-se a S. Ex. que attendendo as representações que constam terem sido feitas pelo Rev. vigario da mencionada freguezia e agora ao reclamo que lhe faz a imprensa, mande designar outro logar para novo cemiterio, o que torna-se de necessidade aos moradores d'aquella localidade.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, recommendando á sua attenção um certo ourives dado a especulação de fabricar obras de prata, galvanisal-as e andar vendendo, a pessoas que não entendem, por ouro.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, pedindo sua attenção para tres peralvilhos que andam por essa freguezia a praticarem toda casta de devassidão e libertinagem, sendo que por isso já um d'elles foi lançado para fora da casa paterna.

Espera-se ser attendido.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá á rua do *Pão-fofo* e no n.º 19, observe a um discipulo de Esculapio que é improprio e indecente o seu modo adoptado de trajar em casa; certo de que, si se reconhecer que tem natural propensão para andar em fraldas de camisas, se lhe mandará fornecer uma apropriada, no grande emporio das *Sete portas*, á rua d'Agoa das *Crianças*. Cumpra.

—Ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que passe a vistoriar os quintaes das casas á rua do Collegio, lado do mar, e mulcte a quem pertencer uma cambada de porcos que pelos mesmos andam soltos, causando estragos e prejuizos nas bemfeitorias alheias, alem de ser contrario á hygiene a conservação de taes animaes. Cumpra.

—No domingo deu-se na Estrada da Itapoan um desastrado e lamentavel acontecimento

Manuel do Bomfim, tendo rixas com Herculano de tal foi esperal-o á passagem do rio Jaguaripe e ahi desfechou-lhe um tiro. Errando a pontaria, a bala empregou se na perna, derrubando-o. Manuel do Bomfim então encaminhou-se para acabar com sua victima á couces de arma.

O instineto da conservação, o desespero da situação em que se achava Herculano, deu-lhe forças, reanimou-o; poz-se de pé, arrogou-se com seu contendor e luctaram obstinadamente.

No arremeço da lucta, conseguiu Herculano arrancar da cinta de Bomfim uma faca que trazia e embebel-a até o cabo neste, que cahiu e dahi á pouco estava sem vida.

Era aterrador o espectaculo que apresentavam estes dous homens cahidos um em frente do outro.

Manuel do Bomfim arquejante, deitado na margem do rio, cujas agoas cresciam com a enchente da maré, contorcendo-se a cada vaga que lhe vinha bater no rosto, como querendo soffocal-o e abreviar-lhe os poucos instantes que lhe restavam de existencia!

Herculano arrastando se e mandando pedir no povoado um cavallo, para se transportar.

Bomfim foi para Itapoan sepultar-se e Herculano depois do exame legal para o hospital de charidade.

—Arranjam sempre umas carambolas, que o povo é quem paga as favas.

Dizem que nos valles dos Trilhos Centraes ha falsos, e que a empreza os recebe, rasga, e não paga ao portador.

—Porque os emprezarios ja não annunciaram pela imprensa?

—Meu charo, annuncios para cousas de tal ordem, não servem n'esta terra. A maior parte do povo miudo não lê folhas; e tarde poderá saber uma pobre preta ou o artista analphabeto, de que tal empreza annunciou que dos seus valles appareceram falsos na circulação, ou mesmo que entre os seus agentes lhe subtrahiram uma serie inteira d'elles os quaes estão sendo emittidos, clandestinamente e que porisso não os paga mais.

—N'este caso que fazer?

—Não lhe sei responder; mais entendo que si cada dia forem apparecendo valles falsos o povo não é que deve soffrer o prejuizo.

—Na sexta-feira, ao meio dia um saveiro que conduzia uma senhora, indo atracar no caes de pedras junto a alfandega, algumas pessoas que estavam á beira do caes observaram ao remador que não atracasse; mas este teimou e o saveiro com a força da resacca virou de um lado, dando com a senhora ao mar, a qual depois de ir ao fundo veio de novo á a tona d'agoa, onde ficou boiando, por causa dos seus vestidos, que foram a sua salvação.

—Consta-nos que a Sra. D. Maria Francisca da Conceição fôra espancada barbaramente na ladeira da Jaqueira, na sexta-feira, pelo portuguez Joaquim Affonso, ficando a mesma com uma das mãos deformemente inchada e com varias contusões nos peitos.

—Este facto, segundo dizem, está affecto a policia e já o subdelegado procedeu a corpo de delicto.

—Em todo caso cumpro meu dever, communicando a V. Ex.

—Capitão, communicam-nos o seguinte:

No sabbado 26 do proximo passado mez sahiram as 4 horas da tarde, deste porto em um saveiro, com destino ao Mar-Grande os Srs. Bento Maria, Claudio Bento Maria, filho d'aquelle, Aprigio Antero Alves. Dionisio Maximo dos Santos, Martinho José Lopes e o menor Roque, e quasi ao chegarem ao ponto de seu destino, o savéiro virou-se, devido ao grande temporal que houve n'esse dia, salvando-se somente o menor Roque.

—Misericordia, meu Deus!

—Na segunda-feira foi encontrado em Jaburú os corpos de Aprigio e Dionisio, e na terça o de Martinho, em uma corôa, faltando os outros que até hoje não se sabe aonde foram encalhar.

—N'esse mesmo dia, dizem, um moço filho do Sr. Antonio dos Santos, morador na ilha de Itaparica, embarcou-se em um saveiro com sua familia, com destino áquella ilha.

No caminho um forte tufão virou o saveiro, não podendo salvar-se pessoa alguma; e no domingo encontrou-se o saveiro todo esmigalhado, á costa do Mar Grande.

—Quantas desgraças, Mãe Santissima!

—N'esse mesmo já referido dia....

—Ainda mais? Santo nome de Jesus!...

—..... dous pretos escravos de uma senhora moradora em terras pertencentes ao Sr. commendador Teixeira Barbosa sahiram em uma canôa, á noite, afim de comprar generos alimenticios, e, na volta, estavam um pouco na carraspana e mal derigiam o batel, o vento soprando fortemente virou a canôa de um lado, jogando com um delles, de nome Sergio, ao mar, sem que o outro o podesse salvar visto a escuridão da tempestuosa noite d'esse dia.

—Quantas desgraças no mez de agosto!

—Felizmente já passaram esses 31 dias que trouxeram calamidades á tanta gente.

—Mez de agosto, é mez de desgosto, dizia minha avó.

—Capitão, tenho noticia de que pelo littoral do reconcavo teem dado á costa muitos cadaveres.

Pessoa vinda do Boqueirão, informa-me que alli appareceram na praia oito corpos de infelizes, que sem duvida pereceram victimas do terrivel vendaval que reinou nos dias 25 e 26 do passado.

—Agora o que nos cumpre é elevar uma prece ao Altissimo pelo repouso de tantos desditosos.

—O individuo que passou dez tostões da nova estampa por duzentos mil réis a uma africana, chama-se Marcolino Gonzaga de Souza.

No sabbado restituiu na policia aquella quantia para ser entregue a prejudicada e assignou o respectivo termo de entrega.

A PEDIDO

O Sr. Godinho diz por ahi que quiz dotar a menor Clara, e que como queriam perseguil-o, por ser elle um homem de dinheiro e posição, para manchar sua honra, e assaltar sua bolsa, não acceitaram:

Quer o publico saber qual foi o dote mandado propor pelo Sr. Godinho?

Vá ouvindo:

Alugar uma casa de preço, de 30$ rs. e mobilial-a; Clara iria para essa casa e ficava sua concubina. Sua mãe a accompanharia se quizesse.

Faz horror até dizer-se isso!....

—O Godinho por Itapagipe!

—Veio trazer uma carta ao arcebispo.

—Creio que perde seu tempo. O virtuoso prelado não protege ao crime.

—O que faz o Sr. Godinho de joelhos com a cabeça ao sol?

—Espera que passe o arcebispo para beijar-lhe a mão.

—Ora digam lá que este homem não é dotado de recursos!

—Sabe bem enfeitar o ramalhete!

Como quer passar aos olhos de S. Ex. Revm. por uma pomba sem fel, uma victima perseguida, veja com que humilde beatitude se prostra, sem se lhe dar com a vaia dos garotos.

—E quando sahir d'alli vae dizer arrogantemente na venda do Guerra e dentro do *bond*, que tem vinte coutos para ensinar aos *dois caibras*.

—O Sr. Godinho uma volta por outra lá está horas esquecidas em Santa Thereza.

—Forte massante! Pois entende elle que o respeitavel Sr. vigario geral não tem mais em que cuidar, para lhe estar tomando o tempo com insulsas frioleiras, e inconveniencias.

—Quer com a assiduidade de visitas provar sua innocencia diante do digno juiz.

—E tanta *innocencia* deve ter contado, que S. S. deve de suas palavras estar bem convencido do quanto é innocente o Sr. Godinho!

Questão Godinho.

IV.

Na vida social, como na vida domestica ha deveres a cumprir: deveres, que como alguem já o disse, se não podem despresar sem mancha, nem abandonar sem grave censura.

Estas obrigações são hoje aceitas por todos os que commungam nos sãos principios da bôa educação, e sendo factos incontestaveis, ninguem poderá eximir-se sem grande quebra da propria dignidade.

Em taes casos a menor indiscrição acarreta serios prejuizos, quando não traga a deshonra ao caracter do delinquente.

E não estará o Sr. Godinho n'estas circunstancias? Não menoscabou dos deveres que a sociedade e a vida privada a todo transe lhe impunham?

Por certo que sim, embora sintamos grande pezar em dizel-o.

Sim: primeiro que tudo a verdade, e somente ella; a calumnia não deve achar assento no solio da imprensa.

Qualquer que seja o ponto de vista, por onde se encare o acto praticado por este negociante, é certo que ninguem jamais poderá negar a immensa criminalidade, que elle envolve.

A audacia revelou-se em toda sua plenitude, o atrevimento ultrapassou as raias da mais larga espectativa.

E nem é para menos; como o agiota e o usurario que especulam com as necessidades do homem, severos e incomplacentes em todas as transacções, assim tambem o opulento negociante, arrancando da fronte pura de uma pobre rapariga as esperanças de sua alma, requintára o excesso da vilania; e não satisfeito de tel-a arremeçado na vereda do crime e da infamia, conjunctamente com aquella que lhe deu o ser, procura agora constituir-se ainda um de seus mais encarniçados algozes.

E' muito: este repto só se atira á sanha d'aquelles que contam com a completa extincção do culto da dignidade; este modo de proceder revela apenas o esquecimento de sentimentos, que possam engrandecêl-a; este pleito, em summa, é para contendores como o Sr. Godinho, que se outro homem fosse, ao envez de procurar mais abater as suas victimas, ao contrario procuraria outros meios, que podessem de algum modo cohonestar o seu procedimento, sempre triste e muito.

Não pretendemos com isso dizer, que ficasse o Sr. Godinho livre do torpe passo que dera na carreira de sua vida; é que assim procedendo, não aviltaria de modo tão reprovado a sua dignidade, e os seus fóros de homem casado.

Isto, porem, se explica, e é que, traduzindo o pensamento de um profundo escriptor contemporaneo, a honra vale tanto para certos homens, como a quinta roda de um carro.

Não nos parece forte esta lingoagem, e nem severa esta phrase; felizmente podemos fallar despreocupadamente e sem temor, não temos precisão de retrahir o nosso pensamento, porque o Sr. Godinho merece de todos muito mais, e esta questão precisa de ser discutida com a maior solicitude; qualquer omissão, portanto, torna-se condemnavel.

E' necessario tambem confessar que não temos em mira encommodar a *solida* reputação commercial, nem tão pouco reduzir a nada o nome do Sr. Godinho; o facto só por si se incumbe por demais d'esta tarefa, que aliás não é difficultosa; basta só elle despido de todo e qualquer commentario.

Queremos apenas a sua condemnação e isto para exemplo, porque não é pouco que um insignificante hoje, por *empalmar* amanhan o elemento monetario, se julgue com direito de

reviver uma outra scena, analoga ou similhante, á que é actualmente representada pelo Sr. Godinho, já de a muito, pelo que dizem, affeito á taes façanhas.

Conforme se este senhor com a pena merecida que necessariamente lhe será imposta pela justiça publica, soffra resignado o castigo promovido pela sua desenfreada audacia, e nem por isso a sua *omnipotencia* ficará suicidada.

Quantos ladrões e assassinos verberados fortemente pela imprensa e que deviam estar enclausurados nas estreitas paredes de uma fetida masmorra, estão passeiando pelas ruas d'esta cidade, e com muito mais valor, prestigio e posição que d'antes?

Estes factos não se reproduzem quotidianamente na sociedade, em que vivemos? Que receio poderá ter o Sr. Godinho com estes escriptos? Todo escrupulo, portanto, será mal fundado.

Um unico fim só temos, que é defender o desvalido que está nos dolorosos transes de breve suffocação; é que a causa do direito registre mais uma victoria, cante mais um esplendido triumpho, ficando d'est'arte prostrados por terra o vicio e a mentira.

Não nos illudamos: o povo tem grandes instinctos, e estes instinctos tem bastante fundamento.

A opinião publica o condemna, e esta condemnação sempre se funda em bases assaz firmes pela sua solidez.

Toquemos, porem, em um ponto—cavallo de batalha do delinquente,—e é o não ter elle encontrado traços de virgindade na infeliz Clara.

Pode o Sr. Godinho dizer o que bem lhe approuver, pode tudo inventar a seu bel-prazer, porque acima de suas *dignas* palavras está a força das provas, á sua *fidelidade* protesta a palavra authorisada dos peritos, e é quanto basta.

O corpo de delicto, base legal da existencia do facto material punivel, prova de modo irrefragavel e concludente a existencia do crime.

Todos os traços de um defloramento foram achados, os peritos o denunciaram com todas as regras, estabelecidas e prescriptas pela sciencia.

O Sr. Godinho por sua bocca é quem confessa perante a authoridabe que acto continuo ao rapto, tivera relações carnaes com a victima.

O crime d'esta vez não poude conculcar a verdade, nem suffocar o direito; á voz da victima, que tão amargamente se queixava ajuntou-se a voz da justiça, e d'este conjuncto viu-se a culpabilidade do delinquento e pediose a sua punição.

Mas é o proprio Sr. Godinho, quem procura propalar *terra marique* a sua innocencia, e a tal ponto que para fazel-o não trepida em negar a palavra authorisada da sciencia, quando descobre mui condignamente o dilicto, onde em realidade existe.

Que se procure avaliar agora o displante d'este negociante, que atraicoando sua consciencia pouco se lhe dá em accrescentar a infamia á deshonra.

Perceba-se a *fina* penetração do seu espirito já experimentado n'estas lides, e então collija o publico do quanto será capaz o Sr. Godinho.

E que antithese se estabelece!

Que opposição tão clara e tão patente se desenha!! Que triste contraste!.. .....

De um lado o *digno* negociante dizendo não ter encontrado traços de virgindade na menor Clara,—de outro os peritos affirmando por sua honra e em consciencia terem achado vestigios inconcussos do crime!! Qual a palavra que nos merecerá mais fé?

Qual das duas será a verdadeira?

Oh! Sr. Godinho, não continue por misericordia, é um conselho por demais salutar este que lhe damos; não faça tão pouco caso da credulidade publica, que tanto não merece.

Si, pois, o crime está provado exhuberantemente, si o facto é real e sem contestação, para que tanto subterfugio, para que tornar mais precaria a sua posição!!

Já vamos longo, aqui paramos.

Alcibiades.

—Capitão, a extrema pobresa do finado Sampaio Junior, não lhe deixou publicar suas obras que ficaram ineditas.

—Que tenho eu com isso?

—Nada, bem sei; mas vim somente para dizer a V. Ex. que essas obras foram subtrahidas do poder da familia daquelle finado e vendidas a um sugeito que agora as quer publicar como suas.

—Isso é cassuada; pode la ser., apesar que ha muito poeta d'esses.

—Mas é um escandalo.

—Que quer que lhe faça?

ANNUNCIOS.

Desappareceram no dia 28 do corrente de cimado balcão do estabelecimento denominado *Aguia Dourod*ois livros contendo assentos tendentes a uma fabrica de café; quem os levar a casa de Manuel Americo de Araujo Rosa, na rua do Tingui ou no mesmo estabelecimento será gratificado com 10$000 rs.

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 84.ª QUINTA-FEIRA 7 DE SETEMBRO. N. 837.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 6 de setembro de 1871.

Officio a Illm. camara municipal, observando-lhe que para poupar maiores despezas e mesmo por urgente commodidade publica, é conveniente mandar concertar o caes de pedra ao porto do Bomfim, defronte da casa que foi do Ramos, o qual se acha desmoronado; despeza que para deante será triplicada em razão do estrago que vae causando a maré, solapando todo paredão.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe o devido indulto para occupar sua attenção com um objecto que parecendo á primeira vista frivolo, é com tudo de algum alcance em vista do prejuizo e encommodo que acarreta.

Vem a ser elle o estrago que causam os meninos nos telhados com o brinquedo de empinar papagaios.

Sendo encommodo de que muitos se queixam, é por tanto digno da attenção de S. S., além de que o tal brinquedo distrahe os meninos e escravos dos seus afazeres e obrigações e dá logar á brigas, pedradas e cabeças quebradas; pelo que espera-se neste sentido medidas repressivas.

—Amanhan commemora a egreja o nascimento da Santissima Virgem Maria.

—*Gloria nativitate matris Jesus!*

—Não se pode contar com segurança, quando aquelles em quem se deve confiar como garantia da manutenção da ordem são os proprios turbulentos.

—Houve barulho?

—O soldado de cavallaria Manuel Jeronymo, armado de rebenque, fez o diabo segunda-feira á noite, na praça dos Veteranos.

Depois de offender com alguns ferimentos no rosto a um individuo, appareceu a policia que não poude com o homem.

O commandante das armas que se achava em casa do brigadeiro Carvalhal mandou seu cabo de ordens e mais uma praça, os quaes foram desattendidos. Apresentou-se o tenente Boaventura, que conseguiu prendel-o, porem chegando á ladeira da Palma o homem resolveu-se a não seguir e fez novas proezas. Só depois de muito custo poderam leval-o até o quartel da Mouraria.

—O policial Calixto é homem capaz de comprar barulho quando não acha.

Foi elle o author de umas pancadas dadas á dias no Castanheda e na segunda-feira á noite ja fez outra!

—Já?!

—Passando pela praça dos Veteranos encontrou um individuo que caminhava assouviando, foi á elle, fel-o parar e quiz que lhe dissesse o que fazia, e como este lhe respondesse com o silencio espancou-o para fazel-o fallar!

—O meio com effeito é infallivel.

—Capitão, acaba de organisar-se na freguezia de S. Felix, comarca da Cachoeira, uma sociedade para promover o ensino nocturno, denominada—*Guaraciaba,* e os seus directores remetteram a V. Ex. um exemplar dos estatutos que hão de reger esta philanthropica associação.

—Mande agradecer á esses distinctos caracteres, que tanto se empenham pelo progresso da instrucção, a sua delicadeza.

—Capitão, ouça-me, por favor,

—Já vem, V. com alguma cousa.

—Uma novidade e grande.

—Oh! isso ha de ser interessante.

—Horroroso e triste ao mesmo tempo!

—Falla da canôa de Itapagipe, virada? vire folha.

—Não; fallo d'uma fera, que pegou-se com um homem de posição; ficando a morte como consequencia do conflicto!

—Para quem? para o homem ou para a fera?.

—Para ambos, ambos algozes, pode dizer-se, matadores, e ambos victimas!!

—Onde, e quando foi isso? de que modo? com que homem que diz V. ser de posição?

—Na freguezia de S. Felippe, termo da cidade de Maragogipe, para o da de Cachoeira, parece-me, na capella do Almeida, perto d'umas capoeiras catingas ou mattasinhas...

—Pelo que vejo é historia de onça!

—Vá ouvindo, dê-me attenção, para apreciar as circunstancias; constando-me isso, por pessoa sisuda, incapaz de mentir, vinda de fora á poucos dias, dando-se o facto, e acconteeimento recentemente alli...

—Não interrompel-o-hei mais.

—Como ia dizendo:—ali, apparecendo uma fera, uma onça, como já conjecturou bem o capitão, um padre....

—Um padre e uma onça?! Oh! isso é peor do que... falta-me até a expressão!

—E me está interrompendo?!

—Ainda, no anno passado, succedeu uma desgraça n'um padre, por causa d'uma onça; e disseram até que foi um vigario de fóra, la do sertão, das extremas de Minas Geraes com a nossa Bahia; attribuindo se á morte a um criado, que no caminho tinha ficado atraz ...

—Não sabia d'isso.

—Fallou-se muito, e escreveu-se ate: é para ver, que tambem dou minhas noticias, embora velhas.

E soube-se, que uma onça, e não o criado, tinha matado o padre vigario, pelo exame que fizeram, o pescouço quebrado, o cadaver arranhado, estrangulado, e coberto de folhas, para a carniça, que dentro de vinte e quatro horas faz a onça.

—Pois agora, não foi encontro, foi busca; sendo o segundo accontecimento diverso do primeiro.

—N'aquelle logar....

—Sim, nas capoeiras da capella do Almeida, na freguezia de S. Felippe..

—Estou certo, continúe.

—Um padre, que, dizem chamar-se Monteiro...

—Ficou monteado!!

—Assim não acabo..

—Calo-me, por que tenho que fazer. Diga lá o resto.

—Muito apaixonado da caça, foi procurar com alguns amigos e conhecidos uma onça, que, por aquella redondeza, fazia estragos em bois, cavallos, ovelhas e leitôas, etc.

—E.... encontrou a onça?

—Não; não a achando, dividiu a gente, para procural-a, tendo cada um dos companheiros seu cão; e assentando que não se atirasse, sinão quando todos junctos, unidos pelo ladrar dos cães acuando a onça!..

—Que mau gosto d'esse padre!...

—Sobre gostos não se disputa, admira-se, e lamenta-se, quando maus e ruins; classificando eu de paixão, e pela falta completa de razão, de paixão vertiginosa e desvairada.

—O padre foi morto, em vez de matar!

—Não; lembre-se de que já disse, que ambos morreram!

—Como assim?

—Vá ouvindo, e saberá: encontrou o padre a onça, e ella investindo contra elle, enraivecida dos cães, o padre atirou, e feriu-a; mas ella foi ao padre, e o matou, cahindo a seus pés!! quando todos chegaram, só viram isso!!

—Coitado, Deus tenha a sua alma no ceu; e não permitta que esse exemplo seja imitado; tendo qualquer padre outra missão, como antes embrenhar-se para trazer o homem bruto e salvagem a civilisação; fazel-o cidadão, funccionario, e chefe de familia.

—Muito bem: não me arrependo da noticia, pela sua reflexão moral.

—A egreja não quer padres caçadores, sanguinarios, ella pura e edificadora sempre, pacifica e caritativa.

—Perdôe ao morto.

—Não lhe quero mal; pedindo por sua alma; só querendo que o padre viva com doçura e benevolencia, e morra bem, a todos doutrinando e garantindo a felicidade sublime da gloria eterna.

A PEDIDO

Aos tribunaes do paiz, aos paes de familia, aos homens honestos que se interessam pela causa da moral publica.

A VERDADE TRIUMPHANTE.

Pelo juizo da vigararia geral foi julgada improcedente a justificação com que o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho pretendia provar ter sido a menor Clara baptisada na freguezia de Santo Antonio, para assim dal-a de maior edade e esquivar-se á punição da lei.

Eis a sentença:

——

Vistos estes autos etc., etc. Deprehende-se que Antonio Tavares da Silva Godinho querendo justificar a identidade de pessoa, entre Benvinda Tavares e a que hoje se diz Benvinda Maria da Conceição, mãe de Clara La-

zara Couto, baptisada na freguezia de Santo Antonio, a 14 de dezembro de 1854, não offereceu sufficiente prova testemunhal, que devidamente corroborasse a sua intenção. pelo que entendeu este juizo dever facultar-lhe reforço de provas, designando para este fim logar e tempo, intimada a parte interessada.

Occorreu porem que a primeira testemunha á f., exhibida pelo justificante, em prol da sua intenção, declarasse em face do tribunal, que alli comparecia, por ter sido peitada para esse fim, offerecendo-se-lhe a quantia de 20$ rs., porem que elle nada sabia á respeito.

Este acto cuja moralidade pode ser susceptivel de varias apreciações, é todavia de tal quilate, que não pode deixar de actuar grandemente no animo do julgador, á quem por certo não toca sondar o arcano das consciencias; sanctuario, que so pode ser prescrutado pelo juiz—testemunha: Deus.

Em vista desta occurrencia, ou por qualquer outro motivo, entendeu o justificante proseguir na sua intenção, comprovando-a com documentos não excedendo a *9* o total delles.

Passaremos a apreciallos succintamente.

O 1°. é uma carta de José Francisco de Castro cujo theor graphico parece collocar o seu author fora sem duvida da esphera d'aquellas pessoas á cujos actos e ditos a razão e o direito differem força *probranti*, não mediocre.

Juizo este que ainda mais confirma-se, si attender-se ao contheúdo da dita carta no topico á que refere-se aos *9* mezes de convivencia equivoca com Benvinda. E' por tanto insufficiente.

O 2.° é um attestado de um inspector da freguezia da Penha, que limita-se a dizer que uma certa africana Florinda Tavares, residente no 4.° quarteirão d'aquella freguezia, entre os filhos que tem, conta uma filha de nome Benvinda Tavares moradora na cidade. Este documento para de algum modo suffragar a intenção do justificante deveria ter annexo o que egualmente comprovasse a identidade pessoal entre a referida africana e a mãe da Benvinda em questão.

E' por tanto destituido de força.

O 3.° é uma carta de Marques Porto na qual diz elle ter *considerado* sempre as irmans de Benvinda, Philippa e Antonia com o appellido de Tavares, sem que nada em asserção directa, adiante á cerca de Benvinda.

Diz mais que Benvinda tinha uma filha de nome *Clara*, figurando esta ter 8 annos de edade e que ao dizer dos parceiros de Benvinda, esta pequena fôra baptisada em Santo Antonio. Poderia este documento fazer prova, si *aliunde* constasse ter Benvinda Maria da Conceição duas irmans com os referidos nomes. Identico juizo á cerca d'este documento.

O 4.° seria de grande força para corroborar a intenção do justificante, si o seu valor absoluto corresse parelhas com a sua importancia relativa; occorre porem que apenas ao 3.° quesito o A. reproduz o que ouvira dizer a um individuo de cuja phisionomia se não recorda, que conhecia uma Clara, filha de um Severiano do Couto com Benvinda Tavares, d'antes escrava da familia Tavares. O valor por tanto absoluto deste documento depende evidentemente da qualidade de individuo — desconhecido, cuja veracidade pode ser posta em duvida, comquanto a pessoa que reproduz as suas palavras, seja, por sua insenção, credora da maior deferencia.

E' insufficiente pois ainda este documento.

Quanto ao 5.° emitta-se á respeito identico juizo. E' uma carta de Narciso Candido Tavares, em que diz conhecer Benvinda por ter sido escrava de uma sua parenta, ignorando-lhe porem o sobre-nome. Diz mais ter ella uma filha de nome Clara.

O 6.° é um documento *negativo* para cujo valor juridico, não concorrem as devidas circunstancias, que lhe possam conferir força *probanti*.

Do 7.° infere-se que em maio ou junho deste anno foram pedidas ao Rev. coadjutor de Santo Antonio tres ou quatro certidões de baptismo de Clara, filha de Benvinda Tavares, sendo-lhe uma d'ellas pedida por uma mulher desconhecida a qual não lh'a tendo ido exigir, foi por fim cobrada por um individuo que ao dizer do sachristão, era um dos escriptores do periodico *Alabama*. Isto prova apenas que algum interesse havia em conhecer-se ao certo a edade de Clara por mais de uma pessoa, figurando entre estas uma que á fé do sachristão era o escriptor do periodico *Alabama*.

A presumpção porem de que este empenho em procurar-se saber a edade de Clara, deva ser indicio manifesto de identidade pessoal, que possa haver entre ella e a Clara filha de Benvinda Maria da Conceição, não passa de um juizo cujo fundamento não collige-se evidentemente da leitura do documento sujeito. E' inconstestavel que nos livros da freguezia de Santo Antonio acha-se exarado o theor do assentamento de baptismo de Clara filha de Benvinda Tavares, por tanto nenhum inconveniente pode deprehender-se em que o dito assentamento seja pedido por certidão por quem quer que seja.

O 8.° prova, que Benvinda baptisou na Sé

(curato) uma filha não dando na occasião do lançamento do theor do baptismo sobre nome algum. Este documento é versatil, como pode colligir-se de sua simples apreciação.

Seria illação anti-logica concluir-se da omissão dos sobre-nomes de *Tavares* ou *Maria da Conceição*, que um ou outro lhe deva de preferencia convir.

O 9.º finalmente encerra os depoimentos de testimunhas que juraram na justificação á que procedeu o justificante perante o juizo civil e que fundamentaram a sentença do referido juiz. Este documento na minha opinião nada tem que ver com a presente justificação por não fazer ao caso, visto ja ter surtido o seu effeito o testesmunhal que nelle encerra-se. E até creio inoportuna semelhante adducção por poder parecer odiosa. O meritissimo juiz respectivo o deveria por certo ter apreciado convenientemente emittindo á respeito o seu esclarecido e consciencioso juizo.

Julgo por tanto, á vista do exposto **improcedente a justificação** á fs.

Pagas as custas e publique-se em mão da escrava.

Bahia 4 de setembro de 1871.—*Emilio Lopes Freire Lobo*

—Capitão, tenho novas façanhas do abominavel monstro, que aportou a estas plagas n'um *domingo* ou dia de S. *José*, indo para *Fernando*, degradado no brigue *Aguiar*.

—Homem sinistro!

—O bruto seduziu mais uma, a qual está n'uma rua onde faz muita *poeira*, quando venta.

Está de posse da joia desde abril.

Dizem porém as más lingoas, que desta vez elle enganou-se porque não achou o que procurava.

—Em todo caso não deixa de ser um seductor.

—As proezas que lhe quero contar, porém, são outras.

Este animal licencioso, andava requestando uma donzella cunhada de um portuguez, o qual *faria* alguns annos, habitava na cidade, do *santo amargo*. Morre o homem e a viuva agradou-se de um sugeito la da terrinha, conhecido pelo *bé-bé bé*.

Bé bé-bé era um estorvo aos planos do abutre e porisso tanto elle virou, tanto mexeu, que o tirou do lance, substituindo-o na boa graça da viuvinha pelo *Manuel Lavra-pau*. seu confidente e visinho.

Pobre menina Guilhermina!.... deixou-se levar pelo canto da sereia e foi devorada pelas garras do tubarão!....

Pouco tempo depois o *Lravra-pau* abandonou a viuvinha, mais o bruto degradado que ia para *Fernando* no brigue *Aguiar* já tinha satisfeito seus concupiscentes desejos e mais uma victima era lançada nos horrores da perdição.

Não satisfeito o miseravel seductor, ainda desencabeçou uma outra inexperiente com quem viveu por espaço de dous annos, até que aborrecido a tangeu infamemente de casa para fora, gravida!....

A desgraçada moça achou um protector, em cuja casa deu á luz o fructo de seu erro; o innocente é o retrato do ingrato e desconhecido autor de seus dias.

Não ha de ser porem pelo abandono do maldicto que a inculpada creança deixará de crear-se.

Deus que crea os bichinhos em baixo da terra, não desamparará a mão beneficente que o alenta.

Agora vive a fera com a sua nova *conquistada* para quem alugou casa desde abril, e ella que espere por sua vez; mais tarde será despresada como as outras. A demora é de tempo, em quanto não depara alguma que lhe aguce a voraz e lubrica gana.

—Quem deve a Deus, paga ao diabo.

Talvez não esteja tarde o dia em que este sicario expie todas as iniquidades que tem commettido.

—Que *scena* indigna põe em *scena* este homem de rasteiros sentimentos!

—E' tolo, e V. sabe que todo tolo é attrevido.

—Procedimento de cão, conducta de arreeiro; desrespeitar o estado de casada de uma senhora, insultando-a com fóscas.

—O sujeito tem filaucias de poeta.

—Talvez ainda tenha de glozar uma dose de tabefes.

A senhora ultrajada, para evitar um desfecho desagradavel, não quiz communicar por ora a seu marido e apenas quando elle sahe, fecha as janellas para se ver livre da insolencia do biltre.

—E si o casmurro continuar hade ser o muxingueiro do *Alabama* quem o ha de corrigir.

ANNUNCIOS.

Desappareceram no dia 28 do corrente de cimado balcão do estabelecimento denominado *Aguia Dourodois* livros contendo assentos tendentes a uma fabrica de café; quem os levar a casa de Manuel Americo de Araujo Rosa, na rua do Tingui ou no mesmo estabelecimento será gratificado com 10$000 rs.

Anno 2.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 31.ª — DOMINGO 10 DE SETEMBRO. — N. 838.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 47.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Sete de setembro.

Fizeram na quinta-feira quarenta e nove annos que firmara-se a nossa independencia politica e social pelas eternas aspirações da liberdade.

O grito ingente partido das viçosas margens do formoso Ipiranga não perdera a sua razão de ser, e suffocada a revolta do arbitrio pela omnipotencia do direito a sociedade brazileira sahira das trevas para entrar pela primeira vez na communhão da luz.

O horisonte desenrolara-se vasto em toda sua amplidão, porque o progresso se mostrava na vanguarda de todas as instituições.

E nem o contrario se poderia esperar.

Depois da mais tremenda lucta sustentada durante largo tempo pela dignidade de um povo suffocado pelo poder absoluto de uma potencia estrangeira; depois de conseguir-se o mais assignalado triumpho pela causa da razão e da justiça; — era por demais necessario que todos os principios fossem livres pela sublimidade do facto.

E com effeito: este desejo se realizara, esta aspiração fecundara pelo espirito da epocha, sempre prompta a marchar com todos os acontecimentos.

Uma nova nação estava, pois, constituida ante a face de todo universo; o novo estado estava solemnemente declarado; a sua existencia era real.

A união e o perfeito patriotismo de seus filhos se fizeram então sentir do modo mais inequivoco, e d'est'arte o Brazil se erguera como verdadeiro colosso.

E' que á veneranda memoria de Pedro I devemos tão beneficos favores, e como em Washington, reconheçamos n'elle esta supremacia do genio, a quem Deus estampara na fronte o sello immorredouro dos predestinados.

Sim: ha momentos na vida dos povos, em que elles sentem-se completamente alluidos em seus fundamentos, e é n'estes transes, qual mais doloroso pelas suas consequencias, é n'estes abalos, qual mais terrivel e profundo pelos resultados, que a Providencia suscita estas vocações, que tornam-se n'este mundo seus verdadeiros agentes.

Pedro I hasteando o pendão de nossa emancipação social é que dera o beneficio impulso para a garantia e integridade, que ainda hoje gozamos; si não fosse elle, talvez que o gigante do imperio americano não se ostentasse magestoso, como hoje se desvenda, ás nações do globo; foi em summa o seu genio por demais elevado, que esposando a liberdade, fizera nascer os mais fortes penhores da nossa segurança, e os mais amplos foros dos nossos direitos constituidos.

O Brazil todo jamais poderá deixar de confessar esta immensa divida, que tambem jamais poderá ser olvidada.

E' este o nosso glorioso passado; foi elle o mais dedicado soldado da nossa independencia, porque foi o libertador de maior generosidade.

Volveram-se os tempos, e a preciosa vergontea de tão frondosa arvore germinara rapida; Pedro II empunha as redeas do governo.

Basta que para sua gloria fallemos do seu pensamento sobre os pobres escravos, que gemem ainda entre nós aos golpes do mais aviltante latego.

Esta instituição humana repugna á moral, subverte todos os principios da religião do Crucificado.

Quando, porem, o Imperante se apossa da ideia, quando compenetrado pelas dores e soffrimentos que fustigam a vida do infeliz captivo, procura extirpar do seio de seu throno labeu tão ignominioso, ainda vê se o espirito mesquinho de alguns representantes do paiz profligar contra esta ideia, a mais capital da epocha presente.

Sim: mas a aurora do anno que nos assoma talvez não possa presenceiar tão negro espectaculo.

Tudo parece ter seus justos limites, e estamos certo de que nenhuma nação se extingue pelo captiveiro, os seus direitos não se

prescrevem pela duração da tyrannia, e chéga finalmente a hora em que ella se ergue cheia de força, e d'esta luta retemperada pelas emanações de cima ha de sahir victoriosa, proclamando a sua autonomia.

O descontentamento que geralmente lavra em todos os animos acerca de tão importante questão nos leva a presagiar com toda certeza um desfecho tão cruel.

O que vemos todos os dias nos individuos, não apparece menos entre as nações; quando estas querem nada pode tolher as suas aspirações. A historia moderna nol-o attesta: assim não precisamos revolvel-a, a escavação é muito superficial, e de pouco tempo.

O Brasil tem sempre se mantido na posição que lhe compete no mappa immenso dos povos, e si ainda não chegou a epocha, em que elle pelo seu grande poder possa fazer pender em seu favor a balança nos mais graves accontecimentos politicos de toda America, talvez seja por possuir ainda em seu seio este cancro, que lhe corroe toda seiva e vigor.

Sim: o paiz, aonde subsiste ainda a escravidão em toda sua plenitude, não pode chamar se nação que vive pela vida do progresso; pode ter todos os epithetos que o elevem e o ennobreçam, menos este.

Depois da tremenda guerra do Paraguay, em que o Brasil elevou-se ao mais alto gráu de esplendor, devia logo e logo cuidar-se d'este ponto, que por sem duvida offerece serios cuidados.

O poder do povo é só immenso.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 9 de setembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia pedindo sua efficaz attenção para uma corja de vadios e moleques que se reunem ás tardes na venda á esquina do Cruzeiro, da qual é caixeiro um individuo conhecido pelo *José sem tripas*. O fim de tal ajuntamento é apupar, sem distincção, a todas as mulheres de saia que passam para o Mez de Maria em S. Francisco, lançando-lhes uma pecha ignominosa, que anda agora em voga; figurando como chefe dessa immoral assuada, na qual toma parte o proprio vendelhão, um crioulo de nome Innocencio muito conhecido na freguezia da Sé, pelas suas diabruras em consequencia das quaes ja uma vez levou uma facada e á pouco atirou-se de uma janella ao Maciel de baixo encommodando a policia desde 8 horas até 11 da noite.

Na sexta-feira, por pouco não se dá um caso desagradavel em resultado da vaia que deram em uma crioula, cujo filho a accompanhava álguma distancia.

Para que não continuem a estar expostas aos insultos dessa infima gente, pessoas que estão no caso de serem respeitadas, espera-se da rectidão com que costuma S. S. proceder, providencias correctivas.

Portaria ao Sr. emprezario do cisco, para que si tiver alguma carroça disponivel mande passar pela ladeira de S. Francisco e travessa da ladeira das Hortas, logares que parece cahiram no esquecimento de S. in. Cumpra.

—Ao mesmo, para que mande limpar a montureira na ladeira de S. Roque, defronte da casa em que morou o Sr. Keller, onde ha até colchões de bexiguentos; sendo estranhavel que, depois de se achar o lixo em uma carroça, fosse mandado despejar por um empregado dessa empreza, permanecendo alli, ha muitos dias, tão nocivos objectos á saude publica. Cumpra.

—V. ouviu gritos na noite de quarta para quinta-feira?

– De que lado?

—Da Preguiça.

—Soube que andou um homem em fraldas de camisa com a roupa debaixo do braço.

– Procurando uma estação de guarda, isso mesmo.

—E' curioso!

—Um dos frequentadores de certa reunião nocturna que ha por aquellas bandas, cujo fim é propagar a excellencia da intemperança e da licença.

– Mas então? ..

– Então é que V. bem sabe o tubarão quando não acha o que comer, o que é que faz.

—Proezas do soldado Calixto da policia.

—Foi destacado.

– Antes de partir quiz deixar lembrança de si fazendo um sarceiro dos tresentos na ladeira do Taboão.

—Que indole! Na vespera á noite ja tinha feito proezas.

—Que quer meu rico, a impunidade anima os desordeiros.

—Tanto faz clamar como não, a direcção da companhia de Vehiculos não deixa de bigodear com o publico.

—Na sexta-feira uma concurrencia immensa de povo procurava *bonds* para ir ao Bomfim.

O Sr. coronel Nicolau viu e prometteu que

mandaria o numero de *bonds* preciso para conduzir todo povo.

—Mas não cumpriu sua promessa, pois antes do promettido viajavam seis *bons*, e depois d'isso, elle diminuiu tres!

—E' asneira; o páu que nasce torto, tarde ou nunca se endireita.

—Capitão, anda grassando um boato, o qual já tem dado logar a factos de tal ordem, que, si a policia não tomar serias e repressivas providencias, pode dar causa a algum resultado mau.

—Depois que lhe ouvir, saberei o que devo responder.

—Lembra-se que, ha mezes passados, chamou a attenção do Sr. Dr. chefe de policia sobre um estrangeiro, ao Campo Grande, possuidor de um grande cão?

—Sim, dizem que esse estrangeiro *empisto lava-se* e á noite costumava por meio de promessas e violencias querer obrigar ás mulheres, que passavam, a actos degradantes; soube mais que a policia mandou syndicar, mas não teve solução.

—Ultimamente não sei com que fundamento correu que houve gente que se sugeitasse á vontade do extravagante estrangeiro; semelhante acção, á principio attribuida com especialidade, passou a ser geral e hoje não ha mulher que saia á rua que na bocca da gentalha não seja enxovalhada de ter commettido uma acção vil e infamante.

—E' um desaforo!

—Não é tudo; a caterva desenfreada leva o arrojo de ir atacal-as até em seus domicilios e mais de um attentado de violencia tem se dado.

—Um crime.

—Nas ruas, mormente pela cidade baixa, são rasgadas, apedrejadas, espancadas.

Na segunda-feira foram treze individuos a morada de duas infelizes, Candida e Tecla ao Taboão, invadiram a casa, apagaram as luzes, quebraram os moveis, esmigalharam as vidraças.

Na sexta-feira voltaram em grupo numeroso entre os quaes se achava um moleque escravo de um Sr. Thomé, dono de fabrica de charutos, morador ao Caes Dourado, um tal Pedro Feio, Bazilio; munidos de um embroglio á que se chamavam versos, producção ao que consta, de Marcos Rabeca, e quizeram arrancal-as de sua habitação, commettendo toda casta de desvarios. Tecla em defeza propria arrmessou sobre seus aggressores garrafadas e atracou-se com um delles. Chegando ao logar o Sr. Dr. chefe de policia mandou-as recolher á guarda da secretaria da policia; mais os turbulentos em logar de se conterem, levaram a petulancia a querer tiral as do poder da força, e mesmo della atiraram pedras que não so as molestaram como aos soldados.

Foram presos alguns dos perturbadores.

—Que soffram estes para exemplo dos outros.

Estou certo que o Sr. Dr. chefe de policia hade empregar meios para reprimir excessos tão immoraes, os quaes so podem partir de gente infima e de habitos desenvoltos.

A PEDIDO

Questão Godinho.

V.

Acaba de ser condemnado na audiencia de hoje pelo juiz competente o Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho; mui embora este negociante, *confiado no seu direito e na justiça do paiz, estivesse certo, de que afinal triumpharia a causa da propria justiça e da razão.*

Felizmente o delinquente d'esta vez curvou submisso a cerviz, porque o crime teve a devida punição; agora só lhe resta um unico recurso.

Sim: o displante com que o Sr. Godinho propalava a sua innocencia, o acervo de injurias que informe e descommedido lançara á face de suas pobres victimas, o desejo infrene em que ardia para subjugar a voz da opinião publica, que tão solemnemente se manifestava contra a sua pessôa,—tiveram o merecido castigo.

E' que a imprensa *pequena* tornou-se n'esta questão um grande poder, trabalhando laboriosamente pela sorte do misero e do desvalido; é que o afan com que, ha muito, debatia se a consciencia social, não podia ser esteril e sem fundamento; é que a verdade até então manietada pelo embuste e pela maledicencia não podia deixar de sahir victoriosa, firmando se agora mais forte e robusta no animo de todos.

E' esta a rota invariavelmente traçada pela Providencia nos seus altos designos; e não duvidamos dizel-o, que é em taes emergencias, e em transes tão dolorosos que o Omnipotente empenha toda sua sabedoria, fazendo que da lucta que se retempera pela calumnia e pelo crime, surja a verdade em esplendido triumpho, e sò ella.

A luminosa sentença do Dr. Agostinho Dias Lima é uma prova inconcussa da dignidade do seu caracter e proverbial independencia. Solemnemente o dizemos e com orgulho.

No meio de tanta crença destruida, e de

tanto desalento moral, tão terrivel para o individuo, como fatal á sociedade, depara-se ainda o seu vulto, livre de toda pecha, e de incontestavel merecimento.

E' forçoso que assim nos pronunciemos á aquelle ainda novel na carreira da magistratura, porque este sacerdocio sempre ganha com taes acquisições.

E nem ha que admirar: a intelligencia superior do jovem magistrado, o seu espirito lucidamente observador dos factos, e os seus principios de educação nada mais poderiam fazer que nobilitarem-no na brilhante carreira de sua vida publica.

N'esta quadra de frio positivismo, em que os maus sentimentos predominam em tão larga escalla, em que parece ser razão de tudo o absurdo; n'esta quadra em que quase todos fluctuam ao vento das mais disparatadas contradicções, resumbra ainda sua pessoa não corrompida por calculos tão vis e tão baixos.

Sentimos por certo indefinivel prazer escrevendo estas linhas; podem todas ellas morrer e desvanecer-se na onda agitada dos accontecimentos terrenos, mas o juizo esclarecido que descobriu o crime em toda sua nudez e proclamou-o com o maior desassombro, merecerá encomios, que para todo sempre se perpetuarão á posteridade.

Tudo isso demonstra que o caracter do distincto magistrado de nenhum modo pode corresponder ao espectaculo desolador, que offerece este seculo; é mais uma solemne prova para firmar o conceito, que tão merecidamente goza no espirito de todos.

E ainda mais resalhe este acto, tanto mais valor apresenta, quando é certo e sabido que o Sr. Godinho dizia com toda convicção ser absolvido; o seu calculo, porém, falhou, e o direito mostrou a sua força depois de tão amargas decepções..

Agora estão de algum modo realisadas as aspirações do publico, cumpra tambem o Sr. Godinho as exigencias da lei,

Felizmente que agora so lhe resta um unico recurso—é assentar-se no tamborete de reu.

E nem se peje d'isto o digno negociante; ha muito ja deveria ter soffrido.

Alcibiades.

SENTENÇA.

Vistos estes autos etc.

Nego provimento ao presente recurso interposto do despacho de pronuncia de f. 84. sustentada a f. 86, por quanto achando-se dependente a inculpabilidade do recorrente da maior edade de Clara e tambem da não identidade da recorrida sua mãe Benvinda, condições estas unicas que poderiam releval-o de criminalidade o que não está provado de forma alguma dos autos apezar das diligencias para isso empregadas pelo recorrente como se vê de f. 154, f. 155 consequencias das justificações de f. 96 e f. 111 ambas sem valor, estando conseguintemente em seu inteiro vigor a certidão de f. 64 probatoria da menor edade de Clara, bem como a identidade da recorrida como Benvinda Maria da Conceição, corroborada pelos documentos de f. 93 e f. 94 do appenso, não transcriptas neste recurso.

Conhece-se mais dos autos que o recorrente obtendo precatorio do juizo *a quo* para serem inquiridas as testemunhas, residentes na freguezia de Santo Antonio, ahi depoz D. Emilia Rosa Dutra signataria da carta transcripta a f. 66 v., e cujo depoimento muito importava á elucidação da verdade, o não juntou em sua defeza, o que prova não lhe ter sido favoravel, o que tudo se vê da certidão f. 150 v.

Finalmente o documento de f. 65 v. prova que a recorrida Benvinda filha de Florinda foi baptisada na freguezia de S. Thomé de Paripe em 6 de julho de 1835, como escravas ambas de Manuel Paianno d'Alleluia.

Por tanto e mais dos autos negando, como nego provimento ao recurso, subsista o despacho recorrido e pague o recorrente as custas.

Bahia 9 de setembro de 1871.

Agostinho de Carvalho Dias Lima.

—Senhora rata, o dinheiro do homem?

—Ja elle o tomou.

—E queria V. enfiar-se nos cobres do homem, Sra. Maria Francisca! Em quanto elle foi á missa no domingo, 3 do corrente, deu-lhe o saque na arca e safou o que havia.

—E assim mesmo elle quer que eu volte.

ANNUNCIOS.

Na madrugada de 8 do corrente, perdeu-se da rua das Flores até o Pelourinho um rosario de ouro enfiado em linha branca, com cruz e laço, sendo a cruz chata, contendo no passador duas pedras brancas. Quem o tiver achado e quizer entregar a dona, procure no Julião casa n.º 11, que será gratificado com mais de 10$ rs.

E' barato!!

Cigarros a 80 rs. o masso, no café *Les Deux Amis*, ao largo do theatro.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 84.ª — TERÇA-FEIRA 12 DE SETEMBRO. — N. 839.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 11 de setembro de 1871.

Officio á Illma. camara municipal, supplicando-lhe que, uma vez que se está calçando a rua da Cruz do Paschoal, mande fazer logo o encanamento para as agoas dos quintaes das casas da rua Direita de Santo Antonio, as quaes esgotam para a rua dos Marchantes, pelos buracos dos muros, accontecendo que as referidas aguas ficam estagnadas na rua, exhalando, quando apodrecem, fidentina insupportavel, o que é contrario á hygiene. Em vista do exposto, espera-se ser attendido.

—Ao Illm. Sr. Dr. juiz de capellas, pedindo-lhe que se digne informar-se do que é feito á 16 annos do rendimento de uma propriedade de Nossa Senhora do Amparo, erecta na matriz da Penha, cujo rendimento so tem dado até hoje para uma missa resada na noite de natal, sendo que mesmo para esse acto é preciso tomar-se toalha emprestada de outra irmandade; não sabendo-se egualmente o rumo que levou o compromisso. Devendo, como é de crer, estar esse rendimento accumulado, espera-se que S. S. mande proceder á eleição dos mezarios que lhe deve dar alguma util applicação.

—Ora veja que celebridade!

—Cousa boa?

—Escute.

Escrevem de Canafistula, povoação na Parahyba do Norte, o seguinte:

«Aqui acaba de dar-se um facto celebre e digno de riso: Manuel Thomaz de Aquino, individuo tão surdo que quasi nada ouve, e o pouco mesmo que ouvir póde, é preciso ser-lhe dito com voz de Stentôr, está processando a Manuel Jacintho, que é tão gago, que não é capaz de dizer duas palavras juntas, e o pouco que diz ninguem o entende, por crime de injurias verbaes.

—E' uma verdadeira anthitese ver um surdo que nada ouve, processar por injurias verbaes a um gago que nada diz.

—Capitão, o acaso levou-me no domingo até o cemiterio da Quinta dos Lazaros.

Cheguei em occasião em que entrava um enterro.

—*Requiescat in pace.*

—A maneira impiedosa e deshumana por que era levado o corpo, o aspecto hediondo e miseravel que apresentava o cortejo, denunciavam absoluta falta de charidade christan, nenhum respeito pela religião dos mortos.

—Mas o que havia então?

—O corpo ia embrulhado em um sumitico e porço pedaço de aninhagem, enfiado a um pau sobre os hombros de dous pretos sujos e esmulambados ou para melhor dizer semi-núS. O panno em que ia envolvido o cadaver desse humano era de tal cumprimento que os pés ficavam dependurados e a cabeça de fora!

– Iniquidade! sacrilegio!

—Indaguei e soube que aquelles restos mortaes tão vilmente maltractados eram de um escravo de um homem rico e *poderoso!* Eram os restos de uma creatura que durante sua vida trabalhou na força do queimor da sésta e da gelidez do inverno para um homem reduplicar seus thesouros, e que depois de finado tinha como paga de seus serviços tão paternal tratamento!

—A maioria dos senhores consideram a seus escravos como sêres fora do gremio da humanidade e não so em vida como na morte tratam-os despresivelmente.

Os estrangeiros, quando pisam nesta terra, horrorisam-se disso.

Um delles, o Sr. Van Halle, depois de se esforçar e conseguir que muitos fazendeiros de S. Paulo enterrassem seus escravos em caixão fechado com cruz, exprime-se assim á respeito dos funeraes desta miserrima e soffredora classe:

«Com effeito, em um paiz livre e civilisado quanto é doloroso ver que, depois de haver

arrastado uma existencia tão miseravel e laboriosa, sob tão ardente clima, contribuindo para augmentar as riquezas de seus senhores, ainda depois de morto, não sejam respeitados os seus restos!....»

—A crioula Magdalena, escrava da africana Joaquina Rosa, mais conhecida por *Joaquina do André Pinto,* apresentou-se segunda feira na policia com as mãos em estado lastimavel, proveniente de bolos com que fôra castigada!

—Essa Joaquina tem fama!

—Não sei que significação podem ter esses actos brutaes, á não serem denunciar a natureza cruel de quem os pratica.

—E ainda ha quem se opponha á emancipação do escravo!

—Nem ao chefe de policia respeitam!

Os larapios bifaram o chapeu de sol do digno magistrado, na freguezia do Pilar.

—Elles são capazes de mais até.

—Para demonstrar a audacia dos turbulentos, basta dizer que atacam nas ruas da cidade aos proprios agentes da força publica.

—Não se admire.

—O policial Enéas Ferreira da Rocha, vindo da Saude, no sabbado, por volta de uma hora da noite, foi aggredido por quatro individuos armados de cacêtes, em represalia segundo diziam, de haver, á obra de seis mezes, effectuado a prisão de Francisca dos Anjos.

A PEDIDO

—Srs. estudantes; os moradores da Ordem 3.ª agradecem-lhes o trabalho que tomam de cultivar-lhes os telhados com a plantação de *certas flores odoriferas.*

Comtudo,[5] será bom que guardem as sementes nos bahús para perfumar a roupa.

Valentim Torquato da Gama, recorre a protecção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia e das mais authoridades, previnindo qualquer aggressão que receba de Manuel Firmiano Pesca, conhecido por *Sabe-ler*, que o tem ameaçado por duas vezes, em razão de ter elle coadjuvado para a prisão do mesmo quando arrombava uma casa á Victoria e de ter isso deposto em juizo.

Na quarta feira, encontrando-o na ladeira de S. Roque, perguntou-lhe si estava livre d'elle alli fazer-lhe qualquer cousa, e concluiu jurando-o de que o havia de recompensar do bem que lhe queria fazer.

—Capitão, li no *Diario* de 1.º de setembro corrente o seguinte:

«*Desfecho do processo criminal intentado pelo Dr. conego Villasboas contra o Sr. Simberto.*

«Tendo só agora chegado os autos da revista crime interposta pelo Dr. conego Villasboas no processo em que decahira, por elle promovido contra o Sr. Simberto, julgamos conveniente publicar o accordam proferido pelo Supremo Tribunal de Justiça na sessão de 26 de outubro de 1870, afim de que fique o publico inteirado da ultima phase de um processo celebre que por tanto tempo occupou sua attenção.

«A f. 3, n. 2049—Vistos, expostos e relatados estes autos de revista crime entre partes—recorrente o conego Dr. Jacintho Villasboas de Jesus e recorrido Simberto Fernando Alvares Ribeiro, não tomam conhecimento da pedida revista, por não ser caso della. Regressem portanto os autos ao juizo onde foram sentenciados, pagas pelo recorrente as custas. Rio de Janeiro 26 de outubro de 1870.—*Britto P., Veigas, barão de Pirapama, Leão, Costa Pinto, Pinto Chichorro,* (vencido), *Simões da Silva, Barboza, Braga, barão de Montserrate, Valdetaro, Mariani, Machado Nunes, Cerqueira, Villares.*»

—O que quer dizer, *pagas pelo recorrente as custas?*

—Quer dizer que tendo o conego Dr. Jacintho Villas boas recorrido para o supremo tribunal (na corte.) Este egregio tribunal *não tomou conhecimento de tal recurso,* ficando, por tanto, em seu inteiro vigor, a sentença do digno e justiceiro juiz o Sr. Dr. Francisco Vicente Vianna, pela qual condemnou ao Dr. conego Villas-boas nas custas em 28 de junho de 1870.

—Ah!.... *Apois-sim!!.....* *Apois-ta-bon!!....* agora foi que entendi, fico sciente, que a final foi o conego Dr. Jacintho Villas-boas quem *perdeu a questão.*

E agora?

—O conego *pagou as custas* e acabou-se a chicana.

—Bom, que façam ponto final e deixem no esquecimento semelhante questão.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. Dr. chefe de policia para certos especuladores que andam arranjando dinheiro de um e de outros sob o pretexto de ser para uma sociedade denominado de *cucumbis.*

Questão Codinho.

VI.

Urge a justiça que tributemos hoje do alto d'esta imprensa um culto de louvor e de ad-

miração aos Srs. Fortunato Antonio de Freitas e Dr. Francisco Liberato de Mattos pelo modo por que tão dignamente portaram se, como juizes, na presente questão

Este impulso é todo involuntario em sua manifestação; nada pode suffocar tão nobre sentimento.

E' que a vontade nem sempre pode dominar affectos tão vehementos, nem o coração reprimir as justas expansões, que lhe referven por dentro.

Ante factos, que sempre elevam, sempre nobilitam aquelles que os praticam, nada pode refrear as effusões de alegria que instinctamente se succedem umas ás outras.

E tudo isso parece achar uma justificação perante a verdade das cousas; tudo isso se explica hoje de modo a nada mais desejar-se.

N'esta situação dolorosa em que tudo se amalgama a conveniencias menos licitas, em que nas maiores luctas da intelligencia com os preconceitos parece não haver dedicação, nem coragem, e em que a *riqueza* insolente parece tambem temeraria subordinar tudo a si e aos seus caprichos, ainda se encontra a supremacia social que falla pela voz independente de certos caracteres, que despresando os interesses da pessoa, timbram por tão somente glorificar os do nome.

Pois bem: n'estas aberrações infames por que passa a sociedade actual, no cyclo de tão tremendas illusões que ás mais das vezes trazem o desconforto moral do espirito, ainda ha homens qne não recuam, e antes arrostram o martyrio pela causa do direito e do dever.

N'este caso estão o Srs. Freitas e Dr. Liberato de Mattos e portanto saudamos a ambos com bastante enthusiasmo, porque ante a *innocencia inaudita* do Sr. Godinho ante-poseram a força da lei para punir o delinquente.

São estes o sustentaculo da viuvez e da miseria, são estes em que repousa a consciencia social, quando procura a expiação dos crimes pela punição dos reus.

E ai si não existissem!!! então os laços mais sãos deixariam de existir, as bôas ideias de sappareceriam, e o vicio supplantando a virtude, se mostraria sempre triumphante lá muito em cima do Capitolio.

Ditas estas palavras prosigamos.

Si está provada exhuberantemente, como se acha, a criminalidade *in totum* do Sr. Godinho, si nada hoje poderá pesar no espirito publico, que o faça livrar da grande imputabilidade, que com toda razão se irroga-lhe, como poderá o mesmo Sr. Godinho sahir d'este embaraço por de mais demonstrado? Que poderá esperar em prol do seu delicto? E' que mesmo o naufrago vendo a morte imminente no meio das vagas espera ainda salvação; o desterrado nas soidões do exilio julga a todo momento ver o torrão natal; e até o assassino prostrado aos pés do algoz que vai de um só golpe decepar lhe a cabeça espera tambem o perdão: assim não é muito pretender o *honrado* negociante vêr-se livre de tanta *calumnia* e *injustiça*.

Mas esperemos, até vêr não é tarde, como vulgarmente se diz.

Alcibiades.

Ladainha.

Dos patifes que não respeitam,
Nem a sua propria avó,
E que gritam pelas ruas,
—Botem sentido no *nó:*
Libera nos Domine

Da donzella que só vive,
No espelho a se mirar,
Vendo si sua belleza,
Pode marido pescar:
Libera nos Domine.

Do estrangeiro devasso,
Que uma virgem deflorou,
E para escapar do crime,
De infame meios usou:
Libera nos Domine.

Da esposa que não sabe
Com seus deveres cumprir,
E que ao pobre do marido,
Vive só a consumir:
Libera nos Domine.

VARIEDADES.

As mulheres perdidas

Por L. Reo Junius.

—

OS FILHOS ADULTERINOS.

VI.

Ecoutez l'étrange aventure....
EM. DESCHAMPS.

Vinte dias depois ella concedia a primeira entrevista ao moço. Era noite. Das portas do Levante a lua despontava avermelhada semelhando o genio das ruinas. A doce briza affagava beijando os cabellos negros dessa mulher, que indolentemente recostada em um sofá esperava que désse a hora aprazada. Soaram 10 horas no sino do Castello; leve bater se ouviu. Dahi á pouco o moço, trajando um ponche escuro, entrou. A' pallida luz de uma unica vela de cera collocada a um canto da sala elle poude avistar a mulher que amava.

Desembaraçou-se do ponche, arremessando o sobre uma cadeira de espaldar forrada de couro bordado, e dirigindo se a ella cahiu de joelhos.

Ella, com a face enrubecida, contemplou-o um instante com esses olhos negros que captivavam com expressão, que matavam e davam vida.

Tentou erguêl-o, e fêl-o sentar a seu lado.

Juntos a par um do outro, ambos sentados em postura amorosa, começaram essa conversação de amantes, que á primeira vez é sempre embaraçada, e que melhor se exprime com os olhos, com um aperto de mão, do que com grande discurso. Produzir textualmente essa mystica conversação seria um impossivel.

Ella, como sempre accontece, estava embaraçada. Nem ousava confessar o seu amor.

Fraca, timida, dissimulada, defendia-se resistindo apenas á sua inclinação.

Elle, bello como ella, forte, audaz, atacava sempre.

Essa mulher em presença desse moço, agitava-se, animava-se, mas sentia-se de quando em quando como que impellida por uma força desconhecida que a fazia estremecer.

Subjugada pelo imperio dos sentidos, cuja força é muitas vezes superior á do sentimento, essa força a que o celebre Cabanis chama a lei da natureza, ia ella proferir um palavra que seria a sua perdição, quando uma visita se annunciou.

O moço sahiu pelo quintal da casa.

Dias depois teve logar uma outra entrevista. A noite era tempestuosa, o vendaval curvava o cimo das arvores e arrancava os arbustos do jardim desta casa, que ia talvez converter-se em templo de paixões ignobeis O vento do sudoeste soprava com força; fortes rajadas de chuva inundavam as ruas, e nos relampagos os raios se annunciavam ao longe.

A mulher tinha recostado a cabeça no peito do moço, e quando este ia dar-lhe um beijo—o primeiro—um medonho trovão atroou os ares e a luz electrica aclarou por um momento essa sala.

Ella, assustada, ergueu a cabeça e agarrou com força na mão do moço.

Passado o susto ella lhe disse:

—Que tendes na mão que machucou-me?

—E' um annel.

Ella pegou na mão do moço examinou o annel, e ficou pensativa.

O moço tirou o annel do dedo, e entregando-lhe disse:

—E' uma herança; este annel foi de meu avô e de meu pai. E' uma prova de que elles já não existem.

Ella chegou-se para junto da meza onde ardiam duas velas de cêra e examinou o.

O annel era em tudo semelhante ao que o seu hospede e primeiro amante trazia no dedo outr'ora!

—Como se chamava vosso pai?

—*Cassialupino* conde de ***

—E' elle, bradou ella, ai desgraçado, foge de mim. Meu Deus! Que negro fado!

—Explicae-vos, senhora, tornou o moço estremecendo.

—Vosso pai nunca vos contou suas aventuras?

—Contou-me primeiro, senhora, que tinha estado no Brazil, e depois a historia do meu nascimento. Eu porém não conheço minha mãe.

—Vossa mãe, desgraçado, vossa mãe está diante de vós!... Vossa mãe, sou eu!!!

—Minha mãe?... Não! não é possivel!

—Vêde, disse então ella, tirando da gaveta um retrato em miniatura. Vêde; eu daria metade de minha vida para que me enganasse.

O moço examinou o retrato, deixou cahir no chão, deu alguns passos pela sala e foi direito á mulher e ajoelhando:

—Minha mãe, minha pobre mãe, dizei-me por piedade que supplicio devo eu soffrer para expiar uma falta, um crime horroroso que ia commetter sem consciencia do que fazia.

—Meu filho!!...Eu sou bem desgraçada. Levanta-te. Pede a Deus que se compadeça de mim. Eu nunca mais devo ver-te. Não! não quero corar de vergonha diante de ti. Ai! meu filho! Eu sinto que morrerei.

O moço estava mudo e horrorisado.

Ella, depois de chorar largo tempo, metteu em um sacco de velludo todo o ouro que possuia, e dando-o ao moço, assim fallou-lhe com voz entrecortada de soluços:

—Vai, meu desgraçado filho, vai.... Deus te abençôe... Ora por tua pobre mãe que vae morrer.

—Minha mãe!....

—Vae, meu filho. Não desafies a colera celeste.

No dia seguinte o moço partiu para a provincia de S. Paulo, e ella retirou-se para o seu sitio n'esta freguezia.

(Continúa.)

ANNUNCIOS.

Cadeira de arruar.

Vende-se uma em bom estado accompanhada de fardamento completo: a tratar no café *Les Deux Amis,* ao largo do theatro.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 85.ª — SEXTA-FEIRA 15 DE SETEMBRO. — N. 840—841

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio. 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Começa hoje a 85 serie deste periodico.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 14 de setembro de 1871.

Officio a Illma. camara municipal, ainda uma vez reclamando sobre o estado da balança collocada no matadouro e a desorganisação dos pesos da mesma, com o que soffre enorme lesão a população, porque vindo a carne para os talhos com o peso de menos, os cortadores que por habito ja arrancam do povo, são obrigados a roubarem ainda mais, desculpando-se entretanto com a falta proveniente do curral; e uma vez que essa edilidade manda por seus fiscaes multar áquelles que vendem com pesos inexactos ou por afferir, não é justo que tolere uma repartição publica infringindo a lei. Pelo que espera-se que a Illma. se resolva a mandar regular a mencionada balança.

—Ao Illm. Sr. commandante da policia, pedindo-lhe que não consinta que o quartel do corpo de seu commando continúe a ser uma praça de cambio nos dias de pagamento de soldo.

Que o soldado rebata o seu soldo á quem quizer, é direito incontestavel; porém que a transacção seja feita garantida ou authorisada pela disciplina, como parece indicar a maneira obrigatoria, por que é feito o desconto, dentro do quartel, na hora do pagamento, em presença dos commandantes de companhia, é arbitrariedade, e infracção á lei.

No ultimo soldo, dous soldados da companhia do Sr. tenente Durval, os quaes demais estão presos, feitos os pagamentos do que deviam aos usurarios, veio a lhes tocar um cartão de *bond* da Victoria, para passar dez dias!

E' uma calamidade!

E como é certo que tirada a causa, cessa o effeito; desde que S. S. prohiba taes transacções dentro do quartel, acabando com o abuso dos *valles* abonando-as, os agiotas não contando com garantias, não quererão expor seu dinheiro e desapparecerá a usura; deixando tambem os soldados de praticar pelas ruas muitas tranquibernias, obrigados pela necessidade.

Portanto, espera-se que S. S. attendendo as reflexões ácima emittidas, providencie.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, partecipando lhe que em uma casa ao largo da egreja matriz, onde mora uma creoula, é quasi todos os dias espancada barbara e deshumanamente uma preta africana, que dizem ser escrava da referida creoula. Essa africana pelos afflictivos castigos que soffre, parece mais um esqueleto ambulante que uma creatura ainda pertencente a este mundo.

Em vista do exposto, e em nome da humanidade soffredora, espera-se que S. S. dará as providencias que o caso urge.

—Capitão, uma noticia.

—Diga lá.

—Hontem ás 8 horas da manhan, um preto africano escravo do Sr. Bernardo Rodrigues d'Almeida, seguia pelo Guindaste dos Padres carregando um caixão, entrou em uma loja fronteira a casa de negocio do Sr. Gama. Ahi começou a deitar golfadas de sangue pela bocca e morreu.

—Coitado! Deus dê a sua alma o descanço eterno!

—O corpo levou até ás 4 horas da tarde sem que apparecesse a authoridade para proceder ao corpo de delicto.

—Lemos no *Cearense* sobre a epigraphe *horroroso:*

«Pela policia de S. Matheus acaba de ser capturado Francisco Rodrigues das Chagas.

«Sobre essa fera pesam as seguintes incriminações:

«Amasiado ha tres annos com uma sua filha, de nome Maria, e tendo tido della dous filhos, fez ella abortar o primeiro com uma surra que lhe deu e enterrou vivo o segundo apenas nascido! E havendo essa infeliz procurado ultimamente a casa de um visinho e abandonando o pai, este tentou, por duas vezes matal-a, dando-lhe tiros de emboscada, os quaes, felizmente, não a offenderam.

—Capitão, no domingo deu-se um caso contristador.

—Em que logar?

—Na rua das Veronicas.

—O que foi?

—Um individuo baptisou na sexta-feira um filhinho, sendo padrinho o commandante das armas.

No domingo fez elle os frios do brodio, como lá dizem, e convidou o compadre.

Uns meninos, que se achavam na casa, sahiram para a rua e foram brincar com o cavallo de montada do general, accontecendo um delles levar um coice do animal atirando-o por terra sem falla, fazendo-lhe uma grande brecha na cabeça.

—Coitadinho! E' assim o mundo, no meio do prazer o desgosto!

Os medicos dizem que não escapa, e, no caso de escapar, ficará soffrendo das faculdades intellectuaes.

—Deus que tenha compaixão d'elle!...

—Uma idéa nobre e patriotica.

—Está enthusiasmado?

—O Sr. Archanjo Maldonado Bandeira; possuidor do prelo de campanha, que na lucta da independencia nesta provincia servia para impremir-se as proclamações, o qual fôra mandado vir pelo finado senador o Sr. Montezuma, acaba de offerecel-o segundo consta, ao governo da provincia para ser collocado no museu nacional d'esta provincia.

—Já agora, não posso deixar de dar tambem um bravo de louvor ao Sr. Bandeira, pela lembrança, certo de que o governo não regeitará a sua offerta.

—Ha um costume pessimo e censuravel dos Srs. boticarios.

—Deu hoje para ahi?

—Entra-se em qualquer botica com receita e pergunta-se quanto custa o remedio, o boticario dá um preço, mas sahindo-se d'ahi e indo a outra, nesta darão preço muito desegual, e indo a terceira ainda darão com uma differença extraordinaria.

—Entretanto todos mandam vir as substancias pela mesma procedencia, e pagam direito egual n'alfandega. Não sei d'onde vem a desproporção.

—Mas o que fazem os Srs. boticarios?

Para embaraçar o comprador de ir a outra parte, não se contentam com declarar vocalmente o custo do remedio, carimbam na receita a quantia e em logar que não se possa rasgar, para de tal forma prohibir que se vá a outra, ou que ainda indo-se o pharmaceutico d'esta á vista do preço estampado no papel não venda por menos.

—Meu charo, o viver não é nada, o saber é que ella.

—Nesse caso seria mais bonito que se reunissem e combinassem uma tabella de preços.

—Um dos logares onde joga se com mais encarniçada gana é em Alagoinhas.

A grande affluencia produzida pelo trafego da via-ferrea, attrahe para aquelle ponto os jogadores, certos de acharem sempre incautos para depennar.

—Mais certos ainda de que a policia não os irá encommodar.

—E mais de um inexperiente tem alli deixado em mão dos expertos o producto de insano trabalho, de fatigante sacrificio, o fructo de uma longa viagem voltando para casa mais cumplicados de que sahiram.

—Quando não perdem até o alheio que lhe confiaram.

—Ultimamente deu-se em Alagoinhas uma atrevida empalmação

Um individuo veio á capital receber a importancia de uma partida de gado no valor de 3:600$ rs., de volta, em Alagoinhas, foi despojado desse dinheiro em uma noite por meio de jogos illicitos e fraudulentos!

—Não admira que isso se passe em Alagoinhas, quando todos os dias está se dando aqui dentro da cidade.

—Não sei a rasão porque tendo a cidade de Maragogipe um cemiterio bem preparado, o qual já está até bento, ainda os seus habitantes não quizeram desapegar-se do carranceirismo de enterramentos na egreja!

—Dizem que continuam a enterrar na egreja matriz por conveniencia do vigario.

—Qual; pois pode lá haver conveniencia, quando ha prejuizo á salubridade publica?

—A salubridade é a conveniencia de quem pode e tudo mais historias!...

Ande eu quente e soffra a gente!

—Mas então, si os enterramentos forem feitos no cemiterio, o vigario perde os direitos parochiaes?

—Deixe-me, V. só procura em que taramellar!

—Consta que a escrava Magdalena que á dias se apresentou na policia com as mãos inflammadas por barbaro castigo de bolos, nenhuma providencia obteve por parte da authoridade!

—E qual a providencia que V. queria á tal respeito?

—E qual a lei que sancciona o senhor a trucidar o escravo? com que direito exerce uma creatura sobre outra actos de selvagem crueldade?

—Queria então que o chefe mandasse admoestar a senhora de Magdalena, não?

—Sim, senhor. Entendo que a authoridade protegendo ao fraco, amparando ao desvallido, vellando pela sorte do misero captivo, não exorbita de suas attribuições.

Muito mais quando é em relação á senhores do quilate da de Magdalena que não gosa de precedentes de benigna.

Uma occasião ja a policia teve denuncia de que ella tinha uma escrava acorrentada em um forro de casa, na freguezia da Sé; por diversas vezes tem escravas suas recorrido a authoridade atormentadas e seviciadas.

—Não ha muitos dias que o famigerado *Sabe-ler* sahiu da cadeia e ja tem praticado tres ou quatro escamotagens de vulto, afora os *restos de feira,* como elles chamam as empalmações de pouca monta.

Hontem quarta feira dentro do convento de S. Francisco, na occasião em que celebrava-se o Mez de Maria, safou mui limpamente a carteira do inspector do arsenal de marinha e foi-se com ella.

—Mas que quer, si para os ratoneiros ha demasiada indulgencia, completa condescendencia?

Elles frequentam os espectaculos, os leilões publicos, viajam sem destino nos vapores do litoral e não são vigiados.

—A' respeito do *Sabe-ler* parece até protecção!

Este anno tem elle feito umas poucas de dar na vista e sempre impune!

—Na quarta feira ás 9 horas da manhan, uma mulher lerda conhecida por *Mariquinhas* sahiu do escriptorio do Sr. João Victor, e, tendo conversado com o Sr. João Americo, dirigiu-se a um dos proprietarios desta typographia, insultou-o acremente com palavras injuriosas, depois voltou e sentou-se no escriptorio do *nobre* advogado.

—Encommenda dos adeptos do Sr. Godinho.

—Veja o publico sensato os meios pequeninos, de que se servem os adeptos do negociante portuguez Antonio Tavares da Silva Godinho!

Queriam que o homem excitado pelos insultos recebidos, commettesse algum attentado, para por esse meio ver se entorpecia o echo d'esta humilde imprensa.

Enganam-se! Si o Sr. Godinho por meio de amigos poude fazer calar a imprensa grande, não obterá o mesmo da imprensa pequena, desde que ella tracta de uma causa justa e pura—*o direito da desvallida Clara, contra a prepotencia e o poderio do negociante opulento.*

Urdam quantos tramas quizerem, lancem mão dos meios mesquinhos que entenderem, a causa da infeliz Clara ha de sempre triumphar, porque além da justiça da terra vela sobre ella a—JUSTIÇA DE DEUS!...

A PEDIDO

—O Sr. Antonio Tavares da Silva Godinho acaba de appellar da sentença com que o Sr. conego Dr. vigario geral julgou improcedente a justificação com que o dito Godinho queria provar a maioridade de Clara e identidade de Benvinda.

Faça o Sr. Godinho o que fizer, não ha agoas em que se lave.

A sua mancha é indelevel.

Ainda quando por meio de suas testemunhas compradas a 30$ e 40$ rs. conseguisse *arranjar* que Clara fosse baptisada em Santo Antonio, isso não o isemptaria do grave crime em que incorreu perante a sociedade; por que para a opinião publica, para os homens honestos, para os paes de familia moralisados, tanto faz raptar e deflorar a uma menina menor de 17 annos como a uma de 17 annos e 4 mezes, edade que á todo transe quer o Sr. Godinho emprestar a Clara, para por este ardil eximir-se do crime, com que affrontou ao decoro publico.

A gravidade do delicto é a mesma, diante da moral e da honestidade.

E tanto é assim que estamos certo que hoje qualquer chefe de familia terá escrupulo de admittil-o em seu seio.

A verdade porém ha de ainda uma vez triumphar; o Sr. Godinho não faz mais do que por si mesmo mostrar a evidencia sua criminalidade e tornar patentes as circunstancias indecorosas de que é ella revestida.

Deseja-se saber qual a rasão porque havendo na companhia de cavallaria inferiores ha-

bilitados, emprega-se na escripturação do quartel da mesma, a um Sr. de *Lisboa*, o qual é tão feliz que até mora de graça no predio do governo.

Alerta!

Moça, cautela com o abutre que tem loja na sua rua, *das Drogas* não se deixe embair pelos cantares não só D'ELLE, como dos mensageiros que emprega em ajudal-o a saciar seus infernaes desejos....

Cautela, muita cautela!

O Tavares.

Acautele se a moça da Barroquinha, quase fronteira a egreja, a quem o abutre anda illudindo.

Acautele-se, em quanto é tempo; para ao depois não ter irremediavel arrependimento.

Acautele-se, que o hypocrita tem astucias e enganos que tentam e perdem a uma santa.

Não creia no nome porque elle se lhe dá a conhecer; seu verdadeiro nome é outro.

Acautele-se, que si agora elle emprega o suave do pintasilgo e o melifluo do rouxinol, mais tarde empregará o *silvo* da serpente.

O Godinho.

—Uma pergunta:

Onde está a rata, Sr. Paim?

Sr. cara de pau, tome geito, tenha vergonha, não afine as pernas no Taboão.

Xica Maria
Dize-me lá a este homem
que a vergonha variou
nunca mais o procurou
passarinho bateu as azas
a vergonha o levou
oh; que homem e que catadura?...
e dize-me que assim mesmo
serei a tua ventura.

Questão Godinho.

VII

Agora cumpre terminar.

Ja que o direito e a justiça triumpharam dos subterfugios e indecentes meios com que o Sr. Godinho pretendia illudir a acção da lei, ao mesmo tempo que fazia ostentação da enormidade do crime, chegando a protervia ao auge de seus agentes propalarem que não negavam o crime, mas o que queriam era pôr a offendida fora do recurso da lei; já que a verdade apparecera por fim com todo seu esplendor, desmascarando a hypocresia do negociante impavido, já que o desengano patenteara-se com o seu lugubre cortejo de provas apontando a verdadeira punição para o delinquente, convém finalisar esta serie de artigos.

Sim: não augmentemos a afflicção ao afflicto.

Longo foi o nosso sacrificio, mas estamos bastante satisfeito pela compensação; fôra o sarcasmo nojento e deshumano, que se attirava covarde á face de uma mulher desvalida, que nos fizera empenhar n'esta lucta, fôra a dignidade de uma infeliz, que nos commovera a advogar os seus direitos; e hoje já que a punição se fizera ouvir, já que a justiça registrou-a com todo merito e independencia, temos findado a nossa missão.

Não ha que duvidar: succumbiu dê todo o atrevimento do Sr. Godinho, porque a pobreza achara allivio na sua miseria; o povo pedia instante a sua condemnação, e ella realisou-se, porque, como alguem já o disse, o seu olfato é fino e difficil de se enganar. O instincto publico prima nas recomposições da verdade, por meio de fragmentos dispersos.

E foi o que accontecera; ninguem estremecia mais pelo castigo do delinquente, que a opinião publica; ninguem esforçava-se mais pelo resultado, que ella.

Agora nenhum outro recurso resta-lhe que a decisão do jury, como em outro logar já o dissemos; mas que poderá esperar ainda o opulento negociante?

Que garantia pensará obter d'este tribunal, si é elle o juizo de toda população?

Não argumentemos de má fé, e estabeleçamos todos os principios, como devem ser.

Todos sabem, e por certo não ignorará o Sr. Godinho, de que a substancia do jury está em ser uma emanação directa de todos os cidadãos, e si estes eram os proprios a pedir a todo transe a sua condemnação, por certo que não se amesquinharão por outro proceder.

O escolho, portanto, é bastante escabroso, e si o apello publico á magistratura achou echo, com maioria de razão o crime ha de ser punido, quando o mesmo povo constituir-se juiz.

Esta é que é a evidencia dos factos perante os espiritos mais ou menos esclarecidos.

São estes os principios da logica a mais pura, e que portanto não poderão repugnar ao bom senso.

E sinão—vá assentar-se o opulento negociante no tamborete dos reus, e lá, audaz e imperturbavel como tem estado até hoje, espere a sua absolvição.

Sim: esperemos, que já não é tão pouco.

Vamos terminar, e sem duvida alguma faltariamos a um dever que a justiça nos impõe, si não rendessemos tambem do alto d'esta in-

prensa um obolo de louvor e de reconhecimento ao Rvm. Sr. vigario geral d'este arcebispado; é uma homenagem que se retribue a um caracter illibado e integro; e toda vez que se reconhecem taes predicados em quem quer que seja, manda o dever que sejamos justos, manda a religião que fallemos a verdade.

Sim: as aturadas e constantes conversações do Sr. Godinho com o virtuoso sacerdote não poderão e nem poderiam torcer a sua consciencia; era que alem de ser homem, o digno vigario era tambem sacerdote.

Não é o encomio lisongeiro que vem aqui de estampar-se, não: é a sinceridade que se esculpe livre de toda pecha.

Alcibiades.

Ao publico.

A imprensa em sua missão deve ser inexoravel.

Guardando o decoro devido ás convenencias sociaes, deve ella sempre profligar os escandalos e condemnar a impostura, onde quer que estejam.

Em taes casos condescender é dar azas á immoralidade, é abrir novo abysmo á imprevidencia; porque como alguem já o disse — aquelle, que sustenta um roubo, bem merece o epitheto de infame.

Sim: a indulgencia da parte de qualquer orgam publicista em materia de direito publico, por isso que acarreta imperiosos deveres, é por demais censuravel e injustificavel; é ella um tributo impio que anima ao delinquente a proseguir em sua carreira de desvarios, proclamando d'est'arte a sua alta incorrecção sob as mais terriveis formas.

São estas que devem ser as bases do grande edificio jornalistico; são estas, verdadeiramente fallando, a salvaguarda e a unica força para apoio de tão respeitavel instituição.

Não ha negal-o: o direito e a justiça gyram em circulo de ferro, e teem regras determinadas para as suas manifestações.

Isto que até aqui temos tão summariamente expendido, e que muito tem que vêr com o caso presente, foi nos suggerido pelo modo por que ainda hoje procede o Sr. Cardoso de Castro na gerencia de sua empreza.

Pasma o espirito e doe o coração ao ver o *scepticismo pacifico* e um tanto *ironico* d'este empresario, quando vozes tão authorisadas, como as do *Correio* e *Diario* d'esta capital, profligam tão justamente os seus abusos.

Sim: admira-nos sinceramente o procedimento inqualificavel do Sr. Cardoso de Castro a esse respeito, porque vem elle mui terminantemente revelar-nos o estado sinistro e desolador das miserias humanas.

Nem ha que contrapor: aos brios de pessoas, já independentes pelo seu caracter, já conhecidos pela nobreza de seus mais intimos sentimentos, só tem este Sr. até hoje respondido com ultrajes, ampliando-se cada vez mais na larga esphera dos seus desmandos e arbitrariedades.

E' que, na phrase de um illustre contemporaneo, *ha certos homens promptos para tudo e bons para nada.*

E quem, portanto, poderá negar a influencia e o poder do actual emprezario? Não será elle um novo *poderoso* d'esta terra, como mui bellamente denominou-o o *Correio*? Não será um S. Lourenço em miniatura?

Certamente que a resposta é facillima; ao contrario S. S. não ficaria tão surdo aos clamores e brados d'esta população.

Todavia estes clamores não sao infundados, e nem tão pouco estes brados resentem-se do mais leve despeito de quem quer que seja; porque, seja dito com a mais firme convicção, o dinheiro que tem gasto a provincia posteriormente n'este ramo de serviço publico tem sido totalmente infructifero.

E si não, vejamos qual o estado de aceio e limpeza que apresentam as ruas d'esta cidade; não precisa que nos internemos nos beccos e encruzilhadas; passemos as vistas no que se appelida — *coração* — de uma localidade.

Com effeito o espectaculo é por demais deploravel; o olhar repulsa encarar scena tão desanimadora; a hygiene protesta em nome da civilisação; a humanidade grita horrisona pela sua propria conservação.

Este estado miseravel de cousas demonstra de modo irrefragavel ante a evidencia dos factos consummados, que a saude publica, este problema da mais alta transcedencia e interesse em todos os paizes cultos, aqui, n'esta Bahia, de nada vale.

Não é que a salubridade de uma cidade consista somente no aceio e limpeza convenientes de suas ruas e de seus edificios, quer publicos, quer particulares; mas é este um dos pontos mais importantes e da mais grave solicitude para a attenção dos governos.

Aqui, porem, entregou-se este trabalho a um homem incompetente para apreciar assumpto tão serio, e então observam-se as imprevidencias á toda hora, e a todo momento.

Sejamos francos: o Sr. Cardoso de Castro não tem satisfeito á espectativa publica. As ruas são varridas muito mal e já em hora adiantada do dia; outras ha que sem receio de mentirmos, não vem o roçar de uma vassoura desde o começo d'esta empreza.

Os carros de conducção de pequena capacidade para receber tanta immundicie, e o

que mais é não apropriados a serviço de tal ordem, enchem-se logo e logo, e as frentes das casas ficam topetadas de montões de materias vegeto-animaes em via de decomposição pelas alternativas constantes do calor e da humidade, e então seja a pobre familia obrigada a respirar áquelle ar carregado de miasmas, origem de muitas enfermidades.

E mais um ente caro d'esta familia que morra, porque o Sr. Antoninho da limpeza assim entendeu!!!.....

Quando, porem, não são as montureiras na frente das casas, é nos lugares mais publicos e transitados que se as encontra, porque os carros vão lançando a carga, onde é mais perto e mais commodo.

Não se tomem por destituidos de fundamento estas nossas asseverações; qualquer, que duvidar, pode ir á rua da Valla e no Pilar, e certificar-se-ha das grandes montureiras lá existentes.

Quando, porem, aquelles que lucubram a vida nos livros, clamam contra estes abusos porque apercebem-se dos males que mais cedo ou mais tarde hão de proromper em detrimento de toda população, vem o Sr. Antoninho dizer com todo displante, que está fazendo um beneficio aos habitantes d'aquelles logares; porque a seu ver está dissecando pantanos, o que é aconselhado por todos os hygienistas, invocando até o parecer de todos os professores da faculdade medica!

Oh! quanta species! cerebrum non habet.

E' por estas e outras que um profundo litterato diz: *haver muitas bocas que fallam, e poucas cabeças que pensam.*

Si os effluvios e miasmas que se desprendem constantemente dos pantanos, estas bacias mortiferas, já são sufficientes por si sós para darem logar ao apparecimento de uma enfermidade, o que resultará si ajuntarmos meios, que não destroem, mas ajudam a quantidade de taes emanações, sempre nocivas?

Ah. Sr. Antoninho, quando as suas casas estiverem ardendo, acconselhamos lhe levar mais combustivel no seu interior d'ellas, por que assim o fogo se apagará repentinamente, ficando todas ellas sans e salvas.

Sorprehende-nos tanta animosidade; mas ninguem toca em seara alheia, que não pague o seu tributo á ignorancia.

Basta por hoje.

O Lecpardo moço.

Alerta!!

Paes de familia acautelae-vos!....

O milhafre abre as negras azas, mais negras ainda que seu coração, e adeja em torno á vossos lares: expulsae-o para bem longe, pois que o seu contagio é mil vezes peior que a cholera; o desta, leva a desolação ao seio da familia, mas a dor é uma só; o d'aquelle leva a desbonra que é uma dor continua e que nem a morte extingue.

Vêde, vêde o sem numero de infelizes que *elle* tem atirado ao lamaçal da prostituição, e que entre bacchanaes gritam, com um grito pungente, unisono—maldição sobre o infame que nos arrancou nossas capellas virginaes!....

Vede o alarde que elle faz não só de suas façanhas, como do numero d'essas mulheres degeneradas, a quem paga para induzirem incautas moças á perdição: mas a Providencia Divina não dorme, e talvez não esteja muito longe o castigo do malvado.....

E é negociante matriculado!—irrisão!!!.....

E apanhou na face com um instrumento aviltante na rua mais publica commercial, e não teve pejo!.... não, não teve porque esse ja elle o perdeu.

Levantae o latego para um vosso escravo, e vel-o-heis estremecer, não pelo castigo, mas pelo instrumento aviltante que lhe vae ser applicado; mas o *negociante matriculado*, não cora. Exprobae-lhe, atirae-lhe a face todos os actos torpes de sua hedionda vida e elle impassivel tudo ouvirá sem que se lhe contraha um só musculo: prova inconcussa de que a degeneração invadiu-lhe a consciencia.

Oh! a grangrena do cynismo affectou a todo ser deste homem!

Paes de familia! cuidado com o deflorador, cuidado com o salteador, com o assassino da honra!....

O brado de uma victima.

—Desejava conversar com o Sr. Dr. chefe de policia.

—O que faz? Elle é attencioso e urbano.

—Queria revelar-lhe um facto criminoso, passado na freguezia do Pilar. Uma menina orphan prostituida e vilmente abandonada pelo seductor.

—Deve ser importante.

—E' uma tutelada e cunhada de Joaquim José de Abreu Junior, de nome Maria Olinda Maia.

Essa orphan possue, em um estabelecimento, uma quantia legada por seus paes. Seu cunhado e tutor foi casado com duas irmans suas.

—E a *terceira*?...

—*Brinco*, nome familiar da infeliz, vivia em casa do cunhado; foi raptada e levada

para um sotão á rua dos Caldereiros, em cujo predio mora um alfaiate.

Ahi, seu raptor fartou a lascivia de seus desejos brutaes por alguns mezes até que abarrecendo se a abandona infamemente, retirando-lhe até a mensalidade do albergue em que a tinha.

—Mais uma incauta atirada ao turbilhão mundano entregue á voragem do vicio e da sensualidade!...

—Si o Sr. Dr. chefe de policia quando eu lhe contar tudo, mandar vir á sua presença a infeliz seduzida, o locatario do sotão e proceder com aquella minuciosa perspicacia de que é dotado, ha de colher importantissimos esclarecimentos de quem é o seductor, e do tropel de devassidões de que é composta sua vida.

Porque eu tenho até intenção de mostrar-lhe esta carta, que foi achada e traz a assignatura do seductor, carta que pelo seu contexto se conhece ter sido escripta ao locatario do sotão:

«Amigo e Sr.—Com grande sentimento vou partecipar-lhe o seguinte; não podendo eu por ser, perseguido por minha senhora e meu Pay, continuar com a minha presencia a Sra. Brinco fasso-lhe siente que não posso continuar com as mensalidades do sotão; sinão athe o fim do mez; digo athe o dia 9 do vindouro, pois estou vendo apparecer qualquer desgraça, mais ella mesma he culpada em se por em janellas para saber-se onde ella reside, so sim si a mesma; não se desse a conhecer em qualquer lugar em que pertendesse morar, e assim então não sei o que devo, so sim recorro ao meu amigo um trilho que devo seguir a meu beneficio, como homem de consideração e franco pois si eu não o conhecesse não me aconselharia a respeito, nomais recondeme a D. E. e sua piquena; sou com estima e respeito. Seu amigo attento obrigado.

J. J. A. J.

P. S.—responda-me para meu governo.»

—E sem pensar contou-me V. a historia antes de contal-a ao Dr. chefe de policia.

VARIEDADES.

Linguagem dos olhos.

Os olhos são os primeiros brilhantes amorosos.

Quando dous olhos se encontram, tratam-se pôr tu.

Os olhos de uma mulher brilham como o sol, ou fulminam como o raio.

Aquelle que anda a olhar para o ceu, ou é poeta ou papa-moscas.

O que olha para o chão, ou medita ou está desesperado.

O que contempla o ceu, scisma no futuro.

O que contempla o chão, recorda o seu passado.

O que traz oculos e olha por cima delles, ou é fatuo ou millionario.

O que olha por baixo dos oculos é avarento, invejoso ou hypocrita.

A moça que contempla o ceu, espera o amante; a que olha para o chão, delle se separa.

Quando a mulher não olha para o homem, é quando mais o vê.

Segundo um diplomata, os olhos são os plenipotenciarios do amor.

Avaro

Falleceu, ha tempos, em Porto Alegre, um fulano Costa Bahia que levava a miseria ao ponto de se alimentar com cascas de melancia e laranja e outras porcarias que pelas ruas encontrava; e no entanto este homem tinha no banco Mauá 12 contos de réis, e encontrou-se-lhe em dinheiro em casa, cerca de dous contos! Até onde a avaresa pode levar o homem!

Uma verdade.

So padece de hypochondria quem tem vagar para estar doente, dizia um homem celebre.

Um general illustrado.

Um dia foram dar parte a um general de que se havia *suicidado* um sargento.

—Quinze dias de calaboiço! respondeu o general.

—Mas queira V. Ex. reparar que o homem está morto.

—Porque o não disse logo? replicou o general. E' forte mania esta de fallarem estrangeirado!

Peior a emenda que o soneto.

Chegando um viajante a uma estalagem de Andaluzia, pediu um quarto e de cear. Como, porem, a fadiga da jornada lhe houvesse secado a bocca, disse que lhe trouxessem um copo com agua.

O pedido foi satisfeito pelo proprio dono da casa, que era um andaluz bastante esqualido, com seu lenço amarrado na cabeça, cigarro no canto da bocca, e rescendendo a estribaria que era um louvar a Deus.

O viajante, notando que havia uma mosca na agua, disse:

—O' amigo, então não vê?

—O que?

—Esta mosca, cumpre ser mais aceiado.

—Então o copo não está limpo?

—Boa pergunta?

O estalajadeiro mergulhou os asquerosos dedos no liquido, e, tirando a mosca, exclamou ufano:

—Diga ainda que o copo não está limpo!..

MODELO ORTHOGRAPHICO.

Sr. Redactor.

A emprença é o unico sustentaculo do Povo; por onde se descute a verdade, a Policie desta cidade tem por varias vezes querido mostrar se ama de boa ordem mais que val, não é possivel!!!! sendo os jogo proibido, e muito recommendada, das authoridades, o que devem fazer o cabo, ou quem suas vezes fizer, proibir não qual não, querendo Ignacio Cabral, proibir, isto por ordem superiores, tive por emFelicidade bater na porta do snr. Fiscal; qual oresultado foi sahir no Aréense, dizendo casa de Familia jogos decente; sendo preso Francisco Ribeiro, em casa do snr. José Eugenio, qual oresultado; erão meninos que estavão brincando: o povo grita no Aréense Policia Policia, fazendo se qual prisão ou fazendo qual embagação em pretos, logo gritão estão embriagado, provocão dezordens nestes causos deve sahir empresenciá dos policias, uma authoridade, como o snr. subdelegado, Claudio Augusto da Costa Louzada, digno de louvores, apresentou-se em vista dos Policia um das noites que não merrecordo a datta, e Policiou algum lugares, sendo assim a policia tomara o devido respeito, que deve ter, ficando dezonerado de diteros, como praticou um dos escrivão na noite dos fogos, andando um preto provocando a todos por embriaguez, erão de opinião que não fosse a Cadeia. por Cuja prisão foi o Cabo taxado por bebado ora nestes Causos a Policia roga authoridade escolher huma Peçoa como um Inspector em falta de uma outra authoridade, que saia Com a Policia, porque do Contrario do outro Lado não inspirão, Ronda poucos são o que ousão a policia e para não agravar a Certos snrs. é bom que a Policia para essas bandas sem uma authoridade, não deve hir.

hum Amigos da Policia.

Caridoso empenho.

Um jornal de S.-Francisco (California) publica o seguinte:

«Existe actualmente na prisão de S. José um chim condemnado á morte, cuja execução foi fixada para o dia 23, si não tiver logar não será por falta de pessoas dominadas de bom dezejo de atar-lhe a corda ao pescoço.

«Não ha dia em que o Xerife não receba carta de alguma pessoas offerecendo seu prestimo para servir de carrasco. Eis o texto de uma dessas missivas:

«Ao Sr. Xerife.—Senhor, disseram-me que se necessita de um homem para no dia 23 ajudar á enforcar o chim. Pode encontrar-me em casa do juiz Stewarts para onde lhe rogo que me escreva. Posso assegurar-lhe que estou competentemente habilitado para esse mister, pois que já tive o prazer de enforcar dous individuos.—*H. S. Franklin*».

ANNUNCIOS.

Porfirio Simão, mestre pedreiro, faz publico que estando trabalhando em uma obra á rua de Guadelupe, foi na mesma admittido um escravo do Sr. Rigaud de nome Macario, o qual indispondo se com elle, passou na quarta-feira a ameaçal-o em sua existencia no que sendo obstado, prometteu de tiral-a em outra qualquer occasião. O annunciante leva este facto ao conhecimento do publico e das authoridades como uma prevenção a qualquer cousa que lhe possa acontecer.

Bahia 14 de setembro de 1871.

Quem quizer comprar uma parelha de bicudos, vá na venda do Aspirante ás Portas da Ribeira n. 28, que achará com quem tractar.

Aos Srs. armadores.

Caixões em madeira para cadaveres de todos os tamanhos, vende-se na loja de armador á rua Direita do Collegio n. 33.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Vende-se

A venda á rua do Pilar n.° 121; á tratar na mesma.

N'esta typographia se dirá quem precisa de uma ama de cosinha para casa de pequena familia, preferindo-se mulher de côr preta e que não seja moca.

Na madrugada de 8 do corrente, perdeu-se da rua das Flores até o Pelourinho um rosario de ouro enfiado em linha branca, com cruz e laço, sendo a cruz chata, contendo no passador duas pedras brancas. Quem o tiver achado e quizer entregar a dona, procure no Julião casa n.° 11, que será gratificado com mais de 10$ rs.

Cadeira de arruar.

Vende-se uma em bom estado accompanhada de fardamento completo: a tratar no café *Les Deux Amis,* ao largo do theatro.

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 85.ª TERÇA FEIRA 19 DE SETEMBRO. N. 842.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 18 de setembro de 1871.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que lance suas vistas para o becco do Curiaxito, visto como está elle reduzido á uma completa cloaca, proveniente do despejo que fazem das casas da rua dos Capitães, que deitam os fundos para esse becco.

A' bem da salubridade publica, espera-se ser attendido.

—Ao Illm. Sr. commandante do corpo policial, demonstrando-lhe os inconvenientes que produz a demora dos pagamentos de soldos, os quaes são feitos seis e oito dias depois de vencidos, sendo o soldado obrigado pela necessidade a passar por tratante e caloteiro, e impellido a praticar tranquibernias. A' vista do exposto, espera-se que S.S., amante como é de seus commandados, empregue meios a seu alcance para que os mesmos sejam pagos com a possivel pontualidade.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, communicando-lhe que na rua do Fogo, n. 21, existe um africano de nome Matheus, mettido a *dar ventura*, em cuja casa reunem-se mulheres brancas, pardas, creoulas e africanas, as quaes credulas do inculcado poder do nigromante vão alli em busca de fortuna, prestando-se assim aos calculos de especulação d'esse industrioso. Espera-se portanto, que S. S. o obrigue a adoptar outro meio de vida.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, pedindo-lhe que á bem da tranquillidade d'essa freguezia e descanço dos moradores da rua do Castanheda, faça acabar com os intoleraveis e escandalosos sambas do becco do Curral das Vaccas, sito na mencionada rua, não so pelas depravações e ditos obscenos, como porque rara é a vez em que não dão causa a alarmes.

A' vista do que, espera-se ser attendido.

—Capitão, venho pedir a V. Ex. uma rectificação na noticia publicada no dia 15, n'este periodico, relativamente á um coice que levou um menino na rua das Veronicas, no domingo 10 do corrente.

—Vamos lá com isso.

—Não é despida de exactidão a referida noticia, porem houve engano da parte do informante de V. Ex.

—N'este caso incumba-se V. de esclarecel-a, restabelecendo assim a verdade do facto.

—Indo o alludido menino montar em um dos cavallos *de montada* dos ordenanças, por vadiação, o animal atirou-o ao chão, resultando-lhe da queda uma simples contusão na cabeça, do que já se acha restabelecido, não sendo grave o ferimento, segundo disse o informante de V. Ex.

—E de quem colheu V. esta noticia?

—Do proprio pae do menino, para mim mais que sufficiente para saber da veracidade do caso.

—Fico sciente.

«—Como é que o *Alabama* falla em tudo e ainda não deu pennada sobre o espancamento da Constança do Serva na Maria Virginia?

«—Está comprado pelo *protector* de Constança.»

—Não faltam dectractores que affirmem este juizo temerario.

O *Alabama* declara a quem se interessar por Maria Virginia, ou mesmo a quem se quizer convencer do fundamento com que avançam tão odiosa asserção, que escreva o que lhe aprouver em favor della, legalise, e mande levar á typographia que será immediatamente publicado.

E' assim que se responde á insinuações vís de maldizentes, não em satisfação á elles, mas ao publico.

O *Alabama* reprova vivamente excessos da ordem do commettida por Constança, si bem que lhe reconheça a razão muito ponderosa de ser levada a tal extremo por um impulso de amor filial.

Sobre a questão *Constancia—Maria Virginia* esta redacção nem huma palavra dirá por motivos que não vem ao caso.

Contudo não tranca suas columnas a quem queira escrever pró ou contra.

—Capitão, communicam-me o seguinte:

«Ante-hontem, no 14.º batalhão, na hora do rancho, coube a um soldado, como ração, um pedaço de osso sem carne.

O soldado entendeu reclamar ao cabo: n'essa occasião passava um official e vendo o soldado reclamar, em logar de attender á reclamação, metteu lhe a chibata e mandou-o para o xadrez, á jejum, por tres dias!»

—Oh! oh! revolta a maneira por que tractam aos defensores da patria, é bom chamar a attenção do commandante das armas para este facto!....

—Dous agentes policiaes pescaram o *Pesca*, ou melhor conhecido o *Sabe ler*, na sexta feira á tarde.

—Em que logar?

—No Guadalupe; atraz de uma porta.

Vendo-se fisgado, não quiz soffrer só, e declarou como seu cumplice um Pedroso que foi tambem preso á noite no circo.

—E' mais um pouco de demora; n'uma hora dessas *Sabe-ler* vae continuar no seu fado.

—D'esta vez estou que não, porque o chefe de policia, creio, deu-lhe destino.

—A empreza dos Trilhos Urbanos tendo emittido na circulação immensidade de *valles*, nega-se agora a resgatal-os ao portador que os apresenta.

—Isso tem que ver com o chefe de policia.

—Na sexta feira apresentou-se na agencia da empreza um individuo com 15$ rs. em valles para remir. E' caixeiro de cobranças e os recebe em pagamento.

Disseram lhe que a empreza não pagava por que vendia taes valles unicamente para passagens em seus carros.

—Mas a gerencia declarou á principio que os garantia e resgatava, o que fez que o povo não tivesse escrupulo em recebel-os como moeda.

—Mas agora que elles estão com extraordinario curso, querem crear mais este embaraço ao povo.

—Está ahi porém o Sr. Dr. chefe de policia para saber como é isso.

—Consta que a crioula Magdalena fôra castigada de novo, por ter procurado no amparo da authoridade, linitivo a seus soffrimentos.

—Foi porque a authoridade não a attendeu.

—Um senhor não é algoz.

—Estou que o Sr. Dr. chefe de policia levado por natural impulso de humanidade ha de coagir essa africana a tratar seus escravos com mais humanidade.

—Os charcos insalubres da Mariquita estão causando febres perniciosas nos habitantes do Rio Vermelho.

Grande numero de pessoas teem sido atacadas e algumas se acham em perigo.

—Entretanto houve quem se propozesse a fazer as obras da canalisação pelo preço por que fosse orçada, debaixo da direcção de um engenheiro e para ser pago quando a provincia podesse.

O governo mandou que o proponente requeresse á camara e a camara respondeu que não era de sua competencia!

—E nessa *giga-joga* soffram os moradores de uma localidade inteira! Soffrimento que podia ser attenuado com um modico dispendio!

—Ninguem melhor do que o digno cavalheiro que se acha á frente da administração provincial pode avaliar o mal que causam as agoas estagnadas da Mariquita.

S. Ex. mesmo ja passou pelo pungente dissabor de perder alli um filho de febres.

—Si a saude do povo é um dos objectos sobre o qual o governo deve lançar especial attenção, creio que S. Ex., que se mostra sollicito em bem servir o cargo de que se acha incumbido, hade tomar em consideração o mal que estão soffrendo os habitantes do Rio Vermelho.

A PEDIDO

—Capitão, veio aqui um homem procural-o.

—Não disse o que queria?

—Que vinha queixar-se a V. Ex. contra o procedimento de certo professor, que abusando de sua posição de mestre, queria levar seu filho por uma vereda errada.

—Não comprehendi ainda.

—E' isto capitão: o mestre tem obrigação de incutir no menino noções de boas acções, mas este professor era o contrario; queria que o descipulo fizesse *cousas más*.

—D'onde é o professor?

—O queixoso não declarou; porem disse que elle era morador do *Rio Tinto*.

—E deem-se providencias sem saber!

—Srs., *feliz da hora* em que Vms. organisaram esta sua *sociedade*.

—Obrigados, Sr. aspirante.

—Mas o que não lhes louvo, é que depois da dansa, saiam com as damas e vão aos botequins reffigerar-se.

Antes façam uma conta do porto e tenham em casa da reunião algum refresco e licores para servirem-se.

Isto é feio; andarem moças bebendo nos botequins e depois, essas carreiras pela rua....

—Nos julgavamos, que por ser cá em baixo, não desse na vista.

—Dar pancada assim é demais!

—Encommoda!

—Revolta!

—O corpo da pobre creoulinha não tem descanço! Noite e dia é martyrisado á cada hora.

—Não pode ter mais de 10 annos.

—Parece malvadeza!

—Eu quando vou ao *Maciel de cima* ja fujo de passar por aqui para não ouvir sahirem de ta casa *n.º 3* os lamentos da paciente.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. subdelegado da Sé, para uma mulher de nome Philippa, moradora ao principio do Caminho Novo do Gravatá, a qual por seu mau comportamento ja assignou termo de bem viver na policia no tempo do Sr. Dr. Cerqueira Pinto.

Dotada de virulencia de lingoa, apraz-se em despejar toda soltura della sobre todos com quem se indispõe, com offensa grave da moral.

No sabbado deu o mais hediondo espectaculo de depravação, na rua onde mora, desenvolvendo uma serie de termos obscenos e insultuosos contra uma sua visinha.

—Capitão, a companhia do olho-vivo progride!

Ja ha até mulheres.

—A que tempo!

—Eu não sabia. Soube agora por causa de umas moçoilas, moradoras em um sitio banhado por esses *mares* que se constituiram devastadoras dos quintaes da visinhança.

—Lingoa viperina!

—Exactissimo, capitão, pelo dia de S. *Augusto*, que é hoje.

—Que *gago* dectractor! quanto mais si V. tivesse a lingoa solta.

—Ora, capitão, si não me quer ouvir, retiro-me; vou deitar meus *gallos á brigar*.

—Deus o leve.

—Capitão, no mesmo dia em que conversei com V. Ex. sobre a infeliz Maria Olinda da Maia, foi ella levada para a ilha de Maré, á mandado de *alguem*, pelo saveirista Antintes,

—Soube que o chefe de policia mandára chamar ao tutor e cunhado da mesma *Joaquim José de Abreu Junior* e este declarou a S. Ex. que a moça era maior.

— Não duvido; mas elle deve saber *quem foi o raptor*, e o motivo por que sahiu ella da companhia da irman.

—O chefe ordenou lhe que fosse buscar a moça em Maré.

—Eu não sou para dar conselhos; mas no caso do chefe de policia não a mandaria buscar pelo tutor, e sim por pessoa de minha inteira confiança.

—E quem mais de confiança do què o proprio tutor de um orphão?

—Ora adeus!

Quer ouvir a verdade?

—Diga.

—E' exacto ser hoje Maria Olinda maior; porém na epocha em que foi deflorada era menor.

O facto é cheio de circunstancias immoraes e criminosas; por causa delle houve perturbação domestica n'uma familia; o abandono de uma senhora casada por alguns dias.

O seductor de Maria Olinda, alugou um sotão na rua dos Caldereiros, em cujo predio mora tambem o Sr. Thiago das Neves, o qual, sisudo como o reconheço, si for chamado, estou que não se recusará a dizer o que for verdade.

Ahi esteve Maria Olinda até agora; o seductor, estando fora da cidade por vinte dias, deu a certa pessoa, moradora da mesma casa, 4$200 rs. para sustental-a durante este tempo.

—Que fartura!

Emfim, como o chefe mandou buscar a offendida, pode ser que bem interrogada, deixe transpirar alguma cousa, embora venha bem *cathequisada*.

—E eu hei de coadjuvar a authoridade no seu empenho de descobrir o crime, apresentando lhe auxiliares documentos e esclarecendo-a em certos pontos.

Poesia.

OFFERECIDA A IAIA TETÉ.

Para bens, iaia Teté
Grande gloria cabe a ti,
Quando, tomando na mão
A vara, vires Bibi.

Agora sim Thresinha,
Terás tudo a teu favor,
Tendo Bibi a teu lado,
Vá o mundo como for.

Elle que já prometteu
Casar comtigo, Teté,

E' agora occasião,
Não percas iaia a fé.

Oh! que primeiro supplente
Desta pequena lagôa;
O grande iôiô Bibi!
No samba coisinha boa....

Capitão-mor das *meninas*
Da rua do pega e pucha;
Hoje primeiro supplente!...
Que miseria que estucha!

Quem teve uma tal lembrança
Ficou c'o juizo ardendo;
Bibi subdelegado!.....
Eu não sei o que estou lendo!

O mimoso de Teté;
Que lhe pedia perdão,
Por lhe pizar o vestido,
De joelhos pelo chão!...

Essa lembrança parece
De algum Pedro mal-as-artes;
Porque á não ser assim
Eu não sei d'onde ella parte.

O que não fará Bibi
Quando na vara pegar!
De certo que os vadios
Hade a todos escalar.

Ha muito que era preciso
Um homem de energia
Para acabar com a crapula;
A bachanal, a orgia.

Foi Bibi o escolhido,
Toma a vara, meu Bibi,
Sacode sem excepção
Esses bandalhos d'aqui

Parabens, iaia Teté,
Grande gloria cabi a ti,
Quando tomando na mão
A vara vires Bibi.

***

VARIEDADES.

A adultera.

Eil-a que passa! de altivez impura,
marca a ternura do lascivo olhar;
no fasto e gala de uma impura vida,
a fementida, quer alfim brilhar!

Brilha! que o vicio tem assim seu fausto,
embora exhausto de attenção sincera,
e o tempo em gyro marcará o espaço,
do negro laço que por fim te espera!

Do amor mais santo, da affeição mais pura,
foi-se a candura, n'um momento só!
e as cans de um velho, que inda orvalha o pranto,
bradaram tanto, maldição sem dó!

Zelo do esposo, desvelar querido,
nem mesmo ouvido vacilar te fez,
e assim, cahindo no fatal engano,
ao fero damno procuraste a vez!

Ningnem te impede: na asquerosa estrada
tu déste entrada, sem menor pavor!
Segue! caminha, a procurar teu norte,
que é desse porte que não tens pudor!

Pudor! tu sabes como foi perdido,
e como o olvido succedeu á fé;
portanto segue, que volver é tarde
e o amor que inda arde para ti não é.

Mulher traidora, que de iniqua jura,
a sepultura profanaste em vão!
nomeando as cinzas, tua mãe querida
fé illudida te convinha então!

Segue! caminha! caminhar é sorte
de quem á morte pertubou a paz;
segue! que o pégo, maldição eterna,
é quem governa teu amor fallaz!

Lá, quando ao termo da nefanda vida,
desfallecida fores então parar,
filha maldita, MALDIÇÃO SUPREMA!...
n'essa hora extrema deverá bradar!

ANNUNCIOS.

20$000 rs.

O abaixo assignado gratifica com a quantia ácima a quem der noticia, ou levar á Fonte de Santo Antonio, venda n.° 85, um burro e uma mulla, que desappareceram do largo de Santo Antonio na noite do dia 6 para 7 do corrente, com os signaes seguintes: a mulla é foveira, de boa altura, tem do lado esquerdo uma pequena bexiga nos buses, está ferida em redor das juntas dos pés e das mãos, na cara n.° 8, uma pequena belida no olho esquerdo, os dentes estão serrados tanto os de cima como os de baixo, accode pelo nome de Cambrainha; o burro é russo queimado, tem a cara alvacenta, está ferrado, sendo ainda novo, accode pelo nome de Curió.

O annunciante protesta na forma da lei contra aquelle que os tiver occultado. Bahia 13 de setembro de 1871.

José Pereira Faria Guimarães.

Corre a praça pelo juizo de orphãos desta cidade e cartorio do escrivão Maia Bittencourt, no dia terça feira 10 do corrente, uma casa terrea sita á travessa da rua do Fogo, ao sahir no porto dos Tainheiros (Itapagipe) pertencente ao casal do José Julião dos Santos, avaliada baratamente em 1:500$000.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.º — BAHIA. — 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 85.ª — SEXTA-FEIRA 22 DE SETEMBRO. — Ns. 843—844.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 21 de setembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, para que se sirva de tomar conhecimento e providenciar ácerca do facto accontecido no dia 15 do corrente, no logar denominado *Palmeira*, ao *Tororó*, sendo que segundo consta, ahi fôra offendido com pancadas um menino caixeiro de uma fabrica de charutos, aos Curraes Velhos, freguezia de S. Pedro, attentado esse que teve por authores dous individuos irmãos, e duas mulheres, sendo uma dellas empregada na referida fabrica.

—Capitão, venho contar-lhe uma acção despida de charidade praticada pelas irmans de charidade.

—Ja estranhava o seu silencio.

—Juvinino Egidio de Souza, brazileiro, embarcadiço, tripolante da barca *Perola*, adoeceu gravemente dos olhos e requereu á Santa Casa para se recolher ao hospital, onde esteve em tratamento vinte dias.

—Prova de que a molestia era grave.

—A' cerca de quatro dias, um companheiro seu foi avisal-o de que o navio estava á largar e que por tanto fosse buscar sua caixa para não seguir com o navio. O homem para não ficar sem a pouca-roupa que tinha, pediu as irmans de charidade para ir á bordo receber o que era seu, no que assentiram ellas. De volta, porem, apezar do estado grave em que ainda está o homem, não quizeram que se recolhesse ao hospital.

E não houve razões que as resolvessem!

Recorreu ao chefe de policia e este officiou ás humanitarias mulheres para que admittissem de novo o doente.

A reclamação da authoridade, porem, foi menos-presada e o homem ficou na rua sem tratamento!

—E' assim que ellas fazem sempre; desconsideram a tudo e a todos nesta terra!

—Ao passo que para os estrangeiros ha todas as regalias.

Passeiam, sahem e voltam quando querem; e até quando são do *agrado* dellas ficam empregados no estabelecimento.

—Em Periperi foi deflorada uma menina de 12 annos. E o causador do mal é um homem casado!

—Mal-feitor!...

—Chama-se José Manuel, é pardo-escuro; a offendida chama-se Maria Herminia de Santa Anna, filha de Bibiana Virgem Martha.

O malvado para levar a effeito sua perversidade aproveitou-se da ausencia da avò da menina em companhia de quem vivia ella e sua mãe.

A menina esteve hontem na policia e consta que o chefe requisitara ao subdelegado a captura do criminoso.

—E que sobre elle pese o rigor da lei, com tanta força quanto é grave o seu crime.

—Na Madre de Deus da Pirajuhia foi deflorada a menina Mathildes, filha de Martinha de tal, moradora nesta cidade á rua dos Caldereiros.

A offendida achava-se em poder de seu avô José Rodrigues da Rocha.

Consta que o chefe de policia ordenara a prisão do delinquente cujo nome ignoramos.

—Não ha bonito sem ter senão.

A obra do forro da Sé está boa, mas tem uma imperfeição notavel.

—Já quer pôr defeito?

—Um erro de historia na pintura.

—Vejam só!

—O painel representa a primeira missa no Brazil. Ao lado do altar ha um coqueiro.

—O que importa isso?

—Si os primeiros portuguezes pozeram pé nesta terra em 1500 e o coqueiro so depois de 1600 é que foi transplantado da India para esta região, não sei onde o pintor foi buscar aquelle pé para collocal-o no retabulo.

—Olhe que V.!

—Uma balburdia em que ninguem se entende.

—Ás duas horas da noite, estes gritos!

—Camillo briga com a conhecida em um botequim ao Caminho Novo e vae chamar a patrulha para prendel-a; a patrulha recusa-se, Camillo allega que a mulher está armada de navalha e quer feril o; os soldados deliberam-se e encontram não navalha mais o estojo da mesma, pelo que esbofeteam a mulher.

Camillo offende se com o tratamento que dão á sua dona e desconcorda com os soldados; estes pucham os chanfalhos e vão sobre Camillo, que por sua parte quer prendel-os e obrigal-os a embainhar as espadas.

De toda esta argamassa veja que endiabrada confusão resulta.

—Eu vejo em este todo *perri* muita *força de espirito*.

—Para remate são testemunhas pacificas desta scena de tumulto, hoje 14 do corrente, dous agentes da policia secreta!

—O Sr. Augusto Cezar de Oliveira Vianna foi, no dia 19 do corrente, absolvido pelo Dr. juiz de direito da 1.ª vara crime, da queixa por injurias verbaes que contra elle dera o Sr. Antonio Tavares da Silva e Mello.

—Na terça feira, á uma hora da noite, entraram seis capadocios pela casa nº. 7, á rua Direita do Collegio, em casa de uma mulher e deram-lhe um *beneficio*, o qual constou de palavras immoraes e offensivas á moral publica e de uma terrivel algazarra.

—Vejam á que falta de policia está reduzida esta terra!

—Capitão, triste e bem triste é a condição do escravo!

O Sr. Antonio Ferreira da Silva, com residencia no Pilar, tem um escravo africano maior de 40 annos, de nome Candido, que lhe offereceu 1:000$000 por sua liberdade, afim de retirar-se para a Costa d'Africa, junto com um seu parceiro, que para lá vae.

Esse africano tem duas hernias, por consequinte é um escravo invalido, não só pela edade, como pela molestia que soffre; mas não obstante tudo isso, o Sr. Antonio Ferreira da Silva regeitou a quantia, dizendo-lhe que não o libertava por dinheiro algum!

—O preto já recorreu á sociedade libertadora Sete de Setembro, e consta que ella está empregando os meios para ver si obtem do irresoluto senhor do misero escravo a sua liberdade!

—Esperemos!

—Capitão o *Abolicionista* publica em suas columnas o seguinte como um appello á imprensa bahiana, no sentido de não receber ella mais annuncios de venda e fuga de escravos.

— Leia.

—Escute:

«A IMPRENSA PERNAMBUCANA.

«Acabamos de receber do secretario da *Sociedade Emancipadora* do Recife, uma noticia que encheu-nos de prazer.

Informa-nos elle de que, ha mais de um anno, resolveram os proprietarios dos jornaes d'aquella cidade, rejeitar a publicação de annuncios relativos á fugas, e vendas de escravos.

Honra á imprensa pernambucana!...

Dando publicidade á carta do Sr. Campello, fazemos ainda uma vez solemne appello á imprensa bahiana, para que resolva-se a dar essa inequivoca demonstração de seus sentimentos abolicionistas.

Acreditamos, como o nosso distincto correligionario de Pernambuco, que a resolução da imprensa bahiana, junta á d'aquella provincia, arrastará a adhesão de todos os jornaes do imperio.

Fica, portanto, desde hoje aberta no escriptorio da redacção do *Abolicionista*—uma subscripção para o compromisso que, esperamos, tomarão as redacções de todos os jornaes e periodicos d'esta provincia, no sentido de *negarem-se á publicação de annuncios de particulares sobre venda e fuga de escravos*.

«PERNAMBUCO 19 DE AGOSTO DE 1871.

Illm. Sr.—Em um dos numeros do *Abolicionista* manifestou V. S. a repugnancia que lhe causa a publicação de annuncios nos jornaes sobre venda de escravos.

No interesse da causa humanitaria, á qual tão grandes serviços tem V. S. prestado e para elevar em dignidade a imprensa no Brasil, tomo a liberdade de escrever a V. S. communicando-lhe que, ha mais de um anno, consegui como secretario da *Sociedade Emancipadora*, que os proprietarios dos jornaes diarios d'esta cidade do Recife se abstivessem de publicar annuncios sobre compra e venda de escravos e sobre escravos fugidos, com exepção somente dos annuncios judiciaes.

Obtida a promessa verbal dos proprietarios dos jornaes, officiei a cada um communicando que os outros se compromettiam a não publicar os annuncios, e as respostas que tive, estabeleceram um compromisso entre todos, por cuja execução vela constantemente a *Sociedade Emancipadora*. Os interessados n'essas publicações teem por diversas vezes illaquedado a boa fé dos redactores dos jornaes, que

avisados mandam supprimir os annuncios insidiosamente redigidos ou por engano acceitos.

Si V. S. conseguir dos proprietarios dos jornaes da Bahia o que a *Sociedade Emancipadora* já conseguiu dos de Pernambuco, prestará mais um serviço a causa da emancipação e estou convencido que o exemplo dado por uma provincia como essa, notavel entre as suas irmans pelo patriotismo e pela illustração, será com certeza imitado em todo o imperio.

Sou com a mais respeitosa estima

De V. S.

Muito attento venerador e criado

Gervasio Rodrigues Campello.»

—Desde 8 de março de 1870 que o *Alabama* no proposito de emitar o exemplo publicou da *Opinião Leberal* o que vou ler para V. ouvir.

Fatalmente depois dessa epocha foi publicado em suas columnas por descuido tres annuncios de escravos fugidos.

A' IMPRENSA BRASILEIRA.

«Todos os jornaes desta cidade e das provincias, sem distincção de crenças politicas, tem applaudido e animado a propaganda civilisadora contra a escravidão.

«Não ha duvida que este procedimento faz honra ás illustradas redacções dos jornaes brasileiros.

«Todavia a imprensa, pharol que na vanguarda dos seculos espanca as trevas da barbaria, pode e deve mesmo concorrer com mais efficacia em auxilio desse bello e grandioso movimento emancipador, que vae por todo o paiz.

«Ja não queremos que combatam energicamente esse crime, de cuja tolerancia somos todos os brasileiros cumplices; basta-nos um procedimento mais prudente, indirecto e todavia de grandes resultados:

«—Basta que todos os jornaes, diarios ou periodicos, desta côrte e das provincias, recusem publicar em suas columnas vendas, arrematações; alugueis, quaesquer annuncios ou editaes tendentes á auxiliar esse horrivel commercio de carne humana, e bem assim os annuncios para apprehensão de escravos fugidos.

«Quando o legislador brasileiro cobriu a face de envergonhado e mandou que cessassem os pregões e leilões de escravos, não é a imprensa, o fanal da civilisação, que ha de empunhar o martello e repetir os brados consternadores que o pudor publico comprimia nos labios mercenarios do leiloeiro de escravos.

«Cesse tambem a voz da imprensa brasileira de apregoar a venda do homem pelo homem.

«Não acceite ella a comparticipação que o legislador reputou indigna no leiloeiro e no official de justiça porteiro dos auditorios.

«Ao menos, assim, já que não o somos, pareceremos civilisados aos olhos do mundo europeu, e daremos um grande passo na regeneração do paiz.

«Encaminhando este convite, a «Opinião Liberal» confia que elle será benignamente acolhido pelas illustradas e muito dignas redacções de todos os jornaes, assim da côrte, como das provincias.

—Quando não fosse por outro motivo, ao menos pelo seu estado de velhice, aquella dinheiro, parem em soalhos d'ellas o pode pobre preta devia ser mais bem tratada por por aquelle menino.

—A mocidade deve respeitar a velhice.

—Mas este moçinho esbofeteia sem compaixão a ineme velha, aqui na ladeira do Coqueiro, hoje quarta-feira.

—Estão dizendo alli que o moço é filho de um Sr. Gualbarino.

—Seja elle la filho de quem for, pratica uma acção reprovada.

—Capitão, ha negociantes que procuram por meios de annuncios engodar o publico.

—Já V. vem com alguma das suas.

—Quer ouvir-me?

—Pois não, meu charo.

—Um negociante annunciou lans á 400 rs. o covado, e no seu annuncio declarava que as amostras sahiriam da loja mediante mil réis, os quaes restituiria.

Uma senhora, lendo o annuncio, tirou mil réis e mandou um moleque buscar as amostras.

Vieram ellas, e a senhora escolheu dous padrões que lhe agradaram e disse ao moleque: «no caso de não haver mais d'este padrão, para mim de *primasia*, traze-me deste outro quatorze cavados.

O moleque foi e voltou depois, dizendo que o logista não tendo do padrão de *primazia*, deu lhe do outro; mas que entregando lhe o dinheiro, áquelle exigira-lhe o dobro da quantia, dizendo-lhe que aquella fazenda era para 900 rs. e que como não tivesse levado mais dinheiro, ficavam presos a fazenda e a importancia, até que lhe levasse o restante para prefazer a quantia exigida!!

—Oh! essa é bôa! E creia-se em annuncios de fazendas baratas!

—Sabendo o marido da senhora do facto, dirigiu-se com o *Jornal da Bahia*, folha em que havia sido publicado o annuncio, para a loja, mostrou ao logista o seu annuncio, tendo como resposta: «use de seus meios, porque eu não entrego nem fazenda, nem dinheiro, pois já a cortei. e si a quizer ha de pagar-m'a na razão de 800 rs.»

«—N'este caso, disse o homem prudentemente, eu vou á authoridade competente queixar-me, apresentando o seu annuncio publicado no *Jornal da Bahia*.

—Em resumo, a authoridada obrigou o sujeito a entregar o dinheiro?

—Antes mesmo da authoridade intervir no negocio, o socio do logista tendo tomado informações á respeito do homem, já havia dirigido-se a casa d'elle umas tres vezes, com a velocidade d'uma *aguia*, para restituir-lhe

encontrar, entregando-o por fim a authoridade.

—Olhe que na *America* ha cousas de fazer cahir o queixo!

A PEDIDO

—Capitão, com sua licença.

—Sente-se e diga o que quer.

—Será verdade que o interesse individual projecta crear nesta terra mais um onus a população, mais um vexame a pobreza?

—Falle claro que se entenda.

—Eu me explico. Dizem que *alguem* vae requerer ou já requereu a camara municipal, um exclusivo por 30 annos para edificar uma casa de mercado na freguezia da Penha, no largo do Papagaio?

—Não creia em tal absurdo.

Privilegio se concede ou por invenção, ou por introducção de cousa ainda não conhecida no paiz, ou por melhoramento que concorra para aperfeiçoamento de qualquer ramo dos conhecimentos humanos.

—O caso é que, dizem, ha quem vá requerer.

—Requerer custa pouco, a duvida está em alcançar a concessão.

—Ora si pode alcançar!

—Não creia.

Uma camara em que se sentam charateres como os Srs. Monteiro, Saulhipe, José Caetano e outros, homens traquejados e reflectidos, ha de por certo repellir qualquer *embaçadella*, com que a especulação a queira illaquear.

Que vantagens tirará a camara concedendo o exclusivo a um particular?

Ficar, talvez, no fim de 30 annos, de posse de um edificio arruinado, porque sua construcção será necessariamente feita adequada a duração do tempo conveniente e *quanto baste*.

—Ao passo que enthronisará o monopolio, matando a possibilidade de livre concurrencia, o que trará como consequencia a carestia dos generos; certo como é que o ambicionado privilegio não tem outro fim sinão entregar em uma ou duas mãos o negocio de carnes verdes naquella localidade.

Desta sorte, suppondo que o edificio tenha commodos para vinte talhos, haverá quem, por meio de seus agentes, se aposse logo de doze ou quatorze, ficando apenas seis ou oito; por cuja locação se lançará um preço exorbitante, impedindo por tal forma que outro se anime a querer estabelecer-se alli.

Arredada a competencia, ficará em campo um so individuo, o qual á seu arbitrio poder impor a população o preço que lhe approuver.

—A municipalidade eleita pelo suffragio popular, contrahiu o dever de velar pêlos interesses do povo.

Não consintirá por certo naquillo que redundando em beneficio de dous ou tres, virá a se tornar um veixame para o geral.

Pede-se

Ao Illm. Sr. presidente director da sociedade Spirita, na Bahia, que se sirva de mandar evocar o espirito de Faublás, á ver si com effeito é certo o que dizem de se achar elle reincarnado no corpo de um tal Godinho residente em Latronopolis.

—O Godinho parado atraz da Sé, hoje domingo.

—O que faz elle?

—Namora para a rua de D. José.

—Que homem dos peccados!

—Viu a mocinha na janella, está á fazer momices, como sagui.

—O marreco tem gosto pela côr de jaboticaba rôxa!

—Elle diz que tem predilecção pela côr de canella pura.

—O homem parece que é dos taes que teem buxo de cima.

VARIEDADES.

As mulheres perdidas

Por L. Reo Junius.

—

OS FILHOS ADULTERINOS.

VII.

Ecoutez l'étrange aventure....

EM. DESCHAMPS.

Conta-se que durante parte do anno de 1814 uma mulher que ninguem conhecia, descalça e trajando vestes de algodão grosso, vinha todos os dias á freguezia e passava largas horas ajoelhada a orar.

Essa mulher trazia o rosto sempre occulto com um veu negro, e continuamente parava e proferia palavras inintelligiveis. Diziam-a louca. Depois ninguem mais a viu.

Em março de 1815 foi encontrado o seu cadaver em uma *tapera*, perto do sitio de ***, ao lado do qual corre um corrego. onde é hoje um cannavial.

Achou-se-lhe um testamento que ainda hoje se póde ler o registro d'elle no cartorio do juizo de capellas e residuos. Deixava o sitio (unico bem que possuia), a sua filha ***.

Esta menina, que, como vos disse, tinha sido confiada á tutella de sua confidente, ti-

nha-a accompanhado para a provincia de Minas.

A pobre mulher antes de morrer tinha tido um dia de lucidez e contara toda sua vida a um homem a quem conhecia, e que ao depois foi sacristão e lhe dera o annel de seu filho.

Emquanto isto se passava o pobre filho vagava pelos arredores da cidade de S. Paulo, coberto de andrajos e pedindo esmolas, as quaes repartia com os pobres.

A mulher que tinha criado a menina falleceu repentinamente na villa do Bananal, deixando a ao desamparo.

Um vizinho a recolheu e contou o occorrido ao cirurgião ***, homem conhecido como prototypo da caridade.

Este adoptou-a como sua filha e trouxe para esta côrte, e foi morar perto da Lagôa da Sentinella (hoje rua Nova do Conde, canto da de Matacavallos).

Nessa época um homem de cerca de 34 annos chegava da provincia de S. Paulo, e ia hospedar-se em uma casa que lhe ficava ao lado.

Por um d'esses caprichos da natureza, a menina era clara, em vez de ter os cabellos e olhos pretos dos pais, os tinha louros e azúes.

A familia onde estava hospedado o Paulista, como lhe chamaremos, dava-se com o cirurgião, visitavam-se.

Fatalidade! A mão cruel da desgraça pesava sobre esse homem, e parecia querer castigal-o severamente para deixar aos vindouros um exemplo.

O seu hospede foi o proprio que lhe propoz o casamento com a menina, filha adoptiva do cirurgião.

Era um partido vantajoso para ambos, dizia o hospede, e elle não devia hesitar em abraçar um estado que é o principio fundamental da moral christan; estado que colloca o homem em relação com tudo que é nobre e bello, que liga a humanidade pela ternura, que eleva o homem a Deus por meio do reconhecimento e da paixão; não devia subtrahir-se a esse laço que prende o homem ao ceu e á terra, laço que o ata ao amor conjugal, o mais bello dos sentimentos humanos, que dá força á alma, que é o fundador da moral, e sem o qual o homem não seria mais do que uma pagina em branco da creação.

O amor, que é uma verdadeira molestia que tem tres periodos, desejo, possessão, e saciedade, invadiu de novo esse coração ulcerado.

Elle cedeu; ajustou-se que o casamento se effectuaria dahi a algum tempo.

Estranha coincidencia! Esse casamento effectuou-se com effeito no mesmo dia e mez em que, quinze annos antes, o desgraçado moço tinha estado a ponto de commetter a mais horrivel das faltas!

Ainda mais! A noite foi tempestuosa, e quasi semelhante aquella em que os trovões e relampagos se succediam com medonho estampido!

Dous mezes se passaram, e os pobres conjuges se julgavam os mais felizes mortaes.

Algum tempo depois o cirurgião comprava, em hasta publica, o mesmo sitio, sem o saber que tinha sido da mãe de sua filha adoptiva, e elles para lá foram morar.

O velho pouco gozou, falleceu victima de uma apoplexia na edade de 65 annos.

O sachristão que morava perto do sitio travou relações com os moradores delle, e um dia, conversando com o homem e sua mulher contou lhes a historia da louca da *tapéra*, e accrescentava que ella lhe pedira para entregar esse annel á sua filha que estava a criar-se e já era moça em casa de M... D. na villa do Bananal, afim de que ella não viesse algum dia a encontrar-se sem o saber com seu irmão; e tirando do seio um saquinho de couro, delle tirou o annel e mostrou-o ao homem.

Este, sem poder pronunciar uma palavra, recebeu-o das mãos do sacristão, metteu no dedo e lhe disse:

— O filho dessa desgraçada sou eu! e sem poder mais pronunciar uma palavra caiu desfallecido.

Devcis estar lembrado que quando elle o mostrou á sua mãe depois da scena que se seguiu ella ficara com o annel que elle recebia agora da mão de um desconhecido, que sabia da sua historia.

A moça, que ignorava ainda toda a magnitude da desgraça que ia pesar sobre ella, logo que prestou soccorros a seu marido pediu ao sachristão que se retirasse, e tremula encostou a cabeça enlanguecida ao hombro de seu esposo, o qual depois de profundo meditar assim fallou-lhe:

—Ouvistes a historia de meu nascimento o que acaba de contar-nos aquelle homem, ella é verdadeira. Ainda mais! Hoje, remexendo nos papeis de teu pai adoptivo, estou mais que convencido que tu és a filha da louca da *tapéra*, e que por consequencia és minha irman. Isto é horrivel!!...

A misera moça julgava estar sonhando, abria os bellos olhos assustada e exclamava:

—Meu Deus, isto será verdade, ou meu pobre marido terá perdido a razão? Valei-me, meus Deus!

—E' verdade, e bem amarga!! Eu tomo a

Deus por testemunha, si bem que elle me abandona e amaldiçoa!

Ella cahiu desfallecida.

—Grande Deus! exclamou elle contemplando-a, porque me não vedastes a senda tortuosa que me leva ao abysmo da desgraça? Porque me não fulminastes nessa noite em que os raios se cruzavam sobre minha cabeça? Porque me não sumistes nas profundidades dos abysmo, a cujas bordas me deitava procurando a morte? Agora comprehendo. Quizestes poupar-me, meu Deus, a penosa existencia para que amaldiçoado eu me arrastasse pelo mundo, para servir de exemplo aos homens corruptos!

«De que proveito será isso?

«Em breve, meu cadaver se arrojará na valla, e a terra o consumirá. Meu esqueleto confundir-se-ha com outros, unico despojo que o homem deixa na terra, e que tambem com o volver dos annos com ella se confunde. Mas não! Eu deixarei gravado em marmorea pedra o enigma horrivel e mysterioso de minha vida. Somente vos imploro uma graça meu Deus, dai-me tempo de dispor dos poucos dias que me restam, e não me deixeis morrer impenitente.

Depois calou-se. E nunca mais proferiu uma palavra.

A emoção que a moça soffreu foi tão violenta que ella, ao despertar do seu desfallecimento cahiu em um estado febril que durou quinze dias.

O deperecimento era sensivel, e ao fim desse tempo ella succumbiu.

Foi sepultada neste cemiterio, e sobre a sepultura se plantou uma cruz de madeira tosca. Um mez depois o marido mandou collocar sobre ella uma pedra de marmore branco de quatro palmos de comprido com a inscripção que conheceis, voltada para a terra, de maneira que a parte lisa da pedra ficava a descoberta, em qué a inscripção ficava occulta

Esse homem vendeu tudo quanto possuia, deu o producto de esmola aos pobre, mandou dizer missas, e por espaço de dous mezes vinha todos os dias ao nascer do sol ao cemiterio, descalço, coberto de luto, e passava largas horas de joelhos e com os braços erguidos sobre essa sepultura.

A hora da Ave-Maria elle sahia silencioso do cemiterio e ia reposar na *Tapéra*, onde tinha morrido sua mãe!!

Um dia, dous lenhadores, que iam ao mato cortar uns cipós, viram esse homem occupado em colher folhas *Semper-vivum tectorum*, que é um veneno vegetal irritante.

Meia hora depois a *Tapera* ardia em chammas.

Na manhan seguinte os coveiros indo da sepultura a um cadaver, viram o homem morto sobre a sepultura de pedra, unica que existia desse genero no cemiterio!

Tinha as mãos postas, e em uma d'ellas segurava uma porção dessas folhas de *semper-vivum* que elle comêra, e na outra uma boceta de prata.

Dentro da boceta encontrou-se uma tira de papel com estas palavras: «Peço e rogo que me enterrem na sepultura sobre a qual me encontrarem morto, e virem a pedra della com a inscripção para fora.»

Os coveiros chamaram o sacrhistão, que não reconheceu o cadaver, tão desfigurado estava elle, senão quando vio n'um dos dedos do morto o annel que elle lhe tinha dado.

A ultima vontade do desgraçado foi satisfeita.

(*Continúa*)

O campo e a cidade.

Vós que viveis na cidade,
Como em soturna prisão,
Famintos da liberdade,
De sol, de luz, de amplidão;
Vós descarnados phantasmas
Que ao vapor dos miasmas
Succumbis... asphyxiaes,
Vinde aqui ver a grandeza
Que nos mostra a natureza
N'estas obras collossaes!

Vinde ao cume d'estes montes
—Sentinellas de granito,—
Contemplar o infinito,
Vêr o azul dos horisontes:
Ouvir os sons sibillantes
Do tufão, que ao desabrigo,
Arranca cedros gigantes,
E os traz de rasto comsigo!

Sahi da campa sombria
Onde, cadaveres, morreis,
Rasgai os vis ouropeis
Ornatos da hypocrisia;
Vosso corpo muribundo
N'essa mesquinha prisão
Succumbe, escravo do mundo,
Morre escravo da ambição.

Despi os mantos bordados
Emblemas da falsidade,
Quebrai os ferros pezados
Fugi ao ar da cidade,
Ahi a flôr que nos brilha
Tem o dom da maravilha:
Mata a crença, e murcha a fé,

Julgae-vos livres de pêas
E arrastaes as cadêas
Que arrasta aos pés o galé!

Vêde as soberbas florestas,
Que tem tanto de gigantes
Como as casinhas distantes
Tem de gentis e modestas,
Nos palacios da cidade
De custosa cantaria,
Só penetra a hypocrisia
Só tem throno a falsidade,
—Aqui só vive a poesia—
De singelleza adornada!

Ao negro vicio curvados
De tudo zombaes até.
Banís dos peitos gelados
A crença, a virtude, a fé,
Os proprios filhos de Christo
Ministros de seu altar,
Calcando a lei mais sagrada
Vão a calumnia incensar!...
Consentem que a divindade
Pelas ruas da cidade,
Seja por vós arrastada
Em criminosa alegria!
—Libertinos da impiedade,—
Já calcinados da orgia,
Erguem vivas á descrença!

E a pavorosa indifferença
Que lavra de povo em povo:
Cada dia um crime novo
Faz commetter os atheus,
Porque os ministros da egreja
Em mundana e vil peleja
Insultam seu proprio Deus!
Aqui a féra mais féra
Afaga os filhos, e os beija,
Lá a mulher que os gera
Lança-os á porta da egreja;
A leôa, o tigre e a onça,
Tem os instinctos, são mães.
A mulher...despresa os filhos,
Manda lançal os aos cães;
Filhos que ao bafo paterno
Devem o sêr, e a ventura,
Abrem-lhe em vida o inferno
Dão aos pais a sepultura;
E os proprios paes pervertidos
Buscando vil desafogo,
Param na banca do jogo
O porvir dos filhos queridos!

.....

.....

Correi e fugi da cidade,
Libertae-vos da prisão;
Aqui tereis liberdade
Vida, luz, sol, amplidão,
Vinde vêr a natureza
Que n'esta immensa grandeza
Vos mostra as obras de Deus;
Fugi á vil falsidade
Com que vos prende a cidade
Na rêde dos brilhos seus.
Cachoeiras, 1870.

* * *

Scena edificante.

O *Correio de Pernambuco* refere o seguinte:

«Temos noticia de um dos dramas horriveis que se passam occultos no seio do lar e que attestam a miseria, a desolação, o infortunio em seu mais alto grau.

«Em uma das ruas um pouco isoladas da cidade de..., vivia uma familia numerosa, honrada, sustentando-se aos esforços do trabalho activo e constante de um homem carregado de annos e de enfermidades.

«A' um ataque violento de febre amarella succumbiu no mez passado o velho, o sustentaculo da casa. Imagine, quem ainda não tiver a imaginação tão carregada de sombras e de horrores, que esses quadros sombrios e lugubres passem como scenas vulgares e communs, a desolação, a dôr, a miseria da infeliz e numerosa familia. Cinco crianças debruçavam-se sobre o cadaver, como si a elle ainda prendessem as vistas. Uma senhora á cabeceira do leito era a figura da dôr.

«Porem o que mais compungia a alma era uma pobre moça, bella, ainda nesse crepusculo intermediario da infancia e da mocidade, periodo onde a belleza desabrocha, onde a vida borda-se de encantos e a alma de sonhos e de illusões, banhada de lagrimas, estatua do desespero.

«Por dous dias conservou-se o cadaver insepulto, entre scenas as mais lugubres repetindo se no pequeno ambito em que jazia quasi em putrefação o corpo do velho. Os miasmas, a miseria, a falta de alimentos prostaram a viuva e no terceiro dia um outro cadaver se estendia em outro leito pobre e miseravel arrimo. Inda não se tinha completado todo o quadro.

«Sombras mais densas, horrores mais condensados deviam ainda envolvel-o. A pobre moça com o espirito fraco e o corpo abatido tinha perdido a razão. Era a loucura á par da miseria. Com os seios nús, cabellos desgrenhados, feições alteradas emballava ao collo a cabeça fria e inerte da mãe, suppondo-a viva e cantava, meio em riso meio em prantos, uma canção popular. O quadro era por demais negro e sombrio, mas ainda não era tudo....Para completal-o, as cinco crian-

ças á porta estendiam as mãos aos que passavam e pediam por Deus uma esmola!...

«E isto se passa no coraçao de uma cidade! Que drama horrivel!....»

Um casamento por telegrapho.

—O *Standart*, de Siracusa (Estados Unidos), narra a maneira singular por que se uniram em matrimonio uma joven de Oswego e um soldado de artilharia do Washington.

O capellão do regimento a que pertence o soldado dirigiu á moça um despacho telegraphico com a pergunta sacramental:

—Quereis tomar por esposo a Eduardo Hardstone?

—Sim, respondeu a moça, e autoriso-vos a fazer a mesma pergunta.

Duas horas depois um segundo telegramma annunciava a Miss Sotwed que era esposa do artilheiro, e que o telegramma serviria de certidão de casamento.

Parece que os pais da moça oppunham-se a tal enlace e que ella, aproveitando a liberdade que lhe deixaram desde que o regimento se ausentou do logar da sua residencia, fez o telegrapho cumplice do seu namoro.

Desejaria saber qual dos dous, Adão ou Eva, achou primeiro o tempo comprido e perguntou que horas eram.

Não posso comprehender como Adão, quando deu nome a cada animal, soube ao apresentar-se lhe o mais paciente, que esse se devia chamar o *burro*!

—Capitão, V. Ex. não se recorda de certo coroado, que esteve de *encommenda* na cidade dos *Tecidos*, e que ahi se tornou um Vampa?

—Tenho idéa, e até parece-me ser um que se mostrava muito *dedicado* á uma afilhada, se me não engano....

—E' esse mesmo, capitão; que memoria tem V. Ex! . Pois o tal pomadista anda agora fazendo exercicios de penitencia no *convento de S. Francisco* para ver se obtém o titulo de *berrador imperial* e para esse fim traz constantemente um *brandão* accezo diante de uma imagem; contando a todos virtudes e serviços para se inculcar de *candido* e puro.

—Elle não prega sermões?

—Não consta; o que si sabe é que elle é eloquentissimo pregador de mentiras.

—Pois bem; o mandarei recommendar ao ministro e em logar de imperial ficará emperreado.

O nosso padre S. Francisco o faça mais *candido* e a immaculada *Virgem Maria* mais modesto.

ANNUNCIOS.

Vende-se a venda n. 111 sita a rua do Bom Gosto, defronte da cadeia do Engenho da Conceição quem pretender dirija-se a rua do Caes Dourado n. 50 que achará com quem tratar.

Precisa-se de uma ama para tomar conta da casa de um homem solteiro. Para tractar na loja n.° 8, ao Maciel de cima.

Corre a praça pelo juizo de orphãos desta cidade e cartorio do escrivão Maia Bittencourt, no dia terça feira 22 do corrente, uma casa terrea sita á travessa da rua do Fogo, ao sahir no porto dos Tainheiros (Itapagipe) pertencente ao casal do José Julião dos Santos, avaliada baratamente em 1:500$000.

20$000 rs.

O abaixo assignado gratifica com a quantia ácima a quem der noticia, ou levar á Fonte de Santo Antonio, venda n.° 85, um burro e uma mulla, que desappareceram do largo de Santo Antonio na noite do dia 6 para 7 do corrente, com os signaes seguintes: a mulla é foveira, de boa altura, tem do lado esquerdo uma pequena bexiga nos buses, está ferida em redor das juntas dos pés e das mãos, na cara n.° 8, uma pequena belida no olho esquerdo, os dentes estão serrados tanto os de cima como os de baixo, accode pelo nome de Cambrainha; o burro é russo queimado, tem a cara alvacenta, está ferrado, sendo ainda novo, accode pelo nome de Curió.

O annunciante protesta na forma da lei contra aquelle que os tiver occultado. Bahia 13 de setembro de 1871.

José Pereira Faria Guimarães.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita de Palacio n. 14.

Aluga-se.

Uma sala grande toda preparada para baile; quem precizar dirija-se a loja de armador na rua Direita do Collegio n. 33. Ahi achará com quem tractar.

Pergunta-se ao Illm. Rvm. Sr. P. M. S. M. C. si já pagou ao seu procurador que foi tratar no Grão Pará, termo de Sant'Anna do R. da Dona os negocios do summario crime contra diversos, ou o que é feito de S. S. e de que humor se acha. Falta-lhe o tempo, não é assim?

Anno 9.º BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 85.ª TERÇA-FEIRA 26 DE SETEMBRO. N. 845.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio; 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 25 de setembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, dando-lhe sciencia de mais um meio suave de vida empregado por certo industrioso, o qual anda pelo Matatú e redondezas á cobrar dos africanos que se dão á agricultura *dizimos* do producto de suas lavouras.

—Dizem que ha soldados de policia destacados ahi por fora que não recebem vintem, ha dous mezes!

—Si um destes pobres tiver familia, em que colicas si não ha de ver!

—Para aquelles que dispõe de outros recursos ha sempre dinheiro, vivem de barriga cheia; o soldado de policia, que ganha uma ninharia, que soffra as faltas e faça cruzes na bocca!

—Tem se levantado entre o povo geral clamor por causa das *fixas* do Lacerda.

Quem as possue está com ellas *infuzadas*. São regeitadas por toda parte.

—E com razão.

Quem plantou a desconfiança foi a propria empreza.

—Mais este flagello á pobreza!

—O que é porém bonito, é dizer-se nos jornaes que a empreza resgata os seus cartões até o fim do mez, e quem os tem achar-se em branco, logo que os vae trocar!

Um dia d'estes, constou-me, o Sr. Fernando Augusto Nobrega tendo de pagar no escriptorio do gerente dos Trilhos Urbanos um conto e tanto, levou, no meio do dinheiro, dez mil reis em *valles* dessa empreza, os quaes foram regeitados!

—A evasiva é que os cartões foram vendidos para passagens e não para facilitar trocos.

—Mas a empreza não devia vendel-os para transacções; bem sabia que quem comprava de uma vez 5$ e 6$ rs., e mais de cartões, não era simplesmente para transitar de S. Bento para a Graça e vice-versa.

—Entre nós é regra que não falha: arranjam os mólhos de tal forma que sempre o povo é quem vem a soffrer na dansa.

—Uma das scenas mais ridiculas á que a especulação e o fanatismo dão logar n'esta terra, são as esmolas para *dois-dois*

—Denota atrazo, e decadencia de civilisação.

—Centenares de mulheres de diversas condições, encontrando-se ás quatro e seis em cada rua, andam em epocha determinada, á esmolar para fazer o *serviço* dos dous santos de suas predilecções.

Duas pequenitas imagens descobertas, ou um registro, em uma boceta, bandeja, gamelinha ou até mesmo em uma cuia, são levadas pela africana que mercadeja legumes ou garoupa, caxinha de miudezas ou doces, etc.

Ahi englobados com os santos, vão quiabos, cebolas, pedacinhos de carne, peixinhos, bagos de carvão, e o mais que se segue, sendo de cada cousa dous.

—Muitas são levadas de innocente intenção, credulas de que praticam uma obra pia; de que se desencarregam de um compromisso, á que são obrigadas, mas no meio ha muita esperteza; muita mulher vale-se de S. Cosme e S. Damião para arranjar dinheiro.

—Com estas compete á policia haver-se, em quanto os ministros do altar teem obrigação de abrir os olhos ás outras e procurar extirpar esta abusão grotesca arraigada no seio das classes ignorantes.

—Mas eu vejo que todos consentem, porque todos se calam.

—Capitão, venho aqui para reclamar contra uma perigosa violação da lei, e que vae passando inadvertidamente.

—Pode ir logo dizendo.

—A lei em sua acção faz excepção de classe ou pessoa?

—Não.

—Então como é que ninguem podendo usar de armas prohibidas, eu não encontro marinheiro em terra que não deixe ver á cinta o cabo de uma aguçada faca?

—A pergunta é bem cabida, a resposta que lhe devo dar, é que não sei.

—Eu ja não fallo somente pelos perigos que occorrem pelo uso de uma arma daquella, em mãos de homens que ao saltar em terra procuram logo as bodegas, os cafés etc.; mas tambem porque a lei deve ser obedecida integralmente.

—Que solução deu a commissão encarregada de syndicar os negocios do correio?

—Ignoro.

—Passou isso tão em silencio!

Ninguem soube qual tenha razão; si o chefe accusado, ou o subalterno accusador.

—Entretanto, me parece, o publico tem direito de querer saber como passam-se estas cousas.

—Hontem á uma hora da tarde, defronte da loja do Sr. Patricio, em Santa Barbara, um carroceiro metteu a carroça sobre uma preta que seguia por aquella rua, em direcção á das Grades de Ferro, jogando-a por terra e resultando-lhe da queda uma grande brecha na cabeça.

—Tudo isso é devido a falta de policia, de que se resente esta cidade.

—Hontem ás 4 horas da madrugada virou-se uma canôa nas Pedreiras, accontecendo morrer por asphyxia de submersão o canoeiro.

O subdelegado tendo sciencia do facto, mandou apanhar o cadaver e procedeu ao competente corpo de delicto

—Coitado! Deus tenha compaixão de sua alma.

—Na noite de sexta feira para sabbado o soldado de policia de nome Pedro, espancou e fez 17 ferimentos em uma mulher de *seu conhecimento,* moradora ao Curral das Vaccas, freguezia de Sant'Anna.

—Estes policiaes!....

—Em seguida, resistiu á ordem de prisão que lhe impoz o inspector de quarteirão, arremessou sobre o povo garrafadas, desobedeceu ao subdelegado e resistiu ainda a uma força de seu corpo, que foi necessario mandar vir para contel o em seu desvario.

—Estava louco ou bebado.

—Foi preso, mas por cautella não quiz ir sem sua *companheira,* a qual tambem fez lhe um ferimento atirando sobre elle uma porcelana.

—Ora a que gente está entregue a segurança da cidade!

—Capitão, José Manuel Graciliano de Araujo, que deflorou a menina Maria Herminia de Sant'Anna, em Peripiri, continúa a menoscabar da lei, e a premeditar novos attentados.

O cidadão José Francisco da Cruz, em cuja casa a menina aprendia a cozer, foi aggredido, na noite de 15, em occasião em que entrava na venda de um tal Cajado e escapou de ser assassinado.

—Ha de ser bom si mais este conta impunidade!

—O crime de José Manuel pelo que dizem tem côres hediondas; embebedou a avó da deflorada e usou de subterfugios para illudir a esta.

—E tambem dizem não ser este o primeiro que pratica; que agora mesmo existe gravida uma outra victima.

—E' da eschola do Godinho, que não se contenta com uma; assim como tambem usou do mesmo ardil fazendo que a incauta despisse as roupas antes de consummar o crime.

A PEDIDO

Scenas empalmatorias.

UM SAPATEIRO E O DISCIPULO.

—Menino, vae áquella loja, onde eu compro a quatro annos, e traze-me um covado de elastico largo; toma 600 reis que é o preço.

—Sim, senhor.

—Toma sentido, pede do largo.

—Ja ouvi, Sr. mestre.

O DISCIPULO DE VOLTA.

—Sr. mestre, aqui está o elastico.

—Menino, trouxeste do estreito.

—O logista me asseverou que era do largo.

—Provavelmente enganou-se. Vou até lá.

O SAPATEIRO E O LOGISTA.

—Sr. F..., mandei aqui o meu discipulo comprar um covado de elastico largo.

—E' provavel.

—O Sr. mandou-me deste estreito.

—E agora....

—Quero que me troque.

—Não ha do outro; acabou-se.

—Visto isso, não me serve este, porque não dá para a obra que eu quero.

—Mas aqui nesta loja segue se uma praxe.
—Qual é ella, Sr. F....?
—O dinheiro que entra na gaveta, não sahe mais.
—E como ha de ser?
—O remedio é o Sr. ficar com o effeito.
—Para que fim, si elle não me serve?
—Isso lá não sei; arranje-se.
—Nesse caso fique com o elastico e com o dinheiro.
—Tanto melhor!
—Desta forma pode o Sr. vendel o á outro por menos do seu valor e passar por homem que vende muito *barato*.
—E não lhe pareça que sou bem *barateiro;* egual ao que *tem o anjo na porta*.

EPILOGO.

—Ha muitas fortunas por ahi..... mas vão esmilhuçar que hão de achar no logro, no dolo, na mentira, na pilhagem, na extorsão, a origem dellas.
—Quem é tolo, anda magro.

—Parece incrivel!
So visto, dito não se acredita!
Eu creio que este homem fez proposito de arrastar á prostituição quanta menina pobre lhe desperta a immoderada concupiscencia!
—Será molestia no homem?
—Para não parecer fabula, eu direi a quem quizer se certificar, que passe á noite pela Fonte Nova do Desterro; que ahi verá o libertino empregando toda força para seduzir uma linda menina, cor morena, que ahi ha em certa casa.
—Ao menos si fosse possivel avisar a quem a domina...
—No domingo la esteve até 9 horas da noite. E o abutre parece ter ó dom da fascinação, porque as victimas se deixam facilmente levar por suas artimanhas. A de que fallo, está bem pendida por elle.
—Que homem, meu Deus!...Não arrepia de tanta impudencia!
—E' o fraco delle; quando não *conquista,* está encommodado.
—E quanto mais faz, mais *gordozinho* fica!

«—Mandem-me a questão para a relação ecclesiastica, que eu la posso.»
«Hei de mostrar.
«Ha muito que trago concentrado os ultrajes recebidos daquella corja.»
São palavras de um julgador no escriptorio de um advogado.
—Que nobreza ha porém, em exercer vingança pequenina e rancorosa na victima inculpavel, que não contribuiu para as offensas recebidas, somente porque aquelles á quem vota odio se interessam pela causa da infeliz, que é a causa do direito e da razão?
Si triumphar, a vingança será incompleta ou nenhuma, porque o alvo que se dirigem as settas de seu odio não é aquelle de ond partiu o aggravo que lhe aninha n'alma o resentimento implacavel.
Ha um dia depois de outro.... será mais nobre esperar pelo dia que o acaso lhe depare occasião de ferir de frente aquelles que incorreram em sua entranhavel ira.....
.....
.....
.....
—Ja subiram os autos da Benvinda?
—Hoje.
—Estou secco por isso; a canalha ha de conhecer o quanto presto.

—Nesta cidade apparecem casos extraordinarios!
—Estupendos até!
—Como é que dá-se incendio em uma casa fechada á oito dias!
—Ah, isso deu-se sexta-feira, no Gravatá.
—Si é de noite, voava tudo.
—E si tambem não acodem pressurosos um musico, um guarda de policia e um agente secreto da mesma, o qual carregou ás costas desoito barris d'agoa, porque si fosse á esperar-se por bombas ardia tudo, pois quando ellas chegaram o fogo estava extincto.

—Somente agora que acabo de ver publicado o acto do governo, nomeando parte dos individuos propostos para officiaes do 2.º batalhão de infantaria da guarda nacional desta capital, é que posso fazer o meu juizo sobre elles.
—O *Correio da Bahia* de sexta-feira 22 do corrente, em uma publicação nas noticias diversas, diz o seguinte relativamente á esses officiaes, o que declara a redacção d'aquelle jornal, lhe ter sido communicado por um amigo:
«Pelo que disse o seu jornal ácerca d'isto, vê o meu amigo, que para o preenchimento das vagas d'aquelle batalhão foram chamados 17 liberaes, porem o que V. talvez não sabe amigo e o que muitos não saberão, é que não se deve censurar a escolha pelo facto de serem só liberaes os futuros officiaes de um batalhão que já levou de vencida em aceio e disciplina todos os outros batalhões d'esta cidade. Accresce que pela maior parte são os taes predestinados, alem de homens quasi analphabetos, sem profissão nem emprego,

que os recommende para taes postos, principiando pelo proprio filho do commandante desse corpo.»

—Com effeito! E' preciso não ter um ceitil de amor á verdade para dizer tanto!

—Avalie agora o publico sensato os individuos *analphabetos e sem profissões nem empreg s conhecidos*, segundo diz o communicante do *Correio*!....

—Acontece suas fatalidades a quem gosta de colher tulipas nos jardins alheios....

—Adão foi quem teve a culpa; desobedecendo ás ordens de seu Creador, provou do fructo prohibido. Dahi para ca, a falta do primeiro homem estendeu-se como legado, sobre sua descendencia e uma boa parte della tem tendencia appetitosa pelo sabor da tal fructa.

—E ha até mesmo quem affirme que a fructa com risco obtida tem mais gosto.

—Quando não traz desgostos, como ha poucos dias succedeu a um certo empregado da *posta*.

—Sim?.....

—Largando-se daqui foi apanhar *acacias* em um jardim á *Moenda da Conceição*, e apezar da jardineira o advertir do perigo á que se expunha, o homem tão enebriado estava pela fragancia das flores, que não deu pela noite que se approximava, até que o dono da herdade recolhendo-se, o foi encontrar buliçoso no que não lhe pertencia.

—Vejam o diabo!

—Nos apertos em que se achou o travesso vivente, não houve meio de esquivar-se a passar por certas provas a que foi sujeito, como expiação de sua falta.

—Antes comichão de ortiga, do que aroma de flores com semelhante resultado.

—E o rapaz vendendo azeite ás canadas, protestou na *candidez* de seu espirito não voltar mais a tal jardim.

Do Sr. subdelegado da Sé espera-se que partam ordens ás patrulhas para que dispersem o constante ajuntamento que ha á noite em derredor ao chafariz do Terreiro, em immoral e turbulenta asuada; á ponto de na noite de quinta feira quase irem matando uma preta que alli fôra buscar agoa e quando acudiu o agente secreto da policia Toledo e um guarda, pozeram todos em fugida.

—Moço, contenha-se em suas demasias.

—O logar não admitte etiquetas; pode-se andar á vontade,

—O que, Sr. estudante! Pode gozar á seu gosto do fresco á sombra desta *palmeira*; mas tem obrigação de acatar a decencia.

—Ora! quando eu morei no *Tororó* fazia o mesmo e nunca ninguem me censurou.

—Aqui muda de figura. Bem vê que um logar onde ha senhoras casadas e moças virgens, não deve, não pode, apresentar-se á porta da rua em fraldas de camisa, nem tão pouco correr picúla na rua, o Sr. bem sabe com quem....

—Falle serio.

—E Vm. não se faça creança.

—Ao menos, no tamanho pareço.

—E' verdade que de seus companheiros o Sr. é o mais pequeno e tambem o que faz mais estrepolias.

Motte.

Quem com muitas pedras bole,
Alguma lhe dá na cabeça.

GLOZA.

Fez proezas!... Pois se amolle,
Das virgens, senhor papão,
Em si mesmo emprega a mão
Quem com muitas pedras bole.
No pudor, qual Rocambole,
Morra triste ou endoudeça;
Que tal caso lh'aconteça,
Pedem suas cavalhadas:
Pois quem vive de pedradas
Alguma lhe dá na cabeça.

O poeta Tavares.

ANNUNCIOS.

THEATRO S. JOÃO.

GRANDE SUCCESSO

2.ª representação do grande Athleta russo Frederico Airec denominado o

REI DO AR

e Misse Nellie Forrestera formoza artista ingleza intitulada

RAINHA DO AR

Com o concurso de alguns artistas da companhia lyrica franceza, dos artistas dramaticos nacionaes, e Mme. Bruccioni e a companhia Keller.

Hoje 26 de setembro de 1871.

Na ladeira da Mizericordia, casa n. 16 2.º andar, precisa-se de uma ama de cosinha, para pequena familia; prefere-se de côr preta e de edade.

Typ. de Marques, Aristides e C.

Anno 9.° BAHIA. 1871.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 85.ª SEXTA-FEIRA 29 DE SETEMBRO. Ns. 846—847.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1$ rs. por serie de 10 numeros; 5$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 28 de setembro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que expeça ordens para que um individuo que esteve ou ainda está no convento de S. Francisco, o qual usa de enorme e ensebada cabelleira, não continúe a metter-se á noite, por *baderna*, em comprido casacão, chapeu desusado e grosso cacête. Tão extravagante traje, propositalmente adoptado, insufla assuadas na turba que se agglomera e o accompanha, regosijando-se de vel-o abalroar pessoas pacificas que transitam na rua e dirigir chufas e gracejos inconvenientes.

Sendo tal procedimento reprovavel porque expõe a gente seria á vaias e apupadas, espera-se que S.S., como sempre, attenderá ao que fica exposto.

—Capitão, tive o prazer de assistir á segunda representação do *rei e da rainha do ar*.

—Que tal achou?

—De facto trabalham maravilhosamente sobre o trapesio, podendo-se dizer sem susto de errar que são elles os primeiros neste genero de trabalho, dos que teem pisado nesta cidade.

—Pois irei tambem a um dos espectaculos, e vou recommendar ao respeitavel publico bahiano, para que anime com a sua concurrencia á esses admiraveis artistas!...

—Capitão, V. Ex. quer ouvir uma maneira de morar n'uma casa sem pagar o domicilio?

—De certo; gosto de andar á par dos progressos dos cavalheiros de industria.

—Um sujeito procurou o Sr. conego Muniz para alugar-lhe uma casa e este exigiu fiador idoneo.

O homem fez um rompante e declarou que o melhor fiador era o dinheiro pago pontualmente.

O conego deu credito aos palavrões do industrioso e entregou-lhe as chaves. Venceu-se o mez, nada de cobres e nem foi mais possivel pôr olhos no tal inquilino, o qual tinha o cuidado de entrar á noite e sahir pela manhan muito cedo. Por fim de contas, depois de dous mezes, o Sr. conego Muniz passando, viu a porta meio cerrada; approximando-se não encontrou ninguem, havendo dentro apenas uma cama. Tirou a chave, julgando que assim o meiro o procuraria. Mas quem disse!

O sujeito tinha tido a habilidade de mandar fabricar outra chave com a qual continuou a entrar e sahir, dormindo toda noite sem pagar aluguel.

—Uma especulação, cujo merito não se pode negar ao especulador!

—Está porque se dão muitos casos de roubos com chaves falsas.

—E o sujeito não tem trastes?

—Nada; uma cama, algumas *limas* e um caco de *babosa*, são sua mobilia apenas.

—Está o mundo ás avessas. Os moleques acoçando a policia.

—Que vergonha! Um policia se deixar sujar por um menino.

—Ah, é por isso que está essa vaia da turba aqui no Terreiro?

—E'. O soldado prendeu o menino; este luctou e o policia foi bagaço para elle.

—Os companheiros mesmos estão rindo deste passo.

—E o povo todo que passa para o Mez de Maria hoje quinta feira.

—E digam que formiga não pode com catharro!

—Um soldado do 14.° carrega constantemente á cabeça, em direcção á Gamboa, cestos providos de mantimentos, garrafões com vinho, lenha e outras cousas.

Isto é desairoso á farda.

—Costume da campanha no Paraguay.

—Aqui não é lá onde a necessidade justificava o abuso. E' triste ver um homem que

veste a farda de defensor da patria, representando o papel humilissimo de escravo pelas ruas.

—Capitão, acabam de communicar-me que na ladeira da Barra e circumvisinhanças, tem sido varias pessoas atacadas, á noite, por um individuo que se suppõe ser desertor do exercito.

—E' bom pedir ao Dr. chefe de policia providencias á respeito.

—Capitão, trago lhe a noticia de um naufragio entre o forte de Santa Maria e S. Diogo.

—Vamos com isso.

—A lancha *Bomfim*, propriedade de Bernardino de Queiroz, em viagem da Torre com carregamento de varios generos, consignados ao negociante Domingos Souto.

Estando porem á maré de vasante, e tendo a mencionada lancha partido *os rizes*, entendeu o mestre de conveniencia arribar para o porto mais visinho, que era a Barra.

Havendo n'esse porto muita levadia, um rollo de mar submergiu-a, em consequencias dos desarranjos que ja havia soffrido.

—Mizericordia!

—O mestre, que é o Sr. João Baptista dos Santos, tratou de salvar-se com a sua tripolação e os passageiros em numero de oito pessoas.

Tendo sciencia do facto o subdelegado, dirigiu-se immediatamente para o logar do naufragio com algumas praças do destacamente, inclusive o sargento do mesmo, e empregou as providencias necessarias, afim de que não se extraviassem os generos salvados.

Nessa occasião appareceu um preto com um grosso cacête, o qual foi intimado pelo sargento a retirar-se d'aquelle logar.

O preto resistiu á intimação, pelo que recebeu voz de prisão do subdelegado, á que tambem resistiu, dando uma cabeçada no soldado que o ia conduzir e fazendo-lhe a farda em tiras, sendo depois de grande luta recolhido ao destacamento, onde ficou prezo.

Esse preto dizem ser escravo do Sr. José Augusto.

—Mas em resumo, não houve caso algum a lamentar-se?

—Nenhum; salvaram-se todos os passageiros, assim como toda tripolação da lancha.

Em tudo isso, fez-me admirar a coragem de uma mulher que nadou até chegar em terra, com a maior presença de espirito e sangue frio.

Os naufragos, bem como os generos salvados, foram por determinação do subdelegado recolhidos em uma propriedade do Sr. José Augusto de Mattos, que de bom grado a cedeu.

—Capitão, V. Ex. veja isto e depois deixe a cada um fazer o juizo que entender?

—Uma noticia publicada no *Conservador*, folha da cidade da Campanha, provincia de Minas.

Diz assim:

«É CELEBRE.

O Sr. Custodio Ribeiro Pereira, importante fazendeiro da freguezia de Santa Ritta do Vintem, narrou-nos o seguinte caso em uma carta que nos dirigiu, pedindo-nos a publicação do mesmo:

«No dia 28 de junho p. p., dia de jejum, cortára-se nesta freguezia uma rez e vendera-se a carne ao povo. Tendo um individuo comprado o bucho, mandára-o apromptar para jantar; a mulher porém deste individuo observando lhe ser dia de jejum, como o tinha annunciado o vigario, não queria fazer o dito bhuco allegando esse preceito da igreja. Mas o marido não quiz estar pelos autos e impelliu á mulher a ministrar lhe para o jantar uma boa *barrigada* de *barriga* de vacca.

A santa mulher metteu o bucho no taxo, com dor de coração, o qual depois de ter fervido algum tempo, foi tirado do fogo para esfriar, deixando-o a mulher na cosinha em quanto d'alli sahiu para outro mister.

O marido entrando na cosinha para acender um cigarro, e olhando por acaso para a taxada de buxo, viu uma *cara humana dentro do taxo!* Sorprehendido e assustado por um tamanho phenomeno, chamou muita gente, e mais de cem pessoas ahi estão na freguezia para attestarem a veracidade de tão estupendo facto!

Acha-se pois em minha casa, e para quem quizer vêr, esse busto humano representando a cara de uma creança recem-nascida, cuja apparição por tal forma nos espantou causando alarma por estes logares, e cuja publicidade em seu jornal lhe peço, afim de

Que digam lá os sabios da Escriptura
Que segredos são estes da natura!»

—E esta!

—*O Pharol de Juiz de Fora* conta o seguinte acto de estupenda selvageria:

«SCENAS DA ESCRAVIDÃO.—Vimos ha dias o processo instaurado contra José Pereira Pontes, fazendeiro do municipio do Pomba, accuzado pelo assassinato do seu escravo Eugenio, no dia 27 de abril do anno passado.

Ha nesses autos o depoimento de seu genro Antonio Moreira da Silva, pelo qual se vê que Pontes, depois de haver barbaramente

surrado o misero Eugenio e quando este na agonia pedia um pouco de agoa, lhe mandara dar ourina!

E' revoltante um tal procedimento e envergonha nos a nós, nascidos no paiz em que taes scenas são representadas, mas não nos negamos á sua publicidade, porque visamos um fim — horrorisar apresentando a hediondez do crime, impedindo assim a reproducção dos factos.

Os filantes.

Os filantes! pois o que quer dizer semelhante palavra? vai perguntar me o leitor.

—Não se affadigue, meu respeitavel senhor, eu já lh'o explico.

Filante, é uma palavrinha que os ccionaristas não conhecem, mas com que nós estamos muito familiarisados.

Os filantes são uma familia interminavel, subdividida em varias especies e conhecida sob differentes nomes.

O filante passa no mundo sob as seguintes designações:

Gauderio, chupista, aleixo, borlista, meia cara, etc.

O fim do filante é aproveitar quando pode do alheio sem dar cousa alguma do seu.

Vejamos meia duzia de especies para dar uma idéa da estirpe *filadora*.

O Sr. Firmino adora o deus Baccho, symbolisado na cerveja Bass. Encontra-se com um amigo, dá dous dedos de prosa, falla do calor excessivo que faz, diz que ao momento uma bebida fresca seria um allivio a tanto suor, e com uma simplicidade calculada pergunta ao amigo:

—Oh Cyriaco, pagas uma garrafa de cerveja?

O Cyriaco si é *bom rapaz*, paga.

O Cyriaco fica sendo um *paio*, e o Sr. Firmino é um *filante*.

O Bernardino trata-se; tem sempre boa mesa e não desgosta de amigos ao jantar; como o Cyriaco sabe desta agradavel mania, visita-o as duas horas e fica até pôr-se a mesa. Bernardino convida-o para jantar, Cyriaco aceita e come por dous.

Bernardino dá parte de *paio*, e Cyriaco de um refinado *filante*.

O José Gonçalves tem camarote effectivo; o Cyriaco sabe disto, e si ha de procural-o n'outra parte, procura-o no theatro. Dá prosa e mais prosa, assiste aos espectaculos de *borla*, e firma a sua reputação de espertissimo *filante*.

Do pouco que tenho dito, teem os leitores aproveitado bastante para conhecerem o que é um *filante*. Entretanto accrescentarei alguma cousa mais, para que não seja tão incompleto este modesto trabalho.

Conheço um certo sugeitinho que tem a mania de achar bom, bonito e appeticivel tudo quanto não é seu: si alguem tem a infelicidade de dizer lhe:

—Acha bonito o meu cão? está ás suas ordens ....

O tal meiro vai agarrando no bicho com unhas e dentes.

Este senhor é de uma especie de filantes que tudo gabam na intenção de tudo *filarem*.

Conheço duzias de sugeitos que se põe á espreita de todas as conversas. Assim que se falla em livros, eil-os a dar apartes.

Um da roda diz:

—Li hontem o *Mundo marcha* de Pelletan, é um escripto soberbo.

—Então hade emprestar-m'o, accrescenta o *filante*.

—Com *muito gosto*.

Assim que lhe vai ás mãos, diz immediatamente:

— ste não me sahe mais das unhas: fileio e foi muito bem filado.

A par do filante de livros anda o de jornaes. Essa é talvez uma praga peior.

Na minha visinhança tenho eu umas almas bem formadas, que logo de manhan me mandam pedir o *Correio*, e é raro quando não o leem primeiro do que eu. Principalmente o Sr. Felisberto; esse não só lê á *borla*, como ainda se fica com a folha.

São umas crianças esses individuos!

Esta especie é vastissima, e supponho que entre os meus leitores não encontro dous que não tenham sido victimas destas *filanças*.

Ha uma especie de filantes, muito mais numerica em irmãos, mas menos prejudicial á sociedade — é a dos *filantes* de cigarros e charutos.

O *filante* de cigarro tem os seguintes pretextos para filar:

Esqueceu-me a cigarreira;

O meu freguez não os tinha promptos;

Tenho o bolso cheio, mas o fumo é pessimo.

São ora fortes, ora fracos;

A fumaça que lhe veio ao nariz é deliciosa e provocou-lhe os appetites;

Um dos *seus* para *variar*;

Quer provar dos do amigo a vêr se muda de freguez, etc., etc., etc.

E' preciso advertir que estas circunstancias tanto se applicam ao cigarro como ao charuto.

Ha uma especie de filantes curiosos e vem a ser a daquelles que encommendam as *filanças*, por exemplo:

O leitor, que é pessoa séria, vai ao Rio e diz ao Sr. Pereira que tem de fazer esta

viagem. O Sr. Pereira deseja-lhe muito boa viagem, e accrescenta:

—Traga-me de lá uma lembrança, não se esqueça.

Esta não é das más.

Temos os *filantes* de occasião, os tocam tudo, cujo viver é um filar incessante; a estes nada escapa—guarda-chuvas, bengalas, chicotes, musicas, oculos, enveloppes, um sinete para relogio, tudo serve. Em sendo de *vobis* á *Nicolau!* estão na chacara.

Estes filantes deviam ser conhecidos pelos *descarados,*—o nome assentava-lhes melhor.

Até aqui fallamos dos que *filam* para desfructar. Agora resta fallar dos que *filam* para não serem desfructados.

—Pois tambem ha disso? pergunta o leitor admirado.

Tambem, sim senhor.... Ouça:

O Sr. Lopes sabe que um *filante* com quem se encontrava na rua lhe vai pedir um charuto, toma lhe a palavra, e diz-lhe:

—Oh Leitão, dá-me um charuto.

—Vinha na intenção de pedir-te a mesma cousa.

—Sinto, mas não tenho.

Mentira: Lopes tinha as algibeiras cheias.

Eis—aqui uma especie bastante vulgar, mas um tanto encapotada. Esta é a *filança* audaciosa.

Dou aqui por findo este trabalho. E' tarde e não quero bolir mais em tal materia.

No fim de contas, leitor, eu e tu somos *filantes*, e si fôr adiante temo accusar as nossas mazellas.

—E' prudente parar aqui, não achas?

—Ora vamos, o teu riso maligno e o teu silencio estão a me dizer que te comprehendi no meu escripto.

Pois bem! cala-te que eu guardarei segredo das tuas faltas, e fico sabendo que este mundo é um valle de *filantes*, entre os quaes se conta este teu criado.

A PEDIDO

—Capitão, preciso que me dê uma audiencia.

—Para que fim?

—Quero informar-lhe de uma cousa extraordinaria que se dá na *casa das tarifas* de Latronopolis.

—Ora dê lá principio a isso.

—E' possivel, capitão, que seja *conferidor* de uma *casa de tarifa* como a de Latronopolis, um descarado ajudante que foi enchotado de outra casa, d'onde era tambem *conferidor* por ter sido (depois de muitas outras ladroiras,) apanhado na porta da sahida com uns relogios de ouro, subtrahidos de uma caixa?

—Isto é impossivel. V. está sonhando.

—Pode ser, capitão, porem o *Oliveira,* primo do *Alexandrino,* foi quem me disse, e até asseverou que conhece o cujo por o ter visto á muito tempo na cidade de S. *Christiniano.*

—Dar-se-ha caso que este sujeito seja o mesmo que anda caloteando por toda a parte, dizendo que é *conferidor* e pode ainda ser favoravel aos que lhe fiam?

—Capitão, é esse cão mesmo.

—A' vista d'isso, va ao muxingueiro da minha parte e diga-lhe que munido de sua taca saia á procura d'esse canalha que deve estar em algum escriptorio estrangeiro (como costuma) pedindo molhadura, e alli mesmo esfregue-lhe a mascara e o arraste para bordo, aonde si não se corrigir, será carregado de ferros até que possa ser remettido para o *Rio que não é pequeno* e fica ao *norte* aonde tem de ir muito breve o *Alabama* estacionar.

—Capitão, é bom se conversar para saber.

—Fallando é que a gente se entende.

—Verdade pura; outro dia em uma conversação é que vim a saber que a camara já tinha concedido privilegio de 30 annos para uma casa de mercado no largo do Papagaio.

—Estou que você ouviu mal.

—Qual, capitão! Por signal na occasião liam o *Alabama* que tratou do privilegio, e então certo apologista de um dos arrematantes, bradou muito enfatuado: «acordaram tarde, porque o privilegio já está concedido.»

—Não ha tal; o que existe apenas na camara são as informações e o parecer, mas sem nenhuma approvação ou deliberação a respeito.

E' isto; tudo mais são *pomadas* que andam vendendo os *batedores* de um dos pretendentes.

—Agora comprehendo o manejo, capitão.

—Nem é possivel que a camara constituida como hoje está, approve semelhante monstruosidade, entregando o consummo de carnes verdes de uma localidade importante a desenfreada especulação e ao monopolio, sujeitando o povo ao arbitrio de individualidades, que predominadas de sedento egoismo, nada mais visam do que o interesse proprio, o bem estar de suas algibeiras, com prejuizo e detrimento geral.

—E V. sabe quaes são os pretendentes á exploração da nova mina?

—Não, capitão.

—Um, é certo mercador *in minimum,* de carnes, que mata seu boisinho do outro lado da Ribeira e o expõe á venda; o outro, é um ne-

gociante em grosso do mesmo genero, representado por um seu caxeiro.

—Dous individuos que querem se constituir unicos para darem as cartas. Bom!

—E' por isso que eu digo que a camara, em seu illustrado espirito de rectidão, não sancionará tão descarnado esbulhamento do direito, tão manifesta violação do principio de livre concurrencia, consagrado na lei fundamental do paiz.

—De certo, a camara composta como é, de caracteres illibados, corresponderá fielmente ao mandato que lhe encarregou o suffragio de seus concidadãos, e em sua sabedoria negará a concessão pedida, porque concedel-a, seria postergar os mais sãos principios de justiça e egualdade, contrahindo uma grave responsabilidade perante seus municipes, entregando o abastecimento de um genero de primeira necessidade á restricção de dous fornecedores, os quaes mirando unicamente seus interesses, crearão alternativas, fazendo apparecer escassez ou abundancia, conforme convier á seus calculos.

Desde que a vendagem da farinha deixou de ser limitada a pontos determinados, desappareceu a carestia, porque cessou o monopolio e si por qualquer emergencia em alguma occasião se dá subida de preço, é sempre transitoria e passageira.

—E' preciso fazer comprehender que a civilisada capital da Bahia não é nenhuma *feira* d'aldeia, onde qual quer mandão caricato, impõe arrogante sua vontade como lei que deve ser cegamente obedecida.

—Eu não entendo de etiquetas miltar; dizem porem que é regra severamente imposta no 14 de linha, que uma só praça de pret, saia á rua fora do uniforme do dia.

—Que embrulhada é uma? Pois o dia tem uniforme!

—O uniforme com que a tropa d guarnição em tal dia. Toda praça do corpo é obrigada a cingir-se á elle.

—Agora entendo.

—Dizem porém que um soldado por cumprir as ordens, levou espadeiradas, estando de sentinella, e foi preso por um dia.

—Pois por cumprir deveres?

—E' o que me contam.

O soldado estava de sentinella no portão e tendo ordem do official de estado para não consentir sahir soldados antes do toque de *debandar*, não quiz deixar passar um delles, não só por isso, como por não estarelle fardado conforme o regulamento. Porém para mal do sentinella o tal soldado era protegido do proprio official que deu a ordem.

Estabeleceu-se contenda entre os dous; o soldado allegava que tinha ordem do official para sahir; o sentinella sustentava que do mesmo official recebera ordem para não sahir ninguem.

O official decidiu á favor do protegido mettendo a espada no outro, apezar de estar d sentinella, sob o pretexto de ter desobedecido á suas determinações!

—Mademoiselle, fostes ao Jardim Botanico?

—Aonde?

—Na calçada.

—Eu não sei, dize-me o logar.

—N'uma casa mascarrada.

—Ora! V. está pilheriando commigo.

—Serio, V. vá e encontrará No jardim tem de todas aç flores...

—Eu bem disse, que V. estava cassuando commigo, eu ja sei quem é Jardim Botanico; é uma jovem que os nossos appellidaram, por botar variadas flores no seu grande choche.

Lundéa.

Meu coração está vasio,
Vou por-lhe um escripto agora;
Si m'o quizerem alugar,
Dou preferencia á senhora.

Tem sallas, quartos, salêtas,
Gabinetes, corredor;
O alnguer é barato;
Mas exijo fiador.

Nelle já tem habitado
Moças muito bonitinhas,
Altas, baixas, gordas, magras,
Claras, louras, moreninhas.

De algumas levei calote
Por n'ellas me haver fiado;
Agora o ajuste é outro,
Um beijinho adiantado.

Tem um formoso jardim
Todo enfeitado de grades,
Com suspiros, não-me-deixes,
Amor-perfeito e saudades.

Em cada compartimento
Estão retratos diversos,
E no papel das paredes
Uma enfiada de versos.

Quem nelle morar agora
Não precisa de folinha,
Que o nome alli ha de achar
De toda e qualquer santinha.

Entre pois minha senhora
Tome posse da morada
Que depois de estar lá dentro,
Não se lembra de mais nada.

—No dia 22 á noite, no mez de Maria o Sr. Galrão, botou na salva 40$ rs. e no fim desappareceram.

Gratitude.

A boa indole de um governo amigo e interessado pelo bem geral do povo faz a felicidade d'este. O seu cumprimento ás leis, seu amor ás instituições politicas, o interesse que toma pelo progresso da instrucção offerecida a mocidade, para a continuação aos beneme-ritos feitos patrios, para a tranquilidade e trabalho, desenvolvem e fortificam a ordem e a paz d'espirito de seus subditos, augmenta-lhes o amor, a obediencia e os faz reconhe-cidos.

A Bahia hoje altaneira tem nestas condic-ções seu governo actual, e descobre-lhe alem d'isto os sentimentos generosos e christãos, o interesse paternal, o amor e a suavidade; virtudes estas que lhe garantem seguramente a sympathia geral no animo dos virtuosos e re-conhecidos corações bahianos; fazendo-se ao mesmo tempo esperançosos de vindoura rege-neração, pela magnanimidade de um espirito tão illustrado, intelligencia tão cultivada e provadissima experiencia.

***

Pede-se á senhora que passou na noite de 24 do corrente, trajando vestido branco, pela rua da Munganga, o favor de mandar levar na casa do capitão José Candido o cachorrinho do reino que levou por engano, o qual não tem a pata direita: do contrario verá o seu nome por extenso n'este jornal.

VARIEDADES.

A um beijo.

Hontem, Julia deu-me um beijo
Que me tem feito scismar....
Levei a noite velando
Inda não pude atinar!
Dar um beijo sobre os labios
Sem ver a face corar!.....

Eu, que sou velho e sabido
Nas cousas do coração,
Eu que tremo a um leve toque
De branca, mimosa mão;
Não posso ver dar um beijo
A sangue-frio... isso não!

E aquelle beijo era frio
Tão frouxo, tão sem calor...
Que, disse logo commigo:
„No meu tempo era melhor,
Davam-se beijos.... que beijos,
Faziam mudar de côr!

Porque o beijo tão sem graça,
Que Julia hontem me deu,
Não trazia aquelle fogo
Que nos faz gozar um ceu...
Serão os d'ella assim todos?
Isso agora não sei eu.....

De certo o beijo foi frió,
Por alguem na salla estar;
E talvez assim quizesse
D'este modo desfarçar....
Não pode ser.... havia gente,
Mais razão para corar....

Ai, já sei, foi por *sentença*
Que são só dos que me dão...
Era n'um jogo de *prendas*,
Foi beijo de obrigação;
D'estes que dão-se com os labios
Sem saber o coração!

F. C.

A edade das senhoras.

Uma das cousas mais difficeis de predizer é a edade de uma senhora.

Calcula se, com certeza mathematica, ou probabilidade quasi infallivel, o preamar e o baixamar, a lua nova e o quarto minguante, a tempestade e o bom tempo, a apparição de um cometa e o occaso de qualquer astro; mas o que facilmente se não calcula é a edade de uma senhora, e, principalmente, de uma se-nhora que possue meios para usar de todos os artificios que o progresso tem inventado para a gente parecer o que nao é.

Deitem os sabios abaixo as livrarias, ou façam intrincados calculos, que se adivinha-rem a edade de umas certas senhoras que eu sei, dou-lhes um doce.

Nos homens ainda se vê, n'um certo pe-riodo, o desejo de parecerem ter mais edade do que a que realmente teem, mas no bello sexo, nunca.

Perguntem pela edade a um rapaz de quinze annos, e vel-o-hão responder, torcendo os pellos do mais microscopico buço:

—Ja fiz dezoito.

A donzella enchumaçará os vestidos para corrigir, nas fórmas, algum minguamento da natureza, mas dizer que tem dezoito annos, tendo apenas quinze, é peccado que não leva aos pés do confessor.

Em materia de edade o mais que ella pode fazer, no periodo da juventude, é fallar ver-dade.

Lá virá, porém, época em que se vingara, fartamente, de uma vez não ter mentido na

edade. No dia em que chega aos vinte, corta logo dous annos; de sorte que um bom observador pode notar, facilmente, que a maior parte das meninas fazem dezoito annos depois de terem feito dezenove.

De corte em corte, chegam as senhoras a uma edade em que não podem, sem grave escandalo, diminuir nem mais um anno. Esse periodo é o denominado estacionario. Dura, ordinariamente, dos trinta aos trinta e cinco annos. E' n'elle que as senhoras dizem, no dia do seu anniversario:

—Ora até que entrei nos trinta!

Passam um lustro a fazer trinta annos.

Depois recomeçam os cortes.

Mas quando este trabalho chronologico se torna mais apreciavel, é na edade madura. Então é que é vel-as ceifar desapiedadamente os annos, como quem sega trigo no mez de junho.

Um frasco de agua para tingir os cabellos representa dez annos de menos; um kilo de pó de arroz outros dez; um pincelinho para retocar as sobrancelhas outros dez' De maneira que todos estes ingredientes do Godefroy, acompanhados com uma dentadura postiça do Vitry, e uma luneta da moda, vinda de Paris, fazem voltar uma avó de sessenta annos aos seus trinta; e tão vantajosamente, que chegam a tental-a a continuar nos trinta d'ahi em diante, isto é, a volver ao periodo estacionario.

Durante esta gymnastica da edade, observam-se phenomenos muito notaveis, e dão-se anecdotas curiosas.

Contarei uma, e com ella não enfadarei mais, como diria qualquer criada de servir.

Uma senhora, que até aos cincoenta annos tinha cuidado pouco dos seus attractivos, e por isso havia deixado o tempo imprimir lhe no rosto e nos cabellos as suas crueis pegadas, encontrou, um dia, uma sua amiga, que lhe inculcou uma agua para amaciar a pelle, uma massinha para desfazer as rugas das faces e um pau preto para enfarruscar os cabellos.

A cousa era tentadora, sobretudo porque juntava a todas as vantagens, a de ser pouco dispendiosa.

Applicados os remedios, a velha de hontem tornou-se rapariga hoje, a ponto de, á noite na rua, um rapaz de bigodes loiros lhe offerecer uma carta de amores.

A *joven* velhota, que era casada, voltou-se para o atrevido mancebo, e disse-lhe com voz arrogante de matrona offendida na sua honestidade:

—Que significa isto, senhor?

Ao que o pobre rapaz, muito comprometido da sua vida, respondeu:

—Mil perdões, minha senhora, mais ... julguei que me dirigia a sua filha.

O namorado infeliz só conheceu que se havia enganado, quando viu escorrer, talvez pelo effeito da commoção, um suor negro pela testa da heroina do pau preto.

A proposito da edade das senhoras muito mais se poderia dizer; porém eu, receando attrahir os odios de certas damas, que muito respeito, mas que são filiadas na seita da agua de Juvence, ficarei por aqui.

Rangel de Lima.

Phenomeno.

Lê-se no *Astro Rezendense:*

Diz um periodico de Valencia que existe em Jativa uma mulher de 47 annos de edade, casada ha 33, e chamada Dolores Vinez y Favos. Esta matrona é uma notabilidade, pois tem dado á luz a bagatella de 48 filhos, dos quaes 20 nasceram mortos e 28 vivos, mas ephemera existencia, pois só lhe restam hoje 7.

Os 48 filhos de Dolores Vinez vieram ao mundo pela seguinte forma: Teve 8 successos de 4 filhos cada um e os restantes de tres e dous.

Fleugma sem par.

James Janison, alias mr. Mac-Beatto, foi enforcado em Helena, pela morte que deu a Henry-Locke, rachador de lenha, allemão vevia em Cedum.

Não havia duvida na sua entidade, nem na sua culpa.

Confessou o assissinato, que perpetrou com muito sangue frio, assim como mais tres outras mortes de que era accusado.

Appellou da sentença, não pela sua innocencia, mas porque não estava preparado para morrer.

No dia da execução, ao ficar pendurado, rebentou-se a corda, e esteve fumando no seu cachimbo com muita tranquillidade, emquanto se arranjava outra corda para continuar na operação.

Tinha 50 annos e era natural de New-York.

E' assim que os jornaes americanos dão conta dessa execução, cujos resultados encheram de espanto e horror á população.

Carta de pezames.

Meu compadre de meu coração e capitão-mòr.

Recebi o seu favor que me trouxe o Chico

boleiro de Vm. e eu e minha dona ficamos todos muito consternados e passados da nova da morte de sua metade, aquella alma do anjo de Paraizo, minha estimadissima comadre.

A senhora dona pôz se logo a chorar e os meninos ca em casa fizeram tal berreiro que por fim tambem eu chorava como uma creança, o afilhado isso então não se falla!

Apezar de ter tido muita vontade de ir ao enterro não me foi possivel por que a casaca emprestei ha dous ou tres dias para um casamento do Joaquim Alegre mata-burro e em té hoje ainda não me deu signal d'ella sem duvida porque meteu-se no jequipanga das vodas e passe por lá muito bem e a casa é longe como os ceis-sentos diabos.

Console-se porem o meu compadre que tudo no mundo é assim mesmo: logo o diabo havia de levar o que Vm. mais estimava e ea tambem, por que a Sra. D. Rosa era mesmo uma santa mulher como poucas de seu sexo, e fique certo que logo que o mato burro me trouxer a casaca estou prompto para qualquer enterro não só de pessoa de ua familia como com muito gosto até mesmo de Vm. que espero nunca faltarei.

Fazenda do Pua D'alho, sexta feira 20 do corrente mez do presente anno de 1840.

***

Descripção da formosura.

Que cousa é a formosura, senão uma caveira bem vestida, a quem a mesma enteremidade tira a cor, e antes da morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça daquelle exterior e apparente superficie de tal sorte, que si os olhos pudessem penetrar o interior della, o não poderiam ver sem horror.

A formosura é um bem fragil e quanto mais se vae chegando aos annos, tanto mais vae diminuindo e desfazendo em si, e fazendo-se menor.

Seja exemplo desta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e formosa grega, filha de Tindaro, rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troya.

Durou a guerra 10 annos, e, ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a cause della.

Era a causa a formosa Helena, flor emfim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo. Estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outra, que vendo-se ao espelho, pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corriam as lagrimas, e não achando a causa porque duas vezes fôra roubada, ao mesmo espelho e a si perguntava por ella.

O principal dever do amigo sincero é condemnar francamente os vicios do outro amigo sem os dissimular. Entre os amigos deve haver mutua e irresistivel inclinação, porque não ha amisade quando um só ama.

ANNUNCIOS.

295000 rs.

O abaixo assignado gratifica com a quantia acima a quem der noticia, ou levar á Fonte de Santo Antonio, venda n.° 85, um burro e uma mulla, que desappareceram do Largo de Santo Antonio na noite do dia 6 para 7 do corrente, com os signaes seguintes: a mulla é foveira, de boa altura, tem do lado esquerdo uma pequena bexiga nos buses, está ferida em redor das juntas dos pés e das mãos, na cara n.° 8, uma pequena belida no olho esquerdo, os dentes estão serrados tanto os de cima como os de baixo, accode pelo nome de Cambrainha; o burro é russo queimado, tem a cara alvacenta, está ferrado, sendo ainda novo, accode pelo nome de Curió.

O annunciante protesta na forma da lei contra aquelle que os tiver occultado. Bahia 13 de setembro de 1871.

José Pereira Faria Guimarães.

Nesta typographia se indicará a pessoa que deseja comprar uma roça nos seguintes logares: Cabula, Brotas, Pitangueiras, Matatú Sangradouro, Quinta das Beatas.

A taverna á baixa dos Sapateiros, denominada a *esperança,* faz sciente aos Srs. que compraram generos em 1869 e que até a data não satisfizeram, o favor de satisfazerem no praso de 30 dias, a contar desta data. Si no dito praso não tiverem satisfeito seus debitos, se publicará os nomes por extenso neste jornal, para serem bem conhecidos.

Hygino Francisco da Silva.

Armazem de madeiras do Carrascosa, rua da preguiça n.° 11.

Compram-se e vendem-se trastes novos e uzados, louça, vidros etc., á rua Direita do Palacio n. 14.

Cadeira de arruar.

Vende-se uma em bom estado accompanhada de fardamento completo: a tratar no café *Les Deux Amis,* ao largo do theatro.

Typ. de Marques, Aristides e C.